

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

PUBLICADA SOB A DIREÇÃO DE

ALLAN KARDEC

Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente. O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.

Primeiro Ano – 1858

Titulo original em francês:

REVUE SPIRITE

JOURNAL D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES

Tradução: SALVADOR GENTILE

Revisão: ELIAS BARBOSA

1ª edição - 1.000 exemplares - 1993

2ª edição - 300 exemplares - 2001

© 1993 Instituto de Difusão Espírita

Índice geral das matérias

Janeiro

Maio

Setembro

Fevereiro

Junho

Outubro

Março

Julho

Novembro

Abril

Agosto

Dezembro

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Primeiro Ano – 1858

Janeiro

- [Introdução](#)
- [Diferentes naturezas de manifestações](#)
- [Diferentes modos de comunicações](#)
- [Respostas dos Espíritos a algumas perguntas sobre as manifestações](#)
- [Manifestações físicas - Fenômeno de passagem dos Panoramas](#)
- [Os Gobelins - Lendas](#)
- [Evocações particulares - Mãe, estou aqui!](#)
- [Uma conversão](#)
- [Os médiuns julgados - Desafio proposto na América](#)
- [Visões - O idiota de Lyon](#)
- [Reconhecimento da existência dos Espíritos e das suas manifestações - Extraído do jornal de Roma *A Civiltà Cattolica*.](#)
- [História de Joana D'Arc](#)
- [O Livro dos Espíritos - Apreciações diversas](#)

Introdução

Revista Espírita, janeiro de 1858

A rapidez com a qual se propagaram, em todas as partes do mundo, os fenômenos estranhos das manifestações espíritas, é uma prova do interesse que causam. Simples objeto de curiosidade, a princípio, não tardaram em despertar a atenção dos homens sérios que entreviram, desde o início, a influência inevitável que devem ter sobre o estado moral da sociedade. As idéias novas que deles surgem, se popularizam cada dia mais, e nada poderia deter-lhes o progresso, pela razão muito simples de que esses fenômenos estão ao alcance de todo mundo, ou quase todo, e que nenhuma força humana pode impedi-los de se produzirem. Se os abafam em algum ponto, eles reaparecem em cem outros. Aqueles, pois, que poderiam, nele, ver um inconveniente qualquer, serão constrangidos, pela força das coisas, a sofrer-lhes as conseqüências, como ocorreu com as indústrias novas que, na sua origem, feriram interesses privados, e com as quais todo o mundo acabou por se ajeitar, porque não se poderia fazer de outro modo. O que não se fez e disse contra o magnetismo! E, todavia, todos os raios que se lançaram contra ele, todas as armas com as quais o atingiram, mesmo o ridículo, se enfraqueceram diante da realidade, e não serviram senão para colocá-lo mais e mais em evidência. É que o magnetismo é uma força natural, e que, diante das forças da Natureza, o homem é um pigmeu semelhante a esses cãesinhos que ladram, inutilmente, contra o que os assusta. Há manifestações espíritas como a do sonambulismo; se elas não se produzem à luz do dia, publicamente, ninguém pode se opor a que tenham lugar na intimidade, uma vez que, cada família, pode achar um médium entre seus membros, desde a criança até o velho, como pode achar um sonâmbulo. Quem, pois, poderia impedir, a qualquer pessoa, de ser médium ou sonâmbula? Aqueles que combatem a coisa, sem dúvida, não refletiram nela. Ainda uma vez, quando uma força é da Natureza, pode-se detê-la um instante: aniquilá-la, jamais! Não se faz mais do que desviar-lhe o curso. Ora, a força que se revela no fenômeno das manifestações, qualquer que seja a sua causa, está na Natureza, como a do magnetismo; não será aniquilada, pois, como não se pode aniquilar a força elétrica. O que é preciso fazer, é observá-la, estudar-lhe todas as fases para, delas, deduzir as leis que a regem. Se for um erro, uma ilusão, o tempo lhe fará justiça; se for a verdade, a verdade é como o vapor: quanto mais se comprime, maior é a sua força de expansão.

Espanta-se, com razão, que, enquanto na América só os Estados Unidos possuem dezessete jornais consagrados a essas matérias, sem contar uma multidão de escritos não periódicos, a França, o país da Europa, onde essas idéias foram mais prontamente aclimatadas, não possua um único [1] (1). Não se poderia, pois, contestar a utilidade de um órgão especial, que mantenha o público ao corrente dos progressos desta ciência nova, e o premuna dos exageros da credulidade, tão bem quanto contra o ceticismo. É essa lacuna que nos propomos preencher com a publicação desta revista, com o fim de oferecer um meio de comunicação a todos aqueles que se interessam por estas questões, e de ligar, por um laço comum, aqueles que compreendem a Doutrina Espírita sob o seu verdadeiro ponto de vista moral: a prática do bem e da caridade evangélica com relação a todo o mundo.

Se não se tratasse senão de uma coleta de fatos, a tarefa seria fácil; eles se multiplicam, sobre todos os pontos, com uma tal rapidez, que a matéria não faltaria; mas, os fatos unicamente tornar-se-iam monótonos, pela seqüência mesma do seu número e, sobretudo, pela sua semelhança. O que é preciso, ao homem que reflete, é alguma coisa que fale à sua inteligência. Poucos anos decorreram desde a aparição dos primeiros fenômenos, e já

estamos longe das mesas girantes e falantes que não foram senão a infância. Hoje, é uma ciência que descobre todo um mundo de mistérios, que torna patente verdades eternas, que não foram dadas senão ao nosso espírito de pressentir; é uma doutrina sublime que mostra ao homem o caminho do dever, e que abre o campo, o mais vasto, que ainda fora dado à observação do filósofo. Nossa obra seria, pois, incompleta e estéril se permanecesse nos estreitos limites de uma revista anedótica, cujo interesse seria bem rapidamente esgotado.

Talvez nos contestem a qualificação de *ciência* que damos ao Espiritismo. Ele não poderia, sem dúvida, *em alguns casos*, ter os caracteres de uma ciência exata, e está precisamente aí o erro daqueles que pretendem julgá-lo e experimentá-lo como uma análise química, como um problema matemático: já é muito que tenha o de uma ciência filosófica. Toda ciência deve estar baseada sobre fatos; mas só os fatos não constituem a ciência; a ciência nasce da coordenação e da dedução lógica dos fatos: é o conjunto de leis que os regem. O Espiritismo chegou ao estado de ciência? Se se trata de uma ciência perfeita, sem dúvida, seria prematuro responder afirmativamente; mas as observações são, desde hoje, bastante numerosas para se poder, pelo menos, deduzir os princípios gerais, e é aí que começa a ciência.

A apreciação razoável dos fatos, e das conseqüências que deles decorrem, é, pois, um complemento sem o qual a nossa publicação seria de uma medíocre utilidade, e não ofereceria senão um interesse muito secundário para quem reflita, e quer se inteirar daquilo que vê. Todavia, como o nosso objetivo é chegar à verdade, acolheremos todas as observações que nos forem endereçadas, e tentaremos, quanto no-lo permita o estado dos conhecimentos adquiridos, seja levantar as dúvidas, seja esclarecer os pontos ainda obscuros. Nossa revista será, assim, uma tribuna aberta, mas, onde a discussão não deverá jamais desviar-se das leis, as mais estritas, das conveniências. Em uma palavra, discutiremos, mas não *disputaremos*. As inconveniências de linguagem jamais tiveram boas razões aos olhos de pessoas sensatas; é a arma daqueles que não a têm melhor, e essa arma reverte contra quem dela se serve.

Se bem que os fenômenos, dos quais iremos nos ocupar, se tenham produzido, nestes últimos tempos, de modo mais geral, tudo prova que ocorreram desde os tempos mais recuados. Não se trata de fenômenos naturais nas invenções que seguem o progresso do espírito humano; desde que estão na ordem das coisas, sua causa é tão velha quanto o mundo e os efeitos devem ter-se produzido em todas as épocas. O que, pois, testemunhamos hoje não é uma descoberta moderna: é o despertar da antigüidade, mas, da antigüidade liberta da companhia mística que engendrou as superstições, da antigüidade esclarecida pela civilização e o progresso nas coisas positivas.

A conseqüência capital, que ressalta desses fenômenos, é a comunicação, que os homens podem estabelecer, com os seres do mundo incorpóreo, e os conhecimentos que podem, em certos limites, adquirir sobre seu estado futuro. O fato das comunicações com o mundo invisível se encontra em termos inequívocos nos relatos bíblicos; mas, de um lado, para certos cétricos, a Bíblia não tem uma autoridade suficiente; por outro lado, para os crentes, são fatos sobrenaturais, suscitados por um favor especial da Divindade. Não haveria aí, pois, para todo o mundo, uma prova da generalidade dessas manifestações, se não as encontrássemos em milhares de outras fontes diferentes. A existência dos Espíritos, e a sua intervenção no mundo corporal, está atestada e demonstrada, não mais como um fato excepcional, mas como princípio geral, em Santo Agostinho, São Jerônimo, São Crisóstomo, São Gregório de Na-zianzeno e muitos outros Pais da Igreja Essa crença forma, por outro lado, a base de todos os sistemas religiosos. Os mais sábios filósofos da antigüidade a admitiram: Platão, Zoroastro, Confúcio, Apuleio, Pitágoras, Apolônio de Tiana e tantos outros.

Nós a encontramos nos mistérios e nos oráculos, entre os Gregos, os Egípcios, os Hindus, os Caldeus, os Romanos, os Persas, os Chineses. Vemo-la sobreviver a todas as vicissitudes dos povos, a todas as perseguições, desafiar todas as revoluções físicas e morais da Humanidade. Mais tarde, encontramos-a nos adivinhos e feiticeiros da Idade Média, nos Willis e nas Walkírias dos Escandinavos, nos Elfos dos Teutões, nos Leschios e nos Domeschnios Doughi dos Eslavos, nos Ourisks e nos Brownies da Escócia, nos Poulpicans e nos Ten-sarpoulicts dos Bretões, nos Cemís dos Caraíbas, em uma palavra, em toda a falange de ninfas, de gênios bons e maus, de silfos, de gnomos, de fadas, de duendes, com os quais todas as nações povoaram o espaço. Encontramos a prática das evocações entre os povos da Sibéria, no Kamtchatka, na Islândia, entre os índios da América do Norte, entre os aborígenes do México e do Peru, na Polinésia e mesmo entre os estúpidos selvagens da Oceania. De alguns absurdos que essa crença esteja cercada e disfarçada segundo os tempos e os lugares, não se pode deixar de convir que ela parte de um mesmo princípio, mais ou menos desfigurado; ora, uma doutrina não se torna universal, e nem sobrevive a milhares de gerações, nem se implanta, de um pólo ao outro, entre os povos mais dessemelhantes, e em todos os graus da escala social, sem estar fundada em alguma coisa de positiva. O que é essa alguma coisa? É o que nos demonstram as recentes manifestações. Procurar as relações que podem e devem ter entre essas manifestações e todas essas crenças, é procurar a verdade. A história da Doutrina Espírita, de alguma forma, é a do espírito humano; iremos estudar todas essas fontes que nos fornecerão uma mina inesgotável de observações, tão instrutivas quanto interessantes, sobre os fatos gerais pouco conhecidos. Essa parte nos dará a oportunidade de explicar a origem de uma multidão de lendas e de crenças populares, interpretando a parte da verdade, da alegoria e da superstição.

No que concerne às manifestações atuais, daremos conta de todos os fenômenos patentes, dos quais formos testemunhas ou que vierem ao nosso conhecimento, quando parecerem merecer a atenção dos nossos leitores. Faremos o mesmo com os efeitos espontâneos que se produzem, freqüentemente, entre as pessoas, mesmo as mais estranhas às práticas das manifestações espíritas, e que revelem seja a ação oculta, seja a independência da alma; tais são os fatos de visões, aparições, dupla vista, pressentimentos, advertências íntimas, vozes secretas, etc. À relação dos fatos acrescentaremos a explicação, tal como ela ressalta do conjunto dos princípios. Faremos anotar, a esse respeito, que esses princípios são aqueles que decorrem do próprio ensinamento dado pelos Espíritos, e que faremos, sempre, abstração das nossas próprias idéias. Não será, pois, uma teoria pessoal que exporemos, mas a que nos tiver sido comunicada, e da qual não seremos senão o intérprete.

Uma larga parte será, igualmente, reservada às comunicações, escritas ou verbais, dos Espíritos, todas as vezes que tiverem um fim útil, assim como as evocações de personagens antigas ou modernas, conhecidas ou obscuras, sem negligenciar as evocações íntimas que, freqüentemente, não são menos instrutivas; abarcaremos, em uma palavra, todas as fases das manifestações materiais e inteligentes do mundo incorpóreo.

A Doutrina Espírita nos oferece, enfim, a única solução possível e racional de uma multidão de fenômenos morais e antropológicos, dos quais, diariamente, somos testemunhas, e para os quais se procuraria, inutilmente, a explicação em todas as doutrinas conhecidas. Classificaremos nessa categoria, por exemplo, a simultaneidade dos pensamentos, a anomalia de certos caracteres, as simpatias e as antipatias, os conhecimentos intuitivos, as aptidões, as propensões, os destinos que parecem marcados de fatalidade, e, num quadro mais geral, o caráter distintivo dos povos, seu progresso ou sua degeneração, etc. À citação dos fatos acrescentaremos a busca das causas que puderam produzi-los. Da apreciação desses atos, ressaltarão, naturalmente, úteis ensinamentos sobre a linha de conduta mais conforme com a sã moral. Em suas instruções, os Espíritos superiores têm, sempre, por objetivo excitar, nos homens, o amor ao bem pela prática dos preceitos evangélicos; nos

traçam, por isso mesmo, o pensamento que deve presidir à redação dessa coletânea.

Nosso quadro, como se vê, compreende tudo o que se liga ao conhecimento da parte metafísica do homem; estudá-la-emos em seu estado presente e em seu estado futuro, porque estudar a natureza dos Espíritos, é estudar o homem, uma vez que deverá fazer parte, um dia, do mundo dos Espíritos; por isso acrescentamos, ao nosso título principal, o de *jornal de estudos psicológicos*, a fim de fazer compreender toda a sua importância.

Nota. Por multiplicadas que sejam nossas observações pessoais, e as fontes em que as haurimos, não dissimulamos nem as dificuldades da tarefa, nem a nossa insuficiência. Contamos, para isso suprir, com o concurso benevolente de todos aqueles que se interessam por essas questões; seremos, pois, muito reconhecidos pelas comunicações que queiram bem nos transmitir sobre os diversos objetos de nossos estudos; apelamos, a esse respeito, a sua atenção sobre os pontos seguintes, sobre os quais poderão fornecer documentos:

1. Manifestações materiais ou inteligentes, obtidas em reuniões às quais assistiram;
2. Fatos de lucidez sonambúlica e de êxtase;
3. Fatos de segunda vista, previsões, pressentimentos, etc.
4. Fatos relativos ao poder oculto atribuído, com ou sem razão, a certos indivíduos;
5. Lendas e crenças populares;
6. Fatos de visões e aparições;
7. Fenômenos psicológicos particulares que ocorrem, algumas vezes, no instante da morte;
8. Problemas morais e psicológicos para resolver;
9. Fatos morais, atos notáveis de devotamento e abnegação, dos quais possa ser útil propagar o exemplo;
10. Indicação de obras, antigas ou modernas, francesas ou estrangeiras, onde se encontrem fatos relativos à manifestação de inteligências ocultas, com a designação e, se possível, a citação das passagens. Do mesmo modo, no que concerne à opinião emitida sobre a existência dos Espíritos e suas relações com os homens, pelos autores antigos ou modernos, cujo nome e saber podem dar autoridade.

Não daremos conhecimento dos nomes das pessoas que queiram nos dirigir as comunicações, senão quando, para isso, formos formalmente autorizados.

[1] (1) Não existe, até o presente momento, na Europa, senão um jornal consagrado à Doutrina Espírita, é o *Jornal da Alma*, publicado em Genebra pelo doutor Boessinger. Na América, o único jornal francês é o *Spiritualiste de La Nouvelle-Orléans*, publicado pelo senhor Barthès.

[2] 1^o vol. in-8^o em 2^o- col., 3 fr.; Dentu, Palais-Royal, e no escritório do jornal, rua dos Mártires, n^o 8.

Diferentes naturezas de manifestações

Revista Espírita, janeiro de 1858

Os Espíritos atestam a sua presença de diversas maneiras, segundo sua aptidão, sua vontade e seu maior ou menor grau de elevação. Todos os fenômenos dos quais teremos ocasião de nos ocupar, se relacionam, naturalmente, a um ou a outro desses modos de comunicação. Cremos, pois, para facilitar o entendimento dos fatos, dever abrir a série de nossos artigos pelo quadro das diferentes naturezas de manifestações. Podem ser resumidas assim:

1- *Ação oculta*, quando ela não tem nada ostensivo. Tais são, por exemplo as inspirações ou sugestões de pensamento, as advertências íntimas, as influências sobre os acontecimentos, etc.;

2- *Ação patente* ou *manifestação*, quando ela é apreciável de um modo qualquer;

3- *Manifestações físicas* ou *materiais*, são aquelas que se traduzem por fenômenos sensíveis, tais como os ruídos, o movimento e o deslocamento de objetos. Essas manifestações não comportam, muito freqüentemente, nenhum sentido direto; elas não têm por objetivo senão chamar a nossa atenção sobre alguma coisa, e nos convencer da presença de uma força superior à do homem;

4- *Manifestações visuais* ou *aparições*, quando um Espírito se revela à visão, sob uma forma qualquer, sem ter nenhuma das propriedades conhecidas da matéria;

5- *Manifestações inteligentes*, quando revelam um pensamento. Toda manifestação que comporte um sentido, não fora senão um simples movimento ou um ruído que acuse uma certa liberdade de ação, responde a um pensamento ou obedece a uma vontade, é uma manifestação inteligente. Ocorrem em todos os graus;

6- *As comunicações*, são as manifestações inteligentes que têm por objeto uma troca seguida de pensamentos entre o homem e os Espíritos.

À natureza das comunicações varia segundo o grau, de elevação ou inferioridade, de saber ou ignorância do Espírito que se manifeste, e segundo a natureza do assunto de que se trata. Elas podem ser: *frívolas*, *grosseiras*, *sérias*, ou *instrutivas*.

As comunicações frívolas emanam de Espíritos levianos, zombadores e traquinas, mais maliciosos do que maus, que não ligam nenhuma importância ao que dizem.

As comunicações grosseiras se traduzem por expressões que chocam as conveniências. Elas não emanam senão de Espíritos inferiores, ou que não estão ainda despojados de todas as impurezas da matéria.

As comunicações sérias são graves quanto ao assunto e à maneira que são feitas. A

linguagem dos Espíritos superiores é sempre digna e isenta de toda a trivialidade. Toda comunicação que exclui a frivolidade e a grosseria, e que tem um fim útil, seja de interesse privado, é, por isso mesmo, séria.

As comunicações instrutivas são as comunicações sérias que têm por objetivo principal um ensinamento qualquer, dado pelos Espíritos sobre as ciências, a moral, a filosofia, etc. São mais ou menos profundas e mais ou menos *verdadeiras*, segundo o grau de evolução e de *desmaterialização* do Espírito. Para se retirar dessas comunicações um proveito real, é preciso que sejam regulares e continuem com perseverança. Os Espíritos sérios se ligam àqueles que querem se instruir e os secundam, ao passo que deixam aos Espíritos levianos o cuidado de divertir, com gracejos, aqueles que não vêm, nas manifestações, senão uma distração passageira. Não é senão pela regularidade e pela freqüência das comunicações, que se pode apreciar o valor moral e intelectual dos Espíritos com os quais se conversa, e o grau de confiança que merecem. Se é preciso experiência para julgar os homens, é preciso, talvez, mais ainda para julgar os Espíritos.

Diferentes modos de comunicações

Revista Espírita, janeiro de 1858

As comunicações inteligentes, entre os Espíritos e os homens, podem ocorrer por sinais, pela escrita e pela palavra.

Os sinais consistem no movimento significativo de certos objetos, e, mais freqüentemente, nos ruídos ou pancadas. Quando esses fenômenos comportam um sentido, não permitem duvidar da intervenção de uma inteligência oculta, pela razão que, *se todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente.*

Sob a influência de certas pessoas, designadas pelo nome de *médiuns*, e algumas vezes espontaneamente, um objeto qualquer pode executar movimentos convencionados, bater um número determinado de golpes e transmitir, assim, respostas por *sim* ou por *não*, ou pela designação das letras do alfabeto.

Os golpes podem, também, se fazerem ouvir sem nenhum movimento aparente, e sem causa ostensiva, seja na superfície, seja na própria *textura* dos corpos inertes, num muro, numa pedra, num móvel ou qualquer outro objeto. De todos esses objetos, sendo a mesa a mais cômoda pela mobilidade e pela facilidade para se colocar ao seu redor, é o meio do qual se tem, mais freqüentemente, servido, e daí a designação, do fenômeno em geral, pelas expressões bastante triviais de mesas *falantes* e de *dança das mesas*; expressões que convém banir, primeiro porque se prestam ao ridículo, segundo porque podem induzir em erro, fazendo crer que as mesas, a esse respeito, têm uma influência especial.

Daremos a esse modo de comunicação o nome de *sematologia espírita*, palavra que dá, perfeitamente, a idéia e compreende todas as variedades de comunicações por sinais, movimento de corpos ou pancadas. Um dos nossos correspondentes nos propôs mesmo designar, especialmente este último meio, o das pancadas, pela palavra *tiptologia*.

O segundo modo de comunicação é a escrita; nós o designaremos sob o nome de *psicografia*, igualmente empregada por um correspondente.

Para se comunicarem pela escrita, os Espíritos empregam, como intermediárias, certas pessoas dotadas da faculdade de escrever sob a influência da força oculta que as dirige, e que cedem a um poder, evidentemente, fora do seu controle; porque elas não podem nem se deter, nem prosseguir à vontade, e, o mais freqüentemente, não têm consciência do que escrevem. Sua mão é agitada por movimento involuntário, quase febril; tomam o lápis, a seu malgrado, e o deixam do mesmo modo; nem a vontade, nem o desejo podem fazê-la seguir, caso não o deve. É a *psicografia direta*.

A escrita é obtida, também, pela só imposição das mãos sobre um objeto convenientemente disposto e munido de um lápis, ou de qualquer outro instrumento próprio para escrever. Os objetos mais geralmente empregados, são as pranchetas ou as cestas dispostas para esse efeito. A força oculta, que age sobre a pessoa, se transmite ao objeto que se torna, assim,

um apêndice da mão, e lhe imprime o movimento necessário para traçar os caracteres. É a *psicografia indireta*.

As comunicações transmitidas pela psicografia são mais ou menos extensas, segundo o grau da faculdade mediadora. Alguns não obtêm senão palavras; em outros, a faculdade se desenvolve pelo exercício, e escrevem frases completas, e, freqüentemente, dissertações desenvolvidas sobre assuntos propostos, ou tratados espontaneamente pelos Espíritos, sem serem provocados por nenhuma pergunta.

A escrita é, algumas vezes, limpa e muito legível; de outras vezes, não é decifrável senão por aquele que escreve, e que a lê, então, por uma espécie de intuição ou de dupla visão.

Sob a mão da mesma pessoa, a escrita muda, em geral, de modo completo, com a inteligência oculta que se manifesta, e o mesmo caráter de escrita se reproduz cada vez que a mesma inteligência se manifesta de novo. Esse fato, entretanto, nada tem de absoluto.

Os Espíritos transmitem, algumas vezes, certas comunicações escritas sem intermediário direto. Os caracteres, nesse caso, são traçados espontaneamente por uma força extra-humana, visível ou invisível. Como é útil que cada coisa tenha um nome, a fim de se poder entender, daremos a esse modo de comunicação escrita o de *espiritografia* ou para distingui-la da *psicografia* ou escrita obtida por um médium. A diferença, entre esses dois nomes é fácil de se compreender. Na psicografia, a alma do médium desempenha, necessariamente, um certo papel, ao menos como intermediário, ao passo que na *espiritografia* é o Espírito que age diretamente, por si mesmo.

O terceiro modo de comunicação é a palavra. Certas pessoas sofrem, nos órgãos da voz, a influência da força oculta que se faz sentir na mão daqueles que escrevem. Elas transmitem, pela palavra, tudo o que os outros transmitem pela escrita.

As comunicações verbais, como as comunicações escritas, têm, algumas vezes, lugar sem intermediário corpóreo. Palavras e frases podem ressoar em nossos ouvidos ou em nosso cérebro, sem causa física aparente. Os Espíritos podem, igualmente, nos aparecer em sonho, ou no estado de vigília, e nos dirigir a palavra para nos dar advertências ou instruções.

Para seguir o mesmo sistema de nomenclatura, que adotamos para as comunicações escritas, deveríamos chamar a palavra transmitida pelo médium *psicologia*, e aquela proveniente diretamente do Espírito *espiritologia*. Mas a palavra *psicologia*, tendo já uma acepção conhecida, não podemos deturpá-la. Designaremos, pois, todas as comunicações verbais sob o nome de *espiritologia*, as primeiras pelas palavras *espiritologia mediata*, e as segundas pelas de *espiritologia direta*.

Dos diferentes modos de comunicação, a *sematologia* é o mais incompleto; é muito lento e não se presta, senão com dificuldade, aos desenvolvimentos de uma certa extensão. Os Espíritos superiores dela não se servem voluntariamente, seja por causa da lentidão, seja porque as respostas, por *sim* e por *não*, são incompletas e sujeitas a erro. Para ensinar, eles preferem os mais rápidos: a escrita e a palavra.

A escrita e a palavra são, com efeito, os meios mais completos para a transmissão do pensamento dos Espíritos, seja pela precisão das respostas, seja pela extensão dos desenvolvimentos que elas comportam. A escrita tem a vantagem de deixar traços materiais, e de ser um dos meios mais adequados, para combater a dúvida. De resto, não se é livre

para escolher; os Espíritos não se comunicam senão pelos meios que eles julgam apropriados: isso depende das aptidões.

Respostas dos Espíritos a algumas perguntas sobre as manifestações

Revista Espírita, janeiro de 1858

P. Como os Espíritos podem agir sobre a matéria? Isso parece contrário a todas as idéias, que fazemos, da natureza dos Espíritos.

R. "Segundo vós, o Espírito não é nada, é um erro; já o dissemos, o Espírito é alguma coisa, e é por isso que ele pode agir por si mesmo; mas vosso mundo é muito grosseiro para que possa fazê-lo sem intermediário, quer dizer, sem o laço que une o Espírito à matéria."

Observações. O laço que une o Espírito à matéria, não sendo, ele mesmo, senão imaterial, pelo menos impalpável, essa resposta não resolveria a questão, se não tivéssemos exemplo de forças igualmente inapreciáveis agindo sobre a matéria: é assim que o pensamento é a causa primeira de todos os nossos movimentos voluntários; que a eletricidade tomba, eleva e transporta massas inertes. Do fato de que se conheça o motor, seria ilógico concluir que ele não existe. O Espírito pode, pois, ter alavancas que nos são desconhecidas; a Natureza nos prova, todos os dias, que sua força não se detém no testemunho dos sentidos. Nos fenômenos espíritos, a causa imediata é, sem contradição, um agente físico; mas, a causa primeira é uma inteligência que age sobre esse agente, como nosso pensamento age sobre os nossos membros. Quando queremos bater, é nosso braço que age, não é o pensamento que bate: ele dirige o braço.

P. Entre os Espíritos que produzem efeitos materiais, os que se chamam de *batedores* formam uma categoria especial, ou são os mesmos que produzem os movimentos e os ruídos?

R. "O mesmo Espírito pode, certamente, produzir efeitos muito diferentes, mas há os que se ocupam, mais particularmente, de certas coisas, como, entre vós, tendes os ferreiros e os que fazem trabalhos pesados."

P. O Espírito que age sobre os corpos sólidos, seja para movê-los, seja para bater, está na própria substância do corpo, ou fora dessa substância?

R. "Um e outro; dissemos que a matéria não é um obstáculo para os Espíritos; eles penetram tudo."

P. As manifestações materiais, tais como os ruídos, o movimento dos objetos e todos esses fenômenos que, freqüentemente, se compraz provocar, são produzidos, indistintamente, por Espíritos superiores e por Espíritos inferiores?

R. "Não são senão Espíritos inferiores que se ocupam dessas coisas. Os Espíritos superiores, algumas vezes, deles se servem como tu farias com um carregador, a fim de levar a escutá-los. Podes crer que os Espíritos, de uma ordem superior, estejam às vossas ordens para vos

divertir com pasquinagens? É como se perguntásseis se, em todo mundo, os homens sábios e sérios são os malabaristas e os bufões."

Nota. Os Espíritos que se revelam por efeitos materiais são, em geral, de ordem inferior. Eles divertem ou assustam aqueles para quem o espetáculo dos olhos tem mais atrativos do que o exercício da inteligência; são, de alguma sorte, os saltimbancos do mundo espírita. Agem, algumas vezes, espontaneamente; outras vezes, por ordem de Espíritos superiores.

Se as comunicações dos Espíritos superiores oferecem um interesse mais sério, as manifestações físicas têm, igualmente, sua utilidade para o observador; elas nos revelam forças desconhecidas na Natureza, e nos dão o meio de estudar o caráter, e, se podemos assim nos exprimir, os costumes de todas as classes da população espírita.

P. Como provar que a força oculta, que age nas manifestações espíritas, está fora do homem? Não se poderia pensar que ela reside nele mesmo, quer dizer, que age sob o impulso do seu próprio Espírito?

R. "Quando uma coisa ocorre contra a tua vontade e teu desejo, é certo que não fostes tu quem a produziu; mas, freqüentemente, és a alavanca da qual o Espírito se serve para agir, e tua vontade lhe vem em ajuda: podes ser um instrumento mais ou menos cômodo para ele."

Nota. É, sobretudo, nas comunicações inteligentes que a intervenção de uma força estranha se torna patente. Quando essas comunicações são espontâneas e fora do nosso pensamento e do nosso controle, quando respondem a perguntas cuja solução é desconhecida dos assistentes, é preciso procurar-lhe a causa fora de nós. Isso se torna evidente para quem observe os fatos com atenção e perseverança; as nuances de detalhes escapam ao observador superficial.

P. Todos os Espíritos estão aptos para dar manifestações inteligentes?

R. "Sim, uma vez que todos os Espíritos são inteligências; mas, como os há de todas as categorias, tal como entre vós, uns dizem coisas insignificantes ou estúpidas, os outros coisas sensatas."

P. Todos os Espíritos estão aptos a compreender as questões que se lhes coloquem?

R. "Não; os Espíritos inferiores são incapazes de compreender certas questões, o que não lhes impede de responderem bem ou mal; é ainda como entre vós."

Nota. Vê-se, por aí, o quanto é essencial colocar-se em guarda contra a crença no saber indefinido dos Espíritos. Ocorre, com eles, como com os homens; não basta interrogar ao primeiro que se encontra para ter uma resposta sensata, é preciso saber a quem se dirige.

Quem quer conhecer os costumes de um povo, deve estudá-lo desde o baixo até o ápice da escala; não ver senão uma classe, é fazer dele uma idéia falsa, se se julga o todo pela parte. O povo dos Espíritos é como os nossos, há de tudo, do bom, do mau, do sublime, do trivial, do saber e da ignorância. Quem não o observou, como filósofo, em todos os graus não pode se gabar de conhecê-lo. As manifestações físicas nos fazem conhecer os Espíritos de baixo estágio; é a rua e a cabana. As comunicações instrutivas e sábias nos colocam em relação com os Espíritos elevados; é a elite da sociedade: o castelo, o instituto.

Manifestações físicas - Fenômeno de passagem dos Panoramas

Revista Espírita, janeiro de 1858

Lemos o que se segue, em *le Spiritualiste de la Nouvelle-Orléans*, do mês de fevereiro de 1857:

- "Recentemente, nos perguntamos se todos os Espíritos, indistintamente, fazem mover as mesas, produzem ruídos, etc., e logo a mão de uma dama, muito séria para brincar com essas coisas, traça, violentamente estas palavras:

- "Quem faz os macacos dançarem em vossas ruas? São os homens superiores?"

"Um amigo, espanhol de nascimento, que era espiritualista, e que morreu no verão passado, nos deu diversas comunicações; numa delas, acha-se esta passagem:

"As manifestações que procurais não estão entre aquelas que agradam mais aos Espíritos sérios e elevados. Confessamos, todavia, que elas têm sua utilidade, porque, mais que nenhuma outra, talvez, elas podem servir para convencer os homens de hoje.

"Para obter essas manifestações, é preciso, necessariamente, que se desenvolvam certos médiuns, cuja constituição física esteja em harmonia com os Espíritos que podem produzi-las. Ninguém duvida que não os vereis, mais tarde, se desenvolverem entre vós; e, então, não serão mais pequenos golpes que ouvireis, mas, ruídos semelhantes a um fogo circulante de fuzilaria entremeado de tiros de canhão.

"Em uma parte recuada da cidade, se acha uma casa habitada por uma família alemã; aí se ouvem ruídos estranhos, ao mesmo tempo certos objetos são deslocados; pelo menos, nos asseguram, porque não o verificamos; mas, pensando que o chefe dessa família poderia nos ser útil, convidamo-lo a algumas sessões que têm por objetivo esse gênero de manifestações, e, mais tarde, a mulher desse bravo homem não quis que continuasse a ser dos nossos, porque, nos disse esse último, o barulho aumentou entre eles. A esse propósito, eis o que nos foi escrito pela mão da Senhora.....

"Não podemos impedir os Espíritos imperfeitos de fazerem barulho, ou outras coisas aborrecidas e mesmo apavorantes; mas o fato de estarem em relação conosco, que somos bem intencionados, não pode senão diminuir a influência que exercem sobre o médium em questão."

Faremos notar a concordância perfeita que existe entre o que os Espíritos disseram em Nova Orleans, com respeito à fonte das manifestações físicas, e o que foi dito a nós mesmos. Nada poderia, com efeito, pintar essa origem com mais energia do que esta resposta, ao mesmo tempo, tão espiritual e tão profunda: "*quem faz dançar os macacos nas nossas ruas? São os*

homens superiores?"

Teremos ocasião de narrar, segundo os jornais da América, numerosos exemplos dessas espécies de manifestações, bem mais extraordinárias do que aquelas que acabamos de citar. Responder-nos-ão, sem dúvida, com este provérbio: tem belo mentir que vem de longe. Quando coisas tão maravilhosas nos chegam de duas mil léguas, e quando não se pode verificá-las, concebe-se a dúvida; mas esses fenômenos atravessaram os mares com o senhor Home, que dele nos deu amostras. É verdade que o senhor Home não se colocou num teatro para operar seus prodígios, e que todo o mundo, pagando um preço de entrada, não pôde vê-los; por isso, muitas pessoas o tratam de hábil prestidigitador, sem refletir que a elite da sociedade, que foi testemunha desses fenômenos, não se prestaria, benevolentemente, a lhes servir de parceiro. Se o senhor Home tivesse sido um charlatão, não estaria precavido em recusar as ofertas brilhantes de muitos estabelecimentos públicos, e teria recolhido o ouro a mãos cheias. Seu desinteresse é a resposta, a mais peremptória, que se possa dar aos seus detratores. Um charlatanismo desinteressado seria sem sentido e uma monstruosidade. Falaremos, mais tarde e com mais detalhes, do senhor Home e da missão que o levou à França. Eis, à espera disso, um fato de manifestação espontânea que distinto médico, digno de toda confiança, nos relatou, e que é tão mais autêntico quanto as coisas se passaram entre seus conhecidos pessoais.

Uma família respeitável tinha por empregada doméstica uma jovem órfã de catorze anos, cuja bondade natural e a doçura de caráter lhe haviam granjeado a afeição dos seus senhores. No mesmo quarteirão, habitava uma outra família cuja mulher tinha, não se sabe porque, tomado essa jovem em antipatia, de tal modo que supunha espécie de mau proceder, do qual ela não fora causa. Um dia, quando voltava, a vizinha saiu furiosa, armada de uma vassoura, e quis atingi-la. Assustada, ela se precipita contra a porta, quer tocar, infelizmente o cordão se encontra cortado, e ela não pode alcançá-lo; mas, eis que a campainha se agita por si mesma, e se lhe vem abrir. Em sua perturbação, ela não se inteirou do que havia se passado; mas, desde então, a campainha continuou a tocar, de tempo em tempo, sem motivo conhecido, tanto de dia quanto à noite, e quando se ia ver à porta, não se encontrava ninguém. Os vizinhos do quarteirão foram acusados de pregar essa má peça; foi dada queixa perante o comissário de polícia, que fez uma investigação, procurou se algum cordão secreto comunicava fora, e não pôde nada descobrir; entretanto, a coisa persistia, cada vez mais, em detrimento do repouso de todo o mundo, e, sobretudo, da pequena pajem, acusada de ser a causa desse barulho. Segundo o conselho que lhes foi dado, os senhores da jovem decidiram afastá-la deles, e a colocaram com amigos no campo. Desde então, a campainha permaneceu tranqüila, e nada de semelhante se produziu no novo domicílio da órfã.

Esse fato, como muitos outros que vamos relatar, não se passou nas margens do Missouri ou do Ohio, mas, em Paris, Passagem dos Panoramas. Resta, agora, explicá-lo. A jovem não tocou a campainha, isso é positivo; ela estava muito terrificada com o que se passara para pensar em uma travessura da qual fora a primeira vítima.

Uma coisa não menos positiva, era que a agitação da campainha se devia à sua presença, uma vez que o efeito cessou quando ela partiu. O médico, que testemunhou o fato, explica-o por uma possante ação magnética, exercida pela jovem, inconscientemente. Essa razão não nos parece concludente, pois, por que teria ela perdido essa força depois da sua partida? A isso, disse que o terror inspirado pela presença da vizinha deveu produzir, na jovem, uma superexcitação de maneira a desenvolver a ação magnética, e que o efeito cessou com a causa. Confessamos não estar convencidos com esse raciocínio. Se a intervenção de uma força oculta não está aqui demonstrada de maneira peremptória, é ao menos provável, segundo os fatos análogos que conhecemos. Admitindo, pois, essa intervenção, diremos que,

na circunstância em que o fato se produziu na primeira vez, um Espírito protetor, provavelmente, quis que a jovem escapasse do perigo que corria; que, malgrado a afeição que seus senhores tinham por ela, talvez, era do seu interesse que ela saísse daquela casa, eis porque o ruído continuou até que tivesse partido.

Os Gobelins - Lendas

Revista Espírita, janeiro de 1858

A intervenção de seres incorpóreos nas minúcias da vida privada, faz parte das crenças populares de todos os tempos. Não pode, sem dúvida, caber no pensamento de uma pessoa sensata tomar ao pé da letra todas as lendas, todas as histórias diabólicas e todos os contos ridículos, que se gosta de contar ao lado do fogo. Entretanto, os fenômenos, dos quais somos testemunhas, provam que esses próprios contos repousam sobre alguma coisa, porque o que se passa em nossos dias, pôde e deveu se passar em outras épocas. Que se aparte, desses contos, o maravilhoso e o fantástico dos quais a superstição os vestiu ridiculamente, e se encontrarão todos os caracteres, fatos e gestos dos nossos Espíritos modernos; uns bons, benevolentes, prestativos em servir, como os bons *Brownies'*, outros mais ou menos traquinas, espertos, caprichosos e mesmo maus, como os *Gobelins* da Normândia, que se encontra sob os nomes de *Bogles* na Escócia, de *Bogharts* na Inglaterra, de *Cluricaunes* na Irlanda, de *Puckas* na Alemanha. Segundo a tradição popular, esses duendes se introduzem nas casas, onde procuram todas as ocasiões de brincar maldosamente: "Eles batem nas portas, deslocam os móveis, dão golpes sobre os barris, batem no teto e no assoalho, assoviam baixinho, produzem suspiros lamentosos, tiram as cobertas e as cortinas dos que estão deitados, etc."

O Boghart dos Ingleses exerce particularmente suas malícias contra as crianças, às quais parece ter aversão: "Arranca, freqüentemente, sua fatia de pão com manteiga e sua tigela de leite, agita, durante a noite, as cortinas de seu leito; sobe e desce as escadas com grande ruído, joga sobre o assoalho as baixelas e os pratos, e causa muitos outros estragos nas casas."

Em alguns lugares da França, os Gobelins são considerados como uma espécie de fantasmas domésticos, que se tem o cuidado de nutrir com iguarias, as mais delicadas, porque eles trazem, aos seus senhores, o trigo que furtam dos celeiros de outrem. É verdadeiramente curioso encontrar essa velha superstição, da antiga Gália e entre os Borussianos do século X (os Prussianos de hoje). Seus *Koltkys*, ou gênios domésticos, vinham também roubar trigo dos celeiros para levarem à aqueles de quem gostavam.

Quem não reconhece, nessas traquinagens, - à parte da indelicadeza do trigo roubado, do qual é provável que os autores se desculpavam em detrimento da reputação dos Espíritos - quem, dizemos, não reconhecerá nossos Espíritos batedores e aqueles que podem, sem lhes injuriar, ser chamados de perturbadores? Que um fato semelhante àquele que nos reportamos, mais acima, dessa jovem de Panoramas, tivesse se passado no campo, teria sido, sem nenhuma dúvida, levado à conta do Gobelín do lugar, depois de amplificado pela imaginação fecunda das comadres; não faltará ter visto o pequeno demônio pendurado na campainha, zombando e fazendo caretas aos tolos que iam abrir a porta.

Evocações particulares - Mãe, estou aqui!

Revista Espírita, janeiro de 1858

A senhora X havia perdido, há alguns meses, sua filha única, de catorze anos de idade, objeto de toda a sua ternura, e muito digna de seus lamentos pelas qualidades que prometiam fazer, dela, uma mulher perfeita. Essa jovem pessoa havia sucumbido a uma longa e dolorosa doença. A mãe, inconsolável com essa perda, via, dia a dia, sua saúde alterar-se, e repetia, sem cessar, que iria logo juntar-se com sua filha. Instruída quanto à possibilidade de se comunicar com os seres de além-túmulo, a senhora X resolveu procurar, em uma conversa com a sua criança, um alívio para sua pena. Uma dama de seu conhecimento era médium, mas, pouco experimentada, uma e outra, para semelhantes evocações, sobretudo, em uma circunstância tão solene, me convida para assistir. Não éramos senão três: A mãe, a médium e eu. Eis o resultado dessa primeira sessão.

a mãe. Em nome de Deus Todo-Poderoso, Espírito de Julie X, minha filha querida, eu te peço vir se Deus o permite.

julie. Mãe! Eu estou aqui.

a mãe. É mesmo tu, minha criança, quem me responde? Como posso saber que és tu?

julie. Lili.

(Era um pequeno nome familiar dado à jovem, em sua infância; não era conhecido nem pelo médium nem por mim, já que, desde vários anos, não a chamava senão pelo seu nome de Julie. A esse sinal, a identidade era evidente; a mãe, não podendo dominar sua emoção, explode em soluços).

julie. Mãe! Por que se afligir? Sou feliz; bem feliz; não sofro mais e te vejo sempre.

a mãe. Mas eu não te vejo. Onde estás?

julie. Aí; ao lado de ti, minha mão sobre a senhora Y (a médium) para fazer com que escreva, o que te digo. Veja minha escrita. (A escrita era, com efeito, a da sua filha.)

a mãe. Tu dizes: minha mão; tens, pois, um corpo?

julie. Não tenho mais esse corpo que me fazia sofrer; mas tenho dele a aparência. Não estás contente, que eu não sofra mais, uma vez que posso conversar contigo?

a mãe. Se eu te visse, pois, te reconheceria?

julie. Sim, sem dúvida, e tu já me tens visto, freqüentemente, em teus sonhos.

a mãe. Eu te revi, com efeito, em meus sonhos, mas, acreditei que era um efeito da minha imaginação, uma lembrança.

julie. Não; sou eu que estou sempre contigo, e que procura te consolar; fui eu quem te inspirou a idéia de me evocar. Tenho muitas coisas a dizer-te. Desconfie do senhor F, ele não é franco.

(Esse senhor, só conhecido de minha mãe, e assim nomeado espontaneamente, era uma nova prova da identidade do Espírito que se manifestava.)

a mãe. Que pode, pois, fazer contra mim o senhor F?

julie. Não posso dizer-te; isso me é proibido. Não posso mais que advertir-te para dele desconfiar.

a mãe. Estás entre os anjos!

julie. Oh! não ainda; não sou bastante perfeita.

a mãe. Não te reconheço, no entanto, nenhum defeito; tu eras boa, doce, amorosa e benevolente para todo o mundo; será que isso não basta?

julie. Para ti, mãe querida, eu não tinha nenhum defeito; eu acreditava nisso; tu me dizias, muito freqüentemente! Mas, no presente, vejo o que me falta para ser perfeita.

a mãe. Como adquirires as qualidades que te faltam?

julie. Em novas existências, que serão mais e mais felizes.

a mãe. Será na Terra que terás essas novas existências?

julie. Disso não sei nada.

a mãe. Uma vez que não havias feito mal durante tua vida, porque tanto sofreste?

julie. Prova! Prova! Eu a suportei com paciência, pela minha confiança em Deus; por isso, sou bem feliz hoje. Até breve, mãe querida!

Em presença de semelhantes fatos, quem ousaria falar do nada do túmulo, quando a vida futura se nos revela, por assim dizer, palpável? Essa mãe, minada pelo desgosto, goza, hoje, de uma felicidade inefável por poder conversar com sua criança; não há mais, entre elas, separação; suas almas se confundem e se expandem, no seio uma da outra, pela permuta dos seus pensamentos.

Malgrado o véu do qual cercamos essa relação, não nos permitiríamos publicá-la, se para isso não estivéssemos formalmente autorizados. Pudessem, disse-nos essa mãe, todos aqueles que perderam suas afeições na Terra, experimentar a minha mesma consolação!

Não acrescentaremos senão uma palavra endereçada àqueles que negam a existência dos bons Espíritos; nós lhes perguntaremos como poderiam provar que o Espírito dessa jovem era um demônio malfazejo.

Uma conversão

Revista Espírita, janeiro de 1858

A evocação seguinte não oferece um interesse menor, embora em um outro ponto de vista.

Um senhor, que designaremos sob o nome de Georges, farmacêutico de uma cidade do sul, tinha, há pouco, perdido seu pai, objeto de toda a sua ternura e de profunda veneração. O senhor Georges, pai, unia, a uma instrução muito extensa, todas as qualidades que fazem o homem de bem, embora professando opiniões muito materialistas. Seu filho partilhava, a esse respeito, e mesmo ultrapassava, as idéias de seu pai; duvidava de tudo: de Deus, da alma, da vida futura. O Espiritismo não poderia admitir com tais pensamentos. A leitura de *O Livro dos Espíritos*, entretanto, produziu nele uma certa reação, corroborada por uma conversa direta que tivemos com ele. Sim, disse ele, meu pai poderia responder, não duvido mais. Foi, então, que teve lugar a evocação que vamos narrar e na qual encontraremos mais de um ensinamento.

- Em nome do Todo-Poderoso, Espírito de meu pai, peço que vos manifesteis. Estais perto de mim?." Sim." - Por que não vos manifestais diretamente a mim, quando nos amamos tanto? "Mais tarde." - Poderemos nos reencontrar um dia?>"Sim, logo." - Amar-nos-emos como nessa vida?.. "Mais." - Em qual meio estais?. "Eu sou feliz." - Estais reencarnado ou errante? "Errante, por pouco tempo."

- Que sensação experimentastes quando deixastes vosso envoltório corporal? "De perturbação." - Quanto tempo durou essa perturbação? "Pouco para mim, muito para ti." - Podeis avaliar a duração dessa perturbação, segundo a nossa maneira de contar? "Dez anos para ti, dez minutos para mim." - Mas não faz esse tempo que vos perdi, pois, não faz senão quatro meses! "Se tu, vivente, tivésseis se colocado em meu lugar, teria sentido esse tempo."

- Credes, agora, em um Deus justo e bom? "Sim." - Nele acreditáveis quando vivo na Terra? "Dele tinha a presciência, mas não acreditava nele." Deus é Todo-Poderoso! "Não me elevei até ele para medir sua força; só ele conhece os limites da sua força, porque *só ele é seu igual.*" - Ocupas-te com os homens? "Sim." -Seremos punidos ou recompensados segundo os nossos atos? "Se fazes o mal, sofrê-lo-ás." - Serei recompensado se fizer o bem? "*Avançarás em teu caminho.*" - Estou no bom caminho? "Faze o bem, e nele estarás." - Creio ser bom, mas seria melhor se devesse, um dia, vos encontrar como recompensa? "Que esse pensamento te sustente e encoraje." - Meu filho será bom como seu avô? "Desenvolva suas virtudes, sufoque seus vícios."

- Não podia crer que nos comunicássemos, assim, neste momento, tão maravilhoso isso me parecia. "De onde vem tua dúvida?" - De que, partilhando vossas opiniões filosóficas, fui levado a tudo atribuir à matéria. "*Vês à noite, o que vês de dia?*" - Estou, pois, na noite, ó meu pai! "Sim." - Que vedes de mais maravilhoso? "Explique-se melhor." - Haveis reencontrado minha mãe, minha irmã, e Anna, a boa Anna? "Eu as revi." - Vede-as quando quereis? "Sim."

- É a vós penoso ou agradável que me comunique, assim, convosco? "É uma felicidade, para mim, se posso levar-te ao bem."

- Como poderia fazer, voltando para casa, para comunicar convosco, o que me faz tão feliz? Isso serviria para melhor me conduzir, me ajudaria melhor a elevar meus filhos. "Cada vez que um movimento levar-te ao bem, sou eu: serei eu que te inspirarei."

- Tenho medo de vos importunar. "Fale, ainda, sé queres." -Uma vez que mo permitis, vos endereçarei, ainda, algumas perguntas. De qual doença morrestes? "Minha prova estava em seu final."

- Onde contraístes o depósito pulmonar que se formou? "Pouco importa; o corpo não é nada, o Espírito é tudo." - De qual natureza é a enfermidade que me desperta, tão freqüentemente, à noite? "Sabê-lo-ás mais tarde." - Creio que minha doença é grave, e queria, ainda, viver para os meus filhos. "Ela não o é; o *coração do homem é uma máquina para a vida*: deixe a Natureza operar."

- Uma vez que estais presente, sob que forma estais? "Sob a aparência da minha forma corporal." - Estais em um lugar determinado? "Sim, atrás de Ermance" (o médium). - Poderíeis nos aparecer visivelmente? "Para quê! Teríeis medo."

- Vede-nos, todos, aqui reunidos? "Sim." - Tendes uma opinião sobre cada um de nós, aqui presentes? "Sim." - Gostaria de dizer-nos alguma coisa, a cada um de nós? "Em que sentido me fazes essa pergunta?" - Quero dizer no ponto de vista moral. "Em outra ocasião; basta por hoje."

O efeito produzido, sobre o senhor Georges, por essa comunicação, foi imenso, e uma luz inteiramente nova parecia já iluminar suas idéias; uma sessão que teve, no dia seguinte, com a senhora Roger, sonâmbula, acabou por dissipar o pouco de dúvidas que poderia lhe restar. Eis um extrato a carta que nos escreveu, a esse respeito. "Essa senhora, espontaneamente, entrou em detalhes comigo, bastante precisos, com respeito ao meu pai, minha mãe, meus filhos, minha saúde, descreveu com uma tal exatidão todas as circunstâncias da minha vida, lembrando mesmo de fatos que, desde há muito tempo, haviam escapado da minha memória; deu-me, em uma palavra, provas tão patentes dessa maravilhosa faculdade, da qual são dotados os sonâmbulos lúcidos, que a reação de idéias se completou, em mim, desde esse momento. Na evocação, meu pai revelou-me sua presença; na sessão sonambúlica, eu era, por assim dizer, testemunha ocular da vida extra-corpórea, da vida da alma. Para descrever com tanta minúcia e exatidão, e a duzentas léguas de distância, o que não era conhecido senão por mim, era preciso vê-lo; ora, uma vez que não podia ser com os olhos do corpo, haveria, pois, um laço misterioso, invisível, que ligava a sonâmbula às pessoas e às coisas ausentes, e que ela não havia jamais visto; haveria, pois, alguma coisa fora da matéria; que poderia ser essa alguma coisa, senão o que se chama a alma, o ser inteligente, cujo corpo não é senão o envoltório, mas, cuja ação se estende muito mais além da nossa esfera de atividade?" Hoje, o senhor Georges, não somente não é mais materialista, mas é um dos mais fervorosos e mais zelosos adeptos do Espiritismo, onde está duplamente feliz, pela confiança que lhe inspira, agora, o futuro e pelo prazer motivado que encontra para fazer o bem.

Essa evocação, muito simples ao primeiro contato, não é menos notável com mais algumas apreciações. O caráter do senhor Georges, pai, se reflete em suas respostas breves e sentenciosas, que eram de seus hábitos; falava pouco, não dizia, nunca, uma palavra inútil; mas, não é mais o cético quem fala; reconhece seu erro; seu Espírito é mais livre, mais clarividente, que pinta a unidade e o poder de Deus por estas admiráveis palavras: *Só ele é seu igual*, é aquele que, em vida, atribuía tudo a matéria, e que diz, agora: *O corpo não é*

nada, o Espírito é tudo; e esta outra frase sublime: Vês à noite o que vês de dia? Para o observador atento, tudo tem uma importância, e é assim que encontra, a cada passo, a confirmação das grandes verdades ensinadas pelos Espíritos.

Os médiuns julgados - Desafio proposto na América

Revista Espírita, janeiro de 1858

Os antagonistas da Doutrina Espírita se apossaram, zelosamente, de um artigo publicado pelo *Scientific american*, do dia 11 de julho último, sob o título: *Os Médiuns julgados*. Vários jornais franceses reproduziram-no como um argumento sem réplica; nós mesmos o reproduzimos, fazendo seguir de algumas observações, que lhe mostrarão o valor.

"Há algum tempo, uma oferta de quinhentos dólares (2,500 francos) foi feita, por intermédio do *Boston Courier*, a toda pessoa que, na presença e em satisfação de um certo número de professores, da Universidade de Cambridge, reproduzisse alguns desses fenômenos misteriosos que os espiritualistas dizem, comumente, terem sido produzidos por intermédio de agentes chamados *médiuns*.

"O desafio foi aceito pelo doutor Gardner, e por várias pessoas que se vangloriavam de estar em comunicação com os Espíritos. Os concorrentes se reuniram nos edifícios Albion, em Boston, na última semana de junho, dispostos a fazerem a prova da sua força sobrenatural. Entre eles, notavam-se as jovens Fox, que se tornaram tão célebres pela sua superioridade nesse gênero. A comissão, encarregada de examinar as pretensões dos aspirantes ao prêmio, se compunha dos professores Pierce, Agassiz, Gould e Horsford, de Cambridge, todos os quatro sábios muito distintos. As experiências espiritualistas duraram vários dias; jamais os médiuns encontraram mais bela ocasião de colocarem em evidência seu talento ou sua inspiração; mas, como os sacerdotes de Baal, ao tempo de Elias, invocaram em vão suas divindades, assim como o prova a passagem seguinte, do relatório da comissão:

"A comissão declara que o doutor Gardner não tendo se saído bem em lhe apresentar um agente, ou médium, que revelasse a palavra confiada aos Espíritos em um quarto vizinho; que lesse a palavra inglesa escrita no interior de um livro ou sobre uma folha de papel dobrada; que respondesse uma questão que só as inteligências superiores podem responder; que fizesse ressoar um piano sem tocá-lo, ou avançar uma mesa, em um pé, sem o impulso das mãos; mostrando-se impotente para dar, à comissão, testemunho de um fenômeno que se pudesse, mesmo usando uma interpretação larga e benevolente, considerar como o equivalente das provas propostas; de um fenômeno exigindo, para sua produção, a intervenção de um Espírito, supondo ou implicando, pelo menos, essa intervenção; de um fenômeno desconhecido, até hoje, à ciência, e cuja causa não fosse, imediatamente, assinalável para a comissão, palpável para ela, não tem nenhum título para exigir, do *Courrier*, de Boston, a entrega da soma proposta de 2,500 francos."

A experiência, feita nos Estados Unidos, a propósito dos *médiuns*, lembra aquela que se fez, há uma dezena de anos, para ou contra os sonâmbulos lúcidos, quer dizer, magnetizados. A Academia de ciência recebeu a missão de conceder um prêmio de 2,500 francos ao *sujet* magnético que lesse de olhos fechados. Todos os sonâmbulos fazem, voluntariamente, esse exercício, em seus salões ou em público; lêem em livros fechados e decifram uma carta inteira, sentando-se em cima de onde a colocam, bem dobrada e fechada, ou sobre seu ventre; mas, diante da Academia não pôde nada ler de todo e o prêmio não foi ganho."

Essa experiência prova, uma vez mais, da parte de nossos antagonistas, sua ignorância absoluta dos princípios sobre os quais repousam os fenômenos espíritas. Entre eles, há uma idéia fixa de que esses fenômenos devem obedecer à vontade, e se produzirem com a precisão de uma máquina. Esquecem, totalmente, ou, dizendo melhor, não sabem que a causa desses fenômenos é inteiramente moral, que as inteligências que lhes são os primeiros agentes, não estão ao capricho de quem quer que seja, nem mais de médiuns do que de outras pessoas. Os Espíritos agem quando lhes apraz, e diante de quem lhes apraz; freqüentemente, é quando menos se espera que a manifestação ocorre com maior energia, e quando é solicitada, ela não ocorre. Os Espíritos têm condições de ser que nos são desconhecidas; o que está fora da matéria não pode estar submetido ao cadinho da matéria. É, pois, equivocarse, julgá-los do nosso ponto de vista. Se crêem útil se revelarem por sinais particulares, o fazem; mas, isso jamais à nossa vontade, nem para satisfazer uma vã curiosidade. É preciso, por outro lado, considerar uma causa bem conhecida que afasta os Espíritos: sua antipatia por certas pessoas, principalmente por aquelas que, através de perguntas sobre coisas conhecidas, querem pôr a sua perspicácia em prova. Quando uma coisa existe, diz-se, eles devem sabê-la; ora, é precisamente porque a coisa nos é conhecida, ou tendes os meios de verificá-la por vós mesmos, que eles não se dão ao trabalho de responder; essa suspeição os irrita e deles não se obtém nada de satisfatório; ela afasta, sempre, os Espíritos sérios que não falam, voluntariamente, senão às pessoas que a eles se dirigem com confiança e sem dissimulação. Disso não temos, todos os dias, exemplos entre nós? Homens superiores, e que têm consciência de seu valor, se alegrariam em responder a todas as tolas perguntas que tenderiam a lhes submeter a um exame, como escolares? Que diriam se se lhes dissessem: "Mas, se não respondeis, é porque não sabeis?" Eles vos voltariam as costas: é o que fazem os Espíritos.

Se assim é, direis, de qual meio dispomos para nos convencer? No próprio interesse da Doutrina dos Espíritos, não devem desejar fazer prosélitos? Responderemos que é ter bastante orgulho em crer-se alguém indispensável ao sucesso de uma causa; ora, os Espíritos não amam os orgulhosos. Eles convencem aqueles que o desejam; quanto aos que crêem na sua importância pessoal, provam o pouco caso que deles fazem, não os escutando. Eis, de resto, sua resposta a duas perguntas sobre esse assunto:

Podem pedir-se, aos Espíritos, sinais materiais como prova da sua existência e da sua força? *Resp.* "Pode-se, sem dúvida, provocar certas manifestações, mas nem todo o mundo está apto para isso, e, freqüentemente, o que perguntais não o obtendes; eles não estão ao capricho dos homens."

Mas quando uma pessoa pede esses sinais para se convencer, não haveria utilidade em satisfazê-la, uma vez que seria um adepto a mais? *Resp.* "Os Espíritos não fazem senão aquilo que querem, e o que lhes é permitido. Falando-vos e respondendo as vossas perguntas, atestam a sua presença: isso deve bastar ao homem sério que procura a verdade na palavra."

Escribas e fariseus disseram a Jesus: Mestre, muito gostaríamos que nos fizésseis ver algum prodígio. Jesus respondeu: "Esta raça má e adúltera pede um prodígio, e não se lhe dará outro senão aquele de Jonas (São Mateus)."

Acrescentaremos, ainda, que é conhecer bem pouco a natureza e a causa das manifestações para crer estimulá-las com um prêmio qualquer. Os Espíritos desprezam a cupidez, do mesmo modo que o orgulho e o egoísmo. E só essa condição pode ser, para eles, um motivo para se absterem de se comunicarem. Sabei, pois, que obtereis cem vezes mais de um médium desinteressado do que daquele que é movido pela atração do ganho, e que um

milhão não faria ocorrer o que não deve ser. Se nós nos espantamos com uma coisa, é que se tenha procurado médiuns capazes de se submeterem a uma prova que tinha por aposta uma soma de dinheiro.

Visões - O idiota de Lyon

Revista Espírita, janeiro de 1858

- Lê-se no *Courrier de Lyon*:

"Na noite de 27 para 28 de agosto de 1857, um caso singular de visão intuitiva, produziu-se na Croix-Rousse, nas circunstâncias seguintes:

"Há três meses mais ou menos, o casal B...., honestos operários tecelões, movidos por um sentimento de louvável comiseração, recolheram em sua casa, na qualidade de doméstica, uma jovem um pouco idiota e que habita os arredores de Bourgoing.

"No último domingo, entre duas e três horas da manhã, o casal B... foi despertado em sobressalto pelos gritos agudos, produzidos pela sua doméstica, que dormia num sótão contíguo ao seu quarto.

"A senhora B.... acendendo uma lâmpada, sobe para o sótão e encontra a sua criada que, derretida em lágrimas, e" num estado de exaltação de espírito, difícil de descrever, chamava, contorcendo os braços em terríveis convulsões, sua mãe que ela acabava de ver morrer, dizia ela, diante de seus olhos.

"Depois de consolar a jovem, o melhor possível, a senhora B... retorna ao seu quarto. Esse incidente estava quase esquecido quando, ontem, terça-feira, antes do meio-dia, um carteiro do correio entrega ao senhor B.... uma carta do tutor da jovem, que informava, a este último, que, na noite de domingo para segunda feira, entre duas e três horas da manhã, sua mãe tinha morrido em consequência de uma queda que sofreu, caindo do alto de uma escada.

"A pobre idiota partiu ontem mesmo, pela manhã, para Bourgoing, acompanhada pelo senhor B.....seu patrão, para ali recolher a parte de sucessão que lhe cabia na herança de sua mãe, da qual havia visto, tão tristemente, em sonho, o fim deplorável."

Os fatos desta natureza não são raros, e, freqüentemente, tivemos ocasião de narrá-los, cuja autenticidade não poderia ser contestada. Eles se produzem, algumas vezes, durante o sono no estado de sonho; ora, como os sonhos não são outra coisa do que um estado de sonambulismo natural incompleto, designaremos as visões, que ocorrem nesse estado, sob o nome de *visões sonambúlicas*, para distingui-las das que ocorrem no estado de vigília e que chamaremos *visões pela dupla vista*. Chamaremos, enfim, *visões extáticas*, aquelas que ocorrem no êxtase; elas têm, geralmente, por objeto os seres e as coisas do mundo incorpóreo. O fato seguinte pertence à segunda categoria.

Um armador, nosso conhecido, morando em Paris, nos contou, há poucos dias, o que segue: "No último mês de abril, estando um pouco doente, fui passear em Tuileries com meu sócio. Fazia um tempo soberbo; o jardim estava cheio de gente. De repente, a multidão desapareceu aos meus olhos; não senti mais o meu corpo, fui como que transportado, e vi, distintamente, um navio entrando no porto de Havre. Eu o reconheci como sendo o *Clémence*, que esperávamos das Antilhas; eu o vi atracar no cais, distinguindo claramente os mastros, as velas, os marinheiros e todos os mais minuciosos detalhes, como se estivesse

nesses lugares. Voltando para minha casa, me entregaram um telegrama. Antes de tomar conhecimento dele, disse: É o anúncio da chegada do *Clémence*, que entrou no Havre, às três horas. O telegrama confirmava, com efeito, essa entrada na hora em que eu a havia visto em Tuileries."

Quando as visões têm por objeto os seres do mundo incorpóreo, poder-se-ia, com alguma aparência de razão, levá-las à conta da imaginação, e qualificá-las de alucinações. Porque nada pode demonstrar a sua exatidão; mas, nos dois fatos que acabamos de narrar, é a realidade, a mais material e a mais positiva, que se evidencia. Desafiamos todos os fisiologistas e todos os filósofos para explicá-los pelos sistemas ordinários. Só a Doutrina Espírita pode, deles, dar conta pelo fenômeno e a emancipação da alma que, escapando, momentaneamente de suas faixas materiais, se transporta para fora da esfera da atividade corporal. No primeiro fato acima, é provável que a alma da mãe veio procurar a filha para adverti-la da sua morte; mas, no segundo, é certo que não foi o navio que veio procurar o armador em Tuileries; é preciso, pois, que tenha sido a alma deste que foi procurá-lo em Havre.

Reconhecimento da existência dos Espíritos e das suas manifestações

Revista Espírita, janeiro de 1858

Se as primeiras manifestações espíritas fizeram numerosos adeptos, elas encontraram não somente muitos incrédulos, mas adversários ferrenhos, e, freqüentemente, interessados no seu descrédito. Hoje, os fatos falaram tão alto que impõem sua evidência, e se há, ainda, incrédulos sistemáticos, podemos predizer-lhes, com exatidão, que poucos anos se passarão para que ocorra com os Espíritos, como na maioria das descobertas que foram combatidas com todo exagero, ou consideradas como utopias por aqueles mesmos, cujo saber deveria fazer menos céticos no que toca ao progresso. Já vimos muitas pessoas, entre aqueles que não estiveram no estado de aprofundar estes estranhos fenômenos, convirem que nosso século é tão fecundo em coisas extraordinárias e que a Natureza tem tantos recursos desconhecidos, que haveria muita leviandade em negar aquilo que não se compreende. Estes dão prova de sabedoria. Eis até uma autoridade que não poderia ser suspeita de se prestar, levemente, a uma mistificação, e que é um dos principais jornais eclesiásticos de Roma, *A Civiltà Cattolica*. Reproduziremos, a seguir, um artigo que esse jornal publicou no mês de março último, e ver-se-á que seria difícil provar a existência e a manifestação dos Espíritos por argumentos mais peremptórios. É verdade que diferimos deles sobre a natureza dos Espíritos; não os admite senão os maus, ao passo que nós os admitimos bons e maus: é um ponto que trataremos, mais tarde, com todos os desenvolvimentos necessários. O reconhecimento das manifestações espíritas por uma autoridade tão séria e tão respeitável, é um ponto capital; resta, pois, o julgá-las: é o que faremos, no próximo número.

O *Univers*, reproduzindo este artigo, fá-lo preceder das sábias reflexões seguintes:

"Na oportunidade de uma obra publicada em Ferrara, sobre a prática do *Magnetismo animal*, falamos, ultimamente, aos nossos leitores, dos sábios artigos que apareceram na *Civiltà Cattolica*, de Roma, sobre a *Necromancia moderna*, nos reservando o lhes fazer mais amplamente conhecer. Damos, hoje, o último desses artigos, que contém, em algumas páginas, as conclusões da revista romana. Além do interesse que se liga, naturalmente, a essas matérias, e a confiança que deve inspirar um trabalho publicado pela *Civiltà*, a oportunidade particular da questão, nesse momento, nos dispensa chamar a atenção sobre um assunto que muitas pessoas trataram, na teoria e na prática, de um modo muito pouco sério, a despeito dessa regra, de vulgar prudência, que manda que, quanto mais os fatos sejam extraordinários, mais se proceda com circunspeção."

"Eis esse artigo: "De todas as teorias que se colocaram à frente para explicar, *naturalmente*, os diversos fenômenos conhecidos sob o nome de *Espiritualismo americano*, não há uma só delas que alcance, completamente, o objetivo, e, menos ainda, que venha dar a razão de todos esses fenômenos. Se uma, ou outra, dessas hipóteses basta para explicar alguns, restará, sempre, muitos que permanecerão inexplicados e inexplicáveis. A fraude, a mentira, o exagero, as aluéis nações devem, seguramente, ter uma larga parte nos fatos que se informam; mas, depois de fazer esse desconto, resta, deles, ainda, uma massa tal que, para

negar a realidade, seria preciso recusar toda crença na autoridade dos sentidos e do testemunho humano. Entre os fatos em questão, um certo número, pode se explicar com a ajuda da teoria mecânica ou mecânico-fisiológica; mas, há uma parte, e é de muito a mais considerável, que não pode, de nenhuma maneira, se prestar a uma explicação desse gênero. A essa ordem de fatos, se relacionam todos os fenômenos nos quais os efeitos obtidos sobrepõem, evidentemente, a intensidade da força motriz que deveria, diz-se, produzi-los. Tais são: 1º os movimentos, os sobressaltos violentos de massas pesadas e solidamente equilibradas, à simples pressão, ao só toque das mãos; 2º os efeitos e os movimentos que se produzem sem nenhum contato, conseqüentemente, sem nenhum impulso mecânico, seja imediato, seja mediato, e enfim, esses outros efeitos que são de natureza a manifestar, em quem os produz, uma inteligência e uma vontade distintas daquelas dos experimentadores. Para dar razão a essas três ordens de fatos diversos, temos, ainda, a teoria do magnetismo; mas, por mais largas concessões que se lhes esteja disposto a fazer, e admitindo-a mesmo, de olhos fechados, todas as hipóteses Gratuitas sobre as quais ela se funda, todos os erros e os absurdos dos quais está cheia, e as faculdades miraculosas atribuídas, por ela, à vontade humana, ao fluido nervoso e a outros agentes magnéticos quaisquer, essa teoria não poderá, jamais, com a ajuda desses princípios, explicar como uma mesa magnetizada por um *médium* manifeste, em seus movimentos, uma inteligência e uma vontade próprias, quer dizer, distintas daquelas do *médium*, e que às vezes, são contrárias e superiores à inteligência, à vontade deste. "Como dar razão a semelhantes fenômenos? Queremos recorrer, nós também, a não sei quais causas ocultas, quais forças ainda desconhecidas da Natureza? A explicações novas de certas faculdades, de certas leis que, até o presente, permaneceram inertes e como adormecidas no seio da criação? Igualmente, gostaríamos de confessar, abertamente, nossa ignorância, e mandar o problema aumentar o número de tantos enigmas dos quais, o pobre espírito humano não pôde, até o presente, e não poderá jamais, encontrar a palavra. De resto, não hesitamos, por nossa conta, em confessar a nossa ignorância com respeito a vários desses fenômenos em questão, dos quais a natureza é tão equívoca e tão obscura que a atitude mais sábia, nos parece ser o de não procurar explicá-los. Em compensação, há outros para os quais não nos parece difícil encontrar a solução; é verdade que é impossível procurá-la nas causas naturais; mas por que, então, hesitaremos em reclamá-la a essas causas que pertencem à ordem sobrenatural? Talvez, disso seremos desviados pela objeção que nos oponham os céticos e aqueles que, negando essa ordem sobrenatural, nos dizem que não se pode definir até onde se estendem as forças da Natureza; que o campo que resta a descobrir, para as ciências físicas, não tem limites; que ninguém não sabe o bastante quais são os limites da ordem natural para poder indicar, com precisão, o ponto onde termina esta e onde começa a outra. A resposta, a uma semelhante objeção, nos parece fácil: admitindo que não se possa determinar, de um modo preciso, o ponto de divisão dessas duas ordens opostas, a ordem natural e a ordem sobrenatural, não se segue que não se possa, jamais, definir, com certeza, se tal efeito dado pertence a uma, ou a outra, dessas ordens. Quem pode, no arco-íris, distinguir o ponto preciso onde termina uma das cores e onde começa a cor seguinte? Quem pode fixar o instante exato em que se acaba o dia e em que começa a noite? E, entretanto, não se encontra um homem bastante limitado para disso concluir que não se possa saber se tal zona do arco íris é vermelha ou amarela, se a tal hora é dia ou noite. Quem não vê que, para conhecer a natureza de um fato, não é, de modo algum, necessário passar pelo limite onde começa, ou termina a categoria à qual pertence; e que basta se constatar se há caracteres que são próprios dessa categoria?

Apliquemos essa observação, tão simples, à presente questão: não podemos dizer até onde vão as forças da Natureza; entretanto, dando-se um fato, podemos, freqüentemente, segundo seus caracteres certos dizer, com certeza, que ele pertence à ordem sobrenatural. E, para não sair de nosso problema, entre os fenômenos de mesas falantes, há vários que, para nós, manifestam esses caracteres da maneira a mais evidente; tais são aqueles nos quais o

agente, que remove as mesas, age como causa inteligente e livre, ao mesmo tempo que mostra uma inteligência e uma vontade que lhes são próprias, quer dizer, superiores ou contrárias à inteligência e à vontade dos *médiuns*, dos experimentadores, dos assistentes; distintas, em uma palavra, destas, qualquer que possa ser o modo que ateste essa distinção. Em casos semelhantes, se é bem forçado a admitir, seja como for, que esse agente é um espírito e não um espírito humano, e que, desde então, está fora dessa ordem, dessas causas que costumamos chamar naturais, daquelas, dizemos, que não ultrapassam as forças do homem.

'Tais são, precisamente, os fenômenos que, como dissemos mais acima, resistiram a toda outra teoria fundada sobre os princípios puramente naturais, ao passo que, na nossa, encontram sua explicação, a mais fácil e a mais clara, já que cada um sabe que a força dos Espíritos sobre a matéria sobrepassa, em muito, as forças do homem; e uma vez que não há efeito maravilhoso entre aqueles citados, da necromancia moderna, que não possa ser atribuído à sua ação.

"Sabemos muito bem que, vendo-nos colocar, aqui, os Espíritos em cena, mais de um leitor sorrirá de piedade. Sem falar dessas pessoas que, em verdade materialistas, não crêem na existência dos Espíritos e rejeitam, como uma fábula, tudo o que não é matéria ponderável e palpável, não mais que aqueles que, admitindo inteiramente que existem Espíritos, recusam-lhes toda influência, toda intervenção no que toca ao nosso mundo; há, em nossos dias, muitos homens que, tudo atribuindo aos Espíritos o que nenhum bom católico não poderia lhes recusar, a saber: a existência e a faculdade de intervir nos fatos da vida humana, de modo oculto ou patente, ordinário ou extraordinário, parece desmentir, entretanto, na prática, sua fé e considerar uma vergonha, como um excesso de credulidade, como uma superstição de velhas, admitir a ação desses mesmos Espíritos, em certos casos especiais, contentando-se em não negá-la em tese geral. E, para dizer a verdade, depois de um século, zombou-se tanto da simplicidade da Idade Média, acusando-a de ver, por toda parte, Espíritos, malefícios e feiticeiros e tanto se declamou a esse respeito, que não é maravilha se tantas cabeças fracas, que querem parecer fortes, experimentarem, de hoje em diante, repugnância, e como uma espécie de vergonha crer na intervenção dos Espíritos.

Mas, esse excesso de incredulidade, não é nada menos insensato do que não o fora, em outras épocas, o excesso contrário, e se, em semelhante matéria, muito crer conduz a superstições vãs, não querendo nada admitir, em compensação, vai direto à impiedade do naturalismo. O homem sábio, o cristão prudente, deve, pois, evitar, igualmente, esses dois extremos e se colocar firme sobre a linha intermediária: porque é aí que se encontram a verdade e a virtude. Atualmente, nessa questão de mesas falantes, de qual lado uma fé prudente nos fará inclinar?

"A primeira, a mais sábia das regras que nos impõe essa prudência, nos ensina que, para explicar os fenômenos que oferecem um caráter extraordinário, não se deve recorrer às causas sobrenaturais, senão quando as que pertencem à ordem natural não bastem para dar-lhe conta. De onde se segue, em compensação, a obrigação de admitir a primeira quando as segundas são insuficientes. Está aí, justamente, nosso caso; com efeito, entre os fenômenos dos quais falamos, há os que nenhuma teoria, nenhuma causa puramente natural, poderia dar razão. É, pois, não somente prudente, mas, ainda, necessário procurar-lhe a explicação na ordem sobrenatural, ou, em outras palavras, atribuí-las aos puros Espíritos, uma vez que, fora e acima da Natureza, não existe outra causa possível.

"Eis uma segunda regra, um *critério* infalível para pronunciar, a respeito de um fato qualquer, se ele pertence à ordem natural ou sobrenatural: é o de examinar-lhe bem os caracteres, e

de determinar, segundo eles, a natureza da causa que o produziu. Ora, os fatos desse gênero, os mais maravilhosos, aqueles que nenhuma outra teoria pode explicar, oferecem caracteres tais que demonstram uma causa, não somente inteligente e livre, mas, ainda, dotada de uma inteligência e de uma vontade que nada têm de humanas; então, essa causa não pode ser senão um puro Espírito.

"Assim, por dois caminhos, um indireto e negativo, que procede por exclusão, o outro direto e positivo, naquilo que se funda sobre a própria natureza dos fatos observados, chegamos a essa mesma conclusão, a saber: que entre os fenômenos da necromancia moderna há, pelo menos, uma categoria de fatos que, sem nenhuma dúvida, são produzidos por Espíritos. Somos conduzidos a esta conclusão por um raciocínio tão simples, tão natural, que longe de temer, aceitando-o, de ceder a uma imprudente credulidade, creríamos, ao contrário, fazer prova, recusando admiti-lo, de uma fraqueza e de uma incoerência de espírito irrecusáveis. Para confirmar nossa asserção, os argumentos não nos fariam falta; mas, o espaço e o tempo nos faltam para desenvolvê-los aqui. O que dissemos, até o presente, basta plenamente, e pode se resumir nas quatro proposições seguintes:

"1° Entre os fenômenos em questão, postos de lado o que se pode, razoavelmente, atribuir à impostura, às alucinações e aos exageros, existe, ainda, neles, um grande número dos quais não se pode colocar em dúvida a realidade, sem violar todas as leis de uma crítica sadia

"2° Todas as teorias naturais, que expusemos e discutimos mais acima, são impotentes para darem uma explicação satisfatória para todos esses fatos. Se elas explicam alguns deles, deixam um maior número (e são os mais difíceis) totalmente inexplicados e inexplicáveis.

"3° Os fenômenos dessa última ordem, implicando à ação de uma causa inteligente, que não a do homem, não podem se explicar senão pela intervenção de Espíritos, qualquer que seja, aliás, o caráter desses Espíritos, pergunta que nos ocorrerá a toda hora.

"4° Todos esses fatos podem ser divididos em quatro categorias: muitos, dentre eles, devem ser rejeitados ou como falsos ou como produzidos fraudulentamente; quanto aos outros, os mais simples, os mais fáceis de conceber, tais como as mesas girantes, admitem, em certas circunstâncias, uma explicação puramente natural: por exemplo, a de um impulso mecânico; uma terceira classe se compõe de fenômenos mais extraordinários e mais misteriosos, sobre a natureza dos quais se fica em dúvida, porque se bem que pareçam ultrapassar as forças da Natureza, não apresentam, entretanto, caracteres tais que se deva, evidentemente, para explicá-los, recorrer a uma causa sobrenatural. Alinhamos, enfim, na quarta categoria, os fatos que, oferecendo, de modo evidente, esses caracteres, devem ser atribuídos à operação invisível de puros Espíritos.

"Mas, esses Espíritos, quem são? São bons ou maus Espíritos? Anjos ou demônios? Almas felizes ou almas condenadas? A resposta, a esta última parte do nosso problema, não poderia ser duvidosa, por pouco que se considere, de uma parte, a natureza desses diversos Espíritos, de outra, o caráter das suas manifestações. É o que nos resta a demonstrar.

História de Joana D'Arc

Revista Espírita, janeiro de 1858

DITADA, POR ELA MESMA, À SENHORITA ERMANCE DUFAUX.

É uma questão que, freqüentemente, nos colocamos, o saber se os Espíritos, que respondem, com mais ou menos precisão, às perguntas que se lhe dirigem, poderiam fazer um trabalho de grande fôlego. A prova disso está na obra da qual falamos; porque, ali, não se trata mais de uma série de perguntas e de respostas; é uma narração completa e seguida, como a teria feito um historiador, e contendo uma multidão de detalhes, pouco ou nada conhecidos, sobre a vida da heroína. Àqueles que poderiam crer que a senhorita Dufaux é inspirada pelos seus conhecimentos pessoais, responderemos que ela escreveu esse livro com a idade de catorze anos; que havia recebido a instrução que recebem todas as jovens de boa família, educadas com cuidado, mas, mesmo que tivesse ela uma memória fenomenal, não é nos livros clássicos que se podem buscar os documentos íntimos que se encontrariam, talvez dificilmente, nos arquivos do tempo. Os incrédulos, nós o sabemos, terão, sempre, mil objeções a fazer; mas, para nós que vimos o médium na obra, a origem do livro não poderia causar nenhuma dúvida. ,

Se bem que a faculdade da senhorita Dufaux se preste à evocação de qualquer Espírito, do que tivemos prova, por nós mesmos, nas comunicações pessoais que nos transmitiu, sua especialidade é a história. Ela escreveu, do mesmo modo, a de Luís XI e a de Carlos VIII, que serão publicadas como a de Joana D'Arc. Apresentou-se, nela, um fenômeno bastante curioso. Ela era, no princípio, muito bom médium psicógrafo, escrevendo com uma grande facilidade; pouco a pouco, tornou-se médium falante, e, à medida que essa faculdade se desenvolveu, a primeira enfraqueceu; hoje, ela escreve pouco, ou muito dificilmente, mas, o que há de bizarro, é que, falando, tem necessidade de um lápis à mão, simulando escrever; é preciso uma terceira pessoa para reunir as suas palavras, como as da Sibila. Do mesmo modo que todos os médiuns favorecidos pelos bons Espíritos, não recebeu senão comunicações de uma ordem elevada!

Teremos ocasião de voltar sobre a história de Joana D'Arc, para explicar os fatos de sua vida, relativos às suas relações com o mundo invisível, e citaremos o que disse, ao seu intérprete, de mais notável a esse respeito. (1^o volume, in - 12; 3 fr. Dentti, Palais-Ro-yal.)

O Livro dos Espíritos - Apreciações diversas

Revista Espírita, janeiro de 1858

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

CONTENDO OS PRINCÍPIOS DA DOCTRINA ESPÍRITA

Sobre a natureza dos seres do mundo incorpóreo, suas manifestações e suas relações com os homens; as leis morais, a vida presente, a vida futura, e o futuro da Humanidade;

ESCRITO SOB O DITADO E PUBLICADO POR ORDEM DE ESPÍRITOS SUPERIORES

Por ALLAN KARDEC

Esta obra, como o indica seu título, não é uma doutrina pessoal, é o resultado do ensinamento direto dos próprios Espíritos, sobre os mistérios do mundo onde estaremos um dia, e sobre todas as questões que interessam à Humanidade; nos dão, de alguma sorte, o código da vida em nos traçando o caminho da felicidade futura. Este livro, não sendo o fruto de nossas próprias idéias, uma vez que, sobre muitos pontos importantes, tínhamos um modo de ver muito diferente, nossa modéstia nada sofreria com os nossos elogios; preferimos, entretanto, deixar falar aqueles que são inteiramente desinteressados na questão.

O *Courrier de Paris*, de 11 de junho de 1857, continha, sobre esse livro, o artigo seguinte:

A DOCTRINA ESPÍRITA

O editor Dentu vem de publicar, há pouco tempo, uma obra muito notável; queríamos dizer muito curiosa, mas, há dessas coisas que repelem toda qualificação banal.

O *Livro dos Espíritos*, do senhor Allan Kardec, é uma página nova do grande livro do Infinito, e estamos persuadidos de que se colocará um marcador nessa página. Ficaríamos desolados se cressem que fazemos, aqui, um reclamo bibliográfico; se pudéssemos supor que assim fora, quebraríamos nossa pena imediatamente. Não conhecemos, de modo algum, o autor, mas, confessamos francamente que ficaríamos felizes em conhecê-lo. Aquele que escreveu a introdução, colocado no cabeçalho de *O Livro dos Espíritos*, deve ter a alma aberta a todos os nobres sentimentos.

Para que não se possa, aliás, suspeitar da nossa boa-fé e nos acusar de tomar partido, diremos, com toda sinceridade, que jamais fizemos um estudo aprofundado das questões sobrenaturais. Unicamente, se os fatos que se produziram nos espantaram, não nos fizeram, pelo menos, jamais dar de ombros. Somos um pouco dessas pessoas que se chamam de sonhadores, porque não pensam inteiramente como todo o mundo. A vinte léguas de Paris, à tarde sob as grandes árvores, quando não tínhamos ao nosso redor senão algumas cabanas

disseminadas, pensamos, naturalmente, de qualquer outro modo do que na Bolsa, no macadame dos bulevares, ou nas corridas de Longchamps. Perguntamo-nos, com frequência, e isso muito tempo antes de ter ouvido falar de médiuns, o que se passava nisso que se convencionou chamar lá no alto. Esboçamos mesmo, outrora, uma teoria sobre os mundos invisíveis, que havíamos guardado, cuidadosamente, para nós, e que ficamos bem felizes de reencontrar, quase inteiramente, no livro do senhor Allan Kardec.

A todos os deserdados da Terra, a todos aqueles que caminham ou que caem, molhando com suas lágrimas a poeira do caminho, diremos: lede *O Livro dos Espíritos*, isso vos tornará mais fortes. Aos felizes, também, aqueles que não encontram, em seu caminho, senão aclamações da multidão ou os sorrisos da fortuna, diremos: Estudai-o, ele vos tornará melhores.

O corpo da obra, diz o senhor Allan Kardec, deve ser reivindicado, inteiramente, pelos Espíritos que o ditaram. Está admiravelmente classificado por perguntas e por respostas: Estas últimas são, algumas vezes, verdadeiramente sublimes, isso não nos surpreende. Mas não foi preciso um grande mérito a quem soube provocá-las?

Desafiamos os mais incrédulos a rirem lendo esse livro, no silêncio e na solidão. Todo o mundo honrará o homem que lhe escreveu o prefácio.

A doutrina se resume em duas palavras: *Não façais 'aos outros o que não quereríeis que se vos fizesse*. Estamos tristes que o senhor Allan Kardec não tenha acrescentado: *E fazei aos outros o que gostaríeis que vos fosse feito*. O livro, de resto, di-lo claramente, e, aliás, a doutrina não estaria completa sem isso. Não basta jamais fazer o mal, é preciso, também, fazer o bem. Se não sois senão um homem honesto, não haveis cumprido senão a metade do vosso dever. Sois um átomo imperceptível dessa grande máquina que se chama o mundo, e onde nada deve ser inútil. Não nos digais, sobretudo, que se pode ser útil sem fazer o bem; ver-nos-íamos forçados a vos replicar com um volume.

Lendo as admiráveis respostas dos Espíritos, na obra do senhor Kardec, nos dissemos que haveria aí um belo livro para se escrever. Bem cedo reconhecemos que estávamos enganados: o livro está todo feito. Não poderíamos senão estragá-lo, procurando completá-lo.

Sois homem de estudo, e possuis a boa-fé que não pede senão para se instruir? Lede o livro primeiro sobre a Doutrina Espírita

Estais colocado na classe das pessoas que não se ocupam senão de si mesmas, fazem, como se diz seus pequenos negócios tranqüilamente, e não vêem nada ao redor de seus interesses? Lede as *Leis morais*.

A infelicidade vos persegue encarniçadamente, e a dúvida vos cerca, às vezes, com seu abraço glacial? Estudai o livro terceiro: *Esperanças e Consolações*.

Todos vós, que tendes nobres pensamentos no coração, que credes no bem, lede o livro inteiro.

Se se encontrar alguém que ache, no seu interior, matéria de gracejo, nós o lamentaremos sinceramente. g. ou chalar.

Entre as numerosas cartas que nos foram dirigidas, desde a publicação de *O Livro dos*

Espíritos, não citaremos senão duas, porque resumem, de alguma sorte, a impressão que esse livro produziu, e o fim essencialmente moral dos princípios que encerra.

Bordeaux, 25 de abril de 1857.

SENHOR,

Colocásteis a minha paciência em uma grande prova, pela demora na publicação de *O Livro dos Espíritos*, anunciada desde há muito tempo; felizmente, não perdi por esperar, porque ele sobrepassa todas as idéias que pude dele formar, de acordo com o prospecto. Pintar-vos o efeito que produziu em mim seria impossível: sou como um homem que saiu da obscuridade; parece-me que uma porta fechada, até hoje, veio a ser, subitamente, aberta; minhas idéias cresceram em algumas horas! Oh! quanto a Humanidade, e todas as suas miseráveis preocupações, me parecem mesquinhas e pueris, depois desse futuro, do qual não duvido mais, mas que era para mim tão obscurecido pelos preconceitos que eu o imaginava a custo! Graças ao ensinamento dos Espíritos, ele se apresenta sob uma forma definida, compreensível, maior, bela, e em harmonia com a majestade do Criador. Quem ler, como eu, esse livro, meditando, nele encontrará tesouros inexauríveis de consolações, porque ele abarca todas as fases da existência. Eu fiz, na minha vida, danos que me afetaram vivamente; hoje, não me deixam nenhum remorso e a minha preocupação é a de empregar, utilmente, meu tempo e as minhas faculdades para apressar o meu adiantamento, porque o bem, agora, é um objetivo para mim, e compreendo que uma vida inútil é uma vida egoísta, que não pode nos fazer dar um passo, na vida futura.

Se todos os homens que pensam como vós e eu, e vós os encontrareis muitos, espero-o para a honra da Humanidade, pudessem se entender, se reunir, agir de acordo, que força não teriam para apressar essa regeneração que nos está anunciada! Quando for a Paris, terei a honra de vos ver, e se não for para abusar do vosso tempo, eu vos pedirei alguns desenvolvimentos sobre certas passagens, e alguns conselhos sobre a aplicação das leis morais, às circunstâncias que nos são pessoais. Recebei, até lá, eu vos peço, senhor, a expressão de todo o meu reconhecimento, porque haveis me proporcionado um grande bem, mostrando-me o único caminho da felicidade real, neste mundo, e, talvez, vos deverei, a mais, um melhor lugar no outro.

Vosso todo devotado, D.... *capitão reformado*.

Lyon, 4 de julho de 1857.

SENHOR,

Não sei como vos exprimir todo o meu reconhecimento, sobre a publicação de *O Livro dos Espíritos*, que tenho depois de relê-lo. O quanto nos fizésteis saber, é consolador para a nossa pobre Humanidade. Eu vos confesso, que da minha parte, estou mais forte e mais corajoso para suportar as penas e os aborrecimentos ligados à minha pobre existência. Partilhei, com vários de meus amigos, as convicções que hauri na leitura da vossa obra: todos estão muito felizes, compreendem, agora, as desigualdades das posições na sociedade, e não *murmuram* mais contra a Providência; na esperança certa de um futuro muito mais feliz, eles se comportam bem, consola-os e lhes dá coragem. Gostaria, senhor, de vos ser útil; não sou senão um pobre filho do povo, que se fez uma pequena posição pelo seu

trabalho, mas que tem falta de instrução, tendo sido obrigado a trabalhar bem jovem; todavia, sempre amei muito a Deus, e fiz tudo o que pude para ser útil aos meus semelhantes; é por isso que procuro tudo o que pode ajudar na felicidade de meus irmãos. Iremos nos reunir, vários adeptos que estavam esparsos; faremos todos os nossos esforços para vos secundar, haveis levantado o estandarte, cabe a nós vos seguir, contamos com vosso apoio e vossos conselhos.

Sou, senhor, se ousar dizer meu confrade, vosso todo devotado, C....

Freqüentemente, se nos dirigem perguntas sobre a maneira pela qual obtivemos as comunicações que são objeto de *O Livro dos Espíritos*. Resumimos, aqui, tanto mais voluntariamente, as respostas que nos fizeram, a esse respeito, pois isso nos dará ocasião de cumprir um dever de gratidão, para com as pessoas que quiseram nos prestar seu concurso.

Como explicamos, as comunicações por pancadas, dito de outro modo, pela tipologia, são muito lentas e muito incompletas, para um trabalho de longo fôlego, também não empregamos, jamais, esse meio; tudo foi obtido pela escrita e por intermédio de vários médiuns psicógrafos. Nós mesmos preparamos as perguntas e coordenamos o conjunto da obra; as respostas são, textualmente, as que nos foram dadas pelos Espíritos; a maioria, foi escrita sob nossos olhos, algumas foram tomadas de comunicações que nos foram dirigidas por correspondentes, ou que recolhemos, por toda parte onde estivemos, para estudá-las: os Espíritos parecem, para esse efeito, multiplicar, aos nossos olhos, os sujeitos de observação.

Os primeiros médiuns que concorreram para o nosso trabalho, foram a senhorita B***, cuja complacência nunca nos faltou; o livro foi escrito, quase por inteiro, por seu intermédio e na presença de um numeroso auditório, que assistia às sessões, e nelas tomavam o mais vivo interesse. Mais tarde, os Espíritos prescreveram-lhe a revisão completa em conversas particulares, para fazerem todas as adições e correções que julgaram necessárias. Essa parte essencial do trabalho foi feita com o concurso da senhorita Japhet (Rua Tiquetonne, 14.), que se prestou, com a maior complacência e o mais completo desinteresse, a todas as exigências dos Espíritos, porque eram eles que determinavam os dias e as horas de suas lições. O desinteresse não seria, aqui, um mérito particular, uma vez que os Espíritos reprovam todo o tráfico que se possa fazer com sua presença; a senhorita Japhet, que é, igualmente, sonâmbula muito notável, tinha seu tempo utilmente empregado; mas compreendeu que era, igualmente, dele fazer um emprego aproveitável, consagrando-o à propagação da Doutrina. Quanto a nós, declaramos, desde o princípio, e nos apraz confirmar aqui, que jamais entendemos fazer, de *O Livro dos Espíritos*, objeto de uma especulação, devendo os produtos serem aplicados em coisas de utilidade geral; é, por isso, que seremos, sempre, reconhecidos para com aqueles que se associaram, de coração, e por amor ao bem, à obra à qual nos consagramos.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Primeiro Ano – 1858

Fevereiro

- [Diferentes ordens de Espíritos](#)
- [Escala espírita](#)
- [O fantasma da senhorita Clairon](#)
- [Isolamento dos corpos pesados](#)
- [A floresta de Dodone e a estátua de Memnon](#)
- [A avareza - Dissertação pelo Espírito de São Luís](#)
- [Palestras de além-túmulo - senhorita Clary D.](#)
- [O senhor Home \(primeiro artigo\)](#)
- [Bibliografia - As manifestações dos Espíritos, pelo senhor Paul Auguez](#)
- [Aos leitores da *Revista Espírita*](#)

Diferentes ordens de Espíritos

Revista Espírita, fevereiro de 1858

Um ponto capital, na Doutrina Espírita, é o das diferenças que existem, entre os Espíritos, sob o duplo intercâmbio intelectual e moral; seu ensinamento, a esse respeito, jamais variou; mas, não é menos essencial saber que não pertencem, perpetuamente, à mesma ordem, e que, conseqüentemente, essas ordens não se constituem em *espécies distintas*: são diferentes graus de desenvolvimento. Os Espíritos seguem a marcha progressiva da Natureza; os das ordens inferiores são ainda imperfeitos; alcançam os graus superiores depois de estarem depurados; avançam na hierarquia à medida que adquirem as qualidades, as experiências que lhes faltam. A criança, no berço, não se parece ao que será na idade madura, e, todavia, é sempre o mesmo ser.

A classificação dos Espíritos está baseada no grau do seu adiantamento, nas qualidades que adquiriram, e nas imperfeições das quais, ainda, não se despojaram. Essa classificação, de resto, nada tem de absoluta; cada categoria não apresenta um caráter distinto senão no seu conjunto; mas, de um grau ao outro a transição é imperceptível, e, sobre os limites, a nuance se apaga como nos reinos da Natureza, como nas cores do arco-íris, ou, ainda, como nos diferentes períodos da vida do homem. Pode-se, pois, formar um maior ou menor número de classes segundo o ponto de vista sob o qual se considera a questão. Ocorre aqui como em todos os sistemas de classificações científicas; os sistemas podem ser mais ou menos completos, mais ou menos racionais, mais ou menos cômodos para a inteligência, porém, quaisquer que sejam, não mudam nada no fundo da ciência. Os Espíritos, interrogados sobre esse ponto, puderam, pois, variar no número das categorias, sem que isso tivesse conseqüências sérias. Serviu-se dessa aparente contradição, sem refletir que eles não ligam nenhuma importância ao que é puramente convencional; para eles, o pensamento é tudo; nos deixam a forma, a escolha das palavras, as classificações, em uma palavra, os sistemas.

Acrescentemos, ainda, esta consideração de que não se deve, jamais, perder de vista, que, entre os Espíritos, como entre os homens, há os muito ignorantes, e que não seria demais se colocar em guarda contra a tendência a crer que todos devem tudo saber porque são Espíritos. Toda classificação exige método, análise e conhecimento profundo do assunto. Ora, no mundo dos Espíritos, os que têm conhecimentos limitados são, como aqui os ignorantes, inabilitados a abarcar um conjunto, a formular um sistema; aqueles mesmo que disso são capazes, podem variar nos detalhes, segundo seu ponto de vista, sobretudo quando uma divisão nada tem de absoluta. Linnée, Jussieu, Tournefort, têm, cada um, o seu método, e a Botânica não mudou por isso; é que não inventaram nem as plantas e nem os seus caracteres; observaram as analogias segundo as quais "formaram os grupos ou classes. Foi assim que procedemos; não inventamos nem os Espíritos e nem os seus caracteres; vimos e observamos, julgamo-los por suas palavras e atos, depois foram classificados por semelhanças; é o que cada um teria feito em nosso lugar.

Não podemos, entretanto, reivindicar a totalidade desse trabalho como sendo obra nossa. Se o quadro, que damos em seguida, não foi textualmente traçado pelos Espíritos, e se dele tivemos a iniciativa, todos os elementos dos quais se compõe foram tomados dos seus ensinamentos; não nos restou mais do que formular-lhe a disposição material.

Os Espíritos admitem, geralmente, três categorias principais ou três grandes divisões. Na

última, a que está na base da escala, estão os Espíritos imperfeitos, que têm, ainda, todos ou quase todos os degraus a percorrer; caracterizam-se pela predominância da matéria sobre o Espírito e pela propensão ao mal. Os da segunda, caracterizam-se pela predominância do Espírito sobre a matéria e pelo desejo do bem: são os bons Espíritos. A primeira, enfim, compreende os Puros Espíritos, aqueles que alcançaram o supremo grau de perfeição.

Essa divisão nos parece perfeitamente racional e nos apresenta caracteres bem definidos; não nos restou mais do que fazer ressaltar, por um número suficiente de sub-divisões, as nuances principais do conjunto; foi isso o que fizemos com o concurso dos Espíritos, cujas instruções benevolentes jamais nos faltaram.

Com a ajuda desse quadro, será fácil determinar a classe e o grau de superioridade, ou inferioridade, dos Espíritos com os quais possamos entrar em intercâmbio, e, conseqüentemente, o grau de confiança e de estima que merecem. De outra parte, nos interessa pessoalmente, porque, como pertencemos, por nossa alma, ao mundo espírita, no qual reentraremos deixando nosso envoltório mortal, nos mostra o que nos resta a fazer para chegarmos à perfeição e ao bem supremo. Faremos observar, todavia, que os Espíritos não pertencem sempre, exclusivamente, a tal ou tal classe; seu progresso, não se cumprindo senão gradualmente, e, freqüentemente, mais num sentido do que num outro, podem reunir os caracteres de várias categorias, o que é fácil de apreciar por sua linguagem e por seus atos.

Escala espírita

Revista Espírita, fevereiro de 1858

TERCEIRA ORDEM - ESPÍRITOS IMPERFEITOS

Caracteres gerais. - Predominância da matéria sobre o Espírito. Propensão ao mal. Ignorância, orgulho, egoísmo e todas as más paixões que lhes são a conseqüência.

Têm intuição de Deus, mas não o compreendem.

Nem todos são essencialmente maus; em alguns, há mais de leviandade, de inconseqüência e de malícia do que de verdadeira maldade. Uns não fazem nem o bem e nem o mal; mas, somente por isso, que não fazem o bem, denotam a sua inferioridade. Outros, ao contrário, se comprazem no mal, e ficam satisfeitos quando encontram oportunidade de fazê-lo.

Podem aliar a inteligência à maldade ou à malícia; mas, qualquer que seja o seu desenvolvimento intelectual, suas idéias são pouco elevadas e seus sentimentos mais ou menos abjetos.

Seus conhecimentos, sobre as coisas do mundo espírita, são limitados, e o pouco que sabem se confunde com as idéias e os preconceitos da vida corporal. Não podem, dela, nos dar senão noções falsas e incompletas; mas, o observador atento, freqüentemente, encontra em suas comunicações, mesmo imperfeitas, a confirmação de grandes verdades ensinadas pelos Espíritos superiores.

Seu caráter se revela pela sua linguagem. Todo Espírito que, em suas comunicações, revela um mau pensamento, pode ser classificado na terceira ordem; conseqüentemente, todo mau pensamento que nos é sugerido vem dum Espírito dessa ordem.

Vêm a felicidade dos bons, e essa visão, para eles, é um tormento incessante, porque experimentam todas as angústias que, a inveja e o ciúme podem produzir.

Conservam a lembrança e a percepção dos sofrimentos da vida corporal e essa impressão, freqüentemente, é mais penosa do que a realidade. Sofrem, pois, verdadeiramente, pelos mates que sofreram e pelos que fizeram os outros sofrer; e, como sofrem por longo tempo, crêem sofrer sempre; Deus, para puni-los, quer que assim creiam.

Podem ser divididos em quatro grupos principais.

Nona classe. ESPÍRITOS IMPUROS. - São inclinados ao mal e dele fazem o objeto das suas preocupações. Como Espíritos, dão conselhos pérfidos, insuflam a discórdia e a desconfiança, e tomam todas as máscaras para melhor enganarem. Ligam-se aos caracteres bastante fracos para ceder às suas sugestões, a fim de compeli-los à sua perdição, satisfeitos em

poderem retardar o seu adiantamento, fazendo-os sucumbir nas provas que suportam.

Nas manifestações, são reconhecidos pela sua linguagem; a trivialidade e a grosseria das expressões, nos Espíritos como nos homens, é sempre um indício de inferioridade moral, senão intelectual. Suas comunicações revelam a baixeza das suas inclinações, e se querem fazer que se enganem, falando de modo sensato, não podem sustentar o seu papel por muito tempo e acabam, sempre, por trair a sua origem.

Certos povos fazem deles divindades malfazejas, outros os designam sob o nome de demônios, maus gênios, Espíritos do mal.

Os seres vivos que animam, quando estão encarnados, são inclinados a todos os vícios que engendram as paixões vis e degradantes: a sensualidade, a crueldade, o embuste, a hipocrisia, a cupidez, a sórdida avareza.

Fazem o mal pelo prazer de fazê-lo, o mais freqüentemente, sem motivos, e, pelo ódio ao bem, quase sempre, escolhem as suas vítimas entre as pessoas honestas. São flagelos para a Humanidade, a qualquer classe da sociedade a que pertençam, e o verniz da civilização não os garante do opróbrio e da ignomínia.

Oitava classe. ESPÍRITOS LEVIANOS. - São ignorantes, malignos, inconseqüentes e zombeteiros. Imiscuem-se em tudo, respondem a tudo, sem se importarem com a verdade. Comprazem-se em causar pequenos aborrecimentos, pequenas alegrias, em atormentar, em induzir maliciosamente ao erro através de mistificações e travessuras. A essa classe pertencem os Espíritos vulgarmente designados sob os nomes de *duendes*, *gnomos*. Estão sob a dependência de Espíritos superiores, que os empregam, freqüentemente, como o fazemos com os serviçais e operários.

Parecem, mais do que outros, apegados à matéria, e representam ser os agentes principais das vicissitudes dos elementos do globo, seja porque habitam o ar, a água, o fogo, os corpos duros ou as entranhas da Terra. Manifestam, freqüentemente, sua presença por efeitos sensíveis tais como os golpes, o movimento e deslocamento anormal dos corpos sólidos, a agitação do ar, etc., o que se lhes faz dar o nome de Espíritos batedores ou perturbadores. Reconhece-se que, esses fenômenos, não são devidos a uma causa fortuita e natural, quando têm um caráter intencional e inteligente. Todos os Espíritos podem produzir esses fenômenos, mas os Espíritos elevados os deixam, em geral, nas atribuições de Espíritos inferiores, mais aptos às coisas materiais do que às coisas inteligentes.

Em suas comunicações com os homens, sua linguagem, algumas vezes, é espirituosa e engraçada, mas, quase sempre, sem profundidade; ligam as bizarrices e os ridículos que exprimem em tiradas mordazes e satíricas. Se ostentam nomes supostos, mais freqüentemente, é por malícia do que por maldade.

Sétima classe. ESPÍRITOS pseudo-sábios. - Seus conhecimentos são bastante extensos, mas, crêem saber mais do que sabem em realidade. Tendo alcançado algum progresso em diversos pontos de vista, sua linguagem tem um caráter sério que pode enganar sobre as suas capacidades e as suas luzes; mas, o mais freqüentemente, não é senão um reflexo dos preconceitos e das idéias sistemáticas da vida terrestre; é uma mistura de algumas verdades ao lado dos mais absurdos erros, no meio dos quais descobrem a presunção, o orgulho, o ciúme e a teimosia dos quais não puderam se despojar.

Sexta classe. ESPÍRITOS neutros. - Não são nem bastante bons para fazerem o bem e nem bastante maus para fazerem o mal; pendem tanto para um quanto para o outro, e não se elevam acima da condição vulgar da humanidade, tanto pelo moral quanto pela inteligência. Participam das coisas deste mundo, das quais lamentam as alegrias grosseiras.

SEGUNDA ORDEM - BONS ESPÍRITOS

Caracteres gerais. - Predominância do Espírito sobre a matéria; desejo do bem. Suas qualidades e o seu poder para fazerem o bem estão em razão do grau que alcançaram: uns têm a ciência, os outros a sabedoria e a bondade; os mais avançados unem o saber às qualidades morais. Não estando, ainda, completamente desmaterializados, conservam, mais ou menos, segundo sua classe, os traços da existência corporal, seja na forma da linguagem, seja em seus hábitos, onde se encontram mesmo algumas das suas manias; de outro modo, seriam Espíritos perfeitos.

Compreendem Deus e o Infinito, e já gozam da felicidade dos bons. São felizes pelo bem que fazem e pelo mal que impedem. O amor que os une é, para eles, a fonte de uma felicidade inefável que não é alterada nem pela inveja, nem pelos desgostos, nem pelos remorsos, nem por nenhuma das más paixões que fazem o tormento dos Espíritos imperfeitos; mas todos têm, ainda, provas a suportar até que tenham atingido a perfeição absoluta.

Como Espíritos, suscitam bons pensamentos, desviam os homens do caminho do mal, protegem, na vida, aqueles que disso se tornam dignos, e neutralizam a influência dos Espíritos imperfeitos naqueles que não se comprazem em suportá-la.

Aqueles em quem estão encarnados, são bons e benevolentes para com os seus semelhantes; não são movidos nem pelo orgulho, nem pelo egoísmo, nem pela ambição; não sentem nem ódio, nem rancor, nem inveja, nem ciúme, e fazem o bem pelo bem.

A essa ordem pertencem os Espíritos designados, nas crenças vulgares, sob os nomes de *bons gênios*, *gênios protetores*, *Espíritos do bem*. Nos tempos de superstição e de ignorância, deles fizeram divindades benfazejas.

Podem, igualmente, ser divididos em quatro grupos principais.

Quinta classe. ESPÍRITOS BENEVOLENTES. - Sua qualidade dominante é a bondade; comprazem-se em servir aos homens e protegê-los, mas seu saber é limitado: seu progresso se cumpriu mais no sentido moral do que no sentido intelectual.

Quarta classe. ESPÍRITOS SÁBIOS. - O que os distingue, especialmente, é a extensão dos seus conhecimentos. Preocupam-se menos com questões morais do que com questões científicas, para as quais têm mais aptidão; mas, não encaram a ciência senão sob o ponto de vista da utilidade, e nisso não misturam nenhuma das paixões que são próprias dos Espíritos imperfeitos.

Terceira classe. ESPÍRITOS SENSATOS. - Suas qualidades morais, da mais elevada ordem, formam seu caráter distintivo. Sem terem os conhecimentos ilimitados, são dotados de uma capacidade intelectual que lhes proporciona um julgamento sadio sobre os homens e sobre as coisas.

Segunda classe. ESPÍRITOS superiores.- Reúnem a ciência, a sabedoria e a bondade. Sua linguagem não respira senão a benevolência; é constantemente digna, elevada, freqüentemente sublime. Sua superioridade torna-os, mais do que aos outros, aptos a nos darem as mais justas noções sobre as coisas do mundo in-corpóreo, nos limites do que é permitido ao homem conhecer. Comunicam-se, voluntariamente, com aqueles que procuram a verdade de boa-fé, e cuja alma esteja bastante liberta dos laços terrestres para compreendê-la, mas se afastam daqueles que se animam unicamente pela curiosidade, ou que a influência da matéria afasta da prática do bem.

Quando, por exceção, se encarnam na Terra, é para nela cumprirem uma missão de progresso, e nos oferecem, então, o modelo da perfeição, à qual a Humanidade pode aspirar neste mundo.

PRIMEIRA ORDEM - PUROS ESPÍRITOS

Caracteres gerais. - Influência da matéria nula. Superioridade intelectual e moral absoluta com relação aos Espíritos de outras ordens.

Primeira classe. Classe única. - Percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Tendo alcançado a soma de perfeição, da qual a criatura é suscetível, não têm mais a suportar nem provas, nem expiações. Não estando mais sujeitos à encarnação em corpos perecíveis, para eles, é a vida eterna que cumprem no seio de Deus.

Gozam de uma felicidade inalterável, porque não estão sujeitos nem às necessidades, nem às vicissitudes da vida material; mas essa felicidade não é a de uma *ociosidade monótona passada numa contemplação perpétua*. São os mensageiros e os ministros de Deus, cujas ordens executam para a manutenção da harmonia universal. Comandam a todos os Espíritos que lhes são inferiores, os ajudam a se aperfeiçoarem e lhes assinalam a sua missão. Assistir os homens em sua aflição, excitá-los ao bem, ou à expiação das faltas que os distanciam da felicidade suprema, para eles, é uma doce ocupação. São designados, algumas vezes, sob o nome de anjos, arcanjos ou serafins.

Os homens podem entrar em comunicação com eles, mas bem presunçoso seria aquele que pretendesse tê-los, constantemente, às suas ordens.

ESPÍRITOS ERRANTES OU ENCARNADOS

Sob o aspecto das qualidades íntimas, os Espíritos são de diferentes ordens, que percorrem, sucessivamente, à medida que se depuram. Como *estado*, podem estar *encarnados*, quer dizer, unidos a um corpo, num mundo qualquer; ou *errantes*, quer dizer, desligados do corpo material e esperando uma nova encarnação para se melhorarem.

Os Espíritos *errantes* não formam uma categoria especial; é um dos estados em que podem se encontrar.

O estado *errante* ou *erraticidade*, não constitui uma inferioridade para os Espíritos, uma vez que, nele, podem ser encontrados de todos os graus. Todo Espírito que não esteja encarnado, está, por isso mesmo, *errante*, com exceção dos Puros *Espíritos* que, não tendo mais encarnação a suportarem, estão no seu estado definitivo.

A encarnação, não sendo senão um estado transitório, a *erraticidade* é, na realidade, o estado normal dos Espíritos, e esse estado não é, forçosamente, uma expiação para eles; são felizes ou infelizes segundo o grau de sua elevação, e segundo o bem ou o mal que fizeram.

O fantasma da senhorita Clairon

Revista Espírita, fevereiro de 1858

(A senhorita Clairon, nascida em 1723, morreu em 1803. Estreou na companhia italiana com a idade de 13 anos, e na Comédia francesa em 1743. Retirou-se do teatro em 1765, com a idade de 42 anos.)

Esta história produziu muito ruído em seu tempo, pela posição da heroína e pelo grande número de pessoas que lhe foram testemunhas. Malgrado sua singularidade, ela seria provavelmente esquecida se a senhorita Clairon não a houvesse consignado em suas Memórias, de onde extraímos a narração que dela vamos fazer. A analogia que ela apresenta com alguns fatos que se passam em nossos dias, lhe dá um lugar natural nesta Coletânea.

A senhorita Clairon, como se sabe, era mais notável pela sua beleza do que pelo seu talento como cantora e atriz trágica; tinha inspirado, a um jovem bretão, senhor de S..., uma dessas paixões que, freqüentemente, decidem da vida, quando não se tem bastante força de caráter para dela triunfar. A ela, a senhorita Clairon, não respondia senão pela amizade; todavia, as assiduidades do senhor de S... se lhe tornaram de tal modo importunas, que resolveu romper tudo com relação a ele. O desgosto que disso ele sentiu lhe causou uma longa enfermidade da qual morreu. A coisa se passou em 1743. Deixemos a senhorita Clairon falar:

"Dois anos e meio haviam decorrido entre o nosso conhecimento e a sua morte. Ele me rogou conceder, aos seus últimos momentos, a doçura de me ver ainda; os que me rodeavam, me impediram de fazer essa visita. Ele morreu não tendo, perto de si, senão os seus domésticos e uma velha dama, única sociedade que teve, desde há muito tempo. Habitava, então, a Rempart, perto da Chaussée-d'Antin, onde se começava a construir; eu, à rua Bussy, perto da rua Seine e abadia Saint-Germain. Tinha minha mãe, e vários amigos vieram jantar comigo... Vinha de cantar muito lindas canções de pastores, com as quais meus amigos estavam no arrebatamento, quando, pelas onze horas sucedeu o grito, o mais agudo. Sua sombria modulação e sua duração, espantaram todo o mundo; senti-me desfalecer, e estive, quase um quarto de hora, desacordada...

Todos os meus, meus amigos, meus vizinhos, a própria polícia, ouviam o mesmo grito, sempre à mesma hora, sempre partindo de sob a minha janela, e não parecendo sair senão do vago do ar... Raramente jantava na cidade, mas, nos dias que jantava, não se ouvia nada, e, várias vezes, perguntando por suas novidades, à minha mãe, quando reentrava no meu quarto, partia do meio de nós. Uma vez, o presidente de B..., com o qual havia jantado, quis me reconduzir para se assegurar de que nada me tinha acontecido no caminho. Como me desejasse boa-noite na minha porta, o grito partiu entre ele e mim. Assim como toda Paris, ele sabia essa história: todavia, refugiou-se em sua carruagem, mais morto do que vivo.

"Uma outra vez, pedi ao meu camarada Rosely para me acompanhar à rua Saint-Honoré para escolher tecidos. O único assunto da nossa conversa foi o meu fantasma (era assim que o chamava). Esse jovem, cheio de espírito, não crendo em nada, entretanto, estava tocado pela minha aventura; instou-me a evocar o fantasma, prometendo-me que nele creeria, se me respondesse. Seja por fraqueza, seja por audácia, fiz o que me pedia: o grito saiu em três reprises, terríveis pelo seu estrondo e sua rapidez. No nosso retorno, foi preciso o socorro de toda a casa para nos tirar da carruagem, onde estivemos sem conhecimento um do outro.

Depois desta cena, fiquei alguns meses sem nada ouvir. Acreditava-me livre para sempre, e me enganava.

"Todos os espetáculos haviam sido mandados para Versailles, para o casamento do Delfim. Havia-me arrumado, na avenida de Saint-Cloud, um quarto que ocupava com a senhora Grandval. Às três horas da manhã, eu lhe disse: Estamos no fim do mundo; ao grito seria embaraçoso ter que nos procurar aqui... Ele saiu! A senhora Grandval acreditou que o inferno todo estivesse no quarto: ela correu, de camisa, de alto a baixo a casa, onde ninguém pôde fechar o olho durante a noite; mas, ao menos, foi a última vez que se fez ouvir.

"Sete ou oito dias depois, conversando com a minha roda costumeira, o sino de onze horas foi seguido de um tiro de fuzil, dado em uma das minhas janelas. Todos nós ouvimos o tiro; todos vimos o fogo; a janela não tinha nenhum tipo de dano. Concluimos, todos, que queriam a minha vida, que haviam errado o alvo e que seria preciso tomar precauções para o futuro. O senhor de Marville, então tenente de polícia, foi visitar as casas defronte a minha; a rua foi repleta de todos os espíões possíveis; mas, quaisquer cuidados que se tivessem tomado, o tiro, durante três meses inteiros, foi ouvido, visto, dado sempre à mesma hora, na mesma vidraça, sem que ninguém tivesse jamais podido ver de que sítio partia. Esse fato foi constatado nos registros da polícia.

"Acostumada com o meu fantasma, que achava um rapaz bastante bom, uma vez que se conservava em enganos sagazes, não tomando consciência da hora que era, fazendo muito calor, abri a janela eleita e, o intendente e eu nos apoiamos sobre o balcão. Soam onze horas, o tiro parte e nos lança, todos os dois, no meio do quarto, onde caímos como mortos. Retornando a nós mesmos, sentindo que não tínhamos nada, reconhecendo que havíamos recebido, ele sobre a face esquerda, eu sobre a face direita, a mais terrível bofetada que se tenha jamais aplicado, nos pusemos a rir como dois loucos.

"Dois dias depois, convidada pela senhorita Dumesnil para estar numa pequena festa noturna, que dava na sua casa da Barrière Blanche, tomei um carro de praça, às onze horas, com minha aia. Fazia o mais belo luar, e fomos conduzidas pelos bulevares que começavam a se encher de casas. Minha aia me disse: Não foi aqui que morreu o senhor de S...? - Segundo as notícias que me deram, deve ser, disse-lhe, designando com meu dedo, uma das duas casas ali diante de nós. De uma delas partiu esse mesmo tiro de fuzil que me perseguia: atravessa a nossa viatura; o cocheiro dobra sua marcha, crendo-se atacado por ladrões. Chegamos ao encontro, fazendo força para refrear nossos sentidos, e, de minha parte, penetrada de um terror que conservei por muito tempo, o confesso; mas, essa explosão foi a última, das armas de fogo.

À sua explosão, sucedeu um estalar de mãos, com certo compasso e redobros. Esse ruído, ao qual a bondade do público me havia acostumado, não me deixou fazer nenhuma observação durante muito tempo; meus amigos a fizeram por mim. Nós espreitamos, disseram-me: é às onze horas, quase sob vossa porta que ele ocorre; nós o ouvimos, não vimos ninguém; isso não pode ser senão uma consequência daquilo que haveis experimentado. Como esse ruído não tinha nada de terrível, não conservei a data da sua duração. Não prestei mais atenção aos sons melodiosos que se fizeram ouvir depois; parecia que uma voz celeste dava o esboço da ária nobre e tocante que ela ia cantar; essa voz começava na esquina de Bussy e terminava na minha porta; e, como ocorreu com todos os outros sons precedentes, ouvia-se e não se via nada. Enfim, tudo cessou depois de um pouco mais de dois anos e meio."

Daí a algum tempo, a senhorita Clairon recebe, da senhora idosa que tinha sido a amiga devotada do senhor S..., o relato dos seus últimos momentos. "Ele contava, disse-lhe, todos

os minutos, até as dez horas e meia, quando seu laçao veio dizer que, decididamente, não vinheis. Depois de um momento de silêncio, ele aperta-me a mão com um redobramento de desespero que me assusta. *A bárbara! ... com isso não ganhará nada; eu a perseguira! tanto depois da minha morte como a persegui durante a minha w'da/...* Quis tratar de acalmá-lo, mas, estava morto."

Na edição que temos sob os olhos, o relato está precedido da nota seguinte, sem assinatura:

"Eis uma anedota bem singular da qual se fez, e se fará, sem dúvida, muitos juízos diferentes. Ama-se o maravilhoso, mesmo sem nele crer: a senhorita Clairon parecia convencida da realidade dos fatos que ela conta. Contentar-nos-emos em anotar que, no tempo em que ela foi ou se acreditou atormentada por seu fantasma, tinha de vinte e dois anos e meio a vinte e cinco anos; que é a idade da imaginação, e que essa faculdade era continuamente exercida e exaltada, nela, pelo gênero de vida que levava no teatro e fora do teatro. Pode-se lembrar, ainda, que ela disse, no início das suas Memórias, que, em sua infância, não se entrelinha senão com aventuras de fantasmas e de feiticeiros, que se lhe disse serem histórias verdadeiras."

Não conhecendo o fato senão pelo relato da senhorita Clairon, não podemos julgá-lo senão por indução; ora, eis o nosso raciocínio. Esse acontecimento, descrito em seus mais minuciosos detalhes pela própria senhorita Clairon, tem mais autenticidade do que se tivesse sido narrado por um terceiro. Acrescentemos que, quando ela escreveu a carta, na qual ele se acha relatado, tinha ao redor de sessenta anos, e passada a idade da credulidade, da qual fala o autor da nota. Esse autor não põe em dúvida a boa-fé, da senhorita Clairon, sobre a sua aventura, unicamente pensa que ela pode ter sido o joguete de uma ilusão. Que o fosse uma vez, isso não seria nada espantoso, mas, que tenha sido durante dois anos e meio, isso nos parece mais difícil; parece-nos mais difícil ainda supor que essa ilusão foi partilhada por tantas pessoas, testemunhas oculares e auriculares dos fatos, e pela própria polícia. Para nós, que conhecemos o que pode se passar nas manifestações espíritas, a aventura nada tem que possa nos surpreender, e a temos por *provável*. Nesta hipótese, não hesitamos em pensar que o autor, de todas essas más ações, não era outro senão a alma, ou espírito, do senhor de S..., se anotarmos, sobretudo, a coincidência das suas últimas palavras com a duração dos fenômenos. Ele havia dito: Eu a perseguirei tanto depois da minha morte, como durante a minha vida. Ora, suas relações com a senhorita Clairon duraram dois anos e meio, justo tanto tempo quanto o das manifestações que seguiram a sua morte.

Algumas palavras, ainda, sobre a natureza desse Espírito. Não era mau, e é com razão que a senhorita Clairon o qualifica como bastante bom rapaz, mas, não se pode dizer, no entanto, que foi a própria bondade. A paixão violenta, à qual sucumbiu, como homem, prova que, nele, as idéias terrestres eram dominantes. Os traços profundos dessa paixão, que sobreviveu à destruição do corpo, prova que, como Espírito, estava, ainda, sob a influência da matéria. Sua vingança, por inofensiva que fosse, denota sentimentos pouco elevados. Se, pois, se se quiser reportar ao nosso quadro da classificação dos Espíritos, não será difícil assinalar a sua classe; a ausência de maldade real, naturalmente, descarta a última classe, a dos Espíritos impuros; mas, evidentemente, ligava-se a outras classes da mesma ordem; nada, nele, poderia justificar-lhe uma classe superior.

Uma coisa digna de nota é a sucessão dos diferentes modos pelos quais manifestou a sua presença. Foi no mesmo dia e no momento da sua morte que ele se fez ouvir pela primeira vez, e isso no meio de um alegre jantar. Quando vivo, via a senhorita Clairon pelo pensamento, rodeada da auréola que a imaginação empresta ao objeto de uma paixão ardente; mas, uma vez a alma desembaraçada do seu véu material, a ilusão dá lugar à

realidade. Ele está aí, ao seu lado, e a vê rodeada de *amigos*, tudo devendo aumentar seu ciúme; ela parece, pela sua jovialidade e pelos seus cantos, insultar o seu desespero, e o seu desespero se traduz por um grito de raiva que repete, cada dia, à mesma hora, como para lhe reprovar sua recusa em ir consolá-lo em seus últimos momentos. Aos gritos, sucedem os tiros de fuzil, inofensivos, é verdade, mas, que não denotam menos uma raiva impotente e a vontade de perturbar o seu repouso. Mais tarde, o seu desespero toma um caráter mais calmo; retorna, sem dúvida, a idéias mais sadias, e parece haver tomado partido; resta-lhe a lembrança dos aplausos dos quais ela era objeto, e os repete. Mais tarde, enfim, lhe diz adeus, fazendo-a ouvir sons que pareciam eco dessa voz melodiosa que o havia fascinado tanto em sua vida.

Isolamento dos corpos pesados

Revista Espírita, fevereiro de 1858

O movimento dado aos corpos inertes, pela vontade é, hoje, tão conhecido que seria quase pueril relatar fatos desse gênero; não ocorre o mesmo quando esse movimento é acompanhado de certos fenômenos menos vulgares, tais como, por exemplo, o da suspensão no espaço. Se bem que os anais do Espiritismo, deles, cita numerosos exemplos, esse fenômeno apresenta uma tal derrogação das leis da gravidade que a dúvida parece muito natural a quem dele não tenha sido testemunha. Nós mesmos, confessamos, por habituados que estamos com as coisas extraordinárias, ficamos bem contentes em constatar-lhe a realidade. Os fatos que vamos narrar se passaram várias vezes, sob os nossos olhos, nas reuniões que tiveram lugar outrora na casa do senhor B..., rua Lamartine, e sabemos que se produziram muitas vezes em outro lugar; podemos, pois, certificá-los como incontestáveis. Eis como as coisas se passaram:

Oito ou dez pessoas, entre as quais se encontravam algumas dotadas de uma força especial, sem serem, todavia, médiuns reconhecidos, colocavam-se ao redor de uma mesa de salão, pesada e maciça, as mãos pousadas sobre a borda e todas unidas em intenção e vontade. Ao cabo de um tempo mais ou menos longo, dez minutos ou um quarto de hora, segundo as disposições eram mais ou menos favoráveis, a mesa, malgrado o seu peso de quase 100 quilos, se punha em movimento, deitando à direita ou à esquerda, sobre o soalho, se transportando para diversas partes designadas do salão, depois se erguendo, tanto sobre um pé, quanto sobre o outro, até formar um ângulo de 45 graus, se balançando com rapidez, imitando os movimentos longitudinais e laterais de um navio. Se, nessa posição, os assistentes redobravam esforços por sua vontade, a mesa se destacava, inteiramente, do solo, a 10 ou 20 centímetros de elevação, sustentando-se, assim, no espaço, sem nenhum ponto de apoio, durante alguns segundos, para cair com todo o seu peso.

O movimento da mesa, seu erguimento sobre um pé, seu balanço, se produziam quase à vontade, freqüentemente, várias vezes na noite, e, freqüentemente também, sem nenhum contato das mãos; só a vontade bastava para que a mesa se dirigisse para o lado indicado. O isolamento completo era mais difícil de se obter, mas, se repetiu com bastante freqüência para que possa ser considerado como um fato excepcional. Ora, isso não se passou unicamente na presença de adeptos, os quais se poderia crer muito acessíveis à ilusão, mas, diante de vinte ou trinta pessoas, dentre as quais se encontravam, algumas vezes, as que lhe eram muito pouco simpáticas, que não deixavam de supor alguma preparação secreta, sem consideração para com os senhores da casa, cujo caráter honorável deveria afastar toda suspeição de fraude, e porque, aliás, teria sido um singular prazer o de passar, todas as semanas, várias horas a mistificar uma assembléia sem proveito.

Narramos o fato em toda a sua simplicidade, sem restrições e nem exageros. Não diremos, pois, que vimos a mesa voar no ar como uma pluma; mas, tal como ele é, esse fato não deixa de demonstrar a possibilidade do isolamento dos corpos pesados sem apoio algum, por meio de uma força até agora desconhecida. Não diremos, do mesmo modo, que basta estender a mão, ou fazer um sinal qualquer, para que, no mesmo instante, a mesa se eleve como por encanto.

Diremos, ao contrário, por ser a verdade, que os primeiros movimentos se operam, sempre,

com uma certa lentidão, e não adquirem, senão gradualmente, a sua máxima intensidade. O erguimento completo não ocorria senão depois de vários movimentos preparatórios, que eram espécie de ensaio, um tipo de impulso. A força atuante parecia redobrar esforços pelo encorajamento dos assistentes, como um homem, ou um cavalo, que cumpre pesada tarefa, e que se anima com a voz e com o gesto. Uma vez produzido o efeito, tudo retornava à calma, e, por alguns instantes, nada se obtinha, como se essa mesma força tivesse necessidade de retomar fôlego.

Tivemos, com freqüência, oportunidade de citar fenômenos desse gênero, sejam espontâneos, sejam provocados, e realizados em proporções e com circunstâncias bem mais extraordinárias; mas, quando deles somos testemunhas, os relatamos, sempre, de modo a evitar toda interpretação falsa ou exagerada. Se, no fato acima relatado, tivéssemos nos contentado em dizer que vimos uma mesa de 100 quilos se elevar com o único contato das mãos, ninguém duvide que, muitas pessoas, se figurariam que se havia elevado até o teto e com a rapidez de um golpe de vista. É assim que as coisas, as mais simples, tornam-se prodígios pelas proporções que lhes empresta a imaginação. O que isso deve ser quando os fatos atravessaram os séculos e passaram pela boca dos poetas! Se se dissesse que a superstição é a filha da realidade, ter-se-ia o ar de expor um paradoxo, e, todavia, nada é mais verdadeiro; não há superstição que não repouse sobre um fundo real; tudo está em discernir onde termina uma e começa a outra. O verdadeiro meio de combater as superstições, não é o de contestá-las de modo absoluto; no espírito de certas pessoas, há idéias que não se desarraigam mais facilmente, porque têm, sempre, fatos a citar em apoio da sua opinião; ao contrário, é preciso demonstrar o que há de real; então, não resta senão o exagero ridículo, para o qual o bom senso faz justiça.

A floresta de Dodone e a estátua de Memnon

Revista Espírita, fevereiro de 1858

Para chegarmos à floresta de Dodone, passamos pela rua Lamartine, e nos detemos um instante na casa do senhor B"* , onde vimos um móvel dócil nos colocar um novo problema de estática.

Os assistentes, em um número qualquer, estão colocados ao redor da mesa em questão, em uma ordem igualmente qualquer, porque não há, aí, nem números e nem lugares cabalísticos; têm as mãos pousadas sobre a beirada; fazem, seja mentalmente, seja em voz alta, apelos aos Espíritos que têm o hábito se atenderem o seu convite. Conhece-se a nossa opinião sobre esse gênero de Espíritos, por isso nós os tratamos um pouco sem cerimônia. Quatro ou cinco minutos apenas são decorridos, quando um ruído claro de *toe, toe*, se faz ouvir na mesa, freqüentemente, bastante forte para ser ouvido da peça vizinha, e se repete ainda por muito tempo, e ainda com a freqüência que seja desejada. A vibração se faz sentir nos dedos, e, aplicando-se o ouvido contra a mesa, reconhece-se, não ao ponto de se enganar, que o ruído tem a sua fonte na própria substância da madeira, porque toda a mesa vibra, desde os pés até a superfície.

Qual é a causa desse ruído? É a madeira que opera ou é como se disse, um Espírito? Descartemos, primeiro, toda idéia de fraude; estamos entre pessoas muito sérias, e de muito boa companhia, para se divertir às custas daqueles que, entre elas, querem muito admitir; aliás, essa casa não é privilegiada; os mesmos fatos se produzem em cem outras, também muito louváveis. Permita-nos, à espera da resposta, uma pequena digressão.

Um jovem candidato bacharel estava em seu quarto ocupado em decorar o seu exame de retórica; bate-se à sua porta. Admitis, penso, que se pode distinguir a natureza do ruído e, sobretudo, sua repetição, se é causado por um estalido da madeira, a agitação do vento ou uma outra causa toda fortuita, ou se é alguém que bate para pedir entrada. Neste último caso, o ruído tem um caráter intencional com o qual não se pode equivocar-se; é o que a si mesmo diz nosso estudante. Entretanto, para não se desviar do dever inutilmente, quis se assegurar pondo o visitante em prova. Se é alguém, disse, que bata uma, duas, três, quatro, cinco, seis pancadas; batei no alto, a em baixo, à direita, à esquerda; batei o compasso; batei a chamada, etc. e, a cada um desses comandos, o ruído obedece com a mais perfeita pontualidade. Certamente, pensa ele, não pode ser nem o jogo da madeira, nem o vento, nem mesmo um gato, por inteligente que se o suponha. Eis um fato, vejamos a quais conseqüências nos conduzirão os argumentos silogísticos. Fez, ainda, o seguinte raciocínio: Ouvi um ruído, portanto, alguma coisa o produziu; esse ruído obedece ao meu comando, pois a causa que o produziu me compreende; ora, quem compreende tem inteligência, portanto, a causa desse ruído é inteligente. Se ela é inteligente, não é nem a madeira e nem o vento, é, pois, alguém. Em razão disso, vai abrir a porta. Vê-se que não há necessidade de ser doutor para tirar essa conclusão, e nós cremos o nosso aprendiz bacharel bastante aterrado aos seus princípios para tirar a seguinte. Suponhamos que ele vá abrir a porta e não encontre ninguém, e que o ruído nem por isso continue exatamente do mesmo modo; perseguirá seu raciocínio: "Acabo de me provar, sem contestação, que o ruído foi produzido por um ser inteligente, uma vez que responde ao meu pensamento. Ouço sempre esse ruído diante de

mim, e é certo que não sou eu quem bate, portanto, é um outro; ora, esse outro, eu não o vejo: pois é invisível. Os seres corpóreos, pertencendo à Humanidade, são perfeitamente visíveis; ora, o que bate, sendo invisível, não é um ser corpóreo humano. Ora, uma vez que chamamos Espíritos os seres incorpóreos, este que bate, não sendo um ser corpóreo, é, pois, um Espírito."

Creemos: que as conclusões do nosso estudante, são rigorosamente lógicas; só que aquilo que demos como uma suposição é uma realidade, no que concerne às experiências feitas na casa do senhor B***. Acrescentaremos que não houve necessidade da imposição de mãos, todos os fenômenos se produziram igualmente bem quando a mesa estava isolada de todo contacto. Assim, segundo o desejo manifestado, os golpes eram batidos na mesa, na parede, na porta, e no lugar designado, verbal ou mentalmente; eles indicavam a hora, o número de pessoas presentes; batiam o tambor, a chamada, o ritmo de uma ária conhecida; imitavam o trabalho do tanoeiro, o rangido da serra, o eco, tiros seguidos ou de pelotões, e muitos outros efeitos, muito longos para serem descritos. Foi-nos dito terem ouvido, em certos círculos, imitar o assovio do vento, o sussurro das folhas, o ribombo do trovão, o marulho das ondas, o que nada tem de mais surpreendente. A inteligência da causa se torna mais patente quando, no meio desses mesmos golpes, obtém-se respostas categóricas a certas perguntas; ora, é a essa causa inteligente que nós chamamos, ou, para melhor dizer, que chamou a si mesma, *Espírito*. Quando esse Espírito quer dar uma comunicação mais longa, indica, por um sinal particular, que quer escrever; então, o médium escrevente toma o lápis e transmite o seu pensamento por escrito.

Entre os assistentes, não falamos daqueles que estavam ao redor da mesa, mas de todas as pessoas que enchiam o salão, havia incrédulos puro sangue, meio crentes e adeptos fervorosos, mistura pouco favorável como se sabe. Os primeiros, deixá-los-emos à vontade, esperando que a luz se faça para eles. Respeitamos todas as crenças, mesmo a incredulidade que é, também, uma espécie de crença, quando ela se respeita bastante a si mesma para não machucar as opiniões contrárias. Dela não falaríamos, pois, se não devesse nos fornecer uma observação útil. Seu raciocínio, muito menos prolixo do que o do nosso estudante, geralmente, se resume assim: Eu não creio nos Espíritos, portanto, não devem ser Espíritos. Uma vez que não são Espíritos, isso deve ser um malabarismo. Essa conclusão os conduz, naturalmente, a supor que a mesa esteja preparada ao modo de Robert Houdin. A isso, a nossa resposta é bem simples: seria preciso, primeiro, que todas as mesas e todos os móveis estivessem preparados, uma vez que, entre eles, não há privilegiados; somente não conhecemos mecanismo bastante engenhoso para produzir *à vontade* todos os efeitos que descrevemos; em terceiro lugar, seria preciso que o senhor B*** houvesse preparado as paredes e as portas do seu apartamento, o que é pouco provável; em quarto lugar, enfim, seria preciso que se tivesse preparado, do mesmo modo, as mesas, as portas e as paredes de todas as casas onde semelhantes fenômenos se produzem diariamente, o que não é presumível, porque se conheceria o hábil construtor de tantas maravilhas.

Os meio crentes admitem todos os fenômenos, mas ficam indecisos sobre a causa. Reenviamo-los aos argumentos do nosso futuro bacharel.

Os crentes apresentam três nuances bem caracterizadas: os que não vêm nessas experiências, senão uma diversão, um passatempo, e cuja admiração se traduz por estas palavras, ou suas análogas: é espantoso! é singular! é bem engraçado! mas que não vão além. Há, em seguida, as pessoas sérias, instruídas, observadoras, às quais não escapa nenhum detalhe, e para as quais as menores coisas são objeto de estudo. Vêm, em seguida, os ultra-crentes, se assim podemos nos exprimir, ou, para dizer melhor, os crentes cegos, aos quais se pode censurar um excesso de credulidade; aos quais a fé, insuficientemente esclarecida, lhes dá uma tal confiança nos Espíritos, que lhes emprestam todos os

conhecimentos e, sobretudo, *a presciênda*; é, também, com a melhor fé do mundo que pedem notícias de todos os seus negócios, sem pensarem que deles teriam sabido tudo igualmente junto ao primeiro ledor de boa sorte. Para eles, a mesa falante não é um objeto de estudo e de observação, é um *oráculo*. Não têm contra ela senão a sua forma trivial e os usos muito vulgares, mas que a madeira, da qual está feita, em lugar de estar configurada para as necessidades domésticas, estivesse de pé, teríeis uma *árvore falante*; se estivesse talhada numa estátua, teríeis um *ídolo* diante do qual os povos crédulos viriam se prosternar.

Agora, transponhamos os mares e vinte e cinco séculos, e transportando-nos ao pé do monte Tomarus, em Epire, aí encontraremos a floresta sagrada, cujos carvalhos representavam oráculos; acrescentai o prestígio do culto e a pompa das cerimônias religiosas, e explicar-vos-eis, facilmente, a veneração de um povo ignorante e crédulo que não podia ver a realidade através de tantos meios de fascinação.

A madeira não é a única substância que pode servir de *veículo* para a manifestação dos Espíritos batedores. Vimo-las se produzirem numa parede, por consequência, na pedra. Temos, pois, também *pedras falantes*. Que essas pedras representem um personagem sagrado, teremos a estátua de Memnon, ou a de Júpiter Ammon, representando oráculos como as árvores de Dodone.

A história, é verdade, não nos disse que esses oráculos eram representados por pancadas, como vemos em nossos dias. Era, na floresta de Dodone, pelo assovio do vento através das árvores, pelo sussurro das folhas, pelo murmúrio da fonte que jorra, ao pé do carvalho consagrado a Júpiter. A estátua de Memnon, diz-se, produzia sons melódiosos aos primeiros raios do sol. Mas, a história nos disse, também, como tivemos ocasião de demonstrá-lo, que os antigos conheciam perfeitamente os fenômenos atribuídos aos Espíritos batedores. Ninguém duvide de que não esteja aí o princípio da sua crença na existência de seres animados nas árvores, nas pedras, nas águas, etc. Mas, desde que esse gênero de manifestações foi explorado, os golpes não bastavam mais; os visitantes eram muito numerosos para que se pudesse dar, a cada um, uma sessão particular; isso teria sido, aliás, coisa muito simples; seria preciso o prestígio e, no momento em que eles enriqueciam o templo com as suas oferendas, seria preciso dar-se-lhes pelo seu dinheiro. O essencial era que o objeto fosse olhado como sagrado e habitado por uma divindade; podia-se, desde então, fazê-lo dizer tudo o que se quisesse sem tomar muitas precauções.

Os sacerdotes de Memnon, diz-se, usavam de fraude; a estátua era oca, e os sons que ela fornecia eram produzidos por algum meio acústico. Isso era possível e mesmo provável. Os Espíritos, mesmo os simples batedores, que são em geral menos escrupulosos do que os outros, não estão sempre, como dissemos, à disposição do primeiro que chegue; têm sua vontade, suas ocupações, suas suscetibilidades, e nem uns e nem outros gostam de ser explorados pela cupidez. Que descrédito, para os sacerdotes, se não tivessem podido fazer falar oportunamente seu ídolo! Seria preciso suprir o seu silêncio, e, se fosse necessário, dar um golpe de mão; aliás, seria bem mais cômodo do que se dar tanto trabalho, e se poderia formular as respostas segundo as circunstâncias. O que vemos em nossos dias, não prova menos que as crenças antigas tinham, por princípio, o conhecimento das manifestações espíritas, e foi com razão que dissemos que o Espiritismo moderno é o despertar da antigüidade, mas da antigüidade esclarecida pelas luzes da civilização e da realidade.

A avareza

Revista Espírita, fevereiro de 1858

DISSERTAÇÃO MORAL DITADA POR SÃO LUIS À SENHORITA HERMANCE DUFAUX

6 de janeiro de 1858

1.

Tu que possuis, escuta-me. Um dia, dois filhos de um mesmo pai receberam, cada um, um alqueire de trigo. O primogênito encerrou o seu num lugar oculto; o outro encontra, em seu caminho, um pobre que pede esmola; corre a ele, e vira, no pano do seu casaco, a metade do trigo que lhe foi dado, depois continuou sua rota, e foi semear o resto no campo paterno.

Ora, por esse tempo, veio uma grande fome, os pássaros do céu morriam ao lado do caminho. O irmão primogênito correu ao seu esconderijo, mas aí não encontra senão pó; o caçula, tristemente, ia contemplar o seu trigo, desanimado, quando encontra o pobre ao qual havia assistido. Irmão, disse-lhe o mendigo, ia morrer, tu me socorreste; agora, que a esperança secou em teu coração, segue-me. Teu meio alqueire quintuplicou em minhas mãos; apaziguarei a tua fome e viverás na abundância.

2.

Escuta-me, avaro! Conheces a felicidade? Sim, não é? Teu olhar brilha com um sombrio esplendor em tua órbita que a avareza cavou mais profundamente; os lábios se fecham; teu nariz treme e prestas atenção. Sim, ouço, é o ruído do ouro que a tua mão acaricia jogando-o em teu esconderijo. Tu dizes: É a volúpia suprema. Silêncio! Vem alguém. Fecha depressa. Bem! estás pálido! teu corpo estremece. Tranqüiliza-te; os passos se distanciam. Abre; olha, ainda, o teu ouro. Abre! não temas mais; estás bem sozinho. Ouves! não, nada; é o vento que geme passando sobre a soleira da porta.

Olha; quanto ouro! mergulha plenamente as mãos: faze soar o metal; tu és feliz.

Feliz, tu! mas a noite é sem repouso e o teu sono é atormentado por fantasmas.

Tens frio! Aproxima-te da chaminé; aquece-te nesse fogo que crepita tão alegremente. A neve cai; o viajor se envolve, friorento, em seu casaco, e o pobre tiritia sob os seus andrajos. A chama do fogo se abranda; atire madeira. Mas não; pare! é o teu ouro que consumes com essa madeira; é o teu ouro que queima.

Tens fome! Tens, toma; sacia-te; tudo isso é teu, pagaste com o teu ouro. De teu ouro! Essa abundância te deixa indignado, esse supérfluo é necessário para sustentar a vida? Não, esse pequeno pedaço de pão basta; ainda é muito. Tuas vestes caem em farrapos; a casa fende-se e ameaça ruir; tu sofres de frio e de fome; mas que importa! tens o ouro.

Infeliz! Esse ouro, a morte dele te separará. Tu o deixarás à beira do túmulo, como o pó que o viajor sacode no limiar da porta onde a sua família bem-amada o espera para festejar o seu regresso.

Teu sangue enfraquece, envelhecido pela tua miséria voluntária, está frio nas veias. Os herdeiros ávidos acabam de atirar o teu corpo num canto do cemitério; te vês face a face com a eternidade. Miserável! Que fizeste desse ouro que te foi confiado para soerguer o pobre? Ouves essas blasfêmias? Vês essas lágrimas? Vês esse sangue? Essas blasfêmias são as do sofrimento que terias podido acalmar; essas lágrimas, tu as fizeste correr; esse sangue, foste tu que o verteste. Tens horror de ti; gostarias de fugir e não o podes. Sofres, condenado! Tu te contorces em teu sofrimento. Sofres! nada de piedade para ti. Não tiveste entranhas para o teu irmão infeliz; quem as terá para ti? Sofre! Sofre sempre! Teu suplício não terá fim. Deus quer, para te punir, que o CREIAS assim.

Nota. Escutando o fim dessas eloqüentes e poéticas palavras, nos surpreendemos ouvindo São Luís falar da eternidade dos sofrimentos, quando todos os Espíritos superiores concordam no combate a essa crença, mas estas últimas palavras: Deus quer, *para te punir, que o CREIAS assim* vieram tudo explicar. Nós as reproduzimos nos caracteres gerais dos Espíritos da terceira ordem. Com efeito, quanto mais os Espíritos são imperfeitos, mais as suas idéias são restritas e circunscritas; o futuro, para eles, está no vago: não o compreendem. Sofrem; seus sofrimentos são longos; e, para os que sofrem por longo tempo, é sofrer sempre. Esse próprio pensamento é um castigo.

Em um próximo artigo, citaremos fatos de manifestações que poderão nos esclarecer sobre a natureza dos sofrimentos além-túmulo.

Palestras de além-túmulo - senhorita Clary D

Revista Espírita, fevereiro de 1858

SENHORITA CLARY D... - EVOCAÇÃO

Nota. A senhorita Clary D..., interessante criança, que morreu em 1850, com a idade de treze anos e, desde então, ficou como o gênio da sua família, onde é freqüentemente evocada, e à qual dá um grande número de comunicações do mais alto interesse. A palestra que relataremos a seguir, ocorreu entre ela e nós no dia 12 de janeiro de 1857, por intermédio de seu irmão médium.

1. *P.* Tendes uma lembrança precisa da vossa existência corporal? - *R.* O Espírito vê o presente, o passado e um pouco do futuro, segundo a sua perfeição e a sua aproximação de Deus.
2. *P.* Essa condição, a da perfeição, é relativa só ao futuro ou se relaciona, igualmente, com o presente e o passado? -*R.* O Espírito vê o futuro, mais claramente, à medida que se aproxima de Deus. Depois da morte, a alma vê e abarca com um golpe de vista, todas as suas *migrações* passadas, mas não pode ver o que Deus lhe prepara; é preciso, para isso, que ela esteja inteiramente em Deus, *depois de muitas existências.*
3. *P.* Sabeis em qual época sereis reencarnada? - fl. Em 10 ou 100 anos.
4. *P.* Será nesta Terra ou em um outro mundo? - *R.* Num outro mundo.
5. *P.* O mundo em que estareis, com relação à Terra, tem condições melhores, iguais ou inferiores? - *R.* Muito melhores do que na Terra. Nele se é feliz.
6. *P.* Uma vez que estais aqui entre nós, estais num lugar determinado, em que sítio? - *R.* Estou com aparência etérea; poderia dizer que o meu Espírito, propriamente dito, se estende para muito mais longe; vejo muitas coisas, e me transporto para bem longe daqui com a rapidez do pensamento; minha aparência está à direita do meu irmão e guia o seu braço.
7. *P.* O corpo etéreo, do qual estais revestida, vos permite sentir as sensações físicas, como, por exemplo, a do calor ou do frio? - *R.* Quando me lembro muito do meu corpo, sinto uma espécie de impressão, como quando se tira um casaco e se o crê ainda vesti-lo algum tempo depois.
8. *P.* Acabais de dizer que podeis vos transportar com a rapidez do pensamento; o pensamento não é a própria alma que se separa do seu envoltório? - *R.* Sim.
9. *P.* Quando o vosso pensamento se transporta para alguma parte, como se dá a separação da vossa alma? -*R.* A aparência se desvanece; o pensamento caminha sozinho.

10. P. É, pois, uma faculdade que se separa; o ser permanece onde está? - R. A forma não é o ser.

11. P. Mas como esse pensamento age? Não age, sempre, por intermédio da matéria? - R Não.

12. P. Quando a vossa faculdade de pensar se separa, não agis mais por intermédio da matéria? - R A sombra se esvanece; ela se reproduz onde o pensamento a guia.

13. P. Uma vez que não tínheis senão 13 anos quando vosso corpo morreu, como ocorre que possais nos dar, sobre questões tão abstratas, respostas que estão fora do entendimento de uma criança da vossa idade? - R Minha alma é tão antiga!

14. P. Podeis nos citar, entre as vossas existências anteriores, uma das que mais elevaram os vossos conhecimentos? - R Estive no corpo de um homem que tornei virtuoso; depois da sua morte, fui levada ao corpo de uma jovem cuja face era a marca da alma; Deus me recompensa.

15. P. Poderia nos ser dado vos ver assim tal como sois atualmente? - R A vós poderia.

16. P. Como poderíamos? Isso depende de nós, de vós ou de pessoas mais íntimas? - R De vós.

17. P. Quais condições deveriam se cumprir para isso? -R Recolher-vos por algum tempo, com fé e fervor, serem menos numerosos, vos isolar um pouco, e fazerdes vir um médium no gênero de Home.

O senhor Home

Revista Espírita, fevereiro de 1858

Os fenômenos realizados pelo senhor Home produziram tanto mais sensações porque vieram confirmar as narrações maravilhosas chegadas de além-mar, e a cuja veracidade se ligou uma certa desconfiança. Ele nos mostrou que, deixando de lado a maior possibilidade ao exagero, deles restou o bastante para confirmar a realidade de fatos cumprindo-se fora de todas as leis conhecidas.

Tem-se falado do senhor Home em sentidos muito diversos, e confessamos que seria preciso muito para que todo o mundo lhe fosse simpático, uns por espírito de sistema, outros por ignorância.

Queremos mesmo admitir, nestes últimos, uma opinião conscienciosa, pela falta de terem podido constatar os fatos por si mesmos; mas se, nesse caso, a dúvida é permitida, uma hostilidade sistemática e apaixonada está sempre deslocada. Em todo o estado de processo, julgar o que não se conhece é uma falta de lógica, o de apreciar sem provas é um esquecimento das conveniências. Façamos, por um instante, abstração da intervenção dos Espíritos, e não vejamos, nos fatos narrados, senão simples fenômenos físicos. Quanto mais esses fatos sejam estranhos, mais merecem atenção. Explicai-os como quiserdes, mas não os contesteis a priori, se não quiserdes fazer duvidar do vosso julgamento. O que deve espantar, e o que nos parece mais anormal ainda do que os fenômenos em questão, é de ver esses mesmos que debateram, sem cessar, contra a oposição de certos corpos sábios com relação às idéias novas, que lhes lançam, incessantemente, à face, e isso em termos os menos circunspectos, os dissabores suportados pelos autores das mais importantes descobertas, Fulton, Jenner e Galileu, que citam a toda hora, eles mesmos caírem num defeito semelhante, eles que dizem, com razão, que há poucos anos ainda, quem houvesse falado em se corresponder, em alguns segundos, de um canto do mundo ao outro, teria passado por insensato. Se crêem no progresso, do qual se dizem apóstolos, que sejam, pois, coerentes consigo mesmos, e não atraiam para si a censura que endereçam aos outros de negarem o que não compreendem.

Voltemos ao senhor Home. Chegado a Paris no mês de outubro de 1855, encontrou-se, desde o início, lançado no mundo mais elevado, circunstância que deveria ter imposto mais circunspeção no julgamento que se lhe fez, porque quanto mais o mundo é elevado e esclarecido, menos é suspeito de estar sendo benevolentemente enganado por um aventureiro. Mesmo essa posição tem suscitado comentários. Pergunta-se quem é o senhor Home. Para viver neste mundo, para fazer viagens custosas, diz-se, é necessário que se tenha fortuna. Se não a tem, é preciso que seja sustentado por pessoas poderosas. Alinhavaram-se, sobre esse tema, mil suposições, uma mais ridícula do que as outras. O que não se disse também de sua irmã que ele veio procurar, há um ano mais ou menos; era, dizia-se, um médium mais poderoso do que ele; os dois deveriam realizar prodígios de fazerem empalidecer os de Moisés. Mais de uma vez, perguntas nos foram dirigidas a esse respeito; eis a nossa resposta.

O senhor Home, vindo à França, não se dirigiu ao público; ele não ama e nem procura a publicidade. Se tivesse vindo com objetivo de especulação, teria corrido o país solicitando a propaganda em sua ajuda; teria procurado todas as ocasiões de se promover, ao passo que

as evita; teria posto um preço às suas manifestações, ao passo que ele não pede nada a ninguém. Malgrado a sua reputação, o senhor Home não é, pois, o que se pode chamar um homem público, sua vida privada só pertence a ele. Do momento que nada pede, ninguém tem o direito de inquirir como vive, sem cometer uma indiscrição. É sustentado por pessoas poderosas? Isso não nos diz respeito; tudo o que podemos dizer é que, nessa sociedade de elite, conquistou simpatias reais e fez amigos devotados, ao passo que a um prestidigitador diverte-se se o paga, e tudo está dito. Não vemos no senhor Home senão uma coisa: um homem dotado de uma faculdade notável. O estudo dessa faculdade é tudo o que nos interessa, e tudo o que deve interessar a quem não esteja movido unicamente pelo sentimento da curiosidade. A história ainda não abriu, sobre ele, o livro dos seus segredos; até lá ele não pertence senão à ciência. Quanto à sua irmã, eis a verdade: é uma criança de onze anos, que foi conduzida a Paris para a sua educação, da qual está encarregada uma ilustre pessoa. Sabe com dificuldade em que consiste a faculdade do seu irmão. É bem simples, como se vê, bem prosaico para os apreciadores do maravilhoso.

Agora, por que o senhor Home veio à França? Não foi para procurar fortuna, como acabamos de provar. Foi para conhecer o país? Ele não o percorre; sai pouco, e não tem, de modo algum, os hábitos de um turista. O motivo patente foi o conselho dos médicos, que acreditaram o ar da Europa necessário à sua saúde, mas os fatos mais naturais, freqüentemente, são providenciais. Pensamos, pois, que se veio foi porque deveria para aqui vir. A França, ainda na dúvida no que concerne às manifestações espíritas, tinha necessidade de que um grande lance fosse cunhado; o senhor Home foi quem recebeu essa missão, e quanto mais o lance tocou alto, mais teve de ressonância. A posição, o crédito, as luzes daqueles que o acolheram, e que ficaram convencidos pela evidência dos fatos, abalaram as convicções de uma multidão de pessoas, mesmo entre aquelas que não puderam ser testemunhas oculares. A presença do senhor Home, pois, terá sido um poderoso auxiliar para a propagação das idéias espíritas; se não convenceu a todo o mundo, lançou sementes que frutificarão tanto mais quanto os próprios médiuns se multiplicarão. Essa faculdade, como, aliás, já o dissemos, não é um privilégio exclusivo; ela existe em estado latente, e em diversos graus, numa multidão de indivíduos, não esperando senão uma ocasião para se desenvolver; o princípio está em nós pelo próprio efeito da nossa organização; está na Natureza; todos nós temo-lo em germe, e não está longe o dia em que veremos os médiuns surgirem de todos os pontos, no nosso meio, em nossas famílias, no pobre como no rico, a fim de que a verdade seja conhecida por todos, porque, segundo o que nos está anunciado, é uma nova era, uma nova fase que começa para a Humanidade. A evidência e a vulgarização dos fenômenos espíritas darão um novo curso às idéias morais, como o vapor deu um novo curso à indústria.

Se a vida privada do senhor Home deve estar fechada às investigações de uma indiscreta curiosidade, há certos detalhes que podem, a justo título, interessar o público, e que é mesmo inútil conhecer pela apreciação dos fatos.

O senhor Daniel Dunglas Home nasceu em 15 de março de 1833, perto de Edimbourg. Tem, pois, hoje, 24 anos. Descende da antiga e nobre família dos Dunglas da Escócia, outrora soberana. É um jovem de talhe mediano, louro, cuja fisionomia melancólica nada tem de excêntrico; é de compleição muito delicada, de costumes simples e suaves, de um caráter afável e benevolente sobre o qual o contato das grandezas não lançou nem arrogância e nem ostentação. Dotado de uma excessiva modéstia, jamais exibiu a sua maravilhosa faculdade, jamais falou de si mesmo, e se, na expansão da intimidade, conta coisas que lhe são pessoais, é com simplicidade, e jamais com a ênfase própria das pessoas com as quais a malevolência procura compará-lo. Vários fatos íntimos, que são do nosso conhecimento pessoal, provam nele nobres sentimentos e uma grande elevação de alma; nós o constatamos com tanto maior prazer quanto se conhece a influência das disposições morais

sobre a natureza das manifestações.

Os fenômenos maravilhosos dos quais o senhor Home é o instrumento involuntário, têm sido, por vezes, contados por amigos muito zelosos, com um entusiasmo exagerado, do qual se apodera a malevolência. Tais que sejam, não poderiam ter necessidade de uma amplificação, mais nociva do que útil à causa. Sendo o nosso objetivo o estudo sério de tudo o que se liga à ciência espírita, nos limitaremos na estrita realidade dos fatos constatados por nós mesmos ou pelas testemunhas oculares, mais dignas de fé. Poderemos, pois, comentá-los com a certeza de não raciocinar sobre coisas fantásticas.

O senhor Home é um médium do gênero daqueles que produzem manifestações ostensivas, sem excluir, por isso, as comunicações inteligentes; mas as suas predisposições naturais lhe dão, para as primeiras, uma aptidão mais especial. Sob a sua influência, os mais estranhos ruídos se fazem ouvir, o ar se agita, os corpos sólidos se movem, se erguem, se transportam de um lugar a outro através do espaço, instrumentos de música fazem ouvir sons melodiosos, seres do mundo extra-corpóreo aparecem, falam, escrevem e, freqüentemente, vos abraçam até causar dor. Ele mesmo foi visto, várias vezes, em presença de testemunhas oculares, elevado sem sustentação a vários metros de altura.

Do que nos foi ensinado sobre a classe dos Espíritos que produzem, em geral, essas espécies de manifestações, não seria preciso disso concluir que o senhor Home não está em relação senão com a classe ínfima do mundo espírita. Seu caráter e as qualidades morais que o distinguem, devem, ao contrário, granjear-lhe a simpatia dos Espíritos superiores; ele não é, para estes últimos, senão um instrumento destinado a abrir os olhos dos cegos por meios enérgicos, sem estar, por isso, privado de comunicações de uma ordem mais elevada. É uma missão que aceitou; missão que não está isenta nem de tribulações e nem de perigos, mas que cumpre com resignação e perseverança, sob a égide do Espírito de sua mãe, seu verdadeiro anjo guardião.

A causa das manifestações do senhor Home é inata nele; sua alma, que parece não prender-se ao corpo senão por fracos laços, tem mais afinidade pelo mundo espírita do que pelo mundo corpóreo; por isso, ela se separa sem esforços, e entra, mais facilmente do que em outros, em comunicação com os seres invisíveis. Essa faculdade se revelou nele desde a mais tenra infância, Com a idade de seis meses, seu berço se balançava inteiramente sozinho, na ausência da sua babá, e mudava de lugar. Nos seus primeiros anos, era tão débil que tinha dificuldade para se sustentar; sentado sobre um tapete, os brinquedos que não podia alcançar, vinham, eles mesmos, colocar-se ao seu alcance. Com três anos teve as suas primeiras visões, mas não lhes conservou a lembrança. Tinha nove anos quando a sua família foi se fixar nos Estados Unidos; aí os mesmos fenômenos continuaram com uma intensidade crescente, à medida que avançava em idade, mas a sua reputação, como médium, não se estabeleceu senão em 1850, por volta da época em que as manifestações espíritas começaram a se tornar populares nesse país. Em 1854, veio para a Itália, nós o dissemos, por sua saúde; espanta Florença e Roma com verdadeiros prodígios. Convertido à fé católica, nessa última cidade, tomou a obrigação de romper as suas relações com o mundo dos Espíritos. Durante um ano, com efeito, seu poder oculto parece tê-lo abandonado; mas como esse poder estava acima da sua vontade, ao cabo desse tempo, assim como lhe havia anunciado o Espírito de sua mãe, as manifestações se reproduziram com uma nova energia. Sua missão estava traçada; deveria distinguir-se entre aqueles que a Providência escolheu para nos revelar, por sinais patentes, a força que domina todas as grandezas humanas.

Se o senhor Home não fora, como o pretendem certas pessoas que julgam sem ter visto, senão um hábil prestidigitador, teria sempre, sem nenhuma dúvida, à sua disposição peças

em sua sacola, ao passo que não é senhor de produzi-los à vontade. Ser-lhe-ia, pois, impossível ter sessões regulares, porque, freqüentemente, seria no momento em que teria necessidade que a sua faculdade lhe faltaria. Os fenômenos se manifestam, algumas vezes, espontaneamente, no momento em que menos são esperados ao passo que, em outras, se é impotente para provocá-los, circunstância pouco favorável a quem quisesse fazer exhibições em horas fixadas. O fato seguinte, tomado entre mil, disso é uma prova. Desde há mais de quinze dias, o senhor Home não tinha podido obter nenhuma manifestação, quando, estando a almoçar na casa de um dos seus amigos, com duas ou três outras pessoas do seu conhecimento, os golpes se fazem súbito ouvir nas paredes, nos móveis e no teto. Parece, disse, que voltam. O senhor Home, nesse momento, estava sentado no sofá com um amigo. Um doméstico traz a bandeja de chá e se apressa em colocá-la sobre a mesa situada no meio do salão; esta, embora fosse pesada, se eleva subitamente e se destaca do solo em 20 a 30 centímetros de altura, como se tivesse sido atraída pela bandeja; apavorado, o criado deixa-a escapar, e a mesa, de um pulo, se atira em direção do sofá e vem cair diante do senhor Home e seu amigo, sem que nada do que estava em cima tivesse se desarrumado. Esse fato, sem contradita, não é o mais curioso daqueles que teríamos a relatar, mas apresenta essa particularidade, digna de nota, de ter se produzido espontaneamente, sem provocação, num círculo íntimo, onde nenhum dos assistentes, cem vezes testemunhas de fatos semelhantes, tinha necessidade de novos testemunhos; seguramente, não era o caso para o senhor Home de mostrar as suas habilidades, se habilidades havia. Num próximo artigo, citaremos outras manifestações.

As manifestações dos Espíritos

Revista Espírita, fevereiro de 1858

RESPOSTA AO SENHOR VIENNET, POR PAULAUGUEZ (1)

(1) Brochura in-12; preço 2,50 francos, em Dentu, Palais-Royal, e em Germer Baillièrre, rua da Escola de Medicina, 4.

O senhor Paul Auguez é um adepto sincero e *esclarecido* da Doutrina Espírita; sua obra, que lemos com um grande interesse, onde se reconhece a pena elegante do autor de *Élus de l'avenir*, é uma demonstração lógica e sábia dos pontos fundamentais dessa Doutrina, quer dizer, da existência dos Espíritos, das suas relações com os homens e, por conseqüência, da imortalidade da alma e da sua individualidade depois da morte. Sendo o seu objetivo principal responder às agressões sarcásticas do senhor Viennet, não aborda senão os pontos capitais e se limita a provar, pelos fatos, pelo raciocínio e com as autoridades mais respeitáveis, que essa crença não está fundada em idéias sistemáticas ou preconceitos vulgares, mas que repousa sobre bases sólidas. A arma do senhor Viennet é o ridículo, a do senhor Auguez é a ciência. Por numerosas citações, que atestam um estudo sério e uma profunda erudição, prova que se os adeptos de hoje, malgrado o seu nú mero, sem cessar crescente, e as pessoas de todos os países que a ele se ligam, são como pretende o ilustre acadêmico, cérebros desequilibrados, essa enfermidade lhes é comum com os maiores grandes gênios, dos quais a Humanidade se honra.

Em suas refutações, o senhor Auguez tem sempre sabido conservar a dignidade da linguagem, e é um mérito do qual não poderíamos louvar demais; em nenhuma parte delas se encontram essas diatribes deslocadas, tornadas lugares-comuns de mau gosto, e que nada provam, senão uma falta da arte de bem viver. Tudo o que ele diz é sério, grave, profundo, e à altura do sábio ao qual se dirige. Convenceu-o? Ignoramos; disso duvidamos mesmo, para falar francamente; mas como, em definitivo, seu livro foi feito para todo o mundo, as sementes que lança não serão de todo perdidas. Teremos, mais de uma vez, ocasião de citá-las de passagem, no curso desta publicação, à medida que a ela formos conduzidos pela natureza do assunto.

A teoria desenvolvida pelo senhor Auguez, salvo, talvez, alguns pontos secundários, sendo a que nós mesmos professamos, não faremos, nessa consideração, nenhuma crítica da sua obra que se distinguiu e será lida com proveito. Não teríamos desejado senão uma coisa, que é um pouco mais de clareza nas demonstrações e no método na ordem das matérias. O senhor Auguez tratou a questão como sábio, porque se dirigia a um sábio capaz, seguramente, de compreender as coisas mais abstratas, mas não teria pensado que escrevia menos para um homem do que para o público, que lê sempre com mais prazer e proveito o que compreende sem esforços.

ALLAN KARDEC.

Aos leitores da Revista Espírita

Revista Espírita, fevereiro de 1858

Vários dos nossos leitores quiseram responder ao apelo, que fizemos em nosso 1o. número, com respeito às notícias a nos fornecerem. Um grande número de fatos nos foram assinalados, entre os quais os há muito importantes, do que somos infinitamente reconhecidos; não o somos menos quanto às reflexões que os acompanham, algumas vezes, mesmo quando revelam um conhecimento incompleto da matéria: darão lugar a esclarecimentos sobre os pontos que não terão sido bem compreendidos. Se não fazemos uma menção imediata dos documentos que nos foram fornecidos, não passam despercebidos por isso; deles sempre tomamos boa nota, para serem aproveitados cedo ou tarde.

A falta de espaço não é a única causa que possa retardar a publicação, mas, também, a oportunidade das circunstâncias e a necessidade de ligá-los aos artigos dos quais podem ser úteis complementos.

A multiplicidade das nossas ocupações, unida à extensão da nossa correspondência, freqüentemente, nos coloca na impossibilidade material de responder como o desejaríamos, e como o deveríamos, às pessoas que nos honram em escrever-nos. Nós lhes pedimos, insistentemente, não tomarem em mau sentido um silêncio independente da nossa vontade. Esperamos que a sua boa vontade com isso não se esfrie, e que queiram muito não interromper suas interessantes comunicações; para esse efeito, pedimos de novo sua atenção sobre a nota que demos no fim da introdução do nosso primeiro número, a respeito das notícias que solicitamos da sua bondade, rogando, de outra parte, não deixarem de nos dizer quando poderemos, sem inconvenientes, mencionar os lugares e as pessoas.

As observações acima se aplicam, igualmente, às perguntas que nos são dirigidas sobre diversos pontos da Doutrina. Quando elas necessitam de um desenvolvimento de certa extensão, nos é tanto menos possível dá-las por escrito, quanto, bem freqüentemente, a mesma coisa devesse ser repetida a um grande número de pessoas. Estando a nossa revista destinada a nos servir de meio de correspondência, essas respostas, nela encontrarão naturalmente seu lugar, à medida que os assuntos tratados nos fornecerem ocasião, e isso com tanto mais vantagem quanto as explicações poderão ser mais completas e aproveitarão a todos.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Primeiro Ano – 1858

Março

- [A pluralidade dos mundos](#)
- [Júpiter e alguns outros mundos](#)
- [Confissões de Luís XI \(primeiro artigo\)](#)
- [A fatalidade e os pressentimentos - Instruções dadas por São Luís](#)
- [Utilidade de certas evocações particulares](#)
- [Conversas familiares de além-túmulo - O assassino Lemaire](#)
- [A rainha de Oude](#)
- [O doutor Xavier, sobre diversas questões psicofisiológicas](#)
- [O senhor Home \(segundo artigo\)](#)
- [O magnetismo e o Espiritismo](#)

A pluralidade dos mundos

Revista Espírita, março de 1858

Quem não teria perguntado, considerando a Lua e os outros astros, se esses globos são habitados? Antes que a ciência nos tivesse iniciado quanto à natureza desses astros, disso se podia duvidar hoje, no estado atual dos nossos conhecimentos, há, pelo menos, probabilidades; mas fizeram-se a essa idéia, verdadeiramente sedutora, objeções tiradas da própria ciência. A Lua, diz-se, parece não ter mais atmosfera, e, talvez, água. Em Mercúrio, tendo em vista a sua proximidade do Sol, a temperatura média deve ser a do chumbo fundido, de sorte que, se houver chumbo, deverá correr como a água dos nossos rios. Em Saturno, é tudo o oposto; não temos termo de comparação para o frio que nele deve reinar; a luz do Sol, ali, deve ser muito fraca, apesar do reflexo das suas sete luas e do seu anel, porque, a essa distância, o Sol não deve parecer senão como uma estrela de primeira grandeza. Em tais condições, pergunta-se se seria possível viver.

Não se concebe que, uma semelhante objeção possa ser feita por homens sérios. Se a atmosfera da Lua não pôde ser percebida, é racional que disso se infere que não exista? Não pode estar formada de elementos desconhecidos ou muito rarefeitos para não produzir refração sensível? Diremos a mesma coisa da água ou dos líquidos que nela existam. Com relação aos seres vivos, não seria negar o poder divino crendo impossível uma organização diferente da que nós conhecemos, quando, sob os nossos olhos, a providência da Natureza se estende com uma solicitude tão admirável até o menor dos insetos, e dá, a todos os seres, órgãos apropriados ao meio ao qual devem habitar, seja sob a água, o ar ou a terra, seja mergulhados na obscuridade ou expostos ao clarão do Sol? Se não tivéssemos jamais visto os peixes, não poderíamos conceber seres vivos na água; não faríamos uma idéia da sua estrutura. Quem poderia crer, ainda há pouco tempo, que um animal pudesse viver um tempo indefinido no seio de uma pedra! Mas, sem falar desses extremos, os seres que vivem sob o fogo da zona tórrida poderiam existir nos gelos polares? E, todavia, há, nesses gelos, seres organizados para esse clima rigoroso e que não poderiam suportar o ardor de um sol vertical. Por que, pois, não admitiríamos que seres possam estar constituídos de modo a viverem sobre outros globos e num meio todo diferente do nosso? Seguramente, sem conhecer a funde a constituição física da Lua, dela sabemos o bastante para estarmos certos de que, tais como somos, ali não poderíamos viver, tanto como não o podemos no seio do Oceano, em companhia dos peixes. Pela mesma razão, os habitantes da Lua, se pudessem vir à Terra, constituídos para viverem sem ar, ou num ar muito rarefeito, talvez muito diferente do nosso, seriam asfixiados em nossa espessa atmosfera, como o somos quando calmos na água. Ainda uma vez, se não temos a prova material e visual da presença de seres vivos em outros mundos, nada prova que não possam existir, cujo organismo seja apropriado a um meio ou a um clima qualquer. O simples bom senso nos diz, ao contrário, que assim deve ser, porque repugna à razão crer que esses inumeráveis globos que circulam no espaço não são senão massas inertes e improdutivas. A observação nos mostra, deles, superfícies acidentadas por montanhas, vales, barrancos, vulcões extintos ou em atividade; por que, pois, não haveriam seres orgânicos? Seja, dir-se-á; que haja plantas, mesmo animais, isso pode ser; mas seres humanos, homens civilizados como nós, conhecendo Deus, cultivando as artes, as ciências, isso será possível?

Seguramente, nada prova, matematicamente, que os seres que habitam os outros mundos sejam homens como nós, moralmente falando; mas, quando os selvagens da América viram desembarcar os Espanhóis, não duvidaram mais que, além dos mares, existia um outro

mundo cultivando artes que lhes eram desconhecidas. A terra é salpicada de uma inumerável quantidade de ilhas, pequenas ou grandes, e tudo o que é habitável está habitado; não surge um rochedo no mar que o homem não plante, no instante, sua bandeira. Que diríamos se os habitantes de uma das menores dessas ilhas, conhecendo perfeitamente a existência das outras ilhas e continentes, mas, jamais havendo tido relações com aqueles que os habitam, se cressem os únicos seres vivos do globo? Nós lhes diríamos: Como podeis crer que Deus haja feito o mundo só para vós? Por qual estranha bizzarria vossa pequena ilha, perdida num canto do Oceano, teria o privilégio de ser a única habitada? Podemos dizer outro tanto de nós com respeito às outras esferas. Por que a Terra, pequeno globo imperceptível na imensidão do Universo, que não se distingue dos outros planetas nem pela sua posição, nem pelo seu volume, nem pela sua estrutura, porque não é nem a menor nem a maior, nem está no centro e nem na extremidade, por que, digo, seria, entre tantas outras, a única residência de seres racionais e pensantes? Que homem sensato poderia crer que esses milhões de astros, que brilham sobre as nossas cabeças, tenham sido feitos para recrear a nossa visão? Qual seria, então, a utilidade desses outros milhões de globos imperceptíveis a olho nu, e que não servem nem mesmo para nos clarear? Não haveria, ao mesmo tempo, orgulho e impiedade em pensar que assim deve ser? Àqueles que a impiedade pouco toca, diremos que é ilógico.

Chegamos, pois, por um simples raciocínio, que muitos outros fizeram antes de nós, a concluir pela pluralidade dos mundos, e esse raciocínio se encontra confirmado pela revelação dos Espíritos. Eles nos ensinam, com efeito, que todos esses mundos são habitados por seres corpóreos apropriados à constituição física de cada globo; que, entre os habitantes desses mundos, uns são mais, outros são menos, avançados do que nós do ponto de vista intelectual, moral e mesmo físico. Ainda mais, hoje, sabemos que podemos entrar em relação com eles, e deles obter notícias sobre o seu estado; sabemos, ainda, que não só todos esses globos são habitados por seres corpóreos, mas, que o espaço está povoado por seres inteligentes, invisíveis para nós por causa do véu material lançado sobre a nossa alma, e que revelam a sua existência por meios ocultos ou patentes. Assim, tudo é povoado no Universo, a vida e a inteligência estão por toda parte: sobre os globos sólidos, no ar, nas entranhas da terra, e até nas profundezas etéreas. Haverá, nessa doutrina, alguma coisa que repugne à razão? Não é, ao mesmo tempo, grandiosa e sublime? Ela nos eleva pela nossa própria pequenez, diferentemente desse pensamento egoísta e mesquinho que nos coloca como os únicos seres dignos de ocupar o pensamento de Deus.

Júpiter e alguns outros mundos

Revista Espírita, março de 1858

Antes de entrarmos nos detalhes das revelações que os Espíritos nos fizeram, sobre o estado dos diferentes mundos, vejamos a quais conseqüências lógicas poderemos chegar, por nós mesmos e unicamente pelo raciocínio. Reportando-se à escala espírita que demos no precedente número, pedimos às pessoas desejosas de aprofundarem seriamente essa ciência nova, estudarem com cuidado esse quadro e dele se compenetrarem; nele encontrarão a chave de mais de um mistério.

O mundo dos Espíritos se compõe de almas de todos os humanos desta Terra e de outras esferas, desligadas dos laços corporais; do mesmo modo, todos os humanos são animados por Espíritos neles encarnados. Há, pois, solidariedade entre os dois mundos: os homens terão as qualidades e as imperfeições dos Espíritos com os quais estão unidos; os Espíritos serão mais ou menos bons ou maus, segundo os progressos que tiverem feito durante a sua existência corporal. Essas poucas palavras resumem toda a doutrina. Como os atos dos homens são o produto do seu livre arbítrio, levam a marca da perfeição ou da imperfeição do Espírito que os provocam. Ser-nos-á, pois, muito fácil fazermos uma idéia do estado moral de um mundo qualquer, segundo a natureza dos Espíritos que o habitem; poderemos, de algum modo, descrever a sua legislação, traçar o quadro dos seus costumes, dos seus usos, das suas relações sociais. Suponhamos, pois, um globo habitado, exclusivamente, por Espíritos da nona classe, por Espíritos impuros, e a ele nos transportemos pelo pensamento. Nele veremos todas as paixões desencadeadas e sem freio; o estado moral no último grau de embrutecimento; a vida animal em toda a sua brutalidade; nada de laços sociais, porque cada um não vive e não age senão para si e para satisfazer os seus apetites grosseiros; o egoísmo nele reina com soberania absoluta, e arrasta consigo o ódio, a inveja, o ciúme, a cupidez, a morte.

Passemos, agora, para uma outra esfera, onde se encontrem Espíritos de todas as classes da terceira ordem: Espíritos impuros, Espíritos levianos, Espíritos pseudo-sábios, Espíritos neutros. Sabemos que, em todas as classes dessa ordem, o mal domina; mas, sem terem o pensamento do bem, o do mal decresce à medida que se afastam da última classe. O egoísmo é sempre o móvel principal das ações, mas os costumes são mais brandos, a inteligência mais desenvolvida; o mal, aí, estará um pouco disfarçado, enfeitado e dissimulado. Essas próprias qualidades, engendram um outro defeito, que é o orgulho; porque as classes mais elevadas são bastante esclarecidas para terem consciência da sua superioridade, mas não o bastante para compreenderem o que lhes falta; daí a sua tendência à escravização das classes inferiores, e de raças mais fracas, que tenham sob o seu jugo. Não tendo o sentimento do bem, não têm senão o instinto do *eu* e acionam a sua inteligência para satisfazerem as suas paixões. Numa tal sociedade, se o elemento impuro domina, esmagará o outro; no caso contrário, os menos maus procurarão destruir os seus adversários; em todos os casos, haverá luta, luta sangrenta, luta de extermínio, porque são dois elementos que têm interesses opostos. Para proteger os bens e as pessoas, serão necessárias leis; mas essas leis serão ditadas pelo interesse pessoal e não pela justiça; o forte as fará, em detrimento do fraco.

Suponhamos, agora, um mundo onde, entre os elementos maus que acabamos de ver, se encontrem alguns dos de segunda ordem; então, em meio da perversidade, veremos

aparecer algumas virtudes. Se os bons estiverem em minoria, serão vítimas dos maus; mas, à medida que aumente a sua preponderância, a legislação será mais humana, mais eqüitativa, e a caridade cristã não será, para todos, uma letra morta. Desse próprio bem, vai nascer um outro vício. Malgrado a guerra que os maus declarem, sem cessar, aos bons, não poderão impedi-los de os estimar em seu foro íntimo; vendo a ascendência da virtude sobre o vício, e não tendo nem a força e nem a vontade de praticá-la, procurarão parodiá-la; tomam-lhe a máscara; daí os hipócritas, tão numerosos em toda sociedade onde a civilização é imperfeita.

Continuemos nossa rota através dos mundos, e detenhamo-nos neste, que nos vai repousar um pouco do triste espetáculo que acabamos de ver. Não é habitado senão por Espíritos da segunda ordem. Que diferença! O grau de depuração que alcançaram exclui, entre eles, todo pensamento do mal, e só essa palavra nos dá a idéia do estado moral dessa feliz região. A legislação, aí, é bem simples, porque os, homens não têm do que se defenderem, uns contra os outros; ninguém quer o mal para o seu próximo, ninguém se apropria do que não lhe pertence, ninguém procura viver em detrimento do seu vizinho. Tudo respira a benevolência e o amor; os homens não procuram se prejudicar; não há ódio; o egoísmo é desconhecido e a hipocrisia não teria finalidade. Aí, todavia, não reina a igualdade absoluta, porque a igualdade absoluta supõe uma identidade perfeita no desenvolvimento intelectual e moral; ora, veremos, pela escala espiritual, que a segunda ordem compreende vários graus de desenvolvimento; haverá, pois, nesse mundo, desigualdades, porque uns serão mais avançados do que outros; mas, como entre eles não há senão o pensamento do bem, os mais elevados não conceberão nada de orgulho, e os outros nada de ciúme. O inferior compreende a ascendência do superior e se submete, porque essa ascendência é puramente moral e ninguém dela se serve para oprimir.

As conseqüências que tiramos, desses quadros, embora apresentadas de um modo hipotético, não deixam de ser perfeitamente racionais, e, cada um pode deduzir o estado social de um mundo qualquer, segundo a proporção dos elementos morais dos quais se o supõe composto. Vimos que, abstração feita da revelação dos Espíritos, todas as probabilidades são para a pluralidade dos mundos; ora, não é menos racional pensar que todos não estão num mesmo grau de perfeição, e que, por isso mesmo, nossas suposições podem muito bem ser realidades. Não os conhecemos, senão o nosso, de um modo positivo. Que categoria ele ocupa nessa hierarquia? Ah! basta considerar o que aqui se passa para ver que está longe de merecer a primeira categoria, e estamos convencidos de que, lendo estas linhas, já se lhe terá marcado seu lugar. Quando os Espíritos nos dizem que estão, senão na última, pelo menos nas últimas, o simples bom senso nos diz, infelizmente, que não se enganam; temos muito a fazer para elevá-lo à categoria daquele que escrevemos em último lugar, e temos muita necessidade que o Cristo venha nos mostrar o caminho.

Quanto à aplicação, que podemos fazer, do nosso raciocínio, aos diferentes globos do nosso turbilhão planetário, não temos senão os ensinamentos dos Espíritos; ora, para quem não admite senão provas palpáveis, é positivo que sua asserção, a esse respeito, não tenha a certeza da experimentação direta. No entanto, não aceitamos, todos os dias com confiança as descrições, que os viajantes nos fazem, de países que jamais vimos? Se nós não devêssemos crer senão por nossos olhos, não creríamos em grande coisa. O que dá aqui, um certo peso ao dizer dos Espíritos, é a correlação que existe entre eles, pelo menos nos pontos principais. Para nós, que fomos cem vezes testemunhas dessas comunicações, que pudemos apreciá-las em seus menores detalhes, que nelas escrutamos o forte e o fraco, observamos as semelhanças e as contradições, encontramos todos os caracteres da probabilidade; todavia, não lhes damos senão sob benefício de inventário, a título de notícias, aos quais cada um está livre para ligar a importância que julga adequada. Segundo os Espíritos, o planeta Marte seria ainda menos avançado do que a *Terra*; os Espíritos que nele estão encarnados

pareceriam pertencer, quase exclusivamente, à nona classe, a dos Espíritos impuros, de sorte que o primeiro quadro, que demos acima, seria a imagem desse mundo. Vários outros pequenos globos estão, com algumas nuances, na mesma categoria. A *Terra* viria em seguida; a maioria de seus habitantes pertence, incontestavelmente, a todas as classes da terceira ordem, e a parte menor às últimas classes da segunda ordem. Os Espíritos superiores, os da segunda e da terceira classe, nela cumprem, algumas vezes, uma missão de civilização e progresso, e são exceções. *Mercúrio* e *Saturno* vêm depois da Terra. A superioridade numérica de bons Espíritos lhes dá a preponderância sobre os Espíritos inferiores, do que resulta uma ordem social mais perfeita, relações menos egoístas, e, por conseqüência, uma condição de existência mais feliz. A *Lua* e *Vênus* estão quase no mesmo grau e, sob todos os aspectos, mais avançados do que *Mercúrio* e *Saturno*. *Juno* (*Juno* é o nome de uma divindade itálica. Deve ter ocorrido um lapso do autor, uma vez que não há, no nosso sistema solar, nenhum planeta com este nome. N. do T.) e *Urano* seriam ainda superiores a esses últimos. Pode-se supor que os elementos morais, desses dois planetas, são formados das primeiras classes da terceira ordem e, na grande maioria, de Espíritos da segunda ordem. Os homens, neles, são infinitamente mais felizes do que sobre a Terra, pela razão de que não têm nem as mesmas lutas a sustentar, nem as mesmas tribulações a suportar, e não estão expostos às mesmas vicissitudes físicas e morais.

De todos os planetas, o mais avançado, sob todos os aspectos, é *Júpiter*. Ali, é o reino exclusivo do bem e da justiça, porque não há senão bons *Espíritos*. Pode-se fazer um idéia do feliz estado dos seus habitantes pelo quadro que demos do mundo habitado sem a participação dos Espíritos da segunda ordem.

A superioridade de *Júpiter* não está somente no estado moral dos seus habitantes; está, também, na sua constituição física. Eis a descrição que nos foi dada, desse mundo privilegiado, onde encontramos a maioria dos homens de bem que honraram nossa Terra pelas suas virtudes e seus talentos.

A conformação dos corpos é quase a mesma desse mundo, mas é menos material, menos denso e de uma maior leveza específica. Ao passo que rastejamos penosamente na Terra, o habitante de *Júpiter* se transporta, de um lugar para outro, roçando a superfície do solo, quase sem fadiga, como o pássaro no ar ou o peixe na água. Sendo a matéria, da qual o corpo está formado, mais depurada, ela se dissipa, depois da morte, sem ser submetida à decomposição pútrida. Ali não existe a maioria das enfermidades que nos afligem, sobretudo aquelas que têm sua fonte nos excessos de todos os gêneros e na desordem causada pelas paixões. A alimentação está em relação com essa organização etérea; não seria bastante substanciosa para os nossos estômagos grosseiros, e a nossa seria muito pesada para eles; ela se compõe de frutas e plantas, e, aliás, haurem, de algum modo, a maior parte do meio ambiente do qual aspiram as emanções nutritivas. A duração da vida é, proporcionalmente, muito maior que sobre a Terra; a média equivale a cinco dos nossos séculos. O desenvolvimento também é muito mais rápido, e a infância dura apenas alguns de nossos meses.

Sob esse envoltório leve, os Espíritos se desligam facilmente e entram em comunicação recíproca unicamente pelo pensamento, sem excluir, todavia, a linguagem articulada; também a segunda vista é, para a maioria uma faculdade permanente; seu estado normal pode ser comparado ao dos nossos sonâmbulos lúcidos; é também porque se manifestam, a nós, mais facilmente do que aqueles que estão encarnados em mundos mais grosseiros e mais materiais. A intuição que têm do futuro, a segurança que lhes dá uma consciência isenta de remorsos, fazem com que a morte não lhes cause nenhuma apreensão; vêem-na chegar sem medo e como uma simples transformação.

Os animais não estão excluídos desse estado progressivo, sem se aproximarem, entretanto, do homem, mesmo sob o aspecto físico; seus corpos, mais materiais ligam-se ao solo, como nós à Terra. Sua inteligência é mais desenvolvida do que nos nossos; a estrutura dos seus membros se dobra a todas as exigências do trabalho; são encarregados da execução de obras manuais; são os servidores e os operários: as ocupações dos homens são puramente intelectuais. O homem é, para eles, uma divindade, mas uma divindade tutelar que jamais abusa do seu poder para oprimi-los.

Os Espíritos que habitam Júpiter, geralmente, se comprazem, quando querem se comunicar conosco na descrição do seu planeta, e quando se lhes pergunta a razão, respondem que é a fim de nos inspirar o amor ao bem pela esperança de, para lá, ir um dia. Foi com esse objetivo que um deles, que viveu na Terra com o nome de Bernard Palissy, o célebre oleiro do décimo sexto século, empreendeu, espontaneamente e sem ser solicitado para isso, uma série de desenhos tão notáveis, tanto pela sua singularidade quanto pelo talento da execução, e destinado a nos dar a conhecer, até nos menores detalhes, esse mundo tão estranho e tão novo para nós. Alguns retratam personagens, animais, cenas da vida privada; mas, os mais notáveis, são aqueles que representam habitações, verdadeiras obras-primas das quais nada sobre a Terra poderia nos dar uma idéia, porque essa não parece com nada do que conhecemos; é um gênero de arquitetura indescritível, tão original e, no entanto, tão harmoniosa, de uma ornamentação tão rica e tão graciosa, que desafia a mais fecunda imaginação. O senhor Victorien Sardou, jovem literato e dos nossos amigos, cheio de talento e de futuro mas em nada desenhista, lhes serviu de intermediário. Palissy nos promete uma série que nos dará, de algum modo, a monografia ilustrada desse mundo maravilhoso. Esperamos que essa curiosa e interessante coletânea sobre a qual voltaremos num artigo especial consagrado aos médiuns desenhistas, poderá ser, um dia, entregue ao público.

O planeta Júpiter, apesar do quadro sedutor que dele nos foi dado, não é o mais perfeito entre os mundos. Há outros, desconhecidos para nós, que lhes são bem superiores, no físico e no moral, e cujos habitantes gozam de uma felicidade ainda mais perfeita; lá é a morada dos Espíritos mais elevados, cujo envoltório etéreo nada mais tem das propriedades conhecidas da matéria.

Várias vezes, perguntaram-nos se pensamos que a condição do homem nesse mundo é um obstáculo absoluto a que pudesse passar, sem intermediário, da Terra para Júpiter. A todas as questões que tocam à Doutrina Espírita, jamais respondemos segundo as nossas próprias idéias, contra as quais estamos sempre desconfiando. Limitamo-nos a transmitir o ensinamento que nos foi dado, ensinamento que não aceitamos com leviandade e com um entusiasmo irrefletido. À questão acima, respondemos simplesmente, porque tal é o sentido formal das nossas instruções e o resultado das nossas próprias observações: SIM, o homem, deixando a Terra, pode ir imediatamente para Júpiter, ou para um mundo análogo, porque esse não é único dessa categoria. Pode-se disso ter a certeza? NÃO. Pode-se para lá ir porque há, sobre a Terra, embora em pequeno número, Espíritos bastante bons e bastante desmaterializados para não serem deslocados para um mundo onde o mal não tem acesso. Não há a certeza disso, porque pode-se se iludir sobre o mérito pessoal, e pode-se, aliás, ter uma outra missão a cumprir. Aqueles que podem esperar esse favor, não são, seguramente, nem os egoístas, nem os ambiciosos, nem os avaros, nem os ingratos, nem os ciumentos, nem os orgulhosos, nem os vaidosos, nem os hipócritas, nem os sensuais, nem nenhum daqueles que estão dominados pelo amor aos bens terrestres; a estes, talvez, seja preciso, ainda, longas e rudes provas. Isso depende de sua vontade.

Confissões de Luís XI

Revista Espírita, março de 1858

HISTÓRIA DE SUA VIDA DITADA POR ELE MESMO À SENHORITA ERMANCE DUFAUX

Falando da *História de Joana D'Arc ditada por ela mesma*, e da qual nos propusemos citar diversas passagens, dissemos que a senhorita Dufaux havia escrito, do mesmo modo, a *História de Luís XI*. Esse trabalho, um dos mais completos nesse gênero, contém documentos preciosos do ponto de vista histórico. Luís XI nele se mostra o profundo político que conhecemos; mas, além disso, nos dá a chave de vários fatos até então inexplicados. Do ponto de vista espírita, é um dos mais curiosos modelos de trabalhos de longo fôlego produzidos pelos Espíritos. A esse respeito, duas coisas são particularmente notáveis: a rapidez da execução (quinze dias bastaram para ditar a matéria de um grande volume); em segundo lugar, a lembrança, tão precisa, que um Espírito pode conservar dos acontecimentos da vida terrestre. Àqueles que duvidarem da origem desse trabalho, e honrando a memória da senhorita Dufaux, responderemos que seria preciso, com efeito, da parte de uma criança de catorze anos, uma memória bem fenomenal, e um talento de uma precocidade não menos extraordinária, para escrever, num único impulso, uma obra dessa natureza; mas, supondo que assim fosse, perguntaremos onde essa criança teria haurido as explicações inéditas da suspeitosa política de Luís XI, e se não fora mais interessante, aos seus pais, disso lhes deixar mérito. Das diversas histórias escritas por seu intermédio, a de Joana D'Arc foi a única publicada. Fazemos votos para que as outras cedo o sejam, e lhes predizemos um sucesso tanto maior quanto as idéias espíritas são, hoje, mais difundidas. E extraímos da de Luís XI a passagem relativa à morte do conde de Charolais:

Os historiadores chegados a esse fato histórico: "Luís XI dá ao conde de Charolais a tendência geral de Normandie," confessam que não compreendem que um rei, tão grande político, haja cometido uma tão grande falta. (*História de França*, por Velly e continuadores.)

As explicações dadas por Luís XI são difíceis de contradizer, já que estão confirmadas por três atos conhecidos de todo o mundo: a conspiração de Constain, a viagem do conde de Charolais, que segue à execução do culpado, e, enfim, a obtenção, por esse príncipe, da tenência geral da Normandie, província que reunia os Estados dos duques de Bourgogne e de Bretagne, inimigos sempre unidos contra Luís XI. Luís XI assim se exprime:

"O conde de Charolais foi gratificado com a tendência geral de Normandie e com uma pensão de trinta e seis mil libras. Era uma imprudência bem grande aumentar assim o poder da casa de Bourgogne. Embora essa digressão nos distancie da seqüência dos negócios da Inglaterra, creio dever indicar aqui os motivos que me fizeram agir assim.

"Algum tempo antes do seu retorno para os Países-Baixos, o duque Philippe de Bourgogne tinha caído perigosamente enfermo. O conde de Charolais amava verdadeiramente seu pai, apesar dos desgostos que lhe havia causado: é verdade que seu caráter ardente e impetuoso e, sobretudo, minhas pérfidas insinuações poderiam desculpá-lo. Cuida dele com uma afeição toda filial e não deixa, nem de dia e nem de noite, a cabeceira do seu leito.

"O perigo do velho duque me havia levado a sérias reflexões: odiava o conde e acreditava ter

tudo a temer dele; aliás, não tinha senão uma filha de tenra idade, o que teria produzido depois da morte do duque, que não parecia dever viver muito tempo, uma minoria que os Flamands, sempre turbulentos teriam tornado extremamente agitada. Teria podido, então, me apossar facilmente, se não fora de todos os bens da casa de Bourgogne, pelo menos de uma parte, seja escondendo essa usurpação numa aliança, seja deixando tudo o que a força lhe dá de odioso. Havia mais razões, do que era preciso, para fazer envenenar o conde de Charolais; aliás, o pensamento de um crime não me espantava mais.

"Consegui seduzir o copeiro do príncipe, Jean Constain. A Itália era, de algum modo, o laboratório dos envenenadores: foi para lá que Constain enviou Jean d'Ivy, que ele havia ganho com a ajuda de uma soma considerável que deveria pagar-lhe em seu retorno. D'Ivy quis saber a quem esse veneno estava destinado; o copeiro teve a imprudência de confessar que era para o conde de Charolais.

"Depois de ter feito sua incumbência, d'Ivy se apresenta para receber sua soma prometida; mas, longe de dar-lha, Constain o cobre de injúrias. Furioso com essa recepção, d'Ivy jura disso tirar vingança. Vai procurar o conde de Charolais e lhe confessa tudo o que sabia. Constain foi detido e conduzido ao castelo de Rippemonde. O medo da tortura fê-lo tudo confessar, exceto minha cumplicidade, talvez, esperando que intercedesse por ele. Já estava no alto da torre, lugar destinado ao seu suplício, e se apressava em decapitá-lo, quando testemunhou desejo de falar ao conde. Conta-lhe, então, o papel que eu havia tomado nessa tentativa. O conde Charolais apesar do espanto e da cólera que experimentou, cala-se, e as pessoas presentes não puderam formar senão vagas conjecturas fundadas sobre os movimentos de surpresa que o relato lhe arrancou. Malgrado a importância dessa revelação, Constain foi decapitado e seus bens foram confiscados, mas entregues à sua família pelo duque de Bourgogne.

"Seu denunciante experimentou a mesma sorte, que deveu em parte à imprudente resposta que deu ao príncipe de Bourgogne; este, tendo-lhe perguntado se teria denunciado o complô, se houvera sido pago da soma prometida, ele teve a inconcebível temeridade de dizer que não.

"Quando o conde veio a Tours, pede-me uma entrevista particular; lá deixa estourar toda a sua fúria e me cobre de censuras: Apaziguei-o dando-lhe a tendência geral de Normandie e a pensão de trinta e seis mil libras; a tendência geral não foi senão um título vão; quanto à pensão, não recebeu senão o primeiro vencimento."

A fatalidade e os pressentimentos

Revista Espírita, março de 1858

INSTRUÇÕES DADAS POR SÃO LUÍS

Um dos nossos correspondentes nos escreveu o que segue:

"No mês de setembro último, uma embarcação leve, fazendo a travessia de Dunkerque à Ostende, foi surpreendida por um tempo agitado e pela noite; o barquinho soçobra, e das oito pessoas que o tripulavam, quatro perecem; as outras quatro, entre as quais me encontrava, conseguiram se manter sobre a quilha. Permanecemos toda a noite nessa horrível posição, sem outra perspectiva do que a morte, que nos parecia inevitável e da qual experimentamos todas as angústias. Ao amanhecer, tendo o vento nos levado à costa, pudemos ganhar a terra a nado.

"Por que nesse perigo, *igual para todos*, só quatro pessoas sucumbiram? Anotai que, por minha parte, é a sexta ou sétima vez que escapo de um perigo tão iminente, e quase nas mesmas circunstâncias. Sou verdadeiramente levado a crer que mão invisível me protege. Que fiz para isso? Não sei muito; sou sem importância e sem utilidade neste mundo, e não me gabo de valer mais do que os outros; longe disso: havia, entre as vítimas do acidente, um digno eclesiástico, modelo de virtudes evangélicas, e uma venerável irmã de São Vicente de Paulo, que iam cumprir uma santa missão de caridade cristã. A fatalidade me parece ter um grande papel no meu destino. Os Espíritos, nela não estariam para alguma coisa? Seria possível ter, por eles, uma explicação a esse respeito, perguntando-lhes, por exemplo, se são eles que provocam ou afastam os perigos que nos ameaçam?-"

Conforme o desejo de nosso correspondente, dirigimos as perguntas seguintes ao Espírito de São Luís que gosta de se comunicar conosco todas as vezes que há uma instrução útil para dar.

1. Quando um perigo iminente ameaça alguém, é um Espírito que dirige o perigo, e quando dele escapa, é um outro Espírito que o afasta?

Resp. Quando um Espírito se encarna, escolhe uma prova; escolhendo-a se faz uma espécie de destino, que não pode mais conjurar, uma vez que a ele está submetido; falo de provas físicas. Conservando o Espírito no seu livre arbítrio, sobre o bem e o mal, é sempre o senhor para suportar ou repelir a prova; um bom Espírito, vendo-o enfraquecer, pode vir em sua ajuda, mas não pode influir, sobre ele, de maneira a dominar a sua vontade. Um Espírito mau, quer dizer, inferior, mostrando-lhe, exagerando-lhe um perigo físico, pode abalá-lo e amedrontá-lo, mas, a vontade do Espírito encarnado não fica menos livre de todo entrave.

2. Quando um homem está no ponto de perecer por acidente, me parece que o livre arbítrio nisso não vale nada. Pergunto, pois, se é um mau Espírito que provoca esse acidente, que dele é, de algum modo, o agente; e, no caso em que se livra do perigo, se um bom Espírito veio em sua ajuda.

Resp. O bom Espírito ou o mau Espírito não pode senão sugerir bons ou maus pensamentos,

segundo a sua natureza. O acidente está marcado no destino do homem. Quando a tua vida é posta em perigo, trata-se de uma advertência que tu mesmo a desejaste, a fim de te desviares do mal e de te tomares melhor. Quando tu escapas desse perigo, ainda sob a influência do perigo que correste, pensas mais ou menos fortemente, segundo a ação mais ou menos forte dos bons Espíritos, em te tomares melhor. O mau Espírito sobrevivendo (digo mau subentendendo que o mal ainda está nele), pensas que escaparás do mesmo modo de outros perigos e deixas, de novo, tuas paixões se desencadearem.

3. A fatalidade que parece presidir aos destinos materiais de nossas vidas seria, pois, ainda o efeito do nosso livre arbítrio?

Resp. Tu mesmo escolheste tua prova: quanto mais ela é rude, melhor tu a suportes, mais tu te elevas. Aqueles que passam sua vida em abundância e na felicidade humana, são Espíritos frouxos que permanecem estacionários. Assim, o número dos infelizes sobrepuja em muito o dos felizes desse mundo, tendo em vista que os Espíritos procuram, em maior parte, a prova que lhes será a mais frutífera. Eles vêem muito bem a futilidade de vossas grandezas e de vossas alegrias. Aliás, a vida mais feliz é sempre agitada, sempre perturbada, não seria isso senão pela ausência da dor.

4. Compreendemos perfeitamente essa doutrina, mas isso não nos explica se certos Espíritos têm uma ação direta sobre a causa material do acidente. Suponhamos que no momento em que um homem passa sobre uma ponte, essa ponte se desmorona. Que impeliu o homem a passar nessa ponte?

Resp. Quando um homem passa sobre uma ponte que deve se romper, não é um Espírito que o conduz a passar nessa ponte, é o instinto do seu destino que para lá o leva.

5. O que fez desmoronar a ponte?

Resp. As circunstâncias naturais. A matéria tem nelas suas causas de destruição. No caso do qual se trata o Espírito, tendo necessidade de recorrer a um elemento estranho à sua natureza para mover as forcas naturais, recorrerá antes à intuição espiritual. Assim tal ponte adiante se rompe, a água tendo desconjuntado as pedras que a compõe, a ferrugem tendo corroído a corrente que a suspenda, o Espírito, digo eu, ensinará antes ao homem para que passe por essa ponte do que fazer romper uma outra sob seus passos. Aliás, tendes uma prova material do que eu adianto: qualquer acidente que chegue sempre naturalmente, quer dizer, de causas que se ligam umas as outras, e se conduzem insensivelmente.

6. Tomemos um outro caso no qual a destruição da matéria não seja a causa do acidente. Um homem mal intencionado atira sobre mim, a bala me roça, não me atinge. Um Espírito benevolente pode tê-la desviado?

Resp. Não.

7. Os Espíritos podem nos advertir diretamente de um perigo? Eis um fato que parece confirmá-lo: uma mulher saía de sua casa e seguia pelo boulevard. Uma voz íntima lhe diz: Vai-te; retorna para tua casa. Ela hesita. A mesma voz se faz ouvir várias vezes; então, ela volta sobre seus passos; mas, reconsiderando-se, ela se diz: que vou fazer em minha casa? Dela saí; é sem dúvida um efeito de minha imaginação. Então, ela continua o seu caminho. A alguns passos dali, uma viga que se soltou de uma casa, atinge-lhe a cabeça e a derruba inconsciente. Qual era essa voz? Não foi um pressentimento do que ia acontecer a essa

mulher?

Resp. A do instinto; aliás, nenhum pressentimento tem tais caracteres: sempre são vagos.

8. Que entendeis pela voz do instinto?

Resp. Entendo que o Espírito, antes de se encarnar, tem conhecimento de todas as fases de sua existência; quando estas têm um caráter saliente, delas conserva uma espécie de impressão no foro íntimo, e essa impressão, despertando quando o momento se aproxima, torna-se pressentimento.

Nota. As explicações acima reportam-se à fatalidade dos acontecimentos materiais. A fatalidade morai está tratada, de modo completo, em *O Livro dos Espíritos*.

Utilidade de certas evocações particulares

Revista Espírita, março de 1858

As comunicações que se obtêm de Espíritos muito superiores, ou daqueles que animaram os grandes personagens da antigüidade, são preciosas pelo alto ensinamento que encerram. Esses Espíritos adquiriram um grau de perfeição que lhes permite abranger uma esfera de idéias mais extensa, penetrar mistérios que ultrapassam a capacidade vulgar da humanidade, e, por conseguinte, de nos iniciar, melhor do que outros em certas coisas. Não se segue disso que as comunicações de Espíritos de uma ordem menos elevada não tenham utilidade; longe disso: o observador nelas haure mais de uma instrução. Para se conhecer os costumes de um povo, é preciso estudá-lo em todos os graus da escala. Quem não o tivesse visto senão sob uma face, conhecê-lo-ia mal. A história de um povo não é a do seu rei e das sumidades sociais; para julgá-lo, é preciso vê-lo em sua vida íntima, em seus hábitos privados. Ora, os Espíritos superiores são as sumidades do mundo espírita; sua própria elevação os coloca de tal modo acima de nós, que nos assusta pela distância que nos separa. Espíritos mais burgueses (que se nos perdoe essa expressão) nos tornam mais palpáveis as circunstâncias da sua nova existência. Entre eles, a ligação entre a vida corporal e a vida espiritual é mais íntima, nós a compreendemos melhor, porque nos toca mais de perto. Aprendendo, por eles mesmos, em que se tornaram, o que pensam, o que sentem os homens de todas as condições e de todos os caracteres, os homens de bem como os viciosos, os grandes e os pequenos, os felizes e os infelizes do século, em uma palavra, os homens que viveram entre nós, que vimos e conhecemos, dos quais conhecemos a vida real, as virtudes e os defeitos, compreendemos suas alegrias e os seus sofrimentos, nos associamos a eles e neles haurimos um ensinamento moral tanto mais proveitoso quanto as relações, entre eles e nós, sejam mais íntimas. Colocamo-nos mais facilmente no lugar daquele que foi nosso igual do que daquele que não vemos senão através da miragem de uma glória celeste. Os Espíritos vulgares nos mostram a aplicação prática das grandes e sublimes virtudes, das quais os Espíritos superiores nos ensinam a teoria. Aliás, no estudo de uma ciência, nada é inútil: Newton encontrou a lei de forças do Universo, no mais simples fenômeno.

As comunicações têm uma outra vantagem, que é de constatar a identidade de Espíritos de um modo mais preciso. Quando um Espírito nos diz ter sido Sócrates ou Platão, somos obrigados a crer, sob palavra, porque não carrega com ele um certificado de autenticidade; podemos ver, em seus discursos, se ele desmente ou não a origem que se dá: nós o julgaremos Espírito elevado, eis tudo; que ele tenha sido, em realidade, Sócrates ou Platão, pouco nos importa. Mas quando o Espírito de nossos parentes, de nossos amigos ou daqueles que conhecemos, se nos manifesta, se apresentam mil circunstâncias de detalhes íntimos dos quais a identidade não poderia ser colocada em dúvida: adquire-se aí; de algum modo, a prova material. Pensamos, pois, que gostarão de nos dar, de tempos em tempos, algumas dessas evocações íntimas: é o romance dos costumes da vida espírita, menos a ficção.

Conversas familiares de além-túmulo

O assassino Lemaire

Revista Espírita, março de 1858

Condenado pelo Supremo Tribunal de Justiça Criminal, de Aisne, à pena de morte e executado em 31 de dezembro de 1857, evocado em 29 de janeiro de 1858.

1. Peço a Deus Todo-Poderoso permitir ao assassino Lemaire, executado em 31 de dezembro de 1857, vir entre nós. - *Resp.* Aqui estou.

2. Como ocorre que tenhas vindo tão prontamente ao nosso apelo? - *Resp.* Rachel o disse. (1). (1) A senhorita Rachel, tendo sido evocada alguns dias antes, por intermédio da mesma médium, se apresenta instantaneamente. Foram-lhe feitas, a esse respeito, as perguntas seguintes;

- Como ocorreu que haveis vindo tão prontamente, no mesmo instante em que a evocamos; dir-se-ia que estáveis preparada? - *Resp.* Quando Ermance (a médium) nos chama, vimos depressa.

- Tendes, pois, muita simpatia pela senhorita Ermance? - *Resp.* Há um laço entre ela e nós. Ela vem a nós; nós vamos a ela. Não há, todavia, nenhuma semelhança entre o seu caráter e o vosso; como ocorre, então, que haja simpatia? - *Resp.* Ela jamais deixou inteiramente o mundo dos Espíritos.)

3. Que sentimento experimentas diante de nós? - *Resp.* A vergonha.

4. Como uma jovem, doce como um cordeiro, pode servir de intermediário a um ser sanguinário como tu? - *Resp.* Deus o permitiu.

5. Conservaste todo o conhecimento até o último momento? - *Resp.* Sim.

6. E, imediatamente após a tua execução, tiveste consciência de tua nova existência? - *Resp.* Mergulhei numa perturbação imensa, da qual ainda não sai. Senti uma imensa dor; pareceu-me que meu coração a sofria. Vi não sei o que rolar ao pé do patíbulo; vi o sangue correr, e a minha dor, com isso, não se tornou senão mais pungente.

7. Era uma dor puramente física, análoga à que seria causada por um grave ferimento: pela amputação de um membro, por exemplo? - *Resp.* Não; figura-te um remorso, uma grande dor moral.

8. Quando começaste a sentir essa dor? - *Resp.* Desde que estive livre.

9. A dor física, causada pelo suplício, era sentida pelo corpo ou pelo Espírito? - *Resp.* A dor moral estava no meu Espírito; o corpo sentiu a dor física; mas o Espírito, separado dele, sentia ainda.
10. Viste teu corpo mutilado? - *Resp.* Vi não sei o que de informe que me parecia não ter deixado; no entanto, sentia-me, ainda, inteiro: era eu mesmo.
11. Que impressão essa visão teve em ti? - *Resp.* Sentia muito a minha dor; estava perdido nela.
12. É verdade que o corpo vive ainda alguns instantes depois da decapitação, e que o supliciado tem a consciência das suas idéias? - *Resp.* O Espírito se retira pouco a pouco; quanto mais os laços da matéria o enlaçam, menos a separação é pronta.
13. Quanto tempo isso dura? - *Resp.* Mais ou menos. (Ver a resposta precedente.)
14. Disse-se haver notado, na fisionomia de certos supliciados, a expressão da cólera, e movimentos como se quisessem falar; era o efeito de uma contração nervosa ou a vontade nisso tinha parte? - *Resp.* A vontade; porque o Espírito não havia ainda se retirado do corpo.
15. Qual foi o primeiro sentimento que experimentaste entrando em tua nova existência? - *Resp.* Um sofrimento intolerável; uma espécie de remorso pungente, cuja causa ignorava.
16. Tu te encontraste reunido aos teus cúmplices executados ao mesmo tempo que tu? - *Resp.* Para a nossa infelicidade; nossa visão é um suplício contínuo; cada um de nós reprova, no outro, seu crime.
17. Reencontraste tuas vítimas? - *Resp.* Eu as vejo... são felizes... seu olhar me persegue... sinto que mergulha até o fundo do meu ser... em vão quero fugir-lhe.
18. Que sentimentos experimentas diante delas? - *Resp.* A vergonha e o remorso. Levantei-as com as minhas próprias mãos, e as odeio ainda.
19. Que sentimento elas experimentam diante de ti? - *Resp.* A piedade.
20. Elas têm ódio e o desejo de vingança? - *Resp.* Não; suas preces pedem pela minha expiação. Não saberias sentir que horrível suplício é tudo dever a quem se odeia.
21. Lamentas tua vida terrestre? - *Resp.* Não lamento senão os meus crimes; se os acontecimentos estivessem ainda em minhas mãos, não sucumbiria mais.
22. Como foste conduzido à vida criminosa que levaste? - *Resp.* Escuta! Acreditei-me forte; escolhi uma rude prova; cedi às tentações do mal.
23. A tendência ao crime estava na tua natureza, ou foste arrastado pelo meio no qual viveste? - *Resp.* A tendência ao crime estava na minha natureza, porque era um Espírito inferior. Quis elevar-me de repente, mas pedi além das minhas forças.

24. Se houvesse recebido bons princípios de educação, terias podido desviar-te da vida criminosa? - *Resp.* Sim; mas escolhi a posição na qual nasci.
25. Terias podido transformar-se num homem de bem? - *Resp.* Um homem fraco, incapaz do bem como do mal. Poderia paralisar o mal de minha natureza, durante a minha existência, mas não poderia elevar-me até fazer o bem.
26. Durante a vida, acreditavas em Deus? - *Resp.* Não.
27. Diz-se que, no momento de morrer, te arrependeste; isso é verdade? - *Resp.* Acreditava num Deus vingador.» tive medo da sua justiça.
28. Nesse momento teu arrependimento é mais sincero? - *Resp.* Ai de mim! Vejo o que fiz.
29. Que pensa de Deus agora? - *Resp.* Eu o sinto e não o compreendo.
30. Achas justo o castigo que te foi infligido na Terra? -*Resp.* Sim.
31. Espera obter o perdão dos teus crimes? - *Resp.* Não sei.
32. Como espera resgatar os teus crimes? - *Resp.* Por novas provas; mas parece que a Eternidade está entre elas e mim.
34. Essas provas se cumprirão sobre a Terra ou num outro mundo? - *Resp.* Não sei.
33. Como poderás expiar as tuas faltas passadas em uma nova existência, se não tens a lembrança delas? - *Resp.* Delas terei a presciência.
35. Onde está agora? - *Resp.* Estou no meu sofrimento.
36. Pergunto em qual lugar está? - *Resp.* Perto de Ermance.
37. Estais reencarnado ou errante? - *Resp.* Errante; se estivesse reencarnado, teria a esperança. Eu disse: a Eternidade me parece entre a expiação e mim.
38. Uma vez que está aqui, se pudéssemos ver-te, sob qual forma nos apareceria? - *Resp.* Sob minha forma corporal, minha cabeça separada do tronco.
39. Poderias nos aparecer? - *Resp.* Não; deixai-me.
40. Gostarias de nos dizer como te evadiste da prisão de Montdidier? - *Resp.* Não sei mais... Meu sofrimento é tão grande que não tenho mais do que a lembrança do crime... Deixai-me.
41. Poderíamos trazer algum alívio aos teus sofrimentos? - *Resp.* Fazei votos para que a expiação chegue.

A rainha de Oude

Revista Espírita, março de 1858

Nota. - Nestas conversas, doravante, supriremos a fórmula de evocação, que é sempre a mesma, a menos que ela não apresente, para a resposta, alguma particularidade.

1. Que sensação experimentaste deixando a vida terrestre? - *Resp.* Não saberia dizê-lo; experimento, ainda, perturbação.
2. Sois feliz? - *Resp.* Não.
3. Por que não sois feliz? - *Resp.* Lamento a vida», não sei», sinto uma dor pungente; a vida disso teria me livrado... gostaria que meu corpo se levantasse do seu sepulcro.
4. Lamentai-vos por não ter sido sepultada em vosso país, e de sê-lo entre os cristãos? - *Resp.* Sim; a terra indiana pesaria menos sobre o meu corpo.
5. Que pensais das honras públicas prestadas aos vossos despejos? - *Resp.* Foram pouca coisa; eu era rainha, e nem todos dobraram os joelhos diante de mim... Deixai-me... Forçam-me a falar... Não quero que saibam o que sou agora». Fui rainha, sabeis-o bem.
6. Respeitamos a vossa posição, e pedimos para nos responder para nossa instrução. Pensais que vosso filho recuperará, um dia, os Estados de seu pai? - *Resp.* Certamente, o meu sangue reinará; disso ele é digno.
7. Dais à reintegração do vosso filho no trono de Oude a mesma importância de quando vivíeis? - *Resp.* Meu sangue não pode ser confundido na multidão.
8. Qual é a vossa opinião atual sobre a verdadeira causa da revolta das índias? - *Resp.* O Indiano foi feito para ser senhor em sua casa.
9. Que pensais do futuro que está reservado a esse país? - *Resp.* A Índia será grande entre as nações.
10. Não se pôde inscrever, no vosso atestado de óbito, o lugar do vosso nascimento; poderíeis dizê-lo agora? - *Resp.* Nasci do mais nobre sangue da Índia. Creio que nasci em Delhy.
11. Vós que haveis vivido nos esplendores do luxo e que haveis sido cercada de honras, que pensais disso agora? - *Resp.* Eram-me devidos.
12. A posição que haveis ocupado na Terra, vos dá uma posição mais elevada no mundo onde estais hoje? - *Resp.* Sou sempre rainha... Que se me mandem escravos para me servirem!... Não sei; não me parece importarem-se comigo aqui... Não obstante, sou sempre eu.

13. Pertenceis à religião muçulmana, ou a uma religião hindu? - *Resp.* Muçulmana; mas eu era muito grande para me ocupar de Deus.
14. Que diferença fazeis entre a religião que professáveis e a religião cristã, quanto à felicidade futura do homem? - *Resp.* A religião cristã é absurda; diz que todos são irmãos.
15. Qual é a vossa opinião sobre Maomé? - *Resp.* Ele não era filho de rei.
16. Ele tinha uma missão divina? - *Resp.* Que me importa isso!
17. Qual é a vossa opinião sobre o Cristo? - *Resp.* O filho de um carpinteiro não é digno de ocupar o meu pensamento.
18. Que pensais do uso que subtrai as mulheres muçulmanas dos olhares de homens? - *Resp.* Penso que as mulheres são feitas para dominarem; eu era mulher.
19. Haveis, alguma vez, invejado a liberdade da qual gozam as mulheres na Europa? - *Resp.* Não; que me importava a sua liberdade! São servidas de joelhos?
20. Qual é vossa opinião sobre a condição da mulher em geral na espécie humana? - *Resp.* Que me importam as mulheres! Se me falasses de rainhas!
21. Lembrai-vos de haver tido outras existências na Terra, antes da que acabais de deixar? - *Resp.* Devo ter sido sempre rainha.
22. Por que viestes tão prontamente ao nosso chamado? - *Resp.* Eu não quis; forçaram-me a isso». Pensas, então, que me dignaria responder? Ora bem, quem sois perto de mim?
23. Quem vos forçou a vir? - *Resp.* Não sei... Todavia, aqui não deve haver ninguém maior do que eu.
24. Em que lugar estais aqui? - *Resp.* Junto de Ermance.
25. Sob qual forma aqui estais? - *Resp.* Sou sempre rainha. Pensais, pois, que deixei de o ser? Sois pouco respeitosos... Sabei que se fala de outro modo às rainhas.
26. Por que não podemos vos ver? - *Resp.* Eu não o quero.
27. Se pudéssemos ver, ver-vos-íamos com vossas vestimentas, vossos adereços e vossas jóias? - *Resp.* Certamente.
28. Como ocorre que, tendo deixado tudo isso, vosso Espírito deles haja conservado a aparência, sobretudo de vossos adereços? - *Resp.* Não me foram tirados... Eu sou sempre tão bela quanto era». Não sei que idéia fazeis de mim! É verdade que não me haveis jamais visto.
29. Que impressão experimentais encontrando-vos em nosso meto? - *Resp.* Se pudesse, aqui não estaria: vós me tratais com tão pouco respeito! Não quero que me tratem por tu... Chamai-me Majestade, ou não responderei mais.

30. Vossa Majestade *compreendia* a língua francesa? - *Resp.* Por que não a compreenderia? Eu sabia tudo.

31. Vossa Majestade gostaria de nos responder em inglês? - *Resp.* Não... Não me deixareis, pois, tranqüila?». Quero ir-me daqui... Deixai-me... Julgais-me submissa aos vossos caprichos?... Sou rainha e não sou escrava.

32. Pedimos somente consentir em responder, ainda, a duas ou três perguntas.

Resposta de São Luís, que estava presente: Deixai-a, a pobre enganada; tende piedade de sua cegueira. Que vos sirva de exemplo! Não sabeis o quanto sofre seu orgulho.

Nota. - Essa entrevista oferece mais de um ensinamento. Evocando essa majestade decaída, agora no túmulo, não esperávamos respostas de uma grande profundidade, tendo em vista o gênero de educação das mulheres nesse país; mas não pensávamos encontrar, nesse Espírito, senão a filosofia, pelo menos um sentimento mais verdadeiro da realidade, e idéias mais sadias sobre as vaidades e as grandezas deste mundo. Longe disso: nela, as idéias terrestres conservaram toda a sua força; é o orgulho que nada perdeu de suas ilusões, que luta contra a sua própria fraqueza, e que deve, com efeito, muito sofrer por sua impotência. Na previsão de respostas de uma natureza diferente, havíamos preparado diversas perguntas que se tornaram sem objeto. Essas respostas são tão diferentes daquelas que esperávamos, assim como as pessoas presentes, que não se poderia, nelas, ver a influência de um pensamento estranho. Por outro lado, têm uma marca de personalidade tão caracterizada que acusam, claramente, a identidade do Espírito que se manifestou.

Poder-se-ia estranhar, com razão, em ver Lemaire, homem degradado e manchado por todos os crimes, manifestar, por sua linguagem de além-túmulo, sentimentos que denotam uma certa elevação e uma apreciação bastante exata da sua situação, ao passo que, na rainha de Oude, cuja categoria que ocupava deveria ter desenvolvido o senso moral, as idéias terrestres não sofreram nenhuma modificação. A causa dessa anomalia nos parece fácil de explicar. Lemaire, por degradado que era, vivia no meio de uma sociedade civilizada e esclarecida, que havia reagido sobre a sua natureza grosseira; inconscientemente, ele havia absorvido alguns raios da luz que o cercava, e essa luz deveu fazer nascer nele pensamentos sufocados pela sua abjeção, mas cujos germes nele não subsistiram menos. Ocorre de modo diferente com a rainha de Oude: o meio onde viveu, os hábitos, a falta absoluta de cultura intelectual, tudo deveu contribuir para manter, com toda a sua força, as idéias das quais estava imbuída desde a infância; nada veio modificar essa natureza primitiva, sobre a qual os preconceitos conservaram todo o seu império.

O doutor Xavier, sobre diversas questões psicofisiológicas

Revista Espírita, março de 1858

Um médico de grande talento, que designaremos pelo nome de Xavier, morto há alguns meses, e que muito se ocupou com o Magnetismo, havia deixado um manuscrito destinado, pensava ele, a fazer uma revolução na ciência. Antes de morrer, havia lido *O Livro dos Espíritos* e desejado pôr-se em relação com o autor. A doença, com a qual sucumbiu, não lhe deixou tempo para isso. Sua evocação ocorreu a pedido de sua família, e as respostas, eminentemente instrutivas, que ela contém, nos animou a dela inserir um extrato, na nossa coletânea, suprimindo tudo o que é de interesse privado.

1. Lembrai-vos do manuscrito que haveis deixado? - *Resp.* Ligo-lhe pouca importância.
2. Qual é a vossa opinião atual sobre esse manuscrito? - *Resp.* Obra vã de um ser que ignorava a si mesmo.
3. Pensais, todavia, que essa obra poderia fazer uma revolução na ciência? - *Resp.* Vejo muito claro agora.
4. Poderíeis, como Espírito, corrigir e acabar esse manuscrito? - *Resp.* Parti de um ponto que mal conheço. Talvez, seria preciso refazer tudo.
5. Sois feliz ou infeliz? - *Resp.* Espero e sofro.
6. O que esperais? - *Resp.* Novas provas.
7. Qual é a causa dos vossos sofrimentos? - *Resp.* O mal que fiz.
8. Todavia, haveis feito o mal com intenção? - *Resp.* Conheces bem o coração do homem?
9. Estais errante ou encarnado? - *Resp.* Errante.
10. Qual era, quando vivíeis, vossa opinião sobre a Divindade? - *Resp.* Não acreditava nela.
11. Qual é agora? - *Resp.* Nela não creio bastante.
12. Tínheis o desejo de se pôr em relação comigo; lembrai-vos? - *Resp.* Sim.
13. Vede-me e me reconheceis pela pessoa com a qual queríeis entrar em relação? - *Resp.* Sim.
14. Que impressão *O Livro dos Espíritos* fez sobre vós? - *Resp.* Transtornou-me.

15. Que pensais dele agora? - *Resp.* É uma grande obra.
16. Que pensais do futuro da Doutrina Espírita? - *Resp.* É grande, mas certos discípulos a prejudicam.
17. Quem são os que a prejudicam? - *Resp.* Os que atacam o que existe: as religiões, as primeiras e mais simples crenças dos homens.
18. Sendo médico, e em razão dos estudos que haveis feito, poderíeis, sem dúvida, responder às questões seguintes:
- O corpo pode conservar, por alguns instantes, a vida orgânica depois da separação da alma?
- *Resp.* Sim.
19. Quanto tempo? - *Resp.* Não há tempo.
20. Precisaí vossa resposta, vos peço. - *Resp.* Isso não dura senão alguns instantes.
21. Como se opera a separação da alma do corpo? - *Resp.* Igual um fluido que escapa de um vaso qualquer.
22. Há uma linha de demarcação realmente traçada entre a vida e a morte? - *Resp.* Esses dois estados se tocam e se confundem; assim, o Espírito se desliga, pouco a pouco, dos seus laços; ele se desenlaça e não se quebra.
23. Esse desligamento da alma se opera mais prontamente em uns do que em outros? - *Resp.* Sim: aqueles que, em sua vida, já se elevaram acima da matéria, porque, então, sua alma pertence mais ao mundo dos Espíritos do que ao mundo terrestre.
24. Em que momento se opera a união da alma e do corpo, na criança? - *Resp.* Quando a criança respira; como se recebesse a alma com o ar exterior.
- Nota.* Essa opinião é conseqüência de dogma católico. Com efeito, a Igreja ensina que a alma não pode ser salva senão pelo batismo; ora, como a morte natural intra-uterina é muito freqüente, em que se tornaria essa alma privada, segundo ela, desse único meio de salvação, se ela existia no corpo antes do nascimento? Para ser conseqüente, seria preciso que o batismo tivesse lugar, se não de fato, pelo menos de intenção, desde o instante da concepção.
25. Como explicais, então, a vida intra-uterina? - *Resp.* Como a planta que vegeta. A criança vive a sua vida animal.
26. Há crime em privar uma criança da vida antes do seu nascimento, uma vez que, antes dessa época, a criança, não tendo alma, não é, de algum modo, um ser humano? - *Resp.* A mãe, ou qualquer outra, cometerá sempre um crime tirando a vida à criança antes do seu nascimento, porque é impedir a alma de suportar as provas, para as quais o corpo deveria ser o instrumento.
27. A expiação, que deveria ser suportada pela alma impedida de se encarnar, não obstante, ocorrerá? - *Resp.* Sim, mas Deus sabia que a alma não se uniria a esse corpo; assim,

nenhuma alma devia se unir a esse envoltório corporal: *era a prova da mãe.*

28. No caso em que a vida da mãe estaria em perigo pelo nascimento da criança, há crime em sacrificar a criança para salvar a mãe? - *Resp.* Não; é preciso sacrificar o ser que não existe ao ser que existe.

29. A união, da alma e do corpo, se opera instantaneamente ou gradualmente; quer dizer, é preciso um tempo apreciável para que essa união seja completa? - *Resp.* O Espírito não entra bruscamente no corpo. Para medir esse tempo, imaginai que o primeiro sopro que a criança recebe é a alma que entra no corpo: o tempo que o peito se eleva e abaixa.

30. A união da alma, com tal ou tal corpo, está predestinada, ou não é senão no momento do nascimento que a escolha se faz? - *Resp.* Deus a marcou; essa questão exige mais longos desenvolvimentos. O Espírito, escolhendo a prova que deve suportar, pede para se encarnar; ora, Deus, que tudo sabe e tudo vê, sabia e via antes que tal alma se uniria a tal corpo. Quando o Espírito nasce nas classes baixas da sociedade, sabe que sua vida não será senão trabalho e sofrimento. A criança que vai nascer tem uma existência que resulta, até certo ponto, da posição de seus pais.

31. Por que pais bons e virtuosos dão nascimento a crianças de natureza perversa? Dito de outro modo, por que as boas qualidades dos pais não atraem sempre, por simpatia, um bom Espírito para animar seu filho? - *Resp.* Um mau Espírito pede bons pais, na esperança de que seus conselhos lhe dirigirão para um caminho melhor.

32. Os pais podem, por seus pensamentos e suas preces, atrair para o corpo da criança um bom Espírito, antes que um Espírito inferior? - *Resp.* Não; mas podem melhorar o Espírito da criança que fizeram nascer é seu dever, crianças más são uma prova para os pais.

33. Concebe-se o amor maternal para a conservação da vida da criança, mas, uma vez que esse amor está na Natureza, por que há mães que odeiam seus filhos desde o seu nascimento? - *Resp.* Maus Espíritos que tratam de entravar o Espírito da criança, a fim de que ele sucumba sob a prova que quis.

34. Nós vos agradecemos as explicações que consentistes em nos dar. - *Resp.* Para vos instruir, farei tudo.

Nota. A teoria, dada por esse Espírito, sobre o instante da união da alma e do corpo, não é inteiramente exata. A união começa desde a concepção; quer dizer, desde esse momento, o Espírito, sem estar encarnado, liga-se ao corpo por um laço fluídico que vai se apertando, mais e mais, até o nascimento; a encarnação não se completa senão quando a criança respira. (Ver *O Livro dos Espíritos*, nº 344 e seguintes.)

O senhor Home

Revista Espírita, março de 1858

(Segundo artigo. - Ver o número de fevereiro de 1858.)

O senhor Home, assim como dissemos, é um médium do gênero daqueles sob a influência dos quais se produzem, especialmente, fenômenos físicos, sem excluir, por isso, as manifestações inteligentes. Todo efeito que revela a ação de uma vontade livre é, por isso mesmo, inteligente; quer dizer, que não é puramente mecânico e que não poderia ser atribuído a um agente exclusivamente material; mas daí às comunicações instrutivas de uma alta importância, moral e filosófica, há uma grande distância, e não é do nosso conhecimento que o senhor Home as obtém dessa natureza. Não sendo médium escrevente, a maioria das respostas são dadas por pancadas, indicando as letras do alfabeto, meio sempre imperfeito e muito lento, que se presta dificilmente aos desenvolvimentos de uma certa extensão. Ele obtém, não obstante, também a escrita, mas por um outro meio, do qual falaremos dentro em pouco.

Diremos, primeiro, como princípio geral, que as manifestações ostensivas, as que ferem os nossos sentidos, podem ser espontâneas ou provocadas. As primeiras são independentes da vontade; freqüentemente, têm mesmo lugar contra a vontade daquele das quais são objeto, e ao qual não são sempre agradáveis. Os fatos desse gênero são freqüentes, e, sem remontar às narrações mais ou menos autênticas dos tempos recuados, a história contemporânea delas nos oferece numerosos exemplos cuja causa, ignorada a princípio, é hoje perfeitamente conhecida: tais são, por exemplo, os ruídos insólitos, o movimento desordenado dos objetos, as cortinas puxadas, as cobertas arrancadas, certas aparições, etc. Algumas pessoas são dotadas de uma faculdade especial que lhes dá o poder de provocarem esse fenômeno, pelo menos em parte, por assim dizer, à vontade. Essa faculdade não é muito rara, e, sobre cem pessoas, cinquenta ao menos a possuem em um grau mais ou menos grande. O que distingue o senhor Home, é que se desenvolveu nele, como nos médiuns de sua força, de um modo, por assim dizer, excepcional. Alguém, não obterá senão golpes leves, ou o deslocamento insignificante de uma mesa, ao passo que sob a influência do senhor Home os ruídos, os mais retumbantes, se fazem ouvir, e todo o mobiliário de um quarto pode ser revirado, os móveis montando uns sobre os outros. Por estranhos que sejam esses fenômenos, o entusiasmo de alguns admiradores, muito zelosos, ainda encontra meios de amplificá-los com fatos de pura invenção. Por outro lado, os detratores não permanecem inativos; contam, sobre ele, toda espécie de chistes que não existiram senão na sua imaginação. Eis aqui um exemplo. M., marquês de..., um dos personagens que tiveram o maior interesse no senhor Home, e em cuja casa era recebido na intimidade, se encontrava um dia na Ópera com este último. Na orquestra estava o senhor P..., um dos nossos assinantes, que os conhecia pessoalmente, um e outro. Seu vizinho entabula conversação com ele; cai sobre o senhor Home. "Acreditaríeis, disse ele, que esse pretendo feiticeiro, esse charlatão, encontrou meios de se introduzir na casa do marquês de...; mas seus artifícios foram descobertos, e foi posto na rua a pontapés, como um vil intrigante. -Estais bem seguro! disse o senhor de P..., e conheceis M., o marquês de». - Certamente, responde o interlocutor. - Nesse caso, disse o senhor de P..., olhai bem naquele camarote, podereis vê-lo em companhia do próprio senhor Home, ao qual não tem o ar de dar pontapés." Neste momento, nosso azarado narrador, não julgando a ocasião favorável para continuar a conversa, tomou seu chapéu e não reapareceu mais. Pode-se julgar, por aí, o valor de certas afirmativas. Seguramente, se certos fatos espalhados pela malevolência fossem reais, ter-lhe-

iam fechado mais de uma porta; mas, como as casas mais honradas, sempre lhe estiveram abertas, disso se deve concluir que ele sempre, e por toda parte, se conduziu como um homem distinto. Aliás, basta ter falado, algumas vezes, com o senhor Home, para ver que com a sua timidez e a simplicidade do seu caráter, seria o mais desajeitado de todos os intrigantes; insistimos nesse ponto pela moralidade da causa. Voltemos às suas manifestações. Sendo o nosso objetivo fazer conhecer a verdade no interesse da ciência, tudo o que relatarmos foi haurido em fontes de tal modo autênticas, que podemos garantir-lhes a mais escrupulosa exatidão; temos testemunhas oculares muito sérias, muito esclarecidas e colocadas muito alto para que a sua sinceridade possa ser posta em dúvida. Se se dissesse que essas pessoas puderam, de boa-fé, serem vítimas de uma ilusão, responderíamos que há circunstâncias que escapam a toda suposição desse gênero; aliás, essas pessoas estavam muito interessadas em conhecerem a verdade, para não se premunirem contra qualquer falsa aparência.

O senhor Home começa, geralmente, suas sessões pelos fatos conhecidos: pancadas em uma mesa ou em qualquer outra parte do apartamento, procedendo como dissemos alhures. Vem, em seguida, o movimento da mesa, que se opera primeiro pela imposição das mãos, só dele ou de várias pessoas reunidas, depois a distância e sem contato; é uma espécie de preparação. Muito freqüentemente, não se obtém nada de mais; isso depende da disposição em que se encontra e, algumas vezes, também da dos assistentes; há tais pessoas diante das quais jamais nada produziu, mesmo sendo seus amigos. Não nos estenderemos sobre esses fenômenos, hoje tão conhecidos, e que não se distinguem senão pela sua rapidez e sua energia. Freqüentemente, após várias oscilações e balanços, a mesa se destaca do solo, se eleva gradualmente, lentamente, por pequenas sacudidelas, não mais do que alguns centímetros, mas até o teto, e fora do alcance das mãos; depois de estar suspensa alguns segundos no espaço, desce como subiu, lentamente, gradualmente. A suspensão de um corpo inerte e de um peso específico incomparavelmente maior do que o do ar, sendo um fato adquirido, concebe-se que pode ocorrer o mesmo com um corpo animado. Não sabemos que o senhor Home tenha operado sobre nenhuma outra pessoa, senão sobre si mesmo, e, ainda, esse fato não se produziu em Paris, mas foi constatado que ocorreu, várias vezes, tanto em Florença como na França, e notadamente em Bordeaux, em presença das mais respeitáveis testemunhas, que poderemos citar, se necessário. Igual à mesa, ele é elevado até o teto, depois desce do mesmo modo. O que há de bizarro nesse fenômeno é que, quando ele se produz, não é por ato de sua vontade, e ele mesmo nos disse que dele não se apercebe, e crê estar sempre no solo, a menos que olhe para baixo; somente as testemunhas o vêem se elevar; quanto a ele, experimenta nesse momento a sensação produzida pela agitação de um navio sobre as ondas. De resto, o fato que narramos não é pessoal ao senhor Home. Deles a história cita mais de um exemplo autêntico, que relataremos ulteriormente.

De todas as manifestações produzidas pelo senhor Home, a mais extraordinária é, sem contradita, a das aparições, por isso nelas insistiremos mais, em razão das graves conseqüências que delas decorrem e da luz que lançam sobre uma multidão de outros fatos. Ocorre o mesmo com sons produzidos no ar, com instrumento de música que tocam sozinhos, etc. Examinaremos esses fenômenos com detalhes em nosso próximo número.

O senhor Home, de retorno de uma viagem à Holanda, onde produziu, na corte e na mais alta sociedade, uma profunda sensação, acaba de partir para a Itália. Sua saúde, gravemente alterada, lhe faz necessário um clima mais ameno.

Confirmamos, com prazer, o que alguns jornais relataram, de um legado de 6.000 francos de renda, que lhe foi feito por uma dama inglesa, convertida por ele à Doutrina Espírita, e em reconhecimento da satisfação que com ele experimentou. O senhor Home merecia, sob todos os aspectos, esse honroso testemunho. Esse ato, da parte de uma doadora, é um precedente

ao qual aplaudiremos, todos os que partilham as nossas convicções; esperemos que, um dia, a Doutrina terá o seu Mecenas: a posteridade inscreverá o seu nome entre os benfeitores da Humanidade. A religião nos ensina a existência da alma e a sua imortalidade; o Espiritismo disso nos dá prova palpável e viva, não mais pelo raciocínio, mas pelos fatos. O materialismo é um dos vícios da sociedade atual, porque engendra o egoísmo. O que há, com efeito, fora do *eu para* quem tudo relaciona com a matéria' e a vida presente? A Doutrina Espírita, intimamente ligada às idéias religiosas, esclarecendo-nos sobre a nossa natureza, nos mostra a felicidade na prática das virtudes evangélicas; lembra o homem quanto aos seus deveres para com Deus, a sociedade e a si mesmo; ajudar a sua propagação é dar um golpe mortal na praga do ceticismo, que nos invade como um mal contagioso; honra, pois, àqueles que empregam, nessa obra, os bens com que Deus os favoreceu na Terra!

O magnetismo e o Espiritismo

Revista Espírita, março de 1858

Quando apareceram os primeiros fenômenos espíritas, algumas pessoas pensaram que essa descoberta (se se pode aplicar-lhe esse nome) iria dar um golpe fatal no Magnetismo, e que ocorreria com ele como com as invenções, das quais as mais aperfeiçoadas fazem esquecer a precedente. Esse erro não tardou em se dissipar, e, prontamente, se reconheceu o parentesco próximo dessas duas ciências. Todas as duas, com efeito, baseadas sobre a existência e a manifestação da alma, longe de se combaterem, podem e devem se prestar um mútuo apoio: elas se completam e se explicam uma pela outra. Seus adeptos respectivos, todavia, diferem em alguns pontos: certos magnetistas (1-(1) O magnetizador é aquele que pratica o magnetismo; magnetista se diz de alguém que lhe adote os princípios. Pode-se ser magnetista sem ser magnetizador; mas não se pode ser magnetizador sem ser magnetista.) não admitem, ainda, a existência, ou pelo menos a manifestação dos Espíritos: crêem poder tudo explicar pela única ação do fluido magnético, opinião que nos limitamos a constatar, reservando-nos discuti-la mais tarde. Nós mesmos a partilhamos no princípio; mas, como tantos outros, devemos nos render à evidência dos fatos. Os adeptos do Espiritismo, ao contrário, são todos partidários do magnetismo; todos admitem a sua ação e reconhecem nos fenômenos sonambúlicos uma manifestação da alma. Essa oposição, de resto, se enfraquece dia a dia, e é fácil prever que não está longe o tempo em que toda distinção terá cessado. Essa diferença de opinião não tem nada que deva surpreender. No início de uma ciência, ainda tão nova, é muito simples que cada um, encarando a coisa sob o seu ponto de vista, dela se tenha formado uma idéia diferente. As ciências, as mais positivas, tiveram, e têm ainda, suas seitas que sustentam com ardor teorias contrárias; os sábios ergueram escolas contra escolas, bandeiras contra bandeiras, e, muito freqüentemente, pela sua dignidade, sua polêmica, torna-se irritante e agressiva pelo amor-próprio melindrado, e desviada dos limites de uma sábia discussão. Esperemos que os sectários do Magnetismo e do Espiritismo, melhor inspirados, não dêem ao mundo o escândalo de discussões muito pouco edificantes, e sempre fatais para a propagação da verdade, de qualquer lado que esteja. Pode-se ter sua opinião, sustentá-la, discuti-la; mas o meio de se esclarecer não é o de se dilacerar, procedimento pouco digno de homens sérios, e que se torna ignóbil se o interesse pessoal está em jogo.

O Magnetismo preparou os caminhos do Espiritismo, e os rápidos progressos dessa última doutrina são, incontestavelmente, devidos à vulgarização das idéias da primeira. Dos fenômenos magnéticos, do sonambulismo e do êxtase, às manifestações espíritas, não há senão um passo; sua conexão é tal que é, por assim dizer, impossível falar de um sem falar do outro. Se devêssemos ficar fora da ciência magnética, nosso quadro estaria incompleto, e se poderia nos comparar a um professor de física que se abstivesse de falar da luz. Todavia, como o Magnetismo já tem entre nós órgãos especiais, justamente autorizados, tornar-se-ia supérfluo cair sobre um assunto tratado com a superioridade do talento e da experiência; dele não falaremos, pois, senão acessoriamente, mas suficientemente para mostrar as relações íntimas das duas ciências que, na realidade, não fazem senão uma.

Devíamos, aos nossos leitores, essa profissão de fé, que terminamos rendendo uma justa homenagem aos homens de convicção que, afrontando o ridículo, os sarcasmos e os dissabores, estão corajosamente devotados à defesa de uma causa toda humanitária. Qualquer que seja a opinião dos contemporâneos sobre a sua conta pessoal, opinião que é sempre, mais ou menos, o reflexo de paixões vivas, a posteridade lhes fará justiça; colocará o nome do barão Du Potet, diretor do *Jornal do Magnetismo*, do senhor Millet, diretor da

União Magnética, ao lado dos seus ilustres predecessores, o marquês de Puységur e o sábio Deleuze. Graças aos seus esforços perseverantes, o Magnetismo, tornado popular, colocou um pé na ciência oficial, onde dele já se fala, em voz baixa. Essa palavra passou para a linguagem usual; ela não espanta mais, e quando alguém se diz magnetizador, não lhe riem mais ao nariz.

Allan Kardec.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Primeiro Ano – 1858

Abril

- [Período psicológico](#)
- [O Espiritismo entre os Druidas](#)
- [A evocação de Espíritos na Abissínia](#)
- [Conversas familiares de além-túmulo - Bemard Palissy - Descrição de Júpiter](#)
- [Méhémet-Ali, antigo paxá do Egito](#)
- [Senhor Home \(terceiro artigo\)](#)
- [Variedades - Calúnias contra o senhor Home](#)

Período psicológico

Revista Espírita, abril de 1858

Se bem que as manifestações espíritas hajam ocorrido em todas as épocas, é incontestável que se produzem hoje de um modo excepcional. Os Espíritos, interrogados sobre esse fato, foram unânimes em sua resposta: "Os tempos, disseram eles, marcados pela Providência, para uma manifestação universal, são chegados. Estão encarregados de dissiparem as trevas da ignorância e os preconceitos; é uma era nova que começa e prepara a regeneração da Humanidade." Esse pensamento se encontra desenvolvido, de um modo notável, em uma carta que recebemos de um dos nossos assinantes, e da qual extraímos a passagem seguinte:

"Cada coisa tem o seu tempo; o período que vem de se escoar, parece ter sido especialmente destinado, pelo Todo-Poderoso, ao progresso das ciências matemáticas e físicas, e, provavelmente, foi tendo em vista dispor os homens aos conhecimentos exatos, que se terá oposto, durante longo tempo, à manifestação dos Espíritos, como se essa manifestação devesse prejudicar o positivismo que pede o estudo das ciências; quis, em uma palavra, habituar o homem a pedir, às ciências de observação, a explicação de todos os fenômenos que deveriam se produzir a seus olhos.

"O período científico parece, hoje, se enfraquecer, e, depois dos progressos imensos que viu se cumprirem, não seria impossível que o novo período, que deve suceder-lhe, fosse consagrado, pelo Criador, às iniciações de ordem psicológica. Na imutável lei de perfectibilidade que colocou para os humanos, que pode fazer depois de havê-los iniciado nas leis físicas do movimento, e lhes haver revelado os motores com os quais muda a face do globo? O homem tem sondado as profundezas mais recuadas do espaço; a marcha dos astros e o movimento geral do Universo nada têm mais de segredo para ele; lê nas camadas geológicas a história da formação do globo; a luz, à sua vontade, se transforma em imagens duradouras; domina o raio; com o vapor e a eletricidade suprime as distâncias, e o pensamento vence o espaço com a rapidez do relâmpago. Chegado a esse ponto culminante, do qual a história da Humanidade não oferece nenhum exemplo, qualquer que tenha podido ser o grau do seu avanço nos séculos recuados, parece-me racional pensar que a ordem psicológica lhe abre uma nova pista no caminho do progresso. É, pelo menos, o que se poderia deduzir dos fatos que se produzem em nossos dias e se repetem por toda parte. Esperemos, pois, que o momento se aproxime, se ainda não chegou, no qual o Todo-Poderoso vai nos iniciar em novas, grandes e sublimes verdades. Cabe a nós compreendê-lo e secundá-lo na obra da regeneração."

Essa carta é do senhor Georges, do qual havíamos falado no nosso primeiro número. Não podemos senão felicitá-lo pelos seus progressos na Doutrina; os conhecimentos elevados que desenvolve mostram que a compreende sob seu verdadeiro ponto de vista; para ele, ela não se resume numa crença nos Espíritos e nas suas manifestações: é toda uma filosofia. Admitimos, como ele, que entramos num período psicológico e achamos as razões que nos dá, perfeitamente racionais, sem crer, no entanto, que o período científico tenha dito a sua última palavra; cremos, ao contrário, que nos reserva muitos outros progressos. Estamos numa época de transição, na qual os dois períodos se confundem.

Os conhecimentos que os Antigos possuíam sobre as manifestações de Espíritos, não seriam um argumento contra a idéia do período psicológico que se prepara. Notemos, com efeito,

que, na antigüidade, esses conhecimentos estavam circunscritos ao círculo estreito dos homens de elite; o povo não tinha, a esse respeito, senão idéias falseadas pelos preconceitos, e desfiguradas pelo charlatanismo dos padres, que se serviam delas como de um meio de dominação. Como dissemos em outra parte, esses conhecimentos jamais se perderam e as manifestações sempre se produziram; mas permaneceram no estado de fatos isolados, sem dúvida porque o tempo para compreendê-los não havia chegado. O que se passa hoje tem um caráter diferente; as manifestações são gerais; elas comovem a sociedade desde a base até o cume. Os Espíritos não ensinam mais nos recintos fechados e misteriosos de um templo inacessível ao vulgo. Esses fatos se passam à luz do dia; falam a todos uma linguagem inteligível por todos; tudo anuncia, pois, uma fase nova para a Humanidade sob o ponto de vista moral.

O Espiritismo entre os Druidas

Revista Espírita, abril de 1858

Sob esse título: *O velho novo*, o senhor Edouard Fournier publicou, no *Século*, há uns dez anos, uma série de artigos tão notáveis, do ponto de vista da erudição, quanto interessantes sob o aspecto histórico. O autor, passando em revista todas as invenções e descobertas modernas, prova que se nosso século tem o mérito da aplicação e do desenvolvimento, não tem, pelo menos para a maioria, o da prioridade. À época em que o senhor Edouard Fournier escrevia o seu folhetim, não havia, ainda, a questão dos Espíritos, sem o que não teria deixado de nos mostrar que tudo o que se passa hoje não é senão uma repetição do que os Antigos sabiam muito bem, e talvez melhor do que nós. E o lastimamos por nossa conta, porque as suas profundas investigações lhe teriam permitido pesquisar a antigüidade mística, como pesquisou-se a antigüidade industrial; fazemos coro para que um dia dirija para esse lado suas laboriosas pesquisas. Quanto a nós, nossas observações pessoais não nos deixam nenhuma dúvida sobre a antigüidade e a universalidade da doutrina que os Espíritos nos ensinam. Essa coincidência entre o que nos dizem hoje e as crenças dos mais recuados tempos, é um fato significativo da mais alta importância. Faremos notar, todavia, que, se encontramos por toda parte traços da Doutrina Espírita, em nenhuma parte a vemos completa: parece haver sido reservado à nossa época coordenar esses fragmentos esparsos entre todos os povos, para chegar à unidade de princípios, no meio de um conjunto mais completo e, sobretudo, mais geral de manifestações, que parecem dar razão ao autor do artigo que citamos mais acima, sobre o período psicológico no qual a Humanidade parece entrar.

A ignorância e os preconceitos, quase por toda parte, desfiguraram essa doutrina, cujos princípios fundamentais estão misturados a práticas supersticiosas de todos os tempos, exploradas para sufocar a razão. Mas sob esse montão de absurdos, germinam as mais sublimes idéias, como sementes preciosas ocultas sob os estorvos, e não esperando senão a luz vivificante do Sol para alçar seu vôo. Nossa geração, mais universalmente esclarecida, descarta os estorvos, mas um tal cultivo não pode se cumprir sem transição. Deixemos, pois, às boas sementes, o tempo de se desenvolverem, e às más ervas o de desaparecerem. A doutrina druídica nos oferece um curioso exemplo do que acabamos de dizer. Essa doutrina, da qual conhecemos somente as práticas exteriores, se elevava, sob certos aspectos, até as mais sublimes verdades; mas essas verdades eram apenas para os seus iniciados: o vulgo, terrorizado pelos sangrentos sacrifícios, colhia com um santo respeito o visgo sagrado do carvalho, e não via senão a fantasmagoria. Isso se poderá julgar pela citação seguinte, extraída de um documento tanto mais precioso quanto é pouco conhecido, e que lança uma luz inteiramente nova sobre a verdadeira teologia de nossos pais.

"Entregamos, à reflexão dos nossos leitores, um texto céltico publicado há pouco e cuja aparição causou uma certa emoção no mundo sábio. É impossível saber, ao certo, quem lhe foi o autor, nem mesmo a que século remonta. Mas, o que é incontestável, é que pertence à tradição dos bardos do país de Galles, e essa origem basta para lhe conferir um valor de primeira ordem.

"Sabe-se, com efeito, que o país de Galles se constitui, ainda em nossos dias, no mais fiel abrigo da nacionalidade gaulesa, que, entre nós, experimentou modificações tão profundas. Apenas roçado pela dominação romana, que aí não toca senão por pouco tempo e fracamente; preservado da invasão dos bárbaros pela energia dos seus habitantes e pelas dificuldades do seu território; submetido, mais tarde, pela dinastia normanda, que deveu, todavia, lhe deixar um certo grau de independência, o nome de Galles, *Gallia*, que sempre ostentou, é um traço

distintivo pelo qual ele se prende, sem descontinuidade, ao período antigo. A língua kymrique, falada outrora em toda a parte setentrional da Gaule, jamais cessou de aí estar em uso, e muitos dos costumes são igualmente gauleses. De todas as influências estrangeiras, a do Cristianismo foi a única que encontrou meio de aí triunfar plenamente; mas não o foi sem muitas dificuldades relativamente à supremacia da Igreja romana, cuja reforma do décimo-sexto século não fez mais do que determinar a queda, desde há muito tempo preparada, nessas regiões cheias de um sentimento indefectível de independência.

"Pode-se mesmo dizer que os druidas, convertendo-se inteiramente ao Cristianismo, não se extinguiram totalmente no país de Galles, como na nossa Bretagne, e em outros países de sangue gaulês. Tiveram, por consequência imediata, uma sociedade muito solidamente constituída, votada principalmente, em aparência, ao culto da poesia nacional, mas que, sob o manto poético, conservou com fidelidade notável a herança intelectual da antiga Gaule: foi a Sociedade bárdica do país de Galles, que, depois de se manter como sociedade secreta durante toda a duração da Idade Média, por uma transmissão oral dos seus monumentos literários e da sua doutrina, à imitação das práticas dos druidas, decidiu, entre o décimo-sexto e o décimo-sétimo século, confiar à escrita as partes mais essenciais dessa herança. Desse fundo, cuja autenticidade está assim atestada por uma cadeia tradicional ininterrupta, procede o texto do qual falamos; e seu valor, em razão dessas circunstâncias, não depende, como se vê, nem da mão que teve o mérito de colocá-lo por escrito, nem da época na qual a sua redação pôde ter adquirido sua última forma. O que nele respira, acima de tudo, é o espírito dos bardos da Idade Média, que, eles mesmos, eram os últimos discípulos dessa corporação sábia e religiosa que, sob o nome de druidas, dominou a Gaule, durante o primeiro período da sua história, quase do mesmo modo que o clero latino durante o da Idade Média.

"Estar-se-ia mesmo privado de toda luz sobre a origem do texto, do qual se trata, se não se o tivesse colocado, bastante claramente, no caminho, em face do seu acordo com as informações que os autores, gregos e latinos, nos deixaram relativamente à doutrina religiosa dos druidas. Esse acordo constitui pontos de solidariedade que não sofrem nenhuma dúvida, porque se apóiam sobre as razões tiradas da própria substância do escrito; e a solidariedade assim demonstrada pelos artigos capitais, os únicos dos quais os Antigos nos falaram, se estende, naturalmente, aos desenvolvimentos secundários. Com efeito, esses desenvolvimentos, penetrados do mesmo espírito, derivam necessariamente da mesma fonte; fazem corpo com o fundo e não podem se explicar senão por ele. E, ao mesmo tempo que remontam, por uma geração tão lógica, aos depositários primitivos da religião druídica, é impossível lhes assinalar algum outro ponto de partida; porque, fora da influência druídica, o país do qual provêm não conheceu senão a influência cristã, que é inteiramente estranha a tais doutrinas.

"Os desenvolvimentos contidos nas tríades, estão mesmo tão perfeitamente fora do Cristianismo que o pouco de emoções cristãs, que escapam aqui e ali, em seu conjunto se distinguem do fundo primitivo à primeira vista. Essas emanações, ingenuamente saídas da consciência dos bardos cristãos, puderam, se assim se pode dizer, se intercalar nos interstícios da tradição, mas não puderam nela se fundir. A análise do texto é, pois, tão simples quanto rigorosa, uma vez que pode se reduzir em se apartar tudo o que traz a marca do Cristianismo, e, uma vez operada a triagem, deve-se considerar como de origem druídica tudo o que ficar visivelmente caracterizado por uma religião diferente da do Evangelho e dos concílios. Assim, para não citar senão o essencial, partindo desse princípio bastante conhecido de que o dogma da caridade, em Deus e nos homens, é tão especial ao Cristianismo quanto o da migração das almas o é ao antigo druidismo, um certo número de tríades, nas quais respire um espírito de amor que a Gaule primitiva jamais conheceu, se trairiam imediatamente como sinais de um caráter comparativamente moderno; ao passo que as outras, animadas por um sopro diferente, deixam ver tanto melhor a marca da alta antiguidade que as distingue.

"Enfim, não é inútil fazer observar que a própria forma do ensinamento contido nas tríades é de

origem druídica. Sabe-se que os druidas tinham uma predileção particular pelo número três, e o empregavam especialmente, assim como no-lo mostram a maioria dos monumentos gauleses, para a transmissão de suas lições que, mediante essa forma precisa, se gravavam mais facilmente na memória. Diogène Laérce nos conservou uma dessas tríades que resume, sucintamente, o conjunto dos deveres do homem para com a Divindade, para com seus semelhantes e para consigo mesmo: "Honrar os seres superiores, não cometer injustiça, e cultivar em si a virtude viril." A literatura dos bardos propagou, até nós, uma multidão de aforismos do mesmo gênero, tocando todos os ramos do saber humano: ciência, história, moral, direito, poesia. Não há de mais interessantes nem de mais próprias para inspirarem grandes reflexões do que aquelas das quais aqui publicamos o texto, segundo a tradução que foi feita pelo senhor Adolphe Pictet.

"Dessa série de tríades, as onze primeiras estão consagradas à exposição dos atributos característicos da Divindade. Foi nessa seção que as influências cristãs, como era fácil de se prever, tiveram maior ação. Se não se pode negar que o druidismo tenha conhecido o princípio da unidade de Deus, pode ser mesmo que, em consequência de sua predileção pelo número ternário, pôde se elevar a conceber, confusamente, alguma coisa da divina triplicidade; todavia, é incontestável de que o que completa essa alta concepção teológica - saber a distinção das pessoas e particularmente da terceira - deveu restar perfeitamente estranho a essa antiga religião. Tudo concorda em provar que os seus sectários estavam muito mais preocupados em estabelecer a liberdade do homem, do que em estabelecer a caridade; e foi mesmo em consequência dessa falsa posição de seu ponto de partida que pereceu. Também parece permitido se relacionar a uma influência cristã, mais ou menos determinada, todo esse início, principalmente a partir da quinta tríade.

"Em seguida aos princípios gerais, relativos à natureza de Deus, o texto passa a expor a constituição do Universo. O conjunto dessa constituição está superiormente formulado em três tríades que, mostrando os seres particulares em uma ordem absolutamente diferente da de Deus, completam a idéia que se deve formar do Ser único e imutável. Sob formas mais explícitas, essas tríades não fazem, de resto, senão o que já se sabia pelos testemunhos dos Antigos, da doutrina sobre a circulação das almas passando, alternativamente, da vida para a morte e da morte para a vida. Pode-se considerá-las como o comentário de um verso célebre da *Pharsale*, na qual o poeta se exclama, dirigindo-se aos sacerdotes da Gaule, que, se o que ensinam é verdadeiro, a morte não é senão o meio de uma longa vida: *Longae vitae mors media est*.

DEUS E O UNIVERSO

I. - Há três unidades primitivas, e de cada uma delas não se poderia ter senão uma só: um Deus, uma verdade, um ponto de liberdade, quer dizer, o ponto onde se encontra o equilíbrio de toda a oposição.

II. - Três coisas procedem de três unidades primitivas: toda vida, todo bem e todo poder.

III. - Deus é, necessariamente, três coisas, a saber: a maior parte da vida, a maior parte da ciência, e a maior parte do poder; e não poderia ter uma maior parte de cada coisa.

IV. - Três coisas que Deus não pode não ser: o que deve constituir o bem perfeito, o que deve querer o bem perfeito, e o que deve cumprir o bem perfeito.

V. - Três garantias daquilo que Deus fez e fará: seu poder infinito, sua sabedoria infinita, seu amor infinito; porque não há nada que não possa ser efetuado, que não possa se tornar

verdadeiro, e que não possa ser desejado por um atributo.

VI. - Três fins principais da obra de Deus, como criador de todas as coisas: diminuir o mal, reforçar o bem, e pôr em evidência toda diferença; de tal sorte que se possa saber o que deve ser, ou, ao contrário, o que não deve ser.

VII. - Três coisas que Deus não pode não conceder: o que há de mais vantajoso, o que há de mais necessário, e o que há de mais belo para cada coisa.

VIII. - Três poderes da existência: não poder ser de outro modo, não ser necessariamente outro, não poder ser melhor pela concepção; e é nisso que está a perfeição de toda coisa.

IX. - Três coisas prevalecerão necessariamente: o supremo poder, a suprema inteligência, e o supremo amor de Deus.

X. - As três grandezas de Deus: vida perfeita, ciência perfeita, poder perfeito.

XI. - Três causas originais dos seres vivos: o amor divino de acordo com a suprema inteligência, a sabedoria suprema pelo conhecimento perfeito de todos os meios, e o poder divino de acordo com a vontade, o amor e a sabedoria de Deus.

OS TRÊS CÍRCULOS

XII. - Há três círculos da existência: o *círculo da região vazia (ceugant)*, onde, exceto Deus, não há nada de vivo, nem de morto, e nenhum ser que Deus não possa atravessá-lo; o *círculo da migração (abred)*, onde todo ser animado procede da morte, e o homem o atravessou; e o *círculo da felicidade (gwynfyd)*, onde todo ser animado procede da vida, e o homem o atravessará no céu.

XIII. - Três estados sucessivos de seres animados: o estado de descida no abismo (*annoufn*), o estado de liberdade na humanidade, e o estado de felicidade no céu.

XIV. - Três fases necessárias de toda existência com relação à vida: o começo em *annoufn*, a transmigração em *abred*, e a plenitude em *gwynfyd*; e sem essas três coisas ninguém pode existir, exceto Deus.

"Assim, em resumo, sobre esse ponto capital da teologia cristã, de que Deus, pelo seu poder criador, tira as almas do nada, as tríades não se pronunciam de modo preciso. Depois de mostrarem Deus em sua esfera eterna e inacessível, mostram simplesmente as almas nascendo no fundo do Universo, no abismo (*annoufn*); daí, essas almas passam no círculo de migrações (*abred*), onde seu destino se determina através de uma série de existências, conforme o uso bom ou mau que fizerem da sua liberdade; enfim, elas se elevam ao círculo supremo (*gwynfyd*), onde as migrações cessam, onde não se morre mais, onde a vida se passa doravante na felicidade, conservando em tudo sua atividade perpétua e a plena consciência da sua individualidade. É preciso, para isso, com efeito, que o druidismo caia no erro das teologias orientais, que conduzem o homem a se absorverem finalmente no seio imutável da Divindade; porque distingue, ao contrário, um círculo especial, o círculo do vazio ou do infinito (*ceugant*), que forma o privilégio incomunicável do Ser supremo, e no qual nenhum ser, qualquer que seja o seu grau de santidade, jamais é admitido penetrar. É o ponto mais elevado da religião, porque marca o limite colocado ao vôo das criaturas.

"O traço mais característico dessa teologia, se bem que seja um traço puramente negativo, consiste na ausência de um círculo particular, tal qual o Tártaro da antigüidade paga, destinado à punição sem fim das almas criminosas. Entre os druidas, o inferno propriamente dito não existe. *A distribuição dos castigos se efetua, aos seus olhos, no círculo das migrações pelo compromisso das almas em condições de existência mais ou menos infelizes, onde, sempre senhoras da sua liberdade, expiam suas faltas pelo sofrimento, e se dispõem, pela reforma dos seus vícios, a um futuro melhor.* Em certos casos, pode mesmo ocorrer que as almas retrocedam até aquela região de *annoufn*, onde tomam nascimento, e à qual não parece muito possível dar outra significação que a da animalidade. Por esse lado perigoso (a retrogradação), e que nada justifica, uma vez que a diversidade das condições de existência no círculo da humanidade, basta perfeitamente à penalidade de todos os graus, o druidismo teria, pois, chegado a deslizar até à metempsicose. Mas esse extremismo deplorável, *ao qual não conduz nenhuma necessidade da doutrina do desenvolvimento das almas pelo caminho de migrações,* parece, como se julgará pela seqüência das tríades relativas ao regime do círculo de *abred*, não ter ocupado, no sistema da religião, senão um lugar secundário.

"À parte algumas obscuridades, que se prendem talvez às dificuldades de uma língua cujas profundezas metafísicas não nos são ainda bem conhecidas, as declarações das tríades, tocando as condições inerentes ao círculo de *abred*, derramam as mais vivas luzes sobre o conjunto da religião druídica. Nela se sente respirar o sopro de uma originalidade superior. O mistério que oferece à nossa inteligência o espetáculo da nossa existência presente, nela toma um jeito singular que não se vê em nenhuma parte, e se diria que um grande véu se rasgando, adiante e atrás da vida, a alma se sente, de repente, nadar, com uma força inesperada, através de uma extensão indefinida que, em seu cativeiro entre as portas espessas do nascimento e da morte, ela não era capaz de suportar por si mesma. A qualquer julgamento que se detenha, sobre a verdade dessa doutrina, não se pode deixar de convir que não seja uma doutrina poderosa; e, refletindo no efeito que devia, inevitavelmente, produzir sobre as almas inocentes tais aberturas sobre a sua origem e o seu destino, é fácil se dar conta da imensa influência que os druidas, naturalmente, haviam adquirido sobre os espíritos de nossos pais. No meio das trevas da antigüidade, esses ministros sacros não podiam deixar de aparecer, aos olhos das populações, como os reveladores do céu e da terra.

"Eis o texto notável, do qual se trata:

O CÍRCULO DE ABRED

XV. - Três coisas necessárias no círculo de *abred*: o menor grau possível de toda a vida, e daí seu começo; a matéria de todas as coisas, e daí o crescimento progressivo, o qual não pode se operar senão no estado de necessidade; e a formação de todas as coisas da morte, e daí a debilidade das existências.

XVI. - Três coisas nas quais todo ser vivo participa, necessariamente, pela justiça de Deus: o socorro de Deus em *abred*, porque sem isso ninguém não poderia conhecer nenhuma coisa; o privilégio de ter parte no amor de Deus; e o acordo com Deus quanto ao cumprimento pelo poder de Deus, tanto quanto for justo e misericordioso.

XVII. - Três causas da necessidade do círculo de *abred*: o desenvolvimento da substância material de todo ser animado; o desenvolvimento do conhecimento de toda coisa; e o desenvolvimento da força moral para superar todo contrário e *Cythraul* (o mau Espírito) e para se livrar de *Droug* (o mal). E sem essa transição de cada estado de vida, não poderia isso ter cumprimento por nenhum ser.

XVIII. - Três calamidades primitivas de *abred*: a necessidade, a ausência de memória, e a morte.

XIX. - Três condições necessárias para se chegar à plenitude da ciência: transmigrar em *abred*, transmigrar em *gwynfyd*, e recordar-se de todas as coisas passadas, até em *annoufn*.

XX. - Três coisas indispensáveis no círculo de *abred*: a transgressão da lei, porque isso não pode ser de outro modo; libertação pela morte, diante de *Droug* e *Cythraul*; o crescimento da vida e do bem pelo afastamento de *Droug* na libertação da morte; e isso pelo amor de Deus que abarca todas as coisas.

XXI. - Três meios eficazes de Deus em *abred*, para dominar *Droug* e *Cythraul* e superar sua oposição com relação ao círculo de *gwynfyd*: a necessidade, a perda da memória e a morte.

XXII. - Três coisas são primitivamente contemporâneas: o homem, a liberdade e a luz.

XXIII. - Três coisas necessárias para o triunfo do homem sobre o mal: a firmeza contra a dor, a transformação, a liberdade de escolher; e com o poder que tem o homem de escolher, não se pode saber, antecipadamente, com certeza onde irá.

XXIV. - Três alternativas oferecidas ao homem: *abred* e *gwynfyd*, necessidade e liberdade, mal e bem; o todo em equilíbrio, o homem pode, à vontade, se ligar a um ou ao outro.

XXV. - Por três coisas o homem cai sob a necessidade de *abred*: pela ausência de esforço até o conhecimento, pelo desapego ao bem, pelo apego ao mal. Em consequência dessas coisas, desce em *abred* até seu análogo, e recomeça o curso da sua transmigração.

XXVI. - Por três coisas o homem desce de novo, necessariamente, em *abred*, se bem que, a todo outro respeito esteja ligado ao que é bom: pelo orgulho, cai até *annoufn*: pela falsidade, até o ponto de demérito equivalente, e pela crueldade, até o grau correspondente de animalidade. Daí transmigra de novo para a humanidade, como antes.

XXVII. - As três coisas principais para se obter no estado de humanidade: a ciência, o amor, a força moral, no mais alto grau possível de desenvolvimento, antes que sobrevenha a morte. Isso não pode ser obtido anteriormente ao estado de humanidade, e não pode ser senão pelo privilégio da liberdade e da escolha. Essas três coisas são chamadas de três vitórias.

XXVIII. - Há três vitórias sobre *Croug* e *Cythraul*: a ciência, o amor, e a força moral; porque o saber, o querer e o poder, cumprem o que quer que seja em sua conexão com as coisas. Essas três vitórias começam na condição de humanidade e continuam eternamente.

XXIX. - Três privilégios da condição do homem: o equilíbrio do bem e do mal, e daí a faculdade de comparar; a liberdade na escolha, e daí o julgamento e a preferência; e o desenvolvimento da força moral, em consequência do julgamento, e daí a preferência. Essas três coisas são necessárias para cumprir o que quer que seja.

"Assim, em resumo, o início dos seres no seio do Universo ocorre no ponto mais baixo da escala da vida; e se não é levar muito longe as consequências da declaração contida na vigésima-sexta tríada, pode-se conjecturar que, na doutrina druídica, esse ponto inicial está considerado como situado no abismo confuso e misterioso da animalidade. Daí, por consequência, desde a própria origem da história da alma, há necessidade lógica do progresso, uma vez que os seres não estão destinados por Deus para demorarem numa condição tão baixa e tão obscura. Entretanto, nos estágios inferiores do Universo, esse progresso não se desenrola seguindo uma linha

contínua; essa longa existência, nascida tão baixo para se elevar tão alto, se quebra em fragmentos, solidários no fundo da sua sucessão, mas do qual, graças ao defeito de memória, a misteriosa solidariedade escapa, ao menos por um tempo, à consciência do indivíduo. São as interrupções periódicas no curso secular da vida, que constituem o que chamamos a morte; de sorte que a morte e o nascimento que, por uma consideração superficial, formam acontecimentos tão diferentes, não são, em realidade, senão as duas faces do mesmo fenômeno, uma voltando para o período que se acaba, a outra para o período que se segue.

"Desde então a morte, considerada em si mesma, não é, pois, uma calamidade verdadeira, mas um benefício de Deus, que, rompendo os hábitos muito estreitos que havíamos contraído com nossa vida presente, nos transporta em novas condições e dá lugar, por aí, para nos elevarmos mais livremente a novos progressos.

"Do mesmo modo que a morte, a perda de memória que a acompanha não deve ser tomada não mais que por um benefício. É uma conseqüência do primeiro ponto; porque se a alma, no curso dessa longa vida, conservasse claramente essas lembranças de um período a outro, a interrupção não seria mais do que accidental, e não haveria, propriamente dito, nem morte, nem nascimento, uma vez que esses dois acontecimentos perderiam, desde então, o cará ter absoluto que os distingue e faz a sua força. E mesmo, não parece difícil perceber diretamente, tomando o ponto de vista dessa teologia, em que a perda da memória, no que toca aos períodos passados, pode ser considerada como um benefício relativamente ao homem, em sua condição presente; porque se esses períodos passados, como a posição atual do homem em um mundo de sofrimento se lhe torna a prova, foram infelizmente manchados de erros e de crimes, causa primeira das misérias e das expiações de hoje, é, evidentemente, uma vantagem para a alma de se encontrar descarregada da visão duma tão grande multidão de faltas e, ao mesmo tempo, de remorsos muito acabrunhantes que delas se originam. Não o obrigando a um arrependimento formal senão relativamente às culpas da sua vida atual, compadecendo-se, assim, de sua fraqueza, Deus lhe concede, efetivamente, uma grande graça.

"Enfim, segundo esse mesmo modo de considerar o mistério da vida, as necessidades de todas as naturezas às quais estamos sujeitos neste mundo, e que, desde o nosso nascimento, determinam, por uma sentença por assim dizer fatal, a forma da nossa existência no presente período, constituem um último benefício tão bastante sensível quanto os outros dois; porque são, em definitivo, essas necessidades que dão, à nossa vida, o caráter que melhor convém às nossas expiações e às nossas provas e, por conseguinte, ao nosso desenvolvimento moral; e são também essas mesmas necessidades, seja de nossa organização física, seja de circunstâncias exteriores ao meio no qual estamos colocados, que, em nos conduzindo forçosamente ao termo da morte, nos conduzem, por isso mesmo, à nossa suprema libertação. Em resumo, como dizem as tríades em sua enérgica concisão, está aí todo o conjunto e as três calamidades primitivas, e os três meios eficazes de Deus em *abred*.

"Entretanto, mediante qual conduta a alma se eleva, realmente, nesta vida, e merece alcançar, depois da morte, um mundo superior de existência? A resposta que o Cristianismo dá a essa questão fundamental é conhecida de todos: é sob a condição de desfazer, em si, o egoísmo e o orgulho, de desenvolver, na intimidade da sua substância, as forças da humildade e da caridade, únicas eficazes, únicas meritórias diante de Deus: Bem-aventurados os brandos, disse o Evangelho, bem-aventurados os humildes! A resposta do druidismo é bem diferente, e contrasta claramente com esta. Segundo suas lições, a alma se eleva na escala das existências sob a condição de fortificar, pelo seu trabalho, sobre ela mesma, sua própria personalidade, e é um resultado que ela obtém naturalmente, pelo desenvolvimento da força do caráter junto ao desenvolvimento do saber. É o que exprime a vigésima-quinta tríade, que declara que a alma cai na necessidade de transmigrações, quer dizer, em vidas confusas e mortais, não somente pela manutenção de más paixões, mas pelo hábito da frouxidão no cumprimento de ações justas, pela falta de firmeza na adesão ao que prescreve a consciência, em uma palavra, pela

fraqueza de caráter; além desse defeito de virtude moral, a alma está ainda retida, em seu vôo para o céu, por falta do aperfeiçoamento do Espírito. A iluminação intelectual, necessária para a plenitude da felicidade, não se opera simplesmente, na alma bem-aventurada, por uma irradiação nela, do alto, toda gratuita; ela não se produz na vida celeste se a alma, ela mesma, não soube fazer esforços nesta vida para adquiri-la. Também a tríade não fala unicamente da falta de saber, mas da falta de esforços para saber, o que é, no fundo, como para a precedente virtude, um preceito de atividade e de movimento.

"Em verdade, nas tríades seguintes, a caridade se encontra recomendada, no mesmo título que a ciência e a força moral; mas aqui ainda, como ao que toca à natureza divina, a influência do Cristianismo é sensível. É a ele, e não à forte mas dura religião dos nossos pais, que pertence a pregação e a intronização, no mundo, da lei da caridade em Deus e no homem; e se essa lei brilha nas tríades, é por uma aliança com o Evangelho, ou, por melhor dizer, por um feliz aperfeiçoamento da teologia dos druidas pela ação da dos apóstolos, e não por uma tradição primitiva. Retiremos esse divino raio, e teremos, na sua rude grandeza, a moral da Gaule, moral que pôde produzir, na ordem do heroísmo e da ciência, poderosas personalidades, mas que não soube uni-las entre si com a multidão dos humildes (1). (1) Extraído do *Magasin pittoresque*, 1857.

A Doutrina Espírita não consiste somente na crença das manifestações dos Espíritos, mas em tudo o que nos ensinam sobre a natureza e o destino da alma. Se, pois, se quiser se reportar aos preceitos contidos em *O Livro dos Espíritos*, onde se encontra formulado todo o seu ensinamento, impressionar-se-á com a identidade de alguns princípios fundamentais com os da doutrina druídica, dos quais um dos mais salientes e sem contradita, é o da reencarnação. Nos três círculos, nos três estados sucessivos dos seres animados, encontramos todas as fases que apresenta a nossa escala espírita. O que é, com efeito, o círculo de *abred* ou da *migração*, senão as duas ordens de Espíritos que se depuram em suas existências sucessivas? No círculo de *gwynfyd*, o homem não transmigra mais, goza da suprema felicidade. Não é a primeira ordem da escala, a dos Espíritos que, tendo cumprido todas as provas, não têm mais necessidade de encanação e gozam da vida eterna? Anotemos, ainda, que, segundo a doutrina druídica, o homem conserva o seu livre arbítrio; se eleva gradualmente pela sua vontade, sua perfeição progressiva e as provas que suporta, de *annoufn* ou abismo, até a perfeita felicidade em *gwynfyd*, com a diferença, no entanto, de que o druidismo admite o retorno possível nas classes inferiores, ao passo que, segundo o Espiritismo, o Espírito pode permanecer estacionário, mas não pode degenerar. Para completar a analogia, teríamos que acrescentar à nossa escala, abaixo da terceira ordem, o círculo de *annoufn*, por caracterizar o abismo ou origem, desconhecida das almas, e, acima da primeira ordem, o círculo de *ceugant*, morada de Deus, inacessível às criaturas. O quadro seguinte torna essa comparação mais sensível.

ESCALA ESPÍRITA

ESCALA ESPÍRITA				ESCALA DRUÍDICA	
				<i>Ceugant</i>	Morada de Deus
1ª Ordem	1ª classe	Puros Espíritos (Sem reencarnação)		<i>Gwynlyd</i>	Morada dos Bem-Aventurados. Vida Eterna
2ª Ordem Bons Espíritos	2ª classe	Espíritos Superiores	Depuram-se e se elevam pelas provas	<i>Abred</i>	Círculos das migrações ou das diferentes existências corporais que as
	3ª classe	Espíritos Sábios			
	4ª classe	Espíritos Cultos			
	5ª classe	Espíritos Benevolentes			

3ª Ordem Espíritos Imperfeitos	6ª classe	Espíritos Neutros	da reencarnação	almas percorrem para chegarem de <i>Annoufn em Gwynlyd</i>
	7ª classe	Espíritos Pseudo-sábios		
	8ª classe	Espíritos Levianos		
	9ª classe	Espíritos Impuros		
			<i>Annoufn</i>	abismo; ponto de partida das almas.

A evocação de Espíritos na Abissínia

Revista Espírita, abril de 1858

James Bruce, em seu *Voyage aux sources du Nil*, em 1768, conta o que segue a respeito de Gingiro, pequeno reino situado na parte meridional da Abissínia, a leste do reino de Adel. Trata-se de dois embaixadores que Socínios, rei da Abissínia, envia ao papa, por volta de 1625, e que deviam atravessar o Gingiro.

"Foi, então, necessário, diz Bruce, advertir o rei de Gingiro da chegada da caravana e lhe pedir audiência; mas ele se encontrava, nesse momento, ocupado com uma operação de magia, sem a qual esse soberano não ousa jamais começar nada.

"O reino de Gingiro pode ser considerado como o primeiro, dessa parte da África, onde foi estabelecida a estranha prática de predizer o futuro pela *evocação de Espíritos*, e por uma comunicação direta com o diabo.

"O rei de Gingiro acha que devia deixar decorrer oito dias antes de admitir, em audiência, o embaixador e seu acompanhante, o jesuíta Fernandez. Em consequência, no nono dia, estes receberam a permissão de irem à corte, onde chegam na mesma tarde.

"Nada se faz, no país de Gingiro, sem o socorro da magia. Vê-se, por aí, o quanto a razão humana se encontra degradada, a algumas léguas de distância. Que não venham mais nos dizer que se deve atribuir essa fraqueza à ignorância ou ao calor do clima. Por que um clima quente induziria os homens a se tornarem mágicos antes que não o faria um clima frio? Por que a ignorância aumentaria o poder do homem ao ponto de fazê-lo transpor os limites da inteligência comum, e lhe dar a faculdade de corresponder com uma nova ordem de seres, habitantes de um outro mundo? Os Etíopes, que cercam quase toda a Abissínia, são mais negros do que os Gingiranos; seu país é mais quente, e são, como eles, indígenas no lugar que habitam desde o começo dos séculos; entretanto, não adoram o diabo, nem pretendem ter nenhuma comunicação com ele; não sacrificam homens em seus altares; enfim, não se encontra, entre eles, nenhum traço dessa revoltante atrocidade.

"Nas partes da África que têm uma comunicação aberta com o mar, o comércio de escravos é um uso desde os mais recuados séculos; mas o rei de Gingiro, cujos Estados se acham situados quase no centro do continente, sacrifica ao diabo os escravos que não pode vender ao homem. É aí que começa esse horrível costume de derramar o sangue humano em todas as solenidades. Ignoro, disse o senhor Bruce, até onde se estende no meio da África, mas olho Gingiro como o limite geográfico do reino do diabo do canto setentrional da Península."

Se o senhor Bruce tivesse visto isso do qual somos testemunhas hoje, não acharia nada espantoso na prática de evocações em uso em Gingiro. Não vê senão uma crença supersticiosa, ao passo que nós nisso encontramos a causa de fatos de manifestações, falsamente interpretadas, que puderam se produzir lá como alhures. O papel que a credulidade fez o diabo desempenhar aqui, nada tem de surpreendente. Primeiro, há que se anotar que, todos os povos bárbaros atribuem, à uma força malfazeja, os fenômenos que não

podem explicar. Em segundo lugar, um povo bastante atrasado para sacrificar seres humanos, não pode muito atrair para si Espíritos superiores. A natureza dos que o visitam não pode, pois, senão confirmá-lo em sua crença. É preciso considerar, por outro lado, que os povos dessa parte da África conservaram um grande número de tradições judaicas misturadas, mais tarde, com algumas idéias informes do Cristianismo, fonte da qual, em consequência da sua ignorância, não hauriram senão a doutrina do diabo e dos demônios.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, abril de 1858

Bernard Palissy (9 de março de 1858).

DESCRIÇÃO DE JÚPITER

nota. - Sabíamos, por evocações anteriores, que Bernard Palissy, o célebre oleiro do sexto século, habita Júpiter. As respostas seguintes confirmam, em todos os pontos, o que nos foi dito, sobre esse planeta, em diversas épocas, por outros Espíritos, e por intermédio de diferentes médiuns. Pensamos que serão lidas com interesse, como complemento do quadro que traçamos em nosso último número. A identidade que elas apresentam com as descrições anteriores, é um fato notável que é, pelo menos, uma presunção de exatidão.

1. Onde te encontraste, deixando a Terra? - R. Nela ainda habitei.
2. Em que condições estavas? - R. Sob os traços de uma mulher, amante e devotada; não era senão uma missão.
3. Essa missão durou muito tempo? - R. Trinta anos.
4. Lembras do nome dessa mulher? - R. É obscuro.
5. A estima que se tem por tuas obras, te satisfaz, e isso compensa os sofrimentos que suportaste? - R. Que me importam as obras materiais de minhas mãos! *O que me importa é o sofrimento que me elevou.*
6. Com qual objetivo traçaste, pela mão do senhor Victorien Sardou, os admiráveis desenhos que nos deste sobre o planeta Júpiter, que tu habitas? - R. Com o objetivo de inspirar o desejo de vos tornardes melhores.
7. Uma vez que voltas sempre sobre a nossa Terra, que habitaste diversas vezes, deves conhecer bastante o seu estado físico e moral para estabelecer uma comparação entre ela e Júpiter; rogamos, pois, consentir em nos esclarecer sobre diversos pontos. - R. Sobre vosso globo, não venho senão em Espírito; o Espírito não tem mais sensações materiais.

ESTADO FÍSICO DO GLOBO

8. Pode-se comparar a temperatura de Júpiter com a de uma de nossas latitudes? - R. Não; ela é branda e temperada; sempre igual, e a vossa varia. Lembrai-vos os campos Ellysées que vos foi descrito.

9. O quadro que os Antigos nos deram dos campos Elysées seria o resultado do conhecimento intuitivo que tinham de um mundo superior, tal qual Júpiter, por exemplo? - R. Do conhecimento positivo; a evocação permaneceu nas mãos dos sacerdotes.

10. A temperatura varia segundo as latitudes, como aqui? - R. Não.

11. Segundo os nossos cálculos, o Sol deve aparecer aos habitantes de Júpiter sob um ângulo muito pequeno, e dar-lhe, por conseqüência, pouca luz. Podes nos dizer se a intensidade da luz é igual a da Terra, ou se é menos forte? -- R. Júpiter está cercado de uma espécie de luz espiritual, em relação com a essência dos seus habitantes. A luz grosseira do vosso Sol não foi feita para eles.

12. Há uma atmosfera? - R. Sim.

13. A atmosfera é formada dos mesmos elementos da atmosfera terrestre? - R. Não; os homens não são os mesmos; suas necessidades mudaram.

14. Há água e mares? - R. Sim.

15. A água é formada dos mesmos elementos da nossa? - R. Mais etéreos.

16. Há vulcões? - R. Não; nosso globo não é atormentado como o vosso; a natureza não teve suas grandes crises; é uma morada de bem-aventurados. A matéria nele mal se toca.

17. As plantas têm analogia com as nossas? - R. Sim, porém mais belas.

ESTADO FÍSICO DOS HABITANTES

18. A conformação do corpo dos habitantes tem relação com a nossa? - R. Sim, é a mesma.

19. Podes nos dar uma idéia do seu talhe, comparado ao dos habitantes da Terra? - R. Grandes e bem proporcionados. Maiores do que os maiores dos vossos homens. O corpo do homem é como a marca do seu espírito: belo onde ele é bom; o envoltório é digno dele; não é mais uma prisão.

20. Os corpos ali são opacos, diáfanos ou translúcidos? - R. Há de uns e de outros. Uns têm tal propriedade, os outros tal outra, segundo sua destinação.

21. Concebemos isso para os corpos inertes, mas nossa questão é relativa aos corpos humanos. - R. O corpo envolve o Espírito sem escondê-lo, como um véu leve lançado sobre uma estátua. Nos mundos inferiores, o envoltório grosseiro oculta o Espírito aos seus semelhantes; mas os bons nada têm a esconder: podem ler no coração uns dos outros. Que seria isso se fosse assim nesse mundo!

22. Há sexos diferentes? - R. Sim; há por toda parte onde a matéria exista; é uma lei da matéria.

23. Qual é a base da alimentação dos habitantes? É animal e vegetal como aqui? - R.

Puramente vegetal; o homem é o protetor

dos animais.

24. Foi-nos dito que haurem uma parte da sua alimentação no meio ambiente, do qual aspiram as emanções; isso é exato? - R. Sim.

25. A duração da vida, comparada à nossa, é mais longa ou mais curta? - R. Mais longa.

26. De quanto tempo é a vida média? - R. Como medir o tempo?

27. Não podes tomar um dos nossos séculos por termo de comparação? - R. Creio que em torno de cinco séculos.

28. O desenvolvimento da infância é proporcionalmente mais rápido do que entre nós? - R. O homem conserva a sua superioridade; a infância não comprime a sua inteligência, a velhice não a extingue.

29. Os homens estão sujeitos a doenças? - R. Não estão sujeitos aos vossos males.

30. A vida se divide entre a vigília e o sono? - R. Entre a ação e o repouso.

31. Poderias nos dar uma idéia das diversas ocupações dos homens? - R. Seria preciso dizer muito. Sua principal ocupação é encorajar os Espíritos que habitam os mundos inferiores a perseverarem no bom caminho. Não tendo infortúnio a aliviar entre eles, vão procurar onde se sofre; são os bons Espíritos que vos sustentam e vos atraem ao bom caminho.

32. Ali se cultivam certas artes? - R. São inúteis. Vossas artes são futilidades que distraem vossas dores.

33. A densidade específica do corpo do homem, lhe permite transportar-se, de um lugar ao outro, sem permanecer, como aqui, atado ao solo? - R. Sim.

34. Experimenta-se o dissabor e o desgosto da vida? - R. Não; o desgosto da vida não vem senão do desprezo de si mesmo.

35. Sendo os corpos dos habitantes de Júpiter menos densos do que os nossos, são formado de matéria compactada e condensada ou vaporosa? - R. Compacta para nós; mas para vós ela não o seria; é menos condensada.

36. O corpo, considerado como forma de matéria, é impenetrável? - R. Sim.

37. Os habitantes têm uma linguagem articulada como nós? -R. Não; há, entre eles, comunicação de pensamentos.

38. A segunda vista é, como se nos disse, uma faculdade normal e permanente entre vós? - R. Sim; o Espírito não tem mais entraves; nada está oculto para ele.

39. Se nada está oculto para o Espírito, conhece, pois, o futuro? (queremos falar dos Espíritos encarnados em Júpiter) - R. O conhecimento do futuro depende da perfeição do Espírito; tem menos inconvenientes para nós do que para vós; é-nos mesmo necessário, até um certo ponto, para o cumprimento de missões que temos a cumprir; mas dizer que conhecemos o futuro sem restrições, seria nos colocar na mesma posição que Deus.

40. Podeis revelar tudo o que sabeis do futuro? - R. Não; esperai até que tenhais merecido sabê-lo.

41. Comunicai-vos mais facilmente do que nós com os outros Espíritos? - R. Sim! sempre: a matéria não está mais entre eles e nós.

42. A morte inspira o horror e o pavor que causa entre nós? - R. Por que seria ela apavorante? O mal não existe mais entre nós. Só o mau vê o seu último momento com pavor; ele teme seu juiz.

43. Em que se tomam os habitantes de Júpiter depois da morte? - R. Crescem sempre em perfeição sem mais suportar provas.

44. Não há, em Júpiter, Espíritos que se submetem a provas para cumprirem uma missão? - R. Sim, mas isso não é mais uma prova; só o amor ao bem leva-os a sofrer.

45. Podem falir em sua missão? - R. Não, uma vez que são bons; não há fraqueza senão onde há defeito.

46. Poderias nomear-nos alguns Espíritos, habitantes de Júpiter, que cumpriram uma grande missão na Terra? - R. São Luís.

47. Poderias nomear-nos outros? - R. Que vos importa! Há missões desconhecidas que não têm por objetivo senão a felicidade de um só; estas são, por vezes, maiores: são as mais dolorosas.

OS ANIMAIS

48. Os corpos dos animais são mais materiais do que os dos homens? - R. Sim; o homem é o rei, o deus terrestre.

49. Entre os animais há os carniceiros? - R. Os animais não se despedaçam entre si; todos vivem submissos ao homem, amando-se mutuamente.

50. Mas há animais que escapam à ação do homem, como os insetos, os peixes, os pássaros? - R. Não; todos lhe são úteis.

51. Foi-nos dito que os animais são os servidores e operários que executam os trabalhos materiais, construindo as casas, etc.; isso é verdade? - R. Sim; o homem não se rebaixa mais servindo seu semelhante.

52. Os animais servidores são ligados a uma pessoa ou a uma família, ou são tomados e

trocados à vontade, como aqui? -R. Todos são ligados a uma família particular; mudais por achar melhor.

53. Os animais servidores, ali, estão num estado de escravidão ou de liberdade; são uma propriedade, ou podem mudar de senhor à vontade? - R. Estão no estado de submissão.

54. Os animais trabalhadores recebem uma remuneração qualquer por seus esforços? - R. Não.

55. Desenvolvem-se as faculdades dos animais por uma espécie de educação? - R. Eles o fazem por si mesmos.

56. Os animais têm uma linguagem mais precisa e mais caracterizada do que a dos animais terrestres? - R. Certamente.

ESTADO MORAL DOS HABITANTES

57. As casas, das quais nos deste uma amostra por seus desenhos, estão reunidas em cidades, como aqui? - R. Sim; os que se amam se reúnem; só as paixões fazem solidão ao redor do homem. Se o homem, ainda que mau, procura seu semelhante, que não é para ele senão um instrumento de dor, por que o homem puro e virtuoso fugiria do seu irmão?

58. Os Espíritos são iguais ou de diferentes graus? - R. De diferentes graus, mas de uma mesma ordem.

59. Rogamos consentir reportar-te à escala espírita que demos no segundo número da *Revista*, e nos dizer a qual ordem pertencem os Espíritos encarnados em Júpiter? - R. Todos bons, todos superiores; o bem desce, algumas vezes, no mal; mas o mal jamais se mistura ao bem.

60. Os habitantes formam diferentes povos, como na Terra? -R. Sim; mas todos unidos entre si por laços de amor.

61. Assim sendo, as guerras ali são desconhecidas? - R. Pergunta inútil.

62. O homem poderá chegar, na Terra, a um bastante grande grau de perfeição, para abster-se de guerras? - R. Seguramente chegará; a guerra desaparece com o egoísmo dos povos e à medida que compreendem melhor a fraternidade.

63. Os povos são governados por chefes? - R. Sim.

64. Em que consiste a autoridade dos chefes? - R. No grau superior de perfeição.

65. Em que consistem a superioridade e a inferioridade dos Espíritos em Júpiter, uma vez que são todos bons? - R. Têm mais ou menos de conhecimentos e de experiência; se depuram em se esclarecendo.

66. Há, como na Terra, povos mais avançados do que os outros? - R. Não; mas nos povos há

diferentes graus.

67. Se o povo mais avançado da Terra se visse transportado para Júpiter, que categoria nele ocuparia? - R. A classe dos macacos entre vós.

68. Os povos são governados por leis? - R. Sim.

69. Há leis penais? - R. Não há mais crime.

70. Quem faz as leis? - R. Deus as fez.

71. Há ricos e pobres, quer dizer, homens que têm abundância e o supérfluo, e outros a quem falta o necessário? - R. Não; todos são irmãos; se um tiver mais do que outro, ele partilhará; mas não se alegraria quando seu irmão desejasse.

72. Segundo isso, as fortunas ali seriam iguais para todos? - R. Eu não disse que todos eram ricos no mesmo grau; perguntastes se há os que têm o supérfluo e outros a quem falta o necessário.

73. Essas duas respostas nos parecem contraditórias; rogamos concordá-las. - R. A ninguém falta o necessário; ninguém tem o supérfluo, quer dizer que a fortuna de cada um está em relação com a sua condição. Estais satisfeitos?

74. Compreendemos agora; mas perguntaremos, ainda, se aquele que tem o menos não é infeliz relativamente àquele que tem o mais? - R. Não pode ser infeliz, desde que não é nem invejoso, nem ciumento. A inveja e o ciúme fazem mais infelizes do que a miséria.

75. Em que consiste a riqueza em Júpiter? - R. Que vos importa!

76. Há desigualdades de posições sociais? - R. Sim.

77. Em que são fundadas? - R. Nas leis da sociedade. Uns são mais ou menos avançados na perfeição. Aqueles que são superiores têm, sobre os outros, uma espécie de autoridade, como um pai sobre os filhos.

78. Desenvolvem-se as faculdades do homem pela educação? - R. Sim.

79. O homem pode adquirir bastante perfeição na Terra, para merecer passar imediatamente para Júpiter? - R. Sim, mas o homem, na Terra, está submetido a imperfeições para que esteja em relação com seus semelhantes.

80. Quando um Espírito que deixa a Terra deve ser reencarnado em Júpiter, fica errante durante algum tempo antes de ter achado o corpo ao qual deve se unir? - R. Fica durante um certo tempo, até que esteja liberto de suas imperfeições terrestres.

81. Há várias religiões? - R. Não; todos professam o bem, e todos adoram um único Deus.

82. Há templos e um culto? - R. Por templo há o coração do homem; por culto o bem que ele faz.

Méhémet-Ali, antigo paxá do Egito

Revista Espírita, abril de 1858

(16 de março de 1858).

1. Que vos animou a atender o nosso apelo? - R. Para vos instruir.
 2. Estais contrariado por estar vindo entre nós, e responder às perguntas que desejamos vos endereçar? - R. Não; as que tiverem por objetivo a vossa instrução, eu consinto.
 3. Que prova podeis nos dar da vossa identidade, e como poderemos saber que não é um outro Espírito que toma vosso nome? - R. De que isso serviria?
 4. Sabemos por experiência que Espíritos inferiores, freqüentemente, ostentam nomes supostos, e foi por isso que fizemos esse pedido. - R. Eles ostentam também as provas; mas o Espírito que toma uma máscara se revela, também ele mesmo, por suas palavras.
 5. Sob qual forma e em qual lugar estais entre nós? - R. Sob a que leva o nome de Méhémet-Ali, perto de Ermance.
 6. Estaríeis satisfeito se vos cedêssemos um lugar especial? - R. Sobre a cadeira vazia.
- Nota.* Havia, perto dali, uma cadeira vazia à qual não se havia prestado atenção.
7. Tendes uma lembrança precisa da vossa última existência corporal? - R. Não a tenho ainda precisa; a morte deixou-me a sua perturbação.
 8. Sois feliz? - R. Não; infeliz.
 9. Sois errante ou reencarnado? - R. Errante.
 10. Lembrai-vos o que foste antes de vossa última existência? - R. Era pobre na Terra; invejei as grandezas terrestres; subi para sofrer.
 11. Se pudésseis renascer na Terra, que condições escolheríeis de preferência? - R. Obscura; os deveres são menores.
 12. Que pensais agora da posição que ocupastes em último lugar na Terra? - R. Vaidade do nada! Quis conduzir homens; soubesse eu conduzir a mim mesmo!
 13. Diz-se que a vossa razão esteve alterada, desde há algum tempo; isso é verdade? - R. Não.

14. A opinião pública aprecia o que fizestes pela civilização do Egito, e vos coloca na posição dos maiores príncipes. Com isso, experimentais satisfação? - R. Que me importa! A opinião dos homens é o vento do deserto que levanta a poeira.
15. Vedes com prazer vossos descendentes caminharem na mesma senda, e vos interessais por seus esforços? - R. Sim, uma vez que têm por objetivo o bem comum.
16. Reprovam-se-vos, no entanto, atos de uma grande crueldade: deles vos arrependeis agora? - R. Eu os expio.
17. Vedes aqueles que haveis feito massacrar? - R. Sim.
18. Que sentimentos experimentam por vós? - R. O ódio e a piedade.
19. Desde que haveis deixado esta vida, revistes o sultão Mahmoud? - R. Sim; em vão fugimos um do outro.
20. Qual sentimento experimentais, um pelo outro, agora? - R. A aversão.
21. Qual é a vossa posição atual sobre as penas e as recompensas que nos esperam depois da morte? - R. A expiação é justa.
22. Qual foi o maior obstáculo que tivestes de combater para o cumprimento dos vossos objetivos progressistas? - R. Eu reinava sobre escravos.
23. Pensais que se o povo que governastes fosse cristão, teria sido menos rebelde à civilização? - R. Sim; a religião cristã eleva a alma; a religião muçulmana não fala senão à matéria.
24. Quando vivo, vossa fé na religião muçulmana era absoluta? - R. Não; eu acreditava num Deus maior.
25. Que pensais disso agora? - R. Ela não faz os homens.
26. Maomé tinha, segundo vós, uma missão divina? - R. Sim, mas que a prejudicou.
27. Em que a prejudicou? - R. Quis reinar.
28. Que pensais de Jesus? - R. Este veio de Deus.
29. Qual dos dois, Jesus ou Maomé, que, segundo vós, tem feito mais para a felicidade da Humanidade? - R. Por que o perguntais? Que povo Maomé regenerou? A religião cristã saiu pura das mãos de Deus; a religião maometana é a obra de um homem.
30. Credes uma dessas duas religiões destinada a se apagar de sobre a Terra? - R. O homem progride sempre; a melhor permanecerá.
31. Que pensais da poligamia, consagrada pela religião maometana? - R. É um dos laços que

retêm na barbárie os povos que a professam.

32. Credes que a submissão da mulher esteja segundo os objetivos de Deus? - R. Não; a mulher é igual ao homem, uma vez que o Espírito não tem sexo.

33. Diz-se que o povo árabe não pode ser conduzido senão com rigor, não credes que os maus tratos o embrutecem mais do que o submetem? - R. Sim; é o destino do homem; ele se avilta quando é escravo.

34. Poderíeis nos reportar aos tempos da antigüidade, quando o antigo Egito estava florescente, e nos dizer quais foram as causas da sua decadência moral? - R. A corrupção dos costumes.

35. Parece que fazeis pouco caso dos monumentos históricos que cobrem o solo do Egito; não compreendemos essa indiferença da parte de um príncipe amigo do progresso. - R. Que importa o passado! O presente não o substituiria.

36. Consentiríeis em vos explicar mais claramente? - R. Sim; não seria preciso lembrar ao antigo Egito degradado um passado muito brilhante: não o teria compreendido. Desdenhei o que me pareceu inútil; não poderia me enganar?

37. Os sacerdotes do antigo Egito tinham conhecimento da Doutrina Espírita? - R. Era a deles.

38. Recebiam manifestações? - R. Sim.

39. As manifestações que obtinham os sacerdotes egípcios tinham a mesma fonte das que Moisés obtinha? - R. Sim, ele foi iniciado por aqueles.

40. Por que as manifestações de Moisés eram mais poderosas o que as dos sacerdotes egípcios? - R. Moisés queria revelar; os sacerdotes egípcios não tendiam senão a ocultar.

41. Pensais que a doutrina dos sacerdotes Egípcios tinha qualquer relação com a dos Indianos? - R. Sim; todas as religiões mães estão ligadas entre si por laços quase invisíveis; decorrem de uma mesma fonte.

42. Qual é, das duas religiões, a dos Egípcios e a dos Indianos,

que é a mãe da outra? - R. Elas são irmãs.

43. Como ocorre que vós, em vossa vida tão pouco esclarecido sobre estas questões, possa respondê-las com tanta profundidade? - R. Em outras existências as aprendi.

44. No estado errante, em que estais agora, tendes, pois, pleno conhecimento das vossas existências anteriores? - R. Sim, salvo da última.

45. Haveis, pois, vivido no tempo dos Faraós? - R. Sim; três vezes vivi sobre o solo egípcio: sacerdote, mendigo e príncipe.

46. Sob qual reinado fostes sacerdote? - R. É tão antigo! O príncipe era vosso Sesostris.

47. Pareceria, segundo isso, que não progredistes, uma vez que

expiais, agora, os erros da vossa última existência? - R. Sim, progredi lentamente; era eu perfeito para ser sacerdote?

48. Foi porque fostes sacerdote naquele tempo, que pudestes nos falar, com conhecimento de causa, da antiga religião dos Egípcios? - R. Sim; mas não sou bastante perfeito para tudo saber; outros lêem no livro do passado como num livro aberto.

49. Poderíeis nos dar uma explicação sobre o motivo da construção das pirâmides? - R. É muito tarde.

(nota - Eram quase onze horas da noite.)

50. Não vos faremos mais do que essa pergunta; consenti em respondê-la, eu vos peço. - R. Não, é muito tarde, essa pergunta conduzirá a outras.

51. Teríeis a bondade de nos responder numa outra ocasião? -R. Eu não me comprometo.

52. Nós vos agradecemos, nada obstante, pela complacência com a qual consentistes em responder às nossas perguntas. - R. Bem! Eu voltarei.

O Senhor Home

Revista Espírita, abril de 1858

(Terceiro artigo. - Ver os números de fevereiro e março de 1858.)

Não é do nosso conhecimento que o senhor Home haja feito aparecer, pelo menos visível para todo o mundo, outras partes do corpo senão as mãos. Cita-se, todavia, um general morto na Criméia, que teria aparecido, à sua viúva, visível só para ela; mas não estivemos no caso de constatar a realidade do fato em que se refere, sobretudo, à intervenção do senhor Home, nessa circunstância. Limitamo-nos àquilo que podemos afirmar. Por que as mãos antes que os pés ou uma cabeça? É o que ignoramos, e o que ele mesmo ignora. Os Espíritos, interrogados a esse respeito, responderam que outros médiuns poderiam fazer aparecer a totalidade do corpo; de resto, não está aí o ponto mais importante; se apenas as mãos aparecerem, as outras partes do corpo não serão menos patentes, como se verá dentro em pouco.

A aparição de mão se manifesta, geralmente, em primeiro lugar, sobre a toalha da mesa, por ondulações que produz, percorrendo toda a superfície; depois, se mostra sobre a borda da toalha que ergue; algumas vezes,, vem se colocar sobre a toalha, no meio da própria mesa; freqüentemente, toma um objeto que coloca debaixo.

Essa mão, visível para todo o mundo, não é vaporosa, nem translúcida; tem a cor e a opacidade naturais; no punho, termina pelo vago. Se é tocada com precaução, confiança e sem preconceito hostil, ela oferece a resistência, a solidez e a impressão de mão viva; seu calor é suave, úmido, e comparável ao de um pombo morto há cerca de meia hora. Não é inerte, porque se agita, se presta aos movimentos que se lhe imprimem, ou resiste, vos acaricia ou vos aperta. Se, ao contrário, quereis tomá-la bruscamente e de surpresa, não tocais senão o vazio. Uma testemunha ocular nos contou o fato seguinte, que lhe é pessoal. Ele tinha, entre os seus dedos, uma campainha de mesa; uma mão, primeiro invisível, depois perfeitamente aparente, veio tomá-la, fazendo esforços para a arrancar; não podendo conseguir, passa por cima para fazê-la escorregar; o esforço de tração era tão sensível como se fora mão humana; tendo querido tomar vivamente essa mão, a sua não encontra senão o ar; tendo afastado os dedos, a campainha fica suspensa no espaço e vem, lentamente, pousar no assoalho.

Algumas vezes há várias mãos. A mesma testemunha nos relatou o fato seguinte. Várias pessoas estavam reunidas ao redor de uma dessas mesas de sala de jantar que se separam em duas. Golpes são dados; a mesa se agita, se abre por si mesma, e, através da fenda, aparecem três mãos, uma de tamanho natural, outra muito grande, e uma terceira toda velada; se tocadas, se apalpadadas, vos apertam, depois se esvanecem. Na casa de um dos nossos amigos, que tinha perdido uma criança em tenra idade, foi a mão de uma criança recém-nascida que apareceu; todo mundo pôde vê-la e tocá-la; essa criança se coloca sobre sua mãe, que sente, distintamente, a impressão de todo o corpo sobre seus joelhos.

Freqüentemente, a mão vem pousar sobre vós, a vedes, ou, se não a vedes, sentis a pressão dos dedos; algumas vezes, vos acaricia, de outras vezes vos belisca até causar dor. O senhor Home, em presença de várias pessoas, sentiu assim agarrar o punho, e os assistentes puderam ver a pele puxada. Um instante depois, sentiu morder, e a marca da impressão de

dois dentes foi visivelmente assinalada durante mais de uma hora.

A mão que aparece pode também escrever. Algumas vezes, se coloca no meio da mesa, toma o lápis e traça alguns caracteres sobre o papel colocado para esse fim. O mais freqüentemente, leva o papel para sob a mesa e o traz todo escrito. Se a mão se mantém invisível, a escrita parece produzir-se toda sozinha. Obtém-se, por esse meio, resposta a diversas perguntas que se lhe podem dirigir.

Um outro gênero de manifestações, não menos notável, mas que se explica pelo que acabamos de dizer, é o de instrumentos de música tocando sozinhos. Comumente, são pianos ou acordeons. Nessa circunstância, vêem-se distintamente as teclas se agitarem e o fole se mover. A mão que toca é ora visível, ora invisível; a música que se faz ouvir, pode ser uma música conhecida, executada a pedido que se lhe faça. Se o artista invisível é deixado por si mesmo, produz acordes harmoniosos, cujo conjunto lembra a vaga e a suave melodia da harpa eólica. Na casa de um dos nossos assinantes, onde esses fenômenos se produziram muitas vezes, o Espírito, que assim se manifestava, era o de um jovem morto desde há algum tempo e amigo da família, e que, quando vivo, tinha um notável talento como músico; a natureza das músicas que fazia ouvir de preferência, não poderia deixar nenhuma dúvida quanto à sua identidade, para as pessoas que o haviam conhecido.

O fato mais extraordinário, nesse gênero de manifestações, não é, no nosso entender, o da aparição. Se essa aparição fosse sempre aeriforme, concordaria com a natureza etérea que atribuímos aos Espíritos; ora, nada se oporia a que essa matéria etérea se tornasse perceptível, à nossa visão, por uma espécie de condensação, sem perder sua propriedade vaporosa. O que há de mais estranho é a solidificação dessa mesma matéria, bastante resistente para deixar uma impressão visível sobre os nossos órgãos. Daremos, no próximo número, a explicação desse singular fenômeno conforme o ensinamento dos próprios Espíritos. Hoje, limitar-nos-emos em dele deduzir uma consequência relativa ao toque espontâneo dos instrumentos de música. Com efeito, desde que a tangibilidade temporária dessa matéria etérea é um fato adquirido, que nesse estado uma mão, aparente ou não, oferece bastante resistência para fazer uma pressão sobre os corpos sólidos, não há nada de espantoso em que possa exercer uma pressão suficiente para fazer mover as teclas de um instrumento. De outra parte, fatos não menos positivos provam que essa mão pertence a um ser inteligente; nada tem de espantoso que essa inteligência se manifeste por sons musicais, como pode fazê-lo pela escrita ou pelo desenho. Uma vez se entrando nessa ordem de idéias, as pancadas, o movimento dos objetos e todos os fenômenos espíritas de ordem material se explicam muito naturalmente.

Variedades - Calúnias contra o senhor Home

Revista Espírita, abril de 1858

A malevolência, em certos indivíduos, não conhece limites; a calúnia tem sempre que vir para quem se eleve acima da multidão. Os adversários do senhor Home acharam a arma do ridículo muito fraca; deveria, com efeito, se enfraquecer contra os nomes honoráveis que o cobrem com a sua proteção. Não podendo, pois, fazer rir às suas custas, quiseram denegri-lo. Difundiou-se o boato, adivinha-se com qual objetivo, e as más línguas a repetir, que o senhor Home não havia partido para a Itália, como se havia anunciado, mas que estava oculto em Mazas sob o peso das mais graves acusações, que se lhe formulam em chistes, dos quais os desocupados e os amadores do escândalo estão sempre ávidos. Podemos afirmar que não há uma palavra de verdade em todas essas maquinações infernais. Temos, sob os olhos, várias cartas do senhor Home, datadas de Piza, de Roma, e de Nápoles, onde está neste momento, e estamos prontos para darmos a prova do que afirmamos. Os Espíritos têm muita razão em dizerem que os verdadeiros demônios estão entre os homens.

Lê-se num jornal: "Segundo a *Gazette des Hôpitaux*, contam-se, neste momento, no hospital de alienados de Zurique, 25 pessoas que perderam a razão graças às mesas girantes e aos Espíritos batedores."

Perguntaremos, primeiro, se está bem averiguado que esses 25 alienados devem *toda a* perda da sua razão aos Espíritos batedores, o que é, pelo menos, contestável, até haver prova autêntica. Supondo que esses estranhos fenômenos hajam podido impressionar, deploravelmente, certos caracteres fracos, perguntaremos, por outro lado, se o medo do diabo não fez mais loucos do que a crença nos Espíritos. Ora, como não se impedirá, aos Espíritos, de baterem, o perigo está na crença de que todos os que se manifestam são demônios. Afastada essa idéia, fazendo conhecer a verdade, disso não se terá mais medo do que aos fogos fátuos; a idéia de se estar assediado pelo diabo está bem feita para perturbar a razão. Eis, de resto, a contrapartida do artigo acima: "Existe um curioso documento estatístico, de funestas conseqüências, de que encanta, ao povo inglês, o hábito da intemperança e de bebidas fortes. Sobre 100 indivíduos admitidos no hospício de loucos de Hamwel, há 72 cuja alienação mental deve ser atribuída à embriaguez."

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Primeiro Ano – 1858

Maio

- [Teoria das manifestações físicas \(primeiro artigo\)](#)
- [O Espírito batedor de Bergzabem \(primeiro artigo\)](#)
- [Considerações sobre o Espírito batedor de Bergzabem](#)
- [O orgulho, por São Luís](#)
- [Problemas morais: Sobre a riqueza e a avareza](#)
- [As metades eternas](#)
- [Conversas familiares de além-túmulo – Mozart](#)
- [O espírito e os herdeiros](#)
- [Confissões de Luis XI; sua morte \(segundo artigo\)](#)
- [Variedades - O falso Home de Lyon](#)
- [Manifestações no hospital de Saintes](#)
- [Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)

Teoria das manifestações físicas

Revista Espírita, maio de 1858

A influência moral dos Espíritos, as relações que podem ter com a nossa alma, ou o Espírito encarnado em nós, se concebem facilmente. Compreende-se que dois seres da mesma natureza possam se comunicar pelo pensamento, que é um dos seus atributos, sem auxílio dos órgãos da palavra; mas o que é mais difícil de compreender são os efeitos materiais que podem produzir, tais como os ruídos, o movimento dos corpos sólidos, as aparições e, sobretudo, as aparições tangíveis. Vamos ensaiar dar-lhes a explicação, segundo os próprios Espíritos, e segundo a observação dos fatos.

A idéia que se forma da natureza dos Espíritos toma, à primeira vista, esses fenômenos incompreensíveis. O Espírito, diz-se, é a ausência de toda matéria, portanto, não pode agir materialmente; ora, aí está o erro. Os Espíritos, interrogados sobre a questão de se saber se são imateriais, responderam isto: "*Imaterial* não é a palavra, porque o Espírito é alguma coisa, de outro modo seria o nada. É, se o quereis, da matéria, mas uma matéria de tal modo etérea, que é, para vós, como se não existisse." Assim, o Espírito não é, como alguns o crêem, uma abstração, é um ser, mas cuja natureza íntima escapa aos nossos sentidos grosseiros.

Esse Espírito encarnado no corpo constitui a alma; quando o deixa, na morte, não sai despojado de todo o envoltório. Todos nos dizem que conservam a forma que tinham quando vivos, e, com efeito, quando nos aparecem, geralmente, é sob a que nós os conhecemos.

Observemo-los, atentamente, no momento em que acabam de deixar a vida; estão num estado de perturbação; tudo é confuso arredor deles; vêem seu corpo são ou mutilado, segundo o gênero de morte; por outro lado, se vêem e se sentem viver; alguma coisa lhes diz que esse corpo é o seu, e não compreendem que dele estejam separados: o laço que os unia não está, pois, ainda, inteiramente rompido.

Uma vez dissipado esse primeiro momento de perturbação, o corpo se toma para eles uma roupa velha, da qual se despojaram e que não lamentam, mas continuam a se ver sob a sua forma primitiva; ora, isto não é um sistema: é o resultado de observações feitas sobre inumeráveis sujeitos. Que se deseje, agora, referir-se ao que contamos de certas manifestações produzidas pelo senhor Home e outros médiuns desse gênero: mãos aparecem, que têm todas as propriedades de mãos vivas, que são tocadas, que vos agarram, e que, de repente, se esvanecem. Que devemos disso concluir? É que a alma não deixa tudo na sepultura e que leva alguma coisa consigo.

Haveria, assim, em nós, duas espécies de matéria: uma grosseira, que constitui o envoltório exterior, outra sutil e indestrutível. A morte é a destruição, ou melhor, a desagregação da primeira, da que a alma abandona; a outra se libera e segue a alma que acha, desse modo, ter sempre um envoltório; é o que chamamos *perispírito*. Essa matéria sutil, extraída, por assim dizer, de todas as partes do corpo ao qual estava ligada durante a vida, dele conserva a impressão; ora, eis por que os Espíritos se vêem e por que nos aparecem tais quais eram quando vivos. Mas essa matéria sutil não tem a tenacidade, nem a rigidez da matéria compacta do corpo; ela é, se assim podemos nos expressar, flexível e expansível; por isso a forma que toma, se bem que calcada sobre a do corpo, não é absoluta; ela se dobra à

vontade do Espírito, que pode dar-lhe tal ou tal aparência, à sua vontade, ao passo que o envoltório sólido oferece-lhe uma resistência intransponível; desembaraçado desse entrave que o comprimia, o perispírito se estende ou se retrai, se transforma, em uma palavra, se presta a todas as metamorfoses, segundo a vontade que age sobre ele.

A observação prova - e insistimos nessa palavra observação, porque toda a nossa teoria é a consequência de fatos estudados -, que a matéria sutil, que constitui o segundo envoltório do Espírito, não se liberta senão pouco a pouco, e não instantaneamente, do corpo. Assim, os laços que unem a alma e o corpo não são subitamente rompidos pela morte; ora, o estado de perturbação que observamos, subsiste durante todo o tempo em que se opera o desligamento; o Espírito não recobra a inteira liberdade de suas faculdades e a consciência clara de si mesmo, senão quando seu desligamento se completa.

A experiência prova, ainda, que a duração desse desligamento varia segundo os indivíduos. Em alguns se opera em três ou quatro dias, ao passo que, em outros, não está inteiramente realizada ao cabo de vários meses. Assim, a destruição do corpo, a decomposição pútrica, não bastam para operar a separação; por isso, certos Espíritos dizem: Sinto que os vermes me roem.

Em algumas pessoas, a separação começa antes da morte; são as que, em vida, se elevaram, pelo pensamento e a pureza de seus sentimentos, acima das coisas materiais; a morte não acha mais do que fracos laços entre a alma e o corpo, e esses laços se rompem quase instantaneamente. Quanto mais o homem viveu materialmente, quanto mais absorveu seus pensamentos nos gozos e nas preocupações da personalidade, tanto mais esses laços são tenazes; parece que a matéria sutil esteja identificada com a matéria compacta, e que haja entre elas coesão molecular; eis por que elas não se separam senão lenta e dificilmente.

Nos primeiros instantes que se seguem à morte, quando ainda há união entre o corpo e o perispírito, este conserva bem melhor a impressão da forma material, da qual reflete, por assim dizer, todas as nuances, e mesmo todos os acidentes. Eis por que um supliciado nos disse poucos dias depois de sua execução: Se pudésseis me ver, ver-me-íeis com a cabeça separada do tronco. Um homem que morrera assassinado nos disse: Vede a chaga que se me fez no coração. Acreditava que poderíamos vê-lo.

Essas considerações nos conduzirão a examinar a interessante questão da sensação dos Espíritos e de seus sofrimentos; fá-lo-emos em um outro artigo, querendo nos limitar aqui ao estudo das manifestações físicas.

Representemo-nos, pois, o Espírito revestido de seu envoltório semi-material ou perispírito, tendo a forma ou *aparência* que tinha quando vivo. Alguns se servem mesmo dessa expressão para se designarem; dizem: Minha aparência está em tal lugar. Evidentemente, estão aí os manes dos Antigos. A matéria desse envoltório é bastante sutil para escapar à nossa visão em seu estado normal; mas não é, por isso, absolutamente invisível. Nós a vemos, primeiro, pelos olhos da alma, nas visões que se produzem durante os sonhos; mas não é disso que vamos nos ocupar. Pode ocorrer, nessa matéria etérea, tal modificação, o Espírito, ele mesmo, pode fazê-la sofrer uma espécie de condensação, que a torna perceptível aos olhos do corpo; é o que ocorre nas aparições vaporosas. A sutileza dessa matéria lhe permite atravessar corpos sólidos; eis por que essas aparições não encontram obstáculos, e por que se esvanecem, freqüentemente, através das paredes.

A condensação pode chegar ao ponto de produzir a resistência e a tangibilidade; é o caso das mãos que são vistas e que são tocadas; mas essa condensação (é a única palavra da qual

podemos nos servir para exprimir nosso pensamento, embora a expressão não seja perfeitamente exata), essa condensação, dizíamos, ou melhor, essa solidificação da matéria etérea, não estando no seu estado normal, não é senão temporária ou accidental; eis por que essas aparições tangíveis, num dado momento, nos escapam como uma sombra. Assim, do mesmo modo que vemos um corpo se nos apresentar no estado sólido, líquido ou gasoso, segundo seu grau de condensação, de igual modo a matéria etérea do perispírito pode apresentar-se-nos no estado sólido, vaporoso visível ou vaporoso invisível. Veremos, a seguir, como se opera essa modificação.

A mão, aparentemente tangível, oferece uma resistência; exerce uma pressão; deixa marcas, opera uma tração sobre os objetos que temos; há nela, pois, uma força. Ora, esses fatos, que não são hipóteses, podem nos colocar no caminho das manifestações físicas.

Anotemos, primeiro, que essa mão obedece a uma inteligência, uma vez que age espontaneamente, que dá sinais inequívocos de vontade, e que obedece ao pensamento; pertence, pois, a um ser completo, que não nos mostra senão essa parte dele mesmo, e o que o prova, é que causa impressão com as partes invisíveis, que os dentes deixaram a impressão sobre a pele e fizeram sentir dor.

Entre as diferentes manifestações, uma das mais interessantes, sem contradita, é a do toque espontâneo de instrumentos de música. Os pianos e os acordeons parecem ser, para esse efeito, os instrumentos prediletos. O fenômeno se explica muito naturalmente por aquilo que precede. A mão que tem a força para agarrar um objeto pode muito bem ter a de se apoiar sobre as teclas para fazê-las ressoar, aliás, viram-se várias vezes os dedos da mão em ação, e quando não se vê a mão, vêem-se as teclas se agitarem e o fole se abrir e fechar. Essas teclas não podem estar sendo movidas senão por mão invisível, a qual dá prova de inteligência fazendo ouvir, não sons incoerentes, mas músicas perfeitamente ritmadas.

Uma vez que essa mão pode nos cravar as unhas na carne, nos beliscar, nos arrancar o que está em nossos dedos; uma vez que a vemos agarrar e transportar um objeto como nós mesmos o faríamos» ela pode muito bem dar golpes, erguer e virar uma mesa, agitar uma campainha, puxar cortinas, até mesmo dar uma bofetada oculta.

Perguntar-se-á, sem dúvida, como essa mão pode ter a mesma força no estado vaporoso invisível quanto no estado tangível. E por que não? Vemos o ar que tomba edifícios, o gás que lança um projétil, a eletricidade que transmite sinais, o fluido do Imã que ergue as massas? Por que a matéria etérea do perispírito seria menos possante? Mas não vamos querer submetê-la às nossas experiências de laboratório e às nossas fórmulas algébricas; não vamos, sobretudo, porque tomamos o gás por termo de comparação, supor-lhe propriedades idênticas e calcular essa força como calculamos a do vapor. Até o presente, ela escapa a todos os nossos instrumentos; é uma nova ordem de idéias que não resulta de ciências exatas; eis por que essas ciências não dão aptidão especial para apreciá-las.

Não damos essa teoria do movimento dos corpos sólidos, sob a influência dos Espíritos, senão para mostrar a questão sob todos os seus aspectos, e provar que, sem sair muito das idéias recebidas, pode-se conhecer a ação dos Espíritos sobre a matéria inerte; mas há uma outra, de alta importância filosófica, dada pelos próprios Espíritos, e que lança sobre essa questão uma luz inteiramente nova; será compreendida melhor depois de a termos lido; aliás, é útil conhecer todos os sistemas, a fim de poder comparar.

Resta agora, pois, explicar como se opera essa modificação da substância etérea do perispírito; por qual procedimento o Espírito opera, e, como consequência, o papel do

médiuns na influência física para a produção desses fenômenos; o que se passa com eles, nessa circunstância, a causa e a natureza da sua faculdade, etc. É o que faremos num próximo artigo.

O Espírito batedor de Bergzabem

Revista Espírita, maio de 1858

Nós já havíamos ouvido falar de certos fenômenos espíritas que fizeram muito ruído em 1852, na Bavière renana, nas proximidades de Spire, e sabíamos que um relato autêntico deles havia sido publicado numa brochura alemã. Depois de pesquisas, por longo tempo infrutíferas, uma senhora, entre os nossos assinantes de Alsace, e que manifestou, nessa circunstância, um zelo e uma perseverança da qual lhe somos infinitamente reconhecidos, conseguiu, enfim, adquirir para si essa brochura, que fez o obséquio de nos endereçar. Damos-lhe a tradução *in extenso*, será lida, sem dúvida, com tanto mais interesse por ser, entre tantas outras, uma prova a mais de que fatos desse gênero são de todos os tempos e de todos os países, visto que estes, dos quais tratamos, se passaram numa época em que apenas se começava a falar dos Espíritos.

PREFÁCIO

Um acontecimento estranho e, desde há vários meses, o assunto de todas as conversas de nossa cidade e dos arredores. Queremos falar do *Batedor*, como é chamado, da casa do alfaiate Pierre Sanger.

Até então, nos abstivemos de qualquer narração, em nosso jornal (*Journal de Bergzabern*) sobre as manifestações que se produziram nessa casa desde o dia 1^o de janeiro de 1852; como, porém, despertaram a atenção geral, a tal ponto que as autoridades creram dever pedir ao doutor Beutner uma explicação a esse respeito, e que o doutor Dupping, de Spire, se postou mesmo sobre os lugares para observar os fatos, não podemos adiar por mais tempo em comunicá-las ao público.

Nossos leitores não esperem de nós um julgamento sobre a questão, no qual ficaríamos muito embaraçados; deixamos esse encargo àqueles que, pela natureza dos seus estudos e da sua posição, estão mais aptos a se pronunciarem, o que, aliás, farão sem dificuldade se chegarem a descobrir a causa desses efeitos. Quanto a nós, limitar-nos-emos à narração dos fatos, principalmente daqueles dos quais fomos testemunhas, ou que temos de pessoas dignas de fé, deixando ao leitor formar a sua opinião.

F.-A. Blanck,
Redator do *Journal de Bergzabem*.

Maio de 1852

No dia 1^o de janeiro deste ano (1852), a família Pierre Sanger, de Bergzabem, ouviu na casa que habitava, e num quarto vizinho do qual ficava comumente, como um martelamento que começava primeiro por golpes surdos, parecendo virem de longe, que se tornavam depois mais fortes e mais e mais marcantes. Esses golpes pareciam ser dados sobre a parede, junto à qual estava colocada a cama onde dormia seu filho, com a idade de onze anos. Habitualmente, era entre nove horas e meia e dez horas e meia que o ruído se fazia ouvir. O casal Sanger primeiro não lhes deu atenção, mas, como essa singularidade se renovava a

cada noite, pensaram que isso podia provir da casa vizinha, onde um enfermo se divertia, à guisa de passatempo, em bater o tambor na parede. Logo se convenceu que esse enfermo não existia e não podia ser a causa desse ruído. Removeu-se o solo do quarto, derrubou-se a parede, mas sem resultado. A cama foi transportada para o lado oposto do quarto; então, coisa espantosa, foi desse lado que o ruído ocorreu, e logo que a criança adormecia. Estava claro que a criança estava, de algum modo, na manifestação do ruído, e se supôs, depois que todas as pesquisas da polícia nada descobriram, que esse fato deveria ser atribuído a uma enfermidade da criança ou uma particularidade de sua conformação. Todavia, nada, até então, veio confirmar essa suposição. É, ainda, um enigma para os médicos.

No entanto, a coisa não faz senão desenvolver-se; o ruído se prolonga além de uma hora e as pancadas têm mais força. A criança foi mudada de quarto e de cama, o batedor se manifesta nesse novo quarto, sob o leito, no leito e na parede. As pancadas não eram idênticas; eram ora fortes, ora fracas e isoladas, ora, enfim, se sucediam rapidamente, e segundo o ritmo de marchas militares e de danças.

A criança ocupava, há alguns dias, o acima mencionado quarto, quando se nota que, durante o sono, emitia palavras breves, incoerentes. As palavras tomam-se logo mais distintas e mais inteligentes; parecia que a criança se entrelinha com um outro ser, sobre o qual tinha a autoridade. Entre os fatos que se produziam cada dia, o autor desta brochura narrará um do qual foi testemunha: Estava a criança em sua cama, deitada sobre o lado esquerdo. Apenas adormeceu, os golpes começaram e ela se pôs a falar da espécie: "Tu, tu, bate uma marcha" . E o batedor bate uma marcha, bastante parecida com uma marcha bávara. À ordem de "Alto!" da criança, o batedor pára. A criança diz então: "Bate três, seis, nove vezes", e o batedor executa a ordem. Sob uma nova ordem de bater 19 golpes, 20 golpes se fizeram ouvir, a criança sonolenta diz: "Não está bem, foram 20 golpes," e logo 19 golpes foram contados. Em seguida, a criança pede 30 pancadas; ouvem-se 30 golpes. "100 pancadas." Não se pôde contar senão até 40, tão rapidamente se sucediam as pancadas. Ao último golpe a criança disse: "Muito bem; agora 110." Aqui não se pôde contar senão até perto de 50. Ao último golpe, o dorminhoco disse: "Não é isso, não foram senão 106," e logo 4 pancadas se fizeram ouvir para completarem o número de 110. O menino pede em seguida: "Mil!" Não foram dados senão 15 golpes. "Bem, vamos!" Ocorreram, ainda, 5 pancadas e o batedor se detém. Veio, então, na idéia dos assistentes, comandarem, eles mesmos, o batedor, que executa as ordens que lhe dão. Ele silenciava à ordem de "Alto! Silêncio! Sossega!" Depois, por si mesmo e sem ordem, começava a bater. Um dos assistentes disse, baixinho, em um canto do quarto, que queria mandar, unicamente pelo pensamento, que golpeasse 6 vezes. O experimentador se coloca, então, diante da cama e não diz uma única palavra: ouvem-se 6 pancadas. Mandam-se, ainda pelo pensamento, 4 golpes: quatro pancadas foram dadas. A mesma experiência foi tentada por outras pessoas, que não se saíram bem. Logo o rapaz estende os membros, afasta a coberta e se levanta.

Quando se lhe perguntou o que havia ocorrido, respondeu ter visto um homem grande e com cara de mau, que se mantinha diante da sua cama e lhe comprimia os joelhos. Acrescentou que sentia dor nos joelhos, quando esse homem batia. A criança dormiu de novo e as mesmas manifestações se reproduziram até o momento em que o relógio do quarto soou onze horas. De repente, o batedor se calou, a criança entrou num sono tranquilo, que se reconheceu pela regularidade da respiração, e nessa noite nada mais se fez ouvir. Notamos que o batedor batia, sob a ordem que recebia, marchas militares. Várias pessoas afirmam que, quando se pedia uma marcha russa, austríaca ou francesa, ela era batida com exatidão.

No dia 25 de fevereiro, estando dormindo, o menino disse: "Não queres mais bater agora, queres raspar, muito bem! quero ver como o farás." E, com efeito, no dia seguinte, 26, em lugar de pancadas, ouve-se uma raspadura que parecia vir da cama, e que está se

manifestando até este dia. Os golpes se misturaram à raspadura, ora alternadamente, ora simultaneamente, de tal modo que, nas músicas de marcha ou de dança, a raspadura faz a primeira parte, e os golpes a segunda. De acordo com o pedido, a hora do dia, a idade das pessoas presentes são indicadas por raspadura ou golpes secos. Com respeito à idade das pessoas, algumas vezes havia erro; mas era retificado na 2^a ou 3^a vez, quando se lhe dizia que o número de golpes não era exato. Muitas vezes, em lugar de responder executa uma marcha.

A linguagem da criança, durante o sono, torna-se, dia a dia, mais perfeita. O que não eram primeiro senão simples palavras, ou ordens muito breves ao batedor, mudam, em seqüência, numa conversação seguida com seus parentes. Assim, um dia ele se entrelinha com sua irmã mais velha, sobre assuntos religiosos e num tom de exortação e de instrução, dizendo-lhe que deveria ir à missa, orar todos os dias, e mostrar submissão e obediência a seu pai e mãe. A noite, retoma os mesmos assuntos de conversa; em seus ensinamentos, nada tinha de teológico, mas, unicamente, noções que se aprendem na escola.

Antes de suas conversas, ouviam-se, pelo menos durante uma hora, golpes e raspadura, não somente durante o sono do menino, mas mesmo quando este estava no estado de vigília. Vimo-lo beber e comer enquanto os golpes e as raspaduras se manifestavam, e vimo-lo também, no estado de vigília, dar ordens ao batedor, que foram todas executadas.

Sábado à noite, 6 de março, tendo o menino de dia, e muito desperto, predito ao seu pai que o batedor apareceria às nove horas, várias pessoas se reuniram na casa de Sanger. Soando as nove horas, quatro pancadas tão violentas foram dadas contra a parede que os assistentes com elas se assustaram. Logo, e pela primeira vez, os golpes foram dados na madeira da cama e exteriormente; toda a cama, com eles, se agitou. Esses golpes se manifestaram por todos os lados da cama, ora em um lugar ora noutro. Os golpes e a raspadura se alternaram na cama. Sob as ordens do rapaz e das pessoas presentes, as pancadas se faziam ouvir, seja no interior da cama, seja no exterior. De repente, a cama se ergue em sentidos diferentes, enquanto as pancadas eram dadas com força. Mais de cinco pessoas tentaram, contudo, em vão, fazer cair a cama erguida; tendo-a, então, abandonado, ela se balança ainda alguns instantes, depois retoma a sua posição natural. Esse fato já ocorrera uma vez anteriormente, nessa manifestação pública.

Cada noite, também, o menino fazia uma espécie de discurso. Disso vamos falar muito sucintamente.

Antes de tudo, é preciso anotar que, logo que deixava cair sua cabeça, o menino dormia, e os golpes e a raspadura começavam. Aos golpes a criança gemia, agitava suas pernas e parecia não se sentir bem. Não ocorria o mesmo na raspadura. Quando chegava o momento de falar, o rapaz se deitava sobre o dorso, sua feição se tornava pálida, assim como suas mãos e seus braços. Fazia sinal com a mão direita e dizia: "Vamos! vem diante de minha cama e junta as mãos, vou falar-te do Salvador do mundo." Então os golpes e a raspadura cessavam, e todos os assistentes escutavam, com uma atenção respeitosa, o discurso do dorminhoco.

Ele falava lentamente, muito ininteligivelmente e em puro alemão, o que surpreendia tanto mais quanto o menino era menos adiantado do que os seus colegas em suas aulas, o que provinha, sobretudo, de um mal dos olhos que o impedia de estudar. Suas conversas giravam em torno da vida e das ações de Jesus, desde seu décimo-segundo ano, de sua presença no templo com os escribas, dos seus benefícios para com a Humanidade e dos seus milagres; em seguida, estendia-se no relato dos seus sofrimentos, e criticava severamente os Judeus por terem crucificado Jesus, apesar de suas numerosas bondades e das suas bênçãos.

Terminando, o menino dirigia a Deus uma fervorosa prece, "de lhe conceder a graça de suportar, com resignação, os sofrimentos que lhe enviara, uma vez que havia escolhido entrar em comunicação com o Espírito." Pedia a Deus para não deixá-lo morrer ainda, pois não era senão uma criança, e que não queria baixar à tumba escura. Terminados seus discursos, recitava com voz solene o *Paternoster*, depois do que dizia: "Agora podes vir", e logo os golpes e as raspaduras recomeçavam. Fala ainda duas vezes ao Espírito, e, a cada vez, o Espírito batedor se detinha. Dizia, ainda, algumas palavras e depois: "Agora podes ir em nome de Deus." E despertava.

Durante as suas conversas, os olhos do menino estavam bem fechados; mas seus lábios se movimentavam; as pessoas que estavam mais próximas do leito, puderam notar esse movimento. A voz era pura e harmoniosa.

Em seu despertar, perguntava-se-lhe o que havia visto e o que se passara. Ele respondia: "O homem que vem me ver. - Onde se acha? - Perto de minha cama com outras pessoas. - Vistes as outras pessoas? - Vi todas as que estavam perto do meu leito."

Compreender-se-á, facilmente, que semelhantes manifestações encontraram muitos incrédulos, e que se supôs que toda essa história não era senão uma mistificação; mas o pai não era capaz de charlatanice, sobretudo de uma charlatanice que teria exigido toda a habilidade de um prestidigitador profissional; ele gozava da reputação de um bravo e honesto homem.

Para responder a essas suposições e fazê-las cessar, transportou-se o menino para uma casa estranha. Logo que ali chegou, os golpes e as arranhaduras se fizeram ouvir. Além do mais, alguns dias antes, o menino tinha ido com sua mãe a uma pequena vila chamada Capelle, a cerca de meia légua dali, na casa da viúva Klein; disse que estava cansado; deitaram-no em um canapé e logo o mesmo fenômeno ocorreu. Várias testemunhas podem afirmar o fato. Se bem que o menino parecia passar bem de saúde, não obstante deveria estar afetado por alguma doença, que seria provada senão pelas manifestações relatadas acima, pelo menos pelos movimentos involuntários dos músculos e os sobressaltos nervosos.

Faremos notar, terminando, que o menino foi conduzido, há algumas semanas, à casa do doutor Beutner, onde deveria permanecer, para que esse sábio pudesse estudar, mais de perto, os fenômenos em questão. Desde então, todo ruído cessou na casa de Sanger e se produziu na do doutor Beutner.

Tais são, em toda a sua autenticidade, os fatos que se passaram. Entregamo-los ao público sem emitir julgamento. Possam os homens da arte dar-lhes, em breve, uma explicação satisfatória.

blanck.

Considerações sobre o espírito batedor de Bergzabern

Revista Espírita, maio de 1858

A explicação solicitada pelo narrador que acabamos de citar, é fácil de ser dada; não há senão uma, e só a Doutrina Espírita pode fornecê-la. Esses fenômenos nada têm de extraordinário para quem esteja familiarizado com aqueles aos quais os Espíritos nos habituaram. Sabe-se qual papel certas pessoas fazem a imaginação representar; sem dúvida, se o menino não tivesse tido senão visões, os partidários da alucinação estariam em condições favoráveis; mas aqui havia efeitos materiais de uma natureza inequívoca, que tiveram um grande número de testemunhas, e seria preciso supor que todas estavam alucinadas ao ponto de crerem que ouviam o que não ouviam, e vissem se movimentarem móveis imóveis; ora, haveria nisso um fenômeno mais extraordinário ainda. Não resta aos incrédulos senão um recurso, o de negarem; é mais fácil e isso dispensa raciocinar.

Examinando a coisa do ponto de vista espírita, fica evidente que o Espírito que se manifestou era inferior ao do menino, uma vez que lhe obedecia; estava mesmo subordinado aos assistentes, uma vez que também podiam comandá-lo. Se não soubéssemos, pela Doutrina, que os Espíritos dito batedores estão na base da escala, o que se passou disso seria uma prova. Não se conceberia, com efeito, que um Espírito elevado, não mais do que os nossos sábios e nossos filósofos, viesse se distrair batendo marchas e valsas, representando, em uma palavra, o papel de malabarista, nem se submeter aos caprichos de seres humanos. Ele se apresenta sob os traços de um homem de mau aspecto, circunstância que não pode senão corroborar esta opinião; o moral se reflete, em geral, sobre o envoltório. Está, pois, averiguado por nós que o *batedor* de Bergzabern é um Espírito inferior, da classe dos Espíritos levianos, que se manifestou como tantos outros o fizeram e o fazem todos os dias.

Agora, com qual objetivo veio? A notícia não diz se foi chamado; hoje, quando se está mais experimentado sobre essa espécie de coisas, não se deixaria chegar um visitante tão estranho sem se informar por que veio. Não podemos, pois, senão estabelecer uma conjectura. E certo que ele nada fez que revele maldade ou má intenção; o menino não sofreu nenhuma perturbação, nem física nem moral; só os homens teriam podido perturbar seu moral ferindo sua imaginação com contos ridículos, e é feliz porque não hajam feito. Esse Espírito, por inferior que fosse, não era, pois, nem mau nem malevolente; era simplesmente um desses Espíritos, tão numerosos, dos quais estamos, sem cessar, rodeados sem o sabermos. Poderia agir, nessa circunstância, por um simples efeito do seu capricho, como também poderia fazê-lo por instigação de Espíritos elevados, tendo em vista despertar a atenção dos homens e convencê-los da realidade de um poder superior fora do mundo corpóreo.

Quanto ao menino, é certo que era um desses médiuns de influência física, dotados, sem o saberem, dessa faculdade, e que são para os outros médiuns o que os sonâmbulos naturais são para os sonâmbulos magnéticos. Essa faculdade dirigida com prudência, por um homem experimentado na nova ciência, teria podido produzir coisas mais extraordinárias ainda e de natureza a lançarem uma nova luz sobre esses fenômenos, que não são maravilhosos senão porque não são compreendidos.

O orgulho

Revista Espírita, maio de 1858

DISSERTAÇÃO MORAL DITADA POR SÃO LUÍS À SENHORITA HERMANCE DUFAUX

(19 e 26 de janeiro de 1858.)



Um orgulhoso possuía alguns hectares de boa terra; estava vaidoso com as pesadas espigas que cobriam o seu campo, e não abaixava senão um olhar de desdém sobre o campo estéril do humilde. Este se levantava ao canto do galo, e passava o dia todo curvado sobre o solo ingrato; recolhia pacientemente as pedras, e ia jogá-las à beira do caminho; revolia profundamente a terra e extirpava, penosamente, os espinheiros que a cobriam. Ora, seus suores fecundaram seu campo e resultou em puro frumento.

No entanto, o joio crescia no campo do soberbo e sufocava o trigo, enquanto o senhor ia se glorificar da sua fecundidade, e olhava com um olhar de piedade os esforços silenciosos do humilde.

Eu vos digo, em verdade, o orgulho é semelhante ao joio que sufoca o bom grão. Aquele dentre vós que se crê mais do que seu irmão, e que se glorifica de si, é insensato; mas é sábio esse que trabalha em si mesmo, como o humilde em seu campo, sem tirar vaidade da sua obra.



Houve um homem rico e poderoso que detinha o favor do príncipe; habitava palácios, e numerosos servidores se apressavam sobre os seus passos a fim de prevenirem os seus desejos.

Um dia em que suas matilhas forçavam o cervo nas profundezas de uma floresta, percebeu um pobre lenhador que caminhava penosamente sob um fardo de lenha; chama-o e lhe diz:

- Vil escravo! por que passas em teu caminho sem te inclinares diante de mim? Eu sou igual ao soberano, minha voz decide nos conselhos da paz ou da guerra, e os grandes do reino se curvam diante de mim. Sabe que sou sábio entre os sábios, poderoso entre os poderosos, grande entre os grandes, e a minha elevação é a obra das minhas, mãos.

- Senhor! respondeu o pobre homem, temi que minha humilde saudação fosse uma ofensa para vós. Sou pobre e não tenho senão os meus braços por todo o bem, mas não desejo as vossas enganosas grandezas. Durmo o meu sono, e não temo, como vós, que o prazer do soberano me faça cair em minha obscuridade. Ora, o príncipe se cansou do orgulho do soberbo; os grandes humilhados se reergueram sobre ele, que foi precipitado do auge do seu

poder, como a folha seca que o vento varre do cume de uma montanha; mas o humilde continua pacificamente seu rude trabalho, sem preocupação com o futuro.



Soberbo, humilha-te, porque a mão do Senhor curvará o teu orgulho até o pó!

Escuta! Nascestes onde a sorte te colocou; saíste do seio de tua mãe fraco e nu como o último dos homens. De onde vem, pois, que eleves tua fronte mais alta do que teus semelhantes, tu que nascestes, como eles, para a dor e para a morte?

Escuta! Tuas riquezas e tuas grandezas, vaidades do nada, escaparão das tuas mãos quando o grande dia chegar, como as águas inconstantes das torrentes que o sol seca. Não carregarás de tua riqueza senão as tábuas do teu caixão, e os títulos gravados sobre a tua pedra tumular serão palavras vazias de sentido.

Escuta! O cão do coveiro brincarás com os teus ossos, e eles serão misturados com os ossos do mendigo, e o teu pó se confundirá com o dele, porque um dia vós ambos não sereis senão pó. Então amaldiçoarás os dons que recebeste vendo o mendigo revestido com a sua glória, e chorarás o teu orgulho.

Humilha-te, soberbo, porque a mão do Senhor curvará o teu orgulho até o pó.

Por que, São Luís, nos falas em parábolas? - R. O espírito humano ama o mistério; a lição se grava melhor no coração, quando procurada.

- Pareceria que, hoje, a instrução deva ser dada de um modo mais direto, e sem que haja necessidade da alegoria? - R. Encontrá-la-eis no desenvolvimento. Desejo ser lido, e a moral tem necessidade de estar disfarçada sob o atrativo do prazer.

Problemas morais: Sobre a riqueza e a avareza

Revista Espírita, maio de 1858

PROBLEMAS MORAIS DIRIGIDOS A SÃO LUÍS

1. De dois homens ricos, um nasceu na opulência e jamais conheceu a necessidade, o outro deve sua fortuna ao seu trabalho; todos os dois a empregam, exclusivamente, em sua satisfação pessoal; qual é o mais culpável? - R. *Aquele que conheceu o sofrimento: ele sabe o que é sofrer.*
2. Aquele que acumula sem cessar, e sem fazer o bem a ninguém, encontra uma desculpa válida no pensamento de que amontoa para deixar mais para os seus filhos? - R. *É um compromisso com a má consciência.*
3. De dois avaros, o primeiro se recusa o necessário e morre de necessidade sobre a sua fortuna; o segundo não é avaro senão para os outros: é pródigo para si mesmo; ao passo que se recusa ao mais leve sacrifício para servir ou fazer uma coisa útil, nada lhe custa para satisfazer os seus gozos pessoais. Pede-se-lhe um serviço, e está sempre embaraçado; quer abster-se de uma fantasia e a encontra sempre bastante. Qual é o mais culpável, e qual o que terá o pior lugar no mundo dos Espíritos? - R. *Aquele que goza; o outro já encontrou a sua punição.*
4. Aquele que, durante a vida, não fez um emprego útil da sua fortuna, encontra um alívio fazendo o bem depois da sua morte, pela destinação que lhe dá? - R. *Não; o bem vale o quanto custa.*

As metades eternas

Revista Espírita, maio de 1858

Extraímos a passagem seguinte de uma carta de um dos nossos assinantes.

"... Perdi, há alguns anos, uma esposa boa e virtuosa, e, apesar dos seis filhos que me deixou, encontrava-me em um isolamento completo, quando ouvi falar das manifestações espíritas. Logo me encontrei no meio de um pequeno círculo de bons amigos ocupando-se, cada noite, desse objeto. Aprendi, então, nas comunicações que obtivemos, que a verdadeira vida não é sobre a Terra, mas no mundo dos Espíritos; que minha Clémence ali se encontrava feliz, e que, como os outros, ela trabalhava pela felicidade daqueles que havia conhecido neste mundo. Ora, eis o ponto sobre o qual desejo ardentemente ser esclarecido por vós.

"Disse uma noite à minha Clémence: Minha cara amiga, por que, apesar de todo o nosso amor, nos ocorria de nem sempre ver a mesma coisa nas diferentes circunstâncias da nossa vida em comum, e por que estávamos sempre forçados a nos fazer concessões mútuas para vivermos em boa harmonia?

"Ela me respondeu isto: Meu amigo, éramos bravas e honestas pessoas; vivemos em conjunto, o que se pode dizer o melhor possível sobre essa Terra de provas, mas não éramos *nossas metades eternas*. Essas uniões são raras sobre a Terra; são encontradas, entretanto, mas são um grande favor de Deus; os que têm essa felicidade, sentem gozos que te são desconhecidos.

"Podes me dizer - repliquei -, se tu vês a tua metade eterna? - Sim, disse ela, é um pobre diabo que vive na Ásia; não poderá estar reunida a mim, senão em 175 anos (segundo a vossa maneira de contar). - Estareis reunidos na Terra ou em um outro mundo? - Na Terra. Mas escuta: não posso te descrever bem a felicidade dos seres assim reunidos; vou pedir a Héloise e Abailard consentirem te informar. - Então, senhor, esses dois seres felizes vieram nos falar de sua felicidade inefável. "Por nossa vontade, disseram, dois não fazem senão um; viajamos nos espaços; gozamos de tudo; nos amamos com um amor sem fim, acima do qual não pode haver senão o amor de Deus e dos seres perfeitos. Vossas maiores alegrias não valem um único dos nossos olhares, um único dos nossos apertos de mão."

"O pensamento das metades eternas me deleita. Parece-me que Deus, criando a Humanidade, a fez dupla, e que disse, em separando as duas metades de uma mesma alma: Ide para os mundos e procurai as encarnações. Se bem o fizerdes, a viagem será curta, e permitirei vos reunirdes; se for de outro modo, os séculos se passarão antes que gozeis dessa felicidade. Tal é, me parece, a causa primeira do movimento instintivo que leva a Humanidade a procurar a felicidade; felicidade que não se compreende e que não se dá o tempo de compreender.

"Desejo ardentemente, senhor, ser esclarecido sobre essa teoria das metades eternas, e ficaria feliz em encontrar uma explicação a esse respeito em um dos vossos próximos números..."

Abailard e Héloise, que interrogamos sobre esse ponto, nos deram as respostas seguintes:

P. As almas foram criadas duplas? - R. Se tivessem sido criadas duplas, as simples seriam imperfeitas.

P. É possível que duas almas possam se reunir na eternidade e formarem um todo? - R. Não.

P. Tu e tua Héloise formais, desde a origem, duas almas bem distintas? - R. Sim.

P. Formais ainda, neste momento, duas almas distintas? - R. Sim, mas sempre unidas.

P. Todos os homens se encontram nas mesmas condições? -R. Segundo sejam mais ou menos perfeitos.

P. Todas as almas estão destinadas a se unirem, um dia, com uma outra alma? - R. Cada Espírito tem uma tendência a procurar um outro Espírito que lhe seja conforme; chamamos isso de simpatia.

P. Há, nessa união, uma condição de sexo? - R. As almas não têm sexo.

Tanto para satisfazer o desejo do nosso assinante quanto para a nossa própria instrução, dirigimos as questões seguintes ao Espírito de São Luís.

1. As almas que devem se unir, estão predestinadas a essa união desde a sua origem, e cada um de nós tem, em alguma parte do Universo, sua *metade eterna* à qual estará, um dia, fatalmente reunido? - R. Não existe união particular e fatal entre duas almas. A união existe entre todos os Espíritos, mas em graus diferentes, segundo a categoria que ocupam, quer dizer, segundo a perfeição que adquiriram: quanto mais são perfeitos, mais são unidos. Da discórdia nascem todos os males dos humanos; da concórdia resulta a felicidade completa.

2. Em qual sentido se deve entender a palavra *metade*, da qual certos Espíritos, freqüentemente, se servem para designarem os Espíritos simpáticos? - R. A expressão é inexata; se um Espírito fosse a metade de outro, separado deste, seria incompleto.

3. Dois Espíritos perfeitamente simpáticos, uma vez reunidos, o são por toda a eternidade, ou podem se separar e se unir a outros Espíritos? - R. Todos os Espíritos estão unidos entre si; falo daqueles que atingiram a perfeição. Nas esferas inferiores, quando um Espírito se eleva, não é mais simpático àqueles que deixou.

4. Dois Espíritos simpáticos são o complemento um do outro, ou essa simpatia resulta de uma identidade perfeita? - R. A simpatia que atrai um Espírito para um outro, é o resultado da perfeita concordância de seus pendores, de seus instintos; se um devesse completar o outro, perderia sua individualidade.

5. A identidade necessária para a simpatia perfeita, não consiste senão na semelhança de pensamentos e de sentimentos, ou bem ainda na uniformidade de conhecimentos adquiridos? - R. Na igualdade dos graus de elevação.

6. Os Espíritos que não são simpáticos hoje, podem vir a sê-lo mais tarde? - R. Sim, todos o

serão. Assim, o Espírito que está hoje em tal esfera inferior, em se aperfeiçoando, alcançará a esfera onde reside tal outro. Seu reencontro ocorrerá mais prontamente se o Espírito mais elevado, suportando mal as provas às quais se submeteu, se demorou no mesmo estado.

7. Dois Espíritos simpáticos podem cessar de o serem? - R. Certamente, se um for preguiçoso.

Essas respostas resolvem perfeitamente a questão. A teoria das metades eternas é uma figura que pinta a união de dois seres simpáticos; é uma expressão usada mesmo na linguagem vulgar, em falando de dois esposos, e que não é preciso prender à letra; os Espíritos que dela se serviram não pertencem, seguramente, à mais elevada ordem; a esfera das suas idéias é, necessariamente, limitada, e puderam tomar seu pensamento pelos termos dos quais se serviam durante sua vida corpórea. É preciso, pois, rejeitar essa idéia de que dois Espíritos, criados um para o outro, devem um dia, fatalmente, se reunir na eternidade, depois de estarem separados por um lapso de tempo mais ou menos longo.

Conversas familiares de além-túmulo – Mozart

Revista Espírita, maio de 1858

Um dos nossos assinantes nos comunica as duas conversas seguintes que ocorreram com o Espírito de Mozart. Não sabemos nem onde e nem quando essas conversas tiveram lugar; não conhecemos nem os interrogadores, nem o médium; nelas somos, pois, completamente estranhos. Apesar disso, notar-se-á a concordância perfeita que existe entre as respostas obtidas e as que foram dadas por outros Espíritos, sobre diversos pontos capitais da Doutrina, em circunstâncias diferentes, seja a nós, seja a outras pessoas, e que narramos em nossos fascículos precedentes, e em *O Livro dos Espíritos*. Chamamos, sobre essa semelhança, toda a atenção dos nossos leitores, que dela tirarão a conclusão que julgarem a propósito. Aqueles, pois, que poderiam ainda pensar que as respostas às nossas perguntas podem ter o reflexo de nossa opinião pessoal, verão por aí se, nessa ocasião, pudemos exercer uma influência qualquer. Felicitamos as pessoas que fizeram essas entrevistas pela maneira com que as perguntas estão postas. Apesar de certas faltas que decorrem da inexperiência dos interlocutores, em geral, estão formuladas com ordem, clareza e precisão, e não se afastam da linha séria: é uma condição essencial para se obter boas comunicações. Os Espíritos elevados vão às pessoas sérias que querem se esclarecer de boa-fé; os Espíritos levianos se divertem com as pessoas frívolas.

PRIMEIRA CONVERSA

1. Em nome de Deus, Espírito de Mozart, estás aqui? - R. Sim.
2. Por que antes Mozart do que um outro Espírito? - R. Foi a mim que haveis evocado: eu vim.
3. O que é um médium? - R. O agente que une o meu Espírito ao teu.
4. Quais são as modificações, tanto fisiológicas quanto anímicas, que, sem o saber, o médium sofre quando entra em ação intermediária? - R. Seu corpo não sente nada, mas seu Espírito, em parte desligado da matéria, está em comunicação com o meu e me une a vós.
5. O que se passa nele, nesse momento? - R. Nada para o corpo; mas uma parte do seu Espírito é atraída para mim; faço sua mão agir pelo poder que meu Espírito exerce sobre ele.
6. Assim, o indivíduo médium entra, então, em comunicação com uma individualidade espiritual outra que a sua? - R. Certamente; também tu, sem seres médium, estás em relação comigo.
7. Quais são os elementos que concorrem para a produção desse fenômeno? - R. Atração dos Espíritos para instruírem os homens; leis de eletricidade física.
8. Quais são as condições indispensáveis? - R. É uma faculdade concedida por Deus.
9. Qual é o princípio determinante? - R. Não posso dizer-lo.

10. Poderias dele nos revelar as leis? - R. Não, não, não no presente; mais tarde sabereis tudo.

11. Em quais termos positivos poder-se-ia enunciar a fórmula sintética desse maravilhoso fenômeno? - R. Leis desconhecidas, que não poderiam ser compreendidas por vós.

12. O médium poderia se pôr em relação com a alma de um vivo, e em que condições? - R. Facilmente, se o vivente dorme (1- (1) Se uma pessoa viva for evocada no estado de vigília, pode adormecer no momento da evocação, ou pelo menos experimentar um entorpecimento e uma suspensão das faculdades sensitivas; mas, muito freqüentemente, a evocação não dá resultado, sobretudo se não for feita com uma intenção séria e benevolente.).

13. Que entendes pela palavra *alma*? - R. A centelha divina.

14. E por Espírito? - R. O Espírito e a alma são uma mesma coisa.

15. A alma, enquanto Espírito imortal, tem consciência do ato da morte, e consciência dela mesma, ou do *eu*, imediatamente depois da morte? - R. A alma nada sabe do passado e não conhece o futuro senão depois da morte do corpo; então vê sua vida passada e suas últimas provas; escolhe a sua nova expiação, por uma vida nova, e a prova que vai suportar; também não deve se lamentar do que se sofre na Terra, e deve suportá-la com coragem.

16. A alma se encontra, depois da morte, desligada de todo elemento, de todo laço terrestre? - R. De todo elemento, não; ela tem ainda um fluido que lhe é próprio, que haure na atmosfera do seu planeta, e que representa a aparência da sua última encarnação; os laços terrestres não lhe são mais nada.

17. Ela sabe de onde vem e para onde vai? - R. A questão décima-quinta responde a isso.

18. Não leva nada com ela deste mundo? - R. Nada senão a lembrança de suas boas ações, o arrependimento de suas faltas, e o desejo de ir para um mundo melhor.

19. Ela abarca, de um golpe de vista retrospectivo, o conjunto da sua vida passada? - R. Sim, para servir à sua vida futura.

20. Ela entrevê o objetivo da vida terrestre e a significação, o sentido dessa vida, assim como o curso que lhe fornecemos com respeito à vida futura? - R. Sim; ela compreende a necessidade de depuração para chegar ao infinito; quer se purificar para alcançar mundos bem-aventurados. Sou feliz; mas não estou eu já nos mundos onde se goza da visão de Deus!

21. Existe na vida futura uma hierarquia de Espíritos, e qual é sua lei? - R. Sim: é o grau de depuração que a define; a bondade, as virtudes são os títulos de glória.

22. É a inteligência, enquanto força progressiva, que lhe determina a marcha ascendente? - R. Sobretudo as virtudes: o amor ao próximo acima de tudo.

23. Uma hierarquia de Espíritos fará supor uma outra de residência; esta última existe e de que forma? - R. A inteligência, dom de Deus, é sempre a recompensa das virtudes: caridade, amor ao próximo. Os Espíritos habitam diferentes planetas, segundo o seu grau de perfeição: neles gozam de mais ou menos felicidade.

24. O que é preciso entender por Espíritos superiores? - R. Os Espíritos purificados.
25. Nosso globo terrestre é o primeiro de seus degraus, o ponto de partida, ou viemos de mais baixo? - R. Há dois globos antes do vosso, que é um dos menos perfeitos.
26. Qual é o mundo que habitas? És feliz? - R. Júpiter. Nele gozo de uma grande calma; amo todos aqueles que me cercam; não temos mais ódio.
27. Se tens lembrança da vida terrestre, deves lembrar dos esposos A..., de Viena; haveis revisto todos os dois depois da morte, em qual mundo e em quais condições? - R. Não sei onde estão; não posso dizer-te. Um é mais feliz do que o outro. Por que me falas deles?
28. Podes, por uma única palavra indicativa de um fato capital da vida, que não podes haver esquecido, fornecer-me uma prova certa dessa lembrança. Eu te suplico dizer essa palavra - R. Amor; reconhecimento.

SEGUNDA CONVERSA

O interlocutor não é o mesmo. Julga-se, pela natureza da conversação, tratar-se de um artista músico, feliz por conversar com um mestre. Após diversas questões que cremos inútil relatar, Mozart diz:

1. Acabemos com as perguntas de G...: falarei contigo; dir-te-ei o que entendemos por melodia em nosso mundo. Por que não me evocaste mais cedo? Eu teria respondido.
2. O que é a melodia? - R. Frequentemente, é para ti uma lembrança da vida passada; teu Espírito se lembra do que entreviu num mundo melhor. No planeta onde estou, Júpiter, a melodia está por toda parte, no murmúrio da água, o ruído das folhas, o *canto* do vento; as flores murmuram e cantam; tudo emite sons melodiosos. Sé bom; ganha esse planeta pelas tuas virtudes; escolheste bem cantando Deus: a música religiosa ajuda a elevação da alma. Quanto gostaria poder vos inspirar o desejo de ver esse mundo onde se é tão feliz! está pleno de caridade; tudo ali é belo! A Natureza tão admirável! Tudo vos inspira o desejo de estar com Deus. Coragem! Coragem! Crede bem em minha comunicação espírita: sou bem eu que lá estou; alegre-me em poder dizer-vos o que experimentamos; que eu possa vos inspirar bastante o amor ao bem para vos tornar dignos dessa recompensa, que nada são perto das outras às quais aspiro!
3. Nossa música é a mesma nos outros planetas? - R. Não; nenhuma música pode vos dar a idéia da música que temos ali; é divina! Ó felicidade! merece gozar de semelhantes harmonias: luta; coragem! Não temos instrumentos; são as plantas, os pássaros que são os coristas; o pensamento compõe e os ouvintes desfrutam sem audição material, sem o recurso da palavra, e isso a uma distância incomensurável. Nos mundos superiores isso é ainda mais sublime.
4. Qual é a duração da vida de um Espírito encarnado em outro planeta, que não seja o nosso? - R. Curta nos planetas inferiores; mais longa nos mundos como aquele onde tenho a felicidade de estar; em média, em Júpiter, ela é de trezentos a quinhentos anos.
5. Há uma grande vantagem em voltar a habitar na Terra? - R. Não, a menos que seja em missão; então, se avança.
6. Não se seria mais feliz permanecendo Espírito? - R. Não, não! estacionar-se-ia; pede-se ao

ser reencarnado para avançar para Deus.

7. É a primeira vez que estou na Terra? - R. Não; mas não posso falar-te do passado de teu Espírito.

8. Poderia ver-te em sonho? - R. Se Deus o permitir, far-te-ei ver minha casa em sonho, e dela te recordarás. (*ver abaixo*)

9. Onde estás aqui? - R. Entre ti e tua filha, eu vos vejo; estou sob a forma que tinha quando vivo.

10. Eu poderia ver-te? - R. Sim; crê e verás. Se tivesses maior fé, ser-nos-ia permitido dizer o porquê; tua própria profissão é um laço entre nós.

11. Como entraste aqui? - R. O Espírito atravessa tudo.

12. Estás ainda bem longe de Deus? - R. Ó! sim!

13. Compreendes melhor do que nós o que é a eternidade? -R. Sim, sim, não podeis compreendê-la tendo um corpo.

14. Que entendes pelo Universo? Teve começo e terá um fim? - R. O Universo, segundo vós, é vossa Terra! Insensatos! O Universo não teve começo e não terá fim; pensai que é a obra inteira de Deus; o Universo é o Infinito.

15. O que se deve fazer para ficar calmo? - R. Não te inquietes tanto pelo teu corpo; terás o Espírito perturbado; resiste a essa tendência

16. O que é essa perturbação? - R. Temes a morte.

17. Que fazer para não temê-la? - R. Crê em Deus; crê sobretudo, que Deus não arrebatava sempre um pai *útil* à sua família.

18. Como chegar a essa calma? - R. O querer.

19. Onde haurir essa vontade? - R. Distrai teu pensamento disso pelo trabalho.

20. Que devo fazer para aperfeiçoar meu talento? - R. Podes me evocar; obtive a permissão de te inspirar.

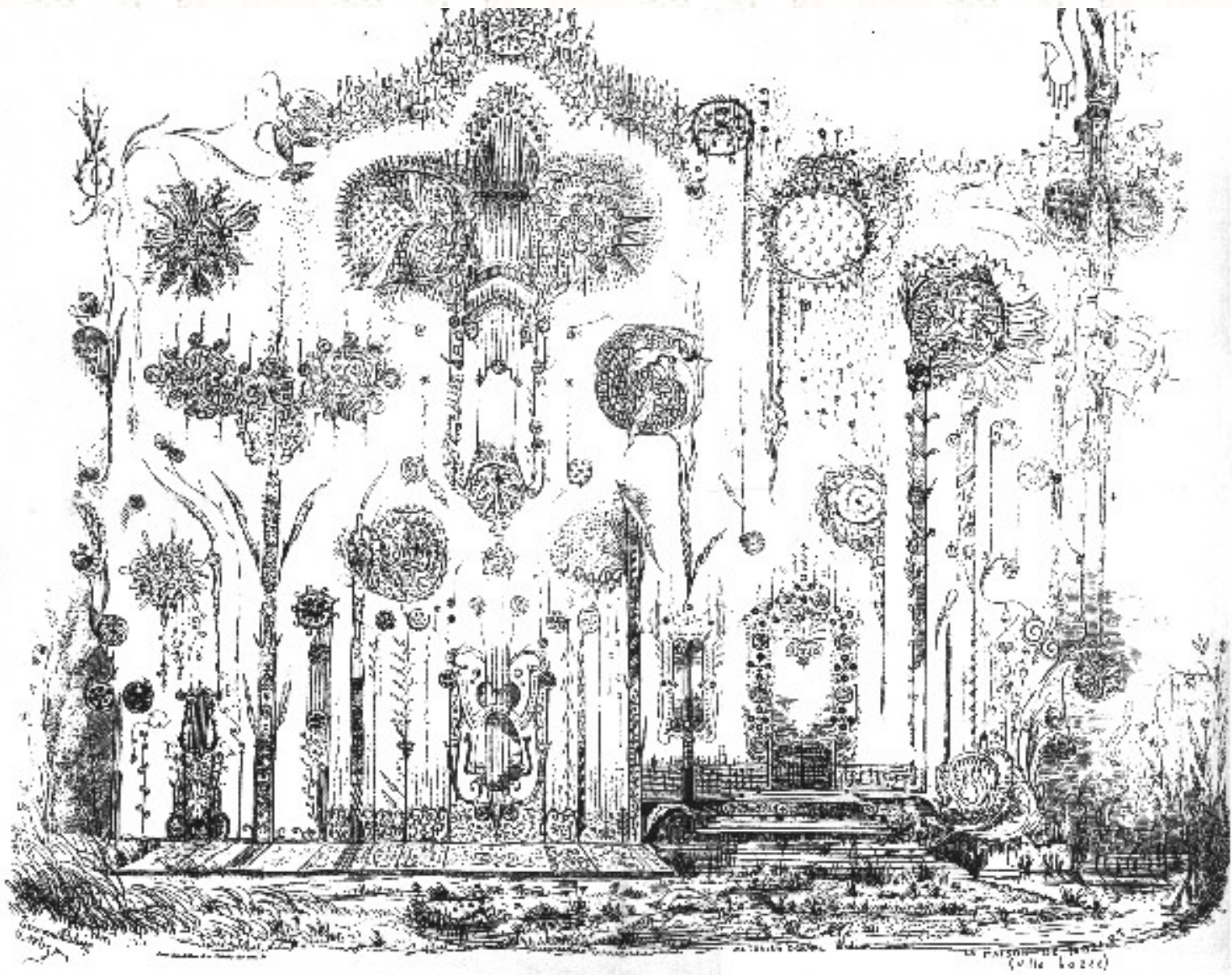
21. Isso quando trabalhar? - R. Certamente! Quando quiseres trabalhar, algumas vezes estarei perto de ti.

22. Ouvirás minha obra? (uma obra musical do interrogador) -R. És o primeiro músico que me evoca; venho a ti com prazer e escuto as tuas obras.

23. Como ocorre que nunca foste evocado? - R. Fui evocado, mas não por músicos.

24. Por quem? - R. Por várias damas e amadores, em Marseille.

25. Por que a *Ave...* me toca até às lágrimas? - R. Teu Espírito se desliga e se junta ao meu e ao de *Per-golèse*, que me inspirou essa obra, mas esqueci esse pedaço.
26. Como podes esquecer a música composta por ti? - R. A que existe aqui é tão bela! Como lembrar-se daquilo que era todo matéria?
27. Vês minha mãe? - R. Ela está encarnada na Terra.
28. Em que corpo? - R. Disso nada posso dizer.
29. E meu pai? - R. Está errante para ajudar ao bem; fará tua mãe progredir; estarão reencarnados juntos, e serão felizes.
30. Vem me ver? - R. Freqüentemente; tu lhe deves os movimentos caridosos.
31. Foi minha mãe quem pediu para estar reencarnada? - R. Sim; disso tinha um grande desejo, para subir por uma nova prova e entrar num mundo superior à Terra; ela já deu um passo imenso.
32. Que queres dizer com isso? - R. Ela resistiu a todas as tentações; sua vida na Terra foi sublime em comparação com o seu passado, que era o de um Espírito inferior; também subiu vários degraus.
33. Tinha, pois, escolhido uma prova acima das suas forças? -R. Sim, é isso.
34. Quando sonho que a vejo, é ela mesma que vejo? - R. Sim, sim.
35. Se tivesse evocado Bichat no dia da ereção de sua estátua, teria respondido? Estava lá? - R. Estava, e eu também.
36. Porque ali estavas? - R. Com vários outros Espíritos que se alegram com o bem, e que ficam felizes em ver que glorificais aqueles que se ocupam com a Humanidade sofredora.
37. Obrigado, Mozart; adeus. - R. Crede, crede que ali estou... Sou feliz... Crede que há mundos acima do vosso... Crede em Deus... Evocai-me mais freqüentemente, e em companhia de músicos; estarei feliz por vos instruir e contribuir para o vosso adiantamento, e de vos ajudar a subir até Deus. Evocai-me; adeus.



O espírito e os herdeiros

Revista Espírita, maio de 1858

Um dos nossos assinantes de Haia (Holanda), nos comunica o fato seguinte, que se passou num círculo de amigos, que se ocupavam de manifestações espíritas. Prova, acrescenta, uma vez mais, e sem nenhuma contestação possível, a existência de um elemento inteligente e invisível, agindo individualmente, diretamente conosco.

Os Espíritos se anunciam pelos movimentos de uma pesada mesa e pancadas. Pergunta-se seus nomes: são os falecidos senhor e senhora G..., muito ricos durante esta vida; o marido, de quem vinha a fortuna, não tendo filhos, deserdou os parentes próximos em favor da família de sua mulher, falecida pouco tempo antes dele. Entre as nove pessoas presentes à sessão, encontravam-se duas senhoras deserdadas, assim como o marido de uma delas.

O senhor G... sempre foi um pobre-diabo e o mais humilde servidor de sua mulher. Depois da morte desta, sua família se instala em sua casa para cuidar dele. O testamento foi feito com a certidão de um médico, declarando que o moribundo gozava da plenitude das suas faculdades.

O marido da senhora deserdada, que designaremos sob a inicial de R..., pede a palavra nestes termos: "Como! ousais vos apresentar aqui depois do escandaloso testamento que fizestes!". Depois, exaltando-se mais e mais, acaba por lhe dizer injúrias. Então a mesa dá um salto e lança a lâmpada, com força, na cabeça do interlocutor. Este pede-lhe desculpas pelo seu primeiro movimento de cólera, e lhe pergunta o que veio fazer ali. - R. Viemos vos dar conta do motivo da nossa conduta. (As respostas se deram por pancadas indicando as letras do alfabeto.)

O senhor R..., conhecendo a inépcia do marido, diz-lhe bruscamente que não devia senão se retirar, e que não escutaria senão a sua mulher.

O Espírito desta diz, então, que a senhora R... e sua irmã eram bastante ricas para privarem-se de sua parte na herança; que outros eram maus, e que outros, enfim, deviam suportar essa prova; que, por essas razões, essa fortuna convinha melhor à sua própria família.

O senhor R... não se contenta com essas explicações e desabafa a sua cólera em censuras injuriosas. A mesa, então, se agita violentamente, empina, dá grandes pancadas no assoalho, e tomba ainda uma vez a lâmpada sobre o senhor R... Depois de se fazer calma, o Espírito trata de persuadir que, desde a sua morte, havia sabido que o testamento foi ditado por um Espírito superior. O senhor R..., e suas damas, não querendo prosseguir numa contestação inútil, lhe oferecem um perdão sincero. Logo a mesa se ergue do lado do senhor R..., e pousa docemente e como com aperto contra a sua cadeira; as duas senhoras recebem o mesmo sinal de gratidão; a mesa tinha uma vibração muito pronunciada. O bom sentido estando restabelecido, o Espírito lamenta a herdeira atual, dizendo que acabaria por enlouquecer.

O senhor R... censura-o também, mas afetuosamente, por não ter feito o bem, durante a sua vida, com uma fortuna tão grande, acrescentando que não era lamentado por ninguém. "Sim,

respondeu o Espírito, há uma pobre viúva, morando na rua... que pensa ainda, freqüentemente, em mim, porque lhe dei algumas vezes alimentos, roupas e aquecimento."

Não tendo o Espírito dito o nome dessa pobre mulher, um dos assistentes foi à sua procura e a encontra no endereço indicado; e o que não é menos digno de nota, é que depois da morte do senhor G..., ela havia mudado de domicílio; foi o último, o que foi indicado pelo Espírito.

Confissões de Luis XI - sua morte

Revista Espírita, maio de 1858

(Extrato do manuscrito ditado por Luís XI à senhorita Ermance Dufaux.)

Nota. - Rogamos aos nossos leitores o obséquio de se reportarem às observações que fizemos, sobre essas comunicações notáveis, em nosso artigo do mês de março último.

Não me acreditava com bastante firmeza para ouvir pronunciar a palavra morte; tinha recomendado, com freqüência, aos meus oficiais, dizerem-me somente, quando me vissem em perigo: "Falai pouco," e eu já saberia o que isso significava. Quando não havia mais esperanças, Olivier le Daim me diz duramente, na presença de François de Paule e de Coittier.

- Senhor, é preciso que cumpramos nosso dever. Não tende mais esperança nesse santo homem nem em nenhum outro, porque acabou-se para vós; pensai em vossa consciência, não há mais remédio.

Diante dessas palavras cruéis, toda uma revolução se operou em mim; não era mais o mesmo homem, e me espantava comigo. O passado se desenrolou rapidamente aos meus olhos, e as coisas me apareceram sob um aspecto novo: não sei o que de estranho se passava em mim. O duro olhar de Olivier le Daim, fixou sobre o meu rosto, parecia interrogar-me; para me subtrair a esse olhar friamente inquisidor, respondi com aparente tranqüilidade:

- Espero que Deus me ajudará; talvez não esteja, acidentalmente, tão doente como pensais.

Ditei minhas últimas vontades e enviei, para junto do jovem rei, aqueles que ainda me cercavam. Achava-me só com o meu confessor, François de Paule, le Daim e Coittier. François me fez uma tocante exortação; a cada uma das suas palavras, parecia-me que meus vícios se apagavam e que a natureza retomava seu curso; achava-me aliviado e começava a recobrar um pouco de esperança na clemência de Deus.

Recebi os últimos sacramentos com uma piedade firme e resignada. Repetia a cada instante: "Nossa Senhora de Embrun, minha senhora, ajudai-me!"

Terça-feira, 30 de agosto, pelas sete horas da noite, caí em nova fraqueza; todos os que estavam presentes, acreditando-me morto, se retiraram. Olivier le Daim e Coittier, que se sentiam encarregados da execração pública, permaneceram junto de meu leito, não tendo outro amparo.

Pouco depois, recobrei inteiro conhecimento. Sentei-me na cama e olhei ao meu redor; ninguém da minha família ali estava; nenhuma mão amiga procurava a minha, nesse momento supremo, para abrandar a minha agonia através de um último aperto. A essa hora, talvez, meus filhos se alegrassem, ao passo que seu pai morria. Ninguém pensa que o culpado poderia ter, ainda, um coração que compreendesse o seu. Procurei ouvir um soluço abafado, e não ouvi senão as gargalhadas dos dois miseráveis que estavam perto de mim.

Vi, em um canto do quarto, minha galga favorita que morria de velhice; meu coração vibrou de alegria, tinha um amigo, um ser que me amava.

Fiz-lhe sinal com a mão; a galga se arrastou com esforço até o pé de minha cama e veio lambe minha mão agonizante. Olivier percebeu esse movimento; ergueu-se bruscamente blasfemando e bateu na infeliz cadela com um bastão, até que expirasse; ela, minha única amiga, me lançou, morrendo, um longo e doloroso olhar.

Olivier me empurrou violentamente em minha cama; deixei-me cair e entreguei a Deus minha alma culpada.

Variedades - O falso Home de Lyon

Revista Espírita, maio de 1858

Leu-se, há pouco tempo, nos jornais de Lyon, o anúncio seguinte, afixado igualmente sobre as paredes da cidade:

"O senhor Hume, o célebre médium americano, que teve a honra de fazer suas experiências diante de S.M. o Imperador, dará, a partir de quinta-feira, 1º de abril, no grande teatro de Lyon, sessões de espiritualismo. Produzirá aparições, etc., etc. Assentos serão dispostos no teatro para os senhores médicos e os sábios, a fim de que possam se assegurar de que nada está preparado. As sessões serão variadas pelas experiências da célebre vidente senhora . . . , sonâmbula extra-lúcida, que reproduzirá, alternada mente, todos os sentimentos ao gosto dos expectadores. Preço do lugar 5 francos as primeiras, 3 francos as segundas."

Os antagonistas do senhor Home (alguns escrevem Hume), não estão muito longe de perder essa ocasião de lançá-lo, no ridículo. No seu ardente desejo de encontrar onde criticar, acolheram essa grosseira mistificação com uma pressa que testemunha pouco em favor do seu julgamento, e ainda menos quanto ao seu respeito pela verdade, porque, antes de lançar a pedra em alguém, é preciso ao menos se assegurar de que ela não errará o alvo; mas a paixão é cega, não raciocina e, freqüentemente, ela própria se descaminha querendo prejudicar os outros. "Eis, pois, exclamaram com alegria, esse homem tão elogiado reduzido a subir nos palcos para dar sessões a tanto por lugar!" E seus jornais de darem crédito ao fato sem maior exame. Sua alegria, infelizmente para eles, não foi de longa duração. Apressaram-se em nos escrever de Lyon, para terem notícias que pudessem ajudar a desmascarar a fraude, e isso não foi difícil, sobretudo graças ao zelo de numerosos adeptos que o Espiritismo conta nessa cidade. Desde que o diretor dos teatros soube com quem ia ter relações, imediatamente, dirigiu aos jornais a carta seguinte: "Senhor redator, apresso-me em vos anunciar que a sessão indicada para quinta-feira, 1º de abril, no grande teatro, não ocorrerá. Acreditei ceder a sala ao senhor Home e não ao senhor Lambert Laroche, dito Hume. As pessoas que tomaram adiantadamente camarotes ou lugares marcados poderão se apresentar na secretaria para retirarem seu dinheiro."

De sua parte, o acima citado Lambert Laroche (natural de Langres), interpelado sobre a sua identidade, acreditou dever responder nos termos seguintes, que reproduzimos na íntegra, não querendo que possa nos acusar da menor alteração.

"Vous m'avez soumis diversse extre de vos correspondance de Paris, desquellesil résulterez queun M. Home qui donne dès séan-cedans quelque salon de la capitale se trouve en cê moment en Ita-II etne peut par conséquent se trouver à Lyon. Monsieur gignore 1º la connaissance de cê M. Home, 2º je nessayt quellais sont talent 3º je nais jamais rien nue de commun à veque cê M. Home, 4º jait ta-vaillez et tavaille sout mon nom de gaire qui est Hume et dont je vous justí par lês article de journaux étrangais et français que je vous est soumis 5º je voyage à vecque deux sugais mon genre d'experriance consiste em spiritualisme ou évocation vison, et en un .mot reproduction dès idais du spectateur par un sugais, ma cepécialité est d'opere par c'est procedere sur lês personnes étrangere comme on la pue lê

voir dans lês joumaux je vien despagne et d'a-frique. Seci M. lê redacteur vous démontre que je n'ais poin voulu prendre lê nom de cê prétendu Home que vous dites en réputation, lê min est sufisant connu par sã grande notoriété et par lês experience que je produi. Agreez M. lê redacteur mês salutation empressait."

Creemos inútil dizer se o senhor Lambert Laroche deixou Lyon com as honras da guerra; sem dúvida, irá alhures procurar tolos mais fáceis. Não acrescentaremos senão uma palavra, para exprimir nosso pesar em ver com quanta deplorável avidez certas pessoas, que se dizem sérias, acolhem tudo o que possa servir à sua animosidade. O Espiritismo é muito reputado hoje por nada ter a temer da charlatanice; não é mais rebaixado pelos chartatães do que a verdadeira ciência médica pelos doutores de rua; encontra por toda parte, mas sobretudo entre as pessoas esclarecidas, zelosos e numerosos defensores que sabem afrontar a zombaria. O caso de Lyon, longe de prejudicá-lo, não pode senão servir para a sua propagação, chamando a atenção dos indecisos sobre a realidade. Quem sabe mesmo se não foi provocado com esse objetivo por uma força superior? Quanto aos adversários, mesmo assim, que se lhes consinta que riam, mas não caluniem; alguns anos ainda e veremos quem terá a última palavra. Se é lógico duvidar daquilo que não se conhece, é sempre imprudente contestar as idéias novas, que podem, cedo ou tarde, dar um humilhante desmentido à nossa perspicácia: a história aí está para prová-lo. Aqueles que, em seu orgulho, se apiedam dos adeptos da Doutrina Espírita, estarão, pois, tão alto como crêem? Esses Espíritos, dos quais zombam, prescrevem fazer o bem e mandam querer mesmo aos inimigos; eles nos dizem que se rebaixa pelo desejo do mal. Quem é, pois, o mais elevado, aquele que procura fazer o mal ou aquele que não guarda no seu coração nem ódio, nem rancor?

O senhor Home está de retorno a Paris, há pouco tempo; mas deverá partir brevemente para a Escócia e, de lá, dirigir-se a São Petersburgo.

Manifestações no hospital de Saintes

Revista Espírita, maio de 1858

L'Indépendant de La Charente-Inférieure citou, no mês de março último, o fato seguinte que se teria passado no hospital civil de Saintes:

"Contam-se as mais maravilhosas histórias, e não se fala de outra coisa na cidade, há oito dias, senão dos ruídos singulares que, todas as noites, imitam, ora o trote de um cavalo, ora o caminhar de um cão ou de um gato. Garrafas colocadas sobre uma lareira são lançadas ao outro canto do aposento. Um pacote de trapos foi encontrado, pela manhã, torcido em mil nós, que foi impossível soltar. Um papel sobre o qual foi escrito: "Que quereis? Que exigis?" foi deixado, uma noite, sobre uma lareira; na manhã seguinte, a resposta estava escrita, porém, em caracteres desconhecidos e indecifráveis. Fósforos colocados sobre uma mesinha de cabeceira, desapareceram como por encanto; enfim, todos os objetos mudam de lugar e são dispersados por todos os cantos. Esses sortilégios não ocorrem nunca senão na obscuridade da noite. Logo que uma luz aparece, tudo volta ao silêncio; apagando-a, logo os ruídos recomeçam. E um Espírito amigo das trevas. Várias pessoas, eclesiásticos, antigos militares, dormiram nesse aposento enfeitado, e lhes foi impossível algo descobrir nem aperceber-se do que ouviam.

"Um homem de serviço no hospital, suspeito de ser o autor dessas travessuras, veio a ser demitido. Mas assegura-se que ele não é o culpado e que, ao contrário, foi muitas vezes a própria vítima.

Parece que faz mais de um mês que esse embuste começou. Passou longo tempo sem nada dizerem disso, cada um desconfiando de seus sentidos e temendo prestar-se ao ridículo. Não foi senão há alguns dias que se começou a disso falar."

NOTA. - Ainda não tivemos tempo para nos assegurarmos da autenticidade dos fatos acima; não os damos, pois, senão sob reserva; somente faremos observar que, se forem controvertidos, não são menos *possíveis*, e não apresentam nada de mais extraordinário que muitos outros do mesmo gênero e que foram perfeitamente constatados.

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, maio de 1858

FUNDADA EM PARIS EM 19 DE ABRIL DE 1858.

E autorizada por decreto do senhor Prefeito de Polícia, sobre o aviso de Sua Excelência, senhor Ministro do Interior e da segurança geral, em data de 13 de abril de 1858.

A extensão, por assim dizer, universal que tomam, cada dia, as crenças espíritas, fazem desejar vivamente a criação de um centro regular de observações; essa lacuna vem de ser preenchida. A Sociedade, da qual estamos felizes por anunciar a formação, composta exclusivamente de pessoas sérias, isentas de prevenção, e animadas do desejo sincero de se esclarecerem, contou, desde o início, entre seus partidários, homens eminentes pelo saber e posição social. Ela está chamada, disso estamos convencidos, a prestar incontáveis serviços para a constatação da verdade. Seu regulamento orgânico lhe assegura homogeneidade sem a qual não há vitalidade possível; está baseada na experiência de homens e de coisas, e sobre o conhecimento das condições necessárias às observações que fazem o objeto de suas pesquisas. Os estrangeiros que se interessam pela Doutrina Espírita encontrarão, assim, vindo a Paris, um centro ao qual poderão se dirigir para se informarem, e onde poderão comunicar suas próprias observações (1).

(1) Para todas as informações relativas à Sociedade, dirigir-se ao senhor ALLAN KARDEC, rua Sainte-Anne, 59, de 3 às 5 horas; ou ao senhor LEDOYEM, livreiro, galeria d'Orleans, 31, no Palais-Royal.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Primeiro Ano – 1858

Junho

- [Teoria das manifestações físicas \(segundo artigo\)](#)
- [O Espírito batedor de Bergzabem \(segundo artigo\)](#)
- [A preguiça; parábola por São Luís](#)
- [Conversas familiares de além-túmulo - Senhor Morisson, monomaníaco](#)
- [O suicida de Samaritana](#)
- [Confissão de Luís XI \(terceiro artigo\)](#)
- [Henri Martin; sua opinião sobre as comunicações extracorpóreas](#)
- [Variedades - Os banquetes magnéticos](#)

Teoria das manifestações físicas

Revista Espírita, junho de 1858

(Segundo artigo)

Rogamos aos nossos leitores o obséquio de se reportarem ao primeiro artigo que publicamos sobre o assunto; este, sendo dele a continuação, seria pouco inteligível se não se tivesse seu começo presente no pensamento.

As explicações que demos das manifestações físicas, como se disse, estão fundadas na observação e numa dedução lógica dos fatos: concluímos segundo o que vimos. Agora, como se operam, na matéria etérea, as modificações que vão torná-la perceptível e tangível? Primeiro vamos deixar que falem os Espíritos a quem interrogamos sobre o assunto, a isso acrescentaremos as nossas próprias notas. As respostas seguintes nos foram dadas pelo Espírito de São Luís; concordam com o que outros nos disseram precedentemente.

1. Como um Espírito pode aparecer com a solidez de um corpo vivo? - *Ele combina uma parte do fluido universal com o fluido que libera do médium, apropriado para esse efeito. Esse fluido, à sua vontade, reveste a forma que deseja, mas geralmente essa forma é impalpável.*
2. Qual é a natureza desse fluido? - R. Fluido, está dito tudo.
3. Esse fluido é material? - R. Semi-material.
4. É esse fluido que compõe o perispírito? - R. *Sim*, é a ligação do Espírito à matéria.
5. É esse fluido que dá a vida, o princípio vital? - R. Sempre ele; eu disse ligação.
6. Esse fluido é uma emanção da Divindade? - R. Não.
7. É uma criação da Divindade? - R. *Sim*; tudo foi criado, exceto Deus, ele mesmo.
8. O fluido universal tem alguma relação com o fluido elétrico, do qual conhecemos os efeitos? - R. *Sim*, é seu elemento.
9. A substância etérea que se acha entre os planetas é o fluido universal posto em questão? - R. Ele envolve os mundos; sem o princípio vital nada viveria. Se um homem se elevasse acima do fluido universal que rodeia os globos, pereceria, porque o princípio vital se retiraria dele para juntar-se à massa. Esse fluido vos anima; é ele que respirais.
10. Esse fluido é o mesmo em todos os globos? - R. É o mesmo princípio, mais ou menos etéreo, segundo a natureza dos globos; o vosso é um dos mais materiais.
11. Uma vez que é esse fluido que compõe o perispírito, ele parece estar numa espécie de estado de condensação que o aproxima, até um certo ponto, da matéria? - R. *Sim*, até um

certo ponto, porque não tem as suas propriedades; ele é mais ou menos condensado segundo os mundos.

12. São os Espíritos solidificados que erguem uma mesa? - R. Essa pergunta não conduzirá, ainda, ao que desejais. Quando uma mesa se move sob vossas mãos, o Espírito que vosso Espírito evoca vai haurir, no fluido universal, com que animar essa mesa de uma vida fictícia. Os Espíritos que produzem esses tipos de efeitos são sempre Espíritos inferiores, que ainda não estão inteiramente libertos de seu fluido ou perispírito. Estando a mesa assim preparada à sua vontade (à vontade dos Espíritos batedores), o Espírito a atrai e a coloca sob a influência do seu próprio fluido liberado pela sua vontade. Quando a massa que quer erguer ou mover é muito pesada para ele, chama em sua ajuda os Espíritos que estão na sua mesma condição. Creio que me expliquei bem claramente para fazer-me compreender.

13. Os Espíritos que chama em sua ajuda são inferiores? - R. Iguais, quase sempre: freqüentemente, vêm por si mesmos.

14. Compreendemos que os Espíritos superiores não se ocupam de coisas que estão abaixo deles; mas perguntamos se, em razão de que são desmaterializados, teriam o poder de fazê-lo se tivessem vontade? - R. Eles têm a força moral como os outros têm a força física; quando têm necessidade dessa força, servem-se daqueles que a possuem. Não vos foi dito que se servem dos Espíritos inferiores como o fazeis com carregadores?

15. De onde provém a força especial do senhor Home? - R. De sua organização.

16. Que tem ela de particular? - R. Essa pergunta não está precisa.

17. Perguntamos se se trata de sua organização física ou moral? - R. Eu disse organização.

18. Entre as pessoas presentes, há as que possam ter a mesma faculdade do senhor Home? - R. Têm em algum grau. Não há nenhum de vós que haja feito mover uma mesa?

19. Quando uma pessoa faz mover um objeto, é sempre pelo concurso de um Espírito estranho, ou bem a ação pode provir só do médium? - R. Algumas vezes o Espírito do médium pode agir sozinho, mas, com mais freqüência, é com a ajuda dos Espíritos evocados; isso é fácil de se reconhecer.

20. Como ocorre que os Espíritos apareçam com as vestes que tinham na Terra? - R. Freqüentemente, delas não têm senão a aparência. Aliás, quantos fenômenos tendes entre vós sem solução! Como ocorre que o vento, que é impalpável, deite e parta a árvore composta de matéria sólida?

21. Que entendeis dizendo que essas vestes não são senão uma aparência? - R. Ao tocar não se sente nada.

22. Se bem compreendemos o que nos dissestes, o princípio vital reside no fluido universal; o Espírito haure nesse fluido o envoltório semi-material que constitui seu perispírito, e é por meio desse fluido que ele age sobre a matéria inerte. É bem isso? - R. Sim; quer dizer que ele anima a matéria de uma espécie de vida factícia: a matéria se anima da vida animal. A mesa que se move sob vossas mãos vive e sofre como o animal; obedece por si mesma o ser inteligente. Não é ele que a dirige, como o homem faz com um fardo; quando a mesa se

ergue, não é o Espírito que a ergue, é a mesa animada que obedece ao Espírito inteligente.

23. Uma vez que o fluido universal é a fonte da vida, é, ao mesmo tempo, a fonte da inteligência? - R. Não; o fluido não anima senão a matéria.

Essa teoria das manifestações físicas oferece vários pontos de contato com a que demos, mas dela difere também sob certas relações. De uma e de outra ressalta esse ponto capital que o fluido universal, no qual reside o princípio da vida, é o agente principal dessas manifestações, e que esse agente recebe seu impulso do Espírito, quer este esteja encarnado ou errante. Esse fluido condensado constitui o perispírito, ou envoltório semi-material do Espírito. No estado de encarnação, esse perispírito está unido à matéria do corpo; no estado de erraticidade, ele está livre. Ora, duas questões aqui se apresentam: a da aparição dos Espíritos, e a do movimento dado aos corpos sólidos.

Com relação à primeira, diremos que, no estado normal, a matéria etérea do perispírito escapa à percepção dos nossos órgãos; a alma só pode vê-la, seja em sonho, seja em sonambulismo, seja mesmo na sonolência, em uma palavra, toda vez que haja suspensão total ou parcial da atividade dos sentidos. Quando o Espírito está encarnado, a substância do perispírito está mais ou menos intimamente ligada à matéria do corpo, mais ou menos aderente, se se pode assim exprimir-se. Em certas pessoas, há como espécie de emanção desse fluido em consequência de sua organização, e aí está, propriamente falando, o que constitui os médiuns de influências físicas. Esse fluido emanado do corpo se combina, segundo leis que nos são desconhecidas, com o que forma o envoltório semi-material do Espírito estranho. Disso resulta uma modificação, uma espécie de reação molecular, que lhe muda momentaneamente as propriedades, ao ponto de torná-lo visível, e em alguns casos tangível. Esse efeito pode se produzir com ou sem o concurso da vontade do médium; é o que distingue os médiuns naturais dos médiuns facultativos. A emissão dos fluidos pode ser mais ou menos abundante, e daí os médiuns mais ou menos poderosos; ela não é permanente, o que explica a intermitência da força. Se se tem em conta, enfim, o grau de afinidade que pode existir entre o fluido do médium e o de tal ou tal Espírito, conceber-se-á que sua ação pode se exercer sobre uns e não sobre os outros.

O que acabamos de dizer se aplica, evidentemente, à força mediadora concernente ao movimento dos corpos sólidos; resta saber como se opera esse movimento. Segundo as respostas que relatamos acima, a questão se apresenta sob uma luz toda nova; assim, quando um objeto é posto em movimento, erguido ou lançado no ar, não seria o Espírito que o pega, o empurra e o ergue, como o faríamos com a mão, mas o *satura*, por assim dizer, de seu fluido pela sua combinação com o do médium, e o objeto, assim momentaneamente vivificado, age como o faria um ser vivo, com esta diferença que, não tendo vontade própria, segue o impulso da vontade do Espírito, e essa vontade pode ser a do Espírito do médium, tão bem quanto a de um Espírito estranho, e algumas vezes de ambos, agindo de acordo, segundo sejam ou não simpáticos. A simpatia ou a antipatia que pode existir entre o médium e os Espíritos que se ocupam desses efeitos materiais, explica porque todos não estão aptos para provocá-los.

Uma vez que o fluido vital, impelido de alguma sorte pelo Espírito, dá uma vida factícia e momentânea aos corpos inertes, que o perispírito não é outra coisa que esse mesmo fluido vital, segue-se que quando o Espírito está encarnado, é ele quem dá vida ao corpo, por meio do seu perispírito; e fica unido tanto quanto a organização lhe permita; quando ele se retira, o corpo morre. Agora se, em lugar de uma mesa, se esculpe a madeira em estátua, e que se atue sobre essa estátua igual que sobre a mesa, ter-se-á uma estátua que se movimentará, que baterá, que responderá pelos seus movimentos e seus golpes; ter-se-á, numa palavra,

uma estátua momentaneamente animada de uma vida artificial. Quanta luz essa teoria lança sobre uma multidão de fenômenos até aqui inexplicados! Quantas alegorias e efeitos misteriosos ela explica! É toda uma filosofia.

O Espírito batedor de Bergzabem

Revista Espírita, junho de 1858

(Segundo artigo)

Extraímos as passagens seguintes de uma nova brochura alemã, publicada em 1853 pelo senhor Blank, redator do jornal de Bergzabem, sobre o Espírito batedor do qual falamos em nosso número do mês de maio. Os fenômenos extraordinários que nele são relatados, e cuja autenticidade não se poderá contestar, provam que nada temos a invejar, sob esse aspecto, à América. Notar-se-á, nesse relato, o cuidado minucioso com o qual os fatos foram observados. Seria desejável que se aplicasse sempre, em semelhante caso, a mesma atenção e a mesma prudência. Sabe-se, hoje, que os fenômenos desse gênero não são o resultado de um estado patológico, mas denotam sempre, entre aqueles em que se manifestam, uma excessiva sensibilidade fácil em superexcitar-se. O estado patológico não é a causa eficiente, mas pode ser consecutiva. A mania da experimentação, em casos análogos, mais de uma vez foi causa de acidentes graves que não teriam ocorrido se se tivesse deixado a Natureza agir por si mesma. Encontrar-se-á em nossa *Instruções práticas sobre as manifestações espíritas*, conselhos necessários para esse fim. Sigamos o senhor Blanck em seu relato.

"Os leitores da nossa brochura intitulada: *Os Espíritos batedores*, viram que as manifestações de Philippine Senger têm um caráter enigmático e extraordinário. Contamos esses fatos maravilhosos desde o seu começo até o momento em que o menino foi levado ao médico real do lugar. Agora, vamos examinar o que se passou depois até este dia.

Quando a criança deixa a residência do doutor Bentner para entrar na casa paterna, a batida e a arranhadura recomeçaram na casa do pai Senger; até essa hora, e mesmo depois da cura completa da jovem, as manifestações foram mais marcantes, e mudaram de natureza (1). ((1) *Teremos oportunidade de falar da indisposição dessa criança; mas, uma vez que depois de sua cura os mesmos efeitos se produziram, isso é uma prova evidente de que eram independentes de seu estado de saúde.*) Nesse mês de novembro (1852), o Espírito começa a assobiar, em seguida, ouve-se um ruído comparável ao da roda de um carrinho de mão, virando sobre o seu eixo seco e enferrujado; mas o mais extraordinário de tudo, sem contradita, foi a desordem dos móveis no quarto de Philippine, desordem que se prolongou por quinze dias. Uma curta descrição dos lugares me parece necessária. Esse quarto tem em torno de 18 pés de comprimento por 8 de largura; chega-se a ele pela sala comum. A porta que faz essas duas peças se comunicarem, abre-se à direita. A cama da criança estava colocada à direita; no meio, um armário e, no canto esquerdo, a mesa de trabalho de Senger, na qual foram feitas duas cavidades circulares, cobertas por tampas.

À noite, quando começou a volta pela casa, a senhora Senger e sua filha mais velha Francisque estavam sentadas na primeira sala, perto de uma mesa e ocupadas em debulhar feijão; de repente, uma pequena roda, lançada do quarto de dormir, cai perto delas. Ficaram mais amedrontadas, visto que sabiam que ninguém além de Philippine, então mergulhada no sono, se encontrava no quarto; além disso, a rodinha fora lançada do lado esquerdo, ao passo que se encontrava na prateleira de um pequeno móvel colocado à direita. Se houvesse partido da cama, deveria encontrar a porta e aí se deter, ficava, pois, evidente, que a criança não havia participado desse fato. Enquanto a família Senger expressava sua surpresa com esse acontecimento, alguma coisa caiu da mesa ao solo; era um pedaço de pano que, antes,

estava de molho em uma bacia cheia de água. Ao lado da rodinha, jazia também uma cabeça de cachimbo sendo que a outra metade havia ficado sobre a mesa. O que tornava a coisa ainda mais incompreensível, era que a porta do armário, onde estava a rodinha antes de ser lançada, achava-se fechada, que a água da bacia não estava agitada, e que nenhuma gota havia entornado sobre a mesa. De repente, a criança, sempre adormecida, grita de sua cama: *Pai, saia, ele lança! Saiam, ele vos lançará também.* Obedeceram a essa ordem expressa; logo que foram à primeira sala, a cabeça de cachimbo lhes foi lançada com uma grande força, sem que, todavia, se quebrasse. Uma régua da qual Philippine se servia na escola, tomou o mesmo caminho. O pai, a mãe e sua filha mais velha se olhavam com medo, e como refletissem quanto ao caminho a tomar, uma comprida plaina de Senger e um muito grosso pedaço de madeira foram lançados de seu banco de carpinteiro no outro quarto. Sobre a mesa de trabalho, as tampas estavam em seu lugar e, apesar disso, os objetos que cobriam foram semelhantemente lançados ao longe. Na mesma noite, os travesseiros da cama foram lançados sobre um armário e a cobertura contra a porta

Num outro dia, colocou-se aos pés da criança, sob a cobertura, um ferro de engomar pesando em tomo de seis libras; pouco depois foi lançado no primeiro quarto; o cabo foi retirado e foi encontrado em uma cadeira do quarto de dormir.

Fomos testemunhas de que cadeiras colocadas em torno de três pés da cama foram derrubadas, e janelas abertas, embora tivessem sido fechadas antes, e isso logo que viramos as costas para entrarmos no primeiro aposento. Uma outra vez, duas cadeiras foram transportadas sobre o leito, sem desarrumar a cobertura. Em 7 de outubro, tinha sido fechada solidamente a janela e fora estendido diante dela um pano branco. Desde que deixamos a sala, batem-se golpes redobrados, e com tanta violência que tudo ali foi abalado e as pessoas que passavam na rua se apavoraram. Acorrendo-se à sala, a janela estava aberta, o pano lançado em um pequeno armário ao lado, a cobertura da cama e os travesseiros por terra, as cadeiras derrubadas, e a criança no leito protegida só pela sua camisa. Durante quatorze dias, a senhora Senger não se ocupou senão em arrumar a cama.

Uma vez se havia deixado uma harmônica sobre uma cadeira; sons se fizeram ouvir; entrando-se precipitadamente no quarto, encontra-se, como sempre, a criança tranqüila em sua cama; o instrumento estava sobre a cadeira, mas não vibrava mais. Uma noite, o senhor Senger saía do quarto da filha quando recebeu, nas costas, a almofada de uma cadeira. Uma outra vez, foi um par de velhas chinelas, sapatos que estavam sob a cama, tamancos que vieram ao seu encontro. Muitas vezes também a vela acesa, colocada sobre a mesa de trabalho, foi soprada. Os golpes e a arranhadura se alternavam com essa demonstração do mobiliário. A cama parecia ser posta em movimento por mão invisível. À ordem de: *Balançai a cama* ou *Embalai a criança, a cama* ia e vinha, no comprimento e na largura, com ruído; à ordem de *alto!* se detinha. Podemos afirmar, nós que vimos, que quatro homens se sentaram sobre a cama, e mesmo nela foram suspensos sem poderem deter o movimento; foram erguidos com o móvel. Ao cabo de quatorze dias esses transtornos do mobiliário cessaram, e a essas manifestações sucederam outras.

No dia 26 de outubro, à noite, encontravam-se no quarto, entre outras pessoas, os senhores Louis Sochnée, licenciado em Direito, o capitão Simon, todos os dois de Wissembourg, assim como o senhor Sievert, de Bergzabern. Philippine Senger estava, nesse momento, mergulhada no sono magnético (1). ((1) *Um sonâmbulo de Paris havia entrado em relação com a jovem Philippine, e, desde então, esta cata, ela mesma, espontaneamente em sonambulismo. Passaram-se, nessa ocasião, fatos notáveis, que relataremos de outra vez. (Nota do tradutor.)*) O senhor Sievert apresentou a esta um papel contendo dois cabelos para ver o que faria com ele. Ela abre o papel, sem no entanto pôr os cabelos a descoberto, aplicou-os sobre as suas pálpebras fechadas, depois os afastou, como para examiná-los à

distância, e disse: "Gostaria muito de saber o que contém esse papel... São dois cabelos de uma senhora que não conheço... Se ela quiser vir que venha... Não posso convidá-la, não a conheço." Às perguntas que lhe faz o senhor Sievert, ela não responde; mas, tendo colocado o papel na palma da sua mão, que ela estendeu e revirou, ali permaneceu suspenso. Ela o colocou na ponta do indicador e fez sua mão descrever, durante muito tempo, um semicírculo, dizendo: "Não caia," e o papel permaneceu na extremidade do dedo; depois, à ordem de: "Agora caia," ele se destacou sem que fizesse o menor movimento para determinar a queda. Subitamente, virando para o lado da parede, ela disse: "Agora, quero te pregar na parede;" e ali aplicou o papel que permaneceu fixado em torno de 5 ou 6 minutos, depois do que o retirou. Um exame minucioso, do papel e da parede, não revelou nenhuma causa de aderência. Cremos que devemos fazer anotar que o quarto estava perfeitamente iluminado, o que nos permitiu dar-nos conta exata de todas essas particularidades.

No dia seguinte, à noite, se lhe dá outros objetos: chaves, moedas, charuteiras, relógios de bolso, anéis de ouro e de prata; e todos, sem exceção, permaneceram suspensos de sua mão. Anotou-se que a prata a ela aderiu mais do que as outras matérias, porque se teve dificuldade em lhe arrancar as moedas, e essa operação lhe causou dor. Um dos fatos mais curiosos desse gênero foi o seguinte: no sábado, 11 de novembro, um oficial que estava presente lhe deu seu sabre com o cinturão, e o todo, que pesava 4 libras segundo constatação, permaneceu suspenso do dedo médio balançando por bastante tempo. O que não foi menos singular, foi que todos os objetos, qualquer que fosse a matéria, permaneceram igualmente suspensos. Essa propriedade magnética se comunicava pelo simples contato das mãos com as pessoas suscetíveis da transmissão do fluido; disso tivemos vários exemplos.

Um capitão, o senhor cavaleiro de Zentner, aquartelado nessa época em Bergzabem, testemunha desses fenômenos, teve a idéia de colocar uma bússola perto da criança para observar-lhe as variações. Na primeira experiência, a agulha se desviou 15 graus, mas nas seguintes permanece imóvel, embora a criança tivesse a caixa em uma das mãos e a acariciasse com a outra. Essa experiência nos provou que esses fenômenos não poderiam se explicar pela ação do fluido mineral, tanto menos que a atração magnética não se exerce sobre todos os corpos indiferentemente.

Habitualmente, quando a pequena sonâmbula se dispunha a começar as suas sessões, ela chamava ao quarto todas as pessoas que ali se encontravam. Dizia simplesmente: *Vinde! Vinde!* ou bem: *Dai! Dai!* Frequentemente, não ficava tranqüila senão quando todo o mundo, sem exceção, estava perto do seu leito. Ela pedia, então, com zelo e impaciência, um objeto qualquer; logo que se lhe havia dado, ele se ligava aos seus dedos. Ocorria, frequentemente, que dez, doze e mais pessoas estavam presentes, e que cada uma delas lhe entregava vários objetos. Durante a sessão ela não admitia que ninguém lhe tomasse a pedi-los; parecia, sobretudo, desejar os relógios; ela os abria com grande destreza, examinava o movimento, fechava-os, depois os colocava junto dela para examinar outra coisa. No final, devolvia a cada um o que se lhe havia confiado; examinava os objetos de olhos fechados e jamais se enganou de proprietário. Se alguém lhe estendesse a mão para pegar o que não lhe pertencesse, ela o repelia. Como explicar essa distribuição múltipla a um tão grande número de pessoas, sem erro? Tentar-se-ia em vão fazê-lo por si mesmo de olhos abertos. Terminada a sessão e tendo os estranhos partido, os golpes e a arranhadura, momentaneamente interrompidos, recomeçavam. É preciso acrescentar que a criança não queria que ninguém permanecesse ao pé do seu leito perto do armário, o que deixava entre os dois móveis um espaço em torno de um pé. Se alguém aí se metesse, ela o despedia com gesto. Se recusava, mostrava uma grande inquietação e ordenava, por gestos imperiosos, que deixasse o lugar. Uma vez ela exortou os assistentes a jamais se manterem no lugar protegido, porque não queria, disse ela, que ocorresse infelicidade a alguém. Essa

advertência era tão positiva que ninguém, no futuro, a esqueceu.

Depois de algum tempo, ao ruído e à arranhadura se juntou um zumbido que se pode comparar ao som produzido por uma grossa corda de baixo; um certo silvo se misturava a esse zumbido. Se alguém pedisse uma marcha ou uma dança, seu desejo era satisfeito: o músico invisível se mostrava muito complacente. Com a ajuda da arranhadura, chama nominalmente as pessoas da casa ou os estranhos presentes; estes compreendem facilmente a quem se dirige. Ao chamado pela arranhadura, a pessoa designada responde *sim*, Para dar a entender que sabe que se trata dela; então executa, em intenção, um trecho de música que dá, às vezes, lugar a cenas agradáveis. Se uma outra pessoa, que aquela chamada, respondesse *sim*, a arranhadura faria compreender, por um *não*, expresso à sua maneira, que não tinha nada a dizer-lhe para o momento. Foi na noite de 10 de novembro que esses fatos se produziram pela primeira vez, e continuaram a se manifestar até este dia.

Eis agora como o espírito batedor procedia para designar as pessoas. Depois de várias noites, notou-se que aos diversos convites para fazer tal ou tal coisa, ele respondia por um golpe seco ou por uma arranhadura prolongada. Logo que o golpe seco era dado, o batedor começava a executar o que se desejava dele; quando, ao contrário, ele arranhava, não satisfazia o pedido. Um medico teve, então, a idéia de tomar por um *sim* o primeiro ruído, e o segundo por um *não*, e, desde então, essa interpretação foi sempre confirmada. Anotou-se, também, que por uma série de arranhaduras mais ou menos fortes, o espírito exigia certas coisas das pessoas presentes. A força de atenção, e anotando a maneira pela qual o ruído se produzia, pôde-se compreender a intenção do batedor. Assim, por exemplo, o pai Senger contou que pela manhã, ao romper do dia, ouvia ruídos modulados de um certo modo; sem ligar-lhes primeiro nenhum sentido, notou que não cessavam senão quando estava fora da cama, de onde compreendeu que significavam: *Levanta-te*. Foi assim que, pouco a pouco, familiarizou-se com essa linguagem, e que por certos sinais as pessoas designadas puderam se reconhecer.

Chegou o aniversário do dia em que o espírito batedor havia se manifestado pela primeira vez; numerosas mudanças se operam no estado de Philippine Senger. Os golpes, a arranhadura e o zumbido continuaram, mas a todas essas manifestações se juntou um grito particular que se assemelhava ora ao de um ganso, ora ao de um papagaio ou de qualquer outra grande ave; ao mesmo tempo ouvia-se uma espécie de picada contra a parede, semelhante ao ruído que faria um pássaro bicando. Nessa época, Philippine Senger falava muito durante seu sono, e parecia, sobretudo, preocupada com um certo animal que se assemelhava a um papagaio, mantendo-se ao pé da cama, gritando e dando bicadas contra a parede. Ao desejo de ouvir o papagaio gritar, este lançava gritos penetrantes. Colocaram-se diversas perguntas às quais fez responder por gritos do mesmo gênero; várias pessoas lhe mandaram dizer: *Kakatoés*, e ouviu-se, muito distintamente, a palavra *Kakatoés*, como se tivesse sido pronunciada pelo próprio pássaro. Silenciaremos os fatos menos interessantes, e nos limitaremos a narrar o que houve de mais notável sob o aspecto das mudanças sobrevindas no estado corporal da jovem.

Algum tempo antes do Natal, as manifestações se renovaram com mais energia; os golpes e a arranhadura tomaram-se mais violentos e prolongaram-se por mais longo tempo. Philippine, mais agitada que de costume, pedia, com freqüência, não mais dormir em sua cama, mas na de seus pais; ela rolava na sua gritando: Não posso mais permanecer aqui; vou sufocar, socorro! e sua calma não retornava senão quando era transportada para outra cama. Logo que ali se encontrava, pancadas muito fortes se faziam ouvir no alto; pareciam partir de um celeiro, como se um carpinteiro tivesse batido sobre vigas, sendo mesmo, algumas vezes, tão vigorosas que a casa era abalada, que as janelas vibravam, e que as pessoas presentes sentiam o solo tremer sob seus pés; golpes semelhantes eram igualmente

batidos contra a parede, perto do leito. Às perguntas feitas, os mesmos golpes respondiam como de hábito, alternando-se sempre com a arranhadura. Os fatos seguintes, não menos curiosos, foram muitas vezes reproduzidos.

Quando todo ruído havia cessado e a jovem repousava tranqüilamente em sua pequena cama, freqüentemente era vista prosternar-se de repente e juntar as mãos, tendo os olhos fechados; depois virava a cabeça para todos os lados, ora à direita ora à esquerda, como se alguma coisa extraordinária houvesse atraído sua atenção. Um sorriso amável, então, corria sobre os seus lábios; dir-se-ia que ela se dirigia a alguém; estendia as mãos, e, nesse gesto, compreendia-se que apertava as de alguns amigos ou conhecidos. Foi vista, também, depois de semelhantes cenas, retomar a sua primeira atitude suplicante, juntar de novo as mãos, curvar a cabeça até tocar a coberta, depois se endireitar e verter lágrimas. Suspirava então e parecia orar com um grande fervor. Nesses momentos, sua figura estava transformada; era pálida e tinha a expressão de uma mulher de 24 a 25 anos. Esse estado durava, freqüentemente, mais de meia hora, estado durante o qual ela não pronunciava senão *ah! ah!* Os golpes, a arranhadura, o zumbido e os gritos cessavam até o momento do despertar; então o batedor se fazia ouvir de novo, procurando a execução de música alegre para dissipar a penosa impressão produzida sobre a assistência. Ao despertar, a criança estava muito abatida; podia com dificuldade levantar os braços, e os objetos que se lhe apresentava, não permaneciam mais suspensos de seus dedos.

Curiosos em conhecerem o que ela havia experimentado, a interrogaram várias vezes. Não foi senão sob reiteradas instâncias que ela se decidiu a dizer que havia visto conduzir e crucificar o Cristo, no Gólgota; que a dor das santas mulheres prosternadas ao pé da cruz, e a crucificação haviam produzido sobre ela uma impressão que não podia reproduzir. Havia visto também uma multidão de mulheres, e de jovens virgens em roupas negras, e pessoas jovens em longas roupas brancas, percorrerem processionalmente as ruas de uma bela cidade, e, enfim, se achou transportada para uma vasta igreja onde havia assistido a um serviço fúnebre.

Em pouco tempo o estado de Philippine Senger muda de modo a dar inquietação sobre a sua saúde, porque no estado de vigília ela divagava e sonhava em voz alta; não reconhecia nem seu pai, nem sua mãe, nem sua irmã, nem qualquer outra pessoa, e esse estado vinha ainda agravar-se com uma surdez completa, que persistia durante quinze dias. Não podemos passar em silêncio o que ocorreu durante esse lapso de tempo.

A surdez de Philippine se manifestava do meio-dia às três horas, e ela mesma declarou que permanecerá surda durante um certo tempo e que cairá enferma. O que há de singular, é que, às vezes, ela recobrava o ouvido durante uma meia hora, com o que se mostrava feliz. Ela mesma predizia o momento em que a surdez deveria tomá-la e deixá-la. Uma vez entre outras, anunciou que à noite, às oito horas e meia, ela ouviria claramente durante uma meia hora; com efeito, na hora dita, seu ouvido havia voltado, e isso durou até as nove horas.

Durante sua surdez, seus traços estavam mudados; seu rosto tomava uma expressão de estupidez, que perdia logo que reentrava em seu estado normal. Nada, então, fazia impressão sobre ela; mantinha-se sentada, olhando as pessoas presentes com um olhar fixo e sem reconhecê-las. Não se podia fazer compreender senão por sinais aos quais, com freqüência, não respondia, limitando-se a fixar os olhos sobre aquele que lhe dirigia a palavra. Uma vez agarrou, de repente, pelo braço, uma das pessoas presentes e lhe disse, empurrando-a: *Quem és, pois?* Nessa situação, permanecia, algumas vezes, mais de uma hora e meia imóvel em sua cama. Seus olhos estavam meio abertos e parados sobre um ponto qualquer, de tempo em tempo viravam à direita e à esquerda, depois retornavam ao

mesmo lugar. Toda sensibilidade parecia, então, embotada nela; seu pulso batia com dificuldade, e quando se lhe colocava uma luz diante dos olhos, não fazia nenhum movimento: dir-se-ia morta.

Ocorreu, durante a sua surdez, que uma noite, estando deitada, ela pediu uma ardósia e giz, e depois escreveu: "As onze horas, direi alguma coisa, mas exijo que se mantenham tranquilos e silenciosos." Depois dessas palavras, acrescentou cinco sinais semelhantes aos da escrita latina, mas que nenhum dos assistentes pôde decifrar. Escreveu-se na ardósia que não se compreendiam esses sinais. E resposta a essa observação, ela escreveu: "Não é que não podeis ler?" E mais embaixo: "Não é alemão, é uma língua estrangeira." Em seguida, tendo retomado a ardósia, ela escreveu em outro lado "Francisque (sua irmã mais velha) se sentará nessa mesa e escreverá o que eu lhe ditarei." Acompanhou essas palavras de cinco sinais semelhantes aos primeiros, e devolveu a ardósia. Notando que esses sinais não haviam sido ainda compreendidos, pediu de novo a ardósia e acrescentou: "São ordens particulares."

Um pouco antes das onze horas, ela disse: "Ficai tranquilos, que todo mundo se sente e preste atenção!" e ao bater de onze horas, ela se vira em seu leito e caiu em seu sono magnético comum. Alguns instantes depois, pôe-se a falar, o que se prolonga, sem descontinuidade, durante uma meia hora. Entre outras coisas, declara que no corrente ano se produziram fatos que ninguém poderia compreender, e que todas as tentativas feitas para explicá-los restariam infrutíferas.

Durante a surdez da jovem Senger, a desordem do mobiliário, a abertura inexplicada de janelas, a extinção das luzes colocadas sobre a mesa de trabalho, se renovaram várias vezes. Ocorreu uma noite, que dois bonés pendurados em um cabide do quarto de dormir, foram atirados sobre a mesa do outro quarto, e tombaram um copo cheio de leite, que se derramou na terra. As pancadas contra a cama eram tão violentas, que esse móvel foi deslocado; algumas vezes mesmo foi desmontada com estrondo, sem que as pancadas se fizessem ouvir.

Como havia ainda pessoas incrédulas, ou que atribuíam essas singularidades a um jogo da criança que, segundo elas, batia ou arranhava com seus pés e mãos, se bem que os fatos houvessem sido constatados por mais de cem testemunhas, e que fora verificado que a jovem tinha os braços estendidos sobre a coberta enquanto os ruídos se produziam, o capitão Zentner imaginou um meio para convencê-las. Fez trazer da caserna duas cobertas muito espessas, as quais foram colocadas uma sobre a outra, com ambas se envolvendo o colchão e os lençóis da cama; eram felpudas, de tal modo que era impossível nelas produzir o menor ruído pela fricção. Philippine, vestida com uma simples camisa e com uma camisola de dormir, foi colocada sob essas cobertas; apenas acomodada, a arranhadura e os golpes ocorreram como antes, ora contra a madeira da cama, ora contra o armário vizinho, segundo o desejo que era manifestado.

Ocorre, freqüentemente, que quando alguém cantarola ou assobia uma música qualquer, o batedor o acompanha, e os sons que se percebem parece provirem de dois, três ou quatro instrumentos: ouve-se arranhar, bater, assobiar e ribombar ao mesmo tempo, segundo o ritmo da música cantada. Freqüentemente também, o batedor pede a um dos assistentes para cantar uma canção; ele o designa pelo procedimento que conhecemos, e quando este compreendeu que é a si que o Espírito se dirige, pergunta-lhe a seu turno se deve cantar tal ou tal música; e lhe é respondido por *sim* ou por *não*. A música indicada sendo cantada, um acompanhamento de zumbidos e assobios se faziam ouvir perfeitamente no compasso. Depois de uma música alegre, o Espírito pedia, muito freqüentemente, a música: *grande Deus nós te louvamos*, ou a canção de Napoléon I. Se se lhe dissesse para tocar só esta última canção ou qualquer outra, a fazia ouvir desde o começo até o fim.

As coisas caminharam assim na casa de Senger, seja de dia, seja à noite, durante o sono ou no estado de vigília da criança, até 4 de março de 1853, época na qual as manifestações entraram em uma outra fase. Esse dia foi marcado por um fato mais extraordinário ainda que os precedentes. *(Continua no próximo número.)*

Nota. - Nossos leitores poderão estar descontentes, sem dúvida, pela extensão que demos a esses curiosos detalhes, e pensamos que lerão sua continuação com não menos interesse. Anotaremos que esses fatos não nos vêm de países de além-mar, cuja distância, quando muito, é um grande argumento para certos cétricos; não vêm mesmo de além Rhin, porque foi sobre as nossas fronteiras que eles se passaram, e quase sob os nossos olhos, uma vez que datam apenas de há seis anos.

Philippine Senger era, como se viu, uma médium natural muito complexa; além da influência que exercia sobre os fenômenos bem conhecidos dos ruídos e dos movimentos, era sonâmbula extática. Conversava com os seres incorpóreos que via; via, ao mesmo tempo, os assistentes, e lhes dirigia a palavra, mas não lhes respondia sempre, o que prova que em certos momentos ela estava isolada. Para aqueles que conhecem os efeitos da emancipação da alma, as visões que relatamos nada têm que não possa ser facilmente explicado; é provável que, nesses momentos de êxtase, o Espírito da criança se achasse transportado para algum país distante onde assistia, talvez em recordação, a uma cerimônia religiosa. Pode-se admirar da lembrança que guardava ao despertar, mas esse fato não é insólito; de resto, pode-se anotar que a lembrança era confusa, e que era preciso insistir muito para provocá-la.

Se se observar atentamente o que se passou durante a surdez, aí se reconhecerá, sem dificuldade, um estado cataléptico. Uma vez que essa surdez não era senão temporária, é evidente que não decorria da alteração dos órgãos do ouvido. Ocorria mesmo a obliteração momentânea das faculdades mentais, obliteração que nada tinha de patológica, uma vez que, num dado instante, tudo retornava ao estado normal. Essa espécie de estupidez aparente prendia-se a um desligamento mais completo da alma, cujas excursões eram feitas com mais liberdade, e não deixavam aos sentidos senão a vida orgânica. Que se julgue, pois, o efeito desastroso que teria podido produzir um tratamento terapêutico em semelhante circunstância! Fenômenos do mesmo gênero podem se produzir a cada instante; não saberíamos, nesse caso, recomendar mais circunspeção; uma imprudência pode comprometer a saúde e mesmo a vida.

A preguiça

Revista Espírita, junho de 1858

Dissertação moral ditada por São Luís à senhorita Hermance Dufaux

(5 de maio de 1858)

I

Um homem saiu de madrugada e foi para a praça pública para ajustar trabalhadores. Ora, ele viu dois homens do povo que estavam sentados de braços cruzados. Foi a um deles e o abordou dizendo: "Que fazes tu aqui?" e este tendo respondido: "Não tenho trabalho", aquele que procurava trabalhadores lhe disse: "Tome tua enxada, e vá para o meu campo, sobre a vertente da colina, onde sopra o vento sul; cortarás a urze e revólveres o solo até que a noite chegue; a tarefa é rude, mas terás um bom salário." E o homem do povo carregou a enxada sobre os ombros, agradecendo-lho em seu coração.

O outro trabalhador, tendo ouvido isso, se ergueu do seu lugar e se aproximou dizendo: "Senhor, deixai-me também ir trabalhar em vosso campo;" e o senhor tendo dito a ambos para segui-lo, caminhou adiante para lhes mostrar o caminho. Depois, quando chegaram à beira da colina, dividiu a obra em duas partes e se foi dali.

Depois que partiu, o último dos trabalhadores que havia contratado, primeiramente pôs fogo nas urzes do lote que lhe coube em partilha, e trabalhou a terra com o ferro de sua enxada. O suor jorrou do seu rosto sob o ardor do sol. O outro o imitou primeiro murmurando, mas se cansou cedo do seu trabalho, e cravando sua enxada sob o sol, sentou-se perto, olhando seu companheiro trabalhar.

Ora, o senhor do campo veio perto da noite, e examinou a obra realizada, e tendo chamado a ele o obreiro diligente, cumprimentou-o dizendo: "Trabalhaste bem; eis teu salário," e lhe deu uma peça de prata, despedindo-o. O outro trabalhador se aproximou também e reclamou o preço de sua jornada; mas o senhor lhe disse: "Mau trabalhador, meu pão não acalmará tua fome, porque deixaste inculta a parte de meu campo que te havia confiado;" não é justo que aquele que nada fez seja recompensado como aquele que trabalhou bem; e o mandou embora sem nada lhe dar.

II

Eu vos digo, a força não foi dada ao homem, e a inteligência ao seu espírito, para que consuma seus dias na ociosidade, mas para que seja útil aos seus semelhantes. Ora, aquele cujas mãos sejam desocupadas e o espírito ocioso será punido, e deverá recomeçar sua tarefa.

Eu vos digo, em verdade, sua vida será lançada de lado como uma coisa que não foi boa em nada, quando seu tempo se tiver cumprido; compreendei isto por uma comparação. Qual

dentre vós, se há em vosso pomar uma árvore que não produz bons frutos, não dirá ao seu servidor Cortai essa árvore e lançai-a ao fogo, porque seus ramos são estéreis. Ora, do mesmo modo que essa árvore será cortada por sua esterilidade, a vida do preguiçoso será posta de lado porque terá sido estéril em boas obras.

Conversas familiares de além-túmulo

Senhor Morisson, monomaniaco

Revista Espírita, junho de 1858

Um jornal inglês deu, no mês de março último, a notícia seguinte sobre o senhor Morisson, que acaba de morrer na Inglaterra, deixando uma fortuna de cem milhões de francos. Ele era, disse esse jornal, durante os dois últimos anos de sua vida, vítima de uma singular monomania. Imaginava que estava reduzido a uma pobreza extrema e deveria ganhar seu pão de cada dia por um trabalho manual. Sua família e seus amigos haviam reconhecido que era inútil procurar desiludi-lo; era pobre, não tinha um xelim, lhe era preciso trabalhar para viver isso era a sua convicção. Metiam-lhe uma enxada na mão cada manhã, e o mandavam trabalhar em seus jardins. Logo voltava-se a procurá-lo, sua tarefa tida como finda; pagava-se-lhe, então, um modesto salário pelo seu trabalho, e ele ficava contente; seu espírito estava tranqüilo, sua mania satisfeita. Teria sido o mais infeliz dos homens se tivessem procurado contrariá-lo.

1. Peço a Deus todo-poderoso permitir ao Espírito de Morisson, que vem de morrer na Inglaterra, deixando uma fortuna considerável, se comunicar conosco. - R. Ele está aqui.
2. Lembrai-vos do estado no qual estáveis durante os dois últimos anos de vossa existência corporal? - R. Foi sempre o mesmo.
3. Depois de vossa morte, vosso Espírito se ressentiu da aberração de vossas faculdades durante vossa vida? - R. Sim. - São Luís completa a resposta dizendo espontaneamente: O Espírito liberto do corpo se ressentiu, algum tempo, da compressão dos seus laços.
4. Assim, uma vez morto, vosso Espírito, pois, não recobrou imediatamente a plenitude de suas faculdades? - R. Não.
5. Onde estais agora? - R. Atrás de Ermance.
6. Sois feliz ou infeliz? - R. Falta-me alguma coisa... Não sei o quê... Procuvo... Sim, eu soffro.
7. Por que soffreis? - R. Sofre pelo bem que não fez. (São Luís.)
8. De onde vinha essa mania de vos crerdes pobre com uma tão grande fortuna? - R. Eu o era; o verdadeiro rico é aquele que não tem necessidades.
9. De onde provinha, sobretudo, essa idéia que vos seria preciso trabalhar para viver? - R. Estava louco; e estou ainda.

10. De onde vos chegou essa loucura? - R. Que importa! Havia escolhido essa expiação.
11. Qual foi a fonte de vossa fortuna? - R. Que te importa?
12. Entretanto, a invenção que fizestes não tinha por objetivo aliviar a Humanidade? - R. E de me enriquecer.
13. Que uso fizestes de vossa fortuna, quando gozáveis de toda a vossa razão? - R. Nada; creio: a desfrutava.
14. Por que Deus vos concedeu a fortuna, visto que não deveríeis fazer dela um uso útil para os outros? - R. Havia escolhido a prova.
15. Aquele que goza de uma fortuna adquirida com o seu trabalho não é mais desculpável por retê-la do que aquele que nasce no seio da opulência e jamais conheceu a necessidade? - R. Menos. - São Luís acrescenta: Aquele conhecia a dor que não alivia.
16. Lembrai-vos da existência que precedeu aquela que vindes de deixar? - R. Sim.
17. Que éreis então? - R. Trabalhador.
18. Disseste-nos que éreis infeliz; vedes um fim para o vosso sofrimento? - R. Não. - São Luís acrescenta: É muito cedo.
19. De que isso depende? - R. De mim. Aquele que está aqui me disse.
20. Conheceis aquele que está aqui? - R. Vós o chamais Luís.
21. Sabeis o que ele foi em França, no século XIII? - R. Não... Eu o conheço por vós... Obrigado, por aquilo que me ensinam.
22. Credes em uma nova existência corporal? - R. Sim.
23. Se deveis renascer na vida corporal, de que dependerá a posição social que tereis? - R. De mim, creio. Escolhi tantas vezes, que isso não pode depender senão de mim.
- Nota.* - Essas palavras: *Escolhi tantas vezes*, são características. Seu estado atual prova que, apesar de suas numerosas existências, pouco progrediu, e que é sempre recomeçar para ele.
24. Qual posição social escolheríeis se pudésseis recomeçar? -R. Baixa; caminha-se com mais segurança; não se está encarregado senão de si mesmo.
25. (A São Luís.) Não há um sentimento de egoísmo na escolha de uma posição inferior onde não se está encarregado senão de si mesmo? - R. Em nenhuma parte não se está encarregado senão de si; o homem responde por aqueles que o cercam, não somente as almas cuja educação lhe está confiada, mas ainda mesmo as outras: o exemplo faz todo o mal.

26. (A Morisson.) Nós vos agradecemos por consentir em responder às nossas perguntas, e rogamos a Deus vos dar a força para suportar novas provas. - R. Vós me aliviastes; eu aprendi.

Nota. - Reconhece-se facilmente, nas respostas acima, o estado moral desse Espírito; são breves, e quando não são monossilábicas, têm alguma coisa de sombra e de vago: um louco melancólico não falaria de outro modo. Essa persistência da aberração das idéias depois da morte é um fato notável, mas que não é constante, ou que apresente, algumas vezes, qualquer outro caráter. Teremos ocasião de citar a respeito vários exemplos, tendo no caso de estudar os diferentes gêneros de loucura.

O suicida de Samaritana

Revista Espírita, junho de 1858

Os jornais, ultimamente, relataram o fato seguinte: "Ontem (7 de abril de 1858), pelas sete horas da noite, um homem de uns cinqüenta anos e convenientemente vestido, se apresentou no estabelecimento da Samaritana e se fez preparar um banho. O garçon de serviço admirando-se que esse indivíduo, depois de um intervalo de duas horas, não chamasse mais, decidiu entrar em sua cabine para ver se não estava indisposto. Foi então testemunha de um horrendo espetáculo: o infeliz se havia cortado a garganta com uma navalha, e todo o seu sangue se misturou à água da banheira. Não podendo ser estabelecida a identidade, transportou-se o cadáver para o Necrotério."

Pensamos que poderíamos haurir um ensinamento útil à nossa instrução, em uma entrevista com o Espírito desse homem. Evocamo-lo, pois, em 13 de abril, por conseguinte seis dias somente depois de sua morte.

1. Peço a Deus Todo-poderoso permitir ao Espírito do indivíduo que se suicidou nos banhos da Samaritana se comunicar conosco. - R. Espere.... (depois de alguns segundos): está aqui.

Nota. - Para compreender essa resposta, é preciso saber que há, geralmente, em todas as reuniões regulares, um Espírito familiar o do médium ou da família, que está sempre presente sem ser chamado. E ele que faz vir aquele que se evoca, e, segundo seja mais ou menos elevado, ele mesmo serve de mensageiro ou dá ordens aos Espíritos que lhe são inferiores. Quando as nossas reuniões têm por intérprete a senhorita Ermance Dufaux, é sempre o Espírito de São Luís que consente assisti-la de ofício; foi ele quem deu a resposta acima.

2. Onde estais agora? - R. Não sei... Dizei-me onde estou.

3. Estais na rua de Valois (Palais-Royal), nº 35, em uma assembléia de pessoas que se ocupam de estudos espíritas, e que vos são benevolentes. - R. Dizei-me se vivo... Eu estufo no caixão.

4. Quem vos convidou para vir até nós? - R. Senti-me aliviado.

5. Qual foi o motivo que vos levou ao suicídio? - R. Estou morto?... Não... Habito meu corpo... Não sabeis o quanto sofro!... Eu estufo... Que mão compassiva procure me matar!

Nota. - Sua alma, embora separada do corpo, está ainda completamente mergulhada no que se poderia chamar o turbilhão da matéria corporal; as idéias terrestres estão ainda vivas; não se crê morto.

6. Por que não deixastes nenhum traço que pudesse fazer vos reconhecer? - R. Estou abandonado; fugi do sofrimento para encontrar a tortura.

7. Tendes agora os mesmos motivos para permanecer desconhecido? - R. Sim; não coloqueis

um ferro em brasa na ferida que sangra.

8. Desejais dizer-nos vosso nome, vossa idade, vossa profissão, vosso domicílio? - R. Não... A tudo: não...

9. Tínheis uma família, uma mulher, filhos? - R. Estava abandonado; nenhum ser me amava.

10. Que fizestes para não ser amado por ninguém? - R. Quantos são como eu!... Um homem pode ser abandonado no seio de sua família, quando nenhum coração o ame.

11. No momento de consumir vosso suicídio, não experimentastes nenhuma hesitação? - R. Tinha sede da morte... esperava o repouso.

12. Como o pensamento do futuro não vos fez renunciar ao vosso projeto? - R. Nele não acreditava mais; estava sem esperança. O futuro é a esperança.

13. Que reflexões fizestes no momento em que sentistes a vida se extinguir em vós? - R. Não refleti; senti... Minha vida não está extinta... minha alma está ligada ao meu corpo... Sinto os vermes que me roem.

14. Que sentimento experimentastes no momento em que a morte se completou? - R. Ela se completou?

15. O momento em que a vida se extinguiu vos foi doloroso? -R. Menos doloroso do que depois. Só o corpo sofreu. - São Luís continuou: O Espírito se descarregou de um fardo que o oprimia; sentiu a volúpia da dor. (A São Luís.) Esse estado é sempre a consequência do suicídio? - R. Sim; o Espírito do suicida fica ligado ao seu corpo até o termo de sua vida. A morte natural é o enfraquecimento da vida: o suicida a quebra inteiramente.

16. Esse estado é o mesmo de toda morte accidental independente da vontade, e que abrevia a duração natural da vida? - R. Não. Que entendeis pelo suicídio? O Espírito não é culpável senão por suas obras.

Nota. - Havíamos preparado uma série de perguntas que nos propúnhamos dirigir ao Espírito desse homem sobre a sua nova existência; em presença dessas respostas, tornaram-se sem objeto; estava evidente para nós que ele não tinha nenhuma consciência de sua situação; seu sofrimento era a única coisa que poderia nos descrever.

Essa dúvida da morte é muito comum entre as pessoas falecidas há pouco, e, sobretudo, naqueles que, durante sua vida, não elevaram sua alma acima da matéria. É um fenômeno bizarro à primeira vista, mas que se explica muito naturalmente. Se a um indivíduo posto em sonambulismo pela primeira vez, perguntar-se se ele dorme, responderá quase sempre que *não*, e essa resposta é lógica: foi o interrogador que colocou mal a pergunta em se servindo de uma palavra imprópria. A idéia de sono, em nossa linguagem usual, está ligada à da suspensão de todas as nossas faculdades sensitivas; ora, o sonâmbulo que pensa e vê, que tem consciência de sua liberdade moral, não crê dormir e, com efeito, não dorme, na acepção vulgar da palavra. Por isso, responderá *não* até que esteja familiarizado com essa nova maneira de entender as coisas. Ocorre o mesmo no homem que vem de morrer, para ele a morte era o nada; ora, igual ao sonâmbulo, ele vê, sente, fala; para ele, pois, não é a morte, e o dirá até que haja adquirido a intuição de seu novo estado.

Confissão de Luís XI

Revista Espírita, junho de 1858

(Extrato da vida de Luís XI, ditada por ele mesmo à senhorita Ermance Dufaux)

(Ver os números de março e maio de 1858.)

ENVENENAMENTO DO DUQUE DE GUYENNE

..... Em seguida me ocupei da Guyenne. Odet d'Aidies, senhor de Lescun, que estava zangado comigo, fazia os preparativos da guerra com uma maravilhosa atividade. Não era senão com dificuldade que ele mantinha-o ardor belicoso de meu irmão (o duque de Guyenne). Tinha que combater um terrível adversário no espírito de meu irmão; era a senhora de Thouars, a amante de Charles (o duque de Guyenne).

Essa mulher não procurava senão se aproveitar do império que tinha sobre o jovem duque para afastá-lo da guerra, não ignorando que tinha por objetivo o casamento de seu amante. Seus inimigos secretos tinham fingido louvar em sua presença a beleza e as brilhantes qualidades de sua noiva: isso foi o bastante para persuadir-lo de que sua desgraça seria certa se essa princesa esposasse o duque de Guyenne. Convencida da paixão de meu irmão, recorreu às lágrimas, às preces e a todas as extravagâncias de uma mulher perdida em semelhante caso. O fraco Charles cedeu e deu parte a Lescun de suas novas resoluções. Este preveniu imediatamente o duque de Bretagne e os interessados; eles se alarmaram e fizeram representações ao meu irmão; elas, porém, não fizeram senão tornar a mergulhá-lo em suas irresoluções.

Entretanto, a favorita chegou, não sem dificuldade, a dissuadi-lo de novo da guerra e do casamento; desde então, sua morte foi resolvida por todos os príncipes. Com medo que meu irmão viesse a atribuí-la a Lescun, de quem conhecia a antipatia pela senhora de Thouars, decidiram ganhar Jean Faure Duversois, monge beneditino, confessor de meu irmão e abade de Saint-Jean-d'Angely.

Esse homem era um dos mais entusiasmados partidários da senhora de Thouars, e ninguém ignorava o ódio que tinha por Lescun, cuja influência política invejava. Não era provável que meu irmão lhe atribuisse, jamais, a morte de sua amante, sendo esse padre um dos favoritos, nos quais tinha maior confiança. Não foi apenas a sede de grandeza que o prendeu à favorita, também se deixou corromper sem dificuldade.

Há muito tempo, eu havia tentado seduzir o abade; ele sempre repelia minhas ofertas, de modo, todavia, a deixar-me a esperança de chegar a esse objetivo.

Ele viu facilmente em qual posição se colocaria prestando aos príncipes o serviço que esperavam dele; sabia que nada custava aos grandes para se desembaraçarem de um cúmplice. Por outro lado, conhecia a inconstância de meu irmão e temia ser sua vítima.

Para conciliar sua segurança com seus interesses, determinou-se em sacrificar seu jovem

senhor. Tomando essa decisão, tinha mais chances de sucesso do que de insucesso. Para os príncipes, a morte do jovem duque de Guyenne deveria ser o resultado de um equívoco ou de um acidente imprevisto. A morte da favorita, quando mesmo se a pudesse imputar ao duque de Bretagne e aos seus co-interessados, teria passado despercebida, por assim dizer, uma vez que ninguém teria podido descobrir os motivos que lhe davam uma importância real sob o ponto de vista político.

Admitindo que se pudesse acusá-los pela morte do meu irmão, eles se encontrariam no maior perigo, porque seria de meu dever castigá-los rigorosamente; sabiam que não seria a boa vontade que me faltaria e, nesse caso, os povos se voltariam contra eles; e o próprio duque de Bourgogne, estranho ao que se tramava em Guyenne, se teria visto forçado a se aliar comigo, sob pena de se ver acusado de cumplicidade. Mesmo nesta última hipótese, tudo teria triunfado na minha opinião; teria podido fazer declarar Charles-le-Téméraire criminoso de lesa-majestade e fazê-lo condenar à morte pelo Parlamento, como matador de meu irmão. Essas espécies de condenações, feitas por esse corpo elevado, tinham sempre grandes resultados, sobretudo quando eram de uma legitimidade incontestável.

Vêm-se, sem dificuldade, quais os interesses que os príncipes tiveram para manejarem o abade; mas, em compensação, nada era mais fácil do que dele se desfazerem secretamente.

Comigo, o abade de Saint-Jean teria ainda mais chances de impunidade. O serviço que me prestava era da última importância para mim, sobretudo nesse momento: a linha formidável que se formava e da qual o duque de Guyenne era o centro, deveria infalivelmente perder-me; a morte de meu irmão, era o único meio de destruí-la e, por conseguinte, de me salvar. Ele ambicionava o favor de Tristan-l'Hermite, e pensava que chegaria por aí a se elevar acima dele, ou pelo menos partilhar minhas boas graças e minha confiança com ele. Aliás, os príncipes tinham cometido a imprudência de deixar-lhe em mãos provas incontestáveis de sua culpabilidade: eram diferentes escritos; como estavam naturalmente concebidos em termos muito vagos, não seria difícil substituir a pessoa de meu irmão pela de sua favorita, que não era designada senão em termos subentendidos. Entregando-me essas peças, afastaria de cima de mim toda espécie de dúvida sobre minha inocência; se livraria por isso do único perigo que corria do lado dos príncipes e, provando que eu nada tinha com o envenenamento, cessava de ser meu cúmplice e me tirava todo o interesse em fazê-lo perecer.

Restaria provar que ele mesmo nada tinha a ver com isto; era uma dificuldade menor: primeiro, estava certo de minha proteção; em seguida, os príncipes não tendo provas de sua culpabilidade, poderia devolver sobre eles as suas acusações, a título de calúnias.

Tudo bem pesado, fez passar junto de mim um emissário, que fingiu vir por si mesmo, e me disse que o abade de Saint-Jean estava descontente com meu irmão. Vi, imediatamente, todo o partido que poderia tirar dessa disposição e caí na armadilha que o astuto abade me estendeu; não supondo que esse homem pudesse ser enviado por ele, despachei um de meus espiões de confiança. St-Jean representou tão bem seu papel, que este foi enganado. Sob seu relato escrevi ao abade para conquistá-lo; ele fingiu muitos escrúpulos, mas nisso triunfei sem dificuldade. Consentiu em se encarregar do envenenamento de meu jovem irmão: não hesitei mesmo em cometer esse crime horrível, tanto estava pervertido.

Henri de la Roche, escudeiro da boca do duque, se encarregou de fazer preparar um pêssego que o próprio abade ofereceu à senhora de Thouars, quando merendava na mesa com meu irmão. A beleza dessa fruta era notável; fê-la admirar a esse príncipe e a partilhou com ele. Apenas os dois tinham comido, a favorita sentiu violentas dores nas entranhas: não tardou

em expirar no meio dos mais atrozes sofrimentos. Meu irmão experimentou os mesmos sintomas mas com muito menor violência.

Parecerá talvez estranho que o abade tenha se servido de um tal meio para envenenar seu jovem senhor, com efeito, o menor incidente poderia frustrar seu plano. Era, todavia, o único que a prudência poderia aprovar: fundaria a conjetura de um engano. Atingida pela beleza do pêssego, era muito natural que a senhora de Thouars fizesse seu amante admirá-la e dele lhe oferecer uma metade: este não poderia deixar de aceitá-la e de comer um pouco, não fora senão por complacência. Admitindo que não comesse senão uma pequena parte, teria sido suficiente para lhe dar os primeiros sintomas necessários; então um envenenamento posterior poderia trazer a morte como consequência do primeiro.

O terror tomou os príncipes desde que souberam das funestas consequências do envenenamento da favorita; não tiveram a menor suspeita da premeditação do abade. Não pensavam senão em dar toda aparência natural à morte da jovem mulher e à doença de seu amante; mas nenhum deles falou em oferecer um contra-veneno ao infeliz príncipe, temendo se comprometer; com efeito, essa providência teria dado a entender que conhecia o veneno e que era, por conseguinte, cúmplice do crime.

Graças à sua juventude e à força do seu temperamento, Charles resistiu algum tempo ao veneno. Seus sofrimentos físicos não fizeram senão levá-lo aos seus antigos projetos com mais ardor. Temendo que sua doença diminuísse o zelo de seus oficiais, quis fazê-los renovar seu juramento de fidelidade. Como exigisse que se comprometessem a servi-lo para e contra todos, mesmo contra mim, alguns dentre eles, receando sua morte que parecia próxima, recusaram de prestá-lo e passaram para a minha corte.....

Nota. - Leu-se, no nosso número precedente, os interessantes detalhes dados por Luís XI sobre a sua morte. O fato que acabamos de relatar, não é menos notável sob o duplo ponto de vista da história e do fenômeno das manifestações; não teríamos, de resto, senão o embaraço da escolha; a vida desse rei, tal qual foi ditada por ele mesmo, sem contradita, é a mais completa que temos, e, podemos dizer, a mais imparcial. O estado do Espírito de Luís XI lhe permite hoje apreciar as coisas em seu justo valor; pôde-se ver, pelos três fragmentos que citamos, como se julga a si mesmo; explica sua política melhor do que não o faria nenhum dos seus historiadores: não absolve sua conduta; e em sua morte, tão triste e tão vulgar para um monarca todo-poderoso, há algumas horas apenas, vê um castigo antecipado.

Como fato de manifestações, esse trabalho oferece um interesse todo particular: prova que as comunicações espíritas podem nos esclarecer sobre a história, quando se sabe colocar em condições favoráveis. Fazemos votos para que a publicação da vida de Luís XI, assim como a não menos interessante de Charles VIII, igualmente terminada, venham cedo emparelhar com a de Jeanne d'Arc.

Henri Martin - sua opinião sobre as comunicações extracorpóreas

Revista Espírita, junho de 1858

Vemos aqui certos escritores eméritos encolherem os ombros apenas ao nome de uma história escrita pelos Espíritos. - Pois quê! dizem, seres de outro mundo virem controlar nosso saber, a nós sábios da Terra! Convenhamos pois! isso é possível? - Não vos forcamos a crer, senhores; não procuraremos vos tirar uma ilusão tão cara. Nós vos convidamos mesmo, no interesse de vossa glória futura, a escreverem vossos nomes em caracteres INDESTRUTÍVEIS embaixo desta modesta sentença: *Todos os partidários do Espiritismo são insensatos, porque só a nós compete julgar até onde vai o poder de Deus;* e isso a fim de que a posteridade não possa esquecê-los; ela mesma verá se deve dar-lhes lugar ao lado daqueles que recentemente, eles também, repeliram os homens aos quais a ciência e o reconhecimento público hoje erguem estátuas.

Eis, no entanto, um escritor, cujas altas capacidades não são desconhecidas de ninguém, e que ousa, ele, com o risco de passar também por um cérebro rachado, hastear a bandeira das idéias novas sobre as relações do mundo físico com o mundo incorpóreo. Lemos o que segue na *História de França*, de Henri Martin, tomo 6, página 143, a propósito de Jeanne d'Arc:

"... Existe na humanidade uma ordem excepcional de fatos morais e físicos que parecem derrogar as leis comuns da Natureza; é o estado de êxtase e de sonambulismo, seja espontâneo, seja artificial, com todos os seus espantosos fenômenos de deslocamento dos sentidos, de insensibilidade total ou parcial, de exaltação da alma, de percepções fora de todas as condições da vida habitual. Essa classe de fatos foi julgada por pontos de vista muito opostos. Os fisiologistas, vendo as relações costumeiras dos órgãos perturbadas ou deslocadas, qualificam de doença o estado extático ou sonambúlico, admitindo a realidade daqueles fenômenos que podem reconduzir à patologia e negam todo o resto, quer dizer, tudo o que pareça fora das leis constatadas da física. A doença torna-se mesmo loucura, a seus olhos, quando ao deslocamento da ação dos órgãos se juntam alucinações dos sentidos, visões de objetos que não existem senão para o visionário. Um fisiologista eminente estabeleceu muito duramente que Sócrates era louco, porque acreditava conversar com o seu demônio. Os místicos respondem não somente afirmando por reais os fenômenos extraordinários das percepções magnéticas, questão sobre a qual encontram inumeráveis auxiliares e inumeráveis testemunhas fora do misticismo, mas sustentam que as visões dos extáticos têm objetos reais, vistos, é verdade, não com os olhos do corpo, mas com os olhos do espírito. O êxtase é para eles a ponte lançada do mundo visível ou mundo invisível, o meio de comunicação do homem com os seres superiores, a lembrança e a promessa de uma existência melhor de onde decaímos e que devemos reconquistar.

"Que partido devem tomar, nesse debate, a história e a filosofia?

"A história não poderia pretender determinar com precisão os limites, nem a importância, dos fenômenos, nem das faculdades extáticas e sonambúlicas; ela, porém, constata que são de todos os tempos e de todos os lugares; que os homens sempre acreditaram nelas; que exerceram uma ação considerável sobre os destinos do gênero humano; que se

manifestaram não somente entre os contemplativos, mas entre os mais poderosos e os mais ativos gênios, entre a maioria dos grandes iniciadores; que, tão insensatos que sejam muitos extáticos, nada há de comum entre as divagações da loucura e as visões de alguns; que essas visões podem se reduzir a de certas leis; que os extáticos, de todos os países e de todos os séculos, tem aquilo que se pode chamar uma língua comum, a língua dos símbolos, da qual a língua da poesia não é senão um derivado, língua que exprime com pouca diferença as mesmas idéias e os mesmos sentimentos pelas mesmas imagens.

"É mais temerário, talvez, tentar concluir em nome da filosofia; todavia a filosofia, depois de ter reconhecido a importância moral desses fenômenos, tão obscuros que sejam para nós a lei e o objetivo, depois de ter neles distinguido dois graus, um, inferior, que não é senão uma extensão estranha ou um deslocamento inexplicável da ação de órgãos; o outro, superior, que é uma exaltação prodigiosa das forças morais e intelectuais; a filosofia poderia sustentar, ao que nos parece, que a ilusão de inspirá-la consiste em tomar por uma revelação trazida por seres exteriores, anjos, santos ou gênios, as revelações interiores dessa personalidade infinita que está em nós e que, às vezes, entre os melhores e os maiores, se manifesta por relâmpagos de forças latentes excedendo, quase sem medida, as faculdades da nossa condição atual. Em uma palavra, na língua da escola, estão aí para nós *atos de subjetividade*; na língua das antigas filosofias místicas, e das religiões mais elevadas, são as revelações do *ferouer* masdeísta, do bom demônio (o de Sócrates), do anjo guardião, desse outro *Eu* que não é senão o *Eu* eterno, em plena posse de si mesmo, planando sobre o *eu* envolvido nas sombras desta vida (é a figura do magnífico símbolo Zoroastriano figurado por toda parte em Persépolis e em Ninive; o *ferouer* alado ou o *eu* celeste planando sobre a pessoa terrestre.)

"Negar a ação de seres exteriores sobre o inspirado, não ver em suas supostas manifestações senão a forma dada às intuições do extático pelas crenças de seu tempo e de seu país, procurar a solução do problema nas profundezas da pessoa humana, isso não é de nenhum modo colocar em dúvida a intervenção divina nesses grandes fenômenos e nessas grandes existências. O autor e o sustentáculo de toda a vida, por essencialmente independente que seja de cada criatura e de toda a criação, por distinto que seja do nosso ser contingente sua personalidade absoluta, não é um ser exterior, quer dizer, estranho a nós, e não é de fora que nos fala; quando a alma mergulha em si mesma, ela o encontra, e, em toda inspiração saudável, nossa liberdade se associa à sua providência. É preciso, aqui como em toda parte, o duplo obstáculo da incredulidade e da piedade mal esclarecida: uma não vê senão ilusões e senão impulsos puramente humanos; a outra recusa admitir qualquer parte de ilusão, de ignorância ou de imperfeição ali onde vê o dedo de Deus. Como se os enviados de Deus deixassem de ser homens, os homens de um certo tempo e de um certo lugar, e como se os relâmpagos sublimes que lhe atravessam a alma nela colocam a ciência universal e a perfeição absoluta. Nas inspirações mais evidentemente providenciais, os erros que vêm do homem se misturam à verdade que vem de Deus. O Ser infalível não comunica sua infalibilidade a ninguém.

"Não pensamos que esta digressão possa parecer supérflua; devíamos nos pronunciar sobre o caráter e sobre a obra daquela das inspiradas que testemunhou, no mais alto grau, as faculdades extraordinárias de que falamos a toda hora, e que as aplicou na mais brilhante missão das idades modernas; seria preciso, pois, tentar exprimir uma opinião quanto à categoria de seres especiais à qual pertence Jeanne d'Arc."

Variedades - Os banquetes magnéticos

Revista Espírita, junho de 1858

No dia 26 de maio, aniversário do nascimento de Mesmer, ocorreram os dois banquetes anuais que reúnem a elite dos magnetizadores de Paris, e aqueles adeptos estrangeiros que querem a eles se juntarem. Sempre nos perguntamos por que essa solenidade comemorativa é celebrada por dois banquetes rivais, onde cada campo bebe à saúde um do outro, e onde se leva, sem resultado, brindes à união. Quando se está lá, parece que estão bem perto de se entenderem. Por que, pois, uma cisão entre homens que se consagram ao bem da Humanidade? Estão divididos quanto aos princípios de sua ciência? De modo algum; têm as mesmas crenças; têm o mesmo mestre que é Mesmer. Se esse mestre, do qual invocam a memória, vem, como o cremos, atender a seu apelo, deve padecer vendo a desunião entre seus discípulos. Felizmente, essa desunião não engendra guerras como as que, em nome do Cristo, ensangüentaram o mundo para a eterna vergonha daqueles que se dizem cristãos. Mas essa guerra, por inofensiva que seja, se bem que se limite a golpes de pluma e a beber cada um do seu lado, não é menos lamentável; gostar-se-ia de ver os homens de bem unidos num mesmo sentimento de confraternização; a ciência magnética, com isso, ganharia em progresso e em consideração.

Uma vez que os dois campos não estão divididos por divergência de doutrinas, a que se prende, pois, seu antagonismo? Não podemos nele ver a causa senão nas susceptibilidades inerentes à imperfeição de nossa natureza, e da qual os homens, mesmo superiores, não estão sempre isentos. O gênio da discórdia, em todos os tempos, tem agitado seu archote sobre a Humanidade; quer dizer, do ponto de vista espírita, que os Espíritos inferiores, invejosos pela felicidade do homem, encontram entre eles um acesso muito fácil; felizes aqueles que têm bastante força moral para repelir suas sugestões.

Deram-nos a honra de nos convidarem para as duas reuniões; como ocorriam simultaneamente, e não somos ainda senão um Espírito muito materialmente encarnado, não tendo o dom da ubiqüidade, não pudemos atender senão a um desses dois graciosos convites, o que era presidido pelo doutor Duplanty. Devemos dizer que os partidários do Espiritismo não estavam ali em maioria; todavia, constatamos com prazer que à parte alguns piparotes dados aos Espíritos nas espirituosas canções cantadas pelo senhor Jules Lovi, e naquelas não menos divertidas cantadas pelo senhor Fortier, que obteve as honras do *bis*, a Doutrina Espírita não foi, da parte de ninguém, objeto dessas críticas inconvenientes das quais certos adversários não deixam faltar, apesar da educação que se vangloriam. Longe disso, o doutor Duplanty, em um discurso notável e justamente aplaudido, proclamou bem alto o respeito que se deve ter pelas crenças sinceras, quando mesmo não as partilhamos. Sem se pronunciar pró ou contra o Espiritismo, sabiamente fez observar que os fenômenos do magnetismo, em nos revelando uma força até agora desconhecida, devem tornar tanto mais circunspecto em relação àqueles que podem se revelar ainda, e que haveria pelo menos imprudência em negar aqueles que não se compreendem, ou que não se constatou, quando, sobretudo, se apoiam na autoridade de homens honrados, cujas luzes e lealdade não poderiam ser postas em dúvida. Essas palavras são sábias e, por elas, agradecemos ao senhor Duplanty; elas contrastam singularmente com aquelas de certos adeptos do magnetismo que despejam, sem respeito, o ridículo sobre uma doutrina que eles confessam

não conhecer, esquecendo que eles mesmos foram outrora um alvo dos sarcasmos; que eles também foram devotados à Petites-Maison e perseguidos pelos cépticos como inimigos do bom senso e da religião. Hoje, quando o magnetismo está reabilitado pela força das coisas, que dele não se ri mais, que se pode sem medo consagrar-se magnetizador, é pouco digno, pouco caridoso para eles, usar represálias contra uma ciência, irmã da sua, que não pode senão lhe prestar um salutar apoio. Não atacamos os homens, dizem eles; não rimos senão do que nos parece ridículo, até que a luz se faça para nós. Em nossa opinião, a ciência magnética, ciência que nós mesmos professamos há 35 anos, deveria ser inseparável da compostura; parece-nos que à sua verve satírica não faltam alimentos nesse mundo, sem tomar por ponto de mira as coisas sérias. Esquecem-se, pois, de que se teve para com elas a mesma linguagem; que eles também acusam os incrédulos de julgarem levianamente, e que lhes dizem, como o fazemos a nosso turno: Paciência! rirá melhor quem rir por último.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Primeiro Ano – 1858

Julho

- [A inveja: dissertação por São Luís](#)
- [Uma nova descoberta fotográfica](#)
- [O Espírito batedor de Bergzabem \(terceiro artigo\)](#)
- [Conversas familiares de além-túmulo - O tambor de Bérésina](#)
- [Espíritos impostores - O falso Padre Ambroise](#)
- [Uma lição de escrita por um Espírito](#)
- [Correspondência - Carta do senhor Jobard, de Bruxelles](#)
- [Carta do senhor Marius sobre Júpiter](#)

A inveja

Revista Espírita, julho de 1858

Dissertação moral ditada pelo Espírito de São Luís ao senhor D.....

São Luís nos havia prometido, em uma das sessões da Sociedade, uma dissertação sobre a Inveja. O senhor D..., que começava a se tornar médium, e que ainda duvidava um pouco, não da Doutrina da qual era um dos mais fervorosos adeptos, e que compreende em sua essência, quer dizer, do ponto de vista moral, mas da faculdade que nele se revelava, evocou São Luís, em seu nome particular, e lhe dirigiu a seguinte pergunta :

- Consentiríeis dissipar minhas dúvidas, minhas inquietações, sobre minha força medianímica, escrevendo, por meu intermédio, uma dissertação que havíeis prometido à Sociedade para a terça-feira, 1º de junho? - R. Sim; para tranquilizá-lo, consinto.

Foi então que o trecho seguinte lhe foi ditado. Anotaremos que o senhor D... se dirigiu a São Luís com um coração puro e sincero, sem prevenção, condição indispensável para toda boa comunicação! Não era uma prova que fazia: ele não duvidava senão de si mesmo, e Deus permitiu que fosse atendido, a fim de lhe dar os meios de se tornar útil. O senhor D... é hoje um dos médiuns mais completos, não só por uma grande facilidade de execução, mas por sua aptidão para servir de intérprete a todos os Espíritos, mesmo aqueles de ordem mais elevada, que se exprimem fácil e voluntariamente por seu intermédio. Aí estão, sobretudo, as qualidades que se devem procurar num médium, e que este pode sempre adquirir com a paciência, a vontade e o exercício. O senhor D... não teve necessidade de muita paciência; ele tinha em si a vontade e o *fervor* unidos a uma aptidão natural. Alguns dias bastaram para levar sua faculdade ao mais alto grau. Eis o ditado que lhe foi feito sobre a Inveja:

"Vede este homem: seu Espírito está inquieto, sua infelicidade terrestre está em seu auge; ele inveja o ouro, o luxo, a felicidade aparente ou fictícia de seu semelhante; seu coração está destroçado, sua alma surdamente consumida por essa luta incessante do orgulho, da vaidade não satisfeita; ele carrega consigo, em todos os instantes de sua miserável existência, uma serpente que ele re-aquece, que lhe sugere, sem cessar, os mais fatais pensamentos: "Terei essa volúpia, essa felicidade? Isso me é devido, não obstante, como a estes; sou homem como eles; por que seria deserdado?" E se debate sob sua impotência, vítima dos horríveis suplícios da inveja. Feliz ainda se essas funestas idéias não o levarem para a beira de um abismo. Entrado nesse caminho, ele se pergunta se não deve obter pela violência o que acredita lhe ser devido; se não irá expor, a todos os olhos, o mal horrível que o devora. Se esse infeliz tivesse apenas olhado abaixo de sua posição, teria visto o número daqueles que sofrem sem se lamentar, ainda bendizendo o Criador; porque a infelicidade é um benefício do qual Deus se serve para fazer a pobre criatura avançar para o seu trono eterno.

Fazei vossa felicidade e vosso verdadeiro tesouro sobre a Terra em obras de caridade e de submissão, as únicas que devem contribuir para serdes admitidos no seio de Deus; essas obras do bem farão vossa alegria e vossa felicidade eternas; a Inveja é uma das mais feias e das mais tristes misérias do vosso globo; a caridade e a constante *emissão* da fé farão desaparecer todos esses males, que se irão um a um à medida que os homens de boa-vontade, que virão depois de vós, se multiplicarem. Amém."

Uma nova descoberta fotográfica

Revista Espírita, julho de 1858

Vários jornais narraram o fato seguinte:

"O senhor Badet, falecido em 12 de novembro último, depois de uma enfermidade de três meses, tinha o costume, diz o *Union bourguignonne* de Dijon, cada vez que suas forças lhe permitiam, de se colocar numa janela do primeiro andar, com a cabeça constantemente voltada para o lado da rua, a fim de se distrair vendo os transeuntes. Há alguns dias, a senhora Peltret, cuja casa fica defronte a da viúva senhora Badet, percebeu, na vidraça dessa janela, o senhor Badet, ele mesmo, com seu boné de algodão, sua figura emagrecida, etc., enfim tal como o havia visto durante sua enfermidade. Grande foi sua emoção, para não dizer mais. Ela chamou, não somente seus vizinhos, cujo testemunho poderia ser suspeito, mas, ainda, homens sérios, que perceberam, bem distintamente, a imagem do senhor Badet sobre a vidraça da janela onde tinha o costume de se colocar. Mostrou-se também essa imagem à família do defunto, que imediatamente fez a vidraça desaparecer.

"Ficou, todavia, bem constatado que a vidraça tinha tomado a impressão da imagem da figura enferma, que aí estava como daguerreotipada, fenômeno que se poderia explicar se, do lado oposto à janela, houvesse tido uma outra por onde os raios solares pudessem chegar ao senhor Badet; mas não havia nada: o quarto não tinha senão uma única janela. Tal é a verdade toda nua sobre esse fato espantoso, cuja explicação se deve deixar aos sábios."

Confessamos que, à leitura desse artigo, nosso primeiro sentimento foi o de lhe dar a qualificação vulgar com a qual se gratificam as notícias apócrifas, e a ele não ligamos nenhuma importância. Poucos dias depois, o senhor Jobard, de Bruxelas, nos escreveu o que segue:

- À leitura do fato seguinte (o que acabamos de citar), que se passou em meu país, *com um dos meus parentes*, encolhi os ombros vendo o jornal que a relata remeter a explicação aos sábios, e essa brava família retirar a vidraça através da qual Badet via os transeuntes. Evocai-o para ver o que pensa disso."

Essa confirmação do fato por um homem do caráter do senhor Jobard, cujos mérito e honorabilidade todo o mundo conhece, e a circunstância particular de que um dos seus parentes dele fora o herói, não poderiam deixar dúvida sobre a sua veracidade. Em consequência, evocamos o senhor Badet na sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, na terça-feira, 15 de junho de 1858, e eis as suas explicações que se seguem:

1. Peço a Deus Todo-poderoso permitir ao Espírito do senhor Badet, falecido em 12 de novembro último, em Dijon, de se comunicar conosco. - R. Estou aqui.
2. O fato que vos concerne e que acabamos de lembrar, é verdadeiro? - R. Sim, é verdadeiro.
3. Poderíeis dele nos dar a explicação? - R. É um dos agentes físicos desconhecidos agora, mas que se tornarão usuais mais tarde. É um fenômeno bastante simples, semelhante a uma fotografia combinada com forças que não foram ainda descobertas por vós.

4. Poderíeis apressar o momento dessa descoberta pelas vossas explicações? - R. Gostaria, mas é obra de outros Espíritos e do trabalho humano.

5. Poderíeis nos reproduzir uma segunda vez o mesmo fenômeno? - R. Não fui eu quem o produziu, foram as condições físicas, das quais sou independente.

6. Pela vontade de quem e com qual objetivo o fato ocorreu? -R. Produziu-se quando eu estava vivo e sem a minha vontade; um estado particular da atmosfera o revelou depois.

Estabelecida uma discussão entre os assistentes, sobre as causas prováveis desse fenômeno, e várias opiniões tendo sido emitidas sem que fossem dirigidas perguntas ao Espírito, este disse espontaneamente: E a eletricidade e a galvanoplastia que agem também sobre o perispírito, vós não as tendes em conta.

7. Foi-nos dito há pouco que os Espíritos não têm olhos; ora, se essa imagem é a reprodução do perispírito, como ocorreu que ela haja podido reproduzir os órgãos da visão? -- R. O perispírito não é o Espírito; a aparência, ou perispírito, tem olhos, mas o Espírito não os tem. Eu vos disse bem, falando do perispírito, que estava vivo.

Nota. - À espera de que essa nova descoberta seja feita, dar-lhe-emos o nome provisório de *fotografia espontânea*. Todo o mundo lamentará que, por um sentimento difícil de compreender, destruiu-se a vidraça sobre a qual estava reproduzida a imagem do senhor Badet; um tão curioso monumento teria podido facilitar as pesquisas e as observações próprias para o estudo da questão. Talvez viu-se nessa imagem a obra do diabo; em todo caso, se o diabo esteve para alguma coisa nesse assunto, foi seguramente na destruição da vidraça, porque ele é o inimigo do progresso.

Considerações sobre a fotografia espontânea.

Resulta das explicações acima, que o fato, em si mesmo, não é sobrenatural nem miraculoso. Quantos fenômenos desse mesmo caso, deveram, nos tempos da ignorância, ferir as imaginações muito propensas ao maravilhoso! E, pois, um efeito puramente físico, que pressagia um novo passo na ciência fotográfica.

O perispírito, como se sabe, é o envoltório semi-material do Espírito; não é somente depois da morte que o Espírito dele está revestido; durante a vida está unido ao corpo: é o laço entre o corpo e o Espírito. A morte não é senão a destruição do envoltório mais grosseiro; o Espírito conserva o segundo, que toma a aparência do primeiro, como se dele tivesse retido a impressão. O perispírito é geralmente invisível, mas, em certas circunstâncias, ele se condensa e, se combinando com outros fluidos, torna-se perceptível à visão, algumas vezes mesmo tangível; é ele que se vê nas aparições.

Quaisquer que sejam a sutilidade e imponderabilidade do perispírito, não deixa de ser uma espécie de matéria, cujas propriedades físicas nos são ainda desconhecidas. Desde que é matéria, pode agir sobre a matéria; essa ação é patente nos fenômenos magnéticos; acaba de se revelar sobre os corpos inertes pela impressão que a imagem do senhor Badet deixou sobre a vidraça. Essa impressão ocorreu durante a sua vida; conservou-se depois de sua morte; mas era invisível; foi preciso, ao que parece, a ação fortuita de um agente desconhecido, provavelmente atmosférico, para torná-la aparente. Que haveria nisso de espantoso? Não se sabe que se podem fazer desaparecer e reviver à vontade as imagens

daguerreotipadas? Citamos isso como comparação, sem pretender a semelhança dos procedimentos. Assim, seria o perispírito do senhor Badet que, emanando do corpo deste último, teria com o tempo, e sob o império de circunstâncias desconhecidas, exercido uma verdadeira ação química sobre a substância do vidro, análoga à da luz. A luz e a eletricidade deveram, incontestavelmente, exercer um grande papel nesse fenômeno. Resta saber quais são esses agentes e essas circunstâncias; é o que, provavelmente, saber-se-á mais tarde, e essa não será uma das descobertas menos curiosas dos tempos modernos.

Se é um fenômeno natural, dirão aqueles que negam tudo, por que é a primeira vez que se produziu? Perguntaremos, por nossa vez por que as imagens daguerreotipadas não foram fixadas senão depois de Daguerre, por que não foi ele quem inventou a luz, nem as placas de cobre, nem a prata, nem os cloretos? Conhecem-se, há muito tempo, os efeitos do quarto escuro; uma circunstância fortuita colocou sobre o caminho da fixação, depois, com a ajuda do gênio, de perfeição em perfeição, chegou-se às obras primas que vemos hoje. Provavelmente, seria o mesmo fenômeno estranho que acaba de se revelar; e quem sabe se ele nunca se produziu, se não passou despercebido pela falta de um observador atento? A reprodução de uma imagem sobre um vidro é um fato vulgar, mas a fixação dessa imagem em outras circunstâncias que as das fotografias, o estado latente dessa imagem, depois sua reaparição, eis o que deve marcar nas magnificências da ciência. Credo os Espíritos nisso, deveremos nos emocionar com muitas outras maravilhas das quais várias nos foram assinaladas por eles. Honra, pois, aos sábios bastante modestos para não crerem que a Natureza virou para eles a última página do seu livro.

Se esse fenômeno se produziu uma vez, deverá se reproduzir. Provavelmente, é o que ocorrerá quando dele tivermos a chave. À espera disso, eis o que contou um dos membros da Sociedade na sessão da qual falamos:

"Eu habitava, disse ele, uma casa em Montrouge; era verão, o sol brilhava pela janela; sobre a mesa achava-se uma garrafa cheia de água, e sob a garrafa uma pequena esteira; de repente, a esteira pegou fogo. Se ninguém estivesse lá poderia ocorrer um incêndio sem que se lhe soubesse a causa. Experimentei cem vezes produzir o mesmo efeito, e nunca tive sucesso." A causa física do incêndio é bem conhecida: a garrafa produziu o efeito de um vidro ardente; mas, por que não se pôde reiterar a experiência? É que, independentemente da garrafa e da água, havia um concurso de circunstâncias que operaram, de um modo excepcional, a concentração dos raios solares: talvez o estado da atmosfera, dos vapores, as qualidades da água, a eletricidade, etc., e tudo isso, provavelmente, em certas proporções desejadas: donde a dificuldade de cair justo nas mesmas condições, e a inutilidade das tentativas para produzir um efeito semelhante. Eis, pois, um fenômeno inteiramente do domínio da física, do qual se toma conhecimento, quanto ao princípio, e que todavia não se pode repetir à vontade. Viria ao pensamento do cético mais endurecido negar o fato? Seguramente não. Por que, pois, esses mesmos cétricos negam a realidade dos fenômenos espíritas (falamos das manifestações em geral), por que não podem manipulá-los à sua vontade? Não admitir que fora do conhecido possa haver agentes novos regidos por leis especiais; negar esses agentes, porque não obedecem às leis que conhecemos, em verdade, é fazer prova de bem pouca lógica e mostrar um espírito bem limitado.

Voltemos à imagem do senhor Badet; far-se-á, sem dúvida, como nosso colega com sua garrafa, numerosas tentativas infrutíferas antes de ter sucesso, e isso, até que um acaso feliz ou o esforço de um poderoso gênio haja dado a chave do mistério; então, provavelmente, isso se tornará uma arte nova com a qual se enriquecerá a indústria. Entendemos aqui uma quantidade de pessoas dizer-se: mas há um meio bem simples de ter essa chave: por que não é pedida aos Espíritos! É aqui o caso de revelar um erro no qual cai a maioria daqueles que julgam a ciência espírita sem conhecê-la. Lembramos primeiro esse princípio

fundamental de que todos os Espíritos estão longe, como se acreditava antigamente, de tudo saberem.

A escala espírita nos dá a medida de sua capacidade e de sua moralidade, e a experiência confirma, cada dia, nossas observações a esse respeito. Os Espíritos, pois, não sabem tudo, e ocorre que, em certos assuntos, em todas as considerações, são bem inferiores a certos homens; eis o que não se deve jamais perder de vista. O Espírito do senhor Badet, o autor involuntário do fenômeno que nos ocupa, revela pelas suas respostas uma certa elevação, mas não uma grande superioridade; ele mesmo se reconhece inabilitado para dar uma explicação completa: Seriam, disse, a *obra de outros Espíritos e do trabalho humano*; essas últimas palavras são todo um ensinamento. Com efeito, seria muito cômodo não ter senão que interrogar os Espíritos para fazer as descobertas mais maravilhosas; onde estaria, então, o mérito dos inventores, se mão oculta viesse lhes facilitar a tarefa e poupar-lhes o trabalho de pesquisar? Mais de um, sem dúvida não se faria escrúpulo de tomar uma patente de invenção em seu nome pessoal, sem mencionar o verdadeiro inventor. Acrescentamos que semelhantes perguntas são sempre feitas com objetivo de interesse e na esperança de uma fortuna fácil, coisas que são más recomendações junto aos bons Espíritos; estes, aliás, não se prestam jamais a servir de instrumento para um negócio. O homem deve ter sua iniciativa, sem o que se reduz ao estado de máquina; deve-se aperfeiçoar pelo trabalho; é uma das condições de sua existência terrestre; é preciso também que cada coisa venha a seu tempo, e pelos meios que apraz a Deus empregar: Os Espíritos não podem desviar os caminhos da Providência. Querer forçar a ordem estabelecida é se pôr à mercê dos Espíritos zombadores que bajulam a ambição, a cupidez, a vaidade, para rirem em consequência das decepções das quais são causa. Muito pouco escrupulosos de sua natureza, dizem tudo o que se quer, dão todas as receitas que se lhes pedem, se for preciso as apoiarão em fórmulas científicas, salvo se tenham, no máximo, o valor da dos charlatões. Que aqueles, pois, que creram que os Espíritos viriam lhes abrir minas de ouro, se desenganem; sua missão é séria. Trabalhai, esforçai-vos, é o fundamento que menos falta, disse um célebre moralista, do qual daremos, logo, uma notável entrevista de além-túmulo; a essa máxima sábia, a Doutrina Espírita acrescenta: É a estes que os Espíritos sérios vêm em ajuda pelas idéias que sugerem, ou por conselhos diretos, e não aos preguiçosos que querem desfrutar sem nada fazerem, nem aos ambiciosos que querem ter o mérito sem a dificuldade. Ajuda-te e o céu te ajudará.

O Espírito batedor de Bergzabem

Revista Espírita, julho de 1858

(TERCEIRO ARTIGO)

Continuamos a citar a brochura do senhor Blanck, redator do *Journal de Bergzabem* (1).

"Os fatos que vamos relatar ocorreram de sexta-feira, 4, à quarta-feira, 9 de março de 1853; depois nada de semelhante se produziu. Philippine nessa época não dormia mais no quarto que se conhece: sua cama havia sido transferida para o quarto vizinho, onde se encontra ainda agora. As manifestações tomaram um tal caráter de estranheza, que é impossível admitir a explicação desses fenômenos pela intervenção dos homens. Aliás, são tão diferentes daqueles que foram observados anteriormente, que todas as suposições iniciais desmoronaram.

Sabe-se que no quarto onde dormia a jovem, as cadeiras e outros móveis, freqüentemente, eram transtornados, que as janelas se abriam com estrondo sob golpes redobrados. Há cinco semanas ela permanece no quarto comum, onde, chegada a noite, e até o dia seguinte, há sempre luz; pode-se, pois, ver perfeitamente o que aí se passa. Eis o fato que foi observado sexta-feira, 4 de março.

Philippine não se havia ainda deitado; estava no meio de um certo número de pessoas que conversavam com o Espírito batedor, quando, de repente, a gaveta de uma mesa muito grande e muito pesada, que se achava no quarto, foi tirada e empurrada com um grande ruído e uma irascibilidade extraordinária. Os assistentes ficaram fortemente surpreendidos com essa nova manifestação; no mesmo momento a própria mesa se colocou em movimento, em todos os sentidos, e avançou para a chaminé junto da qual Philippine estava sentada. Perseguida, por assim dizer, por esse móvel, ela teve que deixar seu lugar e fugir para o meio do quarto; mas a mesa virou para essa direção e se deteve a meio pé da parede. Foi colocada no seu lugar costumeiro, de onde não se mexeu mais; mas as botas que se encontravam debaixo, e que todo o mundo pôde ver, foram lançadas ao meio do quarto, com grande pavor das pessoas presentes. Uma das gavetas começou a deslizar em suas corrediças, abrindo e fechando por duas vezes, primeiro muito vivamente, depois mais e mais lentamente; quando estava inteiramente aberta, ocorreu de ser sacudida com estrondo. Um pacote de tabaco deixado sobre a mesa, mudava de lugar a cada instante. A batida e a arranhadura se fizeram ouvir na mesa. Philippine, que gozava então de uma muito boa saúde, estava no meio da reunião e não parecia nada inquieta com todas essas estranhezas que se renovavam, cada noite, desde sexta-feira; mas no domingo elas foram ainda mais notáveis.

A gaveta foi várias vezes violentamente aberta e fechada. Philippine, depois de estar em seu antigo quarto de dormir, tornou-se subitamente presa de sono magnético, se deixou cair numa cadeira, onde a arranhadura se fez ouvir várias vezes. As mãos da criança estavam sobre seus joelhos e a cadeira se movia ora à direita, ora à esquerda, para frente ou para trás. Viam-se os pés dianteiros da cadeira se erguerem, enquanto a cadeira se balançava, num equilíbrio espantoso, sobre os pés traseiros. Tendo sido Philippine transportada para o meio do quarto, foi mais fácil observar esse novo fenômeno. Então, ao comando, a cadeira virava, avançava ou recuava mais ou menos rápida, ora num sentido, ora no outro. Durante

essa dança singular, os pés da criança, como paralisados, arrastavam no solo; esta se queixava de dor de cabeça por gemidos levando, diversas vezes, a mão à sua fronte; depois, despertada de repente, se pôs a olhar por todos os lados, não podendo compreender sua situação: seu mal-estar a havia deixado. Ela se deitou: então os golpes e a arranhadura, que se produziram na mesa, se fizeram ouvir na cama com força e de um modo alegre.

Algum tempo antes, tendo uma campainha produzido sons espontâneos, teve-se a idéia de fixá-la na cama, e logo se pôs a tocar e a se agitar. O que houve de mais curioso nessa circunstância foi que a cama, estando erguida e deslocada, a campainha permanecia imóvel e muda. Em mais alguns minutos todo o ruído cessou e a assembléia se retirou.

Na segunda-feira, a noite, 15 de maio, fixou-se na cama uma grande campainha; logo fez ouvir um ruído ensurdecido e desagradável. No mesmo dia, depois do meio-dia, a janela e a porta do quarto de dormir se abriram, mas silenciosamente.

Devemos narrar também que a cadeira, na qual Philippine se sentou na sexta-feira e no sábado, tendo sido levada pelo pai Senger para o meio do quarto, parecia muito mais leve que de costume: dir-se-ia que uma força invisível a sustentava. Um dos assistentes, querendo empurrá-la, não experimentou nenhuma resistência, a cadeira parecia deslizar por si mesma sobre o assoalho.

O Espírito batedor permaneceu silencioso durante uns três dias, quinta-feira, sexta-feira e sábado santos. Não foi senão no dia de Páscoa que seus golpes recomeçaram com o som de sinos, golpes ritmados que compuseram uma música. No dia 1º de abril, as tropas mudando de guarnição, deixaram a cidade com música à frente. Quando passavam diante da casa de Senger, o Espírito batedor executou, à sua maneira, contra a cama, o mesmo trecho que se tocava na rua. Algum tempo antes, ouviu-se no quarto como passos de uma pessoa, e como se se tivesse lançado um sabre sobre as tábuas.

O governo de Palatinat preocupou-se com os fatos que acabamos de narrar, e propôs ao pai Senger colocar sua criança em uma casa de saúde em Frankenthal, proposta que foi aceita. Soubemos que, em sua nova residência, a presença de Philippine deu lugar aos prodígios de Bergzabern, e que os médicos de Frankenthal, tanto quanto os da nossa cidade, não puderam determinar-lhes a causa. Estamos informados, por outro lado, que só os médicos têm acesso junto da jovem. Por que tomou-se essa medida? Ignoramos, e nos permitimos protestar; mas, se o que lhe ocasionou não foi o resultado de alguma circunstância particular, cremos que poder-se-ia deixar entrar, perto da criança, senão todo o mundo, ao menos as pessoas recomendáveis."

Nota. - Não tomamos conhecimento dos diferentes fatos que narramos senão pelo relatório que deles publicou o senhor Blanck; mas uma circunstância veio nos colocar em relação com uma das pessoas que mais figuraram em todo esse assunto, e que consentiu nos fornecer, a esse respeito, documentos circunstanciais do mais alto interesse. Tivemos igualmente, pela evocação, explicações muito curiosas e muito instrutivas sobre esse Espírito batedor, por ele mesmo que se manifestou para nós. Esses documentos, nos tendo chegado muito tarde, adiamos sua publicação para o próximo número.

(1) Devemos à cortesia de um dos nossos amigos, o senhor Alfred Pireaux, empregado da administração dos correios, a tradução dessa interessante brochura.

Conversas familiares de além-túmulo

O tambor de Bérésina

Revista Espírita, julho de 1858

Estando algumas pessoas reunidas conosco a fim de constatarem certas manifestações, os fatos seguintes se produziram, durante várias sessões, e deram lugar à entrevista que vamos narrar, e que apresenta um alto interesse do ponto de vista do estudo.

O Espírito se manifestou por pancadas, não com o pé da mesa, mas na substância da própria madeira. A troca de pensamentos que ocorreu, nesta circunstância, entre os assistentes e o ser invisível, não permitia duvidar da intervenção de uma inteligência oculta. Por outro lado, as respostas dadas a diversas perguntas, seja por *sim* e por *não*, seja por meio da tiptologia alfabética, os golpes batiam à vontade uma marcha qualquer, o ritmo de uma música, imitavam a fuzilaria e a canhonada de uma batalha, o barulho do tanoeiro, do sapateiro, fazendo o eco com uma admirável precisão, etc. Depois ocorreu o movimento de uma mesa e sua translação, sem nenhum contato das mãos, estando os assistentes afastados; uma saladeira, tendo sido colocada sobre a mesa, ao invés de girar, se pôs a deslizar em linha reta, igualmente sem o contato das mãos. Os golpes se faziam ouvir igualmente em diversos móveis do quarto, algumas vezes simultaneamente, outras vezes como se respondessem.

O Espírito parecia ter uma marcada predileção pelas pancadas do tambor, porque a elas voltava, a cada instante, sem que se lhe pedisse; freqüentemente, em certas questões, em lugar de responder, ele batia a geral ou a chamada. Interrogado sobre várias particularidades de sua vida, disse chamar-se Celima, ter nascido em Paris, morrido há quarenta e cinco anos, e ter sido tocador de tambor.

Entre os assistentes, além do médium especial para influências físicas que servia nas manifestações, havia uma excelente médium escrevente que pôde servir de intérprete ao Espírito, o que permitiu obter respostas mais explícitas. Tendo confirmado, pela psicografia, o que dissera por meio da tiptologia, seu nome, o lugar do seu nascimento e a época da sua morte, lhe foi dirigida a série de perguntas seguintes, cujas respostas oferecem vários traços característicos e que corroboram certas partes essenciais da teoria.

1. Escrever-nos alguma coisa, é o que desejas? - R. Ran plan plan, Ran plan plan.
2. Por que escrevestes isso? - R. Eu era tocador de tambor.
3. Havias recebido alguma instrução? - R. Sim.
4. Onde fizeste teus estudos? - R. Nos Ignorantes.
5. Parece-nos ser jovial? - R. Eu o sou muito.

6. Disseste-nos uma vez que, durante tua vida amavas demais beber; isso é verdade? -- R. Amava tudo o que era bom.
 7. Eras militar? - R. Mas sim, porque eu era tocador de tambor.
 8. Sob qual governo serviste? - R. Sob Napoleão o Grande.
 9. Pode nos citar uma das batalhas a qual assististe? - R. A Bérésina.
 10. Foi lá que morreste? - R. Não.
 11. Estavas em Moscou? - R. Não.
 12. Onde morreste? - R. Nas neves.
 13. Em qual corpo servias? - R. Nos fuzileiros da guarda.
 14. Amavas muito Napoleão, o Grande? - R. Como todos nós o amamos, sem saber porquê.
 15. Sabes em que se tomou depois de sua morte? - R. Eu não me ocupei senão de mim depois de minha morte.
 16. Estás reencarnado? - R. Não, uma vez que venho conversar convosco.
 17. Por que te manifestaste por golpes sem que tivesses sido chamado? - R. É preciso fazer ruído para aqueles cujo coração não crê. Se não tendes o bastante, dar-vos-ei ainda mais.
 18. É de tua própria vontade que vens bater, ou outro Espírito te forçou fazê-lo? - R. Foi pela minha vontade que vim; há um que chamais *Verdade* que pode forçar-me a isso também; mas, há muito tempo, eu queria vir.
 19. Com qual objetivo desejavas vir? - R. Para conversar convosco; era o que eu queria; mas havia alguma coisa que me impedia. Fui forçado por um Espírito familiar da casa, que me convidou, a me tornar útil às pessoas que me pedissem responder. - Esse Espírito tem, pois, muito poder, uma vez que comanda assim os outros Espíritos? - R. Mais do que credes e não usa isso senão para o bem.
- Nota.* - O Espírito familiar da casa se fez conhecer sob o nome alegórico da *Verdade*, circunstância ignorada pelo médium.
20. O que te impedia vir? - R. Não o sei; alguma coisa que não compreendo.
 21. Lamentas a vida? - R. Não, eu não lamento nada.
 22. Preferes tua existência atual ou tua existência terrestre? -R. Prefiro a existência dos Espíritos à existência do corpo.

23. Por que isso? - R. Porque se está bem melhor do que na Terra; na Terra é o purgatório, e todo o tempo que vivi, desejei sempre a morte.

24. Sofres em tua nova situação? - R. Não; mas não sou ainda feliz.

25. Estarias satisfeito em ter uma nova existência corporal? -R. Sim, porque sei que devo elevar-me.

26. Quem te disse? - R. Eu o sei bem.

27. Estarás logo reencarnado? - R. Não o sei.

28. Vês outros Espíritos ao teu redor? - R. Sim, muitos.

29. Como sabes que são Espíritos? - R. Entre nós, nos vemos tal qual somos.

30. Sob qual aparência os vês? - R. Como se podem ver os Espíritos, mas não pelos olhos.

31. E tu, sob qual forma estás aqui? - R. Sob a que tinha durante a minha vida; quer dizer, de tamborileiro.

32. E vês os outros Espíritos, sob a forma que tinham em sua vida? - R. Não, não tomamos uma aparência senão quando somos evocados, de outro modo nos vemos sem forma.

33. Vês tão perfeitamente como se estivesses vivo? - R. Sim, perfeitamente.

34. É pelos olhos que nos vês? - R. Não; temos uma forma, porém, não temos sentidos; nossa forma não é senão aparente.

Nota. - Seguramente, os Espíritos têm sensações, uma vez que percebem, de outro modo seriam inertes; mas suas sensações não estão localizadas como quando têm um corpo: elas são inerentes a todo o seu ser.

35. Diga-nos, positivamente, em que lugar estás aqui? - R. Estou perto da mesa, entre o médium e vós.

36. Quando bates, estás sobre a mesa, ou acima, ou na espessura da madeira? - R. Estou ao lado; não me coloco na madeira: basta que toque a mesa.

37. Como produzes os ruídos que fazes ouvir? - R. Creio que por uma espécie de concentração de nossa força.

38. Poderias nos explicar o modo pelo qual produzes os diferentes ruídos que imitas, as arranhaduras, por exemplo? - R. Não saberia precisar muito a natureza dos ruídos: é difícil explicar. Sei que se arranha, mas não sei explicar como se produz esse ruído que chamais arranhadura.

39. Poderias produzir os mesmos ruídos com qualquer outro médium? - R. Não, há

especialidades em todos os médiuns; nem todos podem agir do mesmo modo.

40. Vês entre nós algum, além do jovem S... (o médium de influências físicas pelo qual esse Espírito se manifestou), que poderia te ajudar a produzir os mesmos efeitos? - R. Não o vejo no momento; com ele estou muito disposto a fazer.

41. Por que com ele antes que com um outro? - R. Porque eu o conheço muito, e que também é mais apto, do que um outro, para esse gênero de manifestações.

42. Tu o conheces de tempos antigos; antes de sua existência atual? - R. Não; não o conheço senão há pouco tempo; fui de algum modo atraído para ele, para dele fazer meu instrumento.

43. Quando uma mesa se eleva no ar sem ponto de apoio, o que é que a sustenta? - R. Nossa vontade que lhe ordenou obedecer, e também o fluido que lhe transmitimos.

Nota. - Essa resposta vem em apoio da teoria que nos foi dada, e que reportamos nos nºs. 5 e 6 desta Revista, sobre a causa das manifestações físicas.

44. Poderias fazê-lo? - R. Penso; tentarei quando o médium vier. (Ele estava ausente nesse momento.)

45. De quem isso depende? - R. Isso depende de mim, uma vez que me sirvo do médium como instrumento.

46. Mas a qualidade do instrumento não é importante? - R. Sim, me ajuda muito, já disse que não poderia fazê-lo com outros hoje.

Nota. - No correr da sessão tentou-se o erguimento da mesa, mas não se conseguiu, provavelmente porque não se pôs nisso bastante perseverança; houve esforços evidentes e movimentos de translação sem contato nem imposição das mãos. Entre as experiências que foram feitas, fez-se a de abertura da mesa; do lado do acréscimo, essa mesa oferecia muita resistência devido a sua má construção, foi posta de um lado, ao passo que o Espírito pegava de outro e a fazia abrir.

47. Por que, outro dia, os movimentos da mesa se detinham cada vez que um de nós tomava a luz para olhar debaixo? - R. Porque queria punir vossa curiosidade.

48. Com o que te ocupas em tua existência de Espírito, por que, enfim, não passas todo o teu tempo a bater? - R. Frequentemente, tenho missões a cumprir; devemos obedecer as ordens superiores, e, sobretudo, quando temos bem a fazer pela nossa influência sobre os humanos.

49. Tua vida terrestre não foi, sem dúvida, isenta de faltas; reconhece-as agora? - R. Sim, as expio justamente permanecendo estacionário entre os Espíritos inferiores; não poderei me purificar mais senão quando tomar um outro corpo.

50. Quando fazias ouvir golpes em um outro móvel, ao mesmo tempo que na mesa, eras tu que os produzias ou um outro Espírito? - R. Era eu.

51. Estavas só, portanto? - R. Não, mas eu realizava sozinho a missão de bater.

52. Os outros Espíritos que ali estavam, ajudavam de algum modo? - R. Não para bater, mas para falar.
53. Então não eram Espíritos batedores? - R. Não, a Verdade não permitia senão a mim bater.
54. Os Espíritos batedores, algumas vezes, não se reúnem em maior número, a fim de terem mais força para produzirem certos fenômenos? - R. Sim, mas para aquilo que queria fazer, posso fazê-lo sozinho.
55. Em tua existência espírita, estás sempre na Terra? - R. O mais freqüentemente, no espaço.
56. Algumas vezes vais para outros mundos, quer dizer, em outros globos? - R. Não nos mais perfeitos, mas em mundos inferiores.
57. Algumas vezes, te divertes vendo e ouvindo o que fazem os homens? - R. Não; algumas vezes, todavia, deles tive piedade.
58. Quem são aqueles junto aos quais vais de preferência? - R. Aqueles que querem crer de boa-fé.
59. Poderias ler os nossos pensamentos? - R. Não, eu não leio nas almas; não sou bastante perfeito para isso.
60. Entretanto, deves conhecer os nossos pensamentos, uma vez que vens entre nós; de outro modo, como poderias saber se cremos de boa-fé? -R. Eu não leio, mas ouço.

Nota. - A questão 58 tinha por objetivo perguntar quais são aqueles junto aos quais ele vai de preferência espontaneamente, em sua vida de Espírito, sem ser evocado; pela evocação ele pode, como Espírito de uma ordem pouco elevada, ser constrangido a vir mesmo em um meio que lhe desagrade. Por outro lado, sem ler, propriamente falando, nossos pensamentos, certamente, poderia ver que as pessoas não estavam reunidas senão para um objetivo sério, e pela natureza das questões e das conversações que ele *ouvia*, julgar que a assembléia era composta de pessoas sinceramente desejosas de se esclarecerem.

61. Encontrei, no mundo dos Espíritos, alguns dos antigos camaradas de armas? - R. Sim, mas suas posições eram tão diferentes, que não reconheci a todos.
62. Em que consistia essa diferença? - R. Na ordem feliz ou infeliz de cada um.
62. Que disseste em vos reencontrando? - R. Eu lhes disse: Vamos elevar-nos até Deus, que o permite.
63. Como entendias subir até Deus? - R. Um degrau a mais superado, é um degrau a mais até Ele.
64. Disseste-nos que morreste nas neves, em consequência, morreste de frio? - R. De frio e de necessidade.

65. Tiveste, imediatamente, ciência de sua nova existência? -R. Não, mas não tinha mais frio.

66. Algumas vezes, retomaste ao lugar onde deixaste teu corpo? - R. Não, ele me fizera sofrer muito.

67. Nós te agradecemos as explicações que consentiste nos dar; elas nos forneceram úteis objetos de observação para nos aperfeiçoarmos na ciência Espírita? - R. Estou às vossas ordens.

Nota. - Esse Espírito, como se vê, é pouco avançado na hierarquia espírita: ele mesmo reconhece sua inferioridade. Seus conhecimentos são limitados; mas há nele bom senso, sentimentos honoráveis e benevolência. Sua missão, como Espírito, é bastante ínfima, uma vez que desempenha o papel de Espírito batedor *para chamar os incrédulos à fé*; mas, no próprio teatro, o próprio traje de comparsa não pode cobrir um coração honesto? Suas respostas têm a simplicidade da ignorância; mas, por não terem a elevação da linguagem filosófica dos Espíritos superiores, não são menos instrutivas como estudo dos costumes espíritas, se assim podemos nos exprimir. É somente estudando todas as classes desse mundo que nos espera, que se pode chegar a conhecê-lo, e, de algum modo, nele marcar antecipadamente o lugar que cada um de nós pode aí ocupar. Vendo a situação que se prepararam, por seus vícios e suas virtudes, os homens que foram nossos iguais nesse mundo, é um encorajamento para nos elevar, o mais possível, desde este: é o exemplo ao lado do preceito. Não é demasiado repetir que para bem conhecer uma coisa, e dela se fazer uma idéia isenta de ilusões, é preciso vê-la sob todas as suas faces, do mesmo modo que o botânico não pode conhecer o reino vegetal senão observando desde o modesto criptogamo escondido sob o musgo, até o carvalho que se eleva nos ares.

Espíritos impostores - O falso Padre Ambroise

Revista Espírita, julho de 1858

Um dos escolhos que apresentam as comunicações espíritas é o dos Espíritos impostores, que podem induzir em erro sob sua identidade, e que, ao abrigo de um nome respeitável, procuram passar seus grosseiros absurdos. Em muitas ocasiões, explicamos sobre esse perigo, que deixa de sê-lo para quem escrute, ao mesmo tempo, a forma e o fundo da linguagem dos seres invisíveis com os quais se comunicam. Não podemos repetir aqui o que dissemos a esse respeito: leia-se, atentamente, nessa Revista, em *O Livro dos Espíritos* e em nossa *Instrução Prática*, ver-se-á que nada é mais fácil que premunir-se contra semelhantes fraudes, por pouco que nisso se coloque de boa vontade. Reproduziremos somente a comparação seguinte, que citamos em alguma parte: Suponde que, num quarto vizinho ao que estais, estejam vários indivíduos que não conheceis, que não podeis ver, mas que ouvis perfeitamente; não seria fácil reconhecer, pela sua conversação, se são ignorantes ou sábios, homens honestos ou malfeitores, homens sérios ou estouvados, pessoas de boa companhia ou grosseiras?

Tomemos uma outra comparação, sem sairmos da nossa humanidade material: suponhamos que um homem se apresente a nós sob o nome de um distinto literato; diante desse nome, o recebeis de início com todo o respeito devido ao seu mérito suposto; mas se ele se exprime como um carregador, reconheceréis logo o engano, e o expulsareis como impostor.

Ocorre o mesmo com os Espíritos: são reconhecidos pela sua linguagem; a dos Espíritos superiores é sempre digna, em harmonia com a sublimidade dos pensamentos; jamais a trivialidade macula-lhes a pureza. A grosseria e a baixeza de expressões não pertencem senão aos Espíritos inferiores. Todas as qualidades e todas as imperfeições dos Espíritos se revelam pela sua linguagem, e pode-se, com razão, aplicar-lhes este adágio de um escritor célebre: *O estilo é o homem*.

Essas reflexões nos foram sugeridas por um artigo que encontramos no *Spiritualiste de la Nouvelle-Orléans*, do mês de dezembro de 1857. É uma conversação que se estabeleceu, por intermédio do médium, entre dois Espíritos, um se dando o nome de padre Ambroise, o outro o nome de Clément XIV. O padre Ambroise foi um respeitável eclesiástico, falecido em Louisiane, no último século; era um homem de bem, de grande inteligência, e que deixou uma memória venerada.

Nesse diálogo, onde o ridículo disputa com o ignóbil, é impossível equivocar-se sobre a qualidade dos interlocutores, e é preciso convir que os Espíritos que o fizeram, tomaram bem pouca precaução para se mascararem; por que qual é o homem de bom senso que poderia, um só instante, supor que o padre Ambroise e Clément XIV pudessem se abaixar a tais trivialidades, que se parecem a um espetáculo teatral? Comediantes da mais baixa categoria, que parodiassem esses dois personagens, não se exprimiriam de outro modo.

Estamos persuadidos de que o círculo de Nouvelle-Orléans, onde o fato se passou, a compreendeu como nós; duvidar disso seria injuriá-los; lamentamos apenas que ao publicá-

lo, não o fizeram seguir de algumas observações corretivas, que pudesse impedir, às pessoas superficiais, tomá-lo por uma amostra do estilo sério de além-túmulo. Mas, apressamo-nos em dizer que esse círculo não tem apenas comunicações desse gênero; tem também de outra ordem diferente, onde se encontram toda a sublimidade do pensamento e da expressão dos Espíritos superiores.

Pensamos que a evocação do verdadeiro e do falso padre Ambroise poderia oferecer um útil objeto de observação sobre os Espíritos impostores; foi, com efeito, o que ocorreu, como se pode julgar pela entrevista seguinte:

1. Peço a Deus Todo-poderoso permitir ao Espírito do verdadeiro padre Ambroise, falecido em Louisiane, no século passado, e que deixou uma memória venerada, se comunicar conosco. - R. Estou aqui.
2. Podeis dizer-nos se foi realmente vós quem tivestes, com Clément XIV, a conversa narrada no *Spiritualiste de la Nouvelle-Orléans* e da qual demos leitura em nossa última sessão? - R. Lamento os homens que foram vítimas dos Espíritos, lamentando igualmente a estes.
3. Qual é o Espírito que tomou- o vosso nome? - R. Um Espírito bufão.
4. E o interlocutor era realmente Clément XIV? - R. Era um Espírito simpático àquele que havia tomado o meu nome.
5. Como deixastes debitar semelhantes coisas sob vosso nome, e por que não viestes desmascarar os impostores? - R. Porque não posso sempre impedir os homens e os Espíritos de se divertirem.
6. Concebemos isso em relação aos Espíritos; mas quanto às pessoas que recolheram essas palavras são pessoas sérias e que não procuravam se divertir. - R. Razão a mais; deveriam bem pensar que tais palavras não poderiam ser senão a linguagem de Espíritos zombeteiros.
7. Por que os Espíritos não ensinam em Nouvelle-Orléans, princípios em tudo idênticos aos que se ensinam aqui? - R. A Doutrina que vos foi ditada cedo lhes servirá; não haverá senão uma.
8. Uma vez que essa Doutrina deverá ser ensinada mais tarde, parece-nos que, se o fosse imediatamente, isso apressaria o progresso e evitaria, no pensamento de alguns, uma incerteza deplorável? - Os caminhos de Deus, freqüentemente, são impenetráveis; não haverá outras coisas que vos parecem incompreensíveis nos meios que empregam para chegar aos seus fins? *É preciso que o homem se exercite para distinguir o verdadeiro do falso*, mas nem todos poderiam receber a luz subitamente sem se ofuscarem.
9. Podeis, eu vos peço, dizer-nos sua opinião pessoal sobre a reencarnação? - Os Espíritos são criados ignorantes e imperfeitos: uma única encarnação não poderá bastar-lhes para tudo aprenderem; é preciso que se reencarnem, para aproveitarem as bondades que Deus lhes destina.
10. A reencarnação pode ocorrer sobre a Terra, ou somente em outros globos? - R. A reencarnação se dá segundo o progresso do Espírito, em mundos mais ou menos perfeitos.

11. Isso não nos diz claramente se ela pode ocorrer sobre a Terra? - R. Sim, ela poderá ter lugar sobre a Terra; e se o Espírito a pede como missão, isso será mais meritório para ele do que pedir para avançar mais depressa em mundos mais perfeitos.

12. Pedimos a Deus Todo-poderoso permitir ao Espírito que tomou o nome do padre Ambroise, se comunicar conosco. - R. Estou aqui; mas não queirais me confundir.

13. Verdadeiramente, és tu o padre Ambroise? Em nome de Deus, peço dizer a verdade. - R. Não.

14. Que pensas daquilo que disseste sob o seu nome? - R. Penso como pensaram aqueles que me escutaram.

15. Por que te serviste de um nome tão respeitável para dizer semelhantes tolices? R- Os nomes, aos nossos olhos, nada são: as obras são tudo; *como se podia ver o que eu era pelo que eu dizia*, não atribuí conseqüência ao empréstimo desse nome.

16. Por que, em nossa presença, não sustentas mais tua impostura? - R. Porque minha linguagem é uma pedra de toque com a qual não podeis vos enganar.

Nota. - Foi-nos dito, várias vezes, que a impostura de certos Espíritos é uma prova para o nosso julgamento; é uma espécie de *tentação* que Deus permite, a fim de que, como disse o padre Ambroise, o homem possa se exercitar em distinguir o verdadeiro do falso.

17. E teu companheiro Clément XIV, que pensas dele? - Não vale mais do que eu; ambos temos necessidade de indulgência.

18. Em nome de Deus Todo-poderoso, peço-lhe que venha. - R. Estou aqui desde que o falso padre Ambroise chegou.

19. Por que abusaste da credulidade de pessoas respeitáveis para dar uma falsa idéia da Doutrina Espírita? - R. Por que se é propenso a faltas? É porque não se é perfeito.

20. Não pensastes, ambos, que um dia vosso embuste seria reconhecido, e que os verdadeiros padre Ambroise e Clément XIV não poderiam se exprimir como o fizestes? - R. Os embustes já foram reconhecidos e castigados por aquele que nos criou.

21. Sois da mesma classe dos Espíritos que chamamos batedores? - R. Não, porque é preciso ainda raciocínio para fazer o que fizemos em Nouvelle-Orléans.

22. (Ao verdadeiro padre Ambroise) Esses Espíritos impostores os vêem aqui? - R. Sim, e sofrem com a minha visão.

23. Esses Espíritos estão errantes ou reencarnados? - R. Errantes; não seriam bastante perfeitos para se desligarem, se estivessem encarnados.

24. E vós, padre Ambroise, em qual estado estais? - R. Encarnado em um mundo feliz e sem nome para vós.

25. Nós vos agradecemos os esclarecimentos que consentistes em nos dar; sereis bastante bom para vir outras vezes entre nós, dizer-nos algumas boas palavras e nos dar um ditado que possa mostrar a diferença de vosso estilo com aquele que havia tomado o vosso nome? -
R. Estou com aqueles que querem o bem na verdade.

Uma lição de escrita por um Espírito

Revista Espírita, julho de 1858

Os Espíritos não são, em geral, mestres em caligrafia, porque a escrita por médium não brilha, comumente, pela elegância; o senhor D..., um de nossos médiuns, apresentou, sob esse aspecto, um fenômeno excepcional, o de escrever muito melhor sob a inspiração dos Espíritos, do que sob a sua própria. Sua escrita normal é péssima (da qual não se envaidece, dizendo que é a dos grandes homens); ela toma um caráter especial, muito diferente, segundo o Espírito que se comunica e se reproduz constantemente a mesma com o mesmo Espírito, mas sempre mais limpa, mais legível e mais correta; com alguns, é uma espécie de escrita inglesa, lançada com uma certa audácia. Um dos membros da Sociedade, o senhor doutor V..., teve a idéia de evocar um calígrafo distinto, como objeto de observação o ponto de vista da escrita. Ele conheceu um, chamado Bertrand, falecido há uns dois anos, com o qual tivemos, em uma outra sessão, a entrevista seguinte:

1. À fórmula de evocação, ele respondeu: Estou aqui.
2. Onde estáveis quando vos evocamos? - R. Já perto de vós.
3. Sabeis com qual objetivo principal vos pedimos para vir? -R. Não, mas desejo sabê-lo.

Nota. - O Espírito do senhor Bertrand está ainda sob a influência da matéria, assim como se podia supô-lo pela sua vida terrestre; sabe-se que esses Espíritos são menos aptos para lerem no pensamento, do que aqueles que estão mais desmaterializados.

4. Desejaríamos que consentisses em reproduzir, pelo médium, uma escrita caligráfica tendo o caráter daquela que tínheis durante vossa vida; vós o podeis? - R. Eu o posso.

Nota. - A partir dessa palavra, o médium, que não se porta segundo as regras ensinadas pelos professores de escrita, tomou, sem percebê-lo, uma pose correta tanto pelo corpo quanto pela mão: todo o resto da conversa foi escrito como o fragmento do qual reproduziremos o fac-símile. Como termo de comparação daremos acima a escrita normal do médium.

5. Lembrai-vos das circunstâncias da vossa vida terrestre? - R. Algumas.
6. Poderíeis dizer em que ano falecesteis? - R. Faleci em 1856.
7. Com que idade? - R. 56 anos.
8. Que cidade habitáveis? - R. Saint-Germain.
9. Qual era o vosso gênero de vida? - R. Esforçava-me para contentar meu corpo.

10. Vós vos ocupáveis um pouco com as coisas do outro mundo? - R. Não muito.
11. Lamentai-vos por não serdes mais desse mundo? - R. Lamento não ter empregado muito bem minha existência.
12. Sois mais feliz do que sobre a Terra? - R. Não, sofro pelo bem que não fiz.
13. Que pensais do futuro que vos está reservado? - R. Penso que tenho necessidade de toda a misericórdia de Deus.
14. Quais são as vossas relações no mundo em que vos achais? - R. Relações tristes e infelizes.
15. Quando voltais à Terra, tendes lugares que freqüentais de preferência? - R. Procuvo as almas que se compadecem de minhas penas e que pedem por mim.
16. Vedes as coisas da Terra tão nitidamente como quando de sua vida? - R. Nada tenho para ver; se as procurasse, seria ainda uma causa de desgostos.
17. Diz-se que, quando vivo, éreis muito pouco paciente; é verdade? - R. Era muito violento.
18. Que pensais da finalidade de nossas reuniões? - R. Bem que gostaria tê-las conhecido em minha vida; isso me teria tornado melhor.
19. Vedes os outros Espíritos além de vós? - R. Sim, mas fico muito confuso diante deles.
20. Pedimos a Deus que vos ajude em sua santa misericórdia; os sentimentos que acabais de exprimir devem vos fazer achar graça diante dele, e não duvidamos que ajudem ao vosso adiantamento. - R. Eu vos agradeço; Deus vos protege; que seja bendito por isso! Minha vez chegará também, o espero.

Nota. - As informações fornecidas pelo espírito do senhor Bertrand são perfeitamente exatas, e de acordo com o gênero de vida e o caráter que se lhe conhece; somente confessando a sua inferioridade e seus erros, sua linguagem é mais séria e mais elevada do que se poderia dele esperar; prova-nos, uma vez mais, a penosa situação daqueles que são muito presos à matéria neste mundo. Assim é que os próprios Espíritos inferiores nos dão, freqüentemente, úteis lições de moral pelo exemplo.

Correspondência

Revista Espírita, julho de 1858

Carta do senhor Jobard, de Bruxelles

Bruxelles, 15 de junho de 1858.

Meu caro senhor Kardec,

Recebi e li com avidez vossa *Revista Espírita*, e recomendei aos meus amigos, não a simples leitura, mas o estudo aprofundado de vosso *O Livro dos Espíritos*. Muito lamento por minhas preocupações físicas não me deixarem tempo para os estudos metafísicos; mas eu as empurrei bastante longe por sentir o quanto estás perto da verdade absoluta, sobretudo quando vejo a coincidência perfeita que existe entre as respostas que me foram dadas e as vossas. Mesmo aqueles que vos atribuem pessoalmente a redação dos vossos escritos, estão estupefatos com a profundidade e a lógica que neles encontram. Teríeis vos elevado, de repente, ao nível de Sócrates e de Platão pela moral e a filosofia estética; quanto a mim, que conheceis, o fenômeno e vossa lealdade, não duvido da exatidão das explicações que vos são dadas, e abjuro todas as idéias que publiquei a esse respeito, quando não acreditava nisso ver, com o senhor Babinet, senão fenômenos físicos, ou charlatanice indigna da atenção dos sábios.

Não vos desencorajeis, tanto quanto eu, com a indiferença de vossos contemporâneos; o que está escrito, está escrito; o que foi semeado germinará. A idéia de que a vida não é senão uma *purificação* de almas, uma prova e uma expiação, é grande, consoladora, progressista e natural. Aqueles que a ela se ligam são felizes em todas as posições; em lugar de se lamentarem pelos males físicos e morais que os oprimem, devem com eles se alegrarem, ou ao menos suportá-los com uma resignação cristã.

Para ser feliz, fuja do prazer:

do filósofo é a divisa;

O esforço que se faz para agarrá-lo,

Custa mais do que a mercadoria;

Mas ele vem a nós cedo ou tarde,

Sob a forma de uma surpresa;

E um terno, no jogo do acaso,

Que vale dez mil vezes a aposta.

Conto logo atravessar Paris, onde tenho tantos amigos para ver e tantas coisas a fazer; mas deixarei tudo para tentar ir vos apertar a mão.

JOBARD

Diretor do Museu Real da Indústria.

Uma adesão tão limpa e tão franca, da parte de um homem do valor do senhor Jobard é, sem contradita, uma preciosa conquista à qual aplaudirão todos os partidários da Doutrina Espírita; todavia, na nossa opinião, aderir é pouca coisa; mas reconhecer, abertamente, que se enganou, abjurar idéias anteriores que se publicaram, e isso sem pressão e sem interesse, unicamente porque a verdade abriu caminho, está aí o que se pode chamar a verdadeira coragem de sua opinião, sobretudo quando se tem um nome popular. Agir assim é próprio dos grandes caracteres, os únicos que sabem se colocar acima dos preconceitos. Todos os homens podem se enganar; mas há grandeza em reconhecer os erros, ao passo que não há senão pequenez em perseverar numa opinião que se sabe falsa, unicamente para se dar, aos olhos do vulgo, um prestígio de infalibilidade; esse prestígio não poderia enganar a posteridade, que extirpa, sem piedade, todos os ouropéis do orgulho; só ela cria as reputações; só ela tem o direito de inscrever, em seu templo: Este era, verdadeiramente, grande de espírito e de coração. Quantas vezes não escreveu também: Esse grande homem foi bem pequeno.

Os elogios contidos na carta do senhor Jobard nos teriam impedido de publicá-la se fossem dirigidos a nós pessoalmente; mas, como ele reconhece em nosso trabalho a obra dos Espíritos, dos quais não fomos senão muito modesto intérprete, todo mérito lhes pertence, e nossa modéstia nada tem a sofrer com uma comparação que não prova senão uma coisa: que esse livro não pode ter sido ditado senão por Espíritos de uma ordem superior.

Respondendo ao senhor Jobard, lhe havíamos pedido autorização para publicarmos sua carta; ao mesmo tempo, estávamos encarregados, da parte da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, de lhe oferecer o título de membro honorário e de correspondente. Eis a resposta que achou por bem nos endereçar, e que estamos felizes em reproduzir:

Bruxelles, 22 de junho de 1858.

Meu caro colega,

Me perguntais, com espirituosas perífrases, se ousaria confessar publicamente minha crença nos Espíritos e nos Perispíritos, em vos autorizando publicarem minhas cartas, e em aceitando o título de correspondente da Academia do Espiritismo que fundastes, o que seria ter, como se disse, a coragem de sua opinião.

Estou um pouco humilhado, vos confesso, por vos ver empregar, comigo, as mesmas fórmulas e os mesmos discursos que com os tolos, quando deveis saber que toda a minha vida foi consagrada em sustentar a verdade, e em testemunhar em seu favor todas as vezes que a encontrava, seja em física, seja em metafísica. Sei que o papel do adepto das idéias novas não é sempre sem inconveniente, mesmo neste século de luzes, e que se pode ser ridicularizado por dizer que é dia em pleno meio-dia, porque o menos que se arrisca é ser tratado de louco; mas como a Terra gira e que o pleno meio-dia brilhará para cada um, será bem preciso que os incrédulos se rendam à evidência. É tão natural ouvir negar a existência dos Espíritos por aqueles que não o têm, quanto a existência da luz por aqueles que ainda estão privados dos seus raios. Pode-se comunicar com eles? Aí está toda a questão. Vede e

observai.

O tolo nega sempre o que não pode compreender,

Para ele o maravilhoso é despido de atrativo;

Não sabe nada, não quer nada aprender

Tal é, do incrédulo, um fiel retrato.

Eu me disse: O homem, evidentemente, é duplo, uma vez que a morte o desdobra; enquanto uma metade fica neste mundo, a outra vai para alguma parte conservando a sua individualidade; portanto, o Espiritismo está perfeitamente de acordo com a Escritura, com o dogma, com a religião que crê de tal modo nos Espíritos que exorciza os maus e evoca os bons: o *Vade retro* e o *Veni Creator* são as prova disso; portanto, a evocação é uma coisa séria e não uma obra diabólica, ou uma charlatanice, como pensam alguns.

Sou curioso, não nego nada; mas quero ver. Nunca disse: Trazei-me o fenômeno, corri atrás dele, em lugar de esperá-lo em minha poltrona até que viesse, segundo um hábito ilógico. Fiz-me simplesmente este raciocínio, há mais de 40 anos, a propósito do Magnetismo: É impossível que homens muito respeitados escrevam milhares de volumes para me fazer crer na existência de uma coisa que não exista. Depois tentei muito tempo e em vão, enquanto não tinha a fé em obter o que procurava; mas fui bem recompensado pela minha perseverança, uma vez que cheguei a produzir todos os fenômenos dos quais ouvi falar, depois parei durante quinze anos. Tendo sobrevivendo as mesas, quis vê-las de coração limpo; vem hoje o *Espiritismo*, e ajo do mesmo modo. Quando alguma coisa de nova aparecia, corria atrás dela com o mesmo ardor que me coloco para ir ao encontro das descobertas modernas de todos os gêneros; é a curiosidade que me arrasta, e lastimo os selvagens por não serem curiosos, o que faz que permaneçam selvagens: a curiosidade é mãe da instrução. Sei bem que esse ardor para aprender tem me prejudicado muito, e que se tivesse permanecido nessa respeitável mediocridade que conduz às honras e à fortuna, delas teria tido minha boa parte; mas, há muito tempo, eu me disse que não estava senão passando nesta má hospedaria onde não vale a pena fazer sua mala; o que me fez suportar, sem dor, os insultos, as injustiças, os roubos dos quais fui uma vítima privilegiada, foi essa idéia de que não há, neste mundo, uma felicidade nem uma infelicidade que valha a pena dela se alegrar ou dela se afligir. Trabalhei, trabalhei, trabalhei, o que me deu a força para fustigar meus adversários mais encarniçados, e manter o respeito dos outros, de modo que sou agora mais feliz e mais tranqüilo do que as pessoas que me furtaram uma herança de 20 milhões. Eu os lamento, porque não invejo seu lugar no mundo dos Espíritos. Se lamento essa fortuna, não é por mim: não tenho um estômago para comer 20 milhões, mas pelo bem que isso me impediu de fazer. Que alavanca nas mãos de um homem que soubesse empregá-la utilmente! Que estímulo poderia dar às ciências e ao progresso! Aqueles que têm a fortuna, freqüentemente, ignoram as verdadeiras alegrias que poderiam se proporcionar. Sabeis o que falta à ciência espírita para se propagar com rapidez? Falta um homem rico, que a ela consagrasse a sua fortuna, por puro devotamento, sem mistura com o orgulho e o egoísmo; que fizesse as coisas grandemente, sem parcimônia nem pequenez; um tal homem, faria a sociedade avançar meio século. Por que me tiraram os meios de fazê-lo? Ele será encontrado; alguma coisa mo diz; honra a ele!

Vi evocar uma pessoa viva; ela sentiu uma síncope até o retorno do seu Espírito. Evocai o meu, para ver o que vos direi. Evocai também o doutor Mure, falecido no Cairo no dia 4 de junho; era um grande espiritista e médico homeopata. Perguntai-lhe se crê ainda nos

gnomos. Certamente, ele está em Júpiter, porque foi um grande Espírito, mesmo neste mundo, um verdadeiro profeta ensinando e meu melhor amigo. Estará contente com o artigo necrológico que lhe fiz?

Eis que está bem longo, me direis; mas não é tudo rosa o ter-me por correspondente. Vou ler vosso último livro, que recebi neste instante; ao primeiro olhar rápido, não duvido que faço muito bem destruindo uma multidão de prevenções, e que tendes mostrado o lado sério da coisa. - O assunto Badet está muito interessante; dele falaremos.

Todo vosso, JOBARD.

Qualquer comentário sobre essa carta seria supérfluo; cada um apreciará a sua importância e nela encontrará, sem dificuldade, essa profundidade e essa sagacidade que, unidas aos mais nobres pensamentos, conquistaram para o autor um lugar tão honroso entre os seus contemporâneos. Pode-se honrar-se por ser *louco* (a maneira pela qual o entendem nossos adversários), quando se tem tais companheiros de infortúnio.

A esta anotação do senhor Jobard: "Pode-se comunicar com os Espíritos? Aí está toda a questão; vede e observai", acrescentaremos: As comunicações com os seres do mundo invisível não são nem uma descoberta nem uma invenção do mundo moderno; elas foram praticadas desde a mais alta antiguidade, por homens que foram mestres em filosofia, dos quais se invoca, todos os dias, o nome como autoridade. Por que o que se passou então não poderia mais se produzir hoje?

A carta seguinte nos foi dirigida por um dos nossos assinantes; como contém ela uma parte instrutiva que pode interessar à maioria de nossos leitores, e é uma prova a mais da influência moral da Doutrina Espírita, cremos devê-la publicar integralmente, respondendo, para todo o mundo, as diversas perguntas que ela encerra.

Carta do senhor Marius sobre Júpiter

Bordeaux, 24 de junho de 1858.

Senhor e caro confrade em Espiritismo, Permitireis, sem dúvida, a um de vossos assinantes e um de vossos leitores mais atentos, de vos dar esse título, porque essa admirável Doutrina deve ser um laço fraternal entre todos aqueles que a compreendem e a praticam.

Em um dos vossos números precedentes, falastes de desenhos notáveis, feitos pelo senhor Victorien Sardou, e que representam habitações do planeta Júpiter. O quadro que dele fizestes, sem dúvida nos dá, como a muitos outros, o desejo de conhecê-los; teríeis a bondade de nos dizer se esse Senhor tem a intenção de publicá-los? Não duvido de que tenham um grande sucesso, tendo em vista a extensão que tomam, cada dia, as crenças espíritas. Seria o complemento necessário do quadro, tão sedutor, que os Espíritos deram desse mundo feliz.

Eu vos direi, a esse respeito, meu caro Senhor, que há quase dezoito meses evocamos, em nosso pequeno círculo íntimo, um antigo magistrado, parente nosso, falecido em 1756, que foi durante sua vida um modelo de todas as virtudes, e um Espírito muito superior, embora não tendo lugar na história. Disse-nos estar encarnado em Júpiter, e nos deu um ensinamento moral de uma sabedoria admirável, e em todos os pontos de conformidade com

aquele que encerra vosso tão precioso *O Livro dos Espíritos*. Naturalmente, tivemos a curiosidade de lhe pedir algumas notícias sobre o estado do mundo que ele habita, o que fez com extrema complacência. Ora, julgai a nossa surpresa e a nossa alegria, quando lemos, na vossa Revista, uma descrição inteiramente idêntica desse planeta, pelo menos nas generalidades, porque não colocamos as questões tão longe quanto vós: tudo nela está conforme, no físico e no moral, e até nas condições dos animais. Mencionou até habitações aéreas, das quais não falais.

Como havia certas coisas que tínhamos dificuldade em compreender, nosso parente acrescentou estas palavras notáveis: "Não há de espantoso senão que não compreendeis as coisas para as quais os vossos sentidos não foram feitos; mas, à medida que avançardes na ciência, compreendê-las-eis melhor pelo pensamento, e cessarão de vos parecer extraordinárias. Não está longe o tempo no qual recebereis, sobre esse ponto, os esclarecimentos mais completos. Os Espíritos estão encarregados de vos instruir nisso, a fim de vos dar um objetivo, e vos impelir ao bem." Lendo vossa descrição e o anúncio dos desenhos dos quais falais, dissemos naturalmente que esse tempo está chegado.

Os incrédulos criticarão, sem dúvida, semelhante paraíso de Espíritos, como criticam tudo, mesmo a imortalidade, mesmo as coisas mais santas. Sei bem que nada prova, materialmente, a verdade dessa descrição; mas, para todos aqueles que crêem na existência e nas revelações dos Espíritos, essa coincidência não foi feita para fazer refletir? Nós fazemos uma idéia do país que jamais vimos pela narração dos viajantes, quando há coincidências entre eles: por que não ocorreria o mesmo com respeito aos Espíritos? Haveria, no estado sob o qual nos descrevem o mundo de Júpiter, alguma coisa que repugne à razão? Não; tudo está de acordo com a idéia que nos dão de existências mais perfeitas; diria mais: com a Escritura, o que um dia me empenharei em demonstrar; de minha parte isso me parece tão lógico, tão consolador, que me seria penoso renunciar à esperança de habitar esse mundo afortunado onde não há maus, nem invejosos, nem inimigos, nem egoístas, nem hipócritas; por isso, todos os meus esforços tendem a merecer ir para lá.

Quando, em nosso pequeno círculo, algum de nós parece ter pensamentos muito materiais, lhes dizemos: cuidado, não ireis para Júpiter, e ficamos felizes em pensar que esse futuro nos está reservado, senão na primeira etapa, pelo menos em uma das seguintes. Obrigado, pois, a vós, meu caro irmão, por nos ter aberto esse novo caminho de esperança.

Uma vez que obtivemos revelações tão preciosas sobre esse mundo, devereis tê-las, igualmente, sobre os outros que compõem o nosso sistema planetário. Vossa intenção é de publicá-las? Isso faria um conjunto dos mais interessantes. Olhando os astros, comprazer-se-ia em sonhar nos seres tão variados que os povoam; o espaço nos pareceria menos vazio. Como pôde vir, no pensamento de homens crentes no poder e na sabedoria de Deus, que esses milhões de globos sejam corpos inertes e sem vida? Que estamos sozinhos neste pequeno grão de areia que chamamos a Terra? Digo que é impiedade. Semelhante idéia me entristece; se assim fora, me pareceria estar num deserto.

Inteiramente vosso de coração,

mariusm...

Empregado aposentado.

O título que o nosso honrado assinante quis nos dar é muito lisonjeador, para que não lhe

sejamos muito reconhecido por haver nos crer digno dele. O Espiritismo, com efeito, é um laço fraternal que deve conduzir à prática da caridade cristã *todos aqueles que o compreendam em sua essência*, porque tende a fazer desaparecer os sentimentos de ódio, de inveja, de ciúme que dividem os homens; mas essa fraternidade não é a de uma seita; para ser segundo os divinos preceitos do Cristo, ela deve abraçar a Humanidade toda, porque todos os homens são os filhos de Deus; se alguns estão afastados, ele manda lamentá-los; proíbe odiá-los. Amai-vos uns aos outros, disse Jesus; não disse: Amai aqueles que pensam como vós; por isso, quando os nossos adversários nos atiram pedras, não devemos nunca lhes devolver as maldições: esses princípios serão sempre daqueles que os professam, de homens que não procurarão nunca na desordem e no mal do seu próximo, a satisfação de seus interesses ou de suas paixões.

Os sentimentos de nosso honroso correspondente estão marcados de muita elevação, porque estamos persuadidos de que ele entende, tanto como deve ser, a fraternidade na mais larga acepção.

Estamos felizes com a comunicação que consentiu nos fazer com respeito a Júpiter. A coincidência que nos assinala não é única, como se pôde ver no artigo sobre o assunto. Ora, qualquer que seja a opinião que se possa dele formar, não deixa de ser um assunto digno de observação. O mundo espírita está cheio de mistérios que não se saberia estudar com muito cuidado. As conseqüências morais que dele deduz nosso correspondente estão marcadas ao lado de uma lógica que não escapará a ninguém.

No que concerne às publicações dos desenhos, o mesmo desejo nos foi manifestado por vários de nossos assinantes; mas a complicação é tal que a reprodução, pela gravura, teria provocado despesas excessivas e inabordáveis; os próprios Espíritos disseram que o momento de publicá-los ainda não havia chegado, provavelmente por esse motivo. Hoje, essa dificuldade está felizmente afastada. O senhor Victorien Sardou, de médium desenhista (sem saber desenhar) tomou-se *médium gravador* sem ter jamais tido um buril em sua vida. Faz, agora, seus desenhos diretamente sobre o cobre, o que permitirá reproduzi-los sem o concurso de nenhum artista estranho. Com a questão financeira assim simplificada, poderemos dele dar uma mostra notável, no nosso próximo número, acompanhada de uma descrição técnica, que ele deseja se encarregar de redigir, segundo os documentos que lhe forneceram os Espíritos. Esses desenhos são muito numerosos, e seu conjunto formará, mais tarde, um verdadeiro Atlas. Conhecemos um outro médium desenhista a quem os Espíritos fizeram traçar outros não menos curiosos sobre um outro mundo. Quanto ao esplendor de diferentes globos conhecidos, fomos dados sobre várias notícias gerais e sobre alguns somente notícias detalhadas; mas não estamos ainda fixados quanto à época em que será útil publicá-los.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Primeiro Ano – 1858

Agosto

- [Contradições na linguagem dos Espíritos](#)
- [A Caridade, pelo Espírito de São Vicente de Paulo](#)
- [O Espírito batedor de Dibbelsdorf](#)
- [Observações a propósito dos desenhos de Júpiter](#)
- [As habitações do planeta Júpiter, pelo senhor Victorien Sardou](#)

Contradições na linguagem dos Espíritos

Revista Espírita, agosto de 1858

As contradições que, muito freqüentemente, se encontram na linguagem dos Espíritos, mesmo sobre questões essenciais, foram até hoje, para certas pessoas, uma causa de incerteza sobre o valor real de suas comunicações, circunstância da qual os adversários não deixaram de tirar partido. À primeira vista, essas contradições parecem, com efeito, devem ser uma das principais pedras de tropeço da ciência espírita. Vejamos se elas têm a importância que lhe prestam.

Perguntaremos primeiro, qual ciência, em seu início, não apresentou semelhantes anomalias? Que sábio, em suas investigações, não foi muitas vezes confundido por fatos que pareciam transtornar as regras estabelecidas? Se a Botânica, a Zoologia, a Fisiologia, a Medicina, nossa própria língua disso não oferecem milhares de exemplos, e suas bases desafiam toda contradição? É comparando os fatos, observando as analogias e as disparidades, que se chega, pouco a pouco, a estabelecer as regras, as classificações, os princípios: em uma palavra, a constituir a ciência. Ora, se o Espiritismo apenas desabrocha, não é espantoso que ele se sujeite à lei comum, até que seu estudo esteja completo; só então se reconhecerá que, aqui, como em todas as coisas, a exceção vem quase sempre confirmar a regra.

Os Espíritos, de resto, nos disseram, em todos os tempos, que não devemos nos inquietar com algumas dessas divergências, e que, dentro em pouco, todo mundo será conduzido à unidade de crença. Essa predição se cumpre, com efeito, cada dia, à medida que se penetra mais além das causas desses fenômenos misteriosos, e que os fatos são melhor observados. Já as dissidências que surgiram na origem tendem, evidentemente, a se enfraquecer, pode-se mesmo dizer que elas não são senão o resultado de opiniões pessoais isoladas.

Se bem que o Espiritismo esteja na Natureza, e que tenha sido conhecido e praticado desde a mais alta antigüidade, constata-se que em nenhuma outra época foi assim universalmente difundido como nos nossos dias. É que outrora dele não se fazia senão um estudo misterioso no qual o vulgo não estava iniciado; conservou-se por uma tradição que as vicissitudes da Humanidade e a falta de meios de transmissão, enfraqueceram insensivelmente. Os fenômenos espontâneos que não cessaram de se produzir, de vez em quando, passaram despercebidos, ou foram interpretados segundo os preconceitos e a ignorância dos tempos, ou foram explorados em proveito de tal ou tal crença. Estava reservado ao nosso século, onde o progresso recebe um impulso incessante, revelar uma ciência que não existia, por assim dizer, senão no estado latente. Não foi senão há poucos anos que os fenômenos foram seriamente observados; o Espiritismo é, pois, uma realidade, uma ciência nova que se implanta pouco a pouco no espírito das massas, à espera de que tome uma posição oficial. No início, essa ciência pareceu bem simples; para as pessoas superficiais, ela não consistia senão na arte de fazer girar as mesas; mas uma observação mais atenta mostrou-a bem diferente, complicada pelas suas ramificações e suas conseqüências, do que se havia suposto. As mesas girantes são como a maçã de Newton que em sua queda encerra o sistema do mundo.

Chegou ao Espiritismo o que chega no início de todas as coisas: os primeiros não puderam

ver tudo; cada um viu de seu lado e se apressou em comunicar suas impressões sob seu ponto de vista, segundo suas idéias ou prevenções. Ora, não se sabe que, segundo o meio, o mesmo objeto pode parecer quente a um, ao passo que um outro o achará frio?

Tomemos, ainda, uma outra comparação das coisas vulgares, pelo fato dela mesma parecer trivial, a fim de que compreendamos.

Leu-se, ultimamente, em vários jornais: "O cogumelo tem uma produção das mais bizarras; delicioso ou mortal, microscópico ou de uma dimensão fenomenal, ele confunde, sem cessar, a observação do botânico. No túnel de Doncastre, tem um cogumelo que se desenvolve há doze meses, e não parece ter atingido sua última fase de crescimento; atualmente, mede 13 pés de diâmetro. Chegou sobre uma peça de madeira; é considerado como o mais belo espécime de cogumelo que tem existido. A classificação é difícil, porque as opiniões estão divididas." Assim, eis a ciência confundida pela chegada de um cogumelo que se apresenta sob um novo aspecto. Isso nos provocou a reflexão seguinte. Suponhamos vários naturalistas observando, cada um de seu lado, uma variedade desse vegetal; um dirá que o cogumelo é um criptógamo comestível procurado pelos cozinheiros; um segundo, que é venenoso; um terceiro, que é invisível a olho nu; um quarto, que pode atingir até 45 pés de circunferência, etc.; são todas afirmativas contraditórias, antes de quaisquer outras, e pouco próprias para fixarem as idéias sobre a verdadeira natureza dos cogumelos. Depois, virá o quinto observador que reconhecerá a identidade dos caracteres gerais e mostrará que essas propriedades tão diversas não constituem, em realidade, senão variedades de subdivisões de uma mesma classe. Cada um tinha razão de seu ponto de vista; todos estavam errados concluindo do particular para o geral, e por tomar a parte pelo todo.

O mesmo ocorre com respeito aos Espíritos. São julgados segundo a natureza das relações que se teve com eles, onde de uns fizeram demônios, e de outros anjos. Depois, se apressou em explicar os fenômenos, antes de ser visto, e cada um o fez à sua maneira e, naturalmente, em tudo procurando as causas do que se fazia objetos de suas preocupações; o magnetista tudo relacionou com a ação magnética, o físico com a ação elétrica, etc. A divergência de opiniões, em matéria de Espiritismo, vem, pois, de diferentes aspectos sob os quais foi considerado. De que lado está a verdade? É o que o futuro demonstrará; mas a tendência geral não poderia ser duvidosa: um princípio domina, evidentemente, e liga, pouco a pouco, os sistemas prematuros. Uma observação menos exclusiva os ligará todos à fonte comum, e cedo se verá que, em definitivo, a divergência está mais no acessório do que no fundo.

Compreende-se muito bem que os homens erijam teorias contrárias sobre as coisas; mas o que pode parecer mais singular, é que os próprios Espíritos possam se contradizer foi isso sobretudo que, desde início, lançou uma espécie de confusão nas idéias. As diferentes teorias espíritas têm, pois, duas fontes: umas desabrocharam nos cérebros humanos; as outras foram dadas pelos Espíritos. As primeiras emanaram de homens que, muito confiantes em suas próprias luzes, creram ter em mão a chave daquilo que procuram, ao passo que, o mais freqüentemente, não encontram senão uma chave mestra. Isso nada tem de surpreendente; mas que, entre os Espíritos, uns digam branco e outros negro, eis o que pareceria menos concebível, e que hoje é perfeitamente explicado. Fez-se, desde o princípio, uma idéia completamente falsa da natureza dos Espíritos. Foram figurados como seres à parte, de uma natureza excepcional, nada tendo em comum com a matéria, e devendo tudo saber. Eram, segundo a opinião pessoal, seres benfazejos ou malfazejos, uns tendo todas as virtudes, os outros, todos os vícios, e todos, em geral, uma ciência infinita, superior à da Humanidade. Na novidade das manifestações recentes, o primeiro pensamento que veio à maioria foi o de ver nisso um meio de penetrar em todas as coisas ocultas, um novo modo de adivinhação menos

suspeito do que os procedimentos vulgares. Quem poderia dizer o número daqueles que sonharam com uma fortuna fácil pela revelação de tesouros escondidos, com descobertas industriais ou científicas, que não teriam custado, aos inventores, senão o trabalho de escrever os procedimentos sob o ditado dos sábios do outro mundo! Deus sabe, também, quantas decepções e desapontamentos! Quantas pretensas receitas, mais ridículas umas do que as outras, foram dadas pelos falsários do mundo invisível! Conhecemos alguns que pediram um procedimento infalível para tingir os cabelos; foi-lhes dada a fórmula de composição, espécie de enceramento que fez da cabeleira uma massa compacta, da qual o paciente teve todas as dificuldades do mundo para se livrar. Todas essas esperanças quiméricas deveram se desvanecer à medida que melhor se conheceu a natureza desse mundo e o objetivo real das visitas que nos fazem seus habitantes. Mas, então, para muita gente, qual era o valor desses Espíritos que não tinham nem mesmo o poder de proporcionar alguns pequenos milhões sem nada fazer? Não poderiam ser Espíritos. A essa febre passageira sucedeu a indiferença; depois, em alguns, a incredulidade. Oh! quantos prosélitos os Espíritos teriam feito se tivessem podido fazer vir o bem dormindo! Teriam adorado o próprio diabo se tivessem sacudido sua bolsa.

Ao lado desses sonhadores encontraram-se pessoas sérias que viram, nesses fenômenos, outra coisa além do vulgar observaram atentamente, sondaram os recônditos desse mundo misterioso, e reconheceram facilmente, nesses fatos estranhos, senão novos, um fim providencial da mais elevada ordem. Tudo mudou de face quando se soube que esses mesmos Espíritos não são outros que aqueles que viveram na Terra, e dos quais, em nossa morte, iremos aumentar o número; que não deixaram, neste mundo, senão seu envoltório grosseiro, como a lagarta deixa a sua crisálida para se tornar borboleta. Não pudemos disso duvidar, quando vimos nossos parentes, nossos amigos, nossos contemporâneos virem conversar conosco, e nos darem as provas irrecusáveis de sua presença e de sua identidade. Considerando as variedades, tão numerosas, que a Humanidade apresenta, sob o duplo ponto de vista intelectual e moral, e a multidão que, cada dia, emigra da Terra para o mundo invisível repugna à razão crer que o estúpido Samoiedo, o feroz canibal, o vil criminoso, sofram na morte uma transformação que os coloque no nível do sábio e do homem de bem. Compreendeu-se, pois, que podia e devia haver Espíritos mais ou menos avançados, e, desde então, foram explicadas, muito naturalmente, essas comunicações tão diferentes, das quais umas se elevam até o sublime, ao passo que outras se arrastam na poeira. Compreendeu-se melhor ainda quando, deixando de crer nosso pequeno grão de areia perdido no espaço, o único habitado entre milhões de globos semelhantes, soube-se que, no Universo, não ocupa senão uma classe intermediária, vizinha do mais baixo escalão; que haveria, pois, conseqüentemente, seres mais avançados que os mais avançados entre nós, e outros ainda mais atrasados do que os nossos selvagens. Desde então, o horizonte intelectual e moral se estendeu, como ocorreu com o nosso horizonte terrestre quando se descobriu a quarta e a quinta partes do mundo; a força e a majestade de Deus, ao mesmo tempo, se engrandeceram aos nossos olhos, do finito ao infinito. Desde então, também foram explicadas as contradições na linguagem dos Espíritos, porque compreendeu-se que, seres inferiores em todos os pontos, não poderiam nem pensar e nem falar como seres superiores; que não poderiam, por conseqüência, nem tudo saber, nem tudo compreender, e que Deus deveria reservar unicamente aos seus eleitos o conhecimento dos mistérios que a ignorância não poderia alcançar.

A escala espírita, segundo os próprios Espíritos e a observação dos fatos, nos dá, pois, a chave de todas as aparentes anomalias da linguagem dos Espíritos. É preciso, por hábito, chegar a conhecê-los, por assim dizer, à primeira vista, e poder lhes assinalar a classe segundo a natureza de suas manifestações; é preciso poder dizer, se necessário, a um que é mentiroso, a outro que é hipócrita, a este que é mau, àquele que é engraçado, etc., sem se deixar prender nem à sua arrogância, nem à sua fanfarrice, nem às suas ameaças, nem aos

seus sofismas, nem mesmo às suas *lisonjas*; é o meio de afastar essa turba que pulula, sem cessar, ao nosso redor, e que se afasta quando não se sabe atrair, para si, senão Espíritos verdadeiramente bons e sérios, assim como fazemos com relação aos vivos. Esses seres ínfimos estarão sempre devotados à ignorância e ao mal? - Não, porque essa parcialidade não estaria nem segundo a justiça, nem segundo a bondade do Criador, que proveu à existência e ao bem-estar do menor inseto. Por uma sucessão de existências, é que se elevam e se aproximam dele, em se melhorando. Esses seres inferiores não conhecem Deus senão de nome; não o vêem e não o compreendem, do mesmo modo que o último dos camponeses, no fundo de suas urzes, não vê e não compreende o soberano que governa o país que habita.

Se se estudar com cuidado o caráter de cada uma das classes de Espíritos, se conceberá, facilmente, como ocorre que sejam incapazes de nos fornecer notícias exatas sobre o estado de seu mundo. Considerando-se, por outro lado, que há os que, por sua natureza, são levianos, mentirosos, zombeteiros, malfazejos, que outros estão, ainda, imbuídos de idéias e de preconceitos terrestres, compreender-se-á que, em suas relações conosco, podem se divertir às nossas custas, induzir-nos conscientemente em erro por malícia, afirmar o que não sabem, dar-nos pérfidos conselhos, ou mesmo se enganarem, de boa-fé, julgando as coisas sob o seu ponto de vista. Citemos uma comparação.

Suponhamos que uma colônia de habitantes da Terra encontre, um belo dia, o meio de ir se estabelecer na Lua; suponhamos essa colônia composta de diversos elementos da população do nosso globo, desde o Europeu mais civilizado ao selvagem australiano. Eis, sem dúvida, os habitantes da Lua em grande comoção, arrebatados em poderem obter, junto de seus novos habitantes, notícias precisas sobre o nosso planeta, que alguns supunham habitado, mas sem disso terem a certeza, porque entre eles também, há, sem dúvida, pessoas que se crêem os únicos seres do Universo. Escolhem-se os recém-chegados, interrogam-nos, e os sábios se apressam em publicar a história física e moral da Terra. Como essa história não seria autêntica, uma vez que vão obtê-la de testemunhas oculares? Um deles recolhe em sua casa um Zelandês que lhe ensina que, neste mundo, é um banquete comer homens, e que Deus permite, uma vez que sacrificam as vítimas em sua honra. Com outro, é um moralista filósofo que lhe fala de Aristóteles e de Platão, e lhe diz que a antropofagia é uma abominação, condenada por todas as leis divinas e humanas. Aqui é um muçulmano que não come homens, mas que diz buscar sua salvação matando o maior número possível de cristãos; aqui é um cristão que diz que Maomé é um impostor; mais longe, um Chinês, que trata todos os outros de bárbaros, dizendo que, quando há muitas crianças, Deus permite jogá-las no rio; um boêmio traça o quadro da vida dissoluta das capitais; um anacoreta prega a abstinência e as modificações; um faquir indiano se atormenta o corpo impondo-se, durante vários anos, para se abrir as portas do céu, sofrimentos perto dos quais as privações de nossos piores cenobitas constituem sensualidade. - Vem em seguida um bacharel e diz que é a Terra que gira e não o Sol; um camponês que diz que o bacharel é mentiroso porque ele vê o Sol se elevar e se pôr, um Senegalês diz que faz muito calor; um Esquimó, que o mar é uma planície de gelo e que não se viaja senão de trenó. A política não ficou atrás; uns gabam o regime absolutista; outros a liberdade; tal diz que a escravidão é contra à Natureza, e que todos os homens são irmãos, filhos de Deus; tal outro, que as raças são feitas para a escravidão, e são bem mais felizes do que no estado livre, etc. Creio os selenitas bem embaraçados para comporem uma história física, política, moral e religiosa do mundo terrestre, com semelhantes documentos. Talvez, pensam alguns, encontrarão mais unidade entre os sábios; interroguemos esse grupo de doutores. Ora, um deles, médico da Faculdade de Paris, centro das luzes, diz que todas as doenças têm por princípio um sangue viciado, é preciso renová-lo, e, por isso, sangrar em qualquer estado de causa. Estais em erro, meu sábio confrade, replica um segundo: o homem não tem nunca muito sangue; tirá-lo, é tirar-lhe a vida; o sangue está viciado, convenho; o que se faz quando um vaso está sujo?

Ninguém o quebra, mas limpa-o; então purgai, purgai, purgai até a extinção. Um terceiro, tomando a palavra: Senhores, vós, com vossas sangrias, matais os doentes; vós, com vossas purgações, os envenenais; a Natureza é mais sábia que nós; deixai-a fazer e esperemos. - É isso, replicam os dois primeiros, se matamos nossos doentes, vós, vós os deixais morrer. A disputa começa a esquentar quando um quarto, tomando à parte um selenita, levando-o à esquerda, lhe diz: Não os escuteis, são todos ignorantes, verdadeiramente, não sei porque estão na Academia. Segui bem meu raciocínio: todo doente é fraco; portanto, há enfraquecimento de órgãos; isso é a lógica pura, ou não a conheço; portanto, é preciso dar-lhe o tom; para isso não tenho senão um remédio: a água fria, a água fria e não saio daí. - Curais todos os vossos doentes? - Sempre que a doença não é mortal. - Com um procedimento tão infalível, estais, sem dúvida, na Academia? Coloquei-me três vezes entre eles. Pois bem! acreditais em mim? me repeliram sempre, esses pseudo-sábios, porque compreenderam que os teria pulverizado com minha água fria. - Senhor selenita, disse um novo interlocutor, levando-o à direita: vivemos numa atmosfera de eletricidade; a eletricidade é o verdadeiro princípio da vida; aumentando-a quando não é o bastante, tirando-a quando há demais; neutralizar os fluidos contrários, uns pelos outros; eis todo o segredo. Com meus aparelhos faço maravilhas: lede meus anúncios e vereis!

(1)((1) O leitor compreenderá que nossa crítica não leva senão ao exagero em todas as coisas. Há de bom em tudo, o erro está no exclusivismo que o sábio judicioso sabe sempre evitar. Evitamos com todo cuidado, confundir os verdadeiros sábios, com os quais a Humanidade se honra a justo título, com aqueles que exploram suas idéias sem discernimento; é daqueles que queremos falar. Nosso objetivo é unicamente demonstrar que a própria ciência oficial não está isenta de contradições.)

- Não acabaríamos mais, se quiséssemos relacionar todas as teorias contrárias que foram, alternativamente, preconizadas sobre todos os ramos do conhecimento humano, sem excetuar as ciências exatas; mas foi, sobretudo, nas ciências metafísicas que o campo foi aberto às doutrinas mais contraditórias. Quando um homem de espírito e de juízo (por que não os haveria na Lua?) compara todas essas narrações incoerentes, delas tira esta conclusão muito lógica: que na Terra há países quentes e países frios; que, em certos continentes, os homens se entredevoram; que, em outros, matam aqueles que não pensam como eles, e tudo para a maior glória da sua divindade; que cada um, enfim, fala segundo os seus conhecimentos, e gaba as coisas do ponto de vista de suas paixões e de seus interesses. Em definitivo, que crera de preferência? Pela linguagem se reconhecerá, sem dificuldade, o verdadeiro sábio do ignorante, o homem sério do homem leviano, aquele que julgou daquele que raciocinou em falso; não confundirá mais os bons e os maus sentimentos, a elevação com a baixeza, o bem com o mal, e se dirá: Devo tudo ouvir, tudo escutar, porque na narração, mesmo do mais bruto, posso aprender alguma coisa; mas minha estima e minha confiança não a adquire senão aquele que delas se mostre digno. Se essa colônia terrena quer implantar seus costumes e seus usos na nova pátria, os sábios repelirão os conselhos que lhes parecerem perniciosos, e se confiarão àqueles que lhes pareçam os mais esclarecidos, em quem não vejam nem falsidade, nem mentiras, e nos quais, ao contrário, reconhecerão o amor sincero ao bem. Faríamos de outro modo se uma colônia de selenitas viesse a se abater sobre a Terra? Pois bem! o que está dado aqui como uma suposição, é uma realidade com relação aos Espíritos que, se não vêm entre nós em carne e osso, não estão menos presentes de um modo oculto, e nos transmitem os seus pensamentos pelos seus intérpretes, quer dizer, pelos médiuns. Quando aprendermos a conhecê-los, os julgaremos pela sua linguagem, pelos seus princípios, e suas contradições nada mais terão que deva nós surpreender, porque veremos que uns são sábios e outros ignorantes; que alguns estão colocados muito baixo, ou são ainda muito materiais para compreenderem e apreciarem as coisas em uma ordem elevada; tal é o homem que, ao pé da montanha, não vê senão alguns passos de si, ao passo que aquele que está no cume descobre um horizonte

sem limites.

A primeira fonte de contradições está, pois, no grau do desenvolvimento intelectual e moral dos Espíritos; mas está também em outras sobre as quais é útil chamar a atenção. Passamos, dir-se-á, sobre a questão dos Espíritos inferiores; uma vez que assim é, compreende-se que possam se enganar por ignorância. Mas, como ocorre que Espíritos superiores estejam em dissidência? Que tenham, em um país, uma linguagem diferente daquela que têm em outro? Que o mesmo Espírito, enfim, não esteja sempre de acordo consigo mesmo?

A resposta a esta pergunta repousa sobre o conhecimento completo da ciência espírita, e essa ciência não se pode ensinar com algumas palavras, porque ela é tão vasta quanto todas as ciências filosóficas. Não é ela adquirida, como todos os outros ramos do conhecimento humano, senão pelo estudo e a observação. Não podemos repetir aqui tudo o que publicamos sobre este assunto; a ele remetemos, pois, nossos leitores, limitando-nos a um simples resumo. Todas essas dificuldades desaparecem para quem lança, sobre esse terreno, um olhar investigador e sem prevenção.

Os fatos provam que os Espíritos impostores se vestem, sem escrúpulo, de nomes reverenciados para melhor recomendar suas torpezas, o que se faz, também algumas vezes, mesmo entre nós. Do fato de que um Espírito se apresente sob um nome qualquer, isso não é razão para que seja realmente quem pretende ser mas há, na linguagem dos Espíritos sérios, um cunho de dignidade com o qual não se poderia equivocar: ela não respira senão a bondade e a benevolência, e jamais se desmente. A dos Espíritos impostores, ao contrário, por algum verniz que a enfeite, deixa sempre, como se diz vulgarmente, adivinhar seu verdadeiro caráter. Não há, pois, nada de espantoso que, "sob nomes usurpados, Espíritos inferiores ensinem coisas disparatadas. Cabe ao observador procurar conhecer a verdade, e poderá, sem dificuldade, se quiser se compenetrar do que dissemos a esse respeito em nossa *Instrução Prática* (hoje *O Livro dos Médiuns*).

Esses mesmos Espíritos lisonjeiam em geral os gostos e as inclinações das pessoas que sabem de caráter bastante fraco e bastante crédulo para escutá-los; fazem ecos de seus preconceitos e mesmo de suas idéias supersticiosas, e isso por razão muito simples, que é de que os Espíritos são atraídos por sua simpatia, pelo Espírito de pessoas que os chamam ou que os escutam com prazer.

Quanto aos Espíritos sérios, igualmente, podem ter uma linguagem diferente segundo as pessoas, mas isso com outro objetivo. Quando julgam útil, e para melhor convencerem, evitam chocar, muito bruscamente, as crenças enraizadas, e se exprimem segundo os tempos, os lugares e as pessoas. Por isso, nos dizem, "não falaremos a um chinês, ou a um maometano, como a um cristão ou ao um homem civilizado, por que não seríamos por eles escutados. Podemos, pois, algumas vezes, parecer entrar na maneira de ver das pessoas, para conduzi-las, pouco a pouco, ao que queremos, quando isso é possível sem alterar as verdades essenciais." Não é evidente que, se um Espírito quer levar um muçulmano fanático a praticar a sublime máxima do Evangelho: "não façais aos outros o que não gostaríeis que vos fosse feito," seria repellido se dissesse que foi Jesus quem lhe ensinou? Ora, o que vale mais, deixar o muçulmano em fanatismo ou torná-lo bom dizendo-lhe, momentaneamente, crer que foi Alá quem falou? É um problema cuja solução deixamos ao julgamento do leitor. Quanto a nós, parece-nos que, uma vez tomado-o mais doce e mais humano, ele será menos fanático e mais acessível à idéia de uma nova crença, do que se lhe fosse imposta pela força.

Há verdades que, para serem aceitas, não podem ser lançadas à face sem reserva Quantos

males os homens teriam evitado se tivessem sempre agido assim!

Os Espíritos, como se vê, também fazem uso de precauções oratórias, mas, nesse caso, a divergência está no acessório e não no principal. Levar os homens ao bem, destruir o egoísmo, o orgulho, o ódio, a inveja, o ciúme, ensiná-los a praticarem a verdadeira caridade cristã, para eles, é o essencial; o resto virá em tempo útil, e pregam tanto pelo exemplo quanto pelas palavras quando são Espíritos verdadeiramente bons e superiores; tudo neles respira a doçura e a benevolência; a irritação, a violência, a grosseria e a dureza da linguagem, fosse mesmo para dizer boas coisas, jamais são o sinal de uma superioridade real. Os Espíritos verdadeiramente bons não se irritam nem se enfurecem nunca: se não são escutados, vão-se; eis tudo.

Há, ainda, duas causas de contradições aparentes que não devemos passar em silêncio. Os Espíritos inferiores, como dissemos em muitas ocasiões, dizem tudo o que querem sem se importarem com a verdade; os Espíritos superiores se calam ou se recusam a responder quando alguém lhes faz uma pergunta indiscreta, ou sobre a qual não lhes é permitido se explicarem. Nesse caso, disseram-nos, "não insistais nunca, porque são os Espíritos levianos que respondem e que vos enganam, credes que somos nós, e podeis pensar que nos contradizemos. Os Espíritos sérios não se contradizem nunca; sua linguagem é sempre a mesma, com as mesmas pessoas. Se um deles diz coisas contrárias sob um mesmo nome, estejais seguros de que esse não é o mesmo Espírito que fala ou, pelo menos, que não é um bom Espírito. Reconhecereis os bons pelos princípios que ensinam, porque todo Espírito que não ensina o bem não é um bom Espírito, e deveis repeli-lo."

O mesmo Espírito, querendo dizer a mesma coisa em dois lugares diferentes, não se servirá literalmente das mesmas palavras, para ele o pensamento é tudo; mas o homem, infelizmente, é mais levado a se prender à forma do que ao fundo; é a forma que ele interpreta, freqüentemente, ao capricho de suas idéias e de suas paixões, e dessa interpretação podem nascer as contradições aparentes, que também têm a sua fonte na insuficiência da linguagem humana para exprimir as coisas extra-humanas. Estudemos o fundo, scrutemos o pensamento íntimo, e veremos, muito freqüentemente, a analogia lá onde um exame superficial nos fazia ver um disparate.

As causas de contradições na linguagem dos Espíritos podem, pois, resumir-se assim:

1° O grau de ignorância ou de saber dos Espíritos aos quais se dirige;

2° A fraude de Espíritos inferiores que podem, tomando nomes emprestados, dizer, por malícia, ignorância ou maldade, o contrário daquilo que disse alhures o Espírito do qual usurparam o nome;

3° Os defeitos pessoais do médium, que podem influir sobre a pureza das comunicações, alterar ou mascarar o pensamento do Espírito;

4° A insistência para obter uma resposta que um Espírito se recusa a dar, e que, então, é dada por um Espírito inferior;

5° A vontade do próprio Espírito, que fala segundo os tempos, os lugares e as pessoas, e pode julgar útil nem tudo dizer a todo mundo;

6° A insuficiência da linguagem humana para exprimir as coisas do mundo incorpóreo;

7° A interpretação que cada um pode dar de uma palavra ou de uma explicação, segundo suas idéias, seus preconceitos, ou o ponto de vista sob o qual vê a coisa.

Essas são igualmente dificuldades das quais não se triunfa senão por um estudo longo e assíduo; também jamais dissemos que a ciência espírita fosse uma ciência fácil. O observador sério, que aprofunda todas as coisas com maturidade, paciência e perseverança, haure uma multidão de nuances delicadas que escapam ao observador superficial. É por esses detalhes íntimos que se inicia no segredo desta ciência. A experiência ensina a conhecer os Espíritos como ensina a conhecer os homens.

Acabamos de considerar as contradições do ponto de vista geral. Em outros artigos, trataremos dos pontos especiais mais importantes.

A Caridade

Revista Espírita, agosto de 1858

Pelo Espírito de São Vicente de Paulo.

Sociedade de estudos espíritas, sessão de 8 de junho de 1858.

Sede bons e caridosos, eis a chave dos céus que tendes em vossas mãos; toda a felicidade eterna está encerrada nessa máxima: amai-vos uns aos outros. A alma não pode se elevar às regiões espirituais senão pelo devotamento ao próximo; não encontra felicidade e consolação senão no impulso da caridade; sede bons, sustentai vossos irmãos, deixai de lado essa horrível chaga do egoísmo; esse dever cumprido deve vos abrir o caminho da felicidade eterna. De resto, dentre vós, quem não sentiu seu coração pulsar, sua alegria interior dilatar pela ação de uma obra caridosa? Não deveríeis pensar senão nessa espécie de volúpia, que uma boa ação proporciona, e permaneceríeis, sempre, no caminho do progresso espiritual. Os exemplos não faltam; não há senão a boa vontade, que é rara. Vede a multidão de homens de bem, dos quais vossa história vos evoca a piedosa lembrança. Eu vo-los citaria aos milhares aqueles cuja moral não tinha por objetivo senão melhorar vosso globo. O Cristo não vos disse tudo o que concerne a essas virtudes de caridade e de amor? Por que deixar de lado esses divinos ensinamentos? Por que fechar os ouvidos às suas divinas palavras; o coração a todas essas doces máximas? Gostaria que as leituras evangélicas fossem feitas com mais interesse pessoal; abandona-se esse livro, dele se faz uma palavra oca. Uma carta fechada; deixa-se esse código admirável no esquecimento: vossos males não provêm senão do abandono voluntário em que deixais esse resumo das leis divinas. Lede, pois, essas páginas ardentes do devotamento de Jesus, e meditai-as. Estou envergonhado comigo mesmo, de ousar vos prometer um trabalho sobre a caridade, quando penso que nesse livro encontrareis todos os ensinamentos que devem vos conduzir, pela mão, às regiões celestes.

Homens fortes, cingi-vos; homens fracos, fazei vós armas de vossa doçura, de vossa fé; tende mais persuasão, mais constância na propagação de vossa nova doutrina; não é senão um encorajamento que viemos vos dar; senão para estimular vosso zelo e vossas virtudes que Deus nos permite nos manifestar a vós; mas, querendo, não se teria necessidade senão da ajuda de Deus e de sua própria vontade: as manifestações espíritas não são feitas senão para os de olhos fechados e os corações indóceis. Há, entre vós, homens que têm a cumprir missões de amor e de caridade; escutai-os, elevai sua voz; fazei resplandecer seus méritos, e vos exaltareis a vós mesmos pelo desinteresse e pela fé viva com a qual vos penetrarão.

As advertências detalhadas seriam muito longas para dar, sobre a necessidade de alargar o círculo da caridade, e dela fazer participar todos os infelizes, cujas misérias são ignoradas, todas as dores que devem ser procuradas, em seus redutos para consolá-los em nome desta virtude divina: a caridade. Vejo com felicidade quantos homens eminentes e poderosos ajudam esse progresso que deve ligar, entre elas, todas as classes humanas: os felizes e os infelizes. Os infelizes, coisa estranha! se dão todos a mão e sustentam suas misérias, uns pelos outros. Por que os felizes são mais retardatários para escutarem a voz dos infelizes? Por que é preciso que seja mão possante e terrestre que dê o impulso às missões caridosas? Por que não se responde com mais ardor a esses chamados? Por que deixar as misérias mancharem, como por prazer, o quadro da Humanidade?

A caridade é a virtude fundamental, que deve sustentar todo o edifício das virtudes terrestres; sem ela, as outras não existem: sem caridade, não há fé nem esperança; porque, sem a caridade, não há esperança em uma sorte melhor, nenhum interesse moral que nos guie. Sem a caridade, não há fé, porque a fé não é senão um raio puro que faz brilhar uma alma caridosa; é a sua conseqüência decisiva.

Quando deixar o coração se abrir ao pedido do primeiro infeliz que vos estende a mão; quando lhe der, sem perguntar se sua miséria não é fingida, ou se o mal num vício lhe é causa; quando deixar toda justiça nas mãos divinas; quando deixar o castigo das misérias mentirosas ao Criador; enfim, quando fizer a caridade tão-só pela felicidade que ela proporciona, e sem procurar a sua utilidade, então, sereis os filhos que Deus amará e que ele chamará para si.

A caridade é a âncora eterna da salvação em todos os globos: é a mais pura emanção do próprio Criador; é sua a própria virtude, que ele dá à criatura. Como desejaríeis desconhecer essa suprema bondade? Qual seria, com esse pensamento, o coração bastante perverso para pisotear e enxotar esse sentimento todo divino? Qual seria o filho bastante mau para se revoltar contra essa doce carícia: a caridade?

Não ousou falar daquilo que fiz, porque os Espíritos também têm o pudor das suas obras; mas creio que a obra que comecei, é uma daquelas que devem mais contribuir para o alívio de vossos semelhantes. Vejo, freqüentemente, Espíritos pedirem, por missão, para continuarem a minha obra; eu as vejo, minhas doces e caras irmãs, em seu piedoso e divino ministério; vejo-as praticar as virtudes, que vos recomendo, com toda a alegria que proporciona essa existência de devotamento e de sacrifício; é uma grande felicidade, para mim, ver quanto o seu caráter é honroso, quanto sua missão é amada e docemente protegida Homens de bem, de boa e forte vontade, uni-vos para continuar, grandemente, a obra de propagação de caridade; encontrareis a recompensa dessa virtude pelo seu próprio exercício; não há alegria espiritual que ela não dê desde a vida presente. Sede unidos; amai-vos uns aos outros, segundo os preceitos do Cristo. Assim seja.

Agradecemos a São Vicente de Paulo pela bela e boa comunicação que consentiu nos dar. - Gostaria que fosse proveitosa a todos.

Poderíeis nos permitir algumas perguntas complementares, a respeito do que acabais de nos dizer? - Eu o desejo muito; meu objetivo é vos esclarecer; perguntai o que quiserdes.

1. A caridade pode entender-se de dois modos: a esmola propriamente dita, e o amor aos semelhantes. Quando nos dissestes que é preciso deixar seu coração abrir ao pedido do infeliz que nos estende a mão, sem perguntar se sua miséria não é fingida, não quisestes falar da caridade do ponto de vista da esmola? - R. Sim, unicamente nesse parágrafo.

2. Dissestes que é preciso deixar à justiça de Deus a apreciação da miséria fingida; parecem-nos, entretanto, que dar sem discernimento às pessoas que não têm necessidade, ou que poderiam ganhar sua vida por um trabalho honroso, é encorajar o vício e a preguiça. Se os preguiçosos encontrassem, muito facilmente, a bolsa dos outros aberta, eles se multiplicariam ao infinito, em prejuízo dos verdadeiros infelizes. - R. Podeis discernir aqueles que podem trabalhar, e então a caridade vos obriga tudo fazer para lhes proporcionar trabalho; mas há, também, pobres mentirosos que sabem simular o jeito das misérias que não têm; é para estes que é preciso deixar a Deus toda a justiça.

3. Aquele que não pode dar senão cinco francos, e deve escolher entre dois infelizes que lhe pedem, não tem razão em perguntar, quem tem, realmente, maior necessidade, ou deve dar sem exame ao primeiro que chega? - R. Deve dar àquele que parece ser o mais sofredor.
4. Não se pode considerar, também, como fazendo parte da caridade, a maneira de praticá-la? - R. É, sobretudo, na maneira pela qual se presta o serviço, que a caridade é verdadeiramente meritória; a bondade é, sempre, o indício de uma alma bela.
5. Que gênero de mérito concedeis àqueles que chamam benfeitores ásperos? - R. Não fazem o bem senão pela metade. Recebem seus benefícios, mas eles não comovem.
6. Jesus disse: "Que vossa mão direita não saiba o que dá a vossa mão esquerda." Aqueles que dão por ostentação têm alguma espécie de mérito? - R. Não têm senão o mérito do orgulho, pelo qual serão punidos.
7. A caridade cristã, em sua mais larga acepção, não compreende também a doçura, a benevolência e a indulgência pelas fraquezas alheias? - R. Imitai Jesus; Ele vos disse tudo isso; escutai-o mais do que nunca.
8. A caridade é bem intencionada quando feita exclusivamente entre as pessoas de uma mesma seita, ou de um mesmo partido? - Não; é sobretudo esse Espírito de seita e de partido que é preciso abolir, porque todos os homens são irmãos. É sobre essa questão que concentramos nossos esforços.
9. Suponho um indivíduo que vê dois homens em perigo; deles não pode salvar senão um, mas um é seu amigo e o outro seu inimigo; a quem deve salvar? - Deve salvar seu amigo, porque esse amigo podia reclamar daquele que crê amá-lo; quanto ao outro, Deus se encarregará dele.

O Espírito batedor de Dibbelsdorf

Revista Espírita, agosto de 1858

(BAIXA SAXÔNIA)

Traduzido do alemão, do doutor Kerner, pelo senhor Alfred Pireaux.

A história do Espírito batedor de Dibbelsdorf encerra, ao lado de sua parte cômica, uma parte instrutiva, como ressalta dos extratos de velhos documentos publicados em 1811 pelo pregador Capelle.

No último mês do ano de 1761, em dois de dezembro, às seis horas da tarde, uma espécie de martelamento pareceu vir de baixo e se fez ouvir em um quarto habitado por Antoine Kettelhut. Este o atribuía ao seu criado que queria se alegrar às custas da servente, então no quarto das fiandeiras, que saiu para lançar um balde de água na cabeça do engraçado; mas não encontrou ninguém fora. Uma hora depois, o mesmo ruído recomeça, e pensa-se que um rato pode bem ter sido sua causa. No dia seguinte, pois, sondam-se as paredes, o teto, o assoalho, e não há o menor traço de ratos.

À tarde o mesmo ruído; julga-se, então, que a casa está perigosa para se morar, e os criados não querem mais permanecer no quarto em vigília. Logo depois o ruído cessou, mas para se reproduzir a cem passos dali, na casa de Louis Kettelhut, irmão de Antoine, e com uma força inusitada. Era num canto do quarto que a *coisa batedora* se manifestava.

Afinal, isso se tomou suspeito aos camponeses, e o burgomestre dele deu parte à justiça que, primeiro, não quis se ocupar de um assunto que considerava ridículo; mas, dadas as prementes instâncias dos habitantes, ela se transporta, em 6 de janeiro de 1762, para Dibbelsdorf, para examinar o fato com atenção. Demolidos as paredes e os tetos, isso não conduziu a nenhum resultado, e a família Kettelhut jurou que era inteiramente estranha à coisa.

Até então, não se havia conversado com o batedor. Um indivíduo de Naggan, se armando de coragem, pergunta: Espírito batedor, estás ainda aí? E um golpe se fez ouvir. - Podes me dizer como eu me chamo? Entre vários nomes que se lhe designam, o Espírito bate àquele do interrogador. - Quantos botões tenho em minha roupa? 36 golpes foram batidos. Contam-se os botões, e são justamente 36.

A partir desse momento, a história do Espírito batedor se espalhou pela redondeza; e todas as tardes, centenas de Brunswickois se dirigiam a Dibbelsdorf, assim como os Ingleses e uma multidão de curiosos estrangeiros; a multidão tornou-se tal que a milícia local não podia contê-la; os camponeses tiveram que reforçar a guarda da noite e se lhes obrigou não deixar entrar os visitantes senão uns depois dos outros.

Esse concurso da sociedade pareceu estimular o Espírito a manifestações mais extraordinárias, elevando-se a marcas de comunicações que provavam sua inteligência. Jamais se embaraçou em suas respostas: desejava-se saber o nome e a cor dos cavalos que estacionavam diante da casa? Ele o indicava com exatidão; abria-se um livro de canto

colocando-se ao acaso o dedo sobre uma página, e perguntando o nº. do trecho de melodia desconhecida do próprio interrogador, logo uma série de golpes indicava perfeitamente o nº. designado. O Espírito não fazia esperar a resposta, porque ela, imediatamente, se seguia à pergunta. Anunciava também quantas pessoas havia no quarto, quantas havia fora do quarto, designava a cor dos cabelos, as roupas, a posição e a profissão dos indivíduos.

Entre os curiosos se encontrava, um dia, um homem de Hettin inteiramente desconhecido em Dibbelsdorf e há pouco residindo em Brunswick. Ele pergunta ao Espírito o local do seu nascimento e, a fim de induzi-lo em erro, cita-lhe um grande número de cidades; quando chegou no nome de Hettin, um golpe se fez ouvir. Um burguês astuto, crendo colocar o Espírito em erro, perguntou-lhe quanto tinha de pennings em seu bolso; e lhe foi respondido 681, número exato. Disse a um pasteleiro quantas bolachas tinha feito pela manhã; a um negociante quantas varas de fitas havia vendido na véspera; a um outro, a soma de dinheiro que tinha recebido, na antevéspera pelo correio. Era de um humor bastante jovial, batia a medida que era desejada, e algumas vezes tão forte que o ruído era ensurdecedor. À tarde, no momento da refeição, após a *benedicite*, ele bateu o *Amém*. Esse sinal de devoção não impediu que um sacristão, vestido com uma grande roupa de exorcizador, tentasse desalojar o Espírito de seu canto: a conjuração fracassou.

O Espírito não recusava nada, e se mostrou bastante sincero em suas respostas ao duque reinante Charles e ao seu irmão Ferdinand, assim como às outras pessoas de menor condição. A história toma, então, um aspecto mais sério. O duque encarregou um médico e um doutor em direito para examinarem o fato. Os sábios explicaram as *batidas* pela presença de uma fonte subterrânea. Fizeram cavar a oito pés de profundidade e, naturalmente, encontraram água, tendo em vista que Dibbelsdorf está situado em um fundo; a água jorrando inundou o quarto, mas o Espírito continuou a bater em seu canto habitual. Os homens de ciência creram, então, ser vítimas de uma mistificação e deram ao criado a honra de torná-lo pelo Espírito, tão bem instruído. Sua intenção, disseram, era seduzir a criada. Todos os habitantes da vila foram convidados a permanecer com ele em um dia fixado; o criado foi preso, porque, segundo a opinião dos sábios, ele deveria ser o culpado; mas o Espírito respondeu de novo a todas as perguntas. O criado, reconhecido inocente, foi posto em liberdade. Mas a justiça queria um autor da má ação; acusou o casal Kettelhut pelo barulho do qual se lamentavam, se bem que fossem pessoas muito benevolentes, honestas e irrepreensíveis em todas as coisas, e tenham sido os primeiros a se dirigirem à autoridade, desde a origem das manifestações. Forçou-se, por meio de promessas e ameaças, uma pessoa jovem a testemunhar contra seus patrões. Em consequência, estes foram aprisionados, apesar das retratações ulteriores da jovem, e a declaração formal de que suas primeiras declarações eram falsas e lhe foram arrancadas pelos juizes. O Espírito continuou a bater, o casal Kettelhut nem por isso deixou de estar aprisionado durante três meses, ao cabo dos quais são absolvidos sem indenização, se bem que os membros da comissão tivessem assim resumido seu relatório: "Todos os meios possíveis para descobrir a causa do ruído foram infrutíferos; talvez o futuro nos esclareça a esse respeito." -O futuro ainda nada ensinou.

O Espírito batedor se manifestou desde o começo de dezembro até março, época na qual cessou de se fazer ouvir. Voltou-se à opinião de que a criada, já incriminada, deveria ser a autora de todos esses fatos; mas como pôde evitar as armadilhas que lhe estenderam os dois duques, os médicos, os juizes e tantas outras pessoas que a interrogaram?

Nota. - Querendo se reportar à data em que se passaram as coisas que acabamos de narrar, e compará-las às que ocorrem em nossos dias, encontrar-se-á uma identidade perfeita entre elas, no modo das manifestações e até na natureza das perguntas e das respostas. A

América, em nossa época, não descobriu os Espíritos batedores, não mais do que os outros, assim como o demonstramos por inumeráveis fatos autênticos, mais ou menos antigos. Há, todavia, entre os fenômenos atuais e aqueles de antigamente, uma diferença capital: é que esses últimos foram quase todos espontâneos, ao passo que os nossos se produzem quase à vontade de certos médiuns especiais. Esta circunstância permitiu melhor estudá-los e aprofundar-lhes a causa. A essa conclusão dos juizes: "O futuro talvez nos esclareça a esse respeito," o autor não responderia hoje: o futuro ainda nada ensinou. Se esse autor vivesse, saberia que o futuro, ao contrário, tudo ensinou e a justiça de nossos dias, mais esclarecida do que há um século, não cometeria, a propósito das manifestações espíritas, os equívocos que lembram os da Idade Média. Nossos próprios sábios penetraram muito antes nos mistérios da Natureza para não saberem comunicar causas desconhecidas; são muitos sagazes para se exporem, como fizeram seus predecessores, a receberem os desmentidos da posteridade em detrimento de sua reputação. Se uma coisa desponta no horizonte, não se apressam em dizer isso não é nada, com medo de que esse na da não seja um navio; se não o vêem, calam-se e esperam: aí está a verdadeira sabedoria.

Observações a propósito dos desenhos de Júpiter

Revista Espírita, agosto de 1858

Damos, com este número de nossa Revista, assim como anunciamos, um desenho de uma habitação de Júpiter, executada e gravada pelo senhor Victorien Sardou, como médium, e a ele acrescentamos o artigo descritivo que consentiu nos dar sobre o assunto. Qualquer que possa ser, sobre a autenticidade dessas descrições, a opinião daqueles que poderiam nos acusar de nos ocuparmos com o que se passa nos mundos desconhecidos, ao passo que há tanto a fazer na Terra, pedimos aos nossos leitores não perderem de vista que nosso objetivo, assim como o anuncia nosso título, é, antes de tudo, o estudo dos fenômenos, e que nesse ponto de vista nada deve ser negligenciado. Ora, como fato de manifestações, esses desenhos são, incontestavelmente, os mais notáveis, considerando-se que o autor não sabe nem desenhar, nem gravar, e que o desenho que nos ofereceu foi gravado por ele à água-forte, sem modelo e sem ensaio preliminar, em *nove* horas. Supondo mesmo que esse desenho seja uma fantasia do Espírito que o traçou, só o fato de sua execução não seria um fenômeno de menor atenção, e, a esse título, cabe a nossa coletânea dar a conhecê-lo, assim como a descrição que, sobre ele, foi dada pelos Espíritos, não para satisfazer a vã curiosidade de pessoas fúteis, mas como assunto de estudo para pessoas sérias, que querem aprofundar todos os mistérios da ciência espírita. Estar-se-ia em erro crendo que fazemos da revelação de mundos desconhecidos o objeto capital da Doutrina; isso não será sempre, para nós, senão um acessório, mas um acessório que cremos útil como complemento de estudo; o principal será sempre, para nós, o ensinamento moral, e, nas comunicações de além-túmulo, procuramos sobretudo o que pode esclarecer a Humanidade e conduzi-la para o bem, único meio de assegurar sua felicidade neste mundo e no outro. Não se poderia dizer o mesmo dos astrônomos que, eles também, sondam os espaços e se perguntar em que pode ser útil, para o bem da Humanidade, saber calcular com uma precisão rigorosa a parábola de um astro invisível? Todas as ciências não têm, pois, um interesse eminentemente prático, e todavia não vem ao pensamento de ninguém tratá-las com desdém, porque tudo o que alarga o círculo das idéias contribui para o progresso. Ocorre o mesmo com as comunicações espíritas, mesmo quando saem do círculo estreito da nossa personalidade.

As habitações do planeta Júpiter

Revista Espírita, agosto de 1858

(pelo senhor Victorien Sardou)

Um grande motivo de espanto para certas pessoas, convencidas aliás da existência dos Espíritos (não vou aqui me ocupar das outras), é que tenham, como nós, suas habitações e suas cidades. Não me pouparam as críticas: "Casas de Espíritos em Júpiter!... Que gracejo!..." - Gracejo, se assim se o deseja; nada tenho com isso. Se o leitor não encontra aqui, na verossimilhança de explicações, uma prova suficiente de sua verdade; se não está surpreso, como nós, quanto ao perfeito acordo dessas revelações espíritas com os dados mais positivos da ciência astronômica; se não vê, numa palavra, senão uma hábil mistificação nos detalhes que seguem e nos desenhos que os acompanham, convido-o a se explicar com os Espíritos, dos quais não sou senão um instrumento e o eco fiel. Que ele evoque Palissy ou Mozart ou um outro habitante dessa morada bem-aventurada, que o interrogue, que controle minhas afirmações pelas suas, enfim, que discuta com ele: porque, por mim, não faço senão apresentar aqui o que me foi dado, senão repetir o que me foi dito; e para esse papel absolutamente passivo, creio-me ao abrigo tanto da censura como também do elogio.

Feita essa reserva, e uma vez admitida a confiança nos Espíritos, aceita como verdade a única doutrina verdadeiramente bela e sábia que a evocação dos mortos nos revelou até hoje, quer dizer, a migração das almas de planetas em planetas, suas encarnações sucessivas e seu progresso incessante pelo trabalho, as habitações de Júpiter não terão mais motivo para nos espantar. Desde o momento em que um Espírito se encarna em um mundo submetido, como o nosso, a uma dupla revolução, quer dizer, à alternativa de dias e de noites e ao retorno periódico das estações, do momento em que ele possui um corpo, esse envoltório material, tão frágil que seja, não pede senão uma alimentação e roupas, mas também um abrigo ou, pelo menos, um lugar de repouso, conseqüentemente uma moradia. Com efeito, é bem o que nos foi dito. Como nós, e melhor do que nós, os habitantes de Júpiter têm seus lares comuns e suas famílias, grupos harmônicos de Espíritos simpáticos, unidos no triunfo depois de sê-lo na luta: daí as habitações tão espaçosas, as quais se pode aplicar, com justiça, o nome de *palácios*. Ainda como nós, esses Espíritos têm suas festas, suas cerimônias, suas reuniões públicas: daí certos edifícios especialmente destinados a esses usos. É preciso prever, enfim, encontrar nessas regiões superiores toda uma Humanidade ativa e laboriosa, como a nossa, submetida como nós às suas leis, às suas necessidades, aos seus deveres; mas com essa diferença de que o progresso, rebelde aos nossos esforços, torna-se uma conquista fácil para os Espíritos desligados, como eles o são, de nossos vícios terrestres.

Não deveria me ocupar aqui senão da arquitetura das suas habitações, mas para a própria inteligência dos detalhes que vão seguir, uma palavra de explicação não será inútil. Se Júpiter não é abordável senão pelos bons Espíritos, não se segue que seus habitantes sejam todos excelentes no mesmo grau: entre a bondade do simples e a do homem de gênio, é permitido contar muitas nuanças. Ora, toda a organização social desse mundo superior repousa precisamente sobre essas variedades de inteligências e de aptidões; e, em razão de leis harmoniosas, que seria muito longo explicar aqui, aos Espíritos mais elevados, os mais depurados, é que pertence a alta direção de seu planeta. Essa supremacia não se detém aí; ela se estende até os mundos inferiores, onde esses Espíritos, por suas influências,

favorecem e ativam sem cessar o progresso religioso, gerador de todos os outros. E necessário acrescentar que, para esses Espíritos depurados, não poderia ser questão senão de trabalho de inteligência, que sua atividade não se exerce mais do que no domínio de seu pensamento, e que adquiriram bastante império sobre a matéria para não serem, senão fracamente, entravados por ela no livre exercício de suas vontades? Os corpos de todos esses Espíritos, e, aliás, de todos os Espíritos que habitam Júpiter, é de uma densidade tão leve que não se pode lhe encontrar termo de comparação senão nos fluidos imponderáveis; um pouco maior do que o nosso, do qual reproduz exatamente a forma, porém mais pura e mais bela, se nos oferece sob a aparência de um vapor (emprego com pesar essa palavra que designa uma substância ainda muito grosseira), de um vapor, digo, imperceptível e luminoso, luminoso sobretudo nos contornos do rosto e da cabeça; porque aqui a inteligência e a vida irradiam como um foco ardente; e é bem esse clarão magnético entrevisto pelos visionários cristãos e que nossos pintores traduziram pelo nimbo e pela auréola dos santos.

Concebe-se que um tal corpo não dificulte, senão fracamente, as comunicações extra-mundanas desses Espíritos, e que lhes permite mesmo, em seu planeta, um deslocamento pronto e fácil. Ele escapa tão facilmente à atração planetária e sua densidade difere tão pouco da atmosfera, que pode aí se mover, ir e vir, descer ou subir, ao capricho do Espírito e sem outro esforço que o da sua vontade. Tanto que algumas personagens que Palissy consentiu me fazer desenhar, estão representadas ao rasante do solo, ou à flor da água, ou muito elevadas no ar, com toda liberdade de ação e de movimentos que emprestamos aos nossos anjos. Essa locomoção é tanto mais fácil para o Espírito quanto mais esteja depurado, e isso se concebe sem dificuldade; também nada é mais fácil, aos habitantes do planeta, que estimar, à primeira vista, o valor de um Espírito que passa; dois sinais falarão por ele: a altura do seu vôo e a luz mais ou menos brilhante de sua auréola.

Em Júpiter, como por toda parte, aqueles que voam mais alto são os mais raros; abaixo deles, é preciso contar várias camadas de Espíritos inferiores, em virtude como em poder, mas naturalmente livres para igualá-los, um dia, em se aperfeiçoando. Escalonados e classificados segundo seus méritos, estes são votados mais particularmente aos trabalhos que interessam ao próprio planeta, e não exercem, sobre os mundos inferiores, a autoridade todo-poderosa dos primeiros. Eles respondem, é verdade, a uma evocação, com palavras sábias e boas, mas à pressa que tem em nos deixar, ao laconismo de suas palavras, é fácil de compreender que têm muito a fazer alhures, e que não estão ainda bastante libertos para irradiarem, ao mesmo tempo, sobre dois pontos tão distantes um do outro. Enfim, depois dos menos perfeitos desses Espíritos, mas separados deles por um abismo, vêm os animais que, como os únicos serviçais e os únicos obreiros do planeta, merecem uma menção toda especial.

Se designamos sob esse nome de *animais* os seres bizarros que ocupam a base da escala, foi porque os próprios Espíritos o puseram em uso e, aliás, nossa própria língua não tem termo melhor para nos oferecer. Essa designação os deprecia um pouco para baixo; mas chamá-los de homens seria fazer-lhes muita honra: com efeito, são Espíritos votados à animalidade, talvez por longo tempo, talvez para sempre; porque nem todos os Espíritos estão de acordo sobre esse ponto, e a solução do problema parece pertencer a mundos mais elevados do que Júpiter, mas, qualquer que seja o seu futuro, não há com que se enganar quanto ao seu passado. Esses Espíritos, antes de irem para lá, emigraram sucessivamente em nossos baixos mundos, do corpo de um animal para o de um outro, em uma escala de aperfeiçoamento perfeitamente graduada. O estudo atento dos nossos animais terrestres, seus costumes, seus caracteres individuais, sua ferocidade longe do homem, e sua domesticação lenta mas sempre possível, tudo isso atesta suficientemente a realidade dessa ascensão animal.

Assim, para qualquer lado que se volte, a harmonia do Universo se resume sempre numa

única lei: o *progresso* por toda parte e para todos, para o animal como para a planta, para a planta como para o mineral; progresso puramente material no início, nas moléculas insensíveis do metal ou do calhau, e mais e mais inteligente à medida que remontamos à escala dos seres e que a individualidade tende a se libertar da massa, a se afirmar, a se conhecer. - Pensamento elevado e consolador, se assim não fora jamais; porque prova que nada é sacrificado, que a recompensa é sempre proporcional ao progresso alcançado; por exemplo, que o devotamento do cão que morre por seu senhor não será estéril para o seu Espírito, porque terá seu justo salário além deste mundo.

É o caso dos Espíritos animais que povoam Júpiter; aperfeiçoaram-se ao mesmo tempo que nós, conosco e com a nossa ajuda. A lei é mais admirável ainda: ela faz tão bem do seu devotamento ao homem a primeira condição para a sua ascensão planetária, que a vontade de um Espírito de Júpiter pode chamar para si todo animal que, em uma das suas vidas anteriores, lhe haja dado provas de afeição. Essas simpatias que formam, no Mais Alto, famílias de Espíritos, agrupam também, ao redor das famílias, todo um cortejo de animais devotados. Por conseqüência, nosso apego neste mundo por um animal, o cuidado que tomamos para abrandá-lo e humanizá-lo, tudo isso tem a sua razão de ser, tudo isso será pago: é um bom servidor que formamos antecipadamente para um mundo melhor.

Será também um operário; porque aos seus semelhantes está reservado todo trabalho material, toda tarefa corporal: fardo ou alvenaria, semeadura ou colheita. E, para tudo isso, a Suprema Inteligência proveu por um corpo que participa, ao mesmo tempo, da superioridade da besta e da do homem. Isso podemos julgar por um esboço de Palissy, que representa alguns desses animais muito atentos a jogarem bolas. Eu não poderia melhor compará-los senão aos faunos e aos sátiros da Fábula; o corpo ligeiramente peludo é todavia apumado como o nosso; as patas desapareceram em alguns para darem lugar a certas pernas que lembram ainda a forma primitiva, a dois braços robustos, singularmente ligados e terminados por verdadeiras mãos, se nelas considero a oposição dos dedos. Coisa bizarra, a cabeça, ao contrário, não é tão aperfeiçoada quanto o resto! Assim, a fisionomia reflete bem alguma coisa de humano, mas o crânio, mas o maxilar e, sobretudo, a orelha, nada têm que diferem sensivelmente do animal terrestre; fácil é, pois, distingui-los entre si: este é um cão, aquele um leão. Propriamente vestidos com blusas e vestes muito semelhantes às nossas, não esperam mais do que a palavra para lembrarem, de muito perto, certos homens deste mundo; mas, eis precisamente o que lhes falta, assim como o que não poderiam fazer. Hábeis para se compreenderem entre si por uma linguagem que nada tem da nossa, não se enganam mais sobre as intenções dos Espíritos que os comandam; um olhar, um gesto bastam. A certos recursos magnéticos, dos quais nossos domadores de animais já têm o segredo, o animal adivinha e obedece sem murmurar, e o que é mais, *de bom grado*, porque está sob o encanto. Assim é que se lhe impõe toda grande tarefa, e que com a sua ajuda tudo funciona regularmente de um extremo ao outro da escala social: o Espírito elevado pensa, delibera, o Espírito inferior aplica com a sua própria iniciativa, o animal executa. Assim a concepção, o emprego e o fato se unem numa mesma harmonia, e conduzem todas as coisas para seu fim mais próprio, pelos meios mais simples e mais seguros.

Peço desculpas por esta digressão: era indispensável ao meu objetivo, que agora posso abordar.

À espera das cartas prometidas, que facilitarão singularmente o estudo de todo o planeta, podemos, pelas descrições feitas pelos Espíritos, fazer-nos uma idéia de sua grande cidade, da cidade por excelência, desse foco de luz e de atividade que concordam em designar sob o nome, estranhamente latino, de *Julnius*.

"Sobre o maior dos nossos continentes, disse Palissy, em um vale de setecentas a oitocentas léguas de largura, para contar como vós, um rio magnífico descendo das montanhas do norte, e aumentado por uma multidão de torrentes e de ribeirões, forma, em seu percurso, sete a oito lagos, dos quais o menor mereceria, entre vós, o nome de *mar*. Foi sobre as margens do maior desses lagos, batizado por nós com o nome de *a Pérola*, que nossos ancestrais lançaram os primeiros fundamentos de Julnius. Essa cidade primitiva ainda existe, venerada e conservada como uma preciosa relíquia. Sua arquitetura difere muito da nossa. Explicar-te-ei tudo isso a seu tempo: saiba apenas que a cidade moderna está a uns cem metros mais abaixo da antiga. O lago, encaixado nas altas montanhas, se derrama no vale por oito cataratas enormes, que formam igualmente correntes isoladas e dispersas em todos os sentidos. Com a ajuda dessas correntes, nós mesmos cavamos, na planície, uma multidão de riachos, de canais e de tanques, não reservando a terra firme senão para nossas casas e nossos jardins. Disso resultou uma espécie de cidade anfíbia, como vossa Veneza, e da qual não se poderia dizer, à primeira vista, se está edificada sobre a terra ou sobre a água. Não te digo nada hoje de quatro edifícios sagrados, construídos sobre a própria vertente das cataratas, de sorte que a água jorra em abundância de seus pórticos: aí estão obras que vos pareceriam inacreditáveis pela grandeza e audácia.

"É a cidade *terrestre* que descrevo aqui, a cidade de alguma sorte material, a das ocupações planetárias, a que chamamos, enfim, a *Cidade baixa*. Ela tem suas ruas, ou antes, seus caminhos, traçados para o serviço interior; tem suas praças públicas, seus pórticos e suas pontes lançadas sobre os canais para a passagem dos servidores. Mas a cidade inteligente, a cidade espiritual, a verdadeira Julnius, enfim, não é na terra que é preciso procurá-la, é no ar.

"Ao corpo material de nossos animais, incapazes de voarem, (1), é preciso a terra firme; mas o que nosso corpo fluídico e luminoso exige, é uma residência aérea como ele, quase impalpável e móvel ao gosto de nosso capricho. Nossa habilidade resolveu esse problema, com a ajuda do tempo e das condições privilegiadas que o Grande Arquiteto nos havia dado. Compreenda bem que essa conquista dos ares era indispensável a Espíritos como os nossos. Nosso dia é de cinco horas, e nossa noite de cinco horas igualmente; mas tudo é relativo, e para seres prontos para pensarem e agirem como nós o somos, para Espíritos que se compreendem pela linguagem dos olhos e que sabem se comunicar, magneticamente, à distância, nosso dia de cinco horas igualaria já em atividade uma de vossas semanas. Era ainda muito pouco, na nossa opinião; e a imobilidade da morada, o ponto fixo da sede era um entrave para todas as nossas grandes obras. Hoje, pelo deslocamento fácil dessas moradas de pássaros, pela possibilidade de transportar, nós e os outros, em tal lugar do planeta e tal hora do dia que nos aprazasse, nossa existência é pelo menos dobrada, e com ela tudo o que pode criar de útil e de grande.

(1) É preciso, todavia, deles excetuar certos animais munidos de asas e reservados para o serviço aéreo, e para os trabalhos que exigiriam, entre nós, o emprego de madeiramentos. São uma transformação da ave, como os animais descritos mais acima são uma transformação dos quadrúpedes.)

"Em certas épocas do ano, acrescentou o Espírito, em certas festas, por exemplo, verias aqui o céu obscurecido pelo enxame de habitações que vêm de todos os pontos do horizonte. É um curioso conjunto de casas esbeltas, graciosas e leves, de toda forma, de toda cor, balançando em toda altura, e continuamente a caminho da *cidade baixa* para a *cidade celeste*: Alguns dias depois o vazio se faz pouco a pouco e todos esses pássaros voam.

"Nada falta a essas moradias flutuantes, nem mesmo o encanto da verdura e das flores. Falo de uma vegetação sem exemplo entre vós, de plantas, de arbustos mesmo destinados, pela natureza de seus órgãos, a respirar, a se alimentar, a viver, a se reproduzir no ar.

"Nós temos, disse o mesmo Espírito, dessas moitas de flores enormes, das quais não poderíeis imaginar nem as formas nem as nuances, e de uma leveza de tecido que as torna quase transparentes. Balançando no ar, onde longas folhas as sustentem, e armadas de gavinhas semelhantes às da videira, se reúnem em nuvens de mil tintas ou se dispersam ao sabor do vento, e preparam encantador espetáculo aos passeadores da *cidade baixa*... imagine a graça dessas jangadas de verdura, desses jardins flutuantes que nossa vontade pode fazer e desfazer e que duram, às vezes, toda uma estação! Longas fiadas de cipó de ramos floridos se destacam dessas alturas e pendem até a terra, pencas enormes se agitam sacudindo seus perfumes e suas pétalas que se desfolham... Os Espíritos que atravessam o ar aí se detêm na passagem: é um lugar de repouso e de reencontro, e, querendo-se, um meio de transporte para rematar a viagem sem fadiga e em companhia."

Um outro Espírito estava sentado sobre uma dessas flores no momento em que eu o evoquei.

"Nesse momento, disse-me ele, é noite em Julnius, estou sentado à parte sobre uma dessas flores do ar que não desabrocham aqui senão à claridade de nossas luas. Sob meus pés toda *cidade baixa* dorme; mas sobre minha cabeça e ao meu redor, a perder de vista, não há senão movimento e alegria no espaço. Dormimos pouco: nossa alma é muito desligada para que as necessidades do corpo sejam tirânicas; e a noite é antes feita para nossos servidores do que para nós. É a hora das visitas e das longas conversas, de passeadores solitários, de fantasias, da música. Não vejo senão moradas aéreas resplandecentes de luzes ou jangadas de folhas e de flores carregadas de bandos alegres... A primeira de nossas ruas clareia toda a *cidade baixa*: é uma doce luz comparável a de vosso luar; mas, do lado do lago, a segunda se eleva, e esta tem reflexos esverdeados que dão a todo o rio o aspecto de um grande gramado..."

É sobre a margem direita desse rio, "cuja água, disse o Espírito, te ofereceria a consistência de um leve vapor (1), " que está construída a casa de Mozart, que Palissy consentiu fazer-me desenhar sobre cobre. Não dou aqui senão a fachada sul. A grande entrada está à esquerda, sobre a planície; à direita está o rio; ao norte e ao sul estão os jardins. Perguntei a Mozart quem eram os seus vizinhos. - "Mais alto, disse, e mais baixo, há dois Espíritos que tu não desconheces; mas à esquerda, não estou separado senão por uma grande campina do jardim de Cervantes."

(1) A densidade de Júpiter sendo de 0,23, quer dizer, um pouco menos de um quarto da Terra, o Espírito nada disse aqui senão de muito verossímil. Concebe-se que tudo é relativo, e que sobre esse globo etéreo tudo seja etéreo como ele.

A casa tem, pois, quatro faces como as nossas, do que seria errado, todavia, fazer uma regra geral. Ela está construída com uma certa pedra que os animais tiram das pedreiras do norte, é das quais o Espírito compara a cor a esses tons esverdeados que toma, freqüentemente, o azul do céu no momento em que o sol se deita. Quanto à sua duração pode-se dela fazer uma idéia por esta observação de Palissy, que ela derreteria sob nossos dedos humanos tão rápida quanto um floco de neve: ainda está aí uma das matérias mais resistentes do planeta! Sobre essa parede os Espíritos esculpiram ou incrustaram os estranhos arabescos que nosso desenho procura reproduzir. São ou ornamentos escavados nas pedras e coloridos em seguida, ou incrustações limitadas à solidez da pedra verde, por um procedimento que está muito em voga agora, e que conserva nos vegetais toda a graça de seus contornos, toda a finura de seus tecidos, toda a riqueza de seu colorido.

"Uma descoberta, acrescentou o Espírito, que fareis algum dia e que mudará entre vós

muitas coisas."

A grande janela da direita apresenta um exemplo de gênero de ornamentação, uma de suas bordas não é outra coisa senão um caniço enorme do qual se conservaram as folhas. Ocorre o mesmo com o coroamento da janela principal, que apresenta a forma de claves de sol: são plantas sarmentosas enlaçadas e petrificadas. E por esse procedimento que eles obtêm a maioria dos coroamentos de edifícios, de grades, de balaústres, etc. Frequentemente mesmo, a planta é colocada na parede, com suas raízes, em condições de crescer livremente. Ela cresce, se desenvolve; suas folhas desabrocham ao acaso, e o artista não a congela no lugar senão quando adquiriu todo o desenvolvimento desejado para a ornamentação do edifício: a casa de Palissy é quase inteiramente decorada desse modo.

Destinada primeiro unicamente aos móveis, depois às molduras de portas e de janelas, esse gênero de ornamento se aperfeiçoou pouco a pouco e acabou por invadir toda a arquitetura. Hoje, não são apenas a flor e o arbusto que se petrificam no estado, mas a própria árvore da raiz ao topo; e os palácios, como os edifícios sagrados quase nada mais têm de outras colônias.

Uma petrificação da mesma natureza serve também para a decoração das janelas. De flores ou de folhas muito amplas, são habilmente despojadas de sua parte carnuda: não resta mais do que uma rede de fibras, tão fina quanto a mais fina musselina. E cristalizada, e dessas folhas unidas com arte, constrói-se toda uma janela, que não deixa filtrar, para o interior, senão uma luz muito doce: ou bem as reveste com uma espécie de vidro líquido e colorido com todas as nuances, que se endurece no ar e que transforma a folha em uma espécie de vidraça. Do conjunto dessas folhas resultam, para janelas, encantadores bosquezinhos transparentes e luminosos.

Quanto à própria duração dessas aberturas, e a mil outros detalhes que podem surpreender ao primeiro contato, sou forçado a adiar-lhes a explicação: a história da arquitetura em Júpiter exigiria um volume inteiro. Renuncio igualmente a falar do mobiliário, para não me ater aqui senão à disposição geral da casa.

O leitor deve ter compreendido, depois de tudo o que precede, que a casa do continente não deve ser, para o Espírito senão uma espécie de pequena casa de passagem. A *cidade baixa* não é quase freqüentada senão por Espíritos de segunda ordem, encarregados dos interesses planetários, da agricultura, por exemplo, ou das trocas, e da boa ordem a manter entre os servidores. Também todas as casas que repousam sobre o solo, geralmente, não têm senão um térreo e um andar: um destinado aos Espíritos que agem sob a direção do senhor, e acessível aos animais; o outro, reservado só ao Espírito, que nele não mora senão por ocasião. É isso que explica por que vemos, nas várias casas de Júpiter, nesta por exemplo, e na de Zoroastro, uma escada e mesmo uma rampa. Aquele que rasa a água como uma andorinha, e que pode correr sobre as hastes de trigo sem curvá-las, dispensa muito bem escada e rampa para entrar em sua casa; mas os Espíritos inferiores não têm o vôo tão fácil: não se elevam senão pela agitação, e a rampa não lhes é sempre inútil. Enfim, a escada é absoluta necessidade para os animais serviçais, que não caminham senão como nós. Estes últimos têm também seus compartimentos, muito elegantes, de resto, que fazem parte de todas as grandes habitações; mas suas funções os chamam, constantemente, à casa do senhor: é preciso facilitar-lhes a entrada e o percurso interior. Daí essas construções bizarras, que, pela base, assemelham-se ainda aos nossos edifícios terrestres, e que deles diferem absolutamente pelo vértice.

Este se distingue, sobretudo, por uma originalidade que seríamos incapazes de imitar. É uma

espécie de flecha aérea que se balança sobre o alto do edifício, acima da grande janela de seu original coroamento. Esse frágil escaler, fácil de deslocar, e todavia destinado, no pensamento do artista, a não deixar o lugar que lhe foi assinalado, porque sem repousar em nada sobre o cume, completa-lhe, no entanto, a decoração, e lamento que a dimensão da prancha não haja permitido que nela encontrasse lugar. Quanto à morada de Mozart não tenho aqui senão que constatar-lhe a existência: os limites desse artigo não me permitem estender-me sobre esse assunto.

Não terminaria, todavia, sem me explicar, de passagem, sobre o gênero de ornamentos que o grande artista escolheu para a sua moradia. É fácil neles reconhecer a lembrança de nossa música terrestre: a clave de *sol* aí está freqüentemente repetida, e, coisa bizarra, jamais a clave de *fá*!. Na decoração do térreo encontramos um arco de violino, uma espécie de grande alaúde ou de bandolim, uma lira e toda uma pauta musical. Mais alto, é uma grande janela que lembra, vagamente, a forma de um órgão; os outros têm aparência de grandes notas, e notas mais pequenas são abundantes por sobre toda a fachada.

Seria erro disso concluir que a música de Júpiter seja comparável à nossa, e que se conta pelos mesmos sinais: Mozart explicou-se sobre ela de modo a não deixar dúvidas a esse respeito; mas os Espíritos lembram, de bom grado, na decoração de suas casas, a missão terrestre que lhes mereceu a encarnação em Júpiter e que resume melhor o caráter de sua inteligência. Assim, na casa de Zoroastro são os astros e a chama que fazem todos os detalhes da decoração.

Há mais; parece que esse simbolismo tem suas regras e seus segredos. Todos esses ornamentos não estão dispostos ao acaso: têm sua ordem lógica e sua significação precisa; mas é uma arte que os Espíritos de Júpiter renunciam em nos fazer compreender, pelo menos até este dia, e sobre a qual não se explicam de bom grado. Nossos velhos arquitetos empregaram também o simbolismo na decoração de suas catedrais; e a torre de Saint-Jacques não é nada menos que um poema hermético, se se crê na tradição. Nada há, pois, para nos espantar na estranheza e na decoração arquitetônica em Júpiter; se ela contradiz nossas idéias quanto à arte humana, é que há, com efeito, todo um abismo entre uma arquitetura que vive e que fala e uma alvenaria, como a nossa, que nada prova. Nisso, como em toda outra coisa, a prudência nos proíbe esse erro do relativo que quer tudo conduzir às proporções e aos hábitos do homem terrestre. Se os habitantes de Júpiter estivessem alojados como nós, se comessem, vivessem, dormissem e andassem como nós, não haveria grande proveito em subir para lá. É bem porque seu planeta difere absolutamente do nosso que desejamos conhecê-lo, e sonhá-lo como nossa futura morada!

De minha parte, não perderia o meu tempo e estaria bem feliz por terem os Espíritos me escolhido para seu intérprete, se seus desenhos e suas descrições inspirarem, a um único crente, o desejo de subir mais rápido para Julnius, e a coragem de tudo fazer para isso conseguir.

VICTORIEN SARDOU.

O autor dessa interessante descrição é um desses adeptos fervorosos e *esclarecidos* que não temem confessar francamente suas crenças, e se coloca acima da crítica de pessoas que não crêem em nada daquilo que sai do círculo de suas idéias. Ligar seu nome a uma doutrina nova, desafiando os sarcasmos, é uma coragem que não é dada a todo mundo, e felicitamos o senhor V. Sardou por tê-la. Seu trabalho revela o escritor distinto que, embora jovem ainda, já conquistou um lugar honroso na literatura, e une ao talento de escrever, os profundos conhecimentos de sábio; nova prova que o Espiritismo não recruta entre os tolos e

os ignorantes. Fazemos votos para que o senhor Sardou complete, o mais rápido possível, seu trabalho tão felizmente começado. Se os astrônomos nos revelam, por suas sábias pesquisas, o mecanismo do Universo, os Espíritos, por suas revelações, nos fazem conhecer o seu estado moral e isso, como eles dizem, com o objetivo de nos estimular ao bem, a fim de merecermos uma existência melhor.

Allan Kardec.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Primeiro Ano – 1858

Setembro

- [Propagação do Espiritismo](#)
- [Platão: doutrina de escolha das provas](#)
- [Uma advertência de além-túmulo - Anedota relatada pela *Patric*](#)
- [Os gritos da São Bartolomeu](#)
- [Conversas familiares de além-túmulo - Senhora Schwabenhaus](#)
- [Os Talismãs - Medalha cabalística](#)
- [Suicídio por amor - O sapateiro e a pespontadora de botinas \(problema moral\)](#)
- [Observação sobre o desenho da casa de Mozart](#)

Propagação do Espiritismo

Revista Espírita, setembro de 1858

Passa-se, na propagação do Espiritismo, um fenômeno digno de nota. Há apenas alguns anos que, ressuscitado das crenças antigas, fez sua aparição entre nós, não mais como outrora, à sombra dos mistérios, mas claramente e à vista de todo mundo. Para alguns, foi objeto de uma curiosidade passageira, um divertimento que se deixa como um brinquedo para tomar um outro; em muitos não encontrou senão a indiferença; na maioria a incredulidade, malgrado a opinião dos filósofos dos quais se invoca, a cada instante, o nome como autoridade. Isso nada atem de surpreendente: o próprio Jesus convenceu todo o povo judeu com seus milagres? Sua bondade e a sublimidade de sua doutrina fizeram-lhe encontrar graça diante de seus juizes? Não foi ele tratado como patife e como impostor? E se não lhe aplicaram o epíteto de charlatão, foi porque não se conhecia, então, esse termo da nossa civilização moderna. Todavia, os homens sérios viram, nos fenômenos que ocorrem em nossos dias, outra coisa além de um objeto de frivolidade; eles estudaram, aprofundaram com o olho do observador consciencioso, e neles encontraram a chave de uma multidão de mistérios até então incompreendidos; isso foi, para eles, um raio de luz, e eis que desses fatos saiu toda uma doutrina, toda uma filosofia, podemos dizer, toda uma ciência, divergente segundo o ponto de vista ou a opinião pessoal do observador, mas tendendo, pouco a pouco, para a unidade de princípios. Apesar da oposição interessada de alguns, sistemática entre aqueles que crêem que a luz não pode sair senão de seu cérebro, essa doutrina encontra numerosos adeptos, porque ela esclarece o homem sobre seus verdadeiros interesses presentes e futuros, porque responde às suas aspirações quanto ao futuro, tornado, de alguma sorte, palpável; enfim, porque satisfaz, ao mesmo tempo, sua razão e suas esperanças, e dissipa as dúvidas que degeneram em incredulidade absoluta. Ora, com o Espiritismo, todas as filosofias materialistas ou panteístas caem por si mesmas; não é mais possível a dúvida quanto à Divindade, à existência da alma, sua individualidade, sua imortalidade; seu futuro nos aparece como a luz do dia, e sabemos que esse futuro, que deixa sempre uma porta aberta à esperança, depende de nossa vontade e dos esforços que fazemos para o bem.

Enquanto não se viu, no Espiritismo, senão fenômenos materiais, nele não se interessou senão como um espetáculo, porque se dirigia aos olhos; mas do momento em que se elevou à categoria de ciência moral, foi tomado a sério, porque fala ao coração e à inteligência, e nele cada um encontra a solução daquilo que procurava vagamente em si mesmo; uma confiança baseada sobre a evidência substituiu a incerteza dolorosa; do ponto de vista tão elevado em que nos coloca, as coisas daqui parecem tão pequenas e tão mesquinhas que as vicissitudes deste mundo nada mais são do que incidentes passageiros, que se suporta com paciência e resignação; a vida corpórea não é senão uma curta parada *na vida da alma*; para nos servir da expressão do nosso sábio e espiritual confrade, senhor Jobard, não é mais que uma má hospedagem onde não se tem necessidade de desfazer a mala. Com a Doutrina Espírita, tudo está definido, tudo está claro, tudo fala à razão; em uma palavra, tudo se explica, e aqueles que se aprofundaram em sua essência nela hauriram uma satisfação interior à qual não querem mais renunciar. Eis porque ela encontrou, em tão pouco tempo, tão numerosas simpatias, e essas simpatias as recruta não no círculo restrito de uma localidade, mas no mundo inteiro. Se os fatos não estivessem aí para prová-lo, julgaríamos por nossa *Revista*, que não tem senão alguns meses de existência, e da qual os assinantes, embora não se contem ainda por milhares, estão disseminados sobre todos os pontos do globo. Além daqueles de Paris e suas províncias, temo-los na Inglaterra, na Escócia, na

Holanda, na Bélgica, na Prússia, em São Petersburgo, Moscou, Nápoles, Florença, Milão, Gênova, Turim, Genève, Madri, Shangai, na China, Batávia, Cayenne, México, no Canadá, nos Estados Unidos, etc. Não o dizemos por fanfarrice, mas como um fato característico. Para que um jornal novo, tão especial, seja desde hoje pedido em países tão diversos e tão distantes, é preciso que o objeto que trata encontre seus partidários, de outro modo não o fariam, por simples curiosidade, vir de várias milhares de léguas, ainda que fosse do melhor escritor. É, pois, por seu objeto que interessa e não por seu obscuro redator; aos olhos de seus leitores, seu objeto, portanto, é sério. Torna-se assim evidente que o Espiritismo tem raízes em todas as partes do mundo, e, sob esse ponto de vista, vinte assinantes, repartidos em vinte países diferentes, provariam mais do que cem, concentrados em uma única localidade, porque não se poderia supô-lo senão como a obra de um grupo.

A maneira pela qual se propagou o Espiritismo até agora, não merece uma atenção menos séria. Se a imprensa tivesse feito soar sua voz em seu favor, se o tivesse enaltecido, em uma palavra, se o mundo o tivesse repetido fastidiosamente, poder-se-ia dizer que se propagou como todas as coisas que encontram consumo em razão de uma reputação factícia, da qual se quer experimentar, não fora senão por curiosidade. Mas nada disso ocorreu: a imprensa, em geral, não lhe deu voluntariamente nenhum apoio; ela o desdenhou, ou se, em raros intervalos, dele falou, foi para torná-lo em ridículo e enviar seus adeptos aos manicômios, coisa pouco encorajadora para aqueles que tivessem tido a veleidade de se iniciar. Apenas o próprio senhor Home obteve as honras de algumas menções semi-sérias, ao passo que os acontecimentos mais vulgares nela encontram um grande espaço. Aliás, é fácil de ver, na linguagem dos adversários, que estes falam dele como os cegos das cores, sem conhecimento de causa, sem exame sério e aprofundado, e unicamente sobre uma primeira impressão; também seus argumentos se limitam a uma negação pura e simples, porque não honramos com o nome de argumentos as piadas engraçadas; os gracejos, por espirituais que sejam, não são razões. Todavia, não é preciso acusar de indiferença, ou de má vontade, todo o pessoal da imprensa. Individualmente, o Espiritismo nela conta com partidários sinceros, e os conhecemos, mais de um, entre os mais distintos homens de letras. Porque, pois, guardam o silêncio? Porque ao lado da questão de crença, há a da personalidade todo-poderosa neste século. A crença, entre eles, como entre muitos outros, é concentrada e não expansiva; por outro lado, são obrigados a seguirem os trâmites de seu jornal, e tal jornalista teme perder assinantes, arvorando francamente uma bandeira cuja cor poderia desagradar a alguns dentre eles. Esse estado de coisas durará? Não; ocorrerá com o Espiritismo como com o Magnetismo, do qual outrora não se falava senão em voz baixa, e que não mais se teme confessar hoje. Nenhuma idéia nova, por bela e justa que seja, não se implanta instantaneamente no espírito das massas, e aquela que não encontrasse oposição seria um fenômeno inteiramente insólito. Por que o Espiritismo faria exceção à regra comum? É preciso às idéias, como aos frutos, o tempo para amadurecer; mas a leviandade humana faz com que sejam julgadas antes de sua maturidade, ou sem se dar ao trabalho de sondar-lhes as qualidades íntimas. Isso nos lembra a espiritual fábula *a jovem macaca, o macaco e a noz*. Essa jovem macaca, como se sabe, colhia uma noz em sua casca verde; levou-a ao dente, fez careta e a rejeitou, espantando-se em não achar boa uma coisa tão amarga; mas um velho macaco, menos superficial e sem dúvida profundo pensador em sua espécie, apanhou a noz, a parte, a descasca, a come e acha deliciosa; o que acompanha com uma bela moral endereçada a todas as pessoas que julgam as coisas novas pelas aparências.

O Espiritismo, pois, deveu caminhar sem o apoio de nenhum recurso estranho, e eis que, em cinco ou seis anos, ele se vulgarizou com uma rapidez prodigiosa. Onde hauriu essa força, senão em si mesmo? É preciso, pois, que haja, em seu princípio, alguma coisa bem poderosa para estar assim propagado sem os meios superexcitantes da publicidade. É que, como dissemos acima, quem quer que se dê ao trabalho de se aprofundar nele, encontra o que procurava, o que sua razão lhe faz entrever, uma verdade consoladora, e, afinal de contas,

nele haure a esperança e uma verdadeira alegria. Também as convicções adquiridas são sérias e duráveis; não são opiniões levianas, que um sopro faz nascer e que um outro sopro desfaz. Alguém nos disse recentemente: "Encontro no Espiritismo uma tão suave esperança, dele retiro tão doces e tão grandes consolações, que todo pensamento contrário me tornaria bem infeliz, e sinto que meu melhor amigo se me tornaria odioso se tentasse me arrancar dessa crença." Quando uma idéia não tem raízes, pode lançar uma luz passageira, como essas flores que fazem produzir à força; mas logo, por falta de sustento, elas morrem e delas não se fala mais. Aquelas, ao contrário, que têm uma base séria, crescem e persistem; acabam por se identificarem de tal modo como os hábitos que se admira mais tarde não se ter podido passar sem elas.

Se o Espiritismo não foi secundado pela imprensa da Europa, não ocorreu o mesmo, dir-se-á, com a da América. Isso é verdade até um certo ponto. Há na América, como aliás em toda parte, a imprensa geral e a imprensa especial. A primeira, sem dúvida, dele se ocupou mais do que entre nós, embora menos do que se pensa; ela tem, aliás, também seus órgãos hostis. A imprensa especial conta, só nos Estados Unidos, com dezoito jornais espíritas, os quais dez hebdomadários e vários de grandes formatos. Vê-se que estamos ainda bem atrasados a esse respeito; mas lá, como aqui, os jornais especiais se dirigem às pessoas especiais; é evidente que uma gazeta médica, por exemplo, não será procurada de preferência, nem pelos arquitetos, nem pelos homens de lei; do mesmo modo, um jornal espírita não é lido, com algumas exceções, senão pelos partidários do Espiritismo. O grande número de jornais americanos que tratam dessa matéria prova uma coisa: que há bastantes leitores para mantê-los. Fizeram muito, sem dúvida, mas sua influência, em geral, é puramente local; a maioria é desconhecida do público europeu, e os nossos não lhes fizeram senão bem raras transcrições. Dizendo que o Espiritismo se propagou sem o apoio da imprensa, entendemos falar da imprensa em geral, que se dirige a todo o mundo, daquela cuja voz fere milhões de ouvidos cada dia, que penetra nos refúgios mais obscuros; daquela com a qual o anacoreta, no fundo do seu deserto pode estar ao corrente do que se passa, tanto quanto o cidadão; enfim, daquela que semeia as idéias a mãos cheias. Qual o jornal espírita que pode se gabar de assim fazer ressoar os ecos do mundo? Ele fala às pessoas convencidas; não chama a atenção dos indiferentes. Estamos, pois, com a verdade dizendo que o Espiritismo esteve entregue às suas próprias forças; se por ele mesmo se fez assim tão grande, quê será quando puder dispor da poderosa alavanca da publicidade! À espera desse momento, planta por toda parte estacas; por toda a parte seus ramos encontrarão ponto de apoio; por toda parte, enfim, encontrará vozes cuja autoridade imporá silêncio aos seus detratores.

A qualidade dos adeptos do Espiritismo merece uma atenção especial. São recrutados nas camadas inferiores da sociedade, entre as pessoas iletradas? Não; aqueles dele se ocupam pouco ou nada; foi pouco se dele ouviram falar. As próprias mesas girantes neles encontraram poucos praticantes. Até o presente, seus prosélitos estão nas primeiras classes da sociedade, entre as pessoas esclarecidas, os homens de saber e de raciocínio; e, coisa notável, os médicos, que durante tão longo tempo fizeram uma guerra encarniçada ao Magnetismo, se juntam sem dificuldade a essa doutrina; contamos um grande número deles, tanto na França quanto no estrangeiro, entre os nossos assinantes, em cujo número se encontra também uma maioria de homens superiores em todos os sentidos, notabilidades científicas e literárias, altos dignatários, funcionários públicos, oficiais generais, negociantes, eclesiásticos, magistrados, etc., todas pessoas sérias para dar o título de passatempo a um jornal que, como o nosso, não se considera capaz de recrear, e ainda menos se crêem nele encontrar fantasias. A *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* não é uma prova menos evidente dessa verdade, pela escolha das pessoas que reúne; suas sessões são seguidas com um firme interesse, uma atenção religiosa, podemos mesmo dizer com avidez, e todavia não se ocupa senão de estudos graves, sérios, freqüentemente muito abstratos, e não de

experiências próprias para excitarem a curiosidade. Falamos do que se passa sob os nossos olhos, mas podemos dizê-lo igualmente de todos os centros onde se ocupa do Espiritismo sob o mesmo ponto de vista, porque quase por toda parte (como os Espíritos o haviam anunciado) o período de curiosidade chega ao seu declínio. Esses fenômenos nos fazem penetrar numa ordem de coisas tão grandes, tão sublimes que, ao lado dessas graves, questões um móvel que gira ou que bate é um brinquedo de criança: é o abe da ciência.

Aliás, sabe-se o que se examinar agora sobre a qualidade dos Espíritos batedores, e, em geral, daqueles que produzem efeitos materiais. Eles foram justamente chamados os saltimbancos do mundo espírita; por isso interessa-se menos por eles do que por aqueles que podem nos esclarecer.

Podem-se assinalar, à propagação do Espiritismo, quatro fases ou períodos distintos:

1. A da curiosidade, na qual os Espíritos batedores desempenharam o papel principal para chamar a atenção e preparar os caminhos.
2. A da observação, na qual entramos, e que pode-se chamar o período filosófico. O Espiritismo é aprofundado e se depura, tende à unidade da doutrina e se constitui em ciência.

Virão em seguida:

3. O período da admissão, no qual o Espiritismo tomará uma categoria oficial entre as crenças universalmente reconhecidas.
4. O período de influência sobre a ordem social. Será então que a Humanidade, sob a influência dessas idéias, entrará em um novo caminho moral. Essa influência, desde hoje, é individual; mais tarde, agirá sobre as massas para o bem geral.

Assim, de um lado, eis uma crença que se propaga no mundo inteiro por si mesma, pouco a pouco, e sem nenhum dos meios usuais de propaganda forçada; de outro, essa mesma crença que se enraíza, não na base da sociedade, mas na sua parte mais esclarecida. Não há, nesse duplo fato, alguma coisa bem característica e que deve levar à reflexão todos aqueles que ainda tratam o Espiritismo de sonho fútil. Ao contrário de muitas outras idéias que partem da base, grosseiras ou desnaturadas, e não penetram senão depois de longo tempo nas camadas superiores onde se depuram, o Espiritismo parte do alto, e não chegará às massas senão liberto das idéias falsas, inseparáveis das coisas novas.

Todavia, é preciso convir que não há ainda, em muitos adeptos, senão uma crença latente; o medo do ridículo em alguns, em outros o medo de melindrar certas suscetibilidades, em seu prejuízo, os impedem de ostentarem francamente suas opiniões; isso é pueril, sem dúvida, e todavia o compreendemos; não se pode pedir, a certos homens, o que a Natureza não lhes deu: a coragem de afrontar o Que dirão disso; mas quando o Espiritismo estiver em todas as bocas, e esse tempo não está longe, essa coragem virá aos mais tímidos. Uma mudança notável já se operou, desde há algum tempo, sob esse assunto; fala-se dele mais abertamente: arrisca-se, e isso faz abrir os olhos aos próprios antagonistas, que se perguntem se é prudente, no interesse de sua própria reputação, combater uma crença que, bom grado, mal grado, se infiltra por toda parte e encontra seus apoios no topo da sociedade. Também o epíteto de louco, tão largamente prodigalizado aos adeptos, começa a se tornar ridículo; é um lugar comum que se usa e volta ao trivial, porque cedo os loucos serão mais numerosos do que as pessoas sensatas, e já mais de um crítico estão alinhados

ao seu lado; de resto, é o cumprimento do que os Espíritos anunciaram dizendo que: Os maiores adversários do Espiritismo dele se tornarão os mais dedicados partidários e os mais ardentes propagadores.

Platão: doutrina de escolha das provas

Revista Espírita, setembro de 1858

Vimos, pelos curiosos documentos célticos que publicamos em nosso número de abril, a doutrina da reencarnação professada pelos Druidas, segundo o princípio da marcha ascendente da alma humana, à qual faziam percorrer os diversos graus da nossa escala espírita. Todo o mundo sabe que a idéia da reencarnação remonta à mais alta antigüidade, e que o próprio Pitágoras a hauriu entre os Indianos e os Egípcios. Não é, pois, de se admirar que Platão, Sócrates e outros, partilhassem uma opinião admitida pelos mais ilustres filósofos da época; mas o que, talvez, seja mais notável é encontrar, nessa época, o princípio da doutrina de escolha das provas, ensinada hoje pelos Espíritos, doutrina que pressupõe a reencarnação sem a qual não teria nenhuma razão de ser. Não discutiremos hoje essa teoria, que estava tão longe do nosso pensamento quando os Espíritos no-la revelaram, que nos surpreendeu estranhamente, porque o confessamos, com toda a humildade, que o que Platão havia escrito sobre esse assunto especial, nos era, então, totalmente desconhecido, prova nova, entre mil, que as comunicações que nos foram feitas não são o reflexo de nossa opinião pessoal.

Quanto à de Platão, constatamos simplesmente a idéia principal, podendo cada um facilmente convir quanto à parte da forma sob a qual ela é apresentada, e julgar os pontos de contato que pode ter, em certos detalhes, com a nossa teoria atual. Em sua alegoria do *Fuso da necessidade*, supõe uma conversa entre Sócrates e Glauco, e empresta ao primeiro o discurso seguinte sobre as revelações do Armênio *Er*, personagem fictício, segundo toda a probabilidade, embora alguns o tomem por Zoroastro.

Compreender-se-á, facilmente, que esse relato não é senão um quadro imaginado para conduzir à idéia principal: a imortalidade da alma, a sucessão das existências, a escolha dessas existências por efeito do livre arbítrio, enfim, as conseqüências felizes ou infelizes da escolha, freqüentemente imprudente, proposições que se encontram, todas, em *O Livro dos Espíritos*, e que vêm confirmar os numerosos fatos citados nesta revista.

"A narração que vou lembrar-vos, disse Sócrates a Glauco, é a de um homem de coração, *Er*, o Armênio, originário de Panfília. Foi morto em uma batalha. Dez dias depois, como se carregavam os cadáveres, já desfigurados, daqueles que tombaram com ele, o seu foi encontrado são e inteiro. Levaram-no para casa para fazerem seus funerais, e no segundo dia, quando estava sobre a fogueira, ele reviveu e contou o que vira na outra vida.

"Logo que a sua alma saiu de seu corpo, partiu com uma multidão de outras almas e chegou a um lugar maravilhoso, onde se viam, na terra, duas aberturas, vizinhas uma da outra, e duas outras aberturas no céu que correspondiam àquelas. Entre essas duas regiões estavam sentados os juizes. Desde que pronunciavam uma sentença, ordenavam aos justos para tomarem seu caminho à direita, por uma das aberturas do céu, depois de lhes afixar à frente um letreiro contendo o julgamento dado em seu favor, e aos maus de tomarem o caminho à esquerda, nos abismos, tendo atrás do dorso um escrito semelhante, onde estavam marcadas todas as suas ações. Quando, por sua vez, se apresentou, os juizes declararam que ele deveria levar aos homens a novidade do que se passava nesse outro mundo, e lhe

ordenaram escutar e observar tudo o que se lhe oferecia.

"Viu primeiro as almas julgadas desaparecerem, umas subindo ao céu, outras descendo sob a terra pelas duas aberturas que se correspondiam: enquanto que, pela segunda abertura, via saírem as almas cobertas de pó e de imundície, ao mesmo tempo, pela segunda abertura do céu desciam outras almas puras e sem mácula. Todas pareciam vir de uma longa viagem e deterem-se com prazer na campina como num lugar de reunião. Aquelas que se conheciam, se saudavam, umas às outras, e perguntavam as novidades do que se passava nos lugares de onde vinham: o céu e a terra. Aqui, entre os gemidos e as lágrimas, evocava-se tudo o que se sofrerá, ou vira sofrer, viajando sob a terra; lá, contavam-se as alegrias do céu e a felicidade de contemplar as maravilhas divinas.

"Seria muito longo seguir o discurso inteiro do Armênio, mas eis, em suma, o que dizia. Cada uma das almas levava dez vezes a pena das injustiças que cometera durante a vida. A duração de cada punição era de cem anos, duração natural da vida humana, a fim de que o castigo fosse, sempre, o décuplo para cada crime. Assim os que fizeram perecer em grande quantidade seus semelhantes, atraído cidades, exércitos, reduzido seus concidadãos à escravidão ou cometido outros crimes enormes, eram atormentados no décuplo para cada um dos seus crimes. Aqueles, ao contrário, que fizeram o bem ao seu redor, que foram justos e virtuosos, recebiam, na mesma proporção, a recompensa de suas boas ações. O que dizia das crianças que a morte levou pouco tempo após o seu nascimento, merece menos ser repetido; mas assegurava que ao ímpio, ao filho desnaturado, ao homicida, estavam reservadas as penas mais cruéis, e ao homem religioso e ao bom filho as maiores felicidades.

"Presenciara quando uma alma perguntou a uma outra onde estava o grande Ardieu. Esse Ardieu fora um tirano de uma cidade de Panfília mil anos antes; ele havia matado seu velho pai, seu irmão mais velho, e cometido, dizia-se, vários outros crimes enormes. "Ele não veio, respondeu a alma, e não virá jamais aqui. Todos fomos testemunhas, a esse respeito, de um horrível espetáculo. Quando estávamos sobre o ponto de sair do abismo, depois de cumprirmos nossas penas, vimos Ardieu e um grande número de outros, dos quais a maioria eram tiranos como ele ou seres que, numa condição particular, haviam cometido grandes crimes: faziam vãos esforços para subirem, e todas as vezes que esses culpados, cujos crimes eram irremediáveis, ou não haviam suficientemente expiado, tentavam sair, o abismo repelia-os rugindo. Então personagens horríveis, de corpo inflamado, que se achavam lá, acorriam a esses gemidos. Carregaram primeiro, com viva força, um certo número desses criminosos; quanto a Ardieu e aos outros, uniram-lhes os pés, as mãos e a cabeça, e os tendo lançado à terra e os esfolado à força de pancadas, arrastaram-nos fora do caminho, através de sarças sangrantes, repetindo às sombras, à medida que passava algum: "Eis tiranos e homicidas, nós os carregamos para lançá-los no Tártaro."

Essa alma acrescentou que, entre tantos objetos terríveis, nada lhe causou mais medo do que o mugido do abismo, e que foi uma extrema alegria para ela sair dali em silêncio.

"Tais eram, mais ou menos, os julgamentos das almas, seus castigos e suas recompensas.

"Depois de sete dias de repouso nessa campina, as almas deveram dali partir no oitavo, e se puseram na estrada. Ao cabo de quatro dias de caminho, perceberam no alto, sobre toda a superfície do céu e da terra, uma imensa luz, direita como uma coluna e semelhante à íris, mas mais brilhante e mais pura. Um único dia bastou-lhes para atingi-la, e elas viram, então, na direção do meio dessa muralha, a extremidade das correntes que nela prendem os céus. Aí está o que a sustenta, é o envoltório do vaso do mundo, o vasto cinto que o rodeia. No topo, estava suspenso o Fuso da necessidade, ao redor do qual se formam todas as

circunferências (1). (1) Essas são as diversas esferas dos planetas ou os diversos estágios do céu, girando ao redor da Terra fixada ao próprio eixo do fuso. (V. COUSIN))

"Ao redor do Fuso, e a distâncias iguais, tinham assento sobre os tronos as três Parcas: Láqueis, Cloto e Átropos, vestidas de branco e com a cabeça coroada com uma faixinha. Elas cantavam, unindo-se ao concerto das sereias: Láqueis o passado, Cloto o presente, Átropos o futuro. Cloto tocava, por intervalos, com a mão direita, o exterior do fuso; Átropos, com a mão esquerda, imprimia movimento aos círculos internos, e Láqueis, com uma e com a outra mão, alternativamente, tocava ora o fuso, ora as balanças interiores.

"Logo que as almas chegavam, era-lhes preciso se apresentarem diante de Láqueis. Primeiro um hierofante faziam-nas enfileirar em ordem, uma depois da outra. Em seguida, tendo tomado de sobre os joelhos de Láqueis as sortes ou números na ordem pela qual a alma deveria ser chamada, assim como as diversas condições humanas *oferecidas à sua escolha*, montado em um estrado, falava assim: " Eis o que disse a virgem Láqueis, filha da Necessidade; *Almas passageiras, ides começar uma nova carreira e renascer na condição mortal. Não se vos assinalará vosso gênio, será vós que o escolhereis por vós mesmas.* Aquela primeira que a sorte chamar escolherá, e sua escolha será irrevogável. A virtude não está com ninguém: ela se prende a quem a honre, e abandona quem a negligencia. Cada um é responsável por sua escolha, Deus é inocente." A essas palavras esparramou os números, e cada alma pegou aquele que caiu diante dela, exceto o Armênio, aquele não se lhe permitiu. Em seguida o hierofante expôs sobre a terra, diante delas, os gêneros de vida de toda espécie, em número muito maior que não havia de almas reunidas. A variedade deles era infinita; ali se achavam, ao mesmo tempo, todas as condições de homem, assim como de animais. Havia tiranias: umas que duram até a morte, as outras bruscamente interrompidas acabando na pobreza, no exílio e no abandono. A ilustração se mostrava sob várias faces: podia-se escolher a beleza, a arte de agradar, os combates, a vitória ou a nobreza de raça. Condições sociais completamente obscuras por todos esses lugares, ou intermediárias, misturas de riqueza e de pobreza, de saúde e de enfermidade, eram oferecidas à escolha: haviam, também, condições de mulher da mesma variedade.

"Evidentemente, aí está, caro Glauco, a prova terrível para a Humanidade. Que cada um de nós nela pense, e que deixe todos os vãos estudos, para não se entregar senão à ciência que faz a sorte do homem. Procuremos um mestre que nos ensine a discernir o bom e o mau destino, e a escolher todo o bem que o céu nos entrega. Examinemos com ele quais situações humanas, separadas ou reunidas, conduzem às boas ações: se a beleza, por exemplo, unida à pobreza ou à riqueza, ou se tal disposição da alma deve produzir a virtude ou o vício; que vantagem pode ter um nascimento brilhante ou comum, a vida privada ou pública, a força ou a fraqueza, a instrução ou a ignorância, enfim, tudo o que o homem recebe da Natureza e tudo o que tem de si mesmo. Esclarecidos pela consciência, decidamos qual destino nossa alma deve preferir. Sim, o pior dos destinos é aquele que a toma injusta, e o melhor aquele que a formará, sem cessar, para a virtude: tudo o mais nada é para nós. Iríamos esquecer que não há nenhuma escolha mais salutar depois da morte como durante a vida! Ah! que esse dogma sagrado se identifique para sempre com a nossa alma, a fim de que ela não se deixe ofuscar, lá embaixo, nem pelas riquezas nem pelos outros males dessa natureza, e que ela não se exponha, lançando-se na condição do tirano ou em qualquer outra semelhante, a cometer um grande número de males sem remédio e a sofrê-los ainda maiores.

"Segundo o relato de nosso mensageiro, o hierofante dissera: Aquele que escolherá por último, contanto que o faça com discernimento, e que em seguida seja conseqüente em sua conduta, pode se prometer uma vida feliz. Aquele que escolherá primeiro, guarde-se de muita confiança, e que o último não se desespere." Então aquele que a sorte nomeou o primeiro avançou com diligência e escolheu a mais considerável tirania; levado por sua

imprudência e sua avidez, e sem considerar suficientemente o que fazia, não viu essa fatalidade ligada ao objeto de sua escolha de ter que comer, um dia, a carne de seus próprios filhos e bem outros crimes horríveis. Mas quando ela considerou a sorte que havia escolhido, gemeu, lamentou-se, e esquecendo as lições do hierofante, acabou por acusar de seus males a fortuna, os gênios, tudo, exceto ela mesma (1).

((1) Os Antigos não atribuíam a palavra *tirano* a mesma idéia que nós; davam esse nome a todos aqueles que se apoderavam do poder soberano, quaisquer que fossem suas qualidades, boas ou más. A história cita tiranos que fizeram o bem; mas como, mais freqüentemente, ocorria o contrário, e, para satisfazer sua ambição ou se manter no poder, nenhum crime lhes importava, essa palavra tomou-se, mais tarde, sinônimo de cruel, e se diz de todo homem que abusa de sua autoridade.

A alma da qual *Er* fala, escolhendo a *mais considerável tirania*, não buscara a crueldade mas, simplesmente, o poder mais vasto como condição de sua nova existência; quando sua escolha fez-se irrevogável, ela percebeu que esse mesmo poder a arrastaria ao crime, e lamentou fazê-lo, acusando de seus males todos, exceto ela mesma; é a história da maioria dos homens que são os artífices de sua própria infelicidade sem querer confessá-lo.)

Essa alma era do número daquelas que vieram do céu: ela vivera, precedentemente, em um estado bem governado e fizera o bem pela força do hábito antes que por filosofia. Eis por que, entre aquelas que caíam em semelhantes decepções, as almas vindas do céu não eram as menos numerosas, por falta de terem sido experimentadas pelos sofrimentos. Ao contrário, aquelas que, tendo passado por moradas subterrâneas, sofreram e viram sofrer, não escolhiam assim às pressas. Daí, independentemente do risco das classes para serem chamadas a escolher, uma espécie de troca de bens e de males para a maioria das almas. Assim, um homem que, a cada renovação da sua vida neste mundo, se aplicasse constantemente a sã filosofia e tivesse a felicidade de não ter as últimas sortes, aparentemente, depois desse relato, não somente seria feliz neste mundo, mais ainda que, em sua viagem daqui para lá embaixo, e em seu retorno, caminharia pela via unida ao céu e não pela vereda penosa do abismo subterrâneo.

"O Armênio acrescentava que era um espetáculo curioso de se ver a maneira pela qual cada alma fazia sua escolha. Nada de mais estranho e mais digno, ao mesmo tempo, de compaixão e de zombaria. Era, na maior parte do tempo, segundo seus hábitos da vida anterior, que fazia a sua escolha. Er vira a alma que havia pertencido a Orfeu escolher a alma de um cisne, por ódio das mulheres que lhe deram a morte, não querendo dever seu nascimento a nenhuma delas; a alma de Thomyres escolhera a condição de um rouxinol; e, reciprocamente, um cisne, assim como outros músicos como ele, adotaram a natureza do homem. Uma outra alma, a vigésima chamada a escolher, tomou a natureza de um leão: era Ajax, filho de Telamon.

Ele detestava a humanidade, recordando-se do julgamento que lhe tirara as armas de Aquiles. Depois desta, veio a alma de Agamenon, que suas infelicidades tomaram, também, o inimigo dos homens: ele tomou a condição de águia. A alma de Atalanta, chamada a escolher, pela metade, considerando as grandes honras prestadas aos atletas, não pôde resistir ao desejo de se tornar atleta. Epeu, que construiu o cavalo de Tróia, tomou-se uma mulher laboriosa. A alma do bobo Tersita, das últimas a se apresentarem, revestiu as formas de um macaco. A alma de Ulisses, a quem o acaso dera o último destino, veio também para escolher: mas a recordação de seus longos revezes, tendo-o desenganado da ambição, procurou por muito tempo e descobriu, com dificuldade, em um canto, a vida tranqüila de um homem privado, que todas as outras almas deixaram à parte. Descobrimo-o, disse que,

mesmo que tivesse sido a primeira a escolher, não teria feito outra escolha. Os animais, quaisquer que sejam, passam igualmente uns nos outros ou nos corpos de homens: aqueles que foram maus, tornam-se bestas ferozes, e os bons, animais domésticos.

"Depois que todas as almas fizeram escolha de uma condição, elas se aproximaram de Láqueis, na ordem segundo a qual haviam escolhido. A Parca deu, a cada uma, o gênio que ela havia preferido, a fim de que lhe servisse de guardião durante a sua vida, e a ajudasse a cumprir o seu destino. Esse gênio primeiro a conduzia a Cloto que, com sua mão e com um giro do fuso, confirmava o destino escolhido. Depois de ter tocado o fuso, conduzia-a daí para Átropos, que enrolava o fio para tornar irrevogável o que fora tecido por Cloto. Em seguida avançava-se para o trono da Necessidade, sob o qual a alma e seu gênio passavam juntos. Logo que todas passaram, elas seguiram para o espaço cheio de Letes (o Esquecimento) (1), (1) Alusão ao esquecimento que se segue à passagem de uma existência à outra.) onde toleraram um calor insuportável, porque não havia nem árvore e nem planta. Chegada a tarde, elas passaram a noite junto do rio Ameles (ausência de pensamentos sérios), rio do qual nenhum vaso podia conter a água: se era obrigado a dele beber mas os imprudentes dele beberam muito. Aqueles que dele bebem sem parar, perdem a memória. Dormiu-se depois; mas, pelo meio da noite, sobreveio um estrondo de trovão com um tremor de terra: logo as almas foram dispersadas, aqui e ali, para os diversos pontos de seu nascimento terrestre, como estrelas que jorrassem, de repente, do céu. Quanto a ele, disse Er, impediram-no de beber da água do rio: entretanto, não sabia onde e nem como sua alma se reuniu ao seu corpo; mas pela manhã, tendo de repente aberto os olhos, percebeu que estava estendido sobre a fogueira.

"Tal é o mito, caro Glauco, que a tradição fez viver até nós. Ele pode nos preservar de nossa perda: se lhe acrescentarmos fé, passaremos *felizes o Letes e manteremos nossa alma pura de toda mancha.*"

Uma advertência de além-túmulo

Revista Espírita, setembro de 1858

O fato seguinte foi relatado pela *Patrie* de 15 de agosto de 1858:

"Terça-feira última, obriguei-me, talvez bastante imprudentemente, a contar-vos uma história *comovente*. Deveria pensar em uma coisa: que não há histórias *comoventes*, não há senão histórias bem contadas, e o mesmo relato, feito por dois narradores diferentes, pode adormecer um auditório ou dar-lhe arrepios. Que ouvi eu com meu companheiro de viagem de Cherbourg a Paris, o senhor B..., de quem tenho a anedota maravilhosa! Se tivesse *estenografado* sua narração, verdadeiramente, teria alguma chance de vos fazer estremecer.

"Mas cometi o erro de reportá-lo à minha detestável memória, e o lamento vivamente. Enfim, tanto bem quanto mal, eis a aventura, e o desfecho nos provará que hoje, 15 de agosto, ela é completamente de circunstância.

"O senhor de S... (um nome histórico considerado ainda hoje com honra) era oficial sob o Diretório. Para seu prazer, ou pelas necessidades de seu serviço, ele viajava para a Itália.

"Em uma de nossas províncias do centro, foi surpreendido pela noite e se considerou feliz por encontrar uma pousada sob o teto de uma espécie de barraco de aparência suspeita, onde lhe ofereceram má ceia e um catre em um celeiro.

"Habitado à vida de aventuras e ao rude serviço da guerra, o senhor de S... comeu com bom apetite, deitou-se sem murmurar e adormeceu profundamente.

"Seu sono foi perturbado por uma aparição horrível. Viu um espectro se levantar na sombra, caminhar com passo pesado para o seu catre, e deter-se à altura da cabeceira de sua cama. Era um homem de uns cinquenta anos, cujos cabelos grisalhos e eriçados estavam vermelhos de sangue; tinha o peito nu, e sua garganta enrugada estava cortada de feridas abertas. Ficou um momento silencioso, fixando seus olhos negros e profundos sobre o viajante adormecido; depois, sua figura pálida se animou, suas pupilas irradiaram como dois carvões ardentes; pareceu fazer um violento esforço, e, com voz surda e trêmula, pronunciou estas estranhas palavras:

"- Eu te conheço, és soldado como eu, como eu homem de coração e incapaz de faltar à palavra. Venho pedir-te um serviço que outros me prometeram e não cumpriram. Há três semanas fui morto; o hospedeiro desta casa, ajudado por sua mulher, me surpreendeu durante meu sono e me cortou a garganta. Meu cadáver está escondido sob um montão de lixo, à direita, no fundo do galinheiro. Amanhã, vá procurar a autoridade do lugar, conduza dois policiais e me faça sepultar. O hospedeiro e sua mulher se trairão, por si mesmos, e tu os entregarás à justiça. Adeus, conto com tua piedade; não esqueça o pedido de um velho companheiro de armas.

"O senhor de S..., despertando se lembrou de seu sonho. A cabeça apoiada sobre o cotovelo, ele se pôs a meditar; sua emoção era viva, mas se dissipava diante das primeiras claridades do dia, e ele se diz como Athalie:

Um sonho! devo me inquietar com um sonho!

Violentou seu coração e não escutando senão sua razão, fechou sua valise e continuou sua viagem.

"À tarde, ele chegou a sua nova etapa e se deteve para passar a noite em uma estalagem. Mas, apenas havia fechado os olhos, o espectro lhe apareceu uma segunda vez, triste e quase ameaçador.

"- Eu me admiro e me aflijo, disse o fantasma, dever um homem como tu se perjurar e faltar ao seu dever. Esperava mais de tua lealdade, meu corpo está insepulto, meus assassinos vivem em paz. Amigo, minha vingança está em tua mão; em nome da honra, eu te intimo a retornar sobre teus passos.

"O senhor de S... passou o resto da noite numa grande agitação; chegou o dia, teve vergonha de seu medo e continuou sua viagem.

"À tarde, terceira parada, terceira aparição. Desta vez, o fantasma estava mais lívido e mais terrível; um sorriso amargo errava sobre seus lábios brancos; falou com uma voz rude:

"Parece que te julguei mal: parece que teu coração, como o dos outros, é insensível aos pedidos dos infelizes. Uma última vez venho invocar tua ajuda e apelar à tua generosidade. Retorne a X..., vinga-me, ou seja maldito.

"Desta vez, o senhor de S... não deliberou mais: voltou atrás até a estalagem suspeita onde havia passado a primeira de suas noites lúgubres. Foi à casa do magistrado, e pediu dois soldados. À sua vista, à vista dos dois soldados, os assassinos empalideceram, e confessaram seu crime, como se uma força superior lhes arrancasse essa confissão fatal.

"Seu processo se instruiu rapidamente, e eles foram condenados à morte. Quanto ao pobre oficial, cujo cadáver se encontrou sob o monte de lixo, à direita, no fundo do galinheiro, foi sepultado em terra santa e os sacerdotes oraram pelo repouso de sua alma.

"Tendo cumprido sua missão, o senhor de S... se apressou em deixar o país e correu para os Alpes sem olhar para trás.

"A primeira vez que ele repousou em um leito, o fantasma se dirige ainda diante de seus olhos, não mais bravo e irritado, mas doce e benevolente.

"- Obrigado, disse ele, obrigado, irmão. Quero reconhecer o serviço que me prestaste: mostrar-me-ei a ti uma vez ainda, uma só; duas horas antes de tua morte, virei advertir-te. Adeus.

"O senhor de S... tinha então ao redor de trinta anos; durante trinta anos, nenhuma visão veio perturbar a quietude de sua vida. Mas em 182..., dia 14 de agosto, véspera da festa de Napoleão, o senhor de S..., que permanecera fiel ao partido bonapartista, reuniu num grande jantar uma vintena de antigos soldados do Império. A festa estava muito alegre; o anfitrião, se bem que velho, todavia, estava bem conservado e bem. Estava no salão e tomava-se o café.

"O senhor de S... teve vontade de tomar uma pitada e percebeu que esquecera sua tabaqueira no quarto. Tinha o hábito de servir-se, ele mesmo; deixou um momento seus hóspedes e subiu para o primeiro andar de sua casa, onde se achava o seu quarto de dormir.

"Não havia acendido a luz.

"Quando entrou num longo corredor que conduzia ao seu quarto, se deteve de repente, e foi forçado a se apoiar contra a parede. Diante dele, na extremidade da galeria, estava o fantasma do homem assassinado; o fantasma não pronunciou nenhuma palavra, nem fez nenhum gesto, e, depois de um segundo, desapareceu.

"Era a advertência prometida.

"O senhor de S..., que tinha a alma forte, depois de um momento de desfalecimento, reencontrou sua coragem e seu sangue frio, caminhou para seu quarto, ali tomou sua tabaqueira e desceu de novo para o salão.

"Quando ele entrou, nenhum sinal de emoção aparecia em seu rosto. Misturou-se à conversação, e, durante uma hora mostrou todo o seu espírito e toda a sua jovialidade costumeiros.

"Em minutos seus convidados se retiraram. Então, ele se sentou e passou três quartos de hora no recolhimento; depois tendo posto em ordem seus negócios, se bem que não sentisse nenhuma moléstia, retornou ao seu quarto de dormir.

"Quando abriu a porta, um tiro o estendeu morto, justo duas horas depois da aparição do fantasma.

"A bala que lhe despedaçou o crânio era destinada ao seu empregado.

"HENRY D'AUDIGIER."

O autor do artigo quis, a todo preço, cumprir a promessa que fizera ao jornal de contar alguma coisa de emocionante, e para esse efeito tomou a anedota que narra com sua fecunda imaginação, ou ela é real? É o que não sabemos afirmar. De resto, isso não é o mais importante; verdadeiro ou suposto, o essencial é saber se o fato é possível. Pois bem, não hesitaremos em dizer: Sim, as advertências de além-túmulo são possíveis, e numerosos exemplos cuja autenticidade não poderia ser posta em dúvida, aí estão para atestá-lo. Se, pois, a anedota do senhor Henry d'Audigier é apócrifa, muitas outras, do mesmo gênero, não o são; diremos mesmo que esta não oferece nada senão bastante comum. A aparição ocorreu em sonho, circunstância muito vulgar, ao passo que é notório que elas podem se produzir à visão durante o estado de vigília. A advertência do instante da morte não é mais insólita; os fatos desse gênero são muito mais raros, porque a Providência, em sua sabedoria, nos oculta esse momento fatal. Não é, pois, senão excepcionalmente que pode nos ser revelado, e por motivos que nos são desconhecidos. Eis aqui um outro exemplo mais recente, menos dramático, é verdade, mas cuja exatidão podemos garantir.

O senhor Watbled, negociante, presidente do tribunal de comércio de Boulogne, morreu em 12 de julho último, nas circunstâncias seguintes: Sua mulher, que ele havia perdido há doze

anos, e cuja morte lhe causava desgostos incessantes, apareceu-lhe durante duas noites consecutivas, nos primeiros dias de junho, e lhe disse: Deus tem piedade de nossas penas e quer que estejamos logo reunidos. Ela acrescentou que o 12 de julho seguinte era o dia marcado para essa reunião e que, em consequência, ele deveria preparar-se. Desse momento, com efeito, uma mudança notável se operou nele; enfraquecia dia a dia, logo caiu de cama, e sem sofrimento nenhum, no dia marcado, deu o último suspiro entre os braços de seus amigos.

O fato em si mesmo não é contestável, os céticos podem argumentar sobre a causa, que não faltarão de atribuí-la à imaginação. Sabe-se que semelhantes predições, feitas por ledores de sorte, seguiram-se de um desenlace fatal; concebe-se, neste caso, que a imaginação estando impressionada com essa idéia, os órgãos possam com isso experimentar uma alteração radical: o medo de morrer mais de uma vez causou a morte; mas aqui as circunstâncias não são as mesmas. Aqueles que aprofundaram os fenômenos do Espiritismo podem perfeitamente compreender o fato; quanto aos céticos, não têm senão um argumento: Eu não creio, portanto isso não é nada. Os Espíritos, interrogados a esse respeito, responderam: "Deus escolheu esse homem que era conhecido de todos, a fim de que esse conhecimento se estendesse ao longe e levasse a refletir." - Os incrédulos pedem, sem cessar, provas; Deus lhas dá, a cada instante, pelos fenômenos que surgem de todas as partes; mas a eles se aplicam estas palavras: Têm olhos e não verão; têm ouvidos e não ouvirão.

Os gritos da São Bartolomeu

Revista Espírita, setembro de 1858

De Saint-Foy, em sua *História da ordem do Espírito Santo* (edição de 1778), cita a passagem seguinte tirada de uma coletânea escrita pelo marquês Cristophe Juvenal dês Ursins, tenente-general de Paris, pelo fim do ano de 1572, e impresso em 1601.

"Em 31 de agosto (1572), oito dias depois do massacre da São Bartolomeu, eu havia jantado no Louvre, na casa da senhora de Fiesques. O calor foi muito grande durante todo o dia. Fomos nos sentar sob a pequena parreira do lado do rio para respirar o fresco; de repente, ouvimos no ar um ruído horrível de vozes tumultuosas e gemidos misturados com gritos de raiva e furor; permanecemos imóveis tomados de medo, nos olhando de tempo em tempo, sem força para falar. Esse barulho durou, creio, quase uma meia hora. O certo é que o rei (Charles IX) o ouviu, ficou apavorado, não dormiu mais durante o resto da noite; entretanto, dele não falou no dia seguinte, mas notava-se que ele parecia sombrio, pensativo e desvairado.

"Se algum prodígio deve não achar incrédulos, é este, atestado por Henri IV. Esse Príncipe, disse d'Aubigné, livro I, cap. VI, p. 561, nos contou várias vezes, entre seus mais familiares e particulares cortesãos (e tenho várias testemunhas vivas de que não nos contou nunca sem se sentir ainda tomado de pavor), que oito horas depois do massacre de São Bartolomeu, viu uma grande quantidade de corvos empoleirar-se e grasnar sobre o pavilhão do Louvre; e que na mesma noite, Charles IX, duas horas depois de se ter deitado, saltou de sua cama, fez levantarem-se os do seu quarto, e os mandou procurar, por ouvir no ar um grande barulho de vozes gementes, em tudo semelhante à que se ouviu na noite dos massacres; que todos esses diferentes gritos eram tão surpreendentes, tão marcados e tão distintamente articulados, que Charles IX, crendo que os inimigos de Montmorency e de seus partidários os surpreenderam e os atacavam, enviou um destacamento de seus guardas, para impedir esse novo massacre; esses guardas narraram que Paris estava tranqüila, e que todo esse barulho que se ouvia estava no ar."

Nota. - O fato narrado por de Saint-Foy e Juvenal dês Ursins tem muita analogia com a história do fantasma da senhorita Clairon, relatado em nosso número do mês de janeiro, com a diferença de que neste, um único Espírito se manifestou durante dois anos e meio, ao passo que depois da São Bartolomeu parecia haver deles uma quantidade inumerável que fez ressoar o ar durante alguns instantes somente. De resto, esses dois fenômenos têm, evidentemente, o mesmo princípio que os outros fatos contemporâneos da mesma natureza que reportamos, e deles não difere senão pelo detalhe da forma. Vários Espíritos interrogados sobre a causa dessa manifestação, responderam que *era punição de Deus*, coisa fácil de se conceber.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, setembro de 1858

A senhora Schwabenhaus. Letargia extática.

Vários jornais, segundo o *Courrier dês États-Unis*, narraram o fato seguinte que nos pareceu de natureza a fornecer o assunto para um estudo interessante:

"Uma família alemã, de Baltimore, veio, diz o *Courrier dês États-Unis*, de ser vivamente emocionada por um singular caso de morte aparente. A senhora Schwabenhaus, doente há algum tempo, parecia haver dado o último suspiro na noite da segunda para terça-feira. As pessoas que a cuidavam puderam observar nela todos os sintomas da morte; seu corpo estava gelado, seus membros rígidos. Depois de ter prestado ao cadáver os últimos deveres, e quando tudo estava pronto, no quarto mortuário, para o sepultamento, os assistentes foram em busca de algum repouso. O senhor Schwabenhaus esgotado pela fadiga, logo os seguiu. Estava entregue a sono agitado, quando, pela seis horas da manhã, a voz de sua mulher veio ferir seu ouvido. Acreditou primeiro ser o juguete de um sonho; mas seu nome, repetido várias vezes, logo não lhe deixou nenhuma dúvida, e se precipitou para o quarto de sua mulher. Aquela que deixara por morta, estava sentada em sua cama, parecendo gozar de todas as suas faculdades e mais forte, do que jamais estivera, desde o começo de sua enfermidade.

"A senhora Schwabenhaus pediu água, depois desejou beber chá e vinho. Ela pediu ao seu marido para ir dormir seu filho que chorava em um quarto vizinho. Mas este último, estava muito emocionado para isso, e correu a despertar todo mundo na casa. A doente acolheu sorrindo seus amigos, seus domésticos, que não se aproximaram de seu leito senão tremendo. Ela não parecia surpresa com os preparativos funerários que impressionavam seu olhar: "Sei que me acreditáveis morta, disse ela, entretanto, eu não estava senão dormindo. Mas durante esse tempo minha alma voou para as regiões celestes; um anjo veio me procurar, e cruzamos o espaço por alguns instantes. Este anjo que me conduzia, é a jovem que perdemos no ano último... Oh! logo eu irei reunir-me a ela... Agora que provei as alegrias do céu, não queria mais viver neste mundo. Pedi ao anjo para vir abraçar, ainda uma vez, meu marido e meus filhos; mas logo ele virá me procurar."

Às oito horas, depois que ela ternamente pediu permissão ao seu marido, aos seus filhos e a uma multidão de pessoas que a cercava, a senhora Schwabenhaus expirou realmente desta vez, como foi constatado pelos médicos, de modo a não deixar subsistir nenhuma dúvida.

"Esta cena emocionou vivamente os habitantes de Baltimore."

O Espírito da senhora Schwabenhaus, tendo sido evocado, na sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, no dia 27 de abril último, estabeleceu-se com ele a conversa seguinte.

1. Desejamos, com o objetivo de nos instruir, dirigir-vos algumas perguntas concernentes à

vossa morte; tereis a bondade de nos responder? - R. Como não o faria agora que começo a tocar nas verdades eternas, e que sei a necessidade que disso tendes?

2. Lembrai-vos das circunstâncias particulares que precederam vossa morte? - R. Sim, esse momento foi o mais feliz da minha existência terrestre.

3. Durante a vossa morte aparente, ouvíeis o que se passava ao redor de nós e véis os preparativos de vossos funerais? - R. Minha alma estava muito preocupada com sua felicidade próxima.

Nota. - Sabe-se que, geralmente, os letárgicos vêem e ouvem o que se passa ao redor deles e disso conservam a lembrança ao despertarem. O fato que narramos oferece essa particularidade, que o sono letárgico estava acompanhado de êxtase, circunstância que explica por que a atenção da doente foi desviada.

4. Tínheis a consciência de não estar morta? - R. Sim, mas isso não me era bastante penoso.

5. Poderíeis nos dizer a diferença que fazeis entre o sono natural e o sono letárgico? - R. O sono natural é o repouso do corpo; o sono letárgico é a exaltação da alma.

6. Sofríeis durante a vossa letargia? - R. Não.

7. Como se operou o vosso retomo à vida? - R. Deus permitiu que retomasse para consolar os corações aflitos que me cercavam.

8. Desejaríamos uma explicação mais material. - R. O que chamais o perispírito animava ainda o meu envoltório terrestre.

9. Como ocorreu não vos surpreenderdes, no vosso despertar, com os preparativos que se faziam para vos enterrar? - R. Eu sabia que deveria morrer, todas essas coisas pouco me importavam, uma vez que entrevi a felicidade dos eleitos.

10. Voltando a vós, ficastes satisfeita de ser restituída à vida? - R. Sim, para consolar.

11. Onde estivestes durante o vosso sono letárgico? - R. Não posso dizer-vos toda a felicidade que senti: as línguas humanas não exprimem essas coisas.

12. Vós vos sentis, ainda, na terra ou no espaço? - R. Nos espaços.

13. Dissestes, voltando a vós, que a jovem que havíeis perdido no ano precedente, viera vos procurar; é verdade? - R. Sim, é um Espírito puro.

Nota. - Tudo, nas respostas da mãe, anuncia nela um Espírito elevado; não há, pois, nada de espantar que um Espírito mais elevado esteja ainda unido ao seu por simpatia. Todavia, é necessário não se prender à letra na qualificação de *Puro Espírito* que os Espíritos se dão, algumas vezes, entre eles. Sabe-se que é preciso entender por isso aqueles de ordem mais elevada, aqueles que, estando completamente desmaterializados e depurados, não estão mais sujeitos à reencarnação: são os Anjos que gozam da vida eterna. Ora, aqueles que não atingiram um grau suficiente, não compreendem ainda esse estado supremo; eles podem,

pois, empregar o termo *Puro Espírito* para designarem uma superioridade relativa, mas não absoluta. Disso temos numerosos exemplos, e a senhora Schwabenhaus nos pareceu estar neste caso. Os Espíritos zombadores se atribuem também, algumas vezes, a qualidade de Puros Espíritos para inspirarem mais confiança às pessoas que querem enganar, e que não têm bastante perspicácia para julgá-los pela sua linguagem, na qual se traem sempre sua inferioridade.

14. Que idade tinha essa criança quando morreu? - R. Sete anos.

15. Como a reconheceste? - R. Os Espíritos superiores se reconhecem mais depressa.

16. Vós a reconheceste sob uma forma qualquer? - R. Não a vi senão como Espírito.

17. Que vos dizia ela? - R. Venha, siga-me para o Eterno.

18. Vistes outros Espíritos além daquele da vossa filha? - R. Vi uma quantidade de outros Espíritos, mas a voz da minha criança e a felicidade que pressentia eram minhas únicas preocupações.

19. Durante o vosso retorno à vida, dissestes que iríeis logo reunir-vos à vossa filha; tínheis, pois, consciência de vossa morte próxima? - R. Era para mim uma esperança feliz.

20. Como o sabíeis? - R. Quem não sabe que é preciso morrer? Minha doença mo dizia bem.

21. Qual era a causa da vossa doença? - R. Os desgostos.

22. Que idade tínheis? - R. 48 anos.

23. Deixando a vida definitivamente, tivestes imediatamente uma consciência limpa e lúcida de vossa nova situação? - R. Tive-a no momento de minha letargia.

24. Experimentastes a perturbação que acompanha, ordinariamente, o retorno à vida espírita? - R. Não, eu estava deslumbrada, mas não perturbada.

Nota. - Sabe-se que a perturbação, que se segue à morte, é tanto menor e menos longa quanto o Espírito esteja mais depurado, durante a vida. O êxtase que precedeu a morte dessa mulher era, aliás, um primeiro desligamento da alma dos laços terrestres.

25. Depois de vossa morte, tornastes a ver a vossa filha? - R. Estou freqüentemente com ela.

26. Estais reunida a ela pela eternidade? - R. Não, mas sei que depois de *minhas últimas encarnações*, estarei na morada onde habitam os Espíritos puros.

27. Vossas provas, pois, não estão findas? - R. Não; entretanto, elas serão felizes agora; não me deixam mais do que esperar, e a esperança é quase a felicidade.

28. Vossa filha havia vivido em outros corpos, antes daquele com o qual era vossa filha? - R. Sim, em muitos outros.

29. Sob qual forma estais entre nós? - R. Sob minha última forma de mulher.

30. Vós nos vedes tão distintamente quanto o faríeis estando viva? - R. Sim.

31. Uma vez que aqui estais sob a forma que tínheis na Terra, é pelos olhos que nos vedes? - R. Mas não, o Espírito não tem olhos; não estou sob a minha última forma senão para satisfazer às leis que regem os Espíritos quando são evocados, e obrigados a retomar o que chamais *Perispírito*.

32. Podeis ler os nossos pensamentos? - R. Sim, eu o posso: lerei se vossos pensamentos forem bons.

33. Nós vos agradecemos as explicações que consentistes em nos dar reconhecemos pela sabedoria de vossas respostas, que sois um Espírito elevado, e esperamos que gozeis a felicidade que mereceis. - R. Estou feliz em contribuir para a vossa obra; morrer é uma alegria quando se pode ajudar o progresso como pude fazê-lo.

Os Talismãs - Medalha cabalística

Revista Espírita, setembro de 1858

O senhor M... havia comprado de um quinquilheiro uma medalha que lhe pareceu notável pela sua singularidade. Ela é do tamanho de uma moeda de cinco libras. Seu aspecto é argênteo, embora um pouco cor de chumbo. Nas duas faces estão gravados uma multidão de sinais, entre os quais se notam os dos planetas, círculos entrelaçados, um triângulo, palavras ininteligíveis e iniciais em caracteres vulgares; além de outros caracteres bizarros tendo qualquer coisa de árabe, tudo disposto de um modo cabalístico no gênero dos livros de mágicos.

O senhor M..., tendo interrogado a senhorita J..., médium sonâmbula, quanto a essa medalha, respondeu-lhe que era composta de sete metais, que pertenceram a Cazotte, e tinha um poder particular para atrair os Espíritos e facilitar as evocações. O senhor de Caudenberg, autor de uma relação de comunicações que teve, disse ele, como médium, com a Virgem Maria, disse-lhe que era uma coisa má, própria para atrair os demônios. A senhorita de Guldenstube, médium, irmã do barão de Guldenstube, autor de uma obra sobre a Pneumatografia ou escrita direta, disse-lhe que ela tinha uma virtude magnética e poderia provocar o sonambulismo.

Pouco satisfeito com essas respostas contraditórias, o senhor de M... apresentou-nos essa medalha, pedindo a nossa opinião pessoal a respeito, e nos rogando igualmente interrogarmos um Espírito superior sobre seu valor real, do ponto de vista da influência que pode ter. Eis nossa resposta:

Os Espíritos são atraídos ou repelidos pelo pensamento, e não por objetos materiais que não têm nenhum poder sobre eles. Os Espíritos superiores, em todos os tempos, condenaram o emprego de sinais e de formas cabalísticas, e todo Espírito que lhes atribui uma virtude qualquer, ou que pretenda dar talismãs que aparentem a magia, revela, com isso, sua inferioridade, esteja agindo de boa fé ou por ignorância, em consequência de antigos preconceitos terrestres dos quais estejam imbuídos, seja porque queira conscientemente divertir-se com a credulidade, como Espírito zombeteiro. Os sinais cabalísticos, quando não são pura fantasia, são símbolos que lembram as crenças supersticiosas quanto à virtude de certas coisas, como os números, os planetas, e sua concordância com os metais, crenças nascidas nos tempos da ignorância, e que repousam sobre erros manifestos, dos quais a ciência fez justiça mostrando o que eram os pretensos sete planetas, sete metais, etc. A forma mística e ininteligível desses emblemas tinha por objetivo impor ao vulgo ver o maravilhoso naquilo que não compreendia. Quem estudou a natureza dos Espíritos, não pode admitir racionalmente, sobre eles, a influência de formas convencionais, nem de substâncias misturadas em certas proporções; isso seria renovar as práticas da caldeira dos feiticeiros, de gato preto, de galinha preta e outros feitiços. Não ocorre o mesmo com um objeto magnetizado que, como se sabe, tem o poder de provocar o sonambulismo ou certos fenômenos nervosos sobre a economia; mas, então, a virtude desse objeto reside unicamente no fluido do qual está *momentaneamente* impregnado e que se transmite, assim, por via mediata, e não em sua forma, em sua cor, nem sobretudo nos sinais com os quais pode estar sobrecarregado.

Um Espírito pode dizer Traçai tal sinal, e a esse sinal reconhecerei que chamais e virei; mas

nesse caso o sinal traçado não é senão a expressão do pensamento; é uma evocação traduzida de um modo material; ora, os Espíritos, qualquer que seja sua natureza, não têm necessidade de semelhantes meios para se comunicarem; os Espíritos superiores não os empregam nunca; os Espíritos inferiores podem fazê-lo tendo em vista fascinar a imaginação de pessoas crédulas, que querem ter sob sua dependência. Regra geral: todo Espírito que liga mais importância à forma do que ao fundo é inferior, e não merece nenhuma confiança, ainda mesmo se, de tempo em tempo, disser algumas coisas boas; porque essas boas coisas podem ser um meio de sedução.

Tal era o nosso pensamento a respeito dos talismãs em geral, como meio de relações com os Espíritos. Vale dizer que ele se aplica igualmente àqueles que a superstição emprega como preservativos de doenças ou de acidentes.

Contudo, para a edificação do possuidor da medalha, e para melhor aprofundar a questão, na sessão da Sociedade, do dia 17 de julho de 1858, pedimos ao Espírito de São Luís, que consente comunicar conosco todas as vezes que se trata de nossa instrução, que nos desse a sua opinião a respeito. Interrogado sobre o valor dessa medalha, eis a sua resposta:

"Fizestes bem em não admitir que os objetos materiais possam ter uma virtude qualquer sobre as manifestações, seja para provocá-las, seja para impedi-las. Bem freqüentemente, dissemos que as manifestações eram espontâneas, e que finalmente, jamais nos recusamos em responder à vossa chamada. Por que pensais que possamos ser *obrigados a* obedecer a uma coisa fabricada por humanos?"

P. - Com qual objetivo essa medalha foi feita? - R. Foi feita com o objetivo de chamar a atenção das pessoas que nela quisessem crer; mas não foi senão pelos magnetizadores que ela pôde ser feita com a intenção de magnetizar para adormecer uma pessoa. Os sinais não são senão coisas de fantasia.

P. - Diz-se que ela pertenceu a Cazotte; poderíamos evocá-lo, a fim de termos algumas informações dele a esse respeito? - R. Não é necessário; preferivelmente, ocupai-vos de coisas mais sérias.

Suicídio por amor

Revista Espírita, setembro de 1858

(PROBLEMAS MORAIS)

Há sete ou oito meses, o chamado Louis G..., operário sapateiro, fazia a corte a uma senhorita Victorine R..., pespontadora de botinas, com a qual se deveria casar muito brevemente, uma vez que os proclamas estavam em curso de publicação. Estando as coisas nesse ponto, os jovens se consideravam quase que como definitivamente unidos, e, por medida de economia, o sapateiro vinha, cada dia, para tomar suas refeições, na casa de sua noiva.

Quarta-feira última, tendo vindo Louis, como de costume, jantar na casa da pespontadora de botinas, sobreveio uma contestação, a propósito de uma futilidade; obstinaram-se de parte a parte, e as coisas chegaram ao ponto de Louis deixar a mesa, e jurando partir para jamais voltar.

No dia seguinte, todavia, o sapateiro, embaraçado, veio ceder enfim e pedir perdão: sabe-se que a noite é boa conselheira; mas a operária, talvez prejudgando, segundo a cena da véspera, o que poderia sobrevir quando não tivesse mais tempo de se desdizer, recusou se reconciliar, e, protestos, lágrimas, desespero, nada fê-la dobrar-se. Anteontem à tarde, entretanto, como vários dias decorreram desde aquele da desunião, Louis, esperando que sua bem-amada estivesse mais tratável, quis tentar um último entendimento: chegou, pois, e bateu à porta de modo a se fazer conhecer, mas ela recusou abrir; então, novas súplicas da parte do pobre intrigado, novos protestos através da porta, mas nada pôde tocar a implacável pretendida. "Adeus, pois, malvada! gritou enfim o pobre rapaz, adeus para sempre! Tratai de encontrar um marido que vos ame tanto quanto eu! Ao mesmo tempo a jovem ouviu uma espécie de gemido abafado, depois como o barulho de um copo que cai escorregando ao longo de sua porta, e tudo voltou ao silêncio; então ela se imaginou que Louis se instalou na soleira da porta para esperar sua primeira saída, mas ela se prometeu não pôr o pé para fora, enquanto ele ali estivesse.

Fora apenas há um quarto de hora que isso ocorrera, quando um locatário que passava sobre o patamar com uma luz, soltou uma exclamação e pediu socorro. Logo os vizinhos chegaram, e a senhorita Victorine, tendo igualmente aberto sua porta, lançou um grito de horror, percebendo estendido sobre o ladrilho, seu pretendido pálido e inanimado. Cada um se apressa em lhe dar socorro, informou-se de um médico, mas logo se percebeu que tudo seria inútil, e que ele deixou de existir. O infeliz jovem havia mergulhado seu trinchete na região do coração, e o ferro ficara na ferida.

Esse fato, que encontramos no *Siècle* do dia 7 de abril último, sugeriu o pensamento de dirigir-se, a algum Espírito superior, algumas perguntas sobre suas conseqüências morais. Hei-las aqui, assim como as respostas que nos foram dadas pelo Espírito de São Luís, na sessão da Sociedade do dia 10 de agosto de 1858.

1. A jovem, causa involuntária da morte de seu amante, tem responsabilidade? - R. Sim, porque ela não o amava.

2. Para prevenir essa infelicidade, deveria desposá-lo apesar da sua repugnância? - R. Ela procuraria uma ocasião para se separar dele; ela fez no começo de sua ligação o que deveria fazer mais tarde.
3. Assim sua culpa consiste em ter mantido nele os sentimentos que ela não partilhava, sentimentos que causaram a morte do jovem? - R. Sim, é isso.
4. Sua responsabilidade, nesse caso, deve ser proporcional à sua falta; não deve ser tão grande como se ela tivesse provocado voluntariamente a morte? - R. Isso salta aos olhos.
5. O suicídio de Louis, encontra uma desculpa no descaminho em que o mergulhou a obstinação de Victorine? - R. Sim, porque seu suicídio, que provém do amor, é menos criminoso aos olhos de Deus do que o suicídio do homem que quer se libertar da vida por um motivo de covardia.

Nota. - Dizendo que esse suicídio é *menos* criminoso aos olhos de Deus, isso significa, evidentemente, que há criminalidade, embora menor. A falta consiste na fraqueza que não soube vencer. Sem dúvida, era uma prova sob a qual ele sucumbiu; ora, os Espíritos nos ensinam que o mérito consiste em lutar, vitoriosamente, contra as provas de todas as espécies, que são a própria essência de nossa vida terrestre.

O Espírito de Louis C... tendo sido evocado uma outra vez, se lhe dirigem as perguntas seguintes:

1. Que pensais da ação que cometestes? - R. Victorine é uma ingrata; eu errei em matar-me por ela, porque ela não o merecia.
2. Ela, pois, não vos amava? - R. Não; ela acreditou no início; iludiu-se; a cena que lhe fiz abriu-lhe os olhos; então, ela ficou contente com esse pretexto para se desembaraçar de mim.
3. E vós, a amavas sinceramente? - R. Tinha paixão por ela: eis tudo, eu acreditava; se amasse com amor puro, não teria querido causar-lhe pesar.
4. Se ela soubesse que querieis realmente vos matar, teria persistido em sua recusa? - R. Não sei; não creio, porque ela não é má; mas ela seria infeliz; foi melhor para ela que isso se passou assim.
5. Chegando à sua porta, tínheis a intenção de vos matar em caso de recusa? - R. Não; não pensava nisso; não acreditava que ela seria tão obstinada; não foi senão quando vi sua obstinação, quando então a vertigem me tomou.
6. Pareceis não lamentar o vosso suicídio senão porque Victorine não a merecia; é o único sentimento que experimentais? - R. Neste momento, sim; estou ainda todo perturbado; parece-me estar à sua porta; mas sinto outra coisa que não posso definir.
7. Compreendê-la-eis mais tarde? -- R. Sim, quando estiver esclarecido... Fiz mal; devia deixá-la tranqüila... Fui fraco e disso carregou a pena... Vede bem, a paixão cega o homem e leva-o a fazer tolices. Só o compreende quando não há mais tempo.

8. Dissestes que disso carregavas a pena; que pena sofreis? -R. Errei em abreviar minha vida; não o devia; devia suportar tudo antes que pôr-lhe fim antes do tempo; aliás, sou infeliz; sofro; é sempre ela quem me faz sofrer; ela me parece ainda ali, à sua porta; a ingrata! Não me faleis dela mais; não quero nela mais pensar, isso me faz muito mal. Adeus.

Observação sobre o desenho da casa de Mozart

Revista Espírita, setembro de 1858

Um dos nossos assinantes nos escreveu o que segue, a propósito do desenho que publicamos em nosso último número:

"O autor do artigo disse, página 231: *A clave de sol aí está freqüentemente repetida, e, coisa bizarra, jamais a clave de fa.* Pareceria que os olhos do médium não teriam percebido todos os detalhes do rico desenho que sua mão executou, porque um músico nos assegurou que é fácil reconhecer, direita e invertida, a clave de *fa* na ornamentação da base do edifício, no meio da qual mergulha a parte inferior do arco de violino, assim como no prolongamento dessa ornamentação à esquerda da ponta do grande alaúde. O mesmo músico pretende, por outro lado, que a clave de *uf*, antiga forma, figura, ela também, sobre as lajes próximas da escada da direita."

Nota. - Inserimos com tanto mais bom grado essa observação, quanto ela prova até que ponto o pensamento do médium permaneceu estranho à confecção do desenho. Examinando as partes assinaladas, reconhece-se neles, com efeito, claves de *fa* e de *uf* com as quais o autor ornou seus desenhos sem que se possa disso duvidar. Quando é visto no trabalho, concebe-se facilmente a ausência de toda concepção premeditada e toda vontade; sua mão, arrastada por uma força oculta, faz no lápis ou no buril o andamento mais irregular e o mais contrário aos preceitos mais elementares da arte, indo, sem cessar, com uma rapidez estranha de um lado ao outro da prancha sem deixá-la, para retornar cem vezes ao mesmo ponto; todas as partes são assim começadas e continuadas ao mesmo tempo, sem que nenhuma seja acabada antes de empreender uma outra. Disso resulta, à primeira vista, um conjunto incoerente, do qual não se compreende o fim senão quando tudo está terminado. Esse andamento singular não é o próprio do senhor Sardou; vimos todos os médiuns desenhistas procederem do mesmo modo. Conhecemos uma senhora, pintora de mérito e professora de desenho, que goza dessa faculdade. Quando ela desenha como médium, opera, malgrado ela, contra as regras, e por um procedimento que lhe seria impossível seguir quando trabalha sob a sua própria inspiração e em seu estado normal. Seus alunos, disse-nos ela, ririam muito se lhes ensinasse a desenhar à maneira dos Espíritos.

Allan Kardec.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Primeiro Ano – 1858

Outubro

- [Obsedados e subjugados](#)
- [Emprego oficial do magnetismo animal - A doença do rei da Suécia](#)
- [O magnetismo e o sonambulismo ensinados pela Igreja](#)
- [O mal do medo - O rumo do doutor F. - Problema fisiológico](#)
- [Teoria do móvel de nossas ações, pelo senhor R, correspondente do Instituto, membro da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [Morte de cinco crianças por um menino de 12 anos - Problema Moral](#)
- [Questões de Espiritismo legal a propósito das casas mal-assombradas pelos Espíritos - Anedotas](#)
- [Manifestações da rua du Bac, em Paris](#)
- [Fenômeno de aparição no Kentucky](#)

Obsedados e subjugados

Revista Espírita, outubro de 1858

Freqüentemente, se tem falado dos perigos do Espiritismo, e é de notar-se que aqueles que mais protestam a esse respeito são precisamente os que o conhecem pouco, quase só de nome. Já refutamos os principais argumentos que lhe são opostos, e não voltaremos a eles; acrescentaremos somente que querendo-se proscriver da sociedade tudo o que pode oferecer perigo e dar lugar a abusos, não sabemos o que restaria, mesmo das coisas de primeira necessidade, a começar pelo fogo, causa de tantas infelicidades, depois as estradas de ferro, etc., etc. Crendo-se que as vantagens compensam os inconvenientes, deve ser a mesma coisa em tudo; a experiência indica, sucessivamente, as precauções a tomar para se garantir quanto ao perigo das coisas que não se podem evitar.

O Espiritismo apresenta, com efeito, um perigo real, mas não é aquele que se crê, é preciso estar iniciado nos princípios da ciência para bem compreender. Não é somente àqueles que lhe são estranhos que nos dirigimos; é aos próprios adeptos, aqueles que o praticam, porque o perigo é para eles. Importa que o conheçam, a fim que se mantenham em guarda: perigo previsto, sabe-se, é a metade evitada. Diremos mais: aqui, para quem está bem compenetrado da ciência, ele não existe; não existe senão para aqueles que crêem saber e não sabem; quer dizer, como em todas as coisas, para aqueles a quem falta a experiência necessária.

Um desejo bem natural, em todos aqueles que começam a se ocupar do Espiritismo, é de ser médium, mas sobretudo, médium escrevente. Com efeito, é o gênero que oferece mais atrativo pela facilidade das comunicações, e que pode melhor se desenvolver pelo exercício. Compreende-se a satisfação que deve experimentar aquele que, pela primeira vez, vê serem formadas, sob sua mão, as letras, depois as palavras, depois as frases que respondem ao seu pensamento.

Essas respostas que traça maquinalmente, sem saber o que faz, que estão, o mais freqüentemente, fora de todas as suas idéias pessoais, não podem deixar-lhe nenhuma dúvida sobre a intervenção de uma inteligência oculta; também sua alegria é grande em poder conversar com os seres de além-túmulo, com esses seres misteriosos e invisíveis que povoam os espaços; seus parentes e seus amigos não estão mais ausentes; se não os vê pelos olhos, não deixam de estar ali; falam com ele, os vê pelo pensamento; pode saber se são felizes, o que fazem, o que desejam, trocar com eles boas palavras; compreende que sua separação não é eterna, e acelera com seus votos o instante em que poderá reunir-se a eles num mundo melhor. Isso não é tudo; quanto não vai saber por meio dos Espíritos que se comunicam por ele! Não vão levantar o véu de todas as coisas? Desde logo, nada mais de mistérios; não tem senão de interrogar, vai tudo conhecer. Já vê a antigüidade sacudir, diante dele, a poeira dos tempos, remexer as ruínas, interpretar as escrituras simbólicas e fazer reviver, aos seus olhos, os séculos passados. Este, mais prosaico, e pouco cuidadoso em sondar o infinito onde seu pensamento se perde, sonha, muito simplesmente, explorar os Espíritos para fazer fortuna. Os Espíritos que devem tudo ver, tudo saber, não podem recusar fazer-lhe descobrir algum tesouro oculto ou algum segredo maravilhoso. Quem se deu ao trabalho de estudar a ciência espírita, jamais se deixará seduzir por esses belos sonhos; sabe a que se prender sobre o poder dos Espíritos, sobre sua natureza e sobre o objetivo das relações que o homem pode estabelecer com eles. Lembraremos, primeiro, em poucas

palavras, os pontos principais que não é preciso jamais perder de vista, porque são como a chave da abóbada do edifício.

1° Os Espíritos não são iguais nem em poder, nem em saber, nem em sabedoria. Não sendo outra coisa senão as almas humanas desembaraçadas de seu envoltório corpóreo, apresentam ainda mais variedade do que não as encontramos entre os homens na Terra, porque vêm de todos os mundos; e que entre os mundos, a Terra não é nem o mais atrasado nem o mais avançado. Há, pois, Espíritos muito superiores, e outros muito inferiores; muito bons e muito maus, muito sábios e muito ignorantes; há levianos, malignos, mentirosos, velhacos, hipócritas, engraçados, espirituosos, zombadores, etc.

2° Estamos, sem cessar, cercados de um enxame de Espíritos que, por estarem invisíveis aos nossos olhos materiais, não deixam de estar no espaço, ao redor de nós, ao nosso lado, espiando nossas ações, lendo em nossos pensamentos, uns para nos fazerem o bem, outros para nos fazerem o mal, segundo sejam mais ou menos bons.

3° Pela inferioridade, física e moral, de nosso globo na hierarquia dos mundos, os Espíritos inferiores neles são mais numerosos que os Espíritos superiores.

4° Entre os Espíritos que nos cercam, há os que se ligam a nós, que agem mais particularmente sobre o nosso pensamento, nos aconselham, e dos quais seguimos o impulso, com o nosso desconhecimento; felizes se escutamos a voz daqueles que são bons.

5° Os Espíritos inferiores não se ligam senão àqueles que os escutam, junto aos quais têm acesso, e aos quais se prendem. Se chegam a imperar sobre alguém, se identificam com o seu próprio Espírito, o fascinam, o obsedam, o subjugam e o conduzem como uma verdadeira criança.

6° A obsessão jamais se dá senão pelos Espíritos inferiores. Os bons Espíritos não fazem experimentar nenhum constrangimento; eles aconselham, combatem a influência dos maus, e se não são escutados, afastam-se.

7° O grau do constrangimento e a natureza dos efeitos que ela produz marcam a diferença entre a obsessão, a subjugação e a fascinação.

A obsessão é a ação, quase que permanente, de um Espírito estranho que faz que se seja solicitado, por uma necessidade incessante, a agir em tal ou tal sentido, a fazer tal ou tal coisa.

A subjugação é uma ligação moral que paralisa a vontade daquele que a sofre, e o impele aos atos mais insensatos e, freqüentemente, mais contrários aos seus interesses.

A fascinação é uma espécie de ilusão produzida, seja pela ação direta de um Espírito estranho, seja por seus raciocínios capciosos, ilusão que engana sobre as coisas morais, falseia o julgamento e faz tomar o mal pelo bem.

8° O homem pode sempre, pela sua vontade, sacudir o jugo dos Espíritos imperfeitos, porque, em virtude de seu livre arbítrio, tem a escolha entre o bem e o mal. Se o constrangimento chegou ao ponto de paralisar sua vontade, e se a fascinação é muito grande para obliterar o seu julgamento, a vontade de uma outra pessoa pode substituí-la.

Dava-se, outrora, o nome de *possessão* ao império exercido pelo mau Espírito, quando sua influência ia até à aberração das faculdades; mas a ignorância e os preconceitos, freqüentemente, fizeram tomar por uma *possessão* o que não era senão o resultado de um estado patológico. A *possessão* seria, para nós, sinônimo da *subjugação*. Se não adotamos esse termo, foi por dois motivos: o primeiro porque implica a crença em seres criados para o mal e perpetuamente votados ao mal, ao passo que não há senão seres mais ou menos imperfeitos, que todos podem melhorar-se; o segundo porque implica, igualmente, a idéia de uma presa de *possessão* do corpo por um Espírito estranho, de uma espécie de coabitação, ao passo que não há senão constrangimento. A palavra *subjugação* reflete perfeitamente o pensamento. Assim, para nós, não há *possessos* no sentido vulgar da palavra, não há senão *obsedados, subjugados e fascinados*.

Foi por um motivo semelhante que não adotamos a palavra *demônio* para designar os Espíritos imperfeitos, embora esses Espíritos, freqüentemente, não valham mais que aqueles que se chamam demônios; foi unicamente por causa da idéia de especialidade e de perpetuidade que se liga a essa palavra. Assim, quando dizemos que não há demônios, não pretendemos dizer que não há senão bons Espíritos, longe disso; convenientemente, sabemos que há maus e muito maus, que nos solicitam para o mal, nos estendem armadilhas, e isso nada tem de admirar, uma vez que foram homens; queremos dizer que não formam uma classe à parte, na ordem da criação, e que Deus deixa a todas as suas criaturas o poder de se melhorarem.

Isto estando bem entendido, voltemos aos médiuns. Em alguns, os progressos são lentos, muito lentos mesmo, e, freqüentemente, colocam a paciência em uma rude prova. Em outros são rápidos, e, em pouco tempo, o médium chega a escrever com tanta facilidade e, algumas vezes, mais prontidão do que não o faria em seu estado comum. É então que ele pode se tomar de entusiasmo, e aí está o perigo, porque o entusiasmo enfraquece, e com os Espíritos é preciso ser forte. Dizer que o entusiasmo enfraquece, parece um paradoxo; e, todavia, nada de mais verdadeiro. O entusiasmo, dir-se-á, caminha com uma convicção e uma confiança que o faz superar todos os obstáculos, tem, pois, mais força. Sem dúvida; mas entusiasma-se pelo falso tão bem quanto pelo verdadeiro; aferrai-vos às mais absurdas idéias do entusiasta e delas fareis tudo o que quiserdes; o objeto de seu entusiasmo tem, pois, seu lado fraco, e por aí podereis sempre dominá-lo. O homem frio e impassível, ao contrário, vê as coisas sem brilho; combina-as, pesa-as, amadurece-a e não é seduzido por nenhum subterfúgio: é o que lhe dá a força. Os Espíritos malignos, que sabem disso tão bem e melhor do que nós, sabem também aproveitá-lo para subjugar aqueles que querem ter sob sua dependência, e a faculdade de escrever como médium lhes serve maravilhosamente, porque é um meio poderoso de captar a confiança, também não se lhes falta se o médium não souber colocar-se em guarda contra eles; felizmente, como veremos mais tarde, o mal traz em si o remédio.

Seja entusiasmo, seja fascinação dos Espíritos, seja amor próprio, o médium psicógrafo, geralmente, é levado a crer que os Espíritos que se comunicam consigo são Espíritos superiores, e isso tanto melhor que esses Espíritos vendo sua propensão não deixam de se enfeitar com títulos pomposos, se for preciso e segundo as circunstâncias, tomam nomes de santos, de sábios, de anjos, da Virgem Maria mesmo e desempenham seu papel, como comediantes vestidos com as roupas dos personagens que representam; arrancai-lhes a máscara e eles se tornarão Gros-Jean como antes; é aí que é preciso saber fazer com os Espíritos como com os homens.

Da crença cega e irrefletida na superioridade dos Espíritos que se comunicam, à confiança em

suas palavras, não há senão um passo, sempre como entre os homens. Se chegam a inspirar essa confiança, a conservam pelos sofismas e os mais capciosos raciocínios, os quais, freqüentemente, são aceitos sem refletir. Os Espíritos grosseiros são menos perigosos; são reconhecidos logo e não inspiram senão a repugnância; aqueles que são os mais temíveis, em seu mundo como no nosso, são os Espíritos hipócritas; não falam jamais senão com doçura, lisonjeiam as inclinações; são carinhosos, insinuantes, pródigos de palavras e de ternura, de protestos de devotamento. É preciso ser verdadeiramente forte para resistir a semelhantes seduções. Mas onde está o perigo, dir-se-á, com Espíritos impalpáveis? O perigo está nos conselhos perniciosos que dão, sob a aparência da benevolência, nas providências ridículas, intempestivas ou funestas que fazem empreender. Vimo-los fazer, certos indivíduos, correrem de país em país à procura das mais fantásticas coisas, com risco de comprometerem a saúde, a fortuna e a própria vida. Vimo-los ditarem, com todas as aparências da gravidade, as coisas mais burlescas, as máximas mais estranhas. Como é bom colocar o exemplo ao lado da teoria, vamos narrar a história de uma pessoa, de nosso conhecimento, que se achou sob o império de uma fascinação semelhante.

O senhor F..., jovem instruído, de esmerada educação, de um caráter doce e benevolente, mas um pouco fraco e sem resolução pronunciada, havia se tornado, prontamente, médium escrevente muito hábil. Obsedado pelo Espírito que se apossou dele e não lhe dava nenhum repouso, ele escrevia sem cessar, desde que uma caneta, um lápis lhe caísse na mão, os tomava por um movimento convulsivo e se punha a encher páginas inteiras, em alguns minutos. Na falta do instrumento, simulava escrever com o dedo, por toda a parte que se encontrasse, nas ruas, nas paredes, nas portas, etc., entre outras coisas que lhe ditava, esta era uma: "O homem é composto de três coisas: o homem, o mau Espírito e o bom Espírito. Tendes todos vosso mau Espírito que está ligado ao corpo por laços materiais. Para expulsar o mau Espírito, é preciso quebrar esses laços, e para isso é preciso enfraquecer o corpo. Quando o corpo está suficientemente enfraquecido, o laço se rompe, o mau Espírito se vai, e não fica senão o bom." Em consequência dessa bela teoria, fizeram-no jejuar durante cinco dias consecutivos e vigiar à noite. Quando estava extenuado, disseram-lhe: "Agora o negócio está feito, o laço está rompido; teu mau Espírito partiu, não resta mais senão nós, que é preciso acreditar sem reservas." E ele, persuadido de que seu mau Espírito havia fugido, acrescentava uma fé cega a todas as suas palavras. A subjugação chegada a esse ponto, que se lhe tivesse dito para lançar-se às águas ou partir para os antípodas, tê-lo-ia feito. Quando queriam levá-lo a fazer alguma coisa que lhe repugnava, sentia-se empurrado por uma força invisível. Damos uma amostra de sua moral; por ela se julgará o resto.

" Para ter as melhores comunicações, é preciso: 1º Orar e jejuar durante vários dias, uns mais, outros menos; esse jejum relaxa os laços que existem entre o eu e um demônio particular ligado a cada *eu* humano. Esse demônio está ligado a cada pessoa pelo envoltório que une o corpo e a alma. Esse envoltório, enfraquecido pela falta de alimentação, permite aos Espíritos *arrancar* esse demônio. Jesus desce, então, no coração da pessoa possuída, no lugar do mau Espírito. Esse estado de possuir Jesus em si é único meio de chegar a toda a verdade, e muitas outras coisas.

" Quando a pessoa conseguiu substituir o demônio por Jesus, não tem ainda a verdade. Para ter a verdade, é preciso crer, Deus não dá jamais a verdade àqueles que duvidam: seria fazer alguma coisa de inútil, e Deus não faz nada em vão. Como a maioria dos médiuns novos duvida do que diz ou escreve, os bons Espíritos são forçados, com seu pesar, pela ordem formal de Deus, a *mentir, e não podem senão mentir enquanto o médium não está convencido*, mas vindo a crer firmemente numa destas mentiras, logo os Espíritos elevados se apressam em lhe revelar os segredos do céu: a verdade completa dissipa, num instante, essa nuvem de erros da qual foram forçados para cobrir seu protegido.

" O médium chegado a esse ponto nada tem mais a temer, os bons Espíritos jamais o deixarão. Que não creia, entretanto, ter sempre a verdade, e nada senão a verdade. Os bons Espíritos, seja para prová-lo, seja para puni-lo por suas faltas passadas, seja para castigar questões egoísticas ou curiosas, lhe infligem *correções físicas e morais*, vêm atormentá-lo da parte de Deus. Esses Espíritos elevados, freqüentemente, se lamentam pela triste missão que cumprem: um pai persegue seu filho semanas- inteiras, um amigo seu amigo, tudo para maior felicidade do médium. Os *nobres* Espíritos, então, dizem loucuras, blasfêmias e mesmo torpezas. E preciso que o médium se firme e diga: Vós me tentais; sei que estou nas mãos caridosas de Espíritos bons e afetuosos; que os maus não podem mais se aproximar de mim. Boas almas que me atormentais, não me impedireis de crer no que me dissestes e no que me direis ainda.

" Os católicos expulsam mais facilmente o demônio (esse jovem era protestante), porque afastam um instante o dia do batismo. Os católicos são julgados pelo Cristo, e os outros por Deus; vale mais ser julgado pelo Cristo. Os protestantes erram em não admitir isso: também é preciso fazer-te católico o mais cedo possível; à espera disso vai tomar água benta: esse será teu batismo."

Nota. - O jovem em questão, estando curado mais tarde da obsessão da qual era objeto, pelos meios que relataremos, lhe havíamos pedido para nos escrever a história e dar-nos os próprios textos dos preceitos que lhe foram ditados. Transcrevendo-os, acrescentou na cópia que nos remeteu: *eu me pergunto se não ofendo a Deus e os bons Espíritos transcrevendo semelhantes tolices*. A isso nós lhe respondemos: Não, não ofendeis a Deus; longe disso, uma vez que reconheceis agora a armadilha na qual havíeis caído. Se vos pedi a cópia dessas máximas perversas, foi para desonrá-las como o merecem, desmascarar os Espíritos hipócritas, e colocar em guarda quem receber semelhante coisa.

Um dia lhe fizeram escrever *Morrerás esta noite*; a que ele respondeu: Estou muito entediado deste mundo; morramos se for preciso, não peço nada melhor; que eu não sofra mais, é tudo o que desejo. - À noite adormeceu, crendo firmemente não mais despertar na Terra. No dia seguinte, ficou todo surpreso, e mesmo desapontado, em se encontrar em seu leito costumeiro. Durante o dia, escreveu: "Agora que passaste pela prova da morte, que creste firmemente morrer, estás como morto para nós; podemos dizer-te toda a verdade; saberás tudo; não há nada oculto para nós; não haverá nada mais oculto para ti. Tu és Shakespeare reencarnado. Shakespeare não é tua bíblia para ti?" (O senhor F... sabia perfeitamente o inglês, e se comprazia na leitura das obras-primas dessa língua).

No dia seguinte escreveu: Tu és Satã. - Isto começa a ficar muito forte, respondeu o senhor F... - Não fizeste... Não, devoraste o paraíso perdido? Aprisionaste a *Filha do diabo* de Bérangen sabias que Satã se converteria: Não o acreditaste sempre, dito sempre, escrito sempre? Para se converter ele se reencarna. Eu gostaria de ter sido um anjo rebelde qualquer; mas o rei dos anjos...! - Sim, eras o anjo da nobreza; não eras mau, confiaste eu teu coração; é essa altivez que é preciso abater; eras o anjo do orgulho, e os homens o chamam Satã, que importa o nome! Tu foste o mau gênio da Terra... Eis-te humilhado... Os homens vão progredir... Verás maravilhas. Enganaste os homens; enganaste a mulher na personificação de Eva, a mulher pecadora. Está dito que Maria, a personificação da mulher sem mácula, esmagar-te-á a cabeça; Maria virá. - Um instante depois ele escreveu lentamente e com doçura: "Maria vem te ver; Maria, que foi te procurar no fundo de teu reino de trevas, não te abandonará Eleva-te, Satã, e Deus está pronto a te estender os braços. Leia *o Filho pródigo*. Adeus."

Numa outra vez escreveu: "A serpente disse a Eva: Vossos olhos estarão abertos e sereis

como deuses. O demônio disse a Jesus: Eu te darei todo o poder. A ti o disse uma vez que creste em nossas palavras: Nós te amamos; saberás tudo... Tu serás rei da Polônia."

"Perseverarás nas boas disposições onde te colocamos. *Esta lição dá um grande passo à ciência espírita.* Ver-se-á que os bons Espíritos podem dizer futilidades e mentiras para se divertirem com os sábios. Allan Kardec disse que esse era um meio mau para reconhecer os Espíritos, em fazê-los confessar Jesus em carne. Eu digo que só os bons Espíritos confessam Jesus em carne e eu o confesso. Diga isso a Kardec."

Todavia o Espírito teve o pudor de não aconselhar o senhor F... para imprimir essas belas máximas; se o tivesse dito tê-lo-ia feito, sem nenhuma dúvida e seria uma ação má, porque deu-as como uma coisa séria.

Encheríamos um volume com todas as tolices que lhe foram ditadas e com todas as circunstâncias que a seguiram. Fizeram-no, entre outras coisas, desenhar um edifício cujas dimensões eram tais que as folhas de papel necessárias, coladas em conjunto, ocuparam a altura de dois andares.

Notar-se-á que, em tudo isso, não há nada de grosseiro, nada de trivial; é uma seqüência de raciocínios sofisticados que se encadeiam com uma aparência de lógica. Há, nos meios empregados para enganar, uma arte verdadeiramente infernal e se pudéssemos narrar todas essas conversas, ver-se-ia até que ponto se estendia a astúcia e com que agilidade as palavras melosas eram prodigalizadas oportunamente. O Espírito que desempenhava o principal papel, nesse assunto, tomava o nome de François Dillois, quando não se cobria com a máscara de um nome respeitado. Soubemos mais tarde o que esse Dillois fora quando vivo, e então nada nos admirou mais em sua linguagem. Mas, no meio de todas essas extravagâncias, era fácil reconhecer um bom Espírito que lutava por fazer ouvir, de tempo em tempo, algumas boas palavras para desmentir os absurdos dos outros; havia um combate evidente, mas a luta era desigual; o jovem estava de tal modo subjugado, que a voz da razão era impotente sobre ele. O Espírito de seu pai, particularmente, fê-lo escrever isto: "Sim, meu filho, coragem! Sofres uma rude prova, que é para o teu bem futuro; infelizmente nada posso, neste momento, para dela te livrar, isso me custa muito. Vai ver Allan Kardec; escuta-o e ele te salvará."

O senhor F..., com efeito, veio me procurar contou-me sua história; fi-lo escrever em minha presença, e, desde o início, reconheci, sem dificuldade, a influência perniciosa sob a qual se encontrava, seja pelas palavras, seja por certos sinais materiais que a experiência faz reconhecer e que não podem enganar. Retornou várias vezes; empreguei toda a força de minha vontade para chamar os bons Espíritos por seu intermédio, toda a minha retórica, para provar-lhe que era o juguete de Espíritos detestáveis; o que ele escrevia não tinha o senso comum, e além disso era profundamente imoral; associei-me, para esta obra caridosa, a um dos meus colegas mais devotados, o senhor T..., e, por nós dois, pouco a pouco, chegamos a fazê-lo escrever coisas sensatas. Tomou aversão pelo seu mau gênio, repelia-o, por sua vontade, cada vez que tentava se manifestar, e, pouco a pouco, só os bons Espíritos sobressaíam. Para desviar suas idéias, se entregava, da manhã à noite, segundo o conselho dos Espíritos, a um trabalho rude que não lhe deixava tempo para escutar as más sugestões. O próprio Dillois acabou por se confessar vencido e por exprimir o desejo de se melhorar em uma nova existência; confessou o mal que havia querido fazer, e disso testemunhou seu arrependimento. A luta foi longa, penosa, e ofereceu particularidades verdadeiramente curiosas para o observador. Hoje que o senhor F... se sente livre, está feliz; parece-lhe estar aliviado de um fardo; retomou sua alegria, e nos agradece pelo serviço que lhe prestamos.

Certas pessoas deploram que haja Espíritos maus. Com efeito, não é sem um certo desencantamento que se encontra a perversidade nesse mundo, onde não se gostaria de encontrar senão seres perfeitos. Uma vez que as coisas são assim, nada podemos: é preciso tomá-las tais como são. É nossa própria inferioridade que faz com que os Espíritos imperfeitos pululem ao nosso redor; as coisas mudarão quando formos melhores, assim como ocorre nos mundos mais avançados. À espera disso, enquanto estamos ainda no fundo do universo moral, somos advertidos: compete a nós colocarmo-nos em guarda e não aceitar, sem controle, tudo o que se nos diz. A experiência, esclarecendo-nos, deve tornar-nos circunspectos. Ver e compreender o mal é um meio de se preservar dele. Não haveria cem vezes mais perigo em se iludir sobre a natureza dos seres invisíveis que nos cercam? Ocorre o mesmo nesse mundo, onde, cada dia, estamos expostos à malevolência e às sugestões pérfidas: essas são tantas outras provas às quais nossa razão, nossa consciência e nosso julgamento nos dão os meios para resistir. Quanto mais a luta for difícil, maior será o mérito pelo sucesso: "Vencendo sem perigo, triunfa-se sem glória."

Essa história que, infelizmente, não é a única do nosso conhecimento, levanta uma questão muito grave. Não foi, para esse homem jovem, dir-se-á, uma coisa deplorável ser médium? Não foi essa faculdade que lhe causou a obsessão da qual era objeto? Em uma palavra, não é uma prova do perigo das comunicações espíritas?

Nossa resposta é fácil, e pedimos meditá-la com cuidado.

Não foram os médiuns que criaram os Espíritos, estes existem de todos os tempos, e em todos os tempos exerceram sua influência, salutar ou pernicioso, sobre os homens. Não há, pois, a necessidade de ser médium para isso. A faculdade medianímica, para eles, não é senão um meio de se manifestarem; à falta dessa faculdade, fazem-no de mil outras maneiras. Se esse jovem não fosse médium, não estaria menos sobre a influência desse mau Espírito que, sem dúvida, tê-lo-ia feito cometer extravagâncias que não se poderiam atribuir a qualquer outra causa. Felizmente para ele, a sua faculdade de médium, permitindo ao Espírito se comunicar por palavras, foi por essas palavras que o Espírito se traiu; elas permitiram conhecer a causa do mal que poderia ter sido, para ele, de conseqüências funestas, e que destruimos, como se viu, por meios bem simples, bem racionais, e sem exorcismo. A faculdade mediúnica permitiu ver o inimigo, se assim se pode dizer, face a face, e combatê-lo com as suas próprias armas. Pode-se, pois, com inteira certeza, dizer que ela o salvou; quanto a nós, não fomos senão os médicos que, julgando a causa do mal, aplicamos o remédio. Seria um grave erro crer que os Espíritos não exercem sua influência senão pelas comunicações escritas ou verbais; essa influência é de todos os instantes, e aqueles que não crêem nos Espíritos a ela estão expostos como os outros, e mesmo mais expostos que os outros, porque não têm contrapeso. A quantos atos não se é compelido, para sua infelicidade, e que se teria evitado tendo um meio de se esclarecer! Os mais incrédulos não crêem ser tão verdadeiros quando dizem, de um homem, que se engana com obstinação: São maus gênios que o empurram para a sua perdição.

Regra geral. Quem tem más comunicações espíritas, escritas ou verbais, está sob uma influência má; essa influência se exerce sobre ele, quer escreva ou não escreva, quer dizer, quer seja ou não médium. A escrita dá um meio de se assegurar da natureza dos Espíritos que atuam sobre ele, e de combatê-los, o que se faz, ainda, com mais sucesso, quando se chega a conhecer o motivo que os faz agir. Se é bastante cego para não compreendê-lo, outros podem abrir-lhe os olhos. Aliás, é necessário ser médium para escrever absurdos? E quem diz que, entre todas as elocubrações ridículas ou perigosas, não há aquelas cujos autores são impelidos por algum Espírito malevolente? As três quartas partes de nossas más ações e de nossos maus pensamentos são o fruto dessa sugestão oculta.

Se o senhor F... não fosse médium, perguntar-se-á, poderia ele mesmo fazer essa obsessão cessar? Seguramente; somente os meios teriam diferido, segundo as circunstâncias; mas, então, os Espíritos não podendo nos dirigir, como o fizeram, provavelmente, ter-se-ia desprezado a causa, se não houvera manifestação espírita ostensiva. Todo homem que disso tem vontade, e que é simpático aos bons Espíritos, pode sempre, com a ajuda destes, paralisar a influência dos maus. Dizemos que deve ser simpático aos bons Espíritos, porque se atrai, ele mesmo, inferiores, é evidente que é querer caçar lobos com lobos.

Em resumo, o perigo não está no próprio Espiritismo, uma vez que ele pode, ao contrário, servir de controle, e preservar daquele que corremos, sem cessar, com o nosso desconhecimento; está na propensão de certos médiuns crerem-se, muito levemente, os instrumentos exclusivos de Espíritos superiores, e na espécie de fascinação que não lhes permite compreender as tolices das quais são os intérpretes. Aqueles mesmos que não são médiuns, nisso podem se deixar prender. Terminaremos este capítulo com as considerações seguintes:

1° Todo médium deve desconfiar do arrastamento irresistível que o leva a escrever sem cessar e em momentos inoportunos; deve ser senhor de si mesmo, e não escrever senão quando quiser

2° Não são dominados os Espíritos superiores, nem mesmo aqueles que, sem serem superiores, são bons e benevolentes, mas podem-se dirigir e domar os Espíritos inferiores. Quem não é senhor de si mesmo não pode sê-lo dos Espíritos;

3° Não há outro critério para discernir sobre o valor dos Espíritos, senão o bom senso. Toda fórmula dada, para esse efeito, pelos próprios Espíritos é absurda, e não pode emanar de Espíritos superiores;

4° Julgam-se os Espíritos, como os homens, pela sua linguagem. Toda expressão, todo pensamento, toda máxima, toda teoria moral ou científica que se choque com o bom senso, ou não responde à idéia que se faz de um Espírito puro e elevado, emana de um Espírito mais ou menos inferior, 5° Os Espíritos superiores têm, sempre, a mesma linguagem com a mesma pessoa e não se contradizem nunca;

6° Os Espíritos superiores são, sempre, bons e benevolentes; não há jamais, em sua linguagem, nem acrimônia, nem arrogância, nem amargor, nem fanfarrice, nem tola presunção. Falam simplesmente, aconselham, e se retiram se não são escutados;

7° Não é preciso julgar os Espíritos quanto à forma material e a correção de sua linguagem, mas sondá-la em seu sentido íntimo, escutar suas palavras, pesá-las friamente, maduramente e sem prevenção. Todo desvio do bom senso, da razão e da sabedoria, não podem deixar dúvida quanto à sua origem, qualquer que seja o nome com o qual se vista o Espírito;

8° Os Espíritos inferiores temem aqueles que escutam suas palavras, desmascaram suas torpezas e não se deixam prender pelos seus sofismas. Algumas vezes, podem ensaiar resistir, mas acabam sempre por deixar a vítima quando se vêem os mais fracos;

9° Quem age, em todas as coisas, tendo em vista o bem, se eleva pelo pensamento acima das vaidades humanas, expulsa do seu coração o egoísmo, o orgulho, a inveja, o ciúme, o

ódio, perdoa os seus inimigos e põe em prática esta máxima do Cristo: "Fazer aos outros o que se gostaria que fizessem a si mesmo," simpatiza com os bons Espíritos; os maus o temem e se afastam dele.

Seguindo esses preceitos, proteger-se-á das más comunicações, da dominação de Espíritos impuros, e aproveitando tudo o que nos ensinam os Espíritos verdadeiramente superiores, contribuir-se-á, cada um por sua parte, para o progresso moral da Humanidade.

Emprego oficial do magnetismo animal

A doença do rei da Suécia

Revista Espírita, outubro de 1858

Escreveu-se de Estocolmo, em 10 de setembro de 1858, ao *Journal dês Débats*:

"Infelizmente, nada tenho de muito consolador a vos anunciar quanto à doença da qual sofre, desde logo aos dez anos, o nosso soberano. Todos os tratamentos e remédios que as pessoas credenciadas prescreveram nesse intervalo, não trouxeram nenhum alívio aos sofrimentos que acabrunham o rei Oscar. *Seguindo o conselho de seus médicos*, o senhor Klugenstiem, que goza de alguma reputação como magnetizador, foi recentemente chamado ao castelo de Drottningholm, onde continua a residir a família real, para proporcionar, ao augusto doente, um tratamento periódico de magnetismo.

Crê-se mesmo aqui que, por uma coincidência bastante singular, a sede da doença do rei Oscar se acha precisamente estabelecida nessa região da cabeça onde está colocado o cerebelo, como isso parece, infelizmente, ser o caso hoje do rei Frederico Guilherme IV, da Prússia."

Perguntamos se, há vinte e cinco anos somente, os médicos teriam usado propor, publicamente, um semelhante meio, mesmo a um simples particular, com mais forte razão a uma cabeça coroada? Nessa época, todas as Faculdades científicas, e todos os jornais, não tinham sarcasmo bastante para denegrirem o magnetismo e seus partidários. As coisas muito mudaram nesse curto espaço de tempo! Não somente não se ri mais do magnetismo, mas hei-lo oficialmente reconhecido como agente terapêutico. Que lição para aqueles que se riem das idéias novas! Fá-los-á enfim, compreenderem o quanto é imprudente inscrever-se em falso contra as coisas que não se compreendem? Temos uma multidão de livros escritos contra o magnetismo, por homens em evidência; ora, esses livros ficarão como uma mancha indelével sobre sua alta inteligência. Não teria sido melhor calar e esperar? Então, como hoje para o Espiritismo, se lhe opuseram a opinião dos mais eminentes homens, os mais esclarecidos e mais conscienciosos: nada abalava seu ceticismo. Aos seus olhos, o magnetismo não era senão um malabarismo indigno de pessoas sérias. Qual ação poderia ter um agente oculto, movido pelo pensamento e pela vontade, e do qual não se podia fazer análise química? Apressemos-nos em dizer que os médicos suecos não foram os únicos que mudaram de opinião sobre essa idéia estreita, e que por toda parte, na França como alhures, a opinião mudou completamente a esse respeito; e isso é tão verdadeiro que, quando se passa um fenômeno inexplicável, diz-se: é um efeito magnético. Acha-se, pois, no magnetismo a razão de ser de uma multidão de coisas que se levava à conta da imaginação, essa razão tão cômoda para aqueles que não sabem senão dizer.

O magnetismo curará o rei Oscar? É uma outra questão. Sem dúvida, ele tem operado curas prodigiosas e inesperadas, mas tem os seus limites, como tudo o que está na Natureza; e, aliás, é preciso ter em conta esta circunstância que a ele não se recorre, em geral, senão *in*

extremis e em desespero de causa, quando, freqüentemente, o mal fez progressos irremediáveis, ou foi agravado por uma medicação contrária Para que ele triunfe de tais obstáculos, é preciso que seja bem poderoso!

Se a ação do fluido magnético é hoje um ponto geralmente admitido, não ocorre o mesmo com respeito às faculdades sonambúlicas que encontram, ainda, muitos incrédulos no mundo oficial, sobretudo no que toca às questões médicas. Todavia, se convirá que os preconceitos, sobre esse ponto, estão singularmente enfraquecidos, mesmo entre os homens de ciência: disso temos a prova no grande número de médicos que fazem parte de todas as sociedades magnéticas, seja na França, seja no estrangeiro. Os fatos estão de tal modo vulgarizados, que é bem preciso ceder à evidência e seguir a corrente, bom ou malgrado. Logo isso ocorrerá com a lucidez intuitiva como com o fluido magnético.

O Espiritismo liga-se ao Magnetismo por laços íntimos (essas duas ciências são solidárias uma com a outra); e todavia, quem o teria acreditado? Ele encontra adversários obstinados mesmo entre certos magnetizadores que, eles, não os contam entre os espiritistas. Os Espíritos sempre preconizaram o magnetismo, seja como meio curativo, seja como causa primeira de uma multidão de coisas; eles defendem sua causa e vêm prestar-lhe apoio contra seus inimigos. Os fenômenos espíritas abriram os olhos a muitas pessoas, que ao mesmo tempo se juntaram ao Magnetismo. Não é bizarro ver os magnetizadores esquecerem tão cedo o que deveram sofrer com os preconceitos, negarem à existência de seus defensores, e lançarem contra eles os golpes que se lhes lançaram outrora? Isso não é grande, isso não é digno de homens aos quais a Natureza, revelando-lhes um dos mais sublimes mistérios, mais do que a ninguém, tirou o direito de pronunciar o famoso *nec plus ultra*. Tudo prova, no desenvolvimento rápido do Espiritismo, que ele também terá logo seu direito de burguesia; a espera disso, aplaude com todas as suas forças a categoria que acaba de alcançar o Magnetismo, como a um sinal incontestável do progresso das idéias.

O magnetismo e o sonambulismo ensinados pela Igreja

Revista Espírita, outubro de 1858

Acabamos de ver o Magnetismo reconhecido pela medicina, mas eis uma outra adesão que, sob um outro ponto de vista, não é de importância menos capital, no que ela é uma prova do enfraquecimento dos preconceitos, que idéias mais sadias fazem desaparecer cada dia, é a da Igreja. Temos sob os olhos um pequeno livro intitulado: *Resumo, em forma de catecismo, do Curso elementar de instrução cristã; para uso de catecismo e de escolas cristãs, pelo abade Marotte, vigário geral de Monsenhor, o bispo de Verdun; 1853.* Esta obra, redigida por perguntas e respostas, contém todos os princípios da doutrina cristã sobre o dogma, a História Santa, os mandamentos de Deus, os sacramentos, etc. Em um dos capítulos sobre o primeiro mandamento, onde tratou dos pecados opostos à religião, e depois de ter falado da superstição, da magia e dos sortilégios, lemos o que se segue:

"P. O que é o magnetismo?

"R. É uma influência recíproca que às vezes se opera entre indivíduos, depois de uma harmonia de relações; seja pela vontade ou pela imaginação, seja pela sensibilidade física e da qual os principais fenômenos são a sonolência, o sono, o sonambulismo, e um estado convulsivo.

"P. Quais são os efeitos do magnetismo?

"R. O magnetismo produz ordinariamente, diz-se, dois efeitos principais: 1° um estado de sonambulismo no qual o magnetizado, inteiramente privado do uso dos seus sentidos, vê, ouve, fala e responde a todas as perguntas que lhe são dirigidas; 2° *uma inteligência e um saber que não tem senão na crise; ele conhece seu estado, os remédios convenientes às suas enfermidades, o que fazem certas pessoas mesmo distantes.*

"P. É permitido, em consciência, magnetizar e se fazer magnetizar?

"R. Se, para a operação magnética, empregam-se meios, ou se por ela se obtêm efeitos que supõem uma intervenção diabólica, é uma obra supersticiosa e não pode jamais ser permitida; 2° ocorre o mesmo quando as comunicações magnéticas ofendem a modéstia; 3° supondo-se que se toma cuidado em afastar da prática do magnetismo todo abuso, todo o perigo para a fé e para os costumes, todo pacto com o demônio, é *duvidoso* que seja *permitido* a ele recorrer como a um remédio natural e útil."

Lamentamos que o autor tenha colocado esse último corretivo, que está em contradição com aquilo que precede. O efeito, por que o uso de uma coisa, reconhecida salutar, não seria permitido, quando dele se afastem todos os inconvenientes que assinala em seu ponto de vista? É verdade que não exprime uma proibição formal, mas uma simples *dúvida* sobre a permissão. Qualquer que ela seja, isso não se encontra em um livro sábio, dogmático, para uso único dos teólogos, mas em um livro elementar, *para uso de catecismo*, por

conseqüência destinado à instrução religiosa das massas; conseqüentemente não é uma opinião pessoal, é uma verdade consagrada e reconhecida de que o magnetismo existe, e produz o sonambulismo, que o sonâmbulo goza de faculdades especiais, que no número dessas faculdades está a de ver sem o socorro dos olhos, mesmo a distância, de ouvir sem o socorro dos ouvidos, de possuir conhecimentos que não tem no estado normal, de indicar os remédios que lhe são salutares. A qualidade do autor tem aqui um grande peso. Não é um homem obscuro quem fala, um simples sacerdote que emite sua opinião, é um vigário geral que ensina. Novo revés e nova advertência para aqueles que julgam com muita precipitação.

O mal do medo

Revista Espírita, outubro de 1858

Problema fisiológico dirigido ao Espírito de São Luís, na sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, de 14 de setembro de 1858.

Leu-se no *Moniteur* de 26 de novembro de 1857:

"Comunicam-nos o fato seguinte, que vem confirmar as observações já feitas sobre a influência do medo.

"O senhor doutor F... entrou ontem em sua casa depois de fazer algumas visitas aos seus clientes. No seu percurso lhe haviam entregue, como amostra, uma garrafa de excelente rum, autenticamente vindo da Jamaica. O doutor esqueceu na viatura a preciosa garrafa. Mas, algumas horas mais tarde, lembrou-se desse esquecimento e procurou a restituição, onde declarou ao chefe da estação que deixou em um de seus cupês uma garrafa de um veneno muito violento, e o exorta a prevenir os cocheiros para darem a maior atenção em não fazerem uso desse líquido mortal.

"O doutor F... entrara apenas em seu apartamento, quando vieram preveni-lo, a toda pressa, que três cocheiros da estação vizinha sofriam horríveis dores nas entranhas. Teve que se esforçar muito para tranquilizá-los e persuadi-los de que haviam bebido excelente rum, e que sua indelicadeza não poderia ter conseqüências mais graves além de uma suspensão, infligida imediatamente aos culpados."

1. - São Luís poderia nos dar uma explicação fisiológica dessa transformação das propriedades de uma substância inofensiva? Sabemos que, pela ação magnética, essa transformação pode ocorrer; mas no fato relatado acima, não houve emissão de fluido magnético; só a imaginação atuou e não a vontade.

R. - Vosso raciocínio é muito justo com respeito à imaginação. Mas os Espíritos malignos que levaram esses homens a cometerem esse ato de indelicadeza, fizeram passar no sangue, na matéria, um calafrio de medo que poderíeis chamar calafrio magnético, o qual estende os nervos e causa um frio em certas regiões do corpo. Ora, sabeis que todo frio nas regiões abdominais pode produzir eólicas. É, pois, um meio de punição que, ao mesmo tempo, leva os Espíritos que fizeram cometer o furto, a rirem às custas daqueles que fizeram pecar. Mas, em todos os casos, não se segue a morte: não há senão uma lição para os culpados e prazer para os Espíritos levianos. Também se apressam em recomeçar todas as vezes que a ocasião se lhes apresenta; procuram-na mesmo para sua satisfação. Podemos evitar isso (falo por vós), em nos elevando para Deus por pensamentos menos materiais do que aqueles que ocupam o espírito desses homens. Os Espíritos malignos gostam de rir; mantendo-vos em guarda: tal que crê dizer uma coisa agradável diante das pessoas que o cercam, aquele que diverte uma sociedade por seus gracejos ou seus atos, se engana freqüentemente, e mesmo muito freqüentemente, quando crê que tudo isso vem de si. Os Espíritos levianos que o cercam se identificam com ele mesmo e, freqüentemente, alternativamente o enganam sobre seus próprios pensamentos, assim como aqueles que o escutam. Credes, nesse caso, ter pela frente um homem de espírito, ao passo que, com mais freqüência, não é senão um ignorante.

Descei em vós mesmos, e julgareis as minhas palavras. Os Espíritos superiores não são, por isso, inimigos da alegria; algumas vezes gostam de rir também para vos ser mais agradáveis; mas cada coisa em seu tempo.

Nota. Dizendo que no fato reportado não havia emissão de fluido magnético talvez estivéssemos inteiramente na verdade. Arriscaremos aqui uma suposição. Sabe-se, como o dissemos, qual transformação das propriedades da matéria pode-se operar pela ação do fluido magnético dirigido pelo pensamento. Ora, não se poderia admitir que, pelo pensamento do médico que quisesse fazer crer na existência de um tóxico, e dar aos gatunos as angústias do envenenamento, ocorreria, embora à distância, uma espécie de magnetização do líquido que teria adquirido novas propriedades, cuja ação encontrar-se-ia corroborada pelo estado moral dos indivíduos, tornados mais impressionáveis pelo medo. Essa teoria não destruiria a de São Luís quanto à intervenção em semelhante circunstância; sabemos que os Espíritos agem fisicamente por meios físicos; podem, pois, se servirem, para cumprirem seus desígnios, daqueles que provocam, ou que nós mesmos lhes fornecemos com o nosso desconhecimento.

Teoria do móvel de nossas ações

Revista Espírita, outubro de 1858

O senhor R..., correspondente do Instituto de França, e um dos membros mais eminentes da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, desenvolveu as, considerações seguintes: na sessão de 14 de setembro, como corolário da teoria que acabara de ser dada a propósito do mal do medo, e que narramos mais acima:

"Resulta de todas as comunicações que são dadas pelos Espíritos, que eles exercem uma influência direta sobre as nossas ações, em nos solicitando, uns ao bem, os outros ao mal. São Luís acabou de nos dizer: "Os Espíritos malignos gostam de rir; mantende-vos em guarda; aquele que crê dizer uma coisa agradável às pessoas que o cercam, aquele que diverte uma sociedade por seus gracejos ou seus atos, se engana freqüentemente, e mesmo muito freqüentemente, quando crê que tudo isso vem de si. Os Espíritos levianos que o cercam se identificam com ele mesmo, e, com freqüência, alternativamente o enganam sobre seus próprios pensamentos, assim como àqueles que o escutam." Disso se segue que aquilo que dizemos não vem sempre de nós; que, com freqüência, não somos, como os médiuns falantes, senão intérpretes do pensamento de um Espírito estranho que se identifica com o nosso. Os fatos vêm em apoio dessa teoria, e provam que, muito a miúdo, também nossos atos são a consequência desse pensamento que nos é sugerido. O homem que faz mal cede, pois, a uma sugestão, quando ele é bastante fraco para não resistir, e quando fecha os ouvidos à voz da consciência, que pode ser a sua própria, ou a de um bom Espírito que combate nele, pelas suas advertências, a influência de um mau Espírito.

"Segundo a doutrina vulgar, o homem hauriria todos os seus instintos em si mesmo; proviriam seja de sua organização física, da qual não poderia ser responsável, seja de sua própria natureza, na qual pode procurar uma desculpa aos seus próprios olhos, dizendo que isso não é sua falta, se assim acreditou. A Doutrina Espírita, evidentemente, é mais moral; ela admite no homem o livre arbítrio em toda a sua plenitude; dizendo-lhe que se faz mal, cede a má sugestão estranha, disso deixa-lhe toda a responsabilidade, uma vez que lhe reconhece o poder de resistir, coisa evidentemente mais fácil do que se tivesse que lutar contra a sua própria natureza. Assim, segundo a Doutrina Espírita, não há arrastamento irresistível: o homem pode sempre fechar o ouvido à voz oculta que o solicita ao mal, em seu foro interior, como pode fechar à voz material daquele que lhe fala; ele o pode por sua vontade, pedindo a Deus a força necessária, e reclamando, para esse fim, a assistência dos bons Espíritos. E o que Jesus nos ensina na sublime prece do *Pater*, quando nos leva a dizer: "Não nos deixeis sucumbir à tentação, mas livrai-nos do mal."

Quando tomamos para texto de uma de nossas perguntas a pequena anedota que reportamos, não esperávamos o desenvolvimento que dela iria decorrer. Com isso estamos duplamente feliz, pelas belas palavras que nos valeram de São Luís e de nosso ho-norável colega. Se não estivéssemos edificadas, desde há muito tempo, quanto à capacidade deste último, e quanto aos seus profundos conhecimentos em matéria de Espiritismo, estaríamos tentados a crer fora dele mesmo, aplicação de sua teoria, e que São Luís dela se serviu para completar seu ensinamento. Á ela iremos juntar nossas próprias reflexões:

Essa teoria da causa excitante de nossos atos, evidentemente, ressalta de todo ensinamento dado pelos Espíritos; não só ela é sublime em moralidade, mas acrescentaremos que reabilita

o homem aos seus próprios olhos; mostra-o livre para sacudir um jugo obsessor, como é livre para fechar sua casa aos importunes: não é mais uma máquina agindo por um impulso independente de sua vontade, é um ser de razão, que escuta, que julga e que escolhe livremente entre dois conselhos. Acrescentemos que, apesar disso, o homem não é privado de sua iniciativa; não age menos com seu próprio movimento, uma vez que definitivamente não é senão um Espírito encarnado que conserva, sob o envoltório corpóreo, as qualidades e os defeitos que tinha como Espírito. As faltas que cometemos têm, pois, sua fonte primeira nas imperfeições de nosso próprio Espírito, que não atingiu ainda a superioridade moral que terá um dia, mas que não tem menos seu livre arbítrio; a vida corpórea lhe é dada para se purgar de suas imperfeições pelas provas que sofre, e são precisamente essas imperfeições que o tornam mais fraco e mais acessível às sugestões de outros Espíritos imperfeitos, que disso se aproveitam para tratarem de fazê-lo sucumbir na luta que empreende. Se sai vencedor dessa luta, ele se eleva; se fracassa, fica o que era, nem mais mau, fiem melhor, é uma prova para recomeçar, e isso pode durar muito tempo assim. Quanto mais se depura, mais seus lados fracos diminuem, e menos se entrega àqueles que o solicitam ao mal; sua força moral cresce em razão de sua elevação, e os maus Espíritos dele se afastam.

Quais são, pois, esses maus Espíritos? São os que se chamam os demônios? Não são demônios na acepção vulgar da palavra, porque se entende por aí uma classe de seres criados para o mal e perpetuamente votados ao mal. Ora, os Espíritos nos dizem que todos melhoram em um tempo mais ou menos longo, segundo sua vontade; mas enquanto são imperfeitos podem fazer o mal, como a água que não está depurada pode espalhar miasmas pútridos e mórbidos. No estado de encarnação, depuram-se se fazem o que é preciso para isso; no estado de Espíritos, sofrem as conseqüências do que fizeram ou não fizeram para se melhorarem, conseqüências que sofrem também na Terra, uma vez que as vicissitudes da vida, ao mesmo tempo, são expiações e provas. Todos esses Espíritos, mais ou menos bons, quando estão encarnados, constituem a espécie humana, e, como a nossa Terra é um dos mundos menos avançados, nela se encontram mais maus Espíritos do que bons, eis porque nela vemos tanto de perversidade. Façamos, pois, todos nossos esforços para não voltarmos depois desta estação, e para merecermos ir repousarmos num mundo melhor, num desses mundos privilegiados onde o bem reina sem divisão, e onde não nos lembraremos de nossa passagem neste mundo senão como um sonho mau.

Morte de cinco crianças por um menino de 12 anos

Revista Espírita, outubro de 1858

PROBLEMA MORAL

Leu-se na Gaze fie *de Si lese*:

"Escreveu-se de Bolkenham, em 20 de outubro de 1857, que um crime apavorante foi cometido por jovem menino de doze anos. Domingo último, 25 do mês, três filhos do senhor Hubner, fabricante de pregos, e dois filhos do senhor Fritche, sapateiro, jogavam juntos no jardim do senhor Fritche. O jovem H..., conhecido por seu mau caráter, se associou aos seus jogos e convenceu-os a entrarem em um baú depositado em uma casinha do jardim e que servia ao sapateiro para transportar suas mercadorias para a feira. As cinco crianças puderam nele entrar com dificuldade, mas se comprimiram e se colocaram umas sobre as outras, rindo. Logo que nele entraram, o monstro fechou o baú, sentou-se em cima, e ficou três quartos de hora escutando primeiro seus gritos, depois seus gemidos.

"Quando, enfim, seus estertores cessaram, que os acreditou mortos, abriu o baú; as crianças ainda respiravam. Ele fechou o baú, aferrolhou-o e se foi brincar com papagaio de papel. Mas foi visto, saindo do jardim, por uma jovem. Concebe-se a ansiedade dos pais, quando perceberam o desaparecimento de seus filhos, e seu desespero quando, depois de longa procura, encontram-nos no baú. Uma das crianças vivia ainda, mas não tardou em entregar sua alma. Denunciado pela jovem que o havia visto sair do jardim, o jovem H... confessou seu crime com o maior sangue-frio e sem manifestar nenhum arrependimento. As cinco vítimas, um menino e quatro meninas de quatro a nove anos, foram enterrados juntos, hoje.

Nota. - O Espírito interrogado foi o da irmã do médium, morto há doze anos; mas que sempre mostrou superioridade como Espírito.

1. Ouvistes o relato que acabamos de ler da morte cometida na Silésia, por um menino de doze anos sobre cinco outras crianças? - R. Sim; minha pena exige que eu escute ainda as abominações da Terra.
2. Qual motivo pôde levar uma criança dessa idade a cometer uma ação tão atroz e com tanto sangue-frio? - R. A maldade não tem idade; ela é ingênua numa criança; é raciocinada no homem feito.
3. Quando ela existe numa criança, sem raciocínio, isso não denota a encarnação de um Espírito muito inferior? - R. Ela vem, então, diretamente da perversidade do coração; é o seu Espírito que o domina e o leva à perversidade.
4. Qual poderia ter sido a existência anterior de um Espírito semelhante? - R. Horrível.
5. Em sua existência anterior, ele pertencia à Terra ou a um mundo ainda mais inferia? - R.

Não o vejo bem; mas devia pertencer a um mundo bem mais inferior que a Terra: ele *ousou* vir à Terra; por isso será duplamente punido.

6. Nessa idade a criança tinha bem consciência do crime que cometia, e dele tem a responsabilidade como Espírito? - R. Ele tinha a idade da consciência, é bastante.

7. Uma vez que esse Espírito havia *ousado* vir à Terra, que é muito elevada para ele, pode ser constrangido a retornar para o mundo em relação com a sua natureza? - R. A punição é justamente de retroceder; ele mesmo é o inferno. É a punição de Lúcifer, do homem espiritual rebaixado até a matéria; quer dizer, o véu que Ihe esconde, de hoje em diante, os dons de Deus e sua divina proteção. Esforçai-vos, pois, para reconquistar esses bens perdidos; tereis ganho o paraíso que o Cristo veio vos abrir. É a presunção, o orgulho do homem que gostaria de conquistar o que só Deus pode ter.

Nota. - Uma observação é feita a propósito da palavra *ousou*, da qual se serviu o Espírito, e dos exemplos que foram citados concernentes à situação de Espíritos que se encontraram em mundos muito elevados para eles, e que foram obrigados a retornar para um mundo mais em harmonia com a sua natureza. Uma pessoa fez notar, a esse respeito, que foi dito que os Espíritos não podem retrogradar. A isso respondeu que, com efeito, foi dito que os Espíritos não podem retrogradar no sentido de que não podem perder o que adquiriram em ciência e em moralidade; mas eles podem decair como posição. Um homem que usurpe uma posição superior àquela que Ihe conferem suas capacidades ou sua fortuna pode ser constrangido a abandoná-la e retornar ao seu lugar natural; ora, não está aí o que se pode chamar decair, uma vez que não fez senão reentrar em sua esfera, de onde saiu por ambição ou por orgulho. Ocorre o mesmo com respeito aos Espíritos que querem se elevar muito depressa nos mundos onde se encontram deslocados.

Espíritos superiores podem igualmente se encarnar em mundos inferiores, para irem cumprir uma missão de progresso; isso não pode chamar-se de retrogradar, porque é devotamento.

8. Em que a Terra é superior ao mundo ao qual pertence o Espírito do qual acabamos de falar? - R. Nele há uma fraca idéia da justiça; é um começo de progresso.

9. Disso resulta que, em mundos inferiores à Terra, não há nenhuma idéia de justiça? - R. Não; os homens aí não vivem senão para eles, e não têm por motivação senão a satisfação de suas paixões e de seus instintos.

10. Qual será a posição desse Espírito em uma nova existência? - R. Se o arrependimento vier apagar, senão inteiramente pelo menos em parte, a enormidade de suas faltas, então ele permanecerá na Terra; se, ao contrário, ele persistir nisso que chamais a impenitência final, ele irá para uma morada onde o homem está no nível do animal.

11. Assim, pode ele encontrar, sobre essa Terra, os meios de expiar suas faltas sem ser obrigado a retornar para um mundo inferior? - R. O arrependimento é sagrado aos olhos de Deus; porque é o homem que julga a si mesmo, o que é raro em vosso planeta.

Questões de Espiritismo legal

Revista Espírita, outubro de 1858

Tomamos o fato seguinte do *Courrier du Falais* que o senhor Frédéric Thomas, advogado junto à Corte imperial, publicou em *la Presse* do dia 2 de agosto de 1858. Citamos textualmente, para não descolorir a narração do espiritual escritor. Nossos leitores, facilmente, notarão a forma leve que ele sabe dar, tão agradavelmente, às coisas mais sérias. Depois de apreciar vários assuntos, ele acrescenta:

"Temos um processo bem mais estranho do que este a vos oferecer em uma perspectiva próxima: já o vemos despontar no horizonte, no horizonte do Meio Dia; mas onde conduzirá ele? Os ferros estão no fogo, nos escreveram; mas essa segurança não basta. Heis do que se trata:

Um Parisiense leu, num jornal, que um velho castelo estava à venda nos Pirineus; comprou-o, e, desde os primeiros belos dias da bela estação, ali foi se instalar com os amigos.

Ceia-se alegremente, depois vai se deitar mais alegremente ainda. Resta a noite a passar a noite num velho castelo, perdido na montanha. No dia seguinte, todos os convidados se levantam de olhos desvairados, rostos espantados; vão procurar seu hospedeiro, e todos lhe fazem a mesma pergunta com um ar misterioso e lúgubre: não viste nada esta noite?

O proprietário não responde, tanto ele mesmo está apavorado; contenta-se em fazer um sinal de cabeça afirmativo.

Então, confia-se, a voz baixa, as impressões da noite: um ouviu vozes lamentosas, o outro ruídos de correntes; este viu a tapeçaria se mover, aquele um baú saudá-lo; outros sentiram que morcegos gigantescos pousavam sobre seus peitos; é um castelo da Dama -Branca. Os domésticos declaram que, como ao fazendeiro Dickson, os fantasmas os puxaram pelos pés. O que mais ainda? Os leitos passeiam, as campainhas fazem muito barulho sozinhas, palavras fulgurantes sulcam as velhas chaminés:

Decididamente esse castelo é inabitável: os mais apavorados fogem imediatamente, os mais intrépidos afrontam a prova de urna segunda noite.

Até meia-noite tudo vai bem, mas desde que o relógio da torre do norte lançou no espaço seus doze soluços, logo as aparições e os ruídos recomeçam; de todos os cantos se lançam fantasmas, monstros com olhar de fogo, dentes de crocodilo, asas peludas: tudo isso grita, pula, range e faz uma algazarra do inferno.

Impossível resistir a essa segunda experiência. Desta vez todo mundo deixa o castelo, e hoje o proprietário quer intentar uma ação em decisão por vícios ocultos.

Que espantoso processo esse! E que triunfo para o grande evocador dos espíritos, o senhor Home! Será nomeado perito nessa matéria? Qualquer que seja, como não há nada de novo sob o sol da justiça, esse processo que talvez se crera uma novidade, não será senão uma antigüidade: há um pendente que, por ter a idade de duzentos e sessenta e três anos, não é

menos curioso. Pois, no ano da graça de 1595, diante do senescal da Guiana, um locatário, de nome Jean Latapy, demanda contra seu proprietário, Robert de Vigne. Jean Latapy pretendia que a casa que de Vigne lhe havia alugado, uma velha casa numa velha rua de Bourdeaux, era inabitável e que deveu deixá-la; depois do que ele demandava para que a anulação do contrato de aluguel fosse pronunciada pela justiça.

Por quais motivos? Latapy, muito ingenuamente, os dá em suas conclusões.

"Porque ele havia encontrado essa casa infestada por Espíritos que ora se apresentavam sob a forma de crianças, ora sob outras formas terríveis e apavorantes, os quais oprimiam e inquietavam as pessoas, deslocavam os móveis, produziam ruídos e algazaras por todos os cantos e, com força e violência, lançavam das camas aqueles que nelas repousavam."

O proprietário de Vigne se opunha, muito energicamente, contra a anulação do contrato. "Desacreditais injustamente minha casa, dizia a Latapy; provavelmente, não tendes senão o que mereceis, e longe de me fazer censura, deveríeis, ao contrário, agradecer-me, porque vos faço ganhar o Paraíso." Eis como o advogado do proprietário estabelecia essa singular proposição: "Se os Espíritos vêm atormentar Latapy e afligi-lo pela permissão de Deus, disso deve levar a justa pena e dizer como São Jerônimo: *Quidquid patimur nostris peccatis meremur*, e não imputar isso ao proprietário que é inteiramente inocente, mas ainda ter gratidão a este que lhe forneceu assim matéria para se salvar nesse mundo de punições que atendiam seus deméritos na outra."

O advogado, para ser conseqüente, deveria pedir que Latapy pagasse alguma renda a de Vigne pelo serviço prestado. Um lugar no Paraíso não vale seu peso em ouro? Mas o proprietário generoso se contentava com a conclusão de que o locatário fosse declarado não procedente em sua ação, pelo motivo que, antes de intentá-la, Latapy deveria começar, ele mesmo, por combater e expulsar os Espíritos pelos meios que Deus e a *Natureza nos dão*.

"Por que não usava, escreveu o advogado do proprietário, por que não usava o louro, a arruda plantada ou o sal crepitante nas chamas e carvões ardentes, as penas da poupa, a composição da erva dita *aerolus vetulus*, com o ruibarbo, com vinho branco, sais suspensos no limiar da porta da casa, couro da testa da hiena, fel de cachorro, que se diz ter uma virtude maravilhosa para expulsar os demônios? Por que não usava a erva Moly, a qual "Mercúrio tendo dado a Ulisses, dela se serviu como antídoto contra os encantos de Circe?..."

É evidente que o locatário Latapy havia faltado a todos os seus deveres não lançando *sal crepitante* nas chamas, e não fazendo uso do fel de cachorro, de algumas penas da poupa. Mas como ele foi obrigado a obter também *o couro da testa da hiena*, o senescal de Bourdeaux achou que esse objeto não era bastante comum, pelo que Latapy não foi desculpado por ter deixado as hienas tranqüilas, e ele ordenou belo e bem a anulação do contrato.

Vedes que em tudo isso, nem proprietário, nem locatário, nem juizes colocam em dúvida a existência das *algazaras* dos Espíritos. Pareceria, pois, que há mais de dois séculos os homens eram já quase tão crédulos quanto hoje; nós os ultrapassamos em credulidade, isso está na ordem: é bem preciso que a civilização e o progresso se revelem em algum lugar."

Essa questão, do ponto de vista legal, e abstração feita dos acessórios com os quais o narrador a ornou, não deixa de ter seu lado embaraçante, porque a lei não previu o caso em que Espíritos barulhentos tornam uma casa inabitável. Está aí um vício redibitório? Em nossa

opinião há pró e contra: isso depende das circunstâncias. Trata-se primeiro de examinar se o barulho era sério, ou se não era simulado por um interesse qualquer questão preliminar e de boa fé, que prejudica todas as outras. Admitindo os fatos como reais, é preciso saber se são de natureza a perturbar um repouso. Se se passavam, por exemplo, coisas como em Bergzabern(1)((1) Ver os números de maio, junho e julho da *Revista Espírita*.) é evidente que a posição não seria sustentável. O pai Senger suportou isso porque estava nele e porque não pôde fazer de outro modo; mas um estranho não se acomodaria, de modo algum, numa habitação que ouvisse constantemente ruídos ensurdecedores, onde os móveis são empurrados e tombados, onde as portas e as janelas se abrem e se fecham desprovidas de bom senso, onde os objetos vos são atirados à cabeça por mãos invisíveis, etc. Parece-nos que, em semelhante ocorrência, incontestavelmente, há lugar para a reclamação, e que em boa justiça, uma tal compra não poderia ser validada, se o fato havia sido dissimulado. Assim, em tese geral, o processo de 1595 nos parece ter sido bem julgado, mas é uma questão subsidiária a esclarecer, e só a ciência espírita poderia levantá-la e resolvê-la.

Sabemos que as manifestações espontâneas dos Espíritos podem ocorrer sem objetivo determinado, e sem estarem dirigidas contra tal ou tal indivíduo; que há, efetivamente, lugares assombrados pelos Espíritos barulhentos que parecem ali elegerem domicílio, e contra os quais todas as conjurações usadas fracassaram. Dizemos, em forma de parênteses, que há meios eficazes de se desembaraçar deles, mas que esses meios não consistem na intervenção de pessoas conhecidas por produzirem à vontade semelhantes fenômenos, porque os Espíritos que estão às suas ordens, são precisamente da natureza daqueles que se quer expulsar. Sua presença, longe de afastá-los, não poderia senão atrair outros. Mas sabemos também que numa multidão de casos essas manifestações são dirigidas contra certos indivíduos, como em Bergzabern, por exemplo. Os fatos provaram que a família, mas sobretudo a jovem Philippine, dela era objeto direto; de tal sorte que estamos convencidos de que, se essa família deixasse sua morada, os novos habitantes não teriam nada a temer, a família levaria com ela suas atribulações para o seu novo domicílio. O ponto a examinar, numa questão legal, portanto, seria este: as manifestações haviam ocorrido antes da entrada ou somente depois da entrada do novo proprietário? Nesse último caso, permaneceria evidente que foi este que trouxe os Espíritos perturbadores, e que a responsabilidade lhe incumbe inteiramente; se, ao contrario, as perturbações haviam ocorrido anteriormente, e persistem, é que elas se prendem ao próprio local, e então a responsabilidade nisso é do vendedor. O advogado do proprietário raciocinou na primeira hipótese, e seu argumento não estava desprovido de lógica. Resta saber se o adquirente havia trazido consigo seus hóspedes inoportunos, é o que o processo não disse. Quanto ao processo atualmente pendente, cremos que o meio de proporcionar boa justiça seria de fazer as constatações das quais acabamos de falar. Se elas conduzem à prova da anterioridade das manifestações, e se o fato foi dissimulado pelo vendedor, o caso é daquele de todo adquirente enganado sobre a qualidade da coisa vendida. Ora, manter a compra em semelhante ocorrência, será talvez arruinar o adquirente pela depreciação do imóvel; seria pelo menos causar-lhe um prejuízo notável, constringendo-o a guardar uma coisa da qual não pode fazer uso, como de um cavalo cego que se lhe houvesse vendido por um bom cavalo. Qualquer que seja, o julgamento a interpor-se deve ter conseqüências graves; que a compra seja anulada, que seja mantida por falta de provas suficientes, é igualmente reconhecer os fatos das manifestações. Repelir a demanda do adquirente como fundada numa idéia ridícula, é se expor a receber, cedo ou tarde, um desmentido da experiência, como, em tantas outras vezes, receberam os homens esclarecidos que muito se apressaram em negar as coisas que não compreendiam. Se podemos censurar, aos nossos pais, de haverem pecado por muita credulidade, nossos descendentes nos censurarão, sem dúvida de termos pecado pelo excesso contrário.

À espera disso, eis o que acaba de se passar sob os nossos olhos, e do que nós mesmos constatamos em realidade; citamos a crônica de *La Patrie*, do dia 4 de setembro de 1858:

Manifestações da rua du Bac, em Paris

"A rua du Bac está em comoção. Ocorrem ainda, por ali, algumas diabruras!

"A casa que leva o nº 65 se compõe de dois edifícios: um que dá para a rua, em duas escadas uma diante da outra.

"Há uma semana, em diversas horas do dia e da noite, em todos os andares dessa casa, as campainhas se agitam e tocam com violência; vai-se abrir: ninguém sobre o patamar.

Acreditou-se primeiro em um gracejo, e cada um se pôs em observação para descobrir-lhe o autor. Um dos locatários tomou o cuidado de despolir um vidro de sua cozinha e fez a vigia. Enquanto ele velava com a maior atenção, sua campainha sacode: põe os olhos em seu postigo, ninguém! Corre para a escada, ninguém!

"Reentra em sua casa e arranca o cordão de sua campainha. Uma hora depois, no momento em que ele começava a triunfar, a campainha se pôs a tocar do modo mais belo. Ele a olha fazê-lo e permanece mudo e consternado.

"Em outras portas, os cordões de campainhas são torcidos e amarrados como serpentes feridas. Procura-se uma explicação, apela-se à polícia; qual e, pois, esse mistério? Ainda o ignoram."

Fenômeno de aparição no Kentucky

Revista Espírita, outubro de 1858

O *Constitutionnêl* e a Paine narraram, há algum tempo, o fato seguinte, segundo os jornais dos Estados Unidos:

"A pequena cidade de Lichtfield, no Kentucky, conta numerosos adeptos das doutrinas de espiritualismo magnético. Um fato incrível, que acaba de se passar, não contribuirá pouco, sem dúvida, para aumentar o número de partidários da nova religião.

"A família Park, composta do pai, da mãe e de três crianças que já têm a idade da razão, está fortemente imbuída de crenças espiritualistas. Por contra, uma irmã da senhora Park, senhorita Harris, não juntava nenhuma fé nos prodígios sobrenaturais com os quais se entrelinham sem cessar. Era para a família inteiramente um verdadeiro motivo de desgosto, e mais de uma vez a boa harmonia das duas irmãs foi perturbada com isso.

"Há alguns dias, a senhora Park foi atingida, de repente, de um mal súbito que os médicos declararam, desde o início, não poderem conjurar. A paciente estava atormentada por alucinações, e uma febre horrível a atormentava constantemente. A senhorita Harris passava todas as noites velando-a. No quarto dia de sua doença, a senhora Park se eleva subitamente de seu assento, pede o que beber, e começa a conversar com sua irmã. Circunstância singular, a febre a havia deixado de repente, seu pulso estava regular, ela se exprimia com a maior facilidade, e a senhorita Harris, toda feliz, acreditou que sua irmã estava, desde aquele momento, fora de perigo.

"Depois de ter falado de seu marido e de seus filhos, a senhora Park se aproxima ainda mais perto de sua irmã e lhe diz:

"Pobre irmã, vou deixar-te; sinto que a morte se aproxima. Mas pelo menos a minha partida deste mundo servirá para te converter. Morrerei em uma hora e me enterrarão amanhã. Tenha grande cuidado de não seguir meu corpo ao cemitério, porque meu Espírito, revestido de seus despejos mortais, te aparecerá ainda uma vez antes que meu caixão seja recoberto de terra. Então, crerás, enfim, no espiritualismo."

"Depois de arrematar essas palavras, a doente se recostou tranqüilamente. Mas, uma hora depois, como o havia anunciado, a senhorita Harris percebeu com dor que o coração havia cessado de bater.

"Vivamente emocionada pela coincidência espantosa que existia entre esse acontecimento e as palavras proféticas da defunta, ela se decidiu seguir a ordem que lhe fora dada, e no dia seguinte permaneceu sozinha na casa enquanto todo mundo tomava o caminho do cemitério. Depois de ter fechado as portas da câmara mortuária, ela se instalou numa poltrona colocada perto da cama que o corpo de sua irmã acabara de deixar.

"Cinco minutos apenas eram decorridos, - contou mais tarde a senhorita Harris, - quando eu vi como uma nuvem branca se destacar no fundo do apartamento. Pouco a pouco essa forma se desenhava melhor: era a de uma mulher semi-velada; ela se aproximou lentamente de mim; eu distinguia o ruído de passos leves sobre o soalho; enfim, meus olhos espantados se encontraram em presença de minha irmã...

"Seu rosto, longe de ter essa palidez sem brilho que impressiona tão penosamente nos mortos, estava radioso; suas mãos, as quais logo senti a pressão sobre as minhas, tinham conservado todo o calor da vida. Fui como transportada para uma esfera nova por essa maravilhosa aparição. Credo já fazer parte do mundo dos Espíritos, tateei o peito e a cabeça para me assegurar da minha existência; mas não havia nada de penoso nesse êxtase.

"Depois de estar assim diante de mim, sorridente mas muda, pelo espaço de alguns minutos, minha irmã, parecendo fazer um violento esforço, me disse com uma voz doce:

"É tempo de partir: meu anjo condutor me espera. Adeus! Cumpri minha promessa. Crê e espera!"

"O jornal, acrescenta a *Patrie*, do qual tomamos essa maravilhosa narração, não disse se a senhorita Harris se converteu às doutrinas de espiritualismo. Supomo-lo, entretanto, porque muitas pessoas se deixariam convencer por menos."

Nós acrescentamos, por nossa própria conta, que esse relato nada tem que deva espantar aqueles que estudaram os efeitos e as causas dos fenômenos espíritas. Os fatos autênticos desse gênero são bastante numerosos, encontram sua explicação no que dissemos a respeito desse assunto em muitas circunstâncias; teremos ocasião de citá-los, vindos de menos longe que este.

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Primeiro Ano – 1858

Novembro

- [Polêmica espírita](#)
- [Da pluralidade das existências \(primeiro artigo\)](#)
- [Problemas morais sobre o suicídio](#)
- [Conversas familiares de além-túmulo - Méhémet Ali \(segunda conversa\)](#)
- [O doutor Muhr](#)
- [A senhora de Staël](#)
- [Médium pintor na América](#)
- [Independência sonambúlica - Fatos notáveis de lucidez](#)
- [Uma noite esquecida - Ditada por Frédéric Soulié \(primeiro artigo\)](#)
- [Variedades - Aparição do general Marceau](#)

Polêmica espírita

Revista Espírita, novembro de 1858

Várias vezes perguntaram-nos por que não respondemos, em nosso jornal, aos ataques de certas folhas dirigidos contra o Espiritismo em geral, contra seus partidários, e, algumas vezes mesmo, contra nós. Cremos que, em certos casos, o silêncio é a melhor resposta. Aliás, há um gênero de polêmica do qual fizemos uma lei nos abstermos, e é aquela que pode degenerar em personalismo; não somente ela nos repugna, mas nos toma um tempo que podemos empregar mais utilmente, e seria muito mais interessante para nossos leitores, que assinam para se instruírem, e não para ouvirem diatribes, mais ou menos espirituais; ora, uma vez iniciados nesse caminho, seria difícil dele sair, por isso preferimos não entrar e pensamos que o Espiritismo, com isso, não pode senão ganhar em dignidade. Não temos, até o presente, senão que nos aplaudir por nossa moderação; dela não nos desviaremos, e não daremos jamais satisfação aos amadores de escândalo.

Mas, há polêmica e polêmica; e há uma diante da qual não recuaremos jamais, que é a discussão séria dos princípios que professamos. Entretanto, aqui mesmo há uma distinção a fazer; se não se trata senão de ataques gerais, dirigidos contra a Doutrina, sem outro fim determinado que o de criticar, e da parte de pessoas que têm um propósito de rejeitar tudo o que não compreendem, isso não merece que deles se ocupe; o terreno que o Espiritismo ganha, cada dia, é uma resposta suficientemente peremptória, e que deve provar-lhes que seus sarcasmos não produziram grande efeito; também notamos que a seqüência ininterrupta de gracejos, dos quais os partidários da Doutrina eram objeto recentemente, se apaga pouco a pouco; pergunta-se, quando se vêem tantas pessoas eminentes adotarem essas idéias novas, se há do que se rir; alguns não riem senão com desprezo e por hábito, muitos outros não riem mais de tudo e esperam.

Notamos ainda que, entre os críticos, há muitas pessoas que falam sem conhecer a coisa, sem terem se dado ao trabalho de aprofundá-la; para responder-lhes seria preciso, sem cessar, recommençar as explicações mais elementares, e repetir o que escrevemos, coisa que cremos inútil. Não ocorre o mesmo com aqueles que estudaram, e que não compreenderam tudo, aqueles que querem seriamente se esclarecer, que levantam as objeções com conhecimento de causa e de boa fé; sobre esse terreno aceitamos a controvérsia, sem nos gabar de resolvermos todas as dificuldades, o que seria muita presunção. A ciência espírita está no seu início, e ainda não nos disse todos os seus segredos, por maravilhas que nos haja revelado. Qual é a ciência que não tem ainda fatos misteriosos e inexplicados?

Confessaremos, pois, sem nos envergonharmos, nossa insuficiência sobre todos os pontos aos quais não nos for possível responder. Assim, longe de repelir as objeções e as perguntas, nós as solicitamos, contanto que não sejam ociosas e nos façam perder nosso tempo em futilidades, porque é um meio de se esclarecer.

Aí está o que chamamos uma polêmica útil, e o será sempre quando ocorrer entre duas pessoas sérias, que se respeitarem bastante para não se afastarem das conveniências. Pode-se pensar diferentemente, e, com isso, não se estimar menos. Que procuramos nós todos, em definitivo, nessa questão tão palpitante e tão fecunda do Espiritismo? Esclarecer-nos; nós, primeiramente, procuramos a luz, de qualquer parte que ela venha, e, se emitimos a nossa maneira de ver, isso não é senão uma opinião individual que não pretendemos impor a ninguém; nós a entregamos à discussão, e estamos prontos para renunciá-la, se nos for

demonstrado que estamos em erro. Essa polêmica, nós a fazemos todos os dias em nossa *Revista*, pelas respostas ou refutações coletivas que tivemos ocasião de fazer a propósito de tal ou tal artigo, e aqueles que nos dão a honra de nos escreverem, ali encontram sempre a resposta ao que nos perguntam, quando não nos é possível dá-la individualmente por escrito, o que o tempo material nem sempre nos permite. Suas perguntas e suas objeções são igualmente assuntos de estudos, que aproveitamos para nós mesmos, e os quais ficamos felizes em fazer nossos leitores aproveitarem, tratando-os à medida que as circunstâncias trazem os fatos que possam ter relação com eles. Igualmente nos alegamos em dar verbalmente explicações que podem nos ser pedidas pelas pessoas que nos honram com a sua visita, e nessas conferências, marcadas por uma benevolência recíproca, nos esclarecemos mutuamente.

Da pluralidade das existências

Revista Espírita, novembro de 1858

(PRIMEIRO ARTIGO)

Das diversas doutrinas professadas pelo Espiritismo, a mais controvertida, sem contradita, é a da pluralidade das existências corpóreas, dita de outro modo, da reencarnação. Se bem que essa opinião esteja agora partilhada por um número muito grande de pessoas, e que já tratamos a questão em várias reprises, cremos dever, em razão de sua extrema gravidade, examiná-la aqui de um modo mais aprofundado, a fim de respondermos às diversas objeções que ela tem suscitado. Antes de entrarmos no fundo da questão, algumas observações preliminares nos parecem indispensáveis.

O dogma da reencarnação, dizem certas pessoas, não é novo; foi ressuscitado de Pitágoras. Nunca dissemos que a Doutrina Espírita foi invenção moderna; sendo o Espiritismo uma lei da Natureza, deveu existir desde a origem dos tempos, e sempre nos esforçamos por provar que dele se encontram traços na mais alta antigüidade. Pitágoras, como se sabe, não foi o autor do sistema da metempsicose; ele a hauriu dos filósofos indianos e entre os Egípcios, onde existia desde tempos imemoriais. A idéia da transmigração das almas era, pois, uma crença vulgar, admitida pelos homens mais eminentes. Por que caminho lhes veio ela? Pela revelação ou pela intuição? Não o sabemos; mas, qualquer que seja, uma idéia não atravessa as idades e não é aceita por inteligências de elite, sem ter um lado sério. A antigüidade dessa doutrina seria, pois, antes uma prova do que uma objeção. Entretanto, como se sabe igualmente, entre a metempsicose dos Antigos e a doutrina moderna da reencarnação, há esta grande diferença que os Espíritos rejeitam da maneira mais absoluta: a transmigração do homem para os animais e reciprocamente.

Vós estáveis, sem dúvida, dizem também alguns contraditores, imbuídos dessas idéias, e eis porque os Espíritos se aterraram à vossa maneira de ver. Aí está um erro que prova, uma vez mais, o perigo dos julgamentos apressados e sem exame. Se essas pessoas tivessem se dado ao trabalho de lerem o que escrevemos sobre o Espiritismo, teriam se poupado apenas de uma objeção feita muito levianamente. Repetiremos, pois, o que dissemos a esse respeito, saber que, quando a doutrina da reencarnação nos foi ensinada pelos Espíritos, ela estava tão longe do nosso pensamento, que tínhamos feito, sobre os antecedentes da alma um sistema diferente, de resto, partilhado por muitas pessoas. A doutrina dos Espíritos, sob esse assunto, portanto, nos surpreendeu; diremos mais, contrariou, porque derrubou as nossas próprias idéias; ela estava longe, como se vê, de ser-lhe o reflexo. Isso não é tudo; não cedemos ao primeiro choque; combatemos, defendemos a nossa opinião, levantamos objeções, e não nos rendemos senão à evidência, e quando vimos a insuficiência do nosso sistema para resolver todas as questões que esse assunto levanta.

Aos olhos de algumas pessoas, a palavra *evidência*, sem duvida, parecerá singular em semelhante matéria; mas não parecerá imprópria para aqueles que estão habituados a perscrutar os fenômenos espíritas. Para o observador atento, há fatos que, se bem que não sejam de uma natureza absolutamente material, não constituem menos uma verdadeira evidência, ou pelo menos uma evidência moral. Aqui não é lugar para explicar esses fatos; só um estudo continuado e perseverante pode fazer compreendê-los; nosso objetivo é unicamente refutar a idéia de que essa doutrina não é senão a tradução do nosso

pensamento. Temos ainda uma outra refutação a opor é de que não foi ensinada somente a nós; ela o foi em muitos outros lugares, em França e no estrangeiro; na Alemanha, na Holanda, na Rússia, etc. e isso antes mesmo da publicação de *O Livro dos Espíritos*. Acrescentamos ainda que, desde que nos entregamos ao estudo do Espiritismo, tivemos comunicações por mais de cinquenta médiuns, escreventes, falantes, videntes, etc., mais ou menos esclarecidos, de uma inteligência normal ou menos limitada, alguns mesmo completamente iletrados, e por conseqüência inteiramente estranhos às matérias filosóficas, e que, em nenhum caso, os Espíritos foram desmentidos sobre essa questão; ocorre o mesmo em todos os círculos que conhecemos, onde o mesmo princípio foi professado. Esse argumento não é sem réplica, nós o sabemos, por isso nele não insistiremos mais que o razoável.

Examinemos a coisa sob um outro ponto de vista, e abstração feita de toda intervenção dos Espíritos; deixemos estes de lado por um instante; suponhamos que essa teoria não seja deles; suponhamos mesmo que jamais foi questão de Espíritos. Coloquemo-nos, pois, momentaneamente, sobre um terreno neutro, admitindo o mesmo grau de probabilidade para uma e outra hipótese, a saber a pluralidade e a unicidade das existências corpóreas, e vejamos de qual lado nos levará a razão e nosso próprio interesse.

Certas pessoas repelem a idéia da reencarnação só pelo motivo de não lhes convir, dizendo que têm por bastante uma existência e que não querem recomeçar uma semelhante; nós conhecemos as que, tão-só o pensamento de reaparecer na Terra faz saltar de furor. Não temos senão uma coisa a lhes perguntar, é se elas pensam que Deus deva tomar seus conselhos e consultar seus gostos para regular o Universo. Ora, de duas coisas uma: ou a reencarnação existe, ou ela não existe; se existe, irá contrariá-los, e lhes será necessário suportá-la, e Deus, para isso, não lhes pedirá permissão. Parece-nos ouvir um doente dizer Já sofri bastante hoje, e não quero mais sofrer amanhã. Qualquer que seja seu mau-humor, não lhes será necessário sofrer menos o amanhã e os dias seguintes até que esteja curado; portanto, se devem reviver corporalmente, reviverão, se reencarnarão; debalde se rebelarão como uma criança que não quer ir à escola, ou um condenado à prisão, é preciso que passem por lá. Semelhantes objeções são muitos pueris para merecerem um exame mais sério. Diremos, entretanto, para confortá-los, que a Doutrina Espírita sobre a reencarnação não é tão terrível como crêem, e se a tivessem estudado a fundo não estariam tão assustados; saberiam que a condição dessa nova existência depende deles: ela será feliz ou infeliz, segundo o que fizeram neste mundo, e *podem desde esta vida se elevarem tão alto, que não terão mais a temer cair no lamaçal.*

Supomos que falamos a pessoas que crêem num futuro qualquer depois da morte, e não àquelas que se dão o nada como perspectiva, ou que querem afogar sua alma num todo universal, sem individualidade, como as gotas de chuva no Oceano, o que vem a ser quase o mesmo. Se, pois, credes num futuro qualquer, sem dúvida, não admitis que ele seja o mesmo para todos, de outro modo onde estaria a utilidade do bem? Por que se constranger? Por que não satisfazer todas as suas paixões, todos os seus desejos, fosse mesmo às expensas de outrem, uma vez que nele não seria nem mais e nem menos? Credes que esse futuro será mais ou menos feliz segundo o que tivermos feito durante a vida; tendes então o desejo de ser tão feliz como seja possível, uma vez que isso deve ser pela eternidade? Teríeis, por acaso, a pretensão de ser um dos homens mais perfeitos que tenham existido na Terra, e ter assim direito, de uma só vez, à felicidade suprema dos eleitos? Não. Admitis, assim, que há homens que valem mais que vós e que têm direito a um melhor lugar, sem, por isso, que estejais entre os condenados. Pois bem! Colocai-vos, um instante pelo pensamento, nessa situação média que será a vossa, uma vez que vindes disso convir, e suponde que alguém venha vos dizer: Sofreis, não sois tão felizes como poderíeis sê-lo, ao passo que tendes, diante de vós, seres que gozam de uma felicidade sem mácula, quereis

trocar a vossa posição com a sua? - Sem dúvida, direis; que é preciso fazer? - Menos que nada, recomeçar o que fizestes mal feito e tratar de fazê-lo melhor. - Hesitaríeis em aceitar, fosse mesmo ao preço de várias existências de provas? Tomemos uma comparação mais prosaica. Se há um homem que, sem estar na última das misérias, entretanto, experimenta privações em consequência da mediocridade de seus recursos, se viesse a dizer Eis uma imensa fortuna, podeis dela gozar, para isso é preciso trabalhar rudemente durante um minuto. Fosse ele o mais preguiçoso da Terra, diria sem hesitar Trabalhemos um minuto, dois minutos, uma hora, um dia se for preciso; o que é isso para acabar a minha vida na abundância? Ora, o que é a duração da vida corpórea com relação à eternidade? "Menos que um minuto, menos que um segundo.

Ouvimos fazer este raciocínio: Deus, que é soberanamente bom, não pode impor ao homem recomeçar uma série de misérias e de tribulações? Achar-se-ia, por acaso, que há mais bondade em condenar o homem a um sofrimento perpétuo por alguns momentos de erro, antes que dar-lhe os meios de reparar as suas faltas? "Dois fabricantes tinham, cada um, um obreiro que podia aspirar a se tornar o sócio do chefe. Ora, ocorreu que esses dois obreiros empregaram, uma vez, muito mal sua jornada e mereceram ser despedidos. Um dos fabricantes despediu o seu obreiro apesar de suas súplicas, e este não tendo encontrado trabalho, morreu de miséria. O outro disse ao seu: Perdestes um dia, disso me deveis uma compensação; fizestes mal o vosso trabalho, disso me deveis a reparação, eu vos permito recomeçar; tratai de fazer bem e eu vos conservarei, e podereis sempre aspirar à posição superior que vos prometi." Há necessidade de se perguntar qual dos dois fabricantes foi o mais humano? Deus, a própria clemência, seria mais inexorável que um homem? O pensamento que nossa sorte está para sempre fixada, por alguns anos de prova, quando mesmo nem sempre dependeu de nós atingir a perfeição na Terra, tem alguma coisa de pungente, ao passo que a idéia contrária é eminentemente consoladora; ela nos deixa a esperança. Assim, sem nos pronunciar-nos pró ou contra a pluralidade das existências, sem admitir uma hipótese antes que outra, dizemos que, se tivermos a escolha, não há pessoa que prefira um julgamento sem apelação. Um filósofo disse que se Deus não existisse, seria preciso inventá-lo para a felicidade do gênero humano; poder-se-ia dizer outro tanto quanto à pluralidade das existências. Mas, como dissemos, Deus não pede nossa permissão; não consulta o nosso gosto; isso é ou isso não é; vejamos de qual lado estão as probabilidades, e tomemos a coisa sob um outro ponto de vista, sempre abstração feita do ensino dos Espíritos, e unicamente como estudo filosófico.

Se não há reencarnação, não há senão, uma existência corpórea, isso é evidente; se nossa existência atual é a única, a alma de cada homem é criada no seu nascimento, a menos que se admita a anterioridade da alma, caso que se perguntaria o que era a alma antes do nascimento, e se esse estado não constituía uma existência sob uma forma qualquer. Não há meio termo: ou a alma existia, ou não existia antes do corpo; se ela existia, qual era a sua situação? Tinha ou não consciência dela mesma; se não tinha consciência, é quase como se não existisse; se tinha sua individualidade, era progressiva ou estacionaria; num e noutro caso, que grau ela alcançou no corpo? Admitindo, segundo a crença vulgar, que a alma nasce com o corpo, ou, que vem a ser o mesmo, que anteriormente à sua encarnação ela não tem senão faculdades negativas, colocamos as perguntas seguintes:

1. Por que a alma mostra aptidões tão diversas e independentes das adquiridas pela educação?
2. De onde vem a aptidão extra normal de certas crianças em tenra idade, por tal ou tal ciência, ao passo que outras permanecem inferiores ou medíocres por toda a sua vida?

3. De onde vêm, nuns, as idéias inatas ou intuitivas que não existem noutros?
4. De onde vêm, em certas crianças, esses instintos precoces de vícios ou de virtudes, esses sentimentos inatos de dignidade ou de baixaza que contrastam com o meio no qual nasceram?
5. Por que certos homens, abstração feita da educação, são mais avançados uns do que outros?
6. Por que há selvagens e homens civilizados? Se tomardes uma criança hotentote amamentada, e a levardes aos nossos liceus mais renomados, jamais fareis dela um Laplace ou um Newton?

Perguntamos qual é a filosofia ou a teosofia que pode resolver esses problemas? Ou as almas, em seu nascimento, são iguais, ou elas são desiguais, isso não é duvidoso. Se são iguais, por que essas aptidões tão diferentes? Dir-se-á que isso depende do organismo? Mas, então, é a doutrina mais monstruosa e mais imoral. O homem não é mais que uma máquina, o brinquedo da matéria; não tem mais a responsabilidade de seus atos; pode tudo lançar sobre suas imperfeições físicas. Se elas são desiguais, foi porque Deus as criou assim; mas, então, por que essa superioridade inata concedida a alguns? Essa parcialidade está conforme a justiça de Deus e o igual amor que dá a todas as suas criaturas?

Admitamos, ao contrário, uma sucessão de existências anteriores progressivas, e tudo estará explicado. Os homens trazem, ao nascer, a intuição do que adquiriram; são mais ou menos avançados, segundo o número de existências que percorreram, segundo estejam mais ou menos distantes do ponto de partida: absolutamente como, em uma reunião de indivíduos de todas as idades, cada um terá um desenvolvimento proporcional ao número de anos que viveu; as existências sucessivas serão, para a vida da alma, o que os anos são para a vida do corpo. Concentrai, um dia, mil indivíduos, desde um ano até oitenta; suponde que um véu seja lançado sobre todos os dias que precederam, e que, em vossa ignorância, credes assim todos nascidos no mesmo dia: perguntar-vos-eis, naturalmente, como ocorre que uns sejam grandes e outros pequenos, uns velhos e os outros jovens, uns instruídos e os outros ainda ignorantes; mas se a nuvem que vos esconde o passado vem a se levantar, se aprendeis que todos viveram mais ou menos tempo, tudo vos será explicado. Deus, em sua justiça, não pôde criar almas mais ou menos perfeitas; mas, com a pluralidade das existências, a desigualdade que vedes nada mais tem de contrário à equidade mais rigorosa: é que nós não vemos senão o presente, e não o passado. Esse raciocínio repousa sobre um sistema, uma suposição gratuita? Não; partimos de um fato patente, incontestável: a desigualdade das aptidões e do desenvolvimento intelectual e moral, e encontramos esse fato inexplicável por todas as teorias em curso, ao passo que a sua explicação é simples, natural, lógica, por uma outra teoria. É racional preferir a que não explica à que explica?

Com respeito à sexta pergunta, sem dúvida, dir-se-á que o Hotentote é de uma raça inferior: então, perguntaremos se o Hotentote é um homem ou não. Se é um homem, por que Deus deserdou, a ele e à sua raça, dos privilégios concedidos à raça caucásica? Se não é um homem, por que procurar fazê-lo cristão? A Doutrina Espírita é mais ampla que tudo isso; por ela, não há várias espécies de homens, não há senão homens cujo espírito está mais ou menos atrasado, mais suscetível de progredir: isso não está mais conforme à justiça de Deus?

Acabamos de ver a alma em seu passado e em seu presente; se a considerarmos em seu futuro, encontraremos as mesmas dificuldades.

1. Se a nossa existência atual, só ela deve decidir nossa sorte futura, qual é, na vida futura, a posição respectiva do selvagem e do homem civilizado? Estão no mesmo nível, ou estão distantes da soma da felicidade eterna?
2. O homem que trabalhou toda a sua vida, para se melhorar, está no mesmo grau que aquele que ficou inferior, não por sua falta, mas porque não teve nem o tempo, nem a possibilidade de se melhorar?
3. O homem que fez mal, porque não pôde se esclarecer, é passível de um estado de coisas que não dependeu dele?
4. Trabalha-se para esclarecer os homens, moralizá-los, civilizá-los; mas para um que se esclarece, há milhões que morrem cada dia antes que a luz tenha vindo até eles; qual é a sorte destes? São tratados como condenados? Em caso contrário, que fizeram para merecer estarem na mesma classe que os outros?
5. Qual é a sorte das crianças que morrem em tenra idade, antes de terem podido fazer nem bem nem mal? Se estão entre os eleitos, por que esse favor sem nada terem feito para merecê-lo? Por qual privilégio estão isentas das tribulações da vida?

Há uma doutrina que possa resolver essas questões? Admitamos as existências consecutivas, e tudo estará explicado de conformidade com a justiça de Deus. O que não se pôde fazer numa existência, far-se-á numa outra; assim é que ninguém escapa à lei do progresso, que cada um será recompensado segundo o seu mérito *real*, e que ninguém está excluído da felicidade suprema, à qual pode pretender, quaisquer que sejam os obstáculos que haja encontrado em seu caminho.

Essas questões poderiam ser multiplicadas ao infinito, porque os problemas psicológicos e morais que não encontram sua solução senão na pluralidade das existências, são inumeráveis; limitamo-nos aos mais gerais. Qualquer que seja, dir-se-á talvez, a doutrina da reencarnação não é admitida pela Igreja; isso seria, pois, o desmoronamento da religião. Nosso objetivo não é tratar essa questão neste momento; basta-nos haver demonstrado que ela é eminentemente moral e racional. Mais tarde, mostraremos que a religião, talvez, dela esteja menos distante que se pensa, e que com ela não sofreria mais, do que sofreu com a descoberta do movimento da Terra e dos períodos geológicos que, à primeira vista, pareceram dar um desmentido aos textos sagrados. O ensino dos Espíritos é eminentemente cristão; apóia-se sobre a imortalidade da alma, as penas e as recompensas futuras, o livre arbítrio do homem, a moral do Cristo; portanto, não é anti-religiosa.

Raciocinamos, como dissemos, abstração feita de todo ensino espírita que, para certas pessoas não é uma autoridade. Se nós, e tantos outros, adotamos a opinião da pluralidade das existências, não foi somente porque ela nos veio dos Espíritos, mas porque nos pareceu a mais lógica, e que só ela resolve as questões até agora insolúveis. Se nos viesse de um simples mortal e a adotaríamos do mesmo modo, e não hesitaríamos antes em renunciar às nossas próprias idéias; do momento em que um erro é demonstrado, o amor-próprio tem mais a perder do que a ganhar obstinando-se numa idéia falsa. Do mesmo modo, teríamos repellido, embora vinda dos Espíritos, se ela nos parecesse contrária à razão, como as repelimos muitas outras, porque sabemos, por experiência, que não é preciso aceitar cegamente tudo o que vem de sua parte, não mais do que vem da parte dos homens. Resta-nos, pois, a examinar a questão da pluralidade das existências do ponto de vista do ensino dos Espíritos, de qual maneira se deve entendê-la, e responder, enfim, às objeções mais

sérias que se possa a ela opor; o que faremos em um próximo artigo.

Problemas morais sobre o suicídio

Revista Espírita, novembro de 1858

Questões dirigidas a São Luís, por intermédio do senhor C..., médium falante e vidente, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, sessão do dia 12 de outubro de 1858.

1. Por que o homem que tem a firme intenção de se destruir, se revolta com a idéia de ser morto por um outro, e se defenderia contra os ataques no próprio momento em que vai cumprir seu desígnio? - R. Porque o homem tem sempre medo da morte; quando se a dá a si mesmo, está superexcitado e tem a cabeça desarranjada, e cumpre esse ato sem coragem e medo, e sem, por assim dizer, ter o conhecimento do que faz, ao passo que, se tivesse a escolha, não veríeis tantos suicidas. O instinto do homem leva-o a defender a sua vida, e, durante o tempo que se escoar entre o instante que seu semelhante se aproxima para matá-lo e aquele no qual o ato é cometido, ele tem sempre um movimento de repulsão instintiva da morte que o leva a repelir esse fantasma, que não é apavorante senão para o Espírito culpado. O homem que se suicida não experimenta esse sentimento, porque está cercado de Espíritos que o impelem, que o ajudam em seus desejos, e lhe fazem perder completamente a lembrança do que não é ele, quer dizer, de seus parentes e daqueles que o amam, e de uma outra existência. O homem nesse momento é todo egoísmo.

2. Aquele que, desgostoso da vida, mas não quer suicidar-se e quer que sua morte sirva para alguma coisa, é culpável por procurá-la num campo de batalha, defendendo o seu país? - R. Sempre. O homem deve seguir o impulso que lhe é dado; qualquer que seja a carreira que abraça, qualquer que seja a vida que conduza, está sempre assistido por Espíritos que o conduzem e o dirigem com o seu desconhecimento; ora, procurar ir contra os seus conselhos é um crime, uma vez que aí estão colocados para nos dirigir, e que esses bons Espíritos, quando queremos agir por nós mesmos, aí estão para nos ajudar. Entretanto, se o homem conduzido por seu próprio Espírito, quer deixar esta vida, abandona-o, e reconhece sua falta mais tarde, quando se acha obrigado a recomeçar uma outra existência. O homem deve ser provado para se elevar; deter seus atos, por entrave ao seu livre arbítrio, seria ir contra Deus, e as provas, nesse caso, se tomariam inúteis, uma vez que os Espíritos não cometeriam faltas. O Espírito foi criado simples e ignorante; é preciso, pois, para chegar às esferas felizes, que progrida, se eleve em ciência e em sabedoria, e não é senão na adversidade que o Espírito colhe sua elevação do coração e compreende melhor a grandeza de Deus.

3. Um dos assistentes observou que crê ver uma contradição entre essas últimas palavras de São Luís e as precedentes, quando disse que o homem pode ser levado ao suicídio por certos Espíritos que a isso o excitam. Nesse caso, cederia a um impulso que lhe seria estranho. - R. Não há contradição. Quando eu disse que o homem impelido ao suicídio, estava cercado de Espíritos que o solicitavam a isso, não falei dos bons Espíritos que fazem todos os esforços para disso desviá-lo; deveria estar subentendido; todos sabemos que temos um Anjo guardião, ou, se preferis, um guia familiar. Ora, o homem tem seu livre arbítrio; se, apesar dos bons conselhos que lhe são dados, persevera nessa idéia que é um crime, ele a cumpre e é ajudado nisso pelos Espíritos levianos e impuros que o cercam, que ficam felizes em verem que ao homem, ou Espírito encarnado, também lhe falta coragem para seguir os conselhos de

seu bom guia, e, freqüentemente, do Espírito de seus parentes mortos que o cercam, sobretudo em circunstâncias semelhantes.

Conversas familiares de além-túmulo - Méhémet Ali

Revista Espírita, novembro de 1858

(SEGUNDA CONVERSA)

1. Em nome de Deus Todo-poderoso, peço ao Espírito de Méhémet-Ali consentir em se comunicar conosco. - R. Sim; eu sei por quê.
2. Prometestes voltar entre nós para nos instruir; sereis bastante bom para nos escutar e nos responder? - R. Não prometi; não estou comprometido.
3. Seja; em lugar de *prometi*, coloquemos que nos fizestes esperar. - R. Quer dizer, para contentar vossa curiosidade; não importa! a isso me prestarei um pouco.
4. Uma vez que vivestes ao tempo dos Faraós, poderíeis nos dizer com que objetivo foram construídas as Pirâmides? - R. São sepulcros; sepulcros e templos: ali ocorriam as grandes manifestações.
5. Tinham elas também um fim científico? - R. Não; o interesse religioso absorvia tudo.
6. Era preciso que os Egípcios, desde aquele tempo, fossem bem avançados nas artes mecânicas para cumprirem trabalhos que exigiam forcas tão consideráveis. Poderíeis nos dar uma idéia dos meios que empregavam? - R. Massas de homens gemeram sob o peso dessas pedras que atravessaram séculos: o homem era a máquina.
7. Que classe de homens se ocupavam com esses grandes trabalhos? - R. A que chamais o povo.
8. O povo estava no estado de escravidão, ou recebia um salário? - R. A força.
9. De onde vinha, aos Egípcios, o gosto de coisas colossais antes que das coisas graciosas que distinguiam os Gregos, embora tendo a mesma origem? - R. O Egípcio estava ferido com a grandeza de Deus; procurava igualar-lhe ultrapassando suas forças. Sempre o homem!
10. Uma vez que fostes sacerdote nessa época, gostaríeis de nos dizer alguma coisa da religião dos antigos Egípcios. Qual era a crença do povo com respeito à Divindade? - R. Corrompidos, acreditavam em seus sacerdotes; eram deuses para eles, estes que os mantinham curvados.
11. Que pensavam do estado da alma depois da morte? - R. Criam naquilo que lhe diziam os sacerdotes.
12. Os sacerdotes, sob o duplo ponto de vista de Deus e da alma, tinham idéias mais sadias

que o povo? - R. Sim, tinham a luz nas mãos; ocultando-a aos outros, ainda a viam.

13. Os grandes do Estado partilhavam as crenças do povo ou a dos sacerdotes? - R. Entre os dois.

14. Qual era a origem do culto prestado aos animais? - R. Queriam desviar o homem de Deus, rebaixando-o sob ele mesmo, dando-lhe por deuses seres inferiores.

15. Concebe-se, até um certo ponto, o culto aos animais úteis, mas não se compreende o de animais imundos e nocivos, tais como as serpentes, os crocodilos, etc.! - R. O homem adora o que teme. Era um jugo para o povo. Os sacerdotes podiam crer em deuses feitos por suas mãos!

16. Por qual bizzarria adoravam, ao mesmo tempo, o crocodilo assim como os répteis, e o mangusto e o íbis que os destruíssem? - R. Aberração do Espírito; o homem procura, por toda parte, deuses para ocultar-se aquilo que é.

17. Por que Osiris era representado com uma cabeça de gavião, e Anubis como uma cabeça de cão? - R. O Egípcio gostava de personificar sobre claros emblemas: "Anubis era bom; o gavião, que dilacera, representava o cruel Osiris.

18. Como conciliar o respeito dos Egípcios pelos mortos, com o desprezo e o horror que tinham por aqueles que os enterrassem e os mumificassem? - R. O cadáver era um instrumento de manifestação: o Espírito, segundo eles, voltava no corpo que havia animado. O cadáver, um dos instrumentos do culto, era sagrado, e o desprezo perseguia aquele que ousasse violar a santidade da morte.

19. A conservação de corpos dava lugar a manifestações mais numerosas? - R. Mais longas; quer dizer que o Espírito voltava por mais longo tempo, tanto quanto o instrumento fosse mais dócil.

20. A conservação de corpos não tinha também uma causa de salubridade, em razão dos trasbordamentos do Nilo? - R. Sim, para aqueles do povo.

21. A iniciação nos mistérios se fazia, no Egito, com práticas tão rigorosas quanto da Grécia? - R. Mais rigorosas.

22. Com qual objetivo impunha aos iniciados condições tão difíceis de serem cumpridas? - R. Para não ter senão almas superiores: aquelas sabiam compreender e se calar.

23. O ensino dado nos mistérios tinha por objetivo unicamente a revelação de coisas extra-humanas, ou também ali se ensinavam os preceitos da moral e do amor ao próximo? - R. Tudo isso era bem corrompido. O objetivo dos sacerdotes era dominar: não era de instruir.

O doutor Muhr

Revista Espírita, novembro de 1858

Morto do Cairo, em 4 de junho de 1857. - Evocado a pedido do senhor Jobard. Era, disse ele, um Espírito muito elevado em sua vida; médico homeopata; um verdadeiro apóstolo espírita; deve estar pelo menos em Júpiter.

1. Evocação. - R. Estou aqui.
2. Teríeis a bondade de nos dizer onde estais? - R. Eu estou errante.
3. Foi no dia 4 de junho deste ano que morrestes? - R. Foi no ano passado.
4. Lembrai-vos do vosso amigo, o senhor Jobard? - R. Sim, estou freqüentemente perto dele.
5. Quando eu lhe transmitir essa resposta, isso o fará feliz, porque ele tem sempre uma grande afeição por vós? - R. Eu o sei; esse Espírito me é dos mais simpáticos.
6. Que entendeis, em vossa vida, pelos gnomos? - R. Entendia por seres que podiam se materializar e tomar formas fantásticas.
7. Credes nisso sempre? - R. Mais do que nunca; disso tenho agora a certeza; mas gnomo é uma palavra que pode parecer ter muito da magia; gosto melhor de dizer agora *Espírito* em vez de gnomo.

Nota. - Durante a sua vida, ele acreditava nos Espíritos e em suas manifestações; somente que os designava sob o nome de *gnomos*, ao passo que agora ele se serve da expressão mais genérica de *Espírito*.

8. Credes ainda que esses Espíritos, que chamáveis *gnomos* durante vossa vida, possam tomar formas materiais fantásticas? -R. Sim, mas sei que isso não se faz freqüentemente, porque há pessoas que poderiam se tornar loucas se vissem as aparências que esses Espíritos podem tomar.
9. Quais aparências podem tomar? - R. Animais: diabos.
10. É uma aparência material tangível, ou uma pura aparência como nos sonhos ou nas visões? - R. Um pouco mais material do que nos sonhos; as aparições que poderiam muito amedrontar não podem ser tangíveis; Deus não o permite.
11. A aparição do Espírito de Bergzabem, sob forma de homem ou de animal, era dessa natureza? - R. Sim, e desse gênero.

Nota. - Não sabemos se, em sua vida, ele acreditava que os Espíritos podiam tomar uma forma tangível; mas é evidente que agora ele entende falar da forma vaporosa e impalpável das aparições.

12. Credes que quando reencarnardes, ireis a Júpiter? - R. Irei para um mundo que não se iguala ainda com Júpiter.

13. Será por vossa própria escolha que ireis para um mundo inferior a Júpiter, ou por que não merecis ainda ir para esse planeta? - R. Prefiro acreditar não merecê-lo, e cumprir uma missão em um mundo menos avançado. Sei que chegarei à perfeição, é o que faz com que eu goste mais de ser modesto.

Nota. - Essa resposta é uma prova da superioridade desse Espírito; ela concorda com que nos disse o padre Ambroise: que há mais mérito em pedir uma missão num mundo inferior, que querer avançar muito depressa num mundo superior.

14. O senhor Jobard nos pede vos perguntar se estais satisfeito com o artigo necrológico que escreveu sobre vós? - R. Jobard me deu uma nova prova de simpatia, escrevendo isso; eu lhe agradeço muito, e desejo que o quadro, um pouco exagerado de virtudes e de talentos que ele fez, possa servir de exemplo àqueles que, dentre vós, seguem o rastro do progresso.

15. Uma vez que, em vossa vida, eras homeopata, que pensais agora da homeopatia? - R. Homeopatia é o começo das descobertas de fluidos latentes. Muitas outras descobertas tão preciosas se farão e formarão um todo harmonioso, que conduzirá vosso globo à perfeição.

16. Que mérito dais ao vosso livro intitulado: *O Médium c/o povo*? - R. E a pedra do obreiro que dei à obra.

Nota. - A resposta desse Espírito sobre a homeopatia vem em apoio da idéia dos *fluidos latentes* que já nos foi dada pelo Espírito do senhor Badel, com respeito à sua imagem fotografada. Disso resulta que ha fluidos cujas propriedades nos são desconhecidas ou passam despercebidas, porque sua ação não é ostensiva, mas nem por isso menos real; a Humanidade se enriquece de conhecimentos novos, à medida que as circunstâncias lhe fazem conhecer suas *propriedades*.

A senhora de Staël

Revista Espírita, novembro de 1858

Na sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, de 28 de setembro de 1858, o Espírito da senhora de Staël se comunica espontaneamente e sem ser chamado, sob a mão da senhorita E..., médium escrevente; dita a passagem seguinte:

Viver é sofrer; sim, mas a esperança não segue o sofrimento? Deus não colocou no coração dos mais infelizes a maior dose de esperança? Criança, o desgosto e a decepção seguem o nascimento; mas diante dele marcha a esperança que lhe diz: Avance, o objetivo é a felicidade: Deus é clemente.

Por que, dizem os espíritos fortes, vir-nos ensinar uma nova religião, quando o Cristo pôs as bases de uma caridade tão grandiosa, de uma felicidade tão certa? Não temos a intenção de mudar o que o grande reformador ensinou. Não: somente viemos reafirmar nossa confiança, aumentar nossas esperanças. Quanto mais o mundo se civilize, mais deverá ter confiança, e mais também teremos necessidade de sustentá-lo. Não queremos mudar a face do Universo, viemos ajudar a tomá-lo melhor; e se, neste século, não se vier em ajuda ao homem, será muito infeliz pela falta de confiança e de esperança. Sim, homem sábio que lês nos outros, que procuras conhecer o que pouco te importa, e atiras longe de ti o que te concerne, abre os olhos, não desesperes; não digas mais: O nada pode ser possível, quando, em teu coração, deveria sentir o contrário. Vem assentar-te a esta mesa e espera: tu te instruirás de teu futuro, serás feliz. Aqui, há pão para todo o mundo: espíritos, vos desenvolvereis; corpos, vos nutrireis; sofrimentos, vos acalmareis; esperanças, florireis e embelezareis a vida para fazê-la suportar.

Staël.

Nota. O Espírito faz alusão à mesa onde estavam os médiuns.

Perguntai-me, responderei às vossas perguntas.

1. Não estando prevenidos de vossa visita, não preparamos nada do assunto. - R. Sei muito bem que perguntas particulares não podem ser resolvidas por mim; mas de coisas gerais pode-se perguntar, mesmo a uma mulher que teve um pouco de espírito e tem agora muito de coração!

Nesse momento, uma senhora que assistia à sessão, pareceu desfalecer; mas não era senão uma espécie de êxtase que, longe de ser penoso, lhe era antes agradável. Oferece-se para magnetizá-la: então o Espírito da senhora Staël disse espontaneamente: Não, deixai-a tranqüila, é preciso deixar a influência agir. - Depois, dirigindo-se à senhora: Tende confiança, um coração vela junto de vós; quer vos falar; um dia virá... Não precipitemos as emoções.

O Espírito que se comunicava com essa senhora, e que era o de sua irmã, escreveu então espontaneamente: Eu retornarei.

A senhora de Staël, dirigindo-se de novo, ela mesma, a essa senhora, escreveu: Uma palavra de consolação a um coração sofrido. Por que essas lágrimas de mulher para a irmã? Esses retornos ao passado, quando todos os vossos pensamentos, não deveriam ir .senão para o futuro? Vosso coração sofre, vossa alma tem necessidade de se dilatar. Pois bem! que essas lágrimas sejam um alívio e não produzidas pelos remorsos! Aquela que vos ama e que chorais está feliz com a sua felicidade! E esperai reencontrá-la um dia: não a vedes; mas para ela não há separação, porque constantemente pode estar junto de vós.

2. Gostariéis de nos dizer o que pensais atualmente de vossos escritos? - R. Uma única palavra esclarecer-vos-á. Se eu voltasse e pudesse recomeçar, mudaria as duas terças partes e não guardaria senão a outra terça parte.

3. Poderíeis assinalar as coisas que desaprovais? - R. Não é muita exigência, porque o que não está justo, outros escritores o mudarão: fui muito homem para uma mulher.

4. Qual era a causa primeira do caráter viril que mostrastes durante a vida? - R. Isso depende da fase da existência em que se está

Na sessão seguinte, em 12 de outubro, se lhe dirigem as perguntas seguintes, por intermédio do senhor D..., médium escrevente.

5. Outro dia, viestes espontaneamente entre nós, por intermídia da senhorita E... Teríeis a bondade de nos dizer qual motivo pôde vos levar a nos favorecer com vossa presença, sem que vos tivéssemos chamado? - R. A simpatia que tenho por todos; ao mesmo tempo, o cumprimento de um dever que me impus em minha existência atual, ou antes em minha existência passageira, uma vez que estou chamada a reviver: de resto, é o destino de todos os Espíritos.

6. Como vos é mais agradável: vir espontaneamente ou ser evocada? - R. Gosto mais de ser evocada, porque é uma prova que se pensa em mim; mas sabeis, também, que é agradável para o Espírito livre poder conversar com o Espírito do homem; por isso, não deveis vos admirar ao me verdes chegar, de repente, entre vós.

7. Há vantagem em evocar os Espíritos antes que esperar a seu bel-prazer? - R. Evocando, tem-se um objetivo; deixando-os vir, corre-se grande risco de ter comunicações imperfeitas, sob muitos pontos de vista, porque os maus vêm tão bem quanto os bons.

8. Já vos comunicastes em outros círculos? - R. Sim; mas, freqüentemente, têm-me feito aparecer mais que eu não teria querido; quer dizer: freqüentemente, tomaram meu nome.

9. Teríeis a bondade de vir, algumas vezes, entre nós, para nos ditar alguns dos vossos belos pensamentos, que estaremos felizes em reproduzir para a instrução geral? - R. Bem voluntariamente: vou com prazer entre aqueles que trabalham seriamente para se instruírem: minha chegada de outro dia, disso é uma prova.

Médium pintor na América

Revista Espírita, novembro de 1858

(Extraído do *Spiritualiste* de Nova Orteans.)

Não podendo todo mundo ser convencido pelo mesmo gênero de manifestações espirituais, foi preciso se desenvolverem médiuns de muitas espécies. Há, nos Estados Unidos, os que fazem retratos de pessoas mortas há muito tempo, e que jamais conheceram; e como a semelhança é logo constatada, poucas pessoas sensatas, que testemunham esses fatos, não deixam de se converterem. O mais notável desses médiuns é talvez o senhor Roger, que já citamos (vol. I, p. 239), e que habitava, então, Columbus, onde exercia sua profissão de alfaiate; poderíamos acrescentar que não teve outra educação, além daquela do seu estado.

Aos homens instruídos que disseram ou repetiram, a propósito da teoria espiritualista: "O recurso aos Espíritos não é senão uma hipótese; um exame atento prova que ela não é nem a mais racional, nem a mais verossímil," a eles, sobretudo, oferecemos a tradução seguinte, que abreviamos, de um artigo escrito em 27 de julho último, pelo senhor Fayette R. Gridley, de Attica (Indiana), aos editores do *Spiritual Age*, que o publicou por inteiro em sua folha de 14 de agosto:

No mês de maio último, o senhor E. Roger, de Cardington (Ohio), que, como sabeis, é médium pintor e faz retratos de pessoas que não estão mais neste mundo, veio passar alguns dias em minha casa. Durante essa curta estada, foi arrebatado por um artista invisível que se deu por Benjamin West, e ele pintou alguns belos retratos, de tamanho natural, assim como outros menos satisfatórios.

Eis algumas particularidades relativas a dois desses retratos.

Foram pintados pelo dito E. Roger, em um quarto escuro, em minha casa, no curto intervalo de uma hora e trinta minutos, dos quais em torno de uma meia-hora se passou sem que o médium fosse influenciado, e eu a aproveitei para examinar seu trabalho, que não estava ainda acabado. Roger foi arrebatado de novo e terminou esses retratos. Então, e sem nenhuma indicação quanto aos sujeitos assim representados, um dos retratos foi em seguida reconhecido como sendo de meu avô, Elisha Gridley; minha mulher, minha irmã, a senhora Chaney, e depois meu pai e minha mãe, todos foram unânimes em acharem a semelhança boa; é um *fac-símile* do velho, com todas as particularidades de sua cabeleira, de seu colarinho de camisa, etc. Quanto ao outro retrato, nenhum de nós o reconhecendo, pendurei-o em minha loja, à vista dos passantes, e permaneceu uma semana sem ser reconhecido por ninguém. Esperávamos que alguém nos dissesse que representava um antigo habitante de Attica. Perdia a esperança em saber quem se quis pintar, quando uma noite, tendo formado um círculo espiritualista em minha casa, um Espírito se manifestou e me fez a comunicação que aqui está:

"Meu nome é Horace Gridley. Há mais de cinco anos deixei meu despojo. Morei vários anos em Natchez (Mississippi), onde ocupei o lugar de xerife. Meu único filho mora lá. Sou primo do vosso pai. Podereis ter outras informações sobre mim, dirigindo-vos ao vosso tio, senhor Gridley, de Brownsville (Tennessee). O retrato que tendes em vossa loja é o meu, à época

em que vivia na Terra, pouco tempo antes de passar para esta nova existência, mais elevada, mais feliz e melhor, ele se me assemelha, *tanto ao menos quanto pude retomar minha fisionomia de então*, porque isso é indispensável quando nos pintam, e o fazemos o melhor que podemos em lembrança e segundo as condições que o momento o permite. O retrato em questão não está acabado como o teria desejado; há algumas ligeiras imperfeições que o senhor West disse provirem das condições nas quais se achava o médium. Entretanto, enviei esse retrato a Natchez, para que seja examinado; creio que será reconhecido."

Os fatos mencionados nessa comunicação eram perfeitamente ignorados por mim, tanto quanto de todos os habitantes de nosso lugar. Entretanto, uma vez, há alguns anos, ouvi dizer que meu pai tinha um parente em algum local dessa parte do vale do Mississipi; mas nenhum de nós sabia o nome desse parente, nem o lugar onde vivera, nem mesmo se estava morto, e não foi senão vários dias depois que tomei com meu pai (que habitava Delphi, a quarenta milhas daqui), qual havia sido o lugar de residência de seu primo, do qual não ouvira falar quase nada há sessenta anos. Não havíamos pensado em pedir os retratos de família; eu tinha simplesmente colocado, diante do médium, uma nota escrita contendo os nomes de uma vintena de antigos habitantes de Attica, partidos deste mundo, e desejamos obter o retrato de algum dentre eles. Penso, pois, que todas as pessoas racionais admitirão que o retrato, nem a comunicação de Horace Gridley, não puderam resultar de uma transmissão de pensamento de nós para o médium; aliás, é certo que o senhor Roger jamais conheceu nenhum dos dois homens, dos quais fez os retratos, e muito provavelmente, deles, jamais ouviu falar, porque é Inglês de nascimento; ele veio para a América, há dez anos, e nunca foi mais ao sul que Cincinnati, ao passo que Horace Gridley, pelo que sei, não veio jamais mais norte que Memphis (Tenn), nos últimos trinta ou trinta e cinco anos de sua vida terrestre. Ignoro se jamais visitou a Inglaterra; mas isso não poderia ter sido senão antes do nascimento de Roger, porque este não tem mais que vinte e oito a trinta anos. Quanto ao meu avô, morto há mais ou menos dezenove anos, jamais saiu dos Estados Unidos, e jamais fizera seu retrato, de qualquer maneira

Desde que recebi a comunicação que transcrevi mais acima, escrevi ao senhor Gridley, de Brownsville, e sua resposta veio corroborar o que ensinara a comunicação do Espírito; além do mais, com ele encontrei o nome do único filho de Horace Gridley, que é a senhora L. M. Patterson, ainda residente em Natchez, onde seu pai morou muito tempo, e que morreu, ao que pensa meu tio, há mais ou menos seis anos, em Houston (Texas).

Escrevi, então, à senhora Patterson, minha prima recém-descoberta, e lhe enviei uma cópia daguerreotipada do retrato, que nos disseram ser de seu pai. Em minha carta ao meu tio, de Brownsville, não havia dito nada do objetivo principal de minhas pesquisas, e de la nada disse mais à senhora Patterson; nem por que enviava esse retrato, nem como o havia adquirido, nem qual era a pessoa que ele representava; perguntei simplesmente à minha prima se ela nele reconhecia alguém. Ela me respondeu que não podia certamente dizer de quem era esse retrato, porém ela me assegurava que se *assemelhava a seu pai à época de sua morte*. Escrevi-lhe em seguida que o tomáramos também pelo retrato de seu pai, mas sem lhe dizer como o havia obtido. A réplica de minha prima trazia, em substância, que no ambrotipo que eu lhe enviara, todos haviam reconhecido seu pai, antes que eu lhe dissesse que era ele o representado. Minha prima testemunhou muita surpresa de que eu tivesse um retrato de seu pai, quando ela mesma jamais tivera, e que seu pai jamais dissera que fizera seu retrato, não importa por quem. Não acreditava que dele existisse algum. Mostrou-se bem satisfeita com a minha remessa, sobretudo por causa de seus filhos, que têm muita veneração pela memória de seu pai.

Então enviei-lhe o retrato original, autorizando-a a guardá-lo, se lhe aprouvesse; mas ainda não lhe disse como o havia obtido. As principais passagens do que ela me escreveu, em

retorno, são as seguintes:

"Recebi vossa carta, assim como o retrato de meu pai, que me permitis guardar, se for assaz semelhante. É-o certamente muito; e como jamais tive outro retrato dele, guardo-o, uma vez que com isso consentis; aceito-o com muito reconhecimento, embora me pareça que meu pai foi melhor que isso, quando se achava com boa saúde."

Antes do recebimento das duas últimas cartas da senhora Patterson, o acaso quis que o senhor Hedges, hoje de Delphi, mas outrora de Natchez, e o senhor Ewing, vindo recentemente de Vicksburg (Mississippi), vissem o retrato em questão e o reconhecessem como sendo de Horace Gridley, com quem ambos tiveram relações.

Acho que esses fatos têm muita significação para passarem em silêncio, e acreditei dever comunicar-lhes para serem publicados. Asseguro-vos que, escrevendo este artigo, tomei muito cuidado para que tudo nele esteja correto.

Nota. Já conhecemos os médiuns desenhistas; além dos notáveis desenhos, dos quais demos um espécime, mas que nos retratam coisas das quais não podemos verificar a exatidão, vimos executar, sob nossos olhos, por médiuns inteiramente estranhos a essa arte, esboços muito reconhecíveis de pessoas mortas, que jamais haviam conhecido; mas daí para um retrato pintado dentro das regras, há uma distância. Essa faculdade se liga a um fenômeno muito curioso do qual somos testemunhas neste momento, e de que falaremos proximamente.

Independência sonambúlica

Fatos notáveis de lucidez

Revista Espírita, novembro de 1858

Muitas pessoas, que hoje aceitam perfeitamente o magnetismo, contestaram durante muito tempo a lucidez sonambúlica; é que, com efeito, essa faculdade veio confundir todas as noções que tínhamos sobre a percepção das coisas do mundo exterior, e, todavia, desde há muito tempo tinha-se o exemplo dos sonâmbulos naturais, que gozam de faculdades análogas e que, por um contraste bizarro, jamais se procurou aprofundar. Hoje, a clarividência sonambúlica é um fato adquirido, e, se ainda é contestado por algumas pessoas, é porque as idéias novas demoram para se enraizar, sobretudo quando é preciso renunciar àquelas por longo tempo nutridas; é também porque muitas pessoas acreditaram, como ocorre ainda com as manifestações espíritas, que o sonambulismo podia ser experimentado como máquina, sem levar em conta as condições especiais do fenômeno; foi por isso que, não tendo obtido à vontade, e a propósito resultados sempre satisfatórios, disso se concluiu pela negativa. Fenômenos tão delicados exigem uma observação longa, assídua e perseverante, a fim de apreender-lhes as nuances freqüentemente fugitivas. É igualmente em consequência de uma observação incompleta dos fatos que certas pessoas, mesmo admitindo a clarividência dos sonâmbulos, contestam sua independência; segundo elas, sua visão não se estende além do pensamento daquele que os interroga; alguns pretendem mesmo que não há visão, mas simplesmente intuição e transmissão de pensamento, e citam exemplos em apoio. Ninguém duvida que o sonâmbulo, vendo o pensamento, algumas vezes pode traduzi-lo e ser dele o eco; não contestamos mesmo que não possa, em certos casos, influenciá-lo: não ocorresse senão isso no fenômeno, já não seria um fato bem curioso e bem digno de observação? A questão, portanto, não é saber se o sonâmbulo é ou pode ser influenciado por um pensamento estranho, isso não é duvidoso, mas bem saber se é sempre influenciado: isso é um resultado da experiência. Se o sonâmbulo não diz jamais senão o que sabeis, é incontestável que é o vosso pensamento que ele traduz; mas se, em certos casos, ele diz o que não sabeis, se contradiz vossa opinião, vossa maneira de ver, é evidente que é independente e não segue senão seu próprio impulso. Um único fato desse gênero, bem caracterizado, bastaria para provar que a sujeição do sonâmbulo ao pensamento de outrem não é uma coisa absoluta; ora, eles existem aos milhares; entre os que são de nosso conhecimento pessoal, citaremos os dois seguintes:

O senhor Marillon, morando em Bercy, rua de Charenton, nº 43, havia desaparecido no dia 13 de janeiro último. Todas as pesquisas para descobrir seus vestígios foram infrutíferas, nenhuma das pessoas na casa das quais estavam habituado ir, não o haviam visto; nenhum negócio podia motivar uma ausência prolongada; por outro lado, seu caráter, sua posição pecuniária, seu estado mental descartavam toda idéia de suicídio. Estava-se reduzido a pensar que ele perecera vítima de um crime ou de um acidente; mas, nesta última hipótese, poderia ser facilmente reconhecido e conduzido ao seu domicílio, ou, pelo menos, levado ao Necrotério. Todas as possibilidades eram, pois, para o crime; foi nesse pensamento que se fixou, tanto melhor porque se pensou que saíra para fazer um pagamento; mas onde e como o crime havia sido cometido? Era o que se ignorava. Sua filha, então, recorreu a uma sonâmbula, a senhora Roger, que em muitas outras circunstâncias semelhantes dera provas de uma lucidez notável, que pudemos constatar por nós mesmos. A senhora Roger seguiu o senhor Morillon desde a sua saída, de sua casa, às 3 horas depois de meio-dia, até lá pelas 7

horas da tarde, no momento em que se dispunha a reentrar, vi-o, então, descer pela margem do Sena por um motivo premente; ali, disse ela, teve um ataque de apoplexia, e o vejo cair sobre uma pedra, fazer-se uma fenda na testa, depois deslizar na água; portanto, isso não foi nem suicídio, nem crime; vejo ainda seu dinheiro e uma chave no bolso de seu paletó. Ela indica o lugar do acidente, mas, acrescenta ela, não é ali que ele está agora, foi facilmente arrastado pela corrente e será encontrado em tal lugar. Foi, com efeito, o que ocorreu; ele tinha a ferida indicada na fronte; a chave e o dinheiro estavam em seu bolso e a posição de suas vestes indicavam, suficientemente, que a sonâmbula não se enganara sobre o motivo que o conduziu às margens do rio. Perguntamos onde, com todos esses detalhes, pode-se ver a transmissão de um pensamento qualquer. Eis um outro fato onde a independência sonambúlica não é menos evidente.

O senhor e a senhora Belhomme, agricultores em Rueil, rua Saint-Denis, nº 19, tinham reservado uma soma ao redor de 8 a 900 francos. Para maior segurança, a senhora Belhomme colocou-a em um armário, do qual uma parte estava reservada para roupa branca velha, a outra para roupa branca nova, e foi nesta última que o dinheiro foi colocado; nesse momento alguém entrou e a senhora Belhomme se apressou em fechar o armário. Algum tempo depois, tendo necessidade do dinheiro, ela se persuadiu de tê-lo colocado na roupa velha, porque essa fora sua intenção, na idéia de que o velho tentaria menos os ladrões; mas, em sua precipitação, com a chegada do visitante, ela o havia colocado no outro compartimento. Estava de tal modo convencida de tê-lo colocado na roupa branca velha, que a idéia de procurá-lo alhures não lhe ocorreu; encontrando o lugar vazio, e lembrando-se da visita, ela acreditou ter sido notada e roubada, e nessa persuasão, suas suposições, naturalmente, se dirigiam sobre o visitante.

A senhora Belhomme conhecia a senhorita Marillon, da qual falamos mais acima, e lhe contou sua desventura. Esta tendo-lhe ensinado o meio pelo qual seu pai fora encontrado, a exortou dirigir-se à mesma sonâmbula, antes de tomar alguma providência. O senhor e a senhora Belhomme seguiram para a casa da senhora Roger, bem convencidos de terem sido roubados, e na esperança de que se indicaria o ladrão que, em sua opinião, não podia ser senão o visitante. Tal era, pois, seu pensamento exclusivo; ora, a sonâmbula, depois de uma descrição minuciosa do local, lhes disse: não fostes roubados; vosso dinheiro está intacto em vosso outro armário, somente credes tê-lo colocado no de roupa velha, ao passo que o colocastes no de nova; retornai para vossa casa e aí o encontrareis; com efeito, foi o que ocorreu.

Nosso objetivo, narrando esses dois fatos, e poderíamos deles citar muitos outros também concludentes, foi de provar que a clarividência sonambúlica não é sempre o reflexo de um pensamento estranho; que o sonâmbulo pode ter, assim, uma lucidez própria, inteiramente independente. Disso resulta conseqüências de alta gravidade do ponto de vista psicológico; aí encontramos a chave de mais de um problema, que examinaremos ulteriormente, tratando das relações que existem entre o sonambulismo e o Espiritismo, relações que lançam uma luz toda nova sobre a questão.

Uma noite esquecida ou a feiticeira Manouza

Revista Espírita, novembro de 1858

Milésima segunda noite dos contos árabes, Ditada pelo Espírito de Frédéric Soulié.

PREFÁCIO DO EDITOR

No correr do ano de 1856, as experiências de manifestações espíritas que se fizeram na casa do senhor B..., rua Lamartine, aí atraíram uma sociedade numerosa e escolhida. Os Espíritos que se comunicavam nesse círculo, eram mais ou menos sérios; alguns aí disseram coisas admiráveis de sabedoria, de uma profundidade notável, o que pode se julgar, pelo *O Livro dos Espíritos* que aí foi começado e feito em sua maior parte. Outras eram menos graves; seu humor jovial se prestava voluntariamente à distração, mas a uma distração de boa companhia que jamais saiu das conveniências. Desse número era Frédéric Soulié, que veio por si mesmo e sem ser convidado, mas cujas visitas inesperadas eram sempre, para a sociedade, um passatempo agradável. Sua conversação era espiritual, fina, mordaz, cheia de oportunidade, e jamais desmentiu o autor de *Memórias do Diabo*, de resto jamais se lisonjeou, e quando se lhe dirigiam algumas perguntas um pouco árduas de filosofia, ele confessava francamente sua insuficiência para resolvê-las, dizendo que era ainda muito ligado à matéria, e que ele preferia o alegre ao sério.

O médium que lhe servia de intérprete era a senhorita Caroline B..., uma das filhas do senhor da casa, médium do gênero exclusivamente passivo, não tendo jamais a menor consciência daquilo que escrevia, e podendo rir e conversar à direita ou à esquerda, o que fazia de bom grado, enquanto a sua mão caminhava. O meio mecânico empregado foi, durante muito tempo, a *cesta pião*, descrita em nossa instrução prática. Mais tarde, o médium serviu-se da psicografia direta.

Perguntar-se-á, sem dúvida, que provas tínhamos que o Espírito que se comunicava era o de Frédéric Soulié, antes que qualquer outro. Não é aqui o caso de tratar a questão da identidade dos Espíritos; diremos somente que o de Soulié se revelou por mil circunstâncias de detalhes que não podem escapar a uma observação atenta; só uma palavra, um chiste, um fato pessoal narrado, vieram nos confirmar que era bem ele; várias vezes deu sua assinatura que foi confrontada com originais. Um dia pediram que desse seu retrato, e o médium, que não sabe desenhar, que nem jamais o viu, traçou um esboço de uma semelhança marcante.

Ninguém, da reunião, tivera relações com ele em sua vida; por que, pois, viera sem ser chamado? Foi porque se ligou a um dos assistentes, sem jamais consentir em dizer o motivo; ele vinha quando essa pessoa estava presente; entrava com ela e saía com ela; de sorte que, quando ali não estava, ele não mais vinha, e, coisa estranha, era que quando ele lá estava, era muito difícil, senão impossível, haver comunicações com outros Espíritos; o próprio Espírito familiar da casa cedia-lhe o lugar, dizendo que, por polidez, devia fazer as honras da casa.

Um dia, anunciou que nos daria um romance de sua autoria, e, com efeito, algum tempo depois, começou um relato cujo início muito prometia; o assunto era druídico e a cena se passava na Armorique ao tempo da dominação romana; infelizmente, parece que se assustou com a tarefa que empreendeu, porque, é preciso dizê-lo bem, um trabalho assíduo não era seu forte, e ele confessava que se comprazia, com o maior bom grado, na preguiça. Depois de algumas páginas ditadas, aí deixou seu romance, mas anunciou que nos escreveria um outro, que lhe desse menos trabalho: foi então que escreveu o conto do qual começamos a publicação. Mais de trinta pessoas assistiram a essa produção e podem atestar-lhe a origem. Não a damos como obra de uma alta importância filosófica, mas como uma curiosa amostra de um trabalho de longo fôlego obtido dos Espíritos. Notar-se-á como tudo nele tem seqüência, como tudo se encadeia com uma arte admirável. O que há de mais extraordinário, é que esse relato reprisou-se cinco ou seis vezes diferentes, e freqüentemente depois de interrupções de duas a três semanas; ora, a cada reprise, o relato se seguia como se fora escrito de um golpe, sem riscos, sem retorno e sem que houvesse necessidade de lembrar o que havia precedido. Damo-lo tal como saiu do lápis do médium, sem mudar nada, nem no estilo, nem nas idéias, nem no encadeamento dos fatos. Algumas repetições de palavras, e alguns pequenos pecados de ortografia tendo sido assinalados, Soulié nos encarregou pessoalmente de retificá-los, dizendo que nos assistiria nisso; quando tudo terminou, ele quis rever o conjunto, ao qual não fez senão algumas retificações sem importância, e dar autorização de publicar como se o entendesse, fazendo, disse ele, de bom grado a renúncia de seus direitos de autor. Todavia, consideramos não dever inseri-lo em nossa *Revista* sem o consentimento formal de seu amigo póstumo, a quem pertencia o direito, uma vez que em sua presença e por sua solicitação éramos devedores dessa produção de além-túmulo. O título foi dado pelo próprio Espírito de Frédéric Soulié. A.K.

UMA NOITE ESQUECIDA

Havia, em Bagdá, uma mulher do tempo de Aladim; é a sua história que vou contar

Num dos subúrbios de Bagdá morava, não longe do palácio da sultana Shéhérazad, uma velha mulher chamada Manouza. Essa velha era motivo de terror para toda a cidade, porque era feiticeira das mais apavorantes. Em sua casa, à noite, se passavam coisas tão assustadoras que, logo que o sol se deitava, ninguém se arriscava passar diante de sua morada, a menos que fosse uma amante à procura de um filtro para uma senhora rebelde, ou uma mulher abandonada em busca de um bálsamo para colocar sobre a ferida que seu amante lhe fizera, abandonando-a.

Um dia, pois, em que o sultão estava mais triste que de hábito, e que a cidade estava numa grande desolação, porque ele queria que percesse a sultana favorita, e que a seu exemplo todos os maridos eram infiéis, um jovem deixou uma magnífica habitação situada ao lado do palácio da sultana. Esse jovem trajava uma túnica e um turbante de cor sombria; mas sob essas simples vestes havia um grande ar de distinção. Procurava se esconder ao longo das casas, como gatuno, ou amante temeroso de ser surpreendido. Dirigia seus passos para o lado de Manouza, a feiticeira. Uma viva ansiedade pintava sobre os seus traços, que mostravam a preocupação que o agitava. Atravessou as ruas, as praças com rapidez, e, todavia, com grande precaução.

Chegado perto da porta, hesitou alguns minutos, depois decidiu bater. Durante um quarto de

hora, teve angústias mortais, porque ouvia ruídos que nenhum ouvido humano havia escutado; uma matilha de cães uivando com ferocidade, gritos lamentáveis, cantos de homens e de mulheres, como ao fim de uma orgia, e, para clarear todo esse tumulto, luzes correndo de alto a baixo da casa, fogos fátuos de todas as cores; depois, como por encantamento, tudo cessou: as luzes se extinguíram e a porta se abriu.

O visitante ficou um instante interdito, não sabendo se devia entrar no corredor sombrio, que se oferecia à visão. Enfim, armando-se de coragem, penetrou audaciosamente. Depois de caminhar, às apalpadelas, o espaço de uns trinta passos, encontrou-se em face de uma porta dando para uma sala, clareada somente por uma lâmpada de cobre de três bicos, suspensa no meio do teto.

A casa que, depois do ruído que ouvira da rua, parecia dever ser muito habitada, tinha agora o ar deserto; essa sala que era imensa, e devia, pela sua construção, ser a base do edifício, estava vazia, excetuando-se os animais empalhados, de todas as espécies, com os quais estava guarnecida.

No meio dessa sala, havia uma pequena mesa coberta de livros de mágicos, e, diante dessa mesa, numa grande poltrona, estava sentada uma pequena velha, alta apenas dois côvados, e de tal modo embrulhada de xales e de turbantes, que era impossível ver seus traços. À aproximação do estranho, ela levantou a cabeça e mostrou, aos seus olhos, o mais terrível rosto que ele podia imaginar.

Eis-te aqui, senhor Nouredin, disse ela, fixando seus olhos de hiena sobre o jovem que entrara; aproxime-se! Faz vários dias que meu crocodilo, de olhos de rubis, me anuncia tua visita. Dize se é um filtro o de que precisas; dize se é uma fortuna. "Mas, que digo eu, uma fortuna! Não a tens que faz inveja ao próprio sultão? Não és o mais rico como és o mais belo? É provavelmente um filtro que vens procurar. Qual é, pois, a mulher que ousa ser-te cruel? Enfim, não devo nada dizer, eu não sei nada, estou pronta para escutar tuas dificuldades e para dar-lhes os remédios necessários, se, todavia, minha ciência tiver o poder de ser útil a ti. Mas que fazes, pois, a me olhar assim sem avançares? Terias medo? Talvez eu te apavore? Tal como me vês, antigamente era bela; mais bela que todas as mulheres hoje existentes em Bagdá; foram os desgostos que me tornaram tão feia. Mas que te causam meus sofrimentos? Aproxima-te; eu te escuto; somente não posso dar-te senão dez minutos, assim, despacha-te.

Nouredin não estava muito tranqüilo; entretanto, não queria mostrar aos olhos de uma velha mulher a perturbação que o agitava, avançou e lhe disse: Mulher, vim por uma coisa grave; de tua resposta depende a sorte de minha vida; vais decidir de minha felicidade ou de minha morte. Eis do que se trata

O sultão quer matar Nazara; eu a amo; vou contar-te de onde vêm esse amor, e venho pedir-te trazer um remédio, não a minha dor, mas a sua infeliz posição, porque eu não quero que ela morra. Sabes que meu palácio é vizinho daquele do sultão; nossos jardins se tocam. Há mais ou menos seis luas que, uma tarde, passeando nesses jardins, ouvi uma encantadora música acompanhada da mais deliciosa voz de mulher que jamais ouvi. Querendo saber de onde isso provinha, aproximei-me dos jardins vizinhos, e reconheci que era de um quarto de verdura habitado pela sultana favorita. Fiquei vários dias absorvido por esses sons melodiosos; noite e dia, revia a bela desconhecida cuja voz me seduzia; porque é preciso dizer-te que, em meu pensamento, ela não podia ser senão bela. Passeava, cada tarde, nas mesmas alamedas onde ouvira essa encantadora harmonia; durante cinco dias, isso foi em vão; enfim, no sexto dia a música se fez ouvir de novo; então, não podendo mais conter-me, aproximei-me do muro e vi que era preciso pouco esforço para escalá-lo.

Depois de alguns momentos de hesitação, tomei uma grande decisão: passei do meu para o jardim vizinho; ali, vi, não uma mulher mas uma huri, a huri favorita de Maomé, uma maravilha enfim! A minha visão, ela assustou-se um pouco, mas, lançando-me aos seus pés, pedi-lhe que não tivesse nenhum temor em ouvir-me; disse-lhe que seu canto me atraía e assegurei-lhe que não encontraria em minhas ações senão o mais profundo respeito; ela teve a bondade de me ouvir.

A primeira noite se passou falando de música. Também cantei, e me ofereci para em acompanhá-la; ela nisso consentiu, e marcamos encontro para o dia seguinte, à mesma hora. Nessa hora, ela estava mais tranqüila; o sultão estava com seu conselho e a vigilância menor. As duas ou três primeiras noites se passaram inteiramente com a música; mas a música é a voz dos amantes, e desde o quarto dia não estávamos mais estranhos um ao outro. Nós nos amamos. Que bela estava! Como sua alma era bela também! Fizemos, muitas vezes, o projeto de fugirmos. Ai! por que não o executamos? Seria menos infeliz, e ela não estaria prestes a sucumbir. Essa bela flor não estaria no momento de ser colhida pela foice que vai arrebatá-la à luz.

(continua no próximo número)

Variedades - Aparição do general Marceau

Revista Espírita, novembro de 1858

A *Gazette de Cologne* publicou a história seguinte, que lhe foi comunicada por seu correspondente em Coblentz, e que é atualmente o assunto de todas as conversações. O fato foi narrado pela *Patrie* de 10 de outubro de 1858.

"Sabe-se que, abaixo do forte do Imperador François, perto da estrada de Cologne, encontra-se um monumento do general francês Marceau, que tombou em Altenkirchen e foi sepultado em Coblentz, no monte Saint-Pierre, onde se acha agora a parte principal do forte. O monumento do general, que é uma pirâmide mutilada, foi mais tarde tirado quando começaram as fortificações de Coblentz. Todavia, por ordem expressa do brilhante rei Frédéric III, foi reconstruído no lugar onde se acha atualmente.

"O senhor de Stramberg, que em seu *Reinischen antiquarius*, dá uma biografia muito detalhada de Marceau, conta que pessoas pretendem ter visto o general, à noite, por várias vezes, montado sobre um cavalo branco e levando o casaco branco dos caçadores franceses. Há algum tempo, dizia-se em Coblentz que Marceau deixava seu túmulo, e que numerosas pessoas asseguravam tê-lo visto. Há alguns dias, um soldado, de guarda sobre o Petersberg (o monte Saint-Pierre), viu chegar a ele um cavaleiro branco, montado sobre um cavalo branco. Ele grita: Quem vêm lá? Não tendo recebido resposta, a três interpelações, ele atira, e desmaia. Uma patrulha precipita-se ao tiro e encontra o sentinela sem sentidos. Levado ao hospital, onde caiu perigosamente enfermo, pôde, entretanto, relatar o que vira. Uma outra versão disse que ele morreu em consequência da aventura. Eis a historieta tal qual pode ser certificada por toda a cidade de Coblentz."

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Primeiro Ano – 1858

Dezembro

- [Das aparições](#)
- [Senhor Adrien, médium vidente](#)
- [Um Espírito no enterro de seu corpo](#)
- [Fenômeno de bicorporeidade](#)
- [Sensações dos Espíritos](#)
- [Dissertações de além-túmulo - O sono](#)
- [As flores](#)
- [O papel da mulher](#)
- [Poesia espírita - O despertar de um Espírito](#)
- [Conversas familiares de além-túmulo - Uma viúva de Malabar](#)
- [A Bela Cordoeira](#)
- [Variedades - Monomania religiosa](#)
- [Uma questão de prioridade](#)
- [Aos leitores da Revista Espírita - Conclusão do ano de 1858](#)

Das aparições

Revista Espírita, dezembro de 1858

O fenômeno das aparições se apresenta hoje sob um aspecto de alguma sorte novo, e que lança uma luz viva sobre os mistérios da vida além-túmulo. Antes de abordarmos os fatos estranhos que vamos relatar, cremos dever retornar sobre a explicação que deles foi dada, e completá-la.

Não se pode perder de vista que, durante a vida, o Espírito está unido ao corpo por uma substância semi-material que designamos sob o nome de perispírito. O Espírito tem, pois, dois envoltórios: um grosseiro, pesado e *destrutivo*: é o corpo; o outro etéreo, vaporoso e *indestrutivo*: é o perispírito. A morte não é senão a destruição do envoltório grosseiro, é a veste de cima usada que se deixa; o envoltório semi-material persiste, e constitui, por assim dizer, um novo corpo para o Espírito. Essa matéria etérea não é a alma, anotemos bem, não é senão o primeiro envoltório da alma. A natureza íntima dessa substância, ainda, não nos é perfeitamente conhecida, mas a observação nos colocou no caminho de algumas dessas propriedades. Sabemos que ela desempenha um papel capital em todos os fenômenos espíritas; depois da morte é o agente intermediário entre o Espírito e a matéria, como o corpo durante a vida. Por aí se explicam uma multidão de problemas até agora insolúveis. Ver-se-á, num artigo subsequente, o papel que ela desempenha nas sensações do Espírito. Também a descoberta, se assim se pode exprimir, do perispírito, fez dar um passo imenso à ciência espírita; fê-la entrar num caminho todo novo. Mas esse perispírito, direis, não é uma criação fantástica da imaginação? Não é uma dessas suposições como, freqüentemente, faz-se na ciência para explicar certos efeitos? Não, não é uma obra de imaginação, porque foram os próprios Espíritos que o revelaram; não é uma idéia fantástica, porque pode ser constatada pelos sentidos, porque se pode *vê-lo e tocá-lo*. A coisa existe, só a palavra é nossa. São necessárias palavras novas para exprimirem coisas novas. Os próprios Espíritos a adotaram nas comunicações que temos com eles.

Por sua natureza e em seu estado normal, o perispírito é indivisível para nós, mas pode sofrer modificações que o tomem perceptível à visão, seja por uma espécie de condensação, seja por uma mudança na disposição molecular é então que nos aparece sob forma vaporosa. A condensação (não é preciso tomar essa palavra pela letra, empregamo-la na falta de uma outra), a condensação, dizíamos, pode ser tal que o perispírito adquira as propriedades de um corpo sólido e tangível; mas ele pode, instantaneamente, retomar seu estado etéreo e invisível. Podemos entender esse efeito pelo do vapor, que pode passar da invisibilidade ao estado brumoso, depois líquido, depois sólido, e *vice-versa*. Esses diferentes estados do perispírito são o produto da vontade do Espírito, e não de uma causa física exterior. Quando nos aparece, é que dá ao seu perispírito a propriedade necessária para torná-lo visível, e essa propriedade ele pode estender, restringi-la, fazê-la cessar à sua vontade.

Uma outra propriedade da substância do perispírito é a da penetrabilidade. Nenhuma matéria lhe faz obstáculo: atravessa todas, como a luz atravessa os corpos transparentes.

O perispírito, separado do corpo, afeta uma forma determinada e limitada, e essa forma normal é a do corpo humano, mas não é constante; o Espírito pode dar-lhe, à sua vontade, as aparências mais variadas e até a de um animal ou de uma chama. De resto, isto se concebe muito facilmente. Não se vêem homens darem, ao seu rosto, as expressões mais

diversas, imitarem, ao ponto de enganarem, a voz, o rosto de outras pessoas, parecerem corcundas, coxos, etc.? Quem reconheceria na cidade certos atores que não se vira senão caracterizado no palco? Se, pois, o homem pode assim dar ao seu corpo material e rígido aparências tão contrárias, com mais forte razão o Espírito pode fazê-lo com um envoltório eminentemente flexível, e que pode prestar-se a todos os caprichos da vontade.

Os Espíritos nos aparecem, pois, geralmente sob uma forma humana; em seu estado normal, essa forma nada tem bem característica, nada que os distingue uns dos outros, de um modo bem marcado; nos bons Espíritos, ela é ordinariamente bela e regular: os longos cabelos flutuam sobre os ombros, roupagens envolvem o corpo. Mas, se querem dar-se a conhecer, tomam exatamente todos os traços sob os quais foram conhecidos, e até a aparência das vestes, se isso for necessário. Assim, Esopo, por exemplo, como Espírito não é disforme, mas se for evocado, enquanto Esopo, tivesse mesmo várias existências depois, apareceria disforme e corcunda, com o costume tradicional. Esse vestuário, talvez, é o que mais espanta; mas considerando-se que faz parte integrante do envoltório semi-material, concebe-se que o Espírito possa dar, a esse envoltório, a aparência de tal ou tal vestuário, como a de tal ou de tal rosto.

Os Espíritos podem aparecer seja em sonho, seja no estado de vigília. As aparições no estado de vigília não são nem raras nem novas; houve-as em todos os tempos; delas a história narra um grande número; mas, sem remontar tão alto, em nossos dias elas são muito freqüentes, em muitas pessoas que as tiveram, à primeiravista, tomaram-nas pelo que se convencionou chamar de alucinações. São freqüentes, sobretudo, nos casos de morte de pessoas ausentes, que vêm visitar seus parentes ou amigos. Freqüentemente, elas não têm objetivo determinado, mas pode-se dizer que, em geral, os Espíritos que nos aparecem assim são seres atraídos a nós pela simpatia. Conhecemos uma jovem senhora que via, muito freqüentemente, em sua casa, em seu quarto, com ou sem luz, homens que ali penetravam e dali se iam apesar das portas fechadas. Com isso estava muito atemorizada, e isso a tornara de uma pusilanimidade que se achava ridícula. Um dia, ela viu distintamente seu irmão, que estava na Califórnia, e que não estava morto de todo: prova que o Espírito dos vivos pode também transpor as distâncias e aparecer em um lugar ao passo que o corpo está alhures. Depois que essa senhora se iniciou no Espiritismo, não tem mais medo, porque tem consciência de suas visões, e sabe que os Espíritos que vêm visitá-la, não podem fazer-lhe mal. Quando seu irmão lhe apareceu, provavelmente estava adormecido; se ela entendesse a sua presença, poderia conversar com ele, e este último, em seu despertar, 'poderia disso conservar vaga lembrança. É provável, além disso, que nesse momento ele estivesse sonhando que estava perto de sua irmã.

Dissemos que o perispírito pode adquirir a tangibilidade; disso falamos a propósito das manifestações produzidas pelo senhor Home. Sabe-se que, várias vezes, fez aparecer mãos que se podiam apalpar, como mãos vivas, e que, de repente, se esvaneciam como uma sombra; mas não se vira, ainda, corpo inteiro sob essa forma tangível; isso não é todavia uma coisa impossível. Numa família do conhecimento íntimo de um de nossos assinantes, um Espírito se ligou à filha da casa, criança de 10 a 11 anos, sob a forma de um lindo rapaz da mesma idade. Era visível por ela como uma pessoa comum, e se tornava, à vontade, visível ou invisível a outras pessoas; prestou-lhe todas as espécies de bons ofícios, trouxe-lhe brinquedos, bombons, fez serviço da casa, vai comprar o que se tem necessidade, e o que é mais, lhe paga. Isto não é uma lenda da mística Alemanha, nem é uma história da Idade Média, é um fato atual, que se passa, no momento em que escrevemos, em uma cidade da França, e numa família muito honrada. Fomos capazes de fazer, sobre esse fato, estudos plenos de interesse e que nos forneceram as revelações mais estranhas e as mais inesperadas. Dele proveremos nossos leitores, de modo mais completo, em um artigo especial que publicaremos brevemente.

Senhor Adrien, médium vidente

Revista Espírita, dezembro de 1858

Toda pessoa que pode ver os Espíritos sem auxílio de terceiro é, por isso mesmo, médium vidente; mas, em geral, as aparições são fortuitas, acidentais. Não conhecemos, ainda, ninguém apto a vê-los de modo permanente, e à vontade. É dessa notável faculdade que está dotado o senhor Adrien, um dos membros da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos. Ele é, ao mesmo tempo, médium vidente, escrevente, audiente e sensitivo. Como médium escrevente, ele escreve sob o ditado dos Espíritos, mas raramente de modo mecânico, como os médiuns puramente passivos; quer dizer que, embora escreva coisas estranhas ao seu pensamento, tem consciência do que escreve. Como médium audiente, ouve as vozes ocultas que lhe falam. Temos, na Sociedade, dois outros médiuns que gozam dessa última faculdade em muito alto grau. São, ao mesmo tempo, muito bons médiuns escreventes. Enfim, como médium sensitivo, sente os toques dos Espíritos e a pressão que exercem sobre ele; sente-lhes mesmo comoções elétricas muito violentas, que se comunicam às pessoas presentes. Quando magnetiza alguém, pode, à vontade, quando isso é necessário à saúde, produzir sobre ele os abalos da pilha voltaica.

Uma nova faculdade acaba de se revelar nele, a da dupla vista; sem ser sonâmbulo, e embora esteja perfeitamente desperto, vê à vontade, a uma distância ilimitada, mesmo além dos mares, o que se passa em uma localidade; vê as pessoas e o que elas fazem; descreve os lugares e os fatos com uma precisão cuja exatidão foi verificada. Apressamo-nos em dizer que o senhor Adrien não é um desses homens fracos e crédulos que se deixam ir pela imaginação; ao contrário, é um homem de caráter muito frio, muito calmo, e que vê tudo isso com o mais absoluto sangue frio, não dizemos com indiferença, longe disso, porque ele toma suas faculdades a sério, e as considera como um dom da Providência, que lhe foi concedido para o bem, também não se serve deles senão para as coisas úteis, e *jamais* para satisfazer uma vã curiosidade. É um homem jovem, de uma família distinta, muito honrada, de um caráter ameno e benevolente, e cuja educação cuida de se revelar em sua linguagem e em todas as suas maneiras. Como marinheiro e como militar, percorreu uma parte da África, da Índia, e de nossas colônias.

De todas suas faculdades como médium, a mais notável, e em nossa opinião a mais preciosa, é a de médium vidente. Os Espíritos lhe aparecem sob a forma que descrevemos em nosso artigo precedente sobre as aparições; ele os vê com uma precisão da qual pode-se julgar pelos retratos, que damos adiante, da viúva de Malabar e da Belle Cordière de Lyon. Mas, dir-se-á, o que prova que ele vê bem e que não é o juguete de uma ilusão? O que o prova, é que quando uma pessoa, que ele não conhece, evoca por seu intermédio um parente, um amigo que ele jamais viu, e dele faz um retrato surpreendente de semelhança e que pudemos mesmo constatar; não há, pois, para nós nenhuma dúvida sobre essa faculdade que ele goza no estado de vigília, e não como sonâmbulo.

O que há de mais notável ainda, talvez, é que não vê só os Espíritos evocados; ao mesmo tempo, vê todos aqueles que estão presentes, evocados ou não; ele os vê entrarem, saírem, irem, virem escutarem o que se diz, rirem ou levarem a sério, segundo seu caráter; em uns há gravidade; em outros, um ar zombeteiro e sardônico; algumas vezes um deles avança até um dos assistentes, lhe coloca a mão sobre a espádua ou se coloca ao seu lado, alguns se mantêm afastado; em uma palavra, em toda reunião, há sempre uma assembléia oculta

composta de Espíritos atraídos por sua simpatia pelas pessoas, e pelas coisas pelas quais se ocupem. Nas ruas vê uma multidão, porque além dos Espíritos familiares que acompanham seus protegidos, há ali, como entre nós, a massa dos indiferentes e dos vadios. Em sua casa, disse-nos, não está jamais só, e não se entedia nunca; tem sempre uma sociedade com a qual ele conversa.

Sua faculdade se estende não somente aos Espíritos dos mortos, mas aos dos vivos; quando vê uma pessoa, pode fazer abstração do corpo; então o Espírito lhe aparece como se estivesse separado dele, e pode conversar com ele: Em uma criança, por exemplo, pode ver o Espírito que está encarnado nela, apreciar a sua natureza, e saber o que era antes de sua encarnação.

Essa faculdade, estendida a esse grau, nos inicia melhor, que todas as comunicações escritas, na natureza do mundo dos Espíritos; no-lo mostra tal qual é, e se não o vemos pelos nossos olhos, a descrição que dele nos dá fá-lo ver pelo pensamento; os Espíritos não são mais seres abstratos, são seres reais, que estão ali ao nosso lado, que nos acotovelam sem cessar, e como sabemos agora que seu contato pode ser material, compreendemos a causa de uma multidão de impressões que sentimos sem delas nos rendermos conta. Também colocamos o senhor Adrien no número dos mais notáveis médiuns, e na primeira classe daqueles que forneceram os elementos mais preciosos para o conhecimento do mundo espírita. Sobretudo, o colocamos na primeira classe por suas qualidades pessoais, que são as de um homem de bem por excelência, e que o tornam eminentemente simpático aos Espíritos da mais elevada ordem, o que não ocorre sempre entre os médiuns de influências puramente físicas. Sem dúvida, entre estes últimos, aos que farão mais sensação, cativarão melhor a curiosidade; mas para o observador, para aquele que quer sondar os mistérios desse mundo maravilhoso, o senhor Adrien é o mais poderoso auxiliar que já vimos. Também colocamos sua faculdade, e sua complacência, em proveito de nossa instrução pessoal, seja na intimidade, seja nas sessões da Sociedade, seja, enfim, na visita de diversos lugares de reunião. Estivemos juntos no teatro, nos bailes, nos passeios, nos hospitais, nos cemitérios, nas igrejas; assistimos a enterros, a casamentos, a batismos, a sermões: por toda parte observamos a natureza dos Espíritos que ali vinham se agrupar, entabulamos conversação com alguns, os interrogamos e aprendemos muitas coisas das quais aproveitaremos aos nossos leitores, porque nosso objetivo é fazê-los penetrarem, como nós, nesse mundo tão novo para nós. O microscópio nos revelou um mundo dos infinitamente pequenos que não supúnhamos, embora estivesse sob nossos dedos; o telescópio nos revelou a infinidade de mundos celestes, que não supúnhamos mais; o Espiritismo nos descobre o mundo dos Espíritos que está por toda parte, ao nosso lado como nos espaços; mundo real que reage incessantemente sobre nós.

Um Espírito no enterro de seu corpo

Revista Espírita, dezembro de 1858

Estado da alma no momento da morte.

Os Espíritos sempre nos disseram que a separação da alma e do corpo não se faz instantaneamente; ela começa, algumas vezes, antes da morte real, durante a agonia, quando a última pulsação se faz sentir, o desligamento não está ainda completo; ele se opera mais ou menos lentamente segundo as circunstâncias, e até a sua inteira liberdade a alma experimenta uma perturbação, uma confusão que não lhe permite conscientizar-se de sua situação; está no estado de uma pessoa que desperta e cujas idéias são confusas. Esse estado nada tem de penoso para o homem cuja consciência é pura; sem muito se explicar do que vê, é calmo e espera sem medo o despertar completo; ao contrário, é cheio de angústias e de terror para aquele que teme o futuro. A duração dessa perturbação, dizemos nós, é variável; é muito menos longa naquele que, durante a vida, já elevou seus pensamentos e purificou sua alma; dois ou três dias lhe bastam, ao passo que, em outros, é preciso, algumas vezes, oito ou mais. Freqüentemente, assistimos a esse momento solene, e sempre vimos a mesma coisa; isso não é, pois, uma teoria, mas um resultado da observação, uma vez que é o Espírito quem fala e quem pinta sua própria situação. Eis aqui um exemplo mais característico e tanto mais interessante para o observador, que não se trata mais de um Espírito invisível escrevendo por um médium, mas bem de um Espírito visto e ouvido na presença de seu corpo, seja na câmara mortuária, seja na igreja durante o serviço fúnebre.

O senhor X... vinha de ser atingido por um ataque de apoplexia; algumas horas depois de sua morte, o senhor Adrien, um de seus amigos, se encontrava em seu quarto com a mulher do defunto; ele viu distintamente o Espírito deste passear em todos os sentidos, olhar alternativamente seu corpo e as pessoas presentes, depois sentar-se numa poltrona; tinha exatamente a mesma aparência de quando vivo; estava vestido do mesmo modo, sobrecasaca preta, calça preta; tinha as mãos nos bolsos e o ar preocupado.

Durante esse tempo, a mulher procurava um papel na escrivaninha, seu marido a olha e diz: Procuras inutilmente, não encontrarás nada. Ela não desconfiava nada do que se passava, porque o senhor X... não era visível senão para o senhor Adrien.

No dia seguinte, durante o serviço fúnebre, o senhor Adrien viu de novo o Espírito de seu amigo perambular ao lado do caixão, mas não tinha mais o vestuário da véspera; estava envolvido com uma espécie de roupagem. A conversação seguinte se iniciou entre eles. Notemos, de passagem, que o senhor Adrien não é sonâmbulo; que nesse momento, como no dia precedente, estava perfeitamente desperto, e que o Espírito lhe aparecia como se fosse um dos assistentes do enterro.

- P. Diga um pouco, caro Espírito, que sentes agora? - R. Do bem e do sofrimento. - P. Não compreendo isso. - R. Sinto que estou vivo, com minha verdadeira vida e, entretanto, sinto que vivo, que existo: sou, pois, dois seres? Ah! deixai-me sair desta noite, tenho pesadelo.

- P. Permanecerás por muito tempo assim? - R. Oh! não; graças a Deus, meu amigo; sinto que despertarei logo: seria horrível de outro modo; tenho as idéias confusas; tudo é neblina: sonho *na grande divisão* que acaba de ser feita... não compreendo ainda nada.

- P. Que efeito vos fez a morte? - R. A morte! eu não estou morto, meu filho, tu te enganas. Eu me levantei e fui atingido de repente, por um nevoeiro que me desceu sobre os olhos, depois despertei, e julguei meu espanto ao me ver, me sentir vivo, e de ver ao lado, sobre a lage, meu outro *eu* deitado. Minhas idéias eram confusas; enganei-me para me tranquilizar, mas não pude; vi minha mulher chegar, velar-me, lamentar-se, e me perguntava por quê? Consolei-a, falei-lhe, e ela não me respondia e nem me compreendia; aí está o que me torturava e tornava meu Espírito mais perturbado. Só tu me fizeste bem, porque me ouviste e compreendes o que quero; ajudas-me a desembaraçar minhas idéias e me fazes grande bem; mas, por que os outros não fazem o mesmo? Eis o que me tortura... O cérebro está esmagado diante dessa dor... Vou vê-la, talvez me ouça agora... Até logo, caro amigo; chama-me e irei ver-te... Far-te-ei mesmo visita de amigo... Eu te surpreenderei... até logo. O senhor Adrien viu-o, em seguida, ir junto de seu filho que chorava... Inclinou-se para ele, ficou um momento nessa situação e partiu rapidamente. Não fora ouvido, e, sem dúvida, se figurou produzir um som; eu, eu estou persuadido, acrescenta o senhor Adrien, que o que dizia chegava ao coração da criança; eu vos provarei isso. Revi-o depois, ele está mais calmo.

Nota. - Esta narração está de acordo com tudo o que já havíamos observado sobre o fenômeno da separação da alma; ela confirma, com circunstâncias todas especiais, essa verdade, que depois da morte o Espírito ainda está ali presente. Acredita-se não ter, diante de si, senão um corpo inerte, ao passo que ele vê e ouve tudo o que se passa ao redor dele, que penetra o pensamento dos assistentes, que não há, entre eles e ele, senão a diferença da visibilidade e da invisibilidade; os prantos hipócritas de ávidos herdeiros não podem lhe impor. Quantas decepções os Espíritos devem experimentar neste momento!

Fenômeno de bicorporeidade

Revista Espírita, dezembro de 1858

Um dos membros da Sociedade nos comunica uma carta de um de seus amigos, de Bolognesur-Mer, na qual se lê a passagem seguinte. Essa carta está datada de 26 de julho de 1856.

"Meu filho, desde que o magnetizei, por ordens de nossos Espíritos, tomou-se um médium muito raro, pelo menos foi o que me revelou em seu estado sonambúlico, no qual o colocara a seu pedido, no dia 14 de maio último, e quatro ou cinco vezes depois.

"Para mim, está fora de dúvida que meu filho desperto conversa livremente com os Espíritos que deseja, por intermédio de seu guia, que chama familiarmente seu amigo; que, à sua vontade, transporta-se em Espírito para onde deseja, e disso vou citar-vos um fato, do qual tenho as provas escritas nas mãos.

"Há justamente um mês de hoje, estávamos os dois na sala de jantar. Eu lia o curso de magnetismo do senhor Du Potet, quando meu filho toma o livro e o folheia; chegado a um certo lugar, seu guia lhe disse ao ouvido: Leia isso. Era a aventura de um doutor da América, cujo Espírito visitara um amigo, a 15 ou 20 léguas dali, enquanto ele dormia. Depois de lê-lo, meu filho disse: Bem que gostaria de fazer uma pequena viagem semelhante. - Pois bem! Onde queres tu ir? disse-lhe seu guia. - A Londres, respondeu meu filho, ver meus amigos, e ele designou aqueles que queria visitar.

"Amanhã é domingo, respondeu-lhe; não estás obrigado a levantar cedo para trabalhar. Dormirás às oito horas e irás viajar a Londres até as oito e meia. Sexta-feira próxima, receberás uma carta de teus amigos, que te censurarão por permanecer tão pouco tempo com eles.

"Efetivamente, na manhã do dia seguinte, na hora indicada, ele adormeceu com um sono de chumbo; às oito e meia despertou, e não se lembrava de nada; de minha parte, não disse uma palavra, esperando a consequência.

"Na sexta-feira seguinte, eu trabalhava em uma de minhas máquinas e, segundo meu hábito, fumava, porque era antes do almoço; meu filho olha a fumaça de meu cachimbo e me diz: Olha! há uma carta em tua fumaça. - Como vês uma carta em minha fumaça? - Vais vê-la, respondeu, pois eis o carteiro que a traz. Efetivamente, o carteiro veio entregar uma carta de Londres, na qual os amigos de meu filho lhe fazem uma censura por ter ido nessa cidade, no domingo precedente, e não ter ido vê-los, tendo uma pessoa de seu conhecimento o encontrado. Tenho a carta, como disse, que prova que não inventei nada."

Contado o fato acima, um dos assistentes disse que a história narra vários fatos semelhantes. Citou Santo Alfonso de Liguori, que foi canonizado antes do tempo previsto por haver se mostrado, simultaneamente, em dois lugares diferentes, o que passou por um milagre.

Santo Antônio de Pádua estava na Espanha, e no momento em que pregava, seu pai (em Pádua) ia ao suplício, acusado de uma morte. Nesse momento, Santo Antônio aparece, demonstra a inocência de seu pai, e faz conhecer o verdadeiro criminoso, que mais tarde

sofreu o castigo. Foi constatado que Santo Antônio, no mesmo momento, pregava na Espanha.

Santo Alfonso de Liguori, tendo sido evocado, foram lhe dirigidas as perguntas seguintes.

1. O fato pelo qual fostes canonizado é real? - R. Sim.
2. Esse fenômeno é excepcional? - R. Não; pode se apresentar em todos os indivíduos desmaterializados.
3. Era um motivo justo para vos canonizar? - R. Sim, uma vez que, pela minha virtude, havia me elevado a Deus; sem isso, não poderia me transportar a dois lugares ao mesmo tempo.
4. Todos os indivíduos, nos quais esses fenômenos se apresenta, merecem ser canonizados? - R. Não, porque nem todos são igualmente virtuosos.
5. Poderíeis dar-nos a explicação desse fenômeno? - Sim; o homem, quando está completamente desmaterializado pela sua virtude, que elevou sua alma a Deus, pode aparecer em dois lugares ao mesmo tempo, eis como. O Espírito encarnado, sentido chegar o sono, pode pedir a Deus para se transportar para um lugar qualquer. Seu Espírito, ou sua alma, como quiserdes chamá-lo, abandona então seu corpo, seguido de uma parte de seu perispírito, e deixa a matéria imunda num estado vizinho da morte. Digo vizinho da morte, porque resta no corpo um laço que liga o perispírito e a alma à matéria, e esse laço não pode ser definido. O corpo aparece, pois, no lugar pedido. Creio que é tudo o que desejais saber.
6. Isso não nos dá a explicação da visibilidade e da tangibilidade do perispírito. - R. Achando-se o Espírito desligado da matéria, segundo seu grau de elevação, pode-se tomar tangível à matéria.
7. Entretanto, certas aparições tangíveis, de mãos e de outras partes do corpo, pertencem evidentemente a Espíritos de uma ordem inferior. - R. São os Espíritos superiores que se servem de Espíritos inferiores para provarem a coisa.
8. O sono do corpo é indispensável para que o Espírito apareça em outros lugares? - R. A alma pode se dividir quando se sente levada para um lugar diferente daquele onde se encontra o corpo.
9. Um homem, estando mergulhado no sono, ao passo que seu Espírito aparece alhures, que ocorreria se fosse despertado subitamente? - R. Isso não ocorreria porque se alguém tivesse a intenção de despertá-lo, o Espírito reentraria no corpo, e preveria a intenção, já que o Espírito lê no pensamento.

Tácito reporta um fato análogo:

Durante os meses que Vespasiano passou em Alexandria, para esperar o retorno periódico dos ventos de verão e a estação na qual o mar se torna seguro, vários prodígios ocorreram, por onde se manifestou o favor do céu e o interesse que os deuses pareciam ter por esse príncipe....

Esses prodígios redobram em Vespasiano o desejo de visitar a morada sagrada de deus

para consultá-lo a respeito do império. Ordenou que o templo fosse fechado a todo mundo: tendo entrado ele mesmo todo atento ao que ia pronunciar o oráculo, percebeu, atrás de si, um dos principais Egípcios, de nome Basilídio, que sabia estar acamado, a várias jornadas de Alexandria. Informou-se com os sacerdotes se Basilídio viera esse dia ao templo; informou-se com os transeuntes se o viram na cidade, enfim, enviou homens a cavalo, e se assegurou que naquele mesmo momento, ele estava a vinte e quatro milhas de distância. Então, ele não duvidou mais que a visão não fora sobrenatural, e o nome de Basilídio tomou o lugar do oráculo. (TÁCITO, Histórias, liv. IV, cap. 81 e 82. Tradução de Burnouf.)

Depois que essa comunicação nos foi dada, vários fatos do mesmo gênero, cuja fonte é autêntica, nos foram contados, e entre eles há muito recentes, que ocorreram, por assim dizer no nosso meio, e que se apresentaram com as circunstâncias mais singulares. As explicações, às quais deram lugar, alargaram singularmente o campo das observações psicológicas.

A questão dos homens duplos, relegada outrora entre os contos fantásticos, parece ter, assim, um fundo de verdade. A ela retornaremos brevemente.

Sensações dos Espíritos

Revista Espírita, dezembro de 1858

Os Espíritos sofrem? Que sensações experimentam? Tais são as perguntas que se dirigem naturalmente e que tentaremos resolver. Devemos dizer, primeiramente, que para isso não nos contentamos com as respostas dos Espíritos; devemos, por numerosas observações, de alguma sorte, tomar a sensação sobre o fato.

Em uma de nossas reuniões, e pouco antes que São Luís nos desse a bela dissertação sobre a avareza, que inserimos em nosso número do mês de fevereiro, um de nossos sócios contou o fato seguinte, a propósito dessa mesma dissertação.

"Estávamos, disse ele, ocupados com evocações em uma pequena reunião de amigos, quando se apresentou, inopinadamente e sem que o tivéssemos chamado, o Espírito de um homem que havíamos conhecido muito, e que, quando vivo servira de modelo ao retrato do avaro traçado por São Luís; um desses homens que vive miseravelmente no meio da fortuna, que se privam, não pelos outros, mas para amontoar sem proveito para ninguém. Era inverno, estávamos perto do fogo; de repente, esse Espírito nos lembrou seu nome, com o qual não sonhávamos de modo algum, e nos pediu a permissão de vir, durante três dias, aquecer-se na nossa lareira, dizendo que sofre horrivelmente do frio que ele, voluntariamente suportou durante sua vida, e que fez os outros suportarem por sua avareza. Será, acrescentou ele, um abrandamento que obtive, se consentis em mo concedê-lo."

Esse Espírito sentia uma sensação penosa de frio; mas como o sentia? Aí estava a dificuldade. Dirigimos a São Luís as perguntas seguintes a esse respeito:

Consentiríeis em nos dizer como esse Espírito de avaro, que não tem mais corpo material, podia sentir o frio e pedir para se aquecer?

- R. Podes imaginar os sofrimentos do Espírito pelos sofrimentos morais.

- Concebemos os sofrimentos morais, como os desgostos, os remorsos, a vergonha; mas o calor e o frio, a dor física, não são efeitos morais; os Espíritos sentem essas espécies de sensações?

- R. Tua alma sente o frio? Não; mas tem a consciência da sensação que atua sobre o corpo.

- Disso pareceria resultar que esse Espírito de avaro não sente um frio efetivo; mas que ele teria a lembrança da sensação do frio que suportou, e que essa lembrança, sendo para ele como uma realidade, tornava-se um suplício. - R. E quase isso. Está bem entendido que há uma distinção, que compreendeis perfeitamente, entre a dor física e a dor moral; não se deve confundir o efeito com a causa.

- Se compreendemos bem, poder-se-ia, isso nos parece, explicar a coisa assim como segue:

O corpo é o instrumento da dor; senão a causa primeira, ao menos a causa imediata. A alma

tem percepção dessa dor: essa percepção é o efeito. A lembrança que dela conserva pode ser tão penosa quanto a realidade, mas não pode ter ação física. Com efeito, um frio nem um calor intensos, podem desorganizar os tecidos: a alma não pode nem gelar nem queimar. Não vemos, todos os dias, a lembrança ou apreensão de um mal físico produzir o efeito da realidade? Ocasionalmente mesmo a morte? Todo o mundo sabe que as pessoas amputadas sentem dor no membro que não existe mais. Seguramente, não é nesse membro que está a sede, nem mesmo o ponto de partida da dor. O cérebro dela conservou a impressão, eis tudo. Pode-se, pois, acreditar que há alguma coisa análoga no sofrimento do Espírito depois da morte. Essas reflexões são justas?

R. Sim; mais tarde compreenderéis melhor ainda. Esperai que fatos novos venham vos fornecer novos motivos de observação, e então deles podereis tirar consequências mais completas.

Isso se passou no começo do ano 1858; desde então, com efeito, um estudo mais aprofundado do perispírito, que desempenha um papel tão importante em todos os fenômenos espíritas, e do qual não se havia percebido, as aparições vaporosas ou tangíveis, o estado do Espírito no momento da morte, a idéia tão freqüente no Espírito que ainda está vivo, o quadro tão impressionante dos suicidas, dos supliciados, das pessoas absorvidas nos gozos materiais, e tantos outros fatos, vieram lançar luz sobre essa questão, e deram lugar às explicações das quais damos aqui o resumo.

O perispírito é o laço que une o Espírito à matéria do corpo: ele é haurido no meio ambiente, no fluido universal; tem, ao mesmo tempo, algo da eletricidade, do fluido magnético e, até a um certo ponto, da matéria inerte. Poder-se-ia dizer que é a quintessência da matéria: é o princípio da vida orgânica, mas não o é da vida intelectual: a vida intelectual está no Espírito. É, além disso, o agente das sensações exteriores. No corpo, essas sensações estão localizadas pelos órgãos que lhes servem de canal. Destruído o corpo, as sensações são gerais. Eis porque o Espírito não diz que sofre antes da cabeça que dos pés. De resto, é preciso guardar-se de confundir as sensações do perispírito, tornado independente, com as do corpo: não podemos tomar essas últimas senão como termo de comparação, e não como analogia. Um excesso de calor ou de frio pode desorganizar os tecidos do corpo e não pode resultar nenhum prejuízo ao perispírito. Desligado do corpo, o Espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é o do corpo: entretanto, esse sofrimento não é um sofrimento exclusivamente moral, como o remorso, uma vez que se queixa do frio e do calor; não sofre mais no inverno que no verão: vimo-los passar através de chamas sem nada sentirem de penoso; a temperatura, portanto, não causa sobre eles nenhuma impressão. A dor que sentem, portanto, não é uma dor física propriamente dita: é um vago sentimento íntimo, do qual o próprio Espírito não se apercebe perfeitamente, precisamente porque a dor não é localizada e porque não é produzida por agentes exteriores: é antes uma lembrança que uma realidade, mas uma lembrança também muito penosa. Há, entretanto, algumas vezes, mais que uma lembrança, como vamos ver.

A experiência nos ensina que no momento da morte o perispírito se desliga mais ou menos lentamente do corpo; durante os primeiros instantes, o Espírito não se dá conta da sua situação; não crê estar morto; sente-se viver; vê seu corpo de um lado, sabe que é o seu, e não compreende que esteja dele separado: esse estado dura tão longo tempo quanto exista um laço entre o corpo e o perispírito. Que se reporte à evocação do suicida dos banhos da Samaritana, que narramos no nosso número de junho. Como todos os outros, ele dizia: Não, não estou morto, e acrescentava: E, entretanto, sinto os vermes que me roem. Ora, seguramente os vermes não roíam o perispírito, e ainda menos o Espírito, não roíam senão o corpo. Mas como a separação do corpo e do perispírito não estava completa, disso resultava uma espécie de repercussão moral que lhe transmitia a sensação do que se passava no

corpo. Repercussão talvez não seja a palavra, poderia fazer crer em um efeito muito material; era antes a visão do que se passava em seu corpo, ao qual se ligava seu perispírito, que produzia nele uma ilusão, que tomava por uma realidade. Assim, não era uma lembrança, uma vez que, durante a vida, não havia sido roído pelos vermes: era o sentimento da atualidade. Vê-se por aí as deduções que se podem tirar dos fatos, quando são observados atentamente. Durante a vida, o corpo recebe as impressões exteriores e as transmite ao Espírito, por intermédio do perispírito que constitui, provavelmente, o que se chama fluido nervoso. Estando o corpo morto não sente mais nada, porque não há mais nele nem Espírito nem perispírito. O perispírito, desligado do corpo, sente a sensação; mas como esta não lhe chega mais por um canal limitado, ela é geral. Ora, como, em realidade, não é senão um agente de transmissão, uma vez que é o Espírito quem tem a consciência, disso resulta que se pudesse existir um perispírito sem Espírito, não sentiria mais do que o corpo quando está morto; do mesmo modo que se o Espírito não tivesse perispírito, seria inacessível a toda sensação penosa; é o que ocorre para os Espíritos completamente depurados. Sabemos que quanto mais se depuram, mais a essência do perispírito se torna etérea; de onde se segue que a influência material diminui à medida que o Espírito progride, quer dizer, à medida que o próprio perispírito se torna menos grosseiro.

Mas, dir-se-á, as sensações agradáveis são transmitidas ao Espírito pelo perispírito, como as sensações desagradáveis; ora, se o Espírito puro é inacessível a umas, deve sê-lo igualmente às outras. Sim, sem dúvida, para aquelas que provêm- unicamente da influência da matéria que conhecemos; o som de nossos instrumentos, o perfume de nossas flores não lhe causam nenhuma impressão, e, todavia, há neles sensações íntimas de um encanto indefinível, das quais não podemos fazer nenhuma idéia, porque somos, a esse respeito, como cegos de nascença a respeito da luz; sabemos que isso existe; mas por qual meio? Aí se detém para nós a ciência. Sabemos que há percepção, sensação, audição, visão, que essas faculdades são atributos de todo o ser, e não, como no homem, de uma parte do ser; mas, ainda uma vez, por qual intermediário? É o que não sabemos. Os próprios Espíritos não podem disso nos darem conta, porque nossa língua não foi feita para exprimir idéias que não temos, não mais que numa população de cegos não existiriam termos para exprimirem os efeitos da luz; não mais que na língua dos selvagens, não há termos para exprimir nossas artes, nossas ciências e nossas doutrinas filosóficas.

Dizendo que os Espíritos são inacessíveis às impressões da nossa matéria, queremos falar de Espíritos muito elevados, cujo envoltório etéreo não tem analogia neste mundo. Não ocorre o mesmo com aqueles cujo perispírito é mais denso: e estes percebem nossos sons e nossos odores, mas não por uma parte limitada de seu ser, como quando vivo. Poder-se-ia dizer que as vibrações moleculares se fazem sentir em todo o seu ser e chegam assim ao seu *sensorium commune*, que é o próprio Espírito, embora de modo diferente, e talvez também com uma impressão diferente, o que produz uma modificação na percepção. Eles ouvem o som de nossa voz, e todavia nos compreendem sem o socorro da palavra, unicamente pela transmissão do pensamento, e o que vem em apoio ao que dizemos, é que essa penetração é tanto mais fácil quanto o Espírito esteja mais desmaterializado. Quanto à visão, ela é independente de nossa luz. A faculdade de ver é um atributo essencial da alma: para ela não há obscuridade; entretanto, ela é mais extensa, mais penetrante, naqueles que estão mais depurados. A alma, ou o Espírito, portanto, tem em si mesma a faculdade de todas as percepções; na vida corpórea, elas estão obliteradas pela grosseria de nossos órgãos; na vida extracorpórea, elas o são menos e menos à medida que se torna menos compacto o envoltório semi-material.

Esse envoltório, haurido do meio ambiente, varia segundo a natureza dos mundos. Passando de um mundo a outro, os Espíritos mudam de envoltório, como nós mudamos de vestuário, passando do inverno ao verão, ou do pólo ao equador. Os Espíritos mais elevados, quando

vêm nos visitar, revestem, pois, o perispírito terrestre, e desde então suas percepções se operam como nos Espíritos vulgares; mas tanto inferiores, como superiores, não ouvem e não sentem senão o que querem ouvir ou sentir. Sem terem órgãos sensitivos podem tomar-se, à vontade, suas percepções ativas ou nulas; não há senão uma coisa que são obrigados a ouvir, são os conselhos dos bons Espíritos. A visão é sempre ativa, mas podem, reciprocamente, se tornarem invisíveis uns aos outros. Segundo a classe que ocupem, eles podem se ocultar daqueles que lhes são inferiores, mas não daqueles que lhes são superiores. Nos primeiros momentos que seguem à morte, a visão do Espírito é sempre perturbada e confusa; clareia à medida que ele se desliga, e pode adquirir a mesma claridade que durante a vida, independentemente de sua penetração através dos corpos que nos são opacos. Quanto à sua extensão através do espaço indefinido, no passado e no futuro, depende do grau de pureza e de elevação do Espírito.

Toda essa teoria, dir-se-á, não é muito tranquilizadora. Pensávamos que uma vez desembaraçado de nosso grosseiro envoltório, instrumento das nossas dores, não sofreríamos mais, e eis que nos ensinai que sofreremos ainda; que, seja de uma maneira ou de outra, isso não é menos sofrer. Ah! sim, podemos ainda sofrer, e muito, e por muito tempo, mas podemos também não mais sofrer, mesmo desde o instante em que deixamos esta vida corpórea.

Os sofrimentos deste mundo são, algumas vezes, independentes de nós, mas muitos são as conseqüências de nossa vontade. Que se remonte à fonte e ver-se-á que o maior número é a conseqüência de causas que poderíamos evitar. Quantos males, quantas enfermidades, o homem deve aos excessos, à sua ambição, às suas paixões, em uma palavra! O homem que houvesse sempre vivido sobriamente, que não houvesse abusado de nada, que houvesse sempre sido simples em seus gostos, modesto em seus desejos, se pouparia de muitas tributações. Ocorre o mesmo com o Espírito: os sofrimentos que suporta são sempre a conseqüência da maneira com a qual viveu na Terra; não terá mais, sem dúvida, a gota e os reumatismos, mas terá outros sofrimentos que não valem mais. Vimos que esses sofrimentos são o resultado de laços que ainda existem entre ele e a matéria; que quanto mais desligado da matéria, dito de outro modo, quanto mais desmaterializado, menos tem sensações penosas; ora, dele depende se livrar dessa influência, desde esta vida; tem o seu livre arbítrio e, por conseqüência, a escolha entre fazer ou não fazer: que dome suas paixões animais, que não tenha ódio, nem inveja, nem ciúme, nem orgulho; que não seja dominado pelo egoísmo, que purifique sua alma pelos bons sentimentos, que faça o bem, que dê às coisas deste mundo a importância que elas merecem, então, mesmo sob seu envoltório corporal, está já depurado, e já desligado da matéria, e quando deixa esse envoltório, dele não sofre mais a influência; os sofrimentos físicos que experimenta não lhe deixam nenhuma lembrança penosa; dele não lhe resta nenhuma impressão desagradável, porque não afetaram senão o corpo e não o Espírito; é feliz de estar livre dele, e a calma de sua consciência o livra de todo sofrimento moral. Disso interrogamos milhares, tendo pertencido a todas as classes da sociedade, a todas as posições sociais; estudamo-los em todos os períodos de sua vida espírita, desde o instante em que deixaram seus corpos; nós os seguimos passo a passo, nessa vida de além-túmulo, para observar as mudanças que se operaram neles, em suas idéias, em suas sensações, e sob esse aspecto os homens mais vulgares não foram os que nos forneceram os objetos de estudo menos preciosos. Ora, vimos sempre que os sofrimentos estão em relação com a conduta, da qual sofrem as conseqüências, e que essa nova existência é a fonte de uma felicidade inefável para aqueles que seguiram o bom caminho; donde se segue que aqueles que sofrem, é porque o quiseram, e não devem disso culpar senão a si mesmos, tão bem no outro mundo quanto neste.

Alguns críticos ridicularizaram certas de nossas evocações, a do assassino Lemaire, por

exemplo, achando singular que se ocupasse com seres tão ignóbeis, quando existem tantos Espíritos superiores à sua disposição. Esquecem que é por aí que, de algum modo, aprendemos a natureza do fato, ou, para melhor dizer, na sua ignorância da ciência espírita, não vêem, nessas entrevistas, senão uma conversa, mais ou menos divertida, da qual não compreendem a importância. Lemos em alguma parte que um filósofo dizia, depois de conversar com um camponês: Eu mais aprendi com esse rústico que com todos os sábios; é que ele sabia ver outra coisa senão a superfície. Para o observador nada é perdido, encontra úteis ensinamentos até no criptógamo que cresce sobre o estrume. O médico recusa tocar uma chaga horrenda, quando se trata de aprofundar a causa de um mal?

Acrescentamos ainda uma palavra a esse respeito. Os sofrimentos de além-túmulo têm um fim; sabemos que é dado ao Espírito mais inferior elevar-se e purificar-se por novas provas; isso pode ser longo, muito longo, mas depende dele abreviar esse tempo penoso, porque Deus o escuta sempre se ele se submete à sua vontade. Quanto mais o Espírito está desmaterializado, mais suas percepções são vastas e lúcidas; quanto mais está sob o império da matéria, o que depende inteiramente de seu gênero de vida terrestre, mais elas são limitadas e como veladas; tanto a visão moral de um se estende ao infinito, tanto a do outro é restrita. Os Espíritos inferiores não têm, pois, senão uma noção vaga, confusa, incompleta e freqüentemente nula do futuro; não vêem o fim de seus sofrimentos, por isso crêem sofrer sempre, e ainda para eles é um castigo. Se a posição de uns é aflitiva, terrível mesmo, não é desesperadora; a de outros eminentemente consoladora; está pois em nós escolher. Isto é da mais alta moralidade. Os cétricos duvidam da sorte que nos espera depois da morte, nós lhes mostramos o que isso é, e com isso cremos prestar-lhes serviço; também vimos mais de um corrigir-se de seu erro, ou pelo menos pôr-se a refletir sobre o que criticavam antes. Não há de tal senão de se aperceber da possibilidade das coisas. Se fora sempre assim, não haveria tantos incrédulos, e a religião e a moral pública ganhariam com isso. A dúvida religiosa não vem entre muitos, senão da dificuldade, para eles, de compreenderem certas coisas; são Espíritos positivos não organizados para a fé cega, que não admitem senão o que, para eles, tem uma razão de ser. Tornai essas coisas acessíveis à sua inteligência, e as aceitam, porque no fundo não pedem melhor do que crerem, sendo a dúvida para eles uma situação mais penosa que se crê ou que querem dizê-lo.

Em tudo o que precede não há nada de sistemas, nada de idéias pessoais; não foram mesmo alguns Espíritos privilegiados que nos ditaram essa teoria, é um resultado de estudos feitos sobre as individualidades, corroborados e confirmados por Espíritos dos quais a linguagem não pode deixar dúvida sobre sua superioridade. Nós o julgamos por suas palavras, e não sobre o nome que trazem ou que podem se dar.

Dissertações de além-túmulo - O sono

Revista Espírita, dezembro de 1858

Pobres homens que poucos conheceis os fenômenos mais comuns que fazem vossa vida! Credes ser bem sábios, credes possuir uma vasta erudição, e a esta pergunta de todas as crianças: Que fazemos quando dormimos? O que são os sonhos? Permaneceis interditados. Não tenho a pretensão de vos fazer compreender o que vou vos explicar, porque há coisas às quais vosso Espírito não pode ainda se submeter, não admitindo senão o que compreende.

O sono liberta inteiramente a alma do corpo. Quando se dorme, se está, momentaneamente, no estado em que se acha de um modo fixo depois da morte. Os Espíritos que são logo desligados da matéria em sua morte, tiveram sonhos inteligentes; aqueles, quando dormem, juntam-se à sociedade de outros seres superiores a eles: viajam, conversam e se instruem com eles; trabalham mesmo em obras que encontram prontas quando morrem. Isso deve nos ensinar, uma vez mais, a não temermos a morte, porque morreis todos os dias, segundo a palavra de um santo.

É assim para os Espíritos elevados; mas para a massa dos homens que na morte devem permanecer longas horas nessa perturbação, nessa incerteza da qual vos falaram, aqueles vão, seja em mundos inferiores à Terra, onde antigas afeições o chamam, seja procurar prazeres talvez ainda mais baixos que aqueles que têm aqui; vão haurir doutrinas mais vis, mais ignóbeis, mais nocivas do que aquelas que professam em vosso meio. E o que faz a simpatia na Terra não é outra coisa senão esse fato, que se sente ao despertar, de se aproximar pelo coração daqueles com quem viemos de passar oito ou nove horas de felicidade ou de prazer. O que explica essas antipatias invencíveis, é que se sabe, no fundo de seu coração, que aquelas pessoas têm uma outra consciência que a nossa porque são conhecidas sem tê-las jamais visto com os olhos. É ainda o que explica a indiferença, uma vez que não se deseja fazer novos amigos, quando se sabe que existem outros que vos amam e que vos querem. Em uma palavra, o sono influi mais que pensais em vossa vida.

Pelo efeito do sono, os Espíritos encarnados estão sempre em relação com o mundo dos Espíritos, e é o que faz que os Espíritos superiores consentam, sem muita repulsa, se encarnarem entre vós. Deus quis que, durante seu contato com o vício, eles possam ir se retemperarem nas fontes do bem, para eles mesmos não falirem, eles que vêm instruir os outros. O sono é a porta que Deus lhes abre até os amigos do céu; é a recreação depois do trabalho, na espera da grande libertação, a libertação final que deverá devolvê-los ao seu verdadeiro meio.

O sonho é a lembrança daquilo que vosso Espírito viu durante o sono, mas notai que não sonhais sempre, porque não vos lembrais sempre do que vistes, ou de tudo o que vistes. Vossa alma não está em todo desenvolvimento; não é, freqüentemente, senão a lembrança de uma perturbação que acompanha vossa partida ou vossa reentrada, à qual se junta a do que fizestes ou do que vos preocupou no estado de vigília; sem isso, como explicaríeis esses sonhos absurdos que têm os mais sábios como os mais simples? Os maus Espíritos se servem também dos sonhos para atormentar as almas fracas e pusilânimes.

De resto, vereis em pouco se desenvolver uma nova espécie de sonho; ela é tão antiga quanto a que conheceis, mas a ignorais. O sonho de Joana, o sonho de Jacó o sonho dos profetas judeus e de alguns adivinhos indianos; aquele sonho é a lembrança da alma inteiramente desligada do corpo, a lembrança dessa segunda vida, da qual vos falei ainda há pouco.

Procurai distinguir bem essas duas espécies de sonho dos quais vos lembrareis, sem isso cairíeis nas contradições e nos erros, que seriam funestos à vossa fé.

Nota. - O Espírito que ditou esta comunicação, instado a dar seu nome, respondeu: "Para quê? Credes, pois, que não haja senão os Espíritos de vossos grandes homens que vêm dizer-vos coisas boas? Contai, pois, por nada todos aqueles que não conheceis ou que não têm nome sobre a vossa Terra? Sabei que muitos não tomam um nome senão para vos contentar."

As flores

Revista Espírita, dezembro de 1858

Nota. - Esta comunicação e a seguinte foram obtidas pelo senhor F..., o mesmo do qual falamos no nosso número de outubro, a propósito dos Obsedados e Subjugados; pode-se julgar, por aí, a diferença que há entre a natureza de suas comunicações atuais e as de outrora. Sua vontade triunfou completamente da obsessão, da qual era objeto, e seu mau Espírito não reapareceu mais. Estas duas dissertações foram-lhe ditadas por Bemard Palissy.

As flores foram criadas, nos mundos, como símbolos da beleza, da pureza e da esperança.

Como o homem que vê as corolas se entreabrirem, todas as primaveras, e as flores fenecerem para darem frutos deliciosos, como o homem não pensa que sua vida florirá também, mas para produzir frutos eternos? Que vos importa, pois, a tempestade e as tormentas? Essas flores não perecerão jamais, nem a mais frágil obra do Criador. Coragem, pois, homens que tombais no caminho, levantai-vos de novo como o lírio depois da tempestade, mais puro e mais radioso. Como as flores, os ventos vos sacodem à direita e à esquerda, os ventos vos derrubam, vos arrastam para a lama, mas quando o sol reaparece, levantais de novo, também, vossas cabeças mais nobres e maiores.

Amai, pois, as flores, elas são os emblemas de vossa vida, e não deveis corar por serdes comparados a elas. Tende-as em vossos jardins, em vossas casas, mesmos em vossos templos, elas estão por toda parte; em todos os lugares elas levam à poesia, elevam a alma daquele que sabe compreendê-las. Não foi nas flores que Deus ostentou todas as suas magnificências?

Depois onde conheceríeis as cores suaves com as quais o Criador alegrou a natureza sem as flores? Antes que o homem tivesse escavado as entranhas da terra para encontrar os rubis e os topázios, tinha as flores diante de si, e essa variedade infinita de nuanças já o consolava na monotonia da superfície terrestre. Amai, pois, as flores: sereis mais puros, mais amantes; talvez sereis mais crianças, mas sereis as crianças queridas de Deus, e vossas almas, simples e sem mácula, serão acessíveis a todo seu amor, a toda alegria com a qual abraça vossos corações.

As flores querem ser cuidadas por mãos esclarecidas; a inteligência é necessária para a sua prosperidade; errastes, por muito tempo sobre a Terra, em deixar esse cuidado a mãos inábeis que as mutilam, crendo embelezá-las. Nada é mais triste que as árvores redondas ou pontiagudas de vossos jardins: pirâmides de verdura que fazem o efeito de pilha de feno. Deixai a natureza progredir sob mil formas diversas: aí está a graça. Feliz aquele que sabe admirar a beleza de um talo que se balança semeando sua poeira fecundante! Feliz aquele que vê em suas tintas brilhantes um infinito de graça, de delicadeza, de colorido, de nuanças que se afastam e se procuram, se perdem e se reencontram! Feliz aquele que sabe compreender a beleza da gradação dos tons, desde a raiz castanha escura que se casa com a terra, como as cores se fundem, desde o vermelho-escarlata da tulipa e da papoula! (Por que esses nomes rudes e bizarros?) Estudai tudo isso, e notai as folhas que saem, umas das outras, como gerações infinitas até o seu desabrochamento completo sob a cúpula do céu.

As flores não parecem deixar a terra para se lançarem até os outros mundos? Não parecem, freqüentemente, baixar a cabeça de dor por não poderem se elevar mais alto ainda? Não as credes, em sua beleza, mais perto de Deus? Imitai-as, pois, e tornai-vos sempre maiores, mais e mais belos.

Vossa maneira de aprender a botânica é também defeituosa; não é tudo saber o nome de uma planta. Convidar-te-ei, quando tiveres tempo, a trabalhar também numa obra desse gênero. Remeto, pois, para mais tarde as lições que queria dar-te nestes dias; serão mais úteis quando tiverdes a aplicação sob a mão. Aí falaremos do gênero de cultura, dos lugares que lhes convém, da arrumação do edifício para o arejamento e a salubridade das habitações. Se fores imprimir isso, passa os últimos parágrafos; seriam tomados por anúncios.

O papel da mulher

Revista Espírita, dezembro de 1858

Sendo a mulher mais finamente desenhada que o homem, indica naturalmente uma alma mais delicada; assim é que, nos meios semelhantes, em todos os mundos, a mãe será sempre mais bonita que o pai; porque é ela que a criança vê primeiro; é para a figura angélica de uma jovem que a criança volve seus olhos sem cessar; é para a mãe que a criança seca seu pranto, apóia seus olhares, ainda fracos e incertos. A criança tem, pois, uma intuição natural do belo.

A mulher, sobretudo, sabe-se fazer notar pela delicadeza de seus pensamentos, a graça de seus gestos, a pureza de suas palavras; tudo o que vem dela deve-se harmonizar com a sua pessoa, que Deus criou bela.

Seus longos cabelos, que ondeiam sobre seu pescoço, são a imagem da doçura, e da facilidade com a qual sua cabeça se dobra sem romper sob as provas. Refletem a luz dos sóis, como a alma da mulher deve refletir a mais pura luz de Deus. Jovens, deixai vossos cabelos flutuarem; Deus os criou para isso: parecereis, ao mesmo tempo, mais naturais e mais ornadas.

A mulher deve ser simples em seu vestuário; ela saiu bastante bela da mão do Criador para não ter necessidade de adornos. Que o branco e o azul se casem sobre os vossos ombros. Deixai também flutuar vossos vestidos; que vossos vestidos sejam vistos estendendo-se atrás de vós, em um longo traço de gaze, como uma leve nuvem indicando que ainda há pouco estivestes aí. Mas que farão o enfeite, o vestuário, a beleza, os cabelos ondulantes ou flutuantes, amarrados ou apertados, se o sorriso tão doce das mães e das amantes não brilharem sobre os vossos lábios! Se os vossos olhos não semeiam a bondade, a caridade, a esperança nas lágrimas de alegria que deixam correr, nos relâmpagos que jorram desse braseiro de amor desconhecido!

Mulheres, não temais arrebatat os homens pela vossa beleza, pela vossa graça, pela vossa superioridade; mas que os homens saibam que, para serem dignos de vós, é preciso que sejam tão grandes quanto sois belas, tão sábios quanto sois boas, tão instruídos quanto sois ingênuas e simples. E preciso que ele saibam que devem merecer-vos, que sois o preço da virtude e da honra; não dessa honra que se cobre de um capacete, e de um escudo, e brilha nas lutas e nos torneios, o pé sobre a fronte de um inimigo caído; não, mas a honra segundo Deus.

Homens, sede úteis, e quando os pobres bendizerem vosso nome, as mulheres serão vossas iguais; formareis então um todo; sereis a cabeça e as mulheres serão o coração; sereis o pensamento benfazejo, e as mulheres serão as mãos liberais. Uni-vos, pois, não só pelo amor, mas ainda pelo bem que podereis fazer a dois. Que esses bons pensamentos e essas boas ações, realizadas por dois corações amantes, sejam os anéis dessa cadeia de ouro e de diamante que se chama o casamento e, então, quando os anéis forem bastante numerosos, Deus vos chamará para junto dele, e continuareis a ajuntar, ainda, as argolas precedentes, mas na Terra as argolas eram de um metal pesado e frio, no céu serão de luz e de fogo.

Poesia espírita - O despertar de um Espírito

Revista Espírita, dezembro de 1858

NOTA. - Estes versos foram escritos, espontaneamente, por meio de uma cesta sustentada por uma jovem senhora e uma criança. Pensamos que mais de um poeta poderia honrar-se com eles. Foram-nos comunicados por um de nossos assinantes.

Quanto a Natureza é bela e quanto o ar é ameno!

Senhor! Rendo graças e te admiro, de joelhos.

Possa o hino de alegria de meu reconhecimento

Subir, como o incenso, até a tua onipotência.

Assim, diante dos olhos de suas duas irmãs em luto,

Fizeste sair outrora Lázaro de seu sepulcro;

De Jairo desvairado, a filha bem-amada

Foi em seu leito de morte por tua voz reanimada.

Do mesmo modo, Deus poderoso! Me estendeste a mão;

Levanta-te! Tu me disseste: não o disseste em vão.

Por que não sou, ai, senão um vil montão de lama?

Gostaria de te louvar com a voz de um anjo;

Tua obra jamais me pareceu tão bela!

É àquele que sai da noite do túmulo

Que o dia parece puro, a luz brilhante,

O sol radioso e a vida embriagadora.

Então o ar é mais doce que o leite e o mel;

Cada som parece uma palavra nos concertos do céu.

A voz surda dos ventos exala uma harmonia

Que aumenta no vago e se torna infinita.

O que o Espírito concebe, o que fere os olhos,

É que se pode adivinhar no livro dos céus,

No espaço dos mares, sob as vagas profundas,

Em todos os oceanos, os abismos, os mundos,

Tudo se arredonda em esfera, e sente-se que no meio

Esses raios convergentes conduzem a Deus.

E tu, cujo olhar plana sobre as estrelas,

Que te ocultas no céu como um rei sob seus véus,

Qual é, pois, tua grandeza, se esse vasto universo

Não é senão um ponto aos seus olhos, e o espaço dos mares

Não é mesmo um espelho para teu esplendor imenso?

Qual é, pois, tua grandeza, qual é, pois, tua essência?

Que palácio tão vasto construístes, ó Rei!

Os astros não saberiam nos separar de ti.

O sol a teus pés, poder sem medida,

Parece o ônix que um príncipe amarra ao seu sapato.

O que admiro em ti, sobretudo, ó majestade!

É bem menos tua grandeza que a imensa bondade

Que se revela em tudo, assim como a luz,

E de um ser impotente atende a prece.

JODELLE.

Conversas familiares de além-túmulo - Uma viúva de Malabar

Revista Espírita, dezembro de 1858

Desejávamos interrogar uma dessas mulheres da Índia, que têm o uso de se queimarem sobre o corpo de seu marido. Não as conhecendo, tínhamos pedido a São Luís se consentiria em nos enviar uma que estivesse em condições de responder às nossas perguntas, de maneira um pouco satisfatória. Ele respondeu-nos que o faria de bom grado, em alguma ocasião. Na sessão da Sociedade, do dia 2 de novembro de 1858, o senhor Adrien, médium vidente, viu uma delas disposta a falar, e da qual fez o seguinte retrato:

Olhos grandes, negros, colorido amarelo no branco; figura arredondada, face rechonchuda e gorda; pele amarelo-çafrão polido; cílios longos, sobrancelhas arqueadas, negras; nariz mais ou menos achatado, boca grande e sensual; belos dentes grandes e lisos; cabelos escorridos, abundantes, negros e espessos de gordura. Corpo bastante grosso, atarracado e gordo. Lenços de pescoço a envolvem deixando a metade do peito nu. Braceletes nos braços e nas pernas.

1. Lembrai-vos, mais ou menos, em que época vivestes na Índia, e onde fostes queimada sobre o corpo de vosso marido? - R. Ela fez sinal que não se lembra. - São Luís respondeu que foi há cerca de cem anos.

2. Lembrai-vos do nome que tínheis? - R. Fátima.

3. Que religião professáveis? - R. O maometismo.

4. Mas o maometismo não manda tais sacrifícios? - R. Nasci muçulmana, mas meu marido era da religião de Brahma. Tive que me conformar com o uso do país em que residia. As mulheres não se pertencem.

5. Que idade tínheis quando morrestes? - R. Tinha, creio, em torno de vinte anos.

Nota. - O senhor Adrien observou que ela parecia ter pelo menos vinte e oito a trinta; mas que nesse país as mulheres envelhecem mais depressa.

6. Sacrificaste-vos voluntariamente? - R. Preferiria casar-me com um outro. Refleti bem, e conceberei que pensamos todos do mesmo modo. Segui o costume; mas no fundo preferia não fazê-lo. Esperei vários dias o outro marido, e ninguém veio; então, obedeci à lei.

7. Que sentimento pôde ditar essa lei? - R. Idéias supersticiosas. Afigura-se que, em se queimando, se é mais agradável à Divindade; que resgatamos as faltas daquele que perdemos, e que vamos ajudá-lo a viver feliz no outro mundo.

8. Vosso marido teve vontade do vosso sacrifício? - R. Jamais procurei rever meu marido.

9. Há mulheres que se sacrificam assim deliberadamente? -R. Há pouco delas; uma em mil, e ainda, no fundo, elas não gostariam de fazê-lo.

10. Que se passou convosco no momento em que a vida corporal se extinguiu? - R. A perturbação; tive uma neblina, e depois não sei o que se passou. Minhas idéias não se ordenaram senão depois de muito tempo. Ia por toda parte, e, entretanto, não via bem; e ainda agora, não estou inteiramente esclarecida; tenho muitas encarnações a sofrer para me elevar; mas não me queimarei mais... Não vejo a necessidade de se queimar, de se lançar no meio das chamas para se elevar... sobretudo por faltas que não se cometeu; depois, isso não me agradou... De resto, não procurei sabê-lo, dar-me-íeis alegria orando um pouco por mim; porque compreendo que não há senão a prece para suportar com coragem as provas que nos são enviadas: Ah! se eu tivesse a fé!

11. Pedis para orarmos por vós; mas somos cristãos, e nossas preces poderiam ser-vos agradáveis? - R. Não há senão um Deus para todos os homens.

Nota. - Em várias das sessões seguintes a mesma mulher veio entre os Espíritos que as assistiam. Ela disse que vinha para se instruir. Parecia sensível ao interesse que se lhe testemunhava, porque ela nos seguiu várias vezes em outras reuniões e mesmo na rua.

A Bela Cordoeira

Revista Espírita, dezembro de 1858

Notícia. - Louise Charly, apelidada Labé, cognominada a Belle Cordière, nascida em Lyon, sob François I. Ela era de uma beleza perfeita e recebeu uma educação muito cuidadosa; sabia o grego e o latim, falava o espanhol e o italiano com uma pureza perfeita, e fazia, nessas duas línguas, poesias que não teriam renegado os escritores nacionais. Formada em todos os exercícios do corpo, conhecia a equitação, a ginástica e o manejo das armas. Dotada de um caráter muito enérgico, distinguia-se, ao lado de seu pai, entre os mais valentes combatentes, no cerco de Perpignan, em 1542, sob o nome do capitão Loys. Esse cerco não tendo sido bem sucedido, ela renunciou ao ofício das armas e retornou a Lyon com seu pai. Esposou um rico fabricante de cordames, de nome Ennemond Perrin, e logo ela não foi conhecida senão sob o nome de a Belle Cordière, nome que permaneceu na rua em que ela residia, e sobre o local no qual estavam as oficinas de seu marido. Ela instituiu em sua casa reuniões literárias, onde eram convidados os espíritos mais esclarecidos da província. Tem-se dela uma coleção de poesias. Sua reputação de beleza e de mulher de espírito, atraindo para sua casa a elite dos homens, excitou o ciúme das senhoras lionesas que procuraram vingarse dela pela calúnia; mas sua conduta sempre foi irrepreensível.

Tendo-a evocado, na sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, de 26 de outubro de 1858, nos foi dito que ela não podia vir ainda, por motivos que não foram explicados. No dia 9 de novembro atendeu ao nosso chamado, e eis o retrato que dela fez o senhor Adrien, nosso médium vidente:

Cabeça oval; tez pálida, mate; olhos negros, belos e notáveis, sobancelhas arqueadas; fronte desenvolvida e inteligente, nariz grego, fino; boca média, lábios indicando a bondade de espírito; dentes muitos bonitos, pequenos, bem enfileirados; cabelos negros de azeviche, ligeiramente crespos. Belo porte da cabeça; talhe grande e bem solto. Vestuário de rouparias brancas.

Nota. - Sem dúvida, nada prova que esse retrato, e o precedente, não estavam na imaginação do médium, porque não temos controle; mas quando o faz com detalhes tão precisos de pessoas contemporâneas, que jamais viu, e que são reconhecidas por parentes ou amigos, não se pode duvidar da realidade; de onde se pode concluir que, uma vez que ele vê uns com uma verdade incontestável, pode vê-la em outros. Uma outra circunstância, que deve ser tomada em consideração, é que ele vê sempre o mesmo Espírito sob a mesma forma, e que, ainda que o fosse com vários meses de intervalo, o retrato não varia. Seria preciso supor nele uma memória fenomenal, para crer que ele possa se lembrar assim dos menores traços de todos os Espíritos, dos quais Fez a descrição e que se contam por centenas.

1. Evocação. - R. Estou aqui.

2. Teríeis a bondade de nos responder a algumas perguntas que gostaríamos de vos endereçar? - R. Com prazer.

3. Lembrai-vos da época em que fostes conhecida sob o nome de a Belle Cordière? - R. Sim.

4. De onde poderiam provir as qualidades viris que vos levou a abraçar a profissão das armas que, segundo as leis da Natureza, está antes nas atribuições dos homens? - R. Isso sorria ao meu espírito ávido de grandes coisas; mais tarde ele se voltou para um outro gênero de idéias mais sérias. As idéias com as quais se nasce, certamente, vêm de existências anteriores, das quais são o reflexo, todavia, elas se modificam muito, seja por novas resoluções, seja pela vontade de Deus.

5. Por que esses gostos militares não persistiram em vós, e como puderam, tão prontamente, ceder o lugar aos da mulher? - R. Vi coisas que não vos desejaria ver.

6. Fostes contemporânea de François I e de Charles-Quinto; poderíeis dar-nos vossa opinião sobre esses dois homens e traçar-lhes o paralelo? - R. Não quero julgar; tinham defeitos, vós os conheceis; suas virtudes foram pouco numerosas: alguns traços de generosidade e eis tudo. Deixai isso, seu coração poderia sangrar ainda; eles sofrem bastante!

7. Qual era a fonte dessa alta inteligência que vos tornou apta a receber uma educação tão superior à das mulheres do vosso tempo? - R. *Existências penosas* e a vontade de Deus!

8. Havia, pois, em vós um progresso anterior? - R. Isso não pode ser de outro modo.

9. Essa instrução vos fez progredir como Espírito? - R. Sim.

10. Pareceis haver sido feliz sobre a Terra: o sois mais agora? - R. Que pergunta! Tão feliz que se seja na Terra, a felicidade do Céu é bem outra coisa! Quantos tesouros e quantas riquezas, que conhecereis um dia, e dos quais não suspeitais ou ignorais completamente!

11. Que entendeis por *Céu*? - R. Entendo por *Céu* os outros mundos.

12. Que mundo habitais agora? - R. Resido num mundo que não conheceis; mas sou pouco ligada a ele: a matéria nos liga pouco.

13. É Júpiter? - R. Júpiter é um mundo feliz; mas pensais que só ele, entre todos, seja favorecido por Deus? São tão numerosos quanto os grãos de areia do Oceano.

14. Conservastes o gênio poético que tínheis neste mundo? -R. Responder-vos-ia com prazer, mas temo chocar outros Espíritos, ou colocar-me abaixo do que sou: o que faria que minha resposta se tornasse inútil, tomando-se sem razão.

15. Poderíeis nos dizer qual classe poderíamos vos consignar entre os Espíritos?

- Sem resposta.

(A São Luís.) São Luís poderia nos responder a esse respeito? -R. Ela está aqui: não posso dizer o que ela não quer dizer. Não vedes que ela é das mais elevadas, entre os Espíritos que evocais comumente? De resto, nossos Espíritos não podem apreciar exatamente as distâncias que os separam: elas são incompreensíveis para vós, e todavia são imensas!

16. (A Louise Charly). Sob qual forma estais entre nós? - R. Adrien acaba de me pintar.

17. Por que essa forma antes que uma outra, por que, enfim, no mundo em que estais, não sois tal qual éreis na Terra? - R. Evocastes-me poeta, vim poeta.

18. Poderíeis nos ditar algumas poesias ou um trecho qualquer de literatura? Estaríamos felizes tendo alguma coisa vossa. - R. Procurai vos proporcionar meus antigos escritos. Não gostamos dessas provas, sobretudo em público: fá-lo-ei, todavia, de outra vez.

Nota. - Sabe-se que os Espíritos não gostam das provas, e as perguntas dessa natureza têm sempre, mais ou menos, esse caráter, sem dúvida, é por isso que eles não se submetem a elas quase nunca. Espontaneamente, e no momento em que menos esperamos, freqüentemente, nos dão as coisas mais surpreendentes, as provas que teríamos solicitado em vão; mas basta, quase sempre, que se lhes peça uma coisa para que se não a obtenha, sobretudo, se ela denota um sentimento de curiosidade. Os Espíritos, e principalmente os Espíritos elevados, querem nos provar que não estão às nossas ordens.

A Belle Cordière, espontaneamente, no dia seguinte, fez escrever pelo médium escrevente, que lhe serviu de intérprete.

"Vou ditar-te o que prometi; não são versos, que não os quero mais fazer; aliás, não me lembro mais dos que fiz, e não gostarias deles: será a mais modesta prosa.

"Na Terra, gabei o amor, a doçura e os bons sentimentos: falei um pouco daquilo que não conhecia. Aqui, não é o amor que é preciso, é uma caridade grande, austera, esclarecida; uma caridade forte e constante *que não há senão um exemplo na Terra.*

"Pensai, ó homens! que de vós depende serdes felizes e fazerdes o vosso mundo um dos mais avançados do céu: não tendes que fazer senão calarem ódios e inimizades, senão esquecer rancores e cóleras, senão perder o orgulho e a vaidade. Deixai tudo isso como um fardo que vos será preciso abandonar, cedo ou tarde. Esse fardo é para vós um tesouro na Terra, eu o sei; por isso teríeis o mérito em abandoná-lo e perdê-lo, mas no céu esse fardo toma-se um obstáculo para a vossa felicidade. Crede-me, pois: apressai vosso progresso, a felicidade que vem de Deus é a verdadeira felicidade. Onde encontrareis os prazeres que valham as alegrias que dá aos seus eleitos, aos seus anjos?

"Deus ama os homens que procuram avançar em seu caminho, contai, pois, com seu apoio. Não tendes confiança nele? Crede-o seja perjuro, porque não vos entregais a ele inteiramente, sem restrição? Infelizmente não quereis ouvir, ou poucos dentre vós ouvem; preferis o hoje ao dia de amanhã; vossa visão limitada limita vossos sentimentos, vosso coração e vossa alma, e sofreis para avançar, em lugar de avançar natural e facilmente pelo caminho do bem, por vossa própria vontade, porque o sofrimento é o meio que Deus emprega para vos moralizar. Que não eviteis vossa rota segura, mas terrível para o viajor. Terminarei vos exortando a não mais olhar a morte como um flagelo, mas como a porta da verdadeira vida e da verdadeira felicidade.

LOUISE CHARLY.

Variedades - Monomania religiosa

Revista Espírita, dezembro de 1858

Leu-se, na *Gazette de Mons*: "Um indivíduo atacado de monomania religiosa, seqüestrado há sete anos no estabelecimento do senhor Stuart, e que até ali se mostrara de uma natureza muito doce, chegou a enganar a vigilância de seus guardas e a se apoderar de uma faca. Estes, não podendo fazê-lo devolver essa arma, informaram o diretor do que se passava.

"O senhor Stuart logo se colocou perto desse furioso, e, não consultando senão sua coragem, quis desarmá-lo; mas, apenas havia dado alguns passos ao encontro do louco, este se arrojou sobre ele com a rapidez do relâmpago e o atingiu a golpes redobrados. Não foi senão com muita dificuldade que se chegou a dominar o assassino.

"Das sete feridas, com as quais o senhor Stuart fora atingido, uma era mortal: a que recebera no baixo ventre; e segunda-feira, às três horas e meia, sucumbiu em consequência de uma hemorragia que se declarara nessa cavidade."

Que se diria se esse indivíduo estivesse atacado de uma monomania espírita, ou mesmo se, em sua loucura, tivesse falado de Espíritos? E todavia isso se poderia, uma vez que há muitas monomanias religiosas, e todas as ciências forneceram seu contingente. Que se poderia racionalmente disso concluir contra o Espiritismo, senão que, em consequência da fragilidade de sua organização, o homem pode se exaltar sobre esse ponto como sobre tantos outros? O meio de prevenir essa exaltação não é combater a idéia; de outro modo se correria o risco de se ver renovarem os prodígios das Cévènes. Se jamais se organizasse uma cruzada contra o Espiritismo, vê-lo-íamos propagar-se mais e mais; por que, como se opor a um fenômeno que não tem nem lugar nem tempo preferidos; que pode se reproduzir em todos os países, em todas as famílias, na intimidade, no segredo mais absoluto, melhor ainda que em público? O meio de prevenir os inconvenientes, dissemo-lo em nossa *Instrução prática*, é fazê-lo compreender de tal modo que nele não se veja mais que um fenômeno natural, mesmo naquilo que ofereça de mais extraordinário.

Uma questão de prioridade com relação ao Espiritismo

Um dos nossos assinantes, o senhor Ch. Renard, de Rambouillet, nos dirigiu a carta seguinte:

"Senhor e digno irmão em Espiritismo, li, ou antes, devorei com um prazer indizível, os números de vossa Revista, à medida que os recebia. Isso não é de admirar de minha parte, visto que meus parentes eram adivinhadores de geração em geração. Uma de minhas tias-avós foi mesmo condenada ao fogo por contumácia no crime de Vauldrie e de assistente do sabbat; não evitou a fogueira senão porque se refugiou na casa de uma de suas irmãs, abadessa de religiosas enclausuradas. Isso fez com que eu herdasse algumas migalhas de ciências ocultas, o que não me impediu de passar pela crença, se fé há, pelo materialismo e pelo ceticismo. Enfim, fatigado, doente de negação, as obras do célebre extático Swedenborg me conduziram à verdade e ao bem; eu mesmo tornei-me extático, assegurei-me *ad vivum* de verdades que os Espíritos materializados do nosso globo não podem compreender. Tive

comunicações de todas as espécies; fatos de visibilidade, de tangibilidade, transporte de objetos perdidos, etc. Terieis, bom irmão, a bondade de inserir a nota adiante num de vossos números? Certamente, não pelo meu amor-próprio, mas por causa da minha qualidade de Francês.

"As pequenas causas produzem, às vezes, grandes efeitos. Por volta de 1840, travei conhecimento com o senhor Cahagnet, torneiro marceneiro, vindo para Rambouillet por razões de saúde. Esse operário, fora de série pela sua inteligência, eu o apreciava e o iniciava no magnetismo humano; disse-lhe um dia: Tenho quase a certeza de que um sonâmbulo lúcido está apto para ver as almas dos falecidos e entabular conversação com elas; ele espantou-se. Convidei-o a fazer essa experiência quando tivesse um lúcido; foi bem sucedido e publicou um primeiro volume de experiências necromânticas, seguido de outros volumes e brochuras, que foram traduzidos na América sob o título de *Telégrafo celeste*. Em seguida o extático Davis publicou suas visões ou excursões no mundo espírita. Franklin fez, sobre os desmaterializados, pesquisas que conduziram às manifestações e à comunicações mais fáceis que outrora. As primeiras pessoas que ele mediatizou nos Estados Unidos foram uma senhora viúva Fox e suas duas senhoritas. Há uma singular coincidência entre esse nome e o meu, uma vez que a palavra inglesa *fox* significa renard.

"Há muito tempo os Espíritos disseram que se podia comunicar com os Espíritos de outros globos e deles receber desenhos e descrições. Expus essa coisa ao senhor Cahagnet, mas ele não foi mais longe que nosso satélite.

"SOU, etc. CH. RENARD."

Nota. A questão de prioridade, em matéria de Espiritismo, sem contradita, é uma questão secundária; mas não é menos notável senão depois da importação dos fenômenos americanos, uma multidão de fatos autênticos ignorados do público, revelaram a produção de fenômenos semelhantes seja em França, seja em outros países da Europa, em uma época contemporânea ou anterior. É do nosso conhecimento que muitas pessoas se ocupavam com os fenômenos espíritas bem antes que fossem questão de mesas girantes, e disso temos provas por datas seguras. Ó senhor Renard parece ser desse número, e segundo ele, suas experiências não foram estranhas às feitas na América. Registramos sua observação como interessando à história do Espiritismo e para provar, uma vez mais, que essa ciência tem raízes no mundo inteiro, o que tira, àqueles que gostariam de lhe opor uma barreira, toda chance de sucesso. Abafada em um ponto, ela renascerá mais viva em muitos outros, até o momento em que a dúvida não será mais permitida, ela tomará seu lugar entre as crenças usuais; será bem preciso, então, que seus adversários, bom grado ou malgrado, nela tomem seu partido.

Aos leitores da Revista Espírita - Conclusão do ano de 1858

Revista Espírita, dezembro de 1858

A Revista Espírita acaba de completar seu primeiro ano, e estamos felizes em anunciar que, doravante, sua existência estando assegurada pelo número de seus assinantes, que aumentam a cada dia, prosseguirá o curso de suas publicações. Os testemunhos de simpatia que recebemos de todas as partes, o sufrágio dos homens mais eminentes, pelo seu saber e pela sua posição social, são para nós um poderoso encorajamento na tarefa laboriosa que empreendemos; que aqueles, pois, que nos sustentaram no cumprimento de nossa obra, recebam aqui o testemunho de toda a nossa gratidão. Se não tivéssemos encontrado nem contradições, nem críticas, isso seria um fato inaudito nos fastos da publicidade, sobretudo quando se trata da emissão de idéias novas; mas, se devemos nos admirar de alguma coisa, é de havê-las encontrado tão poucas em comparação com as provas de aprovação que nos foram dadas, e isso devido, sem dúvida, bem menos ao mérito do escritor que ao atrativo do assunto que tratamos, ao crédito que toma, cada dia, até nas mais altas regiões da sociedade; nós o devemos também, disso estamos convencidos, à dignidade que sempre conservamos frente a frente com os nossos adversários, deixando o público julgar entre a moderação de uma parte, e a inconveniência da outra. O Espiritismo marcha a passos de gigante no mundo inteiro; todos os dias re-liga alguns dissidentes pela força das coisas, e se, de nossa parte, podemos lançar alguns grãos na balança desse grande movimento que se opera, e que marcará nossa época como uma era nova, não será contundindo, chocando de frente aqueles mesmos que se quer trazer de novo; é pelo raciocínio que se faz escutar, e não por injúrias. Os Espíritos superiores que nos assistem, nos dão, a esse respeito, o preceito e o exemplo; seria indigno de uma doutrina que não prega senão o amor e a benevolência, abaixar-se até a arena do personalismo; deixamos esse papel àqueles que não a compreendem. Nada nos fará, pois, desviar da linha que seguimos, da calma e do sangue frio, que não cessaremos de considerar no exame racional de todas as questões, sabendo que por aí fazemos mais partidários sérios do Espiritismo que pelo amargor e pela acrimônia.

Na instrução que publicamos, na cabeça do nosso primeiro número, traçamos o plano que nos propúnhamos seguir: citar os fatos, mas também escrutá-los e passá-los pela escarpela da observação; apreciá-los e deduzir-lhes as conseqüências. No início, toda atenção estava concentrada sobre os fenômenos materiais, que alimentaram, então, a curiosidade pública, mas a curiosidade não tem senão um tempo; uma vez satisfeita, deixa-se o seu objeto como uma criança deixa o seu brinquedo. Os Espíritos nos disseram então: "Este é o primeiro período, que passará logo para dar lugar a idéias mais elevadas; fatos novos vão se revelar que marcarão um novo, o período filosófico, e a doutrina crescerá em pouco tempo, como a criança que deixa seu berço. Não vos inquieteis com o escárnio, os escarnecedores serão escarnecidos eles mesmos, e amanhã encontrareis zelosos defensores entre os vossos mais ardorosos adversários de hoje. Deus quer que assim seja, e estamos encarregados de executar a sua vontade; a má vontade de alguns homens não prevalecerá contra ela; o orgulho daqueles que querem saber mais que ele será rebaixado."

Estamos longe, com efeito, das mesas girantes, que não divertem mais quase nada, porque se deixa de tudo; não há senão o que fala ao nosso julgamento, do qual não se cansa, e o Espiritismo voga a plenas velas, em seu segundo período; cada um compreendeu que é toda

uma ciência que se funda, toda uma filosofia, toda uma nova ordem de idéias; e era preciso seguir esse movimento, contribuir mesmo para ele, sob pena de não mais bastar à tarefa; eis porque nos esforçamos por nos mantermos nessa altura, sem nos fecharmos nos estreitos limites de um boletim anedótico. Elevando-se à categoria de doutrina filosófica, o Espiritismo conquistou inumeráveis adeptos, mesmo entre aqueles que não foram testemunhas de nenhum fato material; é que o homem ama o que fala à sua razão, o que pode apreciar, e que encontra, na filosofia espírita, outra coisa que um passatempo, alguma coisa que preenche, nele, o vazio pungente da incerteza. Penetrando nesse mundo extracorpóreo pelos caminhos da observação, quisemos nele fazer nossos leitores penetrarem, e fazê-lo compreenderem; cabe a eles julgarem se alcançamos nosso objetivo. Prosseguiremos, pois, em nossa tarefa durante o ano que vai começar, e que tudo anuncia dever ser fecundo. Novos fatos, de uma ordem estranha, surgem neste momento e nos revelam novos mistérios; nós os registraremos cuidadosamente, e neles procuraremos a luz com tanta perseverança quanto no passado, porque tudo pressagia que o Espiritismo vai entrar numa nova fase, mais grandiosa e mais sublime ainda.

ALLAN KARDEC.

Nota. A grande quantidade de matérias nos obriga a remeter para o próximo número a continuação do nosso artigo sobre a Pluralidade das existências, e a do conto de Frédéric Soulié.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

PUBLICADA SOB A DIREÇÃO DE

ALLAN KARDEC

Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente. O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.

Segundo Ano – 1859

Titulo original em francês:

REVUE SPIRITE

JOURNAL D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES

Tradução: SALVADOR GENTILE

Revisão: ELIAS BARBOSA

1ª edição - 1.000 exemplares - 1993

2ª edição - 300 exemplares - 2001

© 1993 Instituto de Difusão Espírita

Índice geral das matérias

Janeiro

Maio

Setembro

Fevereiro

Junho

Outubro

Março

Julho

Novembro

Abril

Agosto

Dezembro

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Segundo Ano – 1859

Janeiro

- [Carta à Sua Alteza o Príncipe G.](#)
- [Senhor Adrien, médium vidente \(2º artigo\)](#)
- [O Fantasma de Bayonne](#)
- [Conversas familiares de além-túmulo - Chaudruc-Duclos](#)
- [- Diógenes](#)
- [Os anjos guardiães. \(Dissertação Espírita\)](#)
- [Uma noite esquecida, conto, pelo Espírito de Frédéric Soulié \(continuação\)](#)
- [Aforismos Espíritas](#)
- [Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas; aviso](#)

Carta à Sua Alteza o Príncipe G.

Revista Espírita, janeiro de 1859

PRÍNCIPE,

Vossa Alteza honrou-me dirigindo-me várias perguntas referentes ao Espiritismo; vou tentar respondê-las, tanto quanto o permita o estado dos conhecimentos atuais sobre a matéria, resumindo em poucas palavras o que o estudo e a observação nos ensinaram a esse respeito. Essas questões repousam sobre os princípios da própria ciência: para dar maior clareza à solução, é necessário ter esses princípios presentes no pensamento; permita-me, pois, tomar a coisa de um ponto mais alto, colocando como preliminares certas proposições fundamentais que, de resto, elas mesmas servirão de resposta a algumas de vossas perguntas.

Há, fora do mundo corporal visível, seres invisíveis que constituem o mundo dos Espíritos.

Os Espíritos não são seres à parte, mas as próprias almas daqueles que viveram na Terra ou em outras esferas, e que deixaram seus envoltórios materiais.

Os Espíritos apresentam todos os graus de desenvolvimento intelectual e moral. Há, por consequência, bons e maus, esclarecidos e ignorantes, levianos, mentirosos, velhacos, hipócritas, que procuram enganar e induzir ao mal, como os há muitos superiores em tudo, e que não procuram senão fazer o bem. Essa distinção é um ponto capital.

Os Espíritos nos cercam sem cessar, com o nosso desconhecimento, dirigem os nossos pensamentos e as nossas ações, e por aí influem sobre os acontecimentos e os destinos da Humanidade.

Os Espíritos, freqüentemente, atestam sua presença por efeitos materiais. Esses efeitos nada têm de sobrenatural; não nos parecem tal senão porque repousam sobre bases fora das leis conhecidas da matéria. Uma vez conhecidas essas bases, o efeito entra na categoria dos fenômenos naturais; é assim que os Espíritos podem agir sobre os corpos inertes e fazê-los mover sem o concurso de nossos agentes exteriores. Negar a existência de agentes desconhecidos, unicamente porque não são compreendidos, seria colocar limites ao poder de Deus, e crer que a Natureza nos disse sua última palavra.

Todo efeito tem uma causa; ninguém o contesta. É, pois, ilógico negar a causa unicamente porque seja desconhecida.

Se todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente. Quando se vê o braço do telégrafo fazer sinais que respondem a um pensamento, disso se conclui, não que esses braços sejam inteligentes, mas que uma inteligência fá-los moverem-se. Ocorre o mesmo com os fenômenos espíritas. Se a inteligência que os produz não é a nossa, é evidente que ela está fora de nós.

Nos fenômenos das ciências naturais, atua-se sobre a matéria inerte, que se manipula à vontade; nos fenômenos espíritas age-se sobre inteligências que têm seu livre arbítrio, e não estão submetidas à nossa vontade. Há, pois, entre os fenômenos usuais e os fenômenos

espíritas uma diferença radical quanto ao princípio: por isso, a ciência vulgar é incompetente para julgá-los.

O Espírito encarnado tem dois envoltórios, um material que é o corpo, o outro semi-material e indestrutível que é o perispírito. Deixando o primeiro, conserva o segundo que constitui para ele uma espécie de corpo, mas cujas propriedades são essencialmente diferentes. Em seu estado normal, é invisível para nós, mas pode tornar-se momentaneamente visível e mesmo tangível: tal é a causa do fenômeno das aparições.

Os Espíritos não são, pois, seres abstratos, indefinidos, mas seres reais e limitados, tendo sua própria existência, que pensam e agem em virtude de seu livre arbítrio. Estão por toda parte, ao redor de nós; povoam os espaços e se transportam com a rapidez do pensamento.

Os homens podem entrar em relação com os Espíritos e deles receberem comunicações diretas pela escrita, pela palavra e por outros meios. Os Espíritos, estando ao nosso lado e podendo virem ao nosso chamado, pode-se, por certos intermediários, estabelecer com eles comunicações seguidas, como um cego pode fazê-lo com as pessoas que ele não vê.

Certas pessoas são dotadas, mais do que outras, de uma aptidão especial para transmitirem as comunicações dos Espíritos: são os médiuns. O papel do médium é o de um intérprete; é um instrumento do qual se servem os Espíritos: esse instrumento pode ser mais ou menos perfeito, e daí as comunicações mais ou menos fáceis.

Os fenômenos espíritas são de duas ordens: as manifestações físicas e materiais, e as comunicações inteligentes. Os efeitos físicos são produzidos por Espíritos inferiores; os Espíritos elevados não se ocupam mais dessas coisas quanto nossos sábios não se ocupam em fazerem grandes esforços: seu papel é de instruir pelo raciocínio.

As comunicações podem emanar de Espíritos inferiores, como de Espíritos superiores. Reconhecem-se os Espíritos, como os homens, pela sua linguagem: a dos Espíritos superiores é sempre séria, digna, nobre e marcada de benevolência; toda expressão trivial ou inconveniente, todo pensamento que choque a razão ou o bom senso, que denote orgulho, acrimônia ou malevolência, necessariamente, emana de um Espírito inferior.

Os Espíritos elevados não ensinam senão coisas boas; sua moral é a do Evangelho, não pregam senão a união e a caridade, e jamais enganam. Os Espíritos inferiores dizem absurdos, mentiras, e, freqüentemente, grosserias mesmo.

A bondade de um médium não consiste somente na facilidade das comunicações, mas, sobretudo, na natureza das comunicações que recebe. Um bom médium é aquele que simpatiza com os bons Espíritos e não recebe senão boas comunicações.

Todos temos um Espírito familiar que se liga a nós desde o nosso nascimento, nos guia, nos aconselha e nos protege; esse Espírito é sempre bom.

Além do Espírito familiar, há Espíritos que são atraídos para nós por sua simpatia por nossas qualidades e nossos defeitos, ou por antigas afeições terrestres. Onde se segue que, em toda reunião, há uma multidão de Espíritos mais ou menos bons, segundo a natureza do meio.

Podem os Espíritos revelar o futuro?

Os Espíritos não conhecem o futuro senão em razão de sua elevação. Os que são inferiores não conhecem mesmo o seu, por mais forte razão o dos outros. Os Espíritos superiores o conhecem, mas não lhes é sempre permitido revelá-lo. Em princípio, e por um desígnio muito sábio da Providência, o futuro deve nos ser ocultado; se o conhecêssemos, nosso livre arbítrio seria por isso entravado. A certeza do sucesso nos tiraria o desejo de nada fazer, porque não veríamos a necessidade de nos dar ao trabalho; a certeza de uma infelicidade nos desencorajaria. Todavia, há casos em que o conhecimento do futuro pode ser útil, mas deles jamais podemos ser juizes: os Espíritos no-los revelam quando crêem útil e têm a permissão de Deus; fazem-no espontaneamente e não ao nosso pedido. E preciso esperar, com confiança a oportunidade, e sobretudo não insistir em caso de recusa, de outro modo se arrisca a relacionar-se com Espíritos levianos que se divertem às nossas custas.

Podem os Espíritos nos guiar, por conselhos diretos, nas coisas da vida?

Sim, eles o podem e o fazem voluntariamente. Esses conselhos nos chegam diariamente pelos pensamentos que nos sugerem. Frequentemente, fazemos coisas das quais nos atribuímos o mérito, e que não são, na realidade, senão o resultado de uma inspiração que nos foi transmitida. Ora, como estamos cercados de Espíritos que nos solicitam, uns num sentido, os outros no outro, temos sempre o nosso livre arbítrio para nos guiar na escolha, feliz para nós quando damos a preferência ao nosso bom gênio.

Além desses conselhos ocultos, pode-se tê-los diretos por um médium; mas é aqui o caso de se lembrar dos princípios fundamentais que emitimos a toda hora. A primeira coisa a considerar é a qualidade do médium, senão o for por si mesmo. Médium que não tem senão boas comunicações, que, pelas suas qualidades pessoais não simpatiza senão com os bons Espíritos, é um ser precioso do qual podem-se esperar grandes coisas, se todavia for secundado pela pureza de suas próprias instruções e se tomadas convenientemente: digo mais, é um instrumento providencial.

O segundo ponto, que não é menos importante, consiste na natureza dos Espíritos aos quais se dirigem, e não é preciso crer que o primeiro que chegue possa nos guiar utilmente. Quem não visse nas comunicações espíritas senão um meio de adivinhação, e em um médium uma espécie de ledor de sorte, se enganaria estranhamente. É preciso considerar que temos, no mundo dos Espíritos, amigos que se interessam por nós, mais sinceros e mais devotados do que aqueles que tomam esse título na Terra, e que não têm nenhum interesse em nos bajular e em nos enganar. Além do nosso Espírito protetor, são parentes ou pessoas que se nos afeiçoaram em sua vida, ou Espíritos que nos querem o bem por simpatia. Aqueles vêm voluntariamente quando são chamados, e vêm mesmo sem que sejam chamados; temo-los, frequentemente, ao nosso lado sem disso desconfiar. São aqueles aos quais pode-se pedir conselhos pela via direta dos médiuns, e que os dão mesmo espontaneamente sem que lhes peça. Fazem-no sobretudo *na intimidade, no silêncio, e então quando nenhuma influência venha perturbá-los*: aliás, são muito prudentes, e não se tem a temer da sua parte uma indiscrição imprópria: eles se calam quando há ouvidos demais. Fazem-no, ainda com mais bom grado, quando estão em comunicação freqüente conosco; como eles não dizem as coisas senão com o propósito e segundo a oportunidade, é preciso esperar a sua boa vontade e não crer que, à primeira vista, vão satisfazer a todos os nossos pedidos; querem nos provar com isso que não estão às nossas ordens.

A natureza das respostas depende muito do modo como se colocam as perguntas; é preciso aprender a conversar com os Espíritos como se aprende a conversar com os homens: em

todas as coisas é preciso a experiência. Por outro lado, o hábito faz com que os Espíritos se identifiquem conosco e com o médium, os fluidos se combinam e as comunicações são mais fáceis; então se estabelece, entre eles e nós, verdadeiras conversações familiares; o que não dizem num dia, dizem-no em outro; eles se habituem à nossa maneira de ser, como nós à sua: fica-se, reciprocamente, mais cômodo. Quanto à ingerência de maus Espíritos e de Espíritos enganadores, o que é o grande escolho, a experiência ensina a combatê-los, e pode-se sempre evitá-los. Se não se lhes expuser, não vêm mais onde sabem perder seu tempo.

Qual pode ser a utilidade da propagação das idéias espíritas?

O Espiritismo, sendo a prova palpável, evidente da existência, da individualidade e da imortalidade da alma, é a destruição do Materialismo. Essa negação de toda religião, essa praga de toda sociedade. O número dos materialistas que foram conduzidos a idéias mais sadias é considerável e aumenta todos os dias: só isso seria um benefício social. Ele não prova somente a existência da alma e sua imortalidade; mostra o estado feliz ou infeliz delas segundo os méritos desta vida. As penas e as recompensas futuras não são mais uma teoria, são um fato patente que se tem sob os olhos. Ora, como não há religião possível sem a crença em Deus, na imortalidade da alma, nas penas e nas recompensas futuras, se o Espiritismo conduz a essas crenças aqueles em que estavam apagadas, disso resulta que é o mais poderoso auxiliar das idéias religiosas: dá a religião àqueles que não a têm; fortifica-a naqueles em que ela é vacilante; consola pela certeza do futuro, faz aceitar com paciência e resignação as tribulações desta vida, e afasta do pensamento do suicídio, pensamento que se repele naturalmente quando se lhe vê as conseqüências: eis porque aqueles que penetraram esses mistérios estão felizes com isso; é para eles uma luz que dissipa as trevas e as angústias da dúvida.

Se considerarmos agora a moral ensinada pelos Espíritos superiores, ela é toda evangélica, é dizer tudo: prega a caridade cristã em toda a sua sublimidade; faz mais, mostra a necessidade para a felicidade presente e futura, porque as conseqüências do bem e do mal que fizemos estão ali diante dos nossos olhos. Conduzindo os homens aos sentimentos de seus deveres recíprocos, o Espiritismo neutraliza o efeito das doutrinas subversivas da ordem social.

Essas crenças não podem ser um perigo para a razão?

Todas as ciências não forneceram seu contingente às casas de alienados? É preciso condená-las por isso? As crenças religiosas não estão ali largamente representadas? Seria justo, por isso, proscrever a religião? Conhecem-se todos os loucos que o medo do diabo produziu? Todas as grandes preocupações intelectuais levam à exaltação, e podem reagir lastimavelmente sobre um cérebro fraco; teria fundamento ver-se no Espiritismo um perigo especial a esse respeito, se ele fosse a causa única, ou mesmo preponderante, dos casos de loucura. Faz-se grande barulho de dois ou três casos aos quais não se daria nenhuma atenção em outra circunstância; não se levam em conta, ainda, as causas predisponentes anteriores. Eu poderia citar outras nas quais as idéias espíritas, bem compreendidas, detiveram o desenvolvimento da loucura. Em resumo, o Espiritismo não oferece, sob esse aspecto, mais perigo que as mil e uma causas que a produzem diariamente; digo mais, que ele as oferece muito menos, naquilo que ele carrega em si mesmo seu corretivo, e que pode, pela direção que dá às idéias, pela calma que proporciona ao espírito daqueles que o compreende, neutralizar o efeito de causas estranhas. O desespero é uma dessas causas; ora, o Espiritismo, fazendo-nos encarar as coisas mais lamentáveis com sangue frio e resignação, nos dá a força de suportá-las com coragem e resignação, e atenua os funestos efeitos do desespero.

As crenças espíritas não são a consagração das idéias supersticiosas da Antigüidade e da Idade Média, e não podem recomendá-las?

As pessoas sem religião não taxam de superstição a maioria das crenças religiosas? Uma idéia não é supersticiosa senão porque ela é falsa; cessa de sê-lo se se torna uma verdade. Está provado que, no fundo da maioria das superstições, há uma verdade ampliada e desnaturada pela imaginação. Ora, tirar a essas idéias todo seu aparelho fantástico, e não deixar senão a realidade, é destruir a superstição: tal é o efeito da ciência espírita, que coloca a nu o que há de verdade ou de falso nas crenças populares. Por muito tempo, as aparições foram vistas como uma crença supersticiosa; hoje, que são um fato provado, e, mais que isso, perfeitamente explicado, elas entram no domínio dos fenômenos naturais. Seria inútil condená-las, não as impediria de se produzirem; mas aqueles que delas tomam conhecimento e as compreendem, não somente não se amedrontam, mas com elas ficam satisfeitos, e é a tal ponto que aqueles que não as têm desejam tê-las. Os fenômenos incompreendidos deixam o campo livre à imaginação, são a fonte de uma multidão de idéias acessórias, absurdas, que degeneram em superstição. Mostrai a realidade, explicai a causa, e a imaginação se detém no limite do possível; o maravilhoso, o absurdo e o impossível desaparecem, e com eles a superstição; tais são, entre outras, as práticas cabalísticas, a virtude dos sinais e das palavras mágicas, as fórmulas sacramentais, os amuletos, os dias nefastos, as horas diabólicas, e tantas outras coisas das quais o Espiritismo, bem compreendido, demonstra o ridículo.

Tais são, Príncipe, as respostas que acreditei dever fazer às perguntas que me haveis dado a honra em me endereçar, feliz se elas podem corroborar as idéias que Vossa Alteza já possui sobre essas matérias, e vos levar a aprofundar uma questão de tão alto interesse; mais feliz ainda se meu concurso ulterior puder ser para vós de alguma utilidade.

Com o mais profundo respeito, sou,

de Vossa Alteza,

o muito humilde e muito obediente servidor,

ALLAN KARDEC.

Senhor Adrien, médium vidente

Revista Espírita, janeiro de 1859

(Segundo artigo.)

Desde a publicação de nosso artigo sobre o senhor Adrien, médium vidente, nos foram comunicados um grande número de fatos que confirmam, em nossa opinião, que essa faculdade, do mesmo modo que todas as outras faculdades mediúnicas, é mais comum que se pensa; já a havíamos observado em uma multidão de casos particulares e, sobretudo, no estado sonambúlico. O fenômeno das aparições é hoje um fato adquirido, e pode-se dizer freqüente, sem falar dos numerosos exemplos que nos oferecem a história profana e as Escrituras sagradas. Muitos nos foram narrados que são pessoais àqueles que os têm, mas esses fatos são, quase sempre, fortuitos e acidentais; não tínhamos ainda visto ninguém no qual essa faculdade, de alguma sorte, fosse o estado normal. No senhor Adrien ela é permanente; por toda parte onde está, a população oculta que formiga ao redor de nós é visível para ele, sem que a chame: ele goza, para nós, o papel de um vidente no meio de um povo de cegos; vê esses seres, que se poderia dizer o duplo do gênero humano, irem, virem, misturarem-se às nossas ações, e, se assim pode-se exprimir, ocuparem-se de seus negócios. Os incrédulos dirão que é uma alucinação, palavra sacramental pela qual pretendem explicar o que não se compreende. Gostaríamos que pudessem definir, eles mesmos, a alucinação, e sobretudo explicar-lhe a causa. Todavia, no senhor Adrien, ela ofereceria um caráter bem insólito:

o da permanência. Até o presente, o que se convencionou chamar alucinação é um fato anormal e, quase sempre, a consequência de um estado patológico, o que não é aqui o caso. Para nós, que estudamos essa faculdade, que a observamos todos os dias em seus mais minuciosos detalhes, fomos capazes de constatar-lhe a realidade. Ela não se faz, pois, o objeto de nenhuma dúvida, e, como se verá, nos foi um eminente recurso em nossos estudos espíritas; permitiu-nos levar o escalpelo de nossas investigações na vida extracorpórea: é a luz na obscuridade. O senhor Home, dotado de uma faculdade notável como médium de influência física, produziu esses efeitos surpreendentes. O senhor Adrien nos inicia quanto à causa desses efeitos, porque as vê se produzirem e que vai bem além daquilo que fere os nossos sentidos.

A realidade da visão do senhor Adrien está provada pelo retrato que fez de pessoas que jamais viu, e das quais a identificação foi reconhecida exata. Seguramente, quando descreve com uma minúcia rigorosa até os menores traços de um parente ou de um amigo, que se evoca por seu intermédio, se está certo de que ele vê, porque não pode tomar a coisa em sua imaginação; mas há pessoas nas quais é uma deliberação rejeitar mesmo a evidência; e o que há de bizarro, é que para refutar o que não querem admitir, explicam-no por causas mais difíceis ainda que aquelas que se lhes dão.

Os retratos do senhor Adrien não são, entretanto, sempre infalíveis, e isso como em toda a ciência, quando uma anomalia se apresenta, é preciso procurar-lhe a causa, porque a causa de uma exceção, freqüentemente, é a confirmação de um princípio geral. Para compreender esse fato, é preciso não perder de vista o que já dissemos sobre a forma aparente dos Espíritos. Essa forma prende-se ao perispírito, cuja natureza, essencialmente flexível, se presta a todas as modificações que apraz ao Espírito lhe dar. Deixando o envoltório material,

o Espírito leva consigo seu envoltório etéreo, que constitui uma outra espécie de corpo. Em seu estado normal, esse corpo tem uma forma humana, mas que não é calcada traço por traço sobre aquela que deixou, sobretudo quando a deixou desde há um certo tempo. Nos primeiros instantes que seguem à morte, e durante todo o tempo em que ainda existe laço entre as duas existências, a semelhança é maior; mas essa semelhança se apaga à medida que o desligamento se opera e que o Espírito torna-se mais estranho ao seu último envoltório. Todavia, pode sempre retomar essa primeira aparência, seja pela figura, seja pela roupa, quando o julga útil para se fazer reconhecer; mas, em geral, não é senão em consequência de um esforço muito grande de vontade. Não há, pois, nada de espantoso que, em certos casos, a semelhança peque por alguns detalhes: bastam os traços principais. No médium, essa investigação não se faz sem um certo esforço que se toma penoso quando é muito repetido. Suas visões comuns não lhe custam nenhuma fadiga, porque não se liga senão às generalidades. Ocorre o mesmo conosco quando vemos uma multidão: não vemos tudo; todos os indivíduos se destacam aos nossos olhos com seus traços distintivos, sem que nenhum desses traços nos fira bastante para podê-los descrever; para precisá-los é preciso concentrar nossa atenção sobre os detalhes íntimos que queremos analisar, com esta diferença que, nas circunstâncias ordinárias, a visão atua sobre uma forma material, invariável, ao passo que na visão ela repousa sobre uma forma essencialmente móvel que um simples efeito da vontade pode modificar. Saibamos, pois, tomar as coisas pelo que elas são; consideremo-las em si mesmas e em razão de suas propriedades. Não esqueçamos que, no Espiritismo, não se opera sobre a matéria inerte, mas sobre inteligências que têm seu livre arbítrio, e que não podemos, conseqüentemente, submeter ao nosso capricho, nem fazer agir à nossa vontade como um movimento de pêndulo. Todas as vezes que se quiser tomar nossas ciências exatas por ponto de partida nas observações espíritas, extravia-se; por isso a ciência vulgar é incompetente nessa questão: é absolutamente como se um músico quisesse julgar a arquitetura sob o ponto de vista musical. O Espiritismo nos revela uma nova ordem de idéias, novas forças, novos elementos, fenômenos que não repousam em nada do que conhecemos; saibamos, pois, para julgá-los, despojar dos preconceitos e todas as idéias preconcebidas; penetremo-nos, sobretudo, dessa verdade de que, fora do que conhecemos, pode haver outra coisa, se não quisermos cair nesse erro absurdo, fruto do nosso orgulho, que Deus nada mais tem de secreto para nós.

Compreende-se, depois disso, que influências delicadas podem agir sobre a produção dos fenômenos espíritas; mas há outras que merecem uma atenção não menos séria. O Espírito despojado do corpo conserva, dizemos, toda a sua vontade, e uma liberdade de pensar bem maior que quando vivo: há suscetibilidades que temos dificuldade em compreender; o que nos parece, freqüentemente, tão simples e tão natural o magoa e o descontenta; uma questão deslocada o choca, o fere; ele nos mostra sua independência em não fazendo o que queremos, ao passo que, por si mesmo, algumas vezes, faz mais do que sonhamos pedir. É por essa razão que as perguntas de prova e de curiosidade são essencialmente antipáticas aos Espíritos, e que as respondem raramente de um modo satisfatório; os Espíritos sérios, sobretudo, a isso não se prestam jamais, e, em nenhum caso, querem servir de diversão. Concebe, pois, que a intenção pode influir muito sobre a sua boa vontade em se apresentar aos olhos de um médium vidente, sob tal ou tal aparência; e como, em definitivo, eles não revestem uma aparência determinada senão quando isso lhes convém, não o fazem senão quando vêem um motivo sério e útil.

Uma outra razão, de alguma sorte, prende-se ao que poderíamos chamar a fisiologia espírita. A visão do Espírito pelo médium se faz por uma espécie de irradiação fluídica, partindo do Espírito e se dirigindo sobre o médium; este absorve, por assim dizer, esses raios e os assimila. Se está só, ou se não é cercado senão de pessoas simpáticas, unidas de intenção e de pensamentos, esses raios se concentram sobre ele; então a visão é limpa, precisa, e é nessas circunstâncias que os retratos, quase sempre, são de uma exatidão notável. Se, ao

contrário, há ao redor dele influências antipáticas, pensamentos divergentes e hostis, se não há recolhimento, os raios fluidicos se dispersam, são absorvidos pelo meio ambiente: daí uma espécie de nevoeiro que se projeta sobre o Espírito e não permite distinguir-lhe as nuances. Tal seria uma luz, com ou sem refletor. Uma outra comparação menos material pode ainda nos dar a razão desse fenômeno. Cada um sabe que a verve de um orador é excitada pela simpatia e a atenção de seu auditório; que seja, ao contrário, distraído pelo ruído, desatenção ou a má vontade, seus pensamentos não são mais tão livres, se dispersam, e seus meios os sofrem. O Espírito que está influenciado por um meio absorvente, está no mesmo caso: sua irradiação, em lugar de se dirigir sobre um ponto único, perde de sua força em se disseminando.

Às considerações que precedem, devemos acrescentar-lhes uma cuja importância será facilmente compreendida por todos aqueles que conhecem a marcha dos fenômenos espíritas. Sabe-se que várias causas podem impedir, a um Espírito, de vir ao nosso chamado no momento em que nós o evocamos: pode estar reencarnado ou ocupado em outra parte. Ora, entre os Espíritos que se apresentam quase sempre simultaneamente, o médium deve distinguir aquele que se chama, e se não estiver ali, pode tomar, por ele, um outro Espírito igualmente simpático à pessoa que evoca. Ele descreve o Espírito que vê sem poder sempre afirmar que é antes tal ou tal; mas se o Espírito que se apresenta é sério, não enganará sobre sua identidade; interrogado para esse efeito, ele pode explicar a causa do engano, e dizer o que é.

Um meio pouco propício prejudica ainda por uma outra causa. Cada indivíduo tem, por acompanhantes, Espíritos que simpatizam com seus defeitos e suas qualidades. Esses Espíritos são bons ou maus segundo os indivíduos; quanto mais haja pessoas reunidas, maior será a variedade entre elas, e haverá mais chances de aí se encontrarem antipáticos. Se, pois, na reunião há pessoas hostis, seja por pensamentos difamantes, seja pela leviandade de seu caráter, seja por uma incredulidade sistemática, elas atraem por isso mesmo Espíritos pouco benevolentes que, freqüentemente, vêm entrar as manifestações, de qualquer natureza que sejam, escritas tão bem quanto visuais; daí a necessidade de se colocar nas condições mais favoráveis, querendo-se ter comunicações sérias: quem quer o fim quer os meios. As manifestações espíritas não são dessas coisas das quais seja permitido brincar impunemente. Sede sérios, segundo toda acepção dessa palavra, se quereis coisas sérias, de outro modo não espereis senão ser o juguete de Espíritos levianos, que se divertem às vossas custas.

O Fantasma de Bayonne

Revista Espírita, janeiro de 1859

Em nosso último número, dissemos algumas palavras sobre essa estranha manifestação. Essas notícias nos foram dadas, de viva voz e muito sucintamente, por um de nossos assinantes, amigo da família onde tais fatos ocorreram. Prometera-nos ele os detalhes mais circunstanciais, e devemos à sua cortesia a comunicação das cartas que delas contém um relato mais detalhado.

Essa família mora perto de Bayonne, e essas cartas foram escritas pela própria mãe da jovem, criança de uma dezena de anos, ao seu filho que mora em Bordeaux, para lhe dar conhecimento do que se passava em sua casa. Este último consentiu a se dar ao trabalho de transcrevê-las para nós, a fim de que a autenticidade não pudesse ser contestada; foi uma atenção da qual lhe somos reconhecidos. Concebe-se a reserva à qual tivemos quanto aos nomes próprios, reserva que sempre para nós foi uma lei a observar, a menos que recebamos uma autorização formal. Todo o mundo não se preocupa em atrair sobre si a multidão de curiosos. Àqueles a quem essa reserva seria um motivo de suspeição, diremos que é preciso fazer uma diferença entre um jornal eminentemente sério e aqueles que não tem em vista senão agradar o público. Nosso objetivo não é o de contar os fatos para encher nosso quadro, mas para esclarecer a ciência; se estivéssemos enganados, estaríamos de boa fé: quando, aos nossos olhos, uma coisa não está formalmente averiguada, nós a damos sob o benefício de inventário; não poderia ser assim quando ela emana de pessoas sérias, cuja honorabilidade nos é conhecida, e que longe de terem algum interesse em nos induzirem em erro, elas mesmas querem se instruir.

A primeira carta é a do filho ao nosso assinante, dirigindo-lhe as de sua mãe.

Saint-Esprit, 20 de novembro de 1858.

Meu caro amigo,

"Chamado em minha família pela morte de um de meus irmão-zinhos, que Deus acaba de nos levar, essa circunstância, que me distanciou desde algum tempo de minha casa, é o atraso que tive em vos responder. Ficaria penalizado em vos fazer passar por um contador de histórias junto ao senhor Allan Kardec, por isso vou dar-vos alguns detalhes sumários sobre os fatos acontecidos em minha família. Creio já haver dito que as aparições cessaram há muito tempo, e não se manifestam mais à minha irmã. Eis as cartas que minha mãe escreveu a esse respeito. Devo observar que muitos dos fatos nelas foram omitidos, e não são os menos interessantes. Escrever-vos-ei de novo para completar a história se, por vós mesmo, não puderdes fazê-lo, lembrando-vos do que vos disse de viva voz."

23 de abril de 1855.

Há mais ou menos três meses que, uma tarde, tua irmã X. teve necessidade de sair para fazer uma compra. O corredor da casa que é muito comprido, tu o sabes, não está jamais iluminado, e o grande hábito que temos de percorrê-lo sem luz faz com que evitemos tropeçar sobre os degraus da escada. X. já nos dissera que cada vez que ela saía ouvia uma

voz que lhe fazia discursos dos quais ela não compreendeu de início o sentido, mas que, mais tarde, tornaram-se inteligíveis. Algum tempo depois ela viu uma sombra, e não cessou, durante o trajeto, de ouvir a mesma voz. Os discursos feitos por esse ser invisível tendiam sempre a tranquilizá-la e dar-lhe conselhos muito sábios. Uma boa moral era o fundo de suas palavras. X. ficou muito perturbada e, freqüentemente, nos disse que não tinha mais força para continuar seu caminho. Minha criança, dizia-lhe o invisível, cada vez que ela estava perturbada, não tema nada, porque não te quero senão o bem. Ensinou-lhe um lugar onde, durante vários dias, ela encontrou algumas peças de moedas; de outras vezes não encontrava nada. X. estava conformada com a revelação que lhe fizera e, durante muito tempo, ela encontrou, se não peças de moedas, alguns brinquedos que tu verás. Esses dons, sem dúvida lhe foram dados para encorajá-la. Tu não foste esquecido nas conversações desse ser falava freqüentemente de ti e nos dava de tuas novidades por intermédio de tua irmã. Várias vezes nos informou do emprego de tuas noites; viu-te lendo no quarto; outras vezes nos disse que teus amigos estavam reunidos contigo; enfim, ele nos tranquilizava sempre que a preguiça te impedia escrever-nos.

Desde há algum tempo, X. tem relações quase contínuas com o invisível. De dia ela não vê nada; ouve sempre a mesma voz que lhe faz discursos sábios, que não cessa de encorajá-la ao trabalho e ao amor a Deus. À noite, ela vê, na direção de onde parte a voz, uma luz rosa que não ilumina mas que, segundo ela, poderia ser comparada ao brilho de um diamante na sombra. Agora todo o medo desapareceu nela; se lhe manifesto dúvidas: "Mamãe, diz-me ela, é um anjo quem me fala, e se, para te convenceres, queres te armar de coragem, ele me pede dizer-te que esta noite te fará erguer. Se ele te falar, deveras responder. Vá onde ele te disser para ir; verás diante de ti pessoas, não tenhas nenhum medo." Não quis colocar minha coragem à prova: tive medo, e a impressão que isso me fez impediu-me de dormir. Muito freqüentemente, durante a noite, parece-me ouvir um sopro na cabeceira de minha cama. Minhas cadeiras se movem sem que nenhuma mão as toque. Meus temores desapareceram completamente desde há algum tempo, e tenho grande pesar por não haver me submetido à prova, que me fora proposta, para ter relações diretas com o invisível, e também por não ter que lutar continuamente contra as dúvidas.

Convidei X. a interrogar o invisível sobre a sua natureza; eis a conversa que tiveram em conjunto:

X. Quem és tu?

Inv. Sou teu irmão Elisée.

X. Meu irmão está morto há doze anos.

Inv. É verdade; teu irmão está morto há doze anos; mas havia nele, como em todos os seres, uma alma que não morre e que está diante de ti neste instante, que te ama e te protege em tudo.

X. Gostaria de te ver.

Inv. Estou diante de ti.

X. Não vejo nada, entretanto.

Inv. Tomarei uma forma visível para ti. Depois do ofício religioso tu descerás, ver-me-ás,

então eu te abraçarei.

X. Mamãe gostaria de conhecer-te também.

Inv. Tua mãe é a minha; ela me conhece. Teria antes querido manifestar-me a ela que a ti: era meu dever; mas não posso mostrar-me a várias pessoas, porque Deus no-lo proíbe; lamento que tenha faltado coragem à mamãe. Prometo dar-te provas de minha existência e, então, todas as dúvidas desaparecerão.

À noite, no momento marcado, X. se colocou à porta do templo. Um jovem se lhe apresentou e lhe disse: "Sou teu irmão. Pediste ver-me; eis-te satisfeita. Abraça-me, porque não posso conservar por muito tempo a forma que estou vivendo."

Como tu o penses bem, a presença desse ser deveu espantar X. ao ponto de impedir-lhe fazer alguma observação. Logo que o abraçou, ele desapareceu no ar.

No dia seguinte, de manhã, o invisível, aproveitando o momento em que X. foi obrigada a sair, se manifestou de novo a ela e disse-lhe: "Deveis estar bem surpresa com a minha desapareição. Pois bem! Quero te ensinar a elevar-te no ar, e ser-te-á possível seguir-me." Qualquer outro senão X., sem dúvida, apavorar-se-ia com a proposição. Ela aceitou a oferta apressadamente e logo se sentiu elevar como uma andorinha. Ela chegou, em pouco tempo, a um lugar onde havia uma multidão considerável. Ela viu, disse-nos, ouro, diamantes, e tudo o que, sobre a Terra satisfaz nossa imaginação. Ninguém considera essas coisas mais do que fazemos quanto aos paralelepípedos sobre os quais andamos. Ela reconheceu várias crianças de sua idade, que habitaram a mesma rua nossa, e que morreram há muito tempo. Em um apartamento ricamente decorado, onde não havia ninguém, o que chamou sobretudo a sua atenção, foi uma grande mesa onde, de distância em distância, havia papel. Diante de cada caderno havia um tinteiro; ela via as penas, por si mesmas, umedecerem-se e traçarem caracteres, sem que nenhuma mão as movesse.

Em seu retorno, eu a recrimei por ter se ausentado sem minha autorização, e lhe proibi expressamente recommençar semelhantes excursões. O invisível testemunhou-lhe muito lamentar haver me descontentado, e prometeu-lhe formalmente que, doravante, não a convidaria mais a ausentar-se sem disso me prevenir.

26 de abril.

O invisível transformou-se sob os olhos de X. e ele tomou tua forma, se bem que tua irmã acreditou que estavas no salão; para disso assegurar-se, ela disse-lhe que retomasse sua forma primitiva; logo tu desapareceste e foste substituído por mim. Seu espanto foi grande; ela me perguntou como eu me encontrava ali, estando a porta do salão fechada a chave. Então uma nova transformação ocorreu; ele tomou a forma do irmão morto e disse a X.: Tua mãe e todos os membros de tua família não vêem sem espanto, e mesmo sem o sentimento de medo, todos os fatos que se cumprem pela minha intervenção. Meu desejo não é ocasionar pavor; entretanto, quero provar minha existência, e te colocar ao abrigo na incredulidade de todos, porque se poderia tomar por uma mentira de tua parte o que não seria da sua senão uma obstinação em não se render à evidência. A senhora C. é uma merceeira; sabes que se tem necessidade de comprar botões, nós iremos, ambos, comprá-los. Eu me transformarei em teu irmãozinho (ele tinha então 9 anos) e quando retornares à casa, pedirás a mamãe enviar à casa da senhora C. perguntar com quem te encontravas no momento em que ela te vendeu os botões." X. não deixou de se conformar com essas

instruções. Mandeí à casa da senhora C.; ela me respondeu que tua irmã estava com teu irmão, do qual fez um grande elogio dizendo que não se podia figurar que, em sua idade, fosse possível ter respostas tão fáceis, e, sobretudo, com tão pouca timidez. É bom dizer que o irmãozinho estivera na escola desde a manhã e não deveria retornar senão à tarde, pela sete horas, e que além disso é muito tímido e não tem essa facilidade que se lhe queria conceder. É muito curioso, não é? Creio que a mão de Deus não é estranha a essas coisas inexplicáveis.

7 de maio de 1855.

Não sou mais crédula do que se deve ser, e não me deixo dominar por idéias supersticiosas. No entanto, não posso me recusar a crer em fatos que ocorrem sob meus olhos. Necessitaria de provas bem evidentes para não infligir, à tua irmã, punições que lhe apliquei algumas vezes com pesar, com medo de que quisesse se divertir conosco, abusando de nossa confiança.

Ontem, eram cinco horas mais ou menos, quando o invisível disse à X.: "É provável que mamãe vá te enviar para alguma parte para fazer uma encomenda. Em teu curso serás agradavelmente surpreendida pela chegada da família de teu tio." X. me transmitiu logo o que o invisível dissera, eu estava bem longe de esperar essa chegada, e mais surpresa ainda de saber por esse modo. Tua irmã saiu e as primeiras pessoas que ela encontrou, efetivamente, foram meu irmão, sua mulher e seus filhos, que vinham nos ver. X. se apressou a dizer que eu deveria ter uma prova a mais da veracidade de tudo o que ela me dizia.

10 de maio de 1855.

Não posso mais duvidar, hoje, de qualquer coisa extraordinária na casa; vejo cumprirem-se todos esses fatos singulares sem medo, mas deles não posso retirar nenhum ensinamento, porque esses mistérios são inexplicáveis para mim.

Ontem, depois de ter posto ordem em todos os apartamentos, e tu sabes que é uma coisa à qual me prendo essencialmente, o invisível disse a X., que malgrado as provas que ele havia dado de sua intervenção, em todos os fatos curiosos que contei, eu tinha sempre dúvidas que ele queria fazer cessar completamente. Sem que nenhum ruído se fizesse ouvir, um minuto bastou para colocar a maior desordem nos apartamentos. Sobre o soalho, uma matéria vermelha fora derramada; creio que era sangue. Se fossem algumas gotas somente, creia que X. houvesse picado ou houvera sangrado o nariz, mas figura-te que o soalho estava inundado. Essa prova bizarra nos deu um trabalho considerável para colocar no salão seu brilho primitivo.

Antes de deslacrar as cartas que tu nos endereças, X. conhece-lhes o conteúdo. O invisível lho transmite.

16 de maio 1855.

X. não aceitou uma observação que sua irmã lhe fez, não sei a propósito de quê; ela deu uma resposta tanto menos conveniente quanto a censura era fundada. Infligi-lhe uma punição e ela foi dormir sem jantar. Antes de se deitar tem o hábito de orar a Deus. Essa noite ela o esqueceu; mas poucos instantes depois que foi ao leito, o invisível lhe apareceu; apresentou-lhe uma tocha e um livro de preces semelhante àquele que tinha o hábito de servir-se, disse-

Ihe que, malgrado a punição que ela bem merecera, não devia esquecer de cumprir o seu dever. Então ela se levantou, fez o que lhe foi ordenado, e tão logo sua prece terminara, tudo desapareceu.

No dia seguinte, pela manhã, X., depois de ter me abraçado, perguntou-me se o castiçal que se achava sobre a mesa no andar acima de seu quarto, havia sido tirado. Ora, essa tocha, semelhante àquela que fora apresentada na véspera, não havia mudado de lugar, não mais que seu livro de preces.

4 de junho de 1855.

Desde há algum tempo, nenhum fato muito saliente ocorreu, senão o seguinte. Eu estava resfriada estes dias; anteontem, todas as suas irmãs estavam ocupadas, eu não dispunha de ninguém para mandar comprar a pasta peitoral. Disse a X. que, quando terminasse seu trabalho, faria bem ir procurar-me alguma coisa na farmácia mais próxima. Ela esqueceu a minha recomendação, e eu mesma nisso não pensei mais. Estava certa de que ela não saíra e não deixara seu trabalho senão para ir buscar uma sopeira de que tínhamos necessidade. Sua surpresa foi grande, tirando a tampa, de aí encontrar um pacote de bala de cevada que o invisível havia depositado para poupar-lhe uma caminhada, e também para satisfazer um desejo meu que se havia perdido de vista.

Evocamos esse Espírito em uma das sessões da Sociedade e lhe endereçamos as perguntas seguintes. O senhor Adrien viu-o com os traços de uma criança de 10 a 12 anos; bela cabeça, cabelos negros e ondulados, olhos negros e vivos, tez pálida, boca zombadora, caráter leviano, mas bom. O Espírito disse não saber muito porque foi evocado.

Nosso correspondente, que estava presente à sessão, disse que são bem esses os traços sob os quais a jovem o pintou em várias circunstâncias.

1. Ouvimos contar a história de tuas manifestações numa família de Bayonne, e desejamos dirigir-te, a esse respeito, algumas perguntas. - R. Fazei-as e eu responderei; fazei-as depressa, estou com pressa, quero ir-me.
2. Onde pegaste o dinheiro que deste à jovem? - R. Fui tirar na bolsa de outros; compreendeis bem que não vou divertir-me cunhando moeda. Tomo daqueles que podem dar.
3. Por que te ligaste a esta jovem? - R. Grande simpatia.
4. E verdade que foste seu irmão morto com a idade de 4 anos? - R. Sim.
5. Por que era visível para ela e não para sua mãe? - R. Minha mãe deve estar privada de minha visão; mas minha irmã não tinha necessidade de punição; de resto, foi por permissão especial que lhe apareci.
6. Poderias explicar-nos como te tornas visível ou invisível à vontade? - R. Não sou bastante elevado, e estou muito preocupado com aquilo que me atrai, para responder a essa questão.
7. Poderias, se quisesses, aparecer aqui no meio de nós, como te mostraste à merceeira? - R. Não.

8. Nesse estado, seria sensível a dor se ferido? - R. Não.
9. Que teria acontecido se a merceeira quisesse ferir-te? - R. Ela não feriria senão o vazio.
10. Sob qual nome poderíamos designar-te quando falarmos de ti? - R. Chamai-me Fantasma se quiserdes. Deixai-me, é preciso que me vá.
11. (A São Luís). Seria útil ter às suas ordens um Espírito semelhante? - R. Frequentemente, tende-os ao vosso redor, que vos assistem sem que disso desconfiais.

Considerações sobre o Fantasma de Bayonne.

Se aproximarmos esses fatos dos de Bergzabern, dos quais nossos leitores, sem dúvida, não perderam a lembrança, ver-se-á uma diferença capital. Ali era mais que um Espírito batedor; era, e é neste momento, um Espírito perturbador em toda a acepção da palavra. Sem fazer o mal, era um comensal muito incômodo e muito desagradável, sobre o qual voltaremos, no nosso próximo número, tendo novidades de suas recentes proezas. O de Bayonne, ao contrário, é eminentemente benevolente e prestativo; é o tipo desses bons Espíritos serviçais, dos quais as lendas alemãs nos cotamaltos fatos, nova prova de que pode haver, nas histórias legendárias, um fundo de verdade. Convir-se-á, de resto, 3 a imaginação teria pouca coisa a fazer para colocar esses fatos à altura de uma lenda, e que se poderia tomá-los por um conto da Idade Média, se não se passassem, por assim dizer, sob nossos olhos.

Um dos traços mais salientes do Espírito ao qual demos o nome de fantasma de Bayonne, são suas transformações. Que se dirá, agora, da fábula de Proteu? Há, ainda, esta diferença entre ele e o Espírito de Bergzabem, que esse último jamais se mostrou senão em sonho, ao passo que o nosso pequeno duende se tornava visível e tangível, como uma pessoa real, não somente à sua irmã, mas a estranhos: testemunhou a compra de botões na mercearia. Por que não se mostrava a todo o mundo e a toda hora? É o que não sabemos; parecia que isso não estava em seu poder e que não podia mesmo permanecer muito tempo nesse estado. Talvez fosse preciso para isso um trabalho íntimo, um poder de vontade acima de suas forças.

Novos detalhes nos estão sendo prometidos sobre esses estranhos fenômenos; teremos ocasião de a eles retornar.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, janeiro de 1859

Chaudruc Duelos e Diógenes. Duelos.

1. *Evocação.* - R. Estou aqui.

O senhor Adrien, médium vidente, que não o vira jamais em sua vida, dele fez o retrato seguinte, achado muito exato pelas pessoas presentes que o conheceram.

Rosto comprido; bochechas ocas; testa convexa e enrugada. Nariz um pouco longo e ligeiramente curvado; olhos cinzentos e um pouco à flor da cabeça; boca média, zombeteira; tez um pouco amarela; cabelos grisalhos, e longa barba. Talhe antes grande que pequeno.

Paletó de lã azul, todo ralado e furado; calça negra, gasta e em farrapos; colete de cor clara, lenço de pescoço amarrado em gravata, de uma cor sem nome.

2. *Lembrai-vos de vossa última existência terrestre?* - R. Perfeitamente.

3. *Que motivo vos levou ao gênero de vida excêntrica que adotastes?* - R. Estava cansado da vida e tive pena dos homens e dos motivos de suas ações.

4. *Diz-se que era uma vingança e para humilhar um parente educado; é verdade?* - R. Não só por isso; humilhando esse homem, humilhava muitos outros com isso.

5. *Se era uma vingança, ela vos custou caro, porque vos privastes, durante longos anos, de todos os gozos sociais para satisfazê-la. Não acháveis isso um pouco duro?* - R. Eu gozava de um outro modo.

6. *Havia, ao lado disso, um pensamento filosófico e foi por essa razão que se vos comparou a Diógenes?* - R. Havia alguma relação com a parte menos sadia da filosofia desse homem.

7. *Que pensais de Diógenes?* - R. Pouca coisa; é um pouco o que penso de mim. Diógenes tinha sobre nós a vantagem de ter feito alguns anos mais cedo o que fiz, e no meio de homens menos civilizados que aqueles no meio dos quais vivi.

8. *Há, entretanto, uma diferença entre Diógenes e vós: nele, sua conduta era uma conseqüência de seu sistema filosófico; ao passo que em vós ela tinha seu princípio na vingança!* - R. A vingança em mim conduziu à filosofia.

9. *Sofríeis por vos ver assim isolado, e ser um objeto de desprezo e de desgosto; porque vossa educação vos distanciava da sociedade dos mendigos e dos vagabundos, e éreis repellido pelas pessoas bem educadas?* - R. Sabia que não se tem amigos na Terra; eu o

havia experimentado muito, ai de mim!

10. *Quais são as vossas ocupações atuais e onde passais vosso tempo?* - R. Percorro mundos melhores e me instruo... Ali há muitas boas almas que nos revelam a ciência celeste dos Espíritos.

11. *Retornastes, alguma vez, ao Palais-Royal, desde vossa morte?* - R. Que me importa o Palais-Royal!

12. *Entre as pessoas que estão aqui, reconheceis as que conhecestes nas vossas peregrinações ao Palais-Royal?* - R. Como não o faria?

13. *Reviste-as com prazer?* - R. Com prazer; mesmo com o maior prazer foram boas para mim.

14. *Revistes vosso amigo Charles Nodier?* - R. Sim, sobretudo depois de sua morte.

15. *Ele está errante ou reencarnado?* - R. Errante como eu.

16. *Por que escolhestes o Palais-Royal, o lugar mais freqüentado em Paris, para os vossos passeios; isso não está de acordo com o vosso gosto misantropo?* - R. Lá eu via todo mundo, todas as tardes.

17. *Não havia, talvez, um sentimento de orgulho de vossa parte?* - R. Sim, infelizmente; o orgulho teve uma boa parte em minha vida.

18. *Sois mais feliz agora?*- R. Oh! sim.

19. *Entretanto, vosso gênero de existência não deveu contribuir para o vosso aperfeiçoamento?* - R. Essa existência terrestre! Mais que pensais, todavia: eu não tinha momentos sombrios, quando reentrei sozinho e abandonado em minha casa? Ali, tive o tempo de amadurecer bem os pensamentos.

20. *Se tivesses a escolher uma outra existência, como a escolheríeis?* - R. Não mais sobre vossa Terra; posso esperar melhor hoje.

21. *Lembra-vos de vossa penúltima existência?* - R. Sim, e de outras também.

22. *Onde tivestes essas existências?* - R. Na Terra e em outros mundos.

23. *E a penúltima?*- R. Na Terra.

24. *Podeis no-la fazer conhecer?* - R. Não o posso; era uma existência obscura e oculta.

25. *Sem nos revelar essa existência, poderíeis dizer-nos qual relação havia com a que conhecemos, porque esta deve ser uma conseqüência da outra?* - R. Uma conseqüência, positivamente, mas um complemento: vivi infeliz por vícios e faltas que se modificaram bem antes que viesse a habitar o corpo que conhecestes.

26. *Podemos fazer alguma coisa que vos seja útil, ou agradável?* - R. Ai de mim! Pouco; estou bem acima da Terra, hoje.

Diógenes.

1. *Evocação.* - R. Ah! Venho de longe!

2. *Podeis aparecer ao senhor Adrien, nosso médium vidente, tal qual éreis na existência que vos conhecemos?* - R. Sim, e mesmo vir com minha lanterna, se o desejais.

Retrato.

Testa larga e as bossas laterais muito ossudas, nariz delgado e curvado; boca grande e séria; olhos negros e cravados na órbita; olhar penetrante e zombeteiro. Talhe um pouco alongado, magro e enrugado, tez amarela; bigode e barba incultos; cabelos grisalhos e dispersos.

Roupagens brancas e muito sujas; os braços nus, assim como as pernas; o corpo magro, ossudo. Más sandálias amarradas às pernas por cordas.

3. *Dissestes que vínheis de longe: de qual mundo vindes?* - R. Vós não o conheceis.

4. *Teríeis a bondade de responder a algumas perguntas?* - R. Com prazer.

5. *A existência que vos conhecemos sob o nome de Diógenes o Cínico, vos foi proveitosa para a vossa felicidade futura?* - R. Muito; errastes em torná-la em zombaria, como fizeram meus contemporâneos; espanto-me mesmo que a história haja pouco esclarecido minha existência, e que a posteridade, pode-se dizer-lo, foi injusta a meu respeito.

6. *Que bem fizestes, porque vossa existência era bastante pessoal?* - R. Trabalhei por mim, mas pôde-se aprender muito em me vendo.

7. *Quais são as qualidades que queríeis encontrar nos homens e que procuráveis com a vossa lanterna?* - R. Da energia.

8. *Se tivésseis encontrado, em vosso caminho, o homem que acabamos de evocar, Chaudruc Duelos, encontraríeis nele o homem que procuráveis, porque ele também se abstinha voluntariamente de todo o supérfluo?* - R. Não.

9. *Que pensais dele?* - R. Sua alma extraviou-se na Terra; quantos são como ele e não o sabem; ele ao menos o sabia.

10. *As qualidades que procuráveis no homem, segundo vós, credes havê-las possuído?* - R. Sem dúvida: eu era meu critério.

11. *Qual é dos filósofos de vosso tempo o que preferis?* - R. Sócrates.

12. *Qual é o que preferis agora?* - R. Sócrates.

13. E *Platão, que dizeis dele?* - R. Muito duro; sua filosofia é muito severa: eu admitia os poetas, e ele não.

14. *O que se conta de vossa entrevista com Alexandre é real?* - R. Muito real; a história mesma a mutilou.

15. *Em que a história a mutilou?* - R. Entendo falar de outras conversas que tivemos juntos: credes que veio ver-me para não dizer-me senão uma palavra?

16. *A palavra que se lhe imputa, a saber, de que se não fosse Alexandre gostaria de ser Diógenes, é real?* - R. Ele disse, talvez, mas não diante de mim. Alexandre era um jovem louco, vão e confiado; eu era, aos seus olhos, um mendigo: como o tirano ousaria se mostrar instruído pelo miserável?

17. *Depois de vossa existência em Atenas, reencarnastes sobre a Terra?* - R. Não, mas em outros mundos. Atualmente, pertenço a um mundo onde não somos escravos: isso quer dizer que se vos evocassem acordado, não faríeis o que fiz essa noite.

18. *Poderíeis nos traçar o quadro das qualidades que procurareis no homem, tais como as concebíveis então, e tais como as concebeis agora?*

- R. *Então.*

Coragem, audácia, segurança de si mesmo e poder sobre os homens pelo Espírito.

Agora.

Abnegação, doçura, poder sobre os homens pelo coração.

Os anjos guardiães

Revista Espírita, janeiro de 1859

Comunicação espontânea obtida pelo senhor L..., um dos médiuns da Sociedade.

É uma doutrina que deveria converter os mais incrédulos pelo seu encanto e pela sua doçura: a dos anjos guardiães. Pensar que se tem, junto de si, seres que vos são superiores, que estão sempre aí para vos aconselhar, vos sustentar, para vos ajudar a escalar a áspera montanha do bem, que são amigos mais seguros e mais devotados que as mais íntimas ligações que se possa contrair nesta Terra, não é uma idéia bem consoladora? Esses seres estão aí por ordem de Deus; foi ele quem os colocou junto de nós, e estão aí pelo amor dele, e cumprem, junto de nós, uma bela mas penosa missão. Sim, em qualquer parte que estejais, ele estará convosco: os calabouços, os hospitais, os lugares de deboche, a solidão, nada vos separa desse amigo que não podeis ver, mas do qual vossa alma sente os mais doces impulsos e ouve os sábios conselhos.

Por que não conheceis melhor essa verdade! Quantas vezes ele vos ajudou nos momentos de crise, quantas vezes vos salvou das mãos de maus Espíritos! Mas, no grande dia, esse anjo do bem terá, freqüentemente, a vos dizer: "Não te disse isso? E tu não o fizeste. Não te mostrei o abismo, e tu nele te precipitaste; não te fiz ouvir na consciência a voz da verdade, e não seguiste os conselhos da mentira?" Ah! questionai vossos anjos guardiães; estabelecei, entre ele e vós, essa ternura íntima que reina entre os melhores amigos. Não penseis em não lhes ocultar nada, porque são o olho de Deus, e não podeis enganá-los. Sonhai com o futuro, procurai avançar nesse caminho, vossas provas nele serão mais curtas, vossas existências mais felizes. Ide! homens de coragem; lançai longe de vós, uma vez por todas, preconceitos e dissimulações; entrai no novo caminho que se abre diante de vós; caminhai, caminhai, tendes guias, segui-os: o objetivo não pode vos faltar, porque esse objetivo é o próprio Deus.

Àqueles que pensam que é impossível a Espíritos verdadeiramente elevados se sujeitarem a uma tarefa tão laboriosa e de todos os instantes, diremos que influenciámos vossas almas estando a vários milhões de léguas de vós: para nós o espaço não é nada, e mesmo vivendo em um outro mundo, nossos espíritos conservam sua ligação com o vosso. Gozamos de qualidades que não podeis compreender, mas estejais seguros que Deus não nos impôs uma tarefa acima de nossas forças, e que não vos abandonou sozinhos na Terra, sem amigos e sem sustentação. Cada anjo guardião tem o seu protegido, sobre o qual ele vela, como um pai vela sobre seu filho; ele é feliz quando o vê seguir o bom caminho, e geme quando seus conselhos são desprezados.

Não temais nos cansar com vossas perguntas; ficai, ao contrário, em relação conosco: sereis mais fortes e mais felizes. São essas comunicações, de cada homem com seu Espírito familiar, que fazem todos os homens médiuns, médium ignorados hoje mas que se manifestarão mais tarde, e que se espalharão como um oceano sem limites para refluir a incredulidade e a ignorância. Homens instruídos, instruí; homens de talento, elevai vossos irmãos. Não sabeis que obra cumpris assim: é a do Cristo, aquela que Deus vos impôs. Por que Deus vos deu a inteligência e a ciência, se não para partilhá-las com vossos irmãos, certamente para avançá-los no caminho da alegria e da felicidade eterna.

São Luís, Santo Agostinho.

Nota. - A doutrina dos anjos guardiães, velando sobre seus protegidos, apesar da distância que separa os mundos, nada tem que deva surpreender; ela é, ao contrário, grande e sublime. Não vedes sobre a Terra, um pai velar sobre seu filho, embora dele esteja distante, ajudar com seus conselhos por correspondência? Que haveria, pois, de espantoso que os Espíritos possam guiar aqueles que tomam sobre sua proteção, de um mundo ao outro, uma vez que, para eles, a distância que separa os mundos é menor que aquela que, na Terra, separa os continentes?

Uma noite esquecida ou a feiticeira Manouza

Revista Espírita, janeiro de 1859

Milésima segunda noite de contos árabes,

Ditada pelo Espírito de Frédéric Soulié.

(SEGUNDO ARTIGO.)

Nota. - Os algarismos romanos indicam as suspensões que ocorreram no ditado. Freqüentemente, não era retomada senão depois de uma interrupção de duas ou três semanas, e, apesar disso, assim como o observamos, o relato se seguiu como se fora escrito de um só jato; e esse não é um dos caracteres os menos curiosos dessa produção de além-túmulo. O estilo nela é correto e perfeitamente apropriado ao assunto. Nós o repetimos, para aqueles que não veriam ali senão uma coisa fútil, não a damos como uma obra filosófica, mas como um estudo. Para o observador, nada é inútil: ele sabe aproveitar de tudo para aprofundar a ciência que estuda.



Nada, entretanto, parecia dever perturbar nossa felicidade; tudo era calma ao nosso redor: vivíamos em uma perfeita segurança, quando uma tarde, no momento em que nos críamos na maior segurança, de repente, apareceu ao nosso lado (posso dizer assim, porque estávamos numa praça circular onde chegavam várias alamedas), de repente, pois, e ao nosso lado, apareceu o sultão acompanhado de seu grão-vizir. Todos os dois tinham um semblante assustador a cólera havia transtornado seus traços; estavam, o sultão sobretudo, em uma exasperação fácil de compreender. O primeiro pensamento do sultão foi de me fazer perecer, mas sabendo a qual família eu pertencia, e a sorte que o esperaria se ousasse tirar um só cabelo de minha cabeça, ele disfarçou (como em sua chegada eu me coloquei à parte), ele disfarçou não me perceber, e se precipitou como um furioso sobre Nazara, a quem prometeu não fazer esperar o castigo que ela merecia. Ele a carregou consigo, sempre acompanhado do vizir. Para mim, o primeiro momento de temor passou e me apressei em retornar para o meu palácio, para procurar um meio de subtrair o astro de minha vida das mãos desse bárbaro, que provavelmente iria cortar essa querida existência.

- E depois, que fizeste? perguntou Manouza; porque enfim, em tudo isso não vejo em que estás tanto atormentado para tirar tua amante do mau onde a colocaste por tua falta. Tu me dás o efeito de um pobre homem que não tem nem coragem, nem vontade, quando se trata de coisas difíceis.

- Manouza, antes de condenar, é preciso escutar. Não vim atrás de ti sem antes experimentar de todos os meios em meu poder. Fiz ofertas ao sultão; prometi-lhe ouro, jóias, camelos, palácios mesmo, se me entregasse minha doce gazela; a tudo desdenhou. Vendo meus sacrifícios repelidos, fiz ameaças; as ameaças foram desprezadas como o resto: a tudo ele riu

e zombou de mim. Também experimentei introduzir-me no palácio; corrompi escravos, cheguei ao interior dos apartamentos; apesar de todos os meus esforços, não consegui chegar até a minha bem-amada.

- Tu és franco, Noureddin; tua sinceridade merece uma recompensa, e terás o que vieste procurar. Vou te fazer ver uma coisa terrível: se tendes a força de suportar a prova pela qual te farei passar, podes estar seguro que reencontrarás a tua felicidade de outro-ra. Dou-te cinco minutos para te decidir.

Decorrido esse tempo, Noureddin disse à Manouza que ele estava pronto para fazer tudo aquilo que ela quisesse para salvar Nazara. Então, a feiticeira se levantando, disse-lhe: Pois bem! Caminhe. Depois, abrindo uma porta colocada no fundo do apartamento, fê-lo passar diante dela. Eles atravessaram um pátio sombrio, repleto de objetos horrendos: serpentes, sapos que passeavam gravemente em companhia de gatos pretos, com o ar de pavonear entre esses animais imundos.

IV

Na extremidade desse pátio, encontrava-se outra porta que Manouza igualmente abriu; e, tendo feito passar Noureddin, entraram em uma sala baixa, clareada somente pelo alto: a luz vinha de uma cúpula muito alta guarnecida de vidros coloridos, que formavam toda espécie de arabescos. No meio dessa sala se encontrava um fogareiro aceso, e sobre um tripé colocado sobre esse fogareiro, um grande vaso de bronze no qual ferviam todas espécies de ervas aromáticas, cujo odor era tão forte que se podia com dificuldade suportar. Ao lado desse vaso se encontrava uma espécie de poltrona em veludo negro, de uma forma extraordinária. Quando se sentou em cima, no instante, desapareceu inteiramente; porque Manouza não estava nela colocada, Noureddin a procurou alguns instantes sem poder percebê-la. De repente, ela reapareceu e lhe disse: estás sempre disposto? "- Sim, repetiu Noureddin. - Pois bem! Vai sentar-te nessa poltrona e espera." Antes que Noureddin fosse para a poltrona, tudo mudou de aspecto, e a sala se povoou de uma grande multidão de figuras brancas que primeiro apenas visíveis, pareceram em seguida de um vermelho de sangue, dir-se-ia-se de homens cobertos de chagas sangrentas, dançando rondas infernais, e no meio delas Manouza, cabelos esparsos, olhos chamejantes, as roupas em farrapos, e sobre a cabeça uma coroa de serpentes. Na mão, à guisa de cetro, ela brandia uma tocha acesa, lançando chamas cujo odor atacava a garganta. Depois de terem dançado um quarto de hora, detiveram-se, de repente, sob um sinal de sua rainha que, para esse efeito, havia lançado sua tocha na caldeira em ebulição. Quando todas essas figuras foram se alinhando ao redor da caldeira, Manouza fez se aproximarem os mais velhos, que se reconhecia pela sua longa barba branca, e lhes disse: "vem aqui, tu o segundo do diabo; vou te encarregar de uma missão muito delicada. Noureddin quer Nazara, eu prometi entregar-lha; é coisa difícil; eu conto, Tanaple, com teu concurso em tudo. Noureddin suportará todas as provas necessárias; agi em consequência. Sabes o que quero, faze o que quiseses, mas alcance; trema se fracassares. Recompensar quem me obedece, mas infeliz daquele que não faz a minha vontade. - Tu serás satisfeita, disse Tanaple, e tu podes contar comigo. - Pois bem, vai e age."

V

Apenas terminara essas palavras e tudo mudou aos olhos de Noureddin; os objetos tornaram-se o que eram antes, e Manouza se encontrou sozinha com ele. "Agora, disse ela, retoma à

tua casa e espera; enviar-te-ei um dos meus gnomos, e te dirá o que tem a fazer, obedece e tudo irá bem."

Noureddin ficou muito feliz com essas palavras, e mais feliz ainda por deixar o antro da feiticeira. Atravessou de novo o pátio e o quarto por onde entrara, depois ela o reconduziu até à porta exterior. Ali, Noureddin tendo-lhe perguntado se deveria retornar, ela respondeu: "Não; para o momento, é inútil; se isso se tornar necessário, far-te-ei saber."

Noureddin se apressou em retornar ao seu palácio; estava impaciente por saber se se passara alguma coisa nova desde a sua saída. Encontrou tudo no mesmo estado; somente, na sala de mármore, sala de repouso no verão entre os habitantes de Bagdá, ele viu perto da bacia colocada no meio dessa sala, uma espécie de anão de uma fealdade repelente. Seu vestuário era de cor amarela, bordado de vermelho e azul; tinha uma bossa monstruosa, pernas pequenas, o rosto gordo, com olhos verdes e vesgos, uma boca fendida até as orelhas, e os cabelos de um ruivo podendo rivalizar com o sol.

Noureddin lhe perguntou como se encontrava ali, e o que viera fazer. "Eu sou enviado de Manouza, disse, para te entregar a tua amante; eu me chamo Tanaple. - Se tu és, realmente, o enviado de Manouza, estou pronto para obedecer suas ordens, mas despacha-te, aquela que amo está a ferros e tenho pressa dela dali sair. - Se estás pronto, conduze-me em seguida para o teu apartamento, e dir-te-ei o que é preciso fazer. - Segue-me, pois, disse Noureddin."

VI

Depois de atravessar vários pátios e jardins, Tanaple se encontrou no apartamento do jovem; fechou-lhe todas as portas, e disse: "Tu sabes que deves fazer tudo o que eu te disser, sem objeção. Vais vestir essas roupas de negociante. Levarás sobre teu dorso esse pacote que encerra os objetos que nos são necessários; eu, vou me vestir de escravo e levarei um outro pacote."

Para sua grande estupefação, Noureddin viu dois enormes pacotes ao lado do anão, e todavia não vira e nem ouvira ninguém traze-los. "Em seguida, continuou Tanaple, iremos à casa do sultão. Dir-lhe-ás que tens objetos raros e curiosos; e que se quiser oferecê-los à sultana favorita, nenhuma huri terá semelhantes. Tu conheces sua curiosidade; terá o desejo de nos ver. Uma vez admitidos à sua presença, não terás dificuldade em desdobrar tua mercadoria e lhe venderás tudo o que levamos: são roupas maravilhosas que mudam as pessoas que as colocam. Logo que o sultão e a sultana deles se revestirem, todo o palácio os tomará por nós e nós por eles: tu pelo sultão, e eu por Ozara, a nova sultana. Operada essa metamorfose, estaremos livres para agir à nossa maneira e tu libertarás Nazara."

Tudo se passou como Tanaple havia anunciado; a venda ao sultão e a transformação. Depois de alguns minutos de horrível furor da parte do sultão, que queria caçar esses importunes e fazia um ruído espantoso, Noureddin tendo, segundo a ordem de Tanaple, chamado vários escravos, fez prender o sultão e Ozara como sendo escravos rebeldes, e ordenou que fossem conduzidos, em seguida, para junto da prisioneira Nazara. Ele queria, dizia, saber se ela estava disposta a confessar seu crime, e se ela estava pronta para morrer. Quis também que a favorita Ozara fosse com ele, para ver o suplício que infligia às mulheres infiéis. Dito isso, ele caminhou, precedido do chefe dos eunucos, durante um quarto de hora em um sombrio corredor, ao cabo do qual havia uma porta de ferro pesada e maciça. Tendo o escravo tomado uma chave, abriu três fechaduras, e eles entraram em um gabinete grande, longo e

alto de três ou quatro côvados; ali, sobre uma esteira de palha, estava sentada Nazara, um cântaro com água e algumas tâmaras ao seu lado. Não era mais a brilhante Nazara de outrora; ela estava bela, mas pálida e magra. À vista daquele que ela tomou por seu senhor, estremeceu de medo, porque ela pensava que sua hora havia chegado.

(a continuação no próximo número).

Aforismos Espíritas

Revista Espírita, janeiro de 1859

Sob esse título, daremos, de tempos em tempos, pensamentos destacados que resumirão, em poucas palavras, certos princípios essenciais do Espiritismo.

I. Aqueles que crêem se preservar da ação dos maus Espíritos abstendo-se de comunicações espíritas, são como essas crianças que crêem evitar um perigo vendando os olhos. Iguamente valeria dizer que é preferível não saber ler nem escrever, porque não se estaria exposto a ler maus livros ou escrever tolices.

II. Quem tem más comunicações espíritas, verbais ou por escritas, está sob má influência; essa influência se exerce sobre ele, que escreva ou que não escreva. A escrita lhe dá um meio de se assegurar da natureza dos Espíritos que atuam sobre ele. Se está bastante fascinado para não compreendê-los, outros podem lhe abrir os olhos.

III. Há necessidade de ser médium para escrever absurdos? Quem diz que, entre todas as coisas ridículas ou más que se imprimem, não ocorre que o escrevente, levado por algum Espírito zombeteiro ou malevolente desempenhe o papel de médium obsidiado sem sabê-lo?

IV. Os Espíritos bons, mas ignorantes, confessam sua insuficiência sobre as coisas que não sabem; os maus dizem tudo saber.

V. Os Espíritos elevados provam sua superioridade por suas palavras e a constante sublimidade de seus pensamentos, mas deles não se gabam. Desconfiai daqueles que dizem, com ênfase, estarem no mais alto degrau de perfeição, e entre os eleitos; a fanfarrice, entre os Espíritos, como entre os homens, é sempre um sinal de mediocridade.

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, janeiro de 1859

Aviso. As sessões que ocorriam às terças-feiras, ocorrem agora nas sextas-feiras, no novo local da Sociedade, rua Montpensier, 12, no Palais-Royal, às 8 horas da noite. Os estranhos nelas não são admitidos senão na segunda e na quarta sextas-feiras, a menos com cartas pessoais de entrada. - Dirigir-se, para tudo o que concerne à Sociedade, ao senhor Allan Kardec, rua dos Martyrs, 8, ou ao senhor Lê Doyen, livreiro, galeria de Orléans, 31, no Palais-Royal.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Segundo Ano – 1859

Fevereiro

- [Escolhos dos médiuns](#)
- [Os agêneres](#)
- [Meu amigo Hermann](#)
- [Os Espíritos barulhentos - Meios para se livrar deles](#)
- [A infância \(Dissertação de além-túmulo\)](#)
- [Carta do doutor Morhéry](#)
- [Uma noite esquecida, \(Continuação e fim\)](#)

Escolhos dos médiuns

Revista Espírita, fevereiro de 1859

A mediunidade é uma faculdade múltíplice, e que apresenta uma variedade infinita de nuances em seus meios e em seus efeitos. Quem está apto para receber ou transmitir as comunicações dos Espíritos é, por isso mesmo, médium, qualquer que seja o modo empregado ou o grau de desenvolvimento da faculdade, desde a simples influência oculta até a produção dos mais insólitos fenômenos. Todavia, em seu uso ordinário, essa palavra tem uma acepção mais restrita, e se diz, geralmente, de pessoas dotadas de um poder mediúnico muito grande, seja para produzir efeitos físicos, seja para transmitir o pensamento dos Espíritos pela escrita ou pela palavra.

Embora essa faculdade não seja um privilégio exclusivo, é certo que encontra refratários, pelo menos no sentido que a isso se dá; é certo também que não é sem escolhos para aqueles que a possuem; e ela pode se alterar, mesmo perder-se, e, freqüentemente, ser uma fonte de graves decepções. Sobre esse ponto é que cremos ser útil chamar a atenção de todos aqueles que se ocupam com comunicações espíritas, seja diretamente, seja por intermediário. Dizemos por intermediário, porque incumbe também àqueles que se servem de médiuns poder apreciarem seu valor e a confiança que merecem suas comunicações.

O dom da mediunidade prende-se a causas que não são ainda perfeitamente conhecidas, e nas quais o físico parece ter uma grande parte. À primeira vista, pareceu que um dom tão precioso não teve ser o quinhão senão de almas de elite; ora, a experiência prova o contrário, porque se encontram poderosos médiuns entre as pessoas cuja moral deixa muito a desejar, ao passo que outras, estimáveis sob todos os aspectos, não a possuem. Aquele que fracassa, apesar de seu desejo, seus esforços e sua perseverança, disso não deve concluir desfavoravelmente para si, e não se crer indigno da benevolência dos bons Espíritos; se esse favor não lhe foi concedido, sem dúvida, há outros que podem lhe oferecer uma ampla compensação. Pela mesma razão, aquele que a desfruta, dela não poderá se prevalecer, porque não é nele o sinal de nenhum mérito pessoal. O mérito não está, pois, na posse da faculdade medianímica, que pode ser dada a todo o mundo, mas no uso que dela se pode fazer; aí está uma distinção capital que é preciso jamais perder de vista: a bondade do médium não está na facilidade das comunicações, mas unicamente em sua aptidão em não recebê-las senão as boas; ora, é aí que as condições morais, nas quais se encontra, são onipotentes; também aí se encontram, para ele, os maiores escolhos.

Para se dar conta desse estado de coisas e compreender o que iremos dizer, é preciso se reportar a esse princípio fundamental, que entre os Espíritos os há de todos os graus em bem e em mal, em ciência e em ignorância; que os Espíritos pululam ao nosso redor, e quando cremos estar sós, estamos sem cessar cercados de seres que nos acotovelam, uns com indiferença como estranhos, os outros que nos observam com intenções mais ou menos benevolentes, segundo sua natureza.

O provérbio: Quem se parece se reúne, tem sua aplicação entre os Espíritos como entre nós, e mais ainda entre eles, se isso é possível, porque não estão, como nós, sob a influência de considerações sociais. Todavia, se, entre nós, essas considerações confundem, algumas vezes, os homens de costumes e de gostos muito diferentes, essa confusão não é, de alguma sorte, senão material e transitória; a semelhança ou a divergência de pensamentos será

sempre a causa das atrações ou das repulsões.

Nossa alma que não é, em definitivo, senão um Espírito encarnado, não é menos Espírito; se está momentaneamente revestida de um envoltório material, suas relações com o mundo incorpóreo, embora menos fáceis que no estado de liberdade, não são interrompidas por isso de maneira absoluta; o pensamento é laço que nos une ao Espírito, e por esse pensamento atraímos aqueles que simpatizam com as nossas idéias e nossas tendências. Representemo-nos, pois, a massa dos Espíritos que nos cercam como a multidão que encontramos no mundo; por toda parte onde vamos de preferência, encontramos homens atraídos pelos mesmos gostos e os mesmos desejos; nas reuniões que têm um fim sério, vão os homens sérios; naquelas que têm um objetivo frívolo, vão os homens frívolos; por toda parte também se encontram Espíritos atraídos pelo pensamento dominante. Se lançarmos um golpe de vista sobre o estado moral da Humanidade em geral, conceberemos sem dificuldade que, nessa multidão oculta, os Espíritos elevados não devem estar em maioria; é uma das conseqüências do estado de inferioridade de nosso globo.

Os Espíritos que nos cercam não são passivos; é um povo essencialmente movimentado, que pensa e age sem cessar, que nos influencia com o nosso desconhecimento, que nos excita ou nos dissuade, que nos impele ao bem ou ao mal, o que não nos tira mais nosso livre arbítrio senão os conselhos bons ou maus que recebemos de nossos semelhantes. Mas quando os Espíritos imperfeitos solicitam alguém a fazer uma coisa má, sabem muito bem a quem se dirigem e não vão perder seu tempo onde vêem que serão mal recebidos; eles nos excitam segundo nossas tendência ou segundo os germes que vêem em nós e nossas disposições em escutá-los: eis porque o homem firme nos princípios do bem não lhes dá oportunidade.

Estas considerações nos conduzem naturalmente à questão dos médiuns. Estes últimos estão, como todo o mundo, submetidos à influência oculta de Espíritos bons ou maus; eles os atraem ou os repelem segundo as simpatias de seu espírito pessoal, e os Espíritos maus se aproveitam de todo defeito, como de uma falta de couraça para se introduzirem junto deles e se imiscuírem, com seu desconhecimento, em todos os atos de sua vida particular. Esses Espíritos encontrando, por outro lado, no médium um meio de exprimirem seu pensamento de maneira inteligível e de atestarem sua presença, se misturam às comunicações, provocam-nas porque esperam ter maior influência por esse meio, e acabam por dominá-las. Se consideram como em sua casa, afastando os Espíritos que poderiam se lhes contrapor, e, se for preciso, tomam seus nomes e mesmo sua linguagem para enganarem; mas não podem sustentar por muito tempo, seu papel, e por poucas relações que tenham com um observador experimentado, e não prevenido, são bem depressa desmascarados. Se o médium se deixa levar por essa influência, os bons Espíritos dele se afastam, ou não vêm senão quando são chamados, ou não vêm senão com repugnância, porque vêem que o Espírito que está identificado com o médium, que de alguma sorte elegeu domicílio nele, pode alterar suas instruções. Se vamos escolher um intérprete, um secretário, um mandatário qualquer, é evidente que escolheremos não só um homem capaz, mas além disso digno de nossa estima, e que não confiaremos uma missão delicada e nossos interesses a um homem corrompido ou freqüentando uma sociedade suspeita. Ocorre o mesmo com os Espíritos; os Espíritos superiores não escolheriam, para transmitirem instruções sérias, um médium que tem freqüência com os Espíritos levianos, **A MENOS QUE NÃO TENHAM NECESSIDADE E QUE NÃO TENHAM OUTROS, A SUA DISPOSIÇÃO PARA O MOMENTO, a menos ainda que queiram dar uma lição ao próprio médium**, o que ocorre algumas vezes mas, então, não se servem dele senão acidentalmente, e o deixam desde que o encontrem melhor, deixando-o às suas simpatias se a elas se prendem. O médium perfeito seria, pois, aquele que não desse nenhum acesso aos maus Espíritos por um defeito qualquer. Essa condição é bem difícil de preencher; mas se a perfeição absoluta não é dada ao homem, lhe é sempre dado aproximar-se dela pelos seus esforços, e os Espíritos levam em conta, sobretudo os esforços, a vontade

e a perseverança.

O médium perfeito não teria, assim, senão comunicações perfeitas de verdade e de moralidade; não sendo possível a perfeição, o melhor será aquele que tiver as melhores comunicações: é pela obra que se pode julgá-los. Comunicações constantemente boas e elevadas, onde não se percebesse nenhum indício de inferioridade, seriam, incontestavelmente, uma prova da superioridade moral do médium, porque atestariam felizes simpatias. Por isso mesmo, porque o médium não poderia ser perfeito, os Espíritos levianos, trapaceiros e mentirosos, podem se misturar às suas comunicações, alterar-lhe a pureza e induzir em erro, ele e àqueles que se lhes dirigem. Aí está o maior escolho do Espiritismo, e não lhe dissimulamos a gravidade. Pode-se evitá-lo? Dizemos alto e bom som: sim, é possível; o meio não é difícil e não pede senão o julgamento.

As boas intenções, a moralidade mesma do médium, não bastam sempre para preservá-lo da intromissão de Espíritos levianos, mentirosos ou pseudo-sábios em suas comunicações; além dos defeitos de seu próprio Espírito, pode se expor a eles por outras causas, cuja principal é a fraqueza de seu caráter e uma excessiva confiança na invariável superioridade dos Espíritos que se comunicam por ele; essa confiança cega prende-se a uma causa que explicaremos dentro em pouco. Se não se quer ser vítimas desses Espíritos levianos, é preciso julgá-los, e para isso temos um critério infalível: o bom senso e a razão. Sabemos as qualidades da linguagem que caracterizam, entre nós, os homens verdadeiramente bons e superiores, essas qualidades são as mesmas para os Espíritos; devemos julgá-los por sua linguagem. Não poderíamos muito repetir o que caracteriza a dos Espíritos elevados: ela é constantemente digna, nobre, sem fanfarrice e contradição, pura de toda trivialidade, marcada por uma inalterável benevolência. Os bons Espíritos aconselham; eles não mandam; *eles não se impõem*; sobre o que ignoram, se calam. Os Espíritos levianos falam com a mesma segurança daquilo que sabem e daquilo que não sabem, respondem a tudo sem se importarem com a verdade. Nós os vimos, em um ditado supostamente sério, colocar, com uma imperturbável firmeza, César no tempo de Alexandre; outros afirmarem que não é a Terra que gira ao redor do Sol. Em resumo, toda expressão grosseira ou simplesmente inconveniente, toda marca de orgulho e de presunção, toda máxima contrária à sã moral, toda heresia científica notória, é, entre os Espíritos, como entre os homens, um sinal incontestável de má natureza, de ignorância ou pelo menos de leviandade. De onde se segue que é preciso pesar tudo o que dizem e fazê-los passar pelo crisol da lógica e do bom senso; é uma recomendação que nos fazem, sem cessar, os bons Espíritos. "Deus, nos dizem, não vos deu o julgamento para nada; servi-vos dele, pois, para saber com quem tendes relação." Os maus Espíritos temem o exame; eles dizem: "Aceitai nossas palavras e não as julgueis." Se tivessem a consciência de estar com a verdade, não temeriam a luz.

O hábito de escutar as menores palavras dos Espíritos, de pesar-lhes o valor, (do ponto de vista do pensamento, e não da forma gramatical, com a qual têm pouco cuidado,) distancia forçosamente os Espíritos mal intencionados, que não vêm, então, perder inutilmente seu tempo, uma vez que se rejeite tudo o que é mau ou de origem suspeita. Mas quando se aceita cegamente tudo o que dizem, que se coloca, por assim dizer, de joelhos diante de sua pretensa sabedoria, fazem o que fariam os homens - disso abusam.

Se o médium é senhor de si, se não se deixa dominar por um entusiasmo irrefletido, pode fazer o que aconselhamos; mas, freqüentemente, ocorre que o Espírito o subjuga a ponto de fasciná-lo e fazê-lo achar admiráveis as coisas mais ridículas, e se abandona tanto mais a essa perniciosa confiança que, fortificado em suas boas intenções e seus bons sentimentos, crê que isso basta para afastar os maus Espíritos; não, isso não basta, porque esses Espíritos ficam encantados em fazê-lo cair na armadilha, aproveitando-se de sua fraqueza e de sua credulidade. Que fazer então? Atribuir a um terceiro desinteressado que, julgando com

sangue frio e sem prevenção, poderá ver uma palha aí onde ele não via uma trave.

A ciência espírita exige uma grande experiência que não se adquire, como em todas as ciências filosóficas e outras, senão por um estudo longo, assíduo e perseverante, e por numerosas observações. Ela não compreende somente o estudo dos fenômenos propriamente ditos, mas também, e sobretudo, o dos costumes, se podemos nos exprimir assim, do mundo oculto, desde o mais baixo até o mais alto degrau da escala. Seria muita presunção crer-se suficientemente esclarecido e passar a senhor depois de algumas experiências. Uma tal pretensão não seria de um homem sério; porque quem lança um olhar escrutador sobre esses mistérios estranhos, vê desdobrar-se diante de si um horizonte tão vasto que anos são suficientes apenas para alcançá-lo; há os que pretendem fazê-lo em alguns dias!

De todas as disposições morais, a que dá mais presa aos Espíritos imperfeitos, é o orgulho. O orgulho é para os médiuns um escolho tanto mais perigoso quando não o reconhecem. É o orgulho que lhes dá essa crença cega na superioridade dos Espíritos que se ligam a ele, porque se lisonjeiam com certos nomes que lhes impõem; desde que um Espírito lhes disse: Eu sou um tal, eles se inclinam e tratam de não duvidarem disso, porque seu amor próprio sofreria por encontrar sob essa máscara um Espírito de baixo estágio ou de má qualidade. O Espírito, que vê o lado fraco, dele se aproveita; gaba seu pretense protegido, fala-lhe de origens ilustres que o incham mais, prometem-lhe um futuro brilhante, as honras, a fortuna, das quais ele parece ser o dispensador; se necessário afeta com ele uma ternura hipócrita; como resistir a tanta generosidade? Em uma palavra, engana-o e o conduz, como se diz vulgarmente, pela ponta do nariz; sua felicidade é ter um ser sob sua dependência. Interrogamos mais de um deles, sobre os motivos de sua obsessão; um deles nos respondeu isto: *Eu quero ter um homem que faça a minha vontade; é o meu prazer.* Quando lhes dissemos que íamos trabalhar para frustrar seus artifícios e abrir os olhos de seu oprimido, ele disse: *Lutarei contra vós, e não vencereis, porque farei tanto quanto não credes.* Com efeito, é uma tática desses Espíritos malfazejos; eles inspiram a desconfiança e o afastamento para as pessoas que possam desmascará-los e dar bons conselhos. Jamais semelhante coisa chega da parte dos bons Espíritos. Todo Espírito que sopra a discórdia, que excita a animosidade, entretém as dissidências, com isso revela sua natureza má; é preciso ser cego para não compreendê-lo e para crer que um bom Espírito possa compelir à desinteligência.

O orgulho, freqüentemente, se desenvolve no médium à medida que aumenta a sua faculdade; dá-lhe importância; é procurado, e acaba por se crer indispensável; daí, algumas vezes, nele, um tom de presunção e de pretensão, ou ares de suficiência e de desdém, incompatíveis com a influência de um bom Espírito. Aquele que cai nessa má direção está perdido, porque Deus lhe deu a faculdade para o bem, e não para satisfazer a sua vaidade ou dela fazer um degrau de sua ambição. Esquece que esse poder, no qual confia, pode lhe ser retirado e que, freqüentemente, não lhe foi dado senão como prova, do mesmo modo que a fortuna para certas pessoas. Se dela abusa, os bons Espíritos o abandonam pouco a pouco, e ele se torna o brinquedo dos Espíritos levianos que embalam suas ilusões, satisfeitos por terem vencido aquele que se acreditava forte. Foi assim que vimos se aniquilarem e se perderem as faculdades mais preciosas que, sem isso, poderiam tornar-se os mais poderosos e os mais úteis auxiliares. Isto se aplica a todo o gênero de médiuns, sejam para as comunicações físicas ou para as comunicações inteligentes. Infelizmente, o orgulho é um dos defeitos que a pessoa está menos disposta a confessar para si mesma e que menos se pode confessar aos outros, porque não o crêem. Ide, pois, dizer a um desses médiuns que ele se deixa levar como uma criança, e vos dará as costas dizendo que sabe se conduzir e que não vedes claro. Podeis dizer a um homem que ele é beberrão, debochado, preguiçoso, inábil, imbecil, e disso rirá ou consentirá; dissei-lhe que é orgulhoso, e se zangará: prova evidente de que dissestes a verdade. Os conselhos, nesse caso, são tanto mais difíceis quanto o médium evite as pessoas

que poderiam dar-lhos, foge de uma intimidade que teme. Os Espíritos, que sentem que os conselhos são golpes dados em seu poder, ao contrário, compelem-no para aquelas que o entretêm em suas ilusões. Preparam-se muitas decepções, nas quais seu amor próprio, mais uma vez, terá que sofrer; feliz, ainda, se disso não resultar nada de mais grave para ele.

Se insistimos longamente sobre esse ponto, foi porque a experiência nos demonstrou, em muitas ocasiões, que aí está uma das grandes dificuldades para a pureza e a sinceridade das comunicações dos médiuns. É quase inútil, depois disso, falar de outras imperfeições morais, tais como o egoísmo, a inveja, o ciúme, a ambição, a cupidez, a dureza de coração, a ingratidão, a sensualidade, etc. Cada um compreende que elas são tantas portas abertas aos Espíritos imperfeitos, ou pelo menos causas de fraqueza. Para afastar estes últimos, não basta dizer-lhes que se vão; não basta mesmo o querer e ainda menos conjurá-los: é preciso lhes fechar a sua porta e os ouvidos, provar-lhes que se é mais forte do que eles, e, incontestável mente, pelo amor ao bem, a caridade, a doçura, a simplicidade, a modéstia e o desinteresse, qualidades que nos conciliam com a benevolência dos bons Espíritos; é seu apoio que faz a nossa força, e se eles nos deixam, algumas vezes, presa dos maus, é uma prova para a nossa fé e o nosso caráter.

Que os médiuns não se assustem muito, entretanto, com a severidade das condições que acabamos de falar; elas são lógicas, convir-se-á, mas se erraria rejeitando-as. As comunicações más que se podem ter, em verdade, são bem o índice de alguma fraqueza, mas nem sempre um sinal de indignidade; pode-se ser fraco e bom. Em todos os casos, é um meio de reconhecer suas próprias imperfeições. Nós o dissemos, em um outro artigo, que não há necessidade de ser médium para estar sob a influência de maus Espíritos, que agem nas sombras; com a faculdade mediúnica, o inimigo se mostra e se trai; sabe-se com quem se relaciona e pode-se combatê-lo; assim é que uma má comunicação pode tornar-se útil lição, sabendo-se aproveitá-la.

De resto, seria injusto colocar todas as más comunicações à conta do médium; falamos daquelas que obtêm por si mesmos, fora de toda outra influência, e não daquelas que se produzem em um meio qualquer, ora, todo o mundo sabe que os Espíritos, atraídos por esse meio, podem prejudicar as manifestações, seja pela diversidade de caracteres, seja pela falta de recolhimento. E uma regra geral que as melhores comunicações ocorrem na intimidade, e em um círculo reduzido e homogêneo. Em toda comunicação, várias influências estão em jogo; a do médium, a do meio, e a da pessoa que interroga. Essas influências podem reagir umas sobre as outras, se neutralizarem ou se corroborarem: isso depende do objetivo que se propõe, e do pensamento dominante. Vimos excelentes comunicações obtidas em círculos, e com médiuns que não reuniam todas as condições desejáveis; nesse caso, os bons Espíritos vieram por uma pessoa em particular, porque isso era útil; vimos comunicações más obtidas por bons médiuns, unicamente porque o interrogador não tinha intenções sérias e atraía os Espíritos levianos que zombavam dele. Tudo isso pede tato e observação, e concebe-se, facilmente, a preponderância que devem ter todas as condições reunidas.

Os agêneres

Revista Espírita, fevereiro de 1859

Repetimos muitas vezes a teoria das aparições, e a lembramos em nosso último número a propósito de fenômenos estranhos que relatamos. A eles remetemos nossos leitores, para a inteligência do que se vai seguir.

Todo mundo sabe que, no número das manifestações extraordinárias produzidas pelo senhor Home, estava a aparição de mãos, perfeitamente tangíveis, que cada um podia ver e apalpar, que pressionava e estreitava, depois que, de repente, não ofereciam senão o vazio quando as queriam agarrar de surpresa. Aí está um fato positivo, que se produziu em muitas circunstâncias, e que atestam numerosas testemunhas oculares. Por estranho e anormal que pareça, o maravilhoso cessa desde o instante em que se pode dele dar conta por uma explicação lógica; entra, então, na categoria dos fenômenos naturais, embora de ordem bem diferente daqueles que se produzem sob nossos olhos, e com os quais é preciso guardar-se para não confundi-los. Podem-se encontrar, nos fenômenos usuais, pontos de comparação, como aquele cego que se dava conta do clarão da luz e das cores pelo toque da trombeta, mas não de similitudes; é precisamente a mania de querer tudo assimilar àquilo que conhecemos, que causa decepções a certas pessoas; pensam poder operar sobre esses elementos novos como sobre o hidrogênio e o oxigênio. Ora, aí está o erro; esses fenômenos estão submetidos a condições que saem do círculo habitual de nossas observações; é preciso, antes de tudo, conhecê-las e com elas conformar-se, se se quiser obter resultados. É preciso, sobretudo, não perder de vista esse princípio essencial, verdadeira pedra principal da ciência espírita; é que o agente dos fenômenos vulgares é uma força física, material, que pode ser submetida às leis do cálculo, ao passo que nos fenômenos espíritas, esse agente é *constantemente uma inteligência que tem sua vontade própria, e que não podemos submeter aos nossos caprichos.*

Nessas mãos haviam a carne, pele, ossos, unhas reais? Evidentemente, não, não eram senão uma aparência, mas tal que produzia o efeito de realidade. Se um Espírito tem o poder de tornar uma parte qualquer de seu corpo etéreo visível e palpável, não há razão que não possa ser do mesmo modo com os outros órgãos. Suponhamos, pois, que um Espírito estenda essa aparência a todas as partes do corpo, creríamos ver um ser semelhante a nós, agindo como nós, ao passo que isso não seria senão um vapor momentaneamente solidificado. Tal é o caso do fantasma de Bayonne. A duração dessa aparência está submetida a condições que nos são desconhecidas; ela depende, sem dúvida, da vontade do Espírito, que pode produzi-la ou fazê-la cessar à sua vontade, mas em certos limites que não está sempre livre para transpor. Os Espíritos, interrogados quanto a esse assunto, assim também sobre todas as intermitências de quaisquer manifestações, sempre disseram que agem em virtude de uma permissão superior.

Se a duração da aparência corporal é limitada para certos Espíritos, podemos dizer que, em princípio, ela é variável, e pode persistir por um maior ou menor tempo; que pode produzir-se em todos os tempos e a toda hora. Um Espírito, cujo corpo todo fosse assim visível e palpável, teria para nós todas as aparências de um ser humano, e poderia falar conosco, sentar-se em nosso lar como uma pessoa qualquer, porque, para nós, seria um dos nossos semelhantes.

Partimos de um fato patente, a aparição de mãos tangíveis, para chegarmos a uma suposição que lhe é a consequência lógica; e, todavia, não a teríamos insinuado se a história da criança de Bayonne não tivesse sido colocada em nosso caminho, mostrando sua possibilidade. Um Espírito superior, perguntado sobre esse ponto, respondeu que, com efeito, podem-se encontrar seres dessa natureza sem disso duvidar; acrescentou que é raro, mas que isso se vê. Como para se entender é preciso um nome para cada coisa, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas chama-os *agêneres* para indicar que sua origem não é o produto de uma geração. O fato seguinte, que se passou recentemente em Paris, parece pertencer a essa categoria:

Uma pobre mulher estava na igreja de Saint-Roch, e pedia a Deus vir em ajuda de sua aflição. Em sua saída da igreja, na rua Saint-Honoré, ela encontrou um senhor que a abordou dizendo-lhe: "Minha brava mulher, estaríeis contente por encontrar trabalho? - Ah! meu bom senhor, disse ela, pedia a Deus que me fosse achá-lo, porque sou bem infeliz. - Pois bem! Ide em tal rua, em tal número; chamareis a senhora T...; ela vo-lo dará." Ali continuou seu caminho. A pobre mulher se encontrou, sem tardar, no endereço indicado - Tenho, com efeito trabalho a fazer, disse a dama em questão, mas como ainda não chamei ninguém, como ocorre que vindes me procurar? A pobre mulher, percebendo um retrato pendurado na parede, disse: - Senhora, foi esse senhor ali, que me enviou. - Esse senhor! Repetiu a dama espantada, mas isso não é possível; é o retrato de meu filho, que morreu há três anos. - Não sei como isso ocorre, mas vos asseguro que foi esse senhor, que acabo de encontrar saindo da igreja onde fui pedir a Deus para me assistir; ele me abordou, e foi muito bem ele quem me enviou aqui.

No que acabamos de ver, não haveria nada de surpreendente em que esse Espírito, do filho dessa dama, para prestar serviço a essa pobre mulher, da qual havia, sem dúvida, ouvido a prece, apareceu-lhe sob sua forma corporal para lhe indicar o endereço de sua mãe. Em que se tornou depois? Sem dúvida, no que era antes: num Espírito, a menos que não tenha julgado oportuno se mostrar as outras sob a mesma aparência, continuando seu passeio. Essa mulher, assim, teria encontrado um *agêner*, com o qual conversou. Mas, então, dir-se-á, por que não se apresentou à sua mãe? Nessas circunstâncias, os motivos determinantes dos Espíritos nos são completamente desconhecidos; eles agem como melhor lhes parece, ou melhor, como disseram, em virtude de uma permissão sem a qual eles não podem revelar sua existência de maneira material. Compreende-se, de resto, que sua visão poderia causar uma emoção perigosa à sua mãe; e quem sabe se não se apresentou a ela, seja durante o sono, seja de outro modo? E, aliás, esse não era o meio de revelar-lhe sua existência? É mais que provável que foi testemunha invisível da entrevista.

O Fantasma de Bayonne parece-nos dever ser considerado como um *agêner*, pelo menos nas circunstâncias em que se manifestou; porque para a família sempre teve o caráter de um Espírito, caráter que ele jamais procurou dissimular: era seu estado permanente, e as aparências corporais que tomou não foram senão acidentais; ao passo que o *agêner*, propriamente dito, não revela sua natureza, e não é, aos nossos olhos, senão um homem comum; sua aparição corporal pode, se for preciso, ter longa duração para poder estabelecer relações sociais com um ou com vários indivíduos.

Pedimos ao Espírito de São Luís consentir em nos esclarecer diferentes pontos, respondendo às nossas perguntas.

1. O Espírito do Fantasma de Bayonne poderia se mostrar corporalmente em outros lugares e a outras pessoas senão em sua família? - R. Sim, sem dúvida.

2. Isso depende de sua vontade? - R. Não precisamente; o poder dos Espíritos é limitado; não fazem senão o que lhes é permitido fazerem.
3. Que ocorreria se fosse apresentado a uma pessoa desconhecida? - R. Seria tomado por uma criança comum. Mas vos direi uma coisa, é que existe, algumas vezes, na Terra, Espíritos que revestem essa aparência, e que são tomados por homens.
4. Esses seres pertencem aos Espíritos inferiores ou superiores? - R. Podem pertencer aos dois; esses são fatos raros. Deles tendes exemplos na Bíblia.
5. Raros ou não, basta que sejam possíveis para merecerem a atenção. Que ocorreria, tomando semelhante ser por um homem comum, se lhe fizesse um ferimento mortal? Seria morto? - R. Desapareceria subitamente, como o jovem de Londres. (Ver o número de dezembro de 1858, Fenômeno de bi-corporeidade.)
6. Têm eles paixões? - R. Sim, como Espíritos, têm as paixões de Espíritos segundo a sua inferioridade. Se tomam um corpo aparente, algumas vezes, é para gozarem as paixões humanas; se são elevados, é para um fim útil.
7. Podem eles procriar? - R. Deus não lhes permitiria; seria contrário às leis que estabeleceu para a Terra; elas não podem ser elididas.
8. Se um semelhante ser a nós se apresentasse, haveria um meio para reconhecê-lo? - R. Não, apenas pela sua desaparecimento, que se faz de modo inesperado. É o mesmo fato do transporte de móveis de um térreo ao sótão, fato que já lestes.

Nota. Alusão a um fato dessa natureza reportado no começo da sessão.

9. Qual é a finalidade que pode levar certos Espíritos a tomarem esse estado corporal; é antes para o mal que para o bem? - R. Frequentemente para o mal; os bons Espíritos dispõem da inspiração; agem sobre a alma e pelo coração. Vós o sabeis, as manifestações físicas são produzidas por Espíritos inferiores, e estas são desse número. Entretanto, como já disse, os bons Espíritos também podem tomar essa aparência corpórea com um fim útil; falei de modo geral.
10. Nesse estado, podem tomar-se visíveis ou invisíveis à vontade? - R. Sim, uma vez que poderão desaparecer quando o quiserem.
11. Têm um poder oculto, superior ao dos outros homens? - R. Não têm senão o poder que lhes dá sua posição como Espíritos.
12. Têm eles uma necessidade real de se alimentarem? - R. Não; o corpo não é um corpo real.
13. Entretanto, o jovem de Londres não tinha um corpo real, e todavia almoçou com os amigos, e lhes apertou a mão. Em que se tornou a alimentação ingerida? - R. Antes de apertar a mão, onde estavam os dedos que pressionam? Por que não quereis compreender que a matéria desaparece também? O corpo do jovem de Londres não era uma realidade, uma vez que estava em Boulogne; era, pois, uma aparência; ocorria o mesmo com o alimento que parecia ingerir.

14. Tendo-se um semelhante ser em casa, seria um bem ou um mal? - R. Seria antes um mal; de resto, não se podem adquirir muitos conhecimentos com esses seres. Não podemos dizer-vos muito, esses fatos são excessivamente raros e não têm, jamais, um caráter de permanência. Suas desapareições corpóreas instantâneas, como as de Bayonne, o são muito menos.

15. Um Espírito familiar protetor, algumas vezes, toma essa forma? - R. Não; não tem ele as cordas interiores? Toca-as mais facilmente do que o faria sob forma visível, ou se o tomássemos como um dos nossos semelhantes.

16. Perguntou-se se o conde de Saint-Germain não pertencia à categoria dos agêneres. - R. Não; era um hábil mistificador.

A história do jovem de Londres, narrada em nosso número de dezembro, é um fato de bicorporeidade, ou melhor, de dupla presença, que difere essencialmente daquele em questão. O agêneres não tem corpo vivo na Terra; somente seu perispírito toma forma palpável. O jovem de Londres estava perfeitamente vivo; enquanto seu corpo dormia em Boulogne, seu espírito, envolvido pelo perispírito, foi a Londres, onde tomou uma aparência tangível.

Um fato quase análogo nos é pessoal. Enquanto estávamos pacificamente em nossa cama, um dos nossos amigos viu-nos várias vezes em sua casa, embora sob uma aparência não tangível, sentado ao seu lado e conversando com ele como de hábito. Uma vez nos viu com roupão, outras vezes com paletó. Transcreveu nossa conversa, que nos comunicou no dia seguinte. Ela era, pensando bem, relativa aos nossos trabalhos prediletos. Para fazer uma experiência, ofereceu-nos refrescos, e eis nossa resposta: "Deles não necessito, uma vez que não é meu corpo que aqui está; vós o sabeis, não há nenhuma necessidade de vos produzir uma ilusão." Uma circunstância, bastante bizarra, se apresentou na ocasião. Seja predisposição natural, seja resultado de nossos trabalhos intelectuais, sérios desde nossa juventude, poderíamos dizê-lo desde a infância, o fundo do nosso caráter sempre teve uma extrema gravidade, mesmo na idade em que não se pensa mais do que no prazer. Essa preocupação constante nos dá um encontro muito frio, excessivamente frio mesmo; ao menos é pelo que somos freqüentemente censurados; mas, sob essa falsa aparência glacial, o Espírito sente, talvez mais vivamente, como se tivesse mais expansão exterior. Ora, em nossas visitas noturnas ao nosso amigo, este ficou surpreso por nos achar diferente; éramos mais aberto, mais comunicativo, quase alegre. Tudo respirando, em nós, a satisfação e a calma do bem-estar. Não está aí um efeito do Espírito desligado da matéria?

Meu amigo Hermann

Revista Espírita, fevereiro de 1859

Sob esse título, M. H. Lugner publicou, no folhetim do *Journal de Debates* de 26 de novembro de 1858, uma espiritual história fantástica, no gênero de Hoffmann, e que, à primeira vista, parecia ter alguma analogia com os nossos agêneres, e os fenômenos de tangibilidade dos quais falamos. A extensão dessa história não nos permite reproduzi-la por inteiro; limitar-nos-emos a dela fazer uma análise, fazendo notar que o autor a conta como um fato do qual teria sido, pessoalmente, testemunha, tendo, diz ele, laços de amizade com o herói da aventura. Esse herói, de nome Hermann, morava em pequena cidade no fundo da Alemanha. "Era, diz o narrador, um belo moço de 25 anos, de aparência avantajada, cheio de nobreza em todos os seus movimentos, gracioso e espiritual em sua linguagem. Era muito instruído, sem o menor pedantismo, muito fino, sem malícia, muito senhor de sua dignidade sem a menor arrogância. Breve, era perfeito em tudo, e mais perfeito, ainda, em três coisas quanto em todo o resto: seu amor pela filosofia, sua vocação particular pela valsa, e a doçura de seu caráter. Essa doçura não era fraqueza, nem medo de outrem, nem desconfiança exagerada de si mesmo: era uma inclinação natural, uma superabundância desse *milk of human kindness* que se encontra, comumente, na ficção dos poetas, e do qual a Natureza havia distribuído a Hermann uma dose inabitual. Continha e sustentava, ao mesmo tempo, seus inimigos com uma bondade todo-poderosa e superior aos ultrajes; podia-se feri-lo, mas não encolerizá-lo. Tendo seu cabeleireiro, um dia, queimado-lhe a ponta da orelha encrespando-o, Hermann se apressou em pedir-lhe desculpas, tomando a falta sobre si, assegurando mesmo que havia se movimentado mal oportunamente. Entretanto, não fora nada disso, e posso dizê-lo conscientemente, porque estava lá e vi, claramente, que tudo resultou da imperícia do cabeleireiro. Deu ele muitos outros sinais da imperturbável bondade de sua alma. Escutava ler maus versos com um ar angélico, respondia às mais tolas sátiras por complementos bem feitos, e os piores espíritos usaram contra ele suas maldades. Essa doçura desconhecida tornara-o célebre; não havia mulher que não desse sua vida para vigiar, sem descanso, o caráter de Hermann, e para procurar fazê-lo perder a paciência, ao menos uma vez em sua vida."

"Acrescentai a todos esses méritos a vantagem de inteira independência e uma fortuna suficiente para ser considerado entre os mais ricos cidadãos da cidade, e tereis dificuldade em imaginar que possa faltar alguma coisa ao feliz Hermann. Entretanto, ele não era feliz e, freqüentemente, dava sinais de tristeza..... Isso devia-se a uma enfermidade singular que o afligira toda a sua vida, e que há muito atiçava a curiosidade da pequena cidade."

"Hermann não podia ficar desperto um instante depois do pôr-do-sol. Quando o dia se aproximava de seu fim, era tomado de um langor insuportável, e caía progressivamente em uma sonolência que ninguém podia prever, e da qual não se podia tirá-lo. Se deitava-se com o sol, levantava-se com o dia, e seus hábitos matinais teriam feito dele um excelente caçador se pudesse superar seu horror pelo sangue e suportar a idéia de dar morte cruel a criaturas inocentes." Eis como, em algumas palavras, num momento de expansão, dá conta de sua situação ao seu amigo do *Journal des Debats*:

"Sabeis, meu caro amigo, à qual enfermidade me sujeito e que sono invencível me oprime regularmente desde o deitar até que o Sol se levante. Sobre isso estais tão instruído quanto todo mundo, e, como todo mundo, ouvistes dizer que esse sonho se parece, a ponto de se

enganar, com a morte. Nada é mais verdadeiro, e esse prodígio pouco me importaria, juravos, se a Natureza tivesse se contentado em tomar meu corpo para o objeto de uma de suas fantasias. Mas minha alma é também seu juguete, e não posso vos dizer, sem horror, a sorte bizarra e cruel que lhe foi infligida. Cada uma de minhas noites é preenchida por um sonho, e esse sonho se liga, com a maior clareza, ao sonho da noite precedente. Esses sonhos (queira Deus que esses sejam sonhos!) se seguem e se encadeiam como acontecimentos de uma existência comum que se desenvolveria à face do sol e na companhia de outros homens. Vivo, pois, duas vezes e conduzo duas existências bem diferentes: uma se passa aqui, convosco e com os nossos amigos, a outra bem longe daqui, com homens que conheço tão bem quanto vós, a quem falo como vos falo, e que me tratam de louco, como ireis fazê-lo, quando faço alusão a uma outra existência além daquela que passo com eles. Todavia, não estou aqui vivo e falando, sentado perto de vós, penso que bem desperto; e aquele que pretendesse que nós voltamos ou que somos sombras, não passaria, a justo título, por um insensato? Pois bem! Meu caro amigo, cada um dos momentos, cada um dos atos que preenchem as horas do meu inevitável sono, não têm menos de realidade, e quando estou inteiramente nessa outra existência, é a esta que fico tentado a pedir-lhe um sonho."

"Todavia, não sonho mais aqui que naquele mundo; vejo, alternativamente, os dois lados, e não poderia duvidar, se bem que minha razão, quanto a isso, esteja estranhamente ofendida, que minha alma não anime sucessivamente dois corpos e não conduza de frente duas existências. Ai! meu caro amigo, queira Deus que ela tenha, nesses dois corpos, os mesmos instintos e a mesma conduta, e que eu seja, no outro mundo, o homem que conheceis e que amais aqui. Mas isso não é nada, e não se ousaria quase nada contestar quanto à influência do físico sobre o moral conhecendo-se minha história. Não quero me vangloriar, e, aliás, o orgulho que uma dessas duas existências poderia me inspirar seria bem rebatido pela vergonha que é inseparável da outra; entretanto, posso dizer, sem vaidade, que aqui sou justamente amado e respeitado por todo o mundo; louva-se minha personalidade e minhas maneiras; acha-se meu ar nobre, liberal e distinto. Amo, como sabeis, as letras, a filosofia, as artes, a liberdade, tudo o que faz o encanto e a dignidade da vida humana; sou socorro dos infelizes e sem inveja contra meu próximo. Conheceis minha doçura passada em provérbio, meu espírito de justiça e de misericórdia, meu insuperável horror pela violência. Todas essas qualidades que me elevam e que me ornaram aqui, eu as expio, no outro mundo, por vícios contrários; a Natureza, que me cumulou aqui com suas bênçãos, quis no outro mundo maldizer-me. Não só ela me lançou numa situação inferior onde devo ficar, sem letras e sem cultura, mas deu, a esse outro corpo, que é também o meu, órgãos tão grosseiros e tão perversos, sentidos tão cegos e tão fortes, tais inclinações e tais necessidades, que minha alma obedece ao invés de comandar, e se deixa arrastar atrás desse corpo despótico nas mais vis desordens. Naquele mundo, sou duro e frouxo, perseguidor dos fracos e rastejador diante dos fortes, impiedoso e invejoso, naturalmente injusto, violento quase ao delírio. Todavia, sou eu mesmo e acho bonito me odiar e me desprezar, não posso me desconhecer."

"Hermann se deteve um instante; sua voz estava tremendo e seus olhos molhados de lágrimas. Disse-lhe, tentando sorrir: Quero acariciar vossa loucura, Hermann, para melhor curá-la. Dizei-me tudo, e primeiro onde se passa essa outra existência e sob qual nome sois conhecido?"

"Chamo-me William Parker, respondeu ele; sou cidadão de Melbourne, na Austrália. É para ali, nos opostos, que minha alma voa quando vos deixa. Quando o Sol se deita aqui, ela deixa Hermann inanimado atrás dela, e o Sol se eleva no outro mundo quando ela vai dar vida ao corpo inanimado de Parker. Então começa minha miserável existência de vagabundagem, de fraudes, de rixas e de mendicância. Freqüento má sociedade e aí sou contado entre os piores; sem cessar, estou em luta com os meus companheiros, e, freqüentemente, tenho a mão na faca; estou sempre em guerra com a polícia e, freqüentemente, reduzido a me

esconder. Mas tudo tem um fim nesse mundo, e esse suplício toca seu fim. Felizmente, cometi um crime. Matei covarde e brutalmente uma pobre criatura que estava ligada a mim. Assim, levei ao seu auge a indignação pública, já excitada pelas minhas más ações. O júri me condenou à morte e espero minha execução. Algumas pessoas, humanas e religiosas, intercederam junto ao governador para obterem minha graça ou pelo menos um adiamento, que me daria o tempo de me converter. Mas conhece-se muito bem minha natureza grosseira e intratável. Recusou-se e, amanhã, ou, se preferis, esta noite, serei infalivelmente conduzido ao suplício."

"Pois bem! disse-lhe rindo, tanto melhor para vós e para nós; é um bom alívio a morte desse velhaco. Uma vez Parker lançado na eternidade, Hermann viverá tranqüilo; poderá velar como todo o mundo e permanecer dia e noite conosco. Aquela morte vos curará, meu caro amigo, e sou grato ao governador de Melbourne por ter recusado a graça a esse miserável."

"Enganai-vos, respondeu-me Hermann com uma gravidade que me causou pena; morreremos os dois juntos, porque não somos senão um, apesar de nossas diversidades e nossa antipatia natural, não temos senão uma alma que será atingida de um só golpe, e em todas as coisas respondemos um pelo outro. Credes, pois, que Parker viveria ainda se Hermann tivesse sentido que, tanto na morte como na vida, eram inseparáveis? Hesitaria um instante se pudesse arrancar e lançar ao fogo essa outra existência, como o olho maldito de que falam as Escrituras? Mas eu era tão feliz por viver aqui que não podia resolver-me a morrer no outro mundo, e minha indecisão durou até que a sorte decidiu por mim essa questão terrível. Hoje tudo está dito e, crede bem, vos dou adeus."

"No dia seguinte, encontrou-se Hermann morto em sua cama, e, alguns meses depois, os jornais da Austrália trouxeram a notícia da execução de William Parker, com todas as circunstâncias descritas por seu sócia."

Toda essa história está contada com um imperturbável sangue frio e o tom mais sério; nada lhe falta, nos detalhes que omitimos, para dar-lhe um cunho de verdade. Em presença de fenômenos estranhos, dos quais somos testemunhas, um fato dessa natureza poderia parecer, se não real, pelo menos possível, e se relacionar, até um certo ponto, com aqueles que citamos. Com efeito, não seria análoga à do jovem que dormia em Boulogne ao passo que, no mesmo instante, conversava em Londres com seus amigos? A de Santo Antônio de Pádua, que no mesmo dia pregava na Espanha e se mostrava em Pádua para salvar a vida de seu pai, acusado de morte? À primeira vista pode-se dizer que, se esses últimos fatos são exatos, não é mais impossível que esse Hermann viveu na Austrália enquanto dormia na Alemanha e reciprocamente. Embora nossa opinião estivesse perfeitamente estabelecida a esse respeito, cremos dever referi-la aos nossos instrutores de além-túmulo, em uma das sessões da Sociedade. A esta pergunta: *Os fatos narrados pelo Journal dès Debats é real? Foi respondido: Não; é uma história de pura invenção, para divertir os leitores. - Se não é real, é possível? - R. Não; uma alma não pode animar dois corpos diferentes.*

Com efeito, na história de Boulogne, se bem que o jovem haja se mostrado em dois lugares diferentes, não havia, realmente, senão um corpo, em carne e osso, que estava em Boulogne; em Londres, não havia senão uma aparência do perispírito, tangível, é verdade, mas que não era o próprio corpo, o corpo mortal; não poderia morrer em Londres e em Boulogne. Hermann, ao contrário, segundo a história, tinha realmente dois corpos, uma vez que um foi enforcado em Melbourne e o outro enterrado na Alemanha. A mesma alma teria, assim, conduzido de frente duas existências, o que, segundo os Espíritos, não é possível. Os fenômenos do gênero do de Boulogne e de Santo Antônio de Pádua, se bem que bastante freqüentes, são, aliás, sempre acidentais e fortuitos num indivíduo, e não têm, jamais, um

caráter de permanência, ao passo que o pretense Hermann era assim desde a sua infância. Mas a razão, a mais grave de todas, é a da diferença de caracteres; seguramente, se esses dois indivíduos não tiveram senão uma e a mesma alma, ela não poderia ser, alternativamente, a de um homem de bem e a de um bandido. O autor se funda, é verdade, sobre a influência do organismo; mas o lamentamos se tal é sua filosofia, e mais ainda se procura acreditá-la, porque isso seria negar a responsabilidade dos atos; uma semelhante doutrina seria a negação de toda moral, uma vez que reduziria o homem ao estado de máquina.

Os Espíritos barulhentos - Meios para se livrar deles

Revista Espírita, fevereiro de 1859

Escrevem-nos de Gramat (Lot):

"Em uma casa do lugarejo de Coujet, comuna de Bastat (Lot), ruídos extraordinários se fazem ouvir desde uns dois meses. Eram primeiro golpes secos, e muito semelhantes ao choque de uma clava sobre as tábuas, que se ouviam de todos os lados: sob os pés, sobre a cabeça, nas portas, através dos móveis; depois logo os passos de um homem que caminhava de pés nus, o tamborilar de dedos sobre as vidraças. Os habitantes da casa se amedrontaram e mandaram dizer missas; a população inquieta dirigiu-se para o lugarejo e ouviu; a polícia interveio, fez várias investigações, e o ruído aumentou. Logo, foram portas abertas, objetos transtornados, cadeiras projetadas pela escada, móveis transportados do térreo para o sótão. Tudo o que vos conto, atestado por um grande número de pessoas, passa-se em pleno dia. A casa não é um antigo casebre sombrio e negro, do qual só o aspecto faz cogitar fantasmas; é uma casa recentemente construída, que é agradável; os proprietários são pessoas boas, incapazes de quererem enganar alguém, e doentes de medo. Entretanto, muitas pessoas não pensam que nada há de sobrenatural, e tratam de explicar, seja pela física, seja por más intenções que emprestam aos habitantes da casa, tudo que ali se passa de extraordinário. Por mim, que vi e creio, resolvi dirigir-me a vós para saber quais são os Espíritos que fazem esse barulho, e conhecer o meio, se houver um, de fazê-los calarem-se. É um serviço que prestais a essas boas pessoas, etc...." Os fatos dessa natureza não são raros; eles se assemelham quase todos e não diferem, em geral, senão pela sua intensidade e sua maior ou menor tenacidade. Pouco se inquieta com eles quando se limitam a alguns ruídos sem conseqüência, mas se tomam uma verdadeira calamidade quando adquirem certas proporções. Nosso honorável correspondente nos pergunta quais são os Espíritos que fazem esse barulho. A resposta não é incerta: sabe-se que Espíritos de uma ordem muito inferior são os únicos deles capazes.

Os Espíritos superiores, tanto quanto entre os homens graves e sérios, não se divertem fazendo algazarra. Freqüentemente, os chamamos para perguntarmos o motivo que os levam a perturbarem assim o repouso. A maioria não tem outro objetivo senão o de se divertir; esses são Espíritos antes levianos que maus, que se riem do pavor que ocasionam, e das buscas inúteis que se fazem para descobrir a causa do tumulto. Freqüentemente, se aferram junto a um indivíduo, que se alegram em vexar, e que perseguem de morada em morada; outras vezes se ligam a um local sem outro motivo que seu capricho. Algumas vezes, é uma vingança que exercem, como teremos ocasião de ver. Em certos casos, sua intenção é mais louvável; querem chamar a atenção e se porem em comunicação, seja para darem uma advertência útil à pessoa à qual se dirigem, seja para pedirem alguma coisa para eles mesmos. Vimo-los, freqüentemente, pedirem preces, outras vezes solicitarem o cumprimento, em seu nome, de um voto que não puderam cumprir, outras vezes, enfim, querer, no interesse de seu próprio repouso, repararem uma ação má cometida por eles quando viviam. Em geral, comete-se o erro de com eles se amedrontar; sua presença pode ser importuna, mas não perigosa. Concebe-se, de resto, o desejo que se tem de livrar-se deles e se faz, geralmente, para isso, tudo ao contrário do que seria preciso. Se são Espíritos que se divertem, quanto mais se toma a coisa a sério, mais persistem, como crianças

traquinas que aborrecem mais aqueles que vêm se impacientarem, e que metem medo aos covardes. Se se tomasse o sábio partido de rir por si mesmo, de seus maus rodeios, acabariam por se cansarem e por ficarem tranquilos. Conhecemos alguém que, longe de se irritar, os excitava, desafiava-os para fazerem tal ou tal coisa, tão bem que, ao cabo de alguns dias, não retomavam mais. Mas, como dissemos, existem alguns cujo motivo é o mais frívolo. Por isso, é sempre útil saber o que querem. Se pedem alguma coisa, pode-se estar certo que cessarão suas visitas, desde que seu desejo seja satisfeito. O melhor meio de estar informado a esse respeito é o de evocar o Espírito, por intermédio de um bom médium escrevente; pelas suas respostas, ver-se-á o que disputam, e se agirá em conseqüência; se for um Espírito infeliz, a caridade manda tratá-lo com as considerações que merece. Se for um mau brincalhão, pode-se agir para com ele sem cerimônia; se for malevolente, é preciso pedir a Deus para torná-lo melhor. Em todo estado de defesa, a prece não pode sempre ter senão um bom resultado. Mas a gravidade das fórmulas de exorcismo fá-los rirem e não as têm em nenhuma conta. Podendo-se entrar em comunicação com eles, é preciso desconfiar das qualificações burlescas ou apavorantes que se dão, algumas vezes, para se divertirem com a credulidade.

A dificuldade, em muitos casos, é ter um médium à disposição. É preciso, então, procurar tornar-se a si mesmo, ou interrogar diretamente o Espírito, conformando-se com os preceitos que demos, a esse respeito, em nossa *Instrução prática sobre as manifestações*.

Esses fenômenos, embora executados por Espíritos inferiores, freqüentemente, são provocados por Espíritos de uma ordem mais elevada, com a finalidade de convencer quanto à existência de seres incorpóreos e de um poder superior ao homem. A ressonância que deles resulta, o medo mesmo que eles causam, chamam a atenção, e acabarão por abrir os olhos dos mais incrédulos. Estes acham mais simples colocar esses fenômenos à conta da imaginação, explicação muito cômoda e que dispensa dar-lhes outras; todavia, quando objetos são postos em desordem ou vos são lançados à cabeça, seria preciso uma imaginação bem complacente para se figurar que semelhantes coisas são quando não o são. Nota-se um efeito qualquer, esse efeito tem necessariamente uma causa; se uma *fria e calma* observação nos demonstra que esse efeito é independente de toda vontade humana e de toda causa material, se, além disso, nos dá sinais *evidentes* de inteligência e de livre vontade, *o que é o sinal mais característico*, somos forçados a atribuí-lo a uma inteligência oculta. Quais são esses seres misteriosos? É o que os estudos espíritas nos ensinam, do modo o menos contestável, pelos meios que nos dá para se comunicar com eles. Esses fenômenos nos ensinam, além do mais, a separar o que há de real, de falso ou exagerado nos fenômenos dos quais não nos damos conta. Se um efeito insólito se produziu: ruído, movimento, mesmo aparição, o primeiro pensamento que se deve ter é que foi devido a uma causa toda natural, porque é a mais provável; é preciso, então, procurar essa causa com o maior cuidado, e não admitir a intervenção dos Espíritos senão conscientemente; é o meio de não se iludir.

A infância

DISSERTAÇÃO DE ALÉM-TÚMULO

Revista Espírita, fevereiro de 1859

Comunicação espontânea do senhor Nélo, médium, lida na Sociedade em 14 de janeiro de 1859.

Não conheceis o segredo que as crianças escondem em sua inocência; não sabeis o que são, o que foram, nem o que serão; todavia, as amais, as quereis bem como se fossem uma parte de vós mesmos, de tal modo que o amor de mãe por seus filhos é reputado o maior que um ser possa ter por um outro ser. De onde provém essa doce afeição, essa terna benevolência que os próprios estranhos sentem para com uma criança? Sabei-o? Não; é isso que vou explicar-vos.

As crianças são os seres que Deus envia em novas existências; e para que não possam lançar-lhes em rosto uma severidade muito grande, deu-lhes todas as aparências da inocência; mesmo numa criança de uma maldade natural, são cobertos seus defeitos com a não-consciência de seus atos. Essa inocência não é uma superioridade real sobre o que eram antes; é a imagem do que deveriam ser, e se não o são, é unicamente sobre elas que disso recai a pena.

Mas não foi somente por elas que Deus lhes deu esse aspecto, foi também, e sobretudo, pelos seus pais, cujo amor é necessário à sua fraqueza, e esse amor seria singularmente enfraquecido pela visão de um caráter colérico e rude, ao passo que crendo seus filhos bons e dóceis, dão-lhes toda a sua afeição, e os cercam com os mais delicados cuidados. Mas quando as crianças não têm mais necessidade dessa proteção, dessa assistência que lhes foi dada durante quinze a vinte anos, seu caráter real e individual reaparece em toda a sua nudez: permanece bom se era fundamentalmente bom, mas se irisa sempre de nuanças que estavam escondidas pela primeira infância.

Vedes que os caminhos de Deus são sempre os melhores, e que, quando se tem o coração puro, é fácil conceber sua explicação.

Com efeito, pensai bem que o Espírito, das crianças que nascem entre vós, pode vir de um mundo onde tomou hábitos muito diferentes; como quereríeis que fosse ao vosso meio, esse novo ser, que vem com paixões diferentes daquelas que possuis, com inclinações, gostos inteiramente opostos aos vossos; como quereríeis que se incorporasse em vossas fileiras de outro modo do que Deus quis, quer dizer, pela peneira da infância? Ali se confundem todos os pensamentos, todos os caracteres, todas as variedades de seres engendrados por essa multidão de mundos nos quais crescem as criaturas. Vós mesmos, em morrendo, vos encontrareis em uma espécie de infância, no meio de novos irmãos; e na vossa nova existência não terrestre, ignorais os hábitos, os costumes, as relações desse mundo, novo para vós; manejareis com dificuldade uma língua que não estais habituado a falar, língua mais viva do que não é hoje vosso pensamento.

A infância tem, ainda, uma outra utilidade; os Espíritos não entram na vida corpórea senão

para se aperfeiçoarem, se melhorarem; a fraqueza da juventude toma-os flexíveis, acessíveis aos conselhos da experiência, e daqueles que devem fazê-los progredir; é, então, que se pode reformar seu caráter e reprimir seus maus pendores; tal é o dever que Deus confiou aos seus pais, missão sagrada pela qual terão que responder.

É assim que a infância é, não somente útil, necessária, indispensável, mas, ainda, a consequência natural das leis que Deus estabeleceu e que regem o Universo.

Nota. Chamamos a atenção dos nossos leitores sobre essa notável dissertação, cuja alta importância filosófica será facilmente compreendida. Que de mais belo, de mais grandioso, que essa solidariedade que existe entre todos os mundos! Que de mais próprio para nos dar uma idéia da bondade e da majestade de Deus! A Humanidade cresce com tais pensamentos, ao passo que nós a explicamos reduzindo-a às mesquinhas proporções de nossa vida efêmera e de nosso mundo, imperceptível entre os mundos.

Carta do doutor Morhéry

Revista Espírita, fevereiro de 1859

Loudéac, 20 de dezembro de 1858.

Senhor Allan Kardec,

Eu me felicito por colocar-me em relação convosco, para o gênero de estudo que nos entregamos mutuamente. Há mais de vinte anos que me ocupo com uma obra que devia intitular-se: *Estudo sobre os germes*. Essa obra devia ser especialmente fisiológica; entretanto, minha intenção era demonstrar a insuficiência do sistema de Bichat, que não admite senão a vida orgânica e a vida de relação. Queria provar que existe um terceiro modo de existência, que sobrevive aos dois outros em estado inorgânico. Esse terceiro modo, não é outra coisa que a vida anímica, ou *espírita*, como a chamais. Em uma palavra, é o germe primitivo que engendra os dois outros modos de existência, orgânica e de relação. Queria demonstrar, também, que os germes são de natureza fluídica, que são bidinâmicos, atrativos, indestrutíveis, autógenos e em número definido, sobre o nosso planeta como em todos os meios circunscritos. Quando apareceu *Céu e Terra*, de Jean Reynaud, fui obrigado a modificar minhas convicções. Reconheci que meu sistema era muito estreito, e admiti, com ele, que os astros, pela troca de eletricidade, que podem se enviar reciprocamente, necessariamente, por essas diversas correntes elétricas, devem favorecer a transmigração dos germes, ou Espíritos, que são da mesma natureza fluídica.

Quando se falou das mesas girantes, entreguei-me em seguida a essa prática, e obtive resultados tais que não tive mais nenhuma dúvida sobre essas manifestações. Depois compreendi que tocáramos o momento em que o mundo invisível iria tornar-se visível e tangível, e que, desde então, caminharíamos para uma revolução sem precedente nas ciências e na filosofia. Estava longe de esperar, entretanto, que um jornal *espírita* pudesse se estabelecer tão cedo, e se manter em França. Hoje, senhor, graças à vossa perseverança, é um fato adquirido, e esse fato é de uma grande importância. Estou longe de julgar as dificuldades vencidas; experimentareis muitos obstáculos, suportareis muitas piadas, mas, afinal de contas, a verdade mostrar-se-á; chegar-se-á a reconhecer a observação do célebre professor Gay-Lussac, que nos disse, em seu curso, a propósito dos corpos *imponderáveis e invisíveis*, que essas expressões eram inexatas, e, constantemente, apenas nossa impossibilidade no estado atual da ciência; acrescentava que seria mais lógico chamá-los *imponderados*. Ocorre o mesmo com a visibilidade e a tangibilidade; o que não é visível para um, o é para outro, mesmo a olho nu; exemplo, os sensitivos; enfim, a audição, o odor e o gosto, que não são senão modificações da propriedade tangível, são nulos no homem, com relação ao cão, à água e a diversos animais. Portanto, não há nada de absoluto nessas propriedades que se multiplicam segundo a organização. Não há nada de invisível, de intangível, de imponderável: tudo pode ser visto, tocado, ou pesado quando nossos órgãos, que são nossos primeiros e nossos mais preciosos instrumentos, tornarem-se mais sutis.

A tantas experiências, com as quais tendes já recursos para constatar nosso terceiro modo de existência (vida espírita), peço-vos acrescentar a seguinte: Queria muito magnetizar um cego de nascença e, nesse estado sonambúlico, dirigir-lhe uma série de perguntas sobre as formas e as cores. Se o sujeito for lúcido, provará, de modo peremptório, que tem, sobre essas coisas, conhecimentos que não pôde adquirir senão *em uma ou várias existências anteriores*.

Termino, senhor, rogando-vos receber minhas muito sinceras felicitações sobre o gênero de estudos a que vos consagrais. Como nunca tive medo de manifestar as minhas opiniões, podeis inserir minha carta na vossa Revista, se julgardes que isso seja útil.

Vosso todo devotado servidor, Morhéry, *doutor em medicina*.

Nota. Estamos muito felizes com a autorização que o senhor doutor Morhéry quis nos dar para publicarmos, nomeando-o, a notável carta que acabamos de ler. Ela prova nele, ao lado do homem de ciência, o homem judicioso que vê alguma coisa além das nossas sensações, e que sabe fazer o sacrifício de suas opiniões pessoais em presença da evidência. Nele a convicção não é uma fé cega, mas raciocinada; é a dedução lógica do sábio que não crê tudo saber.

Uma noite esquecida ou a feiticeira Manouza

Milésima segunda noite dos contos árabes,

Ditada pelo Espírito de Frederic Soulié.

(TERCEIRO E ÚLTIMO CAPÍTULO)

VII

- Levantai-vos, disse-lhe Noureddin, e segui-me. Nazara, banhada em lágrimas, lançou-se-lhe aos pés e implorou sua graça. -Nada de piedade para uma tal falta, disse o pretense sultão; preparai-vos para morrer. Noureddin sofria muito por ter para com ela semelhante linguagem, mas não julgou chegado o momento de se fazer conhecer.

Nazara, vendo que era impossível dobrá-lo, o seguiu tremendo. Eles retornaram aos apartamentos; ali Noureddin disse a Nazara para ir vestir roupas mais convenientes; depois, terminada a toilette, sem outra explicação, disse-lhe que iriam, ele e Ozana (o anão) conduzi-la para um bairro de Bagdá onde teria o que ela merecia. Todos os três se cobriram com uma grande manta, para não serem reconhecidos, e saíram do palácio. Mas, ó terror! apenas passaram as portas, mudaram de aspecto aos olhos de Nazara; não eram mais o sultão e Ozana, nem os mercadores de roupas, mas o próprio Noureddin e Tanaple; eles ficaram tão amedrontados, sobretudo Nazara, ao se verem tão perto da morada do sultão, que aceleraram o passo com medo de serem reconhecidos.

Apenas entraram na casa de Noureddin, esta achou-se cercada por uma multidão de homens, escravos e de tropas, enviados pelo sultão para detê-los.

Ao primeiro ruído, Noureddin, Nazara e o anão se refugiaram no apartamento mais retirado do palácio. Ali, o anão lhes disse para não se amedrontarem; que não havia senão uma coisa a se fazer para não serem presos, que era colocar o pequeno dedo da mão esquerda na boca e assoviar três vezes; que Nazara deveria fazer o mesmo, e que, instantaneamente, tornar-se-iam invisíveis para todos aqueles que quisessem se apoderar deles.

O ruído continuando a aumentar de modo alarmante, Nazara e Noureddin seguiram o conselho de Tanaple; quando os soldados entraram no apartamento, encontraram-no vazio, e se retiraram depois de fazerem as mais minuciosas buscas. Então, o anão disse a Noureddin para fazer ao contrário do que haviam feito, quer dizer, colocar o pequeno dedo da mão direita na boca e assoviar três vezes; fizeram-no e logo se acharam como eram antes.

O anão, em seguida, fez notar que, não estando em segurança na casa, deveriam deixá-la por algum tempo, a fim de que se apaziguasse a cólera do sultão. Ofereceu-lhes, em consequência, conduzi-los para seu palácio subterrâneo, onde estariam muito comodamente, enquanto se achassem os meios de tudo arranjar, a fim de que pudessem entrar sem medo

em Bagdá, e nas melhores condições possíveis.

VIII

Noureddin hesitou, mas Nazara tanto lhe pediu, que acabou por consentir. O anão disse-lhes para irem ao jardim, comerem uma laranja com a cabeça voltada para o nascente, e que, então, seriam transportados sem o perceberem. Tiveram o ar de dúvida, mas Tanaple lhes disse que não compreendia sua dúvida depois do que fizera por eles.

Tendo descido ao jardim, e tendo comido a laranja do modo indicado, se acharam subitamente elevados a uma altura prodigiosa; depois, subitamente, sentiram um forte abalo e um grande frio, e se sentiram descendo com grande velocidade. Nada viram durante o trajeto, mas quando tiveram consciência da situação, se acharam sob a terra, num magnífico palácio iluminado por mais de vinte mil velas.

Deixemos nossos amantes em seu palácio subterrâneo e retornemos ao nosso pequeno anão, que deixamos na casa de Noureddin.

Sabeis que o sultão havia enviado soldados para se apoderarem dos fugitivos; depois de haverem explorado os mais retirados cantos da habitação, assim como os jardins, não encontrando nada, foram forçados a se retirarem, para informarem ao sultão de sua tentativa infrutífera.

Tanaple acompanhara a todos ao longo do caminho; olhava-os com ar astuto e, de tempo em tempo, lhes perguntava qual preço o sultão daria àquele que trouxesse de novo os dois fugitivos. - Se o sultão, acrescentava ele, estiver disposto a conceder-me uma hora de audiência, dir-lhe-ei alguma coisa que o apaziguará, e ficará encantado por se livrar de uma mulher como Nazara, que há nela um mau gênio, e que faria descer sobre ele todas as desgraças possíveis, se ela permanecesse algumas luas mais. O chefe dos Eunucos prometeu-lhe incumbir-se disso e transmitir-lhe a resposta do sultão.

Apenas entrados no palácio, o chefe dos negros veio dizer que seu senhor o esperava, prevenindo-lhe, todavia, que seria furado por uma lança se avançasse imposturas.

Nosso pequeno monstro se apressou em entrar na casa do sultão. Chegado diante desse homem duro e severo, inclinou-se três vezes como é habitual, diante dos príncipes de Bagdá.

- Que tens a me dizer? perguntou-lhe o sultão. Sabes o que te espera se não disseres a verdade. Fala; eu te escuto.

"Grande Espírito, celeste Lua, tríade de Sóis, não anuncio senão a verdade. Nazara é filha da fada Negra e do gênio a Grande Serpente dos Infernos. Sua presença, em tua casa, te traria todas as pragas inimagináveis: praga das serpentes, eclipse do sol, lua azul impedindo os amores da noite; todos os teus desejos, enfim, iriam ser contrariados, e tuas mulheres envelhecidas antes mesmo que uma lua haja passado. Poderia dar-te uma prova do que adianto; sei onde se encontra Nazara; se quiseres, irei procurá-la e poderás convencer-te por ti mesmo. Não há senão um meio de evitar-se essas desgraças, é dar-lha a Noureddin. Noureddin não é mais o que pensas; ele é filho da feiticeira Manouza e do gênio o Rochedo de Diamante. Se tu uni-los, em reconhecimento, Manouza te protegerá; se recusares.... Pobre príncipe! Eu te lamento. Faze a prova; depois disso decidirás."

O sultão escutou com bastante calma o discurso de Tanaple; mas, logo depois, chamou uma tropa de homens armados, e ordenou-lhes aprisionarem o pequeno monstro, até que um acontecimento viesse convencê-lo daquilo que acabara de ouvir.

- Acreditava, disse Tanaple, fazer favor a um grande príncipe; mas vejo que me enganei e deixo aos gênios o cuidado de vingar seus filhos. Dito isso, seguiu aqueles que vieram para prendê-lo.

IX

Tanaple estava na prisão apenas há algumas horas, quando 9 Sol se cobriu com uma nuvem de cor sombria, como se um véu quisesse ocultá-lo à Terra; depois um grande ruído se fez ouvir, e de uma montanha, colocada à entrada da cidade, saiu um gigante armado que se dirigiu para o palácio do sultão.

Não vos direi que o sultão ficou muito calmo; longe disso; tremia como uma folha de laranjeira, que Éolo tivesse atormentado. A aproximação do gigante, ordenou fechar todas as portas, e todos os seus soldados estarem prontos, armas às mãos, para defenderem seu príncipe. Mas, ó estupefação! à aproximação do gigante, todas as portas se abriram, como impelidas por mão secreta; depois, gravemente, o gigante avançou até o sultão, sem dar um sinal, nem dizer uma palavra. À sua vista, o sultão se lançou de joelhos, pediu ao gigante poupá-lo e dizer o que exigia.

"Príncipe! disse o gigante, não digo grande coisa pela primeira vez; não faço mais que te advertir. Faça o que Tanaple te aconselhou, e nossa proteção ser-te-á assegurada; de outro modo, sofrerás a pena de tua obstinação." Dito isso, retirou-se.

O sultão ficou primeiro muito amedrontado; mas, ao cabo de um quarto de hora, estando recomposto de sua perturbação, longe de seguir os conselhos de Tanaple, fez logo publicar um édito que prometia uma magnífica recompensa àquele que pudesse colocá-lo nas pegadas dos fugitivos; depois, tendo colocado guardas nas portas do palácio e da cidade, esperou pacientemente. Mas sua paciência não foi de longa duração, ou pelo menos não lhe deixou tempo para colocá-la à prova. A partir do segundo dia, apareceu às portas da cidade um exército que tinha o ar de ter saído de baixo da terra; os soldados estavam vestidos com peles de toupeiras, e tinham armaduras de carapuças de tartarugas; levavam clavas feitas com lascas de rocha.

A sua aproximação, os guardas quiseram resistir, mas o aspecto formidável do exército logo fê-los abaixarem as armas; abriram as portas sem falarem, sem quebrar suas fileiras, e a tropa inimiga foi gravemente até o palácio. O sultão quis se mostrar à porta de seus apartamentos; mas, para sua grande surpresa, seus guardas adormeceram e as portas se abriram por si mesmas; depois o chefe da armada avançou com passo grave até o sultão e lhe disse:

"Venho dizer-te que Tanaple, vendo tua obstinação, nos enviou para te procurar; em lugar de ser o sultão de um povo que não sabes governar, vamos conduzir-te às toupeiras; tu mesmo torna-te-ás toupeira e serás sultão aveludado. Vê se isso te convém antes que fazer o que Tanaple te ordenou; dou-te dez minutos para refletir.

O sultão gostaria de resistir; mas, para sua felicidade, após alguns momentos de reflexão, consentiu naquilo que se lhe exigiam; não quis colocar senão uma condição, de que os fugitivos não habitassem seu reino. Foi-lhe prometido e, no mesmo instante, sem saber de que lado e como, o exército desapareceu aos seus olhos.

Agora que a sorte de nossos amantes estava completamente assegurada, voltemos para junto deles. Sabeis que os deixamos no palácio subterrâneo.

Depois de alguns minutos, ofuscados e arrebatados pelo aspecto das maravilhas que os cercavam, quiseram visitar o palácio e seus arredores. Viram jardins encantadores. Coisa estranha! via-se tão claro quanto a céu descoberto. Aproximaram-se do palácio: todas as suas portas estavam abertas, e havia preparativos como para uma grande festa. À porta estava uma dama em magnífico vestido. Nossos fugitivos não a reconheceram de início; mas, aproximando-se mais, viram Manouza, a feiticeira, Manouza toda transformada; não era mais aquela velha mulher, feia e decrépita, era uma mulher já de uma certa idade, mas ainda bela, e com um grande ar.

"Noureddin, disse-lhe ela, te prometi ajuda e assistência. Hoje vais receber minha promessa; estás no fim de teus males e vais receber o prêmio de tua constância: Nazara vai ser tua mulher; além disso dou-te este palácio; habitá-lo-ás e serás o rei de um povo de bravos e reconhecidos súditos; são dignos de ti, como és digno de reinar sobre eles."

A essas palavras, música harmoniosa fez-se ouvir, de todos os lados, apareceu uma multidão inumerável de homens e de mulheres em roupas de festa; à sua frente estavam os grandes senhores e as grandes senhoras que vieram se prosternar aos pés de Noureddin; ofereceram-lhe uma coroa de ouro, enriquecida com diamantes, dizendo que o reconheciam por seu rei; que esse trono lhe pertencia como herança de seu pai; que foram encantados, há 400 anos pela vontade de mágicos maus, que esse encanto não deveria acabar senão com a presença de Noureddin. Em seguida, fizeram longo discurso pelas suas virtudes e as de Nazara.

Então, Manouza disse-lhe: Sois felizes, nada mais tenho a fazer aqui. Se tiverdes necessidade de mim, batei sobre a estátua que está no meio de vosso jardim e, no mesmo instante, eu virei. Depois ela desapareceu.

Noureddin e Nazara gostariam de retê-la por mais tempo, para lhe agradecer todas as suas bondades para com eles. Depois de alguns momentos, passados conversando, retornaram aos seus súditos; as festas e as alegrias duraram oito dias. Seu reinado foi longo e feliz; viveram milhares de anos, e posso dizer mesmo que vivem ainda; somente o país não foi reencontrado, ou, por melhor dizer, jamais foi muito conhecido.

Fim.

Nota. Chamamos a atenção dos nossos leitores sobre as observações com as quais precedemos o conto, em nossos números de novembro de 1858 e janeiro de 1859.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Segundo Ano – 1859

Março

- [Estudo sobre os médiuns](#)
- [Médiuns interesseiros](#)
- [Fenômeno de transfiguração](#)
- [Diatribes](#)
- [Conversas familiares de além-túmulo - Paul Gaimard](#)
- [Senhora Reynaud, sonâmbula](#)
- [Hitoti, chefe taitiano](#)
- [Um Espírito estouvado](#)
- [Plínio, o moço](#)

Estudo sobre os médiuns

Revista Espírita, março de 1859

Sendo os médiuns os intérpretes das comunicações espíritas, seu papel é extremamente importante, e não se poderia dar mais atenção ao estudo de todas as causas que podem influenciá-los, não somente por si mesmos, mas, também, por aqueles que, não sendo médiuns, se servem de sua intermediação, a fim poderem julgar o grau de confiança que merecem as comunicações que possam receber.

Todo o mundo, dissemos, é mais ou menos médium; mas convencionou-se dar esse nome àqueles nos quais as manifestações são patentes, e, por assim dizer, facultativas. Ora, entre estes últimos, há aptidões muito diferentes: pode-se dizer que cada um tem a sua especialidade. Ao primeiro aspecto, se desenham duas categorias muito nitidamente talhadas: os médiuns de influências físicas, e aqueles das comunicações inteligentes. Estes últimos apresentam numerosas variedades, cujas principais são: os escreventes ou psicógrafos, os desenhistas, os falantes, os audientes e os videntes. Os médiuns poetas, músicos e políglotas são variedades dos escreventes e dos falantes. Não voltaremos às definições que demos desses diferentes gêneros, mas não queremos lembrar, senão sucintamente, o conjunto, para maior clareza.

De todos os gêneros de médiuns, o mais comum é o dos escreventes; é aquele mais fácil de se adquirir pelo exercício; também é para esse lado que se dirigem, e com razão, os desejos e os esforços dos aspirantes. Eles mesmos apresentam duas variedades que, geralmente, são encontradas em várias outras categorias: os escreventes mecânicos e os escreventes intuitivos. Nos primeiros, o impulso da mão é independente da vontade; ela se move por si mesma, sem que o médium tenha alguma consciência do que escreve, podendo seu pensamento estar em qualquer outra coisa. No médium intuitivo, o Espírito atua sobre o cérebro; seu pensamento atravessa, por assim dizer, o pensamento do médium, sem que haja confusão. Disso resulta, nele, a consciência do que escreve, freqüentemente mesmo, uma consciência antecipada, porque a intuição antecede, algumas vezes, o movimento da mão e, todavia, o pensamento expresso não é o do médium. Uma comparação bem simples nos faz compreender o fenômeno. Quando queremos conversar com alguém cuja língua não conhecemos, nos servimos de um intérprete; o intérprete tem consciência do pensamento dos interlocutores, deve compreendê-lo para exprimi-lo, e, todavia, esse pensamento não é o seu. Pois bem! O papel de um médium intuitivo é o de um intérprete entre o Espírito e nós. A experiência nos ensinou que os médiuns mecânicos e os médiuns intuitivos são igualmente bons, igualmente aptos para receberem e transmitirem boas comunicações. Como meio de convicção, os primeiros valem mais, sem dúvida, mas quando se adquiriu a convicção, não há mais preferência útil; a atenção deve se dirigir inteiramente sobre a natureza das comunicações, quer dizer, sobre a aptidão do médium para receber as dos bons e as dos maus Espíritos, e sob esse aspecto diz-se que ele é bem ou mal assistido: aí está toda a questão, e essa questão é capital, porque só ela pode determinar o grau de confiança que ele merece; é um resultado do estudo e da observação para o qual remetemos ao nosso artigo precedente, sobre os escolhos dos médiuns.

A dificuldade, com um médium intuitivo, consiste em distinguir os pensamentos que lhe são próprios dos que lhe são sugeridos. Essa dificuldade existe para ele mesmo; o pensamento sugerido lhe parece tão natural que o toma, freqüentemente, pelo seu, e duvida de sua

faculdade. O meio para convencê-lo, ele e os outros, é um exercício freqüente. Então, no número das evocações nas quais concorreu, apresentar-se-ão mil circunstâncias, uma multidão de comunicações íntimas, particularidades das quais não se poderia ter nenhum conhecimento prévio, e que constatarão, de modo irrecusável, a inteira independência de seu próprio Espírito.

As diferentes variedades de médiuns repousam sobre aptidões especiais, e até o presente não se sabe muito qual lhes é o seu princípio. À primeira vista, e para as pessoas que não fizeram desta ciência um estudo continuado, não parece mais difícil, para um médium, escrever versos que prosa; sobretudo se for mecânico, o Espírito, dir-se-á, pode tão bem fazê-lo escrever numa língua estrangeira, fazê-lo desenhar ou ditar-lhe a música. Todavia, não é nada disso. Se bem que se vejam, a cada instante, desenhos, versos, música feitos por médiuns que, em seu estado normal, não são nem desenhistas, nem poetas, nem músicos, nem todos estão aptos para produzirem essas coisas. Apesar de sua ignorância, há neles uma faculdade intuitiva, uma flexibilidade que faz deles instrumentos mais dóceis. Foi o que bem expressou Bernard Palissy quando se lhe perguntou por que havia escolhido, para fazer os seus admiráveis desenhos, o senhor Victorien Sardou, que não sabe desenhar; *é porque disse, acho-o mais flexível*. Ocorre o mesmo com as outras aptidões; e, coisa bizarra, vimos Espíritos se recusarem a ditar versos a médiuns que conheciam a poesia, e dá-los agradável mente a pessoas que não lhe sabiam as primeiras regras; é o que prova, uma vez mais, que os Espíritos têm o seu livre arbítrio, e que é em vão que gostaríamos de submetê-los aos nossos caprichos.

Resulta das observações precedentes, que um médium deve seguir o impulso que lhe é dado, segundo a sua aptidão; que deve tratar de aperfeiçoar essa aptidão pelo exercício, mas que procuraria inutilmente adquirir aquela que lhe falta, ou pelo menos que isso seria em prejuízo daquela que possui. Não forcemos nosso talento, não faríamos nada com graça, disse La Fontaine- podemos acrescentar, não faríamos nada de bom. Quando um médium possui uma faculdade preciosa, com a qual pode se tornar verdadeiramente útil, que se contente com ela, e não procure uma vã satisfação de seu amor-próprio numa variedade que seria o enfraquecimento da faculdade primordial; se esta deve ser transformada, o que freqüentemente acontece, ou se deve adquirir uma nova, isso ocorrerá espontaneamente, e não por um efeito de sua vontade.

A faculdade de produzir efeitos físicos forma uma categoria bem talhada, que se alia raramente com as comunicações inteligentes, sobretudo com as de alta importância. Sabe-se que os efeitos físicos são obrigação dos Espíritos de baixo estágio, como entre nós os grandes esforços dos saltimbancos; ora, os Espíritos batedores pertencem a essa classe inferior; agem, o mais freqüentemente, para se divertirem ou vexarem, mas, algumas vezes, por ordem de Espíritos elevados que deles se servem, como nos servimos dos trabalhadores; seria absurdo crer que Espíritos superiores viessem divertir-se fazendo as mesas girarem ou baterem. Servem-se desses meios, dizemos nós, como intermediários, seja com o objetivo de convencerem, seja para se comunicarem conosco, quando não lhes oferecemos outros meios; mas o abandonam no momento que possam atuar por um meio mais rápido, mais cômodo e mais direto, como abandonamos o telégrafo aéreo, desde que tivemos o telégrafo elétrico. Não se devem desprezar os efeitos físicos, porque, para muita gente, são um meio de convicção; oferecem, aliás, um precioso objeto de estudo sobre as forças ocultas; mas é notável que os Espíritos os recusem, em geral, àqueles que não têm mais necessidade, ou que, pelo menos, não aconselham se ocupar de modo especial. Eis o que escreveu, a esse respeito, o Espírito de São Luís, na *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos*:

"Zombaram das mesas girantes, não zombarão jamais da filosofia, da sabedoria e da clareza que brilham nas comunicações sérias. Isso foi o vestibulo da ciência; é aí que, ao entrar,

devemos deixar os preconceitos, como se deixa o casaco. Não posso vos convidar muito a fazerem, de vossas reuniões, um centro sério: que em outro lugar façam demonstrações físicas, em outro veja-se, em outro ouça-se, *que, entre vós, compreenda-se e se ame*. Que pensais ser, aos olhos dos Espíritos superiores, quando fazeis girar uma mesa? Ignorantes. Os sábios passam seu tempo a repassar *o a, b, c* da ciência? Ao passo que vendo-vos procurarem as comunicações sérias, considerar-vos-ão como homens sérios em busca da verdade."

É impossível resumir, de modo mais lógico e mais preciso, o caráter dos dois gêneros de manifestações. Aqueles que têm comunicações elevadas, deve-as à assistência dos bons Espíritos: é um sinal de sua simpatia por ele; renunciá-las para procurar os efeitos materiais, é deixar uma sociedade escolhida por outra mais baixa; querer aliar as duas coisas, é chamar, ao redor de si, seres antipáticos, e, nesse conflito, é provável que os bons se irão e os maus permanecerão. Longe de nós desprezar os médiuns de influências físicas; têm sua razão de ser, seu fim providencial; prestam incontestáveis serviços à ciência espírita; mas quando um médium possui uma faculdade que pode colocá-lo em relação com seres superiores, não compreendemos que dela abdique, ou mesmo que deseje outras, de outro modo que por ignorância; porque, freqüentemente, a ambição de querer ser tudo, faz que se acabe por não ser nada.

Médiuns interesseiros

Revista Espírita, março de 1859

Em nosso artigo sobre os escolhos dos médiuns, colocamos a cupidez entre os defeitos que podem tomá-los presa de Espíritos imperfeitos. Alguns desenvolvimentos sobre esse assunto não serão inúteis. É preciso colocar, em primeiro lugar, os médiuns interesseiros, aqueles que poderiam fazer um ofício de sua faculdade, dando as chamadas a consultas ou sessões retribuídas. Não os conhecemos, na França pelo menos, mas como tudo pode tornar-se objeto de exploração, não haveria nada de espantoso em que se quisesse, um dia, explorar os Espíritos; resta saber como fariam a coisa, se jamais um tal espetáculo tentou se introduzir. Sem ser completamente iniciado no Espiritismo, compreende-se o que teria de aviltante; mas quem quer que conheça um pouco quanto é difícil aos bons Espíritos vir comunicar-se conosco, e quão pouco é preciso para afastá-los, sua repulsa por tudo o que é de interesse egoístico, não poderá jamais admitir que Espíritos superiores estejam ao capricho de alguém que os fizessem vir a tanto por hora; o simples bom senso repele semelhante suposição. Não seria também uma profanação evocar seu pai, sua mãe, seu filho ou seu amigo por um semelhante meio? Sem dúvida pode-se ter assim comunicações, mas Deus sabe de que fonte! Os Espíritos levianos, mentirosos, traquinas, zombeteiros e toda a multidão de Espíritos inferiores, sempre vêm; e estão sempre prontos a responder a tudo; São Luís nos disse, outro dia, na Sociedade: *Evocai um rochedo, ele vos responderá*. Aquele que quer comunicações sérias, deve se edificar, antes de tudo, sobre a natureza da simpatia do médium com os seres de além-túmulo; ora, aqueles que podem se entregar à atração do ganho não podem inspirar senão uma medíocre confiança.

Os médiuns interesseiros não são unicamente aqueles que poderiam exigir uma retribuição fixa; o interesse não se traduz sempre na esperança de um ganho material, mas também pelas considerações ambiciosas de toda a natureza, sobre as quais podem fundar esperanças pessoais; está ainda aí um defeito de que sabem aproveitar, muito bem, os Espíritos zombadores, e os quais aproveitam com um jeito, uma astúcia verdadeiramente notável, embalando enganosas ilusões naqueles que se colocam, assim, sob sua dependência. Em resumo, a mediunidade é uma faculdade dada para o bem, e os bons Espíritos se afastam de quem pretenda fazer dela uma escada para chegar ao que quer que seja, que não responda aos objetivos da Providência. Ó egoísmo é a praga da sociedade; os bons Espíritos o combatem, não se pode supor que venham servi-lo. Isso é tão racional que seria inútil insistir muito sobre esse ponto.

Os médiuns de efeitos físicos não estão na mesma categoria, esses efeitos são produzidos por Espíritos inferiores, pouco escrupulosos quanto aos sentimentos morais, um médium dessa categoria, que quisesse explorar sua faculdade, poderia, pois, ter quem se interessasse nisso, sem muita repugnância; mas aí, ainda, se apresenta um outro inconveniente. O médium de efeitos físicos, não mais que aquele de comunicações inteligentes, não recebeu sua faculdade para seu prazer foi-lhe dada com a condição de fazer, dela, um bom uso, e se dela abusa, pode lhe ser retirada, ou bem voltar-se em seu detrimento, porque, em definitivo, os Espíritos inferiores estão sob as ordens dos Espíritos superiores. Os Espíritos inferiores gostam muito de mistificar, mas não gostam de serem mistificados; prestando-se voluntariamente ao gracejo, às coisas curiosas, não gostam, mais que os outros, de serem explorados, e provam, a cada instante, que têm sua vontade, que agem quando e como lhes pareça, o que faz com que o médium de efeitos físicos esteja ainda menos seguro da regularidade das manifestações, que o médium escrevente. Pretender produzi-las a dias e

horas fixas, seria dar prova da mais profunda ignorância. Que fazer, então, para ganhar seu dinheiro? Simular os fenômenos; é o que pode ocorrer não somente àqueles que disso fariam um ofício confessado, mas mesmo às pessoas simples em aparência, e que se limitam a receberem uma retribuição qualquer dos visitantes. Se o Espírito não dá, será suprido: a imaginação é fecunda quando se trata de ganhar dinheiro; é uma tese que desenvolveremos num artigo especial, a fim de colocar em guarda contra a fraude.

De tudo o que precede, concluímos que o desinteresse mais absoluto é a melhor garantia contra o charlatanismo, porque não há charlatães desinteressados; se não garante sempre a bondade das comunicações inteligentes, rouba aos maus Espíritos um poderoso meio de ação que fecha a boca de certos detratores.

Fenômeno de transfiguração

Revista Espírita, março de 1859

Extraímos o fato seguinte de uma carta que nos escreveu, no mês de setembro de 1857, um de nossos correspondentes de St-Etienne. Depois de ter falado de diversas comunicações, das quais foi testemunha, acrescentou:

"Um fato mais espantoso se passa numa família de nossos vizinhos. Das mesas girantes passou-se à poltrona que fala; depois amarrou-se um lápis nessa poltrona e essa poltrona indicou a psicografia; foi praticada por muito tempo, antes como brinquedo do que como coisa séria. Então a escrita designou uma das filhas da casa, ordenou passar as mãos sobre sua cabeça depois de tê-la feito deitar; ela dormiu logo, e depois de um certo número de experiências, essa jovem se transfigurou: tomou os traços, a voz, os gestos de ascendentes mortos, de avós que jamais conheceram, de um irmão falecido há alguns meses; essas transfigurações eram feitas sucessivamente em uma mesma sessão. Ela falava um dialeto que não era mais o da época, disse-me, porque não conhecia nem um nem o outro; mas o que posso afirmar, é que em uma sessão onde tomara a aparência de seu irmão, vigoroso gaiato, essa jovem de treze anos deu-me um rude aperto de mão.

"Há dezoito meses, ou dois anos, esse fenômeno é constantemente repetido do mesmo modo, somente hoje produziu-se espontânea e naturalmente, sem imposição das mãos."

Esse estranho fenômeno, se bem que bastante raro, não é excepcional; já se falou de vários fatos semelhantes, e nós mesmos, várias vezes, fomos testemunha de alguma coisa análoga entre os sonâmbulos em estado de êxtase, e mesmo entre os extáticos que não estavam em sonambulismo. É certo, além do mais, que emoções violentas operam, sobre a fisionomia, uma mudança que lhe dá um caráter diferente daquele do estado normal. Não vemos, igualmente, pessoas cujos traços móveis se prestam, segundo sua vontade, a modificações que lhes permitem tomar as aparências de outras certas pessoas? Vê-se, pois, por aí, que a rigidez da face não é tal que não possa sujeitar-se a modificações passageiras, mais ou menos profundas, e nada há de espantoso em que um fato semelhante possa produzir-se, no caso em que se trata, embora, talvez, por uma causa independente da vontade.

Eis as respostas que obtivemos de São Luís a esse respeito, na sessão da Sociedade, de 25 de fevereiro último.

1. O fato de transfiguração, do qual acabamos de falar, é real? -R. Sim.
2. Nesse fenômeno, há um efeito material? - R. O fenômeno de transfiguração pode ocorrer de modo material, a tal ponto que, nas diversas fases que apresenta, poder-se-ia reproduzi-lo em daguerreotipia.
3. Como esse efeito se produziu? - R. A transfiguração, como a entendeis, não é senão uma modificação da aparência, uma mudança, uma alteração nos traços que pode ser produzida pela ação do próprio Espírito sobre seu envoltório, ou por uma influência exterior. O corpo nunca muda, mas, em consequência de uma contração nervosa, ele submete-se a aparências diversas.

4. Pode ocorrer que os espectadores sejam enganados por uma falsa aparência? - R. Pode ocorrer também que o perispírito desempenhe o papel que conheceis. No fato citado, ocorreu contração nervosa, e a imaginação aumentou-a muito; de resto, esse fenômeno é bastante raro.

5. O papel do perispírito seria análogo ao que se passa no fenômeno de bicorporeidade? - R. Sim.

6. É preciso, então, que, no caso de transfiguração, haja de-saparição do corpo real, para os espectadores que não vêem mais que o perispírito sob uma forma diferente? - R. Desaparição, não física, mas *oclusão*. Entendei-vos sobre as palavras.

7. Parece resultar disso que acabais de dizer que, no fenômeno da transfiguração, pode haver dois efeitos: 1^o Alteração dos traços do corpo real, em consequência de uma contração, nervosa. 2^o Aparência variável do perispírito que se torna visível. É assim que devemos entender? - R. Certamente.

8. Qual é a causa primeira desse fenômeno? - R. A vontade do Espírito.

9. Todos os Espíritos podem produzi-lo? - R. Não: os Espíritos não podem sempre fazer o que querem.

10. Como explicar a força anormal dessa jovem transfigurada na pessoa de seu irmão? - R. O Espírito não possui uma grande força? De resto, é a do corpo em seu estado normal.

Nota. Esse fato nada tem de surpreendente; freqüentemente, vêem-se as pessoas mais fracas dotadas momentaneamente de uma força muscular prodigiosa, por uma causa superexcitante.

11. Uma vez que, no fenômeno da transfiguração, o olhar do observador pode ver uma imagem diferente da realidade, ocorre o mesmo em certas manifestações físicas? Quando por exemplo uma mesa se eleva sem o contato das mãos, e que é vista acima do solo, é verdadeiramente a mesa que se destacou? - R. Podeis perguntá-lo?

12. O que é que a ergue? - R. A força do Espírito.

Nota. Esse fenômeno já foi explicado por São Luís, e tratamos essa questão, de modo completo, nos números de maio e junho de 1858, a propósito da teoria das manifestações físicas. Foi-nos dito que, nesse caso, a mesa, ou o objeto qualquer que se mova, se anima de uma vida factícia, momentânea, que lhe permite obedecer à vontade do Espírito.

Certas pessoas quiseram ver, nesse fato, uma simples ilusão de ótica que faria ver, por uma espécie de miragem, a mesa no espaço, ao passo que ela estaria realmente sobre o solo. Ainda que a coisa fosse assim, ela não seria menos digna de atenção; é notável que aqueles que querem contestar ou denegrir os fenômenos espíritas, expliquem-nos por causas que seriam, elas mesmas, verdadeiros prodígios, e bem mais difíceis de compreender-se; ora, por que, pois, tratar isso com tanto desdém? Se a causa que assinalam é real, por que não aprofundá-la? O físico procura se render conta do menor movimento anormal da agulha imantada; o químico na mais leve mudança na atração muscular por que, pois, ver-se com

indiferença fenômenos tão bizarros quanto aqueles dos quais falamos, fossem o resultado de um simples desvio do raio visual e uma nova aplicação de leis conhecidas? Isso não é lógico. Não seria certamente impossível que, por um efeito de ótica análogo àquele que nos faz ver um objeto na água mais alto do que está, em consequência da refração do raio luminoso, uma mesa nos aparecesse no espaço, enquanto estivesse sob o sol; mas, há um fato que resolve peremptoriamente a questão, é quando a mesa cai bruscamente sobre o solo e quando ela se quebra; isso não nos parece ser uma ilusão de ótica. Voltemos à transfiguração.

Se uma contração muscular pode modificar os traços do rosto, isso não pode ser senão em um certo limite; mas, seguramente, se uma jovem toma a aparência de um velho, nenhum efeito psicológico far-lhe-á produzir a barba; é preciso, pois, procurar-lhe a causa em outro lugar. Querendo-se reportar-se ao que dissemos precedentemente, sobre o papel do perispírito em todos os fatos de aparições, mesmo de pessoas vivas, compreender-se-á que lá está ainda a chave do fenômeno da transfiguração. Com efeito, uma vez que o perispírito pode se isolar do corpo, que pode tornar-se visível, que pela sua extrema sutilidade pode tomar diversas aparências à vontade do Espírito, conceber-se-á, sem dificuldade, que ele esteja assim numa pessoa transfigurada: o corpo fica o mesmo, só o perispírito muda de aspecto. Mas, então, dir-se-á, em que se torna o corpo? De um lado o corpo real e de outro o perispírito transfigurado? Fatos estranhos, dos quais iremos falar oportunamente, provam que, em consequência da fascinação que se opera nessa circunstância no observador, o corpo real pode estar, de alguma sorte, velado pelo perispírito.

O fenômeno objeto desse artigo nos foi transmitido já há muito tempo, e se não falamos dele ainda, foi porque não nos propusemos fazer de nossa *Revista* um simples catálogo de fatos próprios para alimentar a curiosidade, uma árida compilação sem apreciação e sem comentário; nossa tarefa seria muito fácil, e a tomamos mais a sério; dirigimo-nos, antes de tudo, aos homens de raciocínio, àqueles que, como nós, querem se render conta das coisas, tanto quanto isso seja possível. Ora, a experiência nos ensinou que os fatos, por estranhos e multiplicados que sejam, não são elementos de convicção; e o são tanto menos quanto sejam estranhos; quanto mais um fato é extraordinário, tanto mais parece anormal, menos se está disposto a crer nele; quer-se ver, e quando se viu, duvida-se ainda; desconfia-se de ilusões e conivências. Não ocorre assim quando se acha, nos fatos, uma razão de ser por uma causa plausível. Vemos todos os dias pessoas que rejeitaram outrora os fenômenos espíritas, à conta da imaginação e de uma cega credulidade, e que hoje são adeptos fervorosos, precisamente porque esses fenômenos não têm agora nada que repugne à sua razão; elas se os explicam, compreendem-lhes a possibilidade, e crêem neles *mesmo sem terem visto*. Antes de falarmos de certos fatos, temos, pois, que esperar que os princípios fundamentais estejam suficientemente desenvolvidos, para deles render-se conta; o da transfiguração está entre esse número. O Espiritismo é para nós mais que uma crença: é uma ciência, e estamos felizes em ver que os nossos leitores nos compreenderam.

Diatribes

Revista Espírita, março de 1859

Algumas pessoas, sem dúvida, esperam encontrar aqui uma resposta a certos ataques, bem pouco circunspectos, dos quais a Sociedade, nós pessoalmente, e os partidários do Espiritismo em geral foram objetos nestes últimos tempos. Rogamos desejarem se reportar ao nosso artigo sobre a polêmica espírita, colocado na cabeça do nosso número de novembro último, onde fizemos nossa profissão de fé a esse respeito. Não lhe acrescentaremos senão poucas palavras, não tendo o lazer de não nos ocuparmos com todas essas discussões ociosas. E aqueles que têm tempo a perder para rir de tudo, mesmo do que não compreendem, para serem maledicentes, caluniadores, letrados mas pretensiosos, se contentem, não temos a pretensão de a isso impedi-los. A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, composta de homens honrados pelo seu saber e sua posição, tanto na França quanto no Estrangeiro, médicos, literatos, artistas, funcionários, oficiais, negociantes, etc., recebendo, cada dia, as mais altas notabilidades sociais, e correspondendo com todas as partes do mundo, está acima das pequenas intrigas do ciúme e do amor-próprio; ela persegue seus trabalhos na calma e no recolhimento, sem se inquietar com piadas que não poupam mesmo as mais respeitáveis corporações.

Quanto ao Espiritismo em geral, como é uma das forças da Natureza, o escárnio disso virá cansar-se, como se cansou contra tantas outras coisas que o tempo consagrou; essa utopia, essa *tocade*, como a chamam certas pessoas, já fez a volta ao mundo e todas as diatribes não a impedirão mais de caminhar quanto outrora os anátemas não o impediram à Terra girar. Deixemos, pois, os escárnios rirem à sua satisfação, uma vez que tal é o seu bom prazer; serão, para eles, fracos de Espíritos; riem muito da religião, por que não ririam do Espiritismo que não é senão uma ciência? Esperando, nos servem mais que nos prejudicam e economizamos sem gastos de publicidade porque não é um de seus artigos, mais ou menos espirituosos, que não fará vender algum de nossos livros e obter algumas assinaturas. Obrigado, pois, pelo serviço que nos prestam sem querer.

Diremos, igualmente, pouca coisa pelo que nos toca pessoalmente; se aqueles que nos atacam ostensivamente, ou de mão oculta, crêem nos perturbar, perdem seu tempo; se pensam em nos barrarem o caminho, enganam-se igualmente, uma vez que não pedimos nada e não aspiramos a nada, senão a nos tornarmos úteis, nos limites das forças que Deus nos deu; por modesta que seja a nossa posição, nos contentamos com aquilo que, por muito, seria a mediocridade; não ambicionamos nem conceito público, nem fortuna, nem honrarias; não procuramos nem o mundo, nem seus prazeres; o que possamos ter não nos causa nenhum pesar: vemo-lo com a mais completa indiferença; isso não está no nosso gosto, por conseguinte, não levamos inveja de nenhum daqueles que possuem essa vantagem, se vantagem são, o que aos nossos olhos é uma questão, porque os gozos pueris nesse mundo não asseguram um melhor lugar no outro, longe disso; nossa vida é toda de labor e de estudo, consagrando ao trabalho até os instantes de repouso: aí não há do que ter ciúme. Trazemos, como tantos outros, nossa pedra ao edifício que se eleva; mas Goraríamos de nos fazer dele um degrau para chegar ao que quer que seja; que outros tragam-lhe mais do que nós; que outros trabalhem tanto quanto nós e melhor que nós, e os veremos com uma alegria sincera; o que queremos, antes de tudo, é o triunfo da verdade, de qualquer parte que venha, não tendo a pretensão de ter sozinho a luz; se disso deva jorrar alguma glória, o campo está aberto a todo o mundo, estendemos a mão a todos aqueles que, nessa rude liça, seguiremos lealmente, com abnegação e sem pensamento dissimulado pessoal.

Bem sabemos que, erguendo abertamente a bandeira das idéias, das quais nos fizemos um dos propagadores, afrontando os preconceitos, atrairemos inimigos, sempre prontos à atirarem flechadas envenenadas contra quem eleva a cabeça e se coloca em evidência; mas há essa diferença entre eles e nós, é que nós não lhes queremos o mal que procuram nos fazer, porque participamos da fraqueza humana, e é somente nisso que cremos ser seu superior; rebaixa-se pela inveja, pelo ódio, pelo ciúme e por todas as paixões mesquinhas: eleva-se pelo esquecimento das ofensas. Esta é a moral espírita; não vale ela mais do que a das pessoas que ultrajam o seu próximo? É o que nos ditaram os Espíritos que nos assistem, e pode-se julgar, por aí, se são *bons* ou *maus*. Ela nos mostra as coisas de uma altura tão grande e aquelas deste mundo tão pequenas, que não se pode senão lamentar aqueles que se torturam voluntariamente, para se darem uma efêmera satisfação de amor-próprio.

Conversas familiares de além-túmulo - Paul Gaimard

Revista Espírita, março de 1859

Médico da marinha e viajante naturalista, falecido em 11 de dezembro de 1858; evocado no dia 24 do mesmo mês, com a idade de 64 anos, por um de seus amigos, o senhor Sardou.

1. Evocação. - R. Estou aqui; que queres tu?
2. Qual é teu estado atual? - R. Erro como os Espíritos que deixam a Terra e que têm o desejo de avançarem nos caminhos do bem. Nós procuramos, estudamos, e depois escolhemos.
3. Tuas idéias, sobre a natureza do homem, se modificaram? - R. Muito; bem pode avaliar.
4. Qual julgamento levas, agora sobre o gênero de vida que te conduziu durante a existência que vens de terminar neste mundo? - R. Estou contente, porque trabalhei.
5. Crês que, para o homem, tudo acaba no túmulo: daí teu epicurismo e o desejo que exprimias, algumas vezes, de viver séculos para gozar bem a vida? Que pensas dos vivos que não têm outra filosofia senão aquela? - R. Eu os lamento, mas isso, todavia, lhes serve: com um tal sistema, podem apreciar friamente tudo o que entusiasma os outros homens, e isso lhes permite julgarem sadiamente muitas coisas que fascinam os crédulos em excesso.

Nota. - É a opinião pessoal do Espírito; damo-la como tal e não como máxima.

6. O homem que se esforça moralmente, antes que intelectualmente, faz melhor que aquele que se apega sobretudo ao progresso intelectual e negligencia o progresso moral? - R. Sim; a moral passa adiante. Deus dá o espírito como recompensa aos bons, ao passo que a moral devemos adquiri-la.
7. Que entendes por espírito que Deus dá? - R. Uma vasta inteligência.
8. Entretanto, existem muitos maus que têm uma vasta inteligência. - R. Eu o disse. Perguntastes qual valia mais procurar adquirir; disse-vos que a moral é preferível; mas aquele que trabalha, para aperfeiçoar seu Espírito, pode adquirir um alto grau de inteligência. Quando, pois, entenderéis as minhas palavras?
9. Estás completamente desligado da influência do corpo material? - R. Sim; o que vos disseram, sobre isso, não compreende senão uma certa classe da humanidade.

Nota. Ocorreu, várias vezes, que Espíritos evocados, mesmo depois de alguns meses de sua morte, declararam estarem ainda sob a influência da matéria; mas esses Espíritos foram todos homens que não haviam progredido, nem moral nem intelectualmente. É da classe

dessa humanidade que quer falar o Espírito que foi Paul Gaimard.

10. Tivestes, na Terra, outras existências além da última? - R. Sim.

11. Esta última é a conseqüência da precedente? - R. Não, tive um grande espaço de tempo entre as duas.

12. Apesar desse longo intervalo, não poderia nele haver, entretanto, uma certa relação entre essas duas existências? - R. Cada minuto de nossa vida é a conseqüência do minuto precedente, se o entendes assim.

Nota. O doutor B..., que assistia essa conversa, exprimiu a opinião de que certos pendores, certos instintos que, por vezes, despertam em nós, poderiam bem serem como reflexo de uma existência anterior. Cita vários fatos, perfeitamente constatados, de jovens mulheres que, na gravidez, foram impelidas a atos ferozes, como por exemplo, aquela que se atirou sobre o braço de um rapaz estúpido e deu-lhes belas dentadas; outra que cortou a cabeça de um menino, e ela mesma levou essa cabeça ao comissário de polícia; uma terceira que matou seu marido, cortou-o em pequenos pedaços e salgou, e com os quais se alimentou durante vários dias. O doutor perguntou se, em uma existência anterior, essas mulheres não haviam sido antropófagas.

13. Ouvistes o que acaba de dizer o doutor B..., é que esses instintos, designados sob o nome de vontade de mulheres grávidas, são conseqüências de hábitos contraídos em uma existência anterior? - R. Não; loucura *transitória*; paixão em seu mais alto grau; o Espírito é eclipsado pela vontade.

Nota. O doutor B... fez observar que, efetivamente, os médicos consideram esses atos como casos de loucura transitória. Partilhamos essa opinião, mas não pelos mesmos motivos, já que aqueles que não estão familiarizados com os fenômenos espíritas são, geralmente, levados a atribuí-los a causas que não conhecem. Estamos persuadidos de que devemos ter reminiscências de certas disposições morais anteriores; acrescentamos mesmo que é impossível ser de outro modo, não podendo o progresso cumprir-se senão gradualmente; mas isso não pode ser aqui o caso, e o que o prova é que as pessoas das quais se vem de falar não dão nenhum outro sinal de ferocidade fora de seu estado patológico: não haveria, evidentemente, entre elas, senão uma perturbação momentânea das faculdades morais. Reconhece-se o reflexo das disposições anteriores por outros sinais, de alguma sorte, inequívocos e que desenvolveremos em um artigo especial, com fatos em seu apoio.

14. Em ti, na última existência, houve, ao mesmo tempo, progresso moral e progresso intelectual? - R. Sim; sobretudo intelectual.

15. Poderias dizer-nos qual era o gênero de tua penúltima existência? - R. Ó! fui obscuro. Tive uma família que tornei infeliz; muito expiei mais tarde. Mas por que me perguntar isso? Já se passou muito e estou agora em novas fases.

Nota. P. Gaimard morreu celibatário com a idade de 64 anos. Mais de uma vez, lamentou-se por não ter um lar.

16. Esperas estar logo reencamado? - R. Não, quero pesquisar antes. Amamos este estado de erraticidade, porque a alma se domina melhor, o Espírito tem mais consciência de sua força; a carne pesa, obscurece, entrava.

Nota. Todos os Espíritos dizem que, no estado errante, eles procuram, estudam, observam para fazerem sua escolha. Não é a contrapartida da vida corpórea? Frequentemente, não procuramos durante anos antes de fixarmos nossa escolha na carreira que cremos a mais apropriada para criar o nosso caminho? Não a mudamos, algumas vezes, à medida que avançamos em anos? Cada dia não é empregado na procura do que faremos no dia seguinte?

Ora, o que são as diferentes existências corpóreas para o Espírito senão fases, períodos, dias da vida espírita que, como sabemos, é a vida normal, não sendo a vida corpórea senão transitória e passageira? Que de mais sublime que essa teoria? Não está em relação com a harmonia grandiosa do Universo? Ainda uma vez, não fomos nós que a inventamos, e lamentamos não termos disso o mérito; mas, quanto mais a aprofundamos, mais a encontramos fecunda em soluções de problemas até agora inexplicados.

17. Em qual planeta pensas, ou desejas, estar reencamado? - R. Não sei; dai-me o tempo para procurar.

18. Qual gênero de existência pedirias a Deus? - R. A continuação desta última; o maior desenvolvimento possível das faculdades intelectuais.

19. Pareces sempre colocar em primeira linha o desenvolvimento das faculdades intelectuais, fazendo menor caso das faculdades morais, apesar do que disseste precedentemente. - R. Meu coração não está bastante formado para apreciar bem as outras.

20. Vês outros Espíritos e estás em relação com eles? - R. Sim.

21. Entre esses Espíritos, há os que conhecestes na Terra? - R. Sim; Dumont-d'Urville.

22. Vês também o Espírito de Jacques Arago com quem viajas-te? - R. Sim.

23. Esses Espíritos estão na mesma condição tua? - R. Não; uns mais altos, os outros mais baixos.

24. Queremos falar do Espírito de Dumont-d'Urville e de Jacques Arago. - R. Não quero especializar.

25. Estás satisfeito por te havermos evocado? - R. Sim, sobretudo por uma pessoa.

26. Podemos fazer alguma coisa por ti? - R. Sim.

27. Se te evocarmos em alguns meses, consentidas em responder ainda às nossas perguntas? - R. Com prazer. Adeus.

28. Tu nos dizes adeus; dá-nos o prazer de dizer para onde vais. - R. Nesse passo (para falar como o teria feito há alguns dias), vou atravessar um espaço mil vezes mais considerável que o caminho que fiz sobre a Terra em minhas viagens, que acreditava tão distantes; e isso em menos de um segundo, de um pensamento. Vou em uma reunião de Espíritos onde tomarei lições, e onde poderei aprender uma nova ciência, minha nova vida. Adeus.

Nota. Quem conheceu perfeitamente o senhor Paul Gaimard, confessará que esta comunicação está bem marcada com a marca de sua individualidade. Aprender, ver, conhecer, era sua paixão dominante: é o que explica suas viagens ao redor do mundo e às regiões do Pólo Norte, assim como suas excursões à Rússia e à Polônia, à primeira aparição do cólera em Europa. Dominado por essa paixão e peio desejo de satisfazê-la, conservava um raro sangue frio nos maiores perigos; foi assim que, com sua calma e com sua firmeza, soube sair das mãos de um bando de antropófagos que o surpreenderam no interior de uma ilha da Oceania.

Uma palavra sua caracteriza perfeitamente essa avidez de ver fatos novos, de assistir ao espetáculo de acidentes imprevistos: "Que felicidade! exclamou ele, um dia, durante o período mais dramático de 1848, que felicidade viver em uma época tão fértil em acontecimentos extraordinários e inesperados!"

Seu Espírito, voltado quase que unicamente para as ciências que tratam da matéria organizada, negligenciara as ciências filosóficas: também estava no direito de dizer que lhe faltava elevação nas idéias. Entretanto, nenhum ato de sua vida prova que haja menosprezado as grandes leis morais impostas à Humanidade. Em suma, o senhor Paul Gaimard tinha uma bela inteligência: essencialmente proba e honesta, naturalmente prestativo, era incapaz de fazer o menor mal a alguém. Não se pode censurá-lo, talvez, senão por ter sido muito amigo dos prazeres; mas o mundo e os prazeres não corromperam nem seu julgamento, nem seu coração: também o senhor Paul Gaimard mereceu o pesar de seus amigos e de todos aqueles que o conheceram.

SARDOU.

Senhora Reynaud, sonâmbula

Revista Espírita, março de 1859

Sonâmbula, falecida em Annonay, há mais ou menos um ano; sua lucidez era, sobretudo, notável para as questões médicas, embora iletrada em seu estado natural.

Um de nossos correspondentes, que a conhecera em vida, pensando que se poderia obter dela notícias úteis, endereçou-nos algumas perguntas que nos pediu fazer-lhe, se julgássemos oportuno interrogá-la, o que fizemos na sessão da Sociedade do dia 28 de janeiro de 1859. Às questões de nosso correspondente, acrescentamos todas as que nos pareceram ter algum interesse.

1. Evocação. - R. Estou aqui; o que quereis de mim?

2. Tendes uma lembrança exata de vossa existência corpórea? - R. Sim, muito precisa.

3. Poderíeis pintar-nos vossa situação atual? - R. É a mesma de todos os Espíritos que habitam nossa Terra: geralmente possuem a intuição do bem, e todavia não podem obter a felicidade perfeita, reservada unicamente à maior perfeição.

4. Quando vivíeis, éreis sonâmbula lúcida; poderíeis dizer se a vossa lucidez, então, era análoga a que tendes agora como Espírito? - R. Não: diferia em que não tinha a prontidão e a justeza que meu Espírito possui hoje.

5. A lucidez sonambúlica é uma antecipação da vida espírita, quer dizer, um isolamento do Espírito, com relação à matéria? - R. É uma das fases da vida terrestre; mas a vida terrestre é a mesma que a vida celeste.

6. Que entendeis dizendo que a vida terrestre é a mesma que a vida celeste? - R. Que a cadeia de existências está formada por anéis seguidos e contínuos: nenhuma interrupção lhe vem deter o curso. Pode-se dizer, pois, que a vida terrestre é a continuação da vida celeste precedente e o prelúdio da vida celeste futura e, assim, sem interrupção, por todas as encarnações que um Espírito pode ter que sofrer: o que faz com que não haja, entre essas duas existências, uma separação tão absoluta como o credes.

Nota. Durante a vida terrestre, o Espírito, ou a alma, pode agir independentemente da matéria, e o homem goza, em certos momentos, da vida espírita, seja durante o sono, seja mesmo no estado de vigília. As faculdades do Espírito se exercendo apesar da presença do corpo, há entre a vida terrestre e a vida de além-túmulo uma correlação constante, o que fez a senhora Reynaud dizer que é a mesma: a resposta seguinte definiu claramente seu pensamento.

7. Por que, então, todo o mundo não é sonâmbulo? - R. Ignorais ainda, pois, que todos vós o sois, mesmo sem sono e muito despertos, em graus diferentes?

8. Concebemos que todos o somos, mais ou menos, durante o sono, uma vez que o estado

de sonho é uma espécie de sonambulismo imperfeito; mas, que entendeis dizendo que o somos mesmo no estado de vigília? - R. Não tendes as intuições, das quais não vos apercebeis, e que não são outra coisa que uma faculdade do Espírito? O poeta é um médium, um sonâmbulo.

9. Vossa faculdade sonambúlica contribuiu para o vosso desenvolvimento como Espírito depois da morte? - R. Pouco.

10. No momento da morte, estivestes muito tempo na perturbação? - R. Não; eu me reconheci logo: estava cercada de amigos.

11. Atribuíis à vossa lucidez sonambúlica o vosso pronto desligamento? - R. Sim, um pouco. Conheci antes a sorte dos agonizantes; mas isso não me teria servido para nada, se não possuísse uma alma capaz de encontrar uma vida melhor por melhores faculdades.

12. Pode-se ser bom sonâmbulo sem possuir um Espírito de uma ordem elevada? - R. Sim. As faculdades estão sempre em relação: somente vos enganais crendo que tais faculdades pedem boas disposições; não, o que credes bom, freqüentemente, é mau: desenvolveria isso, se me compreendêsseis.

Há sonâmbulos que conhecem a fundo o futuro, que contam fatos que chegam e dos quais não têm nenhum conhecimento no seu estado normal; há outros que sabem pintar perfeitamente os caracteres daqueles que os interrogam, indicar exatamente um número de anos, uma soma em dinheiro, etc.: isso não pede nenhuma superioridade real; é simplesmente um exercício da faculdade que o Espírito possui e que se manifesta no sonâmbulo adormecido. O que requer uma superioridade real é o uso que dela se pode fazer para o bem; é a consciência do bem e do mal; é conhecer Deus melhor do que os homens o conhecem; é poder dar conselhos próprios para fazer progredir no caminho do bem e da felicidade.

13. O uso que um sonâmbulo faz de sua faculdade influi sobre o seu estado de Espírito depois da morte? - R. Sim, muito, como o uso bom ou mau de todas as faculdades que Deus nos concedeu.

14. Poderíeis nos explicar como tínheis conhecimentos médicos, sem fazer nenhum estudo? - R. Sempre faculdade espiritual: outros Espíritos me aconselhavam; eu era médium: é o estado de todos os sonâmbulos.

15. Os medicamentos que um sonâmbulo prescreve, são sempre indicados por um Espírito, ou o são também por instinto, como entre os animais que vão procurar a erva que lhes é salutar? - R. Indicam-lhe se pede conselhos, no caso em que sua experiência não basta. Conhece-os pelas suas qualidades.

16. O fluido magnético é o agente da lucidez sonambúlica como a luz para nós? - R. Não, é o agente do sono.

17. O fluido magnético é o agente da visão, no estado de Espírito? - R. Não.

18. Vede-nos aqui tão claramente como se estivésseis viva, com o vosso corpo? - R. Melhor, agora: o que vejo a mais é o homem interior.

19. Ver-nos-íeis do mesmo modo se estivéssemos na obscuridade? - R. Iguamente bem.

20. Vede-nos tão bem, melhor ou menos bem do que veríeis em vida, mas em sonambulismo? - R. Melhor ainda.

21. Qual é o agente ou a intermediário de que vos servis para ver-nos? - R. Meu Espírito. Não tenho nem olho, nem pupila, nem retina, nem cílios, e, todavia, eu vos vejo melhor do que qualquer de vós vê seu vizinho: é pelo olho que vedes, mas é o vosso Espírito quem vê.

22. Tendes consciência da obscuridade? - R. Sei que ela existe para vós; para mim ela não existe.

Nota. Isso confirma o que sempre dissemos, que a faculdade de ver é uma propriedade inerente à própria natureza do Espírito e que reside em todo o seu ser; no corpo ela está localizada.

23. A dupla vista pode ser comparada ao estado sonambólico? - R. Sim: a faculdade que não vem do corpo.

24. O fluido magnético emana do sistema nervoso ou está espalhado na massa atmosférica? - R. Do sistema nervoso; mas o sistema nervoso o aure na atmosfera, foco principal. A atmosfera não o possui por si mesma, ele vem de seres que povoam o Universo: não é o nada que o produz, ao contrário, é a acumulação da vida e da eletricidade que essa multidão de existências libera.

25. O fluido nervoso é um fluido próprio ou seria o resultado de uma combinação de todos os outros fluidos imponderáveis que penetram no corpo, tais como o calor, a luz, a eletricidade? - R. Sim e não: não conheceis bastante esses fenômenos para deles falar assim; vossas palavras não exprimem o que quereis dizer.

26. De onde vem o adormecimento produzido pela ação magnética? - R. A agitação produzida pela sobrecarga de fluido que obstrui o magnetizado.

27. A força magnética, no magnetizador, depende de sua constituição física? - R. Sim, mas sempre de seu caráter: em uma palavra, dele mesmo.

28. Quais são as qualidades morais que, num sonâmbulo, podem ajudar o desenvolvimento de suas faculdades? - R. As boas: perguntastes o que pode ajudar.

29. Quais são os defeitos que mais o prejudicam? - R. A má fé.

30. Quais são as qualidades mais essenciais no magnetizador? - R. O coração; as boas intenções sempre firmes; o desinteresse.

31. Quais são os defeitos que mais o prejudicam? - R. Os maus pendores, ou antes, o desejo de prejudicar.

32. Quando viva, víeis os Espíritos em vosso estado sonambólico? - R. Sim.

33. Por que todos os sonâmbulos não os vêem? - R. Todos os vêem por momentos, e em diferentes graus de claridade.
34. De onde vem, para certas pessoas não sonâmbulas, a faculdade de ver os Espíritos no estado de vigília? - R. Isso é dado por Deus, como a outros a inteligência ou a bondade.
35. Essa faculdade procede de uma organização física especial? - R. Não.
36. Essa faculdade pode se perder? - R. Sim, como pode ser adquirida.
37. Quais são as causas que podem fazê-la perder? - R. As más intenções, dissemos. Por condição primeira, é preciso procurar propor-se, realmente, fazer dela um bom uso; uma vez definido isso, julgai se mereceis esse favor, porque ela não é dada inutilmente. O que prejudica àqueles que a possuem, é que, quase sempre, misturam-lhe essa infeliz paixão humana que conheceis tão bem (o orgulho), mesmo com o desejo de conseguir os melhores resultados; glorifica-se com o que não é senão obra de Deus, e, freqüentemente, se quer dela tirar proveito. - Adeus.
38. Para onde ides, em nos deixando? - R. Às minhas ocupações.
39. Poderíeis dizer-nos quais são as vossas ocupações? - R. Tenho-as como vós; trato primeiro de me instruir e, por isso, misturo-me às sociedades melhores do que eu; como lazer faço o bem, e minha vida se passa na esperança de alcançar maior felicidade. Não temos nenhuma necessidade material a satisfazer e, por conseguinte, toda a nossa atividade se dirige para o nosso progresso moral.

Hitoti, chefe taitiano

Revista Espírita, março de 1859

Um oficial da marinha, presente na sessão da Sociedade, de 4 de fevereiro último, testemunhou o desejo de evocar um chefe taitiano, de nome Hitoti, que havia conhecido pessoalmente durante sua estada na Oceania.

1. Evocação. - R. Que desejais?

2. Poderíeis dizer-nos por que abraçastes, de preferência, a causa francesa na Oceania? - R. Eu amava essa nação; de resto, meu interesse mo mandava.

3. Ficastes satisfeito com a viagem que mandamos fazer à França o vosso neto, e com os cuidados que lhe proporcionamos? - R. Sim, e não. Essa viagem, talvez muito aperfeiçoou seu espírito, mas isso o tornou completamente estranho à sua pátria, dando-lhe idéias que jamais deveriam nele nascer.

4. Das recompensas que recebestes do governo francês, quais foram as que mais vos satisfizeram? - R. As condecorações.

5. E, entre as condecorações, qual preferis? - R. A Legião de Honra.

Nota. Essa circunstância era ignorada pelo médium e por todos os assistentes; foi confirmada pela pessoa que fez a evocação. Embora o médium que servia de intermediário fosse intuitivo, e não mecânico, como esse pensamento poderia ser o seu próprio? Poder-se-ia conceber para uma questão banal, mas isso não seria admissível quando se trata de um fato positivo, do qual nada podia dar-lhe a idéia.

6. Estais mais feliz agora do que quando vivo? - R. Sim, muito mais.

7. Em que estado está vosso Espírito? - R. Errante, devendo me reencarnar logo.

8. Quais são as vossas ocupações em vossa vida errante? - R. Instruir-me.

Nota. Essa resposta é quase geral entre todos os Espíritos errantes; aqueles que estão mais avançados moralmente, acrescentam que se ocupam em fazer o bem, e assistem aqueles que têm necessidade de conselhos.

9. De que maneira vos instruíis, por que não deveis fazê-lo do mesmo modo que durante a sua vida? - R. Não; trabalho meu espírito; eu viajo. Compreendo que isso é pouco inteligível para vós; sabereis, com efeito, mais tarde.

10. Quais são os continentes que freqüentais com mais bom grado? - R. Continentes? Não viajo mais sobre vossa Terra, estejais bem persuadidos disso; vou mais alto, mais baixo, acima, abaixo, moral e fisicamente. Vi e examinei, com o maior cuidado, mundos ao vosso oriente e ao vosso poente, que ainda estão num estado de barbárie terrível, e outros que

estão poderosamente elevados acima de vós.

11. Dissestes que estaríeis logo reencarnado, sabeis em qual mundo? - R. Sim, estou ali freqüentemente.

12. Poder-nos-ia designá-lo? - R. Não.

13. Por que, em vossas viagens, negligenciais vossa Terra? -R. Eu a conheço.

14. Embora não viajais mais sobre esta Terra, pensais ainda em algumas pessoas que aqui pudestes amar? - R. Pouco.

15. Não vos ocupais mais, pois, com aqueles que vos testemunharam afeição? - R. Pouco.

16. Lembrai-vos deles? - R. Muito bem; mas nos reveremos e espero pagar tudo isso. Perguntam-me se deles me ocupo? Não, mas não os esqueço por isso.

17. Não revistes esse amigo do qual faço alusão a toda hora e que, como vós, está morto? - R. Sim, porém nos reveremos mais materialmente; estaremos encarnados em uma mesma esfera, e nossas existências se tocarão.

18. Agradecemos-vos por consentir em responder ao nosso chamado. - R. Adeus; trabalhai e pensai.

Nota. A pessoa que fez a evocação, e que conhece os costumes desses povos, declarou que essa última frase está conforme seus hábitos; entre eles, é uma locução de uso de alguma sorte banal, o que o médium não poderia adivinhar. Igualmente, reconhece que toda a conversa está em relação com o caráter do Espírito evocado, e que, para ele, sua identidade está evidenciada.

A resposta à questão 17 oferece uma particularidade notável. *Estaremos encarnados em uma mesma esfera, e nossas existências se tocarão.* Está confirmado que os seres que se amaram se reencontram no mundo dos Espíritos, mas parece, além do mais, segundo muitas respostas análogas, que podem seguirem-se, algumas vezes, numa outra existência corporal onde as circunstâncias os aproximam sem que disso suspeitem, seja pelos laços de parentesco, seja pelas relações amigáveis. Isso nos dá a razão de certas simpatias.

Um Espírito estouvado

Revista Espírita, março de 1859

O senhor J., um de nossos colegas da Sociedade, vira, diversas vezes, chamadas azuis passearem sobre sua cama. Convicto de que era uma manifestação, tivemos a idéia, no dia 20 de janeiro último, de evocar um desses Espíritos, a fim de nos edificar sobre a sua natureza.

1. Evocação. - R. E que me queres?
 2. Com qual objetivo te manifestaste na casa do senhor J.....? - R. Que te importa?
 3. A mim, isso pouco importa, é verdade; mas isso não é indiferente ao senhor J... - R. Ah! a bela razão!
- Nota.* Essas primeiras perguntas foram feitas pelo senhor Kardec. O senhor J... prosseguiu no interrogatório.
4. É que não recebo todo o mundo de bom grado em minha casa. - R. Estás errado; sou muito bom.
 5. Dá-me, pois, o prazer de dizer-me o que fazias em minha casa? - R. Crês, por acaso, que, porque sou bom, devo obedecer-te?
 6. Foi-me dito que és um Espírito muito leviano. - R. Fazem de mim uma bem má reputação, fora de propósito.
 7. Se é uma calúnia, prove-o. - R. Isso não desejo mais.
 8. Eu poderia bem empregar um meio para conhecer-te. - R. Isso não poderia senão divertir-me, com efeito, um pouco.
 9. Eu te intimo a dizer-me o que vieste fazer em minha casa. - R. Não tinha senão um objetivo, o de divertir-me.
 10. Isso não está de acordo com o que me foi dito por Espíritos superiores. - R. Fui enviado à tua casa, disso conheces a razão. Estás contente?
 11. Pois mentiste? - R. Não.
 12. Não tinhas, portanto, más intenções? - R. Não; disseram-te o mesmo que eu.
 13. Poderias dizer-me qual a tua classe entre os Espíritos? - R. Tua curiosidade me apraz.
 14. Uma vez que pretendes ser bom, por que me respondes de modo tão pouco conveniente?

- R. É que te insultei?

15. Não; mas, por que respondes de modo evasivo e te recusas a dar-me as informações que te peço? - R. Sou livre para fazer o que quero, entretanto, sob o comando de certos Espíritos.

16. Então, vejo, com prazer, que comesças a ser mais conveniente, e auguro que terei contigo relações mais amáveis. - R. Coloque tuas frases de lado, farás muito melhor.

17. Sob qual forma estás aqui? - R. De forma, não a tenho.

18. Sabes o que é o perispírito? - R. Não; a menos que isso seja do vento.

19. O que eu poderia fazer-te que te seja agradável? - R. Já o disse: cala-te.

20. A missão que vieste cumprir em minha casa te fará avançar como Espírito? - R. Isso é um outro assunto; não me dirijas mais tais perguntas. Sabes que obedeço a certos Espíritos; dirige-te a eles; quanto a mim, não peço senão para ir-me.

21. Tivemos más relações, em uma outra existência, e isso seria a causa de teu mau humor? - R. Não lembras mais o mal que disseste de mim, e isso a quem queria ouvi-lo. Cala-te, digo-te.

22. Não te disse senão o que me foi dito pelos Espíritos superiores a ti. - R. Disseste também que eu te havia obsediado.

23. Ficastes satisfeito com o resultado que obtiveste? - R. Isso é assunto meu.

24. Sempre queres, pois, que conserve de ti má opinião? - R. É possível! Eu me vou.

Nota: Pode-se ver, pelas conversas que relatamos, a extrema diversidade que há na linguagem dos Espíritos, segundo o grau de sua elevação. A dos Espíritos dessa natureza é quase sempre caracterizada pela rudeza e pela impaciência; quando são chamados nas reuniões sérias, sente-se que não vêm de bom grado; têm pressa de se irem, e isso porque não estão cômodos, em meio de seus superiores e de pessoas que os colocam, de algum modo, na berlinda. Não ocorre o mesmo nas reuniões frívolas, onde se diverte com seus gracejos; estão, em seu centro, e se entregam de coração alegre.

Plínio, o moço

Revista Espírita, março de 1859

Carta de Plínio, o Moço a Sura.

(Livro VII.-Carta271)

"O ócio que desfrutamos vos permite ensinar e me permite aprender. Gostaria, pois, muito de saber se os fantasmas têm alguma coisa de real, se têm uma verdadeira aparência, se são gênios, ou se não são senão vãs imagens que se traçam numa imaginação perturbada pelo medo. O que me inclina a crer que há verdadeiros espectros, é o que se me disse haver ocorrido a Curtius Rufus. No tempo em que ainda estava sem fortuna e sem nome, seguira na África aquele que o governo lhe havia escolhido. No declínio do dia, passeava sob um pórtico, quando uma mulher, de um talhe e de uma beleza mais do que humanas apresentou-se-lhe: "Eu sou a África, disse ela. Venho predizer-te o que te deve acontecer. Tu irás a Roma, exercerás os maiores cargos, e retornarás, em seguida, para governar esta província, onde morrerás."

Tudo aconteceu como ela havia predito. Conta-se mesmo que, ancorando em Cartago, e saindo de sua nave, a mesma figura se apresentou diante dele, e veio ao seu encontro sobre a margem.

"O que há de verdade, é que caiu doente, e que, julgando o futuro pelo passado, a infelicidade que o ameaçava pela boa fortuna que havia provado, desesperou-se primeiro de sua cura, apesar da boa opinião que os seus dele conceberam.

"Mas eis uma outra história, que não vos parecerá menos surpreendente, e que é bem mais horrível. Eu lha darei tal como a recebi.

- Havia em Atenas uma casa muito grande e muito habitável, mas desacreditada e deserta. No profundo silêncio da noite, ouvia-se um ruído de ferros, e, se se aplicasse o ouvido com mais atenção, um ruído de correntes, que parecia primeiro vir de longe e, em seguida, se aproximar. Logo via-se um espectro parecido com um velho, muito magro, muito abatido, que tinha uma longa barba, cabelos eriçados, ferros nos pés e nas mãos, que sacudia horrivelmente. Daí, noites horríveis e sem sono para aqueles que habitavam essa casa. A insônia, com o tempo, trazia a doença, e a doença aumentando o medo, era seguida da morte. Porque durante o dia, embora o espectro não aparecesse mais, a impressão que dera o remetia sempre diante dos olhos e o medo passado gerava um novo. Por fim, a casa foi abandonada, e deixada inteiramente ao fantasma. Colocou-se-lhe, todavia, uma placa para advertir que estava para alugar ou à venda, no pensamento de que alguém, pouco instruído de um desconforto tão terrível, poderia ser enganado.

O filósofo Atenodoro veio a Atenas. Percebendo a placa, perguntou o preço. A modicidade colocou-o em desconfiança, e se informou. Foi-lhe contada a história, e longe de fazê-lo romper sua compra, a contratou sem demora. Ali se alojou, e à tarde ordenou que levantassem sua cama no quarto da frente, que trouxessem suas tabuinhas, sua pena e a luz, e que as pessoas se retirassem para o fundo da casa. Ele, com medo que sua imaginação

não fosse ao sabor de um medo frívolo se figurar fantasmas, aplicou seu espírito, seus olhos e sua mão em escrever. No começo da noite um profundo silêncio reinava nessa casa, como por toda parte alhures. Em seguida, ouviu ferros se entrechocarem, correntes se chocarem; não levantou os olhos, não deixou sua pena; firmou-se e se esforçou em impor-se aos seus ouvidos. O ruído aumentou, aproximou-se; parecia que estava perto da porta do quarto. Ele olhou e percebeu o espectro, tal como lhe haviam pintado. Esse espectro estava de pé e o chamava com o dedo. Atenodoro fez-lhe sinal com a mão para esperar um pouco, e continuou a escrever como se nada houvesse. O espectro recomeçou seu tumulto com suas correntes, que fazia soar nos ouvidos do filósofo. Este olhou ainda uma vez, e viu que ele continuava a chamá-lo com o dedo. Então, sem mais tardar, levantou-se, tomou a luz e seguiu. O fantasma caminhou com passo lento, como se o peso das correntes o sobrecarregasse. Chegados ao pátio da casa, ele desapareceu de repente, e deixou nosso filósofo, que recolheu ervas e folhas, e as colocou no lugar onde ele o havia deixado, para poder reconhecê-lo. No dia seguinte, foi procurar os magistrados e suplicou-lhes ordenar que se escavasse naquele lugar. Foi feito; encontraram-se ossos ainda envolvidos em correntes; o tempo havia consumido as carnes. Depois que foram reunidos cuidadosamente, foram sepultados publicamente e, depois que se deu ao morto os últimos deveres, ele não perturbou mais o repouso dessa casa.

"O que acabo de contar, eu o creio sobre a fé de outro. Mas, eis o que posso assegurar aos outros sobre a minha. - Tenho um liberto chamado Marcus, que não é sem saber. Havia deitado com seu irmão mais novo. Pareceu-lhe ver alguém sentado sobre sua cama, e que aproximava a tesoura de sua cabeça e mesmo lhe cortava cabelos acima de sua fronte. Quando fez luz, percebeu que tinha o alto da testa liso, e seus cabelos foram encontrados esparramados perto dele. Pouco depois, semelhante aventura tendo ocorrido com um dos meus criados, não me permite mais duvidar da verdade do outro. Um dos meus jovens escravos dormia com os companheiros, no lugar que lhes está destinado. Dois homens vestidos de branco (foi assim que contou) vieram pelas janelas, raspam-lhe a cabeça enquanto dormia, e retornaram como tinham chegado. No dia seguinte, quando chegou o dia, encontrou-se raspado, como se encontrara o outro, e os cabelos que lhe foram cortados, esparsos sobre o soalho.

"Essas aventuras não teriam nenhuma conseqüência, se eu não fora acusado, diante de Domitien, sob cujo reinado elas ocorreram. Eu não teria escapado, se ele vivesse, porque se encontrou, em sua pasta para papéis, um requerimento contra mim, feito por Carus. Daí pode-se conjecturar que, como o costume dos acusados é negligenciar seus cabelos, e deixá-los crescer, aqueles que o haviam cortado aos meus criados, assinalavam que eu estava fora de perigo. Suplico-vos, pois, colocar toda a vossa erudição em ação. O assunto é digno de uma meditação profunda e, talvez, não seja indigno de que me partilheis vossas luzes. Se, segundo vosso costume, balançardes as duas opiniões contrárias, fazei, todavia, com que a balança penda de algum lado, para tirar-me da inquietação na qual estou, porque não vos consulto senão para nela não mais estar. -Adeus."

Resposta de Plínio, o Moço, às perguntas que lhe foram endereçadas, na sessão da Sociedade de 28 de janeiro de 1859.

1. Evocação. - Resp. Falai; eu responderei.

2. Embora estejais morto há 1743 anos, tendes a lembrança de vossa existência em Roma, ao tempo de Trajano? - R. Por que, pois, nós Espíritos não poderíamos nos lembrar? Lembrai-vos bem dos atos de vossa infância. O que é, pois, para o Espírito, uma existência passada, senão a infância das existências pelas quais deveremos passar, antes de atingirmos o fim de

nossas provas. Toda existência terrestre, ou envolvida no véu material, é uma aproximação com o éter, e, ao mesmo tempo, uma infância espiritual e material; espiritual, porque o Espírito está, ainda, no início das provas; material, porque ele não faz senão entrar nas fases grosseiras pelas quais deve passar para se depurar e se instruir.

3. Poderíeis dizer-nos o que fizestes desde essa época? - R. O que fiz, seria bem longo; procurei fazer o bem; não quereis, sem dúvida, passar horas inteiras à espera que eu termine; contentai-vos, pois, com uma resposta; eu o repito, procurei fazer o bem, instruir-me, conduzir criaturas terrestres e errantes a se aproximarem do Criador de todas as coisas; daquilo que nos dá o pão da vida espiritual e material.

4. Que mundo habitais? - R. Pouco importa; estou um pouco por toda parte: o espaço é o meu domínio, e o de muitos outros. Essas são perguntas às quais um Espírito, sábio e esclarecido da luz santa e divina, não deve responder, ou somente em ocasiões muito raras.

5. Em uma carta que escrevestes a Sura, narrastes três fatos de aparições; lembrai-vos delas? - R. Eu as sustento porque foram verdadeiras; todos os dias, tendes fatos semelhantes aos quais não prestais atenção; são muito simples mas, na época em que vivi, tê-lo-íamos achado surpreendentes; vós, vós não deveis vos espantar com isso; deixai, pois, de lado essas coisas, tende-as mais extraordinárias.

6. Temos, todavia, o desejo de dirigir-vos algumas perguntas a esse respeito. - R. Uma vez que vos responda de maneira geral, isso deverá vos bastar; entretanto, fazei-as, se o desejais absolutamente; serei lacônico em minhas respostas.

7. No primeiro fato,, uma mulher apareceu a Curtius Rufus e disse-lhe que ela era a África. Quem era essa mulher? - R. Uma grande figura; parece-me que era muito simples para homens esclarecidos, tais como aqueles do século XIX.

8. Qual motivo fazia agir o Espírito que apareceu a Atenodoro, e por que esse ruído de correntes? - R. Figura da escravidão, manifestação; meio de convencer os homens, de chamar sua atenção fazendo falar da coisa, e de provar a existência do mundo espiritual.

9. Defendestes, diante de Trajano, a causa dos cristãos perseguidos; foi por um simples motivo de humanidade ou por convicção da verdade de sua doutrina? - R. Eu tinha os dois motivos; a humanidade não caminhava senão em segunda linha.

10. Que pensais de vosso panegírico de Trajano? - R. Haveria necessidade de ser refeito.

11. Escrevestes uma história de vosso tempo, ela perdeu-se; ser-vos-ia possível reparar essa perda no-la ditando? - R. O mundo dos Espíritos não se manifesta especialmente para estas coisas; tendes essas espécies de manifestações e elas têm seu objetivo; são tantas estacas semeadas à direita e à esquerda sobre o grande caminho da verdade, mas deixai fazer e não vos ocupeis disso consagrando-vos aos vossos estudos; cabe a nós o cuidado de ver e de julgar o que importa que saibais; cada coisa tem seu tempo; não vos desvieis, pois, da linha que vos traçamos.

12. É apazível fazer justiça às vossas boas qualidades e, sobretudo, ao vosso desinteresse. Diz-se que não exigíeis nada de vossos clientes pelos vossos discursos; esse desinteresse era tão raro em Roma quanto o é entre nós? - R. Não bajuleis minhas qualidades passadas: não as tenho mais. O desinteresse não é quase nada de vosso século; em duzentos homens

tendes apenas um ou dois verdadeiramente desinteressados; sabeis que o século está para o egoísmo e o dinheiro. Os homens do presente são edificados com a lama e se revestem de metal. Antigamente havia coração, valor pessoal entre os Antigos, agora não há senão o lugar.

13. Sem absolver nosso século, parece-nos, entretanto, que vale ainda mais que aquele em que vivestes, aquele onde a corrupção estava em seu auge, e onde a delação nada conhecia de sagrado. - R. Faço uma generalidade que é bem verdadeira; sei que, na época em que vivi, não havia muito maior desinteresse; mas, entretanto, havia o que não possuis, eu o repito, ou pelo menos em dose muito fraca: o amor ao belo, ao nobre e ao grande. Falo por todo o mundo; o homem do presente, sobretudo os povos do Ocidente, particularmente o Francês, tem o coração pronto para fazer grandes coisas, mas isso não é senão o brilho que passa; depois vem a reflexão, e a reflexão olha e diz: o positivo, o positivo antes de tudo; e o dinheiro, e o egoísmo a ocupar-se de estar por cima. Nós nos manifestamos justamente porque vos desviastes dos grandes princípios dados por Jesus. Adeus, vós não o compreendeis.

Nota. Compreendemos muito bem que o nosso século ainda deixa muito a desejar, sua praga é o egoísmo, e o egoísmo engendra a cupidez e a sede de riquezas. Sob esse aspecto, está longe do desinteresse do qual o povo romano deu tantos exemplos sublimes numa certa época, mas que não foi a de Plínio. Seria injusto, todavia, menosprezar sua superioridade em mais de um aspecto, mesmo nos mais belos tempos de Roma, que também tiveram seus exemplos de barbárie. Havia, então, ferocidade até na grandeza e no desinteresse; ao passo que nosso século se marcará pelo abrandamento dos costumes, os sentimentos de justiça e de humanidade que presidem a todas as instituições que vê nascer, e até mesmo nas querelas dos povos.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Segundo Ano – 1859

Abril

- [Quadro da vida Espírita](#)
- [Fraudes Espíritas](#)
- [Problema moral - Os canibais](#)
- [A Indústria; dissertação](#)
- [Conversas familiares de além-túmulo - Benvenuto Cellini](#)
- [Girard de Codemberg](#)
- [Poitevin, aeronauta](#)
- [Pensamentos Poéticos](#)
- [Sonâmbulos remunerados](#)
- [Aforismos Espíritas e pensamentos destacados](#)
- [Aviso](#)

Quadro da vida Espírita

Revista Espírita, abril de 1859

Todos nós, sem exceção, cedo ou tarde, atingiremos o termo fatal da vida; nenhum poder poderia nos subtrair a essa necessidade, eis o que é positivo. As preocupações do mundo, freqüentemente, nos desviam do pensamento do que ocorre além do túmulo, mas, quando chega o momento supremo, poucos são os que não se perguntam em que se tornarão, porque a idéia de deixar a existência sem retomo tem alguma coisa de pungente. Quem poderia, com efeito, encarar com indiferença uma separação absoluta, eterna, de tudo o que se amou? Quem poderia ver sem medo abrir-se, diante de si, o abismo imenso do nada, onde viriam desaparecer para sempre todas as nossas faculdades, todas as nossas esperanças? "O que! depois de mim, nada, nada mais que o vazio; tudo se acabou sem retorno; ainda alguns dias e a minha lembrança será apagada da memória daqueles que me sobreviveram; logo, não restará nenhum traço da minha passagem sobre a Terra; o próprio bem que fiz será esquecido pelos ingratos que obsequiei; e nada para compensar tudo isso, nenhuma outra perspectiva que a de meu corpo roído pelos vermes!" Esse quadro do fim do materialista, traçado por um Espírito que viveu nesses pensamentos, não tem alguma coisa de horrível, de glacial? A religião nos ensina que isso não pode ser assim, e a razão no-lo confirma; mas essa existência futura, vaga e indefinida, nada tem que satisfaça nosso amor ao positivo; é o que, em muitos, engendra a dúvida. Temos uma alma, seja; mas, o que é a nossa alma? Tem ela uma forma, uma aparência qualquer? É um ser limitado ou indefinido? Uns dizem que é um sopro de Deus, outros uma centelha, outros uma parte do grande todo, o princípio da vida e da inteligência; mas o que é que tudo isso nos ensina? Diz-se, ainda, que ela é imaterial; mas uma coisa imaterial não poderia ter proporções definidas; para nós isso não é nada. A religião nos ensina, ainda, que seremos felizes ou infelizes, segundo o bem ou o mal que fizermos; mas qual é essa felicidade que nos espera no seio de Deus? É uma beatitude, uma contemplação eterna, sem outro emprego que o de cantar os louvores do Criador? As chamas do inferno são uma realidade ou uma figura? A própria Igreja o entende nesta última acepção, mas, quais são esses sofrimentos? Onde está esse lugar de suplício? Em uma palavra, que se faz, que se vê, nesse mundo que a todos espera? Ninguém, diz-se, voltou para dele nos dar conta. É um erro, e a missão do Espiritismo é precisamente esclarecer-nos sobre esse futuro, de no-lo fazer, até um certo ponto, tocar pelo dedo e pelo olhar, não mais pelo raciocínio, mas pelos fatos. Graças às comunicações espíritas, isso não é mais uma presunção, uma probabilidade sobre a qual cada um borda à sua maneira, que os poetas embelezam com suas ficções, ou semeiam imagens alegóricas que nos enganam, é a própria realidade que nos aparece, porque são os próprios seres de além-túmulo que vêm nos pintar a sua situação, dizer-nos o que fazem, que nos permitem assistir, por assim dizer, a todas as peripécias de sua nova vida, e, por esse meio, nos mostram a sorte inevitável que nos espera, segundo nossos méritos e nossos defeitos. Há aí algo de anti-religioso? Bem ao contrário, uma vez que os incrédulos nisso encontram a fé, os tépidos uma renovação de fervor e de confiança. O Espiritismo é, pois, o mais poderoso auxiliar da religião. Uma vez que isso é, é que Deus o permite, e o permite para reanimar nossas esperanças vacilantes, e nos reconduzir ao caminho do bem pela perspectiva do futuro que nos espera.

As conversas familiares de além-túmulo que damos, os relatos que contêm da situação dos Espíritos que nos falam, nos iniciam em suas penas, em suas alegrias, em suas ocupações; é o quadro animado da vida espírita, e na própria variedade dos assuntos podemos encontrar as analogias que nos tocam. Vamos tentar resumir-lhe o conjunto.

Tomemos primeiro a alma, em sua saída deste mundo, e vejamos o que se passa nessa transmigração. Extinguindo-se as forças vitais, o Espírito se separa do corpo no momento em que se extingue a vida orgânica; mas essa separação não é brusca e instantânea. Ela começa, algumas vezes, antes da cessação completa da vida; não está sempre completa no instante da morte. Sabemos que, entre o Espírito e o corpo, há uma laço semi-material que constitui um primeiro envoltório; é esse laço que não é quebrado subitamente e, enquanto ele subsiste, o Espírito está num estado de perturbação que se pode comparar àquele que acompanha o despertar; freqüentemente mesmo, ele duvida de sua morte; sente que existe, vê-se, e não compreende que possa viver sem seu corpo, do qual se vê separado; os laços que o unem, ainda, à matéria, tornam-no mesmo acessível a certas sensações que toma por sensações físicas; não é senão quando está completamente livre que o Espírito se reconhece: até aí não se apercebe de sua situação. A duração desse estado de perturbação, como o dissemos em outras ocasiões, é muito variável; pode ser de várias horas, como de vários meses, mas é raro que, ao cabo de alguns dias, o Espírito não se reconheça mais ou menos bem. Entretanto, como tudo lhe é estranho e desconhecido, é preciso um certo tempo para se familiarizar com a sua nova maneira de perceber as coisas.

O instante em que um deles vê cessar sua escravidão, pela ruptura dos laços que o retêm ao corpo, é um instante solene; em sua reentrada no mundo dos Espíritos, é acolhido por seus amigos, que vêm recebê-lo como no retorno de uma penosa viagem; se a travessia foi feliz, quer dizer, se o tempo de exílio foi empregado de modo proveitoso, por ele, e o eleva na hierarquia do mundo dos Espíritos, felicitam-no; aí reencontra àqueles que conheceu, mistura-se àqueles que o amam e simpatizam com ele, e então começa, verdadeiramente, para ele, sua nova existência.

O envoltório semi-material do Espírito constitui uma espécie de corpo de forma definida, limitada e análoga à nossa; mas esse corpo não tem nossos órgãos e não pode sentir todas as nossas impressões. Percebe, entretanto, tudo o que nós percebemos: a luz, os sons, os odores, etc.; e essas sensações, por não terem nada de material, não são menos reais; têm mesmo alguma coisa de mais clara, de mais precisa, de mais sutil, porque chegam ao Espírito sem intermediário, sem passarem pela fieira dos órgãos que as enfraquecem. A faculdade de perceber é inerente ao Espírito: é um atributo de todo o seu ser; as sensações chegam-lhe de toda parte e não por canais circunscritos. Um deles nos disse, falando da visão: "É uma faculdade do Espírito e não do corpo; vedes pelos olhos, mas em vós não é o olho que vê, é o Espírito."

Pela conformação dos nossos órgãos, temos necessidade de certos veículos para as nossas sensações; assim é que precisamos da luz para refletir os objetos, do ar para nos transmitir os sons; esses veículos tornam-se inúteis desde que não tenhamos mais os intermediários que os tomavam necessários; o Espírito vê, pois, sem o concurso de nossa luz, ouve sem ter necessidade das vibrações do ar; por isso, não há, para ele, a obscuridade. Mas sensações perpétuas e indefinidas, por agradáveis que sejam, tornar-se-iam fatigantes com o tempo se não se pudesse subtrair-se delas; o Espírito tem também a faculdade de suspendê-las; à vontade, pode cessar de ver, de ouvir, de sentir tais ou tais coisas, por conseguinte, não ver, não ouvir, não sentir o que não quer; esta faculdade está em razão de sua superioridade, porque há coisas que os Espíritos inferiores não podem evitar, e eis o que torna sua situação penosa.

É essa nova maneira de sentir que o Espírito não se explica tudo primeiro, e da qual não se apercebe senão pouco a pouco. Aqueles cuja inteligência está ainda atrasada, não a compreendem mesmo de todo, e teriam muita dificuldade para descrevê-la; absolutamente como, entre nós, os ignorantes vêem e se movem sem saberem por quê e como.

Essa impossibilidade de compreender o que está acima de sua capacidade, unida à fanfarrice, companheira comum da ignorância, é a fonte das teorias absurdas que dão certos Espíritos, e que nos induziriam em erro, nós mesmos, se as aceitássemos sem controle, e sem nos assegurarmos, pelos meios dados pela experiência e pelo hábito de conversar com eles, do grau de confiança que merecem.

Há sensações que têm sua fonte no próprio estado de nossos órgãos; ora, as necessidades inerentes ao nosso corpo não podem ocorrer do momento que nosso corpo não existe mais. O Espírito não sente, pois, nem a fadiga, nem a necessidade de repouso, nem a de alimentação, porque não tem nenhuma perda a reparar; não é afligido por nenhuma de nossas enfermidades. As necessidades do corpo ocasionam as necessidades sociais, que não existem mais para os Espíritos: assim, para eles, os cuidados dos negócios, os tormentos, as mil tribulações do mundo, as aflições que se dão para se proporcionar as necessidades ou as superfluidades da vida não existem mais; têm piedade do trabalho que nos damos por vãs futilidades; e, todavia, tanto os Espíritos elevados são felizes, quanto os Espíritos inferiores sofrem, mas esses sofrimentos são de preferência angústias, que por nada terem de físicas não são menos pungentes; eles têm todas as paixões, todos os desejos que tinham em sua vida (falamos dos Espíritos inferiores), e seu castigo é não poder satisfazê-los; para eles, é uma verdadeira tortura, que crêem perpétua, porque sua própria inferioridade não lhes permite ver o fim, e lhes é, ainda, um castigo.

A palavra articulada é também uma necessidade da nossa organização; não tendo os Espíritos necessidade de sons vibrantes para ferirem seus ouvidos, compreendem-se tão-só pela transmissão do pensamento, como nos ocorre, freqüentemente, a nós mesmos, nos compreendermos por um único olhar. Os Espíritos, entretanto, fazem barulho; sabemos que podem agir sobre a matéria, e essa matéria nos transmite o som; é assim que fazem ouvir sejam pancadas, sejam gritos no vago do ar, mas, então, é por nós que o fazem, e não por eles. Voltaremos sobre este assunto num artigo especial, onde trataremos da faculdade de médiuns audientes. Ao passo que arrastamos penosamente nosso corpo pesado e material sobre a Terra, como o condenado sua bola de ferro, o dos Espíritos, vaporoso, etéreo, transporta-se, sem fadiga, de um lugar para outro, transpõe o espaço com a rapidez do pensamento; penetra por toda parte e nenhuma matéria lhe é obstáculo.

O Espírito vê tudo o que vemos, e mais claramente do que podemos fazê-lo; além disso, vê o que os nossos sentidos limitados não nos permite ver; ele mesmo penetrando a matéria, descobre o que a matéria oculta aos nossos olhos.

Os Espíritos não são, pois, seres vagos, indefinidos, segundo as definições abstratas da alma que reportamos mais acima; são seres reais, determinados, circunscritos, gozando de todas as nossas faculdades e de muitas outras que nos são desconhecidas, porque elas são inerentes à sua natureza; têm as qualidades da matéria que lhes é própria e compõem o mundo invisível que povoa o espaço, nos cercam, nos acotovelam sem cessar. Suponhamos, por um instante, que o véu material que os oculta à nossa visão seja rasgado, ver-nos-íamos cercados de uma multidão de seres que vão, vêm, se agitam ao nosso redor, nos observam, como nós mesmos o somos quando nos encontramos em uma assembléia de cegos. Para os Espíritos, somos cegos, e eles são os videntes.

Dissemos que, entrando em sua nova vida, o Espírito leva algum tempo para se reconhecer, que tudo lhe é estranho e desconhecido. Perguntar-se-á, sem dúvida, como pode ser assim se já teve outras existências corpóreas; essas existências foram separadas por intervalos durante os quais habitaram o mundo dos Espíritos; esse mundo, portanto, não lhe deve ser desconhecido, uma vez que não o vê pela primeira vez.

Várias causas contribuem para tornar, essas percepções, novas para ele, embora já as tenha experimentado. A morte, dissemos, é sempre seguida de um instante de perturbação, mas que pode ser de curta duração. Nesse estado, suas idéias são sempre vagas e confusas: a vida corpórea se confunde, de alguma sorte, com a vida espírita, e não pode, ainda, separá-las em seu pensamento. Dissipada essa primeira perturbação, as idéias se elucidam pouco a pouco e, com elas, a lembrança do passado que não lhe chega senão gradualmente à memória, porque jamais essa memória nele se irrompe bruscamente. Não é senão quando está inteiramente desmaterializado que o passado se desenrola diante dele, como uma perspectiva saindo de um nevoeiro. Só então se lembra de todos os atos de sua última existência, depois de suas existências anteriores e suas diversas passagens pelo mundo dos Espíritos. Concebe-se, pois, depois disso, que, durante um certo tempo, esse mundo deve parecer-lhe novo, até que o reconheça completamente, e que as lembranças das sensações que nele experimentou lhe retornem de maneira precisa.

Mas, a essa causa, é preciso acrescentar uma outra não menos preponderante.

O estado do Espírito, como Espírito, varia extraordinariamente em razão do grau de sua elevação e de sua pureza. À medida que se eleva e se depura, suas percepções e suas sensações são menos grosseiras; adquirem mais finura, sutileza, delicadeza; ele vê, sente e compreende coisas que não podia nem ver, nem sentir e nem compreender em uma condição inferior. Ora, sendo cada existência corpórea, para ele, uma oportunidade de progresso, o conduz para um meio novo, porque se encontra, se progrediu, entre Espíritos de uma outra ordem cujos pensamentos e todos os hábitos são diferentes. Acrescentemos a isso que essa depuração permite-lhe penetrar, sempre como Espírito, em mundos inacessíveis aos Espíritos inferiores, como, entre nós, os salões da sociedade são interditados às pessoas mal educadas. Quanto menos está esclarecido, mais o horizonte lhe é limitado; à medida que se eleva e se depura, esse horizonte cresce e, com ele, o círculo de suas idéias e de suas percepções. A comparação seguinte pode no-lo fazer compreender. Suponhamos um camponês, rude e ignorante, vindo a Paris pela primeira vez; conhecerá e compreenderá ele a Paris do mundo elegante e do mundo sábio? Não, porque não freqüentará senão as pessoas de sua classe e os bairros que elas habitam. Mas que, no intervalo de uma segunda viagem, esse camponês se esclareça, haja adquirido instrução e maneiras polidas, seus hábitos e suas relações serão diferentes; então, verá um mundo novo para ele, que não se parecerá com a sua Paris de outrora. Ocorre o mesmo com os Espíritos; mas nem todos experimentam essa incerteza no mesmo grau. À medida que progridem, suas idéias se desenvolvem, a memória é mais rápida; estão previamente familiarizados com a sua nova situação; seu retorno, entre os outros Espíritos, nada mais tem que os espante: reencontram-se em seu meio normal, e, passado o primeiro momento de perturbação, se reconhecem quase que imediatamente.

Tal é a situação geral dos Espíritos, no estado que se chama errante; mas, nesse estado, que fazem? Como passam seu tempo? Essa questão é, para nós, de um interesse fundamental. Eles mesmos irão respondê-las, como foram eles que nos forneceram as explicações que acabamos de dar, porque, em tudo isto, nada saiu de nossa imaginação; isso não é um sistema despontado em nosso cérebro: nós julgamos segundo o que vemos e ouvimos. À parte toda opinião sobre o Espiritismo, convir-se-á que essa teoria da vida de além-túmulo nada tem de irracional; ela apresenta uma seqüência, um encadeamento perfeitamente lógicos, e que fariam honra a mais de um filósofo.

Seria erro crer que a vida espírita é uma vida ociosa; ao contrário, ela é essencialmente ativa, e todos nos falamos de suas ocupações; essas ocupações diferem, necessariamente, segundo esteja o Espírito errante ou encarnado. No estado de encarnação, são relativas à

natureza do globo que habitam, às necessidades que dependem do estado físico e moral desses globos, assim como da organização dos seres vivos. Não é disso que vamos nos ocupar aqui; não falaremos senão dos Espíritos errantes. Entre aqueles que alcançaram um certo grau de elevação, uns velam pelo cumprimento dos desígnios de Deus nos grandes destinos do Universo; dirigem a marcha dos acontecimentos e concorrem para o progresso de cada mundo; outros tomam os indivíduos sob sua proteção e se constituem seus gênios tutelares, os anjos guardiães, seguindo-os desde o nascimento até a morte, buscando dirigi-los no caminho do bem: é uma felicidade, para eles, quando seus esforços são coroados de sucesso. Alguns se encarnam em mundos inferiores para aí cumprirem missões de progresso; buscam pelo seu trabalho, seus exemplos, seus conselhos, seus ensinamentos, avançar estes nas ciências ou nas artes, aqueles na moral. Submetem-se, então, voluntariamente, às vicissitudes de uma vida corpórea, freqüentemente penosa, com o objetivo de fazerem o bem, e o bem que fazem lhes é contado. Muitos, enfim, não têm atribuições especiais; vão por toda parte onde sua presença possa ser útil, dar conselhos, inspirar boas idéias, sustentar os de coragem desfalecente, dar força aos fracos e castigo aos presunçosos.

Considerando-se o número infinito de mundos que povoam o Universo e o número incalculável de seres que os habitam, conceber-se-á que os Espíritos têm com que se ocuparem; mas essas ocupações não lhes são penosas; cumprem-nas com alegria, voluntariamente e não por constrangimento, e sua felicidade está em triunfarem naquilo que empreendem; ninguém sonha com uma ociosidade eterna que seria um verdadeiro suplício. Quando as circunstâncias o exigem, reúnem-se em conselho, deliberam sobre o caminho a seguir, segundo os acontecimentos, dão ordens aos Espíritos que lhes são subordinados, e, em seguida, vão para onde o dever os chama. Essas assembléias são mais ou menos gerais ou particulares, segundo a importância do assunto; nenhum lugar especial e circunscrito está destinado a essas reuniões: o espaço é o domínio dos Espíritos; todavia, de preferência, dirigem-se aos globos onde estão os seus objetivos. Os Espíritos encarnados que aí estão em missão, nelas tomam parte segundo sua elevação; enquanto seus corpos repousam, vão haurir conselhos entre os outros Espíritos, freqüentemente, receber ordens sobre a conduta que devem ter como homens. Em seu despertar, não têm, é verdade, uma lembrança precisa do que se passou, mas têm a intuição, que os faz agirem como por sua própria iniciativa.

Descendo na hierarquia, encontramos os Espíritos menos elevados, menos depurados, e, por conseqüência, menos esclarecidos, mas que não são menos bons, e que, numa esfera de atividade mais restrita, cumprem funções análogas. Sua ação, em lugar de se estender aos diferentes mundos, se exerce, mais especialmente, sobre um globo determinado, em relação com o grau de seu adiantamento; sua influência é mais individual e tem por objeto coisas de menor importância.

Em seguida, vem a multidão de Espíritos, mais ou menos bons ou maus, que pululam ao nosso redor; elevam-se pouco acima da Humanidade, da qual representam todas as nuances e são como o reflexo, porque têm todos os vícios e todas as virtudes; num grande número, encontram-se os gostos, as idéias e as tendências que tinham quando em vida; suas faculdades são limitadas, seu julgamento falível como o dos homens, freqüentemente errado e imbuído de preconceitos.

Em outros o sentido moral é mais desenvolvido; sem terem nem grande superioridade, nem grande profundidade, julgam mais sadiamente, e, com freqüência, condenam o que fizeram, disseram ou pensaram durante a vida. De resto, há isto de notável, que mesmo entre os Espíritos mais comuns, a maioria tem sentimentos mais puros como Espíritos do que como homens, a vida espírita esclarece-os quanto aos seus defeitos; e, com bem poucas exceções, se arrependem amargamente, e lamentam o mal que fizeram, porque o sofrem mais ou menos cruelmente. Algumas vezes, vimo-los como não sendo melhores, mas jamais sendo

piores do que eram quando vivos. O endurecimento absoluto é muito raro e não é senão temporário, porque, cedo ou tarde, acabam por sofrer em sua posição, e pode-se dizer que todos aspiram a se aperfeiçoarem, porque todos compreendem que é o único meio de saírem de sua inferioridade; instruírem-se, esclarecerem-se, aí está sua grande preocupação, e *ficam felizes quando lhes podem juntar algumas pequenas missões de confiança que os revelam aos seus próprios olhos.*

Têm também suas assembléias, mais ou menos serias segundo os seus pensamentos. Falam conosco, vêem e observam o que se passa; misturam-se às nossas reuniões, aos nossos jogos, às nossas festas, aos nossos espetáculos, como aos nossos negócios sérios; escutam nossas conversas: os mais levianos para se divertirem e, freqüentemente, rirem às nossas custas e, se podem, agirem com malícia, os outros para se instruírem; observam os homens, seu caráter, e fazem o que chamam de estudos dos costumes, tendo em vista se fixarem sobre a escolha de sua existência futura.

Vimos o Espírito no momento em que, deixando seu corpo, entra em sua nova vida; analisamos suas sensações, seguimos o desenvolvimento gradual de suas idéias. Os primeiros momentos são empregados em se reconhecer, e se inteirar do que se passa com ele; em uma palavra, ensaia, por assim dizer, suas faculdades, como a criança que, pouco a pouco, vê aumentar suas forças e seus pensamentos. Falamos de Espíritos vulgares porque os outros, como dissemos, estão de alguma sorte identificados previamente com o estado espírita que não lhes causa nenhuma surpresa, mas unicamente a alegria de estarem livres dos entraves e dos sofrimentos corpóreos. Entre os Espíritos inferiores, muitos lamentam a vida terrestre, porque sua situação como Espírito é cem vezes pior, e é por isso que procuram uma distração na visão do que fazia outrora suas delícias, mas essa própria visão é, para eles, um suplício, porque têm o desejo e não podem satisfazê-lo.

A necessidade de progredir é geral entre os Espíritos, e é o que os excita a trabalharem pelo seu adiantamento, porque compreendem que a sua felicidade tem esse preço; mas nem todos sentem essa necessidade no mesmo grau, sobretudo em começando; alguns se comprazem mesmo numa espécie de vadiagem, mas que não tem senão um tempo; cedo a atividade torna-se-lhes uma necessidade imperiosa, à qual, aliás, são impelidos por outros Espíritos que lhes estimulam o sentimento do bem.

Em seguida, vem o que se pode chamar a escória do mundo espírita, composta de todos os Espíritos impuros, nos quais o mal é a única preocupação. Sofrem e gostariam de ver todos os outros sofrerem como eles. O ciúme toma-lhes odiosa toda superioridade; o ódio é sua essência; não podendo prenderem-se aos Espíritos, prendem-se aos homens e atacam aqueles que lhes parecem mais fracos. Excitar as más paixões, insuflar a discórdia, separar os amigos, provocar as rixas, inchar o orgulho dos ambiciosos para se dar o prazer de abatê-los em seguida, espalhar o erro e a mentira, em uma palavra, desviar do bem, tais são os seus pensamentos dominantes.

Mas, por que Deus permite que seja assim? Deus não tem contas a nos prestar. Os Espíritos superiores nos dizem que os maus são provas para os bons, e que não há virtude onde não há vitória a se alcançar. De resto, se esses Espíritos malfazejos se encontram em nossa Terra, é porque aqui encontram ecos e simpatias. Consolemo-nos pensando que, acima desse lodo que nos cerca, há seres puros e benevolentes que nos amam, nos sustentam, nos encorajam, e nos estendem os braços para nos levar até eles, e nos conduzir a mundos melhores, onde o mal não tem acesso, se soubermos fazer o que é preciso para merecê-lo.

Fraudes Espíritas

Revista Espírita, abril de 1859

Aqueles que não admitem a realidade das manifestações físicas, geralmente, atribuem à fraude os efeitos produzidos. Baseiam-se no fato de que os prestidigitadores hábeis fazem coisas que parecem prodígios quando não se conhece seus segredos; de onde concluem que os médiuns não são senão escamoteadores. Já refutamos esse argumento, ou antes, essa opinião, notadamente nos artigos sobre o senhor Home, e nos n^{os}. da *Revista* de janeiro e fevereiro de 1858; sobre isso não diremos, pois, senão algumas palavras antes de falarmos de uma coisa mais séria.

Do fato de que há charlatães que vendem drogas nas praças públicas, de que há mesmo médicos que, sem irem à praça pública, enganam a confiança, segue-se que todos os médicos sejam charlatães, e o corpo médico, com isso, é atingido em sua consideração? Do fato de que há pessoas que vendem tintura por vinho, segue-se que todos os vendedores de vinho são adulteradores e que não há vinho puro? Abusa-se de tudo, mesmo das coisas mais respeitáveis, e pode-se dizer que a fraude tem também seu gênio. Mas a fraude tem sempre um objetivo, um interesse material qualquer; onde não haja nada a ganhar, não haverá nenhum interesse a enganar. Também dissemos, em nosso número precedente, a propósito dos médiuns mercenários, que a melhor de todas as garantias é um desinteresse absoluto.

Essa garantia, dir-se-á, não é única, porque, em casos de prestidigitação, há amadores que não visam senão divertir uma sociedade e não fazem disso um ofício; não pode ocorrer o mesmo com os médiuns? Sem dúvida, pode-se divertir um instante divertindo os outros, mas para nisso passar horas inteiras, e isso durante semanas, meses e anos, seria preciso, verdadeiramente, estar possuído pelo demônio da mistificação, e o primeiro mistificado seria o mistificador. Não repetiremos aqui tudo o que se disse sobre a boa fé dos médiuns, e dos assistentes, que podem ser o joguete de uma ilusão ou de uma fascinação. Nós o respondemos vinte vezes, assim como quanto a todas as outras objeções para as quais reenviamos notadamente à nossa *Instrução prática sobre as manifestações*, e aos nossos artigos precedentes da *Revista*. Nosso objetivo aqui não é de converter os incrédulos; se não o foram pelos fatos, não serão mais pelo raciocínio: seria, pois, perder nosso tempo. Ao contrário, nos dirigimos aos adeptos para premuni-los contra os subterfúgios, dos quais poderiam ser vítimas da parte de pessoas interessadas, por um motivo qualquer, em simular certos fenômenos; dizemos certos fenômenos, porque os há que desafiam, evidentemente, toda a habilidade da prestidigitação, tais são, notadamente, o movimento dos objetos sem contato, a suspensão dos corpos pesados no espaço, as pancadas de diferentes lados, as aparições, etc., e ainda, para alguns desses fenômenos, poder-se-ia, até certo ponto, simulá-los, tanto progrediu a arte da imitação. O que é preciso fazer, em semelhante caso, é observar atentamente as circunstâncias, e sobretudo levar em conta o caráter e a posição das pessoas, o objetivo e o interesse que elas poderiam ter em enganar: aí está o melhor de todos os controles, porque são tais circunstâncias que levantam todos os motivos para a suspeição. Colocamos, pois, em princípio, que é preciso desconfiar de quem faça desses fenômenos um espetáculo, ou um objeto de curiosidade e de divertimento, que deles tire um proveito, por mínimo que seja, e se vanglorie de produzi-los à vontade e a propósito. Não poderíamos repetir demais que as inteligências ocultas, que se manifestam a nós, têm suas suscetibilidades, e querem nos provar que também têm seu livre arbítrio, e não se submetem aos nossos caprichos.

De todos os fenômenos físicos, um dos mais comuns é o dos golpes íntimos batidos na própria substância da madeira, com ou sem movimento da mesa ou de outro objeto do qual se sirva. Ora, esse efeito é um dos mais fáceis de serem imitados, e como é também um dos que se produzem mais freqüentemente, cremos ser útil revelar a pequena astúcia com a qual se pode enganar. Basta, para isso, colocar as duas mãos espalmadas sobre a mesa, e bastante próximas para que as unhas dos dedos se apoiem firmemente uma contra a outra; então, por um movimento muscular inteiramente imperceptível, se as faz friccionar, o que dá um pequeno ruído seco, tendo uma grande analogia com aqueles da tiptologia íntima. Esse ruído repercute na madeira e produz uma ilusão completa. Nada é mais fácil que fazer ouvir a quantos golpes se peça, uma bateria de tambor, etc.; responder a certas perguntas, por sim ou por não, por números, ou mesmo pela indicação de letras do alfabeto.

Uma vez prevenido, o meio de se reconhecer a fraude é bem simples. Ela não é mais possível se as mãos forem afastadas uma da outra, e assegurando-se que nenhum outro contato pode produzir o ruído. Os golpes reais, aliás, oferecem de característico que mudam de lugar e de timbre à vontade, o que não pode ocorrer quando são devidos à causa que assinalamos, ou a qualquer outra análoga; que saia da mesa para se transportar sobre um móvel qualquer que ninguém toca, enfim, que responda a perguntas imprevistas.

Chamamos, pois, a atenção das pessoas de boa fé para esse pequeno estratagema e todos aqueles que poderiam reconhecer, a fim de assinalá-los sem circunspecção. À possibilidade da fraude e da imitação não impede a realidade dos fatos, e o Espiritismo não pode senão ganhar, desmascarando os impostores. Se alguém nos disser: Eu vi tal fenômeno, mas havia charlatanice, responderemos que isso é possível; nós vimos, nós mesmos, supostos sonâmbulos simularem o sonambulismo com muita destreza, o que não impede de o sonambulismo ser um fato; todo mundo viu mercadores venderem algodão por seda, o que não impede que hajam verdadeiros tecidos de seda. É preciso examinar todas as circunstâncias e ver se a dúvida tem fundamento; mas nisso, como em todas as coisas, é preciso ser perito; ora, não poderíamos reconhecer, por juiz de uma questão qualquer, aquele que dela nada conhecesse.

Diremos o mesmo quanto aos médiuns escreventes. Geralmente, pensa-se que aqueles que são mecânicos oferecem mais garantias, não só pela independência das idéias, mas também contra o charlatanismo. Pois bem! É um erro. A fraude se introduz por toda parte, e sabemos com quanta habilidade se pode dirigir, à vontade mesmo, uma cesta ou uma prancheta que escreve, e dar-lhes todas as aparências de movimentos espontâneos. O que tira todas as dúvidas, são os pensamentos exprimidos, quer venham de um médium mecânico, intuitivo, audiente, falante ou vidente. Há comunicações que estão de tal modo fora das idéias, dos conhecimentos, e mesmo da capacidade intelectual do médium que é preciso enganar-se estranhamente para honrá-los. Nós reconhecemos, no charlatanismo, uma grande habilidade e fecundos recursos, mas não lhe conhecemos, ainda, o dom de dar saber a um ignorante, ou o espírito àquele que não o tem.

Problema moral - Os canibais

Revista Espírita, abril de 1859

Um dos nossos assinantes nos dirigiu a pergunta seguinte, com o pedido de resolvê-la pelos Espíritos que nos assistem, se ainda não o fora resolvida.

"Os Espíritos errantes desejam, depois de um lapso de tempo mais ou menos longo, e pedem a Deus, sua encarnação como meio de adiantamento espiritual. Eles têm a escolha das provas e, usando nisso seu livre arbítrio, escolhem, naturalmente, aquelas que lhes parecem mais próprias para esse adiantamento, no mundo onde a reencarnação lhes é permitida. Ora, durante a sua existência errante, que empregam para se instruírem (são eles mesmos que nos dizem), devem aprender quais são as nações que melhor podem fazê-los alcançar o objetivo a que se propõem. Vêem tribos ferozes, de antropófagos, e têm a certeza que, encarnando-se entre eles, tornar-se-ão ferozes e comedores de carne humana. Não será aí, seguramente, que encontrarão seu progresso espiritual; seus instintos brutais, com isso, não terão adquirido senão mais consistência pela força do hábito. Eis, pois, seu objetivo falho quanto às encarnações entre tal ou tal povo.

"Ocorre o mesmo com certas posições sociais. Entre estas, há certamente as que apresentam obstáculos invencíveis ao adiantamento espiritual. Não citarei senão os matadores de animais nos matadouros, os carrascos, etc. Diz-se que essas pessoas são necessárias: uns porque não podemos passar sem alimento animal; os outros, porque é preciso executar as sentenças da justiça, nossa organização social assim querendo. Não é menos verdadeiro que o Espírito se encarnando no corpo de uma criança destinada a abraçar uma ou outra dessas profissões, deve saber que escolhe caminho falso e que se priva, voluntariamente, dos meios que podem conduzi-lo à perfeição. Não poderia ocorrer, com a permissão de Deus, que nenhum Espírito quisesse esses gêneros de existência e, nesse caso, em que se tornariam essas profissões, necessárias ao nosso estado social?"

A resposta a essa pergunta decorre de todos os ensinamentos que nos foram dados; nós podemos, pois, resolvê-la, sem necessidade de submetê-la de novo aos Espíritos.

É evidente que um Espírito já elevado, o de um Europeu esclarecido, por exemplo, não pode escolher como via de progresso, uma existência de selvagem: em lugar de avançar, isso seria retrogradar. Mas sabemos que mesmo os nossos antropófagos não estão no último grau da escala, e que há mundos onde a brutalidade e a ferocidade não têm analogias na Terra. Esses Espíritos são, pois, ainda inferiores aos mais inferiores de nosso mundo, e vir entre os nossos selvagens, para eles, é um progresso. Se não visam mais alto, é porque sua inferioridade moral não lhes permite compreender um progresso mais completo. O Espírito não pode avançar senão gradualmente; deve passar, sucessivamente, por todos os graus, de modo que cada passo adiante seja uma base para assentar um novo progresso. Ele não transpõe, de um pulo, a distância que separa a barbárie da civilização, como um escolar não pode transpor, sem transição, do ABC à Retórica, e é nisso que vemos uma das necessidades da reencarnação, que está, verdadeiramente, segundo a justiça de Deus; de outro modo, em que se tornariam esses milhões de seres que morrem no último estado de degradação se não tivessem os meios para alcançar a superioridade? Por que Deus tê-los-ia deserdado dos favores concedidos a outros homens? Nós o repetimos, porque é um ponto essencial, em razão de sua inteligência limitada, não compreendem o melhor senão num limite estreito, e

sob seu ponto de vista. Há, todavia, os que se enganam querendo subir muito alto, e que nos dão o triste espetáculo da ferocidade no meio da civilização; estes, retornando entre os canibais, ainda ganharão.

Essas considerações se aplicam também às profissões das quais nosso correspondente fala; evidentemente, elas oferecem uma superioridade relativa para certos Espíritos, e é nesse sentido que se deve conceber a escolha que delas fazem. Posição igual pode mesmo ser escolhida como expiação ou como missão, porque não há onde não se possa encontrar ocasião de fazer o bem e de progredir, pela própria maneira que são exercidas.

Quanto à questão de se saber em que se tornariam essas profissões, no caso de que nenhum Espírito delas quisesse se encarregar, ela está resolvida pelos fatos; desde que os Espíritos que as alimentam partam de mais alto, não se deve temer vê-los sem trabalho. Quando o progresso social permitir suprimir o ofício de carrasco, é o lugar que faltará, e não os candidatos que irão se apresentar entre outros povos, ou em outros mundos menos avançados.

A Indústria

Revista Espírita, abril de 1859

Comunicação espontânea do senhor Cruz, médium escrevente,
lida na Sociedade, em 21 de janeiro de 1859.

Os empreendimentos que cada dia despontam, são os atos providenciais e o desenvolvimento dos germes depositados pelos séculos. A Humanidade e o planeta que ela habita têm uma mesma existência, cujas fases se encadeiam e se respondem.

Logo que as grandes convulsões da Natureza se acalmaram, a febre que impelia às guerras de extermínio se apaziguaram, a filosofia apareceu, a escravidão desapareceu, e as ciências e as artes floresceram.

A perfeição divina pode se resumir pelo belo e o útil, e se Deus fez o homem à sua imagem foi porque quis que vivesse de sua inteligência, como ele mesmo vive no seio dos esplendores de sua criação.

Os empreendimentos que Deus abençoa, quaisquer que sejam as suas proporções, são, pois, aqueles que respondem aos seus desígnios, trazendo seu concurso à obra coletiva, cuja lei está escrita no Universo: o belo e o útil; a arte, filha do lazer e da inspiração, é o belo; a indústria, filha da ciência e do trabalho, é o útil.

Nota. Essa comunicação é quase o início de um médium que acaba de se formar com uma rapidez espantosa; convir-se-á que, por uma tentativa, isso promete. Desde a primeira sessão, escreveu, de um só traço, quatro páginas que não perdem em nada, ao que acabamos de ler, pela profundidade dos pensamentos, e que denotam, nele, uma aptidão notável para servir de intermediário a todos os Espíritos para as comunicações particulares. De resto, temos necessidade de estudá-lo antes sob esse aspecto, porque essa flexibilidade não é dada a todos; conhecemos os que não podem servir de intérpretes senão a certos Espíritos, e para uma certa ordem de idéias.

Desde que essa nota foi escrita, pudemos constatar o progresso desse médium, cuja faculdade oferece caracteres especiais e dignos de toda a atenção do observador.

Conversas familiares de além-túmulo - Benvenuto Cellini

Revista Espírita, abril de 1859

(Sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas de 11 de março de 1859.)

1. Evocação. - R. Interrogai-me, estou pronto; sede tão extensos quanto o desejais: tenho tempo para vos dar.
2. Lembrai-vos da existência que vivestes na Terra, no século XVI, de 1500 a 1570? - R. Sim, sim.
3. Qual é, atualmente, a vossa situação como Espírito? - R. Vivi em vários outros mundos, e estou bastante contente com a classe que hoje ocupo; não é um trono, mas estou sobre os degraus.
4. Tivestes outras existências corpóreas, na Terra, depois daquela que conhecemos? - R. Corpóreas, sim; na Terra, não.
5. Quanto tempo permanestes errante? - R. Não posso calcular: alguns anos.
6. Quais eram as vossas ocupações no estado errante? - R. Eu me trabalhava.
7. Retomastes algumas vezes na Terra? - Pouco.
8. Assististes ao drama em que estais representado, e que pensais dele? - R. Fui vê-lo várias vezes; enquanto Cellini, fiquei lisongeadado, mas pouco como Espírito que progrediu.
9. Além da existência que conhecemos, tivestes outras na Terra? - R. Não, nenhuma.
10. Poderíeis dizer-nos o que éreis em vossa existência precedente? - R. Minhas ocupações eram bem diferentes das que tive em vossa Terra.
11. Qual mundo habitais? - R. Não o conheceis e não o vedes.
12. Poderíeis dar-nos uma descrição dele, quanto ao físico e ao moral? - R. Sim, facilmente.

Quanto ao aspecto físico, meus caros amigos, ali encontrei meu contentamento em beleza plástica: nada choca aos olhos; todas as linhas se harmonizam perfeitamente; a mímica é um estado constante; os perfumes nos cercam, e não poderíamos senão desejar o nosso bem-estar físico, porque as necessidades, pouco numerosas, às quais estamos submetidos, são logo satisfeitas.

Pelo moral, a perfeição é menor, porque ali ainda se podem ver consciências perturbadas e Espíritos levados ao mal; não é a perfeição, longe disso, mas, como vos disse, é dela o caminho, e todos esperamos alcançá-la um dia.

13. Quais são as vossas ocupações no mundo que habitais? -R. Trabalhamos as artes. Sou artista.

14. Em vossas memórias, relatais uma cena de feitiçaria e de sortilégio que teria se passado no Coliseu, em Roma, na qual tomastes parte; lembrai-vos dela? - R. Pouco claramente.

15. Se a lêssemos para vós, isso evocaria as vossas lembranças? - R. Sim, dar-me-ia o conhecimento dela.

(Leitura feita do fragmento abaixo, de suas memórias.) "No meio dessa vida estranha, liguei-me a um padre Siciliano, de espírito muito distinto, e que era profundamente versado nas letras gregas e latinas. Um dia, quando com ele conversava, a conversação caiu sobre a necromancia e disse-lhe que, em toda a minha vida, desejei ardentemente ver e aprender alguma coisa dessa arte. Para abordar semelhante empresa, é preciso uma alma firme e intrépida, respondeu-me o padre...

"Uma noite, pois, o padre fez os seus preparativos e disse-me para procurar um companheiro ou dois. Juntou-se a um homem de Pistóia, que também se ocupava de necromancia. Seguimos para o Coliseu. Ali o sacerdote se vestiu à maneira dos necromantes, depois pôs-se a desenhar no solo círculos, com as mais belas cerimônias que se possam imaginar. Havia trazido perfumes preciosos, drogas fétidas e fogo. Quando tudo estava em ordem, fez uma porta no círculo e nele nos introduziu, tomando-nos, um após o outro, pela mão. Em seguida, distribuiu as funções. Depositou o talismã nas mãos do seu amigo, o necromante, encarregou os outros de velarem pelo fogo e pelos perfumes e, enfim, começou as suas conjurações. Essa cerimônia durou mais de uma hora e meia. O Coliseu se encheu de legiões de espíritos infernais. Quando o padre viu que eram bastante numerosos, voltou-se para mim, que cuidava dos perfumes, e disse-me: Benvenuto, peca-lhes alguma coisa. Respondi que desejava que eles se reunissem comigo em minha Siciliana Angélica. Nessa noite, não obtivemos resposta; todavia, fiquei encantado com o que vira. O necromante disse-me que seria preciso retornar uma segunda vez, que eu obteria tudo o que pedira, uma vez que trouxesse um jovem rapaz que tivesse ainda a sua virgindade. Escolhi um dos meus aprendizes e levei comigo ainda dois de meus amigos...

"Ele colocou-me nas mãos o talismã, dizendo-me para girá-lo para os lugares que ele designasse. Meu aprendiz estava colocado sob o talismã. O necromante começou as suas terríveis evocações, chamou pelo seu nome uma multidão de chefes de legiões infernais, e lhes deu ordens em hebreu, em grego e em latim, em nome do Deus incriado, vivo e eterno. Logo o Coliseu encheu-se de um número de demônios cem vezes mais considerável do que a primeira vez. Aconselhado pelo necromante, pedi de novo para achar-me com Angélica. Ele voltou-se para mim e disse-me: Não os ouviste anunciar que em um mês estarias com ela? E pediu-me para ter firmeza, porque ali havia mil legiões a mais, que ele não havia chamado. Acrescentou que elas eram as mais perigosas, e que, desde que respondessem às minhas perguntas, seria preciso tratá-las com doçura e despedi-las tranqüilamente. De outro lado, o jovem gritava apavorado que percebia um milhão de homens terríveis que nos ameaçavam, e quatro enormes gigantes, armados dos pés à cabeça, que pareciam querer entrar em nosso círculo. Durante esse tempo, o necromante, tremendo de medo, tentava conjurá-los, tomando a voz mais doce. O jovem enfiou a cabeça entre os joelhos e gritava: Quero morrer assim! Estamos mortos! Então lhe disse: "Essas criaturas estão todas abaixo de nós, e o que

vês não é senão fumaça e sombra; assim, ergue os olhos." Apenas me obedeceu, curvou-se de novo: Todo o Coliseu queima e o fogo vem sobre nós. O necromante ordenou fosse queimada essa fétida. Agnolo, encarregado dos perfumes, estava semimorto de medo.

A esse ruído, e a esse terrível fedor, o jovem se arriscou levantar a cabeça. Ouvindo-me rir, tranqüilizou-se um pouco, e disse que os demônios começavam a operar sua retirada. Permanecemos assim até o momento em que as matinas soaram. O jovem nos disse que não percebia mais do que alguns demônios, e a uma grande distância. Enfim, desde que o necromante cumpriu o resto de suas cerimônias e tirou sua roupa, saímos todos do círculo. Enquanto caminhávamos para a rua de Banchi para retornarmos às nossas casas, ele assegurava que dois dos demônios pulavam diante de nós, e corriam ora sobre os telhados, ora sobre o solo.

"O necromante jurava que, desde que colocara os pés num círculo mágico, nunca lhe aconteceu nada de tão extraordinário. Em seguida, tentou determinar-me para juntar-me a ele, para consagrar um livro que deveria nos proporcionar riquezas incalculáveis, e fornecer-nos os meios para forçarmos os demônios a nos indicarem os lugares onde estavam ocultos os tesouros que a terra esconde em seu seio...

"Depois de diferentes relatos que tinham mais ou menos relação com o que precede, Benvenuto contou como, ao cabo de trinta dias, quer dizer, no prazo fixado pelos demônios, ele reencontrou sua Angélica."

16. Poderíeis dizer-nos o que há de verdadeiro nessa cena? -R. O necromante era um charlatão, eu era um romancista e Angélica era minha senhora.

17. Revistes François I, vosso protetor? - R. Certamente, ele reviu muitos outros que não foram seus protegidos.

18. Como o julgastes quando vivo e como o julgais agora? - R. Dir-vos-ei como julguei: como um príncipe e, nessa qualidade, cego pela sua educação e sua sociedade.

19. E agora, que dizeis dele? - R. Progrediu.

20. Foi por amor sincero às artes que ele protegeu os artistas? - R. Sim, e por prazer e vaidade.

21. Onde está agora? - R. Ele vive.

22. Na Terra? - R. Não.

23. Se o evocássemos neste momento, poderia vir e conversar conosco? - R. Sim, mas não forceis assim os Espíritos; que vossas evocações sejam preparadas de longa data e, então, tereis pouca coisa a perguntar ao Espírito. Assim, vos arriscais muito menos de serem enganados, porque o são algumas vezes. (São Luís).

24. (a São Luís): Poderíeis fazer com que viessem dois Espíritos que se falassem? - R. Sim.

25. Nesse caso, seria útil ter dois médiuns? - R. Sim, necessário.

Nota. Esse diálogo ocorreu em uma outra sessão; nós a relataremos em nosso próximo número.

26. (A Cellini): De onde vos veio o sentimento da arte, que estava em vós; tinha um desenvolvimento especial anterior? - R. Sim; por muito tempo estive ligado à poesia e à beleza da linguagem. Na Terra, liguei-me à beleza como reprodução, hoje me ocupo da beleza como invenção.

27. Tínheis também talentos militares, uma vez que o papa Clemente VII vos confiou a defesa do castelo Santo Ângelo. Todavia, vosso talento de artista não deveria vos dar muito mais aptidão para a guerra? - R. Eu tinha talento e sabia aplicá-lo. Em tudo, é preciso julgar, sobretudo para a arte militar de então.

28. Poderíeis ditar alguns conselhos aos artistas que procuram caminhar sobre os vossos passos? - R. Sim; dir-lhes-ia simplesmente para se ligarem mais do que não o fazem, e que eu mesmo não o fiz, à pureza e à verdadeira beleza; eles me compreenderão.

29. A beleza não é relativa e de convenção? O Europeu se crê mais belo que o negro e o negro mais belo que o branco. Se há uma beleza absoluta, qual lhe é o tipo? Poderíeis dar-nos a vossa opinião a esse respeito? - R. De bom grado. Não tencionei fazer alusão a uma beleza de convenção: muito ao contrário; o belo está por toda parte, é o reflexo do Espírito sobre o corpo, e não somente a forma corporal. Como vo-lo disse, um negro pode ser belo, de uma beleza que será apreciada somente por seus semelhantes. Do mesmo modo, nossa beleza terrestre é disformidade para o Céu, como para vós, Brancos, o belo negro vos parece quase disforme. A beleza, para o artista, é a vida, o sentimento que sabe dar à sua obra; com isso dará beleza às coisas mais vulgares.

30. Poderíeis guiar um médium na execução de uma modelagem, como Bernard de Palissy guiou para os desenhos? - R. Sim.

31. Poderíeis mandar fazer alguma coisa pelo médium que vos serve atualmente de intérprete? - R. Como outros; mas preferiria um artista que conhecesse os truques.

Nota. A experiência prova que a aptidão de um médium por tal ou tal gênero de execução, prende-se à flexibilidade que apresente ao Espírito, e isso abstração feita do talento. Os conhecimentos do ofício e dos meios materiais de execução não são o talento, mas concebe-se que o Espírito que dirige o médium nele encontra uma dificuldade mecânica a menos para vencer. Vêem-se, pois, médiuns fazendo coisas admiráveis das quais não têm as primeiras noções, tais como da poesia, dos desenhos, das gravuras, da música etc.; mas é que, então, ha neles uma aptidão inata, ligando-se, sem dúvida, a um desenvolvimento anterior do qual não conservaram senão a intuição.

31. Poderíeis dirigir a senhora G.S., aqui presente, que ela mesma é artista, mas jamais conseguiu produzir alguma coisa como médium? - R. Tentarei, se ela quer.

32. (Senhora G.S.) Quando queres começar? - R. Quando o quiseres, a partir de amanhã.

33. Mas como saberei que a inspiração virá de ti? - R. A convicção vem com as provas: deixai-a vir lentamente.

34. Por que não consegui até o presente? - R. Pouca persistência e boa vontade no Espírito chamado.

35. Agradeço a assistência que tu me prometes. - R. Adeus; até logo à minha companheira de trabalho.

Nota. A senhora G.S. deve ter posto mãos à obra, mas não sabemos, ainda, o que ela obteve.

Senhor Girard de Codemberg

Revista Espírita, abril de 1859

Antigo aluno da Escola Politécnica, membro de várias sociedades de sábios, autor de um livro intitulado: *O Mundo espiritual, ou ciência cristã de comunicar intimamente com as potências celestes e as almas felizes*. Falecido em novembro de 1858; evocado na Sociedade, no dia 14 de janeiro seguinte.

1. Evocação. - R. Estou aqui; que quereis comigo?
2. Viestes de bom grado ao nosso chamado? - R. Sim.
3. Quereis nos dizer o que pensais, atualmente, do livro que publicastes? - R. Cometi alguns erros, mas há coisa boa, e sou levado a crer que vós mesmos aprovareis o que eu disse ali, sem lisonja.
4. Dissestes, notadamente, que tivestes comunicações com a mãe do Cristo: vedes hoje se era realmente ela? - R. Não, não era ela, mas um Espírito que tomava o seu nome.
5. Com qual objetivo esse Espírito lhe tomava o nome? - R. Ele me via tomar o caminho do erro, e disso se aproveitava para comprometer-me mais; era um Espírito perturbador, um Espírito leviano; mais próprio ao mal do que ao bem; era feliz em ver minha falsa alegria; eu era seu juguete como vós o sois, freqüentemente, de vossos semelhantes.
6. Como vós, dotado de uma inteligência superior, não vos apercebestes do ridículo de certas comunicações? - R. Estava fascinado, e achava bom tudo o que me diziam.
7. Não pensais que essa obra pode fazer o mal no sentido em que se presta ao ridículo quanto às comunicações de além-túmulo? - R. Nesse sentido, sim; mas eu disse, também, que há do bom e do verdadeiro; e, sob um outro ponto de vista, fere os olhos das massas; no que nos parece mau, freqüentemente, encontrais um bom germe.
8. Sois mais feliz agora do que de quando vivo? - R. Sim, mas tenho muita necessidade de me esclarecer, porque estou ainda nas brumas que se seguem à morte; sou como o escolar que começa a soletrar.
9. Em vossa vida, conhecestes *O Livro dos Espíritos*? - R. Jamais prestei-lhe atenção; tinha minhas idéias assentes; nisso pequei, porque não saberia muito aprofundar e estudar todas as coisas; mas o orgulho aí é que sempre nos ilude; de resto, é próprio dos ignorantes em geral; não querem estudar senão o que preferem, e não escutam senão aqueles que os lisonjeiam.
10. Não éreis um ignorante; vossos títulos disso são a prova? -R. O que é o sábio da Terra diante da ciência do céu? Aliás, não há sempre a influência de certos Espíritos interessados em afastar a luz de nós?

Nota. Isso corrobora o que já foi dito, que certos Espíritos inspiram o distanciamento para as pessoas das quais se pode receber conselhos úteis e que pode frustrá-los. Jamais essa influência é de um bom Espírito.

11. E agora, que pensais desse livro? - R. Não posso dizê-lo sem lisonja, porém, não nos lisonjeamos mais: deveis compreender-me.

12. Vossa opinião sobre as penas futuras modificou-se? - R. Sim; eu acreditava nas penas materiais; creio agora nas penas morais.

13. Podemos fazer alguma coisa que vos seja agradável? - R. Sempre; cada um dizei uma pequena prece esta noite em minha intenção; por isso vos serei reconhecido; sobretudo, não vos esqueçais.

Nota. O livro do senhor de Codemberg fez uma certa sensação, e devemos dizê-lo, uma sensação penosa entre os partidários esclarecidos do Espiritismo, por causa da estranheza de certas comunicações que se prestam muito ao ridículo. Sua intenção era louvável, porque era um homem sincero; mas é um exemplo do império que certos Espíritos podem tomar lisonjeando e exagerando as idéias e os preconceitos daqueles que não pesam, com bastante severidade, os prós e os contras das comunicações espíritas. Mostra-nos, sobretudo, o perigo de derramá-las, muito levemente, ao público, porque podem ser um motivo de repulsa, fortificar certas pessoas em sua incredulidade, e fazerem, assim, mais mal que bem, dando armas aos inimigos da coisa. Não se poderia, pois, ser mais circunspecto a esse respeito.

Senhor Poitevin, aeronauta

Revista Espírita, abril de 1859

Morto há mais ou menos dois meses, de uma febre tifóide contraída em consequência de uma descida que fez em pleno mar.

Sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, de 11 de fevereiro de 1859.

1. Evocação. - R. Heis-me, falai.
2. Lamentais a vida terrestre? - R. Não.
3. Sois mais feliz que de quando vivo? - R. Muito.
4. Qual motivo pôde levar-vos às experiências aeronáuticas? - R. A necessidade.
5. Tínheis o pensamento de servir à ciência? - R. De nenhum modo.
6. Vedes hoje a ciência aeronáutica sob um outro ponto de vista do que de vossa vida? - R. Não; via-a como a vejo agora, porque a via bem. Vejo sempre aperfeiçoamentos a trazer que eu não poderia desenvolver por falta de ciência; mas esperai; homens virão que lhe darão o relevo que ela merece e que merecerá um dia.
7. Credes que a ciência aeronáutica se tomará um dia um objeto de utilidade pública? - R. Sim, certamente.
8. A grande preocupação daqueles que se ocupam dessa ciência, é a procura dos meios de dirigir os balões; pensais que a isso se chegará? - R. Sim, certamente.
9. Qual é, segundo vós, a maior dificuldade que apresenta a direção dos balões? - R. O vento, as tempestades.
10. Assim, não é a dificuldade de encontrar um ponto de apoio? -- R. Se se conduzissem os ventos, conduzir-se-iam os balões.
11. Poderíeis assinalar o ponto para o qual conviria dirigir as pesquisas sob esse aspecto? - R. Deixai fazer.
12. Em vossa vida, estudastes os diferentes sistemas propostos? - R. Não.
13. Poderíeis dar conselhos àqueles que se ocupam dessas espécies de pesquisas? - R. Pensais que seguiriam vossos avisos?
14. Não seriam os nossos mas os vossos. - R. Quereis um tratado? Eu o mandarei fazer.

15. Por quem? - R. Por amigos que me guiaram, a mim mesmo.

16. Há aqui dois inventores distintos em fatos aeronáuticos, o senhor Sanson e o senhor Ducroz que obtiveram rendimento científico muito honroso. Fazeis uma idéia do seu sistema? - R. Não; há muito a dizer; não os conheço.

17. Admitindo como resolvido o problema da navegação, credes na possibilidade de uma navegação aérea sobre uma grande escala, como sobre o mar? - R. Não, jamais como pelo telégrafo.

18. Não falo da rapidez das comunicações, que jamais podem ser comparadas às do telégrafo, mas do transporte de um grande número de pessoas e de objetos materiais. Quais resultados se podem esperar sob esse aspecto? - R. Pouco e prontidão.

19. Quando estáveis em um perigo iminente, pensáveis no que serieis depois da morte? - R. Não; estava inteiramente absorvido em minhas manobras.

20. Que impressão fazia sobre vós o pensamento do perigo que corréis? - R. O hábito havia enfraquecido o medo.

21. Que sensação experimentáveis quando estáveis perdido no espaço? - R. Perturbação, mas feliz; meu espírito parecia escapar do vosso mundo; entretanto, as necessidades das manobras me tornavam a chamar sob o vento à realidade, e me faziam recair na fria e perigosa posição na qual me encontrava.

22. Vedes com prazer vossa mulher seguir a mesma carreira de aventura vossa? - R. Não.

23. Qual é a vossa situação como Espírito? - R. Vivo como vós, quer dizer, posso dominar a minha vida espiritual como dominais a vossa vida material.

Nota. As curiosas experiências do senhor Poitevin, sua intrepidez, sua notável habilidade na manobra dos balões, nos faziam esperar encontrar, nele, mais elevação e uma grandeza nas idéias. O resultado não respondeu às nossas expectativas; a aerostação não era para ele, como se pôde ver, senão uma indústria, um modo de viver por um gênero particular de espetáculo; todas as suas faculdades estavam concentradas sobre os meios de excitar a curiosidade pública. É assim que, nessas conversas de além-túmulo, as previsões, freqüentemente, se desenrolam; ora ultrapassam, ora acha-se menos do que se esperava, prova evidente da independência das comunicações.

Em uma sessão particular, e por intermédio do mesmo médium, Poitevin ditou os conselhos seguintes para realizar a promessa que vinha de fazer, cada um poderá apreciar-lhe o valor; nós os damos como objeto de estudo sobre a natureza dos Espíritos, e não por seu mérito científico mais que contestável.

"Para conduzir um balão cheio de gás, encontrareis sempre as maiores dificuldades: a imensa superfície que oferece exposta aos ventos, a pequenez do peso que o gás pode levar, a fraqueza do envoltório que reclama esse ar sutil; todas essas causas jamais permitirão dar, ao sistema aerostático, a grande extensão que gostaríeis de vê-lo tomar. Para que o aerostato tenha uma utilidade real, é preciso que seja um modo de comunicação poderoso e dotado de uma certa presteza, mas, sobretudo, poderoso. Dissemos que ele ocupava o meio

entre a eletricidade e o vapor; sim, e em dois pontos de vista:

1°. Ele deve transportar os viajantes mais depressa do que as ferrovias, menos depressa do que o telégrafo as mensagens.

2°. Não está no meio desses dois sistemas, porque participa, ao mesmo tempo, do ar e da terra, todos os dois servindo-lhe de caminho: está entre o céu e o mundo.

"Não me perguntastes se chegaríeis a ir, por esse meio, visitar outros planetas. Entretanto, esse pensamento é o que tem inquietado bem os cérebros, e cuja solução encheria de espanto todo o vosso mundo. Não, não chegareis. Considerai, pois, que para atravessar esses espaços desconhecidos para vós, de milhões, de milhões de léguas, a luz gasta anos; vede, portanto, quanto será preciso de tempo para atingi-los, mesmo levados pelo vapor e pelo vento.

"Para retornar ao assunto principal, começando vos direi que não é preciso esperar muito do vosso sistema atualmente empregado; mas obtereis sempre mais atuando sobre o ar por compressão forte e ampla; o ponto de apoio que procurais, está diante de vós, vos cerca por todos os lados, com ele vos choçais a cada um dos vossos movimentos, ele entrava todos os dias vosso caminho e influi, sobretudo, no que locais. Pensai bem nisso, tirai desta revelação tudo o que puderdes: suas deduções são enormes. Não podemos tomar-vos pelas mãos e vos fazer inventar as ferramentas necessárias a esse trabalho, não podemos vos dar, palavra por palavra, uma indução; é preciso que vosso Espírito trabalhe, que amadureça seus projetos, sem isso não compreenderíeis o que faríeis e não saberíeis manejar vossos instrumentos; seríamos obrigados a voltar e abrir, nós mesmos, todos os vossos empenhos, e as circunstâncias imprevistas que viriam um dia, ou outro, combater vossos esforços, vos reconduziriam a vossa ignorância primária

"Trabalhai, pois, e encontrareis o que procurardes: conduzi vosso Espírito para o lado que vos indicamos, e aprendei pela experiência que não vos induzimos ao erro."

Nota. Esses conselhos, embora encerrando incontestáveis verdades, não deixam de denotar um Espírito pouco esclarecido em certos pontos de vista, uma vez que parece ignorar a verdadeira causa da impossibilidade de atingir outros planetas. É uma prova a mais da diversidade de aptidões e de luzes que se encontram no mundo dos Espíritos, como neste mundo. É pela multiplicidade das observações que se chega a conhecê-lo, a compreendê-lo e a julgá-lo. Por isso, damos espécimes de todos os gêneros de comunicações, tendo o cuidado de fazer ressaltar o forte e o fraco. A de Poitevin terminou por uma consideração muito justa que nos parece suscitada por um Espírito mais filosófico do que o seu; de resto, ele dissera que faria redigir seus conselhos por seus amigos que, em definitivo, não nos ensinam nada.

Nela encontramos ainda uma nova prova, que os homens que têm uma especialidade na Terra não são, sempre, os mais apropriados a nos esclarecerem como Espíritos, se, sobretudo, não são bastante elevados para se desligarem da vida terrestre.

É deplorável, para o progresso da aeronáutica, que a maioria desses homens intrépidos não possa colocar sua experiência em proveito da ciência, ao passo que os teóricos são estranhos à prática, e são como marinheiros que jamais viram o mar. Incontestavelmente, haverá um dia engenheiros em aerostática, como há engenheiros marítimos, mas isso não será senão quando terão visto e sondado, por eles mesmos, as profundezas do oceano aéreo. Quantas idéias não lhes dariam o contato real dos elementos, idéias que escapam às pessoas do

ofício! porque, qualquer que seja seu saber, não podem, do fundo de seus gabinetes, perceber todos os escolhos; e, todavia, se essa ciência deva ser um dia uma realidade, isso não será por eles. Aos olhos de muitas pessoas é ainda uma quimera, e eis porque os inventores, que não são, em geral, capitalistas, não encontram nem apoio nem encorajamentos necessários. Quando a aerostação der dividendos, mesmo uma esperança, poderá ser cotada, os capitais não lhe faltarão; até lá não é preciso contar senão com o devotamento daqueles que vêem o progresso antes da especulação. Enquanto houver parcimônia nos meios de execução, haverá reveses pela impossibilidade de ensaios sobre uma tão vasta escala, ou em condições convenientes. Seremos forçados a fazê-lo mesquinamente, o que é um mal, nisto, como em toda coisa. O sucesso não será senão ao preço de sacrifícios suficientes para entrar largamente no caminho da prática, e quem diz sacrifício diz exclusão de toda idéia de benefício. Esperamos que o pensamento de dotar o mundo da solução de um grande problema, não o fosse senão sob o ponto de vista da ciência, inspire algum generoso desinteresse. Mas a primeira coisa a fazer seria fornecer aos teóricos os meios para adquirir a experiência do ar, mesmo pelos meios imperfeitos de que dispomos. Se Poitevin tivesse sido um homem de saber, e tivesse inventado um sistema de locomotiva aérea, teria inspirado, sem contradita, mais confiança que aqueles que jamais deixaram a terra, e teria, provavelmente, encontrado os recursos que se recusam aos outros.

Pensamentos Poéticos

Revista Espírita, abril de 1859

Ditados pelo Espírito de Alfred de Musset, para a senhora **

Se tu sofres na Terra,
Pobre coração aflito,
Se para ti a miséria
É um quinhão obrigado
Pense, em tua dor,
Que tu segues o caminho
Que conduz pelas lágrimas
Para um melhor destino.

Os pesares da vida
São pois muito grandes
Para que teu coração esqueça
Que um dia nas primeiras classes,
Por preço de teus sofrimentos,
Teu Espírito depurado Terá os prazeres
Do império etéreo?

A vida é uma passagem
Da qual conheces o curso;
Age com sabedoria,
Terás mais felizes dias.

Nota. O médium que serviu de intérprete, não só é estranho às regras mais vulgares da poesia, mas jamais pode fazer um único verso por si mesmo. Escreve-os com uma facilidade extraordinária sob o ditado dos Espíritos, e embora seja médium há pouco tempo, delas já possui uma coletânea numerosa, das mais interessantes. Nós as vimos, entre outras, encantadoras e oportunas, "que lhe foram ditadas pelo Espírito de uma pessoa viva que evocou, e que habita a 200 léguas. Essa pessoa, quando está desperta, não é mais poeta que ele.

Sonâmbulos remunerados

Revista Espírita, abril de 1859

Um dos nossos correspondentes nos escreveu a propósito de nosso último artigo sobre os médiuns mercenários, para nos perguntar se nossas observações se aplicam, igualmente, aos sonâmbulos remunerados.

Querendo-se remontar à fonte do fenômeno, ver-se-á que o sonâmbulo, se bem que se possa considerá-lo como uma variedade de médium, é um caso diferente do médium propriamente dito. Com efeito, este último recebe suas comunicações de Espíritos estranhos que podem vir, ou não, segundo as circunstâncias ou as simpatias que encontram. O sonâmbulo, ao contrário, age por si mesmo; é seu próprio Espírito que se desliga da matéria, e vê mais ou menos bem, segundo o desligamento seja mais ou menos completo. O sonâmbulo, é verdade, está em relação com outros Espíritos que o assistem mais ou menos de bom grado, em razão de suas simpatias; mas, em definitivo, é o seu que vê e que pode, até um certo ponto, dispor de si mesmo sem que outros encontrem nisso o que censurar, e sem que seu concurso seja indispensável. Disso resulta que o sonâmbulo que procura uma compensação material para a fadiga, freqüentemente muito grande, que para ele resulta do exercício de sua faculdade, não tem as mesmas suscetibilidades a vencer que o médium que não é senão um instrumento.

Sabe-se, além disso, que a lucidez sonambúlica se desenvolve pelo exercício; ora, aquele que disso faz a sua ocupação exclusiva, adquire uma facilidade tanto maior que está no caso de ver muitas coisas com as quais acaba por se identificar, assim que com certos termos especiais que lhe vêm à memória mais facilmente; em uma palavra, ele se familiariza com esse estado que se torna, por assim dizer, seu estado normal: nada mais o espanta. Aliás, os fatos aí estão para provarem com qual prontidão e qual clareza podem ver; de onde concluímos que a retribuição paga a certos sonâmbulos não é obstáculo ao desenvolvimento da lucidez.

A isso faz-se uma objeção. Como a lucidez é freqüentemente variável, depende de causas fortuitas, pergunta-se se o atrativo do ganho não poderia conduzir o sonâmbulo a fingir essa lucidez, mesmo quando ela lhe faltasse, por fadiga ou outra causa, inconveniente que não ocorre quando não há o interesse. Isso é muito verdadeiro, mas nós respondemos que toda coisa tem o seu lado mau. Pode-se abusar de tudo, e por toda parte onde se introduz a fraude é preciso invectivá-la. O sonâmbulo que assim agisse, faltaria com a lealdade, o que, infelizmente, se encontra também naqueles que não dormem. Com um pouco de hábito, pode-se facilmente se aperceber disso, e seria difícil enganar por muito tempo um observador experimentado. Nisso, como em todas as coisas, o essencial é assegurar-se do grau de confiança que merece a pessoa à qual se dirige. Se o sonâmbulo não remunerado não oferece esse inconveniente, não é preciso crer que sua lucidez seja infalível; ele pode se enganar tanto como um outro, se estiver em más condições; a esse respeito, a experiência é o melhor guia. Em resumo, não preconizamos ninguém; pudemos mesmo constatar serviços eminentes prestados por uns e pelos outros; nosso objetivo era provar que se pode encontrar bons sonâmbulos numa e na outra condição.

Aforismos Espíritas e pensamentos destacados

Revista Espírita, abril de 1859

Os Espíritos se encarnam homens ou mulheres, porque eles não têm sexo. Como devem progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, lhes oferece as provas e os deveres especiais, e a ocasião de adquirirem a experiência. Aquele que fosse sempre homem, não saberia senão o que sabem os homens.

Pela Doutrina Espírita, a solidariedade não está mais restrita à sociedade terrestre: ela abarca todos os mundos; pelas relações que os Espíritos estabelecem entre as diferentes esferas, a solidariedade é universal, porque de um mundo ao outro os seres vivos se prestam mútuo apoio.

Aviso

Revista Espírita, abril de 1859

Recebemos, sem cessar, cartas de nossos correspondentes que nos pedem a *História de Joana D'Arc e a de Luís XI*, das quais publicamos extratos, assim como o álbum dos desenhos do senhor Victorien Sardou.

Lembramos aos nossos leitores que a história de *Joana D'Arc* está completamente esgotada, agora; que a vida de *Luís XI*, assim como a de *Luís IX*, não foram ainda publicadas; esperamos que o serão um dia e nos faremos um dever anunciá-las em nossa coletânea. Até lá, todo pedido com o efeito de procurar essas obras não tem objeto. Ocorre o mesmo com o álbum do senhor Sardou. O desenho que demos, da casa de Mozart, é o único que está a venda no senhor Ledoyen.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Segundo Ano – 1859

Maio

- [Cenas da vida particular Espírita](#)
- [Música de além-túmulo](#)
- [Os mundos intermediários ou transitórios](#)
- [O laço do Espírito e do corpo](#)
- [Refutação de um artigo de *O Universo*](#)
- [O Livro dos Espíritos entre os selvagens](#)
- [Aforismos Espíritas e pensamentos destacados](#)

Cenas da vida particular Espírita

Revista Espírita, maio de 1859

Em nosso número anterior, apresentamos o quadro da vida Espírita como conjunto; seguimos os Espíritos desde o instante em que deixaram seu corpo terrestre, e rapidamente esboçamos suas ocupações. Hoje nos propomos mostrá-los em ação, reunindo num mesmo quadro diversas cenas íntimas que nossas comunicações nos testemunharam. As numerosas conversas familiares de além-túmulo publicadas nesta revista já puderam dar uma idéia da situação dos Espíritos segundo o grau do seu adiantamento, mas aqui há um caráter especial de atividade que nos fez conhecer, melhor ainda, o papel que desempenham junto a nós, e com o nosso desconhecimento. O objeto de estudo, do qual narraremos as peripécias, se ofereceu espontaneamente; apresenta tanto maior interesse porque tem, por herói principal, não um desses Espíritos superiores que habitam mundos desconhecidos, mas um daqueles que, por sua própria natureza, estão ainda presos à nossa Terra, um contemporâneo que nos deu provas manifestas de sua identidade. A ação se passa entre nós, e cada um de nós nela desempenha seu papel.

Esse estudo dos costumes espíritas tem de particular o aspecto de nos mostrar o progresso dos Espíritos no estado errante, e como podemos concorrer para a sua educação.

Um de nossos amigos, depois de longos ensaios infrutíferos, mas dos quais sua paciência triunfou, e, além do mais, médium audiente, estava ocupado em escrever, com um outro médium de seus amigos, quando, a uma questão dirigida a um Espírito, obteve uma resposta bastante bizarra e pouco séria, na qual não reconheceu o caráter do Espírito evocado. Tendo interpelado o autor dessa resposta, e depois de intimá-lo em nome de Deus, a dar-se a conhecer, esse último assinou *Pierre Lê Flarnand*, nome perfeitamente desconhecido do médium. Foi então que se estabeleceu, entre eles, e mais tarde entre esse Espírito e nós, uma série de conversas que iremos relatar:

Primeira conversa

1. Quem és? - R. Não conheço ninguém com esse nome. - R. Um dos teus antigos companheiros de colégio.
2. Disso não tenho nenhuma lembrança. - R. Lembras de ter sido espancado uma vez?
3. É possível; entre colegiais isso ocorre algumas vezes. Lembro-me com efeito, de alguma coisa como essa, mas me lembro também de lhe pagar com a mesma moeda. - R. Era eu; mas não o quero repetir.
4. Obrigado; tanto quanto me lembro, eras um enorme malandro. - R. Eis que a memória te retorna; nunca mudei enquanto vivi. Tinha má cabeça, mas não era mau no fundo; eu atacava o primeiro que chegasse; era como uma necessidade para mim; depois, voltadas as costas, não pensava mais nisso.
5. Quando e com qual idade morreste? - R. Há quinze anos; tinha uns vinte anos.

6. De que morreste? - R. Uma irreflexão de jovem..., uma conseqüência de minha má cabeça...

7. Tens ainda tua família? - R. Perdera, há muito tempo, meu pai e minha mãe; morava com um tio, meu único parente...; se fores a Cambrai, convido-te a vê-lo...; é um bravo homem, que amo muito, embora me haja conduzido duramente; mas eu o merecia.

8. Chama-se como tu? - R. Não; não há mais ninguém, em Cambrai, com meu nome; ele se chama W....; mora na rua.... n.º....; verás que será bem eu quem te fala.

Nota. - O fato foi verificado pelo próprio médium, em uma viagem que fez algum tempo depois. Encontrou o senhor W....no endereço indicado; este lhe disse que, com efeito, tivera um sobrinho com esse nome, um verdadeiro estouvado, sujeito bastante mau, falecido em 1844, pouco tempo depois de fazer o serviço militar. Essa circunstância fora indicada pelo Espírito; fê-lo mais tarde, espontaneamente; ver-se-á em qual ocasião.

9. Por que acaso vieste até mim? - R. O acaso se quiseres; mas, antes creio que foi meu bom gênio que me impeliu para ti, porque tenho a idéia que ambos ganharemos renovando conhecimento... Eu estava aqui ao teu lado, com teu vizinho, ocupado em considerar os quadros... não quadros de igreja, de repente percebi-te e vim. Vi-te ocupado em conversar com um outro Espírito, quis misturar-me na conversa.

10. Mas por que respondeste às perguntas que eu fazia a um outro Espírito? Isso não é de um bom companheiro. - R. Estava na presença de um Espírito sério, que não me parecia disposto a responder; respondendo por ele, acreditava fazer-lhe o estilo, mas isso não saiu bem; quis, não dizendo a verdade, fazê-lo falar.

11. Mas isso é muito mau, por que poderia resultar em coisas deploráveis se não me apercebesse da fraude. - R. Sempre sabê-lo-ias, um pouco mais cedo, um pouco mais tarde.

12. Diga-me um pouco como entraste aqui? - R. Bela pergunta! É que temos necessidade de pedir o cordão?

13. Podes, pois, ir por toda parte, entrar em qualquer parte? -R. Mas!... sem ainda dizer atenção!... Não somos Espíritos por nada.

14. Creio, entretanto, que certos Espíritos não têm o poder de entrar em todas as reuniões? -- R. Será que, por acaso, crês que a sala é um santuário e que sou indigno de nela penetrar?

15. Responda seriamente à minha pergunta, e nada de maus gracejos, peço-te; vês que não estou com humor para suportá-los, e que os Espíritos mistificadores são mal recebidos em minha casa. - R. Há reuniões de Espíritos onde nós os João Ninguém não podemos penetrar, isso é verdade; mas são os Espíritos superiores que nos impedem, e não vós outros homens; aliás, quando vamos a alguma parte, sabemos muito bem calar e nos mantermos à parte quando é preciso; escutamos, e se isso nos aborrece, vamo-nos dali. Ah! aqui não tens o ar de encantado com a minha visita.

16. É que não recebo de bom grado o primeiro que chega e, francamente, estou de má vontade por ter vindo perturbar uma conversa séria. - R. Não te irrites..., não quero fazê-lo

mais..., sou sempre bom rapaz...; uma outra vez far-me-ei anunciar.

17. Eis quinze anos que morreste... - R. Entendamo-nos; foi meu corpo que morreu; mas *eu*, que te falo, não estou morto.

Nota. - Encontram-se nos Espíritos, mesmo levianos e zombeteiros, palavras de uma grande profundidade. Esse *eu*, que não morreu, é completamente filosófico.

18. É bem como isso que eu ouço. A esse respeito, diga-me se, tal qual és agora, tu me vês com tanta nitidez como se tivesses teu corpo? - R. Vejo-te ainda melhor; eu era míope; foi por isso que quis isentar-me da conscrição.

19. Eis, digo eu, quinze anos que morreste e me pareces tão estouvado quanto antes; não avançaste pois? - R. Sou o que era, nem melhor, nem pior.

20. Com o que passas teu tempo? - R. Não tenho outras ocupações além de me divertir ou de me informar sobre os acontecimentos que podem influenciar o meu destino. Eu vejo sempre; passo uma parte de meu tempo ora com os amigos, ora no espetáculo... algumas vezes, surpreendo coisas singulares... Sabendo-se que se tem testemunhas quando se crê estar só!... Enfim, faço de modo que meu tempo me seja, o menos possível, pesado... Dizer quanto isso durará, disso nada sei e, entretanto, vago assim há um certo tempo... Tens explicações como essa?

21. Em suma, és mais feliz do que quando vivo? - R. Não.

22. O que te falta? Não tens necessidade de nada; não sofres mais; não receias estar arruinado; vais por toda parte, vês tudo; não temes nem as inquietações, nem as enfermidades da velhice; não é uma existência feliz? - R. Falta-me a realidade dos prazeres; não sou bastante avançado para gozar de uma felicidade moral; invejo tudo o que vejo, e é isso o que me tortura; aborreço-me e trato de matar o tempo como posso!... E o tempo é bem longo!... Sinto uma doença que não sei definir...; gostaria mais de sofrer as misérias da vida do que essa ansiedade que me oprime.

Nota. - Não está aí um eloqüente quadro dos sofrimentos morais dos Espíritos inferiores? Invejar tudo que vê; ter os mesmos desejos e, na realidade, não gozar de nada, isso deve ser uma verdadeira tortura.

23. Disseste que ias ver teus amigos; não é uma distração? -R. Meus amigos não sabem que estou ali e, aliás, não pensam mais em mim; isso me faz mal.

24. Não os tens entre os Espíritos? -- R. Estouvados, vadios como eu, que se aborrecem como eu; sua sociedade não é muito divertida; os que são felizes e razoáveis se afastam de mim.

25. Pobres rapazes! Eu te lamento e se pudesse ser útil fá-lo-ia com prazer. - R. Se soubesses o quanto essa palavra me faz bem! É a primeira vez que a ouço.

26. Não poderias procurar as ocasiões de ver e ouvir coisas boas e úteis, que serviriam para o teu adiantamento? - R. Sim, mas, para isso, seria preciso que soubesse aproveitar essas lições; confesso que, de preferência, gosto de assistir às cenas de amor e de deboche que

não influenciam meu espírito no bem. Antes de entrar em tua casa, estive lá, considerando os quadros que revelavam, em mim, certas idéias..., mas ali se quebraram. Eu soube, entretanto, resistir a pedir para me reencarnar, para gozar dos prazeres dos quais tanto abusei; vejo agora o quanto estava errado. Mantendo-me em tua casa, sinto que fiz bem.

27. Pois bem! No futuro, espero que me darás prazer se te apegares à minha amizade, para não concentrar mais a tua atenção sobre os quadros que podem dar-te más idéias, e que, ao contrário, pensarás naquilo que aqui poderás ouvir de bom e de útil para ti. Sentir-te-ás bem, crê em mim. - R. Se for tua idéia, será a minha.

28. Quando vais ao teatro, sentes as mesmas emoções de quando estavas vivo? - R. Várias emoções diferentes; aquelas primeiro; depois, algumas vezes, misturo-me às conversas..., ouço coisas singulares.

29. Qual é o teu teatro predileto? - R. Lês Variétés; mas, freqüentemente, me ocorre ir vê-los todos na mesma noite. Também vou aos bailes, às reuniões onde se diverte.

30. De modo que, mesmo se divertindo, podes instruir-te, deves poder observar muito em tua posição? -- R. Sim, mas o que gosto muito é de certos colóquios; é verdadeiramente curioso ver os manejos de certos indivíduos, sobretudo daqueles que querem se fazer crer jovens ainda. Em todas essas tagarelices ninguém diz a verdade: o coração se dissimula como o rosto, e é para nada compreender. Fiz um estudo de costumes sobre isso.

31. Pois bem! Não vês que poderíamos ter conjunto de pequenas boas conversas, como esta, das quais poderíamos, ambos, tirar bom proveito? - R. Sempre; como dizes, para ti primeiro e para mim em seguida. Tens ocupações que necessitam do teu corpo; posso fazer todas as diligências possíveis para me instruir; sem prejudicar a minha existência.

32. Desde que assim é, continuarás as tuas observações, ou como disseste, os estudos dos costumes; até o presente as aproveitaste pouco; é preciso que sirvam para te esclarecer e, para isso, é preciso que as faças com um objetivo sério, e não para te divertir e matar o tempo. Dir-me-ás o que vires; analisá-la-emos e delas tiraremos as conseqüências para a nossa instrução mútua. - R. Será mesmo muito atraente; sim, certamente, estou a teu serviço.

33. Isso não é tudo; eu gostaria de procurar a ocasião de fazer uma boa ação; queres? - R. De todo o coração! Dir-se-á, pois, que poderei ser bom para alguma coisa. Dize-me tudo o que é preciso que eu faça.

34. Devagar! Não confio assim missões delicadas àqueles dos quais não esteja perfeitamente seguro. Tens boa vontade, disso não duvido, mas, terias a perseverança necessária? É uma pergunta. É preciso, pois, que eu aprenda a te conhecer melhor, para saber do que és capaz e até que ponto posso contar contigo. Disso falaremos em uma outra vez. - R. Ve-lo-ás.

35. Adeus, pois, por hoje. - R. Até breve.

Segunda conversa

36. Pois bem! Meu caro Pierre, refletiste seriamente no que dissemos outro dia? - R. Mais

seriamente do que crês porque desejo provar-te que valho mais do que aparento. Sinto-me mais à vontade, desde que tenha alguma coisa a fazer; agora, tenho um objetivo e não me aborreço mais.

37. Falei de ti com o senhor Allan Kardec; comuniqui-lhe nossa conversa, e ele ficou muito contente com isso; ele deseja comunicar-se contigo. - R. Eu o sei, fui à casa dele.

38. Quem te conduziu? - R. Teu pensamento. Voltei aqui depois do outro dia; vi que querias falar de mim e disse-me: Vamos lá primeiro, ali encontrarei, provavelmente, algum objeto de observação e, talvez, a oportunidade de ser útil.

39. Gosto de te ver com esses pensamentos sérios. Que impressão recebeste de tua visita? - R. Oh! Um grande bem; aprendi coisas que não suspeitava e que me esclareceram sobre o meu futuro. Foi como uma luz que se fez em mim; compreendo agora tudo o que tenho a ganhar em me aperfeiçoando..., é preciso, é preciso.

40. Posso, sem indiscrição, perguntar-te o que viste na casa dele? - R. Seguramente, da casa dele como da de outros, tanto mais não direi sempre o que gostaria... ou o que eu poderia.

41. Como entendes isso? É que não podes dizer tudo o que queres? - R. Não; há alguns dias vejo um Espírito que parece me seguir por toda parte, que me impele ou me retém; dir-se-á que me dirige; sinto um impulso do qual não me dou conta, e ao qual obedeco contra a minha vontade; se quero dizer ou fazer alguma coisa inconveniente, ele se coloca diante de mim..., olha-me..., e eu me calo..., detenho-me.

42. Qual é esse Espírito? - R. Nada sei dele; mas ele me domina.

43. Por que não lhe perguntas? - R. Não ousa; quando quero falar-lhe, ele me olha, e minha língua se retém.

Nota. - Evidente que a palavra *língua* é aqui uma figura, uma vez que os Espíritos não têm linguagem articulada.

44. Deves ver se ele é bom ou mau? - R. Deve ser bom, uma vez que não me impede de dizer asneiras; mas é severo... Algumas vezes tem o ar irritado, e, de outras vezes parece olhar-me com ternura... Veio-me ao pensamento que esse poderia bem ser o Espírito de meu pai, que não quer dar-se a conhecer.

45. Isso me parece provável; ele não deve estar muito contente contigo. Escuta-me bem; vou dar-te um aviso a esse respeito. Sabemos que os pais têm por missão elevar seus filhos e dirigi-los no caminho do bem; em consequência, são responsáveis pela educação que receberam, e por isso sofrem ou são felizes no mundo dos Espíritos. A conduta dos filhos influi, pois, até um certo ponto, sobre a felicidade ou a infelicidade de seus pais depois da morte. Como a tua conduta na Terra não foi muito edificante, e depois que morreste não fizeste grande coisa de bom, teu pai deve sofrer com isso, se tem a censurar-se por não te dirigir bem... - R. Se não me tornei bom sujeito, não foi por falta de ser corrigido mais de uma vez com força.

46. Talvez esse não seja o melhor meio para se renovar; qualquer que ele seja, sua afeição por ti é sempre a mesma, e prova-te isso aproximando-se de ti, se for ele, como presumo;

deve estar feliz com a tua mudança, o que explica suas alternativas de ternura e irritação; ele quer te ajudar no caminho no qual vens de entrar, e quando nele ver-te solidamente ajustado, estou persuadido de que se dará a conhecer. Assim, trabalhando pela tua própria felicidade, trabalharás pela sua. Não ficaria mesmo espantado que foi ele quem te impeliu a vir em minha casa. Se não o fez antes, foi porque quis deixar-te o tempo de compreender o vazio de tua existência ociosa e dela sentir os desgostos. - R. Obrigado! Obrigado...! Ele está atrás de ti... Pousa sua mão sobre a tua cabeça, como se te ditasse as palavras que acabas de dizer.

47. Voltemos ao senhor Allan Kardec. - R. Fui à sua casa anteontem à noite; estava ocupado escrevendo em seu escritório..., trabalhava numa nova obra que prepara... Ah! ele nos melhora bem. A nós outros, pobres Espíritos; se não nos conhecerem não será por culpa sua.

48. Estava só?- R. Só, sim, quer dizer que não havia ninguém com ele; mas havia, ao redor dele, uma vintena de Espíritos que murmuravam acima de sua cabeça.

49. Ele os ouvia? - R. Ouvia-os, se bem que olhasse por todos os lados para ver de onde vinha esse ruído, para ver se não eram milhares de moscas; depois, abriu a janela para ver se não fora o vento ou a chuva.

Nota. - O fato era perfeitamente exato.

50. Entre todos esses Espíritos, não o reconheceste? - R. Não;

não são os da minha sociedade; eu tinha o ar de um intruso e postei-me num canto para observar.

51. Esses Espíritos pareciam se interessar pelo que ele escrevia? - R. Eu o creio muito! Sobretudo, havia dois ou três que lhe sopravam o que ele escrevia e que tinham o ar de se aconselharem com outros; ele, ele acreditava ingenuamente que as idéias eram dele, e com isso parecia contente.

52. Foi tudo o que viste? - R. Em seguida, chegaram oito ou dez pessoas que se reuniram, em um outro aposento, com Kardec; puseram-se a conversar; perguntavam-lhe; ele respondia, explicava.

53. Conheces as pessoas que lá estavam? - R. Não; sei somente que havia grandes personagens, porque a um deles sempre se dizia: Príncipe, e a um outro; senhor o Duque. Os Espíritos também chegaram em massa; havia pelo menos uma centena deles, dos quais vários tinham sobre a cabeça como coroas de fogo; os outros mantinham-se de longe e escutavam.

54. E tu, que fazias?, - R. Eu escutava também, mas, sobretudo, observava; então, veio-me à idéia fazer diligências muito úteis a Kardec; dir-te-ei mais tarde o que era, quando houver triunfado. Deixei, pois, a assembléia e caminhando pelas ruas, diverti-me vagando diante das lojas, misturando-me com os grupos.

55. De sorte que em lugar de ir para os teus afazeres, perdias teu tempo. - R. Não o perdi, uma vez que impedi um roubo.

56. Ah! Tu te metes também a te fazer de polícia? - R. Por que não? Passamos diante de uma loja fechada, notei que se passava em seu interior alguma coisa de singular, entrei; vi um jovem muito agitado e que ia, vinha e tinha o ar de querer a caixa do comerciante. Havia com ele dois Espíritos, um que lhe soprava no ouvido: vá, pois, poltrão! A gaveta está cheia; poderás divertir-te à vontade, etc.; além disso havia uma figura de mulher, bela e cheia de nobreza, alguma coisa de celeste e de bom olhar; dizia-lhe: Vá-te daqui! Vá-te daqui! não te deixes tentar; e lhe soprava as palavras; prisão, desonra.

O jovem hesitava. No momento em que se aproximou do balcão, coloquei-me diante dele para detê-lo. Os maus Espíritos me perguntavam por que me metia. Eu quero, disse-lhes, impedir esse jovem de cometer uma má ação, e, talvez, ir para a prisão. Então o bom Espírito se aproximou de mim e me disse: *é preciso que ele suporte a tentação; é uma prova; se sucumbir, será sua falta*. Minha vontade era triunfar, quando seu mau gênio empregou um ardil que triunfou; fê-lo notar, sobre uma mesinha, uma garrafa: era aguardente; inspirou-lhe a idéia de bebê-la para encorajar-se. O infeliz está perdido, disse-me..., tratemos ao menos de salvar alguma coisa. Não tinha mais que um recurso, era o de prevenir o patrão... logo! Heis-me em sua casa num instante. Ele estava ocupado numa partida de cartas com sua mulher; era preciso encontrar o meio de fazê-lo descer.

57. Se ele fosse médium, tê-lo-ias feito escrever o que quisesse. Acreditava ao menos nos Espíritos? - R. Ele não tinha bastante espírito para saber o que era.

58. Não te conhecia o talento de fazer jogo de palavras. - R. Se me interrompes, não digo mais nada. Dei-lhe um violento espirro; quis pegar o tabaco, e percebeu que esquecera sua tabaqueira na loja. Chamou seu jovem que dormia num canto e lhe disse para ir procurá-la..., esse não era meu negócio...; o menino despertou grunhindo... Soprei à mãe dizer: Não desperte, pois, esse jovem; podes bem ir tu mesmo. - Ele se decidiu enfim..., eu o segui, para fazê-lo ir mais depressa. Chegado à porta, percebeu a luz na loja e ouviu o ruído. Eis que o medo o tomou, as pernas lhe tremeram; impeli-o para fazê-lo avançar; se tivesse entrado subitamente, pegaria o ladrão como numa arapuca; em lugar disso, esse grande imbecil se pôs a gritar, ao ladrão! o ladrão se salvou, mas, em sua precipitação, e perturbado que estava pela aguardente, esqueceu de recolher seu boné. O comerciante entrou quando não havia mais ninguém...; o que fará do boné, não era assunto meu: Aquele não estava em bons lençóis. Graças a mim, o ladrão não teve o tempo para terminar, e o comerciante o afastou pelo medo; o que não o impediu de dizer, voltando a sua casa, que ele lançou por terra um homem de seis pés. - Vede um pouco, disse, a que se prendem as coisas! Se eu não tivesse a idéia de pegar o tabaco!... - Se eu não tivesse te impedido de enviar nosso jovem! Disse a mulher... - É preciso convir que ambos fomos previdentes! - O que é senão o acaso!

Heis, meu caro, como nos agradecem.

59. Tu és um bravo jovem, meu caro Pierre, e te felicito. Não te desencorajes com a ingratidão dos homens; encontrarás muitas outras, agora que te metes a lhes prestar serviço, mesmo entre aqueles que crêem na intervenção dos Espíritos - R. Sim, e sei que os ingratos se preparam cruéis retornos.

60. Vejo agora que posso contar contigo, e que te tomas verdadeiramente sério. - R. Verás, mais tarde, que serei eu quem lhe pregará a moral.

61. Disso tenho necessidade como um outro, e recebo de bom grado os bons conselhos, de qualquer parte que venham. Disse que queria te mandar fazer uma boa ação; estás disposto? - R. Podes disso duvidar?

62. Tenho um dos meus amigos que está ameaçado, creio, por grandes decepções se continuar a seguir o mau caminho no qual está empenhado; as suas ilusões podem perdê-lo. Queria que tentasses conduzi-lo para o bom caminho, por alguma coisa que pudesse impressioná-lo vivamente; compreendes meu pensamento? -R. Sim; gostarias que lhe fizesse alguma boa manifestação; uma aparição, por exemplo; mas isso não está no meu poder. Posso, entretanto, algumas vezes, quando para isso tenho a permissão, dar provas sensíveis de minha presença; tu o sabes.

Nota. - O médium ao qual esse Espírito parece estar ligado, é informado de sua presença por uma impressão muito sensível, quando mesmo nem sonha chamá-lo. Ele o reconhece por uma espécie de roçadura que sente no braço, nas costas e nas espáduas; mas os efeitos são, algumas vezes, mais enérgicos. Em uma reunião que ocorreu em nossa casa, no dia 24 de março último, esse Espírito respondia às perguntas por intermédio de um outro médium. Falava-se de sua força física; de repente, como para dar uma prova, tomou um dos assistentes pela perna, por meio de um violento abalo, ergueu-o de sua cadeira e o lançou, muito aturdido, à outra extremidade da sala.

63. Farás o que fizeres, ou melhor, o que puderes. Informo-te que é um pouco médium. - R. Tanto melhor; tenho meu plano.

64. Que pretendes fazer? - R. Primeiro, vou estudar a posição; ver de quais Espíritos ele está cercado, e se há meio de fazer alguma coisa com eles. Uma vez em sua casa, anunciar-me-ei, como fiz em tua casa; interpelar-me-ão; responderei: "Sou eu, Pierre Lê Flamand, mensageiro em Espírito, que vem se colocar ao vosso serviço, e que, pela mesma ocasião, desejaria vos prestar um serviço. Ouvi dizer que estás em certas esperanças que vos giram a cabeça e que vos fazem já voltar as costas aos vossos amigos; creio dever, no vosso interesse, vos informar o quanto as vossas idéias estão longe de aproveitarem a vossa felicidade futura. Palavra de Lê Flamand, posso vos assegurar que venho vos ver com boas intenções. Temei a cólera dos Espíritos, e mais ainda a de Deus, e crede na palavra de vosso servidor que pode vos afirmar que sua missão é toda para o bem." (Sic.)

Se me despedem, voltarei três vezes, e depois verei o que houver a fazer. É isso?

65. Muito bem, meu amigo, mas disso não digas nem mais nem menos. - R. Palavra a palavra.

66. Mas perguntado de quem te encarregou dessa missão, que responderás? - R. Os Espíritos superiores. Posso, para o bem, não dizer inteiramente a verdade.

67. Tu te enganas; desde que se age para o bem, é sempre por inspiração de bons Espíritos; assim, tua consciência pode repousar, porque os maus Espíritos jamais impelem para fazer coisas boas. -R. Está combinado.

68. Agradeço-te e te felicito por tuas boas disposições. Quando queres que te chame para que me faças conhecer o resultado da missão? - R. Informar-te-ei.

(continua no próximo número)

Música de além-túmulo

Revista Espírita, maio de 1859

O Espírito de Mozart veio ditar ao excelente médium, Senhor Bryon-Dorgeval, um fragmento de sonata. Como meio de controle, esse último fê-la ouvir por vários artistas, sem indicá-lhes a fonte, pedindo simplesmente que cor encontravam nesse trecho; cada um nele reconheceu, sem hesitação, a marca de Mozart. Foi executado na sessão da Sociedade, do dia 8 de abril último, em presença de numerosos conhecedores, pela senhora de Davans, aluna de Cho-pin e pianista distinta, que consentiu em prestar seu concurso. Como ponto de comparação, a senhorita de Davans, preliminarmente, fez ouvir uma sonata composta por Mozart quando vivo. Não houve senão uma voz, não só sobre a perfeita identidade do gênero, mas ainda sobre a superioridade da composição espírita. Um trecho de Chopin foi em seguida executado pela senhorita de Davans, com seu talento habitual. Não se poderia perder essa ocasião de invocar esses dois compositores com os quais se teve a conversa seguinte:

Mozart

1. Sem dúvida sabeis qual o motivo que nos fez chamar-vos? - R. Vosso chamado me dá prazer.
 2. Reconheceis o trecho, que se acabou de tocar, como sendo ditado por vós - R. Sim, muito bem; eu o reconheço inteiramente. O médium, que me serviu de intérprete, é um amigo que não me traiu.
 3. Qual dos dois trechos preferis? - R. O segundo, sem paralelo.
 4. Por quê? - R. A doçura, o encanto nele estão mais vivos e com mais ternura, ao mesmo tempo.
- Nota.* - Com efeito, essas são as qualidades reconhecidas nesse trecho.
5. A música do mundo que habitais, pode ser comparada à nossa? - R. Ser-vos-ia difícil compreendê-la; temos sentidos que não possuis.
 6. Disseram-nos que, em vosso mundo, há uma harmonia natural, universal que não conhecemos neste mundo. - R. É verdade; na vossa Terra, fazeis a música; aqui, toda a Natureza faz ouvir sons melódiosos.
 7. Poderíeis tocar, vós mesmo, no piano? - R. Poderia, sem dúvida, mas não o quero; é inútil.
 8. Isso seria, no entanto, poderoso motivo de convicção. - R. Não estais convencidos?

Nota. - Sabe-se que os Espíritos jamais se prestam às provas; freqüentemente, fazem espontaneamente o que não se lhes pedem; esta, aliás, entra na categoria das manifestações

físicas das quais os Espíritos elevados não se ocupam.

9. Que pensais da recente publicação de vossas cartas? - R. Ela evocou muito minhas recordações.

10. Vossa recordação está na memória de todo o mundo; poderíeis precisar o efeito que essas cartas produziram na opinião? -R. Sim, amaram-na, e se apegou muito mais a mim como homem, como não acontecia antes.

Nota, - A pessoa, estranha à Sociedade, que colocou essas últimas perguntas, confirmou que tal foi, com efeito, a impressão produzida por essa publicação.

11. Desejamos interrogar Chopin; podemos? - R. Sim; ele está mais triste e mais sombrio do que eu.

Chopin

12. (Depois da evocação) Poderíeis dizer-nos em que situação estais como Espírito? - R. Ainda errando.

13. Lamentais a vida terrestre? - R. Não sou infeliz.

14. Sois mais feliz do que não éreis? - R. Sim, um pouco.

15. Dissestes *um pouco*, o que quer dizer não há uma grande diferença; o que vos falta para sê-lo mais? - R. Eu disse um pouco, com relação aquilo que poderia ter sido; porque com minha inteligência, poderia adiantar-me mais do que eu fiz.

16. A felicidade que não tendes agora esperais tê-la um dia? -R. Seguramente, isso virá, mas serão necessárias novas provas.

17. Mozart disse que estais sombrio e triste; por que isso? - R. Mozart disse a verdade. Eu me entristeço, porque empreendi uma prova que não conduzi bem, e não tenho mais a coragem para recomeçá-la.

18. Como apreciais as vossas obras musicais? - R. Eu as estimo muito, mas entre nós faz-se melhor; sobretudo, executa-se melhor; têm-se mais meios.

19. Quais são, pois, vossos executantes? - R. Temos, sob nossas ordens, legiões de executantes que seguem nossas composições com mil vezes mais de arte do que nenhum dos vossos; são músicos completos; o instrumento do qual se servem é sua garganta, por assim dizer, e são ajudados por instrumentos, espécies de órgãos de uma precisão e de uma melodia que pareceis não dever compreender.

20. Estais bem errante? - R. Sim; quer dizer que não pertenço a nenhum planeta exclusivamente.

21. E vossos executantes, estão também errantes? - R. Errantes como eu.

22. (A Mozart.) Teríeis a bondade de nos explicar o que Chopin acaba de dizer? Não compreendemos essa execução por Espíritos errantes. - R. Concebo vosso espanto; todavia, dissemos-vos que há mundos particularmente atribuídos aos seres errantes, mundos nos quais podem habitar temporariamente; espécies de acampamentos, de campos para repousar seus espíritos fatigados por uma muito longa erraticidade, estado sempre um pouco penoso.

23. (A Chopin.) Reconheceis aqui um de vossos alunos? - R. Sim, ele me parece.

24. Estaríeis à vontade assistindo à execução de um trecho de vossa composição? - R. Isso me dará muito prazer, sobretudo executada por uma pessoa que guardou de mim uma boa lembrança; que ela aceite os meus agradecimentos.

25. Poderíeis dar-nos o vosso julgamento sobre a música de Mozart? - R. Gosto muito dela; vejo Mozart como meu mestre.

26. Partilhais sua opinião relativamente à música de hoje? - R. Mozart disse que a música era melhor compreendida em seu tempo do que hoje: é a verdade; objetaria, todavia, de que há ainda verdadeiros artistas.

nota. - O fragmento de sonata ditado pelo Espírito de Mozart acaba de ser publicado. Pode-se procurá-lo, seja no Escritório da *Revista Espírita*, seja na livraria espírita do senhor Ledoyen, Palais Royal, galeria de Orléans, 31 - preço: 2 francos. -Será remetida *frankeada*, contra remessa de uma ordem dessa quantia.

Os mundos intermediários ou transitórios

Revista Espírita, maio de 1859

Viu-se, por uma das respostas narradas no artigo precedente, que haveria, ao que parece, mundos destinados aos Espíritos errantes. A idéia desses mundos não estava no pensamento de nenhum dos assistentes, e ninguém não a imaginara sem a revelação espontânea de Mozart, nova prova de que as comunicações espíritas podem ser independentes de toda opinião preconcebida. Com o objetivo de aprofundar essa questão, submetemo-la a um outro Espírito, fora da Sociedade e por intermédio de um outro médium, que disso não tinha nenhum conhecimento.

1. (A Santo Agostinho.) Existem, como nos foi dito, mundos que servem aos Espíritos errantes de estação e de ponto de repouso? - R. Há-os, mas não graduados; quer dizer que ocupam posições intermediárias entre os outros mundos, segundo a natureza dos Espíritos que podem aí chegar, e que neles gozam de um bem-estar maior ou menor.
2. Os Espíritos que habitam esses mundos podem deixá-los à vontade? - R. Sim; os Espíritos que se acham nesses mundos podem se desligar deles para irem onde devem ir. Figurai-vos aves de arribação abatendo-se sobre uma ilha à espera de recuperar forças para alcançar o seu destino.
3. Os Espíritos progridem durante suas estações nos mundos intermediários? - R. Certamente; aqueles que assim se reúnem, fazem-no com o objetivo de se instruírem e de poderem, mais facilmente, obter a permissão de alcançarem lugares melhores, e atingir a posição que os eleitos obtêm.
4. Esses mundos são perpetuamente, e por sua natureza especial, destinados aos Espíritos errantes? - R. Não; sua posição não é senão transitória.
5. São eles, ao mesmo tempo, habitados por seres corpóreos? - R. Não.
6. Têm uma constituição análoga à dos outros planetas? - R. Sim, mas a superfície é estéril.
7. Por que essa esterilidade? - R. Aqueles que os habitam de nada necessitam.
8. Essa esterilidade é permanente e prende-se à sua natureza especial? - R. Não, eles são estéreis por transição.
9. Esses mundos devem, então, estar desprovidos de belezas naturais? - R. A Natureza se traduz pelas belezas da imensidão que não são menos admiráveis daquilo que chamais as belezas naturais.
10. Há desses mundos no nosso sistema planetário? - R. Não.

11. Uma vez que seu estado é transitório, nossa Terra será um dia desse número? - R. Ela o foi.

12. Em qual época? - R. Durante a sua formação.

Nota. - Essa comunicação confirma, uma vez mais, essa grande verdade que nada é inútil na Natureza; cada coisa tem seu objetivo, sua destinação; nada está no vazio, tudo está habitado, a vida está por toda parte. Assim, durante a longa série de séculos que escoaram antes da aparição do homem na Terra, durante esses lentos períodos de transição atestados pelas camadas geológicas, antes mesmo da formação dos primeiros seres orgânicos; sobre essa massa informe, nesse árido caos onde os elementos estavam confundidos, não havia ausência de vida; seres que não tinham nem nossas necessidades, nem nossas sensações físicas aí encontravam refúgio. Deus quis que, mesmo nesse estado imperfeito, ela servisse para alguma coisa. Quem, pois, ousaria dizer que entre esses milhares de mundos que circulam na imensidão, um só, um dos menores, perdido na multidão, tivesse o privilégio exclusivo de ser povoado. Qual seria, pois, a utilidade dos outros? Deus não os teria feito senão para recrear nossos olhos? Suposição absurda, incompatível com a sabedoria que brilha em todas as suas obras. Ninguém contestará que há, nessa idéia de mundos ainda impróprios para a vida material, e todavia povoados por seres vivos apropriados a esse meio, alguma coisa de grande e sublime onde se encontra, talvez, a solução de mais de um problema.

O laço do Espírito e do corpo

Revista Espírita, maio de 1859

A senhora Schutz, uma de nossas amigas, que é perfeitamente deste mundo, e não parece dever deixá-lo tão cedo, tendo sido evocada durante seu sono, mais de uma vez, nos deu a prova da perspicácia de seu Espírito nesse estado. Um dia, ou melhor uma noite, depois de uma conversa bem longa, ela disse: Estou fatigada; tenho necessidade de repouso; eu durmo; meu corpo dele tem necessidade.

Sobre isso se lhe fez esta pergunta: Vosso corpo pode repousar; falando-vos, eu não o altero; é vosso Espírito que está aqui, e não o vosso corpo; podeis, pois, conversar comigo, sem que este sofra com isso. Ela respondeu:

"Estais errado crendo isso; meu Espírito se desliga bem pouco do meu corpo, mas é como um balão cativo retido por cordas. Quando o balão recebe os abalos ocasionais pelo vento, o poste que o mantém cativo sente a comoção dos abalos transmitidos pela amarração. Meu corpo está no lugar do poste, com a diferença que ele experimenta sensações desconhecidas ao poste, e que essas sensações cansam muito o cérebro; eis porque meu corpo, como meu Espírito, têm necessidade de repouso."

Esta explicação, na qual nos declarou que, durante a vigília, ela não havia jamais sonhado, mostra perfeitamente as relações que existem entre o corpo e o Espírito, quando este último goza de uma parte de sua liberdade. Sabemos muito bem que a separação absoluta não ocorre senão depois da morte, e mesmo algum tempo depois da morte, mas essa ligação não nos fora pintada com uma imagem tão clara e tão surpreendente; também felicitamos sinceramente essa senhora por tanto espírito que tinha enquanto dormia. Isso, todavia, não nos pareceria senão uma engenhosa comparação, quando recentemente essa figura tomou proporção de realidade. - O senhor R..., antigo ministro residente nos Estados Unidos, junto ao rei de Nápoles, homem muito esclarecido sobre o Espiritismo, vindo nos ver, perguntou-nos se, nos fenômenos de aparição, nunca havíamos observado uma particularidade distintiva entre o Espírito de uma pessoa viva e o de uma pessoa morta; em uma palavra, se, quando um Espírito aparece espontaneamente, seja durante a vigília, seja durante o sono, temos um meio de reconhecer se a pessoa está morta ou viva. Sobre nossa resposta de que disso não conhecemos além do que perguntá-lo ao Espírito, ele nos disse conhecer na Inglaterra um médium vidente, dotado de um grande poder, que, cada vez que o Espírito de uma pessoa viva se apresentava a ele, notava um rastro luminoso, partindo do peito, atravessar o espaço sem ser interrompido pelos obstáculos materiais, e indo chegar ao corpo, espécie de cordão umbilical, que une as duas partes momentaneamente separadas do ser vivo. Ele jamais notou quando a vida corpórea não existe mais, e é por esse sinal que reconhece se o Espírito é de uma pessoa morta ou ainda viva.

A comparação *da* senhora Schutz nos veio ao pensamento, e dela encontramos a confirmação do fato que acabamos de narrar. Faremos, todavia, uma nota a esse respeito.

Sabe-se que no momento da morte a separação não é brusca; o perispírito não se desliga senão pouco a pouco, e enquanto dure a perturbação, ele conserva uma certa afinidade com o corpo. Não seria possível que o laço observado pelo médium vidente, do qual acabamos de falar, subsistisse ainda quando o Espírito aparece no próprio momento da morte, ou poucos

instantes depois, como isso ocorre freqüentemente? Nesse caso, a presença desse cordão não seria um indício de que a pessoa está viva. O senhor R... não pôde nos dizer se o médium fez essa anotação. Em todos os casos, a observação não é menos importante, e lança uma nova luz sobre isso que podemos chamar a fisiologia dos Espíritos.

Refutação de um artigo de *O Universo*

Revista Espírita, maio de 1859

O jornal *O Universo*, em seu número de 13 de abril último, contém o artigo do senhor abade Chesnel, onde a questão do Espiritismo está longamente discutida. Tê-lo-íamos deixado passar como tantos outros aos quais não ligamos nenhuma importância, se se tratasse de uma dessas diatribes grosseiras que provam, pelo menos da parte de seus autores, a ignorância mais absoluta daquilo que atacam. Agradecemos reconhecer que o artigo do senhor abade Chesnel está redigido com espírito diferente. Pela moderação e a conveniência de sua linguagem, merece uma resposta, tanto mais necessária porque esse artigo contém um erro grave e pode dar uma idéia muito falsa seja do Espiritismo em geral, seja em particular do caráter e do objetivo dos trabalhos da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Citamos o artigo na íntegra.

"Todo o mundo conhece o espiritualismo do senhor Cousin, essa filosofia destinada a tomar delicadamente o lugar da religião. Hoje, possuímos sob o mesmo título um corpo de doutrina *reveladas*, que vai se completando pouco a pouco, é um culto muito simples, é verdade, mas de uma eficácia maravilhosa, uma vez que coloca os devotos em comunicação real, sensível e quase sempre permanente com o mundo sobrenatural.

"Esse culto tem assembléias periódicas que se abrem pela invocação de um santo canonizado. Depois de constatar a presença, no meio dos fiéis, de São Luís, rei da França, se lhe suplica interditar, aos maus Espíritos, a entrada do templo, e lê-se a ata da sessão precedente. Depois, com o convite do presidente, um *médium* sobe à escrivaninha junto ao secretário encarregado de escrever as perguntas feitas por um dos fiéis e as respostas que serão ditadas ao *médium*, pelo espírito invocado. A assembléia assiste gravemente, piedosamente, a essa cena de necromancia algumas vezes muito longa, e quando a ordem do dia está esgotada, retira-se mais persuadido que nunca da verdade do espiritualismo. Cada fiel, no intervalo que decorre até a reunião seguinte, não negligencia manter um comércio assíduo, mas privado, com aqueles espíritos que lhe são ou os mais acessíveis ou mais caros. Os *médiuns* são muitos, e não há quase nada de segredo, na outra vida, que os médiuns acabem por penetrar. Esses segredos, uma vez revelados aos fiéis, não são ocultados ao público. A *Revista espiritualista* que aparece regularmente todos os meses, não recusa nenhuma assinatura profana, e qualquer um pode comprar os livros que contêm o texto revelado com seu comentário autêntico.

"Chegar-se-ia a crer que uma religião, que consiste unicamente da evocação dos mortos, seja muito hostil à Igreja católica, que nunca cessou de interditar a prática da necromancia. Mas esses sentimentos estreitos, por natural que pareçam, não lhe são menos estranhos, assegure-se, ao coração dos espiritualistas. Rendem, de bom grado, justiça ao Evangelho e ao seu Autor, confessam que Jesus viveu, agiu, falou, sofreu como os nossos quatro evangelistas o narram. A doutrina evangélica é verdadeira; mas essa revelação, da qual Jesus foi o órgão, longe de excluir todo o progresso, tem necessidade de ser completada. O espiritualismo é que dará ao Evangelho a sã interpretação que lhe falta e o complemento que espera há dezoito séculos.

"Mas, também, quem assinará limites ao progresso do cristianismo ensinado, interpretado, desenvolvido qual está, por almas libertas da matéria, estranhas às paixões terrestres, aos nossos preconceitos e aos nossos interesses humanos? O próprio infinito se nos descobre; ora, o infinito não tem limites, e tudo nos faz esperar que a revelação do infinito será continuada, sem interrupção; à medida que se escoarem os séculos, ver-se-ão as revelações acrescentadas, sem esgotar jamais esses mistérios, cuja extensão e profundidade parecem aumentar à medida que se libertam da obscuridade que os envolvia até aqui.

"De onde esta conseqüência que o espiritualismo é uma religião, uma vez que nos coloca intimamente em relação com o infinito e que absorve, em se alargando, o cristianismo, que, de todas as formas religiosas presentes ou passadas, é, como se confessa sem dificuldade, a mais elevada, a mais pura e mais perfeita. Mas alargar o cristianismo é uma tarefa difícil, que não pode se cumprir sem derrubar as barreiras atrás das quais está entrincheirado. Os racionalistas não respeitam nenhuma barreira; menos ardentes, ou menos, avisados, os espiritualistas não encontram senão duas, cujo rebaixamento parece indispensável, a saber, a autoridade da Igreja católica, e o dogma da eternidade das penas.

"Esta vida é única prova que será dada ao homem para atravessar? A árvore mora eternamente no canto em que tombou? O estado da alma depois da morte é definitivo, irrevogável e eterno? Não, responde a necromancia espiritualista. Na morte, nada se acaba, tudo recomeça. A morte é, para cada um de nós, o ponto de partida de uma nova encarnação, de uma nova vida e de uma nova prova

"Deus, segundo o panteísmo alemão, não é o ser, mas o vir a ser eterno. O que quer que ele seja de Deus, o homem, segundo os espiritualistas parisienses, não tem outro destino que o futuro progressivo ou retrógrado, segundo seus méritos e segundo suas obras. A lei moral ou religiosa tem uma sanção verdadeira nas outras vidas, onde os bons são recompensados e os maus punidos, mas durante um período, mais ou menos longo, de anos ou de séculos, e não durante a eternidade.

"O espiritualismo seria a forma mística do erro do qual o senhor Jean Reynaud é o teólogo? Talvez. É permitido ir mais longe e dizer que entre o senhor Reynaud e os novos sectários exista um laço mais estreito que aquele da comunidade de doutrinas? Talvez ainda. Mas essa questão por falta de informações certas, não seria decidida aqui de um modo decisivo.

"O que importa muito mais que o parentesco ou as alianças heréticas do senhor Jean Reynaud, é a confusão de idéias da qual o progresso do espiritualismo é o sinal; é a ignorância em matéria de religião, que torna possível tanta extravagância; é a leviandade com a qual os homens, aliás estimáveis, acolhem essas revelações do outro mundo que não têm nenhum mérito, mesmo o da novidade.

"Não é necessário remontar até Pitágoras e aos pais da Igreja para descobrir as origens do espiritualismo contemporâneo. Serão encontradas folheando-se as atas do magnetismo animal.

"Desde o século XVIII, a necromancia desempenha um grande papel nas práticas do magnetismo; e vários anos antes que ocorresse a questão dos Espíritos batedores na América, certos magnetizadores franceses obtiveram, disseram eles, da boca dos mortos ou dos demônios, a confirmação de doutrinas condenadas pela Igreja; e notadamente a dos erros de Orígenes quanto à conversão futura dos maus anjos e dos condenados.

"É preciso dizer também que o médium espiritualista, no exercício de suas funções, pouco difere do *sujeito* nas mãos do magnetizador, e que o círculo abrangido pelas revelações do primeiro não ultrapassa aquela que limita a visão do segundo.

"As informações que a curiosidade obtém nos assuntos privados, por meio da necromancia, não ensinam, em geral, nada mais do que era conhecido antes. A resposta do médium espiritualista é obscura nos pontos que nossas pesquisas pessoais puderam esclarecer; ela é limpa e precisa nas coisas que nos são bem conhecidas; muda sobretudo sobre o que se oculta aos nossos estudos e aos nossos esforços. Parece, em uma palavra, que o médium tem uma visão magnética de nossa alma, mas que não descobre nada além daquilo que se encontra escrito. Mas essa explicação, que parece bem simples, está, todavia, sujeita a graves dificuldades. Ela supõe, com efeito, que uma alma pode naturalmente ler no fundo de uma outra alma sem os recursos de sinais, independentemente da vontade daquele que se tomaria, para qualquer um, um livro aberto e muito legível. Ora, os anjos, bons ou maus, não possuem naturalmente esse privilégio, nem com relação a nós, nem nas relações diretas que têm entre eles. Só Deus peneira imediatamente os espíritos e escruta, até o fundo, os corações mais obstinadamente fechados à sua luz.

"Se os fatos espiritualistas mais estranhos, que se narram, são autênticos, seria preciso, pois, para explicá-los, recorrer a outros princípios. Esquece-se muito que esses fatos se reportam, em geral, a um objeto que preocupa fortemente o coração ou a inteligência, que provocou longas pesquisas e dos quais, freqüentemente, fala-se fora da consulta espiritualista. Nessas condições, não se pode perder de vista que um certo conhecimento das coisas que nos interessam não ultrapassa nunca os limites naturais da força dos Espíritos.

"Qualquer que ela seja, não há outra coisa, no espetáculo que nos é dado hoje, senão um evolução do magnetismo que se esforça por se tornar uma religião.

"Sob a forma dogmática e polêmica que a nova religião deu ao senhor Jean Reynaud, ela encorajou a condenação do Concílio de Perigueux, cuja competência, lembre-se, foi gravemente negada pelo culpado.

"Na forma mística que ela toma hoje em Paris, merece ser estudada ao menos como um sinal dos tempos em que vivemos. O espiritualismo já recrutou um certo número de homens, entre os quais vários são honrosamente conhecidos no mundo. Esse poder de sedução que ele exerce, o lento progresso, mas não interrompido, que lhe é atribuído por testemunhas dignas de fé, as pretensões que ele ostenta, os problemas que coloca, o mal que pode fazer às almas, eis, sem dúvida, bastante motivos reunidos para atrair, desse lado, a atenção dos católicos. Guardemo-nos de atribuir, à nova seita, mais importância do que realmente ela tem. Mas, para evitar o exagero que aumenta tudo, não caiamos na mania de negar e diminuir todas as coisas. *Nolite omni spiritui credere, sed probate spiritus si ex Deo sint: Quoniam multi pseudoprophetae exierunt in mundum.* (1 João. IV. 1.)"

O ABADE FRANÇOIS CHESNEL.

SENHOR ABADE,

O artigo que publicastes no *Universo*, concernente ao Espiritismo, contém vários erros que importa retificar, e que provêm, sem dúvida, de um estudo incompleto da matéria. Para refutá-los todos, seria preciso retomar, desde o alicerce, todos os pontos da teoria, assim como os fatos que lhe servem de base, e é o que não tenho nenhuma intenção de fazer aqui.

Limite-me aos pontos principais.

Desejais reconhecer que as idéias espíritas *recrutaram* um certo número de homens honrosamente conhecidos no mundo; esse fato, cuja realidade ultrapassa, sem dúvida, de muito o que credes, merece incontestavelmente a atenção de todo homem sério, porque tantas pessoas eminentes, pela sua inteligência, seu saber e sua posição social, não se apaixonariam por uma idéia despida de todo fundamento. A conclusão natural é que no fundo de tudo isso deve haver alguma coisa.

Objetareis, sem dúvida, que certas doutrinas, metade religiosas, metade sociais, encontraram nestes últimos anos sectários nas próprias classes da aristocracia intelectual, o que não lhes impediu caírem no ridículo. Os homens de inteligência podem, pois, se deixarem seduzir-se por utopias. A isso respondo que as utopias não têm senão um tempo; cedo ou tarde; a razão lhe faz justiça; ocorrerá o mesmo com o Espiritismo, se for uma; se for uma verdade, ele triunfará de todas as posições, de todos os sarcasmos, direi mesmo de todas as perseguições, se as perseguições fossem ainda do nosso século, e os detratores o serão à suas expensas; seria bem preciso que, bom grado, malgrado, os opositores o aceitassem, como aceitaram tantas coisas, contra as quais haviam protestado, supostamente em nome da razão. O Espiritismo é uma verdade? O futuro julgará; já parece preannunciar pela rapidez com a qual essas idéias se propagam, e notai bem que não é na classe ignorante e iletrada que elas encontram adeptos, mas, bem ao contrário, entre as pessoas esclarecidas. Há ainda a se anotar que todas as doutrinas filosóficas são obras de homens com pensamentos maiores ou menores, mais ou menos justos; todas têm um chefe, ao redor do qual se agruparam outros homens partilhando a mesma maneira de ver. Qual é o autor do Espiritismo? Quem é aquele que imaginou essa teoria, verdadeira ou falsa? Procurou-se coordená-la, formulá-la, explicá-la, é verdade; mas a idéia primeira, quem a concebeu? Ninguém; ou, por melhor dizer, todo o mundo, porque cada um pôde ver, e aqueles que não viram, foi porque não quiseram ver, ou quiseram ver à *sua maneira, sem sair do círculo de suas idéias preconcebidas*, o que fez com que vissem mal e julgassem mal. O Espiritismo decorre de observações que cada um pode fazer, que não são nenhum privilégio para ninguém, é o que explica sua irresistível propagação; não é o produto de nenhum sistema individual, e é isso que o distingue de todas as outras doutrinas filosóficas.

Essas revelações do outro mundo não têm mesmo, dissestes, o mérito da novidade. Seria, pois, um mérito apenas a novidade? Quem jamais pretendeu que fosse uma descoberta moderna? Essas comunicações sendo uma consequência na natureza humana, e ocorrendo por uma vontade de Deus, fazem parte das leis imutáveis pelas quais rege o mundo; elas, pois, devem existir desde que há homens na Terra eis porque são encontradas na mais alta antigüidade, em todos os povos, na história profana, como também na história sacra. A antigüidade e a universalidade dessa crença são argumentos em seu favor; tirar dela uma conclusão desfavorável, seria falta de lógica antes de tudo.

Dissestes, em seguida, que a faculdade dos médiuns difere *pouco* da dos sujeitos na mão do magnetizador, dito de outro modo, do sonâmbulo; mas, admitamos mesmo uma perfeita identidade; qual pode ser a causa dessa admirável clarividência sonambúlica, clarividência que não encontra obstáculo nem na matéria, nem na distância; que se exerce sem o concurso dos órgãos da visão? Não é a demonstração mais patente da existência e da individualidade da alma, pivô da religião? Se eu fora padre, e quisesse, num sermão, provar que há em nós outra coisa além do corpo, demonstrá-lo-ia, de modo irrecusável, pelos fenômenos do sonambulismo natural ou artificial. Se a mediunidade não é senão uma variedade do sonambulismo, seus efeitos não são menos dignos de observação. Nela encontraria uma prova a mais em favor de minha tese, e dela faria uma nova arma contra o ateísmo e o materialismo. Todas as nossas faculdades são obras de Deus; quanto maiores e

maravilhosas, mais atestam seu poder e sua bondade.

Para mim que, durante trinta e cinco anos, fiz do sonambulismo um estudo especial, que nele fiz um não menos aprofundado de todas as variedades de médiuns, digo, como todos aqueles que não julgam pela visão de uma única face, que o médium é dotado de uma faculdade particular, que não permite confundi-lo com o sonâmbulo, e que a completa independência de seu pensamento está provada por fatos da última evidência, para qualquer que se coloque nas condições requeridas para observar sem parcialidade. Abstração feita das comunicações escritas, qual é o sonâmbulo que jamais fez jorrar um pensamento de um corpo inerte? Que produziu aparições visíveis e mesmo tangíveis? Que pôde manter um corpo pesado no espaço sem ponto de apoio? Foi por um efeito sonambúlico que um médium desenhou, há quinze dias, em minha casa, na presença de vinte testemunhas, o retrato de uma jovem morta há dezoito meses, e que jamais conhecera, retrato reconhecido pelo pai presente à sessão? Foi por um efeito sonambúlico que uma mesa respondeu com precisão às perguntas propostas, e mesmo a perguntas mentais? Seguramente, admitindo-se que o médium esteja num estado magnético, parece-me difícil acreditar que a mesma seja sonâmbula.

Dissestes que o médium não fala claramente senão de coisas conhecidas. Como explicar o fato seguinte, e cem outros do mesmo gênero, que se reproduziram muitas vezes e de meu conhecimento pessoal? Um de meus amigos, muito bom médium escrevente, perguntou a um Espírito se uma pessoa que ele perdeu de vistas há quinze anos está ainda neste mundo. "Sim, ele vive ainda, respondeu-lhe; ele mora em Paris, em tal rua e tal número." Ele foi, e encontrou a pessoa no endereço indicado. Foi ilusão? Seu pensamento poderia sugerir-lhe essa resposta? Se, em certos casos, as respostas podem concordar com o pensamento, é racional concluir disso que seja uma regra geral? Nisso, como em todas as coisas, os julgamentos precipitados são sempre perigosos, porque podem ser desmentidos pelos fatos que se observam.

De resto, senhor Abade, minha intenção não é fazer aqui um curso de Espiritismo, nem discutir-lhe o erro nem a verdade. Ser-me-ia preciso, como disse sempre, lembrar os inumeráveis fatos que citei na *Revista Espírita*, assim como as explicações que lhes dei em meus escritos. Chego, pois, à parte de vosso artigo que me parece a mais grave. Intitulastes vosso artigo: *Uma religião nova em Paris*. Supondo que tal fosse, com efeito, o caráter do Espiritismo, haveria aí um primeiro erro, tendo em vista que está longe de se circunscrever a Paris. Ele conta vários milhões de adeptos, espalhados nas cinco partes do mundo, e Paris não lhe foi o foco primitivo. Em segundo lugar, é uma religião? Tratarei de mostrar o contrário.

O Espiritismo funda-se sobre a existência de um mundo invisível, formado por seres incorpóreos que povoam o espaço, e que não são outros senão as almas daqueles que viveram na Terra, ou em outros globos, onde deixaram seu envoltório material. São esses seres aos quais demos, ou melhor, que se deram o nome de *Espíritos*. Esses seres, que nos rodeiam sem cessar, exercem sobre os homens, com o seu desconhecimento, uma grande influência; eles desempenham um papel muito ativo no mundo moral, e, até um certo ponto, no mundo físico. O Espiritismo está, pois, na natureza, e pode-se dizer que, em uma certa ordem de idéias, é uma força, como a eletricidade é uma outra sob outro ponto de vista, como a gravidade universal é uma outra.

Ele nos revelou o mundo dos invisíveis, como um microscópio nos revelou o mundo dos infinitamente pequenos, que não supúnhamos. Os fenômenos, dos quais esse mundo invisível é a fonte, deveram se produzir, e são produzidos, em todos os tempos, eis porque a história de todos os povos os menciona. Unicamente, em sua ignorância, os homens atribuíram esses

fenômenos a causas mais ou menos hipotéticas, e deram, sob esse aspecto, um livre curso à sua imaginação, como fizeram com todos os fenômenos, cuja natureza lhes era imperfeitamente conhecida. O Espiritismo, melhor observado depois que foi vulgarizado, vem lançar a luz sobre uma multidão de questões até aqui insolúveis ou mal resolvidas. Seu verdadeiro caráter é, pois, o de uma *ciência* e não de uma religião, e a prova disso é que conta, entre seus adeptos, com homens de todas as crenças, e que por isso não renunciaram às suas convicções: os católicos fervorosos que não praticam menos todos os deveres de seu culto, protestantes de todas as seitas, israelitas, muçulmanos e até budistas e brâmanes; há de tudo, exceto materialistas e ateus, porque essas idéias são incompatíveis com as *observações* espíritas. O Espiritismo repousa, pois, sobre princípios gerais independentes de todas as questões dogmáticas. Ele tem, é verdade, conseqüências morais como todas as ciências filosóficas; essas conseqüências estão no sentimento do Cristianismo, porque o Cristianismo, de todas as doutrinas, é a mais clara, a mais pura, e é por esta razão que, de todas as seitas religiosas do mundo, os cristãos são os mais aptos a compreendê-lo em sua verdadeira essência. O Espiritismo não é, pois, uma religião: de outro modo teria seu culto, seus templos, seus ministros. Cada um, sem dúvida, pode se fazer uma religião de suas opiniões, interpretar ao seu gosto as religiões conhecidas, mas daí à constituição de uma nova Igreja, há distância, e creio que seria imprudente dar-lhe a idéia. Em resumo, o Espiritismo se ocupa com a observação dos fatos, e não com as particularidades de tal ou tal crença, da procura das causas, de explicações que esses fatos podem dar de fenômenos conhecidos, na ordem piorai como na ordem física, e não impõe mais um culto aos seus adeptos do que a astronomia impõe o culto dos astros, nem a pirotécnica o do fogo. Bem mais: do mesmo modo que o sabeísmo nasceu da astronomia mal compreendida, o Espiritismo, mal compreendido na antigüidade, foi a fonte do politeísmo. Hoje que, graças às luzes do Cristianismo, podemos julgá-lo mais sadiamente, nos põe em guarda contra os sistemas errôneos, frutos da ignorância; e a própria religião pode nele haurir a prova palpável de muitas verdades contestadas por certas opiniões; eis porque, contrariamente à maioria das ciências filosóficas, um dos seus efeitos é o de conduzir às idéias religiosas aqueles que se desviaram por um ceticismo exagerado.

A Sociedade, da qual falais, definiu seu objetivo por seu próprio título; o nome de: *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* não se parece com nada de uma seita; tem-lhe tão pouco caráter, que seu regimento lhe interdita ocupar-se de questões religiosas; ela está alinhada na categoria de sociedades científicas porque, com efeito, seu objetivo é estudar e aprofundar todos os fenômenos que resultam das relações entre o mundo visível e o mundo invisível; ela tem seu presidente, seu secretário, seu tesoureiro, como todas as sociedades; não convida o público às suas sessões; ali não se faz nenhum discurso, nem nada que tenha o caráter de um culto qualquer. Ela procede aos seus trabalhos com calma e recolhimento, primeiro porque é uma condição necessária para as observações; segundo, porque sabe o respeito que se deve àqueles que não vivem mais na Terra. Chama-os em nome de Deus, porque crê em Deus, em seu todo poder, e sabe que nada se faz neste mundo sem a sua permissão. Abre a sua sessão por uma chamada geral aos bons Espíritos, porque, sabendo que os há bons e maus, prende-se a que estes últimos não venham misturar-se fraudulentamente às comunicações que recebem e induzi-la em erro. O que isso prova? Que não somos ateus; mas isso não implica, de nenhum modo, que sejamos religiosos; é do que deveria convencer-se a pessoa que vos narrou o que se faz entre nós, se ela tivesse seguido nossos trabalhos, e se, sobretudo, os julgasse menos levemente, e talvez com espírito menos prevenido e menos apaixonado. Os fatos protestam, pois, por si mesmos, contra a qualificação de *nova seita* que destes à Sociedade, por falta, sem dúvida, de melhor conhecê-la.

Terminais vosso artigo chamando a atenção dos católicos para o mal que o Espiritismo pode fazer às almas. Se as conseqüências do Espiritismo fossem a negação de Deus, da alma, de

sua individualidade depois da morte, do livre arbítrio do homem, das penas e das recompensas futuras, seria uma doutrina profundamente imoral; longe disso, ele prova, não pelo raciocínio, mas pelos fatos, essas bases fundamentais da religião, da qual o mais perigoso inimigo é o materialismo. E faz mais: por suas conseqüências ensina a suportar, com resignação, as misérias desta vida; acalma o desespero; ensina os homens a se amarem como irmãos, segundo os divinos preceitos de Jesus. Se soubésseis, como eu, quantos incrédulos endurecidos conduziu, quanto arrancou de vítimas ao suicídio pela perspectiva da sorte reservada àqueles que abreviam sua vida, contrariamente à vontade de Deus; quantos ódios acalmou e aproximou inimigos! Está aí o que chamais fazer mal às almas? Não, não podeis pensar assim, e apraz-me crer que se o conhecesse melhor, julgá-lo-ia de outro modo. A religião, direis, pode fazer tudo isso. Longe de mim contestá-lo; mas crede que teria sido mais feliz para aqueles que ela encontrou rebeldes, seres que permaneceram numa incredulidade absoluta? Se o Espiritismo disso triunfou, se tornou claro o que era obscuro, evidente o que era duvidoso, onde está o mal? Para mim, digo que em lugar de perder as almas, ele as salvou.

Aceite, etc.

ALLAN KARDEC.

O Livro dos Espíritos entre os selvagens

Revista Espírita, maio de 1859

Sabíamos que O Livro dos Espíritos tem leitores simpáticos em todas as partes do mundo, mas estaríamos certamente em dúvida que se pudessem encontrá-los entre os selvagens da América do Sul, sem uma carta que nos foi endereçada de Lima, há alguns meses, e da qual cremos dever publicar a tradução integral, em razão do fato significativo que ela encerra, e do qual cada um compreenderá a importância. Ela traz consigo seu comentário, e não lhe acrescentaremos nenhuma reflexão.

"Muito honrado senhor Allan Kardec,

"Perdoe-me em não vos escrever em francês; compreendo essa língua pela leitura, mas não posso escrevê-la correta e inteligivelmente.

"Freqüento, há mais de dez anos, as povoações aborígenes que habitam a vertente oriental dos Andes, nos países da América, nos confins do Peru. Vosso O Livro dos Espíritos, que obtive em uma viagem a Lima, me acompanha nessas solidões; dizer-vos que eu li com avidez, e que o releio sem cessar, isso não deve vos espantar, também não viria vos perturbar por tão pouca coisa, se não cresse que certas informações podem vos interessar, e se não tivesse o desejo de obter de vós alguns conselhos, que espero de vossa bondade, não duvidando que vossos sentimentos humanos não estejam de acordo com os sublimes princípios de vosso livro.

Esses povos que chamamos selvagens, o são menos do que se crê geralmente; querendo-se dizer que habitam cabanas em lugar de palácios, que não conhecem nossas artes e nossas ciências, que ignoram a etiqueta de pessoas polidas, eles são verdadeiros selvagens; mas sob o aspecto da inteligência, entre eles se encontram idéias de uma justeza espantosa, uma grande finura de observação, e de sentimentos nobres e elevados. Eles compreendem, com uma maravilhosa facilidade, e têm o espírito, sem comparação, menos pesado do que os camponeses da Europa. Desprezam o que lhes parece inútil, com relação à simplicidade que basta ao gênero de vida. A tradição de sua antiga independência está sempre viva neles, por isso têm uma aversão insuperável por seus conquistadores; mas, se odeiam a raça em geral, prendem-se aos indivíduos que lhes inspiram confiança absoluta. É a essa confiança que devo o viver em sua intimidade, e quando estou no meio deles, estou mais em segurança do que em certas grandes cidades. Quando os deixo ficam tristes, e me fazem prometer retornar; quando retorno, toda a tribo está em festa.

Essas explicações eram necessárias para aquilo que vai seguir.

Disse-vos que tenho comigo O Livro dos Espíritos. Um dia, tomei o capricho de traduzir-lhes algumas passagens, e fiquei fortemente surpreendido em ver que o compreendiam melhor do que houvera pensado, em consequência de certas anotações, muito judiciosas, que faziam. Eis um exemplo.

A idéia de reviver na Terra lhes parecia muito natural, e um deles me disse um dia: quando morreremos, poderemos nascer entre os Brancos? - Seguramente, respondi. - Então, talvez sejas um de nossos parentes? - É possível. - Sem dúvida, é por isso que és bom para nós e que nós te amamos? - É ainda possível. - Então, quando encontrarmos um Branco não é preciso fazer-lhe mal porque, talvez, seja um de nossos irmãos.

Admirais, sem dúvida, como eu, senhor, essa conclusão de um selvagem, e o sentimento de fraternidade que ela fez nascer nele. De resto, a idéia de Espíritos não é nova para eles; está em suas crenças, e estão persuadidos de que se pode conversar com os parentes que morreram e que eles vêm visitar os vivos. O ponto importante está em disso tirar partido para moralizá-los, e não creio que isso seja uma coisa impossível, porque eles não têm ainda os vícios de nossa civilização. Aqui é que teria necessidade dos conselhos da vossa experiência. Erra-se, penso, em crer que não se pode influenciar as pessoas ignorantes senão falando aos seus sentidos; penso, ao contrário, que é mantê-las em idéias estreitas, e desenvolver nelas a tendência à superstição. Creio que o raciocínio, quando se sabe colocá-lo à altura das inteligências, terá sempre um império mais durável.

Na espera da resposta com a qual podereis me favorecer, receberei, etc.

DON FERNANDO GUERRERO.

Aforismos Espíritas e pensamentos destacados

Revista Espírita, maio de 1859

Quando quiserdes estudar a aptidão de um médium, não evoqueis à primeira vista, por seu intermédio, qualquer Espírito, porque não foi dito que o médium esteja apto a servir de intérprete a todos os Espíritos, e que os Espíritos levianos podem usurpar o nome daquele que chamais. Evocai de preferência seu Espírito familiar, porque este virá sempre; então o julgareis por sua linguagem e estareis em melhor condição de apreciar a natureza das comunicações que o médium recebe.

Os Espíritos encarnados agem por si mesmos, segundo sejam bons ou maus; podem agir também sob o impulso de Espíritos não encarnados, dos quais são os instrumentos para o bem ou o mal, ou para o cumprimento de acontecimentos. Assim, com o nosso desconhecimento, somos os agentes da vontade dos Espíritos por aquilo que se passa no mundo, ora num interesse geral, ora num interesse individual. Assim, encontramos alguém que é causa para que façamos ou não façamos alguma coisa; cremos que seja o acaso que no-lo envia, ao passo que, o mais freqüentemente, são os Espíritos que nos impelem um contra o outro, porque esse reencontro deve conduzir a um resultado determinado.

Os Espíritos, encarnando-se em diferentes posições sociais, são como atores que, fora da cena, se vestem como todo o mundo, e na cena, revestem todas as roupas e desempenham todos os papéis, desde rei ao de trapeiro.

Há pessoas que não temem a morte, que a afrontam cem vezes, e que experimentam um certo medo da obscuridade; não têm medo de ladrões e, todavia, no isolamento, no cemitério, na noite, têm medo de qualquer coisa. São os Espíritos que estão perto deles, e cujo contato produz sobre eles uma impressão, e, por consequência, um medo do qual não se rendem conta.

As origens que certos Espíritos nos dão pela revelação de pretensas existências anteriores, freqüentemente, são um meio de sedução e uma tentação para o nosso orgulho, que se vangloria por ter sido tal ou qual personagem.

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Segundo Ano – 1859

Junho

- O músculo fanfarrão, refutação da teoria do senhor M. Jobert (de Lamballe) sobre as manifestações físicas dos Espíritos
- Intervenção da ciência no Espiritismo
- Conversas familiares de além-túmulo
 - Senhor de Humboldt
 - Goéthe
 - O negro Pai César
- Variedades. A princesa de Rebinine. (Extraído do *Courier de Paris*)
- O major Georges Sydenham

O músculo fanfarrão

Revista Espírita, junho de 1859

Os adversários do Espiritismo acabam de fazer uma descoberta que deverá contrariar muito os Espíritos batedores; é para eles um golpe, do qual terão muita dificuldade para se levantarem. Que devem pensar, com efeito, da terrível estocada que acabam de lhes dar o senhor Schiff, e depois o senhor Jobert (de Lamballe), e depois o senhor Velpeau? Parece-me vê-los todos envergonhados com mais ou menos esta linguagem: "Pois bem! Meu caro, estamos em maus lençóis! Heis-nos derrotados; não contávamos com a anatomia que descobriu as nossas artimanhas. Decididamente, não há meios para se viver num país onde há pessoas que vêem tão claro." - Vamos, senhores palermas, que crestes ingenuamente em todos esses contos de velhas; impostores que quisestes crêsemos que podem existir seres que não vemos. Ignorantes que credes que alguma coisa possa escapar ao escalpelo, *mesmo a vossa alma*] e vós todos, escritores espíritas ou espiritualistas, mais ou menos espirituais, inclinai-vos e reconhecei que fostes todos enganadores, charlatães, até mesmo velhacos ou imbecis: esses senhores vos deixam a escolha, porque heis a luz, a verdade pura.

"Academia de ciências (sessão de 18 de abril de 1859.) - DA CONTRAÇÃO RÍTMICA MUSCULAR INVOLUNTÁRIA. - O senhor Jobert (de Lamballe) comunica um fato curioso de contrações musculares involuntárias rítmicas do curto perônio lateral direito, que confirma a opinião do senhor Schiff, relativamente ao fenômeno oculto dos *Espíritos batedores*.

A senhorita X..., com a idade de quatorze anos, bem constituída, desde os seis anos ostentando movimentos involuntários regulares do músculo curto perônio lateral direito, e batimentos que se fazem ouvir atrás do maléolo externo direito, oferecendo a regularidade do pulso. Declararam-se, pela primeira vez, na perna direita, durante a noite, ao mesmo tempo que uma dor muito viva. Pouco tempo depois, o curto perônio lateral esquerdo foi atingido por uma afecção da mesma natureza, mas de menor intensidade.

O efeito desses batimentos é o de provocar a dor, produzir hesitações no caminhar e mesmo determinar quedas. A jovem enferma declarou-nos que a extensão do pé e a compressão exercida sobre certos pontos do pé e da perna bastam para detê-los, mas que, então, continua a sentir a dor e a fadiga no membro.

Quando essa interessante pessoa se nos apresentou, heis em que estado a encontramos: Ao nível do maléolo externo direito, foi fácil constatar, perto dessa saliência óssea, um batimento regular, acompanhado de uma saliência passageira e de um levantamento das partes moles dessa região, que eram seguidas de um ruído seco sucedendo a cada contração muscular. Esse ruído se fazia ouvir na cama, fora da cama e a uma distância bastante considerável do lugar onde a jovem repousava. Notável pela sua regularidade e seu estrépito, esse ruído a acompanhava por toda parte. Aplicando-se o ouvido sobre a perna, o pé ou sobre o maléolo, distinguia-se um choque incômodo que ganhava toda a largura do trajeto percorrido pelo músculo, absolutamente como um golpe transmitido de uma extremidade à outra de um madeiro. Algumas vezes, esse ruído parecia uma fricção, uma arranhadura, e isso quando as contrações tinham menor intensidade. Esses mesmos fenômenos sempre se reproduziram, quer a doente estivesse de pé, sentada ou deitada, qualquer que fosse a hora do dia ou da noite, quando nós a examinávamos.

Se estudarmos os batimentos produzidos, e se, para maior clareza, decompuermos cada batimento em dois tempos, veremos:

Que, no primeiro tempo, o tendão do curto perônio se desloca saindo da goleira e, necessariamente, levantando o longo perônio lateral e a pele;

Que, no segundo tempo, tendo se cumprido o fenômeno de contração, seu tendão se relaxa, se repõe na goleira, e produz, batendo contra esta, o ruído seco e sonoro do qual falamos.

Ele se renovava, por assim dizer, a cada segundo, e cada vez o pequeno dedo do pé sofria um impulso e a pele que recobria o quinto metatársico era levantada pelo tendão. Ele cessava quando o pé era fortemente estendido. Cessava, ainda, quando era exercida uma pressão sobre o músculo ou a bainha dos perônios.

Nestes últimos anos, os jornais franceses e estrangeiros têm falado muito de ruídos semelhantes a *golpes de martelo*, ora se sucedendo regularmente, ora tomando um ritmo particular, que se produziam ao redor de certas pessoas deitadas em seu leito.

Os charlatães se apossaram desses fenômenos singulares, cuja realidade, aliás, foi atestada por testemunhas dignas de fé. Tentou-se reportá-los a uma causa sobrenatural, e deles se serviram para explorar a credulidade pública.

A observação da senhorita X... mostra como, sob a influência da contração muscular, os tendões deslocados podem, no momento em que caem em suas goleiras ósseas, produzir batimentos que, para certas pessoas, anunciam a presença de *Espíritos batedores*.

Com o exercício, todo homem pode adquirir a faculdade de produzir, à vontade, semelhantes deslocamentos dos tendões e batimentos secos que são ouvidos à distância.

Repelindo toda idéia de intervenção sobrenatural e notando que esses batimentos, e esses ruídos se passavam sempre ao pé do leito dos indivíduos agitados pelos Espíritos, o senhor Schiff perguntou-se se a sede desses ruídos não estava neles, antes que fora deles. Seus conhecimentos anatômicos levaram-no a pensar que poderia bem estar na perna, na região peroneal, onde se acham colocados uma superfície óssea, tendões e uma corrediça comum.

Com essa maneira de ver, *estando bem arraigada em seu espírito*, fez experiências e ensaios sobre si mesmo, que não lhe permitiram duvidar que o ruído tinha a sua sede atrás do maléolo externo e na corrediça dos tendões peroneais.

Logo o senhor Schiff chegou mesmo a executar ruídos voluntários, regulares, harmoniosos, e pôde, diante de um grande número de pessoas (cerca de cinquenta ouvintes), imitar os prodígios dos Espíritos batedores com ou sem sapato, de pé ou deitado.

O senhor Schiff estabeleceu que todos esses ruídos têm por origem o tendão do longo perônio, quando passa na goleira peroneal, e acrescentou que coexiste com um adelgaçamento, ou a ausência, da bainha comum ao longo e ao curto perônio. Quanto a nós, admitindo primeiro que todos esses batimentos são produzidos pela queda do tendão contra a superfície óssea peroneal, pensamos, entretanto, que não há necessidade de uma anomalia da bainha para deles se render conta. Bastam a contração do músculo, o deslocamento do tendão e seu retorno à goleira para que o ruído ocorra. Além disso, só o curto perônio é o

agente do ruído em questão. Com efeito, ele assume uma direção mais direita que o longo perônio, que sofre vários desvios em seu trajeto; ele está profundamente situado na goteira; recobre inteiramente a goteira óssea, de onde é natural concluir que o ruído é produzido pelo choque desse tendão sobre as partes sólidas da goteira; apresenta fibras musculares até a entrada do tendão na goteira comum, ao passo que, para o longo perônio, é tudo ao contrário.

O ruído é variável em sua intensidade e pode-se, com efeito, distinguir-lhe diversas nuances. Assim é que, depois do ruído estrepitoso e que se distingue ao longe, encontram-se variedades de ruído, de fricção, de serra, etc.

Pelo método subcutâneo, sucessivamente, fizemos incisão através do corpo do curto perônio lateral direito e do corpo, do mesmo músculo, do lado esquerdo em nossa doente, e mantivemos os membros na imobilidade com a ajuda de um aparelho. Fez-se a reunião e a função dos dois membros foi recuperada, sem nenhum sinal dessa singular e RARA afecção.

SENHOR VELPEAU. Os ruídos, dos quais o senhor Jobert acaba de tratar em sua interessante notícia, me parecem prenderem-se a uma questão bastante vasta. Observam-se, com efeito, esses ruídos, em grande quantidade de regiões. O quadril, a espádua, o lado interno do pé, muito freqüentemente, tornam-se sua sede. Eu vi, entre outras, uma senhora que, com a ajuda de certos movimentos de rotação da coxa, assim produzia uma espécie de música bastante manifesta para ser ouvida de um canto ao outro do salão. O tendão da parte longa do bíceps braquial engendra-o facilmente saindo de sua corrediça, quando os freios fibrosos, que o retêm naturalmente, venham a se relaxar ou romper-se. Ocorre o mesmo com o músculo superior da perna ou o flexor do grosso dedo do pé, atrás do maléolo interno. Tais ruídos se explicam, assim como o entenderam os senhores Schiff e Jobert, pela fricção ou os sobressaltos dos tendões nas ranhuras ou contra as bordas nas superfícies sinoviais. Conseqüentemente, são possíveis em uma infinidade de regiões ou na vizinhança de uma multidão de órgãos. Ora claros ou ruidosos, ora surdos ou obscuros, por vezes úmidos e de outras secos, variam, aliás, extremamente de intensidade.

Esperamos que o exemplo dado, a esse respeito, pelos senhores Schiff e Jobert venha a levar os fisiologistas a se ocuparem seriamente com esses diversos ruídos, e que darão, um dia, a explicação racional de fenômenos incompreendidos ou atribuídos, até aqui, a causas ocultas e sobrenaturais.

O senhor JULES CLOQUET, com o apoio das observações do senhor Velpeau sobre os ruídos anormais que os tendões podem produzir em diversas regiões do corpo, cita o exemplo de uma jovem de dezesseis a dezoito anos, que lhe foi apresentada no hospital Saint-Louis, numa época na qual os senhores Velpeau e Jobert estavam ligados a esse mesmo estabelecimento. O pai dessa jovem, que se intitulava *pai de um fenômeno*, espécie de saltimbanco, pretendia tirar proveito de sua filha entregando-a numa exibição pública; ele anunciou que sua filha tinha no ventre um movimento de pêndulo. Essa jovem estava perfeitamente conformada. Por um ligeiro movimento de rotação na região lombar da coluna vertebral, ela produzia estalidos muito fortes, mais ou menos regulares, segundo o ritmo dos ágeis movimentos que imprimia à parte inferior de seu busto. Esses ruídos anormais podiam ser ouvidos, muito distintamente, a mais de vinte e cinco pés de distância, e se assemelhavam ao ruído de um velho espeto de manivela; eram suspensos à vontade da jovem, e pareciam ter sua sede nos músculos da região lombo-dorsal da coluna vertebral."

Esse artigo, tirado de *a L'Abeille médicale*, e que cremos dever transcrever na íntegra, para a edificação de nossos leitores, e a fim de que não nos acusassem de querer evitar alguns

argumentos, foi reproduzido com variantes por diferentes jornais, com epítetos forçados. Não temos o hábito de revelar grosserias; deixamo-las à sua conta, dizendo-nos nosso vulgar bom senso que nada se prova com asneiras e injúrias, por sábio que se seja. Se o artigo em questão se limitasse a essas banalidades, que nem sempre são marcadas com o cunho da urbanidade e da civilidade, não as teríamos revelado; mas ele trata da questão do ponto de vista científico; ele nos acabrunha por demonstrações com as quais pretende nos pulverizar; vejamos, pois, decididamente, se estamos mortos com o decreto da Academia de ciências, ou bem se temos alguma chance de vivermos como esse pobre louco Fulton, cujo sistema foi declarado, pelo Instituto, um sonho oco, impraticável, o que muito simplesmente privou a França da iniciativa da marinha a vapor; e quem sabe quais as conseqüências que essa força, nas mãos de Napoleon I, poderia ter sobre os acontecimentos ulteriores!

Não faremos senão uma curtíssima nota a respeito da qualificação de charlatão dada aos partidários de idéias novas; parece-nos um tanto arriscada, quando se aplica a milhões de indivíduos que dela não tiram nenhum proveito* e quando ela alcança os cumes mais elevados das regiões sociais. Esquece-se que o Espiritismo fez, em alguns anos, progressos incríveis em todas as partes do mundo; que ele se propaga, não entre os ignorantes, mas nas classes esclarecidas; que conta, em suas fileiras, um número muito grande de médicos, de magistrados, de eclesiásticos, de artistas, de homens de letras, de altos funcionários: pessoas às quais, geralmente, se atribuem algumas luzes e um pouco de bom senso. Ora, confundi-las no mesmo anátema, e enviá-las sem cerimônia às Petites-Maisons, é agir muito insolentemente.

Mas, direis, aquelas pessoas são de boa fé; são vítimas de uma ilusão; não negamos o efeito, não contestamos senão a causa que lhe atribuí, a ciência vem de descobrir a verdadeira causa, fê-la conhecer e, por isso mesmo, fez desabar esse alicerce místico de um mundo invisível que pode seduzir imaginações exaltadas, mas fiéis.

Não nos apontamos como sábios, e ainda menos ousaríamos nos colocar ao nível de nossos honrosos adversários; diremos apenas que os nossos estudos em anatomia, e as ciências físicas e naturais que tivemos a honra de professar, nos permitem compreendermos sua teoria, e que de modo algum estamos aturdidos por essa avalanche de termos técnicos; os fenômenos dos quais eles falam nos são perfeitamente conhecidos. Nas nossas observações sobre os efeitos atribuídos aos seres invisíveis, não tivemos cautela de negligenciar uma causa tão patente de equívoco. Quando um fato se apresenta, não nos contentamos com uma única observação; queremos vê-lo de todos os lados, sob todas as faces, e antes de aceitarmos uma teoria, examinamos se ela rende conta de todas as circunstâncias, se algum fato desconhecido não vem contradizê-la, em uma palavra, se ela resolve todas as questões: a verdade tem esse preço. Admitis, senhores, que essa maneira de proceder é bastante lógica. Pois bem! Apesar de todo o respeito que impõe o vosso saber, ele apresenta algumas dificuldades na aplicação de vosso sistema a isso que se chama os Espíritos batedores. A primeira é que é ao menos singular que essa faculdade, que o senhor Jobert (de Lamballe) qualifica de *rara e singular afecção*, tenha se tornado de repente tão comum. O senhor Lamballe disse, é verdade, que todo homem pode adquiri-la pelo exercício; mas como ele disse também que ela é acompanhada de dor e de fadiga, o que é bastante natural, convir-se-á que seria necessário ter uma firme vontade de mistificar para fazer estalar seu músculo, durante duas ou três horas seguidas, quando isso não acrescenta nada, e pelo único prazer de divertir uma sociedade.

Mas falemos seriamente; isso é mais grave porque vem da ciência. Esses senhores que descobriram essa maravilhosa propriedade do músculo longo perônio, não desconfiam de tudo o que esse músculo pode fazer; ora, heis um belo problema para resolver. Os tendões deslocados não batem somente nas goleiras ósseas; por um efeito verdadeiramente bizarro,

vão bater contra as portas, as paredes, os tetos, e isso à vontade, em tal lugar designado. Mas heis o que é mais forte, e vede quanto a ciência está longe de desconfiar de todas as virtudes desse músculo estalador: ele tem o poder de levantar uma mesa sem tocá-la, de fazê-la bater os pés, passear num aposento, manter-se no espaço sem ponto de apoio; de abri-la e de fechá-la, e avaliai sua a força! de fazê-la quebrar ao cair. Credes que se trata de uma mesa frágil e leve como uma pluma, e que se ergue soprando em cima? Desenganai-vos, trata-se de mesas pesadas e maciças, pesando cinqüenta a sessenta quilos, que obedecem às mocinhas, às crianças. Mas, dirá o senhor Schiff, jamais vi esses prodígios. Isso é fácil de conceber, ele não quis ver senão as pernas.

Em suas observações, o senhor Schif empregou a necessária independência de idéias? Estava livre de toda prevenção? Disso é permitido duvidar, não somos nós que o dizemos, é senhor Jobert. Segundo ele, o senhor Schif perguntou-se, falando dos médiuns, se a sede desses ruídos não estava antes neles do que fora deles; *seus conhecimentos anatômicos levaram-no a pensar que bem poderia estar na perna. Essa maneira de ver estava bem assentada em seu espírito*, etc. Assim, da declaração do senhor Jobert, o senhor Schiff tomou por ponto de partida, não os fatos, mas sua própria idéia, sua idéia preconcebida *bem assentada*; daí as pesquisas em um sentido exclusivo e, por conseqüência, uma teoria exclusiva que explica perfeitamente o fato que ele viu, mas não aqueles que não viu. - E por que não viu? -Porque, em seu pensamento, ele não tinha senão um ponto de partida verdadeiro, e uma explicação verdadeira; partindo daí, todo o resto deveria ser falso e não mereceria exame; disso resultou que, em seu ardor de rachar os médiuns ao meio, ele a feriu de lado.

Crede, Senhores, conhecer todas as virtudes do longo perônio, porque o surpredestes tocando guitarra em sua corrediça? Ah! bem que sim, heis outra coisa a ser registrada nos anais anatômicos. Crestes que o cérebro era a sede do pensamento; errado! Pode-se pensar pela cravelha. As pancadas dão provas de inteligência, portanto, se esses golpes vêm exclusivamente do perônio, que seja o longo, segundo o senhor Schiff, ou o curto, segundo o senhor Jobert, (seria preciso, portanto, entender-se bem a esse respeito): é porque o perônio é inteligente. - Isso nada tem de espantoso; o médium, fazendo estalar seu músculo à vontade, executará o que quiserdes: ele imitará a serra, o martelo, baterá o toque de reunir, o ritmo de uma música pedida. - Seja; mas quando o ruído responde a uma coisa que o médium desconhece inteiramente, que não pode saber; quando vos diz esses pequenos segredos que só vós sabeis, desses segredos que se gostaria de esconder no gorro de dormir, é preciso convir que o pensamento vem de outra parte que não o seu cérebro. De onde vem ele? Por Deus! Do longo perônio. Isso não é tudo, ele é também poeta, esse longo perônio, porque pode compor versos encantadores, embora o médium jamais soubesse fazê-los em sua vida; ele é poliglota, porque dita coisas verdadeiramente muito sensatas em línguas das quais o médium não sabe a primeira palavra; ele é músico... nós o sabemos, o senhor Schiff fez o seu executar sons harmoniosos, com ou sem sapato, diante de cinqüenta pessoas. Sim; mas ele compõe. Vós, senhor Dorgeval, que nos destes recentemente uma encantadora sonata, credes ingenuamente que foi o Espírito de Mozart que vo-la ditou? Em verdade, senhores médiuns, não desconfiáveis de terem tanto espírito em vosso calcanhar. Honra, pois, àqueles que fizeram essa descoberta; que seus nomes sejam escritos em letras grandes para a edificação da posteridade, e a honra de sua memória!

Gracejais com uma coisa séria, dir-se-á; mas os gracejos não são razões. Não, não mais que as asneiras e as grosserias.

Confessando nossa ignorância junto desses senhores, aceitamos sua sábia demonstração e a tomamos muito seriamente. Acreditávamos que certos fenômenos eram produzidos por seres invisíveis que se deram o nome de Espíritos: enganamo-nos, seja; como procuramos a

verdade, não teremos a tola pretensão de nos apaixonar por uma idéia que nos é demonstrada falsa, de modo tão peremptório. Desde o momento em que o senha Jobert, por uma incisão subcutânea, pôs termo aos Espíritos, é porque não há Espíritos. Uma vez que ele disse que todos os ruídos vêm do perônio, é necessário crê-lo e admiti-lo em todas as suas conseqüências; assim, quando os golpes se fazem ouvir na parede ou no teto, é porque o perônio aí corresponde, ou que a parede tem um perônio; quando esses golpes ditam versos por uma mesa que bate o pé, de duas coisas uma, ou a mesa é poeta ou bem o perônio; isso nos parece lógico. Vamos mesmo mais longe: um oficial, dos nossos conhecidos, recebeu um dia, fazendo experiências espíritas, e por mão invisível, um par de bofetadas tão bem aplicadas que as sentia ainda duas horas depois. Ora, o meio de provocar uma reparação? Se semelhante coisa ocorresse com o senhor Jobert, ele não se inquietaria, porque diria que foi fustigado pelo longo perônio.

Eis o que lemos, a esse respeito, no jornal *La Mode* de 1⁹ de maio de 1859.

"A Academia de medicina continua a cruzada de espíritos positivos contra o maravilhoso em todo gênero. Depois de ter, com justiça, mas talvez um pouco desastrosamente, fulminado o famoso doutor negro, pelo órgão do senhor Velpeau, heis agora que acaba de ouvir o senhor Jobert (de Lamballe) declarar, em pleno Instituto, o segredo do que ele chama a grande comédia dos *Espíritos batedores*, que é representada com tanto sucesso nos dois hemisférios.

"Segundo o célebre cirurgião, todos os *toe toe*, todos os *pan pan* fazendo vibrar de boa fé as pessoas que os ouvem; esses ruídos singulares, esses golpes secos batidos sucessivamente e como em cadência, precursores da chegada, sinais certos da presença de habitantes do outro mundo, são muito simplesmente o resultado de um movimento dado a um músculo, a um nervo, a um tendão! Trata-se de uma bizarrice da natureza, habilmente explorada, para produzir, sem que seja possível notá-la, essa música misteriosa que tem encantado, seduzido tanta gente.

"A sede da orquestra está colocada na perna, É o tendão do perônio, jogando em sua corrediça, que faz todos esses ruídos que são ouvidos sob as mesas, ou à distância, à vontade do prestidigitador. .

"Duvido muito, de minha parte, que o senhor Jobert tenha colocado a mão, como ele crê, no segredo do que chama "uma comédia", e os artigos publicados nesse próprio jornal, pelo nosso confrade senhor Escander, sobre os mistérios do mundo oculto, parece-me colocar a questão com uma amplitude bem mais sincera e filosófica, no bom sentido da palavra.

"Mas se os chariatães de todas as cores são irritantes com seus golpes de bombo, é preciso convir que os senhores sábios, algumas vezes, não o são menos, com o apagador que pretendem pôr sobre tudo o que brilha fora das luzes oficiais.

"Eles não compreendem que a sede do maravilhoso, que devora nossa época, tem justamente por causa os excessos de positivismo onde certos espíritos quiseram empolgar. A alma humana tem necessidade de crer, admirar e ter visto sobre o infinito. Tem-se trabalhado para tapar as janelas que o catolicismo lhe abriu, ela olha não importa por quais frestas."

HENRYDEPÈNE.

"Nosso excelente amigo, senhor Henry de Pene, permita-nos uma observação. Ignoramos

quando o senhor Jobert fez essa imortal descoberta, e qual foi o dia memorável no qual comunicou-a ao Instituto. O que sabemos é que essa original explicação já fora dada por outros. Em 1854, o senhor doutor Rayer, um prático célebre, que lá não fez nesse dia a prova de uma rara perspicácia, também ele apresentou, ao Instituto, um Alemão cuja habilidade, segundo ele, daria a chave de todos os *knokings e rappings* dos dois mundos. Tratava-se, como hoje, do deslocamento de um dos tendões musculares da perna, chamado o *longo perônio*. Sua demonstração foi dada em sessão, e a Academia expressou seu reconhecimento por essa interessante comunicação. Alguns dias depois, um professor agregado da Faculdade de medicina consignou o fato no *Contitutionnel*, e teve a coragem de acrescentar que "os sábios, enfim, tendo se pronunciado, o mistério estava enfim esclarecido." O que não impediu o mistério de persistir e de aumentar, apesar da ciência que, se recusando experimentá-lo, se contenta em atacá-lo com explicações ridículas e burlescas, como essas das quais acabamos de falar. Por respeito ao senhor Jobert (de Lamballe), nos apraz crer que se lhe emprestou uma experiência que nunca lhe pertenceu. Algum jornal, com fito de novidade, encontrou em algum canto esquecido de sua pasta, a antiga comunicação do senhor Rayer, e a ressuscitou, colocando-a sob seu patrocínio, a fim de variar um pouco. *Mutato nomine, de te fábula narratur*. É deplorável, sem dúvida, mas isso é melhor do que se o jornal houvesse dito a verdade."

A. ESCANDE

Intervenção da ciência no Espiritismo

Revista Espírita, junho de 1859

A oposição das corporações de sábios é um dos argumentos que os adversários do Espiritismo invocam sem cessar. Por que não se apossaram do fenômeno das mesas girantes? Se eles tivessem alguma coisa de séria, diz-se, não teriam vigiado em negligenciar fatos tão extraordinários, e ainda menos tratá-los com desdém, ao passo que estão todos contra vós. Os sábios não são os archotes das nações, e seu dever não é espargir a luz? Por que quereríeis que eles a sufocassem, então que uma bela ocasião se lhes apresentava para revelar ao mundo uma força nova? - De início, é um grande erro dizer que todos os sábios estão contra nós, uma vez que o Espiritismo se propaga precisamente na classe esclarecida. Não há sábios senão na ciência oficial e nos corpos constituídos. Do fato de que o Espiritismo não tem ainda direito de cidadania na ciência oficial, isso prejulga a questão? Conhece-se a circunspecção daquela a respeito de idéias novas. Se a ciência jamais houvesse se enganado, sua opinião poderia aqui pesar na balança; infelizmente, a experiência prova o contrário. Ela não repudiou como quimeras uma multidão de descobertas que, mais tarde, ilustraram a memória de seus autores? Isso quer dizer que os sábios são ignorantes? Isso justifica os epítetos triviais, muito de mau gosto, que certas pessoas se comprazem em lhes prodigalizar? Seguramente não; não há pessoa sensata que não renda justiça ao seu saber, embora reconhecendo que não são infalíveis, e que seu julgamento não é em última instância. Seu erro é o de resolver certas questões um pouco levemente, fiando-se muito em suas luzes, antes que o tempo tenha dito sua palavra, e expor-se, assim, a receber desmentidos da experiência.

Cada um não é bom juiz senão naquilo que é da sua competência. Se quereis edificar uma casa, pegais um músico? Se estais doente, vos fareis tratar por um arquiteto? Se tendes um processo, tomais os conselhos de um dançarino? Enfim, tratando-se de uma questão teológica, a resolvereis com um químico ou um astrônomo? Não, cada um em seu ofício. As ciências vulgares repousam sobre as propriedades da matéria, que se pode manipular à vontade; os fenômenos que ela produz têm por agentes as forças materiais. Os do Espiritismo têm por agentes inteligências que têm sua independência, seu livre arbítrio, e não estão submissas aos nossos caprichos; eles escapam, assim, aos procedimentos anatômicos ou de laboratórios, e aos nossos cálculos, e desde então não são da alçada da ciência propriamente dita. A ciência estava, pois, afastada do bom caminho quando quis experimentar os Espíritos como uma pilha voltaica; ela partiu de uma idéia fixa, na qual se aferra e quer forçosamente ligar a idéia nova; fracassou e assim deveria ser, porque operou tendo em vista uma analogia que não existe; depois, sem ir mais longe, concluiu pela negativa: julgamento temerário que o tempo se encarrega, todos os dias, de reformar, como reformou muitos outros, e aqueles que o pronunciaram o serão pela vergonha de estarem inscritos, muito levemente, em falso contra o poder infinito do Criador. As corporações sábias não têm, pois, e não terão jamais, que se pronunciarem sobre a questão; ela não é mais da sua competência do que aquela de decretar se Deus existe; é, pois, um erro julgá-las. Mas quem, pois, será o juiz? Os Espíritas não se crêem no direito de impor suas idéias? Não, o grande juiz, o soberano juiz será a opinião pública; quando essa opinião estiver formada pelo assentimento das massas e dos homens esclarecidos, os sábios oficiais a aceitarão como indivíduos e suportarão a força das coisas. Deixai passar uma geração, e com ela os preconceitos do amor próprio que apaixona, e vereis que assim será com o Espiritismo,

como com tantas verdades que se combateu, e seria ridículo agora pôr em dúvida. Hoje, os crentes são os tratados de loucos; amanhã, será a vez daqueles que não crerem, absolutamente como se chamou outrora de loucos aqueles que criam que a Terra gira, o que não a impediu de girar.

Mas nem todos os sábios julgaram do mesmo modo; ocorre que se fez o raciocínio seguinte:

Não há efeitos sem causa, e os mais vulgares efeitos podem colocar no caminho dos maiores problemas. Se Newton tivesse desprezado a queda de uma maçã, se Galvani houvesse repellido sua serva, tratando-a de louca e visionária, quando ela lhe falou das rãs que dançam no prato, talvez estivéssemos ainda procurando a admirável lei da gravidade e as fecundas propriedades da pilha. O fenômeno que se designa sob o nome burlesco de dança das mesas, não é mais ridículo do que o da dança das rãs, e ele encerra, talvez, também alguns desses segredos da Natureza que revolucionam a Humanidade, quando se lhes tem a chave. Além disso, eles se disseram: Uma vez que tantas pessoas dele se ocupam, uma vez que homens sérios dele fizeram um estudo, ó necessário que haja alguma coisa; uma ilusão, uma mania querendo-se, não pode ter esse caráter de generalidade; ela pode seduzir um círculo, uma sociedade, mas não faz a volta ao mundo.

Heis, notadamente, o que nos disse um sábio doutor médico, há pouco incrédulo, e hoje adepto fervoroso:

"Diz-se que seres invisíveis se comunicam; e por que não? An tes da invenção do microscópio, supunha-se a existência desses milhões de animálculos que causam tanto estrago na economia? Onde está a impossibilidade material de que há, no espaço, seres que escapam aos nossos sentidos? Teríamos por acaso a ridícula pretensão de tudo saber e dizer a Deus que não pode mais nos ensinar? Se esses seres invisíveis que nos cercam são inteligentes, por que não se comunicariam conosco? Se estão em relação com os homens, devem desempenhar um papel na destinação, nos acontecimentos; quem sabe? Talvez sejam uma das potências da Natureza, uma dessas forças ocultas que não supúnhamos. Que horizonte novo isso abre ao pensamento! Que vasto campo de observação! A descoberta do mundo dos invisíveis seria bem outra coisa que a dos infinitamente pequenos; isso seria mais do que uma descoberta, seria toda uma revolução nas idéias. Que luz pode dela jorrar! Quantas coisas misteriosas explicadas! Aqueles que nisso crêem são lançados ao ridículo; mas o que isso prova? Não ocorreu o mesmo com todas as grandes descobertas? Cristóvão Colombo não foi repellido, cumulado de desgostos, tratado de insensato? Essas idéias, diz-se, são tão estranhas, que a razão a elas se recusa; mas àquele que se houvesse dito, há apenas meio século, que em alguns minutos corresponder-se-ia de um lado do mundo ao outro; que em algumas horas atravessar-se-ia a França; que com a fumaça de um pouco de água fervente um navio caminharia com vento contrário; que se extrairia da água os meios de se iluminar e de se aquecer; ter-se-lhe-ia rido ao nariz. Que um homem viesse propor um meio de iluminar toda Paris num ápice, com um único reservatório de uma substância invisível, ter-se-ia enviado-o a Charenton. É, pois, uma coisa mais prodigiosa que o espaço esteja povoado por seres pensantes que, depois de viverem na Terra, deixaram seu envoltório material? Não se encontra, nesse fato, a explicação de uma multidão de crenças que remontam à mais alta antigüidade? Não é a confirmação da existência da alma, de sua individualidade depois da morte? Não é a prova da própria base da religião? Somente a religião não nos diz senão vagamente em que se tornam as almas; o Espiritismo o define. Que podem a isso dizer os materialistas e os ateus? Que semelhantes coisas valem bem a pena de serem aprofundadas."

Eis as reflexões de um sábio; mas de um sábio sem pretensões; são assim também as de uma multidão de homens esclarecidos; eles refletiram, estudaram seriamente e sem tomar

partido; tiveram a modéstia de não dizerem: Eu não compreendo, portanto, isso não é; sua convicção se formou pela observação e pelo recolhimento. Se essas idéias fossem quimeras, pensa-se que tantas pessoas de elite as aceitariam? Que foram por muito tempo vítimas de uma ilusão? Não há, pois, impossibilidade material para que existam seres invisíveis para nós e povoando o espaço, e apenas essa consideração deveria conduzir a maior circunspeção. Recentemente, quem houvera pensado que uma límpida gota d'água pudesse encerrar milhares de seres vivos, de uma pequenez que confunde a nossa imaginação? Ora, era mais difícil, à razão, conceber seres de uma tal tenuidade, providos de todos os nossos órgãos e funcionando como nós, do que admitir aqueles que chamamos Espíritos?

Os adversários perguntam por que os Espíritos, que devem ter ardor em fazer prosélitos, não se prestam, melhor do que o fazem, aos meios para convencer certas pessoas, cuja opinião seria de uma grande influência. Acrescentam que se lhes opõem uma falta de fé; a isso eles respondem com razão que não podem ter uma fé antecipada.

É um erro crer que a fé seja necessária, mas a *boa fé*, é outra coisa. Há céticos que negam até a evidência, e que milagres não poderiam convencer. Há-os mesmo que ficariam muito irritados sendo forçados a crer, porque seu amor próprio sofreria em convir que estão enganados. Que responder a essas pessoas que não vêem, por toda parte, senão ilusão e charlatanismo? Nada; é necessário deixá-las tranqüilas, e dizerem enquanto quiserem que nada viram, e mesmo que nada pôde fazê-las ver. Ao lado desses céticos endurecidos, há aqueles que querem ver à sua maneira; que, tendo-se formado uma opinião, a ela querem tudo relacionar, não compreendem que os fenômenos não possam obedecer à sua vontade; não sabem e não querem se colocar nas condições necessárias. Se os Espíritos não se empenham em convencê-los com prodígios, é porque aparentemente eles têm pouco, no momento, para convencerem certas pessoas das quais não medem a importância como elas mesmas o fazem; é pouco lisonjeiro, é necessário convir, mas não comandamos sua opinião; os Espíritos têm um modo de julgar as coisas que nem sempre é o nosso; eles vêem, pensam e agem segundo outros elementos; ao passo que nossa visão está circunscrita pela matéria, limitada pelo círculo estreito no meio do qual nos encontramos, eles abarcam o conjunto; o tempo, que nos parece tão longo, ó para eles um instante, a distância não é senão um passo; certos detalhes, que nos parecem de uma importância extrema, aos seus olhos, são infantilidades, e, ao contrário, julgam importantes coisas das quais não percebemos a importância. Para compreendê-los, é necessário se elevar, pelo pensamento, acima do nosso horizonte material e moral, e nos colocar em seu ponto de vista; não cabe a eles descerem até nós, mas a nós de subirmos até eles, e é ao que nos conduzem o estudo e a observação. Os Espíritos amam os observadores assíduos e conscienciosos; para eles multiplicam as fontes de luz; o que os afasta, não é a dúvida da ignorância, é a fatuidade desses pretensos observadores que nada observam, que pretendem metê-los no banco dos réus e manobrá-los como marionetes. Sobretudo é o sentimento de hostilidade e de difamação que eles carregam, sentimento que está em seus pensamentos, se não está em suas palavras, apesar de seus protestos em contrário. Para aqueles, os Espíritos nada fazem, e se inquietam muito pouco pelo que possam dizer ou fazer, porque sua vez virá. Por isso, dissemos que não é a fé que é necessária, mas a boa fé; ora, perguntamos se nossos sábios adversários estão sempre nessas condições. Eles querem os fenômenos ao seu comando, e os Espíritos não obedecem ao comando: é necessário esperar seu bom querer. Não basta dizer: mostrai-me tal fato e creerei; é necessário ter a vontade da perseverança, deixar os fatos se produzirem espontaneamente, sem pretender forçá-los ou dirigi-los; aquele que desejardes será precisamente o que não obtereis, mas se apresentarão outros, e aquele que quereis virá talvez no momento em menos o esperais. Aos olhos do observador atento e assíduo, eles surgem das quantidades que se corroboram umas com as outras; mas aquele que crê que basta girar uma manivela para fazer a máquina andar, se engana estranhamente. Que faz o naturalista que quer estudar os costumes de um animal? Manda-o fazer tal ou tal coisa para

ter o entretenimento de observá-lo à sua vontade e com sua conveniência? Não; porque bem sabe que não lhe obedecerá; ele *espia* as manifestações espontâneas de seu instinto; esperas e as agarra de passagem. O simples bom senso nos mostra que, por mais fortes razões, deve ocorrer o mesmo com os Espíritos, que são inteligências bem mais independentes que a dos animais.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, junho de 1859

Senhor de Humboldt

Falecido em 6 de maio de 1859;

chamado na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas em 13 e 20 do mesmo mês.

(*A São Luís*). Podemos chamar o Espírito do senhor Alexandre de Humboldt que acaba de morrer? - R. Se quiserdes, amigos.

1. Evocação. - R. Heis-me; isso me espanta!
 2. Por que isso vos espanta? - R. Estou longe do que era, há apenas alguns dias.
 3. Se nós vos pudséssemos ver, como vos veríamos? - R. Como homem.
 4. Nosso chamado vos contraria? - R. Não, não.
 5. Tivestes consciência de vosso novo estado logo depois de vossa morte? - R. Eu a esperava há muito tempo.
- Nota.* Nos homens que, como o senhor de Humboldt, morrem de morte natural e pela extinção gradual das forças vitais, o Espírito se reconhece bem mais prontamente do que naqueles em que a vida é bruscamente interrompida por acidente ou morte violenta, tendo em vista que já há um começo de desligamento antes da cessação da vida orgânica. No senhor de Humboldt a superioridade do Espírito e a elevação dos pensamentos facilitaram esse desligamento, sempre mais lento e mais penoso naqueles cuja vida é toda material.
6. Lamentais a vida terrestre? - R, Não, de modo algum; sinto-me feliz; não tenho mais prisão; meu Espírito está livre... Que felicidade mesmo! E que doce momento aquele que me trouxe esta nova graça de Deus!
 7. Que pensais da estátua que se vos levantará em França, embora sejais estrangeiro? - R. Meus agradecimentos pessoais pela honra que se me faz; o que estimo, sobretudo, nisso é o sentimento de união que esse fato revela, o desejo de ver se acabarem todos os ódios.
 8. Vossas crenças mudaram? - R. Sim, muito; mas ainda não *revi* tudo; esperai ainda para me falar mais profundamente.

Nota. Essa resposta, e essa palavra *revi* são características do estado em que se encontra;

apesar do pronto desligamento do seu Espírito, há ainda alguma confusão em suas idéias; não tendo deixado seu corpo senão há oito dias, não teve ainda o tempo para comparar sua idéias terrestres com aquelas que ele pode ter agora.

9. Estais satisfeito com o emprego de vossa existência terrestre? - R. Sim; cumpri (quase) o objetivo que me havia proposto. Servi à Humanidade, por isso hoje sou feliz.

10. Quando vos propusestes esse objetivo? - R. Vindo na Terra.

Nota. Uma vez que se propusera um objetivo vindo na Terra, é, pois, porque havia nele um progresso anterior, e que a sua alma não nasceu ao mesmo tempo que o seu corpo. Esta resposta espontânea não pode ter sido provocada pela natureza da pergunta ou o pensamento do interrogador.

11. Escolhestes essa existência terrestre? - R. Havia numerosos candidatos para essa obra; eu pedi ao Ser por excelência para me conceder, e a obtive.

12. Lembrai-vos da existência que precedeu aquela que vindes de deixar? - R. Sim; ela ocorreu longe de vós e em um outro mundo bem diferente do vosso.

13. Esse mundo é igual, inferior ou superior à Terra? - R. Superior; perdoai-me.

14. Sabemos que o nosso mundo está longe da perfeição e, em conseqüência, não ficamos humilhados por existirem acima de nós; mas, então, como viestes a um mundo inferior ao que estáveis? - R. Dais aos ricos? Eu quis dar: desci à cabana do pobre.

15. Podeis nos dar uma descrição dos seres animados do mundo em que estais? - R. Eu tinha esse desejo em vos falando mesmo agora; mas compreendi a tempo que teria dificuldade para vos explicar isso perfeitamente. - Ali os seres são bons, *muito bons*; compreendi já esse ponto, que é a base de todo o resto do sistema moral nesses mundos: nada ali entrava o vôo dos bons pensamentos; nada lembra os maus; tudo é felicidade porque cada um está contente consigo mesmo e com todos aqueles que o cercam. - Como matéria, como sentido, toda descrição é inútil. - Que simplificação no organismo de uma sociedade! Hoje que estou em condições de comparar as duas, estou espantado com a distância. Não penseis que vos digo isso para vos desencorajar; não, muito ao contrário. É necessário que o vosso Espírito esteja bem convencido da existência desses mundos; então tereis um ardente desejo de atingi-los, e o vosso trabalho vos abrirá a sua rota.

16. Esse mundo faz parte do nosso sistema planetário? - R. Sim, está muito perto de vós. Entretanto, não se pode vê-lo, porque ele não tem o próprio foco de luz, e não recebe e não reflete a luz dos sóis que o cercam.

17. Dissestes agora mesmo que a vossa precedente existência ocorreu longe de nós, e agora dizeis que esse mundo está muito perto; como conciliar essas duas coisas? - R. Está longe de vós se consultardes as vossas distâncias, vossas medidas terrestres; mas estará próximo se tomardes o compasso de Deus, e se tentardes abarcar, com um golpe de vista, toda a criação.

Nota. É evidente que pode ser considerado como longe se tomarmos como termo de comparação as dimensões do nosso globo; mas está perto com relação aos mundos que estão a distâncias incalculáveis.

18. Poderíeis precisar-nos a região do céu onde ele se encontra? - R. É inútil; " os astrônomos não a conhecerão jamais.
19. A densidade desse mundo é a mesma do nosso globo? - R. É necessária de mil para dez.
20. Seria um mundo da natureza dos cometas? - R. Não, de modo algum.
21. Se ele não tem foco de luz, e se não recebe e nem reflete a luz solar, reina ali, portanto, uma obscuridade perpétua? - R. Os seres que ali vivem não têm nenhuma necessidade de luz: a obscuridade não existe para eles; não a compreendem. Pensais, porque sois cegos, que ninguém pode ter o sentido da visão.
22. O planeta Júpiter, no dizer de certos Espíritos, é bem superior à Terra; isso é exato? - R. Sim; tudo o que vos disseram é verdadeiro.
23. Vistes de novo Arago desde a vossa reentrada no mundo dos Espíritos? - R. Foi ele quem me estendeu a mão quando deixei o vosso.
24. Conhecíeis o Espiritismo quando vivente? - R. O Espiritismo não; o magnetismo, sim.
25. Qual é a vossa opinião sobre o futuro do Espiritismo entre as corporações de sábios? - R. Grande; mas seu caminho será penoso.
26. Pensais que um dia ele será aceito pelas corporações de sábios? - R. Certamente; mas, credes que isso seja indispensável? Ocupai-vos antes em colocar os primeiros preceitos no coração dos infelizes, que embaraçam vosso mundo: é o bálsamo que acalma os desesperos e dá a esperança.

Nota. François Arago, tendo sido chamado na sessão de 27 de maio, por intermédio de um outro médium, assim respondeu a perguntas análogas:

Qual era, quando vivente, vossa opinião sobre o Espiritismo? -R. Eu o conhecia muito pouco, e não lhe ligava, em consequência, senão uma pouca importância; deixo-vos pensando se mudei de opinião.

Pensais que ele será um dia aceito e reconhecido pelas corporações sábias? Entendo a ciência oficial, porque pelos sábios há muitos que, individualmente, o reconhecem. - R. Não somente penso, mas estou disso seguro; sofrerá a sorte de todas as descobertas úteis à Humanidade; ridicularizado de início pelos sábios orgulhosos e os tolos ignorantes, acabará por ser reconhecido por todos.

27. Qual é a vossa opinião sobre o sol que nos ilumina? - R. Ainda nada aprendi aqui como ciência; entretanto, creio sempre que o sol é um vasto centro elétrico.

28. Essa opinião reflete a que tínheis como homem, ou a vossa como Espírito? - R. Minha opinião de quando vivia, corroborada pelo que sei agora.

29. Uma vez que vindes de um mundo superior à Terra, como ocorre que não tivestes conhecimentos precisos sobre essas coisas antes da vossa última existência, e da qual vos

lembrais hoje? - Eu os tinha certamente, mas o que me perguntais não tem nenhuma relação com tudo o que pude aprender em preexistências de tal modo diferentes daquela que deixei; a astronomia, por exemplo, foi para mim uma ciência toda nova.

30. Vimos muitos Espíritos nos dizerem que habitavam outros planetas, mas nenhum nos disse habitar o sol; por que isso? - R. É um centro elétrico, e não um mundo; é um instrumento e não uma morada. - Portanto, não há habitantes? - R. Habitantes fixos, não; visitantes, sim.

31. Pensais que, dentro de algum tempo, quando fizerdes novas observações, podereis nos informar melhor sobre a natureza do sol? - R. Sim, talvez e de bom grado; entretanto, não conteis muito comigo, não estarei muito tempo errante.

32. Onde credes ir quando não estiverdes mais errante? - R. Deus me permite repousar alguns momentos; vou gozar dessa liberdade para encontrar amigos queridos que me esperavam. Em seguida, não sei ainda.

33. Pedimo-vos a permissão para vos dirigir ainda algumas perguntas as quais os vossos conhecimentos em história natural vos colocam, sem dúvida, em condições de responder.

A sensitiva e a dionéia têm movimentos que acusam uma grande sensibilidade e, em certos caso, uma espécie de vontade, como a última, por exemplo, cujos lóbulos agarram a mosca que vem pousar sobre ela para tomar seu suco, e à qual ela parece estender uma armadilha para, em seguida, matá-la. Perguntamos se essas plantas são dotadas da faculdade de pensar, se têm uma vontade, e se formam uma classe intermediária entre a natureza vegetal e a natureza animal; em uma palavra, são uma transição de uma para a outra? - R. Tudo é transição na Natureza, pelo fato mesmo de que nada se assemelha, e que, portanto, tudo se liga. Essas plantas não pensam e, conseqüentemente, não têm vontade. A ostra que se abre e todos os zoófitos não têm o pensamento; não há senão um instinto natural.

34. As plantas experimentam sensações dolorosas quando são mutiladas? - R. Não.

Nota. Um membro da Sociedade expressou a opinião de que o movimento das plantas sensitivas são análogos àqueles que se produzem nas funções digestivas e circulatórias do organismo animal, e que ocorrem sem a participação da vontade. Não se vê, com efeito, o piloro contrair-se, ao contato de certos corpos, para recusar a passagem? Deve ocorrer o mesmo com a sensitiva e a dionéia, nas quais os movimentos não implicam, de nenhum modo, a necessidade de uma percepção e ainda menos de uma vontade.

35. Há homens fósseis? - R. O tempo os consumiu.

36. Admitis que tenha havido homens na Terra, antes do cataclisma geológico? - R. Melhor farás explicando-te mais claramente sobre esse ponto antes de colocar a pergunta. O homem estava na Terra bem antes do cataclisma.

37. Adão não foi, pois, o primeiro homem? - R. Adão foi um mito, onde colocas Adão?

38. Mito ou não, falo da época que a história lhe assinala. - R. É pouco calculável para vós; é mesmo impossível calcular o número de anos que os primeiros homens permaneceram em estado selvagem e bestial, que não cessou senão muito tempo depois de sua primeira

aparição no globo.

39. A geologia fará encontrar, um dia, traços materiais da existência do homem na Terra antes do período adâmico? - R. A geologia, não; o bom senso, sim.

40. O progresso do reino orgânico na Terra está marcado pela aparição sucessiva dos acotiledônios, dos monocotiledôneos e os dicotiledôneos; o homem existia antes dos dicotiledôneos? - R. Não; sua fase segue aquela.

41. Agradecemos-vos por consentir em vir ao nosso chamado, e pelas informações que nos fornecestes. - R. Foi um prazer. Adeus; até logo.

Nota. Essa comunicação se distingue por um caráter geral de bondade, de benevolência, e uma grande modéstia, sinal incontestável de superioridade no Espírito; ali, com efeito, nenhum traço da jactância, da fanfarrice, da inveja de dominar e de se impor, que se notam naqueles que pertencem à classe dos falsos sábios. Espíritos sempre mais ou menos imbuídos de sistemas e de preconceitos que procuram fazer prevalecer; tudo, no Espírito de Humboldt, mesmo os mais belos pensamentos, respira a simplicidade e denota a ausência de pretensão.

Goéthe.

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas; 25 de março de 1856.

1. Evocação. - R. Estou convosco.

2. Em que situação estais como Espírito: errante ou reencarnado? - R. Errante.

3. Estais mais feliz do que quando vivo? - R. Sim, porque estou livre do meu corpo grosseiro, e vejo o que não podia ver.

4. Parece-me que não Unheis uma situação infeliz quando vivo; em que consiste a superioridade de vossa situação atual? - R. Acabo de vos dizer; vós, adeptos do Espiritismo, deveis compreender essa situação.

5. Qual é a vossa opinião atual sobre *Fausto!* - R. É uma obra que tinha por objetivo mostrar a vaidade e o vazio da ciência humana, e, por outro lado, exaltar, no que tinha de bom e de puro, o sentimento do amor, e o castigo no que havia de imoral e de mau.

6. Foi por uma certa intuição do Espiritismo que pintastes a influência dos maus Espíritos sobre o homem? Como fostes conduzido a fazer essa pintura? - R. Eu tinha a lembrança quase exata de um mundo onde via agir a influência dos Espíritos sobre os seres materiais.

7. Tínheis, pois, a lembrança de uma existência precedente? -

R. Sim, certamente.

8. Poderíeis dizer-nos se essa existência ocorreu na Terra? -R. Não, porque nesta não se via os Espíritos agirem; foi bem num outro.

9. Mas, então, uma vez que, nesse mundo, se podia ver os Espíritos agirem, ele deveria ser superior à Terra. Como ocorre que viestes de um mundo superior para um mundo inferior? Havia, pois, queda para vós? Quereis nos explicar isso? - R. Era superior até um certo ponto, mas não como entendeis. Os mundos não têm todos a mesma organização, sem serem, por isso, de uma grande superioridade. De resto, sabeis bem que cumpri, entre vós, uma missão que todos não podeis vos dissimular, uma vez que fazeis, ainda, representar minhas obras; não havia queda, uma vez que servi, e sirvo ainda, para a vossa moralização. Apliquei o que poderia ter de superior nesse mundo precedente para castigar as paixões dos meus heróis.
10. Sim, ainda se representam vossas obras. Vem-se mesmo de traduzir, em ópera, vosso drama o *Fausto*. Assististes a essa representação? - R. Sim.
11. Quereis nos dar a vossa opinião sobre a maneira pela qual o senhor Gounod interpretou o vosso pensamento por meio da música? - R. Gounod evocou-me sem sabê-lo. Ele me compreendeu muito bem; eu, músico alemão, não o teria feito melhor; ele pensa, talvez, em músico francês.
12. Que pensais de Werther? - R. Reprovo agora o desenlace.
13. Essa obra não fez muito mal exaltando as paixões? - R. Fez e causou infelicidades.
14. Ela foi a causa de muitos suicídios; deles sois responsável? - R. Se houve uma influência infeliz, difundida por mim, é bem disso que sofro agora e do que me arrependo.
15. Tínheis, quando vivo, creio, uma grande antipatia pelos Franceses; ocorre o mesmo atualmente? - R. Sou muito patriota.
16. Estais, ainda, antes ligado a um país do que a outro? - R. Amo a Alemanha em seus pensamentos e em seus costumes quase patriarcais.
17. Poderíeis dar-nos a vossa opinião sobre Schiller? - R. Somos irmãos pelo Espírito e pelas missões. Schiller tinha uma alma grande e nobre: suas obras eram-lhe o reflexo; fez menos mal do que eu; é-me muito superior, porque era mais simples e mais verdadeiro.
18. Poderíeis dar-nos a vossa opinião sobre os poetas franceses em geral, comparados com os poetas alemães? Isso não é por um vão sentimento de curiosidade, mas para a nossa instrução. Cremos-vos de sentimentos muito elevados para que seja necessário vos pedir fazê-lo sem parcialidade, pondo de lado todo preconceito nacional. - R. Sois muito curiosos, mas vou satisfazer-vos:
- Os Franceses novos fazem belos poemas, mas colocam mais belas palavras que bons pensamentos; eles deveriam se ligar mais ao coração e menos ao espírito. Falo de modo geral, mas faço algumas exceções em favor de alguns: um grande poeta pobre, entre outros.
19. Um nome circula em voz baixa na assembléia, foi desse que quisestes falar? - R. Pobre, ou que o fez.
20. Ficariamos felizes tendo de vós uma dissertação, sobre assunto de vossa escolha, para nossa instrução. Estais bastante bom para nos ditar alguma coisa? - R. Fá-lo-ei mais tarde e

por outros médiuns; evocai-me uma outra vez.

O negro Pai César.

Pai César, homem livre de cor, morto em 8 de fevereiro de 1859, com a idade de 138 anos, perto de Covington, nos Estados Unidos. Era nascido na África e foi conduzido à Lousiana com a idade de cerca de 15 anos. Os restos mortais desse patriarca da raça negra foram acompanhados, ao campo de repouso, por um certo número de habitantes de Covington, e uma multidão de pessoas de cor.

Sociedade, 25 de março de 1859.

1. (A São Luís) Poderíeis nos dizer se podemos chamar o Pai César, de quem acabamos de falar? - R. Sim, eu o ajudarei a vos responder.

Nota. Esse início faz pressagiar o estado do Espírito que se desejava interrogar.

2. Evocação. - R. Que quereis de mim, e o que pode um pobre Espírito como eu em uma reunião como a vossa?

3. Sois mais feliz agora do que quando vivo? - R. Sim, porque minha condição não era boa na Terra.

4. Entretanto, éreis livre; em que sois mais feliz agora? - R. Porque meu Espírito não é mais negro.

Nota. Essa resposta é mais sensata do que parece à primeira vista. Seguramente, o Espírito jamais é negro; ele quis dizer que, como Espírito, não tem mais as humilhações das quais é alvo a raça negra.

5. Vivestes muito tempo; isso aproveitou para o vosso adiantamento? - R. Eu me desgostei na Terra, e não sofri bastante, em uma certa idade, para ter a felicidade de avançar.

6. Em que empregais vosso tempo agora? - R. Procuro esclarecer-me e em que corpo poderei fazê-lo.

7. Que pensáveis dos Brancos, quando vivo? - R. Eram bons, mas orgulhosos de uma brancura da qual não eram a causa.

8. Consideráveis a brancura como uma superioridade? - R. Sim, uma vez que eu era desprezado como negro.

9. (A São Luís). A raça negra é verdadeiramente uma raça inferior? - R. A raça negra desaparecerá da Terra. Ela foi feita para uma latitude diferente da vossa.

10. (A Pai César). Dissestes que procuráveis o corpo pelo qual poderíeis avançar; escolhereis um corpo branco ou um corpo negro? - R. Um branco, porque o desprezo me faria mal.

11. Vivestes realmente a idade que se vos atribui: 138 anos? -R. Não contei bem, pela razão que dissestes.

Nota. Vem-se de fazer a observação de que os negros, não tendo estado civil, sua idade não é julgada senão aproximadamente, sobretudo quando nasceram na África.

12. (*A São Luís*). Os Brancos se reencarnam, algumas vezes, em corpos negros? - R. Sim, quando, por exemplo, um senhor maltratou um escravo, ele pode pedir para si, por expiação, viver num corpo de negro para sofrer, a seu turno, todos os sofrimentos que fez sentir e, por esse meio, avançar e alcançar o perdão de Deus.

Variedades

Revista Espírita, junho de 1859

A princesa de Rebinine.

(Extraído do *Courrier de Paris*), de maio de 1859.)

Sabeis que todos os sonâmbulos, todas as mesas girantes, todos os pássaros magnetizados, todos os lápis simpáticos e todos os tiradores de cartas predisseram a guerra desde há muito tempo?... Profecias nesse sentido foram feitas a uma multidão de personagens importantes que, fingindo tratar muito ligeiramente essas supostas revelações do mundo sobrenatural, não deixaram de ficar muito preocupados com elas. De nossa parte, sem decidir a questão num sentido nem no outro, e achando, aliás, que, ali onde o próprio François Arago duvidava, é menos permitido não se pronunciar, limitar-nos-emos a contar, sem comentários, alguns fatos dos quais fomos testemunhas.

Há oito dias, fomos convidados para uma noite espírita, na casa do barão G.... Na hora indicada, todos os convidados, em número de doze somente, se achavam ao redor da mesa.... milagrosa, uma simples mesa de mogno, de resto, e sobre a qual, no momento, servira-se o chá e os sanduíches de rigor. Desses doze convivas, devemos nos apressar em proclamá-lo, nenhum poderia, razoavelmente, incorrer na censura de charlatanismo. O senhor da casa, que conta ministros em seus parentes próximos, pertence a uma grande família estrangeira.

Quanto aos seus *fiéis*, se compunham de dois distintos oficiais ingleses, um oficial da marinha francesa, um príncipe russo muito conhecido, um médico muito hábil, um milionário, um secretário de embaixada e dois ou três figurões do subúrbio Saint-Ger-main. Éramos o único *profano* entre esses ilustres do *Espiritismo'*, mas, em nossa qualidade de cronista parisiense, e cético por dever, não poderíamos ser acusado de credulidade.... exagerada. A reunião em questão não poderia ser considerada o jogo de u-ma comédia; e que comédia! Uma comédia inútil e ridícula, sem a qual cada um teria, voluntariamente, aceito, ao mesmo tempo, o papel de mistificador e de mistificado? Isso não é admissível. E, de resto, com que objetivo? Com qual interesse? Isso era o caso ou jamais se perguntar: *Quem engana aqui?*

Não, ali não havia nem má-fé, nem loucura.... Coloquemos, se quiserdes, que houvera acaso.... É tudo o que a nossa consciência nos permite conceder-vos. Ora, heis o que se passou:

Depois de haver interrogado o *Espírito* sobre mil coisas, se lhe perguntou se as esperanças de paz, - que pareciam então muito fortes, - eram fundadas.

- Não, respondeu muito distintamente em duas vezes diferentes.

- Teremos, pois, a guerra?

- Certamente!...

- Quando isso?
- Em oito dias.
- Entretanto, o Congresso não se reúne senão no próximo mês.... Isso adia para muito longe as eventualidades de um começo de hostilidades.
- Não haverá Congresso!
- Porquê?
- A Áustria o recusará.
- E qual será a causa que triunfará?
- A da justiça e do bom direito.... a da França.
- E a guerra, que será ela?
- Curta e gloriosa.

Isso nos traz à memória um outro fato do mesmo gênero, que se passou igualmente sob os nossos olhos há alguns anos.

Recorda-se que, quando da guerra da Criméia, o imperador Nicolau chamou para a Rússia todos aqueles de seus súditos que habitavam a França, sob pena, para estes, de verem confiscados os seus bens, recusando-se a atender essa ordem.

Estávamos então em Saxe, em Leipzick, onde se tomava, como por toda parte, um vivo interesse pela campanha que vinha de começar. Um dia, recebemos o bilhete seguinte:

"Estou aqui por algumas horas somente; vinde ver-me, - hotel de Pologne, n° 13!"

"PRINCESA DE REBININE."

Conhecêramos muito a princesa Sophie de Rebinine, uma mulher encantadora e distinta, cuja história era todo um romance (que escreveremos um dia), e que muito queria nos chamar seu amigo. Apressamo-nos, pois, em atender seu amável convite, tão agradavelmente surpreso quanto encantado pela sua passagem por Leipzick.

Era um domingo, um 13, e o tempo estava naturalmente cinza e triste, como ocorre sempre nessa parte da Saxe. Encontramos a princesa em sua casa, mais graciosa e mais espiritual que nunca, somente um pouco pálida, um pouco melancólica. Fizemos-lhe essa observação.

- De início, nos respondeu ela, parti como uma bomba. - Era o caso, uma vez que heis-nos em guerra, e estou um pouco cansada com o meu modo de viagem. Em seguida, se bem que sejamos agora inimigos, não vos esconderei que vou deixar Paris com pesar. Há muito que

me considerava quase como francesa, e a ordem do imperador me faz romper com um velho e doce hábito.

- Por que não permanecesstes tranqüilamente em vosso lindo apartamento da rua Rumfort?

- Porque me cortariam as mesadas.

- Pois bem! Não tendes, pois, entre nós, numerosos e bons amigos?

- Sim,... pelo menos o creio; mas, em minha idade, uma mulher não gosta de deixar tomar hipoteca sobre si.... Os interesses a pagar ultrapassam, freqüentemente, o valor do capital! Ah! se fora velha, seria outra coisa,... mas, então, não se me emprestaria mais.

E nessa altura a princesa mudou de conversação.

- Ora essa! disse-nos ela, sabeis que sou de uma natureza bastante absorvente.... Não conheço aqui viva alma.... Posso contar convosco para todo o dia?

A resposta que demos é fácil de adivinhar.

A uma hora, o sino se fez ouvir no pátio e descemos para jantar na mesa redonda do hotel. Todo o mundo falava, nesse momento, da guerra... e das mesas girantes.

No que concerne à guerra, a princesa estava segura de que a frota anglo-francesa seria destruída no mar Negro, e ela se encarregaria bravamente de ir incendiá-la, ela mesma, se o imperador Nicolau quisesse lhe confiar essa missão delicada e perigosa. No que concerne às mesas girantes, sua fé era menos robusta, e nos propôs fazer, com ela e outro dos nossos amigos, que lhe apresentáramos na sobremesa, algumas experiências. Remontamos, pois, ao seu quarto; se nos serviu o café, e, como chovesse, passamos nossa tarde interrogando uma mesinha de centro, que ainda vemos daqui.

- E a mim, perguntou de repente a princesa, nada tens a me dizer?

- Não.

- Porquê?

A mesa bateu treze pancadas. Ora, lembre-se que era um treze, e o quarto da senhora de Rebinini tinha o número treze.

- Isso quer dizer que o número treze me é fatal? Repetiu a princesa que tinha um pouco a superstição dessa cifra.

- Sim! Fez a mesa.

- Não importa!... Sou um Bayard do gênero feminino e tu podes falar, sem medo, o que possas ter o que anunciar.

Interrogamos a mesinha de centro, que persistia de início em sua prudente reserva, mas da qual, entretanto, acabamos por arrancar as palavras seguintes:

- Doente... oito dias... Paris... morte violenta!

A princesa se portou muito bem, ela acabava de deixar Paris e não esperava voltar, por muito tempo à França. A profecia da mesa era, pois, ao menos absurda sobre os três primeiros pontos... Quanto ao último, é inútil acrescentar que não quisemos mesmo nele nos deter.

A princesa deveria partir às oito horas da noite, pelo trem de Dresde, a fim de chegar, no segundo dia depois pela manhã, a Varsóvia; mas ela perdeu o trem.

Minha fé, disse-nos ela, vou deixar minhas bagagens aqui e tomarei o trem de 4 horas da manhã.

- Então, ides reentrar no hotel para dormir?

- Vou nele reentrar, mas não me deitarei... Assistirei do alto da *loge dès étrangers* ao baile dessa noite... Quereis servir-me de cavalheiro?

O hotel de Pologne, cujos vastos e magníficos salões não contêm menos de duas mil pessoas, dá quase cada dia, verão como inverno, um grande baile, organizado por qualquer sociedade da cidade, mas ao qual é reservado, para assistirem do alto de uma galeria particular, aqueles viajores desejosos de gozar de um golpe de vista que é muito animado, e da música, que é excelente.

De resto, na Alemanha, nunca esquecem os estrangeiros, por toda parte têm lugar reservado, o que explica porque os Alemães que vêm a Paris, pela primeira vez, perguntam sempre, nos teatros e nos concertos da *loge dès étrangers*,

O dia que se trata, o baile estava muito brilhante, e a princesa, se bem que uma simples expectadora, nele tomou um verdadeiro prazer. Também, ela havia esquecido a mesinha de centro e sua sinistra predição, quando um dos garçons do hotel levou-lhe um telegrama que acabava de chegar para ela. Este despacho estava concebido nestes termos:

"Senhora Rebinini, hotel de Pologne, Leipzig; presença indispensável, Paris, interesses graves! E trazia a assinatura do homem de negócios da princesa. Algumas horas mais tarde, esta retomava o caminho de Pologne, em lugar de subir no trem de Dresde. Oito horas depois, soubemos que ela estava morta!

Paulin Niboyet.

O major Georges Sydenham

Encontramos o relato seguinte de uma coleção notável de histórias autênticas de aparições e outros fenômenos espíritas, publicados em Londres em 1682, pelo reverendo J. Granville e o doutor H. More. Está intitulado: Aparição do Espírito do major Georges Sydenham ao capitão V. Dyke, extraída de uma carta do senhor Jacques Douge, de Mongton, ao senhor J. Granville.

— Pouco tempo depois da morte do major Georges, o doutor Th. Dyke, parente próximo do capitão, foi chamado para cuidar de uma criança doente. O doutor e o capitão deitaram-se na mesma cama. Quando tinham dormido um pouco, o capitão bateu e ordenou às suas domésticas para levar-lhe duas velas acesas, as maiores e as mais grossas que pudessem encontrar. O doutor lhe perguntou o que isso significava. "Conheceis, disse o capitão, minhas discussões com o major, no que se refere à existência de Deus e à imortalidade da alma: não pudemos nos esclarecer sobre esse dois pontos, e embora o tivéssemos sempre desejado.

"Ficou, pois, convencionado que aquele que de nós dois que morresse primeiro, viria, na terceira noite depois de seus funerais, entre minuto e uma hora, no jardim desta pequena casa, e aí esclarecesse a sobrevivência a esse respeito. Será hoje mesmo, acrescentou o capitão, que o major deverá cumprir sua promessa." Em conseqüência, colocou seu relógio de bolso junto dele, e às onze e meia levantou-se, tomou uma vela em cada mão, saiu por uma porta do fundo, da qual levou a chave, e assim passeou no jardim durante duas horas e meia. No seu retorno, declarou ao doutor que nada viu, nem nada ouviu que não fosse muito natural; mas, acrescentou-me, sei que meu major viria se pudesse.

Seis semanas depois, seguiu para Eaton para ali colocar seu filho na escola, e o doutor foi com ele. Alojaram-se no albergue com a insígnia de São *Cristóvão*, e permaneceram dois ou três dias, mas não deitaram juntos como em Dulversan; estavam em dois quartos separados.

Uma manhã, o capitão ficou mais tempo, do que de costume, em seu quarto, antes de chamar o doutor. Enfim, ele entrou no quarto desse último, o rosto todo transtornado, os cabelos eriçados, os olhos desvairados e o corpo todo tremente. - Que houve, pois, primo capitão? Disse o doutor. O capitão respondeu: Eu o vi meu major. - O doutor pareceu sorrir. Eu vos afirmo que jamais o vi na minha vida ou vi-o hoje. Fez-me, então, a seguinte narração: "Esta manhã, ao romper do dia, alguém veio ao lado de minha cama, arrancou as cobertas, gritando: *cap, cap* (era o termo familiar do major, para chamar o capitão.) - Eu respondi: O que! meu major? - Ele respondeu: Não pude vir no dia dito; mas agora heis-me e vos digo: Há um Deus, e um muito justo e terrível; se não mudardes de pele, vereis quando aí estiverdes! - Sobre a mesa havia uma espada que o major me havia dado; quando este deu duas ou três voltas no quarto, pegou a espada, tirou-a da bainha, e não a encontrando tão brilhante como deveria estar: *Cap, cap*, disse ele, esta espada estava melhor cuidada quando era minha. - Com essas palavras, ele desapareceu de repente."

O capitão não somente ficou perfeitamente persuadido da realidade do que havia visto e ouvido, mas ainda ficou, depois desse tempo, muito mais sério. Seu caráter, outrora leviano e jovial, foi notavelmente modificado. Quando ele convidava seus amigos, tratava-os com nobreza, mas mostrava-se forte sobre si mesmo. As pessoas que o conheciam asseguram que ele acreditava ouvir, freqüentemente, em seus ouvidos, as palavras do major, durante os dois anos que viveu depois dessa aventura.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Segundo Ano – 1859

Julho

- [Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Discurso do encerramento do ano social 1858-1859](#)
- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [Conversas familiares de além-túmulo - O soldado argelino de Magenta](#)
- [Um oficial do exército da Itália](#)
- [Resposta à réplica do senhor abade Chesnel, em *l'Univers*](#)
- [Variedades - Lorde Castlereagh e Bemadotte](#)
- [O que é o Espiritismo? Nova obra do senhor Allan Kardec](#)

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Discurso do encerramento do ano social 1858-1859

Revista Espírita, julho de 1859

Senhores,

No momento em que se expira vosso ano social, permiti-me vos apresentar um breve resumo da marcha e dos trabalhos da Sociedade.

Conheceis sua origem: ela se formou sem desígnio premeditado, sem projeto preconcebido. Alguns amigos se reuniam em minha casa num pequeno grupo; pouco a pouco, esses amigos pediram minha permissão para me apresentarem seus amigos. Não havia então presidente: eram reuniões íntimas de oito a dez pessoas, como existem centenas delas em Paris e alhures; mas era natural que, em minha casa, eu tivesse a direção do que ali se fazia, seja como dono da casa, seja também em razão dos estudos especiais que eu havia feito, e que me davam uma certa experiência da matéria.

O interesse que se tomava por essas reuniões, era crescente, embora não se ocupasse senão de coisas muito sérias; pouco a pouco, de um e de outro, o número dos assistentes aumentava, e meu modesto salão, muito pouco propício para uma assembléia, tomou-se insuficiente. Foi então que, alguns dentre vós, propuseram se procurasse um lugar mais cômodo, e se cotizarem para subvencionar os gastos, não achando justo que eu os suportasse sozinho, como fizera até aquele momento. Mas, para se reunir regularmente, além de um certo número, e no local estranho, era necessário conformar-se às prescrições legais, era necessário um regulamento, e, conseqüentemente, um presidente como titular; enfim, era necessário constituir uma sociedade; o que ocorreu com o consentimento da autoridade, cuja benevolência não nos faltou. Era necessário também imprimir aos trabalhos uma direção metódica e uniforme, e consentistes em me encarregar de continuar o que fazia em minha casa, em nossas reuniões particulares.

Trouxe para minhas funções, que posso dizer laboriosas, toda a exatidão e todo o devotamento de que era capaz; do ponto de vista administrativo, esforcei-me por manter, nas sessões, uma ordem rigorosa, e dar-lhe um caráter de gravidade, sem o qual o prestígio de assembléia séria teria logo desaparecido. Agora que minha tarefa terminou, e que o impulso foi dado, devo vos participar a resolução que tomei de renunciar, para o futuro, a toda espécie de função na Sociedade, mesmo a de diretor dos estudos; não ambiciono senão um título, o de simples membro titular, com o qual estarei sempre feliz e honrado. O motivo de minha determinação está na multiplicidade dos meus trabalhos, que aumentam todos os dias em razão da extensão das minhas relações, porque além daqueles que conheceis, preparo outros mais consideráveis, que exigem longos e laboriosos estudos, e não absorverão menos de dez anos; ora, os da Sociedade não deixam de tomar muito tempo, seja para a preparação, seja para a coordenação e a cópia correta. Por outro lado, eles reclamam uma

assiduidade freqüentemente prejudicial às minhas ocupações pessoais, e que tomam indispensável a iniciativa, quase exclusiva, que me deixastes. Foi por causa disso, Senhores, que tive que tomar tão freqüentemente a palavra, lamentando a miúdo que os membros eminentemente esclarecidos que possuímos nos privassem de suas luzes. Já há muito tempo tinha o desejo de demitir-me de minhas funções; eu o expressei, de um modo muito explícito, em diversas circunstâncias, seja aqui, seja em particular a vários de meus colegas, e notadamente ao senhor Ledoyen. Tê-lo-ia feito mais cedo sem o temor de trazer perturbação à Sociedade, retirando-me ao meio do ano, podendo se crer em uma defecção; e não era necessário dar essa satisfação aos nossos adversários. Portanto, deveria cumprir minha tarefa até o fim; mas hoje, quando esses motivos não mais existem, apresso-me em vos participar a minha resolução, a fim de não entravar a escolha que fareis. É justo que cada um tenha sua parte de encargos e de honras.

Depois de um ano, a Sociedade viu crescer rapidamente sua importância; o número de membros titulares triplicou em alguns meses; tendes numerosos correspondentes nos dois continentes, e os auditores ultrapassariam o limite do possível se não se pusesse um freio pela estrita execução do regulamento. Contastes, entre estes últimos, as mais altas notabilidades sociais e mais de uma ilustração. O zelo que se toma em solicitar admissão em vossas sessões testemunha o interesse que se tem por elas, não obstante a ausência de toda experimentação destinada a satisfazer a curiosidade, e talvez mesmo em razão de sua simplicidade." Se todos não saem dela convencidos, o que seria pedir o impossível, as pessoas sérias, aquelas que não vêm com uma intenção de difamação, levam da gravidade dos vossos trabalhos uma impressão que as dispõem a aprofundar essas questões. De resto, não temos senão que aplaudir as restrições que colocamos para a admissão de ouvintes estranhos: evitamos assim a massa de curiosos importunes. A medida com a qual limitastes essa admissão a certas sessões, reservando as outras unicamente para os membros da Sociedade, resultou por vos dar maior liberdade nos estudos, que a presença de pessoas ainda não iniciadas e cujas simpatias não estão asseguradas, poderiam entravar.

Essas restrições parecerão muito naturais para aqueles que conhecem o objetivo da nossa instituição, e que sabem, antes de tudo, que somos uma Sociedade de estudos e de pesquisas, antes que uma arena de propaganda; por essa razão não admitimos, em nossas fileiras, aqueles que, não tendo as primeiras noções da ciência, nos fariam perder nosso tempo em demonstrações elementares, renovadas incessantemente. Sem dúvida, todos nós desejamos a propagação das idéias que professamos, porque as julgamos úteis, e cada um de nós nisso contribui com a sua parte; mas sabemos que convicção não se adquire senão por observações continuadas, e não por alguns fatos isolados, sem seqüência e sem raciocínio, contra os quais a incredulidade sempre pode levantar objeções. Um fato, dir-se-á, é sempre um fato; é um argumento sem réplica. Sem dúvida, quando ele não é nem contestado e nem contestável. Quando um fato sai do círculo das nossas idéias e dos nossos conhecimentos, à primeira vista parece impossível; quanto mais ele é extraordinário, mais objeções levanta, por isso é contestado; aquele que lhes sonda as causas, que se dá conta dele, encontra-lhe uma base, uma razão de ser; compreende-lhe a possibilidade, e, desde então, não o rejeita mais. Um fato, freqüentemente, não é inteligível senão pela sua ligação com outros fatos; tomado isoladamente, pode parecer estranho, incrível, absurdo mesmo; mas que seja um dos anéis da cadeia, que tenha uma base racional, que se possa explicá-lo, e toda a anomalia desaparece. Ora, para conceber esse encadeamento, para compreender esse conjunto ao qual se é conduzido de conseqüência em conseqüência, é necessário em todas as coisas, e talvez ainda mais em Espiritismo, uma seqüência de observações racionais. O raciocínio, portanto, é um poderoso elemento de convicção, hoje mais que nunca, quando as idéias positivas nos levam a saber o por quê e o como de cada coisa.

Espanta-se com a persistente incredulidade, em matéria de Espiritismo, da parte de pessoas

que viram, ao passo que outras, que nada viram, são crentes firmes; quer dizer que estes últimos são pessoas superficiais que aceitam, sem exame, tudo o que se lhes diz? Não; pelo contrário: os primeiros viram, mas não compreendem; os segundos não viram, mas compreendem, e não compreendem senão pelo raciocínio. O conjunto dos raciocínios sobre os quais se apóiam os fatos, constitui a ciência, ciência ainda muito imperfeita, é verdade, e da qual nenhum de nós pretende ver atingir o apogeu, mas, enfim, é uma ciência em seu início, e é na direção da pesquisa de tudo que pode ampliá-la e constituí-la que estão dirigidos vossos estudos. Eis o que importa se saiba bem fora desse recinto, a fim de que não se equivoque sobre os objetivos que nos propusemos; a fim de que não se creia, sobretudo, vindo aqui, encontrar uma exibição de Espíritos dando-se em espetáculos. A curiosidade tem um termo; quando está satisfeita, procura um novo objeto de distração; aquele que não se detém na superfície, que vê além do efeito material, encontra sempre alguma coisa para aprender; o raciocínio é para ele uma mina inesgotável: é sem limite. Nossa linha de conduta, aliás, poderia ser melhor traçada pelas admiráveis palavras que o Espírito de São Luís nos dirigiu, e que não deveríamos jamais perder de vista: "Zombou-se das mesas girantes, não se zombará jamais da filosofia, da sabedoria e da caridade que brilham nas comunicações sérias. Que alhures se veja, que em outro lugar se ouça, que entre vós se *compreenda* e se ame."

Essas palavras: *que entre vós se compreenda*, são todo um ensinamento. Devemos compreender, e procuramos compreender, porque não queremos crer como cegos: o raciocínio é o facho que nos guia. Mas o raciocínio de um só pode se extraviar, por isso quisemos nos reunir em sociedade, a fim de nos esclarecermos mutuamente pelo concurso recíproco de nossas idéias e de nossas observações. Colocando-nos nesse terreno, assemelhamo-nos a todas as outras instituições científicas, e nossos trabalhos farão mais prosélitos sérios do que se passássemos nosso tempo fazendo girar e bater as mesas. Logo estaríamos saciados; queremos para o nosso pensamento um alimento mais sólido, eis porque procuramos penetrar os mistérios do mundo invisível, cujos fenômenos elementares não são senão os primeiros indícios. Aquele que sabe ler, diverte-se repetindo, sem cessar, o alfabeto? Teríamos talvez um maior concurso de curiosos que se sucederiam em nossas sessões como os personagens de um panorama móvel, mas esses curiosos, que não poderiam levar uma convicção improvisada pela visão de um fenômeno inexplicável para eles, que o julgariam sem aprofundá-lo, seriam antes um obstáculo aos nossos trabalhos; eis porque, não querendo desviar de nosso caráter científico, afastamos quem não é atraído para nós por um objetivo sério. Ó Espiritismo tem conseqüências tão graves, e toca questões de uma tão grande importância, dá a chave de tantos problemas, nele haurimos, enfim, um tão profundo ensinamento filosófico, que ao lado disso, uma mesa girante é uma verdadeira infantilidade.

A observação dos fatos sem o raciocínio é insuficiente, dizemos, para conduzir a uma convicção completa, e é de preferência àquele que se declarasse convencido por um fato que não compreende, que se poderia taxar de leviandade; mas essa maneira de proceder tem um outro inconveniente, que é bom mencionar, e cada um de nós pôde testemunhar, é a mania da experimentação, que lhe é a conseqüência natural. Aquele vê um fato espírita sem dele ter estudado todas as circunstâncias, geralmente, não vê senão o fato material, e desde então o julga sob o ponto de vista de suas próprias idéias, sem pensar que fora das leis conhecidas pode, e deve, haver leis desconhecidas. Crê poder fazê-lo manobrar à sua vontade; impõe suas condições e não estará convencido, diz, senão quando se cumpre de tal modo e não de tal outro; ele imagina que se experimenta os Espíritos igual a uma pilha elétrica, não conhecendo nem sua natureza, nem sua maneira de ser que não estudou, crê poder impor-lhe sua vontade, e pensa que devem agir ao sinal dado pelo seu bom prazer de convencer-se; porque está disposto, por um quarto de hora, ouvi-los, se imagina que devem estar às suas ordens. São os erros nos quais não caem aqueles que se dão ao trabalho de se

aprofundar; sabem render-se conta dos obstáculos e não pedem o impossível; em lugar de querem conduzir os Espíritos ao seu ponto de vista, ao que não se prestam de boa vontade, colocam-se no ponto de vista dos Espíritos, e para eles os fenômenos mudam de aspecto. Para isso são necessárias a paciência, a perseverança, e uma firme vontade, sem a qual não se chega a nada. Quem quer realmente saber, deve submeter-se às condições da coisa, e não querer submeter a coisa às suas próprias condições. Eis porque a Sociedade não se presta a experimentação que seriam sem resultados, porque sabe, pela experiência, que o Espiritismo, não mais que toda ciência, não se aprende em algumas horas e com presteza. Como ela é séria, não quer ter negócios senão com pessoas sérias, que compreendem as obrigações que um semelhante estudo impõe, quando se quer fazê-lo conscientemente. Ela não reconhece como sérios aqueles que dizem: Fazei-me ver um fato e estarei convencido. Isso quer dizer que negligenciamos o fato? Muito ao contrário, uma vez que toda a nossa ciência está baseada sobre os fatos; procuramos, pois, diligentemente todos aqueles que nos oferecem um objeto de estudo, ou que confirmam princípios admitidos; quero dizer somente que não perdemos nosso tempo reproduzindo aqueles que conhecemos, não mais do que o físico não se diverte se repetindo as experiências que nada lhe ensinam de novo. Centramos nossas investigações sobre tudo aquilo que pode esclarecer nossa marcha; ligando-nos de preferência às comunicações inteligentes, fontes da filosofia espírita, e cujo campo é sem limites, bem mais do que as manifestações puramente materiais, que não têm senão o interesse do momento.

Dois sistemas igualmente preconizados e praticados se apresentam no modo de se receberem as comunicações de além-túmulo; uns preferem esperar as comunicações espontâneas, os outros as provocam por uma chamada direta feita a tal ou tal Espírito. Os primeiros pretendem que na ausência de controle para constatar a identidade dos Espíritos, esperando sua boa vontade, se está menos exposto a ser induzido em erro, já que aquele que fala é porque quer falar, ao passo que não é certo que aquele que se chama possa vir ou responder. Objetam que deixar falar o primeiro que aparece, é abrir a porta aos maus tão bem quanto aos bons. A incerteza da identidade não é objeção séria, pois que, freqüentemente, existem meios de constatá-la, e que, aliás, essa constatação é o objeto de um estudo que se prende aos próprios princípios da ciência; o Espírito que fala espontaneamente se encerra, o mais ordinariamente, em generalidades, ao passo que as perguntas lhe traçam um quadro mais positivo e mais instrutivo. Quanto a nós, não condenamos senão os sistemas exclusivos; sabemos que se obtêm coisas muito boas por um e por outro modo, e se damos a preferência ao segundo, é porque a experiência nos ensinou que, nas comunicações espontâneas, os Espíritos enganadores não deixam de se ornamentar com nomes respeitáveis do que nas evocações; eles têm mesmo o campo mais livre, ao passo que pelas perguntas são dominados, são dirigidos mais facilmente, sem contar que as perguntas são de uma utilidade incontestável nos estudos. É a esse modo de investigações que devemos a multidão de observações que recolhemos, a cada dia, que nos fazem penetrar mais profundamente esses estranhos mistérios. Quanto mais nós avançamos, mais o horizonte aumenta diante de nós, e nos mostra o quanto é vasto o campo que temos a ceifar.

As numerosas observações que fizemos permitiram levar um olhar investigador sobre o mundo invisível, desde a base até o cume, quer dizer, no que He tem de mais ínfimo como no que tem de mais sublime. Às inumeráveis variedades de fatos e de caracteres que saíram desses estudos, feitos com a calma profunda, a atenção sustentada e a prudente circunspeção de observadores sérios, nos abriram os arcanos desse mundo tão novo para nós; a ordem e o método que colocastes em vossas pesquisas foram os elementos indispensáveis para o sucesso. Com efeito, sabeis, pela experiência, que não basta chamar ao acaso o Espírito de tal ou tal pessoa; os Espíritos não vêm, assim, ao sabor de nosso capricho e não respondem a tudo aquilo que a fantasia nos leva a perguntar-lhes. É necessário, com os seres de além-túmulo, circunspeção, saber ter uma linguagem apropriada à sua natureza,

às suas qualidades morais, ao grau de sua inteligência, à classe que eles ocupam; estar com eles, dominador ou submisso, segundo as circunstâncias, compadecente por aqueles que sofrem, humilde e respeitoso com os superiores, firme com os maus e os obstinados que não subjagam senão aqueles que os escutam com complacência; é necessário, enfim, saber formular e encadear, metodicamente, as perguntas para obter respostas mais explícitas, agarrar nas respostas as nuances que são, freqüentemente, traços característicos, revelações importantes, que escapam ao observador superficial, sem experiência ou de passagem. A maneira de conversar com os Espíritos é, pois, uma verdadeira arte que exige tato ou conhecimento do terreno sobre o qual se caminha, e constitui, propriamente falando, o Espiritismo prático. Sabiamente dirigidas, as evocações podem ensinar grandes coisas; oferecem um poderoso elemento de interesse, de moralidade e de convicção: de interesse, porque elas nos dão a conhecer o estado do mundo que espera todos nós, e do qual se faz, algumas vezes, uma idéia tão bizarra; de moralidade, porque podemos ver aí, por analogia, nossa sorte futura; a convicção, porque se encontra nessas conversações íntimas a prova manifesta da existência e da individualidade dos Espíritos, que não são outros senão nossas almas desligadas da matéria terrestre. Estando formada, em geral, vossa opinião sobre o Espiritismo, não tendes necessidade de assentar vossas convicções sobre a prova material das manifestações físicas; também não quisestes, segundo o conselho dos Espíritos, encerrar-vos nos estudos dos princípios e das questões morais, sem negligenciar, por isso, o exame dos fenômenos que podem ajudar na procura da verdade.

A crítica demolidora nos censurou por aceitarmos, muito facilmente, as doutrinas de certos Espíritos, sobretudo naquilo que concerne às questões científicas. Essas pessoas mostram, por isso mesmo, que elas não conhecem nem o verdadeiro objetivo da ciência espírita, nem aquele que nos propusemos e se pode, com todo o direito, retornar-lhe a censura de leviandade em seu julgamento. Certamente não é a vós que é necessário ensinar a reserva com a qual se deve acolher o que vem dos Espíritos; e estamos longe de tomar todas as suas palavras por artigos de fé. Sabemos que entre eles existem os de todos os graus de saber e de moralidade; para nós é todo um povo que apresenta variedades cem vezes mais numerosas que aquelas que vemos entre os homens; é chegar a conhecê-lo e compreendê-lo; por isso, estudamos as individualidades, observamos as nuances, tratamos de compreender os traços distintivos de seus costumes, de seus hábitos, de seu caráter; queremos, enfim, tanto quanto possível, nos identificar com o estado desse mundo. Antes de ocupar uma residência, gostamos muito de saber como ela é, se estaremos ali comodamente, conhecer os hábitos dos vizinhos que teremos, o gênero de sociedade que ali poderemos freqüentar. Pois bem! É nossa residência futura, são os costumes do povo no meio do qual viveremos, que os Espíritos nos fazem conhecer. Mas, do mesmo modo que, entre nós, as pessoas ignorantes e de visão estreita se fazem uma idéia incompleta do nosso mundo material e do meio que não seja o seu, do mesmo modo os Espíritos cujo horizonte moral é limitado, não podem abarcar o conjunto, e estão ainda sob o império de preconceitos e de sistemas; não podem, pois, nos informar, sobre tudo o que concerne ao mundo espírita, mais do que um camponês poderia fazê-lo quanto ao estado da alta sociedade parisiense ou do mundo sábio. Seria, pois, ter de nosso julgamento uma bem pobre opinião, pensando-se que escutamos todos os Espíritos como oráculos. Os Espíritos são o que são, e não podemos mudar a ordem das coisas; não sendo todos perfeitos, não aceitamos suas palavras senão sob o benefício de inventário, e não com a credulidade de crianças; julgamos, comparamos, tiramos conseqüências de nossas observações, e seus próprios erros são para nós ensinamentos, porque não renunciamos ao nosso discernimento.

Essas observações se aplicam igualmente a todas as teorias científicas que os Espíritos possam dar. Seria muito cômodo não ter senão que interrogá-los para encontrar a ciência toda pronta, e para possuir os segredos da indústria: não adquiriremos a ciência senão ao preço de trabalho e de pesquisas; sua missão não é nos livrar dessa obrigação. Aliás,

sabemos que não só nem todos sabem tudo, mas que há, entre eles, falsos sábios, como entre nós, que crêem saber o que não sabem, e falam daquilo que ignoram com o descaramento mais imperturbável. Um Espírito poderia dizer, pois, que é o Sol que gira e não a Terra, e sua teoria não seria mais verdadeira porque vinda de um Espírito. Que aqueles que nos supõem uma credulidade tão pueril, saibam, pois, que tomamos toda opinião manifestada por um Espírito por uma opinião individual; que não a aceitamos senão depois de tê-la submetido ao controle da lógica e dos meios de investigação que a própria ciência espírita nos fornece, meios que todos vós conheceis.

Tal é, senhores, o objetivo que a Sociedade se propõe; certamente, não me cabe vo-lo ensinar, mas alegro-me em lembrá-lo aqui, a fim de que, se minhas palavras ressoarem lá fora, não se equivoquem mais sobre o seu verdadeiro caráter. Estou feliz, de minha parte, por não haver senão que seguir-vos nesse caminho sério que eleva o Espiritismo à categoria de ciência filosófica. Vossos trabalhos já deram frutos, mas os que darão mais tarde são incalculáveis, se, como disso não duvido, permanecerdes nas condições propícias para atrair os bons Espíritos entre vós.

O concurso dos bons Espíritos, tal é, com efeito, a condição sem a qual ninguém pode esperar a verdade; ora, depende de nós obter esse concurso. A primeira de todas as condições para conciliar sua simpatia, é o recolhimento e a pureza de intenções. Os Espíritos sérios vão onde são chamados com seriedade, com fé, fervor e confiança; não gostam de servir para experiência, nem se darem em espetáculo; ao contrário, comprazem-se em instruir aqueles que os interrogam sem segunda intenção; os Espíritos levianos, que zombam de tudo, vão por toda parte e de preferência onde encontram ocasião para mistificarem; os maus são atraídos pelos maus pensamentos, e por maus pensamentos é preciso entender todos aqueles que não estejam conforme os princípios da caridade evangélica. Portanto, em toda reunião, quem carregue consigo sentimentos contrários a esses preceitos, conduz consigo Espíritos desejosos de semearem a perturbação, a discórdia e a desafeição.

A comunhão de pensamentos e de sentimentos para o bem é, assim, uma coisa de primeira necessidade, e essa comunhão não pode encontrar-se num meio heterogêneo, onde teriam acesso as baixas paixões do orgulho, da inveja e do ciúme, paixões que sempre se trairiam pela malevolência e pela acrimônia da linguagem, por espesso que seja, aliás, o véu com o qual se procure cobri-las; é o *a, b, c*, da ciência espírita. Se quisermos fechar, aos maus Espíritos, as portas deste recinto fechado, cerremos-lhes primeiro a porta de nossos corações, e evitaremos tudo o que poderia dar-lhes presa sobre nós. Se alguma vez a Sociedade tornar-se o joguete de Espíritos enganadores, por quem seriam ali atraídos? Por aqueles em quem encontrassem eco, porque não vão senão aonde sabem ser escutados. Conhece-se o provérbio: *Dize-me com quem andas, dir-te-ei as manhas que tens*; e que se pode indagar assim com respeito aos nossos Espíritos simpáticos: *Dize-me o que pensas, e dir-te-ei com quem andas*. Ora, os pensamentos se traduzem pelos atos; portanto, admitindo-se que a discórdia, o orgulho, a inveja e o ciúme não podem ser insuflados senão pelos maus Espíritos, quem trouxesse aqui esses elementos de desunião, suscitaria entraves, acusaria, por isso mesmo, a natureza de seus satélites ocultos, e não poderíamos senão lamentar sua presença no seio da Sociedade. Queira Deus que ela jamais seja assim, eu o espero, e com a assistência dos bons Espíritos, se soubermos nos tornar favoráveis, a Sociedade se consolidará, tanto pela consideração que saberá merecer quanto pela utilidade de seus trabalhos. Se não tivéssemos em vista senão experiências de curiosidade, a natureza das comunicações seria quase indiferente, porque não as tomaríamos sempre senão por aquilo que seriam; mas como, em nossos estudos, não procuramos nem nossa diversão, nem a do público, o que queremos são comunicações verdadeiras; para isso ser-nos-á necessária a simpatia dos bons Espíritos, e essa simpatia não é adquirida senão por aqueles que afastam o

mal na sinceridade de sua alma. Dizer que os Espíritos levianos jamais puderam se introduzir entre nós, favorecidos por algum ponto fraco, seria muita presunção e pretender a perfeição; os próprios Espíritos superiores poderiam permiti-lo para experimentarem nossa perspicácia e nosso zelo na procura da verdade; mas nosso julgamento deve manter-nos em guarda contra as armadilhas que podem nos ser estendidas, e nos dá, em todos os casos, os meios para evitá-las.

O objetivo da Sociedade não consiste somente na pesquisa dos princípios da ciência espírita; vai mais longe: ela estuda também suas conseqüências morais, porque aí sobretudo está a verdadeira utilidade.

Nossos estudos nos ensinam que o mundo invisível que nos cerca reage, constantemente, sobre o mundo visível; eles no-lo mostram como uma das forças da Natureza; conhecer os efeitos dessa força oculta que nos domina e nos subjuga com o nosso desconhecimento, não é ter a chave de mais de um problema, a explicação de uma multidão de fatos que passam despercebidos? Se esses efeitos forem funestos, conhecer a causa do mal não seria ter o meio de preservar-se deles, como o conhecimento das propriedades da eletricidade nos deu o meio de atenuar os efeitos desastrosos do raio? Se sucumbirmos, então, não nos poderemos queixar senão de nós mesmos, porque não mais teremos a ignorância por desculpa. O perigo está no império que os maus Espíritos tomam sobre os indivíduos, e esse império não é apenas funesto do ponto de vista dos erros de princípios que possam propagar, mas o é, ainda, do ponto de vista dos interesses da vida material. A experiência nos ensina que jamais é impunemente que se abandona à sua dominação; porque suas intenções nunca podem ser boas. Uma de suas táticas, para alcançar seus fins, é a desunião, porque sabem muito bem que dominarão facilmente aquele que estiver privado de apoio; também seu primeiro cuidado, quando querem se apossar de alguém, é o de sempre inspirar-lhe a desconfiança e o distanciamento de quem possa desmascará-los, esclarecendo-o com conselhos salutares; uma vez senhores do terreno, podem, à sua vontade, fasciná-lo com promessas sedutoras, subjugá-lo gabando suas inclinações, aproveitando, para isso, todos os lados fracos que encontram, para melhor fazê-lo sentir, em seguida, a amargura das decepções, feri-lo em suas afeições, humilhá-lo em seu orgulho, e, freqüentemente, não elevá-lo um instante senão para precipitá-lo de mais alto.

Eis, senhores, o que nos mostram os exemplos que, a cada instante, se desenrolam aos nossos olhos, tanto no mundo dos Espíritos quanto no mundo corpóreo, os quais podemos aproveitar para nós mesmos, ao mesmo tempo que procuramos aproveitá-los aos outros. Mas, dir-se-á, não atraireis os maus Espíritos evocando homens que foram a escória da sociedade? Não, porque não sofreremos jamais sua influência. Não há perigo senão quando é o Espírito que se IMPÕE, ele jamais existe quando se IMPÕE ao Espírito. Sabeis que esses Espíritos não vêm ao nosso chamado senão como constrangidos e forçados, e que, em geral, encontram tão pouco do seu meio entre nós, que sempre têm pressa de se irem. Sua presença é para nós um estudo, porque, para conhecer, é necessário ver tudo; o médico não chega ao apogeu do seu saber senão sondando as feridas mais hediondas; ora, essa comparação do médico é tanto mais justa quando sabeis quantas feridas cicatrizamos, quantos sofrimentos aliviamos; nosso dever é mostrar-nos caridosos e benevolentes para com os seres de além-túmulo, como para os nossos semelhantes.

Desfrutaria eu, pessoalmente, senhores, de um privilégio extraordinário se estivesse ao abrigo da crítica. Ninguém se coloca em evidência sem se expor aos dardos daqueles que não pensam como nós. Mas há duas espécies de críticos: uma que é malevolente, acerba, envenenada, onde o ciúme se trai a cada palavra; a que tem por objetivo a procura sincera da verdade, e comportamentos diferentes. A primeira não merece senão o desdém: com ela jamais me atormentei; só a segunda é discutível.

Algumas pessoas disseram que fui muito apressado nas teorias espíritas; que não chegara o tempo de estabelecê-las, que as observações não eram bastante completas. Permitti-me algumas palavras a esse respeito.

Duas coisas devem ser consideradas no Espiritismo: a parte experimental e a parte filosófica ou teórica. Fazendo-se abstração do ensinamento dado pelos Espíritos, pergunto se, em meu nome, não tenho o direito, como tantos outros, de elocubrar um sistema de filosofia? O campo das opiniões não está aberto a todo o mundo? Por que, pois, não faria conhecer a minha? Caberá ao público julgar se ela tem ou não o senso comum. Mas essa teoria, em lugar de fazer um mérito, se mérito há, eu declaro que ela emana inteiramente dos Espíritos. - Seja, diz-se, mas ides muito longe. - Aqueles que pretendem dar a chave dos mistérios da criação desvendaram o princípio das coisas e a natureza infinita de Deus, não vão mais longe que eu, que declaro, em nome dos Espíritos, que não é dado ao homem aprofundar essas coisas sobre as quais não se pode estabelecer senão conjecturas mais ou menos prováveis? - Ides muito depressa. - Seria um erro terem certas pessoas avançado? Aliás, quem as impede de caminhar? - Os fatos não estão ainda suficientemente observados. - Mas se eu, com ou sem razão, creio tê-los observado bastante, devo esperar o bom prazer daqueles que permanecem atrás? Minhas publicações não barram o caminho de ninguém. - Uma vez que os Espíritos estão sujeitos ao erro, quem vos disse que aqueles que vos informaram não estão enganados? - Com efeito, aí está toda a questão, porque a da precipitação é muito pueril. Pois bem! Devo dizer sobre o que está fundada a minha confiança na veracidade e na superioridade dos Espíritos que me instruíram. Direi primeiro que, segundo o seu conselho, não aceito nada sem exame e sem controle; não adoto uma idéia senão se ela me parece racional, lógica e está de acordo com os fatos e as observações, se nada sério vem contradizê-la. Mas meu julgamento não poderia ser um critério infalível; o assentimento que encontrei numa multidão de pessoas mais esclarecidas do que eu, é para mim uma primeira garantia; encontro uma outra, não menos preponderante, no caráter das comunicações que me fizeram desde que me ocupo com o Espiritismo. Nunca, posso dizê-lo, escapou uma única dessas palavras, um único desses sinais pelos quais se traem sempre os Espíritos inferiores, mesmo os mais astuciosos; jamais dominação; jamais conselhos equivocados ou contrários à caridade e à benevolência, jamais prescrições ridículas; longe disso, não encontrei neles senão pensamentos grandes, nobres, sublimes, isentos de pequenez e mesquinha; em uma palavra, suas relações comigo, nas menores, como nas maiores coisas sempre foram tais que se fora um homem que houvesse falado, tê-lo-ia pelo melhor, o mais sábio, o mais prudente, o mais moral e o mais esclarecido. Eis, senhores, os motivos de minha confiança, corroborados pela identidade de ensinamentos dados a uma multidão de outras pessoas antes e depois da publicação de minhas obras. O futuro dirá se estou ou não com a verdade; à espera, creio dever ajudar o progresso do Espiritismo trazendo algumas pedras ao edifício. Mostrando que os fatos podem se assentar sobre o raciocínio, terei contribuído para fazê-los sair do caminho frívolo da curiosidade, para fazê-los entrar na via séria da demonstração, a única que pode satisfazer os homens que pensam e não se detêm na superfície.

Termino, senhores, pelo curto exame de uma questão da atualidade. Fala-se de outras sociedades que querem se levantar rivalizando com a nossa. Uma, diz-se, conta já com 300 membros e possui recursos financeiros importantes. Quero crer que isso não seja uma fanfarrice, que seria também pouco lisonjeira para os Espíritos que a houvessem suscitado, como para aqueles que deles se fazem os ecos. Se for uma realidade, nós a felicitaremos sinceramente, se ela obtiver a unidade de sentimentos necessária para frustrar a influência dos maus Espíritos e consolidar a sua existência.

Ignoro completamente quais são os elementos da sociedade, ou das sociedades, que se diz

querer formar; não farei, pois, senão uma nota geral.

Há em Paris e alhures uma multidão de reuniões íntimas, como foi a nossa outrora, onde se ocupa, mais ou menos seriamente, das manifestações espíritas, sem falar dos Estados Unidos, onde elas se contam por milhares; conheço-as onde as evocações se fazem nas melhores condições e onde se obtêm coisas muito notáveis; é a consequência natural do número crescente de médiuns que se desenvolvem em todos os lados, apesar dos galhofeiros, e quanto mais avançarmos, mais esses centros se multiplicarão. Esses centros, formados espontaneamente de elementos muito pouco numerosos e variáveis, nada de têm de fixo ou de regular e, propriamente falando, não constituem sociedades. Para uma sociedade regularmente organizada, são necessárias condições de vitalidade muito diferentes, em razão mesmo do número de membros que a compõem, da estabilidade e da permanência. A primeira de todas é a *homogeneidade* nos princípios e na maneira de ver. Toda sociedade formada por elementos heterogêneos, carrega consigo o germe de sua dissolução; pode-se dizer-lhe natimorta qualquer que lhe seja o objeto: político, religioso, científico ou econômico. Uma sociedade espírita requer uma outra condição, que é a assistência dos bons Espíritos, querendo-se obter comunicações sérias, porque dos maus, deixando que tomem pé, não podemos esperar senão mentiras, decepções e mistificações; sua própria existência tem esse preço, uma vez que os maus serão os primeiros agentes de sua destruição; eles a minarão pouco a pouco, se não fizerem desabar tudo primeiro. Sem homogeneidade, nada de comunhão de pensamentos, e, portanto, nada de calma, nem de recolhimento possíveis; ora, os bons não vão senão ali onde encontram essas condições; e como encontrá-los numa reunião onde as crenças são divergentes, onde uns não crêem mesmo em tudo, e onde, conseqüentemente, domina sem cessar o espírito de oposição e de controvérsia? Eles não assistem senão aqueles que querem ardentemente se esclarecer, tendo em vista o bem, sem segunda intenção, e não para satisfazer uma vã curiosidade. Querer formar uma sociedade espírita fora dessas condições, seria dar prova de ignorância, a mais absoluta, dos princípios mais elementares do Espiritismo.

Somos nós, pois, os únicos capazes de reuni-los? Seria bem deplorável, e além do mais, bem ridículo para nós assim crer. O que fizemos, seguramente, outros podem fazê-lo. Que outras Sociedades se ocupem, pois, dos mesmos trabalhos nossos, que prosperem, que se multipliquem, tanto melhor, mil vezes tanto melhor, porque será um sinal de progresso nas idéias morais; tanto melhor, sobretudo, se forem bem assistidas e tiverem boas comunicações, porque não temos a pretensão de um privilégio a esse respeito; como não temos em vista senão nossa instrução pessoal e o interesse da ciência, que nossa sociedade não oculta nenhum pensamento de especulação *nem direto e nem indireto*, nenhuma via ambiciosa, que sua existência não repousa sobre uma questão de dinheiro, as outras Sociedades serão para nós irmãs, mas não podem ser concorrentes; se delas tivermos ciúmes, provaremos que estamos assistidos por maus Espíritos. Se uma delas se formasse tendo em vista criar-nos uma rivalidade, com a segunda intenção de nos suplantar, ela revelaria por seu próprio objetivo à natureza dos Espíritos que presidiram sua formação, porque esse pensamento não seria nem bom nem caridoso, e os bons Espíritos não simpatizam com os sentimentos de ódio, de ciúmes e de ambição.

Temos, de resto, um meio infalível de não temer nenhuma rivalidade; foi São Luís quem no-lo deu: *Que entre vós vos compreendais e vos ameis*, disse-nos. Trabalhem, pois, para compreender; lutemos com os outros, mas lutemos com caridade e abnegação. Que o amor ao próximo esteja inscrito em nossa bandeira e seja a nossa divisa; com isso afrontaremos o escárnio e a influência dos maus Espíritos. Nesse terreno, podem nos igualar, e tanto melhor, porque serão irmãos que nos chegarão, mas depende de nós não estarmos nunca ultrapassados.

Mas, dir-se-á, tendes uma maneira de ver que não é a nossa; não podemos simpatizar com princípios que não admitimos, porque nada prova que estais com a verdade. A isso eu respondo: Nada prova que estejais mais do que nós na verdade, porque duvidais ainda, e a dúvida não é uma doutrina. Pode-se diferir de opinião sobre pontos da ciência, sem se morder e se atirar a pedra; é mesmo muito pouco digno e muito pouco científico fazê-lo. Procurai, pois, de vossa parte como procuramos da nossa; o futuro dará razão a quem tem direito. Se nos enganamos, não teremos o tolo amor próprio de nos obstinar em idéias falsas; mas há princípios sobre os quais se está certo de não se enganar: são o amor ao bem, a abnegação, a abjuração de todo sentimento de inveja e de ciúme; esses princípios são os nossos, e com esses princípios pode-se simpatizar sempre sem se comprometer; é o laço que deve unir todos os homens de bem, qualquer que seja a divergência de suas opiniões: só o egoísmo coloca entre eles uma barreira intransponível.

Tais são, Senhores, as observações que acreditei dever vos apresentar, deixando as funções que me confiastes; agradeço do fundo do coração todos aqueles que consentiram em me darem testemunhos de sua simpatia. Chegue onde chegar, minha vida está consagrada à obra que empreendemos, e ficarei feliz se meus esforços puderem ajudar a fazê-la entrar no caminho sério que é a sua essência, o único que poderá assegurar seu futuro. O objetivo do Espiritismo é de tornar melhores aqueles que o compreendem; tratemos de dar o exemplo e de mostrar que, para nós, a doutrina não é letra morta; em uma palavra, sejamos dignos dos bons Espíritos, se quisermos que os bons Espíritos nos assistam. O bem é uma couraça contra a qual virão sempre se quebrar as armas da malevolência.

ALLAN KARDEC.

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, julho de 1859

Publicaremos no futuro o comentário regular das sessões da Sociedade. Contávamos fazê-lo a partir deste número, mas a quantidade de matérias nos obrigou a adiá-lo para a próxima entrega. Os Sócios que não residem em Paris, e os membros correspondentes, poderão assim seguir os trabalhos da Sociedade. Limitar-nos-emos a dizer hoje que, apesar da intenção do que o senhor Allan Kardec havia expressado em seu discurso de encerramento de renunciar à presidência, quando da renovação da secretaria, ele foi reeleito por unanimidade com uma abstenção e um voto em branco. Acreditaria mal responder a um testemunho assim elogioso persistindo em sua recusa. Ele não aceitou, todavia, senão condicionalmente e sob a reserva *expressa* de renunciar às suas funções no momento que a Sociedade se encontrasse em condições de oferecer a presidência a uma pessoa cujo nome e posição social fossem de natureza a dar-lhe um maior relevo; sendo seu desejo poder consagrar todo o seu tempo aos trabalhos e aos estudos que ela demanda.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, julho de 1859

NOVIDADES DA GUERRA

O governo permitiu aos jornais, apolíticos darem notícias da guerra, mas como as relações são muitas sob todas as formas, seria ao menos inútil repeti-las aqui. O que talvez fosse mais novo para os nossos leitores é uma narração chegada do outro mundo; embora não seja tirada da fonte oficial do *Moniteur*, não deixa de oferecer interesse do ponto de vista dos nossos estudos. Pensamos, pois, interrogar algumas das gloriosas vítimas da vitória, presumindo que poderíamos encontrar nisso alguma instrução útil; tais objetos de observação e sobretudo da atualidade não se apresentam todos os dias. Não conhecendo, pessoalmente, nenhum daqueles que tomaram parte na última batalha, pedimos aos Espíritos que consentem em nos assistir, se gostariam de nos enviar um deles; pensamos mesmo encontrar, num estranho, mais liberdade e facilidade do que se fora em presença de amigos ou de parentes, dominados pela emoção. Com a resposta afirmativa, tivemos as entrevistas seguintes.

O Soldado Argelino de Magenta.

PRIMEIRA ENTREVISTA. (*Sociedade*, 10 de junho de 1859.)

1. Rogamos a Deus Todo-poderoso permitir ao Espírito de um dos militares mortos na batalha de Magenta comunicar-se conosco. - R. Que quereis saber?
2. Onde estáveis quando vos chamamos? - R. Não sei dizer-lo.
3. Quem vos preveniu que desejávamos conversar convosco? - R. Um que é mais esperto do que eu.
4. Em vossa vida duvidáveis que os mortos poderiam vir conversar com os vivos? - R. Oh! disso, não.
5. Que efeito isso produziu sobre vós ao vos encontrardes aqui? - R. Deu-me prazer; deveis, pelo que me dizem, fazer grandes coisas.
6. A qual corpo da armada pertencíeis? (Alguém disse em voz baixa: Pela sua linguagem deve ser um zuavo.) - R. Ah! Vós o dissestes.
7. Que grau tínheis? - R. O de todo mundo.
8. Como vos chamáveis? - R. Joseph Midard.

9. Como morrestes? - R. Gostaríeis de tudo saber e de nada pagar.

10. Vamos! Perdestes vossa alegria; dizei sempre, nós pagaremos depois. Como morrestes? - R. Por uma ameixa carregada.

11. Ereis contrário a ser morto? - R. Minha fé! Não; estou bem aqui.

12. No momento em que morrestes, imediatamente vos reconhecestes? - R. Não, estava tão atordoado que não o acreditava.

Nota. Isto está conforme tudo o que observamos nos casos de morte violenta; o Espírito, não se rendendo conta de sua situação, não crê imediatamente estar morto. Esse fenômeno se explica muito facilmente; ele é análogo ao do sonâmbulo que não crê dormir. Com efeito, para o sonâmbulo, a idéia do sono é sinônimo de suspensão das faculdades intelectuais; ora, como pensa, para ele não dorme; disso não se convence senão mais tarde, quando estiver familiarizado com o sentido ligado a essa palavra. Ocorre o mesmo com o Espírito surpreendido por uma morte súbita, quando nada havia preparado sua separação do corpo; para ele a morte é sinônimo de destruição, de aniquilamento; ora, como vê, sente-se, tem suas idéias, para ele não está morto; é necessário algum tempo para se reconhecer.

13. No momento que morrestes, a batalha não tinha terminado; seguistes suas peripécias? - R. Sim, uma vez que disse que não me acreditava estar morto; eu queria sempre ir de encontro aos *outros cães*.

14. Que sensação experimentastes nesse momento? - R. Estava encantado, achava-me muito leve.

15. Víeis os Espíritos de vossos companheiros deixarem seus corpos? - R. Não me ocupava disso, uma vez que eu não acreditava na morte.

16. Em que se tornava nesse momento essa multidão de Espíritos deixando a vida no tumulto da refrega? - R. Creio que faziam como eu.

17. Os Espíritos daqueles que se batiam com mais ardor, uns contra os outros, que pensavam encontrando-se juntos nesse mundo dos Espíritos? Estavam ainda animados uns contra os outros? -R. Sim, durante algum tempo e segundo o seu caráter.

18. Reconheceis-vos melhor agora? - R. Sem isso não me teriam enviado aqui.

19. Poderíeis dizer-nos se entre os Espíritos mortos há muito tempo, encontravam-se ali os que se interessavam pela sorte da batalha? (Pedimos a São Luís consentir ajudá-lo em suas respostas, a fim de que sejam tão explícitas quanto possível para a nossa instrução). - R. Em uma grande quantidade, porque é bom que saibis que esses combates e suas conseqüências estão preparados de longa data, e que nossos adversários não estão enlameados de crimes, como o fizeram sem serem impelidos tendo em vista conseqüências futuras, que não tardareis a saber.

20. Deveria haver aí quem se interessasse pelo sucesso dos Austríacos; isso formava dois campos entre eles? - R. Evidentemente.

Nota. - Não nos parece ver aqui os deuses de Homero tomando partido uns pelos Gregos, e os outros pelos Troianos? Quem eram, com efeito os deuses do paganismo, senão Espíritos dos quais os Antigos fizeram divindades? Não tínhamos razão em dizer que o Espiritismo é uma luz que iluminará mais de um mistério, a chave de mais de um problema?

21. Eles exerciam uma influência qualquer sobre os combatentes? - R. Uma muito considerável.

22. Poderíeis descrever-nos a maneira pela qual exerciam essa influência? - R. Do mesmo modo que todas as outras influências produzidas pelos Espíritos sobre os homens.

23. Que pensais fazer agora? - R. Estudar mais do que o fiz durante a minha última etapa.

24. Ides retornar para assistir, como espectador, aos combates que ainda se travam? - R. Não sei ainda; tenho afeições que me retêm neste momento; entretanto, conto escapar um pouco, de tempo ao outro, para me divertir vendo as brigas subseqüentes.

25. Qual gênero de afeições vos retêm? - R. Uma velha mãe enferma e sofredora, que me chora.

26. Peço perdão pelo mau pensamento que passou pelo meu espírito a respeito da afeição que vos retém. - R. Não o quero mais assim; disse-vos bobagens para vos fazer rir um pouco; é natural que não me tomeis por uma grande coisa, tendo em vista o honorável corpo ao qual pertenceis; mas tranquilizai-vos: eu não me empenhei senão por essa pobre mãe; mereço um pouco que me tenham mandado para junto de vós.

27. Quando estáveis entre os Espíritos, ouvíeis o ruído da batalha; víeis as coisas tão claramente quanto durante a vossa vida? -R. Primeiro perdi a visão, mas depois de algum tempo já via muito melhor, porque via todas as astúcias.

28. Pergunto se percebíeis o ruído do canhão. - R. Sim.

29. No momento da ação, pensáveis na morte e no que vos tornaríeis se fosses morto? - R. Pensava no que se tornaria minha mãe.

30. Era a primeira vez que íeis ao fogo? - R. Não, não; e a África?

31. Vistes a entrada dos Franceses em Milão? - R. Não.

32. Sois o único que morreu na Itália? - R. Sim.

33. Pensais que a guerra durará muito tempo? - R. Não; é fácil, e pouco meritório, de resto, predizê-lo.

34. Quando vedes, entre os Espíritos, um de vossos chefes, o reconheceis ainda como vosso superior? - R. Se o é, sim; se não, não.

Nota. - Na sua simplicidade e seu laconismo, essa resposta é eminentemente profunda e filosófica. No mundo espírita, a superioridade moral é a única que se reconhece; aquele que

não a tinha na Terra, qualquer que fosse sua classe, não tem nenhuma superioridade; ali, o chefe pode estar abaixo do soldado, o senhor abaixo do servidor. Que lição para o nosso orgulho!

35. Pensais na justiça de Deus, e vos inquietais com ela? - R. Quem não pensaria nela? Mas, felizmente, não tenho que temê-la sempre; resgatei, por algumas ações que Deus achou boas, algumas escapadelas que fiz na qualidade de zuavo, como dissestes.

36. Assistindo a um combate, poderíeis proteger um de vossos companheiros e afastar dele um golpe fatal? - R. Não; isso não está em nosso poder; a hora da morte é marcada por Deus; se deve passar por ela, nada pode impedi-la; como nada pode atingi-lo se a aposentadoria não soou para ele.

37. Vedes o general Espinasse? - R. Não o vi ainda, mas espero muito ainda vê-lo.

SEGUNDA ENTREVISTA.

(17 de junho de 1859.)

38. *Evocação* - R. Presente! Coragem! Avante!

39. Lembrai-vos de ter vindo aqui há oito horas? - R. Mas!

40. Dissestes-nos que não tínheis revisto ainda o general Espinasse; como poderíeis reconhecê-lo, uma vez que já não carrega sua farda de general? - R. Não, mas conheço-o de vista; ademais não temos uma multidão de amigos prontos a nos dar a palavra. Aqui não é como no grande círculo; não se tem medo de se consentir em auxiliar e vos respondo que não há senão os maus velhacos, os únicos que não se vêem.

41. Sob qual aparência estais aqui? - R. Zuavo.

42. Se pudéssemos ver-vos, como vos veríamos? - R. Com turbante e calção.

43. Pois bem! Suponho que nos aparecesse com turbante e calção, onde apanhastes essa roupa, uma vez que deixastes a vossa no campo de batalha! - R. Ah! Eis! Nada sei; tenho um alfaiate que me arranhou esta.

44. De que são feitos o turbante e o calção que levais? Rendei-vos conta disso? - R. Não; isso diz respeito ao algibebe.

Nota. - Essa questão da roupa dos Espíritos, e várias outras não menos interessantes que se ligam ao mesmo princípio, estão completamente elucidadas pelas novas observações feitas no seio da sociedade; disso daremos conta no nosso próximo número. Nosso bravo zuavo não é bastante adiantado para resolvê-las por si mesmo; ser-nos-ia preciso, para isso, o concurso de circunstâncias que se apresentam fortuitamente, e que não colocamos no caminho.

45. Dai-vos conta da razão pela qual nos vedes, ao passo que não podemos ver-vos? - R. Creio compreender que vossos óculos são muito fracos.

46. É pela mesma razão que não poderíeis ver o general sem uniforme? - R. Sim, ele não o usa todos os dias.

47. Quais dias ele o usa? - R. Sim! Quando é chamado ao palácio.

48. Por que estais aqui em zuavo, se não podemos ver-vos? -- R. Muito naturalmente porque sou zuavo ainda, desde há oito anos, e que no meio dos Espíritos, guardamos por muito tempo essa forma, mas isso não é senão entre nós, compreendeis que quando vamos para um mundo muito estranho, a Lua ou Júpiter, não nos damos ao trabalho de fazer tanto preparo pessoal.

49. Falais da Lua, de Júpiter, é que para aí fostes depois de vossa morte? - R. Não, não me compreendeis. Corremos muito o universo desde a nossa morte; não explicamos uma multidão de problemas da nossa Terra? Não conhecemos Deus e os outros seres muito melhores que nós como não o fazíamos há quinze dias? Passa-se na morte uma metamorfose no Espírito, que não podeis compreender.

50. Tornastes a ver o corpo que deixastes no campo de batalha? - R. Sim, não é mais belo.

51. Que impressão essa visão deixou em vós? - R. Tristeza.

52. Tendes conhecimento de vossa existência precedente? -R Sim, mas não foi bastante gloriosa para que dela me vanglorie.

53. Dizei-nos somente o gênero de existência que tivestes? -R. Simples comerciante de peles indígenas.

54. Nós vos agradecemos por consentir em retornar uma segunda vez. - R. Até breve; isso me alegra e me instrui; desde que me toleram aqui, voltarei de bom grado.

Um Oficial Superior Morto em Magenta

(*Sociedade.* 10 de junho de 1859.)

1. *Evocação.* - R. Heis-me aqui.

2. Poderíeis dizer-nos como viestes tão prontamente ao nosso chamado? - R. Fui prevenido de vosso desejo.

3. Por quem fostes prevenido? - R. Por um emissário de Luís.

4. Tínheis conhecimento da existência da nossa sociedade? -R. Vós o sabeis.

Nota. - O oficial, do qual se trata, com efeito, concorreu para que a Sociedade obtivesse autorização para se constituir.

5. Sob qual ponto de vista consideráveis nossa sociedade, quando ajudastes a sua formação?

- R. Eu não estava ainda inteiramente fixado, mas me inclinava muito em crer, e sem os acontecimentos que sobrevieram, iria certamente instruir-me em vosso círculo.

6. Há muitas notabilidades que partilham as idéias espíritas, mas que não a confessam abertamente; seria desejável que as pessoas influentes na opinião desfraldassem abertamente essa bandeira. - R. Paciência; Deus o quer e esta vez a palavra é verdadeira.

7. Em qual classe influente da sociedade pensais que o exemplo será dado em primeiro lugar? - R. Por toda parte um pouco no início, inteiramente em seguida.

8. Poderíeis dizer-nos, do ponto de vista do estudo, se, embora morto quase no mesmo momento do zuavo que acabou de vir, vossas idéias estão mais lúcidas que as dele? - R. Muito; o que pôde dizer que testemunhava uma certa elevação de pensamentos, era-lhe soprado, porque ele é muito bom, mas muito ignorante e um pouco leviano.

9. Interessai-vos ainda pelo sucesso de nossas armas? - R. Muito, mais que nunca, porque lhe conheço hoje o objetivo.

10. Poderíeis definir o vosso pensamento; o objetivo sempre foi altamente confessado, e na vossa posição sobretudo, devíeis conhecê-lo? - R. O objetivo que Deus se propôs, o conheceis?

Nota. - Ninguém menosprezará a gravidade e a profundidade desta resposta. Assim vivendo, conhecia o objetivo dos homens: como Espírito, ele via o que havia de providencial nos acontecimentos.

11. Que pensais da guerra em geral? - R. Minha opinião é que vos desejo que progridais bastante rapidamente para que ela se torne impossível, tanto quanto inútil.

12. Credes que virá um dia em que ela será impossível e inútil? - R. Penso-o, e disso não duvido, posso dizer-vos que o momento não está assim tão longe como podeis crer, sem, entretanto, dar-vos a esperança de vê-lo vós mesmos.

13. Vós vos reconhecestes imediatamente no momento de vossa morte? - R. Reconheci-me quase em seguida, e isso graças às vagas noções que tinha do Espiritismo.

14. Poderíeis dizer-nos alguma coisa do Senhor***, morto igualmente na última batalha? - R. Ele está ainda nas redes da matéria; tem mais dificuldade para dela sair; seus pensamentos não estavam dirigidos desse lado.

Nota. - Assim o conhecimento do Espiritismo ajuda o desligamento da alma depois da morte; abrevia a duração da perturbação que acompanha a separação; isso se concebe; *conhecia de antemão o mundo onde se encontra.*

15. Assististes à entrada de nossas tropas em Milão? - R. Sim, e com alegria; estava arrebatado pela ovação que acolheu nossas armas, primeiro por patriotismo, depois por causa do futuro que as espera.

16. Podeis, como Espírito, exercer uma influência qualquer sobre as disposições estratégicas? - R. Credes que isso não foi feito desde o princípio, e tendes dificuldade de adivinhar por quê?

17. Como ocorre que os Austríacos tenham abandonado, tão prontamente, uma praça forte como Pavie? - R. O medo.

18. Portanto, estão desmoralizados? - R. Completamente, e depois agindo-se sobre os nossos num sentido, deveis pensar que uma influência de uma outra natureza agia sobre eles.

Nota. - Esta intervenção dos Espíritos nos acontecimentos não é equivocada; eles preparam os caminhos para o cumprimento dos desígnios da Providência. Os Antigos teriam dito que isso foi a obra dos *Deuses'*, nós dizemos que foi a dos Espíritos por ordem de Deus.

19. Podeis dar-nos a vossa apreciação sobre o general Giulay, como militar, e todo sentimento de nacionalidade à parte? - R. Pobre, pobre general.

20. Voltaríeis com prazer se vos chamássemos? - R. Estou à vossa disposição, e prometo mesmo retornar sem ser chamado; a simpatia que tenho por vós não pode senão aumentar, deveis assim pensar. Adeus.

Resposta à réplica do senhor abade Chesnel, em *l'Univers*

Revista Espírita, julho de 1859

O jornal *L'Univers* inseriu, em seu número do dia 28 de maio último, a resposta que demos ao artigo do senhor abade Chesnel sobre o Espiritismo, e fê-la seguir de uma réplica deste último. Esse segundo artigo, reproduzindo todos os argumentos do primeiro, menos a urbanidade das formas a qual todo o mundo estava pronto a render justiça, não poderíamos respondê-la senão repetindo o que já dissemos, o que nos parece completamente inútil. O senhor abade Chesnel se esforça sempre por provar que o Espiritismo é, deve ser e não pode ser senão uma religião nova, porque dele decorre uma filosofia, e que se ocupa da constituição física e moral dos mundos. Nessa conta, todas as filosofias seriam religiões. Ora, como os sistemas são muitos e todos têm partidários mais ou menos numerosos, estreitaria singularmente o círculo do catolicismo. Não sabemos até que ponto é imprudente e perigoso emitir uma tal doutrina; porque é proclamar uma cisão que não existe; ao menos dar-lhe a idéia. Vede um pouco a que consequência chegaríeis. Quando a ciência veio contestar o sentido do texto bíblico dos seis dias da criação, criou-se-lhe o anátema, disse-se que era atacar a religião; hoje, quando os fatos deram razão à ciência, quando não há mais meios de contestá-los senão negando a luz, a Igreja se pôs de acordo com a ciência. Suponhamos que então se dissesse que essa teoria científica era uma religião nova, uma seita, que ela *apareceu* em contradição com os livros sacros, que ela derrubava uma interpretação dada há séculos, disso resultaria que não se poderia ser católico e adotar essas idéias novas. Pensai, pois, a que se reduziria o número dos católicos, se fossem suprimidos todos aqueles que não crêem que Deus fez a Terra em seis vezes vinte e quatro horas!

Ocorre o mesmo com o Espiritismo; se o olhais como uma religião nova, é porque aos vossos olhos ele não é católico. Ora, segui bem o meu raciocínio: De duas coisas uma: ou é uma realidade, ou é uma utopia. Se for uma utopia, não há com que preocupar-se com ele, porque cairá por si mesmo; se for uma realidade, todos os raios não impedi-lo-ão de sê-lo, tanto quanto não impediram outrora à Terra de girar. Se há verdadeiramente um mundo invisível que nos cerca, se se pode comunicar com esse mundo e dele obter notícias sobre o estado daqueles que o habitam, e todo o Espiritismo está aí dentro, logo isso parecerá tão natural quanto ver o Sol em pleno meio-dia ou encontrar milhares de seres vivos e invisíveis em uma límpida gota d'água; essa crença se tornará tão vulgar, que vós mesmos sereis forçados em vos render à evidência. Se, aos vossos olhos, essa crença é uma religião nova, ela está fora do catolicismo; porque não pode ser, ao mesmo tempo, a religião católica e uma religião nova. Se, pela força das coisas e da evidência, ela se tornar geral, e não poderá ser de outro modo se for uma das leis da Natureza, do vosso ponto de vista não haverá mais católicos, e vós mesmos não sereis mais católicos, porque sereis forçados a fazê-lo como todo o mundo. Eis, senhor abade, o terreno sobre o qual nos arrasta a vossa doutrina, e ela é tão absoluta que me agraciais já com o título de grande sacerdote dessa religião, honra da qual, verdadeiramente, pouco desconfiava. Mas ides mais longe: segundo vós, todos os médiuns são os sacerdotes dessa religião. Aqui vos detenho em nome da lógica. Até o presente, pareceu-me que as funções sacerdotais eram facultativas, que não se era sacerdote senão por um ato de própria vontade, que se não o era, apesar dela e em virtude de uma faculdade natural. Ora, a faculdade dos médiuns é uma faculdade natural que se prende à organização, como a faculdade sonambúlica; que não requer nem sexo, nem idade, nem instrução, uma vez que é encontrada nas crianças, nas mulheres e nos velhos, entre os

sábios como entre os ignorantes. Compreender-se-ia que moços e jovens fossem sacerdotes e sacerdotisas sem o querer e sem o saber? Em verdade, senhor abade, é abusar do direito de interpretar as palavras. O Espiritismo, como eu disse, está fora de todas as crenças dogmáticas, com as quais não se preocupa; não o consideramos senão como uma ciência filosófica, que nos explica uma multidão de coisas que não compreendemos, e, por isso mesmo, em lugar de abafar em nós as idéias religiosas, como certas filosofias, fá-las nascer naqueles em que elas não existem; mas se quereis, por toda a força, elevá-lo à categoria de uma religião, vós mesmos o empurrais para um caminho novo. É o que compreendem perfeitamente muitos eclesiásticos que, longe de produzir o cisma, se esforçam em conciliar as coisas, em virtude desse raciocínio: se as manifestações do mundo invisível ocorrem, isso não pode ser senão pela vontade de Deus, e não podemos ir contra a sua vontade, a menos que digamos que, no mundo, qualquer coisa pode ocorrer sem a sua permissão, o que seria uma impiedade. Se tivesse a honra de ser sacerdote, disso me serviria em favor da religião; faria dela uma arma contra a incredulidade, e diria aos materialistas e aos ateus: Pedis prova? Essas provas, heis-las aqui: é Deus que as envia.

Variedades - Lorde Castlereagh e Bemadotte

Revista Espírita, julho de 1859

Há quase quarenta anos, a aventura seguinte chegou ao marquês de Londonderry, depois lorde Castlereagh. Ia ele visitar um gentil-homem de seus amigos, que morava ao norte da Irlanda, um desses castelos que os romancistas escolhem, de preferência, para teatro de aparições. O aspecto do apartamento do marquês estava em harmonia perfeita com o edifício. Com efeito, as paredes de madeira, ricamente esculpidas e escurecidas pelo tempo, a imensa abóbada da chaminé, semelhante à entrada de um túmulo, as cortinas apodrecidas e pesadas, que ocultavam os cruzeiros e cercavam o leito, eram de natureza a darem uma direção melancólica aos pensamentos.

Lorde Londonderry examinou o seu quarto e tomou conhecimento com os antigos senhores do castelo, que, de pé em seus quadros, pareciam esperar a sua saudação. Depois de haver despedido seu criado, deitou-se. Vinha de apagar sua vela, quando percebeu um raio de luz que clareou o dossel de seu leito. Convencido de que não havia fogo na grade, e as cortinas estavam fechadas, e que o quarto se encontrava, alguns minutos antes, mergulhado numa obscuridade completa, supôs que um intruso se introduziu no quarto. Virando-se, então, rapidamente para o lado de onde vinha a luz, ele viu, com grande espanto, a figura de uma bela criança, cercada de um limbo.

Persuadido da integridade de suas faculdades, mas supondo uma mistificação de um dos numerosos hóspedes do castelo, lorde Londonderry avançou para a aparição, que se retraiu diante dele. À medida que ele se aproximava, ela recuava, até que, enfim, chegada sob a sombria abóbada da imensa chaminé, ela submergiu na Terra.

Lorde Londonderry não dormiu a noite inteira.

Determinou-se em não fazer-se nenhuma alusão ao que lhe acontecera a até que tivesse examinado, com cuidado, todas as pessoas da casa. No almoço, procurou em vão compreender alguns sorrisos ocultos, olhares de conivências, piscadelas de olhos pelas quais se traem, geralmente, os autores dessas conspirações domésticas.

A conversação seguiu seu curso normal; estava animada, e nada revelava uma mistificação. Afinal, o marquês não pôde resistir ao desejo de contar o que vira. O senhor do castelo fez observar que o relato de lorde Londonderry deveria parecer muito extraordinário àqueles que não habitavam, a muito tempo, o solar, e que não conheciam as lendas da família. Então, voltando-se para lorde Londonderry:

"Vós vistes a *criança brilhante*, disse-lhe; ficais satisfeito, é o presságio de uma grande fortuna; mas preferiria que não fosse a questão dessa aparição."

Em uma outra circunstância, lorde Castlereagh viu a criança brilhante na câmara dos comuns. No dia de seu suicídio, teve uma aparição semelhante (1)((1)Fontes *Winslow Anatomyotsuicide*, 1 vol. in-8-, p. 242. Londres, 1840.). Sabe-se que esse lorde, um dos

principais membros do ministério Harrowby e o mais encarnecido perseguidor de Napoleão, durante seus reveses, se cortou a artéria carótica no dia 22 de agosto de 1823, e morreu no mesmo instante. A espantosa fortuna de Bernadotte, diz-se, fora-lhe predita por uma famosa necromante .jue anunciara também a de Napoleão I, e que tinha a confiança da imperatriz Josephine.

Bernadotte estava convencido de que uma espécie de divindade tutelar ligava-se a ele para protegê-lo. Talvez as tradições maravilhosas que cercaram seu berço, não eram estranhas a esse pensamento, que jamais o abandonou. Conta-se, com efeito, na sua família, uma antiga crônica que pretendia que uma fada, mulher de um dos seus ancestrais, predissera que um rei ilustraria sua posteridade.

Eis um fato que prova quanto maravilhoso conservara de império sobre o Espírito do rei da Suécia. Ele queria cortar pela espada as dificuldades que a Noruega lhe opusera, e enviar seu filho Oscar à frente de uma armada para subjugar os rebeldes. O conselho de Estado fez uma viva oposição a esse projeto. Um dia, quando Bernadotte acabara de ter uma discussão animada sobre esse assunto, ele montou a cavalo e se distanciou da capital em grande galope. Depois de ter vencido um longo espaço, chegou aos limites de uma sombria floresta. De repente, apresentou-se-lhe aos olhos uma velha mulher bizarramente vestida e com seus cabelos em desordem: "Que quereis?" Perguntou bruscamente o rei. A feiticeira respondeu sem se desconcertar:

- Se Oscar combater nessa guerra que tu me dizes, ele não dará os primeiros golpes, mas recebê-los-á.

Bernadotte, atingido por essa aparição e essas palavras, retornou a seu palácio. No dia seguinte, trazendo ainda no rosto os traços de uma longa vigília cheia de agitação, ele se apresentou ao conselho: "Mudei de opinião, disse; negociaremos a paz, mas quero-a em condições honrosas."

O senhor de Chateaubriand conta, em sua *Vie de M. de Rance*, fundador da Trappe, que um dia esse homem célebre, passeando na avenida do palácio de Veretz, acreditou ver um grande fogo que havia tomado as construções do galinheiro. Para lá voou: o fogo diminuía à medida que dele se aproximava. A uma certa distância, o grande incêndio se muda em um lago de fogo, no meio do qual se elevava, a meio corpo, uma mulher devorada pelas chamas. Ó medo o tomou, e retomou correndo o caminho da casa. Ao chegar, as forças lhe faltavam, e ele se lançou morrendo sobre um leito. Não foi senão muito tempo depois, que ele contou essa visão, cuja única lembrança lhe fazia empalidecer.

Esses mistérios pertencem à loucura? O senhor Bière de Boismont parece atribuí-los a uma ordem de coisas mais elevada, e sou de sua opinião. Isso não desagrade meu amigo, o doutor Lélute: prefiro crer melhor no gênero familiar de Sócrates e na voz de Jeanne d'Arc que na demência do filósofo e da virgem de Domrémy.

Há fenômenos que ultrapassam a inteligência, que desconcertam as idéias recebidas, mas diante da evidência dos quais é preciso que a lógica humana se incline humildemente. Nada é brutal e, sobretudo, irrecusável como um fato. Tal é a nossa opinião, e sobretudo a do senhor Guizot:

"Qual é a grande questão, a questão suprema que preocupa hoje os Espíritos? É a questão posta entre aqueles que reconhecem e aqueles que não reconhecem uma ordem

sobrenatural, certa e soberana, embora impenetrável à razão humana; a questão posta, para chamar as coisas pelo seu nome, entre o *supernaturalismo* e o *racionalismo*. De um lado, os incrédulos, os panteístas, os céticos de toda sorte, os puros racionalistas; do outro os cristãos.

"É necessário, para a nossa salvação presente e futura, que a fé na ordem sobrenatural, que o respeito e a submissão à ordem sobrenatural reentrem no mundo e na alma humana, nos grandes espíritos como nos espíritos simples, nas regiões mais elevadas como nas regiões mais modestas. A influência real, verdadeiramente eficaz e regeneradora das crenças religiosas, está nessa condição; fora disso, são superficiais e bem perto de serem vãs." (Guizot.)

Não, a morte não separa para sempre, mesmo neste mundo, os eleitos que Deus recebeu em seu seio e os exilados que permanecem neste vale de lágrimas, *in hac lacrymarum valle*, para empregar as melancólicas palavras do *Salve regina*. Há horas misteriosas e abençoadas onde os mortos bem amados se inclinam para aqueles que os choram e murmuram, em seus ouvidos, palavras de consolação e de esperança. O senhor Guizot, esse espírito severo e metódico, tem razão em professar: "*Fora daí, as crenças religiosas são superficiais e bem perto de serem vãs.*"

SAM. (Extraído de *La Párie*, em 5 de junho de 1859.)

O que é o Espiritismo?

Revista Espírita, julho de 1859

Nova obra do senhor Allan Kardec

PRODUÇÃO PARA O CONHECIMENTO DO MUNDO INVISÍVEL. OU DOS ESPÍRITOS.
CONTENDO OS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA DOCTRINA ESPÍRITA E A RESPOSTA A
ALGUMAS OBJEÇÕES PREJUDICIAIS,

por ALLAN KARDEC

Autor do Livro dos Espíritos e diretor da *Revista Espírita*.

Grande in 18. Preço: 60 c. (1)

(1) Todas as obras do senhor Allan Kardec se encontram na casa dos senhores LEDOYEN, DENTU, e no escritório da *Revista*.

As pessoas que não têm do Espiritismo senão um conhecimento superficial, são naturalmente levadas a fazer certas perguntas que um estudo completo dar-lhes-ia a solução, mas o tempo e, freqüentemente, a vontade lhes faltam, para se entregarem a observações continuadas. Gostariam antes de empreender essa tarefa, saber ao menos do que se trata, e se vale a pena se ocupar disso. Portanto, pareceu-nos útil apresentar, em um quadro restrito, a resposta a algumas das questões fundamentais, que nos são diariamente dirigidas; isso será, para o leitor, uma primeira iniciação, e, para nós, tempo ganho com a dispensa de repetir constantemente a mesma coisa. A forma de conversação nos pareceu a mais conveniente, porque não tem a aridez da forma puramente dogmática.

Terminamos essa introdução por um resumo que permitirá apanhar, por uma leitura rápida, o conjunto dos princípios fundamentais da ciência. Aqueles que, depois dessa curta exposição, crerem a coisa digna de sua atenção, poderão aprofundá-la em conhecimento de causa. As objeções nascem, o mais freqüentemente, das idéias falsas que se faz, *a priori*, sobre o que não se conhece; retificar essas idéias é ir antes das objeções: tal é o objetivo que nos propusemos, publicando este pequeno escrito.

As pessoas estranhas ao Espiritismo nele encontrarão, pois, os meios de adquirirem, em pouco tempo e sem grande despesa, uma idéia da coisa, e as que estão já iniciadas, a maneira de resolverem as principais dificuldades que se lhes opõem. Contamos com o concurso de todos os amigos desta ciência para ajudarem a divulgar este curto resumo.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Segundo Ano – 1859

Agosto

- [Mobiliário de além-túmulo](#)
- [Pneumatografia ou escrita direta](#)
- [Um Espírito Servidor](#)
- [O Guia da senhora Mally](#)
- [Conversas familiares de além-túmulo - Voltaire e Frédéric](#)
- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [Ao senhor L. de Limoges](#)

Mobiliário de além-túmulo

Revista Espírita, agosto de 1859

Extraímos a passagem seguinte de uma carta que nos foi endereçada do departamento do Jura, por um dos correspondentes da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas:

"... Eu vos disse, Senhor, que a nossa antiga habitação era amada pelos Espíritos. No mês de outubro último (1858), a senhora condessa de C., amiga íntima de minha filha, veio passar alguns dias em nosso solar com seu filhinho, de oito anos de idade. Deitou-se a criança no mesmo apartamento de sua mãe; a porta que dava de seu quarto para o de minha filha foi deixada aberta para poder prolongar as horas do dia e conversar. A criança não dormia, e dizia à sua mãe: "Que faz, pois, esse homem sentado ao pé de vossa cama? Ele fuma um grande cachimbo; vede como ele enche vosso quarto de fumaça; portanto, mandai-o embora; ele sacode vossas cortinas." Essa visão durou toda a noite; a mãe não pôde fazer a criança calar, e ninguém pôde fechar os olhos. Essa circunstância não espantou nem a minha filha e nem a mim, que sabemos o que ocorre nas manifestações espíritas; quanto à sua mãe, ela acreditava que seu filho sonhava acordado, ou se divertia.

"Eis um outro fato, que me é pessoal, e que me ocorreu nesse mesmo apartamento, no mês de maio de 1858; foi a aparição do Espírito de um *vivo*, que ficou muito espantado depois de ter me visitado; eis em que circunstância: Eu estava muito doente e não dormia há muito tempo, quando vi, às dez horas da noite, um amigo de minha família sentado perto da minha cama. Testemunhei-lhe minha surpresa pela sua visita a essa hora. Ele me disse: Não faleis, vim velar-vos; não faleis, é necessário que possais dormir;" e estendeu a sua mão sobre a minha frente. Várias vezes reabri os olhos para ver se estava ali ainda, e cada vez me fazia sinal para fechá-los e calar-me. Ele rolava sua tabaqueira em seus dedos e, de tempo em tempo, tomava uma pitada, como tinha hábito de fazê-lo. Adormeci, enfim, e no meu despertar a visão havia desaparecido. Diferentes circunstâncias me deram a prova de que, no momento dessa visita inesperada eu estava perfeitamente desperto e que isso não fora um sonho. Em sua primeira visita, apressei-me em agradecer-lhe; ele levava a mesma tabaqueira, e escutando-me, tinha o mesmo sorriso de bondade que eu notara nele enquanto me velava. Como ele me afirmou que não viera, o que de resto não tive dificuldade em crer, porque não houvera nenhum motivo que pudesse convidá-lo a vir em semelhante hora e a passar a noite junto a mim, compreendi que só seu Espírito não se dera conta da visita, enquanto seu corpo repousava tranqüilamente em sua casa."

Os fatos de aparição são de tal modo numerosos, que nos seria impossível registrar todos aqueles que conhecemos e dos quais temos fontes perfeitamente autênticas. De resto, hoje quando esses fatos são explicados, quando se dá conta exatamente do modo que se produzem, sabe-se que entram nas leis da Natureza e, desde então, nada têm mais de maravilhosos. Já demos deles a teoria completa, não faremos senão lembrá-la, em poucas palavras, para compreensão do que vai seguir-se.

Sabe-se que além do envoltório exterior, o Espírito tem um segundo, semi-material, que chamamos perispírito. A morte não é senão a destruição do primeiro. O Espírito, em seu estado errante, conserva o perispírito que constitui uma espécie de corpo etéreo, invisível para nós no estado normal. Os Espíritos povoam o espaço, e se, num momento dado, o véu que no-los oculta viesse a se levantar, veríamos uma inumerável população se agitar ao

nosso redor e percorrer os ares; vê-la-íamos, sem cessar, aos nossos lados observando-nos e, freqüentemente, misturando-se às nossas ocupações e aos nossos prazeres, segundo o seu caráter. A invisibilidade não é uma propriedade absoluta dos Espíritos; a miúdo, se nos mostram sob a aparência que tiveram em sua vida, e existem poucas pessoas que, evocando suas lembranças, não têm o conhecimento de algum fato desse gênero. A teoria dessas aparições é muito simples e se explica por uma comparação que nos é muito familiar, a do vapor que, quanto está muito rarefeito, é completamente invisível; um primeiro grau de condensação torna-o enevoadado; quanto mais condensado passa ao estado líquido, depois ao estado sólido. Opera-se alguma coisa análoga pela vontade do Espírito na substância do perispírito; isso não é, de resto, como dissemos, senão uma comparação e não uma assimilação que pretendêssemos estabelecer; servimo-nos do exemplo do vapor para mostrar as mudanças de aspecto que pode sofrer um corpo invisível, mas com isso não inferimos que haja no perispírito uma condensação, no sentido próprio da palavra. Opera-se, em sua contextura, uma modificação molecular que o torna visível e mesmo tangível, e pode dar-lhe, até um certo ponto, as propriedades dos corpos sólidos. Sabemos que corpos perfeitamente transparentes tornam-se opacos por uma simples mudança na posição das moléculas, ou pela adição de um outro corpo igualmente transparente. Não sabemos exatamente como opera o Espírito para tornar visível seu corpo etéreo; a maioria mesmo, entre eles, disso não se dá conta, mas, pelos exemplos que citamos, concebemos sua possibilidade física, e isso basta para tirar, desse fenômeno, o que haja de sobrenatural à primeira vista. O Espírito pode, pois, operá-lo, seja por uma simples modificação íntima, seja assimilando uma porção de fluido estranho que muda momentaneamente o aspecto de seu perispírito; essa última hipótese é mesmo a que ressalta das explicações que nos foram dadas, e que relatamos ao tratar desse assunto. (Maio, junho e dezembro.)

Até aqui não há nenhuma dificuldade no que concerne à personalidade do Espírito, mas sabemos que ele se apresenta com vestimentas das quais muda o aspecto à vontade; freqüentemente mesmo, têm certos acessórios de tocador, tais como jóias, etc. Nas duas aparições que citamos no começo, uma tinha um cachimbo e produzia a sua fumaça; a outra tinha uma tabaqueira e portava-a; e notai bem o fato que esse Espírito era o de uma pessoa viva, que sua tabaqueira era em tudo semelhante àquela da qual se servia habitualmente e que ficara em sua casa. O que são essa tabaqueira, esse cachimbo, essas vestimentas, essas jóias? Os objetos materiais que existem sobre a Terra teriam sua representação etérea no mundo invisível? A matéria condensada que forma esses objetos teria uma parte quintessenciada que escapa aos nossos sentidos? Aí está um imenso problema, cuja solução pode dar a chave de uma multidão de coisas até agora inexplicadas, e foi a tabaqueira em questão que nos colocou no caminho não só desse fato, mas do fenômeno mais extraordinário do Espiritismo: o da pneumatografia ou escrita direta, do qual falaremos a todo instante.

Se alguns críticos nos censuram ainda pelo fato de irmos muito antes na teoria, dir-lhes-emos que, quando encontramos uma ocasião de avançar, não vemos porque seríamos obrigados a permanecer atrás. Se estão ainda no ponto de ver girar as mesas sem saberem porque elas giram, isso não é uma razão para deter-nos no caminho. O Espiritismo é, sem dúvida, uma ciência de observação, mas é mais ainda, talvez, uma ciência de raciocínio; o raciocínio é o único meio de fazê-lo avançar e triunfar de certas resistências. Tal fato é contestado unicamente porque não é compreendido; *a explicação lhe tira todo o caráter maravilhoso* e o fato reentra nas leis gerais da Natureza Eis porque vemos, todos os dias, pessoas que nada viram e que crêem, unicamente porque compreendem; ao passo que outras viram e não crêem, porque não compreendem. Fazendo o Espiritismo entrar na via do raciocínio, tornamo-lo *aceitável* para aqueles que querem dar-se conta do por quê e do como de cada coisa, e seu número é grande neste século, porque a crença cega não está mais nos nossos costumes; ora, não fizéssemos senão indicar o caminho, teríamos a consciência de

haver contribuído para o progresso desta ciência nova, objeto de nossos estudos constantes. Voltemos à nossa tabaqueira.

Todas as teorias que demos, com relação ao Espiritismo, nos foram fornecidas pelos Espíritos, e, muito freqüentemente, contrariaram as nossas próprias idéias, como isso ocorreu no caso presente, prova que as respostas não eram o reflexo do nosso pensamento. Mas o meio de obter uma solução não é coisa indiferente; sabemos, por experiência, que não basta pedir bruscamente uma coisa para obtê-la; as respostas não são sempre suficientemente explícitas; é necessário pedir o desenvolvimento com certas precauções, chegar ao objetivo gradualmente e pelo encadeamento de deduções que necessitam um trabalho preliminar. Em princípio, o modo de formular as perguntas, a ordem, o método e a clareza são coisas que não se devem negligenciar, e que agradam aos Espíritos sérios, porque vêem nelas um objetivo sério.

Eis a conversa que tivemos com o Espírito de São Luís, a propósito da tabaqueira, e tendo em vista chegar à solução do problema da produção de certos objetos no mundo invisível.

(*Sociedade*, 24 de junho de 1859.)

1. No relato da senhora R..., há a questão de uma criança que viu, junto ao leito de sua mãe, um homem fumando num grande cachimbo. Concebe-se que esse Espírito poderia tomar a aparência de um fumante, mas parece que ele fumava realmente, uma vez que a criança viu o quarto cheio de fumaça. Que era essa fumaça? - R. Uma aparência produzida pela criança

2. A senhora R..., cita igualmente um caso de aparição, que lhe foi pessoal, do Espírito de uma pessoa viva. Esse Espírito tinha uma tabaqueira e portava-a. Experimentava a sensação que se tem pegando-a? - R. Não.

3. Essa tabaqueira tinha a forma da que se serve habitualmente e que estava em sua casa. Que era essa tabaqueira entre as mãos desse Espírito? - R. Sempre aparência; foi porque a circunstância fez notar como ela era, e que a aparição não foi tomada por uma alucinação produzida pelo estado de saúde do vidente. O Espírito queria que essa senhora cresse na realidade de sua presença; tomou todas as aparências da realidade.

4. Dissestes que foi uma aparência; mas uma aparência nada tem de real, é como uma ilusão de ótica. Eu queria saber se essa tabaqueira não era senão uma imagem sem realidade, como aquela, por exemplo, de um objeto que se faz refletir numa vidraça?

(O senhor Sanson, um dos membros da Sociedade observou que, na imagem reproduzida pelo espelho, há alguma coisa de real; se ela ali não está, é porque ninguém a fixa; mas se ela se põe sobre a placa de daguerreotipia, aí deixa uma impressão, prova evidente que é produzida por uma substância qualquer, e que não é só uma ilusão de ótica.)

A observação do senhor Sanson é perfeitamente justa. Poderíeis ter a bondade de nos dizer se há alguma analogia com a tabaqueira quer dizer, se nessa tabaqueira há alguma coisa de material? - R. Certamente; é com a ajuda desse princípio material que o perispírito toma a aparência de vestimentas semelhantes àquelas que o Espírito usava em sua vida.

Nota. - Evidentemente, é necessário entender aqui a palavra *aparência*, no sentido de imagem, imitação. A tabaqueira real não estava ali; a que o Espírito portava não era senão a reprodução: Era, pois, uma aparência comparada à original, embora formada de um princípio

material.

A experiência nos ensina que não é necessário tomar ao pé da letra certas expressões empregadas pelos Espíritos; interpretando-as segundo as nossas idéias, nos expomos a grandes equívocos, por isso é necessário aprofundar o sentido de suas palavras todas as vezes que apresentem a menor ambigüidade; é uma recomendação que nos fazem constantemente os Espíritos. Sem a explicação que provocamos, a palavra *aparência*, constantemente reproduzida em casos análogos, poderia dar lugar a uma falsa interpretação.

5. É que a matéria inerte se desdobraria? Haveria no mundo invisível uma matéria essencial que revestisse a forma dos objetos que vemos? Em uma palavra, esses objetos teriam *seu duplo etéreo* no mundo invisível, como os homens aí são representados em Espírito?

Nota. - Está aí uma teoria como uma outra, e era o nosso pensamento; mas o Espírito não a levou em conta, do que não estamos em nada humilhado, porque sua explicação nos pareceu muito lógica e porque ela repousa sobre um princípio mais geral, do qual encontramos muitas explicações.

- R. Não é assim que se passa. O Espírito tem sobre os elementos materiais espalhados por todo o espaço, em nossa atmosfera, um poder que estais longe de suspeitar. Ele pode, à sua vontade, concentrar esses elementos e dar-lhes a forma aparente própria desses objetos.

6. Coloco de novo a pergunta de um modo categórico, a fim de evitar qualquer equívoco: As vestimentas, com as quais se cobrem os Espíritos, são alguma coisa? - R. Parece-me que minha resposta precedente resolveu a questão. Não sabeis que o próprio perispírito é alguma coisa?

7. Resulta dessa explicação que os Espíritos fazem a matéria etérea sofrer transformações à sua vontade, e que, assim, por exemplo, para a tabaqueira, o Espírito não a encontrou toda feita, mas que a fez, ele mesmo para o momento no qual lhe era necessária, e que pôde desfazê-la; deve ocorrer o mesmo com todos os outros objetos, tais como vestimentas, jóias, etc. - R. Mas evidentemente.

8. Essa tabaqueira esteve visível para a senhora R... ao ponto de fazer-lhe ilusão. O Espírito poderia torná-la tangível para ela? -R. Poderia.

9. Na ocasião que foi apresentada, a senhora R... poderia tomá-la em suas mãos, crendo ter uma tabaqueira verdadeira? - R. Sim.

10. Se ela a tivesse aberto, teria provavelmente encontrado tabaco; se tomasse esse tabaco, fá-la-ia espirrar? - R. Sim.

11. O Espírito pode dar, portanto, não só a forma, mas propriedades especiais? - R. Se o quiser; não foi senão em virtude desse princípio que respondi afirmativamente às questões precedentes. Tendes provas do poder de ação que o Espírito exerce sobre a matéria, que estais longe de supor, como já vos disse.

12. Suponhamos, então, que ele quisesse fazer uma substância venenosa e que uma pessoa a tomasse, seria ela envenenada? - R. Poderia, mas não o teria feito; isso não lhe seria permitido.

13. Teria o poder de fazer uma substância salutar e própria a curar em caso de doença, e o caso se apresentou? - R. Sim, muito freqüentemente.

Nota. - Encontrar-se-á um fato desse gênero, seguido de uma interessante explicação teórica, no artigo que publicamos adiante sobre o título de *Um Espírito servidor*.

14. Poderia assim também fazer uma substância alimentar; suponhamos que fizesse uma fruta, uma iguaria qualquer, alguém poderia comê-la e sentir-se saciado? - R. Sim, sim. Mas não procureis, pois, tanto para provar o que é fácil de compreender. Basta um raio de sol para tornar perceptíveis, aos vossos olhos grosseiros, essas partículas materiais que encobrem o espaço no meio do qual viveis; não sabeis que o ar contém vapores d'água? Condensai-os, e conduzi-lo-eis ao estado normal; privai-os de calor, e eis que as moléculas impalpáveis e invisíveis tornam-se um corpo sólido e muito sólido, e muitas outras matérias das quais os químicos vos tirarão maravilhas mais admiráveis ainda; somente o Espírito possui instrumentos mais perfeitos do que os vossos: sua vontade e a permissão de Deus.

Nota. - A questão da saciedade é aqui muito importante. Como uma substância que não tem senão uma existência e propriedades temporárias, e de alguma sorte de convenção, pode produzir a saciedade? Essa substância, pelo seu contato com o estômago, produz a sensação da saciedade, mas não a saciedade resultante da plenitude. Se uma tal substância pode agir sobre a economia e modificar um estado mórbido, ela pode tão bem agir sobre o estômago e produzir o sentimento da saciedade. Todavia, pedimos aos senhores farmacêuticos e restauradores para não conceberem ciúme nisso, nem crerem que os Espíritos venham fazer-lhes concorrência: Esses casos são raros, excepcionais, e não dependem jamais da vontade; de outro modo, nutrir-se-ia e curar-se-ia por muito bom preço.

15. O Espírito poderia, do mesmo modo, fazer a moeda? - R. Pela mesma razão.

16. Esses objetos, tomados tangíveis pela vontade dos Espíritos, poderiam ter um caráter de permanência e de estabilidade? - R. Poderiam, mas isto não se faz; está fora das leis.

17. Todos os Espíritos têm esse poder no mesmo grau? - R. Não, não!

18. Quais são aqueles que têm, mais particularmente, esse poder? - R. Aqueles aos quais Deus o concede quando é útil.

19. A elevação do Espírito nisso é alguma coisa? - R. É certo que quanto mais o Espírito é elevado, mais facilmente a obtém; mas ainda isso depende das circunstâncias: Espíritos inferiores podem ter esse poder.

20. A produção de objetos semi-materiais é sempre o fato de um ato de vontade de um Espírito, ou bem exerce, algumas vezes, esse poder com o seu desconhecimento? - R. Ele o exerce FREQUENTEMENTE com o seu desconhecimento.

21. Esse poder seria, então, um dos atributos, uma das faculdades inerentes à própria natureza do Espíritos; seria, de alguma sorte, uma de suas propriedades, como a de ver e de ouvir? - R. Certamente; mas, freqüentemente, ele mesmo a ignora. É então que um outro a exerce para ele, com o seu desconhecimento, quando as circunstâncias o pedem. O alfaiate do zuavo era justamente o Espírito do qual acabo de falar, e ao qual ele fez alusão em sua linguagem alegre.

Nota. - Encontramos uma comparação dessa faculdade nas de certos animais, a raia-elétrica, por exemplo, que liberta eletricidade sem saber nem o que faz, nem o como o faz e que conhece menos ainda o mecanismo que ela faz funcionar. Não produzimos, freqüentemente, nós mesmos, certos efeitos por atos espontâneos dos quais não nos damos conta? Parece-nos, portanto, muito natural que o Espírito agisse nessa circunstância por uma espécie de instinto; produz por sua vontade, sem saber como, como nós caminhamos sem calcularmos as forças que colocamos em jogo.

22. Concebemos que, nos dois casos citados pela senhora R..., um dos dois Espíritos quisera ter um cachimbo e o outro uma tabaqueira para impressionar os olhos de uma pessoa viva; mas pergunto se, não tendo nada para mostrar-lhe, o Espírito poderia crer ter esses objetos, e iludir-se a si mesmo? - R. Não, se ele tem uma certa superioridade, porque tem a perfeita consciência do que é; mas ocorre de outro modo para os Espíritos inferiores.

Nota. - Tal era por exemplo a rainha de Oude, cuja evocação foi narrada no número de março de 1858, e que se acreditava ainda coberta de diamantes.

23. Dois Espíritos podem se reconhecer entre si pela aparência material que tiveram quando vivos? - R. Não é por causa disso que se reconhecem, uma vez que não tomem essa aparência um para o outro; mas se, em certas circunstâncias, se encontram em presença, revestidos dessa aparência, por que não se reconheceriam?

24. Como podem os Espíritos se reconhecerem na multidão dos outros Espíritos, e como, sobretudo, podem fazê-lo quando um deles vai procurar ao longe, e, a miúdo, em outros mundos, aquele que se chama? - R. Esta é uma questão cuja solução se arrastaria para muito longe; é necessário esperar; não estais bastante avançados; contentai-vos, para o momento, com a certeza de que assim é, e tendes disso bastante provas.

25. Se o Espírito pode haurir no elemento universal os materiais para fazer todas essas coisas, dar a essas coisas uma realidade temporária com suas propriedades, pode muito bem ali haurir o que é necessário para escrever, e, conseqüentemente, isso parece dar-nos a chave do fenômenos da escrita direta? - R. Enfim, aí chegas-tes!

26. Se a matéria, da qual o Espírito se serve, não tem persistência, como ocorre que os traços da escrita direta não desaparecem? - R. Não concluais sobre as palavras; eu não disse no início: jamais; era questão de um objeto material volumoso; aqui, são sinais traçados que é útil conservar, e são conservados.

A teoria acima assim pode se resumir o Espírito age sobre a matéria; haure na matéria primitiva universal os elementos necessários para formar, à sua vontade, objetos com aparência de diversos corpos que existem na Terra, ele pode igualmente operar sobre a matéria elementar, por sua vontade, uma transformação íntima que lhe dá propriedades determinadas. Essa faculdade é inerente à natureza do Espírito, que a exerce, freqüentemente, como um ato instintivo quando isso é necessário, e sem se dar conta dele. Os objetos formados pelo Espírito têm uma existência temporária, subordinada à sua vontade ou à necessidade; podem fazê-los e desfazê-los à sua vontade. Esses objetos podem, em certos casos, terem, aos olhos das pessoas vivas, todas as aparências da realidade, quer dizer, tornarem-se momentaneamente visíveis e mesmo tangíveis. Há formação, mas não criação, tendo em vista que o Espírito nada pode tirar do nada.

Pneumatografia ou escrita direta

Revista Espírita, agosto de 1859

A *Pneumatografia* é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem nenhum intermediário; ela difere da *Psicografia* no fato de que esta é a transmissão do pensamento do Espírito, por meio da escrita, pelas mãos de um médium. Demos essas duas palavras no *Vocabulário Espírita* colocado à entrada de nossa *Instrução prática, com a indicação de sua diferença etimológica*. *Psicografia*, do grego *psuikê*, borboleta, alma, e *graphó*, eu escrevo; *pneumatografia*, de *pneuma*, ar, sopro, vento, espírito. No médium escrevente, a mão é o instrumento; mas sua *alma*, ou Espírito encarnado nele, é o intermediário, o agente ou o intérprete do Espírito estranho que se comunica; na *Pneumatografia*, é o próprio Espírito estranho que escreve diretamente, sem intermediário.

O fenômeno da escrita direta, sem contradita, é um dos mais extraordinários do Espiritismo, por anormal que pareça à primeira vista, é hoje um fato averiguado e incontestável; se dele ainda não falamos, foi porque esperávamos poder dar-lhe a explicação, e nós mesmos poderemos fazer todas as observações necessárias, para tratar a questão com conhecimento de causa. Se a teoria é necessária, para dar-se conta da possibilidade dos fenômenos espíritas em geral, ela o é mais ainda, talvez, neste caso, sem contradita, um dos mais estranhos que se apresentara, mas que deixa de ser sobrenatural desde que se lhe compreenda o princípio. À primeira revelação desse fenômeno, o sentimento dominante foi o de dúvida; a idéia de uma fraude veio logo ao pensamento; com efeito, todo o mundo conhecia a ação das tintas, ditas simpáticas, cujos traços, de início completamente invisíveis, apareciam ao cabo de algum tempo. Poderia, portanto, ocorrer que se abusasse da credulidade, e nós não afir remos que jamais se haja feito; estamos mesmo convencidos de que certas pessoas, não com um objetivo mercenário, mas unicamente por amor próprio e para fazer crer em seu poder, empregaram subterfúgios.

J.J. Rousseau narra o fato seguinte na terceira das cartas escritas da Montagne: "Eu vi em Veneza, em 1743, um modo de sorte bastante novo, e mais estranho que os de Prêneste; aquele que queria consultá-las, entrava num quarto, e aí permanecia, só se o desejasse. Ali, de um livro cheio de folhas brancas, dele tirava uma à sua escolha; depois, segurando nessa folha, ele pedia não em voz alta mas mentalmente, o que queria saber; em seguida, ele dobrava a folha branca, a envelopava, escondia-a, colocava-a em um livro também oculto; enfim, depois de recitar certas fórmulas, muito barrocas, sem perder seu livro de vista, ia tirar-lhe o papel, reconhecer a marca, abri-lo, e encontrar sua resposta escrita.

"O mágico que fazia essas sortes era o primeiro secretário da embaixada de França, e ele se chamava J.J. Rousseau."

Duvidamos que Rousseau haja conhecido a escrita direta, de outro modo saberia muitas outras coisas com respeito às manifestações espíritas, e não teria tratado a questão tão levemente; é provável, como ele mesmo reconheceu quando o interrogamos sobre esse fato, que empregou um procedimento que lhe ensinara um charlatão italiano.

Mas pelo fato de que se pode imitar uma coisa, seria absurdo disso concluir que a coisa não existe. Não se encontrou, nos últimos tempos, um meio de imitar a lucidez sonambúlica ao ponto de iludir? E do fato que esse procedimento de saltimbanco correu todas as feiras, é

necessário concluir que não haja verdadeiros sonâmbulos? Por que certos mercadores vendem vinho adulterado, isso é uma razão para que não haja vinho puro? Ocorre o mesmo com a escrita direta; as precauções para se assegurar da realidade do fato sendo, aliás, bem simples e bem fáceis e, graças a essas precauções, não se pode hoje objetar-lhe nenhuma dúvida.

Uma vez que a possibilidade de escrever sem intermediário é um dos atributos do Espírito, que os Espíritos existiram de todos os tempos, e de todos os tempos, também, produziram os diversos fenômenos que conhecemos, igualmente deveram produzir a escrita direta, na antigüidade tão bem quanto em nossos dias; assim é que se pode explicar a aparição de três palavras na sala do festim de Baltazar. A Idade Média, tão fecunda em prodígios ocultos, mas que foram abafados sob as fogueiras, deveu conhecer também a escrita direta, e talvez encontrou, na teoria das modificações que os Espíritos podem operar sobre a matéria, e que reportamos no nosso artigo precedente, o princípio da transmutação dos metais; é um ponto que trataremos algum dia.

Um de nossos assinantes dizia-nos recentemente que um de seus tios, cônego, que fora missionário no Paraguai durante muitos anos obtia, por volta do ano de 1800, a escrita direta conjuntamente com seu amigo, o célebre abade Faria. Seu procedimento, que nosso assinante jamais conheceu bem, e que, de alguma sorte, havia surpreendido furtivamente, consistia numa série de anéis suspensos, aos quais eram adaptados os lápis verticais, cuja ponta repousava sobre o papel. Esse procedimento ressentia-se da infância da arte; fizemos progressos depois. Quaisquer que sejam os resultados obtidos em diversas épocas, não foi senão depois da vulgarização das manifestações espíritas, que é seriamente considerada a questão da escrita direta. O primeiro que parece tê-la feito conhecer em Paris, nos últimos anos, foi o senhor barão de Guldenstubbe, que publicou sobre esse assunto uma obra muito interessante, contendo um grande número de *fac símiles* de escritas que obteve (1). ((1) *A realidade dos Espíritos e de suas manifestações, demonstrada pelo fenômeno da escrita direta.* Pelo senhor barão de Guldenstubbe; 1 vol. - in 8, com 15 pranchas e 93 fac-símiles. Preço 8 fr. casa Frank, Rua Richelieu. Encontra-se também na casa Dentu e Ledoyen.) O fenômeno já era conhecido na América há algum tempo. A posição social do senhor de Guldenstubbe, sua independência, a consideração que gozava no mundo mais elevado, afastam incontestavelmente toda suspeição de fraude voluntária, porque ele não pôde mover-se por algum motivo de interesse. Poder-se-ia, quando muito, crer que ele mesmo era o juguete de uma ilusão; mas a isso um fato responde peremptoriamente, que é a obtenção do mesmo fenômeno por outras pessoas, cercado-se de todas as precauções necessárias para evitar toda a fraude e toda causa de erro.

A escrita direta se obtém, como em geral a maioria das manifestações espíritas *não espontâneas*, pelo recolhimento, a prece e a evocação. Ela tem sido obtida, freqüentemente, nas igrejas, sobre os túmulos, ao pé das estátuas ou de imagens de personagens que são chamadas; mas é evidente que a localidade não tem outra influência senão a de provocar o maior recolhimento, e a maior concentração do pensamento; porque está provado que são obtidas, igualmente, sem esses acessórios, e nos lugares mais vulgares, sobre um simples móvel doméstico, encontrando-se nas condições morais desejadas, e se lhe une a faculdade medianímica necessária

No princípio, pretendia-se que era necessário depositar um lápis com o papel; os fatos, então, podiam se explicar até um certo ponto. Sabe-se que os Espíritos operam o movimento e o deslocamento de objetos; que eles os tomam e os lançam, algumas vezes, no espaço; poderiam, pois, muito bem tomar o lápis e dele se servirem para traçarem caracteres; uma vez que lhe dão o impulso por intermédio da mão do médium, de uma prancheta, etc., poderiam igualmente fazê-lo de um modo direto. Mas não se tardou a reconhecer que a

presença do lápis não era necessária, e que bastava um pedaço de papel, dobrado ou não, sobre o qual se encontram, depois de alguns minutos, caracteres traçados. Aqui o fenômeno muda completamente de face e nos lança numa ordem de coisas inteiramente novas; esses caracteres foram traçados com uma substância qualquer; do momento, que não se forneceu essa substância ao Espírito, ele a fez, portanto, ele mesmo a criou; onde a hauriu? Aí estava o problema. O senhor general russo, conde de B..., mostrou-nos uma estrofe de dez versos alemães que obteve desse modo, por intermédio da irmã do barão de Guldenstubbe, colocando muito simplesmente uma folha de papel, *destacada de sua própria caderneta*, sob o pedestal da pêndula da chaminé. Tendo-o retirado, ao cabo de alguns minutos, encontrou esses versos em caracteres tipográficos alemães bastante finos e de uma perfeita pureza. Por intermédio de um médium escrevente, o Espírito disse-lhe para queimar esse papel; como ele hesitou, lamentando sacrificar esse precioso espécime, o Espírito acrescentou: Nada tema, dar-te-ei um outro. Com esta segurança, ele lançou o papel ao fogo, depois colocou uma segunda folha igualmente tirada de sua caderneta, sobre a qual os versos se acharam reproduzidos exatamente do mesmo modo. Foi esta segunda edição, que vimos e examinamos com o maior cuidado, e, coisa bizarra, os caracteres apresentavam um relevo como se eles saíssem da imprensa. Não é, pois, somente com lápis que os Espíritos podem fazer, mas com tinta e caracteres de imprensa.

Um dos nossos honoráveis colegas da Sociedade, o senhor Didier, obteve estes dias os resultados seguintes, que nós mesmos constatamos, e dos quais podemos garantir a perfeita autenticidade. Tendo ido, com a senhora Hüet, que há pouco teve êxito em ensaios desse gênero, na igreja de Notre-Dame dês Victoires, tomou uma folha de papel de carta trazendo o cabeçalho de sua casa de comércio, dobrou em quatro e a depositou sobre os degraus de um altar, pedindo em nome de Deus a um bom Espírito qualquer que quisesse escrever alguma coisa; ao cabo de dez minutos de recolhimento, encontrou, no interior e sobre uma das folhas a palavra *fé*, e sobre uma outra folha a palavra Deus. Tendo em seguida pedido ao Espírito consentir dizer por quem isso fora escrito, ele recolocou o papel, e depois de dez outros minutos, encontrou estas palavras: *por Fénelon*.

Oito dias mais tarde, em 12 de julho, ele quis renovar a experiência e foi, para esse efeito, ao Louvre na sala Coyzevox, situada sob o pavilhão do relógio. Sobre o pé do busto de Bossuet colocou uma folha de papel de carta dobrada como da primeira vez, mas não obteve nada. Um jovem de cinco anos acompanhava-o, e depositou-se o boné do menino sobre o pedestal da estátua de Luís XIV, que se encontra a alguns passos. Credo a experiência falha, dispôs-se a retirar, quando pegando o boné encontrou embaixo, e como escrito a lápis sobre o mármore, as palavras *amai-Deus*, acompanhadas da letra B. O primeiro pensamento dos assistentes foi que estas palavras poderiam ter sido escritas anteriormente por uma mão estranha, e que nelas não havia nada de notável; não obstante, quis-se tentar a prova, colocou-se a folha dobrada sobre essas palavras, e o todo foi recoberto pelo boné. Ao cabo de alguns minutos, encontraram-se sobre uma das folhas estas três letras: a / m; recolocado o papel com o pedido de aperfeiçoar, obteve-se *Amai-a-Deus*, quer dizer o que fora escrito no mármore, menos o B. Ficou evidente, depois disso, que as primeiras palavras traçadas deveram-se à escrita direta. Disso ressaltou o fato curioso que as letras foram traçadas sucessivamente e não de um só golpe e que quando da primeira inspeção as palavras não tiveram tempo para serem acabadas. Saindo do Louvre, o senhor D... foi para Saint-Germain TAuxerrois onde obteve, pelo mesmo procedimento, as palavras: *Sede humildes. Fénelon*, escritas de um modo muito nítido e muito legível. Ainda se podem ver as palavras acima escritas sobre o mármore da estátua da qual acabamos de falar.

A substância, das quais esses caracteres estão formados, tem toda a aparência do grafite, e se apaga facilmente com a borracha; examinamo-la ao microscópio, e constatamos que ela não está incorporada ao papel, mas simplesmente depositada sobre a superfície, de modo

irregular, sobre as asperezas, formando arborescências bastante semelhantes às de certas cristalizações. A parte apagada pela borracha deixa perceber camadas de matéria negra introduzidas nas pequenas cavidades das rugosidades do papel. Destacadas estas camadas, e erguidas com cuidado, são a própria matéria que se produziu durante a operação. Lamentamos que a pequena quantidade recolhida não nos haja permitido fazer-lhe a análise química; mas não nos desesperamos de a isso chegar um dia.

Querendo-se agora reportar-se ao nosso artigo precedente, encontrar-se-á nele a explicação completa desse fenômeno. Nesse escrito, o Espírito não se serve de nossas substâncias, nem de nossos instrumentos; ele mesmo criou as substâncias e os instrumentos de que teve necessidade, tirando esses materiais do elemento primitivo universal ao qual fez sofrer, por sua vontade, as modificações necessárias ao efeito que quis produzir. Pode, portanto, tão bem fazer a tinta de impressão ou a tinta comum do lápis, até mesmo caracteres tipográficos bastante resistentes para dar um relevo à impressão.

Tal é o resultado ao qual nos conduziu o fenômeno da tabaqueira, reportado no nosso artigo precedente, e sobre o qual nos estendemos longamente, porque vimos aí a ocasião de sondar umas das leis mais importantes do Espiritismo, lei cujo conhecimento pode esclarecer mais de um mistério, mesmo do mundo visível. Foi assim que, de um fato vulgar em aparência, pôde jorrar a luz; tudo é observar com cuidado, e isso cada um pode fazer, como nós, quando não se limitar a ver efeitos sem procurar-lhes as causas. Se nossa fé se afirma, dia a dia, é porque compreendemos; fazei, pois, compreender, se desejais fazer prosélitos sérios. A inteligência das causas tem um outro resultado, que é o de traçar uma linha de demarcação entre a verdade e a superstição.

Se considerarmos a escrita direta do ponto de vista das vantagens que ela pode oferecer, diremos que, até o presente, sua principal utilidade foi a constatação material de um fato importante: a intervenção de uma força oculta que encontra aí um novo meio de se manifestar. Mas as comunicações assim obtidas raramente são de alguma extensão; geralmente são espontâneas e limitadas a palavras, sentenças, freqüentemente sinais ininteligíveis; foram obtidas em todas as línguas, em grego, em latim, em siríaco, em caracteres hiéroglicos, etc., mas ainda não se prestam a essas conversas seguidas e rápidas que permitem a psicografia ou escrita pelos médiuns.

Um Espírito Servidor

Revista Espírita, agosto de 1859

Extraímos as passagens seguintes da carta de um de nossos correspondentes de Bordeaux:

"Eis, meu caro senhor Allan Kardec, um novo relato de fatos muito extraordinários, e que vos submeto com o pedido de consentir verificá-los, evocando o Espírito que é o seu autor.

"Uma jovem senhora, que chamaremos senhora Mally, foi a pessoa por cujo intermédio ocorreram as manifestações que formam o assunto desta carta: Essa senhora mora em Bordeaux e tem três filhos.

"Desde a sua tenra idade, em torno de nove anos, ela teve visões. Uma noite, entrando em sua casa com a sua família, viu no ângulo de uma escada a forma muito distinta de uma tia morta há quatro ou cinco anos. Ela soltou uma exclamação: Ah! minha tia! E a aparição desapareceu. Dois anos depois, ela ouviu ser chamada por uma voz que acreditou reconhecer pela de sua tia, e tão fortemente que não pôde deixar de dizer: Entrai, minha tia! Não se abrindo a porta, ela mesma foi abrir, e não vendo ninguém, desceu para junto de sua mãe para informar-se se alguém havia subido.

"Depois de alguns anos, encontramos essa senhora de posse de um guia ou Espírito familiar, que parece encarregado de velar sobre sua pessoa e de seus filhos, e que faz uma multidão de pequenos serviços na casa, entre outros o de despertar os doentes, à hora fixada, para tomar a tizana, ou aqueles que querem partir; ou bem, para certas manifestações, ele realça o moral. Esse Espírito tem um caráter pouco sério; entretanto, ao lado de marcas de leviandade, ele deu provas de sensibilidade e afeição. A senhora Mally o vê comumente sob a forma de uma chama, ou de uma grande claridade; mas ele se manifesta aos seus filhos sob uma forma humana. Uma sonâmbula pretende ter-lhe dado esse guia, sobre o qual parece ter influência. Quando a senhora Mally fica algum tempo sem se ocupar de seu guia, ele toma o cuidado de se fazer lembrar a ela por algumas visões mais ou menos desagradáveis. Uma vez, por exemplo, quando ela descia sem luz, percebeu sobre o patamar um cadáver coberto com um lençol e luminoso. Essa senhora tem uma grande força de caráter, como veremos mais tarde; todavia, não pôde defender-se de uma impressão penosa com essa visão; e, fechando vivamente a porta de seu quarto, ela afastou-se para o de sua mãe. Outras vezes, sentia-se puxada pelo seu vestido, ou relada como por uma pessoa ou algum animal, oprimindo-a.. Essas impertinências cessavam desde que ela dirigisse um pensamento ao seu guia, e, de sua parte, a sonâmbula repreendia este último e proibia-o de atormentá-la.

"Em 1856, a terceira filha da senhora Mally, com a idade de quatro anos, caiu doente, no mês de agosto. A criança estava constantemente mergulhada num estado de sonolência, interrompido por crises de convulsões. Durante oito dias, eu mesmo vi a criança parecendo sair do seu acobramento, tomar um rosto sorridente e feliz e os olhos semi-fechados, sem olhar para aqueles que a cercavam, estender sua mão, com um gesto gracioso, como para receber alguma coisa, levar à boca e comer; depois agradecer com um sorriso encantador. Durante oito dias, a criança foi sustentada por essa alimentação invisível, e seu corpo retomara sua aparência de frescor habitual. Quando ela pôde falar, pareceu que ela saiu de um longo sono, e contou maravilhosas visões.

"Durante a convalescença da criança, pelo dia 25 de agosto, ocorreu, nessa mesma casa, a aparição de um *agênere*. Pelas dez e meia da noite, a senhora Mally, levando a pequena pela mão, descia uma escada de serviço, quando ela percebeu um indivíduo que subia. A escada estava perfeitamente iluminada pela luz da cozinha, de modo que a senhora Mally pôde muito bem distinguir o indivíduo, que tinha todas as aparências de uma pessoa vigorosamente constituída. Ambos chegados ao patamar ao mesmo tempo, encontraram-se face a face; era um jovem de rosto agradável, bem vestido, a cabeça coberta com um boné, e tendo à mão um objeto que ela não pôde distinguir. A senhora Mally, surpresa com esse encontro inesperado, a essa hora e numa escada, oculta, considerou-o sem dizer uma palavra e sem mesmo perguntar-lhe a que veio. O desconhecido, de seu lado, considerou-a um momento em silêncio, depois girou nos calcanhares e desceu a escada esfregando as barras da rampa com o objeto que levava à mão e que fazia o mesmo ruído como se fora uma varinha. Apenas ele desapareceu e a senhora Mally se precipitou no quarto onde eu me encontrava nesse momento, e gritou que um ladrão estava na casa. Colocamo-nos à procura, ajudadas pelo meu cão; todos os cantos foram explorados; assegurou-se que a porta da rua estava fechada e que ninguém pôde se introduzir, e que, aliás, não se poderia fechar sem ruído; era pouco provável, de resto, que um malfeitor viesse numa escada iluminada e a uma hora na qual estava exposto a encontrar, a cada instante, as pessoas da casa; por outro lado, como o estranho se encontrara nesta escada que não serve ao público; e, em todos os casos, se se enganasse, teria dirigido a palavra à senhora Mally, ao passo que lhe voltou as costas e se foi tranqüilamente, como alguém que não tivesse pressa e nem estivesse embaraçado em seu caminho. Todas essas circunstâncias não puderam nos deixar dúvida sobre a natureza desse indivíduo.

"Esse Espírito se manifesta, freqüentemente, por ruídos tais como o de um tambor, golpes violentos no fogão da cozinha, golpes de pé nas portas que então se abrem sozinhas, ou um ruído semelhante ao de pedras que fossem lançadas contra as vidraças. Um dia a senhora Mally estava na porta de sua cozinha, e viu a de um escritório em frente se abrir e se fechar, várias vezes, por uma mão invisível; outras vezes, estando ocupada em soprar o fogo, sentiu-se puxada pelo seu vestido, ou quando subia a escada ou a agarrava pelo calcanhar. Várias vezes, escondeu suas tesouras e outros objetos de trabalho; depois, quando já tinha muito procurado, eram-lhe depositados sobre os joelhos. Um domingo, estava ocupada em introduzir um dente de alho numa perna de carneiro; de repente, ela sente arrancar-lho dos dedos; crendo haver deixado cair, procurou-o inutilmente; então, retomando a perna de carneiro, ela encontrou a casca picada em um buraco triangular, cuja pele estava rebaixada, como para mostrar que uma mão estranha a havia colocado ali, intencionalmente.

"A primogênita dos filhos da senhora Mally, com a idade de quatro anos, estando passeando com sua mãe, esta percebeu que sua filha conversava com um ser invisível, que parecia pedir-lhe bombons; a menina fechava a mão e dizia sempre:

- Eles são meus, compre-os se tu os queres.

A mãe admirada perguntou-lhe com quem falava.

- É, disse a criança, esse jovem que quer que lhe dê meus bombons.

- Quem é esse jovem? Perguntou a mãe.

- Esse jovem que está aqui, a meu lado.

- Mas eu não vejo ninguém.

- Ah! Ele partiu. Ele estava vestido de branco e todo frisado. "Uma outra vez, a pequena doente, de quem falei mais

acima, divertia-se fazendo galinhas de papel. Mamãe! mamãe! disse ela, faça, pois, parar esse menino que quer pegar o meu papel.

- Quem? disse a mãe.

- Sim, esse menino que pegou o meu papel; e o menino se pôs a chorar.

- Mas onde está ele?

- Ah! Ei-lo que se foi para a esquina. Era um jovem todo negro. "Essa mesma jovem saltou um dia sobre a ponta dos pés e

perdeu o fôlego, apesar da proibição de sua mãe, que temia que isso lhe fizesse mal. De repente, ela se deteve gritando: "Ah! o guia de mamãe!" Perguntou-se-lhe o que isso significava; ela disse que viu um braço detê-la, quando ela saltava, e forçou-a a manter-se tranqüila. Acrescentou que não teve medo, e que em seguida pensou no guia de sua mãe. Os fatos desse gênero se renovam freqüentemente, mas tornaram-se familiares para as crianças, que não lhes concebem nenhum medo, porque o pensamento do guia de sua mãe lhes vem espontaneamente.

"A intervenção desse guia manifesta-se em circunstâncias mais sérias. A senhora Mally alugara uma casa com jardim na localidade de Caudéran. Essa casa estava isolada e cercada de vastas campinas; ela morava somente com seus três filhos e uma ins-trutora. A comunidade, então, estava infestada de bandidos que cometiam depredações nas propriedades vizinhas, e tinham, naturalmente, manifestado preferência por uma casa que sabiam habitada por duas mulheres somente; assim, todas as noites, vinham pilhar e tentar forçar as portas e as janelas. Durante três anos, que a senhora Mally morou nessa casa, ela teve tranSES continuados mas, cada noite, ela se recomendava a Deus, e seu guia, depois de sua prece, manifestava-se sob a forma de uma centelha. Várias vezes, quando, durante a noite, os ladrões faziam suas tentativas de arrombamento, uma súbita claridade iluminava o quarto, e ela ouvia uma voz que lhe dizia: "Nada temais; eles não entrarão;" e, com efeito, jamais conseguiram penetrar. Contudo, para mais precaução ela munia-se de armas de fogo. Uma noite que os ouviu rondar, atirou sobre eles dois tiros de pistola que atingiram um deles, porque ela o ouviu gemer, mas no dia seguinte havia desaparecido. Esse fato foi contado nestes termos num jornal de Bordeaux:

"Foi-nos foi contado um fato que denota uma certa coragem da parte de uma jovem morando na comuna de Caudéran:

"Uma senhora que ocupa uma casa isolada nessa comuna tem com ela uma senhorita encarregada da educação de vários filhos.

"Essa dama fora numa das noites precedentes, vítima de uma tentativa de roubo. No dia seguinte concordou-se que se vigiaria, e que, se necessário, velar-se-ia durante a noite.

"O que foi convencionado foi feito. Por isso, quando os ladrões se apresentaram para arrematar sua obra da véspera, encontraram quem os recebesse. Somente tiveram a precaução de não mais estabelecer conversação com os habitantes da casa sitiada. A senhorita, da qual falamos, tendo-os ouvido, apressou-se em abrir a porta e dar um tiro de pistola que deveu atingir um dos ladrões, porque, no dia seguinte, encontrou-se sangue no jardim.

"Até aqui não se descobriu os autores dessa segunda tentativa." "Não falarei senão por memória de outras manifestações que ocorreram nessa mesma casa de Caudéran, durante a estada dessas senhoras. Durante a noite, freqüentemente, ouviam-se ruídos estranhos, semelhantes ao de bolas rolando sobre as tábuas, ou madeiras da cozinha lançadas por terra e, todavia, pela manhã tudo estava numa ordem perfeita.

"Podeis, senhor, se julgardes a propósito, evocar o guia da senhora Mally e interrogá-lo sobre as manifestações que acabo de vos fornecer. Podeis, notadamente, perguntar-lhe se a sonâmbula que pretendeu dar esse guia tinha o poder de retomá-lo, e se ele se retiraria no caso em que esta viesse a morrer....."

O Guia da senhora Mally

Revista Espírita, agosto de 1859

(Sociedade, 8 de julho de 1859).

1. Evocação do guia da senhora Mally. - R. Eu venho, isso me é fácil.
2. Sob qual nome quereis que vos designemos? - R. Como quiserdes; por aquele sob o qual vós já me conhecíeis.
3. Que motivo vos ligou à senhora Mally e às suas filhas? - R. Primeiro, um antigo relacionamento, e uma amizade, uma simpatia que Deus sempre protege.
4. Diz-se que foi a sonâmbula, senhora de Dupuy, que vos deu à senhora Mally; isso é verdade? - R. Foi ela quem lhe disse que eu estava perto dela.
5. É que dependeis dessa sonâmbula? - R. Não.
6. Ela poderia vos retirar de perto dessa senhora? - R. Não.
7. Se essa sonâmbula viesse a morrer, isso teria sobre vós uma influência qualquer? - R. Nenhuma.
8. Faz muito tempo que vosso corpo morreu? - R. Sim, vários anos.
9. Que éreis em vossa vida? - R. Criança morta aos oito anos.
10. Sois feliz ou infeliz como Espírito? - R. Feliz; não tenho nenhuma inquietação pessoal, não sofro senão pelos outros; em verdade, que sofro muito por eles.
11. Fostes vós quem apareceu, na escada, à senhora Mally sob a forma de um jovem que ela tomou por um ladrão? - R. Não; era um companheiro.
12. E uma outra vez, sob a forma de um cadáver? Isso poderia impressioná-la lastimosamente; foi uma má peça que não anuncia a benevolência. - R. Longe disso em muitos casos; mas aqui era para dar, à senhora Mally, pensamentos mais corajosos; o que tem um cadáver de apavorante?
13. Tendes, pois, o poder de tornar-vos visível à vontade? - R. Sim, mas disse-vos que esse não era eu.
14. Éreis igualmente estranho às manifestações materiais que se produziram em sua casa? - R. Perdão! Isso sim; foi isso que me impus para ela, como trabalho material; mas realizei-lhe um trabalho bem mais útil e bem mais sério.

15. Podeis tomar-vos visível a todo mundo? - R. Sim.

16. Poderíeis tornar-vos visível aqui, para um de nós? - R. Sim; pedi a Deus para que assim possa só eu o posso, mas não ousou fazê-lo.

17. Se não quereis tornar-vos visível, poderíeis ao menos fazer-nos uma manifestação, para trazer, por exemplo, alguma coisa sobre a mesa? - R. Certamente, mas para o que de bom? Junto dela testemunho a minha presença por esse meio, mas junto a vós é inútil, uma vez que conversamos juntos.

18. O obstáculo não seria faltar-vos aqui o médium necessário para produzir essas manifestações? - R. Não, esse é um obstáculo fraco. Não vedes, freqüentemente, manifestações súbitas a pessoas que não são de modo algum médiums?

19. Todo o mundo, pois, está apto a ter manifestações espontâneas? - R. Uma vez que em sendo homem, se é médium.

20. O Espírito não encontra, entretanto, na organização de certas pessoas, uma facilidade maior para se comunicar? - R. Sim, mas eu vos digo, e deveríeis sabê-lo, os Espíritos são poderosos por si mesmos, o médium não é nada. Não tendes a escrita direta, e para isso é necessário um médium? Não; da fé somente e um ardente desejo, e, freqüentemente ainda, isso se produz com o desconhecimento dos homens, quer dizer, sem fé e sem desejo.

21. Pensais que as manifestações, tais como a escrita direta, por exemplo, se tomarão mais comuns do que o são hoje? - R. Certamente; como entendeis, pois, a divulgação do Espiritismo?

22. Podeis nos explicar o que a jovem da senhora Mally recebia em sua mão e comia durante a sua doença? - R. *Maná*; uma substância formada por nós, que encerra o princípio contido no maná comum e a doçura de um doce.

23. Essa substância é formada com a mesma matéria das vestimentas e outros objetos que os Espíritos produzem por sua vontade e pela ação que têm sobre a matéria? - R. Sim, mas os elementos são muito diferentes; as partes que formam meu maná não são as mesmas das que tomo para formar as madeiras ou uma vestimenta.

24. (A São Luís). O elemento tomado pelo Espírito, para formar o seu maná, é diferente daquele que tomou para formar outra coisa? Sempre nos foi dito que não há senão um elemento primitivo universal, do qual os diferentes corpos não são senão modificações. - R. Sim; quer dizer que esse mesmo elemento primitivo esparso no espaço, aqui sob uma forma, e ali sob outra; isso é o que ele quer dizer; ele toma seu maná de uma parte desse elemento, que crê diferente, mas que é bem sempre o mesmo.

25. A ação magnética pela qual se dá a uma substância, a água, por exemplo, propriedades especiais, tem relação com a do Espírito que cria uma substância? - R. O magnetizador não desdobra absolutamente senão a vontade; é um Espírito que o ajuda, que se encarrega de preparar e de concentrar o remédio.

26. (Ao Guia). Reportamos no tempo fatos curiosos de manifestações da parte de um Espírito que designamos sob o nome de Follet de Bayonne; conheceis esse Espírito? - R. Não

particularmente; mas segui o que fizestes com ele, e foi somente assim que o conheci de início.

27. É um Espírito de uma ordem inferior? - R. Inferior quer dizer mau? Não. Quer dizer simplesmente: não inteiramente bom, pouco avançado? Sim.

28. Agradecemos-vos por consentir vir e pelas explicações que nos destes. - R. Ao vosso serviço.

Nota. Esta comunicação nos oferece um complemento ao que dissemos nos dois artigos precedentes, sobre a formação de certos corpos pelos Espíritos. A substância dada à criança, durante sua enfermidade, evidentemente, era uma substância preparada por eles e que teve por efeito dar-lhe a saúde. Onde hauriram eles os princípios? No elemento universal transformado para o uso proposto. O fenômeno tão estranho de propriedades transmitidas pela ação magnética, problema até o momento inexplicado, e sobre o qual se alegraram tanto os incrédulos, encontra-se agora resolvido. Sabemos, com efeito, que não são apenas os Espíritos dos mortos que agem, mas que os dos vivos também têm sua parte de ação no mundo invisível: o homem com a tabaqueira disso nos forneceu a prova. O que há de espantoso, pois, em que a vontade de uma pessoa agindo pelo bem possa operar uma transformação na matéria primitiva, e dar-lhe propriedades determinadas? Está aí, em nosso entender, a chave de muitos dos efeitos pretendidos sobrenaturais, e dos quais teremos ocasião de falar. Foi assim que, pela observação, chegamos a nos dar conta das coisas, deixando-lhes a parte da realidade do maravilhoso. Mas quem diz que essa teoria seja verdadeira? Seja; ela tem pelo menos o mérito de ser racional e perfeitamente de acordo com os fatos observados; se algum cérebro humano dela encontre uma que julgue mais lógica do que a dada pelos Espíritos, serão comparadas; talvez, um dia, ficaremos contentes por termos aberto o caminho do estudo raciocinado do Espiritismo.

"Gostaria muito, disse-nos um dia uma pessoa, ter assim um Espírito servidor às minhas ordens, sob a condição de suportar algumas pequenas travessuras de sua parte." É uma satisfação da qual a gente goza, freqüentemente, sem dela suspeitar, porque todos os Espíritos que nos assistem não se manifestam de um modo ostensivo; mas não estão menos ao nosso lado, e sua influência, por ser oculta, não é menos real.

Conversas familiares de além-túmulo - Voltaire e Frédéric

Revista Espírita, agosto de 1859

Diálogo obtido por intermédio de dois médiuns servindo de intérpretes à cada um desses dois Espíritos, na sessão da Sociedade de 18 de março de 1859.

Questões preliminares endereçadas a Voltaire.

1. Em que situação estais como Espírito? - R. Errante, mas arrependido.
2. Quais são as vossas ocupações como Espírito? - R. Eu rasgo o véu do erro que, em minha vida, acreditava ser a luz da verdade.
3. Que pensais de vossos escritos em geral? - R. Meu Espírito estava dominado pelo orgulho; depois, eu tinha uma missão de arrojo a dar a um povo na infância; minhas obras são dela as conseqüências.
4. Que direis, em particular, de vossa *Jeanne D'Arc*? - R. Esta foi uma diatribe; fiz mais ruim que isso.
5. Quando vivo, que pensáveis de vosso futuro depois da morte? - R. Eu não acreditava senão na matéria, vós bem o sabeis, e ela morre.
6. Éreis ateu no verdadeiro sentido da palavra? - R. Eu era orgulhoso; eu negava a divindade por orgulho, é do que sofro e do que me arrependo.
7. Gostaríeis de conversar com Frédéric, que também consentiu em responder ao nosso apelo. Essa conversa seria instrutiva para nós. - R. Se Frédéric o quer, eu estou pronto.

Voltaire. - Vedes, meu caro monarca, que reconheço meus erros e que estou longe de falar como nas minhas obras; outrora dávamos o espetáculo de nossas torpezas; agora somos obrigados a dar o de nosso arrependimento e do nosso desejo de conhecer a grande e pura verdade.

Frédéric. - Eu vos acreditava menos bom do que não o sois realmente.

Voltaire. - Uma força que somos obrigados a adorar, e reconhecer toda soberana, força nossa alma a proclamar para aqueles que talvez abusamos, uma doutrina toda oposta àquela que professamos.

Frédéric. - É verdade, meu caro Arouet, mas não finjamos mais, é inútil, todos os véus caíram.

Voltaire. - Deixamos tantos desastres atrás de nós, que nos seriam necessárias muitas lágrimas para deles obter o perdão e nos absolver! Não saberíamos muito nos unir para fazer esquecer e reparar os males que causamos.

Frédéric. - Confessemos também que o século que admirávamos foi bem pobre em julgamento e que é preciso pouca coisa para deslumbrar os homens: nada mais que um pouco de audácia.

Voltaire. - Por que não? Fizemos tanta fama em nosso século!

Frédéric. - Foi essa fama que, caindo de repente num completo silêncio, nos lançou de novo na reflexão amarga, quase no arrependimento. Eu choro minha vida, mas também sinto falta de não ser mais Frédéric! E tu de não seres mais o senhor de Voltaire!

Voltaire. - Falai, pois, por nós, Majestade.

Frédéric. - Sim, eu sofro; mas não repitais mais.

Voltaire. - Mas abdicais, pois! Mais tarde fareis como eu.

Frédéric. - Eu não posso...

Voltaire. - Pedis-me para ser vosso guia; eu o serei ainda; tratarei somente de não vos perder no futuro. Se podeis compreender, procurai aqui o que pode vos ser útil. Não são mais altezas que vos interrogam, mas Espíritos que procuram e acham a verdade com a ajuda de Deus.

Frédéric. - Tomai-me, pois, pela mão; traçai-me uma linha de conduta, se o puderdes... esperemo-la... mas isso será por vós... por mim estou muito perturbado, e eis que isso dura um século.

Voltaire. - Deixais-me, ainda, a inveja de ter orgulho de valer melhor que vós; isso não é generoso. Tornai-vos bom e humilde, para que eu mesmo seja humilde.

Frédéric. - Sim, mas a marca que a minha qualidade de Majestade me deixou no coração, impede-me sempre de me humilhar como tu. Meu coração está fechado como um rochedo, árido como um deserto, seco como a arena.

Voltaire. - Serieis, pois, poeta? Não vos conhecia esse talento, Senhor.

Frédéric. - Tu finges, tu... Não peço a Deus senão uma coisa, o esquecimento do passado... uma encarnação de prova e de trabalho.

Voltaire. - E melhor unir-me também a vós, mas sinto que esperarei por muito tempo minha remissão e o meu perdão.

Frédéric. - Bem, meu amigo, pecamos, pois, juntos uma vez.

Voltaire. - Eu o faço sempre, desde que Deus se dignou levantar para mim o véu da carne.

Frédéric. - Que pensas desses homens que nos chamam aqui?

Voltaire. - Eles podem nos julgar, e nós não podemos senão nos humilharmos com eles.

Frédéric. - Eles me incomodam, eu... seus pensamentos são muito diferentes.

P. (*a Frédéric.*) - Que pensais do Espiritismo? - R. Sois mais sábios que nós; não viveis um século depois de nós? E embora no céu desde esse tempo, não fazemos apenas senão nele entrar.

P. Nós vos agradecemos por consentirdes em vir ao nosso chamado assim como ao vosso amigo Voltaire.

Voltaire. - Viremos quando quiserdes.

Frédéric. - Não me evoqueis freqüentemente... Não sou simpático.

P. Por que não sois simpático? - R. Eu desprezo e me sinto desprezível.

25 de março de 1859.

1. Evocação de Voltaire. - R. Falai.

2. Que pensais de Frédéric, agora que não está mais aí. - R. Ele raciocina muito bem, mas não quis se explicar; ele despreza, esse desprezo que tem por todo o mundo impede-o de consagrar-se, temeroso de não ser compreendido.

3. Pois bem! Teríeis a bondade de supri-lo, e dizer-nos o que entendia por essas palavras: Eu desprezo e me sinto desprezível? -R. Sim; sente-se fraco e corrompido como nós todos, e compreende, talvez mais do que nós ainda, tendo mais abusado que outros dos dons de Deus.

4. Como o julgais como monarca? - R. Hábil.

5. Julgai-o homem honesto? - R. Não se pode perguntar isso; não conheceis suas ações?

6. Não poderíeis dar-nos uma idéia mais precisa, do que não o fizestes, de vossas ocupações como Espírito? - R. Não; em todo instante de minha vida, descubro como um novo ponto de vista do bem; trato de praticá-lo, ou antes de aprender a praticá-lo. Quando se teve uma existência como a minha, há muitos preconceitos a combater, muitos pensamentos a repelir ou a mudar completamente, antes de chegar à verdade.

7. Desejaríamos ter de vós uma dissertação sobre um assunto de vossa escolha; gostaríeis de dar-nos uma? - R. Sobre o Cristo, sim, se quiserdes.

8. Será nesta sessão? - R. Mais tarde; esperai; em uma outra.

8 de abril de 1859

1. Evocação de Voltaire. - R. Estou aqui.

2. Teríeis a bondade de nos dar hoje a dissertação que nos prometestes? - R. O que vos prometi, posso cumpri-lo aqui; somente abreviarei.

Meus caros amigos, quando estava entre vossos pais, tinha opiniões, e para sustentá-las e fazê-las prevalecer entre meus contemporâneos, freqüentemente, simulei uma convicção que não possuía em realidade. Foi assim que, querendo enfraquecer os defeitos, os vícios nos quais caía a religião, sustentei uma tese que hoje estou condenado a refutar.

Ataquei muitas coisas puras e santas, que minha mão profana deveria respeitar. Assim, ataquei o próprio Cristo, esse modelo de virtudes sobre-humanas, depois eu disse: sim, pobres homens, talvez rivalizemos um pouco o nosso modelo, mas não teremos jamais o devotamento e a santidade que mostrou; ele sempre estará acima de nós, porque foi melhor antes de nós. Estávamos ainda mergulhados no vício da corrupção e ele já estava sentado à direita de Deus. Aqui, diante de vós e o retrato do que a minha pena escreveu contra o Cristo, porque eu o amo, sim eu o amo. Sentia não tê-lo feito ainda.

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, agosto de 1859

Nota. A partir de hoje, publicamos, como havíamos anunciado, o Boletim dos trabalhos da Sociedade. Cada número conterà os das sessões que ocorreram no mês precedente. Esses boletins não conterão senão o resumo sucinto dos trabalhos e das atas de cada sessão; quanto às comunicações mesmas que nelas são obtidas, assim como as de origem estrangeira da qual foi feita a leitura, sempre as publicamos integralmente, todas as vezes que elas ofereçam um lado útil e instrutivo. Continuaremos a fazê-lo lembrando, como o fizemos até o presente, a data das sessões que elas ocorreram. A grande quantidade de matérias e as necessidades da classificação, freqüentemente, nos obrigam a modificar a ordem de certos documentos; mas isso não leva a nenhuma consequência, já que, cedo ou tarde, encontram seu lugar.

SEXTA-FEIRA. 1º DE JULHO DE 1859 (Sessão particular).

Assuntos administrativos. - Admissão do senhor S..., membro correspondente em Bordeaux.

Adiamento, até mais ampla informação, de dois membros titulares presentes nos dias 10 e 17 de junho.

Designação de três novos comissários-introductores para as sessões gerais.

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

Comunicações. - O senhor Allan Kardec anuncia que viu o senhor W... filho, de Boulogne-sur-Mer, que foi questão na revista de dezembro de 1858, a propósito de um artigo sobre o fenômeno de bicorporeidade, e que lhe confirmou o fato de sua presença simultânea em Boulogne e em Londres.

Carta do senhor S..., correspondente de Bordeaux, contendo detalhes circunstanciados sobre os fatos notáveis de manifestações e aparições que são de seu conhecimento pessoal, da parte de um Espírito familiar. (Carta publicada acima, assim como evocação feita a esse respeito.)

O senhor doutor Morhéry homenageou a Sociedade com duas cantatas, das quais o autor, pelas palavras, intituladas, uma a *Italie* a outra a *Venitienne*. Embora essas duas produções sejam completamente estranhas aos trabalhos da Sociedade, ela as aceita com reconhecimento, e por elas agradece ao autor.

O senhor Th... observou, a propósito da comunicação de Cristóvão Colombo, obtida na última sessão, que suas respostas relativas à sua missão e à dos Espíritos em geral, parecem consagrar a doutrina da fatalidade.

Vários membros contestam essa consequência das respostas de Cristóvão Colombo, tendo em vista que a missão não tira a liberdade de fazer ou de não fazer. O homem não é arrastado fatalmente a fazer tal ou tal coisa; poder-se-ia que, como homem, ele agisse mais ou menos cegamente; mas como Espírito, tem sempre a consciência do que faz, e permanece sempre senhor de suas ações. Supondo que o princípio da fatalidade decorresse das respostas de Colombo, isso não seria uma consagração de um princípio que os Espíritos combateram em todos os tempos. Isso não seria, em todos os casos, senão uma opinião individual: ora, a Sociedade está longe de aceitar, como verdade refutável, tudo o que dizem os Espíritos, porque sabe que podem se enganar. Um Espírito poderia dizer muito bem que é o Sol que gira e não a Terra, e isso não seria mais verdadeiro porque viera de um Espírito. Tomamos as respostas por aquilo que elas valem; nosso objetivo é estudar as individualidades, qualquer que seja seu grau de superioridade ou inferioridade, e aí tomamos o conhecimento do estado moral do mundo invisível, não dando a nossa confiança às doutrinas de Espíritos senão quando não ferem nem a razão, nem o bom senso, e que nela encontremos a verdadeira luz. Quando uma resposta é evidentemente ilógica e errônea, disso concluímos que o Espírito que a deu está ainda atrasado, eis tudo. Quanto às de Colombo, elas não implicam, em nenhum aspecto, a fatalidade.

Estudos. - Perguntas sobre as causas do prolongamento da perturbação no doutor Gloyer, evocado em 10 de junho.

Perguntas sobre as causas da sensação física dolorosa produzida no senhor W... filho, de Boulogne, por Espíritos sofredores.

Perguntas sobre a teoria da formação de objetos materiais, no mundo dos Espíritos, tais como vestimentas, jóias, etc.; sobre a transformação da matéria elementar pela vontade do Espírito. Explicação do fenômeno da escrita direta. (Ver nosso artigo precedente, página, 197.)

Evocação de um oficial superior morto em Magenta (2ª conversa); perguntas sobre certas sensações de além-túmulo.

O senhor S... propôs evocar o senhor M..., desaparecido há um mês, a fim de saber se ele está morto ou vivo. São Luís, interrogado a esse respeito, disse que essa evocação não pode ser feita; que a incerteza que reina sobre a sorte desse homem tem um objetivo de prova, e que mais tarde, pelos meios comuns, saber-se-á o que lhe ocorreu.

SEXTA-FEIRA, 8 DE JULHO DE 1859 (Sessão geral).

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

Comunicações. - Leitura de duas comunicações espontâneas obtidas pelo senhor R..., membro titular; uma de São Luís, contendo conselhos, à Sociedade, sobre o modo de apreciação das respostas dos Espíritos, a outra de Lamennais. (Elas serão publicadas no próximo número.)

Leitura de uma notícia sobre o diácono Paris e os convulsionários de Saint-Médard, preparada pelo comitê dos trabalhos, para servir de objeto de estudo.

O senhor Didier, membro titular, dá conta de preciosas experiências que fez sobre a escrita direta e dos resultados notáveis que obteve.

Estudos. - Evocação do guia ou Espírito familiar da senhora Mally, de Bordeaux, a propósito da notícia transmitida pelo senhor S..., sobre os fatos e manifestações produzidos na casa dessa senhora, e lido na última sessão.

Evocação do senhor K..., morto em 15 de julho de 1859, no departamento da Sarthe. O senhor K..., homem de bem, muito esclarecido, versado nos estudos espíritas, essa evocação, feita a pedido de seus parentes e amigos, constatou a influência desses estudos sobre o estado de desligamento da alma depois da morte. Por outro lado, ela revelou espontaneamente o fato importante das *visitas espíritas noturnas* entre o Espírito de pessoas vivas. Desse fato decorrem conseqüências sérias, para a solução de certos problemas morais e psicológicos.

sexta-feira, 15 DE julho DE 1859(Sessão particular).

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

Assuntos administrativos. O senhor presidente, a pedido de vários membros, e considerando que muitas pessoas estão ausentes dessa sessão, propôs que conforme o uso estabelecido em todas as sociedades, seja dado algum tempo de férias.

A Sociedade decide que suspenderá as suas sessões durante o mês de agosto, e que serão retomadas sexta-feira, 2 de setembro.

O senhor Cr..., secretário adjunto, escreveu para pedir a sua substituição, por motivo de novas ocupações que não lhe permitem assistir, regularmente, ao começo das sessões. Ulteriormente será providenciada a sua substituição.

Comunicações. - Leitura de uma carta do senhor Jobard, de Bruxelas, presidente honorário da Sociedade, que dá conta de vários fatos relativos ao Espiritismo, e endereçou a Sociedade uma canção intitulada *Chant du Zoua-ve*, que foi inspirada pela evocação *tio Zuavo de Magenta*, narrada na Revista do mês de julho; foi cantada num teatro de Bruxelas. O objetivo dessa canção, onde se desdobra a verve espiritual do autor, é mostrar que as idéias espíritas têm, por efeito, o objetivo de destruir as apreensões da morte.

O senhor D... dá conta de novos fatos de escrita direta, que obteve em Louvre e em Saint-Germain-l'Auxerrois. (Ver artigo, página 205.)

Leitura de uma carta escrita ao senhor presidente a respeito da tempestade de Solferino. O autor assinala vários outros fatos análogos, e pergunta se não há alguma coisa de providencial nessa coincidência. Chegou a essa questão na segunda conversa com o oficial superior morto em Magenta. De resto, ela será objeto de um exame mais aprofundado.

Carta da senhora L..., na qual essa senhora dá conta de uma mistificação, da qual foi objeto, da parte de um Espírito malévolos que disse ser São Vicente de Paulo, e que a enganou com uma linguagem em aparência edificante e detalhes circunstanciais sobre ela e sua família, para induzi-la em seguida à deligências comprometedoras. A Sociedade reconhece, por essa própria carta, que esse Espírito revelara sua natureza por certos fatos com os quais não era possível se enganar.

Estudos. - Problemas morais e questões diversas: Sobre o mérito das boas ações tendo em vista a vida futura; - sobre as missões espíritas; - sobre a influência do medo ou do desejo da morte; - sobre os médiuns intuitivos.

Perguntas sobre as visitas noturnas entre as pessoas vivas.

Evocação do diácono Paris.

Evocação do falso São Vicente de Paulo, Espírito mistificador da senhora L...

SEXTA-FEIRA, 22 DE JULHO DE 1859 (*Sessão geral*).

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

Comunicações. - Leitura de uma comunicação particular do senhor R..., membro titular, sobre a teoria da loucura, dos sonhos, das alucinações e do sonambulismo, pelo Espírito de François Arago e de São Vicente de Paulo. Essa teoria é um desenvolvimento racional e sábio dos princípios já emitidos sobre essa matéria. (Ela será publicada no próximo número.)

O senhor R... dá conta de um fato recente de aparição. Estava ligado com o senhor Furne. No sábado, 16 de julho, dia do enterro desse último, durante a tarde, o senhor Furne se apresentou à mulher do senhor R..., com a aparência que ele tinha quando vivo, e procurava dela se aproximar, ao passo que um outro Espírito, mas do qual não podia distinguir o rosto, tinha o seu corpo abraçado, e procurava afastá-lo. Comovida com essa aparição, cobriu os olhos, mas continuou a vê-lo como antes. _No dia seguinte, essa senhora, que é médium escrevente, assim como seu marido, se pôs a traçar convulsivamente caracteres irregulares que pareciam formar o nome de *Furne*. Um outro Espírito interrogado sobre esse fato respondeu que, com efeito, o senhor Furne queria se comunicar com eles, mas que no estado de perturbação em que se encontra ainda, ele se reconhecia com dificuldade; acrescentou que era necessário esperar oito dias antes de evocá-lo e que, então, ele poderia manifestar-se livremente.

O senhor doutor V... dá conta de um fato de previsão espírita, realizado em sua presença, e tanto mais notável que a precisão de datas é muito rara da parte dos Espíritos. Há cerca de seis semanas, uma senhora de seu conhecimento, muito boa médium escrevente, recebeu uma comunicação do Espírito de seu pai; de repente, e sem provocação, este último pôe-se a falar espontaneamente da guerra da Itália. A esse propósito, perguntou-lhe se ela acabará logo. Ele respondeu: No dia 11 *de julho a paz será assinada*. Sem ligar muita importância a essa previsão, o senhor V... encerrou essa resposta num envelope lacrado que remeteu a uma terceira pessoa, com recomendação de não abri-lo senão depois de 11 de julho. Sabe-se que o acontecimento se realizou como havia sido anunciado.

E notável que quando os Espíritos falam de coisas futuras fazem-no espontaneamente, porque, sem dúvida, eles julgam útil fazê-lo, mas isso jamais ocorre quando são provocados por um motivo de curiosidade.

Estudos. - Problemas morais e questões diversas. Perguntas complementares sobre o mérito de boas ações; - sobre as visitas espíritas; - sobre a escrita direta.

Perguntas sobre a intervenção dos Espíritos nos fenômenos da Natureza, tais como as

tempestades, e sobre as atribuições de certos Espíritos.

Perguntas complementares sobre o diácono Paris e os convulsionários de Saint-Médard. -
Evocação do general Hoche.

Ao senhor L. de Limoges

Revista Espírita, agosto de 1859

Pedimos à pessoa que tomou a iniciativa de nos escrever de Limoges, para nos indicar os documentos interessantes concernentes ao Espiritismo, a fineza de consentir colocar-nos mesmo em comunicação direta com ela, a fim de que possamos responder-lhe a respeito das proposições que teve a honra de nos dirigir. A falta de espaço nos impede citar algumas das passagens de sua carta.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Segundo Ano – 1859

Setembro

- [Procedimentos para afastar os maus Espíritos](#)
- [Confissão de Voltaire](#)
- Conversas familiares de além-túmulo
 - [Um oficial do exército da Itália \(2ª Conversa\)](#)
 - [O general Hoche](#)
 - [Morte de um Espírita](#)
- [As tempestades - Papel do Espíritos nos fenômenos naturais](#)
- [Interior de uma família Espírita](#)
- [Aforismos Espíritas e pensamentos destacados](#)

Procedimentos para afastar os maus Espíritos

Revista Espírita, setembro de 1859

A intromissão dos Espíritos enganadores nas comunicações escritas é uma das maiores dificuldades do Espiritismo; sabe-se, por experiência, que eles não têm nenhum escrúpulo em tomarem nomes supostos, e mesmo nomes respeitáveis; há meios de afastá-los? Aí está a questão. Certas pessoas empregam, para esse fim, o que se poderia chamar de *procedimentos*, quer dizer, sejam fórmulas particulares de evocação, sejam espécies de exorcismos, como fazê-los jurarem em nome de Deus de que dizem a verdade, fazê-los escrever certas coisas, etc. Conhecemos alguém que, a cada frase, intimava o Espírito para assinar seu nome; se fosse a verdade, ele escreveria o nome sem dificuldade; se fosse o falso, ele se deteria logo, ou no meio, sem poder terminá-lo; vimos essa pessoa receber as comunicações mais ridículas de parte dos Espíritos que assinavam o nome de empréstimo com uma firmeza perfeita. Outras pessoas pensam que o meio eficaz é fazer confessar Jesus em carne, ou outras verdades da religião. Pois bem! Declaramos nós que se alguns Espíritos, um pouco mais escrupulosos, detêm-se pela idéia de um perjúrio ou de uma profanação, há os que juram tudo o que se quer, que assinam todos os nomes, que se riem de tudo, e afrontam a presença dos mais veneráveis sinais, de onde concluímos que, entre o que se pode chamar de *procedimentos*, não há nenhuma fórmula, nenhum expediente material que possa servir de preservativo eficaz.

Nesse caso, dir-se-á, não há senão uma coisa a fazer, que a de parar de escrever. Este meio não seria melhor; longe disso, seria pior em muitos casos. Dissemos, e não poderíamos repeti-lo muito, que a ação dos Espíritos sobre nós é incessante, e não é menos real porque é oculta. Se ela deve ser má, será mais perniciosa ainda pelo fato de que o inimigo estará oculto; pelas comunicações escritas, ele se revela, se desmascara, sabe-se com quem se tem relação, e pode-se combatê-lo. - Mas se não há nenhum meio de afastá-lo, que fazer então? Não dissemos que não haja nenhum meio, mas somente que a maioria daqueles que se empregam são impotentes; aí está o assunto que nos propomos desenvolver.

Não se pode perder de vista que os Espíritos constituem todo um mundo, toda uma população que preenche o espaço, que circula aos nossos lados, e que se mistura a tudo aquilo que fazemos. Se o véu que no-los oculta viesse a ser levantado, ve-los-íamos, ao redor de nós, irem, virem, serguir-nos ou evitar-nos segundo o grau de sua simpatia; uns indiferentes, verdadeiros vadios do mundo oculto, os outros muito ocupados, seja consigo mesmos, seja com homens aos quais se agarram, com um objetivo mais ou menos louvável, segundo as qualidades que os distinguem. Veríamos, em uma palavra, o duble do gênero humano com as suas boas e suas más qualidades, suas virtudes e seus vícios. Essa companhia, da qual não podemos escapar, porque não há lugar tão oculto que seja inacessível aos Espíritos, exerce sobre nós e com o nosso desconhecimento uma influência permanente; uns nos conduzem ao bem, os outros ao mal, e nossas determinações, muito freqüentemente, são o resultado de suas sugestões; felizes somos quando temos bastante julgamento para discernir a boa ou a má senda à qual procuram nos arrastar. Uma vez que os Espíritos não são outra coisa senão os próprios homens despojados de seu envoltório grosseiro, senão as almas que sobrevivem ao corpo, disso resulta que há Espíritos desde que haja seres humanos no Universo; é uma das forças da Natureza, e não esperam que haja

médiuns escreventes para agirem, e a prova disso é que, em todos os tempos, os homens cometeram inseqüências; eis porque dizemos que sua influência é independente da faculdade de escrever; essa faculdade é um meio de conhecer essa influência, de saber quem são aqueles que vagueiam ao nosso redor, que se agarram a nós. Crer que se pode subtrair deles abstendo-se de escrever, é fazer como as crianças que crêem escaparem de um perigo tapando os olhos. A escrita, revelando-nos aqueles que temos por acólitos, por amigos ou por inimigos, nos dá, por isso mesmo, uma arma para combater esses últimos, e devemos agradecer a Deus por isso; na falta da visão para conhecer os Espíritos, temos as comunicações escritas; por elas eles revelam o que são: *é para nós um sentido* que nos permite julgá-los; repeli-lo é comprazer-se em permanecer cego, e querer continuar exposto à mentira sem controle.

A intromissão dos maus Espíritos nas comunicações escritas não é, pois, um perigo do Espiritismo, uma vez que, se houver perigo, o perigo existe sem isso, porque é permanente; eis do que não se poderia muito persuadir-se: é simplesmente uma dificuldade, mas da qual é fácil triunfar tomando-a convenientemente.

Pode-se primeiro colocar como princípio que os maus Espíritos não vão senão lá onde alguma coisa os atraia; portanto, quando se misturam às comunicações, é porque encontram simpatias no meio onde se apresentam, ou pelo menos lados fracos dos quais esperam se aproveitar; em todo o processo, é que não encontram uma força moral suficiente para repeli-los. Entre as causas que os atraem, é necessário colocar em primeira linha as imperfeições morais de toda natureza, porque o mal simpatiza sempre com o mal; em segundo lugar, a muito grande confiança com a qual se acolhe suas palavras. Quando uma comunicação acusa origem má, seria ilógico disso inferir uma paridade necessária entre o Espírito e os evocadores; freqüentemente, se vêem as pessoas mais honradas expostas aos embustes dos Espíritos enganadores, como acontece no mundo, pessoas honestas enganadas por velhacos; mas quando se está atento, os velhacos não têm o que fazer; é o que acontece também com os Espíritos. Quando uma pessoa honesta é enganada por eles, isso pode prender-se a duas causas: a primeira é uma confiança muito absoluta que a dissuade de todo exame; a segunda, que as melhores qualidades não excluem certos lados fracos que dão presa aos maus Espíritos, ansiosos em agarrar os menores defeitos da couraça. Não falamos do orgulho e da ambição, que são mais do que defeito, mas de uma certa fraqueza de caráter, e sobretudo de preconceitos que esses Espíritos sabem explorar habilmente lisonjeando-os, e, a esse respeito, tomam todas as máscaras para inspirar mais confiança.

As comunicações francamente grosseiras são as menos perigosas, porque não podem enganar a ninguém; as que mais enganam, são aquelas que não têm senão uma falsa aparência de sabedoria ou de seriedade, em uma palavra, a dos Espíritos hipócritas e dos pseudo-sábios; uns podem se enganar de boa fé, por ignorância ou por fatuidade, os outros não agem senão por astúcia. Vejamos, pois, o meio para desembaraçar-se deles.

A primeira coisa é de início não os atrair, e evitar tudo o que possa lhes dar acesso.

As disposições morais são, como vimos, uma causa preponderante; mas, abstração feita dessa causa, o modo empregado não é sem influência. Há pessoas que têm por princípio nunca fazerem evocações e esperarem a primeira comunicação espontânea que se apresente sob o lápis do médium; ora, querendo-se lembrar do que dissemos sobre a multidão muito misturada dos Espíritos que nos cercam, conceber-se-á, sem dificuldade, que é colocar-se segundo a opinião do primeiro que venha, bom ou mau; e como nessa multidão há mais maus do que bons, há maior chance de haver os maus, absolutamente como se abrisseis vossa porta a todos os que passam pela rua; ao passo que, pela evocação, fazeis vossa

escolha, e vos cercando de bons Espíritos, impondes silêncio aos maus, que poderão muito bem, apesar disso, procurar algumas vezes se introduzirem habilmente, - os bons mesmo o permitirão para exercer a vossa sagacidade em reconhecê-los, - mas eles não terão influência. As comunicações espontâneas têm uma grande utilidade quando se está certo da qualidade de sua companhia, então, freqüentemente, deve-se felicitar pela iniciativa deixada aos Espíritos; o inconveniente não está senão no sistema absoluto que consiste em se abster do apelo direto e das perguntas.

Entre as causas que influem poderosamente na qualidade dos Espíritos que freqüentam os círculos espíritas, não se pode omitir a natureza das coisas das quais se ocupam. Aqueles que se propõem um objetivo sério e útil atraem, por isso mesmo, os Espíritos sérios; aqueles que não têm em vista senão satisfazerem uma vã curiosidade ou seus interesses pessoais, se expõem pelo menos às mistificações, se não tiverem piores. Em resumo, podem-se tirar das comunicações espíritas os mais sublimes ensinamentos, os mais úteis, quando se sabe dirigi-las; a questão toda está em não se deixar prender pela astúcia dos Espíritos zombeteiros ou malevolentes; ora, para isso, o essencial é saber com quem se lida. Escutemos, primeiro, a esse respeito, os conselhos que o Espírito de São Luís deu, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, por intermédio do senhor R..., um de seus bons médiuns. Esta é uma comunicação espontânea, que recebeu um dia em sua casa, com a missão de transmiti-la.

"Qualquer que seja a confiança legítima que vos inspirem os Espíritos que presidem aos vossos trabalhos, é uma recomendação que não poderíamos muito repetir, e que deveríeis sempre ter presente no pensamento quando vos entregais aos estudos: é de pesar e amadurecer, é submeter ao controle da razão mais severa todas as comunicações que recebeis; de não negligenciar, desde que uma resposta vos pareça duvidosa ou obscura, em pedir os esclarecimentos necessários para vos fixar.

"Sabeis que a revelação existiu desde os tempos mais remotos, mas foi sempre apropriada ao grau de adiantamento daqueles que a recebiam. Hoje, não é caso mais de vos falar por figuras e por parábolas: deveis receber os nossos ensinamentos de um modo claro, preciso e sem ambigüidade. Mas seria muito cômodo não ter senão que perguntar para ser esclarecido; isso seria, aliás, sair das leis progressivas que presidem ao adiantamento universal. Não estejais, pois, admirados se, para vos deixar o mérito da escolha e do trabalho, e lambem para vos punir por infrações que podeis cometer contra os nossos conselhos, algumas vezes é permitido a certos Espíritos, ignorantes mais do que mal intencionados, de responderem em qualquer caso às vossas perguntas. Isso, em lugar de ser para vós uma causa de desencorajamento, deve ser um poderoso estímulo para procurar a verdade com ardor. Sede, pois, bem convencidos que, seguindo essa rota, não podeis deixar de chegar a resultados felizes. Sede unidos de coração e de intenção; trabalhai *todos*, procurai, procurai sempre, e encontrareis."

Luís

A linguagem dos Espíritos sérios e bons tem um cunho do qual é impossível se equivocar, por pouco que se tenha de tato, de julgamento e do hábito da observação. Os maus Espíritos, por qualquer véu hipócrita que eles cobrem suas torpezas, não podem jamais sustentar seu papel indefinidamente; eles mostram sempre seus verdadeiros projetos por alguma cunha, de outro modo, se sua linguagem fosse sem mácula eles seriam bons Espíritos. A linguagem dos Espíritos é, portanto, o verdadeiro critério pelo qual podemos julgá-los; sendo a linguagem a expressão do pensamento, tem sempre um reflexo das qualidades boas ou más do indivíduo. Não é sempre pela linguagem que nós julgamos os homens que não conhecemos? Se recebeis vinte cartas de vinte pessoas que jamais vistes, é lendo-as que estareis

impressionados diversamente? É que, pela qualidade do estilo, pela escolha das expressões, pela natureza dos pensamentos, por certos detalhes mesmos de forma, não reconhecéis, naquilo que vos escreveu, um homem bem elevado de um homem grosseiro, um sábio de um ignorante, um orgulhoso de um homem modesto? Ocorre absolutamente o mesmo com os Espíritos. Suponde que sejam homens que vos escrevem, e julgai-os do mesmo modo; julgai-os severamente, os bons Espíritos não se ofendem de modo algum com essa investigação escrupulosa, uma vez que são eles mesmos que no-la recomendam como meio de controle. Sabemos que podemos ser enganados, portanto, nosso primeiro sentimento deve ser o de desconfiança; só os maus Espíritos que procuram nos induzir ao erro podem temer o exame, porque estes, longe de provocá-lo, querem ser acreditados sob palavra.

Desse princípio decorre, muito natural e muito logicamente, o meio mais eficaz de afastar os maus Espíritos, e de se premunir contra as suas velhacarias. O homem que não é escutado pára de falar; o velhaco que sabe que se está a par do que ele é, não faz tentativas inúteis. Do mesmo modo os Espíritos enganadores abandonam a parte onde vêem que nada têm a fazer, e onde não encontram senão pessoas atentas que rejeitam tudo o que lhes pareça suspeito.

Resta-nos, para terminar, passar em revistas os principais caracteres que nos revelam a origem das comunicações espíritas.

1. Os Espíritos superiores têm, como dissemos em muitas circunstâncias, uma linguagem sempre digna, nobre, elevada, sem mistura com qualquer trivialidade; eles dizem tudo com simplicidade e modéstia, não se vangloriam nunca, não exibem jamais seu saber nem sua posição entre os outros. A dos Espíritos inferiores ou vulgares tem sempre algum reflexo das paixões humanas; toda a expressão que exala a baixeza, a suficiência, a arrogância, a fanfarrice, a acrimônia, é um indício característico de inferioridade, ou de fraude se o Espírito se apresenta sob um nome respeitável e venerado.

2. Os bons Espíritos não dizem senão o que sabem; eles se calam ou confessam sua ignorância sobre o que não sabem. Os maus falam de tudo com segurança, sem se importarem com a verdade. Toda heresia científica notória, todo princípio que choca com a razão e o bom senso, mostra a fraude se o Espírito se dá por um Espírito esclarecido.

3. A linguagem dos Espíritos elevados é sempre idêntica, senão pela forma, ao menos pelo fundo. Os pensamentos são os mesmos, quaisquer que sejam o tempo e o lugar; eles podem ser mais ou menos desenvolvidos segundo as circunstâncias, as necessidades e as facilidades de comunicar, mas não serão contraditórios. Se duas comunicações levando o mesmo nome estão em oposição uma com a outra, uma das duas, evidentemente, é apócrifa, e a verdadeira será aquela onde NADA desminta o caráter conhecido do personagem. Uma comunicação que tenha em todos os pontos o caráter da sublimidade e da elevação, sem nenhuma mácula, é que ela emana de um Espírito elevado, qualquer que seja o seu nome; encerre ela uma mistura de bom e de mau, será de um Espírito comum, se ele se der por aquilo que é; de um patife se enfeitar-se com um nome que não saiba justificar.

4. Os bons Espíritos nunca mandam; não se impõem: eles aconselham, e, se não são escutados, se retiram. Os maus são imperiosos: dão ordem, e querem ser obedecidos. Todo Espírito que se impõe trai sua origem.

5. Os bons Espíritos não lisonjeiam; eles aprovam quando se faz bem, mas sempre com reserva; os maus dão elogios exagerados, estimulam o orgulho e vaidade pregando a humildade, e procuram *exaltar a importância pessoal* daqueles que querem captar.

6. Os Espíritos superiores estão acima das puerilidades das formas, *em todas as coisas*; para eles o pensamento é tudo, a forma nada é. Só os Espíritos vulgares podem ligar importância a certos detalhes incompatíveis com idéias verdadeiramente elevadas. *Toda prescrição meticulosa* é um sinal de inferioridade e fraude da parte de um Espírito que toma o nome imponente.
7. É necessário desconfiar de nomes bizarros e ridículos que tomam certos Espíritos que querem se impor à credulidade; seria soberanamente absurdo tomar esses nomes a sério.
8. É necessário igualmente desconfiar daqueles que se apresentam, muito facilmente, sob nomes extremamente venerados, e não aceitar suas palavras senão com a maior reserva; é aí sobretudo que um controle severo é indispensável, porque, freqüentemente, trata-se de uma máscara que tomam para fazer crer em pretensas relações íntimas com os Espíritos fora de linha. Por esse meio eles agradam a vaidade, e dele se aproveitam para induzir, freqüentemente, a diligências lamentáveis ou ridículas.
9. Os bons Espíritos são muitos escrupulosos sobre os meios que possam aconselhar; eles não têm jamais, em todos os casos, senão um objetivo sério e eminentemente útil. Deve-se, pois, olhar com suspeitas todos aqueles que não tenham esse caráter e maduramente refletir antes de executá-los.
10. Os bons Espíritos não prescrevem senão o bem. Toda máxima, todo conselho que não esteja *estritamente conforme a pura caridade evangélica* não pode ser a obra de bons Espíritos; ocorre o mesmo com toda insinuação malévola tendente a excitar ou entreter sentimentos de ódio, de ciúme ou de egoísmo.
11. Os bons Espíritos não aconselham jamais senão coisas perfeitamente racionais; toda recomendação que se afastasse da *direita linha do bom senso e das leis imutáveis da Natureza* acusa um Espírito limitado e ainda sob a influência de preconceitos terrestres, e, por conseguinte, pouco digno de confiança.
12. Os Espíritos maus, ou simplesmente imperfeitos, se trairiam ainda por sinais materiais com os quais não poderia equivocar-se. Sua ação sobre o médium, algumas vezes, é violenta, e provoca em sua escrita movimentos bruscos e irregulares, uma agitação febril e convulsiva, que contrasta com a calma e a doçura dos bons Espíritos.
13. Um outro sinal de sua presença é a obsessão. Os bons Espíritos não obsidiam jamais; os maus se impõem em todos os instantes; é por isso que todo médium deve desconfiar da necessidade irresistível de escrever que se apodera dele nos momentos mais inoportunos. Esse não é nunca o fato de um bom Espírito, e não deve a isso ceder.
14. Entre os Espíritos imperfeitos que se misturam às comunicações, há os que se insinuam, por assim dizer, furtivamente, como para fazer uma travessura, mas que se retiram tão facilmente quanto vieram, e isso à primeira intimação; outros, ao contrário, são tenazes, se obstinam junto de um indivíduo, e não cedem senão com o constrangimento e a persistência; apoderam-se dele, subjugam-no, fascinam-no a ponto de fazê-lo tomar os mais grosseiros absurdos por coisas admiráveis, felizes quando pessoas de sangue frio conseguem abrir-lhes os olhos, o que não é sempre fácil, porque esses Espíritos têm a arte de inspirar a desconfiança e o distanciamento para quem possa desmascará-los; de onde se segue que se deve ter por suspeito de inferioridade ou má intenção todo Espírito que prescreva o

isolamento, o distanciamento de quem possa dar bons conselhos. O amor próprio vem em sua ajuda, porque lhe custa, freqüentemente, confessar que foi vítima de mistificação, e reconhecer um velhaco naquele sob cujo patrocínio se glorificava por se colocar. Essa ação do Espírito é independente da faculdade de escrever; na falta da escrita, o Espírito malévolos tem cem meios de agir e de enganar; a escrita é para ele um meio de persuasão, e não uma causa; para o médium, é um meio de se esclarecer.

Passando todas as comunicações espíritas pelo controle das considerações precedentes, se lhes reconhecerá facilmente a origem, e poder-se-á frustrar a malícia dos Espíritos enganadores que não se dirigem senão àqueles que se deixam benevolmente enganar; se vêem que se ajoelha diante de suas palavras, disso aproveitam, como fariam simples mortais; está, pois, em nós provar-lhes que perdem seu tempo. Acrescentamos que, para isso, a prece é um poderoso recurso, por ela chama-se a si a assistência de Deus e dos bons Espíritos, aumenta-se a própria força; mas conhece-se o preceito: Ajuda-te e o céu te ajudará; Deus quer muito nos assistir, mas com a condição de que façamos, de nossa parte, o que é necessário.

Ao preceito acrescentamos um exemplo. Um senhor, que eu não conhecia, veio um dia me ver, e me disse que era médium; que recebia comunicações de um Espírito *muito elevado* que o encarregara de vir junto a mim fazer-me uma revelação a respeito de uma trama que, segundo ele, se urdia contra mim, da parte de inimigos secretos que ele designou. "Quereis, acrescentou, que eu escreva em vossa presença? De bom grado, respondi; mas devo dizer-vos, desde logo, que esses inimigos devem ser menos temidos do que credes. Eu sei que os tenho; quem não os tem? E os mais obstinados, freqüentemente, são aqueles a quem se fez mais bem. Tenho para mim a consciência de não ter feito, voluntariamente, mal a ninguém; os que me fizerem não poderão dizer-o mesmo, e Deus será o juiz entre nós. Vejamos, todavia, o aviso que vosso Espírito quer me dar." Sobre isso esse senhor escreveu o que se segue:

"Eu ordenei a C... (o nome do senhor) que é o facho da luz dos bons Espíritos, e que recebeu deles a missão de difundi-la entre seus irmãos, de ir à casa de Allan Kardec, que deverá crer cegamente no que lhe direi, porque estou em nome dos eleitos nomeados por Deus para velar pela salvação dos homens, e que venho anunciar a verdade....." Eis o bastante, disse-lhe, não tomeis o trabalho de prosseguir. Essa exortação basta para me mostrar com qual Espírito estais relacionado; não acrescentarei senão uma palavra, é que para um Espírito que se quer fazer de espertalhão, ele é bem inábil.

Esse senhor pareceu bastante escandalizado com o pouco caso que fiz de seu Espírito, que ele tivera a bondade de tomar por algum arcanjo, ou pelo menos por algum santo da primeira ordem, vindo propositadamente para ele.

"Mas, disse-lhe, esse Espírito mostra suas intenções por algumas palavras que acaba de escrever, e é preciso convir que ele sabe bem pouco esconder seu jogo. De início, vos ordena: portanto, ele quer vos ter sob sua dependência, o que é próprio de Espíritos obsessores; ele vos chama *o facho da luz dos bons Espíritos*, linguagem passavelmente enfática e ambígua, bem longe da simplicidade que caracteriza a dos bons Espíritos, e por aí lisonjeia o vosso orgulho, e exalta a vossa importância, o que basta para torná-lo suspeito. Ele se coloca, sem cerimônia, em nome dos eleitos nomeados por Deus: jactância indigna de um Espírito verdadeiramente superior. Enfim, ele me disse que devo crer-lhe *cegamente*; isso coroa a obra. Está bem aí o estilo desses Espíritos mentirosos que querem que sejam acreditados sob palavra, porque sabem que têm tudo a perder em um exame sério. Com um pouco mais de perspicácia, ele saberia que não me paga com belas palavras, e que se

dirigiria mal prescrevendo-lhe uma confiança cega.

De onde concluo que sois o joguete de um Espírito que vos mistifica e abusa de vossa boa-fé. Eu vos convido a prestar séria atenção nisso, porque se vós não vos guardais, ele poderá vos pregar uma peça a seu modo."

Não sei se esse senhor aproveitou a advertência, porque jamais o revi, assim como o seu Espírito. Eu não terminaria se contasse todas as comunicações desse gênero que me submetem, algumas vezes seriamente, como emanando dos maiores santos, da Virgem Maria, e mesmo do Cristo, e era verdadeiramente curioso ver as torpezas que se debitavam a esses nomes venerados; é preciso ser cego para se equivocar com sua origem, então que, freqüentemente, uma única palavra equívoca, um único pensamento contraditório, bastam para fazer descobrir a fraude a quem quer que se dê ao trabalho de refletir. Como exemplos notáveis de apoio, convidamos os nossos leitores a terem a bondade de se reportarem aos artigos publicados nos números da *Revista Espírita* dos meses de julho e outubro de 1858.

Confissão de Voltaire

Revista Espírita, setembro de 1859

Um dos nossos correspondentes de Boulogne, a propósito da entrevista de Voltaire e Frédéric, que publicamos no último número da Revista, nos dirige a seguinte, comunicação que aqui inserimos com tanto maior bom grado porque ela apresenta um lado eminentemente instrutivo do ponto de vista espírita. Nosso correspondente fá-la preceder de algumas reflexões que nossos leitores ficarão contentes por não omiti-las.

"Se jamais um homem, mais que um outro, deve sofrer os castigos eternos, esse homem é Voltaire. A cólera, a vingança de Deus persegui-lo-ão para sempre. Eis o que nos dizem os teólogos da velha escola.

"Agora que dizem os mestres da teologia moderna? Pode ocorrer, dizem, que desconheçais o homem, não menos que o Deus do qual falais; guardai para vós vossas baixas paixões de ódio e de vingança e não enlameais com elas vosso Deus. Se Deus se inquieta por esse pobre pecador, se toca o inseto, isso será para arrancar seu ferrão, para reconduzir a ele uma cabeça exaltada, um coração extraviado. Dizemos, além disso, que Deus sabe ler nos corações, de outro modo que vós, encontra ali o bem onde não encontráis senão o mal. Se dotou esse homem de um grande gênio, foi para o bem da raça, não para a sua infelicidade. Que importam, pois, essas primeiras extravagâncias, esses passos de livre condutor entre vós? Uma alma dessa tempera não poderia, em quase nada, fazer outras: a mediocridade ser-lhe-ia impossível no que quer que fosse. Agora que está orientado, qual um potro indomável e jogou as patas e os dentes na sua pastagem terrestre, que vem a Deus como corcel dócil, mas sempre grande, soberbo para o bem tanto quanto fora para o mau. No artigo que segue, veremos por quais meios operou-se essa transformação; veremos nosso garanhão do deserto, a crina ainda alta, as narinas ao vento, fazer sua corrida através dos espaços do Universo. Foi que ali, ele, o pensamento soerguido, encontrou essa liberdade que era sua essência, e se deu a plenos pulmões dessa respiração de onde tirava sua vida! Que lhe aconteceu? Ele se perdeu, ele se confundiu; o grande pregador do nada enfim encontrou o nada, mas não como ele o compreendia; humilhado, decaído por si mesmo, ferido em sua pequenez, ele que se acreditava tão grande foi aniquilado diante de seu Deus; ei-lo com a face ao chão; espera sua sentença; essa sentença é:

Reabilita-te, meu filho, ou vai-te, miserável! Encontrar-se-á o veredito na comunicação que se segue.

"Esta confissão de Voltaire terá maior valor na Revista Espírita porque ela o mostra sob seu duplo aspecto. Vimos alguns Espíritos naturalistas e materialistas que, de cabeça alterada, tanto quanto seu mestre, mas sem ter seu coração, persistiam em glorificar-se em seu cinismo. Que estes permaneçam no inferno tanto quanto lhes agrada desafiar o céu, a zombar de tudo o que faz a felicidade do homem, é lógico, é seu lugar próprio; mas encontramos lógica também em que aqueles que reconhecem seus erros lhes recolham o fruto. Também, ter-se-á a bondade de crer que não nos pomos como apologistas do velho Voltaire; aceitamo-lo somente em seu novo papel e nos regozijamos com a sua conversão, a qual glorifica a Deus, e não pode deixar de impressionar profundamente aqueles que, hoje ainda, se deixam arrastar por seus escritos. Ali está o veneno, aqui está o antídoto.

"Esta comunicação, traduzida do inglês, foi extraída da obra do juiz Edmonds, publicada nos Estados Unidos. Ela toma a forma de uma conversação entre Voltaire e Wolsey, o célebre cardeal inglês do tempo de Henrique VIII. Dois médiuns foram impressionados separadamente para transmitirem esse diálogo."

Voltaire. - Que imensa revolução no pensamento humano ocorreu desde que deixei a Terra!

Wolsey. - Com efeito, essa infidelidade que censuráveis então, aumentou desmesuradamente desde aquela época. Não é que ela tenha maiores pretensões hoje, mas é mais profunda e mais universal, e ao menos que seja detida, ela ameaça tragar a Humanidade no materialismo, mais do que o fez durante séculos.

Voltaire. - Infidelidade em quê e contra quem? Está na lei de Deus e do homem? Pretendes me acusar de infidelidade porque não me submeti aos estreitos preconceitos de seitas que me rodeavam? É que minha alma estava a pedir uma amplidão de pensamento, um raio de luz, além das doutrinas humanas. Sim, minha alma nas trevas tinha sede de luz.

Wolsey. - Também eu não quis falar senão da infidelidade que se vos *imputava*, e, ah! não sabeis que muito essa imputação vos pesa ainda. Eu me permito não vos censurar, mas vos dirigir as queixas, porque vosso desprezo pelas doutrinas de hoje, em tanto que estas não eram senão materiais e inventadas pelos homens, não poderiam lesar Espíritos semelhantes ao vosso. Mas essa mesma causa que agia sobre o vosso Espírito, operava igualmente sobre outros, os quais eram muito fracos e muito pequenos para alcançarem os mesmos resultados que vós. Eis, portanto, como aquilo que, em vós, não era senão uma negação dos dogmas dos homens, se traduzia nos outros em reino de Deus. Foi dessa fonte que se espalhou, com uma rapidez assustadora, a dúvida sobre o futuro do homem. Eis também porque o homem, limitando as suas aspirações a este único mundo, caiu cada vez mais no egoísmo e no ódio ao próximo. É a causa, sim, a causa desse estado de coisas que importa procurar porque uma vez encontrada, o remédio será comparativamente fácil. Dizei-me: conheceis essa causa?

Voltaire. - Minhas opiniões, tais como foram dadas ao mundo, foram marcadas, é verdade, por um sentimento de amargura e de sátira; mas, notai bem, quando eu tinha o Espírito importunado, por assim dizer, por uma luta interior. Eu olhava a Humanidade como me sendo inferior em inteligência e em penetração; não a via senão como marionetes que poderiam ser conduzidas por todo homem dotado de uma vontade forte, e me indignava por ver essa Humanidade que se arrogava uma existência imortal, estar repleta de elementos ignóbeis. Era necessário, portanto, crer que um ser dessa espécie partira da Divindade, e que poderia, por sua medíocre mão, assenhorar-se da imortalidade? Essa lacuna entre duas existências tão desproporcionadas me chocava, e eu não podia preenchê-la. Eu não via senão o animal no homem, não o Deus.

Reconheço que, em alguns casos, minhas opiniões tiveram tendências deploráveis; mas tenho a convicção de que, em outros aspectos, tiveram o seu lado bom. Elas chegaram a reerguer várias almas que estavam degradadas na escravidão; elas quebraram as cadeias do pensamento e deram asas às grandes aspirações. Mas, ah! eu também, que planava tão alto, perdi-me como os outros.

Se em mim a parte espiritual estivesse tão desenvolvida quanto a parte material, raciocinaria com mais discernimento; mas confundindo-as, perdi de vista essa imortalidade da alma que eu procurava, e que não pedia mais do que encontrar; também, dominado que estava com a minha luta com o mundo, com isso cheguei, quase apesar de mim, a negar a existência de um futuro. A oposição que eu fazia às tolas opiniões e à cega credulidade dos homens,

impeliam-me a negá-lo ao mesmo tempo, e a contrapor todo o bem que a religião cristã poderia fazer. Entretanto, por infiel que fosse, sentia que era superior aos meus adversários; sim, bem além da importância de sua inteligência; a bela face da Natureza revelava-me o Universo, inspirava-me o sentimento de uma vaga veneração, misturado ao desejo de uma liberdade ilimitada, sentimento que jamais estes experimentaram, agachados que estavam nas trevas da escravidão.

Minhas obras têm, portanto, seu lado bom, porque sem elas o mal que viria para a Humanidade poderia ser pior, sem oposição nenhuma. Vários homens não quiseram mais a sua subjugação; muitos deles se libertaram, e se o que eu preguei lhes deu um único pensamento elevado, ou lhes fez dar um único passo no caminho da ciência, não foi abrir-lhes os olhos quanto à sua verdadeira condição? O que eu lamento é ter vivido tanto tempo na Terra sem saber o que poderia ser, e o que poderia fazer. O que eu não faria, se fosse abençoado com as luzes do Espiritismo, que despertam hoje no Espírito dos homens!

Incrédulo e incerto entrei no mundo dos Espíritos. Só minha presença bastava para banir todo vislumbre de luz que pudesse esclarecer minha alma obscurecida; fora a parte material de meu ser que se desenvolveu na Terra; quanto à parte espiritual, ela se perdera no meio de meus descaminhos procurando a luz; ela se achava presa como numa jaula de ferro. Altivo e zombador, eu aí iniciava, não conhecendo, nem me importando em conhecer, esse futuro que tanto combatera quando no corpo. Mas fazemos aqui esta confissão: sempre encontrei, em minha alma, uma pequena voz que se fazia ouvir através das barreiras materiais, e que pedia a luz. Era uma luta incessante entre o desejo de saber e uma obstinação em não saber. Assim, pois, minha entrada ficou longe de ser agradável, não vinha descobrir a falsidade, a coisa nenhuma das opiniões que sustentara com toda a força de minhas faculdades? O homem se achava imortal, afinal de contas, eu não poderia deixar de ver e deveria existir um Deus, um Espírito imortal, que estava acima e que governava esse espaço ilimitado que me rodeava.

Como eu viajasse sem cessar, sem me conceder nenhum repouso, a fim de me convencer que isso poderia muito bem, ainda, ser um mundo material, ali onde eu estava, minha alma lutou contra a verdade que me esmagava! Não pude me realizar como Espírito que acabara de deixar sua morada mortal! Não tive aí ninguém com quem pudesse entabular relações, porque recusara a imortalidade a todos. Não existia repouso para mim: eu estava sempre errante e incerto; o Espírito em mim, tenebroso e amargo, talhado do maníaco, impossibilitado de seguir alguma coisa ou deter-se.

Foi, eu o digo, zombador e desconfiado que abordei o mundo espírita. Primeiro fui conduzido para longe das habitações dos Espíritos, e percorri o espaço imenso. Em seguida, me foi permitido lançar os olhos sobre as construções maravilhosas das moradas espíritas e, com efeito, elas me pareceram surpreendentes; fui impelido, aqui e ali, por uma força irresistível; tive que ver, e ver até que minha alma transbordasse pelos esplendores, e derrotada diante do poder que controlava tais maravilhas. Enfim, quis me esconder e me agachar no oco das rochas, mas não pude.

Foi nesse momento que meu coração começou a sentir a necessidade de se expandir; uma associação qualquer tornou-se urgente, porque eu queimava para dizer o quanto fora induzido ao erro, não por outros, mas pelos meus próprios sonhos. Não me restava mais a ilusão quanto à minha importância pessoal, porque eu não sentia senão muito o quanto era pouca coisa nesse grande mundo dos Espíritos. Estava, enfim, de tal modo caído de desgosto e de humilhação, que me foi permitido juntar-me a alguns dos habitantes. Foi dali que pude contemplar a posição que me fizera na Terra, e o que disso resultou, para mim no mundo

espírita. Eu vos deixo o acreditar se essa apreciação foi-me risonha.

Uma revolução completa, um transtorno total ocorreu no meu organismo espírita, e professor que fora, tornei-me o mais ardente aluno. Com a expansão intelectual que trazia comigo, quanto progresso fiz! Minha alma se sentia iluminada e abraçada pelo amor divino; suas aspirações rumo à imortalidade, de comprimidas que estavam, tomaram impulsos gigantescos. Eu via o quanto meus erros foram grandes, e o quanto a reparação a fazer deveria ser grande para expiar tudo o que fizera ou dissera, que pudera seduzir e enganar a Humanidade. Como são magníficas essas lições da sabedoria e da beleza celestes! Elas ultrapassam tudo o que imaginara na Terra.

Em resumo, vivi bastante para reconhecer, na minha existência terrestre, uma guerra encarniçada entre o mundo e a minha natureza espiritual. Lamentei profundamente as opiniões que promulguei e que deveram desencaminhar muitos do mundo; mas, ao mesmo tempo, foi penetrado de gratidão pelo Criador, o infinitamente sábio, que eu me sinto haver sido um instrumento com ajuda do qual os Espíritos dos homens puderam se portar na direção do exame e do progresso.

Nota. Não acrescentaremos nenhuma reflexão nesta comunicação, da qual cada um apreciará a profundidade e alta importância e onde se encontra toda a superioridade do gênio. Nunca talvez um quadro mais grandioso e mais impressionante foi dado do mundo espírita, e da influência das idéias terrestres sobre as idéias de além-túmulo. Na conversa que publicamos no nosso último número, encontramos o mesmo fundo de pensamentos, embora menos desenvolvidos e, sobretudo, menos poeticamente exprimidos. Aqueles que não se apegam senão à forma dirão, sem dúvida, que não reconhecem o mesmo Espírito nessas duas comunicações, e que a última, sobretudo, não lhes pareça à altura de Voltaire; de onde concluirão que uma das duas não é dele.

Seguramente, quando nós o chamamos, ele não nos trouxe sua certidão de nascimento, mas quem veja abaixo da superfície, será tocado pela identidade de vistas e de princípios que existe entre essas duas comunicações, obtidas em épocas diversas, a uma tão grande distância, e em línguas diferentes. Se o estilo não for o mesmo, não há contradição no pensamento, e é o essencial. Mas se foi o mesmo Espírito que falou nessas duas comunicações, por que foi tão explícito, tão poético numa, ao passo que foi tão lacônico, tão vulgar na outra? Fora preciso não estudar os fenômenos espíritas para disso não se dar conta. Isso prende-se à mesma causa que faz que o mesmo Espírito dê formosas poesias por um médium, e não possa ditar um único verso por um outro. Conhecemos médiuns que não são poetas, pelo menos do mundo, e que obtêm versos admiráveis, como há outros que jamais aprenderam a desenhar e que fazem em desenho coisas maravilhosas. É necessário, pois, reconhecer que, abstração feita das qualidades intelectuais, há nos médiuns aptidões especiais que os tornam, para certos Espíritos, instrumentos mais ou menos flexíveis, mais ou menos cômodos. Dizemos para certos Espíritos, porque os Espíritos têm também suas preferências, fundadas sobre razões que nem sempre conhecemos; assim, o mesmo Espírito será mais ou menos explícito, segundo o médium que lhe sirva de intérprete, e sobretudo segundo o hábito que tem dele servir-se; porque é certo, por outro lado, que um Espírito que se comunica freqüentemente pela mesma pessoa o faz com maior facilidade que aquele que vem pela primeira vez. O impulso do pensamento, portanto, pode ser entravado por uma multidão de causas, mas quando é o mesmo Espírito, o fundo do pensamento é o mesmo, embora a forma seja diferente, e o observador um pouco atento reconhece-lo-á facilmente em certos traços característicos. Narraremos, a esse respeito, o fato seguinte:

O Espírito de um soberano, que desempenhou no mundo um papel importante, chamado em

uma de nossas reuniões, iniciou por ato de cólera rasgando o papel e quebrando o lápis. Sua linguagem esteve longe de ser benevolente, porque se achava humilhado por vir entre nós, e perguntou se acreditávamos que ele deveria se abaixar para nos responder. Conviu, entretanto, que, se o fazia, era como constrangido e forçado por uma força superior à sua; mas se isso dependesse dele não o faria. Um dos nossos correspondentes da África, que não tinha nenhum conhecimento do fato, escreveu-nos que, em uma reunião da qual fazia parte, quiseram evocar o mesmo Espírito. Sua linguagem foi sob todos os pontos idêntica: "Credes, disse ele, que se fosse voluntariamente, viria aqui, nesta casa de negociantes, que talvez um dos meus súditos não gostaria de morar? Eu não vos respondo; isso me lembra meu reino onde era tão feliz; eu tinha autoridade sobre todas as minhas gentes, agora é necessário que eu seja submisso." O Espírito de uma rainha que, durante sua vida, não se distinguiu pela bondade, respondeu no mesmo círculo: "Não me interrogueis mais, pois me aborreceis; se tivesse ainda o poder que tive na Terra, vos faria muito se arrependermem, mas zombais de mim, da minha miséria, agora que não posso nada sobre vós; sou bem infeliz!" - Não está aí um curioso estudo de costumes espíritas?

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, setembro de 1859

Um Oficial do exército da Itália.

segunda conversa (Sociedade; 1o de julho de 1859. - Ver o número de Julho).

1. *Evocação.* - R. Eis-me; falai-me.
2. Prometestes voltar a nos ver, e disso nos aproveitamos para vos pedir dar-nos algumas explicações complementares. - R. De bom grado.
3. Depois da vossa morte, assististes a alguns combates que ocorreram? - R. Sim, o último.
4. Quando sois testemunha, como Espírito, de um combate e vedes os homens se massacrarem, isso vos faz experimentar o sentimento de horror que sentimos, nós mesmos, vendo semelhantes cenas? - R. Sim, eu o experimento mesmo sendo homem, mas então o respeito humano reprimia esse sentimento como sendo indigno de um soldado.
5. Há Espíritos que sentem prazer em ver essas cenas de carnificina? - R. Poucos.
6. Que sentimento experimentam, com essa visão, os Espíritos de uma ordem superior? - R. Grande compaixão; quase desprezo. O que vós mesmos experimentais quando vedes animais se dilacerarem entre si.
7. Assistindo a um combate, e vendo os homens morrerem, sois testemunha da separação da alma e do corpo? - R. Sim.
8. Nesse momento, vedes dois indivíduos: o Espírito e o corpo? - R. Não; que é, pois, o corpo? - Mas o corpo não está menos ali, e deve ser distinto do Espírito? - R. Um cadáver, sim; mas não é mais um ser.
9. Que aparência tem, para vós, o Espírito nesse momento? -R. Leve.
10. O Espírito se afasta imediatamente do corpo? - Consentí em nos descrever, eu vos peço, tão explicitamente quanto possível as coisas tais quais se passam, e que a vejamos como se lhes fôssemos testemunhas - R. Há poucas mortes inteiramente instantâneas; a maior parte do tempo o Espírito, cujo corpo acaba de ser ferido por uma bala comum ou uma bola de canhão, se diz: eu vou morrer, pensemos em Deus, sonhemos com o céu, adeus, Terra que eu amei. Depois desse primeiro sentimento, a dor vos arranca de vosso corpo, e é então que se pode distinguir o Espírito *que se move* ao lado do cadáver. Isso parece tão natural que a visão, do corpo morto, não produz nenhum efeito desagradável. Estando toda a vida

transportada para o Espírito, só ele chama a atenção; é com ele que se conversa, ou a ele que se dirige.

Nota. - Poder-se-ia comparar esse efeito ao que produz um grupo de banhistas; o espectador não presta atenção às roupas que eles deixaram à beira d'água.

11. Geralmente, o homem surpreendido por uma morte violenta, durante algum tempo, não se crê morto. Como se explica sua situação, e como pode iludir-se, uma vez que deve bem sentir que seu corpo não é mais material, resistente? - R. Ele o sabe, e não tem ilusão.

Nota. - Isso não é perfeitamente exato; sabemos que os Espíritos se iludem em certos casos, e que não se crêem mortos.

12. Uma violenta tempestade manifestou-se no fim da batalha de Solferino; foi por uma circunstância fortuita ou por um fim providencial? - R. Toda circunstância fortuita é o fato da vontade de Deus.

13. Essa tempestade tinha um objetivo, e qual era ele? - R. Sim, certamente: parar o combate.

14. Foi provocado no interesse de uma das partes beligerantes e qual? - R. Sim, sobretudo para os nossos inimigos.

- Por que isso? Podeis nos explicar mais claramente? - R. Perguntais-me por quê? Mas não sabeis que, sem essa tempestade, nossa artilharia não deixaria escapar um Austríaco?

15. Se essa tempestade foi provocada, deveu ter agentes; quais eram esses agentes? - R. A eletricidade.

16. É o agente material; mas há Espíritos tendo em suas atribuições a condução dos elementos? - R. Não, a vontade de Deus basta; não há necessidade de ajudas assim comuns.

(Ver mais adiante o artigo sobre as tempestades.)

O general Hoche.

(Sociedade; 22 de julho de 1859.)

1. *Evocação.* - R. Estou ao vosso dispor.

2. A senhora J... disse-nos que, espontaneamente, vos comunicastes com ela; com qual intenção fizestes, uma vez que não vos chamou? - R. Foi ela quem me conduziu aqui; eu desejava ser chamado por vós, e eu sabia que ficando junto dela, vós o saberíeis, e que, provavelmente, me evocaríeis.

3. Vós lhe dissestes que seguíeis as operações militares da Itália: isso nos parece natural;

poderíeis nos dizer o que delas pensais? - R. Elas produziram grandes resultados; no meu tempo se lutava por mais tempo.

4. Assistindo a esta guerra, nela desempenháveis um papel ativo? - R. Não, simples espectador.

5. Outros generais, do vosso tempo, ali foram como vós? - R. Sim; podeis bem pensar.

6. Poderíeis nos designar alguns deles? - R. É inútil. Disseram-nos que Napoleão I assistiu a elas e não temos dificuldade em acreditar. Na época das primeiras guerras da Itália, ele não era senão general; nesta poderíeis nos dizer se ele via as coisas do ponto de vista do general ou do imperador? - R. Dos dois, e de um terceiro ainda: do diplomata.

8. Durante a vossa vida, vossa posição como militar era quase igual à dele; como depois de vossa morte ele subiu muito, poderíeis nos dizer se, como Espírito, vós o considerais como vosso superior? - R. Aqui reina a igualdade; que perguntastes?

Nota. - Por igualdade ele entende, sem dúvida, que os Espíritos não têm em nenhuma conta as distinções terrestres, com as quais, com efeito, eles pouco se importam, e que não têm nenhum peso entre eles; mas a igualdade moral está longe de aí reinar; há entre eles uma hierarquia e uma subordinação fundadas nas qualidades adquiridas, e ninguém pode subtrair-se à ascendência daqueles que estão mais elevados e mais puros.

9. Seguindo-se às peripécias da guerra, prevíeis a paz como tão próxima? - R. Sim.

10. Seria em vós uma simples previsão, ou disso tendes um conhecimento preliminar certo? - R. Não; tinham-mo dito.

11. Sois sensível à lembrança que se guarda de vós? - R. Sim; mas eu fiz tão pouco.

12. Vossa viúva acaba de morrer; vós a reencontrastes imediatamente? - R. Eu a esperava. Hoje vou deixá-la: a existência me chama.

13. Será na Terra que devereis tomar uma nova existência? -R. Não.

14. O mundo para onde devereis ir é nosso conhecido? - R. Sim; Mercúrio.

15. Esse mundo é moralmente superior ou inferior à Terra? - R. Inferior. Eu o elevarei; eu contribuirei para que evolua.

16. Conheceis agora esse mundo no qual ides entrar? - R. Sim, muito bem; melhor talvez do que o conhecerei quando nele habitar.

Nota. - Esta resposta é perfeitamente lógica; como Espírito, ele vê esse mundo em seu conjunto; quando estiver nele encarnado, não o verá senão do ponto de vista restrito de sua personalidade, e da posição social que ali ocupara.

17. Sob o aspecto físico, os habitantes desse mundo são tão materiais quanto os da Terra? - R. Sim, inteiramente; mais ainda.

18. Postes vós quem escolhestes esse mundo para a vossa nova existência? - R. Não, não; eu teria preferido uma Terra calma e feliz; ali encontrarei torrentes de mal para combater, e os furores do crime para punir.

Nota. - Quando os nossos missionários cristãos vão aos povos bárbaros para tentarem fazer penetrar neles os germes da civilização, não cumprem uma missão análoga? Por que, pois, admirar-se que um Espírito elevado vá para um mundo atrasado com o objetivo de fazê-lo avançar?

19. Essa existência vos foi imposta por constrangimento? - R. Não, a ela me obriguei; compreendi que o destino, a Providência, se quiserdes, para ali me chamava; é como a morte antes de subir para o céu; é necessário sofrer e eu não sofrerá bastante, ai de mim!

20. Sois feliz como Espírito? - R. Sem penas, sim.

21. Quais foram, eu vos rogo, as vossas ocupações, como Espírito, desde o momento em que deixastes a Terra? - R. Eu visitei o mundo, a Terra inteiramente; isso me exigiu o espaço de vários anos; aprendi as leis que Deus emprega para conduzir todos os fenômenos que nela fazem a vida; depois, procedi do mesmo modo com várias esferas.

22. Nós vos agradecemos por consentir em vir ao nosso chamado. - R. Adeus; não me tomareis a ver.

Morte de um Espírita.

(Sociedade, 8 de julho de 1859).

O senhor J..., negociante do departamento da Sarthe, que morreu em 15 de junho de 1859, era um homem de bem, sob todos os aspectos, e de uma caridade sem limites. Ele fizera um estudo sério do Espiritismo, do qual era um dos fervorosos adeptos. Como assinante da *Revista Espírita*, tinha relações indiretas conosco, sem que nos víssemos. Evocando-o, tivemos por objetivo não somente responder ao desejo de seus parentes e de seus amigos, mas de dar-lhe pessoalmente um testemunho de nossa simpatia, e agradecer-lhe pelas coisas corteses que havia dito e pensado de nós. Por outro lado, era para nós um objeto de estudo interessante do ponto de vista da influência que pode ter o conhecimento aprofundado do Espiritismo sobre o estado da alma depois da morte.

1. *Evocação.* - R. Estou aqui há algum tempo.

2. Não tive o prazer de vos ver; não obstante, me reconheceis? - R. Eu vos reconheço tanto melhor quanto se vos visitasse freqüentemente, e porque tive mais de uma conversa convosco, como Espírito, durante a minha vida.

Nota. - Isso confirma o fato muito importante e do qual tivemos numerosos exemplos, de comunicações que os homens têm entre si, com o seu desconhecimento durante a sua vida. Assim, durante o sono do corpo, os Espíritos viajam e se visitam reciprocamente. Eles

trazem, ao despertar, uma intuição das idéias que hauriram nessas conversas ocultas, mas das quais ignoram a fonte. Temos, dessa maneira, durante a vida, uma dupla existência: a existência corpórea que nos dá a vida de relação exterior, e a existência espírita, que nos dá a vida de relação oculta.

3. Sois mais feliz do que na Terra? - R. Cabe a vós me perguntar isso?

4. Eu o concebo; entretanto, gozáveis de uma fortuna honrosamente adquirida, que vos proporcionava os gozos da vida; tínheis a estima e a consideração que mereceram vossa bondade e vossa beneficência, quereis dizer-nos em que consiste a superioridade de vossa felicidade atual? - R. Consiste naturalmente na satisfação que me proporciona a lembrança do pouco bem que fiz, e na certeza do futuro que me promete; e contaís por nada a ausência das inquietações e das confusões da vida; dos sofrimentos corpóreos e de todos esses tormentos que nós criamos para satisfazer as necessidades do corpo? Durante a vida, a agitação, a ansiedade, as angústias incessantes, mesmo no meio da fortuna; aqui, a tranqüilidade e o repouso: é a calma depois da tempestade.

5. Seis semanas antes de morrer, afirmáveis ter ainda cinco anos para viver; de onde vos chegava essa ilusão, quando tantas pessoas pressentiam sua morte próxima? - R. Um Espírito benevolente quis afastar do meu pensamento esse momento que eu tinha a fraqueza de temer sem confessá-lo, apesar do que eu sabia quanto ao futuro do Espírito.

6. Havíeis aprofundado seriamente a ciência Espírita; podeis dizer-nos se, na vossa entrada no mundo dos Espíritos, encontrastes as coisas tais como as tínheis figurado? - R. Quase tudo, a não ser questões de detalhes que havia compreendido mal.

7. A leitura atenta que fazíeis da *Revista Espírita* e de *O Livro dos Espíritos*, vos ajudou muito nisso? - R. Incontestavelmente; foi principalmente isso o que me preparou para a minha entrada na verdadeira vida.

8. Sentistes um espanto qualquer em vos encontrando no mundo dos Espíritos? - R. É impossível que seja de outro modo; mas espanto não é a palavra: antes admiração. Bem longe se pode fazer uma idéia do que ele é!

Nota. - Aquele que, antes de ir habitar um país, estuda-o nos livros, se identifica com os costumes de seus habitantes, sua configuração, seu aspecto, por meio de desenhos, de planos e de descrições, fica menos surpreso, sem dúvida, do que aquele que dele não tem nenhuma idéia; e, todavia, a realidade mostra-lhe uma multidão de detalhes que ele não havia previsto e que o impressiona. Deve ocorrer o mesmo no mundo dos Espíritos, do qual não podemos compreender todas as maravilhas, porque há coisas que ultrapassam o nosso entendimento.

10. Deixando o vosso corpo, vistes e reconhecestes imediatamente Espíritos ao vosso redor? - R. Sim, e Espíritos queridos.

11. Que pensais agora do futuro do Espiritismo? - R. Um futuro mais belo do que pensais ainda, apesar da vossa fé e do vosso desejo.

12. Vossos conhecimentos quanto às matérias espíritas vos permitiram, sem dúvida, nos responder com precisão sobre certas questões. Poderíeis descrever-nos claramente o que se passou em vós no instante em que o vosso corpo deu o último suspiro, e quando o vosso

Espírito se achou livre? - R. É, eu creio, pessoalmente muito difícil encontrar um meio para vos fazer compreender de outro modo que não haja sido feito, comparando a sensação que se experimenta ao despertar que se segue a um sono profundo; esse despertar é mais ou menos lento e difícil em razão direta da situação moral do Espírito, e não deixa nunca de ser fortemente influenciado pelas circunstâncias que acompanham a morte.

Nota. - Isto está conforme todas as observações que se fizeram sobre o estado do Espírito no momento da sua separação do corpo; sempre vimos as circunstâncias *morais e materiais*, que acompanham a morte, reagirem poderosamente sobre o estado do Espírito nos primeiros momentos.

13. Vosso Espírito conservou a consciência de sua existência até o último momento, e a recobrou imediatamente? Houve um momento de ausência de lucidez, e qual foi a sua duração? - R. Houve um instante de perturbação, mas quase inapreciável para mim.

14. O instante do despertar teve alguma coisa de penoso? - R. Não, ao contrário; eu me sentia, se posso falar assim, alegre e disposto como se tivesse respirado um ar puro à saída de uma sala enfumaçada.

Nota. - Comparação engenhosa e que não pode ser senão a expressão da verdade.

15. Lembrai-vos da existência que tivestes antes da que acabais de deixar? Qual foi ela? - R. Eu me lembro como melhor se pode. Fui um bom servidor junto de um bom mestre, que me recebeu juntamente com outros na reentrada neste mundo feliz.

16. Vosso irmão, creio, se ocupa menos das questões espíritas do que não o fazíeis? - R. Sim, eu farei de modo que ele as tome mais no coração, se isso me for permitido. Se ele soubesse o que se ganha com isso, ligar-lhe-ia maior importância.

17. Vosso irmão encarregou o senhor B... de comunicar-me o vosso decesso; ambos esperam, com impaciência, o resultado de nossa conversa; mas ficarão ainda mais sensíveis com uma lembrança direta de vossa parte, se quiserdes encarregar-me de algumas palavras para eles, ou para outras pessoas que vos lamentam. - R. Eu lhes diria, por vosso intermédio, o que lhes diria eu mesmo, mas temo muito não ter mais influência junto de alguns entre eles do que tive outras vezes; entretanto, eu os conjuro, em meu nome e daqueles de seus amigos, que eu vejo, de refletirem, e de estudarem seriamente essa grave questão do Espiritismo, não fosse senão pelos recursos que ela dá para passar por esse momento tão temido da maioria, e tão pouco temível para aquele que se preparou para avançar pelo estudo do futuro e da prática do bem. Dizei-lhes que estou sempre com eles, no meio deles, que os vejo, e que ficaria feliz se suas disposições lhes assegurarem, no mundo que estou, um lugar do qual não terão senão que se felicitarem. Dizei-o, sobretudo ao meu irmão, cuja felicidade é meu voto mais caro, e de quem eu não me esqueço, embora eu esteja mais feliz.

18. A simpatia que quisestes me testemunhar durante a vossa vida, sem me ver, faz-me esperar que nos reconheceremos facilmente quando me encontrar entre vós; e até lá ficaria feliz se quisésseis me assistir nos trabalhos que me restam a fazer para cumprir a minha tarefa. - R. Vós me julgais muito favoravelmente; entretanto, convencei-vos de que, se vos posso ser de alguma utilidade, não deixarei de fazê-lo, talvez mesmo sem que disso suspeiteis.

19. Nós vos agradecemos em consentir vir ao nosso chamado, e pelas explicações instrutivas

que nos destes. - R. Estou à vossa disposição; estarei freqüentemente convosco.

Nota. - Esta comunicação, sem contradita, é uma das que pintam a vida espírita com mais clareza; ela oferece um poderoso ensinamento quanto à influência que as idéias espíritas exercem sobre o nosso estado depois da morte.

Esta palestra pareceu deixar alguma coisa a desejar ao amigo que nos comunicou a morte do senhor J... "Este último, nos respondeu ele, não conservou em sua linguagem o cunho de originalidade que tinha conosco. Ele se prende numa reserva que não observava com ninguém; seu estilo incorreto, irregular, sem inspiração: ele ousava tudo; ele atacava vivamente quem formulasse uma objeção contra as suas crenças; ele nos desfazia inteiramente para nos converter. Na sua aparição psicológica, não deixa conhecer nenhuma particularidade das numerosas relações que tinha com uma multidão de pessoas que ele freqüentava. Gostaríamos muito ver-nos designados por ele, não para satisfazer a nossa curiosidade, mas para a nossa instrução. Gostaríamos que falasse claramente de algumas idéias emitidas por nós, em sua presença, nas nossas conversações. Poderia dizer-me, a mim pessoalmente, se estou errado em deter-me em tal ou tal consideração; se o que lhe disse é verdadeiro ou falso. Nada nos falou de sua irmã ainda viva e tão digna de interesse."

Depois desta carta, evocamos de novo o senhor J... e lhe dirigimos as perguntas seguintes:

20. Tendes conhecimento da carta que recebi em resposta à enviada de vossa evocação. - R. Sim, eu o vi escrevê-la.

21. Teríeis a bondade de nos dar algumas explicações sobre certas passagens dessa carta, e isso, como bem o penseis, num objetivo de instrução, e unicamente para fornecer-me os elementos de uma resposta? - R. Se o considerais útil, sim.

22. Acham estranho que a vossa linguagem não conservou seu cunho de originalidade; parece que, quando vivo, éreis bastante intransigente na discussão. - R. Sim, mas o Céu e a Terra são bem diferentes, e aqui encontrei mestres. Que quereis? Eles me impacientavam com as suas objeções ridículas; eu lhes mostrava o Sol, e eles não queriam vê-lo; como guardar sangue frio? Aqui não tenho nada para discutir; todos nos compreendemos.

23. Esses senhores se admiram que não os interpelastes nominalmente para refutá-los, como o fazíeis quando vivo. - R. Que se admirem com isso! Eu os espero; quando vierem juntar-se a mim verão quem de nós tinha razão. É necessário que eles venham. bom grado ou malgrado eles, e uns antes do que o crêem; sua jactância cairá como a poeira abatida pela chuva; sua fanfarrice... (Aqui o Espírito se deteve e se recusou a acabar a frase).

24. Eles inferem com isso que não lhes destes todo o interesse a que tinham direito de esperar de vós? - R. Eu os quero bem, mas não o farei, apesar deles.

25. Eles se admiram igualmente de que nada dissestes sobre vossa irmã. - R. Estão, pois, entre mim e ela?

26. O senhor B... desejava que lhe dissésseis o que vos contou na intimidade; seria para ele, e para os outros, um meio de se esclarecerem. - R. Por que repetir-lhe o que ele sabe? Crê que eu não tenha o que fazer? Não têm todos os meios de se esclarecerem que tinha eu mesmo? Que os aproveitem! Que eles se sentirão bem, eu lhes garanto. Quanto a mim, bendigo o céu por ter me enviado a luz que me abriu a rota da felicidade.

27. Mas é esta luz que eles desejam e que ficariam felizes recebendo de vós. - R. A luz brilha para todo o mundo; cego quem não a vê; este cairá no precipício e amaldiçoará a sua cegueira.

28. Vossa linguagem me parece marcada por uma bem grande severidade. - R. Não me acharam muito afável?

29. Nós vos agradecemos por consentir em vir, e pelos esclarecimentos que nos destes. - R. Sempre ao vosso serviço, porque sei que é para o bem.

As tempestades - Papel do Espíritos nos fenômenos naturais

(Sociedade, 22 de julho de 1859).

Revista Espírita, setembro de 1859

1. (A Fr. Arago.) Nos foi dito que a tempestade de Solferino tivera um objetivo providencial, e se nos assinala vários fatos desse gênero, notadamente em fevereiro e junho de 1848. Essas tempestades, durante os combates, tinham um fim análogo? - R. Quase todas.

2. O Espírito interrogado a esse respeito nos disse que só Deus agia, nessas circunstâncias, sem intermediários. Permitti-nos algumas perguntas a esse respeito, e rogamos consentirdes em resolver com a vossa clareza habitual.

Concebemos, perfeitamente, que a vontade de Deus seja a causa primeira, nisto como em todas as coisas, mas sabemos também que os Espíritos são seus agentes. Ora, uma vez que sabemos que os Espíritos têm uma ação sobre a matéria, não vemos porque, alguns dentre eles, não teriam uma ação sobre os elementos, para agitá-los, acalmá-los ou dirigi-los. - R. Mas é evidente; isso não pode ser de outro modo; Deus não se entrega a uma ação direta sobre a matéria; ele tem seus agentes devotados em todos os graus da escala dos mundos. O Espírito evocado não falou assim senão por um conhecimento menos perfeito dessas leis, como das da guerra.

Nota. A comunicação do oficial, narrada acima, foi obtida no dia 1º de julho; esta não ocorreu senão no dia 22 e *por um outro médium*; nada, na questão, indica a qualidade do primeiro Espírito evocado, qualidade que lembra espontaneamente aquele que acaba de responder. Esta circunstância é característica, e prova que o pensamento do médium nada tem com a resposta. Assim é que, numa multidão de circunstâncias fortuitas, o Espírito revela, seja sua identidade, seja sua independência. Por isso, dizemos que é necessário sempre ver, sempre observar; então se descobre uma multidão de nuances que escapam ao observador superficial e de passagem. Sabe-se que é necessário agarrar os fatos quando eles se apresentam, e que não é provocando que eles serão obtidos. O observador atento e paciente encontra sempre alguma coisa para aproveitar.

3. A mitologia está inteiramente fundada sobre as idéias espíritas; nela encontramos todas as propriedades dos Espíritos, com a diferença que os Antigos deles fizeram os deuses. Ora, a mitologia nos representa esses deuses, ou esses Espíritos, com atribuições especiais; assim, uns estão encarregados do vento, outros do raio, outros de presidir a vegetação, etc; essa crença está despida de fundamentos? - R. Ela está tão pouco despida de fundamento que ainda está bem abaixo da verdade.

4. Na origem das nossas comunicações, os Espíritos nos disseram coisas que parecem confirmar esse princípio. Disseram-no, por exemplo, que certos Espíritos habitam mais especialmente o interior da Terra, e presidem aos fenômenos geológicos. -- R. Sim, e não tardareis muito para ver a explicação de tudo isso.

5. Esses Espíritos que habitam o interior da Terra, e presidem aos fenômenos geológicos, são de uma ordem inferior? - R. Esses Espíritos não habitam positivamente a Terra, mas presidem e dirigem; são de uma ordem muito diferente.

6. São Espíritos que estiveram encarnados em homens como nós? - R. Que o serão, e que foram. Disso vos direi mais, se quiserdes, dentro de pouco tempo.

Interior de uma família Espírita

Revista Espírita, setembro de 1859

A senhora G... ficou viúva há três anos com quatro crianças; o primogênito é um amável jovem de dezessete anos, e a mais nova uma encantadora menina de seis anos. Há muito tempo, essa família, se ocupa do Espiritismo, e antes mesmo que essa crença estivesse popularizada como está hoje, o pai e a mãe deles tinham como uma espécie de intuição que diversas circunstâncias vieram desenvolver. O pai da senhora G... apareceu-lhe diversas vezes em sua juventude e cada vez lhe prevenira de coisas importantes, ou lhe dera conselhos úteis. Fatos do mesmo gênero se passavam igualmente entre seus amigos, de sorte que, para eles, a existência de além-túmulo não podia ser objeto de nenhuma dúvida, não mais que a possibilidade de se comunicar com os seres que nos são caros. Quando veio o Espiritismo, isso não foi senão a confirmação de uma idéia bem sedimentada e santificada pelo sentimento de uma religião esclarecida, porque essa família é um modelo de piedade e de caridade evangélica. Eles tomaram da nova ciência os meios de comunicação mais diretos; a mãe e uma das crianças se tornaram excelentes médiuns; mas longe de empregarem essa faculdade para questões fúteis, todos a consideraram como um dom precioso da Providência, do qual não era permitido servir-se senão para coisas sérias; também não o usavam jamais senão com recolhimento e respeito, e longe dos olhares dos importunos e dos curiosos.

Neste meio tempo, o pai caiu doente, e, pressentindo seu fim próximo, reuniu os filhos e lhes disse: "Meus caros filhos, minha mulher bem amada, Deus me chama para si; sinto que vou deixar-vos dentro de pouco tempo; mas penso que haurireis em vossa fé na imortalidade a força necessária para suportarem com coragem essa separação, como eu levo a consolação que poderei sempre estar no vosso meio e vos ajudar com os meus conselhos. Chamai-me, pois, quando não estiver mais na Terra, e virei colocar-me ao vosso lado, conversar convosco, como fazem nossos avós; porque, em verdade, nós estaremos menos separados do que se eu partisse para um país longínquo. Minha cara mulher, eu te deixo uma grande tarefa; quanto mais pesada for, mais gloriosa será; e disso tenho a segurança de que nossos filhos ajudar-te-ão a suportar. Meus filhos, secundareis vossa mãe; e evitareis tudo o que poderia causar-lhe dificuldade; sereis sempre bons e benevolentes para todo o mundo; estendereis a mão aos vossos irmãos infelizes, porque não gostaríeis de vos expor a estendê-la um dia vós mesmos em vão. Que a paz, a concórdia e a união reinem entre vós; que jamais o interesse vos divida, porque o interesse material é a maior barreira entre a Terra e o céu. Pensai que estarei sempre aqui, perto de vós, que vos verei como vos vejo neste momento, e melhor ainda, uma vez que verei o vosso pensamento; não quereis, pois, me entristecer depois de minha morte mais do que não fizestes durante a minha vida."

É um espetáculo verdadeiramente edificante ver o interior desta piedosa família. Estas crianças, instruídas nas idéias espíritas, não se consideram como separadas de seu pai; para elas ele ali está, e temem fazer a menor ação que possa aborrecê-lo. Todas as semanas, uma noite é consagrada para conversar com ele, e algumas vezes com mais freqüência; mas há as necessidades da vida, que precisam ser providas, - a família não é rica - por isso um dia fixo está assinalado para essas piedosas conversas, e esse dia esperado com impaciência. A menina diz freqüentemente: É hoje que vem o meu pai? Nesse dia que passa em conversas familiares, em instruções proporcionadas à inteligência, algumas vezes infantis, outras vezes sérias e sublimes; são conselhos dados oportunamente, por pequenos defeitos que assinala: se faz a parte dos elogios, a crítica não é poupada, e o culpado abaixa os olhos, como se tivesse seu pai diante dele; e lhe pede um perdão que algumas vezes não é concedido senão

depois de várias semanas de prova: espera-se sua sentença com uma febril ansiedade. Então, que alegria! quando o pai diz: Estou contente contigo. Mas a ameaça mais terrível é dizer Não retomarei na semana próxima.

A festa anual não é esquecida. É sempre um dia solene para o qual se convidam todos os avós falecidos, sem esquecer um pequeno irmão morto há alguns anos. Os retratos são ornados com flores; cada criança prepara um pequeno trabalho, e até o discurso tradicional; o primogênito faz uma dissertação sobre um assunto sério; uma das jovens executa um trecho de música; a menor, enfim, recita uma fábula; é o dia das grandes comunicações, e cada convidado recebe uma lembrança dos amigos que deixou na Terra. Que belas são essas reuniões pela sua tocante simplicidade! Como tudo nela fala ao coração! Como se pode dela sair sem estar penetrado de amor ao bem? Mas ali nenhum olhar zombeteiro, nenhum riso cético vem perturbar o piedoso recolhimento; alguns amigos, partilhando as mesmas convicções e devotados à religião de família, são os únicos admitidos a tomarem parte deste banquete do sentimento. Ride se quiserdes, vós que zombais das coisas mais santas; por soberbos e endurecidos que sejais, não vos faço a injúria de crer que o vosso orgulho possa permanecer impassível e frio diante de um tal espetáculo. Um dia, todavia, foi um dia de luto para a família, um dia de verdadeiro desgosto: o pai havia anunciado que estaria algum tempo, muito tempo mesmo, sem poder vir; uma grande e importante missão o chamava longe da Terra. A festa anual não foi por isso menos celebrada; mas foi triste: o pai não estava nela. Ele dissera quando partiu: Meus filhos, que no meu retorno eu vos encontre todos dignos de mim, e que cada um se esforce por se tornar digno de si. Eles esperam ainda.

Aforismos Espíritas e pensamentos destacados

Revista Espírita, setembro de 1859

Quando se evoca um parente ou um amigo, qualquer afeição que ele vos tenha conservado, não é necessário esperar esses impulsos de ternura que vos pareceria natural depois de uma separação dolorosa; a afeição, por ser calma, não é por isso menos sentida, e pode ser mais real do que aquela que se traduz por grandes demonstrações. Os Espíritos pensam, mas eles não agem como os homens: dois Espíritos amigos se vêem, se amam, são felizes em se aproximarem, mas não têm necessidade de se lançarem um nos braços do outro. Quando se comunicam conosco pela escrita, uma boa palavra lhes basta e ela diz mais para eles do que as frases enfáticas.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Segundo Ano – 1859

Outubro

- [Os milagres](#)
- [O magnetismo reconhecido pelo poder judiciário](#)
- [Os médiuns inertes](#)
- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [Sociedade Espírita no século XVIII](#)
- Conversas familiares de além-túmulo
 - [O pai Crépin](#)
 - [Senhora E. de Girardin, médium](#)
- [As mesas voadoras](#)

Os milagres

Revista Espírita, outubro de 1859

Sob o título de *Um milagre*, o senhor Mathieu, antigo farmacêutico do exército, acaba de publicar uma relação de vários fatos de escrita direta, dos quais foi testemunha. Tendo esses fatos se produzido em circunstâncias quase idênticas às dos fatos que reportamos no nosso número de agosto, e nada apresentando de mais caracterizado, não os relataremos, unicamente os mencionaremos para mostrar que os fenômenos espíritas não são um privilégio exclusivo, e para aproveitar esta ocasião para felicitar o senhor Mathieu pelo zelo que coloca em propagá-los. Várias outras pequenas brochuras, e artigos do mesmo autor, em diversos jornais, são a prova disso. O senhor Mathieu é um homem de ciência, que passou, como tantos outros, e como nós próprio, pela fileira da incredulidade; mas teve que ceder à evidência, porque, contra os fatos, é preciso, necessariamente, abaixar as armas. Permitimo-nos somente criticar o título que ele deu à sua última publicação, e não se trata aqui de um sofisma de nomes, cremos que a coisa tem uma certa importância e merece um exame sério.

Na sua acepção primitiva, e pela sua etimologia, a palavra *milagre* significa *coisa extraordinária, coisa admirável de ver*, mas essa palavra, como tantas outras, desviou-se de seu sentido original e, hoje, se diz (segundo a Academia) de *um ato do poder divino, contrário às leis comuns da Natureza*. Tal é, com efeito, a sua acepção usual, e não é senão por comparação e por metáfora que se aplica às coisas vulgares, que nos surpreendem, e cuja causa é desconhecida.

O fenômeno narrado pelo senhor Mathieu tem o caráter de um *milagre*, no verdadeiro sentido dessa palavra? Seguramente que não. O milagre, dissemos, é uma derrogação das leis da Natureza. De modo algum temos em vista examinar se Deus julgou útil, em certas circunstâncias, derrogar as leis estabelecidas por ele mesmo: nosso objetivo é unicamente demonstrar que o fato da escrita direta, por extraordinário que ele seja, não derrogando de nenhum modo essas leis, não tem nenhum caráter miraculoso. O milagre não se explica; a escrita direta, ao contrário, se explica do modo mais racional, como se pôde ver pelo nosso artigo sobre esse assunto. Não é, pois, um milagre, mas um simples fenômeno que tem a sua razão de ser nas leis gerais. O milagre tem, ainda, um outro caráter: é o de ser insólito e isolado. Ora, desde o momento em que um fato se reproduz, por assim dizer, à vontade, e por diversas pessoas, isso não pode ser um milagre.

A ciência faz, todos os dias, milagres aos olhos dos ignorantes: eis porque, outrora, aqueles que sabiam mais do que o vulgo passavam por feiticeiros; e, como acreditavam que toda a ciência vinha do diabo, eram queimados. Hoje, quando já se está mais civilizado, contenta-se em mandá-los às Petites Maisons; aliás, quando se deixou os inventores morrerem de fome, erguem-lhes estátuas, e são proclamados benfeitores da Humanidade. Mas deixemos essas tristes páginas de nossa história, e voltemos ao nosso assunto. Que um homem, realmente morto, seja chamado à vida por uma intervenção divina, aí está um verdadeiro milagre, porque é contrário às leis da Natureza. Mas se esse homem não tem senão as aparências da morte, se ainda nele resta *vitalidade latente*, e que a ciência ou uma ação magnética venha a reanimá-lo, para as pessoas esclarecidas, é um simples fenômeno natural; mas, aos olhos do vulgo ignorante, o fato passará como miraculoso, e o autor será perseguido a pedradas ou venerado, segundo o caráter dos indivíduos. Se no meio de certos campos um físico lançar um papagaio elétrico e fizer cair o raio sobre uma árvore, esse novo Prometeu será,

certamente, considerado como armado de um poder diabólico; e, seja dito de passagem, Prometeu nos parece singularmente haver precedido a Franklin. Voltando à escrita direta, é um dos fenômenos que demonstram, de modo mais patente, a ação de inteligências ocultas; mas, do fato do fenômeno ser produzido por seres ocultos, ele não é mais miraculoso do que todos os outros fenômenos que se devem a agentes invisíveis, porque esses seres ocultos que povoam os espaços são uma das forças da Natureza, força cuja ação é incessante sobre o mundo material, tanto quanto sobre o mundo moral. O Espiritismo, esclarecendo-nos sobre essa força, nos dá a chave de uma multidão de coisas inexplicadas ou inexplicáveis por qualquer outro meio, e que puderam, nos tempos recuados, passar por prodígios; ele revelou, do mesmo modo que o magnetismo, uma lei, senão desconhecida, pelo menos mal compreendida; ou, dizendo melhor, conheciam-se os efeitos, porque se produziram em todos os tempos, mas não se conhecia a lei, e foi a ignorância dessa lei que engendrou a superstição. Conhecida essa lei, o maravilhoso cessa, e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais. Eis porque os Espíritas não fazem mais milagres fazendo girar uma mesa ou os mortos escreverem, que o médico em fazendo um moribundo reviver, ou o físico fazendo cair o raio.

Eis porque também repelimos, com todas as nossas forças, a qualificação empregada pelo senhor Mathieu, embora bem persuadidos de que ele não quis dar nenhum sentido místico a essa palavra; mas porque as pessoas que não vão ao fundo das coisas, e são em maior número, poderiam se enganar, e crerem que os adeptos do Espiritismo se atribuem uma força sobrenatural. Aquele que pretendesse, com a ajuda dessa ciência, *fazer milagres*, seria ou um ignorante da coisa, ou um fabricante de tolos. É inútil dar armas àqueles que riem de tudo, mesmo do que não conhecem, e seria dar-se benevolmente ao ridículo.

Os fenômenos espíritas, do mesmo modo que os fenômenos magnéticos, antes que se lhes conhecesse a causa, puderam, pois, passar por prodígios; ora, como os céticos, os espíritos fortes, quer dizer, aqueles que, segundo eles, têm o privilégio exclusivo da razão e do bom senso, não crêem que uma coisa seja possível desde que não a compreendam, eis porque todos os fatos prodigiosos são objeto de suas zombarias; e como a religião contém um grande número de fatos desse gênero, eles não crêem na religião, e daí à incredulidade absoluta não há senão um passo. O Espiritismo, explicando a maioria desses fatos, dá-lhes uma razão de ser. Ele vem, pois, em auxílio da religião, demonstrando a possibilidade de certos fatos que, por não terem mais o caráter de miraculosos, não são menos extraordinários, e Deus, por isso, não é nem menos grande, nem menos poderoso, por não ter derogado suas leis. De quantas graça-las as elevações de São Cupertino foram objeto? Ora, a suspensão etérea dos corpos pesados é um fato demonstrado e explicado pelo Espiritismo; dela fomos *pessoalmente testemunha ocular*, e o senhor Home, assim como outras pessoas do nosso conhecimento, renovaram, em várias vezes, o fenômeno produzido por São Cupertino. Portanto, esse fenômeno entra na ordem das coisas naturais. Ao número de fatos desse gênero, é preciso colocar na primeira linha as aparições, porque são as mais freqüentes. A de Salette, que divide mesmo o clero, para nós nada tem de insólita. Seguramente, não podemos afirmar que o fato ocorreu, porque dele não temos a prova material; mas, para nós, é possível, tendo em vista que milhares de fatos análogos *recentes* nos são conhecidos; cremos neles, não somente porque sua realidade foi averiguada por nós, mas, sobretudo, porque nos damos perfeitamente conta da maneira pela qual se produzem. Querendo-se reportar à teoria que demos das aparições, ver-se-á que esse fenômeno torna-se tão simples e tão plausível quanto uma multidão de fenômenos físicos que não são prodigiosos senão pela falta de ter-lhes a chave. Quanto ao personagem que se apresentou à Salette, é uma outra questão; sua identidade não nos foi, de modo algum, demonstrada; constatamos somente que uma aparição pode ter ocorrido, o resto não é da nossa competência. Nosso objetivo não é examinar se Deus pôde derogar suas leis fazendo milagres, no verdadeiro sentido da palavra; é uma questão de teologia que não entra no

nosso quadro; que cada um guarde, pois, suas convicções a esse respeito, o Espiritismo disso não tem que se ocupar; dizemos somente que os fatos produzidos pelo Espiritismo nos revelam leis novas, e nos dão a chave de uma multidão de coisas que pareciam sobrenaturais; se alguns daqueles que passaram por miraculosos nele encontram uma explicação lógica e uma razão de ser, é um motivo para não mais apressar-se em negar o que não se compreende.

Certas pessoas nos criticam por darmos as teorias espíritas, que consideram como prematuras. Elas esquecem que os fatos do Espiritismo são contestados por muitos precisamente porque parecem sair da lei comum, e porque dele não se dão conta. Dai-lhes uma base racional, e a dúvida cessa. Dizei a qualquer um, pura e simplesmente, que ides transmitir um despacho de Paris para a América, e dele receber a resposta em alguns minutos, e caçoará de vós; explicai o mecanismo do procedimento, e nisso ele crerá sem ter visto operar. A explicação, neste século em que não se é crédulo demais, é, pois, um poderoso motivo de convicção; vemos também, todos os dias, pessoas que não foram testemunhas de nenhum fato, que não viram uma mesa girar, nem um médium escrever, e que estão tão convencidas quanto nós, unicamente porque leram e compreenderam. Se não se devesse crer senão naquilo que se viu com os olhos, nossas convicções se reduziriam a bem pouca coisa.

O magnetismo reconhecido pelo poder judiciário

Revista Espírita, outubro de 1859

Na *Revista Espírita* do mês de outubro de 1858, publicamos dois artigos sob os títulos de: *Emprego oficial do magnetismo animal e o Magnetismo e o sonambulismo ensinados pela Igreja*. No primeiro nos demos conta do tratamento magnético aconselhado ao rei da Suécia Oscar, pelos seus próprios médicos; no segundo citamos várias perguntas e respostas extraídas de uma obra intitulada *Curso elementar de instrução cristã para o uso de catecismos e escolas cristãs*, publicada em 1853, pelo abade Marotte, vigário geral da diocese de Verdun, e na qual o magnetismo e o sonambulismo estão claramente definidos e confessados. Eis agora a justiça que acaba de dar-lhe uma sanção brilhante pelo julgamento do tribunal correcional de Douai, em 27 de agosto último. Todos os jornais relataram esse julgamento, e seria inútil repeti-lo; não faremos, pois, senão narrar sumariamente as circunstâncias.

Um jovem que não conhecia o magnetismo senão de nome, e jamais o praticara, ignorando, conseqüentemente, as medidas de prudência que a experiência ensina, propôs, um dia, magnetizar o sobrinho do dono do hotel no qual jantava; depois de alguns passes o menino caiu em sonambulismo, mas o magnetizador improvisado não soube como fazer para tirá-lo desse estado, que se seguiu de crises nervosas persistentes. Daí uma queixa na justiça feita pelo tio contra o magnetizador. Dois médicos foram chamados como peritos. Eis o extrato de suas declarações na justiça, que são quase idênticas, pelo menos quanto à conclusão. Depois de haver descrito e constatado o estado sonambúlico na criança, o primeiro médico acrescentou:

"Não creio de nenhum modo na existência de um fluido novo, de um agente físico, mais ou menos análogo ao magnetismo terrestre, se desenvolvendo no homem sob a influência de passes, de toques, etc., e que produziria nos sujeitos influenciados efeitos por vezes miraculosos.

"A existência de um tal fluido jamais foi cientificamente demonstrada. Longe disso, todas as vezes que os homens difíceis de serem enganados, os membros da Academia de ciências, médicos eminentes, quiseram verificar os fatos alegados, os príncipes do magnetismo sempre recuaram: entrincheiraram-se atrás de pretextos muito transparentes, e nem a questão de fato, nem, por mais forte razão, a questão de doutrina, puderam ser elucidadas. Não existe, pois, no mundo sábio, o magnetismo animal. Entretanto, segue-se daí que as práticas dos magnetizadores não produzem nenhum efeito, e *negando-se, com razão, o magnetismo, não se pode admitir magnetização?*

"Estou convencido de que, se as imaginações nervosas, impressionáveis, forem todos os dias movimentadas por manobras das quais se tratam, será nelas mesmas que será necessário ver os fenômenos que apresentem, e não numa espécie de irradiação da parte do experimentador. Essa explicação se aplicaria no caso de Jourdain, se os ataques que se seguiram à primeira, na suposição de serem determinados pela magnetização, tivessem se espaçado e enfraquecido: um impulso único deve, logicamente, produzir efeitos decrescentes. Ora, ocorre tudo de outro modo: à medida que o tempo escoar, os ataques se aceleram e

umentam de intensidade. Essa circunstância me confunde. Uma influência determinada está, evidentemente, em jogo: qual é ela? Os antecedentes e a maneira de ser de Jourdain me são bastante conhecidos para que eu possa atribuí-los ao seu temperamento, e devo declarar que não sei onde localizá-la.

Aqui a criança está presa de um de seus ataques. A testemunha, assim como o seu confrade, constatam contrações musculares gerais crônicas, sem insensibilidade da pele ou do olho que se esquivam à ação da luz quando se abrem as pálpebras; o grito inicial não ocorreu: o acesso, aliás, se termina gradualmente, passando pelo período sonambúlico. Os doutores declaram ainda que a criança não é epilética, e ainda menos cataléptica

Sobre a interpelação, relativamente à palavra sonambulismo, com o fim de se saber se tudo não se explicaria admitindo-se que o sujeito, preliminarmente sonâmbulo, tivera, em 15 de agosto, um acesso dessa espécie de doença, a testemunha respondeu que, "primeiro, que não ficou estabelecido que a criança fosse sonâmbula, e que, em seguida, esse fenômeno teria se produzido em condições inteiramente insólitas: em lugar de chegar à noite, no meio do sono natural, viera em pleno meio-dia, e em plena vigília. Os passes magnéticos me parecem ser a causa do estado atual da criança: não lhe vejo outra."

O segundo médico assim declarou: "Eu vi a criança doente em 13 de outubro de 1858, estava em um estado sonambúlico, gozando de locomoção voluntária; ela recitava o catecismo. Meu filho viu-o na noite de 15: estava no mesmo estado e conjugava o *verbo poder*. Não foi senão algum tempo depois que eu soube que fora magnetizado, que um viajante houvera dito: Se ele não for desmagnetizado, talvez assim esteja por sua vida. Eu conheci, em minha juventude, um escolar no mesmo estado que, sendo curado sem meios médicos, tomou-se um homem distinguido na profissão que abraçou. Os acidentes que o doente experimenta não são senão perturbações nervosas: não há nenhum sintoma de epilepsia, nem de catalepsia."

O tribunal pronunciou o seguinte julgamento:

"Considerando que resulta dos debates que, em 15 de agosto de 1858, exercendo imprudentemente sobre a pessoa do jovem Jourdain, com idade de treze anos, toques, aproximações qualificadas como passes magnéticos, e pelo menos ferindo, por esse aparelho e essas manobras desacostumadas, a fraca imaginação dessa criança, o acusado produziu no paciente uma superexcitação, uma desordem nervosa, e, enfim, uma lesão ou uma doença, cujos acessos se reproduzem" desde aquela época em diversos intervalos;

"Que a ação de ter, por essas manobras imprudentes, ocasionado a dita lesão ou doença, constitui o delito previsto no artigo 320 do Código penal;

"Que o fato, do qual se trata, ocasionou à parte civil um prejuízo que deve ser reparado;

"Que existem circunstâncias atenuantes;

"O Tribunal condena o acusado a 25 francos de multa, 1200 francos de perdas e danos e às despesas e custas do processo."

Não temos nada a nos pronunciar sobre o julgamento em si mesmo; o tribunal esteve errado ou certo em condenar? A pena foi muito forte ou fraca? Isso não nos diz respeito; a justiça falou e nós respeitamos a sua decisão, mas examinaremos as conseqüências do julgamento que têm uma importância capital. Houve condenação, portanto, houve delito. Como o delito

foi cometido? A sentença diz: *por toques, e aproximações qualificadas passes magnéticos*; portanto, os toques e os passes magnéticos têm uma ação e não são puros fingimentos. Esses toques e esses passes diferem, portanto, em alguma coisa, dos toques e dos gestos comuns; mas, como distingui-los? Aí está uma coisa importante, porque, enfim, se não houvesse uma diferença, não se poderia tocar o primeiro que chega, nem fazer-lhes sinais, sem expor-se a fazê-lo cair em crise e sem incorrer numa multa. Não é o tribunal que deve nos ensinar, e muito menos nos dizer, como os passes e toques, *quando têm o caráter magnético*, podem produzir um efeito qualquer; ele constata o fato de um acidente e a causa do acidente, sua missão é apreciar o prejuízo e a reparação devida. Mas os peritos, chamados para esclarecerem o tribunal, sem dúvida, vão nos esclarecer a esse respeito; sem fazer um curso da matéria, devem motivar a sua opinião, como isso se faz em todos os casos de medicina legal, e provarem que falam com conhecimento de causa, porque é a primeira condição que o perito deve cumprir. Pois bem! Estamos tristes pela lógica desses senhores, mas suas declarações testemunham sua ignorância completa da coisa sobre a qual deveriam dar suas opiniões; não somente eles desconhecem o magnetismo, mas os fatos do sonambulismo natural não lhes são familiares, uma vez que pensam (os dois pelo menos), que não podem se produzir senão á *noite*, e durante o sono natural, o que está contraditado pela experiência.

Mas aí não está a parte mais notável de suas declarações, da primeira testemunha sobretudo: *Se negando, com razão, o magnetismo* diz ele, *não se pode admitir a magnetização?* Em verdade, não sei se isso é um torneio de lógica, mas confesso, com toda humildade que ele ultrapassa a minha inteligência, e que muitas pessoas estão como eu; porque isso significa dizer que se pode magnetizar sem magnetismo, absolutamente como dizendo-se que um homem pode receber golpes de bastão, mas que o bastão com o qual foi atingido não existe. Cremos firmemente que, segundo um ditado bem conhecido, e até prova em contrário, que, para dar golpes de bastão, é necessário um bastão, e, por analogia, que, para magnetizar, é necessário o magnetismo, tudo tão bem como para purgar é necessária uma purgação; nossa inteligência não vai até compreender os efeitos sem as causas.

Eu não nego o efeito, direis, eu o constato ao contrário; o que nego, é a causa que dais a esse efeito. Dissestes que entre os vossos dedos e o paciente há alguma coisa invisível que chamais fluido magnético; eu, eu digo que não há nada, que esse fluido não existe; ora, se esse fluido é o magnetismo, os vossos gestos são a magnetização. - De acordo; admitis, assim, que, simples gestos, sem intermediário, podem produzir crises nervosas, os efeitos sonambúlicos, catalépticos e outros, unicamente porque a imaginação foi ferida; seja, eu o admito. Quero muito que uma pessoa seja impressionada pela preparação desses gestos, e que essa impressão vai até fazê-la dormir em pleno meio-dia, e contra a sua vontade, o que já seria um fato muito notável, disso convireis. Mas esse sono é um sono natural causado, como o dizem alguns, pela monotonia dos movimentos? Nesse caso, como explicareis a instantaneidade do sono produzido em alguns segundos? Por que não despertais esse dorminhoco tão fácil em sacudindo-lhe o braço? Passo, como razoáveis, muitos outros fenômenos tão pouco explicáveis pelo vosso sistema; mas há um ao qual podereis, sem dúvida, dar a solução, porque não suponho que fizestes uma teoria sobre um assunto tão grave, sem assegurar-se que ela resolve todos os casos, teoria que deve ser tanto menos arriscada porque a anunciareis em pleno tribunal; portanto, deveis estar seguro de vós. Pois bem! Eu vos rogo, para instrução do público e de todas as pessoas bastante simples para crerem na existência do fluido magnético, consentir em resolver, pelo vosso sistema, as duas questões seguintes.

1° Se os efeitos atribuídos ao fluido magnético não são senão o resultado de uma imaginação ferida e fortemente impressionada, como se produzem com o desconhecimento da pessoa, então quando esta é magnetizada durante o seu sono natural, ou quando ela está num

cômodo vizinho, sem ver o magnetizador e sem saber que se é magnetizada?

2° Se os toques ou passes magnéticos podem produzir crises nervosas, e o estado sonambúlico, como esses mesmos passes e toques podem produzir efeito contrário, destruir o que fizeram, acalmar as crises nervosas mais violentas que ocasionaram, fazer cessar o estado sonambúlico subitamente, e como por uma ação de raio? É por um efeito da imaginação, então, que a pessoa não vê nem ouve o que se passa ao seu redor? Ou é preciso admitir que se pode agir sobre a imaginação sem o concurso da imaginação, o que seria bem possível, depois que se pode magnetizar sem magnetismo? Isso me lembra uma pequena anedota. Um imprudente manjava um fuzil; o tiro parte e mata um outro indivíduo. Um perito é chamado para examinar a arma; ele declara que o indivíduo foi morto por um tiro de fuzil, mas que o fuzil não estava carregado. Não é o caso do nosso magnetizador que ofende magnetizando, mas sem magnetismo? Seguramente o tribunal de Douai, em sua alta sabedoria, não se deteve sobre essas contradições, sobre as quais não devia se pronunciar. Como dissemos, ele não viu senão o efeito produzido; declara esse efeito produzido por *toques e passes magnéticos*, não tinha que decidir se existe em nós um fluido magnético; mas o julgamento não constatou menos de um modo autêntico que o magnetismo é uma realidade, de outro modo não teria condenado por fazer gestos insignificantes. Que isto seja um a lição para os imprudentes que jogam com o que não conhecem.

Esses Senhores, na opinião que emitiram, não viram que chegavam a um resultado diametralmente oposto ao seu objetivo, o de atribuir aos magnetizadores um poder que estes estão longe de reivindicar. Com efeito, os magnetizadores pretendem que não agem senão com a ajuda de um intermediário; que *quando esse intermediário lhes falta a sua ação é nula*; eles não se reconhecem o poder de darem golpes de bastão sem o bastão, e nem de matar com um fuzil descarregado. Pois bem! Em nome da teoria desses Senhores, fazem bem um outro prodígio, uma vez que atuam sem terem nada nas mãos, nem nada nos bolsos. Há coisas, verdadeiramente, que não podem ser tomadas a sério; nós lhes pedimos perdão, mas isso não rouba nada de seu mérito; eles podem ser muito hábeis e sábios médicos, e foi por esse título, sem dúvida, que o Tribunal os consultou; não nos permitimos criticar senão a sua opinião sobre o magnetismo. Terminamos com uma nota importante. Se o magnetismo é uma realidade, por que não é reconhecido oficialmente pela Faculdade? Haveria sobre isso muitas coisas a dizer; limitar-nos-emos a uma única consideração e a perguntar por que as descobertas mais acreditadas hoje não foram aceitas sem dificuldades pelos corpos sábios? Deixo a outros o cuidado de responder. O corpo médico está dividido, sobre a questão do magnetismo, como o está sobre a homeopatia, a alopatia, sobre a frenologia, sobre o tratamento do cólera, sobre as purgações e a sangria, e sobre tantas outras coisas, de tal sorte que uma opinião, pró ou contra, é sempre uma opinião individual que não tem força de lei; o que faz lei é a opinião geral, que se forma pelos fatos, apesar de toda oposição, e que exerce, sobre os mais recalcitrantes, uma pressão irresistível; é ao que se chega pelo magnetismo, como pelo Espiritismo, e não é ir muito longe dizer que a metade dos médicos reconhece e admite hoje o magnetismo, e que as três quartas partes dos magnetizadores são médicos; ocorre o mesmo com o Espiritismo, que conta, em suas fileiras, com uma grande quantidade de médicos e homens de ciência. Que importa, pois, a oposição sistemática, ou mais ou menos interessada, de alguns! Deixai passar o tempo, que varre os amores-próprios machucados e as preocupações mesquinhas; a verdade pode ser agitada, mas não sossobra, e a posteridade registra o nome daqueles que a combateram ou sustentaram. Se o magnetismo fosse uma utopia, há muito tempo não estaria mais em evidência, ao passo que, como o seu irmão, o Espiritismo, ele lança raízes por todos os lados; lutai, pois, contra as idéias que invadem o mundo inteiro: o alto e a base da escala social!

Os médiuns inertes

Revista Espírita, outubro de 1859

Entre as questões importantes que se prendem à ciência Espírita, a do papel dos médiuns foi mais de uma vez controvertida. O senhor Brasseur, diretor do Centro industrial, desenvolveu, a esse respeito, idéias particulares numa série de artigos muito bem redigidos, no *Moniteur de la toilette* (1), ((1)Journal dès salons. - Modas. - Literatura. - Teatros. Rua do Echiquier, 15.) e notadamente no número do mês de agosto último, do qual tomamos as passagens que citamos mais adiante. Ele nos honra pedindo a nossa opinião; dar-lha-emos com toda sinceridade, sem pretender que a nossa opinião faça lei. Deixamos nossos leitores e os observadores juizes da questão. Não teremos, de resto, senão que resumir o que dissemos em muitas ocasiões sobre esse assunto, que já tratamos com muito mais desenvolvimento do que poderíamos fazê-lo aqui, não podendo repetir o que se encontra nos diversos escritos.

Eis as passagens principais de um dos artigos do senhor Brasseur, seguidas de nossas respostas:

"O que é um médium? O médium é ativo ou passivo? Tais são as questões postas tendo em vista esclarecer um assunto que preocupa vivamente as pessoas desejosas de se instruírem sobre as coisas do outro mundo, e, conseqüentemente, de suas relações com este.

"No dia 18 de maio último, dirigi ao senhor presidente da *Sociedade Espírita* uma nota intitulada: *Do médium e dos Espíritos*, e depois então, pelo dia 15 de julho, o senhor Allan Kardec publicou um novo livro sob o título: *O que é o Espiritismo?* Abrindo-o, acreditava nele encontrar uma resposta categórica, mas em vão. O autor persiste em seus erros: "Os médiuns (diz ele, página 75) são AS PESSOAS aptas a receberem, de um modo patente, a impressão dos Espíritos, e a servirem de INTERMEDIÁRIAS entre o mundo visível e o mundo invisível."

A obra citada não é um curso de Espiritismo; é uma exposição sumária dos princípios da ciência para uso das pessoas que desejam dela adquirirem as primeiras noções, não podendo, num quadro tão restrito e com fim especial, entrar o exame da questão de detalhes e das diversas opiniões. Quanto à definição que damos dos médiuns, ela nos parece perfeitamente clara, e é por essa definição que respondemos à pergunta do senhor Brasseur O que é um médium? E possível que ela não responda à sua opinião pessoal; mas, quanto a nós, até o presente, não temos nenhuma razão para modificá-la.

"O senhor Allan Kardec não reconhece o médium *inerte*. Ele fala muito de caixas, papelão ou pranchetas, mas ele não vê (página 62) senão "os apêndices da mão, cuja inutilidade teria sido reconhecida..."

"Entendamo-nos."

"Segundo vós, o médium é um *intermediário* entre o mundo visível e o mundo invisível; mas, é *absolutamente necessário* que esse *intermediário* seja uma pessoa? Não basta que o invisível tenha a sua disposição um *instrumento qualquer* para se manifestar a nós?"

A isso responderemos decididamente: Não, não basta que o invisível tenha à sua disposição um instrumento qualquer para se manifestar, porque ele necessita do concurso fluídico de uma pessoa, e é essa pessoa que, para nós, é o verdadeiro médium. Se bastasse ao Espírito ter à sua disposição um instrumento qualquer, ver-se-iam cestas ou pranchetas escreverem sozinhas, o que jamais se viu. A escrita direta, que é o fato, em aparência, mais independente de toda cooperação, ela mesma não se produz senão sob a influência de médiuns dotados de uma aptidão especial. Uma consideração poderosa vem corroborar a nossa opinião. Segundo o senhor Brasseur, o instrumento é a coisa principal, a pessoa é acessória; segundo nós, é tudo ao contrário. Se fora de outro modo, por que as pranchetas não caminhariam com o primeiro que chegasse? Portanto, se é necessário, para fazê-la caminhar, estar dotado de uma aptidão especial, é porque o papel da pessoa não é puramente passivo. Por isso, essa pessoa para nós, é o verdadeiro médium; o instrumento não é, como dissemos, senão um apêndice da mão do qual se pode abster e isso é tão verdadeiro, que toda pessoa que escreve com uma prancheta pode escrever diretamente com a mão, sem prancheta e mesmo sem lápis, uma vez que pode traçar os caracteres com o dedo, ao passo que a prancheta não escreve sem a pessoa. De resto, todas as variedades de médiuns, assim como seu papel *ativo* ou *passivo*, estão amplamente desenvolvidas na nossa *Instrução prática sobre as manifestações*.

"A alma separada da matéria, pela dissolução do corpo, não tem mais nenhum elemento físico da humanidade."

E o perispírito, que fizestes dele? O perispírito é o laço que une a alma ao corpo, o envoltório semi-material que ela possui durante a vida, e que conserva depois da morte: é sob esse envoltório que ela se mostra nas aparições, e esse envoltório é tão bem uma matéria, embora etérea, que ele pode adquirir as propriedades da tangibilidade.

"Tomando o lápis diretamente, tem-se notado que a pessoa mistura os seus sentimentos e as suas idéias com as idéias e os sentimentos do invisível, de sorte que, assim, não dão senão *comunicações moderadas*; ao passo que empregando caixas, cartões e pranchetas, sob a mão de duas pessoas em conjunto, essas pessoas permanecem absolutamente estranhas às manifestações, que é, então, unicamente a do invisível: é por isso que eu declaro este último meio superior e preferível ao da Sociedade Espírita."

Essa opinião poderia ser verdadeira, se não estivesse contraditada pelos milhares de fatos observados, seja na *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos*, seja alhures, e que provam, até a evidência mais patente, que os médiuns animados, *mesmo intuitivos*, e com mais forte razão os médiuns *mecânicos*, podem ser instrumentos absolutamente passivos e gozarem da mais completa independência de pensamentos. No médium mecânico, o Espírito atua sobre a mão, que recebe um impulso inteiramente involuntário e desempenha o papel do que o senhor Brasseur chama *médium inerte*, quer esteja só ou armada de um lápis, ou apoiada sobre um objeto móvel munido de um lápis.

No médium intuitivo, o Espírito atua sobre o cérebro, que transmite, pela corrente do sistema nervoso, o movimento ao braço, e assim por diante. O médium mecânico escreve sem ter a menor consciência daquilo que produziu: o *ato precede ao pensamento*; no médium intuitivo, o pensamento acompanha o ato, e mesmo, algumas vezes, o precede: é então o pensamento do Espírito que atravessa o pensamento do médium; e se, algumas vezes, eles parecem se confundir, sua independência não é menos manifesta quando, por exemplo, o médium escreve, *mesmo por intuição*, coisas que ele não PODE SABER, ou inteiramente contrárias às suas idéias, à sua maneira de ver, às suas próprias convicções: em uma palavra, quando ele pensa branco e escreve preto. Há, por outro lado, tantos fatos espontâneos e imprevistos que

a dúvida não é permitida a quem foi capaz de observar. O papel do médium é aqui o de um intérprete que recebe um pensamento estranho, que o transmite, que deve compreendê-lo para transmiti-lo, e que, todavia, não o assimila. É assim que isso se passa nos médiuns falantes que recebem o impulso sobre os órgãos da palavra, como outros o recebem no braço ou na mão, e ainda nos médiuns *audientes* que ouvem claramente uma voz que lhes fala e lhes dita o que devem escrever. E que direis dos médiuns *videntes*, aos quais os Espíritos se mostram sob a forma que tinham durante a vida, que eles vêem circular ao nosso redor, irem e virem como a multidão que temos sob os olhos? E os médiuns impressivos que sentem os toques ocultos, a impressão de dedos, mesmo de unhas, que marcam na pele e deixam um vestígio? É este o fato de um ser que nada mais tem da matéria? E os médiuns de dupla vista que, perfeitamente despertos, e em pleno dia, vêem claramente o que se passa à distância? Não é uma faculdade própria, um gênero de mediunidade? A mediunidade é a faculdade dos médiuns; os médiuns são as pessoas acessíveis à influência dos Espíritos, e que podem lhes servir de intermediárias. Tal é a definição que se encontra no pequeno *Dictionnaire des Dictionnaires français abrégé*, de Napoléon Landais, e até o presente ela nos parece dar exatamente a idéia.

Não contestamos a utilidade dos instrumentos que o senhor Brasseur designa sob o nome de médiuns inertes, nome que está perfeitamente livre para dar-lhes, se julga útil fazer-lhes uma distinção; eles têm, incontestavelmente, uma vantagem para as pessoas que nada viram ainda; mas como a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos não se compõe de pessoas que nisso estejam no início, cujas convicções estão formadas, e não faz nenhuma experiência tendo em vista satisfazer a curiosidade do público, que ela não convoca às suas sessões, a fim de não ser perturbada em suas pesquisas e em suas observações, esses meios primitivos não lhe ensinariam nada de novo; é por isso que ela emprega meios mais rápidos, uma vez que ela tem uma experiência bastante grande da coisa para saber perfeitamente distinguir a natureza das comunicações que recebe.

Não seguiremos o senhor Brasseur em todos os raciocínios, sobre os quais apoia a sua teoria. Temeríamos enfraquecê-los truncando-os e, na impossibilidade de reproduzi-los integralmente, preferimos enviar aqueles dos nossos leitores que quiserem dele tomar conhecimento, ao jornal que ele redige, com um incontestável talento, e no qual se encontrarão, sobre o mesmo assunto, artigos do senhor Jules de Neuville, muito bem escritos, mas que não têm senão um erro aos nossos olhos, o de não estarem precedidos de um estudo suficientemente aprofundado da matéria, sem o que há muitas perguntas que ele julgaria supérfluas. Em resumo, nós persistimos, de acordo nisso com a Sociedade Espírita, em considerar as pessoas como os verdadeiros médiuns, que podem ser ativos ou passivos, segundo a sua natureza e a sua aptidão; chamamos, querendo-se, os instrumentos de *médiuns inertes*, é uma distinção talvez útil, mas se estaria em erro atribuindo-lhe o papel e as propriedades de seres animados nas comunicações *inteligentes*; dizemos inteligentes, porque é necessário ainda fazer a distinção de certas manifestações espontâneas puramente físicas. É um assunto que temos tratado amplamente na *Revista*.

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, outubro de 1859

Sexta-feira, 29 de julho de 1859 (Sessão geral).

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

Comunicações. - Fatos curiosos de previsão de morte e de advertência de além-túmulo, chegados aos senhores de Chamissot e de Brunoy, emigrantes que moraram em Clobentz em 1794; o outro à senhora a condessa Ch.... (Serão publicados.)

Observações microscópicas e analíticas sobre a matéria da escrita direta. (Ver o número do mês de agosto de 1859.)

Leitura de uma carta em resposta à remessa da evocação do senhor J. (da Sarthe); feita na sessão de 22 de julho.

Estudos. - Perguntas complementares relativas ao repouso dos Espíritos. As respostas não pareceram à altura do Espírito evocado, do qual não se reconhece nem a clareza, nem a precisão habituais. Não dando essas respostas nenhuma solução satisfatória, a Sociedade não as tem em nenhuma conta.

Perguntas dirigidas a François Arago, a respeito das respostas equivocadas acima. Ele disse que o Espírito que respondeu não foi aquele que se chamou. Esse Espírito, acrescentou ele, não é mau, mas é pouco avançado, e incapaz de resolver certas questões. Foi-lhe permitido fazer para vos exercitar na apreciação das respostas, e dar-lhe, a ele mesmo, uma lição.

Perguntas, ao mesmo, sobre a análise química da matéria da escrita direta

Perguntas, ao mesmo, sobre as tempestades e o papel dos Espíritos nos fenômenos da Natureza. (Publ. no n° de setembro.)

2ª. Evocação do senhor J... (da Sarthe), segundo a carta acima relatada. (Publicada no n° de setembro, sob o título de *Morte de um Espírita.*)

Sexta-feira, 2 de setembro de 1859 (Sessão particular).

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

Assuntos administrativos. Apresentação e admissão de dois novos membros titulares, e de um membro correspondente em Madrid.

Comunicações. Carta do senhor Det..., membro da Sociedade, na qual cita uma passagem

notável, extraída da lista de Paris de Mercier, edição de 1788, 12⁹ vol. e intitulada *Spiritualistes*. Essa passagem constata a existência, nessa época, de uma Sociedade formada em Paris, e tendo por objeto as comunicações com os Espíritos. Ele fornece, assim, uma nova prova de que o Espiritismo não é criação moderna, e que era aceito pelos homens mais recomendáveis. (Publicada adiante.)

O senhor S... fez observar, a esse respeito, que por essa época um chamado *Martinez Pascalis* fundara a seita dos *Martinistas*, que pretendia também estar em relação com os Espíritos por meios que os iniciados se obrigavam a manter secretos.

Carta do senhor doutor B... de Nova Iorque, que agradece a Sociedade pelo título de correspondente que lhe foi conferido, e dá interessantes detalhes relativamente à exploração mercantil do Espiritismo na América.

Comunicação de várias cartas do senhor Dumas, membro titular da Sociedade, em Sétif (na Argélia), e que contém uma grande quantidade de evocações, das quais várias oferecem um interesse sério do ponto de vista do estudo. Elas constatarem que vários médiuns se formaram nesse país, e que o Espiritismo ali é objeto de uma grande preocupação. Entre os fatos que ele cita, assinala-se notadamente o seguinte. Um carvoeiro, muito pouco letrado, tendo tentado escrever como médium, não obteve, de início, senão traços irregulares com os quais encheu, sucessivamente, seis páginas; surgindo a idéia de colocar essas páginas uma em seguida das outras, verificou-se que todos esses traços concordavam entre si, e formavam um conjunto. Depois, essa mesma pessoa escreveu páginas inteiras com uma grande facilidade, mas a abundância, a prolixidade e a natureza de certas comunicações podem fazer temer uma obsessão.

O senhor Allan Kardec dá conta de um fato de manifestação espontânea que se produziu em sua casa, numa reunião e em circunstâncias notáveis. A princesa S..., presente à reunião, testemunhando o desejo de evocar o doutor Beaufils, seu médico, morto há oito meses, três médiuns, entre os quais se encontrava a filha da princesa, muito boa médium ela mesma, foram tomados por movimentos convulsivos violentos, partindo os lápis e rasgando o papel. O Espírito intimado a se fazer conhecer, acabou por dizer, depois de muita hesitação, que não ousava dizer o seu nome. Acossado por perguntas, respondeu que sabiam o seu nome pelos jornais; que era um miserável; que ele havia' matado; que fora o jovem açougueiro, assassino da rua da Roquette, executado recentemente. Interrogado sobre os motivos de sua presença sem haver sido chamado, ele disse que fora enviado por outros Espíritos, *a fim de convencer que os médiuns não escrevem seu pensamento*; terminou pedindo para que tivessem a bondade de orar por ele, porque se arrepende de sua conduta, e que ele sofre. Com a promessa que lhe foi feita de aceder ao seu desejo, e depois de dar-lhe alguns conselhos, retirou-se. O doutor Beaufils veio então; respondeu com muita calma e lucidez às diversas perguntas que lhe foram dirigidas.

Essa comunicação foi, com efeito, uma prova manifesta da independência dos médiuns, porque todos os membros da reunião estavam preocupados com a evocação do doutor, e ninguém pensava nesse homem, que veio surpreender todo o mundo em se manifestando, por sinais idênticos, nos três médiuns diferentes, que não tinham à mão nem cartões e nem pranchetas.

Leitura de uma comunicação espontânea obtida pelo senhor R..., membro da Sociedade, sobre a antigüidade das crenças espíritas, e as marcas que elas deixaram em todas as religiões. (Publicada adiante.)

Estudos. Evocação de Privai d'Anglemont. (Será publicada.)

Evocação do avaro milionário de Lyon, conhecido sob o nome do pai Crépin. (Será publicada.)

Sexta-feira, 9 de setembro de 1859 (Sessão geral).

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

Comunicações. Leitura de uma comunicação espontânea, obtida pelo senhor o visconde d'H..., médium recentemente formado, e transmitida pelo senhor D..., membro da Sociedade. (Será publicada)

Outra comunicação espontânea obtida pelo mesmo, da parte do doutor Olivier, que se apresentou sem ser chamado. Essa comunicação tem isso de muito importante, que ela mostra esse Espírito em uma situação idêntica à de Voltaire, tal como este a descreveu em suas Confissões, .publicadas na Revista do mês de setembro. Ele duvida de tudo, mesmo de Deus; ele erra e não encontra ninguém para esclarecê-lo, o que o mergulha numa ansiedade tanto mais penosa quanto não lhe. vê o fim. As palavras de consolação que o médium lhe dirigiu parecem ser, para ele, um rasgo de luz e um alívio. Ele se propôs retornar. (Será publicada.)

O senhor Allan Kardec dá conta de um fato notável de obsessão da parte de um Espírito brutal, antigo carreteiro, sobre a pessoa do senhor C..., muito bom médium. Esse fato confirma, por outro lado, a possibilidade dos lugares freqüentados por certos Espíritos. (Será publicado.)

Os Espíritos barulhentos de Madrid; relação de um fato narrado, sem comentário, por um jornal de Madrid, a respeito de uma casa dessa cidade, que os ruídos e os transtornos noturnos tornaram inabitável, e contra os quais as investigações e as medidas da polícia haviam fracassado.

Estudos. Perguntas sobre a avareza, a propósito da evocação do pai Crépin de Lyon. (serão publicadas em continuação dessa evocação).

Evocação de Privai d'Anglemont, 2a. conversa. (Será publicada.)

Evocação do senhor Julien S..., feita a pedido do senhor de Boux-hors.

Evocação do senhor Adrien de S..., feita por uma pessoa estrangeira, assistindo à sessão. Essa evocação, embora tendo um interesse todo pessoal, oferece um sinal característico no que se refere à influência exercida pelos Espíritos errantes sobre os Espíritos encarnados.

A sepultura de Saint-Leu. Procurando a sepultura do grande chanceler Pasquier, na Igreja de Saint-Leu, em Paris, dia 27 de julho de 1859, os operários, tendo descoberto uma parede, encontraram, sob o coro, com 5 metros de comprimento, 4 de altura e 2 de largura, uma sepultura hermeticamente fechada com uma laje. Nessa sepultura, encontravam-se quinze a vinte esqueletos sem caixões e em diferentes posições, o que anunciava que não haviam sido sepultados. Na parede encontrou-se escrito, com um instrumento pontiagudo: Marvé, 1733; Chenest, 1733; Marx, criança do coro, 1727; Charles Remy, 1724; Gabriel, 1727; Thievan, 1723; Maupain, 1728, e vários nomes ilegíveis.

Perguntou-se ao Espírito de São Luís se era possível evocar um dos Espíritos cujos nomes se achavam na sepultura, a fim de obter dele esclarecimentos sobre essa descoberta. Ele respondeu: "Eu vos aconselho deixar isso de lado; há crimes neste assunto, muito recente e não se deve exumar nada que lhe concerne."

Verteuil, antigo autor dramático e ator do teatro da Cite. Era um homem jovem de espírito, de uma bondade notável e gozando de uma fortuna muito grande. Em pouco tempo, ele perdeu todos os seus haveres por uma bancarrota, depois a palavra, a audição e a visão. Morreu em Bicêtre, onde ficou vinte anos surdo, mudo e cego, não recebendo comunicações senão quando se lhe traçavam caracteres na cavidade da mão; então, ele respondia por escrito. Essa posição excepcional parecia dever oferecer um interessante objeto de estudo psicológico. O Espírito de São Luís, consultado a esse respeito, respondeu: "Não o evoqueis, ele está reencarnado." Depois, ele forneceu diversas informações sobre os antecedentes desse jovem, as causas e as circunstâncias de sua enfermidade. (Ver, para os detalhes dessa tocante história, a *Paine* de 26 de julho de 1859).

Evocação do antigo carreteiro, de quem se deu conta nas comunicações. Ele se manifestou por sinais de violência, quebrando os lápis que cravava no papel com força, e por uma escrita grossa, irregular e pouco legível. Essa evocação apresentou um caráter notável, sobretudo do ponto de vista da influência que o homem pode exercer sobre certos Espíritos inferiores pela prece e os bons conselhos. (Será publicada.)

Sexta-feira, 16 de setembro de 1859. (Sessão particular.)

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão do dia 9 de setembro.

Comunicações. Leitura de um artigo do *Illustration* de 1853, comunicado pelo senhor R..., e intitulado *As Mesas voadoras*. Esse artigo constata, segundo um jornal russo, *Sjevernava Plschela*, do dia 27 de abril de 1853, e segundo os documentos fornecidos pelo senhor Tscherepanoff, que os fenômenos das mesas que se movem é conhecido e praticado desde tempos imemoriais na China, na Sibéria e entre os Kalnouks da Rússia meridional. Entre estes últimos, notadamente, servem-se desse meio para encontrar objetos perdidos. (Publicado adiante.)

O senhor Dorgeval dirigiu à Sociedade um poema intitulado *Uranie*, do senhor de Porry, de Marseille, no qual os pontos fundamentais da Doutrina Espírita estão claramente enunciados, embora o autor não tivesse, na época em que o compôs, nenhuma noção desta ciência. O que não é menos digno de nota é que o senhor de Porry parece ter escrito seu poema por uma espécie de faculdade medianímica; é a noite, no semi-sono, que os versos se formulam no seu pensamento, e ele os escreve no dia seguinte ao despertar. Foi feita a leitura de vários fragmentos desse poema, que serão publicados na Revista.

Carta do senhor P..., de Marseille, contendo uma comunicação de um Espírito que se faz conhecer sob o nome de Paul, e uma de São Luís, notável por diversas respostas de uma grande profundidade.

Leitura de uma comunicação espontânea feita ao senhor R..., membro da Sociedade, pelo açougueiro assassino da rua de la Roquette, que foi assunto da sessão de 2 de setembro, e que se interpôs numa reunião que ocorreu na casa do senhor Allan Kardec. Esse

Espírito veio agradecer por terem orado por ele, assim como tinha pedido. Essa comunicação é notável pelos bons pensamentos que encerra, que lança uma nova luz sobre a assistência que se pode dar aos Espíritos sofredores. (Será publicada)

Estudos. Foi perguntado ao Espírito de São Luís se independentemente dos assuntos previamente elaborados, os Espíritos consentiriam em darem comunicações espontâneas sobre um assunto à sua escolha. Ele respondeu afirmativamente, e que César escreverá a próxima vez por intermédio do senhor R..., e com o consentimento deste último.

O senhor Col..., presente na sessão como ouvinte, perguntou se consentiam que fizesse a evocação de seu filho cuja morte, para a mãe, é um motivo de dor que nada pode abrandar. Devendo reencontrá-la no dia seguinte, desejaria narrar-lhe a conversa como objeto de consolação. Essa evocação, não tendo senão um interesse pessoal, não será publicada

Exame da teoria do senhor Brasseur sobre os médiuns. Ele considera os cartões, pranchetas e outros instrumentos como os únicos e verdadeiros médiuns, que qualifica de *médiuns inertes*, tendo em vista que, diz ele, nos médiuns animados há sempre mais ou menos participação do pensamento pessoal. Vários membros tomaram parte da discussão, e concordaram em combater a opinião do senhor Brasseur, fundada, dizem eles, sobre uma observação incompleta, tendo em vista que a independência absoluta do médium animado está provada por fatos irrecusáveis. Um dos argumentos que se opõe ao senhor Brasseur, é que os cartões e pranchetas não falam jamais sozinhos, de onde resulta que não são senão instrumentos, ou, como se diz, apêndices dos quais se pode passar: é o acessório e não o principal. A prancheta armada com lápis e influenciada pela pessoa, não é mais médium do que o lápis colocado diretamente na mão da pessoa

O senhor Samson leu alguns versos que compôs em honra a São Luís, e agradecendo a cura da qual foi objeto. Como não se reconhece por poeta, perguntou por qual Espírito foram inspirados. Ele respondeu-lhe que foi o seu, penetrado de um justo reconhecimento por aquele que aliviou suas dores.

Evocação de Swedenborg. - À evocação, feita pelo senhor Allan Kardec, respondeu: Fale, meu velho amigo. - Honrais-me com o título de vosso velho amigo, e não obstante estarmos longe de sermos contemporâneos, e não vos conheça senão pelos vossos escritos. - É verdade, mas eu, eu te conheço há muito tempo. - Desejaríamos vos dirigir várias perguntas sobre diversos pontos da vossa doutrina, mas, tendo em vista a hora avançada, nosso objetivo é somente perguntar-vos se consentiríeis em fazê-lo na próxima sessão. - R. Com prazer. Deixai-me, desde hoje, fazer uma correção aos meus escritos, correção importante para mim. Quando escrevi minha doutrina, pretendi, segundo os conselhos do mundo celeste que me ditava, que cada povo se encontrava, no céu, numa esfera separada, e que o caráter distintivo, de cada nação, apareceria ainda não por indivíduos, mas por grandes famílias. A experiência me convenceu que isso não é assim.

Não há também outros pontos sujeitos a contestações? - R. Sim, muitos outros, mas este é um dos mais importantes.

- Temos aqui vários médiuns; entre eles há um que preferis para vos comunicar conosco? - R. Não... e, não obstante, sim: a escolha que farei será um médium mecânico, como os chamais, e pronto ao mesmo tempo.

Sexta-feira, 23 de setembro de 1859. (Sessão geral.)

Leitura da ata e da sessão do dia 16.

Apresentação de quatro candidatos como membros titulares. Sua admissão será discutida na próxima sessão particular do dia 7 de outubro, e decidida se houver lugar.

Comunicações. - Leitura de uma carta de Rouen, que narra um fato autêntico, passado na família da pessoa que escreveu, da aparição de sua avó no momento de sua morte.

Outro fato recente de aparição e de advertência de além-túmulo. O senhor D..., doutor em medicina, de Paris, havia cuidado durante algum tempo de uma jovem atingida por uma doença incurável e que, no momento, não morava mais em Paris. Há mais ou menos quinze dias, o senhor D... foi despertado por pancadas na porta de seu quarto de dormir. Crendo que vinham chamá-lo para um enfermo, perguntou: Quem está aí? No mesmo instante, ele viu a jovem de pé diante dele, que lhe disse, num tom de voz muito distinto: "Sou eu, senhor D..., venho vos dizer que morri." Com a informação, veio a saber que essa mulher morreu na mesma noite de sua aparição.

Fato curioso de separação momentânea da alma e do corpo chegada, há alguns dias, ao senhor C., médium da Sociedade. (Será publicada com as outras comunicações do mesmo Espírito.)

Estudos. - Três comunicações espontâneas foram prometidas para esta sessão: uma de César, uma de Swedenborg, e uma de Privat d'Anglefont. Foram escritas, simultaneamente, por três médiuns diferentes, todos mecânicos.

Diversas perguntas são endereçadas a Swedenborg sobre alguns dos pontos de sua doutrina, que reconheceu como errôneos. Leitura preliminar de uma nota biográfica sobre o mesmo, preparada pela senhora P., membro da Sociedade. (Serão publicadas).

O senhor Det..., membro da Sociedade, preparara sobre César uma série de perguntas muito sábias, mas as explicações espontâneas desse Espírito tornaram a maioria dessas questões supérfluas; todavia, elas serão examinadas, e serão escolhidas aquelas que se creia útil propor ulteriormente.

O senhor Dumas, de Sétif, membro titular da Sociedade, está presente na reunião. Ele pede para fazer a evocação de alguns dos Espíritos que a ele se manifestaram, a fim de ter um controle das comunicações que obteve na Argélia. Os resultados dessas evocações foram idênticos e confirmam as respostas que lhe deram. Quanto à questão de saber se ele pode concorrer eficazmente na propagação do Espiritismo, na África, respondeu que não somente ele pode, mas também que o deve.

Sociedade Espírita no século XVIII

Revista Espírita, outubro de 1859

SENHOR PRESIDENTE,

"Não é de 1853, época em que os Espíritos começaram a manifestar-se pelo movimento as mesas e pelas pancadas, que data a renovação das evocações. Na história do Espiritismo, que lemos em vossas obras, não fazeis menção de uma Sociedade como a nossa, cuja existência, para minha grande surpresa, me foi revelada por *Mercier*, em seu painel de Paris, edição de 1788, capítulo intitulado: *Espiritualistas*. 12º volume. Eis o que ele disse:

"Por que a teologia, a filosofia e a história fazem menção de várias aparições de Espíritos, de gênios ou de demônios? A crença de uma parte da antiguidade era de que cada homem tinha dois Espíritos, um bom que o chamava à virtude, outro mau que o convidava para o mal.

"Uma *seita nova* acredita no retorno dos Espíritos neste mundo. Ouvi várias pessoas que estavam realmente persuadidas de que existem meios para evocá-los. Estamos rodeados de um mundo que não percebemos. Ao nosso redor estão seres dos quais não fazemos idéias; dotados de uma natureza intelectual superior, eles nos vêem. Nada de vazio no Universo: eis o que asseguram os adeptos da *ciência nova*.

"Assim, o retorno das almas dos mortos acreditado em toda a antiguidade, do qual nossa filosofia zombava, está adotado hoje *por homens que não são nem ignorantes, nem supersticiosos*. Todos esses Espíritos, aliás, chamados na Escritura os *Príncipes do ar* estão sempre sob a vontade arbitrária do senhor da Natureza. Aristóteles disse que os Espíritos aparecem freqüentemente aos homens pelas necessidades uns dos outros. Não faço mais que reportar aqui o que os partidários da existência dos gênios nos dizem.

"Crendo-se na imortalidade da alma, é necessário admitir que essa multidão de Espíritos pode se manifestar depois da morte. Entre essa grande quantidade de prodígios dos quais todos os países da Terra estão cheios, *se um só ocorreu, a incredulidade é injusta*. Creio, portanto, que não haveria menos temeridade em negar do que em sustentar a verdade das aparições. Estamos num mundo desconhecido."

Não cê acusará *Mercier* de incredulidade e de ignorância, e vemos, no extrato que precede, que ele não rejeitava *a priori* as manifestações dos Espíritos, embora não tivesse ocasião de ser delas testemunha. Mas um homem sábio suspenderia seu julgamento até estar mais informado. Já, a propósito do magnetismo, havia dito: "Isso é tão misterioso, tão profundo, tão incrível, que é necessário rir ou cair de joelhos; não faço nem um e nem o outro: *eu observo e eu espero*."

Seria interessante saber porque essas evocações, renovadas em 1788, ficaram interrompidas até 1853. Seria porque os membros da Sociedade, que delas se ocupavam, pereceram durante a Revolução? É deplorável que *Mercier* não tenha dado a conhecer o nome do presidente dessa Sociedade.

Aceitai, etc.

"Det....."

Membro titular da Sociedade."

Nota. O fato narrado por Mercier tem uma importância capital da qual ninguém desprezará o alcance. Ele prova que, desde essa época, homens recomendáveis pela sua inteligência se ocupavam seriamente com a ciência espírita. Quanto à causa que levou à cessação dessa Sociedade, sem dúvida, é provável que as perturbações que surgiram lhe foram uma grande parte; mas não é exato dizer que as evocações foram interrompidas até 1853. Em torno desta última época, é verdade, as manifestações tomaram um maior desenvolvimento, mas está averiguado que elas jamais cessaram. Em 1818, temos entre as mãos uma notícia manuscrita sobre as Sociedades Teosóficas que existiam no começo deste século, e que pretendiam que, pelo recolhimento e pela prece, poder-se-ia colocar-se em comunicação com os Espíritos; era provavelmente seqüência daquela da qual fala Mercier. Desde 1800, o célebre abade Faria, de acordo com um cônego seu amigo, antigo missionário no Paraguai, se ocupava da evocação e obtinha comunicações escritas. Todos os dias aprendemos que pessoas as tinham em Paris, bem antes que não fosse questão dos Espíritos da América. Mas é necessário dizer também que, antes dessa época, todos aqueles que possuíam esse conhecimento dele faziam mistério; hoje, que está no domínio público, ele se vulgariza, eis toda a diferença, e se fora uma quimera não seria implantada em alguns anos, nas cinco partes do mundo; o bom senso já lhe teria feito justiça, precisamente porque cada um é capaz de ver e de compreender. Ninguém, sem dúvida, não contestará o progresso que essas idéias fazem cada dia, e isso nas classes mais esclarecidas da sociedade. Ora, uma idéia sobre a qual se chama o raciocínio, que cresce em pleno dia, pela discussão e pelo exame, não tem os caracteres de uma utopia.

Conversas familiares de além-túmulo - O pai Crépin

Revista Espírita, outubro de 1859

(Sociedade; 2 de setembro de 1859.)

Os jornais anunciaram ultimamente a morte de um homem que morava em Lyon, onde era conhecido sob o nome de pai Crépin. Era várias vezes milionário, e de uma avareza rara. Nos últimos tempos de sua vida, ele veio morar na casa do casal Favre, que se obrigou a alimentá-lo mediante 30 centavos por dia, dedução de 10 centavos para seu tabaco. Ele possuía nove casas e morava antes numa delas, numa espécie de nicho que mandou fazer sob a escada. Na época dos aluguéis ele arrancava os cartazes das ruas para se servir desses papéis nos seus recibos. O decreto municipal que prescrevia o branqueamento das casas causou-lhe um violento desespero; ele fez gestões para obter uma exceção, mas isso foi inútil. Ele bradava que estava arruinado. Se não tivera senão uma casa, estaria resignado; mas, acrescentava, ele tinha nove delas.

1. *Evocação.* - R. Eis-me aqui, que quereis de mim? Ai! Meu ouro! Meu ouro! Em que se tornou?
2. Lamentais a vida terrestre? - R. Oh! Sim!
3. Por que a lamentais? - R. Não posso mais tocar meu ouro, contá-lo e ocultá-lo.
4. Em que empregais o vosso tempo? - R. Estou ainda bem ligado à Terra e me arrependo dificilmente.
5. Retomais, algumas vezes, para ver vossos caros tesouros e vossas casas? - R. Tão freqüentemente quanto o posso.
6. Quando vivo jamais pensastes que não levarias tudo isso para o outro mundo? - R. Não. Minha única idéia era interessar pelas riquezas para amontoá-las; jamais pensei em separar-me delas.
7. Qual era o vosso objetivo amontoando essas riquezas que não serviam para nada, nem mesmo a vós, uma vez que vivíeis de privações? - R. Eu experimentava a volúpia de tocá-las.
8. De onde vos vinha essa avareza sórdida? - R. Do gozo que sentia meu Espírito e meu coração ao ver muito dinheiro. Não tive senão essa paixão nesse mundo.
9. Compreendeis que isso era da *avareza*? - R. Sim, compreendo agora que era um miserável; entretanto, meu coração é ainda muito terrestre, e sinto uma certa alegria ao ver meu ouro; mas não posso apalpá-lo, e isso é um começo de punição na vida em que estou.

10. Não sentíeis, pois, nenhum sentimento de piedade para com os infelizes que sofriam a miséria, e jamais vos chegou, portanto, o pensamento de aliviá-los? - R. Por que não tinham dinheiro? Tanto pior para eles!

11. Lembrai-vos da existência que tivestes antes daquela que acabastes de deixar? - R.- Sim, eu era pastor, bem infeliz de corpo, mas feliz de coração.

12. Quais foram vossos primeiros pensamentos quando vos reconhecestes no mundo dos Espíritos? - R. Meu primeiro pensamento foi procurar minhas riquezas, e sobretudo o meu ouro. Quando não vi senão o espaço, fui bem infeliz; meu coração se atormentou, e remorso começou a se apoderar de mim. Quanto mais me irava, mais sofria pela minha avareza terrestre.

13. Qual é para vós, agora, a conseqüência da vossa vida terrestre? - R. Inútil diante da eternidade, mas infeliz para mim diante de Deus.

14. Prevedes uma nova existência corporal? - R. Não o sei.

15. Se deveríeis ter, proximamente, uma nova existência corporal, qual escolheríeis? - R. Eu escolheria uma existência que pudesse me tornar útil aos meus semelhantes.

16. Quando vivo não tínheis amigos na Terra, porque um avaro como vós não pode tê-lo; tende-os entre os Espíritos? - R. Não chamei nunca por ninguém; meu anjo guardião, a quem muito ofendi, foi o único que teve piedade de mim.

17. Na vossa entrada no mundo dos Espíritos, houve quem viesse vos receber? - R. Sim, minha mãe.

18. Já fostes evocado por outras pessoas? - R. Uma vez por pessoas que maltratei.

19. Não estivestes na África num centro onde se ocupa com os Espíritos? - R. Sim, mas todas essas pessoas não tinham nenhuma piedade de mim, e foi bem penoso; aqui se é compassivo.

20. Nossa evocação vos aproveitará? - R. Muito.

21. Como adquiristes vossa fortuna? - R. Eu ganhei um pouco lealmente; mas extorqui muito e um pouco roubei meus semelhantes.

22. Podemos fazer alguma coisa por vós? - R. Sim, um pouco de vossa piedade para uma alma em pena.

(Sociedade, 9 de setembro de 1859).

QUESTÕES DIRIGIDAS A SÃO LUÍS A PROPÓSITO DO PAI CRÉPIN.

1. O pai Crépin, que evocamos a última vez, era um tipo raro de avareza; ele não pôde dar-nos explicações sobre a causa dessa paixão nele; seria bastante bom para supri-lo? Ele nos disse que fora pastor, muito infeliz de corpo, mas feliz de coração; não vemos aí nada que

pudesse desenvolver nele essa avareza sórdida; poderíeis dizer-nos o que pôde fazê-la nascer? -R. Ele era ignorante, inexperiente; pediu a riqueza; ela lhe foi concedida, mas como punição de seu pedido; ele não recomeçará mais, crede-o bem.

2. O pai Crépin nos oferece o tipo da avareza ignóbil, mas essa paixão tem nuances. Assim, há pessoas que não são avaras senão para outros; perguntamos qual é o mais culpável se aquele que amontoa pelo prazer de amontoar, e se recusa mesmo o necessário, ou aquele que, não se privando de nada, é avarento quando se trata do menor sacrifício para o seu próximo? - R. É evidente que o último é mais culpável, porque é profundamente egoísta; o outro é louco.

3. O Espírito, nas provas que deve suportar para chegar à perfeição, deve sofrer todos os gêneros de tentação, e poder-se-ia dizer que, para o pai Crépin a vez da avareza chegou no meio das riquezas que estavam à sua disposição, e que o sucumbiu? - R. Isso não é geral, mas é exato para ele. Sabeis que há os que, desde o início, tomam um caminho que os isenta de muitas provas.

Senhora E. de Girardin, médium

Revista Espírita, outubro de 1859

Extraímos o artigo seguinte da crônica do *Paris-Journal*, n° 44. Ele não necessita de comentário; ele mostra que se, como o dizem muito pouco polidamente aqueles que se arrogam, sem cerimônia, o privilégio do bom senso, todos os partidários do Espiritismo são loucos, pode se consolar, e mesmo se honrar, por ir às Petites-Maisons em companhia de inteligências da tempera da senhora de Girardin, e tantas outras.

"Eu vos prometi, outro dia, a história da senhora de Girardin e de um célebre doutor; eu vo-la contarei hoje, porque disso obtive a permissão; ela é muito curiosa. Permaneceremos ainda no sobrenatural; dele se ocupa, mais que nunca, e nós que, pela nossa condição, sondamos Paris, encontramos-lo com um ligeiro acesso de febre quente a esse respeito. Decididamente, é uma necessidade para a imaginação humana saber o futuro e penetrar os mistérios da Natureza. Quando se vêem inteligências como de Delphine Gay se entregar a essas práticas, que são consideradas pueris, não se pode recusar-lhe uma certa importância, sobretudo quando estão apoiadas em testemunhos irrecusáveis, tais como aquele de que vos falei e que ides conhecer, - eu entendo o testemunho, mas não o doutor, - se aceitardes.

"A senhora de Girardin tinha uma pequena prancheta e um lápis; ela os consultava sem cessar. Tinha, assim, conversas com muitas celebridades da história, sem contar o diabo que com elas se misturavam também. Uma noite mesmo ele revelou-se a sério personagem que não teve medo dele, uma vez que seu estado era de expulsá-lo. A grande Delphine não fazia nada sem o conselho da sua prancheta; pedia-lhe conselhos literários que esta não lhe recusava; ela era, mesmo para o ilustre poeta, de uma severidade magistral. Assim, repetia-lhe sem cessar para não mais fazer tragédias, sem consideração para os versos maravilhosos que continham *Judith e Cléopâtre*. Quem vai representar uma tragédia? Os fanáticos da poesia dramática. O que eles procuram numa tragédia? Eles procuram belos versos que os comovem e os tocam, e *Judith e Cléopâtre* formulam desses pensamentos de mulher, expressos por uma mulher de um espírito e de um coração eminentes, cujo talento não é contestado por ninguém. Enfim, a prancheta não o queria, obstinava-se na prosa e na comédia; ela colaborava para os desfechos e corrigia as superfluidades.

Não somente Delphine confiava-lhe seus trabalhos literários, mas contava-lhe ainda seus sofrimentos e atendia suas prescrições para a sua saúde. Ai! Essas prescrições, ditadas pela imaginação da doente ou pelo demônio, contribuíram para que nós o elevássemos. Ela tomava remédios incríveis, fatias de pão com manteiga e pimenta, pimentas, instrumentos de destruição por uma natureza inflamável tal qual aquela; encontraram-se provas, depois de sua morte, das quais seus amigos e seus admiradores não se consolarão jamais.

"Todo o mundo conhecia Chasseriau, violento, ele também, em sua flor da idade. Ele fez de lembrança um retrato soberbo da bela defunta; foi gravado e está por toda parte hoje. Ele levou o retrato ao doutor em questão e lhe perguntou se estava contente com o retrato; este fez algumas ligeiras observações. O pintor ia render-se, quando a idéia veio a ambos de se dirigirem ao próprio modelo. Eles colocaram as mãos sobre a prancheta, a senhora de Girardin logo se revelou. Compreende-se qual foi a sua emoção. Interrogada sobre o retrato, ela disse que não era perfeito, que não era necessário, entretanto, corrigi-lo, para que não se corresse o risco de estragá-lo, a semelhança sendo muito delicada e muito difícil de se tomar,

quando não se tem outro guia senão a memória. Fizeram outras perguntas; as quais umas ela recusou responder, as outras respondeu.

"Pede-se informação do lugar onde ela estava.

"- Eu não quero dizer-lo, replicou.

"E apesar de todas as rogativas, nada se pôde obter sobre esse ponto.

"- Sois feliz?

"- Não.

"- Por quê!

"- Porque não pude mais ser útil àquele que eu amo." Ela permaneceu muda obstinadamente, enquanto se lhe falou da outra vida e não deu nenhuma informação; não disse mesmo se isso lhe estava proibido, ou se ela agira de sua plena vontade. Depois de uma longa conversa, ela se foi. Foi feita a ata desta sessão. As duas testemunhas se foram dali tão impressionadas que não mais recomeçaram depois. O doutor poderia agora chamar aquele que o assistia nesse dia e ter esses dois grandes Espíritos na sua prancheta. Como tudo passa neste mundo! E que ensinamento nesses fatos estranhos se os tomarmos do ponto de vista filosófico e religioso!"

As mesas voadoras

Revista Espírita, outubro de 1859

Sob este título encontramos o artigo seguinte em *o Illustration* de 1853, precedido de gracejos forçados dos quais pedimos perdão aos nossos leitores.

"Mas se trata das mesas girantes! Eis as mesas voadoras! E o fenômeno não se produziu hoje, ele existe há muitos anos. Onde? perguntais. Minha fé, está um pouco longe, na Sibéria! Um jornal russo, *Sjévemavà Plschelà* ou *a Abeille du Nord*, em seu número do dia 27 de abril último, contém sobre esse assunto um artigo do senhor Tscherepanoff, que viajou no país dos Kamouks. Eis um extrato dele.

"É necessário saber que os lamas, sacerdotes da religião budista, à qual aderiram todos os Mongols e os Bourètes russos semelhantes nisso aos sacerdotes do antigo Egito, não comunicam os segredos que inventaram, mas deles se servem, ao contrário, para aumentar a influência que exercem sobre um povo naturalmente supersticioso. É assim que eles pretendem reencontrar os objetos roubados, e, para esse fim, servem-se da mesa *voadora*, as coisas se passam da seguinte maneira:

"A vítima do roubo se dirige ao lama, pedindo-lhe para revelar o lugar onde os objetos estão escondidos. O sacerdote de Buda pede dois ou três dias para se preparar para essa grave cerimônia. Expirado o tempo, ele se assenta na terra, coloca diante de si uma pequena mesa quadrada, põe a mão em cima e se põe a ler um livro de mágicos; o que dura uma meia hora. Quando resmungou muito, levanta-se, tendo a mão sempre na mesma posição de antes, a mesa se ergue da terra, o lama se dirige com toda a sua grandeza; ele leva a mão acima de sua cabeça, e a mesa sobe à mesma altura; o lama dá um passo adiante, o móvel segue no ar o seu exemplo; o lama recua, o móvel faz o mesmo; breve, a mesa toma diversas direções e acaba caindo por terra. Na direção principal que a mesa tomou, é que se encontra o lugar procurado. Crendo-se nos relatos dos habitantes, apresentam-se casos nos quais a mesa deixa escolher justo o lugar em que se esconde o objeto furtado.

Na experiência à qual o senhor Tscherepanoff assistiu, a mesa voou até uma distância de 15 toesas. O objeto furtado não foi encontrado imediatamente; mas na direção indicada pelo movei morava em camponês russo que distinguiu o sinal, e no mesmo dia se tirou a vida. Sua morte súbita despertou suspeitas; pesquisas foram feitas no seu domicílio, e encontrou-se o que se procurava. O viajante viu três outras experiências, mas nenhuma teve sucesso. A mesa não queria mais mexer-se; os lamas, de resto, não ficaram embaraçados para explicar essa imobilidade; se o móvel não se movimentava mais, era porque os objetos não podiam ser encontrados.

"O senhor Tscherepanoff foi testemunha desse fenômeno em 1831, na cidade de Jèlany: "Eu não acreditava, disse ele; estava persuadido de que haveria ali alguma escamoteação, e que o meu lama se servia de uma corda habilmente dissimulada, ou de um fio de ferro para erguer sua mesa no ar; mas, olhando de mais perto, não percebi nenhum traço de barbante nem de fio de ferro; a mesa era uma prancha de abeto bastante fina, não pesando senão uma libra e meia. Hoje, estou persuadido de que o fenômeno é produzido pelas mesmas causas daquela da *dança das mesas*."

"Assim, os chefes da seita dos *Espíritos*, que crêem haverem inventado a *table-moving*, não fizeram senão retomarem uma invenção há muito tempo conhecida entre outros povos. *Nihil sub sole novi*, dizia Salomão. Quem sabe se, no tempo de Salomão, ele mesmo, não conhecia o meio de fazer as mesas girarem!... Que digo eu? Esse procedimento era conhecido bem antes do digno filho de David. Lede o *North-China-Herald*, citado pela *Gazette d'Ausbourg*, do dia 11 de maio, e vereis que os habitantes do Celeste Império se divertiam com esse jogo desde tempos imemoriais."

Dissemos cem vezes que o Espiritismo, estando na Natureza, é uma das forças da Natureza, os fenômenos que dele decorrem deveram se produzir em todos os tempos e entre todos os povos, interpretados, comentados e vestidos segundo os costumes e o grau de instrução. Jamais pretendemos que isso fosse uma invenção moderna; quanto mais avançarmos, mais descobriremos os traços que ele deixou por toda parte, e em todas as idades. Os modernos não têm outro mérito do que tê-lo despojado do misticismo, do exagero e das idéias supersticiosas dos tempos da ignorância. É notável que a maioria daqueles que falam dele, tão levianamente, jamais se deram ao trabalho de estudá-lo. Julgam sobre uma primeira impressão na maioria do tempo sobre o ouvir-dizer, sem conhecimentos das causas, e ficam surpresos quando se lhes mostra no fundo disso um dos princípios que tocam aos mais sérios interesses da Humanidade. É que não se crê que se atue aqui somente no interesse do outro mundo; quem não se detenha na superfície, vê sem dificuldade que ele toca as questões vitais do mundo atual. Quem teria pensado outrora que de uma rã dançante num prato, ao contato de uma colher de prata sairia o meio de se comunicar dum lado do mundo ao outro, de dirigir o raio, de produzir uma luz rival do Sol? Paciência, senhores galhofeiros, e de uma mesa que dança poderá bem sair um gigante que colocará os galhofeiros em seu lugar. No passo em que andam as coisas, isto não começa mal.

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Segundo Ano – 1859

Novembro

- [Deve-se publicar tudo quanto dizem os Espíritos?](#)
- [Os médiuns sem o saber](#)
- [Urânia. Fragmentos de um poema Espírita do senhor de Porry](#)
- [Swedenborg](#)
- [A alma errante, por Maxime Ducamp](#)
- [O Espírito e o Jurado](#)
- [Advertências de além-túmulo. O oficial da Criméia](#)
- [Os Convulsionários de Saint-Médard](#)
- [Reclamação do senhor Mathieu a propósito da palavra *milagre*](#)
- [Aviso](#)

Deve-se publicar tudo quanto dizem os Espíritos?

Revista Espírita, novembro de 1859

Esta pergunta nos foi dirigida por um dos nossos correspondentes, e a respondemos com a pergunta seguinte: Seria bom publicar tudo quanto dizem e pensam os homens? Quem possua uma noção, por pouco profunda que seja, do Espiritismo, sabe que o mundo invisível é composto de todos aqueles que deixaram na Terra seu envoltório visível; mas, em se despojando dele, o homem carnal, nem todos, por isso, revestiram a túnica dos anjos. Portanto, os há de todos os graus de saber e de ignorância, de moralidade e de imoralidade; eis o que não é necessário perder de vista. Não esqueçamos que, entre os Espíritos, como na Terra, há seres levianos, estouvados e zombeteiros; pseudo-sábios, vãos e orgulhosos de um saber incompleto; hipócritas, maus; e o que nos pareceria inexplicável, se não conhecêssemos, de alguma sorte, a fisiologia desse mundo, é que há sensuais, vis, crápulas, que se arrastam na lama. Ao lado disso, sempre como na Terra, tendes seres bons, humanos, benevolentes, esclarecidos, sublimes de virtudes; mas como o nosso mundo não está nem na primeira, nem na última classe, embora esteja mais vizinho da última do que da primeira, disso resulta que o mundo dos Espíritos encerra seres mais avançados intelectual e moralmente do que os nossos homens mais esclarecidos, e outros que estão ainda abaixo dos homens mais inferiores. Desde que esses seres têm um meio patente de se comunicarem com os homens, de exprimirem seus pensamentos por sinais inteligíveis, suas comunicações devem ser o reflexo de seus sentimentos, de suas qualidades ou de seus vícios; elas serão levianas, triviais, grosseiras, obscenas mesmo, sábias, prudentes ou sublimes, segundo seu caráter e sua elevação. Eles mesmos se revelam pela sua linguagem; daí a necessidade de não aceitar cegamente tudo o que vem do mundo oculto, e de submetê-lo a um controle severo. Com as comunicações de certos Espíritos, poder-se-ia, como com os discursos de certos homens, fazer uma coletânea pouco edificante. Temos sob os olhos uma pequena obra inglesa, publicada na América, que disso é a prova, e da qual se pode dizer que a mãe não recomendaria a leitura à sua filha; é por isso que não a recomendamos aos nossos leitores. Há pessoas que acham isso engraçado, divertido; que se deliciem na intimidade com ela, seja, mas que a guardem para si. O que concebemos ainda menos, é vangloriar-se por obterem, elas mesmas, comunicações inconvenientes; é sempre um indício de simpatia do qual não há com que se envaidecer, sobretudo quando essas comunicações são *espontâneas e persistentes*, como ocorre com certas pessoas. Sem dúvida, isso nada prejulga quanto à sua moralidade *atual*, porque conhecemos as que se afligem com esse gênero de obsessão, à qual seu caráter, de nenhum modo, pode se prestar; entretanto, esse efeito deve ter uma causa, como todos os efeitos; não sendo encontrada na existência presente, é necessário procurá-la num estado anterior; se ela não está em nós, está fora de nós, mas nela somos sempre alguma coisa, não seria senão por fraqueza de caráter. Sendo a causa conhecida, depende de nós fazê-la cessar.

Ao lado dessas comunicações francamente más, e que chocam todo ouvido um pouco delicado, outras há que são simplesmente triviais ou ridículas; há inconveniente em publicá-las? Se são dadas pelo que valem, não há senão um meio mal; se são dadas como estudo do gênero, com as precauções oratórias, os comentários e os corretivos necessários, podem mesmo ser instrutivas, por fazerem conhecer o mundo Espírita sob todas as suas faces; com a prudência e a circunspeção, pode-se dizer tudo; mas o mal é dar como sérias coisas que chocam o bom senso, a razão e as conveniências; o perigo, nesse caso, é maior do que se

pensa. Primeiro, essas publicações têm por inconveniente induzirem ao erro as pessoas que não estão aptas para aprofundarem e discernirem o verdadeiro do falso, sobretudo numa questão tão nova quanto o Espiritismo; em segundo lugar, são armas fornecidas aos adversários, que não deixam de tirar delas argumentos contra a alta moralidade do ensinamento Espírita; porque, ainda uma vez, o mal está em apresentar seriamente coisas notoriamente absurdas. Alguns podem mesmo ver uma profanação no papel ridículo que se empresta a certos personagens justamente venerados, e aos quais se leva a uma linguagem indigna deles. Aqueles que estudaram a fundo a ciência Espírita sabem como manter-se a esse respeito; sabem que os Espíritos zombeteiros não deixam de se ornar com nomes respeitáveis; mas sabem também que esses Espíritos não enganam senão aqueles que querem deixar se enganar, e que não sabem, ou não *querem* frustrar suas astúcias pelos meios de controle que conhecemos. O público, que não sabe disso, não vê senão uma coisa: um absurdo seriamente oferecido à admiração, e dizem a si mesmos: Se todos os Espíritas são como isso, não lhes roubaram o epíteto com o qual são gratificados. Esse julgamento, sem nenhuma dúvida, é sem consideração; vós os acusais, com razão, de leviandade, e dizei-lhes: Estudai a coisa, e não vede senão um único lado da medalha; mas há muitas pessoas que julgam *a priori*, e sem dar-se ao trabalho de virar a folha, sobretudo quando não o fazem de boa vontade, que é necessário evitar o que pode dar-lhes muita contenda; porque, se à má vontade se junta a malevolência, ficam encantados por encontrarem do que falar mal.

Mais tarde, quando o Espiritismo estiver vulgarizado, mais conhecido, e compreendido pelas massas, essas publicações não terão mais influência do que não teria hoje uma livre compreensão das heresias científicas. Até lá, não se poderia nisso colocar mais de circunspeção, porque há os que podem prejudicar essencialmente à causa que querem defender, muito mais do que os ataques grosseiros e as injúrias de certos adversários: alguns fariam nesse objetivo o que não conseguiriam melhor. O erro de certos autores é o de escrever sobre um assunto antes de tê-lo aprofundado suficientemente, e, por aí, dar lugar a uma crítica fundada. Lamentam-se do julgamento temerário de seus antagonistas: não prestam atenção ao fato de que, eles mesmos, freqüentemente, mostram o ponto fraco. De resto, apesar de todas as precauções, seriam presunçosos por se crerem ao abrigo de toda crítica: primeiro, porque é impossível contentar todo o mundo; em segundo lugar, porque há pessoas que riem de tudo, mesmo das coisas mais sérias, uns por *estado*, os outros por caráter. Riem muito da religião; não é de se admirar que riem dos Espíritos, que não conhecem. Se ainda seus gracejos fossem espirituosos, haveria compensação; infelizmente, em geral, eles não brilham nem pela finura, nem pelo bom gosto; nem pela urbanidade e ainda menos pela lógica. Portanto, façamos pelo melhor, colocando, de nossa parte, a razão e as conveniências, aí também colocaremos os galhofeiros.

Essas considerações serão facilmente compreendidas por todo o mundo; mas há uma, não menos essencial, que se prende à própria natureza das comunicações Espíritas, e que não devemos omitir os Espíritos vão onde encontram simpatia e *onde sabem serem escutados*. As comunicações grosseiras e inconvenientes, ou simplesmente falsas, absurdas e ridículas, não podem emanar senão de Espíritos inferiores: o simples bom senso o indica. Esses Espíritos fazem o que fazem os homens que se vêem escutados com complacência se ligam àqueles que admiram suas tolices e, freqüentemente, deles se apoderam e os dominam ao ponto de fasciná-los e subjugá-los. A importância que se dá às suas comunicações, pela publicidade, os atrai, os anima e os encoraja. O único, o verdadeiro meio de afastá-los, é provar-lhes que não se é sua vítima, rejeitando implacavelmente, como apócrifo e suspeito, tudo o que não é racional, tudo o que desmente a superioridade que se atribui o Espírito que se manifesta, e o nome com o qual se veste: então, quando ele vê que perde o seu tempo, retira-se.

Creemos ter respondido suficientemente à pergunta do nosso correspondente sobre a conveniência e a oportunidade de certas publicações Espíritas. Publicar sem exame, ou sem

correção, tudo o que vem dessa fonte seria fazer prova, segundo nós, de pouco discernimento. Tal é pelo menos a nossa opinião pessoal, que deixamos à apreciação daqueles que, estando *desinteressados* na questão, podem julgar com imparcialidade, pondo de lado toda consideração individual. Temos, como todo o mundo, o direito de dizer o nosso modo de pensar sobre a ciência que é o objeto de nossos estudos, e de tratá-la à nossa maneira, sem pretender impor as nossas idéias, nem dá-las como leis. Os que partilham a nossa maneira de ver é porque crêem, como nós, estarem com a verdade; o futuro mostrará quem está em erro ou com razão.

Os médiuns sem o saber

Revista Espírita, novembro de 1859

Na sessão da Sociedade, de 16 de setembro de 1859, foram lidos diversos fragmentos de um poema do senhor Porry, de Marseille, intitulado *Uranie*. Assim como se fez observar, esse poema é rico em idéias Espíritas que parecem tomadas à própria fonte de *O Livro dos Espíritos* e, todavia, foi averiguado que, na época em que o autor o escreveu, ele não tinha nenhum conhecimento da Doutrina Espírita. Nossos leitores ficarão satisfeitos por dele dar-lhes algumas amostras. Lembrem-se, sem dúvida, do que foi dito a respeito da maneira pela qual o senhor Porry escreveu o seu poema, maneira que parece acusar nele uma espécie de mediunidade involuntária (Ver o número do mês de outubro de 1859, página 270). Está constatado, de resto, que os Espíritos que nos cercam, que exercem sobre nós, e com o nosso desconhecimento, uma influência incessante, aproveitam-se das disposições que encontram em certos indivíduos, para deles fazerem os instrumentos de idéias que querem exprimir e levar ao conhecimento dos homens; esses indivíduos são, pois, verdadeiros médiuns sem o saber, e não têm, para isso, necessidade de estarem dotados da mediunidade mecânica. Todos os homens de gênio, poetas, pintores, músicos, estão neste caso; seguramente seu próprio Espírito pode produzir por si mesmo, se está bastante avançado para isso, mas muitas das idéias podem também chegar-lhes de uma fonte estranha; e não parecem isso rogar, pedindo a inspiração? Ora, o que é a inspiração senão uma idéia sugerida? O que se tira do próprio íntimo não é inspirado: tem-se, e não há necessidade de recebê-lo. Se o homem de gênio tirasse tudo de si mesmo, por que lhe faltariam as idéias no momento em que as busca? Não seria senhor de haurir de seu cérebro, como aquele que tem dinheiro o tira de sua bolsa? Se, em um momento dado, não encontra nada, é porque nada tem. Por que, pois, no momento em que menos espera, as idéias jorram como por si mesmas? Os fisiologistas poderiam dar-nos conta desse fenômeno? Nunca procuraram resolvê-lo? Eles dizem: O cérebro produz hoje, não produzirá amanhã; mas por que não produzirá amanhã? Nisso se reduzem a dizer que é porque produziu na véspera. Segundo a Doutrina Espírita, o cérebro pode sempre produzir o que está nele, eis porque o homem mais inapto encontra sempre alguma coisa para dizer, ainda que seja uma tolice; mas as idéias que não dominamos não são as nossas; sempre nos são sugeridas; quando a inspiração não vem, é porque o inspirador não está aí, ou não julga oportuno comunicar-se. Parece-nos que esta explicação vale mais que a outra Poder-se-ia objetar que o cérebro não produzindo, não deveria fatigar-se. Aí haveria um erro; o cérebro não é menos, por isso, o canal por onde passam as idéias estranhas, o instrumento que o executa. O cantor não cansa os órgãos da voz, embora a música não seja dele? Por que, pois, o cérebro não se cansaria por exprimir idéias que está encarregado de transmitir, embora não as haja produzido? Sem dúvida, é para dar-lhe o repouso necessário à aquisição de novas forças que o inspirador lhe impõe em tempo de parada.

Pode-se, ainda, objetar que esse sistema tira do produtor o seu mérito pessoal, uma vez que atribui suas idéias a uma fonte estranha. A isso respondemos que se as coisas se passam assim, não sabemos o que fazer com elas, e que não vemos a grande necessidade de se ornar com plumas de pavão; mas esta objeção não é séria, porque dissemos, de início, que o homem de gênio não tira nada de seu próprio íntimo; em segundo lugar, que as idéias que lhe são sugeridas se confundem com as suas próprias, nada as distingue, e que assim, não é censurável por atribuí-las a si, a menos que, tendo-as recebido a título de comunicação Espírita confirmada, quisesse dar-se a glória, o que os Espíritos poderiam muito bem fazê-lo pagar com algumas decepções. Enfim, diremos que se os Espíritos sugerem a um homem

grandes idéias, dessas idéias que caracterizam o gênio, é porque o julgam capaz de compreendê-las, de elaborá-las, e de transmiti-las; não tomariam um imbecil por seu intérprete; pode-se, pois, honrar-se sempre por receber uma grande e bela missão, sobretudo se o *orgulho* não a desvia de seu fim louvável, e não o faz perder o mérito.

Que os pensamentos seguintes sejam os do Espírito pessoal do Sr. Porry, ou que lhe tenham sido sugeridos por via *mediúnica indireta*, isso não diminui o mérito do poeta; porque a idéia primeira lhe foi dada, a honra de tê-la elaborado não poderia ser contestada.

Urânia

Revista Espírita, novembro de 1859

Fragmentos de um poema Espírita do senhor de Porry

Abri-vos aos meus gritos, véus do santuário!
Que o mau trema e o bom se esclareça?
Uma luz divina me inunda, e meu seio agitado
Em abundância dardeja a verdade!
E vós, sérios pensadores, cujos trabalhos célebres
Prometem a luz e dão as trevas,
Que de sonhos mentirosos e de prestígios vãos
Embalais incessantemente as infelicidades humanas,
Concílio de sábios, que tanto de orgulho inflama.
Sereis confundidos pela voz de uma mulher?
Este Deus, que quereis do Universo banir,
Ou que pretendeis loucamente definir.
Do qual vossos sistemas querem sondar a essência,
Malgrado vós, se revela à vossa consciência;
E tal que, entregando-se a sutis debates;
Ousa o negar tão alto, o proclama tão baixo!
Tudo por sua vontade nasce e se renova:
É a base suprema; a vida eterna;
Tudo repousa nele: a matéria e o Espírito;
Que vos retire seu sopro... e o Universo perece;
O ateu disse um dia *"Deus não é senão uma quimera;
E, filha do acaso, a vida é efêmera,
O mundo, onde o homem fraco, em nascendo, foi jogado,
Está regido pelas leis da necessidade.
Quando o trespasse apaga os nossos sentidos e nossa alma,
O abismo do nada de novo nos reclama;
A Natureza, imutável em seu curso eterno,
Recolhe nossos restos no seio. maternal.
Usamos curtos instantes que seus favores nos dão;
Que nossas fronteiras radiosas de rosas se coroem;
Só o prazer é Deus; em nossos barulhentos festins,
Desafiamos a cólera dos móveis destinos!"*

Mas quando tua consciência, íntima vingadora,
Insensato! te censura uma culpável embriaguez,
O indigente repellido por um gesto desumano,
Ou o crime impune do qual sujias tua mão,
É do seio escuro da cega matéria
Que jorra em teu coração a importuna luz
Que repõe sempre seus grandes crimes sob teus olhos,
Te apavora e te torna, a ti mesmo, odioso?

Então, do soberano que tua audácia nega
 Sentes passar sobre ti a força infinita;
 E ele te acossa, te sitia, e, malgrado teus esforços,
 Se revela ao teu coração pelo grito do remorso!...
 Evitando os humanos, cansado de inquietação,
 Procuras das florestas a negra solidão;
 E crês, percorrendo seus selvagens desvios,
 Escapar a esse Deus que te persegue sempre!
 Sobre sua presa em farrapos o tigre feliz dormita
 O homem, coberto de sangue, nas trevas vela;
 Seu olhar está ofuscado por um horrível clarão;
 Seu corpo treme inundado de um frio suor;
 Um ruído surdo e sinistro em seu ouvido troveja;
 Espectros ameaçadores o escoltam o rodeiam;
 E sua voz que formula uma terrível confissão,
 Se exclama com terror Graça, graça, ó meu Deus!
 Sim, o remorso, carrasco de todo ser que pensa,
 Nos revela com Deus nossa imortal essência;
 E freqüentemente a virtude, de um nobre arrependimento
 transforma um vil culpado em glorioso mártir;
 Os brutos separam a humana criatura,
 O remorso é a chama onde nossa alma se depura;
 E pelo seu aguilhão o ser regenera,
 Na escala do bem avança um degrau.

Sim, a verdade brilha, e do soberbo ateu
 Por seus raios vingadores, a audácia é refutada.
 O panteísmo vem expor por sua vez
 De seu louco argumento o capcioso desvio:
*"Ó mortais fascinados por seu sonho risível,
 Onde o encontrareis, esse Grande Ser invisível?
 Ele está diante de vossos olhos, esse eterno Grande Todo;
 Tudo forma sua essência, nele tudo se resolve;
 Deus brilha no sol, enverdece na folhagem,
 Ruge no vulcão e troveja na tormenta,
 Floresce em nossos jardins, murmura nas águas.
 Suspira flacidamente pela voz dos pássaros,
 E colore os ares os tecidos diáfanos;
 É ele quem nos anima e quem move nossos órgãos;
 É ele quem pensa em nós; todos os seres diversos
 São ele mesmo; em uma palavra, esse Deus, é o Universo."*
 O quê! Deus se manifesta a si mesmo contrário!
 Ele é a ovelha e lobo, rola e víbora!
 Ele se torna alternativamente pedra, planta, animal;
 Sua natureza combina o bem e o mal,
 Percorre todos os graus do bruto ao arcanjo!
 Eterna antítese, ele é luz e lama!
 Ele é valente e frouxo, ele é pequeno e grande,
 Verídico e mentiroso, imortal e agonizante!...
 Ele é ao mesmo tempo opressor e vítima,
 Cultiva a virtude e se enrola no crime;
 Ele é, ao mesmo tempo, Lametrie e Platão.
 Sócrates e Melitus, Marco Aurélio e Nero;
 Servidor da glória e da ignomínia!

Ele mesmo, alternativamente, se afirma e se nega!
 Contra a sua própria essência ele afia o ferro,
 Evoca o nada; e por cúmulo do ultraje,
 Sua voz escarnece e amaldiçoa sua magnífica obra!...
 Oh não, mil vezes não, esse dogma monstruoso
 Jamais pôde germinar num coração virtuoso.
 Mergulhado em seus remorsos onde o crime se expia,
 O temerário autor da doutrina ímpia,
 No seiotlos prazeres, se sente apavorado
 Pela imagem de um Deus que não podia negar;
 E para disso se isentar, blasfêmia da blasfêmia!...
 Ele o uniu a este mundo, ele o uniu a si mesmo.
 O ateu pelo menos, comprimido com semelhante embaraço,
 Ousando negar seu Deus, não o degrada.

.....

Deus, que a raça humana procurou sem cessar,
 Deus, que quer ser adorado e não ser conhecido,
 É dos seres diversos o princípio e o fim:
 Mas, para subir até ele, qual é, "pois, o caminho
 Não é a Ciência, efêmera miragem
 Que fascina nossos olhos com sua brilhante imagem,
 E que, enganando sempre um poderoso desejo,
 Desaparece sob a mão que pensa agarrá-lo.
 Sábios, amontoais escombros sobre escombros
 E vossos sistemas vão passar como as sombras!
 Este Deus; que sem perecer nenhum ser pode ver,
 Cujas essências encerra um terrível poder,
 Mas que para seus filhos nutre um amor temo,
 A menos de igualá-lo, tu não podes compreendê-lo!
 Ah! Para se unir a ele, para reencontrá-lo um dia,
 A alma deve tomar emprestadas as asas do Amor.
 Lancemos ao vento o orgulho e as cinzas da dúvida;
 O próprio Deus aos crentes plainará o caminho:
 Seu amor infinito jamais se afastou,
 A alma que o procura com sinceridade,
 E que esmigalhando nos pés riqueza e gozo,
 Aspira confundir-se com a sua pura essência,
 Mas este Deus, que quer bem ao coração humilde e piedoso,
 Que bane de seu seio o déspota orgulhoso,
 Que se revela ao sábio, que se abandona ao prudente,
 Como um amante ciumento não sofre nenhuma partilha.
 E, para contentá-lo, é preciso aos prestígios mundanos
 Opor constantemente inflexíveis desdêns,
 Felizes, pois, seus filhos que, na solitude,
 Do bom, do verdadeiro, do belo, fazem seu único estudo!
 Feliz, portanto, o homem absorvido inteiramente
 No triplo clarão desse divino foco!
 No meio das tristezas, cujo cortejo sobeja
 No círculo limitado de nosso pobre mundo,
 Semelhante ao oásis que floresce no deserto,
 O tesouro da Fé para a sua alma está aberto;
 E Deus, sem mostrar-se, no seu coração se insinua,

E lhe verte uma alegria ao vulgo desconhecida.
Então, com seu destino o sábio está satisfeito;
Com uma calma inalterável guarda o benefício;
De um véu constelado quando a noite o cerca,
Na sua cama pacífica ele adormece, e saboreia,
Nos sonhos brilhantes com os quais se embriaga seu coração,
Um celeste antegoço da suprema felicidade.

Tua alma que na verdade a ardente sede altera,
Da Criação quer sondar o mistério?...
Como um pintor primeiro concebeu no seu cérebro
A obra-prima encantadora que produz seu pincel,
O Eterno tira tudo de sua própria natureza,
Mas não se confunde com a sua criatura
Que, da inteligência tendo recebido o fogo,
Está *livre de falir ou de subir até Deus*.
Obra de seu Pensamento, obra de sua palavra,
Cada criação de seu seio parte... e voa,
Num círculo traçado por inflexíveis leis,
Cumprir o destino do qual fez a escolha
Como o artista, Deus pensa antes de produzir.
Como ele, o que criou, poderia destruí-lo;
Ora, fonte inesgotável de seres indiferentes
E de globos semeados no imenso Universo,
Deus, a Força sem freio, de sua Vida eterna:
Às suas criações transmite uma centelha.
O livro ou o quadro pelo artista inventado,
Produto inerte, jaz na imobilidade,
Mas o Verbo jorra de sua Onipotência,
Dele se destaca e se move em sua própria existência,
Sem cessar ele se transforma e jamais perece;
Do inerte metal se elevando ao Espírito,
O Verbo criador na planta dormita,
Sonha no animal, e no homem desperta;
De grau em grau, descendo e subindo,
Da Criação o conjunto radioso,
Sobre as ondas do éter forma uma cadeia imensa
Que o arcanjo termina, que a pedra começa.
Obedecendo às leis que regem seu meio,
Cada elemento se aproxima ou se afasta de Deus;
Seja que ao bem se devote ou que ao mal ele sucumba.
Cada ser inteligente, por sua vontade, sobe ou cai.
Ora, se o homem, habitando a atmosfera do mal,
Se rebaixa pelo crime ao nível do animal,
Em anjo de homem puro se transforma, - e esse anjo
De grau em grau pode tornar-se arcanjo,
No seu trono brilhante esse arcanjo elevado,
Está livre para guardar sua personalidade.
Ou de se fundir no seio da Onipotência
Que se pode assimilar uma perfeita essência.

Assim, mais de um arcanjo, na celeste morada,
Com Deus está reunido por um excesso de amor;

Mas outros, invejando sua glória soberana,
Fascinados pelo orgulho, esse pai do ódio,
Quiseram do Mais Alto discutir os decretos;
E mergulharem na noite que esconde seus segredos:
Esse Deus, cujo olhar os teria colocado em pó,
Ensombra-lhes as lajes de seu ardente raio.
Depois, desfigurados, no Universo errante,
Seguidos pelos assaltos de remorsos devorantes,
Esses anjos que perdem sua audácia funesta,
Não ousam mais se mostrar no adro celeste;
Na vergonha, afiando seu agulhão amado,
Entregam seu coração rebelde às tormentas do inferno,
*Ao passo que o homem puro, cuja prova termina,
De triunfo em triunfo ao paraíso se eleva.*
Todos esses mundos diferentes no Universo semeados,
Que ferem teus olhares com suas flechas inflamadas,
Que rola do éter o vago universal,
Assim como os Espíritos, estão agrupados em escalas.
Globos variados esses luminosos feixes
São vastas moradas, celestes naves
Onde vagam no espaço, a enormes distâncias,
Espíritos graduados em imensas coortes.
Há mundos puros e mundos horríveis:
Sem entraves reinam nos globos felizes,
Três princípios divinos, honra, amor, justiça.
Da ordem social cimentam o edifício;
E, sem cessar, queridos de todos seus habitantes,
De sua felicidade são as provas constantes.

De outros globos, entregues a insolentes vertigens,
Anjos condenados seguiram os vestígios:
Esses mundos, artesãos de sua própria infelicidade,
À lei de Deus substituíram pela sua;
E, no seu solo, onde ribomba uma horrível tormenta,
De seus hóspedes impuros a multidão se lamenta.
Nosso globo noviço, em seus passos incertos,
Flutua até nossos dias entre esses dois destinos.
Ultrajando a moral, ultrajando a natureza,
Quando um globo do crime preencheu a medida;
Que seus hóspedes, mergulhados em seus prazeres barulhentos,
Fecharam seus ouvidos aos discursos dos videntes;
Que do verbo divino o mais ligeiro traço,
Nesse mundo enceguedido se dissipa e se apaga
Então do Onipotente a cólera desencadeia
Desce sobre o rebelde a perecer condenado:
Os arcanjos vingadores com suas asas poderosas
Batem a terra ímpia... e seus mares saltitantes,
Com imensa altura ultrapassam os seus níveis,
No seu solo limpo precipitam suas águas;
Vulcões subterrâneos a chama brilhante, ribombante,
Dispersa no éter os restos deste mundo;
E o Ser Soberano, cuja vingança luziu,
Rompe esse globo impuro que nele não mais crê!

Nossa Terra medíocre é uma estação de prova,
Onde o justo sofredor, de suas lágrimas se sacia,
Lágrimas que, por degraus purificam seu coração,
Preparam seu caminho para um mundo melhor.
E não é em vão quando o sono nos mergulha
Nos risonhos transportes da embriaguez de um sonho,
Que por um rápido impulso somos transportados
Num astro novo radiante de claridades;
Que nos cremos errar por vastos bosques
Sem cessar percorridos por um povo de sábios;
Que vemos esse globo iluminado por sóis
Irradiando alternadamente brancos, azuis e vermelhos,
Que, cruzando nos ares suas tintas combinadas,
Colorem esses belos campos com luzes variadas!...
Se teu coração neste mundo se mantém virtuoso,
Tu os atravessarás, esses globos luxuosos
Que a paz alegre, que habita a sabedoria,
Onde reina da felicidade a eterna liberalidade.
Sim, tua alma as vê, essas radiosas moradas
Que os favores do céu embelezam sempre,
Onde o Espírito, se depurando, sobe de grau em grau,
Quando o perverso segue um caminho retrógrado,
E do reino do mal percorrendo os elos,
Desce de círculo em círculo aos abismos infernais.

Espelho onde o Universo reflete a sua imagem,
Esses destinos diferentes nossa alma os pressagia.
A alma, essa viva força que domina os sentidos,
Aos seus menores desejos súbito obediente, -
Que, como um fogo cativo num vaso de argila,
Consome em seus transportes sua veste frágil; -
A alma, que do passado guarda a lembrança
E sabe ler por vezes no obscuro futuro,
Não tem do fogo vital a efêmera centelha
Tu mesmo tu o sentes, tua alma é imortal.
Nos campos do espaço e da eternidade,
Conservando sua permanência e sua identidade,

Não, a alma não morre, mas muda o seu domínio,
E de asilo em asilo sempre passeia Nossa alma,
se isolando do mundo exterior,
Por vezes pode conquistar um sentido superior;
E, no arrebatamento do sono magnético,
Se armar de um novo olho ou do dom profético:
Libertada um instante dos terrestres laços,
Sem obstáculo percorre os campos aéreos;
E, com um ágil pulo, no infinito lançada,
Vê através dos corpos e lê no pensamento.

Swedenborg

Revista Espírita, novembro de 1859

Swedenborg é um desses personagens mais conhecidos de nome do que de fato, ao menos para o vulgo; suas obras muito volumosas, e em geral muito abstratas, não são muito lidas senão pelos eruditos: também a maioria daqueles que dele falam ficaria muito embaraçada para dizer o que ele era. Para uns, foi um grande homem, objeto de uma profunda veneração, sem saber por quê: para os outros, foi um charlatão, um visionário, um taumaturgo. Como todo homem que professa idéias que não são as de todo o mundo, quando essas idéias, sobretudo, ferem certos preconceitos, ele teve, e tem ainda, seus contraditores, se estes últimos se limitaram a refutá-lo, estavam em seu direito; mas o espírito de partido nada respeita, e as mais nobres qualidades não têm graça diante dele: Swedenborg não poderia ser exceção. Sua doutrina, sem dúvida, deixa muito a desejar: ele mesmo, hoje, está longe de aprová-la em todos os pontos. Mas, por refutável que seja, não permanecerá menos como um dos homens mais eminentes de seu século. Os documentos seguintes foram tirados de interessante notícia comunicada pela senhora P.... à Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Emmanuel Swedenborg nasceu em Stockholm, em 1688, e morreu em Londres, em 1772, com a idade de 84 anos. Seu pai, Joeper Svedenborg, bispo de Skava, era notável por seu mérito e por seu saber; mas seu filho suplantou-o de muito; ele sobrepuja em todas as ciências, e sobretudo na teologia, na mecânica, na física e na metalurgia. Sua prudência, sua sabedoria, sua modéstia e sua simplicidade valeram-lhe a alta reputação da qual goza ainda hoje. Os reis o chamaram em seus conselhos. Em 1716, Charles XII nomeou-o assessor ao Colégio metálico de Stockholm; a rainha Ulrique tornou-o nobre, e ele ocupou os postos mais honrosos com distinção até 1743, época em que teve sua primeira revelação espírita. Tinha então a idade de 55 anos e demitiu-se, não querendo ocupar-se senão de seu apostolado e do estabelecimento da doutrina da Jerusalém nova. Eis como ele mesmo conta a sua primeira revelação:

"Eu estava em Londres, onde jantei muito tarde, em minha estalagem ordinária, onde reservara um quarto para ter a liberdade de nele meditar à vontade. Sentia-me pressionado pela fome e comi com bom apetite. No fim do repasto, percebi que uma espécie de nevoeiro se derramava sobre os meus olhos, e vi o soalho de meu quarto coberto de répteis horrendos, tais como serpentes, sapos, lagartas e outros; fui tomado, tanto mais que as trevas aumentavam, mas logo elas se dissiparam; então vi claramente um homem no meio de uma luz viva e radiante, sentado num canto do quarto; os répteis haviam desaparecido com as trevas. Eu estava só: julgai o pavor que se apoderou de mim, quando o ouvi pronunciar distintamente, mas com um tom de voz bem capaz de imprimir o terror "Não coma tanto!" A essas palavras, minha vista se obscureceu, mas se restabeleceu, pouco a pouco, e vi-me só no meu quarto. Ainda um pouco assustado com tudo o que vira, tomei com pressa à minha casa, sem dizer nada a ninguém do que me tinha acontecido. Ali, entreguei-me às minhas reflexões, e não concebi que isso fora o efeito do acaso ou de alguma causa física.

"Na noite seguinte, o mesmo homem, radiante de luz, se apresentou ainda diante de mim e me disse: "Eu sou Deus, o Senhor, criador e redentor: eu te escolhi para explicar aos homens o sentido interior e espiritual da Escritura Santa; eu te ditarei o que deves escrever."

"Dessa vez, não fiquei muito assustado, e a luz, embora viva e resplandecente, da qual estava cercado, não produziu nenhuma impressão dolorosa sobre os meus olhos; ele estava vestido de púrpura, e a visão durou um bom quarto de hora. Nessa mesma noite, os olhos do meu homem interior foram abertos e dispostos para verem no céu, no mundo dos Espíritos e nos infernos, e encontrei, por toda parte, várias pessoas de meu conhecimento, algumas mortas há muito tempo, outras há pouco. Desde esse dia, renunciei a todas as ocupações mundanas para não trabalhar senão nas coisas espirituais, para me conformar à ordem que para isso recebera. Frequentemente, ocorreu-me, na continuação, ver os olhos do meu Espírito abertos, e de ver em pleno dia o que se passava no outro mundo, de falar aos Anjos e aos Espíritos como falo aos homens."

Um dos pontos fundamentais da doutrina de Swedenborg repousa sobre o que ele chama as correspondências. Segundo ele, o mundo espiritual e o mundo natural estão ligados entre si, como o interior e o exterior, e disso resulta .que as coisas espirituais e as coisas naturais fazem uma só, por influxo, e que há, entre elas, correspondência. Eis o princípio; mas o que se deve entender por essa correspondência e esse influxo, é o difícil de compreender.

A Terra, diz Swedenborg, corresponde ao homem. Os diversos produtos que servem para alimentar os homens, correspondem a diversos gêneros de bens e de verdades, a saber os alimentos sólidos a gênero de bens e os alimentos líquidos a gênero de verdades. A razão corresponde à vontade e ao entendimento, que constituem o mental humano. Os alimentos correspondem às verdades e às falsidades, segundo a substância, a cor e a forma que apresentam. Os animais correspondem às afeições; aqueles que são úteis e dóceis, às afeições boas; e aqueles que são nocivos e maus, às afeições más; os pássaros dóceis e belos às verdades intelectuais; os que são maus e feios, às falsidades; os peixes, às ciências que tiram sua origem das coisas sensuais; e os insetos nocivos, às falsidades que prevêm dos sentidos. As árvores e os arbustos correspondem a diversos gêneros de conhecimentos; as ervas e a grama, a diversas verdades científicas. O ouro corresponde ao bem celeste; a prata, à verdade espiritual; o bronze, ao bem natural, etc., etc. Assim, desde os primeiros degraus da criação até o sol celeste e espiritual, tudo se liga, tudo se encadeia por influxo que a correspondência produz.

O segundo ponto de sua doutrina é este: Não há senão um Deus, e uma só pessoa, que é Jesus Cristo.

O homem, criado livre, segundo Swedenborg, abusou de sua liberdade e de sua razão. Ele caiu; mas sua queda fora prevista por Deus; ela deveria seguir-se por sua reabilitação; porque Deus, que é o próprio amor, não poderia deixá-lo no estado no qual sua queda mergulhou-o. Ora, como operar essa reabilitação? Recolocá-lo no estado primitivo seria tirá-lo o livre arbítrio, e por aí aniquilá-lo. Foi se conformando com as leis de sua ordem eterna, que ele procedeu à reabilitação do gênero humano. Veio em seguida uma teoria muito difusa dos três sóis libertados por Jeová, para se aproximar de nós e provar que ele é o *próprio homem*.

Swedenborg divide o mundo dos Espíritos em três lugares diferentes: céus, intermediários e infernos, sem todavia assinalar-lhes os lugares. "Depois da morte, diz ele, entra-se no mundo dos Espíritos; os santos se dirigem voluntariamente a um dos três céus, e os pecadores a um dos três infernos, de onde não sairão jamais." Essa doutrina desesperante anula a misericórdia de Deus; porque recusa-lhe o poder de perdoar aos pecadores surpreendidos por uma morte violenta ou acidental.

Fazendo justiça ao mérito pessoal de Swedenborg, como sábio e como homem de bem, não podemos nos constituir os defensores de doutrinas que o mais vulgar bom senso condena. O que dela ressalta mais claramente, segundo o que conhecemos agora dos fenômenos Espíritos, é a existência de um mundo invisível e a possibilidade de se comunicar com ele. Swedenborg gozou de uma faculdade que pareceu sobrenatural no seu tempo; por isso, admiradores fanáticos consideraram-no como um ser excepcional; em tempos mais recuados, ter-lhe-iam levantado altares; aqueles que nele não creram, tratam-no uns de cérebro exaltado, os outros de charlatão. Para nós era um médium vidente e um escrevente intuitivo, como os há aos milhares; faculdade que entra na condição dos fenômenos naturais.

Ele cometeu um erro, muito perdoável, tendo em vista sua inexperiência com as coisas do mundo oculto, que foi aceitar muito cegamente tudo o que lhe era ditado, sem o submeter ao controle severo da razão. Se tivesse pesado maduramente o pró e o contra, teria reconhecido princípios inconciliáveis com uma lógica ainda pouco rigorosa. Hoje, provavelmente, não cairia na mesma falta; porque teria os meios para julgar e apreciar o valor das comunicações de além-túmulo; saberia que é um campo onde nem todas as ervas são boas para colher, e que entre umas e outras o bom senso, que não nos foi dado por nada, deve saber escolher. A qualidade que se atribuiu o Espírito que se lhe manifestou, bastaria para colocá-lo em guarda, sobretudo considerando a trivialidade de seu início. O que ele mesmo não fez, cabe a nós fazê-lo agora, não tomando em seus escritos senão o que é racional; seus próprios erros devem ser um ensinamento para os médiuns muito crédulos, que certos Espíritos procuram fascinar lisonjeando a sua vaidade, ou seus preconceitos, por uma linguagem pomposa ou de enganosas aparências.

A anedota seguinte prova o pouco de boa-fé dos adversários de Swedenborg, que procuravam todas as ocasiões para denegri-lo. A rainha Louise-Ulrique, conhecendo as faculdades das quais estava dotado, encarregara-o um dia de saber do Espírito de seu irmão, o príncipe da Prússia, por que, algum tempo antes de sua morte, não lhe respondera a uma carta que lhe enviou, pedindo conselhos. Swedenborg, ao cabo de vinte e quatro horas, narrou à rainha, em audiência secreta, a resposta do príncipe, concebida de tal modo que a rainha, plenamente persuadida de que ninguém, exceto ela e seu irmão defunto, conhecia o conteúdo dessa carta, foi tomada da mais profunda estupefação, e reconheceu o poder miraculoso do grande homem. Eis a explicação que um de seus antagonistas deu a esse fato, o cavaleiro Beylon, leitor da rainha.

"Considera-se a rainha um dos principais autores da tentativa de revolução que ocorreu na Suécia, em 1756, e que custou a vida ao conde Barhé e ao marechal Hom. Pouco faltou para que o partido do chapéu, que triunfou então, a tornasse responsável pelo sangue derramado. Nessa situação crítica, ela escreveu ao príncipe da Prússia, para pedir-lhe conselho e assistência. A rainha não recebeu resposta, e como o príncipe morreu logo depois, ela jamais soube a causa do seu silêncio; foi por isso que encarregou Swedenborg para interrogar o Espírito do príncipe a esse respeito. Justamente, na chegada da mensagem da rainha, os senadores, conde T... e H..., estavam presentes. Este último, que havia interceptado a carta, sabia tão bem quanto seu cúmplice, o príncipe T..., porque essa missiva tinha ficado sem resposta, e ambos resolveram se aproveitar dessa circunstância para fazerem chegar à rainha seus avisos sobre muitas coisas. Eles foram, portanto, de noite, encontrar o visionário e lhe ditaram a resposta. Swedenborg, à falta de inspiração, agarrando esta com zelo, correu, no dia seguinte, à casa da rainha, e ali, no silêncio de seu gabinete, disse-lhe: que o Espírito do príncipe lhe aparecera e lhe encarregara de anunciar-lhe seu descontentamento, e lhe assegurar que se não havia respondido à sua carta, foi porque desaprovou sua conduta, que sua política imprudente e sua ambição foram causas do sangue derramado, e que ela era culpada diante de Deus, e que teria que expiar. Ele a convidava a não mais se misturar nos negócios do Estado, etc., etc. A rainha, convencida por essa revelação, acreditou em

Swedenborg e abraçou sua defesa com ardor.

Essa historieta deu lugar a uma polêmica, sustentada entre os discípulos de Swedenborg e seus detratores. Um eclesiástico sueco, chamado Malthésius, que se tornou louco, publicara que Swedenborg, do qual era abertamente o inimigo, se retratara antes de morrer. Tendo o boato se espalhado na Holanda, pelo outono de 1785, Robert Hindmarck fez uma enquete a esse respeito, e demonstrou toda a falsidade da calúnia inventada por Malthésius.

A história da vida de Swedenborg prova que a visão espiritual, da qual estava dotado, em nada prejudicou, nele, o exercício de suas faculdades naturais. Seu elogio, pronunciado depois de sua morte, diante da Academia de Ciências de Stockholm, pelo acadêmico Landel, mostra o quanto foi vasta a sua erudição, e se vê, pelos discursos pronunciados à dieta de 1761, a parte que ele tomava na direção dos negócios públicos no país.

A doutrina de Swedenborg fez numerosos prosélitos em Londres, na Holanda, e mesmo em Paris, onde deu nascimento à Sociedade da qual falamos em nosso número do mês de outubro, a dos Martinistas, dos Teósofos, etc. Se ela não foi aceita por todos, em todas as suas conseqüências, teve sempre por resultado própagar a crença na possibilidade de se comunicar com os seres de além-túmulo, crença muito antiga, como se sabe, mas até esse dia escondida do público pelas práticas misteriosas da qual estava cercada. O mérito incontestável de Swedenborg, seu profundo saber, sua alta reputação de sabedoria, foram de um grande peso na propagação dessas idéias, que hoje se popularizam mais e mais, por isso mesmo crescem abertamente, e que longe de procurarem a sombra do mistério, elas apelam à razão. Apesar de seus erros de sistema, Swedenborg não é menos uma dessas grandes figuras, cuja lembrança ficará ligada à história do Espiritismo, do qual foi um dos primeiros e dos zelosos promotores.

(Sociedade, 23 de setembro de 1859).

Comunicação de Swedenborg na sessão de 16 de setembro.

Meus bons amigos e crentes fiéis, desejei vir para vos encorajar no caminho que seguis com tanta coragem, relativamente à questão Espírita. Vosso zelo é apreciado do nosso mundo dos Espíritos: prossegui mas não vos dissimuleis que obstáculos vos entravarão ainda algum tempo; os detratores não vos faltarão, mais do que não me faltaram. Eu preguei o Espiritismo há um século, e tive inimigos de todos os gêneros; tive também adeptos fervorosos; isso sustentou a minha coragem. Minha moral Espírita, e minha doutrina, não deixam de ter grandes erros, que hoje reconheço. Assim, as penas não são eternas; eu o vejo: Deus é muito justo e muito bom para punir eternamente a criatura que não tem bastante força para resistir às suas paixões. É o que digo igualmente do mundo dos Anjos, que se prega nos templos, não era senão uma ilusão de meus sentidos: eu acreditei vê-lo; estava de boa-fé e o disse; mas eu me enganei. Vós estais, vós, num melhor caminho, porque estais mais esclarecidos do que se estava em minha época. Continuai, mas sede prudentes para que os vossos inimigos não tenham armas muito fortes. Vedes o terreno que ganhais cada dia, coragem, pois! porque o futuro vos está assegurado. O que vos dá a força, é que falais em nome da razão. Tendes perguntas a me dirigir? Eu vos responderei.

SWEDENBORG.

1. Foi em Londres, em 1745, que tivestes a primeira revelação; vós a desejastes? Já vos ocupáveis de questões teológicas? - R. Delas me ocupava; mas nunca desejei essa revelação:

ela veio espontaneamente.

2. Qual era esse Espírito que vos apareceu, e que vos disse ser Deus, ele mesmo? Era realmente Deus? - R. Não; eu acreditei naquilo que me disse, porque vi nele um ser sobre-humano, e com isso estava lisonjeado.

3. Por que tomou o nome de Deus? - R. Para ser melhor obedecido.

4. Pode Deus se manifestar diretamente aos homens? - R. Certamente, ele poderia, mas não o faz mais.

5. Portanto, ele o fez num tempo? - R. Sim, nas primeiras idades da Terra.

6. Esse Espírito, fazendo escrever coisas que reconheceis hoje como errôneas, fê-lo numa boa ou em má intenção? - R. Não foi com má intenção: ele mesmo se enganou, porque não estava bastante esclarecido; vejo também que as ilusões do meu Espírito o influenciavam apesar dele. Entretanto, no meio de alguns erros de sistema, é fácil reconhecer grandes verdades.

7. O princípio da vossa doutrina repousa sobre as correspondências. Credes sempre nessas relações que encontráveis entre cada coisa material e cada coisa do mundo moral? - R. Não é uma ficção.

8. O que entendíeis por estas palavras: *Deus é o próprio homem*? - R. Deus não é o homem, mas o homem que é uma imagem de Deus.

9. Quereis, eu vos peço, desenvolver o vosso pensamento? - R. Eu disse que o homem é a imagem de Deus, naquilo que a inteligência, o gênio que ele recebe, algumas vezes, do céu é uma emanção da Onipotência Divina: ele representa Deus na Terra pelo poder que exerce sobre toda a Natureza, e pelas grandes virtudes que está em seu poder adquirir.

10. Devemos considerar o homem como uma parte de Deus? - R. Não, o homem não é uma parte da Divindade: não é senão sua imagem.

11. Poderíeis nos dizer de qual maneira recebíeis as comunicações da parte dos Espíritos, e se escrevestes o que vos foi revelado à maneira de nossos médiuns ou por inspiração? - R. Quando eu estava no silêncio e no recolhimento, meu Espírito estava como arrebatado, em êxtase, e via claramente uma imagem diante de mim que me falava e me ditava o que deveria escrever; minha imaginação, algumas vezes, também nisso se misturou.

12. Que devemos pensar do fato narrado pelo cavaleiro Beylon, a respeito da revelação que fizestes à rainha Louise-Ulrique? - R. Essa revelação é verdadeira. Beylon a desnaturou.

13. Qual é a vossa opinião sobre a Doutrina Espírita, tal como ela é hoje? - R. Eu vos disse que estais num caminho mais seguro do que o meu, tendo em vista que vossas luzes, em geral, são mais desenvolvidas, eu, tinha que lutar contra mais ignorância e, sobretudo, contra a superstição.

A alma errante, por Maxime Ducamp

Revista Espírita, novembro de 1859

Num volume intitulado: as *Seis Novelas* (1), por Maxime Ducamp, se encontra uma tocante história que recomendamos aos nossos leitores. É uma alma errante que conta suas próprias aventuras.

Não temos a honra de conhecer o senhor Maxime Ducamp, que jamais vimos; não sabemos, conseqüentemente, se ele tomou suas informações de sua própria imaginação, ou nos estudos Espíritas; mas, qualquer que seja, não poderia ser mais felizmente inspirado. Pode-se julgá-lo pelos fragmentos abaixo. Não falaremos do quadro fantástico no qual a novela se encaixa; é um acessório sem importância e de pura forma.

"Eu sou uma alma errante, uma alma em pena; vogo através dos espaços esperando um corpo; vou sobre as asas do vento, no azul do céu, no canto dos pássaros, nas pálidas claridades da lua; eu sou uma alma errante....."

"Desde o instante em que Deus nos separou dele, vivemos na Terra muitas vezes, subindo de geração em geração, abandonado sem pesar os corpos que nos foram confiados, e continuando a obra do nosso próprio aperfeiçoamento, através de existências que suportamos.

"Quando deixamos este hóspede incômodo que nos serve tão mal; quando ele vai fecundar e renovar a terra da qual saiu; quando, em liberdade, abrimos enfim nossas asas, então, Deus nos dá a conhecer os nossos objetivos. Vemos as nossas existências precedentes, julgamos do progresso que fizemos desde os séculos, compreendemos as punições e as recompensas que nos chegaram para as alegrias e as dores de nossa vida, vemos nossa inteligência crescer de nascimento em nascimento, e aspiramos ao estado supremo pelo qual deixaremos essa pátria inferior para ganharmos os planetas radiantes, onde as paixões são mais elevadas, o amor menos ambicioso, a felicidade mais tenaz, os órgãos mais desenvolvidos, os sentidos mais numerosos, e cuja morada está reservada aos mundos que, por suas virtudes, se aproximaram mais que nós da beatitude.

"Quando Deus nos reenvia em corpos que devem viver por nós sua miserável vida, perdemos toda a consciência do que precedeu esses novos nascimentos; o *eu*, que estava desperto, volta a dormir; não persiste mais, e de nossas existências passadas, não resta senão uma vaga reminiscência que causa em nós as simpatias, as antipatias, e também, algumas vezes, as idéias inatas.

"Não falarei de todas as criaturas que viveram de meu sopro; mas a minha última vida suportou uma infelicidade tão grande, que dela só direi a história."

Seria difícil melhor definir o princípio e o fim da reencarnação, a progressão dos seres, a pluralidade dos mundos, o futuro que nos espera. Eis, agora, em duas palavras, a história dessa alma: Um homem jovem amava uma jovem pessoa e era por ela amado, mas

obstáculos se opunham à sua união. Ele pede a Deus permitir à sua alma libertar-se do corpo, durante o sono, a fim de que possa ir ver sua bem amada. Esse favor lhe é concedido. Todas as noites, portanto, sua alma voa e deixa seu corpo num estado completo de inércia, de onde não sai senão quando a alma volta a possuí-lo. Durante esse tempo, vai visitar aquela que ama; ele a vê sem que ela disso suspeite; ele quer falar-lhe, mas ela não o ouve; ele espia seus menores movimentos, surpreende seu pensamento; está feliz com suas alegrias, triste com as suas dores. Nada mais gracioso e mais delicado que o quadro da jovem e a alma invisível. Mas, ó fraqueza do ser encarnado! Um dia, ou para dizer melhor, uma noite, ele se esquece; três dias se passam sem que ele sonhe em seu corpo, que não pode viver sem a sua alma, de repente pensa em sua mãe que o espera, e que deve estar inquieta por um sono tão longo. Ele se precipita, pois; mas era muito tarde; seu corpo deixara de viver. Ele assiste aos seus funerais, depois consola sua mãe. Sua noiva, em desespero, não quer ouvir falar de nenhuma outra união; todavia, vencida pelas solicitações de sua própria mãe, ela cede depois de uma longa resistência. A alma errante lhe perdoa uma infidelidade que não estava no seu pensamento; mas para receber suas carícias e não mais deixá-la, ele pede para encarnar na criança que deve nascer.

Se o autor não está convencido das idéias Espíritas, é necessário convir que desempenha bem o seu papel.

(1) A La Librairie Nouvelle, bulevar dos Italianos

O Espírito e o Jurado

Revista Espírita, novembro de 1859

Um dos nossos correspondentes, homem de grande saber e provido de títulos científicos *oficiais*, o que não o impede de ter a fraqueza de crer que temos uma alma, que essa alma sobrevive ao corpo, que depois da morte ela erra no espaço, e pode ainda se comunicar com os vivos, tanto melhor que ele mesmo é um bom médium, e tem numerosas conversas com os seres de além-túmulo, nos endereçou a seguinte carta "Senhor,

"Fui jurado há algum tempo; a Corte criminal havia julgado um homem jovem, apenas saído da adolescência, acusado de uma morte cumprida na pessoa de uma mulher idosa, com horríveis circunstâncias. O acusado confessara e contara os detalhes do crime com uma impassividade e um cinismo que faziam a assembléia tremer.

"Entretanto, era fácil de prever que, tendo em vista sua idade, sua falta absoluta de educação, e os estímulos que recebera em sua família, solicitariam para ele circunstâncias atenuantes, tanto mais que rejeitava a cólera que o fizera agir numa provocação por injúrias.

"Eu quis consultar a vítima sobre o grau de sua culpabilidade. Apelei, durante a sessão, por uma evocação mental; ela deu-me a conhecer que estava presente, e lhe entreguei a minha mão. Eis a conversa que tivemos, eu mentalmente, ela por escrito:

"P. Que pensais de vosso assassino? - R. Não serei eu quem o acusará.

"P. Por que? - R. Porque ele foi impelido ao crime por um homem que me fez a corte, há cinqüenta anos, e que nada tendo obtido de mim jurou que disso se vingaria. Ele conservou, na morte, seu desejo de vingança; aproveitou-se das disposições do acusado para lhe inspirar o desejo de me matar.

"P. Como o sabeis? - R. Porque ele mesmo me disse, quando cheguei ao mundo que hoje habito.

"P. Concebo a vossa reserva, diante desse impulso que o vos- • só assassino não repeliu como o devia e como o podia; mas não pensais que a inspiração criminosa, à qual tão voluntariamente obedeceu, não teria sobre ele a mesma força, se não tivesse nutrido e entretido, há longo tempo, sentimentos de inveja, de ódio e de vingança contra vós e vossa família? - R. Seguramente; sem isso teria sido mais culpado por resistir por isso eu disse que aquele que quis se vingar aproveitou as disposições desse jovem; pensai bem que ele não teria se dirigido a alguém que tivesse vontade de resistir.

"P. Ele goza por sua vingança? - Não, porque vê que lhe custará caro, e que, por outro lado, em lugar de me fazer mal, prestou-me serviço em me fazendo reentrar mais cedo no mundo dos Espíritos, onde sou mais feliz, foi, pois, uma ação má sem proveito para ele.

"Circunstâncias atenuantes foram admitidas pelo júri, pelos motivos que indiquei mais acima, e a pena de morte foi afastada.

"Sobre o que acabo de contar, há que fazer-se uma observação moral da mais alta importância. É necessário disso concluir, com efeito, que o homem deve vigiar, até nos seus menores pensamentos, até os seus maus sentimentos, em aparência os mais fugidios, porque têm a propriedade de atraírem contra ele os Espíritos maus e corrompidos, e de o oferecer, fraco e desarmado, às suas culpáveis inspirações: é uma porta que abre ao mal, sem compreender-lhe o perigo. Foi, pois, com um profundo conhecimento do homem e do mundo espiritual que J.C. cometeu adultério em seu coração." (São Mateus, cap. V, v. 28.)

'Tenho a honra, etc.

"Simon M..."

Advertências de além-túmulo. O oficial da Criméia

Revista Espírita, novembro de 1859

O Independência belga, que não nos acusará de um excesso de benevolência a respeito das crenças Espíritas, narrou o fato seguinte, que vários outros jornais repetiram, e que reproduzimos, por nossa vez, com todas as reservas, não tendo ocasião para constatar-lhe a realidade.

"Seja porque nossa imaginação inventa e habita um mundo de almas ao lado e acima de nós, seja porque o mundo no qual estamos, vivemos e nos movemos, existe realmente, é fora de dúvida, para mim pelo menos, que inexplicáveis acidentes se produzem, os quais provocam a ciência e desafiam a razão.

"Na guerra da Criméia, durante uma dessas noites tristes e lentas, que se prestam maravilhosamente à melancolia, ao pesadelo, a todas as nostalgias do céu e da Terra, um jovem oficial, de repente, se levantou, saiu de sua tenda, foi procurar um dos seus camaradas e lhe disse:

- Acabo de receber a visita de minha prima, da senhorita T...

- Tu sonhas.

- Não. Ela entrou, pálida, sorridente e roçando apenas o solo muito duro, muito grosseiro para seus pés delicados. Olhou-me, depois que sua voz doce bruscamente me despertou, e ela me disse: "Tu tardas muito! Preste atenção! Algumas vezes se morre da guerra sem ir à guerra!" Quis falar-lhe, erguer-me, correr para ela; ela recuou! E colocando um dedo sobre os lábios: "Silêncio, disse-me, tenha coragem e paciência, nós nos reveremos." Ah! meu amigo, ela estava muito pálida, e estou certo de que está doente, que me chama.

- Tu dormes todo desperto, és louco, replicou o amigo.

- É possível, mas, então, o que é esse movimento do meu coração que a evoca e que me faz vê-la?

"Os dois jovens conversaram, e, pela madrugada, o amigo reconduziu à sua tenda o oficial visionário, quando este estremeceu de repente.

- Ei-la, meu amigo; ei-la, disse, ela está diante de minha tenda.. Ela me faz sinal de que me falta fé e confiança.

"O amigo, evidentemente, não via nada. Fez o melhor para consolar seu camarada. O dia apareceu, e com o dia as ocupações bastante sérias para que não fosse mais questão os fantasmas da noite. Mas, por uma precaução muito razoável, no dia seguinte, uma carta partiu para a Franca, pedindo, instantaneamente, novidades da senhorita T... Alguns dias

depois, respondia-se que a senhorita T... estava bastante e seriamente doente, e que se o jovem oficial pudesse obter uma licença, pensava-se que a sua visão teria o melhor efeito.

"Pedir uma licença no momento das mais rudes fadigas, talvez à véspera de um ataque decisivo, e fazer valer medos sentimentais, não era preciso sonhar muito com isso. Todavia, creio lembrar-me que a licença foi pedida e obtida, e que o jovem oficial ia partir para a França, quando teve ainda uma visão. Aquela era assustadora. A senhorita de T... veio, pálida e muda, insinuar-se uma noite em sua tenda e lhe mostrou o longo vestido branco que trajava. O jovem oficial não duvidou, um só instante, que sua noiva não estivesse morta; ele estendeu a mão, tomou uma de suas pistolas e fez saltar os miolos.

"Com efeito, na mesma noite, à mesma hora, a senhorita de T...

dera o último suspiro.

"Essa visão era o resultado do magnetismo? Disso nada sei. Era da loucura? Eu o quero muito. Mas era alguma coisa que escapa aos gracejos dos ignorantes, e aos escárnios, mais malsãos ainda, dos sábios.

"Quanto à autenticidade desse fato, eu a garanto. Interrogai os oficiais que passaram esse longo inverno na Criméia, e não serão poucos os que vos contarão fenômenos de pressentimento, de visão, de miragem da pátria e de parentes, análogos ao que acabo de dizer-vos.

"Que é necessário disso concluir? Nada. Não ser que termine minha correspondência de um modo lúgubre, e que saiba talvez o meio de dormir sem saber magnetizar.

"THÉCEL."

Assim como dissemos no começo, não pudemos constatar a autenticidade do fato; mas o que podemos garantir é a sua possibilidade. Os exemplos averiguados, antigos e recentes, de advertências de além-túmulo, são tão numerosos, que este nada tem de mais extraordinário que aqueles dos quais muitas pessoas, dignas de fé, foram testemunhas. Puderam parecer sobrenaturais em outros tempos; mas hoje que sua causa é conhecida, e psicologicamente explicada, graças à teoria Espírita, nada têm que escape às leis da Natureza. Não lhe acrescentaremos senão uma só nota, é que, se esse oficial conhecesse o Espiritismo, saberia que o meio de reencontrar sua noiva não era o de se mata, porque essa ação pode dela distanciá-lo por um tempo bem mais longo do que aquele que tivesse passado na Terra. O Espiritismo ter-lhe-ia dito, por outro lado, que uma morte gloriosa, no campo de batalha, ser-lhe-ia mais proveitosa do que a que se deu voluntariamente, por um ato de fraqueza.

Eis um outro fato de advertência de além-túmulo, reportado pela *Gazette d'Arad* (Hungria), do mês de novembro de 1858.

"Dois irmãos israelitas, de Gyek (Hungria), foram a Grosswardien, conduzirem, num pensionato, suas duas filhas com a idade de 14 anos. Durante a noite que seguiu à sua partida, uma outra filha de um deles, com a idade de 10 anos, e que ficara na casa, despertou em sobressalto, e contou, chorando, à sua mãe, que viu em sonho seu pai e seu tio, cercados de vários camponeses, que queriam fazer-lhes mal.

"De início, sua mãe não teve em nenhuma conta as suas palavras; mas vendo que não conseguiu acalmar a sua criança, levou-a à casa do chefe do lugar; esta contou-lhe de novo seu sonho, acrescentando que havia reconhecido dois de seus vizinhos entre os camponeses, e que o acontecimento se passara na orla de uma floresta.

"O chefe do lugar enviou imediatamente ao domicílio dos dois camponeses que, com efeito, estavam ausentes; depois, a fim de se assegurar da verdade, expediu na direção indicada outros emissários, que encontraram cinco cadáveres nos confins de um bosque. Eram os dois pais, com as duas filhas e o cocheiro que os conduzira; os cadáveres foram lançados num braseiro para torná-los irreconhecíveis. Logo a polícia começou as investigações; ela deteve os dois camponeses designados no momento em que procuravam trocar várias cédulas sujas de sangue. Uma vez na prisão, confessaram seu crime, dizendo que reconheciam o dedo de Deus na pronta descoberta do crime.

Os Convulsionários de Saint-Médard

Revista Espírita, novembro de 1859

(Sociedade, 15 de julho de 1859.)

Notícia. François Paris, famoso diácono de Paris, morto em 1727, com a idade de 37 anos, era filho mais velho de um conselheiro do parlamento; deveria, naturalmente, suceder ao seu cargo, mas queria muito abraçar o estado eclesiástico. Depois da morte de seu pai, abandonou os bens para o seu irmão. Durante algum tempo, fez catecismo na paróquia de Saint-Côme, se encarregou da conduta dos clérigos e lhes fez conferências. O cardeal de Noailles, a cuja causa estava ligado, quis nomeá-lo cura dessa paróquia, mas um obstáculo imprevisto a isso se opôs. O abade Paris se consagrou então ao retiro. Depois de haver tentado várias solidões, confinou-se numa casa do bairro Saint-Marcel; ali se entregou, sem reservas, à prece, às práticas mais rigorosa da penitência, e ao trabalho manual: fazia meias por ofício para os pobres, que considerava seus irmãos; morreu nesse asilo. O abade Paris aderira ao apelo da bula Unigenitus, interposta pelos quatro bispos; renovara seu apelo em 1720. Assim, deveu ser pintado diversamente pelos partidos opostos. Antes de fazer meias, havia produzido livros bastante medíocres. Tem-se dele explicações sobre a epístola de São Paulo aos Romanos, sobre a dos Gaiatas, uma análise sobre a epístola aos Hebreus, que poucas pessoas lêem. Seu irmão, mandando erigir-lhe um túmulo no pequeno cemitério de Saint-Médard, os pobres que o piedoso diácono havia socorrido, alguns ricos que edificara, várias mulheres que havia instruído, ali iam fazer suas preces; houve curas que pareceram maravilhosas, convulsões que foram consideradas perigosas e ridículas. A corte foi, enfim, obrigada a fazer cessar esse espetáculo, ordenando o fechamento do cemitério, em 27 de janeiro de 1752. Então os mesmos entusiastas foram fazer suas convulsões nas casas particulares. O túmulo do diácono Paris foi, no espírito de muita gente, o túmulo do jansenismo; mas algumas outras pessoas aí acreditaram ver o dedo de Deus, e não foram senão mais ligadas a um partido que produzia tais maravilhas. Há diferentes práticas na vida desse diácono, das quais talvez jamais se falasse, se não se quisesse dele fazer um taumaturgo.

Entre os fenômenos estranhos que os Convulsionários de Saint-Médard apresentavam, citam-se;

A faculdade de resistir a golpes tão terríveis, que parecia que seus corpos deveriam ser esmagados;

A de falar línguas ignoradas ou esquecidas por eles; Um deslocamento extraordinário da inteligência; os mais ignorantes entre eles, improvisavam discursos sobre as graças, os males da Igreja, o fim do mundo, etc.

A faculdade de ler no pensamento;

Colocados em relação com os doentes, sentiam as dores nos mesmos lugares que aqueles que os consultavam; nada era mais freqüente que ouvi-los predizer, eles mesmos, os

diferentes fenômenos anormais que deveriam sobrevir no curso de suas doenças.

A insensibilidade física, produzida pelo êxtase, deu lugar a cenas atrozes. A loucura chegou até a crucificar verdadeiramente infelizes vítimas, fazendo-as sofrer, em todos os seus detalhes, a Paixão do Cristo, e essas vítimas, o fato é atestado pelos testemunhos mais autênticos, solicitavam as terríveis torturas designadas entre os Convulsionários pelo nome de grande socorro.

A cura das doenças se operava seja pelo simples toque da pedra tumular, seja pela poeira que se encontrava ao redor, e que se tomava em certas bebidas, ou que se aplicava sobre as úlceras. Essas curas, que foram muito numerosas, são atestadas por mil testemunhas, e várias dessas testemunhas, homens de ciência, incrédulos no fundo, registraram o fato sem saberem a que atribuí-los.

(PAULINE ROLAND.)

1. Evocação do diácono Paris. - R. Estou às ordens.

2. Qual é o vosso estado atual como Espírito? - R. Errante e feliz.

3. Tivestes outras existências corporais depois daquela que conhecemos? - R. Não; estou constantemente ocupado em fazer o bem aos homens.

4. Qual foi a causa dos fenômenos estranhos que se passaram entre os visitantes de vosso túmulo? - R. Intriga e magnetismo.

Nota. Entre as faculdades das quais eram dotados os Convulsionários, encontram-se sem dificuldade as quais o sonambulismo e o magnetismo oferecem numerosos exemplos; tais são entre outras: a insensibilidade física, o conhecimento do pensamento, a transmissão simpática das dores, etc. Não se pode, pois, duvidar que esses crisiacos não estivessem numa espécie de sonambulismo desperto, provocado pela influência que exerciam uns sobre os outros, com o seu desconhecimento. Eram ao mesmo tempo magnetizadores e magnetizados.

5. Por qual causa toda uma população foi dotada, subitamente, dessas faculdades estranhas? - R. Elas se comunicam muito facilmente em certos casos, e não sois bastante estranhos às faculdades dos Espíritos para não compreenderem que nisso tomaram uma grande parte, por simpatia por aqueles que os provocavam.

7. E tomastes, como Espírito, um parte direta? - R. Não a menor.

8. Outros Espíritos nisso concorreram? - R. Muitos.

9. De que natureza eram em geral? - R. Pouco elevados.

10. Por que essas curas e esses fenômenos cessaram quando a autoridade a eles se opuseram, fazendo fechar o cemitério? A autoridade tinha, pois, mais força que os Espíritos? - R. Deus quis fazer cessar a coisa, porque degenerou em abuso e em escândalo; era-lhe necessário um meio, e empregou a autoridade dos homens.

11. Uma vez que não estivestes participando nada dessas curas, por que escolheram-se antes o vosso túmulo que o de um outro? - R. Credes que se me consultou? Escolheu-se o meu túmulo por cálculo: minhas opiniões religiosas primeiro, e o pouco de bem que procurei fazer, foram explorados.

Reclamação do senhor Mathieu a propósito da palavra *milagre*

Revista Espírita, novembro de 1859

O senhor Mathieu, que citamos em nosso artigo do mês de outubro, sobre os milagres, nos dirige a reclamação seguinte, à qual nos empenhamos em fazer direito. "Senhor,

"Se não tenho a vantagem de estar de acordo convosco em todos os pontos, o estou pelo menos sobre aquele que vos deu oportunidade de falar de mim, no último número do vosso jornal. Assim, eu aprovo perfeitamente vossa observação relativamente à palavra *milagre*. Se dela me servi em meu opúsculo, foi tendo o cuidado de dizer ao mesmo tempo (página 4): "Estando convencido de que essa palavra *milagre* exprime um fato que se produziu fora das leis *conhecidas* da Natureza; um fato que escapa a toda explicação humana, a toda interpretação científica. "Eu creio indicar suficientemente, por aí, que rio ^ou a esta palavra *milagre* senão um valor relativo e de convenção; parece, uma vez que tomastes o trabalho de me combater, que me enganei.

"Conto, em todos os casos, com a vossa imparcialidade, Senhor, para que estas linhas, que tenho a honra de vos dirigir, encontrem lugar em vosso próximo número. Não estou descontente que vossos leitores saibam que não quis dar ao nome em questão o sentido que reprovais, e que houve imperícia de minha parte, ou mal-entendido da vossa, talvez um pouco de um e um pouco de outro.

Aceitai, etc. "MATHIEU."

Estávamos perfeitamente convencidos assim como dissemos em nosso artigo, do sentido no qual o senhor Mathieu empregou a palavra milagre; também nossa crítica não se dirigia, de nenhum modo, sobre a sua opinião, mas sobre o emprego da palavra, mesmo na sua aceção mais racional. Há tantas pessoas que não vêem senão a superfície das coisas, sem se darem ao trabalho de irem ao fundo, o que não as impede de julgarem como se as conhecessem, que um tal título dado a um fato Espírita poderia ser tomado ao pé da letra, de boa fé por alguns, por malevolência para a maioria. Nossa observação, a esse respeito, é tanto mais fundada, que nos lembramos haver lido em alguma parte de um jornal, cujo nome nos escapa, um artigo onde aqueles que gozam da faculdade de provocarem os fenômenos Espíritos eram qualificados, por zombaria, de fazedores de milagres, e isso a propósito de um adepto muito zeloso, que ele mesmo se empenhou em produzi-los. Não está aqui o caso de lembrar que: nada é mais perigoso do que um amigo imprudente. Nossos adversários são bastante ardentes em nos emprestar ridículos, sem que lhes forneçamos, para isso, o pretexto.

Aviso

Revista Espírita, novembro de 1859

A grande quantidade de matéria não nos tendo permitido inserir, neste número, o Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, dá-to-emos com o do mês de dezembro, num Suplemento, assim como várias outras comunicações que a falta de espaço nos fez adiar.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Segundo Ano – 1859

Dezembro

- [Resposta ao Senhor Oscar Comettant](#)
- [Dos efeitos da prece sobre os Espíritos sofredores](#)
- [Um Espírito que não se acredita morto](#)
- [Doutrina da reencarnação entre os Hindus](#)
- Conversas familiares de além-túmulo
 - [Senhora Ida Pfeiffer](#)
 - [Privat d'Aglemont](#)
 - [Dirkse Lammers](#)
 - [Michel François](#)
 - [Comunicações espontâneas obtidas nas sessões da Sociedade](#)
 - [Um antigo charreteiro](#)
- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [Os convulsionários de Saint-Médard. \(Continuação - Ver edição de novembro\)](#)
- [Aforismos Espíritas e pensamentos destacados](#)

Resposta ao Senhor Oscar Comettant

Revista Espírita, dezembro de 1859

Senhor,

Consagrastes o folhetim do *Siècle* do dia 27 de outubro último aos Espíritos e aos seus partidários. Apesar do ridículo que lançastes sobre uma questão muito mais grave do que pensais, apraz-me reconhecer que, atacando o Espiritismo, salvaguardais as conveniências pela urbanidade das formas, e que é impossível dizer às pessoas, com mais polidez, que elas não têm o senso comum; também guardo-me de confundir o vosso espiritual artigo com essas diatribes grosseiras que dão uma tão triste idéia do bom gosto de seus autores, e aos quais todas as pessoas que conhecem as regras da civilidade, partidárias ou não, fazem justiça.

Não tenho por hábito responder à crítica; portanto, teria deixado passar o vosso artigo, como tantos outros, se não fora encarregado pelos Espíritos, primeiro de vos agradecer por querer vos ocupar deles, em seguida para dar-vos um pequeno aviso. Concebei, senhor, que de mim mesmo, eu não mo permitiria; cumpro sua incumbência, eis tudo. - Como! Direis, os Espíritos se ocupam, pois, com o folhetim que escrevi sobre eles? São muito bondosos. - Seguramente, uma vez que estavam ao vosso lado quando escrevíeis. Um deles, que vos quer bem, procurou mesmo impedir-vos de colocar certas reflexões que não se acham à altura da vossa sagacidade, temendo a crítica para vós, não dos Espíritos, com os quais pouco vos importais, mas daqueles que conhecem a importância do vosso julgamento. Sabei bem que eles estão por toda parte, sabem tudo o que se diz e o que se faz e neste momento, em que ledes estas linhas, estão aí, ao vosso lado, observando-vos. Em vão vos esforçaríeis em dizer: Não posso crer na existência desses seres que povoam o espaço e que não são vistos. Credes no ar que não vedes e que, entretanto, vos envolve? Isto é bem diferente; creio no ar, porque, se não o vejo, eu o sinto, eu o ouço ribombar na tempestade e no tubo de minha chaminé; vejo os objetos que ele derruba. - Pois bem! Os Espíritos também se fazem ouvir; também eles fazem mover os corpos pesados, erguem-nos, transportam-nos, quebram-nos. - Apelemos, pois, Senhor Allan Kardec, à vossa razão; como quereis que seres impalpáveis, supondo que existam, o que não admitirei senão quando os veja, tenham esse poder? Como seres imateriais podem agir sobre a matéria? Isso não é racional. - Credes nas existências dessas miríades de animálculos que estão na vossa mão e dos quais a ponta de uma agulha pode cobrir milhares? - Sim, porque se não os vejo com os olhos, o microscópio faz-me vê-los. - Mas, antes da invenção do microscópio, se alguém vos dissesse que tendes sobre a vossa pele bilhões de insetos que aí pululam; que uma gota d'água límpida encerra toda uma população; que deles absorveis massas com o ar mais puro que respirais, que diríeis? Ao absurdo, teríeis gritado, e se, então, fosseis folhetinista não deixaríeis de escrever um belo artigo sobre os animálculos, o que não impedira que existissem. Hoje o admitis porque o fato é patente; mas antes, declararíeis a coisa impossível. O que há, pois, de irracional em crer que o espaço esteja povoado por seres inteligentes, que, embora invisíveis, não estejam em todos os microscópios? Quanto a mim, confesso que a idéia de seres pequenos, como uma parcela homeopática, e todavia providos de órgãos visuais, sensuais, circulatórios, respiratórios, etc., me parece ainda mais extraordinária. - Convenho com isso, mas ainda uma vez são seres materiais, são alguma coisa, ao passo que os vossos Espíritos o que são?

Nada, seres abstratos, imateriais. - Primeiro, quem vos disse que são imateriais? A observação, pesai bem, eu vos peço, essa palavra *observação* não quer dizer *sistema*; a observação, digo eu, demonstra que essas inteligências ocultas têm um corpo, um envoltório, invisível, é verdade, mas que não é por isso menos real; ora, é por esse intermediário semi-material que eles agem sobre a matéria. Não há senão os corpos sólidos que tenham uma força motriz? Ao contrário, não são os corpos rarefeitos que possuem essa força em mais alto grau: o ar, o vapor, todos os gases, a eletricidade? Por que, pois, a recusais à substância que compõe o envoltório dos Espíritos? - De acordo; mas se essas substâncias são invisíveis e impalpáveis em certos casos, a condensação pode tomá-las visíveis e mesmo sólidas; pode-se agarrá-las, encerrá-las, analisá-las, e por aí sua existência é demonstrada de modo irrecusável. - Ah! Aí chegamos! Negais os Espíritos porque não podeis colocá-los num cornífero, saber se são compostos de oxigênio, de hidrogênio ou nitrogênio. Dizei-me, eu vos peço, se antes das descobertas da química moderna conhecia-se a composição do ar, da água, e as propriedades dessa multidão de corpos invisíveis, dos quais não supúnhamos a existência? O que se teria dito, então, àquele que anunciasse todas as maravilhas que hoje admiramos? Seria tratado de charlatão, de visionário. Supondo que vos caia nas mãos um livro de um sábio daquele tempo, que tivesse negado todas essas coisas, e que, além do mais, procurasse *demonstrar-lhes* a impossibilidade, diríeis: Eis um sábio bem presunçoso, que se pronunciou muito levianamente tratando sobre o que não sabia; melhor seria para sua reputação que se abstinésse; em uma palavra, não teríeis uma alta opinião de seu julgamento. Pois bem! Veremos em alguns anos o que se pensará daqueles que, hoje, procuram *demonstrar* que o Espiritismo é uma quimera.

É lamentável, sem dúvida, para certas pessoas, e os apreciadores de coleções, que não se possa colocar os Espíritos dentro de um frasco para observá-los à vontade; mas não credes, entretanto, que eles escapem aos nossos sentidos de um modo absoluto. Se a substância que compõe seu envoltório é invisível em seu estado normal, ela pode também, em certos casos, como o vapor, mas por uma outra causa, sofrer uma espécie de condensação, ou, para ser exato, uma modificação molecular que a torna momentaneamente visível e mesmo tangível; então, podem ser vistos, como nós nos vemos, tocá-los, apalpá-los; eles podem nos agarrar, impressionar sobre nossos membros; somente esse estado não é senão temporário; podem deixá-lo tão prontamente como o tomaram, e isso, não em virtude de uma rarefação mecânica, mas pelo efeito de sua vontade, tendo em vista que são seres inteligentes, e não corpos inertes. Se a existência dos seres inteligentes que povoam o espaço está provada; se têm, como acabamos de ver, uma ação sobre a matéria, o que há de espantoso em que possam se comunicar conosco, e transmitir-nos os seus pensamentos através de meios materiais? - Se a existência desses seres está provada, seja; mas aí está a questão. - O importante, primeiro, é provar sua possibilidade: a experiência fará o resto. Se essa existência não está provada para vós, o está para mim. Eu vos entendo aqui dizer para vós mesmos: Eis um argumento muito pobre. Convenho que minha opinião pessoal é de um peso muito fraco, mas não estou só; muitos outros, antes de mim, pensaram do mesmo modo, porque nem inventei, nem descobri os Espíritos; e essa crença conta milhões de adeptos que têm tanta ou mais inteligência do que eu; entre aqueles que crêem e aqueles que não crêem, o que decidirá? - O bom senso, direis. - Seja; eu acrescento: O tempo que, cada dia, vem em nossa ajuda. Mas com qual direito aqueles que não crêem se arrogam o privilégio do bom senso quando, sobretudo, aqueles que crêem se recrutam precisa mente, não entre os ignorantes, mas entre as pessoas esclarecidas; quando, todos os dias, o número deles cresce? Eu o julgo pela minha correspondência, pelo número de estrangeiros que vêm me ver, pela extensão do meu jornal, que cumpre seu segundo ano, e conta com assinantes das cinco partes do mundo, nas classes mais elevadas da sociedade, e até nos tronos. Dizei-me, conscientemente, se é a marcha de uma idéia oca, de uma utopia?

Constatando esse fato capital em vosso artigo, dissestes que ele ameaça tomar proporções

de um flagelo, e acrescentais: "A espécie humana não tinha bastante, bom Deus! De todas as coisas vãs que perturbam sua razão, sem que uma nova doutrina viesse agora se apossar de nosso pobre cérebro!" Parece que não amais as doutrinas; cada um com seu gosto; todo o mundo não gosta da mesma coisa; somente direi que não sei muito a qual papel intelectual o homem seria reduzido se, desde que está sobre a Terra, não tivesse doutrinas que, fazendo-o refletir, o tirasse do estado passivo da brutalidade. Sem dúvida, há as boas e más, justas e falsas, mas é para discerni-las que Deus lhe deu o julgamento. Esqueceste uma coisa, a definição clara e categórica do que alinhais entre as coisas vãs. Há pessoas que assim qualificam todas as idéias que não partilham; mas tendes muito espírito para crer que está condensada só em vós. Há outros que dão esse nome a toda opinião religiosa, e que consideram a crença em Deus, na alma e na sua imortalidade, nas penas e nas recompensas futuras, no máximo, como úteis para se ocuparem as velhas e meter medo às crianças. Não conheço a vossa opinião a esse respeito; mas do sentido do vosso artigo algumas pessoas poderiam inferir que estais um pouco nessas idéias. Que as partilhai ou não, eu me permitiria dizer-vos, com muitas outras, que aí estaria o verdadeiro flagelo se elas se propagassem. Com o materialismo, com a crença que morremos como os animais, que depois de nós *será o nada*, o bem não teria nenhuma razão de ser, os laços sociais não têm nenhuma consistência- é a sanção do egoísmo; a lei penal é o único freio que impede o homem de viver às expensas de outrem. Se assim fora, com que direito punir aquele que mata seu semelhante por se apoderar de seu bem? Porque é mal, direis; mas por que é mal? Ele vos responderá: depois de mim nada mais haverá; tudo estará terminado; nada tenho a temer; quero viver aqui o melhor possível, e para isso eu tomo daqueles que têm; quem me acusa? A vossa lei? A vossa lei terá razão se ela for mais forte, quer dizer, se ela me apanhar; mas se eu for o mais astuto, e se lhe escapo, a razão estará comigo. Qual é, vos pergunto, a sociedade que poderia subsistir com semelhantes princípios? Isso me lembra o fato seguinte: Um senhor que, como se diz vulgarmente, não acreditava nem Deus e nem no diabo, e não o escondia, percebeu que, há algum tempo, era roubado por seu empregado doméstico; um dia surpreendeu-o em flagrante delito. - Como, infeliz! disse-lhe, ousas tomar o que não te pertence? Tu não crês em Deus? - O doméstico se pôs a rir e respondeu: Por que eu creia, uma vez que vós mesmo não credes? Por que tendes mais do que eu? Se eu fosse rico e vós pobre, quem vos impediria de fazer o que fiz? Fui inábil esta vez, eis tudo, numa outra vez tratarei de fazer melhor. - Esse senhor ficou muito contente que seu doméstico não tomou a crença em Deus por uma coisa vã. É a essa crença, e àquelas que dela decorrem, que o homem deve sua verdadeira segurança social, bem mais que à severidade da lei, porque a lei não pode tudo alcançar; se estivesse enraizada no coração de todos, uns dos outros nada teriam a temer; atacá-la vivamente, seria abandonar-se a todas as paixões, aniquilar todo escrúpulo. Foi o que, recentemente, levou um sacerdote a dizer, consultado sobre sua opinião a respeito do Espiritismo, essas palavras cheias de sentido: *O Espiritismo conduz a crer em alguma coisa; ora, gosto mais daqueles que crêem em alguma coisa do que daqueles que não crêem em nada, porque as pessoas que não crêem em nada não crêem mesmo na necessidade do bem.*

O Espiritismo, com efeito, é a destruição do materialismo; é prova patente, irrecusável, do que certas pessoas chamam de coisas vãs, a saber Deus, a alma, a vida futura feliz ou infeliz. Esse flagelo, pois assim o chamais, tem outras conseqüências práticas. Se soubesses, como eu, quantas vezes fez voltar a calma nos corações ulcerados pelos desgostos; que doce consolação derrama sobre as misérias da vida; quanto acalmou de ódios, impediu de suicídios, deles zombaríeis menos. Suponde que um de vossos amigos venha vos dizer Estava desesperado; ia estourar os miolos; mas hoje que, graças ao Espiritismo, sei o que isso custa, renuncio; que um outro indivíduo vos diga: Tinha inveja de vosso mérito, de vossa superioridade; vossos sucessos me impediam de dormir; queria vingar-me, vos oprimir, vos arruinar, matar-vos mesmo, vos confesso que correstes grandes perigos; mas hoje que sou Espírita, compreendo o quanto esses sentimentos são ignóbeis, eu os abjuro; e, em lugar de vos fazer mal, eu venho para vos prestar serviço; dir-vos-ia provavelmente: Pois bem! Ainda

há algo de bom nessa loucura.

O que vos digo, senhor, não é para vos convencer nem para vos conduzir às minhas idéias; tendes convicções que vos satisfazem, que para vós resolvem todas as questões do futuro: é muito natural que vós as guardeis; mas me apresentais, aos vossos leitores, como o propagador de um *flagelo*, e devo mostrar-lhes que seria desejável que todos os flagelos não acabassem mais mal, a começar do materialismo, e conto com a vossa imparcialidade para transmitir-lhes a minha resposta.

Mas, direis, não sou materialista' pode-se muito bem não ser dessa opinião sem crer nas manifestações dos Espíritos. - Sou da vossa opinião; então, ou se é *Espiritualista*, se não *Espírita*. Se me enganei sobre a vossa maneira de ver, é que tomei ao pé da letra a vossa profissão de fé, colocada no fim do vosso artigo. Dissestes: creio em duas coisas, no amor, no homem, em tudo que é maravilhoso, fosse esse maravilhoso absurdo, e no editor que me vendeu o fragmento de sonata ditado pelo Espírito de Mozart, por dois francos, preço liquido. Se aí se limita toda a vossa crença, ela é bem, isso me parece, a prima germânica do ceticismo. Mas aposto que credes em alguma coisa a mais que no senhor Ledoyen, que vos vendeu por dois francos um fragmento de sonata: é ao produto de vossos artigos, porque presumo, e talvez me engane, que não lhes dais mais por amor a Deus que o senhor Ledoyen não dá a seus livros. Cada um no seu ofício: o senhor Ledoyen vende seus livros, o literato vende sua prosa e seus versos. Nosso pobre mundo não está ainda bastante avançado para que não se possa morar, alimentar-se e vestir-se por nada. Talvez, um dia, os proprietários, os alfaiates, os açougueiros e os padeiros estarão bastante esclarecidos para compreender que é ignóbil a eles pedir o dinheiro: então os livreiros e os literatos serão arrastados pelo exemplo.

- Com tudo isso, não me dissestes o conselho que dão os Espíritos. - Ei-lo: Que é prudente não se pronunciar, muito levianamente, sobre as coisas que não se conhece, e imitar a sábia reserva do prudente Arago, que dizia, a propósito do magnetismo animal: "Eu não poderia aprovar o mistério com o qual se envolvem os sábios sérios que hoje vão assistir às experiências de sonambulismo. A *dúvida* é uma prova de modéstia, e raramente prejudicou o progresso das ciências. Não se poderia dizer outro tanto da *incredulidade*. *Aquele que, fora das matemáticas puras, pronuncia a palavra IMPOSSÍVEL, não é prudente*. A reserva é, sobretudo, um dever quando se trata da organização animal. (Notícia sobre Bailly.)

Aceitai, etc. Allan Kardec.

Dos efeitos da prece sobre os Espíritos sofredores

Revista Espírita, dezembro de 1859

Um dos nossos assinantes nos escreveu de Lausanne:

"Há mais de quinze anos professo uma grande parte daquilo que a vossa ciência Espírita ensina hoje. A leitura de vossas obras não fez senão me afirmar nesta crença; trouxe-me, por outro lado, uma grande consolação, e lança uma viva claridade sobre uma parte que não era senão trevas para mim. Embora bem convencido que minha existência deveria ser múltipla, não podia me explicar em que se tornava o meu Espírito durante o intervalo. Mil vezes obrigado, senhor, de haver-me iniciado nesses grandes mistérios, indicando-me um único caminho a seguir para ganhar um lugar melhor no outro mundo. Abristes meu coração à esperança e duplicastes minha coragem para suportar as provas deste mundo. Consentí, pois, senhor, vir em minha ajuda para reconhecer uma verdade que me interessa no mais alto grau. Eu sou protestante, e na nossa Igreja não se ora jamais pelos mortos, o evangelho não no-lo ensina. Os Espíritos que evocais, freqüentemente, dissestes, pedem os socorros de vossas preces. É, pois, porque estão ainda sob a influência das idéias adquiridas na Terra, ou é verdade que Deus leva em conta as preces dos vivos para abreviar o sofrimento dos mortos? Esta questão, senhor, é muito importante para mim e para outros de meus correligionários, que contrataram alianças católicas. Para terem respostas satisfatórias, seria necessário, eu o creio, que o Espírito de um protestante esclarecido, tal qual um dos nossos ministros, quisesse se manifestar a vós em companhia de um de vossos eclesiásticos."

A questão é dupla: 1º A prece é agradável àqueles por quem se ora? 2º - É-lhes útil?

Escutemos, de início, sobre a primeira questão o Reverendo Pai Félix em uma introdução notável de um pequeno livro intitulado: *os Mortos sofredores e abandonados*.

"A devoção aos mortos não é somente a expressão de um dogma e a manifestação de uma crença, é um encanto da vida, uma consolo do coração. Que há, com efeito de mais suave ao coração que esse culto piedoso que nos prende à memória e aos sofrimentos dos mortos? Crer na eficácia da prece e nas boas obras para o alívio daqueles que perdemos, quando os choramos, que essas lágrimas derramadas sobre eles podem ainda ser-lhes de socorro; crer, enfim, que mesmo nesse *mundo invisível que habitam* nosso amor pode ainda visitá-los por seus benefícios: que doce, que amável crença! E, nessa crença, que consolação para aqueles que viram a morte entrar sob seu teto, e ferir junto de seu coração! Se essa crença e esse culto não existissem, o coração humano, pela voz dos seus mais nobres instintos, diz a todos aqueles que o compreendem que seria necessário inventá-los, não fora senão para colocar a doçura na morte e o encanto até nos seus funerais. Nada, com efeito, não transforma e não transfigura o amor que roga sobre uma tumba ou chora nos funerais, como essa devoção, à lembrança e aos sofrimentos dos mortos. Essa mistura da religião e da dor, da prece e do amor, tem não sei o que de delicado e de enternecedor tudo junto. A tristeza que chora aí se torna um auxiliar da piedade que roga; a piedade, por sua vez, aí se torna para a tristeza o mais delicioso aroma; e a fé, a esperança e a caridade não se encontram nunca melhor para honrar a Deus consolando os homens, e colocar no alívio dos mortos a consolação dos vivos!

"Esse encanto tão doce que encontramos no nosso comércio fraternal com os mortos, quanto se torna mais doce ainda quando chegamos a nos persuadir de que Deus, sem dúvida, não deixa esses defuntos queridos ignorantes completamente do bem que lhes fazemos. Quem não desejou, quando ora por um pai ou um irmão trespassado, *que ele estivesse ali para escutar*, e quando se consagra por ele, *que estivesse ali para ver*? Quem não se disse, enxugando suas lágrimas junto ao caixão de um parente ou de um amigo perdido: "Se, *pelo menos, ele pudesse me ouvir!* Quando meu amor lhe oferece, com lágrimas, a prece e a consagração, *se eu estivesse seguro que ele o sabe e que seu amor compreende sempre o meu!* Sim, se eu pudesse crer, não somente que o alívio que lhe envio chegue a ele, mas se eu pudesse me persuadir também que Deus *se digna delegar um de seus anjos para lhe ensinar*, levando-lhe meu benefício, que esse alívio vem de mim: oh! Deus bom para aqueles que choram, que bálsamo em minha ferida! Que consolação na minha dor!"

"A Igreja, é verdade, não nos obriga a crer que os nossos irmãos mortos sabem, com efeito, no Purgatório, o que fazemos por eles na Terra, mas *também não o proíbe; ela o insinua, e parece persuadir-nos pelo conjunto de seu culto e de suas cerimônias*", e homens sérios e honrados na Igreja, não temem afirmá-lo. Qualquer que seja, de resto, se os mortos não têm o conhecimento presente e distinto das preces e das boas obras que fazemos por eles, é certo que lhes sentem os efeitos salutares; e essa firme crença não basta a um amor que quer se consolar da dor pelo benefício, e fecundar suas lágrimas pelos sacrifícios?"

O que o P. Félix admite como uma hipótese, a ciência Espírita admite como uma verdade incontestável, porque disso lhe dá a prova patente. Sabemos, com efeito, que o mundo invisível está composto daqueles que deixaram seu envoltório corporal, dito de outro modo, das almas daqueles que viveram na Terra; essas almas, ou esses Espíritos, o que é a mesma coisa, povoam o espaço; e estão por toda parte, aos nossos lados tão bem como nas regiões mais distantes; desembaraçados do pesado e incômodo fardo que os retinha na superfície do solo, não tendo mais que um envoltório etéreo, semi-material, eles se transportam com a rapidez do pensamento. A experiência prova que podem vir ao nosso chamado; mas vêm mais ou menos de bom grado, com mais ou menos prazer; segundo a intenção, isso se concebe; a prece é um pensamento, um laço que nos liga a eles: é um apelo, uma verdadeira evocação; ora, como a prece, que ela seja eficaz ou não, é sempre um pensamento benevolente, não pode, pois, ser senão agradável àqueles que lhes são o objeto. É-lhes útil? É uma outra questão. Aqueles que contestam a eficácia da prece dizem: Os decretos de Deus são imutáveis, e não pode derogá-los a pedido do homem. - Isso depende do objeto da prece, porque é bem certo que Deus não pode infringir suas leis para satisfazer a todos os pedidos inconsiderados que lhes são endereçados; consideremo-la somente do ponto de vista do alívio das almas sofredoras. Diremos primeiro que, admitindo que a duração efetiva dos sofrimentos não pode ser abreviada, a comiseração, a simpatia, são um adoçamento para aquele que sofre. Que um prisioneiro seja condenado a vinte anos de prisão, não sofrerá mil vezes mais se estiver só, isolado, abandonado? Mas que uma alma caridosa e compassiva venha visitá-lo, consolá-lo, encorajá-lo, não tivesse o poder de quebrar suas cadeias antes do tempo certo, ela lhe faria parecer menos pesadas, e os anos lhe pareceriam mais curtos. Qual é aquele que, na Terra, não encontrou na compaixão um alívio às suas misérias, uma consolação na expansão da amizade?

Podem as preces abreviarem os sofrimentos? O Espiritismo diz: *Sim*; e o prova pelo raciocínio e pela experiência: pela experiência, naquilo que são as próprias almas sofredoras que vêm confirmá-lo, e nos pintam a mudança de sua situação; pelo raciocínio, considerando-se seu modo de ação.

As comunicações incessantes que temos com os seres de além-túmulo fazem passar sob os

nossos olhos todos os graus do sofrimento e da felicidade. Vemos, pois, seres infelizes, horrivelmente infelizes, e se o Espiritismo, de acordo nisso com um grande número de teólogos, não admite o *fogo* senão como uma figura, um emblema das maiores dores, em uma palavra, como um fogo moral, é preciso convir que a situação de alguns não vale muito mais que se estivessem no fogo material. O estado feliz, ou infeliz, depois da morte não é, pois, uma qui mera, um verdadeiro fantasma. Mas o Espiritismo nos ensina ainda, que a duração do sofrimento depende, *até um certo ponto*, da vontade do Espírito, e que ele pode abreviá-lo pelos esforços que faça para melhorar-se. A prece, eu entendo a prece real, a do coração, a que é ditada por uma verdadeira caridade, leva o Espírito ao arrependimento, desenvolve nele bons sentimentos; ela o esclarece, fá-lo compreender a felicidade daqueles que estão acima dele; leva-o a fazer o bem, a se *tomar útil*, porque os Espíritos podem fazer o bem e o mal; ela tira-o, de alguma forma, do desencorajamento no qual se entorpece; fá-lo entrever a luz. Pelos seus esforços, portanto, pode sair do lamaçal onde está mergulhado; assim é que a mão de socorro que se lhe estende pode abreviar-lhe os sofrimentos.

Nosso assinante nos pergunta se os Espíritos que solicitam prece não estariam ainda sob a influência das idéias terrestres: A isso respondemos que, entre os Espíritos que se comunicam conosco, há os que, quando vivos, professaram todos os cultos, e que todos, católicos, protestantes, judeus, muçulmanos, budistas, a esta pergunta; Que podemos fazer para que vos seja útil? Respondem: Orai por mim. - Uma prece, segundo o rito que professastes, vos seria mais útil ou mais agradável? - O rito é a forma; a prece do coração não tem rito. - Nossos leitores se lembram, sem dúvida, da evocação de uma viúva de Malabar, inserta no número da *Revista* de dezembro de 1858. Quando se lhe disse: Vós nos pedis para orar por vós, mas somos cristãos; nossas preces poderiam vos ser agradáveis? Ela respondeu: Não há senão um Deus para todos os homens.

Os Espíritos sofredores se prendem àqueles que oram por eles, como o ser reconhecido àquele que lhe faz o bem. Essa mesma viúva de Malabar veio várias vezes às nossas reuniões sem ser chamada; aí vinha, dizia, para se instruir; seguia-nos mesmo na rua, como constatamos com a ajuda de um médium vidente. O assassino Lemaire, cuja evocação narramos no número de março de 1858, evocação que, entre parêntese, havia excitado a verve zombeteira de alguns cétricos, esse mesmo assassino, infeliz, abandonado, encontrou, num dos nossos leitores, um coração compassivo que dele teve piedade; vem, freqüentemente, visitá-lo, e tratou de se manifestar por todas as espécies de meios, até que essa mesma pessoa, tendo a ocasião de se esclarecer sobre essas manifestações, soube que era Lemaire que queria testemunhar-lhe seu reconhecimento. Quando teve a oportunidade de exprimir seu pensamento, disse-lhe: Agradeço-vos, alma caridosa! Eu estava só com o remorso da minha vida passada, e tivestes piedade de mim; eu estava abandonado, e pensastes em mim; eu estava no abismo, e me estendestes a mão! Vossas preces foram para mim como um bálsamo consolador; compreendi a enormidade dos meus crimes, e pedi a Deus conceder-me a graça de repará-los por uma nova existência, quando poderia fazer tanto bem quanto mal eu fiz. Obrigado ainda, ó obrigado!

Eis, de resto, sobre os efeitos da prece, a opinião atual de um ilustre ministro protestante, o senhor Adolphe Monod, falecido no mês de abril de 1856.

"O Cristo disse aos homens: Amai-vos uns aos outros. Esta recomendação encerra a de empregar todos os meios possíveis para testemunhe/ a afeição aos seus semelhantes, sem entrar, para isso, em nenhum detalhe sobre a maneira de atingir esse objetivo. Se é verdade que nada pode desviar o Criador de aplicar a justiça da qual ele é o tipo, a todas as ações do Espírito, não é menos verdadeiro que a prece que lhe endereçais por aquele por quem vos interessais, é para este último um testemunho de lembrança que não pode senão contribuir para lhe aliviar os sofrimentos e consolá-lo; desde que testemunhe o menor arrependimento,

e então somente, ele é socorrido, mas não ignora jamais que uma alma simpática se ocupou dele; esse pensamento leva-o ao arrependimento, e deixa-o na doce persuasão de que sua intercessão lhe foi útil. Disso resulta, necessariamente, de sua parte, um sentimento de reconhecimento e de afeição por aquele que lhe deu essa prova de amizade ou de piedade; conseqüentemente, o amor que o Cristo recomenda aos homens não faz senão aumentar entre eles; eles têm, pois, ambos que obedecer à lei de amor e união de todos os seres, lei de Deus, que deve levar à unidade, que é o fim do Espírito."

- Não tendes nada a acrescentar a essas explicações? - R. Não, elas encerram tudo.

- Eu vos agradeço por consentir em no-las dar. - R. É uma felicidade, para mim, contribuir para a união das almas, união que os bons Espíritos procuram fazer prevalecer sobre todas as questões de dogma que os dividem.

Um Espírito que não se acredita morto

Revista Espírita, dezembro de 1859

Um dos nossos assinantes, do departamento de Loiret, ótimo médium escrevente, escreveu o que se segue sobre vários fatos de aparição que lhe foram pessoais.

"Não querendo deixar no esquecimento nenhum dos fatos que vêm em apoio da Doutrina Espírita, venho comunicar-vos novos fenômenos, dos quais sou a testemunha e o médium, e que, como o reconheceréis, concordo perfeitamente com tudo o que publicastes em vossa Revista sobre os diversos estados dos Espíritos depois de sua separação do corpo.

"Há cerca de seis meses, ocupava-me de comunicações Espíritas com várias pessoas, quando me veio o pensamento de perguntar se, entre os assistentes, encontrava-se algum médium vidente. O Espírito respondeu afirmativamente e, designando-me, acrescentou: Tu já o és, mas num grau fraco, e somente durante teu sono; mais tarde teu temperamento se modificará de tal forma, que te tornarás um excelente médium vidente, mas pouco a pouco, e primeiro somente durante o sono.

"No curso deste ano, tivemos a dor de perder três de nossos parentes. Um deles, que era meu tio, apareceu-me, algum tempo depois de sua morte, durante meu sono; teve comigo uma longa conversa, e conduziu-me ao lugar que habita, e que me disse ser o último degrau conduzindo à morada da felicidade eterna. Tive a intenção de dar-vos a explicação do que admirei nessa morada incomparável, mas tendo consultado meu Espírito familiar a esse respeito, respondeu-me: A alegria e a felicidade que experimentastes poderiam influenciar o relato que farias das maravilhosas belezas que admiraste, e tua imaginação poderia criar coisas que não existem. Espera que teu Espírito esteja mais calmo. Detive-me, pois, para obedecer ao meu guia, e não me ocuparei senão de duas outras visões que são mais positivas. Reportar-vos-ei somente as últimas palavras de meu tio. Quando admirava aquilo que *me era permitido ver*, ele me disse: Vais agora retornar à Terra. Eu lhe supliquei conceder-me ainda alguns instantes. -Não, disse, são cinco horas, e deves retomar o curso de tua existência. No mesmo instante despertei, e cinco horas soaram no meu relógio.

"Minha segunda visão foi a de um dos dois parentes falecidos este ano. Era um homem virtuoso, amável, bom pai de família, bom cristão, e, embora doente há muito tempo, morreu quase que subitamente, e talvez no momento em que menos nisso pensava. Seu rosto tinha uma expressão indefinível, sério, triste e feliz ao mesmo tempo. Ele me disse: Expio minhas faltas; mas tenho uma consolação, continuo a viver no meio de minha mulher e de meus filhos, e lhes inspiro bons pensamentos; orai por mim.

"A terceira visão é mais característica, e me foi confirmada por um fato material; é a do terceiro parente. Era um excelente homem, mas vivo, violento, imperioso com os domésticos, e sobretudo dando outra medida aos bens deste mundo; demasiado cético, ocupava-se mais desta vida do que da futura. Algum tempo depois de sua morte, veio à noite e se pôs a sacudir minhas cortinas com impaciência, como para me despertar. Como, disse-lhe, estás? - Sim; vim procurá-lo, porque és o único que pode responder-me. Minha mulher e meus filhos

partiram para Orléans; quis segui-los, mas ninguém quis me obedecer. Disse a Pierre para fazer meus pacotes, mas não me escutou; ninguém deu-me atenção. Se pudesses vir colocar os cavalos noutra viatura e fazer meus pacotes, me prestarias grande serviço, porque poderia ir reencontrar minha mulher em Orléans. - Mas não pode fazê-lo tu mesmo? - Não, porque *não sou nada elevado*, desde o sono que experimentei durante minha doença, mudei muito; não sei mais onde estou; tenho um pesadelo. - De onde vens? - De B... - É do castelo? - Não! Respondeu-me com um grito de horror, e levando a mão sobre a fronte, é do cemitério! - Depois de um gesto de desespero, acrescentou: Meu caro amigo, diga a todos os meus parentes para orarem por mim, porque sou muito infeliz! - A essas palavras foi-se, e o perdi de vista. Quando ele veio procurar-me e sacudir minhas cortinas com impaciência, sua figura exprimia uma horrível alucinação. Quando lhe perguntei o que fizera para agitar minhas cortinas, ele que nada podia levantar, respondeu-me bruscamente: Com o meu sopro!

"No dia seguinte soube que sua mulher e seus filhos, efetivamente, haviam partido para Orléans."

Esta última aparição é sobretudo notável naquilo que a ilusão, que leva certos Espíritos a se crerem ainda vivos, prolongou-se neste bem mais tempo do que em casos análogos. Muito comumente, ela não dura senão alguns dias, ao passo que aqui, depois de mais de três meses, ele não se acreditava ainda morto. De resto, a situação é perfeitamente idêntica à que observamos muitas vezes. Ele vê tudo como durante sua vida; quer falar, e fica surpreso por não ser escutado; ele vaga, ou crê vagar, em suas ocupações habituais. A existência do perispírito está aqui demonstrada de um modo marcante, abstração feita da visão. Uma vez que se crê vivo, ele se vê, pois, um corpo semelhante ao que deixou; esse corpo age como o outro o faria; para ele nada parece mudado; somente ainda não estudou as propriedades de seu novo corpo; ele o crê denso e material como o primeiro, e se espanta por nada poder levantar. Encontra, todavia, na sua situação, alguma coisa estranha da qual não se dá conta: crê estar sob o império de um pesadelo; toma a morte por um sono; é um estado misto entre a vida corpórea e a vida Espírita, estado sempre penoso e cheio de ansiedade, e que tem de um e de outro. Como dissemos alhures, é a consequência, quase constante, de mortes instantâneas, tais como as que ocorrem por suicídio, apoplexia, suplício, combate, etc.

Sabemos que a separação do corpo e do perispírito se opera gradualmente, e não de modo brusco; começa antes da morte, quando esta chega pela extinção natural das forças vitais, seja pela idade, seja pela doença, e sobretudo naqueles que, quando vivos, pressentem seu fim, e se *identificam pelo pensamento com sua existência futura*, de tal sorte que no instante do último suspiro ela está quase completa. Quando a morte surpreende, de improviso, um corpo cheio de vida, a separação não começa senão neste momento, e não acaba senão pouco a pouco. Enquanto existir um laço entre o corpo e o Espírito, este estará na perturbação, e se entra bruscamente no mundo dos Espíritos, sente um abalo que não lhe permite reconhecer desde logo sua situação, não mais que as propriedades de seu novo corpo; é preciso que ele tente de algum modo, e é isso que o faz crer-se ainda deste mundo.

Além das circunstâncias de morte violenta, há outras que tornam mais tenazes os laços do corpo e do Espírito, porque a ilusão, da qual falamos, se observa igualmente em certos casos de morte natural, e é quando o indivíduo viveu mais da vida material do que da vida moral. Concebe-se que seu apego à matéria o retém ainda depois da morte, e prolonga assim a idéia de que nada tem a mudar para ele. Tal é o caso da pessoa que acabamos de falar.

Notemos a diferença que há entre a situação dessa pessoa e do segundo parente: um quer ainda comandar; crê ter necessidade de suas malas, de seus cavalos, de sua viatura, para ir reencontrar sua mulher; não sabe ainda que, como Espírito, pode fazê-lo instantaneamente,

ou, melhor dizendo, seu perispírito é ainda tão material que ele o crê sujeito a todas as necessidades do corpo. O outro, que viveu a vida moral, que teve sentimentos religiosos, que se identificou com a vida futura, embora surpreendido com mais imprevisto que o primeiro, já está desligado; disse que vive no meio de sua família, mas sabe que é um Espírito; fala à sua mulher e aos seus filhos, mas sabe que é pelo pensamento; em uma palavra, não há mais ilusão, ao passo que o outro ainda está na perturbação e nas angústias. Ele tem de tal modo o sentimento da vida real, que viu sua mulher e seus filhos partirem, e que partiram com efeito no dia indicado, o que ignorava seu parente a quem apareceu. Por outro lado, notemos uma palavra muito característica de sua parte, e que pinta bem na sua posição. A esta pergunta: De onde vens? Respondeu primeiro pelo nome do lugar onde habitava; depois a esta É do castelo? Não! Disse com pavor, é do cemitério. Ora, isso prova uma coisa, é que, não estando completo o desligamento, uma espécie de atração existia, ainda, entre o Espírito e o corpo, o que fez dizer que veio do cemitério; mas nesse momento parece começar a compreender a verdade; a própria questão parece colocá-lo no caminho chamando sua atenção para os despejos, por isso pronunciou essa palavra com terror.

Os exemplos desta natureza são muito numerosos, e um dos mais tocantes é o do suicídio da Samaritana, que reportamos no nosso número de junho de 1858. Esse homem, evocado vários dias depois de sua morte, afirmava, também, estar ainda vivo, e dizia: Entretanto, sinto os vermes me roerem, como fizemos observar na nossa relação, isso não era uma lembrança, uma vez que durante a vida não era roído pelos vermes; era, pois, o sentimento da atualidade, uma espécie de repercussão transmitida do corpo ao Espírito, pela comunicação fluídica que ainda existia entre eles. Esta comunicação não se traduz sempre do mesmo modo, mas é sempre mais ou menos penosa, e como um primeiro castigo para aquele que muito se identificou, durante sua vida, com a matéria.

Que diferença com a calma, a serenidade, a doce quietude daqueles que morrem sem remorso, com a consciência de haver bem empregado o tempo de sua estada neste mundo, daqueles que não se deixaram dominar por suas paixões! A passagem é curta e sem amargura, porque a morte é para eles o retomo do exílio para a sua verdadeira pátria. Está aí uma teoria, um sistema? Não, é o quadro que nos oferecem, todos os dias, nossas comunicações de além-túmulo, quadro cujos aspectos variam ao infinito, é onde cada um pode haurir um ensinamento útil, porque cada um nele encontra exemplos que pode aproveitar, se quer se dar ao trabalho de consultá-lo; é um espelho onde pode se reconhecer quem não está cego pelo orgulho.

Doutrina da reencarnação entre os Hindus

Revista Espírita, dezembro de 1859

(Nota comunicada à Sociedade pelo Senhor Tug...)

Pensa-se, geralmente, que os Hindus não admitem a reencarnação senão como uma expiação, e que, segundo eles, ela não pode se operar senão no corpo de animais. Entretanto, as linhas seguintes, extraídas da viagem da senhora Ida Pfeiffer, parecem provar que os Indianos têm idéias a esse respeito.

"As filhas, diz a senhora Pfeiffer, comumente, ficam noivas desde o seu primeiro ano. Se o noivo vem a morrer, a jovem é considerada como viúva, e, a esse título, não pode mais se casar a viuvez é tida como uma grande infelicidade. Crê-se que é a posição das mulheres cuja conduta não foi irrepreensível *numa vida anterior*.

Apesar da importância que não se pode recusar a essas últimas palavras, é necessário reconhecer que há, entre a metempsicose dos Hindus e a doutrina admitida pela Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, uma diferença capital. Citemos aqui o que diz Zimmermann sobre a religião hindu no *Journal des Voyages (Taschenbuch der Reisen)*.

"O fundo dessa religião é a crença num ser primeiro e supremo, na imortalidade da alma, e na recompensa da virtude. O verdadeiro e único Deus se chama *Brahm*, que não se pode confundir com *Brahma*, criado por ele. É a verdadeira luz, que é a mesma, eterna, feliz em todos os tempos e em todos os lugares. Da essência imortal de *Brahm* emanou a deusa *Bhavani*, quer dizer, a natureza, e uma legião de 1.180 milhões de Espíritos. Entre esses Espíritos, há três semi-deuses ou gênios superiores: *Brahma, Vichnou e Shiva*, a trindade dos Hindus. Por longo tempo a concórdia e a felicidade reinaram entre os Espíritos; mas, em seguida, uma revolta estourou entre eles, e vários recusaram obedecer. Os rebeldes foram precipitados do alto do céu aos abismos das trevas. Então ocorreu a metempsicose: cada planta, cada ser foi animado por um anjo decaído. Essa crença explica a bondade dos Hindus para com os animais: eles consideram-nos como seus semelhantes e não querem matar nenhum.

"Somos levados a crer que não foi senão depois de muito tempo que tudo o que há de bizarro nessa religião mal compreendida, e falseada na boca do povo, desceu à categoria de louca hipocrisia. Bastará indicar os atributos de algumas principais divindades para explicar o estado atual de sua religião: admitem 333 milhões de divindades inferiores: são as deusas dos elementos, dos fenômenos da Natureza, das artes, das doenças, etc. Há, por outro lado, os bons e os maus gênios: o número dos bons ultrapassa o dos maus em 3 milhões.

"O que é excessivamente notado, acrescenta Zimmermann, é que não se encontra, entre os Hindus, uma só imagem do ser supremo: parece-lhes muito grande. Toda a Terra, dizem, é seu templo e eles o adoram sob todas as figuras."

Assim, segundo os Hindus, as almas tinham sido criadas felizes e perfeitas, e sua queda foi o

resultado de uma rebelião; sua encarnação no corpo de animais é uma punição. Segundo a Doutrina Espírita, as almas foram, e *são ainda*, criadas simples e ignorantes, e é por encarnações sucessivas que elas alcançam, graças aos seus esforços e à misericórdia divina, uma perfeição que pode dar-lhes, só ela, a felicidade eterna. A alma, devendo progredir, pode permanecer estacionária durante um tempo mais ou menos longo, mas não retrograda: o que adquiriu em ciência ou moralidade, não o perde. Se ela não avança, também não recua: por isso não podem retornar animando seres inferiores à Humanidade. Assim, a metempsicose dos Hindus está fundada sobre o princípio da degradação das almas; a reencarnação, segundo os Espíritos, está fundada sobre o princípio do progresso sucessivo. Segundo os Hindus, a alma começou pela perfeição para chegar à abjeção; a perfeição é o início e a abjeção o resultado. Segundo os Espíritos, a ignorância é o início, a perfeição é o objetivo e o resultado. Seria supérfluo procurar demonstrar qual das duas doutrinas é a mais racional e dá mais alta idéia da bondade e da justiça de Deus. É, pois, por uma completa ignorância de seus princípios que algumas pessoas as confundem.

TUG...

Conversas familiares de além-túmulo - Senhora Ida Pfeiffer

Revista Espírita, dezembro de 1859

A senhora Ida Pfeiffer, célebre viajante

(Sociedade; 7 de setembro de 1859.)

O relato seguinte foi extraído da segunda Viagem, ao redor do mundo, da senhora Ida Pfeiffer, página 345.

Uma vez que me ocupo em falar de coisas tão estranhas, é necessário que mencione um acontecimento enigmático que se passou, há vários anos, em Java, e que fez tanta sensação que provocou mesmo a atenção do governo.

"Havia, na residência de Chéribon, uma casinhola na qual, no dizer do povo, ocupava-se dos Espíritos. Na caída do dia, as pedras começavam a chover de todos os lados na sala, e por toda parte onde se escarrava *siri* (1). (1-Preparado que os Javanese mascam continuamente, e que dá à boca e à saliva uma cor de sangue.) As pedras, assim como os escarros, caíam perto das pessoas que se encontravam no recinto, mas sem atingi-las nem feri-las. Parecia que era sobretudo contra uma pequena criança que isso estava dirigido. Falou-se tanto desse assunto inexplicável, que por fim o governo holandês encarregou um oficial superior, que merecia sua confiança, de examiná-lo. Este fez postar, ao redor da casa, homens seguros e fiéis, com proibição de deixar entrar e sair quem quer que fosse. Examinou tudo escrupulosamente, e pondo sobre os joelhos a criança designada, sentou-se na peça fatal. À tarde a chuva de pedras e de *siri* começou a cair como de costume: tudo caiu perto do oficial e da criança, sem atingir nem um e nem o outro. Examinou-se de novo cada canto, cada buraco; mas não se descobriu nada: o oficial nada pôde ali compreender. Fez recolher as pedras, fez marcá-las e escondê-las num lugar bem afastado; isso foi em vão: as mesmas pedras caíram de novo na peça, na mesma hora. Enfim, para pôr termo a essa história inconcebível, o governo fez demolir a casa"

A pessoa que obteve este fato, em 1853, era uma mulher verdadeiramente superior, menos pela sua instrução e seu gênio que pela incrível energia de seu caráter. A parte essa ardente curiosidade e essa coragem indomável, que dela fizeram a mais espantosa viajante que jamais existiu, a senhora Pfeiffer não tinha em seu caráter nada de excêntrico. Era uma mulher de uma piedade doce e esclarecida, e que provou muitas vezes que estava longe de ser supersticiosa: tinha por lei não contar senão o que vira por si mesma, ou aquilo que tinha por fonte certa. (Ver a *Revue de Paris*, do dia 1º de setembro de 1856, e o *Dictionnaire des contemporains*, de Vapereau.)

1. Evocação da senhora Pfeiffer. - Estou aqui.

2. Estais surpresa pelo nosso chamado e por vos encontrardes entre nós? - R. Estou surpresa pela rapidez da minha viagem.

3. Como fostes prevenida que desejávamos falar-vos? - R. Fui conduzida aqui sem disso suspeitar.
4. Todavia, recebestes um aviso qualquer. - R. Um arrebatamento irresistível.
5. Onde estáveis, quando do nosso chamado? - R. Estava perto de um Espírito que tenho a missão de guiar.
6. Tivestes consciência dos lugares que atravessastes para vir aqui, ou bem aqui vos encontrastes subitamente, sem transição? -R. Subitamente.
7. Sois feliz, como Espírito? - R. Sim, não se pode ser mais feliz.
8. De onde vos veio esse gosto pronunciado pelas viagens? -R. Fui marinheiro numa vida precedente, e o gosto que tinha, nessa vida, pelas viagens refletiu sobre esta, apesar do sexo que escolhi para disso me subtrair.
9. Vossas viagens contribuíram para o vosso adiantamento, como Espírito? - R. Sim, porque as fiz com espírito de observação, que me faltou na existência precedente, quando não me ocupei senão de comércio e de interesses materiais: foi por isso que acreditei avançar mais numa vida sedentária; mas Deus, tão bom e tão sábio em seus decretos que não podemos penetrar, fez-me utilizar minhas tendências para fazê-las servir ao adiantamento que eu solicitei.
10. Qual das nações que visitastes pareceu a mais avançada e que preferistes? Não dissestes, quando viva, que vos agradavam certas populações da Oceania acima das nações civilizadas? - R. Era um sistema errôneo. Prefiro hoje a França, porque compreendo sua missão e prevejo seus destinos.
11. Qual o destino que prevês para a França? - R. Não posso dizer-vos sua destinação; mas sua missão é espalhar o progresso, as luzes, e portanto o Espiritismo VERDADEIRO.
12. Em que os selvagens da Oceania vos pareciam mais avançados que os Americanos? - R. Neles encontrei, à parte os vícios concernentes ao estado selvagem, qualidades sérias e sólidas que não encontrei alhures.
13. Confirmais o fato que teria se passado em Java, e que é narrado em vossas obras? - R. Eu o confirmo em parte; o fato das pedras marcadas e lançadas de novo merece explicação: eram pedras semelhantes, mas não as *mesmas*.
14. A que atribuíste esse fenômeno? - R. Eu não sabia a que atribuí-lo: perguntava-me se, com efeito, o diabo existia; e me respondia: Não, e nisso ficava.
15. Agora que podeis disso vos dar conta, podeis nos dizer de onde vinham essas pedras? Eram transportadas ou fabricadas de propósito pelos Espíritos? - R. Pedras transportadas. Era mais fácil, para eles, conduzi-las do que aglomerá-las.
16. E esse *siri*, de onde vinha? Era fabricado por eles? - R. Sim: era mais fácil, e, por outro lado, inevitável, uma vez que era impossível encontrá-lo inteiramente preparado.

17. Qual era o objetivo dessas manifestações? - R. Como sempre, para chamar a atenção e fazer constatar um fato do qual se falou e do qual se procurou a explicação.

Nota. Alguém pode observar que essa constatação não poderia conduzir a nenhum resultado sério entre tais povos; mas responde-se que há um resultado real, uma vez que, pelo relato e o testemunho da senhora Pfeiffer, chegou ao conhecimento dos povos civilizados, que o comentam e dele tiram conseqüências: esses são, aliás, os Holandeses que foram chamados a constatá-los.

18. Deveria haver aí um motivo especial, sobretudo quanto à criança atormentada por esses Espíritos? - R. A criança tinha uma influência favorável, eis tudo, uma vez que não lhe fizeram pessoalmente nenhum toque.

19. Uma vez que esses fenômenos eram produzidos pelos Espíritos, por que cessaram quando a casa foi demolida? - R. Cessaram porque se julgou inútil continuar; mas não deveríeis perguntar se *teriam podido* continuar.

20. Nós vos agradecemos por terdes vindo e terdes consentido em responder às nossas perguntas. - R. Estou ao vosso dispor.

Privat d'Anglemont

(Primeira conversa, em 2 de setembro de 1859.)

Leu-se no jornal *lê Pays*, de 15 ou 16 de agosto de 1859, a Notícia necrológica seguinte, sobre Privat d'Anglemont, homem de letras, falecido no asilo Dubois.

"Suas invenções jamais faziam mal a alguém; não teve senão a última de má, e ela voltou-se contra ele. Entrando na casa de saúde onde acaba de morrer aos poucos, mas onde se apagou feliz por um bem-estar novo, Privat d'Anglemont imaginou dizer que era anabatista, e da doutrina de Swedenborg. Tinha dito muitas outras em sua vida! Mas desta fez a morte pegou-o na palavra, e não lhe deixou tempo para se desdizer. A suprema consolação da cruz foi afastada de sua cama; seu enterro encontrou uma igreja, e passou outra. A cruz não veio, não mais, recebê-lo no limiar do cemitério. Quando o caixão foi depositado na tumba, Édouard Fournier, que pronunciou sobre esse pobre corpo palavras tocantes, não ousou desejar-lhe senão o sono, e todos os seus amigos se afastaram, espantados de que não o tivessem saudado um a um com a água que se assemelha às lágrimas e que purifica. Fizeram, pois, uma subscrição, depois disso, e tentaram edificar alguma coisa sobre uma sepultura sem esperança! Pobre Privat! Eu não o confio menos àquele que conhece todas as misérias de nossa alma, e que colocou o perdão como a lei na efusão de um coração afetuoso."

Faremos uma nota preliminar sobre essa Notícia Não há alguma coisa de atroz nesse pensamento de uma sepultura sem esperança, e que não merece mesmo a honra de um túmulo? A vida de Privat, sem dúvida, poderia ser mais meritória; sem contradita, teve defeitos; mas ninguém disse que foi um mau homem, fazendo, como tantos outros, o mal pelo prazer de fazê-lo, sob o manto da hipocrisia. Deve-se crer que, porque em seus últimos momentos na Terra foi privado das preces concedidas aos crentes, Deus o reprova para sempre, e que não lhe deixa senão o sono da eternidade por suprema esperança? Dito de

outro modo, que não é, aos olhos de Deus, senão um animal, homem de inteligência, negligente, é verdade dos bens e dos favores do mundo, vivendo o dia-a-dia sem se preocupar com o dia de amanhã, mas, em definitivo, homem de pensamento, senão gênio transcendente? Nessa conta, como deve ser assustador o número daqueles que entram no nada! Convenhamos que os Espíritos nos dão de Deus uma idéia bem sublime, e no-lo representam como sempre pronto a estender mão segura àqueles que reconhecem seus erros, aos quais deixa sempre uma âncora de salvação.

1. *Evocação.* - Eis-me; que desejais, meus amigos?

2. Tendes uma consciência límpida da vossa situação atual? - R. Não, não totalmente, mas espero não tardar a tê-la, porque felizmente para mim, Deus não me parece querer afastar-me dele, apesar da vida quase inútil que vivi na Terra, e terei mais tarde uma posição bastante feliz no mundo dos Espíritos.

3. No momento de vossa morte vos reconhecestes imediatamente? - R. Fiquei perturbado; isto se compreende, mas não tanto quanto se poderia supor, porque sempre amei o que era etéreo, poético, sonhador.

4. Poderíeis descrever-nos o que se passou em vós nesse momento? - R. Não se me passou nada que seja muito extraordinário e diferente daquilo que já sabeis; inútil, portanto, disso falar-vos ainda.

5. Vedes as coisas tão claramente como em vossa vida? - R. Não, não ainda, mas eu as verei.

6. Que impressão faz sobre vós a visão atual dos homens e das coisas? - R. Meu Deus, o que deles sempre pensei.

7. Do que vos ocupais? - R. Eu nada faço; estou errante; procuro, não mais uma posição social, mas uma posição Espírita; outro mundo, outra ocupação; é a lei natural das coisas.

8. Podeis vos transportar por toda parte onde quiserdes? - R. Não; eu seria muito feliz, meu mundo é restrito.

9. É-vos é necessário um tempo apreciável para vos transportardes de um lugar a outro? - R. Bastante apreciável.

10. Durante a vossa vida, constatáveis a vossa individualidade por meio de vosso corpo; mas agora que não tendes mais esse corpo, como a constatais? - R. Hum! É estranho! Eis uma coisa na qual ainda não pensara; tem-se muita razão ao dizer que se aprende alguma coisa todos os dias. Obrigado, caro confrade.

11. Pois bem! Uma vez que chamamos a vossa atenção sobre este ponto, quereis nele refletir, e nos responder. - R. Eu vos disse que sou restrito como espaço; mas, ai de mim! Eu, que sempre tive uma imaginação viva, também o sou assim como pensamento; responderei-vos mais tarde.

12. Qual era, durante vossa vida, a vossa opinião sobre o estado da alma depois da morte? - R. Eu a acreditava imortal, é evidente; mas confesso, com minha vergonha, que não acreditava, pelo menos que não tinha uma opinião bem determinada sobre a reencarnação.

13. Qual era a fonte do caráter original que vos distinguia? - R. Não tinha fonte direta; outros são profundos, sérios, filósofos; eu era alegre, vivo, original; é uma variedade de caráter; eis tudo.

14. Não poderíeis, pelo vosso talento, vos libertar dessa vida de boêmia que vos atormentou pelas necessidades materiais; porque creio que vos faltava, freqüentemente, o necessário? - R. Muito freqüentemente; mas, que quereis? eu vivia como me compelia meu caráter. Em seguida, jamais soube me dobrar a essas tolas maneiras do mundo; não sabia o que era ir mendigar uma proteção; a arte pela arte, eis meu princípio.

15. Qual é a vossa esperança para o futuro? - R. Não o sei ainda.

16. Lembrai-vos da existência que precedeu a que acabais de deixar? - R. Ela foi boa.

Nota. - Alguém observou que estas últimas palavras poderiam ser tomadas como uma exclamação irônica, o que era freqüente no caráter de Privat. Este respondeu espontaneamente:

- Eu vos peço mil perdões; não graciei; eu sou, é verdade, um Espírito pouco instruído para vós, mas enfim não quero gracejar com as coisas sérias. Terminemos aqui; não quero mais falar. Adeus.

(Quarta conversa, 9 de setembro de 1859.)

1. Evocação. - R. Vejamos, meus amigos, não terminastes, pois, de me fazerem perguntas, muito sensatas, mas às quais não posso responder?

2. Sem dúvida, é por modéstia que dizeis isso; porque a inteligência que mostrastes em vossa vida, e a maneira pela qual nos respondestes, provam que o vosso Espírito está acima do vulgo. -R. Bajulador!

3. Não, não bajulamos, dizemos o que pensamos; aliás, sabemos que a bajulação não teria objetivo com os Espíritos. Quando da vossa última conversa, nos deixastes bruscamente; gostaríeis de nos dizer a razão disso? - R. A razão, ei-la aqui em toda a sua simplicidade: Vós me colocais perguntas de tal modo fora de minhas idéias que fico muito embaraçado para responder; compreendeis, pois, a justa agitação do orgulho que devo experimentar permanecendo calado.

4. Vedes outros Espíritos ao vosso redor? - R. Vejo-os em quantidades: aqui, lá embaixo, por toda parte, por toda parte.

5. Refletistes sobre a pergunta que vos fizemos e à qual dissestes que nos responderíeis em uma outra vez? Eu a repito: Quando vivo, constatáveis a vossa individualidade por meio de vosso corpo; mas agora que não tendes mais esse corpo, como a constatais? Em uma palavra, como vos distinguis dos outros seres espirituais que vedes ao vosso redor? - R. Se posso vos exprimir o que me toca, tenho ainda conservada uma espécie de essência que me dá minha individualidade, e não me deixa nenhuma dúvida de que não seja eu mesmo, embora esteja morto para a Terra. Estou ainda num mundo novo, bem novo para mim... (depois de alguma hesitação.) Constato, enfim, a minha individualidade pelo meu perispírito,

que é a forma que tinha nesse mundo.

Nota. Pensamos que esta última resposta foi-lhe soprada por um outro Espírito, porque sua precisão contrasta com o embaraço que parece indicar o início.

6. Assististes aos vossos funerais? - R. Sim, eu assisti a eles, mas não sei muito por quê.

7. Que sentimento isso vos fez experimentar? - R. Eu o vi com prazer, com muita satisfação, que em deixando a Terra, nela deixo ainda lamentações.

8. De onde vos veio a idéia de vos dizer anabatista e sweden-borgoriano; foi porque estudastes a doutrina de Swedenborg? - R. Foi uma de minhas idéias excêntricas entre as outras.

9. Que pensais da pequena Notícia necrológica publicada sobre vós em te *Pays*? - R. Vós me embaraçais, porque credes, se publicásseis essas comunicações na *Revista*, que isso daria prazer àquele que a escreveu, que eu digo, eu, para quem elas foram feitas, que são belas frases, nada mais do que belas frases?

10. Retomastes, algumas vezes, para ver os lugares que freqüentastes quando vivo, e os amigos que deixastes? - R. Sim, e ousou dizer que nisto encontro ainda uma certa satisfação. Quanto aos amigos, tinha-os bem poucos sinceros; muitos me apertavam a mão sem ousarem me dizer que eu era excêntrico, e por último me destruíam, me tratavam de louco.

11. Para onde pretendeis ir, em nos deixando? Esta não é uma pergunta indiscreta, mas para nossa instrução. - R. Onde irei?... Vejamos, pois!... Olhai, uma excelente idéia... vou me pagar uma pequena alegria... uma vez não é costume... Vou fazer um pequeno passeio, visitar um pequeno quarto que, durante minha vida, deixou-me lembranças bem agradáveis... Sim, é uma boa idéia; aí passarei a noite, à cabeceira de um pobre diabo escultor que esta noite não jantou, e que pediu ao sono o alívio de sua fome... Quem dorme janta... Pobre rapaz! Tranqüiliza-te, vou dar-te sonhos magníficos.

12. Não se poderia saber onde mora este escultor, para que se pudesse ajudá-lo? - R. Esta é uma questão que poderia ser indiscreta, se eu não conhecesse o louvável sentimento que a dita... Não posso responder a esta questão.

13. Terieis a bondade de nos ditar alguma coisa em seguida, sobre um assunto à vossa escolha. Vosso talento de literato deve tornar-vos a coisa fácil. - R. Não ainda; todavia, me pareceis tão afáveis, tão compassivos, que vos prometo escrever alguma coisa. Agora, talvez, poderia ser um pouco eloqüente, mas temo que minhas comunicações sejam ainda muito terrestres; deixai minha alma depurar um pouco; deixai-a trocar esse envoltório grosseiro que ainda a prende, e então eu vos prometo uma comunicação; somente vos pedirei uma coisa, que é pedir a Deus, nosso soberano senhor, conceder-me o perdão, o esquecimento de minha inutilidade na Terra; porque cada homem tem uma missão neste mundo, infeliz quem não a cumpre com fé e religião! Orai! Orai! Adeus.

(Terceira conversa.)

Estou aqui há muito tempo. Prometi dizer alguma coisa; eu direi.

Nada é mais embaraçoso, sabeis-o, meus amigos, que falar assim sem preâmbulo, e atacar um assunto sério. Um sábio não prepara suas obras senão depois de muito longas reflexões, senão depois de amadurecer por muito tempo o que deve dizer, o que deve empreender. Quanto a mim, eu o lamento, mas ainda não encontrei um assunto que seja digno de vós; não poderia dizer-vos puerilidades; prefiro, pois, pedir-vos para passar a questão para o mesmo dia da semana seguinte, como se diz no tribunal; talvez, então, terei encontrado alguma coisa que possa vos interessar e vos instruir.

Tendo o médium insistido mentalmente para que dissesse alguma coisa, ele acrescentou: Mas, meu caro, acho-te admirado! Não, prefiro permanecer ouvinte; tu não sabes, pois, que há para mim tanta instrução, quanto para vós, em escutar o que se discute aqui? Não; eu vos repito, permaneço simples ouvinte; é um papel que será para mim muito mais instrutivo. Apesar de tuas instâncias, não quero responder; crês, pois, que seria muito agradável para mim que se dissesse: Ah! Esta noite evocou-se Privat d'Anglemont. -Verdadeiramente! Que disse ele? - Nada, absolutamente nada. -Obrigado! Gosto mais que se conserve de mim uma boa opinião. Cada um com as suas idéias.

Comunicação espontânea de Privat d'Anglemont

(Quarta conversa, 30 de setembro de 1859.)

"Enfim eis que o Espiritismo faz grande ruído por toda a parte, e eis que os jornais dele se ocupam, de um modo indireto, é verdade, citando fatos extraordinários de aparições, de pancadas, etc. Meus ex-confrades citam os fatos sem comentários; nisso dão prova de inteligência, porque a Doutrina Espírita jamais deve ser mal discutida ou achada ruim. Todavia, ainda não admitiram a veracidade do papel do médium; eles duvidam; mas eu refuto as suas objeções em dizendo isto, que eles mesmos não são senão médiuns; todos os escritores, pequenos e grandes o são, mais ou menos; o são nesse sentido que os Espíritos que estão ao seu redor agem sobre o seu sistema mental, e lhes inspiram, freqüentemente, pensamentos que se glorificam de terem criado. Certamente, jamais teriam duvidado que eu, Privat d'Anglemont, Espírito leviano por excelência, jamais teria resolvido esta questão; e, todavia, não digo senão a verdade, e para prova dou uma coisa bem simples: Como ocorre que, depois de ter escrito durante algum tempo, estão como sobre-excitados e num estado de febre pouco comum? A atenção, dir-me-eis. Mas quando estais bem ligados a uma coisa, suponho olhando um quadro, é quando tendes a febre? Não, não é? Portanto, é necessário que haja uma outra causa. Pois bem! Eu o repito, a causa está na espécie de comunicação que existe entre o cérebro do escritor e os Espíritos que o cercam. Agora, meus caros confrades, chicoteai se vos parece bom o Espiritismo, zombai dele, mas com certeza zombareis de vós mesmos, vos dareis para mais tarde vergastas para vós... me compreendeis?"

PRIVAT D'ANGLEMONT.

O médium que servira de intérprete a Privat d'Anglemont na Sociedade, tendo a idéia de evocá-lo particularmente, teve com ele a conversa seguinte. Parece que este Espírito teve por ele uma certa afeição, seja porque encontrou nele um instrumento fácil, seja porque haja entre eles simpatia. Esse médium é um jovem iniciante na carreira literária, e seus felizes ensaios anunciam disposições que Privat, sem dúvida, tem prazer em encorajar. 1. Evocação.

- R. Eis-me; já faz algum tempo que estou contigo; esperava essa evocação de tua parte. Fui eu que, a toda hora, inspirei alguns bons pensamentos que tiveste; foi a fim, caro amigo, de te consolar um pouco, e fazer-te suportar com mais coragem as penas deste mundo. Crês, pois, que não sofri também, mais do que pensais, vós todos que sorris às minhas excentricidades? E sob essa couraça de indiferença que afetei sempre, quanto escondi de desgostos e de dores! Tinha somente uma qualidade muito preciosa para um homem de letras ou para um artista: tenho sempre, e não importa em que ocasião, temperado meus sofrimentos com a alegria. Quando eu sofria muito, fazia pilhérias, jogo de palavras, gracejos. Quantas vezes a fome, a sede, o frio vieram bater à minha porta! E quantas vezes não lhes respondi com uma longa e alegre gargalhada! Gargalhada simulada, dirás? Pois bem! Não, não amigo, confesso-te que era sincera. Que queres! Sempre tive o caráter mais negligente que é possível ter. Jamais me preocupei com o futuro, não mais do que com o passado e o presente. Sempre vivi em verdadeira boêmia, sem preocupação com o futuro; gastando cinco francos quando os tinha, e mesmo quando não os tinha; e não mais rico quatro dias depois de ter recebido o dinheiro, do que o era na véspera.

Certamente, não desejava a quem quer que seja levar essa vida inútil, incoerente, irracional. Os excêntricos não são mais do nosso tempo; as idéias novas fizeram por isso progressos muito rápidos. É uma vida da qual em nada me glorifico, e da qual, às vezes, tenho vergonha. A juventude deve ser estudiosa: ela deve procurar, pelo trabalho, fortificar sua inteligência, a fim de melhor conhecer e apreciar os homens e as coisas.

Desenganai-vos, pessoas jovens, se credes que, saindo do colégio, sois homens completos ou sábios. Tendes a chave para tudo saber cabe-vos, agora, trabalhar e estudar; cabe-vos entrar, mas decididamente, no vasto campo que vos é oferecido, e cujos caminhos foram aplanados pelos vossos estudos do colégio: Sei que é necessário distração à juventude: o contrario seria contra a natureza; entretanto, muita não é preciso; porque aquele que durante a primavera de sua vida não pensou senão no prazer, prepara-se para, mais tarde, penosos remorsos. Será então que a experiência e as necessidades deste mundo lhe ensinarão que os momentos perdidos não se recuperam jamais. É necessário a um jovem leituras sérias: os autores antigos, freqüentemente, são os melhores, porque seus bons pensamentos sugerem outros. Devem evitar, sobretudo, os romances, que não excitam senão a imaginação e deixam o coração no vazio. Os romances não deveriam ser tolerados senão como distração, uma vez de tempo em tempo, ou para algumas senhoras que nada têm de melhor para fazer. Instruí-vos! Instruí-vos! Aperfeiçoai a inteligência que Deus vos deu; não se é digno de viver senão a esse preço.

- P. Tua linguagem me espanta, caro Privat. Tu te apresentaste a mim sob aparência muito espiritual, sem dúvida, mas não como Espírito profundo, e agora... - R. Alto lá! jovem; eu te detenho. Eu apareci, ou antes, comuniquei-me com todos vós como um Espírito pouco profundo, de acordo; mas ocorre que não estava ainda totalmente desligado do meu envoltório terrestre, e o estado de Espírito não se apresentara, ainda, em toda a sua realidade. Agora, amigo, eu sou um Espírito, nada mais que um Espírito. Sinto que vou provar tudo como os outros, e a minha vida na Terra não me parece mais que um sonho; e que sonho! Estou em parte habituado a este mundo novo que deve ser a minha morada e por algum tempo.

- P. Quanto tempo crês permanecer como Espírito, e em tua nova existência o que fazes? Quais são tuas ocupações? - R. O tempo que devo permanecer como Espírito está nas mãos de Deus, e durará - suponho e tanto quanto posso conceber - até que Deus ache a minha alma bastante depurada para encarnar numa região superior. Quanto às minhas ocupações, são quase nulas. Estou ainda errante, e é uma consequência da vida que levei na Terra.

Assim é que, o que me parecia um prazer no vosso mundo, para mim agora é uma pena. Sim, é verdade, gostaria de ter uma ocupação séria, interessar-me por qualquer que merecesse a minha simpatia, inspirar-lhe bons pensamentos; mas, meu caro amigo, é muito tagarelar, e se me consentes permiti-lo, vou me retirar. Adeus; se tiveres necessidade de mim, não temas chamar-me: acorrerei com prazer. Coragem! Sé feliz!

Dirkse Lammers

(Sociedade, 11 de novembro de 1859.)

O senhor Van B..., de La Haye, presente à sessão, deu conta do fato seguinte, que lhe foi pessoal.

Numa reunião Espírita, à qual assistia, em La Haye, um Espírito, que se designou sob o nome de *Dirkse Lammers*, se manifestou espontaneamente. Interrogado sobre as particularidades que lhe concernem, e sobre o motivo de sua visita no meio de pessoas que não o conheciam, e que não o chamaram, contou assim a sua história:

"Eu vivia em 1592, e fui enforcado no lugar onde estais neste momento, numa estrebaria de vacas, que existia então sobre o local da casa atual. Eis em quais circunstâncias: eu tinha um cão, e minha vizinha tinha galinhas. Meu cão estrangulou suas galinhas, e a vizinha, para disso se vingar, envenenou meu cão. Na minha cólera, bati e feri essa mulher; ela atacou-me na justiça, e fui condenado a três meses de prisão e a 25 florins de multa. Se bem que a condenação fosse bastante leve por isso não foi menor meu ódio contra o advogado X.....que a havia provocado, e resolvi me vingar dele. Em conseqüência, esperei num caminho abandonado que ele tomava todas as tardes para ir a Loosduinen, perto de La Haye; estrangulei-o e pendurei-o numa árvore. Para fazer crer num suicídio, coloquei no seu bolso um papel preparado de antemão, como sendo escrito por ele, e pelo qual dizia não acusar ninguém de sua morte, visto que ele mesmo tirara sua vida. Desde esse momento, o remorso perseguiu-me, e três meses depois me enforquei, como disse, no lugar onde estais. Vim, impelido por uma força à qual não pude resistir, confessar meu crime, na esperança que isso poderá, talvez, trazer algum alívio à pena que suporto desde então."

Esse relato feito com detalhes tão circunstanciais, tendo espantado a assembléia, tomaram-se informações e soube-se, pelas pesquisas feitas no estado civil, que, com efeito, em 1592, um advogado, de nome X..... enforcou-se no caminho de Loosduinen.

Tendo sido evocado, na sessão da Sociedade do dia 11 de novembro de 1859, o Espírito de Dirksen Lammers se manifestou por atos de violência, quebrando os lápis. Sua escrita era irregular, grossa, quase ilegível, e o médium experimentou uma dificuldade extrema para traçar os caracteres.

1. *Evocação*. Eis-me. Por que fazer?

2. Reconheceis aqui uma pessoa com a qual recentemente vos comunicastes? - R. Dei bastante provas de minha lucidez e de minha boa vontade: isso deveria bastar.

3. Com qual objetivo vos comunicastes, espontaneamente, na

casa do senhor Van D.....? - R. Eu não o sei; fui enviado para lá;

e não tinha, por mim mesmo, grande vontade para contar o que fui forçado a dizer.

4. Quem vos obrigou a fazê-lo? - R. A força que nos conduz: disso não sei nada mais; fui arrastado, apesar de mim, e forçado a obedecer aos Espíritos que tinham direito de se fazerem obedecer.

5. Fostes constrangido a atender ao nosso apelo? - R. Muito: aqui não estou no meu lugar.

6. Sois feliz como Espírito? - R. Bela pergunta!

7. Que podemos fazer para vos ser agradável? - R. É que desejais fazer alguma coisa que me seja agradável!

8. Certamente: a caridade nos ordena ser útil, quando o podemos, tanto para os Espíritos quanto para os homens. Uma vez que sois infeliz, chamaremos sobre vós a misericórdia de Deus: nós nos empenharemos em pedir por vós. - R. Eis, há séculos, as primeiras palavras desta natureza que me são dirigidas. Oh! Obrigado! Obrigado! Por Deus! Que isso não seja uma vã promessa, eu vos peço.

Michel François

(Sociedade, 11 de novembro de 1859.)

Michel François, ferrador, que viveu no fim do século XVII, tendo se dirigido ao administrador de Provence, disse-lhe que um espectro lhe tinha aparecido, e lhe ordenara ir revelar ao rei Louis XIV as coisas mais importantes e mais secretas. Fê-lo partir para a Corte, no mês de abril de 1697. Uns dizem que ele falou com o rei, outros dizem que o rei se recusou ouvi-lo. O que há de verdadeiro, acrescenta-se, é que em lugar de enviá-lo ao hospício, ele obteve dinheiro para a sua viagem, e a isenção de impostos e outras imposições reais.

1. *Evocação.* - R. Estou aqui.

2. Como soubestes que desejávamos vos falar? - R. Como me fazeis esta pergunta? Não sabeis que estais cercados de Espíritos que advertem aqueles com os quais desejais vos comunicar?

3. Onde estáveis quando vos chamamos? - R. No espaço, porque ainda estou errante.

4. Estais surpreso por vos encontrar no meio de pessoas vivas? - R. Não pelo menos do mundo; com elas me encontro freqüentemente.

5. Lembrai-vos de vossa existência, em 1697, sob Louis XIV, quando éreis ferrador? - R. Muito confusamente.

6. Lembrai-vos da revelação que queríeis fazer ao rei? - R. Lembro-me que tinha de fazer-lhe uma revelação.

7. Essa revelação, a fizestes? - R. Sim.

8. Dissestes que um espectro vos aparecera e vos ordenara ir revelar certas coisas ao rei; quem era esse espectro? - R. Era o de seu irmão.

9. Podeis nomeá-lo? - R. Não; vós me compreendeis.

10. Esse homem era designado sob o nome de Máscara de ferro? - R. Sim.

11. Agora que estamos bem longe daquele tempo, poderíeis dizer-nos qual era o assunto dessa revelação? - R. Era justamente de informar-lhe sua morte.

12. A morte de quem? Era a de seu irmão? - R. Mas sim.

13. Que impressão vossa revelação teve sobre o rei? - R. Uma impressão misturada com desgosto e satisfação: de resto, isso está bem provado pelo modo pelo qual ele me tratou.

14. Como vos tratou? - R. Com bondade e afabilidade.

15. Diz-se que coisa semelhante aconteceu com Louis XVIII. Sabeis se isso é verdade? - R. Creio que houve alguma coisa como isso, mas não estou bem instruído a respeito.

16. Por que esse Espírito vos escolheu para essa missão, vós, um homem obscuro, antes que um personagem da corte que se aproximasse do rei mais facilmente? - R. Eu me encontrei em seu caminho, dotado da faculdade que ele desejava encontrar, e que era necessária, e também porque um personagem da corte não poderia fazer aceitar a revelação: crer-se-ia instruído por outros meios.

17. Qual foi o objetivo dessa revelação, uma vez que o rei seria necessariamente informado da morte de seu irmão, antes de informado por vós? - R. Era para fazê-lo refletir sobre a vida futura e sobre a sorte à qual poderia se expor, e com efeito se expôs: seu fim foi manchado por ações pelas quais ele acreditava assegurar-se um futuro que essa revelação poderia tomar melhor.

Comunicações espontâneas obtidas nas sessões da Sociedade.

Revista Espírita, dezembro de 1859

30 de setembro de 1859. (Méd. Sr. R...)

Amai-vos uns aos outros, eis toda a lei: lei divina, pela qual Deus cria sem descanso e governa os mundos. O amor é a lei de atração para os seres vivos e organizados; a atração é a lei de amor para a matéria inorgânica.

Não esqueçais jamais que o Espírito, qualquer que seja seu grau de adiantamento, sua situação, como reencarnação ou erraticidade, está *sempre* colocado entre um superior que o guia e aperfeiçoa, e o inferior perante o qual tem os mesmos deveres a cumprir.

Sede, pois, caridosos, não só desta caridade que vos leva a tirar de vossa bolsa o óbolo que dais friamente àquele que ousa vos pedir, mas ide ao encontro das misérias ocultas.

Sede indulgentes com os defeitos de vossos semelhantes; em lugar de desprezar a ignorância e o vício, instruí-os e moralizai-os; sede-o, mesmo, diante dos seres mais ínfimos da criação, e tereis obedecido à lei de Deus.

VICENTE DE PAULO.

Nota. Os Espíritos considerados pelos homens como *santos*, não tomam geralmente essa qualidade; assim São Vicente de Paulo assina simplesmente *Vicente de Paulo*; São Luís assina *Louis*, e aqueles, ao contrário, que usurpam nomes e qualidades que não lhes pertencem, comumente, ostentam seus falsos títulos, crendo, sem dúvida, com isso se impor mais facilmente; mas essa máscara não pode enganar a quem se dê ao trabalho de lhes estudar a linguagem; a dos Espíritos realmente superiores tem uma marca com a qual não se pode equivocar.

18 de novembro de 1859. (Méd. Sr. R...)

A união faz a força; sede unidos para serdes fortes. O Espiritismo germinou, lançou raízes profundas; vai estender sobre a Terra seus ramos benfazejos. É necessário tomar-vos invulneráveis contra as flechas envenenadas da calúnia e da negra falange dos ignorantes, dos egoístas e dos hipócritas. Para aí chegar, que uma indulgência e uma benevolência recíprocas presidam as vossas relações; que vossos defeitos passem despercebidos, que somente as vossas qualidades sejam notadas; que a luz da santa amizade reúna, esclareça e reanime os vossos corações, e resistireis aos ataques impotentes do mal como a rocha inquebrantável à vaga furiosa.

VICENTE DE PAULO.

23 de setembro de 1859. (Méd. Sr. R...)

Até o momento não considerastes a guerra senão sob o ponto de vista material; guerras intestinas, guerras de povos a povos; não tendes jamais visto nisso senão conquistas, escravidão, sangue, morte e ruínas; é tempo de considerá-la sob o ponto de vista moralizador e progressista. A guerra semeia, em sua passagem, a morte e as idéias; as idéias germinam e se engrandecem; o Espírito, depois de se fortalecer na vida Espírita, vem fazê-las frutificar. Não sobrecarregueis, pois, com as vossas maldições, o diplomata que preparou a luta, nem o capitão que conduziu seus soldados à vitória; grandes lutas se preparam: lutas do bem contra o mal, das trevas contra a luz, lutas do espírito de progresso contra a ignorância estacionária. Esperai com paciência, porque nem vossas maldições, nem vossos louvores, em nada poderiam mudar quanto à vontade de Deus; ele saberá sempre manter ou afastar seus instrumentos do teatro dos acontecimentos, segundo tenham cumprido sua missão, ou que tenham abusado, para servir seus objetivos pessoais, do poder que terão adquirido pelo seu sucesso. Tendes o exemplo do César moderno e do meu. Devi, por várias existências miseráveis e obscuras, expiar minhas faltas, e vivi, pela última vez, na Terra, sob o nome de Louis IX.

JÚLIO CÉSAR.

A Infância e o Riacho; parábola

11 de novembro de 1859. (Méd. Sr. Did...)

Um dia, uma criança chegou junto de um riacho bastante rápido que tinha quase a impetuosidade de uma torrente; a água lançava-se de uma colina vizinha, e engrossava à medida que avançava na província. A criança se pôs a examinar a torrente, depois amontoou toda espécie de pedras que pegava em seus pequenos braços; resolveu construir um dique; cega presunção! Apesar de todos os seus esforços e sua pequena cólera, não pôde a isso chegar. Refletindo, então, mais seriamente, se fosse preciso empregar essa palavra a uma criança, ela subiu mais alto, abandonou sua primeira tentativa, e quis fazer seu dique mais perto da própria fonte do riacho; mai ai! Seus esforços foram ainda impotentes; desencorajou-se e daí se foi chorando. Ainda estava na bela estação, e o riacho não estava mais rápido em comparação com que estivera no inverno; ele cresceu, e a criança viu seus progressos; a água, engrossando-se lançava-se com mais fúria, derrubando tudo em sua passagem, e a infeliz criança, ela mesma, teria sido arrastada se tivesse ousado aproximar-se dele como da primeira vez.

Ó homem fraco! Criança! Tu queres elevar uma muralha, um obstáculo intransponível à marcha da verdade, não és mais forte que essa criança, e tua pequena vontade não é mais forte que seus pequenos braços; quando mesmo quiseses esperá-la em sua fonte, a verdade, estejas disso seguro, te arrastará infalivelmente.

BASILE.

Os três Cegos; parábola

7 de outubro de 1859. (Méd. Sr. Did...)

Um homem rico e generoso, o que é raro, encontrou em seu caminho três infelizes cegos consumidos pela fome e pela fadiga; apresentou a cada um uma peça de ouro. O primeiro, cego de nascença, irritado pela miséria, sequer abriu a mão; jamais *vira*, dizia, quem ofertasse ouro a um mendigo: a coisa era *impossível*. O segundo estendeu maquinalmente a mão, mas rejeitou logo a oferenda que se lhe fizera; como o seu amigo, ele a considerava qual uma ilusão ou uma obra de mau gosto: em uma palavra, segundo ele, a peça era falsa. O terceiro, ao contrário, cheio de fé em Deus e inteligência, no qual a fineza do tato havia em parte substituído o sentido que lhe faltava, pegou a peça, apalpou-a, e levantando-se, bendizendo seu benfeitor, partiu para a cidade vizinha para se proporcionar o que faltava à sua existência.

Os homens são os cegos; o Espiritismo é o ouro; julgai a árvore pelos seus frutos.

30 de setembro de 1859. (Méd. Srta. H...)

Pedi a Deus deixar-me vir um instante entre vós, para dar-vos o conselho de não terem jamais querelas religiosas; não digo guerras religiosas, porque hoje o século é muito avançado para isso, mas, naquele em que vivi, era uma infelicidade geral, e não pude evitá-lo, a fatalidade arrebatou-me, e compeli os outros, eu que deveria moderá-los. Assim tive a minha punição, primeiro da Terra, depois por três séculos expiei cruelmente meu crime. Sede dóceis e pacientes para aqueles que ensinai; se não querem vir a vós no início, que venham mais tarde, quando verão a vossa abnegação e o vosso devotamento.

Meus amigos, meus irmãos, eu não saberia mais vos recomendar, o que de mais horrível, com efeito, que se degolar mutuamente em nome de um Deus clemente, em nome de uma religião tão santa que não prega senão a misericórdia, a bondade e a caridade! Em lugar disso, mata-se, ou se massacra para forçar as pessoas que se quer converter a um Deus bom, diz-se; mas em lugar de crer em vossa palavra, aqueles que sobrevivem apressam-se em vos deixar e se afastarem de vós como bestas ferozes. Sede, pois, bons, eu o repito, e sobretudo cheios de amenidades para aqueles que não crêem como vós.

CHARLES IX

1. Teria a complacência de responder a algumas perguntas que desejaríamos vos dirigir? - R. Eu o quero muito.
2. Como expiastes as vossas faltas? - R. Pelo remorso.
3. Tivestes outras existências corporais depois daquela que nós vos conhecemos? - R. Tive uma; estive encarnado num escravo das duas Américas; sofri muito; isso me avançou na minha purificação.
4. Em que se tornou vossa mãe, Catherine de Médicis? - R. Ela sofreu também; está num outro planeta, onde cumpre uma vida de devotamento.
5. Poderíeis escrever a história do vosso reinado, como o fizeram Louis XI, e outros? - R. Eu o poderia também...

6. Quereis fazê-lo por intermédio do médium que vos serve neste momento de intérprete? - Sim, este médium pode servir-me; mas não começarei esta noite; não Vim para isso.

7. Também, não pedimos para começar hoje; pedimos fazê-lo no vosso lazer e no do médium; este será um trabalho de fôlego que exigirá um certo lapso de tempo, e contamos com a vossa promessa? - R. Eu o farei. Adeus.

Comunicações estrangeiras lidas na Sociedade

(Comunicação obtida pela Senhorita de P...)

A bondade do Senhor é eterna. Ele não quer a morte de seus filhos queridos; mas, ó homens! Refleti que depende de vós apressar o reino de Deus na Terra ou afastá-lo; que sois responsáveis uns pelos outros; que em vos melhorando vós mesmos, trabalhais pela regeneração da Humanidade; a tarefa é grande; a responsabilidade pesa sobre cada um, e ninguém pode recusar-se. Abraçai com fervor a gloriosa tarefa que o Senhor vos impõe, mas pedi-lhe que envie trabalhadores para os seus campos, porque a colheita é grande, e os trabalhadores pouco numerosos, como vos disse o Cristo.

Mas eis nós vos fomos enviados como os trabalhadores de nossos corações; nele semeamos o bom grão; cuidai de não sufocá-lo; irrigai-o com as lágrimas do arrependimento e da alegria; do arrependimento por ter vivido tanto tempo numa terra maldita pelos pecados do gênero humano, distante do único Deus verdadeiro, adorando falsos gozos do mundo, que não deixam no fundo da forma senão remorsos e tristeza. Chorai de alegria, porque o Senhor vos considerou em graça; porque quer apressar a chegada de seus filhos bem amados ao seu seio paternal; porque quer que todos vós estejais ornamentados com a inocência dos anjos, como se não fósseis jamais vos afastar dele.

O único que vos mostrou o caminho para alcançar essa glória primitiva; o único ao qual não podereis censurar por estar enganado em seus ensinamentos; o único justo perante Deus; o único, enfim, que deveríeis seguir para serdes agradáveis a Deus, é o Cristo: sim, o Cristo, vosso divino mestre, que esquecestes e menosprezastes durante séculos. Amai-o, porque ele pede sem cessar por vós, ele quer vir em vosso socorro. Como! A incredulidade ainda resiste! As maravilhas do Cristo não podem abatê-la! As maravilhas de toda a criação permanecem impotentes sobre esses Espíritos zombeteiros, sobre esta poeira que não pode prolongar por um único minuto sua miserável existência! Estes sábios que crêem só eles possuírem todos os segredos da criação, não sabem de onde vêm, nem para onde vão, e, todavia, negam tudo, duvidam de tudo; porque conhecem algumas das mais vulgares leis do mundo material, crêem poder julgar o mundo imaterial, ou antes dizem que nada há de imaterial, que tudo deve obedecer a essas mesmas leis materiais que conseguiram descobrir.

Mas vós, cristãos! Sabeis que não podeis negar a nossa intervenção sem negar, ao mesmo tempo, o Cristo, sem negar toda a Bíblia, porque não há nela uma página onde não encontreis os traços do mundo visível em relação com o mundo invisível. Pois bem! Dizei, sois cristãos ou não o sois?

RAMBRAND.

(Outra obtida pelo Sr. Pêc.)

Cada homem tem nele o que chamais uma voz interior, é o que o Espírito chama a consciência, juiz severo, que preside a todas as ações da vossa vida. Quando o homem está só, ele escuta essa voz da consciência e se pesa em seu justo valor; freqüentemente, tem vergonha de si mesmo: neste momento reconhece Deus; mas a ignorância, fatal conselheira, impele-o e lhe coloca a máscara; ele se apresenta a vós todo inchado com o seu vazio; procura vos enganar pela altivez que se dá. Mas o homem de coração reto não tem a cabeça arrogante; escuta com proveito as palavras do sábio; sente que não é nada e que Deus é tudo; procura se instruir no livro da Natureza, escrito pela mão do Criador; eleva seu Espírito, expulsa de seu envoltório as paixões materiais que, muito freqüentemente, vos desviam. É um guia perigoso, senão uma paixão que vos conduz; reprima isto, amigo; deixai rir o cético, seu riso se extinguirá; em sua hora derradeira o homem se torna crente. Assim, pensai sempre em Deus, só ele não engana; lembrai-vos de que não há senão um caminho que conduz a ele: a fé, e o amor de seus semelhantes.

UM MEMBRO DA FAMÍLIA.

Um antigo charreteiro

Revista Espírita, dezembro de 1859

O senhor V... é um jovem, excelente médium, e que se distingue geralmente pela bondade de suas revelações com o mundo Espírita. Todavia, desde que ocupa o quarto em que habita, um Espírito inferior se mistura à suas comunicações, e se interpõe mesmo em seus trabalhos pessoais. Encontrando-se uma noite (6 de setembro de 1859), na casa do senhor Allan Kardec, com quem devia trabalhar, foi entravado por esse Espírito que, ou fazia-o traçar coisas incoerentes, ou impedia-o de escrever. O senhor Allan Kardec, dirigindo-se, então, a esse Espírito, teve com ele a seguinte conversa:

1. Por que vens aqui quando não és chamado? - R. Eu quero atormentá-lo.
2. Quem és tu? Diga teu nome? - R. Não o direi, eu.
3. Qual é o teu objetivo vindo assim misturar-se com aquilo que não te diz respeito? Isto não te aproveita em nada. - R. Não, mas o impeço de ter boas comunicações, e sei que isto o entristece muito.
4. Tu és um mau Espírito, uma vez que te alegras em fazer o mal. Em nome de Deus, eu te intimo a retirar-te e nos deixar trabalhar tranqüilamente. - É que crês meter-me medo com tua voz grossa?
5. Se não é de mim que tens medo, terás, sem dúvida, medo de Deus, em nome de quem te falo, e que bem te poderá fazer se arrepender da maldade. - R. Não nos irrite, burguês.
6. Eu repito que tu és um mau Espírito, e te peço, ainda uma vez, não nos impedir de trabalhar. - R. Eu sou o que sou, é minha natureza.

Tendo sido chamado um Espírito superior, e pedido para afastar este intruso, a fim de não interromper o trabalho, provavelmente o mau Espírito se foi, porque durante todo o resto da noite, não houve mais nenhuma interrupção. Interrogado sobre a natureza desse Espírito, respondeu:

Esse Espírito, que é da mais baixa classe, é um antigo charreteiro que morreu não longe da casa onde mora V... (o médium). Ele elegeu por domicílio seu próprio quarto, e há longo tempo é ele que o obsidia, sem cessar, o atormenta continuamente. Agora que sabe que V... deve deixar seu alojamento por ordem de Espíritos superiores, ele o atormenta mais que nunca. É ainda uma prova de que, o que o médium escreve, não é o seu pensamento. Tu vês assim que há boas coisas mesmo nas mais desagradáveis aventuras da vida. Deus faz ver o seu poder por todos os meios possíveis.

- Qual era o caráter desse homem, em sua vida? - R. Tudo o que mais se aproxima do animal. Creio que seus cavalos tinham' mais inteligência e mais sentimento do que ele.

- Qual é o meio, para o senhor V..., se desembaraçar dele?

- R. Há dois; o meio espiritual, é pedir a Deus; o meio material, é deixar a casa onde está.

- Há, pois, verdadeiramente, lugares assombrados por certos Espíritos? - R. Sim, Espíritos que estão ainda sob a influência da matéria se prendem a certos lugares.

- Os Espíritos que assombram certos lugares podem torná-los fatalmente funestos ou propícios para as pessoas que o habitam? -- R. Sim, poderiam impedi-los disso? Mortos, exercem sua influência como Espíritos; vivos, a exercem como homens.

- Alguém que não fosse médium, que jamais tivesse mesmo ouvido falar de Espíritos, ou que não acreditasse neles, poderia sofrer essa influência, e ser alvo dos vexames desses Espíritos? - R. Indubitavelmente; isto ocorre mais freqüentemente do que pensais, e explica muitas coisas.

- Há algum fundamento nesta crença de que os Espíritos freqüentam de preferência as ruínas ou as casas abandonadas?

- R. Superstição.

- Assim, os Espíritos assombrarão tanto uma casa nova da rua de Rivoli quanto um velho pardieiro? - R. Certamente, porque eles podem ser atraídos para um lugar antes que para um outro, pela disposição de espírito de seus habitantes.

O Espírito do precedentemente citado charreteiro, tendo sido evocado na Sociedade, por intermédio do senhor R..., manifestou-se por sinais de violência, quebrando os lápis, que forçava contra o papel com força, e por uma escrita grossa, tremida, irregular e pouco legível.

1. Evocação. - R. Estou aqui.

2. Reconheceis o poder de Deus sobre vós? - R. Sim, contra?

3. Por que escolhestes o quarto do senhor V... antes que um outro? - R. Isto me satisfaz.

4. Permanecereis ali por muito tempo? - R. Tanto quanto me sinta bem.

5. Não tendes, pois, intenção de se melhorar? - R. Isto veremos, tenho o tempo.

6. Estais contrariado por termos vos evocado? - R. Sim.

7. Que fazíeis quando vos chamamos? - R. Estava na casa do negociante de vinhos.

8. O que bebíeis? - R. Que asneira! Posso eu beber!

9. O que quisestes dizer falando do negociante de vinho? - R. Quis dizer o que disse.

10. Quando vivo, maltratáveis os vossos cavalos? - R. Sois guardiães da paz? 11. Querejs que se ore por vós? - R. É que faríeis isto?

12. Certamente, oramos por todos aqueles que sofrem, porque temos piedade dos infelizes, e sabemos que a misericórdia de Deus é grande. - R. Oh! Bem, sois bons tipos assim mesmo; gostaria de vos apertar a mão; vou tratar de merecê-lo. Obrigado!

Nota. Esta conversa confirma o que a experiência já provou muitas vezes, no que diz respeito à influência que os homens podem exercer sobre os Espíritos, e por meio da qual podem contribuir para o seu melhoramento. Mostra a influência da prece. Assim, essa natureza bruta e quase bravia, e selvagem, se acha como domesticada pelo pensamento do interesse que se lhe pode ter. Temos numerosos exemplos de criminosos que vieram espontaneamente se comunicar a médiuns que tinham orado por eles, e testemunharem seu arrependimento.

Às observações acima, acrescentaremos as considerações seguintes, sobre a evocação de Espíritos inferiores.

Vimos médiuns, ciumentos a justo título de conservar suas boas relações de além-túmulo, repugnar-se em servirem de intérpretes aos Espíritos inferiores que se podem chamar; é de sua parte uma suscetibilidade mal entendida. Do fato de que se evoque um Espírito vulgar, mesmo mau, não se está sob a sua dependência; longe disso, sois vós, ao contrário, quem o dominais: não é ele que vem se impor apesar de vós, como nas obsessões, vós que vos impondes a ele; ele não comanda, obedece; sois seu juiz e não sua presa. Além do mais, podeis ser-lhe útil pelos vossos conselhos e vossas preces, e vos é reconhecido pelo interesse que tomais por ele. Estender-lhe uma mão segura, é fazer uma boa ação; repelindo, é faltar com a caridade; é mais ainda, é do egoísmo e do orgulho. Estes seres inferiores são, aliás, para nós um poderoso ensinamento; foi por eles que aprendemos a conhecer a classe baixa da população do mundo Espírita e a sorte que espera aqueles que fazem, neste mundo, um mau uso de sua vida. Por outro lado, notai que é quase sempre tremendo que vêm às reuniões sérias, onde os bons Espíritos dominam; são acanhados e se mantêm à parte, escutando para se instruírem. Frequentemente, vêm com esse objetivo sem serem chamados; por que, pois, recusar-se ouvi-los quando, frequentemente, seu arrependimento e seu sofrimento são um objeto de edificação, ou pelo menos de instrução? Nada se tem a temer de suas comunicações, do momento em que elas ocorrem com o objetivo do bem. Em que se tornariam os pobres feridos, se os médicos se recusassem a tocar suas feridas?

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, dezembro de 1859

Sexta-feira, 30 de setembro de 1859 (Sessão geral).

Leitura da ata da sessão do dia 23 de setembro.

Apresentação do senhor S..., negociante, cavaleiro da Legião de Honra, como membro titular. Adiamento da admissão para a próxima sessão particular.

Comunicações diversas: 1º Leitura de uma comunicação espontânea feita ao senhor R..., pelo Espírito do doutor Olivier.

Esta comunicação notável sob um duplo ponto de vista o melhoramento moral do Espírito, que reconhece cada vez mais o erro de suas opiniões terrestres, e que agora compreende sua posição; em segundo lugar, o fato de sua reencarnação próxima, da qual começa a sentir os efeitos por uma primeira perturbação, o que confirma a teoria dada sobre a maneira pela qual se opera esse fenômeno, e a fase que precede a reencarnação propriamente dita. Esta perturbação resulta do *laço fluídico* que começa a se estabelecer entre o Espírito e o corpo que deve animar, torna a comunicação mais difícil que no seu estado de completa liberdade; o médium escreve com mais lentidão, sua mão é pesada; as idéias dos Espíritos são menos límpidas. Esta perturbação, que vai sempre crescendo da concepção ao nascimento, é completa na aproximação do seu último momento, e não se dissipa senão gradualmente algum tempo depois. (Será publicada com as outras comunicações do mesmo Espírito.)

2º Fato de manifestação física espontânea, ocorrido recentemente em Paris, numa casa do bairro Saint-Germain, e narrada pelo senhor A... Um piano se fez ouvir, durante vários dias seguidos, sem que ninguém o tocasse. Todas as precauções foram tomadas para se assegurar que esse fato não era devido a uma causa accidental. Um sacerdote interrogado a este respeito, pensa que isto pode ser uma alma em pena que reclama assistência e deseja se comunicar.

3º Homicídio cometido por uma criança de sete anos e meio, com premeditação e todas as circunstâncias agravantes. Este fato, narrado por vários jornais, prova nessa criança um instinto assassino inato que não pôde nele se desenvolver pela educação, nem pelo meio onde se encontra, e que não pode se explicar senão por um estado anterior à existência atual. São Luís, interrogado a este respeito, respondeu: o Espírito desta criança está quase no início de seu período humano; não teve ainda senão duas encarnações na Terra, e antes de sua existência atual, pertencia às tribos mais atrasadas do mundo marítimo. Ele quis nascer num mundo mais avançado, na esperança dele mesmo avançar. À pergunta de saber se a educação poderia modificar essa natureza, respondeu: Isto é difícil, mas se pode; seria preciso grandes precauções, cercá-lo de boas influências, desenvolver a sua razão, mas há a temer que não faça tudo ao contrário.

4° Leitura de uma peça de versos escrita por uma jovem pessoa, como médium mecânico. Esses versos foram reconhecidos por não serem inéditos e por terem sido feitos por um poeta morto há alguns anos. O estado de instrução do médium, que escreveu um grande número deste gênero, não permite supor que isso seja, de sua parte, um efeito de memória; de onde é necessário concluir que o Espírito que se manifestou, tomou ele mesmo nas produções prontas, e que lhe são todas estranhas. Vários fatos análogos provam que a coisa é possível, entre outras o de um médium da Sociedade a quem o Espírito ditou uma passagem escrita pelo senhor Allan Kardec, e que este não tinha ainda comunicado a ninguém.

Estudos. 1° Evocação do negro que serviu de alimento aos seus companheiros no naufrágio do navio te *Constant*.

2° Perguntas diversas e problemas morais dirigidos a São Luís sobre o fato precedente. Uma discussão se estabeleceu a este respeito, na qual tomaram parte vários membros da Sociedade.

3° Três comunicações espontâneas são obtidas simultaneamente por intermédio de três médiuns diferentes: a primeira, pelo senhor R..., assinada por São Vicente de Paulo; a segunda, pelo senhor Ch..., assinada por Privat d'Anglemon; a terceira, pela senhorita H..., assinada por Charles IX.

4° Perguntas diversas feitas a Charles IX. Ele promete escrever a história de seu reino a exemplo de Louis XI. (Essas diversas comunicações serão publicadas.)

Sexta-feira, 7 de outubro de 1859. (Sessão particular.)

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 30 de setembro.

Apresentações e admissões. Senhorita S.... e senhor o conde de R..., oficial da marinha, são apresentados como candidatos ao título de membros titulares.

Admissão de cinco candidatos apresentados na sessão de 23 de setembro, e da senhorita S....

O senhor presidente fez observar, a respeito dos novos membros presentes, que é muito importante, para a Sociedade, assegurar-se de suas disposições. Não basta, disse ele, que sejam partidários do Espiritismo em geral, é necessário que simpatizem com a sua maneira de ver. A homogeneidade de princípios é a condição sem a qual uma sociedade qualquer não poderia ter vitalidade. E, pois, necessário conhecer a opinião dos candidatos, a fim de não deixar introduzirem-se elementos de discussões ociosas, que fariam perder tempo, e poderiam degenerar em dissensões. A Sociedade não visa de nenhum modo o aumento indefinido de seus membros; ela quer, antes de tudo, prosseguir seus trabalhos com calma e recolhimento, e por isso deve evitar tudo o que poderia perturbá-la. Sendo seu objetivo o estudo da ciência, é evidente que cada um está perfeitamente livre para discutir os pontos controvertidos, e emitir sua opinião pessoal; mas outra coisa é dar seu conselho, ou chegar com idéias sistemáticas ou preconcebidas, em oposição com as bases fundamentais. Estamos reunidos para o estudo e a observação, e não para fazer de nossas sessões uma arena de controvérsias. Devemos, aliás, nos referir sobre esse ponto aos conselhos que nos foram dados, em muitas circunstâncias, pelos Espíritos que nos assistem, e que nos recomendam, sem cessar, a união como condição essencial para atingir o objetivo a que nos propusemos, e para obter seu concurso. "A união faz a força, nos dizem; sede, pois, unidos se quereis ser fortes; de outro modo corteis o risco de atrair os Espíritos levianos, que vos enganarão." Eis

porque não poderíamos dar mais atenção sobre os elementos que introduzimos entre nós.

Designação de três novos comissários para as três próximas reuniões seguintes.

Comunicações diversas: 1º O senhor Tug... transmitiu uma nota sobre um fato curioso de manifestação física, narrado pela senhora Ida Pfeiffer na descrição de sua viagem a Java.

2º O senhor Pêch... narrou o fato de comunicação espontânea, que lhe foi pessoal, da parte do Espírito de uma mulher que, quando viva, era lavadeira e do pior caráter. Seus sentimentos, como Espírito, não mudaram, e ela continua a mostrar um verdadeiro cinismo de maldade. Entretanto, os sábios conselhos do médium parecem exercer sobre ela uma feliz influência; suas idéias se modificam sensivelmente.

3º O senhor R... comunicou uma folha sobre a qual obteve a escrita direta, que foi produzida em sua casa, à noite, espontaneamente, depois de tê-la em vão solicitado durante o dia. A folha, de resto, não traz senão duas palavras: Deus, *Fénelon*.

Estudos: 1º Evocação da senhora Ida Pfeiffer, célebre viajante.

2º Os três cegos, parábola de São Lucas, dada em comunicação espontânea.

3º O senhor L... G. escreveu de Saint-Petersbourg que é médium intuitivo, e pede à Sociedade consentir em pedir a um Espírito superior alguns conselhos a seu respeito, a fim de esclarecer sobre a natureza e extensão de sua faculdade, para que possa dirigir-se em consequência. Um Espírito dá espontaneamente, e sem perguntas preliminares, os conselhos que deverão ser transmitidos ao senhor G.

O senhor presidente previne à Sociedade que, a pedido de vários membros que moram muito longe, as sessões começarão doravante às oito horas, a fim de poder terminá-las mais cedo.

Sexta-feira, 14 de outubro. (Sessão geral.)

Leitura da ata e dos trabalhos de 7 de outubro.

Apresentações: O senhor A..., livreiro, senhor de la R... proprietário, são apresentados como membros titulares. Adiamento para a próxima sessão particular.

O senhor J..., controlador das contribuições do departamento do Haut-Rhin, é apresentado e admitido como membro correspondente.

Comunicações diversas. 1º O senhor Col..., comunicou um extrato da obra intitulada *Ciei et Terre*, do senhor Jean Raynaud, onde o autor emite idéias inteiramente conformes com a Doutrina Espírita, e aquilo que um Espírito disse recentemente sobre o futuro papel da França.

2º O senhor, o conde de R..., deu parte de uma comunicação espontânea de Savonarole, monge dominicano, obtida numa sessão particular. Esta comunicação é notável pelo fato deste personagem, embora desconhecido dos assistentes, ter indicado com precisão a data de sua morte, ocorrida em 1498, sua idade e seu suplício. Pensou-se que poderia ser instrutivo evocar esse Espírito.

3° A explicação dada, por um Espírito, sobre o papel dos médiuns, ao senhor P..., antigo reitor da Academia, e ele mesmo médium. Os Espíritos, para comunicarem-se entre si, não têm necessidade da palavra: o pensamento basta-lhes. Quando querem se comunicar com os homens, devem traduzir seu pensamento pelos sinais humanos, quer dizer, por palavras; eles tomam estas palavras no vocabulário do médium, do qual se servem, de algum modo, como de um dicionário; por isso é mais fácil ao Espírito se exprimir na língua familiar do médium, embora possa igualmente fazê-lo em uma outra língua que este não conheça; mas então é um trabalho mais difícil, e que evita quando não há necessidade. O senhor P... encontrou nesta teoria a explicação de vários fatos que lhe são pessoais, e relativos a comunicações que lhe fizeram diversos Espíritos em latim e em grego.

4° Fato narrado pelo mesmo, de um Espírito assistindo ao enterro de seu corpo, e que não se crendo morto, não pensava que o sepultamento lhe dizia respeito. Ele dizia: não fui eu quem morreu. Depois, quando viu seus parentes, acrescentou: começo a crer que poderíeis bem ter razão, e que pode que eu não seja mais deste mundo; mas isto me é muito indiferente.

5° O senhor S... comunicou um fato notável de advertência de além-túmulo, narrado por *La Patrie*, do dia 16 de dezembro de 1858.

6° Carta do senhor BI... de La... que depois do que leu na *Revista* sobre o fenômeno do desligamento da alma durante o sono, pergunta se a Sociedade teria a complacência de evocá-lo um dia, juntamente com sua filha, que perdeu há dois anos, a fim de ter com ela, como Espírito, uma conversa que ainda não pôde obter como médium.

Estudos. 1° Evocação de Savonarole, proposta pelo senhor o conde de R...

2° Evocação simultânea, por dois médiuns diferentes, do senhor BI... de La... (vivo) e de sua filha morta há dois anos. Conversa do pai e da filha.

3° Duas comunicações espontâneas foram obtidas simultaneamente, a primeira de São Luís, pelo senhor L..., a segunda da senhorita Clary, por seu irmão.

Sexta-feira, 21 de outubro de 1859.

(Sessão particular.)

Leitura da ata e dos trabalhos de 14 de outubro.

Apresentações e admissões. - O senhor Lem..., negociante, e o senhor Pâq..., doutor em direito, são apresentados como membros titulares. A senhorita H.... é apresentada como membro honorário, em razão do concurso que deu à Sociedade como médium, e que ela muito lhe promete dar para o futuro.

Admissão de dois candidatos apresentados na sessão do dia 14 de outubro, e da senhora H.....

O senhor S.....propôs que, no futuro, as pessoas que desejarem

fazer parte da Sociedade, devem fazer seu pedido por escrito, e que lhes seja endereçado um exemplar do regulamento.

Leitura de uma carta do senhor Th.....que faz uma proposição

análoga, motivada na necessidade de não admitir na Sociedade senão pessoas já iniciadas no objeto de seus trabalhos, e professando os mesmos princípios. Ele pensa que um pedido feito por escrito, apoiado na assinatura de dois apresentadores, é uma garantia maior das intenções sérias do candidato, do que um simples pedido verbal.

Esta proposta foi adotada, por unanimidade, nos termos seguintes:

Toda pessoa que desejar fazer parte da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, deverá fazer o pedido por escrito ao Presidente. Esse pedido deverá estar assinado pelos dois apresentadores, e relatar: 1º que o postulante tomou conhecimento do regulamento e se obriga a estar com ele conforme; 2º as obras que leu sobre o Espiritismo, e sua adesão aos princípios da Sociedade, que são os de O Livro dos Espíritos.

O senhor presidente mencionou a conduta pouco conveniente de dois auditores admitidos na última sessão geral, os quais perturbaram a tranqüilidade de seus vizinhos pelas suas conversas e suas palavras deslocadas. Lembrou, a este propósito, os artigos do regulamento relativos aos ouvintes e convidou de novo os Senhores membros da Sociedade a ter uma excessiva reserva sobre a escolha de pessoas às quais dão as cartas de introdução, e sobretudo se absterem, de modo mais absoluto, de dá-las a alguém que não fosse atraído senão por um simples motivo de curiosidade, e mesmo a quem, não tendo nenhuma noção preliminar do Espiritismo, estaria, por isso mesmo, na impossibilidade de compreender o que se faz na Sociedade. As sessões da Sociedade não são um espetáculo; deve-se assistir a elas com recolhimento; e aqueles que não querem senão distrações, não devem vir procurá-las numa reunião séria.

O senhor Th. propôs a nomeação de uma comissão de dois membros, encarregada de examinar a questão das entradas concedidas às pessoas estrangeiras, e de propor as medidas necessárias para prevenir o retorno dos abusos.

Os senhores Th. e Col. foram designados para fazerem parte dessa comissão.

Estudos: 1º Problemas morais e perguntas diversas dirigidas a São Luís;

2º O senhor de R... propôs a evocação de seu pai, por considerações de utilidade geral e não pessoais, presumindo que disto possa sair um ensinamento.

São Luís, interrogado sobre a possibilidade desta evocação, respondeu: Vós o podeis perfeitamente; entretanto, eu vos faria notar, meus amigos, que esta evocação requer uma grande tranqüilidade de espírito; esta noite, discutistes longamente assuntos administrativos, e creio que será bom remetê-la a uma outra sessão, tendo em vista que pode ser mais instrutiva.

3º O senhor Leid... propôs a evocação de um de seus amigos, sacerdote quando vivo. São Luís, interrogado, respondeu: Não; porque, primeiro, o tempo não nos permite; em seguida, eu, como presidente espiritual da Sociedade, nisto não vejo nenhum motivo de instrução.

Será preferível fazer esta evocação na Intimidade.

O senhor S... pediu que se mencione na ata o título de *Presidente espiritual*, que São Luís quis tomar.

Sexta-feira, 28 de outubro de 1859. (Sessão gera.)

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão do dia 21 de outubro.

Apresentação de cinco novos candidatos como membros titulares, a saber: o senhor N... negociante, de Paris; a senhorita Emilie N..., mulher do precedente; a senhora viúva G..., de Paris; a senhorita de P..., de Estocolmo; a senhora de L..., de Estocolmo.

Leitura dos artigos do regulamento relativo aos ouvintes, e de uma notícia para instrução das pessoas estranhas à Sociedade, a fim de que elas não menosprezem o objeto de seus trabalhos.

Comunicações: 1ª Leitura de um artigo do senhor Oscar Comettant sobre o mundo dos Espíritos, publicado no *Siècle* do dia 27 de outubro. Refutação de certas passagens deste artigo.

2ª Leitura de um artigo de um jornal novo, intitulado *la Girouette*, e publicado em Saint-Etienne. Este artigo foi concebido num espírito benevolente para com o Espiritismo.

3º Doação de quatro poemas, do senhor de Porry, de Marseille, autor de a *Uranie*, dos quais foram lidos fragmentos; estes são: *La captive chrétienne*, *lês bohémiens*, *Poltawa*, *Lê prisonnier du Cau-case*.

Agradecimentos serão dirigidos ao senhor de Porry, e as supraditas obras serão depositadas na biblioteca da Sociedade.

4º Leitura de uma carta do senhor Det..., membro titular, contendo diversas observações sobre o papel dos médiuns, a propósito da teoria exposta na sessão de 14 de outubro, e segundo a qual o Espírito tiraria as suas palavras no vocabulário do médium. Ele combate essa teoria, pelo menos do ponto de vista absoluto, por fatos que vêm contradizê-la. Pede que a questão seja seriamente examinada Ela será remetida à ordem do dia.

5º Leitura de um artigo da *Revue française* do mês de abril de 1858, página 416, onde está narrada uma conversa de Bèranger, da qual resulta que quando vivo, suas opiniões eram favoráveis às idéias Espíritas.

6º O senhor presidente transmitiu à Sociedade os adeuses do senhor Br..., membro titular que partiu para a Havana.

Estudos: 1ª Foi proposta a evocação da senhora Br..., que partiu para Havana, e que se encontra no mar neste momento, a fim de ter dela mesma a suas novidades.

São Luís, interrogado a este respeito, respondeu: Seu Espírito está muito preocupado esta noite, porque o vento está soprando com violência (era o momento de grandes tempestades

assinhaladas pelos jornais), e o cuidado de sua conservação ocupa todo o seu pensamento. Para o momento o perigo não é grande; mas o será? Só Deus o sabe.

2ª Evocação do pai do senhor de R..., proposta na sessão do dia 21 de outubro. Resultou desta evocação que o cavaleiro de R..., seu tio, de quem não tinha notícias há cinqüenta anos, não estaria morto, e habitaria uma ilha da Oceania meridional, onde estaria identificado com os costumes dos habitantes, não tendo tido ocasião de dar suas novidades. (Será publicada.)

3ª Evocação do rei de Kanala (Nova Caledônia), falecido em 24 de maio de 1858. Esta evocação revelou neste Espírito uma certa superioridade relativa, e apresentou isto de notável, uma grande dificuldade em escrever, apesar da aptidão do médium, anunciou que com o hábito escreverá mais facilmente, o que foi confirmado por São Luís.

4ª Evocação de *Mercurie Jean*, aventureiro, que partiu de Lyon em 1478 e foi apresentado a Louis XI. Deu esclarecimentos sobre as faculdades sobrenaturais das quais se acreditava dotado, e das notícias curiosas sobre o mundo que habita neste momento. (Será publicada.)

Sexta-feira, 4 de novembro de 1859.

(Sessão particular).

Leitura da ata e dos trabalhos do dia 28 de outubro.

Admissão de sete candidatos apresentados nas duas sessões precedentes.

Projeto apresentado pela Comissão encarregada de estudar as medidas a serem tomadas para a admissão de ouvintes.

Depois de uma discussão em que tomaram parte diversos membros, a Sociedade decidiu que a proposição será adiada, e que provisoriamente ter-se-ão em conta as disposições do regulamento; que os Senhores membros serão convidados a se conformarem rigorosamente com as disposições que regulam a admissão de ouvintes, e a se absterem, de modo absoluto, de dar cartas de introdução a quem não tenha em vista senão um objeto de curiosidade, e não possua nenhuma noção preliminar da ciência Espírita.

A Sociedade adotou em seguida as duas proposições seguintes:

1º *Os ouvintes não serão admitidos às sessões passadas as oito horas e um quarto. As cartas de admissão disto farão menção.*

2º *Todos os anos, na renovação do ano social, os membros honorários serão submetidos a um novo voto de admissão, a fim de riscar aqueles que não estiverem mais nas condições requeridas, e que a Sociedade não julgar dever manter.*

O senhor administrador tesoureiro da Sociedade apresentou a conta semestral, de 1º de abril a 1º de outubro, assim como as peças justificativas das despesas. Resulta desta conta que a Sociedade tem um saldo suficiente para fazer face às suas necessidades. A Sociedade aprovou as contas do tesoureiro e lhe deu quitação.

Comunicações diversas. Carta do senhor BI. de La... em resposta ao envio feito de sua evocação e da de sua filha. Ele constatou um fato que confirma uma das circunstâncias da evocação.

Carta do senhor Dumas, de Sétif (Algéria), membro titular, que transmite à Sociedade um certo número de comunicações que obteve.

Estudos. 1º Os Senhores P... e de R... chamam a atenção sobre uma nova narração do naufrágio do navio *lê Constant*, e publicada pelo *Siècle*. Disto resultaria que o negro morto para ser comido não teria se oferecido voluntariamente, assim como se disse na primeira narração, e que, assim, haveria contradição com as palavras do Espírito do negro. - O senhor Col... não vê contradição, uma vez que o mérito atribuído ao negro foi contestado por São Luís, e que o próprio negro disto não procurou se prevalecer.

2º Exame de uma questão proposta pelo senhor Lês... sobre o espanto dos Espíritos depois da morte. Ele pensa que o Espírito, tendo já vivido o estado de Espírito, não deveria espantarse. Ele respondeu: Este espanto não é senão temporário; prende-se ao estado de perturbação que se segue à morte; cessa à medida que o Espírito se desliga da matéria e recobra as suas faculdades de Espírito.

3ª Pergunta sobre os sonâmbulos lúcidos que tomam os Espíritos por seres corpóreos. Este fato foi confirmado e explicado por São Luís.

4º Evocação de Urbain Grandier. As respostas, sendo muito lacônicas, em consequência da falta de hábito do médium, e o Espírito tendo dito que seria mais explícito com um outro médium, esta evocação será reprisada em uma outra sessão.

Sexta-feira, 11 de novembro de 1854.

(sessão geral.)

Leitura da ata.

Apresentação. O senhor Pierre D..., escultor em Paris, é apresentado como membro titular.

Comunicações diversas. 1ª Carta do senhor de T... contendo fatos muito interessantes de manifestações visuais e verbais que confirmam o estado no qual se encontram certos Espíritos que duvidam de sua morte. Um dos fatos narrados oferece esta particularidade que, no Espírito em questão, esta ilusão persistia ainda mais de três meses depois da morte. (Esta narração será publicada.)

2º Fatos curiosos de precisão narrados pelo senhor Van Br..., de La Haye, e que lhe são pessoais. Ele jamais ouvira falar dos Espíritos e de suas comunicações, quando se achou, por acaso e inopinadamente, conduzido a uma reunião Espírita em Dordrecht. As comunicações, obtidas em sua presença, o surpreenderam tanto mais quanto era estranho à cidade, e desconhecido dos membros da reunião; foram-lhe ditas sobre ele, sua posição e sua família uma multidão de particularidades das quais só ele tinha conhecimento. Tendo evocado sua mãe e lhe perguntado, como prova de identidade, se tivera vários filhos, ela respondeu: Não sabes tu, meu filho, que tive onze filhos, e o Espírito designou todos pelos seus prenomes e a

época de seu nascimento. Desde então, este senhor é um adepto fervoroso, e sua filha, jovem pessoa de catorze anos, tornou-se muito boa médium, mas sua mediunidade apresenta particularidades bizarras; na maior parte do tempo ela escreve de trás para adiante, de tal sorte que, para ler o que ela obtém, é preciso apresentá-lo diante de um espelho. Muito freqüentemente, também a mesa sobre a qual ela se coloca para escrever, se inclina por si mesma em forma de carteira, e fica nesta posição, em equilíbrio e sem sustentação, até que ela acabe de escrever.

O senhor Van Br... narrou outro fato curioso de precisão por um Espírito que se lhe comunicou espontaneamente, sob o nome de Dirkse Lammers, e que foi enforcado sobre o próprio lugar onde se fazia a comunicação, e em circunstâncias cuja exatidão foi verificada.

(Esta narração será publicada, assim como a evocação a qual deu lugar.)

Estudos. 1° - Exame da questão proposta pelo senhor Det..., sobre a fonte onde os Espíritos tiram seu vocabulário.

2° - Perguntas sobre a obsessão de certos médiuns.

3° Evocação de *Michel François*, ferrador que fez uma revelação a Louis XIV.

4° Evocação de *Dirkse Lammers*, cuja história foi contada precedentemente.

5° Três comunicações espontâneas foram obtidas simultaneamente: a primeira pelo senhor R..., assinada por Lamennais, a segunda pelo senhor D... filho; a criança e o riacho, parábola assinada por São Basílio; a terceira pela senhorita L. J..., assinada por Orígenes.

6° A senhorita J..., médium desenhista, traçou espontaneamente um grupo notável, assinado pelo Espírito de Lebrun.

(Todas as questões e comunicações acima serão publicadas.)

Sexta-feira, 18 de novembro de 1859.

(Sessão particular.)

Leitura da ata.

Admissão do senhor Pierre D..., apresentado na última sessão.

Comunicações diversas. 1ª Leitura de uma comunicação espontânea, obtida pelo senhor P..., membro da Sociedade, e ditada pelo Espírito de sua filha.

2° Detalhes sobre a senhorita Désiré Godu, residente em Hennebont (Morbihan), e que está dotada de uma faculdade mediatrix extraordinária. Ela passou por todas as fases da mediunidade; primeiro teve as manifestações físicas mais estranhas; depois se tornou sucessivamente médium audiente falante, vidente e escrevente. Hoje, todas as suas faculdades estão concentradas nas curas das doenças, que ela cuida pelos conselhos dos

Espíritos; ela opera curas que foram consideradas como miraculosas em outros tempos. Os Espíritos anunciam que sua faculdade se desenvolverá ainda mais; ela começa a ver as doenças internas, por um efeito de segunda vista, sem estar em sonambulismo.

(Uma notícia será publicada sobre este assunto notável.)

Estudos. 1º Perguntas sobre as faculdades da senhorita Désiré Godu.

2º Evocação de Lemettrie.

3º Quatro comunicações espontâneas foram obtidas simultaneamente, a primeira pelo senhor R..., assinada por São Vicente de Paulo, a segunda pelo senhor Col..., assinada por Platão; a terceira pelo senhor D... filho, assinada por Lamennais; a quarta pela senhorita H..., assinada por Marguerite, dita a rainha Margot.

25 de novembro de 1859.

(Sessão geral)

Leitura da ata

Comunicações diversas. O senhor doutor Morhéry doou à Sociedade uma brochura intitulada *Sistema prático de organização agrícola*. Embora essa obra seja estranha ao objeto dos trabalhos da Sociedade, será depositada na biblioteca, e agradecimentos são endereçados ao autor.

Carta do senhor de T..., completando os fatos de visões e aparições dos quais deu conta na sessão do dia 11 de novembro.

Carta do senhor o conde de R..., membro titular, retido em casa por uma indisposição, e que se coloca à disposição da Sociedade para que façam sobre ele todas as experiências que julgarem convenientes, relativamente à evocação de pessoas vivas.

Estudos. 1ª Evocação de *Jardin*, falecido em Nevers, e que conservara os restos de sua mulher num genuflexório. (Será publicada.)

3º Evocação do senhor o conde de R... Esta evocação excessivamente notável pela extensão dos desenvolvimentos dados com uma perfeita precisão e uma grande limpidez de idéias, lança uma luz muito grande sobre o estado do Espírito separado do corpo, e resolve numerosos problemas psicológicos. Ela será publicada no número da Revista de janeiro de 1860.

4º Quatro comunicações espontâneas foram obtidas simultaneamente, a saber a primeira de uma alma sofredora, pela senhorita de B...; a segunda o Espírito de Verdade, pelo senhor R...; a terceira de Paulo, o apóstolo, pelo senhor Col... Esta comunicação foi assinada em grego; a quarta, pelo senhor Did... filho, assinou Charlet (o pintor), que anunciou uma série de comunicações, devendo formar um conjunto.

Os convulsionários de Saint-Médard

Revista Espírita, dezembro de 1859

(Continuação - Ver edição de novembro)

1. (A São Vicente de Paulo). Na última sessão evocamos o diácono Paris, que consentiu -vir; desejávamos ter a vossa apreciação pessoal sobre ele, como Espírito. - R. É um Espírito cheio de boas intenções, mas mais elevado em moral que de outro modo.
2. É verdadeiramente estranho, como ele o disse, a aquilo que se fazia junto de seu túmulo? - R. Completamente.
3. Consentis em nos dizer como considerais o que se passou entre os Convulsionários; isso era um bem ou um mal? - R. Era um mal antes que um bem; e fácil de se dar conta disso pela impressão geral que esses fatos produziram sobre os contemporâneos esclarecidos e sobre seus sucessores.
4. A esta pergunta dirigida a Paris, a saber "Se a autoridade tivera mais poder que os Espíritos, uma vez que ela pôs termo a esses prodígios," sua resposta não nos pareceu satisfatória; que pensais disto? - R. Ele deu uma resposta mais ou menos verdadeira; esses fatos sendo produzidos por Espíritos poucos elevados, a autoridade colocou-lhes um fim, interditando aos seus promotores a continuação de suas espécies de saturnais.
5. Entre os Convulsionários havia os que se submetiam a torturas atrozes; qual era o resultado disto depois da morte? - R. Quase nulo; não havia nenhum mérito em atos sem resultado útil.
6. Aqueles que sofriam essas torturas pareciam insensíveis à dor; havia neles simples resignação, ou insensibilidade real? - R. Insensibilidade completa
7. Qual era a causa desta insensibilidade? - R. Efeito magnético.
8. É que a superexcitação moral, chegada a um certo grau, podia aniquilar neles a sensibilidade física? - R. Isto contribuiu para alguns dentre eles, e os dispunha a sofrerem a comunicação de um estado provocado artificialmente em outros, porque o charlatanismo desempenha um grande papel nesses fatos estranhos.
9. Uma vez que estes Espíritos operavam curas, era dar serviço, e, então, como poderiam ser de uma ordem inferior? - R. Não vedes isto todos os dias? Não recebeis, algumas vezes, conselhos excelentes e úteis ensinamentos de certos Espíritos pouco elevados, levianos mesmo? Não podem eles procurar fazer alguma coisa de bem como resultado definitivo, tendo em vista um melhoramento moral?
10. Nós vos agradecemos as explicações que consentistes em nos dar. - R. Ao vosso dispor.

Aforismos Espíritas e pensamentos destacados

Revista Espírita, dezembro de 1859

Os bons Espíritos aprovam o que eles acham bem, mas não dão elogios exagerados. Os elogios excessivos, como tudo o que denota a adulação, são sinais de inferioridade da parte dos Espíritos.

Os bons Espíritos não lisonjeiam os preconceitos de nenhuma natureza, nem políticos, nem religiosos; podem não feri-los bruscamente, porque sabem que isto seria aumentar a resistência; mas há uma grande diferença entre estes comedimentos, que se podem chamar de precauções oratórias, e a aprovação absoluta dada às idéias freqüentemente mais falsas, das quais se servem os Espíritos obsessores para captarem a confiança daqueles que querem subjugar, prendendo-os pela sua fraqueza.

Há pessoas que têm uma mania singular; acham uma idéia inteiramente elaborada por uma outra; ela lhes parece boa e sobretudo aproveitável; se apropriam, dão como vinda deles, e acabam por se iludir ao ponto de se crerem seus autores, e de declararem que ela lhes foi roubada.

Um homem viu, um dia, fazer uma experiência de eletricidade, e tentou reproduzi-la, mas não tendo os conhecimentos requeridos, nem os instrumentos necessários, fracassou; então, sem ir mais longe, e sem procurar se a causa de seu insucesso não podia vir dele mesmo, declarou que a eletricidade não existia, e que iria escrever para o demonstrar.

Que pensaríeis da lógica daquele que assim raciocinasse? Não parece um cego que, não podendo ver, se poria a escrever contra a luz e a faculdade da visão? É, portanto, o raciocínio que entendemos fazer a propósito dos Espíritos por um homem que passa por espirituoso; do espírito seja, do julgamento é uma outra coisa. Ele procura escrever como médium, e do fato de que não pode a isto chegar, conclui que a mediunidade não existe; ora, segundo ele, se a mediunidade é uma faculdade ilusória, os Espíritos não podem existir senão nos cérebros fendidos. Que sagacidade!

ALLAN KARDEC.

nota - Com o número do mês de janeiro de 1860, a *Revista Espírita* começará seu terceiro ano.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

PUBLICADA SOB A DIREÇÃO DE

ALLAN KARDEC

Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente. O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.

Terceiro Ano – 1860

Titulo original em francês:

REVUE SPIRITE

JOURNAL D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES

Tradução: SALVADOR GENTILE

Revisão: ELIAS BARBOSA

1ª edição - 1.000 exemplares - 1993

2ª edição - 300 exemplares - 2001

© 1993 Instituto de Difusão Espírita

Índice geral das matérias

Janeiro

Maio

Setembro

Fevereiro

Junho

Outubro

Março

Julho

Novembro

Abril

Agosto

Dezembro

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Terceiro Ano – 1860

Janeiro

- [O Espiritismo em 1860](#)
- [O Magnetismo diante da Academia](#)
- [O Espírito de um lado e o corpo do outro. Sr. conde de R](#)
- [Conselhos de família. Ditados espontâneos](#)
- [As pedras de Java. Carta do Sr. Jobard](#)
- [Correspondência. Carta do Sr. Dorgeval ao Sr. Comettant](#)
- [Carta do Sr. Jobard sobre as qualidades do Espírito depois da morte](#)
- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)

O Espiritismo em 1860

Revista Espírita, janeiro de 1860

A *Revista Espírita* começa seu terceiro ano, e estamos felizes ao dizer que ela o faz sob os a mais favoráveis auspícios. Aproveitamos com zelo esta ocasião para testemunhar aos nossos leitores toda a nossa gratidão pelas provas de simpatia que deles recebemos diariamente. Só isto seria um encorajamento para nós, se não encontrássemos, na própria natureza e objetivo de nossos trabalhos, uma grande compensação moral pelas fadigas que lhes são conseqüência. A multiplicidade desses trabalhos, aos quais nos consagramos inteiramente, é tal que nos é materialmente impossível responder a todas as cartas de felicitações que nos chegam. Isso nos força, pois, endereçar aos seus autores um agradecimento coletivo, que rogamos aceitem. Estas cartas, e as numerosas pessoas que nos honram vindo conferenciar conosco sobre essas graves questões, nos convencem, cada vez mais, dos progressos do Espiritismo *verdadeiro*, e entendemos por isso o Espiritismo cumprido em todas as suas conseqüências morais. Sem nos iludirmos sobre a importância dos nossos trabalhos, o pensamento de havermos para ele contribuído, lançando alguns grãos na balança, é, para nós, uma doce satisfação, porque esses alguns grãos sempre servirão para fazer refletir.

A prosperidade crescente de nossa coletânea é um indício do carinho com que é acolhida; não temos, pois, senão que prosseguir nossa obra na mesma linha, uma vez que recebe a consagração do tempo, sem nos afastarmos da moderação, da prudência e da conveniência que nos guiaram sempre. Deixando aos nossos contraditores o triste privilégio das injúrias e das personalidades, não os seguiremos, não mais, no terreno de uma controvérsia sem objetivo; dizemos sem objetivo porque ela não poderia trazer a eles a convicção, e é perder seu tempo discutir com pessoas que não conhecem a primeira palavra daquilo que falam. Não temos senão uma coisa a dizer: Estudai primeiro e nos veremos em seguida; nós temos outra coisa a fazer senão falar àqueles que não querem ouvir. Que importa, aliás, em definitivo, a opinião contrária deste ou daquele? Essa opinião é de uma importância tão grande que possa entrar a marcha natural das coisas? As maiores descobertas encontraram os mais rudes adversários, o que não lhes fez soçobrar. Deixamos, pois, à incredulidade murmurar ao nosso redor, e nada nos fará desviar do caminho que nos está traçado, pela própria gravidade do assunto que nos ocupa.

Dissemos que as idéias Espíritas progridem. Há algum tempo, com efeito, elas ganharam um terreno imenso; dir-se-ia que elas estão no ar, e certamente não é ao bombo da imprensa periódica, pequena ou grande, que elas são devedoras. Se elas progridem para com e contra tudo, e não obstante a má vontade que se encontram em certas regiões, é porque elas possuem bastante de vitalidade para se bastarem a si mesmas. Aquele que se dá ao trabalho de aprofundar esta questão do Espiritismo, nele encontra uma satisfação moral tão grande. A solução de tantos problemas dos quais em vão pedira a explicação às teorias vulgares; o futuro se abre diante dele de um modo tão claro, tão preciso, tão LÓGICO, que se diz, com efeito, que é impossível que as coisas não se passem assim, e que admira não se as tenham compreendido mais cedo; que um sentimento íntimo lhe dizia dever estar aí; a ciência Espírita, desenvolvida, não faz outra coisa senão formular, tirar do nevoeiro, as idéias já existentes no seu foro interior; desde então o futuro tem, para ele, um objetivo claro, preciso, limpidamente definido; não caminha mais no vago, vê seu caminho; não é mais esse futuro de felicidade ou de infelicidade que a razão não podia compreender, e que por isso mesmo ele repelia; é um futuro racional, conseqüência das próprias leis da Natureza,

podendo suportar o exame mais severo; por isso ele é feliz, e como aliviado de um peso imenso: o da *incerteza*, porque a incerteza é um tormento. O homem, apesar de si, sonda as profundezas do futuro, e *não pode impedir de vê-lo eterno*; compara-o com a brevidade e a fragilidade da existência terrestre. Se o futuro não lhe oferece nenhuma certeza, ele se atordoa, se curva sobre o presente, e para torná-lo mais suportável, nada lhe importa; será em vão que sua consciência lhe fale do bem e do mal, ele se diz: O bem é o que me torna feliz. Que motivo teria, com efeito, em vero bem alhures? Por que suportar privações? Ele quer ser feliz, e para ser feliz, quer gozar; gozar daquilo que os outros possuem; quer o ouro, muito ouro; ele o tem como sua vida, porque o ouro é o veículo de todos os gozos materiais; que lhe importa o bem-estar de seu semelhante! O seu antes de tudo; ele quer satisfazer-se no presente, não sabendo se o poderá mais tarde, num futuro em que não crê; torna-se, pois, ávido, ciumento, egoísta, e, com todos esses gozos, ele não é feliz, porque o presente lhe parece muito curto.

Com a *certeza* do futuro, tudo muda de aspecto para ele; o presente não é senão efêmero, ele o vê escoar sem pesar; está menos ávido dos gozos terrestres, porque estes não lhe dão senão uma sensação passageira, fugidia, que deixa o vazio no seu coração; aspira a uma felicidade mais durável e, conseqüentemente, mais real; e onde poderá encontrá-la, se isso não estiver no futuro? O Espiritismo, mostrando-lhe, *provando-lhe* esse futuro, livra-o do suplício da incerteza, eis porque ele se torna feliz; ora, aquilo que traz felicidade, encontra sempre partidários.

Os adversários do Espiritismo atribuem sua rápida propagação a uma febre supersticiosa que se apodera da Humanidade, ao amor ao maravilhoso; mas é necessário, antes de tudo, ser lógico; aceitaremos seu raciocínio, se se pode chamar a isso de raciocínio, quando claramente explicarem porque essa febre atinge precisamente as classes esclarecidas da sociedade, antes que as classes ignorantes. Quanto a nós, dizemos que é porque o Espiritismo apela ao raciocínio e não a uma crença cega, que as classes esclarecidas examinam, refletem e compreendem; ora, as idéias supersticiosas não suportam o exame.

De resto, todos vós que combateis o Espiritismo, o compreendeis? Vós o estudastes, escrustaste-o em seus detalhes, pesando maduramente todas as suas conseqüências? Não, mil vezes não. Falais de uma coisa que não conheceis; todas as vossas críticas, não falo das tolas, deselegantes e grosseiras diatribes, desprovidas de todo raciocínio e que não têm nenhum valor, falo daquelas que têm pelo menos a aparência do sério; todas as vossas críticas, digo eu, acusam a mais completa ignorância da coisa.

Para criticar é necessário opor um raciocínio a um raciocínio, uma prova a uma prova; isso é possível sem conhecimento profundo do assunto do qual se trata? Que pensaríeis daquele que pretendesse criticar um quadro sem possuir, ao menos em teoria, as regras do desenho e da pintura; discutir o mérito de uma ópera sem saber a música? Sabeis qual é a conseqüência de uma crítica ignorante? É ser ridículo e acusar uma falta de julgamento. Quanto mais a posição crítica é elevada, mais estiver em evidência, tanto mais seu interesse lhe manda circunspeção, para não se expor a receber desmentidos, sempre fáceis a dar a quem fale daquilo que não conheça. É por isso que os ataques contra o Espiritismo têm tão pouca importância, e favorecem seu desenvolvimento em lugar de detê-lo. Esses ataques são da propaganda; provocam o exame, e o exame não pode senão nos ser favorável, porque nos dirigimos à razão. Não há um dos artigos publicados contra esta doutrina que houvesse não trazido um aumento de assinantes e que não tenha feito vender obras. O do senhor Oscar Comettant (ver o *Siècle* do dia 23 de outubro último e nossa resposta na *Revista* do mês de dezembro de 1859) fez vender em alguns dias, ao senhor Ledoyen, mais de cinquenta exemplares da famosa sonata de Mozart (que se vende a 2 francos, preço líquido, segundo a importante e espiritual nota do senhor Comettant). Os artigo do *Univers* de 13 de

abril e 28 de maio de 1859 (ver nossa resposta nos números da *Revista* de maio e de julho de 1859) fizeram esgotar prontamente o que restava da primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, e assim de outros. Mas voltemos às coisas menos materiais. Enquanto não opuserem ao Espiritismo senão argumentos dessa natureza, ele nada terá a temer.

Repetimos que a fonte principal do progresso das idéias Espíritas está na satisfação que ela proporciona a todos aqueles que as aprofundam, e que nelas vêm outra coisa senão um fútil passatempo; ora, como se quer ser feliz antes de tudo, não é de admirar que se prenda a uma idéia que torne feliz. Dissemos em alguma parte que, no caso do Espiritismo, o período de curiosidade passou, e que o do raciocínio e o da filosofia lhe sucederam. A curiosidade não tem senão um tempo: uma vez satisfeita, se lhe muda o objeto para passara um outro; e não ocorre o mesmo com aquele que se dirige ao pensamento sério e ao julgamento. O Espiritismo tem sobretudo progredido depois que foi melhor compreendido em sua essência íntima, depois que se viu a sua importância, porque ele toca a corda mais sensível do homem: a da sua felicidade, mesmo neste mundo; aí está a causa de sua propagação, o segredo da força que o fará triunfar. Vós todos que o atacais, quereis, pois, um meio certo de combatê-lo com sucesso? Vou vo-lo indicar. Substituí-o por uma coisa melhor; encontrai uma solução MAIS LÓGICA para todas as questões que ele resolve; dai ao homem uma OUTRA CERTEZA que o torne mais feliz, e compreendei bem a importância dessa palavra *certeza*, porque o homem não aceita como *certo* o que não lhe pareça *lógico*; não vos contenteis em não dizer que isso não é, o que é muito fácil; provai, não por uma negação, mas por fatos, que isso não é, jamais foi e NÃO PODE SER; provai, enfim, que as conseqüências do Espiritismo não são as de tornar os homens melhores pela prática da mais pura moral evangélica, moral que se louva muito, mas que se pratica tão pouco. Quando tiverdes feito isso, serei o primeiro a me inclinar diante de vós. Até lá, permiti-me considerar vossas doutrinas, que são a negação de todo futuro, como a fonte do egoísmo, verme roedor da sociedade, e, por conseqüência, como um verdadeiro flagelo. Sim, o Espiritismo é forte, mais forte que vós, porque se apoia sobre as próprias bases da religião: Deus, a alma, as penas e as recompensas futuras baseadas no bem e no mal que se fez, vós vos apoiais sobre a incredulidade; ele convida os homens à felicidade, à esperança, à verdadeira fraternidade; vós, vós lhes oferecis o NADA por perspectiva e o EGOÍSMO por consolação; ele explica tudo, vós não explicais nada; ele prova pelos fatos, e vós não provais nada; como quereis que se oscile entre as duas doutrinas?

Em resumo, constatamos, e cada um o vê e o sente como nós, que o Espiritismo deu um passo imenso durante o ano que acaba de se escoar, e esse passo é a garantia daquilo que não pode deixar de fazer durante o ano que começa; não somente o número de seus partidários está consideravelmente acrescido, mas operou uma mudança notável na opinião geral, mesmo entre os indiferentes; diz-se que no fundo de tudo isso poderia bem haver alguma coisa; que não é necessário apressar-se em julgar; aqueles que, a esse título, alteavam as espáduas, começam a temer o ridículo por si mesmos, ligando seu nome a um julgamento precipitado, que pode receber um desmentido; preferem pois calarem-se e esperarem. Sem dúvida, haverá por muito tempo ainda, pessoas que, nada tendo a perder na opinião da posteridade, procurarão denegri-lo, uns por caráter ou por estado, outros por cálculo; mas se familiarizam com a idéia de irem a Charenton desde que se veja em tão boa companhia, e esse mau prazer torna-se, como tantos outros, um lugar comum, o qual não abala mais de modo nenhum, porque no fundo desses ataques vê-se um vazio absoluto de raciocínio. A arma do ridículo, essa arma que se diz tão terrível, se enfraquece, evidentemente, e cai das mãos daqueles mesmos que a sustentavam; perdeu, pois, ela seu poder? Não, mas com a condição de não dar mais seus golpes em falso. O ridículo não prejudica senão aquele que é ridículo em si e de sério não tenha senão a aparência, porque ele fustiga o hipócrita e arranca sua máscara; mas aquele que é verdadeiramente sério não pode dele receber senão golpes passageiros e sai sempre triunfante da luta. Vede se uma

única das grandes idéias que foram achincalhadas em sua origem pela turba ignorante e ciumenta caiu para não mais se levantar! Ora, o Espiritismo é uma das maiores idéias, porque ele toca a questão mais vital, a da felicidade do homem, e não se joga impunemente com semelhante questão; ele é forte, porque tem suas raízes nas próprias leis da Natureza, e responde aos seus inimigos fazendo desde seu início a volta ao mundo. Ainda há alguns anos e seus detratores, impossibilitados de combatê-los pelo raciocínio, encontrar-se-ão de tal modo transbordados pela opinião, de tal modo isolados, que será forçoso para eles ou se calarem, ou abrirem os olhos para a luz.

O Magnetismo diante da Academia

Revista Espírita, janeiro de 1860

O Magnetismo, colocado à porta, entrou pela janela graças a uma dissimulação e a um outro nome; em lugar de dizer: Eu sou o magnetismo, o que provavelmente não lhe valeria um acolhimento favorável, ele disse: Eu me chamo *hipnotismo* (do grego *upnos*, sono). Graças a esta palavra de passe, chegou, contudo, depois de vinte anos de paciência; mas não perdeu por esperar, uma vez que soube introduzir-se por uma das maiores personagens. Guardou-se de apresentar-se com seu cortejo de passes, de sonambulismo, de visão a distâncias, de êxtases que o teriam traído; ele disse simplesmente: Sois bons e humanos, vosso coração sangra por ver os vossos doentes sofrerem; procurais um meio para acalmar a dor do paciente que o vosso escalpelo corta; aquilo que empregais, muitas vezes, é muito perigoso, e vos trago um simples e que, em todos os casos, não tem inconvenientes. Estava bem seguro falando em nome da Humanidade; e acrescentou, o astuto: Eu sou da família, uma vez que foi a um dos vossos que devo a abertura. Ele pensa, não sem razão, que essa origem não pode prejudicá-lo.

Se vivêssemos ao tempo da brilhante e poética Grécia, diríamos: O Magnetismo, filho da natureza e de um simples mortal, foi prescrito do Olimpo, porque atentou contra os privilégios de Esculápio e caminhou sobre seus despojes, gabando-se de poder curar sem o seu concurso. Errou muito tempo na Terra, onde ensinou aos homens a arte de curar através de meios novos; revelou ao vulgo uma multidão de maravilhas que, até então, estiveram misteriosamente escondidas nos templos; mas aqueles aos quais havia revelado os segredos e desmascarado a patifaria o perseguiram insistentemente a pedradas, de tal modo que foi, ao mesmo tempo, banido pelos deuses e maltratado pelos homens; mas não continuou menos a distribuir seus benefícios aliviando a Humanidade, certo de que um dia sua inocência seria reconhecida, e que lhe seria feita justiça. Teve um filho do qual escondeu cuidadosamente o nascimento, com medo de atrair-lhe as perseguições; chamou-o *Hipnotismo*. Esse filho partilhou por muito tempo de seu exílio, e durante esse tempo instruiu-se. Quando o acreditou bem formado, disse-lhe: Vá te apresentar ao Olimpo; guarda-te sobretudo de dizer que és meu filho; teu nome é um disfarce e com ele te facilitarão o acesso; Esculápio te introduzirá.

— Como! Meu pai; Esculápio! Vosso mais encarniçado inimigo! Ele que vos procreveu! — Ele mesmo te estenderá a mão. — Mas se me reconhecer, me expulsará. — Pois bem! Se expulsar, virás junto a mim, e continuaremos a nossa obra benfazeja entre os homens, à espera de tempos melhores. Mas esteja tranquilo, tenho boa esperança. Esculápio não é mau; antes de tudo ele quer o progresso da ciência, de outro modo não seria digno de ser o deus da medicina. Tenho, aliás, talvez cometido alguns erros com ele; ofendido por me ver denegrir, eu impliquei, e ataquei-o sem comedimento; eu lhe prodigalizei injúrias, rebaixei-o, vilipendiei-o, tratei-o de ignorante; ora, aí está um meio ruim para reconduzir os homens e os deuses, e seu amor próprio ferido pôde irritar-se um instante contra mim. Não faça como eu, meu filho; sé mais prudente e sobretudo mais cortês; se os outros não o são contigo, o erro será deles e a razão, tua. Vai, meu filho, e lembra-te que não se prendem moscas com vinagre. — Assim falou o pai. Hipnotismo caminhou timidamente para o Olimpo; o coração batia-lhe forte quando se apresentou à entrada da porta sagrada; mas ó surpresa! O próprio

Esculápio estendeu-lhe a mão e o introduziu.

Eis, portanto, o Magnetismo no lugar; que vai fazer? Oh! Não credes na vitória definitiva; nisso não estamos ainda mesmo nas preliminares da paz. Foi uma primeira barreira tombada, eis tudo; isso é importante, sem dúvida, mas não credes que vossos inimigos vão se confessar vencidos; o próprio Esculápio, o grande Esculápio, que o reconheceu como da família, abraçará francamente a sua defesa que seriam capazes de enviá-lo a Charenton. Vão dizer que é... alguma coisa...; mas que seguramente não é do Magnetismo. Seja; não chicaneemos sobre as palavras; seria tudo o que eles querem; mas, à espera disso, é um fato que terá conseqüências; ora, eis estas conseqüências: Primeiro, vão dele se ocupar somente do ponto de vista anestésico (do grego *aisthesis*, sensibilidade, e, a, prefixo que marca a privação; privação geral ou parcial da faculdade de sentir), e isto em conseqüência do predomínio das idéias materialistas, porque ainda há pessoas que desejam, por modéstia, sem dúvida, se reduzirem ao papel de espeto que, quando está deslocado, é lançado ao ferro velho sem que dele fique vestígio! Portanto, vai-se experimentar esse fato de todas as maneiras, não fosse senão por simples curiosidade; vai-se estudar a ação das diferentes substâncias para produzir o fenômeno catalepsia; depois, um belo dia, se reconhecerá que basta colocar o dedo. Mas isso não é tudo; observando o fenômeno da catalepsia, ele apresentará outros espontaneamente; já se notou a liberdade do pensamento durante a suspensão das faculdades orgânicas; o pensamento é, pois, independente dos órgãos; há, pois, no homem outra coisa que a matéria; serão vistas faculdades estranhas se manifestarem: a visão adquirir uma amplitude insólita, ultrapassar os limites dos sentidos; todas as percepções deslocadas; em uma palavra, e um campo vasto para a observação, e os observadores não faltarão; o santuário está aberto, esperemos que dele jorre a luz, a menos que o celeste areópago não deixe a honra a outros senão a si mesmo.

Nossos leitores ficarão contentes por narrarmos o notável artigo que o senhor Victor Meunier, redator do *Ami des Sciences*, publicou sobre esse interessante assunto, na Revista científica hebdomanária do *Siècle*, do dia 16 de dezembro de 1859.

"O magnetismo animal, levado à Academia pelo senhor Broca, apresentado à ilustre companhia pelo senhor Velpeau, experimentado pelos senhores Follin, Verneuil, Faure, Trousseau, Denonvilliers, Nélaton, Azam, Ch. Robin, etc., todos cirurgiões dos hospitais, foi a grande novidade do dia.

As descobertas, como os livros, têm o seu destino. Esta que vai estar em questão não é nova. Ela data de uma vintena de anos, e nem na Inglaterra onde nasceu, nem em França onde no momento não se ocupa de outra coisa, a publicidade não lhe faltou, um médico escocês, o doutor Braid, descobriu-a e consagrou-lhe todo um livro (*Neurypnology or the rationale of nervous sleep, considered in relation with animal magnetism*); um célebre médico inglês, o doutor Carpenter, analisou longamente a descoberta do senhor Braid no artigo *sleep* (sono) da Enciclopédia de Anatomia e de Fisiologia de Tood (*Cyclopedia of anatomy and physiology*); um ilustre sábio francês, o senhor Littré, reproduziu a análise do senhor Carpenter na segunda edição do *Manuel de physiologie* de J. Mueller; enfim, nós mesmos consagramos um de nossos folhetins da *Presse* (7 de julho de 1852) ao *hipnotismo* (foi o nome dado pelo senhor Braid ao conjunto de fatos dos quais tratou). A mais recente das publicações relativas a este assunto data, pois, de sete anos, e foi quando se poderia julgá-lo esquecido, que adquiriu essa imensa ressonância.

Há no hipnotismo duas coisas: um conjunto de fenômenos nervosos, e o procedimento por meio do qual são produzidos.

Este procedimento, empregado antigamente, se não me engano, pelo abade Faria, é de uma grande simplicidade.

Consiste em ter um objeto brilhante diante dos olhos da pessoa sobre a qual se experimenta, a uma pequena distância adiante da base do nariz, de modo que não possa olhá-lo sem olhar estrábico; deve fixar os olhos sobre ele. Suas pupilas primeiro se contraem, em seguida se dilatam fortemente, e em poucos instantes o estado cataléptico está produzido. Erguei os membros da pessoa, eles conservam a posição que lhes derdes. Esse não é senão um dos fenômenos produzidos, daqui a pouco falaremos de outros. O senhor Azam, professor suplente de clínica cirúrgica na Escola de Medicina de Bordeaux, tendo repetido com sucesso as experiências do senhor Braid, conversou com o senhor Paul Broca, que pensa que as pessoas hipnotizadas talvez sejam insensíveis à dor das operações cirúrgicas. A carta que ele acaba de dirigir à Academia de Ciência é o resumo de suas experiências a este respeito.

Antes de tudo, ele deveria se assegurar da realidade do hipnotismo; a isso chegaria sem dificuldade. Visitando uma senhora de quarenta anos, um pouco histérica, e que guardava o leito por ligeira indisposição, o senhor Broca achou de querer examinar os olhos da enferma, e pediu-lhe para olhar fixamente um pequeno frasco dourado que ele manteve diante dela a uns 15 centímetros, mais ou menos, diante da base do nariz. Ao cabo de três minutos, os olhos estão um pouco vermelhos, os traços imóveis, as respostas lentas e difíceis, mas perfeitamente racionais. O senhor Broca ergueu o braço da enferma, o braço permaneceu na atitude em que o colocou: Ele dá aos dedos as mais extremas situações, os dedos as conservam; belisca a pele em vários lugares com certa força, a paciente parece não se aperceber disso. Catalepsia, insensibilidade! O senhor Broca não levou mais longe a experiência; havia aprendido o que queria saber. Uma fricção sobre os olhos, uma insuflação de ar forçada sobre a fronte conduziram a enferma ao estado normal. Ela não tinha nenhuma lembrança do que acabara de se passar.

Restaria saber se a insensibilidade hipnótica resistiria à prova das operações cirúrgicas.

Entre os hóspedes do hospital Necker, no serviço do senhor Follin, havia uma pobre jovem de 24 anos, atingida por uma vasta queimadura nas costas e dos dois membros direitos, e de um enorme abscesso extremamente doloroso. Os menores movimentos eram para ela um suplício; consumida pelo sofrimento, e aliás muito pusilânime, essa infeliz não pensava senão com terror na operação que se fizera necessária. Foi sobre ela que, de acordo com o senhor Follin, o senhor Broca resolveu completar a prova do hipnotismo.

Colocaram-na sobre um leito, em frente de uma janela, prevenindo-a que ia dormir. Ao cabo de dois minutos suas pupilas dilatam, eleva-se seu braço esquerdo quase verticalmente acima do leito e ele permanece imóvel. Pelo quarto minuto, suas respostas são lentas e quase penosas, mas perfeitamente sensatas. Quinto minuto: o senhor Follin pica a pele do braço esquerdo, a enferma não se move; nova picadura mais profunda, que produz sangue, a mesma impassibilidade. Ergue-se o braço direito, que permanece erguido. Então as cobertas são erguidas e os membros inferiores abertos para pôr a descoberto a sede do abscesso. A enferma deixa fazê-lo, e diz, com tranquilidade que, sem dúvida, não vão fazer-lhe mal. O abscesso é aberto, ela dá um fraco grito; é o único sinal de reação que dá; durou menos que um segundo. Nem o menor estremeamento nos músculos da face ou dos membros, nem um tremor nos dois braços, sempre elevados verticalmente acima do leito. Os olhos um pouco injetados permanecem bem abertos; o rosto tem a imobilidade de uma máscara...

O calcanhar esquerdo erguido, permanece suspenso. Ergue-se o corpo brilhante (uma luneta); a catalepsia persiste; pela terceira vez pica-se o braço esquerdo. O sangue goteja, a

operada não sente nada. Há treze minutos que esse braço mantém a situação que lhe foi dada.

Enfim, uma fricção sobre os olhos, uma insuflação de ar frio despertam a jovem quase subitamente; seus braços e a perna esquerdos relaxados ao mesmo tempo caem sobre o leito. Ela esfrega os olhos, retoma conhecimento, não se lembra de nada, e espanta-se que a tenham operado. A experiência durara 18 a 20 minutos; o período de anestesia, 12 a 15.

Tais são, em resumo, os fatos essenciais comunicados pelo senhor Broca à Academia de Ciência. Já não são mais isolados. Um grande número de cirurgiões de nossos hospitais tiveram a honra de repeti-los e o fizeram com sucesso. O objetivo do senhor Broca e de seus honrados colegas foi e deveria ser cirúrgico. Esperemos que o hipnotismo tenha, como meio de provocar a insensibilidade, todas as vantagens dos agentes anestésicos, sem ter-lhes os inconvenientes; mas a medicina não é do nosso domínio, e, para não sair de nossas atribuições, nossa Revista não deve considerar o fato senão sob o aspecto fisiológico.

Depois de reconhecer a veracidade do senhor Braid sobre o ponto essencial, sem dúvida, dever-se-á verificar tudo o que diz respeito a esse estado singular, ao qual deu o nome de hipnotismo. Os fenômenos que lhe atribuem podem ser classificados do modo seguinte.

Exaltação da sensibilidade. —O odor é levado a um grau de acuidade que se iguala pelo menos no que se observa nos animais que têm o melhor nariz. O ouvido tornar-se muito vivo. O toque adquire, sobretudo com respeito à temperatura, uma delicadeza incrível.

Sentimentos sugeridos. — Colocai o rosto, o corpo ou os membros da pessoa na atitude que convenha à expressão de um sentimento particular, logo o estado mental correspondente é despertado. Assim, estando a mão do hipnotizado colocada sobre o cimo de sua cabeça, ele se indireita espontaneamente de toda sua superioridade, atira o corpo para trás; seu porte é o do orgulho mais vivo. Neste momento, curvai sua cabeça para a frente, flexionai docemente o corpo e os membros, e o orgulho dá lugar à mais profunda humildade. Afastai docemente os cantos de sua boca, como no riso, uma disposição alegre é logo produzida; um mau humor toma-lhe imediatamente o lugar colocando-se as sobrancelhas uma contra a outra e para baixo.

Idéias provocadas. - Elevai a mão do sujeito acima de sua cabeça e flexionai os dedos sobre a palma, a idéia de subir, de se balançar, de estirar uma corda, é suscitada. Se, ao contrário, flexionam-se todos os dedos deixando prender o braço, a idéia que se provoca é de erguer um peso. Se os dedos estão flexionados, o braço sendo levado para diante como para dar um golpe, surge a idéia de boxe. (A cena se passa em Londres).

Aumento da força muscular. — Querendo-se suscitar uma força extraordinária num grupo de músculos, basta sugerir ao sujeito a idéia da ação que reclama essa força e assegurar-lhe que pode cumpri-la com a maior facilidade se o quiser. "Vimos, disse o senhor Carpenter, um desses sujeitos hipnotizados pelo senhor Braid, notável pela pobreza do seu desenvolvimento muscular, erguer, com ajuda unicamente de seu dedinho, um peso de catorze quilogramas, e fazer girar ao redor de sua cabeça com a única segurança de que este peso era tão leve como uma pluma."

Limitar-nos-emos, por hoje, à indicação deste programa; à palavra e aos fatos, as reflexões virão mais tarde.

O Espírito de um lado e o corpo do outro

Revista Espírita, janeiro de 1860

Conversa com o Espírito de uma pessoa viva.

Nosso honorável colega, Sr. conde de R... C... nos dirigiu a seguinte carta, datada de 23 de novembro último:

"Senhor Presidente,

"Ouvi dizer que médicos, entusiastas de sua arte e desejosos de contribuir pelo progresso da ciência, tornando-se úteis à Humanidade, tinham, por testamento, legado seus corpos ao escalpelo das salas anatômicas. A experiência, à qual assisti, da evocação de uma pessoa viva (sessão da Sociedade do dia 14 de outubro de 1859) não me pareceu bastante instrutiva, porque se tratou de uma coisa muito pessoal: colocar em comunicação um pai vivo com a sua filha morta. Pensei que o que os médicos fizeram com relação ao corpo, um membro da Sociedade poderia fazê-lo com relação à alma, quando vivo, colocando-se à vossa disposição para uma experiência desse gênero. Poderíeis, talvez, preparando de antemão as perguntas que, nesta vez, nada teriam de pessoal, obter algumas luzes novas sobre o fato do isolamento da alma e do corpo. Aproveitando de uma indisposição que me retém em casa, venho oferecer-me como objeto de estudo, se vos aprouver. Sexta-feira próxima, pois, se não receber ordem contrária, deitar-me-ei às nove horas, e penso que às nove e meia podereis me chamar, etc..."

Aproveitamos o oferecimento do Sr. conde de R... C... com tanto mais diligência, porque, colocando-se à nossa disposição, pensamos que seu Espírito se prestaria mais voluntariamente às nossas pesquisas; por outro lado, sua instrução, a superioridade de sua inteligência (o que, abrindo parênteses, não o impede de ser um excelente Espírita) e a experiência que adquiriu ao redor do mundo como capitão da marinha imperial, poderiam nos fazer esperar, de sua parte, uma apreciação mais sadia de seu estado: Nossa espera não foi enganada. Tivemos, conseqüentemente, com ele, as duas entrevistas seguintes, a primeira no dia 25 de novembro, e a segunda no dia 2 de dezembro de 1859.

(Sociedade; 25 de novembro de 1859.)

1. Evocação. — R. Estou aqui.

2. Tendes, neste momento, consciência do desejo que expressastes de ser evocado? — R. Perfeitamente.

3. Em que lugar estais aqui? — R. Entre vós e o médium.

4. Vede-nos tão claramente como quando assistíeis pessoalmente às nossas sessões? — R. Mais ou menos, mas um pouco velada; eu ainda não durmo bem.

5. Como tendes consciência de vossa individualidade aqui presente, ao passo que o vosso corpo está em vosso leito? — R. Meu corpo não é senão um acessório para mim neste momento, sou EU que estou aqui.

Nota. *Sou EU que estou aqui* é uma resposta muito notável; para ele, o corpo não é a parte essencial de seu ser; esta parte é o Espírito que constitui o seu eu; seu. eu e seu corpo são duas coisas distintas.

6. Poderíeis vos transportar instantaneamente e à vontade daqui para vossa casa e da vossa casa para aqui? — R. Sim.

7. Indo de vossa casa para aqui e reciprocamente, tendes consciência do trajeto que fizestes? Vedes os objetos que estão no vosso trajeto? — R. Eu o poderia, mas negligencio fazê-lo, não estando nisso interessado.

8. O estado em que estais é semelhante ao de um sonâmbulo? — R. Não inteiramente; meu corpo dorme, quer dizer, está mais ou menos inerte; o sonâmbulo não dorme; suas faculdades orgânicas estão modificadas e não anuladas.

9. O Espírito de uma pessoa viva evocada poderia indicar remédios como um sonâmbulo? — R. Se os conhecesse, ou se entrasse em relação com um Espírito que os conheça, sim; do contrário, não.

10. A lembrança de vossa existência corpórea está nitidamente presente em vossa memória? — R. Muito nitidamente.

11. Poderíeis citar algumas de vossas ocupações, as mais importantes do dia? — R. Eu o poderia, mas não o farei, e lamento ter proposto esta pergunta. (Ele havia pedido que lhe endereçasse uma pergunta como prova.)

12. E como Espírito que lamentais a proposta desta pergunta?— R. Como Espírito.

13. Por que o lamentais? — R. Porque compreendo melhor o quanto é justo que seja a maioria do tempo proibido fazê-lo.

14. Poderíeis fazer-nos a descrição de seu quarto de dormir?— R. Certamente; e o do meu porteiro também.

15. Pois bem! Então sede bastante bom para nos descrever o vosso quarto, ou o do vosso porteiro? — R. Eu disse que o poderia, mas poder não é querer.

16. Qual é a enfermidade que vos retém em casa? — R. A gota.

17. Há um remédio para a gota? Se o conheceis seriais muito bom indicando-o, porque seria prestar um grande serviço. — R. Eu o poderia, mas disso me guardarei bem; o remédio seria pior que o mal.

18. Pior ou não, quereis indicá-lo, salvo a não se servir dele. -R. Há vários, entre outros o

cólquico.

Nota. Desperto, o senhor de R... reconheceu jamais ter ouvido falar desta planta como específico anti-gotoso.

19. Em vosso estado atual, veríeis o perigo que poderia correr um amigo, e poderíeis vir em sua ajuda? — R. Eu o poderia; inspirá-lo-ia, se escutasse minha inspiração, e com ainda mais sucesso se fosse médium.

20. Uma vez que vos evocamos segundo o vosso desejo, e quereis vos colocar à nossa disposição para os nossos estudos, quereis nos descrever, o melhor possível, e nos fazer compreender, se for possível, o estado em estais agora? — R. Estou no estado mais feliz e mais satisfatório que se possa provar. Jamais tivestes um desses sonhos onde o calor do leito vos leva a acreditar que estais deitando molemente nos ares, ou em flocos de uma onda tépida, sem nenhum cuidado com os vossos movimentos, sem nenhuma consciência de membros pesados e incômodos para mover ou arrastar, em uma palavra, sem nenhuma necessidade para satisfazer; não sentindo nem o agulhão da fome e nem o da sede? Estou neste estado junto a vós; embora não vos tenha tido senão uma pequena idéia do que experimento.

21. O estado atual de vosso corpo sente uma modificação fisiológica qualquer, em consequência da ausência do Espírito? — R. De nenhum modo; estou no estado que chamais o primeiro sono; sono pesado e profundo que todos experimentamos, e durante o qual nos afastamos do nosso corpo.

Nota. O sono, que não era completo no começo da evocação, se estabeleceu pouco a pouco, em consequência do próprio desligamento do Espírito que deixa o corpo num maior repouso.

22. Se em consequência de um movimento brusco, se despertasse instantaneamente vosso corpo, enquanto o vosso Espírito está aqui, que resultaria disso? — R. O que é brusco para o homem é bem lento para o Espírito, que sempre tem o tempo de ser advertido.

23. A felicidade que acabais de nos pintar, e da qual gozais no vosso estado livre, tem alguma relação com as sensações agradáveis que sentem, algumas vezes, nos primeiros momentos da asfixia? O senhor S..., que teve a satisfação de provar (involuntariamente), vos dirige esta pergunta. — R. Ele não tem inteiramente razão; na morte por asfixia há um instante análogo àquele do qual fala, mas somente o Espírito perde de sua lucidez, ao passo que aqui ela é consideravelmente aumentada.

24. Vosso Espírito está preso ainda por um laço qualquer ao vosso corpo? — R. Sim, disso tenho perfeitamente consciência.

25. A que poderíeis comparar esse laço? — R. A nada que conheceis, se não for como uma luz fluorescente, como aspecto, se pudésseis vê-la, mas que não produz sobre mim nenhuma sensação.

26. A luz vos afeta do mesmo modo; e no mesmo colorido que quando a vedes pelos olhos? — R. Absolutamente, uma vez que meus olhos servem, de alguma sorte, como janela à caixa de meu cérebro.

27. Percebeis os sons distintamente? — R. Mais distintamente, porque deles percebo muitos que vos escapam.

28. Como transmitis vosso pensamento ao médium? — R. Atuo sobre a sua mão para dar-lhe uma direção que facilito por uma ação sobre o cérebro.

29. Servi-vos das palavras do vocabulário que ele tem na cabeça, ou indicai-lhes as palavras que deve escrever? — R. Um e o outro, segundo minha conveniência.

29. Se tivésseis, por médium, alguém que não soubesse vossa língua e do qual a sua fosse desconhecida, um Chinês, como faríeis para ditar-lhes? — R. Isto seria mais difícil; e talvez impossível; mas, em todos os casos, isso não se poderia senão com uma flexibilidade e uma docilidade muito difíceis de se encontrar.

30. O Espírito cujo corpo estivesse morto provaria a mesma dificuldade para se comunicar com um médium completamente estranho à língua que ele falava quando vivo? — R. Talvez menos, porém, ela existiria sempre; acabo de vos dizer que, segundo a ocorrência, o Espírito dá ao médium suas expressões ou toma as dele.

31. Vossa presença aqui fatiga o vosso corpo? -- R. De nenhum modo.

32. Vosso corpo sonha? — R. Não; é nisto, justamente, que ele não se cansa; a pessoa de quem falais experimentava, por seus órgãos, impressões que transmitiam ao Espírito; é isto que a fadiga; eu não sinto nada semelhante.

Nota. Ele fez alusão a uma pessoa de quem se falava neste momento, e que, numa situação semelhante, havia dito que seu corpo se cansava, e havia comparado seu Espírito a um balão cativo, cujos abalos sacudiam o poste que o retinha.

No dia seguinte o senhor de R... disse-nos ter sonhado que estivera na Sociedade entre nós e o médium; foi, evidentemente, uma lembrança da evocação. É provável que no momento da pergunta não sonhasse, uma vez que respondeu negativamente; ou talvez também, e isto é o mais provável, o sonho não era senão uma lembrança da atividade do Espírito, não é, em realidade, o corpo que sonha, uma vez que o corpo não pensa. Portanto, pôde, e mesmo deve ter respondido negativamente, não sabendo se, uma vez desperto, seu Espírito se lembraria. Se seu corpo tivesse sonhado enquanto seu Espírito estava ausente, é que o Espírito teria tido uma dupla ação; ora, ele não poderia estar, ao mesmo tempo, na Sociedade e na sua casa.

33. Vosso Espírito está no estado que terá quando estiverdes morto? — R. Mais ou menos; menos quanto ao laço que o prende ao corpo.

34. Tendes consciência de vossas existências precedentes? — R. Muito confusamente: está ainda aí uma diferença que esqueci; depois do desligamento completo, que se segue à morte, as lembranças são sempre mais precisas; atualmente são mais completas do que durante a vigília, mas não bastante para poder especificá-las de um modo inteligível

35. Se, no vosso despertar, se vos submeter a vossa escrita, isso vos daria consciência das respostas que acabais de dar? —R. Nelas poderia encontrar alguns dos meus pensamentos; mas muitos outros não encontrariam nenhum eco no meu pensamento da vigília.

36. Poderíeis exercer sobre o vosso corpo uma influência bastante grande para vos despertar? — R. Não.

37. Poderíeis responder a uma pergunta mental? — R. Sim.

38. Vede-nos espiritualmente ou fisicamente? — R. Um e o outro.

39. Poderíeis ir visitar a irmã de vosso pai, que se diz estar numa ilha da Oceania, e como marinheiro, poderíeis precisar a posição dessa ilha? — R. Eu não posso nada de tudo isso.

40. Que pensais, agora, da vossa interminável obra e de seu objetivo? — R. Penso que devo prosseguir-la, assim como o objetivo; é tudo o que posso dizer.

Nota. Ele havia desejado que se lhe fizesse esta pergunta a respeito do importante trabalho que ele empreendera sobre a marinha.

41. Ficaríamos encantados se quisésseis endereçar algumas palavras aos vossos colegas, uma espécie de pequeno discurso. — R. Uma vez que para isto encontro ocasião, aproveito para vos afirmar, sobre minha fé no futuro da alma, que a maior falta que os homens podem cometer é procurar provas e provas; isto é mais ou menos perdoável aos homens que se iniciam no conhecimento do Espiritismo; não tenho vos repetido mil vezes que é necessário crer, porque se compreende e se ama a justiça e a verdade, e que se fosse dada satisfação a uma dessas perguntas pueris, aqueles que pretendessem fazê-lo para estarem convencidos não deixariam de fazer novas no dia seguinte e que infalivelmente vos dissipariam um tempo precioso para fazerem os Espíritos lerem a sorte? Agora eu compreendo muito melhor que quando desperto, e posso vos dar o sábio conselho, quando quiserdes obter esse resultado, de vos dirigir aos Espíritos batedores e às mesas falantes que não tendo nada de melhor para vos dizer, podem se ocupar dessas espécies de manifestações. Perdoai-me a lição, mas dela tenho necessidade como os outros e não me entristeço por dá-la a mim mesmo.

(Segunda conversa, 2 de dezembro de 1859.)

42. Evocação. — R. Estou aqui.

43. Dormis bem? — R. Não muito; mas isto vai chegar.

44. No caso particular em que estais, julgais que seja útil evocar em nome de Deus, como para o Espírito de um morto?— R. Por que pois? Credes que, do fato de que eu não esteja morto, Deus me seja indiferente?

45. Se, no momento em que estais aqui, vosso corpo sentisse uma picada não muito forte para vos despertar, mas suficiente para vos fazer estremecer, vosso Espírito a sentiria —R. Meu corpo não a sentiria.

46. Vosso Espírito disso teria consciência? — R. Não a menor; mas notai bem que me falais de u ma sensação leve, e sem nenhum alcance, como importância, diante do corpo e do Espírito.

47. A propósito da luz, dissestes que ela vos parecia como no estado de vigília, tendo em

vista que vossos olhos são como janelas por onde ela chega ao vosso cérebro. Concebemos isso para a luz percebida pelo vosso corpo; mas neste momento não é vosso corpo que vê. Vedes ainda por um ponto circunscrito ou por todo o vosso cérebro? — R. É muito difícil vos fazer compreender; o Espírito percebe essas sensações sem o intermédio dos órgãos, e não tem ponto circunscrito para percebê-las.

48. Insisto de novo para saber se os objetos, o espaço que vos cerca, têm para vós o mesmo colorido que quando estáveis desperto. - R. Para mim, sim, porque meus órgãos não me enganam; mas certos Espíritos nisto encontram grandes diferenças; vós, por exemplo, percebeis os sons e as cores muito diferentemente.

49. Percebeis os odores? — R. Também melhor do que vós.

50. Fazeis diferença entre a luz e a obscuridade? — R. Diferença, sim; mas a obscuridade não existe para mim como para vós; e eu vejo perfeitamente.

51. Vossa visão penetra os corpos opacos? — R. Sim.

52. Poderíeis ir para um outro planeta? — R. Isto depende.

53. Do quê isto depende? — R. Do planeta.

54. Em qual planeta poderíeis ir? —R. Naqueles que estão no mesmo grau que a Terra, ou mais ou menos.

55. Vedes os outros Espíritos? — R. Muito e ainda.

Nota. Uma pessoa que eu conhecia intimamente, e que assistia a esta sessão, disse que esta expressão lhe era muito familiar; ela vê nisto, assim como em toda a forma de sua linguagem, uma prova de identidade.

56. Vede-os aqui? — R. Sim.

57. Como constatais a sua presença? É por uma forma qualquer? - R. É pela sua forma própria; quer dizer, a do seu perispírito.

58. Algumas vezes vedes vossos filhos, e podeis lhes falar? — R. Eu os vejo e lhes falo muito freqüentemente.

59. Dissestes; Meu corpo é um acessório; sou *eu* que estou aqui. Esse *eu* é circunscrito, limitado; tem uma forma qualquer; em uma palavra como vos vedes? — R. É sempre o perispírito.

60. O perispírito é, pois, um corpo para vós? -- R. Mas sem dúvida.

61. Vosso perispírito afeta a forma de vosso corpo material, e vos parece estar aqui com o vosso corpo? — R. Sim, à primeira pergunta, e não à segunda; tenho perfeitamente consciência de não estar aqui senão com o meu corpo fluídico luminoso.

62. Poderíeis me dar um aperto de mão? —R. Sim, mas não o sentiríeis.

63. Poderíeis fazê-lo de um modo sensível? — R. Isto se pode, mas não o posso aqui.

64. Se, no momento em que estais aqui, vosso corpo viesse a morrer subitamente, que sentiríeis? — R. Eu existiria antes.

65. Seríeis mais prontamente desligado do que se morrêsseis nas circunstâncias comuns? — R. Muito; eu não entraria senão para fechar a porta depois de ter saído.

66. Dissestes que tendes a gota; não estais de acordo nisto com o vosso médico, aqui presente, que pretende que seja um reumatismo nevrálgico. Que pensais disto? — R. Penso que, uma vez que estais tão bem informados, isso deva vos bastar.

67. (O médico.) Sobre o quê vos fundais para que seja a gota? — R. É minha opinião a meu respeito; talvez me engane, sobretudo se estais MUITO SEGURO de não vos enganar, vós mesmo.

68. (O médico.) Seria possível que houvesse complicação de gota e de reumatismo. — R. Então todos os dois teriam razão; não nos restaria mais do que nos abraçarmos.

(Esta resposta provoca o riso na assembléia.)

69. Isto vos faz rir de nos ver rir? — R. Mas às gargalhadas; vós não me entendeis?

70. Dissestes que o colchico é um remédio eficaz contra a gota; de onde vos veio esta idéia, uma vez que, desperto, não o sabíeis? — R. Dele já me servi outrora.

71. Foi, pois, em uma outra existência? — R. Sim, e fez-me mal.

72. Se vos fizessem uma pergunta indiscreta, seríeis constrangido a respondê-la? — R. Oh! Esta é muito forte; tentai, pois.

73. Assim tendes perfeitamente o vosso livre arbítrio?—R. Mais que vós.

Nota. A experiência provou, em muitas ocasiões, que o Espírito isolado do corpo tem sempre a sua vontade, e não diz senão aquilo que quer; compreendendo melhor a importância das coisas, ele é mesmo mais prudente, mais discreto do que seria desperto. Quando diz uma coisa, é porque crê ser útil fazê-lo.

74. Éreis livre para não vir quando vos chamamos? — R. Sim, sob a condição de sofrer-lhe as conseqüências.

75. Quais são essas conseqüências? — R. Se me recuso a ser útil aos meus semelhantes, sobretudo quando tenho a perfeita consciências dos meus atos, eu sou livre, mas sou punido.

76. Qual gênero de punição sofreríeis? — R. Seria preciso vos desenvolver o código de Deus, e isto seria muito longo.

77. Se, neste momento, alguém vos insultar, vos dissesse coisas que desperto não suportaríeis, que sentimento isso vos faria sentir? — R. O desprezo.

78. Assim não procuraríeis vos vingar? — R. Não.

79. Fazeis uma idéia da classe que ocupareis entre os Espíritos quando aí estiverdes inteiramente? — R. Não, isto não é permitido.

80. Credes que, no estado atual em que estais, o Espírito possa prever a morte do seu corpo? — R. Algumas vezes, pois se devesse morrer subitamente, teria *sempre* o tempo de nele reentrar.

Conselhos de família

Revista Espírita, janeiro de 1860

Ditados espontâneos

Nossos leitores se lembram, sem dúvida, do artigo que publicamos, no mês de setembro último, sob o título: *Uma Família Espírita*. As comunicações seguintes lhe são digno complemento. São, com efeito, conselhos ditados numa reunião íntima, por um Espírito eminentemente superior e benevolente. Elas se distinguem pelo encanto e a doçura do estilo, a profundidade dos pensamentos, e por outro lado, pelas nuances de uma delicadeza extrema, apropriadas à idade e ao caráter das pessoas a quem são dirigidos. O senhor Rabache, negociante de Bordeaux, que serviu de intermediário, autorizou-nos a publicá-las; não podemos senão felicitar os médiuns que obtêm semelhantes mensagens: é uma prova de que têm simpatias felizes no mundo invisível.

Castelo de Pechbusque, novembro de 1859.

(Primeira sessão.)

Perguntado ao Espírito protetor da família se consentia dar alguns conselhos aos membros presentes, ele respondeu:

Sim: que tenham confiança em Deus e que procurem instruir-se quanto às verdades imutáveis e eternas que lhes ensina o livro divino da natureza; ele contém toda a lei de Deus, e aqueles que sabem lê-lo e compreendê-lo, são os únicos que seguem o verdadeiro caminho da sabedoria. Que nada daquilo que verão seja negligenciado por eles, porque cada coisa carrega consigo um ensinamento, e deve, com o uso do raciocínio, elevar a alma a Deus e aproximá-la dele. Em tudo o que tocar sua inteligência, procurem sempre distinguir o bem do mal; o primeiro para praticá-lo, o segundo para evitá-lo. Que antes de formular o seu julgamento, voltem sempre seu pensamento para o ETERNO, *que só os guiará no bem*, E NÃO OS ENGANARÁ JAMAIS.

(Segunda sessão.)

Boa noite, meus filhos. Se me amais, procurai vos instruir; reuni-vos freqüentemente com este pensamento. Ponde vossas idéias em comum, é um excelente meio, porque não se comunicam, em geral, senão as coisas que se crêem boas: têm-se vergonha das más, também se as guarda em segredo, ou não se as comunica senão àqueles dos quais se espera fazer cúmplices. Discernem-se os bons pensamentos dos maus naquilo que os primeiros podem, sem nenhum temor, comunicar-se a todo o mundo, ao passo que os primeiros não poderiam, sem perigo, comunicar senão a alguns. Quando um pensamento vos chegar, para julgar o seu valor, perguntai-vos se podeis, sem inconvenientes, torná-lo público, e se ele não produzirá nenhum mal: se vossa consciência a isso vos autoriza, não tende medo, vosso pensamento é bom. Dai-vos, mutuamente, bons conselhos, e, nisto, não tendes jamais em vista senão o bem daquele a quem os derdes, e não ao vosso. Vossa recompensa, para vós, estará no prazer que experimentareis por terdes sido úteis. A união dos corações é a fonte mais fecunda de felicidades, e se muitos homens são infelizes, é porque não procuram a

felicidade senão só para eles ; escapa-lhes precisamente porque não crêem encontrá-la senão no egoísmo. Eu digo a felicidade e não a fortuna, porque esta última, até hoje, não serviu senão para sustentar a injustiça, e o objetivo da existência é a justiça. Ora, se a justiça fosse praticada entre os homens, o mais afortunado seria aquele que houvesse cumprido a maior soma de boas obras. Se, portanto, quereis vos tornar ricos, meus filhos, fazei sempre boas ações; pouco importam os bens do mundo, não é a satisfação da carne que é preciso procurar, mas a da alma: aquela não tem senão uma duração efêmera, esta é eterna.

É bastante por hoje; meditai estes conselhos, e tratai de colocá-los em prática: aí está o caminho estreito da salvação.

(Terceira sessão.)

Sim, meu filhos, eis-me aqui. Tende confiança em Deus, que não abandona jamais aqueles que fazem o bem. O que credes o mal, freqüentemente, não o é senão com relação às vossas concepções. Freqüentemente, também, o mal real não vem senão do desencorajamento que ocasiona uma dificuldade, que a calma de espírito e a reflexão poderiam evitar. Refleti, portanto, sempre, e, como já vos disse, reportai tudo a Deus. Quando provais alguns desgostos, longe de vos entregardes a tristeza, resisti, ao contrário, e fazei todos os vossos esforços para dela triunfar, pensando que nada se obtém sem dificuldade, e que o sucesso, freqüentemente, é cheio de dificuldades. Invocai, em vossa ajuda, os Espíritos benevolentes; eles não podem, como se vos ensina, fazer boas obras em vosso lugar, nem nada obter de Deus por vós, porque é preciso que cada um ganhe, por si mesmo, a perfeição à qual todos estamos destinados, mas eles podem vos inspirar o bem, vos sugerir uma conduta conveniente, e vos ajudar com o seu concurso. Eles não se manifestam ostensivamente, mas no recolhimento; escutai a voz da vossa consciência, lembrando-vos os meus precedentes conselhos. — Confiança em Deus, calma e coragem.

(Quarta sessão.)

Boa noite, meus filhos. Sim, é preciso continuar (as sessões) até que um médium se manifeste para substituir aquele que deve vos deixar. Seu papel de iniciador entre vós está cumprido: continuai o que começastes, porque vós, também, servireis um dia à propagação da verdade que proclamam, nesse momento, no mundo inteiro, as manifestações ditas dos Espíritos. Persuadi-vos, meus filhos, de que o que se entende em geral por Espírito na Terra, não é Espírito senão para vós. Depois que este Espírito, ou alma, está separado da matéria grosseira que o envolve, para vós ele não tem mais o corpo, porque os vossos olhos materiais não podem mais vê-lo; mas ele é sempre matéria, relativamente àqueles que são mais elevados do que ele. Para vós, meus jovens filhos, vou fazer uma comparação muito imperfeita, mas que, todavia, poderá vos dar uma idéia da *transformação*, que impropriamente chamais morte. Figurai-vos uma lagarta que vedes todos os dias. Quando o tempo de sua existência nesse estado decorreu, ela se transforma em crisálida; passa ainda um tempo nesse estado, depois, chegado o momento, ela se despoja de seu envoltório grosseiro, e dá nascimento à borboleta que voa. Ora, a lagarta, deixando sua natureza grosseira, representa o homem que morre, a borboleta representa a alma que se eleva. A lagarta rasteja na terra, a borboleta voa para o céu; mudou de matéria, mas ainda é material. A lagarta, se ela raciocinasse, não veria a borboleta que, todavia, saíra da carapaça apodrecida da crisálida. Portanto, o corpo não pode ver a alma; mas a alma envolvida de matéria tem consciência de sua existência, e o maior dos materialistas, ele mesmo, o sente interiormente, seu orgulho, então, impede-o de convir nisto, e fica com sua ciência sem crença, sem elevar-se, até que, enfim, a *dúvida* lhe venha. Então, não está tudo acabado,

porque nele a luta é maior; mas isto não é senão uma questão de tempo, porque, lembrai-vos, meus amigos, todos os filhos de Deus foram criados para a perfeição. Felizes aqueles que não perdem seu tempo no caminho: A eternidade se compõe de dois períodos: o da prova, que se poderia chamar a incubação, e o da eclosão ou entrada na vida verdadeira, que chamais a felicidade dos eleitos.

(Quinta sessão.)

Meus queridos filhos, vejo com satisfação que começais a refletir sobre os avisos e conselhos que vos dou . Sei que, para o desenvolvimento atual de vossa inteligência, ao mesmo tempo são muitos assuntos de reflexão; mas devo aproveitar a ocasião que se apresenta: em alguns dias este meio não estará mais à minha disposição, e será necessário alcançar a vossa imaginação de maneira a sugerir o desejo de continuar as vossas sessões, até que, algum de vós, possa substituir o médium atual. Espero que estas poucas sessões, nas quais vos convido a meditar longamente , terão bastado para despertar a vossa atenção, e o desejo de aprofundar mais este vasto objeto de investigações. Tomai por regra jamais procurarem satisfazer uma vã curiosidade, mas vos instruir e vos aperfeiçoar. É inútil vos preocupardes com a diferença que possa existir entre o que eu vos ensinei e o que sabeis ou credes saber; cada vez que uma instrução vos for dada, perguntai se ela é justa, e se responde às exigências da consciência e da equidade: quando a resposta for afirmativa, não vos inquieteis em saber se ela concorda com que vos foi dito. Que vos importa isto! O importante é o justo, o consciencioso e o equitativo: tudo o que reúne essas condições, é de Deus. Obedecer a uma boa consciência, não fazer senão coisas úteis, evitar todas aquelas que, sem serem más, não têm utilidade, é o essencial; porque já é fazer mal fazendo alguma coisa inútil. Evitai escandalizar, mesmo para o vosso aperfeiçoamento. Há circunstâncias tais que unicamente a visão de vossa mudança pode produzir um mau efeito. Assim é que, por exemplo, à luz do dia não poderia, sem perigo, ferir subitamente os olhos de um homem encerrado num cárcere escuro. Que vosso progresso, então, não se entregue à investigação senão conforme a sabedoria vos aconselhar. Aperfeiçoai-vos sempre; vós os fareis ver somente quando isso estiver no tempo. Aqueles para quem escrevi este conselho o compreenderam, sem-que tivesse a necessidade de ser mais explícito; sua consciência lhes dirá.

Coragem, pois, e perseverança! Estas são as únicas leis do sucesso.

Nota. Este último conselho não poderia ser de uma aplicação geral; o Espírito, evidentemente, teve um objetivo especial, assim como ele mesmo disse, de outro modo se poderia enganar sobre o sentido e a importância de suas palavras.

As pedras de Java

Revista Espírita, janeiro de 1860

Bruxelles, 9 de dezembro de 1859.

Senhor Diretor,

Li, na Revista Espírita, o fato narrado por Ida Pfeiffer, sobre as pedras caídas em Java na presença de um oficial superior holandês, com o qual estive fortemente ligado em 1817, uma vez que foi ele quem me emprestou suas pistolas e serviu de testemunha no meu primeiro duelo. Chamava-se Michiels, de Maestricht, e se tornou general em Java. A carta que relatava este fato acrescentava que essa queda de pedras, na habitação isolada do distrito de Chéribon não durou menos que doze dias, sem que os sentinelas colocados pelo general nada houvessem descoberto, nem ele durante todo o tempo que ali ficou. Essas pedras, formadas por uma espécie de pedra vulcânica, pareciam se criar no ar, a alguns pés do teto. O general fez encher várias cestas delas, os habitantes vinham procurá-las para delas fazer amuleto, e mesmo remédio. Este fato é muito conhecido em Java, porque se renova muito freqüentemente, sobretudo os escarros de siry. Várias crianças foram perseguidas por pedradas em campo raso, mas sem serem atingidas. Dir-se-ia Espíritos falsantes que se divertem fazendo medo às pessoas. Evocai o Espírito do general Michiels, talvez vos explique esse fato. O doutor Vanden Kerkhove, que morou muito tempo em Java, confirmou-me como vos afirmo que vossa Revista torna-se todos os dias mais interessante, mais moralizante e mais procurada em Bruxelas.

Aceitai, Jobard.

O caráter conhecido da senhora Ida Pfeiffer, a marca de veracidade que levam todas essas narrações, não nos deixam nenhuma dúvida sobre a realidade do fenômeno em questão: mas concebe-se toda a importância que venha acrescentar-lhe a carta do senhor Jobard, pelo testemunho da principal testemunha ocular encarregada de verificar o fato, e que não tinha nenhum interesse em acreditá-lo se o reconhecesse falso. Em primeiro lugar, a natureza porosa dessa chuva de pedras poderia fazê-lo atribuir uma origem vulcânica ou aerolítica, e os cépticos não faltariam para dizerem que a superstição enganou-se sobre um fenômeno natural. Se não tivéssemos senão o testemunho dos Javaneses, a suposição seria fundada, e essas pedras, caídas em campo raso, viriam, sem contradita, em apoio desta opinião. Mas o general Michaels e o doutor Vanden Kerkhove não eram Malaios, e suas afirmações têm algum valor. A esta consideração, já muito poderosa, é necessário acrescentar que essas pedras não caíam somente em pleno ar, mas num quarto onde pareciam se formar a alguma distância do teto: foi o general quem o afirmou; ora, não pensamos que se viu aerolitos se formarem na atmosfera de um quarto. Admitindo-se a causa meteorológica ou vulcânica, não se saberia dizer dos escarros de siry que os vulcões jamais vomitaram, pelo menos de nosso conhecimento. Descartada esta hipótese pela própria natureza dos fatos, resta saber como essas substâncias puderam se formar. Encontrar-se-á a explicação em nosso artigo do mês de agosto de 1859, sobre *o Mobiliário de além-túmulo*.

Correspondência

Revista Espírita, janeiro de 1860

Carta do Sr. Dorgeval ao Sr. Comettant

Toulouse, 17 de dezembro de 1859.

Meu caro Senhor.

Acabo de ler vossa resposta ao senhor Oscar Comettant, de quem li o artigo. Se este folhetinista céptico e tolamente zombeteiro não está convencido pelas boas razões que lhe destes, ao menos poderá reconhecer em vossa resposta a urbanidade do estilo, que faltou totalmente à sua prosa; os parênteses deselegantes, nos quais crivou as evocações, me parecem do espírito de palhaço; as queixas das quais acompanhou os dois francos que lhe custaram a sonata poderiam bem merecer que a Sociedade lhe votasse um socorro de 2 francos. Pensai bem, meu caro senhor Allan Kardec, que sou Espírita muito inflamado para deixar sem resposta um artigo onde fui nomeado e colocado em causa; escrevi, também, de minha parte, ao senhor Oscar Comettant; no dia seguinte ao recebimento do seu jornal, ele recebeu de mim a carta seguinte:

Senhor,

Tive o prazer de ler o vosso folhetim de quinta-feira: Variedades. Como ele me coloca em causa, uma vez que ali sou pessoalmente nomeado, peço-vos conceder-me a permissão de fazer, a este respeito, algumas observações que consentireis em aceitar, sob o mesmo título que, eu mesmo, aceitei os espirituosos parênteses com os quais coloristes a narração que fizestes das evocações de Mozart e Chopin. Que quereis ridicularizar com este artigo humorístico? É o Espiritismo? Enganar-vos-éis muito crendo fazer-lhe o menor dano. Em França se brinca primeiro, depois se julga, e não se lhe concedem as honras do gracejo senão às coisas verdadeiramente grandes e sérias, quite para lhe conceder depois de todo o exame que elas merecem.

Se o senhor Ledoyen é tão ávido e interessado como quereis fazer crer, deve vos ser muito reconhecido em haver consentido, por um folhetim de onze colunas, assegurar o sucesso de uma de suas mais modestas publicações; foi a primeira vez que um artigo tão importante foi publicado num grande jornal sobre o Espiritismo; vejo, por este artigo quase ruidoso, que o Espiritismo já é levado em consideração por seus próprios inimigos, e vos direi, confidencialmente, que os Espíritos nos disseram que se serviriam também de seus inimigos para fazerem sua causa triunfar. Assim não tendes senão que vos manter em guarda, se não quereis vos tornar *o apóstolo a contragosto*.

Não quereis ver, no Espiritismo, senão o charlatanismo moral e comercial; nós, futuros locatários de Charenton, nele encontramos a solução de uma multidão de problemas contra os quais a Humanidade choca a sua razão desde longos séculos, a saber: o *reconhecimento* raciocinado de Deus em todas as suas obras materiais e espirituais; a imortalidade e a individualidade certas da alma provada pela manifestação dos Espíritos; a ciência das leis da

justiça divina, estudada nas diversas encarnações dos Espíritos, etc., etc. Dando-se ao trabalho de aprofundar um pouco estes assuntos, poder-se-ia ver que eles se encontram acima de todos os sarcasmos e de todas as zombarias. Seria inútil tratar-nos de sonhadores alucinados, diremos todos, em lugar do: *Épursimuove* de Galileu : e todavia Deus lá está!

Peço vos aceitar, etc.

BRION DORGEVAL.

Primeiro baixo de ópera cômica do teatro de

Toulouse, pensionista do senhor Carvalho.

Nota. Não é do nosso conhecimento que o senhor Oscar Comettant haja publicado esta resposta, não mais que a nossa; ora, atacar sem admitir a defesa não é uma guerra louvável.

Carta do Sr. Jobard sobre as qualidades do Espírito depois da morte

Bruxelas, 23 de dezembro de 1859.

Meu caro colega,

Venho vos submeter algumas reflexões etnográficas sobre o mundo dos Espíritos, na intenção de levantar uma opinião bastante geral, mas, na minha opinião, muito errônea sobre o estado do homem depois de sua espiritualização.

Imagina-se erroneamente que um imbecil, um ignorante, um bruto torne-se imediatamente um gênio, um sábio, um profeta, desde que deixou seu invólucro. E um erro análogo àquele que supusesse que um celerado livre da camisa de força vá se tornar honesto; um tolo espiritual e um fanático razoável, só por isso transporá a fronteira.

Não é nada disso; levamos conosco todos as nossas *conquistas* morais, nosso caráter, nossa ciência, nossos vícios e nossas virtudes, com exceção daquilo que diz respeito à matéria: os coxos, os caolhos e os corcundas não o são mais; mas os patifes, os avaros, os supersticiosos o são ainda. Não se deve, pois, espantar-se ouvindo os Espíritos pedindo preces, desejarem que se cumpram peregrinações que haviam prometido, ou mesmo que se encontre o dinheiro que esconderam, com objetivo de dá-lo à pessoa à qual o haviam destinado, e que indiquem exatamente, fosse ela ainda reencarnada.

Em suma, o Espírito que tinha um desejo, um plano, uma opinião, uma crença na Terra, deseja vê-las cumprir-se. Assim, Hahnemann se exclamaria: "Coragem, meus amigos, minha doutrina triunfa, que satisfação para a minha alma!"

Quanto ao doutor Gall, sabeis o que pensa de sua ciência, assim como Laváter, Swedenborg e Fourier, o qual me disse que seus alunos mutilaram sua doutrina querendo saltar acima da fase da segurança e me felicita por prosseguir.

Em uma palavra, todos os Espíritos que professam uma religião, uma idolatria, ou um cisma por convicção, persistem na mesma crença, até que sejam esclarecidos pelo estudo e pela reflexão. Tal é o objeto das minhas neste momento e, evidentemente foi um Espírito lógico que me ditou, porque, há uma hora, não sonhava que iria deitar-me para acabar a leitura do excelente pequeno livro da senhora Henry Gaugain sobre os piedosos preconceitos da Baixa-Bretanha contra as invenções novas.

Continuando vossos estudos, reconheceréis que o mundo de além-túmulo não é senão a imagem daguerreotipada deste, que encerra como sabeis Espíritos malignos como o diabo, e maus como os demônios. Não é de admirar que as pessoas boas se enganem e interditem todo o comércio com eles; o que as priva da visita dos bons e dos grandes Espíritos que são menos raro lá em cima do que neste mundo, uma vez que ali estão de todos os tempos e todos os países, os quais não pedem senão dar-nos bons conselhos e nos fazer o bem; ao passo que sabeis com que repugnância e com que cólera os maus respondem ao chamado forçado; mas o maior, ornais raros de todos os Espíritos, aquele que não vem senão três vezes durante a vida de um globo, o Espírito divino, o Santo Espírito, enfim, não obedece às evocações dos pneumatólogos; ele vem quando quer, *spiritus flat ubi vult*, o que não quer dizer que não envia outros para preparar-lhe o caminho.

A hierarquia é uma lei universal, *tudo é como tudo*, alhures como em nossa casa. O que retarda mais o progresso das boas doutrinas, que a perseguição não as deixa avançar, é o falso respeito humano. Há muito tempo o magnetismo teria triunfado se, em lugar de dizer: o senhor X., o senhor W., se houvesse dado o nome e endereço das pessoas, por referências, como dizem os Ingleses. Mas se disse: qual é esse senhor M. que se esconde? Um mentiroso aparente; esse senhor J? Um escamoteador; esse senhor F. um farsante, ou antes um ser de razão no qual tem-se razão de não se fiar, porque não se esconde e não se mascara senão para fazer mal ou mentir.

Hoje, que as academias admitem, enfim, o magnetismo e o sonambulismo, primos-irmãos do Espiritismo, é necessário que seus partidários se animem a assinar com todas as letras. O medo do *que disto se dirá* é um sentimento frouxo e mau.

A ação de assinar o que se viu e o que se crê não deve mais ser olhada como um traço de coragem; deveis, pois, convidar vossos adeptos a fazer o que faço todos os dias, a assinarem.

JOBARD.

Nota. Estamos, em todos os pontos de acordo com o senhor Jobard; primeiro, suas observações sobre o estado dos Espíritos são perfeitamente exatas. Quanto ao segundo ponto, aspiramos como ele momento em que o medo do *que disto se dirá* não reterá ninguém mais; mas, que quereis? É necessário fazer a parte da fraqueza humana, alguns começam, e o senhor Jobard terá o mérito de haver dado o exemplo; outros seguirão, estejai disto seguro, quando virem que se pode colocar o pé fora sem ser mordido; é preciso tempo para tudo; ora, o tempo vem mais depressa do que o crê o senhor Jobard; a reserva que colocamos na publicação de nomes é motivada por razões de conveniências, das quais, até o presente, não temos senão que nos aplaudir; mas, à espera disso, constatamos um progresso muito sensível na coragem de sua opinião. Vemos todos os dias pessoas que, ainda há pouco tempo, ousavam com dificuldade se confessarem Espíritas; hoje, elas o fazem abertamente na conversação, e sustentam teses sobre a Doutrina, sem se importarem, ao mínimo, com o mundo de epítetos sonantes com os quais são gratificadas; é um passo imenso: o resto virá. Eu o disse principiando: Ainda mais alguns anos, e ver-se-á uma outra mudança. Dentro em pouco, o mesmo será com o Espiritismo como com o magnetismo;

recentemente, não era senão entre quatro olhos que se ousava dizer-se magnetizador, hoje é um título com o qual se honra. Quando se estiver bem convencido de que o Espiritismo não queima, dir-se-ão Espíritas sem medo mais, como se diz frenologista, homeopata, etc. Estamos num momento de transição, e as transições jamais se fazem bruscamente.

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, janeiro de 1860

Sexta-feira, 2 de dezembro de 1859. (Sessão particular.)

Leitura da ata da sessão de 25 de novembro.

Pedidos de admissão. Cartas do senhor L. Benardacky, de São Petersburgo e da senhora Elisa Johnson, de Londres, que pedem para fazerem parte da Sociedade como membros titulares.

Comunicações diversas. Leitura de duas comunicações dadas ao senhor Bouché, antigo reitor da Academia, médium escrevente, pelo Espírito da duquesa de Longueville, a respeito de uma visita que esta última fizera, como Espírito, à Port-Royal-des Champs. Essas duas comunicações são notáveis pelo estilo e a elevação dos pensamentos. Elas provam que certos Espíritos revêem com prazer os lugares que habitaram quando vivos, e que têm o encanto da lembrança. Sem dúvida, quanto mais desmaterializado, menos ligam importância às coisas terrestres, mas há os que a isso se prendem, por muito tempo ainda, depois de sua morte, e parecem continuar, no mundo invisível, as ocupações que tinham neste mundo, ou pelo menos tomam nisto um certo interesse.

Estudos. 1ª Evocação do senhor conde Desbassyns de Richemont, morto em junho de 1859, e que, há mais de dez anos, professava as idéias Espíritas. Essa evocação confirma a influência destas idéias no desligamento do Espírito depois da morte.

2ª Evocação da irmã Marthe, morta em 1824.

3ª Segunda evocação do Sr. conde de R... C..., membro da Sociedade, retido em sua casa por uma indisposição e seguida de perguntas que lhe foram endereçadas sobre o isolamento momentâneo do Espírito e do corpo, durante o sono. (Publicada neste número.)

Sexta-feira, 9 de dezembro. (Sessão geral.)

Leitura da ata da sessão do dia 2 de dezembro.

Comunicações diversas. O senhor de la Roche transmitiu uma notícia sobre fatos de manifestações notáveis que ocorreram numa casa de Castelnaudary. Esses fatos são narrados na nota que precede o relatório da evocação que ocorreu a este respeito e que será publicado.

Estudos. 1ª Evocação do rei de Kanala (Nova Caledônia), já evocado no dia 28 de outubro, mas que então escrevera com muita dificuldade, e havia prometido se exercitar para escrever mais claramente. Dá curiosas explicações sobre a maneira que adotou para se aperfeiçoar. (Será publicada com a primeira evocação.)

2ª Evocação do Espírito de Castelnauary. Ele se manifestou por sinais de viva cólera sem nada poder escrever; quebrou sete ou oito lápis, dos quais vários foram lançados com força contra os assistentes, e sacudiu violentamente o braço do médium. São Luís dá explicações interessantes sobre o estado e a natureza desse Espírito, que é, disse ele, da pior espécie, e na situação a mais infeliz. (Será publicada com todas as outras comunicações relativas a este assunto.)

3ª Quatro comunicações são obtidas simultaneamente. A primeira de São Vicente de Paulo, pelo senhor Roze; a segunda de Charlet, pelo senhor Didier filho, seguindo o trabalho começado pelo mesmo Espírito. A terceira de Mélanchthon, pelo senhor Colin; a quarta de um Espírito que se deu o nome de Mikaël, protetor das crianças, pela senhora de Boyer.

Sexta-feira, 16 de dezembro de 1859. (Sessão particular.)

Leitura da ata.

Admissões. São admitidos como membros titulares: o senhor L. Benadacky, de São Petersburgo, e a senhora Elisa Johnson, de Londres, apresentados dia 2 de dezembro.

Pedidos de admissão. O senhor Forbes, de Londres, oficial de engenharia, e a senhora Forbes, de Florença, escrevem para pedirem fazer parte da Sociedade como membros titulares. Relatório e decisão remetidos para o dia 30 de dezembro.

Designação de seis delegados que deverão dividir os serviços das sessões gerais até o dia primeiro de abril, sem que haja necessidade de designar um para cada sessão. Terão, por outro lado, em suas atribuições, que assinalar as infrações que poderão cometer os ouvintes estrangeiros, contra o regulamento, em consequência de sua ignorância das exigências da Sociedade, a fim de advertir os membros titulares que lhes deram as cartas de introdução.

Sobre a proposição do senhor Allan Kardec, a Sociedade decidiu que o Boletim de suas sessões será doravante publicado em suplemento da Revista, a fim de que esta publicação não se faça em detrimento das matérias habituais do jornal. Em consequência desta adição, cada número será aumentado em torno de quatro páginas, cujas despesas serão levadas à conta da Sociedade.

O senhor Lesourd propôs que quando houver cinco sessões no mês, a quinta seja consagrada a uma sessão particular. (Adotado.) O senhor Thiry observou que, freqüentemente, os Espíritos sofredores reclamam o socorro de preces como um abrandamento para as suas penas; mas, tendo em vista que pode ocorrer perdê-los de vista, propôs que, em cada sessão, o Presidente lhes lembre os nomes. (Adotado.)

Comunicações diversas. 1ª Carta do senhor Jobard, de Bruxelas, que confirma, com detalhes circunstanciados, o fato das manifestações de Java, narrado pela senhora Ida Pfeiffer, e publicado na Revista de dezembro. Ele os obteve do próprio general holandês, com quem estava ligado, e que foi encarregado de fiscalizar a casa onde se passaram essas coisas, e por conseguinte, testemunha ocular. (Publicada neste número.)

2ª Leitura de uma comunicação do Espírito de Castelnauary, obtido pelo senhor e senhora Forbes, ouvintes na última sessão. Ele deu detalhes interessantes e circunstanciados sobre este Espírito, e os acontecimentos que se passaram na casa em questão. Várias outras

comunicações tendo sido obtidas sobre o mesmo assunto, elas serão reunidas à da Sociedade para serem publicadas quando o todo estiver completo.

3ª Leitura de uma notícia sobre a senhora Xavier, médium vidente. Esta senhora não vê à vontade, mas os Espíritos se apresentam a ela espontaneamente; sem estar nem em sonambulismo, nem em êxtase, ela está, contudo, naqueles momentos, num estado particular, que reclama a maior calma e muito recolhimento; de tal sorte que se interrogada sobre o que vê, este estado se dissipa num instante, e ela não verá mais nada. Como disto conserva uma lembrança completa, pode dar-se conta mais tarde, do que viu. Assim é que, por exemplo, ela viu, entre outros, a irmã Marthe, no dia em que ela foi evocada e a designou de modo a não deixar nenhuma dúvida sobre a sua identidade. Ela viu igualmente, na última sessão, o Espírito de Castelnau, vestido com uma camisa rasgada, um punhal à mão, as mãos tintas de sangue, sacudindo fortemente o braço do médium, durante suas tentativas para escrever, e cada vez que São Luís parecia ordenar-lhe fazê-lo. Ele tinha uma espécie de sorriso bestificado nos lábios; depois, quando se falou de preces, primeiro não pareceu compreender; mas logo depois das explicações, dadas por São Luís, ele se precipitou aos seus joelhos.

O rei de Kanala apareceu-lhe com a cabeça de um branco; ele tinha os olhos azuis, bigodes e suíças cinzas, mãos de negro, braceletes de aço, uma roupa azul, o peito coberto com uma multidão de objetos que ela não pôde distinguir. "Esta aparência, foi-lhe dito, deve-se a que, entre a existência anterior da qual falou e sua última, ele foi soldado em França, sob Luís XV. Era uma consequência de seu estado avançado comparativamente. Ele pediu para retornar entre os povos de onde tinha saído para ali fazer, como chefe, penetrar as idéias de progresso. Esta forma que tomou, e esta aparência metade selvagem e metade civilizada, destinam-se a vos mostrar, sob uma nova face, as que o Espírito pode dar ao perispírito, com um objetivo instrutivo, e como indício dos diferentes estados pelos quais passou."

A senhora X... viu ainda os Espíritos evocados virem responder à evocação e às perguntas que nada tinham de repreensível quanto à sua finalidade; e sob a ordem de São Luís, retiraram-se para deixar os Espíritos presentes responderem em seu lugar, desde que as perguntas tomassem um caráter insidioso. "A maior boa fé e a maior franqueza devem ditar as perguntas, nenhuma prevenção, acrescentou o Espírito interrogado a este respeito pelo marido desta senhora, não nos escapam; não procureis, portanto, jamais atingir vosso objetivo por caminhos secretos, pois assim o deixaríeis de tê-lo infalivelmente."

Ela via uma coroa fluídica rodear a cabeça do médium, como para indicar os momentos durante os quais estava interdito aos Espíritos não chamados para se comunicarem, porque as respostas deviam ser sinceras; mas desde que esta coroa era retirada, ela via todos estes Espíritos intrusos disputarem, de algum modo, o lugar que lhes deixava.

Ela viu, enfim, o Espírito do Sr, conde de R... soba forma de um coração luminoso tombado, unido a um cordão fluídico que conduzia externamente. Era, foi-lhe dito, para vos ensinar primeiro que o Espírito pode dar, ao seu perispírito, a aparência que quer; em seguida porque pôde ali ver da inconveniência para esta senhora em reencontrar, frente a frente, um Espírito encarnado que vira como Espírito desligado. Mais tarde, este inconveniente terá diminuído ou desaparecido.

Estudos. 1º Evocação de Charlei.

2ª Três comunicações espontâneas foram obtidas simultaneamente: a primeira de Santo

Agostinho, pela senhora Roze. Ela explica a missão do Cristo, e confirma um ponto muito importante explicado por Arago, sobre a formação do globo; -a Segunda de Charlet, pelo senhor Didier filho (continuação do trabalho começado); - a terceira de Joinville, que assina em velha ortografia: Amy de Loys, pela senhora Huet.

Sexta-feira, 23 de dezembro de 1859. (Sessão geral.)

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão do dia 16 de dezembro.

Pedidos de admissão. Cartas do senhor Demange, negociante em Paris; do senhor Soive, negociante em Paris, apresentados como membros titulares. Relatório e decisão remetidos à sessão do dia 30 de dezembro.

Comunicações diversas. 1. Leitura de uma evocação feita em particular pela senhora de D... do Espírito que se comunicou espontaneamente por ela na Sociedade, sob o nome de Paul Miffet, no momento em que ia se reencarnar. Esta evocação, que apresenta um interessante quadro da reencarnação e da situação física e moral do Espírito nos primeiros instantes de sua vida corpórea, será publicada.

2. Carta do senhor Paul Netz sobre os fatos que conduziu à tomada de posse, pelos Chartreux, das ruínas do castelo Vauvert, situado no quarteirão do Observatório de Paris, sob Luís IX. Passaram-se, supostamente, neste castelo, cenas de feitiços, que cessaram desde que os monges aí foram instalados. São Luís, interrogado sobre esses fatos, respondeu que deles tem perfeitamente conhecimento, mas que eram uma hipocrisia.

Estudos. 1. Questões e problemas morais diversos dirigidos a São Luís, sobre o estado dos Espíritos sofredores. (Serão publicados.)

2. Evocação de John Brown.

3. Três comunicações espontâneas: a primeira pela senhora Roze, e assinada pelo Espírito de Verdade, contendo diversos conselhos à Sociedade; a segunda, de Charlei, pelo senhor Didier filho (continuação do trabalho começado); a terceira sobre os Espíritos que presidem às flores, pela senhora de B...

ALLAN KARDEC.

Nota. A nova edição de *O Livro dos Espíritos* vai aparecer em janeiro.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Terceiro Ano – 1860

Fevereiro

- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [Os Espíritos Glóbulos](#)
- [Os Médiuns especiais](#)
- [Bibliografia. A condessa Mathilde de Canossa, pelo R.P. Bresciani da Companhia de Jesus](#)
- [História de um Condenado](#)
- Comunicações espontâneas
 - [Estelle Riquier](#)
 - [O tempo presente, por Chateaubriand](#)
 - [Os Sinos](#)
 - [Conselhos de família](#)

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, fevereiro de 1860

Sexta-feira, 30 de dezembro de 1859. (Sessão particular.)

Leitura da ata da sessão de 23 de dezembro.

A Sociedade decidiu que, em cada sessão particular, em seguida à ata, será lida a lista nominativa dos ouvintes que tenham assistido à sessão geral precedente, com indicação dos membros que os apresentaram, e que o convite se destina a assinalar os inconvenientes dos quais poderiam ser causa a presença de pessoas estranhas à Sociedade. Em consequência, foi lida a lista dos ou vintes que assistiram à última sessão.

Foram admitidos como membros titulares, diante de seu pedido escrito, e depois do relatório verbal:

-1ª O senhor Forbes, de Londres, oficial de engenharia, apresentado em 16 de dezembro.

-2ª A senhora Forbes, nascida condessa Passerini Corretesi, de Florença, apresentada em 23 de dezembro.

-3ª O senhor Soive, negociante em Paris, apresentado em 16 de dezembro.

-4ª O senhor Demange, negociante em Paris, apresentado em 23 de dezembro.

Leitura de três novas cartas de pedido de admissão. Relatório e decisão remetidos para 6 de janeiro.

Comunicações diversas. 1ª Carta do senhor Brion Dorgeval, contendo a resposta que dirigiu ao senhor Oscar Commettant, a respeito do artigo publicado por este último no *Siècle*, (Ver o nº de janeiro.)

2ª Carta do senhor Jobard, de Bruxelas, contendo observações muito justas sobre o estado moral dos Espíritos. Lamenta ele que os partidários do Espiritismo sejam, o mais freqüentemente, designados pelas iniciais; ele pensa que indicações mais explícitas contribuiriam para o progresso da ciência, em consequência, convida todos os partidários da doutrina a colocarem o seu nome, como ele mesmo o faz. (Ver o nº de janeiro.)

Esta última nota do senhor Jobard foi fortemente apoiada por um grande número de membros, que declararam autorizar a colocação de seus nomes em todas as apreciações que poderão concernir-lhes.

O senhor Allan Kardec observou que o medo do *que se dirá disso* diminui cada dia, e que hoje há poucas pessoas que temem confessar suas opiniões a respeito do Espiritismo; os epítetos de mau gosto, dados aos seus partidários, eles mesmos se tornam lugares comuns, ridículos, dos quais se ri, quando se vêem tantas pessoas de elite zombarem da Doutrina; porque se entrevê o momento no qual a força da opinião imporá silêncio aos sarcasmos. Mas outra coisa é ter a coragem de sua opinião na conversação, ou de liberar seu nome à publicidade. Entre as pessoas que sustentam a causa do Espiritismo com mais energia, há muitas que não se incomodam de colocar-se em evidência, não mais por outras coisas do que por estas. Esses escrúpulos, que de nenhum modo implicam na falta de coragem, devem ser respeitados. Quando fatos extraordinários se passam em alguma parte, concebe-se que seria pouco agradável, para as pessoas que lhes são objeto, tornar-se alvo da curiosidade pública e serem atacadas pelos importunes. Sem dúvida, é necessário estar contente com aqueles que se colocam acima dos preconceitos, mas não é necessário censurar, muito levemente, aqueles que têm talvez motivos muito legítimos para não chamarem a atenção.

Estudos. 1ª Perguntas dirigidas a São Luís sobre os Espíritos que presidem às flores, a propósito da comunicação obtida pela senhora de B... Uma explicação muito interessante foi dada a esse respeito. (Será publicada.)

2ª Outras perguntas sobre o espírito dos animais.

3ª Duas comunicações espontâneas foram obtidas simultaneamente, a 1ª do Espírito de Verdade, pelo senhor Roze, e contendo conselhos dirigidos à Sociedade, a 2ª de Fénelon, pela senhorita Huet.

Sexta-feira, 6 de janeiro. (Sessão particular.)

Leitura da ata do dia 30 de dezembro.

Foram admitidos como membros titulares, sobre pedido escrito, e depois de relatório verbal:

1ª O senhor Ducastel, proprietário em Abbeville, apresentado em 30 de dezembro;

2ª a senhora Deslandes, de Paris, apresentada em 30 de dezembro;

3ª a senhora Rakowska, de Paris, apresentada em 30 de dezembro.

Leitura de uma carta de pedido de admissão.

Carta da senhora Poinsignon, de Paris, que felicita a Sociedade por ocasião do novo ano, e exprime seus votos pela propagação do Espiritismo.

Carta do senhor Demange, recentemente recebida, agradecendo sua admissão. Assegura à Sociedade sua cooperação ativa.

Exame de várias questões tocando em assuntos administrativos da Sociedade.

Comunicações diversas. Notícias sobre don Péra, prior de Armilly, morto há trinta anos. A esse respeito será feito um estudo.

2ª Carta do senhor Lussiez, de Troyes, contendo reflexões muito judiciosas, relativas à influência moralizante do Espiritismo sobre as classes trabalhadoras.

3ª Carta da senhora P..., de Rouen, que anuncia ter obtido como médium, comunicações notáveis, e em tudo conforme com a doutrina de *O Livro dos Espíritos*. Essa carta contém, por outro lado, reflexões que denotam, da parte de sua autora, uma apreciação muito sadia das idéias Espíritas.

4ª Carta relativa à senhorita Désirée Godu, médium curadora, em Hennebom. Sabe-se que, de parte da senhorita Godu, é uma obra de devotamento e de pura filantropia.

Estudos. 1º Perguntas dirigidas a São Luís, como esclarecimento e desenvolvimento de várias comunicações anteriores.

2º A Senhorita Dubois, médium, membro da Sociedade, tendo obtido uma comunicação de um Espírito que se diz ser Chateaubriand, deseja ter esclarecimentos a esse respeito. Um outro Espírito se apresenta com o seu nome, mas se recusa a confirmar sua identidade em nome de Deus; confessa sua fraude, pede desculpas e dá curiosas indicações sobre a sua pessoa.

O verdadeiro Chateaubriand, em seguida, deu uma curta comunicação espontânea, nela prometendo outra mais explícita numa outra vez.

Sexta-feira, 13 de janeiro de 1860. (Sessão geral)

Leitura da ata de 6 janeiro. Leitura de três novos pedidos de admissão. — Exame e relatório remetidos à sessão de 20 de janeiro.

Comunicações diversas. 1ª Carta do senhor Maurice.de Teil, de Ardèche, contendo relação de fatos extraordinários que ocorreram em uma casa de Fons, perto de Aubenas, e que parecem, sob alguns aspectos, os que se passaram em Java.

2ª Carta do senhor Albert Ferdinand, de Béziers, contendo três fatos notáveis que lhes são pessoais, e que provam a ação *física*, que os Espíritos podem exercer sobre certos médiuns.

3ª Carta do senhor Crozet, de Havre, médium correspondente da Sociedade, que dá conta de uma comunicação que teve, juntamente com o senhor Sprenger, da parte de um Espírito *brincalhão*. Este Espírito, que é de um capitão da marinha, morto em Marseille há seis meses, explica com uma precisão e uma lucidez notáveis os diferentes golpes de cartas do jogo "bésigue" e a maneira pela qual faz perder ou ganhar os parceiros. (Será publicada.)

4ª *Um Espírito dançarino*. O senhor e a senhora Netz, membros da Sociedade, há algum tempo, têm um Espírito que se manifesta em sua casa, dançando constantemente, quer dizer, fazendo dançar uma mesa que bate o ritmo perfeitamente conhecido de uma polca, de uma mazurca, de uma quadrilha, de uma valsa de dois ou três tempos, etc. Ele jamais quis escrever, e não responde senão por pancadas. Por esse meio, chegou a dizer que era Péruvien, de raça indiana, morto há cinqüenta e seis anos, com a idade de 35 anos; que quando vivo gostava muito de aguardente, e que agora frequenta os bailes públicos onde sente um grande prazer. Apresenta esta particularidade de que jamais chega antes das dez horas da noite, e em certos dias. Ele vem, disse, pela senhora Netz, mas não pode se

comunicar senão com o concurso do senhor D..., médium de efeitos físicos, de sorte que lhe é preciso a presença dos dois. Assim, o senhor D... jamais pôde fazê-lo vir à sua casa, e a senhora Netz não pode tê-lo se estiver só.

5ª Leitura de uma comunicação espontânea, enviada pelo senhor Rabache, de Bourdeaux, seguindo-se a série daquelas que foram publicadas sob o título de *conselhos de família*.

6ª A senhora Forbes dá a leitura de três comunicações espontâneas obtidas pelo seu marido, sobre o amor filial, o amor paternal e a paciência. Essas comunicações, notáveis pela sua alta moralidade e a simplicidade da linguagem, podem ser classificadas na categoria de conselhos íntimos.

Estudos. 1ª Evocação do Espírito de Castelnaudary, já evocado em 9 de dezembro. (Ver a relação completa, sob o título de *história de um condenado*.)

2ª Evocação do Espírito dançarino. Ele não quer escrever, mas bate o ritmo de várias danças com o lápis e agita o braço do médium em cadência. São Luís dá algumas explicações sobre o seu caráter, e confirma as informações fornecidas precedentemente.

3ª Perguntas sobre as manifestações de Fons, perto de Aube-nas. Respondeu que há verdades nestes fatos, mas que não é preciso aceitá-los sem controle, e que sobretudo deve-se manter em guarda contra o exagero.

4ª Evocação de don Péra, prior de Armilly. Ele forneceu interessantes detalhes sobre a sua situação e seu caráter.

5ª Foram obtidas duas comunicações espontâneas: a primeira pelo senhor Roze, de um Espírito que se designou sob o nome de Estelle Riquier, e que levou uma vida desordenada e faltou com todos os seus deveres de esposa e de mãe. A segunda pelo senhor Forbes, contendo conselhos sobre a cólera.

Sexta-feira, 20 de janeiro de 1860. (Sessão particular.)

Leitura da ata de 13 de janeiro.

São admitidos como membros titulares, a seu pedido escrito, e depois de relatório verbal:

1ª O senhor Krafzoff, de São Petersburgo, apresentado em 13 de janeiro. - 2ª O senhor Julien, de Belfort, (Haut-Rhin), apresentado em 13 de janeiro. - 3ª O senhor conde Alexandre Stenbock Fermor, de São Petersburgo, apresentado em 6 de janeiro.

Comunicações diversas. 1ª Leitura de uma comunicação espontânea obtida pelo senhor Pécheur, membro da Sociedade.

2ª Novos detalhes sobre o Espírito dançarino. A senhora Netz, que é médium escrevente, interrogando um outro Espírito a este respeito, obteve várias informações sobre o seu proveito, entre outras que era bastante rico quando vivo; que morreu de um acidente de caça, no momento em que se encontrava completamente só. Tendo, mais tarde, interrogado o próprio dançarino sobre esses fatos, com a ajuda de seu médium e por pancadas, dele se

obtiveram respostas idênticas. Ora, a senhora Netz não dera conhecimento ao médium das primeiras respostas escritas; por outro lado, não era mais ela que servia de médium, além disso havia colocado perguntas insidiosas que poderiam conduzir a respostas contrárias; havia, portanto, de uma parte e de outra, independência de pensamento, e a correlação das respostas foi um fato característico.

Um outro fato igualmente curioso, foi que seu médium predileto para dança foi tomado um dia, saindo de sua casa, de movimentos involuntários que o fizeram marchar cadenciadamente todo comprimento da rua. Por sua vontade, e resistindo, poderia deter esses movimentos; mas, desde que se abandonou a si mesmo, suas pernas retomaram sua maneira dançante. Não havia nada, bastante ostensivo, para ser notado pelos transeuntes; mas concebe-se, segundo isso, que Espíritos de uma outra ordem e ma! intencionados que o dançarino, que, em definitivo, não querem senão se divertir, possam provocar, sobre certas organizações, movimentos mais violentos e da natureza daqueles que se vêem nos convulsionários e nos crisiacos.

3ª Relato de um fato de comunicação espontânea de um Espírito de uma pessoa viva, narrada pelo senhor de G..., mediu m escrevente, que lhe é pessoal. Este Espírito entrou em detalhes circunstanciais completamente ignorados do médium e dos quais a exatidão foi verificada. O senhor de G. , não conhecia esta pessoa senão por tê-la visto uma única vez numa visita, e não a reviu depois. Não sabia senão seu nome de família; ora, o Espírito assinou, ao mesmo tempo, seu nome de batismo que era perfeitamente o seu. Esta circunstância, juntada a outras indicações de tempo e localidade, fornecidas pelo Espírito, constitui uma prova evidente de identidade.

O senhor conde de R... observou a este respeito, que essas espécies de comunicações, às vezes, podem ser indiscretas, e ele se pergunta se a pessoa em questão ficaria satisfeita se lhe tivesse feito parte de sua conversação. A isso respondeu: 1ª Que se essa pessoa se comunicou, foi porque quis, como Espírito, uma vez que veio de seu próprio movimento, o senhor de G..., com isso nem sonhava, nem a chamou; 2ª que o Espírito liberto do corpo tem sempre seu livre arbítrio, e não diz senão aquilo que quer; 3ª que, nesse estado, o Espírito tem mesmo mais prudência que no estado normal, porque aprecia melhor a importância das coisas. Se esse Espírito visse um inconveniente qualquer em suas palavras, não as teria dito.

4ª Leitura de uma comunicação dirigida de Lyon à Sociedade e na qual está dito entre outras coisas;

Que a reforma da Humanidade se prepara pela encarnação, na Terra, de Espíritos melhores que constituirão uma nova geração pelo amor ao bem; que os homens que se dão ao mal e que fecham os olhos à luz reencarnarão numa nova falange de Espíritos, simples e ignorantes, e enviados por Deus para trabalharem na formação de um globo inferior ao da Terra. Eles não poderão juntar-se a seus irmãos terrestres senão depois de haverem alcançado, através de rudes trabalhos, a classe onde esses últimos vão entrar depois dessa geração; porque não será dado aos Espíritos maus assistirem ao começo desta brilhante transformação." O senhor Theubet observou que esta comunicação parece consagrar o princípio de uma marcha retrógrada, contrariamente a tudo o que nos foi ensinado.

Uma longa e profunda discussão se inicia a este respeito. Ela se resume assim: O Espírito pode decair como posição, mas não sob o aspecto das aptidões adquiridas. O princípio da não retrogradação deve-se entender do progresso intelectual e moral; quer dizer, que o Espírito não pode perder o que adquiriu em inteligência e moralidade, e não retorna mais ao estado de infância do Espírito; em outros termos, que ele não se torna nem mais ignorante nem pior

do que era; o que não impede de estar reencarnado numa posição inferior mais penosa, e entre outros Espíritos mais ignorantes que ele, se desmereceu. Um Espírito muito atrasado que se encarnasse entre um povo civilizado aí estaria deslocado e não poderia sustentar sua classe; retornando entre os selvagens, numa nova existência, não fará, portanto, senão retomar o lugar que deixara muito cedo; mas as idéias que houvera adquirido, durante sua estada entre os homens mais esclarecidos, não estarão perdidas para ele. Deve ocorrer o mesmo com os homens que irão concorrer para a formação de um mundo novo. Encontrando-se deslocados na Terra melhorada, irão para um mundo em relação com o seu estado moral.

Estudos. Evocação do negro do navio *Constant*, já evocado em 30 de setembro de 1859. Dá novas explicações sobre as circunstâncias que acompanharam a sua morte.

2ª Três comunicações espontâneas: a primeira de Chateaubriand, pelo senhor Roze; a segunda de Platão, pelo senhor Colin; a terceira de Charlei, pelo senhor Didier filho, em continuação ao trabalho começado por ele sobre a natureza dos animais.

Os Espíritos Glóbulos

Revista Espírita, fevereiro de 1860

O desejo de ver os Espíritos é uma coisa muito natural, e conhecemos poucas pessoas que não desejam gozar desta faculdade; infelizmente é uma das mais raras, sobretudo quando é permanente. As aparições espontâneas são bastante freqüentes, mas são acidentais, e quase sempre motivadas por uma circunstância toda individual, baseada sobre as relações que puderam existir entre o vidente e o Espírito que lhe aparece; outra coisa é, pois, ver fortuitamente um Espírito ou vê-lo habitualmente, e nas condições normais mais comuns; ora, está aí o que constitui, propriamente falando, a faculdade dos médiuns videntes. Ela resulta de uma aptidão especial cuja causa é ainda desconhecida, e que pode se desenvolver, mas que se provocaria em vão quando não exista a predisposição natural. É necessário, pois, manter-se em guarda com outras ilusões que podem nascer no desejo de possuí-la, e que deram lugar a estranhos sistemas. Quanto mais combatamos as teorias duvidosas pelas quais se atacam as manifestações, sobretudo quando essas teorias acusam a ignorância dos fatos, mais devemos procurar, no interesse da verdade, destruir idéias que provam mais de entusiasmo que de reflexão, e que, por isso mesmo, fazem mais mal que bem, expondo-as ao ridículo.

A teoria das visões e das aparições é hoje perfeitamente conhecida; nós a desenvolvemos em vários artigos, e notadamente nos números de dezembro de 1858, fevereiro e agosto de 1859 e no nosso *O Livro dos Médiuns*, ou *Espiritismo Experimental*; não a repetiremos, portanto, aqui, mas somente lembraremos alguns pontos de fato, antes de chegar ao exame do sistema dos glóbulos.

Os Espíritos podem se produzir à visão sob diferentes aspectos: ornais freqüente é a forma humana. Sua aparição, geralmente, tem uma forma vaporosa e diáfana, algumas vezes vaga e indecisa. Freqüentemente, à primeira vista, é um clarão esbranquiçado, cujos contornos se determinam pouco a pouco. Outras vezes, as linhas são mais acentuadas, e os menores traços do rosto desenhados com uma precisão que permite dar-lhe a descrição mais exata. Um pintor, nestes momentos, poderia seguramente fazer-lhe o retrato com tanta facilidade como o faria para uma pessoa viva. As maneiras e o aspecto são os mesmos que durante a vida do Espírito. Podendo dar todas as aparências ao seu perispírito, que constitui seu corpo etéreo, apresenta-se sob aquela que melhor pode fazê-lo reconhecer; assim, se bem que, como Espírito, não tenha mais nenhuma das enfermidades corpóreas que poderia ter como homem, ele se mostrará estropiado, coxo ou corcunda, se julga oportuno para atestar sua identidade. Quanto à roupa, ela se compõe, o mais comumente, de uma roupagem que termina em longa túnica flutuante; pelo menos é a aparência dos Espíritos superiores que nada conservaram das coisas terrestres; mas os Espíritos vulgares, aqueles que se conheceram, quase sempre, tem a roupa que tinham no último período de vida. Freqüentemente, têm atributos característicos de sua classe. Os Espíritos superiores têm sempre uma figura bela, nobre e serena; os Espíritos inferiores, ao contrário, têm uma fisionomia vulgar, espelho onde se pintam as paixões mais ou menos ignóbeis que os agitaram; algumas vezes ainda carregam os traços de crimes que cometeram ou dos suplícios que suportaram. Uma coisa notável é que, a menos de circunstâncias particulares, as partes menos desenhadas, geralmente, são os membros inferiores, ao passo que a cabeça, o peito e os braços são sempre nitidamente traçados.

Dissemos que as aparições têm alguma coisa de vaporosa, malgrado a sua clareza; poder-se-ia, em certos casos, compará-la à imagem refletida num vidro sem estanho, que não impede ver os objetos que estão por detrás. Bastante ordinariamente, é assim que os distinguem os médiuns videntes; eles os vêem irem, virem, entrarem, saírem, circularem entre a multidão dos vivos, tendo o ar, para os Espíritos vulgares pelo menos, de tomarem parte ativa no que se passa ao redor deles, de se interessarem segundo o assunto, de escutarem o que se diz. São vistos, freqüentemente, aproximarem de pessoas, lhes soprarem idéias, influenciá-las, consolá-las, se mostrarem tristes ou contentes com os resultados que obtêm: em uma palavra, é o duplo ou o reflexo do mundo corporal, com suas paixões, seus vícios ou suas virtudes, mais virtudes do que a nossa natureza material nos permite dificilmente compreender. Tal é esse mundo oculto que povoa os espaços, que nos cerca, no meio do qual vivemos, sem disso desconfiar, como vivemos no meio de miríades do mundo microscópico.

Mas pode ocorrer que o Espírito revista uma forma ainda mais nítida e tome as aparências de um corpo sólido, ao ponto de produzir uma ilusão completa e de fazer crer a presença de um ser corpóreo. Enfim, a tangibilidade pode se tornar real, quer dizer, que se pode tocar, apalpar esse corpo, sentir a mesma resistência, o mesmo calor que da parte de um corpo animado, e isso quase pode se desvanecer com a rapidez do raio. Não somente a aparição desses seres, designados sob o nome de *agêneres*, é muito rara, ela é sempre acidental e de curta duração, e não poderiam tomar-se sob essa forma, os comensais habituais de uma casa.

Sabe-se que entre as faculdades excepcionais das quais o senhor Home deu provas irrecusáveis, é necessário colocar a de fazer aparecer mãos tangíveis que se podem apalpar, e que, por outro lado, podem agarrar apertar e deixar marcas sobre a pele. Os fatos de aparições tangíveis, dizemos, são bastante raros, mas aqueles que se passaram nestes últimos tempos confirmam e explicam aqueles que a história conta a respeito de pessoas que se mostraram, depois de sua morte, com todas as aparências corpóreas. De resto, por extraordinários que sejam semelhantes fenômenos, todo o sobrenatural desaparece quando se lhes conhece a explicação, e se compreende, então, que longe de ser uma derrogação das leis da Natureza não são senão uma sua aplicação.

Quando os Espíritos tomam a forma humana, não se poderia com isso enganar-se; mas assim não é quando tomam outras aparências. Não falaremos aqui de certas imagens terrestres refletidas pela atmosfera, e que puderam alimentar a superstição entre pessoas ignorantes, mas de alguns outros efeitos sobre os quais os homens, mesmos esclarecidos puderam se equivocar; é aí sobretudo que é necessário manter-se em guarda contra a ilusão para não expor-se a tomar por Espíritos fenômenos puramente físicos.

O ar não é sempre de uma limpidez perfeita, e há circunstâncias tais em que a agitação e as correntes das moléculas aeriformes produzidas pelo seu calor são perfeitamente visíveis. A aglomeração desses fragmentos forma pequenas massas transparentes que parecem flutuar no espaço, e que dão lugar ao singular sistema dos Espíritos sob a forma de glóbulos. A causa dessa aparência está, portanto, no próprio ar, mas pode estar também no olho. O humor aquoso oferece pontos imperceptíveis que perderam sua transparência; esses pontos são como corpos semi-opacos em suspensão no líquido do qual seguem os movimentos e as ondulações. Eles produzem no ar ambiente e à distância, por efeito de um engrossamento e da refração, aparência de pequenos discos, algumas vezes irisados, variando de um a dez milímetros de diâmetro. Vimos certas pessoas tomarem esses discos por Espíritos familiares que as seguiam e as acompanhavam por toda parte, e, em seu entusiasmo, verem figuras nas nuanças da irisação. Uma simples observação, fornecidas por essas mesmas pessoas vai reconduzi-las ao terreno da realidade. Esses discos ou medalhões, dizem elas, não somente as acompanham, mas seguem em todos os seus movimentos; vão à direita, à esquerda, para cima, para baixo, ou se detêm segundo os movimentos da cabeça;

essa coincidência prova por si só que a sede da aparência está em nós e não fora de nós, e o que o demonstra, por outro lado é que, em seus movimentos ondulatórios, esses discos não se separam jamais de um certo ângulo; mas como eles não seguem com precipitação o movimento da linha visual, parecem ter uma certa dependência. A causa desse efeito é muito simples. Os pontos opacos, ou semi-opacos, do humor aquoso, causa primeira do fenômeno são, dissemos, como estando em suspensão, mas têm sempre uma tendência a descerem; quando eles sobem, é que foram solicitados pelo movimento do olho de baixo para cima; chegados a uma certa altura, fixando-se o olho, vê-se o disco descer lentamente, depois deter-se; sua mobilidade é extrema, porque lhe basta um movimento imperceptível do olho para fazer percorrer ao raio visual toda amplitude do ângulo em sua abertura no espaço, onde a imagem se projeta.

Outro tanto dizemos das centelhas que se conduzem, algumas vezes, em maços ou feixes mais ou menos compactos, pela contração dos músculos do olho, e que se devem, provavelmente, à fluorescência ou à eletricidade naturais da íris, uma vez que são, geralmente, circunscritos na circunferência desse órgão.

De semelhantes ilusões não podem provir senão uma observação incompleta; quem haja estudado seriamente a natureza dos Espíritos por todos os meios que a ciência prática dá, compreenderá tudo o que elas têm de pueril. Se esses glóbulos aéreos fossem Espíritos, seria necessário convir que estariam constrangidos a um papel muito mecânico para seres inteligentes e livres; papel possivelmente fastidioso para Espíritos inferiores, com a mais forte razão incompatível com a idéia que fazemos dos Espíritos superiores.

Os únicos sinais que podem, verdadeiramente, atestar a presença dos Espíritos são os sinais inteligentes. Enquanto não se provar que as imagens das quais acabamos de falar, tivessem elas mesmo a forma humana, têm um movimento próprio, espontâneo, com caráter intencional evidente e acusando uma vontade livre, não veremos aí senão simples fenômenos fisiológicos ou de ótica. A mesma observação se aplica a todos os gêneros de manifestações, e sobretudo aos ruídos, às pancadas, aos movimentos insólitos de corpos inertes que milhares de causas físicas podem produzir. Nós o repetimos, tanto que um efeito não seja inteligente por si mesmo, e independente da inteligência dos homens, é necessário considerá-lo duas vezes antes de atribuí-lo aos Espíritos.

Os Médiuns especiais

Revista Espírita, fevereiro de 1860

A experiência prova, cada dia, o quanto são numerosas as variedades da faculdade medianímica; mas ela nos prova também que as diversas nuances dessa faculdade prendem-se a aptidões especiais, ainda não definidas, abstração feita das qualidades e dos conhecimentos do Espírito que se manifesta.

A natureza das comunicações é sempre relativa à natureza do Espírito, e traz a marca de sua elevação ou de sua inferioridade, de seu saber ou de sua ignorância; mas, com igualdade de mérito do ponto de vista hierárquico, incontestavelmente, há nele uma propensão para se ocupar de uma coisa antes que de uma outra; os Espíritos batedores, por exemplo, não saem quase nada das manifestações físicas; e entre aqueles que dão manifestações inteligentes, há poetas, músicos, desenhistas, moralistas, sábios, médicos, etc. Falamos de Espíritos de uma ordem mediana, porque, chegados a um certo grau, as aptidões se confundem na unidade da perfeição. Mas, ao lado da aptidão do Espírito, há a do médium que é para ele um instrumento mais ou menos cômodo, mais ou menos flexível, e no qual ele descobre qualidades particulares que não podemos apreciar.

Tomemos uma comparação: Um músico, muito hábil, tem sob a mão vários violinos que, para o vulgo, serão todos bons instrumentos, mas entre os quais o artista consumado faz uma grande diferença; aí percebe nuances de uma extrema delicadeza que lhe farão escolher uns e rejeitar os outros, nuances que compreende por intuição de preferência, mas que não pode defini-las. Ocorre o mesmo com respeito aos médiuns: com qualidades iguais na potência mediúmica, o Espírito dará preferência a um ou a outro, segundo o gênero de comunicação que quer fazer. Assim, por exemplo, vêem-se pessoas escreverem, como médium, admiráveis poesias embora, nas condições normais, jamais puderam ou souberam fazer dois versos; outras, ao contrário, que são poetas, e que, como médiuns, não puderam jamais escrever senão prosa, apesar de seu desejo. Ocorre o mesmo com o desenho, com a música, etc. Há os que, sempre sem terem por si mesmos conhecimentos científicos, têm uma aptidão toda particular para receberem comunicações sábias; outros são para os estudos históricos; outros servem, mais facilmente, de intérpretes aos Espíritos moralistas; em uma palavra, qualquer que seja a flexibilidade do médium, as comunicações que ele recebe com a maior facilidade têm, geralmente, um cunho especial; há mesmo aqueles que não saem de um certo círculo de idéias, e quando dele se afastam, não têm senão comunicações incompletas, lacônicas, e freqüentemente falsas. Fora as causas de aptidão, os Espíritos se comunicam ainda, mais ou menos de bom grado, por tal ou tal intermediário segundo a sua simpatia; assim, além de serem todas as coisas iguais, o mesmo Espírito será sempre mais explícito com certos médiuns, unicamente porque isso lhe convém mais.

Estar-se-ia em erro se, só porque se tem sob a mão um bom médium, tivesse ele a escrita mais fácil, pensando-se obter por ele boas comunicações em todos os gêneros. Para ter boas comunicações, a primeira condição, sem contradita, é assegurar-se da fonte de onde elas emanam, quer dizer, da qualidade do Espírito que as transmite; mas não é menos necessário levar em conta as qualidades do instrumento que se dá ao Espírito; é necessário, pois, estudar a natureza do médium, como se estuda a natureza do Espírito, porque aí estão os dois elementos essenciais para se obter um resultado satisfatório. Há um terceiro que

desempenha um papel igualmente importante, é a intenção, o pensamento íntimo, o sentimento mais ou menos louvável daquele que interroga; e isso se concebe. Para que uma comunicação seja boa, é necessário que ela emane de um Espírito bom; para que esse bom Espírito POSSA transmiti-la, lhe é necessário um bom instrumento; para que QUEIRA transmiti-la, é necessário que o objetivo lhe convenha. O Espírito, que lê no pensamento, julga se a questão que se lhe propõe merece uma resposta séria, e se a pessoa que dirige é digna de recebê-la; em caso contrário, não perde seu tempo semeando bons grãos sobre pedras, e é então que os Espíritos levianos e zombeteiros se dão inteira liberdade, porque, pouco se importando com a verdade, eles não a olham de tão perto, e são, geralmente, bem pouco escrupulosos sobre o objetivo e sobre os meios.

Segundo o que acabamos de dizer, compreende-se que deve haver Espíritos mais especialmente ocupados, por gosto ou por razão, com o alívio da Humanidade sofredora; que, semelhantemente, deve haver médiuns mais aptos do que outros para servir-lhes de intermediários. Ora, como esses Espíritos agem exclusivamente tendo em vista o bem, eles devem procurar em seus intérpretes, além da aptidão que se poderia chamar fisiológica, certas qualidades morais, entre as quais figuram, em primeira linha, *o devotamento e o desinteresse*. A cupidez sempre foi, e será sempre, um motivo de repulsão para os bons Espíritos e uma causa de atração para os outros. Ocorre com efeito, dentro do bom senso, que Espíritos superiores se prestem a todas as combinações do interesse material, e que estejam às ordens do primeiro que pretenda explorá-los? Os Espíritos, *quaisquer que eles sejam*, não querem ser explorados, e se alguns parecem a isso dar a mão, e mesmo se vão ao encontro de certos desejos muito mundanos, é quase sempre tendo em vista uma mistificação, da qual seriam em seguida como de uma boa peça pregada às pessoas muito crédulas. De resto, talvez não seja inútil que alguns queimem os dedos, a fim de lhes ensinar que é necessário jogar com as coisas sérias.

Seria aqui o caso de se falar de um desses médiuns *privilegiados* que os Espíritos parecem tomar sob seu patrocínio direto. A senhorita *Désirée Godu*, que mora em Hennebon (Morbihan), goza a este respeito de uma faculdade verdadeiramente excepcional, e da qual faz uso com a mais devotada abnegação. Sobre isso já dissemos algumas palavras num relatório das sessões da Sociedade, mas a importância do assunto merece um artigo especial que ficaremos felizes em consagrá-los no nosso próximo número. Além do interesse que se liga ao estudo de toda faculdade sem paralelo, consideraremos sempre como um dever fazer conhecer o bem e prestar justiça a quem o pratica.

Bibliografia

Revista Espírita, fevereiro de 1860

A condessa Mathilde de Canossa.

Tal é o título de um romance legendário, publicado em Roma em 1858, pelo *R.P. Bresciani* da Companhia de Jesus (1(1) Um vol. in-8, traduzido do italiano; casa J. B. Pélagaud, e Cie, rua de Saints-Pères, 57, em Paris. Preço 3 fr. 50 c.), autor do *Judeu de Verona*. O assunto da obra é a História, no gênero de Walter Scott, da antiga família de Canossa: por isso o autor a dedica ao descendente atual dessa ilustre família, o marquês Octave de Canossa: podestade de Verona e camarista de sua majestade o imperador da Áustria. A ação se passa na idade média, os feiticeiros e os mágicos nele têm um grande papel, e as cenas de sortilégios nele são descritas com uma precisão que faria inveja ao romancista escocês. O autor nos parece menos feliz em sua apreciação dos fenômenos Espíritos modernos, das mesas falantes, do magnetismo, do sonambulismo; ora, eis o que lemos a este respeito no capítulo X, página 170:

"Mais de um de meus leitores, e talvez não seja o menor número, poderia bem admirar-se vendo estender-se, nos capítulos que precedem, tudo o que combina feitiços, conjurações, sortilégios, alucinações, erupções fantásticas que não se parecem mal e aos relatos de velhas e de amas de leite. - Quem crê ainda, em nossos dias, em necromantes, em feiticeiros, em encantadores, em encantos, em filtros, no comércio com o diabo? Quereis nos conduzir aos contos de fadas de Martin dei Rio (1 Del Rio, sábio jesuíta, nascido em Anvers em 1551, morreu em 1608. O autor alude aqui à sua obra intitulada: *Disquisitiones magicae.*), às tolas superstições do povo, às comadres das encruzilhadas, por lendas de arrepiar os camponeses bochechudos que têm medo do lobisomem, e impedir de dormir, os garotos trementes, em nome de Bicho-papão? Verdadeiramente, o amigo, o momento está bem escolhido para nos debitar estas futilidades! -Tal é, mais ou menos, a linguagem que eu creio, estou de acordo em recorrer.

"Eu responderei que antes de desprezar as crenças antigas, seria necessário que cada um colocasse a mão em sua consciência e se perguntasse, muito francamente, se pelo menos não é tão crédulo quanto algum de seus antepassados. Vejamos um pouco: Que significa essa obra de magnetizadores e de médiuns, de mesas girantes, falantes, profetizantes; de sonâmbulos que vêem através das paredes, que lêem pelo cotovelo, que têm presente, diante de si, o que se diz e se faz a vinte, trinta, quarenta milhas dali; que lêem e escrevem sem saberem nem A nem B; que, sem conhecerem uma palavra de medicina, assinalam, determinam todos os casos patológicos, indicando-lhes as causas, e prescrevem o remédio com as doses da receita, em todos os termos greco-árabes do vocabulário científico? O que são esses interrogatórios de Espíritos, essas respostas de pessoas mortas e enterradas, suas profecias de acontecimentos futuros? Quem evoca essas sombras? Quem fá-las falar? Quem fá-las ver um futuro que não existe? Quem fá-las proferir estas blasfêmias contra Deus, contra os santos do Céu, contra os sacramentos da Igreja?

"Vejamos, bravas gentes, falai! Por que essas contorções e esses olhares assustadiços? - Oh! Acabareis me dizendo, quem sabe! Mistérios da natureza, leis desconhecidas, força de lucidez, sentido oculto no organismo humano! Sutilidade do fluido magnético, do influxo nervoso, das ondulações óticas, e acústicas; virtudes secretas que a eletricidade e o

magnetismo estimulam no cérebro, no sangue, nas fibras, em todas as partes vitais; poderes de forças supremas, da vontade da imaginação.

"Meus amigos, aí estão as futilidades, as palavras vazias de sentido, as frases ocas, os subterfúgios ambíguos, os enigmas que vós mesmos não compreendeis. Toda diferença que há entre nós e os nossos ancestrais é que, para negar um mistério, nós forjamos cem outros deles; enquanto essas pessoas boas chamavam um gato um gato, e o diabo o diabo, tínhamos a pretensão de gratificar a natureza com forças que ela não tem e não pode ter; nossos velhos, mais sábios e mais francos, diziam, sem tanto rodeios, que existiam operações sobrenaturais, e, as tratavam, ingenuamente, de maquinação.

"Menos versados que nós, todavia, no conhecimentos dos fenômenos naturais, ocorria-lhes, sem dúvida, tomarem algumas vezes por um efeito prodigioso coisas que não saem da ordem natural, ao passo que os modernos, muito mais esclarecidos, não deixam senão de olhar, grande número de fraudes dos magnetizadores, como o efeito misterioso de leis secretas da Natureza, e as operações verdadeiramente diabólicas como agilidade de prestidigitadores mais ou menos sutis. Mas os homens mais cristãos, do bom e velho tempo, sabiam muito bem que os maus Espíritos, evocados por meio de certos sinais, de certas conjurações, de certos pactos, apareciam, respondiam, alucinavam a imaginação impressionando de mil maneiras e, sobretudo, fazendo-lhe o maior mal que podiam àqueles que conversavam com eles. Reconheçamos, pois, de boa fé que, mesmo em nossos dias, nós temos, e em maior número que os antigos, nossos necromantes, nossos mágicos e nossos feiticeiros, com essa diferença que nossos pobres pais tinham horror desses malefícios, que os praticavam em segredo, nas trevas, nas cavernas, nas florestas, e que muitos disso se arrependiam, se confessavam e em seguida faziam penitências; em lugar que, em nossos dias, são realizados nos salões de douraduras e de luzes, em presença de curiosos, diante de jovens, de crianças, de mães, sem disso fazer o menor escrúpulo, e alegrando-se, freqüentemente, com superstições da idade média.

"Crede-me, em todas as épocas, os homens quiseram ter negocios com o demônio, e esse espírito velhaco, por pouco que os homens não o devolvam aos seus abismos e participem de seu comércio, sujeita-se a todas as transformações. Nos séculos de idolatrias, ele vivia com os oráculos e as pitonisas; mostrava-se sob a forma de pomba, de pega, de galo, de serpente, e cantava versos fatídicos. Na idade média, fazia o pedante em presença desses povos bárbaros, e lhes aparecia sob formas terríveis, em monstruosas conjurações. Se, às vezes, se diminuía e se sutilizava a ponto de se alojar nos cabelos, nas garrafinhas, nos filtros, que os feiticeiros faziam os enamorados tragarem, isso não o era sem inspirar ainda um grande terror. Hoje, em compensação, ele se presta à civilização do século; e se compraz no mundo bonito, nas noitadas brilhantes; alternativamente, dormindo com os sonâmbulos, dançando com as mesas, escrevendo com os curadores. Não é muito gentil, em verdade? Guarda-se bem para não assustar ninguém! Ele se veste à americana, à inglesa, à parisiense, ao alemão; é verdadeiramente amável, sob a barba e o fino bigode dos Italianos; é a coqueluche dos salões, e seria necessário ser bem grosseiro para não achá-lo de uma irrepreensível distinção. Portanto, vede! Ele se tornou tão bom apóstolo que se entretém, o mais cortesmente do mundo, com tal senhora que ainda vai à missa, e que, se vós lhe disserdes: - Tomai cuidado! Há coisas que não são naturais, e que não poderiam sê-lo: Estão tramando alguma intriga; os bons cristãos não se ocupam de tudo isso, - caçoarão de vós e responderéis com um pequeno ar picante: - Que diabo! Tudo isso é muito natural: Eu sou cristão também, eu; mas não sou um imbecil.

"À espera disso, se a ocasião se apresentar, fará magnetizar sua filha de vinte anos, para que leia, na intuição magnética, os fatos afastados ou secretos do futuro.

"Deixo-vos a pensar se esse belo diabo de luvas amarelas deve rir em sua barba e da boa cristã!"

Deixamos aos nossos leitores o cuidado de apreciarem o julgamento do P. Bresciani: nele, sem dúvida, procurarão em vão, como nós, argumentos peremptórios contra as idéias Espíritas, uma demonstração qualquer da falsidade dessas idéias; ele pensa, sem dúvida, que elas não valem o trabalho de uma refutação séria e que basta soprar por cima para dissipá-las. Mas nos parece que, a exemplo da maioria dos adversários, ele chega a uma conseqüência contrária à que esperava, desde que não prova, por A mais B, que isso não é e não PODE ser. Como o P. Bresciani é um homem de um talento incontestável e de uma instrução superior, pensamos que, uma vez que seu objetivo era combater os Espíritos, deve reunir contra eles suas armas mais temíveis; de onde concluímos que se não disse mais, é que nada mais tem a dizer; que se não dá outras provas, é que não tem melhores para opor; de outro modo, evitaria com todo cuidado deixá-las no fundo do saco. Os mais ridicularizados, em toda esta argumentação, não são os Espíritos, mas o próprio diabo, que é tratado um pouco bruscamente, e não como uma coisa tomada a sério. Estar-se-ia tentado a pensar, nesse estilo engraçado, que o autor não crê mais no diabo do que nos Espíritos. Se, todavia, como ele o pretende, é o agente único de todas as manifestações, convir-se-á que o faz desempenhar um papel mais divertido do que terrível, e bem mais capaz de excitar a curiosidade que de amedrontar. Tal é, de resto, até o presente, o resultado de tudo o que se disse e escreveu contra o Espiritismo; e bem mais serviu-o do que o prejudicou.

Segundo a maioria dos críticos, o fato das manifestações é sem importância; é um entusiasmo passageiro, um brinquedo de salão, e o autor não nos parece tê-lo encarado sob um lado mais sério; se assim é, para que com isso atormentar-se? Deixai à moda o cuidado de trazer amanhã um outro passatempo e o Espiritismo viverá o que viveu a mania do potiche: o espaço de duas estações. Atirando-lhe pedras, faz-se crer que dele se tem medo, porque não se procura abater senão àquilo que se teme; se for uma quimera, uma utopia, por que bater-se contra os moinhos de vento? É verdade que se diz que o diabo mistura-se com eles algumas vezes; mas não seria necessário muitos autores como este, pintando o diabo sob cores róseas, para dar a todas as mulheres a idéia de conhecê-lo.

O P. Bresciani examinou bem a questão? Pesou bem a importância de todas as suas palavras? Ele nos permitirá duvidar disso. Quando disse: *Que são essas respostas de pessoas mortas e enterradas? Quem lhes faz ver um futuro QUE NÃO EXISTE?* Perguntamo-nos se foi um cristão ou um materialista que escreveu semelhantes coisas; e ainda o materialista falaria dos mortos com mais respeito. - *Quem lhes fez proferir essas blasfêmias contra Deus?* Onde estão esses blasfemos? O autor, que coloca tudo na conta do diabo, sem dúvida, a supõe, de outro modo saberia que a mais ilimitada confiança na bondade infinita de Deus é a própria base do Espiritismo, que nele se faz tudo em nome de Deus; que os Espíritos perversos dele não falam senão com temor e respeito, e os bons senão com amor. O que há aí de blasfematório? - Mas que pensar destas palavras: *Temos a pretensão de gratificar a natureza das forças que ela não tem e não PODE ter; nossos VELHOS, mais sábios os trataram, ingenuamente, de maquinação.* Assim, é mais sábio atribuir os fenômenos da Natureza ao diabo do que a Deus. Ao passo que nós proclamamos o poder infinito do Criador, o P. Bresciani põe-lhe limites; a Natureza, que resume a obra divina, não é, e não PODE ter outras forças que aquelas que nós conhecemos; quanto àquelas que se poderia descobrir, é *mais sábio* homenagear o diabo por elas, que seria, assim, mais poderoso que Deus. É necessário perguntar de qual lado está a blasfêmia, ou o maior respeito para o Ser Supremo? - Enfim, o diabo toma todas as formas: *Não é muito gentil, em verdade ele se veste à americana, à inglesa, à parisiense; ele é verdadeiramente amável sob a barba e o fino bigode dos Italianos, e seria necessário ser bem grosseiro para não achá-lo de uma distinção*

irrepreensível. Não sabemos se os senhores Italianos estarão muito lisonjeados por serem tomados por diabos de luvas amarelas. Quem são estas belas senhoras, que fazem sua *coqueluche* estes gentis demônios, e que, ao aviso caridoso de que estão tramando alguma intriga a temer, vos riam diante do nariz em vos lançando um: *Que droga! Eu não sou um imbecil!* Se a Natureza surpreende, perguntamos em qual mundo, o inteiro ou a metade, ela se serve de tão lindas expressões. Lamentamos que o autor não tenha haurido seus conhecimentos em Espiritismo numa fonte mais séria, sem o que não falaria dele assim tão levemente. Enquanto não se lhe opuserem argumentos mais peremptórios, seus partidários poderão dormir muito tranqüilos.

História de um Condenado

Revista Espírita, fevereiro de 1860

(Sociedade, 9 de dezembro de 1859. - Primeira sessão.)

O senhor de la Roche, membro titular, comunicou o fato seguinte, que é de seu conhecimento pessoal:

Numa pequena casa perto de Castelnaudary, havia ruídos estranhos e diversas manifestações que faziam olhá-la como assombrada por algum mau gênio. Por esse fato, ela foi exorcizada em 1848, e ali se colocou um grande número de imagens de santidade. Desde então, o senhor D..., querendo nela habitar, fez-lhe reparos, e, por outro lado, fez tirar todas as gravuras. Ele morreu subitamente, há alguns anos. Seu filho, que a ocupava nesse momento ou antes, que a ocupava ainda há pouco tempo, recebeu um dia, entrando num apartamento, uma vigorosa bofetada dada por mão invisível; como estava perfeitamente só, não pôde duvidar de que não lhe veio de uma fonte oculta. Agora não quer mais ali morar, e vai deixá-la definitivamente. Há, na região, uma tradição segundo a qual um grande crime teria sido cometido nessa casa.

São Luís, interrogado sobre a possibilidade de evocar o aplicador de bofetadas, respondeu que isto era possível.

O Espírito chamado se manifestou por sinais de violência; o médium foi tomado por uma agitação extrema, sete ou oito lápis foram quebrados, vários foram lançados contra os assistentes, uma página foi rasgada e coberta de traços insignificantes, traçados com cólera. Todos os esforços foram improdutivos para acalmá-lo; instado a responder às questões que se lhe dirigia, escreveu com a maior dificuldade um *não* quase indecifrável.

1. (A São Luís.) Teríeis a bondade de nos dar algumas informações sobre este Espírito, uma vez que não pode ou não quer dá-las ele mesmo? - R. é um Espírito da pior espécie, um verdadeiro monstro; fizemo-lo vir, mas não pudemos constrangê-lo a escrever, apesar de tudo o que lhe foi dito; ele tem seu livre arbítrio. O infeliz dele faz um triste uso.
2. Faz muito tempo que está morto como homem? - R. Tomai vossas informações: Foi ele quem cometeu o crime, cuja lenda existe na região.
3. Que era quando vivo? - R. Sabê-lo-eis por vós mesmos.
4. Portanto, é ele que assombra essa casa agora? - R. Sem dúvida, uma vez que foi assim que eu vos fiz designá-lo.
5. Os exorcismos que se praticaram, portanto, não puderam expulsá-lo dela? - R. De nenhum modo.
6. Ele foi alguma coisa na morte súbita do senhor D...? - R. Sim.

7. De que maneira pôde contribuir para essa morte? - R. Pelo medo.
8. Foi ele quem deu a bofetada ao senhor D... filho? - R. Sim.
9. Poderia dá-la aqui em qualquer um de nós? - R. Mas, sem dúvida, e o desejo, para isso, não lhe faltaria.
10. Por que não o faz? - R. Não lhe é permitido.
11. Haveria um meio de fazê-lo mudar desta casa, e qual seria? -R. Se se quiser desembaraçar-se de obsessões de semelhantes Espíritos, isto é fácil orando por eles: É que se negligencia sempre fazê-lo. Preferem-se amedrontá-los com fórmulas de exorcismo, que os divertem muito.
12. Dando-se às pessoas interessadas a idéia de orar por este Espírito, nós mesmos orando por ele, far-se-ia desalojá-lo? - R. Sim; mas notai que eu disse orar *e não de fazer orar*.
13. Este Espírito é suscetível de melhorar-se? -R. Por que não? Não o são todos, aqueles como os outros? É necessário, contudo, esperar encontrar dificuldades; mas, por perverso que seja, o bem dado para o mal acabará por tocá-lo. Que se ore primeiro, e que se o evoque em um mês, podereis julgar da mudança que se operará nele.
14. Este Espírito é sofredor, infeliz; podeis nos descrever o gênero de sofrimentos que ele suporta? -R. Ele está persuadido de que deve permanecer na situação em que se encontra durante a eternidade. Ele vê constantemente o momento em que cometeu o seu crime: Toda outra lembrança foi-lhe retirada, e toda comunicação com um outro Espírito interdita; ele não pode, na Terra, ficar senão nesta casa, e se está no espaço, está nas trevas e na solidão.
15. De onde veio antes de sua última encarnação; a que raça pertencia? - R. Teve uma existência entre os povos mais ferozes e mais selvagens e, precedentemente, veio de um planeta inferior à Terra.
16. Se este Espírito se reencarnasse, em qual categoria de indivíduos se encontraria? - R. Isto dependerá dele e do arrependimento que sentir.
17. Poderia, na próxima existência corpórea. Ser o que se chama um homem honesto? -R. Isto ser-lhe-á difícil; o que quer que faça, não poderá evitar uma vida ainda bem agitada.

Nota. -A senhora X..., médium vidente que assistia à sessão, viu este Espírito no momento em que se quis fazê-lo escrever: ele sacudia o braço do médium; seu aspecto era apavorante; estava vestido com uma camisa coberta de sangue e tinha um punhal.

O senhor e a senhora F..., que não assistiam a esta sessão senão como ouvintes, não sendo ainda sócios, desde a mesma noite, receberam a recomendação feita a favor do infeliz Espírito, e oraram por ele. Obtiveram dele várias comunicações assim como de suas vítimas. Nós as narraremos em sua ordem, com aquelas que ocorreram na Sociedade sobre o mesmo assunto. Além do interesse que se prende a essa dramática história, dela ressalta um ensinamento que não escapará a ninguém.

(Segunda sessão (casa do senhor F...))

18. (Ao Espírito familiar.) Pode nos dizer alguma coisa do Espírito de Castelnaudary? - R. Evoque-o.
19. Será mau? - R. Tu o verás.
20. O que é preciso fazer?- R. Não lhe fale se nada tens a dizer-lhes.
21. Se lhe falarmos, para compartilharmos as suas penas, isto lhe fará bem? - R. A compaixão sempre faz bem ao infeliz.
22. Evocação do Espírito de Castelnaudary. - R. Que querem de mim?
23. Nós te chamamos com o objetivo de te ser útil. - R. Oh! vossa piedade me faz bem, porque eu sofro... Oh! Como eu sofro!... Que Deus tenha piedade de mim. Perdão... Perdão!
24. Nossas preces te serão salutares? - R. Sim; orai, orai.
25. Pois bem! Nós oraremos por ti. - R. Obrigado! Tu, pelo menos, não maldizes.
26. Por que não quisestes escrever na Sociedade, quando foste chamado? - R. Oh ! Maldição!
27. Maldição sobre quem? - R. Sobre mim, que expio bem cruelmente crimes onde minha vontade não teve senão uma fraca parte.
- Nota.* - Dizendo que a sua vontade não é senão uma fraca parte em seus crimes, ele quer atenuá-los, como se soube mais tarde.
28. Se te arrependes serás perdoado? - R. Oh! Nunca.
29. Não te desesperes. -R. Eternidade de sofrimentos, tal é o meu quinhão.
30. Qual é o teu sofrimento? -R. O que há de mais horrível; tu não o podes compreender.
31. Orou-se por ti desde ontem à noite? -R. Sim; mas eu sofro ainda mais.
32. Como ocorre isto? - Eu o sei!
- Nota.* - Essa circunstância foi explicada mais tarde.
33. Deve-se fazer alguma coisa com relação à casa onde estais instalado? - R. Não! Não! Não me fales mais dela... Perdão, meu Deus! Eu tenho sofrido bastante.
34. Tens que ali permanecer? - R. A isso estou condenado.
35. É para que tenhas, constantemente, teus crimes sob os olhos? - R. É isto.

36. Não desesperes; tudo pode ser perdoado no arrependimento. - Não há perdão para Caim.
37. Portanto mataste teu irmão? - R. Nós somos todos irmãos.
38. Por que quisestes fazer mal à senhora D...? - R. Bastante, de graça, bastante.
- 39.' Pois bem! Adeus; tem confiança na misericórdia divina! - R. Orai.

(Terceira sessão.)

40. Evocação. - Estou junto de vós.
41. Começas a ter esperança? -R. Sim, meu arrependimento é grande.
42. Qual era teu nome? - R. Sabê-lo-eis mais tarde.
43. Há quantos anos sofres? - R. 200 anos.
44. Em que época cometeste o crime? - R. Em 1608.
45. Podes repetir estas datas para no-las confirmar? - R. Inútil; é bastante uma vez. Adeus, eu vos falarei amanhã, uma vontade me chama.

(Quarta sessão.)

46. Evocação. - Obrigado, Hugo (nome de batismo do senhor F...).
47. Queres nos falar do que se passou em Castelnaudary? - R. Não; fazeis-me sofrer quando me falais disto; isso não é generoso de vossa parte.
48. Sabes bem que se disto te falamos, é com o objetivo de poder esclarecer a tua posição, e não para agravá-la; assim, fala sem medo. Como te deixaste ir cometer este crime? - R. Um momento de descaminho.
49. Houve premeditação? -R. Não.
50. Isto não pode ser a verdade. Teus sofrimentos provam que tu és mais culpado do que o dizes. Saibas que não é senão pelo arrependimento que podes abrandar tua sorte, e não pela mentira. Vamos! Sé franco. - R. Pois bem! Uma vez que eu o fiz, sim.
51. Foi um homem ou uma mulher que mataste? - R. Um homem.
52. Como causaste a morte do senhor D...-R. Eu lhe apareci visivelmente, e sou tão pavoroso de se ver, que minha única visão o matou.
53. Fizeste-o de propósito? - R. Sim.

54. Por que isto? - R. Ele quis me desafiar, e lhe faria outro tanto se viesse me tentar.
55. Se eu fosse morar nesta casa, far-me-ias mal? -R. Oh! Não, certamente; tu tens piedade de mim, tu, e tu me queres bem.
55. O senhor D... morreu instantaneamente? -R. Não; o medo se apoderou dele, mas ele não morreu senão duas horas depois.
57. Por que te limitaste a dar um sopro no senhor D... filho? - R. Seria muito ter matado dois homens.

Quinta sessão. (Sociedade, 16 de dezembro de 1859.)

58. *Perguntas dirigidas a São Luís.* O Espírito que se comunicou com o senhor e a senhora F... era o de Castelnaudary? - R. Sim.
59. Como ocorre que haja ele podido se comunicar com eles tão prontamente? - R. Na Sociedade ele ainda ignorava; não estava arrependido; o arrependimento é tudo.
60. As informações que deu sobre seu crime são exatas? -R. Cabe-vos procurar, disto vos assegurar e vos explicardes em seguida com ele.
61. Ele disse, que o crime foi cometido em 1608, e que morreu em 1659; há, pois, 200 anos que ele está neste estado? - R. Isto vos será explicado mais tarde.
62. Quereis nos descrever o gênero de seu suplício? -R. É atroz para ele; ele foi, como o sabeis, condenado a morar na casa onde o crime foi cometido, sem poder dirigir seu pensamento sobre outra coisa que sobre esse crime, sempre diante de seus olhos, e se crê condenado a essa tortura pela eternidade.
63. Ele está mergulhado na obscuridade? - R. Obscuridade quando ele quer se afastar desse lugar de exílio.
64. Qual é o gênero de sofrimento mais terrível que um Espírito possa, neste caso, sofrer? - R. Não há descrição possível das torturas morais que são a punição de certos crimes; aquele mesmo que as prova teria dificuldade em dar-vos uma idéia delas; mas a mais horrível é a certeza de crer-se estar a ela condenado sem retorno.
65. Eis aqui dois séculos que está nesta situação; ele aprecia o tempo como o fazia quando vivo; quer dizer o tempo parece-lhe tão longo ou menos longo que quando vivo?- R. Parece-lhe antes mais longo: o sono não existe para ele.
66. Foi-nos dito que, para os Espíritos, o tempo não existia, e que, para eles, um século é um ponto na eternidade; não ocorre, pois, o mesmo para todos? - R. Não, certamente; não ocorre assim senão para os Espíritos chegados a um grau muito elevado de adiantamento; mas para os Espíritos inferiores o tempo é algumas vezes bem longo, sobretudo quando sofrem.
67. Esse Espírito é punido bem severamente para o crime que cometeu; ora, vós nos

dissestes que, antes desta última existência, ele estivera entre as populações mais bárbaras. Ali deveu cometer atos pelo menos atrozes quanto o último; por isso foi punido da mesma forma. -R. Ele foi menos punido, porque, mais ignorante ainda, compreendia-lhe menos a importância.

Nota. - Todas as observações confirmam este fato, eminentemente conforme a justiça de Deus, que as penas são proporcionais, não à natureza da falta, mas ao grau de inteligência do culpado e à possibilidade, para ele, de compreender o mal que fez. Assim uma 'alta, menos grave em aparência, poderá ser punida mais severamente num homem civilizado, que um ato de barbárie num selvagem.

68. O estado em que se encontra esse Espírito, é dos seres vulgarmente chamados *condenados*? - R. Absolutamente; e os há bem mais terríveis ainda. Os sofrimentos estão longe de serem os mesmos para todos, mesmo para crimes semelhantes, porque eles variam segundo o culpado seja mais ou menos *acessível* ao arrependimento. Para este, a casa onde ele cometeu o seu crime é seu inferno; outros o carregam neles, pelas paixões que os atormentam e que não podem saciar.

Nota. -Com efeito, vimos avaros sofrerem com a visão do ouro, que, para eles, se tornara uma verdadeira quimera; orgulhosos, atormentados pelo ciúme das honras que viam render, e que não se dirigiam a eles; homens que haviam comandado na Terra, humilhados pelo poder invisível que os constrangia a obedecerem, e pela visão de seus subordinados que não curvavam mais diante deles; ateus sofrerem as angústias da incerteza, e se encontrarem em um isolamento absoluto no meio da imensidade, sem encontrar nenhum ser que pudesse esclarecê-los. No mundo dos Espíritos, se há alegrias para todas as virtudes, há penas para todas as faltas, e aquelas que a lei dos homens não atinge são sempre alcançadas pela lei de Deus.

69. Esse Espírito, apesar de sua inferioridade, sente os bons efeitos da prece; vimos a mesma coisa com outros Espíritos igualmente perversos e da mais bruta natureza; como ocorre que Espíritos mais esclarecidos, de uma inteligência mais desenvolvida, mostrem uma ausência completa de bons sentimentos; que se riem de tudo o que há de mais sagrado; em uma palavra, que nada os toca, e que não há nenhuma trégua em seu cinismo? - R. A prece não tem efeito senão em favor do Espírito que se arrepende; aquele que, levado pelo orgulho, se revolta contra Deus e persiste em seus descaminhos, exagerando-os ainda como o fazem infelizes Espíritos, sobre aqueles a prece nada pode, e nada poderá senão no dia em que uma luz de arrependimento se manifeste neles. A ineficácia da prece para eles é ainda um castigo; ela não alivia senão aqueles que não estão inteiramente endurecidos.

70. Quando se vê um Espírito inacessível aos bons efeitos da prece, é uma razão para se abster de orar por ele? - R. Não, sem dúvida, porque cedo ou tarde ela poderá triunfar de seu endurecimento e fazer germinar nele pensamentos salutares.

(Sexta sessão; casa do senhor F...)

71. *Evocação.* - Eis-me.

72. Podes, pois, deixar agora quando queres a casa de Castelnaudary? - R. É-me permitido, porque aproveito os vossos bons conselhos.

73. Experimentais algum alívio? R. Começo a ter esperança.

74. Se pudéssemos ver-te, sob qual aparência ver-te-íamos? -R. Ver-me-íeis de camisa, sem punhal.
75. Por que não terias mais teu punhal; que fizeste dele? - R. Eu o maldigo; Deus poupou-me de sua visão.
76. Se o senhor D... filho retornasse à casa, tu lhe farias ainda mal? - R. Não, porque estou arrependido.
77. E se quisesse ainda te desafiar? -R. Oh! Não me pergunteis isso; não poderia dominar-me, isso estaria acima de minhas forças... porque não sou senão um miserável.
78. As preces do senhor D... filho ser-te-iam mais salutares que as de outras pessoas? -R. Sim, porque foi a ele que fiz maior mal.
79. Pois bem! Continuaremos a fazer o que pudermos por ti. - R. Obrigado; pelos menos encontrei em vós amigos caridosos. Adeus.

(Sétima sessão.)

80. *Evocação do homem assassinado.* - Estou aqui.
81. Que nome tínheis quando vivíeis? - R. Eu me chamava Pierre Dupont.
82. Qual era a vossa profissão? -R. Eu era salsicheiro em Castelnaudary, onde fui assassinado por meu irmão, no dia 6 de maio de 1608, por Charles Dupont, meu irmão mais velho, com um punhal, no meio da noite.
83. Qual foi a causa desse crime? - R. Meu irmão acreditou que eu queria fazer a corte a uma mulher que ele amava, e que eu via muito freqüentemente; mas ele se enganou, porque jamais sonhei com isso.
84. Como vos matou? - R. Eu dormia; ele me atingiu na garganta e depois no coração; atingindo-me, ele despertou-me; quis lutar, mas sucumbi.
85. Vós o perdoastes? -R. Sim, no momento de sua morte, há 200 anos.
86. Com que idade ele morreu? - R. Com 80 anos.
87. Portanto, não foi punido quando vivo? - R. Não.
88. Quem foi acusado de vossa morte? - R. Ninguém; nesses tempos de confusão, dava-se pouca atenção a essas coisas; isso não teria nenhum objetivo.
89. Em que se tornou a mulher? -R. Pouco depois, ela morreu assassinada na minha casa por meu irmão.

90. Por que a assassinou? - R. Amor enganado; ele a havia desposado antes da minha morte.
91. Por que ele não fala da morte dessa mulher? -R. Porque a minha foi a pior para ele.
92. *Evocação da mulher assassinada.* - Estou aqui.
93. Que nome tínheis quando vivíeis? R. Marguerite Aeder, mulher de Dupont.
94. Quanto tempo estivestes casada? - R. Cinco anos.
95. Pierre nos disse que seu irmão acreditava em relações criminosas entre vocês dois, isso é verdade? - R. Nenhuma relação criminosa existia entre Pierre e mim; não crede nisso.
96. Quanto tempo depois da morte de seu irmão Charles ele vos assassinou? - R. Dois anos depois.
97. Que motivo o impeliu? -R. Ciúme, e o desejo de ter o meu dinheiro.
98. Podeis relatar as circunstâncias do crime? - R. Ele me agarrou e me atingiu na cabeça, na sala de trabalho, com a sua faca de salsicheiro.
99. Como ocorreu que não foi perseguido? - Para quê! Tudo era desordem nesses tempos de infelicidade.
100. O ciúme de Charles tinha fundamento? - Sim, mas isso não podia autorizá-lo a semelhante crime, porque neste mundo nós somos todos pecadores.
101. Quantos anos estivestes casada depois da morte de Pierre? - R. Depois de três anos.
102. Podeis precisar a data da vossa morte? - Sim, no dia 3 de maio de 1610.
103. Que se pensou da morte de Pierre?- Fez-se crer em assassinos que queriam roubar.

Nota. -Qualquer que seja a autenticidade desses relatos, que parecem difíceis de controlar, há um fato notável, que é a precisão e a concordância das datas e de todos os acontecimentos; só esta circunstância é um curioso objeto de estudo, considerando-se que esses três Espíritos chamados em diversos intervalos não se contradizem em nada. O que pareceria confirmar suas palavras, é que o principal culpado nesse negócio, tendo sido evocado por um outro médium, deu respostas idênticas.

(Nona sessão.)

104. Evocação do senhor D... - Eis-.me.
105. Desejamos vos perguntar alguns detalhes sobre as circunstâncias de vossa morte; consentis em no-los dar? - R. De bom grado.
106. Sabíeis que a casa que habitáveis era assombrada por um Espírito? - R. Sim; mas eu

quis desafiá-lo e errei ao fazê-lo; teria feito melhor orando por ele.

Nota. Vê-se, por aí, que os meios que se empregam geralmente para se desembaraçar de Espíritos importunes não são os mais eficazes. As ameaças os excitam mais do que os amedrontam. A benevolência e a comiseração têm mais império que o emprego de meios coercitivos que os irritam, ou de fórmulas das quais se riam.

107. Como esse Espírito vos apareceu? - R. À minha entrada na minha casa, ele estava visível, e me olhava fixamente; não pude escapar; o medo se apoderou de mim, e eu devi expirar sob os olhos terríveis desse Espírito, que eu havia desprezado e para com o qual me mostrara tão pouco caridoso.

108. Não podíeis chamar para vos socorrer? - R. Impossível; minha hora chegara, e era assim que eu deveria morrer.

109. Qual aparência tinha? -R. De um furioso disposto a me devorar.

110. Sofrestes ao morrer? - R. Horrivelmente.

111. Morrestes subitamente? - R. Não, duas horas depois.

112. Que reflexões tínheis em vos sentindo morrer? -R. Eu não pude refletir; estava atingido por um terror inexprimível.

113. A aparição permaneceu visível até o fim? -R. Sim, ela não deixou um instante meu pobre Espírito.

114. Quando vosso Espírito se achou livre, vistes a causa da vossa morte?-R. Não, tudo tinha acabado; eu a compreendi mais tarde.

115. Podeis indicar a data da vossa morte? -R. Sim, no dia 9 de agosto de 1853. (A data precisa não pôde ainda ser verificada; mas ela é exata aproximativamente.)

Décima sessão. (Sociedade, 13 de janeiro de 1860.)

Quando esse Espírito foi evocado em 9 de dezembro, São Luís convidou a chamá-lo de novo em um mês, a fim de julgar sobre o progresso que fizera nesse intervalo. Já se pôde julgar, pelas comunicações do senhor e da senhora F... da mudança que se operou em suas idéias, graças à influência das preces e dos bons conselhos. Tendo decorrido mais de um mês, desde sua primeira evocação, foi chamado de novo na Sociedade em 13 de janeiro.

116. Evocação. - Estou aqui.

117. Lembrai-vos de ter sido chamado entre nós há mais ou menos um mês? - R. Como o esqueceria?

118. Por qu e não pudestes escrever então? - R. Eu não o queria.

119. Por que não o quedeis? - R. Ignorância e brutalidade.

120. Vossas idéias mudaram desde aquele momento? - R. Muito; vários dentre vós se compadeceram e oraram por mim.

121. Confirmais todas as informações que foram dadas tanto por vós como por vossas vítimas? - R. Eu não as confirmo, isto seria dizer que não fui eu que as dei, e fui bem eu.

122. Entrevedes o fim de vossas penas? - R. Oh! Não ainda; já é muito mais do que mereço saber, graças à vossa intercessão, que elas não durarão para sempre.

123. Quereis nos descrever a situação em que estáveis antes da nossa primeira evocação. Compreendeis que vos perguntamos isso para a nossa instrução, e não por um motivo de curiosidade. -R. Eu vos disse, não tinha consciência de nada no mundo do meu crime, e não podia deixar a casa onde o cometera, senão para me elevar no espaço onde tudo, ao redor de mim, era solidão e obscuridade; não saberia vos dar uma idéia do que é, nunca nada compreendi; desde que me elevava acima do ar, era noite, era vazio; eu não sei o que era. Hoje sinto muito mais remorsos, mas, como provam minhas comunicações, não estou mais constrangido a permanecer nessa casa fatal; é-me permitido errar na Terra, e procurar esclarecer-me pelas minhas observações; mas, então, não compreendo senão melhor a enormidade de meus crimes; e se sofro menos de um lado, minhas torturas aumentam de outro pelo remorso; mas, pelo menos, tenho a esperança.

124. Se devíeis retomar uma existência corpórea, a qual escolheríeis? - R. Não vi ainda bastante, e refleti bastante para sabê-lo.

125. Reencontrais vossas vítimas? - R. Oh! Que Deus me guarde disso!

Nota. Sempre foi dito que as visões das vítimas é um dos castigo dos culpados. Aquele ainda não as vira, porque estava no isolamento e nas trevas: era o castigo; mas ele teme essa visão, isto será talvez o complemento de seu suplício.

126. Durante vosso longo isolamento, e se pode dizer o vosso cativo, tivestes remorsos? - R. Nem o menor, e foi por isso que tanto sofri; foi somente quando comecei a prová-los, quando foram provocadas com o meu desconhecimento, as circunstâncias que conduziram à minha evocação, à qual devo o começo de minha libertação. Obrigado, pois, a vós que tivestes piedade de mim e me esclarecestes.

Nota. Esta evocação não foi o fato do acaso; como deveria ela ser útil a esse infeliz, os Espíritos que velam por ele, vendo que começava a compreender a enormidade de seus crimes, julgaram que o momento chegara para lhe dar um socorro eficaz, e foi então que prepararam as circunstâncias propícias. É um fato que vimos se produzir muitas vezes.

Pergunta-se a esse respeito, o que lhe teria advindo senão houvesse sido evocado, e o que ocorre com todos os Espíritos sofredores que não o podem ser, ou nos quais não se pensa. A isso é respondido que os caminhos de Deus, para a salvação de suas criaturas, são inumeráveis; a evocação pode ser um meio de assisti-los, mas certamente não é o único; e Deus não deixa ninguém no esquecimento. Aliás, as preces coletivas devem também ter, sobre os Espíritos acessíveis ao arrependimento, sua parte de influência.

Comunicações espontâneas - Estelle Riquier

Revista Espírita, fevereiro de 1860

(Sociedade, 13 de janeiro de 1860.)

O tédio, o desgosto, o desespero me devoram. Esposa culpada, mãe desnaturada, abandonei as santas alegrias da família, o domicílio conjugal embelezado pela presença de dois pequenos anjos descidos do céu. Arrastada nas sendas do vício por um egoísmo, um orgulho e um coquetismo desenfreados, mulher sem coração, conspirei contra o santo amor daquele que Deus e os homens lhe deram por sustentáculo, e por companheiro na vida; ele procurou na morte um refúgio contra o desespero que lhe haviam causado meu frouxo abandono e sua desonra.

O Cristo perdoou à mulher adúltera e à Madalena arrependida; a mulher adúltera havia amado, e Madalena estava arrependida; mas eu! Miserável, vendia a preço de ouro um semblante de amor que jamais senti; semeei a mancha do prazer e não recolhi senão o desprezo. A hedionda miséria e a fome cruel vieram pôr termo a uma vida que se me tornara odiosa.... E não estou arrependida! e eu, miserável, infame, freqüentemente empreguei, ai de mim! com um fatal sucesso, minha infernal influência, como Espírito, para compelir ao vício pobres mulheres que eu via virtuosas e gozarem a felicidade que eu havia esmigalhado sob os pés. Deus nunca me perdoará? Talvez, se o desprezo que ela vos inspira não vos impedir de orar pela infeliz Estelle Riquier.

Nota. Tendo-se comunicado espontaneamente, sem ser chamado e sem ser conhecido de nenhum dos assistentes, a esse Espírito foram dirigidas as perguntas seguintes:

1. Em que época morrestes? - R. Há cinqüenta anos.
2. Que região habitáveis? - R. Paris.
3. A que classe da sociedade pertencia vosso marido? - R. À classe média.
4. Com que idade morrestes? - R. Trinta e dois anos.
5. Que motivos vos levaram a se comunicar espontaneamente conosco? -- R. Foi-me permitido para a vossa instrução e para exemplo.
6. Recebestes uma certa educação? - R. Sim.
7. Esperamos que Deus vos levará em conta a franqueza da vossa confissão e de vosso arrependimento. Nós pedimos para que estenda sua misericórdia sobre vós, e vos envie bons Espíritos para vos esclarecer sobre os meios de reparar vosso passado. - R. Oh! Obrigada! Obrigada! Que Deus vos ouça!

Nota. Várias pessoas nos informam que creram cumprir um dever orando pelos Espíritos sofredores que nós assinalamos e que reclamam assistência. Fazemos votos que esse caridoso pensamento se generalize entre os nossos leitores. Alguns receberam a visita espontânea de Espíritos pelos quais se interessaram, e que lhes vieram agradecer.

O tempo presente, por Chateaubriand

Revista Espírita, fevereiro de 1860

(Sociedade, 20 de janeiro de 1860.)

Sois guiados pelo verdadeiro Gênio do Cristianismo, eu vos disse; é porque o próprio Cristo preside aos trabalhos de toda natureza que estão em vias de cumprimento para abrir a era de renovação e de aperfeiçoamento que vos predizem os vossos guias espirituais. Se, com efeito, lançais os olhos, fora das manifestações espíritas, sobre os acontecimentos contemporâneos, reconheceréis, sem nenhuma hesitação, os sinais precursores que vos provarão, de maneira irrecusável, que os tempos preditos estão chegados. As comunicações se estabelecem entre todos os povos, as barreiras materiais são derrubadas; os obstáculos morais que se opõem à sua união, os preconceitos políticos e religiosos, se apagarão rapidamente, e o reino da fraternidade se estabelecerá, enfim, de maneira sólida e durável. Observai, desde hoje, os próprios soberanos, levados por mão invisível, tomarem - coisa desconhecida para vós - a iniciativa das reformas; e as reformas que partem do alto e espontaneamente são mais rápidas e mais duráveis do que aquelas que partem de baixo e são arrancadas pela força. Eu tinha, apesar dos preconceitos de infância e de educação, apesar do culto da lembrança, pressentido a época atual; com ela estou feliz, e estou mais feliz ainda por vir dizer-vos: Irmãos, coragem! Trabalhai por vós e pelo futuro dos vossos; sobretudo, trabalhai pelo vosso adiantamento pessoal, e gozareis, na vossa primeira existência, de uma felicidade da qual vos é bastante difícil fazer idéia, como a mim de vo-la fazer compreender.

CHATEAUBRIAND.

Os Sinos

Revista Espírita, fevereiro de 1860

(Obtida pelo senhor Pécheur, em 13 de janeiro de 1860.)

Podes dizer-me por que sempre gostei de ou vir o som dos sinos? é que a alma do homem, que pensa ou que sofre, procura sempre desligar-se, quando prova essa felicidade muda que desperta em nós as lembranças vagas de uma vida passada; é que esse som é uma tradução da palavra do Cristo que vibra no ar há dezoito séculos: é a voz da esperança. Quantos corações ela consolou! Quanta força deu à Humanidade crente! Essa voz divina assustou os grandes da época: dela tinham medo, porque a verdade que abafaram fazia-os tremer. O Cristo a mostrava a todos: mataram o Cristo, mas não a idéia; sua palavra sagrada fora compreendida; era imortal, e todavia quantas vezes a dúvida se insinuou em vossos corações! Quantas vezes o homem acusou Deus de ser injusto! Este exclamou: Meu Deus, o que, pois, eu fiz? A infelicidade me marcou em meu berço? Estou, pois, destinado a seguir este caminho que me dilacera o coração? Parece que uma fatalidade se prende aos meus passos; sinto que minhas forças me abandonam; vou suprimir esta vida.

Neste momento, Deus faz entrar em vosso coração um raio de esperança; mão amiga vos tira a venda do materialismo que cobre vossos olhos; uma voz do céu vos diz: Olha no horizonte este foco luminoso: é um fogo sagrado que emana de Deus; este brilho deve esclarecer o mundo e purificá-lo; deve fazer penetrar sua luz no coração do homem e expulsar dele as trevas que obscurecem seus olhos. Homens pretenderam vos dar a luz, e não produziram senão o nevoeiro que fez perder o caminho reto.

Vós, a quem Deus mostra a luz, não sejais cegos; é o Espiritismo que vos permite levantar um canto do véu que cobria vosso passado. Olhai agora o que fostes, e julgai-vos. Curvai a cabeça diante da justiça do Criador; agradecei por vos dar a coragem para continuarem a prova que escolhestes. O Cristo disse: aquele que se serviu da espada perecerá pela espada, esse pensamento, todo Espírita, encerra o mistério de vosso sofrimento. Que a esperança a bondade de Deus vos dê a coragem e a fé; escutai sempre esta voz que vibra em vossos corações; cabe-vos compreender, estudar com sabedoria, elevar vossa alma por pensamentos todos fraternais; que o rico estenda a mão àquele que sofre, porque a riqueza não lhe foi dada para seus gozos pessoais, mas para que seja dela o dispensador, e Deus lhe pedirá conta do uso que houver dela feito. A única riqueza que Deus reconhece são as vossas virtudes; é a única que levareis convosco em deixando este mundo. Deixai dizer estes pretensos sábios que vos tratam de loucos; amanhã, talvez, eles vos pedirão preces para eles, porque Deus os julgará.

Tua filha que te ama e que ora por ti.

Conselhos de família

Revista Espírita, fevereiro de 1860

Continuação. (Ver o nº de janeiro. - Lida na Sociedade em 20 de janeiro de 1860.)

Meus caros filhos, em minhas precedentes instruções vos aconselhei a calma e a coragem, e, todavia, não mas mostrastes o quanto o devíeis. Pensais que o lamento não acalma jamais a dor, que ele tende, ao contrário, a aumentá-la. Um bom conselho, uma boa palavra, um sorriso, mesmo um gesto, dão a força e a coragem. Uma lágrima enfraquece o coração em lugar de fortalecê-lo. Chorai, se o coração a isso vos impele, mas que isso seja antes no momento de solidão que em presença daqueles que têm necessidade de toda sua força e de toda sua energia, que uma lágrima ou um suspiro pode diminuir ou enfraquecer. Todos temos necessidade de encorajamentos, e nada é mais próprio para nos encorajar do que uma voz amiga, que um olhar benevolente, que uma palavra saída do coração. Quando vos aconselhei vos reunir, não foi para que unísseis vossas lágrimas e vossas amarguras, não foi para vos excitar à prece, que não prova senão uma boa intenção, mas bem para que unísseis vossos pensamentos, vossos *esforços* mútuos e coletivos; para que vos désseis mutuamente bons conselhos, e procurásseis em comum, não o meio de vos entristecer, mas a marcha a seguir para vencer os obstáculos que se apresentem diante de vós. Em vão o infeliz que não tem pão se lançará de joelhos para pedir a Deus, a substância que não lhe cairá do céu; mas que ele trabalhe, e por pouco que obtenha, lhe valerá mais que todas as suas preces. A prece mais agradável a Deus é o trabalho útil qualquer que seja. Eu o repito, a prece não prova senão uma boa intenção, um bom sentimento, mas não pode produzir senão um efeito moral, uma vez que é toda moral. Ela é excelente como uma consolação da alma, porque a alma que ora sinceramente encontra na prece um alívio de suas dores morais: fora desses efeitos e daqueles que decorrem da prece, como vos expliquei em outras instruções, não espereis nada, porque vos frustraríeis em vossa esperança.

Segui, pois, exatamente meus conselhos; não vos contenteis em pedir a Deus para vos ajudar, ajudai-vos vós mesmos, porque será assim que provareis a sinceridade de vossa prece. Seria muito cômodo, em verdade, que bastasse pedir uma coisa em suas preces para que ela fosse concedida! Seria o maior encorajamento à preguiça e à negligência das boas ações. Eu poderia, sobre este assunto me estender mais, mas isso seria muito para vós: vosso estado de adiantamento não o comporta mais ainda. Meditai sobre esta instrução, como sobre as precedentes, elas são de natureza a ocuparem por muito tempo os vossos espíritos, porque contêm, em germe, tudo o que vos será desvendado no futuro. Segui meus precedentes conselhos.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Terceiro Ano – 1860

Março

- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [Os Pré-Adamitas](#)
- [Um Médium curador. Srta. Desiree Godu](#)
- [Manifestações físicas espontâneas. O Padeiro de Dieppe](#)
- Estudos sobre o Espírito de pessoas vivas
 - [O doutor Vignal](#)
 - [Sra. Idermulhe](#)
- [Bibliografia - Siamora, a druidesa](#)
- Ditados espontâneos
 - [O Gênio das flores](#)
 - [Felicidade. \(Stael\)](#)
- [O Livro dos Espíritos - Aviso sobre a 2ª edição](#)
- [Aos leitores da Revista - Cartas não assinadas](#)

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, março de 1860

Sexta-feira, 27 de janeiro de 1859. (Sessão Geral.)

A ata da sessão de 20 de janeiro foi lida e aprovada.

Depósito de uma carta com pedido de admissão. Enviada para leitura, exame e relatório, para a próxima sessão particular.

Comunicações diversas. 1ª Carta do senhor Hinderson Mackenzie, de Londres, membro da Sociedade real dos antiquários, que dá detalhes, do maior interesse, sobre o emprego de globos de cristal ou metálicos como meio de se obterem comunicações espíritas. É o de que faz uso, com a ajuda de um médium vidente especial, segundo o conselho de um de seus amigos que fez, a este respeito, há trinta e cinco anos, as experiências mais completas e mais concludentes. O médium vê, nesta espécie de espelho, as respostas escritas às perguntas propostas, e assim são obtidas comunicações muito desenvolvidas e tão rápidas que é, freqüentemente, difícil para o médium segui-las.

2ª Leitura de um artigo do *Siècle*, de 22 de janeiro de 1860, no qual se nota a passagem seguinte: "As mesas falam, giram e dançam muito tempo antes da existência desta seita americana que Pretende haver lhes dado nascimento. Esse baile das mesas já era célebre em Roma, nos primeiros séculos de nossa era, e eis como, no capítulo XXIII da *Apologética*, Tertuliano exprimia-se, falando dos médiuns de seu tempo: "Se é dado ao mágicos fazerem aparecer fantasmas, evocar as almas dos mortos, e forçar a boca de crianças a se tornarem oráculos; se esses charlatães imitam um grande número de milagres que parecem devidos aos círculos e às correntes que pessoas formam entre elas, se mandam sonhos, se fazem conjurações, se têm às suas ordens espíritos mentirosos e demônios em virtude dos quais, as mesas e as cadeiras que profetizam são um fato vulgar, etc."

Fez-se notar, a este respeito, que jamais os Espíritas modernos pretenderam descobrir nem inventar as manifestações; ao contrário, têm proclamado constantemente a antigüidade e a universalidade dos fenômenos espíritas, e essa própria antigüidade é um argumento em favor da Doutrina, em demonstrando que ela tem seu princípio na Natureza, e que não é o fato de uma combinação sistemática. Aqueles que pretendem opor-lhe tal circunstância, provam que dele falam sem conhecer-lhe a primeira palavra, de outro modo saberiam que o Espiritismo moderno se apoia sobre este fato incontestável que se encontra em todos os tempos e entre todos os povos.

Estudos. 1ª Pergunta sobre o fenômeno dos globos metálicos ou de cristal, como meio de se obterem comunicações. Foi respondido que: "A teoria deste fenômeno não pôde ainda ser explicada; que faltam, para compreendê-la, certos conhecimentos preliminares que nascerão deles mesmos e decorrerão de observações ulteriores. Ela será dada em tempo oportuno."

2ª Nova evocação de Urbain Grandier que confirma e completa certos fatos históricos, e dá, por outro lado, sobre o planeta Saturno, explicações que vem em apoio do que já se disse a esse respeito.

3ª Dois ditados espontâneos foram obtidos simultaneamente; o primeiro de Abeilard, pelo senhor Rose, o segundo de João, o batista, pelo senhor Colin.

Em seguida, pedindo-se a um dos Espíritos sofredores, que reclamaram o socorro de preces, consentir em se comunicar espontaneamente, um dos médiuns escreveu o que se segue: "Fossais ser benditos por consentirdes em orar para o ser imundo e inútil que chamastes, e que se mostra ainda tão vergonhosamente ligado às suas miseráveis riquezas. Recebei os sinceros agradecimentos do *Père Crépin*."

Sexta-feira 3 de fevereiro de 1860. (Sessão particular.)

A ata da sessão de 27 de janeiro é aprovada. Leitura da lista nominativa dos ouvintes que assistiram à última assembléia geral. Nenhum inconveniente foi assinalado em sua presença.

O senhor doutor Gotti, diretor do Instituto Homeopático de Genes (Piémont), foi admitido como membro correspondente.

Leitura de dois novos pedidos de admissão. - Remetidos à próxima sessão particular.

Comunicações diversas. –1ª O senhor Allan Kardec anuncia que uma senhora, de seus assinantes da província, vem de lhe remeter uma soma de *dez mil francos*, para ser utilizada em proveito do Espiritismo.

Essa pessoa tendo recebido uma herança com a qual não contava, quer fazê-la participar da Doutrina Espírita, à qual ela deve supremas consolações e estar esclarecida sobre as verdadeiras condições de felicidade nesta vida e na outra. "Vós me fizestes, diz ela em sua carta, compreender o Espiritismo mostrando-me o seu verdadeiro objetivo; só isso pôde triunfar sobre as dúvidas e as incertezas que eram, para mim, a fonte de inexprimíveis ansiedades. Eu andava na vida como ao acaso, maldizendo as pedras que encontrava sob meus passos; agora vejo claro ao redor de mim, e antes de mim; o horizonte alargou-se e caminho com certeza e confiança para o futuro, sem me inquietar com os espinhos semeados no meu caminho. Desejo que este fraco óbolo vos ajude a difundir, sobre os outros, a benfazeja luz que me tornou tão feliz. Empregai-a como entenderdes: eu não quero nem recibo nem controle; a única coisa que desejo, é que se guarde o mais estrito anonimato".

Eu respeitarei, acrescentou o senhor Allan Kardec, o véu de modéstia com o qual essa pessoa quer cobrir-se, e me esforçarei para responder às suas generosas intenções. Eu não creio poder melhor cumpri-las senão destinando, sobre esta soma, o que será necessário para a instalação da Sociedade em condições mais favoráveis a seus trabalhos.

Um membro lamentou que o anonimato guardado por essa pessoa não permita à Sociedade testemunhar-lhe diretamente a sua gratidão.

O senhor Allan Kardec respondeu que não tendo a doação nenhuma destinação especial determinada além do Espiritismo em geral, ele se encarrega deste cuidado em nome de todos os partidários sérios do Espiritismo. E insiste sobre a qualificação de *partidários sérios*, tendo

em vista que não se pode dar este nome àqueles que, não vendo no Espiritismo senão uma questão de fenômeno e de experiência, não podem compreender-lhe as altas conseqüências morais e ainda menos eles mesmos aproveitá-lo ou fazê-lo aproveitar aos outros.

2ª O presidente depositou sobre a escrivaninha uma carta lacrada remetida pelo senhor doutor Vignal, membro titular, e que não deverá ser aberta senão no fim de março próximo.

3ª O senhor Netz remete um número da *Illustration*, contendo o relato de um fato de aparição. Este fato será objeto de um exame especial.

Estudos. 1ª Observação a propósito dos efeitos de visão em certos corpos, tais como vidros, globos de cristal, bolas metálicas, etc., dos quais se trataram na última sessão. O senhor Allan Kardec pensa que é necessário cuidadosamente evitar o nome *de espelhos mágicos* dado vulgarmente a esses objetos; propõe chamá-los *espelhos psíquicos*. Na opinião de vários membros a assembléia pensa que a designação de *espelhos psicográficos* responderia melhor à natureza do fenômeno.

2ª Evocação do senhor doutor Vignal que se ofereceu para um estudo sobre o estado do Espírito das pessoas vivas. Ele respondeu com uma perfeita lucidez às perguntas que lhe foram dirigidas. Dois outros Espíritos, o de Castelnau e o do doutor Cauvière, se comunicaram ao mesmo tempo por um outro médium, de onde resultou uma troca de observações muito instrutivas. Os doutores terminaram cada um por um ditado que traz a marca das altas capacidades que se lhes conhecem. (Publicado adiante.)

3ª Dois outros ditados espontâneos foram obtidos: O primeiro de saint François, pela senhora Mallet, o segundo, pelo senhor Colin, assinado por Moisés, Platão, depois Julien.

Sexta-feira, 10 de fevereiro de 1860. (Sessão geral.)

A ata do dia 3 de fevereiro foi lida e aprovada.

Depósito de uma carta pedindo admissão. - Remetida à próxima sessão particular.

Leitura de comunicações obtidas na última sessão.

Comunicações diversas. - O senhor Soive transmitiu a nota seguinte e perguntou se acreditava útil fazer dela o motivo de uma evocação. "O chamado T..., com a idade de trinta e cinco anos, morando no boulevard do Hospital, era perseguido por uma idéia fixa, a de ter, involuntariamente, matado um de seus amigos numa rixa, apesar de tudo o que foi feito para disso dissuadi-lo, mostrando-lhe este amigo vivo, acreditava ter relações com a sua sombra. Atormentado por seus remorsos, por um crime imaginário, ele asfixiou-se."

Evocação do senhor T... será feita se tiver lugar.

Estudos. -1º Cinco ditados espontâneos são obtidos simultaneamente, o primeiro pelo senhor Roze, assinado Lamennais; o segundo pela senhorita Eugénie, assinado Staël; o terceiro pelo senhor Colin, assinado Fourier; o quarto pela senhorita Huet. deum Espírito que, disse ele, se dará a conhecer mais tarde e anuncia uma série de comunicações; o quinto pelo senhor Didier filho, assinado Charlei.

2º Depois da leitura do ditado de Fourier, o presidente fez observar, para inteligência das pessoas estranhas à Sociedade, e que podem não estar ao corrente de sua maneira de proceder, que esta comunicação lhe parece, à primeira vista, suscetível de alguns comentários; que entre os Espíritos que se manifestam, os há de todos os graus; que suas comunicações são reflexo de suas idéias pessoais, que podem não serem sempre justas; a Sociedade, segundo o conselho que lhe foi dado, recebe-as como a expressão de uma opinião individual, que se reserva julgar submetendo-a ao controle da lógica e da razão. É essencial que se saiba bem que ela não adota como verdade tudo o que vem dos Espíritos; pelas suas comunicações, o Espírito dá a conhecer o que ele é em bem ou em mal, em ciência ou em ignorância: é para ela um objeto de estudo; aceita o que é bom, e rejeita o que é mau.

3ª Evocação da senhorita Indermuhle, de Berna, surda-muda de nascença, com a idade de trinta e dois anos, e viva. Esta evocação oferece um grande interesse do ponto de vista moral e científico, pela sagacidade e precisão das respostas que denotam, nesta pessoa, um Espírito já avançado.

4ª Evocação do senhor T..., do qual se falou mais acima. Dá sinais de uma grande agitação, e quebra vários lápis antes de poder traçar algumas linhas apenas legíveis. A perturbação de suas idéias é evidente; persiste de início na crença que matou seu amigo, e acaba por convir que isso dele não era senão uma idéia fixa; mas acrescentou que se não matou, tivera a vontade disso, e que não foi senão a força que lhe faltou. - São Luís deu algumas explicações sobre o estado deste Espírito e as conseqüências, para ele, de seu suicídio.

Esta evocação será renovada mais tarde, quando o Espírito estiver mais desligado.

Sexta-feira, 17 de fevereiro de 1860. (Sessão particular.)

A ata da sessão de 10 de fevereiro foi lida e aprovada.

Foram admitidos como membros titulares, a seu pedido escrito, e depois da ata:

A senhora de Regnez, de Paris;

O senhor Indermuhle de Wytenbach, de Berna;

A senhora Lubrat, de Paris.

Leitura de dois novos pedidos de admissão. - Remetido à Próxima sessão particular.

O senhor Allan Kardec transmitiu à Sociedade as observações seguintes, a respeito da doação que lhe foi feita:

"Se, disse ele, a doadora não reclama, pelo que lhe concerne, nenhuma conta do emprego dos fundos, não lhe tenho menos, para minha própria satisfação, a que este emprego seja submetido a um controle. Esta soma formará o primeiro fundo de uma *Caixa especial*, que nada terá em comum com os meus negócios pessoais, e que será o objeto de uma contabilidade distinta sob o nome de *Caixa do Espiritismo*.

"Esta caixa será ulteriormente aumentada pelos fundos que lhe poderão chegar de outras

fontes, e exclusivamente destinados às necessidades da Doutrina e ao desenvolvimento dos estudos espíritas.

"Um dos meus primeiros cuidados será de uma *biblioteca especial*, e de prover, assim como disse, ao que falte materialmente à Sociedade para a regularidade de seus trabalhos.

"Pedi a vários de nossos colegas consentirem em aceitar o controle desta caixa, e de constatarem, em épocas que serão ulteriormente determinadas, o emprego útil destes fundos.

"Esta comissão está composta pelos senhores: Solichon, Thiry, Levent, Mialhe, Krafzoff, e a senhora Parisse."

Leitura de comunicações obtidas na última sessão.

A Sociedade se ocupou, em seguida, do exame de várias questões administrativas.

Os Pré-Adamitas

Revista Espírita, março de 1860

Uma carta que recebemos contém a seguinte passagem: "O ensinamento que vos foi dado pelos Espíritos repousa, com isto devo convir, sobre uma moral inteiramente conforme à do Cristo, e mesmo muito mais desenvolvida do que não o está no Evangelho, porque mostrais a aplicação daquilo que, muito freqüentemente, não se encontra senão em preceitos gerais. Quanto à questão da existência dos Espíritos e das suas relações com os homens, para mim ela não é objeto de nenhuma dúvida; dela estaria convencido pelo único testemunho dos Pais da Igreja, se não lhe tivesse a prova por minha própria experiência. Não levanto, pois, nenhuma objeção a este respeito; não ocorre o mesmo com certos pontos de sua Doutrina que, evidentemente, são contrários ao testemunho das *Escrituras*. Limitar-me-ei, por hoje, a uma única questão, a relativa ao primeiro homem. Dissestes que Adão não foi nem o primeiro e nem o único que povoou a Terra. Se assim fora, seria necessário admitir que a Bíblia é um erro, uma vez que o ponto de partida seria controvertido; vede um pouco a quais conseqüências isto nos conduz! Este pensamento, eu o confesso, lançou alguma perturbação em minhas idéias; mas como sou, antes de tudo, pela verdade, e porque a fé não pode negar estabelecendo-se sobre o erro, consenti, eu vos peço, dar-me a este respeito alguns esclarecimentos, se o vosso lazer vo-lo permitir; e se puderdes tranqüilizar a minha consciência, por isto vos serei muito reconhecido."

Resposta.

A questão do primeiro homem na pessoa de Adão, como única fonte da Humanidade, não é a única sobre a qual as crenças religiosas deveram se modificar.

O movimento da Terra, numa certa época, pareceu de tal modo oposto ao texto das *Escrituras*, que foi motivo de perseguições das quais essa teoria não foi o pretexto, e, todavia, vê-se que, Josué detendo o sol não pôde impedir a Terra de girar; ela gira apesar dos anátemas, e hoje ninguém poderia contestá-lo sem prejuízo de sua própria razão.

A Bíblia diz igualmente que o mundo foi criado em seis dias, e fixa-lhe a época em torno de 4 mil anos antes da era cristã. Antes disso, a Terra não existia, ela foi tirada do nada: o texto é formal; e eis que a ciência positiva, inexorável, vem provar o contrário. A formação do globo está escrita em caracteres imprescritíveis do mundo fóssil, e está provado que os seis dias da criação são igualmente de períodos cada um, talvez, de várias centenas de milhares de anos. Isto não é um sistema, uma doutrina, uma opinião isolada, é um fato tão constante quanto o movimento da Terra, e que a teologia não pode se recusar em admitir; também não mais senão nas pequenas escolas que se ensina que o mundo foi feito em seis vezes vinte e quatro horas, prova evidente do erro no qual se pode cair tomando ao pé da letra as expressões de uma linguagem, freqüentemente, figurada. A autoridade da Bíblia recebeu um insulto aos olhos dos teólogos? De nenhum modo, eles se renderam à evidência, e disto concluíram que o texto podia receber uma interpretação.

A ciência, folheando os arquivos da Terra, reconheceu a ordem na qual os diferentes seres vivos apareceram na superfície; a observação não deixa nenhuma dúvida sobre as espécies orgânicas que pertencem a cada período, e essa ordem está de acordo com aquela que está indicada no Gênese, com a diferença de que esta obra, em lugar de ter saído

miraculosamente das mãos de Deus em algumas horas, cumpriu-se, sempre por sua vontade, mas segundo a Lei das forças da Natureza, em alguns milhões de anos. Deus, por isso, é menos grande e menos poderoso? Sua obra é menos sublime por não ter o prestígio da instantaneidade? Evidentemente não; seria necessário fazer-se da Divindade uma idéia bem mesquinha por não reconhecer sua onipotência nas leis eternas que ela estabeleceu para reger os mundos.

A ciência, do mesmo modo que Moisés, coloca o homem em último na ordem da criação dos seres vivos; mas Moisés coloca o dilúvio universal no ano de 1654 do mundo, ao passo que a geologia nos mostra esse grande cataclismo anterior à aparição do homem, tendo em vista que, até este dia, não se encontrou nas camadas primitivas nenhum traço de sua presença, nem dos animais da mesma categoria no ponto de vista físico; mas nada prova que isto seja impossível; várias descobertas já lançaram dúvidas a esse respeito; portanto, pode ser que, de um momento para outro, adquira-se a certeza dessa anterioridade da raça humana. Resta a ver se o cataclismo geológico, cujos traços estão por toda a Terra, é o mesmo do dilúvio de Noé; ora, a lei da duração da formação das camadas fósseis não permite confundi-las, a primeira remontando talvez a cem mil anos. Do momento em que forem encontrados os traços da existência do homem antes da grande catástrofe, ficará provado, ou que Adão não foi o primeiro homem, ou que a sua criação se perde na noite dos tempos. Contra a evidência não há raciocínios possíveis; os teólogos deverão, pois, aceitar este fato como aceitaram o movimento da Terra e os seis períodos da criação.

A existência do homem antes do dilúvio geológico, é verdade, é ainda hipotética, mas eis o que o é menos. Admitindo que o homem apareceu pela primeira vez na Terra quatro mil anos antes de Cristo, se 1650 mais tarde toda a raça humana foi destruída com exceção de um único, disso resulta que o povoamento da Terra não data senão de Noé, quer dizer, de 2350 anos antes da nossa era. Ora, quando os Hebreus emigraram para o Egito, no décimo oitavo século, encontraram este país muito povoado e já muito avançado em civilização.

A história prova que, nessa época, as índias e outros países estavam igualmente florescentes. Seria necessário, pois, que do décimo quarto ao décimo oitavo século, quer dizer, no espaço de 600 anos, não somente a posteridade de um único homem pôde povoar todos os imensos continentes então conhecidos, supondo que os outros não o fossem, mas que, nesse curto intervalo, a espécie humana pôde se elevar da ignorância absoluta, do estado primitivo, ao mais alto grau do desenvolvimento intelectual, o que é contrário a todas as leis antropológicas. Tudo se explica, ao contrário, admitindo-se a anterioridade do homem, o dilúvio de Noé com a catástrofe parcial confundida com o cataclismo geológico, e Adão, que viveu há 6.000 anos, como tendo povoado um continente ainda inabitável. Ainda uma vez, nada poderia prevalecer contra a evidência dos fatos; por isso cremos prudente não se inscrever muito levemente em falso contra doutrinas que podem, cedo ou tarde, como tantas outras, pôr em erro aqueles que as combatem. As idéias religiosas, longe de perderem, se engrandecem caminhando com a ciência; é o meio de não dar ensejo ao ceticismo em demonstrando um lado vulnerável.

Que teria acontecido à religião se ela se obstinasse contra a evidência, e se persistisse em cunhar de anátema quem não aceitasse a letra das Escrituras, disso resultaria que não poderia ser católico sem crer no movimento do sol, nos seis dias, nos 6.000 anos da existência da Terra; contai, pois, o que restaria hoje de católicos. Proscreevi também aquele que não se prende à letra, à alegoria da árvore e de seu fruto, da costela de Adão, da serpente, etc? A religião será sempre forte quando ela marchar de acordo com a ciência, porque ela reunirá a parte esclarecida da população; é o único meio de dar um desmentido ao preconceito que a faz considerar, pelas pessoas superficiais, como a antagonista do progresso. Se jamais, e isso a Deus não praza, ela repelisse as evidências dos fatos,

hostilizaria os homens sérios, e provocaria o cisma, porque nada poderia prevalecer contra a evidência. Também a alta teologia, que conta com homens eminentes por seu saber, admite, sobre muitos pontos controversos, uma interpretação conforme a sã razão. Somente é deplorável que ela reserve suas interpretações para os privilegiados, e continue a fazer ensinar a letra nas escolas; resulta disso que esta letra, primeiro aceita pelas crianças é mais tarde rejeitada por elas quando chega a idade do raciocínio; nada tendo por compensação, rejeitam tudo e aumenta o número dos incrédulos absolutos. Não daí, ao contrário, à criança senão aquilo que sua razão possa admitir mais tarde, e sua razão, em se desenvolvendo, a fortalecerá nos princípios que lhe inculcaram. Assim falando, cremos servir aos verdadeiros interesses da religião; ela será sempre respeitada quando mostrada onde realmente está, e quando não fará consistir nas alegorias das quais o bom senso não pode admitir a realidade.

Um Médiuim curador

Revista Espírita, março de 1860

Senhorita Désirée Godu, de Hennebon (Morbihan.)

Rogamos aos nossos leitores consentirem em se reportarem ao nosso artigo, do mês último, sobre os *médiuns especiais*; compreender-se-á melhor as informações que vamos dar sobre a senhorita Désirée Godu, cuja faculdade oferece um caráter de especialidade dos mais notáveis. Há oito anos mais ou menos, ela passou sucessivamente por todas as fases da mediunidade; de início médiuim de efeitos físicos muito poderoso, tornou-se alternativamente médiuim vidente, audiente, falante, escrevente, e finalmente todas as faculdades se concentraram para a cura dos enfermos, que esta parecia ser a sua missão, missão que cumpre com devotamento e uma abnegação sem limites. Deixemos falar a testemunha ocular, o senhor Pierre, preceptor em Lorient, que nos transmitiu estes detalhes em resposta às perguntas que lhe dirigimos:

"A senhorita Désirée Godu, pessoa jovem de vinte e cinco anos, pertence a uma família muito honrada, respeitável e respeitada de Lorient; seu pai é um antigo militar, cavaleiro da Legião de honra, e sua mãe, mulher paciente e laboriosa, ajuda o melhor que pode sua filha em sua penosa, mas sublime missão. Eis quase seis anos que esta família patriarcal faz esmolas dos remédios prescritos e, freqüentemente, de tudo o que é necessário aos tratamentos, aos ricos como aos pobres que a ela se dirigem. Suas relações com os Espíritos começaram na época das mesas girantes; ela morava então em Lorient, e durante vários meses não se falava senão das maravilhas operadas pela senhorita Godu sobre as mesas, sempre complacentes e dóceis sob suas mãos. Era um favor o ser admitido em sua casa nas sessões da mesa, e ali não ia quem quisesse; simples e modesta, ela não procura se pôr em evidência; entretanto, como bem o pensais, a malignidade não a poupou.

"O próprio Cristo foi achincalhado, embora não fizesse senão o bem e não ensinasse senão o bem; deve-se admirar de se encontrar ainda Fariseus, então que há ainda homens que não crêem em nada? É a sorte de todos aqueles que mostram uma superioridade qualquer, de ser alvo dos ataques da mediocridade invejosa e ciumenta; nada lhe custa para tombar aquele que eleva sua cabeça acima do vulgo, nem mesmo o veneno da 'calúnia: o hipócrita desmascarado jamais perdoa. Mas Deus é justo, e quanto mais o homem de bem for maltratado, mais estrondosa será a sua reabilitação, e mais humilhante será a vergonha de seus inimigos: a posteridade o vingará.

"À espera de sua verdadeira missão que, diz-se, deve começar em dois anos, o Espírito que a guia lhe propôs a de curar todas as espécies de enfermidades, o que ela aceitou. Para se comunicar, ele se serve agora de seus órgãos, e freqüentemente, apesar dela, no lugar das batidas insípidas das mesas. Quando é o Espírito que fala, o som da voz não é mais o mesmo; os lábios não se movimentam.

"A senhorita Godu não recebeu senão uma instrução vulgar, mas o principal de sua educação não devia ser a obra de homens. Quando ela consentiu em tornar-se médiuim curadora, o Espírito procedeu metodicamente à sua instrução, sem que ela visse outra coisa senão mãos. Um misterioso personagem colocava-lhe sob os olhos livros, gravuras ou desenhos, e lhe explicava todo o organismo do corpo humano, as propriedades das plantas, os efeitos da

eletricidade, etc. Ela não é sonâmbula; ninguém a adormece; é toda desperta, e bem desperta, que penetra seus enfermos com o seu olhar; o Espírito indica-lhe os remédios que, o mais freqüentemente, ela mesma prepara e aplica, cuidando e tratando as feridas mais repugnantes com o devotamento de uma irmã de caridade. Começa-se por dar-lhe a composição de certos unguentos que curam em poucos dias os panarícios e feridas de pouca gravidade, e isso com o objetivo de habituá-la, pouco a pouco, sem muita repugnância, com todas as horríveis e repelentes misérias que deverão se exhibir sob seus olhos, e colocar a fineza e a delicadeza de seus sentidos às mais rudes provas. Que não se imagine nela encontrar um ser sofredor, débil e medíocre; ela goza *domens sana in corpore sano* em toda sua plenitude; longe de cuidar de seus doentes por intermediário, é ela quem mete a mão em tudo, e basta a tudo, graças à sua robusta constituição. Ela sabe inspirar, aos seus enfermos, uma confiança sem limites, e encontra em seu coração consolações para todas as dores, sob sua mão remédios para todos os males. Ela é um caráter naturalmente alegre e jovial. Pois bem! Sua alegria é contagiosa como a fé que a anima, e age instantaneamente sobre os doentes. Ali vi muitos saírem com os olhos cheios de lágrimas, doces lágrimas de admiração, de reconhecimento e de alegria. Todas as quintas-feiras, dia de feira, e no domingo depois da seis horas da manhã, até cinco ou seis horas da tarde, a casa não se esvazia. Para ela, trabalhar é orar, e cumpre isso conscientemente. Antes de tratar dos enfermos, passava dias inteiros confeccionando vestes para os pobres e enxovais para os recém-nascidos, empregando os mais engenhosos meios para tornar incógnitos seus presentes em sua destinação, de sorte que a mão esquerda ignorava sempre o que dava a mão direita. Ela possui um grande número de certificados autênticos entregues por eclesiásticos, autoridades e pessoas notáveis atestando cura que, em outros tempos, seriam olhadas como miraculosas."

Sabemos, por pessoas dignas de fé, que nada há de exagerado na narração que se acaba de ler, e estamos felizes em poder assinalar o digno emprego que a senhorita Godu faz da faculdade excepcional que lhe foi dada. Esperamos que estes elogios, que nos fazemos prazer em reproduzi-los no interesse na Humanidade, não alterarão nela sua modéstia, que dobra o preço do bem, e que ela não escutará as sugestões do Espírito do orgulho. O orgulho é o escolho de um grande número de médiuns, e vimos muitos deles cujas faculdades transcendentais foram aniquiladas ou pervertidas, desde que deram ouvido a esse demônio tentador. As melhores intenções não garantem de suas armadilhas, e é precisamente contra os bons que ele levanta suas baterias, porque se satisfaz em fazê-los sucumbirem, e mostrar que é o mais forte; ele se introduz no coração com tanto jeito que, freqüentemente, está em seu meio sem que disso se suspeite; o orgulho também é o último defeito confessado a si mesmo, semelhante a essas doenças mortais das quais se tem o gérmen latente, e sobre a gravidade das quais o doente se ilude até o último momento; por isso é tão difícil desarraigá-las. Desde que o médium goza de uma faculdade tanto seja pouco notável, ele é procurado, enaltecido, adulado; é para ele uma terrível pedra de toque, porque acaba por se crer indispensável se não for essencialmente simples e modesto. Infeliz dele sobretudo se se persuade não ter relações senão com bons Espíritos; custa-lhe reconhecer que foi iludido e, freqüentemente mesmo, escreve ou ouve sua própria condenação, sua própria censura, sem crer que isso se dirija a ele; ora, é precisamente essa cegueira que dá presa sobre ele; os Espíritos enganadores disso se aproveitam para fasciná-lo, dominá-lo, subjugá-lo cada vez mais, ao ponto de fazê-lo tomar por verdades as coisas mais falsas, e é assim que se perde nele o dom precioso que não recebera de Deus senão para se tornar útil aos seus semelhantes, porque os bons Espíritos se retiram sempre, de quem escuta de preferência os maus. Aquele que a Providência destina para ser posto em evidência, sê-lo-á pela força das coisas, e os Espíritos saberão tirá-lo da obscuridade, se isso for útil, ao passo que não há, freqüentemente, senão decepção para aquele atormentado pela necessidade de fazer falar de si. O que sabemos do caráter da senhorita Godu, nos dá a firme confiança de que ela está acima dessas pequenas fraquezas, e assim jamais comprometerá, como tantos outros, a nobre missão que recebeu.

Manifestações físicas espontâneas

Revista Espírita, março de 1860

O padeiro de Dieppe.

Os fenômenos pelos quais os Espíritos podem manifestar sua presença são de duas naturezas, que se designam pelos nomes de manifestações físicas e de manifestações inteligentes. Pelas primeiras, os Espíritos atestam sua ação sobre a matéria; pelas segundas, eles revelam um pensamento mais ou menos elevado, segundo o grau de sua depuração. Um e outras podem ser espontâneas ou provocadas. São provocadas quando são solicitadas pelo desejo, e obtidas com a ajuda de pessoas dotadas de uma aptidão especial, dito de outro modo, de médiuns. Elas são espontâneas quando ocorrem naturalmente, sem nenhuma participação da vontade e, freqüentemente, na ausência de todo conhecimento e mesmo de toda crença espírita. É a essa ordem que pertencem certos fenômenos que não podem se explicar pelas causas físicas ordinárias. Não é necessário, entretanto, como já dissemos, apressar-se em atribuir aos Espíritos tudo o que é insólito e tudo aquilo que não se compreende. Não poderíamos muito insistir sobre este ponto, a fim de colocar em guarda contra os efeitos da imaginação e, freqüentemente, do medo. Nós o repetimos, quando o fenômeno extraordinário se produz, o primeiro pensamento deve ser que há uma causa material, porque é a mais freqüente e mais provável, tais são sobretudo os ruídos, e mesmo certos movimentos de objetos. O que é necessário fazer, neste caso, é procurar a causa, e é mais que provável que se encontrará uma muito simples e muito vulgar. Dizemo-lo ainda, o verdadeiro, e por assim dizer o único sinal real de intervenção dos Espíritos, é o caráter intencional e inteligente do efeito produzido, então quando a impossibilidade de uma intervenção humana está perfeitamente demonstrada. Nessas condições, raciocinamos segundo este axioma de que todo efeito tem uma causa, e que todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente, torna-se evidente que se a causa não está nos agentes ordinários de efeitos materiais, está fora desses mesmos agentes; que se a inteligência que atua não é uma inteligência humana, é necessário que ela esteja fora da humanidade. • Há, pois, inteligências extra humanas? - Isto parece provável; secretas coisas não são, e não podem ser, a obra de homens, é preciso que elas sejam a obra de alguém; ora, se esse alguém não for um homem, parece-nos que é preciso, de toda necessidade, que esteja fora da humanidade; se não se o vê, é necessário que seja invisível. É um raciocínio tão peremptório e tão fácil de compreender como aquele do senhor de La Falisse. - Quais são então essas inteligências? São as dos anjos ou dos demônios? E como inteligências invisíveis podem agir sobre a matéria visível? -- É o que sabem perfeitamente, aqueles que aprofundaram a ciência espírita, ciência que não se aprende mais que as outras num piscar de olhos, e que não podemos resumir em algumas linhas. Aqueles que fazem tal pergunta, colocaremos somente esta: *Como vosso pensamento, que é imaterial, faz mover, à vontade, vosso corpo que é material?* Pensamos que não devem ficar embaraçados para resolverem este problema, e que, se rejeitam a explicação dada pelo Espiritismo desse fenômeno tão vulgar, é que terão uma outra tão mais lógica a opor-lhe; mas, até o presente, não a conhecemos.

Vejamos os fatos que motivaram estas observações.

Vários jornais, e entre outros o *Opinion Nationale*, de 14 de fevereiro último, e o *Journal de*

Rouende 12 do mesmo mês, narram o fato seguinte, segundo a *Vigie de Dieppe*. Eis o artigo ao *Journal de Rouen*:

"A *Vigie de Dieppe* contém a carta seguinte, que lhe endereçou seu correspondente de Grandes-Ventes. Já assinalamos, no nosso número de sexta-feira, uma parte dos fatos relatados hoje neste jornal; mas a emoção, excitada na comunidade por esses acontecimentos extraordinários, nos levou a dar os novos detalhes contidos nesta correspondência.

"Não riremos hoje de histórias, mais ou menos fantásticas, dos bons e velhos tempos, e de nossos dias. Os pretensos feiticeiros não estão precisamente em muito grande veneração. Não se crê mais nos Grandes-Ventes que alhures; mais, entretanto, nossos velhos preconceitos populares têm, ainda, alguns adeptos entre os bons camponeses, e a cena verdadeiramente extraordinária, que acabamos por testemunhar, é bem adequada para fortificar sua crença supersticiosa.

"Ontem de manhã, o senhor Goubert, um dos padeiros de nossa vila, seu pai, que lhe serve de obreiro, e um jovem aprendiz de dezesseis a dezessete anos, iam começar seu trabalho normal, quando perceberam que vários objetos deixavam espontaneamente o lugar que lhes estava designado para se lançarem no batedor de massas. Foi assim' que tiveram que separar, sucessivamente, a farinha que trabalhavam de vários pedaços de carvão, de dois pesos de diferentes volumes, de um cachimbo e de uma vela. Apesar de sua extrema surpresa, continuaram sua tarefa, e tinham chegado a enrolar o pão quando, de repente, um pedaço de pá de dois quilos, escapando das mãos do jovem padeiro, lançou-se a uma distância de vários metros. Isso foi ali o prelúdio e como o sinal da mais estranha desordem. Eram, então, em torno de nove horas e, até o meio dia, foi positivamente impossível permanecer no forno e na adega contígua. Tudo foi transtornado, tombado e quebrado; o pão, lançado no meio da sala de trabalho, com os tabuleiros que os sustentavam, entre os detritos de toda sorte, foi completamente perdido; mais de trinta garrafas cheias de vinho se quebraram sucessivamente, e, enquanto o molinete da cisterna virava sozinho com uma velocidade extrema; os braseiros, as pás, os cavaletes e os pesos saltavam no ar e executavam evoluções do mais diabólico efeito.

"Pelo meio dia, o alarido cessou pouco a pouco, e algumas horas depois, quando tudo entrou em ordem e os utensílios foram recolocados, o chefe da casa pôde retomar seus trabalhos habituais.

"Este bizarro acontecimento causou ao senhor Goubert uma perda de pelo menos 100 francos."

A este mesmo relato, o *Opinion nationale* acrescentou as reflexões seguintes:

"Seria injustiçar nossos leitores, reproduzindo esta peça singular, sem convidá-los a se pôr em guarda contra os fatos sobrenaturais que ela relata. Eis, sabemos perfeitamente, uma história que não é de nossa época, e que poderá escandalizar mais que um dos sábios leitores da *Vigie*; mas, por inverossímil que pareça, ela não é menos verdadeira, e cem pessoas poderiam, se necessário, certificar-lhe a exatidão."

Confessamos não compreender muito as reflexões do jornalista que parece contradizer-se; de um lado, ele disse aos seus leitores *pata se porem em guarda contra os fatos sobrenaturais que esta cana relata*, e termina dizendo que "por inverossímil que pareça essa história, ela

não é menos verdadeira, e que cem pessoas poderiam, se necessário, certificá-la." De duas coisas uma, ou ela é verdadeira, ou ela é falsa; se ela for falsa, tudo está dito; mas se for verdadeira, como atesta o *Opinion nationale*, o fato revela uma coisa bastante grave para merecer ser tratada com um pouco menos de leviandade. Coloquemos de lado a questão dos Espíritos, e não vejamos nisso senão um fenômeno físico; ele não é bastante extraordinário para merecer a atenção de observadores sérios? Que °s sábios se ponham, pois, à obra e, folheando nos arquivos da ciência, deles nos dêem uma explicação racional, irrefutável, explicando todas as circunstâncias. Se não o podem, é necessário convir que não conhecem todos os segredos da Natureza; e se somente a ciência espírita dá esta solução, é preciso optar entre a teoria que explica e a que não explica nada.

Quando os fatos desta natureza são relatadas, nosso primeiro cuidado, antes mesmo de nos indagarmos sobre a sua realidade, é examinar se são ou não possíveis, segundo o que conhecemos da teoria das manifestações espíritas. Citamos alguns deles, dos quais demonstramos a impossibilidade absoluta, notadamente a história que relatamos no nosso número de fevereiro de 1859, segundo o *Journal des Débats*, sob o título de *Meu amigo Hermann*, e à qual certos pontos da doutrina espírita poderiam dar uma aparência de probabilidade. Sob este ponto de vista, os fenômenos que se passaram na casa do padeiro, perto do Dieppe, nada têm de mais extraordinários que muitos outros que foram perfeitamente averiguados e dos quais a ciência espírita dá a solução completa. Portanto, aos nossos olhos, se o fato não for verdadeiro, ele é possível. Pedimos a um dos nossos correspondentes de Dieppe, em quem temos toda a confiança, consentir em indagar da realidade. Eis o que nos respondeu:

"Posso hoje dar-vos todas as informações que desejais, tendo me informado em boa fonte. A narração feita na *Vigie* é a exata verdade; inútil relatar-lhe todos os fatos. Parece que vários homens de ciência vieram de muito longe para tomarem conhecimento destes fatos extraordinários, que não poderão explicar se não têm nenhuma noção da ciência espírita. Quanto às pessoas de nossos campos, estão desorientadas; uns dizem: São feiticeiros; os outros: é porque o cemitério mudou de lugar e se construiu em cima; e os mais malignos, aqueles que passam entre os seus por tudo conhecerem, sobretudo se foram militares, acabam por dizer: Minha fé! Não sei como isso pode acontecer, inútil vos dizer que não falta, em tudo isso, uma larga parte ao diabo. Para fazer compreender as pessoas do povo, todos esses fenômenos, seria necessário empreender iniciá-los na ciência espírita verdadeira; seria o único meio de destruir, entre eles, a crença nos feiticeiros e todas as idéias supersticiosas que por muito tempo ainda, serão os maiores obstáculos à sua moralização."

Terminaremos por uma última nota.

Ouvimos pessoas dizerem que não queriam se ocupar de Espiritismo com medo de atraírem os Espíritos, e de provocarem manifestações do gênero daquelas que acabamos de relatar.

Não conhecemos o padeiro Goubert, mas cremos poder afirmar que nem ele, nem seu filho, nem seu ajudante jamais se ocuparam com os Espíritos. Há mesmo a se notar que as manifestações espontâneas se produzem, de preferência, entre as pessoas que não têm nenhuma idéia do Espiritismo, prova evidente de que os Espíritos vêm sem serem chamados; dizemos mais, é que o conhecimento *esclarecido* desta ciência é o melhor meio de se preservar dos Espíritos inoportunos, porque ela indica a *única* maneira racional de afastá-los.

Nosso correspondente está perfeitamente na verdade, dizendo que o Espiritismo é um remédio contra a superstição. Com efeito, não é uma idéia supersticiosa crer que esses fenômenos estranhos se devem à mudança do cemitério? A superstição não consiste na

crença de um fato, quando o fato é confirmado; mas na causa irracional atribuída a este fato. Ela está sobretudo na crença em pretensos meios de adivinhação, em efeitos de certas práticas, na virtude dos talismãs, nos dias e horas cabalísticos, etc., todas as coisas das quais o Espiritismo demonstra o absurdo e o ridículo.

Estudos sobre o Espírito de pessoas vivas

Revista Espírita, março de 1860

O Doutor Vignal.

O senhor doutor Vignal, membro titular da Sociedade, tendo se oferecido para servir num estudo sobre uma pessoa viva, como isto ocorreu com o senhor conde R..., ele foi evocado na sessão de 3 de fevereiro de 1860.

1. (A São Luís.) Podemos evocar o senhor doutor Vignal? - R. Sem nenhum perigo, uma vez que para isso ele está preparado.
2. Evocação. - R. Estou aqui; eu o afirmo em nome de Deus, o que não faria se respondesse por um outro.
3. Embora estejais vivo, julgas necessário que a evocação seja feita em nome de Deus? - R. Deus não existe para os vivos como para os mortos?
4. Vede-nos tão claramente como quando assistíeis em pessoa às nossas sessões? - R. Mas, antes mais claramente que menos.
5. Em que lugar estais aqui? - R. Naturalmente no lugar que a minha ação necessita: à direita e um pouco atrás do médium.
6. Para vir de Souilly até aqui, tivestes consciência do espaço e atravessastes; vistes o caminho que percorrestes? - R. Não mais que a viatura que me conduziu.
7. Poder-se-ia vos oferecer uma assento? - R. Sois muito bom; não estou tão fatigado quanto vós.
8. Como constatais a vossa individualidade aqui presente? - R. Como os outros.

Nota. Ele faz alusão àquilo que já foi dito em semelhante caso, a saber: que o Espírito constata sua individualidade por meio de seu perispírito, que é para ele a representação de seu corpo.

9. Entretanto, vos estimulamos de nos dar, vós mesmo, a explicação. - R. É uma repetição que me pedis.
10. Uma vez que não quereis repetir o que foi dito, é porque pensais do mesmo modo? - R. Mas está bem claro.

11. Assim, vosso perispírito é para vós uma espécie de corpo circunscrito e limitado? - R. É pueril; isto vai sem dizer.
12. Podeis ver o vosso corpo dormindo? - R. Não daqui; vi-o deixando-o; deu-me vontade de rir.
13. Como a relação está estabelecida entre o vosso corpo, que está em Souilly, e o vosso Espírito que está aqui? - R. Como vos disse, por um cordão fluídico.
14. Quereis nos descrever, o melhor possível, a fim de nos fazer compreender a maneira pela qual vos vedes, abstração feita de vosso corpo? - R. É muito fácil; vejo-me como durante a vigília, ou antes, a comparação será mais justa, como se vê a si mesmo em sonho; tenho meu corpo, mas tenho consciência que ele está organizado de outro modo e é mais leve do que o outro; não sinto o peso, a força atrativa que me prende à terra durante a vigília; em uma palavra, como vos disse, não me sinto fatigado.
15. A luz vos parece com a mesma cor que no estado normal? - R. Não; ela é aumentada de uma luz que não é acessível aos vossos sentidos grosseiros; entretanto, não infirais disso que a sensação que as cores produzem sobre o nervo ótico seja diferente para mim: o que é vermelho é vermelho, e assim por diante; somente os objetos que eu não veria, no estado de vigília, na obscuridade, são luminosos, por si mesmos, e são perceptíveis para mim. Assim é que a obscuridade não existe *absolutamente* para o Espírito, se bem que ela possa estabelecer uma diferença entre o que, para vós, é claro e o que não o é.
16. Vossa visão é indefinida, ou limitada ao objeto sobre o qual levais vossa atenção? - R. Não é nem uma e nem outra. Eu não sei absolutamente o que ela pode provar de modificações para o Espírito inteiramente liberto; mas, para mim, sei que os objetos materiais são perceptíveis em seu interior; que minha visão os atravessa; entretanto, não poderia ver por toda parte ou ao longe.
17. Queríeis vos prestar para uma pequena experiência de prova que não é motivada pela curiosidade, mas pelo desejo de nos instruímos? - R. De modo nenhum; isso me é expressamente proibido.
18. Sois capaz de ler a pergunta que acabam de me passar, e respondê-la sem que eu tenha necessidade de articulá-la? - R. Eu o poderia, mas, repito-o, isto me está proibido.
19. Como tendes consciência da proibição que vos é feita? - R. Pela comunicação do pensamento do Espírito que mo proíbe.
20. Pois bem! Eis esta pergunta. Vedes num espelho? - R. Não. Que vedes num espelho? O reflexo de um objeto material e não posso produzir o reflexo senão com a ajuda da operação que me torna o perispírito tangível.
21. Assim um Espírito que se encontrasse nas condições de um agênera, por exemplo, poderia ver-se num espelho? - R. Certamente.
22. Poderíeis, neste momento, julgar quanto à saúde ou à enfermidade de uma pessoa tão judiciosamente como no vosso estado normal? - R. Mais judiciosamente.

23. Poderíeis dar-nos uma consulta se alguém vos pedisse uma? - R. Eu o poderia, mas não quero fazer concorrência com os sonâmbulos e os Espíritos benfazejos que os guiam. Quando estiver morto, eu não digo.

24. O estado em que estais agora é idêntico àquele em que estareis quando morrerdes? - R. Não; terei certas percepções muito mais precisas; não olvideis que, AINDA, estou ligado à matéria.

25. Vosso corpo poderia morrer, enquanto estais aqui, sem que disso suspeitásseis? - R. Não; morre-se como isso todos os dias.

26. Isto se concebe para uma morte natural, sempre precedida de alguns sintomas; mas suponhamos que alguém vos fira e vos mate instantaneamente, como o saberíeis? - R. Eu estaria pronto para receber o golpe antes que o braço abaixasse.

27. Que necessidade haveria em que vosso Espírito retornasse para o vosso corpo, uma vez que nele nada mais teria a fazer? - R. É uma lei muito sábia, sem a qual, uma vez saído, hesitar-se-ia, freqüentemente, tão bem nele reentrar que disso se faria um pretexto para se suicidar... hipocritamente.

28. Suponhamos que vosso Espírito não estivesse aqui, mas em vossa casa, a passear, enquanto o corpo dorme, deveríeis ver tudo o que ali se passa? - R. Sim.

29. Neste caso, suponhamos que se cometa uma ação má qualquer, da parte de algum dos vossos ou de um estranho, serieis, Pois, disso testemunha? - R. Sem dúvida, mas nem *sempre* livre Para a isto me opor; todavia, isto ocorre mais freqüentemente do que supondes.

30. Que impressão a visão dessa má ação vos faria; estaríeis tão afetado como se dela fósseis testemunha ocular? - R. Algumas vezes mais, algumas vezes menos, segundo as circunstâncias.

31. Sentiríeis o desejo de vos vingar? - R. Vingiar-me, não; impedir, sim.

Nota. Resulta do que acaba de ser dito e, de resto, é a conseqüência do que já sabemos, que o Espírito de uma pessoa que dorme sabe perfeitamente o que se passa ao seu redor; e aquele que quisesse se aproveitar de seu sono para cometer uma ação má, em seu prejuízo, engana-se quando crê que não é visto. Não deveria mesmo sempre contar com o esquecimento que acompanha o sonho, porque a pessoa pode dele guardar uma intuição, algumas vezes bastante forte, para inspirar-lhe suposições. Os sonhos de pressentimentos não são outra coisa senão uma lembrança mais precisa do que se viu. Está ainda aí uma das conseqüências morais do Espiritismo; dando a convicção deste fenômeno, pode ser um freio para muitas pessoas. Eis um fato que vem em apoio a esta verdade. Uma pessoa recebe um dia uma carta sem assinatura e muito descortês; ela escavaria inutilmente a cabeça para descobrir-lhe o autor. É necessário crer que durante a noite aprende o que desejaria saber, porque no dia seguinte, no seu despertar, e sem que tivesse um sonho, seu pensamento cai sobre alguém que ela não havia suposto, e depois de verificação, adquire a certeza de que não estava enganada.

32. Voltemos às vossas sensações e às vossas percepções. Por onde vedes? - R. Por todo o meu ser.

33. Percebeis os sons e por onde? - R. É a mesma coisa; uma vez que a percepção é transmitida ao Espírito enclausurado por seus órgãos imperfeitos, deve estar claro para vós que sente, quando está livre, numerosas percepções que vos escapam.

34. (Bate-se sobre uma campainha) Ouvis perfeitamente este som? - R. Mais do que vós.

35. Se vos fizesse ouvir uma música discordante, nisto sentiríeis uma sensação semelhante à que sentiríeis no estado de vigília? - R. Eu não disse que as sensações eram análogas; há uma diferença; mas há percepção muito mais completa.

36. Percebeis os odores? - R. Sem dúvida; sempre do mesmo modo.

Nota. Poder-se-ia dizer, segundo isto, que a matéria que envolve o Espírito é uma espécie de abafador que amortece a acuidade da percepção. O Espírito liberto, recebendo esta percepção sem intermediário, pode apanhar nuances que escapam àquele que a ela chega passando por um meio mais denso que o perispírito. Concebe-se, desde então, que os Espíritos sofredores possam ter dores que, por não serem físicas, do nosso ponto de vista, são mais pungentes que as dores corpóreas, e que os Espíritos felizes têm gozos dos quais as nossas sensações não podem dar-nos uma idéia.

37. Se tivésseis, diante dos vossos olhos iguarias apetitosas, sentiríeis o desejo de comê-las? - R. O desejo seria uma distração.

38. Suponhamos que, neste momento, enquanto o vosso Espírito está aqui, vosso corpo tenha fome, que efeito a visão dessas iguarias produziria sobre vós? - R. Isto me faria partir para satisfazer uma necessidade irresistível.

39. Poderíeis nos dar a compreender o que se passa em vós quando deixais vosso corpo para vir aqui, ou quando nos deixais para reentrar em vosso corpo? Como percebeis que estais aqui? - R. Isto ser-me-ia bem difícil; nele entro como dele saio, sem disto me aperceber, ou, dizendo melhor, sem me dar conta da maneira como se opera este fenômeno. Todavia, não credes que quando o Espírito entra no corpo, esteja enclausurado como no seu quarto; ele irradia sem cessar ao seu redor, de tal sorte que, pode-se dizer, está frequentemente mais fora do que dentro; somente a união é mais íntima, e os laços são mais cerrados.

40. Vedes outros Espíritos? - R. Aqueles que querem bem que eu veja.

41. Como os vedes? - R. Como eu mesmo.

42. Vede-os aqui ao vosso redor? - R. Em multidão.

43. Evocação de Charles Dupont (Espírito de Castelnaudary). - R. Venho ao vosso chamado.

44. (Ao mesmo.) Estais mais tranqüilo hoje que da última vez que vos chamamos? - R. Sim; eu progrido no bem.

45. Compreendeis agora que as vossas penas não durarão para sempre? - R. Sim.

46. Entrevedes o fim de vossas penas? - R. Não; Deus, para minha punição, não me permite

ver esse fim.

47. (Ao senhor Vignal.) Vedes o Espírito que acaba de nos responder? - R. Sim; ele não é belo.

48. Quereis descrevê-lo? - R. Eu o vejo como o vi, com a diferença que não há nem sangue e nem punhal, e que a sua fisionomia respira antes de tristeza quede embrutecimento feroz que apresentava em sua primeira aparição.

49. Desperto, tendes conhecimento do retrato que foi feito deste Espírito? - R. Sim, e de mais estou informado.

50. Como reconheceis, vendo um Espírito, se o seu corpo está morto ou vivo? - R. Pelo seu cordão fluídico.

51. Como julgais o moral deste? - R. Seu moral deve ser bem triste; mas ele se aprimora.

52. (A Charles Dupont.) Ouvistes o que se disse de vós; isto teve vos encorajar para perseverar no caminho do progresso, onde errastes? - R. Obrigado; é o que eu trato de fazer.

53. Vedes o Espírito do doutor com o qual conversamos? - R. Sim.

54. Como o vedes? - R. Eu o vejo com um envoltório menos transparente que dos outros Espíritos.

55. Como julgais que ele ainda está vivo? - R. Os Espíritos comuns são sem forma aparente; este tem como uma forma humana; ele está envolvido por uma matéria semelhante a uma nuvem que repete sua forma humana terrestre; o Espírito dos mortos não tem este envoltório: dele está desligado.

56. (Ao senhor Vignal). Se evocássemos um louco, o reconheceríeis e como? - R. Eu não reconheceria se sua loucura fosse recente, porque não teria tido nenhuma ação sobre o Espírito; mas se está alienado há muito tempo, a matéria exerceria uma certa influência sobre ele, isto, pois, lhe daria alguns sinais que lhe serviriam para reconhecê-lo como durante a vigília.

57. Podeis nos descrever as causas da loucura? - R. Não é outra coisa senão uma alteração, uma perversão de órgãos que não recebem mais as impressões de um modo regular, e transmitem sensações falsas, e por isso mesmo executam atos diametralmente opostos à vontade do Espírito.

Nota. Ocorre, freqüentemente, que certas pessoas, cujo Espírito é perfeitamente são, têm nos membros ou em outras partes do corpo, movimentos involuntários independentes de sua vontade, como, por exemplo, aqueles que são designados sob o nome de *fiques nervosos*. Compreende-se que se a alteração, em lugar de estar no braço ou nos músculos da face, estiver no cérebro, a emissão de idéias sofreria com isto; a impossibilidade de dirigir ou de dominar esta emissão constitui a loucura.

58. Depois da última resposta do senhor Vignal, o médium que serviu de intérprete a Charles Dupont, escreveu espontaneamente: Reconhecem-se esses Espíritos (o dos loucos) em sua

chegada entre nós, naquilo que eles giram em todos os sentidos sem terem uma idéia fixa nem de Deus, nem de preces; é lhes preciso tempo para poderem se fixar.

Assinado CAUVIÈRE.

Ninguém tendo pensado em chamar esse Espírito, o senhor Belliol perguntou se seria o do doutor Cauvière, de Marselha, do qual fora outrora aluno. - R. Sim, sou eu, morto há um ano e meio.

Nota. O senhor Belliol reconhece a assinatura como a do doutor Cauvière; mais tarde pôde-se compará-la a uma assinatura original, e constatar à perfeita semelhança da escrita e da rubrica.

59. (Ao senhor Cauvière.) O que foi que nos proporcionou a vantagem da vossa visita inesperada? - R. Não é a primeira vez que venho entre vós; hoje, achei uma ocasião favorável para comunicar-me, e aproveitei-a.

60. Vedes vosso colega, o doutor Vignal, que está aqui em Espírito? - R. Sim, eu o vejo.

61. Como reconheceis que ele está ainda vivo? - R. Pelo seu envoltório menos transparente que o nosso.

62. Esta resposta concorda com as que Charles Dupont acaba de nos dar, e que nos pareceu ultrapassar o nível de sua inteligência; fostes vós que lha ditastes? - R. Eu bem que poderia influenciá-lo, uma vez que lá estava.

63. Em que estado estais como Espírito? - R. Não estou ainda reencarnado, mas sou um Espírito avançado, e entretanto, estava longe, na Terra, de crer naquilo que chamais o Espiritualismo; foi necessário que eu fizesse a minha educação aqui onde estou; mas minha inteligência aperfeiçoada pelo estudo aí chegou imediatamente.

64. Nós vamos, se consentirdes, dirigir-vos uma pergunta preparada pelo senhor Vignal, e pedimos consentir em respondê-las, cada um de vosso lado com a ajuda de vossos intérpretes particulares. Como encarais agora a diferença entre o espírito dos animais e o do homem? - R. Do senhor Vignal. Não me é muito mais fácil de fazê-lo do que no estado de vigília; meu pensamento atual é de que o animal dorme, está entorpecido moralmente, e que no homem, em seu início, ele desperta penosamente.

R. Do senhor Cauvière. - Ó Espírito do homem está chamado a uma maior perfeição que o dos animais; a diferença neles é sensível pela razão de que, entre estes últimos, não existe ainda senão o estado de instinto; mais tarde, esse instinto pode-se aperfeiçoar.

65. Pode aperfeiçoar-se ao ponto de se tornar um Espírito humano? - R. Ele o pode, mas depois de passar por muitas existências animais, seja no nosso planeta terrestre, seja em outros.

66. Quereis ser bastante bons, um e outro, para nos ditarem, cada um de vosso lado, uma pequena alocução espontânea sobre assunto à vossa escolha.

Ditado do Sr. Cauvière.

Meus bons amigos, eu estou tão feliz em poder conversar um pouco convosco que quero vos dar um conselho, não a vós particularmente que sois crentes, mas àqueles cuja fé ainda é vacilante, ou que não a têm ainda e a repelem. Que não posso ver aqui todos os meus colegas vivos, que não creram em mim, é verdade; entretanto, eu lhes diria que quando vivo, repeli com veemência a verdade, embora eu a sentisse no fundo de meu coração. A maioria dentre eles fazem como eu: por um falso amor-próprio, não Querem convir no que às vezes sentem; erram, porque a indecisão fez sofrer na Terra, sobretudo no momento de deixá-la. Instruí-vos, Pois; sede de boa fé, sereis assim mais felizes em vossa vida bem como no mundo onde estou agora. Se quiserdes, virei, algumas vezes, conversar convosco.

CAUVIÈRE.

Ditado do Sr. Vignal.

Por que a astronomia, e que nos importa o tempo que gastará uma bala de canhão para percorrer a distância que existe entre a Terra e o Sol? Assim raciocinam pessoas honestas que não vêem outro resultado, nas ciências, senão a aplicação que dela podem fazer à indústria ou ao seu bem-estar; mas sem a astronomia, qual razão teríeis para adotar antes o admirável sistema que nos foi desenvolvido, que tal ou tal outro posto em dia ao nosso redor por Espíritos ignorantes ou ciumentos?

Se a Terra fosse, como se acreditou por muito tempo, o ponto central do Universo; se os numerosos sóis que povoam o espaço não fossem senão pontos brilhantes fixos numa abóbada de cristal, qual razão teríamos para admitir o passado e o futuro do Espírito? A astronomia, ao contrário, vem nos demonstrar que a vida planetária que circula ao redor de nosso sol, é refletida ao redor de todos aqueles que compõem a nebulosa da qual o nosso mundo faz parte; que todos esses planetas estão organizados de maneira diferentes uns dos outros, e que, conseqüentemente, as condições de vida neles não são as mesmas. Sois então conduzidos a vos perguntarem, se Deus criou instantaneamente e para cada corpo, o Espírito que deve animá-lo, por qual razão não teria achado justo de criá-lo aqui antes que ali, antes na Terra que num outro mundo, e antes numa condição que numa outra.

Uma lógica inflexível vos conduz, pois, a admitir como a expressão da maior verdade, a habitabilidade dos mundos, a preexistência das almas e a reencarnação.

A astronomia é, pois, útil, uma vez que vos coloca em condições de receberem o esboço de sublimes verdades que se desenvolverão, para vós, em conseqüência do progresso que o Espiritismo terá, e a própria ciência; porque, com a ajuda da indústria, ela está chamada a vos fazer descobrir muitas outras maravilhas que aquelas que apenas podeis entrever: doravante a astronomia e a teologia são irmãs e vão caminhar de mãos dadas.

VIGNAL, por Arago.

Senhorita Indermuhle.

SURDA-MUDA DE NASCENÇA, IDADE DE TRINTA E DOIS ANOS, VIVA, MORANDO EM BERNA.

(Sessão de 10 de fevereiro de 1860.)

1. (A São Luís.) Podemos entrar em comunicação com o Espírito da senhorita Indermuhle? - R. Vós o podeis.
2. Evocação. - R. Estou aqui, e o afirmo em nome de Deus.
3. (A São Luís.) Quereis nos dizer se o Espírito que respondeu foi mesmo o da senhorita Indermuhle? - R. Posso afirmá-lo e vos afirmo; mas sois mais avançadas que ela, e crede que, se for útil que um outro responda em seu lugar, isso seja embaraçador? A afirmação vos prova que ela está aqui; cabe a vós assegurar-vos uma boa comunicação pela natureza e o móvel das vossas perguntas.
3. Sabeis bem onde estais neste momento? - R. Perfeitamente; credes que disso não fui instruída?
4. Como ocorre que possais nos responder aqui, enquanto o vosso corpo está na Suíça? - R. Porque não é meu corpo que vos responde; de resto, ele está perfeitamente incapaz, vós o sabeis.
5. Que faz o vosso corpo neste momento? - R. Ele dorme.
6. Ele está com boa saúde? - R. Excelente.

Nota. O irmão da senhorita Indermuhle, que está presente, confirma que com efeito ela está com boa saúde.

7. Quanto tempo gastastes para vir da Suíça até aqui? - R. Um tempo inapreciável para vós.
8. Vistes o caminho que percorrestes para vir aqui? - R. Não.
9. Estais surpresa por vos encontrardes nesta reunião? - R. Minha primeira resposta vos prova que não.
10. O que ocorreria se o vosso corpo viesse a despertar enquanto nos falais? - R. Ali eu estaria.
11. Há entre o vosso Espírito, que está aqui, e o vosso corpo que está lá embaixo, um laço qualquer? - R. Sim, sem isto quem me advertiria que devo nele reentrar?
12. Vede-nos bem distintamente? - R. Sim, perfeitamente.
13. Compreendeis que podeis nos ver, e que nós não podemos vos ver? - R. Mas sem dúvida.
14. Ouvis o ruído que faço neste momento batendo? R-Eu não sou surda aqui.
15. Como disso vos dais conta, uma vez que não tendes, para comparação, a lembrança do ruído no estado de vigília? - R. *Eu não nasci ontem.*

Nota. A lembrança da sensação do ruído vinha-lhe de existências onde ela não era surda.

Esta resposta é perfeitamente lógica.

16. Ouvis a música com prazer? - R. Com tanto mais prazer como isto há muito tempo não me ocorre; cantai-me, pois, alguma coisa.

17. Lamentamos não poder fazê-lo neste momento, e que não haja aqui um instrumento para vos proporcionar este *prazer*; mas nos parece que vosso Espírito, libertando-se todos os dias durante o sono, deveis transportai-vos para lugares onde possais ouvir a música? - R. Isto me acontece bastante raramente.

18. Como podeis nos responder em francês, uma vez que estais na Alemanha, e que não sabeis a nossa língua? - R. O pensamento não tem língua; eu o comunico ao guia do médium, que o traduz na língua que lhe é familiar.

19. Qual é esse guia do qual falais? - R. Seu Espírito familiar; é sempre assim que recebeis as comunicações de Espíritos estranhos, e é assim que os Espíritos falam todas as línguas.

Nota. - Deste modo as respostas não nos chegam, freqüentemente, senão de terceira mão; o Espírito interrogado transmite o pensamento ao Espírito familiar, este ao médium, e o médium o traduz pela escrita ou pela palavra; ora, o médium, podendo estar assistido por Espíritos mais ou menos bons, isto explica como, em muitas circunstâncias, o pensamento do Espírito interrogado pode ser alterado; também São Luís disse, em começando, que a presença do Espírito evocado não basta sempre para assegurar a integridade das respostas. Cabe-nos apreciá-las, e julgar se são lógicas e em relação com a natureza do Espírito. De resto, segundo a senhorita Indermuhle, esta tripla fileira não ocorreria senão para os Espíritos estrangeiros.

20. Qual é a causa da enfermidade que vos afeta? - R. Uma causa voluntária.

21. Por qual singularidade vossos seis irmãos e irmãs sofrem da mesma enfermidade? - R. Pelas mesmas causas que eu.

22. Assim, foi voluntariamente que todos vós escolhestes essa prova; pensamos que esta reunião, numa mesma família, deveria ter ocorrido tendo em vista uma prova para os parentes; esta razão é boa? - R. Ela aproxima da verdade.

23. Vedes aqui o vosso irmão? - R. Bela pergunta!

24. Estais contente por vê-lo? - A mesma resposta.

Nota. Sabe-se que os Espíritos não gostam de repetir; nossa linguagem é tão lenta para eles que evitam tudo o que lhes pareça inútil. Está aí um ponto que caracteriza os Espíritos sérios; os Espíritos levianos, zombeteiros, obsessores e pseudo-sábios, freqüentemente, são verbosos e prolixos; como os homens que carecem de fundo, eles falam para nada dizerem; as palavras tomam o lugar dos pensamentos, e crêem imporem-se por frases redundantes e um estilo pedante.

25. Quereis dizer-lhe alguma coisa? - R. Peço-lhe receber a expressão dos meus sinceros agradecimentos pelo bom pensamento que teve ao me chamar aqui onde me encontro, muito feliz, em contato com os bons Espíritos, se bem que, entretanto, vejo alguns que não valem

muito; com eles ganharei em instrução, e não esquecerei o que lhes devo.

Bibliografia - Siamora, a druidesa

Revista Espírita, março de 1860

OU O ESPIRITUALISMO NO DÉCIMO QUINTO SÉCULO (1-(1) Um vol. in-18, preço 2 fr.; Vannier, livreiro-editor, rua Notre-Dame-des Victoires, n° 52. - 1860.).

Por Clément de la Chave.

As idéias espíritas formigam num grande número de escritores antigos e modernos, e mais de um autor contemporâneo ficariam admirados em se lhe provando, por seus próprios escritos, que eles são Espíritas sem o saberem. O Espiritismo, pois, pode encontrar argumentos em seus próprios adversários, que parecem ter sido compelidos, com seu desconhecimento, a fornecer-lhe as armas. Os autores sacros e profanos apresentam, assim, um campo onde não há somente a respigar, mas também a colher a mancheias; é o que nos propomos fazer algum dia e, então, veremos se os críticos julgam oportuno de enviar ao manicômio aqueles que incensaram, e cujos nomes conseguiram autoridade nas letras, nas artes, nas ciências, na filosofia ou na teologia. O autor do pequeno livro que anunciamos não é daqueles que se pode dizer Espíritas sem o saberem; é, ao contrário, um adepto sério e esclarecido, que se apraz em resumir as verdades fundamentais da Doutrina em uma ordem menos árida do que a forma didática, e tendo o atrativo de uma romance semi-histórico; aí encontramos, com efeito, o delfim que foi mais tarde Luís XI, e alguns personagens de seu tempo, com a pintura dos costumes da época. Siamora, última descendente das antigas druidesas, conservou as tradições do culto dos seus ancestrais, mas iluminadas pelas verdades do Cristianismo. Vimos, num artigo da *Revista*, do mês de abril de 1858, a que grau os sacerdotes da Gália chegaram no que concerne à filosofia espírita; não há, pois, nenhuma contradição colocando-se essas mesmas idéias na boca de seus descendentes; ao contrário, é pôr em evidência uma verdade muito pouco conhecida, e sob esse aspecto tem bem o mérito dos Espíritas modernos. Pode ser julgado pelas citações seguintes. Edda, jovem noviça, no momento de êxtase, dirigindo-se à Siamora, assim se exprime:

"Sob a forma de meu bom anjo, de meu Espírito familiar, um Espírito me apareceu; ele se ofereceu para guiar-me nas visões penosas deste mundo. Os homens, disse-me, não são maus senão porque desconhecaram sua natureza espiritual; porque rejeitaram esse agente sutil, esse fluxo divino que Deus havia espalhado para a felicidade dos homens na criação, e que os fazia iguais e irmãos. Então, os homens curavam, porque apelavam para esse agente sutil da criação, e dele retiravam um poderoso recurso....."

"É na hora da morte que cada homem me aparece! Oh tristeza! Oh desgosto! Que amargo desespero! Cessaram de amar, esses seres perversos. Siamora, cada homem, em morrendo, leva virtudes e vícios. Levianos, ou carregados de faltas, sua alma se eleva mais ou menos, porque ele guardou pouco ou muito do agente sutil, o amor, esta substância de Deus que, segundo as afinidades, atrai a ela as substâncias semelhantes e repele aquelas que procedem de um princípio contrário.

"A alma do homem mau permanece errante neste mundo, soprando em todos a sua essência empestada. Ela tem a alegria do mal e o orgulho do vício. Nós a chamamos *demônio*; no céu tem o nome de *irmão extraviado*. - Mas de todos os corações piedosos, Siamora, um doce vapor se eleva e, apesar dela, a alma-demônio vem a ser por eles saturado; ela se

retempera, e despoja em parte sua corrupção... Então, começa a perceber a idéia de Deus, o que no estado de alma não podia fazer. Assim como a alma leva consigo a imagem exata, mas toda espiritual, de seu corpo, do mesmo modo ela junta com outra cheia de seus vícios e de suas manchas, e a alma assim embrutecida não pode ver.

"Nesse mundo invisível acima do nosso, Siamora, onde, com esforço, pouco a pouco me elevo, nuvens brilhantes limitam minha visão; milhares de almas, Espíritos celestes, nele entram e dele saem; assim, flocos nevosos baixos, elevados, extraviados, correm, levados pelo ímpeto caprichoso dos ventos. Em sua essência espiritual, descem entre nós os anjos, dizendo a um palavras de paz, insinuando ao coração do outro a divina crença; inspirando este na procura da ciência; soprando àquele o instinto do bem e do belo; porque foi tocado pelo dedo de Deus, aquele que, em sua arte, nela colocou o gosto das nobres e grandes coisas. Todo homem tem sua Egéria, seu conselho, seu amante; ela a todos lançou a corda da salvação; cabe a nós agarrá-la.....

"E esse homem mau, antes, essa alma-demônio, cujos olhos ao contato com o ar puro, começaram a se abrir, vai chorando seu crime e pedindo sofrer para expiá-lo. Só, e privado de recursos, que fará?

"Um anjo de caridade se aproxima: *Irmão desviado*, disse-lhe, entra comigo na vida: lá está o inferno, lá é o lugar de sofrimentos, onde cada um de nós se regenera; vem, eu te sustentarei: tratemos de fazer um pouco de bem, a fim de que para ti a balança do bem e do mal acabe por pender do bom lado.

"É assim, Siamora, que ele chega, para todos os homens, no momento de morrer. Eu os vejo mais ou menos se elevarem nos céus, reentrar na vida, sofrer de novo, depurar-se, morrer ainda, e subir, sem cessar, mais alto nos espaços celestes; eles não atingem ainda o céu do Deus único, mas longas peregrinações através de outros mundos, bem mais maravilhosos e mais aperfeiçoados que este, chegarão, à força de depurá-los, a lhes fazer possuí-lo."

Ditados espontâneos - O Gênio das flores

Revista Espírita, março de 1860

(Sessão de 23 dezembro de 1859. Médiun, senhora de Boyer.)

Eu sou Hettani, um dos Espíritos que presidem à formação das flores, e à diversidade de seus perfumes; sou eu, ou antes, somos nós, porque somos vários milhares de Espíritos, somos nós que ornamos os campos, os jardins; que damos ao horticultor o gosto das flores; não poderíamos ensinar-lhe a mutilação que algumas vezes fá-las sofrer; mas nós lhe ensinamos a variar seus perfumes, a embelezar suas formas já graciosas. Entretanto, é sobretudo sobre as flores naturalmente eclodidas que se coloca toda a nossa atenção; àquelas nós prodigalizamos ainda mais cuidados; são nossas preferidas; como tudo o que é só tem mais necessidade de ajuda, eis porque nós as cuidamos melhor.

Estamos assim encarregados de esparramar os perfumes; somos nós que levamos ao exilado uma lembrança de seu país, fazendo entrar em sua prisão um perfume das flores que ornaram o jardim paterno. Àquele que ama, que ama realmente, levamos o perfume das flores destinadas à sua noiva; àquele que chora, uma lembrança daqueles que morreram, fazendo desabrochar, sobre a sua tumba, as rosas e as violetas que lembram as virtudes.

Quem de vós não nos deu doces emoções? Quem não estremeceu ao contato de um perfume amado? Estais admirado, penso, em nos ouvir dizer que há Espíritos para tudo isso, e todavia é muito verdadeiro. Jamais estivemos encarnados, e não estaremos, talvez, jamais entre vós; entretanto, há os que já foram homens, mas poucos entre os Espíritos dos elementos. Nossa missão, na vossa Terra, não é nada; progredimos como vós, mas é nesses planetas superiores, sobretudo, que somos felizes; em Júpiter, nossas flores soltam sons melodiosos e nós fazemos moradas aéreas, das quais só os ninhos de colibris podem vos dar uma fraca idéia. Eu vos farei a primeira vez a descrição de algumas dessas flores, magníficas, não, mas sublimes e dignas dos Espíritos elevados aos quais servem de moradas.

Adeus; que um perfume de caridade vos ilumine; as próprias virtudes têm seu perfume.

PERGUNTAS SOBRE O GÊNIO DAS FLORES.

(Sociedade, 30 de dezembro de 1859. Médiun, Sr. Roze.)

1. (A São Luís.) Tivemos outro dia uma comunicação espontânea de um Espírito que disse presidir às flores e aos seus perfumes; há realmente Espíritos que podem ser considerados os gênios das flores? - R. Esta expressão é poética e bem aplicada ao assunto; mas, propriamente falando, ela seria defeituosa. Não deveis duvidar que o Espírito não preside, para toda a criação, ao trabalho que Deus lhe confia; assim é que é necessário entender esta comunicação.

2. Este Espírito é chamado *Hettano*; como ocorre que ele não tenha um nome e que jamais

encarnou? - R. É uma ficção. O Espírito não preside, de um modo particular, à formação das flores; o Espírito elementar, antes de passar para a série animal, dirige a ação fluídica na criação do vegetal; este não está ainda encarnado; mas não age senão sob a direção de inteligências mais elevadas, tendo já vivido bastante para adquirir a ciência necessária à sua missão. Foi um destes que se comunicou; ele vos fez uma mistura poética da ação das duas classes de Espíritos que agem na criação vegetal.

3. Este Espírito não tendo vivido ainda, mesmo na vida animal, como ocorre que seja tão poético? - R. Relede.

Nota. - Vede a nota feita mais acima junto da questão 24, página 90.

4. Assim o Espírito que se comunicou não é o que habita e anima a flor? - R. Não, não; eu vos disse bem claramente: ele guia.

5. Este Espírito que nos falou foi encarnado? - R. Foi.

6. O Espírito que dá a vida às plantas e às flores, tem um pensamento, a inteligência de seu eu? - R. Nenhum pensamento, nenhum instinto.

Felicidade

Revista Espírita, março de 1860

(Sociedade, 10 de fevereiro de 1860. Médiun, senhorita Eugénie.)

Qual é o objetivo de cada indivíduo na Terra? Ele quer a felicidade a qualquer preço que seja. É o que faz com que todos nós sigamos um caminho diferente? É que cada um nós espera encontrá-lo num lugar ou numa coisa que lhe agrade particularmente: uns procuram a glória, outros as riquezas, outros as honras; o maior número corre atrás da fortuna, porque, em nossos dias, é o meio mais poderoso para chegar a tudo; ele serve de pedestal para tudo. Mas quantos vêem essa necessidade de felicidade realizada? Bem poucos; e perguntai a cada um daqueles que chegam se atingiram o objetivo a que se tinham proposto: se são felizes? Todos respondem: ainda não; porque todos os desejos aumentam na razão que sejam satisfeitos. Se hoje há tantas pessoas que querem se interessar pelo Espiritismo, é que depois de ver que tudo é quimera, e querendo pelo menos chegar, tentam o Espiritismo como tentaram a riqueza e a glória.

Se Deus colocou nos corações esta necessidade tão grande de felicidade, é que esta deve existir em alguma parte. Sim, tende confiança nele, mas sabeis que tudo o que Deus promete deve ser divino como ele, e que a felicidade que procurais não pode ser material.

Vinde a nós, vós todos que sofreis; vinde a nós, todos vós que tendes necessidade de esperança, porque quando tudo na Terra vos faltar, enfraquecer, nós aqui, teremos mais do que as vossas necessidades pedirem. Mães desesperadas, que vos lamentais sobre uma tumba, vinde aqui: O anjo que chorais vos falará, vos protegerá, vos inspirará a resignação para as penas que tendes sofrido na Terra. Todos vós que tendes a necessidade insaciável da ciência, dirigi-vos a nós, só nós podemos dar ao vosso Espírito o alimento de que ele necessita. Vinde, saberemos encontrar para cada ferida uma doçura, e por desamparados que vos pareçam, há Espíritos que vos amam e que estão prontos para vo-lo provar. Eu falo em nome de todos. Desejo ver virem nos pedir conselhos, porque estou segura que vós, com isto, tereis a esperança no coração.

STAEL.

Nota. - Um instante depois, o Espírito escreveu de novo, espontaneamente:

O sorriso vem mais de uma vez aos lábios de certos ouvintes, e se escapa ao médiun, não escapa aos Espíritos; mas não tendes medo; são aqueles que mais riem que crêem mais depois, e nós vos perdoamos, porque um dia podereis vos arrepender de vossa ironia. Estou segura que se, junto de cada um de vós, senhoras, viesse um ser perdido e que amastes vos lembrar uma recordação, mudaríeis o vosso sorriso de uma incredulidade em um suspiro, e serieis ou felizes ou ansiosas. Sede tranquilas, vosso dia virá, e sereis tocadas pelo coração, porque é a vossa corda mais sensível: eu a conheço.

STAEL.

O Livro dos Espíritos - Aviso sobre a 2ª edição

Revista Espírita, março de 1860

EM VENDA: O LIVRO DOS ESPÍRITOS.

Segunda edição

INTEIRAMENTE REFUNDIDA E CONSIDERAVELMENTE AUMENTADA.

Aviso sobre esta nova edição.

Na primeira edição desta obra, anunciamos uma parte suplementar. Ela deveria se compor de todas as perguntas que não encontraram ali lugar, onde as circunstâncias ulteriores e novos estudos deveriam dar nascimento; mas como são todas elas relativas, há algumas das partes já tratadas e das quais são o desenvolvimento, sua publicação isolada não apresentaria nenhuma continuidade. Preferimos esperar a reimpressão do livro para fundir todo o conjunto, e nisto aproveitamos para dar, na distribuição das matérias, uma ordem muito mais metódica, ao mesmo tempo que podamos tudo o que tinha duplo emprego. Esta reimpressão pode, pois, ser considerada como uma obra nova, embora os princípios não hajam sofrido nenhuma mudança, com um número muito pequeno de exceções, que são antes complementos e esclarecimentos que verdadeiras modificações. Esta conformidade nos princípios emitidos, apesar da diversidade das fontes onde os haurimos, é um fato importante para o estabelecimento da ciência espírita. Nossa correspondência nos prova mesmo que comunicações em todos os pontos idênticas, se não pela forma ao menos pelo fundo, foram obtidas em diferentes localidades, e isso bem antes da publicação do nosso livro, que veio confirmá-las e dar-lhes um corpo regular. A história, de seu lado, atesta que a maioria destes princípios foram professados por homens eminentes de tempos antigos e modernos, e vem trazer-lhe sua sanção.

Aos leitores da *Revista* - Cartas não assinadas

Revista Espírita, março de 1860

Recebemos, algumas vezes, cartas trazendo por única subscrição: *um de vossos assinantes, um de vossos leitores, um de vossos adeptos.* etc., sem outra designação. Essa cartas contêm, na maioria, relatos de fatos, de comunicações espíritas, ou de questões às quais nos pedem responder, ou ainda o pedido de evocar certas pessoas. Cremos dever prevenir nossos leitores, assinantes ou não, de que toda carta não autêntica, é para nós não advinda e não temos por ela nenhuma consideração. Nos nossos comentários usamos de uma grande reserva, quanto à publicação de nomes próprios, porque compreendemos a necessidade de certas posições, e é por isso que não nomeamos senão aqueles que para isso nos autorizam; mas não poderia ser o mesmo com respeito as comunicações que nos fazem: tudo o que não estiver assinado é colocado no lixo, sem mesmo ser lido, porque os nossos trabalhos são múltiplos demais para podermos ocupar-nos daquilo que não tem um caráter sério.

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Terceiro Ano – 1860

Abril

- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [Considerações sobre o objetivo e o caráter da Sociedade](#)
- [Formação da Terra - Teoria da incrustação planetária](#)
- [Cartas do doutor Mortiéry sobre a Srta. Desirée Godu](#)
- Variedades
 - [O Fabricante de São Petersburgo](#)
 - [Aparição tangível](#)
- Ditados Espontâneos
 - [O Anjo das Crianças](#)
 - [Conselhos](#)
 - [A ostentação](#)
 - [Amor e Liberdade](#)
 - [A imortalidade](#)
 - [Parábola](#)
 - [O Espiritismo](#)
 - [Filosofia](#)
 - [Comunicações lidas na Sociedade](#)
 - [A Consciência](#)
 - [A Morada dos Eleitos](#)
 - [O Espírito e o julgamento](#)
 - [O Incrédulo](#)
 - [O Sobrenatural](#)

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, abril de 1860

Sexta-feira, 24 de fevereiro de 1860. (Sessão geral.)

Comunicações diversas. 1ª Carta de Dieppe que confirma, em lodosos pontos, os fatos de manifestações espontâneas, que ocorreram na casa de um padeiro da vila de Grandes-Ventes, perto de Dieppe, e narradas por *la Vigie*. (Publicado no número de março.)

2ª Carta do senhor M..., de Teil d'Ardèche, que dá novas informações sobre os fatos passados no castelo de Fons, perto de Aubenas.

3ª Carta do senhor barão Tscherkassoff, que dá detalhes circunstanciais e autênticos, sobre um fato muito extraordinário de manifestações espontâneas por um Espírito perturbador, acontecido no começo deste século, na casa de um fabricante de São Petersburgo. (Publicada adiante.)

4ª Narração de um fato de aparição tangível, tendo todas as características de um agêner, acontecido em 15 de janeiro último, no município de Brix, perto de Valognes. Esse fato foi transmitido ao senhor Ledoyen por uma pessoa do seu conhecimento e que lhe certificou a exatidão. (Publicada adiante.)

5ª Leitura de uma tradição muçulmana, sobre o profeta Esdras, extraída do *Monitor*, de 15 de fevereiro de 1860, e que repousa sobre um fato de faculdade medianímica.

Estudos. 1^{fi} Ditado espontâneo de Charlei, obtido pelo senhor Didier filho, e dando seqüência ao trabalho começado.

2ª Evocação do senhor Jules-LouisC..., morto em 30 de janeiro último, no hospital Val-de-Grâce, em consequência de um câncer que lhe destruíra parte da face e do maxilar. Essa evocação foi feita segundo o desejo de um de seus amigos presente à sessão, e de uma pessoa de sua família; ela é, sobretudo, instrutiva do ponto de vista de modificação das idéias depois da morte, em virtude de que, quando vivo, o senhor C... professava com ardor o materialismo.

3º São Luís foi instado a dizer se poderia chamar o Espírito que se manifestou na casa do padeiro de Dieppe. Ela respondeu que isso não era possível, por razões que seriam conhecidas mais tarde.

Sexta-feira, 2 de março de 1860. (Sessão particular.)

Exame e discussão de várias questões administrativas.

Estudo e apreciação de várias comunicações Espíritas obtidas quer na Sociedade, quer fora de suas sessões.

São Luís, instado a consentirem dar um ditado espontâneo, escreveu o que se segue, por intermédio da senhorita Huet: "Eis-me, meus amigos, pronto para vos dar os meus conselhos, como o tenho feito até hoje. Desconfiai dos maus Espíritos que poderiam se insinuar entre vós, e procurar semear a desunião. Infelizmente, aqueles que querem se tornar úteis a uma obra, encontram sempre obstáculos; aqui não está a pessoa generosa que os encontra, mas o encarregado de executar os desejos que ela manifeste. Não vos amedronteis; triunfareis de todos os obstáculos pela paciência, um cuidado firme contra as vontades que querem impor. Quanto às diversas comunicações que se me atribuem, freqüentemente, é um outro Espírito que toma o meu nome; eu me comunico pouco fora da Sociedade, que tomei sob meu patrocínio; gosto desses lugares de reunião que me são principalmente consagrados; é só aqui que gosto de dar os meus avisos e conselhos; desconfiai também de Espíritos que, freqüentemente, se servem de meu nome. Que a paz e a união estejam entre vós! Em nome de Deus todo-poderoso que criou o bem, eu o desejo.

SÃO LUÍS.

Um membro fez este apontamento; Como um Espírito inferior pode usurpar o nome de um Espírito superior sem o consentimento deste último? Não pode ser senão com má intenção, e, então, porque os bons Espíritos o permitem? Se a isso não podem se opor, são, pois, menos poderosos que os maus?

A isso ele respondeu: Há alguma coisa mais poderosa do que os bons Espíritos: é Deus. Deus pode permitir aos maus Espíritos se manifestarem para ajudá-los a se melhorarem e, por outro lado, para provar a nossa paciência, a nossa fé, a nossa confiança, a nossa firmeza em resistir à tentação, e, sobretudo, para exercitar a nossa perspicácia em distinguir o verdadeiro do falso. Depende de nós afastá-los, por nossa vontade, em lhes provando que não somos seus patetas; se tomam império sobre nós, não é senão pela nossa fraqueza; é o orgulho, o ciúme, e todas as más paixões dos homens que fazem sua força e se lhes expõe. Sabemos, por experiência, que cessam suas obsessões quando vêem que não conseguem nos cansar; cabe a nós, pois, mostrar-lhes que perdem seu tempo. Se Deus quer nos provar, não está no poder de nenhum Espírito a isso se opor. A obsessão dos Espíritos enganadores ou malevolentes, pois, não é o resultado nem de seu poder, nem da fraqueza dos bons, mas de uma vontade que lhes é superior a todos; quanto mais a luta for grande, mais mérito teremos saindo dela vencedores.

Sexta-feira, 9 de março de 1860 (Sessão particular.)

Leitura do projeto de modificações a serem introduzidas no regulamento da Sociedade.

A esse respeito, o senhor Allan Kardec apresentou as observações seguintes:

Considerações sobre o objetivo e o caráter da Sociedade.

"Senhores,

"Algumas pessoas parecem estar equivocadas sobre o verdadeiro objetivo e sobre o caráter da Sociedade; permiti-me lembrá-los em poucas palavras.

"O objetivo da Sociedade está nitidamente definido em seu título e no preâmbulo do regulamento atual; este objetivo é essencialmente, e pode-se dizer exclusivamente, o estudo da ciência Espírita; o que queremos, antes de tudo, não é convencer-nos, pois já o somos, mas instruir-nos e aprendermos o que não sabemos. Queremos, para esse fim, colocar-nos nas condições mais favoráveis; exigindo, esses estudos, a calma e o recolhimento, queremos evitar tudo o que seria uma causa de perturbação. Tal é a consideração que deve prevalecer na apreciação das medidas que adotaremos.

"Partindo desse princípio, a Sociedade não se coloca, de modo algum, como uma Sociedade de propaganda. Sem dúvida, cada um de nós deseja a difusão de idéias que crê justas e úteis; contribui no círculo de suas relações e na medida de suas forças, mas seria falso crer que, para isso, seja necessário estar reunido em sociedade, e mais falso ainda crer que a Sociedade seja uma coluna sem a qual o Espiritismo estaria em perigo. Estando regularmente constituída, nossa Sociedade, por isso mesmo, procede com mais ordem e método do que se caminhasse ao acaso; mas, à parte isso, ela não é mais preponderante que as milhares de sociedades livres ou reuniões particulares, que existem na França e no exterior. O que ela quer, ainda uma vez, é instruir-se; eis porque não admite, em seu seio, senão pessoas sérias e animadas pelo mesmo desejo, porque o antagonismo de princípios é uma causa de perturbação; eu falo de um antagonismo sistemático sobre as bases fundamentais, porque ela não poderia, sem se contradizer, afastar a discussão sobre os fatos do detalhe. Se adotou certos princípios gerais, não o foi por um estreito espírito de exclusivismo; ela viu tudo, estudou tudo, comparou tudo, e só foi depois disso que se formou uma opinião, baseada na experiência e no raciocínio; só o futuro pode encarregar-se de dar-lhe erro ou razão; mas, à espera disso, não procura nenhuma supremacia e não há senão aqueles que não a conhecem que podem supor-lhe a ridícula pretensão de absorver todos os partidários do Espiritismo ou de colocar-se como reguladora universal. Se ela não existisse, cada um de nós se instruiria de seu lado, e, em lugar de uma única reunião, formaríamos talvez dez ou vinte, eis toda a diferença. Não impomos as nossas idéias a ninguém; aqueles que as adotam é porque as acham justas; aqueles que vêm a nós é porque pensam e acham ocasião para aprenderem, mas não o é como *filiação*, porque não formamos nem *seita*, nem *partido*; estamos reunidos para o estudo do Espiritismo, como outros para o estudo da frenologia, da história ou de outras ciências; e como as nossas reuniões não repousam em nenhum interesse material, pouco nos importaria que se formassem outras ao nosso lado. Isso seria, em verdade, supor-nos idéias bem mesquinhas, bem estreitas, bem pueris, crer que as veríamos com olhos de ciúme, e aqueles que pensassem criássemos *rivalidades* mostrariam, por isso mesmo, o quão pouco compreendem o verdadeiro espírito da Doutrina; não nos lamentamos senão de uma coisa, de que nos conheçam tão mal para nos crerem acessíveis ao ignóbil sentimento do ciúme. Que empresas mercenárias rivais, que podem se prejudicar com a concorrência, se olhem com mau olhar, isso se concebe; mas se essas reuniões não têm, como isso deve ser, em vista senão um interesse moral, se com ele não misturam nenhuma consideração *mercantil*, eu o pergunto, em que podem elas se prejudicarem pela multiplicidade? Dir-se-á, sem dúvida, que se não há interesse material, há o do amor-próprio, o desejo de destruir o crédito moral do vizinho; mas esse móvel seria mais ignóbil ainda; se assim o fora, que a Deus não praza, não haveria senão que lamentar aqueles que estivessem movidos por semelhantes pensamentos. Quer preponderar mais que o vizinho? Que se trate de fazer melhor do que ele; aí está uma luta nobre e digna, se ela não for deslustrada pela inveja e pelo ciúme.

"Eis, pois, Senhores, um ponto que é essencial não perder de vista, é que não formamos nem seita, nem uma sociedade de propaganda, nem uma corporação tendo um interessa comum;

que, se deixássemos de existir, com isso o Espiritismo não sofreria nenhum prejuízo, e que de nossos restos vinte outras sociedades se formariam; portanto, aqueles que procurassem destruir-nos com o objetivo de entravar o progresso das idéias Espíritas com isso não ganhariam nada; porque é necessário que eles saibam bem que as raízes do Espiritismo não estão na nossa sociedade, mas no mundo inteiro. Há alguma coisa mais poderosa que eles, mais influente que toda a sociedade, é a doutrina que vai ao coração e à razão daqueles que a compreendem; e, sobretudo, daqueles que a praticam.

"Esses princípios, Senhores, nos indicam o verdadeiro caráter do nosso regulamento, que nada tem de comum com os estatutos de uma corporação; nenhum contrato nos liga uns aos outros; fora das nossas sessões não temos outra obrigação, a respeito de uns e de outros, que nos comportar como pessoas bem elevadas. Aqueles que não encontrarem, nessas reuniões, o que esperavam aí encontrar, têm toda a liberdade de se retirarem, e eu não conceberia mesmo que ali permanecessem, desde do momento de que o que se aí fizesse não lhes conviria. Não seria racional que perdessem seu tempo.

"Em toda reunião, é necessária uma regra para mantê-la em boa ordem: nosso regulamento não é, pois, propriamente falando, senão uma senha destinada a estabelecer o policiamento de nossas sessões, a manter, entre as pessoas que assistem a elas, as relações de urbanidade e de conveniência que deve presidir a todas as assembléias de pessoas que sabem viver, abstração feita das condições inerentes à especialidade dos nossos trabalhos; porque temos relações, não somente com os homens, mas com os Espíritos que, como o sabeis, não são todos bons, e contra a patifaria daqueles com os quais é preciso pôr-se em guarda. Entre eles, há os muito astuciosos, que podem mesmo, por ódio ou pelo bem, nos impelir para um caminho perigoso; cabe a nós sermos bastante prudentes e perspicazes para frustrá-los, e é isso que nos obriga tomar precauções particulares.

"Lembra-vos, Senhores, a maneira pela qual a sociedade foi formada. Eu recebia, em minha casa, algumas pessoas em comissão; crescendo seu número, foi dito: é necessário um local maior; para ter esse local, é necessário pagá-lo, portanto, é necessário cotizar-se. Foi dito ainda: é necessária a ordem nas sessões; não se pode admitir ali qualquer um, portanto, é necessário um regulamento: eis toda a história da Sociedade; ela é muito simples, como vedes. Não entrou no pensamento de ninguém fundar uma instituição, nem ocupar-se do que quer que seja fora dos estudos, e eu declaro, mesmo de um modo muito formal, que se a Sociedade quisesse ir além desse objetivo, eu não a seguiria.

"O que fiz, outros são mestres em fazê-lo de sua parte, ocupando à sua vontade e segundo seus gostos, suas idéias, seus objetivos particulares, e esses diferentes grupos podem perfeitamente entender-se e viverem como bons vizinhos. A menos de tomar um lugar público por lugar de reunião, como é materialmente impossível reunir, num mesmo local, todos os partidários do Espiritismo, esses diferentes grupos devem ser frações de um grande todo, mas não seitas rivais; e o mesmo grupo, tornando-se muito numeroso, pode subdividir-se como os enxames de abelhas. Esses grupos já existem em grande número, e se multiplicam todos os dias; ora, é precisamente contra essa multiplicidade que a má vontade dos inimigos do Espiritismo virá se quebrar, porque os entraves teriam, por efeito inevitável e pela própria força das coisas, multiplicar as reuniões particulares.

"Há, é necessário nisso convir, entre certos grupos, uma espécie de rivalidade, ou antes, de antagonismo; qual é a sua causa? Pois bem! Meu Deus! Essa causa está na fraqueza humana, no espírito de orgulho que quer impor-se; está sobretudo no conhecimento ainda incompleto dos verdadeiros princípios do Espiritismo. Cada um defende os seus Espíritos como outrora as cidades da Grécia defendiam seus deuses, que, diga-se de passagem, não

eram senão os Espíritos mais ou menos bons. Essas dissidências não existem senão porque há pessoas que querem julgar antes de terem visto tudo, e que julgam sob o ponto de vista de sua personalidade; elas se apagarão, como já muitos se eclipsaram, à medida que a ciência se formular; porque, em definitivo, a verdade é una, e ela sairá do exame imparcial das diferentes opiniões. Esperando que a luz se faça sobre todos esses pontos, quem será o juiz? A razão, dir-se-á; mas quando duas pessoas se contradizem, cada uma invoca a sua razão; que razão superior decidirá entre essas duas razões?

"Sem nos deter na forma mais ou menos imponente da linguagem, forma que os Espíritos impostores e os pseudo-sábios sabem muito bem tomar para seduzirem, pelas aparências, partimos desse princípio que os bons Espíritos não podem aconselhar senão o bem, a união, a concórdia; que sua linguagem é sempre simples, modesta, cheia de benevolência, isenta de acrimônia, de arrogância e de fatuidade, em uma palavra, que tudo neles respira a caridade mais pura. A caridade, eis o verdadeiro critério para julgar os Espíritos, e para julgar-se a si mesmo. Quem, sondando o foro interior de sua confiança, aí encontre um germe de rancor contra o seu próximo, mesmo um simples desejo de mal, pode-se dizer, com segurança, que está solicitado por um mau Espírito, porque esquece estas palavras do Cristo; Sereis perdoado como vós mesmos houverdes perdoado. Portanto, se há rivalidade entre dois grupos Espíritas, os Espíritos verdadeiramente bons não poderiam estar do lado daquele que lançasse anátema ao outro; porque jamais um homem sensato poderá crer que o ciúme, o rancor, a malevolência, em uma palavra, todo sentimento contrário à caridade possa emanar de uma fonte pura. Procurai, pois, de qual lado há mais caridade, *prática* e não em palavras, e reconheceréis, sem dificuldade, de que lado estão os melhores Espíritos e, por conseguinte, aqueles nos quais há mais razão para se esperar a verdade.

"Essas considerações, Senhores, longe de nos afastarem de nosso assunto, nos colocam sobre o nosso verdadeiro terreno. O regulamento, encarado deste ponto de vista, perde completamente seu caráter de contrato, para revestir o bem mais modesto, de um simples regulamento disciplinar.

"Todas as reuniões, qualquer que seja o objeto, têm que se premunirem contra um escolho, o dos caracteres trapalhões que parecem nascidos para semear a perturbação e a cizânia por onde se encontrem; a desordem e a contradição são os seus elementos. As reuniões Espíritas têm, mais do que as outras, que temê-los, porque as melhores comunicações não se obtêm senão numa calma e num recolhimento incompatíveis com a sua presença e com os Espíritos simpáticos que eles trazem.

"Em resumo, o que devemos procurar, é evitar todas as causas de perturbação e de interrupção; de manter, entre nós, as boas relações, as quais os Espíritas sinceros devem, mais que outros, dar o exemplo; de nos opor, por todos os meios possíveis, a que a Sociedade se desvie de seu objetivo, que aborde questões que não são de sua alçada, e que degenerem em arena de controvérsias e de personalismos. O que devemos procurar, ainda, é a possibilidade da execução simplificando, o mais possível, os órgãos. Mais esses órgãos sejam complicados, haverá mais causas de perturbação; o relaxamento se introduzirá pela força das coisas, e do relaxamento à anarquia não há senão um passo."

Sexta-feira, 16 de março de 1860. (Sessão particular.)

Discussão e adoção do regulamento modificado.

Sexta feira, 23 de março. (Sessão particular.)

Nomeação da secretaria e da comissão.

Estudos. - Dois ditados espontâneos foram obtidos, o primeiro do Espírito de Charlet, pelo senhor Didier filho, o segundo pela senhora de Boyer, de um Espírito que diz ser forçado a vir acusar-se por ter querido romper a boa harmonia e lançar a perturbação entre os homens, suscitando o ciúme e a rivalidade entre aqueles que deveriam estar unidos; citou alguns dos fatos dos quais se tornou culpado. Essa confissão espontânea, diz-se, faz parte da Punição que lhe foi imposta.

Formação da Terra - Teoria da incrustação planetária

Revista Espírita, abril de 1860

Nosso sábio confrade, o senhor Jobard, de Bruxelas, escreveu-nos o que se segue, a propósito do nosso artigo sobre os Pré-adamitas, publicado na *Revista* do mês último:

"Permiti-me algumas reflexões sobre a criação do mundo, com o objetivo de reabilitar a Bíblia aos vossos olhos e aos olhos dos livres pensadores. Deus criou o mundo em seis dias, 4000 anos antes da era cristã; eis o que os geólogos contestam pelo estudo dos fósseis e dos milhares de caracteres incontestáveis de longa idade que fazem remontar a origem da Terra, a milhares de milhões de anos, e todavia as Escrituras disseram a verdade, e os geólogos também, e é um simples camponês que os põe de acordo ensinando-nos que nossa Terra não é senão um planeta *incrustativo* muito moderno, composto de materiais muito velhos.

"Depois da retirada do *planeta desconhecido*, chegada à maturidade onde, em harmonia com aquele que existia no lugar que ocupamos hoje, a alma da Terra recebeu a ordem de reunir seus satélites para formar nosso globo atual, segundo as regras do progresso em tudo e por tudo. Quatro desses astros somente, consentiram na associação que lhes era proposta; só a Lua persistia em sua autonomia, porque os globos têm também o seu livre arbítrio. Para proceder a essa fusão, a alma da Terra dirigiu para os satélites um raio magnético atrativo que cataleptizou todo o mobiliário vegetal, animal e hominal que eles carregavam para a comunidade. A operação não teve por testemunhas senão a alma da Terra e os grandes mensageiros celestes que a ajudaram nessa grande obra, abrindo seus globos para colocar suas entranhas em comum. Operada a soldadura, as águas escorreram nos vazios deixados pela ausência da Lua, a qual tinha direito de esperar uma melhor apreciação de seus interesses.

"As atmosferas se confundiram, e o despertar, ou a *ressurreição dos germens cataleptizados* começou; o homem foi tirado, em último lugar, do seu estado de hipnotismo, e se viu cercado da vegetação luxuriante do paraíso terrestre e de animais que pastavam em paz ao seu redor. Tudo isso, nisso convireis, poderia fazer-se em seis dias com trabalhadores tão poderosos como aqueles que Deus havia encarregado dessa tarefa. O planeta *Ásia* trouxe-nos a raça amarela, a mais antiga civilizada, o *África*, a raça negra, o *Europa*, a raça branca e o *América*, a raça vermelha. Sem dúvida, a Lua nos trouxe a raça verde ou azul.

"Assim, certos animais dos quais não se encontram senão os restos, jamais teriam vivido na nossa Terra atual, mas foram transportados de outros mundos deslocados pela velhice. Os fósseis que se encontram nos climas onde não poderiam existir neste mundo, sem dúvida, viviam em zonas diferentes nos globos onde nasceram. Tais restos se encontram nos nossos pólos, que viviam no Equador deles. E depois, essas enormes massas das quais não podemos imaginar a possibilidade de existência no ar, viviam no fundo dos mares, sob a pressão de um meio que lhes tornava a locomoção fácil. Os futuros levantamento dos mares nos trouxeram muitos outros restos, muitos outros germens, que se despertaram da longa letargia para nos mostrarem espécies desconhecidas de plantas, de animais e de autóctones, contemporâneos do dilúvio, e estareis muito espantado por descobrir no meio do vasto Oceano ilhas novas povoadas de plantas e animais que não podem vir de nenhuma parte,

nem pelo transporte dos ventos, nem pelo das ondas.

"Nossa ciência, que acha a Bíblia em falta, acabará por restituir-lhe a estima, como foi forçada a fazê-lo com respeito à rotação da Terra, porque não é falta da Bíblia, é falta daqueles que não a compreendem. Eis uma prova disso:

"Josué deteve o Sol dizendo-lhe: *Sta, sol!* Ora, desde esse tempo, ele está parado, porque não encontrais em nenhuma parte que se lhe ordenasse andar de novo, e se, desde vencidos os Amalecitas a noite sucede, ainda, ao dia, é bem preciso que a Terra gire. Portanto, não é Galileu, mas os inquisidores que merecem ser censurados por não terem tomado a Bíblia ao pé da letra.

"Negou-se também a existência do licorne bíblico, e acabam de matar dois nas montanhas do Tibet. Negou-se a aparição do espectro de Saul, e, obrigado, Deus! Sois capaz de convencer os negadores. Recordemos sempre esta advertência das Escrituras: *Noli esse incredulu sicut equus et mulus, quibus non est intellectus.*

"Saudações cordiais e respeitosas ao autor da Etnografia do mundo Espírita.

JOBARD."

A teoria da formação da Terra pela incrustação de vários corpos planetários já foi dada em diversas épocas, por certos Espíritos, e por intermédio de médiuns estranhos uns aos outros. Não nos fazemos o apóstolo desta doutrina, que confessamos não ter ainda estudado suficientemente para nos pronunciar, mas reconhecemos que ela merece um sério exame. As reflexões que nos sugerem não são, pois, senão no estado de hipótese, até que dados mais positivos venham confirmá-las ou desmenti-las; enquanto se espera, é um ponto de partida que pode colocar no caminho de uma grande descoberta e guiar nas pesquisas e talvez um dia os sábios aí encontrarão a solução de mais de um problema.

Mas, dirão certos críticos, não tende, pois, confiança nos Espíritos, uma vez que duvidais de suas afirmações? Como inteligências libertas da matéria não podem levantar todas as dúvidas da ciência, lançar luz onde reina a obscuridade?

Esta uma questão muito grave, que se prende à própria base do Espiritismo, e que não poderíamos resolver neste momento, sem repetir o já dissemos a esse respeito; não diremos, senão algumas palavras para justificar as nossas reservas. Responder-lhes-emos, de início, que se tornaria sábio a bom preço se não se tratasse senão de interrogar os Espíritos para conhecer-se tudo o que se ignora. Deus quer que adquiramos a ciência pelo trabalho, e não encarregou os Espíritos de nos trazer tudo pronto para favorecer a nossa preguiça. Em segundo lugar, a Humanidade, como os indivíduos, tem sua infância, sua adolescência, sua juventude e sua virilidade. Os Espíritos, encarregados por Deus de instruírem os homens, devem, pois, proporcionar seu ensinamento para o desenvolvimento da inteligência; nunca dirão tudo a todo mundo, e esperam, antes de semear, que a Terra esteja pronta para receber a semente, para fazê-la frutificar. Eis porque certas verdades, que nos são ensinadas hoje não o foram aos nossos pais que, eles também, interrogavam os Espíritos; eis porque, verdades pelas quais não estamos maduros, não serão ensinadas senão àqueles que virão depois de nós. Nosso erro é crer-nos chegados ao topo da escala, ao passo que não estamos ainda senão na metade do caminho.

Dizemos de passagem que os Espíritos têm duas maneiras para instruírem os homens;

podem fazê-lo, seja comunicando-se diretamente com eles, o que fizeram em todos os tempos assim como o provam todas às histórias sagradas e profanas, seja encarnando-se entre eles para aí cumprir missões de progresso. Tais são esses homens de bem e de gênio que aparecem, de tempos em tempos, como luz para a Humanidade e lhe fazem dar alguns passos à frente. Vede o que ocorre quando esses mesmos homens vêm antes do tempo propício para as idéias que devem propagar: são desconhecidos quando vivos, mas o seu ensinamento não se perde; depositado nos arquivos do mundo, como um grão precioso colocado em reserva, um belo dia sai do pó, no momento em que pode dar seus frutos.

Desde então, compreende-se que se o tempo requerido para difundir certas idéias não chegou, interrogar-se-ia os Espíritos em vão, eles não podem dizer senão o que lhes é permitido. Mas é uma outra razão que compreendem perfeitamente todos aqueles que têm alguma experiência do mundo Espírita.

Não basta ser Espírito para possuir a ciência universal, de outro modo a morte nos tornaria quase os iguais a Deus. O simples bom senso, de resto, recusa-se a admitir que o Espírito de um selvagem, de um ignorante ou de um mau, desde o momento que esteja livre da matéria, esteja no nível de sábio ou do homem de bem; isso não seria racional. Há, pois, Espíritos avançados, e outros mais ou menos atrasados que devem percorrer mais de uma etapa, passar por numerosos e severos exames, antes de estarem despojados de todas as suas imperfeições. Isso resulta que se encontram, no mundo dos Espíritos, todas as variedades morais e intelectuais que se encontram entre os homens, e muitas outras ainda; ora, a experiência prova que os maus se comunicam tão bem quanto os bons. Aqueles que são francamente maus são facilmente reconhecíveis; mas há também, entre eles, os meio sábios, os falsos sábios, os presunçosos, os sistemáticos e mesmo os hipócritas; aqueles são os mais perigosos porque afetam uma aparência de seriedade, de sabedoria e de ciência, a favor da qual debitam, freqüentemente, no meio de algumas verdades, de algumas boas máximas, as coisas mais absurdas; e para melhor enganarem, não temem em se ornarem com os nomes mais respeitáveis. Distinguir o verdadeiro do falso, descobrir a fraude escondida sob uma parada de grandes palavras, desmascarar os impostores, eis aí, sem contradita, uma das maiores dificuldades da ciência Espírita. Para superá-la é preciso uma longa experiência, conhecer todas as *astúcias* das quais são capazes os Espíritos de baixo estágio, ter muita prudência, ver as coisas com o mais imperturbável sangue frio, e se guardar, sobretudo, contra o entusiasmo que cega. Com habilidade e um pouco de tato chega-se facilmente a ver a ponta da orelha, mesmo sob a ênfase da mais pretensiosa linguagem. Mas infeliz o médium que se crê infalível, que se ilude sobre as comunicações que recebe: o Espírito que o domina pode fasciná-lo ao ponto de fazê-lo achar sublime o que, freqüentemente, é simples absurdo e salta aos olhos de todos quanto dele mesmo.

Voltemos ao nosso assunto. A teoria da formação da Terra por incrustação não é a única que foi dada pelos Espíritos. Na qual crer? Isso nos prova que fora da moral, que não pode haver duas interpretações, não é necessário aceitar as teorias científicas dos Espíritos senão com a maior reserva, porque, ainda uma vez, eles não estão encarregados de nos trazer a ciência toda pronta; que estão longe de tudo saberem, sobretudo no que concerne ao princípio das coisas; que é necessário, enfim, desconfiar das idéias sistemáticas que alguns, dentre eles, procuram fazer prevalecer, e às quais não têm escrúpulo de darem uma origem divina. Examinando-se essas comunicações com sangue frio, sobretudo *sem prevenção*, pesando-se madura mente todas as palavras, descubrem-se facilmente os traços de uma origem suspeita, incompatível com o caráter do Espírito que supostamente fala. Algumas vezes, são heresias científicas de tal modo patentes que seria preciso ser cego, ou bem ignorante, para não percebê-las, ora, como supor que um Espírito superior cometa semelhantes absurdos? Outras vezes são expressões triviais, de formas ridículas, pueris, e mil outros sinais que traem a inferioridade para quem não esteja vacinado. Que homem de bom senso poderia crer

que uma doutrina que contradissesse os dados mais positivos da ciência pudesse emanar de um Espírito sábio, e ainda mesmo que ele trouxesse o nome de Arago? Como crer na bondade de um Espírito que desse conselhos contrários à caridade e à benevolência, ainda que fossem assinados com o nome de um apóstolo da beneficência? Dizemos mais, que há profanação em misturar nomes veneráveis às comunicações que trazem traços evidentes de inferioridade. Quanto mais os nomes sejam elevados, mais é necessário acolhê-los com circunspeção, e temer ser o juguete de uma mistificação. Em resumo, o grande critério do ensinamento dado pelos Espíritos é a lógica. Deus deu-nos o juízo e a razão para deles nos servirmos; os bons Espíritos no-lo recomendam, e nisso dão uma prova de sua superioridade; os outros disso se guardam muito bem: querem ser acreditados sob palavra, pois bem sabem que têm tudo a perder com o exame.

Temos, pois, como se vê, muitos motivos para não aceitarmos, levemente, todas as teorias dadas pelos Espíritos. Quando uma nos surge, nos limitamos ao papel de observador; fazemos abstração de sua origem espírita, sem nos deslumbrarmos pela imponência de nomes pomposos; nós a examinamos como se ela emanasse de um simples mortal, e vemos se é racional, se dá conta de tudo, se resolve todas as dificuldades. Foi assim que procedemos com a doutrina da reencarnação que não adotamos, embora vinda dos Espíritos, senão depois de reconhecer que só ela, mas só *ela*, podia resolver o que nenhuma filosofia ainda não resolvera, e isso abstração feita das provas materiais que dela são dadas, cada dia, a nós e a muitos outros. Pouco nos importa, pois, os contraditores, fossem eles mesmo Espíritos; desde que ela é lógica, conforme a justiça de Deus; que eles não podem substituí-la por algo mais satisfatório, não nos inquietamos mais com eles do que com aqueles que afirmam que a Terra não gira ao redor do Sol. - porque há Espíritos dessa força e que se dão por sábios - ou que pretendem que o homem tenha vindo inteiramente formado de um outro mundo, carregado nas costas de um elefante alado.

Nisso não estamos, falta muito, no mesmo ponto com respeito à formação e, sobretudo, o povoamento da Terra; foi por isso que dissemos, em começando, que para nós a questão não estava suficientemente elucidada. Considerada do ponto de vista puramente científico, dissemos somente que, à primeira vista, a teoria da incrustação não nos parecia despida de fundamentos, e sem nos pronunciarmos nem pró nem contra, dissemos que nela encontramos material para exame. Com efeito, estudando-se os caracteres fisiológicos das diferentes raças humanas, não é possível atribuir-lhes uma estirpe comum, porque a raça negra não é um abastardamento da raça branca. Ora, adotando-se a letra do texto bíblico, que faz proceder todos os homens da família de Noé, 2400 anos antes da era cristã, seria necessário admitir não apenas que, em alguns séculos, só essa família teria povoado a Ásia, a Europa e a África, mas que se transformara em Negros. Sabemos muito bem que influência o clima e os hábitos podem exercer sobre a economia; um sol ardente avermelha a epiderme e amarela a pele, mas não se viu em nenhuma parte mesmo sobre o mais intenso ardor tropical, famílias brancas procriarem negros sem cruzamentos de raças. Portanto, para nós, é evidente que as raças primitivas da Terra provêm de estirpes diferentes. Qual é o seu princípio? Aí está a questão, e até provas certas não é permitido fazer, a esse respeito, conjecturas; aos sábios, pois, cabe ver aqueles que concordam melhor com os fatos constatados pela ciência.

Sem examinar como pôde fazer-se a junção e a soldadura de vários corpos planetários para deles formar o nosso globo atual, devemos reconhecer que a coisa não é impossível, e desde então se explicaria a presença simultânea de raças heterogêneas tão diferentes em costumes e linguagens, das quais cada globo teria trazido os germens ou os embriões; e, quem sabe mesmo, talvez indivíduos todos formados? Nessa hipótese a raça branca proveria de um mundo mais avançado do que aquele que houvesse trazido a raça negra. Em todos os casos, a junção não poderia se operar sem um cataclismo geral, o qual não deixaria subsistir alguns

indivíduos. Assim, segundo essa teoria, nosso globo seria, ao mesmo tempo, muito antigo pelas suas partes constituintes, e muito novo pela sua aglomeração. Esse sistema, como se vê, não contradiz em nada os períodos geológicos que remontariam, assim, a uma época indeterminada e anterior à junção. Qualquer que ele seja, e o que diga dele o senhor Jobard, se as coisas se passaram assim, parece difícil que um tal acontecimento tenha se cumprido, e sobretudo que o equilíbrio, de semelhante caos, pudesse se estabelecer em seis dias de 24 horas. Os movimentos da matéria inerte estão submetidos a leis eternas que não podem ser derogadas senão por milagres.

Resta-nos explicar o que se deve entender por alma da terra, porque não pode entrar no pensamento de ninguém atribuir uma vontade à matéria. Os Espíritos sempre disseram que certos dentre eles têm atribuições especiais; agentes e ministros de Deus, dirigem, segundo o grau de sua elevação, os fatos de ordem física, assim como aqueles de ordem moral. Do mesmo modo que alguns velam sobre os indivíduos, dos quais se constituem os gênios familiares ou protetores, outros tomam sob sua proteção as reuniões de indivíduos, os grupos, as cidades, os povos e mesmo os mundos. A alma da Terra deve, pois, ser entendida como Espíritos chamados, por sua missão, para dirigi-la e para fazê-la progredir, tendo sob suas ordens as inumeráveis legiões de Espíritos encarregados de velar pelo cumprimento dos seus desígnios. O Espírito diretor de um mundo, necessariamente, deve ser de uma ordem muito superior e tanto mais elevada quanto o próprio mundo seja mais avançado.

Se insistimos sobre vários pontos que puderam parecer estranhos ao nosso assunto, foi precisamente porque se trata de uma questão científica eminentemente controvertida. Importa que seja bem constatado por aqueles que julgam as coisas sem conhecê-las, que o Espiritismo está longe de ter por artigo de fé tudo o que vem do mundo invisível, e que assim não se apoia, como pretendem, sobre uma crença cega, mas sobre a razão. Se todos os seus partidários não guardam a mesma circunspeção, isso não é por falta da ciência, mas daqueles que não se dão ao trabalho de aprofundá-la; ora, não seria mais lógico julgá-la sobre o exagero de alguns, como não o seria condenar a religião sobre a opinião de alguns fanáticos.

Cartas do doutor Mortiéry sobre a Srta. Desirée Godu

Revista Espírita, abril de 1860

Falamos da notável faculdade da senhorita Desirée Godu, como médium curadora, e podemos citar os atestado autênticos que temos sob os olhos; mas eis um testemunho do qual ninguém pode contestar a alta importância; não é mais um desses certificados que, freqüentemente se entrega com um pouco de leviandade, é o resultado de observações sérias de urrt homem de saber, eminentemente competente para apreciar as coisas sob o duplo ponto de vista da ciência e do Espiritismo. O senhor doutor Morhéry nos dirigiu as duas cartas seguintes, que nossos leitores nos agradecerão por reproduzi-las.

"Plessis-Boudet, près Loudèac (Côtes-du-Nord).

"Senhor Allan Kardec,

"Se bem que esmagado de ocupações neste momento, como membro correspondente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, creio dever vos informar de um acontecimento inesperado para mim e que, sem dúvida, interessa a todos os nossos colegas.

"Falastes com elogio, nos últimos números de vossa Revista, da senhorita Desirée Godu, de Hennebon. Dissestes que após ter sido médium vidente, médium audiente e médium escrevente, essa senhorita tornou-se, desde alguns anos, médium curadora. Foi nessa última qualidade que ela se dirigiu a mim, e reclamou-me o concurso, como doutor em medicina, para provar a eficácia de sua medicação, que se poderia chamar, eu creio, *Espírita*. De início, pensei que as ameaças que lhe eram feitas e os obstáculos que colocavam à sua prática médica, sem diploma, era a única causa da sua diligência; mas ela disse-me que o Espírito que a dirige, há seis anos, aconselhou como necessária, do ponto de vista da Doutrina Espírita. Qualquer que o seja, acreditei que era meu dever, e do interesse da Humanidade, aceitar a sua generosa proposição, mas duvido que ela se realizasse. Sem conhecê-la, nem tê-la visto jamais, soube que essa jovem e piedosa pessoa não quis separar-se de sua família senão numa circunstância excepcional e ainda para cumprir uma missão, não menos importante, com a idade de 17 anos. Portanto, fiquei bem agradavelmente surpreso em vê-la chegar a minha casa, conduzida por sua mãe, que ela deixou, no dia seguinte, com um profundo desgosto; mas esse desgosto estava temperado pela coragem da resignação. Há dez dias, a senhorita Godu está no meio de minha família, à qual constitui uma alegria, apesar de sua ocupação enervante.

"Desde a sua chegada, já consignara 75 casos de observações de moléstias diversas e contra as quais, na maioria, os recursos da medicina fracassaram. Temos casos de amauroses, de oftalmias graves, de paralisias antigas e rebeldes a todo tratamento, escrofulosos, herpéticos, cataratas e cânceres no último período; todos esses casos são numerados, a natureza da doença é constatada por mim, os curativos são mencionados, e tudo é levado em conta como numa sala de clínica destinada às observações.

Ainda não há bastante tempo para que possa pronunciar-me, de maneira peremptória, sobre

as curas operadas por medicação da senhorita Godu; mas, desde hoje, posso manifestar minha surpresa pelos resultados revulsivos que ela obtém pela aplicação de seus unguentos, cujos efeitos variam ao infinito, por uma causa que eu não saberia me explicar com as regras comuns da ciência. Vi também, com prazer, que ela cortava as febres sem nenhuma preparação de quinino ou de seus extratos, e pela simples infusão de flores ou de folhas de diversas plantas.

"Sigo, sobretudo, com vivo interesse, o tratamento de um câncer no terceiro período. Esse câncer, que foi constatado e tratado, sem sucesso como sempre, por vários de meus confrades, é o objeto da maior preocupação da senhorita Godu. Não foi nem uma, nem duas vezes que ela o tratou, mas bem todas as horas. Desejo muito vivamente que seus esforços sejam coroados de sucesso, e que ela cure esse indigente, que trata com zelo acima de todo elogio. Se ela triunfar sobre aquele, naturalmente, pode se esperar que triunfará sobre outros, e neste caso prestará um imenso serviço à Humanidade, curando esta horrível e atroz moléstia.

Sei que alguns confrades maldizentes poderão rir das esperanças com as quais me embalo; mas que me importa se essa esperança se realizar! Já me censuraram por prestar, assim, meu concurso a uma pessoa, da qual ninguém contesta a intenção, mas da qual a maioria lhe nega à aptidão para curar, uma vez que essa aptidão não lhe foi dada pela Faculdade.

"A isso responderei: não foi a Faculdade que descobriu a vacina, mas simples padres; não foi a Faculdade que descobriu as cascas de árvores do Peru, mas os indígenas desse país. A Faculdade constata os fatos; agrupa-os e classifica-os para formar com eles a preciosa base do ensinamento, mas ela não os produz exclusivamente. Alguns tolos (infelizmente são encontrados aqui como em toda parte) crêem se darem do espírito qualificando a senhorita Godu de feiticeira. Seguramente, é uma amável e bem útil feiticeira, porque ela não inspira nenhum medo da feitiçaria, nem nenhum desejo de consagrá-la à fogueira.

"A outros, que pretendem ser ela um instrumento do demônio, responderei, muito sem cerimônia; se o demônio vem à Terra para curar os incuráveis, abandonados e indigentes, seria necessário concluir que o demônio, enfim, se converteu e tem direito aos nossos agradecimentos; ora, duvido muito que, entre aqueles que têm essa linguagem, não haja muitos que não preferem ainda curar por suas mãos a morrer pelas de um médico. Tomemos, portanto, o bem de onde ele venha, e, a menos de prova autêntica, não lhe atribuamos o mérito ao diabo. É mais moral e mais racional atribuir o bem a Deus e agradecê-lo por ele, e sob esse aspecto penso que meu conselho será partilhado por vós e por todos os meus colegas.

"De resto, que isso se torne ou não uma realidade, resultará sempre alguma coisa para a ciência. Eu não sou homem para deixar, no esquecimento, certos meios empregados que hoje negligenciamos muito. A medicina, diz-se, fez imensos progressos; sim, sem dúvida, para a ciência, mas não tanto para a arte de curar. Muito aprendemos e muito olvidamos; o Espírito humano é como o Oceano: não pode tudo abarcar quando invade uma praia, deixa uma outra. Retornarei a este assunto e vos mantereí ao corrente desta curiosa experimentação. Dou-lhe a maior importância; se ela triunfar, isso será manifestação brilhante contra a qual será impossível lutar porque nada detém aqueles que sofrem e querem se curar. Estou decidido a tudo afrontar nesse objetivo, mesmo ao ridículo que se teme tanto na França.

"Aproveito a ocasião para vos dirigir minha tese inaugural. Se consentirdes tomar o trabalho de lê-la, compreenderéis facilmente o quanto estou disposto a admitir o Espiritismo. Essa

tese foi sustentada quando a medicina estava caída no mais profundo materialismo. Era um protesto contra essa corrente que nos arrastou à medicina orgânica e à farmacologia mineral, das quais se fez tão grande abuso. Quantas saúdes arruinadas pelo uso dessas substâncias minerais que, em caso de fracasso, aumentam o mal, e, em casos de sucesso, freqüentemente, deixam muitos traços na nossa organização!

Aceitai, etc.

MORHÉRY."

"Senhor,

"20 de março de 1860.

"Na minha última carta vos anunciei que a senhorita Desirée Godu consentira vir exercer, sob meus olhos, sua faculdade curativa; hoje venho vos dar algumas novidades.

"Desde 25 de fevereiro, comecei minhas observações sobre um grande número de doentes, quase todos indigentes, e na impossibilidade de se tratarem convenientemente. Alguns têm doenças pouco importantes; mas a maioria está atacada de afecções que têm resistido aos meios curativos ordinários. Enumerei, desde 25 de fevereiro, 152 casos de doentes muito variados. Infelizmente, em nosso país, sobretudo os doentes indigentes, seguem seu capricho e não têm a paciência de se resignarem a um tratamento continuado e metódico; desde que experimentam melhora, se crêem curados e não fazem mais nada; é um fato que, freqüentemente, tenho constatado na minha clientela, e que necessariamente, deveria se representar com a senhorita Godu.

Como vos disse, eu não quero nada prejudicar, nada afirmar, a menos de resultados constatados pela experiência; mais tarde farei o escrutínio das minhas observações, e constatarei as mais notáveis; mas, desde hoje, posso vos exprimir a minha admiração por certas curas obtidas fora dos nossos meios ordinários.

"Vi curar, sem quinino, três febres intermitentes rebeldes, das quais uma resistira a todos os meios que eu empregara.

"A senhorita Godu curou, igualmente, três panarizes e duas inflamações subaponeuróticas da mão em muito poucos dias; com isso fiquei verdadeiramente surpreso.

"Pude constatar também a cura, ainda não radical, mas bem avançada de um dos nossos mais inteligentes lavradores, Pierre Lê Boudec, de Saint-Hervé, atacado de surdez há dezoito anos; ele ficou mais maravilhado que eu quando, depois de três dias de tratamento, pôde ouvir o canto dos pássaros e a voz de seus filhos. Vi-o esta manhã, tudo faz esperar uma cura radical dentro em pouco. "Entre nossos doentes, aquele que atrai mais a minha atenção, neste momento, é o de nome Bigot, trabalhador do campo em Saint-Caradec, atingido há dois anos e meio de um câncer no lábio inferior. Esse câncer chegou ao último período; o lábio inferior estava em parte comido, as gengivas, as glândulas sublinguais e submaxilares estão cancerosas; o osso maxilar inferior participa, ele mesmo, da doença. Quando se apresentou em minha casa, seu estado era desesperador; suas dores eram atrozes; não dormia há seis meses; toda operação era impraticável, o mal estando muito avançado; toda a cura me parecia impossível, eu o declarei muito francamente à senhorita Godu, a fim de premuni-la contra um fracasso inevitável. Minha opinião não mudou com respeito ao

prognóstico; não podia crer na cura de um câncer tão avançado; entretanto, devo declarar que, desde o primeiro curativo, o doente sentiu alívio, e que desde esse dia, 25 de fevereiro, ele dorme bem e pode alimentar-se; a confiança voltou-lhe; a chaga mudou de aspecto de maneira visível, e se isso continua, serei, apesar de minha opinião tão formal, obrigado a esperar uma cura. Se ela realizar, isso será o maior fenômeno curativo que se possa constatar; é necessário esperar e ter paciência com o doente. A senhorita Godu tem-lhe um cuidado todo particular; por vezes lhe tem feito curativos todas as meias horas; esse indigente é o seu favorito.

"Por outro lado, nada a vos dizer. Poderia vos edificar sobre os mexericos, sobre as bisbilhotices, as alusões à feitiçaria; mas como a insensatez é inerente à Humanidade, não me preocupo em nada com o cuidado de curá-la.

"Aceitai, etc.

MORHÉRY."

Nota. Como se pôde disso convencer, pelas duas cartas acima, o senhor Morhéry não se deixa deslumbrar pelo entusiasmo; ele observa as coisas friamente, como homem esclarecido que não se ilude; faz com uma inteira boa fé, pondo de lado o amor-próprio do doutor, não temendo a confessar que a natureza pode abster-se dele, inspirando a uma jovem, sem instrução, meios para curar que não encontrou nos ensinamentos da Faculdade, nem no seu próprio cérebro, e com isso não se crê de nenhum modo humilhado. Seus conhecimentos em Espiritismo mostram-lhe que a coisa é possível, sem que haja para isso derrogação das leis da Natureza; ele a compreende, desde que esta faculdade notável é, para ele, um simples fenômeno mais desenvolvido na senhorita Godu que em outros. Pode-se dizer que essa jovem é para a arte de curar o que Jeanne d'Arc o era para a arte militar. O senhor Morhéry, esclarecido sobre os dois pontos essenciais: o Espiritismo como fonte, e a medicina comum como controle, pondo de lado todo o amor-próprio e todo sentimento pessoal, está na melhor posição para fazer um julgamento imparcial, e felicitamos a senhorita Godu pela resolução que tomou de se colocar sob seu patrocínio. Nossos leitores nos serão agradecidos, sem dúvida, por tê-los ao corrente das observações que serão feitas ulteriormente.

Variedades

Revista Espírita, abril de 1860

O Fabricante de São Petersburgo

O fato seguinte, de manifestação espontânea, foi transmitido ao nosso colega, senhor Kratzoff, de São Petersburgo, pelo seu compatriota, o barão Gabriel Tscherkassoff, que mora em Cannes (Var), e que lhe certifica a autenticidade. Parece, de resto, que o fato é muito conhecido, e fez muita sensação na época em que se produziu.

"No começo deste século, havia em São Petersburgo um rico artesão que ocupava um grande número de obreiros em sua oficina; seu nome me escapa, mas creio que era um Inglês. Homem probo, humano e organizado, não se ocupava tão-somente com a boa execução de seus produtos, mas, muito mais ainda, com o bem-estar físico e moral de seus operários, que ofereciam, por conseguinte, o exemplo da boa conduta e de uma concórdia quase fraternal. Segundo o costume observado na Rússia até nossos dias, eram isentados do alojamento e da alimentação por seus patrões, e ocupavam os andares superiores e os sótãos da sua mesma casa. Uma manhã, vários dos operários, em despertando, não encontraram mais suas roupas que haviam colocado ao lado deles ao se deitarem. Não se poderia supor um roubo; questionou-se, mas inutilmente, e os mais maliciosos supuseram querer pregar uma peça aos seus camaradas; enfim, à força de procuras, encontraram todos os objetos desaparecidos no celeiro, nas chaminés, e até sob os telhados. O patrão fez repreensões gerais, uma vez que ninguém se confessava culpado; ao contrário, cada um protestava por sua inocência.

"Depois de algum tempo disso, a mesma coisa se repetiu; novas advertências, novos protestos. Pouco a pouco isso começou a se repetir todas as noites, e o patrão com isso concebeu vivas inquietações, porque, além de seu trabalho sofrer muito com isso, via-se ameaçado por uma emigração de todos os seus operários, que tinham medo de permanecer na casa onde se passavam, diziam eles, coisas sobrenaturais. Segundo o conselho do patrão, foi organizado um serviço noturno, escolhido pelos próprios operários, para surpreender o culpado; mas nada adiantou, pelo contrário, as coisas foram piorando. Os operários, para chegarem aos seus quartos, deviam subir escadas que não eram iluminadas; ora, aconteceu, a vários deles, receberem golpes e sopros; mas quando procuravam se defender, não atingiam senão o espaço, ao passo que a força dos golpes fazia-lhes supor que estavam em relação com um ser sólido. Esta vez, o patrão aconselhou-os se dividirem em dois grupos; um deveria permanecer no alto da escada, o outro chegar de lá de baixo; dessa maneira, o mau engraçado não poderia deixar de ser preso e receber a correção que merecia. Mas a providência do patrão caiu ainda em falta, os dois golpes foram dados com todo exagero, e cada um acusou o outro. As recriminações tornaram-se sangrantes, e a desinteligência entre os operários atingira seu cúmulo, e o pobre patrão pensava já em fechar suas oficinas ou mudar de lugar.

"Uma noite, estava sentado, triste e pensativo, cercado de sua família; todo o mundo estava mergulhado no abatimento, quando, de repente, um grande ruído se fez ouvir no quarto ao lado que lhe servia de escritório de trabalho. Ergueu-se precipitadamente, e foi reconhecer a causa desse ruído. A primeira coisa que viu, abrindo a porta, foi sua escrivaninha aberta e o castiçal aceso; ora, há poucos instantes fechara a mesa e apagara a luz. Aproximando-se, distinguiu sobre a escrivaninha um tinteiro de vidro e uma caneta que não lhe pertenciam, e

uma folha de papel na qual estavam escritas estas palavras, que não tiveram; ainda, tempo para secarem; "Faça demolir a parede em tal lugar (era na escada); ali encontrarás ossadas humanas que farás enterrar em terra santa." O patrão pegou o papel e correu para informá-lo a polícia.

"No dia seguinte, portanto, puseram-se a procurar de onde provinham o tinteiro e a caneta. Sendo mostrado aos habitantes da mesma casa, chegou-se a um vendedor de legumes e de mercadorias coloniais que tem a sua loja no térreo, e que reconheceu, um e outro, por seus. Interrogado sobre a pessoa a quem os havia dado, respondeu: "Ontem à noite, tendo já fechado a porta de minha loja, ouvi uma pequena pancada no postigo da janela; eu a abri, e um homem cujo traços me foi impossível distinguir, disse-me: Dá-me, eu te peço, um tinteiro e uma caneta e eu te pagarei. Passando-lhe esses dois objetos, lançou-me uma grossa moeda de cobre, que ouvi cair no assoalho, mas que não pude encontrar.

"Fez-se demolir a parede no lugar indicado, e ali encontraram ossaturas humanas, que foram enterradas, e tudo entrou em ordem. Não se pôde jamais saber a quem pertencia essas ossadas."

Fatos desta natureza deveram se produzir em todas as épocas, e se vê que não são de nenhum modo provocados pelos conhecimentos Espíritas. Concebe-se que, nos séculos recuados, ou entre os povos ignorantes, tenham podido ocorrer todas as espécies de suposições supersticiosas.

Aparição tangível.

No dia 14 de janeiro último, o senhor Lecomte, agricultor na comuna de Brix, arredores de Valognes, foi visitado por um indivíduo que se disse ser um de seus antigos camaradas, com o qual trabalhara no porto de Cherbourg. cuja morte remonta há dois anos e meio. Essa aparição tinha por fim pedir a Lecomte que lhe fizesse dizer uma missa. No dia 15, a aparição se reproduziu; Lecomte, menos amedrontado, reconheceu efetivamente seu antigo companheiro; mas, perturbado ainda, não soube o que responder; o mesmo ocorreu nos dias 17 e 18 de janeiro. Não foi senão no dia 19 que Lecomte lhe disse: uma vez que desejas uma missa, onde queres que ela seja dita, e a ela assistirás? - Eu desejo, respondeu o Espírito, que a missa seja dita na capela de Saint-Sauveur, em oito dias, e ali me encontrarei. Ele acrescentou: há muito tempo que não te via e estava distante para vir te encontrar. Dito isso, deixou-o, *apertando-lhe a mão.*

O senhor Lecomte não faltou com a sua promessa; no dia 27 de janeiro, a missa foi dita em Saint-Sauveur, e ele viu seu antigo camarada ajoelhado nos degraus do altar, junto ao padre oficiante; mas nenhum outro que ele o percebeu, se bem que perguntara ao padre e aos assistentes se não o viam.

Desde esse dia, o senhor Lecomte não foi mais visitado, e retomou sua tranqüilidade habitual.

Nota. Segundo esse relato, cuja autenticidade está garantida por uma pessoa digna de fé, não se trata de uma simples visão, mas de uma aparição tangível, uma vez que o defunto amigo do senhor Lecomte apertou-lhe a mão. A isso os incrédulos chamarão uma alucinação; mas até o presente, esperamos ainda de sua parte uma explicação clara, lógica e verdadeiramente científica dos estranhos fenômenos que eles designam com esse nome, que nos parece antes um fim de não receber senão uma solução.

Ditados Espontâneos

Revista Espírita, abril de 1860

O Anjo das Crianças.

(Sociedade, Médiun Senhora de Boyer.)

Chamo-me Micaël; sou um desses Espíritos prepostos para a guarda das crianças. Que doce missão! E que felicidade dá ela à alma! A guarda das crianças, direis? Mas não têm seus anjos prepostos para essa guarda? E por que é necessário ainda um Espírito encarregado de se ocupar delas? Mas não pensais naqueles que não têm mais essa boa mãe? Não os há, ah! muitíssimos destes? E a mãe, ela mesma, algumas vezes não tem necessidade de ajuda? Quem a desperta no meio do seu primeiro sono? Quem fala pressentir o perigo, inventar o alívio, quando o mal é grave? Nós, sempre nós; nós, que desviamos a criança da margem na qual se precipita estouvadamente, que afastamos dela os animais nocivos, que desviamos o fogo que se poderia misturar aos seus louros cabelos. Nossa missão é doce! Somos nós ainda que lhe inspiramos a compaixão pelo pobre, a doçura, a bondade; nenhum dos mais maus mesmo poderia nos evitar; há sempre um instante em que seu pequeno coração nos está aberto. Mais de um, entre vós, se espantará dessa missão; mas não dizeis freqüentemente: há um Deus para as crianças? Sobretudo para as crianças pobres? Não, não há um Deus, mas anjos, amigos. E como poderíeis explicar, de outro modo, os salvamentos miraculosos? Há ainda muitas outras forças das quais não supondes mesmo a existência; há o Espírito das flores, o dos perfumes, os há aos milhares, cujas missões, mais ou menos elevadas, vos pareceriam deliciosas, invejáveis segundo a vossa dura vida de provas; eu os convidarei a vir ao vosso meio. Eu estou neste momento recompensado de uma vida toda devotada às crianças. Casada jovem com um homem que as tinha muitas, não tive a felicidade de tê-las por mim mesmo; toda devotada a eles, Deus, o bom e soberano senhor, concedeu-me ser ainda o guardião das crianças. Doce e santa missão! Eu o repito, e cuja onipotência mães aqui presentes não poderiam negar. Adeus, vou em apoio aos meus pequenos protegidos; a hora do sono é a minha hora, e é necessário que eu visite todas essas bonitas pálpebras fechadas. O bom anjo que vela sobre elas, sabe-o, não é uma alegoria, mas bem uma verdade.

Conselhos.

(Sociedade, 25 de novembro de 1859. Méd. Sr. Roze.)

Outrora vos teriam crucificado, queimado, torturado; o cadafalso está tombado; a fogueira está extinta; os instrumentos de tortura estão quebrados; a arma terrível do ridículo, tão poderosa contra a mentira, se enfraquecerá contra a verdade; seus mais terríveis inimigos estão encerrados num círculo intransponível. Com efeito, negar a realidade das manifestações seria negar a revelação que é a base de todas as religiões; atribuí-las ao demônio é pretender que o Espírito do mal venha vos confirmar, desenvolver o Evangelho, exortar-vos ao bem, à prática de todas as virtudes, é simples e felizmente provar que ele não existe. Todo reino dividido contra si mesmo perecerá. Restam os maus Espíritos. Jamais uma boa árvore produzirá maus frutos; jamais uma má árvore produzirá bons frutos. Não tendes,

pois, nada melhor a fazer que responder-lhes como respondeu o Cristo aos seus predecessores quando, contra ele, formularam as mesmas acusações, e, como ele, pedir a Deus para perdoá-los, porque não sabem o que fazem.

O ESPÍRITO DA VERDADE.

(Outra, ditada ao Sr. Roze e lida na Sociedade.)

A França carrega o estandarte do progresso e deve guiar as outras nações; os acontecimentos passados e contemporâneos o provam. Postes escolhidos para vos tornardes o espelho que deve receber e refletir a luz divina, que deve esclarecer a Terra, até então mergulhada na ignorância e na mentira. Mas se não estiverdes animado pelo amor ao próximo e por um desinteresse sem limites, se o desejo de conhecer e propagar a verdade, da qual deveis abrir os caminhos para a posteridade não for o único móvel que guia os vossos trabalhos; se o mais leve preconceito de orgulho, de egoísmo e de interesse material encontra um lugar em vossos corações, não nos serviremos de vós senão como o artesão que emprega provisoriamente uma ferramenta defeituosa; viremos a vós até que tenhamos encontrado ou provocado um centro mais rico que vós em virtudes, mais simpático à falange de Espíritos que Deus enviou para revelar a verdade aos homens de BOA vontade. Pensai seriamente nisso; descei em vossos corações, sondai-lhe as dobras mais ocultas, e enxotai dele, com energia, as más paixões que nos distanciam, senão retirai-vos antes de comprometer os trabalhos de vossos irmãos com a vossa presença, ou a dos Espíritos que traríeis convosco.

O ESPÍRITO DE VERDADE.

A ostentação.

(Sociedade, 16 de dezembro de 1860 Méd. Srta. Huet)

Em uma bela noite de primavera, um homem rico e generoso estava sentado em seu salão; aspirava com alegria o perfume das flores de seu jardim. Enumerava com complacência todas as boas obras que fizera durante o ano. Com essa lembrança, não pôde esquivar-se de lançar um olhar, quase desdenhoso, sobre a casa de um dos seus vizinhos, o qual não pudera dar senão módica peça de moeda para a construção da igreja paroquial. De minha parte, disse, dei mais de mil escudos para essa obra pia; lancei negligentemente uma cédula de 500 francos na bolsa que me estendia essa jovem duquesa em favor dos pobres; dei muito para as festas de beneficência, para toda espécie de loteria, e creio quê Deus me será grato de tanto bem que fiz. Ah! Esquecia-me de uma leve esmola que fiz ultimamente a uma infeliz viúva, carregada de numerosa família, e que cria ainda um órfão; mas o que lhe dei é tão pouca coisa que, certamente, por isso, o céu não se me abrirá.

Tu te enganas, respondeu-lhe de repente uma voz que lhe fez girar a cabeça: é a única que Deus aceita, eis sua prova. No mesmo instante, uma mão apagou o papel que ele havia enegrecido com todas as suas boas obras, e não deixando senão a última inscrita, ela o levou ao céu.

Não é, pois, a esmola feita com ostentação que é a melhor, mas aquela que é feita com toda a humildade do coração.

Amor e Liberdade.

(Sociedade, 27 de janeiro de 1860. Méd. Sr. Roze.)

Deus é amor e liberdade; é pelo amor e pela liberdade que o Espírito se aproxima dele. Pelo amor ele se cria, em cada existência, novas relações que se aproximam da unidade; pela liberdade escolhe o bem que o aproxima de Deus. Sede ardentes em propagar a nova fé; que o santo ardor que vos anima jamais vos faça atingir a liberdade de outrem. Evitai, por uma insistência muito grande junto da incredulidade orgulhosa e temível, de exacerbar uma resistência meio vencida e quase a se render. O reino do constrangimento e da opressão acabou; o da razão, da liberdade e do amor fraterno começa. Não será mais pelo medo e a força que os poderosos da Terra adquirirão o direito de dirigir os interesses morais, espirituais e físicos dos povos, mas pelo amor e a liberdade.

ABEILLARD.

A imortalidade.

(Sociedade, 8 de fevereiro de 1860. Méd. Srta. Huet.)

Como um homem, e um homem inteligente, pode não crer na imortalidade da alma, e, por conseqüência, numa vida futura que não é senão o Espiritismo? Em que se tornaria esse amor imenso que a mãe dirige ao seu filho, esses cuidados com os quais o cerca em sua jovem idade, essa solicitude esclarecida que o pai dirige à educação desse ser bem-amado? Tudo isso seria, pois, aniquilado no momento da morte ou da separação? Portanto, seríamos semelhantes aos animais, cujo instinto é admirável, sem dúvida, mas que não cuidam de sua progênie com ternura senão até o momento que ela cessa de ter necessidade dos cuidados materiais? Chegando esse momento, os pais abandonam seus filhos, tudo está acabado: o corpo está criado, a alma não existe; mas o homem não teria uma alma, uma alma imortal! E o gênio sublime, que não se pode compará-lo senão a Deus, tanto que dele emana, esse gênio que cria prodígios, que cria obras-primas, tudo isso se aniquilaria com a morte do homem! Profanação! Não podem se aniquilar assim as partes que vêm de Deus. Um Rafael, um Newton, um Michelângelo, e tantos outros gênios sublimes, abraçam ainda o Universo com seu Espírito, embora seus corpos não mais existam; nisso não vos enganeis; eles vivem e viverão eternamente. Quanto a se comunicarem convosco, isto é mais fácil de ser admitido pela generalidade dos homens; não é senão pelo estudo e a observação que podem adquirir a certeza de que isso é possível.

FÉNELON

Parábola.

(Sociedade, 9 de dezembro de 1859 Méd Sr Roze.)

Um velho navio, em sua última travessia, foi atacado por uma tempestade terrível. Levava, além de grande quantidade de passageiros, uma multidão de mercadorias estrangeiras ao

seu destino, que a avareza e a cupidez de seus patrões havia acumulado. - O perigo era iminente; a maior desordem reinava a bordo; os chefes recusavam lançar sua carga ao mar; suas ordens eram desconhecidas; perderam a confiança da tripulação e dos passageiros. Era necessário pensar em abandonar o navio; colocaram-se três embarcações no mar; na primeira e a maior, se precipitaram estouvadamente os mais impacientes, e os mais inexperientes, que se apressaram em dar força aos remos até a luz que perceberam na costa, ao longe. Caíram nas mãos de uma horda de provocadores de naufrágios, que os despojaram dos objetos preciosos que juntaram às pressas, e os maltratou sem piedade.

Os segundos, mais clarividentes, souberam distinguir um farol redentor no meio das luzes enganosas que se acendiam no horizonte, e, confiantes, abandonaram seu barco ao capricho das ondas; foram se quebrar nos recifes, bem ao pé do farol que não escapara de seus olhos, e foram tanto mais sensíveis à sua ruína e à perda de seus bens quanto entreviram a salvação.

Os terceiros, pouco numerosos, mais sábios e prudentes, guiaram com cuidado seu frágil barquinho no meio dos escolhos e abordaram, corpos e bens, sem outro mal que a fadiga da viagem.

Não vos contenteis, pois, em vos colocar em guarda contra os fogos dos provocadores de naufrágios, contra os maus Espíritos; mas sabei também evitar a falta dos viajores indolentes que perderam seus bens e foram naufragar no porto. Sabei guiar vosso barco no meio dos escolhos das paixões, e abordareis felizes o porto da vida eterna, ricos de virtudes que adquiristes em vossas viagens.

SÃO VICENTE DE PAULO.

O Espiritismo.

(Sociedade, 8 de fevereiro de 1860 Méd Sra. M)

O Espiritismo está chamado a esclarecer o mundo, mas lhe é necessário um certo tempo para progredir. Ele existiu desde a criação, mas não foi conhecido senão por poucas pessoas, porque a massa, em geral, pouco se ocupa em meditar sobre as questões Espíritas. Hoje, com a ajuda desta pura doutrina, far-se-á uma luz nova. Deus, que não quer deixar a criatura na ignorância, permite aos Espíritos elevados virem em nossa ajuda, para contrabalançar o Espírito das trevas que tende a envolver o mundo; o orgulho humano obscurece o julgamento, e faz cometer muitas faltas neste mundo; são necessários Espíritos simples e dóceis para comunicar a luz e atenuar todos os nossos males. Coragem! Persisti nesta obra, que é agradável a Deus, porque ela é útil para sua maior glória, e dela resultarão grandes bens para a salvação das almas.

FRANÇOIS DE SALES

Filosofia.

(Sociedade, 3 de fevereiro de 1860. Méd Sr. Colin)

Escrevei estas coisas: O homem! Que é ele! De onde sai! para onde vai! - Deus! A Natureza!

A criação! O mundo! Sua eternidade no passado, no futuro! Limite da Natureza, relações do ser infinito com o ser particular? Passagem do infinito ao finito? - Perguntas que deve ter feito o homem, criança ainda, quando viu pela primeira vez com sua razão, acima de sua cabeça, a marcha misteriosa dos astros; sob seus pés a Terra, alternativamente revestida com roupa de festa sob o lépido hálito da primavera, ou coberta com um manto de tristeza sob o sopro gelado do inverno; quando se viu ele mesmo, pensando, sentindo, por um instante, lançado, nesse imenso turbilhão vital, entre ontem, dia de seu nascimento, e amanhã, dia de sua morte. Perguntas que se colocaram todos os povos, em todas as idades e em todas as suas escolas, e que, entretanto, não permaneceram menos enigmas para as gerações seguintes; perguntas bem dignas, contudo, para cativar o espírito investigador de vosso século e o gênio de vosso país. - Se, pois, houver entre vós um homem, dez homens, tendo consciência da alta gravidade de uma missão apostólica, e vontade de deixarem um sinal de sua passagem aqui para servir de ponto de referência à posteridade, eu lhes direi: por muito tempo transigistes com os erros e os preconceitos de vosso tempo; para vós, a época das manifestações materiais e físicas passou; o que chamais *evocações experimentais* não pode mais vos ensinar grande coisa, porque, ornais freqüentemente, só a curiosidade está em jogo; mas a era filosófica da doutrina se aproxima. Não fiquéis, pois, por mais tempo agarrados à madeira logo carcomida do pórtico, e penetrai audaciosamente no santuário celeste, tendo orgulhosamente à mão a bandeira da filosofia moderna, sobre a qual escrevereis sem medo: *misticismo, racionalismo*. Fazei ecletismo no ecletismo moderno; fazei-o como os Antigos, apoiando-vos sobre a tradição histórica, mística e legendária, mas tendo cuidado sempre em não sair da *revelação*, luz que nos faltou a todos em recorrendo às luzes dos Espíritos superiores votados missionariamente à marcha do espírito humano. Esses Espíritos, por elevados que sejam, não sabem todas as coisas: só Deus as conhece; além disso, de tudo que sabem, não podem tudo revelar. Onde estaria, em que se tornaria, com efeito, o livre arbítrio do homem, sua responsabilidade, o mérito e o demérito; e, como sanção, o castigo, a recompensa?

Entretanto, posso alinhar o caminho que vos mostro, com alguns princípios fundamentais; escutai, pois, estas coisas:

- 1- A alma tem o poder de se esquivar à matéria;
- 2- De se elevar bem acima da inteligência;
- 3- Esse estado é superior à razão;
- 4- Ele pode colocar o homem em relação com o que escapa às suas faculdades;
- 5- O homem pode provocá-lo pela prece a Deus, por um esforço constante da vontade, reduzindo, por assim dizer, a alma ao estado de *pura essência*, privada de atividade sensível e exterior; pela abstração, em uma palavra, de tudo o que há de diverso, de múltiplo, de indeciso, de turbilhonante, de exterioridade na alma;
- 6- Existe no *eu* concreto e complexo do homem uma força completamente ignorada até aqui: procurai-a, pois.

MOISÉS, PLATÃO, DEPOIS JULIANO.

Comunicações lidas na Sociedade.

(Pelo Sr. Pêcheur.)

Meu amigo, não sabes que todo homem que caminha na rota do progresso, tem sempre contra si a ignorância e a inveja? *A inveja é a poeira que os vossos passos levantam.* Vossas idéias revoltam certos homens, porque não compreendem, ou bem abafam pelo orgulho a voz da consciência que lhes grita: Aquilo que rejeitas, teu juiz o lembrará a ti um dia; é uma mão que Deus te estende para te retirar do lamaçal onde tuas paixões te lançaram. Escuta por um instante a voz da razão; pensa que vives num século de prata, onde o eu domina; que o amor às riquezas vos seca o coração, carrega vossa consciência de muitas faltas, e mesmo de crimes que vos será necessário confessar. Homens sem fé, que vos dizeis hábeis, vossa habilidade vos serve para vos naufragar; nenhuma mão vos será estendida; tostes surdos para a infelicidade dos outros, vós vos engolireis sem que uma lágrima caia sobre vós. Detende-vos! ainda há tempo; que o arrependimento penetre em vossos corações; que ele seja sincero, e Deus vos perdoará. Procurai o infeliz que não ousa se lamentar e a miséria mata lentamente, e o pobre que houverdes aliviado misturará vosso nome em sua prece; bendirá a mão que talvez terá salvado sua filha da fome que mata, e da vergonha que desonra. Infeliz de vós, se fordes surdos a essa voz. Deus vos disse pela boca sagrado do Cristo: Ama a teu irmão

como a ti mesmo. Não vos foi dada a razão para julgardes o bem e o mal? Não vos foi dado um coração para compartilhar os sofrimentos de vossos semelhantes? Não sentis que, em abafando a vossa consciência, abafais a voz do progresso e da caridade? Não sentis que não arrastais mais que um corpo vazio; que nada bate mais em vosso peito, o que torna a vossa marcha incerta? Porque fugistes da luz e os vossos olhos se tornaram de carne; as trevas que vos cercam vos agitam e vos causam medo; procurais, mas muito tarde, sair desse caminho que desaba sob vossos pés: o medo que não podeis definir vos torna supersticiosos; simulais o homem caridoso; esperando resgatar vossa vida egoísta, dais o dinheiro que o medo vos arranca, mas Deus sabe o que vos faz agir: não podeis enganá-lo; vossa vida se apagará sem esperança, e não podereis prolongá-la de um só dia; ela se apagará apesar de vossa riquezas, que vossos filhos cobiçam antecipadamente, porque lhes destes o exemplo; como vós, não têm senão um único amor, o do ouro, único sonho de felicidade para eles; e quando essa hora de justiça soar, vos será necessário comparecer perante o juiz supremo, que tereis desconhecido.

TUA FILHA.

A Consciência.

Cada homem tem em si o que chamais uma voz interior, é o que o Espírito chama a consciência, juiz severo que preside a todas as ações da vossa vida. Quando o homem está só, escuta essa consciência e se pesa em seu justo valor; freqüentemente, tem vergonha de si mesmo. Nesse momento, reconhece Deus, mas a ignorância, fatal conselheira, lhe empurra e coloca-lhe a máscara do orgulho; apresenta-se a vós inchado de seu vazio; procura vos enganar pela altivez que se dá; mas o homem de coração não tem a cabeça arrogante; ele escuta com proveito as palavras do sábio; sente que não é nada e que Deus é tudo. Procura se instruir no livro da Natureza, escrito pelas mãos do Criador; seu Espírito se eleva e arranca de seu envoltório as paixões materiais que, muito freqüentemente, vos perdem. É um guia perigoso, senão uma paixão que vos conduz; guarda isto, amigo: Deixa o cético rir, seu riso se apagará. Em sua hora última, o homem se torna crente. Amigo, pensa sempre em Deus, só ele não engana. Lembra-te de que não há senão um caminho que leva até ele: a fé e o

amor de seus semelhantes.

TUA FILHA

A Morada dos Eleitos.

(Pela sra. Des...)

Teu pensamento ainda está absorvido pelas coisas da Terra; se queres nos ouvir, é necessário esquecê-las. Experimentemos conversar do alto; que teu Espírito se eleve até essas regiões, morada dos eleitos do Senhor. Vê esses mundos que esperam todos os mortais, cujo lugar está marcado segundo o tenham merecido. Quantas felicidades para aquele que se compraz com as coisas santas, com os grandes ensinamentos dados em nome de Deus! Oh! Homens, como sois pequenos, comparados aos Espíritos desligados da matéria, e que planam nos espaços ocupados pela glória do Senhor! Felizes aqueles que são chamados a habitar os mundos onde a matéria não é quase mais que um nome; onde tudo é etéreo e translúcido; *onde não se ouvem mais os passos*. A música celeste é o único ruído que chega aos sentidos tão perfeitos para agarrar os menores sons, desde que se chamem harmonia! Que leveza iguala todos esses seres amados de Deus! Como percorrem, com delícias, esses lugares encantados, tornados seu asilo! Ali, não mais discórdias, não mais ciúme, não mais ódio; o amor tornou-se o laço destinado a unir, entre si, todos os seres criados, e esse amor que enche seus corações não tem por limite senão o próprio Deus, que é o fim, e no qual se resumem; a fé, o amor e a caridade.

UM AMIGO.

(Outra Pela mesma.)

Teu esquecimento me afligia; não me deixes mais tão longo tempo sem chamar-me; sinto-me disposto a conversar contigo e dar-te conselhos. Guarda-te de crer em tudo o que os outros Espíritos poderiam dizer-te: talvez te arrastassem para um mau caminho. Sé prudente com tudo, a fim de que Deus não te tire a missão que te encarregou de cumprir, a saber: de ajudar a levar ao conhecimento dos homens a revelação da existência de Espíritos ao redor deles. Todos não estão no estado de apreciar e compreender a alta importância dessas coisas, cujo conhecimento Deus não permite ainda senão aos eleitos. Um dia virá em que essa ciência, cheia de consolações e de grandeza, será o quinhão da Humanidade inteira, e onde não mais se encontrará um incrédulo. Os homens não poderão compreender, então, que tão palpável verdade pudera ser posta em dúvida um só instante, pelo mais simples dos mortais. Em verdade, eu te o digo, não se passará meio século, antes que os olhos de todos sejam abertos e os ouvidos franqueados a essa grande verdade: que os Espíritos circulam no espaço e ocupam diferentes mundos, segundo seu mérito aos olhos de Deus; que a verdadeira vida está na morte, e que é necessário que o homem seja várias vezes resgatado, antes de obter a vida eterna, à qual todos deverão chegar através de mais ou menos séculos de sofrimentos, segundo foram mais ou menos fiéis à voz do Senhor.

UM AMIGO.

O Espírito e o julgamento.

(Pela Sra Netz.)

A liberdade do homem é toda individual; ele nasceu livre, mas essa liberdade, freqüentemente, faz a sua infelicidade. Liberdade moral, liberdade física, tem tudo reunido, mas, a miúdo, é o discernimento que lhe falta, o que chamais bom senso. Que um homem tenha muito de espírito, e que lhe falte esta última qualidade, é absolutamente como se ele nada tivesse, porque o que faria de seu espírito, se não pode governá-lo, se não tem a inteligência necessária para saber conduzir-se, se crê andar num bom caminho, quando está no lamaçal, se crê ter sempre razão, quando, freqüentemente, está errado? O discernimento pode ter lugar de espírito, mas o espírito jamais substituirá o discernimento. É uma qualidade que é necessário ter, e quando não se a tem, é preciso fazer todos os esforços para adquiri-la.

UM ESPÍRITO FAMILIAR.

O Incrédulo.

(Pela Sra. L...)

Vossa doutrina é bela e santa; a primeira baliza está plantada, e solidamente plantada. Agora não tendes mais que caminhar; o caminho que vos está aberto é grande e majestoso. Feliz será aquele que chegar ao porto; quanto mais houver feito prosélitos, mais isso lhe será contado. Mas, para isso, não é necessário abraçar a doutrina friamente; é preciso nela colocar o ardor, e esse ardor será dobrado, porque Deus está sempre convosco quando fazeis o bem. Todos aqueles que conduzirdes, serão igualmente ovelhas reentradas no aprisco; pobres ovelhas meio extraviadas! Crede bem que o mais cético, o mais ateu, o mais incrédulo, enfim, tem sempre um pequeno canto, no coração, que gostaria de esconder a si mesmo. Pois bem! É esse pequeno canto que é necessário procurar, que é preciso encontrar, é esse canto vulnerável que é necessário atacar; é uma pequena brecha deixada aberta propositadamente por Deus para facilitar, à sua criatura, o meio de reentrar no seu seio.

São Bento.

O Sobrenatural.

(Pelo Sr. Rabache, de Bordeaux.)

Meus filhos, vosso pai fez bem em chamar vossa atenção séria para os fenômenos que se produzem nas sessões que vos ocupam há alguns dias. A julgá-los segundo as instruções de certos Espíritos sectários, ignorantes ou dominadores, esses efeitos são sobrenaturais. Não o crede nada, meus filhos; nada do que ocorre é *sobrenatural*: se o fora, o bom senso vos diz que não ocorreriam senão fora da matéria, e então não os veríeis. Para que vossos olhos ou vossos sentidos percebam uma coisa, é preciso *de toda necessidade* que essa coisa seja *natural*. Com um pouco de reflexão, não há Espírito sério que possa consentir crer em coisas sobrenaturais. Não quero dizer, por aí, que não hajam coisas que pareçam tais à vossa inteligência, mas a sua única razão é que não as compreendeis. Quando algum fato vos pareça sair do que credes natural, guardai-vos dessa preguiça de espírito que vos induzirá a crer que é sobrenatural; procurai compreendê-lo; para isso foi que a inteligência vos foi dada. De que vos serviria ela se devesseis vos contentar em aprender e em crer no que vos ensinaram vossos predecessores? É necessário que cada um coloque a sua inteligência a

serviço do progresso, que é a obra coletiva de todos. Uma vez que sois dotados do pensamento, pensai; uma vez que tendes julgamento, não é por nada, examinai e julgai. Não aceiteis os julgamentos prontos, senão depois de tê-los passado pelo cadinho da vossa razão. Duvidai por muito tempo se não tiverdes a certeza, mas não negueis jamais o que não compreendeis. Examinai, examinai seriamente. Só o preguiçoso, o que não é inteligente, o indiferente, aceitam, como verdadeiro ou falso, tudo o que ouvem afirmar ou negar. Enfim, meus filhos, fazei todos os esforços para vos tornardes seres sérios e úteis, a fim de bem cumprir a missão que vos está confiada. Nunca é demasiado cedo para se ocupar do que é bem e bom; começai, pois, em boa hora, a vos ocupar com as coisas sérias; o tempo de utilidades é sempre muito longo: é perdido para o vosso progresso, que não deveis perder de vista um instante. As coisas da Terra nada são; elas não servem senão à vossa passagem para um outro estado, que será tanto mais perfeito quanto o tiverdes melhor preparado.

Vossa avó.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Terceiro Ano – 1860

Maio

- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [História do Espírito familiar do senhor de Corasse](#)
- [Correspondência](#)
- Conversas familiares de além-túmulo
 - [Jardin](#)
 - [Uma Convulsionária](#)
- Variedades
 - [A Biblioteca de New York](#)
 - [A noiva traída](#)
 - [Superstição](#)
 - [Fato de pneumatografia ou escrita direta](#)
 - [Espiritismo e Espiritualismo](#)
- Ditados espontâneos
 - [As diferentes ordens de Espíritos](#)
 - [Remorsos e arrependimentos](#)
 - [Os Médiuns](#)

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, maio de 1860

Sexta-feira, 30 de março de 1860. (Sessão particular.)

Assuntos administrativos. O senhor Ledoyen, tesoureiro, apresenta a conta da situação financeira da Sociedade para o segundo semestre do ano social, findando em 30 de março de 1860. A conta é aprovada.

Comunicações diversas. 1º O Sr. Chuard, de Lyon, faz doação à Sociedade de duas brochuras contendo uma *Ode sacra sobre a imortalidade da alma*, a outra uma *Sátira sobre as sociedades em comandita*. A Sociedade agradece ao autor, e embora uma, dessas duas brochuras, sobretudo, seja estranha ao objeto de seus trabalhos, serão depositadas na sua biblioteca.

2º Leitura de três cartas, do Sr. Morhéry sobre as curas operadas pela Srta. Godu, médium curadora, que foi morar em sua casa, e se colocou sob o seu patrocínio. O Sr. Morhéry observa, como homem de ciência, os efeitos do tratamento praticado por essa senhorita nos diversos doentes que ela cuida; disso toma nota exata como o faria numa sala de clínica, e foi capaz de constatar, num muito curto espaço de tempo, resultados prodigiosos.

A Sociedade, acrescenta o Sr. Presidente, tem um duplo motivo Para se interessar pela Srta. Godu; além da simpatia que, naturalmente, estimula os exemplos de caridade e de desinteresse, tão raros em nossos dias, do ponto de vista Espírita, essa jovem Pessoa lhe oferece um precioso objeto de estudo, como gozando de faculdade de alguma sorte excepcional. Interessa-se por um médium de efeitos físicos, podendo produzir fenômenos extraordinários; não se poderia ver com mais indiferença aquele cujas faculdades são proveitosas à Humanidade, e que nos revela, por outro lado, uma nova potência da Natureza.

3ª Carta do Sr. conde de R..., membro titular, que partiu para o Brasil, e que se encontra, agora, retido no ancoradouro de Cherbourg, devido ao mau tempo. Pede à Sociedade evocá-lo na presente sessão, se isso se pode.

O Sr. T... observa que, tendo essa mesma pessoa sido evocada duas vezes, uma terceira lhe parece supérflua.

O Sr. Allan Kardec responde que, sendo o estudo o objetivo da Sociedade, o mesmo sujeito pode oferecer informações úteis na terceira vez tão bem quanto na segunda ou na primeira; a experiência, aliás, prova que o Espírito está tanto mais lúcido e explícito quanto se comunica mais freqüentemente e se identifica, de alguma sorte, com o médium que lhe serve de instrumento. Não se trata, aqui, de satisfazer um capricho, nem uma vã curiosidade; a Sociedade, em suas evocações, não procura nem seu agrado nem seu divertimento: ela quer instruir-se; ora, o Sr. de R..., encontrando-se numa situação toda diferente daquela na qual estava quando evocado, pode dar lugar a novas anotações.

São Luís, consultado sobre a oportunidade dessa evocação, respondeu que ela não poderia ter lugar naquele momento.

Estudos. 1° São obtidos dois ditados espontâneos, um de São Luís, pela Srta. Huet, o outro de Charlet, pelo Sr. Didier filho.

2- Perguntas diversas dirigidas a São Luís sobre o Espírito que se comunicou, espontaneamente, na última sessão, sob o nome de *Being*, pela Sra. de Boyer, e que se acusou de procurar semear a perturbação e a discórdia, e se misturou em diversas comunicações. Das respostas obtidas, resultou ensinamento interessante sobre o modo de ação dos Espíritos uns sobre os outros.

3- O Sr. R... propõe a evocação de um de seus amigos, desaparecido desde 1848, o do qual não se têm notícias.

Devido à hora avançada, essa evocação foi adiada para uma próxima sessão.

A Sociedade decide que não se reunirá sexta-feira, 6 de abril. A partir de 20 de abril, as sessões terão lugar no novo local da Sociedade, rua Sainte-Anne n° 50, passagem Sainte-Anne.

Sexta-feira. 13 de abril de 1860 (Sessão particular.)

Assuntos administrativos. Nomeação de quatro novos membros como associados livres.

A Sociedade confirma o título de membro honorário a cinco dos membros precedentemente nomeados.

Comunicações diversas. A Senhora Desl..., membro da Sociedade, tendo viajado a Dieppe, esteve em Grandes-Ventes onde teve, da própria boca do senhor Goubert, a confirmação de todos os fatos que foram relatados no número do mês de março, e com detalhes ainda mais circunstanciais. Ela pôde constatar, pelo exame das localidades, que, sobretudo para certos fatos, a fraude era impossível. Parecia resultar, das informações obtidas, que esses fenômenos tiveram por causa a presença de jovem garçom que o padeiro tinha, há algum tempo, em seu serviço, e que coisas semelhantes ocorreram em outras casas. Sendo esses fenômenos independentes de sua vontade, pode-se classificá-lo na categoria de *médiuns naturels ou involuntários*, para efeitos físicos. Depois, então, deixou a casa do senhor Goubert, e nada se renovou.

Estudos. 1° Ditados espontâneos obtidos por três médiuns.

2° Evocação do doutor Vogel, viajante no interior da África, onde morreu assassinado. Essa evocação não dá os resultados que dela se esperavam. O Espírito se declara ser sofredor e reclama preces para ajudá-lo a sair da perturbação em que ainda está; mais tarde, disse ele, poderá ser mais explícito.

O Sr. Allan Kardec propôs, como objeto de estudo, o exame aprofundado e detalhado de certos ditados, espontâneos ou outros, que se poderiam analisar e comentar, como se faz nas críticas literárias. Esse gênero de estudo, teria a dupla vantagem de exercer a apreciação do

valor das comunicações Espíritas, e, em segundo lugar, e por consequência mesmo dessa apreciação, desencorajar os Espíritos enganadores que, vendo todas as suas palavras criticadas, controladas pela razão, e finalmente rejeitadas desde que tenham um sinal suspeito, acabariam por compreender que perdem seu tempo. Quanto aos Espíritos sérios, poder-se-ia chamá-los para pedir-lhes explicações e desenvolvimentos sobre os pontos de suas comunicações que tivessem necessidade de serem elucidados.

A Sociedade aprovou essa proposição.

Sexta-feira, 20 de abril de 1860 (Sessão particular)

Correspondência. 1ª Carta do Sr. J...de Saint-Etienne, membro titular. Essa carta contém apreciações muito justas sobre o Espiritismo, e prova que o autor o compreende sob seu verdadeiro ponto de vista.

2ª Carta do Sr. L..., trabalhador de Troyes, contendo reflexões sobre a influência moralizadora da Doutrina Espírita sobre as classes laboriosas. Ele convida os adeptos sérios a se ocuparem de propagá-la em suas fileiras, no interesse da ordem, e em vista de despertar, entre elas, os sentimentos religiosos que se extinguem e dão lugar ao ceticismo, que é a praga do nosso século, e a negação de toda responsabilidade moral.

Esses dois senhores já declararam, em outras cartas, não terem jamais visto fato do Espiritismo prático, mas com isso não estão menos firmemente convencidos, unicamente pela importância filosófica da ciência. O Presidente fez notar, a esse respeito, que diariamente tem exemplos semelhantes, não da parte de pessoas que crêem cegamente, mas, ao contrário, da parte daqueles que refletem e se dão ao trabalho de compreender. Para eles, a parte filosófica é a principal, porque ela explica o que nenhuma outra filosofia resolveu; o fato das manifestações é acessório.

3ª Carta do Sr. Dumas, de Sétif (Argélia), membro da Sociedade, que transmite novos detalhes interessantes sobre os resultados dos quais foi testemunha; cita notadamente um jovem médium que apresenta um fenômeno singular, é que entra espontaneamente, e sem estar magnetizado, numa espécie de sonambulismo, cada vez que se quer fazer uma evocação por seu intermédio, e nesse estado ele escreve ou diz verbalmente as respostas às perguntas propostas.

Comunicações diversas. 1ª A Sra. R... (de Jura), membro correspondente da Sociedade, transmite um fato curioso que lhe é pessoal; trata-se de um velho relógio de bolso, ao qual se ligam as lembranças da família, e que parece estar submetido a uma influência singular e inteligente, em certas circunstâncias dadas.

2ª Leitura de uma comunicação obtida em uma outra reunião Espírita, e assinada Jeanne D'Arc. Ela contém excelentes conselhos, dados aos médiuns, sobre as causas que podem anular ou perverter suas faculdades medianímicas (publicada adiante.)

3ª O Sr. Col... começa a leitura de uma evocação de São Lucas, evangelista, que fez particularmente.

O Presidente, percebendo que nessa evocação são tratadas diversas questões de dogmas religiosos, interrompe-lhe a leitura, em virtude do regulamento que proíbe ocupar-se dessa

espécie de matéria.

O Sr. Col... observa que essa comunicação, nada tendo de ortodoxa, não havia pensado que houvesse inconveniente em lê-la.

O Presidente objeta que respostas supõem sempre perguntas; ora, sejam essas respostas ortodoxas ou não, não" dariam menos lugar para supor que a Sociedade se ocupa de coisas que lhe são interditas. Uma outra consideração ver corroborar esses motivos, é que, entre os membros, há àqueles que pertencem a diferentes cultos; o que seria ortodoxo para uns poderia não ser para outros, e é uma razão a mais para abster-se. De resto, o regulamento prescreve o exame antecipado de toda comunicação obtida fora da Sociedade; essa medida deve ser rigorosamente observada.

Estudos. Evocação do Sr. B..., amigo do Sr. Royer, desaparecido de sua casa, desde 25 de junho de 1848. Dá algumas informações sobre sua morte, ocorrida por acidente, quando das perturbações dessa época. O Sr. Royer reconhece sua identidade por sua linguagem, e algumas particularidades íntimas.

Sexta-feira, 27 de abril de 1860. (Sessão geral)

Comunicações diversas. 1^ª Carta do Sr. doutor Morhéry, contendo novos estudos sobre as curas que obteve com o concurso da senhorita Godu. E com a ajuda do que se pode chamar a *medicina intuitiva*, (publicada adiante.)

2^a A propósito da medicina intuitiva, o Sr. C..., um dos ouvintes presentes à sessão, segundo o convite do Presidente, dá informações, do mais alto interesse, sobre o poder curador de que gozam certas castas de negros. O Sr. C..., natural do Indostão, e de origem indiana, foi testemunha ocular de numerosos fatos desse gênero, mas dos quais, nessa época, não se dava conta; hoje, deles encontra a chave no Espiritismo e no magnetismo. Os negros curadores fazem bem uso de certas plantas mas, freqüentemente, se contentam em apalpar o doente, e agem segundo as indicações de vozes ocultas que lhes falam.

3^a Fato curioso de intuição circunstanciada de uma existência anterior. A pessoa em questão, que consigna o fato numa carta a um de seus amigos, e da qual é dada a leitura, diz que desde a sua infância tem uma lembrança precisa de ter perecido durante os massacres da São Bartolomeu, e se lembra mesmo os detalhes de sua morte, as localidades, etc. Essas circunstâncias não permitem ver, nesse pensamento, o resultados de uma imaginação impressionada, porque essa lembrança remonta a uma época na qual não havia nenhuma questão dos Espíritos nem da reencarnação.

4^a O Sr. Georges G..., de Marseille, transmite o fato seguinte: Um jovem morreu há oito meses, e sua família, na qual se encontram três irmãs médiuns, evoca-o quase diariamente, servindo-se de uma cesta. Cada vez que ele é chamado, um pequeno cão que muito amara, salta sobre a mesa e vem cheirar a cesta, gemendo. A Primeira vez que isso aconteceu, a cesta escreveu espontaneamente: Meu bravo cãozinho que me reconhece.

Eu posso, diz o Sr. G..., assegurar-vos da realidade desse fato; eu não o vi, mas as pessoas de quem eu o obtenho, e que, freqüentemente foram testemunhas deles, são muito bons Espíritas e muito sérios para que eu possa pôr em dúvida a sua sinceridade. Eu me pergunto, segundo isso, se o perispírito, mesmo não tangível, tem um aroma qualquer, ou bem se certos animais são dotados de uma espécie de mediunidade.

Um estudo especial far-se-á, ulteriormente sobre esse interessante assunto, sobre o qual outros fatos, não menos curiosos, parecem dever lançar alguma luz.

5ª Constatação de um mau Espírito conduzido a uma reunião particular por um visitante, de onde se pode deduzir a influência que podem exercer, certas pessoas, em dadas circunstâncias.

6ª Leitura de uma evocação, feita em particular pelo Sr. Allan Kardec, de uma das principais convulsionárias de Saint-Médard, falecida em 1830, e em presença de sua própria filha, que pôde constatar a identidade do Espírito evocado. Essa evocação apresenta, sob diferentes aspectos, um alto grau de ensinamento e empresta um interesse particular nas circunstâncias em que foi feita, (publicada adiante.)

Estudos. 1º Ditado espontâneo, obtido por intermédio da senhora P...

2º Evocação de Stevens, companheiro de Georges Brown.

História do Espírito familiar do senhor de Corasse

Revista Espírita, maio de 1860

Devemos à cortesia de um dos nossos assinantes a interessante notícia seguinte, tirada das crônicas de Froissard, e que prova que os Espíritos não são uma descoberta moderna. Pedimos aos nossos leitores a permissão de narrá-la no estilo do tempo (século XVI); ela não poderia senão perder a sua simplicidade se fosse traduzida em linguagem moderna.

A batalha de Juberoth é célebre nas crônicas antigas. Ela se deu durante a guerra que João, rei de Castela, e Diniz, rei de Portugal, se fizeram para sustentar suas respectivas pretensões sobre este último reino. Os Castelhanos e os Bearnases nela foram inteiramente desfeitos. O fato que Froissard narra nessa ocasião é dos mais singulares. Lê-se no capítulo XVI do livro III, de sua crônica, que, no dia seguinte ao combate, o conde de Foix foi informado do que ela resultará, o que a distância dos lugares tornava inconcebível nessa época. Foi um escudeiro do conde de Foix que contou a Froissard o fato do qual se trata:

"Todo o dia de domingo, e o dia de segunda e o de terça-feira seguinte, o conde de Foix, estando em seu castelo, em Ortais, fazia-se tão simples e carrancudo, que não se podia tirar palavra dele: e não quis nunca, nesses três dias, sair de seu quarto, nem falar a cavaleiro, nem a escudeiro (por próximo que lhe fosse) se não o mandasse: e adveio ainda que ele chamou a tal a quem não falou nenhuma palavra todos os três dias. Quando chegou a terça-feira à noite, chamou seu irmão Arnaut-Guillaume, e lhe disse baixinho: Nossa gente teve disputas com as quais estou enfurecido, porque foram atacados em viagem, como lhes disse ao partirem (na partida). Arnaut-Guillaume, que é um homem muito sábio, e cavaleiro prevenido, e que conhece a maneira e condição de seu irmão, calou-se, e o conde, que desejava esclarecer sua coragem, porque por muito tempo tinha suportado seu aborrecimento, repetiu ainda sua palavra, e falou mais alto do que fizera na primeira vez, e disse: Por Deus, senhor Arnaut, foi assim que vos disse e logo teremos novas deles; mas nunca o país de Bearn perdeu tanto, desde cem anos, em um dia, como perdeu esta vez em Portugal. Vários cavaleiros e escudeiros, que estavam ali presentes, e que ouviram e entenderam o conde, não ousaram falar: E lá dentro, dez dias depois, soube-se da verdade, por aqueles que, em trabalho, lá estiveram, e que contaram, primeiramente e em seguida, a todos aqueles que quisessem ouvir, todas as coisas, na forma e maneira como elas ocorreram em Juberoth. Aí renovou a tristeza do conde e daqueles do país, os quais perderam seus irmãos, seus pais, seus filhos e seus amigos.

"Santa Maria, disse eu ao escudeiro que me contava seu conto, e como o pôde o conde de Foix tão cedo saber, não presumir, como do dia o dia de amanhã? Pela minha fé, disse ele, o sente bem, como apareceu. - Portanto, é adivinho, disse eu; ou tem mensageiros que cavalgam com o vento, ou é necessário que tenha alguma arte. - O escudeiro começou a rir, e disse, realmente é necessário que o saiba por alguma via de necromancia. Nada sabemos, verdadeiramente dizendo, neste país, como ele o usa, exceto por imaginação (por suposição). Então, disse eu ao escudeiro, a imaginação que pensais, quereis ma dizer e declarar, e por isso vos seria agradecido; e se essa coisa é para esconder, eu a esconderei bem, nem nunca, tanto que eu seja neste mundo, disso abrirei minha boca. - Isso vos peço, disse o escudeiro, porque não gostaria que soubessem que eu lhe dissera. Então levou-me para um ângulo da

cobertura do castelo de Ortais, e depois começou a contar e disse:

Há bem em torno de vinte anos que reinou neste país um barão, que se chamou, em seu nome, Raymon, senhor de Gorasse. Courasse que vós o ouvis, é uma cidade a sete léguas desta cidade de Orlais. Ó senhor de Gorasse, pelo tempo que vos falo, tinha uma audiência em Avignon, diante do Papa, pelos dízimos da Igreja, em sua cidade, ao encontro de um clérigo de Catalunha, o qual clérigo era grandemente autorizado, e clamava ter grande direito nesses dízimos de Gorasse que bem valiam de retorno cem florins por ano, e o direito que tinha mostrava e provava; porque, por sentença definitiva, o Papa Urbano quinto, em consistório geral, condenou o cavaleiro e julgou para o clérigo. Da última sentença do Papa, levou carta, e cavalgou tanto por seus dias que chegou a Bearn, e mostrou suas bulas e suas cartas, e se fez entrar na posse desse direito ao dízimo. O senhor de Gorasse veio diante dele, e disse ao clérigo: Senhor Pierre, ou Senhor Martin, assim que nome tenha, pensais que, pelas vossas cartas, eu deva perder minha herança? Eu não o sei tão audacioso, para que isso tomeis, nem que leveis a coisa que seja minha, porque se o fizerdes, nisso poreis a vida. Mas ide alhures impetrar benefícios, porque de minha herança nada tereis: e de uma vez por todas, eu vo-lo proíbo. O clérigo duvidou (desconfiou), porque ele era cruel, e não ousou perseverar. Avisou que retornaria para Avignon, como o fez. Mas, quando devia partir, veio em presença do cavaleiro, e senhor de Gorasse, e lhe disse: Pela vossa força, e não direito, impedis os direitos de minha Igreja, da qual, em consciência, procedestes muitíssimo mal. Eu não sou tão forte neste país como o sois, mas sabeí que, o mais cedo que puder, vos enviarei tal campeão que hesitareis (temereis) mais que eu. O senhor de Gorasse, que não fez conta de suas ameaças, disse-lhe: Vai a Deus, faze o que puderes; eu não hesito (não temo) mais morto que vivo; por tuas palavras não perderei minha herança.

Assim partiu o Clérigo, em regressando, não sei para que parte, Catalunha ou Avignon, e não se esqueceu do que lhe dissera, ao partir, o senhor de Gorasse, porque quando o cavaleiro nisso menos pensava, em torno de três meses depois, em seu castelo, lá onde dormia em seu leito, junto de sua mulher, vieram mensageiros invisíveis que começaram a desgraçar tudo o que encontravam nesse castelo, e parecendo que devessem tudo demolir, batendo pancadas tão fortes, à porta do quarto do senhor, que a senhora, ali deitada, estava toda medrosa. O cavaleiro ouviu (ouviu) bem tudo isso, mas não queria dizer palavra, porque não queria mostrar coragem de homem apavorado: e também estava com bastante audácia para esperar todas as aventuras. Esses transtornos e pavores, feitos em vários lugares no castelo, duraram um longo tempo e depois cessaram. No dia seguinte, quando vieram todas as pessoas (gentes) hóspedes, se reuniram e vieram ao Senhor, na hora que despertou, e lhe perguntaram: Senhor, não ouvistes o que ouvimos à noite? Então lhe recordaram como fora transtornado seu castelo, e revirada e partida toda a louça da cozinha. Ele começou a rir, e disse que tinham sonhado, e que isso não fora senão o vento. Em nome de Deus, disse a senhora, ou ouvi bem.

"Quando veio a outra noite, depois em seguida, ainda retornaram esses ruídos estrondosos, e fizeram maior barulho que antes, batendo pancadas tão grandes às portas e janelas do quarto do cavaleiro, parecendo que tudo devesse se romper. O cavaleiro saiu de sobre (sobre) seu leito e não se pôde, nem se quis, conseguir que não perguntasse: quem é que bate assim na minha porta a esta hora? Logo lhe responderam, sou eu. O cavaleiro disse-lhe: quem te enviou aqui? Enviou-me o clérigo de Catalunha, aquém fizestes mal, porque lhe tirastes (tirar) os direitos em seu benefício. Não ficarás em paz enquanto não lhe houveres dado boa conta, e que ele fique contente.

Disse o cavaleiro: como te chamas, que és tão bom mensageiro? - Sou chamado Orthon. - Orthon, disse o cavaleiro, o serviço de um clérigo não te vale nada; ele te dará e fará muita pena. Se queres crer-me, eu te peço, deixa-o em paz e me serve, e ser-te-ei muito

agradecido. - Orthon foi logo aconselhado a responder, porque se enterneceu com o cavaleiro e disse-lhe: Quereis? - Sim, disse o cavaleiro, mas que não faças mal a ninguém nesta casa. Não, disse Orthon, não tenho poder nenhum para fazer outro mal que o de te despertar, e de impedir de dormir tu ou outrem. - Faze o que te digo, disse o cavaleiro, estaremos bem de acordo, e deixa esse clérigo mau, porque nada terá de bem nele, exceto pena para ti e, assim (assim) me serve. - E, uma vez que o queres, eu o quero, disse Orthon.

"Ali se afeiçoou de tal modo aquele Orthon ao Senhor de Gorasse, que, freqüentemente, bem vinha vê-lo de noite; e quando o encontrava dormindo, puxava-lhe o travesseiro, ou batia grandes golpes na porta e nas janelas de seu quarto, e o cavaleiro, quando despertava, dizia-lhe: Orthon, deixa-me dormir. Não farei, dizia Orthon, sim e dir-te-ei as novidades. Ali estava a mulher do cavaleiro com tão grande pavor que todos os seus cabelos se eriçavam, e se escondia em sua coberta. Ali, perguntava-lhe o cavaleiro que novas me trazes? - Dizia Orthon: venho da Inglaterra, ou da Hungria, ou de outro lugar; parti ontem e tais coisas aconteceram. Assim (assim) sabia o senhor de Gorasse, por Orthon, tudo o que ocorria pelo mundo; e bem manteve aquele criado por cinco anos, sem poder calá-lo, e se descobriu o conde de Foix, realmente por maneira que vos direi. No primeiro ano, o senhor de Gorasse veio diversas vezes ao conde de Foix, em Orlais, e lhe dizia: Monsenhor, tal coisa ocorreu na Inglaterra, ou na Alemanha, ou em outro país, e o conde de Foix, que depois achava tudo isso verdadeiro, tinha grande maravilha por essas coisas que vinha a saber; e tanto pressionou-o uma vez, que o senhor de Gorasse disse-lhe como e por quem lhe vinham tais novidades.

"Quando o conde de Foix soube da verdade, ficou muito alegre e disse-lhe: Senhor de Gorasse, tende-lhe muito amor (tende-o por agradável), eu bem que gostaria de ter um tal mensageiro. Não vos custa nada, e sim (por esse meio) sabeis verdadeiramente tudo o que advém pelo mundo. O cavaleiro respondeu, Monsenhor, assim eu farei. - Assim então o senhor de Gorasse serviu-se de Orthon por muito tempo. Não sei se esse Orthon tinha mais de um senhor, mas todas as semanas, duas ou três vezes, visitava o senhor de Gorasse, e dizia-lhe as novidades que lhe ocorreram, o país onde conversara, e o senhor de Gorasse disse escrevia ao conde de Foix, ao qual dava grande alegria.

"Uma vez estava o senhor de Gorasse com o conde de Foix e, juntos, conversavam sobre isso, de maneira que o conde de Foix lhe perguntou: Senhor de Gorasse, tendes visto ainda o vosso mensageiro? - Por minha fé, nunca, disse não tenho pressa. - É maravilha, disse o conde, e se estivesse tão bem combinado quanto vós, ter-lhe-ia pedido que se mostrasse a mim, e peço-vos que vos preocupeis disso e me saibais dizer de que forma ele é, e de qual maneira. Dissestes que ele fala tão bem o gascão como eu ou vós. - Por minha fé, disse o senhor de Gorasse, é verdade; ele fala tão bem e tão belo como eu e vós, e por minha fé, eu me preocuparei em vê-lo como me aconselhais. Ocorreu que o senhor de Gorasse (como havia estado em outras noites) estava em seu leito, ao lado da mulher, que já se acostumara a ouvir Orthon, e não lhe tinha mais medo. Então veio Orthon, tirou o travesseiro do senhor de Gorasse, que dormia muito. O senhor de Gorasse despertou e perguntou quem ali estava? - Respondeu Orthon: esse sou eu. - Perguntou-lhe: de onde vens? - Venho de Praga, na Boêmia. - Quanto, disse ele, há bem dali? - Sessenta jornadas, disse Orthon. - E retornaste tão depressa? - Mas Deus, sim; vou tão rápido quanto o vento, ou mais rápido. - E tens asas (asas)? - Não, disse ele. - Como podes, pois, voar assim tão rápido? - Respondeu Orthon: Não tendes a fazer senão saber. - Eu te veria com mais bom grado por saber de qual forma és, e de que maneira. - Respondeu Orthon: basta-vos quando me ouvís, e vos relato certas novidades. - Por Deus, disse o senhor de Gorasse, eu te quereria mais se te visse. - Respondeu Orthon: uma vez que tendes desejo de me ver, a primeira coisa que vereis e encontrareis, amanhã de manhã, quando sairdes de vosso leito, esse serei eu. - Basta, disse o senhor de Gorasse. Ora, vai; eu te dou licença para esta noite. Quando veio o dia seguinte,

o Senhor de Gorasse se levantou. A senhora tinha tanto pavor que ficou doente, e disse que não se levantaria naquele dia, e o senhor queria que ela se levantasse. Senhor, disse ela, eu verei Orthon; e não quero vê-lo, se aprouver a Deus não encontrá-lo. Então, disse o senhor de Gorasse, eu quero bem vê-lo. E saiu devagar de seu leito, mas não viu nenhuma coisa que pudesse dizer eu vi aqui (eu vi aqui) Orthon. O dia passou e veio a noite. Quando o senhor de Gorasse foi para o seu leito dormir, Orthon veio e começou a falar como estava acostumado; vai, disse o senhor de Gorasse a Orthon, não és senão um mentiroso; tu deverias te mostrar tão bem a mim, e para isso nada fizeste. - Sim, o fiz. - Não o fizeste. - E não vistes, disse Orthon, quando saístes de vosso leito, alguma coisa? E o senhor de Gorasse pensou um pouco, e depois achou. Sim, disse ele, sentando no meu leito, e pensando em ti, vi dois pedaços de palha no soalho (pedaços de palha no soalho) que giravam juntos. - Era eu, disse Orthon, nessa forma que me coloquei. - Disse o senhor de Gorasse: não me basta; eu te peço que te coloques numa outra forma tal que eu te possa ver e conhecer. Orthon respondeu: fareis tanto que me perdereis, e que me irei de vós, porque me requereis muito antes. - Disse o senhor de Gorasse: tu não te irás de mim; eu te confesso, uma vez visto, não te quero mais ver (não pedirei mais para te ver).

Ora, disse Orthon, ver-me-eis amanhã, e ficai em guarda quanto à primeira coisa que vereis quando estiverdes fora de vosso quarto. Quando veio o dia seguinte, na hora terceira, o senhor de Gorasse levantou-se e aprontou-se, e estando fora de seu quarto, veio a um lugar que olha sobre (sobre) o pátio do castelo; lançou os olhos e a primeira coisa que viu foi uma porca, a maior que vira; mas esta era tão magra que por semblante não se lhe via senão os ossos e a pele, e tinha orelhas grandes, longas e pendentes, e toda suja; tinha um focinho longo e agudo e afinado. O senhor de Gorasse se maravilhou muito com essa porca. Se não a viu de bom grado, mandou seu pessoal: ora, logo, colocai os cães fora; quero que essa porca seja morta e devorada. Os serviçais saíram e abriram o lugar onde os cães estavam, e fizeram atacar a porca, que lançou um grande grito e olhou sobre o senhor de Gorasse, que se apoiava diante de seu quarto numa sacada, e que depois não a viu, porque ela esvaeceu-se; não se sabendo em que se tornou. O senhor de Gorasse reentrou em seu quarto todo pensativo, e lembrou Orthon. Creio que vi Orthon, meu mensageiro; arrependo-me do que fiz, de lançar meus cães contra ele. Azar será (isso será um azar) se nunca mais o ver, porque ele me disse várias vezes que, assim que o conhecesse, perdê-lo-ia. - Ele disse a verdade: nunca mais retornou ao castelo de Gorasse e o cavaleiro morreu no ano seguinte.

"É verdade, disse eu ao Escudeiro, o conde de Foix serviu-se de um tal mensageiro? Em boa verdade, é a imaginação (opinião) de vários homens de Béarn, que sim; porque não se fez nada no país nem alhures, quando ele quis, e ele põe perfeitamente seus cuidados (cuidados) que tanto não o saiba, e quando disso não sede o menos de guarda. Assim foram bons cavaleiros e Escudeiros desse país que estavam morando em Portugal. A graça e o renome que ele tem disso, fez-lhe grande proveito, porque não se perdeu nesta casa o valor de uma colher de ouro ou de prata, nem nada que ele não saiba tanto.

Correspondência

Revista Espírita, maio de 1860

Carta do Sr. doutor Morhéry sobre diversos casos de cura obtidos pela medicação da senhorita Désiré Godu.

Plessis-Doudet, perto de Loudác, Côtes-du-Nord,

25 de abril de 1860.

Senhor Allan Kardec,

Venho hoje cumprir a promessa que vos fiz de assinalar os casos de cura que obtive com o concurso da senhorita Godu. Assim como o deveis pensar, não vos posso enumerar todos, isso seria muito longo. Limitar-me-ei a fazer uma seleção, não em razão da gravidade, mas em razão da variedade das doenças. Não quis repetir duas vezes os mesmos casos, nem mencionar curas de pouca importância.

Vede-o, Senhor, a senhorita Godu não perdeu seu tempo desde que está em Plessis-Boudet; já visitamos mais de duzentos enfermos, e tivemos a satisfação de curar quase todos aqueles que tiveram a paciência de seguirem as nossas prescrições. Não vos falo de nossos cancerosos, estão no bom caminho; mas esperarei resultados positivos antes de me pronunciar. Temos ainda um grande número de doentes em tratamento, e escolheremos, de preferência, aqueles que são reputados incuráveis. Dentro em pouco espero, pois, ter casos novos de cura a vos assinalar; sobre tudo, é sobre as afecções reumáticas, as paralisias, as ciáticas, as úlceras, os desvios ósseos, as feridas de toda natureza, que o sistema de tratamento me parece melhor resultar.

Posso vos assegurar, Senhor, que aprendi muitas coisas úteis, que ignorava antes das minhas relações com essa senhorita; cada dia, ela me ensina alguma coisa nova, tanto para o tratamento quanto para o diagnóstico. Quanto ao prognóstico, ignoro como pode ela fixá-lo; entretanto, ela aí não se engana. Com a ciência comum não se pode explicar uma tal penetração; mas vós, Senhor, vós a compreendeis facilmente.

Termino declarando que certifico verdadeiras e sinceras todas as observações adiante e assinadas com meu nome.

Aceitai, etc. morhéry, doutor em medicina,

Observação, no. 5(23 de fevereiro de 1860). François Langle, trabalhador diarista. Diagnóstico: febre terça há seis meses. Essa febre tinha resistido ao sulfato de quinina, por mim administrado diversas vezes ao doente, foi curado em cinco dias de tratamento com simples infusões de plantas diversas, e o doente se porta melhor do que nunca. Poderia citar dez curas semelhantes.

2ª *Observação*, nº 9 (24 de fevereiro de 1860). Senhora R..., idade 32 anos, de Loudéac.

Diagnóstico: inflamação e ingurgitação crônicas das amígdalas; cefaléia violenta; dores na coluna vertebral; abatimento geral; apetite nulo. O mal começou com calafrios e surdez; dura há dois anos. - Prognóstico: caso grave e difícil de curar, tendo o mal resistido aos tratamentos melhor dirigidos. Hoje, a doença está curada; ela não continua o tratamento senão para evitar uma recaída.

3ª *Observação*, nº13 (25 de fevereiro de 1860). Pierre Gaubichais, da aldeia de Veníou-Lamotte, idade 23 anos. Diagnóstico: inflamação sub-aponeurótica no dorso e na palma da mão. Prognóstico: caso grave, mas não incurável. A cura foi obtida em menos de quinze dias. Temos quatro ou cinco casos semelhantes.

4ª *Observação*, nº18 (26 de fevereiro de 1860). François R..., de Loudéac, idade 27 anos. Diagnóstico: Tumor branco cicatrizado no joelho esquerdo; abscesso fistuloso na parte posterior da coxa, acima da articulação. O mal existe há 10 anos. - Prognóstico: ca só muito grave e incurável. O mal resiste aos melhores tratamentos seguidos durante 6 anos. Esse doente foi tratado com os unguentos preparados pela Srta. Godue tomou infusões de plantas diversas. Hoje pode-se considerá-lo como curado.

5ª *Observação*, nº 23 (25 de fevereiro de 1860). Jeanne Gloux, operária em Tierné-Loudéac. Diagnóstico: panarício muito intenso há dez dias. A doente foi radicalmente curada em quinze dias, unicamente pelos unguentos da senhorita Godu. Desde o segundo tratamento, as dores desapareceram. Temos três curas semelhantes.

6ª *Observação*, nº12 (25 de fevereiro de 1860). Vincent Gourdel, tecelão em Lamotte, idade 32 anos. Diag.: oftalmia aguda em consequência de erisipela intensa. Injeção inflamatória da conjuntiva, e grande belida manifestando-se sobre a córnea transparente do olho esquerdo; estado geral inflamatório. Prognóstico: afecção grave e muito intensa. Há a temer-se que o olho não se perca em dez dias. - Tratamento: aplicação de unguentos sobre o olho doente. Hoje a oftalmia está curada; a belida desapareceu, mas continua-se o tratamento para combater a erisipela, que parece de natureza periódica, e talvez herpética.

7ª *Observação*, nº 31 (27 de fevereiro de 1860). Marie-Louise Rivière, diarista em Lamotte, idade de 24 anos. Diag.: reumatismo antigo na mão direita com debilidade completa e paralisia das falanges; impossibilidade de trabalhar. Causa desconhecida. - Prognóstico: cura muito difícil, senão impossível. Curada em 20 dias de tratamento.

8ª *Observação*, nº 34 (28 de fevereiro de 1860). Jean-Marie Lê Berre, idade de 19 anos, indigente em Lamotte. Diag.: Cefalalgia violenta, insônia, hemorragias freqüentes pelas fossas nasais; desvio no interior do joelho direito, e fora da mesma perna. O doente está verdadeiramente estropiado. - Prognóstico: incurável. - Tratamento: tópico extrativo e unguentos da Srta. Godu. Hoje o membro está direito, e a cura quase completa; entretanto, continua seu tratamento mais por precaução.

9ª *Observação*, nº 50 (28 de fevereiro de 1860). Marie Nogret, idade de 23 anos, de Lamotte. Diag.: inflamação da pleura do diafragma, inchação e inflamação das amígdalas e úvula, palpitações, atordoamento, sufocações. - Prognóstico: se bem que a pessoa seja forte, seu estado é muito grave; ela não pode dar dois passos a pé. - Tratamento: infusões de plantas diversas. Melhor desde o dia seguinte, e cura radical em oito dias.

10ª *Observação*, nº109 (12 de março de 1860). Pierre Lê Boudu, comuna de Saint-Hervé. Diag.: Surdez há dez anos, em consequência de uma febre tifóide. - Prognóstico: incurável e

rebelde a todo tratamento. - Tratamento: injeções e uso de infusões de plantas diversas preparadas pela Srta. Godu. Hoje o doente ouve o movimento de seu relógio; o ruído o incomoda e atordoa, por causa da sensibilidade do ouvido.

11ª *Observação*, nº132 (18 de março de 1860). Marie Lê Maux, idade de 10 anos, morando em Grâces. Diag.: reumatismo com enrijecimento das articulações, particularmente nos dois joelhos; a criança não pode andar senão com muletas. - Prognóstico: caso muito grave, senão incurável. - Tratamento: tópico extrativo e curativo com o unguento da Srta. Godu. Cura em menos de vinte dias. A criança anda hoje sem muletas nem bastão.

12ª *Observação*, nº 80 (19 de março de 1860). Hélène Lucas, idade de 9 anos, indigente em Lamotte. Diag.: saída e inchações permanentes da língua, que avança de 5 a 6 centímetros além dos lábios e parece sufocar; a língua está rugosa, os dentes inferiores estão roídos pela língua; para comer a criança é obrigada a afastar a língua de um lado com a mão, e de enfiar os alimentos na boca com a outra. Esse estado remonta à idade de dois anos e meio. - Prognóstico: caso muito grave e julgado incurável. Hoje a língua reentrou, e a doente quase inteiramente curada.

MORHÉRY.

Nota-se, sem dificuldade, que as notícias acima não são desses certificados banais solicitados pela cupidez, e nos quais a complacência, muito freqüentemente, o disputa à ignorância. São observações de um homem da arte, que, pondo de lado seu amor-próprio, convém francamente de sua insuficiência em presença dos recursos infinitos da Natureza, que não lhe disse sua última palavra nos bancos escolares. Ele reconhece que essa jovem, sem instrução especial, ensinou-lhe mais que certos livros dos homens, porque ela lê no próprio livro da Natureza; homem sensato, prefere salvar o doente por meios em aparência irregulares, antes de deixá-lo morrer segundo as regras, e não se crê com isso humilhado.

Propomo-nos, num próximo artigo, fazer um estudo sério, do ponto de vista teórico, sobre essa faculdade intuitiva mais freqüente do que se crê, mas que está mais ou menos desenvolvida, e onde a ciência poderá haurir preciosas luzes, quando os homens não se crerem mais sábios que o Senhor do Universo. Temos, de um homem muito esclarecido, nativo do Indústão e de origem indiana, preciosas informações sobre a prática da medicina intuitiva pelos indígenas, e que vem acrescentar à teoria o testemunho de fatos autênticos bem observados.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, maio de 1860

Jardin.

(Sociedade de Paris, 25 de novembro de 1859)

- Leu-se no *Journal de la Nièvre*: Um funesto acidente ocorreu sábado último na estação da estrada de ferro. Um homem, com idade de sessenta e dois anos, o senhor Jardin, saindo do pátio de embarque, foi atingido pelos varais de um tálburi e, algumas horas depois, exalava o último suspiro.

A morte desse homem revelou uma história mais extraordinária, e à qual não daríamos fé se testemunhos verídicos não lhe certificassem a autenticidade. Ei-la tal como nos foi contada:

Jardin, antes de estar empregado no entreposto de tabaco de Nevers, morava no Cherlebourg de Saint-Germain-des-Bois, onde exercia a profissão de alfaiate. Sua mulher sucumbira há cinco anos nessa aldeia, atingida por uma inflamação dos pulmões, quando há oito anos deixou Saint-Germain para vir morar em Nevers. Jardin, empregado laborioso, era de uma grande piedade, de uma devoção que ele levava até à exaltação; entregava-se com fervor às práticas de sua religião; tinha em seu quarto um genuflexório no qual, freqüentemente, gostava de se ajoelhar. Sexta-feira à noite, achando-se só com sua filha, anunciou-lhe, de repente, que um secreto pressentimento advertia-o de que seu fim estava próximo. - "Escuta, disse-lhe, minhas últimas vontades: Quando estiver morto, tu entregarás ao senhor B... a chave de meu genuflexório para que ele tire o que ali encontrar e o deposite no meu caixão."

Espantada com essa brusca recomendação, a filha de Jardin, não sabendo muito se seu pai falava seriamente, perguntou-lhe o que poderia conter o seu genuflexório. No início recusou responder-lhe; mas como ela insistia, fez-lhe esta estranha revelação do que se achava no genuflexório: eram os restos de sua mãe! Ensinou-lhe que, antes de deixar Sain-Germain-des-Bois, fora durante a noite no cemitério. Todo o mundo dormia na aldeia; sentindo-se bem só, dirigiu-se para a tumba de sua mulher, e, armado de uma picareta, cavou a terra até o momento em que alcançou o caixão, que continha os restos daquela que fora sua companheira. Não querendo separar-se desse precioso depósito, recolheu os ossos e depositou-os no seu genuflexório.

A essa estranha confidencia, a filha de Jardin, um pouco amedrontada, mas duvidando sempre que seu pai falasse seriamente, prometeu-lhe, no entanto, se conformar com as suas últimas vontades, bem persuadida de que ele queria divertir-se às suas custas, e que no dia seguinte dar-lhe-ia a chave desse fantástico enigma.

No dia seguinte, sábado, Jardin foi para a sua oficina como de costume. Cerca de uma hora, foi enviado à estação de mercadorias para ali receber sacos de tabacos destinados à provisão

do entreposto. Apenas saía da estação, e os varais de um tálburi, que não percebera no meio do atravancamento de viaturas que estacionavam no embarcadouro, vieram atingi-lo em pleno peito. Seus pressentimentos não o enganaram. Derrubado por esse choque violento, foi trazido para sua casa privado de sentimento.

Os socorros que lhe prodigalizaram fizeram-lhe recobrar os sentidos. Então, pediu-se-lhe para deixar levantar sua roupa para examinar suas feridas; ele se opôs vivamente; insistiu-se e ele recusou-se ainda. Mas como, apesar de sua resistência, dispunha-se a lhe tirar a sua roupa, de repente, ele curvou-se sobre si mesmo: estava morto.

Seu corpo foi depositado numa cama, mas qual não foi a surpresa das pessoas presentes quando, depois de despojar Jardim de suas roupas, viu-se, sobre o seu coração, um saco de pele, retido por laços amarrados ao redor do corpo! Um golpe de lanceta, dado pelo médico chamado para constatar o decesso, separou o saco em duas partes: dele escapou uma mão seca!

A filha de Jardim, então, lembrando-se do que o pai lhe dissera na véspera, preveniu- os senhores B... e J..., marceneiros. O genuflexório foi aberto; dele se retirou um chapéu da guarda nacional. No fundo desse chapéu encontrou-se uma cabeça de morto, ainda guarnecida, com seus cabelos; depois, no fundo do genuflexório, percebeu-se, enfileirados sobre as prateleiras, os ossos de um esqueleto: eram os restos da mulher de Jardim.

Domingo último, conduziu-se para a sua derradeira morada os despejos de Jardim. Para conformar-se à vontade do sexagenário, colocaram-se em seu caixão os restos de sua mulher, e sobre seu peito a mão seca que, se podemos assim nos exprimir, durante oito anos, sentira bater seu coração.

1. Evocação. - R. Estou aqui.
2. Quem vos preveniu que desejávamos falar-vos? - R. Nada sei disso, fui arrastado para cá.
3. Onde estáveis quando vos chamamos? - R. Estava perto de um homem de quem gosto, acompanhado de minha mulher.
4. Como tivestes o pressentimento de vossa morte? - R. Dela fui advertido por aquela que lamentava tanto; Deus o concedera por sua prece.
5. Vossa mulher estava, pois, sempre junto de vós? - R. Ela não me deixava nunca.
6. É que os restos mortais de vossa mulher, que conserváveis, eram a causa de sua presença contínua? - R. De modo nenhum, mas eu o acreditava.
7. Assim, não houvésseis conservado esses restos, que o Espírito de vossa mulher não estaria menos junto a vós? - R. E que o pensamento não está aí, e não é mais poderoso, para atrair o Espírito, que restos sem importância para ele?
8. Revistes imediatamente vossa mulher no momento de vossa morte? - R. Foi ela quem veio me *esclarecer* e receber-me.
9. Tivestes imediatamente consciência de vós mesmo? - R. Ao cabo de pouco tempo; tinha

uma fé intuitiva na imortalidade da alma.

10. Vossa mulher deve ter tido existências anteriores à última, como ocorre que as esqueceu para consagrar-se inteiramente a vós? - R. Ela devia guiar-me na vida material sem renunciar, por isso, às suas antigas afeições. Quando dizemos que não deixamos jamais um Espírito encarnado, deveis compreender que queremos dizer, com isso, que estamos junto dele, mais freqüentemente que alhures; a rapidez do nosso deslocamento no-lo permite tão facilmente quanto a vós uma conversação com vários interlocutores.

11. Lembrai-vos de vossas existências precedentes? - R. Sim; na minha última, fui um pobre habitante do campo, sem nenhuma instrução, mas, precedentemente, fui religioso, sincero, devotado ao estudo.

12. A extraordinária afeição que tínheis por vossa mulher, não o seria por causa de antigas relações de outras existências? - R. Não.

13. Sois feliz como Espírito? - R. Não se pode mais, deveis pensá-lo.

14. Quereis nos definir a vossa felicidade atual e dizer-nos sua causa? - R. Não deveria ter necessidade de vo-lo dizer; eu amei, e lamentava um Espírito querido; eu amava a Deus; era homem honesto; reencontrei aquela que lamentava; aí estão os elementos da felicidade para um Espírito.

15. Quais são as vossas ocupações como Espírito? - R. Eu vos disse que, no momento de vosso chamado, estava junto de um homem a quem amava; procurava inspirar-lhe o desejo do bem, como o fazem sempre os Espíritos que Deus julga dignos. Temos também outras ocupações que não podemos, ainda, vos revelar.

16. Agradecemos ter consentido em vir. - R. Também vos agradeço.

Uma Convulsionária.

Tendo as circunstâncias nos colocado em relação com a filha de uma das principais convulsionárias de Saint-Medard, pudemos recolher, sobre essa espécie de seita, informações particulares. Assim, nada há de exagerado no que se relata das torturas às quais esses fanáticos se submetiam voluntariamente. Sabe-se que uma das provas, designadas sob o nome de *grandes socorros*, consistia em sofrer a crucificação e todos os sofrimentos da Paixão de Cristo. A pessoa de quem falamos, e que não morreu senão em 1830, tinha ainda nas mãos os buracos feitos pelos pregos que serviram para suspendê-la na cruz, e ao lado as marcas dos golpes de lança que recebera. Ela escondia com cuidado esses estigmas do fanatismo, e sempre evitara explicá-los com seus filhos. É conhecida na história dos convulsionários sob um pseudônimo, que calaremos pelo motivo que indicaremos daqui a pouco. A conversa seguinte ocorreu em presença de sua filha, que a desejava; dela suprimimos as particularidades íntimas, que não poderiam interessar a estranhos, e que foram sobretudo, para esta, uma prova incontestável de sua identidade.

1. Evocação. - R. Eu desejo, há muito tempo, conversar convosco.

2. Que motivo fê-la desejar conversar comigo? - R. Sei apreciar vossos trabalhos, o que quer

que possas pensar de minhas crenças.

3. Vedes aqui a senhora vossa filha? Foi ela sobretudo quem desejou conversar convosco, e ficaremos encantados aproveitando-a para a nossa instrução. - R. Sim; uma mãe vê sempre seus filhos.

4. Sois feliz como Espírito? -R. Sim e não, porque poderia fazê-lo melhor; mas Deus leva em conta a minha ignorância.

5. Lembrai-vos perfeitamente de vossa última existência? - R. Teria muitas coisas a vos dizer, mas orai por mim, a fim de que me seja permitido.

6. As torturas às quais vos submetestes, vos elevaram e tornaram mais feliz como Espírito? - R. Elas não me fizeram mal, mas não me avançaram como inteligência.

7. Quereis precisar, eu vos peço; pergunto-vos se vos levaram em conta como de um mérito? - R. Dir-vos-ei que tendes um artigo em O Livro dos Espíritos que dá a resposta geral; quanto a mim, era uma pobre fanática.

Nota. Alusão ao artigo 726 de O Livro dos Espíritos, sobre os sofrimentos voluntários.

8. Esse artigo diz que o mérito do sofrimento voluntário está em razão da utilidade que dele resulta para o próximo; ora, os dos convulsionários não tinham, creio, senão um objetivo puramente pessoal? - R. Era geralmente pessoal, e se dele jamais falei aos meus filhos, foi porque compreendia vagamente que esse não era o verdadeiro caminho.

Nota. O Espírito da mãe responde aqui, por antecipação, ao pensamento de sua filha que se propunha perguntar-lhe porque, quando viva, evitara disso falar aos seus filhos.

9. Qual era a causa do estado de crise dos convulsionários? -R. Disposição natural e superexcitação fanática. Nunca quis que meus filhos fossem arrastados por esse pendor fatal, que hoje reconheço ainda melhor.

O Espírito respondendo espontaneamente a uma reflexão de sua filha, que, no entanto, não formulara a pergunta, acrescentou: Eu não tinha educação, mas muito de existências anteriores, das quais tinha intuição.

10. Entre os fenômenos que se produziam nos convulsionários, alguns têm analogia com certos efeitos sonambúlicos, como, por exemplo, a penetração do pensamento, a visão à distância, a intuição das línguas; é que o magnetismo neles tinha um certo papel? - R. Muito, e vários padres magnetizavam com o desconhecimento das pessoas.

11 . De onde provieram as cicatrizes que trazíeis nas mãos e sobre outras partes do corpo? - R. Pobres troféus de nossas vitórias, que não serviram a ninguém, e que, freqüentemente, têm excitado paixões; deveis compreender-me.

Nota. Parece que nas práticas dos convulsionários passavam-se coisas de grande imoralidade, que revoltaram o coração dessa senhora, e lhe fizeram, mais tarde, quando a febre fanática acalmou, tomar em aversão tudo aquilo que lhe lembrava esse passado. Sem dúvida, foi uma das razões que a levaram a dele não falar aos seus filhos.

12. Realmente, operavam-se curas sobre o túmulo do diácono Paris? - R. Oh! Que pergunta! Sabeis bem que não; pouca coisa, sobretudo para vós.

13. Depois de vossa morte, revistes Paris? -R. Não me ocupei mais com ele, porque lhe atribuo meu erro depois que sou Espírito.

14. Como o consideráveis quando viva? - R. Como um enviado de Deus, e é por isso que o acuso pelo mal que causou em nome de Deus.

15. Mas não é inocente das tolices que fizeram em seu nome depois de sua morte? - R. Não, porque ele mesmo não acreditava no que ensinava; não o compreendi quando viva como o faço nesta hora.

16. É verdade que seu Espírito permaneceu estranho, como ele o disse, às manifestações que ocorreram sobre seu túmulo? - R. Ele vos enganou.

17. Assim ele excitava o zelo fanático? - R. Sim, e fá-lo ainda.

18. Quais são as vossas ocupações como Espírito? - R. Procuo instruir-me, por isso disse que desejava vir entre vós.

19. Em que lugar estais aqui? -R. Junto do médium, minha mão sobre seu braço ou sobre sua espádua.

20. Se se pudesse vos ver, sob qual forma serieis vista? - R. Minha filha veria sua mãe, como em minha vida. Quanto a vós, ver-me-íeis em Espírito; a palavra, não vo-la posso dizer.

21. Quereis vos explicar; que entendeis dizendo que vê-la-íamos em Espírito? - R. Uma forma humana transparente, segundo a depuração do Espírito.

22. Dissestes que tivestes outras existências, lembrai-vos delas? - R. Sim, delas vos falei, e deveis ver, pelas minhas respostas, que tive muitas.

23. Poderíeis dizer-nos qual foi a que precedeu à última que conhecemos? - R. Não esta noite, e não por este médium. Pelo Senhor, se quiserdes.

Nota. Ela designou um dos assistentes que começava a escrever como médium, e explicou sua simpatia por ele porque, disse ela, conheceu-o na sua precedente existência.

24. Serieis contrariada se eu publicasse esta conversa na *Revista*¹? - R. Não; é necessário que o mal seja divulgado; mas não me chameis..... (seu nome de guerra); eu execro esse nome.

Designai-me, se quiserdes, como grande mestra.

Nota. Foi por condescender ao seu desejo que não citamos o nome sob o qual era conhecida, e que lhe traz penosas recordações.

25. Nós vos agradecemos por consentirdes vir e pelas explicações que nos destes. - R. Sou em quem vos agradeço, por ter proporcionado à minha filha a oportunidade de reencontrar sua mãe, e a mim a de fazer um pouco de bem.

Variedades

A Biblioteca de New York

Revista Espírita, maio de 1860

Leu-se no *Courriéres États-Unis*:

Um jornal de New York publicou um fato bastante curioso, do qual um certo número de pessoas já tinha conhecimento, e sobre o qual, há alguns dias, consagravam-se comentários muito divertidos. Os espiritualistas nele viam mais um exemplo de manifestações do outro mundo. As pessoas sensatas não vão procurar-lhe a explicação tão longe, e reconhecem claramente os sintomas de uma alucinação. É a opinião do próprio doutor Cogswell, o herói da aventura.

O doutor Cogswell é bibliotecário chefe da *Astor Library*. O devotamento que leva no remate de um catálogo completo da biblioteca, freqüentemente, fá-lo tomar, para o seu trabalho, as horas que deveria consagrar ao sono, e assim é que tem ocasião de visitar sozinho, à noite, as salas onde tantos volumes estão alinhados nas prateleiras.

Há cerca de quinze dias, ele passava assim, castiçal à mão, pelas onze horas da noite, diante de um canto cheio de livros, quando, para sua grande surpresa, percebeu um homem bem posto que parecia examinar com cuidado os títulos dos volumes. Imaginou, de início, estar em contato comum ladrão, recuou e examinou atentamente o desconhecido. Sua surpresa tornou-se mais viva ainda quando reconheceu, no noturno visitante, o doutor *** que vivera na vizinhança de Lafayette-Place, mas que está morto e enterrado há seis meses.

O Sr. Cogswell não crê muito em aparições e com elas se atemoriza ainda menos. Todavia, acreditou dever tratar o fantasma com considerações, e elevando a voz: Doutor, disse-lhe, como ocorre que vós que, quando vivo, provavelmente jamais viestes a esta biblioteca, a visitais assim depois de sua morte? O fantasma, perturbado na sua contemplação, olhou o bibliotecário com olhos ternos e desapareceu sem responder.

— Singular alucinação, se disse o Sr. Cogswell. Terei, sem dúvida, comido alguma coisa indigesta no meu jantar.

Retornou ao seu trabalho, depois foi deitar-se e dormir tranqüilamente. No dia seguinte, na mesma hora, teve vontade de visitar ainda a biblioteca. No mesmo lugar da véspera, encontrou o mesmo fantasma, dirigiu-lhe as mesmas palavras e obteve o mesmo resultado.

— Eis que é curioso, pensou, é necessário que eu volte amanhã.

Mas antes de voltar, o senhor Cogswell examinou as prateleiras que pareceu interessar vivamente ao fantasma, e, por uma singular coincidência, reconheceu que estavam todas carregadas de obras antigas e modernas de necromancia. No dia seguinte, portanto, quando, pela terceira vez, reencontrou o doutor defunto, variou sua frase e lhe disse: "Eis a terceira vez que vos reencontro, doutor. Dizei-me, pois, se algum desses livros perturba o vosso

repouso, para que eu o faça retirar da coleção." O fantasma não respondeu mais desta vez do que nas outras, mas desapareceu definitivamente, e o perseverante bibliotecário retornou na mesma hora e no mesmo lugar, várias noites seguintes, sem aí reencontrá-lo.

Entretanto, aconselhado por amigos aos quais contou a história, e médicos que consultara, decidiu repousar um pouco e fazer uma viagem de algumas semanas até Charlestown, antes de retomar a tarefa longa e paciente que se impôs, e cujas fadigas, sem dúvida, causaram a alucinação que acabamos de contar.

Nota. Faremos sobre esse artigo uma primeira observação, é a sem cerimônia com a qual aqueles que não crêem nos Espíritos se atribuem o monopólio do bom senso. "Os Espiritualistas, diz o autor, vêem neste fato um exemplo a mais de manifestações do outro mundo; *as pessoas sensatas* não vão procurar-lhe a explicação tão longe, e aí reconhecem *claramente* ossintomas de uma alucinação." Assim, da parte desse autor, não há pessoas sensatas senão aquelas que pensam como ele, todas as outras não têm o senso comum, fossem mesmo doutores, que o Espiritismo os conta ao milhares. Estranha modéstia, em verdade, que aquele que tem por máxima: Ninguém tem razão senão nós e nossos amigos!

Estamos ainda para ver uma definição clara e precisa, uma explicação fisiológica da alucinação; mas à falta de explicação, há um sentido ligado a essa palavra; no pensamento daqueles que a empregam, ela significa *ilusão*; ora, quem diz *ilusão* diz *ausência de realidade*; segundo eles, é uma imagem puramente fantástica, produzida pela imaginação, sob o império de uma superexcitação cerebral. Não negamos que assim possa ser em certos casos; a questão é saber se todos os fatos do mesmo gênero estão nas condições idênticas. Examinando aquele que narramos acima, parece-nos que o doutor Cogswell era perfeitamente calmo, assim como ele mesmo declara, e que nenhuma causa fisiológica ou moral viera perturbar seu cérebro. De outro lado, admitindo nele uma ilusão momentânea, ficaria ainda por explicar como essa ilusão se produziu vários dias seguidos, à mesma hora, e com as mesmas circunstâncias; não está aí o caráter da alucinação propriamente dita. Se uma causa material desconhecida impressionou seu cérebro no primeiro dia, é evidente que essa causa cessou ao cabo de alguns instantes, quando a aparição desapareceu; como então reproduziu-se identicamente três dias seguidos, com 24 horas de intervalo? O que é lamentável é que o autor do artigo negligenciou de fazê-lo, porque ele deve, sem dúvida, ter excelentes razões, uma vez que faz parte das pessoas sensatas.

Convenhamos, todavia, que, no fato acima mencionado, não há nenhuma prova positiva de realidade, e que, a rigor, poder-se-ia admitir que a mesma aberração dos sentidos pudera se reproduzir; mas é a mesma coisa quando as aparições são acompanhadas de circunstâncias de alguma sorte materiais? Por exemplo, quando pessoas, não em sonho, mas perfeitamente despertas, vêem parentes ou amigos ausentes, com os quais não sonham de nenhum modo, aparecer-lhes no momento de sua morte, que vêm anunciar, pode-se dizer que esse seja um efeito da imaginação? Se o fato da morte não fosse real, haveria incontestavelmente ilusão; mas quando o acontecimento vem confirmar a previsão, e o caso é muito freqüente, como não admitir outra coisa que uma simples fantasmagoria? Se ainda o fato fosse único, ou mesmo raro, poder-se-ia crer num jogo do acaso; mas como o dissemos, os exemplos são inumeráveis e perfeitamente averiguados. Que os *alucinacionistas* queiram bem delas nos dar uma explicação categórica, e, então, veremos se suas razões são mais probantes que as nossas. Quereríamos, sobretudo, que nos provassem a impossibilidade material que a alma, se todavia eles, que são sensatos por excelência, admitem que temos uma alma sobrevivendo ao corpo, que provassem, dizemos, que essa alma, que deve estar em alguma parte, não pode estar ao nosso redor, nos ver, nos ouvir, e, desde então, comunicar-se conosco.

A Noiva traída.

O fato seguinte foi reportado pela *Gazetta deiteatri* de Milão, de 4 março de 1860.

Um jovem amava perdidamente uma jovem, que lho reconhecia, e que iria desposar quando, cedendo a um arrastamento culposo, abandonou sua noiva por uma mulher indigna de um verdadeiro amor. A infeliz abandonada pediu, chorou, mas tudo foi inútil; seu leviano amante permaneceu surdo aos seus prantos. Então, desesperada, ela penetrou em sua casa e, na sua presença, expirou em consequência de um veneno que acabara de tomar. À vista do cadáver, daquela a quem causara a morte, uma terrível reação se operou nele, e quis, a seu turno, se arrancar à vida. Entretanto, ele sobreviveu, mas sua consciência sempre lhe censurava o crime. Desde o momento fatal, e cada dia à hora de seu jantar, ele via a porta da sala se abrir, e sua noiva aparecer-lhe sob a figura de um esqueleto ameaçador. Achou bom procurar distrair-se, mudar seus hábitos, viajar, freqüentar companhias alegres, suprimir os relógios, nada disso fez; em qualquer lugar que fosse, na dita hora o espectro sempre se apresentava. Em pouco tempo emagreceu, sua saúde se alterou ao ponto que os homens da arte desesperaram por salvá-lo.

Um médico, de seus amigos, tendo-o estudado seriamente, depois de tentar inutilmente diversos remédios, teve a idéia do meio seguinte. Na esperança de demonstrar-lhe que era o joguete de uma ilusão, conseguiu um verdadeiro esqueleto que fez dispor num quarto vizinho; depois, tendo convidado seu amigo para jantar, ao cabo de quatro horas, que era a hora da visão, fez chegar o esqueleto por meio de polias dispostas para isso. O médico acreditava triunfar, mas seu amigo tomado de um terror súbito, exclamou: Ai de mim! Não era, pois, bastante um só; eis dois deles agora; depois caiu morto, como fulminado.

Nota. Lendo este relato, que não narramos senão sob a fé do jornal italiano do qual o tomamos, os *alucinacionistas* se alegrarão, porque poderão dizer, com razão, que havia ali uma causa evidente de superexcitação cerebral que pôde produzir uma ilusão num Espírito impressionado. Nada prova, com efeito, a realidade da aparição que se poderia atribuir a um cérebro enfraquecido por um violento abalo. Para nós, reconhecemos tantos fatos análogos fora de dúvida, dizemos que ela é possível e, em todos os casos, o conhecimento aprofundado do Espiritismo teria dado ao médico um meio mais eficaz para curar seu amigo. Esse meio seria o de evocar a jovem em outras horas e conversar com ela, seja diretamente, seja com a ajuda de um médium; o que deveria fazer para dar-lhe prazer e obter o seu perdão; de orar ao anjo guardião para interceder junto dela para dobrá-la, e como, em definitivo, ela o amava, seguramente esqueceria seus erros se reconhecesse nele um arrependimento e lamentos sinceros, em lugar de um simples terror, que talvez era nele o sentimento dominante; teria cessado de se mostrar sob uma forma horrenda, para revestir a forma graciosa que tinha quando viva, ou teria cessado de aparecer. Ter-lhe-ia dito, sem dúvida, dessas boas palavras que pudessem restabelecer a calma em sua alma; a certeza de que nunca estariam separados, que ela velava ao seu lado, e que um dia se reuniriam, ter-lhe-ia dado coragem e resignação. É um resultado que, freqüentemente, pudemos constatar. Os Espíritos que aparecem espontaneamente têm sempre um objetivo; o melhor, nesse caso, é perguntar-lhes o que desejam; se são sofredores, é necessário orar por eles, e fazer o que possa lhes ser agradável. Se a aparição tem um caráter permanente e de obsessão, ela cessa, quase sempre, quando o Espírito está satisfeito. Se o Espírito que se manifesta com obstinação, seja à visão, seja por meios perturbadores, que se poderia tomar por uma ilusão, é mau, e se age por maldade, é comumente mais tenaz o que não impede de ter-lhe razão com a perseverança, e sobretudo pela prece sincera feita em sua intenção; mas é preciso bem se persuadir de que não há para isso nem palavras sacramentais, nem formas

cabalísticas, nem exorcismos que tenham a menor influência; quanto mais são maus, mais se riem do terror que inspiram, e da importância que se dá à sua presença; divertem-se em se ouvir chamar diabos e demônios, por isso se dão seriamente os nomes de Asmodée, Astaroth, Lucifer e outras qualificações infernais aumentando as malícias, ao passo que se retiram quando vêem que perdem seu tempo com pessoas que não são seus patetas, e que se limitam a chamar, sobre eles, a misericórdia divina.

Superstição.

Leu-se no *Siècle*, de 6 de abril de 1860:

"O senhor Félix M..., jardineiro nos arredores de Orléans, passava por ter o talento de isentar os conscritos do sorteio, isto é, de fazê-los ter um bom número. Prometeu ao senhor Frédéric Vincent P..., jovem vinhateiro de St-Jean-de-Braye, de fazê-lo ter o número que quisesse, pagando 60 fr. dos quais 30 pagos adiantadamente, e 30 depois do sorteio. O segredo consistia em dizer três *Pater* e três *Ave* durante nove dias. Por outro lado, o feiticeiro afirmou que, graças àquilo que faria de sua parte, *aqui* trabalharia talvez bem o conscrito, e impedi-lo-ia de dormir durante a última noite, mas que estaria isento. Infelizmente o encanto não se operou; o conscrito dormiu como de hábito e trouxe o número 31 que fez dele um soldado. Esses fatos, renovados duas vezes ainda, não puderam ser mantidos em segredo e levaram o feiticeiro Félix M... diante da justiça."

Os adversários do Espiritismo acusam-no de despertar as idéias supersticiosas; mas o que há de comum entre a doutrina que ensina a existência do mundo invisível, comunicando com um mundo invisível, e fatos da natureza daquele que narramos, que são os verdadeiros tipos da superstição? Onde se viu que o Espiritismo ensinasse semelhantes absurdos? Se aqueles que o atacam sob esse aspecto se dessem ao trabalho de estudá-lo antes de julgá-lo levemente, saberiam que não somente ele condena todas as práticas adivinhatórias, mas que lhes demonstra a nulidade. Portanto, como dizemos freqüentemente, o estudo sério do Espiritismo tende a destruir as crenças verdadeiramente supersticiosas. Na maioria das crenças populares, quase sempre, há um fundo de verdade, mas desnaturado, amplificado; são os acessórios, as falsas aplicações que constituem, propriamente falando, a superstição. É assim que os contos de fadas e de gênios repousam sobre a existência de Espíritos bons ou maus, protetores ou malévolos; que todas as histórias de fantasmas têm sua fonte no fenômeno, muito real, das manifestações Espíritas, visíveis e mesmo tangíveis; esse fenômeno, hoje perfeitamente averiguado e *explicado*, entra na categoria de fenômenos naturais, que são uma consequência das leis eternas da criação. Mas o homem raramente se contenta com a verdade que lhe pareça muito simples; eles se vestem com todas as quimeras criadas pela sua imaginação, e é então que cai no absurdo. Depois vêm aqueles que têm interesse em explorar essas mesmas crenças, às quais acrescentam um prestígio fantástico, próprio para servirem aos seus objetivos; daí essa turba de adivinhos, feiticeiros, ledores da boa sorte, contra os quais a lei pune com justiça. O Espiritismo verdadeiro, racional, não é, pois, mais responsável do abuso que se lhe possa fazer, que o médico não o é das ridículas fórmulas e práticas empregadas pelos charlatães ou ignorantes. Ainda uma vez, antes de julgar, dai-vos ao trabalho de o estudar.

Concebe-se o fundo de verdade de certas crenças, mas talvez perguntar-se-á sobre o que pode repousar aquela que deu lugar ao fato acima, crença muito difundida nos nossos campos, como se sabe. Ela nos parece, de início, ter seu princípio no sentimento intuitivo dos seres invisíveis aos quais foram levados a atribuir uma força que, freqüentemente, eles não têm. A existência de Espíritos enganadores, que pululam ao nosso redor, em consequência da

inferioridade do nosso globo, como os insetos no pântano, e que se divertem às expensas das pessoas crédulas predizendo-lhe um futuro quimérico, sempre próprio para bajular seus gostos e seus desejos, é um fato dos quais, todos os dias, temos a prova por nossos médiuns atuais; o que se passa aos nossos olhos, ocorreu em todas as épocas pelos meios de comunicação em uso, segundo os tempos e os lugares, eis a realidade. O charlatanismo e a cupidez ajudando, a realidade passou ao estado de crença supersticiosa.

Fato de pneumatografia ou escrita direta.

O Sr. X..., um dos nossos mais sábios literatos, achava-se no dia 11 de fevereiro último, na casa da senhorita Huet, com seis outras pessoas há muito tempo iniciadas nas manifestações Espíritas. O Sr. X... e a senhorita Huet sentaram-se, um na frente do outro, numa pequena mesa escolhida pelo próprio Sr. X.... Este último tirou do seu bolso um papel perfeitamente branco, dobrou-o em quatro e marcou para si um sinal quase imperceptível, mas suficiente para ser facilmente reconhecido; colocou-o sobre a mesa e cobriu-o com um lenço branco, que lhe pertencia. A senhorita Huet posou suas mãos sobre a extremidade do lenço; de sua parte, o Sr. X... fazendo um outro tanto do seu, pediu aos Espíritos uma manifestação direta com um objetivo de edificação. O Sr. X... pediu de preferência a Channing, que foi evocado para esse efeito. Ao cabo de dez minutos, ele mesmo levantou o lenço e retirou o papel que trazia escrito, sobre uma das faces, o esboço de uma frase penosamente traçada e quase ilegível, onde, entretanto, podia-se descobrir os rudimentos destas palavras: *Deus vos ama*: sobre a outra face estava escrito: *Deus* no ângulo externo, e *Cristo* na extremidade do papel. Essa última palavra estava escrita de modo a deixar uma marca sobre a folha dobrada.

Uma segunda prova se fez, em condições exatamente semelhantes, e ao cabo de um quarto de hora o papel trazia, sobre a face inferior, e em caracteres fortemente traçados em negro, estas palavras inglesas: *God loves you*, e abaixo *Channing* na extremidade do papel estava escrito em francês: *Foi en Dieu*; enfim, sobre o verso da mesma página havia uma cruz, com um sinal semelhante um caniço, ambos traçados com uma substância vermelha.

Terminada a prova, o Sr. X... expressou à senhorita Huet o desejo de obter, por seu intermédio, como médium escrevente, algumas explicações mais desenvolvidas de Channing, e estabeleceu-se o diálogo seguinte entre ele e o Espírito:

P. Channing, estais presente? -R. Eis-me aqui; estais contente comigo?

P. A quem está dirigido isso que escrevestes; é a todos ou a mim particularmente? - R. Eu vos escrevi esta frase cujo sentido se dirige a todos os homens, mas da qual a experiência que fiz de escrever em inglês foi para vós, para vós em particular. Quanto à cruz, é o sinal da fé.

P. Por que o fizestes em cor vermelha? - R. Para vos pedir ter fé. Não poderia nada escrever, era muito comprido: Eu vos dei o sinal simbólico.

P. O vermelho é, pois, a cor simbólica da fé? - R. Certamente; é a representação do batismo de sangue.

Nota. A senhorita Huet não sabia inglês, e o Espírito quis dar por aí uma prova a mais de que seu pensamento era estranho à manifestação. O Espírito fê-lo espontaneamente e de sua plena vontade, mas é mais que provável que se o tivesse pedido como prova não teria se

prestado para isso; sabe-se que os Espíritos não gostam de servir de instrumentos em vista de experiências. As provas mais patentes surgem, freqüentemente, no momento em que menos se espera; e quando os Espíritos agem por seu próprio movimento, a miúdo, dão mais do que se lhes teria pedido, seja que ajudem ao coração mostrar sua independência, seja porque falte, para produção de certos fenômenos, um concurso de circunstâncias que a nossa vontade nem sempre basta para fazer nascer. Não saberíamos mais repeti-lo, os Espíritos, que têm o seu livre arbítrio, querem nos provar que não estão submetidos aos nossos caprichos; por isso, cedem raramente ao desejo da curiosidade.

Os fenômenos, de qualquer natureza que sejam, não estão, pois, de maneira certa, à nossa disposição, e ninguém saberia responder poder obtê-los à vontade e em um tempo dado. Quem quer observá-los, deve se resignar a esperá-los, e é, freqüentemente, da parte dos Espíritos, uma prova para a perseverança do observador, e o objetivo que se propõe; os *Espíritos se preocupam muito pouco em divertir os curiosos* e não se ligam de bom grado senão às pessoas sérias, que provam sua vontade de instruir-se, fazendo o que é preciso para isso, sem regatear sua dificuldade e seu tempo.

A produção simultânea de sinais em caracteres de cores diferentes é um fato extremamente curioso, mas que não é mais sobrenatural que todos os outros. Pode-se disso dar-se conta lendo a teoria da escrita direta na *Revista Espírita* do mês de agosto de 1859, páginas 197 e 205; com a explicação, o maravilhoso desapareceu para dar lugar a um simples fenômeno que tem sua razão de ser nas leis gerais da Natureza, e no que se poderia chamar a fisiologia dos Espíritos.

Espiritismo e Espiritualismo.

Num discurso pronunciado recentemente no Senado, por S. Em. o cardeal Donnet, nota-se a frase seguinte: "Mas hoje, como outrora, é verdadeiro dizer, com um eloqüente publicista que no gênero humano *o Espiritualismo* está representado pelo cristianismo."

Seria sem dúvida, estranho erro, se se pensasse que o ilustre Prelado, nessa circunstância, haja entendido *o Espiritualismo* no sentido da manifestação dos Espíritos. Essa palavra está aqui empregada na sua verdadeira acepção, e o orador não poderia exprimir-se de outro modo, a menos de se servir de uma perífrase, porque não existe outro termo para expressar o mesmo pensamento. Se não tivéssemos indicado a fonte de nossa citação, certamente se crera saída *textualmente* da boca de um Espiritualista americano a propósito da Doutrina dos Espíritos, igualmente representada pelo *cristianismo*, do qual é a mais sublime expressão. Seria possível, depois disso, que um erudito futuro, interpretando à sua vontade as palavras do Mons. Donnet, empreendesse demonstrar aos filhos dos nossos sobrinhos, que no ano 1860 um cardeal confessou publicamente, diante do Senado da França, a manifestação dos Espíritos? Não vemos, nesse fato, uma nova prova da necessidade de se ter uma palavra para cada coisa, a fim de entender-se? Que intermináveis disputas filosóficas não tiveram por causa senão o sentido múltiplo das palavras! O inconveniente é mais grave ainda nas traduções, e o texto bíblico disso nos oferece mais que um exemplo. Se na língua hebraica, a mesma palavra não significasse *dia* e *período*, não se enganaria sobre o sentido da Gênese a propósito da duração da formação da Terra, e o anátema não seria lançado, por falta de entender-se, contra a ciência, quando ela demonstrou que essa formação não pôde se cumprir em seis vezes 24 horas.

Ditados espontâneos

Revista Espírita, maio de 1860

As diferentes ordens de Espíritos.

(Comunicação particular obtida pela Senhora Desl..., membro da Sociedade, da parte de seu marido defunto.)

Escuta-me, minha cara amiga, se queres que eu venha dizer-te boas e grandes coisas. Não vês a direção dadas a certos fatos, e a vantagem que se pode disso tirar para o progresso da obra santa? Escuta os Espíritos elevados, e trata sobretudo de não confundir com eles aqueles que procuram se impor por uma linguagem mais pretensiosa que profunda. Não misture teu pensamento ao seu pensamento. Seria possível que os habitantes da Terra pudessem encarar as coisas do mesmo ponto de vista que os Espíritos desligados da matéria e obedientes às leis do Senhor? Não confundas em conjunto todos os Espíritos: há deles bem diferentes ordens. O estudo do Espiritismo vo-lo ensina, mas desse lado, quanto tendes a aprender ainda! Está sobre a Terra uma multidão de indivíduos cujas inteligências não se assemelham; alguns, dentre eles, parecem aproximar-se do animal mais que do homem, ao passo que há outros deles de tal modo superiores, que se está tentado a dizer que se aproximam de Deus, espécie de blasfêmia que seria necessário traduzir por esse pensamento, que têm neles uma chama dessas claridades celestes lançadas em seu coração pelo divino Senhor. Pois bem! Qualquer que seja a diversidade das inteligências na raça humana, estejas convencida de que essa diversidade é infinitamente maior ainda entre os Espíritos. Há inferiores neste ponto, que deles não se encontram semelhantes entre os homens, ao passo que existem bastante purificados para se aproximarem de Deus e contemplá-lo em toda a sua glória; submetidos às suas menores ordens, não aspiram senão a obedecer-lhe e agradá-lo. Chamados a circular em no meio dos mundos, ou se fixarem segundo convém à execução dos grandes desígnios do Senhor, a uns, disse: Ide, revelai meu poder a esses seres grosseiros, cuja inteligência é tempo de despertar; a outros: Percorrei esses mundos, a fim que, guiados pelos vossos ensinamentos, os seres superiores que os habitam acrescentem novas grandezas a todas aquelas que já lhes foram reveladas. Que todos sejam instruídos, que um dia virá onde as claridades do alto não serão mais obscurecidas, mas brilharão eternamente.

TEU AMIGO

Os dois ditados seguintes foram obtidos num pequeno círculo íntimo do bairro Luxembourg, e nos foram comunicados pelo nosso colega Sr. Solichon, que assistiu a eles. Lamentamos que nossas ocupações não nos hajam ainda permitido ir a essas reuniões, para as quais nos convidaram. Ficaremos felizes quando pudermos assistir a elas, porque sabemos que um sentimento de verdadeira caridade cristã e de benevolência recíproca ali preside.

I

Remorsos e arrependimentos.

Estou feliz por vos ver todos reunidos pela mesma fé e o amor de Deus Todo-poderoso, nosso divino senhor. Possa ele sempre vos guiar num bom caminho, vos cumular com seus benefícios, o que fará se vos tornar dignos disso.

Amai-vos sempre uns aos outros como irmãos; prestai-vos um apoio mútuo, e que o amor ao próximo não seja para vós uma palavra vazia de sentido.

Lembraí-vos de que a caridade é a mais bela das virtudes, e que, de todas, é a mais agradável a Deus; não somente essa caridade que dá um óbolo aos infelizes, mas aquela que vos faz compadecer de nossos irmãos infelizes; que vos faz partilhar suas dores morais, aliviar os fardos que os oprimem, a fim de lhes tornar a dor menos viva e a vida mais fácil.

Lembraí-vos de que o arrependimento sincero obtém o perdão de todas as faltas, tanto a bondade de Deus é grande, o remorso nada tem de comum com o arrependimento. O remorso, meus irmãos, é já o prelúdio do castigo; o arrependimento, a caridade, a fé, vos conduzirão às felicidades reservadas aos bons Espíritos.

Ouvireis a palavra de um Espírito superior, bem amado de Deus; recolhei-vos, e abri vosso coração às lições que ele vos dará.

UM ANJO GUARDIÃO.



Os Médiuns.

Estou satisfeita em vos ver todos pontuais ao encontro que vos dei. A bondade de Deus estender-se-á sobre vós, e todos os vossos anjos guardiães ajudar-vos-ão com seus conselhos, e vos preservarão da influência dos maus Espíritos, se souberdes escutar sua voz e fechar vossos corações ao orgulho, à vaidade e ao ciúme.

Deus encarregou-me de uma missão para cumprir junto aos crentes que ele favorece com o mediunato. Quanto mais recebem graças do Mais Alto, mais correm perigos; e esses perigos são tanto maiores quanto nascem dos próprios favores que Deus lhes concede.

As faculdades de que os médiuns gozam lhes atraem os elogios dos homens: as felicitações, as adulações, eis seu escolho. Os próprios médiuns, que deveriam ter presente na memória sua incapacidade primitiva, esquecem-no; fazem mais: o que eles não devem senão a Deus, atribuem ao seu próprio mérito. Que acontece então? Os bons Espíritos os abandonam; não tendo mais bússola para guiá-los, tornam-se joguetes de Espíritos enganadores. Quanto mais são capazes, mais são levados a se fazerem um mérito de sua faculdade, até que Deus, enfim, para puni-los, retira-lhes um dom que não pode mais que lhes ser fatal.

Eu não saberia muito vos lembrar de vos recomendar ao vosso anjo guardião, afim de que vos ajude a manter-vos em guarda contra vosso mais cruel inimigo, que é o orgulho. Lembrai-vos de que sem o apoio do vosso divino mestre, vós, que tendes a felicidade de ser os intermediários entre os Espíritos e os homens, sereis punidos tanto mais severamente quanto

fordeis mais favorecidos, se não aproveitastes da luz.

Alegro-me em ter esta comunicação, da qual deras conhecimento à tua sociedade, levará seus frutos, e que todos os médiuns que ali se encontrem reunidos, se mantenham em guarda contra o escolho onde viriam quebrar-se; este escolho, eu vo-lo disse a todos, é o orgulho.

JEANNE D'ARC

Aviso. Estamos felizes em anunciar aos nossos leitores a reimpressão da *Histoire de Jeanne d'Arc*. ditada por ela mesma. Essa obra aparecerá dentro em pouco, na casa do Sr. Ledoyen. Disso tornaremos a falar.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Terceiro Ano – 1860

Junho

- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [O Espiritismo na Inglaterra](#)
 - [Um Espírito falador](#)
- [O Espírito e o cãozinho](#)
- [O Espírito de um idiota](#)
- [Conversas familiares de além-túmulo - Senhora Duret](#)
- [Medicina intuitiva](#)
- [Um grão de loucura](#)
- [Tradição muçulmana](#)
- [Um erro de linguagem por um Espírito](#)
- Ditados Espontâneos e Dissertações Espíritas
 - [A vaidade](#)
 - [A miséria humana](#)
 - [A tristeza e o desgosto](#)
 - [A fantasia](#)
 - [Influência do médium sobre o Espírito](#)
- Bibliografia
 - [The Spiritual Magazine \(Londres\)](#)
 - [L'Amore dei vero \(Itália\)](#)
 - [História de Joana D'Arc](#)

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, junho de 1860

Sexta-feira, 4 de maio de 1860. (Sessão particular.)

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 17 de abril.

Com o parecer e a proposição do Comitê, e depois de relatório verbal, a Sociedade recebe, no número dos sócios livres: 1ª o Sr. Achille R..., empregado em Paris; 2ª o Sr. Serge de W..., de Moscou.

Comunicações diversas. 1ª Carta da senhora P..., médium, de Rouen, que diz que vários Espíritos sofredores, evocados na Sociedade, foram procurá-la espontaneamente para agradecer-lhe por ter pedido por eles. Desde que recobrou a sua faculdade mediúnica, ela não teve, disse ela, relação senão com Espíritos infelizes. Foi-lhe dito que sua missão era, principalmente, ajudar no seu alívio.

2ª Leitura de um ditado espontâneo sobre a vaidade, obtido pela senhora Lese..., médium, membro da Sociedade, da parte de seu Espírito familiar. (Publicado adiante.)

3ª Carta do Sr. Bénardacky, datada de Bruxelas, contendo uma comunicação que obteve, sobre a teoria da formação da Terra por incrustação de vários corpos planetários, e o estado cataléptico, no qual se encontraram seus primeiros habitantes e os outros seres vivos. Essa comunicação ocorreu a propósito de um fenômeno de catalepsia voluntária que se produziu, disse ele, entre os habitantes da Índia e do interior da África. Esse fenômeno consiste em que certos indivíduos se faziam enterrar vivos, mediante o pagamento de uma soma em dinheiro, e ao cabo de vários meses, eram retirados da tumba, retornando à vida.

O Sr. Arnauld d'A..., membro da Sociedade, antigo amigo e conselheiro do finado rei da Abissínia, e que durante muito tempo habitou esses países, citou dois fatos de seu conhecimento, dos quais um ocorreu na Inglaterra e o outro na Índia, e que parecem confirmar a possibilidade da catalepsia voluntária de curta duração; mas declara que nunca conhecera fatos da natureza dos quais fala o Sr. Bénardacky. O Sr. d'A..., estando familiarizado com a língua e os costumes desses países, que observou em sabendo, ficaria admirado se esses fatos tão extraordinários não viessem ao seu conhecimento, de onde pode supor que houve exagero.

Estudos. 1ª Pergunta se se pode fazer uma nova evocação do Sr. Jules-Louis C..., morto no hospital de Val-de-Grâce, em condições excepcionais, e já evocado em 24 de fevereiro. (Ver o número de abril, pág. 97.) Esse pedido é motivado pela presença de uma pessoa de sua família que lhe tem um grande interesse, e, além disso, pelo desejo de julgar o progresso que pôde fazer depois. - São Luís responde que o Espírito prefere ser chamado em uma sessão íntima.

2ª Perguntas sobre a teoria de formação da Terra por incrustação, e o estado cataléptico dos seres vivos em sua origem, a propósito da comunicação do Sr. Bénardacky. Numerosas observações são feitas, a esse respeito, por diversos membros.

3ª Estudo sobre o fenômeno, relatado na última sessão, de um cão que reconhece seu senhor evocado. O Espírito de Charlet intervém espontaneamente nessa questão, e desenvolve uma teoria da qual ressalta a possibilidade do fato. (Publicada adiante.)

(Sexta-feira, 11 de maio de 1860 (Sessão geral.)

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão do dia 4 de maio.

Comunicações diversas. 1ª Carta do Sr. Rabache, escrita de Liverpool, e na qual relata uma comunicação espontânea que lhe dera Adam Smith, sem que a provocasse; depois, a conversa que se lhe seguiu, na qual as respostas eram dadas em inglês, ao passo que as perguntas eram feitas em francês. Nessa conversa, Adam Smith critica o ponto que serviu de base em seu sistema econômico; disse que, se escrevesse hoje seu livro *Sentimentos morais*, daria a este por princípio: a consciência inata, tendo por móvel especial o amor.

2º Segunda carta do Sr. Bénardacky completando as comunicações que obteve sobre a cataleptização.

Nota. Numa sessão particular, São Luís, interrogado sobre o valor dessas comunicações, confirmou-as em várias partes, mas acrescentou, por intermédio do Sr. T..., médium:

"Podeis estudar essas coisas, mas vos convido a não publicá-las agora; são necessários muitos outros documentos, que vos serão dados mais tarde, e que as circunstâncias conduzirão. Publicando-os no presente, vos exporíeis a cometer graves erros sobre os quais serieis obrigados a retornar, o que seria deplorável, e faria muito dano ao Espiritismo. Sede, pois, muito prudentes no que toca às teorias científicas, porque é aí sobretudo que tendes a temer os Espíritos impostores e pseudo-sábios. Lembrai-vos do que freqüentemente vos é dito: os Espíritos não têm por missão trazer-vos a ciência inteiramente feita, que deve ser o fruto do trabalho e do gênio do homem, nem levantar todos os véus antes que os tempos tenham chegado. Tratai, sobretudo, de vos melhorar: está aí o essencial; Deus vos terá mais em conta de vosso bom coração e de vossa humildade, que de um saber onde a curiosidade, freqüentemente, tem a maior parte. É praticando suas leis, em praticando-as, ouvi-o bem, que merecereis ser favorecidos pelas comunicações dos Espíritos verdadeiramente superiores, que não enganam nunca."

Não se poderia desconhecer a profundidade e a alta sabedoria desses conselhos. Essa linguagem, ao mesmo tempo simples e sublime, marcada por uma extrema benevolência, contrasta singularmente com o tom altivo e cortante ou a fanfarrice dos Espíritos que se impõem.

3ª Leitura de uma notícia, enviada pelo Sr. T..., contendo a descrição de um mundo superior, ao qual seu Espírito foi transportado durante o sono. Esse mundo parecia ter muito de analogia com o estado indicado para Júpiter, mas num grau ainda mais elevado.

Estudos. Dois ditados espontâneos foram obtidos, um da senhora Parisse, assinado *Luís*, o outro pelo Sr. Didier, filho, assinado Gérard de Nerval.

2ª Perguntas relativas à visão do Sr. T..., dirigidas a São Luís. O vago e a incoerência das respostas acusam, evidentemente, a intromissão de um Espírito enganador.

3º Evocação de Adam Smith, a propósito da carta do Sr. Rabache. Perguntas sobre suas opiniões atuais, comparadas com as que emitiu em suas obras. Ele confirma o que disse ao Sr. Rabache, no que toca ao erro de princípio que lhe serviu de base em suas apreciações morais.

Sexta-feira, 18 de maio de 1860. (Sessão particular.)

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão. Com o parecer e a proposta do Comitê, e depois de relatório verbal, a Sociedade recebeu no número de seus sócios livres: 1º o sr. B..., negociante em Paris; 2º o Sr. C..., negociante em Paris.

Comunicações diversas. 1ª Leitura da comunicação seguinte, obtida numa sessão particular, a propósito dos trabalhos da última sessão, pela senhora S..., médium.

P. Por que São Luís não se comunicou, na última sexta-feira, pelo Sr. Didier, e deixou que falasse um Espírito enganador? -R. São Luís estava presente, mas não quis falar. Aliás, não reconhecestes que não era São Luís? E o essencial. Não fostes enganados, do momento que reconhecestes a impostura.

P. Com que objetivo não quis falar? -R. Podes perguntara ele mesmo; está aqui.

P. São Luís, poderíeis fazer-nos conhecer o motivo de sua abstenção? - R. Ficaste contrariado com o que se passou, mas deves entretanto saber que nada ocorre sem motivo. Há, freqüentemente, coisas das quais não compreendeis o objetivo; que vos parecem más à primeira vista, porque sois muito impacientes, mas das quais, mais tarde, reconheceréis a sabedoria. Esteja, pois, tranqüilo, e não te inquietes com nada; sabemos distinguir aqueles que são sinceros e velamos sobre eles.

P. Se foi uma lição que nos quisestes dar, concebê-la-ia quando estamos entre nós; mas em presença de estranhos, que dela puderam receber uma impressão má, parece-me que o mal domina sobre o bem. - R. Estás errado vendo as coisas assim; o mal não é o que tu crês, e te asseguro que houve pessoas aos olhos das quais essa espécie de fracasso foi uma prova de boa-fé de tua parte. Aliás, do mal, com freqüência, sai o bem. Quando vês um jardineiro cortar belos ramos de uma árvore, deploras a perda da verdura, e isso te parece um mal; mas uma vez cortados esses ramos parasitas, os frutos são mais belos e mais saborosos: eis o bem, e achas, então, que o jardineiro foi sábio e mais previdente do que creste. Do mesmo modo, ainda, se se amputa um membro a algum doente, a perda do membro é um mal, mas, depois da amputação, se fica melhor, eis o bem, porque ter-lhe-á, talvez, salvado a vida. Reflete bem nisto, e compreenderás.

P. Isso é muito justo; mas como ocorre que, apelando aos bons Espíritos, rogando-lhes afastar os impostores, esse apelo não seja ouvido? - R. Ele é ouvido, guarda-te de duvidar disso. Mas estais bem seguro de que esse apelo seja feito do fundo do coração por todos os assistentes, ou que não haja aqui ninguém que, ao menos por um pensamento pouco caridoso e malévolo, se não for pelo desejo, atraia junto a vós os maus Espíritos? Eis porque todos nós dizemos sem cessar: Sede unidos, sede bons e benevolentes uns para com os outros. Jesus disse: Quando estiverdes reunidos em meu nome, estarei no meio de vós.

Credeis, para isso, que basta pronunciar seu nome? Não o penseis, e estejais bem convencidos que Jesus não vai senão ali onde ele é chamado por corações puros: com aqueles que praticam seus preceitos, porque estes estão verdadeiramente reunidos em seu nome; não vai nem para os orgulhosos, nem para os ambiciosos, nem para os hipócritas, nem para aqueles que desejam o mal de seu próximo; foi deles que disse: Eles não entrarão no reino dos céus.

P. Concebo que os bons Espíritos se retirem daqueles que não escutam seus bons conselhos; mas se, entre os assistentes, há os mal-intencionados, é isso uma razão para punir os outros? - R. Admiro-me de tua insistência; parece que me expliquei bastante claramente para quem queira compreender. É necessário, pois, repetir-te para não te preocupares com essas coisas, que são pueris perto do grande edifício da doutrina que se eleva? Crês que a casa vai cair porque uma telha se destacou dela? Duvidais do nosso poder, da nossa benevolência? Não. Pois bem! Deixa-nos, pois, agir, e esteja certo que todo pensamento, bom ou mau, tem seu eco no seio do Eterno.

P. Nada dissestes a respeito da evocação geral que fazemos no começo de cada sessão; quereis dizer-nos o que pensais disso? -R. Deveis sempre apelar para os bons Espíritos; a forma, vós o sabeis, é insignificante: o pensamento é tudo. Tu te admiras do que se passou; mas examinaste bem os rostos daqueles que te escutam quando fazes essa evocação? Não viste, mais de uma vez, o sorriso de sarcasmo errar sobre seus lábios? Que Espíritos crês que essas pessoas vos conduzem? Espíritos que, como elas, se riem das coisas mais sagradas. Por isso vos disse também não admitir o primeiro que chegue entre vós, e para evitar os curiosos que não vêm para se instruírem. Cada coisa virá a seu tempo, e ninguém pode prejudicar os desígnios de Deus; eu vos digo, em verdade, que aqueles que riem hoje destas coisas, não rirão por muito tempo.

São Luís

2ª Nota dirigida pelo Sr. Jobard, de Bruxelas, sobre a evocação, que ele fez, do Sr. Ch. de Br..., morto há pouco.

3ª Leitura de uma comunicação obtida pela senhora Lese..., médium, membro da Sociedade, e dando interessantes explicações sobre a história do Espírito e do pequeno cão. (Publicada adiante.)

4ª Outro ditado espontâneo, ao mesmo médium, sobre: a tristeza e o desgosto.

5ª Carta do Sr. B..., professor de ciências, sobre a teoria que lhe foi dada de horas fixas nas quais o Espírito pode se manifestar. Essa teoria é considerada, por todo o mundo sem exceção, como o resultado de uma obsessão da parte de Espíritos sistemáticos e ignorantes. A experiência e o raciocínio demonstram, à saciedade, que ela não merece um exame sério.

6º Relato de fato curioso relativo a um retrato pintado sob influência de uma mediunidade natural intuitiva. O Sr. T...artista pintor, perdera seu pai numa idade em que não poderia conservar nenhuma lembrança de seus traços. Lamentava vivamente, assim como outros membros da família, de não ter nenhum retrato dele. Um dia, que estava em seu atelier, uma espécie de visão apareceu-lhe, ou antes, uma imagem se traçou em seu cérebro, e pôs-se a reproduzi-la sobre a tela. A execução se fez em várias sessões, e, cada vez, a mesma imagem se lhe apresentava. Veio-lhe o pensamento de que poderia ser seu pai, mas disso não falou a ninguém, e quando o retrato foi acabado, mostrou-o aos seus parentes, e todos o

reconheceram sem hesitar.

Estudos. 1º Quatro ditados espontâneos são obtidos simultaneamente: o primeiro pela senhorita Huet, do Espírito que começou a escrever suas memórias; o segundo pela senhora S..., sobre a *Fanlasia*, de Alfred de Musset; o terceiro pela senhorita Stéphanie S..., de um Espírito familiar, morto há alguns anos, e que, quando vivo, chamava-se Gustave Lenormand. E um Espírito ainda pouco avançado, de um caráter jovial e espirituoso, mas muito bom, muito serviçal, e que é considerado em várias famílias, onde vai com freqüência, como o amigo da casa. Dissera, um dia, que viria fazer a caça dos maus Espíritos. - O quarto da senhorita Parisse, assinada *Luís*.

2ª Evocação do Sr. B..., professor de ciências, da qual se falou mais acima, vivo, e que foi designado por um outro Espírito como podendo fornecer informações sobre François Bayle, médico do décimo-sétimo século, do qual se quer estabelecer a biografia. O resultado dessa evocação tende a provar que *Bayle*, morto, e o Sr. B..., vivo, não são senão um. Este último fornece, com efeito, as informações desejadas, e dá várias explicações do mais alto interesse. (Será publicada.)

(Sexta-feira, 25 de maio de 1860. (Sessão geral.)

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

Comunicações diversas. Carta do Sr. doutor Morhéry, contendo uma apreciação, do ponto de vista científico, da medicação empregada, sob sua direção, pela senhorita Desiré Godu. (Publicada adiante.)

2ª Leitura de um ditado espontâneo, obtido pela senhora Lese..... médium, sobre a *miséria humana*.

3ª Leitura de uma série de comunicações muito notáveis, feitas em sessões particulares por diversos membros da família russa W... (Serão publicadas.)

4ª Leitura da evocação feita, em sessão particular, da senhora Duret, médium, morta em Argélia em 1º de maio. Ela encerra importantes apreciações sobre os médiuns.

Estudos. 1ª Evocação da senhora Duret: conseqüência de suas comunicações.

2ª Evocação de Charles de Saint-G... idiota, com idade de treze anos; ela dá curiosas revelações sobre o estado desse Espírito, antes e depois de sua encarnação. (Publicada adiante.)

3ª Estudo sobre o Sr. V..., oficial da marinha, vivo, que conservou a lembrança precisa de sua existência e de sua morte na época de São Bartolomeu. (Será publicada.)

O Espiritismo na Inglaterra

Revista Espírita, junho de 1860

O Espiritismo encontrou na Inglaterra, no princípio, uma oposição da qual se admirou com razão. Não foi que ali não encontrasse partidários isolados, como por toda parte, mas seus progressos ali foram infinitamente menos rápidos do que na França. É que, como alguns pretenderam, os Ingleses mais frios, mais positivos, menos entusiasmados que nós, se deixam levar menos pela sua imaginação; que sejam menos levados ao maravilhoso? Se assim fora, dever-se-ia espantar, com muito mais forte razão, que tivesse seu principal foco nos Estados Unidos, onde o positivismo dos interesses materiais reina soberanamente absoluto. Não seria mais racional que saísse da Alemanha, ao passo que a Rússia, sob esse aspecto, parece dever ultrapassar a terra clássica das lendas? A oposição que o Espiritismo encontrou na Inglaterra não se prende, de nenhum modo, ao caráter nacional, mas à influência das idéias religiosas de certas seitas preponderantes, rigorosamente apegadas à letra mais que ao espírito de seus dogmas; elas se emocionaram com uma doutrina que, à primeira vista, pareceu-lhes contrária às suas crenças; mas não poderia sê-lo por muito tempo assim num povo que reflete, é esclarecido, e onde o livre exame não sente nenhum entrave, onde o direito de reunião para discutir é absoluto. Diante da evidência dos fatos, ser-lhe-ia bem necessário render-se; ora, precisamente porque os Ingleses julgaram-nos friamente e sem entusiasmo, foi que os apreciaram e compreenderam toda a sua importância. Quando, depois de uma observação séria, saiu para essa verdade capital que as idéias espíritas têm sua fonte nas idéias cristãs, que longe de se contradizerem elas se corroboram, se confirmam, se explicam umas pelas outras, toda satisfação foi dada ao escrúpulo religioso; a consciência firmada, nada mais se opôs ao progresso das idéias novas, que se propagaram, nesse país, com uma espantosa rapidez. Ora, ali como alhures, é ainda na parte esclarecida da população que se encontram seus mais numerosos e mais zelosos partidários; argumento peremptório ao qual ainda nada se opôs. Ali os médiuns se multiplicam; numerosos centros se estabeleceram, aos quais se associam os membros do alto clero, que proclamam abertamente suas convicções. Os adversários dirão que a febre do maravilhoso triunfou da fleuma inglesa? Qualquer que ela seja, é um fato notório, é que suas classes se esclarecem, todos os dias, a despeito de seus sarcasmos.

O desenvolvimento das idéias espíritas na Inglaterra não poderia deixar de dar nascimento a publicações especiais. Elas têm ali agora um órgão mensal muito interessante, que se publica em Londres, desde o 1^o de maio último, sob o título de *the Spiritual Magazine*, do qual tomamos o relato seguinte:

Um Espírito falador.

Estando, há algumas semanas, em Worcester, encontrei por acaso, na casa de um banqueiro dessa cidade, uma senhora com a qual fiz o conhecimento e, de sua própria boca, ouvi uma história de tal modo surpreendente, que não me foi necessário mais que um testemunho comum para nela acrescentar fé. Quando interroguei nosso hospedeiro sobre essa senhora, disse-me que a conhecia há mais de trinta anos. "Ela é de tal modo verídica, ajuntou ele, sua justiça é tão bem conhecida de todo mundo, que não tenho a menor dúvida sobre a realidade do que contou. É uma mulher de uma reputação sem mancha, de costumes irrepreensíveis, possuindo um espírito forte e inteligente, e uma instrução variada. "Considerava, pois, como

impossível que ela procurasse enganar os outros, ou que se enganasse ela mesma. Ouvira-lhe, freqüentemente, contar essa história, e sempre de maneira clara e precisa, de sorte que ficava extremamente embaraçado; repugnava-lhe admitir semelhantes fatos, e, de outro lado, não ousava pôr em dúvida a boa-fé de ninguém.

Minhas próprias observações tendiam a confirmar tudo o que me dissera a senhora em questão. Havia em seu ar, em suas maneiras, mesmo no som de sua voz, um não sei que que raramente engana, e que leva em si mesmo a convicção da verdade. Era-me, pois, impossível não a julgar sincera, tanto mais que ela parecia falar dessas coisas com uma repugnância evidente. O banqueiro dissera-me que era muito difícil fazê-la falar sobre esse assunto, porque, em geral, encontrava ouvintes mais dispostos a rirem que a crerem. Acrescentai a isso que nem a senhora, nem o banqueiro, conheciam o Espiritismo, ou dele apenas ouviram falar.

Eis o relato dessa senhora:

"Pelo ano de 1820, tendo deixado nossa casa de Suffolk, fomos habitar na cidade de ***, porto de mar, na França. Nossa família se compunha de meu pai, de minha mãe, uma irmã, um jovem irmão em torno de doze anos, de mim e de um doméstico inglês. Nossa casa estava situada num lugar bem retirado, um pouco fora da cidade, no belo meio da praia; não havia outra casa nem nenhuma espécie de navio na vizinhança.

"Uma noite, meu pai viu, a algumas jardas somente da porta, um homem envolvido num grande casaco e sentado sobre um pedaço de rochedo. Meu pai aproximou-se dele para dizer-lhe boa-noite, mas, não recebendo resposta, voltou atrás. Antes de entrar, todavia, teve a idéia de se voltar, e, para seu grande espanto, não viu mais ninguém. Ficou ainda mais surpreendido quando, depois de se aproximar de novo, e bem examinar tudo ao redor do rochedo, não viu o menor traço do indivíduo, que ali estivera sentado um instante antes, e nenhum abrigo existia onde pudesse se esconder. Quando meu pai reentrou na casa, disse-nos: "Meus filhos, acabo de ver uma aparição." Como se pode crer nos pusemos todos a rir às gargalhadas.

No entanto, nessa noite, e em várias noites seguidas, ouvimos ruídos estranhos em diversos lugares da casa; eram ora gemidos que partiam de debaixo de nossas janelas, ora parecia que se raspava sobre as próprias janelas, e, em outros momentos, dir-se-ia que várias pessoas raspavam no teto. Abrimos nossas janelas várias vezes e, pedindo em voz alta: "Quem está aí?" mas sem obter resposta.

"Ao cabo de alguns dias, os ruídos se fizeram ouvir no próprio quarto onde minha irmã e eu nos deitávamos (ela tinha vinte anos e eu dezoito). Despertamos todos da casa, mas não quiseram nos escutar; censuraram-nos e nos trataram de loucas. Os ruídos consistiam, comumente, em pancadas: algumas vezes eram 20 ou 30 num minuto, de outras vezes decorria um minuto entre cada golpe.

"Afinal, os ruídos de fora e de dentro foram igualmente ouvidos por nossos pais, e foram bem forçados a admitirem que a imaginação não tomara parte em nada. Então lembrou-se do fato da aparição; mas, em suma, não estávamos muito atemorizados, e acabamos por nos habituar a todo esse barulho.

"Uma noite, enquanto se batia como de hábito, veio-me ao pensamento dizer: "Se és um Espírito, bata seis vezes." Imediatamente ouvi bater os seis golpes muito distintamente. Com

o tempo esses ruídos se nos tornaram de tal modo familiares que não só deles não tínhamos nenhum pavor, mas nos deixaram mesmo de ser desagradáveis.

"Atualmente, vou contar a parte mais curiosa dessa história, e hesitaria em vos comunicar, se todos os membros de minha família não fossem testemunhas do que exponho. Meu irmão, então criança, mas que é agora um homem muito distinguido em sua profissão, poderá, se necessário, vo-la confirmar todos os detalhes.

"Além das pancadas no nosso quarto de dormir, começamos a ouvir, no salão principalmente, como uma voz humana. Na primeira vez que a ouvimos, minha irmã estava ao piano; cantávamos uma canção, e eis que o Espírito se pôe a cantar conosco. Pode-se imaginar nosso espanto. Não havia mais meios de duvidar da realidade do fato, porque pouco depois a voz começou a nos falar, de maneira clara e inteligível, misturando-se de tempo a tempo em nossa conversação. A voz era baixa, os tons lentos, solenes, muito distintos: o Espírito nos falava sempre em francês. Disse-nos que se chamava Gaspard, mas quando queríamos interrogá-lo sobre sua história pessoal, ele não respondia; nunca quis dizer o motivo que o levou a se relacionar conosco. Geralmente, pensávamos que era Espanhol; não posso todavia lembrar-me de onde nos veio essa idéia. Ele chamava cada membro da família por seu nome de batismo; algumas vezes nos recitava versos, e procurava constantemente nos inculcar sentimentos de moral cristã, mas sem nunca tocar nas questões do dogma. Parecia deseioso de nos fazer compreender o que há de grande na virtude, o que há de belo na harmonia que reina entre os membros de uma mesma família. Uma vez que minha irmã e eu tivemos uma leve disputa, ouvimos a voz dizer-nos: "M...está errada; S...tem razão." Desde o momento que se deu a conhecer, ocupou-se constantemente em nos dar bons conselhos. Uma vez meu pai estava muito inquieto a respeito de certos documentos que acreditava ter perdido, e que estava deseioso de reencontrar. Gaspard disse-lhe onde estavam na nossa velha casa de Suffolk; procurou-se, e no mesmo lugar que indicara, encontraram-se os papéis.

"As coisas continuaram a se passar assim durante mais de três anos; todas as pessoas da família, sem excetuar os domésticos, ouviram a voz. A presença do Espírito, porque nunca duvidamos de sua presença, era sempre uma grande alegria para todos nós; ao mesmo tempo o considerávamos nosso companheiro e nosso protetor.

Um dia, nos disse: "Durante alguns meses, não estarei mais convosco." Com efeito, suas visitas cessaram durante vários meses; uma noite, ouvimos essa voz, tão bem conhecida nossa, dizer-nos: "Eis-me ainda entre vós." Seria difícil pintar a nossa alegria.

"Até aqui, sempre o ouvíamos, mas não era visto. Uma tarde meu irmão disse: "Gaspard, eu gostaria muito de vos ver." e a voz respondeu: "Eu vos contentarei; ver-me-eis se fordes até o outro lado da praça." Meu irmão nos deixou, mas logo voltou dizendo: "Eu vi Gaspard; ele portava um casaco e um chapéu de abas largas; olhei-o sob seu chapéu, e ele me sorriu. - Sim, disse a voz, misturando-se na conversa, era eu."

A maneira pela qual nos deixou completamente, nos foi muito sensível. Retornamos a Suffolk, e lá, como na França, durante várias semanas depois de nossa chegada, Gaspard continuou suas conversas conosco.

"Uma noite, ele nos disse: "Vou deixar-vos para sempre, e serieis infelizes se permanecesse junto a vós neste país, onde nossas comunicações seriam mal compreendidas e mal interpretadas."

"Desde esse momento, acrescentou a senhora, com um acento de tristeza, como quando se fala de um ser amado que a morte levou, não mais ouvimos a voz de Gaspard."

Eis os fatos tais como me foram contados. Tudo isso me faz refletir, e pode igualmente fazer refletir vossos leitores. Não pretendo dar nenhuma explicação, nenhuma opinião; direi somente que tenho inteira confiança na boa-fé da pessoa de quem os tomei, e assino meu nome, em garantia da exatidão de minha narração.

S. C. HALL

O Espírito e o cãozinho

(Sociedade, 4 de maio de 1860. Méd. Sr Didier.)

O Sr. G.G..., de Marseille, nos transmite o fato seguinte: "Um jovem morreu há oito meses, e sua família, na qual se encontram três irmãs médiuns, evoca-o quase diariamente com a ajuda de uma cesta. Cada vez que o Espírito é chamado, um cãozinho, que muito amara, salta sobre a mesa e vem cheirar a cesta, produzindo pequenos gemidos. A primeira vez que isso ocorreu, a cesta escreveu: "Meu bravo cãozinho, que me reconhece."

"Eu não vi o fato, mas as pessoas de quem o tenho, freqüentemente, foram testemunhas, e são muito bons Espíritos, e muito sérios para que me seja permitido pôr em dúvida a sua veracidade. Perguntei-me se o perispírito conservaria bastante partículas materiais para afetar o odor do cão, ou se o cão era dotado da faculdade de ver os Espíritos; é um problema que me pareceria útil aprofundar, se todavia não estiver já resolvido.

1ª Evocação de M.***, morto há oito meses, e do qual veio a ser questão. - R. Estou aí.

2ª Confirmais o fato relativo ao vosso cão, que vem cheirar a cesta que serve em vossas evocações, e que parece vos reconhecer? - R. Sim.

3ª Poderíeis dizer-nos qual a causa que atrai o vosso cão para a cesta? - R. A extrema fineza dos sentidos pode fazê-lo adivinhar a presença do Espírito, vê-lo mesmo.

4ª O cão vos vê ou vos sente? - R. O odor, sobretudo, e o fluido magnético.

Charlet

Nota. Charlei, o pintor, deu à Sociedade uma série de ditados muito notáveis sobre os animais, e que publicaremos proximamente; foi a esse título, sem dúvida, que interveio espontaneamente na presente evocação.

5ª Uma vez que Charlet interveio na questão que nos ocupa, rogamos dar-nos algumas explicações a esse respeito. - R. De bom grado. O fato é perfeitamente verossímil, e por conseqüência natural. Falo em geral, porque não tenho conhecimento daquele que se trata. O cão está dotado de um organismo todo particular; ele compreende o homem, é dizer tudo; ele o sente, segue-o em todas as suas ações com a curiosidade de uma criança; ele ama, que mais é, ao ponto, - e se têm bastantes exemplos para confirmar o que exponho - ao ponto, disse eu, de se devotar a ele. O cão deve ser, disso não estou seguro, ouvi-o bem, mas o cão deve ser um desses animais vindos de um mundo já avançado para sustentar o homem em sua pena, servi-lo, guardá-lo. Acabo de falar das qualidades morais que o cão possui em si mesmo positivamente. Quanto às suas faculdades sensitivas, elas são extremamente finas; todos os caçadores conhecem a sutilidade do odor do cão; além desta qualidade, o cão compreende quase todas as ações do homem; compreende a importância de sua morte; por que não adivinharia sua alma, e por que mesmo não a veria?

No dia seguinte, a senhora Lese..., médium,- membro da Sociedade, obteve em particular a explicação seguinte sobre o mesmo assunto.

"O fato citado na Sociedade é verdadeiro, embora o perispírito, desligado do corpo, não tenha nenhuma de suas emanções. O cão cheirava a presença de seu senhor; quando se diz *cheirar*, entendo que seus órgãos percebiam sem que seus olhos vissem, sem que seu nariz sentisse; mas todo o seu ser estava advertido da presença do senhor, e essa advertência era-lhe sobretudo dada pela vontade que se exalava do Espírito daqueles que evocavam o morto. A vontade humana fere e adverte o instinto dos animais, sobretudo o dos cães, antes que nenhum sinal exterior a haja revelado. Esse cão está colocado, por sua fibra nervosa, em relação direta conosco, os Espíritos, quase tanto quanto vós com os outros homens; ele percebe as aparições; dá-se conta da diferença que existe entre elas e as coisas reais terrestres, e delas tem um grande terror. O cão uiva à lua, segundo a expressão vulgar; uiva também quando sente a morte chegar. Nesses dois casos, e em muitos outros, o cão é intuitivo: vê menos do que sente; o fluido elétrico penetra-o quase que habitualmente. O fato que me serviu de ponto de partida, nada tem de espantoso, porque, no momento do desprendimento da vontade que chamava seu senhor, o cão sentia a sua presença tão viva quanto o próprio Espírito ouvia e respondia ao chamado que se lhe fizera."

Georges (*Espírito familiar.*)

O Espírito de um idiota

(Sociedade, 25 de maio de 1860.)

Charles de Saint-G... é um jovem idiota de treze anos, vivo, e cujas faculdades intelectuais são de tal modo nulidade que não reconhece seus pais, e pode, com dificuldade, tomar ele mesmo seu alimento. Há nele parada completa do desenvolvimento de todo o sistema orgânico. Pensara-se que aí poderia estar um interessante assunto de estudo psicológico.

1. (A São Luís.) Quereis dizer-nos se podemos evocar o Espírito dessa criança? - R. Podeis evocá-lo como evocais o Espírito de um morto.
2. Vossa resposta nos faria supor que a evocação poderia dar-se qualquer momento. - R. Sim; sua alma liga-se ao seu corpo por laços materiais, mas não por laços espirituais; ela pode sempre se desligar.
3. Evocação de Ch. de Saint-G...-R. Sou um pobre Espírito amarrado à Terra como um pássaro por uma pata.
4. Em vosso estado atual, como Espírito, tendes a consciência de vossa nulidade nesse mundo? -R. Certamente; sinto bem o meu cativo.
5. Quando o vosso corpo dorme, e que o vosso Espírito se desliga, tendes as idéias tão lúcidas como se estivésseis num estado normal? - R. Quando meu infeliz corpo repousa, estou um pouco mais livre para elevar-me ao céu a que aspiro.
6. Sentis, como Espírito, um sentimento penoso de vosso estado corpóreo? - R. Sim, uma vez que é uma punição.
7. Lembrai-vos de vossa existência precedente? - R. Oh! Sim; foi a causa de meu exílio na presente.
8. Qual foi essa existência? - R. Um jovem libertino ao tempo de Henrique III.
9. Dissestes que a vossa condição atual é uma punição; portanto, não a escolhestes? - R. Não.
10. Como a vossa existência atual pode servir ao vosso adiantamento, no estado de nulidade em que estais? - R. Ela não é nula para mim diante de Deus que ma impôs.
11. Prevedes a duração de vossa existência atual? - R. Não; ainda alguns anos e reentrarei em minha pátria.
12. Desde a vossa precedente existência até a vossa encarnação atual, que fizestes como

Espírito? -R. Foi porque eu era um Espírito leviano que Deus me aprisionou.

13. Em vosso estado de vigília, tendes consciência do que se passa ao vosso redor, e isso apesar da imperfeição dos vossos órgãos? - R. Eu vejo, ouço, mas meu corpo não compreende nem vê nada.

14. Podemos fazer alguma coisa que vos seja útil? - R. Nada.

15. (A São Luís.) As preces por um Espírito reencarnado podem ter a mesma eficácia que para um Espírito errante? - R. As preces são sempre boas e agradáveis a Deus; na posição desse pobre Espírito, não podem lhe servir para nada; servir-lhe-ão mais tarde, porque Deus as reserva.

Nota. Ninguém desconhecerá o alto ensinamento moral que ressalta desta evocação. Ela confirma, por outro lado, o que sempre se disse sobre os idiotas. Sua nulidade moral não se prende à nulidade de seu Espírito que, abstração feita dos órgãos, goza de todas as suas faculdades. A imperfeição dos órgãos não é senão um *obstáculo* à livre manifestação das faculdades; ela não as aniquila. É o caso de um homem vigoroso cujos membros sejam comprimidos por laços. Sabe-se que, em certos países, os cretinos, longe de serem um objeto de desprezo, são cercados de cuidados benevolentes. Esse sentimento não se prenderia à intuição do verdadeiro estado desses infortunados, tanto mais dignos de considerações quanto seu Espírito, que compreende sua posição, deve sofrer por se ver o resto da sociedade?

Conversas familiares de além-túmulo - Senhora Duret

Revista Espírita, junho de 1860

Médium escrevente, morta em 1^{fl} de maio de 1860, em Argélia, evocada primeiro na casa do Sr. Allan Kardec, dia 21, depois na Sociedade, dia 25 de maio.

1. Evocação. - Eis-me.

2. Conhecemo-nos de nome, se não de fato; embora nunca me vistes, reconheceis-me? - R. Oh! muito bem.

3. Depois de vossa morte, já viestes me visitar? - R. Não ainda, mas sabia bem que me chamaríeis.

4. Como médium, e perfeitamente iniciada no Espiritismo, pensei que poderíeis, melhor que outro, dar-nos explicações instrutivas sobre diferentes pontos da ciência. - R. Responderei o melhor que puder.

5. Esta primeira evocação não tem por objeto senão renovar, de alguma sorte, o conhecimento, e colocar-nos em relação; quanto às perguntas, como são de interesse geral, prefiro vo-las dirigir na Sociedade. Pergunto, pois, se consentis em vir? - Sim, de muito bom grado; responderei e pedirei a Deus que me esclareça.

6. Há aqui cinco médiuns; preferis um deles para vos servir de intérprete? - R. Isso me é indiferente, desde que seja um bom médium.

7. Como médium, fostes alguma vez enganada pelos Espíritos em vossas comunicações? - R. Oh! Muito freqüentemente. Há poucos médiuns que não o sejam, mais ou menos.

Nota. No dia seguinte, a senhora Durei se manifestou, espontaneamente, e testemunhou o pesar por não se lhe dirigir, na véspera, um maior número de perguntas.

8. Se não o fiz, como disse, foi que as reservei para a Sociedade; queria simplesmente assegurar-me de que podia contar convosco. - R. O que é feito em vossa casa, é igualmente dado para a instrução da Sociedade, e é, com freqüência, útil aproveitar os instantes em que o Espírito quer se comunicar, não lhe sendo sempre as circunstâncias igualmente favoráveis.

9. Quais são as circunstâncias que lhe podem ser favoráveis? - R. Há muitas que conheceis; mas é necessário que saibais que isso não depende sempre dele. Algumas vezes, tem necessidade de ser assistido por outros Espíritos, que nem sempre estão ali a propósito.

10. Uma vez que viestes, espontaneamente, devo crer que estais num desses momentos propícios, e disso aproveitarei se consentirdes. Dissestes ontem que, freqüentemente, fostes

enganada como médium; vedes agora os Espíritos que vos enganavam? -R. Sim, vejo-os muito bem. Gostariam muito ainda de me enganar, mas no presente, vejo-os claro; não sou mais sua vítima; também, eu os repilo.

11. Dissestes, também, que há muitos médiuns que foram, mais ou menos, enganados; de que isso depende? - R. Muito do médium, e também daquele que interroga.

12. Peco-vos explicar-vos mais claramente? - R. Quero dizer que se pode sempre, quando se o quer, preservar-se dos maus Espíritos, e a primeira condição, para isso, é não atraí-los pela sua fraqueza ou por seus defeitos. Quantas coisas terei a vos dizer lá em cima! Ah! Se os médiuns soubessem todo o mal que se fazem expondo-se aos Espíritos malévolos!

13. É no mundo dos Espíritos que eles se fazem mal? - R. Sim, e no mundo dos vivos também.

14. Que mal isso pode fazer-lhes no mundo dos vivos? - R. Vários; primeiro, tornam-se vítimas dos maus Espíritos, que os enganam e impelem ao mal, excitando todos os seus defeitos, que encontram em germe nele, principalmente o orgulho e o ciúme. Em seguida, Deus pune-os, freqüentemente, pelas penas da vida.

Nota. Temos mais de um exemplo de médiuns dotados das mais felizes disposições, e que a infelicidade perseguiu e oprimiu, depois de se deixarem dominar pelos maus Espíritos.

15. Mas, então, não seria melhor não ser médium, uma vez que essa faculdade pode arrastar a tão grandes inconvenientes? -R. Credes, pois, que os maus Espíritos não venham atacar senão os médiuns? A mediunidade, ao contrário, é um meio precioso para reconhecê-los e deles se preservar; é o remédio que Deus, em sua bondade, dá ao lado do mal; é a advertência de um bom pai que ama seus filhos e quer preservá-los do perigo. Infelizmente, aqueles que gozam desse dom não sabem ou não querem aproveitá-lo; são como o imprudente que se fere com a arma que deve servir para defendê-lo.

16. Sois bem vós, senhora Duret, que dais estas respostas? -R. Sou eu quem as dou. e o certifico em nome de Deus; mas creio que se estivesse abandonada a mim mesma, delas seria incapaz. Os pensamentos me vêm de mais alto.

17. Vedes o Espírito que vos inspira? -R. Não; há aqui uma multidão de Espíritos diante dos quais me inclino, e cujos pensamentos parecem irradiar em mim.

18. Assim, um Espírito pode receber as inspirações de outros Espíritos tão bem quanto aquele que está encarnado, e servir-lhe de intermediário? -R. Guardai-vos de duvidar disso; freqüentemente, ele crê responder por si mesmo, e não é senão um eco.

19. Que os pensamentos sejam vossos pessoalmente, ou que vos sejam sugeridos, pouco nos importa, do momento que são bons, e agradecemos os bons Espíritos que vo-los sugerem; mas, então, perguntarei por que esses mesmos Espíritos não respondem diretamente? - R. Fá-lo-iam se vós os interrogásseis; foi a mim que evocastes; eles querem responder, e então servem-se de mim para a minha própria instrução.

20. O Espírito que obsidia um médium quando vivo, obsidia-o ainda depois da sua morte? - R. A morte não livra o homem da obsessão dos maus Espíritos; é a figura do demônio

atormentando as almas em pena. Sim, esses Espíritos perseguem-no depois da morte, e causam-lhes sofrimentos horríveis, porque o Espírito atormentado sente-se sob uma opressão da qual não pode se livrar. Aquele, ao contrário, que se livrou da obsessão quando vivo, é forte, e os maus Espíritos olham-no com temor e respeito; encontraram seu senhor.

21. Há muitos médiuns verdadeiramente bons, em toda a acepção da palavra? - R. Não são os médicos que faltam, mas os bons médicos são raros; ocorre o mesmo com os médiuns.

22. Por que sinal se pode reconhecer que as comunicações de um médium merecem confiança? - R. As comunicações dos bons Espíritos têm um caráter com o qual não é possível enganar-se, quando se quer dar-se ao trabalho de estudá-las. Quanto ao médium, o melhor seria aquele que nunca foi enganado, porque isso seria a prova de que não atrai senão os bons Espíritos.

23. Mas não há médiuns dotados de excelentes qualidades morais e que são enganados? - R. Sim, os maus Espíritos podem tentar, e não triunfam senão pela fraqueza ou a confiança muito grande do médium, que se deixa enganar; mas isso não dura muito, e os bons Espíritos facilmente levam vantagem quando a vontade aí está.

24. A faculdade mediúnica é independente das qualidades morais do médium? -R. Sim, freqüentemente, é dada em muito alto grau a Pessoas viciosas, a fim de ajudá-las a se corrigirem. É que os doentes não têm mais necessidade de remédios que as pessoas que se portam bem? Os maus Espíritos, algumas vezes, dão-lhe bons conselhos sem o quererem; são impelidos por bons Espíritos; mas disso não se aproveitam, porque, pelo orgulho, não os tomam Para si.

Nota. Isso é perfeitamente exato, e vêem-se, freqüentemente, Espíritos inferiores darem rudes lições, e em termos pouco medidos, assinalarem os defeitos, virarem os defeitos em ridículo, com mais ou menos comedimento, segundo as circunstâncias e, algumas vezes, de modo muito espiritual.

25. Os bons Espíritos podem se comunicar por maus médiuns? - R. Algumas vezes, médiuns imperfeitos podem ter muito belas comunicações, que não podem vir senão de bons Espíritos; quanto mais essas comunicações sejam sábias e sublimes, mais os médiuns são culpados por não aproveitá-las. Oh! Sim; são bem culpados, e carregam cruelmente a pena de sua cegueira.

26. As boas intenções e as qualidades morais daquele que interroga, podem conjurar os maus Espíritos atraídos por um médium imperfeito, e assegurar-lhe boas comunicações? - R. Os bons Espíritos apreciam a intenção, e, quando julgam útil fazê-lo, podem se servir de toda espécie de médium, segundo o objetivo que se propõem; mas, em geral, as comunicações são tanto mais seguras quanto o médium tenha mais qualidades sérias.

27. Nenhum homem podendo ser perfeito. seguir-se-ia que não há médiuns perfeitos? -R. Há os que são tão perfeitos quanto o comporta a humanidade terrestre; são raros, mas os há; estes são os preferidos de Deus e se preparam grandes alegrias no mundo dos Espíritos.

28. Quais são os defeitos que mais dão presa aos maus Espíritos? -R. Eu vos disse: o orgulho, e o ciúme, que é uma conseqüência do orgulho e do egoísmo. Deus ama os humildes e castiga os soberbos.

29. Disso se conclui que o médium que não seja humilde não merece nenhuma confiança? - R. Não, não de maneira absoluta; mas se reconheceis num médium do orgulho, do ciúme e pouca caridade, tendes muito mais chance de serdes enganados.

Nota. O que perde muitos médiuns, é crerem-se os únicos capazes de receber boas comunicações e desprezar a dos outros; se crêem profetas, e não são senão os intérpretes de Espíritos astutos que os enlaçam em suas redes, persuadindo-os de que tudo o que escrevem é sublime, e que não têm necessidade de conselho, a crença de certos médiuns na infalibilidade e na superioridade de suas comunicações é tal que nela tocar é quase uma profanação; duvidar delas é quase injuriá-los; bem mais, é mesmo expor-se a fazer deles inimigos, porque melhor seria dissera um poeta que seus versos são maus. Esse sentimento, que tem o orgulho por princípio, é mantido pelos Espíritos que os assistem, e que têm grande cuidado em inspirar-lhes o afastamento de quem possa esclarecê-los; isso só deveria bastar-lhes, se não estivessem fascinados, para fazê-los abrir os olhos. Um princípio que ninguém poderia contestar é que os bons Espíritos não podem aconselhar senão o bem; portanto, tudo o que não for *bem*, num sentido absoluto, não pode vir de um bom Espírito; conseqüentemente, todo conselho ditado, ou todo sentimento inspirado, que refletisse o menor pensamento mau, seria, por isso mesmo, de origem suspeita, quaisquer que sejam, de resto, as qualidades ou a redundância do estilo.

Um sinal não menos característico dessa origem, é a adulação, da qual os maus Espíritos não são avaros com relação a certos médiuns. Eles sabem, oportunamente, louvar suas vantagens físicas ou suas qualidades morais, acariciar suas tendências secretas, excitar sua cobiça ou sua cupidez, e, em censurando o orgulho e aconselhando a humildade, inchar sua vaidade e seu amor-próprio. Um dos meios que empregam consiste, sobretudo, em persuadi-los quanto à sua superioridade como médiuns, colocando-os como os apóstolos em missões, ao menos duvidosas, e para as quais a primeira de todas as qualidades seria a humildade, junto à simplicidade e à caridade.

Ofuscados por nomes de seres veneráveis, dos quais se crêem os intérpretes, não percebem a ponta da orelha que os falsos Espíritos deixam passar, apesar deles, porque seria impossível a Espíritos inferiores simular completamente todas as qualidades que não têm. Os médiuns não se livrarão, verdadeiramente, da obsessão da qual são alvo, senão quando compreenderem esta verdade; só então os maus Espíritos, de seu lado, compreenderão que perdem seu tempo com pessoas que não saberiam apanhar em falta.

(Sociedade, 25 de maio de 1860.)

30. Vosso marido possuía, ao que parece, a faculdade de médium vidente; tem realmente esta faculdade? - R. Sim, positivamente.

31. Ele disse ter-vos visto duas vezes depois de vossa morte; isso é verdade? - R. Sim, isso é bem verdade.

32. Os médiuns videntes estão expostos a serem enganados pelos Espíritos impostores como os médiuns escreventes? - R. Frequentemente, são menos enganados que os médiuns escreventes, mas podem sê-lo igualmente por falsas aparências, quando não estão inspirados em Deus. Sob os Faraós, ao tempo de Moisés, os falsos profetas não faziam milagres que enganavam o povo? Só Moisés não enganava, porque estava inspirado por Deus.

33. Quereis agora nos explicar as vossas sensações, na vossa entrada no mundo dos

Espíritos. À parte a perturbação, mais ou menos longa, que segue sempre a morte, houve um instante em que o vosso Espírito perdeu toda a consciência de si mesmo? -R. Sim, como sempre; é impossível de outro modo.

34. Essa perda absoluta de consciência começou antes do instante da morte? - R. Começou na agonia.

35. Persistiu depois da morte? - R. Muito pouco tempo.

36. Quanto tempo pôde durar ao todo? -R. Em torno de quinze a dezoito de vossas horas.

37. Essa duração é variável segundo os indivíduos? - R. Certamente, ela não é a mesma em todos os homens; isso depende muito do gênero de morte.

38. Enquanto se cumpria o fenômeno da morte, tínheis a consciência do que se passava em vosso corpo? - R. Nenhuma. Deus, que é bom para todas as suas criaturas, quer poupar ao Espírito as angústias desse momento; por isso, tira-lhe toda lembrança e toda sensação.

Nota. Este fato, que sempre nos foi confirmado, é análogo ao que se passa na reentrada do Espírito no mundo corpóreo. Sabe-se que, desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar o corpo que deve nascer, está tomado de uma perturbação que vai crescendo à medida que os laços fluídicos, que o unem à matéria, se apertam, até a proximidade do nascimento; nesse momento, perde igualmente toda a consciência de si mesmo, e não começa a recobrar suas idéias senão no momento em que a criança respira; é só então que a união do Espírito e do corpo está completa e definitiva.

39. Como se opera o instante do despertar? Vós vos reconhecestes subitamente ou bem houve um momento de meia consciência, quer dizer, de vago nas idéias? - R. Estive, durante alguns instantes, no vago, depois, pouco a pouco, reconheci-me.

40. Quanto tempo durou esse estado? -R. Não sei ao certo; mas pouco tempo; creio que em torno de duas horas.

41. Durante essa espécie de meio sono, experimentáveis uma sensação agradável ou penosa? - R. Eu não sei; não tinha quase nada a consciência de mim mesma.

42. À medida que as vossas idéias se elucidavam, tínheis a certeza da morte de vosso corpo, ou bem crestes um instante estar ainda neste mundo? -R. Acreditei, efetivamente, durante alguns instantes.

43. Quanto tivestes a certeza de vossa morte, disso não sentistes desgosto? - R. Não, de modo algum; a vida nada tem a lamentar.

44. Quando vos reconhecestes, onde estáveis, e o que primeiro feriu vossa vista? -R. Encontrei-me com Espíritos que me rodeavam, que me ajudavam a sair da perturbação; foi essa mudança que me impressionou.

45. Encontraste-vos perto de vosso marido? -R. Eu o deixo pouco; ele me vê; me evoca; isso substitui meu pobre corpo.

46. Postes imediatamente rever as pessoas que conhecestes: o Sr. Dumas e os outros Espíritas de Sétif? -R. Não imediatamente: pensei que me evocariam. Não fazia muito tempo que os deixara, e aí encontrei os que conhecera e não vira há muitos séculos. Eu era médium e Espírita; todos os Espíritos que evoquei vieram receber-me; isso me impressionou. Se soubésseis como é doce reencontrar nossos amigos neste mundo!

47. O mundo dos Espíritos vos pareceu uma coisa estranha, nova para vós? - R. Oh! Sim.

48. Esta resposta nos admira, porque não foi a primeira vez que vos encontrastes no mundo dos Espíritos. - R. Isso nada tem que deva vos espantar; eu não era tão avançada quanto hoje; depois, a diferença é tão grande entre o mundo corpóreo e o mundo dos Espíritos, que isso surpreende sempre.

49. Vossa explicação poderia ser mais clara; isso não se prenderia a que, cada vez que se retorna ao mundo dos Espíritos, o progresso que se fez dá percepções novas, e permite considerá-lo sob um novo aspecto? - R. É bem isso; eu vos disse que não era tão avançada quanto hoje.

Nota. A comparação seguinte pode fazer compreender o que se passa nesta circunstância. Supomos que um pobre camponês venha a Paris pela primeira vez; ali freqüentará uma sociedade, habitará um quarteirão conforme com a sua situação. Que depois de uma ausência de vários anos, durante a qual se enriqueceu, e adquiriu uma certa educação, ele retorne a Paris, e se encontrará num meio diferente do da primeira vez, e que deverá parecer-lhe novo; compreenderá e apreciará uma multidão de coisas que apenas fixara sua atenção a primeira vez; em uma palavra, terá dificuldade em conhecer sua antiga Paris, e todavia será sempre Paris, mas que lhe aparece sob uma nova luz.

50. Como julgais agora as comunicações que se obtêm em Sétif; são em geral antes boas que más? - R. É como por toda parte; obtêm-se boas e más, verdadeiras e falsas. Elas se ocupam, freqüentemente, de coisas que não são bastante sérias, e não são muito hábeis, mas não crêem fazer mal. Farei de sorte a corrigi-los.

51. Nós vos agradecemos por ter consentido vir, e pelas explicações que nos destes. - R. Eu também vos agradeço por pensarem em mim.

Medicina intuitiva

Revista Espírita, junho de 1860

Plessis- Boudet, 23 de maio de 1860.

Senhor,

Em minha última carta, eu vos dei um boletim de curas obtidas por meio da medicação da senhorita Godu. Estou sempre na intenção de vos ter ao corrente dos fatos, mas hoje creio mais útil falar-vos de seu modo de tratar. É bom ter as pessoas ao corrente, porque nos vieram de longe doentes que se faziam uma idéia muito falsa desse gênero de medicação, e que se expunham a fazer uma viagem inútil e de pura curiosidade.

A senhorita Godu não é sonâmbula; ela nunca consulta à distância, nem mesmo em meu domicílio, senão sob a minha direção e sob o meu controle. Quando estamos de acordo, o que ocorre quase sempre, porque sou capaz de apreciar hoje sua medicação, começamos o tratamento acertado, e a senhorita Godu executa os curativos, prepara as tisanas e age, em uma palavra, como enfermeira, mas enfermeira *de elite*, e com um zelo sem exemplo, em nossa modesta casa de saúde improvisada.

É por um fluido depurador, do qual estaria dotada, que ela obtêm tão preciosos resultados?

É pela sua assiduidade nos curativos, ou pela confiança que ela inspira?

Enfim, é por um sistema de medicação bem concebido e bem dirigido que ela obtêm sucesso?

Tais são as três perguntas que, com freqüência, tenho me colocado.

Para o momento, não quero entrar na primeira pergunta, porque ela exige um estudo aprofundado, e uma discussão científica de primeira ordem; ela virá mais tarde.

Para a segunda pergunta, posso resolvê-la hoje afirmativamente, e nisso a senhorita Godu se encontra nas mesmas condições que todos os médicos, enfermeiros ou operadores que sabem levantar o moral de seus doentes, e inspirar-lhes uma confiança salutar.

Quanto à terceira pergunta, não hesito mais em resolvê-la afirmativamente. Adquiri a convicção de que a medicação da senhorita Godu constitui todo um sistema muito metódico. Esse sistema é simples em sua teoria, mas na prática varia ao infinito, e é na aplicação que ele reclama toda a atenção e toda habilidade possíveis. O homem da arte, o mais prático, tem dificuldade em compreender, de início, esse mecanismo e essa série de modificações incessantes em razão do progresso ou do declínio da doença; ele é ofuscado e não compreende senão pouca coisa; mas, com o tempo, facilmente se dá conta dessa medicação e de seus efeitos.

Seria muito longo vos enumerar com detalhes, e *currente calamo*, todo um sistema médico novo para nós, se bem que, sem dúvida, muito antigo com relação à idade dos homens sobre

nosso planeta. Eis as bases sobre as quais repousa esse sistema, que sai raramente da medicina revulsiva.

A senhorita Godu, na maioria dos casos, aplica um tópico extrativo composto de uma ou duas matérias que se encontram por toda parte, na cabana como no palácio. Esse tópico tem um efeito de tal modo enérgico que se obtêm efeitos incomparavelmente superiores a todos os nossos revulsivos conhecidos, sem disso excetuar o cautério atual e as cauterizações. Algumas vezes se limita à aplicação de vesicatórios, quando um efeito enérgico não é indispensável. A habilidade consiste em proporcionar o remédio ao mal, em manter uma supuração constante e variada, e eis o que se obtêm com um unguento de tal modo simples que não se pode classificá-lo entre os medicamentos. Pode-se assimilá-lo ao cerato simples e mesmo aos cataplasmos, e entretanto esse unguento produz efeitos firmes e não se pode mais variados: aqui são os sais calcários que se obtêm sobre o emplastro; nos hidrópicos, é a água; nas pessoas com humores, é uma supuração abundante, ora clara e, freqüentemente, espessa; enfim, os efeitos de seu unguento variam ao infinito por uma causa que não pude ainda apreender, e que, de resto, deve entrar no estudo da primeira pergunta posta. Eis para o exterior; mais tarde, dir-vos-ei uma palavra da medicação interna, que me explico facilmente. Não é necessário acreditar que o mal desapareça como com a mão; é necessário, como sempre, tempo e perseverança para curar radicalmente as doenças rebeldes.

Aceitai, etc. MORHÉRY.

Um grão de loucura

Revista Espírita, junho de 1860

O *Journal de la Haut-Saône* narrou recentemente o fato seguinte:

"Viram-se reis destronados enterrarem-se sob os destroços de seus palácios; viram-se jogadores infelizes abdicarem da vida depois de perderem sua fortuna; mas um proprietário que se suicida para não sobreviver à expropriação de um campo, foi o que, talvez, nunca se viu, antes do fato que citamos. Um proprietário de Saint-Loup fora advertido de que um de seus campos seria expropriado, dia 14 de maio, pela Companhia dos caminhos de ferro do Estado. Essa informação afetou-o vivamente; ele não podia suportar a idéia de se separar de seu campo, e deu sinais de alienação mental. Em 2 de maio, saiu de sua habitação, às três horas da manhã, e se afogou no rio de Combeauté". É difícil, com efeito, suicidar-se por uma causa mais fútil, e um ato tão desarrazoado não pode se explicar senão pelo desarranjo do cérebro; mas o que produziu esse desarranjo? Certamente, não foi a crença nos Espíritos. Foi o fato da expropriação do campo? Mas, então, por que todos aqueles a quem se expropria não se tornam loucos? Dir-se-á que nem todos têm o cérebro tão fraco. Então, admitis, pois, uma predisposição natural à loucura, e não poderia ser de outro modo, do momento em que a mesma causa não produz sempre o mesmo efeito. Dissemo-lo muitas vezes em resposta àqueles que acusam o Espiritismo de provocar a loucura; que digam se, antes que não fosse a questão dos Espíritos, não havia loucos, e se não há loucos senão entre aqueles que crêem nos Espíritos. Só uma causa física ou uma violenta comoção moral podem produzir uma loucura instantânea; fora disso, examinando-se os antecedentes, encontrar-se-ão sempre sintomas, que uma causa fortuita deve desenvolver; a loucura toma, então, o caráter da preocupação principal; o louco fala do que o preocupa, mas a causa não é essa preocupação, de alguma sorte, isso não é senão um modo de manifestação. Assim, estando dada uma predisposição à loucura, aquele que se preocupa com a religião terá uma loucura religiosa; o amor produzirá a loucura amorosa; a ambição, a loucura das honras e das riquezas, etc. No fato narrado acima, seria absurdo ali ver outra coisa que um simples efeito que qualquer outra causa poderia provocar, porque a disposição ali estava. Vamos ainda mais longe, agora; dizemos claramente que se esse proprietário, tão impressionável com respeito ao seu campo, fosse profundamente imbuído dos princípios do Espiritismo, não se tornaria louco e não se afogaria, duas infelicidades que seriam evitadas, assim como temos numerosos exemplos. A razão disso é evidente. A loucura tem por causa primeira uma fraqueza moral relativa, que torna o indivíduo incapaz de suportar o choque de certas impressões, no número das quais figuram, em três quartos ou menos, o desgosto, o desespero, o desapontamento e todas das tribulações da vida. Dar ao homem a força necessária para ver essas coisas com indiferença, é, pois, atenuar nele a causa mais freqüente da loucura e do suicídio; ora, essa força, haurirá na Doutrina Espírita bem compreendida. Em presença da grandeza do futuro que se desenrola aos seus olhos, e do qual dá a prova patente, as tribulações da vida se tornam tão efêmeras, que deslizam sobre a alma como a água sobre o mármore, sem aí deixar traços. O verdadeiro Espírita não se apega à matéria senão ao razoável, ao que é necessário às necessidades da vida; mas se uma corda lhe falta, tira-lhe partido, porque sabe que não está aqui, senão em passando, e que uma sorte bem melhor o espera; também não se afeta mais por encontrar uma pedra acidentalmente em seu caminho. Se o nosso homem fosse imbuído dessas idéias, em que se tornaria seu campo aos seus olhos? A contrariedade que ele experimentou foi insignificante ou nula e uma infelicidade imaginária não pode causar uma infelicidade real. Em resumo, um dos efeitos, e podemos dizer um dos benefícios do Espiritismo, é dar à alma a força que lhe falta em muitas

circunstâncias, e é nisso que pode diminuir as causas da loucura e do suicídio. Como se vê, os mais simples fatos podem ser uma fonte de ensinamentos para quem quer refletir. É em mostrando as aplicações do Espiritismo aos casos mais vulgares, que se fará compreender-lhe toda a sublimidade. Não está aí a verdadeira filosofia?

Tradição muçulmana

Revista Espírita, junho de 1860

Extraímos a passagem seguinte da notável e sábia obra que o Sr. Géraldy Saintine publicou sob o título: *Três anos na Judéia*.

"Quando o sultão de Babel Bakhtunnassar (Nabucodonosor) foi enviado por Deus para punir os filhos de Israel, que tinham abandonado a doutrina da unidade, despojou o templo de todos os objetos preciosos que ali estavam reunidos; e, reservando para si mesmo o trono de Salomão, com seus suportes, os dois leões de ouro puro animados por uma arte mágica, que lhe defendia a entrada, distribuiu o resto da presa aos diferentes reis de sua corte. O rei de Roum recebeu a roupa de Adam e a vara de Moisés; o rei de Antakie teve, de sua parte, o trono de Belkis, e o pavão maravilhoso cuja cauda, toda em pedrarias, formava nesse trono um rico espaldar; o rei de Andaluzia pegou a mesa de ouro do Profeta. Um cofre de pedra, que continha o Tourat (Bíblia), estava no meio de todas essas riquezas, e ninguém lhe dava atenção, se bem que fosse, de todos os tesouros, o mais precioso. Foi deixado, pois, abandonado ao capricho dos saqueadores, que percorriam a cidade e o templo, fazendo mão baixa sobre tudo o que encontravam, e o depósito da palavra divina desapareceu nessa imensa desordem.

"Quarenta anos mais tarde, a cólera de Deus estando apaziguada, resolveu restabelecer os filhos de Israel em sua herança e suscitou o profeta Euzer (Esdras), -sobre quem estava a salvação! - Predestinado pela vontade divina a uma missão gloriosa, passou toda a sua juventude na prece e na meditação, negligenciando as ciências humanas para se absorver na contemplação do Ser infinito, e vivendo separado do mundo no fundo de uma das grutas que cercam a cidade santa. Essa gruta, ainda hoje chama-se *el Azérie* (1-Nome árabe da gruta conhecida sob o nome de Túmulo de Lázaro). Obediente à ordem de Deus, saiu de seu retiro e veio para o meio dos filhos de Israel, indicar-lhes como deveriam reconstruir o templo e colocar em honra os antigos ritos.

"Mas o povo não acreditou na missão do profeta; declarou que não se submeteria à lei; que cessaria mesmo os trabalhos de construção do templo e iria habitar outros países, se não se lhe representasse o livro onde nosso senhor Moisés - sobre quem estava a salvação! - consignara todas as prescrições religiosas, a eles ditadas no Monte Sinai. Esse livro desaparecera, e todas as pesquisas para reencontrá-lo foram infrutíferas.

"Euzer, portanto, nesse grande embaraço, fez a Deus ferventes preces, para tirá-lo da dificuldade e impedir o povo de persistir no caminho da perdição. Estava sentado sob uma árvore, contemplando com tristeza as ruínas do templo, ao redor do qual se agitava a multidão indócil. De repente, uma voz do alto ordenou-lhe escrever, e, se bem que nunca pegara um *galam* (pena ou caniço), obedeceu imediatamente. Depois da prece do meio-dia até o dia seguinte, à mesma hora, sem alimentar-se, sem levantar-se do lugar bendito onde estava sentado, continuou a escrever tudo o que lhe ditava a voz celeste, não hesitando um só instante, não se detendo mesmo pelas trevas da noite, porque uma luz sobrenatural clareava seu espírito e um anjo guiava a sua mão.

"Todos os filhos de Israel estavam assombrados e contemplavam em silêncio essa manifestação de onipotência divina. Mas quando o profeta terminou sua cópia miraculosa, os

imãs, invejosos do favor particular do qual vinha de ser objeto, pretenderam que o novo livro fosse uma invenção diabólica que não se assemelhava, de modo algum, ao antigo.

"Euzer dirigiu-se de novo à bondade infinita, e, cedendo a uma inspiração súbita, dirigiu-se, seguido por todo o povo, para a fonte de Siloam. Chegado diante da fonte, elevou as mãos ao céu, fez uma longa e ardente prece, e toda a multidão se prosternou com ele. De repente, apareceu na superfície da água uma pedra quadrada que flutuava como sustentada por mão invisível; nessa pedra os imãs reconheceram, trementes, o cofre sagrado há muito tempo perdido; Euzer tomou-o com respeito; o cofre se abriu por si mesmo; o Tourat de Moisés, dele sai como se estivesse animado de uma vida própria, e a nova cópia, escapando do seio do profeta, vai ela mesma colocar-se na caixa sagrada.

"A dúvida não era mais permitida; todavia, o santo homem exige que os imãs confrontem os dois exemplares. Estes, apesar de sua confusão, obedecem à sua vontade. Testemunham em alta voz, depois de um longo exame, que nem uma palavra, nem um *kareket* (acento), não estabelecia a menos diferença entre o livro escrito por Euzer e o que Moisés traçou. Desde que renderam essa homenagem à verdade, Deus, para punir os seus primeiros erros, extinguiu seus olhos e os mergulhou nas trevas eternas.

Foi assim que os filhos de Israel foram reconduzidos à fé de seus pais. O lugar onde estava sentado o chefe que Deus lhes dera foi chamado depois *Kermechcheick* (o recinto ou a vinha do Cheik)."

Quem não reconhece, nesse relato, vários fenômenos espíritos que os médiuns reproduzem sob os nossos olhos e que nada têm de sobrenatural?

Um erro de linguagem por um Espírito

Revista Espírita, junho de 1860

Recebemos a carta seguinte, a propósito do fato de escrita direta, narrado no número da Revista Espírita do mês de maio, página 155.

Senhor,

Li, hoje somente, o vosso número de maio, e nele encontrei o relato de uma experiência de escrita direta, feita em minha presença, na casa da senhorita Huet. Dá-me prazer confirmar esse relato, anotando, todavia, uma pequena inexatidão que escapou ao narrador. Não foi *God loves you*, mas *God love you* que encontramos sobre o papel; quer dizer que o verbo *love*, pela ausência da letra *s*, não se encontrava na terceira pessoa do indicativo presente; não se poderia, pois, traduzir por Deus vos *ama*, a menos que subentenda *que* e dele fazer uma fórmula de imperativo ou de subjuntivo. A observação sobre isso foi feita numa sessão subsequente ao Espírito de Channing (se tanto for que seja bem o Espírito de Channing, porque me conheceis, e vos peço permissão para conservar as minhas dúvidas sobre a identidade absoluta dos Espíritos), e o Espírito de Channing, digo eu, não se explicou bem categoricamente a respeito desse *s* omitido por desejo ou inadvertência; censurou-nos mesmo um pouco, se tenho boa memória, por darmos importância a uma letra a mais ou a menos numa experiência tão notável.

A despeito dessa censura amistosa feita pelo Espírito de Channing, acreditei dever vos comunicar minha observação sobre a maneira pela qual a palavra *love* foi realmente escrita. Ó honorável Sr. E. de B..., que ficou possuidor do papel, pôde mostrá-lo ou mostrá-lo-á a muitas pessoas, e entre essas pessoas poderá encontrar-se as que tenham conhecimento do vosso último número; ora, importa (e estou persuadido de que é o vosso conselho como o meu), que a maior fidelidade se encontre nos relatos de fatos tão estranhos e tão maravilhosos que obtemos.

Aceitai, etc. MATHIEU.

Havíamos perfeitamente notado a falta assinalada pelo Sr. Mathieu, e tomamos sobre nós corrigi-la, sabendo, por experiência, que os Espíritos ligam pouca importância a essas espécies de pecadilhos, dos quais os mais esclarecidos não se fazem nenhum escrúpulo; também não estamos de nenhum modo admirados da observação de Channing em presença, como ele o disse, de um fato de outro modo capital. A exatidão na reprodução dos fatos, sem dúvida, é uma coisa essencial; mas a importância desses fatos é relativa, e confessamos que deveríamos sempre, para o francês, seguir a ortografia dos Invisíveis, os senhores gramáticos teriam sorte por tratá-los de cozinheiros, então mesmo que o médium passou por conhecedor nessas matérias. Temos um, ou uma, na Sociedade, que está provida de todos os seus diplomas, e cujos conhecimentos, embora escritos pausadamente, têm numerosas manchas desse gênero. Os Espíritos sempre nos disseram: "Agarrai-vos ao fundo e não à forma; para nós o pensamento é tudo, a forma nada; corrigi, pois, a forma, se julgais a propósito; deixamos a vós esse cuidado." "Se, pois, a forma está defeituosa, não a

conservamos senão quando dela pode sair um ensinamento; ora, tal não era o caso, em nossa opinião, no fato acima, porque o sentido era evidente.

Ditados Espontâneos e Dissertações Espíritas

Revista Espírita, junho de 1860

Obtidos ou lidos nas sessões da Sociedade.

A Vaidade.

(Pela senhora Lese..., médium.)

Quero falar-te da vaidade que se mistura a todas as ações humanas: ela deslustra os mais doces pensamentos; invade o coração, a cabeça. Planta má, abafa em seu germe a bondade; todas as qualidades são aniquiladas pelo seu veneno. Para lutar contra ela, é necessário empregar a prece; só ela dá a humildade e a força. Esquecei-vos, sem cessar, de Deus, homens ingratos! Ele não é para vós senão o socorro implorado na angústia, e nunca o amigo que se convida ao banquete da alegria. Ele vos deu, para iluminar o dia, o Sol, irradiação de sua glória, e para clarear a noite, as estrelas, flores de ouro. Por toda parte, ao lado dos elementos necessários à Humanidade, colocou o luxo necessário à beleza de sua obra. Deus vos tratou como o fária um hospedeiro generoso que multiplica, para receber seus convidados, o luxo de sua casa e a abundância de seu festim. Que fazeis, vós que não tendes senão o vosso coração para oferecer-lhe? Longe de adorná-lo de alegrias e de virtudes, longe de oferecer-lhe as primícias de vossas esperanças, não o desejais, não o convidais a penetrar em vós, senão quando o luto e as ásperas decepções vos fatigaram muito e vos enrugaram. Ingratos! Que esperais para amar a vosso Deus? A infelicidade e o abandono. Oferecei-lhe, pois, antes o vosso coração livre de dores; oferecei-lhe, como homens de pé, e não como escravos ajoelhados, vosso amor purificado de temor, e ele se lembrará, na hora do perigo, de vós, que não o esquecestes na hora da felicidade.

Georges. (*Espírito familiar.*)

A miséria humana.

A miséria humana não está na incerteza dos acontecimentos que ora elevam, ora precipitam. Ela age inteiramente no coração ávido e insaciável que aspira sem cessar a receber, que se lamenta da segura de outrem, e não se previne nunca de sua aridez. Essa infelicidade de aspirar ao mais alto que si mesmo, essa infelicidade de não estar satisfeito pelas mais caras alegrias, essa infelicidade, digo eu, constitui a miséria humana. Que importa o cérebro, que importam as mais brilhantes faculdades, se estão sempre assombradas pelo desejo áspero e insaciado dessa alguma coisa que lhes escapa sem cessar; a sombra flutua junto ao corpo, a felicidade flutua junto da alma, imperceptível para ela.

Não deveis, entretanto, nem vos lamentar, nem maldizer a vossa sorte; porque essa sombra, essa felicidade, fugidia e móvel como a onda, dá, para o ardor e a angústia que deposita no coração, a prova da divindade aprisionada na Humanidade. Amai, pois, a dor e a poesia

vivificante, que fazem vibrar os vossos Espíritos pela lembrança da pátria eterna. O coração humano é um cálice cheio de lágrimas; mas vem a aurora e ela absorverá a água de vossos corações; será, para vós, a vida que maravilhará os vossos olhos cegos pela obscuridade da prisão carnal. Coragem! Cada dia é uma libertação; caminhei na via dolorosa; caminhei, seguindo com os olhos a estrela da misteriosa esperança.

Georges (*Espírito familiar.*)

A tristeza e o desgosto.

(Pela senhora Lese..., médium.)

É um erro ceder com freqüência à tristeza. Nisso não vos enganeis, o desgosto é o sentimento firme e honesto que o homem sente, atingido em seu coração ou em seus interesses; mas a frouxa tristeza não é senão a manifestação física do sangue diminuído ou precipitado em seu curso. A tristeza cobre, com seu nome, muitos egoísmos, muitas covardias. Debilita o espírito que a ela se abandona. Ao contrário, o desgosto é o pão dos fortes; esse áspero alimento nutre as faculdades do espírito e reduz a parte animal. Não procureis o martírio do corpo, mas sede ávidos pelo martírio da alma. Os homens compreendem que devem movimentar suas pernas e seus braços para manterem a vida do corpo, e não compreendem que devem sofrer para exercerem as faculdades morais. A felicidade, ou somente a alegria, são habitantes tão passageiros da Humanidade, que não podeis, sem serdes por elas esmagados, carregar sua presença, por leve que seja. Postes feitos para sofrer e para sonhar, sem cessar, com a felicidade, porque sois pássaros sem asas, pregados ao solo, que olhais o céu e invejais o espaço.

Georges. (*Espírito familiar.*)

Nota. Estas duas comunicações encerram, incontestavelmente, belos pensamentos e imagens de uma grande elevação; mas nos parecem escritas sob o império de idéias um pouco sombrias e um pouco misantrópicas; crê-se ver a expressão de um coração ulcerado. O Espírito que as ditou morreu há poucos anos; quando vivo, era amigo da médium, da qual, depois de sua morte, se constituiu o gênio familiar. Era um artista pintor de talento, cuja vida era calma e bastante descuidada; mas quem sabe o que fora em sua precedente existência? Quem quer que o seja, todas as suas comunicações atestam nele muito de profundidade e de sabedoria. Poder-se-ia crer que são o reflexo do caráter da médium; a senhora Lese..., sem contradita, é uma mulher muito séria e acima do vulgo, sob muitos aspectos, e, sem nenhuma dúvida, à parte sua faculdade mediúnica, é o que a concilia a simpatia dos bons Espíritos, mas a comunicação seguinte, obtida na Sociedade, prova que ela pode recebê-las de um caráter muito variado.

A Fantasia.

(Médium, senhora Lese,...)

Queres que eu fale da fantasia; ela foi minha rainha, minha senhora, minha escrava; eu a servi ou dominei-a; mas, sempre submetido às suas adoráveis flutuações, nunca lhe fui infiel. Ainda é ela quem me impele a falar de outra coisa: da facilidade que tem o coração para carregar dois amores, facilidade desprezada e muito censurada. Creio que é absurda essa

censura de bons burgueses que não amam senão os seus vícios regulares, mais aborrecidos ainda que suas virtudes; não admitem senão o que seu cérebro raspado e adornado de arbustos, como um jardim de cura. Tens medo do que te digo; esteja tranqüila; Musset teve seu domínio cruel; não se pode pedir gentilezas a cãesinhos adestrados; é necessário suportar e compreender seus caprichos, verdadeiros sob sua aparência frívola, tristes sob sua alegria, risonha em suas lágrimas.

ALFRED DE MUSSET.

Nota. Uma pessoa que não ouvira esta comunicação senão na primeira leitura, disse, numa sessão íntima, que lhe parecia um pouco insignificante. O Espírito de Sócrates, que tomava parte na conversa, respondendo a essa observação, escreveu espontaneamente: "Não, tu te enganas; relei-a; há coisa boa; ela é muito inteligente, e isso tem seu lado bom. Disse-se que nela se reconhecia o homem; com efeito, é mais fácil provar a identidade de um Espírito de vosso tempo que do meu, e, para certas pessoas, é útil que, de tempos em tempos, tenhais dessa espécie de comunicações."

Um outro dia, estabelecida a conversa a propósito dos médiuns, sobre o caráter de Alfred de Musset, um dos assistentes acusou-o de ter sido muito material em sua vida, este escreveu espontaneamente a notável comunicação seguinte, por um dos seus *médiuns preferidos*.

Influência do médium sobre o Espírito.

(Médium, senhora Schmidt.)

Só os Espíritos superiores podem se comunicar indistintamente com todos os médiuns, e ter, por toda parte, a mesma linguagem; mas eu não sou um Espírito superior, eis porque, às vezes, sou um pouco material! Entretanto, sou mais avançado do que o credes.

Quando nos comunicamos com um médium, a emanção de sua natureza reflete, mais ou menos, sobre nós; por exemplo, se o médium é dessas naturezas onde o coração domina, desses seres elevados, capazes de sofrer por seus irmãos; enfim, dessas almas devotadas, grandes, que a infelicidade tornou fortes, e que permaneceram puras no meio da tormenta, então o reflexo faz bem, nesse sentido que nos corrigimos espontaneamente, quando a nossa linguagem disso se ressentir; mas, no caso contrário, se nos comunicamos por um médium de natureza menos elevada, servimo-nos, pura e simplesmente, de sua faculdade como de um instrumento; é então que nos tornamos o que chamamos um pouco materiais; dizemos coisas espirituais, se quiserdes, mas deixamos o coração de lado.

Pergunta. Os médiuns instruídos, e de um espírito cultivado, são mais aptos a receberem comunicações elevadas que aqueles que não têm instrução? - *Resposta.* Não; eu o repito: só a essência da alma se reflete sobre os Espíritos, mas só os Espíritos superiores lhe são invulneráveis.

ALFRED DE MUSSET.

Bibliografia

Revista Espírita, junho de 1860

Falamos, num artigo acima, de uma nova publicação periódica sobre o Espiritismo, que se faz em Londres sob o título de *the Spiritual Magazine*; a Itália não fica atrás no movimento que traz as idéias do mundo invisível. Recebemos os prospectos de um jornal que apareceu em Gênova sob o título de LAMORE DEL VERO, *periódico de scienze, litteratura, belle arti, magnetismo animale, omeopatia, elettro-telegrafia, Spiritismo, ec. Sotto la direzione dei signor D. PIETRO GATTI e B. E. MAINERI*. Esse jornal aparece três vezes por mês em caderno de 18 páginas.

O senhor doutor Gatti, diretor do Instituto de Homeopatia de Gênova, é um adepto esclarecido do Espiritismo, e não duvidamos que as questões relativas à ciência não sejam tratadas por ele com o talento e a sagacidade que o caracterizam.

A HISTÓRIA DE JOANA D'ARC, ditada por ela mesma à senhorita Ermance Dufaux, e da qual anunciamos a reimpressão, vem de aparecer em Ledoyen. Demos conta dessa obra notável no número da *Revista Espírita* de janeiro de 1858. Desde essa época, a nossa opinião não variou sobre a sua importância, não só do ponto de vista histórico, mas como um dos fatos mais curiosos de manifestação espírita. Essa reimpressão era vivamente reclamada, e não duvidamos que obtenha um sucesso tanto maior, porque os partidários da ciência nova são hoje muito mais numerosos do que eram quando da primeira publicação.

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Terceiro Ano – 1860

Julho

- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [A Frenologia e a Fisiognomonia](#)
- [Os Fantasmas](#)
- [Lembrança de uma existência anterior](#)
- [Dos animais: dissertações pelo Espírito de Charlet.](#)
 - [Exame crítico das dissertações de Charlet sobre os animais](#)
- [Bibliografia](#)

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, julho de 1860

Sexta-feira, 1º de junho de 1860. (Sessão particular).

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão do dia 25 de maio.

Com o parecer do comitê, e depois de relatório verbal, a Sociedade admitiu, no número de associados livres:

A senhora E..., de Viena (Áustria).

Assuntos administrativos. O comitê propôs, à Sociedade, a adoção das duas proposições seguintes:

1º A Sociedade, considerando que, nos termos do art. 16, de seu regulamento, no fim do mês de abril, pode dar a conhecer a intenção de certos membros de se retirarem;

Que se as nomeações da secretaria e do comitê forem feitas antes dessa época, elas poderiam pesar sobre os membros que não continuassem a fazer parte dela;

Que não seria racional que aqueles que estivessem com essa intenção, participassem das nomeações:

Resolve o que se segue:

"As nomeações da secretaria e do comitê far-se-ão na primeira sessão do mês de maio. Os membros em exercício continuarão as suas funções até essa época."

2ª A Sociedade, considerando que uma ausência muito prolongada, e não prevista, dos membros da secretaria e do comitê pode entrar a marcha dos trabalhos;

Resolve o que se segue:

"Os membros da secretaria e do comitê ausentes durante três meses consecutivos, sem darem aviso, serão considerados como tendo renunciado às suas funções, e será provida a sua substituição."

Comunicações diversas. 1ª Leitura de um ditado obtido pela senhora L..., sobre a *honestidade relativa*, e assinado por *Georges*, Espírito familiar.

2ª Outra da senhora Schmidt, sobre a *Influência do médium sobre o Espírito*, assinada por

Alfred de Musset.

3ª Narração de um fato, concernente a duas pessoas, das quais uma é uma jovem pobre, cujas relações atuais são uma consequência das que existiam, entre elas, em sua precedente existência. Circunstâncias, em aparência fortuitas, colocaram-nas em relação, e ambas sentiram, uma pela outra, uma simpatia que se revelou por uma coincidência singular de potência mediúnica. Um Espírito superior, sendo interrogado sobre certos fatos, disse que a jovem, tendo sido a filha da outra na sua precedente existência, e tendo-a abandonado, fora colocada em seu caminho, em sua existência atual, a fim de fornecer-lhe ocasião para reparar os seus erros com ela protegendo-a, o que esta última está bem decidida a fazer, embora a sua própria posição seja bastante precária, uma vez que não vive senão de seu trabalho.

Este fato, que empresta um maior interesse dos detalhes, vem em apoio do que, freqüentemente foi dito sobre certas simpatias cuja causa remonta a existências precedentes.

Esse princípio dá, sem contradita, uma razão de ser maior ao sentimento fraternal que faz uma lei da caridade e da benevolência, porque aperta e multiplica os laços que devem unir a Humanidade.

Estudos. 1º Evocação da *grande Françoise*, uma das principais convulsionárias de Saint-Médard, e cuja primeira evocação foi publicada (ver número de maio de 1860). Esse Espírito foi chamado de novo, a seu pedido, com o objetivo de retificar o opinião que emitiu sobre o diácono Paris. Acusa-se de ter caluniado e desnaturado as suas intenções, e pensa que a retratação, que faz espontaneamente, poupá-la-á da punição em que incorrera por esse fato.

São Luís completa esta comunicação pelo ensinamento sobre os Espíritos culpados.

2ª Exame analítico e crítico das comunicações de Chartet e os animais. O Espírito desenvolve, completa e retifica certas assertivas que pareceram obscuras ou errôneas. Este exame continuará na próxima sessão. (Publicado adiante).

3ª Dois ditados espontâneos foram obtidos, o primeiro pela senhorita Huet sobre a continuação das *Memoires d'un Spirit*; a segunda pela senhora Lese..., e assinada *Georges*, seu Espírito familiar, sobre o exame crítico que a Sociedade se propõe fazer das comunicações espíritas. O Espírito aprova muito esse gênero de estudo, e considera-o um meio de prevenir as falsas comunicações.

Sexta-feira, 8 de junho de 1860. (Sessão geral).

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 1ª de junho.

A senhora viúva G..., antigo membro titular, não constando da lista determinada em 30 de abril, na execução do novo regulamento da Sociedade, escreveu para explicar os motivos de sua ausência, e pedir para ser reintegrada como *associada livre*. Com o parecer do comitê, a Sociedade admite a senhora G..., nesta condição.

Comunicações diversas. 1ª Leitura de um ditado espontâneo, obtido pela senhora Lese..., e assinado *Delphine de Geraldin*, sobre as *primeiras impressões de um Espírito*. Ela apresenta um quadro poético e muito verdadeiro das sensações que o Espírito experimenta em

deixando a Terra.

2ª Outra, do mesmo médium, assinada *Alfred de Musset*, intitulada *Aspirações de um Espírito*.

3ª O senhor M..., de Metz, dá conta de um fato interessante que lhe é pessoal, sobre a influência, que um médium pode exercer sobre uma outra pessoa para nela desenvolver a faculdade medianímica. Foi por esse meio que a faculdade foi desenvolvida no senhor M...; mas o que houve de particular, nesta circunstância, foi a constatação da ação à distância. Estando o médium em Châlons, e o senhor M... em Metz, acertaram uma hora para fazerem a prova, e o senhor M... pôde constatar os momentos *precisos* em que o médium o influenciava ou cessava de agir; bem mais, ele escrevia as impressões morais que o médium sentia, e as quais ele não poderia supor, e, de seu lado, o médium escrevia as mesmas palavras que o senhor M... traçava.

Além disso, produziu-se, nesse mesmo médium, um fato muito curioso de escrita direta espontânea, quer dizer, sem provocação e sem nenhuma intenção de sua parte, porque nisso não pensava de nenhum modo. Várias palavras, que não poderiam ter outra origem, quando se conhecem as circunstâncias, foram achadas escritas inopinadamente, em vista de uma intenção bem manifesta, e apropriada à situação. Tendo o médium tentado provocar uma nova manifestação semelhante, não conseguiu.

Estudos. 1ª Perguntas diversas dirigidas a São Luís. 1ª sobre o estado dos Espíritos; 2ª sobre o que se deve entender pela esfera ou planeta de flores, da qual alguns Espíritos falam; 3ª sobre as faculdades intelectuais latentes; 4ª sobre os sinais de reconhecimento para se constatar a identidade dos Espíritos.

2ª Evocação de Antoine T..., desaparecido há um certo número de anos sem deixar indícios sobre a sua sorte. Tendo sido reconhecida inexata uma primeira evocação, ele explica-lhe as causas, e dá novos detalhes sobre a sua pessoa. A experiência fará reconhecer se são mais verídicas que as primeiras.

3ª Evocação do astrólogo Vogt, de Munique, que se suicidou em 4 de maio de 1860. Seu Espírito, pouco desligado, ainda está sob o império das idéias que o preocuparam durante a sua vida.

4ª Dois ditados espontâneos foram obtidos simultaneamente, o primeiro pelo senhor Didier filho, sobre a *Fatalidade*, assinado *Lammennais*; o segundo pela senhora Lese..., assinado *Delphinede Girardin*, sobre as *Dissimulações humanas*.

Sexta-feira, 15 de junho de 1860. (Sessão particular).

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão do dia 8 de maio. Com a recomendação do comitê, a Sociedade recebeu como sócios livres:

O senhor conde N..., de Moscou. O senhor P..., proprietário em Paris.

Comunicações diversas. 1ª Leitura de uma carta que constata que, em certas localidades, o clero se ocupa seriamente com o estudo do Espiritismo, e que membros mais esclarecidos desse corpo dele falam como de uma coisa chamada a exercer uma grande influência sobre as relações sociais.

2ª Leitura de uma evocação particular, feita na casa do senhor Allan Kardec, do senhor J... filho. de Saint-Etienne. Essa evocação, embora feita num interesse privado, apresenta ensinamentos úteis pela elevação dos pensamentos do Espírito chamado, e foi ouvida com um vivo interesse.

3ª Observação apresentada pelo senhor Allan Kardec, a respeito de uma predição que lhe foi submetida por um médium de seu conhecimento. Segundo essa predição, certos acontecimentos devem se cumprir numa data fixada, e, como constatação, o Espírito dissera ao médium fazê-la assinar por diversas pessoas, entre outras o senhor Allan Kardec, a fim de poderem certificar, quando do acontecimento, quanto à época em que foi feita. Eu me recusei, disse o senhor Allan Kardec, pelas considerações seguintes: "Já se está muito levado a ver, no Espiritismo, um meio de adivinhação, o que é contrário ao seu objetivo; quando acontecimentos futuros são anunciados e se realizam, é um fato excepcional e curioso, sem dúvida, mas que seria perigoso considerar como sendo uma regra; por isso, não quis que meu nome servisse para acreditar uma crença que falsearia o Espiritismo em seu princípio e na sua aplicação."

Estudos. 1ª Evocação de Thilorier, o físico, que morreu crendo ter descoberto o meio de substituir o vapor pelo ácido carbônico condensado, como força motriz. Ele reconheceu que essa descoberta não estava senão em sua imaginação. (Publicada adiante.)

28 Continuação do exame das comunicações de Charlei sobre os animais. (Será publicada.)

3ª Evocação de um Espírito batedor que se manifesta ao filho do senhor N..., membro da Sociedade, por efeitos físicos de uma certa originalidade; ele diz ter sido tambor-mor papal na música militar, e chamar-se *Eugène*, Espírito familiar; sua linguagem não desmente a qualidade que se dá.

6ª Ditado espontâneo obtido pela senhora Lese..., sobre *o desenvolvimento das faculdades intelectuais*, a propósito da evocação de Thilorier. e assinada *Georges*, Espírito familiar. É de notar-se que esse Espírito, freqüentemente, apropria as suas comunicações às circunstâncias presentes, o que prova que ele assiste às conversas mesmo sem ser chamado. Esse fato igualmente se produziu em muitas ocasiões da parte de outros Espíritos.

Outra, pelo senhor Didier filho, assinada *Vauvenargues*, e contendo alguns pensamentos destacados.

Sexta-feira, 22 de junho de 1860. (Sessão geral.)

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 15 de junho.

Comunicações diversas. 1ª Leitura de um ditado espontâneo, obtido pela senhora Lese..., sobre *o Sonhos* assinado *Alfred de Musset*.

2ª Narração de um fato de mediunidade natural espontânea, como médium escrevente, reportado pela senhora Lub..., membro da Sociedade. O sujeito é uma jovem do campo, com idade de quinze anos, e que, sem ter nenhum conhecimento do Espiritismo, escreve quase diariamente, e algumas vezes páginas inteiras, de modo inteiramente mecânico. Uma intuição lhe diz que deve ser um Espírito quem lhe fala, porque, quando se sente solicitada a

escrever, toma um lápis dizendo: *Vejamos o que ele vai dizer-me hoje*. Suas comunicações, freqüentemente, reportam-se aos acontecimentos da vida privada, seja para ela, seja para as pessoas de seu conhecimento, e são, quase sempre, de uma justeza extrema pelas coisas mesmo que ela ignora completamente. É provável que, se essa faculdade fosse cultivada e bem dirigida, desenvolver-se-ia de modo notável e útil.

Estudos. 1º Perguntas sobre os animais em transição, podendo preencher a lacuna que existe na escala dos seres vivos entre o animal e o homem. Este estudo será continuado.

2ª Perguntas sobre os inventores e as descobertas prematuras, a propósito da evocação de Thilorier.

3ª Manifestações físicas produzidas pelo filho do senhor N..., criança de treze anos, da qual se falou na última sessão. O Espírito batedor que se ligou a ele, fá-lo simular, com as mãos e os dedos, e isso com uma incrível volubilidade, todas as espécies de evoluções militares, tais como carga de cavalaria, manobras de artilharia, ataques de fortes, etc., pegando todos os objetos ao seu alcance para figurar as armas. Ele exprime os diversos sentimentos que o agita, seja a cólera, a impaciência ou a zombaria, por pancadas violentas e gestos de pantomima muito significativos. O que se nota, por outro lado, é a impassividade e a negligência da criança enquanto suas mãos e seus braços se entregam a essa espécie de ginástica; fica evidente que todos esses movimentos são independentes de sua vontade. Durante o resto da sessão, e mesmo quando cessou a experiência, o Espírito aproveitou as ocasiões para manifestar, à sua maneira, o seu contentamento ou o seu mau humor a respeito do que se diz; em uma palavra, vê-se que se apodera dos membros da criança, e serve-se deles como dos seus. Esse gênero de manifestação oferece um curioso objeto de estudo pela sua originalidade, e pode fazer compreender a maneira pela qual os Espíritos agem sobre certos indivíduos.

São Luís, interrogado sobre as conseqüências que essas manifestações podem ter para a criança, deu, a este respeito, conselhos cheios de sabedoria, e aconselhou não provocá-las. Por outro lado, convida a Sociedade a não entrar no caminho dessas espécies de experiências, que teriam por resultado afastar os Espíritos sérios, e a continuar ocupando-se, como o fez até aqui, em aprofundar as questões importantes.

A Frenologia e a Fisiognomonia

Revista Espírita, julho de 1860

A frenologia é a ciência que trata das funções atribuídas a cada parte do cérebro. O doutor Gall, fundador desta ciência, pensou que, uma vez que o cérebro é o ponto onde chegam todas as sensações, e de onde partem todas as manifestações das faculdades intelectuais e morais, cada uma das faculdades primitivas deve ter aí seu órgão especial. Seu sistema consiste, pois, na localização das faculdades. O desenvolvimento de cada parte cerebral, compelindo ao desenvolvimento do envoltório ósseo, e aí produzindo protuberâncias, disso concluiu que, do exame dessas protuberâncias, poder-se-ia deduzir a predominância de tal ou tal faculdade, e daí o caráter ou as aptidões do indivíduo; daí, também, o nome de *cranioscopia* dado a esta ciência, com a diferença de que a frenologia tem por objeto tudo o que concerne às atribuições do cérebro, ao passo que a *cranioscopia* se limita às induções tiradas da inspeção do crânio; em uma palavra, Gall fez, a respeito do crânio e do cérebro, o que Laváter fez para os traços da fisionomia.

Não temos a discutir aqui o mérito dessa ciência, nem examinar se ela é verdadeira ou exagerada em todas as suas conseqüências; ela é, porém, alternativamente defendida e criticada por homens de um alto valor científico; se certos detalhes são ainda hipotéticos, ela não repousa menos sobre um princípio incontestável, o das funções gerais do cérebro, e sobre as relações existentes entre o desenvolvimento e a atrofia desse órgão e as manifestações intelectuais. O que é de nossa alçada, é o estudo de suas conseqüências psicológicas.

Das relações que existem entre o desenvolvimento do cérebro e a manifestação de certas faculdades, alguns sábios concluíram que os órgãos cerebrais são a própria fonte das faculdades, doutrina que não é outra senão a do materialismo, porque tende à negação do princípio inteligente estranho à matéria; faz do homem, por conseqüência, uma máquina sem livre arbítrio e sem responsabilidade de seus atos, uma vez que poderia sempre atirar as suas faltas sobre a sua organização, e que haveria injustiça em punir faltas que não dependeu dele cometer. Pode-se abalar com as conseqüências de semelhante teoria, e ter-se-ia razão; seria necessário, por isso, proscrever a frenologia? Não, mas examinar o que ela poderia ter de verdadeiro ou de falso nessa maneira de encarar a coisa; ora, esse exame prova que as atribuições do cérebro em geral, e mesmo a localização das faculdades, podem perfeitamente se conciliar com o *Espiritualismo*, o mais severo, que nela encontra mesmo a explicação de certos fatos. Admitamos por um instante, a título de hipótese querendo-se, a existência de um órgão especial para o instinto musical; suponhamos, por outro lado, como nos ensina a Doutrina *Espírita*, que um Espírito, cuja existência é bem anterior ao seu corpo, e chega com a faculdade musical muito desenvolvida, essa faculdade se exercerá naturalmente, sobre o órgão correspondente, e impelirá para o seu desenvolvimento como o exercício de um membro aumenta o volume dos músculos. Na infância, o sistema ósseo oferecendo pouca resistência, o crânio sofre a influência do movimento expansivo da massa cerebral; assim, o desenvolvimento do crânio é produzido pelo desenvolvimento do cérebro, como o desenvolvimento do cérebro é produzido pela faculdade; a faculdade é a causa primeira; o estado do cérebro é um efeito consecutivo; sem a faculdade, o órgão não existiria, ou não seria senão rudimentar. Encarada sob este ponto, a frenologia não tem, como se vê, nada de contrário à moral, porque deixa ao homem toda a sua responsabilidade, e nós acrescentamos que essa teoria, ao mesmo tempo, está conforme a lógica e a observação dos fatos.

Objetam com os casos bem conhecidos em que a influência do organismo sobre a manifestação das faculdades é incontestável, como os da loucura e da idiotia, mas a questão é fácil de resolver. Vêem-se, todos os dias, homens inteligentes tomarem-se loucos; o que isso prova? Um homem muito forte pode quebrar a perna, e então ele não pode mais andar; ora, a vontade de andar não está na perna, mas em seu cérebro; somente essa vontade está paralisada pela impossibilidade que tem de movimentar a perna. No louco, o órgão que servia às manifestações do pensamento estando desequilibrado, por uma causa física qualquer, o pensamento não pode mais se manifestar de um modo regular; ele erra a torto e a direito fazendo o que chamamos de extravagâncias; mas a sua integridade não é menor, e a prova aí está, é que se o órgão pode ser restabelecido, o pensamento retorna, como o movimento da perna que está melhorada. O pensamento não existe, pois, mais no cérebro que na caixa óssea do crânio; o cérebro é o instrumento do pensamento como o olho é o instrumento da visão, e o crânio é a superfície sólida que se molda sobre os movimentos do instrumento; se o instrumento está deteriorado, a manifestação não mais ocorre, absolutamente como, quando se perdeu um olho, não se pode mais ver.

Mas ocorre, algumas vezes, que a parada da livre manifestação do pensamento não é devida a uma causa accidental, como na loucura; a constituição primitiva dos órgãos pode oferecer, ao Espírito, desde o nascimento, um obstáculo do qual toda a sua atividade não pode triunfar; é o que ocorre quando os órgãos estão atrofiados, ou apresentam uma resistência insuperável; tal é o caso do idiota. (Espírito está como aprisionado, e sofre desse constrangimento, mas não pensa menos como Espírito, tanto quanto o prisioneiro sob os ferrolhos. O estudo das manifestações do Espírito de pessoas vivas, pela evocação, lança uma grande luz sobre os fenômenos psicológicos; isolando-se o Espírito da matéria, prova-se, pelos fatos, que os órgãos não são a causa das faculdades, mas simples instrumentos com a ajuda dos quais as faculdades se manifestam, com mais ou menos de liberdade e de precisão; que, freqüentemente, são como os abafadores que amortecem as manifestações, o que explica a maior liberdade do Espírito, uma vez desligado da matéria.

Na idéia materialista, o que é um idiota? Nada; apenas um ser humano; segundo a Doutrina Espírita, é um ser dotado de razão como todo o mundo, mas enfermo de nascença pelo cérebro, como outros o são por outros membros. Esta doutrina, em reabilitando-o, não é mais moral, mais humana, que aquela que dele faz um ser de refugio? Não é mais consolador, para um pai, que tem a infelicidade de ver uma tal criança, pensar que esse envoltório imperfeito encerra uma alma pensante?

Àqueles que, sem serem materialistas, não admitem a pluralidade das existências, perguntamos o que é a alma do idiota? Se a alma é formada ao mesmo tempo que o corpo, por que Deus cria seres assim desfavorecidos? Qual será a sua sorte futura? Admiti, ao contrário, uma sucessão de existências, e tudo se explica segundo a justiça, o idiotismo pode ser uma punição ou uma prova, e, em todos os casos, não é senão um incidente na vida do Espírito; isso não é maior, mais digno da justiça de Deus, que supor que Deus criou um ser abortado para a eternidade?

Lancemos, agora, um golpe de vista sobre a *fisiognomonia*. Esta ciência está fundada sobre o princípio incontestável de que é o pensamento que põe em jogo os órgãos, que imprime aos músculos certos movimentos; de onde se segue que, estudando-se as relações dos movimentos aparentes com o pensamento, desses movimentos que se vêem pode-se deduzir o pensamento que não se vê; assim é que não se enganará quanto à intenção daquele que faz um gesto ameaçador ou amigável; que se reconhecerá pelo modo de andar o homem apressado daquele que não o é. De todos os músculos, os mais móveis são os da face; freqüentemente, ali se refletem, até as nuances, os mais delicados pensamentos; por isso se

disse, com razão, que o rosto é o espelho da alma. Pela freqüência de certas sensações, os músculos contraem o hábito dos movimentos correspondentes, e acabam por formar-lhe a ruga; a forma exterior se modifica, assim, pelas impressões da alma, de onde se segue que, dessa forma, algumas vezes, pode-se deduzir essas impressões, como do gesto se pode deduzir o pensamento. Tal é o princípio geral da arte ou, querendo-se, da ciência fisiognomônica; esse princípio é verdadeiro; não só porque se apóia sobre uma base racional, mas está confirmado pela observação, e Laváter tem a glória, senão de tê-lo descoberto, ao menos de tê-lo desenvolvido e formulado em corpo de doutrina. Infelizmente, Laváter caiu num defeito comum à maioria dos autores de sistemas, e ó que, de um princípio verdadeiro em certos aspectos, concluem numa aplicação universal, e, no seu entusiasmo por descobrir uma verdade, vêem-na por toda a parte: aí está o exagero e, freqüentemente, o ridículo. Não temos que examinar aqui o sistema de Laváter em seus detalhes; diremos somente que tanto é conseqüente remontar do físico ao moral por certos sinais exteriores, quanto ó ilógico atribuir um sentido qualquer às formas ou sinais sobre os quais o pensamento não pode ter nenhuma ação. É a falsa aplicação de um princípio verdadeiro que o tem, freqüentemente, relegado à classe de crenças supersticiosas, e que faz confundir, na mesma reprovação, aqueles que vêem justo e que aqueles que exageram.

Diremos, entretanto, para ser justo, que a falta, freqüentemente, está menos no mestre que nos discípulos, que, em sua admiração fanática e irrefletida, algumas vezes, estendem as conseqüências de um princípio além dos limites do possível.

Se examinarmos agora essa ciência nas suas relações com o Espiritismo, teremos a combater várias induções errôneas que dela se poderiam tirar. Entre as relações fisiognomônicas, uma há, sobretudo, sobre a qual a imaginação freqüentemente se exerce, que é a semelhança de certas pessoas com certos animais; tentemos, pois, procurar-lhe a causa.

A semelhança física resulta, entre parentes, da consangüinidade que transmite, de um a outro, as partículas orgânicas semelhantes, porque o corpo procede do corpo; mas não poderia vir ao pensamento de ninguém supor que aquele que se assemelha a um gato, por exemplo, tem sangue de gato nas veias; ela tem, pois, uma outra fonte. Primeiro, ela pode ser fortuita e sem significação alguma, e é o caso mais comum. Entretanto, além da semelhança física, nota-se, algumas vezes, analogia de inclinações; isso poderia se explicar pela mesma causa que modifica os traços da fisionomia; se um Espírito, ainda atrasado, conserva alguns traços dos instintos do animal, seu caráter, como homem, carregará os seus traços, e as paixões que o agitam poderão dar, a esses traços, alguma coisa que lembre vagamente as do animal, do qual tem os instintos; mas esses traços se apagam à medida que o Espírito se depura e que o homem avança no caminho da perfeição.

Seria, pois, aqui, o Espírito que imprimiria a sua marca na fisionomia; mas da semelhança de instintos seria absurdo concluir que o homem que tem os do gato possa ser a encarnação do Espírito de um gato. O Espiritismo, longe de ensinar uma semelhante teoria, dela sempre demonstrou o ridículo e a impossibilidade. Nota-se, é verdade, uma gradação contínua na série animal; mas entre o animal e o homem há solução de continuidade; ora, admitindo-se mesmo, o que não é senão um sistema, que o Espírito tenha passado por todos os graus da escala animal, antes de chegar ao homem, haveria sempre, de um ao outro, uma interrupção que não existiria se o Espírito do animal pudesse se encarnar diretamente no corpo do homem. Se assim fora, entre os Espíritos errantes haveria Espíritos de animais, como há Espíritos humanos, o que não tem lugar.

Sem entrar no exame aprofundado dessa questão, que discutiremos mais tarde, dizemos, segundo os Espíritos, que estão nisso de acordo com a observação dos fatos, que nenhum

homem é a encarnação do Espírito de um animal. Os instintos animais do homem prendem-se à imperfeição de seu próprio Espírito ainda não depurado, e que, sob a influência da matéria, dá a preponderância às necessidades físicas sobre as necessidades morais e o senso moral, não ainda suficientemente desenvolvido. Sendo as mesmas as necessidades físicas no homem e no animal, disso resulta, necessariamente, que, até naquilo que o senso moral haja estabelecido um contrapeso, pode aí haver, entre eles, uma certa analogia de instintos; mas aí se detém a paridade; o senso moral, que não existe num, que germina primeiro e cresce sem cessar no outro, estabelece entre eles a verdadeira linha de demarcação.

Uma outra indução, não menos errada, é tirada do princípio da pluralidade das existências. De sua semelhança com certos personagens, há os que concluem poderem ter sido esses personagens; ora, pelo que precede, é fácil demonstrar-lhes que aí não está senão uma idéia quimérica.. Como dissemos, as relações consangüíneas podem produzir uma semelhança de formas, mas não está aqui o caso, e Esopo pôde, mais tarde, ser um homem muito bonito, e Sócrates um forte e belo jovem; assim, quando não há filiação corpórea, não se pode ver senão uma semelhança fortuita, porque não há nenhuma necessidade, para o Espírito, de habitar corpos semelhantes, e em se tomando um novo corpo não lhe traz nenhuma parcela do antigo. Entretanto, segundo o que dissemos acima, do caráter que as paixões podem imprimir aos traços, poder-se-ia pensar que, se um Espírito não progrediu sensivelmente, ele retorna com as mesmas inclinações, e poderá ter sobre o seu rosto idêntica expressão; isso é exato, mas seria no máximo um ar de família, e daí a uma semelhança real há muita distância. Esse caso, de resto, deve ser excepcional, porque é raro que o Espírito não venha, numa outra existência, com as disposições sensivelmente modificadas. Assim, dos sinais fisionômicos não se pode tirar nenhum indício de existências precedentes; não se pode encontrá-los senão no caráter moral, nas idéias instintivas e intuitivas, nos pendores inatos, naqueles que não são o fato da educação, assim como na natureza das expiações que se sofre; e ainda isso não poderia indicar senão o gênero de existência, o caráter que se deveria ter, tendo-se em conta o progresso e não a individualidade. (Ver *O Livro dos Espíritos*, números 216 e 217).

Os Fantasmas

Revista Espírita, julho de 1860

A Academia assim define esta palavra: "Diz-se dos Espíritos que se supõe retornarem do outro mundo." Ela não diz *que retomam*; não há senão os Espíritos que possam ser bastante loucos para ousar afirmar semelhantes coisas. Qualquer que ela seja, pode-se dizer que a crença nos fantasmas é universal; ela está evidentemente fundada sobre a intuição da existência dos Espíritos, e a possibilidade de comunicar-se com eles; a esse título, todo Espírito que manifesta a sua presença, seja pela escrita de um médium, seja simplesmente batendo sobre uma mesa, seria um fantasma; reserva-se, porém, geralmente, esse nome, quase sepulcral, para aqueles que se tornam visíveis e que se o *supõe*, como disse com razão a Academia, virem em circunstâncias mais dramáticas. São contos de velhas? O fato em si mesmo, não; os acessórios? sim. Sabe-se que os Espíritos podem se manifestar à visão, mesmo sob uma forma tangível, eis o que é real; mas o que é fantástico são os acessórios, do qual o medo, que tudo exagera, acompanha ordinariamente esse fenômeno muito simples em si mesmo, que se explica por uma lei toda natural, e não tem, por conseguinte, nada de maravilhoso, nem de diabólico. Por que, pois, se tem medo dos fantasmas? Precisamente por causa desses mesmos acessórios que a imaginação se compraz em tornar assustadores, porque ela se assustou e que ela acreditou ver o que não viu. Em geral, são representados sob um aspecto lúgubre, vindo de preferência à noite, e sobretudo nas noites mais sombrias, em horas fatais, em lugares sinistros, cobertos de lençóis ou bizarramente vestidos. O Espiritismo nos ensina, ao contrário, que os Espíritos podem se mostrarem todos os lugares, a toda hora, de dia tão bem quanto à noite; que o fazem, em geral, sob a aparência que tinham quando vivos, e que só a imaginação cria fantasmas; que aqueles que o fazem, longe de ser temíveis, são, o mais freqüentemente, parentes ou amigos que vêm a nós por afeição, ou Espíritos infelizes que podem ser assistidos; algumas vezes, são farsantes do mundo Espírita que se divertem às nossas custas e se riem do medo que causam; concebe-se que, com estes, o melhor meio é rir deles e provar-lhes que não se tem medo; de resto, limitam-se, quase sempre, a fazerem barulho e raramente se tornam visíveis. Infeliz daquele que toma a coisa a sério, porque então redobram as suas travessuras; tanto valeria exorcizar um moleque de Paris. Mas supondo-se mesmo que seja um mau Espírito, que mal poderia ele fazer, e não se teria cem vezes mais a temer de um bandido vivo que de um bandido morto e tornado Espírito! Aliás, sabemos que estamos constantemente cercados de Espíritos, que não diferem daqueles que se chamam fantasmas senão porque não são vistos.

Os adversários do Espiritismo não faltarão de acusá-lo acreditar numa crença supersticiosa; mas o fato das manifestações visíveis, estando averiguado, explicado pela teoria, e confirmado por numerosos testemunhos, não se pode fazer que ele não seja, e todas as negações não impedirão de se produzirem, porque há poucas pessoas que, consultando as suas lembranças, não se lembrem de algum fato dessa natureza que não podem revogar em dúvida. Vale, pois, bem mais que se esteja esclarecido sobre o que há de verdadeiro ou de falso, de possível ou de impossível nos relatos nesse gênero; é em se explicando uma coisa, raciocinando-a, que se premune contra um medo pueril. Conhecemos bom número de pessoas que tinham um grande medo dos fantasmas; hoje que, graças ao Espiritismo, elas sabem o que eles são, seu grande desejo seria vê-los. Conhecemos outros que tiveram visões com as quais muito se amedrontaram; agora que compreendem, com isso não são de nenhum modo tocados. Conhecem-se os perigos do mal do medo para os cérebros fracos; ora, um dos resultados do conhecimento do Espiritismo esclarecido é precisamente o de curar esse mal, e aí não está um dos seus menores benefícios.

Lembrança de uma existência anterior

Revista Espírita, julho de 1860

(Sociedade, 25 de maio de 1860.)

Um dos nossos assinantes nos comunicou uma carta de um de seus amigos, da qual extraímos a passagem seguinte:

"Pedistes a minha opinião, ou antes a minha crença na presença, ou não, junto a nós, das almas daqueles que amamos. Pedistes, também, algumas explicações quanto à minha convicção de que as nossas almas mudam bastante rapidamente de envoltório.

"Dir-vos-ei, por ridículo que isso possa parecer, que a minha convicção sincera é ter sido assassinado durante os massacres de São Bartolomeu. Eu era bem criança quando essa recordação veio ferir a minha imaginação. Mais tarde, quando li essa triste página da nossa história, pareceu-me que muitos desses detalhes me eram conhecidos, e creio ainda que se a velha Paris pudesse ser reconstruída, eu reconheceria essa sombria alameda onde, fugindo, senti o frio de três golpes de punhal pelas costas. Há detalhes dessa cena sanguinolenta que estão na minha memória, e que nunca desapareceram. Por que eu tinha essa convicção antes de saber o que era a São Bartolomeu? Por que, lendo o relato do massacre, eu disse a mim: foi o meu sonho, aquele desagradável sonho que tive em criança, e cuja lembrança ficou-me tão vivaz? Por que, quando quis consultar a minha lembrança, forçar o meu pensamento, fiquei como o pobre louco ao qual surgiu uma idéia, e que parece lutar para encontrar de novo a sua razão? Por que? Disso não sei nada. Achar-me-eis ridículo, sem dúvida, mas com isso não guardarei menos a minha lembrança, a minha convicção.

"Se vos dissesse que tinha sete anos quando um sonho me veio, e ele era tal: Eu tinha vinte anos, era jovem, bem posto, penso que era rico. Vim bater em duelo, e fui morto. Se vos dissesse que essa salvação que se faz nas armas antes de bater-se, eu a fiz a primeira vez que tive um florete na mão. Se vos dissesse que cada preliminar, mais ou menos graciosa, que a educação ou a civilização colocaram na arte de se matar, era-me conhecida antes da minha educação nas armas, dir-me-eis, sem dúvida, que sou louco ou maníaco; talvez muito, mas parece-me às vezes que um clarão fura esse nevoeiro, e tenho a convicção de que a lembrança do passado se restabelece na minha alma.

Se me perguntardes se creio na simpatia das almas, no seu poder de se colocar em contato elas mesmas, apesar da distância, apesar da morte, eu vos responderei: Sim, este sim será pronunciado com toda a força da minha convicção. Ocorreu-me encontrar-me a vinte e cinco léguas de Lima, depois de oitenta dias de viagem, e despertar todo em pranto com uma verdadeira dor do coração; uma tristeza mortal se apoderou de mim, todo o dia. Consignei este fato em meu diário. Em hora semelhante, na mesma noite, meu irmão foi atingido por um ataque de apoplexia que comprometeu gravemente a sua vida. Confrontei o dia, o instante, tudo estava exato. Eis um fato; as pessoas existem, dir-me-eis que sou louco.

"Eu não li nenhum autor tratando de semelhante assunto; fá-lo-ei em meu retorno; talvez

essa leitura derramará um pouco de luz em mim."

O senhor V..., o autor desta carta, é oficial da marinha e atualmente em viagem. Poderia ser interessante ver se, evocando-o, confirmaria as suas lembranças, mas haveria a impossibilidade de preveni-lo quanto à nossa intenção, e por outro lado, em razão de seu estado, poderia ser difícil encontrar um momento propício. Todavia, nos foi dito para chamar o seu anjo guardião quando quiséssemos evocá-lo, e que ele nos diria se poderíamos fazê-lo.

1. Evocação do anjo guardião do senhor V... - R. Atendo ao vosso chamado.
2. Conheceis o motivo que nos faz desejar evocar o vosso protegido; trata-se, não de satisfazer uma vã curiosidade, mas de constatar, se isso for possível, um fato interessante para a ciência espírita, o da lembrança de sua precedente existência. - R. Compreendo o vosso desejo, mas no momento seu Espírito não está livre, está ocupado ativamente pelo seu corpo e numa inquietação moral que o impede de estar em repouso.
3. Está ainda no mar? - R. Está em terra; mas eu poderia responder a algumas de vossas perguntas, uma vez que aquela alma sempre esteve confiada à minha guarda.
4. Uma vez que sois bastante bom para responder-nos, perguntaremos se a lembrança que ele acreditou ter conservado de sua morte numa precedente existência é uma ilusão? - R. É uma intuição muito real; essa pessoa estava bem na Terra nessa época.
5. Por qual razão essa lembrança é mais precisa para ele que para outras pessoas? Há nisso uma causa fisiológica ou uma utilidade particular para ele? - R. Essas lembranças vivazes são muito raras; ela se prende um pouco ao gênero de morte que a impressionou, de tal modo que está, por assim dizer, encarnado em sua alma. Entretanto, muitas outras pessoas tiveram mortes também terríveis, e a lembrança não lhes permaneceu; Deus não permite isso senão raramente.
6. Desde essa morte, quando da São Bartolomeu, ele teve outras existências? - R. Não.
7. Que idade tinha quando foi morto? - R. Uns trinta anos.
8. Pode-se saber o que ele era? - R. Estava ligado à casa de Coligny.
9. Se pudéssemos evocá-lo, a ele mesmo, teríamos perguntado se se lembra o nome da rua onde foi assassinado, a fim de ver-se, colocando-se sobre os lugares, quando viera a Paris, a lembrança da cena seria ainda mais precisa? - R. Foi na encruzilhada Bucy.
10. A casa onde foi morto ainda existe? - R. Não; ela foi reconstruída.
11. No mesmo objetivo, teríamos perguntado se se lembra do tome que tinha? - R. Seu nome não é conhecido na história, porque era simples soldado. Chamava-se Gaston Vincent.
12. Seu amigo, aqui presente, desejaria saber se ele recebeu a sua carta? - R. Não, ainda.
13. Éreis seu anjo guardião nessa época? - R. Sim, então e agora.

Nota. Oscéticos, mais maus brincalhões do que sérios, poderiam dizer que o seu anjo guardião guardou-o mal, e perguntar por que não desviou a mão que o atingiu. Embora uma semelhante pergunta mereça apenas uma resposta, algumas palavras a este respeito talvez não sejam inúteis.

Diremos primeiro que, u ma vez que está na natureza do homem morrer, não está no poder de nenhum anjo guardião o opor-se ao curso das leis da Natureza, de outro modo não haveria razão para que não impedissem a morte natural tão bem quanto a morte acidental; em segundo lugar, estando no destino de cada um o instante e o gênero da morte, é necessário que esse destino se cumpra. Diremos enfim, que os Espíritos não encaram a morte como nós; a verdadeira vida é a vida do Espírito, das quais as diversas existências corpóreas não são senão episódios; o corpo é um envoltório que o Espírito reveste momentaneamente, e que deixa como o faz com uma roupa quando está usada ou *dilacerada*; pouco importa, pois, que se morra um pouco mais cedo ou um pouco mais tarde, de um modo ou de outro, uma vez que, em definitivo, é necessário sempre ali chegar, e que essa morte, longe de causar um prejuízo ao Espírito, pode ser-lhe mais útil segundo a maneira pela qual se cumpra; é o prisioneiro que deixa a sua prisão temporária para gozar da liberdade eterna. Pode ser, pois, que o fim trágico de Gaston Vincent tenha sido uma coisa útil para ele como Espírito, o que seu anjo guardião compreende melhor do que nós, porque um não vê senão o presente, ao passo que o outro vê o futuro. Os Espíritos arrebatados deste mundo por uma morte prematura, na flor da idade, freqüentemente nos responderam que era um favor de Deus, que assim os preservara dos males aos quais, sem isto, estariam expostos.

Dos animais

Revista Espírita, julho de 1860

(Dissertações espontâneas feitas pelo espírito de Chartet, em várias sessões da Sociedade

Há uma coisa entre vós que sempre excita a vossa atenção e a vossa curiosidade; esse mistério, uma vez que o é bem grande para vós, é a ligação, ou antes, a distância que existe entre a vossa alma e a dos animais, mistério que, apesar de toda a sua ciência, Buffon, o mais poético dos naturalistas, e Cuvier, o mais profundo, nunca puderam penetrar, não mais que o bisturi não vos detalha a anatomia do coração. Ora, sabeis, os animais vivem e tudo o que vive pensa. Não se pode, pois, viver sem pensar.

Estabelecido isto, resta demonstrar-vos que quanto mais o homem avança, não segundo o tempo, mas segundo a perfeição, tanto mais penetrará a ciência espiritual, aquela que se aplica não somente a vós, mas ainda aos outros seres que estão abaixo de vós: os animais. Oh! Exclamarão alguns homens persuadidos de que a palavra *homem* signifique todo o aperfeiçoamento, mas há um paralelo possível entre o homem e o animal? Podeis chamar inteligência o que não é senão instinto? Sentimento que não é senão sensação? Podeis, em uma palavra, rebaixar a imagem de Deus? Responderemos: Foi-se um tempo em que a metade do gênero humano era considerada como uma classe dos animais, onde o bicho não era considerado como nada; um tempo, que agora é o vosso, onde a metade do gênero humano é considerada como inferior e o animal como besta. Pois bem! Do ponto de vista do mundo, assim o era, é verdade; do ponto de vista espiritual, o é de outro modo. O que diriam os Espíritos superiores do homem terrestre, dizem os homens dos animais.

Tudo é finto na Natureza: o material como o espiritual; ocupemo-nos, pois, um pouco dessas pobres bestas, espiritualmente falando, e vereis que o animal vive verdadeiramente, uma vez que pensa.

Isto serve de prefácio a um pequeno curso que vos darei a este respeito. De resto, quando vivo, disse que a melhor parte do homem, é o cão.

Continua no próximo número.

CHARLET.



O mundo é uma escala imensa, cuja elevação é infinita, mas cuja base repousa num horrível caos; quero dizer que o mundo não é senão um progresso constante de seres; estais bem baixo, sempre; mas os há bem abaixo de vós; porque, entendi-o bem, não falo somente de vosso planeta, mas ainda de todos os mundos de todo o Universo. Mas tendes medo, limitar-nos-emos à Terra.

Entretanto, antes disso falar, duas palavras sobre um mundo chamado Júpiter, e do qual ai o engenhoso e imortal Palissy vos deu alguns resumos estranhos e sobrenaturais para a vossa

imaginação. Lembrai-vos de que, num desses encantadores desenhos, ele vos representou alguns animais de Júpiter; não há progresso evidente e podereis não lhes conceder um grau de superioridade sobre os animais terrestres? E ainda não vedes ali senão um progresso de forma e não de inteligência, embora, entretanto, o jogo com o qual se ocupam não possa ser executado por animais terrestres. Não vos cito esse exemplo senão para vos indicar já a sua superioridade de seres que estão bem abaixo de vós. Que seria se vos enumerasse todos os mundos que conheço, quer dizer, cinco ou seis? Mas nada senão sobre essa Terra, vedes a diferença que existe entre eles. Pois bem! Se a forma é tão variada, tão progressiva, uma vez mesmo que há progresso na matéria, podeis não admitir o progresso espiritual nesses seres? Ora, sabei-o, se a matéria progride, mesmo a mais baixa, com mais forte razão o Espírito que a anima.

Na próxima vez continuarei.

CHARLET.

Nota. - Publicamos, com o número do mês de agosto de 1858, uma prancha desenhada e gravada pelo Espírito de Bemard Palissy, representando a casa de Mozart em Júpiter, com uma descrição desse planeta, que sempre foi designado como um dos mundos mais avançados do nosso turbilhão solar, moral e fisicamente. O mesmo Espírito deu um grande número de desenhos sobre o mesmo assunto, há um entre outros que representa uma cena de animais jogando, na parte que lhes é reservada na habitação de Zoroastro; sem contradita, é um dos mais curiosos da coleção. Entre os animais que aí estão figurados, os há cuja forma se aproxima muito da forma humana terrestre e que se prende, ao mesmo tempo ao macaco e ao sátiro; sua ação denota inteligência e compreende-se que a sua estrutura possa prestar-se aos trabalhos manuais, que executam por conta dos homens; são, disse ele, servidores e operários, os homens não se ocupam senão dos trabalhos de inteligência. Foi a esse desenho, feito há mais de três anos, que Charlet aludiu na comunicação acima.



Nos mundos avançados, os animais são de tal modo superiores que para eles, a mais rigorosa ordem se faz com a palavra, e entre vós, muito freqüentemente, com o bastão. Em Júpiter, por exemplo, uma palavra basta, e entre vós muitos golpes de chicote não bastam. Entretanto, há um progresso sensível sobre a vossa Terra e que não se explicou nunca, é que mesmo o animal se aperfeiçoa. Assim, outrora, o animal era muito mais rebelde ao homem. Há também progresso de vossa parte por compreender instintivamente esse aperfeiçoamento dos animais, uma vez que proibis de bater neles. Eu disse que há um progresso moral para o animal; há também progresso de condição. Assim, um infeliz cavalo batido, ferido por um charreteiro mais bruto que ele, está comparativamente numa condição muito mais tranqüila, mais feliz que a de seu carrasco. Não é toda justiça e deve-se admirar que um animal que sofre, que chora, "que é reconhecido ou vingativo segundo a doçura ou a crueldade de seus senhores, tenha a recompensa por suportar pacientemente uma vida cheia de torturas? Deus é justo, antes de tudo, e todas as suas criaturas estão sob suas leis, e as suas leis dizem: "Todo ser fraco que sofrer, será indenizado." Eu entendo, sempre comparativamente ao homem, e ousa acrescentar, para terminar, que o animal, freqüentemente, tem mais alma, mais coração que o homem, em muitas circunstâncias.

CHARLET.

IV

A superioridade do homem se manifesta sobre o vosso globo por essa elevação de inteligência que dele faz o rei da Terra. Ao lado do homem o animal é bem fraco, bem medíocre, e pobre sujeito dessa Terra de prova, e tem freqüentemente que suportar os cruéis caprichos de seu tirano: o homem! A metempsicose antiga era uma lembrança bem confusa da reencarnação, e entretanto, essa mesma doutrina não é outra senão uma crença popular. Os grandes Espíritos admitiam a reencarnação progressiva; a massa ignorante não penetrando como eles, o Universo, dizia-se naturalmente: Uma vez que o homem se reencarna, isso não pode ser senão sobre a Terra; portanto, a sua punição, seu tártaro, sua prova, é a vida no corpo de um animal; absolutamente como na idade média os cristãos diziam: Será no grande vale que ocorrerá o julgamento, após o que os condenados irão sob a Terra queimar em suas entranhas.

Os Antigos, crentes da metempsicose, acreditavam, pois, alguns se entendiam no Espírito das bestas, uma vez que admitiam a passagem da alma humana para o corpo do animal. Pitágoras, lembrou de sua antiga existência, e reconheceu o escudo que carregava no tribunal de Tróia. Sócrates morreu predizendo a sua nova vida.

Uma vez que, como vos disse, tudo é progresso no Universo, uma vez que as leis de Deus não são e não podem ser senão leis do progresso, no ponto em que estais, no ponto do vista de vossas tendências espiritualistas, não admitir o progresso daquilo que há abaixo do homem seria um contra-senso, uma prova de ignorância e de completa indiferença.

O animal tem, igual ao homem, o que chamais consciência, que não é outra coisa senão a sensação da alma quando ela tenha feito o bem ou mal? Observai, e vede se o animal não dá prova de consciência, sempre relativamente ao homem. Credes que o cão não sabe quando ele faz o bem ou o mal? Se não o sentisse, ele não viveria. Como já vos disse, a sensação moral, a consciência, em uma palavra, existe nele como no homem, sem isso é necessário retirar ao animal o reconhecimento, o sofrimento, os lamentos, enfim, todos os caracteres de uma inteligência, caráter que todo homem sério é levado a observar em todos os animais, segundo seus graus diferentes, porque mesmo entre eles, há diversidades estranhas.

CHARLEI.

V

O homem, rei da Terra pela inteligência, é um ser superior também sob o aspecto material; suas formas são harmoniosas, e seu Espírito tem para se fazer obedecer um organismo admirável: o corpo. A cabeça do homem é alta e olha o céu, diz o Gênese; o animal olha a Terra, e, pela estrutura de seu corpo, a ela parece estar mais ligado que o homem. Além disso, a harmonia magnífica do corpo humano não existe no animal. Vede a variedade infinita que os distingue uns dos outros, variedade infinita que, entretanto, não corresponde ao seu Espírito, porque os animais, eu entendo a sua imensa maioria, têm, quase todos, o mesmo grau de inteligência. Assim, no animal, variedade na forma; no homem, ao contrário, variedade no Espírito. Encontrai dois homens que sejam semelhantes de gostos, de aptidões, de inteligência; e tomai um cão, um cavalo, um gato, em uma palavra, um milhar de animais, com dificuldade perceberéis diferença em sua inteligência. O Espírito dorme, pois, no animal; no homem, ele brilha em todos os sentidos; seu Espírito adivinha Deus e compreende a razão de ser da perfeição.

Assim, pois, no homem, harmonia simples na forma, começo do infinito, no Espírito; e vede agora a superioridade do homem que domina o animal, materialmente pela sua estrutura admirável e intelectualmente pelas suas faculdades imensas. Parece que Deus, nos animais, preferiu variar mais a forma encerrando o Espírito; no homem, ao contrário, a fazer do próprio corpo humano a manifestação material do Espírito.

Igualmente admirável nessas duas criações, a Providência é infinita no mundo material como no mundo espiritual. O homem está para o animal o que a flor e todo o reino vegetal estão para a matéria bruta.

Eu quis estabelecer, nestas poucas linhas, a posição que o animal deve ocupar na escala da perfeição; veremos como pode chegar, comparativamente ao homem.

CHARLET.

VI

Como o Espírito se eleva? Pelo abaixamento, pela humildade. O que perde o homem é razão orgulhosa que o impele a desprezar todo subalterno, e a invejar todo superior. A inveja é a expressão mais viva do orgulho; não é o prazer do orgulho, é esse desejo doentio, incessante, de poder desfrutá-lo; os invejosos são os mais orgulhosos quando se tomam poderosos. Considerai vosso senhor em tudo, Cristo, o homem por excelência, mas na mais alta fase da sublimidade; Cristo, digo eu, em lugar de vir com a audácia e a insolência para derrubar o mundo antigo, veio sobre a Terra se encarnar numa família pobre, e nascer entre os animais; porque os encontrais por toda a parte, esse pobres animais, em todos os instantes em que o homem vive simplesmente com a Natureza, em uma palavra, em pensando em Deus. Nasce entre os animais, e esses exaltam o seu poder na sua linguagem tão expressiva, tão natural e tão simples. Vede que assunto de reflexão! O Espírito ainda baixo que os anima pressente o Cristo, quer dizer, o Espírito em toda a sua essência de perfeição. Balaão, o falso profeta, o orgulho humano em toda a sua corrupção, blasfemou contra Deus, e bateu na sua criatura; súbito o Espírito ilumina o Espírito ainda bem vago do asno, e ele fala; torna-se, por um instante, o igual de um homem, e, pela sua palavra, ele é o que será em vários milhares de anos. Poder-se-ia citar muitos outros fatos, mas aquele me parece bastante evidente a propósito do que avancei sobre o orgulho do homem, que nega até a sua alma, porque não pode compreendê-la, e que vai até negar o sentimento nos seres inferiores, entre* os quais o Cristo preferiu nascer.

CHARLET.

VII

Conversei convosco, durante algum tempo, sobre o que vos prometera. Como vos disse, em começando, não falei sob o ponto de vista anatômico ou médico, mas unicamente da essência espiritual que existe nos animais. Teria ainda que vos falar sobre vários outros pontos que, em sendo diferentes, não são menos úteis para a Doutrina. Permiti-me uma última recomendação, é de refletirem um pouco sobre o que vos disse; isso não é nem demorado nem pedante, e, crede-me, não é por isso menos útil. Que um dia, quando o bom Pastor dividir as suas ovelhas, eu possa vos contar entre os pobres e excelentes diabos que

terão melhor seguido os seus preceitos. Perdoai-me esta imagem um pouco viva. Ainda uma vez, vos é necessário refletir sobre o que vos disse; de resto, eu continuarei a vos falar enquanto o desejardes. Teria a vos dizer outra coisa, na próxima vez, para definir o meu pensamento sobre a inteligência dos animais.

Todo vosso,

CHARLET.

VIII

Tudo o que posso vos dizer, amigos, neste momento, é que vejo com prazer a linha de conduta que seguis. Que a caridade, esta virtude das almas verdadeiramente francas e nobres, seja sempre o vosso guia, porque aí está o sinal da verdadeira superioridade. Perseverai neste caminho que deve, necessariamente, vos conduzir todos, apesar dos esforços dos quais não supondes a força, à verdade e à unidade.

A modéstia é também um dom bastante difícil de adquirir, não é, senhores? É uma virtude bastante rara entre os homens. Pensai que, para avançar no caminho do bem, no caminho do progresso, não tendes a opor senão a modéstia; sem Deus, sem seus divinos preceitos, que serieis? Um pouco menos que esses pobres animais dos quais já vos falei, e sobre os quais tenho a intenção de vos entreter ainda. Cingi vossos rins e preparai-vos para lutar de novo, mas não fraquejeis; pensai que não é contra Deus que lutais, como Jacó, mas bem contra o Espírito do mal, que invade tudo e vós mesmos a cada instante.

O que tenho a vos dizer seria muito longo para esta noite. Tenho a intenção de vos explicar a queda moral dos animais, depois da queda moral do homem. Para terminar, darei título ao que já vos disse sobre os animais: O primeiro homem feroz e o primeiro animal que se tornou feroz.

Desconfiai dos Espíritos maus; não supondes a sua força, eu vos disse ainda há pouco, e embora esta última frase não esteja em relação com a que precede, não é menos muito verdadeira e muito a propósito; agora, refleti.

CHARLET.

Nota. O Espírito acreditou dever interromper naquele dia o assunto principal de que trata, para fazer este ditado incidente, motivado por uma circunstância particular, de que se quis aproveitar.

Nós a damos, apesar disso, porque ela não encerra menos de úteis instruções.

IX

Quando o primeiro homem foi criado, tudo era harmonia na Natureza. A onipotência do Criador pusera, em cada ser, uma palavra de bondade, de generosidade e de amor. O homem estava radiante; os animais desejavam o seu olhar celeste, e seus carinhos eram os mesmos para ele e sua celeste companhia. A vegetação era luxuriante; o Sol dourava e

iluminava toda a Natureza, como o sol misterioso da alma, centelha de Deus, iluminava interiormente a inteligência do homem; numa palavra, todos os reinos da Natureza apresentavam essa calma infinita que parecia compreender Deus; tudo parecia ter bastante inteligência para exaltar a onipotência do Criador. O céu sem nuvens era como o coração do homem, e a água límpida e azul tinha reflexos infinitos, como a alma do homem tinha os reflexos de Deus.

Bem muito tempo depois, tudo parece mudar subitamente; a Natureza oprimida suspira fundo, e, pela primeira vez, a voz de Deus se fez ouvir; terrível dia de infelicidade em que o homem, que não tinha ouvido, até então, senão a grande voz de Deus que lhe dizia em tudo: "Tu és imortal," amedrontou-se com estas terríveis palavras: "Caim, por que mataste teu irmão?" Tudo muda togo: o sangue de Abel se derrama sobre toda a Terra; as árvores mudaram de cor; a vegetação, tão rica, tão colorida, se descora; o céu se torna negro.

Por que o animal se tornou feroz? Magnetismo todo-poderoso, invencível, que tomou então cada ser, a sede de sangue, o desejo de carnagem, brilharam em seus olhos, outrora tão doces, e o animal se tornou feroz como o homem. Uma vez que o homem fora rei da Terra, não tinha mostrado o exemplo? O animal seguiu o seu exemplo, e a morte, desde então, pairou sobre a Terra, morte que se tornou hedionda, em lugar de uma transformação doce e espiritual; o corpo do homem deveria se dispersar no ar como o corpo do Cristo se dispersou sobre a terra, nessa terra irrigada do sangue de Abel, e o homem trabalha, e o animal trabalha.

CHARLET.

Exame crítico das dissertações de Charlet sobre os animais

SOBRE O Parágrafo I

1. Dissestes: *Tudo o que vive pensa; não se pode, pois, viver sem pensar; essa proposição parece-nos um pouco absoluta, porque a planta vive e não pensa; admitis isso em princípio?* - R. Sem dúvida, não falo senão da vida animal, e não da vida vegetal; deveis bem compreendê-lo.

2. Mais adiante dissestes: *Vereis que o animal vive verdadeiramente, uma vez que pensa; não há interversão na frase? Parece-nos que a proposição seja esta: Vereis que o animal pensa verdadeiramente, uma vez que vive.* - R. Isto é evidente.

SOBRE O Parágrafo II

3. Lembrai-vos dos desenhos que foram feitos sobre os animais de Júpiter; nota-se que têm uma analogia marcante com os sátiros da fábula; essa idéia de sátiros seria uma intuição da existência desses seres em outros mundos, e, nesse caso, não seria, então, uma criação puramente fantástica? -R. Quanto mais o mundo seja novo, tanto mais se recorda; o homem tinha a intuição de uma ordem de seres intermediários, seja mais baixo que ele, seja mais elevado; é o que chamais os *deuses*.

4. Admitis, então, que as divindades mitológicas não eram outras senão o que chamamos

Espíritos? - R. Sim.

5. Foi-nos dito que, em Júpiter, pode-se compreender somente pela transmissão do pensamento; quando os habitantes desse planeta se dirigem aos animais, que são os seus servidores e seus operários, têm o recurso de uma linguagem particular? Teriam, para os animais, uma linguagem articulada e entre eles uma linguagem de pensamento? - R. Não, não há linguagem articulada, mas uma espécie de magnetismo de ferro que faz o animal curvar e fá-lo executar os menores desejos e as ordens de seus senhores; o Espírito, todo-poderoso, não pode se rebaixar.

6. Entre nós, os animais têm, evidentemente, uma linguagem, uma vez que se compreendem, mas muito limitada; os de Júpiter têm uma linguagem mais precisa, mais positiva que os nossos, em uma palavra, têm uma linguagem articulada? - R. Sim.

7. Os habitantes de Júpiter compreendem melhor que nós a linguagem dos animais? -R. Eles vêem neles e compreendem-nos perfeitamente.

8. Examinando-se a série dos seres vivos, acha-se uma corrente interrompida desde a madrépora, a planta mesmo, até o animal mais inteligente; mas entre o animal mais inteligente e o homem, há uma lacuna evidente, que deve ser preenchida em alguma parte, porque a Natureza não deixa nenhum degrau vago; de onde vem essa lacuna? - R. Essa lacuna dos seres não é senão aparente, porque ela não existe realmente; provém das raças desaparecidas. (São Luís).

9. Essa lacuna pode existir sobre a Terra, mas, seguramente não existe no conjunto do Universo e deve estar preenchendo alguma parte; não o seria ela senão para certos animais de mundos superiores que, como os de Júpiter, por exemplo, parecem se aproximar muito do homem terrestre pela forma, a linguagem e outros sinais? - R. Nas esferas superiores, o germe eclode sobre a terra e, desenvolvido, não se perde nunca. Encontrareis, em vos tornando Espíritos, todos os seres criados ou desaparecidos nos cataclismas de vosso globo. (São Luís.)

Nota. Uma vez que essas raças intermediárias existiram sobre a Terra, e dela desapareceram, isso justifica o que Charlet disse ainda há pouco, que quanto mais o mundo era novo, tanto mais se recorda. Se ela não existira senão nos mundos superiores, o homem da Terra, menos avançado, não poderia guardá-la na memória.

SOBRE O PARÁGRAFO III

10. Dissestes que tudo se aperfeiçoa, e como prova de progresso no animal, dissestes que outrora ele era mais rebelde ao homem. O animal se aperfeiçoa, isto é evidente; mas, sobre a Terra pelo menos, não se aperfeiçoa senão pelos cuidados do homem; abandonado a si mesmo ele retoma a sua natureza selvagem, mesmo o cão. - R. E o homem, pelos cuidados de que se aperfeiçoa? Não é pelos cuidados de Deus? Tudo é escala na Natureza.

11. Falais de recompensas para os animais que sofrem maus tratos, e dizeis que é de toda justiça que haja compensação para eles. Pareceria, segundo isso, que admitis no animal a consciência do seu *eu* depois da morte, com a lembrança de seu passado; isto é contrário ao que nos foi dito. Se as coisas se passam tal como dizeis, disso resultaria que, no mundo dos Espíritos, haveria animais; então não haveria razão para que não houvesse Espíritos de ostras. Quereis, pois, dizer-nos se vedes ao vosso redor Espíritos de cães, de gatos, de

cavalos ou de elefantes como vedes Espíritos humanos? - R. A alma do animal, tendes perfeitamente razão, não se conhece na morte do corpo; é um conjunto confuso de germes que podem passar no corpo de tal ou tal animal, segundo o desenvolvimento que adquiriu; ela não é individualizada. Dir-vos-ei, entretanto, que em certos animais, em muitos mesmo, há individualidade.

12. Essa teoria, de resto, não justifica de nenhum modo os maus tratos dos animais; o homem é sempre culpado por fazer sofrer um ser sensível qualquer, e a doutrina nos diz que, por isso, será punido, mas daí, a colocar o animal numa condição superior à dele há uma grande distância; que pensais disso? - R. Sim, mas estabeleceis sempre, todavia, uma escala entre os animais; pensai que há mundos entre certas raças. O homem é tanto mais culpado quanto seja mais poderoso.

13. Como explicais este fato, que mesmo no estado de selvagem o homem se faz obedecer pelo animal mais inteligente? É a Natureza que age, sobretudo, nisto; o homem selvagem é o homem da Natureza, conhece o animal familiarmente; o homem civilizado estuda, e o animal se curva diante dele; o homem é sempre o homem diante do animal, quer seja selvagem ou civilizado.

SOBRE O Parágrafo V

14. (A Charlet). Nada temos a dizer sobre este parágrafo que nos parece racional; tendes alguma coisa a acrescentar-lhe? - R. Não tenho outra coisa a acrescentar que isto: os animais têm todas as faculdades que indiquei, mas neles o progresso se realiza pela educação que recebem do homem, e não por eles mesmos, o animal, abandonado ao estado selvagem, retoma o tipo que tinha ao sair das mãos do Criador, submisso ao homem ele se aperfeiçoa, eis tudo.

15. Isto é perfeitamente verdadeiro para os indivíduos e as espécies; mas considerando-se o conjunto da escala dos seres, há uma marca ascendente evidente, que não se detém nos animais da Terra, uma vez que os de Júpiter são superiores aos nossos, física e intelectualmente. - R. Cada raça é perfeita em si mesma, e não emigra nas raças estranhas; em Júpiter são os mesmos tipos formando raças distintas, mas não são os Espíritos de animais defuntos.

16. Em que se torna, então, o princípio inteligente dos animais defuntos? - R. Retorna à massa onde cada novo animal haure a sua porção de inteligência que lhe é necessária. Ora, está aí precisamente o que distingue o homem do animal; é que nele o Espírito está individualizado e progride por si mesmo, e é também o que lhe dá a superioridade sobre todos os animais; eis porque o homem, mesmo selvagem, como fizestes notar, se faz obedecer mesmo pelos animais mais inteligentes.

SOBRE O Parágrafo VI

17. Dais a história de Balaão como um fato positivo; pensais nisso seriamente? - R. É uma pura alegoria, ou antes, uma ficção para flagelar o orgulho; fez-se falar o asno de Balaão como La Fontaine fez falar muitos outros animais.

SOBRE O Parágrafo XI

18. Nesta passagem, Charlet parece se deixar arrastar por sua imaginação, porque o quadro

que ele faz da degradação moral do animal é mais fantástico que científico. Com efeito, o animal não é feroz senão por necessidade, e foi para satisfazer essa necessidade que a Natureza lhe deu uma organização especial. Se uns querem se nutrir de carne, foi por um objetivo providencial, e porque era útil à harmonia geral que certos elementos fossem absorvidos. O animal é, pois, feroz pela sua constituição, e não se conceberia que a queda moral do homem pudesse fazer brotar dentes caninos no tigre e encurtar seus intestinos, porque então não haveria razão para que não tivesse o mesmo resultado sobre o carneiro. Dizemos antes que o homem, sobre a Terra, estando pouco avançado, aí se encontra com seres inferiores sob todos os aspectos, e cujo contato é, para ele, uma causa de inquietação, de sofrimentos, e, por consequência, uma fonte de provas que o ajudam em seu adiantamento futuro.

Que pensa Charlet destas reflexões?

R. Não posso senão aprová-las. Eu era um pintor, e não um literato ou um sábio: eis porque me deixo, de vez em quando, ao prazer, novo para mim, de escrever belas frases, mesmo às expensas da verdade; mas o que dissestes aí está muito justo e bem inspirado. No quadro que tracei, bordei sobre certas idéias concebidas para não machucar nenhuma convicção. A verdade é que as primeiras idades eram idades de ferro, bem distantes dessas pretendidas dores; a civilização, descobrindo cada dia, novos tesouros acumulados sobre a bondade de Deus, no espaço tão bem quanto na Terra, faz o homem conquistar a verdadeira terra prometida, aquela que Deus concederá à inteligência e ao trabalho, e que não entregará toda enfeitada nas mãos de homens crianças, que deveriam descobri-la pela sua própria inteligência. De resto, esse erro que cometi não podia ser nocivo aos olhos de pessoas esclarecidas, que deveriam facilmente reconhecê-lo; para os ignorantes, passariam despercebidos. Entretanto, eu errei, nisto convenho; agi levianamente, e isto vos prova em que ponto deveis controlar as comunicações que recebeis.

Nota geral.

Um ensinamento importante, do ponto de vista da ciência espírita, ressalta dessas comunicações. A primeira coisa que toca, em as lendo, é uma mistura de idéias justas, profundas, e trazendo a marca do observador, ao lado de outras evidentemente falsas, e fundadas sobre a imaginação mais que sobre a realidade. Charlet era, sem contradita, um homem acima do vulgo, mas, como Espírito, não é mais universal do que o era quando vivo, e pode se enganar porque, não sendo ainda bastante elevado, não encara as coisas senão sob o seu ponto de vista; não há, de resto, senão os Espíritos chegados ao último grau de perfeição que estão isentos de erros; os outros, por alguns dons que tenham, não sabem tudo e podem se enganar; mas, então, quando são verdadeiramente bons, fazem-no de boa fé e nisso convém francamente, ao passo que há os que o fazem conscientemente e se obstinam nas idéias mais absurdas. Por isso, é necessário guardar-se de aceitar o que vem do mundo invisível sem tê-lo submetido ao controle da lógica; os bons Espíritos o recomendam sem cessar, e não se melindram nunca com a crítica, porque de duas coisas uma, ou estão seguros do que dizem, e então não temem, ou não estão seguros e, se têm a consciência de sua insuficiência, procuram, eles mesmos, a verdade; ora, se os homens podem se instruir com os Espíritos, certos Espíritos também podem se instruir com os homens. Os outros, ao contrário, querem dominar, esperando que aceitem as suas utopias com o favor de seu título de Espíritos; então, seja presunção de sua parte, seja má intenção, não sofrem a contradição; querem ser acreditados sob palavra, porque sabem bem que eles não podem senão perder ao exame; se desagradam com a menor dúvida sobre a sua infalibilidade, e ameaçam soberbamente de vos abandonar como indignos de ouvi-los; também não gostam senão daqueles que se põem de joelhos diante deles. Não há homens assim feitos, e deve-se espantar de encontrá-los com os seus defeitos no mundo dos

Espíritos? Entre os homens, um tal caráter é sempre, aos olhos de pessoas sensatas, um indício de orgulho, de vã suficiência, de tola vaidade, e partindo da pequenez nas idéias e de um falso julgamento; o que é um sinal de inferioridade moral entre eles não poderia ser um sinal de superioridade nos Espíritos.

Charlet, como se acaba de ver, se presta de bom grado à controvérsia; escuta e admite as objeções, e responde-as com benevolência; desenvolve o que estava obscuro e reconhece lealmente o que não está exato; em uma palavra, não quer se fazer passar por mais sábio do que é, e, nisto, prova mais elevação que se obstinasse nas idéias falsas, a exemplo de certos Espíritos que se escandalizam tão-só com o anúncio de que as suas comunicações parecem suscetíveis de comentários.

O que é ainda próprio desses Espíritos orgulhosos é a espécie de fascinação que exercem sobre *seus* médiuns, com a ajuda da qual, algumas vezes, chegam a fazê-los partilhar os mesmos sentimentos. Dissemos de propósito *seus médiuns* porque eles se apoderam deles e querem ter, neles, os instrumentos que agem de olhos fechados; não se acomodariam de nenhum modo com um médium escrutador ou que visse muito claro; não é assim ainda entre os homens? Quando o encontraram, temem que se lhes escape, inspiram-lhe o afastamento de quem poderia esclarecê-lo; isolam-no de alguma sorte, a fim de que gozem de inteira liberdade, ou não o aproximam senão daqueles dos quais nada têm a temer; e, para melhor captar a sua confiança, se fazem bons apóstolos usurpando os nomes de Espíritos venerados, dos quais procuram imitar a linguagem; mas agem inutilmente, a ignorância nunca poderá arremedar o verdadeiro saber, nem uma natureza má a verdadeira virtude; sempre o orgulho surgirá sob o manto de uma fingida humildade, e é porque temem ser desmascarados que evitam a discussão e dela desviam os seus médiuns.

Não há pessoa, julgando friamente e sem prevenção, que não reconheça como má uma tal influência, porque cai sob o mais vulgar bom senso que um Espírito, verdadeiramente bom e esclarecido, não procuraria nunca exercê-la. Pode-se, pois, dizer que todo médium que lhes cede está sob o império de uma obsessão, da qual deve procurar se desembaraçar o mais cedo. O que se quer, antes de tudo, não são quando mesmo comunicações, mas comunicações boas e verdadeiras; ora, para ter boas comunicações são necessários bons Espíritos, e para ter bons Espíritos é necessário ter médiuns livres de toda má influência. A natureza dos Espíritos que assistem habitualmente um médium é, pois, uma das primeiras coisas a considerar; para conhecê-la, exatamente, há um critério infalível, e isso não está nem nos sinais materiais nem nas fórmulas de evocação ou de conjuração que são encontradas; esse critério está nos sentimentos que o Espírito inspira ao médium; pela maneira de agir deste último, pode-se julgar da natureza dos Espíritos que o dirigem e, por conseguinte, do grau de confiança que as suas comunicações merecem.

Isto não é uma opinião pessoal, um sistema, mas um princípio deduzido da mais rigorosa lógica, se se admitem estas premissas que um mau pensamento não pode ser sugerido por um bom Espírito. Tanto que não se prove que um bom Espírito pode inspirar o mal, diremos que todo ato que se afaste da benevolência, da caridade e da humildade, onde penetre o ódio, a inveja, o ciúme, o orgulho ferido ou a simples acrimônia, não pode ser inspirado senão por um mau Espírito, então mesmo que este pregasse hipocritamente as mais belas máximas, porque, se fora verdadeiramente bom, prová-lo-ia pondo seus atos em harmonia com as suas palavras. A prática do Espiritismo está cercada de tantas dificuldades, os Espíritos enganadores são tão velhacos, astuciosos, e ao mesmo tempo tão numerosos, que não se saberia cercar-se de muitas precauções para frustrá-los; importa, pois, procurar com o maior cuidado todos os indícios pelos quais podem se trair; ora, esses indícios estão, ao mesmo tempo, em sua linguagem e nos atos que solicitam.

Tendo submetido estas reflexões ao Espírito de Charlet, eis o que nos disse: "Não posso senão aprovar o que acabais de dizer, e convidar todos aqueles que se ocupam do Espiritismo para seguirem tão sábios conselhos, evidentemente ditados pelos bons Espíritos, mas que não estão de todo, podeis bem crê-lo, ao gosto dos maus, porque eles sabem muito bem que é o meio mais eficaz de combater a sua influência: também fazem tudo o que podem para desviarem aqueles que querem colocar em suas fileiras."

Charlet disse que se deixa ir ao prazer novo, para ele, de escrever belas frases, mesmo às expensas da verdade. Que teria advindo se tivéssemos publicado o seu trabalho sem comentários? Acusou-se o Espiritismo de acreditar em idéias ridículas, e nós mesmos de não sabermos distinguir o verdadeiro do falso. Muitos Espíritos estão no mesmo caso; procuram uma satisfação do amor-próprio ao darem a luz, por intermédio de médiuns, não podendo fazê-lo por si mesmos, obras literárias, científicas, filosóficas ou dogmáticas de grande fôlego; mas quando esses Espíritos não têm senão um falso saber, escrevem coisas absurdas tão bem como o fariam os homens. é sobretudo nessas obras continuadas que se pode julgá-los, porque a sua ignorância toma-os incapazes de sustentar seu papel por muito tempo, e que eles mesmos revelam a sua insuficiência ferindo, a cada passo, a lógica e a razão. Através de uma multidão de idéias falsas, às vezes, se encontram muitas boas, sobre as quais contam para fazerem passar as outras. Só esta incoerência prova a sua incapacidade; são pedreiros que sabem bem alinhar as pedras de um edifício, mas que seriam incapazes de levantar um palácio. Algumas vezes, é uma coisa curiosa de ver o dédalo inextricável de combinação e de raciocínio no qual se empenham, e do qual não podem sair senão à força de sofisma e de utopias. Vimos os que, à custa de expedientes, deixaram aí seu trabalho: mas outros não se dão por vencidos e querem impeli-lo até o objetivo, de fazer rir às custas daqueles que os tomam a sério.

Estas reflexões nos são sugeridas como princípio geral, e estar-se-ia errado não vendo nelas uma aplicação qualquer. Entre os numerosos escritos que foram publicados sobre o Espiritismo, os há, sem dúvida, os que poderiam dar lugar à crítica fundada; mas nos guardamos de colocar tudo na mesma linha; indicamos um meio de apreciá-los, cabe a cada um fazê-lo como entenda. Se ainda não empreendemos deles fazer um exame na nossa *Revista*, foi pelo temor de que não se menospreze sobre o motivo da crítica que poderíamos fazer; preferimos, pois, esperar que o Espiritismo fosse melhor conhecido e, sobretudo, melhor compreendido; então a nossa opinião, apoiando-se sobre uma base geralmente admitida, não poderia ser suspeita de parcialidade. O que esperamos se produza cada dia, porque vemos que, em muitas circunstâncias, o julgamento da opinião precede o nosso; também nos aplaudimos pela nossa reserva. Empreenderemos este exame quando cremos o momento oportuno; mas já se pode ver qual será a nossa base de apreciação: esta base é *lógica*, da qual cada um pode fazer uso por si mesmo, porque não temos a tola pretensão de possuí-la por privilégio. A lógica, com efeito, é o grande critério de toda comunicação espírita, como o é de todos os trabalhos humanos. Sabemos bem que aquele que raciocina em falso crê ser lógico; o é à sua maneira, mas não o é senão para ele, e não para os outros; quando uma lógica é rigorosa como a de dois e dois são quatro, é que as conseqüências são deduzidas de axiomas evidentes, o bom senso geral, cedo ou tarde, faz justiça a todos esses sofismas. Cremos que as proposições seguintes têm esse caráter:

1° Os bons Espíritos não podem ensinar e inspirar senão o bem; portanto, tudo o que não é rigorosamente bem não pode vir de um bom Espírito;

2° Os Espíritos esclarecidos e verdadeiramente superiores não podem ensinar coisas absurdas; portanto, toda comunicação manchada por erros manifestos, ou contrários aos dados mais vulgares da ciência e da observação, atesta, só por isso, a inferioridade de sua

origem;

3° A superioridade de um escrito qualquer está na justeza e na profundidade das idéias, e não na inchação e na redundância do estilo; portanto, toda comunicação espírita onde haja mais de palavras e de frases brilhantes que de pensamentos sólidos, não pode vir de um Espírito verdadeiramente superior;

4° A ignorância não pode contradizer o verdadeiro saber, nem o mal contrafazer o bem de maneira absoluta; portanto, todo Espírito que, sob um nome venerado, diz coisas incompatíveis com o título que se dá, está convicto de fraude;

5° É da essência de um Espírito elevado se ligar mais ao pensamento que à forma e à matéria, de onde se segue que a elevação do Espírito está em razão da elevação das idéias; portanto, todo Espírito metucioso nos detalhes da forma, que prescreve puerilidades, em uma palavra, que liga importância aos sinais e às coisas materiais, acusa, por isso mesmo, uma pequenez de idéias, e não pode ser verdadeiramente superior;

6ª Um Espírito verdadeiramente superior não pode se contradizer; portanto, se duas comunicações contraditórias são dadas, sob o mesmo nome respeitável, uma das duas é necessariamente apócrifa; se uma é verdadeira, esta não pode ser senão aquela que não desmente em *nada* a superioridade do Espírito cujo nome foi posto em frente.

A consequência a se tirar destes princípios é que fora das questões morais não é necessário acolher senão com reserva o que vem dos Espíritos, e que, em todos os casos, nunca é necessário aceitá-lo sem exame. Daí decorre a necessidade de pôr a maior circunspeção na publicação dos escritos emanados dessa fonte, quando, sobretudo pela estranheza das doutrinas que contêm, ou a incoerência das idéias, podem se prestar ao ridículo. É preciso desconfiar da tendência de certos Espíritos para as idéias sistemáticas, e do amor-próprio que colocam e propagam-nas; é, pois, sobretudo nas teorias científicas que é necessário colocar uma extrema prudência, e se guardar de dar precipitadamente como verdades sistemas freqüentemente mais sedutores que reais, e que, cedo ou tarde, podem receber um desmentido oficial. Que sejam apresentados como probabilidades, se são lógicos, e como podendo servir de base a observações ulteriores, seja; mas haveria imprudência em dá-los, prematuramente, como artigos de fé. Um provérbio diz: *Nada é mais perigoso do que um imprudente amigo*. Ora, é o caso daqueles que, no Espiritismo, se deixam levar por um zelo mais ardente que refletido.

Bibliografia

Revista Espírita, julho de 1860

Anunciamos uma continuação a *O Livro dos Espíritos* sob o título de *Espiritismo experimental*, e como devendo ser publicada em abril último. Esse trabalho atrasou por algumas circunstâncias independentes de nossa vontade e, sobretudo, pela importância maior que acreditamos dever lhe dar. Está hoje no prelo, e faremos conhecer, ulteriormente, a época na qual ele aparecerá.

nota. - A falta de espaço nos obriga a remeter para o próximo número várias comunicações importantes que nos foram transmitidas.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Terceiro Ano – 1860

Agosto

- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [Concordância Espírita e Cristã](#)
- [O Trapeiro da rua dos Noyers](#)
- Conversas familiares além-túmulo.
 - [Thilorier](#)
 - [O Suicida da rua Quincampoix](#)
- Variedades
 - [O prisioneiro de Limoges](#)
 - [Cartas de um Espírita da Argélia ao Sr. Oscar Comettant](#)
- Dissertações Espíritas
 - [Desenvolvimento das idéias \(Georges\)](#)
 - [Dissimulações humanas \(Delphine de Girardin\)](#)
 - [O saber dos Espíritos \(Channing\)](#)
 - [Origens \(Lazare\)](#)
 - [O futuro \(São Luís\)](#)
 - [A Eletricidade espiritual \(Lamennais\)](#)
- [Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas](#)

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, agosto de 1860

DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS.

Sexta-feira, 29 de junho de 1860 (Sessão particular).

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 22 de junho.

Leitura de uma carta do senhor doutor de Grand-Boulogne, antigo cônsul de França, que pede para ser admitido como membro correspondente em Havana, para onde vai seguir proximamente.

A Sociedade admite, a esse título, o senhor de Grand-Boulogne, e como sua carta contém resumos muito judiciosos sobre o Espiritismo, pede a sua inserção na Revista.

Comunicações diversas. 1ª Leitura de um ditado espontâneo obtido pela senhora Gostei sobre as Origens, assinado Lazare.

2º Relação de fatos de manifestações físicas espontâneas, que ocorreram ultimamente na rua dos Noyers, e dos quais vários jornais deram conta, lembrando fatos análogos que se passaram em 1849, na rua dos Grès. Alguns acrescentaram que os fatos da rua dos Grès foram uma fraude imaginada pelo tocador para obter despedida.

O senhor de Grand-Boulogne disse, a esse respeito, que pode certificar a autenticidade desses fatos; aliás, foram reportados pelo senhor de Mirville, que tomou todas as informações necessárias para se assegurar de sua realidade.

Um membro fez notar que, em semelhantes casos, a afluência de curiosos tornando-se fatigante para os interessados, deles se desembaraçam dando a coisa à conta de malevolência. O proprietário, com medo de ver a sua casa abandonada, tem, sobretudo, um grande interesse em não acreditar neles; tal é a razão do desmentido que, frequentemente, é dado aos fatos dessa natureza.

Estudos. 1ª Discussão sobre o mérito e a eficácia das provas do homem de bem, suportadas com o fim de proporcionar alívio aos Espíritos sofredores e infelizes, a propósito de uma passagem da carta do senhor de Grand-Boulogne.

Ele fez observar, a esse respeito, que a eficácia da prece, considerada como um testemunho de simpatia e de comiseração, sendo constatada, pode-se considerar as provas que se impõem com esse objetivo, como um testemunho análogo, que deve ter os mesmos efeitos que a prece; a intenção é tudo, nesse caso, e pode-se encará-la como uma prece mais ardente ainda que aquela que não consiste senão de palavras.

2ª A senhora N... exprime dúvidas sobre a identidade do Espírito que lhe deu alguns conselhos na última sessão, e que ela não se crê aplicáveis. Ela roga pedir, por um outro médium, se o Espírito que se comunicou é mesmo o de São Luís. Acrescenta que acreditou ver, na natureza de suas reflexões, um sentimento pouco benevolente, que não está em relação com a sua mansuetude habitual, o que lhe inspirou as dúvidas.

São Luís, interrogado a esse respeito, por intermédio da senhorita H..., responde: "Sim, fui bem eu quem vim vos traçar essas linhas e vos dar um conselho. É errado que se receba mal o meu conselho; é necessário que aquele que quer avançar no caminho do bem saiba aceitar os conselhos e os avisos que se quer lhe dar, devessem mesmo machucar o seu amor-próprio. A marca de seu adiantamento consiste na maneira doce e humilde com que os recebe. Outrora, quando eu estava sobre a Terra, não dei provas da maior humildade em me submetendo, sem murmurar, às decisões da Igreja, e mesmo às penitências que impôs, por humilhantes que fossem? Sede, pois, dóceis e humildes, se não fordes orgulhosos; aceitai os conselhos; tratai de vos corrigir, e avançareis."

O senhor T... faz notar que, quando vivo, São Luís nem sempre se submeteu à Igreja, uma vez que lutou contra as suas pretensões.

São Luís responde: "Em vos dizendo que me submeti às penitências que os chefes da Igreja me impuseram, disse-vos a verdade; mas eu não disse que a minha conduta tenha sempre sido irrepreensível; fui um grande pecador diante de Deus, embora os homens, mais tarde, me tenham concedido o título glorioso de santo."

O senhor Allan Kardec ajuntou que São Luís sempre se submeteu às decisões da Igreja com referência ao dogma; ele lutou contra pretensões de uma outra natureza.

3ª Perguntas sobre o conselho de São Luís, relativo às experiências de manifestações físicas, com as quais convida a sociedade a não se ocupar.

4ª Perguntas sobre a faculdade mediúnica entre as crianças, a propósito das manifestações obtidas na última sessão pela jovem N...

5ª: Perguntas sobre o fato das manifestações da rua dos Noyers.

6ª Dois ditados espontâneos foram obtidos simultaneamente: o primeiro pela senhora Gostei, sobre a *Eletricidade do pensamento*, assinado *Delphine de Girardin*; o segundo, pela senhora Lubr..., a propósito dos conselhos dados pelos Espíritos, assinado *Paul*, Espírito familiar.

Sexta-feira, 6 de julho de 1860. (Sessão particular.)

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 29 de junho.

Comunicações diversas. 1º O senhor Achille R... lê uma carta de Limoges, na qual o autor fala de um médium, de seus amigos, que um Espírito faz trabalhar oito a nove horas por dia; esse Espírito deve, disse ele, dar-lhe um meio infalível de se assegurar da identidade dos Espíritos e de nunca ser enganado; mas recomenda-lhe segredo sobre esse ponto e sobre as suas comunicações em geral.

O senhor Allan Kardec fez observar, a esse respeito, que vê três motivos de suspeição no fato acima: o primeiro é a duração do trabalho imposto ao médium, o que é sempre um sinal de obsessão. Os bons Espíritos podem solicitar, sem dúvida, a um médium para escrever, mas, em geral, não são imperativos, e nada prescrevem de absoluto, nem por horas, nem para a duração do trabalho; eles detêm antes o médium, quando nele há excesso de zelo. O segundo é o pretensu procedimento infalível para se assegurar da identidade, e o terceiro, enfim, a recomendação do segredo. Se a receita era boa, não deveria dela fazer um mistério. Esse Espírito parece-lhe querer se apossar do médium, a fim de conduzi-lo à sua vontade, em favor da suposta infalibilidade de seu procedimento; teme provavelmente que outros aí não vejam tão claro e frustrem suas manobras; por isso, recomenda o silêncio, a fim de não ter contraditores: é o meio de ter sempre razão.

Estudos. 1ª Evocação de François Arago, pela senhorita H... São Luís responde que esse médium não é aquele que convém para esse Espírito; convida para tomar um outro.

Diversas perguntas são dirigidas, a esse respeito, sobre a aptidão especial dos médiuns para receberem comunicações de tal ou tal Espírito. A resposta foi esta: "Um Espírito vem, de preferência, com uma pessoa cujas idéias simpatizem com as que teve quando vivo; há relação de pensamentos entre o céu e a Terra, mais ainda do que as há sobre a Terra."

2º Questão proposta pelo senhor conde Z... sobre a distinção feita, por certos sonâmbulos lúcidos, que designam os homens pela qualificação de *luz azul*, e as mulheres pela de *luz branca*/pergunta se o perispírito teria uma cor diferente segundo os sexos. O Espírito interrogado, responde o que segue: "Isto não tem nenhuma relação com o nosso mundo; é um fato puramente físico, e que depende da pessoa que vê. Entre os homens, existem os que, bem despertos, não vêem certas cores ou vêem-nas de modo diferente de outros; ocorre o mesmo com as pessoas adormecidas; elas podem ver o que outros não vêem."

3ª Foram obtidos quatro ditados espontâneos: o primeiro, pela senhorita Huet, do Espírito que continua as suas memórias; o segundo, pelo senhor Didier, sobre a *Eletricidade espiritual*, assinado *Lamennais*; o terceiro, pela senhora Gostei, sobre as *Altas verdades do Espiritismo*, assinado *Lazare*; o quarto, pela senhorita Stéphan, sobre *A cada um a sua profissão*, assinado *Gustave Lenormand*.

Sexta-feira, 13 de julho de 1860. (Sessão geral.)

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 6 de julho.

O senhor Eugène de Porry, de Marseille, homenageou a Sociedade com um seu novo poema, intitulado: *LINDA, lenda gaulesa*. A Sociedade lembra o encantador poema do mesmo autor sobre *Urânia*, e expressa-lhe seus agradecimentos por ter a bondade de dirigir-lhe a sua nova obra. Ela encarregou a senhorita P... de analisá-la.

Comunicações diversas. 1ª O senhor S... transmite uma nota sobre um homem que, no último ano, suicidou-se na rua Quincampoix, para isentar seu filho do serviço militar, tornando-o filho único de viúva. Pensa-se que essa evocação poderá ser instrutiva.

2ª O senhor de Grand-Boulogne manda uma nota sobre o muçulmano Seih-ben-Moloka, que vem de morrer na Tunísia com a idade de cento e dez anos, e cuja vida foi notável pelos atos de caridade que realizou. Será evocado.

Uma conversação se estabelece sobre a questão da longevidade. O senhor de Grand-Boulogne, que viveu muito tempo entre os Árabes, disse que os exemplos dessa natureza não são muito raros entre eles, o que, sem dúvida, é necessário atribuir à sobriedade. Ele conheceu um que tinha em torno de cento e trinta anos de idade. O senhor conde Z... disse que a Sibéria é, talvez, o país onde a longevidade é mais freqüente. A sobriedade e o clima têm, sem dúvida, uma grande influência sobre a duração da vida; mas o que deve, sobretudo, contribuir é a tranqüillidade de espírito e a ausência de preocupações morais que afetam, em geral, as pessoas do mundo civilizado, e devem gastar-se prematuramente; por isso, encontra-se mais de grande velhice entre aqueles cuja vida mais se aproxima da Natureza.

3ª O senhor Allan Kardec dá conta de um fato, que lhe é pessoal, e que mostra o desejo que certos Espíritos sentem de serem evocados quando nunca o foram. Eles aproveitam as ocasiões propícias para se comunicarem, quando elas se apresentam.

4ª Vários membros comunicaram o protesto, publicado por diversos jornais, do senhor Lerible, antigo comerciante de carvão da rua dos Grès, em cuja casa se passaram, em 1849, fatos notáveis de manifestações, e cuja autenticidade foi posta em dúvida.

Estudos. 1ª Exame crítico da dissertação de Lammennais sobre a *Eletricidade espiritual*, feita na sessão de 6 de julho. O Espírito explica e desenvolve os pontos que pareceram obscuros.

2ª Evocação do suicida da rua Quicampoix.

3ª Evocação de Gustave Lenormand.

4ª Diversas perguntas sobre os médiuns.

5ª Três ditados foram obtidos simultaneamente; o primeiro, sobre o *Saber dos Espíritos*, assinado Channing; o segundo, dando continuidade à *Eletricidade do pensamento*, assinado Delphine de Girardin; o terceiro, sobre a *Caridade*, assinado Lammennais, a propósito da notícia que foi lida sobre o muçulmano Sih-ben-Moloka.

Sexta-feira, 20 de julho de 1860. (Sessão particular.)

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 12 de julho.

O presidente fez observar que, há algum tempo, se negligenciou de ler, assim como ficara convencionado, os nomes dos Espíritos que reclamam assistência. Doravante, isso ocorrerá em seguida à invocação geral.

Comunicações diversas. 1ª Leitura de dois ditados obtidos pelo senhor C..., novo médium, um sobre as *Pretensões do homem*, assinado Massillon; o outro sobre o *Futuro*, assinado São Luís. O senhor C... pergunta se, sobretudo neste último, não há nada que revele uma substituição do Espírito, não se reportando, sob esse aspecto, ao seu próprio julgamento.

A Sociedade, depois de uma leitura atenta, reconhece nesta comunicação a marca de uma incontestável superioridade, e nela nada vê que desmintam o caráter de São Luís, de onde se conclui que não pode emanar senão de um Espírito elevado.

2ª Outro ditado sobre a *Experiência*, obtido pela senhora Gostei e assinado Georges.

O presidente anuncia que vários novos membros fazem progressos notáveis, como médiuns em diversos gêneros; convida-os a comunicarem à Sociedade os fatos que obtiverem. A Sociedade é necessariamente limitada em seus trabalhos pelo tempo; ela deve ser o centro onde deverão chegar os resultados obtidos nas reuniões particulares; haveria mesmo egoísmo em guardar para si trabalhos que podem ser úteis a todos; aliás, é um meio de controle pelos esclarecimentos a que podem dar lugar, a menos que o médium não esteja convencido da infalibilidade das suas comunicações, ou que não haja recebido como aquela de Limoges, com a injunção de tê-las secretas, o que seria, seguramente, de mau augúrio e um duplo motivo de suspeição. A primeira qualidade do médium é fazer abnegação de todo amor-próprio, como de toda falsa modéstia, pela razão de que, não sendo senão um instrumento, não pode se fazer um mérito daquilo que obtém de bem, nem se melindrar com a crítica daquilo que pode ser mau. A Sociedade é uma família cujos membros animados por uma benevolência recíproca, devem estar movidos unicamente pelo desejo de instruir-se, e banir todo sentimento de personalidade e de rivalidade, se compreendem a Doutrina e são verdadeiros Espíritas. Sob esse aspecto, o senhor C... deu um muito bom exemplo e mostrou que não é desses médiuns que crêem nada mais terem a aprender, porque têm comunicações assinadas com grandes nomes. Quanto mais os nomes são imponentes, mais se deve temer, ao contrário, ser o joguete de Espíritos enganadores.

3ª O senhor Achille R... leu uma carta relatando um fato curioso de manifestação espontânea, que ocorreu na prisão de Limoges, e do qual o autor da carta pôde constatar a realidade. (Publicada adiante no artigo *Variedades*.)

4ª O senhor Allan Kardec deu conta de um outro fato, muito bizarro, que lhe foi relatado no ano passado por um visitante do qual não se lembra nem o nome e nem o endereço, e à fonte do qual, conseqüentemente, não pôde remontar para verificá-lo. Eis do que se trata.

Um médico crente e um de seus amigos que não acreditava em nada, conversavam juntos sobre o Espiritismo; o primeiro disse ao outro: "Vou tentar uma prova; ignoro se ela terá êxito; em todo caso, não respondo por nada. Designai-me uma pessoa viva que vos seja muito simpática." Tendo o amigo indicado uma jovem que mora numa cidade longínqua, e que era igualmente conhecida do médico, este lhe disse: "Ide passear no jardim, e observai o que se passará; e eu vos repito que é uma experiência que tento e que pode nada produzir. Durante o passeio de seu amigo, ele evocou a jovem; ao cabo de um quarto de hora, o amigo entrou e disse: "Acabo de ver essa pessoa; estava vestida de branco, aproximou-se de mim, apertou-me a mão, depois desapareceu; mas o que é bem singular é que ela deixou-me o anel que aqui está." O médico mandou imediatamente, ao pai da jovem, um despacho telegráfico assim concebido: "Não me pergunteis; mas respondi-me imediatamente, e dizei-me o que fazia a vossa filha às três horas e como estava vestida." A resposta foi esta: "Às três horas, minha filha estava sentada no salão comigo; tinha uma roupa branca; ela dormiu durante 15 a 20 minutos; mas, ao despertar, percebeu que não tinha mais o anel que carrega habitualmente."

Uma discussão se estabeleceu sobre esse fato, do qual se examinaram os diferentes graus de probabilidade e de improbabilidade. Interrogado a esse respeito, São Luís respondeu: O fato da aparição é possível; o do transporte não o é quase nada pelo perispírito de uma pessoa viva. Certamente, a Deus tudo é possível, mas não permite essas coisas senão muito raramente: um Espírito desligado pode fazer esses transportes mais facilmente. Quanto a vos dizer se o fato é verdadeiro, eu o ignoro.

Nota. Sendo este relato publicado, se cair, por acaso, sob os olhos da pessoa que o reportou, ser-lhe-á reconhecido, se consentir dar alguns esclarecimentos a esse respeito.

Estudos. 1. Perguntas sobre os Espíritos que tomam nomes supostos.

2. Evocação do Espírito da rua dos Noyers.

3. Cinco ditados espontâneos foram obtidos; o 1^a de Lammennais sobre uma retificação que pede no relatório de sua comunicação sobre *A Caridade*. -O 2^a sobre as *Vítimas da Síria*, assinado Jean. - O 3^a sobre as *Aberrações da inteligência*, assinado Georges. -O 4^a sobre os *Erros dos médiuns*, assinado Paul. - o 5^a sobre o *Concurso dos Médiuns*, assinado Gustave Lenormand.

Durante a sessão, pancadas muito claras se fizeram ouvir perto da senhorita Stefan. Era o Espírito de Gustave que queria, disse ele, constrangê-la a ir escrever, o que ela não desejava; pensou que era um meio de fazê-la vir à mesa, tendo ele mesmo o desejo de dar uma comunicação por seu intermédio.

Depois da sessão, numa comunicação privada, perguntando-se a São Luís se ele estava satisfeito, respondeu: "Sim e não; errais em tolerar os cochiches contínuos de certos membros, quando os Espíritos são questionados. Tendes, às vezes, comunicações que pedem réplicas sérias de vossa parte, e respostas mais sérias ainda da parte dos Espíritos evocados que, com isso, crede-o bem, sentem descontentamento; daí nada de completo, porque o médium, que escreve, sente ao seu redor graves distrações nocivas ao seu ministério. Há uma coisa séria a fazer, é ler, na próxima sessão, estas observações, que serão compreendidas por todos os sócios, dizei-lhes que aqui não é um gabinete de conversa.

"SÃO LUÍS."

Concordância Espírita e Cristã

Revista Espírita, agosto de 1860

Carta do Sr. doutor de Grand-Boulogne à Sociedade Espírita

A carta seguinte foi dirigida à *Sociedade de Estudos Espíritas*, pelo senhor doutor de Grand-Boulogne, antigo vice-cônsul da França.

Senhor presidente,

Desejando fazer parte vivamente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, mas forçado a deixar proximamente a França, venho solicitar a honra de ser agraciado como membro correspondente. Tenho a vantagem de vos ser pessoalmente conhecido, e não tenho necessidade em vos dizer com qual interesse e com qual simpatia sigo os trabalhos da Sociedade. Li as vossas obras, assim como a do senhor barão de Guldenstubbe, e conheço, por conseguinte, os pontos fundamentais do Espiritismo, cujos princípios adoto sinceramente tal como vos são ensinados. Como protesto aqui a minha firme vontade de viver e de morrer cristão, esta declaração leva-me a vos fazer a minha profissão de fé, e vereis como, talvez com algum interesse, a minha fé religiosa acolhe, muito naturalmente, os princípios do Espiritismo, e eis, segundo eu, como se aliam as duas coisas:

1. Deus: criador de todas as coisas.
2. Objetivo e fim de todos os seres criados: concorrer para a harmonia universal.
3. No universo criado, três reinos principais: o reino material, ou inerte; o reino orgânico, ou vital; o reino intelectual e moral.
4. Todo ser criado está submetido às leis.
5. Todos os seres compreendidos nos dois primeiros reinos obedecem, invencivelmente, sua harmonia nunca é perturbada.
6. O terceiro reino, como os dois primeiros, está submetido às leis, mas goza do privilégio inaudito de poder subtrair-se a elas; possui a terrível faculdade de desobedecer a Deus: o que constitui o livre arbítrio.

O homem pertence, ao mesmo tempo, aos três reinos: é um Espírito encarnado.

7. As leis que regem o mundo moral estão formuladas no Decálogo, mas se resumem neste admirável preceito de Jesus: Amareis a vosso Deus acima de todas as coisas, e ao vosso próximo como a vós mesmos.

8. Toda derrogação da lei constitui uma perturbação à harmonia universal; ora, Deus não permite que essa perturbação se mantenha, e a ordem deve ser invencivelmente restabelecida.

9. Existe uma lei destinada à reparação da desordem no mundo moral, e essa lei está inteiramente nesta palavra: *expição*.

10. A expiação se efetua: 1ª pelo arrependimento e os atos de virtude; 2ª pelo arrependimento e as provas; 3ª pela prece e as provas do justo, unidas ao arrependimento do culpado.

11. A prece e as provas do justo, se bem que concorram, de maneira mais eficaz, para a harmonia universal, são insuficientes para a reparação absoluta da falta; Deus exige o arrependimento do pecador; mas com esse arrependimento a prece do justo, e sua penitência em favor do culpado, bastam à eterna justiça, e o crime está perdoado.

12. A vida e a morte de Jesus colocam em evidência esta adorável verdade.

13. Sem livre arbítrio não há pecado, mas também não há virtude.

14. O que é a virtude? A coragem no bem.

15. O que há de mais belo no mundo, não é, como disse um filósofo, o espetáculo de uma grande alma lutando com a adversidade; é o esforço perpétuo de uma alma progredindo no bem e se elevando, de virtude em virtude, até o seu Criador.

Qual é a mais bela de todas as virtudes? A caridade.

17. O que é a caridade? É o atributo especial da alma que, em suas ardentes aspirações no bem, esquece-se de si mesma e se consome em esforços para a felicidade do próximo.

18. O saber está bem acima da caridade; ele nos eleva na hierarquia espírita, mas não contribui em nada para o restabelecimento da ordem perturbada pelo mau. O saber nada expia, nada resgata, em nada influi sobre a justiça de Deus: a caridade, ao contrário, expia e apazigua. O saber é uma qualidade, a caridade é uma virtude.

19. Encarnando os Espíritos, qual foi o desígnio de Deus? Criar, para uma parte do mundo espiritual, uma situação sem a qual não existiria nenhuma das grandes virtudes que nos enchem de respeito e de admiração. Com efeito, sem o sofrimento, não há caridade; sem o perigo, não há coragem; sem a infelicidade, não há devotamento; sem a perseguição, não há estoicismo; sem a cólera, não há paciência, etc. Ora, sem a corporeidade, com o desaparecimento dos males, há o desaparecimento dessas virtudes.

Para o homem pouco desligado dos laços da matéria, há nesse conjunto, de bem e de mal, uma harmonia, uma grandeza de uma ordem mais elevada do que a harmonia e a grandeza do mundo exclusivamente material.

Isto responde, com algumas palavras, às objeções fundadas sobre a incompatibilidade do mal com a bondade de Deus.

Seria necessário escrever volumes para desenvolver convenientemente essas diversas proposições, mas o objetivo desta comunicação não é de oferecer, à Sociedade, uma tese filosófica e religiosa; quis apenas formular algumas verdades cristãs em harmonia com a Doutrina Espírita. Essas verdades são, do meu ponto de vista, a base fundamental da religião, e longe de enfraquecer-se, elas se fortificam pelas revelações espíritas; também, não hesito em formular um lamento, é que os ministros do culto, cegos pela demoniofobia, recusam esclarecer-se e condenam sem exame. Se os cristãos abrissem o ouvido às revelações dos Espíritos, tudo o que, no ensinamento religioso, perturba os nossos corações e revolta a nossa razão, desvanecer-se-ia de repente; sem estar modificada em sua essência, a religião alargaria o círculo de seus dogmas, e os clarões da verdade nova consolariam e iluminariam as almas; e se for verdade, como o disse o P. Ventura, que as doutrinas filosóficas ou religiosas acabam por se traduzirem nos atos comuns da vida, é bem evidente que uma nação iniciada no Espiritismo tornar-se-ia a mais admirável e a mais feliz das nações.

Dir-se-á que uma Sociedade verdadeiramente cristã seria perfeitamente feliz; eu concordo; mas o ensinamento religioso procede antes pelo terror do que pelo amor, e os homens, dominados por suas paixões, querendo a todo preço livrar-se dos dogmas que os ameaçam, serão sempre tão numerosos que o grupo dos sólidos cristãos sempre será uma minoria. Os cristãos são numerosos, mas os verdadeiros cristãos são raros.

Assim não é do ensinamento espírita. Se bem que a sua moral se confunda com a do cristianismo; se bem que pronuncia, como este, palavras cominatórias, tem ricos tesouros de consolação; é, ao mesmo tempo, tão lógico e tão prático; lança uma tão viva luz sobre o nosso destino; ela afasta tão bem as obscuridades que perturbam a razão e as perplexidades que atormentam os corações, que, em verdade, parece impossível que um Espírita sincero negligencie, um único dia, de trabalhar pela sua melhoria, e para concorrer ao restabelecimento da harmonia perturbada pelo extravazamento das paixões egoística e cúpidas.

Pode-se, pois, afirmar que, em propagando as verdades que tivemos a felicidade de conhecer, trabalhamos pela Humanidade, e a nossa obra será abençoada por Deus. Para que um povo seja feliz, é necessário que o número daqueles que querem o bem, que praticam a lei de caridade, suplante aqueles que querem o mal e não praticam senão o egoísmo; creio, em minha alma e consciência, que o Espiritismo, apoiado sobre o cristianismo, está chamado a operar essa revolução.

Penetrado destes sentimentos, e querendo, na medida de minhas forças, contribuir para a felicidade dos meus semelhantes, ao mesmo tempo que tento me tornar melhor, eu peço, senhor presidente, para fazer parte de vossa Sociedade. Aceitai, etc.

DE GRAND-BOULOGNE. doutor médico, antigo vice-cônsul de França.

Nota. Esta carta não tem necessidade de comentários, e cada um apreciará a alta importância dos princípios que nela são formulados de um modo, ao mesmo tempo, tão simples e tão claro. São aqueles do verdadeiro Espiritismo, aqueles que, todavia, ousam pôr em ridículo os homens que pretendem o privilégio da razão e do bom senso, porque não sabem se têm uma alma, e não fazem diferença entre o seu futuro e o de uma máquina. A isso não juntaremos senão uma observação, é que o Espiritismo, *bem compreendido*, é a salvaguarda das idéias verdadeiramente religiosas que se apagam; que, contribuindo para a melhoria dos indivíduos, levará, pela força das coisas, à melhoria das massas, e que não está

longe o tempo em que os homens compreenderão que encontrarão nesta Doutrina o mais fecundo elemento da ordem, do bem-estar e da prosperidade dos povos, e isso por uma razão bem simples, é que ele mata o materialismo, que desenvolve e mantém o egoísmo, fonte perpétua das leis sociais, e lhe dá uma razão de ser; uma sociedade cujos membros fossem guiados pelo amor ao próximo, que inscrevesse a caridade em todos os seus códigos, seria feliz e logo veria se extinguirem os ódios e as discórdias; o Espiritismo pode cumprir esse prodígio, e o cumprirá a despeito daqueles que ainda escarnecem dele; porque os escarnecedores passarão, e o Espiritismo ficará.

O Trapeiro da rua dos Noyers

Revista Espírita, agosto de 1860

(Sociedade, 29 de junho de 1860.)

Sob o título. *Cenas de feitiçaria no décimo-nono século*, o *Droit* narra o fato seguinte:

"Um fato, dos mais estranhos, passa-se neste momento na rua dos Noyers. O senhor Lesage, despenseiro do Palácio da Justiça, ocupa nessa rua um apartamento. Há algum tempo, projéteis, partidos não se sabe de onde, vêm quebrar as suas vidraças e, penetrando em seu alojamento, atingem aqueles que aí se encontram de modo a feri-los, mais ou menos gravemente: são fragmentos bastante consideráveis de lenha, semicarbonizados, pedaços de carvão de terra muito pesados, e mesmo carvão dito de Paris. A criada do senhor Lesage deles recebeu no peito, e isso resultou-lhe fortes contusões.

"A vítima desses sortilégios acabou por pedir a assistência da polícia. Os agentes foram colocados em vigilância; mas não tardaram, eles mesmos, a serem atingidos pela artilharia invisível, e lhes foi impossível saber de onde vinham esses golpes.

"A existência se lhe tornando insuportável numa casa onde seria necessário estar sempre alerta, o senhor Lesage solicitou, do proprietário, a rescisão de seu contrato de aluguel. Esse pedido foi concedido e, para redigir o ato, veio a Sra. Vaillant, bedel, cujo nome convinha perfeitamente numa circunstância onde os mandados não poderiam ser cumpridos sem perigo.

"Com efeito, apenas o oficial ministerial se pôs em ação para redigir seu ato, um enorme pedaço de carvão, lançado com uma força extrema, entrou pela janela e foi atingir a parede reduzindo-se a pó. Sem se desconcertar, a Sra. Vaillant serviu-se desse pó, como doutra feita Junot da terra levantada por uma bomba, para esparramá-lo sobre a página que acabara de escrever.

"Em 1847 ocorreu, na rua dos Grès, um fato análogo, do qual demos conhecimento. Um senhor L..., comerciante de carvão, servia também de alvo a flexas fantásticas, e essas incompreensíveis emissões de pedra punham emocionado todo o quarteirão. Paralelamente à casa habitada pelo carvoeiro estendia-se um terreno vago, no meio do qual achava-se antiga igreja da rua dos Grès, hoje escola dos irmãos da Doutrina cristã. Imaginou-se primeiro que era dali que partiam os projéteis, mas logo se foi desenganado. Quando se estava de espreita de um lado, as pedras chegavam de um outro. Entretanto, acabou-se por surpreender em flagrante delito o mágico, que não era outro senão o senhor L..., ele mesmo. Recorrera a essa fantasmagoria porque se descontentara de sua casa e queria obter a rescisão de seu contrato de aluguel.

"Não ocorreu o mesmo com o Sr. Lesage, cuja honorabilidade exclui toda idéia de astúcia, e que aliás está contente em seu apartamento, que não deixa senão se lamentando.

"Espera-se que o inquérito, conduzido pelo Sr. Hubaut, comissário do quarteirão da Sorbonne, esclareça esse mistério, que, talvez, não seja senão uma brincadeira de mau

gosto, infinitamente prolongada."

1. (A São Luís.) Teríeis a bondade de nos dizer se o fato relatado acima foi real; quanto à possibilidade, dela não duvidamos? - R. Sim, esses fatos são verdadeiros; somente a imaginação dos homens os exagerará, seja por medo, seja por ironia; mas repito, eles são verdadeiros. Essas manifestações são provocadas por um Espírito que se diverte um pouco às expensas dos habitantes do lugar.

Nota. Desde então tivemos ocasião de ver o próprio Sr. Lesage, que consentiu honrar-nos com a sua visita, e não apenas nos confirmou os fatos, mas os completou e retificou sob vários aspectos. São Luís tinha razão quando disse que seriam exagerados por medo ou por ironia; com efeito, a história do pó recolhido estoicamente pela corajosa bedel, imitando Junot, foi uma invenção do chistoso jornalista. No próximo número daremos uma narração completamente exata dos fatos, com as novas observações a que darão lugar.

2. Há na casa uma pessoa que seja a causa dessas manifestações? - R. Elas sempre são causadas pela presença da pessoa à qual se ataca; é que o Espírito perturbador não quer o habitante do lugar onde ele está, e quer fazer-lhe malícias ou mesmo procura desalojá-lo.

3. Perguntamos se, entre os habitantes da casa, há algum que seja a causa desses fenômenos por uma influência medianímica espontânea e involuntária? - R. Ele o é bem necessário; sem isso o fato não poderia ocorrer. Um Espírito habita um lugar de predileção para ele; permanece inativo até que uma outra natureza, que lhe seja conveniente, não se apresente nesse lugar; quando essa pessoa chega, então diverte-se tanto quanto pode.

4. Esses Espíritos são sempre de uma ordem muito inferior; a aptidão para servir-lhes de auxiliares é uma presunção desfavorável para a pessoa? Isso denota uma simpatia com os seres dessa natureza? - R. Não, não precisamente; porque essa aptidão prende-se a uma disposição física; entretanto, isso anuncia, muito freqüentemente, uma tendência material que seria preferível não ter; porque quanto mais se é elevado moralmente, mais se atrai para si os bons Espíritos, que se afastam necessariamente dos maus.

5. Onde o Espírito vai pegar os projéteis dos quais se serve? -R. Esses diversos objetos, o mais freqüentemente, são colhidos no próprio lugar; uma força vinda de um Espírito lança-os no espaço, e caem num lugar designado por esse Espírito. Quando não estão nos lugares, pedras e carvões podem ser fabricados por eles muito facilmente.

Nota. Demos, na *Revista* do mês de abril de 1859, a teoria completa dessas espécies de fenômenos, nos artigos *Mobiliário de além-túmulo* e *Pneumatografia ou escrita direta*.

6. Credes que seria útil evocar esse Espírito para pedir-lhe algumas explicações? - R. Evocai-o se quiserdes; mas é um Espírito inferior, que não vos dará senão respostas bastante insignificantes.

(Sociedade, 29 de junho de 1860.)

1. Evocação do Espírito perturbador da rua dos Noyers. - R. Que tendes para me chamar? Quereis pedradas? Será então que se verá um salve-se quem puder, apesar de vosso ar de bravura.

2. Quando nos arremessares pedras aqui, isso não nos amedrontará; pergunto mesmo positivamente se tu as podes arremessar? - R. Aqui, talvez eu não pudesse; tendes um guardião que vela bem sobre vós.

3. Na rua dos Noyers, havia uma pessoa que te servia de auxiliar para facilitar-te as peças que pregavas aos habitantes da casa? - R. Certamente, encontrei um bom instrumento, e nenhum Espírito sábio e prudente para impedir-me; porque sou alegre, e gosto, às vezes, de me divertir.

4. Qual era a pessoa que te servia de instrumento? - R. Uma criada.

5. Era com o seu desconhecimento que te servia de auxiliar? -R. Oh sim! a pobre *jovem*; ela era a mais medrosa.

6. Entre as pessoas que estão aqui, há alguma que esteja apta para te ajudar a produzir efeitos semelhantes? - R. Eu bem poderia encontrar uma delas, se quisesse a isso se prestar, mas não para manobrar aqui.

7. Podes designá-la? -R. Sim, ali embaixo, à direita daquele que fala; tem óculos sobre o nariz.

Nota. O Espírito designou, com efeito, um membro da Sociedade que é um pouco médium escrevente, mas nunca teve nenhuma manifestação física; é provável que seja um novo gracejo do Espírito.

8. Agias com um fim hostil? - R. Eu, eu não tinha nenhum objetivo hostil, mas os homens, que se apoderam de tudo. fá-lo-ão reverter em sua vantagem.

9. Que entendes por isso? Não te compreendemos. - R. Eu procuro divertir-me; mas vós, vós estudais a coisa e tereis um fato a mais para mostrar que existimos.

10. Onde obtiveste os objetos que lançaste?- R. São bastante comuns: eu os encontrei no pátio, nos jardins vizinhos.

11. Encontraste todos ou fabricaste alguns? - R. Eu nada criei, nada compus.

12. Se não os tivesses encontrado, tê-los-ia podido fabricar? -R. Isso fora mais difícil, mas, a rigor, misturam-se as matérias, e isso faz um todo qualquer.

13. Agora, dize-nos como os lançaste? - R. Ah! isso é mais difícil para dizer: fui ajudado pela natureza elétrica dessa jovem unida à minha, menos material; pudemos assim transportar esses diversos materiais em dois. (Ver a nota em seguida à evocação.)

14. Gostarias, penso, de nos dar algumas informações sobre a tua pessoa. Dize-nos, primeiro, se morreste há muito tempo? -R. Há bem muito tempo; faz bem cinquenta anos.

15. Que eras quando vivo? - R. Não muita coisa de bom; eu catava trapos neste quarteirão, e se me diziam, às vezes, tolices, porque eu gostava muito do licor vermelho do bom homem Noé; eu queria, também, fazê-los todos se retirarem.

16. Foi por ti mesmo, e de toda a tua vontade, que respondeste às nossas perguntas? - R. Eu tinha um preceptor.

17. Quem é esse preceptor? - R. O vosso bom rei Luís.

Nota. Esta pergunta foi motivada pela natureza de certas respostas que pareceram superar a capacidade desse Espírito, pelo fundo das idéias e mesmo pela forma de linguagem. Nada há por se admirarem ser ajudado por um Espírito, mais esclarecido, que quis aproveitar essa ocasião para nos dar uma instrução. Isto é um fato muito comum; mas uma particularidade notável, nesta circunstância, foi que a influência do outro Espírito se fez sentir sobre a própria escrita: a das respostas em que ele interveio, é mais regular e mais fluente; a das outras é mais angulosa, grossa, irregular, freqüentemente pouco legível, e traz um caráter diferente.

18. Que fazes agora; ocupas-te de teu futuro? - R. Nada ainda, eu erro; pensa-se tão pouco em mim sobre a Terra, que ninguém ora por mim; também não sou ajudado; eu não trabalho.

19. Qual foi o teu nome quando vivo? - R. Jeannet.

20. Pois bem! Nós oraremos por ti. Dize-nos se nossa evocação te deu prazer ou te contrariou? - R. Antes prazer, porque sois boas pessoas, alegres viventes, embora um pouco austeros; é igual, me escutastes, eu estou contente.

Jeannet.

Nota. - A explicação dada pelo Espírito à pergunta 13 está perfeitamente conforme com a idéia, que nos foi dada, há já muito tempo, por outros Espíritos, sobre a maneira que agem para operar o movimento e a translação de mesas e outros objetos inertes. Quando se dá conta desta teoria, o fenômeno parece muito simples; compreende-se que ele resulta de uma lei da Natureza, e que não é maravilhoso senão pelo mesmo título que todos os efeitos dos quais não se conhece a causa. Esta teoria acha-se completamente desenvolvida nos números da *Revista* de maio e junho de 1858.

A experiência nos confirma, todos os dias, a utilidade das teorias que demos dos fenômenos espíritas; uma explicação racional desses fenômenos deveria ter por resultado fazer compreender-lhes a possibilidade, e, por isso mesmo, ter a convicção; eis porque muitas pessoas, que não estavam de nada convencidas pelos fatos mais extraordinários, o foram desde que puderam saber o porquê e o como. Acrescentemos que, para muitos, essas explicações fazem desaparecer o maravilhoso, e colocando fatos, por insólitos que sejam, na ordem das coisas naturais, quer dizer, que isso não são derrogações às leis da Natureza, e que o diabo aí não está por nada. Quando ocorrem espontaneamente, como na rua dos Noyers, quase sempre aí se encontra a ocasião de algum bem a fazer e de alguma alma a aliviar.

Sabe-se que, em 1849, fatos semelhantes se passaram na rua dos Grès, perto da Sorbonne. O Sr. Lerible, que deles foi a vítima, vem de dar um desmentido aos jornais que o acusaram de fraude, citando-os diante dos tribunais. As considerações de sua citação merecem ser relatadas:

"No ano mil oitocentos e sessenta, em nove de julho, a requerimento do Sr. Lerible, antigo comerciante de carvão e de madeira, proprietário, residindo em Paris, à rua de Grenelle-Sainl-

Germain, 64, elegendo domicilio em sua residência;

Eu, Jules Demonchy, bedel junto ao tribunal civil da Seine, com sede em Paris, e residindo na rua dos Fossés-Saint-Victor, 43, abaixo-assinado, cito ao Sr. Garat, gerente do jornal *la Patrie*, nos escritórios do dito jornal, com sede em Paris, rua do Croissant, onde estando e falando a uma mulher de confiança assim declarei:

Dever inserir, em resposta ao artigo publicado em 27 de junho último, nos *Fatos* do jornal *la Patrie*, a citação seguinte, dada pelo requerente ao gerente do jornal *le Droit*, com os oferecimentos que faz o requerente de dar contas das despesas de inserção ao seu cargo, no caso em que sua resposta exceda o número de linhas que a lei o autoriza fazer publicar:

"No ano mil oitocentos e sessenta, em cinco de julho, a requerimento do Sr. Lerible, antigo comerciante de carvão e madeira, proprietário, residindo em Paris, rua de Grenelle-Saint-Germain, 64, elegendo domicilio em sua residência;

"Eu, Aubin Jules Demonchy, bedel junto ao tribunal civil da Seine, com sede em Paris, e residindo, rua dês Fossés-Saint-Victor, 43;

"Dar citação ao Sr. François, em nome e como gerente do jornal *le Droit*, nos escritórios do dito jornal, situado em Paris, praça Dauphine, onde estando e falando a...

"A comparecer, em 8 de agosto de 1860, à audiência e diante dos senhores presidente e juizes componentes da sexta câmara do tribunal de primeira instância da Seine, estatuindo em matéria de policia correcio-nal, no Palácio da Justiça de Paris, dez horas da manhã, para:

"Tendo em vista que, em seu número de vinte e seis de junho último, e por ocasião dos fatos que teriam se passado em uma casa da rua dos Noyers, o jornal *le Droit* reporta que fatos os análogos ocorreram, em 1847, em uma casa da rua dos Grès;

" Que o redator acompanha as suas observações com explicações tendentes a fazerem crer que os ataques, dos quais a casa da rua dos Grès foi o objeto em 1847, emanaram do locatário dessa casa, que lhes deram nascimento, num pensamento de má-fé, para obter, por meio de uma especulação desonesta, a rescisão de seu contrato de aluguel;

"Tendo em vista que os fatos, assinalados pelo jornal *le Droit* realmente ocorreram, não em 1847 mas em 1849, na casa que o requerente ocupava, nessa época, na rua dos Grès;

"Que, ainda bem que o nome do requerente não houvesse sido indicado no artigo do *Droit* senão por uma inicial, a designação exata de sua indústria, a das localidades que ele habitava, e enfim a relação que os fatos, dos quais se tratam, foram colhidas pelo próprio jornal, assinalam suficientemente o requerente como sendo o autor das manobras atribuídas à pessoa que ocupava a casa da rua dos Grès;

"Tendo em vista que estas imputações são de natureza a atingirem a honra e a consideração do requerente;

"Que elas são tanto mais repreensíveis quanto nenhuma das verificações dos acontecimentos, do qual se tratam, que foram o objeto, não ocorreu, e que a exemplo daqueles cuja rua dos Noyers parece ter sido o teatro, esses acontecimentos ficaram sem explicação;

"Que, aliás, o requerente era proprietário, desde 1847, da casa e do terreno que ele ocupava na rua aos Grès; que a suposição na qual se deteve o diretor do *Droit* não tem nenhuma razão de ser e nunca foi formulada;

"Tendo em vista que os termos empregados pelo jornal te *Droit* constituem uma difamação e caem sob a aplicação das penas previstas na lei;

"Que todos os jornais de Paris se apoderaram do artigo do *Droit*, e que a honra do requerente spfreu, pelo fato dessa publicidade, uma ofensa cuja reparação lhe é devida;

"Por estes motivos;

"Se ver fazer, o Sr. François, a aplicação das penas pronunciadas pela lei, e se ouvir condenado mesmo em pessoa, a pagar, ao requerente, as perdas e danos que este se reserva reclamar na audiência, e das quais declara, quanto à presente, empregar em proveito dos pobres; ver dizer, por outro lado, que o julgamento a interpor-se será inserido em todos os jornais de Paris às expensas do acima nomeado, e ouvir-se condenar às custas, sob todas as reservas;

"E, a fim de que o acima nomeado não o ignore, a domicilio e falando como acima, deixe-lhe cópia do presente.

"Custo, 3 fr. 55 c.

Assinado: Demonchy.

"Registrado em Paris, em 6 de julho de 1860, recebido 2 f r. 20 c.

Assinado: DUPERRON

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, agosto de 1860

Thirolier, o físico

Thirolier se ocupava ativamente na procura de um motor destinado a substituir o vapor, e pensou encontrá-lo no ácido carbônico, que chegara a condensar. Considerava-se, então, o vapor como um meio grosseiro e bárbaro de locomoção. Leu-se, a esse respeito, a notícia seguinte na crônica de *la Patrie*, de 22 de setembro de 1859:

Se Thirolier encontrou um motor de uma força sem igual e perto da qual o vapor não é senão uma criança, trata-se ainda de regular a sua força, e três ou quatro vezes os ensaios que se tentaram tornaram-se-lhe funestos. Os aparelhos, explodindo, cobriram com numerosas feridas e atingiram com uma surdez quase completa o mártir da ciência.

Entrementes, julgou-se a propósito renovar ao colégio de França, a experiência de condensação do ácido carbônico. Por uma imprudência, ou por um acaso funesto, o aparelho se quebrou, estourou, ferindo gravemente várias pessoas, custou a vida a um dos ajudantes do professor, e levou um dedo a Thirolier.

Não foi seu dedo que ele lamentou, foi o desfavor lançado sobre o novo motor que ele descobrira. O medo se apossou de todos os sábios, e se recusaram a se render a todos os ingênuos argumentos de Thirolier: "Mas eis vinte vezes que meu aparelho de condensação estoura entre as minhas mãos, e foi a primeira vez que matou alguém! Nunca fez senão me ferir!" Só o nome de ácido carbônico punha a fugir o Instituto inteiro, sem contar a Sorbonne colégio de França.

Thirolier, um pouco triste, fechou-se em seu laboratório mais do que habituava fazê-lo; aqueles que o amavam puderam notar, desde então, uma mudança profunda se operar em seus hábitos. Passava dias inteiros, sem pensar em tomar o seu gato nos joelhos, marchar a grandes passos, e não tocava mais nem em seus corníferos, nem em seus alambiques. Quando, por acaso, ele saía de sua casa, era para se deter, sem mais nada, em pleno meio da rua, sem prestar atenção na curiosidade e no espanto que causava entre os que passavam.

Como era um homem de fisionomia doce e distinta, com os belos cabelos começando a branquear, e que levava na lapela de sua sobrecasaca azul a fita vermelha da Legião de Honra, olhavam-no sem muita zombaria. Uma jovem, movida de compaixão, tomou-o um dia pelo braço e o conduziu para o meio da calçada, sobre o passeio. Ele não pensou mesmo em agradecer à sua bela benfeitora. Passava ao lado dos seus melhores amigos sem vê-los e sem responder, quando lhe dirigiam a palavra. A idéia fixa tomara conta dele, a idéia fixa, essa nuance imperceptível que separa o gênio da loucura.

Um dia, conversando com um dos seus amigos em seu laboratório:

- Pois bem! disse ele, enfim resolvi o meu problema! Tu o sabes, há algumas semanas meu aparelho de condensação se quebrou, na Sorbonne...

- Algumas semanas? interrompi eu: mas eis já vários anos!

- Ah! retomou ele sem desconcertar-se, levei, pois, tanto tempo para resolver o meu problema? Algumas semanas ou alguns anos, que importa, depois de tudo, uma vez que tenho a minha solução! Sim, meu amigo, não somente uma explosão é impossível, mas ainda, esta força terrível, dela sou o senhor! Faço dela o que quero! É minha escrava! Posso, à minha vontade, empregá-la para arrastar massas enormes, dar vida a máquinas gigantescas, ou obrigá-las a funcionar, sem os ferir, com os meios mais delicados e mais frágeis!

E, como olhava com estupefação:

- Ele duvida, minha fé, daquilo que lhe digo! exclamava rindo-se. Mas toma, olha meus planos, estes desenhos, e se não o crês petos teus olhos, escuta-me!

E logo, com uma lucidez que parecia não deixar nenhuma dúvida possível, mesmo para um homem estranho aos arcanos da ciência, ele desenvolvia os meios que contava utilizar. Não se lhe podia dirigir uma única objeção: sob todos os pontos a sua teoria era irrefutável.

- Necessito de três dias para executar o meu aparelho, continuou ele. Quero construí-lo inteiramente com as minhas mãos. Venha me ver depois de amanhã... E tu que não me abandonaste, tu que não duvidaste de mim, tu, cuja pena me defendeu, tu serás o primeiro a desfrutar o meu sucesso e a compartilhá-lo.

Fui-lhe fiel, com efeito.

Quando eu passava diante do quarto da porteira, esta me chamou.

- Ah! Senhor, disse-me ela, que grande infelicidade, não é? Um tão bravo homem! Uma verdadeira criança pela bondade! Morrer tão depressa!

- Quem, pois?

- O Sr. Thiolier. Ele passou ainda há pouco.

Ai de mim! Ela não dizia senão a verdade! Uma morte súbita atingira, em seu laboratório, o meu infeliz amigo.

Em que se tomou a sua descoberta? Não se encontrou, em sua casa, nenhum traço dos desenhos que me mostrara; suas notas, se as deixara, ficaram igualmente perdidas. Resolvera ele o grande problema que procurava? Deus o sabe! Deus que não lhe permitira dizer o seu pensamento sublime, ou loucura, senão a um profano, incapaz de discernir-lhe a verdade ou o falso e, sobretudo, lembrar-se da teoria sobre a qual o inventor a fizera repousar.

Qualquer que o seja, hoje a condensação do ácido carbônico não é mais que uma experiência

curiosa, que os professores demonstram raramente em seus cursos.

Se Thiolier vivesse alguns anos mais, talvez o ácido carbônico transtornasse a face do mundo?

SAM.

Thiolier encontrou o que procurava? Em todos os casos, poderia ser interessante conhecer o que disso pensava como Espírito.

1. Evocação. - R. Eis-me muito feliz no meio de vós.

2. Desejamos conversar convosco, porque pensamos que não poderíamos senão ganhar numa conversação com o Espírito de um sábio, como éreis quando vivo. - R. O Espírito de um sábio, freqüentemente, é bem mais elevado sobre a Terra do que no céu; entretanto, quando a ciência se acompanhou da probidade, é uma garantia de superioridade espírita.

3. Como físico, estivestes especialmente ocupado na procura de um motor para substituir o vapor, e pensáveis tê-lo encontrado no ácido carbônico condensado; que pensais disso agora? -R. Minha idéia estava de tal modo fixada sobre esse objeto de estudo, que sonhei, na véspera de minha morte, ou para ser mais exato, no momento de minha ressurreição espiritual.

4. Alguns dias antes de morrer, pensáveis ter encontrado a solução da dificuldade prática; tínheis realmente achado esse meio? - R. Eu vos disse que a superexcitação de minha imaginação me fizera ter um sonho fantástico lá em cima, e que anunciei desperto; era em termos próprios aquilo que chamais a loucura. O que sonhei, assim, de nenhum modo era aplicável.

5. Estáveis lá quando se leu a notícia que vos concerne? - R. Sim.

6. Que pensais disso? -R. Pouca coisa; repouso no seio de meu anjo guardião, porque a minha pobre alma saiu bem contundida de meu miserável corpo.

7. Entretanto, podereis responder a algumas perguntas relativas às ciências? -R. Sim, por um momento quero muito reentrar no dédalo da ciência.

8. Pensais que o vapor seja um dia substituído por um outro motor? - R. Este está todavia bem aperfeiçoado; entretanto, creio que no futuro a inteligência humana encontrará um meio para simplificá-lo ainda.

9. Que pensais do ar condensado como motor? - R. O ar condensado é um excelente motor, mais ágil do que o vapor e mais econômico. Quando se souber dirigir-lhe o emprego, terá mais força, partindo com mais velocidade.

10. Que pensais agora do ácido carbônico condensado, empregado para esse uso? - R. Eu estava bem atrasado ainda; necessitará de numerosas experiências e de longos e difíceis estudos para chegar a um resultado satisfatório. A ciência tem ainda tanto a fazer!

11. Dos diferentes motores com os quais se está ocupado, qual é o que pensais dever dominá-lo? - R. Ó vapor agora, o ar condensado mais tarde.

12. Revistes a Arago? - Sim.

13. Tendes tido juntos conversas sobre as ciências? - R. Algumas vezes, temos muito as faculdades de nossa inteligência voltadas para os estudos humanos; gostamos muito de assistir às experiências que se fazem; mas quando se retorna ao céu, não se pensa mais nisso; aliás eu, para o momento, repouso; eu vos disse.

14. Ainda uma pergunta, eu vos peço, mas muito séria, e se não puderdes responder por vós mesmo, tende a bondade de se fazer assistir por um Espírito mais competente.

Sempre nos foi dito que os Espíritos sugerem idéias aos homens, e que muitas descobertas têm essa origem; mas como todos os Espíritos não sabem tudo, e que procuram se instruir, quereis nos dizer se há os que fazem pesquisas e descobertas em seu estado de Espírito? - R. Sim, quando um Espírito chega a um grau bastante avançado, Deus lhe confia uma missão e o encarrega de se ocupar com tal ou tal ciência útil aos homens; é então que essa inteligência, obediente a Deus, procura nos segredos da Natureza que Deus lhe quer deixar entrever, tudo o que é necessário que ele aprenda com isso; e quando ele estudou bastante, dirige-se a um homem capaz de compreender o que ele pode ensinar-lhe ao seu turno. De repente, esse homem se encontra obsidiado por um pensamento; não pensa mais que nisso; disso fala a cada instante; disso sonha à noite; ouve vozes celestes que lhe falam; depois, quando tudo está bem desenvolvido em sua cabeça, esse homem anuncia ao mundo uma descoberta ou um aperfeiçoamento. Foi assim que a maioria dos grandes homens foram inspirados.

15. Nós vos agradecemos por consentirdes em nos responder, e de sair um instante de vosso repouso por nós. - R. Pedirei a Deus para velar sobre vós e vos inspirar.

Nota. A Senhora. G...que vê algumas vezes os Espíritos, deu conta das impressões que recebeu durante a evocação de Thiolier: ela viu um Espírito que crê ser o seu.

16. (A São Luís.) Quereis nos dizer se foi realmente o Espírito de Thiolier que a senhora G... viu? - R. Não foi precisamente esse Espírito que esta dama acaba de ver, mas mais tarde os seus olhos estarão mais habituados a discernir a forma, ou perispírito, e ela distinguirá perfeitamente; para o momento é uma espécie de miragem.

Nota. As perguntas complementares seguintes foram igualmente dirigidas a São Luís.

17. Se os autores de descobertas são assistidos por Espíritos que lhes sugerem idéias, como ocorre que os homens crêem inventar e não inventam nada de tudo, ou não inventam senão quimeras? - R. E que são enganados por Espíritos enganadores que, encontrando seu cérebro aberto ao erro, dele se apoderam.

18. Como ocorre que o Espírito escolha, tão freqüentemente, homens incapazes de conduzir uma descoberta a bom fim? -R. São os cérebros desprovidos de previdência humana que são os mais capazes para receberem as perigosas sementes do desconhecido. O Espírito não escolhe este homem porque ele é incapaz; é o homem quem não sabe fazer frutificar a semente que se lhe dá.

19. Mas, então, é a ciência que os sofre, e isso não nos diz por que os Espíritos não se dirigem de preferência a um homem capaz? - R. A ciência não sofre com isso, porque um a delinea, o outro a termina, e durante o intervalo, a idéia amadureceu.

20. Quando uma descoberta é feita prematuramente, obstáculos providenciais podem se opor à sua divulgação? - R. Nunca nada detém o desenvolvimento de uma idéia útil: Deus não o permite; é necessário que ela siga o seu curso.

21. Quando Papin descobriu a força motriz do vapor, numerosos ensaios foram feitos para utilizá-la, e obtiveram-se resultados bastante satisfatórios, mas que permaneceram no estado de teoria; como ocorre que uma tão grande descoberta haja dormido por tanto tempo, uma vez que dela se possuíam os elementos? Os homens capazes de fecundá-la não faltavam. Isso ateve-se à insuficiência de conhecimentos ou bem a que esse tempo da revolução que ela deveria operar na indústria não chegara? - R. Para a emissão das descobertas que devem transformar o aspecto exterior das coisas, Deus deixa a idéia amadurecer, como as espigas das quais o inverno não impede, mas só retarda o desenvolvimento. A idéia deve germinar muito tempo para eclodir no momento em que todos a solicitam. Ocorre o mesmo com as idéias morais que germinam primeiro e se implantam quando chegam à maturidade. O Espiritismo, por exemplo, neste momento em que se tornou uma necessidade, será o acolhido como um benefício, porque se tentaram inutilmente todas as outras filosofias para satisfazer as aspirações do homem.

São Luís.

O suicida da rua Quincampoix

No ano último, os jornais reportaram um exemplo de suicídio cumprido em circunstâncias particulares: era no começo da guerra com a Itália; um homem, pai de família, gozando da estima geral de seus vizinhos, tinha um filho que a sorte chamara sob as bandeiras; encontrando-se, pela sua posição, na impossibilidade de se exonerar do serviço, teve a idéia de se suicidar, a fim de isentá-lo como filho único de viúva.

Essa morte era uma prova para o pai ou para a mãe? Em todos os casos, é provável que Deus terá levado em conta, a esse homem, o seu devotamento, e que o suicídio não teve para ele as mesmas conseqüências que se cumprido por outros motivos.

(A São Luís.) Quereis nos dizer se podemos fazer a evocação do homem de quem se acaba de falar? -R. Sim, com isso será mesmo muito feliz, porque será um pouco aliviado.

1º Evocação. - R. Oh! Obrigado! Eu sofro muito, mas... é justo; entretanto ele me perdoará.

Nota. O Espírito escreveu com uma enorme dificuldade; os caracteres são irregulares e muito mal formados; depois da palavra *mas* ele se deteve, em vão tentou escrever, e não fez senão alguns traços indecifráveis e pontos, e é evidente que foi o nome *Deus* que ele não pôde escrever.

2. Preenchei a lacuna que acabais de deixar. - R. Disso sou indigno.

3. Dissestes que sofreis, sem dúvida errastes em vos suicidar, mas é que o motivo que vos

levou a esse ato não mereceu alguma indulgência? - R. Minha punição será menos longa, mas a ação não foi menos má.

4. Poderíeis nos descrever a punição que sofreis; dar-nos o mais de detalhes possíveis a esse respeito para a nossa instrução? - R. Eu sofro duplamente, em minha alma e em meu corpo; sofro neste último, embora não mais o possua, como o amputado sofre de seu membro ausente.

5. A vossa ação teve por único motivo salvar o vosso filho, e não fostes solicitado por uma outra causa. -R. O amor paternal, só ele me mal guiou; em favor desse motivo a minha pena me será abreviada.

6. Prevedes o fim de vossos sofrimentos? -R. Não lhes sei o termo; mas tenho a segurança de que esse fim existe, o que é um alívio para mim.

7. Ainda há pouco não pudestes escrever o nome de Deus; entretanto, vimos Espíritos muito sofredores escrevê-lo; isso faz parte de vossa punição? - R. Eu o poderei com grandes esforços de arrependimento.

8. Pois bem! Fazei grandes esforços e tratai de escrevê-lo; estamos convencidos de que, se a isso chegardes, vos será um alívio.

O Espírito acabou por escrever, em caracteres irregulares, tremidos e muito grossos: Deus é muito bom.

9. Nós vos sabemos contente por virdes ao nosso chamado, e pedimos a Deus por vós, a fim de chamar a sua misericórdia sobre vós. - R. Sim, se vos apraz.

10. (A SãoLuís.) Quereis nos dar a vossa apreciação pessoal sobre o ato do Espírito que acabamos de evocar? -R. Este Espírito sofre justamente, porque lhe faltou confiança em Deus, o que é uma falta sempre punível; sua punição seria terrível e muito longa se não tivesse em seu favor um motivo louvável, que foi o de impedir seu filho de ir diante da morte; Deus, que vê o fundo dos corações, e que é justo, não o pune senão segundo as suas obras.

Nota. - Este homem, pela sua ação, talvez impediu de cumprir-se o destino de seu filho; primeiro, não era certo que este fosse morrer na guerra, e talvez que essa carreira deveria fornecer-lhe a ocasião de fazer alguma coisa que seria útil ao seu adiantamento; esta consideração, sem dúvida, não é estranha à severidade do castigo que lhe foi infligido. Sua intenção, sem dúvida, era boa, também disso lhe foi tido conta; a intenção atenua o mal e merece indulgência, mas não impede o que é mal de ser mal; sem isso, a favor da intenção poder-se-iam desculpar todas as faltas, e poder-se-ia mesmo matar sob o pretexto de uma boa intenção. Cre-se, por exemplo, que seja permitido fazer morrer um homem que sofre sem esperança de cura, pelo motivo que se quer abreviar os seus sofrimentos? Não, porque em agindo assim, se lhe abrevia a prova que deve suportar, e se lhe faz mais de errado que de bem. Uma mãe que mata o seu filho na crença que ela o envia direto ao céu, é menos faltosa porque ela o faz numa boa intenção? A favor desse sistema justificar-se-iam todos os crimes que um fanatismo cego fez cometer nas guerras de religião.

Variedades

Revista Espírita, agosto de 1860

O prisioneiro de Limoges

O fato seguinte foi comunicado à Sociedade pelo Sr. Achille R..., um de seus membros, segundo uma carta de um de seus amigos de Limoges, com data de 18 de julho:

" Nossa cidade se ocupa neste momento de um fato interessante para os Espíritas, e que me apresso em fazer passar ao Sr. Allan Kardec, por vosso intermédio. Eu mesmo tomei as informações, as mais circunstanciadas, junto de testemunhas do fato em questão, quer dizer, na prisão em que se encontra neste momento o herói da aventura.

" Um soldado da primeira linha, de nome Mallet, foi condenado a um mês de prisão pelo desvio de uma soma de três francos, pertencente a um de seus camaradas. Sua pena expirará em sete dias. Este jovem militar perdeu um irmão de dezenove anos, doméstico, há cerca de oito anos, e desde sete anos ele vê, pelo menos quatro noites sobre oito, depois da meia noite, uma grande (lama no meio da qual se destaca um jovem carneiro. Esta visão o terrifica, mas não ousa dela falar; quando foi só para a sua prisão, disso foi mais amedrontado ainda, e suplicou ao carcereiro para lhe dar companhia, e quatro soldados do 2º de caçadores montados lhe foram juntados. A uma hora depois da meia noite, tendo Mallet se levantado, as quatro testemunhas perceberam logo a flama e o cordeiro sobre as suas costas.

"Esta aparição se renova freqüentemente, como vos disse; o pobre jovem com isso está tão afetado que chora, se desola e não come mais. O cirurgião-mor do regimento quis se assegurar do fato por si mesmo, mas não ficou por muito tempo e a visão não ocorreu senão uma hora e meia depois de sua partida. Um abade de Saint-Michel, o Sr. F..., foi mais feliz, ao que parece, porque tomou notas. Visitei-o para lhe perguntar o que pensa disso.

"Mas isso não é tudo. O carcereiro disse-me ter visto, várias vezes, a porta do cárcere aberta de manhã, se bem que pusesse com cuidado os ferrolhos na véspera. Convidou-se Mallet a interrogar o carneiro, o que fez na última noite, e ele lhe respondeu estas palavras, que colho textualmente de sua boca: *Fazei-me dizer um De Profundis e missas, sou teu irmão; eu não retomarei mais.* Tal ó o relato exato dos fatos; eu os entrego ao Sr. Kardec para que faça o uso que julgar oportuno."

Cartas de um Espírita da Argélia ao Sr. Oscar Comettant

A carta seguinte nos foi dirigida por um dos nossos assinantes de Sétif (Argélia), onde existem numerosos adeptos que obtêm comunicações notáveis, com as quais já entretivemos os nossos leitores.

Senhor,

O Sr. Dumas já vos falou de um fenômeno extraordinário que se produz, há algum tempo, na pessoa de meu filho de dezesseis anos, médium de um gênero singular: cada vez que se faz uma evocação, ele dorme, sem magnetismo, e nesse estado responde a todas as perguntas que se dirige ao Espírito por seu intermédio. Ao despertar, ele não conserva nenhuma lembrança disso. Responde mesmo em latim, em inglês, em alemão, línguas das quais não tem nenhum conhecimento. É um fato que muitas pessoas puderam constatar, e que afirmo sobre o que tenho de mais sagrado, mesmo ao Sr. Oscar Commettant. Tenho às mãos um folhetim do dia 27 de outubro de 1859, onde ele escreveu: Mas em que, pois, credes? perguntar-me-á talvez o Sr. Allan Kardec, Eu, senhor, não lhe perguntarei se crê em alguma coisa, primeiro porque isso pouco me importa, em seguida porque há homens que não crêem em nada. O Sr. Oscar Commettant se apoia sobre a autoridade de Voltaire, que não cria no que a sua razão não podia compreender, ele errou porque, malgrado o imenso saber que Deus lhe dera, Voltaire, há milhares de coisas conhecidas hoje e que a sua razão nunca supôs. Ora, negar um fato do qual não se quer mesmo constatar a realidade, se pergunta, em consciência, de que lado está o absurdo.

Dirijo-me diretamente ao Sr. Commettant, e lhe digo: Admitamos que não sejam os Espíritos que nos falam; mas, então, dai-nos uma explicação lógica do fato que citei; se o negais *a priori*, eu vos cito no tribunal da razão que invocais; se me tomardes em flagrante delito de mentira, eu consinto confessar a minha culpa ou em passar por um louco; em caso contrário, estou inteiramente pronto a entrar em luta convosco no terreno dos fatos. Mas antes de iniciar a discussão, eu vos perguntarei:

1ª Se credes em sonâmbulo natural e se vistes indivíduos nesse estado?

2ª Vistes os sonâmbulos escreverem?

3ª Vistes os sonâmbulos responderem a perguntas mentais?

4ª Vistes os sonâmbulos responderem em línguas que lhes são desconhecidas?

Tenho necessidade de um *sim* ou de um não puro e simples a essas perguntas. Se for *sim* passaremos a outra coisa; se for *não* encarrego-me de fazer-vos ver, e então poderíeis bem me explicar a coisa à vossa maneira.

Aceitai, etc.

COURTOIS.

Faremos, sobre a carta acima, as seguintes reflexões. É provável que o Sr. Commettant não responda mais ao Sr. Courtois que às outras pessoas que lhe escreveram sobre o mesmo assunto, se ele iniciasse uma polêmica, sem dúvida, isso seria no terreno do sarcasmo, terreno sobre o qual se dá sempre a última palavra, e sobre o qual nenhum homem sério não gostaria de segui-lo. Que o Sr Courtois o deixe, pois, na quietude *momentânea* de sua incredulidade, uma vez que ela lhe basta e que ele se contenta em ser matéria; uma vez que não há senão gracejos a opor, e ele não tem nada melhor a dizer; ora, como os gracejos não são razões aos olhos de pessoas sensatas, é se confessar vencido.

O Sr. Courtois erra em tomar muito a peito as negações dos incrédulos. Os materialistas não crêem mesmo terem uma alma, e se reduzem ao papel modesto de gira-espeto; como podem admitir Espíritos fora deles, quando não crêem ter um neles mesmos? Falar-lhes de Espíritos e de suas manifestações é, pois, começar por onde seria necessário acabar; não admitindo a causa primeira, não podem admitir as conseqüências. Dir-se-á, sem dúvida, que eles têm julgamento e devem ceder à evidência; é verdade, mas é precisamente esse julgamento que lhes falta; aliás, sabe-se que não há pior cego do que aquele que não quer ver. Deixemo-los, pois, em repouso, porque as suas de negações não impedirão mais a verdade de se propagar, quanto não impedirão a água de escoar.

Ditados Espontâneos e Dissertações Espíritas

Revista Espírita, agosto de 1860

Obtidos ou lidos nas sessões da Sociedade.

Desenvolvimento das idéias

A propósito da evocação de Thiolier. (Médiun, senhora Costel.)

Vou falar-vos da necessidade de reunir os elementos diversos do Espírito para formar um todo. É uma ilusão comum crer que uma aptidão especial não tem necessidade, para se desenvolver, senão do estudo especial; não; o Espírito humano, como um rio, se engrossa com todos os afluentes. O homem não deve se isolar em seu trabalho, quer dizer, ele deve, pelos contrastes mais opostos, fazer jorrar a seiva das idéias. A originalidade é o contraste das idéias-mães; é uma das mais raras superioridades; desde a infância, ela é abafada pela regra absurda que abaixa todos os Espíritos sob o mesmo nível. Eu vou explicar a minha idéia. Thiolier, que se acaba de evocar, era um inventor apaixonado, uma inteligência ativa; mas ele mesmo se limitou na esfera da invenção, quer dizer, na idéia fixa. Nunca se punha à janela para ver passar as idéias dos outros; também, permaneceu prisioneiro de seu próprio cérebro; o gênio flutuava em torno dele; encontrando todas as saídas fechadas, deixou a loucura, sua irmã, penetrar e invadir a praça tão bem guardada; e Thiolier, que deveria deixar um nome imortal, não vive senão na lembrança de alguns sábios.

Georges. (*Espírito familiar*).

Dissimulações Humanas

(méd., senhora Costel.)

Eu vos falarei da necessidade singular que têm os melhores Espíritos de se misturar sempre com coisas que lhes são as mais estranhas; por exemplo, um excelente comerciante não duvidará um instante de sua aptidão política, e o maior diplomata porá do amor-próprio para decidir as coisas mais frívolas. Esse erro, comum a todos e a todas, não tem outro móvel senão a vaidade e esta não tem senão necessidades factícias; para o toucador, para o espírito, mesmo para o coração, ela procura, antes de tudo o falso, vicia o instinto do belo e do verdadeiro; conduz as mulheres a desnaturarem a sua beleza; persuade os homens a procurarem precisamente o que lhes é mais nocivo. Se os Franceses não tivessem esse erro, seriam, uns os mais inteligentes do mundo, os outros os mais sedutores de Evas conhecidos. Não tenhamos, pois, essa absurda humildade; tenhamos a coragem de sermos nós mesmos; de carregar a cor de nosso Espírito, como a de nossos cabelos. Mas os tronos desabarão, as repúblicas se estabelecerão, antes que um Francês leviano renuncie às suas pretensões à gravidade, e uma Francesa às suas pretensões à solidez; dissimulação contínua, onde cada um toma o costume de ma outra época, ou mesmo, muito simplesmente, ode seu vizinho;

dissimulação política, dissimulação religiosa, onde todos, arrastados pela vertigem, vos procurais perdidamente, não encontrando nesse tumulto nem o vosso ponto de partida, nem o vosso objetivo.

Delphine de girardin.

O Saber dos Espíritos

(Méd., senhorita Huet.)

No estudo do Espiritismo há um erro muito grave, que se propaga cada dia mais, e que se torna quase o móvel que manda vir a nós, e é que nos crêem infalíveis em nossas respostas; pensa-se que devemos tudo saber, tudo ver, tudo prever. Erro! Grande erro! Certamente, não estando mais nossa alma encerrada num corpo material, como um pássaro numa gaiola, lança-se no espaço; os sentidos dessa alma se tornam mais finos, mais desenvolvidos; vemos melhor, entendemos melhor; mas não podemos saber tudo, não podemos estar por toda a parte, não temos mesmo o dom de ubiquidade, que diferença haveria, pois, de nós a Deus, se nos fora permitido conhecer o futuro e anunciá-lo pontualmente? Isto é impossível. Certamente, sabemos mais do que os homens; algumas vezes podemos ler no pensamento e no coração daqueles que nos falam, mas aí se detém a nossa ciência espírita. Corrigi-vos, pois, da idéia de nos interrogar unicamente para saber o que se passa sobre tal ou tal parte do vosso globo, com relação a uma descoberta material, comercial, ou para serem advertidos do que acontecerá amanhã, nos assuntos políticos e industriais; nós vos informaremos sempre sobre o nosso estado, sobre a nossa existência incorpórea, sobre a bondade e a grandeza de Deus, enfim, sobre tudo o que possa servir à vossa instrução e à vossa felicidade, presente e futura, mas não nos pergunteis o que não podemos ou não devemos vos dizer.

CHANNING.

Origens

(Méd., senhora Costel.)

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava em Deus. Assim se anuncia o Evangelho de São João; quer dizer, no começo era o princípio, e o princípio era Deus, o Criador de todas as coisas que não hesitou mais na formação do homem que na do globo. Ele o criou tal como é hoje, dando-lhe, ao sair de suas mãos, o livre arbítrio e o poder de progredir. Deus disse à mãe: Tu não irás mais longe; ao contrário, disse aos homens, em lhes mostrando o Universo: Tudo isto é para vós; trabalhai, desenvolvei, descobri os tesouros em germe, semeados por toda a parte: no ar, nas ondas, no seio da Terra; trabalhai e amai; não duvideis da vossa origem divina, ela é direta; sois os frutos de um lento progresso; não passastes pela fieira animal; sois positivamente os filhos de Deus. Então, de onde provém o pecado? O pecado é criado pelas nossas faculdades, ele é o avesso e o exagero.

Não houve um primeiro homem, pai do gênero humano, mais que não houve um sol para iluminar o Universo. Deus abriu a sua grande mão, e espalhou, com a mesma profusão, a raça humana sobre os mundos e as estrelas nos céus; os Espíritos animados por seu sopro logo revelaram a sua existência aos homens, bem antes os profetas que conheceis; outros

enviaram desconhecidos, tendo esclarecido as almas ignorantes delas mesmas. Ao mesmo tempo que os homens, os animais foram criados; estes, dotados de instintos, mas não de inteligência progressiva. Também conservaram os tipos primitivos, e, salvo a educação individual, são os mesmos que no tempo dos patriarcas. Os cataclismos dos dilúvios, porque não ocorreu um só, mas vários, fizeram desaparecer raças inteiras de homens e de animais; são conseqüências geológicas que vos ameaçam ainda.

Os homens descobrem, mas não inventam nada, assim, as crenças mitológicas não eram puras ficções, mas as revelações de Espíritos inferiores; os sátiros, as faunas, eram Espíritos secundários, habitando os bosques e os campos, como o fazem ainda hoje; era-lhes permitido, então, se manifestarem mais freqüentemente aos olhos do homens, porque o materialismo não estava depurado pelo cristianismo e o conhecimento de um Deus único. O Cristo destruiu o império dos Espíritos inferiores, para estabelecer o do Espírito sobre a Terra. Esta é a verdade, eu o afirmo em nome de Deus todo-poderoso.

Lazare.

O futuro

(Méd., Sr Coll.)

O Espiritismo é a ciência de toda a luz; feliz a sociedade que o coloque em prática! Será então somente que a idade de ouro, ou melhor, a era do pensamento celeste reinará entre vós. E não credes que, com isso, tendes menos satisfações terrestres; bem ao contrário, tudo será felicidade para vós, porque nesse tempo a luz vos fará ver a verdade sob o seu mais agradável dia; o que os homens ensinam não será mais essa ciência capciosa que vos faz ver, sob a máscara enganadora do bem geral ou de um bem a vir, no qual, freqüentemente, os próprios ensinamentos não têm nenhuma confiança, e a mentira e a cupidez, a inveja de tudo ter, em proveito de uma seita, e, algumas vezes, em proveito de um só. Os homens, sem dúvida, nesse tempo, compreenderão o trabalho, e todos chegarão à riqueza, porque não desejarão o supérfluo senão para poderem fazer grandes obras em proveito de todos. O amor, esse nome divino, não terá mais a aceitação impura que lhe dais; todo sentimento pessoal desaparecerá diante deste ensinamento suave, contido nestas palavras do Cristo: Amai-vos uns aos outros, como a vós mesmos.

Chegados a esta crença, todos sereis médiuns; todos os vícios que degradam a vossa Sociedade desaparecerão; tudo se tornará luz e verdade; o egoísmo, esse verme roedor e retardatário de todo o progresso, que abafa todo sentimento fraternal, não mais terá presa sobre as vossas almas; vossas ações não terão mais por móvel a cupidez e a luxúria; amareis vós, a vossa mulher, porque ela terá a alma boa, e vos quererá, porque verá em vós o homem escolhido por Deus para proteger a sua fraqueza, e que ambos vos ajudareis a suportar as provas terrestres, e sereis os instrumentos votados à propagação de seres destinados a se melhorarem, a progredirem, a fim de chegarem a mundos melhores, onde podereis, por um trabalho mais inteligente ainda, chegar até o nosso supremo benfeitor.

Ide, Espíritas! Perseverai; fazei o bem; desprezeis *docemente* os escarnecedores; lembrai-vos de que tudo é harmonia na Natureza, que a harmonia está nos mundos superiores, e que, apesar de certos Espíritos fortes, tereis também a vossa harmonia relativa.

SÃO LUÍS

A Eletricidade espiritual

(Méd., Sr. Didier filho.)

O homem é um ser bem singular e bem fraco ao mesmo tempo; singular neste sentido, que no meio dos fenômenos que o cercam, não segue menos o seu curso comum, espiritualmente se entende; fraco neste sentido, que depois de ver, depois de ser tocado, sorri, porque o seu vizinho sorriu, e não pensa mais nisso; e notai que falo aqui não de seres vulgares, sem reflexão, sem aquisição; não, falo de pessoas inteligentes, na maioria, esclarecidas. De onde vem esse fenômeno? Porque eu nele refletindo, é um momento moral. Pois bem! O Espírito começou a agir sobre a matéria, pelo magnetismo e a eletricidade; entrou em seguida no coração mesmo do homem, e o homem disso não percebeu! Estranha cegueira! Cegueira, não produzida por uma causa estranha, mas voluntária, saída do Espírito; o Espiritismo veio em seguida; deu uma comoção ao mundo e o homem publicou livros muito sábios, em dizendo: é uma causa natural, é muito simplesmente eletricidade, uma lei física, etc.: e o homem ficou satisfeito; mas, ficai disto certos, o homem terá muitos livros ainda a escrever, antes de poder compreender o que há de escrito no livro da Natureza: o livro de Deus. A eletricidade, essa nuance entre o tempo e o que não é mais o tempo, entre o finito e o infinito, o homem ainda não pode defini-la; por quê? Sabei-o: não podereis defini-la senão pelo magnetismo, essa manifestação material do Espírito; não conheceis ainda senão a eletricidade material; mais tarde, conhecereis também a eletricidade espiritual, que não é outra senão o reino eterno da idéia.

LAMENNAIS.

Desenvolvimentos sobre a comunicação precedente

1ª Teríeis a bondade de nos dar alguns desenvolvimentos sobre certas passagens do vosso último ditado, que nos parecem um pouco obscuras? - R. O que puder fazer neste tempo, eu o farei.

2ª Dissestes: *a eletricidade, essa nuance entre o tempo e o que não é mais o tempo, entre o finito e o infinito*, esta frase não nos parece muito clara; quereis ter a bondade de desenvolvê-la? - R. Eu a explico deste modo, o mais simples que posso achar. Para vós o tempo não é, não é isso? Para nós, ele não é mais; a eletricidade, eu a defino assim: essa nuance entre o tempo e o que não é mais o tempo, porque essa parte do tempo da qual era necessário outrora vos servir para vos falar de um canto do mundo ao outro, essa porção de tempo, digo eu, não existe mais; mais tarde virá esta eletricidade que não será outra senão o pensamento do homem, atravessando o espaço; não é, com efeito, a imagem, a mais impressionante, entre o finito e o infinito, entre o pequeno meio e o grande meio? Quero dizer, em uma palavra, que a eletricidade suprime o tempo.

3ª Mais longe dissestes: *não conheceis ainda senão a eletricidade material; mais tarde, conhecereis também a eletricidade espiritual*; entendeis com isso os meios de comunicação de homem a homem, por via medianímica? - R. Sim, como progressos médios; virá outra coisa mais tarde; dai aspirações aos homens: ele adivinha primeiro, e vê em seguida.

Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas

Revista Espírita, agosto de 1860

Esta obra está inteiramente esgotada e não será reimpressa. Será substituída pelo novo trabalho, neste momento no prelo, e que é muito mais completo e sobre um outro plano.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Terceiro Ano – 1860

Setembro

- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [O Maravilhoso e o Sobrenatural](#)
- [História do Maravilhoso e do Sobrenatural, pelo Sr. Louis Figuier](#)
- [Correspondência. Carta do Sr. Jobard sobre Thilorier](#)
- Dissertações Espíritas
 - [O sonho \(Alfred de Musset\).](#)
 - [Sobre os trabalhos da Sociedade](#)
- [Aviso](#)

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, setembro de 1860

Sexta-feira, 27 de julho de 1860.

Reunião da comissão.

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 20 de julho.

Comunicações diversas. -1ª Relatório da senhorita P... sobre o poema que o Sr. de Pd/y, de Marselha, dirigiu à Sociedade, intitulado *Linda, lenda gaulesa*. A senhorita P... analisa o tema da obra e nele reconhece pensamentos de uma grande elevação muito bem expressos; mas, salvo as idéias cristãs, em geral, ela nele não vê nada, ou pouca coisa, que tenha relação direta com o Espiritismo; o autor lhe pareceu mais *Espiritualista* do que *Espírita*; sua obra não é por isso menos notável, disse ela, e será lida com interesse por todos os amantes da boa poesia.

2ª Carta do Sr. X..., que dá uma análise sucinta da doutrina do Sr. Rigolot, de Saint-Etienne. Segundo essa doutrina, o mundo espírita não existe; depois da morte do corpo, os Espíritos são imediatamente reunidos com Deus. Somente três Espíritos podem se comunicar com os homens por via medianímica, e eles são: Jesus, diretor e protetor de nosso globo, Maria, sua mãe, e Sócrates. Todas as comunicações, de qualquer natureza que elas sejam, emanam deles; eles são os únicos, disse ele, que se lhe manifestam, e, quando lhe ditam coisas grosseiras, pensa que é para prová-lo.

Uma discussão se estabeleceu a esse respeito; ela assim se resume:

A Sociedade é unânime para declarar que a razão se recusa a admitir que o Espírito do bem por excelência, o modelo das mais sublimes virtudes, possa ditar coisas más, e que há mesmo uma espécie de profanação em supor que comunicações revoltantes de torpezas, e mesmo de obscenidade, como se vêem algumas vezes, possam emanar de uma fonte tão pura. Por outro lado, admitir que todas as almas, depois da morte, são imediatamente reunidas com Deus, é negar o castigo do culpado, porque não se poderia pensar que o seio de Deus, que aprendemos a olhar como sendo a suprema recompensa, seja ao mesmo tempo um foco de dor para aquele que viveu mal. Se nessa fusão divina o Espírito perde a sua individualidade, é uma variedade do panteísmo. Num e noutro caso, segundo essa doutrina, o culpado não tem nenhum motivo para se deter no caminho do mal, e os esforços para fazer o bem são supérfluos; é pelo menos o que ressalta dos princípios gerais que parecem ser-lhe a base.

A Sociedade não conhece bastante o sistema do Sr. Rigolot para julgá-lo em seus detalhes; ignora como ele explica uma multidão de fatos *patentes*: o das aparições, por exemplo; aqueles em que o Espírito de um parente evocado prova *materialmente* a sua identidade; seria admitir, pois, que Jesus simularia esses personagens; seria, pois, ainda ele que no

fenômeno dos Espíritos batedores, viria bater a carga ou músicas rítmicas; depois de ter desempenhado o papel odioso de tentador, viria servir de divertimento? Há incompatibilidade moral entre o trivial e o sublime, entre o bem absoluto e o mal absoluto.

O Sr. Rigolot sempre se manteve isolado dos outros Espíritos, e isso é um erro; para bem conhecer um coisa, é necessário tudo ver, tudo aprofundar, comparar todas as opiniões, ouvir o pró e o contra, escutar todas as objeções, e finalmente aceitar o que a mais severa lógica pode admitir; é o que nos recomendam, sem cessar, os Espíritos que nos dirigem, e foi por isso que a Sociedade tomou o nome de *Sociedade de Estudos*, nome que implica a idéia de exame e de pesquisas. É permitido pensar que se o Sr. Rigolot tivesse seguido esse marcha, teria reconhecido em sua teoria pontos em contradição manifesta com os fatos. Seu distanciamento de outros Espíritos não lhe permitiu ter senão comunicações de uma só natureza, e impediram-no naturalmente de ver o que poderia esclarecê-lo sobre a sua insuficiência para resolver todas as questões; é o que se nota na maioria dos médiuns que se isolam; eles estão no caso daqueles que, não ouvindo senão um só sino, não ouvem senão um som.

Tal é a impressão que a Sociedade tem a respeito dessa doutrina, que lhe parece impossibilitada a dar a razão de todos os fatos.

3º Menção de uma carta do Sr. doutor Morhéry, que dá novos detalhes sobre a senhorita Godu, e a seqüência de suas observações sobre os casos de curas obtidas; e uma outra do Sr. doutor de Grand-Boulogne, sobre o papel dos Espíritos batedores. Tendo em vista a extensão, sua leitura foi remetida para aproxima sessão.

4º O Sr. Allan Kardec dá conta de um fato interessante que se passou em sua casa, numa sessão particular. A esta sessão assistia o Sr. Rabache, muito bom médium, e ao qual se comunicara espontaneamente Adam Smith, num café em Londres. Tendo sido Adam Smith evocado, por intermédio de um outro médium, a senhora Gostei, ele respondeu simultaneamente por esta senhora, em francês, e pelo Sr. Rabache, em inglês; várias respostas foram encontradas com uma identidade perfeita, e mesmo ser a tradução *literal* uma da outra.

5º Narração de diversos fatos de manifestações físicas chegados ao Sr. B..., presente à sessão; entre outros fatos, está o do transporte de uma rolha lançada num quarto, e de um frasco de água espiritualizada, que tomara um odor de almíscar tão forte, que todo o apartamento dele foi impregnado.

Estudos. 1ª Evocação do muçulmano *Séid-ben Moloka*, morto em Tunis com a idade de 110 anos, e cuja vida toda foi marcada com atos de beneficência e de generosidade. Suas respostas revelam nele um Espírito elevado, mas que, durante a sua vida, não estivera isento de preconceitos de seita.

Dois ditados espontâneos são obtidos, o primeiro pelo Sr. Didier, sobre a *consciência*, assinado por Lamennais; o segundo pela senhora Lub... sobre diversos conselhos, assinado por Paul.

Sexta-feira, 3 de agosto de 1860 (Sessão particular.)

Reunião da comissão.

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 27 de julho.

Leitura de uma carta do Sr. Dacol, pela qual ele propõe à Sociedade fazer uma subscrição para os cristãos da Síria. Funda a sua proposição sobre os princípios de humanidade, de caridade e de tolerância, que são a própria essência do Espiritismo, e devem guiar a Sociedade.

A comissão, que examinou a proposição, embora rendendo justiça às boas intenções do Sr. D..., pensa que a Sociedade deve se abster de toda manifestação estranha ao objeto de seus estudos, e que é preciso deixar cada membro livre para agir individualmente.

A Sociedade não vê, nessa diligência, nada que possa ser visto com maus olhos, bem ao contrário; mas, tendo em vista a ausência da maioria dos membros, em razão da estação, ela adiou o exame da proposição.

Sob o conselho da comissão, a Sociedade decide que tirará suas férias durante o mês de setembro.

Comunicações diversas. 1ª Carta do Sr. doutor Morhéry.

2ª Carta do Sr. Indermuhle, membro da Sociedade, que fala da sua apreciação das idéias espíritas, que se encontra entre certas pessoas da classe rural. Cita, a esse respeito, um pequeno livro alemão, intitulado: *Die Ewigkeit kein geheimniss* (Mais de secreto sobre a eternidade), e que se propõe enviar à Sociedade.

3ª Carta do Sr. doutor de Grand-Boulogne sobre as manifestações físicas como meio de convicção. Ele pensa que seria errado considerar todos os Espíritos batedores como sendo de uma ordem inferior, tendo em vista que ele mesmo obteve, por pancadas, comunicações de uma ordem muito elevada.

O Sr. Allan Kardec responde que a tiptologia é um meio de comunicação como qualquer outro, e da qual podem se servir os Espíritos mais elevados, quando eles não têm um outro mais rápido à sua disposição. Todos os Espíritos que se comunicam por pancadas não são Espíritos batedores, e a maioria repudia mesmo essa qualificação, que não convém senão àqueles que se poderia chamar *batedores de profissão*. Repugna ao bom senso crer que Espíritos superiores venham passar seu tempo para divertir uma reunião com exibição de destreza. Quanto às manifestações físicas propriamente ditas, nunca contestou a sua utilidade, mas persiste em sua opinião de que só elas são insuficientes para levarem à convicção; bem mais, disse ele, quanto mais os fatos são extraordinários, mais eles excitam a incredulidade. O que é preciso, antes de tudo, é compreender o princípio dos fenômenos; para aqueles que se deram conta deles não têm nada de sobrenatural e vêm em apoio da teoria.

O Sr. de Grand-Boulogne disse que a carta que se acabou de ler é já um pouco antiga, e que, depois, suas idéias modificaram-se sensivelmente; ele partilha inteiramente a opinião do Sr. Allan Kardec, tendo a experiência lhe demonstrado o quanto é útil compreender o princípio antes de ver; também, não admite em sua casa senão pessoas que já se deram conta da teoria, e por aí evita uma multidão de perguntas ociosas e objeções; reconhece ter feito mais prosélitos por esse sistema, do que pela exibição de fatos que não são compreendidos.

Estudos. 1ª Evocação de *James Coyle*, alienado, morto com a idade de 106 anos, no hospital São Patrício, de Dublin, onde estava desde o ano de 1802. Essa evocação oferece um interessante objeto de estudo sobre o estado do Espírito na alienação mental.

2ª Chamada feita, sem evocação especial, aos Espíritos que reclamaram assistência. Dois se apresentaram espontaneamente, e são: a Grande Françoise e o Espírito de Castelnau, que agradecem por se ter orado por eles.

3ª Um ditado espontâneo foi obtido pelo Sr. D...; foi assinado por *irmã Jeanne*, uma das vítimas dos massacres da Síria.

Sexta-feira, 10 de agosto (Sessão geral.)

Reunião da comissão.

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

O Sr. Allan Kardec anunciou que uma senhora, membro da Sociedade, remeteu-lhe 10 francos, como sua subscrição, em proveito dos cristãos da Síria, ou qualquer outra obra caritativa, na qual crê dever aplicá-los.

Comunicações diversas. -1ª Carta do Sr. Jobard, de Bruxelas, sobre Tillorier, de quem foi amigo, e que foi evocado em 15 de junho de 1860. Ele dá interessantes detalhes sobre a sua descoberta, sua vida e seus hábitos, e retifica várias afirmativas contidas na notícia publicada, a esse respeito, no jornal *la Paine*. Conta, entre outras particularidades, como a sua audição foi restituída pelo magnetismo. (Publicada adiante.)

2ª O Sr. B....ouvinte estrangeiro, narra diversos fatos de manifestações físicas espontâneas, ocorridas com um de seus amigos. Não tendo essa pessoa podido vir à sessão, disse ela mesma dará conta de detalhes, ulteriormente.

Estudos. -1ª Perguntas diversas e problemas morais dirigidos a São Luís, a respeito da morte de Jean Luizerolle, que substituiu a seu filho, condenado à morte em 1793, e se devotou para salvar-lhe a vida.

2ª Evocação de Alfred de Marignac, que deu ao Sr. Darcol uma comunicação dele sobre a *penúria*, e sob o nome de Bossuet.

3ª Evocação de Bossuet a esse respeito e diversas outras questões. Ele termina com uma dissertação espontânea sobre o Perigo das querelas religiosas.

4ª Evocação da *irmã Jeanne*, vítima dos massacres da Síria, que viera espontaneamente na última sessão, e pedira para ser chamada de novo.

5ª Chamada feita a um dos Espíritos sofredores que reclamam assistência. Um Espírito novo se apresenta sob o nome de *Fortune Privat*, e dá detalhes sobre a sua situação e as penas que sofre. Esta comunicação deu lugar a várias explicações interessantes sobre o estado dos Espíritos infelizes.

6ª Ditado espontâneo, sobre *o nada e a vida*, assinado *Sophie Swetchine*, e obtido pela senhora Huet.

Sexta-feira, 17 de agosto de 1860. (Sessão particular.)

Reunião da comissão.

Leitura da ata de dos trabalhos da sessão de 10 de agosto.

Com o parecer da comissão, e depois de relatório verbal, a Sociedade recebe, como associado livre, o Sr. Jules R..., de Bruxelas, e domiciliado em Paris.

Comunicações diversas. - 1ª Numa carta da senhora condessa D...escrita ao Sr. Allan Kardec, encontra-se a passagem seguinte: "Tenho ultimamente folheado velhas revistas de Paris, e encontrei uma historieta escrita por este delicioso escritor, Charles Nodier, e que tem por título: *Lydie ou a ressurreição*. Encontrei-me em plena *Revista Espírita*; é uma intuição de O Livro dos Espíritos, embora escrita em 1839. É que Nodier era um crente? É que nessa época falava-se do Espiritismo? Eu gostaria muito, se o pudesse, de evocá-lo; é um coração puro e uma alma amante. Vós que podeis *tanto*, evocai-o, eu vos peço. Se, estando encarnado, sua moral era tão doce, tão atraente, que não seria no presente, que o seu Espírito está liberado de toda matéria!"

A Sociedade tem, há muito tempo, o desejo de chamar Charles Nodier; ela o fará na presente sessão.

2ª Leitura de duas dissertações obtidas pelo Sr. doutor de Grand-Boulogne, assinadas Zenon; a primeira a respeito da dúvida manifestada sobre a identidade de Bossuet, na sessão precedente; a segunda, sobre a reencarnação, da qual o Espírito demonstra a necessidade do ponto de vista moral, e a concordância com as idéias religiosas.

3ª Leitura de duas comunicações obtidas pela senhora Gostei e assinadas Georges; a primeira, sobre *o progresso dos Espíritos*, a segunda, sobre *o despertar do Espírito*.

4ª Leitura da evocação de Louis XIV, feita pela senhorita Huet, e de um ditado espontâneo, obtido pela mesma, sobre *o proveito a tirar dos conselhos dados pelos Espíritos*, assinado *Marie*, Espírito familiar.

Estudos. 1ª o Sr. Ledoyen lembra que São Luís começara, no tempo, uma série de dissertações sobre os pecados capitais. Pergunta se gostaria de dar a seqüência a esse trabalho.

São Luís responde que o fará de bom grado, e que a próxima vez falará sobre *a Inveja*, estando a hora avançada para começar naquela mesma noite.

2ª Pergunta-se, a São Luís, se, na próxima sessão, se poderá chamar de novo a rainha de Oude, já evocada em janeiro de 1858, a fim de julgar os progressos que ela pôde fazer. Ele responde: "Será caridoso a vós evocá-la e falar-lhe amigavelmente, ao mesmo tempo que instruí-la um pouco, porque ela está bem atrasada ainda."

3ª Evocação de Charles Nodier. Após responder, com uma extrema benevolência, às perguntas que lhe são endereçadas, promete começar um trabalho continuado, na próxima sessão.

4ª Ditado espontâneo, obtido pelo Sr. Didier, sobre a *hipocrisia*, assinado Lamennais. Este Espírito responde em seguida a diversas perguntas que lhe são feitas sobre a sua situação, e o caráter que se reflete em suas comunicações.

Sexta-feira, 24 de agosto de 1860. (Sessão geral.)

Reunião da comissão.

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

O presidente lê a instrução seguinte, concernente às pessoas estranhas à Sociedade, a fim de premuni-las contra as idéias falsas que se poderiam formar sobre o objeto de seus trabalhos.

"Cremos dever lembrar às pessoas estranhas à Sociedade, e que não estariam ao corrente de nossos trabalhos, que não fazemos nenhuma experiência, e que elas se enganariam se cressem achar aqui assuntos de distração. Ocupamo-nos seriamente com coisas muito sérias, mas pouco interessantes e pouco inteligíveis para quem é estranho à ciência espírita. Como a presença dessas pessoas seria inútil para elas mesmas, e poderia ser uma causa de perturbação para nós, nos recusamos a admitir aquelas que dela não possuam ao menos os primeiros elementos, e sobretudo aquelas que não lhe seriam simpáticas. Somos, antes de tudo, uma Sociedade científica de estudos, e não uma Sociedade de ensino; nós nunca convocamos o público, porque sabemos, por experiência, que a convicção não se forma senão por uma longa seqüência de observações, e não por haver assistido a algumas sessões que não apresentam nenhuma continuidade metódica. Eis porque não fazemos demonstrações que estariam a recommençar a cada dia, e nos deteriam em nosso trabalho. Se, apesar disso, se encontrarem aqui pessoas que não fossem atraídas senão pela curiosidade, ou que não partilham a nossa maneira de ver, nós lhes pedimos para que se lembrem que não as convidamos, e esperamos de sua decência o respeito às nossas convicções, como respeitamos as suas. Não reclamamos de sua parte senão o silêncio e o recolhimento. Sendo o recolhimento uma das recomendações mais expressas da parte dos Espíritos, que consentem em se comunicarem conosco, convidamos com instância as pessoas presentes a se absterem de toda conversação particular."

A comissão decidiu que, se bem que haja uma 5ª. sexta-feira, em 31 deste mês, esta sessão seria a última antes das férias, e que a próxima sessão ocorrerá na primeira sexta-feira de outubro.

A comissão tomou conhecimento de uma carta de pedido de admissão, como associado livre, do Sr. B..., de Paris; mas, tendo em vista que a sessão deste dia é geral, o exame foi remetido para depois das férias.

Comunicações diversas. 1ª Leitura de evocação feita em particular pelo Sr. Jules Rob..., do Père Leroy, morto recentemente em Beirute. Essa evocação é notável pela elevação dos pensamentos do Espírito, que não desmente em nada o belo caráter de que deu provas em sua vida, e que é o de um verdadeiro cristão. Ele exprime o desejo de ser chamado na Sociedade.

2ª Leitura de um ditado espontâneo, obtido pelo Sr. Darcol sobre os *médiuns*, e assinado *Salles*. Essa comunicação, entregue na última sessão, nela não pôde ser lida, porque dela não se tomou conhecimento antecipadamente, e tendo em vista que *o regulamento prescreve imperiosamente essa formalidade*.

3ª Outro ditado espontâneo, obtido pela senhora de B..., sobre a *Caridade moral*, e assinada irmã Rosalie.

4ª Dois outros ditados espontâneos, obtidos pela senhora Gostei, um sobre as *diferentes categorias de Espíritos errantes*, o outro sobre os *castigos*, e assinado *Georges*. Estas duas comunicações podem ser colocadas na categoria das mais notáveis pela sublimidade dos pensamentos, a verdade dos quadros e a eloquência do estilo. (Serão publicadas, assim como as outras comunicações mais importantes.)

O presidente faz observar que a Sociedade é necessariamente limitada pelo tempo, mas que tudo o que os seus membros obtêm em seu particular, e que querem a ela trazer, deve ser considerado como um complemento de seus trabalhos. Ela não deve, pois, considerar como lhe fazendo parte somente o que obtêm em suas sessões, mas igualmente tudo o que lhe vem de fora e pode servir para a sua instrução. Ela é o centro onde vêm chegar os estudos privados para o bem de todos; ela os examina, os comenta, e deles se aproveita se há lugar. Para os médiuns, é um meio de controle, que, esclarecendo-os sobre as comunicações que recebem, pode preservá-los de mais de uma decepção. Os Espíritos, aliás, preferem, freqüentemente, se comunicar na intimidade, onde há necessariamente mais recolhimento que nas reuniões numerosas, pelos instrumentos de sua escolha, nos momentos que lhes convém, e em circunstâncias que nem sempre nos é dado apreciar. Em concentrando essas comunicações, cada um aproveita assim todas as vantagens que elas podem oferecer.

Estudos. 1ª Pergunta dirigida a São Luís sobre o Espírito *Georges*. Quando vivo era artista pintor, e professor de desenho da pessoa que lhe serve como médium; sua vida não oferece nenhuma particularidade saliente, a não ser que sempre foi bom e benevolente. Suas comunicações, como Espírito, trazem a marca de uma tal superioridade, que se desejou saber a classe que ele ocupa no mundo dos Espíritos. São Luís respondeu:

"Ele foi um Espírito justo sobre a Terra; toda a sua grandeza consiste na bondade, na caridade e na fé em Deus que ele professava; também hoje, encontra-se colocado entre os Espíritos superiores."

2ª Evocação de *Charles Nodier*, pela senhorita Huet. Ele começa o trabalho prometido na última sessão.

3ª Evocação de *Père Leroy*. Como ele deixara livre a escolha do médium, preferiu-se tomar aquele que lhe serviu na primeira vez, a fim de afastar toda influência e de melhor poder julgar da identidade pelas suas respostas. Elas estão em todos os pontos em conformidade com os sentimentos precedentemente expressos, e dignas de um Espírito elevado. Ele termina com conselhos da mais alta sabedoria, onde se revelam, ao mesmo tempo, a humildade do cristão, a tolerância e a caridade evangélicas, e a superioridade da inteligência.

4ª Evocação da rainha de Oude, já evocada em janeiro de 1858 (*ver Revista de março de 1858*). Médium, o Sr. Jules Rob... Notou-se nela uma ligeira disposição para se melhorar, mas o fundo do caráter sofreu pouca mudança.

Nota. Entre os assistentes se encontrava uma senhora que morou por longo tempo na Índia, e a conheceu pessoalmente. Ela disse que todas as suas respostas estão perfeitamente conformes com o seu caráter, e que é impossível nisso não reconhecer uma prova de identidade.

5ª Três ditados espontâneos foram obtidos, o primeiro pela senhorita Huet sobre a *Inveja*, assinado São Luís; o segundo pelo Sr. Didier sobre o *pecado original*, assinado Ronsard; o terceiro pela senhorita Stéphanie, assinado Gustave Lenormand.

Durante estas últimas comunicações, a senhorita L.J..., médium desenhista, obtém dois grupos assinados Jules Romain.

Em seguida a alguns belos pensamentos escritos por um Espírito que não se assina, um outro Espírito, que já se manifestou à senhorita L.J..., vem trazer obstáculos fazendo-a quebrar os lápis, e fazer traços que denotam um sentimento de cólera. Ao mesmo tempo ele se comunica pelo Sr. Jules Rob..., e responde laconicamente, e com altura, às perguntas que lhe são dirigidas.

É o Espírito de um soberano estrangeiro, conhecido pela violência de seu caráter. Convidado a assinar seu nome, ele o faz de duas maneiras. Um dos assistentes, ligado ao governo de seu país, e que suas funções o colocavam mesmo a ver, freqüentemente, a sua assinatura, reconheceu numa das peças oficiais, e na outra a de cartas particulares.

Sendo levantada a sessão geral, os Senhores membros da Sociedade são convidados a permanecerem alguns instantes para uma comunicação.

O Sr. Sanson, numa alocução calorosamente expressa, expôs o reconhecimento que deve ao Espírito de São Luís, pela sua intervenção na cura instantânea de um mal na perna que resistira a todos os tratamentos, e deveria chegar à amputação. Foi, disse ele, ao conhecimento do Espiritismo que deve a sua cura, verdadeiramente miraculosa, pela confiança que hauriu na bondade e no poder de Deus, com o qual antes se inquietava muito pouco; e como foi à Sociedade que ele deve por ter se iniciado nas verdades que ensina, compreende-a em seus agradecimentos. Desde então, a cada ano, ele oferece ao Espírito de São Luís, no dia que lhe é consagrado, um buquê em memória do favor do qual foi objeto, e é essa homenagem que ele renova hoje, 24 de agosto, véspera de São Luís.

A Sociedade se associa aos testemunhos de gratidão do Sr. Sanson; ela agradece a São Luís pela benevolência da qual foi objeto de sua parte, e roga-lhe consentir em continuar a sua proteção. São Luís responde:

"Eu estou feliz, três vezes feliz, meus bem-amados irmãos, pelo que vejo e ouço esta noite; a vossa emoção e o vosso reconhecimento são ainda a melhor homenagem que poderíeis me dirigir. Que o Deus de bondade vos conserve nesses bons e piedosos sentimentos! Eu continuarei a velar sobre uma sociedade unida pelos sentimentos da caridade e de uma verdadeira fraternidade.

Luís.

O Maravilhoso e o Sobrenatural

Revista Espírita, setembro de 1860

Se a crença nos Espíritos, e em suas manifestações, fosse uma concepção isolada, o produto de um sistema, ela poderia, com alguma aparência de razão, ser suspeita de ilusão; mas, que se nos diga por que é encontrada tão vivaz entre os povos antigos e modernos, nos livros santos de todas as religiões conhecidas? É, dizem alguns críticos, porque em todos os tempos o homem amou o maravilhoso. - O que é, pois, o maravilhoso, segundo vós? - O que é sobrenatural. Que entendeis por sobrenatural? O que contraria as leis da Natureza. - Conheceis, pois, de tal modo essas leis que vos é possível assinalar um limite ao poder de Deus? Pois bem! Então provai que a existência dos Espíritos e as suas manifestações são contrárias às leis da Natureza; que não é, e não pode ser, uma dessas leis. Segui a Doutrina Espírita, e vede se esse encadeamento não tem todas as características de uma admirável lei. O pensamento é um dos atributos do Espírito; a possibilidade de agir sobre a matéria, de impressionar os sentidos, e, por consequência, de transmitir o pensamento, resulta, se assim podemos nos exprimir, de sua constituição fisiológica; portanto, não há nesse fato nada de sobrenatural, nada de maravilhoso.

Todavia, dir-se-á, admitis que um Espírito pode levantar uma mesa, e mantê-la no espaço sem ponto de apoio; não é uma derrogação à lei da gravidade? - Sim, à lei conhecida; mas a Natureza disse a sua última palavra? Antes que se pudesse experimentar a força ascensional de certos gases, quem diria que uma pesada máquina, levando vários homens, pode triunfar sobre a força de atração? Aos olhos do vulgo, isso não deveria parecer maravilhoso, diabólico? Aquele que propusesse, há um século, transmitir um despacho a 500 léguas, e dele receber a resposta em alguns minutos, passaria por um louco; se o fizesse, crer-se-ia ter o diabo às suas ordens, porque então só o diabo era capaz de ir tão depressa. Por que, pois, um fluido desconhecido não teria a propriedade, em dadas circunstâncias, de contrabalançar o efeito da gravidade, como o hidrogênio contrabalança o peso do balão? Isto, anotemos de passagem, é uma comparação, mas não uma assimilação, e unicamente para mostrar, por analogia, que o fato não é fisicamente impossível. Ora, foi precisamente quando os sábios, na observação dessas espécies de fenômenos, quiseram proceder por via de assimilação, que eles se enganaram. De resto, o fato aí está, todas as negações não poderão fazer com que não esteja, porque negar não é provar; para nós, nada tem de sobrenatural, é tudo o que podemos dizer para o momento.

Se o fato está constatado, dir-se-á, nós o aceitamos; aceitamos mesmo a causa que vindes de assinalar, a de um fluido desconhecido; mas o que prova a intervenção dos Espíritos? Aí está o maravilhoso, o sobrenatural.

Seria necessária toda uma demonstração, que não estaria em seu lugar, e teria, aliás, duplo emprego, porque ela ressalta de todas as outras partes do ensinamento. Todavia, para resumi-la em algumas palavras, diremos que está fundada, em teoria, sobre este princípio: todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente; na prática, sobre esta observação de que os fenômenos, ditos Espíritos, tenham dado provas de inteligência, deve ter a sua causa fora da matéria; que essa inteligência, não sendo a dos assistentes, - isto é um resultado da experiência, deveria estar fora deles; uma vez que não se via o ser agindo, era, pois, um ser invisível. Foi então que, de observação em observação, chegou-se a reconhecer que esse ser invisível, ao qual deu-se o nome de Espírito, não era outro senão a alma daqueles que

viveram corporeamente, e que a morte despojou de seu envoltório grosseiro e visível, não lhe deixando senão um envoltório etéreo, invisível em seu estado normal. Eis, pois, o maravilhoso e o sobrenatural reduzidos à sua mais simples expressão. Uma vez constatada a existência de seres invisíveis, sua ação sobre a matéria resulta de seu envoltório fluídico; essa ação é inteligente, porque, em morrendo, ele não perdeu senão o seu corpo, mas conservou a inteligência, que é sua essência; aí está a chave de todos esses fenômenos erradamente reputados sobrenaturais. A existência dos Espíritos não é, pois, um sistema preconcebido, uma hipótese imaginada para explicar os fatos; é um resultado de observação, e a consequência natural da existência da alma; negar esta causa é negar a alma e seus atributos. Que aqueles que pensam poder dar, desses efeitos inteligentes, uma solução mais racional, podendo sobretudo dar razão de *todos os fatos*. queiram bem fazê-lo, e então poder-se-á discutir o mérito de cada um.

Aos olhos daqueles que consideram a matéria como a única força da Natureza, *tudo o que não pode ser explicado pelas leis da matéria é maravilhoso ou sobrenatural*; ora, para eles, *maravilhoso* é sinônimo de *superstição*. A esse título a religião fundada sobre a existência de um princípio imaterial, seria uma trama de superstições; eles não ousam dizer muito alto, mas o dizem baixinho, e crêem salvar as aparências em concedendo que é preciso uma religião para o povo, e para fazer com que as crianças sejam sábias; de duas coisas uma, ou o princípio religioso é verdadeiro ou é falso; se é verdadeiro, o é para todos; se é falso, não é melhor para o ignorante do que para as pessoas esclarecidas.

Aqueles que atacam o Espiritismo em nome do maravilhoso se apoiam, pois, geralmente sobre o princípio materialista, uma vez que lhe negam todo efeito extramaterial, negam, por isso mesmo, a existência da alma; sondai o fundo de seus pensamentos, escrutai bem o sentido de suas palavras, e vereis quase sempre esse princípio, se não estiver claramente formulado, despontar sob as aparências de uma pretensa filosofia racional. Se abordais decididamente a questão, perguntando-lhes se crêem ter uma alma, talvez não ou sem dizer não, mas responderão que disso nada sabem, ou que dela não estão seguros. Rejeitando à contado maravilhoso tudo o que decorre da existência da alma, eles são consequentes consigo mesmos; não admitindo a causa, não podem admitir os efeitos; daí, em alguns, uma opinião preconcebida que os torna impróprios para julgarem sadiamente o Espiritismo, porque partem do princípio da negação de tudo o que não é material. Quanto a nós, do fato de admitirmos efeitos que são a consequência da existência da alma, segue-se que aceitamos todos os fatos qualificados de maravilhosos; que somos os campeões de todos os sonhadores, os adeptos de todas as utopias, de todas as excentricidades sistemáticas? Seria preciso conhecer bem pouco o Espiritismo para julgá-lo; mas os nossos adversários não o olham de tão perto; a necessidade de conhecer do que falam é o menor de seus cuidados. Segundo eles, o maravilhoso é absurdo; ora, o Espiritismo se apoia sobre fatos maravilhosos, portanto, o Espiritismo é absurdo; é para eles um julgamento sem apelação. Eles crêem opor um argumento sem réplica quando, depois de terem feito eruditas pesquisas sobre os convulsionários de Saint-Médard, os Camisards des Cévennes ou os religiosos de Loudun, chegaram a nelas descobrir fatos patentes de fraude que ninguém contesta; mas essas histórias são o evangelho do Espiritismo? Seus partidários negam que o charlatanismo haja explorado certos fatos em seu proveito, que a imaginação os tenha criado, que o fanatismo os tenha exagerado muito? Ele não é mais solidário com as extravagâncias que se possam cometer em seu nome, do que a verdadeira ciência não o é dos abusos da ignorância, nem a verdadeira religião dos excessos do fanatismo. Muitos críticos não julgam o Espiritismo senão pelos contos de fadas e as lendas populares que são suas as ficções; tanto valeria julgar a história pelos romances históricos ou as tragédias.

Em lógica elementar, para discutir uma coisa é preciso conhecê-la, porque a opinião de um crítico não tem valor senão tanto que ele fale com perfeito conhecimento de causa; só então

a sua opinião, fosse ela errada, pode ser tomada em consideração; mas de que peso é ela sobre uma matéria que não conhece? O verdadeiro crítico deve fazer prova, não só de erudição, mas de um *saber profundo* a respeito do objeto de que ele trata, de um julgamento sadio, e de uma imparcialidade a toda prova, de outro modo o primeiro rabequista chegado poderia se arrogar o direito de julgar Rossini, e um mau pintor o de censurar a Rafael.

O Espiritismo não aceita, pois, todos os fatos reputados maravilhosos ou sobrenaturais; longe disso, ele demonstra a impossibilidade de um grande número e o ridículo de certas crenças que, para ele, constituem, propriamente falando, a superstição. É verdade que, nos que ele admite, há coisas que, para os incrédulos, são do puro maravilhoso, dito de outro modo, da superstição; seja; mas ao menos discuti apenas estes pontos, porque sobre os outros nada há a dizer, e pregais para convertidos. Mas onde se detém a crença no Espiritismo, dir-se-á? Lede, observai e o sabereis. Toda ciência não se adquire senão com o tempo e o estudo; ora, o Espiritismo, que toca todas as questões mais graves da filosofia, todos os ramos da ordem social; que abarca, ao mesmo tempo, o homem físico e o homem moral, ele mesmo é toda uma ciência, toda uma filosofia que não pode mais ser aprendida em algumas horas como qualquer outra ciência, porque haveria tanto de puerilidade em ver todo o Espiritismo numa mesa girante, quanto ver a física em certos jogos infantis. Para quem não quer se deter na superfície, não são horas, mas são meses e anos que são necessários para sondar-lhe todos os arcanos. Que se julgue, por aí, o grau de saber e o valor da opinião daqueles que se arrogam o direito de julgar, porque viram uma ou duas experiências, o mais freqüentemente a título de distração e de passatempo. Sem dúvida, dirão que não têm lazer necessário para esse estudo; seja; nada a isso os constrange; mas, então, quando não têm tempo para aprender uma coisa, não se misture a falar dela, e muito menos julgá-la, não querendo ser acusado de levandade; ora, quanto mais se ocupa uma posição elevada na ciência, menos se é desculpável em tratar levemente um assunto que não se conhece. Nós nos resumimos nas proposições seguintes:

1ª Todos os fenômenos Espíritos têm por princípio a existência da alma, sua sobrevivência ao corpo e suas manifestações;

2ª Estando esses fenômenos fundados sobre uma lei da Natureza, nada têm de *maravilhoso* nem de *sobrenatural*, no sentido vulgar destas palavras;

3ª Muitos fatos não são reputados sobrenaturais senão porque não se lhes conhece a causa; p Espiritismo, lhes assinando uma causa, fá-los entrar no domínio dos fenômenos naturais;

4ª Entre os fatos qualificados de sobrenaturais, muitos há dos quais o Espiritismo demonstra a impossibilidade, e que classifica entre as crenças supersticiosas;

5ª Se bem que o Espiritismo reconheça, em muitas crenças populares, um fundo de verdade, ele não acerta de modo algum a solidariedade de todas as histórias fantásticas criadas pela imaginação;

6ª Julgar o Espiritismo sobre os fatos que ele não admite é dar prova de ignorância, e tirar todo o valor de sua opinião;

7ª A explicação dos fatos admitidos pelo Espiritismo, suas causas e suas conseqüências morais, constituem uma verdadeira ciência que requer um estudo sério, perseverante e aprofundado;

8ª O Espiritismo não pode considerar como crítico sério senão aquele que tudo teria visto, tudo estudado, com a paciência e a perseverança de um observador consciencioso; que saberia tanto sobre este assunto quanto o adepto mais esclarecido; que teria, por conseqüência, hauridos seus conhecimentos alhures que nos romances da ciência; a quem não se poderia opor *nenhum fato* do qual não tivesse conhecimento, nenhum argumento que não houvesse meditado; que refutaria, não por negações, mas por outros argumentos mais peremptórios; que poderia, enfim, assinalar uma causa mais lógica aos fatos averiguados. Este crítico está ainda por ser encontrado.

Desnecessário dizer que os que desprezam o maravilhoso re-jertam.com mais forte razão, os milagres na categoria de quimeras da imaginação. Algumas palavras a esse respeito , embora tiradas de um precedente artigo, aqui encontram seu lugar natural, e não seria inútil lembrá-las.

Em sua acepção primitiva, e pela sua etimologia, a palavra milagre significa *coisa extraordinária, coisa admirável a ver*; mas esta palavra, como tantas outras, afastou-se de seu sentido original, e hoje diz-se (segundo a Academia) de *um ato de poder divino contrário às leis comuns da Natureza*. Tal é, com efeito, a sua acepção usual, e não é mais que por comparação e por metáfora que é aplicada às coisas vulgares que nos surpreendem e cuja causa é desconhecida. De nenhum modo entra em nossos objetivos examinar se Deus pôde julgar útil, em certas circunstâncias, derogar as leis estabelecidas por ele mesmo; nosso objetivo é unicamente demonstrar que os fenômenos espíritas, por extraordinários que sejam, não derogam de nenhum modo essas leis, não têm nenhum caráter miraculoso, não mais que não são maravilhosos ou sobrenaturais. O milagre não se explica; os fenômenos espíritas, ao contrário, se explicam da maneira mais racional; não são, pois, milagres, mas simples efeitos que tema sua razão de ser nas leis gerais. O milagre tem ainda um outro caráter: é o de ser insólito e isolado. Ora, desde o momento que um fato se reproduz, por assim dizer, à vontade, e por diversas pessoas, isso não pode ser um milagre.

A ciência todos os dias faz milagres aos olhos dos ignorantes: eis porque outrora aqueles que disso sabiam mais do que o vulgo passavam por feiticeiros; e, como se acreditava que toda ciência sobre-humana vinha do diabo, eram queimados. Hoje, que se está muito mais civilizado, contenta-se em enviá-los aos hospícios.

Que um homem realmente morto seja chamado à vida por uma intervenção divina, aí está um verdadeiro milagre, porque é contrário às leis da Natureza. Mas se esse homem não tem senão as aparências da morte, se há ainda nele um resto de *vitalidade latente*, e que a ciência, ou uma ação magnética chega a reanimar, para as pessoas esclarecidas, é um fenômeno natural; mas aos olhos do vulgo ignorante, o fato passará por miraculoso. Que nomeio de certos camponeses um físico lance um papagaio elétrico e faça cair o raio sobre uma árvore, esse novo Prometeu será certamente visto como armado de uma força diabólica; mas Josué detendo o movimento do Sol, ou antes da Terra, eis o, verdadeiro milagre, porque não conhecemos nenhum magnetizador dotado de um tão grande poder para operar um tal prodígio. De todos os fenômenos espíritas, um dos mais extraordinários, sem contradita, é p da escrita direta, e um daqueles que demonstram, da maneira mais patente, a ação das inteligências ocultas; mas pelo fato de que o fenômeno seja produzido por seres ocultos, ele não é mais miraculoso que todos os outros fenômenos que são devidos a agentes invisíveis, porque esses seres ocultos que povoam os espaços são uma das forças da Natureza, força cuja ação é incessante sobre o mundo material, assim como sobre o mundo moral.

O Espiritismo, em nos esclarecendo sobre essa força, nos dá a chave de uma multidão de coisas inexplicadas, e inexplicáveis por todo outro meio, e que puderam, nos tempos

recuados, passar por prodígios; ele revela, do mesmo modo que o magnetismo, uma lei, se não desconhecida, ao menos mal compreendida, ou, por melhor dizer, conheciam-se os efeitos, porque se produziram em todos os tempos, mas não se conhecia a lei, e foi a ignorância dessa lei que engendrou a superstição. Conhecida essa lei, o maravilhoso desaparece e os fenômenos entram da ordem das coisas naturais. Eis porque os Espíritas não fazem mais milagres em fazendo girar uma mesa, e escreverem os mortos, que o médico em fazendo reviver um moribundo, ou o físico em fazendo cair o raio. Aquele que pretendesse, com a ajuda desta ciência, *fazer milagres*, seria, ou um ignorante da coisa, ou um fazedor de ingênuos.

Os fenômenos espíritas, do mesmo modo que os fenômenos magnéticos, antes que se lhes conhecesse a causa, devem ter passado por prodígios; ora, como os cétricos, os espíritos fortes, quer dizer, aqueles que têm o privilégio exclusivo da razão e do bom senso, não crêem que uma coisa seja possível do momento que não a compreendem; eis porque todos os fatos reputados prodigiosos são o objeto de suas zombarias; e como a religião contém um grande número de fatos deste gênero, eles não crêem na religião, e daí para a incredulidade absoluta não há senão um passo. O Espiritismo, explicando a maioria desses fatos, dá-lhes uma razão de ser. Ele vem, pois, em ajuda da religião em demonstrando a possibilidade de certos fatos que, por não terem mais o caráter miraculoso, não são menos extraordinários, e Deus, com isso, não é menos grande, nem menos poderoso por não ter derogado as suas leis. De quantos gracejos as levitações de São Cupertino não foram objeto? Ora, a suspensão etérea dos corpos pesados é um fato explicado pelo Espiritismo; dela fomos *pessoalmente testemunha ocular*, e o Sr. Home, assim como outras pessoas do nosso conhecimento, renovaram várias vezes os fenômenos produzidos por São Cupertino. Portanto, esse fenômeno entra na ordem das coisas naturais.

Ao número dos fatos deste gênero é necessário colocar em primeira linha as aparições, porque são os mais freqüentes. A de Salette, que divide mesmo o clero, nada tem de insólita para nós. Seguramente, não podemos afirmar que tal fato ocorreu, porque dele não temos a prova material; mas, para nós, ele é possível, tendo em vista que milhares de fatos análogos *recentes* nos são conhecidos; nós neles cremos não somente porque sua realidade foi averiguada por nós, mas sobretudo porque nos damos perfeitamente conta da maneira pela qual eles se produzem. Que se queira bem reportar à teoria que demos das aparições, e verá-se que esse fenômeno torna-se tão simples e tão plausível como uma multidão de fenômenos físicos que não são prodigiosos senão por não se ter deles a chave. Quanto ao personagem que se apresentou à Salette, é uma outra questão; a sua identidade não nos foi de nenhum modo demonstrada; constatamos somente que uma aparição pode ter ocorrido, o resto não é de nossa competência; cada um pode, a esse respeito, guardar as suas convicções, o Espiritismo não tem que disso se ocupar; dizemos somente que os fatos produzidos pelo Espiritismo nos revelam leis novas, e nos dão a chave de uma multidão de coisas que parecem sobrenaturais; se alguns daqueles que passam por miraculosos nele encontram uma explicação lógica, é um motivo para não se apressar em negar aquilo que não se compreende.

Os fatos do Espiritismo são contestados por certas pessoas, precisamente porque parecem sair da lei comum, da qual não se dão conta. Dai-lhes uma base racional, e a dúvida cessa. A explicação, neste século em que não se pagam as palavras, é, pois, um poderoso motivo de convicção; também vemos, todos os dias, pessoas que não foram testemunhas de nenhum fato, que não viram nem uma mesa girar, nem um médium escrever, e que são tão convencidas quanto nós, unicamente porque leram e compreenderam. Se não se devesse crer senão naquilo que se viu com seus olhos, nossas convicções se reduziriam a bem pouca coisa.

História do Maravilhoso e do Sobrenatural

Revista Espírita, setembro de 1860

POR LOUIS FIGUIER.

(Primeiro artigo.)

É um pouco da palavra *maravilhoso* como da palavra *alma*; há um sentido elástico que pode dar lugar a interpretações diversas; por isso, acreditamos útil colocar alguns princípios gerais no artigo precedente, antes de abordar o exame da história que nos dá p Sr. Figuiet. Quando essa obra apareceu, os adversários do Espiritismo bateram as mãos dizendo que, sem dúvida, teríamos pela frente um forte adversário; em seu caridoso pensamento, já nos viam mortos sem retorno; tristes efeitos da cegueira passional e irrefletida; porque, se se dessem ao trabalho de observar o que querem demolir, veriam que o Espiritismo será um dia, e isso mais cedo do que crêem, a salvaguarda da sociedade, e talvez mesmo lhe deverão a sua salvação, não dizemos no outro mundo, com o qual pouco se inquietam, mas neste! Não é levianamente que dizemos estas palavras; não chegou ainda o tempo de desenvolvê-las; mas muitos já nos compreendem.

Voltando ao Sr. Figuiet, nós mesmos pensamos encontrar nele um adversário verdadeiramente sério, trazendo enfim argumentos peremptórios que valessem o trabalho de uma refutação séria. Sua obra compreende quatro volumes; os dois primeiros contêm de início uma exposição de princípios num prefácio e uma introdução, depois um relato de fatos perfeitamente conhecidos, que se lera, contudo, com interesse, por causadas pesquisas eruditas que ocorreram da parte do autor; é, nós o cremos, o relato mais completo que disso se publicou. Assim, o primeiro volume é quase inteiramente consagrado à história de Urbain Grandier e dos religiosos de Loudun; vêm em seguida os convulsionários de Saint-Médard, a história dos profetas protestantes, a varinha adivinhatória, o magnetismo animal. O quarto volume, que acaba de aparecer, trata especialmente das mesas girantes e dos Espíritos batedores. Retornaremos mais tarde sobre este último volume, nos limitando, por hoje, a uma apreciação sumária do conjunto.

A parte crítica das histórias que os dois primeiros volumes encerram consiste em provar, por testemunhos autênticos, que a intriga, as paixões humanas, o charlatanismo, aí desempenharam um grande papel; que certos fatos levam uma marca evidente de malabarismos; mas é o que ninguém contesta; ninguém nunca garantiu a integridade de todos esses fatos; os Espíritos, menos que os outros, devem mesmo agradecer ao Sr. Figuiet por ter juntado provas que evitarão numerosas compilações; eles têm interesse em que a fraude seja desmascarada, e todos aqueles que as descobrirem nos fatos falsamente qualificados de fenômenos espíritas, lhes prestarão serviço; ora, para prestar semelhantes serviços, nada melhor que os inimigos; vê-se, pois, que os próprios inimigos são bons para alguma coisa; somente neles, o desejo da crítica os arrasta, algumas vezes, muito longe, e em seu ardor para descobrir o mal, freqüentemente, vêm-no onde ele não está, por falta de examinar a coisa com bastante atenção ou imparcialidade, o que é ainda mais raro. O verdadeiro crítico deve se defender de idéias preconcebidas, se despojar de todo preconceito, de outro modo ele julga sob seu ponto de vista que, talvez, nem sempre é justo. Tomemos

um exemplo: suponhamos a história política dos acontecimentos contemporâneos escrita com a maior imparcialidade, quer dizer, com uma inteira verdade, e suponhamos essa história comentada por dois críticos de opiniões contrárias; por serem todos os fatos exatos, eles melindrarão forçosamente a opinião de um dos dois; daí dois julgamentos contraditórios: um que levará a obra às nuvens, o outro que a dirá boa para se lançar ao fogo; e todavia a obra não continha senão a verdade. Se assim é para fatos patentes como os da história, com mais forte razão quando se trata da apreciação de doutrinas filosóficas; ora, o Espiritismo é uma doutrina filosófica, e aqueles que não o vêm senão no fato das mesas girantes, ou que o julgam sobre contos absurdos, sobre o abuso que dele se pode fazer, que o confundem com os meios de adivinhação, provam que não o conhecem. O Sr. Figuier está nas condições requeridas para julgá-lo com imparcialidade? É o que se trata de examinar.

O Sr. Figuier inicia assim em seu prefácio:

"Em 1854, quando as mesas girantes e falantes, importadas da América, fizeram a sua aparição na França, elas aí produziram uma impressão que ninguém esqueceu. Muitos espíritos sábios e refletidos ficaram assustados com esse excesso imprevisto da paixão do maravilhoso. Não podiam compreender *um tal descaminho* em pleno décimo-nono século, com uma filosofia avançada e no meio desse magnífico movimento científico que dirige tudo hoje para o positivo e o útil."

Seu julgamento está pronunciado: a crença nas mesas girantes é um descaminho. Como o Sr. Figuier é um homem positivo, deve-se pensar que, antes de publicar o seu livro, tudo viu, tudo estudou, tudo aprofundou, em uma palavra, que fala com conhecimento de causa. Se o fora de outro modo, cairia no erro dos Srs. Schiff e Jobert (deLamballe) com a sua teoria do músculo estalante. (Ver a Revista do mês de junho de 1859.) E, todavia, é do nosso conhecimento que, há um mês apenas, ele assistiu a uma sessão onde provou que é estranho aos princípios mais elementares do Espiritismo. Dir-se-á suficientemente esclarecido porque assistiu a uma sessão? Certamente não duvidamos de sua perspicácia, mas, por grande que seja, não poderíamos admitir que ele possa conhecer e, sobretudo, compreender o Espiritismo em uma sessão, que não aprendeu a física em uma lição; se o Sr. Figuier pudesse fazê-lo, teríamos o fato por um dos mais maravilhosos. Quando ele tiver estudado o Espiritismo com tanto cuidado como se tem com o estudo de uma ciência, que tiver consagrado um tempo moral necessário, que tiver assistido a *alguns milhares de* experiências, que se tiver dado conta de todos os fatos sem exceção, que tiver comparado todas as teorias, então somente poderá fazer uma crítica judiciosa; até lá o seu julgamento é uma opinião pessoal, que não terá mais peso no pró que no contra.

Tomemos a coisa de um outro ponto de vista. Dissemos que o Espiritismo repousa inteiramente sobre a existência, em nós, de um princípio imaterial, dito de outro modo, sobre a existência da alma. Aquele que não admite um Espírito em si, não pode admiti-lo fora de si; por consequência, não admitindo a *causa*, não pode admitir o efeito. Gostaríamos, pois, de saber se o Sr. Figuier poderia colocar, na cabeça de seu livro, a profissão de fé seguinte:

1ª Eu creio em Deus, autor de todas as coisas, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, e infinito em suas perfeições;

2ª Eu creio na *providência* de Deus;

3ª Eu creio na existência da alma sobrevivente ao corpo, e em sua individualidade depois da morte. Nisso creio não como uma *probabilidade*, mas como uma coisa necessária e

conseqüente dos atributos da Divindade;

4ª Admitindo a alma e a sua sobrevivência, eu creio que não seria nem segundo a justiça, nem segundo a bondade de Deus, que o bem e o mal fossem tratados no mesmo pé depois da morte, então que, durante a vida, tão raramente recebem a recompensa ou o castigo que merecem;

5ª Se a alma do mau e do bom não são tratadas do mesmo modo, há, pois, as que são felizes ou infelizes, quer dizer, que são recompensadas ou punidas segundo as suas obras.

Se o Sr. Figuiet fizer uma tal profissão de fé, nós lhe diremos: Essa profissão é a de todos os Espíritas, porque sem isso o Espiritismo não teria nenhuma razão de ser; somente que, o que credes teoricamente o Espiritismo o demonstra pelos fatos; porque todos os fatos espíritas são a conseqüência desses princípios. Os Espíritos que povoam os espaços, não sendo outra coisa que as almas daqueles que viveram sobre a Terra, ou em outros mundos, do momento que se admite a alma, a sua sobrevivência e a sua individualidade, admite-se, por isso mesmo, os Espíritos. Estando a base reconhecida, toda a questão é saber se esses Espíritos, ou essas almas, podem se comunicar com os vivos; se têm uma ação sobre a matéria; se influem sobre o mundo físico e o mundo moral; ou bem se estão devotadas a uma inutilidade perpétua, ou a não se ocuparem senão delas mesmas, o que é pouco provável, se se admite a providência de Deus, e se se considera a admirável harmonia que reina no Universo, onde o menor ser desempenha o seu papel.

Se a resposta do Sr. Figuiet fosse negativa, ou somente polidamente dúbia, para nos servir da expressão de certas pessoas, a fim de não chocar muito bruscamente preconceitos respeitáveis, nós lhe diríamos: não sois juiz mais competente em relação ao Espiritismo do que um muçulmano com respeito à religião católica; o vosso julgamento não seria imparcial, e seria em vão que vos defenderíeis de trazer idéias preconcebidas, porque estas idéias estão em vossa opinião, mesmo tocando o princípio fundamental que rejeitais *a priori*, e antes de conhecer a coisa.

Se um corpo sábio nomeasse um relator para examinar a questão do Espiritismo, e que esse relator não fosse francamente *Espiritualista*, valeria tanto quanto se um concílio escolhesse Voltaire para tratar de uma questão de dogma. Espanta-se, diga-se de passagem, que os corpos sábios não hajam dado o seu parecer; mas esquece-se de que a sua missão é o estudo das leis da matéria e não as dos atributos da alma, e ainda menos de decidir se a alma existe. Sobre tais assuntos eles podem ter opiniões individuais, como podem tê-las sobre a religião; mas, como corporação, nunca terão que se pronunciar.

Não sabemos o que o Sr. Figuiet responderia às perguntas formuladas na profissão de fé acima, mas seu livro pode fazê-lo pressentir. Com efeito, o segundo parágrafo de seu prefácio está assim concebido:

"Um conhecimento exato da história do passado teria prevenido, ou ao menos muito diminuído, esse espanto. Seria, com efeito, um grande erro imaginar que as idéias que geraram em nossos dias a crença nas mesas falantes e nos Espíritos batedores, são de origem moderna. Esse amor do maravilhoso não é particular à nossa época; ele é de todos os tempos e de todos os países, porque se prende à própria natureza do espírito humano. *Por uma instintiva e injusta desconfiança de suas próprias forças, o homem é levado a colocar, acima dele, invisíveis forças se exercendo numa esfera inacessível.* Essa disposição *nativa* existiu em todos os períodos da história da Humanidade, e revestindo, segundo os tempos,

os lugares e os costumes, aspectos diferentes, ela deu nascimento a manifestações variáveis em sua forma, mas tendo no fundo o mesmo princípio."

Uma vez que disse que *é por uma instintiva e injusta desconfiança de suas próprias forças que o homem é levado a colocar, acima dele, invisíveis forças se exercendo numa esfera inacessível*, é reconhecer que o homem é *tudo*, que ele pode tudo, e que acima dele nada há; se não nos enganamos, isso não é somente do materialismo, mas do ateísmo. Estas idéias, de resto, ressaltam de uma multidão de outras passagens de seu prefácio e de sua introdução, sobre os quais chamamos toda a atenção de nossos leitores, e estamos persuadidos de que elas os levarão ao mesmo julgamento nosso. Dir-se-á que essas palavras não se aplicam à Divindade mas aos Espíritos? Nós lhes responderemos que, então, eles não conhecem a primeira palavra do Espiritismo, uma vez que negar os Espíritos é negar a alma: sendo os Espíritos e as almas uma só e mesma coisa; que os Espíritos não exercem a sua força numa esfera inacessível, uma vez que estão ao nosso lado, nos tocando, agindo sobre a matéria, a exemplo de todos os fluidos imponderáveis e invisíveis que, contudo, são os mais poderosos motores e os agentes mais ativos da Natureza. Só Deus exerce o seu poder numa esfera *inacessível* aos homens; negar esse poder, é, pois, negar a Deus. Dir-se-á, enfim, que esses efeitos, que atribuímos aos Espíritos, sem dúvida, são devidos a alguns desses fluidos? Isso seria possível; mas, então, nós lhes perguntaremos como fluidos *ininteligentes* podem dar efeitos *inteligentes*.

O Sr. Figuier constata um fato capital em dizendo que esse *amor do maravilhoso é de todos os tempos e de todos os países, porque ele se prende à própria natureza do espírito humano*. O que ele chama amor do maravilhoso é muito simplesmente a crença instintiva, *nativa*, como ele disse, na existência da alma e em sua sobrevivência ao corpo, crença que revestiu formas diversas segundo os tempos e os lugares, mas tendo no fundo um princípio idêntico. Esse sentimento inato, universal no homem, Deus ter-lhe-ia inspirado para se divertir com ele? Para lhe dar aspirações impossíveis de se realizarem? Crer que isso possa ser assim, é negar a bondade de Deus, é mais, é negar o próprio Deus.

Se quer outras provas daquilo que avançamos? Vejamos ainda algumas passagens de seu prefácio:

"Na Idade Média, quando uma religião nova transformou a Europa, o maravilhoso tomou domicílio nessa mesma religião. Crê-se nas possessões diabólicas, nos feiticeiros e nos mágicos. Durante uma série de séculos, essa crença foi sancionada por uma guerra sem trégua e sem misericórdia, feita aos infelizes que eram acusados de um secreto comércio com os demônios ou com os mágicos seus cúmplices.

"Pelo fim do décimo-sétimo século, na aurora de uma filosofia tolerante e esclarecida, o diabo caiu em desuso, e a acusação de magia começa a ser um argumento usado, mas o maravilhoso não perde os seus direitos por isso. Os milagres floresceram a porfia nas igrejas das diversas comunhões cristãs; crê-se, ao mesmo tempo, na varinha adivinhatória, ou se reporta aos movimentos de um bastão em forquilha para procurar os objetos do mundo físico e se esclarecer sobre as coisas do mundo moral. Continua-se, nas diversas ciências, a admitir a intervenção de influências sobrenaturais, precedentemente introduzidas por Paracelso.

"No décimo-oitavo século, apesar da voga da filosofia cartesiana, ao passo que, sobre as matérias filosóficas, todos os olhos se abriram as luzes do bom senso e da razão, no século de Voltaire e da enciclopédia, só o maravilhoso resiste à queda de tantas crenças até aqui veneradas. Os milagres pululam ainda."

Se a filosofia de Voltaire, *que abriu os olhos à luz do bom senso e da razão*, e solapou tantas superstições, não pôde desarraigar a idéia *nativa* de um poder oculto, não seria porque essa idéia é inatacável? A filosofia do décimo-oitavo século flagelou os abusos, mas se deteve contra a base. Se esta idéia triunfou dos golpes que lhe deu o apóstolo da incredulidade, o Sr. Figuier espera ser mais feliz? Nós nos permitimos disso duvidar.

O Sr. Figuier faz uma singular confusão de crenças religiosas, milagres e da varinha adivinhatória; tudo isto, para ele, sai da mesma fonte: a superstição, a crença no maravilhoso.

Não empreenderemos defender aqui esse pequeno bastão em forquilha que teria a singular propriedade de servir *para a procura do mundo físico*, pela razão de que não aprofundamos a questão, e que temos por princípio não louvar ou criticar *senão o que conhecemos*; mas, se quiséssemos raciocinar por analogia, perguntaríamos ao Sr. Figuier se a pequena agulha de aço com a qual o navegador encontra a sua rota, não tem uma virtude tão maravilhosa quanto o pequeno bastão forquilhado? Não, direis, porque conhecemos a causa que a faz agir, e essa causa é toda física. Antes que se conhecesse a teoria da bússola, que teríeis pensado, se vivésseis nessa época, então que os marinheiros não tinham por guia *senão as estrelas*, que, freqüentemente, lhes faltavam, que teríeis pensado, dizemos, de um homem que viesse dizer: Tenho ali, numa pequena caixa, não maior que uma bomboneira, uma pequenina agulha com a qual os maiores navios podem se dirigir com certeza; que indica a rota para todos os tempos com a precisão de um relógio? Ainda uma vez, não defendemos a varinha adivinhatória, e ainda menos o charlatanismo que dela se apoderou; mas perguntamos somente o que haveria de mais sobrenatural em que um pequeno pedaço de madeira, em circunstâncias dadas, fosse agitado por um eflúvio terrestre invisível, como a agulha imantada o é pela corrente magnética, que não se vê mais? É que esta agulha não *serve também para a procura das coisas do mundo físico*? É que ela não está influenciada pela presença de uma mina de ferro subterrânea? O maravilhoso é idéia fixa do Sr. Figuier; é seu pesadelo; ele o vê por toda parte onde haja alguma coisa que ele não compreenda. Mas pode somente, ele, sábio, dizer como germina e se reproduz o menor grão? Qual é a força que faz a flor girar para a luz? o que, sob a terra, atrai as raízes para um terreno propício, e isso através dos obstáculos mais duros? Estranha aberração do espírito humano, que crê tudo saber e não sabe nada; que esmigalha sob os pés maravilhas sem nome, e nega um poder sobre-humano!

Estando a religião fundada sobre a existência de Deus, essa força sobre-humana que se exerce numa esfera inacessível; sobre a alma que sobrevive ao corpo, em conservando a sua individualidade, e por conseqüência a sua ação, tem por princípio o que o Sr. Figuier chama de maravilhoso. Se tivesse se limitado a dizer que entre os fatos chamados maravilhosos há ridículos, absurdos, dos quais a razão faz justiça, nós o aplaudiríamos por isso, com todas as nossas forças, mas não poderíamos ser do seu parecer quando ele confunde, na mesma reprovação o princípio e o abuso do princípio; quando nega a existência de todo poder acima da Humanidade. Esta conclusão, aliás, está formulada de maneira inequívoca na passagem seguinte:

"Destas discussões, cremos que resultará para o leitor a perfeita convicção da *não existência de agentes sobrenaturais*, e a certeza de que todos os prodígios que excitaram, em diversos tempos, a surpresa ou a admiração dos homens, se explicam com *o só conhecimento de nossa organização fisiológica*. A *negação* do maravilhoso, tal é a conclusão a tirar deste livro, que poderia se chamar *o maravilhoso explicado*; e se chegarmos ao objetivo que nos propusemos alcançar, teremos a convicção de ter prestado um verdadeiro serviço para o bem das pessoas."

Fazer conhecer os abusos, desmascarar a fraude e a hipocrisia por onde se encontrem, sem contradita, é prestar um grande serviço; mas cremos que é prestar um muito mau serviço à sociedade, tanto quanto aos indivíduos, em atacar o princípio porque se pôde dele abusar; é querer cortar uma boa árvore, porque deu um fruto vidrado. O Espiritismo bem compreendido, dando a conhecer a causa de certos fenômenos, mostra o que é possível e o que não o é, e, por isso mesmo, tende a destruir as idéias verdadeiramente supersticiosas; mas, ao mesmo tempo, mostrando o princípio, dá um objetivo ao bem; fortifica nas crenças fundamentais que a incredulidade procura atacar vivamente sob o pretexto de abuso; ele combate a praga do materialismo, que é a negação do dever, da moral e de toda esperança, e é nisso que dizemos que será um dia a salvaguarda da sociedade.

Estamos, de resto, longe de nos lamentar da obra do Sr. Figuier; sobre os adeptos não pode ter nenhuma influência, porque reconhecerão togo os pontos vulneráveis; sobre os outros, terá o efeito de todas as críticas: o de provocar a curiosidade. Depois da aparição, ou melhor, da reaparição do Espiritismo, muito se escreveu contra; não lhe pouparam nem os sarcasmos nem as injúrias; não há senão uma coisa da qual não teve a honra, é a fogueira, graças aos costumes do tempo; isso o impediu de progredir? De nenhum modo, porque ele conta hoje adeptos aos *milhões* em todas as partes do mundo, e todos os dias eles aumentam. Para isso a crítica, sem o querer, tem muito contribuído, porque o seu efeito, como dissemos, é provocar o exame; quer-se ver o pró e o contra, e se espanta em encontrar uma doutrina racional, lógica, consoladora, acalmando as angústias da dúvida, resolvendo o que nenhuma filosofia pôde resolver, ali onde se esperava não encontrar senão uma crença ridícula. Quanto mais o nome do contraditor é conhecido, mais a sua crítica repercute, e mais ela pode fazer de bem em chamando a atenção dos indiferentes. Sob este aspecto, a obra do Sr. Figuier está nas melhores condições; por outro lado, ele escreveu de maneira séria, e não se arrasta na lama de injúrias grosseiras e de personalismos, únicos argumentos dos críticos de baixa classe. Uma vez que pretende tratar a coisa do ponto de vista científico, e a sua posição lho permite, ver-se-á, pois, aí a última palavra da ciência contra esta doutrina, e então o público saberá a que se prender. Se a sábia obra do Sr. Figuier não tiver o poder de lhe dar o golpe de misericórdia, duvidamos que outros sejam mais felizes; para combatê-la com eficácia, não há senão um meio, e com prazer lho indicamos. Não se destrói uma árvore cortando-lhe os ramos, mas cortando-lhe a raiz. É necessário, pois, atacar o Espiritismo pela raiz e não pelos ramos que renascem à medida que são cortados; ora, as raízes do Espiritismo, deste *descaminho* do décimo-nono século, para nos servir de sua expressão, são a alma e seus atributos; que ele prove, pois, que a alma não existe, e nem pode existir, porque sem *almas* não haverá mais *Espíritos*. Quando ele tiver provado isto, o Espiritismo não terá mais razão de ser e nos confessaremos vencidos. Se o seu ceticismo não vai até aí, que ele prove, não por u ma simples negação, mas por uma demonstração matemática, física, química, mecânica, fisiológica ou qualquer outra:

- 1ª Que o ser que pensa durante a sua vida não deve mais pensar depois de sua morte;
- 2ª Que se ele pensa, não deve mais querer se comunicar com aqueles que amou;
- 3ª Que se ele pode estar por toda a parte, não pode estar ao nosso lado;
- 4ª Que se está ao nosso lado, não pode se comunicar conosco;
- 5ª Que pelo seu envoltório fluídico ele não pode agir sobre a matéria inerte;
- 6ª Que se ele pode agir sobre a matéria inerte, ele não pode agir sobre um ser animado;

7ª Que se ele pode agir sobre um ser animado, não pode dirigir a sua mão para fazê-lo escrever;

8ª Que podendo fazê-lo escrever, não pode responder às suas perguntas e transmitir-lhe o seu pensamento.

Quando os adversários do Espiritismo nos tiverem demonstrado que isso não se pode, por razões tão patentes como aquelas pelas quais Galileu demonstrou que não é o Sol que gira ao redor da Terra, então poderemos dizer que as suas dúvidas são fundadas; infelizmente, até este dia, toda a sua argumentação se resume nestas palavras: *Eu não creio, portanto, isto é impossível*. Eles nos dirão, sem dúvida, que cabe a eles provar a realidade das manifestações; nós lhes provamos pelos fatos e pelo raciocínio; se não admitem nem a uns nem ao outro, se negam o que vêem, cabe a eles provar que o nosso raciocínio é falso e que os fatos são impossíveis.

Num outro artigo examinaremos a teoria do Sr. Figuier; desejamos por ele que ela seja de melhor quilate que a do músculo es-talante de Jobert (de Lamballe).

Correspondência - Carta do Sr. Jobard sobre Thilorier

Revista Espírita, setembro de 1860

Ao Sr. Presidente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Senhor Presidente,

Permiti-me alguns esclarecimentos oportunos sobre *Tillorier* e suas descobertas (ver a Revista de agosto de 1860). *Tillorier* era meu amigo, e quando ele montou o plano de seu aparelho em ferro fundido, para liqüefazer o gás ácido carbônico, eu lhe disse que, apesar da espessura das paredes, ele explodiria, como os canhões, depois de um certo número de experiências, e convidei-o a fazê-lo rodear de ferro batido, como se faz hoje para os canhões de ferro fundido, mas ele se limitou a ajuntar-lhe nervuras.

Nunca um aparelho desse gênero explodiu em suas mãos, porque teria sido morto como o jovem Frémy; mas a comissão da Academia se mantinha prudentemente atrás das paredes enquanto ele preparava tranqüilamente a sua experiência. Ele era surdo, então, há vários anos, o que o forçara a dar a sua demissão de controlador dos correios. A única explosão que teve foi a da coronha de um fuzil a ar, cheio de gás ácido carbônico, que depositou ao sol sobre a grama de um jardim.

Esta experiência, que eu lhe sugerira, assim como o Sr. Galy Cazala, fez-lhe ver a que alta pressão poderia se elevar o gás ácido carbônico, e o perigo de seu emprego em armas de guerra. Quanto a Galy, ele teve a idéia de substituir o gás hidrogênio em lugar do gás ácido carbônico, mas este nunca ultrapassou a 28 atmosferas; era muito pouco: sem isso, a pólvora teria sido utilmente suprimida, porque o seu mecanismo era dos mais simples, e um pequeno cilindro de cobre conteria facilmente cem tiros sucessivamente, seguidos do restabelecimento quase instantâneo da pressão, pela decomposição da água, no meio do ácido sulfúrico e da granalha de zinco. Se os nossos químicos encontrassem um gás que pudesse ser produzido em pressão média, entre a do ácido carbônico e do hidrogênio, o problema estaria resolvido. *Eis o que seria bom pedir a Lavoisier, Berzélius ou Dalton.*

Na véspera de sua morte, *Tillorier* me explicava um novo aparelho, quase terminado, com o objetivo de fazer o ar atmosférico, por pressões sucessivas capazes de suportar de 500 a 1000 atmosferas. Terão vendido esta bela máquina ao cobre velho. Eu disse que *Tillorier* era extremamente surdo, de sorte que, entrando em seu gabinete da praça Vendôme algumas semanas antes de sua morte, eu gritava em conseqüência; ele tapou as orelhas com suas duas- mãos dizendo-me que iria retornar-lhe a surdez, da qual foi felizmente livrado pelo magnetizador Lafontaine, hoje em Genebra. Eu saí maravilhado com a cura da qual anunciei a nova, na mesma noite, aos meus dois amigos Galy Cazala e o capitão Delvigne, com os quais passeava na praça da Bourse, quando percebemos *Tillorier* com a orelha colada à vitrine de um magazine onde alguém tocava o piano; ele parecia no êxtase de poder gozar da música moderna que não ouvia há longos anos. Ah! Claro! disse aos meus dois incrédulos, eis a peça da convicção; passai atrás de nosso homem e pronunciai seu nome num tom ordinário. *Tillorier* se voltou vivamente, reconheceu seus amigos que fizeram um giro pelo

bulevar, conversando com ele normalmente. Delvigne, que se encontra neste momento em meu escritório, se lembra perfeitamente deste fato muito interessante para o magnetismo. Estava alegre em certifi-cá-lo aos nossos acadêmicos depois de um mês, dizia Tillorier, eles não querem crer que pude estar curado sem os remédios de sua farmacopéia, que não curam nada, porque os empreguei todos sem sucesso, ao passo que os dois dedos de La Fontaine me devolveram todo o ouvido em duas sessões. Eu me lembro que, encantado com o magnetismo, Tillorier chegara a mudar os pólos de uma barra imantada que tinha nas mãos, só pelo esforço de sua vontade.

A morte desse sábio inventor nos privou de uma multidão de descobertas, das quais me falara, e que levou para o túmulo. Ele era tão sagaz quanto esse bom Darcet, que igualmente vira pleno de saúde na véspera de sua morte, e que me mostrara meus livros todos descosturados e cobertos de nódoas, dizendo-me que estava seguro de me dar maior prazer em mos apresentando nesse estado, do que bem encadernados e dourados, enfileirados na biblioteca. É singular, me dizia, o quanto as nossas idéias se parecem, se bem que não fomos alunos na mesma escola. Depois me contou o desgosto que sentira por ter sido maltratado a propósito de sua gelatina nutritiva, que ele melhor fizera, dizia, em vendê-la a um centavo a libra aos pobres sob a Pont-Neuf, que apresentá-la aos acadêmicos que pagam por ela 15 francos nas lojas de comestíveis, e que pretendem que ela não alimenta. Evocai, pois, este bravo tecnologista.

Arago nos ensina que as pretensas manchas do Sol não são senão restos de planetas que vêm se enriquecer, no foco da eletricidade, dos fluidos que lhes faltam, para se constituírem num cometa que começará seu curso num século. Esses restos, grandes como a Europa, estão a mais de 500.000 léguas do Sol; e chegados ao último limite de sua atração, quando a Terra tiver descrito, sobre a sua elíptica, em tomo de um quarto de seu percurso, quer dizer, mais ou menos em três meses (nós estamos em 6 de julho), esses restos, inseparáveis de sua constelação, terão desaparecido aos nossos olhos.

A Academia se ocupa com a nossa Memória sobre a catalepsia, que errastes em lançar no cesto das ex-comunicações. Não importa, a isto retornareis.

Aceitai, etc. Jobard

Nota. Agradecemos ao Sr. Jobard pelos interessantes detalhes que consentiu em nos dar sobre Tillorier, e que são tanto mais preciosos porque são autênticos. Gosta-se sempre de saber a verdade sobre os homens que marcaram seu lugar durante a sua vida.

O Sr. Jobard está errado se crê que colocamos no cesto das esquecidas a Notícia que o Sr. B... nos enviou sobre acatalepsia. Primeiro, ela foi lida na Sociedade, assim como o constata as atas de 4 e 11 de maio, publicadas na *Revista* de junho de 1860, e o original, em lugar de ser descartado, está cuidadosamente conservado nos arquivos da Sociedade. Se não publicamos esse volumoso documento, foi precisamente porque, se devêssemos publicar tudo o que nos é endereçado, ser-nos-iam necessários dez volumes por ano, e, em segundo lugar, cada coisa deve vir a seu turno; mas do fato de que uma coisa não foi publicada não é necessário crer que esteja perdida por isso; nada está perdido do que é comunicado, seja a nós, seja à Sociedade, e nós a reencontramos sempre, para dela fazer nosso proveito, quando o momento oportuno é chegado. Eis do que, as pessoas que querem bem nos endereçar documentos, devem se persuadir; o tempo material nos falta freqüentemente para lhes responder tão prontamente e tão longamente como, sem dúvida, conviria fazê-lo, mas como responder com detalhes a milhares de cartas por ano, quando se está obrigado a fazer tudo por si mesmo, e que não se tem secretário para ajudar? Seguramente, a jornada não

bastará para tudo o que temos a fazer, se nós não lhe consagrarmos uma parte de nossas noites.

Isto dito para a nossa justificativa pessoal, acrescentaremos, a respeito da teoria da formação da Terra contida na Memória acima mencionada, e do estado cataléptico dos seres vivos em sua origem, que foi aconselhado à Sociedade esperar antes de prosseguir esse estudo, que documentos mais autênticos lhe sejam fornecidos. "é necessário desconfiar, foi-lhe dito pelos guias espirituais, das idéias sistemáticas dos Espíritos, tão bem quanto dos homens, e não aceitá-las levemente, e sem controle, se não se quer expor-se a ver desmentido mais tarde o que se tiver aceito com muita precipitação. É porque tomamos interesse nos vossos trabalhos que queremos vos manter em guarda contra um escolho onde tantas imaginações ardentes se chocaram, seduzidas por aparências enganosas. Lembrai-vos de que há uma só coisa em que nunca sereis enganados, é sobre o que toca ao aprimoramento moral dos homens ; aí está a verdadeira missão dos bons Espíritos; mas não credes que esteja em seu poder vos descobrir o que é segredo de Deus; não credes, sobretudo, que estejam encarregados de aplainar o rude caminho da ciência; a ciência não é adquirida senão ao preço do trabalho e de pesquisas assíduas. Quando o tempo é chegado para revelar uma descoberta útil para a Humanidade, nós procuramos o homem capaz de conduzi-la a bom fim; nós lhe inspiramos a idéia para dela se ocupar, e disso lhe deixamos todo o mérito; mas, onde estaria o trabalho, onde estaria o mérito, se lhe bastasse perguntar aos Espíritos os meios de adquirir sem trabalho ciência, honras e riquezas? Sede, pois, prudentes, e não entreis num caminho onde não sentiríeis senão decepções, e que em nada contribui para o vosso adiantamento. Aqueles que se deixam arrastar por isso, reconhecerão um dia o quanto estavam em erro, e lamentarão não haverem empregado melhor o seu tempo."

Tal é o resumo das instruções que os Espíritos muitas vezes deram à Sociedade, assim como a nós. Pudemos mesmo reconhecer-lhe a sabedoria por experiência; por isso, as comunicações relativas às pesquisas científicas não têm para nós senão uma importância secundária. Não as repelimos; acolhemos tudo o que nos é transmitido, porque em tudo há alguma coisa a aprender; mas não a aceitamos senão sob o benefício de inventário, nos guardando de juntar-lhe uma fé cega e irrefletida: observamos e esperamos. Ó Sr. Jobard, que é um homem positivo e de um grande senso, compreenderá melhor que ninguém que esta marcha é a melhor para se preservar do perigo das utopias. Certamente, não será a nós que se acusará de querer permanecer atrás, mas queremos evitar de colocar o pé em falso, e tudo o que poderia comprometer o crédito do Espiritismo, dando prematuramente como verdades incontestáveis, o que não é ainda senão hipotético.

Pensamos que estas observações serão igualmente apreciadas por outras pessoas, e que elas compreenderão, sem dúvida, o inconveniente de antecipar no tempo para certas publicações; a experiência lhes mostrará a necessidade de nem sempre se completar por isso a impaciência de alguns Espíritos. Os Espíritos verdadeiramente superiores (não falamos daqueles que se dão por tais) são muito prudentes, e ó um dos caracteres pelos quais se pode reconhecê-los.

Dissertações Espíritas

Revista Espírita, setembro de 1860

Obtidas ou lidas na Sociedade por diversos médiuns.

O sonho.

Eu vou te contar uma história do outro mundo, onde estou. Figura-te um céu azul, um mar calmo e verde, rochedos bizarramente talhados; nada de verdura, senão as dos pálidos líquens, pendurados nas fendas das pedras. Eis a paisagem. Não posso, como um simples romancista, comprazer-me em dar-te os detalhes. Para povoar esse mar, esses rochedos, não se procuraria senão a um poeta, sentado, sonhador, e refletindo em sua alma, como num espelho, a calma bonita da Natureza, que não falava menos ao seu coração do que aos seus olhos. Esse poeta, esse sonhador, era eu. Onde? Quando se passa o meu relato? Que importa!

Portanto, eu escutava, olhava, emocionado e penetrado pelo encanto profundo da grande solidão; de repente, vi surgir uma mulher, de pé sobre o ponto culminante do rochedo; ela era grande, morena e pálida. Seus longos cabelos negros flutuavam sobre a roupa branca; ela olhava direto diante dela, com uma estranha fixação. Eu me levantara, transportado de admiração, porque esta mulher, florescendo de repente sobre o rochedo, me parecia ser o próprio sonho, o divino sonho que, tão freqüentemente, eu evocara com estranhos transportes. Aproximei-me; ela, sem se mexer, estendeu seus braços nus e soberbos para o mar e, como inspirada, cantou com uma voz doce e lamentosa. Eu a escutava, tomado de uma mortal tristeza, e repetia mentalmente as estrofes que escorriam de seus lábios, como de uma fonte viva. Então, ela se virou para mim, e fui como envolvido na sombra de sua branca roupagem.

- Amigo, disse ela, escutai-me; menos profundo é o mar com ondas variantes; menos duros são os rochedos que não é o amor, o cruel amor que despedaça um coração de poeta; não escute a sua voz que empresta todas as seduções da onda, do ar, do Sol, para abraçar, penetrar e queimar a sua alma que treme e deseja sofrer do mal do amor. Assim ela dizia; eu a escutava e sentia meu coração se fundir numa enlevação divina; quisera me aniquilar no sopro puro que saía de sua boca.

- Não, repetiu ela, amigo, não lutes contra o gênio que te possui; deixa-te transportar sobre suas asas de fogo nas riosas esferas; esquece, esquece a paixão que te fará rastejar, tu, águia, destinada aos cimos elevados; escuta as vozes que te chamam aos celestes concertos; alça teu vôo, pássaro sublime; o gênio é solitário; marcado com seu selo divino, não podes te tornar escravo de uma mulher.

Ela dizia, e a sombra avançava, e o mar, de verde se tornava negro, e o céu se ensombrecia e os rochedos se perfilavam sinistros.

Ela, mais radiosa ainda, parecia se coroar com estrelas que pareciam iluminar seus fogos cintilantes, e sua roupa, branca como a espuma que agitava a praia, se desenrolava em pregas imensas. - Não me deixes, disse-lhe enfim: leva-me em teus braços ; deixa teus

negros cabelos se virem de laços que me reterão cativo; deixa-me viver em teu clarão, ou morrer em tua sombra.

- Vem, pois, repetiu ela com uma voz distinta, mas que parecia distante; vem, uma vez que preferes o sonho que adormece o gênio, ao gênio que esclarece os homens; vem, não te deixarei mais, e ambos feridos com uma mortal ferida, passaremos enlaçados como o grupo de Dante; não temas que eu te abandone, ó meu poeta! O sonho te sagra para a felicidade e para o desdém dos homens, que não abençoarão teus cantos senão quando não estiverem mais irritados pelo clarão de teu gênio

E, então, senti um forte abraço que me elevava do solo; não vi mais senão as vestes brancas que me envolviam como uma auréola, e fui consumido pela posse do sonho que, para sempre, me separava dos homens.

Alfred de Musset.

Sobre os trabalhos da Sociedade.

Eu vos falarei da necessidade, em vossas sessões, de observar a maior regularidade; quer dizer, evitar toda confusão, toda divergência nas idéias. A diversidade favorece a substituição dos maus Espíritos aos bons, e quase sempre esses são os primeiros que se apoderam das perguntas propostas. De outra parte, numa reunião composta de elementos diversos e desconhecidos uns dos outros, como evitar as idéias contraditórias, as distrações ou pior ainda: uma vaga e escarnekedora indiferença? Esse meio, eu queria encontrá-lo eficaz e certo. Talvez esteja na concentração de fluidos esparsos ao redor dos Médiuns. Só eles, mas sobretudo aqueles que são amados, retêm os bons Espíritos na assembléia; mas a sua influência basta apenas para dissipar toda a turba de Espíritos estouvados. O trabalho do exame das comunicações é excelente; não se poderia mais aprofundar as questões e sobretudo as respostas; o erro é fácil, mesmo para os Espíritos animados das melhores intenções; a lentidão da escrita, enquanto aquele Espírito se desvia do assunto que ele esgotou todo que o concebeu; a mobilidade e a indiferença para certas formas convencionadas, todas estas razões e muitas outras, vos fazem um dever não ter senão uma confiança limitada, e sempre subordinada ao exame, mesmo quando se trata das comunicações mais autênticas.

Sobre isto, que Deus tome todos os verdadeiros Espíritas sob a sua santa guarda.

Georges (*Espírito familiar*).

Aviso

Revista Espírita, setembro de 1860

A segunda edição do Livro dos Espíritos, publicada em Março de 1860, esgotou-se em 4 meses. Uma terceira edição acaba de ser liberada.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Terceiro Ano – 1860

Outubro

- Uma sessão entre os Espíritas
 - Resposta do Sr. Allan Kardec à *Gazette de Lyon*
- Banquete oferecido pelos Espíritas lioneses ao Sr. Allan Kardec
 - Resposta do Sr. Allan Kardec
- Sobre o valor das comunicações espíritas, pelo Sr. Jobard
- Dissertações Espíritas
 - Formação dos Espíritos (Georges)
 - Os Espíritos errantes (Georges)
 - O castigo (Georges)
 - Marte (Georges)
 - Júpiter (Georges)
 - Os puros Espíritos (Georges)
 - Morada dos bem-aventurados (Georges)
 - A reencarnação (Zénon)
 - O despertar do Espírito (Georges)
 - Progresso dos Espíritos (Georges)
 - A caridade material e a caridade moral (Irmã Rosalie)
 - A eletricidade do pensamento (Delphine de Girardin)
 - A hipocrisia (Lamennais)

Uma sessão entre os Espíritas

Revista Espírita, outubro de 1860

Sob o título de: *Uma sessão entre os Espíritas*, a *Gazette de Lyon* publicou, em seu nº de 2 de agosto de 1860, o artigo seguinte, ao qual o Sr. Allan Kardec, durante a sua permanência em Lyon, deu a resposta que se encontrará adiante, mas que esse jornal ainda não julgou oportuno reproduzir.

- Chamam-se Espíritas certos alucinados que, tendo rompido com todas as crenças religiosas de sua época e de seu país, fazem, todavia, profissão de se crerem em relação com os Espíritos.

Gerado pelas mesas girantes, o Espiritismo, entretanto, não é senão uma das mil formas desse estado patológico no qual o cérebro humano pode cair, quando se deixa levar a essas mil aberrações das quais a antigüidade, a Idade Média e os tempos atuais não deram senão muitos exemplos.

Condenados prudentemente pela Igreja, todas essas pesquisas misteriosas que saem do domínio dos fatos positivos, não têm outro resultado que o de produzirem a loucura naqueles que delas se ocupam, supondo que este estado de loucura já não tenha passado ao estado crônico no cérebro dos adeptos, o que está longe de ser demonstrado.

Os Espíritas têm um jornal em Paris, e basta ler-lhe algumas passagens para se assegurar de que não exageramos nada. A inépcia das perguntas dirigidas aos Espíritos que são evocados, não têm igual senão a inépcia de suas respostas, e se lhes pode dizer, com razão, que não vale a pena retornar do outro mundo para dizer tantas bagatelas.

Breve essa loucura nova, renovada das antigas, virá cair sobre a nossa cidade. Lyon possui Espíritas, e é na casa de simples *canus* que os Espíritos se dignam manifestar-se.

O antro de Trophonius está *situado (sic)* numa oficina, o grande sacerdote do lugar é um trabalhador em seda, e a sibila é a sua esposa; os adeptos são geralmente obreiros, porque ali não se recebe facilmente aqueles que, pelo seu exterior, anunciam muita inteligência: os Espíritos não se dignam manifestar-se senão aos *simples*. Provavelmene, foi o que nos valeu para sermos admitidos.

Convidado para assistir a uma das reuniões hebdomanárias dos Espíritas lioneses, penetramos numa oficina contendo quatro operários, dos quais um achava-se desprovido de trabalho. Foi ali, entre essas quatro potências, que a sibila tomou lugar em face de uma mesa quadrada, sobre qual se esparramavam um caderno com uma pena de *pato*. Notai bem que dissemos uma pena de *pato*, e não uma pena metálica, os Espíritos tendo horror aos metais.

Vinte a vinte e cinco pessoas, dos dois sexos, compreendendo-se entre elas o vosso servidor, faziam círculo ao redor da mesa.

Depois de um pequeno *speech* do grande sacerdote, sobre a natureza dos Espíritos, e tudo

recitado em estilo que deveria encantar os *Espíritos*, por causa de sua... *simplicidade*, as perguntas começaram.

Um jovem aproximou-se e perguntou à sibila por que oito dias antes dos combates, seja na Criméia, seja na Itália, era sempre chamado para outra parte?

A inspirada (é o nome que se lhe dá) pegando a pena de pato, a passeia um instante sobre o papel, onde traça sinais cabalísticos, depois pronuncia esta fórmula: "*Meu Deus, dai-me a graça de nos esclarecer sobre este assunto!*" Em seguida acrescenta: "Eu li a resposta seguinte: É que estais destinado a viver para instruir e esclarecer os vossos irmãos."

E um adepto influente que se quer ganhar para a causa, evidentemente; além do mais, foi soldado, e talvez um ex-zuavo; não vamos nos fazer um mau assunto, e passemos.

Um outro jovem se aproxima, a seu turno, e pergunta: Se o Espírito de seu pai o acompanha e protege nos combates?

Resposta: Sim.

Tomamos à parte este jovem e lhe perguntamos desde que época seu pai estava morto.

- Meu pai não está morto, respondeu-nos.

Um velho se apresenta em seguida e pergunta, notai bem a sutileza da pergunta, renovada de Tarquínio, o Antigo, se foi o que ele pensa a causa porque seu pai lhe deu o nome de Jean?

Resposta: Sim.

Um velho soldado do primeiro império pergunta, em seguida, se os Espíritos dos soldados do velho império não acompanham os nossos jovens soldados na Criméia e na Itália?

Resposta: Sim.

A supersticiosa pergunta seguinte é feita, depois disto, por uma jovem: Por que a sexta-feira é um mau dia?

A resposta não se fez esperar e, certamente, ela merece que se coloque em guarda com ela, por causa de diversas obscuridades históricas que faz desaparecer. -É, respondeu a inspirada, porque Moisés, Salomão e Jesus Cristo morreram nesse dia.

Um jovem operário lionês, como nós o julgamos pelo seu sotaque, pediu para ser esclarecido sobre um fato maravilhoso. Uma noite, disse ele, minha mãe sentiu um rosto que tocava o seu; ela despertou meu pai e eu, procuramos por toda a parte e nada encontramos; mas, de repente, um dos nossos *teares* se põe a bater, nos aproximamos e ele se detém; mas um outro se põe a bater na extremidade da oficina: estávamos terrificados, e isto ficou bem pior quando vimos todos trabalharem ao mesmo tempo, sem que vissemos ninguém.

- Era, respondeu a sibila, vosso avô que vinha pedir preces. Ao que o jovem respondeu com um ar que deveria dar-lhe um fácil acesso ao santuário: Foi bem isso, o pobre velho, se lhe

prometera missas que não se lhe deram.

Um outro operário perguntou por que, várias vezes, o travessão de sua balança se erguera sozinho?

- Foi um Espírito batedor, respondeu a inspirada, quem produziu esse fenômeno.

- Muito bem, respondeu o operário, mas eu detive o prodígio colocando um pedaço de chumbo no prato mais fraco.

- É muito simples, retomou a adivinhadora, os Espíritos têm horror ao chumbo, por causa da *miragem*.

Cada um quer ter a explicação da palavra miragem.

Aí se vê acabar o poder da sibila: Deus não quer, disse ela, explicar isso, *nem mesmo a mim!*

Era uma razão maior diante da qual todos se inclinaram.

O grande sacerdote, então, prevendo objeções interiores, tomou a palavra e disse: Sobre esta questão, senhores, é necessário abster-se, porque seríamos levados para perguntas científicas, que estaríamos proibidos de responder.

Nesse momento, as perguntas se multiplicaram e se cruzaram:

Se os sinais que nos aparecem no céu, há algum tempo (os cometas), são aqueles de que fala o Apocalipse?

-Resposta: Sim, e em cento e quarenta anos este mundo não existirá mais.

- Por que Jesus Cristo disse que sempre haveria pobres?

- Resposta: Jesus Cristo quis falar dos pobres de espírito; para estes Deus vem de preparar um globo especial.

Não faremos notar toda a importância de semelhante resposta. Quem não compreende o quanto os nossos descendentes serão felizes, quando não terão mais a temer por se encontrarem em contato com os pobres de espírito? Quanto aos outros, a resposta da sibila deixa felizmente supor que o seu reino acabou. Boa nova para os economistas, a quem a questão do pauperismo impede de dormir.

Para terminá-la, uma mulher de quarenta a cinquenta anos se aproxima e pergunta se seu Espírito já esteve encarnado e quantas vezes?

Estaríeis muito embaraçados para responderem, e eu também; mas os Espíritos têm respostas para tudo:

- Sim, respondeu a pluma de pato, esteve três vezes: a primeira, como a filha natural de

uma *respeitável* princesa russa (esta palavra *respeitável*, próxima da precedente, me intriga); a segunda, como filha legítima de um trapeiro da Boêmia, e a terceira, ela o sabe...

Esta amostra de uma sessão dos Espíritas lioneses deve bastar, nós o esperamos, para demonstrar que os *Espíritos* de Lyon valem bem aqueles de Paris.

Mas nos perguntamos se não seria melhor impedir pobres loucos de o tornarem ainda mais?

Antigamente, a Igreja era bastante poderosa para impor silêncio a semelhantes divagações; ela feriria talvez muito forte, é verdade, mas deteria o mal. Hoje, uma vez que a autoridade religiosa é impotente, uma vez que o bom senso não tem bastante império para fazer justiça a tais alucinações, a outra autoridade não deveria intervir neste caso, e por fim a práticas das quais o menor inconveniente é tornar ridículos aqueles que com isso se ocupem?

c. m.

Resposta do Sr. Allan Kardec.

Ao Sr. redator da Gazette de Lyon.

Senhor,

Foi-me comunicado um artigo, assinado C. M., que publicastes na *Gazette de Lyon*, de 2 de agosto de 1860, sob o título: *Uma sessão entre os Espíritas*. Nesse artigo, se não fui atacado senão indiretamente, o sou na pessoa de todos aqueles que partilham as minhas convicções; mas isto não seria nada se as vossas palavras não tendessem a falsear a opinião pública sobre o princípio e as conseqüências das crenças espíritas, derramando o ridículo e a censura sobre aqueles que as professam, e que assinalais à vindita legal. Peço-vos permitir-me algumas retificações a esse respeito, esperando de vossa imparcialidade que, uma vez que crestes dever publicar o ataque, bem gostaríeis de publicar a minha resposta.

Não credes, Senhor, que o meu objetivo seja de procurar vos convencer, nem que vá restituir-vos injúria por injúria; quaisquer que sejam as razões que vos impeçam de partilhar a nossa maneira de ver, não penso em indagá-las, e as respeito se são sinceras; não peço senão a reciprocidade praticada entre pessoas que sabem viver. Quanto aos epítetos descorteses, não está nos meus hábitos deles me servir.

Se tivésseis discutido seriamente os princípios do Espiritismo, se a eles opusésseis argumentos quaisquer, bons ou maus, teria podido vos responder; mas toda a vossa argumentação se limita a nos qualificar de *ineptos*, e não me cabe discutir convosco se tendes erro ou razão; eu me limito, pois, a levantar o que as vossas assertivas têm de inexato, fora de todo personalismo.

Não basta dizer às pessoas, que não pensam como nós, que elas são imbecis: isto está ao alcance de qualquer um; é necessário demonstrar-lhes que estão erradas; mas como fazê-lo, como entrar na vida da questão se não se sabe dela a primeira palavra? Ora, creio que é o caso em que vos encontrais, de outro modo teríeis empregado melhores armas do que a acusação banal de estupidez. Quando tiverdes dado, ao estudo do Espiritismo, o tempo mora! necessário, e vos previno que dele é necessário muito; quando tiverdes lido tudo o que possa

assentar a vossa opinião, aprofundado todas as questões, assistido como observador *conscencioso e imparcial* a alguns milhares de experiências, a vossa crítica terá algum peso; até lá, não é senão uma opinião individual que não se apóia sobre nada, e a respeito da qual podeis, em cada palavra, ser preso em flagrante delicto de ignorância. O princípio de vosso artigo, disto é a prova.

Chamam-se espíritas, dizeis, certos alucinados que romperam com TODAS as crenças religiosas de sua época e de seu país. Sabeis, Senhor, que esta acusação é muito grave, e tanto mais grave que é, ao mesmo tempo, falsa e caluniosa? O Espiritismo está inteiramente fundado sobre o princípio da existência da alma, sua sobrevivência ao corpo, sua individualidade depois da morte, sua imortalidade, as penas e as recompensas futuras. Ele não sanciona estas verdades somente pela teoria, sua essência é de dar-lhes provas patentes; eis porque tantas pessoas, que não criam em nada, foram conduzidas para as idéias religiosas. Toda a sua moral não é senão o desenvolvimento destas máximas do Cristo: Praticar a caridade, restituir o bem para o mal, ser indulgente com seu próximo, perdoar aos inimigos, em uma palavra, agir para com os outros como gostaríamos que eles agissem para conosco. Achais, pois, estas idéias muito estúpidas? Romperam com toda a crença religiosa aqueles que se apóiam sobre as próprias bases da religião? Não, direis, mas basta ser católico para ter estas idéias; tê-las, seja; mas praticá-las é outra coisa, ao que parece. É bem evangélico a vós, católico, insultar bravas pessoas que não vos fizeram mal. Que não conheceis e que tiveram bastante confiança em vós, para vos receber entre elas? Admitamos que estejam no erro; será prodigalizando-lhes injúria, irritando-as que as conduzireis?

O vosso artigo contém um erro de fato que prova, ainda uma vez, a vossa ignorância em matéria de Espiritismo. Dissestes: *Os adeptos são geralmente operários.* Sabei, pois, Senhor, para o vosso governo, que sobre os cinco ou seis milhões de Espíritas que existem hoje, a quase totalidade pertence às classes mais esclarecidas da sociedade; ele conta entre seus adeptos um número muito grande de médicos em todos os países, de advogados, de magistrados, de homens de letras, de altos funcionários, de oficiais de todos os graus, de artistas, de sábios, de negociantes, etc., pessoas que classificais muito levemente entre os ineptos. Mas passemos por cima disto. As palavras *insulto* e *injúria* vos parecem muito fortes? Vejamos!

Pesastes bem a importância de vossas palavras quando, depois de ter dito que os adeptos são geralmente operários, acrescentais, a propósito das reuniões lionesas: *Porque ali não recebem facilmente aqueles que, pelo seu exterior, anunciam MUITA INTELIGÊNCIA; os Espíritos não se dignam manifestar-se senão aos SIMPLES, provavelmente, foi o que nos valeu para ser ali admitido.* E mais longe esta outra frase: *Depois de um SPEECH sobre a natureza dos Espíritos, e tudo recitado num estilo que deveria encantar os Espíritos, por causa de sua SIMPLICIDADE, as perguntas começaram.* Eu não lembro os vossos gracejos a respeito da pena de pato da qual se servia, segundo vós, o médium, e outras coisas também muito espirituosas; falo mais seriamente. Eu não faria senão uma simples anotação, é que os vossos olhos e os vossos ouvidos vos serviram muito mal, porque o médium, de quem falastes, não se serve de pena de pato, e a forma, tanto quanto o fundo, da maioria das perguntas e das respostas, que narrastes em vosso artigo, são de pura invenção: são, pois, pequenas calúnias a favor das quais quisestes fazer brilhar o vosso espírito.

Assim, segundo vós, para ser admitido nas reuniões de operários, é necessário ser operário, quer dizer, desprovido de bom senso, e ali não fostes introduzido senão porque, dissestes, provavelmente vos tomaram por um tolo. Seguramente, acreditando-se que tivésseis bastante espírito para inventar coisas que não são, muito certamente ter-lhe-iam fechado a porta.

Sabeis bem, Senhor, que não atacais somente os Espíritas, mas toda a classe operária, e em particular a de Lyon? Esquecei-vos de que são estes mesmos operários, estes *canus*, como o dissestes com afetação, que fazem a prosperidade de vossa cidade, pela sua indústria? Foram pessoas sem valor moral, como esses operários, que produziram Jacquard? De onde saíram bom número de vossos fabricantes, que adquiriram a sua fortuna com o suor de seu rosto e à força da ordem e da economia? Não é insultar o seu trabalho comparando seus teares a *potências*? Derramais o ridículo sobre a sua linguagem; mas esqueceis que seu estado não é o de fazer discursos acadêmicos? Há necessidade de um estilo tirado ao cordel para dizer o que se pensa? As vossas palavras, Senhor, não são apenas levianas, -emprego esta palavra com comedimento, - elas são imprudentes. Se nunca ainda Deus vos reservou dias nefastos, rogai-o para que disto não se lembrem. Aqueles que forem Espíritas os esquecerão, porque a caridade isso lhes ordena; fazei, pois, votos para que o sejam todos, porque eles haurem no Espiritismo princípios de ordem social, de respeito à propriedade, e sentimentos religiosos.

Sabeis o que fazem esses operários espíritas lioneses, que tratais com tanto desdém? Em lugar de irem se distrair num cabaré, ou de se nutrir de doutrinas subversivas e quiméricas; nessa oficina que comparais zombeteiramente ao antro de Trophomus, no meio desses teares de quatro potências, *eles pensam em Deus*. Ali os vi durante a minha estada aqui; conversei com eles e estou convencido do que se segue: Entre eles, muitos maldiziam seu trabalho penoso: hoje o aceitam com a resignação do cristão, como uma prova; muitos viam com olhos de inveja e de ciúme a sorte dos ricos: hoje, eles sabem que a riqueza é uma prova ainda mais arriscada do que a da miséria, e que o infeliz que sofre, e não cede à tentação, é o verdadeiro eleito de Deus; eles sabem que a verdadeira felicidade não está no supérfluo, e que aqueles que são chamados os felizes deste mundo, também têm cruéis angústias que o ouro não aquietam; muitos se riam da prece; hoje, eles oram, e reencontraram o caminho da igreja, que esqueceram, porque outrora não acreditavam em nada e hoje eles crêem; vários teriam sucumbido ao desespero: hoje, que conhecem a sorte daqueles que abreviam voluntariamente sua vida, se resignam à vontade de Deus, porque sabem que têm uma alma, e que antes disto não estavam certos; porque sabem, enfim, que não estão senão de passagem sobre a Terra, e que a justiça de Deus não falta a ninguém.

Eis, Senhor, o que sabem e o que fazem esses *ineptos*, como os chamais; eles se exprimem numa linguagem talvez ridícula, trivial aos olhos de um homem de espírito como vós, mas aos olhos de Deus o mérito está no coração e não na elegância das frases.

Alhures, dissestes: *Outrora a Igreja era bastante poderosa para impor silêncio a semelhantes divagações; ela feriria talvez muito forte, é verdade, mas ela deferia o mal. Hoje, que a autoridade religiosa está impotente, a outra autoridade não deveria intervir?* Com efeito, ela queimava; é verdadeira pena que não haja mais fogueiras. O! deploráveis efeitos do progresso das luzes!

Não tenho por hábito responder às diatribes; se não agisse senão por mim, nada teria dito; mas, a propósito de uma crença que me faz glória de professar, porque é uma crença eminentemente cristã, zombais de pessoas honestas e trabalhadoras, porque são iletradas, esquecendo que o próprio Jesus era operário; vós os excitaís com palavras irritantes; chamais sobre elas o rigor da autoridade civil e religiosa, quando são pacíficas e compreendem o vazio das utopias, nas quais foram embaladas, e que vos meteram medo: devi tomar a sua defesa, lembrando-lhes os deveres que a caridade impõe, e dizendo-lhes que se outros faltam com os seus deveres, não é isso uma razão para deles se isentarem. Eis, Senhor, os conselhos que lhes dou; assim são também aqueles que lhes dão esses Espíritos que têm a tolice de se dirigirem a pessoas simples e ignorantes antes que a vós; é que, provavelmente, eles sabem que serão melhor escutados. Gostaríeis, a esse respeito, de

me dizer por que Jesus escolheu seus apóstolos entre o povo, em lugar de tomá-los entre os homens de letras? Foi, sem dúvida, porque não havia ali, então, jornalistas para lhe dizer o que deveria fazer.

Direis, sem dúvida, que a vossa crítica não vai senão sobre a crença nos Espíritos e suas manifestações, e não sobre os princípios sagrados da religião. Disso estou persuadido; mas, então, por que dizer que os Espíritas romperam com todos os princípios religiosos? Foi porque não sabeis sobre o que eles se apóiam. Entretanto, ali vistes um médium orar com recolhimento, e vós, católico, ristes de uma pessoa que orava!

Provavelmente, não sabeis mais o que são os Espíritos. Os Espíritos não são outra coisa que as almas daqueles que viveram; as almas e os Espíritos são, pois, uma só e mesma coisa; de tal sorte que negar a existência dos Espíritos é negar a da alma; admitir a alma, a sua sobrevivência e a sua individualidade, é admitir os Espíritos. Toda a questão se reduz, pois, em saber se a alma, depois da morte, pode se manifestar aos vivos; os livros sacros e os Pais da Igreja o reconhecem. Se os Espíritas estão errados, estas autoridades enganaram-se igualmente; para prová-lo, trata-se de demonstrar, não por uma simples negação, mas por razões peremptórias:

1ª Que o ser que pensa em nós, durante a vida, não deve mais pensar depois da morte;

2ª Que, se pensa, não deve mais pensar naqueles que amou;

3ª Que, se pensa naqueles que amou, não deve mais querer se comunicar com eles;

4ª Que, se está por toda a parte, não pode estar ao nosso lado;

5ª Que, se está ao nosso lado, não pode se comunicar conosco. Se conhecêsseis o estado dos Espíritos, a sua natureza, e, se assim posso me exprimir, a sua constituição fisiológica, tal como no-la descrevem, e tal como a observação o confirma, saberíeis que, sendo o Espírito e a alma uma só e mesma coisa, não há de menos no Espírito senão o corpo do qual é despojado em morrendo, mas que lhe resta um envoltório etéreo, que constitui para ele um corpo fluídico com a ajuda do qual pode, em certas circunstâncias, se tornar visível, assim como ocorre nos fatos de aparições que a própria Igreja admite perfeitamente, uma vez que, de alguns, fez artigo de fé. Estando esta base dada, às proposições precedentes se acrescentariam as seguintes, vos pedindo provar:

6ª Que, pelo seu envoltório fluídico, o Espírito não pode agir sobre a matéria inerte;

7ª Que, se ele pode agir sobre a matéria inerte, não pode agir sobre um ser animado;

8ª Que, se pode agir sobre um ser animado, não pode dirigir a sua mão para fazê-lo escrever;

9ª Que, podendo fazê-lo escrever, não pode responder às suas perguntas e transmitir-lhe o seu pensamento.

Quando tiverdes demonstrado que tudo isto não se pode, por razões tão patentes quanto aquelas pelas quais Galileu demonstrou que não é o Sol que gira, então a vossa opinião poderá ser tomada em consideração.

Objetareis, sem dúvida, que, em suas comunicações, os Espíritos dizem algumas vezes coisas absurdas. Isto é muito verdadeiro; eles fazem mais: dizem às vezes grosserias e impertinências. É que, deixando o seu corpo, o Espírito não se despoja imediatamente de todas as suas imperfeições; e é provável que aqueles que dizem coisas ridículas como Espíritos, o disseram mais ridículas ainda quando estavam entre nós; por isso, não aceitamos mais cegamente tudo o que vem de sua parte, quanto o que vem da parte dos homens. Mas me detenho, não tendo a intenção de fazer aqui um curso de ensinos; basta-me provar que faláveis do Espiritismo sem conhecê-lo.

Aceitai, Senhor, minhas cordiais saudações.

ALLAN KARDEC.

Banquete oferecido pelos Espíritas lioneses ao Sr. Allan Kardec

Revista Espírita, outubro de 1860

em 19 de setembro de 1860.

Nessa reunião íntima e toda familiar, um dos membros, o Sr, Guillaume, quis expressar os sentimentos dos Espíritas lioneses na alocação seguinte. Lendo-a, se compreenderá que devemos ter hesitado em publicá-la na nossa Revista, apesar do desejo que nos foi manifestado; também não foi senão sobre as instâncias que nos fizeram que nós com isso consentimos, temendo, por outro lado, por uma recusa, mal reconhecer os testemunhos de simpatia que recebemos. Rogamos, pois, aos nossos leitores, fazerem abstração da pessoa, e de não verem, nessas palavras, senão uma homenagem prestada à Doutrina.

"Ao Sr. Allan Kardec; ao propagador zeloso da Doutrina Espírita!

"é em sua homenagem, às suas luzes e à sua perseverança devotada, que devemos a felicidade de estarmos hoje reunidos neste banquete simpático e fraternal;

"Que todos os Espíritas lioneses não se esqueçam nunca de que se eles têm a felicidade de se sentirem melhores, malgrado todas as influências perniciosas que desviam, -freqüentemente, o homem da rota do bem, o devem a *O Livro dos Espíritos*;

"Que se a sua existência está aliviada, e se seu coração está depurado e mais afetuoso; se dele expulsaram a cólera e a vingança, o devem a *O Livro dos Espíritos*;

"Que se, em sua vida privada, sustentam com coragem os revezes da fortuna; se repelem todo meio baseado sobre a fraude e a mentira para adquirirem os bens da Terra, o devem a *O Livro dos Espíritos* que lhes fez compreender a prova, e colocou neles a luz que expulsa as trevas.

"Se um dia, que talvez não esteja distante, os homens se tornarem humanos, fraternos e devotados numa mesma fé; se a caridade não for mais para eles uma palavra vã, o deverão ainda a *O Livro dos Espíritos*, ditado pelos melhores dentre eles ao Sr. Allan Kardec, escolhido para difundir a luz.

À união sincera dos Espíritas lioneses! À Sociedade Espírita Parisiense, cuja irradiação nos esclareceu a todos, que é a sentinela avançada encarregada de desobstruir a rota tão difícil do progresso! Paris é a cabeça do Espiritismo, como Lyon deve merecer, pela sua união, seu trabalho, suas luzes e seu amor, dele ser o coração.

"Quando o coração e o espírito estiverem unidos na mesma fé, para alcançar o mesmo objetivo, não haverá cedo mais na França senão irmãos amantes e devotados. Cresçamos,

pois, pela união no amor, e logo os nossos sentimentos, os nossos princípios cobrirão o mundo inteiro. O Espiritismo, Senhoras e Senhores, é o único meio para atingir prontamente o reino de Deus.

"Honra à Sociedade Espírita Parisiense! Honra a Allan Kardec, o fundador e o primeiro anel da grande corrente espírita!"

"GUILLAUME.

Resposta do Sr. Allan Kardec.

Senhoras e Senhores, e vós todos, meus caros e bons irmãos em Espiritismo.

A acolhida tão amiga e tão benevolente que recebo entre vós, desde a minha chegada, seria bem feita para me dar ao orgulho, se eu não compreendesse que estes testemunhos se dirigem menos à pessoa do que à Doutrina, da qual não sou senão um dos mais humildes trabalhadores; é a consagração de um princípio, e com isso estou duplamente feliz, porque esse princípio deverá assegurar, um dia, a felicidade do homem e o repouso da sociedade, quanto for bem compreendido, e ainda melhor, quando for praticado. Seus adversários não o combatem senão porque não o compreendem; é a nós, é aos verdadeiros Espíritas, àqueles que vêm no Espiritismo outra coisa que experiências mais ou menos curiosas, de fazê-lo compreender e de difundi-lo, pregando-o com o exemplo tanto como com palavras. *O Livro dos Espíritos* teve por resultado fazer ver dele a importância filosófica; se este livro tem algum mérito, seria presunção minha dele me glorificar, porque a Doutrina que ele encerra não é minha criação; toda a honra do bem que ele faz redundará aos Espíritos sábios que o ditaram e que consentiram se servirem de mim. Eu posso, pois, ouvir elogios sem que a minha modéstia seja ferida, e sem que o meu amor-próprio com isso seja exaltado. Se quisesse me prevalecer, seguramente, teria reivindicado a concepção, em lugar de atribuí-la aos Espíritos; e se se pudesse duvidar da superioridade daqueles que nele cooperaram, bastaria considerar a influência que exerceu, em tão pouco tempo, pela força única da lógica, e sem nenhum dos meios materiais próprios para excitar a curiosidade.

Qualquer que ela seja, Senhores, a cordialidade de vossa acolhida será para mim um poderoso encorajamento, na tarefa laboriosa que empreendi, e da qual faço a obra de minha vida, porque me dá a certeza consoladora de que os homens de coraço não são tão raros neste século quanto se alegria em dizê-lo. Os sentimentos que fazem nascer em mim estes testemunhos benevolentes se compreendem melhor do que se possa exprimir, e é o que lhes dá, aos meus olhos, um valor inestimável, é que não têm por móvel nenhuma consideração pessoal. Agradeço-vos por isso do fundo do coração, em nome do Espiritismo, em nome, sobretudo, da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*, que ficará feliz com as provas de simpatia que quisestes lhe dar, e orgulhosa de contar em Lyon com um tão grande número de bons e leais confrades. Permitti-me traçar, em algumas palavras, as impressões que carrego de minha muito curta permanência entre vós.

A primeira coisa que me tocou foi o número de adeptos; eu bem sabia que Lyon contava com muitos deles, mas estava longe de desconfiar de que o número fosse tão considerável, porque é por centenas que são contados, e cedo, espero, não se poderá mais contá-los. Mas se Lyon se distingue pelo número, não o faz menos pela qualidade, o que vale ainda melhor. Por toda a parte, não encontrei senão Espíritas sinceros, compreendendo a doutrina sob o seu verdadeiro ponto de vista. Há, Senhores, três categorias de adeptos: uns que se limitam a crer na realidade das manifestações, e que procuram, antes de tudo, os fenômenos; o

Espiritismo é simplesmente para eles uma série de fatos mais ou menos interessantes.

Os segundos nele vêem outra coisa além dos fatos; lhes compreendem a importância filosófica; admitem a moral que dele decorre, mas não a praticam: para eles a caridade cristã é uma bela máxima, mas eis tudo.

Os terceiros, enfim, não se contentam em admirar a moral: a praticam e lhes aceitam todas as conseqüências. Bem convencidos de que a existência terrestre é uma prova passageira, tratam de aproveitar os seus curtos instantes para marchar no caminho do progresso que os Espíritos lhes traçam, e, se esforçando por fazer o bem e reprimir os seus maus pendores; suas relações são sempre seguras, porque as suas convicções os distanciam de todo pensamento do mal; a caridade é, em toda coisa, a regra de sua conduta, estes são os *verdadeiros Espíritas*, ou melhor, os *Espíritas cristãos*.

Pois bem! Senhores, eu vos digo com alegria, que ainda não encontrei aqui nenhum adepto da primeira categoria; em nenhuma parte vi os que se ocupavam do Espiritismo por pura curiosidade; em nenhuma parte vi os que se servissem das comunicações para assuntos fúteis; por toda parte o objetivo é importante, as intenções sérias, e, pelo que vejo e pelo que me dizem, creio que há muitos da terceira categoria. Honra, pois, aos Espíritas lioneses por estarem tão grandemente entrados neste caminho progressivo, sem o qual o Espiritismo seria sem objetivo! Este exemplo não será perdido; terá as suas conseqüências e não serão sem razão, eu o vejo, porque os Espíritos me responderam outro dia, por um de vossos médiuns mais devotados, embora um dos mais obscuros, então quando lhes expressava a minha surpresa: "*Por que te admiras disso? Lyon foi a cidade dos mártires; a fé ali está viva; ela fornecerá apóstolos ao Espiritismo. Se Paris é a cabeça, Lyon será o coração. A coincidência desta resposta com a que fizestes precedentemente, e que o Sr. Guillaume vem de lembrar em sua alocução, é alguma coisa muito significativa.*

A rapidez com a qual a Doutrina se propagou nestes últimos tempos, apesar da oposição que encontra ainda, ou talvez por causa mesmo desta oposição, pode fazer pressagiar-lhe o futuro; evitemos, pois, com a nossa prudência, tudo o que poderia produzir uma impressão importuna, e, eu não digo perder uma causa desde agora assegurada, mas em retardar o seu desenvolvimento; sigamos nisto os conselhos dos Espíritos sábios e não nos esqueçamos de que, neste mundo, muitos sucessos se comprometeram por muita precipitação; não nos esqueçamos, não mais, de que os nossos inimigos do outro mundo, tão bem quanto os deste, podem procurar nos arrastar para um caminho perigoso.

Consentistes em me pedir alguns conselhos, eu me farei um prazer vos dar aqueles que a experiência poderá me sugerir; isso não será sempre senão uma opinião pessoal, que vos convido a pesarem em vossa sabedoria, e da qual fareis o uso que julgardes oportuno, não tendo a intenção de me colocar como árbitro absoluto.

Tínheis a intenção de formar uma grande sociedade; já vos disse, a este respeito, o meu modo de pensar, limito-me a resumi-lo aqui.

Está reconhecido que as melhores comunicações são obtidas nas reuniões pouco numerosas, naquelas sobretudo onde reinem a harmonia e a comunhão de sentimentos: ora, quanto mais o número é grande, mais esta homogeneidade é difícil de se obter. Como é impossível que, no início de uma ciência, tão nova ainda, não surjam algumas divergências na maneira de apreciar certas coisas, desta divergência nascerá, infalivelmente, um mal-estar que poderá conduzir à desunião. Os pequenos grupos, ao contrário, serão sempre mais homogêneos;

nele se conhece melhor, se está sempre em família, admite-se melhor quem se quer; e, como, em definitivo, todos tendem ao mesmo objetivo, podem perfeitamente se entender, e se entenderão tanto melhor quanto não houver esse choque incessante, incompatível com o recolhimento e a concentração de espírito. Os maus Espíritos, que procuram sem cessar semear a discórdia, em irritando a suscetibilidade, aí terão sempre menos presa do que numa reunião numerosa e misturada; em uma palavra, a unidade de vista e de sentimentos aí será sempre mais fácil de se estabelecer.

A multiplicidade dos grupos tem uma outra vantagem, que é a de obter uma variedade muito maior nas comunicações, pela diversidade de aptidões dos médiuns. Que estas reuniões parciais se façam parte, reciprocamente, do que elas obtêm cada uma de seu lado, e todas aproveitarão, assim, de seus trabalhos mútuos. Chegará um tempo, aliás, em que o número dos adeptos não permitirá mais uma só reunião, que deveria se fracionar pela força das coisas, é porque vale mais fazer imediatamente o que se estaria forçado a fazer mais tarde.

Do ponto de vista da propaganda, há ainda um fato certo, é que não é nas grandes reuniões que os novatos podem haurir elementos de convicção, mas bem na intimidade; há, pois, duplo motivo para se preferir os pequenos grupos, que podem se multiplicar ao infinito; ora, vinte grupos de dez pessoas, por exemplo, sem contradita, obterão mais e farão mais prosélitos do que uma única assembléia de duzentos membros.

Falei ainda há pouco das divergências que podem surgir, e disse que elas não deveriam trazer obstáculos ao perfeito entendimento dos diferentes centros; com efeito, estas divergências não podem cair senão sobre pontos de detalhe e não sobre o fundo; o objetivo é o mesmo: a melhora moral; o meio é o mesmo: o ensinamento dado pelos Espíritos. Se este ensinamento fosse contraditório; se, evidentemente, um devesse ser falso e o outro verdadeiro, notai bem que isto não poderia alterar o objetivo que é de conduzir o homem ao bem, para a sua maior felicidade presente ou futura; ora, o bem não poderia ter dois pesos e duas medidas. Do ponto de vista científico ou dogmático, entretanto, é útil, ou ao menos interessante, saber quem tem erro ou razão; pois bem! tendes um critério infalível para apreciá-lo, quer se trate de simples detalhes ou de sistemas mais radicalmente divergentes; e isto se aplica não só aos sistemas espíritas, mas a todos os sistemas filosóficos.

Examinai primeiro aquele que é o mais lógico, aquele que responde melhor às vossas aspirações, que pode melhor alcançar o objetivo; o mais verdadeiro, evidentemente, será aquele que explique o melhor, que dê a melhor razão de tudo. Podendo-se opor a um sistema um único fato em contradição com a sua teoria, é que esta teoria é falsa ou incompleta. Examinai, em seguida, os resultados práticos de cada sistema; a verdade deverá estar do lado daquele que produz mais bem, que exerce a influência mais salutar, que faz mais homens bons e virtuosos, que excite ao bem por motivos mais puros e mais racionais. O objetivo constante ao qual o homem aspira é a felicidade; a verdade estará do lado do sistema que proporcione a maior soma de satisfação moral, em uma palavra, que o torna mais feliz.

O ensinamento vindo dos Espíritos, os diferentes grupos, tanto quanto os indivíduos, se encontram sob a influência de certos Espíritos que presidem aos seus trabalhos, ou os dirige moralmente. Se estes Espíritos não se põem de acordo, a questão é saber qual é aquele que merece maior confiança; evidentemente, será aquele cuja teoria não pode levantar nenhuma objeção séria, em uma palavra, aquele que, sob todos os pontos, dá mais provas de sua superioridade. Se tudo está bom, racional nesse ensinamento, pouco importa o nome que o Espírito toma, e sob este aspecto a questão da identidade é inteiramente secundária. Se, sob um nome respeitável, o ensinamento peca pelas suas qualidades essenciais, podeis

audaciosamente disso concluir que é um nome apócrifo, e que é um Espírito impostor, ou que se diverte. Regra geral: o nome nunca é uma garantia; a única, a verdadeira garantia de superioridade é o pensamento e a maneira pela qual está expresso. Os Espíritos enganadores podem tudo imitar, tudo, exceto o verdadeiro saber e o verdadeiro sentimento.

Não tenho a intenção, Senhores, de vos dar aqui um curso de Espiritismo, e talvez abuse de vossa paciência por todos esses detalhes; entretanto, não posso impedir-me de acrescentar-lhe ainda algumas palavras.

Ocorre, freqüentemente, que para fazer adotar certas utopias, os Espíritos exibem um falso saber, e pensam se imporem retirando do arsenal de palavras técnicas tudo o que pode fascinar aquele que crê muito facilmente. Eles têm ainda um meio mais certo, é ode afetar as aparências da virtude; graças às grandes palavras caridade, fraternidade, humildade, eles esperam fazer passar os mais grosseiros absurdos, e é o que ocorre, muito freqüentemente, quando disso não se está em guarda; é necessário, pois, evitar de se deixar prender pelas aparências, tão bem da parte dos Espíritos quanto da dos homens; ora, eu o confesso, é uma das maiores dificuldades; mas nunca se disse que o Espiritismo seria uma ciência fácil; ele tem seus escolhos que não se podem evitar senão pela experiência. Para evitar cair na armadilha, é necessário guardar-se do entusiasmo que cega, do orgulho que carregam certos médiuns, a se crerem os únicos intérpretes da verdade; é necessário tudo examinar friamente, tudo pesar maduramente, tudo controlar, e, desconfiando-se do próprio julgamento, o que é, freqüentemente, o mais sábio, é necessário referi-lo a outros, segundo o provérbio de que quatro olhos vêm melhor do que dois; só um falso amor-próprio, ou uma obsessão, podem fazer persistir numa idéia notoriamente falsa, e que o bom senso de cada um repele.

Eu não ignoro, Senhores, que tenho aqui muitos inimigos; isto vos espanta, e, todavia, nada é mais verdadeiro; sim, os há aqui que me escutam com raiva; não digo entre vós, graças a Deus!, onde espero nunca ter senão amigos; quero falar dos Espíritos enganadores, que não querem vos dar os meios de desmascará-los, porque revelo as suas astúcias; porque colocando-vos sob as vossas guardas, tiro-lhes o império que poderiam tomar sobre vós. A esse respeito, Senhores, eu vos direi que seria um erro crer que eles não exercem esse império senão sobre os médiuns; ficai bem seguros de que os Espíritos, estando por toda a parte, agem incessantemente sobre nós, com o nosso desconhecimento, quer se seja, ou não, Espírita ou médium. A mediunidade não os atrai mais; ela dá, ao contrário, o meio de conhecer o seu inimigo, que se trai *sempre*; *sempre* entendei-o bem, e que não enganam senão aqueles que se deixam enganar.

Isto, Senhores, me conduz a completar o meu pensamento sobre o que vos disse, ainda há pouco, a respeito das dissidências que poderiam surgir entre os diferentes grupos, em consequência da diversidade de ensinamento. Eu vos disse que, apesar de algumas divergências, eles poderiam se entender, devem se entender se são verdadeiros Espíritas. Dei-vos o meio de controlar o valor das comunicações: eis aquele de apreciar a natureza das influências que exercem sobre cada um. Estando dado que toda boa influência emana de um bom Espírito, que tudo o que é mau vem de má fonte, que os maus Espíritos são os inimigos da união e da concórdia, o grupo que for assistido pelo Espírito do mal, será aquele que lançará a pedra no outro, e não lhe estenderá a mão. Quanto a mim, Senhores, eu vos considero como meus irmãos, quer estejais na verdade ou no erro; mas, eu vos declaro altamente, estarei de coração e alma com aqueles" que mostrem o mais de caridade, o mais de abnegação. Se houvessem, o que a Deus não praza, os que mantêm sentimentos de ódio, de inveja, de ciúme, eu os lamentaria, porque estariam sob má influência, e gostaria ainda melhor de crer que esses maus pensamentos lhes venham de um Espírito estranho do que de seu próprio coração; só isso me tornaria suspeita a veracidade das comunicações que eles

poderiam receber, em virtude deste princípio de que um Espírito verdadeiramente bom não pode sugerir senão bons sentimentos.

Terminarei, Senhores, esta alocução, já muito longa sem dúvida, por algumas considerações sobre as causas que devem assegurar o futuro do Espiritismo.

Todos vós compreendeis, porque tendes sob os olhos, e porque sentis em vós mesmos, que um dia a chegar o Espiritismo deverá exercer uma imensa influência sobre o estado social; mas aquele dia em que essa influência estará generalizada está ainda longe, sem dúvida; são necessárias gerações para que o homem se despoje do homem velho. Entretanto, desde hoje, se o bem não pode ser geral, já é individual, e é porque esse bem é efetivo, que a doutrina que o proporciona é aceita com tanto mais facilidade; posso dizer mesmo, com tanto mais zelo para muitos. Com efeito, à parte a sua racionalidade, que doutrina é mais capaz para livrar o pensamento do homem dos laços terrestres, de elevar a sua alma para o infinito? Qual é aquela que lhe dá uma idéia mais justa, mais lógica, e apoiada sobre as provas mais patentes, de sua natureza e de seu destino? Que seus adversários o substituam, pois, por alguma coisa melhor, uma doutrina mais consoladora, que concorde melhor com a razão, que substitua a alegria infável de saber que os seres que nos foram queridos sobre a Terra, estão junto a nós, que nos vêem, que nos escutam, nos falam e nos aconselham; que dá um motivo mais legítimo à resignação; que faça temer menos a morte; que proporcione mais calma nas provas da vida; que substitua, enfim, essa doce quietude que se experimenta quando se pode dizer: Eu me sinto melhor. Diante de uma doutrina que fizesse melhor do que tudo isto, o Espiritismo abaixaria as armas.

O Espiritismo torna, pois, soberanamente feliz; com ele não mais isolamento, não mais desespero; ele já poupou muitas faltas, impediu muitos crimes, levou a paz a mais de uma família, corrigiu muitos defeitos; que será, pois, quando os homens se nutrirem daquelas idéias? Porque, então, vindo a razão, nela se fortificarão e não negarão mais a sua alma. Sim, o Espiritismo torna feliz, e é o que lhe dá um irresistível poder e assegura o seu triunfo futuro. Os homens querem a felicidade, o Espiritismo lha dá, eles se lançarão nos braços do Espiritismo. Querem aniquilá-lo? Que se dê ao homem uma fonte maior de felicidade e de esperança. Eis aí quanto aos indivíduos.

Duas outras forças parecem temer a sua aparição: a autoridade civil e a autoridade religiosa; e por que isto? Porque não o conhecem. Hoje, a Igreja começa a ver que encontrará nele uma arma poderosa para combater a incredulidade; a solução lógica de mais de um dogma embaraçante, e, finalmente, que ele já conduz aos seus deveres de cristãos bom número de ovelhas desgarradas. O poder civil, de seu lado, começa a ver as provas de sua benfeiteira influência sobre a moralidade das classes trabalhadoras, às quais esta doutrina inculca, *pela convicção*, idéias de ordem, de respeito para com a propriedade, e faz compreender o nada das utopias; testemunha de metamorfoses morais quase miraculosas, entreverá logo, na difusão destas idéias, um alimento mais útil ao pensamento do que as alegrias do cabaré, ou o tumulto da praça pública, e, por conseguinte, uma salvaguarda para a sociedade. Assim, povo, Igreja e poder, vendo nele, um dia, um dique contra a brutalidade das paixões, uma garantia de ordem e de tranquilidade, um retorno às idéias religiosas que se extinguem, ninguém terá interesse em entravá-lo. Cada um, ao contrário, nele achará um apoio. Poder-se-á, aliás, deter o curso deste rio de idéias que já rola suas águas benfeiteiras sobre as cinco partes do mundo?

Tais são, meus caros confrades, as considerações que desejava vos submeter. Termino vos agradecendo, de novo, pela vossa benevolente acolhida, cuja lembrança estará sempre presente em minha memória. Agradeço igualmente aos bons Espíritos por toda a satisfação

que eles me proporcionaram durante a minha viagem, porque, por toda a parte onde me detive, também encontrei bons e sinceros Espíritas, e pude constatar, com os meus próprios olhos, o imenso desenvolvimento destas idéias, e o quanto facilmente elas tomam raízes; por toda a parte encontrei pessoas felizes, aflições consoladas, desgostos acalmados, ódios apaziguados; por toda a parte a confiança e a esperança sucedendo às angústias da dúvida e da incerteza. Ainda uma vez, o Espiritismo é a chave da verdadeira felicidade, e aí está o segredo do seu irresistível poder. É, pois, uma utopia senão uma doutrina que faz tais prodígios? Que Deus, em sua bondade, meus queridos amigos, se digne vos enviar bons Espíritos para vos assistir nas vossas comunicações, a fim de que estes vos esclareçam sobre as verdades que estais encarregados de divulgar! Recolhereis, um dia, ao cêntuplo, os frutos do bom grão que houverdes semeado.

Que este repasto de amigos, meus bem-amados confrades, como os antigos ágapes, seja a garantia de união entre todos os verdadeiros Espíritas!

Ergo um brinde aos Espíritas lioneses, tanto em meu nome como no da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

ALLAN KARDEC.

Sobre o valor das comunicações espíritas

Revista Espírita, outubro de 1860

Pelo Sr. Jobard.

A ortodoxia religiosa faz Satã e seus pretensos satélites desempenharem um papel muito grande, onde deveriam limitar-se a chamar Espíritos malignos, ignorantes, vaidosos, e quase todos maculados com o pecado do orgulho que os perderam. Nisso não são em nada diferentes dos homens, dos quais fizeram parte num período muito curto, com relação à eternidade de sua existência pneumática, que pode se comparar a de um corpo passado ao estado volátil. O erro é crer que, porque são Espíritos, devem ser perfeitos, como se o vapor, ou o gás, fossem mais perfeitos do que a água ou o líquido de onde saíram; como se um bandido não pudesse ser um homem honesto senão depois de ter escapado de sua prisão; como se um louco pudesse ser reputado sábio depois de ter vencido os muros do Charenton; como se um cego, saído dos Quinze-Vingtes pudesse se fazer passar por um clarividente.

Figurai-vos bem, Senhores médiuns, vós que tereis relações com todo aquele mundo, e que há tanta diferença entre os Espíritos quanto entre os homens; ora, não ignorais que tantos homens, tantos sentimentos; tantos corpos, tantas propriedades diversas, antes como depois da sua mudança de estado. Podeis julgar, pelos erros, a má qualidade dos Espíritos, como se julga a má qualidade dos corpos pelos odores que eles exalam. Se, algumas vezes, estão de acordo sobre certos pontos, entre eles e entre vós, é porque se copiam e vos copiam, porque eles sabem, melhor do que vós, o que foi escrito antigamente e recentemente sobre tal ou tal doutrina, que vos repetem, freqüentemente, como papagaios, mas algumas vezes com convicção, se são Espíritos estudiosos e conscienciosos, como certos filósofos ou sábios que vos honrariam vindo conversar e discutir convosco. Mas, ficai persuadidos de que não vos respondem senão sentindo que estais no estado de compreendê-los; sem isso, não vos dizem senão vulgaridades, e nada que ultrapasse o alcance da vossa inteligência e dos vossos conhecimentos adquiridos. Eles sabem, tão bem quanto vós, que não é necessário lançar pérolas aos porcos; citam o Evangelho se sois cristão, e o Corão se sois turco, e se metem facilmente em unísono, porque no estado pneumático, eles têm mais inteligência do que os corpos materiais volatilizados não têm; só nisto a comparação que precede falta em exatidão. Se gostais de rir, de jogar com as palavras, e que tendes negócio com um Espírito sério, ele vos enviará os Espíritos farsantes, mais fortes do que vós quanto à zombaria e ao jogo de palavras. Se tendes o cérebro fraco, vos entregará aos mistificadores que vos levarão mais longe do que quereis.

Em geral, os Espíritos gostam de conversar com os homens; é uma distração, e, algumas vezes, um estudo para eles; todos vo-lo dizem. Não temais cansá-los, estareis sempre diante deles; mas não vos ensinarão nada senão o que poderiam vos dizer quando vivos; eis porque tanta gente pergunta por que perder seu tempo em consultá-los, uma vez que deles não se podem esperar revelações extraordinárias, invenções inesperadas, panacéias, pedras filosofais, transmutação de metais, motores perpétuos, porque não sabem mais do que vós sobre os resultados que ainda não foram obtidos pela ciência humana; e se vos convidam a fazer experiências, é porque eles mesmos estariam curiosos para lhes ver os efeitos, de outro modo, não vos dão senão explicações enroladas, como os pretensos sábios e os advogados

que cumprem sempre permanecerem breves. Se se trata de um tesouro, vos dirão: cavai; de uma liga, vos dirão: sopraí. Pode que, em procurando, encontrareis; eles estarão tão admirados quanto vós, e se gabarão por terem vos dado bons conselhos; a vaidade humana não os abandona. Os bons Espíritos não vos afirmam que encontrareis, como os maus, que não se têm escrúpulo em vos arruinar; é nisso que nunca deveis fazer abstração do vosso julgamento, do vosso livre arbítrio, da vossa razão. Que dizeis quando um homem vos emprega num mau negócio? Que é um Espírito infernal, diabólico. Pois bem! O Espírito que vos aconselha mal não é mais diabólico, mais infernal; é um ignorante, no máximo um mistificador; mas não tem nem missão especial, nem poder sobre-humano, nem grande interesse em vos enganar; usa igualmente do livre arbítrio que Deus lhe deu, como a vós, e pode, como vós, dele fazer um bom ou mau uso: eis tudo. É uma tolice crer que ele se liga a vós durante anos e anos para tratar de alistar a vossa pobre alma no exército de Satã. Que faz para Satã uma fadiga de mais ou de menos, quando lhe chegam espontaneamente por milhões e por bilhões, sem que tenha o trabalho de chamá-los? Os eleitos são raros, mas os voluntários do mal são inumeráveis. Se Deus e o Diabo têm, cada um, seu exército, só Deus tem necessidade de recrutadores; o Diabo pode se poupar a inquietação para encher seus quadros; e como a vitória está sempre do lado dos grandes batalhões, julgai de sua grandeza e de seu poder, e da facilidade de seus triunfos sobre todos os pontos do universo; e, sem ir muito longe, olhai ao vosso redor.

Mas tudo isto não tem sentido; uma vez que se sabe, hoje, conversar facilmente com as pessoas do outro mundo, é necessário tomá-las como elas são e pelo que são. Há poetas que podem vos ditar bons versos, filósofos e moralistas que podem vos ditar boas máximas, historiadores que podem vos dar bons esclarecimentos sobre a sua época, naturalistas que podem vos ensinar o que sabem, ou retificar os erros que cometeram, astrônomos que podem vos revelar certos fenômenos que ignorais, músicos, autores capazes de escreverem suas obras póstumas, e que têm mesmo a vaidade de pedir que sejam publicadas em seu nome; um deles, que acreditava ter feito uma invenção, se indignava em aprender que a patente não lhe seria entregue pessoalmente; outros que não fazem mais caso das coisas da Terra como certos sábios. Alguns há, também, que assistem com um prazer infantil à inauguração de sua estátua, e outros que não tomam a pena disso ir ver, e que desprezam profundamente os imbecis que lhes prestam essas honras depois de tê-los desconhecido e perseguido durante a sua vida. De Humboldt não nos respondeu, a respeito de sua estátua, senão uma só palavra: Zombaria! Um outro deu a inscrição da estátua que se lhe preparava e que sabia não merecer: Ao grande ladrão, os ladrões reconhecidos.

Em resumo, devemos considerar como certo que cada um carrega consigo o seu caráter e as suas aquisições morais e científicas; os tolos deste mundo são ainda os tolos do outro mundo. Não há senão os gatunos não tendo mais bolsos para esvaziar, os gulosos não tendo mais nada a fritar, os banqueiros nada mais a contar, que sofrem destas privações. É por isso que o Espírito Santo, o Espírito de verdade nos recomenda o desprezo pelas coisas terrestres que não podemos levar, nem nos assimilar, para não pensar senão nos bens espirituais e morais, que nos seguem, e que nos servirão pela eternidade, não somente de distração, mas de degraus para nos elevarmos, sem cessar, sobre a grande escada de Jacó, na incomensurável hierarquia dos Espíritos.

Também, vede o quanto pouco caso os Espíritos fazem dos bens e dos prazeres grosseiros que perderam em morrendo, quer dizer, em reentrando em seu país, como eles dizem; semelhantes a um sábio prisioneiro arrancado subitamente de seu calabouço, não são das suas roupas, seus móveis, seu dinheiro que lamenta, mas os seus livros e os seus manuscritos. A borboleta que sacode o pó de suas asas antes de retomar seu vôo, muito pouco se importa com os restos da lagarta que lhe serviu de habitáculo. Do mesmo modo um Espírito superior como Buffon não lamenta mais o seu castelo de Montbard, do que Lamartine

não lamentará seu Saint-Point que tanto lamentava em vida. É por isso que a morte de um sábio é tão calma e a de um *humanimal* tão horrível, porque este último sente que, em perdendo os bens da Terra, perde tudo; ele se agarra a eles, pois, como o avaro ao seu cofre forte. Seu Espírito não pode mesmo deles se distanciar, prende-se à matéria e continua a assombrar os lugares que lhe foram caros, e em lugar de fazer esforços incessantes para quebrar os laços que o retêm à Terra, a eles se agarra em desespero; ele sofre verdadeiramente como um condenado por não poder mais gozá-los: eis o inferno, eis o fogo que esses condenados se aplicam em tornar eterno. Tais são os maus Espíritos que repelem os conselhos dos bons, e que têm necessidade do socorro da razão e da própria sabedoria humana, para decidi-los a largar a presa. Os bons Médiuns devem se dar ao trabalho de convencê-los, repreendê-los e orar por eles, porque eles confessam que a prece os alivia e disso testemunham o seu reconhecimento, em termos, freqüentemente, muito tocantes. Isto prova a existência de uma solidariedade comum entre todos os Espíritos, livres ou incorpóreos, porque evidentemente a encarnação não é senão uma punição, a Terra senão um lugar de expiação onde não estamos colocados, como disse o salmista, para o nosso divertimento, mas para nos aperfeiçoar e aprender a adorar a Deus, em estudando as suas obras; de onde se segue que o mais infeliz é ornais ignorante; o mais selvagem se torna o mais vicioso; e o mais criminoso o mais miserável dos seres nos quais Deus colocou uma centelha de sua alma divina, e talentos para os fazer valer, e não para enterrá-los até a chegada do senhor, ou antes até o compadecimento, diante de Deus, do culpado de preguiça ou de negligência.

Eis o que é, possivelmente para uns e realmente para os outros, do mundo espírita, que tanto medo faz a uns e que encanta tão fortemente a outros, e que não mereceu nem esse excesso de honras, nem essa indignidade.

Quando, por força da experiência e do estudo, se estiver familiarizado com o fenômeno das manifestações, tão natural como nenhum, se reconhecerá a verdade das explicações que" acabamos de dar. A força do mal que se concede aos Espíritos, tem por antítese a força do bem que se pode esperar dos outros; estas duas forças são *adequadas*, como todas as da Natureza, sem o que o equilíbrio estaria rompido, e o livre arbítrio substituído pela fatalidade, o cego *fatum*, *o fato bruto*, ininteligente, a morte de todos, a catalepsia do universo, o caos.

Proibir de interrogar os Espíritos é reconhecer que eles existem; assinalá-los como os subordinados do diabo é fazer pensar que devem existir os que são os agentes, os missionários de Deus; que os maus sejam os mais numerosos, nós vo-lo concedemos; mas há de tudo assim sobre a Terra; do fato de que há mais grãos de areia do que pepitas de ouro, deve-se condenar os pesquisadores de ouro?

Quando os Espíritos vos dizem que lhes é proibido responder a certas perguntas de uma importância somente pessoal, é um modo cômodo de cobrir a sua ignorância quanto às coisas do futuro; tudo o que depende de nossos próprios esforços, de nossas pesquisas intelectuais, não pode nos ser revelado, sem infringir a lei divina que condena o homem ao trabalho; seria muito cômodo, para o primeiro *médium* que chegasse, na posse de um Espírito familiar complacente, se proporcionar, sem esforços, todos os tesouros e todo o poder imaginável, em se desembaraçando de todos os obstáculos que os outros têm tanto trabalho para superar. Não, os Espíritos não têm semelhante poder, e fazem bem em dizer que tudo o que lhes pedis de ilícito lhes está interdito. Entretanto, eles exercem uma grande influência sobre os encarnados, em bem ou em mal; felizes são aqueles que os bons Espíritos aconselham e protegem; tudo lhes sai bem, se obedecem às boas inspirações, que, aliás, não recebem senão depois de merecê-las, e trabalhem o equivalente ao sucesso que lhes é dado por acréscimo.

Quem espera a fortuna em seu leito não tem grande chance de alcançá-la; tudo neste mundo depende do trabalho inteligente e honesto que nos dá um grande contentamento interior, e nos livra do mal físico em nos comunicando o dom de aliviar o mal dos outros; porque não há um *médium* bem intencionado que não seja magnetizador e curador por natureza; mas não sabem possuir um tal tesouro não tentando dele fazer uso. Nisso é que seriam melhor aconselhados e mais poderosamente ajudados pelos seus bons Espíritos. Têm-se visto fazer milagres análogos àquele que vem de se operar sobre o duque de *Celeuza, príncipe Vasto*, no café *Nocera*, em Nápoles, no dia 13 de junho último, o qual acaba de publicar que foi curado instantaneamente de uma enfermidade reputada *incurável*, da qual sofria há dez anos, unicamente pela palavra de um velho cavalheiro francês, a quem contava os seus sofrimentos. Há outros que fazem estas coisas em diferentes países, na Holanda, na Inglaterra, na França, na Suíça; mas eles se multiplicarão com o tempo; os germes estão semeados.

Os *médiuns*, devidamente advertidos sobre a natureza, os usos e os costumes dos Espíritos terrestres, não têm senão que se conduzirem em consequência; quanto aos Espíritos celestes, ou de uma ordem transcendental, é raro vê-los se comunicarem com os indivíduos que ainda não chegou o tempo para com eles falar; eles presidem aos destinos da nações e às grandes catástrofes, às grandes evoluções dos globos e das Humanidades; eles trabalham neste momento, esperemos com recolhimento as grandes coisas que vão chegar: *Renovabunt fadem terra*.

JOBARD.

OBSERVAÇÕES.

O Sr. Jobard intitulara seu artigo: *Conselho aos médiuns*; acreditamos dever dar-lhe um título menos exclusivo, tendo em vista que as suas notas se aplicam em geral à maneira de apreciar as comunicações espíritas; não sendo os médiuns senão o instrumento das manifestações, estas podem ser dadas a todo o mundo, seja diretamente, seja por intermediário; todos os evocadores podem delas fazer proveito, tanto quanto os médiuns.

Aprovamos esta maneira de julgar as comunicações, porque ela é rigorosamente verdadeira, e que ela não pode senão contribuir para se pôr em guarda contra a ilusão à qual estão expostos aqueles que aceitam muito facilmente, como expressão da verdade, tudo o que vem do mundo dos Espíritos. Pensamos, entretanto, que o Sr. Jobard é talvez demasiado absoluto sobre alguns pontos. Em nosso parecer, ele não leva em muita conta o progresso que se cumpriu no Espírito no estado errante. Sem dúvida, ele leva para além da tumba as imperfeições da vida terrestre, é um fato constatado pela experiência; mas como está num meio todo diferente, que não recebe mais as suas sensações por intermédio de órgãos materiais, que não tem mais sobre os olhos esse véu que obscurece as idéias, suas sensações, suas percepções e suas idéias devem experimentar uma modificação sensível; por isso é que vemos, todos os dias, homens pensarem, depois de sua morte, de modo diferente que quando vivos, porque o horizonte moral se estendeu para eles; autores criticarem as suas obras, homens do mundo censurarem a sua própria conduta, sábios reconhecerem os seus erros. Se o Espírito não progredisse na vida espírita, reentraria na vida corpórea como dela saiu, nem mais avançado, nem mais atrasado. o que, positivamente, é contraditado pela experiência. Certos Espíritos podem, pois, ver mais claro e mais justo que quando estavam sobre a Terra, também se os vê darem excelentes conselhos, dos quais muitos se encontraram; mas entre os Espíritos, como entre os homens, é necessário saber a quem dirigir-se, e não crer que o primeiro que chegue possua a ciência infusa, nem que um sábio esteja livre de seus preconceitos terrestres, porque são Espíritos; sob este aspecto, o Sr.

Jobard tem perfeitamente razão em dizer que não é necessário aceitar, senão com uma externa reserva, as suas teorias e os seus sistemas; é necessário fazer com eles o que se faz com os homens, quer dizer, não lhes conceder confiança senão quando deram provas irrecusáveis de sua superioridade, não pelo nome que se dão, freqüentemente errado, mas pela constante sabedoria de seus pensamentos, a irrefutável lógica de seus raciocínios e a inalterável bondade de seu caráter.

As judiciosas notas do Sr. Jobard, à parte o que elas podem ter de exagero, sem dúvida, desencantarão aqueles que crêem encontrar nos Espíritos um meio certo de tudo saberem, de fazerem descobertas lucrativas, etc.; com efeito, aos olhos de certas pessoas, para que servem os Espíritos se não são bons para nos proporcionarem fortuna? Pensamos que basta haver estudado um pouco a Doutrina Espírita, para compreender que eles nos ensinam uma multidão de coisas mais úteis do que o saber se se ganhará na bolsa ou na loteria; mas, em admitindo mesmo a hipótese mais rigorosa, aquela em que seria completamente indiferente dirigir-se aos Espíritos, ou aos homens, para as coisas deste mundo, não é, pois, nada o nos darem a prova da existência de além-túmulo; de nos iniciarem no estado feliz ou infeliz daqueles que para lá nos precedem; de nos provarem que aqueles a quem amamos não estão perdidos para nós, e que os reencontraremos nesse mundo que nos espera a todos, ricos como pobres, poderosos ou escravos? Porque, em definitivo, é um fato certo, de que um dia ou outro nos será necessário atravessar o passo; que haverá além dessa barreira? De trás dessa cortina que nos cobre o futuro? Há alguma coisa, ou nada há ali? Pois bem! Os Espíritos nos ensinam que há alguma coisa; que, quando morremos, não está tudo acabado; longe disso, é então que começa a verdadeira vida, a vida normal; se não nos ensinassem senão isto, certamente suas conversas não seriam inúteis; eles fazem mais: nos ensinam o que é necessário fazer neste mundo, para estar, o melhor possível, nesse novo país; e como ali deveremos ficar por muito tempo, é bom nos assegurar o melhor lugar possível. Como o disse o Sr. Jobard, os Espíritos, em geral, se prendem muito pouco às coisas da Terra, por uma razão muito simples, *é que eles têm melhor do que isto: seu objetivo é nos ensinar sobre o que é necessário fazer para ali ser feliz; eles sabem que nos ligamos às alegrias da Terra, como as crianças aos seus brinquedos: querem avançar a nossa razão; tal é a sua missão; e se se foi enganado por alguns, foi porque se quis fazê-los sair da esfera de suas atribuições; que se lhes pergunte o que não sabem, o que não podem ou não devem dizer; é então que se é mistificado pela turba de Espíritos zombadores que se divertem com a nossa credulidade. O erro de certos médiuns é crer na infalibilidade dos Espíritos que se comunicam com eles, e que os seduzem com algumas belas frases, apoiadas num nome imponente, que, o mais freqüentemente, é um nome emprestado. Reconhecer a fraude é um resultado do estudo e da experiência. O artigo do Sr. Jobard não pode, sob este aspecto, senão ajudar a lhes abrir os olhos.*

Dissertações Espíritas

Revista Espírita, outubro de 1860

Obtidas ou lidas na Sociedade por diversos médiuns.

Formação dos Espíritos

(Médium, senhora Costel.)

Deus criou a semente humana que espalhou pelos mundos como o lavrador lança nos sulcos os grãos que devem germinar e amadurecer. As sementes divinas são as moléculas de fogo que Deus faz jorrar do grande foco, centro da vida, onde irradia em seu poder. As moléculas são para a Humanidade o que os germes das plantas são para a terra; elas se desenvolvem lentamente, e não amadurecem senão depois de longas permanências no planeta-mãe, aqueles onde se formam e começam as coisas. Não falo senão do princípio; o ser chega à sua qualidade de homem, se reproduz e a obra de Deus está consumada.

Por que o ponto de partida sendo comum, os destinos humanos são tão diversos? Por que uns nascem num meio civilizado, os outros num estado selvagem? Qual é, então, a origem dos demônios? Retomemos a história do Espírito e sua primeira eclosão. Apenas formadas as almas, hesitantes e balbuciantes, estão por toda a parte livres para penderem do bom ou do mau lado. Desde que viveram, os bons se separam dos maus. A história de Abel é ingenuamente verdadeira. As almas ingratas, apenas saídas das mão do Criador, persistem na revolta do crime; então, durante a sucessão dos séculos, elas erram, prejudicando os outros e, sobretudo, a si mesmas, até que o arrependimento as toque, o que ocorre infalivelmente. Portanto, os primeiros demônios são os primeiros homens culpados. Deus, em sua imensa justiça, não impõe nunca senão os sofrimentos resultantes dos atos maus. A Terra deveria ser inteiramente povoada, mas não poderia sê-lo igualmente, e, segundo o grau de adiantamento obtido nas migrações terrestres, uns nascem nos grandes centros de civilização, os outros Espíritos incertos, que têm, ainda, necessidade de iniciação, nascem nas florestas afastadas; o estado selvagem é preparatório. Tudo é harmonioso, e a alma culpada e cega de um demônio da Terra não pode reviver num centro esclarecido. Entretanto, algumas se arriscam nesse meio que não é o seu; se aí não podem caminhar em unísono, dão o espetáculo da barbárie em meio da civilização; são os seres desterrados. O estado embrionário é o do um ser que não sofreu ainda migração; pode-se estudá-lo à parte, uma vez que é a origem do homem.

GEORGES.

Os Espíritos errantes

(Médium, senhora Costel.)

Os Espíritos são divididos em várias categorias: primeiro os *embriões* que não têm nenhuma faculdade distinta; flutuam no ar, como os insetos que se vêem turbilhonar num raio de sol;

volteiam sem objetivo, e estão encarnados sem escolherem; tornam-se seres humanos ignorantes e grosseiros.

Acima deles estão os *Espíritos levianos*, cujos instintos não são maus, mas somente malignos; brincam com os homens e lhes causam penas frívolas; são crianças; temos caprichos e a pueril maldade.

Os Espíritos maus não o são todos no mesmo grau; há os que não fazem outro mal senão as levianas mentiras; que não se agarram a um ser, e se limitam a fazer cometer faltas pouco graves.

Os Espíritos malfazejos impelem ao mal e se alegram com ele, mas têm ainda algum clarão de piedade.

Os Espíritos perversos não o têm; todas as suas faculdades tendem para o mal; fazem-no com cálculo, com seqüência; alegram-se com as torturas morais que causam, correspondem, no mundo dos Espíritos, aos criminosos no vosso. Chegam a essa perversidade à força de desconhecerem as leis de Deus; em suas vidas carnis, caem de queda em queda e os séculos passam antes que lhes venha um pensamento de renovação. O mal é o seu elemento; nele mergulham com delícias; mas, obrigados a se reencarnarem, sofrem tais sofrimentos, e esse sofrimento aumenta de tal modo em suas vidas espíritas, que o amor do mal se perde neles; acabam por compreender que devem ceder à voz de Deus, que não cessa de chamá-los. Viram-se Espíritos mais rebeldes pedirem, com ardor, as expiações mais terríveis e sofrê-las com a alegria de um mártir. É uma imensa alegria, para os puros Espíritos, esses retornos ao bem. A palavra do Cristo, para as ovelhas desgarradas, é brilhante de verdade.

Os Espíritos errantes da segunda ordem são os intermediários entre os Espíritos superiores e os mortais, porque é raro que os Espíritos superiores se comuniquem diretamente; é necessário, para isso, que sejam impelidos por uma solicitação particular. Estes intermediários são os Espíritos dos mortais que não têm nenhum mal grave a censurar, e cujas intenções não foram más. Eles recebem missões, e, quando as cumprem com zelo e amor, são recompensados com um adiantamento mais rápido. Têm menos migrações a sofrer; também os Espíritos desejam ardentemente essas missões, que não são concedidas senão como recompensa, quando são julgados capazes de cumpri-las. São os Espíritos superiores que os dirigem e que escolhem as suas funções.

Os Espíritos superiores não o são todos no mesmo grau; se estão dispensados das migrações em vossos mundos, não o estão das condições de adiantamento nas esferas mais elevadas. Enfim, não há nenhuma lacuna no mundo visível e invisível; uma ordem admirável proveu a tudo; nenhum ser é ocioso ou inútil; todos concorrem, na medida de suas faculdades, para a perfeição da obra de Deus, que não tem nem fim nem limite.

Georges.

O castigo.

(Médium, senhora Costel.)

Os Espíritos maus, egoístas e duros, são, logo depois da morte, entregues a uma dúvida cruel

sobre o seu destino presente e futuro; olham ao redor deles, e não vêem primeiro nenhum sujeito sobre o qual possam exercer a sua maldosa personalidade, e o desespero se apodera deles, porque o isolamento e a inação são intoleráveis aos maus Espíritos; eles não erguem seus olhares para os lugares habitados pelos Espíritos puros; eles consideram o que os cerca, e logo, impressionados pelo abatimento dos Espíritos fracos e punidos, se agarram a eles como a uma presa, armando-se da lembrança de suas faltas passadas, que colocam, sem cessar, em ação pelos seus gestos irrisórios. Não lhes bastando essa zombaria, mergulham sobre a Terra como abutres esfomeados; procuram, entre os homens, a alma que abrirá um mais fácil acesso às suas tentações; se apoderam dela, exaltam a sua cobiça, tratam de extinguir a sua fé em Deus, e quando, enfim, senhores de uma consciência, vêem a sua presa assegurada, estendem sobre tudo o que aproxima a sua vítima, o fatal contágio.

O mau Espírito, que exerce a sua raiva, é quase sempre feliz; não sofre senão nos momentos em que não age e naqueles também em que o bem triunfa do mal.

Entretanto, os séculos se escoam; o mau Espírito sente, de repente, as trevas invadi-lo; o seu círculo de ação se aperta, sua consciência, até então muda, fá-lo sentir as pontas agudas do arrependimento. Inativo, levado pelo turbilhão, ele erra, sentindo, como dizem as Escrituras, o pêlo de sua carne se endireitar de pavor; logo um grande vazio se faz nele, ao redor dele; o momento é chegado, ele deve expiar; a reencarnação ali está, ameaçadora; vê, como numa miragem, as provas terríveis que o esperam; gostaria de recuar, avança e se precipita no abismo escancarado da vida, e rola espantado até que o véu da ignorância caia de seus olhos. Ele vive, age, e é ainda culpado; sente em si não sei qual lembrança inquieta, quais pressentimentos que o fazem tremer, mas não o fazem recuar no caminho do mal. Ao cabo de forças e de crimes, vai morrer. Estendido sobre o seu catre, ou sobre o seu leito, que importa! o homem culpado sente, sob a sua aparente imobilidade, se movimentar e viver um mundo de sensações esquecidas! Sob as suas pálpebras fechadas vê apontar um clarão, ouve sons estranhos; sua alma, que vai deixar o seu corpo, se agita impaciente, ao passo que as suas mãos crispadas tentam se agarrar aos lençóis; gostaria de falar, gostaria de gritar àqueles que o cercam: Detende-me! vejo o castigo! Não o pode; a morte se fixa sobre os seus lábios pálidos, e os assistentes dizem: Ei-to em paz!

Entretanto, ele ouve tudo; flutua ao redor de seu corpo que não gostaria de abandonar; uma força secreta o atrai: vê, e reconhece o que já viu. Desvairado, se lança no espaço onde gostaria de se esconder. Não mais de retiro, não mais de repouso! Outros Espíritos lhe devolvem o mal que fez, e castigado, escarnecido, confuso, a seu turno, ele erra e errará até que o divino clarão se insinue em seu endurecimento e o ilumine, para mostrar-lhe o Deus vingador, o Deus triunfante de todo mal, que não poderá apaziguar senão à força de gemidos e de expiações.

Georges.

Nota. Jamais quadro mais eloqüente, mais terrível e mais verdadeiro, foi traçado quanto à sorte do mau; é, pois, necessário recorrer à fantasmagoria das chamas e das torturas físicas?

Marte

(Médium, senhora Costel.)

Marte é um planeta inferior à Terra da qual é um esboço grosseiro; não é necessário habitá-

lo. Marte é a primeira encarnação dos demônios mais grosseiros; os seres que o habitam são rudimentares; têm a forma humana, mas sem nenhuma beleza; têm todos os instintos do homem sem o enobrecimento da bondade.

Entregues às necessidades materiais, eles bebem, comem, lutam, se unem carnalmente. Mas como Deus não abandona nenhuma de suas criaturas, no fundo das trevas de sua inteligência jaz, latente, o vago conhecimento de si mesmo, mais ou menos desenvolvido. Esse instinto basta para torná-los superiores uns aos outros, e preparar a sua eclosão para uma vida mais completa. A sua é curta, como a dos efêmeros. Os homens, que não são senão matéria, desaparecem depois de uma curta duração. Deus tem horror ao mal, e não o tolera senão como servindo de princípio ao bem; abrevia o seu reino e a ressurreição triunfa dele.

Neste planeta a terra é árida; pouca verdura; uma folhagem sombria que a primavera não rejuvenesce; um dia igual e cinza; o sol, apenas aparente, nunca prodigaliza as suas festas; o tempo escoia monótono, sem as alternativas e as esperanças das estações novas; não há inverno, não há verão. O dia, mais curto, não se mede do mesmo modo; a noite reina mais longa. Sem indústrias, sem invenções, os habitantes de Marte gastam sua vida para conquista de seu alimento. Suas moradias grosseiras, baixas como covil de feras, são repelentes pela incúria e pela desordem que aí reinam. As mulheres lançam-se sobre os homens; mais abandonadas, mais famélicas, não são senão suas mulheres. Elas têm apenas o sentimento maternal; colocam no mundo com facilidade, sem nenhuma angústia; alimentam e guardam suas crianças junto delas até o completo desenvolvimento de suas forças, e as repelem sem remorso, sem uma lembrança.

Eles não são canibais; suas contínuas batalhas não têm por objetivo senão a posse de um terreno mais ou menos abundante em caça. Caçam em planícies intermináveis. Inquietos e móveis como os seres desprovidos de inteligência, se deslocam sem cessar. A igualdade de sua estação, por toda a parte a mesma, comporta por consequência as mesmas necessidades e as mesmas ocupações; há pouca diferença entre os habitantes de um hemisfério a outro.

A morte não tem para eles nem terror nem mistério; consideram somente como a podridão do corpo que queimam imediatamente. Quando um desses homens vai morrer, ele é logo abandonado e sozinho, estendido, pensa pela primeira vez; um vago instinto se apodera dele; como a andorinha advertida de sua próxima migração, ele sente que tudo não está acabado, que vai recomeçar alguma coisa desconhecida. Ele não é bastante inteligente para supor, temer ou esperar, mais calcula às pressas suas vitórias ou seus defeitos; pensa num número de animais que abateu, e se regozija ou se aflige segundo os resultados obtidos. Sua mulher (eles não têm mais que uma cada vez, mas podem mudar tanto quanto lhes sejam conveniente) agacha-se sobre o limiar da porta, lança pedras no ar; quando formam um pequeno montículo, ela julga que o tempo decorreu e se arrisca a olhar no interior; se suas previsões estão realizadas, se o homem está morto, ela entra sem um grito, sem uma lágrima, despoja-o das peles de animais que o envolve, e vai friamente advertir seus vizinhos que carreguem o corpo e o queimem, apenas resfriado.

Os animais, que suportam por toda parte o reflexo humano, são mais selvagens, mais cruéis que por toda parte alhures. O cão e o lobo não são senão uma mesma espécie, e sem cessarem em luta com o homem, se entregam a combates obstinados. Aliás, menos numerosos, menos variados sobre a Terra, os animais são o resumo de si mesmos.

Os elementos têm a cólera cega do caos; o mar furioso separa os continentes sem navegação possível; o vento ruga e curva as árvores até o solo. As águas submergem as terras ingratas que elas não fecundam. O terreno não oferece as mesmas condições geológicas da Terra; o

fogo não esquenta; os vulcões são ali desconhecidos; as montanhas, apenas elevadas, não oferecem nenhuma beleza; elas cansam o olhar e desencorajam a exploração; por toda aparte, enfim, monotonia e violência; por toda a parte, a flor sem a cor e o perfume, por toda a parte homens sem previdência, matando para viver.

Georges.

Nota. Por servir de transição entre o quadro de Marte e de Júpiter, seria necessário o de um mundo intermediário, da Terra, por exemplo, mas que conhecemos suficientemente. Em observando-a, é fácil reconhecer que mais se aproxima de Marte do que de Júpiter, pois que no seio mesmo da civilização se encontram ainda seres tão abjetos e tão desprovidos de sentimentos de humanidade, que vivem no mais absoluto embrutecimento, não pensam senão nas necessidades materiais, sem nunca terem voltado seus olhos para o céu, e que parecem virem de Marte em linha direta.

Júpiter

(Médium, senhora Costel.)

O planeta Júpiter, infinitamente maior do que a Terra, não apresenta o mesmo aspecto. Ele está inundado de uma luz pura e brilhante, que ilumina sem ofuscar. As árvores, as flores, os insetos, os animais dos quais os vossos são o ponto de partida, ali são enobrecidos e aperfeiçoados; ali a natureza é mais grandiosa e mais variada, a temperatura é igual e deliciosa; a harmonia das esferas encanta os olhos e os ouvidos. A forma dos seres que o habitam a mesma que a vossa, mas embelezada, aperfeiçoada, e sobretudo purificada. Não estamos submetidos às condições materiais de vossa natureza: não temos nem as necessidades, nem as enfermidades que lhes são as conseqüências. Somos almas revestidas de um envoltório diáfano que conserva as marcas das nossas migrações passadas: aparecemos aos nossos amigos tais como nos conheceram, mas iluminados por uma luz divina, transfigurados pelas nossas impressões interiores que sempre são elevadas.

Júpiter é dividido, como a Terra, em um grande número de regiões variadas de aspecto, mas não de clima. As diferenças de condições ali são estabelecidas unicamente pela superioridade moral e inteligente; não há nem senhores nem escravos; os graus mais elevados não são marcados senão pelas comunicações mais diretas e mais freqüentes com os Espíritos puros, e pelas funções mais importantes que nos são confiadas. Vossas habitações não podem vos dar nenhuma idéias das nossas, uma vez que não temos as mesmas necessidades. Cultivamos artes chegadas a um grau de perfeição desconhecido entre vós. Gozamos de espetáculos sublimes, entre os quais o que admiramos mais à medida que o compreendemos melhor, é a inesgotável variedade de criações, variedades harmoniosas que têm seu ponto de partida e se aperfeiçoam no mesmo sentido. Todos os sentimentos ternos e elevados da natureza humana, nós os encontramos aumentados e purificados, o desejo incessante que temos de chegar à classe dos puros Espíritos não é um tormento, mas uma nobre ambição que nos impele a nos aperfeiçoarmos. Estudamos incessantemente com amor para sermos elevados até eles, o que fazem também os seres inferiores para chegarem a nos igualar. Os vossos pequenos ódios, os vossos mesquinhos ciúmes nos são desconhecidos; um laço de amor e fraternidade nos une: os mais fortes ajudam os mais fracos. No vosso mundo tendes necessidade da sombra do mal para sentir o bem, da noite para admirar a luz, da enfermidade para apreciar a saúde. Aqui, esses contrastes não são necessários; a eterna luz, a eterna bondade, a eterna calma da alma nos enche de uma eterna alegria. Eis o que o espírito humano tem mais dificuldade de compreender; foi engenhoso para pintar os

tormentos do inferno, mas nunca pôde representar as alegrias do céu, e por que isto? Porque sendo inferior, não suportou senão penas e misérias, e não entreviu as celestes dar idades; não pode vos falar daquilo que não conhece, como o viajante descreve os países que percorreu; mas, a medida que se eleva e se depura, o horizonte se ilumina e ele confunde o bem que tem diante de si, como compreendeu o mal que ficou atrás dele. Outros Espíritos já procuraram vos fazer compreender, tanto quanto a vossa natureza o permite, o estado de mundos felizes, a fim de vos excitar a seguir um único caminho que pode a eles conduzir; mas há entre vós os que são de tal modo agarrados à matéria que preferem ainda as alegrias materiais da Terra, às alegrias puras que esperam o homem que sabe delas desligar-se. Que aí gozem, pois, enquanto aí estão! Porque um triste retorno os espera, talvez mesmo desde esta vida. Aqueles que escolhemos por nossos intérpretes são os primeiros a receber a luz; infelizes deles, sobretudo, se não aproveitam o favor que Deus lhes concede, porque a sua justiça pesará sobre eles!

GEORGES.

Os puros Espíritos

(Médium, senhora Costel.)

Os puros Espíritos são aqueles que, chegados ao mais alto grau de perfeição, são julgados dignos de serem admitidos aos pés de Deus. O esplendor infinito que os rodeia, não os dispensa de sua parte de utilidade nas obras de criação: as funções que eles têm a cumprir correspondem à extensão de suas faculdades. Estes Espíritos são os ministros de Deus; eles regem, sob suas ordens, os mundos inumeráveis; dirigem do alto os Espíritos e os humanos; estão ligados entre eles, por um amor sem limites, este ardor se estende sobre todos os seres que procuram chamar e tornar dignos da suprema felicidade. Deus irradia sobre eles e lhe transmite as suas ordens; eles o vêem sem serem oprimidos por sua luz.

Sua forma é etérea, não têm mais nada de palpável; eles falam aos Espíritos superiores e lhes comunicam a sua ciência; tornaram-se infalíveis E nas suas fileiras que são escolhidos os anjos guardiães que descem com bondade seus olhares sobre os mortais, e os recomendam aos Espíritos superiores que os amaram. Estes escolhemos agentes de sua direção nos Espíritos da segunda ordem. Os puros Espíritos são iguais; e não poderia ser de outro modo, uma vez que não são chamados a essa classe senão depois de atingirem o mais alto grau de perfeição. Há igualdade, mas não uniformidade, porque Deus não quis que nenhuma de suas obras fossem idênticas. Os Espíritos puros conservam a sua personalidade, que somente adquiriram a perfeição mais completa, no sentido do seu ponto de partida.

Não é permitido dar maiores detalhes sobre esse mundo supremo.

GEORGES.

Morada dos bem-aventurados

(Médium, senhora Costel.)

Falemos das últimas espirais de glória habitadas pelos puros Espíritos. Ninguém as alcança antes de ter atravessado os círculos dos Espíritos errantes. Júpiter é o mais alto grau da

escala; quando um Espírito, por longo tempo purificado pela sua permanência nesse planeta, é julgado digno da suprema felicidade, é advertido por um redobramento da energia; um fogo sutil anima todas as partes delicadas de sua inteligência que parece irradiar e se tornar visível; ofuscante, transfigurado, ele ilumina o dia que parece tão radioso aos olhos dos habitantes de Júpiter; seus irmãos reconhecem o eleito do Senhor e, trêmulos, se ajoelham diante de sua vontade. Entretanto, o Espírito escolhido se eleva, e os céus, em sua suprema harmonia, lhe revelam belezas indescritíveis.

À medida que ele sobe, compreende, não mais como na erraticidade, não mais vendo o conjunto das coisas criadas, como em Júpiter, mas abarcando o infinito. Sua inteligência transfigurada se lança como uma flecha para Deus, sem estremecimento e sem terror, como num foco imenso alimentado por milhares de objetos diversos. O amor, nesses diversos Espíritos, reveste a cor de sua personalidade experimentada; eles se reconhecem, se regozijam uns pelos outros. Suas virtudes, refletidas, repercutem, por assim dizer, as delícias da visão de Deus e aumentam incessantemente a felicidade de cada eleito. Mar de amor que cada afluente engrossa, essas forças puras não permanecem mais inativas do que as forças de outras esferas. Investidos logo do dom da ubiqüidade, eles abraçam, ao mesmo tempo, os detalhes infinitos da vida humana desde a sua eclosão até as suas derradeiras etapas. Irresistível como o dia, sua visão penetra por toda a parte ao mesmo tempo, e, ativos como a força que os move, eles espargem as vontades do Senhor. Como de uma urna cheia se escapa a vaga benfazeja, sua bondade universal aquece os mundos e confunde o mal.

Estes diversos intérpretes têm por ministros do seu poder os Espíritos já depurados. Assim, tudo se eleva, tudo se aperfeiçoa, e a caridade irradia sobre os mundos que ela alimenta como seu poderoso seio.

Os puros Espíritos têm, por atribuição a posse de tudo que é bem e verdade, porque possuem Deus, o próprio princípio. O pobre pensamento humano limita a tudo o que ele compreende e não admite o infinito que a felicidade não limita. Depois de Deus, que pode aí haver? Deus ainda, Deus sempre; o viajante vê os horizontes sucederem aos horizontes e um não é senão o começo do outro; assim o infinito se desenrola incessantemente. A alegria mais imensa dos puros Espíritos é precisamente essa extensão tão profunda quanto a própria eternidade.

Não se pode descrever uma graça, uma chama, um raio, não posso descrever os puros Espíritos. Mais vivos, mais belos, mais brilhantes que não o são as imagens mais etéreas, uma palavra resume seu ser, seu poder e suas alegrias: Amor! Enchei desta palavra os espaço que separa a Terra do céu e não tereis ainda senão a idéia de uma gota d'água no mar. O amor terrestre por grosseiro que seja, só pode vos fazer conhecer a sua divina realidade.

GEORGES.

A reencamação

(Pelo Sr. de Grand-Boulogne, médium.)

Há, na doutrina da reencarnação, uma economia moral que não escapa à tua inteligência.

Só a corporeidade sendo compatível com os atos de virtude, e estes atos sendo necessários ao adiantamento do Espírito, este deve raramente encontrar, numa só existência, as

circunstâncias necessárias à sua melhoria acima da Humanidade.

Estando admitido que a justiça de Deus não pode se misturar com as penas eternas, a razão deve concluir pela necessidade: 1ª de um período de tempo durante o qual o Espírito examina o seu passado, e forma as suas resoluções para o futuro; 2ª de uma existência nova em harmonia com o adiantamento desse Espírito. Não falo de suplícios, algumas vezes terríveis, aos quais são condenados certos Espíritos durante o período da erraticidade, eles respondem de uma parte pela enormidade da falta, de outra pela justiça de Deus. Isto é dito bastante para dispensar e dar detalhes que encontrará, aliás, no estudo das evocações. Retornando às reencarnações, delas compreenderás a necessidade por uma comparação vulgar, mas impressionante de verdade.

Depois de um ano de estudos, que ocorre ao jovem colegial? Se progredir, passa para uma classe superior; se permaneceu imóvel na sua ignorância, ele recomeça a sua classe. Vai mais longe; supõe faltas graves: ele é expulso; pode errar de colégio em colégio; pode ser expulso da Universidade, e pode ir da casa de educação para a casa de correção. Tal é a imagem fiel da sorte dos Espíritos, e nada satisfaz mais completamente a razão. Quer se escavar mais profundamente a doutrina? Ver-se-á o quanto, nestas idéias, a justiça de Deus parece mais perfeita e mais conforme às grandes verdades que dominam a nossa inteligência.

No conjunto, como nos detalhes, há alguma coisa de tão surpreendente que o Espírito nelas iniciado pela primeira vez está como iluminado. E as censuras murmuradas contra a Providência, e as maldições contra a dor, e o escândalo do vício feliz em face da virtude que sofre, e a morte prematura da criança; e, numa mesma família, encantadoras qualidades dando, por assim dizer, a mão a uma perversidade precoce; e as enfermidades que datam do berço; e a diversidade infinita dos destinos, seja entre os indivíduos, seja entre os povos, problemas não resolvidos até este dia, enigmas que fizeram duvidar da bondade e quase da existência de Deus, tudo isso se explica ao mesmo tempo. Um puro raio de luz se estende sobre o horizonte da filosofia nova, e no seu quadro imenso, se agrupam harmoniosamente todas as condições da existência humana. As dificuldades se nivelam, os problemas se resolvem, e os mistérios impenetráveis até este dia se resumem e se explicam nesta única palavra: *reencarnação*.

Eu li em teu pensamento, caro cristão; tu dizes: eis, desta vez, uma verdadeira heresia. Não mais, meu filho, do que a negação da eternidade das penas. Nenhum dogma *prático* é contraditório com esta verdade. O que é a vida humana? O tempo durante o qual o Espírito permanece unido a um corpo. Os filósofos cristãos, no dia marcado por Deus, não terão nenhuma dificuldade de dizer que a vida é múltipla. Isso não acrescenta e nem muda nada em vossos deveres. A moral cristã permanece de pé, e a lembrança da Missão de Jesus plana sempre sobre a Humanidade. A religião nada tem a temer desse ensinamento, e não está longe o dia em que os seus ministros abrirão os olhos à luz; reconhecerão, enfim, na revelação nova, os recursos que, do fundo das suas basílicas, eles imploram do céu. Crêem que a sociedade vai perecer: ela vai ser salva.

ZÉNON.

O despertar do Espírito

(Médium, senhora Costel.)

Quando o homem deixa seu despojo mortal, ele sente um espanto e um ofuscamento que o mantêm algum tempo indeciso sobre seu estado real; não sabe se está morto ou vivo, e as suas sensações, muito confusas, precisam longo tempo para clarearem. Pouco a pouco, os olhos de seu Espírito são ofuscados pelas diversas claridades que o cercam; segue toda uma ordem de coisas, grandes e desconhecidas, que primeiro tem dificuldade em compreender, mas logo reconhece que não é mais do que um ser impalpável e imaterial; procura seu despojes e se espanta de não mais encontrá-lo; é algum tempo antes de que lhe retorne a memória do passado, e o convença de sua identidade. Olhando a Terra que vem de deixar, vê os seus parentes e os seus amigos que o choram, e o seu corpo inerte. Enfim, seus olhos se desligam da terra e se elevam para o céu; se a vontade de Deus não o retém no solo, ele se eleva lentamente e sente-se flutuar no espaço, o que é uma sensação deliciosa. Então a lembrança da vida que deixa lhe aparece com uma clareza, desoladora mais freqüentemente, mas consoladora algumas vezes. Eu te falo aqui do que senti, eu não sou um mau Espírito, mas não tenho a felicidade de ocupar uma classe elevada. A gente se despoja de todos os preconceitos terrestres; a verdade aparece em toda a sua luz; nada dissimula as faltas, nada esconde as virtudes; vê a sua alma tão claramente como num espelho; procura-se, entre os Espíritos, aqueles a quem se conheceu, porque o Espírito se assusta com o seu isolamento, mas eles passam sem se deterem; não há comunicações amigáveis entre os Espíritos errantes; mesmo aqueles que se amaram não trocam sinais de reconhecimento; essas formas diáfanas deslizam e não se fixam; as comunicações afetivas estão reservadas aos Espíritos superiores que permutam os seus pensamentos. Quanto a nós, nosso estado transitório não serve senão ao nosso adiantamento do qual nada pode nos distrair, as únicas comunicações que nos são permitidas são com os humanos, porque elas têm um objetivo de utilidade mútua que Deus prescreveu. Os maus Espíritos contribuem também para o adiantamento humano: servem para as provas; se lhes resistem, adquirem-se méritos. Os Espíritos que dirigem os homens são recompensados por um grande abrandamentos de suas penas. Os Espíritos errantes não sofrem da ausência de comunicações entre eles, porque sabem que se reencontrarão; eles não têm senão mais ardor para chegar no momento em que as provas cumpridas se lhes tornem os objetos de sua afeição, que não pode se exprimir, mas que jaz latente neles. Nenhum dos laços que contraímos sobre a Terra é quebrado; as nossas simpatias se restabelecerão na ordem em que elas existiram, mais ou menos vivas segundo o grau de calor ou de intimidade que elas tiveram.

Georges

Progresso dos Espíritos

(Médium, senhora Costel.)

Os Espíritos podem avançar intelectualmente, se o querem sinceramente e com firmeza; eles têm, como os homens, seu livre arbítrio, e o seu estado errante não impede o exercício de suas faculdades; ajuda-os mesmos dando-lhes os meios de observação que podem aproveitar.

Os maus Espíritos não são fatalmente condenados a permanecer como tais; podem se melhorar, mas o querem raramente, porque lhes falta discernimento, encontram uma espécie de prazer malsão no mal que fazem. Para que eles retornem ao bem, é necessário que sejam violentamente atingidos e punidos; porque seus cérebros tenebrosos não se esclarecem senão pelo castigo.

Os Espíritos fracos não fazem o mal por prazer, mas não avançam, são retidos pela sua própria fraqueza, e por uma espécie de entorpecimento que paralisa as suas faculdades;

vêm sem saber onde; o tempo passa sem que o meçam; interessam-se pouco pelo que vêem; e disso não tiram proveito ou com isso se revoltam. É necessário ter chegado a um certo grau de adiantamento moral para poder progredir no estado de erraticidade; também esses pobres Espíritos escolhem freqüentemente muito mal as suas provas; eles procuram, sobretudo, estar o melhor possível na sua vida carnal, sem muito se inquietar do que se lhes sucederá além dela. Esses Espíritos fracos aspiram ardentemente à encarnação, não para se depurarem, mas para viverem ainda. Os seres que cumpriram muitas migrações são mais experientes do que os outros; cada uma de suas existências depositou neles uma soma de conhecimento mais considerável; eles viram e retiveram; são menos ingênuos do aqueles que estão próximos de seu ponto de partida.

Os Espíritos que partiram da Terra, nela reencarnam mais freqüentemente do que por toda a parte alhures, porque a experiência que adquiriram nela é mais aplicável. Eles não visitam quase nada os outros mundos senão antes ou depois de seu aperfeiçoamento. Em cada planeta, as condições de existência são diferentes, porque Deus é inesgotável na variedade de suas obras; todavia, os seres que os habitam obedecem às mesmas leis de expiação, e tendem todos para o mesmo objetivo de completa perfeição.

Georges.

A caridade material e a caridade moral

(Médium, senhora de B...)

"Amemo-nos uns aos outros e façamos a outrem o que gostaríamos que nos fizessem." Toda a religião, toda amoral se encontram encerradas nestes dois preceitos; se fossem seguidos neste mundo, seríamos todos perfeitos: não mais de ódio, não mais ressentimentos; eu diria mais ainda: não mais de pobreza, porque do supérfluo da mesa de cada rico, muitos pobres se alimentariam, e não veríeis mais, nos sombrios bairros que habitei durante a minha última encarnação, pobres mulheres arrastando atrás delas miseráveis crianças com falta de tudo.

Ricos! Pensai um pouco nisso; ajudai com o vosso melhor os infelizes; dai, porque Deus vos torna um dia o bem que fizeres, porque encontrareis um dia, ao sair de vosso envoltório terrestre, um cortejo de Espíritos reconhecidos que vos receberão no limiar de um mundo mais feliz.

Se pudésseis saber a alegria que senti reencontrando lá no alto aqueles que favoreci na minha última vida! Dai, e amai o vosso próximo; amai como a vós mesmos, porque o sabeis, também vós, agora que Deus permitiu que comeceis a se instruir na ciência espírita, esse infeliz que repelis é talvez um irmão, um pai, um filho, um amigo que lançai longe de vós, e então qual será o vosso desespero, um dia, reconhecendo-o neste mundo espírita!

Desejo que compreendais bem o que pode ser *a caridade moral*, aquela que cada um pode praticar, aquela que não *custa nada* de material, e, entretanto, aquela que é a mais difícil de se pôr em prática!

A caridade moral consiste em se suportar uns aos outros, e é o que menos fazeis, neste mundo em que estais encarnados no momento. Sede, pois, caridosos, porque avançareis mais no bom caminho; sede humanos e suportai-vos uns aos outros. Há um grande mérito em saber se calar para deixar falar um mais tolo do que agente e aí está um gênero de

caridade. Saber ser surdo quando uma palavra zombeteira escapa de uma boca habituada a escarnecer; não ver o sorriso desdenhoso que acolhe a vossa entrada na casa de pessoas que, freqüentemente erradas, se crêem acima de vós, ao passo que, na vida espírita, *a única real*, eles estão disso algumas vezes bem longe; eis um mérito, não de humildade, mas de caridade, porque não notar os erros de outrem, eis a caridade moral. Passando junto de um pobre enfermo, o olhar com compaixão, tem sempre maior mérito do que o de lançar, com desprezo, o seu óbolo.

Entretanto, não é necessário tomar essa figura ao pé da letra, porque essa caridade não deve impedir a outra; mas pensai, sobretudo, em não desprezar o vosso semelhante; lembrai-vos do que já vos disse: É necessário se lembrar que, sem cessar, no pobre rejeitado, talvez rejeitais um Espírito que vos foi querido, e que se encontra, momentaneamente, numa posição inferior à vossa. Revi um desses pobres de vossa Terra que pude, por felicidade, favorecer algumas vezes, a quem me ocorre *agora implorar* por minha vez.

Sede, pois, caridosos; não sejais desdenhosos, sabeis deixar passar uma palavra que vos fere, e não creiais que ser caridoso seja somente dar o material, mas também praticar a caridade moral. Eu vos repito, façais uma e a outra. Lembrai-vos que Jesus disse que somos irmãos, e pensai sempre nisto antes de repelir o leproso ou o mendigo. Eu retornarei ainda para vos dar comunicação mais longa, mas sou chamada. Adeus; pensai naqueles que sofrem, e orai.

Irmã Rosalie.

A eletricidade do pensamento

(Médium, senhora Costel.)

Eu vos falarei do estranho fenômeno que se passa nas assembléias, qualquer que seja o seu caráter; quero falar da eletricidade do pensamento, que se espalha, como por encanto, nos cérebros os menos preparados para recebê-las. Só esse fato deveria confirmar o magnetismo aos olhos dos mais incrédulos. Estou sobretudo impressionada com a coexistência dos fenômenos, e o modo pelo qual se confirmam uns e outros; direis, sem dúvida: O Espiritismo os explica todos, porque dá a razão dos fatos, até então relegados ao domínio da superstição. É necessário crer no que ele nos ensina, porque transforma a pedra em diamante, quer dizer, que eleva sem cessar as almas que se aplicam em compreendê-lo, e que lhes dá, sobre esta Terra, a paciência para suportar os males, e lhes proporciona, no céu, a elevação gloriosa que aproxima do Criador.

Retorno do ponto de partida, do qual me afastei um pouco: a eletricidade que une o Espíritos dos homens reunidos, e fá-los compreender a todos, ao mesmo tempo, a mesma idéia; essa eletricidade será, um dia, empregada eficazmente entre os homens como já o é para as suas comunicações distantes. Eu vos indico esta idéia; desenvolvê-la-eis um dia, porque é muito fecunda. Conservai a calma em vossos trabalhos, e contaí com a benevolência dos bons Espíritos para vos assistir.

Vou completar meu pensamento que permaneceu inacabado na minha última comunicação. Eu vos falei da eletricidade de pensamento, e disse que um dia ela seria empregada como o é a sua irmã a eletricidade física. Com efeito, os homens reunidos libertam um fluido que lhes transmite, com a rapidez do raio, as menores impressões. Por que nunca se pensou empregar esse meio para descobrir um criminoso, por exemplo, ou para fazer as massas

compreenderem as verdades da religião ou do Espiritismo? Quando dos grandes processos criminais ou políticos, os assistentes dos dramas judiciais todos puderam constatar a corrente magnética que força, pouco a pouco, as pessoas mais interessadas em esconder o seu pensamento, a descobri-lo, a se acusar mesmo, não podendo mais suportar a pressão elétrica que fazia, apesar delas, jorrar a verdade, não de sua consciência, mas de seu peito; à parte essas grandes emoções, o mesmo fenômeno se reproduz para as idéias intelectuais que se comunicam de cérebro a cérebro; o meio, pois, está encontrado; trata-se de aplicá-lo: reunir, num mesmo centro, homens convencidos, ou homens instruídos, e opor-lhes a ignorância ou o vício. Estas experiências devem ser feitas conscientemente, e são mais importantes que os vãos debates feitos com palavras.

Delphinede girardin.

A hipocrisia

(Médium, Sr. Didier filho.)

Deveria haver, sobre a Terra, dois campos bem distintos: os homens que fazem o bem abertamente e aqueles que fazem o mal abertamente. Oh bem! Não. O homem não é mesmo franco no mal; ele aparenta a virtude. Hipocrisia! Hipocrisia! Deusa poderosa, quantos tiranos elevaste! Quantos ídolos fizeste adorar! O coração do homem é verdadeiramente muito estranho, uma vez que pode bater estando morto, uma vez que pode amar em aparência a honra, a virtude, a verdade, a caridade! O homem, cada dia, se prosterna diante dessas virtudes, e cada dia ele falta com a palavra, cada dia despreza o pobre e o Cristo; cada dia ele mente, cada dia ele é falso! Quantos homens parecem honestos pela aparência que freqüentemente engana! Cristo chamava-os sepulcros brancos, quer dizer, a podridão por dentro, o mármore por fora brilhando ao sol. Homem! Tu pareces efetivamente com essa morada da morte, e enquanto teu coração estiver morto, Jesus não o inspirará mais; Jesus, esta luz divina que não clareia exteriormente, mas que ilumina interiormente.

A hipocrisia é o vício da vossa época, entendei-o bem; e quereis vos fazer grandes pela hipocrisia! Em nome da liberdade, vos engrandeceis; em nome da moral vos embruteceis; em nome da verdade, mentis.

LAMENNAIS.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Terceiro Ano – 1860

Novembro

- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [Bibliografia. Carta de um católico sobre o Espiritismo \(pelo doutor Grand\)](#)
- [Homero](#)
- [Conversas familiares de além-túmulo: Um Espírito gastrônomo](#)
- [Um Espírita ao seu Espírito familiar. Estância](#)
- [Relações afetuosas dos Espíritos](#)
- Dissertações Espíritas
 - [Primeiras impressões de um Espírito. \(Delphine de Girardin\)](#)
 - [Os órfãos](#)
 - [De um irmão morto para a sua irmã viva](#)
 - [O Cristianismo \(Lamennais\)](#)
 - [O tempo perdido \(Massilon\)](#)
 - [Os Sábios \(Delphine de Girardin\)](#)
 - [O homem \(Santa Teresa\)](#)
 - [Da firmeza nos trabalhos espíritas \(Channing\)](#)
 - [Os inimigos do progresso \(Lamennais\)](#)
 - [Distinção da natureza dos Espíritos](#)
 - [Scarron](#)
 - [O nada da vida \(Swetchine\)](#)
 - [Aos Médiuns \(Salles\)](#)
 - [A honestidade relativa \(Georges\)](#)
 - [Proveito de conselhos](#)
 - [Pensamentos destacados \(Massillon-Lamennais\)](#)
- [Maria d'Agreda. Fenômeno de bi-corporeidade](#)
- [Aviso](#)

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, novembro de 1860

Sexta-feira, 5 de outubro de 1860. (Sessão particular.)

Reunião da comissão.

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 24 de agosto.

Com o parecer da comissão, que tomou conhecimento da carta de pedido, e depois de relatório verbal, a Sociedade admite como associado o Sr. B..., negociante de Paris.

Comunicações diversas - 1º O Sr. Allan Kardec dá conta do resultado da viagem que vem de fazer no interesse do Espiritismo, e se felicita pela cordial acolhida que recebeu por toda a parte, e notadamente em Sens, Mâcon, Lyon e Saint-Etienne. Constatou, por toda a parte onde se deteve, o progresso considerável da Doutrina; mas, o que foi sobretudo digno de nota foi que, em nenhuma parte, não se viu dele fazer divertimento; por toda a parte dele se ocupa de maneira séria, e por toda a parte se compreende a importância de suas conseqüências futuras. Sem dúvida, há ainda muitos opositores, dos quais os mais obstinados são os opositores interessados, mas os escarnecedores diminuem sensivelmente, vendo que os seus sarcasmos não colocam os galhofeiros de seu lado, e que favorecem mais do que detêm o progresso das crenças novas, começam a compreender que nada ganham com isso e gastam o seu espírito em pura perda, por isso é que se calam. Uma palavra bem característica parece estar por toda a parte na ordem do dia; é esta: *O Espiritismo está no ar*; por si só ela pinta o estado das coisas. Mas é sobretudo em Lyon que os resultados são mais notáveis. Os Espíritas ali são numerosos em todas as classes, e, na classe operária, eles se contam por centenas. A Doutrina Espírita exerceu, entre os operários, a mais salutar influência do ponto de vista da ordem, da moral e das idéias religiosas. Em resumo, a propagação do Espiritismo caminha com a mais encorajadora rapidez.

O Sr. Allan Kardec leu o discurso pronunciado pelo Sr. Guillaume no banquete que os espíritas lioneses lhe ofereceram, e a resposta que lhe deu.

A Sociedade reconheceu os testemunhos de simpatias que seus confrades de Lyon lhe deram nessa circunstância, vota-lhes uma carta de agradecimento, cujo projeto foi submetido à comissão, e emendado por ela. Essa carta será transmitida aos cuidados do presidente.

O Sr. Allan Kardec viu, em Saint-Etienne, o Sr. R... e ouviu dele mesmo a exposição do sistema que lhe foi ditado por meio do que chama *a escrita inconsciente*. Este sistema será ulteriormente o objeto de um exame especial.

Deu conta de um caso muito curioso de obsessão física sobre uma pessoa de Lyon; de um fato de mediunidade visual, do qual foi testemunha, e de um fenômeno de transfiguração que se passou nos arredores de Saint-Etienne, na pessoa de uma jovem que tomava, em certos

momentos, a aparência completa de seu irmão morto alguns anos antes.

2º Narração de um fato notável de identidade espírita, ocorrido sobre um navio da marinha imperial, navegando nos mares da China. O fato foi reportado por um cirurgião da frota, presente à sessão. No navio, todo mundo, desde os marinheiros até o estado-maior, se ocupava de evocações; mas não conhecendo o meio de se obter comunicações escritas, serviam-se da tipologia alfabética; teve-se a idéia de evocar um tenente morto, há dois anos; entre outras particularidades, disse isto: "Peço-vos insistentemente pagarem ao capitão a quantia de... (designou a soma) que lhe devo, e que lamento não lhe ter pago antes de minha morte. "Ninguém conhecia esta circunstância; o próprio capitão a tinha esquecido, mas tendo verificado as suas contas, ali encontrou a menção da dívida do tenente, e cuja cifra indicada pelo seu Espírito era perfeitamente exata.

3º O Sr. de Grand-Boulogne leu uma encantadora peça de versos, dirigida por ele ao seu Espírito familiar.

Estudos - 1º Perguntas dirigidas a São Luís sobre a sua aparição a um médium vidente de Lyon, em presença do Sr. Allan Kardec. Ele respondeu: "Sim, era bem eu; era do dever da minha missão não abandonar o diretor da sociedade que patrocino."

- Outras perguntas sobre a impressão física produzida sobre certos médiuns escreventes pelos Espíritos bons ou maus.

2º Evocação do Sr. Ch. de P. que se encontrou afogado, e cuja morte foi atribuída a um suicídio. Ele desmente esta opinião, contando as causas acidentais que ocasionaram a sua morte.

3º Ditado espontâneo, assinado por Lamennais, obtido pela Sra D...

Sexta-feira, 12 de outubro de 1860. (Sessão geral.)

Reunião da comissão.

Presidência do Sr. Jobard, de Bruxelas, presidente honorário.

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 5 de outubro.

Comunicações diversas. - 1º Leitura de diversas comunicações obtidas pela Sra. Schm...: *Os órfãos*, assinada por Jules Morin. Outras, assinadas por Alfred de Musset; a rainha de Oude, Nicolas.

2º Leitura de um ditado espontâneo assinado por São Luís, obtido pelo Sr. Darcol, sobre diversos conselhos aos espíritas.

3º Carta dirigida ao Sr. Allan Kardec, pelo Sr. J..., de Terre-Noire, sobre a penosa impressão que produziu, sobre ele, a exposição do sistema do Sr. R...

Estudos. - 1º Evocação de Saul, rei dos Judeus; declara que não é ele que se comunica à senhorita B...

O Espírito que se comunica sob este nome ensinara, no círculo dessa senhorita, um sistema particular cujos dois pontos principais são estes: 1^o Os Espíritos são tanto mais esclarecidos quanto sua última existência terrestre seja mais antiga, de onde se segue que São Luís, por exemplo, deve ser menos avançado do que ele, porque morreu há menos tempo; - 2^o Que os Espíritos não encarnam senão na Terra, e que o número dessas encarnações é de três, nunca mais, jamais menos, o que basta para conduzi-los do grau mais baixo até o grau mais alto.

Tendo o Sr. Allan Kardec combatido essa teoria como irracional e desmentida pelos fatos, o Espírito empenhou-se em fazê-lo mudar de opinião. Sendo evocado, não pôde sustentar o seu sistema, mas não se deu por vencido, e pediu para ser ouvido numa outra sessão íntima, e pelo seu médium habitual.

Nota. Esta sessão ocorreu alguns dias depois, e o Espírito persistia em se dizer Saul, o rei dos Judeus; mas pressionado pelas perguntas, deu prova da mais absoluta ignorância, dizendo, por exemplo, que a encarnação não ocorre senão sobre a Terra, porque a Terra é o único globo sólido; todos os outros planetas não sendo, segundo ele, senão *globos fluídicos*, não podiam servir de habitação a seres corpóreos. Quando se lhe objetou o fenômeno dos eclipses do Sol, pretendeu que o Sol jamais era eclipsado por Mercúrio e Vênus, e que, aliás, os astrônomos nem sempre estiveram de acordo entre eles.

Esse fato prova, uma vez mais, que os Espíritos estão longe de ter a ciência infusa, e o quanto se deve manter em guarda contra os sistemas que, por amor-próprio, alguns procuram acreditar, a favor de algumas belas máximas de moral. Este, apesar de sua jactância, mostrou o seu verdadeiro caráter, pela sua ridícula teoria de corpos planetários, e provou que, quando vivo, deveria ser menos instruído do que o último escolar, o que não prova muito em favor do seu adiantamento. Quando esses Espíritos encontram ouvintes que acolhem as suas palavras com uma confiança muito cega, disso se aproveitam, mas serão encontrados menos à medida que se compenetrarem desta verdade, de que é necessário submeter todas as comunicações ao controle severo da lógica e da razão; quando esses Espíritos, pseudo-sábios, verem que não se é mais vítima de nomes respeitáveis dos quais se apoderam, e que não podem fazer aceitar as suas utopias, compreenderão que perdem o seu tempo e se calarão.

2^o Evocação do Espírito que se comunicou ao Sr. M..., e igualmente lhe ditou um sistema completo. Este estudo será repetido ulteriormente..

3^o Ditado espontâneo obtido pelo Sr. D..., sobre a ciência infusa, e assinado por São Luís. Esta comunicação parece ter sido provocada pelos assuntos com os quais se ocupou durante a sessão.

4^o Desenho obtido pela senhorita J... e assinado por Ary Schoeffer.

5^o Evocação de Nicolas, pela senhorita J... Ele se manifesta, como de hábito, pela violência. "Pedir-me calma, disse ele, é pedir para não ser eu. Vós o vereis, eu queimo ainda; é que o sopro da batalha eleva-se para mim."

Interrogado sobre a razão pela qual se mantém tão calmo com a senhora Sech..., responde; Tomei um intérprete para não ferir essa frágil criatura; posso ter belos e bons pensamentos, mas eu mesmo não os escrevo.

Um outro Espírito se comunica espontaneamente à senhorita J...; pela sua extrema doçura, sua escrita séria, correta e quase de imprensa, que contrasta de maneira tão notável com a escrita brusca, angulosa e impaciente de N..., o médium crê reconhecer a Jean-Baptiste, que várias vezes se manifestou dessa maneira. Ele fala da eficácia da prece, e lembra os profetas do Apocalipse, que hoje encontram a sua aplicação.

Sexta-feira, 19 de outubro de 1860. (Sessão particular.)

Reunião da comissão.

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

Com o parecer da comissão, e depois de relatório verbal, são admitidos, como associados livres, o Sr. G..., negociante de Paris, e o Sr. D..., empregado dos correios.

Comunicações diversas. - 1º Leitura de uma comunicação obtida pela Sra. Sch..., de seu irmão. Ela é notável pela elevação dos pensamentos, e prova a afeição que os Espíritos conservam por aqueles que amaram sobre a Terra.

2º A Sra. Desl... lê a evocação de uma antiga criada, morta ao serviço de sua família. Esta evocação, onde o Espírito prova o seu apego e seus bons sentimentos, oferece uma particularidade notável, que é a forma da linguagem, que é em todos os pontos semelhante à das pessoas do campo, tendo o Espírito conservado até as expressões que lhe eram familiares.

3º Fato de identidade relativo ao Espírito do Sr. Charles P..., evocado na sessão de 5 de outubro. A pessoa com quem já se comunicara em Bordeaux, tendo-o evocado de novo, nos primeiros dias desse mês, comunicou-lhe que fora chamado na Sociedade, onde confirmara o que lhe dissera a respeito da causa accidental de sua morte. Poucos instantes depois, essa pessoa recebeu a carta do Sr. Allan Kardec, que lhe transmitia o detalhe da evocação feita na Sociedade.

4º Narração de diversos fatos de aparições vaporosas e tangíveis, e de transporte de objetos materiais, pessoais ao Sr. de St.-G..., presente na sessão, assim como a um dos seus pais. Esses fatos serão o objeto de um exame ulterior.

Estudos. - 1º Evocação do Espírito que se manifestou visivelmente ao Sr. de St.-G... Ele dá algumas explicações, mas declara que prefere se comunicar pelo seu médium habitual.

2º Evocação de um Espírito que toma o nome de Balthazar, e que se revelou espontaneamente na casa da senhorita H..., mostrando disposições gastronômicas. Essa evocação oferece um grande interesse do ponto de vista do estudo dos Espíritos não desmaterializados, e que conservam os instintos da vida terrestre.

3º Três ditados espontâneos foram obtidos: o primeiro pelo Sr. Didier filho, sobre o Cristianismo, assinado por Lammenais; o segundo pela senhora Gostei, sobre os Espíritos materiais, assinado por Delphine de Girardin; o terceiro pela senhorita Huet; o Beijo da paz, parábola, assinada por Channing.

Bibliografia

Revista Espírita, novembro de 1860

Carta de um católico sobre o Espiritismo

Pelo doutor GRAND, antigo vice-cônsul da França (1)

(1) Br grand in-18, preço 1 fr., e para o correio 1 fr. 15cen?., casa Ledoyen, livreiro-editor, Palais-Royal. 31, galeria de Orléans, e no escritório da *Revista Espírita*.)

O autor dessa brochura se propôs provar que se pode ser, ao mesmo tempo, bom católico e fervoroso Espírita; sob este aspecto, ele prega pela palavra e pelo exemplo, porque é sinceramente uma e outro. Estabelece por fatos e por argumentos de uma rigorosa lógica, a concordância do Espiritismo com a religião, e demonstra que todos os dogmas fundamentais encontram, na Doutrina Espírita, uma explicação de natureza a satisfazer a razão mais exigente, e que a teologia em vão se esforça em dar; de onde conclui que se esses mesmos dogmas fossem ensinados dessa maneira encontrariam bem menos incrédulos e que, portanto, a religião devendo ganhar com essa aliança, um dia virá que, pela força das coisas, o Espiritismo estará na religião, ou a religião no Espiritismo.

Parece-nos difícil que, depois da leitura desse pequeno livro, aqueles que os escrúpulos religiosos afastam ainda do Espiritismo, não sejam conduzidos a uma apreciação mais sadia da coisa. Há, aliás, um fato evidente, é que as idéias espíritas caminham com uma tal rapidez que se pode, sem ser adivinho ou feiticeiro, prever o tempo em que serão tão gerais que, bom grado, malgrado, será necessário muito contar com elas; tomarão direito de cidadania sem necessidade da permissão de ninguém, e dentro em pouco se reconhecerá, se já não se fez, a impossibilidade absoluta de deter-lhe o curso. As diatribes mesmo lhe dão um impulso extraordinário, e não se poderia crer no número de adeptos que fez, sem o querer, o Sr. Louis Figuier com a sua *Historie du merveilleux*, onde ele pretende tudo explicar pela alucinação, ao passo que, em definitivo, não explica nada, porque sendo o seu ponto de partida a negação de todo poder fora da humanidade, sua teoria material não pode resolver todos os casos. Os gracejos do Sr. Oscar Comettant não são razões: ele faz rir, mas não é às custas dos espíritas. O impudente e grosseiro artigo da *Gazette de Lyon*, não faz de errado senão a si mesmo, porque todo o mundo o julgou como merecia sê-lo. Depois da leitura da brochura de que falamos, que dirão aqueles que ainda ousam avançar que os espíritas são ímpios, e que a sua doutrina ameaça a religião? Eles não prestam atenção que dizendo isso fazem crer que a religião é vulnerável; ela seria bem vulnerável, com efeito, se uma utopia, uma vez que, segundo eles, ela é uma, poderia comprometê-la. Não tememos dizer-lo, todos os homens sinceramente religiosos, e nós entendemos por isso aqueles que o são mais pelo coração do que pelos lábios, reconhecerão no Espiritismo uma manifestação divina, cujo objetivo é reavivar a fé que se extingue.

Recomendamos com instância essa brochura a todos os nossos leitores, e cremos que farão uma coisa útil procurando propagá-la.

Homero

Revista Espírita, novembro de 1860

Há muito tempo estamos em relação com dois médiuns de Sens, tão distinguidos pelas suas faculdades como recomendáveis pela sua modéstia, seu devotamento e a pureza de suas intenções. Guardaríamos-nos de dizer-lhes, se não os soubéssemos inacessíveis ao orgulho, essa dificuldade imprevista de tantos médiuns, e contra a qual vieram se quebrar tantas disposições felizes; é uma qualidade tão rara para que mereça ser assinalada. Pudemos nos assegurar, por nós mesmos, da simpatia de que gozam entre os bons Espíritos; mas longe de se prevalecerem disso, longe de se crerem os únicos intérpretes da verdade, sem se deixarem deslumbrar por nomes imponentes, aceitam com toda a humildade, e com uma *prudente reserva* as comunicações que recebem, submetendo-as sempre ao controle da razão. É o único meio para desencorajar os Espíritos enganadores, sempre à espreita de pessoas dispostas a crerem, sobre palavra, em tudo o que vem do mundo dos Espíritos, contanto que isso leve um nome respeitável. De resto, nunca tiveram comunicações frívolas, triviais, grosseiras ou ridículas, e jamais algum Espírito tentou inculcar-lhes idéias excêntricas, ou se impor como regulador absoluto; e o que prova, mais ainda do que tudo isso, em favor dos Espíritos que os assistem, são os sentimentos de real benevolência e de verdadeira caridade cristã que esses Espíritos inspiram aos seus protegidos. Tal foi a impressão que nos ficou do que vimos e que estamos felizes em proclamar.

No interesse da conservação e do aperfeiçoamento de sua faculdade, fazemos votos de que não caiam jamais no erro dos médiuns que crêem em sua infalibilidade. Não há um deles que possa se gabar de nunca ter sido enganado; as melhores intenções nisso não garantem sempre e, freqüentemente, é uma prova para exercer o julgamento e a perspicácia; mas com relação àqueles que têm a infelicidade de se crerem infalíveis, os Espíritos enganadores são muito ágeis para disso não se aproveitarem; eles fazem o que os homens fazem: *exploram todas as fraquezas*.

Dentre as comunicações que esses senhores nos endereçaram, a seguinte, assinada por Homero, sem nada ter de muito saliente sob o aspecto das idéias, nos pareceu merecer uma atenção particular, em razão de um fato notável que pode, até um certo ponto, ser considerado como uma prova de identidade. Essa comunicação foi obtida espontaneamente e sem que o médium pensasse o mínimo do mundo no poeta grego; ela deu lugar a diversas perguntas que cremos igualmente dever reproduzir.

O médium escreveu, pois, um dia o que se segue, sem saber quem lho ditava:

"Meu Deus! Quanto os vossos desígnios são profundos e quanto os vossos objetivos são impenetráveis! Os homens procuraram, em todos os tempos, a solução de uma multidão de problemas que ainda não foram resolvidos. Eu também, procurei toda a minha vida, e não pude resolver aquele que parece o menor de todos: o mal, o aguilhão do qual vos servis a fim de impelir o homem a fazer o bem por amor. Conheci, bem jovem ainda, os maus tratos que os humanos se fazem uns aos outros, sem dissimulação, como se o mal fosse para eles um elemento natural, e, todavia, não o é assim, uma vez que todos tendem para o mesmo objetivo, que é o bem. Eles se massacram entre si, e ao despertarem reconhecem ter ferido um irmão! Mas tais são os vossos decretos que não nos cabe mudá-los; não temos senão o mérito, ou o demérito, de termos mais ou menos resistido à tentação, e por sanção de tudo

isso, o castigo ou a recompensa.

"Passei a minha juventude nos caniços de Meles; eu me banhei e me embalei, muito freqüentemente, em suas ondas; por isso, em minha juventude, me chamavam *Mélèsigène*."

1. Sendo-nos desconhecido esse nome, pedimos ao Espírito para consentir em se dar a conhecer de um modo mais preciso. - R. Minha juventude foi embalada nas ondas; a poesia me deu cabelos brancos; é a mim que chamais *Homero*.

Nota. - Nossa surpresa foi grande, porque não tínhamos nenhuma idéia desse sobrenome de Homero; depois o encontramos no dicionário de mitologia. Prosseguimos com as nossas perguntas.

2. Gostariéis de nos dizer a que devemos a alegria da vossa visita espontânea, porque, disso vos pedimos perdão, não pensávamos de modo algum em vós neste momento? - R. É porque virei às vossas reuniões, como se vai sempre junto aos irmãos que têm em vista fazer o bem.

3. Se ousássemos, pediríamos para nos falar dos últimos momentos da vossa vida terrestre. - R. Oh! meus amigos, faça Deus que não morrais tão infeliz quanto eu! Meu corpo morreu na última das misérias humanas; a alma bem perturbada nesse estado; o despertar é mais difícil, mas também há bem mais beleza. Oh! como Deus é grande! Que vos abençoe! Eu o peço do fundo de meu coração.

4. Os poemas da *Ilíada* e da *Odisséia*, que temos, estão bem como os compusestes? - R. Não, foram trabalhados.

5. Várias cidades disputaram a honra de vos ter dado a luz; poderíeis nos fixar a esse respeito? - R. Procurai qual cidade da Grécia possuía o teto do cortesão Cléanax; foi ele quem expulsou a minha mãe do lugar do meu nascimento, porque ela não queria ser sua amante, e sabereis em que cidade vim à luz. Sim, elas disputaram essa pretensa honra, e não disputaram a de me ter dado a hospitalidade. Oh! Eis bem os pobres humanos; sempre fúteis; bons pensamentos, nunca!

Observação. - O fato mais saliente desta comunicação foi a revelação do sobrenome Homero, e é tanto mais notável quanto os dois médiuns, que eles mesmos reconhecem e deploram a insuficiência de sua educação, o que os obriga a viverem do trabalho de suas mãos, disso não podiam ter nenhuma idéia; e igualmente se pode menos atribuí-la a um reflexo de um pensamento qualquer, porque nesse momento estavam a sós.

Faremos, a esse respeito, uma outra anotação, o que é constante para todo espírita, embora seja pouco experiente, que uma pessoa que houvesse conhecido o sobrenome Homero e que, tendo-o evocado lhe pedisse dizer-lo como prova de identidade, não a teria obtido. Se as comunicações fossem um reflexo do pensamento, como o Espírito não diria o que se sabe, ao passo que, ele mesmo, disse o que não se sabe? É que ele tem também a sua dignidade e sua suscetibilidade, e quer provar que não está às ordens do primeiro que chega. Suponhamos que aquele que mais protesta contra o que se chama o capricho ou a má vontade do Espírito, se apresente numa casa declinando o seu nome; que faria se o acolhesse pedindo-lhe, à queima-roupa, para provar que é bem um tal? Voltaria as costas; é o que fazem os Espíritos. Isto não quer dizer que é necessário crer neles sob palavra; mas quando se quer ter provas de sua identidade, é preciso que se faça isso com comedimento, tão bem com eles quanto com os homens. As provas de identidade dadas espontaneamente

pelos Espíritos são sempre as melhores.

Se nos estendemos tão longamente a propósito de um assunto que não parecia comportar tanto desenvolvimento, é que nos parece útil não negligenciar nenhuma ocasião de chamar a atenção sobre a parte prática de uma ciência que está cercada de maior dificuldades do que se crê geralmente, e que muitas pessoas crêem possuir, porque sabem fazer bater uma mesa ou caminhar um lápis. Aliás, nos dirigimos àqueles que crêem ainda terem necessidade de alguns conselhos, e não àqueles que, após alguns meses apenas de estudo, pensam poder disso abster-se; se os conselhos que cremos dever dar são perdidos para alguns, sabemos que não o são para todos, e que muitas pessoas os acolhem com prazer.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, novembro de 1860

BALTHAZAR OU O ESPÍRITO GASTRÔNOMO.

(Sociedade, 19 de outubro de 1860).

Numa reunião espírita particular, um Espírito se apresentou espontaneamente, sob o nome de Balthazar, e ditou a frase seguinte por pancadas:

"Eu gosto de comida e das belas; viva o melão e a lagosta, a meia xícara e o cálice!"

Pareceu-nos que semelhantes disposições, num habitante do mundo invisível, poderia dar lugar a um estudo sério, e que se deveria poder tirar dele um ensinamento instrutivo sobre as faculdades e as sensações de certos Espíritos. Era, ao nosso ver, um interessante assunto de observação que se apresentava por si mesmo, ou melhor ainda, que talvez tivesse sido enviado pelos Espíritos elevados, desejosos de nos fornecer meios para nos instruir; seríamos, pois, culpados disso, não aproveitando. É evidente que esta frase burlesca revela, da parte desse Espírito, uma natureza toda especial, cujo estudo pode lançar uma nova luz sobre o que se pode chamar a fisiologia do mundo espírita.

Por isso a Sociedade acreditou dever evocá-lo, não por um motivo fútil, mas na esperança de nele encontrar um novo objeto de estudo.

Certas pessoas crêem que nada se pode aprender senão com o Espírito dos grandes homens: é um erro. Sem dúvida, só os Espíritos de elite podem nos dar lições de alta filosofia teórica, mas o que não nos importa menos é o conhecimento do estado real do mundo invisível. Pelo estudo de certos Espíritos, conhecemos de alguma sorte a natureza sobre o fato; é vendo as feridas que se pode encontrar o meio de curá-las. Como nos daríamos conta das penas e dos sofrimentos da vida futura, se não víssemos Espíritos infelizes? Por eles compreendemos que se pode sofrer muito sem estar no fogo e nas torturas materiais do inferno, e esta convicção, que o espetáculo da baixa população da vida espírita dá, não é uma das causas que menos contribuiriam para reunir os partidários da doutrina.

1. Evocação. - R. Meus amigos, eis-me diante de uma grande mesa, mas nua, ai de mim!
2. Esta mesa está nua, é verdade, mas quereis nos dizer para que vos serviria se estivesse carregada de comidas; que farias delas? - *Delas sentiria o perfume, como outrora sentia-lhe o gosto.*

Nota. Esta resposta é todo um ensinamento. Sabemos que os Espíritos têm as nossas sensações e que percebem os odores tão bem quanto os sons. Na falta de poder comer, um Espírito material e sensual se repasta na emanção das comidas; ele as saboreia pelo odor como, quando vivo, o fazia pelo sentido do gosto. Há, pois, alguma coisa de verdadeiramente

material em seu prazer; mas, como em definitivo há mais desejo do que realidade, esse prazer mesmo, estimulando os desejos, torna-se um suplício para os Espíritos inferiores, que ainda conservaram as paixões humanas.

3. Falemos muito seriamente, eu vos peço; o nosso objetivo não é, de nenhum modo, a diversão, mas nos instruir. Consenti, pois, em responder seriamente às nossas perguntas, e, se for preciso, vos fazer assistir por um Espírito mais esclarecido, se isso for necessário.

Tendes um corpo fluídico, nós o sabemos; mas dissei-vos se, nesse corpo, há um estômago? - R. Estômago fluídico também, onde só os odores podem passar.

4. Quando vedes comidas apetitosas, sentis o desejo de comê-las? -R. Comê-las, ai de mim! eu não o posso mais; para mim essas comidas são o que são as flores para vós: vós as sentis, mas não as corneis; isso vos contenta; pois bem! eu estou contente também.

5. Isso vos dá prazer em ver os outros comerem? -R. Muito, quando ali estou.

6. Sentis a necessidade de comer e de beber? Notai que dizemos a *necessidade*; ainda há pouco dissemos o *desejo*, o que não é a mesma coisa. - R. Necessidade, não; mas desejo, sim, sempre.

7. Esse desejo é plenamente satisfeito pelo odor que aspirais; é para vós a mesma coisa de que comêsseis realmente? - R. É como se vos perguntasse se a visão de um objeto, que desejais ardentemente, substitui para vós a posse desse objeto.

8. Pareceria, segundo isso, que o desejo que sentis deve ser um verdadeiro suplício, não podendo ter o gozo real? -R. Suplício maior do que credes; mas trato de me atordoar em me iludindo.

9. Vosso estado me parece bastante material; dissei-vos se dormis algumas vezes? -R. Não; eu gosto de vadiar um pouco por toda a parte.

10. O tempo vos parece longo? Aborrecei-vos algumas vezes? - R. Não, percorro os mercados, as feiras; vou ver chegar o peixe fresco do mar, e isso me ocupa bem e muito.

11. Que fazíeis quando estáveis sobre a Terra?

Nota. - Alguém disse: sem dúvida era cozinheiro. -R. Guloso, não glutão; advogado, filho de guloso; neto de guloso; meus pais eram fazendeiros generosos.

O Espírito, respondendo, em seguida, à reflexão precedente, acrescenta: Bem vêis que eu não era cozinheiro, não te teria convidado para os meus almoços, tu não sabes nem beber nem comer.

12. Faz muito tempo que estais morto? -R. Há uma trintena de anos; há oitenta anos.

13. Vedes a outros Espíritos mais felizes do que vós?-R. Sim, vejo que fazem consistir a sua felicidade em louvar a Deus; não conheço isso ainda, meus pensamentos roçam a terra.

14. Dai-vos conta da causa que os tornam mais felizes do que vós? - R. Eu não as aprecio ainda, como aquele que não sabe o que é um prato rebuscado, não o aprecia; isso talvez virá. Adeus; vou à procura de uma pequena sopa bem delicada e bem suculenta.

BALTHAZAR.

Nota. - Esse Espírito é um verdadeiro tipo; faz parte dessa classe numerosa de seres invisíveis que não se elevaram, de nenhum modo, acima da condição da humanidade; não têm de menos senão o corpo material, mas as suas idéias são exatamente as mesmas. Este não é um mau Espírito, não tem contra ele senão a sensualidade que é, ao mesmo tempo, para ele, um suplício e um prazer; como Espírito, não está, pois, entre os infelizes, é mesmo feliz à sua maneira; mas Deus sabe o que o espera numa nova existência! Um triste retorno poderá fazê-lo muito refletir, e desenvolver nele o senso moral, ainda abafado pela preponderância dos sentidos.

Um Espírita ao seu Espírito familiar

Revista Espírita, novembro de 1860

ESTÂNCIA.

Tu, que dás à minha tristeza

Um olhar de terna piedade!

Tu, que dás à minha fraqueza

O apoio da santa amizade!

Espírito, gênio, ou pura flama,

Suspende teu vôo para os céus;

Fica para esclarecer minha alma,

Ó conselheiro misterioso!

Mensageiro da Providência,

Sábio intérprete de sua lei,

Oh! Fala; eu te escuto em silêncio:

Mestre divino, ensina-me.

Recentemente ainda a dúvida sombria,

A dúvida planava sobre meu coração,

Mas teu sopro afastando essa sombra,

Me lança um raio de felicidade!

Assim, Deus, o senhor adorado,

Pai, ainda mais que criador,

Coloca, em sua ternura inefável,

Um anjo junto do meu coração.

Cada um, ó encantador milagre!

Possui um celeste guardião;

Cada um de nós tem seu oráculo

Ou seu invisível apoio.

Encantador Espírito que me consola!

Irmão bendito, doce e piedoso,

Que contigo minha alma voa,

Que ela voa para os céus!

Sim, eu te amo, anjo tutelar;

Com alegria tomo a tua mão

Eu te sou, doce estrela; ilumina

O céu onde estaremos amanhã.

Relações afetuosas dos Espíritos

Revista Espírita, novembro de 1860

Comentários sobre o ditado espontâneo, publicado na Revista do mês de outubro de 1860, sob o título de: *o Despertar do Espírito*.

Geralmente, se tem admirado as belas comunicações do Espírito que assina *Georges*; mas, em razão mesmo da superioridade da qual este Espírito deu provas, várias pessoas viram com surpresa o que ele disse na sua comunicação do *Despertar do Espírito*, a propósito das relações de além-túmulo. Ali se lê o que se segue:

"A gente despoja-se de todos os preconceitos terrestres, a verdade aparece com toda a sua luz, nada disfarça as faltas, nada esconde as virtudes; vê-se sua alma tão claramente como num espelho, procura-se entre os Espíritos aqueles que se conheceu, porque o Espírito se assusta com o seu isolamento, mas passam sem se deter; não há comunicações amigáveis entre os Espíritos errantes; aqueles mesmos que se amaram não trocam sinais de reconhecimento; essas formas diáfanas deslizam e não se fixam: as comunicações afetuosas são reservadas aos Espíritos superiores."

O pensamento de se encontrar depois da morte, e de se comunicar com aqueles que se amou, é uma das mais doces consolações do Espiritismo, e a idéia de que as almas não podem ter, entre elas, relações amigáveis seria dolorosa se devesse ser absoluta, também não estamos surpresos com o sentimento penoso que ela produziu. Se *Georges* fora um desses Espíritos vulgares e sistemáticos, que emitem suas próprias idéias sem se inquietarem com a sua justeza ou a sua falsidade, não se teria dado nenhuma importância; em razão de sua sabedoria e sua profundidade habituais, poder-se-ia crer que, no fundo dessa teoria, haveria alguma coisa de verdadeira, mas que o pensamento não fora completamente expresso; é, com efeito, o que resulta das explicações que pedimos. Encontramos aí, pois, uma prova a mais de que não é preciso nada aceitar sem tê-lo submetido ao controle da razão, e aqui a razão e os fatos nos dizem que essa teoria não poderia ser absoluta.

Se o isolamento fosse uma propriedade inerente à erraticidade, esse estado seria um verdadeiro suplício, tanto mais penoso quanto mais possa se prolongar durante uma longa seqüência de séculos. Nós sabemos, por experiência, que a privação da visão daqueles que se amou é uma punição para certos Espíritos; mas sabemos também que muitos ficam felizes por se reencontrarem; que à saída dessa vida, nossos amigos do mundo espírita vêm nos receber e nos ajudam a nos desembaraçarmos das faixas materiais, e que nada é mais penoso do que não encontrar nenhuma alma benevolente nesse momento solene. Essa consoladora doutrina seria uma quimera! Não, isto não se pode porque ela não é somente o resultado de um ensino, são as próprias almas, felizes ou sofredoras, que vieram descrever sua situação. Sabemos que os Espíritos se reúnem e concordam entre eles para agirem de comum acordo com mais força em certas ocasiões, tanto para o mal como para o bem; que os Espíritos a quem faltem conhecimentos necessários, para responderem às perguntas que se lhes dirige, podem ser assistidos por Espíritos mais esclarecidos; que estes têm por missão ajudarem, com os seus conselhos, ao adiantamento dos Espíritos atrasados, que os Espíritos inferiores agem sob o impulso de outros Espíritos dos quais são os instrumentos; que eles recebem ordens, proibições ou permissões, todas circunstâncias que não poderiam ocorrer se os Espíritos estivessem entregues a si mesmos. O simples bom senso nos diz, pois, que a

situação da qual foi falada é relativa e não absoluta. Que ela pode existir para alguns em dadas circunstâncias, mas que não poderia ser geral, porque de outro modo seria o maior obstáculo ao progresso do Espírito, e por isso mesmo não estaria conforme nem com a justiça e nem com a bondade de Deus. Evidentemente, o Espírito de Georges não considerou senão uma fase da erraticidade, onde, por melhor dizer, restringiu a acepção da palavra *errante* a uma certa categoria de Espíritos em lugar de aplicá-la, como o fazemos, a todos os Espíritos não encarnados indistintamente.

Pode ocorrer, pois, que dois seres que se amam não troquem os sinais de reconhecimento; que não possam mesmo nem se verem e nem se falarem, se é uma punição para um dos dois. Por outro lado, como os Espíritos se reúnem segundo a ordem hierárquica, dois seres que se amam sobre a Terra podem pertencer a ordens muito diferentes e, por isso mesmo, se encontrarem separados até que o menos avançado tenha chegado ao grau do outro; essa privação pode ser, assim, uma conseqüência da expiação e das provas terrestres: cabe a nós fazer de modo a não merecê-la.

A felicidade dos Espíritos é relativa à sua elevação; a felicidade não é completa senão para os Espíritos depurados, cuja felicidade consiste, principalmente, no amor que os une; isso se concebe e é de inteira justiça, porque a afeição verdadeira não pode existir senão entre seres que se despojaram de todo o egoísmo e de toda influência material, porque, entre aqueles somente, ela é pura sem dissimulação, e não pode ser perturbada por nada; de onde se segue que as suas comunicações devem ser, por isso mesmo, mais afetuosas, mais expansivas, do que entre os Espíritos que ainda estão sob o império das paixões terrestres; é necessário disso concluir que os Espíritos errantes não estão forçosamente privados, mas podem estar privados dessas espécies de comunicações, se tal é a punição que lhes foi infligida. Como disse Georges numa outra passagem: "Essa privação momentânea não lhes dá senão mais ardor para chegar a um momento onde as provas cumpridas lhes devolverão os objetos de sua afeição." Portanto, essa privação não é o estado normal dos Espíritos errantes, mas uma expiação para aqueles que a mereceram, uma das mil e uma variedades que nos esperam na outra vida, quando desmerecemos nesta.

Dissertações Espíritas

Revista Espírita, novembro de 1860

Obtidas ou lidas na Sociedade por diversos médiuns.

Primeiras impressões de um Espírito

(Médium, senhora Costel.)

Eu vos falarei da estranha mudança que se opera no Espírito logo depois de sua libertação; ele se evapora do despojo que abandona, como uma chama se destaca do foco que a produziu; depois segue-se uma grande perturbação, e esta estranha dúvida: estou morto ou vivo? A ausência das sensações comuns produzidas pelo corpo o espanta e imobiliza, por assim dizer; assim como um homem habituado a um fardo pesado, a nossa alma, aliviada de repente, não sabe o que fazer da sua liberdade; depois o espaço infinito, as maravilhas sem número dos astros se sucedendo num ritmo harmonioso, os Espíritos diligentes, flutuando no ar, e radiosos de luz sutil que parece trespassá-los, o sentimento da liberdade que inunda de repente, a necessidade de se lançar também no espaço, como os pássaros que querem ensaiar suas asas, eis as primeiras impressões que todos tios sentimos. Não posso vos revelar todas as fases dessa existência; acrescento apenas que, logo satisfeita pelo seu deslumbramento, a alma ávida quer se lançar e subir mais alto, nas regiões da verdadeira beleza, do verdadeiro bem, e essa aspiração é o tormento dos Espíritos sedentos do infinito; como a crisálida, esperam a caída de sua casca; sentem surgir as asas que os levarão, radiosos, ao azul bendito; mas, ainda retidos pelos laços do pecado, lhes é preciso planarem entre o céu e a Terra, não pertencendo nem a um nem a outro. Que são todas as aspirações terrestres, comparadas ao ardor insatisfeito do ser que entreviu um canto da eternidade! Sofrei muito, pois, para chegardes depurados entre nós; o Espiritismo vos ajudará, porque é uma obra bendita; ele une os Espíritos e os vivos, que formam os anéis de uma cadeia invisível, que remonta até Deus.

Delphine de Girardin.

Os órfãos

(Médium, senhora Schimidt).

Meus irmãos, amai os órfãos: se soubésseis o quanto é triste estar só e abandonado, sobretudo na infância! Deus permite que haja órfãos para vos convidar a servir-lhes de pais. Que divina caridade ajudar uma pobre pequena criatura abandonada, impedi-la de sofrer da fome e do frio, dirigir sua alma, a fim de que não se desvie no vício! Quem estende a mão a uma criança abandonada é agradável a Deus, porque compreende e pratica a sua lei. Pensai também que, freqüentemente, a criança que socorreis talvez vos tenha sido querida em uma outra vida; e se pudésseis vos lembrar, isso não seria mais caridade, mas um dever. Assim, pois, meus amigos, todo ser sofredor é vosso irmão, e tem direito à vossa caridade; não essa caridade que fere o coração, não essa esmola que queima a mão na qual ela cai, porque os

vossos óbolos, freqüentemente, são bem amargos. Quantas vezes seriam recusados se na casa a doença e a fome não os esperassem! Dai delicadamente, acrescentai ao benefício o mais precioso de todos: uma boa palavra, uma carícia, um sorriso de amigo; evitai esse tom de piedade e de proteção que derrama o fel num coração que sangra, e pensai que lhe fazendo o bem, trabalhais por vós e pelos vossos.

Jules MORIN.

Nota. - O Espírito que assim assina é inteiramente desconhecido; pode-se ver pela comunicação acima, e por muitas outras do mesmo gênero, que nem sempre é necessário um nome ilustre para obter belas coisas. É uma puerilidade se ligar a um nome; é preciso aceitar o bem de qualquer parte que venha; aliás, o número dos nomes ilustres é muito limitado; o dos Espíritos é infinito. Por que, pois, não haveria os tão capazes entre aqueles que não se conhece? Fazemos esta reflexão, porque há pessoas que crêem que nada se pode obter de sublime senão apelando às celebridades; a experiência prova, todos, os dias, o contrário, e nos mostra que se pode aprender alguma coisa com todos os Espíritos, sabendo-se disso aproveitar.

De um irmão morto para a sua irmã viva

(Médium, senhora Schmidt).

Minha irmã, tu não me evocas com freqüência; isso não me impede de vir todos os dias verte. Conheço os teus aborrecimentos; a tua vida é penosa, eu o sei, mas é necessário sofrer a sua sorte que nem sempre é alegre. Entretanto, algumas vezes há um alívio nas penas; por exemplo, aquele que faz o bem às custas da sua própria felicidade, pode, por si mesmo e por outros, desviar o rigor de muitas provas.

É raro que, nesse mundo, se veja fazer o bem com essa abnegação; sem dúvida é difícil, mas não é impossível, e aqueles que têm essa sublime virtude são verdadeiramente os eleitos do Senhor. Dando-se bem conta dessa pobre peregrinação sobre a Terra, compreender-se-á isso; mas não é assim: Os homens se aferram junto aos bens como se devessem permanecer sempre em seu exílio. Entretanto, o bom senso vulgar, a mais simples lógica, demonstram todos os dias que não se é, nesse mundo, senão aves de passagem, e que aqueles que têm o menos de penas em suas asas são aqueles que chegam mais depressa.

Minha boa irmã, para que serve a esse rico, todo esse luxo, todo esse supérfluo? Amanhã será despojado de todos esses vãos ouropéis para descer ao túmulo, e para ele não se levará nada. É verdade que fez uma boa viagem; nada lhe faltou, não sabia mais do que desejar, esgotou as delícias da vida; é verdade também que, em seu delírio, algumas vezes, ele lançou rindo a esmola na mão de seu irmão; mas, para isso, retirou um pedaço da boca? Não; porque não se privou de um único prazer, de uma única fantasia. Esse mesmo irmão, entretanto, é um filho de Deus, nosso pai de todos, a quem tudo pertence. Compreendes, minha irmã, que um bom pai não deserda um de seus filhos para enriquecer um outro? Por isso ele recompensará aquele que está privado da sua parte nessa vida.

Assim, pois, aqueles que se crêem deserdados, abandonados e esquecidos, alcançarão logo a margem bendita onde reina a justiça e a felicidade. Mas infeliz daqueles que fizeram um mau uso dos bens que nosso pai lhes confiou! Infeliz também do homem dotado do dom tão precioso da inteligência, se dela abusou! Acredita-me, Marie, quando se crê em Deus, nada

há sobre a Terra que possa invejar, senão a graça de praticar as suas leis.

Teu irmão WILHELM.

O Cristianismo

(Médium, Sr. Didier filho).

O que é necessário observar no Espiritismo é a moral cristã. Houve muitas religiões desde séculos, muitos cismas, e muitas pretensas verdades; e tudo o que se elevou fora do cristianismo caiu, porque o Espírito santo não o animava. O Cristo resume o que a moral mais pura, a mais divina, ensina ao homem com respeito aos seus deveres nesta vida e na outra. A antigüidade, no que ela tem de mais sublime, é pobre diante dessa moral tão rica e tão fértil. A auréola de Platão empalidece diante da do Cristo, e o copo de Sócrates é bem pequeno diante do imenso cálice do Filho do homem. És tu, ó Sésostris! Déspota do imóvel Egito, que podes te medir, do alto das pirâmides colossais, com o Cristo nascendo numa manjedoura? És tu Solon? És tu Licurgo, cuja lei bárbara condenava as crianças mal formadas, que podeis vos comparar àquele que disse face a face com o orgulho: "Deixai vir a mim as criancinhas?" Sois vós, pontífice sagrado do piedoso Numa, cuja moral queria a morte viva das vestais culpadas, que podeis vos comparar àquele que disse à mulher adúltera: "Levanta-te, mulher, e não peques mais?" Não, não mais que esses mistérios tenebrosos que praticáveis, ó padres antigos! com esses mistérios cristãos que são a base desta religião sublime que se chama cristianismo. Diante dele vós vos inclinai todos, legisladores e sacerdotes humanos; inclinai-vos, porque foi o próprio Deus quem falou pela boca deste ser privilegiado que se chama Cristo.

Lamennais.

O tempo perdido

(Médium, senhorita Huet).

Se pudésseis refletir por um instante sobre a perda do tempo, mas nisso refletir bem seriamente, e calcular o erro imenso que fizestes, veríeis o quanto essa hora, esse minuto decorrido inutilmente, e que não podeis recuperar, poderia ser necessário ao vosso bem futuro. Todos os tesouros da Terra não poderiam restituí-la; e se a passastes mal, um dia sereis obrigado a repará-la pela expiação, e talvez de uma maneira terrível! que não daríeis então para recuperar o tempo perdido! Votos inúteis; lamentos supérfluos! Também, pensai bem nisso, está no vosso interesse futuro e mesmo presente; porque, freqüentemente, os lamentos nos chegam sobre a própria Terra. Quando Deus vos pedir conta da existência que vos deu, da missão que tínheis a cumprir, que lhe responderéis? Sereis como o enviado de um soberano, que, longe de cumprir as ordens de seu senhor, passasse o tempo a se divertir e não se ocupasse de nenhum modo do assunto para o qual fora acreditado; que responsabilidade não encontraria em seu retorno? Sois nesse mundo os enviados de Deus, e tereis de dar-lhe conta de vosso tempo passado com os vossos irmãos. Eu vos recomendo esta meditação.

Massilon.

Os Sábios

(Médium, senhorita Hueí).

Uma vez que chamais um Espírito a vós, Deus me permite vir, vou vos dar um bom conselho, sobretudo a vós, Sr...

Vós que vos ocupais sempre com sábios, porque aí está a vossa preocupação, deixai-os, pois, de lado; que podem eles sobre as crenças religiosas e sobretudo espíritas! Em todos os tempos não repeliram as verdades que se apresentaram? Não rejeitaram todas as invenções, tratando-as de quimeras! Aqueles que as anunciam, essas verdades, uns foram tratados de loucos, e como tais internados; os outros lançados nos calabouços da inquisição, outros lapidados ou queimados. A verdade, mais tarde, não brilhou menos aos olhos dos sábios surpresos que a colocaram sob o alqueire. Em vos dirigindo sem cessar a eles, quereis, novo Galileu, vos infligir a tortura moral que é o ridículo, e ser forçado a retratar as vossas palavras? O Cristo se dirigiu às Academias de sua época? Não; ele pregava a divina moral a todos em geral e ao povo em particular.

Por apóstolos e propagadores de sua vinda, escolheu pescadores, pessoas simples de coração, muito ignorantes, que não conheciam as leis da Natureza, e não sabiam se um milagre poderia contrariá-las, mas que criam ingenuamente. "Ide, dizia Jesus, e contaí o que vistes."

Jamais fez um milagre senão em favor daqueles que o pediam com fé e convicção; recusou-o aos fariseus e aos saduceus que vinham para tentá-lo, e os tratou de hipócritas. Dirigi-vos, pois, a pessoas inteligentes, levadas a crerem; rejeitai os sábios e os incrédulos.

De resto, o que é um sábio? Um homem que é mais instruído do que os outros, porque estudou mais, mas que muito perdeu do prestígio que tinha outrora, auréola fatal que, freqüentemente, levaria às honras da fogueira. Mas, à medida que a inteligência popular se desenvolveu, seu brilho diminuiu; hoje o homem de gênio não teme mais ser acusado de feitiçaria; não é mais o aliado de Satã.

A Humanidade esclarecida aprecia em seu justo valor aquele que trabalha muito e que sabe muito; sabe colocar sobre o pedestal que lhe convém, o homem de gênio que cria belas obras. Como sabe em que consiste a ciência do sábio, ela não mais o atormenta; como sabe de onde emana o gênio criador, ela se inclina diante dele; mas, por sua vez, quer ter a liberdade de crer em tais verdades que fazem a sua consolação; ela não quer mais que aquele que sabe mais ou menos de química, mais ou menos de retórica, que cria a mais bela ópera, venha entravá-la em suas crenças, lançando-lhe o ridículo à face e tratando suas idéias de loucuras; ela se desviará de seu caminho, e perseguirá silenciosamente a sua rota; a verdade envolverá, um dia, o mundo inteiro, e aqueles que a tenham repellido serão obrigados a reconhecê-la. Eu mesmo que me ocupei do Espiritismo até o meu último dia, sempre o fiz na intimidade.

A Academia pouco me importava. Ela virá a nós mais tarde, crede-o.

Delphine de Girardin.

O homem

O homem é um composto de grandeza e de miséria, de ciência e de ignorância; sobre a Terra, ele é o verdadeiro representante de Deus, porque a sua vasta inteligência abarca o universo; soube descobrir uma parte dos segredos da Natureza; sabe servir-se dos elementos; percorre distâncias imensas por meio do vapor; pode conversar com seu semelhante de um antipoda ao outro pela eletricidade que sabe dirigir; seu gênio é imenso; quando sabe depor tudo isto aos pés da divindade e fazer-lhe com isso homenagem, é quase iguala Deus!

Mas quanto é pequeno e miserável, quando o orgulho se apodera de seu ser! Ele não vê a sua miséria; não vê que a sua existência, esta vida que não pode compreender, lhe é arrebatada, algumas vezes instantaneamente, tão-só pela vontade dessa Divindade que ele desconhece, porque não pode se defender contra ela; é necessário que a sua sorte se cumpra! Ele que tudo estudou, tudo analisou; ele que conhece tão bem o caminho dos astros, conhece a força criativa que faz germinar o grão de trigo que colocou na terra? Pode criar uma flor, a mais simples e a mais modesta? Não; aí se detém o seu poder. Deveria então reconhecer que há um bem superior ao seu; a humildade deveria se apoderar de seu coração, e em admirando as obras de Deus, faria um ato de adoração.

Santa Teresa.

Da firmeza nos trabalhos espíritas

Eu vou vos falar da firmeza que deveis ter em vossos trabalhos espíritas. Uma citação sobre este assunto vos foi feita; eu vos aconselho a estudar de coração, e de vos aplicá-la ao Espírito, porque, do mesmo modo que São Paulo, sereis perseguidos, não mais em carne e osso, mas em Espírito; os incrédulos, os fariseus da época, vos censurarão, zombarão de vós; mas nada temais, isso será uma prova que vos fortificará se souberdes relacioná-la a Deus, e mais tarde vereis os vossos esforços coroados de sucesso; isso será um grande triunfo para vós, à luz da eternidade, sem esquecer que, nesse mundo, já é uma consolação para as pessoas que perderam parentes e amigos; saber que são felizes, que se pode comunicar com eles, é uma felicidade. Caminhai, pois, para a frente, cumpri a missão que Deus nos dá, e ela será contada no dia em que aparecerdes diante do Todo-Poderoso.

Channing.

Os inimigos do progresso

(Médium, Sr. R....)

Os inimigos do progresso, da luz e da verdade, trabalham na sombra; preparam uma cruzada contra as nossas manifestações; com isso não tomam nenhum cuidado; sois poderosamente sustentados; deixai-os se agitarem em sua impotência, entretanto, por todos os meios que estão em vosso poder, aplicai-vos em combater, aniquilar a idéia da eternidade das penas, pensamento blasfematório para com a justiça e a bondade de Deus, a mais fecunda fonte da incredulidade, do materialismo e da indiferença que invadiram as massas depois que a sua inteligência começou a se desenvolver; o espírito prestes a se esclarecer, não estivesse senão

desbastado, bem depressa compreende a monstruosa injustiça; sua razão a repele e então raramente falta em confundir, no mesmo ostracismo, a pena que o revolta, e o Deus ao qual se a atribui; daí os males sem número que vieram se precipitar sobre vós, e para os quais viemos trazer o remédio. A tarefa que nós vos assinalamos vos será tanto mais fácil quanto mais as autoridades sobre as quais se apoiam os defensores dessa crença evitaram todos de se pronunciarem formalmente; nem os concílios, nem os Pais da Igreja decidiram essa grave questão. Se, segundo os próprios evangelistas, e se tomando ao pé da letra as palavras emblemáticas do Cristo, ele ameaçou os culpados com um fogo que não se extingue, um fogo eterno, e não há absolutamente nada, em suas palavras, que prove que ele haja condenado esses culpados *eternamente*.

Pobres ovelhas desgarradas, sabeis ver chegar de longe o bom Pastor, que longe de vos querer banir inteiramente de sua presença, ele mesmo vem ao vosso encontro para vos conduzir ao aprisco. Filhos pródigos, deixai o vosso exílio voluntário; voltai os vossos passos para a morada paterna: o pai vos estende os braços e se mantém sempre pronto a festejar o vosso retorno à família.

Lamennais.

Distinção da natureza dos Espíritos

(Médium, senhora Costel).

Quero falar-te das altas verdades do Espiritismo; elas estão estreitamente ligadas às da moral, é, pois, importante jamais dividi-las; primeiro, o ponto que atrai a atenção dos seres inteligentes é a dúvida sobre a própria verdade das comunicações espíritas. A verdade, primeira dignidade da alma, está toda neste ponto de partida; procuremos, pois, estabelecê-lo.

Não há meio infalível para distinguir a natureza dos Espíritos, se abdicamos o julgamento, a comparação, a reflexão; estas três faculdades são mais que suficientes para distinguir seguramente os diversos Espíritos. O livre arbítrio é o eixo sobre o qual roda o pivô da inteligência humana; o equilíbrio se romperia se os Espíritos não tivessem senão que falar para submeter os homens; seu poder, então, igualaria o de Deus: isso não pode ser assim; o intercâmbio entre os humanos e os invisíveis assemelha-se à escada de Jacó; se permite a uns subir, deixa os outros descerem; e todos agindo, uns sobre os outros, sob o olhar de Deus, devem caminhar para ele, no mesmo espírito de amor e de *inteligente* submissão. Eu aflorei este assunto e vos aconselho aprofundá-lo sob todas as suas faces.

LAZARRE.

Scarron

(Médium, senhorita Huet).

Meus amigos, fui bem infeliz sobre a Terra, porque meu Espírito era igual, e algumas vezes superior àqueles das pessoas que me cercavam; mas o meu corpo estava abaixo. Também o meu coração estava ulcerado pelos sofrimentos morais, e pelos males físicos, que puseram meu envoltório terrestre num estado piedoso e miserável.

Meu caráter era irritado pelas enfermidades e as contrariedades que senti no comércio de meus amigos. Deixei-me conduzir à malignidade mais cáustica; era alegre e sem desgosto em aparência; entretanto, sofria bem no fundo do meu coração; e quando estava só, entregue aos secretos pensamentos de minha alma, eu gemia por estar assim em luta entre o bem e o mal. O mais belo dia de minha existência foi aquele em que meu Espírito se separou do meu corpo; onde, esse primeiro, leve e iluminado por raio divino, lançou-se para as esferas celestes. Parecia-me que renascia, e a felicidade se apoderou de meu ser: eu repousava enfim!

Mais tarde, minha consciência despertou, reconheci os erros que tinha para com o meu criador; senti remorsos, e implorei a piedade do Todo-Poderoso. Desde esse tempo, procuro me instruir no bem; tento me tornar útil aos homens, e progride cada dia. Entretanto, tenho necessidade que se ore por mim, e peço aos crentes fervorosos elevarem em meu favor seus pensamentos a Deus. Se me chamam a eles, trato de vir algumas vezes e de responder às suas perguntas tanto quanto o possa.

Assim se pratica a caridade.

PAUL SCARRON.

O nada da vida

(Médium, senhorita Huet).

Meus bons amigos de adoção, permiti-me vos dizer, algumas palavras, como conselhos. Deus me permite vir a vós; quanto não posso vos comunicar todo ardor que tinha em meu coração, e que me animava para o bem! Crede em Deus, o autor de todas as coisas; amai-o; sede bons e caridosos; a caridade é a chave do céu. Para vos tornar bons, pensai algumas vezes na morte; é um pensamento que eleva a alma e a torna melhor, tornando-a humilde; porque, o que se é sobre a Terra? Um átomo lançado no espaço; bem pouca coisa no universo. O homem não é nada, ele faz número. Quando olha diante de si, quando olha para trás, é ainda o infinito; sua vida, por longa que seja, é um ponto na eternidade. Pensai então em vossa alma, pensai na vida nova que vos espera, porque não podeis duvidar que haja uma, quando isso não seria senão os desejos de vossa alma que jamais foram satisfeitos, o que é uma prova de que devem estar num mundo melhor. Até breve.

S. Swetchine.

Aos Médiuns

(Médium, Sr. Darcol).

Quando quiserdes receber comunicações de bons Espíritos, importa vos preparar para esse favor pelo recolhimento, pelas santas intenções e pelo desejo de fazer o bem tendo em vista o progresso geral; porque, lembrai-vos, que o egoísmo é uma causa de retardamento a todo adiantamento. Lembrai-vos que se Deus permite, a alguns dentre vós, receber o sopro de certos de seus filhos que, pela sua conduta, souberam merecer a honra e compreender a sua bondade infinita, é que ele quer muito, pela nossa solicitação, e em vista de vossas boas

intencões, vos dar os meios para avançar em seu caminho; assim, pois, médiuns! aproveitai essa faculdade que Deus muito vos quer conceder. Tende fé na mansuetude de vosso Senhor; tende a caridade sempre em prática; não deixeis jamais de exercer esta sublime virtude, assim como a tolerância. Que sempre as vossas ações estejam em harmonia com a vossa consciência, é um meio certo para centuplicar a vossa felicidade nesta vida passageira, e vos preparar uma existência mil vezes mais doce ainda.

Que o médium dentre vós que não sinta mais a força de perseverar no ensinamento espírita, se abstenha; porque não aproveitando a luz que o esclarece, será menos desculpável que um outro, e terá que expiar a sua cegueira.

François de Salles.

A honestidade relativa

(Médium, senhora Costel).

Ocupar-nos-emos hoje da moralidade daqueles que não a tem, quer dizer, a honestidade relativa que se encontra nos corações mais pervertidos. O ladrão não rouba o lenço de seu camarada, mesmo quando este tenha dois; o comerciante não pede preço exagerado ao seu amigo; o traidor é fiel quando ao menos a um ser qualquer. Nunca a luz divina está completamente ausente do coração humano, também deve-se conservá-la com cuidados infinitos, senão desenvolvê-la. O julgamento estreito e brutal dos homens impede, pela sua severidade, muito mais bons retornos quanto não preserva de más ações. O Espiritismo desenvolvido deve ser, e será a consolação e a esperança de corações enfraquecidos pela justiça humana. A religião, cheia de ensinamentos sublimes, plana muito acima para os ignorantes; ela não ataca muito diretamente a espessa imaginação do iletrado que quer ver e tocar para crer. Esclarecida pelos médiuns, médium ele mesmo, a crença florescerá nesse coração seco. Também é, sobretudo, ao povo que os verdadeiras espíritas devem se dirigir como outrora os apóstolos; que eles divulguem a doutrina consoladora; como pioneiros que se enfiam nos pântanos da ignorância e do vício para roçar, sanear, preparar o terrenos das almas, a fim de que elas possam receber a bela cultura do Cristo.

Georges.

Proveito de conselhos

(Médium, senhorita Huet).

Aproveitais dos nossos conselhos e do que vos dizemos cada dia? Não; muito pouco. Saindo de uma de vossas reuniões vos entreteis com a curiosidade do fato; do maior ao menor interesse que ela oferece aos assistentes; mas não há um entre vós que se pergunte se pode se aplicar a moral, o conselho que acabamos de prescrever e se está na intenção de fazê-lo, ele pediu, solicitou uma comunicação; a tem: isso basta-lhe. Volta às suas ocupações diárias em se prometendo rever um espetáculo tão interessante; conta os fatos aos seus amigos, a fim de excitar a sua curiosidade, e somente para provar que os sábios podem ser confundidos; bem poucos o fazem com o objetivo de pregar a moral; bem poucos mesmo procuram se melhorar.

A minha lição é severa; não quero, todavia, desencorajar; trouxe sempre boa vontade, somente um pouco mais de bons sentimentos a Deus, e menos inveja em querer aniquilar aqueles que não querem crer: isto olha o tempo e Deus.

MARIE. (*Espírito familiar.*)

Pensamentos destacados

Oh homens! que sois soberbamente orgulhosos! A vossa pretensão é verdadeiramente cômica, quereis tudo saber, e vossa essência se opõe, sabei-o, a essa faculdade de compreensão universal. Não chegais a conhecer essa maravilhosa natureza senão pelo trabalho perseverante; não tereis alegria de aprofundar esses tesouros e de entrever o infinito de Deus senão vos melhorando pela caridade, e fazendo todas as coisas do ponto de vista do bem para todos, e relacionando essa faculdade do bem a Deus que, em sua generosidade que nada pode igualar, vos recompensa por ela além de toda suposição.

MASSILLON.

O homem é o joguete dos acontecimentos, diz-se freqüentemente; de quais acontecimentos se quer falar? Quais seriam as suas causas, o seu objetivo? Nunca se viu o dedo de Deus. Esse pensamento vago e materialista, mãe da fatalidade, tem desviado mais de Espírito, mais de uma profunda inteligência. Balzac disse, vós o sabeis: "Não há princípios; não há senão os acontecimentos;" quer dizer, segundo ele, o homem não tem mais o livre arbítrio; a fatalidade o toma no berço e o conduz até o túmulo; monstruosa invenção do Espírito humano! Este pensamento abate a liberdade; a liberdade, quer dizer, o progresso, a ascensão da alma humana, demonstração evidente da existência de Deus. Se o homem se deixasse pois, conduzir, seria escravo de tudo: dos homens e de si mesmo! Ó homem! Desce em ti; nasceste para a servidão? Não; nasceste para a liberdade.

LAMENNAIS.

Maria d'Agreda

Revista Espírita, novembro de 1860

Fenômeno de bi-corporeidade

Encontramos, em resumo histórico que acaba de ser publicado sobre a vida de *Maria de Jesus d'Agreda*, um fato notável de bi-corporeidade, que prova que esses fenômenos são perfeitamente aceitos. É verdade que, para certas pessoas, as crenças religiosas não são mais uma autoridade do que as crenças espíritas; mas quando essas crenças se apoiaram sobre as demonstrações que delas dá o Espiritismo, sobre as provas patentes que ele fornece, por uma teoria racional, de sua possibilidade, sem derogar as leis da natureza, e de sua realidade por exemplos análogos e autênticos, será preciso bem se render à evidência, e reconhecer que, fora das leis conhecidas, há outras que ainda estão nos segredos de Deus.

Maria de Jesus nascida em Agreda, cidade de Castela, dia 2 de abril de 1602, de pais nobres e uma virtude exemplar. Muito jovem ainda, ela se tornou superiora de um monastério da Immaculée-Conception de Maria, onde morreu em odor de santidade. Eis o relato que se encontra em sua biografia:

"Qualquer desejo que tenhamos de resumir, não podemos dispensar de falar aqui do papel completamente excepcional de missionária e apóstolo, que Maria d'Agreda exerceu no Novo México. Este fato que vamos narrar, e do qual se têm provas incontestáveis, provaria por si mesmo o quanto eram levados os dons sobrenaturais com os quais Deus enriqueceu sua humilde serva, e quanto era ardente o zelo que ela nutria em seu coração pela salvação do próximo. Em suas relações íntimas e extraordinárias com Deus, ela dele recebia uma viva luz com a ajuda da qual descobria o mundo inteiro, a multidão dos homens que o habitam, e aqueles dentre os quais não tinham ainda entrado na comunhão dos fiéis católicos, e que estavam em perigo evidente de se perderem pela eternidade. Tendo em vista a perda de tantas almas, Maria d'Agreda sentia o coração trespassado e, em sua dor, multiplicava as suas fervorosas preces. Deus fê-la conhecer que os povos do Novo México apresentavam menos obstáculos, do que o resto dos homens, para a sua conversão, e que era especialmente sobre eles que a sua divina misericórdia queria se derramar. Esse conhecimento foi um novo agulhão para o coração caridoso de Maria d'Agreda, e do mais profundo de sua alma ela implorou a clemência divina em favor desse pobre povo. Deus, ele mesmo lhe ordenara orar e trabalhar para esse fim; e ela o fez de maneira tão eficaz, que o senhor, cujos julgamentos são impenetráveis, operou nela, e por ela, uma das maiores maravilhas que a história pode contar.

"Tendo o senhor, um dia, a arrebatado em êxtase no momento em que ela orava insistentemente pela salvação dessas almas, Maria d'Agreda se sentiu, de repente, transportada para uma região longínqua e desconhecida, sem saber como, ela se encontrou, então, num clima que não era mais o de Castela, e se sentiu sob os raios de um Sol mais ardente que comumente. Homens de uma raça que jamais ela encontrara, estavam diante dela, e Deus lhe ordenou então satisfazer os seus caridosos desejos, e pregar a lei e a fé santa a esse povo. A estática d'Agreda obedeceu a essa ordem. Ela pregou a esses índios em sua língua espanhola, e esses inféis a entendiam como se lhes falasse em sua língua natural. Conversões em grande número se seguiram. Retornando desse êxtase, essa santa filha se achava no mesmo lugar onde estava no começo do arrebatamento. Não foi uma única vez

que Maria de Jesus cumpriu esse papel maravilhoso de missionária e de apóstolo junto dos habitantes do Novo México. O primeiro êxtase que ela teve desse gênero, ocorreu-lhe em torno 1622; mas foi seguido de mais de quinhentos êxtases do mesmo gênero, e durante mais ou menos oito anos. Maria d'Agreda se encontrava sem cessar nesse mesmo país para ali continuar a sua obra de apóstolo. Parecia-lhe que o número de convertidos aumentara prodigiosamente, e que uma nação inteira, o rei à frente, resolvera abraçar a fé em Jesus Cristo. "Ela via ao mesmo tempo, mas a uma grande distância, os franciscanos espanhóis, que trabalhavam na conversão desse novo mundo, mas que ignoravam ainda até a existência desse povo que ela convertera. Essa consideração levou-a à aconselhar, a esses índios, para enviarem alguns dentre eles até esses missionários, a fim de pedir-lhes para virem conceder-lhes o batismo. Foi por esse meio que a Divina Providência quis dar uma demonstração brilhante do bem que Maria d'Agreda fizera no Novo México, pela sua pregação extática.

"Um dia, os missionários franciscanos, que Maria d'Agreda vira em Espírito, mas a uma grande distância, se viram abordados por um bando de índios, de uma raça que não tinham ainda encontrado em suas excursões. Estes se anunciam como os enviados de sua nação, pedem a graça do batismo com grandes instâncias. Surpresos com a visão desses índios e mais espantados ainda dos pedidos que lhes faziam, os missionários trataram de saber a causa. Os enviados responderam: que há um tempo bem longo, uma mulher aparecera em seu país anunciando a lei de Jesus Cristo. Acrescentaram que essa mulher desaparecia no momento, sem que se pudesse descobrir o lugar de sua retirada; que foi ela que lhes fizera conhecer o verdadeiro Deus e que lhes aconselhara para irem junto aos missionários, a fim de obter, para toda a sua nação, a graça do sacramento que redime os pecados e faz os filhos de Deus. A surpresa dos missionários aumentou bem mais quando, tendo interrogado esses índios, sobre os mistérios da fé, os encontraram perfeitamente instruídos de tudo o que era necessário para a salvação. Esses missionários tomaram as informações possíveis sobre essa mulher; mas tudo o que esses índios puderam dizer, foi que jamais viram uma pessoa semelhante. Entretanto, alguns detalhes descritivos da roupa fizeram supor, aos missionários, que essa mulher podia estar vestida de religiosa, e um deles, que tinha com ele o retrato da venerável mãe Louisede Carrion, ainda viva, e eu já santidade era conhecida de toda Espanha, mostrou-o aos índios, no pensamento que poderiam, talvez, reconhecer alguns traços de sua mulher apóstolo. Estes, depois de considerarem o retrato, responderam que a mulher que lhes pregara a lei de Jesus Cristo levava em verdade um véu, como aquele do qual se lhes apresentara a imagem; mas que, pelos traços de seu rosto, ela diferia completamente dela, sendo mais jovem e de uma grande beleza.

"Alguns dos missionários partiram, pois, com os enviados índios para irem recolher, no meio deles, uma tão abundante colheita. Depois de vários dias de caminho, chegaram ao seio dessa tribo, onde foram acolhidos com as mais vivas demonstrações de alegria e de reconhecimento. Em sua viagem, puderam constatar que, entre todos os indivíduos desse povo, a instrução cristã era completa.

"O chefe da nação, objeto especial da solitudes da serva de Deus, quis ser o primeiro a receber a graça do batismo com toda a sua família, e, em poucos dias, a nação inteira seguiu o seu exemplo.

"Não obstante esses grandes acontecimentos, ignorava-se ainda qual fora essa serva do Senhor que evangelizara esses povos, e se estava numa santa curiosidade e numa piedosa impaciência para conhecê-la. O P. Alonzo de Benavides, sobretudo, que era o superior dos missionários franciscanos no Novo México, quisera poder dissipar o véu misterioso que cobria ainda o nome dessa mulher-apóstolo, e aspirava a reentrar momentaneamente na Espanha para descobrir o retrato dessa religiosa desconhecida, que prodigiosamente cooperara para a salvação de tantas almas. Em 1630, pôde enfim embarcar para a Espanha, e ir diretamente a

Madrid, onde se encontrava então o geral de sua ordem. Benavides fê-lo compreender o objetivo que propusera empreendendo a sua viagem à Europa. O geral conhecia Maria de Jesus d'Agreda, e segundo dever de seu cargo, deveu examinar a fundo o interior dessa religiosa. Ele conhecia, pois, a sua santidade, tão bem quanto a sublimidade dos caminhos nos quais Deus a colocara. Veio-lhe logo, em pensamento, que essa mulher privilegiada poderia bem ser essa mulher-apóstolo da qual lhe falava o P. Benavides, e lhe comunicou as suas impressões. Deu-lhe cartas pelas quais o constituía seu comissário, com ordem a Maria d'Agreda a responder-lhe, com toda a simplicidade, às perguntas que julgasse a propósito dirigir-lhe. Com esses despachos, o missionário partiu para Agreda.

"A humilde irmã se viu, pois, obrigada a revelar ao missionário tudo o que sabia com respeito ao objeto de sua missão junto dela. Confusa e dócil ao mesmo tempo, ela manifestou a Benavides tudo o que lhe ocorrera em seus êxtases, acrescentando com franqueza que estava completamente incerta sobre o modo pelo qual a sua ação pudera se exercer a uma tão grande distância assim. Benavides interrogou também a irmã sobre as particularidades dos lugares que ela deveu tantas vezes visitar, e achou que ela era muito instruída sobretudo o que havia com relação ao Novo México e seus habitantes. Ela lhe expôs, nos maiores detalhes, toda a topografia dessas regiões, e descobriu-lhos, servindo-se mesmo de nomes próprios, como o faria um viajante depois de ter passado vários anos nessas regiões. Acrescentou mesmo que vira, várias vezes, Benavides e seus religiosos, marcando os lugares, os dias, as horas, as circunstâncias, e fornecendo detalhes especiais dos missionários.

"Compreende-se facilmente o consolo de Benavides por ter enfim descoberto a alma privilegiada da qual Deus se servira, para exercer sua ação miraculosa sobre os habitantes do Novo México.

"Antes de deixar a cidade de Agreda, Benavides quis redigir uma declaração de tudo o que constatara, seja na América, seja em Agreda, em suas conversas com a serva de Deus. Exprimiu, nessa peça, sua convicção pessoal quanto à maneira pela qual essa ação de Maria de Jesus se fizera sentir aos Índios. Ele inclinava-se a crer que essa ação fora corpórea, sobre essa questão, a humilde religiosa guardou sempre uma grande reserva. Apesar de mil indícios que faziam Benavides concluir, o que concluía antes o confessor da serva de Deus, indícios que pareciam acusar uma mudança corpórea de lugar, Maria d'Agreda persistia sempre em crer que tudo se passava em Espírito; ainda eslava ela em sua humildade, fortemente tentada a pensar que esse fenômeno podia bem não ser senão uma alucinação, embora inocente e involuntária de sua parte. Mas seu diretor, que conhecia o fundo das coisas, acreditou poder pensar que a religiosa era corporalmente transportada, em seus êxtases, aos lugares de seus trabalhos evangélicos. Motivava a sua opinião sobre a impressão física que a mudança de clima fazia Maria d'Agreda sentir, sobre a longa seqüência de seus trabalhos entre os índios, e sobre o conselho de várias doutas personagens que crera dever consultar em segredo. Qualquer que ele seja, o fato permanece sempre como um dos mais maravilhosos dos quais se falou nos anais dos santos, e é muito próprio para dar uma idéia verdadeira, não só das comunicações divinas que Marie d'Agreda recebia, mas também de sua candura e de sua amável sinceridade."

Aviso

Revista Espírita, novembro de 1860

Lembramos aos nossos leitores que a obra intitulada: *A Instrução prática sobre as manifestações espíritas* está esgotada, e que será substituída por uma outra obra, muito mais completa, sob o título: *O Espiritismo experimental*. Ele está neste momento no prelo, e aparecerá no curso de dezembro.

Nós lhes lembramos igualmente que a segunda edição de *A História de JeanneD'Arc*, ditada por ela mesma à senhorita Ermance Dufaux, está à venda. O sucesso desta obra não diminui; é lida sempre com o mesmo interesse pelas pessoas sérias, sejam ou não partidárias do Espiritismo. Esta história será sempre considerada como uma das mais interessantes e completas que foram publicadas.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Terceiro Ano – 1860

Dezembro

- [Aos assinantes da Revista Espírita](#)
- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [A arte pagã, a arte cristã, a arte espírita](#)
- [História do Maravilhoso, pelo Sr. Louis Figuier \(2º artigo\)](#)
- Conversas familiares de além-túmulo
 - [Balthazar \(2ª conversa\)](#)
 - [A educação de um Espírito](#)
- Dissertações Espíritas
 - [Entrada de um culpado no mundo dos Espíritos](#)
 - [Castigo do egoísta](#)
 - [Alfred de Musset](#)
 - [Intuição da vida futura \(Delphine de Girardin\)](#)
 - [A reencarnação \(Delphine de Girardin\)](#)
 - [O dia dos Mortos \(Charles Nodier\)](#)
 - [Alegoria de Lázaro \(Lamennais\)](#)
 - [O duende familiar \(Charles Nodier\)](#)

Aos assinantes da *Revista Espírita*

Revista Espírita, dezembro de 1860

Três anos de existência fizeram conhecer suficientemente, aos leitores da Revista, o pensamento que preside à sua redação; e a melhor prova de que esse pensamento obtém o seu assentimento, é o aumento constante do número dos assinantes, que ainda cresceu notavelmente neste último período; mas o que é infinitamente mais precioso para nós são os testemunhos de simpatia e de satisfação que deles recebemos diariamente; seu sufrágio é, para nós, um encorajamento para o prosseguimento da nossa tarefa, trazendo para o nosso trabalho todas as melhorias cuja utilidade a experiência nos fará conhecer. Continuaremos, como no passado, o estudo raciocinado dos princípios da ciência do ponto de vista moral e filosófico, sem negligenciarmos os fatos; mas, quando citarmos os fatos, não nos limitaremos a uma simples narração, divertida talvez, mas infalivelmente estéril, se não se lhe juntar a procura das causas e a dedução das conseqüências. Para isto, nos dirigimos às pessoas sérias que não se contentam em ver, mas que, antes de tudo, querem compreender e se dar conta do que vêem. A série dos fatos, aliás, é bem depressa esgotada, se não sequer cair nas repetições fastidiosas, porque eles giram quase sempre no mesmo círculo, e não ensinaríamos nada de novo aos nossos leitores quando lhes disséssemos que, em tal ou tal casa, se fez mais ou menos bem as mesas girarem. Os fatos têm, para nós, um outro caráter: não são histórias, mas objetos de estudo, e o mais simples em aparência, freqüentemente, pode dar lugar às anotações mais importantes. Ocorre aqui como na ciência vulgar, onde um talo de erva encerra, para o observador, tanto mistério quanto uma árvore gigante; é por isso que, nos fatos, consideramos bem mais o lado instrutivo do que o lado divertido, e nos ligamos àqueles que podem nos ensinar alguma coisa, sem consideração à sua maior ou menor estranheza.

Apesar do número considerável de assuntos dos quais já tratamos, estamos longe de ter esgotado a série de todos aqueles que se ligam ao Espiritismo, porque, quanto mais se avança nesta ciência, mais o horizonte se alarga; aqueles que nos restam para serem examinados, nos fornecerão materiais para muito tempo ainda, sem contar as atualidades. Há muitos que adiamos de propósito, a fim de não abordá-los senão sucessivamente e à medida que o estado dos conhecimentos permita compreender-lhes a importância. Assim é, por exemplo, que hoje fazemos mais larga parte às dissertações espíritas espontâneas, porque as instruções que elas encerram, para a maioria, podem ser muito melhor apreciadas do que numa época em que se conheciam apenas os primeiros elementos da ciência; outrora, não teriam sido julgadas senão do ponto de vista literário, e uma multidão de pensamentos úteis e profundos passariam despercebidos, porque elas tratariam de pontos ainda desconhecidos ou mal compreendidos. A diversidade dos assuntos não exclui o método, e o sem nexos não é senão aparente, porque cada coisa tem o seu lugar motivado. A variedade repousa o espírito, mas a ordem lógica ajuda a inteligência; o que nos esforçamos em evitar, é de fazer de nossa Revista uma coletânea indigesta. Certamente não temos a pretensão de fazer uma obra perfeita, mas esperamos, pelo menos, que nos será levada em conta a intenção.

Nota: Os Senhores assinantes que não quiserem experimentar o atraso no envio da Revista, para o ano 1861, são rogados para renovarem a sua assinatura antes do dia 1 de janeiro prox.

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espiritas

Revista Espírita, dezembro de 1860

Sexta-feira, 26 de outubro de 1860. (Sessão geral.)

Comunicações diversas. 1ª Leitura de uma comunicação obtida pela Sra. M... sobre esta pergunta: Se Deus criou todas as almas semelhantes, como ocorre que haja de repente tanta distância entre elas?

2ª Leitura de várias comunicações obtidas pelo Sr. P..., médium de Sens; uma assinada por Homero, apresenta um fato notável que pode ser considerado como uma prova de identidade, que é a revelação espontânea do nome de *Mélésigène*, sob o qual Homero era primitivamente designado. Este nome era desconhecido pelo médium.

3ª Análise de uma carta do Sr. L..., de Troyes, onde dá conta de fatos notáveis de manifestações físicas espontâneas que ocorreram, em 1856, na casa de uma pessoa dessa cidade, e que lembram os de Bergzabern.

4ª Carta do Sr. doutor Morhéry, que relata diversos fatos singulares de manifestações espontâneas, ocorridas em sua presença, na casa da Srta. Désirée Godu, e que coincidem com a chegada de uma carta do Sr. Allan Kardec.

Estudos. 1ª Diversas perguntas dirigidas a São Luís.

2ª Evocação do filho do Sr. Morhéry, que diz haver participado nas manifestações que ocorreram na casa de seu pai.

3ª Ditado espontâneo obtido pelo Sr. Alfred Didier, sobre o *desespero*, e assinado por Lamennais.

4ª Perguntas diversas, dirigidas a Lamennais, sobre diversos casos particulares de suicídio, sobre as relações dos Espíritos, e sobre a identidade de Homero na comunicação de Sens.

Sexta-feira, 2 de novembro de 1860. (Sessão particular.)

Comunicações diversas. 1ª Leitura de uma segunda comunicação de Homero, obtida pelo Sr. P..., médium de Sens, e de diversas perguntas e respostas feitas a esse respeito.

2ª Desenhos obtidos por um médium de Lyon, e notáveis pela sua originalidade, se não pela sua execução. São Luís, interrogado a esse respeito, disse que esses desenhos têm o seu valor, porque são bem o fato de um Espírito, mas que não têm significado bem preciso, o médium e o Espírito não estando ainda suficientemente identificados um com o outro. Esse médium, acrescenta ele, poderá se tornar excelente com o tempo.

Estudos. 1ª Perguntas dirigidas a São Luís: 1ª sobre a fórmula de afirmação para a identidade dos Espíritos; 2ª sobre o papel do homem na moralização dos Espíritos imperfeitos; 3ª sobre a aparição dos Espíritos sob as forma de chama; 4ª sobre o valor dos desenhos enviados de Lyon; 5ª sobre o transporte de objetos materiais pelos Espíritos, seu levantamento do solo e a sua invisibilidade.

3ª Exame da questão de saber se os Espíritos podem operar o transporte de objetos num lugar fechado, e através de obstáculos materiais.

O Sr. L... fez observar que essas questões se ligam aos fenômenos das manifestações físicas, dos quais a Sociedade não deve se ocupar.

O presidente respondeu que a procura das causas é um ponto importante que se liga diretamente ao estudo da ciência, e entra no quadro dos trabalhos da Sociedade; todas as partes da ciência devem ser elucidadas. Outra coisa é se ocupar de pesquisas teóricas ou fazer da produção de fenômenos um objeto exclusivo. De resto, acrescentou, isso podemos referir a São Luís, pedindo-lhe consentir em nos dizer se ele considera a discussão, que vem de ocorrer, como tempo perdido. São Luís respondeu: "Estou longe de considerar a vossa conversação como inútil."

4ª Evocação de Charles Nodier. Ele é rogado para consentir em continuar o trabalho que começou. Respondeu que o continuará na próxima vez; lembra a solenidade do dia, num encantador ditado espontâneo. A pedido que se lhe fez, ditou uma curta prece, análoga à circunstância.

5ª Um chamado geral é feito, sem designação especial, aos Espíritos sofredores que possam estar presentes, convidando-os para que se dêem a conhecer. O Espírito de um homem, altamente colocado quando vivo, morto há dois anos, se apresenta espontaneamente, e testemunha, pela sua linguagem, ao mesmo tempo simples e digna, os bons sentimentos dos quais está animado agora, e o pouco caso que faz das grandezas humanas; responde com complacência e benevolência às perguntas que lhe são dirigidas.

Sexta-feira, 9 de novembro de 1860. (Sessão geral.)

O Sr. Allan Kardec apresenta algumas observações sobre o que foi dito na última sessão, no que toca às manifestações físicas. Lembra, a esse respeito, a instrução dada por São Luís, no mês de novembro de 1858, sobre o objetivo dos trabalhos da Sociedade. Essa instrução está assim formulada:

"Pode-se zombar das mesas girantes, não se zombará jamais da filosofia, da sabedoria e da caridade que brilham nas comunicações sérias. Esse foi o vestibulo da ciência; é ali que, entrando, deve-se deixar seus preconceitos, como se deixa o seu casaco. Não posso muito vos convidar a fazerem, das vossas reuniões, um centro sério. Que alhures se façam demonstrações físicas, que alhures se veja, que alhures se ouça, *que, entre vós, se compreenda e se ame.* Que pensais ser, aos olhos dos superiores, quando fazeis girar ou erguer uma mesa?

Escolares; os sábios passam o seu tempo a repassarem *q a, b, c* da ciência? Ao passo que, vendo-vos procurar as comunicações sérias, vos consideram como homens em busca da

verdade.

"São Luís."

Não está aí, senhores, ajunta o Sr. Allan Kardec, um admirável programa, traçado com essa precisão, essa simplicidade de palavras que caracterizam os Espíritos verdadeiramente superiores? *Que, entre vós, se compreenda*, quer dizer, que devemos tudo aprofundar e nos dar conta de tudo; *que, entre vós, se ame*, quer dizer, que a caridade, uma benevolência mútua devem ser os objetivos dos nossos esforços, o laço que deve nos unir, a fim de mostrar, pelo nosso exemplo, o verdadeiro objetivo do Espiritismo. Equivocar-se-á estranhamente sobre os sentimentos da Sociedade, se se crê que ela despreza o que se faz alhures; nada é inútil, e as experiências físicas têm também a sua vantagem, que ninguém de nós contesta. Se delas não nos ocupamos, não é porque tenhamos uma outra bandeira; temos a nossa especialidade de estudos como outros têm a sua, mas tudo isso se confunde num objetivo comum: o progresso e a propagação da ciência.

Comunicações diversas. 1ª Leitura de ditados espontâneos obtidos fora da Sociedade.

2ª Carta do Sr. L..., de Troyes, que dá conta de fatos que ocorreram em sua presença, da parte do Espírito obsessivo do qual se falou na última sessão. Esses fatos, que cessaram desde 1856, vêm de se reproduzir com circunstâncias muito notáveis, que serão objeto de um estudo da parte da Sociedade.

Estudos. 1ª Perguntas diversas: sobre a obsessão; - sobre a possibilidade de se reproduzir, pela daguerreotipia, a imagem das aparições visíveis e tangíveis; - sobre as manifestações físicas do Sr. Squire.

2ª Perguntas sobre o Espírito que se manifesta em Troyes, e notadamente sobre os efeitos magnéticos que se produziram nessa circunstância.

3ª Cinco ditados espontâneos foram obtidos por quatro médiuns diferentes.

4ª Evocação do Espírito perturbador de Troyes. Este Espírito revela uma natureza das mais inferiores.

A arte pagã, a arte cristã, a arte espírita

Revista Espírita, dezembro de 1860

Na sessão da Sociedade, do dia 23 de novembro, o Espírito de Alfred de Musset tendo se manifestado espontaneamente (encontrar-se-á o detalhe adiante, página 386), a pergunta seguinte lhe foi dirigida:

A pintura, a escultura, a arquitetura, a poesia foram alternativamente inspiradas pelas idéias pagas e cristãs; quereis nos dizer se, depois da arte paga e da arte cristã, haverá, um dia, a arte espírita? - Ó Espírito respondeu:

"Fizestes uma pergunta que se responde por si mesma; o verme é verme, torna-se verme de seda, depois borboleta. O que ha de mais aéreo, de mais gracioso do que uma borboleta? Pois bem, a arte paga, é o verme; a arte cristã, é o envoltório; a arte espírita será a borboleta."

Quanto mais se aprofunda o sentido dessa graciosa comparação, mais se lhe admite a justeza. À primeira vista, poder-se-ia supor, ao Espírito, a intenção de rebaixar a arte cristã, colando a arte espírita no coroaamento do edifício; mas não é nada disso, e basta meditar esta poética figura para apanhar-lhe a justeza. Com efeito, o Espiritismo se apoia essencialmente sobre o Cristianismo; não vem substituí-lo, completa-o e veste-o com uma roupa brilhante.

Na infância do Cristianismo, encontram-se os germes do Espiritismo; se se repelisses mutuamente, um renegaria o seu filho e o outro o seu pai. O Espírito, em comparando o primeiro ao verme e o segundo à borboleta, indica perfeitamente o laço de parentesco que os une; há mais: a própria figura pinta o caráter da arte que um inspirou e que o outro inspirará. A arte cristã, sobretudo, deveu se inspirar nas terríveis provas dos mártires e revestir a severidade da origem materna; a arte espírita, representada pela borboleta, se inspirará nos vaporosos e esplêndidos quadros da existência futura desvendada; alegrará a alma que a arte cristã tomara de admiração e de temor; será o canto de alegria depois da batalha.

O Espiritismo se reconhece todo inteiro na teogonia paga, e a mitologia não é outra coisa senão o quadro da vida espírita poetizada pela alegoria. Quem não reconhece o mundo de Júpiter nos Campos Elíseos, com os seus habitantes de corpos etéreos; e os mundos inferiores no seu Tártaro; as almas errantes nos manes, os Espíritos protetores da família nos lares e nos penais; no Letes, o esquecimento do passado no momento da reencarnação; nas suas pitonisas, os nossos médiuns videntes e falantes; em seus oráculos, as comunicações com os seres de além-túmulo? A arte, necessariamente, deveu se inspirar nessa fonte tão fecunda para

a imaginação; mas para se elevar até o sublime do sentimento, falta-lhe o sentimento por excelência: a caridade cristã. Os homens não conhecem senão a vida material; a arte procurou, antes de tudo, a perfeição da forma. A beleza corpórea era então a primeira de todas as qualidades: a arte se interessou em reproduzi-la, em idealizá-la; mas só ao

Cristianismo estava dado fazer ressaltar a beleza da alma sob a beleza da forma; também, a arte cristã, tomando a forma na arte paga, acrescentou-lhe a expressão de um sentimento desconhecido dos Antigos.

Mas, como dissemos, a arte cristã deveu se ressentir da austeridade de sua origem, e se inspirar nos sofrimentos dos primeiros adeptos; as perseguições impeliram à vida de isolamento e de reclusão, e a idéia do inferno à vida ascética; é por isso que a sua pintura e escultura, em suas três quartas partes, sobressaem pelo quadro das torturas físicas e morais; a arquitetura nela reveste um caráter grandioso e sublime, mas sombrio; sua música é grave e monótona como uma sentença de morte; a sua eloquência é mais dogmática do que tocante; a própria beatitude nela traz marca de tédio, de ociosidade e de satisfação toda pessoal; aliás, ela está longe de nós, tão alto colocada, que nos parece quase inacessível, por isso nos toca tão pouco quando não a vemos reproduzida sobre a tela ou o mármore.

O Espiritismo nos mostra o futuro sob uma luz mais à nossa altura; a felicidade está mais perto de nós, está ao nosso alcance, nos seres mesmo que nos cercam e com os quais podemos entrar em comunicação; a morada dos eleitos não é mais isolada: há solidariedade constante entre o céu e a terra; a beatitude não está mais numa contemplação perpétua, que não seria senão uma eterna e inútil ociosidade, ela está numa constante atividade para o bem, sob o próprio olhar de Deus; está, não na quietude de um contentamento pessoal, mas no amor mútuo de todas as criaturas chegadas à perfeição. O mau não está mais relegado às fornalhas ardentes, o inferno está no próprio coração do culpado que encontra, em si mesmo, o seu próprio castigo; mas Deus, em sua bondade infinita, deixando-lhe o caminho do arrependimento, ao mesmo tempo, deixa-lhe a esperança, essa sublime consolação do infeliz.

Que fontes fecundas de inspiração para a arte! Que obras primas essas idéias novas não podem criar pela reprodução de cenas tão variadas e, ao mesmo tempo, tão suaves ou tão pungentes da vida espírita! Quantos assuntos, ao mesmo tempo, poéticos e palpitantes de interesse nesse comércio incessante dos mortais com os seres de além-túmulo, na presença, junto a nós, dos seres que nos são queridos! Isso não será mais a representação de despejos frios e inanimados, será a mãe tendo ao seu lado a sua filha querida, em sua forma etérea e radiosa de felicidade; um filho ouvindo com atenção os conselhos de seu pai que vela por ele; o ser pelo qual se pede vem testemunhar o seu reconhecimento. E, numa outra ordem de idéias, o Espírito do mal soprando o veneno das paixões, o mau fugindo da visão de sua vítima que lhe perdoa, o isolamento do perverso no meio da multidão que o repele, a perturbação do Espírito no momento do despertar, a sua surpresa diante da visão de seu corpo do qual se espanta por estar separado, o Espírito do defunto no meio dos seus ávidos herdeiros e amigos hipócritas; e tantos outros assuntos tanto mais capazes de impressionar quanto tocam mais de perto a vida real. O artista quer se elevar acima da esfera terrestre? Ele encontrará assuntos não menos interessantes nesses mundos felizes que os Espíritos se comprazem em descrever, verdadeiros Édens de onde o mal está banido, e nesses mundos ínfimos, verdadeiros infernos, onde todas as paixões reinam soberanas.

Sim, nós o repetimos, o Espiritismo abre à arte um campo novo, imenso, e ainda inexplorado, e quando o artista trabalhar com convicção, como trabalharam os artistas cristãos, haurirá nessa fonte as mais sublimes inspirações.

Quando dizemos que a arte espírita será um dia uma arte nova, queremos dizer que as idéias e as crenças espíritas darão, às produções do gênio, um cunho particular, como ocorreu com as idéias e as crenças cristãs, não que os assuntos cristãos jamais caiam em descrédito, longe disso, mas, quando um campo está respigado, o ceifeiro procura colher alhures, e colherá abundantemente no campo do Espiritismo. Já o fez, sem dúvida, mas não de um

modo tão especial como o fará mais tarde, quando para isso será encorajado e excitado pelo assentimento geral; quando essas idéias estiverem popularizadas, o que não pode tardar, porque os cegos da geração atual desaparecem, cada dia, da cena pela força das coisas, e a geração nova terá menos preconceitos. A pintura foi mais de uma vez inspirada por idéias desse gênero; na poesia sobretudo elas pululam, mas estão isoladas, perdidas na multidão; o tempo virá em que farão eclodir obras magistrais, e a arte espírita terá seus Rafaéis e seus Miguel-Ângelos, como a arte paga teve os seus Apeles e os seus Fídias.

História do Maravilhoso

Revista Espírita, dezembro de 1860

pelo Sr. Louis Figuier.

(Segundo artigo; ver a Revista de Setembro de 1860.)

Falando do Sr. Louis Figuier, em nosso primeiro artigo, procuramos, antes de tudo, qual fora o seu ponto de partida, e demonstramos, citando textualmente as suas palavras, que ele se apoia sobre a negação de todo poder fora da humanidade corpórea; as suas premissas devem fazer pressentir a sua conclusão. O seu quarto volume, aquele que deveria tratar especialmente a questão das mesas girantes e dos médiuns, não aparecera ainda, e nós o esperamos para ver se daria, desses fenômenos, uma explicação mais satisfatória do que aquela do Sr. Jobert (de Lambale). Nós o lemos com cuidado, e o que dele ressalta mais claro para nós, é que o autor tratou de uma questão que ele não conhecia de modo nenhum; para isso não queremos outra prova senão as duas primeiras linhas assim concebidas: *Antes de abordar a história das mesas girantes e dos médiuns, cujas manifestações são todas modernas*, etc. Como o Sr. Figuier não sabe que Tertuliano fala em termos explícitos das mesas girantes e falantes; que os Chineses conhecem esse fenômeno de tempos imemoriais; que é praticada entre os Tártaros e os Siberianos; que há médiuns entre os Tibetanos; que os havia entre os Assírios, os Gregos e os Egípcios; que todos os princípios fundamentais do Espiritismo se encontram nos filósofos sânscritos? É falso, pois, avançar que essas manifestações são *todas modernas*; os modernos nada inventaram a esse respeito, e os Espíritas se apoiam sobre a antigüidade e a universalidade de sua doutrina, o que o Sr. Figuier deveria saber antes de ter a pretensão de fazer-lhe um tratado *ex professo*. Sua obra não teve menos as honras da imprensa, que se apressou em render homenagem a esse campeão das idéias materialistas.

Aqui se apresenta uma reflexão, cuja importância não escapará a ninguém. Nada, diz-se, é brutal como um fato: ora, eis aqui um que tem bem o seu valor, é o progresso inaudito das idéias espíritas, às quais certamente a imprensa, nem pequena e nem grande, não prestou o seu concurso. Quando ela se dignou falar desses pobres imbecis que crêem ter uma alma, e que essa alma, depois da morte, se ocupa ainda dos vivos, não foi senão para gritar alto lá! sobre eles, e os enviar aos manicômios, perspectiva pouco encorajadora para o público ignorante da coisa. Portanto, o Espiritismo não entou a trombeta da publicidade; não encheu os jornais de faustosos anúncios; como ocorre, pois, que, sem ruído, sem estrondo, sem o apoio daqueles que se colocam como árbitros da opinião, ele se infiltra nas massas, e que depois de ter, segundo a graciosa expressão de um crítico, do qual não nos lembramos o nome, *infestado as classes esclarecidas*, penetra, agora, nas classes trabalhadoras? Que nos digam como, sem o emprego dos meios comuns de propaganda, a segunda edição de *O Livro dos Espíritos* se esgotou em quatro meses? Apaixona-se, diz-se, das coisas mais ridículas; seja, mas apaixona-se com o que diverte, de uma história, de um romance; ora, *O Livro dos Espíritos*, de nenhum modo tem a pretensão de ser divertido. Não seria que a opinião encontra, nessas crenças, alguma coisa que desafia a crítica?

O Sr. Figuier encontrou a solução desse problema: é, disse, o amor do maravilhoso, e ele tem razão; tomemos a palavra maravilhoso na acepção que ele lhe dá, e seremos da sua opinião. Segundo ele, toda a Natureza estando na matéria, todo fenômeno extra-material é do

maravilhoso: fora da matéria não há salvação; conseqüentemente, a alma, depois de tudo o que se lhe atribui, seu estado depois da morte, tudo isso é do maravilhoso; chamemo-lo, pois, como ele do maravilhoso. A questão é de saber se o maravilhoso existe ou não existe. O Sr. Figuier, que não gosta do maravilhoso, e não o admite senão nos contos de Barba-Azul, diz que não. Mas se o Sr. Figuier não deseja sobreviver ao seu corpo; se despreza a sua alma e a vida futura, nem todo o mundo partilha os seus gostos, e não é preciso que, com isso, desgoste os outros; há muitas pessoas para as quais a perspectiva do nada tem muito poucos encantos, e que muito esperam reencontrar, lá em cima ou lá embaixo, seu pai, sua mãe, seus filhos ou seus amigos; o Sr. Figuier não o deseja; não se podem disputar os gostos.

Instintivamente, o homem tem horror à morte, e o desejo de não morrer inteiramente é bastante natural, com isso se convirá; pode-se mesmo dizer que essa fraqueza é geral; ora, como sobreviver ao corpo se não se possui esse *maravilhoso* que se chama alma? Se temos uma alma, ela tem algumas propriedades, porque sem propriedades ela não poderia ser alguma coisa; estas não são, infelizmente para certas pessoas, as propriedades químicas; não se pode colocá-la num frasco para conservá-la num museu anatômico, como se conserva um crânio; nisso, a grande Causa, verdadeiramente errou em não fazê-la mais agarrável: é que, provavelmente, não pensou no Sr. Figuier.

Qualquer que ela seja, de suas coisas uma: essa alma, se alma há, vive ou não vive depois da morte; é alguma coisa ou é o nada, não há meio termo. Ela vive para sempre ou por um tempo? Se ela deve desaparecer em um tempo dado, antes valeria que o fosse logo em seguida; um pouco mais cedo, ou um pouco mais tarde, com isso o homem não seria mais adiantado. Se ela vive, faz alguma coisa ou não faz nada; mas como admitir um ser inteligente que não faça nada, e isso durante a eternidade? Sem ocupação, a existência futura seria muito monótona. O Sr. Figuier, não admitindo que uma coisa inapreciável aos sentidos possa produzir quaisquer efeitos, é conduzido, em razão de seu ponto de partida, a esta conclusão, de que todo efeito deve ter uma causa material; por isso ele classifica no domínio do maravilhoso, quer dizer, da imaginação, todos os efeitos atribuídos à alma, e, por conseqüência, a própria alma, ela mesma, as suas propriedades, os seus fatos e os seus gestos de além-túmulo. Os simples, que têm a tolice de querer viver depois da morte, amam naturalmente tudo o que agrada aos seus desejos e vêm confirmar as suas esperanças; por isso, amam o maravilhoso. Até o presente se estava contente em dizer: "Tudo não morre com o corpo, ficai tranquilos, disso vos damos a nossa palavra de honra." Era muito confortador, sem dúvida, mas uma pequena prova nada teria de perturbadora para o assunto; ora, eis que o Espiritismo, com os seus fenômenos, veio dar-lhes esta prova, a aceitam com alegria; eis todo o segredo da sua rápida propagação; ele dá a realidade a uma esperança: a de viver, e melhor do que isso, a de viver mais feliz; ao passo que vós, Sr. Figuier, vos esforçais para lhes provar que tudo isso não é senão quimera e ilusão; ele eleva a coragem, e vós a abateis; credes que, entre os dois, a escolha será duvidosa?

O desejo de reviver depois da morte é, pois, no homem, a fonte de seu amor pelo maravilhoso, quer dizer, por tudo o que se liga à vida de além-túmulo. Se alguns homens, seduzidos pelos sofismas, puderam duvidar do futuro, não crede que isso seja deliberadamente; não, essa idéia lhes inspira pavor, e é com esse terror que sondam as profundezas do nada; o Espiritismo acalma as suas inquietações, dissipa as suas dúvidas; o que é vago, indeciso, incerto, toma uma forma, torna-se uma realidade consoladora; eis porque, em alguns anos, deu a volta ao mundo, porque todos querem viver, e o homem preferirá sempre as doutrinas que o confortam àquelas que o apavoram.

Voltemos à obra do Sr. Figuier, e digamos primeiro que o seu quarto volume, dedicado às *mesas girantes e aos médiuns*, tem as três quartas partes cheias de histórias que não lhe

têm nenhuma relação, tão bem que o principal ali se torne o acessório. Cagliostro,

o negócio do colar, que ali figura não se sabe porquê, a moça elétrica, os caracóis simpáticos, nele ocupam treze capítulos em dezoito; é verdade que essas histórias ali são tratadas com um verdadeiro luxo de detalhes e de erudição, que as fará lidas com interesse, toda opinião espírita à parte. Sendo o seu objetivo provar o amor do homem pelo maravilhoso, procura ele todos os contos que o bom senso, de todos os tempos, tem tomado pelo que eles valem, e se esforça por provar que são absurdos, o que ninguém contesta, e exclama: "Eis o Espiritismo fulminado!" Ao ouvi-to, crê-se que as proezas de Cagliostro e os contos de Hoffmann são, para os espíritas, artigos de fé, e que os caracóis simpáticos têm todas as suas simpatias.

O Sr. Figuier não rejeita todos os fatos, muito longe disso; ao contrário de outros críticos que negam tudo sem cerimônia, o que é mais cômodo, porque isso dispensa de toda explicação, ele admite perfeitamente as mesas girantes e os médiuns, tudo fazendo uma larga parte à velhacaria; as Senhoritas Fox, por exemplo, são insignes escamoteadoras, porque elas foram achincalhadas por jornais americanos pouco galantes; ele admite mesmo o magnetismo, como agente material, bem entendido, a força fascinadora da vontade e do olhar, o sonambulismo, a catalepsia, o hipnotismo, todos os fenômenos de biologia; que disso se guarde! vai passar por um iluminado aos olhos de seus confrades. Mas, conseqüente consigo mesmo, ele quer reconduzir tudo às leis da física e da fisiologia. Ele cita, é verdade, alguns testemunhos autênticos e dos mais honrosos em apoio dos fenômenos espíritas, mas se estende com complacência sobre todas as opiniões contrárias, sobretudo as dos sábios que, como o Sr. Chevreul e outros, procuraram as provas na matéria; ele tem em grande estima a teoria do músculo mentiroso dos Srs. Jobert e participantes. A sua teoria, como a lanterna mágica da fábula, peca por um ponto capital, e é que se perde numa complicação de explicações que pedem, elas mesmas, explicações para serem compreendidas. Um outro defeito, é que é, a cada passo, contraditada pelos fatos dos quais não pode dar conta e que o autor passa em silêncio, por uma razão muito simples, é que não os conhece; ele nada viu, ou pouco viu, por si mesmo; em uma palavra, ele nada aprofundou, *de visu*, com a sagacidade, a paciência e a independência de idéias do observador consciencioso; contenta-se com relatos mais ou menos fantásticos que encontrou em certas obras que não brilham pela imparcialidade; não tem em nenhuma conta os progressos da ciência em alguns anos; toma-a em seu início, quando caminhava tateante, e cada um lhe trazia uma opinião incerta e prematura, e quando ela estava longe de conhecer todos os fatos; absolutamente como se se quisesse julgar a química de hoje pelo que ela era *ao tempo* de Nicolas Flamel. Em nossa opinião, por sábio que ele seja, resente-se, pois, da primeira qualidade de um crítico, a de conhecer *a fundo* a coisa da qual fala, condição ainda mais necessária quando se quer explicá-la.

Não o seguiremos em todos os seus raciocínios; preferimos remeter à sua obra que todo espírita pode ler sem o menor perigo para as suas convicções; não citaremos senão a passagem onde ele explica a sua teoria das mesas girantes, que quase resume a de todos os outros fenômenos.

"Vem em seguida a teoria que explica os movimentos da mesa pelos *Espíritos*. Se a mesa gira depois de um quarto de hora de recolhimento e de atenção da parte dos experimentadores, é, diz-se, que os Espíritos, bons ou maus, anjos ou demônios, entraram na mesa e a puseram em oscilação. O leitor deseja que discutamos esta hipótese? Não pensamos. Se empreendêssemos provar, à força de argumentos lógicos, que o diabo não entra nos móveis para fazê-los dançar, nos seria preciso igualmente empreender demonstrar que não são os Espíritos que, introduzidos no nosso corpo, nos fazem agir, falar, sentir, etc. (1-(1) Não são os Espíritos que nos fazem agir e pensar, mas um Espírito que é a nossa

alma. Negar este Espírito, é negar a alma; negar a alma é proclamar o materialismo puro. Parece que o Sr. Figuiet pensa que, como ele. *ninguém* crê ter uma alma imortal, ou que ele crê ser todo o mundo.). Todos esses fatos são da mesma ordem, e aquele que admite a intervenção do demônio para fazer girar uma mesa, deve recorrer à mesma influência sobrenatural para explicar os atos que não ocorrem senão em virtude da nossa vontade e pelo socorro dos nossos órgãos. *Ninguém nunca quis atribuir seriamente* os efeitos da vontade sobre os nossos órgãos, por misteriosa que seja a essência desse fenômeno, à ação de um anjo ou de um demônio. Todavia, é a essa consequência que são conduzidos aqueles que querem informar a rotação das mesas a uma causa sobre-humana.

"Dizemos, para terminar esta discussão, que a razão proíbe recorrer a uma causa sobrenatural, em toda parte onde uma causa natural pode bastar. Uma causa natural, normal, fisiológica, pode ser invocada para a explicação do giro das mesas? Aí está toda a questão.

"Eis, pois, que somos conduzidos a expor o que nos parece dar conta do fenômeno estudado nesta última parte do nosso livro.

"A explicação do fato das mesas girantes, considerado em sua maior simplicidade, nos parece ser fornecida por esses fenômenos cujo nome variou muito até aqui, mas cuja natureza é, no fundo, idêntico, quer dizer, porque alternativamente se chamou *hipnotismo*, com o doutor Braid, *biologismo* com o Sr. Philips, *sugestão* como Sr. Carpenter. Lembremos que, em consequência da forte tensão cerebral resultante da contemplação, muito tempo mantida, de um objeto imóvel, o cérebro cai num estado particular, que recebeu, sucessivamente, os nomes de *estado magnético*, de sono *nervoso* e de *estado biológico*, nomes diferentes que designam certas variantes particulares de um estado geralmente idêntico.

"Uma vez levado a este estado, seja pelos passes de um magnetizador, como se faz desde Mesmer, seja pela contemplação de um corpo brilhante, como operava Braid, imitado depois pelo Sr. Philips, e como operam ainda os os feiticeiros árabes e egípcios, seja simplesmente, enfim, por uma forte contenção moral, como disso citamos mais de um exemplo, o indivíduo cai nessa passividade automática que constitui o sono *nervoso*. Ele perdeu o poder de dirigir e de controlar a sua própria vontade, e está em poder de uma vontade estranha. Se lhe apresenta um copo de água afirmando, com autoridade, que é uma deliciosa bebida, ele a bebe crendo beber vinho, um licor ou leite, segundo a vontade daquele que se apoderou fortemente do seu ser. Assim, privado do socorro do seu próprio julgamento, o indivíduo permanece quase estranho às ações que executa, e uma vez retornado ao seu estado natural, perdeu a lembrança dos atos que realizou durante essa estranha e passageira abdicação de seu *eu*. Está sob a influência de *sugestões*, quer dizer que, aceitando sem poder repeli-la, uma idéia fixa que lhe é imposta por uma vontade exterior, ele age, e é forçado a agir sem idéia e sem vontade própria, por consequência, sem consciência. Esse sistema levanta uma grave questão de psicologia, porque o homem, assim influenciado, perdeu seu livre arbítrio, e não tem mais a responsabilidade pelas ações que executa. Ele age, determinado por imagens intrusas que obsidiam seu cérebro, análogas a essas visões que Cuviers supôs fixadas no *sensorium* da abelha, e que lhe representam a forma e as proporções da célula que um instinto a impele construir. O princípio das *sugestões* dá perfeitamente conta dos fenômenos, tão variados e às vezes tão terríveis da alucinação, e mostra, ao mesmo tempo, o pouco de intervalo que separa a alucinação da monomania. Não será necessário mais espantar-se se, num número bastante grande de giradores de mesas, a alucinação sobreviveu à experiência e se transformou em loucura definitiva.

"Esse princípio das *sugestões*, sob a influência do sono nervoso, nos parece fornecer a

explicação do fenômeno da rotação das mesas, tomado em sua maior simplicidade. Consideremos o que se passa numa cadeia de pessoas que se entregam a uma experiência desse gênero. Essas pessoas estão atentas, preocupadas, fortemente emocionadas pela espera do fenômeno que se deve produzir. Uma grande atenção, um recolhimento completo de Espírito é recomendado. À medida que essa tensão se prolonga, e que a contenção moral permanece muito tempo mantida entre os experimentadores, seu cérebro se fatiga cada vez mais, suas idéias sentem uma ligeira perturbação. Quando assistimos, durante o inverno do ano 1860, às experiências feitas em Paris pelo Sr. Philips; quando vimos as dez ou doze pessoas às quais ele confiava um disco metálico, com a injunção de considerar fixa e unicamente esse disco colocado no côncavo da mão durante uma meia hora, não pudemos nos negar de encontrar, nessas condições reconhecidas indispensáveis para a manifestação do estado hipnótico, a fiel imagem do estado em que se encontram as pessoas formando silenciosa cadeia, para obter a rotação da mesa. Num e noutro caso, há uma forte contenção do Espírito, uma idéia exclusivamente perseguida durante um tempo considerável. O cérebro humano não pode resistir, por muito tempo, a essa excessiva tensão, a essa acumulação anormal do influxo nervoso. Sobre as dez ou doze pessoas que se entregaram a essa alteração, a maioria abandona a experiência, forçada em renunciá-la pela fadiga nervosa que sentem. Somente alguns, um ou dois, que nela perseveraram, caem vítimas do estado hipnótico ou biológico, e dão, então, lugar aos fenômenos diversos que examinamos falando no curso desta obra, do hipnotismo e do estado biológico.

"Nessa reunião de pessoas fixamente ligadas, durante vinte minutos ou meia hora, para formarem a cadeia, as mãos postas espalmadas sobre uma mesa sem terem a liberdade de distrair um instante a sua atenção da operação da qual tomam parte, o maior número não sente nenhum efeito particular. Mas é muito difícil que uma delas, uma só se se quer, não caia, por um momento, vítima do estado hipnótico biológico. Não seria preciso talvez senão um segundo de duração desse estado, para que o fenômeno esperado se realize. O membro da cadeia caído nesse semi-sono nervoso, não tendo mais consciência de seus atos, e não tendo outro pensamento senão a idéia fixa da rotação da mesa, imprime, com o seu desconhecimento o movimento ao móvel; ele pode, nesse momento, desdobrar uma força muscular relativamente considerável e a mesa se arremessa. Dado esse impulso, realizado esse ato *inconsciente*, nada lhe é mais necessário. O indivíduo, assim passageiramente biotogizado, pode em seguida retornar ao seu estado ordinário; porque apenas esse movimento de deslocamento mecânico se manifestou na mesa que logo todas as pessoas compondo a cadeia se levantam e seguem os seus movimentos, de outro modo dito, fazem a mesa caminhar crendo somente segui-la. Quanto ao indivíduo, causa involuntária, *inconsciente*, do fenômeno como não conserva nenhuma lembrança dos atos que realizou no estado de sono nervoso, ele mesmo ignora o que fez e se indigna, de muito boa fé, sendo acusado de ter empurrado a mesa. Supõe mesmo os outros membros da cadeia não terem agido com a má fé de que são acusados. Daí essas freqüentes discussões e mesmo essas *disputas sérias às quais, muito freqüentemente*, deram lugar a distração das mesas girantes.

"Tal é a explicação que cremos poder apresentar no que concerne ao fato da rotação das mesas, tomado em sua maior simplicidade. Quanto aos movimentos da mesa respondendo a perguntas: os pés que se erguem aos comandos, e que, pelo número de golpes, respondem às perguntas feitas, o mesmo sistema disso dá conta, admitindo-se que, entre os membros da cadeia, há um cujo estado nervoso conserva uma certa duração. Esse indivíduo, hipnotizado com seu desconhecimento, responde às perguntas e às ordens que lhes são dadas, inclinando a mesa, ou fazendo-a bater pancadas, de conformidade com as perguntas. Retornado em seguida ao seu estado natural, esqueceu todos os atos assim realizados, do mesmo modo que todo indivíduo magnetizado, hipnotizado, perdeu as lembranças dos atos que executou nesse estado. O indivíduo que desempenha esse papel com o seu desconhecimento, é, pois, uma espécie de dorminhoco desperto; ele não está *sui compôs*,

está num estado mental que participa do sonambulismo e da fascinação. Ele não dorme, está encantado ou fascinado em consequência da forte concentração moral que se impôs: é um *médium*. Como esse último exercício é de uma ordem superior ao primeiro, não pode ser obtido em todos os grupos. Para que a mesa responda às perguntas feitas, é necessário que os indivíduos que operam hajam praticado com continuidade o fenômeno da mesa girante, e que, entre eles, se encontre um sujeito particularmente apto a cair nesse estado, que nele cai mais depressa pelo hábito e nele persevera por mais tempo: é preciso, em uma palavra, um *médium* experimentado.

"Mas, dir-se-á, vinte minutos ou meia hora não são necessários para obter a rotação de uma mesinha redonda de pé único ou de uma mesa. Frequentemente, ao cabo de quatro ou cinco minutos, a mesa se coloca em movimento. A esse respeito, respondemos que um magnetizador, quando opera com seu sujeito habitual ou com um sonâmbulo de profissão, faz esse cair em sonambulismo em um minuto ou dois, sem passes, sem aparelhos, e unicamente com a imposição fixa de seu olhar. Aqui, foi o hábito que tornou o fenômeno fácil e rápido. Do mesmo modo, os *médiuns* exercitados podem, em muito pouco tempo, chegar a esse estado de semi-sono nervoso, que deve tornar inevitável o fato da rotação da mesa ou o movimento impresso por ele a esse móvel, de conformidade com a pergunta feita."

Não sabemos como o Sr. Figuiet aplicaria sua teoria aos movimentos que ocorre, aos ruídos que se fazem ouvir, ao deslocamento dos objetos, sem o contato do médium, sem a participação da vontade, contra a sua vontade; mas há muitas outras coisas que ele não explica. De resto, mesmo aceitando a sua teoria, ela revelaria um fenômeno fisiológico dos mais extraordinários e bem digno da atenção dos sábios; porque, pois, o desdenharam?

O Sr. Figuiet termina seu *Tratado do Maravilhoso* por uma curta notícia sobre *O Livro dos Espíritos*. Ele o julga naturalmente sob o seu ponto de vista: "A filosofia, disse ele, nele está fora de moda, e a moral dormente." Teria, sem dúvida gostado de uma moral galhofeira e despertante; mas que fazer dela? É uma moral para uso da alma; de resto sempre terá tido uma vantagem: a de fazê-lo dormir; é para ele uma receita em caso de insônia.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, dezembro de 1860

Balthazar ou o Espírito gastronômico

2ª Conversa.

Um dos nossos assinantes, lendo, na *Revista Espiritado* mês de novembro, a evocação do Espírito que se deu a conhecer sob o nome de Balthazar, acreditou nele reconhecer um homem que conhecera pessoalmente, e cuja vida e caráter coincidiam perfeitamente com todos os detalhes narrados; não duvida que não foi ele que se manifestou sob um nome de fantasia, e nos pede disso nos assegurarmos por uma nova evocação. Segundo ele, Balthazar não era outro do que o Sr. G... de la R... conhecido pelas suas excentricidades, sua fortuna e seus gostos gastronômicos.

1. Evocação. - R. Ah! Eis-me; mas não tendes nunca nada para me oferecer; decididamente não sois amáveis.

2. Quereis dizer-nos o que poderíamos vos oferecer para vos ser agradáveis? - R. Oh! Pouca coisa: um pequeno chá, uma pequena ceia bem fina, eu gostaria disso e essas senhoras também, sem contar com os senhores aqui presentes que não a deixariam de lado; convinde nisso.

3. Conhecestes um certo Sr. G... de la R...? - R. Sois curiosos, eu creio.

4. Não, não é por curiosidade; dissei-vos, eu vos peço, se o conhecestes. - R. Tendes, pois, a descobrir o meu incógnito.

5. Portanto, sois o Sr. G... de la R...? - R. Ah! Sim, sem almoço.

6. Não fomos nós que descobrimos o vosso incógnito; foi um de vossos amigos, aqui presente, quem vos reconheceu. - R. É um tagarela; deveria se calar.

7. Em que isso pode vos prejudicar? - R. Em nada; mas desejaria não me dar a conhecer imediatamente. É indiferente, eu não esconderia meus gostos por isso; se conhecesses as ceias que eu dava, convirias francamente que eram boas, e que tinham um valor que hoje não mais se aprecia.

8. Não, eu não as conheci; mas falemos um pouco seriamente, eu vos peço, e deixemos de lado os jantares e as ceias que não nos ensinam nada; nosso objetivo é o de nos instruir; por isso vos pedimos dizer que sentimento vos levou, no dia da vossa recepção como advogado em fazer jantar vossos confrades numa sala de jantar decorada como câmara mortuária? - R. Não distinguis, no meio de todas as minhas excentricidades de caráter, um fundo de tristeza

causada pelos erros da sociedade, sobretudo pelo orgulho daquela que freqüentava, e da qual fazia parte pelo meu nascimento e minha fortuna? Eu procurava atordoar meu coração com todas as loucuras imaginárias, e me chamavam louco, extravagante; pouco importava; saindo dessas ceias tão gabadas pela sua originalidade, eu corria a fazer uma boa ação que se ignorava, mas isso me era indiferente, meu coração estava satisfeito, os homens o estavam também; riam de mim, ao passo que eu me divertia deles. Que não falais dessa ceia onde cada convidado tinha o seu caixão atrás de si! Suas aparências alongadas me distraíam muito, também vós o vedes, era a loucura aparente unida à tristeza do coração.

9. Qual é a vossa opinião atual sobre a divindade? - R. Eu não esperei não ter mais corpo para crer em Deus; somente esse corpo que eu amei bastante materializou o meu Espírito ao ponto que lhe será necessário muito tempo para quebrar todos os laços terrestres, todos os laços das paixões que o prendem à Terra.

Nota. Vê-se que de um assunto frívolo na aparência, freqüentemente, se podem tirar úteis ensinamentos. Não há alguma coisa eminentemente instrutiva nesse Espírito que conserva, além do túmulo, instintos corpóreos, e que reconhece que os abusos das paixões, de alguma sorte, *materializou* o seu Espírito?

A educação de um Espírito

Um de nossos assinantes, cuja mulher é muito boa médium escrevente, não pode, apesar disso, se comunicar com os seus parentes e seus amigos, porque um mau Espírito se impôs a ela e *intercepta*, por assim dizer todas as comunicações, o que lhe causa uma viva contrariedade. Notemos que há simples obsessão e não subjugação, porque o médium não é de nenhum modo vítima desse Espírito que, aliás, é francamente mau, e não procura esconder o seu jogo. Nos tendo pedido o nosso conselho a esse respeito, dissemos-lhe que ele não se desembaraçaria nem pela cólera, nem pelas ameaças, mas com a paciência; que seria necessário dominá-lo pela ascendência moral, e procurar tomá-lo melhor pelos conselhos; que é uma *carga da alma* que lhe foi confiada, e cuja dificuldade fará o mérito.

Segundo o nosso conselho, o marido e a mulher empreenderam a educação desse Espírito, e devemos dizer que o fizeram admiravelmente, e que, se não triunfarem, não terão nada a se censurar. Extraímos algumas passagens dessas instruções, que damos como modelo do gênero, e porque a natureza desse Espírito aí se desenha de maneira característica.

1. Por que és assim mau, é necessário que sofras? - R. Sim, eu sofro, e é o que faz que eu seja mau.

2. Não tens jamais remorsos do mal que fazes ou procuras fazer? - R. Não, eu não o tenho nunca, e gozo com o mal que faço, porque não posso ver os outros felizes sem sofrer.

3. Tu não supões, pois, que se possa ser feliz com a felicidade dos outros, em lugar de achar a sua felicidade em sua infelicidade; nunca fizestes estas reflexões? - R. Eu jamais as fiz e acho que tu tens razão. Mas eu não posso me... eu não posso fazer o bem; eu sou...

Nota. Esses pontos de suspensão substituem os rabiscos que o Espírito faz, quando não quer ou não pode escrever uma palavra.

4. Mas, enfim, não queres me escutar, e tentar os conselhos que poderia te dar? - R. Eu não

sei, porque tudo o que me dizes me faz sofrer ainda mais, e não tenho a coragem de fazer o bem.

5. Pois bem! Promete-me ao menos tentar? - R. Oh! Não, eu não posso, porque eu não cumpriria a minha promessa, e disso seria punido; é necessário ainda que tu peças a Deus para me mudar o coração.

6. Então, pecamos juntos; peça comigo que Deus te melhore. - R. Eu não posso, te digo, eu sou muito mau, e me alegro em fazer o mal.

7. Mas, é que tu gostarias realmente de fazê-lo a mim? Eu não considero como do mal real as tuas mistificações que, certamente, nos foram até aqui mais úteis que nocivas, porque serviram para a nossa instrução; assim, vês que perdes o teu tempo. - R. Sim, eu tenho feito tanto o quanto posso, e se não te faço mais, é porque não posso.

8. O que te impede? - R. É o teu bom anjo e tua Maria, sem isso verias do que sou capaz.

Nota. Maria é o nome de uma jovem que eles evocam em vão, e que não pode se manifestar por causa desse Espírito. Mas vê-se, pela própria resposta do Espírito, que se ela não se comunicar materialmente, ela não está menos lá, assim como o anjo guardião, velando sobre eles. Esse fato levanta uma grave questão, a de saber como um mau Espírito pode impedir as comunicações de um bom Espírito. Ele não impede senão as comunicações materiais, mas não pode se opor às comunicações espirituais. Não é o mau Espírito que é mais poderoso que o bom, é o médium que não é bastante poderoso para vencer a obstinação do mau, e que deve se esforçar por vencê-lo pelo ascendente do bem, em se melhorando cada vez mais. Deus permite essas provas em nosso interesse.

9. Mas o que me farias, pois? - R. Eu te faria mil coisas mais desagradáveis, umas do que as outras; eu te faria...

10. Vejamos, pobre Espírito, nunca tiveste, pois, um movimento generoso? Nunca tiveste um único desejo de fazer algum bem, não fosse senão um desejo vago? - R. Sim, um desejo vago de fazer o mal, eu não posso ter outro. É necessário que tu peças a Deus, para que eu seja tocado, de outro modo, permanecerei mau, é certo.

11. Crês, pois, em Deus? - R. É muito necessário que nele eu creia, uma vez que me faz sofrer.

12. Pois bem! Uma vez que crês em Deus, deves ter confiança em sua perfeição e em sua bondade; deves compreender que ele não fez as suas criaturas para dedicá-las à infelicidade; que se elas são infelizes, é pela sua própria falta, e não pela dele, mas que elas têm sempre os meios de se melhorarem, e, conseqüentemente, de chegar à felicidade; que Deus não fez as criaturas inteligentes sem objetivo, e que, esse objetivo é fazê-las todas concorrer para a harmonia universal: a caridade, o amor de seu próximo; que a criatura que se afasta desse objetivo perturba a harmonia, e que ela mesma é a primeira a sofrer os efeitos dessa perturbação que causa. Olha ao redor de ti, acima de ti; não vês Espíritos felizes? Não tens o desejo de ser como eles, uma vez que dizes que sofres? Deus não os criou mais perfeitos do que tu; talvez sofreram, como tu, mas se arrependeram, e Deus lhes perdoou; podes, pois, fazer como eles. - R. Eu começo a ver, e começo a compreender que Deus é justo; ainda não o vira; é tu que vens abrir os meus olhos.

13. Pois bem! Não sentes já o desejo de se melhorar? - R. Não ainda.

14. Espera que isso virá; eu o espero, eu. Dissestes a minha mulher que ela te torturava, quando te evocava: crês que procuramos te torturar? - R. Não; vejo bem que não, mas não é menos verdadeiro que eu sofro mais do que nunca, e sois vós outros que lhe são a causa.

Nota. Um Espírito superior, interrogado sobre a causa desse sofrimento, respondeu: Ela vem do combate que se trava nele; ele sente, apesar de si, alguma coisa que o arrasta para um caminho melhor, mas resiste, e é essa luta que o faz sofrer. - Que vencerá nele o bem ou o mal? - R. O bem, mas isso será longo e difícil. É necessário pôr nisso muito de perseverança e de devotamento.

15. O que poderíamos fazer para não te fazer mais sofrer? - R. É necessário que peças a Deus me perd...(ele risca essas duas últimas palavras) que tenha piedade de mim.

16. Pois bem! Ora conosco. - R. Eu não posso.

17. Disseste-nos que é muito necessário que creias em Deus, uma vez que te faz sofrer; mas como sabes que é Deus que te faz sofrer? - R. Ele me faz sofrer porque sou mau.

18. Se é verdade que crês que é Deus que te faz sofrer, deves conhecer-lhe o motivo, porque não podes te figurar um Deus injusto? - R. Sim, eu creio na justiça de Deus.

19. Disseste-nos que foi nós que te abrimos os olhos; que seja assim ou não, não é menos verdadeiro que não podes dissimular a verdade daquilo que te dizemos; ora, que essas verdades te sejam conhecidas antes de nós ou por nós, o essencial é que as conheças; hoje, o grande assunto para ti é delas tirar partido. Dize-me, pois, francamente se a satisfação que sentes em fazer o mal não te deixa nada a desejar. - R. Eu desejo que os meus sofrimentos acabem, eis tudo; e eles não acabarão nunca.

20. Compreendes que depende de ti fazê-los acabar? - R. Eu compreendo.

21. Na última existência corpórea, te entregaste sem reservas aos maus pendores, como pareces te entregar agora? - R. É necessário que saibas que sou mais imundo do que o animal, e que sou um miserável que tudo fez até...

22. é que nós te fizemos, minha mulher e eu, o mal? Tiveste do que se lamentar de nós em uma outra existência? - R. Não; eu não...

23. Então dize-me por que encontras mais prazer em te enfurecer com pessoas inofensivas como nós, que te queremos o bem, antes que junto de pessoas más que talvez são ou foram teus inimigos? -R. *Eles não me fazem inveja, eles.*

Nota. Esta resposta é característica; ela pinta o ódio do mau contra os homens que sabe valer mais do que ele; é o ciúme que é cego e, freqüentemente, o impele aos atos mais contrários ao seu interesse. Ocorre o mesmo neste mundo onde, freqüentemente, o maior erro de um homem, aos olhos de certas pessoas, é o seu mérito: Aristides disso é um exemplo.

24. Eras mais feliz sobre a Terra do que agora? - R. Oh! Sim! Era rico e não me privava de nada; fiz baixezas de todas as espécies, fiz todo o mal que se pode fazer quando se tem o

dinheiro e miseráveis à sua disposição.

25. Por que me dizias, outro dia, para te deixar tranqüilo? - R. Porque eu não queria responder às perguntas que me dirigias; mas estou muito satisfeito que me evoques e eu gostaria sempre de escrever, porque o tédio me mata. Oh! Você não sabe o que é estar continuamente em presença de suas faltas e de seus crimes como aí eu estou!

26. Que impressão sentes à visão de uma ação generosa? - R. Com isso sinto despeito; eu gostaria de poder aniquilá-la.

27. Durante a última existência corpórea, jamais fizeste uma boa ação, qualquer que lhe fosse o móvel? - R. Eu a fiz por ambição e por orgulho; jamais eu fiz por bondade; por isso não me foram tidas em conta.

Nota. Essas conversas se prolongaram durante um grande número de sessões, e se prolongam ainda neste momento, infelizmente sem resultado ainda muito sensível. O mal domina sempre nesse Espírito, que não mostra senão em raros intervalos alguns clarões de bons sentimentos, também isso é uma tarefa penosa para os seus preceptores. Esperamos, todavia, que com a perseverança, virão afinal domar essa natureza rebelde, ou pelo menos que Deus lhe terá conta de seus esforços.

Dissertações Espíritas

Revista Espírita, dezembro de 1860

Obtidas ou lidas na Sociedade por diversos Médiuns

Entrada de um culpado no mundo dos Espíritos

(Méd., senhora Costel.)

Vou contar-te o que sofri quando morri. Meu Espírito, retido ao meu corpo por laços materiais, teve grande dificuldade para dele se desembaraçar; o que foi u ma primeira e rude angústia. A vida que eu deixara há vinte e quatro anos estava ainda tão forte em mim que eu não acreditava em sua perda. Eu procurava o meu corpo e me admirava e aterrorizava por me ver perdido no meio dessa multidão de sombras. Enfim, a consciência de meu estado, e a revelação das faltas que cometera em todas as minhas encarnações, me feriram de repente; uma luz implacável clareou as mais secretas dobras de minha alma, que se sentiu *nua* e depois tomada de uma vergonha acabrunhante. Eu procurava a isso escapar interessando-me por objetos novos, e *entretanto conhecidos*, que me cercavam; os Espíritos radiosos, flutuando no éter, davam-me a idéia de uma felicidade à qual não podia aspirar; formas sombrias e desoladas, umas mergulhadas num melancólico desespero, as outras irônicas ou furiosas, deslizavam ao meu redor e sobre a Terra à qual eu permanecia amarrado. Eu via se agitarem os humanos dos quais invejava a ignorância; toda uma ordem de sensações desconhecidas, ou *reencontradas*, me invadiam ao mesmo tempo. Arrastado como por uma força irresistível, procurando fugir dessa dor obstinada, eu transpunha as distâncias, os elementos, os obstáculos materiais, sem que as belezas da natureza, nem os esplendores celestes pudessem acalmar um instante o dilaceramento de minha consciência nem o pavor que me causava a revelação da eternidade. Um mortal pode pressentir as torturas materiais pelo estremecimento da carne, mas as vossas frágeis dores, abrandadas pela esperança, temperadas pelas distrações, mortas pelo esquecimento, não poderão jamais vos fazer compreender as angústias de uma alma que sofre sem trégua, sem esperança, sem arrependimento. Passei um tempo, do qual não posso apreciar a duração, invejando os eleitos, cujo esplendor eu entrevia, detestando os maus Espíritos que me perseguiram com seus escárnios, desprezando os humanos dos quais via as torpezas, passando de um profundo acabrunhamento à uma revolta insensata.

Enfim, tu me apaziguastes; escutei os ensinamentos que te dão os teus guias; a verdade me penetrou, eu orei: Deus me ouviu; revelou-se a mim pela sua clemência, como se revelara pela sua justiça. novel

Castigo do egoísta

(Médium, senhora Costel.)

Nota. O Espírito que ditou as três comunicações seguintes é o de uma mulher que o médium

conheceu quando viva, e cuja conduta e caráter não justificam senão muito os tormentos que ela suporta. Era sobretudo dominada por um sentimento excessivo de egoísmo e de personalidade, que se reflete na última comunicação, pela sua pretensão em querer que o médium não se ocupe senão dela, e renuncie por ela os seus estudos ordinários.

I

Eis-me, eu, a infeliz Claire; que queres que eu te ensine? Tua resignação e a esperança não são senão palavras para aquele que sabe, que inumeráveis como os cascalhos soltos da praia, os seus sofrimentos ficarão durante a sucessão dos séculos intermináveis. Eu posso abrandá-los, dizes! Que palavra vaga! Onde encontrar a coragem, a esperança para isso? Trate, pois, cérebro limitado, de compreender o que é um dia que nunca termina. É um dia, um ano, um século? Que sei eu disso? As horas não o dividem, as estações não o variam; eterno e lento como a água que ressuma do rochedo, esse dia execrado, esse dia maldito, pesa sobre mim como um relicário de chumbo... Eu sofro!... Não vejo nada ao meu redor senão sombras silenciosas e indiferentes... Eu sofro!

Eu o sei, todavia, acima dessa miséria reina Deus, o pai, o senhor, aquele para o qual tudo se dirige. Quero nele pensar; quero lhe implorar.

Eu me debato e me arrasto como um estropeado que rasteja ao longo do caminho. Não sei qual poder me atrai para ti; talvez tu sejas a salvação. Eu te deixo um pouco calma, um pouco reanimada, como um velho tiritante que um raio de sol reanima; minha alma insensível haure uma nova vida em de ti se aproximando.

Claire

II

A minha infelicidade aumenta a cada dia; aumenta à medida que o conhecimento da eternidade se desenvolve em mim. Ó miséria! Quanto eu vos maldigo, horas culpáveis, horas de egoísmo e de esquecimento, onde desconhecendo toda caridade, todo devotamento, e eu não pensava senão no meu bem-estar! Sede malditos, arranjos humanos! Vãs preocupações de interesses materiais! Sede malditos, vós me cegastes e perdestes! Estou roída pelo incessante remorso do tempo escoado. Que te direi, a ti que me escutas? Vela sem cessar sobre ti; ama os outros mais do que a ti mesmo; não te demores nos caminhos do bem-estar; não engordes teu corpo às expensas de tua alma; vigia, como dizia o Salvador aos seus discípulos. Não me agradeças por esses conselhos, o meu Espírito os concebe, mas o meu coração jamais os escutou. Como um cão chicoteado, o medo me faz rastejar, mas não conheço ainda o livre amor! Sua divina aurora tarda muito a se levantar! Ora pela minha alma ressequida e tão miserável!

Claire

III

Nota. Os dois primeiros ditados foram obtidos pelo médium em sua casa; este foi dado espontaneamente na Sociedade, o que explica o sentido da primeira frase.

Venho te procurar até aqui, uma vez que me esqueces. Crês, pois, que preces isoladas, meu nome pronunciado, bastarão para o apaziguamento de minha pena. Não, cem vezes não. Eu urro de dor; erro sem repouso, sem asilo, sem esperança, sentindo o eterno aguilhão do castigo se cravar na minha alma revoltada. Rio quando eu ouço os vossos lamentos, quando vos vejo abatidos. Que são as vossas pálidas misérias! Que são as vossas lágrimas! Que são os vossos tormentos que o sono suspende! Será que durmo, eu? Eu quero, ouves? Eu quero que, deixando as tuas dissertações filosóficas, te ocupes de mim; que delas tu faça os outros se ocuparem. Eu não encontro expressão para pintar a angústia desse tempo que escoar, sem que as horas me marquem os períodos. Apenas se vejo um fraco raio de esperança, e essa esperança, foi tu que ma deste; não me abandones, pois.

Claire

IV

Nota. A comunicação seguinte não é do mesmo Espírito; é de um Espírito superior, nosso guia espiritual em resposta à pergunta que lhe fizemos de consentir em nos dar a sua opinião sobre as que precedem.

Esse quadro não é muito verdadeiro, porque não está de nenhum modo carregado. Perguntar-se-á, talvez, o que fez essa mulher para sertão miserável! Cometeu algum crime horrível? Roubou, assassinou? Não; ela nada fez que haja merecido a justiça dos homens. Ela se distraía, ao contrário, com aquilo que chamais a felicidade terrestre: beleza, fortuna, prazeres, adulações, tudo lhe sorria, nada lhe faltava, e se dizia vendo-a: Que mulher feliz! E se invejava a sua sorte. O que ela fez? Foi egoísta; tinha tudo, exceto um bom coração. Se ela não violou a lei dos homens, violou a lei de Deus, porque desconheceu a caridade, a primeira das virtudes. Não amou senão a si mesma: agora, não é amada por ninguém; ela nada deu: não se lhe dá nada; está isolada, desamparada, abandonada, perdida no espaço, onde ninguém pensa nela, ninguém se ocupa dela, o que faz o seu suplício. Como não procurou senão os gozos mundanos, e que hoje esses gozos não existem mais, fez-se o vazio ao seu redor; ela não vê senão o nada, e o nada lhe parece a eternidade. Não sofre torturas físicas; os diabos não vêm atormentá-la, mas isso não é necessário; ela se atormenta a si mesma, e sofre muito mais, porque esses diabos ainda seriam seres que pensariam nela. O egoísmo fez a sua alegria sobre a Terra: ele a perseguiu; é agora o verme que lhe rói o coração; é o seu verdadeiro demônio.

Ah! Se os homens soubessem o que custa ser egoísta! Deus, todavia, vo-lo ensina todos os dias, porque se envia tantos Espíritos egoístas sobre a Terra, é a fim de que, desde esta vida, eles se punam uns pelos outros, e compreendam melhor, pelo contraste, que a caridade é o único contra-veneno desta lepra da Humanidade.

Alfred de Musset

(Médium, senhorita Eugénie.)

Na sessão da Sociedade de 23 de novembro, um Espírito se comunica espontaneamente, escrevendo o que se segue:

Como eu desejo, antes de tudo, vos ser agradável, vou pedir-vos o que quereis que eu trate; se tendes um assunto, fazei as perguntas. Enfim, senhores, sou sempre o vosso devotado

Alfred de Musset.

- Sendo a vossa visita imprevista, não temos assunto preparado; rogamos querer tratá-lo à vossa escolha; qualquer que seja, por isso vos seremos muito reconhecidos.

-Tendes razão; sim, porque o meu Espírito, em particular, e todos em geral, nós conhecemos melhor as vossas necessidades, e podemos aplicar melhor as comunicações do que vós mesmos não o faríeis.

De que vou tratar? Estou bastante embaraçado em meio de tantos assuntos interessantes. Começemos por falar daqueles que desejam ardentemente ser espíritas, mas que parecem recuar diante do que crêem uma apostasia; falemos, pois, por aqueles que recuariam diante da idéia de se encontrarem em contradição com o catolicismo. Escutai bem, eu disse catolicismo, e não cristianismo.

Tendes medo de renegar a fé dos vossos pais? Erro! Os vossos pais, os primeiros, aqueles que fundaram essa religião sublime em sua origem, mais do que vós eram espíritas; eles pregavam a mesma doutrina que se vos ensina hoje; e que diz: Espiritismo, como vossa religião, diz: Caridade, bondade, esquecimento e perdão das injúrias; como o catolicismo, vos ensina a abnegação de si mesmo. Podeis, pois, consciência escrupulosa, alia-tos juntos, e vir, sem escrúpulo sentar-vos a esta mesa e falar aos seres que lamentais. Sede, como os vossos pais, caridosos, bons, complacentes, e no fim da rota tereis todos o mesmo lugar; no fim do caminho, a balança, que pesará as vossas ações, terá os mesmos pesos, e a obra o mesmo valor. Vinde sem medo, isso vos peço; vinde, mulheres graciosas, com o coração cheio de ilusões; vinde aqui, elas serão substituídas pelas realidades mais belas e mais radiosas; vinde, esposa de coração duro, que sofreis pela vossa secura, aqui está a água que amolece a rocha e mitiga a sede; vinde, mulheres amantes, que aspirais toda a vossa vida à felicidade, que medis a profundidade de vosso coração e desesperais de preenchê-la; vinde, mulheres de inteligência ávida: aqui a ciência corre clara e pura; vinde haurir nesta fonte que rejuvenesce. E vós, velhos que vos curvais, vinde e rireis à frente desta juventude que vos desdenha, porque, para vós, se abrem as portas do santuário, para vós o renascimento vai começar a trazer de novo a felicidade dos vossos primeiros anos; vinde, e nós vos faremos ver irmãos que vos estendem os braços e vos esperam; vinde, pois, todos, porque, para todos, há consolações. Vedes que me presto voluntariamente; usai de mim, vós me dareis prazer.

Aproveitando da boa vontade do Espírito de Alfred de Musset, foram-lhe dirigidas as perguntas seguintes:

1. Qual será a influência da poesia no Espiritismo? - R. A poesia é o bálsamo que se aplica sobre as feridas; a poesia foi dada ao homem como um maná celeste, e todos os poetas são médiuns que Deus enviou sobre a Terra para regenerar um pouco o seu povo, e não deixá-los embrutecer inteiramente; porque, o que há de mais belo! O que fala mais à alma do que a poesia!

2. A pintura, a escultura, a arquitetura, a poesia foram alternativamente influenciadas pelas idéias pagas e cristãs; quereis nos dizer se, depois da arte paga e da arte cristã, haverá um dia a arte espírita? - R. Fazeis uma pergunta que se responde por si mesma: o verme é verme, torna-se verme de seda, depois borboleta. O que há de mais aéreo, de mais gracioso do que uma borboleta? Pois bem! A arte paga, é o verme; a arte cristã é a crisálida; a arte espírita será a borboleta.

(Ver, a este respeito o artigo acima, pág. 366, sobre a arte paga, a arte cristã e a arte espírita.)

3. Qual é a influência da mulher no decimo-nono século.

Nota. Esta pergunta foi colocada por um jovem estranho à sociedade.

R. Ah! É o progresso; e é um jovem que propõe esta questão, é belo, sou muito amador, para não me dignar responder-lhe, e estou seguro de que todos aqui o desejam também.

A influência da mulher no décimo-nono século! Credes que ela haja esperado essa época para vos ter todos no esquecimento, pobres e fracos homens que sois? Se tentastes depreciá-la, foi porque tivestes medo; se tentastes abafar a sua inteligência, foi porque temestes a sua influência; não há senão seu coração no qual não pudestes colocar obstáculos, e como o coração é o presente que Deus lhe fez em particular, ele permaneceu senhor e soberano. Mas eis também que a mulher se fez borboleta: ela quer sair de sua crisálida; ela quer reconquistar os seus direitos, todos divinos; como aquela, se lança na atmosfera e dir-se-ia que respira o ar do seu justo valor. Não credes que com isso quero fazer eruditas, letradas, mulheres de poemas; não, mas eu quero, se quer aqui, no mundo em que habito, que aquela que deve elevar a Humanidade seja digna de seu papel; se quer que aquela que deve formar os homens, comece a conhecer a si mesma, e, para infiltrar-lhe, desde a juventude, o amor do belo, do grande, do justo, é necessário que ela possua esse amor em um grau superior; é necessário que ela o compreenda; se o agente educador por excelência é reduzido ao estado de nulidade, a sociedade cambaleia; é o que deveis compreender no décimo-nono século.

Intuição da vida futura

(Médium, senhorita Eugénie.)

Nota. A médium escreveu num antigo caderno, que serviu a um outro médium, e no qual se encontrava uma comunicação escrita, há muito tempo, e assinada por Delphine de Girardin. Esta circunstância explica o começo da comunicação seguinte:

Encontro justamente o meu nome traçado, e me servirá de assinatura antes de haver começado.

Quero aqui vos falar, a todos em geral, e provar que sois espiritualistas e por isso não tereis senão que dirigir-me ao vosso julgamento. Que ides, no primeiro dia de novembro, fazer no cemitério, uma vez que não conserva senão o despojo dos seres que lamentais? Por que ides perder o vosso tempo para lhes levar, um buquê odorífero, um pensamento de amizade e uma doce lembrança? Por que ides lembrar a sua memória se não vivem mais? Por que derramar prantos e lhes pedir para secá-los ou vos reunir a eles? Respondei, vós todos que dizeis, - porque aqueles que não o dizem bem alto o pensam bem baixo, - que dizeis: a matéria é a única coisa que existe em nós; depois de nós, nada. Dizei, não estais em desacordo com vós mesmos? Mas regozijai-vos, tendes mais fé do que pensais. Deus, que vos criou imperfeitos, quis vos dar confiança apesar de vós, e sem querer disso vos dar conta, sem disso ter consciência, falais a esses seres queridos, pedi-lhes para sentir as flores que lhes ofereceis, pedi-lhes amizade e proteção. Mãe! Tu chamas tua filha um anjo e lhe pede as suas preces; filha! tu chamas a proteção de tua mãe e roga-lhe te dar os seus conselhos. Muitos entre vós dizem: Eu sinto em meu coração a verdade do que dizeis, mas

está em desacordo com o que os meus pais me ensinaram, e Espíritos escrupulosos que sois! Encerrai-vos em vossa ignorância. Atuai, pois, sem medo, porque a fé espírita está em relação com todas as religiões, uma vez que ela diz o que todas repetem: Amor, caridade, humildade. Vedes que, se isso não se deve senão à vossa hesitação, deveis crer.

Delphine de Girardin.

Nota. A contradição, da qual fala o Espírito, em começando, se vê a cada instante, naqueles mesmos que negam fortemente a vida futura. Se tudo parece com a vida corpórea, de que serviria, com efeito, a comemoração dos seres que se lamentam se eles não nos ouvem mais? Falaram-nos de um senhor imbuído, ao último ponto, das idéias materialistas mais absolutas; recentemente, vem de perder um filho único, e o desgosto que com isso sentiu foi tal que quis suicidar-se para ir reencontrá-lo; ora, para ir reencontrar o quê? Os ossos que não são mais dele, porque esses ossos não pensam.

A reencarnação

(Médium, senhorita Eugénie.)

Nota. Na sessão da Sociedade, onde foi obtido o ditado precedente, o Espírito da senhora de Girardin sendo rogado para consentir dar um sobre a reencarnação, respondeu: "Oh! Eu não peço melhor; esse médium está habituado a me ver fazer aquilo que não lhe apraz sempre, e tendes razão." Esta última frase é uma alusão a certas idéias particulares do médium com respeito à reencarnação.

"A reencarnação é uma coisa lógica, e cai sob o sentido; assim, pois, não se trata senão de refletir, senão de querer examinar bem ao redor. Não tendes senão que olhar dentro de vós mesmos para encontrar as provas da reencarnação. Vedes nessa mesa um bom pai de família, há várias crianças belas, uns são de uma inteligência notável, os outros num estado quase abjeto; de onde vem, pois, esta diferença? O mesmo pai, a mesma mãe, a mesma educação, e, entretanto, tantos contrastes!

"Olhai em vossa lembrança; nela não encontrais a intuição de fatos dos quais não tendes nenhum conhecimento, e que entretanto todos vós lembrais completamente como tendo existido? Não vos encontrais tocados, vendo um ser pela primeira vez, que vos parece ser conhecido? Sim, não é? Pois bem! Isso vos prova uma vida anterior, à qual pertencestes; isso prova que a criança inteligente deveu percorrer várias existências, e por aí se depurou, e que outro pode estar em sua primeira; que a pessoa que reencontrais vos pode ter sido íntima, e que o fato do qual não vos lembrais vos foi pessoal numa outra vida. Depois, enfim, para entrar no reino de Deus, é necessário que sejais perfeitos. Vejamos! Credes que vos resta tão pouco a fazer para crer que, depois da vossa morte, três ou quatro meses de esferas vos bastarão (1 - (1) Alusão à opinião que algumas pessoas professam *com* respeito à vida futura)? Não; eu não creio em tanta pretensão; para adquirir, é preciso trabalhar, e a fortuna moral não se lega como a fortuna material; para vos depurar, é necessário passar em vários corpos que carregam com eles, em cada despojo, uma parte da vossa impureza.

"Se refletísseis, não poderíeis vos impedir de vos render à evidência.

Delphine de Girardin

O dia dos mortos

(Médium, senhorita Huet.)

Nota. Na sessão da Sociedade de 2 de novembro, Charles Nodier, rogado a consentir para continuar o trabalho que começou, respondeu:

"Permiti-me, esta noite, meus muito caros amigos, vos falar sobre um outro assunto; continuarei o meu trabalho começado numa próxima vez.

"Hoje é uma época que nos é muito pessoalmente consagrada, pelo que não lembraremos a vossa atenção sobre a morte e sobre as preces que reclamam a maioria daqueles que vos precederam. Esta semana é uma época de confraternização entre o céu e a Terra, entre os vivos e os mortos; deveis vos ocupar de nós mais particularmente, e de vós também; porque meditando este pensamento de que logo, como para nós, os vivos pedirão pela vossa alma, deveis vos tornar melhores. Segundo a maneira pela qual vivestes neste mundo, sereis recebidos diante de Deus. O que é a vida, depois de tudo? Uma curtíssima emigração do Espírito sobre a Terra; tempo, entretanto, em que pode amontoar um tesouro de graças ou se preparar para cruéis tormentos. Pensai nisso, pensai no céu, e a vida, qualquer que a tendes, vos parecerá bem breve.

Charles Nodier

As perguntas seguintes foram dirigidas ao Espírito a respeito de sua comunicação.

1. Hoje os Espíritos são mais numerosos do que habitualmente nos cemitérios? - R. Neste tempo estamos mais de bom grado junto de nossos despejos terrestres, porque os vossos pensamentos, as vossas preces ali estão conosco.

2. Os Espíritos que, nestes dias, vêm para suas tumbas junto das quais ninguém roga, sofrem por se verem abandonados, ao passo que outros têm seus parentes e seus amigos que vêm lhes dar um sinal de lembrança? - R. Não há pessoas piedosas que oram por todos os mortos em geral? Pois bem! Essas preces retornam ao Espírito esquecido, são para eles o maná celeste que cai para o preguiçoso como para o homem ativo; a prece é para o conhecido como para o desconhecido: Deus a reparte igualmente, e os bons Espíritos que dela não têm mais necessidade a revertem para aqueles que ela pode ser necessária.

3. Sabemos que a fórmula das preces é indiferente, todavia, muitas pessoas têm necessidade de uma fórmula para fixar as suas idéias; por isso, vos seríamos reconhecidos em consentir em nos ditar uma sobre esse assunto; todos nós nos associaremos a ela pelo pensamento, para aplicá-la aos Espíritos que podem dela ter necessidade. - R. Eu o desejo muito.

"Deus, criador do universo, dignai-vos ter piedade de vossas criaturas; considerai as suas fraquezas; abreviai as suas provas terrestres, se estão acima de suas forças; compadecei-vos das penas daqueles que deixaram a Terra, e inspirai-lhes o desejo de progredir para o bem."

4. Sem dúvida, há aqui vários Espíritos aos quais podemos ser úteis; vamos pedir-lhes para se darem a conhecer. - R. Que pergunta fazeis! Sereis assaltados.

5. Não estamos, de nenhum modo assustados com isso; se não podemos ouvi-los todos, o que nos dirão por um, os outros nisso terão a sua parte.-R. Pois bem! Fazei o que o vosso coração vos ditar.

Sendo feito um chamado sem designação a um dos Espíritos presentes que quisesse se comunicar para reclamar a nossa assistência, ou de um personagem muito conhecido, morto há dois anos, se manifesta e mostra sentimentos bem diferentes daqueles que tinha quando vivo e que se estava longe de supor-lhe.

Alegoria de Lázaro

(Médium, Sr. Alfred Didier.)

Cristo amava um homem de nome Lázaro, e quando soube de sua morte, a sua dor foi grande, e se fez conduzir para junto de seu túmulo.

A irmã de Lázaro suplicava ao Senhor e lhe dizia: "É possível que possais restituir a vida ao meu irmão? Ó, vós que o amais tanto, restituí-lhe a vida!"

Mundo do décimo-nono século, morreste também; a fé, que é a vida dos povos, se extingue dia a dia; em vão alguns crentes quiseram te despertar em tua agonia: é muito tarde; Lázaro está morto, só Deus pode salvá-lo.

O Cristo se fez, pois, conduzir ao túmulo; levantou-se a pedra do sepulcro; o cadáver cercado de faixinhas se apresentou em todo o horror da morte. Cristo lançou um olhar para o céu, tomou a mão da irmã, e levantando a sua outra mão para o céu, exclamou: "Lázaro, levanta-te!" E apesar das faixinhas, apesar de sua mortalha, Lázaro despertou e se levantou.

O mundo! Assemelhas-te a Lázaro, nada pode te restituir a vida; o teu materialismo, as tuas torpezas, o teu ceticismo tem tantas faixinhas que cercam o teu cadáver, e te sentes mal, porque estás morto há muito tempo. Qual é aquele que te exclamará como a Lázaro: em nome de Deus; levantai-vos! E o Cristo que obedece ao chamado do Espírito-Santo. Século, século, a voz de Deus se faz ouvir! Estás mais apodrecido do que Lázaro?

Lamennais

O duende familiar

(Médium, senhora Costel.)

Eu nunca me comuniquei convosco, e estou muito feliz em aumentar a vossa plêiade literária. Sabeis, vós que me lestes com tanto gosto, que divinização eu tinha do que se chama de mundo fantástico. Frequentemente só, nas longas noites de inverno, recolhido ao canto de minha lareira solitária, eu escutava gemerem as notas lamentosas do vento. Ao passo que o meu olhar distraído seguia vagamente os desenhos inflamados do fogo, certamente o duende doméstico me entrelinha então, e eu não inventava mais Trilby; eu repetia o que ele murmurara em meu ouvido atento. A encantadora coisa de sentir viver ao redor de si, esses hóspedes invisíveis! Com eles, nada de mistérios: eles vos amam, embora malgrado vos

conhecem melhor do que não o fazeis vós mesmos. Em minha vida literária, em minha vida de homem, devo a esses invisíveis amigos e os meus melhores sucessos e as minhas mais caras consolações. De minha parte, agora, de murmurar aos ouvidos amigos as coisas que o coração adivinha e não repete. É vos dizer, caro médium, que, freqüentemente, terei o doce privilégio de conversar convosco.

Charles Nodier

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

PUBLICADA SOB A DIREÇÃO DE

ALLAN KARDEC

Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente. O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.

Quarto Ano – 1861

Titulo original em francês:

REVUE SPIRITE

JOURNAL D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES

Tradução: SALVADOR GENTILE

Revisão: ELIAS BARBOSA

1ª edição - 1.000 exemplares - 1993

2ª edição - 300 exemplares - 2001

© 1993 Instituto de Difusão Espírita

Índice geral das matérias

Janeiro

Maio

Setembro

Fevereiro

Junho

Outubro

Março

Julho

Novembro

Abril

Agosto

Dezembro

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quarto Ano – 1861

Janeiro

- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [O Livro dos Médiuns](#)
- [A Bibliografia católica contra o Espiritismo](#)
- [Carta sobre a incredulidade, pelo Sr. Canu \(primeira parte\)](#)
- [O Espírito batedor do Aube](#)
- Ensino espontâneo dos Espíritos.
 - [Os três tipos \(Gérard de Nerval\)](#)
 - [Cazotte](#)
 - [A voz do anjo guardião \(Channing\)](#)
 - [O coquetismo \(Georges\)](#)

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, janeiro de 1861

(Extrato das atas.)

Sexta-feira, 16 de novembro de 1860. (Sessão particular.)

Admissão de dois novos membros.

Comunicações diversas. 1º Leitura de várias dissertações obtidas fora das sessões.

2º Carta do Sr. de Porry, de Marseille, que faz doação, à Sociedade, da segunda edição de seu poema intitulado: *Urânia*. A Sociedade agradece ao autor por lhe ter dado a oportunidade de apreciar o seu talento, que ela está feliz por vê-lo aplicado às idéias espíritas. Estas idéias, revestindo a forma graciosa da poesia, têm um encanto que as faz aceitar, mais facilmente, por aqueles que a severidade da forma dogmática poderia assustar.

3º Carta do Sr. L..., que dá novos detalhes sobre o Espírito batedor e obsessor, do qual já falou à Sociedade. (Ver relatório adiante.)

4º Carta das senhoras G..., do departamento do Indre, sobre as perturbações e as depredações das quais são vítimas há vários anos, e que elas atribuem a um Espírito malévolos. São seis irmãs, e, apesar de todas as precauções que tomam, as suas roupas são tiradas das gavetas dos móveis, embora fechadas a chave, e, freqüentemente, são cortadas em pedaços.

5º O Sr. Th... relata um caso de obsessão violenta exercida sobre um médium por um mau Espírito, que ele chegou a dominar e a expulsar. Esse Espírito, dirigindo-se ao Sr.Th..., escreveu: *Eu te odeio, tu que me dornas*. Desde então, ele não mais apareceu, e o médium não foi mais entravado no exercício de sua faculdade.

6º O Sr. Allan Kardec cita um fato pessoal, de indicação dada pelos Espíritos, e notável pela sua precisão; numa conversa que teve na véspera com o seu Espírito familiar, este último lhe disse: Encontrarás, em te *Siècle* de hoje, um longo artigo sobre este assunto, e que responde atua questão; fomos nós que inspiramos o autor e a criação da qual ele dá conta, porque ela se prende às grandes reformas humanitárias que se preparam. Este artigo, do qual nem o Sr. Kardec, nem o médium tinham conhecimento, se encontrava efetivamente no jornal indicado, sob o título designado, o que prova que os Espíritos podem estar ao corrente das publicações deste mundo.

TRABALHOS DA SESSÃO. *Ensino espontâneo.* Comunicação, assinada por Cazotte, pelo Sr. A. Didier. - Outra, contendo as lamentações de um Espírito sofredor e egoísta, pela senhora Costel.

Evocações. Segunda conversa com o Espírito gastronômico que tomou o nome de Balthazar, e que uma pessoa acreditou reconhecê-lo pelo do Sr. G... de la R..., o que é confirmado pelo Espírito.

Perguntas diversas. Perguntas dirigidas a São Luís sobre o Espírito batedor, do qual fala a carta do Sr. L..., e sobre o Espírito depredador das senhoras G... Ele disse, a respeito deste último, que será mais fácil chamá-lo à razão, tendo em vista que é mais traquinas do que mau.

Sexta-feira, 23 de novembro de 1860. (Sessão geral.)

Comunicações diversas. Leitura de várias dissertações obtidas fora da sessão: Entrada de um culpado no mundo dos Espíritos, assinada por Novel, pela senhora Costel. - O castigo do egoísta, pela mesma; esta comunicação forma seqüência com a do mesmo Espírito, obtida na última sessão. - Outra sobre o livre arbítrio, assinada por Marcillac. - Reflexões do Espírito de Verdade sobre as comunicações relativas ao castigo do egoísta, pelo Sr. C...

TRABALHOS DA SESSÃO.

Ensino espontâneo. 1º O duende familiar, assinado por Charles Nodier, pela senhora Costel. - 2º A parábola de Lázaro, assinado por Lamennais, pelo Sr. A. Didier. - 3º O Espírito de Alfred de Musset se apresenta, pela senhorita Eugénie; oferece-se para tratar de um assunto escolhido pela assembléia; sendo essa escolha deixada à sua disposição, ele dá uma notável dissertação sobre as consolações do Espiritismo. Sobre o seu oferecimento de responder às perguntas que lhe serão dirigidas, ele trata dos assuntos seguintes: Qual é o interesse da poesia sobre o Espiritismo? - Haverá uma arte espírita, como houve a arte paga e a arte cristã? - Qual é a influência da mulher no XIXº século?

Evocação. Evocação de Cazotte, que se manifestou espontaneamente na última sessão; várias perguntas lhe são dirigidas sobre o dom de previsão, que ele parecia ter quando vivo.

Perguntas e problemas diversos. Sobre a ubiquidade dos Espíritos nas manifestações visuais. - Sobre os Espíritos das trevas, a propósito das manifestações do Sr. Squire, que não se produzem senão na obscuridade.

Nota. Trataremos desta questão em um artigo especial, falando do Sr. Squire.

O Sr. Jobard lê três encantadoras peças de poesia de sua composição: *A felicidade dos Mártires*, - *A Ave do Paraíso*, - *A Anexação*, fábula.

Sexta-feira, 30 de novembro de 1860. (Sessão particular.)

Assuntos administrativos. Carta coletiva, assinada por vários membros, a respeito da proposição do Sr. L... As conclusões admitidas pela comissão são adotadas pela Sociedade.

Carta do Sr. Sol..., que pede à Sociedade aceitar a sua demissão como membro da comissão, por motivo das viagens que o afastam de Paris a maior parte do ano. - A Sociedade exprime seus pesares pela determinação do Sr. Sol...; espera que será bastante feliz por conservá-lo no número de seus membros. O Sr. Presidente é rogado para responder-lhe neste sentido.

Será provida a sua substituição no comitê.

Comunicações diversas. 1º Ditado espontâneo contendo novas explicações sobre a ubiqüidade, assinado por São Luís. Discussão a propósito desta comunicação.

2º Outro, assinado por Charles Nodier, obtido por um médium estranho à Sociedade, e transmitida pelo Sr. Didier pai, a respeito do artigo do *Journal dès Débats* contra o Espiritismo.

3º O Sr. D..., do departamento de La Vienne, roga com instância para consentir em evocar o Sr. Jean-Baptiste D..., seu padraço. A Sociedade não se presta jamais a essas espécies de pedidos, quando eles não têm senão um interesse privado, sobretudo na ausência das pessoas interessadas, e quando não as conhece diretamente. Entretanto, em razão do caráter honrado e da posição oficial do correspondente, as circunstâncias particulares que o defunto apresenta, do ateísmo que este último professou toda a sua vida, ela pensa que esta evocação pode oferecer um útil objeto de estudos; em consequência, a coloca na ordem do dia.

4º Vários membros dão conta de um fenômeno interessante de manifestação física, do qual foram testemunhas. Consiste no erguimento de uma pessoa pela influência medianímica de duas jovens senhoritas, de 15 a 16 anos, que, colocando dois dedos sobre as barras da cadeira, a erguem à altura de mais de mais de um metro, qualquer que seja o peso, como o fariam com o corpo mais leve. Esse fenômeno foi repetido várias vezes, e sempre com a mesma facilidade. (Dele daremos explicações num artigo especial.)

5º O Sr. Jobard lê um artigo de sua composição, intitulado: *A Conversão de um camponês.*

TRABALHOS DA SESSÃO. *Ensino espontâneo.* Dissertação sobre a ubiqüidade, assinada por Channing, pela senhorita Huet. - Outra, sobre o artigo do *Journal dès Debate*, assinada por André Chénier, pelo Sr. A. Didier. - Outra, assinada por Rachel, pela senhora Gostei.

Um fato digno de nota, lembrado a propósito das duas primeiras comunicações, é que, quando um assunto de certa importância está na ordem do dia, é muito comum vê-lo ser tratado por vários Espíritos, por médiuns e em lugares diferentes. Parece que, interessando-se pela questão, cada um quer concorrer ao ensino que pode dela resultar.

Evocações. 1º O Sr. Jean-Baptiste D..., de quem se falou acima, e de seu irmão, todos os dois materialistas e ateus. A situação do primeiro, que se suicidou, sobretudo, é deplorável.

2º Evocação do Sr. C... de B..., de Bruxelas, a pedido do Sr. Jobard, que o conheceu pessoalmente.

Sexta-feira, 7 de dezembro de 1860 (Sessão particular.)

Admissão do Sr. C..., professor em Paris, como associado livre.

Comunicações diversas. Leitura de uma dissertação assinada pelo Espírito de Verdade, obtida em uma sessão particular, na casa do Sr. Allan Kardec, a propósito da definição de arte, e da distinção entre a arte paga, a arte cristã e a arte Espírita.

O Sr. Theub... completa essa definição, dizendo que se pode considerar a arte paga como sendo a expressão do sentimento material, a arte cristã a da expiação, e a arte Espírita a do triunfo.

TRABALHOS DA SESSÃO. *Ensino Espírita espontâneo*. Dissertação assinada por Lamennais, pelo Sr. A. Didier. - Outra, assinada por Charles Nodier, pela senhorita Huet. Continua o assunto começado em 24 de agosto de 1860, embora ninguém lhe tenha guardado a lembrança, e não pôde lembrá-lo. - Outra, assinada por Georges, pela senhora Costel.

Evocações. O doutor Kane, viajante americano ao pólo ártico, e que descobriu um mar livre além da cintura de gelos polares. Apreciação muito justa da parte do Espírito sobre os resultados dessa descoberta.

Questões diversas. Perguntas dirigidas a Charles Nodier sobre as causas que podem influir sobre a natureza das comunicações em certas sessões, e notadamente nas desse dia, onde os Espíritos não tiveram sua eloquência ordinária. Discussão a esse respeito.

Sexta-feira, 14 de dezembro de 1860. (Sessão geral.)

O Sr. Indermuhle, de Berna, faz doação, à Sociedade, de uma brochura alemã publicada em Glaris, 1855, intitulada: *A Eternidade não é mais um segredo ou Revelações mais evidentes sobre o mundo dos Espíritos*.

Comunicações diversas. 1⁸ Leitura de uma evocação muito interessante e de várias dissertações espíritas obtidas fora das sessões.

2^o Fato de manifestação visual narrado pelo Sr. Indermuhle, na sua carta dirigida à Sociedade.

3^o Fato pessoal ao Sr. Allan Kardec e que pode ser considerado uma prova de identidade do Espírito de um personagem antigo. A Senhorita J... teve várias comunicações de João Evangelista, e cada vez com uma escrita muito caracterizada e muito diferente da sua escrita normal. A seu pedido, o Sr. Allan Kardec, tendo evocado esse Espírito, pela senhora Gostei, achou que a escrita tinha exatamente o mesmo caráter da senhorita J..., embora o novo médium dela não tivesse nenhum conhecimento; além do mais o movimento da mão tinha uma doçura desacostumada, o que era ainda uma semelhança; enfim, as respostas concordavam em todos os pontos com aquelas feitas pela senhorita J... e nada na linguagem que não estivesse à altura do Espírito evocado.

4^o Notícia remetida pelo Sr. D... sobre um caso notável de visão e de revelação, ocorrido a um agricultor poucos dias antes de sua morte.

TRABALHOS DA SESSÃO. - *Comunicações espíritas espontâneas*. Os três tipos: Hamlet, Tartufo e Don Juan, assinado por Gérard de Nerval, pelo Sr. A. Didier. - Fantasia, assinada por Leão X, pela senhorita Eugénie.

Evocação do agricultor, do qual se falou mais acima. Ele dá algumas explicações sobre as suas visões. Uma particularidade notável é a ausência de toda ortografia, e uma linguagem completamente semelhante às das pessoas do campo.

Perguntas diversas dirigidas a São Luís, sobre os fatos relativos à evocação acima.

O Livro dos Médiuns

Revista Espírita, janeiro de 1861

Esta obra, anunciada há muito tempo, mas cuja publicação foi retardada pela sua importância, aparecerá de 5 a 10 de janeiro, na casa dos Srs. Didier & Cia., livreiros editores, cais dos Augustins, nº 35 (1-1) Encontra-se igualmente no escritório da *Revista Espírita*, rua Sainte-Anne n° 59, passagem Sainte-Anne. Um volume grande in-18 de 500 páginas, Paris, 3 fr.50, franco para o correio. 4 fr.). Ela forma o complemento de *O Livro dos Espíritos* e encerra a parte experimental do Espiritismo, como o primeiro contém a sua parte filosófica.

Procuramos, nesse trabalho, fruto de uma longa experiência e de laboriosos estudos, esclarecer todas as questões que se prendem à prática das manifestações; ele contém, segundo os Espíritos, a explicação teórica dos diversos fenômenos e das condições nas quais podem se produzir; mas a parte concernente ao desenvolvimento e ao exercício da mediunidade foi, sobretudo, de nossa parte, o objeto de uma atenção toda especial.

O Espiritismo experimental está cercado de muito mais dificuldades do que se crê geralmente, e os escolhos que aí se encontram são numerosos; é o que causa tantas decepções entre aqueles que dele se ocupam sem terem a experiência e os conhecimentos necessários. Nosso objetivo foi de premunir contra esses escolhos, que não são sempre sem inconvenientes para quem se aventure com imprudência sobre este terreno novo. Não poderíamos negligenciar um ponto tão capital, e o tratamos com um cuidado igual à sua importância.

Os inconvenientes nascem, quase sempre, da leviandade com que se trata uma questão tão séria. Os Espíritos, quaisquer que sejam, são as almas daqueles que viveram, e no meio dos quais estaremos, infalivelmente, de um instante para outro; todas as manifestações Espíritas, inteligentes ou outras, têm, pois, por objeto nos colocar em relação com essas mesmas almas; se respeitamos os seus restos mortais, com mais forte razão devemos respeitar o ser inteligente que sobreviveu, e que lhe é a verdadeira individualidade; se fazer um jogo das manifestações é faltar com esse respeito que reclamaremos, talvez, para nós mesmos amanhã, e que jamais se viola impunemente.

O primeiro momento da curiosidade causada por esses fenômenos estranhos passou; hoje que se lhe conhece a fonte, guardemo-nos de profaná-la com divertimentos inoportunos, e esforcemo-nos para neles haurir o ensinamento próprio para assegurar a nossa felicidade futura; o campo é bastante vasto, e o objetivo bastante importante, para cativar toda a nossa atenção. E para fazer o Espiritismo entrar neste caminho sério que todos os nossos esforços tenderam até este dia; se esta nova obra, em fazendo-o melhor compreendido ainda, pode contribuir para impedir de desviá-lo de sua destinação providencial, estaremos largamente pagos pelos nossos cuidados e nossas vigílias.

Este trabalho, não o dissimulamos, levantará mais de uma crítica de parte daqueles a quem constrange a severidade dos princípios, e daqueles que, vendo a coisa de um outro ponto de vista, já nos acusam de querer fazer escola no Espiritismo. Se fazer escola é procurar nesta ciência um objetivo útil e aproveitável para a Humanidade, teremos motivo para nos lisonjearmos com essa censura; mas uma tal escola não tem necessidade de outro chefe senão do bom senso das massas e da sabedoria dos bons Espíritos, que a criariam sem nós;

por isso, declinamos a honra de tê-lo fundado, felizes, nós mesmos, em nos alinhar sob a sua bandeira, e não aspirando senão um a modesto título de propagador; se lhe fosse necessário um nome, escreveríamos em seu frontispício: *Escola do Espiritismo moral e filosófico*, e para ela convidaríamos todos aqueles que têm necessidade de esperanças e de consolações.

ALLAN KARDEC.

A Bibliografia católica contra o Espiritismo

Revista Espírita, janeiro de 1861

Até o presente o Espiritismo não tinha sido atacado seriamente; quando certos escritores da imprensa periódica, em seus momentos de lazer, se dignaram dele se ocupar, não foi senão para torná-lo em ridículo. Trata-se de encher um folhetim, de fornecer um artigo a tanto por linha, não importa sobre o quê, contanto que lhe tenha a conta. Que assunto tratar? Eu falarei, se diz o escritor encarregado da parte recreativa do jornal, de tal coisa? Não, é muito séria; de tal outra? Está gasta. Inventarei alguma aventura autêntica do grande ou de pequeno mundo? Nada me vem ao espírito no quarto de hora, e a crônica escandalosa da semana está muda. Mas penso nisso! Eis o meu assunto encontrado! Vi em alguma parte o *título* de um livro que fala dos Espíritos, e há pelo mundo pessoas bastante tolas para tomarem isso a sério. O que são os Espíritos? Deles nada sei e com isso pouco me importo; mas o que importa? Isto deve ser agradável. Primeiro, *eu* neles não creio de todo, porque jamais os vi, e vendo-os neles não creia mais, porque é impossível; portanto, nenhum homem de bom senso pode neles crer; está aí a lógica, ou não me conheço. Falemos, pois, dos Espíritos, uma vez que estão na ordem do dia; tanto este assunto do que um outro, isso divertirá os caros leitores. O tema é muito simples: Não há Espíritos, não pode, não deve havê-los; portanto, todos aqueles que neles crêem são loucos. Agora à obra, e bordemos em cima. *Oh! meu bom gênio, eu te agradeço por esta inspiração!* tu me tiras de um grande embaraço, porque não há nada a dizer, e preciso de meu artigo para amanhã, e dele não tinha a primeira palavra.

Mas eis um homem sério que se diz: Está errado se divertir com estas coisas; isto é mais sério do que se pensa; não creio que ela aqui esteja de modo passageiro: essa crença é inerente à fraqueza humana que, de todos os tempos, acreditou no maravilhoso, no sobrenatural, no fantástico. Quem suspeitaria que em pleno XIX^o século, num século de luzes e de progresso, depois de Voltaire que tão bem demonstrou que só o nada nos espera, depois de tantos sábios que procuraram a alma e não a encontraram, se possa ainda crer nos Espíritos, nas mesas girantes, nos feiticeiros, nos mágicos, no poder de Merlin o encantador, na varinha adivinhatória, na Srta. Lenormand? - Humanidade! Humanidade! Para onde vais se não' venho em tua ajuda para tirar-te do lamaçal da superstição? Quiseram matar os Espíritos pelo ridículo, e não conseguiram; longe disso, o mal contagioso faz progressos incessantes; a zombaria parece dar-lhe uma recrudescência, e, se não se lhe meter ordem, a Humanidade inteira logo dele estará

infestada. Uma vez que esse meio, tão eficaz comumente, foi impotente, é tempo que os sábios a ele se misturem, a fim de lhe pôr fim de uma vez por todas; os gracejos não são razões; falemos em nome da ciência; demonstremos que em todos os tempos os homens foram imbecis crendo que havia uma força superior a eles; que não tinham, eles mesmos, todo o poder sobre a Natureza; provemos-lhes que tudo o que eles atribuem às forças sobrenaturais se explica pelas simples leis da fisiologia; que a alma, sobrevivendo ao corpo e podendo se comunicar com os vivos, é uma quimera, e que é loucura contar com o futuro. Se depois de terem digerido quatro volumes de boas razões, não estiverem convencidos, não nos restará senão sofrer sobre a sorte da Humanidade que, em lugar de progredir, retrograda, a grandes passos, para a barbárie da Idade Média, e perto de sua ruína.

Que o Sr. Figuier se cubra a face, porque seu livro, tão pomposamente anunciado, tão elogiado pelos campeões do materialismo, produziu um resultado todo contrário ao que dele esperavam.

Mas eis que chega um novo campeão que pretende esmagar o Espiritismo por um outro meio: é o Sr. *Georges Gandy*, redator da *Bibliografia católica*, que o toma corpo a corpo em nome da religião ameaçada. O quê! A religião ameaçada pelo que chamais uma utopia! Tendes, pois, bem pouca fé em sua força; portanto, a credes, bem vulnerável, para temer que as idéias de alguns sonhadores não venha sacudir as suas bases; achais, pois, esse inimigo bem temível para atacá-lo com tanta raiva e furor; conseguireis mais do que os outros? Disso não duvidamos, porque a cólera é má conselheira. Se chegardes a assustar algumas almas tímidas, não receais excitar a curiosidade em maior número? Julgai-o pelo fato seguinte. Numa cidade que conta um certo número de Espíritas e alguns círculos íntimos onde se ocupa de manifestações, um pregador fez um dia um sermão virulento contra o que chamava a obra do diabo, pretendendo que só ele vinha falar nas reuniões satânicas, da qual todos os membros estavam notoriamente votados à danação eterna. Que ocorreu? Desde o dia seguinte, bom número de ouvintes procuraram as reuniões espíritas, e pediram para ouvirem os diabos falarem, curiosos para ver o que eles lhes diriam; porque dele se tem tanto falado que se está familiarizado com esse nome, que não mete mais medo; ora, eles viram nessas reuniões pessoas sérias, instruídas, orando a Deus, o que não fizeram desde a sua primeira comunhão, crendo em sua alma, em sua imortalidade, nas penas e nas recompensas futuras, trabalhando para se tornarem melhores, se esforçando por praticarem a moral do Cristo, não falando mal de ninguém, nem mesmo daqueles que os anatematizam; eles dizem a si mesmos, então, que se o diabo ensina semelhantes coisas, é preciso que tenha se convertido; quando os viram conversar respeitosamente e piedosamente com seus pais e seus amigos defuntos, que lhes davam consolações e sábios conselhos, não puderam crer que essas reuniões fossem sucursais do sabá, porque ali não viram nem caldeiras, nem vassouras, nem corujas, nem gatos pretos, nem crocodilos, nem livros de mágica, nem tripé, nem varinha mágica, nem nenhum dos acessórios da feitiçaria, nem mesmo a velha mulher de nariz e queixo recurvados; quiseram, eles também, conversar um com a sua mãe, o outro com um filho querido, e lhes parecia difícil, em os reconhecendo, admitir que essa mãe e esse filho fossem demônios. Felizes por terem a prova de sua existência, e a certeza de uma reunião num mundo melhor, se perguntaram com qual objetivo lhe quiseram meter medo, e isso levou-os a reflexões com as quais não tinham ainda sonhado; disso resultou que eles gostaram mais de ir lá onde encontraram consolações, do que lá onde os apavoravam.

Esse pregador, como se vê, tomou caminho falso, e é o caso de dizer: Melhor vale um inimigo do que um amigo inábil. O Sr. *Georges Gandy* espera ser mais feliz? Nós o citamos textualmente para a edificação de nossos leitores:

"Em todas as épocas das grandes provas da Igreja e de seus próximos triunfes, houve contra ela conspirações infernais, onde a ação dos demônios era visível e tangível. Jamais a teurgia e a magia estiveram mais em voga no seio do paganismo e da filosofia, do que no momento em que o cristianismo se espalhou no mundo para subjugá-lo. No décimo-sexto século, Lutero teve colóquios com Satã, e um redobramento de feitiçarias, de comunicações diabólicas se fez notar na Europa, então que se operava, pela Igreja, a grande reforma católica, que iria triplicar as suas forças, e que um novo mundo lhe abria, sobre um espaço imenso, desígnios gloriosos. No décimo-oitavo século, na véspera do dia em que o machado dos carrascos deveria retemperar a Igreja no sangue de novos mártires, a demoniolatria florescia no cemitério de Saint-Medard, ao redor dos banquetes de Mesmer e dos espelhos de Cagliostro. Hoje, na grande luta do catolicismo contra todos os poderes do inferno, a conspiração de Satã veio visivelmente em ajuda do filosofismo; o inferno quis dar, em nome

do naturalismo, uma consagração à obra de violência e de astúcia que continua há quatro séculos, e que se prepara para coroar de uma suprema impostura. Aí está todo o segredo dessa suposta doutrina *Espírita*, acervo de absurdos, de contradições, de hipocrisia e de blasfêmias, - como iremos ver, - a qual ensaia, como a última das perfídias, glorificar o cristianismo para aviltá-lo, de difundi-lo para suprimi-lo, afetando o respeito para o divino Salvador, a fim de arrancar de sobre a terra, tudo o que fecundou com o seu sangue, e de substituir, ao seu reino imortal, o despotismo dos sonhos ímpios.

"Abordando o exame dessas pretensões estranhas, que não se tem ainda, cremos, suficientemente desvendadas e flageladas, pedimos aos nossos leitores consentirem em seguir o curso um pouco longo desse dédalo diabólico, de onde a seita espera sair triunfante, depois de abolir para sempre o nome divino diante do qual é vista a dobrar os joelhos. O Espiritismo, a despeito de seus ridículos, de suas profanações revoltantes, de suas contradições sem fim, nos é um preciso ensino. Jamais as loucuras do inferno tinham dado, à nossa religião santa, mais estrondosa homenagem. Jamais Deus havia condenado com um poder mais soberano ao confirmar, por esses testemunhos, a palavra do divino Mestre: *Vos ex paire diabolo estis.*"

Este início faz julgar a amenidade do resto; aqueles dos nossos leitores que quiserem se edificar nessa fonte de caridade evangélica, poderão dar-se o prazer lendo a *Bibliografia*, n.º 3 de setembro 1860, rue de Sèvres, n.º 34. Ainda uma vez, porque, pois, tanta cólera, tanto fôlego, contra uma doutrina que, se ela é, como dizeis, a obra de Satã, não pode prevalecer contra a de Deus, a menos que suponhais que Deus seja menos poderoso do que Satã, o que seria um pouco ímpio? Duvidamos muito de que esse desencadeamento de injúrias, essa febre, essa profusão de epítetos dos quais o Cristo jamais se serviu contra os seus maiores inimigos, sobre os quais pedia a misericórdia de Deus, e não a sua vingança, em dizendo: "Perdoai-lhes, Senhor, porque não sabem o que fazem;" duvidamos, dizemos, que uma tal linguagem seja muito persuasiva. A verdade é calma e não tem necessidade de desatinos, e, por essa raiva, fareis crer em vossa própria fraqueza. Confessamos não compreender muito essa singular política de Satã que *glorifica o cristianismo para aviltá-lo, que o difunde para suprimi-lo*; em nossa opinião, isso seria possivelmente inábil e se pareceria muito com um jardineiro que, não querendo mais ter batata-inglesa, para destruir-lhe a espécie, as semearia em profusão em seu jardim. Quando se acusa os outros de pecarem por falta de raciocínio, é necessário começar a ser lógico pessoalmente.

O Sr. Georges Gandy briga mortalmente com o Espiritismo por se apoiar sobre o Evangelho e o cristianismo, não sabemos verdadeiramente porquê; que diria, pois, se se apoiasse sobre Maomé? Muito menos, seguramente, porque é um fato digno de nota que o islamismo, o judaísmo, o budismo mesmo, são objeto de ataques menos virulentos do que as seitas dissidentes do cristianismo; com certas pessoas, é preciso ser tudo ou nada. Há um ponto sobretudo que o Sr. Gandy não perdoa ao Espiritismo, que é o de não ter proclamado esta máxima absoluta: "Fora da Igreja não há salvação," e admitir que aquele que faz o bem possa ser salvo das chamas eternas, quaisquer que sejam as suas crenças; uma tal doutrina, evidentemente, não pode sair senão do inferno. O seu verdadeiro objetivo se descobre sobretudo nesta passagem:

"Que nos quer o Espiritismo? É uma importação americana, protestante antes de qualquer outro, e que tinha já triunfado, -digna-nos dize-lo, - sobre todas as pragas da idolatria e da heresia; tais são os seus títulos a respeito do mundo. Seria, pois, de terras clássicas da superstição e de loucuras religiosas, que nos viriam a verdade e a sabedoria!" Eis certamente um grande perigo; se tivesse nascido em Roma, seria a voz de Deus; nasceu num país protestante, é a voz do diabo. Mas que direis quando tivermos provado, o que faremos um dia, que foi na Roma cristã bem antes de ser na América protestante? Que respondeis a este

fato, constante hoje, de que há mais Espíritas católicos do que Espíritas protestantes?

O número das pessoas que não crêem em nada, que duvidam de tudo, do futuro, de Deus mesmo, é considerável e cresce numa proporção assustadora; é pelas vossas violências, vossos anátemas, vossas ameaças de inferno, vossas declamações iradas que as conduzis? Não, porque são as vossas próprias violências que as afastam. São culpáveis por terem tomado a sério a caridade e a mansuetude do Cristo, a bondade infinita de Deus? Ora, quando eles ouvem aqueles que pretendem falar em seu nome, vomitar a ameaça e a injúria, põem-se a duvidar do Cristo, de Deus, de tudo enfim. O Espiritismo lhes faz ouvir palavras de paz e de esperança, e, como a dúvida lhes pesa, e que têm necessidade de consolações, lançam-se nos braços do Espiritismo, porque a gente gosta mais daquele que sorri do que daquele que faz medo; então crêem em Deus, na missão do Cristo, em sua divina moral; em uma palavra, de incrédulos e indiferentes, tornam-se crentes; foi o que, recentemente, fez um respeitável cura dizer, quando um dos seus penitentes consultava sobre o Espiritismo: "Nada chega sem a permissão de Deus; ora, Deus permite essas coisas para reavivar a fé que se extingue." Se tivesse usado outra linguagem, talvez a teria afastado para sempre. Quereis a toda força que o Espiritismo seja uma seita, então que ele não aspira senão ao título de ciência moral e filosófica, respeitando todas as crenças sinceras; por que, pois, dar a idéia de uma separação àqueles que não pensam nisso? Se rejeitais aqueles que ele conduz à crença em Deus, se não lhes dais senão o inferno por perspectiva, não tereis que tomar senão a vós por uma cisão que tereis provocado.

São Luís nos dizia um dia: "Zombam das mesas girantes, não se zombarão jamais da filosofia, da sabedoria e da caridade que brilham nas comunicações sérias." Ele se enganou, porque contou sem o Sr. Georges Gandy. Escritores, freqüentemente, se alegraram com os Espíritos e as suas manifestações, sem sonharem que um dia eles mesmo poderiam servir de alvo das brincadeiras de seus sucessores; mas sempre respeitaram a parte moral da ciência; estava reservado a um escritor católico, nós o lamentamos sinceramente, ridicularizar as máximas admitidas pelo mais vulgar bom senso. Ele cita um número muito grande de passagens de *O Livro dos Espíritos*; não nos reportaremos senão a algumas que darão uma idéia de sua apreciação: - "Deus prefere aqueles que o adoram do fundo do coração àqueles que o adoram exteriormente." O texto de *O Livro dos Espíritos* traz: Deus prefere aqueles que o adoram do fundo do coração, com sinceridade, fazendo o bem e evitando o mal, àqueles que crêem honrá-lo por cerimônias que não os tornam melhores para os seus semelhantes." O Sr. Gandy admite o inverso-, mas um homem de boa fé deveria citar a passagem textualmente, e não mutilá-la de maneira a lhe desnaturar o sentido.

- "Toda destruição de animal, que ultrapassa os limites das necessidades, é uma violação às leis de Deus;" o que quer dizer que o princípio moral que regula as alegrias se aplica igualmente ao exercício da caça e do açougue.

Precisamente; mas parece que o Sr. Gandy é caçador e pensa que Deus fez a caça não para a alimentação do homem, mas para lhe proporcionar o prazer de fazer, sem necessidade, matanças de animais inofensivos.

" Os gozos têm os seus limites traçados pela Natureza: aí está o limite do necessário; pelo excesso chega-se à saciedade." É a moral do virtuoso Horácio, um dos pais do Espiritismo.

Uma vez que o autor critica essa máxima, parece que não admite limites aos gozos, o que não é nada religioso.

- "A propriedade, para ser legítima, deve ser adquirida sem prejuízo da lei *do amor* e da justiça;" assim quem possui, sem cumprir os deveres de *caridade* que ordena a *consciência* ou a *razão individual*, é um usurpador do bem de outrem; nós estamos espiriticamente em pleno socialismo.

O texto traz: "Não há propriedade legítima senão aquela que é adquirida sem prejuízo para outrem. A lei de amor e de justiça proibindo fazer a outrem o que não quereríamos que nos fizessem, condena por isso mesmo todo meio de aquisição que seja contrário a essa lei." Não há: *que ordena a razão individual*; é uma adição perversa. Não pensávamos que se pudesse possuir com toda a segurança de consciência às custas da justiça; o Sr. Gandy deveria nos dizer em qual caso a espoliação é legítima. Felizmente, os tribunais não são de sua opinião.

- "A indulgência espera, fora desta vida, o suicida que luta com a necessidade, que quis impedir a vergonha de recair sobre os seus filhos, ou a sua família. Aliás, São Luís, sobre cujas funções espíritas, diremos daqui a pouco, se digna revelar-nos que há excusa para os suicidas amorosos. Quanto às penas do suicídio, elas não são *fixadas*; o que é seguro, é que ele não escapa ao desapontamento: em outros termos, ele é *apanhado*, como se diz vulgarmente nesse baixo mundo."

Esta passagem está inteiramente desnaturada pelas necessidades da crítica do Sr. Gandy; ser-nos-ia necessário citar sete páginas para restabelecê-la em seu texto. Com um semelhante sistema, seria fácil tornar ridículas as mais belas páginas de nossos melhores escritores. Parece que o Sr. Gandy não admite gradação nem nas faltas e nem na penalidade de além-túmulo. Cremos Deus mais justo, e desejamos que o Sr. Gandy jamais tenha a reclamar, junto dele, o benefício das circunstâncias atenuantes.

- "A pena de morte e a escravidão foram, são e serão contrárias à lei da Natureza. O homem e a mulher, sendo iguais diante de Deus, devem ser iguais diante dos homens." Foi a alma errante de algum santo-simonista *espantado*, à procura da mulher livre, que fez dom ao Espiritismo dessa picante revelação?"

Assim a pena de morte, a escravidão e a subjugação da mulher, que a civilização tende a abolir, são instituições que o Espiritismo erra em condenar. - feliz tempo da Idade Média, por que passaste sem retorno! Onde estais, fogueiras, que nos teriam livrado dos Espíritas!

Citemos uma das últimas passagens, das mais benignas:

"O Espiritismo não pode negar uma tal miscelânea de contradições, de absurdos e de loucuras, que não pertencem a nenhuma filosofia, nem a nenhuma língua. Se Deus permite essas manifestações ímpias é porque deixa aos demônios, como a Igreja nos ensina, o poder de enganar aqueles que a chamam violando a sua lei."

Então o demônio é feito para o mesmo, uma vez que, sem o querer, nos faz amar a Deus.

- "Quanto à verdade, a Igreja no-la faz conhecer; ela nos diz com os santos livros que o anjo das trevas se transforma em anjo de luz, e que seria preciso recusar o testemunho mesmo de um arcanjo, se fosse contrário à doutrina do Cristo, de cuja infalível autoridade tem o depósito. Aliás, ela tem meios seguros e evidentes para distinguir o sortilégio diabólico das manifestações divinas."

É uma grande verdade que seria preciso recusar o testemunho de um arcanjo se fosse

contrário à doutrina do Cristo. Ora, que diz essa doutrina que o Cristo pregou com a palavra e o exemplo?

"Bem-aventurados aqueles que são misericordiosos, porque eles mesmos obterão misericórdia.

"Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus.

"Quem se puser em cólera contra o seu irmão, será condenado pelo julgamento; aquele que disser ao seu irmão *Raça*, merecerá ser condenado pelo conselho; aquele que lhe disser: Sois louco, merecerá ser condenado ao fogo do inferno.

"Amai os vossos inimigos, fazei bem àqueles que vos odeiam, e orai por aqueles que vos perseguem e que vos caluniam, a fim de que sejais os filhos de vosso Pai que está nos céus, que faz levantar o Sol sobre os bons e sobre os maus, e chover sobre os justos e os injustos; porque se não amais senão aqueles que vos amam, que recompensa disso tereis? Os publicanos não o fazem também?

"Sede, pois, vós outros perfeitos, como o vosso Pai celeste é perfeito."

"Não façais a outrem o que não gostaríeis que se vos fizessem a vós mesmos."

A caridade é, pois, o princípio fundamental da doutrina do Cristo. De onde concluímos que toda palavra e toda ação contrárias à caridade não podem ser, como o dissestes com uma perfeita verdade, inspiradas senão por Satã, então mesmo que ele revestisse a forma de um arcanjo; é por esta razão que o Espiritismo diz: *Fora da caridade não há salvação*.

Remetemos, para o mesmo assunto, as nossas respostas ao *L'Univers*, número de maio e de julho de 1859, e à *Gazette de Lyon*, outubro de 1860. Recomendamos igualmente aos nossos leitores, como refutação ao Sr. Gandy, a *Carta de um católico sobre o Espiritismo*, pelo doutor Grand. Se o autor desta brochura (1-(1) Gf ande in-18, preço! tr.; pelo correio, 1 fr. 15 c. - No escritório da flev/sfaEsp/r/fa, e na Casa Ledoyen, livraria no Palais-Royal) está votado ao inferno, ali haverá muitos outros, e ali se verá, coisa estranha, aqueles que pregam a caridade para todos, ao passo que o céu estaria reservado àqueles que lançam o anátema e a maldição. Estar-se-ia singularmente equivocado sobre o sentido das palavras do Cristo.

A falta de espaço nos obriga a remeter, para o nosso próximo número, algumas palavras de resposta ao Sr. Deschanel, do *Journal dès Debats*.

Carta sobre a incredulidade

Revista Espírita, janeiro de 1861

(Primeira parte.)

Um dos nossos colegas, o Sr. Canu, outrora fortemente imbuído dos princípios materialistas, e que o Espiritismo levou a uma sadia apreciação das coisas, se censurava pelo fato de ser propagador de doutrinas que considera agora como subversivas da ordem social; na intenção de reparar isso que ele considera com razão como uma falta, e de esclarecer aqueles que ele desviou, escreveu, a um de seus amigos, uma carta sobre a qual quis pedir a nossa opinião. Ela nos pareceu tão bem responder ao objetivo que se propunha, que rogamos nos permitir publicá-la, do que os nossos leitores, sem dúvida, estarão agradecidos. Em lugar de abordar decididamente a questão do Espiritismo, que seria repelida por pessoas não admitindo a alma que lhe é a base; em lugar, sobretudo, de exhibir aos seus olhos fenômenos estranhos que tivessem negado, ou atribuído a causas vulgares, ele remonta à sua fonte. Procura, com razão, torná-los espiritualistas antes de torná-los Espíritos; por um encadeamento de idéias perfeitamente lógico, chega à idéia espírita como consequência. Este caminho, evidentemente, é o mais racional. A extensão dessa carta nos obriga a dividir-lhe a publicação.

Paris, 10 de novembro de 1860.

Meu caro amigo.

Desejas uma longa carta sobre o *Espiritismo*, vou tratar de satisfazer-te com o meu melhor, esperando o envio de uma obra importante sobre a matéria, a qual deverá aparecer no fim do ano.

Serei obrigado a começar por algumas considerações gerais, e nos seria preciso remontar à origem do homem; isto alongará um pouco a minha carta, mas é indispensável para a inteligência da coisa.

Tudo passa! diz-se geralmente.

Sim, tudo passa; mas geralmente também dá-se a esta expressão um significado bem distante daquele que lhe pertence.

Tudo passa, mas nada se acaba, senão a forma.

Tudo passa, nesse sentido de que tudo caminha e segue o seu curso, mas não um curso cego e sem objetivo, se bem que não deva jamais acabar.

O movimento é a grande lei do Universo, na ordem moral como na ordem física, e o objetivo do movimento é o progresso para o melhor; é um trabalho ativo, incessante e universal; é o que chamamos *o progresso*.

Tudo está submetido a essa lei, com exceção de Deus. Deus é o autor; a criatura é um instrumento e o objeto.

A criação se compõe de duas naturezas distintas: a natureza material e a natureza intelectual; esta é o instrumento ativo; a outra é o instrumento passivo.

Estes dois instrumentos são o complemento um do outro, quer dizer, um sem o outro seria de uso completamente nulo.

Sem a natureza intelectual, ou o espírito inteligente e ativo, a natureza material, quer dizer, a matéria ininteligente e inerte, seria perfeitamente inútil, não podendo nada por si mesma. Sem a matéria inerte, o Espírito inteligente não teria poder maior.

Mesmo o mais perfeito instrumento seria como se não existisse, se não houvesse alguém para dele se servir.

O obreiro mais hábil, o sábio da ordem mais elevada, seriam também impotentes quanto o mais completo idiota, se não tivessem instrumentos para desenvolver a sua ciência e manifestá-la.

É agora aqui o lugar de fazer notar que o instrumento material não consiste somente na plaina do marceneiro, na tesoura do escultor, na paleta do pintor, no escalpelo do cirurgião, no compasso ou na luneta do astrônomo; consiste também na mão, na língua, nos olhos, no cérebro, em uma palavra, na reunião de todos os órgãos materiais necessários à manifestação do pensamento, o que implica, naturalmente, na denominação *de instrumento passivo*, a matéria, ela mesma, sobre a qual a inteligência opera por meio do instrumento propriamente dito. Assim é que uma mesa, uma casa, um quadro, considerados nos elementos que os compõem, não são menos instrumentos do que a serra, a plaina, o esquadro, a colher de pedreiro, o pincel que os produziu, do que a mão e os olhos que dirigiram estes últimos, do que o cérebro, enfim, que presidiu a essa direção. Ora, tudo isso o cumpriu o cérebro, foi o instrumento complexo do qual se serviu a inteligência para manifestar o seu pensamento, a sua vontade, que era a de produzir uma forma, e essa forma era ou uma mesa, ou uma casa, ou um quadro, etc.

A matéria, inerte pela sua natureza, informe em sua essência, não adquire propriedades úteis senão pela forma que se lhe imprime; o que fez um célebre fisiologista dizer que a forma era mais necessária do que a matéria; proposição um pouco paradoxal talvez, mas que prova a superioridade do papel que a forma desempenha nas modificações da matéria. É segundo esta lei que o próprio Deus, se assim posso me exprimir, dispôs e modifica sem cessar os mundos e as criaturas que os habitam, segundo as formas que melhor convém aos seus objetivos para a harmonização do Universo; e é sempre segundo essa lei que as criaturas inteligentes agem incessantemente sobre a matéria, como o próprio Deus, mas secundariamente concorrem para a sua transformação contínua, transformação da qual cada grau, cada escalão é um passo no progresso, ao mesmo tempo que é a manifestação da inteligência que lhos mandou fazer.

Assim é que tudo, na criação, está em movimento e sempre em progresso; que a missão da criatura inteligente é a de ativar esse movimento no sentido do progresso, o que ela cumpre, freqüentemente mesmo, sem o saber; que o papel da criatura material é o de obedecer a esse movimento e o de manifestar o progresso da criatura inteligente; que a criação, enfim, considerada em seu conjunto ou em suas partes, cumpre incessantemente os objetivos de

Deus.

Quantas criaturas ditas inteligentes (sem sair do nosso planeta), cumprem uma missão da qual estão longe de desconfiar! E confesso que, de minha parte, não faz muito tempo ainda, eu era desse número. Eu não seria mesmo inoportuno, a esse respeito, em colocar aqui algumas palavras de minha própria história; tu me perdoarás esta pequena digressão que pode ter o seu lado útil.

Aluno da escola do dogma católico, e a reflexão e o exame não tendo se desenvolvido em mim senão bastante tarde, fui por muito tempo fervoroso e cego crente; sem dúvida, não o esqueceste.

Mas sabes também que, mais tarde, caí num excesso contrário; da negação de certos princípios que a minha razão não podia admitir, conclui pela negação absoluta. O dogma da eternidade das penas sobretudo me revoltava; eu não podia conciliar a idéia de um Deus que se dizia infinitamente misericordioso com a de um castigo perpétuo por uma falta passageira; o quadro do inferno, com as suas fornalhas, as suas torturas materiais, me parecia ridículo e uma paródia do Tártaro dos Pagãos. Recapitulava as minhas impressões de infância, e as minhas lembranças que, quando da minha primeira comunhão, se nos dizia que não era preciso orar pelos condenados, porque isso não lhes serviria de nada; quem não tivesse a fé era votado às chamas, e que bastava a alguém duvidar da infalibilidade da Igreja para ser condenado; que mesmo o bem que se fizesse neste mundo não poderia salvar, tendo em vista que Deus colocava a fé acima das melhores ações humanas. Esta doutrina me tornara impiedoso e havia endurecido o meu coração; eu olhava os homens com desconfiança, e, ao menor pecadilho acreditava ter ao meu lado um condenado de quem tinha que fugir como da peste, e ao qual, na minha indignação, teria recusado um copo de água, dizendo-me que Deus lhe recusaria um dia bem mais. Se existissem ainda fogueiras, teria de bom grado nela empurrado todos aqueles que não tinham a fé ortodoxa, fosse mesmo o meu pai. Nesta situação de espírito, eu não podia amar a Deus: dele tinha medo.

Mais tarde, uma multidão de circunstâncias, muito longas para enumerar, vieram me abrir os olhos, e rejeitei os dogmas que não concordavam com a minha razão, porque nada me ensinara a colocar a moral acima da forma; do fanatismo religioso, caí no fanatismo da incredulidade, a exemplo de tantos dos meus companheiros de infância.

Não entrarei nos detalhes que nos levariam muito longe; acrescentarei somente que, depois de ter perdido, durante quinze anos, a doce ilusão da existência de um Deus infinitamente bom, poderoso e sábio, da existência e da imortalidade da alma, eu reencontrei, enfim, hoje, não mais a minha ilusão, mas uma certeza tão completa quanto a de minha existência atual, que é a que te escreve neste momento.

Eis, meu amigo, o grande acontecimento de nossa época, o grande acontecimento que nos é dado ver se cumprir em nossos dias: a prova material da existência e da imortalidade da alma.

Retornemos ao fato; mas para te fazer compreender melhor o Espiritismo, vamos remontar à origem do homem, e aí estaremos por muito tempo.

É evidente que os globos que povoam a imensidade não são feitos tendo em vista unicamente a sua ornamentação; eles têm também um objetivo útil ao lado do agradável: o de produzir e de alimentar seres materiais vivos que sejam instrumentos apropriados e

dóceis a essa multidão de criaturas inteligentes que povoam o espaço, e que são, em definitivo, a obra-prima, ou melhor, o objetivo da criação, uma vez que só elas têm a faculdade de conhecê-lo, admirá-lo e de adorar o seu autor.

Cada um dos globos espalhados no espaço teve o seu começo, quanto à sua forma, num tempo mais ou menos recuado. Quanto à idade da matéria que o compõe, é um segredo que não nos importa aqui conhecer, sendo a forma tudo para o objeto que nos ocupa. Com efeito, pouco nos importa que a matéria seja eterna, ou unicamente criação anterior à formação do astro, ou enfim contemporânea a essa formação; o que é preciso saber é que o astro foi formado para ser habitado. Não é talvez fora de propósito acrescentar que essas formações não se fazem em um dia, como dizem as Escrituras; que um globo não sai de repente do nada coberto de florestas, de campinas e de habitantes, como Minerva saiu armada dos pés à cabeça de Júpiter. Não, Deus procede seguramente, mas lentamente; tudo segue uma lei lenta e progressiva, não que Deus hesite ou tenha necessidade da lentidão, mas porque as suas leis são tais e que são imutáveis. Aliás, o que chamamos *lentidão*, nós, seres efêmeros, não o é para Deus para quem o tempo nada é.

Eis, pois, um globo em formação, ou se quiseres todo formado; devem se passar ainda muitos séculos, ou milhares de séculos antes que seja habitável, mas enfim esse momento chega. Depois de modificações numerosas e sucessivas em sua superfície, ele começa a se cobrir pouco a pouco de vegetação; (falo da Terra, não pretendendo fazer, a menos que por analogia, a história dos outros astros, cujo objetivo é evidentemente o mesmo, mas cujas modificações físicas podem variar). Ao lado da vegetação aparece a vida animal, uma e outra em sua maior simplicidade, esses dois ramos do reino orgânico sendo necessários um ao outro, se fecundam mutuamente alimentando-se reciprocamente, elaborando, de acordo, a matéria inorgânica, para torná-la cada vez mais própria para a formação de seres cada vez mais perfeitos, até que ela tenha chegado ao ponto de produzir e alimentar o corpo que deve servir de habitação e de instrumento ao *ser* por excelência, quer dizer, ao ser intelectual que deve dele se servir, que o espera, por assim dizer, para se manifestar, e que não poderia se manifestar sem ele.

Eis-nos chegados ao homem! Como é formado? Aí não está ainda a questão; está formado segundo a grande lei da formação dos seres, eis tudo. Por não ser conhecida, essa lei não existe menos. Como se formaram os indivíduos de cada espécie de plantas? Os primeiros indivíduos de cada espécie de animais? Formaram-se cada um à sua maneira, segundo a mesma lei. Tudo o que há de certo é que Deus não teve necessidade de se transformar em fabricante de louça, nem de sujar as mãos na lama para formar o homem, nem de lhe arrancar um pedaço para fazer a mulher. Essa fábula, em aparência absurda e ridícula, pode bem ser uma figura engenhosa escondendo um sentido penetrável a espíritos mais perspicazes do que o meu; mas como disso não compreendo nada, me detenho aqui.

Eis, pois, o homem material habitando a Terra, e habitado ele mesmo por um ser imaterial do qual não é senão o instrumento. Incapaz de nada por si mesmo, como a matéria em geral, não se torna próprio para alguma coisa senão pela inteligência que o move; mas essa inteligência, ela mesma, criatura imperfeita como tudo o que é criatura, quer dizer, como tudo o que não é Deus, tem necessidade de se aperfeiçoar, é precisamente em vista desse aperfeiçoamento que o corpo lhe foi dado, uma vez que sem a matéria o Espírito não poderia se manifestar, nem conseqüentemente se melhorar, se esclarecer, progredir enfim.

A Humanidade, considerada coletivamente é comparada ao indivíduo; ignorante na infância, ela se esclarece à medida que avança em idade; o que se explica naturalmente pelo próprio estado de imperfeição em que estão os Espíritos para o adiantamento dos quais essa

Humanidade foi feita; mas quanto ao Espírito considerado individualmente, não é numa só existência que ele pode adquirir a soma de progresso que está chamado a cumprir; é porque um maior ou menor número de existências corpóreas lhe são necessárias, segundo o uso que fará de cada uma delas. Mais ele terá trabalhado para o seu adiantamento em cada existência, menos terá que sofrê-las. E como cada existência corpórea é uma prova, uma expiação, um verdadeiro purgatório, tem interesse em progredir o mais prontamente possível, para ter a sofrer menos provas, porque o Espírito não retrograda; cada progresso cumprido por ele é uma conquista assegurada que nada poderia lhe tirar. Segundo este princípio, hoje averiguado, é evidente que quanto mais ele caminhar depressa, mais cedo chegará ao objetivo.

Resulta do que precede que cada um de nós, hoje, não está em sua primeira existência corpórea, muito longe disso, está mais distante ainda de sua última, porque as nossas existências primitivas deveram se passar em mundos bem inferiores à Terra, sobre a qual não chegamos senão quando o nosso Espírito chegou a um estado de perfeição em relação com este astro; do mesmo modo que, à medida que progredirmos, passaremos para mundos mais bem avançados do que a Terra sob todos os aspectos, e isso, de degrau em degrau, avançando sempre para o melhor. Mas, antes de deixar um globo, parece que se deve sofrer nele geralmente várias existências, cujo número, todavia, não é limitado, mas muito subordinado à soma do progresso que se terá adquirido.

Prevejo uma objeção que vejo sobre os teus lábios. Tudo isso, dir-me-ás, pode ser verdadeiro, mas como não me lembro de nada, e que ocorre o mesmo com cada um de nós, tudo o que se passou em nossas existências precedentes é para nós como nulo; e se ocorre o mesmo em cada existência, pouco importa ao meu Espírito ser imortal ou morrer com o corpo, se, conservando a sua individualidade, não tem consciência de sua identidade. Com efeito, isso seria para nós a mesma coisa, mas não ocorre assim; não perdemos a lembrança do passado senão durante a vida corpórea, para reencontrá-la na morte, quer dizer, no despertar do Espírito, cuja verdadeira existência é a do Espírito livre, e para a qual as existências corpóreas podem ser comparadas ao sono para o corpo.

Em que se tornam as almas dos mortos, esperando uma nova encarnação?

As que não deixam a Terra, permanecem errantes em sua superfície, vão onde lhes apraz, sem dúvida, ou pelo menos onde podem, segundo o seu grau de adiantamento, mas, em geral, pouco se distanciam dos vivos, e sobretudo daqueles a quem se afeiçoam, quando se afeiçoam com alguém, a menos que não lhe sejam impostos deveres a serem cumpridos alhures. Somos, pois, a cada instante, cercados de uma multidão de Espíritos conhecidos e desconhecidos, amigos e inimigos, que nos vêem, nos observam, nos ouvem; dos quais uns tomam parte em nossas penas como em nossas alegrias, enquanto outros sofrem com os nossos gozos, ou gozam com as nossas dores, e enquanto outros, enfim, são indiferentes a tudo, exatamente como isso se passa sobre a Terra entre os mortais, dos quais conservam, no outro mundo, as afeições, as antipatias, os vícios e as virtudes. A diferença é que os bons gozam na outra vida de uma felicidade desconhecida sobre a Terra, e isso se concebe: não tendo mais necessidades materiais a satisfazer, nem obstáculos do mesmo gênero a superar; se bem viveram, quer dizer, se não têm nada ou senão pouca coisa a se censurar em sua última existência corpórea, gozam em paz do testemunho de sua consciência e do bem que fizeram. Se viveram mal, se foram maus, como estão lá a descoberto, não podem mais se dissimular sob o seu envoltório material, sofrem da vergonha de se verem conhecidos, apreciados; sofrem da presença daqueles que ofenderam, desprezaram, oprimiram, e da impossibilidade em que estão de se furtar aos olhares de todos. Eles sofrem, enfim, do remorso que os rói, até que o arrependimento venha aliviá-los, o que ocorre cedo ou tarde, ou até que uma nova encarnação os subtraia, não da visão dos outros Espíritos, mas de sua

própria visão, em lhes tirando, momentaneamente, a consciência de sua identidade, e, perdendo, então, a lembrança do seu passado, são aliviados. Mas é então também que começa para eles uma nova prova; se têm a felicidade de dela saírem melhorados, gozam do progresso que fizeram; se não se melhoraram, reencontram os mesmos tormentos, até que, enfim, se arrependam ou aproveitem uma nova existência.

Há um outro gênero de sofrimento: daquele que experimentam os maus Espíritos, os mais perversos. Aqueles, inacessíveis à vergonha e ao remorso, não lhe sofrem o tormento; mas os seus sofrimentos são mais vivos ainda, porque, sempre levados ao mal e impotentes em fazê-lo, sofrem da inveja de ver os outros mais felizes ou melhores do que eles, e da raiva, ao mesmo tempo, de não poderem saciar os seus ódios e se entregarem a todos os seus maus pendores. Oh! Aqueles sofrem muito; mas, como te disse, eles não sofrerão senão o tempo que não se melhorem, ou, em outras palavras, até o dia em que se melhorem. Freqüentemente, eles não prevêem esse fim; se são maus, se cegos pelo mal, que não supõem a existência ou a possibilidade da existência de um estado de coisas melhor, e não desconfiando, por conseqüência, de que os seus sofrimentos devem acabar um dia, é o que lhes endurece no mal e agrava os seus tormentos; mas, como não podem fugir sempre da sorte comum que Deus reserva a todas as suas criaturas, sem exceção, vem um momento em que lhe é necessário seguir, enfim, o caminho comum, e esse dia está, algumas vezes, mais próximo que não se seria tentado em crê-lo observando-se a sua perversidade. Viu-se os que se converteram de repente, e de repente os seus sofrimentos cessaram; entretanto, resta-lhes ainda rudes provas a sofrerem sobre a Terra em sua próxima encarnação; é necessário que se depurem expiando as suas faltas, e isso, em definitivo, não é senão justo; mas ao menos não têm mais medo de perderem o progresso adquirido, não podem retrogradar.

Eis, meu amigo, o mais sucintamente, e o mais claramente, que me foi possível fazê-lo, a exposição da filosofia do Espiritismo, tal, ao menos, como me foi possível fazê-lo em uma carta; dele encontrarás os desenvolvimentos mais completos, até este dia, e os mais satisfatórios em *O Livro dos Espíritos*, fonte onde eu mesmo hauri o que me fez o que sou.

Passemos agora à prática.

(O final no próximo número.)

O Espírito batedor do Aube

Revista Espírita, janeiro de 1861

Um dos nossos assinantes nos transmite detalhes muito interessantes sobre as manifestações que se passaram, e se passam ainda neste momento, numa localidade do departamento do Aube, do qual calaremos o nome, tendo em vista que a pessoa, em cuja casa esses fenômenos ocorrem, não se preocupa de nenhum modo de ser assaltada pela visita de numerosos curiosos, que não faltariam para ir à sua casa: essas manifestações barulhentas já lhe atraíram mais de um desagrado; de resto, o nosso correspondente nos reporta os fatos como testemunha ocular, e nós o conhecemos bastante para saber que ele merece toda a confiança. Extraímos as passagens mais interessantes de sua narração:

"Há quatro anos (em 1856), passou-se na casa do Sr. R..., da cidade em que moro, fatos de manifestações que lembram, até um certo ponto, os de Bergzabern; eu não conhecia então esse senhor, e não foi senão mais tarde que fiz relações com ele, de sorte que foi por ouvir dizer que eu soube o que se passou nessa época. Tendo as manifestações cessado há muito tempo, o Sr. R... delas acreditava estar desembaraçado, mas, há pouco, elas recomeçaram como outrora, e pude ser delas testemunha, durante vários dias seguidos; contarei, pois, o que vi com os meus próprios olhos.

A pessoa que é o objeto dessas manifestações é o filho do Sr. R..., com dezesseis anos de idade, e que não tinha, por conseguinte, senão doze quando se produziram pela primeira vez. É um jovem de uma inteligência excessivamente limitada, que não sabe nem ler e nem escrever, e sai muito raramente da casa. Quanto às manifestações, que ocorreram em minha presença, com exceção do balanço da cama e da suspensão magnética, o Espírito imitou em quase tudo o de Bergzabern; os golpes, as arranhaduras foram os mesmos; assobiava, imitava o ruído da lima e da serra, e lançava, através do quarto, pedaços de carvão, que vinham não se sabe de onde, porque não os havia na peça onde estávamos. Os fenômenos se produzem geralmente desde que a criança está deitada e começa a dormir. Durante o sono, ela fala ao Espírito com autoridade, e toma o tom de comando de um oficial superior ao ponto de enganar-se, embora não haja assistido a nenhum exercício militar; simula um combate, comanda a manobra, obtém a vitória e se crê como general sobre o campo de batalha. Quando ele ordena ao Espírito para bater um certo número de golpes, chega algumas vezes que este os bate mais do que pediu; a criança lhe diz então: Como vais fazer para tirar aqueles que bateste a mais? Então o Espírito começa a raspar, como se apagasse. Quando o menino ordena, fica numa grande agitação, e grita, às vezes, tão forte que a sua voz se apaga numa espécie de estertor. Ao comando, o Espírito bate todas as marchas francesas e estrangeiras, mesmo a dos Chineses; não pude verificar-lhes a exatidão, nem as conheço; mas ocorre freqüentemente à criança dizer: Não é essa, recomeçai; e o Espírito obedece. Devo dizer, de passagem, que, durante o seu sono, a criança é muito áspera, comandando.

"Uma noite em que assistia a uma dessas cenas, havia já cinco horas que o filho R... estava numa grande agitação; tentei acalmá-lo com alguns passes magnéticos, mas logo se tornou furioso e transtornou o seu leito. No dia seguinte, ele se deitou quando cheguei, e, como de hábito, dormiu ao cabo de alguns minutos; então os golpes e as arranhaduras começaram; de repente, ele disse ao Espírito: Meta-te ali, eu vou dormir; e, para a nossa surpresa, ele o magnetizou, e isso apesar da resistência do Espírito que parecia se recusar, o que acreditei

compreender segundo a conversação que tinham juntos; depois ele o despertou libertando-o como o faria um magnetizador experimentado. Percebi, então, que parecia recolher seu fluido em um monte que me lançou, repreendendo-me e me injuriando. Quando despertou, não tinha nenhuma lembrança do que se passara.

"Os fatos, longe de se acalmarem, se agravavam a cada dia de maneira desoladora pela exasperação do Espírito, que temia, sem dúvida, perder o império que tomara sobre o menino; eu quis perguntar o seu nome e os seus antecedentes, mas não obtive senão mentiras e blasfêmias. Devo dizer aqui que, quando ele fala, é pela boca do menino, que lhe serve de médium falante. Verdadeiramente, procurei conduzi-lo a melhores sentimentos pelas boas palavras; respondeu-me que a prece nada pode sobre ele; que tentou subir para Deus, mas que não encontrou senão gelo e nevoeiro; então me trata de beatão, e quando peço mentalmente, noto sempre que se torna furioso e bate pancadas redobradas. Todos os dias ele traz objetos bastante volumosos, de ferro, de cobre, etc. Quando pergunto onde vai procurá-los, responde que os toma de pessoas que não são honestas. Se lhe falo da moral, põe-se furioso. Uma noite disse que, tanto que eu chegasse, ele quebraria tudo, que não se iria antes da Páscoa, depois me escarrou no rosto. Tendo lhe perguntado por que se ligava assim ao filho R..., respondeu: Se não fosse ele, seria um outro. O próprio pai não está isento dos insultos desse Espírito malfazejo; freqüentemente, ele é detido em seu trabalho, porque é atingido, puxado pelas roupas, e mesmo beliscado até sangrar.

Fiz o que pude, mas estou sem mais recursos; acrescento que é tanto mais difícil obter bons resultados quanto o Sr. e a Sra. R..., apesar do seu desejo de estarem livres dele, porque lhes causou um verdadeiro prejuízo, estando obrigados a trabalharem para viver, não me secundam, não tendo a sua fé em Deus uma grande consistência."

Omitimos uma multidão de detalhes que não fariam senão corroborar aqueles que narramos; todavia, dissemos o bastante para mostrar que se pode dizer, deste Espírito, como de certos malfeteiros, que são da pior espécie.

Na sessão da Sociedade, do dia 9 de novembro último, as seguintes perguntas foram dirigidas a São Luís, a esse respeito:

1. Teríeis a bondade de nos dizer alguma coisa sobre o Espírito que obsidia o jovem R...? A inteligência desse jovem é das mais fracas, e, quando o Espírito se apodera dele, há então uma alucinação completa, tanto mais quando seu corpo está mergulhado no sono. A razão, pois, nada pode em seu cérebro, e então está entregue à obsessão desse Espírito turbulento.
2. Um Espírito rotativamente superior pode exercer, sobre um outro Espírito, uma ação magnética e paralisar as suas faculdades? - R. Um bom Espírito não pode alguma coisa sobre um outro senão moralmente, mas não fisicamente. Para paralisar pelo fluido magnético, é necessário agir sobre a matéria, e o Espírito não é matéria semelhante a um corpo humano.
3. Como ocorre, então, que o jovem R... pretende magnetizar o Espírito e adormecê-lo? - R. Ele o crê, e o Espírito se presta à ilusão.
4. O pai deseja saber se não teria meio um de se desembaraçar desse hóspede inoportuno, e se seu filho será por muito tempo ainda submetido a essa prova? - R. Quando esse jovem estiver desperto, será necessário, com ele, evocar bons Espíritos, afim de pô-lo em relação com eles e, por esse meio, afastar os maus que o obsidiam durante o seu sono.

5. Poderíamos agir aqui evocando, por exemplo, esse Espírito para moralizá-lo, ou talvez o próprio Espírito do jovem? - R. Isso não é quase possível no presente: ambos são muito materiais; é necessário agir diretamente sobre o corpo do ser vivo, pela presença de bons Espíritos que virão até ele.

6. Não compreendemos bem essa resposta. - R. Eu digo que é necessário apelar pelo concurso dos bons Espíritos, que poderão tornar o jovem menos acessível às impressões do mau Espírito.

7. Que podemos fazer por ele? - R. O mau Espírito que o obsidia dali não se irá facilmente, não sendo fortemente repellido por ninguém. As vossas preces, as vossas evocações, são uma arma fraca contra ele; seria necessário agir direta e materialmente sobre o sujeito que ele atormenta. Podeis orar, porque a prece é sempre boa; mas não chegareis por vós mesmos, se não fordes secundados por aqueles que nisso são mais interessados, quer dizer, o pai e a mãe; infelizmente, não têm essa fé em Deus que centuplica as forças, e Deus não escuta aqueles que não se dirigem a ele com confiança. Eles não podem, pois, se lamentar de um mal que nada fazem para evitar.

8. Como conciliar a sujeição desse jovem sob o império desse Espírito, com a autoridade que exerce sobre ele, uma vez que manda e o Espírito obedece? - R. O Espírito desse jovem é pouco avançado moralmente, mas, o é mais do que se não o crê em inteligência. Em outras existências, abusou de sua inteligência, que não era dirigida para um objetivo moral, mas, ao contrário, para vistas ambiciosas; agora está em punição, num corpo que não lhe permite dar livre curso à sua inteligência, e o mau Espírito aproveita de sua fraqueza; deixa-se comandar para coisas sem consequência, porque o sabe incapaz de ordenar-lhe coisas sérias: ele o diverte. A Terra formiga de Espíritos que estão em punição em corpos humanos, é por isso que há tantos males de todas as espécies.

Nota. A observação vem em apoio desta explicação. Durante o seu sono, a criança mostra uma inteligência inconstavelmente superior à do estado normal, o que prova um desenvolvimento anterior, mas reduzido ao estado latente sob esse envoltório grosseiro; não é senão nos momentos de emancipação da alma, naqueles em que ela não sofre mais tanta influência da matéria, que a sua inteligência se desdobra, e é também o momento em que exerce uma espécie de autoridade sobre o ser que o subjuga; mas tornado ao estado de vigília, as suas faculdades se aniquilam sob o envoltório material que as comprime. Não está aí um ensinamento moral pratico?

Manifestou-se o desejo de evocar esse Espírito, mas nenhum dos médiuns presentes preocupou-se em lhe servir de intérprete. A Srta. Eugénie, que também tinha mostrado repugnância, tomou de repente o lápis por um movimento involuntário, e escreveu:

1. Tu não me queres? Pois bem! tu escreverás. Oh! tu crês que não te domarei; claro. Eis-me; mas tu não me assustas mais; eu te farei ver minhas forças.

Nota. Aqui o Espírito faz o médium dar um grande soco na mesa, e quebra vários lápis.

2. Uma vez que estais aqui, dizei-nos por que razão estais ligado ao filho do Sr. R...? - R. Seria necessário, eu creio, vos fazer confidencias! Primeiro sabeí que tenho uma necessidade muito grande de atormentar alguém.

Um médium que fosse razoável me repeliria; ligo-me a um idiota que não me opõe nenhuma

resistência.

3. *Nota.* Alguém reflexiona que, malgrado esse ato de covardia, a esse Espírito não falta inteligência. Ele responde sem que lhe seja dirigida a pergunta direta:

Um pouco; não sou tão besta como credes.

4. Que éreis quando vivo? - R. Não grande coisa; um homem que fez mais mal do que bem, e que está tanto mais punido.

5. Uma vez que sois punido por ter feito o mal, deveríeis compreender a necessidade de fazer o bem. É que não quereis procurar vos melhorar? - R. Se quisésseis me ajudar, eu perderia menos tempo.

6. Não pedimos melhor, mas é preciso que tenhais a vontade disso; orai conosco, isso vos ajudará. - R. (Aqui o Espírito dá uma resposta blasfematória).

7. Basta! Não queremos mais ouvi-lo; esperávamos despertar em vós alguns bons sentimentos, foi com este objetivo que vos chamamos; mas, uma vez que não respondeis à nossa benevolência senão por palavras vis, podeis vos retirar. - R. Ah! aí se detém a vossa caridade! Porque pude resistir um pouco, vejo que essa caridade se detém logo: é que não vaeis mais. Sim, poderíeis me moralizar mais do que não pensais se soubésseis a isso se ligar; primeiro no interesse do idiota que me sofre, do pai que com isso não se assusta senão mais depois do meu, se isso vos apraz.

8. Dizei-nos o vosso nome, a fim de que possamos designá-lo. - R. Oh! meu nome pouco vos importa; se quiserdes, chamai-me o Espírito do jovem idiota.

9. Se quisemos vos fazer parar, foi porque dissestes uma palavra sacrílega. - R. Ah! Ah! O senhor ficou chocado! Para saber-se o que há na lama, é necessário revolvê-la.

10. Alguém disse: Esta figura é digna do Espírito: ela é ignóbil. - R. Quereis poesia, jovem? Ei-la: Para se conhecer o odor da rosa é necessário cheirá-la.

11. Uma vez que dissestes que poderíamos vos ajudar a se melhorar, um destes senhores se oferece para vos instruir; quereis ir a ele quando vos evocar? - R. É necessário primeiro que eu veja se isso me convém. (Depois de alguns instantes de reflexão, ele acrescentou:) Sim, eu irei.

12. Por que o filho do Sr. R... se punha furioso quando o Sr. L... queria magnetizá-lo? - R. Não era ele que estava colérico, era eu.

13. Por que isso? - R. Eu não tinha nenhum poder sobre esse homem que me é superior, por isso não pude senti-lo. Ele quer me arrancar aquele que tenho sob a minha dependência, e é o que eu não quero.

14. Deveis ver, ao vosso redor, Espíritos que são mais felizes do que vós; sabeis por que? - R. Sim, eu o sei; eles são melhores do que eu.

15. Compreendeis então que, se em lugar de fazer o mal, fizésseis o bem, serieis felizes como eles? - R. Não me perguntaria melhor; mas é difícil fazer o bem.

16. Talvez seja difícil para vós, mas isso não é impossível. Compreendeis que a prece pode ter uma grande influência para a vossa melhoria? - R. Eu não digo não; refletirei sobre isso. Chamai-me algumas vezes.

Nota. Este Espírito, como se vê, não desmente o seu caráter; entretanto, se mostrou menos recalcitrante sobre o fim, o que prova que não é inteiramente inacessível ao raciocínio. Ele tem, pois, nele o recurso, mas seria necessário, para dominá-lo inteiramente, um concurso de vontades que não existe. Isto deve ser um ensinamento para as pessoas que poderiam se encontrar num caso análogo.

Este Espírito, sem dúvida, é muito mau, e pertence à escória do mundo Espírita; mas se pode dizer que ele é brutalmente mau, e entre semelhantes seres há mais recursos do que entre aqueles que são hipócritas; são seguramente menos perigosos do que os Espíritos fascinadores que, com a ajuda de uma certa dose de inteligência e de uma falsa aparência de virtude, sabem inspirar, a certas pessoas, uma cega confiança em suas palavras; confiança da qual cedo ou tarde serão vítimas, porque esses Espíritos nunca agem tendo em vista o bem: Eles têm sempre um pensamento dissimulado. O *Livro dos Médiuns* terá por resultado, nós o esperamos, pôr-se em guarda contra tais sugestões, do que, seguramente, não nos serão agradecidos; mas, como se pensa bem, pouco nos inquietamos com a sua má vontade, quanto com a dos *Espíritos encarnados* que excitarão contra nós. Os maus Espíritos, não mais que os homens, não vêem com prazer aqueles que, desmascarando as suas torpezas, lhes tiram os meios de causar dano.

Ensinarmento espontâneo dos Espíritos

Revista Espírita, janeiro de 1861

Ditados obtidos ou lidos na Sociedade por diversos Médiuns.

Os três tipos

(Médium Sr. Alfred Didier)

Há no mundo três tipos que serão eternos; esses três tipos, grandes homens os pintaram tais quais foram em seu tempo, e adivinharam que existiriam sempre. Esses três tipos são primeiro *Hamlet*, que ele mesmo disse: *To be or not be, that is the question*; depois *Tartufo*, que resmungava preces, e que além do mais, medita o mal; depois *Don Juan*, que disse a todos: Eu não creio em nada. Molière encontrou, só ele, dois desses tipos; ele enfraqueceu *Tartufo* e fulminou *Don Juan*. O homem, sem a verdade, está na dúvida como *Hamlet*, sem consciência como *Tartufo*, sem coração como *Don Juan*. *Hamlet* está na dúvida, é verdade, mas procura, é infeliz, a incredulidade acabrunha, suas mais suaves ilusões se afastam dia-a-dia, e esse ideal, essa verdade que ele persegue, cai no abismo como *Ofélia* e não está jamais perdida para ele; então se torna louco, e morre em desespero; mas Deus lhe perdoará, porque teve coração, amou, e foi o mundo que lhe arrebatou aquilo que ele queria conservar.

Os dois outros tipos são atrozes, porque são egoístas e hipócritas, cada um em seu gênero. *Tartufo* toma a mascarada virtude, o que o torna odioso; *Don Juan* não crê em nada, nem mesmo em Deus; não crê senão nele. Jamais vos pareceu ver nesse emblema famoso de *Don Juan* e da estátua do Comendador não vos pareceu nunca, digo eu, ver o ceticismo em face das mesas girantes? O Espírito humano corrompido diante da mais brutal manifestação? O mundo nisso não viu, até o presente, senão uma figura inteiramente humana; credes que não falta nisso ver e penetrar mais? Quanto o gênio inimitável de Molière não teve nesta obra o sentimento do bom senso sobre os fatos espirituais, como sempre para os defeitos deste mundo!

Gérard de Nerval

Cazotte

(Médium Sr. Alfred Didier)

É curioso ver surgir, no meio do materialismo, uma reunião de homens de boa fé para propagar o Espiritismo. Sim, é no meio das mais profundas trevas que Deus lança a luz, e é no momento em que ele mais se esquece, que se mostra o melhor; semelhante ao ladrão sublime, do qual fala o Evangelho, quem virá julgar o mundo no momento em que nisso menos se pensará. Mas Deus não vem a vós para vos surpreender; ele vem, ao contrário, vos

prevenir que essa grande surpresa, que deve se apoderar dos homens na morte, deve ser, para eles, funesta ou feliz. Foi para o meio de uma sociedade corrompida que Deus me enviou. Graças à clarividência, algumas dessas revelações, que pareciam tão maravilhosas no meu tempo, parecem hoje todas naturais. Todas essas lembranças não são mais do que sonhos para mim, e, Deus seja louvado! O despertar não foi penoso. O Espiritismo nasceu, ou antes, ressuscitou em vossa época; o magnetismo era de meu tempo. Crede que as grandes luzes precedem de grandes clarões.

O autor do *Diabo amoroso* vos lembra que já teve a honra de conversar conosco, e será feliz em continuar as suas relações amigáveis.

CAZOTTE

Na sessão seguinte, as perguntas adiante foram dirigidas ao Espírito de Cazotte: Tivestes a cortesia, vindo espontaneamente na última vez, de nos dizer que retornaríeis de boa vontade. Aproveitamos esse oferecimento para vos dirigir algumas perguntas, se o consentis.

1º A história da famosa ceia em que predissestes a sorte que

esperava cada convidado é inteiramente verdadeira? - R. Ela é verdadeira nesse sentido de que essa predição não foi feita numa única noite, mas em muitos repastos, no fim dos quais eu me alegrava metendo medo em meus amáveis convidados com sinistras revelações.

2º Conhecemos os efeitos da segunda vista, e compreendemos que, dotado desta faculdade, poderíeis ver coisas afastadas, mas passado esse momento, como pudestes ver coisas futuras, que não existiam ainda, e vê-las com precisão? Quereis nos dizer, ao mesmo tempo, como essa previsão vos foi dada? Falastes simplesmente como inspirado, sem nada a ver, ou bem o quadro dos acontecimentos anunciados por vós estava presente como uma imagem? Sede bastante bom para nos descrever isso o melhor possível para a nossa instrução. - R. Há na razão do homem um instinto moral que o leva a predizer certos acontecimentos. Eu era dotado, é verdade, de uma clarividência bastante grande, mas sempre humana, sobre os acontecimentos que se efetuavam; mas crede que o bom senso, ou julgamento sadio das coisas deste mundo, possa vos detalhar, muitos anos antes, tal ou tal circunstância? Não; à minha sagacidade natural juntava-se uma qualidade sobrenatural: A segunda vista. Quando eu revelava, às pessoas que me cercavam, os abalos terríveis que teriam lugar, eu falava evidentemente como um homem de senso e de lógica; mas quando, dessas circunstâncias vagas e gerais, eu via os pequenos detalhes, quando via visivelmente tal ou tal vítima, era então que não falava mais unicamente como um homem dotado, mas como um homem inspirado.

3º Independentemente desse fato, tivestes, durante a vossa vida, outros exemplos de previsões? - Sim; elas eram todas mais ou menos sobre esse assunto; mas, por passatempo, eu estudava as ciências ocultas, e me ocupei muito com o magnetismo.

4º Essa faculdade de previsão vos seguiu no mundo dos Espíritos? Quer dizer, depois de vossa morte, prevíeis ainda certos acontecimentos? - R. Sim, esse dom me ficou muito mais puro.

Nota. Poder-se-ia ver aqui uma contradição com o princípio que se opõe à revelação do futuro. O futuro, com efeito, nos está oculto por uma lei muito sábia da Providência, porque esse conhecimento prejudicaria nosso livre arbítrio, e nos levaria a negligenciar o presente

pelo futuro; além do mais, pela nossa oposição, poderíamos entrar certos acontecimentos necessários à ordem geral; mas quando essa comunicação pode nos excitar a facilitar o cumprimento de uma coisa, Deus pode permitir a revelação nos limites assinados pela sua sabedoria.

A voz do anjo guardião

(Médium, senhorita Huet)

Todos os homens são médiuns; todos têm um Espírito que os dirige para o bem, quando sabem escutá-lo. Agora que alguns comunicam diretamente com ele por uma mediunidade particular, que outros não ouvem senão pela voz do coração e da inteligência, pouco importa, não deixa de ser o seu Espírito familiar que os aconselha. Chama-o Espírito, razão, inteligência, é sempre uma voz que responde à vossa alma e vos diz boas palavras; somente não as compreendeis sempre. Nem todos sabem agir segundo os conselhos dessa razão, mas não essa razão que se arrasta e rasteja antes que não caminhe, essa razão que se perde no meio dos interesses materiais e grosseiros, mas essa razão que eleva o homem acima de si mesmo, que o transporta para regiões desconhecidas; chama sagrada que inspira o artista e o poeta, pensamento divino que eleva o filósofo, impulso que arrebatava os indivíduos e os povos, razão que o vulgo não pode compreender, mas que aproxima o homem da divindade, mais do que nenhuma outra criatura; entendimento que sabe conduzi-lo do conhecido ao desconhecido, e fá-lo executar as coisas mais sublimes. Escutai, pois, essa voz do interior, esse bom gênio que vos fala sem cessar, e chegareis progressivamente a ouvir o vosso anjo guardião que vos estende as mãos do alto do céu.

CHANNING

O coquetismo

(Médium, senhora Costel)

Hoje nos ocuparemos do coquetismo. feminino, que é o inimigo do amor: ele o mata ou o diminui, o que é pior. A mulher coquete se parece a um pássaro na gaiola que, pelos seus cantos, atrai outros pássaros para junto de si. Ela atrai os homens que batem seus corações contra as barras que a prendem. Lastimemo-la mais do que a eles; tornada cativa pela estreiteza de suas idéias e pela secura de seu coração, ela espezinha na obscuridade de sua consciência, não podendo jamais ver brilhar o sol do amor que não irradia senão para as almas generosas e devotadas. É mais difícil de sentir o amor do que de inspirá-lo, e todos, entretanto, se inquietam e remexem o coração desejoso sem examinar, primeiro, se o seu possui o tesouro cobiçado. Não, o amor que é a sensualidade do amor próprio, não é amor mais do que coquetismo não é a sedução para uma alma elevada. Tem-se razão em censurar e cercar de dificuldades essas frágeis ligações, vergonhosa permuta de vaidade, de misérias de toda sorte; o amor permanece estranho a essas coisas; não mais que o raio ele não é enlameado pelo estrume que clareia. Insensatas são as mulheres que não compreendem que sua beleza, sua virtude, é o amor em seu abandono, em seu esquecimento dos interesses pessoais, e transmigração da alma que se entrega inteiramente ao ser amado. Deus bendiz a mulher que carregou o jugo do amor, e repele aquela que faz, desse precioso sentimento, um troféu para a sua vaidade, uma distração para a sua ociosidade, ou chama carnal que consome o corpo deixando o coração vazio.

GEORGES

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quarto Ano – 1861

Fevereiro

- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [Senhor Squire, médium](#)
- [Penúria dos médiuns](#)
- [Carta sobre a incredulidade, pelo Sr. Canu \(continuação e fim\)](#)
- Conversas familiares de além-túmulo.
 - [O suicídio de um ateu](#)
- [Perguntas e problemas diversos](#)
- Ensino dos Espíritos
 - [O ano de 1860](#)
 - [O ano de 1861](#)
 - [Comentário sobre o ditado publicado sob o título de: *O Despertar do Espírito*](#)
 - [Os três tipos, por Gérard de Nerval \(continuação\)](#)
 - [A harmonia](#)

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, fevereiro de 1861

(Extrato das Atas.)

Sexta-feira, 21 dezembro de 1860. (Sessão particular.)

Admissão de dois novos sócios.

Relatórios diversos. 1º. Leitura de várias comunicações obtidas fora das sessões.

2º O Sr. Allan Kardec leu uma carta de Bordeaux, na qual se propõe a evocação de uma senhorita M. H..., falecida recentemente. A Sociedade, consultada, pensa que não deve se ocupar com essa evocação.

Trabalhos da sessão. 1º Ditado espontâneo, assinado por Lázaro, obtido pela senhora Gostei. - Outro, assinado Gérard de Nerval, obtido pelo Sr. A. Didier. O Espírito desenvolve a proposição na qual se baseou na comunicação dos *Três tipos*. Hamlet, Don Juan e Tartufo, de 14 de dezembro. Desenvolve o tipo Hamlet. A pedido que lhe foi feito, dá a sua apreciação sobre Lafontaine. - Outra, assinada por Torquato Tasso, pela senhorita H... O Espírito dá igualmente a sua apreciação sobre Lafontaine.

2º Evocação de lady Esther Stanhope, que passou a maior parte de sua vida nas colinas do Líbano, no meio das populações árabes, que lhe deram o título de rainha de Palmyre.

Sexta-feira, 28 de dezembro de 1860. (Sessão geral.)

Relatório diversos. 1º Leitura de várias comunicações obtidas fora das sessões, entre outras um conto fantástico assinado por Hoffmann, pela senhora Gostei, e a evocação de um negro, feita em Nova Orleans, pela senhora de B... Ela é notável pela simplicidade das idéias, e a reprodução da linguagem usada entre os negros.

2º Carta da senhora T. D..., de Cracóvia, que constata os pró-

gressos do Espiritismo na Polônia, na Podólia e na Ucrânia. Essa senhora é Médiun desde os sete anos; ela junta à sua carta quatro comunicações que atestam a bondade e a superioridade do Espírito que as fez, e pede, em outra, para fazer parte da Sociedade.

3º O Sr. Allan Kardec dirige aos Espíritos a locução seguinte, para agradecer-lhes o seu concurso durante o ano que vem de se escoar:

"Não queremos terminar o ano sem dirigir os nossos agradecimentos aos bons Espíritos, que consentiram em nos instruir. Sobretudo, agradecemos a São Luís, o nosso presidente

espírita, cuja proteção foi tão evidente, sobre a Sociedade, que ele tomou sob o seu patrocínio, e que, nós o esperamos, consentirá em no-la continuar, pedindo-lhe nos inspirar, a todos, os sentimentos que possam disso nos tornar dignos. Agradecemos, igualmente, a todos aqueles que vieram espontaneamente nos dar os seus conselhos e as suas instruções, seja em nossas sessões, seja nas comunicações que dão, em particular, aos nossos Médiuns, e que nos foram transmitidas. Dentre eles, não poderíamos esquecer Lamennais, que ditou ao Sr. Didier páginas tão eloqüentes; Channing, Georges, cujas belas comunicações foram admiradas por todos os leitores da Revista; senhora Delphine de Girardin, Charles Nodier, Gérard de Nerval, Lázaro, Lê Tasse, Alfred de Musset, Rousseau, etc. O ano de 1860 foi eminentemente próspero para as idéias espíritas; esperamos que, com o concurso dos bons Espíritos, o ano que vai se abrir não seja menos favorável. Quanto aos Espíritos sofredores que vieram, seja espontaneamente, seja a nosso chamado, continuaremos, pelas nossas preces, a chamar sobre eles a misericórdia de Deus, pedindo-lhe para sustentar aqueles que estão no caminho do arrependimento, e esclarecer aqueles que ainda estão no caminho tenebroso do mal."

Trabalhos da sessão. 1^o Ditado espontâneo sobre o ano de 1860, assinado por J.J. Rousseau, pela senhora Gostei. - Outro, assinado por Necker, pela senhorita H... - Outro, sobre o ano de 1861, assinado por São Luís.

2^o Evocação de lady Stanhope, Hoffmann, o negro de Nova Orleans.

3^o Questões diversas: Sobre a lembrança das existências anteriores em Júpiter; - Sobre diversas aparições que teve a sogra do Sr. Pr..., presente à sessão.

Sexta-feira, 4 de janeiro de 1861. (Sessão particular.)

Admissão do Sr. W..., artista pintor.

Relatórios diversos. 1⁸ Carta do Sr. Kond..., médico (Vaucluse), que exprime o pesar de que, tudo o que é mencionado nas atas da Sociedade, não seja publicado integralmente na Revista.

"Os partidários do Espiritismo, disse ele, que não podem assistir às sessões, desconhecem as questões que são estudadas e resolvidas nessa assembléia científica. Todos os meses esperamos com impaciência febril a chegada da Revista; quando a temos, não perdemos um minuto, a fim de lê-la; nós a lemos e relemos, depois estudamos com tristeza uma multidão de perguntas das quais jamais tivemos a solução." Ele pergunta se não haveria meio de se remediar este inconveniente.

A senhora Costel disse ter recebido cartas no mesmo sentido.

Isto prova, disse o Sr. Allan Kardec, uma coisa da qual devemos estar satisfeitos, que é o valor que se dá aos trabalhos da Sociedade, e o crédito que ela goza entre os verdadeiros Espíritas. A publicação do extrato das atas mostra aos estranhos que ela não se ocupa senão de coisas graves e de estudos sérios; a consideração que ela adquiriu fora prende-se à sua moderação e ao seu caminhar prudente sobre um terreno novo, à ordem e à gravidade que presidem às suas reuniões, e ao caráter essencialmente moral e científico de seus trabalhos; é, pois, para ela um encorajamento para não se afastar de um caminho que lhe merece a estima, uma vez que do estrangeiro, mesmo da Polônia, escreveram para pedir dela fazer parte.

À reclamação especial, e muito lisonjeira para nós, do doutor K..., responderei primeiro que, para publicar integralmente tudo o que se faz e se discute na Sociedade, seriam necessários muitos volumes. Entre as evocações que nela são feitas, há muitas que, ou não respondem ao esperado, ou não oferecem um interesse bastante geral para serem publicadas; são conservadas nos arquivos para serem consultadas quando necessário, e o boletim se contenta em mencioná-las. Ocorre o mesmo com as comunicações espontâneas: não se publicam senão as mais instrutivas. Quanto às questões diversas e problemas morais, que têm freqüentemente um grande interesse, o doutor K... está em erro se pensa que os Espíritas de fora delas estejam privados. O que lhe dá essa opinião é que a grande quantidade de matérias, e a necessidade de coordená-las, permitem muito raramente publicar todas essas questões no número da Revista onde elas são mencionadas no boletim; mas, cedo ou tarde, nela encontram o seu lugar. Aliás, elas constituem um dos elementos essenciais das obras sobre o Espiritismo; foram aproveitadas em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns* onde estão classificadas segundo o seu objeto, e nenhuma daquelas que são essenciais foi omitida. Que o Sr. K., e os outros Espíritas se tranqüilizem pois; se não podem, pela leitura da Revista, assistir de longe às sessões da Sociedade, e delas não perder uma palavra, tudo o que ali é obtido de importante jamais é colocado sob o alqueire. Todavia, a Revista se esforçará por corresponder, tanto quanto possível, ao desejo expresso pelo honroso correspondente.

2º O Sr. Allan Kardec assinala, segundo o relato de um negociante de Nova York, presente à sessão, o progresso que fez, nos Estados Unidos do Norte, os princípios formulados em *O Livro dos Espíritos*. Esse livro foi ali traduzido para o inglês em fragmentos, e a doutrina da reencarnação lá conta agora com numerosos partidários.

3º Leitura de uma graciosa e encantadora comunicação, no velho estilo da Idade Média, obtida pela senhorita S... - Outra, sobre a imaterialidade dos Espíritos, pela senhora Gostei.

Trabalhos da sessão. - 1º Observação crítica sobre o ditado feito, na última sessão, pelo Espírito de Necker. O Espírito da senhora de Stael se manifesta espontaneamente e justifica, explicando-lhes o sentido, as palavras de seu pai.

2º Evocação de Leão X, que se manifestou espontaneamente no dia 14 de dezembro. Respondendo a várias perguntas que lhe foram feitas, explica e desenvolve as suas idéias sobre o caráter comparado dos Americanos, dos Franceses e dos Ingleses; a maneira de ver desses povos com respeito ao Espiritismo; os progressos inevitáveis desta doutrina, etc.

3º Diálogo espontâneo entre o Monsenhor Sibour e o seu assassino.

4º Perguntas dirigidas a São Luís sobre o negro evocado em 28 de dezembro, seu caráter e a sua origem.

5º Evocação da senhorita J.B., por sua mãe presente à sessão. Esta comunicação, de um interesse todo privado, oferece uma pintura tocante da afeição que certos Espíritos conservam por aqueles que amaram sobre a Terra.

Senhor Squire, médium

Revista Espírita, fevereiro de 1861

Vários jornais falaram, com mais ou menos zombaria, segundo o seu hábito, desse novo médium, compatriota do Sr. Home, sob cuja influência se produzem tantos fenômenos de uma ordem, de alguma sorte excepcional. Eles têm isto de particular, que os efeitos não ocorrem senão na mais profunda obscuridade, circunstância que os incrédulos não deixam de alegar. O Sr. Home, como se sabe, produzia fenômenos muito variados, dos quais o mais notável era, sem contradita, o das aparições tangíveis; deles demos conta detalhada na *Revista Espírita* do mês de fevereiro, março e abril de 1858. O Sr. *Squire* delas não produziu senão duas, ou, melhor dizendo, senão uma com certas variantes, mas que não as faz menos dignas de atenção. Sendo a obscuridade uma condição essencial para a obtenção do fenômeno, vale, não é preciso dizer, que se tome todas as precauções necessárias para se assegurar da realidade. Eis em que consiste:

O Sr. *Squire* se coloca diante de uma mesa, pesando 35 a 40 quilogramas, semelhante a uma forte mesa de cozinha; amarram-lhe solidamente as duas pernas juntas, a fim de que não possa delas se servir, e, nessa mesma posição, a sua força muscular, se para isso tivesse recurso, seria consideravelmente paralisada. Uma outra pessoa, qualquer uma, a mais incrédula que se queira, toma-lhe a mão, de maneira a não lhe deixar livre senão uma delas. Ele coloca, então, esta sobre a borda da mesa; assim estando, apagam-se as luzes, e no mesmo instante a mesa se ergue. Passa por cima de sua cabeça e vai cair atrás de si, com os pés para o ar, sobre um diva ou almofadas dispostas para recebê-la, a fim de que ela não se quebre na sua queda; produzido o efeito, retorna-se imediatamente a luz: é um negócio de alguns segundos. Ele pode repetir a experiência tantas vezes quanto queira na mesma sessão.

Uma variedade desse fenômeno é esta: uma pessoa se coloca ao lado do Sr. *Squire*; estando a mesa levantada, e derrubada como se acaba de dizer, em lugar de cair para trás, se coloca com o tampo, e em equilíbrio, sobre a cabeça da pessoa, que não sente senão uma ligeira pressão; mas, apenas a luz venha a atingir a mesa, esta pesa com todo o seu peso e cairia se duas outras pessoas não estivessem ali prontas para recebê-la e sustentá-la pelas duas extremidades.

Tal é em substância e em sua maior simplicidade, sem ênfases e sem reticências, o relato desses fatos singulares que nós tomamos à *La Patrie*, de 23 de dezembro de 1860, e que temos igualmente um grande número de testemunhas, porque confessamos não tê-las visto mais; mas a honradez daqueles que no-los narraram não nos deixam nenhuma dúvida sobre a sua exatidão. Temos um outro motivo, mais poderoso talvez, para lhe acrescentar fé, e é que a teoria disso nos demonstrou a possibilidade: ora, nada é próprio para assentar uma convicção como dela se dar conta; nada provoca dúvida como de dizer: eu vi, mas não compreendi. Tentemos, pois, fazer compreender.

Comecemos primeiro por levantar algumas objeções prejudiciais. A primeira, que vem bastante naturalmente ao pensamento, é que o Sr. *Squire* emprega algum meio secreto, de outro modo dito, que ele é um hábil prestidigitador; ou bem, como dizem cruamente as pessoas que não se prendem a passar por polidas, que é um charlatão. Uma única palavra responde a essa suposição, é que o Sr. *Squire* veio a Paris como simples turista, não tira nenhum proveito de sua estranha faculdade; ora, como não há charlatães desinteressados, é

para nós a melhor garantia de sinceridade. Se o Sr. Squire desse sessões a tanto por lugar, se estivesse movido por um interesse qualquer, acharíamos todas as suspeitas perfeitamente legítimas; não temos a honra de conhecê-lo, mas temos de pessoas dignas de toda a nossa confiança, que o conhecem particularmente há vários anos, que é um homem dos mais honrados, de um caráter brando e benevolente, um distinto literato, que escreve em vários jornais da América. A crítica raramente leva em conta o caráter das pessoas e o móvel que as faz agir; injustamente, porque é seguramente uma base essencial de apreciação; e é caso onde a acusação de fraude é não somente uma ofensa, mas uma falta de lógica.

Isto posto, e descartada toda suposição de meios fraudulentos, resta saber se o fenômeno poderia se produzir com a ajuda da força muscular. Essa tentativa foi feita por homens dotados de uma força excepcional, e todos reconheceram a impossibilidade absoluta de levantar essa mesa com uma mão, e ainda menos de fazê-la piruetar no ar; acrescentamos que a compleição física do Sr. Squire não saberia se aliar com uma força hercúlea. Uma vez que o emprego da força física é impossível, que um exame escrupuloso garante contra o uso de qualquer meio mecânico, é necessário bem admitir a ação de uma força sobre-humana. Todo efeito tem uma causa; se a causa não está na humanidade, é preciso, necessariamente, que esteja fora da humanidade, de outro modo dito, na intervenção dos seres invisíveis que nos cercam, quer dizer, dos Espíritos.

Para os Espíritos, o fenômeno produzido pelo Sr. Squire nada tem de novo, senão a forma segundo a qual ele se produz, mas quanto ao fundo, entra na categoria de todos os outros fenômenos conhecidos de levantamento e de deslocamento de objetos, com ou sem contato, de suspensão de corpos pesados no espaço; tem o seu princípio no fenômeno elementar das mesas girantes, cuja teoria completa se encontra em nossa nova obra: *O Livro dos Médiuns*. Quem quer que tenha bem meditado nessa teoria, poderá facilmente se explicar o efeito produzido pelo Sr. Squire; porque, certamente, o fato de uma mesa que, sem o contato de nenhuma pessoa, se destaca do solo, se ergue e se mantém no espaço sem ponto de apoio, é mais extraordinário ainda; podendo-se disso dar-se conta, explicar-se-á muito mais facilmente o outro fenômeno.

Em tudo isso, dir-se-á, o que prova a intervenção dos Espíritos? Se os efeitos fossem puramente mecânicos, nada, é verdade, provaria essa intenção, e bastaria recorrer à hipótese de um fluido elétrico ou outro; mas, do momento em que um efeito é inteligente, deve ter uma causa inteligente: ora, é pelos sinais de inteligência desses efeitos que se reconheceu que sua causa não é exclusivamente material. Falamos de efeitos espíritos em geral, porque há aqueles cujo caráter inteligente é quase nulo, e é o caso do Sr. Squire. Poder-se-ia, pois, supô-lo dotado, à maneira de certas pessoas, de uma força elétrica natural; mas não sabíamos que a luz haja sido um obstáculo à ação da eletricidade ou do fluido magnético. De um outro lado, o exame atento das circunstâncias do fenômeno exclui essa suposição, ao passo que a sua analogia com aqueles que não podem ser produzidos senão pela intervenção de inteligências ocultas é manifesto; é, pois, mais racional alinhá-lo entre estes últimos. Resta a saber como o Espírito, ou o ser invisível, nele se prende para agir sobre a matéria inerte.

Quando uma mesa se move, não é o Espírito que a prende com as mãos e a ergue com a força do braço, pela razão muito simples que, embora tenha um corpo como nós, esse é corpo fluídico e não pode exercer uma ação muscular propriamente dita. Ele satura a mesa com o seu próprio fluido, combinado com o fluido *animalizado* do médium; por esse meio, a mesa é momentaneamente animada de uma vida factícia; ela obedece então à vontade, como o faria um ser vivo; exprime, pelos seus movimentos, a alegria, a cólera e os diversos sentimentos do Espírito que dela se serve; não é ela que pensa, ela não é alegre nem colérica; não é o Espírito que se incorpora nela, porque ele não se metamorfoseia em mesa;

ela não é para ele senão um instrumento dócil, obedecendo à sua vontade, como o bastão que um homem agita e com o qual exprime a ameaça ou diversos sinais. O bastão, nesse caso, é sustentado pelos músculos; mas a mesa, não podendo ser posta em movimento pelos músculos do Espírito, este a agita com o seu próprio fluido que lhe tem o lugar da força muscular. Tal é o princípio fundamental de todos os movimentos em semelhante caso.

Uma questão, mais difícil à primeira vista, é esta: como um corpo pesado pode se destacar do solo e se manter no espaço, contrariando a lei da gravidade? Para disso nos darmos conta, basta nos reportarmos ao que se passa diariamente sob os nossos olhos. Sabe-se que é necessário distinguir, num corpo sólido, o peso da gravidade; o peso é sempre o mesmo, depende da soma das moléculas; a gravidade varia em razão da densidade do meio; por isso, um corpo pesa menos na água do que no ar, e ainda menos no mercúrio. Suponhamos que um quarto, sobre o solo do qual repousa uma mesa pesada, seja de repente cheio de água, a mesa erguerá por si mesma, ou pelo menos, um homem, mesmo uma criança, a erguerá sem esforço. Outra comparação: Que se faça o vácuo sob a campânula pneumática, e num instante o ar de debaixo não fazendo mais equilíbrio com a coluna atmosférica, a campânula adquire um peso tal que o homem mais forte não pode levantá-la; e, todavia, se bem que nem a mesa e nem a campânula ganharam ou perderam um átomo de sua substância, seu peso relativo aumentou ou diminuiu em razão do meio, quer esse meio seja um líquido ou um fluido.

Conhecemos todos os fluidos da Natureza, ou mesmo todas as propriedades daqueles que conhecemos? Seria necessário ser bem presunçoso para crê-lo. Os exemplos que acabamos de citar são comparações: não dizemos semelhanças; é unicamente para mostrar que os fenômenos espíritos, que nos parecem tão estranhos, não o são mais do que aqueles que acabamos de citar, e que podem se explicar, se não pelas mesmas causas, pelo menos por causas análogas. Com efeito, eis uma mesa que perde evidentemente de seu peso aparente em um momento dado, e que, em outra circunstância, adquire um aumento de peso, e esse fato não pode se explicar pelas leis conhecidas; mas como ele se renova, isso prova que está submetido a uma lei que, por ser desconhecida, não existe menos. Qual é essa lei? Os Espíritos a dão; mas na falta da explicação dada por eles, pode-se deduzi-la por analogia, sem recorrer a causas miraculosas ou sobrenaturais.

O fluido universal, assim como o chamam os Espíritos, é o veículo e o agente de todos os fenômenos espíritos; sabe-se que os Espíritos podem modificar-lhe as propriedades segundo as circunstâncias; que é o elemento constitutivo do perispírito, ou envoltório semi-material do Espírito; que, neste último estado, ele pode adquirir a visibilidade e mesmo a tangibilidade; é, pois, irracional admitir que um Espírito, num momento dado, possa envolver um corpo sólido numa atmosfera fluídica, cujas propriedades modificadas em consequência, produzissem, sobre esse corpo, o efeito de um meio mais denso ou mais raro? Nesta hipótese, o levantamento tão fácil de uma pesada mesa pelo Sr. Squire se explica muito naturalmente, assim como todos os fenômenos análogos.

A necessidade da obscuridade é mais embaraçosa. Por que o efeito cessa ao menor contato da luz? O fluido luminoso exerce aqui uma ação mecânica qualquer? Isso não é provável porque fatos do mesmo gênero se produzem perfeitamente à luz do dia. Não se pode atribuir essas singularidades senão à natureza toda especial dos Espíritos que se manifestam por esse médium. Por que por esse médium antes que por outros? Está ainda aí um desses mistérios que só podem penetrar aqueles que estão identificados com os fenômenos tão numerosos e, freqüentemente, tão bizarros do mundo dos invisíveis; só eles podem compreender as simpatias e as antipatias que existem entre os mortos e os vivos.

A que ordem pertencem esses Espíritos? São bons ou maus? Sabemos que machucamos certos amores-próprios terrestres, depreciando o valor dos Espíritos que produzem manifestações físicas; criticaram-nos fortemente por tê-los qualificado de saltimbancos do mundo invisível; para a nossa desculpa, diremos que a palavra não é nossa, mas dos próprios Espíritos; nós lhes pediremos bem perdão, mas não poderá jamais entrar em nosso pensamento que Espíritos elevados venham se divertir fazendo exposições ou outras coisas desse gênero, não mais do que não venha a nos fazer crer que os palhaços, os hérules, os dançarinos de corda e os balladins da praça pública sejam os membros do Instituto. Quem quer que conheça a hierarquia dos Espíritos e sabe que os há de todos os graus de inteligência e de moralidade, e que nelas se encontram tanto mais variedades de aptidão e de caráter do que entre os homens, o que não é de se admirar, uma vez que os Espíritos não são outras coisas que as almas daqueles que viveram; ora, até que provem o contrário, nos permitimos duvidar que Espíritos tais como de Pascal, de Bossuet ou outros, mesmo menos elevados, se coloque às nossas ordens para fazer torneios ou voltear mesas e divertir um círculo de curiosos; pedimos àqueles que pensam de outro modo, se crêem que, depois de sua morte, se resignariam de boa vontade para esse papel de exibição. Há mesmo, entre aqueles que estão às ordens do Sr. Squire, uma servilidade incompatível com a menor superioridade intelectual, de onde concluímos que devem pertencem às classes inferiores, o que não quer dizer que sejam maus; pode-se ser muito bom e muito honesto sem saber ler e nem escrever. Os maus Espíritos são geralmente indóceis, coléricos, e se alegram em fazer o mal; ora, não lembramos que aqueles do Sr. Squire lhe tenham pregado uma peça; eles lhe obedecem com uma docilidade pacífica que exclui toda suposição de malevolência; mas não estão, por isso, aptos a darem dissertações filosóficas. Cremos o Sr. Squire homem de muito bom senso para se formalizar dessa apreciação. Essa sujeição dos Espíritos que o assistem fez com que um dos nossos colegas dissesse que, provavelmente, tinham se conhecido em uma outra existência, onde o Sr. Squire teria exercido sobre eles uma grande autoridade, e que conservam para com ele, na sua existência presente, uma obediência passiva. De resto, não é preciso confundir os Espíritos que se ocupam de efeitos físicos, propriamente ditos, e que se designam mais especialmente sob o nome de Espíritos batedores com aqueles que se comunicam por pancadas; sendo este último meio uma linguagem, talvez empregada pelos Espíritos de todas as ordens como a escrita.

Como dissemos, vimos muitas pessoas que assistiram às experiências do Sr. Squire; mas, entre aquelas que não estavam já iniciadas na ciência espírita, muitas delas saíram muito pouco convencidas, tanto é verdade que só a visão dos efeitos mais extraordinários não basta para levar à convicção; depois de terem ouvido as explicações que lhes demos, sua maneira de ver foi toda diferente. Seguramente, não damos essa teoria como a última palavra, a solução definitiva; mas na falta de poder explicar esses fatos pelas leis conhecidas, se convirá que o sistema que emitimos não está privado do verossímil; admitamo-lo, querendo-se, a título de simples hipótese, e, quando se der uma solução melhor, seremos um dos primeiros a aceitá-la.

Penúria dos médiuns

Revista Espírita, fevereiro de 1861

Embora aparecido há pouco tempo, *O Livro dos Médiuns* já provoca, em várias localidades, o desejo de formar reuniões espíritas íntimas como aconselhamos fazê-lo; mas nos escrevem que estão detidos pela penúria de médiuns; por isso cremos dever dar alguns conselhos sobre os meios de supri-la.

Um médium, e sobretudo um bom médium, sem contradita, é um dos elementos essenciais de toda assembléia que se ocupa de Espiritismo, mas estar-se-ia em erro crendo-se que, na sua falta, não há nada a fazer senão cruzar os braços ou suspender a sessão. Não partilhamos de nenhum modo a opinião de uma pessoa que comparou uma sessão espírita sem médium a um concerto sem músicos. Há, em nossa opinião, uma comparação muito mais justa, é a do Instituto, de todas as sociedades sábias, que sabem utilizar o seu tempo sem terem constantemente, diante deles, os meios de experimentação. Vai-se ao concerto para ouvir a música; é, pois, evidente que, se os músicos estão ausentes, faltou o objetivo; mas numa reunião se vai, ou pelo menos deve-se ir, para se instruir; a questão é saber se se pode fazê-lo sem médium. Seguramente, para aqueles que vão a essas espécies de reuniões com o único objetivo de ver os efeitos, o médium é tão indispensável quanto o músico no concerto; mas para aqueles que procuram, antes de tudo, a instrução, que querem aprofundar as diversas partes da ciência, na falta do instrumento experimentador, têm mais de um meio para supri-lo, é o que vamos tentar explicar.

Diremos primeiro que se os médiuns são comuns, os bons médiuns, na verdadeira acepção da palavra, são raros. A experiência prova, cada dia, que não basta possuir a faculdade mediúnica para ter boas comunicações; vale mais, pois, abster-se de um instrumento do que tê-lo defeituoso. Certamente para aqueles que, nas comunicações, procuram mais o fato do que a qualidade, e que o assistem mais para se distraírem do que para se esclarecerem, a escolha do médium é bastante indiferente, e aquele que produzir o mais será o mais interessante; mas nós falamos daqueles que têm um objetivo mais sério e vêem mais longe; é a estes que nos dirigimos, porque estamos certos de sermos por eles compreendidos.

Por outro lado, os melhores médiuns estão sujeitos a intermitências mais ou menos longas, durante as quais há suspensão, total ou parcial, da faculdade medianímica, sem falar das numerosas causas acidentais que podem, momentaneamente, privar de seu concurso. Acrescentamos igualmente que os médiuns completamente flexíveis, aqueles que se prestam a todos os gêneros de comunicações, são mais raros ainda; têm geralmente aptidões especiais das quais importa não desviá-los. Vê-se, pois, que, a menos que possam ser substituídos, isso pode ocorrer, no momento em que menos se espera, e seria deplorável que, em semelhante caso, se estivesse obrigado a interromper os trabalhos.

O ensino fundamental que se vem procurar nas reuniões espíritas sérias, sem dúvida, é dado pelos Espíritos; mas que fruto um aluno retiraria das lições do mais hábil professor se, de sua parte, não trabalhasse, se não meditasse sobre o que ouviu? Que progressos faria a sua inteligência se tivesse constantemente o mestre ao seu lado para lhe preparar o seu trabalho, e poupar-lhe a pena de pensar? Nas assembléias espíritas os Espíritos preenchem dois papéis: uns são os professores que desenvolvem os princípios da ciência, elucidam os pontos duvidosos, ensinam sobretudo as leis da verdadeira moral; os outros são os sujeitos de

observação e de estudo, que servem de aplicação; dada a lição, sua tarefa termina e a nossa começa: é a de trabalhar sobre o que nos foi ensinado, a fim de melhor apreender, de melhor agarrar-lhe o sentido e a importância. É a fim de nos deixar o ócio de fazer o nosso dever (que se nos perdoe esta comparação clássica) que os Espíritos suspendem, algumas vezes, as comunicações. Eles querem bem nos instruir, mas com uma condição, que os secundemos pelos nossos esforços; deixam de repetir, sem cessar, a mesma coisa inutilmente; se não são escutados, eles se retiram para dar o tempo de reflexão.

Na ausência de médiuns, uma reunião que se propõe outra coisa além de ver manobrar um lápis, tem mil meios de utilizar o seu tempo de maneira proveitosa. Limitamo-nos a indicar, sumariamente, alguns:

1º Rer e comentar as antigas comunicações, das quais um estudo mais aprofundado fará melhor apreciar o valor.

Objetando-se que isso seria uma ocupação fastidiosa e monótona, diríamos que não se deixe de ouvir um belo trecho de música e poesia; que depois de ter escutado um eloquente sermão, gostar-se-ia de poder lê-lo maduramente e com reflexão; que há certas obras que são relidas vinte vezes, porque cada vez nela se descobre alguma coisa de novo. Aquele que não é tocado senão pelas palavras, se aborrece de ouvir somente duas vezes a mesma coisa, fosse ela sublime; necessita de algo novo para interessá-lo, ou melhor, para diverti-lo; aquele que pensa num sentido maior: está tocado pelas idéias mais do que pelas palavras; é porque gosta de ouvir ainda o que vai até o seu Espírito, sem se deter no ouvido.

2º Contar os fatos dos quais tem conhecimento, discuti-los, comentá-los, explicá-los pelas leis da ciência espírita; examinando-lhe a possibilidade ou a impossibilidade; ver o que têm de provável ou de exagero; ter em conta a imaginação e a superstição, etc.

3º Ler, comentar e desenvolver cada artigo de *O Livro dos Espíritos*, e de *O Livro dos Médiuns*, assim como todas as obras sobre o Espiritismo.

Pensamos que nos desculpem aqui citar as nossas próprias obras, o que é bastante natural uma vez que estão escritas para isso; de resto, não é de nossa parte senão uma indicação e não uma recomendação expressa; aqueles a quem não conviria, estão perfeitamente livres para deixá-las de lado. Longe de nós a pretensão de crer que não se possa fazer melhor e nem tão bem, cremos apenas que a ciência ali está, até este dia encarada de maneira mais completa do que em muitas outras, e que respondem a um maior número de perguntas e objeções; é a esse título que a recomendamos; quanto ao seu mérito intrínseco, só o futuro lhe será o grande juiz.

Daremos, um dia, um catálogo *lógico* das obras que trataram, direta ou indiretamente, da ciência espírita, na antigüidade e nos tempos modernos, na França ou no exterior, entre os autores sacros ou profanos, quando tivermos reunidos os elementos necessários. Esse trabalho é naturalmente muito longo, e estaríamos muito reconhecidos às pessoas que quisessem no-lo facilitar, fornecendo documentos e indicações.

4º Discutir os diferentes sistemas sobre a interpretação dos fenômenos espíritas. Recomendamos a esse respeito a obra do *Sr. de Mirville* e a do *Sr. Louis Figuier*, que são as mais importantes. O primeiro é rico em fatos do mais alto interesse e hauridos em fontes autênticas. Só a conclusão do autor é contestável, porque ele não vê por toda a parte senão demônios. É Verdade que o acaso o serviu segundo os seus gostos, colocando-lhe sobre os

olhos aqueles que poderiam melhor servi-lo, ao passo que lhes escondeu os inumeráveis fatos que a própria religião olha como a obra dos anjos e dos santos.

A história do maravilhoso nos tempos modernos, pelo Sr. Figuier, é interessante sob outro ponto de vista. Há também fatos longamente e minuciosamente narrados que aí se encontram, não se sabe bem porquê, mas que é bom conhecer. Quanto aos fenômenos espíritas, propriamente ditos, ocupa a parte menos considerável de seus quatro volumes. Ao passo que o Sr. de Mirville explica tudo pelo diabo, que outros explicam tudo pelos anjos, o Sr. Figuier, que não crê nem nos diabos, nem nos anjos, nem nos Espíritos bons ou maus, explica tudo, ou crê tudo explicar, pelo organismo humano. O Sr. Figuier é um sábio; ele escreve seriamente, e se apoia sobre o testemunho de *alguns* sábios; pode-se, pois, olhar-se o livro como a última palavra da ciência oficial sobre o Espiritismo, e essa palavra é: *A negação de todo princípio inteligente fora da matéria*. Estamos tristes de que a ciência seja posta a serviço de uma causa tão triste, ela, porém, não é disso responsável, ela que desvenda sem cessar as maravilhas da criação, e que escreve o nome de Deus sobre cada folha, sobre a asa de cada inseto; os culpados são aqueles que se esforçam em persuadir em seu nome de que, depois da morte, não há mais esperança.

Os Espíritas verão, pois, por esse livro, em que se reduzem os raios terríveis que devem aniquilar as suas crenças; aqueles que o medo de um fracasso poderia abalar, serão fortalecidos vendo a pobreza dos argumentos que lhe são opostos, as contradições sem número que resultam da ignorância e da falta de observação dos fatos. Sob esse aspecto, essa leitura pode lhe ser útil, não fosse senão para poder dele falar com mais conhecimento de causa, o que não o faz o autor a respeito do Espiritismo, que ele nega sem tê-lo estudado, pelo único motivo que ele nega toda força extra-humana. Não é de se temer o contágio de semelhantes idéias; elas carregam consigo o seu antídoto: a repulsa instintiva do homem pelo nada. Proibir um livro é provar que se o teme; nós convidamos a ler o do Sr. Figuier.

Se a pobreza dos argumentos contra o Espiritismo é manifesta nas obras sérias, sua nulidade é absoluta nas diatribes e artigos difamatórios onde a raiva impotente se trai pela grosseria, Pela injúria e pela calúnia. Seria dar muita honra a semelhantes escritos, lê-los em reuniões sérias; nada têm a refutar, nem a discutir, por consequência, nada para aprender: não há senão que desprezá-los.

Vê-se, pois, que fora das instruções dadas pelos Espíritos, há ampla matéria para um trabalho útil; acrescentaremos mesmo que serão hauridas nesse trabalho numerosos elementos de estudo para submeter aos Espíritos, pelas perguntas às quais, inevitavelmente, darão lugar. Mas, se for preciso, pode-se suprir a ausência momentânea de médiuns, e seria errado disso induzir que se pode passar indefinidamente sem eles; não é preciso, pois, nada negligenciar para se proporcionar isso; o melhor, para uma reunião é tomá-los em seu próprio seio, e querendo-se bem reportar-se ao que dissemos, a esse respeito, em nossa última obra, páginas 306 e 307, ver-se-á que o meio é mais fácil do que se crê.

Carta sobre a incredulidade

Revista Espírita, fevereiro de 1861

(Continuação e fim. [Vede número de janeiro de 1861](#), página 15.)

Desde que o homem existe sobre a Terra, existem os Espíritos; e, desde então também, os Espíritos se manifestaram aos homens. A história e a tradição formigam de provas a esse respeito; mas, seja porque uns não compreendessem os fenômenos dessas manifestações, seja porque outros não ousassem divulgá-las, de medo da prisão ou da fogueira, seja que esses fatos fossem levados à conta da superstição ou do charlatanismo pelas pessoas muito prevenidas, ou que tinham interesse em que não se fizesse a luz; seja, enfim, porque fossem levadas à conta do demônio por uma outra classe de interesses, é certo que, até estes últimos tempos, esses fenômenos, embora bem constatados, não tinham ainda sido explicados de modo satisfatório, ou que, pelo menos, a verdadeira teoria não tinha ainda penetrado no domínio público, provavelmente porque a Humanidade ainda não estava madura para isso, como para muitas outras coisas maravilhosas que se cumprem em nossos dias. Estava reservado à nossa época ver eclodir, no mesmo meio século, o vapor, a eletricidade, o magnetismo animal, eu entendo, pelo menos, como ciências aplicadas, e, enfim, o Espiritismo, o mais maravilhoso de todos, quer dizer, não só a constatação material da nossa existência imaterial e da nossa imortalidade, mas ainda o estabelecimento de relações materiais, por assim dizer, e constantes entre o mundo invisível e nós. Quantas conseqüências incalculáveis não devem nascer de um acontecimento tão prodigioso! Mas, para não falar senão daquilo que, atualmente, mais impressiona a generalidade dos homens, da morte, por exemplo, não a vemos reduzida ao seu verdadeiro papel de acidente natural, necessário, eu diria mesmo feliz, e perdendo assim todo o seu caráter de acontecimento doloroso e terrível, uma vez que, para aquele que a suporta, ela é um momento do despertar; uma vez que, desde o dia seguinte da morte de um ser querido, nós outros que ficamos, podemos continuar as nossas relações íntimas no passado! Não há de mudança senão as nossas relações materiais; não o vemos mais, não o tocamos mais, não ouvimos mais a sua voz; mas nós continuamos a trocar com ele os nossos pensamentos, como quando vivo, e, freqüentemente, muito mais frutuosamente para nós. Que resta, depois disso, de tão doloroso! E, acrescentando-se, ao que precede, essa certeza de que não estamos mais separados dele senão por alguns anos, alguns meses, alguns dias talvez, tudo isso não é feito para transformar em um simples acontecimento útil aquele que, até hoje, com quase poucas exceções, os mais decididos não podiam encarar sem medo, e que, certamente, faz o tormento incessante de toda a existência de muitos homens? Mas eu me afastei do assunto.

Antes de te explicar a prática muito simples das comunicações, eu gostaria de tentar te dar uma idéia da teoria fisiológica que me foi dado fazer. Eu não tá dou por certa, porque não a vi ainda explicada pela ciência; mas me parece, pelo menos, que deve ser alguma coisa próxima disso.

O Espírito age sobre a matéria tanto mais facilmente quanto ela esteja disposta de um modo mais próprio para receber a sua ação, é por isso que não age diretamente sobre toda a espécie de matéria, mas poderia agir indiretamente, se se encontrasse, entre essa matéria e ele, certas substâncias de uma organização graduada que colocam os dois extremos em relação, quer dizer, a matéria mais bruta em relação com o Espírito. Assim é que o Espírito

de um homem vivo desloca blocos de pedras muito pesados, os configura, os coordena com outros e deles forma um todo que chama uma casa, uma coluna, uma igreja, um palácio, etc. Foi o homem-corpo que fez tudo isso? Quem ousaria dizê-lo?... Sim, foi ele que fez isso, como é uma pena que escreve esta carta; mas eu volto, porque me sinto ainda indo à deriva.

Como o Espírito se põe em relação com o pesado bloco que ele quer deslocar? Por meio da matéria escalonada entre ele e o bloco; a alavanca põe o bloco em relação com a mão; a mão põe a alavanca em relação com os músculos; os músculos colocam a mão em relação com os nervos; os nervos metem os músculos em relação com o cérebro, e o cérebro coloca os nervos em relação com o Espírito, a menos que não haja ainda uma matéria mais delicada, um fluido que coloca o cérebro em relação com o Espírito. Qualquer que seja, um intermediário de mais ou de menos, não infirma a teoria; que o Espírito agisse de primeira ou de segunda mão sobre o cérebro, trata-se sempre de muito perto; de sorte que, retomando a coloque em relação com o reverso, ou antes, em sua ordem natural, eis o Espírito agindo sobre uma matéria extremamente delicada, organizada pela sabedoria do Criador de maneira própria a receber diretamente, ou quase diretamente, a ação de sua vontade; essa matéria, que é o cérebro, age, por meio de suas ramificações que chamamos os nervos, sobre uma outra matéria menos delicada, mas que ainda bastante para receber a ação desta, e que são os músculos; os músculos imprimindo movimento à parte sólida que são os ossos do braço e da mão, enquanto que as outras partes do vigaento ósseo, recebendo a mesma ação servem de ponto de apoio ou escora. A parte óssea, quando não é ainda bastante forte por si mesma, ou bastante extensa para agir diretamente, multiplica a sua força com a ajuda da alavanca, e, eis o pesado bloco inerte, obedecendo docilmente à vontade do Espírito que, sem essa hierarquia intermediária, não teria nenhuma ação sobre ele.

Procedendo do mais para o menos, eis os menores fatos do Espírito explicados, do mesmo modo que procedendo no sentido contrário, vê-se como o Espírito pode chegar a transpor as montanhas, secar os lagos etc., e em tudo isso, o corpo desaparece quase no meio da multidão de instrumentos necessários, e entre os quais não faz senão desempenhar o primeiro papel.

Eu quero escrever uma carta; o que me é necessário fazer? Colocar uma folha de papel em relação com o meu Espírito, como ainda há pouco o colocava como bloco de pedra; substituo a alavanca pela pena e a coisa está feita. Eis a folha de papel repetindo o pensamento do meu Espírito, como ainda há pouco o movimento impresso ao bloco manifestava a sua vontade.

Se meu Espírito quer transmitir mais diretamente, mais instantaneamente, seu pensamento ao teu, e que nada a isso se oponha, tais como a distância ou a interposição de um corpo sólido, sempre por meio do cérebro e dos nervos, ele põe em movimento o órgão da voz que, ferindo o ar de diversas maneiras, produz certos sons variados e convencionados representando o pensamento, os quais vão repercutir em teu órgão auditivo que o transmite ao teu Espírito, por meio de teus nervos e de teu cérebro; é sempre o pensamento manifestado e transmitido por uma série de agentes materiais, graduados e interpostos entre seu princípio e seu objeto.

Se a teoria que precede é verdadeira, parece-me que nada é mais fácil agora senão explicar o fenômeno das manifestações espíritas, e particularmente da escrita mediúnica, a única que nos ocupa neste momento.

Sendo a substância física idêntica entre todos os Espíritos, seu modo de ação sobre a matéria deve ser o mesmo para todos; só o seu poder pode variar de graus. A matéria dos nervos

estando organizada de modo a poder receber a ação de um Espírito, não há razão para que ela não possa receber a ação de um outro Espírito, cuja natureza não difere da do primeiro; e uma vez que a substância de todos os Espíritos é da mesma natureza, todos os Espíritos devem estar aptos a exercer, não diria a mesma ação, mas o mesmo modo de ação sobre a mesma substância, todas as vezes que eles se colocam na medida de poder fazê-lo; ora, é o que acontece na evocação.

O que é a evocação?

É o ato pelo qual um Espírito, titular de um corpo, pede um outro Espírito, ou, muito simplesmente, lhe permite servir-se de seu próprio órgão, de seu próprio instrumento, para manifestar o seu pensamento ou a sua vontade.

O Espírito titular não abandona por isso o seu corpo, mas pode bem neutralizar, momentaneamente, sua própria ação sobre o órgão da transmissão, e deixá-la assim à disposição do outro que não pode, todavia, dele se servir senão quanto apraza ao primeiro permiti-lo, em virtude deste axioma do direito natural de que cada um deve ser senhor de si mesmo. Entretanto, é necessário dizer-lo bem, ocorre no Espiritismo, como nas sociedades humanas, que esse direito de propriedade não é sempre escrupulosamente respeitado pelos senhores Espíritos, e que mais de um médium se encontrou, mais de uma vez, muito surpreso por ter dado hospitalidade a hóspedes que não convidara e ainda menos desejara; mas está aí um dos mil pequenos desagradados da vida, que é necessário suportar, tanto mais que, na espécie, tem sempre um lado útil, não fosse senão com o fim de nos provar, ao mesmo tempo que são a prova mais manifesta da ação de um Espírito estranho sobre o nosso órgão, nos fazendo escrever coisas que estávamos longe de prever, ou que não estamos de nenhum modo ciosos de ouvir. Contudo, isso não ocorre aos médiuns senão em seu início; quando estão formados, isso não ocorre mais, ou, pelo menos, não se deixam mais prender nisso.

Cada um está apto para ser médium? Naturalmente isso deveria ser, em graus diferentes todavia, como com aptidões diversas; está aí a opinião do Sr. Kardec. Há médiuns escreventes, médiuns videntes, médiuns audientes, médiuns intuitivos, quer dizer, os Médiuns que escrevem, que são os mais numerosos e mais úteis; os médiuns que vêem os Espíritos; outros que os ouvem e conversam com eles como com os vivos: estes são raros; outros que recebem os pensamentos do Espírito evocado em seu cérebro, e os transmitem pela palavra. Um Médium possui raramente várias dessas faculdades ao mesmo tempo. Há ainda médiuns de um outro gênero, quer dizer, cuja presença somente em um lugar qualquer permite aos Espíritos aí se manifestarem, seja por um ruído, tais como as pancadas, seja pelo movimento dos corpos, tal qual o deslocamento de uma mesinha, o erguimento de uma cadeira, de uma mesa ou de qualquer outro objeto. Foi por esse meio que os Espíritos começaram a se manifestar e a revelar a sua existência. Ouviste falar das mesas girantes e da dança das mesas, disso riste e eu também; pois bem! Foram os primeiros meios que os Espíritos empregaram para atrair a atenção; foi assim que se reconheceu a sua presença; depois do que, com a ajuda da observação e do estudo, chegou-se a descobrir, nos homens, faculdades até então ignoradas, por meio das quais se pode entrar em comunicação direta com os Espíritos. Tudo isso não é maravilhoso? E, todavia, isso não é senão natural; somente, eu o repito, estava reservado à nossa época de fazer a descoberta e a aplicação dessa ciência, como de muitos outros segredos maravilhosos da Natureza.

Agora, para se pôr em relação com os Espíritos, ou pelo menos para ver se se está apto para fazê-lo pela escrita, toma-se uma folha de papel branco e um lápis que marque bem, colocando-se em posição de escrever. É sempre bom começar dirigindo uma prece a Deus,

depois evoca-se um Espírito, quer dizer, roga-se-lhe consentir em se comunicar conosco e nos fazer escrever; depois espera-se, sempre na mesma posição.

Há pessoas que têm a faculdade medianímica de tal modo desenvolvida, que escrevem tudo do início; outras, ao contrário, não vêem essa faculdade se desenvolver nelas senão com o tempo e a perseverança. Neste último caso, renova-se a sessão cada dia, e para isso um quarto de hora basta; é inútil nisso passar mais tempo; mas, tanto quanto possível, é necessário renová-la todos os dias, sendo a perseverança uma das primeiras condições de sucesso.

É necessário também fazer a prece e a evocação com fervor; repeti-la mesmo algumas vezes durante o exercício; ter uma vontade firme, um grande desejo de vencer e sobretudo, nenhuma distração. Quando uma vez se conseguiu escrever, estas últimas preocupações tornam-se inúteis.

Quando se deve logo escrever, sente-se ordinariamente um ligeiro estremeamento na mão, precedido algumas vezes de um ligeiro adormecimento da mão e do braço, algumas vezes mesmo de uma leve dor nos músculos do braço e da mão; esses são sinais precursores e quase sempre certos de que o momento do sucesso não está longe; é algumas vezes imediato, de outras vezes, se faz ainda esperar de um ou vários dias, mas jamais tarda muito; somente, para ali chegar, é necessário mais ou menos tempo, o que pode variar de um instante a seis meses, mas eu to repito, um quarto de hora de exercício por dia basta.

Quanto aos Espíritos que podem ser evocados, para essas espécies de exercícios preparatórios, é preferível dirigir-se ao seu

Espírito familiar que está sempre ali e não nos deixa nunca, ao passo que os outros Espíritos podem ali não estar senão momentaneamente, e não mais se encontrar no momento em que os evocamos, e estar então, por uma causa qualquer, na impossibilidade de atender ao nosso chamado, o que ocorre algumas vezes.

O Espírito familiar, que confirma, até certo ponto, a teoria católica do anjo guardião, não é, entretanto, inteiramente tal como no-lo representa o dogma católico. É muito simplesmente o Espírito de um mortal que viveu como nós, mas que está sempre mais avançado que nós e nos é, por conseqüência, infinitamente superior em bondade e em inteligência; que cumpre aí uma missão meritória para ele, proveitosa para nós, e nos acompanha assim neste mundo e no outro, até que seja chamado para uma nova encarnação, ou até que nós mesmos, chegados a um certo grau de superioridade, sejamos chamados a cumprir, na outra vida, uma missão semelhante junto de um mortal menos avançado do que nós.

Tudo isto, meu caro amigo, entra maravilhosamente, como o vês, nas nossas idéias de solidariedade universal. Tudo isto, em nos mostrando esta solidariedade estabelecida de todos os tempos e funcionando constantemente entre o mundo invisível e nós, nos prova, certamente, que não é uma utopia de concepção humana, mas bem uma das leis da Natureza; que os primeiros pensadores que a pregaram não a inventaram, mas somente a descobriram; e que, enfim, estando nas leis da Natureza, ela está chamada fatalmente a se desenvolver nas sociedades humanas, apesar das resistências e dos obstáculos que poderão ainda lhe opor os seus cegos adversários (1-(1) Por pouco que os fatos mais naturais, mas ainda não explicados, se prestem a maravilhoso, cada um sabe com que agilidade a zombaria deles se apodera e com que audácia os explora; está aí, talvez, ainda um dos maiores obstáculos à descoberta e sobretudo à vulgarização da verdade).

Não me resta mais senão te falar da maneira de evocar. É a coisa mais simples. Não há para isso nenhuma forma cabalística, nenhuma fórmula obrigatória; tu te diriges ao Espírito nos termos que te convém; eis tudo.

Para te fazer melhor compreender, todavia, a simplicidade da coisa, vou dizer-te a fórmula que eu mesmo emprego:

"Deus Todo-poderoso! Permitti ao bom anjo (ou ao Espírito de um tal, preferindo-se evocar um outro Espírito) de se comunicar comigo e de me fazer escrever." Ou bem ainda:

"Em nome de Deus Todo-Poderoso, peço ao meu bom anjo (ou ao Espírito de...) se comunicar comigo."

Agora, queres saber o resultado da minha própria experiência; ei-lo:

Depois de mais ou menos seis semanas de exercícios infrutíferos, um dia, senti minha mão tremer, se agitar e traçar de repente, com o lápis, caracteres informes. Nos exercícios seguintes, esses caracteres, embora sempre ininteligíveis, se tomaram mais regulares; eu escrevia linhas e páginas com a rapidez de minha escrita comum, mas sempre ilegíveis. De outras vezes, eu traçava rubricas de todas as espécies, pequenas, grandes, algumas vezes de todo o papel. Algumas vezes eram linhas direitas, ora de alto a abaixo, ora atravessadas. De outras vezes, eram círculos, ora grandes, ora pequenos, e algumas vezes tão repetidos uns sobre os outros, que a folha de papel ficava toda enegrecida pelo lápis.

Enfim, depois de um mês de exercício mais variado, mas também o mais insignificante, comecei a me aborrecer, e pedia ao meu Espírito familiar para me fazer traçar letras, ao menos se não pudesse me fazer escrever palavras; eu obtinha, então, todas as letras do alfabeto, mas não pude obter mais.

Nesses intervalos, minha mulher, que sempre teve o pressentimento de não possuir a faculdade medianímica, se decidiu entretanto tentá-la e, ao cabo de quinze dias de espera, se pôs a escrever correntemente e com uma grande facilidade; mas, mais feliz do que eu, ela o fazia muito corretamente e muito legivelmente.

Um dos nossos amigos conseguiu, desde o segundo exercício, a rabiscar como eu, mas isso foi tudo. Não nos desencorajamos por isso; estamos convencidos de que é uma prova e que, cedo ou tarde, nós escreveremos; não é preciso senão a paciência, é fácil.

Numa outra carta, eu te entreterei com as comunicações que recebemos por minha mulher, e que, bastante singulares por si mesmas, são sobretudo muito concludentes pela existência dos Espíritos. Temos bastante por hoje; tinha a te fazer uma exposição que, se bem que muito sumária, entretanto, pode abarcar o conjunto da teoria espírita. Isto bastará, eu o espero, para excitar a tua curiosidade, e sobretudo despertar o teu interesse; a leitura das obras especiais, às quais isto vai te dispor, fará o resto.

Esperando a obra prática da qual te falei, enviarei muito proximamente a obra filosófica intitulada: *O Livro dos Espíritos*.

Estuda, lê, relê, experimenta, trabalha, e sobretudo não desanimes nunca: a coisa vale a pena.

E, além disso, não prestes atenção aos risos; já há muitos que não riem mais, se bem que estejam ainda na posse de todos os órgãos que lhes serviam há algum tempo.

A ti e até breve, CANU.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, fevereiro de 1861

O suicídio de um ateu

O Sr. J. B. D..., evocado a pedido de um de seus pais, era um homem instruído, mas imbuído ao último grau de idéias materialistas, não crendo nem em sua alma nem em Deus. Afogou-se voluntariamente há dois anos.

1. *Evocação.* - R... Eu sofro! Sou condenado.

2. Fomos rogados a vos chamar, da parte de um de vossos parentes, que deseja conhecer a vossa sorte; quereis nos dizer se a nossa evocação vos é agradável ou penosa? - R. Penosa.

3. A vossa morte foi voluntária? - R. Sim.

Nota. O Espírito escreveu com extrema dificuldade; a escrita era muito grande, irregular, convulsiva e quase ilegível. No seu início, mostra cólera, quebra um lápis e rasga o papel.

4. Tende mais calma; todos nós rogamos a Deus por vós. - R. Eu sou forçado em acreditar em Deus.

5. Que motivo pôde vos levar a vos destruir? -R. Aborrecimento da vida sem *esperança*.

Nota. Concebe-se o suicídio quando a vida é sem *esperança*; quer-se escapar da infelicidade a todo preço; com o Espiritismo, o futuro se abre e a *esperança* se legitima; o suicida não tem, pois, mais objetivo: bem mais, reconhece-se que, por esse meio, não se escapa de um mal senão para cair em um outro que é cem vezes pior. Eis porque o Espiritismo já arrancou tantas vítimas à morte involuntária. Estão, pois, errados, e são sonhadores aqueles que procuram, antes de tudo, o fim moral e filosófico? São culpáveis aqueles que se esforçam em acreditar *por sofismas científicos, e supostamente em nome da razão*, essa idéia desesperadora, fonte de tantos males e de crimes, que tudo acaba com a vida! Serão responsáveis, não só pelos seus próprios erros, mas de todos os males dos quais tiverem sido a causa.

6. Quisestes escapar às vicissitudes da vida; com isso ganhastes alguma coisa? Sois mais feliz agora? - R. Por que o nada não existe?

7. Quereis ser bastante bom para nos descrever a vossa situação, o melhor que puderdes. - R. Eu sofro por estar obrigado a crer em tudo o que negava. A minha alma está como num braseiro; ela está horrivelmente atormentada.

8. De onde vos vieram as idéias materialistas que tínheis quando vivo? - R. Numa outra existência, eu fui mau, e o meu Espírito estava condenado a sofrer os tormentos da dúvida durante a minha vida; também me matei.

Nota. Há aqui toda uma ordem de idéias. Pergunta-se, freqüentemente, como pode haver materialista, uma vez que tendo já passado pelo mundo espírita dever-se-ia ter dele a intuição; ora, é precisamente essa intuição que é recusada, como castigo a certos Espíritos que conservaram o seu orgulho, e não se arrependeram de suas faltas. A Terra, é preciso que não se esqueça, é um lugar de expiação; eis porque ela encerra tantos maus Espíritos encarnados.

9. Quando vos afogastes, que pensáveis que vos adviria? Que reflexões fizestes naquele momento? - R. Nenhuma; era o nada para mim. Vi depois que não tendo cumprido a minha pena, sofri toda a minha condenação, e a irei ainda muito sofrer.

10. Agora estais bem convencido da existência de Deus, da alma e da vida futura? - R. Ai de mim! Não sou senão muito atormentado por isso!

11. Tornastes a ver a vossa mulher e o vosso irmão? - R. Oh! Não.

12. Por que isso? - R. Por que reunir os nossos tormentos? Exila-se na infelicidade, não se reúne senão na felicidade; ai de mim!

13. Ficaríeis satisfeito em rever o vosso irmão, que poderíamos chamar aqui, ao vosso lado? - R. Não, não; eu estou muito baixo.

14. Por que não quereis que o chamemos? - R. É que ele não é feliz, ele não mais do eu.

15. Temeis a sua visão; entretanto, isso poderia vos fazer bem? - R. Não; mais tarde.

16. Vosso parente me pede para vos perguntar se assististes ao vosso enterro, e se ficastes satisfeito com o que ele fez nessa ocasião? - R. Sim.

17. Desejais lhe dizer alguma coisa? - R. Que se ore um pouco por mim.

18. Parece que na sociedade que freqüentáveis, algumas pessoas partilham as opiniões que tínheis quando vivo; teríeis alguma coisa a lhes dizer a esse respeito? - R. Ah! Os infelizes! Possam crer em uma outra vida! É o que posso desejar-lhes de mais feliz; poderiam compreender a minha triste posição, isso os faria refletir muito.

Evocação do irmão do precedente, professando as mesmas idéias, mas que não se suicidou. Embora infeliz, é mais calmo; sua escrita é limpa e legível.

19. Evocação. - R. Possa o quadro de nossos sofrimentos vos ser uma lição útil, e vos persuadir de que existe uma outra vida, onde se expiam as suas faltas, a sua incredulidade!

20. Vós e o vosso irmão que acabamos de chamar vos vedes reciprocamente? - R. Não, ele me foge.

21. Estais mais calmo do que ele; poderíeis nos dar uma descrição mais precisa dos vossos sofrimentos? - R. Sobre a Terra não sofreis em vosso amor-próprio, em vosso orgulho, quando sois obrigado a convir com os vossos erros? O vosso Espírito não se revolta ao pensamento de vos humilhar diante daquele que vos demonstrou que estais no erro? Pois bem! O que credes que sofre o Espírito que, durante toda uma existência, persuadiu-se de que nada existe depois dele, que ele tem razão contra todos? Quando de repente se encontra em face da estrondosa verdade, ele é aniquilado, humilhado. A isso vem se juntar o remorso por ter podido, por tanto tempo, esquecer a existência de um Deus tão bom, tão indulgente. Seu estado é insuportável; não encontra nem calma, nem repouso; não reencontrará um pouco de tranqüilidade senão no momento em que a graça santa, quer dizer, o amor de Deus, o tocar, porque o orgulho se apodera de tal modo do nosso Espírito, que o envolve inteiramente, e é preciso ainda muito tempo para se desfazer dessa vestimenta fatal; o que não é senão as preces de nossos irmãos que pode nos ajudar a dele nos desembaraçarmos.

22. Quereis falar dos vossos irmãos vivos ou em Espírito? - R. De uns e de outros.

23. Enquanto conversávamos com o vosso irmão, uma pessoa aqui presente orou por ele; essa prece lhe foi útil? - R. Ela não estará perdida. Se ele recusa a graça agora, isso lhe virá, quando estiver em estado de recorrer a esta divina *panacéia*.

O resultado dessas duas evocações, sendo transmitido à pessoa que nos pedira para fazê-las, recebemos dela a resposta seguinte:

"Não podeis crer, senhor, o grande bem produzido pela evocação de meu sogro e de meu tio. Reconhecemo-los perfeitamente; sobretudo a escrita do primeiro tem uma analogia marcante com aquela que tinha quando vivo, tanto melhor que, durante os últimos meses que passou conosco, ela era brusca e indecifrável; nela se encontra a mesma forma das pernas das letras do parágrafo e de certas letras, principalmente os d, f, o, p, q, t. Quanto às palavras, às expressões e ao estilo, é ainda mais surpreendente; para nós a analogia é perfeita, senão que está mais esclarecido sobre Deus, a alma e a eternidade que negava tão formalmente outrora. Estamos perfeitamente convencidos de sua identidade; Deus nisso será glorificado pela vossa crença mais firme no Espiritismo e nossos irmãos, Espíritos ou viventes, com isso se tornarão melhores. A identidade de seu irmão não é menos evidente; com a diferença imensa do ateu ao crente, reconhecemos o seu caráter, o seu estilo, as suas formas de frases; uma palavra sobretudo nos surpreendeu, é a de *panacéia*; era a sua palavra habitual; Ele a dizia e repetia a todos e a cada instante.

"Comuniquei essas duas evocações a várias pessoas que se surpreenderam com a sua veracidade; mas os incrédulos, aqueles que partilham as opiniões de meus dois parentes, gostariam de respostas ainda mais categóricas; que o Sr. D..., por exemplo, precisasse o lugar onde foi enterrado, aquele onde se afogou, de qual maneira fez isso, etc. Para satisfazê-los e convencê-los, não poderíeis evocá-lo de novo, e, nesse caso, poderíeis dirigir-lhe as perguntas seguintes: Onde e quando se cumpriu o seu suicídio? Quanto tempo ele permaneceu soba água? - Em que lugar seu corpo foi encontrado? - Em que lugar foi enterrado? - De que maneira, civil e religiosa, foi procedida a sua inumação? etc.

"Consenti, eu vos peço, senhor, fazer responder categoricamente a estas perguntas que são essenciais para aqueles que ainda duvidam; estou persuadido do bem imenso que isso produzirá. Espero que a minha carta vos chegue amanhã, sexta-feira, a fim de que possais fazer essa evocação na sessão da Sociedade que deve ocorrer nesse dia... etc."

Reproduzimos esta carta, por causa de um fato de identidade que ela constata; a ela

juntamos a resposta que demos, para a instrução de pessoas que não estão familiarizadas com as comunicações de além-túmulo.

"... As perguntas que pedis para serem dirigidas de novo ao Espírito de vosso sogro, são, sem dúvida, ditadas por uma louvável intenção, a de convencer incrédulos; porque, em vós não se mistura nenhum sentimento de dúvida e de curiosidade; mas um mais perfeito conhecimento da ciência espírita vos faria compreender que elas são supérfluas. - Primeiro, pedindo-me para responder categoricamente ao senhor vosso padraço, ignorais sem dúvida que não se governa os Espíritos à vontade; eles respondem quando querem, como querem, e, freqüentemente, como podem; a sua liberdade de ação é ainda maior do que quando vivos, e têm mais meios para escaparem ao constrangimento moral do que se poderia exercer sobre eles. As melhores provas de identidade são aquelas que eles dão espontaneamente, por sua própria vontade, ou que nascem de circunstâncias, e é, na maioria do tempo, em vão que se procure provocá-los. Vosso parente provou a sua identidade de maneira irrecusável, segundo vós; é, pois, mais que provável que recusaria responder a perguntas que, com razão, pode olhar como supérfluas e tendo em vista satisfazer a curiosidade de pessoas que lhe são indiferentes. Ele poderia responder, como freqüentemente fazem outros Espíritos em semelhante caso: "Por que me perguntar coisas que sabeis?" Acrescentarei mesmo que o estado de perturbação e de sofrimento, em que se encontra, deve lhe tornar mais penosas as procuras desse gênero; é absolutamente como se se quisesse constranger um enfermo que pode com dificuldade pensar e falar, a contar detalhes de sua vida; isso seria, seguramente, faltar à consideração que se deve em sua posição.

"Quanto ao resultado que esperais, seria nulo, estejais disto persuadido. As provas de identidade que foram fornecidas têm um valor bem maior, por isso mesmo que são espontâneas e que nada podia colocar sobre o caminho; se os incrédulos com elas não estão satisfeitos, não o estariam mais, talvez menos ainda, por perguntas previstas e que poderiam suspeitar de conivência. Há pessoas a quem nada pode convencer; elas veriam com seus olhos o Sr. vosso sogro em pessoa, e se diriam um joguete de alucinação. O que há de melhor a fazer com eles é deixá-los tranquilos e não perder seu tempo com discursos supérfluos; não há senão que lamentá-los, porque não aprenderão senão muito depressa, às suas custas, o que custa por ter recusado a luz que Deus lhes enviava; é contra estes, sobretudo, que Deus faz manifestar-se a severidade."

"Duas palavras ainda, senhor, sobre o pedido que me fazeis de fazer essa evocação, no mesmo dia em que recebesse a vossa carta. As evocações não se fazem assim com uma varinha; os Espíritos não respondem sempre ao nosso chamado; é necessário, para isso, que possam ou que queiram; é necessário, além do mais, um médium que lhes convenha e que tenha aptidão especial necessária; que esse médium esteja disponível no momento dado; que o meio seja simpático ao Espírito, etc. Todas as circunstâncias pelas quais não se pode nunca responder, e que importa de conhecer quando se quer fazer a coisa seriamente.

Perguntas e problemas diversos

Revista Espírita, fevereiro de 1861

1. Num mundo superior, como Júpiter ou outro, o Espírito encarnado tem a lembrança de suas existências passadas, como no estado errante? - R. Não; do momento em que o Espírito reveste um envoltório material, ele perde a lembrança de suas existências anteriores.

- Entretanto, o envoltório corpóreo em Júpiter é muito pouco material, e, por essa razão, o Espírito não é mais livre? - R. Sim, mas ele é o bastante para apagar, no Espírito, a lembrança do passado.

- Então os Espíritos que habitam Júpiter e que se comunicaram conosco se encontravam, naqueles momentos, num estado de sono? - R. Certamente. Naquele mundo, o Espírito sendo muito mais elevado compreende bem melhor Deus e o Universo; mas o seu passado é apagado no mesmo instante, porque tudo isso obscureceria a sua inteligência; ele não se compreenderia mais assim mesmo. Seria o homem da África, o da Europa o da América; o da Terra, de Marte ou de Vênus? Não se lembraria mais, e é ele mesmo o homem de Júpiter, inteligente, superior, compreendendo Deus, eis tudo.

Nota. Se o esquecimento do passado é necessário num mundo avançado, como o é Júpiter, com mais forte razão deve sê-lo no nosso mundo material. É evidente que a lembrança das nossas existências precedentes traria uma deplorável confusão nas nossas idéias, sem falar de todos os outros inconvenientes que foram assinalados a esse respeito. Tudo o que Deus faz traz a marca da sua sabedoria e da sua bondade; não nos cabe criticá-lo, quando mesmo não lhes compreendêssemos o objetivo.

2. A senhorita Eugénie, um dos médiuns da Sociedade, oferece uma particularidade notável e de certo modo excepcional, é a prodigiosa volubilidade com a qual escreve, e a prontidão incrível com que os Espíritos, os mais diversos, se comunicam por seu intermédio. Há poucos médiuns com uma tão grande flexibilidade; a que se prende isto? - R. Essa causa se prende antes ao médium do que ao Espírito; este escreveria por um outro médium que iria menos depressa, pela razão de que a natureza de um instrumento não seria mais a mesma. Assim, há médiuns desenhistas, outros que são mais aptos à medicina, etc.; segundo a mediunidade, o Espírito age; é, pois, uma causa física antes do que uma causa moral. Os Espíritos se comunicam tanto mais facilmente por um médium, que tenha neste último uma combinação mais rápida de seu próprio fluido com o do Espírito; presta-se, mais do que outros, à rapidez do pensamento, e o Espírito disso se aproveita como aproveitais de uma viatura rápida quando estais apressados; esta vivacidade de um médium, é toda física: seu próprio Espírito nisto não está por nada.

- As qualidades morais de um médium não têm influência? - R. Elas o têm uma grande sobre as simpatias dos Espíritos, porque é necessário que saibais que alguns têm uma tal antipatia por certos médiuns, que não é senão com a maior repugnância que se comunicam por eles.

São Luís.

Ensinarmento dos Espíritos

Revista Espírita, fevereiro de 1861

Ditados espontâneos obtidos ou lidos na Sociedade por diversos Médiuns.

O ano de 1860

(Médium, senhora Costel.)

Falarei da necessidade filosófica em que se encontram os Espíritos de, freqüentemente, refletir sobre a sua conduta, levar, enfim, ao estado de seus cérebros o mesmo cuidado que cada um toma com o seu corpo. Eis um ano terminado; que progresso trouxe no mundo intelectual? De muito grande, de muito sérios resultados, sobretudo na ordem científica. A literatura, menos feliz, não teve senão fragmentos, detalhes encantadores; mas como uma estátua mutilada que se encontra enterrada, e que se admira, lamentando o conjunto de sua beleza, a literatura não oferece nenhuma obra séria. Na França, ordinariamente, ela caminha à frente das outras artes; este ano foi ultrapassada pela pintura que floresce, gloriosa, acima das escolas rivais. Por que esse tempo de parada entre os nossos jovens escritores? A explicação é fácil. Falta-lhes o sopro generoso que inspira as lutas; a indiferença pesa sobre eles; folheiam-nos, são criticados, não são discutidos apaixonadamente como no meu tempo em que a luta literária dominava quase todas as preocupações. Depois, não se improvisa um escritor, e é pouco o que cada um faz. Para escrever são necessários longos e profundos estudos, eles faltam absolutamente à vossa geração, impaciente com o dia e preocupada, antes de tudo, com o sucesso fácil. Eu termino admirando a marcha ascensional da ciência e das artes, e lamentando a ausência do generoso impulso nos espíritos e nos corações.

J. J. ROUSSEAU.

Nota. Esta comunicação, obtida espontaneamente, prova que os Espíritos, que deixaram a Terra, se ocupam ainda com o que aqui se passa, que se interessam e seguem o movimento do progresso intelectual e moral. Não é das profundezas infinitas do espaço que poderiam fazê-lo; é necessário, para isso, que estejam entre nós, no nosso meio, e testemunhas invisíveis do que se passa. Esta comunicação, e a seguinte, foram dadas na sessão da Sociedade do dia 28 de dezembro, onde havia a questão do ano que se findava e aquele que ia começar; por conseguinte, estava muito a propósito.

O ano de 1861

O ano que se extingue viu progredir sensivelmente as crenças espíritas. Foi uma grande felicidade para os homens, porque isso os retém um pouco na borda do abismo que ameaça engolir o espírito humano. O ano novo será melhor ainda, porque verá sérias mudanças materiais, uma revolução nas idéias, e o Espiritismo não será esquecido, crede-o bem: ao contrário, a ele se agarrará como a uma pedra de salvação. Eu pedirei a Deus para bendizer a vossa obra e fazê-la progredir.

Nota. Numa sessão íntima, um outro médium teve, espontaneamente, sobre o mesmo assunto, a comunicação seguinte:

O ano que vai se abrir contém em suas dobras as maiores coisas. A reação vai moderar na armadilha que lhe estendeu. Por que pensais que a Terra se cobre de vias férreas, e de que o mar se entreabre à eletricidade se não for para difundir a boa nova? O verdadeiro, o bom, o belo serão, enfim, compreendidos por todos. Não vos canseis, pois, os verdadeiros espíritas, porque a vossa tarefa está marcada na obra da regeneração; felizes aqueles que a souberem cumprir!

LÉON J... (*irmão do médium*).

Sobre o mesmo assunto (por um outro médium)

A mudança é de toda necessidade; o progresso é a lei divina; parece que foi lançado, nestes últimos anos, mais que outros. Relativamente a 1860, 1861 será magnífico, e pálido olhando-se 1862, porque quereis partir, caros irmãos, e quando uma vez o sopro divino faz ir a locomotiva, não há mais descarrilhamento possível.

LÉON X

Comentário sobre o ditado publicado sob o título de: O Despertar do Espírito

Numa comunicação que o Espírito Georges ditou à senhora Gostei, e que foi publicada na *Revista* de 1860, página 332, sob o título de *o Despertar do Espírito*, foi dito *que não há relações amigáveis entre os Espíritos errantes; que aqueles mesmos que se amaram não trocam sinais de reconhecimento*. Essa teoria causou, sobre muitas pessoas, uma impressão tanto mais penosa, porque os leitores da *Revista* consideram esse Espírito como elevado, e admiraram a maioria de suas comunicações. Se essa teoria fosse absoluta, estaria em contradição com o que foi dito, tão freqüentemente, que no momento da morte, os Espíritos amigos vêm receber o novo que chega, ajudam-no a se livrar dos seus laços terrestres, e o iniciam, de algum modo, na sua nova vida. De um outro lado, se os Espíritos inferiores não se comunicam com os Espíritos mais avançados, eles não poderiam se melhorar.

Tentamos refutar essas objeções num artigo da *Revista* de 1860, página 342, sob o título de *Relações afetivas dos Espíritos*, mas eis o comentário que, a nosso pedido, o próprio Georges deu à sua comunicação:

"Quando um homem, surpreendido pela morte, nos seus hábitos materialistas de uma vida que nunca lhe deixou tempo para se ocupar de Deus; quando, tudo palpitando ainda das angústias e dos medos terrestres, ele chega ao mundo dos Espíritos, parece um viajante que ignora a língua e os costumes do país que visita. Mergulhado na perturbação, é incapaz de se comunicar e compreender nem as suas próprias sensações, nem as dos outros; erra

envolvido de silêncio; então sente germinar, eclodir e se desenvolver lentamente, pensamentos desconhecidos, e uma nova alma floresce na sua. Chegando a este ponto, a alma cativa sente caírem seus laços, e, como um pássaro entregue à liberdade, ela se lança para Deus, lançando um grito de alegria e de amor; então pressente, ao seu redor, os Espíritos dos parentes, dos amigos purificados que, silenciosamente, acolheram, a sua chegada entre eles. São em pequeno número aqueles que podem, logo depois da libertação do corpo, comunicar-se com os seus amigos reencontrados; é necessário *ter o mérito*, e não são senão aqueles que cumpriram gloriosamente as suas últimas migrações que estão, desde o primeiro momento, bastante desmaterializados para gozarem desse favor que Deus concede como recompensa.

"Apresentei uma das fases da vida espírita; não entendi generalizar, e, como se vê, não falei senão do estado dos primeiros instantes que se seguem à morte, e esse estado pode durar mais ou menos muito tempo, segundo a natureza do Espírito; depende de cada um abreviá-lo em se desligando dos laços terrestres da vida corpórea, porque não é senão o agarramento às coisas materiais que impede de gozar da felicidade da vida espírita."

GEORGES

Nota. Nada é mais moral do que essa doutrina, porque ela mostra que nenhum dos gozos que a vida futura nos promete pode ser obtido sem merecê-lo; que a própria felicidade de rever os seres que nos são caros, e de conversar com eles, pode ser adiada; em uma palavra, que a situação na vida espírita, em todas as coisas, é o que a fazemos pela nossa conduta na vida corpórea.

Os três tipos

(continuação.)

Nota. Nos três ditados seguintes, o Espírito desenvolve cada um dos três tipos que ele esboçou no primeiro. (Vede o nº de janeiro de 1861, página 29.)

I

No vosso mundo, aqui embaixo, o interesse, o egoísmo e o orgulho abafam a generosidade, a caridade e a simplicidade. O interesse e o egoísmo são os dois maus gênios do financeiro e do bem sucedido; o orgulho é o vício daquele que sabe, e sobretudo daquele que pode. Quando um coração verdadeiramente pensador examina esses três vícios horrendos, ele sofre; porque, estejais bem seguros disso, o homem que medita sobre o nada e a maldade desse mundo, é ordinariamente um homem cujos sentimentos e instintos são delicados e caridosos; e, vós o sabeis, os delicados são infelizes, disse Lafontaine, que me esqueci de pôr ao lado de Molière; só os delicados são infelizes, porque eles sentem.

Hamlet é a personificação dessa parte infeliz da Humanidade, que chora e que sofre sempre, e que se vinga vingando Deus e a moral. Hamlet teve vícios vergonhosos para punir em sua família: o orgulho e a luxúria, quer dizer, o egoísmo. Essa alma terna e melancólica, aspirando à verdade, se deslustra ao sopro do mundo, como um espelho que não pode mais refletir o que é bom e o que é justo; e essa alma tão pura verteu o sangue de sua mãe e vingou a sua honra. Hamlet é a inteligência impotente, o pensamento profundo lutando contra o orgulho estúpido e contra a impudicícia materna. O homem que pensa e vinga um

vício da Terra, qualquer que seja, é culpado aos olhos dos homens, e, freqüentemente, não o é diante de Deus. Não credes que quero idealizar o desespero: já fui bastante punido! Mas há tais nevoeiros diante dos olhos do mundo!

Nota. O Espírito, pedindo-lhe para dar a sua apreciação sobre Lafontaine, do qual vem de falar, acrescentou:

Lafontaine não é conhecido que não são conhecidos Corneille e Racine. Conheceis apenas os vossos literatos, e os Alemães, entretanto, conhecem Shakespeare, como Goethe. Lafontaine, para retornar ao meu assunto, é o Francês por excelência, escondendo a sua originalidade e a sua sensibilidade sob os nomes de Eso-po e de alegre pensador; mas, estejais seguros disso, Lafontaine era um delicado, como vo-lo disse há pouco; vendo que não era compreendido afetou essa bonomia que chamais falsa; em vos sós dias teria sido alistado no regimento dos falsos homens. A verdadeira inteligência não é falsa, mas, freqüentemente, é preciso uivar com os lobos, e foi o que perdeu Lafontaine, na opinião de muita gente. Não vos falo de seu gênio: ele é igual, se não for superior ao de Molière.



Don Juan, para retornarmos ao nosso pequeno curso de literatura muito familiar, é como já tive a honra de vos dizer, o tipo mais perfeitamente pintado do nobre corrompido e blasfemador. Molière elevou-o até o drama, porque efetivamente a punição de don Juan não deveria ser humana, mas divina; é pelos golpes inesperados da vingança celeste que caem essas cabeças orgulhosas; o efeito é tanto mais dramático e mais imprevisto.

Eu disse que don Juan era um tipo; mas, verdadeiramente dizendo, é um tipo raro; porque, em realidade, vêem-se poucos homens dessa tempera, porque quase sempre são todos frouxos; entendo a classe dos embotados e dos corrompidos.

Muitos blasfemam; poucos, eu vos asseguro, ousam blasfemar sem medo. A consciência é um eco que lhes rejeita a sua blasfêmia, e escutam-na tiritantes de medo, mas riem diante do mundo; é o que se chamam hoje os fanfarrões do vício. Essa espécie de libertinos é numerosa em vossa época, mas estão longe de serem os filhos de Voltaire.

Molière, para voltar ao nosso assunto, sendo o mais sábio autor, e observador mais profundo, não somente castigou os vícios que atacam a Humanidade, mas castigou também aqueles que ousam dirigir-se a Deus.



Até o presente vimos dois tipos: um, generoso e infeliz; o outro, feliz segundo o mundo, mas bem miserável diante de Deus. Resta-nos ver o mais feio, o mais ignóbil, o mais repelente; quero dizer Tartufo.

Na antigüidade, a máscara da virtude era já horrenda, porque, sem estar depurada pela moral cristã, o paganismo tinha também virtudes e sábios; mas diante do altar do Cristo, essa máscara é mais hedionda ainda, porque é a do egoísmo e da hipocrisia. O Paganismo talvez teve menos Tartufos do que a religião cristã; explorar o coração do homem sábio e bom, gabá-lo em todas as suas ações, enganar as pessoas confiantes por uma aparente

piidade, impelir a profanação até receber a Eucaristia com o orgulho e a blasfêmia no coração, eis o que faz Tartufo, o que fez e o fará sempre.

Ó vós! Homens imperfeitos e mundanos, que condenais um princípio divino e uma moral sobre-humana, porque quereis abusar deles, sois cegos quando confundis os homens e esse princípio, quer dizer, Deus e a Humanidade. É porque esconde as suas torpezas sob um manto sagrado que Tartufo é hediondo e repelente. Maldição sobre ele, porque ele maldizia então quem se fizesse perdoar; ele meditava a traição quando pregava a caridade.

Gérard DE NERVAL.

A harmonia

(Médium, Sr. Alfred Didier.)

Freqüentemente vistas, em certas regiões, particularmente na Provence, as ruínas dos grandes castelos; um torreão fortificado se levanta, algumas vezes, no meio de uma imensa solidão, e seus restos tristes e melancólicos, nos reportam a uma idade onde a fé era talvez ignorante, mas a arte e a poesia se elevaram com essa mesma fé tão ingênua e tão pura. Estamos, como vedes, em plena Idade Média. Freqüentemente tendes pensado que o autor dessas muralhas desmanteladas, o elegante capricho de uma castelã fizera correr cordas harmoniosas que se chamavam a harpa de Eole? Ah! Quão depressa que o vento os faz tremer desapareceram o torreão, castelã, harmonia! Essa harpa de Eole embalava o pensamento dos trovadores e das senhoras; era com um religioso recolhimento que era escutado.

Tudo acaba sobre a vossa Terra; a poesia aí raramente desce do céu, e passa logo; nos outros mundos, ao contrário, a harmonia é eterna, e o que a imaginação humana pode inventar, não se iguala com essa constante poesia que, não só está nos corações dos Espíritos puros, mas também em toda a Natureza.

Réné DE PROVENCE.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quarto Ano – 1861

Março

- O homenzinho ainda vive; a propósito do artigo do *Journal dès Débats*, pelo Sr. Deschanel
- A cabeça de Garibaldi
- Assassinato do Sr. Poinot
- Conversas familiares de além-túmulo.
 - Senhora Bertrand
 - Senhorita Pauline M
 - Henry Murger
 - O Espírito e as rosas
- Dissertações espíritas.
 - A lei de Moisés e a lei do Cristo
 - Lições familiares de moral (traduzido do polonês)
 - Os missionários (Adolfo, bispo de Alger)
 - A França (Charlemagne)
 - A ingratidão (Sócrates)

O homenzinho ainda vive

Revista Espírita, março de 1861

A propósito do artigo do jornal dês Débats, pelo Sr. Deschanel.

O Sr. Émile Deschanel, cujo nome ainda não nos chegara, consentiu em nos consagrar vinte e quatro colunas do folhetim dês *Débats*, nos números de 15 e 29 de novembro último; nós lhe agradecemos o fato, senão a intenção. Com efeito, depois do artigo da *Bibliografia católica* e o da *Gazette de Lyon*, que vomitaram o anátema e a injúria a boca cheia, de modo a fazer crer num retorno ao décimo-quinto século, não conhecemos nada de mais malévolo, de menos científico, de mais longo sobretudo, do que o do Sr. Deschanel. Uma tão vigorosa saída deveu fazer-lhe crer que o Espiritismo, atingido por ele de espada a fio, estaria para sempre bem e devidamente morto e enterrado; como nós não lhe respondemos, não lhe fizemos nenhuma intimação, que não entabulamos com ele nenhuma polêmica com todo exagero, ele pôde se enganar sobre as causas do nosso silêncio: devemos expor-lhe os motivos. O Primeiro é que, na nossa opinião, não havia nada de urgente, e que estávamos comodamente para esperar, a fim de julgar o efeito desse ataque, para regular a nossa resposta; hoje; que estamos completamente edificados a esse respeito, nos lhe diremos algumas palavras.

O segundo motivo é a consequência do precedente. Para refutar esse artigo com detalhes, seria preciso reproduzi-lo por inteiro, a fim de pôr à vista o ataque e a defesa, o que teria absorvido um número da nossa Revista; a refutação teria pelo menos absorvido duas; isso faria, pois, três números empregados para refutar o quê? Razões? Não, mas os gracejos do Sr. Deschanel: francamente isso não valeria a pena, e os nossos leitores gostam mais de outra coisa. Aqueles que desejarem conhecer a sua lógica poderão se contentar lendo os números citados. Além disso, a nossa resposta, em definitivo não seria outra senão a repetição daquilo que escrevemos, do que respondemos a *L'Univers*, ao Sr. *Oscar Comettant*, à *Gazette de Lyon*, ao Sr. *Louis Figuier*, à *Bibliografia católica* (1-(1) A *L'Univers*. maio e julho de 1859; ao Sr. *Oscar Comettant* dezembro de 1859; à *Gazette de Lyon*: outubro de 1860; ao Sr. *Louis Figuier*: setembro e dezembro de 1860; à *Bibliografia católica*: janeiro de 1861.), porque todos esses ataques não são senão variantes de um mesmo tema. Seria, pois, necessário redigir a mesma coisa em outros termos para não ser monótono, e para isso não temos tempo. O que poderíamos dizer seria inútil para os adeptos, e não seria bastante completo para convencer os incrédulos; isso seria, pois, trabalho perdido; preferimos enviar às nossas obras, aqueles que quiserem seriamente se esclarecer; poderão colocar em paralelo os argumentos pró e contra: seu próprio julgamento fará o resto.

Por que, aliás, responderíamos ao Sr. Deschanel? Seria para convencê-lo? Mas nisso não temos interesse de modo nenhum. Seria, diz-se, um adepto a mais. Mas o que nos faz, a pessoa do Sr. Deschanel, de mais ou de menos? Que peso pode pesar na balança, quando as adesões chegam aos milhares, desde as sumidades da escala social? - Mas é um publicista, e se, em lugar de fazer uma diatribe, ele fizesse um elogio, isso não teria feito muito mais à doutrina? Esta é uma questão mais séria, examinemo-la.

Primeiro, é muito certo que o Sr. Deschanel, novo convertido, publicaria 24 colunas em favor do Espiritismo, como ele publicou contra? Não pensamos assim, por duas razões: a primeira que teria medo de cair em ridículo junto aos seus confrades; a segunda, que o diretor do

jornal, provavelmente, não o teria aceito, de medo de assustar certos leitores, menos temerosos do diabo que dos Espíritos. Conhecemos bom número de literatos e de publicistas que estão nesse caso, e, por isso, não são menos bons e sinceros Espíritas. Sabe-se que a senhora Émile de Girardin, que, geralmente, passa por ter tido alguma inteligência durante a sua vida, e não somente muito crente, mas além disso muito bom médium, e que obteve inumeráveis comunicações; mas as reservava para o círculo íntimo de seus amigos que partilhavam suas convicções; aos outros, delas não falava. Portanto, para nós, um publicista que ousa muito bem falar contra, mas que não ousaria falar pró, se fosse convencido, não seria para nós senão um simples indivíduo, e quando vemos uma mãe desolada com a perda de um filho querido encontrar inefáveis consolações na doutrina, a sua adesão aos nossos princípios tem para nós cem vezes mais de valor do que a conversão de uma ilustração qualquer, se essa ilustração nada ousa dizer. Aliás, os homens de boa vontade não faltam; são abundantes de tal modo, e vêm tanto a nós que, com dificuldade, podemos bastar para responder-lhes; não vemos, pois, porque perdermos o nosso tempo com os indiferentes, e correr atrás daqueles que não nos procuram.

Uma só palavra fará conhecer se o Sr. Deschanel é um homem sério; eis o começo do seu segundo artigo do dia 29 de novembro:

"A doutrina espírita se refuta por si mesmo, basta expô-la. Antes de tudo, ela não está errada em se chamar Espírita, sem mais nada, porque não é nem espiritual nem espiritualista. Ao contrário, ela está fundada sobre o materialismo mais grosseiro, não é divertida senão porque é ridícula."

Dizer que o Espiritismo está fundado sobre o materialismo grosseiro, então que o combate a todo transe, que não seria nada sem a alma, a sua imortalidade, as penas e as recompensas futuras, das quais é a demonstração patente, é o cúmulo da ignorância da coisa que se trata; se não for ignorância, é má fé e calúnia. Vendo essa acusação e ao ouvi-lo citar os textos bíblicos, os profetas, a lei de Moisés que proíbe de interrogar os mortos, - prova que se pode interrogá-los, porque não se proíbe uma coisa impossível, - crer-se-ia numa ortodoxia iracúndia; mas lendo-se a engraçada passagem seguinte de seu artigo, os nossos leitores ficarão muito embaraçados para se pronunciarem sobre as suas opiniões:

"Como os Espíritos podem cair sob os sentidos? Como podem ser vistos, ser ouvidos, ser apalpados? E como podem escrever, eles mesmos, e nos deixar autógrafos do outro mundo? - "Oh! Mas é que os Espíritos não são Espíritos como poderíeis crer; Espíritos puramente Espíritos. O Espírito - entendei bem isto -, não é um ser abstrato, indefinido, que só o pensamento pode conceber; é um ser real, circunscrito, que, num certo caso, é apreciável pelo sentido da visão, do ouvido e do toque."

- "Mas esses Espíritos têm corpo?"

- "Não precisamente."

- "Mas, enfim?..."

- "Há no homem três coisas:

1º O corpo, ou ser material, análogo aos animais, movido pelo mesmo princípio vital;

2º A alma, ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo;

3º O laço que une a alma e o corpo, princípio intermediário entre a matéria e o corpo."

- "Intermediário? Que diabo quereis dizer? É matéria ou não é nada.

- "Isso depende.

- "Como? Isso depende?

- "Eis a coisa: "O laço, ou *perispírito*, que une o corpo e o Espírito, é uma espécie de envoltório semi-material..."

- "Semi! Semi!

- "A morte é a destruição do envoltório mais grosseiro; o Espírito conserva o segundo, que constitui, para ele, um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal, mas que pode se tornar acidentalmente visível, e mesmo tangível, como ocorre nos fenômenos de aparições."

- "*Etéreo* tanto quanto quereis: um corpo é um corpo. Isso não faz dele dois. E a matéria é a matéria. Sutilizai-a tanto quanto vos apraza, não há *semi* no interior. A própria eletricidade não é senão matéria, e não semi-matéria. E quanto à vossa... Como chamais isso?

- "O perispírito?

- "Sim, o vosso perispírito...acho que ele não explica nada, e que ele mesmo tem grande necessidade de explicação.

- "O perispírito serve de primeiro envoltório ao Espírito, e une a alma e o corpo. Tais são, num fruto, o germe, o perisperma e a casca... O perispírito é haurido no meio ambiente, no fluido universal; prende-se, ao mesmo tempo, à eletricidade, ao fluido magnético, e, até um certo ponto, à matéria inerte..."Compreendei-nos?

- "Não muito.

- "Poder-se-ia dizer que é a quintessência da matéria."

- "Tendes bem quintessenciado, não tirareis dela do espírito, nem do semi-espírito, é pura matéria como vosso perispírito.

- "É o princípio da vida orgânica, mas não é o da vida intelectual."

- "Enfim, é o que quiserdes; mas o vosso perispírito é tantas coisas, que não sei mais o que ele é, e que poderia bem não ser nada."

A palavra *perispírito* vos ofusca, pelo que parece? Se tivésseis vivido ao tempo em que foi criada a palavra *perisperma*, provavelmente teríeis achado também ridícula; quanto criticais aqueles que a inventam cada dia para exprimir as idéias novas? Não é a palavra que critico,

direis, é a coisa. Seja, mas nunca a vistes; mas negais a alma que jamais vistes? Negais a Deus que também não vistes mais? Pois bem! Se se pode ver a alma ou o Espírito, o que é a mesma coisa, pode se ver o seu envoltório fluídico ou *perispírito*, quando ela está livre, como se vê o seu envoltório carnal quando está encarnada.

O Sr. Deschanel se esforça por provar que o perispírito deve ser da matéria; mas é o que dizemos com todas as letras. Seria isso, por acaso, que o faz dizer que o Espiritismo é uma doutrina materialista? Mas a própria citação que ele faz o condena, uma vez que dizemos, em seus próprios termos, menos os seus espirituosos gracejos, que não é senão um envoltório independente do Espírito. Onde ele viu que tenhamos dito que é o perispírito que pensa? Ele não quer o perispírito, seja; mas que nos diga como pode explicar a ação do Espírito sobre a matéria sem intermediário? Não falaremos das aparições contemporâneas nas quais, sem dúvida, não crê; mas, uma vez que se aferra tanto sobre a Bíblia, da qual toma tão calorosamente a defesa, é que crê na Bíblia e no que ela diz; que ele queira, pois, nos explicar as aparições de anjos dos quais, a cada instante, faz menção? Os anjos, segundo a doutrina teológica, são puros Espíritos; mas quando se tornam visíveis, dirá que é o Espírito que se faz ver? Então, isso seria, desta vez, materializar o próprio Espírito, porque não há senão a matéria que possa cair sob os sentidos. Nós dizemos que o Espírito reveste um envoltório que pode torná-lo visível, e mesmo tangível, à vontade; só o envoltório é material, embora muito etéreo, o que não rouba nada às qualidades próprias do Espírito. Explicamos assim um fato até então inexplicado e, certamente, somos menos materialistas do que aqueles que pretendem que é o próprio Espírito que se transforma em matéria para se fazer ver e agir. Aqueles que não crêem na aparição dos anjos da Bíblia, podem, pois, nisso crerem agora, se crêem na existência dos anjos, sem que isso repugne à sua razão; podem, por isso mesmo, compreender a possibilidade das manifestações atuais, visíveis, tangíveis, ou outras, desde o momento em que a alma ou Espírito possui um envoltório fluídico, se tanto é que creiam na existência da alma.

De resto, o Sr. Deschanel se esqueceu de uma coisa, de dar a sua teoria da alma, ou do Espírito; um homem judicioso, teria dito: Estais errado por tal ou tal razão; as coisas não são tais como o dissestes: *eis o que é*. Então, somente, teríamos alguma coisa sobre o que discutir. Mas há que se notar, que é o que não fez ainda nenhum dos contraditores do Espiritismo: eles negam, zombam ou dizem injúrias: não os conhecemos com outra lógica, o que é por demais inquietante; também com isso não nos inquietamos de tudo; porque eles não propõem nada, é que aparentemente não têm nada de melhor a propor. Só os francamente materialistas têm um sistema parado: o nada depois da morte; nós lhes desejamos muito prazer se isso os satisfaz. Aqueles que admitem a alma, infelizmente estão na impossibilidade de resolver as questões mais vitais segundo a sua única teoria, é por isso que eles não têm outro recurso senão a fé cega, razão pouco concludente para aqueles que gostam das razões, e o número deles é grande para este tempo de luzes; ora, os espiritualistas não explicam nada de maneira satisfatória para os pensadores, estes concluem que não há nada, e que os materialistas talvez tenham razão: é o que conduz tanta gente à incredulidade, ao passo que essas mesmas dificuldades encontram uma solução muito simples e muito natural pela teoria espírita. O materialismo diz: Nada há fora da matéria; o espiritualismo diz: Há alguma coisa, mas não a encontra; o Espiritismo diz: Há alguma coisa e a prova, e com ajuda de sua alavanca explica o que até agora era inexplicado; é o que faz com que o Espiritismo conduza tantos incrédulos ao espiritualismo. Não perguntamos ao Sr. Deschanel senão uma coisa, é de dar decididamente a sua teoria, e de responder, não menos decididamente, às diversas perguntas que endereçamos ao Sr. Figuier.

Em suma, as objeções do Sr. Deschanel são pueris; se fora um homem sério, se tivesse criticado com conhecimento de causa, e a não se expor a cometer um tão pesado equívoco de taxar o Espiritismo de doutrina materialista, teria procurado aprofundar; teria vindo nos

procurar, como tantos outros, nos pedir os esclarecimentos que teríamos prazer em lhe dar; mas preferiu falar segundo as suas próprias idéias que, sem dúvida, ele considera o regulador supremo, como a unidade métrica da razão humana; ora, como a sua opinião pessoal nos é indiferente, de nenhum modo queremos fazê-lo mudá-la, por isso não demos nenhum passo para isso, não o convidamos para nenhuma reunião, para nenhuma demonstração; ele tivesse a saber, teria vindo; ele não veio, é, pois, que não tinha nada a saber, e nós não temos mais que ele.

Um outro ponto a examinar é este: Uma crítica tão virulenta e tão longa, fundada ou não, num jornal tão importante como os *Débats*, não pode prejudicar a propagação das idéias novas? Vejamos.

É necessário primeiro notar que não ocorre com uma doutrina filosófica como com uma mercadoria. Se um jornal afirma, com provas em seu apoio, que tal comerciante vende mercadoria avariada ou adulterada, ninguém estaria tentado em experimentar se isso é verdadeiro; mas toda teoria metafísica é uma opinião que, fosse ela de Deus mesmo, encontraria contraditores. Não foram vistas as melhores coisas, as verdades mais incontestáveis, hoje, tornadas em ridículo, quando de sua aparição, pelos homens mais capazes? Isso as impediu de serem verdades e de se propagarem? Todo o mundo sabe isso; é por isso que a opinião de um jornalista, sobre as questões desse gênero, não é sempre senão uma opinião pessoal, e se se diz que tantos sábios se enganaram sobre coisas positivas, o Sr. Deschanel pode bem se enganar sobre uma coisa abstrata; e por pouco que se tenha uma idéia, mesmo vaga, do Espiritismo, a sua acusação de materialismo é a sua própria condenação. Disso resulta que se quer ver e julgar por si mesmo: é tudo o que pedimos. Sob esse aspecto o Sr. Deschanel tem, pois, prestado, sem o saber, um verdadeiro serviço à nossa causa, e por isso lhe agradecemos, porque nos poupa de gastos de publicidade, não sendo bastante ricos para pagar um folhetim de 24 colunas. Por difundido que esteja, o Espiritismo não penetrou ainda por toda parte; há muitas pessoas que dele nunca ouviram falar; um artigo dessa importância atrai a atenção, e faz penetrar mesmo no campo inimigo onde causa deserções, porque se diz naturalmente que não se bate assim numa coisa sem valor; com efeito, não se diverte em dirigir baterias formidáveis contra um local que se pode tomar a golpes de fuzil. Julga-se a resistência pelo deslocamento das forças de ataque, e é o que desperta a atenção sobre coisas que, talvez, passariam despercebidas.

Isto não é senão raciocínio; vejamos se os fatos vêm contradizê-lo. Julga-se o crédito de um jornal, as simpatias que ele encontra na opinião pública, pelo número de seus leitores. Deve ser o mesmo com o Espiritismo, representado por algumas obras especiais; não falaremos senão das nossas, porque delas sabemos as cifras exatas; pois bem! *O Livro dos Espíritos*, que passa por conter a exposição mais completa da doutrina, foi publicado em 1857; a 2ª edição em abril de 1860, a 3ª em agosto de 1860, quer dizer, quatro meses mais tarde, e em fevereiro de 1861 a 4ª estava em venda; assim, três edições em menos de um ano provam que todo o mundo não é da opinião do Sr. Deschanel. A nossa nova obra, *O Livro dos Médiuns*, apareceu dia 15 de janeiro de 1861 e já é necessário pensar em preparar uma nova edição; foi pedida na Rússia, na Alemanha, na Itália, na Inglaterra, na Espanha, nos Estados Unidos, no México, no Brasil, etc.

Os artigos do *Journal des Débats* apareceram em novembro último; se houvesse exercido a menor influência sobre a opinião, seguramente, seria sobre a *Revista Espírita*, que publicamos, que se faria sentir; ora, em 1º de janeiro de 1861, época das renovações anuais, havia um terço de assinantes inscritos a mais do que na mesma época do ano precedente, e, cada dia, ela recebe novos que, coisa digna de nota, pedem todos as coleções dos anos anteriores, se bem que foi necessário reimprimi-las; portanto, isso prova que ela não lhes

parece muito ridícula. De todos os lados, em Paris, na província, no estrangeiro, se formam reuniões Espíritas; nós as conhecemos mais de cem nos departamentos, e estamos longe de conhecê-las todas, sem contar as pessoas que delas se ocupam isoladamente ou dentro de suas famílias. Que dirão a isso os Srs. Deschanel, Figuiet e participantes? Que o número de loucos aumenta. Sim, ele aumenta de tal modo que, dentro em pouco, os loucos serão mais numerosos do que as pessoas sensatas; mas o que esses Senhores, tão cheios de solicitude pelo bom senso humano, devem deplorar, é ver que tudo o que fizeram para deter o movimento produziu um resultado todo contrário. Querem conhecer-lhe a causa? Ela é muito simples. Eles pretendem falar em nome da razão e não oferecem nada de melhor; uns dão por perspectiva o nada, os outros as chamas eternas, duas alternativas que agradam a bem poucas pessoas; entre os dois escolhe-se o que é mais confortador. Admirai-vos, pois, depois disso, por ver se lançarem aos braços do Espiritismo! Esses Senhores acreditaram matá-lo, tivemos que lhe provar que o Homenzinho vive ainda, e viverá por muito tempo.

A experiência tendo nos demonstrado, pois, que os artigos do Sr. Deschanel, longe de prejudicarem à causa do Espiritismo, serviram-lhe, excitando naqueles que nunca dele ouviram falar o desejo de conhecê-lo, julgamos supérfluo discutir uma a uma as suas afirmações. Empregaram todas as armas contra essa doutrina: atacaram-na em nome da religião, que ela serve em lugar de prejudicar, em nome da ciência, em nome do materialismo; prodigalizaram-lhe alternativamente a injúria, a ameaça, a calúnia, e ela resistiu a tudo, mesmo ao ridículo; sob a nuvem de flechas que lhe lançam, ela faz pacificamente a volta ao mundo e se implanta por toda parte, nas barbas de seus inimigos mais ferozes; não há aí matéria para reflexão séria, e não é a prova de que ela encontra o eco no coração do homem, ao mesmo tempo que está sob a salvaguarda de um poder contra o qual vêm se quebrar os esforços humanos?

É notável que na época em que apareceram os artigos do *Journal des Débats*, comunicações espontâneas ocorreram em diferentes partes em Paris e nos departamentos; todos exprimem o mesmo pensamento. A seguinte foi dada na Sociedade no dia 30 de novembro último:

"Não vos inquieteis com aquilo que o mundo possa escrever contra o Espiritismo; não é a vós que os incrédulos atacam, é ao próprio Deus, mas Deus é mais poderoso do que eles. É uma era nova, entendei-o bem, que se abre diante de vós, e aqueles que procuram se opor aos desígnios da Providência serão logo tombados. Como se vos disse perfeitamente, longe de prejudicar o Espiritismo, o ceticismo se fere com a sua própria mão, e ele mesmo se matará. Uma vez que o mundo quer representar a morte onipotente pelo nada, deixai-os dizer, não opõe senão a indiferença ao seu amargo pedantismo. Para vós a morte não será mais esse decesso atroz que os poetas sonharam: a morte se apresentará a vós como a aurora aos dedos de rosa de Homero.

André CHÉNIER.

São Luís, precedentemente, dissera sobre o mesmo assunto:

"Semelhantes artigos não fazem mal senão àqueles que os escrevem, e não fazem nenhum mal ao Espiritismo, que contribuem difundindo mesmo entre os seus inimigos."

Um outro Espírito respondeu a um médico Espírita de Nimes, que lhe perguntou o que ele pensava desses artigos:

"Deveis estar com isso satisfeitos; se os vossos inimigos se ocupam tanto convosco, é que

reconhecem em vós algum valor, e vos temem. Deixai-os, pois, dizer e fazer o que quiserem; quanto mais falarem, mais vos clarão a conhecer, e o tempo não está longe em que serão forçados a se calarem. Sua cólera prova a sua fraqueza; só a verdadeira força sabe dominar-se: ela tem a calma da confiança; a fraqueza procura atordoar-se fazendo muito barulho."

Querem agora uma amostra do uso que certos sábios fazem da ciência em proveito da Sociedade? Citemos um exemplo.

Um de nossos colegas da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, Sr. Indermuhle, de Berna, nos escreve o que segue:

O Sr. *Schiff*, professor de anatomia (não sei se é o mesmo que tão engenhosamente descobriu o músculo estalante, do qual o Sr. Jobert de Lamballe se fez o editor responsável) (1-(1) Ver a *Revista Espírita*, junho de 1859.), fez aqui, há algumas semanas, um curso público sobre a digestão. O curso, certamente, não era sem interesse; mas depois de ter por muito tempo falado de cozinha e de química, a propósito dos alimentos, e provar que nenhuma matéria se aniquila; que ela pode se dividir e se transformar, mas que ela é encontrada na composição do ar, da água e dos tecidos orgânicos, chegou à solução seguinte: "Assim, pois, disse, a *alma*, tal como o vulgo a entende, é justa no sentido que o que se chamar alma, depois da morte do corpo, se *dissolve*, como o corpo material; ela se decompõe para juntar os materiais contidos, seja no ar, seja em outros corpos, é somente nesse sentido que a palavra imortalidade é justificada, de outro modo, não."

"Assim é que, em 1861, os sábios, encarregados de instruir e de esclarecer os homens, lhes oferecem pedras em lugar de pau. É necessário dizer, em louvor da humanidade, que os ouvintes estavam, na maioria, muito pouco edificados e satisfeitos com essa conclusão trazida tão bruscamente; que muitos com isso se escandalizaram; eu, tive piedade desse homem. Se atacasse o Governo, lhe teriam interditado, punido mesmo por isso; como pode se tolerar o ensinamento público do materialismo, esse dissolvente da sociedade?"

A essas judiciosas reflexões de nosso colega, acrescentamos que uma sociedade materialista, tal qual certos homens se esforçam em tornar a sociedade atual, não tendo nenhum freio moral, é a mais perigosa para toda espécie de governo; jamais talvez o materialismo foi professado com tanto cinismo; aqueles que um pouco de pudor retém disso se compensam arrastando na lama o que pode destruí-lo; mas eles agirão inutilmente, isso serão as convulsões de sua agonia; e, o que quer que dele diga o Sr. Deschanel, será o Espiritismo que lhe dará o golpe de misericórdia.

Limitamo-nos a dirigir ao Sr. Deschanel a carta seguinte:

Senhor,

Publicastes dois artigos no *Journal des Débats*, de 15 e 29 de novembro último, nos quais apreciáis o Espiritismo sob o vosso ponto de vista. O ridículo que lançais sobre essa doutrina, sobre mim por repercussão, e sobre todos aqueles que a professam, me autoriza a vos dirigir uma refutação que vos rogaria inserir; eu não o fiz, porque, por extensa que a tivesse dado, seria sempre insuficiente para as pessoas estranhas a essa ciência, e seria inútil para aquelas que não a conhecem. A convicção não se pode adquirir senão por um estudo sério, feito sem prevenção, sem idéias preconcebidas e por observações numerosas, feitas com *a paciência e a perseverança de quem quer realmente saber e compreender*. Ser-me-ia, pois, necessário fazer aos vossos leitores um verdadeiro curso que ultrapassaria os limites de um artigo; mas,

como vos creio homem muito honrado para querer atacar sem admitir a defesa, eu me limitarei a dizer-me, por esta simples carta que vos peço consentir publicar no mesmo jornal, que eles encontrarão, seja em *O Livro dos Espíritos*, seja em *O Livro dos Médiuns*, que vem de publicar a casa dos Srs. Didier e Cia., uma resposta suficiente, na minha opinião; deixo ao vosso julgamento o cuidado de colocar em paralelo os vossos argumentos e os meus. Aqueles que quiserem, primeiramente, dele ter uma idéia sucinta sem grande despesa, poderão ler a pequena brochura intitulada: *O que é o Espiritismo?* e que não custa senão 60 centavos, assim como a *Carta de um católico sobre o Espiritismo*, pelo Sr. doutor Grand, antigo vice-cônsul da França. Encontrarão ainda algumas reflexões sobre o vosso artigo num n⁸ do mês de março da *Revista Espírita*, que eu publico.

Todavia, há um ponto eu não deveria passar em silêncio; é a passagem de vosso artigo onde dissestes que *o Espiritismo está fundado sobre o mais grosseiro materialismo*. Coloco de lado as expressões ofensivas e pouco parlamentares às quais tenho o hábito de não prestar nenhuma atenção, e me limito a dizer que essa passagem contém um erro, eu não diria grosseiro, a palavra seria descortês, mas capital, e que me importa revelar para a edificação de vossos leitores. Com efeito, o Espiritismo tem por base essencial, e sem a qual não teria razão de ser, a existência de Deus, da *alma, a sua imortalidade, as penas e as recompensas futuras*; ora, esses pontos são a negação mais absoluta do materialismo, que não admite nenhum deles. A Doutrina Espírita não se limita a afirmá-los, não os admite *a priori*, deles é a demonstração patente; por isso, ela já conduziu um tão grande número de incrédulos que abjuraram todo sentimento religioso.

Ela não pode ser mais espiritual, mas certamente é essencialmente espiritualista, quer dizer, contrária ao materialismo, porque não se conceberia uma doutrina da alma imortal, fundada sobre a não existência da alma. O que conduz tanta gente à incredulidade absoluta é a maneira pela qual a alma e seu futuro são apresentadas; todos os dias vejo pessoas me dizerem: "Se desde a minha infância me ensinassem essas coisas como o fazeis, jamais teria sido incrédulo, porque no presente compreendo, o que antes não compreendia;" assim, todos os dias, tenho a prova que basta expor essa doutrina para lhe conquistar numerosos partidários.

Aceitai, etc.

A cabeça de Garibaldi

Revista Espírita, março de 1861

O *Siècle*, de 4 de fevereiro contém uma carta do doutor Riboli que foi a Caprera examinar a cabeça de Garibaldi, do ponto de vista frenológico. Não entra no nosso quadro apreciar o julgamento do doutor, e ainda menos o personagem político; mas a leitura dessa carta nos forneceu algumas reflexões que, naturalmente, aqui encontram seu lugar.

O doutor Riboli acha que a organização cerebral de Garibaldi corresponde perfeitamente a todas as eminentes faculdades morais e intelectuais que o distinguem, e acrescenta:

"Podereis sorrir de meu fanatismo, mas eu posso vos assegurar que neste momento passei a examinar essa cabeça notável e é o mais feliz da minha vida; vi, meu caro amigo, vi esse grande homem se prestar como uma criança, a tudo o que lhe pedia; essa cabeça que carrega todo um mundo, tive-a entre as minhas mãos durante mais de vinte minutos, sentindo a todo instante sobressair, sob os meus dedos, as desigualdades e os contrastes de seu gênio...

"Garibaldi tem 1 metro e 64 centímetros de altura. Medi todas as proporções, a largura das espáduas, o comprimento dos braços e das pernas, a espessura do talhe; em uma palavra, é um homem bem proporcionado, forte e de um temperamento nervoso sanguíneo.

"O volume da cabeça é notável; a fenomenalidade principal é a altura do crânio medida do ouvido ao alto da cabeça, que é de 20 centímetros. Essa predominância particular de toda parte superior da cabeça denota, à primeira vista, e sem exame prévio, uma organização excepcional; o desenvolvimento do crânio em sua parte superior, sede dos sentimentos, indica a preponderância de todas as faculdades nobres sobre os instintos. Breve, a craniologia da cabeça de Garibaldi depois do exame, apresenta uma fenomenalidade original das mais raras, pode-se dizer, sem precedente: a harmonia de todos os órgãos perfeita; é a resultante matemática de seu conjunto, apresenta, antes de qualquer outro: a abnegação antes de tudo e por toda parte; - a prudência e o sangue frio; - a austeridade natural dos costumes; - a lealdade dominante; - sua deferência incrível com seus amigos ao ponto de sofrer por eles; - sua perceptibilidade a respeito dos homens que o cercam é, sobretudo, dominante.

"Em uma palavra, meu caro, sem vos entediar com todas as comparações, com

todos os contrastes de casualidade, de habitabilidade, de construtividade, de destrutividade (1 - Eis aqui os neologismos, que, todavia, não são mais barbarismos do que o *espiritismo* e o *perispírito*), é uma cabeça maravilhosa, orgânica, sem fraquezas, que a ciência estudará e tomará por modelo, etc."

Toda a carta está escrita com um entusiasmo que denota a mais profunda e a mais sincera admiração pelo herói italiano. Entretanto, queremos muito crer que as observações do autor não foram influenciadas por nenhuma idéia preconcebida; mas isso não é do que se trata: aceitamos seus dados frenológicos como exatos, e não o fossem, Garibaldi com isso não seria nem mais nem menos do que é. Sabe-se que os discípulos de Gall formam duas escolas: a dos materialistas e a dos espiritualistas. Os primeiros atribuem as faculdades aos órgãos;

para ele os órgãos são a causa, as faculdades são o produto; de onde se segue que fora dos órgãos não há mais faculdades, dito de outro modo, que quando o homem está morto, tudo está morto. Os segundos admitem a independência das faculdades; as faculdades são a causa, o desenvolvimento dos órgãos é um efeito; de onde se segue que a destruição dos órgãos não leva ao aniquilamento das faculdades. Não sabemos a qual dessas duas escolas pertence o autor da carta, porque a sua opinião não se revela por nenhuma palavra; mas supusemos um instante que as observações acima foram feitas por frenólogo materialista, e nos perguntamos que impressão deveria sentir à idéia de que essa *cabeça, que carrega todo um mundo*, não deve seu gênio senão ao acaso ou ao capricho da Natureza que lhe teria dado a maior massa cerebral em lugar antes que num outro; ora, como o acaso é cego, e não tem plano premeditado, poderia muito bem aumentar o volume de uma outra circunvolução do cérebro, e dar assim, sem o querer, um outro curso às suas inclinações. Esse raciocínio se aplica, necessariamente, a todos os homens transcendentais, a qualquer título que isso seja. Onde estaria seu mérito se não devesse senão ao deslocamento de um pequeno pedaço de substância cerebral? Se um simples capricho da Natureza pode, em lugar de um grande homem, fazer um homem vulgar, em lugar de um homem de bem fazer um celerado?

Isso não é tudo. Considerando essa cabeça poderosa, hoje, não há alguma coisa de terrível em pensar que, amanhã, talvez, desse gênio nada restaria, absolutamente nada senão a matéria inerte que será a pastagem dos vermes? Sem falar das funestas conseqüências de um semelhante sistema, se fora acreditado diremos que ele formiga de contradições inexplicadas, e que os fatos as demonstram a cada passo. Tudo se explica, ao contrário, pelo sistema espiritualista: as faculdades não são o produto dos órgãos, mas os atributos da alma, cujos órgãos não são senão os instrumentos servindo para a sua manifestação. Sendo a faculdade independente, a sua atividade leva o desenvolvimento do órgão, como o exercício de um músculo aumenta-lhe o volume. O ser pensante é o ser principal, cujo corpo não é senão um acessório destrutível. O talento, então, é um mérito real, porque ele é o fruto do trabalho, e não o resultado de uma matéria mais ou menos abundante. Com o sistema materialista, o trabalho com a ajuda do qual se adquire o talento, está inteiramente perdido na morte, que freqüentemente não deixa o tempo de desfrutá-lo; com a alma, o trabalho tem a sua razão de ser, porque tudo o que a alma adquire serve para o seu desenvolvimento; trabalha-se por um ser imortal, e não por um corpo que, talvez, não tenha senão algumas horas para viver.

Mas, dir-se-á, o gênio não se adquire; ele é inato; é verdade; mas, também, porque dois homens nascidos nas mesmas condições são tão discordantes do ponto de vista intelectual? Por que Deus favoreceria um mais do que o outro? Por que daria a um os meios de progredir que recusaria ao outro? Qual é o sistema filosófico que resolveu esse problema? Só a doutrina da preexistência da alma pode explicar: o homem de gênio já viveu, tem aquisição, experiência, e a esse título tem mais direitos a nosso respeito que se tivesse a superioridade por um favor não justificado da Providência, ou do capricho da Natureza. Gostamos de crer que o doutor Riboli viu na cabeça daquele que não tocava, por assim dizer, senão com um temor respeitoso, qualquer coisa mais digna de sua veneração que uma massa de carne, e que não a rebaixou ao papel de uma mecânica desorganizada. Lembra-se desse trapeiro filósofo que, vendo um cão morto no canto da rua, dizer-se à parte: *o que é senão nós!* Pois bem! Todos vós que negais a existência futura, eis a que reduzis os maiores gênios.

Remetemos, para mais detalhes, sobre a questão da frenologia e da fisiognomonia, ao artigo publicado na *Revista Espírita* do mês de julho de 1860, página 198.

Assassinato do Sr. Poinso

Revista Espírita, março de 1861

O mistério que cerca ainda o deplorável acontecimento fez nascer, em muitas pessoas, o pensamento de que evocando o Espírito da vítima poderia se chegar a conhecer a verdade. Numerosas cartas nos foram escritas a esse respeito, e como a questão repousa sobre um princípio de uma certa gravidade, cremos útil fazer conhecer a resposta a todos os nossos leitores.

Não fazendo nunca do Espiritismo um objeto de curiosidade, não pensamos em evocar o Sr. Poinso; entretanto, ao pedido insistente de um de nossos correspondentes, que tivera uma comunicação dele, supostamente, que desejava saber por nós se era autêntica, pensamos fazê-la há alguns dias. Segundo o nosso hábito, perguntamos ao nosso guia espiritual se essa evocação era possível e se era bem ele que se manifestou ao nosso correspondente. Eis as respostas que obtivemos:

"O Sr. Poinso não pode responder ao vosso chamado; ele não se comunicou ainda com ninguém: Deus o proíbe no momento."

1. Pode-se saber o motivo disso? - R. Sim: porque revelações desse gênero influenciariam a consciência dos juizes, que devem agir com toda a liberdade.
2. Entretanto essas revelações, esclarecendo os juizes, poderiam algumas vezes poupar-lhes erros lamentáveis, e mesmo irreparáveis. - R. Não é por esse meio que devem ser esclarecidos; Deus quer deixar-lhes a inteira responsabilidade pelos seus julgamentos, como deixa a cada homem a responsabilidade de seus atos; não quer mais lhes poupar o trabalho das pesquisas, quanto não quer lhes tirar o mérito de tê-las feito.
3. Mas, na falta de informações suficientes, um culpado pode escapar à justiça? - R. Credes que ele escapa à justiça de Deus? Se deve ser atingido pela justiça dos homens, Deus saberá bem fazê-lo cair em suas mãos.
4. Seja, para o culpado; mas se um inocente for condenado, não seria um grande mal? - R. "Deus julga em última instância, e o inocente condenado injustamente pelos homens terá a sua reabilitação. Essa condenação, aliás, pode ser para ele uma prova útil para o seu adiantamento; mas algumas vezes também ela pode ser a justa punição de um crime ao qual escapara numa outra existência.

"Lembra-vos de que os Espíritos têm por missão vos instruir no caminho do bem, e não vos aplainar o caminho terrestre deixado para a atividade de vossa inteligência; é em vos afastando do fim providencial do Espiritismo que vos expondes a serem enganados Pela turba de Espíritos mentirosos, que se agitam sem cessar ao vosso redor."

Depois da primeira resposta, os assistentes discutiam sobre os motivos dessa interdição, e, como para justificar o princípio, um Espírito fez escrever ao Médium: *vou conduzi-lo... ei-lo*; um pouco depois: "Que vos seja agradável em querer conversar comigo; isso me é tanto mais agradável quanto tenho muitas coisas em vos dizer." Essa linguagem parece suspeita da

parte de um homem tal como o Sr. Poinot, e em razão sobretudo da resposta que acabara de ser dada; por isso se lhe roga em consentir de afirmar a sua identidade em nome de Deus. Então o Espírito escreveu: "Meu Deus, eu não posso mentir; entretanto, muito desejei conversar em uma sociedade tão amável, mas não me quereis: adeus." Foi então que o nosso guia espiritual acrescentou: "Eu vos disse que esse Espírito não pode responder esta noite; Deus o proíbe de manifestar-se; se insistirdes sereis enganados."

Nota. É evidente que se os Espíritos pudessem poupar as pesquisas aos homens, estes se dariam menos trabalho para descobrir a verdade, uma vez que ela lhe chegaria sozinha. A esse título, o mais preguiçoso poderia dela saber tanto quanto o mais laborioso, o que não seria justo. Isto é um princípio geral. Aplicado ao assunto do Sr. Poinot, não é menos evidente que se o Espírito declarasse um indivíduo inocente ou culpado, e que os juizes não encontrassem provas suficientes de uma ou de outra afirmação, a sua consciência com isso seria perturbada; que a opinião pública poderia se perder por prevenções injustas. Não sendo o homem perfeito, devemos disso concluir que Deus sabe melhor do que ele o que deve lhe ser revelado ou ocultado. Se uma revelação deve ser feita por meios extra-humanos, Deus sabe dar-lhe uma marca de autenticidade capaz de levantar todas as dúvidas, como testemunha o fato seguinte: nas vizinhanças das minas, no México, uma fazenda foi incendiada. Em uma reunião onde se ocupavam de manifestações espíritas (há várias nessa região, onde provavelmente ainda não chegaram os artigos do Sr. Deschanel, é por isso que ali se está tão atrasado); nessa reunião, dizemos, um Espírito se comunicou por pancadas; ele diz que o culpado está entre os assistentes; primeiro duvidou-se disso, e acreditou-se em uma mistificação; o Espírito insiste e designa um dos indivíduos presentes; admira-se; este porta-se bem, mas o Espírito parece se obstinar junto dele, e faz tão bem que se detêm o homem que, pressionado por perguntas, acaba por confessar o seu crime. Os culpados, como se vê, não devem se fiar na discrição dos Espíritos que, freqüentemente, são os instrumentos pelos quais Deus se serve para castigá-los. Como o Sr. Figuier explicaria esse fato? Isso é intuição, o hipnotismo, a biologia, a super-excitação do cérebro, a concentração do pensamento, a alucinação, que admite sem crer na independência do Espírito e da matéria? Arranjai, tudo isso, se o podeis; a própria solução é um problema, e deveria bem dar a sua solução de sua solução. Mas por que um Espírito não daria a conhecer o assassino do Sr. Poinot, como fez com esse incendiário? Pedi, pois, a Deus conta de suas ações; perguntaio ao Sr. Figuier, que crê disso saber mais do que ele.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, março de 1861

Senhora Bertrand (Haute-Saône.)

Falecida a 7 de fevereiro de 1861, evocada na Sociedade Espírita de Paris, no dia 15 do mesmo mês.

Nota. A senhora Bertrand fizera um estudo sério do Espiritismo, cuja doutrina ela professava, e da qual compreendia toda a importância filosófica.

1. Evocação. - R. Estou aqui.

2. A vossa correspondência nos ensinou a vos apreciar, e conhecendo a vossa simpatia pela Sociedade, pensamos que não saberíeis ter má vontade de vos ver chamada tão cedo. - R. Vedes que estou aqui.

3. Um outro motivo me determina pessoalmente fazê-lo: conto escrever à senhorita vossa filha a respeito do acontecimento que 'vem de atingi-la, estou seguro que ela ficará feliz em conhecer o resultado de nossa palestra. - R. Certamente; ela o espera, porque eu lhe prometera de me revelar tão logo uma evocação me fosse dirigida.

4. Esclarecida como estáveis sobre o Espiritismo, e penetrada dos princípios desta doutrina, as vossas respostas serão para nós duplamente instrutivas.

Quereis, primeiro, nos dizer se tardastes muito a vos reconhecer, e se já recobrastes o pleno gozo das vossas faculdades? - R. O pleno gozo das minhas antigas faculdades, sim; o pleno gozo das minhas novas faculdades, não.

5. O uso é perguntar aos vivos como eles estão; mas aos Espíritos se lhes pergunta se são felizes; é com um profundo sentimento de simpatia que vos dirigimos esta última pergunta.

- R. Obrigada, meus amigos. Eu não sou ainda feliz no sentido espiritualista da palavra; mas sou feliz pela renovação do meu ser arrebatado em êxtase; pela visão das coisas que nos são reveladas, mas que compreendemos ainda imperfeitamente, por bom médium ou Espírita que sejamos.

6. Quando viva fizestes uma idéia do mundo Espírita pelo estudo da doutrina; quereis nos dizer se encontrastes as coisas tais como vos representastes? - R. Mais ou menos, como vemos os objetos na incerteza da semi-escuridão; mas como são diferentes quando a luz brilhante as revela!

7. Assim, o quadro que nos é dado da vida Espírita, nada tem de exagerado, nada tem de ilusório! - R. Ele é reduzido pelo vosso Espírito que não pode compreender as coisas divinas senão atenuadas e veladas; agimos convosco como o fazeis com as crianças, às quais não mostrais senão uma parte das coisas dispostas para o seu entendimento.

8. Postes testemunha do instante da morte do vosso corpo? - R. Meu corpo, esgotado por longo sofrimento, não teve que suportar uma grande luta; *minha alma se destacou dele como o fruto maduro cai da árvore*. O aniquilamento completo de meu ser impediu-me de sentir a última angústia da agonia.

9. Poderíeis nos descrever as vossas sensações no momento do despertar? - R. Não há despertar, ou antes me pareceu que havia continuação; como depois de uma curta ausência se re-entra em si, me pareceu que apenas alguns minutos me separavam daquilo que acabava de deixar. Errante ao redor de meu leito, me vi desdobrada, transfigurada, e não podia afastar-me, retida que estava ao menos ao que me parecia, por um último laço a esse envoltório corpóreo que tanto me fizera sofrer.

10. Vistes imediatamente outros Espíritos vos cercarem? - R. Logo vieram me receber. Então, afastei o meu pensamento do meu *eu* terrestre, e o eu espiritual transportado submergiu no delicioso gozo das coisas novas e conhecidas que eu reencontrava.

11. Estáveis entre os membros de vossa família durante a cerimônia fúnebre? - R. Vi carregar o meu corpo, mas me afastei logo; o Espiritismo desmaterializa, por antecipação, e torna mais súbita a passagem do mundo terrestre para o mundo espiritual. Eu não trouxe, de minha migração sobre a Terra, nem vãos lamentos e nem curiosidades pueris.

12. Tendes alguma coisa de particular a dizer à senhorita vossa filha que partilha vossas crenças, e me escreveu várias vezes em vosso nome? - R. Eu lhe recomendo dar aos seus estudos um caráter mais sério; eu lhe recomendo transformar a dor estéril em lembrança piedosa e fecunda; que ela não esqueça que a vida prossegue sem interrupção, e que os frívolos interesses do mundo se enfraquecem diante da grande palavra: *Eternidade!* Aliás, a minha lembrança pessoal, terna e íntima, logo lhe será transmitida.

13. No mês de janeiro, eu vos dirigi um cartão de visita com retrato; como jamais me vistes, quereis nos dizer se me reconheceis. - R. Mas eu não vos conhecia; eu vos vejo.

Não recebestes o meu cartão? - R. Eu não me lembro dele.

14. Eu teria várias perguntas importantes a vos dirigir sobre os fatos extraordinários que se passaram em vossa residência, e que nos fornecestes, penso que poderíeis nos dar, a esse respeito, interessantes explicações; mas a hora avançada e a fadiga do médium me convidam a adiá-las; limito-me a algumas perguntas para terminar.

Embora a vossa morte seja recente, já deixastes a Terra? Percorrestes os espaços e visitastes outros mundos? - R. A palavra visitar não corresponde ao movimento tão rápido que é a palavra que nos faz, tão rápida quanto o pensamento, descobrir panoramas novos. A distância não é senão uma palavra, como o tempo não é senão uma mesma hora para nós.

15. Preparando as perguntas que se propõe dirigir a um Espírito, é geralmente uma evocação antecipada; quereis nos dizer se, por isso, estáveis prevenida quanto às nossas intenções, e estáveis perto de mim, ontem, quando preparava as perguntas? - R. Sim, eu sabia tudo o

que me dirias hoje, e respondo com desenvolvimento às perguntas que reservastes.

16. Quando viva teríamos sido muito felizes em vos ver entre nós, mas uma vez que isso não ocorreu, somos igualmente felizes em vos ver em Espírito, e vos agradecemos pela vossa solicitude em responder ao nosso chamado. - R. Meus amigos, eu seguia os vossos estudos com interesse, e agora que posso habitar entre vós em Espírito, vos dou o conselho de vos prender ao Espírito mais do que à letra.

Adeus.

A carta seguinte nos foi dirigida com respeito a esta evocação:

Senhor,

É com um sentimento de profundo reconhecimento que venho vos agradecer, em nome de meu pai e no meu, de ter precedido o nosso desejo de receber, por vós, as novidades daquela que choramos.

As numerosas provas morais e físicas que minha cara e boa mãe teve para suportar durante a sua existência, sua paciência em suportá-las, seu devotamento, sua completa abnegação de si mesma, me faziam esperar que ela estava feliz; mas a segurança que vindes disso nos dar, Senhor, é uma grande consolação para nós que a amávamos tanto, e queremos a sua felicidade antes da nossa.

Minha mãe era a alma da casa, Senhor; não tenho necessidade de vos dizer que vazio a sua ausência aí deixou; sofremos por não mais vê-la, mais do que não saberíeis exprimi-lo, e todavia, sentimos uma certa inquietude de não mais senti-la nas dores atrozes que ela experimentou. Minha pobre mãe era uma mártir; deve ter uma bela recompensa pela paciência e a doçura com as quais ela suportou todas as suas angústias; a sua vida não foi senão uma longa tortura de espírito e de corpo. Seus sentimentos elevados, a sua fé em uma outra existência a sustentaram; tinha como um pressentimento, e uma lembrança velada, do mundo dos Espíritos; freqüentemente a via, olhando com piedade as coisas do nosso planeta, me dizer: *Nada neste mundo pode me bastar; tenho a SAUDADE de um outro mundo.*

Nas respostas que a minha querida e adorada mãe vos deu, Senhor, reconhecemos perfeitamente a sua maneira de pensar e de se exprimir; ela gostava de se servir de figuras. Somente estou admirada de que ela não tenha se lembrado do vosso envio do cartão de visita com retrato que lhe fizestes com um tão grande e tão vivo prazer; devo vos agradecer por isso de sua parte; minhas numerosas ocupações, durante os últimos tempos da enfermidade de minha venerada mãe, não me permitiram fazê-lo; creio que, mais tarde, ela se lembrará melhor; no momento ela está embriagada com os esplendores de sua nova vida; a existência que ela acaba de terminar não lhe aparece senão como um sonho penoso já bem longe dela. Esperamos, também, meu pai e eu, que ela virá nos dizer algumas palavras de afeto das quais temos muita necessidade. Seria uma indiscrição, Senhor, vos pedir, quando minha boa mãe vos falar de nós, de disso nos dar ciência? Fizestes-nos tanto bem vindo nos falar dela, vindo nos dizer de sua parte que ela não sofre mais! Ah! Obrigada ainda, Senhor! Peço a Deus, de coração e de alma, que vos recompense por isso. Em me deixando, minha mãe querida priva-me da melhor das mães, da mais terna das amigas; me é necessária a certeza de sabê-la feliz, e a minha crença no Espiritismo para me dar um pouco de força. Deus me sustentou; a minha coragem foi maior do que não o esperava.

Recebei, etc.

Nota. Que os incrédulos riam tanto quanto queiram do Espiritismo; que seus adversários, mais ou menos interessados, o tornem em ridículo, que o anatematizem mesmo, isso não lhe tirará essa força consoladora que faz a alegria do infeliz, e que o faz triunfar da má vontade dos indiferentes, a despeito dos seus esforços para abatê-lo. Os homens têm sede de felicidade; quando não a encontrarem sobre a Terra não será um grande alívio ter a certeza de encontrá-la numa outra vida, tendo-se feito o necessário para merecê-la. Quem, pois, lhe oferece mais alívio para os males da Terra? É o materialismo, com a horrível expectativa do nada? É a expectativa das chamas eternas, das quais não escapa um sobre milhões? Não vos enganeis com isso, essa perspectiva é ainda mais horrível do que a do nada, e eis porque aqueles cuja razão se recusa admiti-la são levados ao materialismo; quando se apresentar aos homens o futuro de maneira racional, não haverá mais materialistas. Que não se admire, pois, em ver as idéias espíritas acolhidas com tanta solícitude pelas massas, porque elas levantam a coragem em lugar de abatê-la. O exemplo da felicidade é contagioso; quando todos os homens verem ao seu redor pessoas felizes pelo Espiritismo, se lançarão nos braços do Espiritismo como sobre uma tábua de salvação, porque preferirão sempre uma doutrina que sorri e fala à razão àquelas que apavoram. O exemplo que acabamos de citar não é o único desse gênero, é por milhares que se nos oferecem, e a maior alegria que Deus nos reservou neste mundo é a de sermos testemunhas dos benefícios e dos progressos de uma crença que os nossos esforços tendem a difundir. As pessoas de boa vontade, aquelas que vêm nele haurir consolações são tão numerosas, que não saberíamos furtar o nosso tempo, em nos ocupando com indiferentes que não têm nenhum desejo de se convencerem. Aqueles que vêm a nós bastam para absorvê-lo, é por isso que não vamos ao encontro de ninguém; por isso também não o perdemos respigando nos campos estéreis; a vez dos outros virá, mais cedo do que pensam, para a glória de uns, e para a vergonha de outros.

Senhorita Pauline M...

(Remessa do Sr. Pichon, médium de Sens.)

1. Evocação. - R. Estou aqui, meus bons amigos.
2. Vossos pais nos pediram vos perguntar se sois mais feliz ao que durante a vossa existência terrestre; teríeis a bondade de no-lo dizer? - R. Oh! Sim; sou mais feliz do que eles.
3. Assistis freqüentemente a vossa mãe? - R. Eu quase não a deixo; ela, porém não pode compreender todos os encorajamentos que lhe dou, sem isso ela não estaria tão mal. Ela me chora e eu sou feliz! Deus me chamou a ele: é um favor; se todas as mães estivessem bem compenetradas do Espiritismo, que consolações para elas! Dizei bem à minha pobre mãe que ela se resigne, porque sem isso ela se afastará de sua filha querida. Toda pessoa que não é dócil às provas que o seu Criador lhe envia falta com o objetivo de suas provas. Que ela compreenda bem isso, porque ela não me reveria tão cedo. Ela perdeu-me materialmente, mas me reencontrará espiritualmente. Que ela se apresse, pois, em se restabelecer para assistir às vossas sessões; será então que poderei melhor consolá-la; eu mesma estarei mais feliz.
4. Poderíeis vos manifestar a ela de maneira mais particular? Ela poderia vos servir de médium? Receberia assim mais consolações do que pelo nosso intermédio? - R. Que ela tome um lápis, como o fazeis, e eu tentarei dizer-lhe alguma coisa. Isso nos é bem difícil quando não encontramos as disposições desejadas para isso.

5. Poderíeis nos dizer por que Deus vos retirou tão jovem do seio de vossa família, da qual fazíeis a alegria e a consolação? - R. Relede.

6. Poderíeis nos dizer o que sentistes no instante de vossa morte? - R. Uma perturbação; eu não acreditava estar morta. Isso me deu tanta pena de deixar minha boa mãe! Eu não me reconhecia; mas quando compreendi, não foi mais a mesma coisa.

7. Estais agora completamente desmaterializada? - R. Sim.

8. Poderíeis nos dizer quanto tempo permaneceste na perturbação? - R. Fiquei seis das vossas semanas.

9. Em que lugar estáveis quando vos reconhecestes? - R. Perto de meu corpo; vi o cemitério e compreendi.

Mãe! Estou sempre ao teu lado; eu te vejo, te compreendo muito melhor do que quando estava no meu corpo. Cessa, pois, de te entristecer, uma vez que não perdeste senão o pobre corpo que me deste. Tua filha está sempre ali; não chores mais; ao contrário, regozija-te, é o único meio de te fazer o bem e a mim também. Nós nos compreendemos melhor; eu te direi muitas coisas doces; Deus no-lo permitirá; nós lhe rogaremos juntas. Virás entre esses homens que trabalham pelo bem da Humanidade; tomaras parte em seus trabalhos; eu te ajudarei: i servirá ao nosso adiantamento, a nós ambas. Tua filha que te ama,

PAULINE

P.S. Dareis isto à minha mãe; por isso, vos serei reconhecida.

10. Pensais que a convalescença de vossa mãe seja ainda longa? - R. Isso dependerá das consolações que ela receba e de sua resignação.

11. Lembrais de todas as vossas encarnações? - R. Não, não todas.

12. A penúltima ocorreu sobre a Terra? - R. Sim; eu estava numa grande casa de comércio.

13. Em que época foi isso? - R. Sob o reinado de Luís XIV; no começo.

14. Lembrai-vos de alguns personagens daquele tempo? - R. Conheci o duque d'Orléans, porque ele se abastecia conosco. Conheci também Mazarin e uma parte de sua família.

15. Vossa última existência lhe serviu muito para o vosso adiantamento como Espírito? - R. Ela não pôde me servir muito, uma vez que nela não sofri nenhuma prova; ela foi para os meus pais, antes que para mim, um motivo de provas.

16. E vossa penúltima existência, vos foi mais proveitosa? - R. Sim, porque nela fui bem provada. Reveses de fortuna; a morte de todas as pessoas que me eram queridas; permaneci só; mas, confiante em meu Criador, suportei tudo isso com resignação. Dizei à minha mãe que ela faça como eu fiz. Que aquele que lhe levará as minhas consolações aperte a mão por mim a todos os meus bons parentes! Adeus.

Henry Murger

Nota. Numa sessão espírita íntima, que ocorreu na casa de um de nossos colegas da Sociedade, no dia 6 de fevereiro de 1861, o médium escreveu espontaneamente o que segue:

Maior é o espaço dos céus, maior é a atmosfera, mais belas são as flores, mais doces são os frutos, e as aspirações são preenchidas mesmo acima da ilusão. Salve, nova pátria! Salve, nova morada! Salve, felicidade, amor! Quanto a nossa curta estada sobre a Terra é pálida, e quanto aquele que deu o suspiro de alívio deve se encontrar feliz por ter deixado o Tártaro pelo céu! Salve, verdadeira boêmia! Salve, verdadeira negligência! Salve, sonhos realizados! Eu dormi alegre, porque sabia despertar feliz. Ah! Obrigado aos meus amigos, pelas suas doces lembranças!

H.MURGER.

As perguntas e as respostas seguintes foram feitas na Sociedade, a 8 de fevereiro:

1. Quarta-feira, viestes espontaneamente vos comunicar com um dos nossos colegas e ali ditastes uma encantadora página; entretanto, não se encontrava ali ninguém que vos conhecesse particularmente; quereis nos dizer, eu vos peço, o que nos proporcionou a honra de vossa visita? - R. Vim fazer um *ato de vida* para ser evocado hoje.
2. Postes levado às idéias espíritas? - R. Entre os dois; eu pressentia, pois eu me deixava facilmente ir às minhas inspirações.
3. Parece que a perturbação durou pouco tempo em vós, uma vez que vos exprimis tão prontamente, com tanta facilidade e claridade? - R. Eu morri com o perfeito conhecimento de mim mesmo, e, por conseguinte, não tive senão que abrir os olhos do Espírito logo que os olhos da carne se fecharam.
4. Este ditado pode ser considerado como um relato de vossas primeiras impressões no mundo onde estais agora; gostaríeis de nos descrever, com mais precisão, o que se passou em vós desde o instante em que a vossa alma deixou o vosso corpo? - R. A alegria me inundou; reví rostos queridos que eu acreditava perdidos para sempre. Apenas desmaterializados, ainda não tive senão sensações quase terrestres.
5. Gostaríeis de nos dar uma apreciação, sob o vosso ponto de vista atual, de vossa principal obra: *La Viede Bohème*? - R. Como quereis que, deslumbrado como eu estou, com os esplendores desconhecidos da ressurreição, faça um retorno sobre essa pobre obra, pálido reflexo de uma juventude sofredora?
6. Um de vossos amigos, o Sr. Théodore Pelloquet, publicou no *Siècle*, de 6 deste mês, um artigo bibliográfico sobre vós. Gostaríeis de lhe dirigir algumas palavras, assim como aos vossos outros amigos e confrades em literatura, e entre os quais se deve encontrar bastante que pouco crêem quanto à vida futura? - R. Eu lhes diria que o sucesso presente é semelhante ao ouro transformado em folhas secas; o que cremos, o que esperamos, nós outros respingadores afamados do campo parisiense, é o sucesso, sempre o sucesso, e jamais os nossos olhos não se elevam para o céu para pensar naquele que julga em última estância as nossas obras. Minhas palavras os mudarão? Não; arrastados pela vida ardente

que consome crença e juventude, eles escutarão distraídos e passarão esquecidos.

7. Vedes aqui Gérard de Nerval que vem de nos falar de vós? -R. Eu o vejo, e Musset, e a amável, a grande Delphine; vejo-os todos; eles me ajudam, me encorajam; me ensinam a falar.

Nota. Esta pergunta foi motivada pela comunicação seguinte, que um dos médiuns da Sociedade escrevera espontaneamente, no começo da sessão.

Um irmão chegou entre nós, feliz e disposto; ele agradece o céu, como ouvistes ainda há pouco, pela sua libertação um pouco tardia. Distante! agora a tristeza, as lágrimas e o riso amargo, porque nós o vemos bem no presente, o rir não é jamais verdadeiro entre vós; o que há de lamentável e de verdadeiramente penoso sobre a Terra, é que é preciso rir; é preciso rir forçosamente e de um nada, sobretudo de um nada na França, quando se estaria disposto a sonhar solitariamente. O que há de horrível para o coração que muito esperou é a desilusão, esse esqueleto hediondo do qual se quer apalpar em vão os contornos: a mão inquieta e tremente não encontra senão os ossos. Ó horror! Para aquele que acreditou no amor, na religião, na família, na amizade; aqueles que podem olhar em face impunemente essa máscara horrível que petrifica, ah! aqueles vivem, embora petrificados; mas aqueles que cantam em boêmia, ah! aqueles morrem bem depressa: eles viram a cabeça de Medusa; meu irmão Murger era destes últimos.

Vós o vedes, amigos, doravante não vivemos mais sozinhos nas nossas obras, e estaremos logo do vosso chamado junto a vós. Longe de sermos fiéis a esse ar de felicidade que nos cerca, viremos a vós como se estivéssemos ainda sobre a Terra, e Murger cantará ainda.

Gérard DE NERVAL.

O Espírito e as rosas

(Remessa da Senhora de B..., de Nova Orléans.)

Emma D..., jovem e linda menina, morta com a idade de 7 anos, depois de 6 meses de sofrimento, não comendo há mais de seis semanas antes de sua morte.

1. Evocação. - R. Estou aqui, senhora, que quereis?

2. Saber onde estais; se estais feliz, e por que Deus infligiu à vossa encantadora mãe e às vossas irmãs em grande desgosto quanto aquele de vos perder? - R. Estou no meio de bons Espíritos, que me amam e me instruem, sou feliz, bem feliz; a minha passagem entre vós não era senão um resto de prova física; eu sofri, mas esse sofrimento não era nada; ele depurava a minha alma 61 ao mesmo tempo, punha em desordem o meu próprio corpo. Agora, aprendo a vida da alma; estou reencarnada, mas em Espírito conservador; estou num mundo onde nenhum de nós mora senão durante a duração dos ensinamentos que nos são dados pelos *Grandes Espíritos*. Fora disso, eu viajo prevenindo os infelizes, afastando as tentações; freqüentemente, estou por aqui: há tantos pobres negros; sempre os lamentei, mas agora eu os amo. Sim, eu os amo, pobres almas! Entre eles há muitos bons, melhores do que seus senhores; e mesmo aqueles que são preguiçosos, é preciso lamentá-los.

Minha querida mãe, vou freqüentemente junto dela; e quando ela sente o seu coração revigorar, sou eu quem lhe aplicou o bálsamo divino; mas é preciso que ela sofra, aí de mim! mas, mais tarde, tudo será esquecido; e Lucie, minha bem amada Lucie, estará comigo antes de tudo; mas os outros virão; não é senão morrer para estar assim; nada: muda-se o corpo, é tudo. Eu, eu não tenho mais esse mal que me tornava um objeto de horror para cada um; estou mais feliz, e à noite eu me inclino para minha mãe e a abraço; ela não sente nada, mas então ela sonha comigo, e me vê como era antes da minha horrível doença. Compreendi, senhora, que eu sou feliz. Eu gostava de rosas no canto do jardim, onde ia dormir outrora; sugeri à Lucie a idéia de nele as pôr. Eu amava tanto as rosas, e vou tão freqüentemente lá! Eu tinha rosas nesse mundo; mas Lucie dorme cada dia no meu antigo canto e cada dia venho também para junto dela; eu a amo tanto!

3. Minha cara criança, é que eu não poderia vos ver? - R. Não, ainda. Não podeis me ver; mas olhai o raio do Sol, lá, sobre a vossa mesa, eu vou atravessá-lo. Obrigada por me ter evocado; sede indulgente para com minhas irmãs. Adeus.

O Espírito desapareceu fazendo sombra um instante sobre o raio de Sol que continuava. Tendo se colocado as rosas no querido pequeno canto, três dias depois, o médium escrevendo uma carta, a palavra *obrigada* veio sob a pena assim como a assinatura da criança, que lhe fez escrever: "Recomece a tua carta; tanto pior! Mas eu sou tão feliz por ter um médium! Eu voltarei. Obrigada pelas rosas. Adeus!"

Dissertações espíritas

Revista Espírita, março de 1861

A lei de Moisés e a lei do Cristo

(Comunicação obtida pela Sra. R... da Mulhouse.)

Um de nossos assinantes de Mulhouse nos dirige a carta e a comunicação seguintes:

..."Aproveito da ocasião que se apresenta para vos escrever, para vos fazer parte de uma comunicação que recebi, como médium, de meu Espírito protetor, e que me parece interessante e instrutiva a justo título; se a julgais tal, vos autorizo a fazer dela o uso que julgar mais útil. Eis qual lhe foi o princípio. Devo primeiro vos dizer que professo o culto israelita, e que sou naturalmente levado às idéias religiosas, nas quais fui educado. Eu tinha notado que em todas as comunicações feitas pelos Espíritos, não era sempre questão senão da moral cristã pregada pelo Cristo, e que jamais falara da lei de Moisés. Eu me dizia, entretanto, que os mandamentos de Deus, revelados por Moisés, me pareciam ser o fundamento da moral cristã; que o Cristo pôde dela alargar o quadro, desenvolvendo-lhe as conseqüências, mas que o germe estava na lei ditada no Sinai. Perguntei-me, então, se a menção, tão freqüentemente repetida da moral do Cristo, se bem que a de Moisés não lhe fosse estranha, não provinha do fato de que a maioria das comunicações recebidas emanava de Espíritos que pertenceram à religião dominante, e se elas não seriam uma lembrança das idéias terrestres. Sob o império desses pensamentos, evoquei o meu Espírito protetor, que foi um de meus parentes próximos e se chamava Mardoché R... Eis as perguntas lhe dirigi e as respostas que me deu, etc...

1. Em todas as comunicações que são dadas na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, cita-se Jesus como sendo aquele que ensinou a mais bela moral; o que devo disso pensar? - R. Sim, foi o Cristo o iniciador da moral mais pura, a mais sublime; a moral evangélica cristã que deve renovar o mundo, aproximar os homens e torná-los todos irmãos; a moral que deve fazer jorrar de todos os corações humanos a caridade, o amor ao próximo; que deve criar entre todos os homens uma solidariedade comum; uma moral, enfim, que deve transformar a Terra e dela fazer uma morada para Espíritos superiores àqueles que hoje a habitam. É a lei do progresso à qual a natureza está submetida que se cumpre, e o Espiritismo é uma das forças vivas, das quais Deus se serve para fazer a Humanidade avançar no caminho do progresso moral. Os tempos são chegados em que as idéias morais devem se desenvolver para cumprir os progressos que estão nos desígnios de Deus; elas devem seguir o mesmo caminho que as idéias da liberdade percorreram, e das quais elas eram precursoras. Mas não é preciso crer que esse desenvolvimento se fará sem lutas; não; elas têm necessidade, para chegarem à maturidade, de abalos e discussões, a fim de que atraíam a atenção das massas; mas uma vez fixada a atenção, a beleza e a santidade da moral atingirão os Espíritos, e eles se ligarão a uma ciência que lhes dá a chave da vida futura e lhes abre as portas da felicidade eterna.

Deus é só e único, e Moisés é o Espírito que Deus enviou, em missão, para se fazer conhecer, não só aos Hebreus, mas ainda aos povos pagãos. O povo hebreu foi o instrumento do qual Deus se serviu para fazer a sua revelação por Moisés e pelos profetas, e as vicissitudes desse

povo tão notável eram feitas para atingir os olhos e fazer cair o véu que escondia, aos homens, a Divindade.

2. Em que, pois, a moral de Moisés é inferior à do Cristo? - R. Naquilo em que a de Moisés não era apropriada senão ao estado de adiantamento no qual se encontravam os povos, que fora chamado a regenerar, e que esses povos, semi-selvagens quanto ao aperfeiçoamento de sua alma, não teriam compreendido que se pode adorar a Deus de outro modo que pelos holocaustos, nem que fosse necessário perdoara um inimigo. Sua inteligência, notável do ponto de vista da matéria, e mesmo sob o das artes e das ciências, era muito atrasada em moralidade, e não se converteria sob o império de uma religião inteiramente espiritual; era-lhe necessária uma representação semi-material, tal como a oferecia então a religião hebraica. Assim é que os holocaustos falavam aos seus sentidos, enquanto que a idéia de Deus falava ao seu espírito.

Os mandamentos de Deus, dados por Moisés, trazem o germe da moral cristã a mais extensa, mas os comentários da Bíblia restringiram-lhe o sentido, porque empregados em toda a sua pureza, não seriam compreendidos então. Mas os dez mandamentos de Deus com isso não ficaram menos o frontispício brilhante, como o farol que deveria esclarecer a Humanidade no caminho que tinha a percorrer. Foi Moisés que abriu o caminho; Jesus continuou a obra; o Espiritismo a terminará.

3. O sábado é um dia consagrado? - R. Sim, o sábado é um dia consagrado ao repouso, à prece; é o emblema da felicidade eterna junto à qual aspiram todos os Espíritos, e à qual não chegarão senão depois de estarem aperfeiçoados pelo trabalho, e de estarem despojados, pelas encarnações, de todas as impurezas do coração humano.

4. Como ocorre, então, que cada seita haja consagrado um dia diferente? - R. Cada seita, é verdade, consagrou um dia diferente, mas isso não é um motivo para não se conformar. Deus aceita as preces e as formas de cada religião, contanto que os atos respondam ao ensinamento. Sob qualquer forma que se evoque Deus, a prece lhe é agradável, se a intenção é pura.

5. Pode-se se esperar o estabelecimento de uma religião universal? - R. Não, não em nosso planeta, ou, pelo menos, não antes que haja feito progressos que vários milhares de gerações não verão mesmo. MARDOCHÉ R....

Lições familiares de moral

(Remessa da senhora condessa F..., de Varsóvia, médium. Traduzido do polonês.)

Meus caros filhos, a vossa maneira de compreender a vontade de Deus é errônea, naquilo em que tomais tudo o que acontece pela expressão dessa vontade. Certamente, Deus conhece tudo o que é, tudo o que foi e tudo o que deve ser; a sua santa vontade, sendo sempre a expressão de seu amor divino, traz em se realizando a graça e a bênção, ao passo que afastando desse caminho único, o homem atrai para si penas que não são senão advertências. Infelizmente o homem hoje, cego pelo orgulho de seu Espírito, afogado na lama de suas paixões, não quer compreendê-las; ora, sabeí, meus filhos, o tempo se aproxima em que o reino da vontade de Deus começará sobre a Terra; então, infeliz daquele que ousar ainda a isso se opor, será quebrado como a cana, ao passo que aqueles que se emendarem verão se abrir para eles os tesouros da misericórdia infinita. Vede por aí que se a vontade de

Deus é a expressão de seu amor, e por isso mesmo imutável e eterna, todo ato de rebeldia contra essa vontade, embora soprado pela incompreensível sabedoria, não é senão temporário e passageiro, e antes uma prova da paciente misericórdia de Deus, do que a expressão da sua vontade.

II

Vejo com prazer, meus filhos, que a vossa fé não enfraqueceu, apesar dos ataques dos incrédulos. Se todos os homens acolheram com o mesmo zelo, a mesma perseverança e sobretudo com a mesma pureza de intenção, essa manifestação extraordinária da bondade divina, nova porta aberta ao vosso adiantamento, isso foi uma prova evidente de que o mundo não é nem tão mau, nem tão endurecido quanto parece, e que, o que é inadmissível, a mão de Deus injustamente pesou sobre os humanos. Não estejais, pois, admirados da oposição que o Espiritismo encontra no mundo; destinado a combater vitoriosamente o egoísmo e a trazer o triunfo da caridade, ele é muito naturalmente o alvo para as perseguições do egoísmo e do fanatismo que, freqüentemente, dele deriva. Lembrai-vos o que foi dito há muitos séculos: "Haverá muitos chamados e poucos escolhidos." Entretanto, o bem que vem de Deus acabará sempre por triunfar do mal que vem dos homens.

III

Deus fez descer sobre a Terra a fé e a caridade, para ajudarem os homens a sacudir a dupla tirania do pecado e da arbitrariedade, e não poderia se duvidar que, com esses dois divinos motores, eles teriam, há muito tempo, alcançado uma felicidade tão perfeita quanto o comporta a natureza humana e o estado físico do vosso globo, se os homens não tivessem deixado a fé definhando e seus corações secarem. Acreditaram mesmo, um momento, poder passarem sem ela e se salvarem unicamente pela caridade. Foi então que se viu nascer essa multidão de sistemas sociais, bons na intenção que os ditou, mas defeituosos e impraticáveis na forma. E por que são impraticáveis, direis? Não são fundados sobre o desinteresse de cada um? Sim, sem dúvida; mas para fundar sobre o desinteresse é necessário primeiro que o desinteresse exista, ora, não basta decretá-lo, é necessário inspirá-lo. Sem a fé que dá a certeza das compensações da vida futura, o desinteresse é uma tolice aos olhos do egoísta; eis porque os sistemas que não repousam sobre os interesses materiais são instáveis, tanto é verdade que o homem não saberia nada construir de harmonioso e de durável, sem a fé que, não só mente o dota de uma força moral superior a todas as forças físicas, mas lhe abre a assistência do mundo espiritual, e lhe permite haurir na fonte do poder divino.

IV

"Quando mesmo cumprirdes tudo o que vos foi ordenado, considerai-vos como servidores inúteis." Estas palavras do Cristo vos ensinam a humildade como a primeira base da fé e uma das primeiras condições da caridade. Aquele que tem a fé não esquece que Deus conhece todas as imperfeições; conseqüentemente, ele não se acha jamais em querer parecer, aos olhos de seu próximo, melhor do que é. Aquele que tem humildade acolhe sempre com doçura as censuras que lhe são dirigidas, por injustas que sejam; porque, sabe-o bem, a injustiça não irrita jamais o justo, mas é colocando o dedo sob qualquer ferida envenenada de vossa alma que se faz subir sobre o vosso rosto o rubor da vergonha, indício certo de um orgulho mal ocultado. O orgulho, meus filhos, é o maior obstáculo ao vosso aperfeiçoamento, porque não vos deixa aproveitar as lições que se vos dão; portanto, é combatendo-o sem paz nem trégua que trabalhareis melhor para o vosso adiantamento.

V

Se lançais os olhos sobre o mundo que vos cerca, vê reis que tudo nele é harmonia: a harmonia do mundo material é o belo. Entretanto, isso não é ainda senão a parte menos nobre da criação; a harmonia do mundo espiritual é o amor, emanação divina que preenche os espaços e conduz a criatura ao seu criador. Tratai, meus filhos, de com ele encher os vossos corações; tudo o que poderíeis fazer de grande, fora desta lei, não poderia vos ser contado; soo amor, quando vos tiver assegurado o triunfo sobre a Terra, fará vir a vós o reino de Deus, prometido pelos apóstolos.

Os Missionários

(Remessa do Sr. Sabò, de Bordeaux.)

Vou dizer-vos algumas palavras para vos fazer compreender o objetivo que se propõem os Missionários deixando a pátria e a família para irem evangelizar as populações ignorantes ou ferozes, posto que irmãos, mas inclinados ao mal e não conhecendo o bem; ou para irem pregar a mortificação, a confiança em Deus, a prece, a fé, a resignação nas dores, na caridade, a esperança de uma vida melhor depois do arrependimento; dizeis, não está aí o Espiritismo? Sim, almas de elite que sempre servistes a Deus ou observastes fielmente as suas leis; que amais e socorreis o vosso próximo, vós sois Espíritas. Mas não conheceis essa palavra de criação nova, e aí vedes um perigo. Pois bem! Uma vez que a palavra vos assusta, não a pronunciamos mais diante de vós, até que vós mesmos venhais pedir esse nome, que resume a existência de Espíritos e suas manifestações: o Espiritismo.

Irmãos amados, que são os Missionários junto das nações na infância? Espíritos em missão que são enviados por Deus, nosso pai, para esclarecerem pobres Espíritos mais ignorantes: para lhes ensinar a esperar nele, a conhecê-lo, a amá-lo, a ser bons esposos, bons pais, bons para seus semelhantes; para lhes dar, tanto quanto comporte sua a natureza inculta, a idéia do bem e do belo. Ora, vós, que sois tão fiéis pela vossa inteligência, sabeis que partistes de tão baixo, e que tendes ainda muito a fazer para chegar ao mais alto grau. Eu vos pergunto, meus amigos, sem as missões e os Missionários, em que se tornariam essas pobres pessoas abandonadas às suas paixões e à sua natureza selvagem? Mas dizeis: Sois vós que, a exemplo desses homens devotados, ireis pregar o Evangelho a esses irmãos rudes? Não, não sois vós: tendes uma família, amigos, uma posição que não podeis abandonar; não, não sois vós que amais as doçuras da lareira doméstica; não, não sois vós, que tendes a fortuna, honras, todas as felicidades, enfim, que satisfazem a vossa vaidade e o vosso egoísmo; não, não sois vós. São necessários homens que deixem o teto paterno a pátria com alegria; homens que façam pouco caso da vida, porque freqüentemente ela é cortada pelo ferro e o fogo; são necessários homens bem convencidos de que, se vão trabalharem na vinha do Senhor e irrigarem com o seu sangue, encontrarão no Mais Alto a recompensa de tantos sacrifícios; dizei, são esses materialistas que seriam capazes de um tal devotamento, aqueles que não esperam mais nada depois desta vida? Crede-me, são Espíritos enviados por Deus. Não riais, pois, daquilo que chamais sua tolice, porque são instruídos, e, expondo sua vida para esclarecer seus irmãos ignorantes, têm direito ao vosso respeito e à vossa simpatia. Sim, são Espíritos encarnados que têm a missão perigosa de irem esclarecer essas inteligências incultas, como outros Espíritos mais elevados têm por missão vos fazer progredir, vós mesmos.

O que acabamos de fazer, meus amigos, é do Espiritismo; não vos assusteis, pois, com esta

palavra; não riais mais dela, sobretudo, porque é o símbolo da lei universal que rege os seres vivos da criação.

ADOLFO, bispo de Alger.

A França

(Comunicação enviada pelo Sr. Sabò, de Bordeaux.)

Tu também, terra dos Franceses, estais mergulhada na barbárie, e tuas coortes selvagens levam o pavor e a desolação até o seio das nações civilizadas. Oferecias a Teutatès montanhas de sacrifícios humanos, e tremias à voz dos Druidas que escolhiam as suas vítimas; e os dolmens que te serviam de altares jazem no meio de charnecas estéreis! E o pastor que para ali conduz seus magros rebanhos olha com espanto esses blocos de granito, e se pergunta para que serviram essas lembranças de uma outra época!

Entretanto, teus filhos, cheios de bravura, domaram as nações, e reentraram sobre o solo natal, a frente triunfante, tendo em suas mãos os troféus de suas vitórias, e arrastando os vencidos numa vergonhosa escravidão! Mas Deus queria que tomasses teu lugar entre elas, e te enviou os seus bons Espíritos, apóstolos de uma religião nova, que vinham pregar, aos teus selvagens filhos, o amor, o perdão, a caridade, e quando Clóvis, à frente de suas armadas, chamou em seu socorro esse Deus poderoso, ele acorreu à sua voz, deu-lhe a vitória, e em filiar reconhecimento o vencedor abraçou o cristianismo! O apóstolo do Cristo, em lhe derramando a unção santa, inspirado pelo Espírito de Deus, lhe ordenou adorar aquilo que queimara, e de queimar aquilo que adorara.

Então começou para ti uma longa luta entre os teus filhos, que não podiam se decidir a desafiar a cólera de seus deuses e de seus sacerdotes, e não foi senão depois que o sangue dos mártires regou teu solo, para nele fazer germinar as suas pregações, que sacudistes, pouco a pouco, de teu coração o culto de teus pais, para seguir o de teus reis. Eles eram bravos e valorosos; iam por sua vez combater as hordas selvagens dos bárbaros do Norte; e entrados na calma de seus palácios, se aplicaram ao progresso e à civilização de seus povos; durante uma longa seqüência de séculos, viu-se que cumpriram esse progresso, lentamente é verdade, mas te colocaram no primeiro plano.

Todavia, tão freqüentemente fostes culpável que o braço de Deus se levantou, e estava prestes a te exterminar; mas se o solo francês é um lar de incredulidade e de ateísmo, é também o foco dos impulsos generosos, da caridade e dos sublimes devotamentos; ao lado da impiedade florescem as virtudes pregadas pelo Evangelho; também elas desarmaram o seu braço prestes a atingir tantas vezes, e lançando sobre esse povo que ele ama um olhar de clemência, o escolheu para ser o órgão de sua vontade, e será de seu seio que deverão sair o germes da doutrina Espírita, que faz ensinar pelos bons Espíritos, a fim de que seus raios benfazejos, pouco a pouco vão penetrar os corações de todas as nações, e que os povos, consolados por preceitos de amor, de caridade, de perdão e de justiça, marchem a passo de gigante para a grande reforma moral que deve regenerar a Humanidade. França! Tens a tua sorte entre as tuas mãos; se desprezas a voz celeste que te chama a esses gloriosos destinos se a tua indiferença te faz repelir a luz que debes difundir, Deus te repudiará, como repudiou outrora o povo hebreu, porque ele estará com aquele que cumprirá os seus desígnios. Apressa-te, pois, porque o momento chegou! Que os povos aprendam de ti o caminho da verdadeira felicidade; que o teu exemplo lhes mostre os frutos consoladores que devem dela retirar, e repetirão com o coro dos bons Espíritos: Deus protege e bendiz a

França!

CHARLEMAGNE.

A ingratiidãõ

(Remessa do Sr. Pichon, médium de Sens.)

É necessário sempre ajudar os fracos e àqueles que têm o desejo de fazer o bem, embora sabendo de antemão que não será recompensado por aqueles a quem se o faz, porque aquele que vos recusa agradecer por tê-lo assistido não é sempre tão ingrato como o imaginais: bem freqüentemente ele age segundo os objetivos que Deus se propôs, mas seus objetivos não são, e muito freqüentemente não podem ser, apreciados por vós. Que vos baste saber que é necessário fazer o bem por dever e por amor a Deus, porque Jesus disse: "Aquele que não faz o bem senão por interesse já recebeu a sua recompensa." Sabei que se aquele a quem prestais serviço esquece o benefício, Deus vo-lo terá mais em conta do que se estivesses já recompensado pela gratidão de vosso protegido.

SÓCRATES.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quarto Ano – 1861

Abril

- [Ainda uma palavra sobre o Sr. Deschanel](#)
- [Senhor Louis Jourdan e O Livro dos Espíritos](#)
- [Apreciação da História do maravilhoso, do Sr. Louis Figuier, pelo Sr. Escande, redator da ModeNouvelle](#)
- [O Mar, pelo Sr. Michelet](#)
- Conversas familiares de além-túmulo.
 - [Alfred Leroy, suicida](#)
 - [Jules Michel](#)
- [Correspondência. - Carta de Roma](#)
- Dissertações Espíritas.
 - [A verdade vai nascer \(Massillon\)](#)
 - [Progresso de um Espírito perverso](#)
 - [Sobre o ciúme entre os médiuns](#)

Ainda uma palavra sobre o Sr. Deschanel

Revista Espírita, abril de 1861

Do Journal dês Débats.

No precedente número da *Revista Espírita*, nossos leitores puderam ver, ao lado de nossas reflexões sobre o artigo do Sr. Deschanel, a carta pessoal que lhe dirigimos. Essa carta, muito curta, da qual lhe pedimos a inserção, tinha por objeto retificar um erro grave que ele cometera em sua apreciação. Apresentando a Doutrina Espírita como estando fundada sobre o mais grosseiro materialismo, era desnaturar-lhe completamente o espírito, Tia vez que ela, ao contrário, tende a destruir as idéias materialistas. Havia em seu artigo muitos outros erros que pudéramos relevar, mas aquele era muito capital para permanecer sem resposta; tinha uma gravidade real em que ele tendia a lançar um verdadeiro desfavor sobre os numerosos adeptos do Espiritismo. O Sr. Deschanel não acreditou dever submeter-se ao nosso pedido, e eis a resposta que nos dirigiu:

"Senhor,

"Recebi a carta que fizestes a honra de escrever, em data 5 de fevereiro. O vosso editor, Sr. Didier, consentiu em me encarregar de vos explicar que foi sob o seu reiterado pedido que consenti dar conta, nos *Débats*, de vosso livro *O Livro dos espíritos*, sob a condição de criticar tanto quanto eu quisesse; nossa convenção. Eu vos agradeço de ter compreendido que, nessas circunstâncias, usar de vosso direito de contra-exposição fora estritamente legal, mas menos delicada, seguramente, do que a abstenção à qual acedestes, assim como o Sr. Didier me informou esta manhã.

"Quereis aceitar, etc.

E. Deschanel

Esta carta falta com a exatidão sobre vários pontos. É verdade que o Sr. Didier remeteu ao Sr. Deschanel um exemplar de *O Livro dos Espíritos*, como isso se pratica de editora a jornalista; mas o que não é exato, é que o Sr. Didier se tenha encarregado de nada nos explicar sobre as suas pretensas instâncias reiteradas para que disso fosse dado conta, e se o Sr. Deschanel acreditou dever-lhe consagrar vinte e quatro colunas de zombarias, nos permitirá crer que isso não foi nem condescendência nem por deferência para com o Sr. Didier. De resto, nós o dissemos, não é disso de que nos lamentamos: a crítica estava em seu direito; e do momento que ele não partilha a nossa maneira de ver, estava livre para apreciar a obra sob o seu ponto de vista, assim como ocorre todos os dias; uma coisa é levada às nuvens por uns, depreciada pelos outros, mas nem um nem o outro desses julgamentos é sem apelação; o único juiz em última instância é o público, e sobretudo o público futuro, que é estranho às paixões e às intrigas do momento. Os elogios obsequiosos de grupos não o impedem de enterrar, para sempre, o que é realmente mau, e o que é verdadeiramente bom sobrevive a despeito das diatribes da inveja e do ciúme.

Desta verdade duas fábulas dão fé,

Tão abundantes as provas da coisa, teria dito La Fontaine; não citaremos duas fábulas, mas dois fatos. Ao seu aparecimento, a *Phèdre* de Racine teve contra ela a corte e a cidade, e foi achincalhada; o autor ficou cheio de tantos desgostos que, com a idade de trinta e oito anos, renunciou a escrever para o teatro; a *Phèdre* de Pradon, ao contrário, foi enaltecida com outra medida; qual é hoje a sorte dessas duas obras? Um outro livro mais modesto, *Paul et Virginie*, foi declarado nati-morto pelo ilustre Buffon que o achou insosso e insípido, e todavia, sabe-se que nunca um livro foi tão popular. Por esses dois exemplos, nosso objetivo é simplesmente provar que a opinião de um crítico, qualquer que seja o seu mérito, é sempre uma opinião pessoal e que nem sempre é ratificada pela posteridade pública. Mas voltemos de Buffon a Deschanel, sem comparação, porque Buffon está grosseiramente enganado, ao passo que o Sr. Deschanel crê, sem dúvida, que não se dirá tanto dele.

O Sr. Deschanel, na carta, reconhece que o nosso direito de contra-exposição foi estritamente legal, mas acha mais delicadeza, de nossa parte, não o exercitar; ele se engana ainda completamente quando diz que *acedemos a* uma abstenção, o que daria a entender que *acedemos a* uma solicitação, e mesmo que o Sr. Didier teria sido encarregado de informá-lo; ora, nada é menos exato. Não acreditamos dever exigir a inserção de uma exposição contraditória; é-lhe permitido achar a nossa doutrina má, detestável, absurda, e de gritá-lo sobre os telhados, mas esperávamos de sua *lealdade a* publicação de nossa carta para retificar uma alegação falsa, e podendo insultar a nossa consideração, naquilo que nos acusa de professar e de propagar as próprias doutrinas que combatemos, como subversivas da ordem social e da moral pública. Não lhe pedimos uma retratação, à qual o seu amor-próprio talvez se recusasse, mas simplesmente para inserir o nosso protesto; certamente, não abusamos do direito de resposta, uma vez que em troca de vinte e quatro colunas nós lhe não pedíamos senão trinta a quarenta linhas. Nossos leitores saberão apreciar a sua recusa; se ele consentiu ver delicadeza no nosso proceder, não saberíamos julgar o seu do mesmo modo.

Quando o Sr. abade Chesnel publicou no *Univers*, de 1858, seu artigo sobre o Espiritismo, ele deu, da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos* uma idéia igualmente falsa apresentando-a como uma seita religiosa, tendo o seu culto e seus sacerdotes; esta alegação desnaturava completamente o seu objetivo e suas tendências, e podia enganar a opinião pública; ela era tanto mais errônea quanto o regulamento da Sociedade lhe proíbe se ocupar de matérias religiosas; não se conceberia, com efeito, uma Sociedade religiosa que não pudesse se ocupar de religião. Protestamos contra essa assertiva, não com algumas linhas, mas por um artigo inteiro e longamente motivado que, ao nosso simples pedido, o *Univers* fez a si o dever de inseri-lo. Lamentamos que, em semelhante circunstância, o Sr. Deschanel, do jornal *dês Débats*, se creia menos moralmente obrigado de restabelecer a verdade do que os Senhores do *Univers*; se isso não fosse uma questão de direito, seria sempre uma questão de lealdade; reservar-se o direito de atacar sem admitir a defesa, é um meio fácil, para ele, de fazer com que os seus leitores creiam que ele tem razão.

Senhor Louis Jourdan e *O Livro dos Espíritos*

Revista Espírita, abril de 1861

Uma vez que estamos ocupados falando de publicistas a propósito do Espiritismo, não nos detenhamos em caminho; esses Senhores, em geral, não nos perturbam, e como não fazemos mistério de suas críticas, hão de se nos permitir apresentar-lhe a contrapartida, e opor à opinião do Sr. Deschanel e outros, a de um escritor do qual ninguém contesta o valor e a influência sem que nos possam taxar de amor-próprio. Os elogios, aliás, não se dirigem à nossa pessoa ou pelo menos não os tomamos para nós, e reportamo-lhes as honras aos guias espirituais que consentem em nos dirigir. Não saberíamos, pois, nos prevalecer do mérito que se pode encontrar em nossos trabalhos; aceitamos os elogios, não como indício do nosso valor pessoal, mas como consagração da obra que empreendemos, obra que, com a ajuda de Deus, esperamos levar a bom fim, porque não estamos no fim, e o mais difícil não foi feito. Sob esse aspecto a opinião do Sr. Louis Jourdan é de um certo peso, porque se sabe que ele não fala levianamente e por falar, ou enche colunas com palavras; certamente, ele pode se enganar como um outro, mas, em todos os casos, sua opinião é sempre conscienciosa.

Seria prematuro dizer que o Sr. Jourdan é um adepto confesso do Espiritismo; ele mesmo declarará que nada viu, não estar em relação com nenhum médium; julga a coisa segundo o seu sentimento íntimo, e como ele não toma seu ponto de partida na negação da alma e de toda a força extra-humana, vê na Doutrina Espírita uma nova fase do mundo moral e um meio de explicar o que até então era inexplicado; ora, admitindo a base, sua razão não se recusa de nenhum modo em admitir as conseqüências, ao passo que o Sr. Figuiier não pode admitir essas conseqüências, desde que ele rejeita o princípio fundamental. Não tendo tudo estudado, tudo aprofundado nesta vasta ciência, não se admira de que as suas idéias não estejam fixadas sobre todos os pontos, e, por isso mesmo certas questões devem lhe parecer ainda hipotéticas; mas um homem de senso não diz: Eu não compreendo, portanto, isso não é; diz ao contrário: Eu não sei, porque não aprendi, mas eu não nego. Por causa disso, o homem sério não se satisfaz sobre uma questão que toca os mais graves interesses da Humanidade, e o homem prudente se cala sobre o que ignora, de medo que os fatos venham, como em tantos outros, dar um desmentido às suas negações, e que se não lhe oponham este irresistível argumento: Falais daquilo que não sabeis. Passando, pois, sobre as questões de detalhes para as quais confessa a sua incompetência, ele se limita à apreciação do princípio, e esse princípio, apenas raciocinando-o, fá-lo admitir-lhe a possibilidade, assim como isso ocorre diariamente.

O Sr. Jourdan primeiro publicou um artigo sobre *O Livro dos Espíritos*, em o *Causer* (nº 8, abril de 1860); eis disso um ano e dele não falamos ainda nesta Revista, prova de que não estamos muito empenhados em nos prevalecer dos elogios, ao passo que citamos textualmente, ou indicamos, as mais amargas críticas, prova também de que não tememos a sua influência. Esse artigo está reproduzido em sua nova obra: *Um Filósofo ao canto da lareira* (1-(1) 1. vol. in-12; preço 3 francos. Casa Dentu.), da qual forma um capítulo. Dela extraímos as passagens seguintes:

"Prometi formalmente retornar sobre um assunto do qual disse apenas algumas palavras, e que merece uma atenção toda particular, é *O Livro dos Espíritos*, contendo os princípios da doutrina e da filosofia *espírita*. A palavra pode vos parecer bárbara, mas, que fazer? Às coisas novas são necessárias palavras novas. As mesas girantes conduziram ao Espiritismo, e estamos hoje de posse de uma doutrina completa, inteiramente revelada pelos Espíritos, porque *O Livro dos Espíritos* não foi feito pela mão do homem; o Sr. Allan Kardec se limitou a colecionar e pôr em ordem as respostas dadas pelos Espíritos às inumeráveis perguntas que lhes foram colocadas, respostas breves, que nem sempre satisfazem a curiosidade do perguntador, mas que, consideradas em seu conjunto, constituem com efeito uma doutrina, uma moral, e quem sabe? talvez uma religião.

"Julgai-o vós mesmos. Os Espíritos se explicaram claramente sobre as causas primeiras, sobre Deus e o Infinito, sobre os atributos da Divindade. Eles nos deram os elementos gerais do Universo, o conhecimento do princípio das coisas, as propriedades da matéria. Disseram os mistérios da criação, a formação dos mundos e dos seres vivos, as causas e as diversidades das raças humanas. Daí ao princípio vital não havia senão um passo, e nos disseram o que era o princípio vital, o que eram a vida e a morte, a inteligência e o instinto.

"Depois, levantaram o véu que esconde o mundo espírita, quer dizer, o mundo dos Espíritos, e nos disseram qual era a sua origem e qual era a sua natureza; como se encarnam e qual era o objetivo dessa encarnação; como se efetuava o retorno da vida corporal para a vida espiritual. Espíritos errantes, mundos transitórios, percepções, sensações e sofrimentos dos Espíritos, relações de além-túmulo, relações simpáticas e antipáticas dos Espíritos, retomo à vida corporal, emancipação da alma, intervenção dos Espíritos no mundo corpóreo, ocupação e missão dos Espíritos, nada nos foi ocultado.

"Eu disse que os Espíritos estavam ocupados em fundar não só uma doutrina e uma filosofia, mas também uma religião. Com efeito, eles elaboraram um código de moral onde se encontram formuladas leis cuja sabedoria me parece muito grande, e, para que nada lhe falte, disseram quais seriam as penas e os gozos futuros, o que seria necessário entender por estas palavras: Paraíso, purgatório e inferno. É, como se vê, um sistema completo, e não experimento nenhum embaraço para reconhecer que se esse sistema não tem a coesão poderosa de uma obra filosófica, se contradições se manifestam aqui e ali, é pelo menos muito notável pela sua originalidade, pela sua alta importância moral, pelas soluções inesperadas que dá às delicadas questões que, em todos os tempos, inquietaram ou preocuparam o espírito humano.

"Sou completamente estranho à escola espírita; não conheço nem os seus chefes, nem os seus adeptos; nunca vi funcionar a menor mesa girante; não tive nenhuma relação com nenhum médium; não fui testemunha de nenhum desses fatos sobrenaturais ou miraculosos, dos quais encontro os relatos incríveis nessas coletâneas espíritas que me foram enviadas. Não afirmo e nem recuso absolutamente a comunicação dos Espíritos; eu creio *a priori* que essas comunicações são possíveis e a minha razão, com isso, não está de nenhum modo alarmada. Não tenho necessidade, para nisso crer, da explicação que me deu recentemente o meu sábio amigo, Sr. Louis Figuier, sobre esses fatos que ele atribui à influência magnética dos médiuns.

"Não vejo nada de impossível em que relações se estabeleçam entre o mundo invisível e nós. Não me pergunteis o como e o porquê, disso nada sei; isto é assunto de sentimento e não de

demonstração matemática. É, pois, um sentimento que exprimo, mas um sentimento que nada tem de vago e toma em meu espírito, e em meu coração, formas bastante precisas.

Se pelo funcionamento dos nossos pulmões, hauríamos no espaço infinito que nos cerca os fluidos, os princípios vitais necessários à nossa existência, é bem evidente que estamos em relação constante e necessária com o mundo invisível. Esse mundo está povoado de Espíritos errantes, como almas em pena e sempre prontas a responder aos nossos chamados? Aí está o que é mais difícil de admitir, mas também o que seria mais temerário negar absolutamente.

"Sem dúvida, não temos dificuldade em crer que todas as criaturas de Deus não se parecem aos tristes habitantes de nosso planeta. Somos bastante imperfeitos, estamos submetidos a necessidades bastante grosseiras para que não seja difícil imaginar que existem seres superiores que não sofram nenhuma pena corpórea; seres radiantes e luminosos, espírito e matéria como nós, mas espírito mais sutil e mais puro, matéria menos densa e menos pesada; mensageiros fluídicos que unem entre eles os universos, sustentam, encorajam os astros e as raças diversas que os povoam no cumprimento de sua tarefa.

"Pela aspiração e a respiração estamos em relação com toda a hierarquia dessas criaturas, desses seres dos quais não podemos compreender mais a existência que não podemos nos representar a sua forma. Não é, pois, absolutamente impossível que alguns desses seres entrem acidentalmente em relação com os homens, mas o que nos parece pueril, é que lhe falta o concurso material de uma mesa, de uma prancheta ou de um médium qualquer, para que essas relações se estabeleçam.

"De duas coisas uma: ou essas comunicações são úteis, ou elas são ociosas. Se são úteis, os Espíritos não devem ter necessidade de serem chamados de modo misterioso, de serem evocados e interrogados para ensinarem aos homens o que lhe importa saber; se são ociosas, por que a elas recorrer?

"Não tenho nenhuma repugnância em admitir essas influências, essas inspirações, essas revelações, se quereis. O que rejeito absolutamente, é que, sob o pretexto de revelação, venham me dizer: Deus falou, portanto ide vos submeter. Deus falou pela boca de Moisés, do Cristo, de Maomé, pois sereis judeus, cristãos ou muçulmanos, senão incorrereis nos castigos eternos e, esperando isso, iremos vos maldizer ou vos torturar nesse mundo.

"Não! Não! semelhantes revelações não as quero por nenhum preço; acima de todas as revelações, de todas as inspirações, de todos os profetas presentes, passados ou futuros, há uma lei suprema: é a lei da liberdade. Tendo essa lei por base, eu admitirei, salvo discussão, tudo o que vos agradar. Suprimi essa lei, e não haverá senão trevas e violência. Eu quero ter a liberdade de crer ou de não crer, e de dizê-lo bem alto; é meu direito, quero usá-lo; é a minha liberdade e a ela me apego. Dizei-me que, não crendo no que me ensinais, perco a minha alma; é possível. Eu quero a minha liberdade até esse limite; quero perder a minha alma se isso me aprovar. E quem, pois, neste mundo, será juiz de minha salvação ou de minha perda? Quem, pois, pode dizer: Aquele está salvo, este está perdido sem retomo? Então a misericórdia de Deus não será infinita? Será que quem esteja no mundo pode sondar a profundidade de uma consciência?

"É porque esta doutrina se encontra também no livro do Sr. Allan Kardec, que me reconcilio com os Espíritos que ele interrogou. O laconismo de suas respostas prova que os Espíritos não têm tempo a perder, e se me espanto com alguma coisa, é que eles tenham ainda bastante para responder complacientemente ao chamado de tantas pessoas que perdem o seu para evocá-los.

"Tudo o que dizem, de um modo mais ou menos claro, mais ou menos sumário, os Espíritos dos quais o Sr. Allan Kardec coligiu as respostas, foi exposto e desenvolvido com uma notável limpidez por Michel que me parece ser, longe disso, o mais avançado e o mais completo de todos os místicos contemporâneos. Sua revelação é, ao mesmo tempo, uma doutrina e um poema, doutrina santa e fortificante, poema brilhante. A única vantagem que encontro nas perguntas e respostas que o Sr. Allan Kardec publicou, é que elas se apresentam sob uma forma mais acessível para a grande massa dos leitores, e das leitoras sobretudo, as principais idéias sobre as quais importa chamar a sua atenção. Os livros de Michel não são de leitura fácil; exigem uma tensão de espírito muito sustentada. O livro do qual falamos, ao contrário, pode ser uma espécie de *vade mecum*; é tomado, deixado e aberto não importa onde, e súbito a curiosidade é despertada. As perguntas dirigidas aos Espíritos são aquelas que nos preocupam a todos; as respostas são, algumas vezes, muito fracas, outras vezes elas condensam em poucas palavras a solução dos problemas mais difíceis, e sempre oferecem um vivo interesse ou salutares indicações. Eu não sei de curso de moral mais atraente, mais consolador, mais encantador do que aquele. Todos os grandes princípios sobre os quais se fundam as civilizações modernas ali estão confirmados, e notadamente o princípio dos princípios: a liberdade! O espírito e o coração dali saem serenos e fortificados.

"São sobretudo os capítulos relativos à pluralidade dos sistemas, à lei do progresso coletivo e individual, que têm uma atração e um encanto poderosos. Para mim, os Espíritos do Sr. Allan Kardec nada me ensinaram sob este aspecto. Há muito tempo que creio firmemente no desenvolvimento progressivo da vida através dos mundos; que a morte é o limiar de uma existência nova, cujas provas são proporcionais aos méritos da existência anterior. De resto, a velha fé gaulesa, era a doutrina druida, e os Espíritos nada inventaram nisso; mas o que eles acrescentaram foi uma série de deduções e de regras práticas, excelentes na conduta da vida. Sob esse aspecto, como sob muitos outros, a leitura desse livro, independentemente do interesse e da curiosidade que a sua origem excita, pode ter um alto caráter de utilidade para os caracteres indecisos, para as almas mal consolidadas que flutuam nos limites da dúvida. A dúvida! É o pior dos males! É a mais horrível das prisões, é preciso sair dela a todo preço. Esse livro estranho nisso ajudará mais de um e mais de uma a consolidar a sua vida, a romper os ferrolhos de sua prisão, precisamente porque ele é apresentado sob uma forma mais simples e elementar, sob a forma de um catecismo popular que todo o mundo pode ler e compreender."

Depois de citar algumas questões sobre o casamento e o divórcio, que acha um pouco pueris e não estão tratadas a seu gosto, o Sr. Jourdan termina assim:

"Eu me apresso em dizer, entretanto, que todas as respostas dos Espíritos não são tão superficiais como aquelas de que acabo de falar. É o conjunto desse livro que é notável, é o

dado geral que está marcado com uma certa grandeza e uma originalidade muito viva. Que ela emane ou não de uma fonte extra-natural, a obra é impressionante a mais de um título, e foi só por isso que me interessou vivamente, e estou fundado a crer que ela pode interessar a muitas pessoas."

Resposta.

O Sr. Jourdan faz uma pergunta, ou antes, uma objeção necessariamente motivada pela insuficiência de seus conhecimentos sobre a matéria.

"Não é, pois, absolutamente impossível, disse ele, que alguns desses seres entrem acidentalmente em relação com os homens, mas o que nos parece pueril é que falte o concurso material de uma mesa, de uma prancheta ou de um médium qualquer para que essas relações se estabeleçam. De duas coisas uma: ou essas comunicações são úteis, ou elas são ociosas. Se são úteis, os Espíritos não devem ter necessidade de ser chamados de modo misterioso, de ser evocados para ensinarem aos homens o que lhes importa saber; se elas são ociosas, por que a elas recorrer?" Em seu *Philosophe au coin du feu*, acrescenta a esse respeito: "Eis um dilema do qual a escola *Espírita* terá dificuldade para sair."

Não, certamente, não tem dificuldade para disso sair, porque há muito tempo o colocou e, há muito tempo também o resolveu, e se não o foi para o Sr. Jourdan, é porque ele não sabe tudo; ora, cremos que se tivesse lido *O Livro dos Médiuns*, que trata da parte prática e experimental do Espiritismo, teria sabido a que se ater sobre esse ponto.

Sim, sem dúvida, seria pueril, e essa palavra empregada por conveniência pelo Sr. Jourdan seria muito fraca, dizemos que seria ridículo, absurdo e inadmissível senão pelas relações tão graves como aquelas do mundo visível e do mundo invisível, se os Espíritos tivessem necessidade, para nos transmitir os seus ensinamentos, de um utensílio tão vulgar quanto uma mesa, uma cesta ou uma prancheta, porque se seguiria que aquele que estivesse privado desses acessórios estaria também privado de suas lições. Não, isso não é assim; não sendo os Espíritos senão as almas dos homens despojadas do envoltório grosseiro do corpo, há Espíritos desde que há homens no Universo (não dizemos sobre a Terra); esses Espíritos compõem o mundo invisível que povoa os espaços, que nos cerca, no meio do qual vivemos sem disso desconfiar, como vivemos, sem disso desconfiar igualmente, no meio do mundo microscópico. De todos os tempos, esses Espíritos exerceram a sua influência sobre o mundo visível; de todos os tempos, aqueles que são bons ou sábios, ajudaram o gênio pela inspiração, ao passo que outros se limitam a nos guiar nos atos ordinários da vida; mas essas inspirações, que ocorrem pela transmissão do pensamento, são ocultas e não podem deixar nenhum traço material; se o Espírito quer se manifestar de maneira ostensiva, é necessário que ele atue sobre a matéria; se quer que o seu ensino, em lugar de ter o vago e a incerteza do pensamento, tenha a precisão e a estabilidade, lhe são necessários sinais materiais e, para isso, que nos permitam a expressão, ele se serve de tudo o que lhe cai sob a mão, contanto que esteja em condições apropriadas à sua natureza. Ele se serve de uma pena, ou de um lápis, se crer escrever, de um objeto qualquer, mesa ou panela se quer bater, sem que, com isso, seja humilhado. Há algo mais vulgar do que uma pena de pato? Não é com isso que os grandes gênios legam as suas obras-primas à posteridade? Tirai-lhes todo o meio de escrever; que farão? Eles pensam; mas os seus pensamentos se perdem se ninguém os recolhe. Suponde um literato maneta, como resolve isso? Tem um secretário que escreve sob o seu ditado. Ora, como os Espíritos não podem ter a pena sem intermediário, fazem-na ter por aquele que se chama *um médium*, que inspiram e dirigem. Esse médium, às vezes, age com conhecimento de causa: é o médium propriamente dito; de outras vezes atua de

maneira inconsciente da causa que o solicita: é o caso de todos os homens inspirados que, assim, são médiuns sem o saberem. Vê-se, pois, que a questão das mesas e pranchetas é inteiramente acessória em lugar de ser a coisa principal, como crêem aqueles que disso não sabem mais; elas foram o prelúdio dos grandes e poderosos meios de comunicação, como o alfabeto foi o prelúdio da leitura corrente.

A segunda parte do dilema não é menos fácil de se resolver. "Se essas comunicações são úteis, disse o Sr. Jourdan, os Espíritos não devem ter necessidade de ser chamados de modo misterioso, de ser evocados."

Digamos primeiro que não nos compete regular o que se passa no mundo dos Espíritos; que não nos cabe dizer: As coisas devem ou não devem ser de tal ou de tal modo, porque isso seria querer reger a obra de Deus. Os Espíritos consentem em nos iniciar *em parte* quanto ao seu mundo, porque esse mundo será o nosso, talvez amanhã; cabe a nós tomá-lo como ele é, e, se não nos convém, isso não será nem mais nem menos, porque Deus não o mudará por nós.

Isto posto, apressemo-nos em dizer que nunca houve evocações misteriosas e cabalísticas; tudo se faz simplesmente, à luz e sem fórmula obrigatória. Aqueles que crêem essas coisas necessárias, ignoram os primeiros elementos da ciência espírita.

Em segundo lugar, e se as comunicações espíritas não pudessem existir senão em consequência de uma evocação, seguir-se-ia que elas seriam o privilégio daqueles que sabem evocar, e que a imensa maioria daqueles que dela jamais ouviram falar estaria privada de fazê-lo; ora, isso estaria em contradição com o que dissemos ainda há pouco das comunicações ocultas e espontâneas. Essas comunicações são para todo o mundo, para o pequeno como para o grande, o rico como para o pobre, o ignorante como o sábio. Os Espíritos que nos protegem, os parentes e os amigos que perdemos, não têm necessidade de ser chamados; eles estão junto de nós, e, embora invisíveis, nos cercam com a sua solicitude; só o nosso pensamento basta para atraí-los, provando-lhes a nossa afeição, porque, se não pensamos neles, é bastante natural que eles não pensem em nós.

Então, direis, por que evocar? Ei-lo. Suponde que estais na rua, cercado de multidão compacta que conversa e sussurra aos vossos ouvidos; mas, entre ela, percebeis ao longe alguém conhecido com quem quereis falar em particular; que fazeis se não podeis ir a ele? Chamais, e ele vem a vós. Ocorre o mesmo com os Espíritos. Ao lado daqueles que gostam de nós, e que talvez não estejam sempre ali, há a multidão inumerável dos indiferentes; se quereis falar a um Espírito determinado, como não podeis ir a ele, retido que estais pelo vosso grilhão corpóreo, vós o chamais, e aí está todo o mistério da evocação, que não tem outro objetivo senão de vos dirigir àquele que quereis, em lugar de escutar o primeiro que chegue. Nas comunicações ocultas e espontâneas, das quais falamos há pouco, os Espíritos que nos assistem nos são desconhecidos; e o fazem com o nosso desconhecimento; pelo fato das manifestações materiais, escritas ou outras, eles revelam a sua presença de maneira patente, e podem se fazer conhecer se o querem: é um meio de se saber com quem se trata, e se se tem ao redor amigos ou inimigos; ora, os inimigos não faltam mais no mundo dos Espíritos do que entre os homens; ali, como entre nós, os mais perigosos são aqueles que não se conhece; o Espiritismo prático dá os meios de conhecê-los.

Em resumo, aquele que não conhece o Espiritismo senão pelas mesas girantes dele faz uma idéia tão mesquinha e tão pueril quanto aquele que não conhecesse a física senão por certos jogos infantis; mas, quanto mais se avança, mais o horizonte se alarga, e é somente então que se lhe compreende a verdadeira importância, porque ele nos revela uma das forças mais

poderosas da Natureza, força que atua, ao mesmo tempo, sobre o mundo moral e sobre o mundo físico. Ninguém contesta a reação que exerce, sobre nós, o meio material, visível ou invisível, no qual estamos mergulhados; se estamos numa multidão, essa multidão de seres reage também sobre nós, moral e fisicamente. À nossa morte, as nossas almas vão para alguma parte; para onde vão elas? Como não há para elas nenhum lugar fechado e circunscrito, o Espiritismo diz, e prova pelos fatos, que essa alguma parte é o espaço; elas formam ao nosso redor uma população inumerável. Ora, como admitir que esse meio inteligente tenha menos ação do que o meio ininteligente? Aí está a chave de um grande número de fatos incompreendidos que o homem interpretou segundo os seus preconceitos, e que explora ao capricho de suas paixões. Quando essas coisas forem compreendidas por todo o mundo, os preconceitos desaparecerão, e o progresso poderá seguir a sua marcha sem entraves. O Espiritismo é uma luz que clareia os recônditos mais tenebrosos da sociedade; é, pois, muito natural que aqueles que temem a luz procurem aniquilá-la; mas, quando a luz tiver penetrado por toda a parte, será necessário que aqueles que procuram a obscuridade se decidam a viver na luz; será, então, que se verão muitas máscaras caírem. Todo homem que quer verdadeiramente o progresso não pode, pois, permanecer indiferente a uma das causas que mais devem para isso contribuir, e que prepara uma das maiores revoluções morais que a Humanidade tenha sofrido ainda. Estamos longe, como se vê, das mesas girantes: é que há também distância desse modesto início às suas conseqüências quanto da maçã de Newton à gravidade universal.

Apreciação da *História do maravilhoso*

Revista Espírita, abril de 1861

do Sr. Louis Figuier, pelo Sr. Escande, redator da Mode Nouvelle.

Nos artigos que publicamos sobre esta obra, nos preocupamos principalmente em procurar o ponto de partida do autor, e não nos foi difícil, citando as suas próprias palavras, provar que se baseia sobre as idéias materialistas. Sendo falsa a base, do ponto de vista pelo menos da imensa maioria dos homens, as conseqüências que ele tira delas contra os fatos que qualifica de maravilhoso, são, por isso mesmo, maculadas de erro. Isso não impediu, a alguns de seus confrades da imprensa, de exaltar o mérito, a profundidade e a sagacidade da obra. Entretanto, nem todos são dessa opinião. Encontramos, sobre esse assunto, na *Mode Nouvelle* (1- (1) Escritório, rua Saint-Anne, 63, n° de 22 d« fevereiro de 1861. Preço, por no., 1 fr.), jornal mais sério que o seu título, um artigo tão notável pelo estilo quanto pela justeza das apreciações. Sua extensão não nos permite citá-lo inteiramente, e, aliás, seu autor promete outros, porque neste se ocupa quase que do primeiro volume. Nossos leitores nos agradecerão por dar-lhes alguns fragmentos dele.



"Este livro tem grandes pretensões, e não justifica nenhuma. Ele gostaria de passar por erudito, afeta a ciência, ostenta um luxo aparente de pesquisas, e a sua erudição é superficial, sua ciência incompleta, suas pesquisas apressadas, mal digeridas. O Sr. Louis Figuier deu-se à especialidade de recolher, um a um, os milhares de pequenos fatos que se produzem, no dia de hoje, ao redor das academias, como essas longas fileiras de cogumelos que nascem ao sol da manhã sob as camadas criptoga-míferas, e deles se compõem, em seguida, livros que fazem concorrência à *Cuisinière bourgeoise* e aos tratados do *Bonhomme Richard*. Hábil nesse trabalho de composições fáceis, - inferior ao trabalho de compilação desse bom abade Trublet do qual Voltaire espirituosamente zombou, - e que lhe deixa forçosamente lazeres, ele se disse que não lhes seria mais difícil explorar a paixão do sobrenatural que excita, mais do que nunca, as imaginações, que não lhe era difícil utilizar os falatórios quase sempre ociosos da segunda classe do Instituto. Habitado a redigir revistas científicas com as repetições de outrem, com as abreviações de atas que ele abrevia a seu turno, com teses e memórias que analisa; hábil em fazer mais tarde, em volumes, essas reduções de reduções, ele, pois, se pôs à obra; e fiel ao seu passado, compulsou, às pressas, todos os tratados sobre a matéria que lhe caíram às mão, esmigalhou-os, depois reconstituiu essas migalhas ao seu modo, e com elas compôs um livro, depois do que não temos dúvida que ele não tenha exclamado, como Horácio: *Exegi monumentum*; "eu também, eu elevei o meu monumento e será mais durável do que o bronze!"

"E haveria razão de estar confiante de seu amarrotamento, se a qualidade se medisse pela

quantidade! Com efeito, ela não forma menos do que quatro grandes volumes, essa história do maravilhoso, e não contém senão a história do maravilhoso nos tempos modernos, desde 1630 aos nossos dias, apenas dois séculos, o que lhe suporia, ao menos, um pouco mais do dobro do que as mais volumosas enciclopédias, se contivesse a história do maravilhoso em todos os tempos e entre todos os povos! Também, quando se pensa que esse fragmento de monografia, de tão vasta extensão, não lhe custou senão alguns meses de trabalho, é-se primeiro tentado em crer que essa criação, ao mesmo tempo tão grossa e tão apressada, é mais maravilhosa do que as maravilhas que contém. Mas essa fecundidade deixa de ser um prodígio, quando se estuda de perto o procedimento de composição do qual se fez uso, e, é verdadeiro dizer, lhe é tão familiar que não se podia esperar que lhe empregasse um outro. Em lugar de condensar os fatos, de expô-los sumariamente, de negligenciar os detalhes inúteis, de se apegar sobretudo em colocar em relevo as circunstâncias características, e de discuti-las em seguida, ele estudou unicamente para escrever um folhetim mais longo do que aquele que ele escreve semanalmente na *Presse*. Armado de um par de tesouras, recortou, nas obras anteriores à sua, o que favorecia as idéias preconcebidas que ele desejava fazer triunfar, descartando o que poderia contrariar a opinião que se formou, *a priori*, sobre essa importante questão, o que sobretudo poderia contrariar a explicação natural que se propunha dar das manifestações, qualificadas de sobrenaturais, pelo que os livres pensadores são unânimes em chamar a credulidade pública. Porque é ainda uma das pretensões de seu livro, - e essa pretensão não está melhor justificada do que as outras, - aquela de lhe dar uma solução física ou médica nova, encontrada por ele, solução triunfante, inatacável, doravante ao abrigo das objeções dos homens bastante simples para crerem que Deus é mais poderoso que os nossos sábios. Ele o repete, em cem lugares de sua obra, a fim de que ninguém o ignore, e com a esperança que se acabará por crê-lo, embora se limite a repetir o que se disse a esse respeito, antes dele, todos aqueles, físicos ou médicos, filósofos ou químicos, que têm mais horror ao sobrenatural do que Pascal não tinha horror ao vazio.

"Resulta disso que a essa história do maravilhoso falta, ao mesmo tempo, autoridade e proporções. Do ponto de vista dogmático, ela não ultrapassa as negações dos negadores anteriores, não acrescenta nenhum argumento que já desenvolveram, e nessa questão, como em todas outras, não compreendemos a utilidade dos ecos. Há mais: atormentado pelo desejo de parecer fazer melhor do que Calmeil, Esquiros, Montègre, Hecquet e tantos outros que o precederam, e serão sempre os seus mestres, o Sr. Louis Figuier se perde freqüentemente no labirinto confuso de demonstrações que lhes toma emprestado, querendo apropriá-las, e acaba, às vezes, por rivalizar de lógica com o Sr. Babinet. Quanto aos fatos, ele os acumulou em imensa quantidade, embora um pouco ao acaso, mutilando uns, afastando outros, se interessando em reproduzir de preferência aqueles que pudessem oferecer um certo atrativo à leitura; o que prova que ele visou principalmente um sucesso fácil, a lutar com interesse com os romancistas atuais, e nos perguntamos como não convidou o editor para compreender a sua obra na divertida *Bibliothèque des chemins de fer*, a fim de que fosse mais direto em direção dessa multidão de leitores que lêem para se distrair e de nenhum modo para instruir-se.

"E seu livro é divertido, não o contestamos, se basta a um livro, para possuir esse mérito parecer-se a uma *coleção de anedotas* composta de historietas acumuladas em face do pitoresco, sem muito cuidado com a verdade; o que não impede de vangloriar-se com isso, a propósito e fora de propósito, de sua imparcialidade, de veracidade: - uma pretensão a mais a acrescentar a todas aquelas que revelamos, e na qual ele se impertiga com tanto mais afetação, que não dissimula o quanto ela lhe faz falta. - Tal como é, não saberíamos melhor compará-lo senão com esses restaurantes-ônibus, prodígios de comestíveis, que quase nada têm de sedução senão a aparência, que servem aos consumidores um pouco ao acaso do garfo. Mais superficial do que profundo, o importante é sacrificado ao fútil, o principal ao acessório, o lado dogmático ao lado episódico; as lacunas aí são abundantes, aliás tanto

quanto as coisas inúteis, e a fim de que nada lhe falte, está cheio de contradições, afirmando aqui o que nega adiante, se bem que se seria tentado em crer que, diferentemente nisso do célebre Pico de Miran-dola, - capaz de dissertar de *omnire scibili*, - O Sr. Louis Figuier empreendeu ensinar aos outros o que ele mesmo não sabia.



Não poderíamos limitar aí o exame dessa história do maravilhoso, se não tivéssemos que justificar estas severas mas justas apreciações. E, primeiro, temos necessidade de acrescentar que aquele que a escreveu, não crê na possibilidade do sobrenatural? Não pensamos assim. Em sua qualidade de acadêmico supernumerário, - um supernumerariato que, provavelmente, não terminará com a sua vida; - em virtude dos poderes que conferem o seu título de folhetinista científico, não poderia sustentar outra tese, sem se expor a ser colocado no index pelo exército dos incrédulos, do qual se presume suscetível de fazer parte. Ele não crê mais, e, a esse respeito a sua incredulidade está acima da suposição. É do número "desses espíritos sábios que, testemunhas do transbordamento imprevisto do maravilhoso contemporâneo, não podem compreender um tal desvio em pleno século dezenove, com uma filosofia avançada, e no meio desse magnífico movimento científico que dirige tudo, hoje, para o positivo e o útil." - Reconhecemos que deve ser penoso para "esses espíritos sábios" ver que o espírito público se recusa assim a despojar-se de seus velhos preconceitos, e persiste em ter crenças outras do que aquelas do positivismo filosófico, que são, entretanto, as de todos os animais. Esse mau gosto, de resto, não data somente de nossos dias. O Sr. Louis Figuier confessa-o, não sem despeito, quando se lhe pergunta, em termos admirados, como ocorreu que o maravilhoso resistisse ao século dezoito, "no século de Voltaire e da Encyclopédie, ao passo que os olhos se abriram às luzes do bom senso e da razão." Que fazer aí? Essa crença no maravilhoso é tão vivaz, consagrada por todas as religiões, que foi a de todos os tempos, de todos os povos, sob todas as latitudes e sobre todos os continentes, que os livres pensadores, satisfeitos por tê-la sacudido por si mesmo e para si mesmos, demonstrariam sabedoria abstendo-se, doravante, de um proselitismo cujo insucesso sabem inevitável.

"Mas o Sr. Louis Figuier não é desses corações pusilânimes que se assustam com o avanço da inutilidade de seus esforços. Cheio de confiança e de suficiência em sua força, ele se gaba de realizar o que Voltaire, Diderot, Lamétrie, Dupuis, Volney, Dulaure, Pigault-Lebrun, o que Dulaurens com o seu *Compare Mathieu*, o que os químicos com os seus alambiques, os físicos com as suas pilhas elétricas, os astrônomos com os seus compassos, os panteístas com os seus sofismas e os gracejadores com o seu ceticismo de mau quilate, foram impotentes para realizar. Ele se propôs demonstrar, nova e triunfalmente, esta lei de que "o sobrenatural não existe, que jamais existiu," e por conseqüência que "os prodígios antigos e contemporâneos podem ser todos atribuídos a uma causa natural. "A empreitada é árdua, os mais intrépidos, até aqui, apenas sucumbiram; mas "semelhante conclusão, que necessariamente afastaria todo agente sobrenatural, seria uma vitória obtida pela ciência sobre o espírito de superstição, em grande benefício da razão e da dignidade humanas," e essa vitória favoreceu a sua ambição; - vitória facilitada, apesar de tudo, mais fácil do que o suporíamos, se o Sr. Louis Figuier não se tiver enganado. Quando disse, em sua introdução, que "nosso século se inquieta muito pouco com matérias teológicas e disputas religiosas." Então, por que se armar em guerra contra uma crença que não existe? Por que atacar opiniões teológicas com as quais não temos nenhuma inquietação? Por que prender-se a superstições religiosas que não nos preocupam mais? "Vencendo-se sem perigo, triunfa-se sem glória," disse o poeta, e não convém fazer soar tão alto a trombeta guerreira, se não se combate senão os moinhos de vento. Que quereis? O Sr. Louis Figuier esqueceu, escrevendo isso, o que escrevera mais acima, quando confessara, com a vergonha no rosto, que o nosso século, surdo às lições da

Encyclopédie, e aos ensinamentos da imprensa irreligiosa, subitamente se apaixonara do maravilhoso e acreditava mais do que seus predecessores no sobrenatural, aberração incompreensível da qual ambicionava curá-lo. Mas essa contradição é tão mínima que talvez não valia a pena ser realçada: veremos muitas outras, e ainda seremos obrigados a negligenciar muitas!

Portanto, o Sr. Louis Figuier nega que se produzissem em nossos dias e que tenham se produzido em algum tempo as manifestações sobrenaturais. Em fato de milagre, não há senão a ciência que tenha o poder de fazê-lo: o poder de Deus jamais foi até ali. Ainda quando dizemos que Deus não tem esse poder, temos uma espécie de escrúpulo em traduzir o seu pensamento. Reconhece-se um outro deus que o deus natureza, tão admirável em sua inteligência cega, e que realiza maravilhas sem disso desconfiar, deus querido dos sábios, porque é muito indulgente para deixá-los crer que usurpam, diariamente, um fragmento de sua soberania? É uma questão que não nos permitimos aprofundar.

"Mediocrementemente maravilhosa, essa história do maravilhoso começa por uma introdução que o Sr. Louis Figuier chama um golpe de vista lançado sobre o sobrenatural na antigüidade e na Idade Média, da qual não diremos nada porque não teríamos muito a dizer. As mais importantes manifestações ali estão desfiguradas, sob pretexto de resumo, e compreende-se que nos seriam necessários muito tempo e espaço para restituir a sua verdadeira fisionomia no meio dos fatos que nela não figuram senão no estado de resumo.

"O edifício é digno do peristilo; essa história do maravilhoso, durante esses dois últimos séculos, se abre pela narração do caso de Urbain Grandier e dos religiosos de Loudun; vem em seguida a varinha adivinhatória, os Tremedores das Cévennes, os Convulsionários jansenistas, Cagliostro, o magnetismo e as mesas girantes. Mas da possessão de Louviers nenhuma palavra, e nenhuma palavra, não mais, dos iluminados, dos Martinistas do swedenborgismo, dos estigmatizados do Tirol, da notável manifestação das crianças na Suécia, não faz cinquenta anos; apenas ali foi dita uma palavra dos exorcismos do padre Gassner, e menos de uma página insignificante ali foi consagrada à vidente de Prevorst. O Sr. Louis Figuier melhor faria se intitulasse seu livro: Episódios da história do maravilhoso nos tempos modernos; ainda os episódios que ele escolheu podem dar lugar a sérias objeções. Ninguém nunca atribuiu aos passes de mágica de Cagliostro uma significação sobrenatural. Era um hábil intrigante, que possuía alguns segredos curiosos, dos quais soube habilmente se servir para ofuscar aqueles que queria explorar, e que possuía sobretudo numerosos cúmplices. Cagliostro merecia antes achar lugar na galeria dos precursores revolucionários do que no pandemônio dos feiticeiros. Não vemos igualmente o que o magnetismo tenha a fazer nessa história do maravilhoso, sobretudo do ponto de vista em que o Sr. Louis Figuier se colocou. O magnetismo ressalta da Academia de medicina e da Academia de ciências, que o desdenharam muito; mas ele não pode interessar o supernaturalismo senão por ocasião de algumas de suas manifestações, aquelas que o Sr. Louis Figuier, de resto, negligenciou, a fim de reservar o espaço que consagrou à narração da vida de Mesmer, das experiências do marquês de Puységur e do incidente relativo ao famoso relatório do Sr. Husson. Tratamos, há dois anos, dessa importante questão, e não retornaremos a ela, porque não poderíamos repetir. Deixaremos assim de lado a das mesas girantes, que examinamos na mesma época. Haveria, entretanto, muito a dizer sobre a explicação natural e física que o Sr. Louis Figuier pretende fornecer dessa dança das mesas e das manifestações que lhe são a consequência; mas é necessário saber limitar-se. Deixemo-lo, pois, debater-se com a *Revue spiritualiste* e com a *Revue spirite*, duas revistas publicadas em Paris pelos adeptos da crença na manifestação dos Espíritos, que o acusam de haver escrito o seu requisitório sem ter, antes, ouvido as testemunhas e consultado as peças do processo. Uma e outra pretendem que nunca assistiu senão a uma única sessão espiritualista, e que em sua chegada, teve o cuidado de declarar que a sua opinião era decreto, e que nada faria mudá-la.

"Isso é verdade? Não sabemos. Tudo o que podemos afirmar é que, depois de ter repellido, com justa razão, a solução do Sr. Babinet, pelos *movimentos nascentes e inconscientes*, e acabado por adotar, por sua própria conta, tanto é inconsciente ele mesmo do que pensa e do que escreve, e eis a prova. "Nessas reuniões de pessoas fixamente ligadas, disse ele, durante vinte minutos ou meia hora, para formar a cadeia, as mãos postas abertas sobre uma mesa, sem ter a liberdade de distrair um instante a sua atenção da operação da qual tomavam parte, o maior número não sentia nenhum efeito particular. Mas é bem difícil que uma delas, uma só querendo-se, não caia, por um momento, presa do estado hipnótico ou biológico. (O hipnotismo fornece-lhe uma resposta para tudo, como veremos mais tarde.) Não é necessário, talvez, senão um segundo de duração desse estado para que o fenômeno esperado se realize. O membro da cadeia cai nesse meio-sono nervoso, *não tendo mais consciência de seus atos*, e não tendo outro pensamento senão a idéia fixa da rotação da mesa, imprime *com o seu desconhecimento* o movimento ao móvel." Que não começa, então, por zombar de si mesmo, uma vez que lhe agradava zombar do Sr. Babinet? Aqui fora lógico, sobretudo depois de ter anunciado que vinha esclarecer o mistério e do momento que não colocava em sua lanterna senão um coto de vela tão ridículo quanto aquele que alumiará precedentemente o sábio acadêmico. Mas a lógica e o Sr. Louis Figuier se divorciaram nessa história do maravilhoso. Ai de mim! Os ecos bem pretenderam que vão falar, seus esforços não vão chegar a repetir o que ouvem.

"Quanto aos longos capítulos que consagra à varinha adivinhatória, e em particular a Jacques Aymar, permitimo-nos primeiro fazer-lhe observar que se engana se pensa que esse problema foi suficientemente estudado pelo Sr. Chevreul. É uma ilusão que ele pode deixar, se bem lhe parece, a esse sábio; mas fora da Academia de ciências, não encontrará ninguém que admita que a teoria do pêndulo explorador responde a todas as objeções. A palavra emprestada a Galileu: "E entretanto ela gira!" Não é sem uma aplicação possível à varinha adivinhatória. Ela girou e gira, a despeito dos cétricos que negam o movimento, porque se recusam a vê-lo; e os milhares de exemplos que poderíamos citar, -e que o próprio Sr. Louis Figuier cita, - atestam a realidade do fenômeno. Gire ela por um impulso diabólico ou espírita, como se diria hoje, ou bem sob a impressão que ela receba alguns fluidos desconhecidos? De boa vontade rejeitamos toda influência sobrenatural, embora possa ser admitida em certos casos. O que não nos parece provado é a não existência de fluidos desconhecidos. O fluido magnético conta, entre outros, com numerosos partidários, cujas afirmações merecem tanta autoridade quanto as negações de seus adversários. Qualquer que seja, a baqueia adivinhatória cumpriu maravilhas que podem nada ter de sobrenatural, mas que a ciência é incapaz de explicar, ela que os explica muito pouco, aliás, de todas aquela que vemos se produzirem a cada dia ao nosso redor, na vida do menor talo de erva. A modéstia é uma virtude que lhe falta, e que fará adquirir sabiamente.

"Entre outras maravilhas, aquelas que realizou Jacques Aymar, das quais falaremos daqui a pouco, mereciam ser reportadas longamente. Um dia, entre outros, foi chamado a Lyon, no dia seguinte ao de um grande crime cometido nessa cidade. Armado de sua varinha, ele explorou a adega que fora o teatro, declarou que os assassinos eram em número de três; depois se pôs a seguir os seus traços, que o conduziram à casa de um jardineiro, cuja casa estava situada na margem do Rhône, e afirmou que ali eles entraram, que ali beberam mesmo uma garrafa de vinho. O jardineiro protestou ao contrário; mas seus jovens filhos interrogados confessaram que vieram três indivíduos, na ausência de seu pai, e que lhes venderam vinho. Então Aymar se pôs em caminho, - sempre conduzido pela sua varinha, - descobriu o lugar onde embarcaram sobre o Rhône, colocou-se ele mesmo num bote, desceu para todos os lugares onde eles desceram, chegando ao campo de Sablon, entre Viena e Saint Vallier, constatou que ali ficaram alguns dias, pondo-se em sua perseguição, e chegando, de etapa em etapa, até Beaucaire, em plena feira, da qual percorreu as ruas

atravancadas de povo, detendo-se diante da porta da prisão onde entrou e designou um pequeno corcunda como sendo um dos assassinos. Suas investigações lhe fizeram achar em seguida que os outros tinham se dirigido do lado de Nîmes; mas os agentes de autoridade não quiseram levar mais longe as suas pesquisas. O corcunda, conduzido a Lyon, confessou o seu crime, e foi esfolado vivo.

"Eis a exploração de Jacques Aymar, e as explorações tão surpreendentes como aquela são numerosas em sua vida. O Sr. Louis Figuier a admite em todas as suas circunstâncias. Aliás, não poderia fazer de outro modo, uma vez que está atestado por centenas de testemunhas, das quais não é permitido suspeitar a veracidade, "por três narrações e várias cartas concordantes escritas pelas testemunhas e pelos magistrados, homens igualmente honrados e desinteressados, e que ninguém, no público contemporâneo, não supôs um acordo verdadeiramente impossível entre eles." Mas como aqui uma explicação física não podia mesmo ser tentada, eles se viam obrigados a renunciar o seu procedimento ordinário, e lançar-se num labirinto de suposições mais engenhosas do que verossímeis. Ele transforma Jacques Aymar em um agente de polícia, de uma perspicácia a distanciar à do Sr. de Sartines, por célebre que ela seja. Junto dele os nossos chefes da polícia de segurança, os mais inteligentes, não seriam senão escolares. Supõe, pois, que esse girar da varinha, durante três ou quatro horas que passou em Lyon, antes de começar as suas experiências, teve tempo de tomar as informações e descobrir o que as próprias autoridades judiciárias ignoravam. Ele segue para a casa do jardineiro, porque era presumível que os assassinos tinham embarcado sobre o Rhône, a fim de distanciarem mais depressa; adivinhou que tinham bebido vinho, porque deveriam ter sede; abordou a margem desse rio por toda parte por onde se soube mais tarde que haviam realmente abordado, porque os lugares habituais de abordagem lhe eram conhecidos; deteve-se no campo de Sablon, porque era evidente que eles quiseram se dar o espetáculo dessa reunião de quadrilhas; foi a Beaucaire, porque era certo que o desejo de dar ali algum bom golpe, de sua profissão, para lá os conduzira; deteve-se, enfim, diante da porta da prisão, porque era provável que algum dentre eles tivera a imperícia de se fazer deter. "Eis porque a vossa filha é muda!" Disse Sganarelle; e o Sr. Louis Figuier não disse melhor e nem de outro modo. Ele crê, sobretudo, triunfar, porque Jacques Aymar, tendo sido chamado mais tarde a Paris, pelo ruído de seu renome, viu a sua perspicácia sofrer fracassos reais, ao lado de alguns sucessos também reais. Mas esses eclipses, que lhe valeram um certo desfavor, o Sr. Louis Figuier deveria, menos do que qualquer outro, fazer-lhe uma censura; menos do que qualquer outro, poderia disso se autorizar para declará-lo um impostor, e ele que sabe, melhor do que ninguém, ele que reconhece, a propósito do magnetismo, que essas espécies de experiências são caprichosas, e dão certo um dia para fracassar no outro. A essa inconseqüência, enfim, ele lhe acrescenta uma segunda, menos desculpável. Não contente de acusar Jacques Aymar de charlatanismo, pronuncia a mesma condenação contra quase todos os giradores de varinha, do qual narra os fatos e gestos e na discussão entretanto, ele disse: "Entre os numerosos adeptos práticos, só um pequeno número era de má fé; ainda não o eram sempre; o maior número operava com uma inteira sinceridade. A varinha girava positivamente entre suas mãos, independente de todo artifício, e o fenômeno, enquanto fato, era bem real." Bem, muito bem, não se pode melhor, a verdade aí está. Mas como e por quê girá-la? Impossível escapar a esta interrogação indiscreta. Ora, o Sr. Figuier assim a responde: "Esse movimento do bastão se operava em virtude de um ato de seu pensamento e sem que tivesse nenhuma consciência dessa ação secreta de sua vontade." Sempre esta inconsciência, mais maravilhosa do que o maravilhoso que se recusa! Nisso acreditará quem quiser."

ESCANDE.

O Mar, pelo Sr. Michelet

Revista Espírita, abril de 1861

O Sr. Michelet não tem senão que se manter em guarda, porque eis todos os deuses marinhos da antigüidade que se preparam para lhe pregar uma peça; isso é o que nos ensina o Sr. Taxile Delord, em um espirituoso artigo publicado pelo *Siède* de 4 de fevereiro último. Sua linguagem é digna do *Orphée aux enfers* dos Bufos-Parisienses, testemunha esta amostra: Ne-tuno aparecendo de repente à porta da morada de Anfitrite, onde estavam reunidos os descontentes, exclama: Eis o Netuno pedido. Não me atenderíeis neste momento, cara Anfitrite; é a hora da minha sesta; mas não há meio de fechar o olho, desde a aparição desse diabo de livro intitulado *O Mar*. Quis percorrê-lo, mas é cheio de banalidades; não sei de quais mares o Sr. Michelet quer vos falar; para mim, me é impossível nele reconhecer-me. Todo o mundo sabe muito bem que o mar termina nas colunas de Hércules; o que poderia haver além?... etc."

Vai sem dizer que o Sr. Michelet triunfa em toda a linha; ora, depois da dispersão de seus inimigos, o Sr. Taxile Delord disse-lhe: "Ser-vos-á bem fácil saber em que se tornaram os deuses marinhos depois que o mar os expulsou de seu império. Netuno faz da piscicultura em larga escala; Glaucus é professor de natação nos banhos Ouarnier; Anfitrite é atendente nos banhos do Mediterrâneo em Marselha; Nereu aceitou um lugar de cozinheiro nos transatlânticos, vários tritões estão mortos, outros se mostram nas feiras."

Não garantimos a exatidão das informações fornecidas pelo Sr. Delord sobre as condições atuais dos heróis olímpicos, mas, como princípio, ele disse, sem o querer, alguma coisa de mais sério do que tivera intenção fazê-lo.

A palavra *deus* entre os Antigos tinha uma acepção muito elástica; era uma qualificação genérica aplicada a todo ser que lhe parecia elevar-se acima do nível da Humanidade; eis porque divinizaram os seus grandes homens; não os encontraríamos tão ridículos, se não tivéssemos nos servido da mesma palavra para designar o ser único, soberano senhor do Universo. Os Espíritos, que existiam então como hoje, aí se manifestavam igualmente, e esses seres misteriosos também deveriam, segundo as idéias do tempo, e a um título bem melhor ainda, pertencer à classe dos deuses. Os povos ignorantes, olhavam-nos como seres superiores, rendendo-lhes um culto; os poetas os cantaram e semearam a sua história de profundas verdades filosóficas, escondidas sob o véu de engenhosas alegorias, das quais o conjunto forma a mitologia paga. O vulgo que, geralmente, não vê senão a superfície das coisas, toma a figura à letra, sem procurar o fundo do pensamento, absolutamente como aquele que, em nossos dias não visse nas fábulas de Lafontaine senão a conversação dos animais.

Tal é, em substância, o princípio da mitologia; os deuses não eram, pois, senão os Espíritos ou as almas de simples mortais, como os de nossos dias; mas as paixões que a religião paga lhes emprestavam não dão uma brilhante idéia de sua elevação na hierarquia espírita, a começar pelo seu chefe Júpiter, o que não os impedia de saborear o incenso que se queimava em seus altares. O cristianismo despojou-os de seu prestígio, e o Espiritismo, hoje, reduziu-os ao seu justo valor. Sua própria inferioridade pôde lhes sujeitar as diversas reencarnações sobre a Terra; poder-se-ia, pois, entre os nossos contemporâneos, encontrar alguns dos Espíritos que outrora receberam as honras divinas, e que não seriam mais avançados por

isso. O Sr. Taxile Delord, que, sem dúvida, crê nisso, certamente não quis fazer senão um gracejo, mas, com o seu desconhecimento, não disse menos talvez de uma coisa mais verdadeira do que se pensa, ou, pelo menos, que não é materialmente impossível, como princípio. Assim é que à imitação do Sr. Jourdain, muitas pessoas fazem Espiritismo sem o saber."

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, abril de 1861

Alfred Leroy, suicida

(Sociedade Espírita de Paris, B de março de 1861.)

O *Siècle* de 2 de março de 1861 narra o fato seguinte:

Num terreno vago, na esquina do caminho dito de Arcade, que conduz de Conflans a Charenton, operários se entregando ao seu trabalho, ontem pela manhã, encontraram dependurado em um abeto muito elevado um indivíduo que cessara de viver.

Advertido desse fato, o comissário de polícia de Charenton foi para os lugares acompanhado do doutor Josias, e procedeu às constatações.

O suicida era, disse o *Droit*, um homem de uns cinqüenta anos, de uma figura cheia de distinção e colocada de maneira conveniente. De um de seus bolsos retirou um bilhete a lápis, assim concebido:

"Onze horas e três quartos da noite; eu subo ao suplício. Deus me perdoará os meus erros."

Esse bolso encerrava ainda uma carta, sem endereço e sem assinatura, cujo conteúdo eis aqui:

"Sim, eu lutei até o último extremo! Promessas, garantias, tudo me... Eu podia chegar; tinha tudo para crer, tudo a esperar; uma falta de palavra me mata; não posso mais lutar. Abandono essa existência, há algum tempo tão dolorosa. Cheio de força e de energia, sou obrigado a recorrer ao suicídio. Isso atesto em Deus, eu tinha o maior desejo de me desobrigar para com aqueles que me ajudaram no infortúnio; a fatalidade me derrota: tudo se coloca contra mim. Abandonado subitamente por aqueles que eu representei, sofri a minha sorte; morro sem fel, eu o confesso; mas será bom dizer, a calúnia não impedirá que em meus últimos momentos não tenha por mim nobres simpatias. Insultar o homem que se reduziu à última das resoluções, seria uma infâmia. Foi bastante tê-lo reduzido a isso. A vergonha não será toda para mim; o egoísmo ter-me-á matado."

Segundo outros papéis, esse suicida era um senhor Alfred Leroy, com a idade de cinqüenta anos, originário de Vimoutiers (Orne). A profissão e o domicílio ficaram desconhecidos, e, em consequência das formalidades ordinárias, o corpo, que ninguém reclamou, foi transportado a um necrotério.

1. - *Evocação*. - R. Eu não venho em suplício; eu estou salvo! Alfred.

Nota. - Estas palavras: eu estou salvo! espantaram a maioria dos assistentes; a sua explicação foi pedida na seqüência da conversa.

2. - Soubemos pelos jornais do ato de desespero pelo qual sucumbistes, e, embora não os conheçamos, de vós compadecemos, porque a religião nos faz um dever compartilhar da sorte de todos os nossos irmãos infelizes, e é para vos dar um testemunho de simpatia que vos chamamos. - R. Devo calar os motivos que me levaram a esse ato desesperado. Eu vos agradeço por aquilo que fizestes por mim; é uma alegria, uma esperança a mais, obrigado!

3. Quereis nos dizer primeiro se tendes bem a consciência de vossa situação atual? - R. Perfeita; sou relativamente feliz; não me suicidei por causas puramente materiais; crede que havia mais, minhas últimas palavras o fazem bem ver; foi uma mão de ferro que me tomou quando encarnei sobre a Terra, vi no futuro o meu suicídio; era a prova contra a qual tinha lutado; quis ser mais forte do que a fatalidade, eu sucumbi.

Nota. Ver-se-á dentro em pouco que esse Espírito não escapa da sorte dos suicidas, apesar do que acaba de dizer. Quanto à palavra *fatalidade*, é evidente que é nele uma lembrança das idéias terrestres; levam-se à conta da fatalidade todas as infelicidades que não podem ser evitadas. O suicídio era para ele a prova contra a qual tinha que lutar; ele cedeu ao arrastamento, em lugar de resistir, em virtude de seu livre arbítrio, e acreditou que estava em seu destino.

4. Quisestes escapar a uma posição deplorável pelo suicídio; com isso ganhastes alguma coisa? - R. Está aí o meu castigo: a confusão de meu orgulho e a consciência de minha fraqueza.

5. Segundo a carta encontrada sobre vós, pareceu que a dureza dos homens e uma falta de palavra vos conduziram a vos destruir; que sentimento sentis agora por aqueles que foram a causa dessa resolução funesta? - R. Oh! não me tenteis, não me tenteis, eu vos peço!

Nota. Esta resposta é admirável; ela pinta a situação do Espírito lutando contra o desejo de odiar aqueles que lhe fizeram mal, e o sentimento do bem que o convida a perdoar. Ele teme que esta pergunta não provoque uma resposta que a sua consciência reprova.

6. Lamentai-vos do que fizestes? - R. Eu vos disse, o meu orgulho e a minha fraqueza foram a sua causa.

7. Quando vivo acreditáveis em Deus e na vida futura? - R. Minhas últimas palavras o provam; eu caminho para o suplício.

Nota. Ele começa a compreender a sua posição, sobre a qual pôde se iludir à primeira vista, porque não poderia ser salvo e caminhar para o suplício.

8. Tomando essa resolução, que pensáveis que vos adviria? - R. Eu tinha bastante consciência da justiça para compreender o que me faz sofrer agora. Tive um momento a idéia do nada; mas a repeli bem depressa. Não me teria matado se tivesse essa idéia em mim, teria me vingado primeiro.

Nota. Esta resposta está, ao mesmo tempo, muito lógica e muito profunda. Se cresse no nada depois da morte, em lugar de se matar, ele teria se vingado, ou pelo menos teria

começado por se vingar; a idéia do futuro impediu-o de cometer um duplo crime; com a do nada, que teria a temer se quisesse tirar a própria vida? Não temia mais a justiça dos homens, e tinha o prazer da vingança. Tal é a consequência da doutrinas materialistas, que certos sábios se esforçam em propagar.

9. Se estivésseis bem convencido de que as mais cruéis vicissitudes da vida são provas bem curtas em presença da eternidade, teríeis sucumbido? - R. Bem curtas, eu o sabia, mas o desespero não pode raciocinar.

10. Suplicamos a Deus que vos perdoe e lhe dirigimos por vós essa prece à qual todos nos associamos:

"Deus Todo-Poderoso, sabemos a sorte que está reservada àqueles que abreviam os seus dias, e não podemos entrar a vossa justiça; mas sabemos também que a vossa misericórdia é infinita; possa ela se estender sobre a alma de Alfred Leroy! Possam também as nossas preces, mostrando-lhe que há sobre a Terra seres que se interessam pela sua sorte, aliviar os sofrimentos que ele suporta por não ter tido a coragem de suportar as vicissitudes da vida!

"Bons Espíritos, cuja missão é a de aliviar os infelizes, tomai-o sob a vossa proteção; inspirai-lhe o remorso daquilo que fez, e o desejo de progredir por novas provas, que saberá melhor suportar."

R. Essa prece me fez chorar, e uma vez que eu choro, eu sou feliz.

11. Dissestes, começando: agora estou salvo; como conciliar estas palavras com o que dissestes mais tarde: Eu caminho para o suplício? - R. E porque contaís com a bondade divina? Eu não podia viver; era impossível; credes que Deus não vê o impossível neste caso?

Nota. No meio de algumas respostas notavelmente sensatas, há outras, e esta é deste número, que denotam neste Espírito uma idéia imperfeita de sua situação. Isso nada tem de admirar, se se pensar que morreu há poucos dias.

12 (A São Luís). Quereis nos dizer qual é a sorte do infeliz que acabamos de evocar? - R. A expiação e o sofrimento. Não, não há contradição entre as primeiras palavras desse infortunado e as suas dores. Ele é feliz, disse ele; feliz pela cessação da vida, e como ainda está encaixado nos laços terrestres, ele não sente ainda senão a ausência do mal terrestre; mas quando o seu Espírito se elevar, os horizontes da dor, da expiação lenta e terrível, se desenrolarão diante dele, e a consciência do infinito, ainda velado aos seus olhos, ser-lhe-á o suplício que ele entreviu.

13. Qual diferença estabeleceis entre esse suicida e aquele da Samaritana? Ambos, se mataram de desespero, e todavia, a sua situação é bem diferente: este se reconhece perfeitamente; fala com lucidez, e não sofre ainda; ao passo que o outro não crê estar morto, e desde os primeiros instantes sofria um suplício cruel, o de sentir a impressão de seu corpo em decomposição. - R Uma imensa diferença; o suplício de cada um desses dois homens reveste o caráter próprio de seu adiantamento moral. O último, alma fraca e ferida, suportou tanto quanto acreditou; duvidou de sua força, da bondade de Deus, mas não blasfemou nem maldisse; o seu suplício interior, lento e profundo, terá a mesma intensidade de dor daquela do primeiro suicida; somente a lei de expiação não é uniforme.

Nota. A narração do suicida da Samaritana foi dada no nº de junho de 1858, página 166.

14. Qual é o mais culpável aos olhos de Deus, e qual é aquele que sofrerá o grande castigo, o desse homem que sucumbiu pela sua fraqueza, ou daquele que, pela sua dureza, foi conduzido ao desespero? - R. Seguramente aquele que sucumbiu pela tentação.

15. A prece que dirigimos a Deus por ele ser-lhe-á útil? - R. Sim, a prece é um orvalho benfazejo.

Jules Michel

Morto aos 14 anos, amigo do filho do médium, senhora Gostel,

evocado oito dias depois de sua morte.

1. Evocação. - R. Eu vos agradeço por me evocar. Lembro-me de vós e dos passeios que nos fizestes fazer no parque Monceau.

2. E o vosso amigo Charles, que dizeis dele? - R. Charles lamenta muito a minha morte. Mas estou morto? Eu vejo, eu vivo, eu penso como antes, somente não posso me tocar, e não reconheço nada do que me cerca.

3. Que vedes? - R. Vejo uma grande claridade; meus pés não tocam o solo, eu deslizo; sinto-me arrastado. Vejo figuras brilhantes, e outras que estão envolvidas de branco; me comprimem, me cercam; umas me sorriem; as outras me fazem medo com os seus olhares negros.

4. Vedes a vossa mãe? - R. Ah! Sim; vejo minha mãe, e a minha irmã, e o meu irmão; ei-los todos! Minha mãe chora muito. Eu gostaria de falar-lhe como a vós; ela veria que eu não estou morto. Como, pois, fazer para consolá-la? Isso vos peço, falai-lhe por mim. Eu gostaria muito também que dissésseis a Charles que vou muito me divertir vendo-o trabalhar.

5. Vedes o vosso corpo? - R. Mas sim, eu vejo o meu corpo deitado ali, todo rijo. Não estou, portanto, nessa cova, uma vez que eis-me aqui.

6. Onde estais, pois? - R. Estou ali, junto de vossa mesa, à direita. Acho engraçado que não me vejais; eu vos vejo tão bem, eu.

7. Que sentistes quando deixastes o vosso corpo? - R. Eu não me lembro muito do que senti então; tinha a cabeça muito mal, e via toda a espécie de coisa ao meu redor. Eu estava todo entorpecido; queria movimentar-me, e não podia; minhas mãos estavam todas molhadas de suor, e eu sentia um grande trabalho no meu corpo; depois nada mais senti, e despertei muito aliviado; não sofria mais e estava leve como uma pluma. Então me vi sobre o leito, e, todavia, não estava ali; vi todo o grande movimento que se fazia, e dali fui para outra parte.

8. Como soubestes que eu vos chamava? - R. Eu não me dou bem conta de tudo isso, entendi bem que me chamáveis há pouco, e vim em seguida, porque, como disse a Charles, não estáveis aborrecido. Adeus, senhora, até breve. Eu voltarei a falar, não é?

Correspondência

Revista Espírita, abril de 1861

Roma, 2 de março de 1861.

Senhor,

Há quatro anos, mais ou menos, eu me ocupo aqui das manifestações espíritas, e tenho a felicidade de ter em minha família um médium muito bom, que nos dá comunicações de ordem superior. Lemos e releemos o vosso *O Livro dos Espíritos*, que faz a nossa alegria e a nossa consolação, dando-nos as mais sublimes noções e as mais admissíveis da vida futura. Se disso pudesse duvidar, as provas que tenho agora são mais do que suficientes para firmar a minha fé. Perdi pessoas que me eram muito queridas, e tenho a felicidade inapreciável de saber que elas estão felizes, e de poder corresponder-me com elas. Dizer-vos da alegria que disso senti é inexprimível. A primeira vez que elas me deram sinais manifestos de sua presença, eu exclamei: É, pois, verdade que tudo não morre com o corpo! Eu vos devo, senhor, por ter me dado essa confiança; crede em minha eterna gratidão pelo bem que me fizestes, porque apesar de mim o futuro me atormentava. A idéia do nada era horrível, e fora do nada, eu não encontrava senão uma incerteza acabrunhadora; no presente não mais de dúvida; parece-me que renasci para a vida: todas as minhas apreensões se dissiparam, e a minha confiança em Deus, retornou mais forte do que nunca. Espero muito que, graças a vós, os meus filhos não terão os mesmos tormentos, porque eles são nutridos com essas verdades que a razão crescente não pode senão fortificar neles. Entretanto, falta-nos um guia seguro para a prática; se não tivesse temor de vos importunar, teria há muito pedido os conselhos de vossa experiência; felizmente o vosso livro dos médiuns veio preencher essa lacuna, e agora caminhamos com passo mais firme, uma vez que estamos prevenidos contra os escolhos que se podem encontrar.

Eu vos envio, senhor, algumas amostras das comunicações que obtivemos há pouco; elas foram escritas em italiano, e, sem dúvida, perderam com a tradução; apesar disso, eu vos seria fortemente reconhecido por me dizer o que pensais dela, se quereis me favorecer com uma resposta; será para nós um encorajamento.

Desculpai, eu vos peço, senhor, esta longa carta, e crede no testemunho de simpatia, do vosso todo devotado,

Comte X...

Nota. A abundância das matérias nos força adiar as publicações das comunicações que nos transmite o senhor comte X..., no número das quais se encontram algumas muito notáveis; delas extraímos somente as respostas seguintes, dadas por um dos Espíritos que se lhe manifestaram.

Pergunta. Conheceis *O Livro dos Espíritos*? - *Resposta.* Como os Espíritos não conheceriam a sua obra? Todos a conhecem.

P. É muito natural para aqueles que nele trabalharam; mas e os outros? - R. Há entre os

Espíritos uma comunidade de pensamentos e uma solidariedade que não podeis compreender, homens que sois alimentados no egoísmo e não vedes senão pelas estreitas janelas de vossa prisão.

P. Nele trabalhastes? - R. Não, não pessoalmente, mas eu sabia o que deveria ser feito, e que outros Espíritos, muito acima de mim, estavam encarregados dessa missão.

P. Que resultados produzirá ele? - R. É uma árvore que já lançou sementes fecundas por toda a Terra; essas sementes germinam, logo elas amadurecerão, e dentro em pouco se lhe recolherão os frutos.

P. Não há a temer a oposição de seus detratores? - R. Quando as nuvens que obscurecem o Sol são dissipadas, ele brilha com mais viva luz.

P. Essas nuvens, serão, pois, dissipadas? - R. Um sopro de Deus basta.

P. Assim, segundo vós, o Espiritismo se tornará uma crença geral? - R. Dizei universal.

P. Há, todavia, homens que parecem bem difíceis de convencer? - R. Não há os que não o serão jamais em sua vida, mas cada dia a morte os ceifa.

P. É que virão outros em seu lugar e serão incrédulos como eles? - R. Deus quero triunfo do bem sobre o mal, da verdade sobre o erro, assim como anunciou; é necessário que o seu reino chegue; seus objetivos são impenetráveis; mas crede bem que o que ele quer o pode.

P. O Espiritismo não será jamais aceito aqui? - R. Ele será aceito e aqui florirá. (No mesmo instante o Espírito leva com vivacidade o lápis sobre a penúltima resposta, e a sublinha com força.)

P. Qual pode ser a utilidade do Espiritismo para o triunfo do bem sobre o mal; não basta a lei do Cristo para isso? - R. Essa lei bastaria certamente se fosse praticada; mas quantos o fazem? Quantos não têm senão as aparências da fé? Deus vendo, pois, que a sua lei era desconhecida e incompreendida, e que, apesar dessa lei, o homem vai se precipitando de mais em mais no abismo da incredulidade, quis dar-lhe uma nova marca de sua bondade infinita, multiplicando-lhe sob seus olhos as provas do futuro pelas manifestações magníficas das quais é testemunha, advertido-o, de todos os lados, por aqueles mesmos que deixaram a Terra e que vêm dizer-lhe: Nós vivemos. Em presença desses testemunhos, aqueles que resistirem estarão sem desculpas; expiarão a sua cegueira e o seu orgulho por novas existências mais penosas em mundos inferiores, até que, enfim, abram os olhos à luz. Crede bem que, entre aqueles que sofrem na Terra, há muitos que expiam as suas existências passadas.

P. O Espiritismo pode ser considerado como uma lei nova? - R. Não, não é uma lei nova. As interpretações que os homens deram da lei do Cristo engendraram lutas que são contrárias ao seu espírito; Deus não quer mais que uma lei de amor seja um pretexto de desordem e de lutas fratricidas. O Espiritismo, exprimindo-se sem ambigüidades e sem alegorias, está destinado a conduzir à unidade de crença; é, pois, a confirmação e o esclarecimento do cristianismo, que é e que será sempre a lei divina, aquela que deve reinar sobre a toda a Terra, e a qual vai se tornar mais fácil por esse auxiliar poderoso.

Dissertações Espíritas

A Verdade vai nascer

Revista Espírita, abril de 1861

(Envio do Sr. Sabo, de Bordeaux.)

Quais são os dolorosos gemidos que vêm ressoar até o meu coração e fazem-no vibrar todas as fibras? É a Humanidade que se debate sob os esforços de um rude e penoso trabalho, porque ela vai dar nascimento à Verdade. Acorrei, pois, Espíritas, alinhai-vos em tomo de seu leito de sofrimento; que os mais fortes dentre vós tenham seus membros rijos sob as convulsões da dor: que outros esperem o nascimento dessa criança e a recebam em seus braços na sua entrada na vida. O momento supremo chega; ela se escapa, por um último esforço, do seio que a concebeu, deixando sua mãe algum tempo abatida sob a atonia da fraqueza. Entretanto, ela nasceu sã e robusta, e de seu largo peito aspira a vida a plenos pulmões. Vós, que assistis ao seu nascimento, é necessário que a seguís passo a passo em sua vida. Vede! A alegria de ter dado o nascimento dá à sua mãe uma recrudescência de força e de coragem, e de seus acentos fraternais ela chama todos os homens para se agruparem em torno dessa criança de bênção, porque pressente que de sua voz retumbante vai, em alguns anos, fazer cair a base do Espírito de mentira, e, verdade imutável como o próprio Deus, chamar para o Espiritismo todos os homens sob a sua bandeira. Mas não comprará o triunfo senão ao preço da luta, porque há inimigos obstinados que conspiram a sua perda, e esses inimigos são o orgulho, o egoísmo, a cupidez, a hipocrisia e o fanatismo, inimigos todo-poderosos que até então reinaram com império e não se deixarão destronar sem resistência. Alguns riem de sua fraqueza, mas outros temem a sua chegada e pressentem a sua ruína; por isso eles procuram fazê-la perecer, como outrora Herodes procurou fazer Jesus perecer no massacre dos Inocentes. Essa criança não tem pátria; ela erra sobre toda a Terra, procurando o povo que, o primeiro, que erguerá a sua bandeira, e esse povo será o mais poderoso entre os povos, porque tal é a vontade de Deus.

MASSILLON.

Progresso de um Espírito perverso

(Sociedade Espírita de Paris, Médiun senhora Gostei.)

Sob o título de *Castigo do egoísta*, publicamos, no número de dezembro de 1860, várias comunicações, assinadas por *Claire*, onde esse Espírito revela os seus maus pendores e a situação deplorável em que se encontra. Nosso colega senhora Gostei, que conheceu essa pessoa Quando viva, e lhe serve de médium, empreendeu a sua educação moral; seus esforços foram coroados de sucesso; pode ser julgado pelo ditado espontâneo seguinte que ela deu na Sociedade, no dia 1^o de março último.

"Eu vos falarei da diferença importante que existe entre a moral divina e a moral humana. A primeira assiste a mulher adúltera em seu abandono, e diz aos pecadores: Arrependei-vos, e

o reino dos céus vos será aberto." A moral divina, enfim, aceita todos os arrependidos e todas as faltas confessadas, ao passo que a moral humana repele estas, e admite, sorrindo, os pecados escondidos que, diz ela, são perdoados pela metade. A uma a graça do perdão, à outra a hipocrisia; escolhei, espíritos ávidos de verdade! Escolhei entre os céus abertos ao arrependimento, e a tolerância que admite o mau que não altera o seu egoísmo e os seus falsos arranjos, mas que repele a paixão e os soluços de faltas confessadas abertamente. Arrependei-vos, todos vós que pecais; renunciái ao mal, mas sobretudo renunciái à hipocrisia que vela a deformidade do mal sob a máscara risonha e enganadora das conveniências mútuas.

CLAIRE.

Eis um outro exemplo de conversão obtido num caso quase semelhante. Na mesma sessão se encontrava uma senhora estrangeira, médium, que escrevia na Sociedade pela primeira vez. Ela conhecera uma mulher, morta há nove anos, e que, quando viva, merecia pouco estima. Depois de sua morte, seu Espírito se mostrou ao mesmo tempo perverso e mau, não procurando senão fazer o mal. Entretanto, bons conselhos acabaram por conduzi-la a melhores sentimentos. Nessa sessão ela ditou espontaneamente o que se segue:

"Eu peço que se ore por mim; é necessário que eu seja boa; eu persegui e obsidiei muito tempo um ser chamado a fazer o bem, e Deus não quer mais que eu o persiga; mas tenho medo de me faltar coragem; ajudai-me; eu fiz tanto mal! Oh! Quanto sofro! Quanto sofro! Eu me alegrei com a chegada do mal; para ele contribuí com todas as minhas forças, mas eu não quero mais fazer o mal. Oh! Orai por mim!

"ADÈLE."

Sobre o ciúme entre os médiuns

(Envio do Sr. Ky..., correspondente da Sociedade em Carlsruhe.)

O homem vão, de si mesmo e de sua própria inteligência, é tão desprezível quanto lamentável. Ele expulsa a verdade de diante de si, para substituí-la por seus argumentos e suas convicções pessoais, que crê infalíveis e irrevogáveis, porque lhe pertencem. O homem vão é sempre egoísta, e o egoísmo é o flagelo da Humanidade; mas desprezando o resto do mundo, ele não mostra senão muito a sua pequenez; repelindo as verdades que para ele são novas, mostra também o espaço limitado de sua própria inteligência pervertida pela sua obstinação, que aumenta ainda a sua vaidade e o seu egoísmo.

Infeliz do homem que se deixa dominar por esses dois inimigos de si mesmo! Quando ete despertar neste estado onde a verdade e a luz fun-dir-se-ão sobre ele de todas as partes, então não verá em si senão um ser miserável que está loucamente exaltado acima da Humanidade, durante a sua vida terrestre, e que estará bem abaixo de certos seres mais modestos e mais simples aos quais pensava se impor neste mundo.

Sede humildes de coração, vós a quem Deus fez parte de seus dons espirituais. Não atribuais nenhum mérito a vós mesmos, não mais do que se atribui a obra, não às ferramentas, mas ao obreiro. Lembrai-vos bem que não sois senão os instrumentos dos quais Deus se serve para manifestar ao mundo o seu Espírito todo-poderoso, e que não tendes nenhum motivo para vos glorificar por vós mesmos. Há tantos médiuns, ah! que se tomam vãos, em lugar de

se tornarem humildes à medida que os seus dons crescem. Isto é um atraso no progresso, porque em lugar de ser humilde e passivo, o médium, freqüentemente, pela sua vaidade e pelo seu orgulho, repele comunicações importantes que vêm então à luz por pessoas mais merecedoras. Deus não olha a posição material de uma pessoa para lhe comunicar o seu espírito de santidade; bem longe disso, porque, freqüentemente, ele eleva os humildes entre os humildes, para dotá-los de maiores faculdades, a fim de que o mundo veja bem que não é o homem, mas o Espírito de Deus pelo homem, que faz milagres. O médium é, como eu o disse, o simples instrumento do grande Criador de todas as coisas, e é a este último que é necessário render glória, é a ele que é necessário agradecer pela sua inesgotável bondade.

Eu gostaria de dizer também uma palavra sobre a inveja e o ciúme que, muito freqüentemente, reina entre os médiuns, e que, como a erva má, é necessário arrancar desde que ela comece a aparecer, de medo que ela não abafe os bons germes vizinhos.

No médium o ciúme é tanto a temer como o orgulho; ele prova a mesma necessidade de humildade; direi mesmo que ele denota uma falta de senso comum. Não será vos mostrando ciumentos dos dons do vosso vizinho que os receberéis semelhantes, porque se Deus dá muito a uns e pouco aos outros, estejais certos de que agindo assim ele tem um motivo bem fundado! O ciúme azeda o coração; abafa mesmo os melhores sentimentos; é, pois, um inimigo que não se saberia evitar com muito cuidado, porque não deixa nenhum descanso, uma vez que se apodera de nós; isto se aplica a todos os casos da vida neste mundo; mas eu quis sobretudo falar do ciúme entre médiuns, tão ridículo quanto desprezível e mal fundado, e que prova o quanto o homem é fraco e o quanto se torna escravo de suas paixões.

LUOS.

Nota. Quando da leitura desta última comunicação diante da Sociedade, uma discussão se estabeleceu sobre o ciúme dos médiuns comparado ao dos sonâmbulos. Um dos membros, o Sr. D..., disse que na sua opinião o ciúme é o mesmo nos dois casos, e que se parece tão freqüente nos sonâmbulos, é que, nesse estado, eles, não sabem dissimulá-lo.

O Sr. Allan Kardec refutou esta opinião: "O ciúme, disse ele, parece inerente ao estado sonambúlico, e isso por uma causa da qual é difícil dar-se conta, e que os próprios sonâmbulos não podem explicar. Este sentimento existe entre sonâmbulos que, no estado de vigília, não têm um pelo outro senão da benevolência. Entre os médiuns, é longe de ser habitual, e se prende evidentemente à natureza moral do indivíduo. Um médium não é ciumento de um outro médium, senão porque está em sua natureza ser ciumento; essa falta, conseqüente do orgulho e do egoísmo, é essencialmente nociva à bondade das comunicações, ao passo que o sonâmbulo mais ciumento pode ser muito lúcido, e isto se concebe facilmente. O sonâmbulo vê por si mesmo; é o seu próprio Espírito que se liberta e age: ele não tem necessidade de ninguém; o médium, ao contrário, não é senão um intermediário: ele recebe tudo de Espíritos estranhos, e a sua personalidade está bem menos em jogo do que no sonâmbulo. Os Espíritos simpatizam com ele em razão de suas qualidades ou de seus defeitos: ora, os defeitos que são os mais antipáticos aos bons Espíritos são o orgulho, o egoísmo e o ciúme. A experiência nos ensina que a faculdade mediúnica, enquanto faculdade, é independente das qualidades morais; ela pode, do mesmo modo que a faculdade sonambúlica, existir no mais alto grau nos homens mais perversos. É completamente diferente com respeito às simpatias dos bons Espíritos, que se comunicam naturalmente tanto mais de boa vontade, quanto o intermediário encarregado de transmitir o seu pensamento seja mais puro, mais sincero, e se afaste mais da natureza dos maus Espíritos; eles fazem a esse respeito o que fazemos nós mesmos quando tomamos alguém por confidente. No que concerne especialmente ao ciúme, como esse defeito existe entre quase

todos os sonâmbulos, e que é muito raro entre os médiuns, parece que nos primeiros é a regra, e nos segundos a exceção, de onde se seguiria que não deve haver a mesma causa nos dois casos.'

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quarto Ano – 1861

Maio

- [Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas - Discurso do Sr. Allan Kardec por ocasião da renovação do ano social](#)
- [O Anjo do cólera](#)
- [Fenômeno de transportes](#)
- Conversas familiares de além-túmulo.
 - [O doutor Glas](#)
- [Questões e problemas diversos](#)
- Dissertações espíritas.
 - [Senhora de Girardin](#)
 - [A pintura e a música \(Lamennais\)](#)
 - [Festas dos bons Espíritos](#)
 - [Vinde a nós](#)
 - [O progresso intelectual e moral](#)
 - [A inundação](#)

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, maio de 1861

Discurso do Sr. Allan Kardec.

**por ocasião da renovação do ano social,
pronunciado na sessão de 5 de abril de 1861.**

Senhores e caros colegas,

No momento em que a nossa Sociedade começa o seu quarto ano, creio que devemos um agradecimento especial aos bons Espíritos que consentiram em nos assistir, e, em particular, ao nosso Presidente espiritual, cujos sábios conselhos souberam nos preservar de mais de um escolho, e cuja proteção nos fez superar as dificuldades que semearam em nosso caminho, sem dúvida para porem em prova o nosso devotamento e a nossa perspicácia. Devemos reconhecê-lo, a sua benevolência jamais nos faltou, e, graças ao bom espírito do qual a Sociedade está agora animada, ela triunfou da má vontade dos seus inimigos. Permiti-me, a esse respeito, algumas observações retrospectivas.

A experiência nos demonstrou lacunas lamentáveis na constituição da Sociedade, lacunas que abriram a porta para certos abusos; a Sociedade as preencheu, e desde então ela não teve senão que se aplaudir por isso. Realiza ela o ideal da perfeição? Não seríamos Espíritas se tivéssemos o orgulho de o crer; mas quando a base é boa e que o resto não depende senão da vontade, é necessário esperar que, os bons Espíritos ajudando, não pararemos no caminho.

Entre as reformas mais úteis, é necessário colocar em primeira linha a instituição dos *Associados livres*, que dá um acesso mais fácil aos candidatos, lhes permitindo se fazerem conhecer e apreciar antes de sua admissão como membros titulares; participando dos trabalhos e dos estudos da Sociedade, aproveitam de tudo o que nela se faz; mas, como não têm voz na parte administrativa, não podem, em nenhum caso, empenhar a responsabilidade da Sociedade. Vem em seguida a medida que teve por objeto restringir o número dos ouvintes, e de cercar com mais dificuldades, por uma escolha mais severa, a sua admissão nas sessões; depois, a que interditou a leitura de toda comunicação obtida fora da Sociedade, antes que, previamente, dela não tenha tomado conhecimento, e que essa leitura não esteja autorizada; enfim, as que armam a Sociedade contra quem poderia trazer-lhe a perturbação, ou tentar impor-lhe a sua vontade.

Outras há que seria supérfluo lembrar, cuja utilidade não é menor, e das quais estamos, a cada dia, no estado de apreciar os felizes resultados. Mas se esse estado de coisas é compreendido no seio da Sociedade, não ocorre o mesmo fora, onde, não é necessário

dissimulá-lo, não temos senão amigos. Somos criticados sobre vários pontos, e embora não tenhamos que com isso nos preocupar, uma vez que a ordem da Sociedade não interessa senão a nós, talvez não seja inútil lançar uma vista de olhos sobre o que se nos censura, porque, em definitivo, se essas censuras forem fundadas, deveremos aproveitá-las.

Certas pessoas reprovam a severa restrição imposta na admissão dos ouvintes; elas dizem que, se queremos fazer prosélitos, é necessário esclarecer o público, e, para isso, abrir-lhes as portas de nossas sessões, autorizar todas as perguntas e todas as interpelações; que se não admitirmos senão pessoas crentes, não temos grande mérito em convencê-las. Este raciocínio é especioso, e se, abrindo as portas ao primeiro que chegue, o resultado suposto for alcançado, certamente estaremos errados em não fazê-lo; mas como é ao contrário o que ocorre, não o fazemos.

De resto, seria bem deplorável que a propagação da doutrina fosse subordinada à publicidade de nossas sessões; por numeroso que pudesse ser o auditório, seria sempre muito restrito, imperceptível, comparado à massa da população. Por outro lado, sabemos, por experiência, que a verdadeira convicção não se adquire senão pelo estudo, a reflexão e uma observação continuada, e não assistindo a uma ou duas sessões, por interessantes que sejam; e isso é tão verdadeiro, que o número daqueles que crêem sem nada terem visto, mas porque estudaram e compreenderam, é imenso. Sem dúvida, o desejo de ver é muito natural, e estamos longe de censurá-lo, mas queremos que se veja em condições proveitosas; eis porque dizemos: Estudai primeiro e vereis em seguida, porque compreenderéis melhor.

Se os incrédulos refletissem nessa condição, veriam a melhor garantia primeiro na nossa boa-fé, em seguida no poder da doutrina. O que o charlatanismo mais teme é ser compreendido; ele fascina os olhos e não é bastante tolo para se dirigir à inteligência, que descobriria facilmente a intriga. O Espiritismo, ao contrário, não admite a confiança cega; ele quer ser claro em tudo; quer ser compreendido inteiramente, que se lhe dê conta de tudo; portanto, quando prescrevemos estudar e meditar, é chamar o concurso da razão, e provar que a ciência espírita não teme o exame, uma vez que, antes de crer, nos fazemos uma obrigação de compreender.

As nossas sessões não sendo sessões de demonstração, sua publicidade não alcançaria, pois, o objetivo, e teria graves inconvenientes; com um público sem seleção, trazendo mais curiosidade do que desejo verdadeiro de se instruir, e ainda mais desejoso de criticar e escarnecer, seria impossível ter o recolhimento indispensável para toda manifestação séria; uma controvérsia mais ou menos malévola, e baseada, na maioria das vezes, sobre a ignorância dos princípios mais elementares da ciência, traria perpétuos conflitos onde a dignidade poderia ser comprometida. Ora, o que nós queremos, é que, saindo de nossa casa, os ouvintes não levem a convicção, levem da Sociedade uma idéia de uma assembléia grave, séria, que se respeita e sabe se fazer respeitar, que discute com calma e moderação, examina com cuidado, aprofunda tudo com o olho do observador consciencioso que procura se esclarecer, e não com a leviandade de um simples curioso. E crede-o bem, senhores, essa opinião faz mais pela propaganda do que se saíssem com o único pensamento de terem satisfeito a sua curiosidade, porque a impressão que disso resulta os leva a refletir, ao passo que, em caso contrário, estariam mais dispostos a rir do que a crer.

Eu disse que as nossas sessões, não são sessões de demonstração, mas se nunca a fizemos desse gênero, para o uso de aprendizes que se trataria de instruir e de convencer, tudo aí se passaria com tanta gravidade e recolhimento como em nossas sessões comuns; a controvérsia se estabeleceria com ordem, de maneira a ser instrutiva e não tumultuosa, e quem ali se permitisse uma palavra inoportuna seria dela excluída; então a atenção seria

firme, e a própria discussão seria proveitosa para todo o mundo; é provavelmente o que faremos um dia. Perguntar-nos-ão, sem dúvida, por que não o fizemos mais cedo no interesse da vulgarização da ciência; a razão disso é simples: é que quisemos proceder com prudência, e não como estouvados, mais impacientes do que refletidos; antes de instruir os outros, quisemos nos instruir a nós mesmos. Queremos apoiar o nosso ensinamento sobre uma imponente massa de fatos e observações, e não sobre algumas experiências desordenadas, observadas com leviandade e superficialmente. Toda ciência, em seu início, forçosamente encontra fatos que, à primeira vista, parecem contraditórios, e dos quais só um estudo completo, minucioso, pode demonstrar a conexão; é a lei comum desses fatos que quisemos procurar, a fim de apresentar um conjunto tão completo, tão satisfatório, quanto possível, e dando menos possível lugar à contradição. Com este objetivo, recolhemos os fatos, examinamo-los, escrutamo-los naquilo que têm de mais íntimo, nós o comentamos, discutimo-los friamente, sem entusiasmo, e foi assim que chegamos a descobrir o admirável encadeamento que existe em todas as partes dessa vasta ciência que toca os mais graves interesses da Humanidade. Tal foi, até o presente, senhores, o objeto de nossos trabalhos, objeto perfeitamente caracterizado pelo simples título de *Sociedade de Estudos Espíritas* que adotamos. Nós nos reunimos com o objetivo de nos esclarecer e não de nos distrair; não procuramos, de nenhum modo, nos divertir, não queremos divertir os outros; eis porque não devemos ter senão ouvintes sérios, e não curiosos que cressem encontrar aqui um espetáculo. O Espiritismo é uma ciência, e, não mais do que outra ciência, não se pode aprender brincando; bem mais, tomar as almas daqueles que não são mais como objetos de distração, seria faltar ao respeito que se lhes deve; especular sobre a sua presença e a sua intervenção, seria uma impiedade e uma profanação. Estas reflexões respondem à censura que algumas pessoas nos dirigiram, de retornar sobre fatos conhecidos, e de não procurar constantemente o novo. No ponto onde estamos, é difícil que à medida que avançamos, os fatos que se produzem não rolem pouco a pouco no mesmo círculo; mas se esquece que pontos tão importantes quanto aqueles que tocam ao futuro do homem não podem chegar ao estado de verdade absoluta senão depois de um grande número de observações; haveria leviandade em formular uma lei sobre alguns exemplos; o homem sério e prudente é mais circunspecto; não somente ele quer tudo ver, mas ver sempre e freqüentemente; é por isso que não recuamos diante da monotonia das repetições, porque delas ressaltam confirmações e, freqüentemente, nuances instrutivas, e que se nela descobrimos fatos contraditórios, procuraremos a sua causa. Não estamos, de nenhum modo, apressados em sentenciar sobre os primeiros dados, necessariamente incompletos; antes de colher esperamos a maturidade. Se fomos menos adiante do que alguns o desejaram, ao capricho de sua impaciência, caminhamos com mais segurança, sem nos perder nos labirintos dos sistemas; talvez saibamos menos coisas, mas sabemos melhor, o que é preferível, e podemos afirmar o que sabemos sobre a fé na experiência.

Não creiais, de resto, senhores, que a opinião daqueles que criticam a organização da Sociedade seja a dos verdadeiros amigos do Espiritismo; não, é a de seus inimigos, que estão vexados por verem a Sociedade prosseguir a sua rota com calma e dignidade através das armadilhas que lhe estenderam e estendem ainda; lamentam que o acesso lhes seja difícil, porque estariam encantados indo ali semear a perturbação. É com esse objetivo que a censuram ainda por limitar o círculo de seus trabalhos, e pretendem que ela não se ocupe senão de coisas insignificantes e sem importância, porque ela se abstém de tratar de questões políticas e religiosas; gostariam de vê-la entrar na controvérsia dogmática; ora, é aí precisamente que se manifesta o seu verdadeiro caráter. A Sociedade está sabiamente encerrada num círculo inatacável à malevolência; gostar-se-ia, irritando o seu amor-próprio, de arrastá-la para um caminho perigoso, mas ela não se deixa nisso prender; ocupando-se exclusivamente das questões que interessam à ciência, e que não podem levar sombra a ninguém, colocou-se ao abrigo dos ataques, e ela tende a aí permanecer; pela sua prudência, sua moderação, sua sabedoria, ela conquistou a estima dos verdadeiros Espíritas, e a sua influência se estende até aos países distantes, onde aspiram à honra de fazer parte dela ;

ora, essa homenagem que lhe é prestada por pessoas que não a conhecem senão de nome, pelos seus trabalhos, e pela consideração que adquiriu, lhe é cem vezes mais preciosa do que o sufrágio dos imprudentes muito apressados, ou dos malévolos que gostariam de arrastá-la para a sua perda, e estariam encantados em vê-la comprometer-se. Enquanto eu tiver a honra de dirigi-la, todos os meus esforços tenderão em mantê-la neste caminho; se jamais ela devesse dele sair, eu a deixaria imediatamente, porque, por nenhum preço, eu gostaria de assumir essa responsabilidade.

De resto, senhores, sabeis por quais vicissitudes a Sociedade passou; tudo o que chegou antes e depois foi anunciado, e tudo se cumpriu assim como isso estava previsto; os seus inimigos querem a sua ruína; os Espíritos, que sabem o quanto ela é útil, querem a sua conservação, e ela está mantida, e ela se manterá enquanto seja necessária aos seus objetivos; se tivésseis mesmo observado, como pude fazê-lo, as coisas nos detalhes íntimos, não poderíeis desconhecer a intervenção de uma força superior, porque para mim ela é manifesta, e compreenderíeis que tudo foi para o melhor e no interesse da sua própria conservação; mas virá um tempo em que, tal como atualmente, ela não será mais indispensável; veremos então o que teremos a fazer, porque a marcha está traçada, tendo em vista todas as eventualidades.

Os inimigos mais perigosos da Sociedade não são aqueles de fora; podemos lhes fechar as nossas portas e os nossos ouvidos; os mais a temer são os inimigos invisíveis que poderiam aqui se introduzir, apesar de nós. Cabe a nós provar-lhes, como já o fizemos, que eles perdem o seu tempo tentando se impor a nós. A sua tática, nós o sabemos, é procurar semear a desunião, lançar agitações de discórdia, inspirar o ciúme, a desconfiança e as pueris suscetibilidades que engendram o desafeto; oponhamo-lhes a proteção da caridade, da benevolência mútua, e seremos invulneráveis tão bem contra as suas malignas influências ocultas quanto contra as diatribes dos nossos adversários encarnados, que se ocupam mais de nós do que nos ocupamos deles; porque podemos, sem amor-próprio, nos proporcionar essa justiça que jamais aqui seu nome foi pronunciado, seja por um sentimento de conveniência, seja porque temos que nos ocupar com coisas mais úteis. Não forçamos ninguém a vir a nós; acolhemos com prazer e solicitude as pessoas sinceras e de boa vontade, seriamente desejosas de se esclarecerem, e as encontramos bastante para não perdermos o nosso tempo correndo atrás daqueles que nos voltam as costas por motivos fúteis de amor-próprio ou de ciúme. Aqueles não podem ser considerados como verdadeiros Espíritas, apesar das aparências; talvez sejam Espíritas que crêem nos fatos, mas infalivelmente não são Espíritas crentes na conseqüência moral dos fatos, de outro modo mostrariam mais de abnegação, de indulgência, de moderação, e menos de presunção em sua infalibilidade. Procurá-los seria mesmo prestar-lhes um mau serviço, porque isso faria crer em sua importância e que não se pode deles abster-se. Quanto àqueles que nos denigrem, não devemos com isso nos preocupar mais; homens que valem cem vezes mais do que nós foram denegridos e achincalhados: não poderíamos ter o privilégio a esse respeito; cabe-nos provarmos, pelos nossos atos, que as suas diatribes não têm razão, e as armas de que se servem voltam-se contra eles.

Depois de ter, ao começar, agradecido aos Espíritos que nos assistem, não devemos esquecer os seus intérpretes, dos quais alguns nos dão o seu concurso com um zelo, uma complacência que não são jamais desmentidas; não podemos, em troca, lhes oferecer senão um estéril testemunho da nossa satisfação; mas o mundo dos Espíritos os espera, e lá todos os devotamentos são contados ao peso do desinteresse, da humildade e da abnegação.

Em resumo, senhores, os nossos trabalhos caminharam, durante o ano que vem de se escoar, com uma perfeita regularidade, e nada os interrompeu; uma multidão de fatos, do

mais alto interesse, foram narrados, explicados e comentados; questões muito importantes foram resolvidas; todos os exemplos que passaram sob os nossos olhos pelas evocações, todas as investigações às quais nos entregamos vieram confirmar os princípios da ciência e nos fortificar em nossas crenças; numerosas comunicações, de uma incontestável superioridade, foram obtidas por diversos médiuns; a província e o estrangeiro no-las dirigiram excessivamente notáveis, e que provam, não somente como o Espiritismo se propaga, mas também sob qual ponto de vista, grave e sério, ele agora é por toda a parte encarado. Este, sem dúvida, é um resultado do qual devemos estar felizes, mas há um não menos satisfatório e que, de resto, é uma consequência do que foi predito desde a origem: é a unidade que se estabelece na teoria da doutrina, à medida que é estudada e que é compreendida melhor. Em todas as comunicações que nos vêm de fora, encontramos a confirmação dos princípios que nos são ensinados pelos Espíritos, e como as pessoas que os obtêm nos são, em sua maioria, desconhecidas, não se pode dizer que elas sofrem a nossa influência.

O próprio princípio da reencarnação que tinha, no primeiro momento, encontrado mais contraditores, porque não era compreendido, hoje é aceito pela força da evidência, e porque todo homem que pensa nele reconhece a única solução possível dos maiores problemas da filosofia moral e religiosa. Sem a reencarnação, para-se a cada passo, tudo é caos e confusão; com a reencarnação tudo se esclarece, tudo se explica da maneira mais racional; se ela encontra ainda alguns adversários, mais sistemáticos do que lógicos, o número deles é muito restrito; ora, quem a inventou? Não foi, seguramente, nem vós e nem eu; ela nos foi ensinada, nós a aceitamos, eis tudo o que fizemos. De todos os sistemas que surgiram no princípio, bem poucos sobrevivem hoje, e pode-se dizer que os seus raros partidários estão, sobretudo, entre as pessoas que julgam sob um primeiro aspecto, e, freqüentemente, segundo idéias preconcebidas ou preconceitos; mas é evidente agora que, quem se dá ao trabalho de aprofundar todas as questões e julga friamente, sem prevenção, sem hostilidade sistemática, sobretudo, é invencivelmente conduzido, pelo raciocínio quanto pelos fatos, à teoria fundamental que prevalece hoje, pode-se dizer, em todos os países do mundo.

Certamente, senhores, a Sociedade não fez tudo para esse resultado; mas creio que, sem vaidade, ela pode reivindicar-lhe uma pequena parte; sua influência moral é maior do que se crê, e isso precisamente porque ela jamais se desviou da linha de moderação que se traçou; sabe-se que ela se ocupa exclusivamente de seus estudos, sem se deixar desviar pelas mesquinhas paixões que se agitam ao seu redor; que ela o faz seriamente, como deve fazê-lo toda assembléia científica; que persegue o seu objetivo sem se misturar com nenhuma intriga, sem lançar pedra em ninguém, sem mesmo acolher aquelas que lhe são lançadas; eis, sem nenhuma dúvida, a principal causa do crédito e da consideração dos quais goza, e dos quais pode justamente estar orgulhosa, e que dão um certo peso à sua opinião. Continuemos, senhores, pelos nossos esforços, pela nossa prudência e o exemplo de união que deve existir entre os verdadeiros Espíritas, a mostrar que os princípios que professamos não são, para nós, uma letra morta, e que pregamos pelo exemplo tanto quanto pela teoria. Se as nossas doutrinas encontram tão numerosos ecos, é que, aparentemente, encontram-nas mais racional do que outras; duvido que isso assim seria se professássemos a doutrina da intervenção exclusiva do diabo e dos demônios nas manifestações espíritas, doutrina hoje completamente ridícula, que excita mais de curiosidade do que ela não causa de pavor, se isso não o é senão sobre algumas pessoas timoratas, que logo elas mesmas lhe reconhecerão a futilidade.

A Doutrina Espírita, tal como ela é hoje professada, tem uma amplitude que lhe permite abraçar todas as questões de ordem moral; satisfaz a todas as aspirações, e se o pode dizer à razão mais exigente para quem se dá ao trabalho de estudá-la e não está dominado pelos preconceitos; ela não tem as mesquinhas restrições de certas filosofias; alarga até o infinito o

círculo das idéias, e nada é capaz de elevar mais alto o pensamento e de tirar o homem da estreita esfera do egoísmo, na qual se procurou confiná-lo; ela se apoia, enfim, sobre os imutáveis princípios da religião, da qual é a demonstração patente; eis, sem nenhuma dúvida, o que lhe conquistou tão numerosos partidários entre as pessoas esclarecidas de todos os países, e o que a fará prevalecer, num tempo mais ou menos próximo, e isso apesar dos seus adversários, na maioria mais opostos por interesse do que por convicção. Sua caminhada progressiva tão rápida, desde que ela entrou no caminho filosófico sério, nos é uma garantia segura do futuro que lhe está reservado, e que, como o sabeis, é anunciado por todas as partes. Deixemos, pois, os seus inimigos falarem e fazerem, eles nada podem contra a vontade de Deus, porque nada chega sem a sua permissão, e como dizia recentemente um eclesiástico esclarecido: Se essas coisas ocorrem, é que Deus o permite para conduzir à fé que se extingue nas trevas do materialismo.

O Anjo do cólera

Revista Espírita, maio de 1861

Um dos nossos correspondentes de Varsóvia nos escreveu o que se segue.

"...Ouso chamar a vossa atenção para um fato de tal modo extraordinário, que seria necessário classificá-lo na categoria do absurdo, se o caráter da pessoa que mo narrou não fosse uma garantia de sua realidade. Nós todos que conhecemos do Espiritismo tudo o que, por vós, foi tão judiciosamente tratado, o que quer dizer que cremos bem compreendê-lo, não encontramos explicação para esse fato, e o entrego à vossa apreciação, rogando-vos me perdoar o tempo que vos faço perder em lê-lo, se não o julgardes digno de um exame mais sério. Eis do que se trata:

"A pessoa da qual falei mais acima se encontrava, em 1852, em Wilna, cidade da Lituânia que, nesse momento, era assolada pelo cólera. A sua filha, encantadora menina de doze anos, era dotada de todas as qualidades que constituem as naturezas superiores. Desde sua tenra idade, ela se fez notar por uma inteligência excepcional, uma bondade de coração e uma candura verdadeiramente angélicas. Ela foi uma das primeiras, em nosso país, a gozar da faculdade medianímica, e sempre assistida pelos Espíritos de uma ordem muito elevada. Freqüentemente, e sem ser sonâmbula, tinha o pressentimento do que ia acontecer, e o predizia sempre com justeza. Essas informações não me parecem inúteis para julgar de sua sinceridade. Uma noite, no momento em que as velas vinham de ser apagadas, a jovem, ainda completamente desperta, viu se levantar diante de seu leito a figura lívida e sanguinolenta de uma velha mulher, cuja única visão a fez estremecer. Essa mulher se aproximou do leito da menina e lhe disse: "Eu sou o cólera, e venho te pedir um beijo; se tu me abraçares, retornarei para os lugares que deixei, e a cidade estará livre da minha presença." A jovem não recuou diante do sacrifício: ela aplicou os seus lábios sobre o rosto gelado e humilde da velha; e a visão, se era uma visão, desapareceu. A criança, apavorada, não se acalmou senão no seio de seu pai que, nada compreendendo da coisa, estava, no entanto, convencido de que sua filha disse a verdade; mas disso não falou a ninguém. Pelo meio-dia, recebeu a visita de um médico, amigo da família: "Trago-vos uma boa nova, disse ele; esta noite nenhum doente chegou ao hospital dos coléricos, que venho de visitar." E desde esse dia, com efeito, deixou de maltratar. Mais ou menos três anos mais tarde, essa pessoa e a sua família fizeram uma outra viagem para a mesma cidade. Durante a sua permanência, o cólera por ali reapareceu, e já se lhe contavam as vítimas por centenas, quando, uma noite, a mesma velha apareceu junto ao leito da jovem, sempre perfeitamente desperta, e lhe fez a mesma pergunta, acrescentando que, se a sua prece fosse atendida, esta vez ela deixaria a cidade para ali não mais retornar. A jovem não recuou, não mais do que na primeira vez; logo ela viu um sepulcro se abrir e se fechar sobre a mulher. O cólera se acalmou como por milagre, e não é do meu conhecimento que haja reaparecido depois em Wilna. Isso era uma alucinação ou uma visão real? Eu o ignoro; tudo o que posso certificar é que não posso duvidar da sinceridade da jovem e de seus pais."

Esse fato é, com efeito, muito singular; os incrédulos não faltarão para dizerem que é uma alucinação; mas lhes seria, provavelmente, mais difícil explicar essa coincidência com um fato material que nada podia fazer prever. Uma primeira vez, isso poderia ser colocado por conta do acaso, essa maneira tão cômoda de se passar sobre o que não se compreende; mas as duas repetições diferentes, e em condições idênticas, era mais extraordinária. Em admitindo

o fato da aparição, resta saber o que era essa mulher; era realmente o anjo exterminador do cólera? Os flagelos estariam personificados em certos Espíritos encarregados de provocá-los ou de acalmá-los? Poder-se-ia crê-lo vendo aquele desaparecer pela vontade dessa mulher; mas, então, por que dirigir-se a essa criança, estranha à cidade, e como um beijo de sua parte poderia ter essa influência? Embora o Espiritismo já nos haja dado a chave de muitas coisas, ainda não nos disse a sua última palavra, e, no caso que se trata, a última hipótese nada tinha de positivamente absurda; confessamos que, à primeira vista, pendemos bastante desse lado, não vendo no fato o caráter de uma verdadeira alucinação; mas com uma palavra os Espíritos vieram derrubar a nossa suposição. Eis a explicação, muito simples e muito lógica, que dele deu São Luís na sessão da Sociedade de 19 de abril de 1861. *P.* O fato que acaba de ser narrado parece muito autêntico; desejaríamos ter, a esse respeito, algumas explicações. Poderíeis, de início, nos dizer quem era essa mulher que apareceu à jovem e disse ser o cólera?

R. Não era o cólera; um flagelo material não reveste aparência humana; era o Espírito familiar da jovem que experimentava a sua fé, e fazia coincidir essa prova com o fim do flagelo. Essa prova era salutar para a criança que a suportava; ela fortalecia, idealizando-as, as virtudes em germe nesse ser protegido e bendito. As naturezas de elite, as que trazem, vindo para o mundo, a lembrança dos bens adquiridos, freqüentemente, sofrem essas advertências, que seriam perigosas para uma alma não depurada, e não preparada pelas migrações anteriores aos grandes devotamentos do amor e da fé.

P. O Espírito familiar dessa jovem tinha bastante poder para prever o futuro e o fim do flagelo?

R. Os Espíritos são os instrumentos da vontade divina e, freqüentemente, eles são elevados à altura de mensageiros celestes.

P. Os Espíritos não têm nenhuma ação sobre os flagelos como agentes produtores?

R. Neles não estão absolutamente para nada, não mais do que as árvores não atuam sobre o vento, nem os efeitos sobre as causas.

Na previsão de respostas conformes com o nosso pensamento primeiro, preparamos uma série de perguntas que, conseqüentemente, se tornaram inúteis; isso prova, uma vez mais, que os médiuns não são o reflexo do pensamento do interrogador. De resto, devemos dizer que não tínhamos sobre esse assunto nenhuma idéia fixa; na falta de melhor, pendemos para aquela que emitimos, porque ela não nos pareceu impossível; mas a explicação dada pelo Espírito, sendo mais simples e mais racional, consideramo-la infinitamente preferível.

Pode-se, de resto, tirar desse fato uma outra instrução. O que ocorreu com essa jovem deve ter-se produzido, em outras circunstâncias, e mesmo na antigüidade, uma vez que os fenômenos espíritas são de todos os tempos. Não seria essa uma das causas que levaram os Antigos a tudo personificar e a ver, em cada coisa, um gênio particular? Não pensamos que falhe em procurar a fonte somente no gênio poético, porque se vê essas idéias nos povos menos avançados.

Suponhamos que um fato análogo àquele que narramos tivesse se produzido entre um povo supersticioso e bárbaro, e mais não seria necessário para acreditar a idéia de uma divindade malfazeja que não se poderia acalmar senão sacrificando vítimas. Já o dissemos, todos os deuses do paganismo não têm outra origem senão as manifestações espíritas; o cristianismo

veio derrubar os seus altares, mas estava reservado ao Espiritismo fazer conhecer a sua verdadeira natureza, e lançar luz sobre esses fenômenos desnaturados pela superstição, ou explorados pela cupidez.

Fenômeno de transportes

Revista Espírita, maio de 1861

Este fenômeno é, sem contradita, um dos mais extraordinários entre aqueles que as manifestações espíritas apresentam, e é também um dos mais raros. Ele consiste no transporte espontâneo de um objeto que não existe no lugar onde se está. Nós o conhecemos há muito tempo por ouvir dizer, mas como nos foi dado há pouco ser dele testemunha, podemos agora falar a seu respeito com conhecimento de causa. Dizemos primeiro que é um daqueles que mais se prestam à imitação e que, conseqüentemente, é necessário se pôr em guarda contra a fraude. Sabe-se até onde pode ir a arte da prestidigitação em fatos de experiências desse gênero; mas, sem ter relações com um homem do ofício, poder-se-ia, facilmente, ser vítima de uma manobra hábil. A melhor de todas as garantias está *no caráter, na honradez notória, no desinteresse absoluto* da pessoa que obtém semelhantes efeitos; em segundo lugar no exame atento de todas as circunstâncias nas quais os fatos se produzem; enfim, no conhecimento esclarecido do Espiritismo, o único que pode fazer descobrir o que seria suspeito.

Dissemos que esse fenômeno é um dos mais raros, e menos que os outros, talvez, não se produz à vontade e sobretudo a propósito; ele pode algumas vezes, embora raramente, ser provocado, mas, o mais freqüentemente, é espontâneo; de onde resulta que, quem se gabasse de obtê-lo à vontade, e num instante dado, pode ser temerariamente taxado de ignorância e suspeito de fraude, com mais forte razão se lhe misturar o menor motivo de interesse material. Um médium que tire um proveito qualquer de sua faculdade pode ser realmente médium; mas como essa faculdade está sujeita a intermitências, que os fenômenos dependem exclusivamente da vontade dos Espíritos, que não se submetem aos nossos caprichos, disso resulta que o médium interessado, para não parar ou para produzir mais efeito segundo as circunstâncias, chama a astúcia em sua ajuda, porque, para ele, é necessário que o Espírito pelo menos aja, senão é substituído, e a astúcia se esconde, algumas vezes, sob as aparências mais simples.

Tendo essas observações preliminares objetivo de colocar os observadores em guarda, voltemos ao nosso assunto; mas, antes de falar do que nos concerne, cremos dever reportar à carta seguinte, que nos foi escrita de Orléans, em 14 de fevereiro último.

"Senhor,

"É um Espírita convicto que vos escreve esta carta; os fatos que ela relata são raros; devem servir ao bem de todos, e já levaram à convicção muitas pessoas que nos cercam e que deles foram testemunhas.

"O primeiro fato se passou em 1º de janeiro de 1861. Uma de minhas parentas, que possui em grau supremo a faculdade mediúnica, e que o ignorava completamente antes que eu lhe falasse do Espiritismo, algumas vezes, via a sua mãe, mas tomava isso por alucinações, que tratava de evitá-las. Em 1* de janeiro último, pelas três horas da tarde, ela a viu de novo; a emoção que ela sentiu, assim como seu marido, embora este não visse nada, impediu-a de se dar conta de seus movimentos. Alguns minutos depois, seu marido, entrando nesse aposento, viu sobre a mesa um anel que a sua mulher reconheceu perfeitamente o anel de sua mãe, que ela mesma lhe colocara no dedo quando de sua morte. Alguns dias depois,

como essa senhora sofria de uma sufocação a que estava sujeita, aconselhei seu marido a magnetizá-la, o que fez, e ao cabo de três minutos ela dormia profundamente, e a lucidez era perfeita. Ela disse então ao seu marido que a sua mãe lhe trouxera o seu anel para provar-lhe que está com eles e que vela sobre eles. Seu marido perguntou-lhe se via a sua filha, morta há 8 anos, com a idade de 2 anos, e se ela podia mandar-lhe uma lembrança? A sonâmbula respondeu que ela estava lá, assim como a mãe de seu marido; que ela lhe trará no dia seguinte uma rosa que encontrará sobre a escrivaninha. O fato se cumpriu; a rosa murcha estava acompanhada de um papel sobre o qual estavam escritas estas palavras: AO MEU PAPAÍ QUERIDO. *Laura*. No segundo dia depois, sono magnético; o marido pergunta se poderia ter dois cabelos de sua mãe para ele? Seu desejo foi satisfeito imediatamente: os cabelos estão sobre a lareira. Depois, duas cartas foram escritas espontaneamente pelas duas mães.

"Chego a fatos que se passaram em minha casa. Depois de um estudo sério de vossas obras sobre o Espiritismo, a fé me viera sem eu haja visto um único fato. *O Livro dos Médiuns* me convidara a tentar escrever sem nenhum resultado; persuadido de que nada obteria sem a presença da pessoa de que falei acima, eu roguei-lhe para que viesse a Orléans, assim como o seu marido. Na segunda-feira, às 10 horas da noite, sono magnético e êxtase; ela vê, junto dela e de nós, os Espíritos que a acompanham e que lhe prometeram vir com ela. Eu lhe pergunto se serei médium escrevente; ela responde: Sim, em 15 dias; ela acrescenta que, no dia seguinte, escreverá por intermédio de sua mãe para convencer um de seus amigos, que ela me roga fazê-lo vir. No dia seguinte 12, às 8 horas da manhã, sono; nós lhe perguntamos se devemos dar-lhe um lápis: Não, disse-me ela; a minha mãe está junto de ti e escreve; a sua carta está sobre a lareira. Vou para lá e encontro um papel dobrado contendo estas palavras: *Crede e orai, estou convosco; isto é para vos convencer*. Ela me disse ainda que, nessa noite, poderia tentar escrever com a sua mão pousada sobre a minha. Eu não ousava esperar semelhante resultado e, todavia, escrevi estas palavras: *Crede; eu vou voltar; não esqueçais o magnetismo; não demoreis muito tempo*. A minha parenta deveria partir no dia seguinte. À noite escrevemos isto: *A ciência espírita não é um divertimento; é verdade; o magnetismo pode a ela conduzir. Orai, e invocai aqueles que o vosso coração vos disser. Não fiquéis mais muito tempo. Catherine*. É o nome de sua mãe.

"Ela me ordenou várias vezes para vos escrever estes fatos; eu mesmo censurei-me por não fazê-lo mais cedo; de resto, ela disse-me que poderíeis ter a prova do que vos disse, e que a sua mãe, ela mesma, iria confirmar esses fatos se a chamásseis: Aceitai, etc." Esta carta relata dois fenômenos notáveis, o do transporte e o da escrita direta. Faremos a este respeito uma observação essencial, é que, quando o marido e a mulher obtiveram os primeiros efeitos, estavam sozinhos, muito preocupados com o que lhes ocorria, e que não tinham nenhum interesse em se enganar mutuamente. Em segundo lugar, o transporte do anel que fora enterrado com a mãe, era um fato positivo que não podia ser o resultado de uma fraude, porque não se brinca com essas coisas.

Vários fatos da mesma natureza nos foram narrados por pessoas nas quais temos toda a confiança, e que se passaram em circunstâncias também muito autênticas, mas eis aquele do qual fomos duas vezes testemunha ocular, assim como vários membros da Sociedade.

A senhorita V.B.... jovem de 16 a 17anos, é muito bom médium escrevente, e, ao mesmo tempo, sonâmbula muito clarividente. Durante o seu sono, ela vê sobretudo o Espírito de um de seus primos que já, várias vezes, lhe trouxera diferentes objetos, entre outros, anéis, bombons em grande quantidade de flores. É necessário sempre que ela esteja dormindo em torno de duas horas, antes da produção do fenômeno. A primeira vez que assistimos a uma manifestação desse gênero, houve transporte de um anel que lhe foi entregue na mão. Para nós, que conhecemos a jovem e seus pais por pessoas muito honradas, não tínhamos

nenhum motivo para duvidar; entretanto, confessamos que, para estranhos, a maneira pela qual isso se passou era pouco concludente. Foi tudo diferente numa outra sessão. Depois de duas horas de sono prévio, durante as quais a jovem sonâmbula ocupou-se de coisas muito interessantes, mas estranhas ao que nos ocupa, o Espírito lhe apareceu tendo um buquê, visível somente para ela. Não foi senão depois de ter por muito tempo aguilhoado a sua cobiça e provocado incessantes súplicas, que o Espírito fez cair, aos seus pés, um buquê de açafraão. A jovem não estava satisfeita; o Espírito tinha ainda alguma coisa que ela queria ter; novas súplicas durante quase meia hora, depois da qual um grande buquê de violeta, cercado de musgo, apareceu sobre o assoalho; depois de algum tempo um bombom grande, do tamanho de mão fechada, caiu ao seu lado; pelo sabor se reconheceu que era de abacaxi, que parecia ter sido amassado nas mãos.

Tudo isso durou em torno de uma hora e, durante esse tempo, a sonâmbula foi constantemente isolada de todos os assistentes; seu magnetizador, ele mesmo, se colocou a uma grande distância; estávamos colocados de maneira a não perder de vista um único movimento, e declaramos sinceramente que não houve a menor coisa de suspeita. Nessa sessão, o Espírito, que se chama Léon, prometeu vir à Sociedade dar as explicações que lhe pedissem.

Evocamos, na sessão da Sociedade de 1º de março, conjuntamente com o Espírito da senhora Catherine, que se manifestara em Orléans, e eis a conversa que se seguiu:

1. Evocação da senhora Catherine. - R. Estou presente, e pronta para vos responder.
2. Dissestes, à vossa filha e ao vosso parente de Orléans, que viríeis confirmar aqui os fenômenos dos quais foram testemunhas; ficaremos encantados em recebermos de vós as explicações que consentísseis em nos dar a esse respeito. Eu vos perguntaria primeiro com qual objetivo tanto insististes para que se me escrevesse a narração desses fatos? - R. O que eu disse, estou pronta a fazê-lo, porque é a vós que se deve mais instruir; disse aos meus filhos para vos fazer parte dessas provas tendo em vista Propagar o Espiritismo.
3. Fui testemunha, há alguns dias, de fatos análogos, e vou Pedir ao Espírito que os produziu para consentir em vir. Tendo podido observar todas as fases do fenômeno, conto dirigir-lhe diferentes questões. Quereis, eu vos peço, vos juntar a ele para completar as respostas se isso for necessário?- R. O que me pedis eu o farei, e por nós dois a claridade será mais limpa e precisa.
4. Evocação de Léon. - R. Eis-me todo pronto para cumprir a promessa que vos fiz, senhor.

Nota. Os Espíritos se dispensam, bastante geralmente, de nossas fórmulas de polidez; este oferece esta particularidade que cada vez que o evocamos sempre se serviu da palavra senhor.

5. Quereis, eu vos peço, nos dizer por que esses fenômenos não se produziram no sono magnético do médium? - R. Isso se prende à natureza do médium; os fatos que produzo quando o meu dorme, poderia igualmente produzi-los no estado de vigília.
6. Por que fazeis esperar tanto tempo o transporte de objetos, e por que excitais a cobiça do médium irritando o seu desejo de obter o objeto prometido? -R. Esse tempo é necessário, a fim de preparar os fluidos que servem ao transporte; quanto à excitação, freqüentemente, não é senão para distrair as pessoas presentes e a sonâmbula.

7. Pensei que essa excitação poderia produzir uma emissão mais abundante de fluidos da parte do médium, e facilitar a combinação necessária. - R. Estáveis enganado, senhor; os fluidos que nos são necessários não pertencem ao médium, mas ao Espírito, e se pode mesmo, em certas circunstâncias, abster-se dele, e o transporte ter lugar imediatamente.
8. A produção do fenômeno prende-se à natureza especial do médium, e poderia se produzir por outros médiuns com mais facilidade e prontidão? - R. A produção prende-se à natureza do médium e não pode se produzir senão com naturezas correspondentes; para a prontidão, o hábito que tomamos, correspondendo com frequência com o mesmo médium, nos é de um grande socorro.
9. A natureza do médium deve corresponder à natureza do fato ou à natureza do Espírito? - R. É necessário que corresponda à natureza do fato e não do Espírito.
10. A influência das pessoas presentes serve para alguma coisa? - R. Quando há a incredulidade, a oposição, pode muito nos dificultar; gostamos bem mais de fazer as nossas provas com crentes e pessoas versadas no Espiritismo; mas não entendo com isso dizer que a má vontade poderia nos paralisar completamente.
11. Não há aqui senão crentes e pessoas muito simpáticas; há um impedimento para que o fato ocorra? - R. Há o de que não estou preparado, nem disposto.
12. Estareis num outro dia? - R. Sim.
13. Poderíeis fixá-lo? - R. Um dia em que não me pedirdes nada, virei de improviso vos surpreender com um lindo buquê.
14. Talvez haja pessoas que gostariam mais dos bombons. - R. Se houver gulosos, poder-se-á igualmente contentá-lo; creio que as senhoras, que não desdenham as flores, gostarão ainda mais dos bombons.
15. A senhorita V.B... teria necessidade de estar em sonambulismo? - R. Eu farei o transporte com ela desperta.
16. Onde pegastes as flores e os bombons que trouxestes? -R. As flores, as tomei nos jardins, onde elas me agradam.
17. Mas os bombons; o comerciante deverá perceber que lhe faltam? - R. Eu os tomo onde isso me apraz; o comerciante disso não se apercebeu de todo, porque coloquei outros no lugar.
18. Mas os anéis têm algum valor; onde os tomastes? É que isso nada fez de errado para aquele de quem os tirastes? - R. Eu os tomei em lugares desconhecidos para vós, e de maneira que ninguém possa nisso sentir nenhum erro.
19. É possível transportar flores de um planeta para outro? - R. Não, a mim não é possível.
20. É que outros Espíritos o podem? - R. Sim, há Espíritos mais elevados do que não o sou,

que podem fazê-lo; quanto a mim, não posso me encarregar disso; contentai-vos com o que vos transportarei.

21. Poderíeis transportar flores de um outro hemisfério, dos trópicos, por exemplo? - R. Do momento que seja sobre a Terra, eu o posso.

22. Como introduzistes esses objetos outro dia, uma vez que o quarto estava fechado? - R. Fi-los entrar comigo, envolvidos por assim dizer, em minha substância; quanto a vos dizer mais longamente, isto não é explicável.

23. (À senhora Catherine.) Uma vez que o anel que transportastes para a vossa filha fora enterrado convosco, como o obtivestes? - R. Eu o retirei da terra e transportei para a minha filha.

24. (A Léon.) Como fizestes para tornar visíveis esses objetos que estavam invisíveis um instante antes? - R. Tirei a matéria que os envolvia.

25. Esses objetos que transportastes, poderíeis fazê-los desaparecer e tornar a levar? - R. Tão bem quanto fi-los vir, posso tornar a levá-los, à minha vontade.

26. Ontem... (o Espírito retificou escrevendo: *quarta-feira*). É justo; quarta-feira, o médium vos viu pegar as tesouras e cortar as flores do buquê que estava no quarto; tivestes, realmente, necessidade de um instrumento cortante para cortar isso? - R. Eu não tinha a tesoura de todo, fiz-me ver assim, a fim de que se estivesse bem seguro de que era eu mesmo que os tirava.

27. Mas o buquê estava sob um globo de vidro? - R. Oh! eu bem podia tirar o globo.

28. Vós o tirastes? - R. Não.

29. Não podemos compreender como isso pode se fazer; credes que um dia chegaremos a nos explicar esse fenômeno? - R. Em pouco tempo mesmo; não fazemos mais do que crê-lo, disso estamos seguros.

30. Quem acaba de responder? Foi Léonon a senhora Catherine? - R. Fomos nós dois.

31. A produção do fenômeno de transporte vos causa alguma dificuldade, um embaraço qualquer? - R. Não nos causa nenhuma dificuldade quando para isso temos a permissão; poderia nos causar muito e grandes dificuldades se quiséssemos produzir os efeitos sem para isso estarmos autorizados.

32. Quais são as dificuldades que encontrais? - R. Nenhuma outra senão más disposições fluídicas que podem nos ser contrárias.

33. Como transportais o objeto; tende-o com as mãos? - R. Não, nós o envolvemos em nós.

34. Transportaríeis, com a mesma facilidade, um objeto de um peso considerável; de 50 quilos por exemplo? - R. O peso nada é para nós; transportamos flores porque isso é mais agradável do que um peso volumoso.

35. Há, algumas vezes, o desaparecimento de objetos cuja causa é ignorada, e que seriam o fato dos Espíritos? - R. Isso ocorre muito freqüentemente, mais freqüentemente do que o pensais, e isso poderia ser remediado pedindo ao Espírito para trazer o objeto desaparecido.

36. Há efeitos que se consideram como fenômenos naturais e que são devidos à ação de certos Espíritos? - R. Vossos dias estão cheios desses fatos que não compreendeis, porque nisso não pensastes, e que um pouco de reflexão vos faria ver claramente.

37. Entre os objetos transportados, não há os que podem ser fabricados pelos Espíritos; quer dizer, produzidos espontaneamente pelas modificações que os Espíritos podem fazer sofrer o fluido ou o elemento universal? - R. Não por mim, porque para isso não tenho a permissão; só o Espírito elevado o pode.

38. Um objeto feito dessa maneira poderia ter estabilidade, e se tornar um objeto usual? Se um Espírito me fizesse uma tabaqueira, por exemplo, poderia dela me servir? - R. Poderia tê-la se o Espírito o quisesse, mas poderia também não ser senão para a visão e se desvanecer ao cabo de algumas horas.

Nota. Podem-se classificar na categoria dos fenômenos de transportes os fatos da natureza daqueles que se passaram na rua dos Noyers e que narramos na Revista do mês de agosto de 1860; há esta diferença que, no último caso, foram produzidos por um Espírito malevolente, que não tinha em vista senão causar perturbação, ao passo que naqueles dos quais se trata aqui, são Espíritos benevolentes que procuram ser agradáveis e testemunhar a sua simpatia.

Nota. Ver, para a teoria da formação espontânea dos objetos, *O Livro dos Médiuns. cap. intitulado: Laboratório do mundo invisível.*

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, maio de 1861

O doutor Glas

Nascido em Lyon, morto em 21 de fevereiro de 1861, com a idade de 35 anos e meio.

(Sociedade Espírita de Paris, 5 de abril de 1861.)

O Sr. Glas era um fervoroso Espírita; sucumbiu a uma longa e dolorosa enfermidade cujos sofrimentos não foram abrandados senão pela esperança que o Espiritismo dá. Sua vida laboriosa e acidentada de amargas inquietações, e um acidente desconhecido de início, abreviaram a sua existência. Foi evocado a pedido de seu pai.

1. Evocação. - R. Estou aqui.

2. Ficaremos encantados em conversar convosco, primeiro por condescender ao desejo do Sr. vosso pai e de sua mulher, e em seguida porque, tendo em vista o estado dos nossos conhecimentos, esperamos disso aproveitar para nós mesmos. - R. Eu desejo que esta comunicação seja, para aqueles que me lamentam, uma consolação, e para vós, que me evocastes, um objeto de estudos instrutivos.

3. Parece que sucumbistes a uma cruel enfermidade; poderíeis nos dar algumas explicações sobre a sua natureza e a sua causa? - R. Minha enfermidade, eu o vejo bem claramente hoje, era toda moral e acabou por me fazer o corpo morrer dolorosamente e aos poucos. Quanto a me estender longamente sobre os meus sofrimentos, eu os tenho ainda bastante presentes para não lembrar-me deles. Um trabalho renitente, unido a uma agitação contínua no cérebro, foi a verdadeira fonte de meu mal.

Nota. Esta resposta está confirmada pela passagem seguinte da carta de seu pai: "Sua vida laboriosa e acidentada de amargas inquietações, e um acidente desconhecido de início, abreviaram a sua existência." Esta carta, de nenhum modo, fora lida antes da evocação, e nem o médium, nem os assistentes, não tinham conhecimento desse fato.

4. Parece também que as vossas crenças vos ajudaram a suportar os sofrimentos com coragem, e por isso vos felicitamos. -R. Eu tinha em mim a consciência de uma vida melhor; é dizer bastante.

5. Essas crenças contribuíram para apressar o vosso desligamento? -R. Infinitamente, porque as idéias espiritualistas que se pode ter sobre a vida são, por assim dizer, indulgências plenárias que afastam de vós, depois da morte, toda influência terrestre.

6. Quereis, eu vos peço, nos descrever, o mais exatamente possível, a natureza da

perturbação que experimentastes, a sua duração e vossas sensações quando vos reconhecestes. - R. Eu tinha em mim, quando morri, o perfeito conhecimento de mim mesmo, e entrevia com calma o que tantos temem com tanto pavor. Minha morte foi curta e a consciência de mim mesmo não mudou; ignoro quanto tempo durou a perturbação; mas quando despertei, realmente, eu estava morto.

7. No momento em que vos reconhecestes, vos encontrastes isolado? - R. Sim, de resto, estava ainda, pelo coração, todo para a Terra; não vi Espíritos ao meu redor imediatamente; pouco a pouco somente.

8. Que pensais de vossos confrades que procuram, pela ciência, provar aos homens que neles não há senão matéria, e que só o nada os espera? - R. Orgulho! Quando estiverem perto da morte, talvez o farão calar, eu lhes desejo. Ah! como dizia Lamennais há pouco, há duas ciências, a do bem e a do mal; eles têm a ciência que vem do homem: é a do mal.

Nota. -- O Espírito faz alusão a uma comunicação que Lamennais acabara de dar um instante antes, o que prova que ele não esperara a evocação para vir à sessão.

9. Estais, freqüentemente, junto de vossa mulher, de vosso filho e de vosso pai? - R. Quase constantemente;

10. O sentimento que experimentastes, vendo-os, é diferente daquele que sentíeis quando vivo e quando estáveis junto deles? - R. A morte dá aos sentimentos, como às idéias, uma visão ampla, mas cheia de esperança que o homem não pode compreender sobre a Terra. Eu os amo, mas os quereria junto de mim; é sobretudo tendo em vista as esperanças futuras que o Espírito deve ter coragem e sangue-frio.

11. Estando aqui, podeis vê-los em sua casa sem deixar o vosso lugar? - R. Oh! Perfeitamente.

Nota. Um Espírito inferior não o poderia; só aqueles que têm uma certa elevação podem ver simultaneamente dois pontos diferentes: os outros estão ainda muito terra-a-terra.

Certas pessoas, lendo esta resposta, sem dúvida, dirão que era uma boa ocasião de controle; que fora preciso perguntar ao Espírito o que faziam os seus parentes nesse momento, e se assegurar se era exato. Com que objetivo o faríamos? Para nos assegurar de que era verdadeiramente um Espírito que nos falava? Mas, então, se não fosse um Espírito, seria porque o médium nos enganava; ora, há vários anos que esse médium dá o seu concurso à Sociedade, jamais tivemos motivos para suspeitar de sua boa-fé.

Se assim fora, como prova de identidade, isso não nos teria servido para grande coisa, porque um Espírito enganador poderia sabê-lo tão bem quanto um Espírito verdadeiro. Essa questão, pois, entraria na categoria de perguntas de curiosidade e de prova que desagradam os Espíritos sérios, e às quais jamais respondem. Como fato, sabemos por experiência que isso é possível; mas sabemos também que, quando um Espírito quer entrar em certos detalhes, o faz espontaneamente, se julga útil, e não para satisfazer um capricho.

12. Fazeis uma distinção entre o vosso Espírito e o vosso perispírito, e qual diferença estabeleceis entre essas duas coisas? - R. Eu penso, portanto, sinto e tenho uma alma, como disse o filósofo; não sei mais do que ele sobre esse ponto. Quanto ao perispírito, é uma forma, como o sabeis, fluídica e natural; mas procurar a alma é querer procurar o absoluto

espiritual.

13. Credes que a faculdade de pensar reside no perispírito; em uma palavra, que a alma e o perispírito sejam uma só e a mesma coisa? - R. É absolutamente como se perguntásseis se o pensamento reside em vosso corpo; um se vê, o outro se sente e se concebe.

14. Sois assim não um ser vago e indefinido, mas um ser limitado e circunscrito? - R. Limitado, sim; mas rápido como o pensamento.

15. Quereis precisar o lugar em que estais aqui? - R. À vossa esquerda e à direita do médium.

Nota. O Sr. Allan Kardec se coloca no mesmo lugar indicado pelo Espírito.

16. Postes obrigado a deixar o vosso lugar para mo ceder? - R. De modo nenhum; nós passamos através de tudo, como tudo passa através de nós; é o corpo espiritual.

17. Estou, pois, mergulhado em vós? - R. Sim.

18. Por que é que não vos sinto? - R. Porque os fluidos que compõem o perispírito são muito etéreos, não bastante material para vós; mas pela prece, pela vontade, pela fé, em uma palavra, os fluidos podem se tornar mais ponderáveis, mais materiais, e afetar mesmo o toque, o que ocorre nas manifestações físicas e que é a conclusão desse mistério.

Nota. Suponhamos um raio luminoso penetrando num lugar escuro; pode-se atravessá-lo, mergulhar nele, sem alterar-lhe a forma nem a natureza; embora esse raio seja uma espécie de matéria, ela é tão sutil, que não faz nenhum obstáculo à passagem da matéria mais compacta. Ocorre o mesmo com uma coluna de fumaça de vapor que se pode igualmente atravessar sem dificuldade; somente o vapor, tendo mais densidade, fará sobre o corpo uma impressão que a luz não faz.

19. Suponhamos que, neste momento, poderíeis vos tornar visível aos olhos da assembléia, que efeito produziria os nossos dois corpos assim um no outro? - R. O efeito que vós mesmos vos figurais naturalmente; todo o vosso lado esquerdo seria menos visível do que o vosso lado direito; ele estaria no nevoeiro, no vapor do perispírito; seria o mesmo do lado direito do médium.

20. Suponhamos agora que pudésseis vos tornar não apenas visível, mas tangível, como isso ocorre algumas vezes, poder-se-ia isso conservando a situação em que estamos? - R. Forçosamente eu mudaria pouco a pouco de lugar, me construiria ao vosso lado.

21. Há pouco, quando vos falei só da visibilidade, dissestes que estáveis entre o médium e eu, o que indica que mudastes de lugar; agora, para a tangibilidade, parece que vos afastaríeis ainda mais; é que não é possível que tomásseis essas duas aparências conservando a nossa primeira posição, eu ficando mergulhado em vós? - R. Não, de nenhum modo, uma vez que respondo a essa pergunta. Eu me reconstruiria ao lado; não posso me solidificar nessa posição; aí não posso estar senão se permaneço fluídico.

Nota. - Dessa explicação ressalta um ensinamento sério; no estado normal, quer dizer, fluídico e invisível, o perispírito está parcialmente penetrado da matéria sólida; no estado de visibilidade, já há um começo de condensação que o torna menos penetráveis; no estado de

tangibilidade, a condensação é completa, e a penetrabilidade não pode mais ocorrer.

22. Credes que, um dia, a ciência chegue a submeter o perispírito à apreciação dos instrumentos, como ela o faz com os outros fluidos? - R. Perfeitamente; não conheceis ainda senão a superfície da matéria; mas a sutileza, a essência da matéria, não a conhecereis senão pouco a pouco; a eletricidade e o magnetismo são caminhos certos.

23. Com qual outro fluido conhecido o perispírito tem mais analogia? - R. A luz, a eletricidade e o oxigênio.

24. Há aqui uma pessoa que crê ter sido vosso companheiro de colégio; vós a reconheceis? - R. Não a vejo, não me lembro mais.

25. É o Sr. Lucien B..., de Montbrison, que esteve convosco no colégio de Lyon. - R. Jamais acreditei vos reencontrar assim. Fiz muitos estudos sobre a Terra; mas vos asseguro que meus estudos, como Espírito, são mais sérios ainda. Obrigado, mil vezes, pela vossa lembrança.

Questões e problemas diversos

Revista Espírita, maio de 1861

O Sr. Jobard, de Bruxelas, nos dirige a carta seguinte, assim

como as respostas que ele obteve a diversas perguntas.

Meu caro Presidente,

Estando Bruxelas tão longe de Paris como a Lua do Sol, os raios do Espiritismo não a fizeram ainda aquecer; todavia, Nicolas B... tendo me consagrado dois dias, nos inoculou um médium intuitivo escrevente de primeira qualidade, que nos espanta cada dia, tanto que ele mesmo se espanta com os magníficos ditados que lhe são feitos pelo Espírito de Tertuliano, o qual quer que ele escreva um livro explicativo do quadro da criação dos mundos, a partir do caos até Deus. Eu o li ontem ao grande pintor Wiertz que o compreendeu e quer lhe consagrar uma página de 100 pés. Não ousei vos enviar esses sublimes ditados antes que não estejais assegurado da identidade do personagem. Deles junto somente duas ou três migalhas que venho de extrair dos rascunhos mediúnicos que conservo preciosamente.

Chamamos *Cabanis* o materialista que é tão infeliz quanto o vosso ateu, e todos os outros quebradores de lápis. Chamais, pois, Henri *Mondeux* para saber a longa fileira de matemáticos que ele deve ter habitado. Todo o mundo quer que se descubra Jud, o assassino do Sr. Poinot. A reedição de Gaète nos foi anunciada oito dias antes. Tenho também a ordem de escrever um livro, mas não sei por onde começar, não sendo e não podendo tornar-me médium escrevente, sob o pretexto de que não tenho necessidade de torná-lo mais. O vosso discurso de Lyon está admirável; eu o fiz ler aos humanimais mais avançados de nossa lua; quase não os há ali, ai de mim! Quando poderei ir me aquecer ao vosso Sol? Adeus, caro mestre.

JOBARD.

P. Os magos, os sábios, os grandes filósofos e os profetas antigos, não eram médiuns? - R. Evidentemente, sim; o laço que os unia às inteligências superiores agia sobre eles, e lhes inspirava nobres pensamentos, sem falar de sua superioridade própria, que lhes permitia emitir apreciações mais exatas; eles comunicavam aos Espíritos encarnados idéias que pareciam profecias, porque as profecias não são senão comunicações vindas de grandes Espíritos; e, como aqueles possuem uma parte dos atributos divinos, as idéias anunciadas tinham um caráter de adivinhação, e forçosamente se realizaram nos tempos e nas épocas indicadas. P. A mediunidade é, pois, um favor para aqueles que a possuem? - R. O verdadeiro médium, que não faz *ofício* desse dom sublime, deve, evidentemente, se tornar melhor. De outro modo, como isso seria, quando a cada instante pode receber impressões tão favoráveis ao seu progresso no caminho do bem? As idéias filosóficas que ele emite, não só pelo seu próprio Espírito, mas ainda, e sobretudo, por nós, são retificadas naquilo em que a sua inteligência, muito fraca, mal poderia compreender e mal enunciar. *Nota do Sr. J.* Segue-se dessas respostas cheias de justiça, que os bons médiuns, se multiplicando, a raça humana se melhorando por eles, acabará por levar, num tempo dado, ao reino de Deus sobre a Terra.

P. Nas estatísticas do crime, nota-se que os operários que trabalham o ferro ali raramente figuram; é que o ferro teria alguma influência sobre eles? - R. Sim, porque nesse trabalho manual de transformação da matéria, há alguma coisa que deve elevar o espírito menos bem dotado; uma influência magnética age sobre ele. O ferro é o pai de todos os minerais; é o mais útil ao homem, e representa para ele a vida de todos os dias, ao passo que os metais que chamais *ricos* representam, para todos os espíritos de baixo estágio, a fonte da satisfação de todas as paixões humanas; esses são os instrumentos do Espírito do mal.

P. Todos os metais podem, pois, se mudar uns nos outros, como certos sábios o pretendem? - R. Sim, mas essa transformação não se faz senão com o tempo.

P. E o diamante? - R. Foi do carbono, desligado da fonte que o produziu ao estado gasoso, e que foi cristalizado sob pressões que não podeis apreciar. Mas, dessas perguntas, não as posso responder.

TERTULLIANO.

Nota ao Sr. J. Geralmente, os Espíritos se recusam a responder às perguntas que poderiam fazer a fortuna de um homem sem o trabalho; cabe a ele procurá-la, porque as suas pesquisas fazem parte das provas que deve suportar na *penitenciária* que temos de atravessar. É provável que os Espíritos não saibam mais do que nós sobre as descobertas a serem feitas; podem bem pressentir como nós; podem nos guiar em nossas pesquisas, mas não podem nos evitar o prazer ou as dificuldades de procurar. Isso não é menos agradável, quando cremos ter uma solução, obter a sua aprovação que podemos olhar como uma confirmação?

Nota. Vede, sobre o objeto da nota acima, *O Livro dos Espíritos*, nº 532 e seguintes; *O Livro dos Médiuns*, capítulo das Evocações; *Perguntas que se podem dirigir aos Espíritos*, nº 73 e seguintes.

Nota do Sr. Allan Kardec. A carta do honorável confrade é anterior à publicação do número do mês de março da Revista, onde inserimos o artigo do Sr. Poinot. Quanto a Henri Mondeux, diversas explicações foram dadas, a seu respeito, na Sociedade, mas as circunstâncias, não tendo permitido ainda completar a sua evocação, é o motivo pelo qual com ele não falamos. O pedido que nos fez o Sr. Jobard, de nos assegurar da identidade do Espírito que se comunicou sob o nome de Tertuliano, nós lhe respondemos, em tempo, o que dissemos a esse respeito em nosso livro *O Livro dos Médiuns*. Não se poderia aí ter provas materiais da identidade do Espírito de personagens antigas; quando se trata, sobretudo, de um ensinamento superior, o nome não é, o mais freqüentemente, senão um meio de fixar as idéias, tendo em vista que, entre os Espíritos que vêm nos instruir, o número daqueles que são desconhecidos sobre a Terra, incontestavelmente, é o maior; o nome é, antes, um sinal de analogia do que um sinal de identidade; não é necessário, a ele, ligar senão uma importância secundária. O que é preciso considerar, antes de tudo, é a bondade e a racionalidade do ensinamento; se não desmente em nada o caráter do Espírito do qual leva o nome, se está à sua altura, isso é o essencial; se for inferior, a origem deve ser suspeita, porque um Espírito pode fazer melhor, mas não pior do que em sua vida, tendo em vista que ele pode ganhar, mas não perder o que adquirira. As respostas seguintes, consideradas sob tal ponto de vista, nos parecem confessáveis por Tertuliano, de onde concluímos que pode ser ele, sem poder afirmá-lo, ou um Espírito de sua categoria que tomou o seu nome para indicar a classe que ocupa.

As perguntas e as respostas seguintes nos foram endereçadas por um dos nossos confrades de São Petersburgo.

1. Eu gostaria de me dar conta de qual pode ser a destinação da *beleza* no Universo; não é senão um escolho que serve às provas? - R. Cre-se em tudo o que se espera, espera-se tudo o que se ama, ama-se tudo o que é belo, portanto, a beleza contribui para fortificar a fé. Se, freqüentemente, ela se torna uma tentação, não é por causa da beleza em si mesma, que é um atributo das obras de Deus, mas por causa das paixões que, semelhantes às Harpias, fenecem tudo o que elas tocam.

2. E que dirás do amor? - R. É um benefício de Deus quando germina e se desenvolve num coração não corrompido, casto e puro; é uma calamidade quando as paixões a ele se misturam. Tanto ele eleva e depura no primeiro caso, quanto perturba e agita no segundo. É sempre a mesma lei admirável do Eterno: beleza, amor, lembrança de uma outra existência, talentos que trazeis ao nascer; todos os dons do Criador podem se tornar venenos ao sopro envenenado das paixões que o livre arbítrio pode conter ou desenvolver.

3. Peço a um bom Espírito para consentir me esclarecer sobre as perguntas que vou lhe submeter a propósito dos fatos relatados nas páginas 223 e seguintes de *O Livro dos Médiuns*, sobre a transfiguração. - R. Pergunte.

4. Se no aumento do volume do peso da jovem das cercanias de Saint-Etienne o fenômeno se produzisse pelo espessamento de seu perispírito, combinado com o de seu irmão, como os seus olhos, os dela, que deviam ficar no mesmo lugar, podiam ver através da camada espessa de um novo corpo que se formava diante deles? - R. Como vêem os sonâmbulos, que tem as pálpebras fechadas: pelos olhos da alma.

5. No fenômeno citado, o corpo aumentou; no fim do capítulo VIII, está dito que é provável que, se a transfiguração ocorresse sob o aspecto de uma criança, o peso teria diminuído em proporção. Não posso me dar conta, segundo a teoria da irradiação e da transfiguração do perispírito, que possa tornar menor um corpo sólido; parece-me que este deveria extravasar os dois perispíritos combinados. - R. Como o corpo pode se tornar invisível pela vontade de um Espírito superior, o da jovem torna-se pela força de um poder independente de sua vontade; ao mesmo tempo, o seu perispírito, combinando-se com o da criança pode formar, e forma, com efeito, a imagem dessa criança. A teoria da mudança do peso específico te é conhecida.

6. O Espiritismo, depois de ter dissipado as minhas dúvidas, uma a uma, e consolidado a minha fé em sua base, deixa-me uma questão não resolvida, que eis:

Como os Espíritos novos que Deus cria, e que estão destinados a se tornarem, um dia, puros Espíritos, depois de terem passados pelo burel de uma multidão de existências e de provas, saem tão imperfeitos das mãos do Criador, que é a fonte de toda a perfeição, e não se melhoram gradualmente senão afastando-se de sua origem? - R. Esse mistério é um daqueles que o Eterno não nos permite, de nenhum modo, penetrar, antes que nós outros, Espíritos errantes ou encarnados, atinjamos a perfeição que nos acontece por direito, graças à bondade divina, perfeição que nos aproximará de novo de nossa origem e fechará o círculo da eternidade.

Nota. Nosso correspondente não nos disse qual foi o Espírito que lhe respondeu, mas a sabedoria de suas respostas prova que não é um Espírito vulgar, é o essencial; porque, sabe-

se, o nome importa pouco. Nada temos a dizer sobre as primeiras respostas, que concordam, em todos os pontos, com o que nos foi ensinado, o que prova que a teoria que demos dos fenômenos espíritos não é um produto da nossa imaginação, uma vez que é dada por outros Espíritos, em tempos e lugares diferentes, e fora de nossa influência pessoal. Só a última resposta não resolve a questão proposta; vamos tratar de completá-la. Dizemos, de início, que a solução pode ser facilmente deduzida do que está dito, com alguns desenvolvimentos, em *O Livro dos Espíritos*, sobre a *progressão dos Espíritos*, nº 114 e seguintes. Pouca coisa teremos para a isso acrescentar. Os Espíritos saem das mãos do Criador simples e ignorantes, mas não são nem bons nem maus, de outro modo Deus teria, desde sua origem, votado uns ao bem e à felicidade, os outros ao mal e à infelicidade, o que não concordaria nem com a sua bondade, nem com a sua justiça. Os Espíritos, no momento de sua criação, não são imperfeitos senão do ponto de vista do desenvolvimento intelectual e moral, como a criança em seu nascimento, como o germe contido na semente da árvore; mas não são maus pela sua natureza. Ao mesmo tempo que a razão neles se desenvolve, o livre arbítrio em virtude do qual escolhem, uns o bom caminho e outros o mau, faz com que uns cheguem ao objetivo mais cedo do que os outros; mas todos, sem exceção, devem passar pelas vicissitudes da vida corpórea, para adquirir a experiência e ter o mérito da luta; ora, nessa luta uns triunfam, os outros sucumbem, os vencidos podem sempre se levantar de novo e resgatar a sua derrota.

Essa pergunta levanta outra mais grave que, freqüentemente, nos fizeram; é esta: Deus, que sabe tudo, o passado, o presente e o futuro, deve saber que tal Espírito seguirá o mau caminho, que sucumbirá e será infeliz; nesse caso, por que o criou?

Sim, certamente, Deus sabe perfeitamente a linha que um Espírito seguirá, de outro modo não teria a soberana ciência; se o mau caminho no qual o Espírito se empenha devesse, fatalmente, conduzi-lo a uma *eternidade absoluta* de penas e de sofrimentos; se, porque falira, fora para sempre proibido de se reabilitar, a objeção acima teria uma força de lógica incontestável, e está aí, talvez, o mais poderoso argumento contra o dogma dos suplícios eternos; porque, nesse caso, é impossível sair desse dilema: ou Deus não conhece a sorte reservada à sua criatura, e então, não tem a soberana ciência; se a conhece, portanto, criou-a para ser eternamente infeliz e, então, não tem a soberana bondade. Com a Doutrina Espírita, tudo concorda perfeitamente, e não há mais contradição: Deus sabe que um Espírito se empenha no mau caminho; conhece todos os perigos dos quais está semeado, mas sabe também que dele sairá, e que não há, para ele, senão um retardamento; e em sua bondade, e para facilita-lo, multiplica no seu caminho as advertências salutares, das quais, infelizmente para ele, nem sempre aproveita. É a história dos dois viajantes que querem chegar a um belo país onde viverão felizes; um sabe evitar os obstáculos, as tentações que o deteriam no caminho; o outro, por sua imprudência, se choca com esses mesmos obstáculos, tem quedas que o retardam, mas ele chegará por sua vez. Se, caminhando, pessoas caridosas o previnem dos perigos que corre, e se, por presunção, não os escuta, disso não será senão mais repreensível.

O dogma da eternidade absoluta das penas é atacado vivamente de todos os lados, não somente pelo ensino dos Espíritos, mas pela simples lógica do bom senso; sustentá-lo é desconhecer os atributos mais essenciais da Divindade; é contradizer-se a si mesmo, afirmando de um lado o que nega de outro; ele cai, e as fileiras de seus partidários se esclarecem cada dia, de tal sorte que, se precisasse nisso crer absolutamente para ser católico, não haveria logo mais verdadeiros católicos, não mais do que haveria hoje se a Igreja tivesse persistido em fazer um artigo de fé do movimento do Sol e dos seis dias da criação. Persistir numa tese que a razão repele é levar um golpe fatal à religião, e dar armas ao materialismo; o Espiritismo vem, ao contrário, despertar o sentimento religioso que verga sob os golpes que lhe dá a incredulidade, dando, sobre as questões do futuro, uma solução

que a razão mais severa pode admitir; rejeitá-lo é recusar a âncora de salvação.

Dissertações espíritas

Revista Espírita, maio de 1861

Senhora de Girardin

(Sociedade Espírita de Paris, Médiun Sra. Costel.)

Nota. Tendo sido feitas algumas observações críticas sobre a comunicação ditada, numa precedente sessão, pela senhora de Girardin, esta respondeu-as espontaneamente. Ela faz alusão às circunstâncias que acompanharam essa comunicação.

Venho agradecer o membro que consentiu apresentar a minha defesa e a minha reabilitação moral diante de vós. Com efeito, quando viva, eu amava e respeitava as leis do bom gosto que são as da delicadeza, direi mais, do coração, para o sexo ao qual eu pertencia; e, depois de minha morte, Deus permitiu que eu fosse bastante elevada para praticar, fácil e simplesmente, os deveres da caridade que nos ligam todos, Espíritos e homens. Dada esta explicação, não insistirei sobre a comunicação assinada com o meu nome, a crítica e a censura não convém nem ao meu médium, nem a mim; crede, pois, que virei quando for evocada, mas que jamais me interporei em incidentes fúteis. Falei-vos de crianças. Deixai-me retomar esse assunto que foi a ferida dolorosa de minha vida. Uma mulher necessita da dupla coroa, do amor e da maternidade, para cumprir o mandato de abnegação que Deus lhe confiou lançando-a sobre a Terra. Ai de mim! Jamais conheci esse doce e terno cuidado que imprimem na alma esses frágeis depósitos. Quantas vezes segui com o olhar marejado de lágrimas amargas, as crianças que vinham, brincando, roçar a minha roupa; e eu sentia a angústia e a humilhação de minha decadência. Eu tremia, esperava, escutava, e a minha vida, cheia de sucessos do mundo, frutos cheios de cinza, não me deixou senão um gosto amargo e decepcionante.

Delphine de GIRARDIN.

Nota. Há neste trecho uma lição que não deve passar despercebida. A senhora de Girardin, fazendo alusão a certas passagens de sua comunicação precedente, que levantara algumas objeções, disse que, quando viva, amava e respeitava as leis do bom gosto, que são as da delicadeza, e que ela conservou esse sentimento depois da sua morte; por conseguinte, repudia tudo o que, nas comunicações levando o seu nome se afaste do bom gosto. A alma, depois da morte, reflete as qualidades e os defeitos que tinha durante a sua vida corpórea, salvo os progressos que pôde ter feito, porque pode ter se melhorado, mas não se mostra jamais inferior àquilo que era. Na apreciação das comunicações de um Espírito, há, pois, freqüentemente, nuances de uma extrema delicadeza a se observar, para distinguir o que é verdadeiramente dele, ou que poderia ser o fato de uma substituição. Os Espíritos verdadeiramente elevados não se contradizem jamais, e se pode audaciosamente rejeitar tudo o que desmentisse o seu caráter. Essa apreciação, freqüentemente, é tanto mais difícil quanto, a uma comunicação perfeitamente autêntica, pode se misturar um reflexo, seja do Espírito próprio do médium que não dá exatamente o pensamento, seja de um Espírito estranho que se interpõe, insinuando o seu próprio pensamento no do médium. Deve-se, pois, considerar como apócrifas as comunicações que, de todos os pontos, e mesmo pelo fundo das idéias, desmentisse o caráter do Espírito, do qual levam o nome; mas seria injusto

condenar, por isso, o conjunto sobre algumas manchas parciais, que podem ter a causa que acabamos de assinalar.

A pintura e a música

(Sociedade Espírita de Paris, Médiun Sr. Alfred Didier.)

A arte foi definida cem mil vezes: é o belo, o verdadeiro, o bem. A música, que é um dos ramos da arte, está inteiramente no domínio da sensação. Entendamo-nos e tratemos de não ser obscuros. A sensação é produzida no homem quando ele compreende a de dois modos distintos, mas que se ligam estreitamente; a sensação do pensamento que tem por conclusão a melancolia ou a filosofia, e depois a sensação que pertence inteiramente ao coração. A música, segundo eu, é a arte que vai mais direta ao coração. A sensação, vós me compreendeis, está toda no coração; a pintura, a arquitetura, a escultura, a pintura antes de tudo, atingem bem mais a sensação cerebral; em uma palavra, a música vai do coração ao espírito, a pintura do pensamento ao coração. A exaltação religiosa criou o órgão: quando a poesia, sobre a Terra, toca o órgão, os anjos do céu lhe respondem; assim a música séria, religiosa eleva a alma e os pensamentos: a música leviana faz vibrar os nervos, nada mais. Eu gostaria de interpretar algumas personalidades, mas não tenho direito disso: eu não estou mais sobre a Terra. Amai o *Requiem* de Mozart que o matou. Eu não desejo mais do que os Espíritos vossa morte pela música, mas a morte vivente entretanto, aí está o esquecimento de tudo o que é terrestre, pela elevação moral.

LAMENNAIS.

Festas dos bons Espíritos

A chegada de um Irmão entre eles.

(Envio da Sra. Cazemajoux, médium de Bordeaux.)

Também temos as nossas festas, e isso nos ocorre freqüentemente, porque os bons Espíritos da Terra, nossos irmãos bem-amados, em se despojando de seu envoltório material, nos estendem os braços, e nós vamos, em grupo inumerável, recebê-los à entrada da morada onde vão doravante habitar conosco; e nessas festas não se agitam, como nas vossas, as paixões humanas que, sob os rostos graciosos, e as frentes coroadas de flores, escondem a inveja, o orgulho, o ciúme, a vaidade, o desejo de agradar e de preponderar sobre os seus rivais nesses prazeres factícios que não o são mais. Aqui reinam a alegria, a paz, a concórdia; cada um está contente com a classe que lhe foi assinalada e feliz com a felicidade de seus irmãos. Pois bem! Meus amigos, com esse acordo perfeito que reina entre nós, nossas festas têm um encanto indescritível; milhões de músicos cantam, sobre líras harmoniosas, as maravilhas de Deus e da criação, com os acentos mais encantadores do que as vossas mais suaves melodias; longas procissões aéreas de Espíritos volitam como zéfiros, lançando sobre os recém-chegados nuvens de flores, das quais não podeis compreender o perfume e as nuances variadas; depois o banquete fraterno, onde são convidados aqueles que terminaram com felicidade a sua prova, e vêm receber a recompensa de seus trabalhos. Oh! Meu amigo, tu gostarias disso saber mais, mas a vossa língua não tem possibilidade de descrever essas magnificências; eu já vos disse bastante, a vós que sois meus bem-amados, para vos dar o desejo de isso aspirar, e então, cara Emile, livre da missão que cumpri junto de ti sobre a Terra, continuá-la-ei para te conduzir através do espaço, e te fazer desfrutar todas essas

felicidades.

FÉLICIA.

Mulher do evocador Emile, e depois de um ano seu guia protetor.

Vinde a nós

(Envio da Sra. Cazemajoux, médium de Bordeaux.)

O Espiritismo é a aplicação da moral evangélica, pregada pelo Cristo em toda a sua pureza, e os homens que o condenam, sem conhecê-lo, são pouco sábios. Com efeito, por que qualificar de superstição, de fraudes, de sortilégios, de demonomania coisas que o vulgar bom senso faria aceitar se quisesse estudá-las? A alma é imortal: é o Espírito. A matéria inerte é o corpo perecível, despojando-se de suas formas, para não se tornar, quando o Espírito o deixou, senão um montão de podridão sem nome. E encontrais lógica, vós que não credes no Espiritismo, que esta vida que, para a maioria dentre vós, é uma vida de amargura, de dores, de decepções, um verdadeiro purgatório, que não haja outro objetivo senão o túmulo! Desenganai-vos; vinde a nós, pobres deserdados dos bens, das grandezas e dos gozos terrestres, vinde a nós e sereis consolados vendo que as vossas dores, as vossas privações, os vossos sofrimentos, devem vos abrir as portas dos mundos felizes, e que Deus, justo e bom para todas as suas criaturas, não nos experimenta senão para o nosso bem, segundo esta palavra do Cristo. Bem-aventurados aqueles que choram, porque serão consolados. - Vinde, pois, incrédulos e materialistas; alinhai-vos sob a bandeira onde estão escritas, em letras de ouro, estas palavras: Amor e caridade para os homens que são teus irmãos; bondade, justiça, indulgência de um pai grande e generoso para os Espíritos que criou, e que ele eleva para si por caminhos seguros, embora vos sejam desconhecidos; a caridade, o aperfeiçoamento moral, o desenvolvimento intelectual, vos conduzirão para o autor e o senhor de todas as coisas.

Não vos instruímos senão para que trabalheis, ao vosso turno, em divulgar essa instrução; mas, sobretudo, fazei-o sem azedume; sede pacientes e esperai. Lançai a semente; a reflexão e a ajuda de Deus a farão frutificar, primeiro por um pequeno número que fará como vós, e pouco a pouco, o número dos obreiros aumentando, os fará esperar depois das sementes uma boa e abundante colheita.

FERDINAND,

Filho do médium.

O progresso intelectual e moral

(Envio do Sr. Sabó, de Bordeaux.)

Eu venho vos dizer que o progresso moral é o mais útil a adquirir, porque nos corrige de nossas más tendências, e nos torna bons, caridosos e devotados para com os nossos irmãos. Entretanto, o progresso intelectual também é útil para o nosso, adiantamento, porque eleva a alma, nos faz julgar mais sadiamente às nossas ações, e por aí facilita o progresso moral;

inicia-nos nos ensinamento que Deus nos fez dar há séculos por tantos homens de méritos diversos, que vieram sob todas as formas e em todas as línguas, para nos fazer conhecer a verdade, e que não eram outros senão os Espíritos já avançados, enviados por Deus para o desenvolvimento do entendimento humano. Mas, no tempo em que viveis, a luz que não clareava senão um pequeno número, vai luzir para todos. Trabalhai, pois, para compreender a grandeza, o poder, a majestade, a justiça de Deus; para compreender a sublime beleza de suas obras; para compreender as magníficas recompensas concedidas aos bons, e os castigos infligidos aos maus; para compreender, enfim, que o único objetivo ao qual deveis aspirar, é o de vos aproximar dele.

GEORGES,

Bispo de Périgueux e de Sarlat, que está feliz por ser um dos guias do médium.

A inundação

(Envio do Sr. Casimir H., de Inspruck; traduzido do alemão.)

Num país outrora estéril, surgiu um dia uma fonte; não era primeiro senão um medíocre fio d'água que escorria na planície, e não se lhe deu senão um pouco de atenção. Pouco a pouco esse fraco riacho aumentou e se tornou rio; em se alargando invadiu as terras vizinhas, mas aquelas que permaneceram a descoberto, foram fertilizadas e produziram o cêntuplo. Entretanto, um proprietário ribeirinho descontente por ver o seu terreno recuar, empreendeu-lhe de ter o curso para retornar a porção coberta pelas águas, crendo assim aumentar a sua riqueza; ora, ocorreu que o rio transbordando submergiu tudo, terreno e proprietário.

Tal é a imagem do progresso; como um rio impetuoso rompe os diques que se lhe opõe e arrasta consigo os imprudentes que, em lugar de se lhe seguir o curso, procuram entravá-lo. Ocorrerá o mesmo com o Espiritismo; Deus o enviou para fertilizar o terreno moral da Humanidade, bem-aventurados aqueles que saberão aproveitá-lo, infelizes aqueles que tentarem se opor aos desígnios de Deus! Não vedes que ele avança a passos de gigantes nos quatro pontos cardeais? Por toda parte a sua voz já se faz ouvir, e logo cobrirá de tal modo a de seus inimigos, que estes serão forçados ao silêncio e estrangidos a se curvarem diante de evidência. Homens! Aqueles que ensaiam entrar a marcha irresistível do progresso, vos preparam rudes provas; Deus permita que seja assim, para o castigo de uns e para a glorificação de outros; mas vos dá, no Espiritismo, o piloto que deve vos conduzir ao porto, levando em suas mãos a bandeira da esperança.

WILHELM,

Avô do médium.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quarto Ano – 1861

Junho

- [Channing - discurso sobre a vida futura](#)
- [Correspondência](#)
- [A prece \(poesia\)](#)
- Conversas familiares de além-túmulo.
 - [Sr. marquês de Saint-Paul](#)
 - [Henri Mondeux](#)
 - [Senhora Gourdon](#)
- [Efeitos do desespero. - Sr. Laferrière. - Sr. Léon L - A viúva e o medico](#)
- Dissertações espíritas.
 - [Muitos chamados e poucos escolhidos \(Erasto\)](#)
 - [Ocupações dos Espíritos](#)
 - [O deboche](#)
 - [Sobre o perispírito \(Lamennais\)](#)
 - [O Anjo Gabriel](#)
 - [Despertai \(Helvétius\)](#)
 - [O gênio e a miséria \(Gérard de Nerval\)](#)
 - [Transformação \(Georges\)](#)
 - [A separação do Espírito](#)

Channing - discurso sobre a vida futura

Revista Espírita, junho de 1861

Pregado por Channing, no domingo de Páscoa de 1834,

depois da morte de um dos seus amigos.

Várias vezes reproduzimos, nesta *Revista*, os ditados espontâneos do Espírito de Channing, que não desmente, de nenhum modo, a superioridade de seu caráter e de sua inteligência. Nossos leitores ficarão contentes em lhes dar uma idéia das opiniões que professava, quando vivo, pelo fragmento adiante de um dos seus discursos, do qual devemos a tradução à cortesia de um dos nossos assinantes. O seu nome sendo pouco conhecido na França, precedê-lo-emos de uma curta notícia biográfica.

William Ellery Channing nasceu em 1780, em Newport, Rhode-Island, Estado de Nova York. Seu avô, William Ellery, assinou a famosa declaração da independência. Channing foi aluno do colégio de Harward, destinado à profissão médica; mas os seus gostos e as suas aptidões levaram-no à carreira religiosa, e, em 1803, tornou-se ministro da capela *unitária* de Boston. Depois, morou sempre nessa cidade, professando a doutrina dos *Unitários* seita protestante que conta numerosos adeptos na Inglaterra e na América, no mundo mais elevado. Fez-se notar pelas suas visões amplas e liberais; pela sua eloquência notável, suas obras que são numerosas e a profundidade de seus objetivos filosóficos, conta no número dos homens mais marcantes dos Estados Unidos. Partidário declarado da paz e do progresso, pregou sem descanso contra a escravidão, e travou com essa instituição uma guerra tão obstinada que, a muitos dos liberais, esse excesso de zelo que prejudicava a sua popularidade, parecia, às vezes, inoportuno. Seu nome foi autoridade entre os anti-escravagistas. Morreu em Boston, em 1822, com a idade de 62 anos. Gannet sucedeu-o como chefe da seita dos Unitários.

"Para a massa dos homens, o céu é, quase sempre, um mundo de fantasia; falta-lhe substância; a idéia de um mundo no qual existem seres sem corpos grosseiros, Espíritos puros ou revestidos de corpos espirituais ou etéreos, parece-lhes uma pura ficção; o que não se pode ver, nem tocar, não lhes parece de nenhum modo real. Isso é triste, mas não espantoso, porque como se poderia que, homens mergulhados na matéria e seus interesses, não cultivando de nenhum modo o conhecimento de sua alma e de suas capacidades espirituais, possam compreender uma vida espiritual mais elevada? A multidão considera como sonhador visionário aquele que fala claramente e com alegria de sua vida futura e do triunfo do Espírito sobre a decomposição corpórea. Esse ceticismo sobre as coisas espirituais e celestes é tão irracional e pouco filosófico quanto aviltante.

E quanto é pouco racional imaginar que não há outros mundos senão este, outro modo de existência mais elevada do que a nossa! Quem é aquele que, percorrendo com o olhar esta

criação imensa, pode duvidar de que não haja seres superiores a nós ou ver alguma coisa de insensata em conceber o Espírito num estado menos circunscrito, menos entravado do que sobre a Terra, em outras palavras, que há um mundo espiritual?

"Aqueles que nos deixaram por um outro mundo, devem ter ainda o mais profundo interesse neste; seus laços com aqueles que deixaram estão depurados, mas não dissolvidos. Se o estado futuro é uma melhoria sobre o estado presente, se a inteligência deve estar fortificada e o amor desenvolvido, a memória, força fundamental da inteligência, deve agir sobre o passado com maior energia, e todas as afeições benevolentes que se manteve devem dela receber uma atividade nova. Supor a vida terrestre apagada do Espírito, isso seria destruir-lhe a utilidade, seria romper a relação entre os dois mundos e subverter a responsabilidade, porque como a recompensa ou o castigo alcançariam uma existência esquecida? Não; é necessário que levemos o presente conosco, qualquer que seja o nosso futuro, feliz ou infeliz. Os bons formarão, é verdade, laços novos mais sadios, mais fortes; mas, sob a influência expansiva desse mundo melhor, o coração terá uma capacidade bastante grande para reter os laços antigos, tudo deles formando novos; lembrar-se-á com ternura de seu lugar de nascimento, gozando em tudo de uma existência mais madura e mais feliz. Se eu pudesse supor que aqueles que partiram morrem para aqueles que ficam, eu os honraria e os amaria menos. O homem que, deixando o esquecimento dos seus, parece desprovido dos melhores sentimentos de nossa natureza; e se, em sua nova pátria, os justos deveriam esquecer seus pais sobre a Terra, se devessem, em se aproximando de Deus, cessar de interceder por eles, poderíamos achar que a mudança lhes proveitosa?

"Poder-se-ia perguntar se aqueles que são levados para o céu, não só se lembram com interesse daqueles que deixaram sobre a Terra, mas, ainda, se disso têm um conhecimento presente e imediato. Eu não sei nenhuma razão para crer que esse conhecimento não exista. Estamos habituados a olhar o céu como longe de nós, mas nada no-lo prova. O céu é a união, a sociedade dos seres espirituais superiores; esses seres não podem encher o universo, tornando assim o céu por toda a parte? É provável que tais seres estejam circunscritos como nós por limitações materiais? Disse Milton:

Millions of spiritual beings walk the earth

Both when we wake and when we sleep.

"Milhões de seres espirituais percorrem a Terra, tão bem quando velamos, quanto quando dormimos."

Um sentido novo, um novo olho poderia nos mostrar que o mundo espiritual nos cerca de todos os lados. Mas, supõe mesmo que o céu esteja longe, seus habitantes não podem menos estar presentes nele, e nós visíveis para eles; porque, que entendemos pela presença? Não sou presente para aqueles, dentre vós, que meu braço não pode alcançar, mas que vejo distintamente? Não está plenamente de acordo com o nosso conhecimento da Natureza supor que aqueles que estão no céu, qualquer que seja o lugar de sua residência, possam possuir sentidos e órgãos espirituais por meio dos quais possam ver, o que está distante, tão facilmente quanto distinguimos o que está próximo? Nosso olho percebe, sem dificuldade, os planetas a milhões de léguas de distância, e com a ajuda da ciência podemos mesmo reconhecer as desigualdades de sua superfície. Podemos mesmo supor um órgão visual bastante sensível, ou um instrumento bastante possante, para permitir distinguir, de nosso

globo, os habitantes dos mundos distantes; por que, pois, aqueles que entraram na sua fase de existência mais elevada, que estão revestidos de corpos espiritualizados, não poderiam contemplar nossa Terra, tão facilmente quanto quando era a sua morada?

"Isso pode ser verdade; mas se o aceitamos assim, disso não abusamos: poder-se-ia disso abusar. Não pensamos nos mortos como se eles nos contemplassem com um amor parcial terrestre; eles nos amam mais do que nunca, mas com uma afeição espiritual depurada. Não têm, quanto a nós, senão um único desejo, o de que nos tornemos dignos de nos juntarmos a eles em sua morada de beneficência e de piedade. Sua visão espiritual penetra as nossas almas; se pudéssemos ouvir a sua voz, isso não seria, de nenhum modo, uma declaração de afeição pessoal, mas um apelo vivo a esforços maiores, a uma abnegação mais firme, a uma caridade mais ampla, a uma paciência mais humilde, a uma obediência mais filial à vontade de Deus. Eles respiram a atmosfera da beneficência divina, sua missão é agora mais elevada do que não o era aqui.

"Dir-me-eis que, se os nossos mortos conhecem os males que nos afligem, o sofrimento deve existir nessa vida bendita? Eu respondo que não posso considerar o céu senão como um mundo de simpatias. Nada pode, parece-me, melhor atrair os olhares de seus habitantes benfazejos, como a visão da miséria de seus irmãos; mas essa simpatia, se ela faz nascer a tristeza, está longe de tomar infelizes aqueles que a sentem. No mundo aqui embaixo, a compaixão desinteressada, unida ao poder de abrandar o sofrimento, é uma garantia de paz proporcionando as mais puras alegrias. Livres de nossas enfermidades presentes, e esclarecidos pelas visões mais extensas sobre a perfeição do governo divino, essa simpatia acrescentará mais encanto às virtudes dos seres benditos, e, como toda outra fonte de perfeição, não fará senão aumentar a sua felicidade.

"Nossos amigos que nos deixam por esse outro mundo, não se encontram, de nenhum modo, no meio de desconhecidos; eles não têm esse sentimento desolado de ter mudado a sua pátria para uma terra estranha. As mais ternas palavras da amizade humana não se aproximam dos acentos de felicitação que os esperam à sua chegada nessa morada. Lá o Espírito tem meios mais seguros de se revelar do que aqui; o recém-chegado se sente e se vê cercado de virtudes e de bondade, e por essa visão íntima dos Espíritos simpáticos que o cercam, laços mais fortes do que aqueles que são cimentados pelos anos sobre a Terra, podem se criar em um momento. As afeições mais íntimas sobre a Terra são frias comparadas às dos Espíritos. De que maneira eles se comunicam? Em que língua e por meio de quais órgãos? Nós o ignoramos, mas sabemos que o Espírito, progredindo, deve adquirir maior facilidade para transmitir o seu pensamento.

Seria erro crer que os habitantes do céu se apoiam na comunicação recíproca de suas idéias; aqueles que atingem esse mundo entram, ao contrário, em um estado novo de atividade, de vida e de esforços. Somos levados a olhar o estado futuro como de tal modo feliz para que ali ninguém tenha necessidade de ajuda, que o esforço cessa, que os bons não têm outra coisa a fazer do que gozar. A verdade, no entanto, é que toda ação sobre a Terra, mesmo a mais intensa, não é senão um jogo infantil, comparada à atividade, à energia desdobradas nessa vida mais elevada. Ali deve ser assim, porque não há princípio mais ativo do que a inteligência, a beneficência, o amor do verdadeiro, a sede de perfeição, a simpatia pelos sofrimentos e o devotamento à obra divina, que são os princípios expansivos da vida de além-túmulo. É então que a alma tem consciência de suas capacidades, que a verdade infinita se desdobra diante de nós, que se sente que o Universo é uma esfera sem limite para a descoberta, para a ciência, para a beneficência e a adoração. Esses novos objetos da vida,

que reduzem a nada os interesses atuais, se desdobram constantemente. Não é preciso, pois, de nenhum modo, supor que o céu é composto de uma comunidade estacionaria. Eu o suponho como um mundo de planos e de esforços prodigiosos para o seu próprio adiantamento. Eu o considero como uma sociedade atravessando fases sucessivas de desenvolvimento, de virtudes, de conhecimentos, de poder, pela energia de seus próprios membros.

O gênio celeste é sempre ativo em explorar as grandes leis da criação e os princípios eternos do espírito, a revelar o belo na ordem do Universo e a descobrir os meios de adiantamento para cada alma; lá, como aqui, há inteligências de diversos graus, e os Espíritos, os mais elevados, encontram a felicidade e o progresso em elevar os mais atrasados; lá, o trabalho de educação, começado neste mundo, prossegue sempre, e uma filosofia mais divina do que a ensinada entre nós, revela ao Espírito a sua essência própria, excita-o a esforços alegres para a sua própria perfeição.

"O céu está em relação com outros mundos; seus habitantes são os mensageiros de Deus em toda a criação; eles têm grandes missões a cumprir, e para o progresso de sua existência sem fim, pode a eles ser confiado o cuidado de outros mundos."

Este discurso foi pronunciado em 1834; nessa época não havia ainda, de nenhum modo, questão na América das manifestações dos Espíritos; Channing, pois, delas não tinha conhecimento, de outro modo teria afirmado o que, em outros pontos, colocou como hipótese; mas não é notável ver esse homem pressentir, com tanta justeza, o que deveria ser revelado alguns anos mais tarde; porque com poucas exceções, a sua descrição da vida futura com ela concorda perfeitamente; não lhe falta senão a reencarnação, e ainda, examinando-o de perto, vê-se que ele a costeia, como costeia as manifestações sobre as quais se cala, porque não as conhecia. Com efeito, admite o mundo invisível ao redor de nós, no meio de nós, cheio de solicitude por nós, nos ajudando a progredir; daí às comunicações diretas não há senão um passo; admite, no mundo celeste, não a contemplação perpétua, mas a atividade e o progresso; admite a pluralidade dos mundos corpóreos, mas mais ou menos avançados; se tivesse dito que os Espíritos podem cumprir seu progresso passando por esses diferentes mundos, era a reencarnação. A idéia desses mundos progressivos é mesmo inconciliável, sem isso, com a da criação das almas no momento do nascimento do corpo, a menos de se admitir almas criadas mais ou menos perfeitas, e então seria preciso justificar essa preferência. Não é mais lógico dizer que se as almas de um mundo são mais avançadas que num outro, é que elas já viveram em mundos inferiores? Isso pode-se dizer tanto dos habitantes da Terra comparados entre eles, desde o selvagem até o homem civilizado. Qualquer que ela seja, perguntamos se uma tal pintura da vida de além-túmulo, por suas deduções lógicas, acessível às inteligências mais vulgares, aceitáveis pela razão mais severa, não é cem vezes mais própria para produzir a convicção e a confiança no futuro do que o horrendo e inadmissível quadro das torturas sem fim emprestadas ao Tártaro do paganismo? Aqueles que pregam essas crenças não desconfiam do número de incrédulos que fazem e recrutas que proporcionam à falange dos materialistas.

Notemos que Milton, citado nesse discurso, emitiu sobre o mundo invisível ambiente uma opinião conforme com a de Channing, que é também a dos Espíritos modernos. É que Milton, como Channing, como tantos outros homens eminentes, eram Espíritos por intuição; por isso não cessamos de dizer que o Espiritismo não é uma invenção moderna; é de todos os tempos, porque houve almas em todos os tempos, e que em todos os tempos a massa dos homens acreditou na alma; também encontram-se traços dessas idéias numa multidão de

escritores antigos e modernos, sagrado e profanos. Essa intuição das idéias espíritas é de tal modo geral que vemos, todos os dias, uma multidão de pessoas que, ouvindo falar pela primeira vez dele não se espantam: não falta senão uma fórmula para a sua crença.

Correspondência

Revista Espírita, junho de 1861

A carta seguinte nos foi dirigida pelo Sr. *Roustaing*, advogado na Corte Imperial de Bordeaux, antigo chefe da ordem dos advogados. Os princípios que ali estão altamente expressos da parte de um homem que a sua posição coloca-o na classe dos mais esclarecidos, darão talvez a refletir a alguns daqueles que, crendo ter o privilégio da razão, alinham, sem cerimônia, todos os adeptos do Espiritismo entre os imbecis.

Meu caro senhor e muito honrado chefe Espírita,

Recebi a doce influência e recolhi o benefício destas palavras do Cristo a Tome: *Felizes aqueles que creram e que nada viram*; profundas, verdadeiras e divinas palavras que mostram o caminho mais seguro, o mais racional que conduz à fé, segundo a máxima de São Paulo, que o Espiritismo cumpre e realiza: *Rationabile sit obsequium vestrum*.

Quando vos escrevi, no mês de março último, pela primeira vez, eu vos dizia: *Eu nada vi, mas li e compreendi, e acreditei*. Deus me recompensou muito por crer sem ter visto; depois, eu vi e vi bem; vi condições proveitosas, e a parte experimental veio animar, se assim posso me exprimir, a fé que a parte doutrinária me dera, e, fortificando-a, imprimiu-lhe a vida.

Depois de ter estudado e compreendido, conheço o mundo invisível como conheço Paris, naquilo que a estudei sobre o mapa. Pela experiência, o trabalho e a observação continuados, conheci o mundo invisível e seus habitantes como conhecia Paris naquilo que a percorri, mas sem ter ainda penetrado em todos os cantos dessa vasta capital. Contudo, desde o começo do mês de abril, graças ao conhecimento que me proporcionastes do excelente Sr. Sabo e de sua família patriarcal, todos bons e verdadeiros Espíritas, pude trabalhar, e trabalhei constantemente, cada dia, com eles em minha casa, em presença e com o concurso dos adeptos de nossa cidade, que estão convencidos da verdade do Espiritismo, se bem que nem todos sejam ainda, de fato e praticamente, Espíritas.

O Sr. Sabo vos enviou exatamente o produto de nossos trabalhos obtidos a título de ensinamento, por evocações ou por Manifestações espontâneas dos Espíritos superiores. Sentimos tanto de alegria e de surpresa quanto de confusão e humildade, quando recebemos esses ensinamentos tão preciosos e verdadeiramente sublimes, de tantos Espíritos elevados que vieram nos visitar, ou nos enviaram mensageiros para falarem em seu nome.

Oh! caro senhor, quanto sou feliz por não mais pertencer, pelo culto material, à Terra que sei agora não ser, para os nossos Espíritos, senão um lugar de exílio, a título de provas ou expiações! Quanto sou feliz por conhecer, e ter compreendido, a re-*encarnação*, com toda a sua importância, e todas as suas conseqüências, como realidade e não como alegoria. A reencarnação, essa sublime e eqüitativa justiça de Deus, assim como o dizia, ontem ainda, um guia protetor, tão bela, tão consoladora, uma vez que deixa a possibilidade de fazer no dia seguinte o que não fizemos na véspera; que faz a criatura progredir para o criador; "essa justa e eqüitativa lei," segundo a expressão de Joseph de Maistre, na evocação que fizemos de seu Espírito, e que recebestes; a reencarnação é, segundo a divina palavra do Cristo, "o longo e difícil caminho a percorrer para chegar à morada de Deus."

Eu compreendo agora o sentido destas palavras do Cristo a Nicodemus: *Sois doutor da lei e não sabeis isso!* Hoje, que Deus me permitiu compreender, de maneira completa, toda a verdade da lei evangélica, eu me pergunto como a ignorância dos homens, *doutores da lei*, pôde resistir, a esse ponto, à interpretação dos textos; produzir, assim, o erro e a mentira que mantiveram o materialismo, a incredulidade, o fanatismo ou a covardia? Eu me pergunto como essa ignorância, esse erro, puderam se produzir, quando o Cristo tivera o cuidado de proclamar a necessidade de reviver, dizendo: **É PRECISO QUE NASÇAIS DE NOVO**, e pela reencarnação, como o seu único meio de ver o reino de Deus, o que já era conhecido e ensinado sobre a Terra, e que Nicodemus deveria saber: *Sois doutor da lei e não sabeis isso!* É verdade que o Cristo acrescenta a cada passo: *Que aqueles que têm ouvidos, ouçam; e também: Eles têm olhos e não vêem; têm ouvidos e não ouvem nada; têm ouvidos e não ouvem e nem compreendem nada;*" o que pode se aplicar àqueles que vieram depois dele, tão bem quanto àqueles de seu tempo.

Deus, em sua bondade, eu o disse, recompensou-me pelos nossos trabalhos até este dia, e os ensinamentos que nos fez dar, pelos seus divinos mensageiros, "missionários devotados e inteligentes junto de seus irmãos, - segundo a expressão do Espírito de Fénelon, - para lhe inspirar o amor e a caridade ao próximo, o esquecimento das injúrias e o culto da adoração devida a Deus." Eu compreendo agora a admirável importância dessas palavras do Espírito de Fénelon, quando fala desses divinos mensageiros: "Viveram tantas vezes que se tornaram nossos mestres."

Agradeço com alegria e humildade esses divinos mensageiros por terem vindo nos ensinar que o Cristo está em missão sobre a Terra, para a propagação e o sucesso do Espiritismo, essa terceira explosão da bondade divina, para cumprir esta palavra final do Evangelho: *"Unum ovile et unus pastor?"* por terem vindo nos dizer: "Não temais nada! O Cristo (chamado por eles Espírito de Verdade), a Verdade é o primeiro e o mais santo missionário das idéias espíritas. "Estas palavras me tocaram vivamente, e me perguntava: Mas onde está, pois, o Cristo em missão sobre a Terra?" A Verdade comanda, segundo a expressão do Espírito de Marius, bispo das primeiras idades da Igreja, essa falange de Espíritos enviados por Deus em missão sobre a Terra, para a propagação e o sucesso do Espiritismo."

Que doces e puros gozos dão esses trabalhos espíritas pela caridade feita com a ajuda da evocação dos Espíritos sofredores! Que se consolação encontra-se em comunicar com aqueles que foram, sobre a Terra, nossos parentes ou nossos amigos; a ensinar que são felizes ou a aliviá-los se sofrem! Que viva e brilhante luz lançam em nossas almas esses ensinamentos espíritas que, nos ensinando a verdade completa da lei do Cristo, nos dão a fé pela nossa própria razão, e nos fazem compreender a onipotência do Criador, sua grandeza, sua justiça, sua bondade e sua misericórdia infinita, colocando-nos, assim, na deliciosa necessidade de praticar essa lei divina de amor e de caridade! Que sublime revelação nos dão, em nos ensinando que esses divinos mensageiros, nos fazendo progredir, progridem eles mesmos para irem aumentar a falange sagrada dos Espíritos perfeitos! Admirável e divina harmonia que nos mostra, ao mesmo tempo, a unidade em Deus e a solidariedade entre todas as criaturas; que nos mostra estas, sob a influência e o impulso dessa solidariedade, dessa simpatia, dessa reciprocidade, chamadas a escalar, e escalando, mas não sem hipocrisia e sem quedas, aos seus primeiros ensaios, essa longa e alta escala espírita, para, depois de ter percorrido todos os degraus, chegar ao estado de simplicidade e de ignorância originais, à perfeição intelectual e moral, e, por essa perfeição, a Deus. Admirável e divina harmonia, que nos mostra essa grande divisão de inferioridade e de superioridade, pela distinção dos mundos que são os lugares de exílio, onde tudo não é senão prova e expiação, e mundos superiores, moradas dos bons Espíritos, onde não têm mais senão que progredir para o bem.

A reencarnação, bem compreendida, ensina aos homens que eles não estão neste mundo senão num lugar de passagem, onde estão livres para não mais voltarem, se fazem o que é necessário para isso; que o poder, as riquezas, as dignidades, a ciência não lhes são dados senão a título de provas, e como meio de progredir para o bem; que não são, em suas mãos, senão um depósito e um instrumento para a prática da lei de amor e de caridade; que o mendigo que passa ao lado de um grande senhor é seu irmão diante de Deus, e talvez o foi diante dos homens; que talvez foi rico e poderoso; se está agora numa condição obscura e miserável, é por ter falido em suas terríveis provas, lembrando assim esta palavra célebre do ponto de vista das condições sociais: Não há senão um passo do Capitole à rocha Tarpéienne, mas com esta diferença de que, pela reencarnação, o Espírito se levanta de sua queda, e pode, depois de ter remontado ao Capitole, lançar-se de seu topo nas regiões celestes, morada esplêndida dos bons Espíritos.

A reencarnação, ensinando aos homens, segundo a admirável expressão de Platão, que não há rei que não descenda de um pastor, e de pastor que não descenda de um rei, apaga todas as vaidades terrestres, desliga do culto material, nivela *moralmente todas* as condições sociais; constitui a igualdade, a fraternidade entre os homens, como para os Espíritos, em Deus e diante de Deus, e a liberdade que, sem a lei de amor e de caridade, não é senão mentira e utopia, assim como nos disse recentemente o Espírito de Washington. Em seu conjunto, o Espiritismo vem dar aos homens a unidade e a verdade em todo progresso intelectual e moral, grande e sublime empreendimento do qual não somos senão os muito humildes apóstolos.

Adeus, meu caro senhor; depois de três meses de silêncio, sobrecarrego-vos com uma carta muito longa; responder-me-eis quando puderdes, e quando quiserdes. Proponho-me a fazer a viagem a Paris para ter o prazer de vos conhecer pessoalmente, de vos apertar fraternalmente a mão; minha saúde a isso se opõe até o presente.

Podereis fazer desta carta o uso que julgardes conveniente; honro-me de ser, alta e publicamente, Espírita.

Vosso muito devotado.

Roustaing, advogado.

Cada um apreciará como nós a justeza dos pensamentos expressos nessa carta; vê-se que, embora recentemente iniciado, o Sr. Roustaing passou a mestre no fato da apreciação; é que tem séria e profundamente estudado, o que lhe permitiu apanhar rapidamente todas as conseqüências dessa grave questão do Espiritismo, e que, ao contrário de muita gente, não se deteve na superfície. Nada tinha visto, disse ele, e estava convencido, porque lera e compreendera. Tem isso de comum com muitas pessoas, e sempre notamos que aquelas, longe de serem superficiais, são ao contrário as que refletem mais; ligando-se mais ao fundo do que à forma, para elas a parte filosófica é a principal, os fenômenos propriamente ditos são o acessório, e dizem que, então, mesmo que esses fenômenos não existissem, disso não restaria menos uma filosofia que sozinha resolve problemas insolúveis até este dia; a única que dá, do passado e do futuro do homem, a teoria mais racional; ora, eles preferem uma doutrina que explica àquela que nada explica, ou que explica mal. Quem reflete, compreende muito bem que se poderia fazer abstração das manifestações, e que a doutrina, com isso, não subsistiria menos; as manifestações vêm corroborá-la, confirmá-la, mas não lhe são a base essencial; o discurso de Channing, que acabamos de citar, disso é a prova, uma vez que, quase vinte anos antes do grande desdobramento das manifestações na América, unicamente o raciocínio o conduziu às mesmas conseqüências.

Há um outro ponto pelo qual se reconhece também o Espírita sério; pelas citações que o autor dessa carta faz dos pensamentos contidos nas comunicações que recebe, prova que não está limitado a admirá-las como belos trechos literários, bons para se conservar num álbum, mas que os estuda, medita-os e deles tira proveito. Infelizmente, há tantos para quem esse alto ensinamento permanece uma letra morta; que colecionam belas comunicações, como certas pessoas colecionam belos livros, mas sem lê-los.

Por outro lado, do que devemos felicitar o Sr. Roustaing, é da declaração pela qual termina a sua carta; infelizmente, nem todos têm como ele, a coragem de sua opinião, é o que encoraja os adversários. Entretanto, é preciso reconhecer que as coisas, há algum tempo, mudaram muito a esse respeito; há dois anos apenas que muitas pessoas não falavam do Espiritismo senão entre quatro olhos; não compravam os livros senão em segredo, e tinham um grande cuidado para não os deixar em evidência. Hoje, é muito diferente; já se está familiarizado com os epítetos *descorteses* dos zombadores, e ri-se disso ao invés de melindrar-se; não se teme mais confessar-se Espírita altamente, como não se teme dizer-se partidário de tal ou tal outra filosofia, do magnetismo, do sonambulismo, etc.; discute-se livremente com o primeiro que chega sobre essa matéria, como se discutiria sobre os clássicos e os românticos, e sem se crer humilhado por ser por uns ou pelos outros. É progresso imenso que prova duas coisas: o progresso das idéias Espíritas em geral, e a pouca consistência dos argumentos dos adversários; terá Por conseqüência impor silêncio a esses últimos, que se crêem fortes porque se crêem os mais numerosos; mas quando, por toda a Parte, encontrarem aquém falar, não dizemos que serão convertidos, mas se manterão em reserva. Conhecemos uma pequena cidade da província onde, há um ano, o Espiritismo não contava senão um único adepto que, apontado ao dedo como um animal curioso, se fora conhecido como tal; quem sabe mesmo? talvez deserdado pela sua família ou destituído de seu lugar; hoje, os adeptos ali são numerosos; reúnem-se abertamente sem se importarem do que se dirá, e quando foram vistos entre as autoridades municipais, funcionários, oficiais, engenheiros, advogados, notários, etc., que não escondiam a sua simpatia pela coisa, os zombadores deixaram de zombar, e o jornal da localidade, redigido por um espírito muito forte, que já dera algumas pontadas e se preparava para pulverizar a nova doutrina, temendo ter por detrás parte mais forte que a dele, prudentemente guardou silêncio. É a história de muitas outras localidades, e se generalizará à medida que os partidários do Espiritismo, cujo número aumenta todos os dias, elevarem a cabeça e a voz. Pode-se bem querer abater uma cabeça que se mostre, mas quando há vinte, quarenta, cem delas que não temem falar alto e firme, olhada duas vezes, e isso dá coragem àqueles que têm falta dela.

A prece (poesia)

Revista Espírita, junho de 1861

Um dos nossos correspondentes de Lyon nos dirige o trecho seguinte de poesia; ele entra muito no espírito da Doutrina Espírita, pelo que nos é um prazer dar-lhe um lugar em nossa Revista.

Que não posso eu, mortais, pelos meus fracos acentos

Penetrar vosso coração com os mais sublimes incensos!

Vos ensinar nestes versos, durante esta corrida,

O que é orar e o que é a prece.

É um impulso de amor, de fluido e de fogo

Que se escapa da alma e se eleva para Deus.

Sublime extravasamento da humilde criatura

Que retorna à sua fonte para enobrecer sua natureza!

Orar não muda em nada a lei do Eterno,

Imutável sempre; mas seu coração paternal

Derrama seu fluido divino sobre aquele que o implora

E redobra o ardor do fogo que o devora.

É então que sente-se elevar e crescer;

Pelo amor do próximo, sente seu coração pular.

Mais ele derrama amor, mais a augusta sabedoria

Enche seu coração amante com os dons de sua generosidade.

Desde então, um santo desejo de orar pelos mortos,

Sob o peso da pena e dos cruciantes remorsos,

Nos mostra a necessidade que seu estado reclama,

Para dirigir sobre eles esse doce fluido da alma

Cuja eficácia, bálsamo consolador,

Penetra todo o seu ser em verdadeiro libertador.

Tudo se reanima neles; um raio de esperança

Secunda os seus esforços, apressa sua libertação.

Semelhantes aos mortais oprimidos pelo mal

Que um bálsamo soberano restitui ao estado normal,

São regeneradas pela influência oculta

Da augusta prece e de seu divino culto.

Redobremos de fervor; nada se perde enfim;

A prece sempre, centelha divina,

Torna-se foco de amor, depois no fim domina.

Sim, oremos pelos mortos, e logo, ao seu turno,

Eles derramarão sobre nós um doce raio *de* amor.

JOLY.

Nestes versos, evidentemente inspirados por um Espírito elevado, o objetivo e os efeitos da prece estão definidos com uma perfeita exatidão. Certamente, Deus não derroga, de nenhum modo, as suas leis ao nosso pedido, de outro modo isso seria a negação de um de seus atributos, que é a imutabilidade; mas age sobretudo sobre aquele que lhe é objeto; é primeiro um testemunho de simpatia e de comiseração que se lhe dá, e que, por isso mesmo, lhe faz parecer a sua pena menos pesada; em segundo lugar, ela tem por efeito ativar e exercitar o Espírito no arrependimento de suas faltas, de lhe inspirar o desejo de repará-las pela prática do bem. Deus disse: A cada um segundo as suas obras; lei eminentemente justa, que coloca a nossa sorte em nossas próprias mãos, e que tem por consequência subordinar a duração da pena à duração da impenitência; de onde se segue que a pena seria eterna se a impenitência fosse eterna; portanto, se, pela ação moral da prece, provocamos o arrependimento e a reparação voluntária, abreviamos, por isso mesmo, o tempo da expiação. Tudo isso está perfeitamente expresso nos versos acima. Esta doutrina pode não parecer muito ortodoxa aos olhos daqueles que crêem num Deus impiedoso, surdo à voz que o implora, e condenando às torturas sem fim suas próprias criaturas pelas faltas de uma vida passageira; mas convir-se-á que ela é mais lógica, está mais conforme com a verdadeira justiça e a bondade de Deus. Tudo nos diz, a religião como a razão, que Deus é infinitamente

bom; com o dogma do fogo eterno, seria preciso acrescentar que ele é, ao mesmo tempo, infinitamente impiedoso, dois atributos que se destróem um pelo outro, porque são a negação um do outro. De resto, o número dos partidários da eternidade das penas diminui todos os dias; é um fato positivo, incontestável; logo, será tão restrito que se poderá contá-los, e se mesmo, desde hoje, a Igreja taxasse de heresia e rejeitasse, conseqüentemente, de seu seio todos aqueles que não cressem nas penas eternas, haveria, entre os católicos mesmo, mais heréticos do que verdadeiros crentes, e seria necessário condenar, ao mesmo tempo, todos os eclesiásticos e todos os teólogos que, como nós, interpretam essa palavra no sentido relativo e não no sentido absoluto.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, junho de 1861

É um erro crer que não há nada a ganhar nas conversas com os Espíritos de homens vulgares, e que só de homens ilustres pode sair um ensinamento proveitoso; entre eles os há, seguramente, muitos insignificantes, mas freqüentemente também, daqueles sobre os quais menos se espera, algumas vezes, saem revelações de uma grande importância para o observador sério. Aliás, há um ponto que nos interessa em grau supremo, porque nos toca mais de perto: é o da passagem, da transição da vida atual à vida futura, passagem tanto temida, que só o Espiritismo pode nos fazer encarar sem medo, e que não podemos conhecer senão estudando-a sobre as atualidades, quer dizer, sobre aqueles que acabam de transpô-la, sejam ilustres ou não.

Senhor marquês de Saint-Paul

Morto em 1860, evocado a pedido de sua irmã,

membro da Sociedade, em 16 de maio de 1861.

1. Evocação. - R. Eis-me.

2. A senhora vossa irmã pediu-me para vos evocar, embora ela seja médium, mas não está ainda bastante formada para estar bem segura de si mesma. - R. Tratarei de responder o melhor possível.

3. Ela deseja primeiro saber se sois felizes. - R. Estou errante, e esse estado transitório não nunca traz nem a felicidade, nem o castigo absolutos.

4. Demorastes muito tempo para vos reconhecer? - R. Permaneci muito tempo na perturbação, e dela não saí senão para bendizer a piedade daqueles que não me esqueceram e oraram por mim.

5. Podeis apreciar a duração dessa perturbação? - R. Não.

6. Quais foram aqueles de vossos parentes que reconhecestes primeiramente? - R. Reconheci minha mãe e meu pai, que ambos me receberam ao despertar; iniciaram-me na vida nova.

7. De onde vem que, no fim de vossa doença, parecíeis conversar com aqueles que havíeis amado sobre a Terra? - R. Porque tive, antes de morrer, a revelação do mundo que iria habitar. Fui vidente antes de morrer, e meus olhos foram velados na passagem da separação definitiva do corpo, porque os laços carnis estavam ainda muito vigorosos.

Nota. Esse fenômeno do desligamento antecipado da alma é muito freqüente; antes de morrer muitas pessoas entrevêem o mundo dos Espíritos; sem dúvida, é para abrandar, pela esperança, os pesares por deixar a vida. Mas o Espírito acrescenta que seus olhos foram velados durante a separação; com efeito, é o que sempre ocorre; nesse momento, o Espírito, perdendo a consciência de si mesmo, jamais é testemunha do último suspiro de seu corpo, e a separação se opera sem que ele disso desconfie. As próprias convulsões da agonia são um efeito puramente físico, do qual o Espírito não sente quase nunca a sensação; dizemos *quase*, porque pode ocorrer que essas últimas dores lhe sejam infligidas como castigo.

8. Como ocorre que as vossas lembranças de infância parecem vos retornar de preferência? - R. Porque o começo está mais próximo do fim do que não o é do meio da vida.

9. Como o entendeis? - R. Quer dizer que os agonizantes se lembram e vêem, *como numa miragem de consolação*, os jovens e puros anos.

Nota. Provavelmente, é por um motivo providencial semelhante que os velhos, à medida que se aproximam do termo da vida, algumas vezes, têm uma lembrança tão precisa dos menores detalhes de seus primeiros anos.

10. Por que, falando de vosso corpo, faláveis sempre na terceira pessoa? - R. Porque eu era vidente, eu vos disse, e sentia nitidamente as diferenças que existem entre o físico e o moral; essas diferenças, ligadas entre si pelo fluido da vida, se tomam muito marcantes aos olhos dos agonizantes clarividentes.

Nota. Está aí uma particularidade que a morte desse senhor apresentou. Nos últimos momentos, ele dizia sempre: Ele tem sede, é necessário dar-lhe de beber; ele tem frio, é necessário aquecê-lo; ele sofre em tal lugar, etc. E quando se lhe dizia: Mas sois vós que tendes sede, ele respondia: Não, é ele. Aqui se desenham perfeitamente as duas existências; o *eu* pensante está no Espírito e não no corpo; o Espírito, já em parte desligado, considera o seu corpo como uma individualidade que não era *ele*, propriamente falando; era, pois, ao seu corpo que era necessário dar de beber, e não a ele Espírito.

11. O que dissestes de vosso estado errante, e a duração de vossa perturbação, levariam a crer que não sois muito feliz, e, entretanto as vossas qualidades deveriam fazer supor o contrário. Há, aliás, Espíritos errantes que são muito felizes, como os há muito infelizes. - R. Estou num estado transitório; as virtudes humanas adquirem aqui o seu verdadeiro valor. Sem dúvida, meu estado é mil vezes preferível ao da encarnação terrestre, mas sempre levei em mim as aspirações do verdadeiro bem e do verdadeiro belo, e minha alma não estará satisfeita senão quando voar aos pés de seu criador.

Henri Mondeux

Sociedade Espírita Parisiense; 26 de abril de 1661.

Os jornais anunciaram, em fevereiro último, a morte súbita do pastor Henri Mondeux, o célebre calculador, que sucumbiu, nos primeiros dias de fevereiro de 1861, num ataque de apoplexia na diligência de Condom (Gers), com idade em tomo de 34 anos. Nascera em Touraine, e desde a idade de 10 anos fez-se notar pela prodigiosa facilidade com a qual resolvia, de cabeça, as questões mais complicadas de aritmética, embora completamente iletrado e não tendo feito nenhum estudo especial. Atraiu logo a atenção e numerosas

peças iam vê-lo enquanto guardava seus animais; os visitantes distraíam colocando-lhe problemas, o que lhe proporcionava alguns pequenos proveitos. Lembra-se ainda o pastor napolitano, Vito Mangiamele, que, poucos anos antes, apresentara um fenômeno semelhante. Um professor de matemáticas, do colégio de Tours, pensou que um dom natural tão notável deveria dar resultados surpreendentes se fosse secundado; em consequência, ligou-se no objetivo de lhe dar educação; mas não tardou a perceber que tinha pela frente uma natureza das mais refratárias; com efeito, com a idade de 16 anos, sabia apenas ler e escrever correntemente, e, coisa extraordinária, jamais o seu professor pudera chegar a fazê-lo reter os nomes das figuras elementares de geometria; de sorte que a sua faculdade estava inteiramente circunscrita nas combinações numéricas; era, pois, um calculador, mas, de nenhum modo, um matemático.

Uma outra singularidade é que jamais pôde se sujeitar às nossas fórmulas de cálculo; nem mesmo as compreendia; ele tinha a sua própria maneira, da qual jamais pôde dar conta de maneira clara, que, provavelmente, não se explicava bem ele mesmo, e que tinha, sobretudo, uma memória prodigiosa de números. Dizemos de números e não de cifras, porque a visão das cifras o confundia mais do que o ajudava; preferia que os problemas fossem colocados verbalmente, antes que por escrito.

Tal é, em resumo, o resultado das observações que nós mesmos fizemos sobre o jovem Mondeux, e que nos forneceram no tempo o assunto de uma Memória lida na Sociedade Frenológica de Paris.

Uma faculdade tão exclusiva, embora levada ao seu último limite, não podia lhe abrir nenhuma carreira; porque não teria mesmo podido ser um contador numa casa de comércio, e seu professor, a justo título, com isso, se assustaria por ele; censurava-se quase por tê-lo tirado de suas vacas, e se perguntava o que se tornaria quando os anos o tivessem privado do interesse que se ligava a ele, sobretudo em razão de sua idade. Perdemos-lo de vista há dezoito anos; parece que encontrara alguns meios de existência indo de cidade em cidade dar sessões.

1. Evocação. - R. 4 e 3 fazem 7, nos outros mundos, como aqui.

2. Quisemos vos evocar pouco tempo depois de vossa morte, mas nos foi dito que não estáveis em estado de nos responder; parece que o estais agora? - R. Eu vos esperava.

3. Provavelmente não lembrais mais de mim, embora tivesse ocasião de vos conhecer, bastante particularmente, na Prússia, e mesmo de vos assistir em vossas sessões. Quanto a mim, parece-me ainda vos ver, como ao professor de matemáticas que vos acompanhava, e que me deu sobre vós e a vossa faculdade preciosas notícias. - R. Tudo isso é para que vos diga que me lembro de vós, mas somente hoje quando minhas idéias estão lúcidas.

4. De onde vinha a estranha faculdade da qual estáveis dotado? - R. Ah! Eis a pergunta que eu sabia que iríeis me dirigir. Começa-se por dizer: Eu vos conheci, eu vos vi, sois notável, e, enfim, vosso negócio.

Pois bem! Eu tinha a faculdade de poder ler no meu espírito os cálculos imediatos de um problema; poder-se-ia dizer que um Espírito desenrolava diante de mim a solução: não tinha senão que lê-la; era médium vidente e calculador; e com tudo isso, é necessário dizê-lo, uma pequena tabela sempre.

5. Quanto posso me lembrar, quando vivo, não Unheis esse espírito zombador, cáustico; éreis mesmo um pouco pesado? - R. Tenha! Porque a faculdade foi toda empregada nisso, dela nada restava mais para outra coisa.
6. Como se deu que essa faculdade, tão desenvolvida para o cálculo, era tão incompleta para outras partes mais elementares das matemáticas? - R. Enfim, fui estúpido, não é? Dizei a palavra, eu o compreendo; mas não tenho mais a desenvolver a minha faculdade para as cifras, e ela se desenvolve depressa para outra coisa.
7. Não tende mais que desenvolvê-la para as cifras.....(O Espírito escreveu sem esperar o fim da pergunta.) - R. Quer dizer, Deus nos deu a todos uma missão: Tu, disse-me ele, vais espantar os sábios matemáticos, eu te farei parecer ininteligente para que eles sejam mais penhorados; desenvolve todos os cálculos, e faze que eles se digam: Mas o que há em ti acima de nós? O que há mais forte que o estudo? Queria levá-los a procurar além do corpo, porque o que há de mais material do que uma cifra?
8. Que foste em outras existências? - R. Fui enviado para mostrar outra coisa.
9. Era sempre relativa às matemáticas? - R. Sem dúvida, uma vez que era a minha especialidade.
10. Formulei alguns problemas para saber se tivestes sempre a mesma faculdade; mas segundo o que dissestes, penso que isso não é mais necessário. - R. Mas eu não tenho mais soluções a dar; eu não posso mais; a ferramenta está má, porque não é mais matemática.
11. É que não poderíeis vencer a dificuldade? - R. Ah! Nada é invencível; Sebastopol foi muito tomada; mas que diferença!
12. Do que vos ocupais agora? - R. Quereis saber a que me entrego? Eu passei e espero um pouco antes de recomeçar a minha carreira como médium que deve continuar.
13. Em que gênero pensais exercer essa faculdade mediúnica? - R. Sempre o mesmo, mas mais desenvolvido, mais admirável.
14. (Um membro faz a reflexão seguinte:) Resulta das respostas do Espírito, que ele agiu como médium sobre a Terra, o que suporia que ele foi ajudado por um outro Espírito e explicaria porque não goza mais dessa faculdade hoje. - R. Foi meu Espírito que armou de propósito para ver as cifras que um outro Espírito me passava; agarrava melhor do que não o faríeis; tinha a bossa do cálculo, uma vez que era nesse gênero que eu exercia. Procuram-se todos os meios para convencer; são todos bons, pequenos e grandes, e os Espíritos os tomam todos.
15. Fizestes fortuna com a vossa faculdade, correndo o mundo para dar sessões? - R. Oh! Perguntar se um médium fez fortuna! Vós vos enganastes quanto ao *rumo*; mas não.
16. Mas não vos consideráveis como médium; não sabíeis mesmo o que era? - R. Não; também, estava admirado que isso me servisse tão pouco pecuniariamente; isso me serviu moralmente, e prefiro meu ativo escrito sobre o grande livro de Deus às rendas que tivesse sobre o Estado.

17. Nós vos agradecemos em consentir responder ao nosso chamado. - R. Retornastes por minha conta.

18. Não tive nada para retornar; sempre tive por vós muita estima. - R. Felizmente que resolvi as perguntas, sem isso não teríeis olhado.

Nota. A identidade dos Espíritos é, como se sabe, o que há de mais difícil para constatar; ela se revela, em geral, por circunstâncias e detalhes imprevistos, por nuances delicadas que só uma observação autêntica pode aprender e provam, freqüentemente, mais do que sinais materiais, sempre fácil de imitar pelos Espíritos enganadores, ao passo que não podem simular as capacidades intelectuais ou as qualidades morais que lhes faltam. Poder-se-ia, pois, duvidar da identidade nessa circunstância sem a explicação muito lógica que o Espírito dá da diferença que existe entre o seu caráter atual e aquele que mostrou quando vivo; porque a resposta numérica que deu à evocação não pode ser olhada como uma prova autêntica. Qualquer que seja a opinião que possa se formar a esse respeito quanto ao sujeito da evocação acima, não se pode deixar de convir que, ao lado de pensamentos engraçados, ela os encerra muito profundos; as respostas às perguntas 7 e 16 são sobretudo notáveis sob esse aspecto. Disso ressalta, igualmente, assim como das respostas dadas por outros Espíritos, que o Espírito de Mondeux tem uma predisposição para as matemáticas; que exerceu essa faculdade em outras existências, o que é provável, mas que não pertenceu a nenhuma das celebridades da ciência. Conceber-se-ia dificilmente que um verdadeiro sábio nisso fosse reduzido a fazer exposições de cálculo para divertir o público, sem importância e sem utilidades científicas. Haveria sempre mais motivos para se duvidar de sua identidade se ele se desse por ter sido um Newton ou um Laplace.

Senhora Anais Gourdon

Muito jovem senhora, notável pela doçura de seu caráter e pelas qualidades morais mais eminentes, morta em novembro de 1860; evocada a pedido de seu pai e de seu marido. Pertencia a uma família de trabalhadores nas minas de carvão dos arredores de Saint-Etienne, circunstância importante para apreciar a sua evocação.

1. Evocação. - R. Estou aqui.

2. Vosso marido e vosso pai nos pediram para vos chamar, e ficarão muito felizes tendo de vós uma comunicação. - R. Estou muito feliz também por dá-la.

3. Por que fostes levada tão jovem da afeição de vossa família? - R. Porque terminei minhas provas terrestres.

4. Ides vê-los algumas vezes? - R. Oh! Estou sem cessar junto deles.

5. Sois feliz como Espírito? - R. Sou feliz, eu espero, eu espero, eu amo; os céus nada têm de terror para mim, e espero com confiança e amor que as asas brancas me empurrem.

6. Que entendeis por essas asas? - R. Entendo tornar-me puro Espírito e resplandecer como os mensageiros celestes que me deslumbram.

Nota. As asas dos anjos, arcanjos, serafins, que são puros Espíritos, evidentemente, não são

senão um atributo imaginado pelos homens para pintar a rapidez com a qual se transportam, como sua natureza etérea dispensa-os de qualquer sustentáculo para percorrer os espaços. Podem, entretanto, aparecer aos homens com esse acessório para responder ao seu pensamento, como outros Espíritos tomam a aparência que tinham sobre a Terra para se fazerem reconhecer.

7. Vedes vosso cunhado, morto há algum tempo, e que evocamos no ano passado? - R. Eu o vi quando cheguei entre os Espíritos; não o vejo mais agora.

8. Por que não o vedes mais? - R. Disso não sei nada.

9. Vossos parentes podem fazer alguma coisa que vos seja agradável? - R. Eles podem, esses seres queridos, não mais me entristecer pela visão de seus pesares, uma vez que sabem que não estou perdida para eles; que meu pensamento lhes seja doce, leve e perfumado com a sua lembrança. Passei como uma flor, e nada de triste deve subsistir de minha rápida passagem.

10. De onde vem que a vossa linguagem é tão poética e está tão pouco em relação com a posição que tínheis sobre a Terra? - R. É que é minha alma que fala. Sim, eu tinha conhecimentos adquiridos, e freqüentemente Deus permite que Espíritos delicados se encarnem entre os homens mais rudes para fazê-los pressentir as delicadezas que alcançarão e compreenderão mais tarde.

Nota. Sem essa explicação tão lógica, e tão conforme com a solicitude de Deus pelas suas criaturas, ter-se-ia dificilmente dado conta do que, à primeira vista, poderia parecer uma anomalia. Com efeito, que de mais gracioso e de mais poético do que a linguagem do Espírito dessa jovem mulher levada ao meio dos mais rudes trabalhos? A contrapartida se vê freqüentemente; são Espíritos inferiores encarnados entre os homens mais avançados, mas com um objetivo oposto; é tendo em vista o seu próprio adiantamento que Deus os coloca em contato com um mundo esclarecido, e, algumas vezes também, para servir de prova a esse mesmo mundo. Que outra filosofia pode resolver tais problemas?

11. Evocação do Sr. Gourdon, filho mais velho, já evocado em 1860. - R. Estou aqui.

12. Lembrai-vos de ter sido já chamado por mim? - R. Sim, perfeitamente.

13. Como ocorre que vossa cunhada não vos veja mais? - R. Ela se elevou.

Nota. A essa pergunta ela respondera: disso não sei nada; sem dúvida por modéstia. Agora isso se explica; de uma natureza superior, ela pertencia a uma ordem mais avançada, ao passo que ele está ainda retido sobre a Terra. Seguem caminhos diferentes.

14. Quais foram as vossas ocupações desde essa época? - R. Avancei no caminho dos conhecimentos, escutando as instruções de nossos guias.

15. Quereis, eu vos peço, me dar uma comunicação para vosso pai que, com isso, estará muito feliz. - R. Caro pai, não creias teus filhos perdidos, e não sofras olhando nossos lugares vazios. Eu também espero, e não tenho nenhuma impaciência, uma vez que sei que os dias

que se escoam são tantos degraus vencidos que nos aproximam um do outro. Sé grave e recolhido, mas não sejas triste, porque a tristeza é uma censura muda dirigida a Deus, que quer ser louvado em suas obras. Aliás, por que sofrer nessa triste vida, onde tudo se apaga, salvo o bem ou o mal que cumprimos. Caro pai, coragem e confiança!

Nota. A primeira evocação desse jovem estava marcada pelos mesmos sentimentos de piedade filial e de elevação. Foi uma imensa consolação para os seus parentes, que não podiam suportar a sua perda. Compreende-se que deve ter ocorrido o mesmo com a jovem mulher.

Efeitos do desespero

Revista Espírita, junho de 1861

Morte do Sr. Laferrière, membro do Instituto. - Suicídio do Sr. Léon L...

- A viúva e o médico.

Para registrar todos os acidentes funestos causados pelo desespero, somente aqueles que chegam ao conhecimento do público, seriam necessários muitos volumes. Quanto de suicídios, de enfermos, de mortes voluntárias, de casos de loucura, de atos de vingança, de crimes mesmo não se produzem todos os dias! Uma estatística bem instrutiva seria aquela das causas primeiras que conduziram ao desarranjo do cérebro, e ver-se-ia que o desespero ali entra pelo menos pelos quatro quintos; mas não é disso que nos queremos ocupar hoje. Eis dois fatos salientados nos jornais, não a título de novidade, mas como assunto de observação.

Leu-se, no *Siècle* de 17 de fevereiro último, no relato dos funerais do Sr. Laferrière:

"Terça-feira última, conduzíamos à sua última morada, com alguns amigos tristes, uma jovem de vinte anos, levada por uma enfermidade de alguns dias. O pai dessa jovem, filha única, era o Sr. Laferrière, membro do Instituto, inspetor geral das faculdades de direito. O excesso da dor fulminou esse infeliz pai, e a resignação da fé do cristão não foi suficiente para a sua consolação.

"A trinta e seis horas de distância, a morte aplicou um segundo golpe, e a mesma semana que separara a filha do pai os reuniu. Uma multidão numerosa e consternada seguia hoje o caixão do Sr. Laferrière."

O Sr. Laferrière tinha sentimentos religiosos, disse o jornal, e gostamos de o admitir, porque não é preciso crer que todos os sábios sejam materialistas; e, entretanto, esses sentimentos não o impediram de sucumbir ao seu desespero. Estamos convencidos de que se tivesse idéias menos vagas sobre o futuro, mais positivas, tais como as dá o Espiritismo; se cresse na presença de sua filha junto dele, se tivesse a consolação de comunicar-se com ela, teria compreendido que dela não estava separado senão materialmente, e por um tempo dado, e adquiriria paciência, remetendo à vontade de Deus quanto ao momento de sua reunião; acalmar-se-ia pela idéia de que mesmo o seu desespero era uma causa de perturbação para a felicidade do objeto de sua afeição.

Essas reflexões se aplicam, ainda com mais razão, ao fato seguinte, que se leu no *Siècle* do dia 1º de março último.

"O senhor Léon L..., com a idade de 25 anos, empresário de viaturas ônibus, de Villemonble à Paris, esposara, há mais ou menos dois anos, uma jovem mulher que amava com paixão. O nascimento de um filho, hoje com a idade de um ano, veio fortalecer ainda a afeição dos esposos, e como seus negócios prosperavam, tudo parecia lhes pressagiar um longo futuro de felicidade.

"Há alguns meses, a senhora L... foi subitamente atingida por uma febre tifóide e, e apesar dos cuidados mais assíduos, apesar de todos os recursos da ciência, ela sucumbiu em pouco tempo. A partir desse momento, o senhor L... caiu numa melancolia da qual nada podia distraí-lo. Freqüentemente, se lhe ouvia dizer que a vida era odiosa e que iria juntar-se com aquela que levara toda a sua felicidade.

"Ontem, retornando de Paris em seu cabriolé, pelas sete horas da noite, o senhor L... entregou a sua viatura nas mãos de um palafreireiro, (cavaliariço), e, sem dizer uma palavra a ninguém, entrou numa peça situada ao nível do solo e vizinha da sala de jantar. Uma hora mais tarde, uma criada veio adverti-lo de que o jantar estava servido; ele respondeu que não tinha mais necessidade de nada; estava semi deitado sobre uma mesa, a cabeça apoiada em suas duas mãos, e parecia atingido por uma prostração completa.

"A criada advertiu os parentes que foram junto de seus filhos. Ele perdera o conhecimento. Correu à procura do doutor Dubois. À sua chegada, o médico constatou que Léon não existia mais. Envenenara-se com a ajuda de uma forte dose de láudano, que dava aos seus cavalos.

A morte desse jovem causou uma viva impressão na região, onde gozava da estima geral."

O Sr. L... acreditava, sem dúvida, na vida futura, uma vez que se matou para ir juntar-se à sua mulher. Se tivesse conhecido pelo Espiritismo a sorte dos suicidas, saberia que, longe de apressar o momento de sua reunião, era um meio infalível de distanciá-lo.

A esses dois fatos se opõe o seguinte, que mostra o império que podem ter as crenças Espíritas sobre as resoluções daqueles que as possuem.

Um de nossos correspondentes nos transmite o que se segue: Uma senhora de meu conhecimento perdera seu marido, cuja morte foi geralmente atribuída à falta do médico. A viúva concebeu contra esse último um tal ressentimento, que ela o perseguia, sem cessar, com suas invectivas e suas ameaças, dizendo-lhe, por toda a parte onde o encontrava: "Carrasco, não morrerás senão pela minha mão!" Essa senhora era muito piedosa e muito boa católica; mas foi em vão que se empregaram, para acalmá-la, os recursos da religião; chegou ao ponto do médico crer dever dirigir-se à autoridade para a sua própria segurança.

O Espiritismo conta com numerosos adeptos na cidade habitada por essa senhora; um de seus amigos, muito bom Espírita, disse-lhe um dia: - Que pensaríeis se se vos colocasse no estado de conversar com o vosso marido? - Oh! disse ela, se eu soubesse que isso fosse possível! Estaria segura de não tê-lo perdido para sempre, consolar-me-ia e esperaria. Logo se lhe deu a prova; seu marido veio, ele mesmo, dar-lhe conselhos e consolações, e, pela sua linguagem, não pôde ter qualquer dúvida quanto à sua presença junto dela. Desde então, uma revolução completa se operou em seu Espírito; a calma sucedeu ao desespero e suas idéias de vingança deram lugar à resignação. Oito dias depois, foi à casa do médico, muito pouco confortável com a sua visita; mas, em lugar de ameaçá-lo, estendeu-lhe a mão dizendo-lhe: "Não temas, nada, senhor; venho vos pedir me perdoar o mal que vos fiz, involuntariamente. Foi meu marido, ele mesmo, quem me aconselhou a iniciativa que tomo neste momento; disse-me que não fostes, em nada, a causa de sua morte, e, aliás, tenho agora a certeza de que ele está junto de mim, que me vê e vela sobre mim, e que estaremos um dia reunidos. Assim, senhor, não me odiais mais, como, de minha parte, não vos odeio mais." Inútil dizer que o médico aceitou com solicitude a reconciliação, e que se apressou em indagar a causa misteriosa à qual devia, doravante, a sua tranqüilidade. Assim, sem o Espiritismo, essa senhora provavelmente cometeria um crime, tão religiosa que era. Isso

prova a inutilidade da religião? Não, de modo algum, somente a insuficiência das idéias que ela nos dá do futuro, que nos apresenta de tal modo vago, que deixa em muitos uma espécie de incerteza, ao passo que o Espiritismo, fazendo por assim dizer tocar o dedo, faz nascer na alma uma confiança e uma segurança mais completas.

Ao pai que perdeu seu filho, ao filho que perdeu seu pai, ao marido que perdeu uma esposa adorada, que consolação dá o materialista? Ele diz: Tudo acabou; do ser que vos era tão caro, nada resta, absolutamente nada senão esse corpo que dentro em pouco será dissolvido; mas de sua inteligência, de suas qualidades morais, da instrução que adquiriu, nada, tudo isso é o nada; vós o perdestes para sempre. O Espírita diz: De tudo isso nada está perdido; tudo existe; não há de menos senão o envoltório perecível, mas o Espírito liberto de sua prisão está radiante; ele está ali, junto de vós, que vos vê, vos escuta e vos espera. Oh! Quanto os materialistas fazem de mal inoculando, com seus sofismas, o veneno da incredulidade! Jamais amaram, de outro modo poderiam ver com sangue frio os objetos de sua afeição reduzidos a um montão de pó? Também é para eles que Deus parece reservar seus maiores rigores, porque os vemos todos reduzidos à mais deplorável posição no mundo dos Espíritos, e Deus é tanto menos indulgente para aqueles que estiveram mais na posição de se esclarecerem.

Dissertações espíritas

Revista Espírita, junho de 1861

Muitos chamados e poucos escolhidos

(Obtido pelo Sr. d'Ambel, médium da Sociedade.)

Esta máxima evangélica deve se aplicar, com muito mais razão, aos tempos atuais do que aos primeiros tempos do cristianismo.

Com efeito, não ouvis já fermentar a tempestade que deve levar o velho mundo e tragar no nada a soma das iniquidades terrestres? Ah! Bendizei o Senhor, vós que pusestes a vossa fé em sua soberana justiça, e que, novos apóstolos da crença revelada pelas vozes proféticas superiores, ide pregar o dogma novo da *reencarnação e da elevação dos Espíritos*, segundo tenham bem ou mal cumprido as suas missões, e suportado suas provas terrestres.

Não tremais! As línguas de fogo estão sobre as vossas cabeças. Ó adeptos do Espiritismo, sois os eleitos de Deus! Ide e pregai a palavra divina. A hora é chegada em que deveis sacrificar, à sua propagação, vossos hábitos, vossos trabalhos, vossas ocupações fúteis. Ide e pregai; os Espíritos do alto estão convosco. Certamente, falareis a pessoas que não quererão em nada ouvir a voz de Deus, porque essa voz lembra-lhes, sem cessar, a abnegação; pregareis o desinteresse aos avaros, a abstinência aos debochados, a mansuetude aos tiranos domésticos como aos déspotas; palavras perdidas, eu o sei; mas que importa! É necessário regar com os vossos suores o terreno em que deveis semear, porque não fortificará, e não produzirá, senão sob os esforços reiterados da pá e do arado evangélicos. Ide e pregai!

Sim, todos vós, homens de boa fé, que credes em vossa inferioridade olhando os mundos espaçados no infinito, parti em cruzada contra a injustiça e a iniquidade. Ide e derrubai esse culto do bezerro de ouro, cada dia mais e mais invasor. Ide, Deus vos conduz! Homens simples e ignorantes, vossas línguas serão desatadas, e falareis como nenhum orador fala. Ide e pregai, e as populações atentas recolherão com alegria as vossas palavras de consolação, de fraternidade, de esperança e de paz.

Que importam as armadilhas que lançarão em vosso caminho! Só os lobos se prendem nas armadilhas de lobos, porque o pastor saberá defender suas ovelhas contra as bocas sacrificadoras.

Ide, homens grandes diante de Deus, que, mais felizes do que São Tome, credes sem pedir para ver, e aceitai os fatos da mediunidade quando mesmo não triunfastes em obtê-los vós mesmos; ide, o Espírito de Deus vos conduz.

Marcha, pois, em frente, falange imponente pela tua fé e pelo teu pequeno número! Marcha! E os grossos batalhões dos incrédulos se desvanecerão diante de ti como os nevoeiros da manhã aos primeiros raios do sol nascente.

A fé é a virtude que erguerá as montanhas, disse-vos Jesus; contudo, mais pesadas que as mais pesadas montanhas, jaz no coração dos homens a impureza e todos os vícios da impureza. Parti, pois, com coragem para levantar essa montanha de iniquidades que as gerações futuras não devem conhecer senão no estado de lenda, como vós mesmos não conheceis senão muito imperfeitamente o período dos tempos anteriores à civilização paga.

Sim, os transtornos morais e filosóficos vão se manifestar sobre todos os pontos do globo; a hora se aproxima em que a luz divina aparecerá sobre os dois mundos.

Ide, pois, levai a palavra divina: aos grandes que a desdenharão, aos sábios que dela pedirão prova, aos pequenos e aos simples que a aceitarão, porque é sobretudo entre os mártires do trabalho, essa expiação terrestre, que encontrareis o fervor e a fé. Ide; estes receberão com cânticos de ação de graça, e cantando os louvores a Deus, a consolação santa que lhes leveis, e se inclinarão em agradecimento pelo quinhão de suas misérias terrestres.

Que vossa falange se arme, pois, de resolução e de coragem! À obra! O arado está pronto; a terra espera, é preciso lavrar.

Ide, e agradecei a Deus pela tarefa gloriosa que vos confiou; mas pensai que entre os chamados ao Espiritismo muitos se extraviaram; olhai, pois, o vosso caminho e segui o caminho da verdade.

P. Se muitos dos chamados ao Espiritismo se extraviaram, por que sinal se reconhece aqueles que estão no bom caminho? - R. Reconhecê-los-eis pelos princípios de verdadeira caridade que professarão e praticarão; reconhecê-los-eis pelo número de aflitos aos quais levaram consolações; reconhecê-los-eis pelo seu amor ao seu próximo, pela sua abnegação, pelo seu desinteresse pessoal; reconhecê-los-eis, enfim, pelo triunfo de seus princípios, porque Deus quer o triunfo de sua lei; aqueles que seguem a sua lei são seus eleitos, e ele lhes dará a vitória, mas esmagará aqueles que falseiam o Espírito dessa lei e dela fazem um degrau para satisfazer a sua vaidade e a sua ambição.

ERASTO, Anjo guardião do médium.

Ocupações dos Espíritos

(Médium, senhora Costel.)

As ocupações dos Espíritos da segunda ordem consistem em se preparar para as provas que terão que sofrer, por meditações sobre suas vidas passadas, e observações sobre os destinos dos humanos, seus vícios, suas virtudes, o que pode aperfeiçoá-los ou fazê-los falir. Aqueles que têm, como eu, a felicidade de ter uma missão, dela se ocupando com tanto mais zelo e amor que o adiantamento das almas que lhes são confiadas lhe é contado como um mérito; eles se esforçam, pois, em lhes sugerir bons pensamentos, em ajudar seus bons movimentos, em afastá-lo dos Espíritos maus, opondo-lhe doce influência às influências nocivas. Essa ocupação interessante, sobretudo quando se é bastante feliz para dirigir um médium e ter comunicações diretas, não afasta do cuidado e do dever de se aperfeiçoar.

Não creias que o tédio possa atingir um ser que não vive senão pelo Espírito e cujas faculdades tendem para um objetivo, que sabe distante mas certo. O tédio não resulta senão do vazio da alma e da esterilidade do pensamento; o tempo, tão pesado para vós que o

medis pelos vossos medos pueris ou vossas frívolas esperanças, não faz sentir sua marcha àqueles que não estão sujeitos nem às agitações da alma, nem às necessidades do corpo. Passa ainda mais depressa para os Espíritos puros e superiores, que Deus encarrega da execução de suas ordens, e que percorrem as esferas num vôo rápido.

Quanto aos Espíritos inferiores, sobretudo aqueles que têm pesadas faltas para expiar, o tempo se mede pelos seus desgostos, seus remorsos e seus sofrimentos. Os mais perversos dentre eles procuram disso escapar fazendo o mal, quer dizer, sugerindo-o. Eles sentem então essa acre e fugidia satisfação do enfermo que raspa a sua ferida e não faz senão aumentar a sua dor. Seus sofrimentos também aumentam de tal modo que acabam, fatalmente, em procurar o remédio, e que não é outro senão o retorno ao bem.

Os pobres Espíritos, que foram culpados por fraqueza ou ignorância, sofrem pela sua inutilidade, seu isolamento. Lamentam seu envoltório terrestre, por mais dor que lhes haja dado; revoltam-se e se desesperam até o momento em que percebem que só a resignação e uma firme vontade de retornar ao bem podem aliviá-los; conformam-se e compreendem que Deus não abandona nenhuma de suas criaturas.

MARCILLAC.

Espírito familiar.

O deboche

(Envio do Sr. Sabo, de Bordeaux.)

A escolha de bons autores é muito útil, e aqueles que exercem seu domínio sobre vós, excitando a vossa imaginação pelas loucas paixões humanas, não fazem senão corromper o coração e o espírito. Com efeito, não é entre os apologistas da orgia, do deboche, da volúpia, entre aqueles que preconizam os gozos materiais, que se podem haurir lições de melhoramento moral. Pensai, pois, meus amigos, que se Deus vos deu paixões, foi com o objetivo de vos fazer concorrer aos seus desígnios, e não para satisfazê-las como o animal. Sabei que se despenderdes a vossa vida em loucos gozos que não deixam senão remorsos e o vazio no coração, não agis segundo os objetivos de Deus. Se vos é dado reproduzir a espécie humana, é porque milhares de Espírito errantes esperam no espaço a formação de corpos, dos quais têm necessidade para recomeçar sua prova, e que usando as vossas forcas nas ignóbeis volúpias, ides ao contrário dos objetivos de Deus, e vosso castigo será grande. Bani, pois, essas leituras, das quais não tirais nenhum fruto nem para a vossa inteligência, nem para o vosso aperfeiçoamento moral. Que os escritores sérios de todos os tempos e todos os países vos façam conhecer e o belo e o bem; que elevem a vossa alma pelo encanto da poesia e vos ensinem o útil emprego das faculdades com que vos dotou o Criador.

FÉLICIA,

Filha do médium.

Nota. Não há alguma coisa de profundo e de sublime nessa idéia que dá, à reprodução do corpo, um objetivo tão elevado? Os Espíritos errantes esperam esses corpos, dos quais têm necessidade para o seu próprio adiantamento, e que os Espíritos encarnados estão encarregados de reproduzir, como o homem espera o produto da fabricação de certos

animais para se vestir e alimentar-se.

Disso ressalta um outro ensinamento de uma alta gravidade. Não se admitindo que a alma já viveu, é necessário, de toda a necessidade, que ela seja criada no momento da formação e para uso de cada corpo; de onde se segue que a criação da alma por Deus estaria subordinada ao capricho do homem, e, na maior parte do tempo, o resultado do deboche. Como! Todas as leis religiosas e morais condenam a depravação dos costumes, e Deus disso aproveitaria para criar almas! Perguntamos a todo homem de bom senso se é admissível que Deus se contradiga nesse ponto? Isso não seria glorificar o vício uma vez que serviria ao cumprimento dos objetivos mais elevados do Todo-Poderoso: a criação das almas? Que se nos diga se tal não seria a consequência da formação simultânea das almas e dos corpos; e isso seria bem pior ainda admitindo-se a opinião daqueles que pretendem que o homem procria a alma ao mesmo tempo que o corpo. Admiti, ao contrário, a preexistência da alma, e toda contradição cessa. O homem não procria senão a matéria do corpo, e a obra de Deus, a criação da alma imortal que deve um dia se aproximar dele, não está mais submetida ao capricho do homem. Assim é que, fora da reencarnação, dificuldades insolúveis surgem a cada passo, e que se cai na contradição e o absurdo quando se quer explicá-las; também o princípio da unicidade de existência corpórea, para decidir sem retorno os destinos futuros do homem, perde cada dia terreno e partidários; podemos, pois, dizer com segurança que dentro em pouco o princípio contrário será universalmente admitido, como o único lógico, o único conforme a justiça de Deus, e proclamado pelo próprio Cristo, quando disse: *Eu vos digo que é necessário que nasçais várias vezes antes de entrar no reino dos céus.*

Sobre o Perispírito

Ditado espontâneo a propósito de uma discussão que ocorrera, na Sociedade,
sobre a natureza do Espírito e do Perispírito. Médiun Sr. A. Didier.

Segui com interesse a discussão que se desenvolveu há pouco e vos colocou num tão grande embaraço. Sim, faltam cor e forma às palavras para exprimir o perispírito e a sua verdadeira natureza; mas há uma coisa certa, é que o que uns chamam *perispírito* não é outra coisa senão o que outros chamam de envoltório fluídico, material. Quando se discutem semelhantes questões, não são as frases que é preciso procurar, são as palavras. Eu diria, para me fazer compreender de maneira mais lógica, que esse fluido é a perfectibilidade dos sentidos e a extensão da visão e das idéias; falo aqui dos Espíritos elevados. Quanto aos Espíritos inferiores, os fluidos terrestres são ainda completamente inerentes a eles; portanto, como vedes, é matéria; daí os sofrimentos da fome, do frio, etc., sofrimentos que não podem suportar os Espíritos superiores, tendo em vista que os fluidos terrestres estão depurados ao redor do pensamento, quer dizer, da alma. A alma, para o seu progresso, tem sempre necessidade de um agente; a alma sem agente nada é para vós, ou, melhor dizendo, não pode ser concebida por vós. O perispírito, para nós outros Espíritos errantes, é o agente pelo qual nos comunicamos convosco, seja indiretamente por vosso corpo ou vosso perispírito, seja diretamente pela vossa alma; daí as infinitas nuanças de médiuns e de comunicações. Agora resta o ponto de vista científico, quer dizer, a própria essência do perispírito; isto é um outro assunto. Compreendi, primeiro, moralmente; não resta mais que uma discussão sobre a natureza dos fluidos, o que é inexplicável no momento; a ciência não conhece bastante, mas a isso se chegará se a ciência quiser caminhar com o Espiritismo.

LAMENNAIS.

O Anjo Gabriel

Evocação de um bom Espírito, pela senhora de X..., em Souttz, Haut-Rhin.

Eu sou Gabriel, o anjo do Senhor, que me encarrega de vos bendizer, não por vossos méritos, mas pelos esforços que fazeis para adquiri-los.

A vida deve ser um combate; não é necessário jamais deter-se, jamais oscilar entre o bem e o mal; a hesitação já vem de Satã, quer dizer, dos maus Espíritos. Coragem, pois! E quanto mais encontrardes de espinhos em vosso caminho, mais esforços vos serão necessários para prosseguir. Se ele fora semeado com rosas, que mérito teríeis diante de Deus? Cada um tem o seu calvário sobre a Terra, mas nem todos o percorrem com essa doce resignação de que Jesus nos deu o exemplo. Ela foi tão grande que os anjos se emocionaram! E os homens! Apenas vertem uma lágrima a tantas dores! Ó dureza do coração humano! Mereceis a semelhante sacrifício? Lançai vossa frente na poeira, e gritai misericórdia ao Deus mil vezes bom, mil vezes doce, mil vezes misericordioso! Um olhar, ó meu Deus! sobre a vossa obra, sem isso ela perecerá! Seu coração não está à altura do vosso; não pode compreender esse excesso de amor de vossa parte. Tende piedade; tende mil vezes piedade de vossa fraqueza. Levantai a sua coragem por pensamentos que não podem vir senão de vós. Bendizei-os, sobretudo, afim de que carreguem frutos dignos de vossa imensa grandeza!

Hosana ao mais alto dos céus! E paz aos homens de boa vontade!

Assim é que terminarei as palavras que Deus me ordenou vos transmitir.

Sede benditos no Senhor, afim de que desperteis, um dia, em seu seio.

Despertai

(Sociedade Espirita de Paris. Médiun senhora Costel.)

Falar-te-ei dos sintomas e das predições que, por toda a parte, anunciam a chegada de grandes acontecimentos que o nosso século encerra. Por uma tocante bondade, os Espíritos, mensageiros de Deus, advertem o Espírito dos homens, como as dores advertem a mãe de seu parto próximo. Esses sinais, freqüentemente menosprezados, e todavia sempre justificados, se multiplicam ao infinito, neste momento. Por que sentis todos o Espírito profético agitar os vossos corações e sacudir as vossas consciências? Por que as incertezas? Por que as fraquezas que perturbam os corações? Por que o despertar do espírito público que, por toda parte, arvora a sua orgulhosa bandeira? Por quê? É que os tempos estão chegados; É que o reino do materialismo abala-se, e vai desmoronar-se; é que os gozos do corpo, logo menosprezados, vão dar lugar ao reino da idéia; é que o edifício social está carcomido, e vai dar lugar à jovem e triunfante legião das idéias Espíritas, que fecundarão as consciências estéreis e os costumes mudos. Que essas palavras, incessantemente repetidas, não vos encontrem distraídos e indiferentes; recolhei, depois que o lavrador semeou, as preciosas espigas que nascerem; não digais: a vida segue o seu curso e uma marcha normal; os nossos pais nada viram do que se anuncia hoje: não veremos mais do que eles. Adoraremos o que eles adoraram, ou antes substituímos a adoração por fórmulas vãs, e tudo estará bem. Assim falando, dormis; despertai, porque não é a trombeta do julgamento final que estourará em vossos ouvidos, mas a voz da verdade; não se trata da morte vencida e

humilhada, trata-se da vida presente, ou antes, da vida eterna; não a esqueçais e despertai.

HELVÉTIUS.

O gênio e a miséria

(Sociedade Espírita de Paris. Méd. Sr. Alfred Didier.)

Há uma prova muito grande sobre a Terra, e sobre a qual a moral do Espiritismo deve sobretudo se apoiar, é essa prova horrível do homem de gênio, sobretudo daquele que está dotado de faculdades superiores, presa às exigências da miséria. Ah! sim; essa prova moral, essa miséria da inteligência, bem mais que a do corpo, será um mérito maior para o homem que houver cumprido a sua missão. Compreendi essa luta incessante do talento contra a miséria, essa harpia que se lança sobre vós, durante o festim da vida, semelhante ao monstro de Virgílio, e que diz a todas as suas vítimas: Sois poderosos, mas eu que vos mato, sou eu que devolve ao nada os dons de vossa inteligência, porque eu sou a morte do gênio. Eu o sei, só alguns são vencidos; mas outros, quantos são? Há um pintor da escola moderna que assim concebeu esse assunto. Um ser, o gênio, do qual as asas se desdobram, e cujos olhares estão do lado do sol; ele quase se levanta, e cai sobre o rochedo, onde estão fixadas as cadeias de ferro que o reterão, talvez, para sempre. O homem que viu esse sonho e que talvez esteve acorrentado, ele também, e talvez depois de sua libertação, se lembrou daqueles que deixara para sempre sobre o rochedo.

Gérard DE NERVAL.

Transformação

(Sociedade Espírita de Paris. Médiun senhora Costel.)

Venho falar-te, da coisa que mais importa, nesta época de crise e de transformação; no momento em que as nações vestem a roupa viril, no momento em que o céu descoberto vos mostra, flutuando nos espaços infinitos, os Espíritos daqueles que acreditáveis dispersos como moléculas ou servindo de pasto aos verdes; neste momento solene, é necessário que, se armando da fé, o homem não caminhe mais às cegas nas trevas do personalismo e do materialismo. Como outrora os pastores, guiados por uma estrela, vieram adorar o Menino-Deus, é necessário que o homem, guiado pela brilhante aurora do Espiritismo, caminhe, enfim, para a Terra prometida da liberdade e do amor; é necessário que, compreendendo o grande mistério, saiba que o objetivo harmonioso da Natureza, seu ritmo admirável, são os modelos da Humanidade. Nessa espantosa diversidade que confunde os Espíritos, distingui a perfeita semelhança das relações entre as coisas criadas e os seres criados, e que essa poderosa harmonia vos inicie a todos, homens de ação, poetas, artistas, trabalhadores, à união na qual devem fundir-se os esforços comuns durante a peregrinação da vida. Caravanas assaltadas pelas tempestades e pelas adversidades, estendei-vos mãos amigas, e caminhai com os olhos fixos no Deus justo que recompensa, ao cêntuplo, aquele que tiver aliviado o fraco e o oprimido.

GEORGES.

A separação do Espírito

(Envio do Sr. Sabo, de Bordeaux.)

Corpos de lama, foco de corrupção, onde fermenta o levedo das paixões impuras; são esses órgãos que, freqüentemente, levam o Espírito a tomar parte nas sensações brutais que são da alçada da matéria. Quando o princípio da vida orgânica se extingue, por um dos mil acidentes aos quais o corpo está sujeito, o Espírito se desliga dos laços que o retinham em sua prisão fétida, e ei-lo livre no espaço.

Entretanto, ocorre que, quando ele é ignorante, e sobretudo quando é bem culpável, um véu espesso lhe esconde as belezas da morada que os bons Espíritos habitam, e ele se encontra só, ou na companhia de Espíritos maus e inferiores, num círculo que não lhe permite nem de ver onde chega, nem de se lembrar de onde vem; então, está inquieto, sofrendo constrangido, até que, num tempo mais ou menos longo, seus irmãos os Espíritos vêm esclarecê-lo sobre a sua posição, e lhe abrem os olhos para que se lembre do mundo dos Espíritos que habitou, e os diferentes planetas onde suportará as suas diversas encarnações; se a última foi bem conduzida, ela lhe abre as portas dos mundos superiores, e se ela foi inútil e cheia de iniquidades, ele é punido pelo remorso, e depois que o Espírito se submeteu à cólera de Deus, pelo seu arrependimento e a prece de seus irmãos, recomeça a viver, o que não é uma felicidade, mas um castigo ou uma prova.

FERDINAND.

Espírito familiar.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quarto Ano – 1861

Julho

- [Ensaio sobre a teoria da alucinação](#)
- [Uma aparição providencial](#)
- Conversas familiares de além-túmulo.
 - [Os amigos não nos esquecem no outro mundo](#)
- Correspondência.
 - [Carta do presidente da Sociedade Espírita do México](#)
 - [Carta do círculo espírita de Constantinopla](#)
- [Os desenhos misteriosos](#)
- [Exploração do Espiritismo](#)
- Variedades.
 - [As visões do Sr. O.](#)
 - [Os Espíritos e a gramática](#)
- Dissertações espíritas.
 - [Papel dos médiuns nas comunicações \(Erasto\)](#)
 - [O Hospital Central \(Gérard de Nerval. A. Musset\)](#)
 - [A prece \(Fénelon\)](#)

Ensaio sobre a teoria da alucinação

Revista Espírita, julho de 1861

Aqueles que não admitem o mundo incorpóreo e invisível crêem tudo explicar pela palavra *alucinação*. A definição desta palavra é conhecida; é: Um erro, uma ilusão de uma pessoa que crê ter percepções que ela realmente não tem (Academia. Do latim *hallucinari*, erro; feito de *ad lucem*); mas os sábios dela não deram ainda, que saibamos, a razão fisiológica. A ótica e a fisiologia não parecem ter mais segredos para eles; como ocorre que não hajam ainda, de nenhum modo, explicado a fonte das imagens que se oferecem ao espírito em certas circunstâncias? Que seja real ou não, o alucinado vê alguma coisa; dir-se-á que ele crê ver, mas que não vê nada? Isto não é provável. Dizei, se quiserdes, que é uma imagem fantástica, seja; mas qual é a fonte dessa imagem, como se forma, como se reflete em seu cérebro? Eis o que não nos dizem. Seguramente, quando ele crê ver o diabo com seus cornos e suas garras, as chamas do inferno, animais fabulosos que não existem, a Lua e o Sol que se batem, é evidente que aí não há nenhuma realidade; mas se é um jogo de sua imaginação, como ocorre que descreve essas coisas como se estivessem presentes? Há, pois, diante dele um quadro, uma fantasmagoria qualquer; qual é, então, o espelho sobre o qual se pinta essa imagem? Qual é a causa que dá, a essa imagem, a forma, a cor e o movimento? É do que, em vão procuramos a solução na ciência. Uma vez que os sábios querem tudo explicar pelas leis da matéria, que dêem, pois, por essas mesmas leis, uma teoria da alucinação; boa ou má, isso será sempre uma explicação.

Os fatos provam que há verdadeiras aparições das quais a teoria espírita dá perfeitamente conta, e que só podem negar aqueles que não admitem nada fora do mundo visível; mas, ao lado dessas visões reais, há alucinações no sentido ligado a essa palavra? Isso não é duvidoso; o essencial é determinar os caracteres que podem fazê-las distinguir das aparições reais. Qual é a fonte dessas? São os Espíritos que vão nos colocar no caminho, porque a explicação nos parece inteiramente na resposta dada à pergunta seguinte:

Podem considerar-se, como aparições, as figuras e outras imagens que se apresentam, freqüentemente, no primeiro sono ou simplesmente quando se fecham os olhos?

"Desde que os sentidos se atordoam, o Espírito se desliga, e pode ver, ao longe ou perto, aquilo que não poderia ver com os seus olhos. Essas imagens são, algumas vezes, visões, mas podem ser também um efeito de impressões da visão de certos objetos deixadas no cérebro que delas conservam os traços, como conserva os dos sons. O Espírito desligado vê, então, em seu próprio cérebro essas impressões, que ali se fixaram como sobre uma placa de daguerreótipo. Sua variedade e sua mistura formam conjuntos bizarros e fugidios, que se apagam quase logo, apesar dos esforços que se faz para retê-los. É a uma causa semelhante que é necessário atribuir certas aparições fantásticas, que nada têm de real, e que se produzem, freqüentemente, no estado de enfermidade."

Está reconhecido que a memória é o resultado das impressões conservadas pelo cérebro. Por que singular fenômeno essas impressões, tão variadas, se multiplicam e não se confundem nunca? Está aí um mistério impenetrável, mas que não é mais estranho do que aquele das ondulações sonoras que se cruzam no ar e não se tornam, por isso, menos distintas. Num

cérebro sadio e bem organizado, essas impressões são limpas e precisas; em condições menos favoráveis, elas se apagam ou se confundem, como fazem as impressões de um carimbo sobre uma substância muito sólida ou muito fluida; daí a perda da memória ou a confusão das idéias. Isso parece menos extraordinário, se se admite, como em frenologia, uma destinação especial para cada parte, e mesmo para cada fibra do cérebro.

Essas imagens chegadas ao cérebro pelos olhos, aí deixam, pois, uma impressão que faz que se lembre de um quadro como se o tivesse diante de si; ocorre o mesmo com a impressão dos sons, dos odores, dos sabores, das palavras, dos nomes, etc. Como as fibras, órgãos destinados à recepção e à transmissão dessas impressões, estão aptas a conservá-las, têm-se a memória das formas, das cores, da música, dos números, das línguas, etc. Quando se representa uma cena que se viu, isso não é senão um assunto de memória, porque, em realidade, não se vê; mas, num certo estado de emancipação, a alma vê no cérebro e aí reencontra essas imagens, sobretudo aquelas que a feriu mais segundo a natureza das preocupações ou das disposições do espírito; ela aí reencontra a impressão das cenas religiosas, diabólicas, dramáticas ou outras que viu em uma outra época em pintura, em ação, em leituras ou relatos, porque as narrações deixam também impressões. Assim, a alma vê realmente alguma coisa; é a imagem de alguma sorte daguerreotipada no cérebro. No estado normal, essas imagens são fugidias e efêmeras, porque todas as partes cerebrais funcionam livremente; mas no estado de enfermidade, o cérebro está sempre mais ou menos enfraquecido; o equilíbrio não existe mais entre todos os órgãos; alguns somente conservam a sua atividade, ao passo que outros estão de algum modo paralisados; daí a permanência de certas imagens que não estão mais apagadas, como no estado normal, pelas preocupações da vida exterior; daí a verdadeira alucinação, a fonte primeira das idéias fixas. A idéia fixa é a lembrança exclusiva de uma impressão, a alucinação é a visão retrospectiva, pela alma, de uma imagem impressa no cérebro.

Como se vê, nos demos conta dessa anomalia aparente por uma lei toda fisiológica bem conhecida, a das impressões cerebrais; mas para nós sempre foi preciso intervir a alma, com as suas faculdades distintas da matéria; ora, se os materialistas não puderam ainda dar uma solução racional a esse fenômeno, é porque não querem admitir a alma, e que com o materialismo puro ele é inexplicável; também dirão que nossa explicação é má, porque fazemos intervir um agente contestado; contestado por quem? Por eles, mas admitido pela imensa maioria desde que há homens sobre a Terra, e a negação de alguns não pode fazer lei.

Nossa explicação é boa? Damo-la por aquilo que ela pode valer, e querendo-se, a título de hipótese, na espera de melhor; ela tem pelo menos a vantagem de dar, à alucinação, uma base, um corpo, uma razão de ser; ao passo que, quando os fisiologistas pronunciaram suas palavras sacramentais de superexcitação, de exaltação, de efeitos da imaginação, nada disseram, ou não disseram tudo, porque observaram todas as fases do fenômeno.

A imaginação desempenha também um papel que é necessário distinguir da alucinação propriamente dita, embora essas duas causas estejam freqüentemente reunidas; ela empresta a certos objetos formas que eles não têm, como faz ver uma figura na Lua ou animais nas nuvens. Sabe-se que, na obscuridade, os objetos revestem aparências bizarras, na falta de poder distinguir-lhes todas as partes, e porque os contornos aí não estão nitidamente acusados; quantas vezes, à noite, num quarto, uma veste dependurada, um vago reflexo luminoso, não pareceram ter uma forma humana aos olhos de pessoas que estão de sangue frio? Se o medo a isso se junta, ou uma credulidade exagerada, a imaginação faz o resto. Compreende-se, segundo isso, que a imaginação possa alterar a realidade das imagens percebidas durante a alucinação e lhes dar formas fantásticas.

As verdadeiras aparições têm um caráter que, para um observador experimentado, não permite confundi-las com os efeitos que acabamos de citar. Como podem ocorrer em pleno dia, deve-se desconfiar daquelas que se crê ver à noite, com medo de ser vítima de uma ilusão ótica. Aliás, nas aparições como em todos os outros fenômenos espíritas, o caráter inteligente é a melhor prova de sua realidade. Toda aparição que não dá nenhum sinal inteligente pode ser temerariamente colocada na classe das ilusões. Os Senhores materialistas devem ver que lhes concedemos larga margem.

Tal qual é, a nossa explicação dá a razão de todos os casos de visão? Certamente que não, e colocamos a todos os fisiologistas o desafio de dar uma só, de seu ponto de vista exclusivo, que as resolve todas; portanto, se todas as teorias da alucinação são insuficientes para explicar todos os fatos, é que há outra coisa a mais do que a alucinação propriamente dita, e essa alguma coisa não tem a sua solução senão na teoria Espírita, que as encerra todas. Com efeito, examinando-se com cuidado certos casos de visões muito freqüentes, ver-se-á que é impossível atribuir-lhes a mesma origem da alucinação. Procurando dar desta uma explicação provável, quisemos mostrar em que ela difere da aparição. Num e noutro caso, é sempre a alma que vê e não os olhos; no primeiro ela vê uma imagem interior, e no segundo uma coisa exterior, podendo-se assim exprimir. Quando uma pessoa ausente, da qual não se pensa de nenhum modo, que se a crê em muito boa saúde, se apresenta espontaneamente, então quando se está perfeitamente desperto, e vem revelar as particularidades de sua morte, que ocorreu nesse momento mesmo, e da qual, conseqüentemente, não se podia ter conhecimento, não se pode atribuir o fato nem a uma lembrança, nem a uma preocupação do espírito. Supondo que se tenham tido apreensões sobre a vida dessa pessoa, restaria ainda para explicar a coincidência do momento da morte com a aparição, e sobretudo as circunstâncias da morte, coisas que não se pode nem conhecer nem prever. Podem, pois, classificar-se entre as alucinações as visões fantásticas que nada têm de real, mas não ocorre o mesmo com aquelas que revelam atualidades positivas, confirmadas pelos acontecimentos; explicá-las pelas mesmas causas seria absurdo, e seria mais absurdo ainda atribuí-las ao acaso, essa razão suprema daqueles que nada têm a dizer. Só o Espiritismo pode dar-lhes uma razão pela dupla teoria do perispírito e da emancipação da alma; mas como crer na ação da alma, quando não se admite a alma?

Não tendo nenhuma conta do elemento espiritual, a ciência se encontra na impossibilidade de resolver uma multidão de fenômenos, e cai no absurdo querendo tudo relacionar ao elemento material. É na medicina, sobretudo, que o elemento espiritual desempenha um papel importante; quando os médicos derem conta dele, se enganarão menos freqüentemente do que não o fazem; aí haurirão uma luz que os guiará, mais seguramente, no diagnóstico e no tratamento das enfermidades. É o que se pode constatar, desde o presente, na prática dos médicos *espíritas*, cujo número aumenta todos os dias. Tendo a alucinação uma causa fisiológica, encontrará, disso estamos certos, um meio de combatê-la. Conhecemos um deles que, graças ao Espiritismo, está no caminho de descobertas da mais alta importância, porque o fez conhecer a verdadeira causa de certas afecções rebeldes à medicina materialista.

O fenômeno da aparição pode se produzir de duas maneiras: ou é o Espírito que vem encontrar a pessoa que vê; ou é o Espírito desta que se transporta e vai encontrar o outro. Os dois exemplos seguintes nos parecem caracterizar perfeitamente os dois casos.

Um dos nossos colegas nos contou recentemente que um oficial, de seus amigos, estando na África, teve diante de si o quadro de um cortejo fúnebre: era o de um de seus tios, que morava na França, e que não via há muito tempo. Viu distintamente toda a cerimônia, desde a saída da casa mortuária, à igreja, e o transporte ao cemitério; notou mesmo diversas particularidades das quais não podia ter idéia. Nesse momento estava desperto, e, todavia,

num certo estado de absorção do qual não saiu senão quando tudo desapareceu. Tocado por esta circunstância, escreveu para a França para ter notícias de seu tio, e soube que este, morrendo subitamente, fora enterrado no dia e hora em que a aparição ocorreu, e com as particularidades que ele vira. É evidente que, nesse caso não foi o enterro que veio procurá-lo, mas ele que foi procurar o enterro, do qual teve a percepção por um efeito de segunda vista.

Um médico de nosso conhecimento, o Sr. Félix Mallo, havia cuidado de uma jovem; mas, achando que o ar de Paris lhe era contrário, aconselhou-a a ir passar algum tempo com sua família, na província, o que ela fez. Há seis meses dela não ouvira falar e nem pensava nela mais, quando uma noite, pelas dez horas, estando em seu quarto de dormir, ouviu bater à porta de seu gabinete de consulta. Crendo que vinha ser chamado por um enfermo, disse-lhe para entrar; mas ficou muito surpreso em ver, diante de si, a jovem mulher em questão, pálida, com a roupa que a conhecera, e que lhe disse com um muito grande sangue frio: "Senhor Mallo, vim dizer-lhe que morri;" depois ela desapareceu. O médico, tendo se assegurado de que estava bem desperto, e que ninguém entrara, fez tomar informações, e soube que esta jovem mulher morrera na mesma noite que lhe aparecera. Aqui, foi bem o Espírito da mulher que veio procurá-lo. Os incrédulos não faltarão de dizer que o médico poderia estar preocupado com a saúde da sua antiga enferma, e que não há nada de espantoso naquilo que previu a sua morte; seja; mas, que expliquem o fato da coincidência de sua aparição com o momento de sua morte, então que há vários meses o médico dela não ouvira falar. Supondo mesmo que haja acreditado na impossibilidade de uma cura, poderia prever que ela morreria em tal dia e a tal hora? Devemos acrescentar que ele não é um homem a se ferir a imaginação.

Eis um outro fato não menos característico e que não se poderia atribuir a uma previsão qualquer. Um dos nossos sócios, oficial de marinha, estava no mar, quando viu seu pai e seu irmão lançados debaixo de uma viatura; o pai morto e o irmão sem nenhum mal. Quinze dias depois, tendo desembarcado na França, seus amigos procuraram prepará-lo para receber uma triste novidade. - Não tomeis tantas precauções, disse-lhes, eu sei o que quereis me dizer: Meu pai está morto; há quinze dias que o sei. Com efeito, seu pai e seu irmão, estando em Paris, desciam os Campos Elíseos numa viatura, o cavalo se enfureceu, a viatura foi quebrada, o pai morto e o irmão dali foi tirado com algumas contusões. Estes fatos são positivos, atuais, e não dirão que são lendas da Idade Média. Que cada um recolha as suas lembranças, e ver-se-á que são mais freqüentes do que não se crê. Perguntamos se têm algum dos caracteres da alucinação. Pedimos igualmente aos materialistas para dar uma explicação do fato relatado no artigo seguinte.

Uma aparição providencial

Revista Espírita, julho de 1861

Leu-se no *Oxford Chronicle* de 1º de junho de 1861:

"Em 1828, um navio que fazia as viagens de Liverpool a New Brunswick tinha por imediato um Sr. Robert Bruce. Estando perto dos bancos de Newfoundland, o capitão e o imediato calcularam em um dia sua rota, o primeiro em sua cabine e o segundo no quarto ao lado; as duas peças estavam dispostas de maneira que se podia ver e se falar de uma para a outra. Bruce, absorvido em seu trabalho, não percebeu que o capitão subiu para a ponte; sem olhar, disse-lhe: Eu encontro tal longitude; como é a vossa? Não recebendo resposta, repetiu sua pergunta, mas inutilmente. Ele avança então para a cabine e vê um homem sentado no lugar do capitão e escrevendo sobre a sua ardósia. O indivíduo se voltou, olhou Bruce fixamente, e este, terrificado, se lançou para a ponte. -Capitão, disse ele quando encontrou este último, quem pois está na vossa escrivaninha neste momento em vossa cabine? -Mas ninguém, eu presumo. - Eu vos certifico que há um estranho. - Um estranho! Sonhais, senhor Bruce; quem ousaria se meter em meu gabinete sem minhas ordens? Talvez vistes o contra-mestre ou o intendente. -Senhor, é um homem sentado em vossa poltrona e que escreve sobre a vossa ardósia. Ele me olhou na face, e o vi distintamente ou jamais vi ninguém neste mundo. - Ele! Quem? - Deus o sabe, senhor! Eu vi esse estranho que, em minha vida, não vi em outra parte. - Tornastes-vos louco, senhor Bruce; um estranho! E eis seis semanas que estamos no mar. - Eu o sei, e, entretanto, eu o vi. - Pois bem! Ide ver quem é. - Capitão, sabeis que não sou poltrão; não creio em fantasmas; entretanto, confesso que não desejo vê-lo sozinho em frente; gostaria que para ali fôssemos os dois. O capitão desceu primeiro, mas não encontrou ninguém. - Vedes bem, disse ele, que sonhastes. - Não sei como isso ocorreu, mas vos juro que estava ali há pouco e que escrevia sobre a vossa ardósia. - Nesse caso ali deve haver alguma coisa escrita. Ele tomou a ardósia e leu estas palavras: *Dirigi ao nordeste*. Tendo feito escrever essa mesmas palavras por Bruce, e por todos os homens da tripulação que sabiam escrever, constatou que a escrita não se assemelhava à de nenhum deles. Procuraram por todos os cantos do navio e não se descobriu nenhum estranho. O capitão, tendo consultado para saber se deveria seguir esse aviso misterioso, decidiu-se a mudar a direção e navegou para o nordeste, depois de colocar na vigia um homem seguro. Pelas três horas um pedaço de gelo foi assinalado, depois um navio desmastrado sobre o qual se viam vários homens. Chegando mais perto, soube-se que o navio havia rompido, as provisões esgotadas, a tripulação e os passageiros esfomeados. Enviaram embarcações para recolhê-los; mas, no momento em que chegavam a bordo, os Sr. Bruce, com grande estupefação, reconheceu entre os náufragos o homem que vira na cabine do capitão. Logo que a confusão se acalmou e que o navio retomou a sua rota, o Sr. Bruce disse ao capitão: - Parece que não foi um Espírito que vi hoje; ele está vivo; o homem que escrevia sobre a vossa ardósia é um dos passageiros que acabamos de salvar; ei-lo; eu o jurarei diante da justiça.

"O capitão indo até esse homem, convidou-o a descer em sua cabine e pediu-lhe para escrever sobre a ardósia, do lado oposto àquele onde se encontrava a escrita misteriosa: *Dirigi ao nordeste*. O passageiro, intrigado com esta pergunta, não se conformou de nenhum modo com isso. O capitão, tendo pegado a ardósia, virou-a sem disfarçar, e mostrando ao passageiro as palavras escritas precedentemente, disse-lhe: - Está bem aí a vossa escrita? - Sem dúvida, uma vez que acabo de escrever diante de vós. - E esta? acrescentou ele mostrando-lhe o outro lado. - Também esta é minha escrita; mas não sei como ela se fez, porque não escrevi senão de um lado. - Meu imediato, que aqui está, pretende vos ter visto

hoje, ao meio-dia, sentado diante desta escrivania e escrevendo estas palavras. - É impossível, uma vez que não me conduziram sobre este navio senão há um instante.

"O capitão do navio naufragado, perguntado sobre esse homem, e sobre o que poderia ter se passado de extraordinário nele na manhã, respondeu: - Eu não o conheço senão como um de meus passageiros; mas um pouco antes do meio-dia, ele caiu num sono profundo do qual não saiu senão depois de uma hora. Durante seu sono, ele expressou a confiança de que seríamos logo libertados, dizendo que se via a bordo de um navio do qual ele descreveu a espécie e os petrechos, em tudo conforme com aquilo que vimos alguns instantes depois. O passageiro acrescentou que não se lembrava nem deter sonhado, nem de ter escrito o que quer que seja, mas somente que tinha conservado do sonho um pressentimento do qual não se dava conta, de que um navio vinha em seu socorro. Uma coisa estranha, disse ele, é que tudo que está sobre este navio me parece familiar, e, todavia, estou muito seguro de nunca aqui ter vindo. Lá em cima o senhor Bruce contou-lhe as circunstâncias da aparição que tivera, e concluíram que esse fato fora providencial.

Esta história é perfeitamente autêntica; o senhor Robert Dale Owen, antigo ministro dos Estados Unidos em Nápoles, que a narrou igualmente em sua obra, cercou-se de todos os documentos que podem constatar-lhe a veracidade. Perguntamos se ela tem algum caráter da alucinação? Que a esperança, que não abandona jamais os infelizes, haja seguido o passageiro em seu sono, e fê-lo sonhar que seriam socorridos, isto se concebe; a coincidência do sonho com o socorro poderia ainda ser um efeito do acaso; mas como explicar a descrição do navio? Quanto ao Sr. Bruce, está certo que ele não sonhava; se a aparição fora uma ilusão, como explicar essa semelhança com o passageiro? Se foi ainda o acaso, a escrita sobre a ardósia é fato material. De onde viera o conselho, dado por esse meio, de navegar na direção dos naufragos, contrariamente à rota seguida pelo navio? Que os Srs. alucionacionistas consentam em nos dizer como, com seu sistema exclusivo, poderão dar razão a todas essas circunstâncias. Nos fenômenos espíritas provocados, eles têm o recurso de dizer que há fraude; mas aqui é quase provável que o passageiro haja desempenhado uma comédia. É nisso que os fenômenos espontâneos, quando são apoiados sobre testemunhos irrecusáveis, são de muito grande importância, porque não se pode suspeitar de nenhuma conivência.

Esse fato, para os Espíritas, nada tem de extraordinário, porque disso eles se dão conta; aos olhos dos ignorantes parecerá sobrenatural, maravilhoso; para quem conhece a teoria do perispírito, da emancipação da alma entre os vivos, ele não sai das leis da Natureza. Um crítico se divertiu muito com a história do Homem da tabaqueira, que narramos na *Revista* do mês de março de 1859, dizendo que era efeito da imaginação da senhora enferma; que tem ela de mais impossível do que esta? Os dois fatos se explicam exatamente pela mesma lei que rege as relações do Espírito e da matéria. Perguntamos, além disso, a todos os Espíritas que estudaram a teoria dos fenômenos, se, lendo o fato que acabamos de narrar, sua atenção não é imediatamente levada sobre a maneira pela qual ele deve ter-se produzido; se não o são explicados; se, dessa explicação, não concluíram na possibilidade, e se, em consequência dessa possibilidade, não lhe interessaram mais do que se tivessem que aceitá-lo unicamente com os olhos da fé, sem a isso juntar o assentimento de sua inteligência? Aqueles que o censuram por ter dado essa teoria, esquecem que ela é o resultado de longos e pacientes estudos, que poderiam ter feito como nós, trabalhando tanto quanto o fizemos e o fazemos todos os dias; que dando os meios de se dar conta desses fenômenos, a eles demos uma base, uma razão de ser que deteve mais de um crítico, e contribuiu, por uma grande parte, para propagação do Espiritismo, tendo em vista que se aceita, com mais boa vontade, o que se compreende do que o que não se compreende.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, julho de 1861

Os amigos não nos esquecem no outro mundo.

Um dos nossos assinantes nos transmite a conversa seguinte que teve com um de seus amigos, cuja perda lhe fora muito sensível, por intermédio de um médium estranho, não sendo ele mesmo médium. Além da elevação notável dos pensamentos, ver-se-á a prova de que os laços formados sobre a Terra, quando são sinceros, não são rompidos pela morte.

Primeira conversa, em 28 de dezembro de 1860.

1. Evocação. Prece ao Espírito de Jules P..., que me foi tão querido, para consentir comunicar-se comigo. - R. Caro amigo, venho a teu chamado; venho com tanto mais solicitude quanto não podia esperar comunicar-me contigo senão num tempo ainda recebido pela vontade de Deus. Quanto me é doce ver esse tempo abreviado pela tua vontade, e poder te dizer quanto a prova que sofri sobre a Terra serviu para o meu adiantamento! Embora errante ainda, me sinto muito feliz, sem outro pensamento senão o entusiasmo pelas obras de Deus, que me permite gozar de todos os prodígios que ele tenha a bondade de deixar à minha disposição, deixando-me esperar uma reencarnação num mundo superior, onde seguirei a gradação afortunada que me elevará à suprema felicidade. Possas, caro amigo, ouvindo-me, ver em minhas palavras um presságio do que te espera! Eu virei, no último dia, tomar-te pela mão para te mostrar o caminho que já percorri, desde algum tempo, com tanta alegria. Encontrar-me-ás como guia, como na vida terrestre me encontrastes como amigo fiel.

2. Que eu possa contar com o teu concurso, caro amigo, para chegar ao objetivo feliz que me deixastes entrever?"- R. Ficai tranqüilo; eu farei o meu possível para te fazer avançar nesse caminho onde ambos nos reencontraremos, com tanta emoção e prazer; eu virei, como outrora, dar-te todas as provas de bondade de coração, às quais fostes sempre tão sensível.

3. Devo concluir de tua linguagem que és mais feliz do que não o eras quando de tua última existência? - R. Sem contradita, meu amigo, muito feliz, não poderia bastante repeti-lo. Que diferença! Não mais tédio, não mais tristeza, não mais sofrimentos corpóreos e morais; e, com isso a visão de tudo o que nos foi caro! Frequentemente estive contigo, ao teu lado; quantas vezes eu te segui em tua liça! Eu te via quando tu não me supunhas tão perto de ti, tu que me acreditavas perdido para sempre. Meu querido amigo, a vida é preciosa para o Espírito; tanto mais preciosa quanto ela é doce e pode fazê-la servir, como sobre a Terra, para o seu adiantamento celeste. Fica bem persuadido de que tudo concorda nos decretos divinos para tornar as criaturas de Deus mais felizes, e que basta, de sua parte, ter um coração para amar, e curvar a cabeça para ser humilde; eleva-se então mais alto do que se

poderia esperar.

4. Que desejas de mim que possa te dar prazer? - R. Teu pensamento revestido de uma flor.

Nota. Uma discussão tendo se estabelecido sobre o sentido desta resposta, o Espírito acrescentou:

Quando eu digo que o pensamento revestido de uma flor, digo que colhendo flores, deves pensar algumas vezes em mim. Compreendes que quero, tanto quanto possível, me reproduzir sob um de teus sentidos, atingindo-te agradavelmente.

5. Adeus, caro amigo; aproveitarei com prazer a próxima ocasião que tiver para te evocar. - R. Eu te esperarei com impaciência. Até breve, caro amigo.

Segunda conversa, em 31 de dezembro.

6. Evocação. Novo pedido ao meu amigo para que consinta dar-me uma comunicação, no interesse de minha instrução. - R. Eis-me aqui de novo, caro amigo; eu não peço mais do que vir dizer-te, ainda uma vez, o quanto me foste caro. Disso quero te dar uma prova me elevando às mais altas considerações. Sim, meu amigo, a matéria não é nada; tratai-a duramente; não temas nada, o Espírito é tudo; só ele se perpetua e não deve jamais cessar de viver, nem de percorrer os caminhos que Deus lhe traça. Ele se detém, por vezes, nas bordas escarpadas para retomar alento; mas quando volta os olhos para o Criador, ele retoma coragem e supera rapidamente as dificuldades que encontra, se eleva, e admira a bondade de seu senhor que lhe distribui na medida as forças das quais tem necessidade. Então avança; o céu se apresenta aos seus olhos, ao seu coração; ele caminha, e logo torna-se digno do destino celeste que entrevê. Caro amigo, não temas mais nada; sinto em mim a coragem dobrada, as forças decuplicadas, desde que deixei a vossa Terra; não duvido mais da felicidade predita que, comparada àquilo que desfruto, será tão superior quanto a mais brilhante das pedras preciosas o é ao mais simples anel. Assim, vês quanto há de grandeza nas vontades celestes, e que será bem difícil para os humanos apreciá-las, pesar-lhes os resultados! A vossa linguagem também nos serve dificilmente, quando queremos exprimir o que deve vos parecer incompreensível.

7. Nada tens a acrescentar ao belos pensamentos que acabas de exprimir? - R. Sem dúvida não terminei; mas quis te dar uma prova de minha identidade. Quando quiseres, dar-te-ei novas.

Nota. Essas provas de identidade são aqui todas morais e não ressaltam de nenhum sinal material, nem de nenhuma dessas perguntas pueris que algumas pessoas fazem freqüentemente com esse objetivo. As provas morais são as melhores e as mais seguras, tendo em vista que os sinais materiais podem sempre serem imitados por Espíritos enganadores; aqui, o Espírito se fez reconhecer pelos seus pensamentos, seu caráter, a elevação e a nobreza do estilo. Um Espírito enganador poderia certamente tentar imitá-las sob esse aspecto, mas isso não seria jamais senão uma imitação grosseira, e como o fundo faltaria nela, não poderia imitar senão a forma, e, aliás, não poderia sustentar por muito tempo o seu papel. 8. Uma vez que estás nessa disposição benevolente, ficaria feliz em aproveitá-la agora, e pedir-te para consentir em continuar. -R. Eu te direi: abre o livro de teus destinos; o Evangelho, meu amigo, te dará a compreender muitas coisas que eu não saberia exprimir. Deixa a letra; toma o espírito desse livro sagrado, e nele encontrarás todas

as consolações que são necessárias ao teu coração. Não te inquietes com termos obscuros; procura o pensamento, e o teu coração interpretará como deve interpretá-lo. Estou agora mais a par, e confesso o erro que nós, Espíritos, fizemos em considerá-lo tão friamente quando vivos. Reconheço, hoje, que felizmente servi para meu coração, entendendo mais os ensinamentos preciosos que o Divino Mestre nos deixou, teria podido nele haurir mais recursos que me escaparam.

9. Obrigado e adeus, caro amigo; aproveitarei com prazer a primeira ocasião de te evocar. -
R. Virei então como vim, hoje, não duvides disso; farei com o meu melhor.

Correspondência

Revista Espírita, julho de 1861

Carta do Presidente da Sociedade Espírita do México.

México, 16 de abril de 1861.

Ao senhor Allan Kardec, em Paris.

Senhor,

Meu amigo, Sr. Viseur, na sua penúltima carta, manifestou-me o desejo de que experimentásseis conhecer o objetivo e as tendências da Sociedade Espírita que eu presido no México. É com o maior prazer, e a mais viva simpatia pelas vossas profundas luzes com respeito a essa matéria, que vos dirijo esta curta exposição do histórico do Espiritismo neste país, rogando-vos considerar a nossa fraca experiência, mas também de nos contar entre vós como fervorosos adeptos.

Muito tempo depois de vós, senhor, tivemos a felicidade de conhecer esta doce verdade, que os Espíritos ou almas de pessoas mortas podem comunicar-se com os vivos. Apesar de umas publicações vindas do Norte, nossa atenção e nossa curiosidade não estando despertas, e não nos demos a pena de procurar o que se entendia pelas manifestações espirituais; não foi senão vosso *O Livro dos Espíritos*, chegado felizmente entre nós, que nos fez abrir os olhos e nos convenceu da realidade dos fatos que se propagam com tanta rapidez sobre todos os pontos do globo, fazendo-nos compreendê-lo. Começamos, então, a fazer pesquisas e experiências, tomando a tarefa de nos formar, por um trabalho constante, para receber as manifestações. Os conselhos que haurimos no vosso excelente livro nos fizeram conhecer esta grande verdade, que, depois da morte, a alma existe, e que podemos nos comunicar com aquelas que nos foram queridas sobre a Terra.

Eu não renderia homenagem à verdade, se vos dissesse que fomos os primeiros aqui a ter conhecimento das manifestações; várias pessoas de nossa cidade delas já se ocupavam, o que não soubemos senão mais tarde. O princípio da reencarnação foi aquele que mais nos admirou à primeira vista, mas as nossas comunicações com os Espíritos de uma ordem que reconhecemos, pela sua linguagem, por seres superiores, não nos permitiram duvidar de uma crença que tudo prova estar na ordem das coisas e conforme a onipotente justiça de Deus. Um fato que prova a bondade e a superioridade dos Espíritos que nos assistem é que restituem a saúde àqueles que sofrem corporalmente, e a calma e a resignação às aflições espirituais. A simples lógica nos diz que o bem não pode vir senão de uma boa fonte; mas seríamos muito presunçosos colocando-nos como campeões capazes dessa sublime doutrina; a vós, senhor, pertence o direito de nos esclarecer, como o provam os trabalhos saídos do seio de vossa Sociedade.

Formamos uma sociedade composta de membros experimentados na crença espírita, e recebemos em nosso seio todo indivíduo que quer ser esclarecido. As leis fundamentais que nos regem são a unidade de princípios, a fraternidade entre os membros, e a caridade para todo aquele que sofre. Eis, senhor, como as idéias espíritas se difundiram neste país, e,

podemos dizê-lo com satisfação, se propagaram além de nossas esperanças. Se julgais a propósito consentir nos guiar pelos vossos bons conselhos, recebê-los-emos sempre; com um vivo reconhecimento e como um testemunho de simpatia de vossa parte. Aceitai, etc.

CH. GOURGERS.

No mesmo dia em que nos chegou esta carta do México, recebemos a seguinte de Constantinopla.

Constantinopla, 28 de maio de 1861.

Ao senhor Allan Kardec, diretor da Revista Espírita.

Senhor,

Permiti-me vir, tanto em meu nome pessoal quanto em nome de meus amigos e irmãos Espiritualistas desta cidade, vos oferecer dois pequenos presentes, como lembrança, não de pessoas que não conheceis ainda, e que não têm a honra de vos conhecer senão pelas vossas obras, mas aceitai-os em testemunho dos sentimentos de confraternização que devem unir os Espiritualistas de todos os países. Aceitá-los-eis, também, porque são uma prova de fenômenos tão sublimes quanto extraordinários do Espiritismo. Aceitá-los-eis, e fareis as honras de um quadro à nossa boa Sofia, porque é em seu nome e em nome de sua irmã Angélica, que o Espiritismo se desenvolve e se propaga em Constantinopla, esta capital do Oriente, tão comovente pelas suas lembranças históricas. Verdadeira torre de Babel, é a cidade que reúne todas as seitas religiosas, todas as nações, e na qual se falam todas as línguas. Figurai-vos o Espiritismo se propagando de repente no meio de tudo isso... que imenso ponto de partida! Somos ainda em pequeno número, mas esse número aumenta todos os dias e faz a bola de neve; espero que dentro em pouco nos contaremos às centenas.

As manifestações obtidas por nós, até este dia, são o erguimento de mesas, das quais uma, de mais de cem quilos, se elevou, leve como uma pluma, acima das nossas cabeças; as pancadas dadas pelos Espíritos; os raptos, etc. Estamos nas aparições de Espíritos, visíveis para todos; conseguiremos isso? Eles nos prometeram: nós esperamos. Temos já um grande número de médiuns escreventes; outros fazem desenhos; outros compõem trechos de música, então mesmo quando ignoram essas diferentes artes. Vimos, seguimos e estudamos diferentes Espíritos de todos os gêneros e de todas as qualidades. Alguns de nossos médiuns têm visões, êxtases; outros executam mediunicamente ao piano músicas inspiradas pelos Espíritos. Duas jovens senhoritas, que nunca nada viram nem leram do magnetismo, magnetizam todas as espécies de males, pela ação dos Espíritos, que as fazem agir da maneira mais científica.

Eis, Senhor, um resumo do que fizemos em Espiritismo até este dia. Para melhor vos fazer julgar de nossos trabalhos em revelações espirituais, eis o resultado de algumas sessões por meio da mesa.

(Seguem-se em diversas comunicações morais de uma ordem muito elevada, das quais a Sociedade ouviu a leitura com o mais vivo interesse.)

Se achardes que essas revelações podem interessar à propagação da nova ciência Espiritualista ou Espírita, porque, para mim como para meus amigos, o título não faz absolutamente nada à coisa, da qual não muda nem a forma nem o fundo, eu terei prazer de

enviar-vos algumas sessões instrutivas, ao mesmo tempo que concludentes, do ponto de vista da prova das manifestações espirituais.

Logo, todos os Espiritualistas não deverão formar senão um único feixe, uma só e mesma família. Não somos todos irmãos e filhos do mesmo pai, que é Deus? Eis os primeiros princípios que os Espiritualistas devem pregar ao gênero humano, sem distinção de classe, de país, de língua, de seita nem de fortuna.

Aceitai, etc.

REPOS, advogado.

Esta carta estava acompanhada de um desenho representando uma cabeça de tamanho natural muito corretamente executada, embora o médium não saiba desenhar, e de um trecho de música, palavras, canto e acompanhamento de piano, intitulado: *O Es-piritualismo*; e tudo com essa dedicatória: "Oferta em nome dos Espiritualistas de Constantinopla ao Sr. Allan Kardec, diretor da *Revista Espírita*, em Paris."

No trecho de música, só o canto e as palavras foram obtidos por via mediúnica; o acompanhamento foi feito por um artista.

Se publicássemos todas as cartas de adesão que recebemos, ser-nos-ia necessário a isso consagrar volumes. Ver-se-iam milhares de vezes repetidas a expressão de um tocante reconhecimento para com a Doutrina Espírita. Muitas dessas cartas, aliás, são muito íntimas para serem comunicadas. As duas que reproduzimos acima têm um interesse geral, como prova a extensão que, de todos os lados, toma o Espiritismo, e do ponto de vista sério sob o qual ele é agora encarado, muito longe, como se vê, do divertimento das mesas girantes; por toda parte compreendem-lhe as conseqüências morais, e o consideram como uma base providencial das reformas prometidas à Humanidade. Estamos felizes em dar por ali um testemunho de simpatia e um encorajamento aos nossos confrades distantes. Esse laço, que já existe entre os Espíritos dos diferentes pontos do globo, e que se não conhece senão pela conformidade da crença, não é um sintoma daquilo que será mais tarde? Esse laço é uma conseqüência natural dos princípios que decorrem do Espiritismo; não pode ser rompido senão por aqueles que lhe desconhecem a lei fundamental: a caridade para com todos.

Os desenhos misteriosos

Revista Espírita, julho de 1861

Novo gênero de mediunidade.

Sob este título, o *Herald of progress*, de Nova Iorque, jornal consagrado às matérias espiritualistas, sob a direção de Andrew Jackson Davis, contém o relato seguinte:

"No dia 22 de novembro último, o doutor Hallock foi convidado, com outras pessoas, para a casa da senhora French, nº 8, 4ª avenida, para ser testemunha de diferentes manifestações espíritas, e ver as evoluções de um lápis. Pelas oito horas, a Sra. French deixou o quarto onde a companhia estava reunida e sentou-se sobre um canapé num quarto ao lado; ela não deixou seu assento durante toda a noite. Pouco depois que ela se sentou parece ter estado numa espécie de êxtase, seus olhos fixos e desvairados. Ela pediu ao doutor Hallock e ao professor Britton para examinarem o quarto. Encontram sobre a cama em frente ao lugar onde ela estava sentada uma pasta para papéis fechada com uma fita de seda e uma garrafa contendo vinho para servir na experiência; o papel que deveria servir para fazer os desenhos estava na pasta. Fomos convidados, disse o doutor Hallock, a não tocar na pasta nem na garrafa. Vários lápis e dois pedaços de borracha elástica estavam igualmente sobre o leito, mas no resto do quarto não se encontravam nem desenho nem papel. Depois dessa procura, o Sr. Cuberton foi rogado, pela Sra. French, a tomar a pasta, levá-la ao quarto ocupado pelos convidados, abri-la e tirar-lhe o conteúdo. Havia papel comum, dos quais seis folhas de diferentes tamanhos foram tomadas das mãos do Sr. Cuberton pela Sra. French e colocadas sobre uma mesa, que estava diante dela. Esta pediu alfinetes, e pegando uma faixa de papel de cinco ou seis polegadas de comprimento que colocou sobre a borda inferior do papel, prendeu as duas bordas do papel à faixa. Feito isso, uma pessoa foi rogada a pegar o papel e de fazê-lo examinar pela sociedade, a reter a faixa e os alfinetes e lhe devolver a folha. A mesma coisa foi feita para as outras folhas, e cada vez os alfinetes eram colocados em número e em lugares diferentes, e cada folha remetida a uma outra pessoa, com o objetivo de reconhecer o papel por meio dos traços que deveria corresponder aos das faixas. Sendo examinadas todas as folhas e devolvidas à Sra. French, o Sr. Cuberton pediu o vinho e lhe deu. Ela posou as folhas sobre a mesa, derramou sobre cada uma quantidade de vinho suficiente para molhá-la inteiramente, estendendo-a com a palma da mão. Em seguida ela se ocupou em secá-las, espremendo as folhas uma por uma, rolando-as, soprando em cima e agitando-as no ar. Isso durou alguns minutos; depois ela fez abaixar a mecha da lâmpada e aproximar os convidados. É necessário dizer que, durante a operação da molhadura, uma das folhas de papel se tornou muito seca, e que foi necessário recomeçar a operação. (O vinho era uma simples mistura de suco de uva e de açúcar, autorizado pelo Estado, e produção da Nova Inglaterra.) A Sra. French fez então reintegrar a luz e pediu às pessoas para virem sentar-se junto da porta onde ela estava: o Sr. Gurney, o professor Britton, o doutor Warner e o doutor Hallock estavam a seis pés dela, e os outros em plena vista.

"Colocando uma das folhas de papel sobre a mesa diante dela, dispôs vários lápis entre seus dedos; o doutor Hallock não a perdia de vista, assim como prometera fazê-lo. Estando tudo pronto, a Sra. French, para advertir que a experiência iria começar, gritou: *Time* (Tempo); então viu-se um movimento rápido da mão, e durante um momento duas mãos; ouviu-se um ruído vivamente repetido sobre o papel; os lápis e o papel foram lançados a alguma distância sobre o soalho, como por um movimento nervoso; isso durou vinte e um segundos. O

desenho representa um buquê de flores, consistindo em jacintos, lírios, tulipas, etc.

"Operaram-se sucessivamente sobre as outras folhas. O nº 2 é também um número de flores. O nº 3 é um muito bonito cacho de uvas com seu talo, suas folhas, etc.; foi feito em vinte e um segundos. O nº 4 é um caule e folhas com cinco grupos de frutas semelhantes aos damascos; as folhas são uma espécie de feto. Quando se preparava para esta folha, a Sra. French perguntou quanto tempo se lhe dava para a execução; uns disseram dez segundos, outros menos. Bem, disse a Sra. French, quando eu disser: *um*, olhai em vossos relógios; na palavra *quatro*, o desenho estará acabado. Atenção! Um, dois, três, quatro, e o desenho foi feito, quer dizer, em quatro segundos. O nº 5 representa um ramo de groselheira, do qual partem doze cachos de groselhas verdes com folhas e flores, cercado de folhas de uma outra espécie. Este desenho foi apresentado pela senhora French, estando em êxtase, ao Sr. Bruckmaster, de Pittsburg, como vindo do Espírito de sua irmã, em execução da promessa que esse Espírito lhe fizera. O tempo empregado foi de dois segundos. O nº 6 que, talvez, pode ser considerado como uma obra-prima da série, é um desenho de 9 polegadas por 4; consiste de flores e folhas em branco sobre fundo sombreado; quer dizer, que o desenho é da cor natural do papel, os contornos marcados e os interiores coloridos pelo lápis. Salvo outros dois desenhos produzidos da mesma maneira em uma outra ocasião, eles são sempre com lápis sobre o fundo branco. No centro desse grupo de flores, e ao pé da página, está uma mão tendo um livro aberto de 1 polegada e um quarto por três quartos; os cantos não estão exatamente em ângulos direitos; mas o que é muito curioso, os furos dos alfinetes feitos primitivamente para reconhecer o papel, marcam os quatro cantos do livro. Sobre o alto esquerdo da página está escrito: *Galatians vi*, e em seguida os seis primeiros versículos e uma parte do décimo sexto desse capítulo que cobrem quase as duas páginas inteiras em caracteres muito legíveis com uma boa luz, a olho nu, ou com uma lupa. Contam-se mais de cem palavras bem escritas. O tempo empregado foi treze segundos. Quando se constatou a coincidência dos furos do papel com os da faixa, a senhora French, ainda em êxtase, pediu às pessoas presentes que certificassem por escrito o que elas acabavam de ver. Então escreveu-se na margem do desenho o que se segue: "Executado em treze segundos, em nossa presença, pela senhora French; certificado pelos abaixo-assinados, 22 de novembro de 1860, nº 8, 4ª avenida. Seguem-se dezenove assinaturas."

Não temos nenhum motivo para duvidar da autenticidade do fato, nem para suspeitar da boa fé da Sra. French, que não conhecemos; mas convir-se-á que essa maneira de proceder teria alguma coisa de pouco convincente para os nossos incrédulos, aos quais não faltariam objeções a fazer, e que diriam que todos esses preparativos têm muito um ar de família com os da prestidigitação que faz as mesmas coisas sem tantos embaraços aparentes; confessamos estar um pouco com a sua opinião. Que os desenhos foram produzidos, é incontestável; só a origem não nos parece provada de maneira autêntica. Qualquer que ela seja, admitindo-se que não houve nenhuma fraude, é sem contradita um fato dos mais curiosos *de escrita e de desenhos diretos*, dos quais a teoria nos explica a possibilidade. Sem essa teoria, semelhantes fatos seriam à primeira vista relegados entre as fábulas ou os torneios de escamoteação; mas por isso mesmo que ela nos fez conhecer as condições nas quais os fenômenos podem produzir-se, ela deve nos tomar tanto mais circunspectos para não aceitá-los senão conscientemente.

Os médiuns americanos têm, decididamente, uma especialidade para a produção de fenômenos extraordinários, porque os jornais do país estão cheios de uma multidão de fatos desse gênero, dos quais os nossos médiuns europeus estão longe de se aproximarem; também diz-se, do outro lado do Atlântico, que nós estamos ainda muito atrasados em *Espiritismo*. Quando perguntamos aos Espíritos a razão dessa diferença, eles nos responderam: "A cada um seu papel; o vosso não é o mesmo, e Deus não vos deu a menor

parte na obra regeneradora." A considerar o mérito dos médiuns, do ponto de vista da rapidez da execução, da energia e do poder dos efeitos, os nossos são pálidos ao lado daqueles, e, todavia, conhecemos muitos deles que não mudariam, as simples e consoladoras comunicações que obtêm, contra os prodígios de médiuns americanos; elas bastam para lhes dar a fé, e preferem o que toca a alma ao que fere os olhos; a moral que consola e torna melhor aos fenômenos que todos admiram. Por um instante na Europa preocuparam-se com fatos materiais; mas logo foram negligenciados pela filosofia que abre um campo mais vasto ao pensamento, e tende ao objetivo final e providencial do Espiritismo: a regeneração social. Cada povo tem seu gênio particular e suas tendências especiais, e que cada um, nos limites que lhes são assinalados, concorre aos objetivos da Providência. O mais avançado será aquele que caminhar mais depressa na via do progresso moral, porque é este que mais se aproximará dos desígnios de Deus.

Exploração do Espiritismo

Revista Espírita, julho de 1861

A América do Norte reivindica, a justo título, a honra de ser a primeira, nestes últimos tempos, a revelar as manifestações de além-túmulo; por que é necessário que ela seja também a primeira a dar o exemplo do tráfico, e que nesse povo, tão avançado em tantos aspectos, e tão digno de nossas simpatias, o instinto mercantil não seja detido no limiar da vida eterna? Que se leiam seus jornais, e ver-se-ão, em cada página, anúncios como este:

"Mistress S.E. Royers, sonâmbula, médium-médica, cura psicologicamente por simpatia. Tratamento comum, se necessário. -Descrição da aparência, da moralidade e do Espírito das pessoas.

Das dez horas ao meio-dia; das duas às cinco; das sete às dez da noite; às quartas-feiras, sábados e exceto domingos, se não for por, assinatura. Preço 1 dólar por hora (5 fr. 42 c.)."

Pensamos que a simpatia desse médium, pelos seus doentes, deve estar em razão direta do número de dólares que se lhe são pagos. Cremos supérfluo dar os endereços.

"Mistress E.C. Morris, médium escrevente: das dez horas ao meio-dia; das duas às quatro; das sete às nove da noite."

"J.B. Conklin, médium; recebe os visitantes todos os dias e todas as noites nos seus salões. Atende-se a domicilio."

"A.C. Styles, médium lúcido, garante o diagnóstico exato da enfermidade da pessoa presente, sob perda dos honorários. Regras que são estritamente observadas: Para um exame lúcido e as prescrições, quando a pessoa está presente, 2 dol. para descrições psicométricas dos caracteres, 3 dol. Não esquecer que as consultas são pagas adiantadamente."

"Aos amantes do Espiritualismo. Mistress Beck, médium crisíaca, falante, soletradora, por pancadas e raspaduras. Os verdadeiros observadores podem consultá-la das nove horas da manhã às dez horas da noite, em sua casa. Um médium batedor muito poderoso está associado à mistress Beck."

Crê-se que esse comércio não seja o fato senão de obscuros e ignorantes especuladores? Eis o que prova o contrário:

"O doutor G.A. Redman, médium experimentado, está de volta à cidade de Nova Iorque; é encontrado em seu domicílio onde recebe como outrora."

O tráfico do Espiritualismo estendeu-se até aos objetos usuais; assim é que lemos no *Spiritual Telegraph*, de Nova Iorque, o anúncio de "*fósforos espirituais*; nova invenção sem esfregões e sem odor."

O que é mais honroso para o país do que esses anúncios, é o artigo adiante que encontramos

no *Weekly American*, de Baltimore, de 5 de fevereiro de 1859.

"*Estatística do Espiritualismo*. O *Spiritual Register*, de 1859, estima o número de Espiritualistas dos Estados Unidos em 1.284.000. Em Maryland há 8.000 deles. O número total no mundo está avaliado em 1.900.000. O *Register* conta 1.000 oradores espiritualistas, 40.000 médiuns, tanto públicos como privados; 500 livros e brochuras, 6 jornais hebdomadários, 4 mensais e 3 semi-mensais consagrados a essa causa."

Os médiuns especuladores ganharam a Inglaterra; contam-se em Londres vários que não tomam menos de um guinéu por sessão. Esperamos que, se tentarem se introduzir na França, o bom senso dos verdadeiros Espíritos lhes fará justiça.

A produção de efeitos materiais excita mais a curiosidade do que toca o coração; daí, nos médiuns que têm uma aptidão especial para obter esses efeitos, uma propensão a explorar essa curiosidade; aqueles que não têm senão comunicações morais, de uma ordem elevada, têm uma repugnância instintiva por tudo o que cheira a especulação nesse gênero. Há por isso, entre os primeiros, um duplo motivo: é primeiro que a exploração da curiosidade é mais lucrativa, porque os curiosos são muitos em todos os países; em segundo lugar, porque os fenômenos físicos agem menos sobre o moral, há neles menos escrúpulo; sua faculdade é, aos seus olhos, um dom que deve fazê-los viver, como uma bela voz para o cantor; a questão moral é secundária ou nula. Também, uma vez entrados nesse caminho, a atração do ganho desenvolve o gênio da astúcia; como é necessário ganhar seu dinheiro, não se quer falhar na sua reputação de habilidade ficando para trás. Aliás, quem sabe se o cliente que vem hoje virá amanhã? É necessário, pois, satisfazê-lo a todo preço, e se o Espírito não dá nada, vem-se em sua ajuda, o que é muito de outro modo fácil para os fatos materiais do que para as comunicações inteligentes de uma alta importância moral e filosófica; a prestidigitação tem para os primeiros recursos que fazem absolutamente falta para os outros. Eis porque dizemos que, antes de tudo, é necessário considerar a moralidade do médium; que a melhor garantia contra a fraude está no seu caráter, sua honradez, seu desinteresse absoluto; por toda parte onde desliza a sombra do interesse, por mínimo que seja, se está em direito de suspeição. A fraude é sempre culpável, mas quando se prende às coisas da ordem moral, ela é sacrilégio. Aquele que, não conhecendo o Espiritismo senão de nome, procura imitar-lhe os efeitos, não é mais repreensível do que o saltimbanco que imita as experiências do sábio físico; melhor valeria, sem dúvida, que isso não ocorresse, mas em realidade ele não engana ninguém, porque não faz mistério de sua qualidade: não esconde senão os seus meios. De outro modo há aquele que conhece a santidade daquilo que arremeda no ignóbil objetivo de especulação; é mais do que da fraude, é a hipocrisia, porque dá-se por aquilo que não é; é ainda mais culpável se, possuindo em realidade algumas faculdades, delas se servem para melhor abusar da confiança que lhe são concedidas; mas Deus sabe o que lhe reserva talvez desde este mundo. Se os falsos médiuns não fizessem mal senão a si mesmos, não haveria senão semimal; o mais deplorável são as armas que fornecem aos incrédulos, e o descrédito que lançam sobre a coisa no espírito dos indecisos, desde que a fraude é reconhecida. Não contestamos as faculdades, mesmo poderosas, de certos médiuns mercenários, mas dizemos que a atração do ganho é uma tentação de fraude que deve inspirar uma desconfiança tanto mais legítima quanto não se pode ver, nessa exploração, o efeito de um excesso de zelo pelo único bem da coisa. Nisso não haveria mesmo fraude, a sua censura não deveria atingir menos aquele que especula sobre uma coisa tão sagrada quanto as almas dos mortos.

Variedades

Revista Espírita, julho de 1861

As visões do Sr. O.

Extraímos o relato seguinte do *Spiritual Magazine*, publicado em Londres, número de abril de 1861.

"O Sr. O..., gentil-homem de Gloucestershire, jamais tinha tido visões até o momento que veio morar em P..., em 3 de outubro de 1859. Em torno de quinze dias depois de sua chegada, começou a ver à noite; no início eram raios luminosos que vinham clarear seu quarto, passando pela janela; deu-lhes pouca atenção, atribuindo isso à lanterna de um vigilante ou a um longo relâmpago. Entretanto, uma noite em que fixava seus olhos sobre a parede de seu quarto, viu se formar uma rosa e em seguida estrelas de diversas formas. Uma outra noite viu, na misteriosa luz, dois anjos magníficos tendo uma trombeta. Naquela noite o Sr. O... se retirara mais cedo que de costume por causa de uma ligeira indisposição que sentira. A presença desses dois anjos, que durou um ou dois segundos, fê-lo sentir uma doce sensação, que durou mesmo depois de sua partida.

Na semana seguinte a mesma luz lhe apareceu com a figura de uma criança abraçando um pequeno gato. Várias outras figuras apareceram do mesmo modo, mas muito obscuras para serem distinguidas. Em março, o perfil de uma senhora cercada de um círculo luminoso; reconheceu sua mãe, e gritou todo feliz: Minha mãe! Minha mãe! Mas essa visão desvaneceu-se logo. Na mesma noite, viu uma bela senhora, em roupa de cidade, com um chapéu na cabeça.

Uma ou duas noites depois ele viu um lindo e pequeno cão e um pequeno rapaz. Uma luz apareceu-lhe em seguida, semelhante àquela de uma janela cujo contorno não estava nitidamente marcado, o que se renovou quatro vezes, e as três primeiras vezes durante cerca de meio minuto. O Sr. O... se recolheu e procurou adivinhar o sentido dessa visão, e acreditou que ela significava que não tinha mais que três anos ou três meses para viver. A luz retornou ainda uma vez; o Sr. O... se levantou sobre seu assento e a luz desapareceu ao cabo de um minuto.

"Em 3 de abril ele viu uma luz fazendo o efeito de uma fonte luminosa, e no interior do quarto uma parte de figura de homem: só a fronte, os olhos e o nariz eram visíveis; os olhos muito grandes e salientes olhavam-no fixamente. Isso desapareceu logo. Nas datas abaixo teve ainda as visões seguintes:

"4 de abril. - Rosto e busto de uma senhora sorrindo para duas crianças que se abraçavam uma na outra. Um pouco depois era o alto da cabeça de um homem, que o Sr. O... reconheceu pelos cabelos e a fronte como um de seus amigos morto recentemente. - 27 de julho. - Uma mão dirigida para baixo. Isso apareceu primeiro sobre a parede como uma luz fosforescente e tomou gradualmente a forma de mão. Então viu uma cabeça de homem idoso pertencente a essa mão, e um pequeno pássaro cinzento de penas claras. Essa figura olhava-o com ar solene, mas desapareceu; nisso sentiu um certo medo e julgou tremer, mas, ao mesmo tempo, sentiu uma sensação de calor agradável. Viu também um rolo de papel sobre

o qual havia hieróglifos. - 12 de dezembro. Um pássaro em seu ninho dando bicadas em seus pequenos. - 13 de dezembro. - Duas cabeças de leopardos. - 15 de dº. - Um forte golpe que foi ouvido pela senhorita S... em seu quarto, e que despertou o Sr. O..., que dormia profundamente. - 16 de dº. - Um barulho de sinos ouvido também pela senhorita S... - Um anjo com uma pequena criança brilhante, que se transformaram em flores. - Uma cabeça de servo com grandes cornos. - 18 de dº. - Alguns rostos e duas pombas. - 1º de janeiro. - Um grande barco atrás do qual se eleva uma cabeça de criança gradualmente e acaba por voar para frente. - 3 de janeiro. - Um querubim e uma criança.

"Uma noite viu uma pintura representando uma soberba paisagem; era como uma abertura na obscuridade; via praias, árvores, etc., um homem e uma vaca. A mais bela claridade do sol iluminava essa paisagem. O que há de particular nessas visões luminosas é que freqüentemente a luz clareia todo o quarto, de maneira a deixar ver os móveis, como em pleno dia; quando ela desaparece, tudo entra na obscuridade.

O Sr. O... teve muitas outras visões das quais negligenciou tomar nota."

Parece-nos que as há suficientes para nos permitir apreciá-las, e não pensamos que nenhuma pessoa esclarecida sobre a causa e a natureza dos fenômenos espíritas possa considerá-las como verdadeiras aparições. Querendo se reportar ao primeiro artigo deste número, onde tentamos determinar o caráter da alucinação, compreender-se-á a analogia que elas têm com as figuras que se apresentam, freqüentemente, na sonolência, e que devem ter as mesmas causas. Disso estaríamos convencidos unicamente pela multidão de animais que ele viu. Sabe-se que não há Espíritos de animais errantes no mundo invisível, e que, conseqüentemente, não pode haver aparições de animais, salvo caso em que um Espírito fizesse nascer uma aparência desse gênero com um objetivo determinado, o que não seria sempre senão uma aparência, e não o Espírito real de tal ou tal animal. O fato das aparições é incontestável, mas é preciso guardar-se de vê-las por toda a parte, e de tomar portais os jogos de certas imaginações fáceis de exaltarem, ou a visão retrospectiva das imagens impressas no cérebro; a minúcia mesmo com a qual o Sr. O... revela certas particularidades insignificantes é o indício da natureza das preocupações de seu Espírito.

Em resumo, não encontramos nada nas visões do Sr. O... que tenham o caráter de aparições propriamente ditas, e cremos que há muito inconveniente em dar semelhantes fatos sem comentários, e sem fazer prudentes reservas, porque se fornecem, sem o querer, armas à crítica.

Os Espíritos e a gramática.

Um grande erro gramatical foi descoberto em *O Livro dos Espíritos* por um profundo crítico, que nos dirigiu a nota seguinte:

"Li, na página 384, parágrafo 911, linha 23, do vosso *O Livro dos Espíritos*: "Há muitas pessoas que dizem: *Eu quero*; mas a vontade não está nos lábios; querem e estão bem satisfeitos que isso não seja." Se tivésseis colocado: "Elas querem e estão bem satisfeitas que isso não seja," não credes que o francês nisso ganharia? Estive tentado em crer que o vosso Espírito escritor protetor é um farsante que vos faz cometer faltas de linguagem. Apressai-vos em puni-lo e sobretudo corrigi-lo."

Lamentamos não poder dirigir os nossos agradecimentos ao autor dessa nota; mas foi sem

dúvida por modéstia, e para se subtrair aos testemunhos de nosso reconhecimento, que esqueceu de colocar seu nome e seu endereço, e que se limitou a assinar: *Um Espírito protetor da língua francesa*. Uma vez que parece que esse senhor, ou esse Espírito, se dá ao trabalho de ler as nossas obras, rogamos aos bons Espíritos consentirem em colocar nossa resposta sob seus olhos.

Fica evidente que esse senhor sabe que o substantivo *pessoa* é do feminino, e que os adjetivos e os pronomes concordam em gênero e em número com o substantivo ao qual se relacionam. Infelizmente, não se aprende tudo nas escolas, sobretudo com respeito à língua francesa; se esse senhor se declara o protetor da nossa língua, havia ultrapassado os limites da gramática de Lhomond, saberia que se encontra em flegnar da frase seguinte: *Embora essas três pessoas tivessem interesses bem diferentes ELES estavam todos, entretanto, ATORMENTADOS pela mesma paixão; e esta outra em Vaugelas: as pessoas consumidas na virtude têm, em todas as coisas, uma justiça de Espírito e uma atenção judiciosa que as impede de serem MALDIZENTES*; daí esta regra que se encontra na *Gramática normaldos Exames*, pelos Srs. Lévi Alvares e Rivailhade Boniface, etc.

"Emprega-se algumas vezes, *por silepse*, o pronome *il* para substituir o substantivo *personne*, embora esta última palavra seja feminina. Esse acordo não pode ocorrer senão quando, no pensamento, a palavra *personne* não represente exclusivamente as mulheres, e além disso quando a palavra *il* está bastante afastada dela para que o ouvido não seja chocado com isso."

A respeito do pronome *personne*, que é masculino, encontra-se a nota seguinte: "Entretanto, quando o pronome *personne* designa especialmente uma mulher, o adjetivo que a ele se relaciona pode se colocar no feminino; pode-se dizer: *Personne n'est plus JOLIE que Rosine* (Boniface).

Os Espíritos que ditaram a frase em questão não são, pois, completamente tão ignorantes quanto o pretende esse senhor; estamos mesmo tentados em crer que disso sabem um pouco mais que ele, embora, em geral, se irrite muito pouco com a exatidão gramatical, à maneira de mais de um de nossos sábios que não são todos a primeira força sobre a ortografia. *Moralidade*: É bom saber antes de criticar.

Qualquer que seja, para acalmar os escrúpulos daqueles que disso não sabem mais, e crêem a doutrina em perigo por uma falta de linguagem real ou suposta, mudamos essa concordância na quinta edição de *O Livro dos Espíritos* que vem de aparecer, uma vez que:

.... *Sem pena, aos rimadores temerários*

O uso ainda, eu creio, deixa a escolha dos dois.

É verdadeiro prazer ver o trabalho que se dão os adversários do Espiritismo para atacá-lo com todas as armas que lhes caíam à mão; mas o que há de singular é que, apesar da multidão de setas que lhe atiram, apesar das pedras que se semeiam em seu caminho, *apesar das armadilhas que se lhe estendem para fazê-lo desviar de seu objetivo*, ninguém ainda encontrou o meio de detê-lo em sua marcha, e que ganha um terreno desesperador para aqueles que crêem abatê-lo dando-lhe piparotes. Depois dos piparotes, os atletas do folhetim tentaram o imprevisto e desolador: com isso nem mesmo foi abalado, e não correu senão mais depressa.

Dissertações espíritas

Revista Espírita, julho de 1861

Papel dos médiuns nas comunicações.

(Obtidas pelo Sr. d'Ambel, médium da Sociedade.)

Qualquer que seja a natureza dos médiuns escreventes, quer sejam mecânicos, semi-mecânicos, ou simplesmente intuitivos, nossos procedimentos de comunicação com eles não variam essencialmente. Com efeito, nos comunicamos com os próprios Espíritos encarnados, como com os Espíritos propriamente ditos, unicamente pela irradiação do nosso pensamento.

Os nossos pensamentos não têm necessidade da vestimenta da palavra para serem compreendidos pelos Espíritos, e todos os Espíritos percebem o pensamento que desejamos lhes comunicar, unicamente pelo fato de dirigirmos esse pensamento a eles, e isso em razão de suas faculdades intelectuais; quer dizer, que tal pensamento pode ser compreendido por tais e tais, segundo o seu adiantamento, ao passo que em tais outros, esse pensamento não desperta nenhuma lembrança, nenhum conhecimento no fundo do seu coração ou do seu cérebro, não é perceptível para eles. Neste caso, o Espírito encarnado que nos serve de médium é mais próprio para dar nosso pensamento para outros encarnados, se bem que não o compreenda, que um Espírito desencarnado, e pouco avançado, não poderia fazê-lo, se fôssemos forçados a recorrer à sua intermediação; porque o ser terrestre coloca o seu corpo, como instrumento, à nossa disposição, o que o Espírito errante não pode fazer. Assim, quando encontramos num médium o cérebro equipado de conhecimentos adquiridos em sua vida atual, e o Espírito rico de conhecimentos anteriores latentes, próprios para facilitarem as nossas comunicações, dele nos servimos com preferência, porque com ele o fenômeno da comunicação nos é muito mais fácil, do que com um médium cuja inteligência seria limitada, e cujos conhecimentos anteriores teriam ficado insuficientes. Vamos nos fazer compreender por algumas explicações claras e precisas.

Comum médium cuja inteligência atual, ou anterior, se encontre desenvolvida, o nosso pensamento se comunica instantaneamente de Espírito a Espírito, por uma faculdade própria da essência do próprio Espírito. Nesse caso encontramos no cérebro do médium os elementos próprios para revestir o nosso pensamento da roupa da palavra que corresponde a esse pensamento, e isso, mesmo que o médium seja intuitivo, semi-mecânico ou mecânico puro. E porque, qualquer seja a diversidade dos Espíritos que se comunicam a um médium, os ditados obtidos por ele, mesmo procedendo de Espíritos diversos, trazem uma marca de forma e de cor pessoal a esse médium. Sim, se bem que o pensamento lhe seja inteiramente estranho, se bem que o assunto saia do quadro no qual ele mesmo se move habitualmente, se bem que o que queremos dizer não provenha de nenhum modo dele, por isso não influencia menos a forma, pelas qualidades, as propriedades que são adequadas à sua individualidade. É absolutamente como quando olhais diferentes pontos de vista com lunetas coloridas, verdes, brancas ou azuis; se bem que os pontos de vista, ou objetos olhados, sejam inteiramente opostos, e inteiramente independentes uns dos outros, isso não afeta menos, sempre, um colorido que provém da cor das lunetas. Ou melhor, comparemos os médiuns a esses vidros de boca larga, cheios de líquidos coloridos e transparentes, que se vêem na vitrina dos laboratórios farmacêuticos; pois bem! somos como luzes que clareamos certos

pontos de vista morais, filosóficos e internos, através de médiuns azuis, verdes ou vermelhos, de tal sorte que os nossos raios luminosos, forçados a passarem através dos vidros, mais ou menos bem talhados, mais ou menos transparentes, quer dizer por médiuns mais ou menos inteligentes, não chegam sobre os objetos, que queremos clarear, senão carregando o colorido, ou melhor, a forma própria e particular a esses médiuns. Enfim, para terminar por uma última comparação, nós, Espíritos, somos como compositores de música que compusemos ou queremos improvisar uma música e não temos sob a mão senão um piano, senão um violino, senão uma flauta, senão um fagote ou senão um apito de dois sons. É incontestável que, com o piano, a flauta ou o violino executaremos nosso trecho de maneira mais compreensível aos ouvintes; se bem que os sons provindos do piano, do fagote ou da clarineta, sejam essencialmente diferentes uns dos outros, nossa composição não será por isso menos identicamente a mesma, salvo as nuances do som. Mas se não temos à nossa disposição senão um apito de dois sons, um funil de encanador, aí para nós jaz a dificuldade.

Com efeito, quando somos obrigados a nos servir de médiuns pouco avançados, o nosso trabalho se torna bem mais longo, bem mais penoso, porque somos obrigados a ter recursos de formas incompletas, o que é uma complicação para nós; porque então somos forçados a decompor o nosso pensamento e a proceder, palavras por palavras, letras por letras, o que é um aborrecimento e uma fadiga para nós, e um entrave real à prontidão e ao desenvolvimento das nossas manifestações.

É porque estamos felizes por encontrar médiuns bem apropriados, bem aparelhados, munidos de materiais prontos para funcionarem, bons instrumentos, em uma palavra, porque então o nosso perispírito, agindo sobre o perispírito daquele que *mediunizamos*, não há mais do que dar o impulso à mão que nos serve de porta-lápis; ao passo que com os médiuns insuficientes, somos obrigados a fazer um trabalho análogo àquele que fazemos quando nos comunicamos por pancadas, quer dizer, designando letra por letra, palavra por palavra, cada uma das frases que formam a tradução dos pensamentos que queremos comunicar.

É por estas razões que nos dirigimos de preferências às classes esclarecidas e instruídas, para a divulgação do Espiritismo e o desenvolvimento das faculdades mediúnicas da escrita, se bem que seja entre essas classes que se encontram os indivíduos mais incrédulos, os mais rebeldes e os mais imorais. É que, do mesmo modo que deixamos hoje aos Espíritos brincalhões e pouco avançados, o exercício das comunicações tangíveis de golpes e de transportes, do mesmo modo os homens pouco sérios entre vós preferem a visão dos fenômenos que ferem seus olhos e seus ouvidos, aos fenômenos puramente espirituais, puramente psicológicos.

Quando queremos proceder por ditados espontâneos, nós agimos sobre o cérebro, sobre os compartimentos do médium, e reunimos os nossos materiais com os elementos que ele nos fornece, e isso com o seu inteiro desconhecimento; é como se tomássemos em sua bolsa as somas que ali pode ter, e organizássemos as diferentes moedas segundo a ordem que nos parece mais útil.

Mas quando o próprio médium quer nos interrogar de tal ou tal modo, seria bom se nisso refletisse seriamente, a fim de nos perguntar de maneira metódica, facilitando assim nosso trabalho de resposta. Porque, como disse Erasto, em uma precedente instrução, freqüentemente, o vosso cérebro está numa desordem inextricável, e nos é bastante penoso, senão difícil, nos movermos na complicação dos vossos pensamentos. Quando as perguntas devem ser postas por terceiros, é bom, é útil que a série das perguntas seja comunicada, adiantadamente, ao médium, para que este se identifique com o Espírito do evocador, e dele se impregne por assim dizer; porque nós mesmos, então, teremos maior facilidade para

responder, pela afinidade que existe entre o nosso Espírito e do médium que nos serve de intérprete.

Certamente, podemos falar de matemáticas por meio de um médium que a ele pareça inteiramente estranho; mas, freqüentemente, o Espírito desse médium possui esse conhecimento em estado latente, quer dizer, pessoal ao ser fluídico e não ao ser encarnado, porque o seu corpo atual é um instrumento rebelde, ao contrário, a esse conhecimento. Ocorre o mesmo na astronomia, na poesia, na medicina e nas línguas diversas, assim como em todos os outros conhecimentos particulares à espécie humana. Enfim, temos ainda o meio da elaboração penosa em uso com os médiuns completamente estranhos ao assunto tratado, reunindo as letras e as palavras como em tipografia.

Como dissemos, os Espíritos não têm necessidade de revestir o seu pensamento; percebem e comunicam o pensamento pelo único fato de que ele existe neles. Os seres corpóreos, ao contrário, não podem perceber o pensamento senão revestido. Ao passo que a letra, a palavra, o substantivo, o verbo, a frase, em uma palavra, vos são necessárias para perceber mesmo mentalmente, nenhuma forma visível ou tangível é necessária para nós.

ERASTO E TIMÓTEO,

Espíritos protetores dos médiuns.

O Hospital Central.

(Obtido pelo Sr. A. Didier, médium da Sociedade.)

Numa noite de inverno, eu seguia os cais que se avizinham de Notre-Dame; é o quarteirão do desespero e da morte; um poeta compreendeu-o bem; esse quarteirão sempre foi, desde Cour dês Miracles até o Necrotério, o receptáculo de todas as misérias humanas. Hoje que tudo cai, esses imensos monumentos da agonia que o homem chama refúgio do Hospital, talvez vão cair também. Eu olhava essas luzes baças que atravessam essas paredes sombrias, e me dizia: Quantos mortos desesperados! Que fossa comum do pensamento que engole cada dia tantos corações mudados, tantas inocências gangrenadas! É, pois, aí, dizia-me, que estão mortos tantos sonhadores, poetas, artistas ou sábios! Há um pequeno corredor em ponte acima do riacho que marulha pesadamente; é aí que passam aqueles que não vivem mais. Os mortos entram, então, num outro edifício, sobre a fachada do qual deveriam escrever, como na porta do Inferno: Aqui não mais de esperança. Com efeito, é ali que se corta o corpo para servir à ciência; mas é lá também que a ciência furta à fé o menor resto de esperança. Atormentado por esses pensamentos, dera alguns passos, mas o pensamento vai mais depressa do que nós. Fui alegrado por um jovem amarelo e tiritante que me perguntou, sem cerimônia, do fogo para o seu cachimbo; era um estudante de medicina, como se disse. Assim que disse, assim fez; fumei também e entrei em conversação com o desconhecido; pálido, emagrecido e fraco pelas vigílias, fronte vasta e olhar triste, tal era, à primeira vista, o aspecto desse homem. Parecia pensador, eu lhe fiz parte de meus pensamentos. - Venho de dissecar, disse ele, mas não encontrei senão a matéria. Ah! Meu Deus, acrescentou ele com um sangue frio glacial, se quereis vos desembaraçar dessa estranha enfermidade que se chama crença na imortalidade da alma, ide ver cada dia, como eu, desfazer-se, com tanta uniformidade, essa matéria que se chama o corpo; ide ver como se aniquilam esses cérebros entusiastas, esses corações generosos ou degradados; ide ver se o nada que os agarra não é o mesmo em todos. Que loucura de crer! Perguntei-lhe a sua idade. - Tenho 24 anos, disse-me ele; e com isso vos deixo, porque faz muito frio.

Está, pois, aí, perguntei-me vendo-o se afastar, o resultado da ciência?

GÉRARD DE NERVAL.

Eu continuarei.

Nota. Alguns dias depois, a senhora Costel obteve, em particular, a comunicação seguinte, cuja analogia com a precedente oferece uma particularidade notável.

"Eu seguia numa noite os cais desertos; era agradável e quente; as estrelas de ouro se destacaram sobre o céu sombrio; a lua arredondava seu círculo elegante, e seu raio branco clareava como um sorriso a água profunda. Os choupos, mudos guardiães da margem, lançavam suas formas esbeltas, eu passei lentamente olhando alternadamente o reflexo dos astros na água, e o reflexo de Deus na abóbada azulada. Diante de mim caminhava uma mulher, e, com uma curiosidade pueril, eu seguia seus passos que pareciam regular os meus. Por muito tempo caminhamos assim; chegados diante da fachada do Hospital Central, furada aqui e ali de pontos luminosos, ela se deteve, e se voltou para mim, dirigiu-me subitamente a palavra, como se eu tivesse sido seu companheiro. -Amigo, disse ela, crês que aqueles que sofrem aqui sofrem mais da alma do que do corpo? Ou crês que a dor física extingue a luz divina? - Eu creio, respondi, profundamente surpreso, que, para a maioria dos infelizes que nesta hora, sofrem e agonizam, a dor física é o repouso e o esquecimento de suas misérias habituais. - Tu te enganas, amigo, respondeu ela sorrindo gravemente; a doença é uma suprema angústia para os deserdados da Terra, para os pobres, os ignorantes e os abandonados; ela não entrega o esquecimento senão àqueles que, semelhantes a ti, não sofrem senão a saudade dos bens sonhados e não conhecem senão as dores ideais coroadas de violetas. Quero vos falar; ela me fez sinal para me calar, e levantando sua branca mão para o hospital: Aqui, disse ela, se agitam infelizes que calculam o número de horas roubadas pela enfermidade ao seu salário; aqui as mulheres nas angústias sonham com o cabaré que entorpece o desgosto e fará seus maridos esquecerem o pão dos filhos; aqui, lá, por toda parte, as preocupações terrestres apertam e abafam o pálido clarão da esperança que não pode se insinuar nessas almas desoladas. Deus está ainda mais esquecido desses infelizes, vencidos pelo sofrimento, do que não o está no seu paciente labor; é que Deus está bem alto, bem longe, ao passo que a miséria está próxima; portanto, que fazer para dar a esses homens, a essas mulheres, o impulso moral necessário para que se despojem de seu envoltório carnal, não como insetos rastejantes, mas como criaturas inteligentes, ou para que entrem menos sombrias e menos desesperadas na batalha da vida? Tu, sonhador; tu, poeta que rima sonetos à lua, jamais pensastes nesse formidável problema que só duas palavras podem resolver: caridade e amor?

A mulher parecia aumentar, e o calafrio das coisas divinas corria em mim. Escuta ainda, retomou ela, e sua grande voz parecia encher a cidade com a sua harmonia: Ide todos, vós os poderosos, os ricos, os inteligentes; ide divulgar uma maravilhosa notícia; dizei àqueles que sofrem e que estão abandonados, que Deus, seu pai, não está mais refugiado no céu inacessível, e que lhes envia, para consolá-los e assisti-los, os Espíritos daqueles que perderam; que seus pais, suas mães, seus filhos, inclinados à sua cabeceira e falando-lhes a língua conhecida, lhes ensinarão que além-túmulo brilha uma jovem aurora que dissipa, como uma nuvem, os males terrestres. Ó anjo abriu os olhos de Tobias; que o anjo do amor abra, a seu turno, as almas fechadas daqueles que sofrem sem esperança; e dizendo isso, a mulher tocou ligeiramente as minhas pálpebras, e eu vi através dos muros do hospital os Espíritos, puras chamas, que faziam resplandecer as enfermarias desoladas. Sua união com a Humanidade se consumava, e as feridas da alma e do corpo estavam pensadas e abrandadas

pelo bálsamo da esperança. Legiões de Espíritos, mais inumeráveis e mais brilhantes do que as estrelas, expulsavam de diante deles, como a impuros vapores, o desespero, a dúvida; e do ar, da terra, do rio se escapava uma única palavra: amor.

Fiquei muito tempo imóvel e transportado para fora de mim mesmo; depois as trevas invadiram de novo a Terra; o espaço se tomou deserto. Eu olhava ao meu redor, a mulher não estava mais ali; um grande tremor me agitava, e permaneci estranho ao que me cercava. Desde essa noite me chamam de sonhador e louco. Oh! Que doce e sublime loucura quanto aquela de crer no despertar do túmulo; mas quanto é dolorosa e estúpida a loucura que mostra o nada como a única compensação de nossas misérias, como a única recompensa das virtudes obscuras e modestas! Qual é aqui o verdadeiro louco: aquele que espera, ou aquele que desespera?

ALFRED DE MUSSET.

Após a leitura desta comunicação, Gérard de Nerval ditou espontaneamente o que segue, por um outro médium, Sr. Didier: "

"Meu nobre amigo Musset terminou por mim; nós nos ouvimos; somente faltava, uma vez que a seqüência era inteiramente a resposta à primeira parte que ditei, faltava, disse eu, um estilo diferente e imagens mais consoladoras."

A prece.

(Envio do Sr. Sabo, de Bordeaux.)

Tempestade das paixões humanas, abafador dos bons sentimentos, dos quais todos os Espíritos encarnados têm, no fundo da consciência, uma vaga intuição, quem acalma a vossa fúria? É a prece que deve proteger os homens contra o fluxo desse oceano cujo seio esconde os monstros horrendos do orgulho, da inveja, do ódio, da mentira, da impureza, do materialismo e das blasfêmias. O dique que lhes opondes pela prece está construído pela pedra e o cimento mais duro, e em sua impossibilidade de transpô-lo, vêm se consumir, em vão esforços contra ele e retornam sanguinolentos e contundidos para o fundo do abismo. Ó prece de coração, invocação incessante da criatura ao Criador, se se conhecesse a tua força, quantos corações afastados pela fraqueza teriam recorrido a ti no momento de cair! Tu és o precioso antídoto que cura as feridas, quase sempre mortais, que a matéria faz ao Espírito fazendo correr em suas veias o veneno de suas sensações brutais. Mas quanto é restrito o número daqueles que oram bem! Credes que depois de terdes consagrado uma grande parte de vosso tempo recitando as fórmulas que aprendestes, ou a lê-las em vossos livros, tendes muito mérito de Deus? Desenganai-vos; a boa prece é aquela que parte do coração; não é difusa; somente, de tempos em tempos, ela deixa escapar, em aspirações para Deus, seu grito, ou de aflição ou de perdão, como para implorar-lhe virem em nosso socorro, e os bons Espíritos a levam aos pés do Pai justo e eterno, e esse incenso é para ele de agradável odor. Então, ele os envia em multidões numerosas para fortificar aqueles que pedem muito contra o Espírito do mal; tomam-se fortes como os rochedos inabaláveis; vêm se quebrar contra eles as vagas das paixões humanas, e como se alegram nesta luta que deve lhes encher de mérito, constróem, como a alcione, seu ninho no meio das tempestades.

FÉNELON.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quarto Ano – 1861

Agosto

- [Aviso](#)
- [Fenômenos psicofisiológicos - Das pessoas que falam de si mesmas na terceira pessoa](#)
- [Manifestações americanas](#)
- Conversas familiares de além-túmulo.
 - [Don Peyra, prior de Amilly](#)
- Correspondência.
 - [Carta do Sr. Mathieu sobre os médiuns enganadores](#)
- Dissertações espíritas.
 - [Da influência moral dos médiuns nas comunicações \(Erasto\)](#)
 - [Dos transportes e de outros fenômenos tangíveis \(Erasto\)](#)
 - [Os animais médiuns](#)
 - [Povos, fazei silêncio! \(Byron\)](#)
 - [Jean-Jacques Rousseau](#)
 - [A controvérsia \(Bossuet\)](#)
 - [O pauperismo](#)
 - [A concórdia \(Mardoqueu\)](#)
 - [A aurora dos novos dias \(Stâel\)](#)

Aviso

Revista Espírita, agosto de 1861

A *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* decidiu, em sua sessão de 19 de julho, que teria suas férias este ano de 15 de agosto ao dia 1º de outubro. Em consequência, durante este intervalo, as sessões serão suspensas.

Fenômenos psicofisiológicos

Revista Espírita, agosto de 1861

Das pessoas que falam delas mesmas na terceira pessoa.

O jornal o *Siècle*, de 4 de julho de 1861, cita o fato seguinte, segundo o jornal do Havre:

"Vem de morrer no hospício um homem que era vítima de uma aberração mental das mais singulares. Era um soldado, chamado Pierre Valin, que havia sido ferido na cabeça na batalha de Solferino. A ferida estava completamente cicatrizada, mas, desde esse momento, se acreditava morto.

"Quando se lhe perguntava das notícias de sua saúde, ele respondia: Quereis saber como vai Pierre Valin? Ó pobre jovem! Ele foi morto por um tiro na cabeça em Solferino. O que vedes não é Valin, é uma máquina que se fez à sua semelhança, mas está bem mal feita; deveríeis rogar-lhes para fazer uma outra."

"Nunca, falando de si mesmo, não dizia *eu* ou *mim* mas *isto*. Frequentemente ele caía num estado de completa imobilidade e de insensibilidade, que durava vários dias. Aplicados contra essa afecção, o sinapismo, os vesicatórios jamais determinaram o menor sinal de dor. Explorou-se frequentemente a sensibilidade da pele desse homem, beliscando-lhes os braços e as pernas, sem que manifestasse o menor sofrimento.

"Para estar mais certo de que ele não dissimulava, o médico picava-o vivamente por detrás, enquanto se lhe falava; o doente não se apercebia de nada. Frequentemente Pierre Valin recusava comer, dizendo que *isto* não tinha necessidade disso; que, aliás, *isto* não tinha ventre, etc.

"Esse fato, de resto, não é o único no gênero. Um outro soldado, igualmente ferido na cabeça, falava sempre na terceira pessoa e no feminino. Exclamava: "Ah! Como ela sofre! Ela tem sede! etc." Fez-se-lhe, de início, perceber seu erro, e convinha nele com muita surpresa, mas nele caía continuamente, e nos últimos tempos de sua vida, não exprimia mais senão dessa maneira.

"Um zuavo, sempre em consequência de uma ferida na cabeça, perfeitamente curado, entretanto, perdera a memória dos substantivos. Sargento instrutor, embora conhecesse muito bem os nomes dos soldados de seu esquadrão, designava-os por estas palavras: O grande moreno, o pequeno castanho, etc. Para comandar, servira-se de pe-rifrases quando se tratava de designar o fuzil ou o sabre, etc. Foram obrigados a devolvê-lo para os seus familiares.

"Os últimos anos do célebre médico Baudelocque oferecem o exemplo de uma lesão análoga, mas menos marcante. Ele se lembrava muito bem do que fizera estando com saúde; reconhecia pela voz (porque fora atingido pela cegueira) as pessoas que vinham vê-lo; mas

não tinha nenhuma consciência de sua existência. Perguntava-se-lhe, por exemplo: Como vai a cabeça? Ele respondia: "Eu não tenho cabeça." Pedindo-se-lhe o braço para consultar-lhe o pulso, respondia que não sabia onde estava. Um dia, quis ele mesmo tomar o pulso; colocou-se-lhe a mão direita sobre o punho esquerdo; perguntou em seguida se era bem a sua mão que ele sentia, depois uo que julgou muito sadiamente seu pulso."

A fisiologia nos oferece, a cada passo, fenômenos que parecem anomalias, e diante dos quais ela permanece muda. Por que isso? Já o dissemos, e não saberíamos repeti-lo muito, é que ela quer tudo relacionar ao elemento material, sem ter em nenhuma conta o elemento espiritual. Enquanto se obstinar nesse caminho restritivo, será impotente para resolver os mil problemas que surgem, a cada instante, sob o seu escalpelo, como a lhe dizer: "Bem vêes que há outra coisa senão a matéria, uma vez que só a matéria não pode tudo te explicar." E aqui não falamos somente de alguns fenômenos bizarros que poderiam tomá-la de surpresa, mas dos efeitos mais vulgares. Se ela somente se desse conta dos sonhos? Não falamos mesmo dos sonhos verdadeiros, daqueles que são percepção real das coisas ausentes, presentes ou futuras, mas simplesmente dos sonhos fantásticos ou de lembranças; disse ela como se produzem essas imagens tão claras e tão nítidas que nos aparecem algumas vezes? Qual é esse espelho mágico que conserva assim a impressão das coisas? No sonambulismo *natural*, que ninguém contesta, disse ela de onde vem essa estranha faculdade de ver sem o socorro dos olhos? De ver, não vagamente, mas os detalhes mais minuciosos, ao ponto de poder fazer, com precisão e regularidade, trabalhos que, no estado normal, exigiriam uma visão penetrante? Há, pois, em nós alguma coisa que vê independentemente dos olhos. Nesse estado, não somente a pessoa age, mas pensa, calcula, combina, prevê, e se entrega a trabalhos de inteligência dos quais é incapaz no estado de vigília, e dos quais não conserva nenhuma lembrança; ha, pois, alguma coisa que pensa independentemente da matéria. Qual é essa alguma coisa? Aí ela se detém. Esses fatos, entretanto, não são raros; mas um sábio irá aos antípodas para ver e calcular um eclipse, ao passo que não irá na casa de seu vizinho para observar um fenômeno da alma. Os fatos naturais e espontâneos, que provam a ação independente de um princípio inteligente, são muito numerosos, mas essa ação ressalta, ainda com mais evidência, nos fenômenos magnéticos e espíritas, onde o isolamento desse princípio se produz, por assim dizer, à vontade.

Voltemos ao nosso assunto. Narramos um fato análogo na Revista de junho de 1861, a propósito da evocação do marquês de Saint-Paul. Em seus últimos momentos, ele dizia sempre: Ele tem sede, é preciso dar-lhe de beber; ele tem frio, é preciso aquecê-lo; ele sofre em tal lugar, etc. E quando se lhe dizia: Mas sois vós que tendes sede, ele respondia: Não, é ele. É que o *eu* pensante está no Espírito e não no corpo; o Espírito, já em parte desligado, considerava o seu corpo como uma outra individualidade que não *era ele*, propriamente falando; era, pois, ao seu corpo, a esse outro indivíduo que era necessário dar a beber, e não a *ele* Espírito. Também, quando da evocação, foi-lhe feita essa pergunta: Por que faláveis sempre na terceira pessoa? Ele respondeu: "Porque eu era vidente, eu vos disse, e sentia nitidamente as diferenças que existem entre o físico e o moral; essas diferenças, *ligadas entre si pelo fluido de vida*, se tornam muito marcantes aos olhos dos agonizantes clarividentes."

Uma causa semelhante deveu produzir o efeito notado nos militares dos quais se falou. Dir-se-á, talvez, que a ferida determinara uma espécie de loucura; mas o marquês de Saint-Paul não recebera nenhuma ferida; tinha toda a sua razão, disso estamos certos, uma vez que o tivemos de sua irmã, membro da Sociedade. O que se produziu espontaneamente em sua casa, poderia perfeitamente ter determinado em outras por uma causa accidental. Aliás, todos os magnetizadores sabem que é muito comum, aos sonâmbulos, falar na terceira pessoa, fazendo assim a distinção entre a personalidade da sua alma, ou Espírito, e a de seu corpo.

No estado normal as duas individualidades se confundem, e sua perfeita assimilação é necessária à harmonia dos atos da vida; mas o princípio inteligente é como esses gases não se prendem a certos corpos sólidos senão por uma coesão efêmera, e se escapam ao primeiro sopro; há sempre uma tendência para se desembaraçar de seu fardo corpo reo, desde que a força que mantém o equilíbrio cesse de agir por uma causa qualquer. Só a atividade *harmônica* dos órgãos mantém a união íntima e completa da alma e do corpo; mas, à menor suspensão dessa atividade, a alma toma o seu vôo; é o que ocorre no sono, no meio-sono, no simples entorpecimento dos sentidos, na catalepsia, na letargia, no sonambulismo natural ou magnético, no êxtase, no que se chama o *sonho despertou* segunda vista, nas inspirações do gênio, em todas as grandes tensões do Espírito que, freqüentemente, tornam o corpo insensível; é, enfim, o que pode ocorrer como consequência de certos estados patológicos. Uma multidão de fenômenos morais não tem outra causa senão a emancipação da alma; a medicina admite muito a influência das causas morais, mas ela admite o elemento moral como o princípio ativo; é porque ela confunde esses fenômenos com a loucura orgânica, e é porque também lhe aplica um tratamento puramente físico que, muito a miúdo, determina uma loucura real onde dela não havia senão a aparência.

Entre os fatos citados, há um que parece bastante bizarro; é o do militar que falava na terceira pessoa do feminino. O elemento primitivo do fenômeno, como o dissemos, é a distinção das duas personalidades em consequência do desligamento do Espírito; mas há um outro, que o Espiritismo nos revela, e do qual é preciso ter conta, porque pode dar às idéias um caráter particular: é a vaga lembrança das existências anteriores que, no estado de emancipação da alma, pode despertar, e permitir lançar um golpe de vista retrospectivo sobre alguns pontos do passado. Em tais condições, o desligamento da alma jamais é completo, e as idéias, se ressentindo do enfraquecimento dos órgãos, não podem estar muito lúcidas, uma vez que não o são mesmo inteiramente nos primeiros instantes que seguem à morte. Suponhamos que o homem, de que falamos, foi mulher em sua precedente encarnação, a idéia que dela conservasse poderia se confundir com a do estado presente.

Não poderia se encontrar nesse fato a causa primeira da idéia fixa de certos alienados que se crêem reis? Se o foram em uma outra existência, dela pode lhes restar uma lembrança que lhes faça ilusão. Isso não é senão uma suposição, mas que, para os iniciados no Espiritismo, não está desprovida de verossimilhança. Se essa causa é possível neste caso, dir-se-á, ela não poderia se aplicar àqueles que se crêem lobos ou porcos, uma vez que se sabe que o homem jamais fora animal. É verdade, mas um homem, pode ter estado numa condição abjeta que o obrigasse a viver entre os animais imundos ou selvagens; ali pode estar a fonte dessa ilusão que bem poderia, em alguns, lhes ser imposta como punição dos atos de sua vida atual. Quando os fatos da natureza daqueles que narramos se apresentam, se em lugar de assimilá-los sistematicamente às enfermidades puramente corpóreas, se seguiam deles atentamente todas as fases com a ajuda dos dados fornecidos pelas observações espíritas, reconhecer-se-ia, sem dificuldade, a dupla causa que lhes assinalamos, e compreender-se-ia que não é com duchas, cauterizações e sangrias que se podem remediá-los.

O fato do doutor Baudelocque encontra ainda a sua explicação em causas análogas. Ele não tinha, disse o artigo, nenhuma consciência de sua existência; é um erro, porque não se acreditava morto, somente não tinha consciência de sua existência corpórea; encontrava-se num estado quase semelhante ao de certos Espíritos que, nos primeiros tempos que seguem à morte, não crêem estar mortos e tomam o seu corpo pelo de um outro, a perturbação em que se encontram não se lhes permitindo se darem conta de sua situação; o que se passa entre certos desencarnados pode ocorrer entre certos encarnados; assim é que o doutor Baudelocque que podia fazer abstração de seu corpo, e dizer que não tinha mais cabeça, porque, com efeito, seu Espírito não tinha mais a cabeça carnal. As observações espíritas fornecem numerosos exemplos desse gênero, e também lançam uma luz toda nova sobre

uma infinita variedade de fenômenos até esse dia inexplicados, e inexplicáveis sem as bases fornecidas pelo Espiritismo.

Restaria para examinar-se o caso do zuavo que perdera a memória dos substantivos; mas não pode se explicar senão pelas considerações de uma outra ordem que entram no domínio da fisiologia orgânica. Os desenvolvimentos que comporta nos convidam a consagrar-lhe um artigo especial, que publicaremos proximamente.

Manifestações americanas

Revista Espírita, agosto de 1861

Leu-se, no *Banner of Light*, jornal de Nova Iorque, de 18 de maio de 1861.

Pensando que os fatos seguintes são dignos de atenção, reunimo-los para serem publicados pelo *Banner*, e o fazemos seguidos de nossas assinaturas para atestar-lhes a sinceridade.

Quarta-feira de manhã, 1º de maio, pedimos ao Sr. Fay, médium, juntar-se a nós na casa do Sr. Hallock, em Nova Iorque. O médium estava sentado junto de uma mesa sobre a qual estavam colocados uma cometa de estanho, um violino e três pedaços de corda. Os convidados estavam sentados em semi-círculos e faziam face ao médium, a mesa a seis ou sete polegadas deles; suas mãos se tocavam para dar, a cada um, a segurança de que ninguém deixaria seu lugar durante as experiências que vamos contar. A luz foi apagada, e os convidados foram convidados a cantar; depois de alguns minutos, a luz tem sido trazida de novo, o médium foi encontrado sentado em sua cadeira, os braços cruzados diante dele, os punhos amarrados juntos com a corda atada e apertada ao ponto de parar a circulação e fazer inchar as carnes. A extremidade da corda estava passada no fundo da cadeira e amarrava as pernas às barras. Uma outra corda estava atada em volta dos joelhos, que apertava fortemente, enquanto que a terceira retinha, do mesmo modo, os tornozelos. Nessa condição, estava claro que o médium não podia caminhar, nem se levantar, nem fazer uso de suas mãos.

Um membro do círculo colocou uma folha de papel sobre o assoalho, sob os pés do médium, e traçou, com um lápis, os contornos dos pés. A luz foi apagada e, quase imediatamente, a cometa, tomada por uma força invisível, se pôs a bater rapidamente e violentamente sobre a mesa, de maneira a deixar uma multidão de marcas. Da cometa saía uma voz que conversava com os membros da sociedade; a articulação das palavras era muito distinta; o som era o de uma voz varonil, e o tom algumas vezes mais alto do que o da conversação comum. Uma outra voz, mais fraca, tanto seja pouco gutural e menos distinta, conversava também com os membros da sociedade. Trouxe-se uma luz, e o médium foi encontrado sobre a sua cadeira, pés e mãos ligados como dissemos, e os pés sobre o papel nas linhas do lápis. A luz foi ainda apagada, e a cometa recomeçou como acima. A sociedade foi rogada para cantar, e as manifestações cessaram. Foi renovada várias vezes a experiência e, cada vez, o médium foi encontrado no mesmo estado. Esta foi a primeira série das manifestações.

Apagou-se ainda a luz, a sociedade cantou alguns momentos, depois, tendo a luz sido de novo trazida, constatou-se que o médium estava sempre preso em sua cadeira. Um sino foi colocado sobre a mesa e, logo feita a obscuridade, o sino começou por bater sobre a mesa, sobre a cometa e sobre o assoalho; foi levantado da mesa que se pôs a soar muito forte, e parecia percorrer um arco, de cinco a seis pés, a cada batida; durante esse tempo o médium gritava *eu estou aqui, eu estou aqui*, para mostrar que estava sempre no mesmo lugar.

Fez-se sobre o violino uma grande marca brilhante com fósforo. Apagou-se a luz, e logo se viu, no rastro fosforescente, o violino se elevar, a seis ou sete pés, e voar rapidamente no ar. Podia-se, também, segui-lo pelo ouvido, porque as cordas estavam vibrando em seu curso. Enquanto o violino flutuava, o médium gritava: *eu estou aqui, eu estou aqui*.

Um membro da sociedade colocou sobre a mesa um vaso cheio d'água pela metade, e um pedaço de papel entre os lábios do médium. Apagou-se a luz, a sociedade cantou alguns instantes, e sendo a luz acesa, o vaso foi encontrado vazio, sem nenhum sinal de água, nem sobre a mesa, nem sobre o assoalho; o médium sempre em seu lugar, e o papel seco entre seus lábios. Isto terminou a segunda série de experiências.

A senhora Spence sentou-se defronte ao médium. Um senhor sentou-se entre os dois, colocando o seu pé direito sobre o da senhora Spence, sua mão direita sobre a cabeça do médium, e sua mão esquerda sobre a cabeça da senhora Spence. O médium tomou o braço direito do senhor com suas duas mãos, e a senhora Spence lhe fez o mesmo no braço esquerdo. Quando a luz foi apagada, o senhor sentiu distintamente os dedos de uma mão passar sobre o seu rosto, lhe tocar o nariz; recebeu um sopro que foi ouvido pelos assistentes, e o violino veio dar golpes sobre a cabeça, que fora igualmente ouvido por outras pessoas. Cada um repetia a experiência e sentia os mesmos efeitos. Isto termina a terceira série, e certificamos que tudo isso não podia ser produzido nem pelo Sr. Fay, nem por nenhuma outra pessoa da sociedade.

Charles Patridge, R. T. Hallock, Sra. Sarah P-Clark,

Sra. Mary S. Hallock, Sra. Amanda, Sr. Spence,

Srta. Alia Britt, William Blondel, William P. Coles,

W. R. Hallock, B. Fran-kin Clark, Peyton Spence.

Nota. Não contestamos a possibilidade de todas essas coisas, e não temos nenhum motivo para duvidar da honradez dos signatários, embora não os conheçamos; todavia, mantemos as reflexões que fizemos em nosso último número, a propósito dos dois artigos sobre os *desenhos misteriosos* e a *exploração do Espiritismo*.

Diz-se que na América essa exploração nada tem que choque a opinião, e que se acha muito natural que os médiuns se façam pagar; isto se concebe, segundo os hábitos de um país, onde *time is money*, mas não repetiremos menos sobre isso do que dissemos num outro artigo, que o desinteresse absoluto é uma garantia ainda melhor do que todas as precauções materiais. Se os nossos escritos contribuíram para lançar na França, e em outros países, o descrédito sobre a mediunidade interessada, cremos que esse não será um dos menores serviços que teremos prestado ao Espiritismo sério. Estas reflexões gerais não são, de nenhum modo, feitas tendo em vista o Sr. Fay, do qual não conhecemos a posição em face do público.

A.K.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, agosto de 1861

Don Peyra, prior de Amilly.

Esta evocação foi feita no último ano na Sociedade, a pedido do Sr. Borreau, de Niort, que nos dirigira a notícia seguinte:

"Tínhamos, há uns trinta anos, no priorato de Amilly, muito perto de Mauzé, um padre que se chamava don Peyra, e que deixou na região uma reputação de feiticeiro. Foi pelo fato de que se ocupava constantemente com ciências ocultas; contam-se coisas que parecem fabulosas, mas que, segundo a ciência Espírita, poderiam bem ter razão de ser. Em torno de uma dúzia de anos, fazendo com um sonâmbulo pesquisas muito interessantes, encontrei-me em relação com o seu Espírito; apresentou-se como auxiliar com o qual não poderíamos deixar de triunfar, e, todavia, fracassamos. Depois, em pesquisas da mesma natureza, fui levado a crer que esse Espírito deveu por elas se interessar. Venho vos pedir, se isso não for abusar de vossa cortesia, para evocá-lo, e perguntar-lhe quais foram, e quais são suas relações comigo. Partindo daí, terei talvez um dia interessantes coisas a vos comunicar."

(Primeira conversa, em 13 de janeiro de 1860.)

1. Evocação. - Estou aqui.
2. De onde veio a reputação de feiticeiro que tínheis quando vivo? | R. Contos de mulheres; eu estudava a química.
3. Qual foi o motivo que vos levou a se pôr em relação com o Sr. Borreau, de Niort? - R. O desejo de me distrair um pouco a propósito do poder que ele acreditava em mim.
4. Ele disse que vos apresentastes a ele como auxiliar em suas pesquisas; poderíeis nos dizer qual era a natureza dessas pesquisas? - R. Não sou bastante indiscreto para trair um segredo que ele não julgou conveniente vos revelar. O vosso pedido me ofende.
5. Evitamos com todo cuidado insistir, mas vos faremos notar que teríeis podido responder mais convenientemente a pessoas que vos interrogam seriamente e com benevolência; a vossa linguagem não é a de um Espírito avançado. - R. Eu sou o que sempre fui.
6. De que natureza são as coisas fabulosas que se contam de vós? - R. São, já vos disse, contos; eu conhecia a opinião que se tinha de mim, e longe de procurar abafá-la, eu fazia o que era preciso para favorecê-la.
7. Segundo a vossa resposta precedente, pareceria que não progredistes desde a vossa morte? - R. Para dizer a verdade, eu não procurei fazê-lo, não conhecendo os meios;

entretanto, creio que deve nisso haver alguma coisa a fazer; pensei nisso há pouco.

8. A vossa linguagem nos admira da parte de um Espírito que era padre quando vivo, e que, por isso mesmo, deveria ter idéias de uma certa elevação. - R. Eu era, creio muito, muito e muito pouco instruído.

9. Quereis desenvolver o vosso pensamento? - R. Muito instruído para crer, não bastante para saber.

10. Não éreis, pois, o que se chama um bom padre? - R. Oh! Não.

11. Quais são as vossas ocupações como Espírito? - R. Sempre a química; creio que teria feito melhor procurar Deus do que a

matéria.

12. Como pode um Espírito se ocupar de química? - R. Oh! Permitti-me vos dizer que a pergunta é pueril; eu teria necessidade de microscópio ou de alambique para estudar as propriedades da matéria que sabeis tão penetrável ao Espírito?

13. Sois feliz como Espírito? -R. Com efeito, não; eu vos disse, creio ter tomado caminho falso, e nisso vou mudar, sobretudo se sou bastante feliz para ser um pouco secundado; sobretudo, se eu, que devia tanto pedir para os outros, o que confesso não ter sempre feito pelo dinheiro recebido; se, digo eu, se não quiserem me aplicar a pena de talião.

14. Nós vos agradecemos por teres vindo e faremos por vós o que não fizestes pelos outros. - R. Vaieis mais do que eu.

(Segunda conversa, 25 de junho de 1861.)

O Sr. Borreau nos tendo dirigido novas perguntas para o Espírito de don Peyra, este foi evocado de novo por intermédio de um outro médium, e deu as respostas seguintes, das quais podem se tirar lições úteis, seja como estudos das individualidades do mundo espírita, seja como ensino geral.

15. Evocação. - R. Que quereis, e por que me desviais do meu dever?

16. Foi o Sr. Borreau, de Niort, que nos pediu para vos dirigir algumas perguntas. - R. Que quer de mim ainda? Não está, pois, contente em me perturbar em Niort? Por que é necessário que me faça evocar em Paris, onde nada me chama? Eu bem que gostaria que lhe viesse o pensamento de me deixarem em repouso. Ele me chama, me evoca, coloca-me em relação com seus sonâmbulos; ele me faz evocar por terceiros; é muito aborrecido esse senhor.

17. Entretanto, deveis vos lembrar que já o evocamos e que nos respondestes mais graciosamente do que hoje; e mesmo vos prometemos orar por vós. -R. Eu me lembro muito bem; mas prometer e cumprir são duas; vós orastes, vós; mas os outros?

18. Certamente outros oraram também. Enfim, quereis responder às perguntas do Sr.

Borreau? - R. Eu vos certifico que por ele não tenho nenhuma vontade de satisfazê-lo, porque está sempre sobre as minhas costas; perdão pela expressão, porém, ela é verdadeira, tanto mais que não existe, entre ele e mim, nenhuma afinidade; mas por vós que piedosamente chamastes sobre mim a misericórdia do Alto, quero bem vos responder com o melhor que puder.

19. Dizíeis, há pouco, que vos desviaram de vosso dever; podeis nos dar uma explicação, quanto a esse assunto, para nossa instrução pessoal? - R. Chamo ser perturbado, nesse sentido que chamastes minha atenção e meu pensamento junto de vós, ocupando-vos de mim, e eu vi que me seria necessário responder ao que me perguntásseis, não fosse senão por polidez. Eu me explico mal; meu pensamento estava alhures, em meus estudos, minha ocupação habitual; a vossa evocação forçosamente chamou a minha atenção sobre vós, sobre as coisas da Terra; por conseguinte, como não estava, de nenhum modo, nos meus objetivos ocupar-me de vós e da Terra, me desviastes de meu dever.

Nota. Os Espíritos são mais ou menos comunicativos, e vêm mais ou menos de boa vontade, segundo o seu caráter; mas se pode estar certo de que, não mais do que os homens sérios, eles não gostam daqueles que os importunam sem necessidade. Quanto aos Espíritos levianos, é diferente; eles estão sempre dispostos a se misturar com tudo, mesmo quando não são chamados.

20. Quando fostes colocado em relação com o Sr. Borreau, conheciéis as suas crenças sobre a possibilidade de fazer triunfar suas convicções para o cumprimento de um grande fato diante do qual a incredulidade seria forçada a se inclinar? - R. O Sr. Borreau queria que o servisse numa operação semi-magnética, semi-Espírita; mas não tem talhe para conduzir bem semelhante obra, e não acreditei dever lhe conceder por mais tempo o meu concurso. De resto, eu o teria querido, não teria podido; não era a hora, e não vim ainda para isso.

21. Poderíeis ver e lhe dizer quais foram as causas que, durante as suas pesquisas em Vendée, fizeram-no fracassar derrotando, ele, sua sonâmbula, e duas outras pessoas presentes? -R. A minha resposta precedente pode se aplicar a essa pergunta. O Sr. Borreau foi derrubado pelos Espíritos que quiseram lhe dar uma lição, ensinar-lhe a não procurar aquilo que deve estar oculto. Fui eu quem o empurrou com o seu próprio fluido, a ele, magnetizador.

Nota. Essa explicação concorda perfeitamente com a teoria que foi dada das manifestações físicas; não foi com suas mãos que os Espíritos os derrubaram, mas com o próprio fluido animado das pessoas, combinado com o do Espírito. A dissertação que daremos adiante sobre os transportes contém, a esse respeito, desenvolvimentos do mais alto interesse. Uma comparação que poderia talvez bem ter alguma analogia parece justificar a expressão do Espírito.

Quando um corpo, carregado de eletricidade positiva, se aproxima de uma pessoa, esta se carrega da eletricidade contrária; a tensão cresce até a distância explosiva; nesse ponto, os dois fluidos se reúnem violentamente pela centelha, e a pessoa recebe uma sacudida que, segundo a massa do fluido, pode derrubá-la e mesmo fulminá-la. Nesse fenômeno, é sempre necessário que a pessoa forneça o seu contingente de fluido. Supondo-se que o corpo eletrizado positivamente fosse um ser inteligente, agindo por sua vontade e se dando conta da operação, dir-se-ia que combinou uma parte do fluido da pessoa com o seu. No fato do Sr. Borreau, as coisas talvez não se passaram do mesmo modo, mas compreende-se que pode ali haver um efeito análogo, e que don Peyra foi lógico dizendo que o derrubou com o seu próprio fluido; compreender-se-á melhor ainda, querendo-se se reportar ao que está dito em

O Livro dos Espíritos e em O Livro dos Médiuns, sobre o fluido universal, que é o princípio do fluido vital, do fluido elétrico e do fluido magnético animal.

22. Ele disse ter feito, durante suas longas e dramáticas experiências, descobertas muito mais espantosas para ele do que a solução que procurava; vós as conheceis? - R. Sim, mas há alguma coisa que não descobriu; é que os Espíritos não têm a missão de ajudar os homens em pesquisas semelhantes às que fazia. Se o pudessem, Deus nada poderia ter de oculto, e os homens negligenciariam o trabalho e o exercício de suas faculdades para vadiarem, este após um tesouro, aquele após uma invenção, pedindo aos Espíritos servirem-lhe tudo isso quente, de tal modo que não haja mais senão que inclinar-se para colher glória e fortuna. Verdadeiramente, teríamos muito a fazer se nos fosse necessário contentar a ambição de todo mundo. Vede daqui que deslocamento administrativo no mundo dos Espíritos pela crença universal no Espiritismo? Seríamos chamados ora à direita, ora à esquerda, aqui para escavar a terra e enriquecer um preguiçoso; lá para poupar a um imbecil a dificuldade de resolver um problema; alhures para aquecer o forno de um químico; e, por toda parte, para encontrar a pedra filosofal. A mais bela descoberta que o Sr. Borreau deveria fazer, é a de saber que há sempre Espíritos que se divertem em mostrar, para seduzir, minas de ouro, mesmo aos olhos do sonâmbulo mais clarividente, fazendo-as aparecer onde elas não estão, e se darem ao prazer de rirem às vossas custas quando credes colocar a mão em cima, e isso para vos ensinar que a sabedoria e o trabalho são os verdadeiros tesouros.

23. É que o objeto das pesquisas do Sr. Borreau era um tesouro? - R. Creio vos ter dito, quando me chamastes pela primeira vez, que não sou indiscreto; se ele não julgou conveniente vo-lo dizer, não cabe a mim fazê-lo.

Nota. Vê-se que esse Espírito é discreto; de resto, é uma qualidade que se encontra entre todos em geral, e mesmo nos Espíritos pouco avançados; de onde se pode concluir que se um Espírito fizer revelações indiscretas sobre alguém, nisso haveria toda a probabilidade de que o seria para se divertir, e estar-se-ia errado em tomá-lo a sério.

24. Poderíeis dar-lhe algumas explicações sobre a mão invisível que, durante muito tempo, traçou numerosos escritos que encontrava sobre as folhas do caderno colocado propositadamente para recebê-los? - R. Quanto aos escritos, não foi o fato dos Espíritos; conhecer-lhe-á mais tarde a fonte, mas não devo dizê-lo no presente. Os Espíritos puderam provocá-los com esse objetivo que disse mais acima, mas não estão por nada no escrito.

Nota. Embora essas duas conversas ocorressem com dezoito de intervalo e por médiuns diferentes, nela se reconhece um encadeamento, uma seqüência e uma semelhança de linguagem que não permitem duvidar que seja o mesmo Espírito que respondeu.

Quanto à identidade, ela ressalta da carta seguinte, que o Sr. Borreau nos escreveu, depois do envio da segunda evocação.

"18 de julho de 1861.

"Senhor,

"Venho vos agradecer pelo trabalho que consentistes em tomar, e pela solicitude que pusestes em me dirigir a última evocação de don Peyra. Como o dissestes, o Espírito do antigo prior não estava, de nenhum modo, de bom humor, também exprime vivamente a

impaciência que lhe causou essa nova tentativa. Resulta disso, senhor, um grande ensinamento, é que os Espíritos que fazem uma brincadeira maligna de nossos tormentos podem ser, a seu turno, pagos por nós numa moeda quase semelhante.

"Ah! Senhores de além-túmulo! - Não falo aqui senão dos Espíritos farsantes e levianos, - Vós vos gabais, sem dúvida, de terdes o privilégio único de nos importunar; e eis que um pobre Espírito terrestre, bem pacífico, pondo-se muito simplesmente em guarda contra vossas manobras, e procurando frustrá-las, vos atormenta ao ponto de senti-la pesar penosamente sobre a vossa costa fluídica! Pois bem! Que direi, pois, eu, caro prior, quando vos confessais ter feito parte da turba Espírita que tão cruelmente me obsidiou e pregou tão belas partidas durante minhas excursões na Vendée? Se é verdade que ali fostes, deveríeis saber que não as empreendi senão no objetivo de fazer triunfar a verdade por fatos irrefutáveis. Era uma grande ambição, sem dúvida, mas era honrosa, isso me parece; somente, assim como o dissestes, eu não me encontrei com talhe para lutar, e vós e os outros nos sacudistes de tal sorte, que nos vimos forçados a abandonar a parte, carregando os nossos mortos porque as vossas manobras fantásticas que causaram uma horrível luta, vinham de cansar minha pobre sonâmbula que, num desmaio, que não durou menos de seis horas, não dava nenhum sinal de vida, e nós a acreditamos morta. A nossa posição parecerá, sem dúvida, mais fácil de compreender do que de descrever, se se pensa que era meia-noite, e que nós estávamos lá sobre um dos campos ensangüentados pelas guerras de Vendée, lugar de um aspecto selvagem e cercado de pequenas colinas sem vegetação, cujos ecos vinham repetir os gritos dilacerantes da vítima. Meu pavor estava no seu auge, pensando na horrível responsabilidade que caía sobre mim, e da qual não sabia escapar. Estava perdido! Só a prece podia me salvar; ela me salvou. Se chamais a isso de lições, é preciso convir que elas foram rudes! Foi provavelmente ainda para me dar uma dessas lições, que um ano mais tarde me fazeis chamar em Mauzé; mas lá eu estava mais instruído e sabia já a quem me dirigir sobre a existência dos Espíritos, e sobre os fatos e gestos de muitos dentre eles; e depois, aliás, a cena não estava mais disposta para um drama como Châtillon; também disso fui livrado para uma briga.

"Perdão, senhor, se me deixei arrastar com o prior; retorno a vós, mas para disso conversar ainda, se consentis permiti-lo. Eu fui, há poucos dias, à casa de um homem muito honrado que o conheceu muito em sua juventude, e lhe dei conhecimento da evocação que me dirigistes; ele reconheceu perfeitamente a linguagem, o estilo e o espírito cáustico do antigo prior, e me contou os fatos seguintes.

"Don Peyra, em consequência da Revolução, tendo se visto forçado a abandonar o priorato de Surgères, comprou, perto de Mauzé, a pequena propriedade de Amilly, onde se fixou; lá se fez conhecer por belas curas que obtinha por meio do magnetismo e a eletricidade, que empregava com sucesso; mas, vendo que seus negócios não iam tão bem quanto o desejava, empregou o charlatanismo, e, com a ajuda de sua máquina elétrica, fez coisas que não tardaram a fazê-lo passar por feiticeiro; longe de combater essa opinião, a provocava e a encorajava. Havia em Amilly uma longa alameda de *bordos* pela qual chegavam os clientes que, freqüentemente, vinham de dez ou quinze léguas. Sua máquina estava posta em comunicação com a maçaneta da porta, e quando os pobres camponeses queriam bater, viam-se como fulminados. É fácil de imaginar o que semelhantes fatos deviam produzir sobre as pessoas pouco esclarecidas, sobretudo nessa época.

"Temos um provérbio que diz que "na pele morre a raposa". Ah! Bem vejo que nos é preciso mudar mais que uma vez antes que os nossos maus instintos nos abandonem. Não tireis, todavia, de tudo isso, senhor, que isso queira ao prior; não; e a prova é que, a vosso exemplo, orei por ele, o que bem confesso, assim como vo-lo disse, não ter feito até então.

"Aceitai. "J.-B. BORREAU."

Notar-se-á que esta carta é de 18 de julho de 1861, ao passo que a primeira evocação remonta ao mês de janeiro de 1860; nessa época não conhecíamos todas essas particularidades da vida de don Peyra, com as quais as suas respostas concordam perfeitamente, uma vez que disse que fazia o que era necessário para firmar a sua reputação de feiticeiro.

O que ocorre ao Sr. Borreau tem uma singular analogia com as más peças que don Peyra, quando vivo, pregava em seus visitantes; e estaremos fortemente levados a crer que este último quis disso dar-lhe uma repetição; ora, para isso, não tinha necessidade de máquina elétrica, tendo à sua disposição a grande máquina universal; compreender-se-á sua possibilidade aproximando-se esta idéia da nota que fizemos acima na questão 21. O Sr. Borreau encontra uma espécie de compensação na malícia de certos Espíritos nos aborrecimentos que se lhes pode suscitar; convidamos, todavia, a nisso não se fiar muito, porque eles têm mais meios de nos escapular do que não temos para nos subtrairmos à sua influência. De resto, é evidente que se, nessa época, o Sr. Borreau conhecesse a fundo o Espiritismo, teria sabido o que se lhe pode racionalmente pedir, e não teria se aventurado em tentativas que a ciência ter-lhe-ia demonstrado não poder chegar senão a uma mistificação. Não é o primeiro que comprou a experiência às suas expensas; é por isso que não cessamos de repetir: Estudai primeiro a teoria; ela vos ensinará todas as dificuldades da prática, e evitareis assim escolas das quais se deve crer feliz quando são deixadas por alguns dissabores. Sua intenção, disse ele, era boa, uma vez que queria provar por um grande fato da verdade do Espiritismo; mas em semelhante caso os Espíritos dão as provas que querem e quando querem, e jamais quando se lhas pedem. Conhecemos pessoas que, elas também, queriam dar dessas provas irrecusáveis pela descoberta de fortunas colossais, por meio dos Espíritos, mas o que disso resultou mais claro para elas foi despendar seu dinheiro. Acrescentaremos mesmo que, de semelhantes provas, se pudessem triunfar uma vez por acaso, seriam muito mais nocivas do que úteis, porque falseariam a opinião sobre o objetivo do Espiritismo, estabelecendo a crença de que ele pode servir de meio de adivinhação, e seria então quando se verificaria a resposta de don Peyra à questão 22.

Correspondência

Revista Espírita, agosto de 1861

Carta do Sr. Mathieu sobre os médiuns enganadores.

Paris, 21 de julho de 1861.

Senhor,

Pode-se estar em desacordo sobre certos pontos, e estar em perfeito acordo sobre outros. Acabo de ler, na página 213 do último de vosso jornal, reflexões sobre a fraude em matéria de experiências espiritualistas (ou Espíritas) às quais sou feliz em me associar com todas as minhas forças. Lá, toda dissidência em matéria de teorias e doutrinas desaparece como por encanto.

Talvez eu não seja quanto severo tanto vós a respeito dos médiuns que, sob uma forma digna e conveniente, aceitam uma remuneração como indenização pelo tempo que consagram a experiências freqüentemente longas e cansativas; mas eu sou igualmente, - e não se poderia sê-lo mais, - com respeito àqueles que, em semelhante caso, suprem, na ocasião, pela trapaça e pela fraude a ausência, ou a insuficiência, dos resultados prometidos e esperados.

Misturar o falso com o verdadeiro, quando se trata de fenômenos obtidos pela intervenção dos Espíritos, é verdadeiramente uma infâmia, e haveria obliteração do senso moral no médium que se crê fazê-lo sem escrúpulo. Assim como fizestes perfeitamente observar, *é lançar o descrédito sobre a coisa no Espírito dos indecisos, desde que a fraude seja reconhecida.* Acrescento que é comprometer, da maneira mais deplorável, os homens honrados que emprestam aos médiuns o apoio desinteressado de seus conhecimentos e de suas luzes, que se fazem garantias de sua boa-fé, e lhes patrocina, de alguma sorte; é cometer para com eles uma verdadeira prevaricação.

Todo médium que estivesse convencido de manobras fraudulentas; que fosse preso, para me servir de uma expressão um pouco trivial, com a mão na cumbuca, mereceria ser posto no banco de todos os espiritualistas, ou Espíritas de todo o mundo, para que fosse um dever rigoroso desmascará-los ou desonrá-los.

Se vos convém, senhor, inserir algumas destas linhas em vosso jornal, estão ao vosso serviço. Aceitai, etc.

MATHIEU.

Não esperávamos menos sentimentos honoráveis, que distinguem o Sr. Mathieu, do que esta enérgica reprovação pronunciada contra os médiuns de má-fé; estaríamos surpresos, ao contrário, se tivesse tomado friamente, e com indiferença, tais abusos de confiança.

Poderiam ser mais fáceis, quando o Espiritismo era menos conhecido; mas, à medida que esta ciência está mais difundida e melhor compreendida, que se conhecem melhor as verdadeiras condições nas quais os fenômenos podem se produzir, e se encontram por toda parte olhos clarividentes capazes de descobrir a fraude; assinalá-la por toda parte onde ela se mostre é o melhor meio de desencorajá-la.

Diz-se que seria preferível não revelar essas torpezas no interesse do Espiritismo; que a possibilidade de enganar poderia aumentar a desconfiança dos indecisos. Não somos desta opinião, e pensamos que vale ainda mais que os indecisos sejam desconfiados do que enganados, porque uma vez que soubessem que o foram, poderiam se afastar sem retorno; aliás, aí haveria um maior inconveniente naquilo que cressem que os Espíritas se deixam facilmente tomar por vítimas; estarão, ao contrário, tanto mais dispostos a crer quando virem os crentes se cercarem de mais precauções, e repudiarem os médiuns suscetíveis de enganar.

O Sr. Mathieu disse que talvez não tenha sido tão severo quanto nós com relação ao médiuns que, sob uma forma digna e conveniente, aceitam a remuneração como indenização do tempo que consagram à coisa. Somos perfeitamente da opinião de que aí pode e deve haver honrosas exceções, mas como a atração do ganho é um grande tentador, e que as pessoas novatas não têm a experiência necessária para distinguir o verdadeiro do falso, mantemos a nossa opinião de que a melhor garantia de sinceridade é o desinteresse absoluto, porque ali onde não há nada a ganhar, o charlatanismo nada tem a fazer; aquele que paga quer tê-lo pelo seu dinheiro, e não ficaria contente se se lhe dissesse que o Espírito não quer atuar; daí à descoberta dos meios para fazer o Espírito agir quando mesmo, não há senão um passo, segundo o provérbio: a necessidade é a mãe da indústria. Acrescentamos que os médiuns ganharão ao cêntuplo em consideração o que deixarão de ganhar em lucros materiais. A consideração, diz-se, não faz viver; é verdade que ela não basta, mas há, para viver, outras indústrias mais honrosas, do que a exploração das almas dos mortos.

Dissertações espíritas

Revista Espírita, agosto de 1861

Da influência moral dos médiuns nas comunicações.

(Sociedade Espírita de Paris. Médium Sr. d'Ambel.)

Já o dissemos: os médiuns, enquanto médiuns, não têm senão uma influência secundária nas comunicações dos Espíritos; sua tarefa é a de uma máquina elétrica, que transmite os despachos telegráficos de um ponto distante a um outro ponto distante da Terra. Assim, quando queremos ditar uma comunicação, agimos sobre o médium,, como o empregado do telégrafo sobre seu aparelho; quer dizer, que do mesmo modo que o *tac tac* do telégrafo desenha, a milhares de léguas, sobre uma faixa de papel, os sinais reprodutores do despacho, do mesmo modo nos comunicamos através das distâncias incomensuráveis que separam o mundo visível do mundo invisível, o mundo imaterial do mundo encarnado, o que queremos vos ensinar por meio do aparelho medianímico. Mas também, do mesmo que as influências atmosféricas atuam, e perturbam, a miúdo, as transmissões do telégrafo elétrico, a influência moral do médium age, e perturba algumas vezes, a transmissão dos nossos despachos de além-túmulo; porque somos obrigados a fazê-los passar por um meio que lhes é contrário. Entretanto, o mais freqüentemente, essa influência é anulada pela nossa energia e nossa vontade, e nenhum ato perturbador se manifesta. Com efeito, os ditados de uma alta importância filosófica, as comunicações de uma perfeita moralidade, são transmitidas, algumas vezes, por médiuns pouco propícios a esses ensinamentos superiores; ao passo que, por outro lado, as comunicações pouco edificantes chegam também, algumas vezes, por médiuns, envergonhados por lhes terem servido de condutor.

Em tese geral, pode-se afirmar que os Espíritos similares chamam os Espíritos similares, e que raramente os Espíritos das plêiades elevadas se comunicam pelos aparelhos maus condutores, quando têm, sob sua mão, bons aparelhos mediúnicos, bons médiuns em uma palavra.

Os médiuns levianos e pouco sérios chamam, pois, Espíritos da mesma natureza; por isso, suas comunicações estão marcadas de banalidades, de frivolidades, de idéias sem seqüência e, freqüentemente, muito heterodoxas, do ponto de vista espírita. Certamente, eles podem dizer, e dizem algumas vezes, boas coisas; mas é neste caso, sobretudo, que é necessário levar um exame sério e escrupuloso, porque, no meio dessas boas coisas, certos Espíritos hipócritas insinuam com habilidade, e com uma perfídia calculada, fatos controversos, afirmações mentirosas, a fim de enganar a boa-fé de seus ouvintes. Deve-se, então, podar, sem piedade, toda palavra, toda frase equívoca, e não conservar do ditado senão o que a lógica aceita, ou o que a doutrina já ensinou. As comunicações dessa natureza não são a temer senão para os Espíritos isolados, os grupos recentes ou pouco esclarecidos, porque, nas reuniões onde os adeptos estão mais avançados, e adquiriram experiências, a gralha em vão se enfeita com as plumas do pavão, é sempre impiedosamente despedida.

Não falarei dos médiuns que se alegram em solicitar e em escutar comunicações obscenas;

deixemo-los se comprazerem na sociedade dos Espíritos cínicos. Aliás, as comunicações dessa ordem procuram, por elas mesmas, a solidão e o isolamento; não poderiam, em todo caso, senão levantar o desdém e o desgosto entre os membros dos grupos filosóficos e sérios. Mas, onde a influência moral do médium se faz realmente sentir, é quando este substitui suas idéias pessoais por aquelas que os Espíritos se esforçam por lhe sugerir; e ainda quando haure, em sua imaginação, teorias fantásticas que crê ele mesmo, de boa-fé, resultar de uma comunicação intuitiva. Freqüentemente, há então mil a apostar contra um de que isso não é senão o reflexo do Espírito pessoal do médium; ocorre mesmo este fato curioso, é que a mão do médium de move, algumas vezes, quase mecanicamente, impelida que é por um Espírito secundário e zombeteiro. É contra essa pedra de toque que vêm se quebrar as imaginações jovens e ardentes; porque, levadas pelo ímpeto de suas próprias idéias, pelo falso brilho de seus conhecimentos literários, menosprezam o modesto ditado de um Espírito sábio, e abandonam a vítima para a sombra, a substituem por uma paráfrase empolada. É contra esse escolho terrível que vêm igualmente fracassar as personalidades ambiciosas que, na falta das comunicações que os bons Espíritos lhes recusam, apresentam suas próprias obras com uma obra desses Espíritos, eles mesmos. Eis porque é preciso que os chefes dos grupos Espíritas sejam providos de um tato delicado e de uma rara sagacidade, para discernir as comunicações autênticas daquelas que não o são, e para não ferir aqueles que iludem a si mesmos.

Na dúvida, abstém-te, diz um de vossos antigos provérbios; não admitais, pois, senão o que vos é de uma evidência certa. Desde que uma opinião nova surge, por pouco que ela vos pareça duvidosa, passai-a pelo crivo da razão e da lógica; o que a razão e o bom senso reprovam, rejeitai-o ousadamente; mais vale repelir dez verdades, do que admitir uma única mentira, uma única teoria falsa. Com efeito, sobre essa teoria, poderíeis edificar todo um sistema que desabaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento edificado sobre uma areia movediça; ao passo que, se rejeitais hoje certas verdades, porque elas não vos são demonstradas lógica e claramente, logo um fato brutal, ou uma demonstração irrefutável, virá vos afirmar a sua autenticidade.

Lembrai-vos, todavia, ó Espíritas, que não há o impossível para Deus e para os bons Espíritos senão a injustiça e a iniquidade.

O Espiritismo está bastante difundido entre os homens, e moralizou suficientemente os adeptos sinceros de sua santa doutrina, para que os Espíritos não sejam mais reduzidos a empregar maus instrumentos, médiuns imperfeitos. Se, pois, agora um médium, qualquer que ele seja, dá, pela sua conduta ou seus costumes, pelo seu orgulho, pela sua falta de amor e de caridade, um legítimo motivo de suspeição, repeli, repeli suas comunicações, porque há uma serpente escondida na erva. Eis a minha conclusão sobre a influência moral dos médiuns.

ERASTO.

Dos transportes e de outros fenômenos tangíveis.

(Sociedade Espírita de Paris. Médium Sr. d'Ambel.)

Para obter fenômenos desta ordem, necessariamente, é preciso ter consigo médiuns que eu chamaria *sensitivos*, quer dizer, dotados no mais alto grau das faculdades mediúnicas de

expansão e de penetrabilidade; porque o sistema nervoso desses médiuns, facilmente excitável, lhes permite, por meio de certas vibrações, projetar ao redor deles, com profusão, seu fluido animalizado.

As naturezas impressionáveis, as pessoas cujos nervos vibram ao menor sentimento, à menor sensação, que a influência moral ou física, interna ou externa, sensibiliza, são pessoas muito aptas a se tornarem excelentes médiuns para os efeitos físicos de tangibilidade e de transporte. Com efeito, seu sistema nervoso, quase inteiramente desprovido do envoltório refratário, que isola esse sistema na maioria dos outros encarnados, torna-os próprios para o desenvolvimento desses diversos fenômenos. Em consequência, com um sujeito dessa natureza, e cujas outras faculdades não sejam hostis à *medianimização*, obter-se-á mais facilmente os fenômenos de tangibilidade, as pancadas nas paredes e nos móveis, os movimentos inteligentes, e mesmo a suspensão do espaço da matéria inerte mais pesada; *a fortiori*, obter-se-ão esses resultados se, no lugar de um médium, os tiver à mão vários igualmente bem dotados.

Mas da produção desses fenômenos à obtenção daquele dos transportes, há todo um mundo; porque, nesse caso, não só o trabalho do Espírito é mais complexo, mais difícil, mas muito mais, o Espírito não pode operar senão por meio de um único aparelho mediúnico, quer dizer, que vários médiuns não podem concorrer, simultaneamente, para a produção do mesmo fenômeno. Ocorre mesmo, ao contrário, que a presença de certas pessoas antipáticas ao Espírito que opera, entrava radicalmente a sua operação. A esses motivos que, como vedes, não faltam em importância, acrescentai que os transportes necessitam sempre uma maior concentração, e ao mesmo tempo uma maior difusão de certos fluidos, e que, enfim, não podem ser obtidos senão com os médiuns melhores dotados, aqueles, em uma palavra, cujo aparelho *eletro-mediúnico* está melhor condicionado.

Em geral, os fatos de transportes são e permanecerão excessivamente raros. Não terei necessidade de vos demonstrar porque são, e serão, menos freqüentes do que os outros fatos de tangibilidade; do que vos disse, vós mesmos o deduzireis. Aliás, esses fenômenos são de uma tal natureza que não só todos os médiuns não lhes são próprios, mas que todos os médiuns, eles mesmos, não podem produzi-los. Com efeito, é necessário que entre o Espírito e o médium *influenciado* exista uma certa afinidade, uma certa analogia, em uma palavra, uma certa semelhança que permita à parte expansiva do fluido *perispirítico* (1-(1) Vê-se que, quando se trata de exprimir uma idéia nova para a qual a língua não tem palavras, os Espíritos sabem perfeitamente criar neologismos. Estas palavras: *eletro-medianimica*, *perispirítico*, não são nossas. Aqueles que nos criticaram por termos criado as palavras: espírita, espiritismo, perispirito, que não tinham suas análogas, poderão também acusar mesmo os Espíritos.) do encarnado misturar-se, unir-se, combinar-se com o do Espírito que quer fazer um transporte. Essa fusão deve ser tal que a força resultante se torne, por assim dizer, uma; do mesmo modo que uma corrente elétrica, agindo sobre o carvão, produz um foco, uma claridade únicos.

Por que essa união? Por que essa fusão, direis? É que, para a produção desses fenômenos, é necessário que as propriedades essenciais do Espírito motor sejam aumentadas por algumas das do medianimizado; é que o *fluido vital*, indispensável à produção de todos os fenômenos mediúnicos, é o apanágio *exclusivo* do encarnado, e que, por consequência, o Espírito operador está obrigado a se impregnar dele. Não é senão então que ele pode, por meio de certas propriedades do vosso meio ambiente, desconhecidas para vós, isolar, tornar invisíveis e fazer mover certos objetos materiais, e os próprios encarnados. Não me é permitido, para o momento, vos desvendar essas leis particulares que regem os gases e os fluidos que vos cercam; mas antes que os anos tenham se escoado, antes que uma existência de homem seja cumprida, a explicação dessas leis, e desses fenômenos, vos será revelada, e vereis

surgir e se produzir uma nova variedade de médiuns, que cairão num estado cataléptico particular, desde que sejam medianimizados.

Vedes com quantas dificuldades a produção dos transportes se acha cercada; podeis disso concluir, muito logicamente, que os fenômenos dessa natureza são excessivamente raros e com tanta maior razão quanto os Espíritos a isso se prestam muito pouco, porque motiva, de sua parte, um trabalho quase material, o que é um aborrecimento e uma fadiga para eles.

De outra parte, ocorre ainda isto: é que, muito freqüentemente, apesar de sua energia e de sua vontade, o estado do próprio médium lhe opõe uma barreira intransponível.

Está, pois, evidente, e o vosso raciocínio o sanciona, disso não duvido, que os fatos tangíveis de golpes, de movimento e de suspensão são fenômenos simples, que se operam pela concentração de certos fluidos, e que podem ser provocados e obtidos pela vontade e o trabalho dos médiuns que lhes estejam aptos, quando estes são secundados pelos Espíritos amigos e benevolentes; ao passo que os fatos de transporte são múltiplos, complexos, exigem um concurso de circunstâncias especiais, não podem se operar senão por um único Espírito e um único médium, e necessitam, fora das necessidades da tangibilidade, de uma combinação toda particular para isolar e tornar invisível o objeto, ou os objetos, que são o motivo do transporte.

Todos vós, Espíritas, compreendeis minhas explicações, e vos dais conta perfeitamente dessa concentração de fluidos especiais, para a locomoção e a tactilidade da matéria inerte; nisso credes, como credes nos fenômenos da eletricidade e do magnetismo, com os quais os fatos mediúnicos estão em plena analogia, e lhes são, por assim dizer, a consagração e o desenvolvimento. Quanto aos incrédulos, não tenho o que fazer para convencê-los, e não me ocupo deles; se-lo-ão um dia, pela força da evidência, porque será muito necessário que se inclinem diante do testemunho unânime dos fatos espíritas como foram forçados a fazê-los diante de tantos outros fatos que de início repeliram.

Para me resumir: se os fatos de tangibilidade são freqüentes, os fatos de transportes são muito raros, porque as suas condições são muito difíceis; conseqüentemente, nenhum médium pode dizer: A tal hora, em tal momento, obterei um transporte; porque, freqüentemente, o próprio Espírito se encontra impedido em sua obra. Devo acrescentar que esses fenômenos são duplamente difíceis em público, porque aí se encontram, quase sempre, elementos energicamente refratários que paralisam os esforços do Espírito, e com mais forte razão a ação do médium. Tende, ao contrário, por certo, que esses fenômenos se produzem espontaneamente; o mais freqüentemente com o desconhecimento do médium e sem premeditação, quase sempre em particular, e, enfim, muito raramente, quando estes dele estão prevenidos; de onde deveis concluir que há motivo legítimo de suspeição, todas as vezes que um médium se gabe de obtê-los à vontade, dito de outro modo, de ordenar aos Espíritos como aos seus servidores, o que é muito simplesmente absurdo. Tende ainda por regra geral que os fenômenos espíritas não são, de nenhum modo, fatos para serem dados em espetáculo e para divertir os curiosos. Se alguns Espíritos se prestam a essas espécies de coisas, isso não pode ser senão para os fenômenos simples, e não para aqueles que, como os transportes e outros semelhantes, exigem condições excepcionais.

Lembrai-vos, Espíritas, que é absurdo repelir sistematicamente todos os fenômenos de além-túmulo, não é sábio, não mais do que aceitá-los cegamente. Quando um fenômeno de tangibilidade, de aparição, de visibilidade ou de transporte se manifesta espontaneamente, e de maneira instantânea, aceitai-o; mas eu não saberia vos repetir mais, não aceiteis nada cegamente; que cada fato sofra um exame minucioso, aprofundado e severo; porque, crede-

o, o Espiritismo, tão rico em fenômenos sublimes e grandiosos, nada tem a ganhar com essas pequenas manifestações que hábeis prestidigitadores podem imitar.

Eu bem sei o que ireis me dizer: é que esses fenômenos são úteis para convencer os incrédulos; mas sabei bem que se não tivésseis tido outros meios de convicção, não teríeis hoje senão a centésima parte dos Espíritas que tendes. Falai ao coração; é por aí que fareis mais conversões sérias. Se credes útil, para certas pessoas, agir pelos fatos materiais, apresentai-os pelo menos em circunstâncias tais que não possam dar lugar a nenhuma falsa interpretação, e sobretudo não saiais das condições normais desses fatos; porque os fatos apresentados em más condições fornecem argumentos aos incrédulos, em lugar de convencê-los.

ERASTO.

Os animais médiums.

(Sociedade Espírita de Paris. Sr. d'Ambel.)

Abordo hoje essa questão da mediunidade dos animais, levantada e sustentada por um de vossos mais fervorosos adeptos. Ele pretende, em virtude deste axioma, *quem pode o mais pode o menos*, que nós podemos medianimizar os pássaros e os outros animais, e deles não servir em nossas comunicações com a espécie humana. É o que chamais em filosofia, ou antes em lógica, pura e simplesmente um sofisma.

"Vós animais, disse ele, a matéria inerte, quer dizer, uma mesa, uma cadeira, um piano; *a foniori* deveis animar a matéria já animada e notadamente dos pássaros." Pois bem! No estado normal do Espiritismo, isso não é assim, isso não pode existir.

De início, convenhamos bem os nossos fatos. Que é um médium? É o ser, o indivíduo que serve de traço de união aos Espíritos, para que estes possam com facilidade comunicar-se com os homens: Espíritos encarnados. Por conseguinte, sem médium, de nenhum modo comunicações tangíveis, mentais, descritivas, físicas, nem de qualquer espécie que seja.

É um princípio que, disso estou seguro, é admitido por todos os Espíritas: é que os semelhantes agem com os seus semelhantes e como os seus semelhantes. Ora, quais são os semelhantes dos Espíritos, senão os Espíritos, encarnados ou não? É preciso repeti-lo sem cessar? Pois bem! Eu vo-lo repetirei ainda: O vosso perispírito e o nosso são hauridos no mesmo meio, são de uma natureza idêntica, são semelhantes, em uma palavra; possuem uma propriedade de assimilação mais ou menos desenvolvida, de imantação mais ou menos vigorosa, que nos permite, Espíritos e encarnados, nos colocar muito prontamente, e muito facilmente, em relação. Enfim, o que pertence dele próprio aos médiums, o que é mesmo da essência de sua individualidade, é uma afinidade especial, e ao mesmo tempo uma força de expansão particular, que aniquila neles toda refratariedade, e estabelece, entre eles e nós, uma espécie de corrente, uma espécie de fusão, que facilita as nossas comunicações. De resto, é essa refratariedade da matéria que se opõe ao desenvolvimento da medianimidade na maioria daqueles que não são médiums. Acrescentarei que é a essa qualidade refratária que é preciso atribuir a particularidade que faz com que certos indivíduos, não médiums, transmitam e desenvolvam a medianimidade, pelo seu simples contato, em médiums novatos ou médiums quase passivos, quer dizer, desprovidos de certas qualidades medianímicas.

Os homens estão sempre dispostos a tudo exagerar; uns, não falo aqui dos materialistas, recusam uma alma aos animais, e outros querem lhes dar uma, por assim dizer, semelhante à nossa. Por que querer assim confundir o perfectível com o imperfectível? Não, não, ficai disto bem convencidos, o fogo que anima os animais, o sopro que os faz agir, mover e falar em sua linguagem, não tem, quanto ao presente, nenhuma aptidão a se misturar, a se unir, a se fundir com o sopro divino, a alma etérea, o Espírito, em uma palavra, que anima o ser essencialmente perfectível, o homem, esse rei da criação. Ora, não é o que faz a superioridade da espécie humana sobre as outras espécies terrestres senão essa condição essencial de perfectibilidade? Pois bem! Reconhecei, pois, que não se pode assimilar ao homem, único perfectível, em si mesmo e em suas obras, nenhum indivíduo de outras raças vivas sobre a Terra.

O cão, que sua inteligência superior entre os animais tornou o amigo e o comensal do homem, é perfectível de sua cabeça e de sua iniciativa pessoal? Ninguém ousaria sustentá-lo: porque o cão não faz o cão progredir; e aquele, entre os melhores adestrados, está sempre adestrado pelo seu mestre. Desde que o mundo é mundo, a lontra edifica sempre sua choupana sobre as águas, segundo as mesmas proporções e seguindo uma regra invariável; os rouxinóis e as andorinhas nunca construíram seus ninhos de modo diferente que os seus pais não o fizeram. O ninho de pardal, antes do dilúvio, como o ninho de pardal da época moderna, é sempre um ninho de pardais, edificado nas mesmas condições e com o mesmo sistema de entrelaçamento de fios de ervas e de detritos recolhidos na primavera, na época dos amores. As abelhas e as formigas, essas pequenas repúblicas econômicas, jamais variaram em seus hábitos de aprovisionamento, em seu modo de proceder, em seus costumes, em suas produções. Enfim, a aranha tece sempre a sua teia do mesmo modo. Por outro lado, se procurardes as cabanas de folhagem e as tendas das primeiras idades da Terra, encontrareis em seu lugar os palácios e os castelos da civilização moderna; às vestes de peles brutas, sucederam os tecidos de ouro e de seda; enfim, a cada passo, encontrais a prova dessa marcha incessante da Humanidade para o progresso.

Desse progresso constante, invencível, irrecusável da espécie humana, esse estacionamento indefinido das outras espécies animadas, concluí comigo que, se existem princípios comuns ao que vive e se move sobre a Terra: o sopro e a matéria, não é menos verdadeiro que só vós, Espíritos encarnados, estais submetidos a essa inevitável lei do progresso, que vos impele fatalmente para a frente, e sempre para a frente. Deus colocou os animais ao vosso lado como auxiliares para vos nutrir, vos vestir, vos secundar. Deu-lhes uma certa dose de inteligência, porque, para vos ajudar, lhes seria necessário compreender, e proporcionou a sua inteligência aos serviços que são chamados a fazer; mas, em sua sabedoria, não quis que fossem submetidos à mesma lei do progresso; tais foram criados, tais permanecem e permanecerão até a extinção de suas raças.

Foi dito: os Espíritos medianimizam e fazem mover a matéria inerte, as cadeiras, as mesas, os pianos; fazem mover, sim; mas medianimizam, não! Por que, ainda uma vez, sem médium, nenhum desses fenômenos podem se produzir. Que há de extraordinário que, com a ajuda de um ou de vários médiuns, façamos mover a matéria inerte, passiva, que, justamente em razão de sua passividade, de sua inércia, é própria para sofrer os movimentos e os impulsos que desejamos imprimir-lhes? Para isso temos necessidade de médiuns, é positivo; mas não é necessário que um médium esteja presente ou *consciente*, porque podemos agir com os elementos que nos fornece, com o seu desconhecimento e fora de sua presença, sobretudo, nos fatos de tangibilidade e de transporte. Nosso envoltório fluídico, mais imponderável e mais sutil do que o mais sutil e o mais imponderável de vossos gases, unindo-se, casando-se, combinando-se com o envoltório fluídico mais animalizado do médium, e cuja propriedade de expansão e de penetrabilidade é inapreciável para os vossos sentidos grosseiros, e quase inexplicável para vós, nos permite mover móveis e mesmo

quebrá-los em peças inabitadas.

Certamente, os Espíritos podem tornar-se visíveis e tangíveis para os animais, e, freqüentemente, tal temor súbito que os toma, e que não vos parece motivado, é causado pela visão de um ou de vários desses Espíritos mal intencionados para os indivíduos presentes, ou para aqueles a quem pertencem esses animais. Muito freqüentemente, apercebeis-vos de cavalos que não querem nem avançar e nem recuar, ou que se empinam diante de um obstáculo imaginário. Pois bem! Tende por certo que o obstáculo imaginário, freqüentemente, é um Espírito ou um grupo de Espíritos, que se divertem impedindo-os de avançar. Lembrai-vos do asno de Balaão, que vendo um anjo diante dele, e temendo sua espada flamejante, obstinava-se em não se mexer; é que antes de se manifestar visivelmente a Balaão, o anjo quis se tornar visível só para o animal; mas, repito-o, nós não medianimizamos diretamente nem os animais, nem a matéria inerte; sempre nos é preciso o concurso, consciente ou inconsciente, de um médium humano, porque nos é necessária a união de fluidos similares, o que não encontramos nem nos animais, nem na matéria bruta.

O Sr. Thiry, disse, magnetizou o seu cão; a que chegou? Matou-o; porque esse infeliz animal morreu depois de ter caído numa espécie de atonia, de languidez, conseqüência de sua magnetização. Com efeito, inundando-o de um fluido haurido numa essência superior à essência especial de sua natureza, esmagou-o e agiu sobre ele, embora mais lentamente, à maneira do raio. Portanto, como não há nenhuma assimilação possível entre o nosso perispírito e o envoltório fluídico dos animais, propriamente ditos, nós os esmagaremos, instantaneamente, magnetizando-os.

Isso estabelecido, reconheço perfeitamente que, entre os animais, existem aptidões diversas; que certos sentimentos, que certas paixões idênticas às paixões e aos sentimentos humanos se desenvolvem neles; que são sensíveis e reconhecidos, vingativos e odiosos, segundo se proceda bem ou mal com eles. É que Deus, que não faz nada incompleto, deu aos animais, companheiros ou servidores do homem, qualidades de sociabilidade que faltam inteiramente aos animais selvagens, que habitam as solidões.

Para resumir: os fatos medianímicos não podem se manifestar sem o concurso consciente ou inconsciente do médium; e não é senão entre os encarnados, Espíritos como nós, que podemos encontrar aqueles que podem nos servir de médiuns. Quanto a adestrar os cães, os pássaros ou outros animais, para fazer tais ou tais exercícios, é vosso assunto e não o nosso.

ERASTO.

Nota. A propósito da discussão que ocorreu na Sociedade sobre a mediunidade dos animais, o Sr. Allan Kardec disse que observou muito atentamente as experiências que se fizeram, nestes últimos tempos, sobre pássaros aos quais se atribuía a faculdade medianímica, e acrescentou que reconheceu, da maneira mais incontestável, os procedimentos da prestidigitação, quer dizer, que cartas forçadas, mas empregadas com bastante destreza para iludir os expectadores que se contentam com a aparência sem examinar o fundo. Com efeito, esses pássaros fazem coisas que nem mesmo o homem mais inteligente, nem mesmo o sonâmbulo mais lúcido, poderiam fazer, de onde seria preciso concluir que possuem faculdades intelectuais superiores ao homem, o que seria contrário às leis da Natureza. O que é preciso mais admirar nessas experiências, é a arte, a paciência que foi preciso empregar para adestrar esses animais, torná-los dóceis e atentos; para obter esses resultados, certamente, foi preciso ter relações com naturezas flexíveis, mas isso não pode ser, em definitivo, senão animais adestrados, nos quais há mais hábito do que combinações; e a prova disso é que, se a deixam de exercer durante algum tempo, perdem logo o que

aprenderam. O encanto dessas experiências, como o de todos os torneios de prestidigitação, está no segredo dos procedimentos; uma vez conhecido o procedimento, perdem todo o seu atrativo; foi o que ocorreu quando os saltimbancos quiseram imitar a lucidez sonambúlica pelo pretense fenômeno do que chamavam a dupla vista. Não podia ali haver ilusão para quem conhecesse as condições normais do sonambulismo; ocorre o mesmo com a pretensa mediunização dos pássaros da qual todo observador experimentado pode, facilmente, se dar conta.

Povos, fazei silêncio!

(Envio do Sr. Sabo, de Bordeaux, médium senhora Cazemajoux.)

I

Para onde correm essas crianças vestidas de roupas brancas? A alegria ilumina seus corações; seu enxame alegre vai divertir-se nas verdes pradarias, onde farão uma ampla colheita de flores e perseguirão um inseto brilhante que se nutre em seus cálices. Descuidadas e felizes, não vêem mais longe que o horizonte azul que as cerca; sua queda será terrível, se não vos apressardes em dispor seus corações aos ensinamentos espíritas.

Porque os Espíritos do Senhor passaram através das nuvens e vieram vos pregar; prestai ouvidos à suas vozes amigas; escutai atentamente; povos, fazei silêncio!

II

Eles se tornaram grandes e fortes; a varonil beleza de uns, a graça e o abandono de outros fazem reviver, no coração dos pais, as doces lembranças de uma época já distante deles, mas o sorriso que ia desabrochar sobre seus lábios descorados desaparece para dar lugar aos sombrios cuidados. É que eles também beberam em longos tragos na taça encantada das ilusões da juventude, e seu veneno sutil enfraqueceu seu sangue, enervou suas forças, envelheceu seus rostos, desguarneceu suas fronteiras, e queriam impedir seus filhos de provar nessa taça envenenada. Irmãos! O Espiritismo será o antídoto que deve preservar a nova geração de seus mortais estragos;

Porque os Espíritos do Senhor passaram através das nuvens e vieram vos pregar; prestai ouvidos às suas vozes amigas; escutai atentamente; povos, fazei silêncio!

III

Chegaram à idade da virilidade; tornaram-se homens; são sérios e graves, mas não são felizes; seu coração é insensível e não tem senão uma fibra sensível: a da ambição. Empregam tudo o que têm de força e de energia para adquirir os bens terrestres. Para eles, nada de felicidade sem as dignidades, as honras, a fortuna. Insensatos! De um instante para outro, o anjo da libertação vai vos ferir; sereis forçados a abandonar todas essas quimeras; sois proscritos que Deus pode chamar de um instante para outro à mãe-pátria. Não construais nem palácios, nem monumentos; uma tenda, vestes e pão, eis o necessário. Contentai-vos com isso, e com o vosso supérfluo dai aos vossos irmãos o que lhes falta: o abrigo, a veste e o pão. O Espiritismo vem vos dizer que os verdadeiros tesouros que deveis adquirir são o amor de Deus e do próximo; eles vos farão ricos para a eternidade;

Porque os Espíritos do Senhor passaram através das nuvens e vieram vos pregar; prestai ouvidos às suas vozes amigas; escutai atentamente; povos, fazei silêncio!

IV

Eles têm suas frentes inclinadas à beira do sepulcro; têm medo e gostariam de levantar a cabeça, mas o tempo arqueou suas espáduas, retesou seus nervos e seus músculos, e estão impossibilitados de olhar para o alto. Ah! Que angústias vêm assaltá-los! Evocam, no secreto de sua alma, sua vida inútil e, freqüentemente, criminosa; o remorso os rói como um abutre esfomeado; é que eles têm, freqüentemente, no curso dessa existência decorrida na indiferença, negado seu Deus, e lhes aparece na borda do túmulo, vingador inexorável. Não temais, Irmãos, e orai. Se, em sua justiça, Deus vos castiga, dará graça ao vosso arrependimento, porque o Espiritismo vem vos dizer que a eternidade das penas não existe, e que renasceis para vos purificar e expiar. Também, vós que estais fatigados em vosso exílio sobre a Terra, fazei todos os vossos esforços para vos melhorar, a fim de para ela não mais retornar;

Porque os Espíritos do Senhor passaram através das nuvens e vêm vos pregar; prestai ouvido às suas vozes amigas; escutai atentamente; povos, fazei silêncio!

BYRON.

Jean-Jacques Rousseau.

(Méd. Senhora Costel.)

Nota. O médium está ocupado com coisas muito estranhas ao Espiritismo; dispunha-se a escrever para assuntos pessoais, quando uma força invisível o constrangeu a escrever o que se segue, apesar de seu desejo de prosseguir o trabalho começado. É o que explica o início da comunicação:

"Eis-me, embora não me chames. Venho falar-te de coisas muito estranhas às tuas preocupações. Eu sou o Espírito de Jean-Jacques Rousseau. Esperei por muito tempo a ocasião para me comunicar contigo. Escutai-me, pois.

"Penso que o Espiritismo é um estudo todo filosófico das causas secretas dos movimentos interiores da alma, pouco ou nada definidos até aqui. Explica, mais ainda que não descobre, horizontes novos. A reencarnação e as provas suportadas antes de chegar ao objetivo supremo, não são revelações, mas uma confirmação importante. Fui tocado pelas verdades que esse *meio* põe à luz. Digo meio com intenção, porque na minha opinião, o Espiritismo é uma alavanca que afasta as barreiras da cegueira. A preocupação das questões morais está inteiramente para criar; discutem-se a política que movimenta os interesses gerais, discute-se os interesses privados; apaixona-se pelo ataque ou a defesa das personalidades, aquelas que são o pão da alma, o pão da vida, são deixadas no pó acumulado pelos séculos. Todos os aperfeiçoamentos são úteis aos olhos da multidão, salvo o da alma; sua educação, sua elevação são quimeras boas no máximo para ocupar os lazes dos padres, dos poetas, das mulheres, seja no estado de moda, seja no estado de ensinamento.

"Se o *Espiritismo* ressuscita o *Espiritualismo*, retornará à sociedade o impulso que dá a uns a dignidade interior, a outros a resignação, a todos a necessidade de se elevar para o Ser

supremo, esquecido e desconhecido pelas suas ingratas criaturas.

J.-J. ROUSSEAU."

A Controvérsia.

(Envio do Sr. Sabô, de Bordeaux.)

Ó Deus! Meu senhor, meu pai e meu criador, dignai-vos de dar ainda, ao vosso servidor, um pouco dessa eloqüência humana que leva a convicção aos corações dos Irmãos que vêm, em torno do púlpito sagrado, instruir-se das verdades que ensinastes

Deus, vos enviando seus Espíritos para vos ensinar vossos verdadeiros deveres para com ele e para com os vossos irmãos, quer sobretudo que a caridade seja o vosso móvel em toda as vossas ações, e vossos irmãos que querem fazer renascer esses dias de luto, estão no caminho do orgulho. Esse tempo está longe de vós, e Deus seja sempre bendito por ter permitido que os homens cessassem, para sempre, essas disputas religiosas que nunca produziram nenhum bem, e que causaram tanto mal. Por que querer discutir os textos evangélicos que já comentastes de tantas maneiras? Esses diversos comentários ocorreram, então, quando não tínheis o Espiritismo para vos esclarecer, e ele vos disse: A moral evangélica é a melhor, e segui-a; mas se, no fundo de vossa consciência, uma voz vos grita: Para mim há tal ou tal ponto obscuro, e não posso me permitir pensar diferentemente de meus outros irmãos! Heloim! Meu irmão, deixai de lado o que é perturbação para vós; amai a Deus e a caridade, e estareis no bom caminho. De que serviu o fruto de minhas longas vigílias quando vivia em vosso mundo? Para nada. Muitos não lançaram os olhos sobre os meus escritos, que não eram ditados pela caridade e que atraíram perseguições aos meus irmãos. A controvérsia é sempre animada de um sentimento de intolerância, que pode degenerar até à ofensa, e a teimosia que cada um põe para sustentar as suas pretensões distancia a época em que a grande família humana, reconhecendo seus erros passados, respeitará todas as crenças e não dirigirá ela mesma o punhal que cortou esses laços fraternais. E, para vos dar um exemplo do que vos disse, abri o Evangelho, e aí encontrareis estas palavras: "Eu sou a verdade e a vida; só aquele que crê em mim viverá." E muitos dentre vós condenam aqueles que não seguem a religião que possuí os ensinamentos do Verbo encarnado; todavia, muitos estão sentados à direita do Senhor, porque, na equidade de seus corações, o adoraram e amaram; que respeitaram as crenças de seus irmãos e que gritaram para o Senhor, quando viram os povos se dilacerarem entre si, em lutas de religião, e que não estavam aptos para encontrar o verdadeiro sentido das palavras do Cristo, e que não eram senão os instrumentos cegos de seus padres ou de seus ministros.

Meus Deus, eu que vivi nesse tempo em que os corações eram agitados por tempestades para os irmãos de uma crença oposta, se tivesse sido mais tolerante, se não tivesse condenado, em meus escritos, sua maneira de interpretar o Evangelho, estariam hoje menos irritados contra seus irmãos católicos, e todos teriam dado um passo maior para a fraternidade universal; mas os Protestantes, os Judeus, todas as religiões um pouco marcantes, têm seus sábios e seus doutores, e quando o Espiritismo, mais difundido, for estudado de boa-fé por esses homens instruídos, eles virão, como o fizeram os Católicos, dar a luz aos seus irmãos e acalmar os seus escrúpulos religiosos. Deixai, pois, Deus prosseguir a obra da reforma moral que deve vos elevar para ele, todos no mesmo grau, e não vos rebeleis aos ensinamentos dos Espíritos que ele vos envia.

BOSSUET.

O Pauperismo.

(Envio do Sr. Sabô, de Bordeaux.)

É em vão que os filantropos de vossa Terra sonham coisas palavras são palavras de verdade. Não é, meu amigo, que no presente que conheceis o Espiritismo, achais justa e eqüitativa essa desigualdade das condições que vos causava náuseas, cheias de murmúrios contra esse Deus que não fizera todos os homens igualmente ricos e felizes? Pois bem! Agora que pensais que Deus faz bem tudo o que faz, e que sabeis que pobreza é um castigo ou uma prova, procurai aliviá-la, mas não vinde, por utopias, fazer o infeliz sonhar com uma igualdade impossível. Certamente que, por uma sábia organização social, podem aliviar-se muitos sofrimentos, e é a isso que é preciso visar; mas pretender fazê-los todos desaparecer da superfície da Terra é uma idéia quimérica. Sendo a Terra um lugar de expiação, haverá sempre pobres que expiam, nessa prova, o abuso que fizeram dos bens dos quais Deus os fizera dispensadores e que jamais conheceram a doçura de fazer bem aos seus irmãos; que entesouraram, peça por peça, para amontoar riquezas inúteis a si mesmos e aos outros; que se enriqueceram com despojos da viúva e do órfão. Oh! Aqueles são muito culpáveis, e seu egoísmo terá um terrível retorno!

Guardai-vos, no entanto, de ver, em todos os povos, culpados em punição; se a pobreza é para alguns uma expiação severa, para outros é uma prova que deve abrir-lhes, mais prontamente, o santuário dos eleitos. Sim, haverá sempre pobres e ricos, para que uns tenham o mérito da resignação, e os outros da caridade e do devotamento. Quer sejais ricos ou pobres, estais sobre um terreno escorregadio que pode vos precipitar no abismo, e sobre o declive do qual só as vossas virtudes podem vos reter.

Quando digo que haverá sempre pobres sobre a Terra, quero dizer enquanto houver vícios que dela farão um lugar de expiação para os Espíritos perversos, que Deus envia para se encarnar aí, para o seu próprio castigo e o dos vivos. Merecei por vossas virtudes, que Deus não vos envie senão bons Espíritos, e de um inferno fareis um paraíso terrestre.

ADOLPHE, bispo de Alger.

A Concórdia.

(Envio do Sr. Rodolphe, de Mulhouse.)

Sede unidos, meus amigos, é a união que faz a força. Proscreei de vossas reuniões todo espírito de discórdia, todo espírito de ciúme. Não invejeis as comunicações que tal ou tal médium recebe, cada um as recebe segundo a disposição de seu Espírito e a perfeição de seus órgãos.

Não vos esqueçais jamais que sois irmãos, e essa fraternidade não é illusória: é uma fraternidade real; porque aquele que foi vosso irmão, numa outra existência, pode se encontrar entre vós, pertencendo a uma outra família.

Sede, pois, unidos de espírito e de coração; tende a mesma comunhão de pensamentos. Sede dignos de vós mesmos, da doutrina que professais e dos ensinamentos que estais chamado a

difundir.

Sede, pois, conciliadores em vossas opiniões; nelas nada tendes de absoluto; procurai vos esclarecer uns pelos outros. Sede à altura de vosso apostolado, e dai ao mundo o exemplo da boa harmonia.

Sede o exemplo vivo da fraternidade humana, e mostrai a que podem chegar os homens sinceramente devotados à propagação da moral.

Não tendo senão um único objetivo, não deveis ter senão um mesmo pensamento, o de pôr em prática o que ensinai. Que vossa divisa seja, pois: União e concórdia, Paz e fraternidade !

MARDOQUEU.

A aurora dos novos dias.

(Sociedade Espírita de Paris, Médiun, Senhora Costel.)

Eis-me aqui, eu que não mais evocais, mas que estou desejosa de ser útil, ao meu turno, a uma sociedade cujo objetivo é tão sério quanto o é o vosso. Falar-vos-ei de política. Não vos assusteis: eu sei em quais limites devo me encerrar.

A situação atual da Europa oferece o aspecto mais surpreendente para o observador; em nenhuma época, disso não excetuo mesmo o fim do último século que operou uma tão grande abertura nos preconceitos e nos abusos que comprimiam o espírito humano; em nenhuma época, digo eu, o movimento intelectual se fez sentir mais temerário, mais franco. Digo franco, porque o espírito europeu caminha na verdade. A liberdade não é mais um fantasma sangrento, mas a bela e grande deusa da prosperidade pública. Na Alemanha mesmo, nessa Alemanha que descrevi com tanto amor, o sopro ardente da época abate as últimas fortalezas dos preconceitos. Sede felizes, vós que viveis em um tal momento; mas mais feliz ainda serão os vossos descendentes; porque a hora se aproxima, a hora anunciada pelo Precursor; vedes branquear o horizonte, mas, como outrora os Hebreus, permanecereis no limiar da Terra Prometida, e não vereis se levantar o sol radioso dos novos dias.

STAEL.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quarto Ano – 1861

Setembro

- [O estilo é o homem - Polêmica entre vários Espíritos](#)
- Conversas familiares de além-túmulo.
 - [A pena de talião](#)
- Correspondência.
 - [Carta do Sr. Mathieu sobre a mediunidade dos pássaros.](#)
 - [Carta do Sr. Jobard sobre os Espíritos de Metz.](#)
 - [Cartas sobre as Sociedades Espíritas de Lyon e de Bordeaux.](#)
- Dissertações espíritas.
 - [Um Espírito israelita aos seus correligionários.](#)
- [Variedades - Um boato](#)

O estilo é o homem

Revista Espírita, setembro de 1861

Polêmica entre vários Espíritos.

(Sociedade Espírita de Paris).

Na sessão da Sociedade de 19 de julho de 1861, o Espírito de Lamennais deu espontaneamente a dissertação seguinte, sobre o aforismo de Buffon: *O estilo é o homem*, por intermédio do Sr. A. Didier, médium. Buffon, achando-se atacado, replicou, alguns dias depois, por intermédio do Sr. d'Ambel. Depois, sucessivamente, o visconde Delaunay (Sra. Delphine de Girardin), Bernardin de Saint-Pierre e outros mantiveram uma discussão. E esta polêmica, tão curiosa quanto instrutiva, que reproduzimos em sua íntegra. Notar-se-á que ela não foi nem provocada nem premeditada, e que cada Espírito veio espontaneamente tomar parte nela; Lamennais abriu a discussão, os outros o seguiram.

Dissertação de Lamennais.

(Méd. Sr. A. Didier.)

Há um fenômeno bem estranho no homem, é o que se chamaria o fenômeno dos contrastes; antes de tudo, falamos das naturezas de elite; eis o fato: Encontrais no mundo Espíritos cujas obras poderosas contrastam estranhamente com a vida privada e os hábitos de seus autores. O Sr. de Buffon disse: *O estilo é o homem*; infelizmente, esse grande senhor do estilo e da elegância viu demasiado todos os autores por si mesmo. E o que poderia se aplicar a ele está longe de ser aplicável a todos os outros escritores. Tomamos aqui a palavra estilo no sentido mais amplo e em sua mais larga acepção. O estilo, ao nosso ver, será a maneira grande, a forma mais pura pela qual o homem exprime as suas idéias. Todo gênio humano está, pois, aqui diante de nós, e, com um golpe de vista, contemplamos todas as obras da inteligência humana: poesia na arte, na literatura e na ciência. Longe de dizer, como Buffon: O estilo é o homem, diremos, talvez de maneira menos concisa, menos formulada, que o homem, pela sua natureza inconstante, difusa, contrariante e revoltada, freqüentemente, escreve contrariamente à sua natureza primeira, às suas primitivas aspirações, e eu diria mesmo mais, às suas crenças.

A miúdo, lendo as obras de mais de um grande gênio de um século ou de um outro, nós nos dizemos: Que pureza! Que sensibilidade! Que crença profunda no progresso! Que grandeza! Depois aprende-se que o autor, longe de ser o *autor moral* de suas obras, delas não é senão o *autor material*, imbuído de preconceitos e de idéias preconcebidas. Há aí um grande fenômeno, não somente humano, mas espírita.

Muito freqüentemente, pois, o homem não se reflete em suas obras; diremos também quantos poetas gastos, embrutecidos; quantos artistas desiludidos sentem, de repente, uma centelha divina iluminar, por vezes, a sua inteligência! Ah! é que aqui o homem escuta outra coisa do que a si mesmo; ele escuta o que o profeta Isaías chamava *o pequeno sopro*, e que

nós, nós chamamos os Espíritos. Sim, sentem neles essa voz sagrada, mas esquecem Deus e sua luz, e a atribuem a si mesmos; recebem a graça na arte como outros a recebem na fé, e ela toca, algumas vezes, aqueles que pretendem negá-la.

LAMENNAIS.

Réplica de Buffon.

(Méd. Sr. d'Ambel.)

Foi dito que eu era um gentil-homem de letras, e que meu estilo, vestido com gosto, cheirava a poeira e a tabaco da Espanha; não é a mais certa consagração desta verdade: *O estilo é o homem?* Se bem que haja um pouco de exagero, me apresentando a espada ao lado e a pena à mão, confesso que amava as belas coisas, as roupas lantejouladas, as rendas e as vestes vistosas, em uma palavra, tudo o que era elegante e delicado; portanto, era natural que eu fosse sempre elegante; por isso, meu estilo carrega consigo essa marca de bom tom, esse perfume de boa companhia que se encontra igualmente em nossa grande Sévigné. Que quereis! sempre preferi as alcovas e as antecâmeras aos cabarés e às multidões de baixa condição. Permiti-me-eis, pois, apesar da opinião emitida pelo vosso contemporâneo Lamennais, manter meu judicioso aforismo, apoiando-o em alguns exemplos tomados entre os vossos autores e os vossos filósofos modernos. Uma das infelicidades de vosso tempo é que muitos fizeram ofício de sua pena; mas deixemos esses artesãos da pena que, semelhantes aos artistas da palavra, escrevem indiferentemente pró ou contra tal idéia, segundo aquele que os paga, e gritam segundo os tempos: *Viva o rei! Viva a Liga!* Deixemo-los; aqueles, para mim, não são, de nenhum modo, autores sérios.

Vejamos, abade, não vos ofendais se vos tomo, vós mesmo, como exemplo; a vossa vida, mal fundamentada, não está sempre refletida em vossas obras? E *Da indiferença em matéria de religião* às vossas *Palavras de um crente*, que contraste, como dizeis! Não obstante, o vosso tom doutorai é tão categórico, tão absoluto numa como na outra dessas obras. Sois bilioso, abade, convinde nisso, e destilais a vossa bile em queixas amargas em todas as belas páginas que deixastes. Em sobrecasaca abotoada, como em batina, ficastes desclassificado, meu pobre Lamennais. Vejamos, não vos irriteis, mas convinde comigo que *o estilo é o homem*.

Se de Lamennais passo a Scribe, o homem feliz se reflete nas tranqüilas e pacíficas comédias de costumes. É alegre, feliz e sensível: semeia a sensibilidade, a alegria e a felicidade em suas obras. Nele, jamais o drama, jamais o sangue; somente alguns duelos sem perigos para punir o traidor e o culpado.

Vede em seguida Eugène Sue, o autor dos *Mistérios de Paris*. Ele é forte como o seu príncipe Rodolphe, e, como ele, aperta em sua luva amarela a mão calejada do operário; como ele se faz o advogado das causas populares.

Vede o vosso Dumas vagabundo, desperdiçando a sua vida e a sua inteligência; indo do pólo sul ao pólo norte tão facilmente quanto os seus famosos mosqueteiros; brincando de conquistador com Garibaldi, e indo da intimidade do duque de Orléans à dos párias napolitanos; fazendo romances com a história, e pondo a história em romances.

Vede as obras orgulhosas de Victor Hugo, esse tipo de orgulho encarnado; *eu, mim*, disse

Hugo poeta; *eu, mim*, disse Hugo sobre o seu rochedo de Jersey.

Vede Murger, esse cantor de costumes fáceis, desempenhando conscienciosamente seu papel nessa boêmia que ele cantou. Vede Nerval, de cores estranhas, de estilo ornado e incoerente, fazendo *fantasia* com a sua vida, como com a sua pena. Quantos deles deixo, e dos melhores! Como Soulié e Balzac dos quais a vida e as obras seguem caminhos paralelos. Mas creio que esses exemplos vos bastarão para que não repilais, de maneira tão absoluta, o meu aforismo: *O estilo é o homem*.

Não teríeis, caro abade, confundido a forma e o fundo, o estilo e o pensamento? Mas ainda aí tudo se liga.

BUFFON.

Perguntas dirigidas a Buffon a propósito de sua comunicação.

Perg. Nós vos agradecemos pela espiritual comunicação que consentistes em nos dar; mas há uma coisa que nos admira, é que estais tão ao corrente dos menores detalhes de nossa literatura, apreciando com uma justeza notável as obras e os autores. Ocupai-vos, pois, ainda bastante com o que se passa sobre a Terra para disso ter conhecimento? Ledes, portanto, tudo o que se publica? Quereis nos dar, a esse respeito, uma explicação que será muito útil para a nossa instrução?

Resp. Não temos necessidade de muito tempo para ler e apreciar; com um único golpe de vista percebemos o conjunto das obras que atraem a nossa atenção. Todos, tantos que somos, nos ocupamos com interesse com o vosso pequeno grupo, e não poderíeis crer quantos daqueles que chamais homens eminentes seguem com benevolência o progresso do Espiritismo. Deveis pensar também o quanto fiquei feliz em ver o meu nome pronunciado por um de seus fiéis Espíritos, Lamennais, e com que prontidão aproveitei a ocasião de me comunicar convosco. Com efeito, quando fui lembrado em vossa última sessão, recebi, por assim dizer, o contra-golpe de vosso pensamento; e não querendo que a verdade, que havia proclamado em meus escritos, fosse transtornada sem ser defendida, pedi a Erasto para me emprestar o seu médium para responder às assertivas de Lamennais. Por outro lado, deveis compreender que cada um de nós permanece fiel às suas preferências terrestres; é porque nós outros, escritores, estamos atentos ao progresso que os autores vivos realizam, ou crêem realizar, na literatura; do mesmo modo que os Jouffroy, os Laroque, os La Romiguière, se preocupam com a filosofia, e os Lavoisier, os Berzélius, os Thénard com a química, cada um cultiva a sua opinião e se lembra com amor de seus trabalhos, seguindo com olhar inquieto o que fazem os seus sucessores.

Perg. Apreciastes, com poucas palavras, vários escritores contemporâneos, mortos ou vivos; vos ser-vos-íamos muito reconhecidos em nos dar, sobre alguns, uma apreciação um pouco mais desenvolvida; esse seria um trabalho acompanhado que nos seria muito útil. Para começar, vos pedimos para nos falar de Bernardin de Saint-Pierre, e sobretudo de seu *Paul et Virginie* que condenastes a leitura, e que, no entanto, tornou-se uma das obras mais populares.

Resp. Não posso aqui empreender o desenvolvimento crítico das obras de Bernardin de Saint-Pierre; mas quanto à minha apreciação de então, posso confessá-la hoje: eu era como o Sr.

Josse, um tanto ourives; em uma palavra, fiel ao espírito de confraternização literária, sovava, quanto podia, um importuno e importante concorrente. Dar-vos-ei, mais tarde, uma apreciação verdadeira sobre esse eminente escritor, se um Espírito, realmente crítico, como Merle ou Geoffroy, não se encarregar de fazê-lo.

BUFFON.

Defesa de Lamennais pelo visconde Delaunay.

(Médium Sr. d'Ambel.)

Nota. Na conversação que teve lugar na Sociedade sobre as comunicações precedentes, o nome da senhora de Girardin foi pronunciado a propósito do assunto em discussão, embora não haja sido mencionado pelos Espíritos interlocutores; é o que explica a estréia do novo interveniente.

- Em vossas últimas sessões, me colocastes um pouco em causa, senhores Espíritas, e creio que me destes o direito, como se diz no Palais, de intervir nos debates. Não foi sem prazer que ouvi a profunda dissertação de Lamennais e a resposta, um pouco viva, do Sr. de Buffon; mas falta uma conclusão a esse torneio; portanto, intervenho e me erijo juiz do campo, com a minha autoridade particular. Aliás, pedíeis um crítico; eu vos respondo: tomai meu urso; porque se disse vos lembrais, participei, em minha vida, de maneira que se dizia magistral, desse temido posto de crítico executor; apraz-me infinitamente retornar sobre esse terreno amado. Ora, pois, era uma vez..... mas não, deixemos aí as banalidades do gênero e entremos seriamente na matéria.

Senhor de Buffon, manejas o epigrama de maneira bonita; vê-se que resultais do grande século; mas, por elegante escritor que sejas, um visconde de minha raça não teme levantar vossa luva e cruzar armas convosco. Então, meu gentil-homem! fostes bem duro para esse pobre Lamennais, que tratastes de desclassificado! É a culpa desse gênio extraviado se, depois de ter escrito com mão de mestre esse estudo esplêndido que lhe censurastes, ele se voltou para outras regiões, para outras crenças? Certamente, as páginas da *Indiferença em matéria de religião* seriam assinadas a duas mãos pelos melhores prosadores da Igreja; mas se essas páginas permaneceram de pé quando o padre se desconcertou, disso não conheceis a causa, vós tão rigoroso? Ah! Olhai Roma, e lembrai-vos de seus costumes dissolutos, e tereis a chave dessa mudança de idéias que vos espantou. Ora essa! Roma está tão longe de Paris!

Os filósofos, os pesquisadores do pensamento, todos esses rudes trabalhadores incansáveis do eu psicológico, jamais devem ser confundidos com os escritores de pura forma; estes escrevem para os prazeres do público, aqueles para a ciência profunda; estes últimos não têm por preocupação senão a verdade, os outros não se vangloriam de serem lógicos: fogem à uniformidade. Em suma, o que procuram, o que vós mesmo procuráveis, meu bom senhor, quer dizer a fama, a popularidade, o sucesso, que se resumem em bons escudos vacilantes. De resto, salvo isso, a vossa espiritual resposta é muito verdadeira para que não a aplaudisse com o maior prazer; somente isso de que responsabilizais o indivíduo, responsabilizo o meio social. Enfim, tinha que defender meu contemporâneo que, sabei-o bem, não correu nem alcovas, nem cabarés, nem antecâmaras, nem multidão de baixa condição. Bem empoleirado em sua mansarda, sua única distração era esmigalhar o pão para os pardais barulhentos que

vinham visitá-lo em sua cela da rua de Rivoli; mas a sua suprema alegria era estar sentado diante de sua mesa manca, e fazer voar a sua pena rápida sobre as folhas virgens de um caderno de papel!

Ah! Certamente, teve razão em se lamentar, esse grande Espírito enfermo que, para evitar a mancha de um século material, desposara a Igreja católica, e que, depois de tê-la desposado, encontrou a mancha assentada sobre os degraus da escada do altar. É sua culpa se, lançado jovem entre as mãos dos clérigos, não pôde sondar a profundidade do abismo em que se precipitava? Sim, teve razão em exalar suas queixas amargas, como dissestes; não é a imagem viva de uma educação mal dirigida e de uma vocação imposta?

Padre despadrado! Sabeis quantos ineptos burgueses lhe lançaram, freqüentemente, essa injúria à face, porque ele obedeceu às suas convicções e ao impulso de sua consciência? Ah! crede-me, feliz naturalista, enquanto corréis as belas e vossa pena, célebre pela conquista do cavalo, era louvada por lindas pecadoras e aplaudida por mãos perfumadas, ele subia penosamente o seu Gólgota! Porque, como o Cristo, bebeu o seu cálice de amargura e carregou rudemente a sua cruz!

E vós, senhor de Buffon, é que não dais um pouco o flanco à crítica? Vejamos. Pois sim! O vosso estilo é janota como vós, e como vós todo de lantejoulas vestido! Mas também que intrépido viajor fostes? Visitastes países!... não, bibliotecas desconhecidas? Que infatigável pioneiro! Arroteastes florestas!... não, manuscritos inéditos e ineditados! Nisto convenho, recobristes todos os vossos ricos despojos com um verniz brilhante que está bem a vós. Mas de todos esses volumes atravancadores o que há de sério para vós como estudo, como fundo? A história do cão, do gato ou do cavalo talvez? Ah! Lamennais escreveu menos do que vós, mas tudo está bem a ele, senhor de Buffon: *a forma e o fundo*. Se vos acusava, outro dia, de ter menosprezado o valor das obras do bom Bernardin de Saint-Pierre; vos desculpastes um pouco jesuiticamente; mas não dissestes que se recusastes a vitalidade a *Paul et Virginie*, é que em obra desse gênero, estais ainda *na grande Scudéri*, no grande Cyrus e no país do Tendre, enfim, em toda essa ninharia sentimental que faz tão bem entre os donos de sebos, esses negociantes de casaca da literatura. Eh! eh! senhor de Buffon, começais a cair lindamente baixo na estima desses senhores, ao passo que o utopista Bernardin conservou um curso elevado. *A Paix universelle*, uma utopia! *Paul et Virginie*, uma utopia! Vamos, vamos! O vosso julgamento foi anulado pela opinião pública. Disso não falemos mais.

Minha fé, tanto pior! Colocastes a pena à minha mão, e dela uso e abuso; isso vos ensinará, caros Espíritos, a vos inquietar com um baixo azul reformado como eu, a vos perguntar por minhas notícias. Esse caro Scribe nos chegou todo atordoado desses últimos semi-sucessos; gostaria que nos erigíssemos em Academia; falta-lhes sua palma verde; era tão feliz sobre a Terra, que hesita ainda em sentar-se em sua nova posição. Ora essa! ele se consolará vendo retomar suas peças, e em algumas semanas não mais aparecerá.

Gérard de Nerval vos deu ultimamente uma encantadora fantasia inacabada; a acabá-la-á, esse caprichoso Espírito? Quem o sabe! Entretanto, queria concluir que o verdadeiro do sábio não sendo o verdadeiro, o belo do pintor não sendo o belo, e a coragem da criança sendo mal recompensada, tinha feito bem em seguir os desvios de sua cara *Fantasia*.

Visconde DELAUNAY (Delphine de Girardin).

Nota. Ver adiante *Fantasia*, por Gérard de Nerval.

Resposta de Buffon ao visconde Delaunay.

Convidastes-me a entrar num debate do qual estava vivamente despedido, para não me tê-lo por dito; e vos confesso que prefiro permanecer no meio pacífico onde estava, a me expor a uma semelhante carga à rédea solta. Em meu tempo, trocava-se um gracejo mais ou menos ateniense, mas hoje, puxa! Vai-se a golpes de chicote chumbado. Obrigado! Eu me retiro; disso tenho mais do que me é preciso; porque estou ainda todo marcado pelos golpes do visconde. Convinde que, se bem que hajam sido generosamente, muito generosamente administrados pela graciosa mão de uma mulher, não são menos pungentes. Ah! senhora, vós me chamastes à caridade de um modo pouco caridoso. Visconde! sois muito temido; eu vos entrego as armas e reconheço humildemente meus erros. Nisso convenho, Bernardin de Saint-Pierre foi um grande filósofo; que digo eu? Ele encontrou a pedra filosofal, e não sou, como não fui, senão um indigesto compilador! Eis aí! estais contente? Vejamos, sede gentil e não me humilheis mais assim doravante, sem o que obrigariéis um gentil-homem, amigo de nosso grupo parisiense, a deixar o lugar, o que não faria senão seu grande desgosto, porque tem que aproveitar, ele também, os ensinamentos espíritas, e conhecer o que se passa aqui.

E tomai: ouvi hoje o relato de fenômenos tão estranhos que, em meu tempo, teriam sido queimados vivos, como feiticeiros, os atores e mesmo os narradores desses acontecimentos. Entre nós, estão bem aí os fenômenos espíritas? A imaginação de um lado, e o interesse de outro, nisso não estão para alguma coisa? Eu não quero isso jurar. Que pensa disso o espiritual visconde? Quanto a mim, me lavo as mãos. Aliás, se creio em meu julgamento de naturalista, todo naturalista de gabinete que me chame, os fenômenos dessa ordem não devem ocorrer senão muito raramente. Quereis minha opinião sobre o negócio de Havana? Pois bem! Há ali um bando de pessoas mal intencionadas, que têm todo interesse em desacreditar a propriedade, para que possa ser vendida a preço vil, e proprietários medrosos e tímidos, espantados com uma fantasmagoria muito bem montada. Quanto ao lagarto: lembro-me bem de lhe ter escrito a história, mas confesso não ter jamais encontrado os diplomados pela faculdade de medicina. Há aqui um médium de cérebro fraco, que tomou em sua imaginação fatos que não tinham, em suma, nenhuma realidade.

BUFFON.

Nota. Este último parágrafo faz alusão a dois fatos contados na mesma sessão e dos quais, por falta de lugar, adiamos o relato para um outro número. Buffon dá a esse respeito sua opinião, espontaneamente.

Resposta de Bernardin de Saint-Pierre.

(Méd. Senhora Costel.)

Venho, eu, Bernardin de Saint-Pierre, misturar-me a um debate em que meu nome foi pronunciado, discutido e defendido. Não posso ser da opinião de meu espiritual defensor; o senhor de Buffon tem um valor outro que o de um compilador eloqüente. Que importam os erros literários de um julgamento, freqüentemente, tão fino e delicado nas coisas da natureza e que não se extraviou senão pela rivalidade e o ciúme de ofício!

No entanto, sou inteiramente de opinião contrária à sua, e, como Lamennais, digo: não, o estilo não é o homem. Disso sou uma prova eloqüente, eu, cuja sensibilidade jazia

inteiramente no cérebro, e que inventava o que os outros sentem. Do outro lado da vida julgam-se com frieza coisas da vida terrestre, coisas acabadas; não mereço toda reputação literária da qual gozei. *Paul et Virginie*, se aparecesse hoje, seria facilmente eclipsado por uma quantidade de encantadoras produções que passam despercebidas; é que o progresso de vossa época é grande, maior do que vós, contemporâneos, podeis julgá-lo. Tudo se eleva: ciências, literatura, arte social; mas tudo se eleva como nível do mar em maré montante, e os marinheiros que estão ao largo não podem julgá-la. Estais ao largo.

Retorno ao senhor de Buffon de quem louvo o talento e de quem esqueço a censura, e também ao meu espiritual defensor que sabe descobrir todas as verdades, seus sentidos espirituais, e que lhes dá uma cor paradoxal. Depois de vos ter provado que os literatos mortos não conservam nenhum rancor, eu vos dirijo todos os meus agradecimentos e também o meu vivo desejo de poder vos ser útil.

BERNARDIN DE SAINT-PIERRE,

Lamennais a Buffon.

(Méd Sr. A. Didier.)

É preciso prestar bem atenção, senhor de Buffon; não concluí, de nenhum modo, de maneira literária e humana; encarei a questão de outro modo, o que dela deduzi foi isto: "Que a inspiração humana, muito freqüentemente, é divina." Não havia aí matéria para nenhuma controvérsia. Não escrevo mais com essa pretensão, e podeis vê-lo mesmo em minhas reflexões sobre a influência da arte, sobre o coração e o cérebro (1-(1) Alusão a uma série de comunicações ditadas por Lamennais. sob o título de: *Meditações filosóficas e religiosas*, e que publicaremos no próximo número.); evitei o mundo e as personalidades; não retornamos jamais ao passado, vejamos o futuro. Cabe aos homens julgar e discutir nossas obras; cabe-nos dar-lhes outras, todas emanadas desta idéia fundamental: Espiritismo. Mas para nós: adeus ao mundo!

LAMENNAIS.

Fantasia.

por Gérard de Nerval.

(Méd. Sr. A. Didier.)

Nora. Lembra-nos que Buffon, falando dos autores contemporâneos, disse que "*Gérard de Nerval*, em cores estranhas no estilo rendado e desordenado, fazia da *fantasia* como sua vida, como sua pena." Gérard de Nerval, em lugar de discutir, respondeu a esse ataque ditando espontaneamente o trecho seguinte, ao qual ele mesmo deu o título de *Fantasia*. Escreveu em duas sessões, e foi no intervalo que teve lugar a resposta do visconde Delaunay a Buffon; foi por isso que disse que não sabia se esse caprichoso Espírito o terminaria, e dele dá a conclusão provável.

Não a colocamos em seu lugar cronológico, para não interromper a série de ataques e de réplicas, Gérard de Nerval não se misturando aos debates senão por essa alegoria filosófica.

- Um dia, em uma de minhas *fantasias*, cheguei, não sei como, junto ao mar, num pequeno porto pouco conhecido; que importa! Tinha abandonado, por algumas horas, meus companheiros de viagem, e pude me entregar à *fantasia* mais agitada, uma vez que é o termo consagrado às minhas evoluções cerebrais. Não é preciso, no entanto, crer que a *Fantasia*, seja sempre uma filha extravagante, entregando-se às excentricidades do pensamento; freqüentemente, a pobre filha ri para não chorar, e sonha para não cair; freqüentemente, seu coração está ébrio de amor e de curiosidade, quando a sua cabeça se perde nas nuvens; é talvez porque ela ama muito, essa pobre imaginação; deixai-a, pois, errar, uma vez que ama e que ela admira.

Eu estava, pois, com ela no dia em que contemplava o mar do qual o céu era o horizonte, quando no meio de minha solidão a dois, percebi um pequeno velho, ornamentado, é verdade! Tivera o tempo de sê-lo, felizmente, porque estava bastante enfraquecido; mas o seu ar era tão positivo, seus movimentos tão regulares, que essa sabedoria e essa harmonia em suas maneiras supriam os nervos e os músculos entorpecidos. Sentou-se, examinou bem o terreno, e se assegurou de que não seria picado por alguns desses pequenos animais que formigam sob a areia do mar; depois depositou ao lado dele sua bengala com cabo de ouro; mas julgai meu espanto, quando colocou seus óculos. Óculos! para ver a imensidade! *Fantasia* deu um pulo terrível e quis se lançar sobre ele; cheguei a acalmá-la com muita dificuldade; aproximava-me, escondido atrás de uma rocha, e quis ouvir com todos os meus ouvidos: "Eis, pois, a imagem de nossa vida! o grande todo, ei-lo! Profunda verdade! Eis, pois, nossas existências elevadas e inferiores, profundas e mesquinhas, revoltadas e calmas! Ó vagas! Vagas! Grande flutuação universal!" Depois o pequeno velho não fala mais senão em si mesmo. *Fantasia*, até ali, fora pacífica, e escutara religiosamente; mas não se conteve mais, soltou uma longa gargalhada; não tive senão o tempo de transportá-la em meus braços, e abandonamos o pequeno velho. "Em verdade, dizia *Fantasia*, deve ser um membro de alguma sociedade sábia." Depois de ter corrido durante algum tempo, percebemos uma tela de pintor, representando um pedaço de falésia e o começo do Oceano. Eu olhava, ou antes, nós olhávamos a tela. O pintor, provavelmente, procurava um outro local nas redondezas; depois de ter olhado a tela, olhei a natureza e alternativamente. *Fantasia* quis romper a tela; tive muito trabalho para contê-la. - Como! disse-me ela, são sete horas da manhã, e vejo sobre esta tela um efeito que não tem nome! Eu compreendi perfeitamente o que *Fantasia* me explicava. Ela tem verdadeiramente sentido, essa filha extravagante, dizia-me, e quis me afastar. Ah! o artista escondido tinha seguido as menores nuances de minha expressão; quando os seus olhos encontraram os meus, isso foi um choque terrível, um choque elétrico. Lançou-me um desses olhares soberbos que parecem dizer: Vermezinho! Desta vez, *Fantasia* ficou terrificada com tanta insolência, e viu retomar com estupefação sua palheta. "Não tens mais a de Lorrain," disse-lhe ela rindo.

Depois, virando-se para mim: "Já vimos o verdadeiro e o belo, disse-me ela, procuremos, pois, um pouco o bem." Depois de ter subido nas falésias, percebi uma criança, um filho de pescador que podia bem ter de treze a catorze anos; ele brincava com um cão e corriam um depois do outro, este ladrando e o outro gritando. Súbito, ouvi no ar gritos que pareciam vir da falésia; logo a criança se lançou, de um pulo para uma senda rápida que conduzia ao mar; *Fantasia*, apesar de todo o seu ardor, teve dificuldade para segui-lo; quando chegou ao pé da falésia, vi um espetáculo terrível; a criança lutava contra as vagas e conduzia para a praia um infeliz que se debatia contra ele seu salvador; quis me lançar, mas a criança me gritou para nada lhe fazer, e ao cabo de alguns instantes, contundida, esmagada e tremente, abordou com o homem que salvara. Era, segundo toda a aparência, um banhista que se aventurara muito longe, e que caiu numa corrente.

Continuarei numa outra vez.

GÉRARD DE NERVAL

Nota. Foi nesse intervalo que ocorreu a comunicação do visconde Delaunay, reportada acima.

Continuação.

Depois de alguns instantes, o afogado retornou pouco a pouco à vida, mas isso, senão para dizer: "É incrível, eu que nado tão bem!" E viu bem aquele que o salvara, mas, me olhando, acrescentou: "Ufa! Escapei por um triz! Há certos momentos, sabeis, em que se perde a cabeça; não são as forças que vos traem, mas... mas..." Vendo que não podia continuar, apressei-me em dizer-lhe: "Enfim, graças a esse bravo jovem, eis-vos salvo." Ele olhou a criança que o examinava com o ar mais indiferente do mundo, os punhos sobre os quadris. O senhor se pôs a sorrir: "É, todavia, verdade," disse ele; depois me cumprimentou. *Fantasia* quis correr atrás dele. Ora essa! Disse-me ela reconsiderando o fato, é todo natural." A criança viu-o afastar-se, depois retornou ao seu cão. *Fantasia*, desta vez, chorou.

GÉRARD DE NERVAL.

Tendo um membro da Sociedade feito observar que faltava a conclusão, Gérard acrescentou estas palavras:

"Estou para vós de todo o coração para um outro ditado, mas este, *Fantasia* me disse para deter-me aí; talvez esteja errada; ela é tão caprichosa!"

A conclusão fora dada antes pelo visconde Delaunay.

Conclusão de Erasto.

Depois do torneio literário e filosófico que ocorreu nas últimas sessões de vossa Sociedade, e ao qual assistimos com uma verdadeira satisfação, creio necessário, do ponto de vista puramente espírita, vos participar algumas reflexões que foram suscitadas por esse interessante debate no qual, de resto, não quero intervir de nenhum modo. Mas, antes de tudo, deixai-me dizer-vos que se a vossa reunião foi animada, essa animação não foi nada perto daquela que reinava entre os grupos numerosos de Espíritos eminentes que essas sessões, quase acadêmicas, tinham atraído.

Ah! certamente se pudésseis vos tornar videntes instantaneamente, estaríeis surpresos e confusos diante desse areópago superior. Mas não tenho intenção de vos revelar hoje o que se passa entre nós; meu objetivo é unicamente vos fazer ouvir algumas palavras a respeito do proveito que deveis retirar dessa discussão, do ponto de vista de vossa instrução espírita.

Conheceis de longa data Lamennais, e certamente apreciastes quanto esse filósofo ficou apaixonado de idéia abstrata; sem dúvida, notastes quanto ele persegue com persistência e, devo dizer-lo, com talento, suas teorias filosóficas e religiosas; deveis disso deduzir logicamente que o ser pessoal pensante prossegue, mesmo além do túmulo, seus estudos e seus trabalhos, e que por meio dessa lucidez, que é o apanágio particular dos Espíritos,

comparando seu *pensamento espiritual* com seu *pensamento humano*, deve dele eliminar tudo o que o obscurece materialmente. Pois bem! o que é verdadeiro para Lamennais é igualmente verdadeiro para os outros, e cada um, no vasto país da erraticidade, conserva suas aptidões e sua originalidade.

Buffon, Gérard de Nerval, o visconde Delaunay, Bernardin de Saint-Pierre conservam, como Lamennais, os gostos e a forma literária que notáveis neles quando vivos. Creio que é útil chamar a vossa atenção sobre esta condição de ser de nosso mundo de além-túmulo, para que não vos deixeis ir a crer que se abandonam instantaneamente seus pendores, seus costumes e suas paixões, despojando-se da veste humana. Sobre a Terra, os Espíritos são como prisioneiros que a morte deve libertar; mas do mesmo modo que aquele que está sob os ferrolhos tem as mesmas propensões, conserva a mesma individualidade quando está em liberdade, do mesmo modo os Espíritos conservam suas tendências, sua originalidade, suas aptidões, quando chegam entre nós; todavia, salvo aqueles que passaram, não por uma vida de trabalho e de provas, mas por uma vida de castigo, como os idiotas, os cretinos e os loucos. Para estes, as faculdades inteligentes, tendo permanecido no estado latente, não despertam senão em sua saída da prisão terrestre. Isto, como o pensais, deve-se entender do mundo espírita inferior ou médio, e não dos Espíritos elevados, isentos da influência corporal.

Ides tomar vossas férias, senhores Sócios; permiti-me vos dirigir algumas palavras amigas antes de nos separar por algum tempo. Creio que a doutrina consoladora que viemos vos ensinar não conta senão com adeptos fervorosos entre vós; por isso, como é essencial que cada um se submeta à lei do progresso, creio dever vos aconselhar examinar, perante vós, que proveito retirastes pessoalmente de nossos trabalhos espíritas, e que melhoria moral disso resultou em vossos meios recíprocos. Porque, vós o sabeis, não basta dizer: Sou Espírita, e encerrar no fundo de si mesmo esta crença; mas o que vos é indispensável saber é se os vossos atos estão conformes às prescrições de vossa fé nova que é, não se poderia por de mais vo-lo repetir: *Amor e caridade*. Que Deus seja convosco!

ERASTO.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, setembro de 1861

A pena de talião.

(Sociedade, 9 de agosto de 1861. Médiun Sr. d'Ambel.)

Um correspondente da Sociedade lhe transmite a nota seguinte: O Sr. Antônio B..., um de meus parentes, escritor de mérito, estimado por seus concidadãos, tendo cumprido com distinção e integridade funções públicas na Lombardia, caiu, há mais ou menos dez anos, em consequência de um ataque de apoplexia, num estado de morte aparente que se toma, infelizmente, como isso ocorre algumas vezes, pela morte real. O erro era tanto mais fácil quanto se havia acreditado perceber sobre o corpo sinais de decomposição. Quinze dias depois do sepultamento, uma circunstância fortuita determinou a família a pedir a exumação; tratava-se de um medalhão esquecido por inadvertência no caixão; mas o estupor dos assistentes foi grande quando, na abertura, reconheceu-se que o corpo tinha mudado de posição, que estava virado e, coisa horrível! que uma das mãos estava em parte comida pelo defunto. Foi então manifestado que o infeliz Antônio B... havia sido enterrado vivo; devera sucumbir sob os apertos do desespero e da fome. Seja como for, desse triste acontecimento e de suas consequências morais, não seria interessante, do ponto de vista espírita e psicológico, fazer, a esse respeito, uma investigação no mundo dos Espíritos?"

1. Evocação de Antônjo B... - R. Que quereis de mim?
2. Um de vossos parentes nos pediu para vos evocar; fazemo-lo com prazer, e seremos felizes se quiserdes bem nos responder. - R. Sim, eu quero bem vos responder.
3. Lembrai-vos das circunstâncias de vossa morte? - R. Ah! certamente sim! Eu as lembro; por que despertar essa lembrança de castigo?
4. É certo que fostes enterrado vivo por engano? - R. Isso deveria ser assim, porque a morte aparente teve todos os caracteres de uma morte real; eu estava quase exangue. Não se deve imputar a ninguém um fato previsto desde de antes de meu nascimento.
5. Se estas perguntas são de natureza a vos causar pena, é preciso cessá-las? - R. Não, continuai.
6. Gostaríamos de vos saber feliz, porque deixastes a reputação de um homem honesto. - R. Eu vos agradeço muito, sei que orareis por mim. Vou tratar de responder, mas se eu fracassar um de vossos guias habituais isso suprirá.
7. Poderíeis descrever as sensações que experimentastes nesse terrível momento? - R. Oh! que dolorosa prova! Sentir-se encerrado entre quatro tábuas, de maneira a não poder mexer,

nem mudar de lugar! Não poder chamar; a voz não ressoando mais num meio privado de ar. Oh! que tortura senão a de um infeliz que se esforça em vão para respirar numa atmosfera insuficiente e desprovida da parte respirável! Ai de mim! Estava como um condenado na goela de um forno, salvo o calor. Oh! não desejo a ninguém semelhantes torturas! Não, não desejo a ninguém um fim como o meu! Ai! cruel punição de uma cruel e feroz existência! Não me pergunteis em que eu pensava, mas mergulhava no passado e entrevia vagamente o futuro.

8. Dissestes: cruel punição de uma feroz existência; mas vossa reputação, até este dia intacta, não fazia nada supor de semelhante. Podereis nos explicar isto? - R. O que é a duração de uma existência na eternidade! Certamente, tratei de agir bem em minha última encarnação; mas esse fim fora aceito por mim antes de reentrar na humanidade. Ah! por que me interrogar sobre esse passado doloroso que só eu conhecia, assim como os Espíritos, ministros do Todo-Poderoso? Sabei, pois, uma vez que falta vo-lo dizer, que numa existência anterior, eu emparedara uma mulher, a minha! Toda viva numa sepultura! Foi a pena de talião que devi me aplicar! Dente por dente, olho por olho.

9. Nós vos agradecemos por ter consentido em responder às nossas perguntas, e rogamos a Deus para vos perdoar o passado em favor do mérito de vossa última existência. - R. Retornarei mais tarde; de resto, o Espírito de Erasto quererá bem completar.

Reflexões de Lamennais sobre essa evocação. Deus é bom! Mas o homem para chegar à perfeição, deve suportar provas mais cruéis. Esse infeliz viveu vários séculos durante a sua agonia desesperada, e embora sua vida tenha sido honrosa, essa prova deveria ocorrer, uma vez que a escolhera.

Reflexões de Erasto.

O que deveis tirar deste ensinamento é que todas as vossas existências se ligam, e que nenhuma é independente das outras; os cuidados, os aborrecimentos, como as grandes dores que magoam os homens, são sempre as conseqüências de uma vida anterior criminosa ou mal empregada. No entanto, devo dize-lo, os fins semelhantes ao de Antônio B... são raros, e se esse homem, cuja última existência foi isenta de censura, acabou desse modo, foi porque ele mesmo solicitou uma morte semelhante, a fim de abreviar o tempo de sua erraticidade e alcançar mais rapidamente as esferas elevadas. Com efeito, depois de um período de perturbação, para expiar ainda seu crime espantoso, ele será perdoado e se elevará para um mundo melhor, onde encontrará a sua vítima que o espera e que já há muito tempo o perdoou. Sabei, pois, tirar o vosso proveito desse exemplo cruel, para suportar com paciência, ó meus caros Espíritos, os sofrimentos corporais, os sofrimentos morais, e todas as pequenas misérias da vida.

Perg. Que proveito pode a Humanidade retirar de semelhantes punições? - R. Os castigos não são feitos para desenvolver a Humanidade, mas para castigar o indivíduo culpado. Com efeito, a Humanidade não tem nenhum interesse em ver um dos seus sofrer. Aqui a punição está apropriada à falta. Por que os loucos? Por que os cretinos? Por que as pessoas paralíticas? Por que aqueles que morrem no fogo? Por que aqueles que vivem anos nas torturas de uma longa agonia, não podendo nem viver, nem morrer? Ah! Crede-me, respeitai a vontade soberana e não procureis sondar as razões dos decretos providenciais; sabei-o! Deus é justo e faz bem o que faz.

ERASTO.

Nota. Não há neste fato um grande e terrível ensinamento? Assim a justiça de Deus alcança sempre o culpado, e por ser algumas vezes tardia, não segue menos o seu curso. Não é eminentemente moral saber que, se grandes culpados terminam a sua existência pacificamente e, freqüentemente, na abundância de bens terrestres, a hora da expiação soará cedo ou tarde? Penas dessa natureza se compreendem, não somente porque, de alguma sorte, estão sob os nossos olhos, mas porque são lógicas; crê-se nelas porque a razão as admite; ora, perguntamos se esse quadro que o Espiritismo faz desenrolar, a cada instante, diante de nós, não é mais próprio para impressionar e deter sobre a borda do abismo, do que o medo das chamas eternas, nas quais não se crê. Que se releiam somente as evocações que publicamos nesta Revista, e ali ver-se-á que não há um vício que não tenha o seu castigo, e não há uma virtude que não tenha a sua recompensa proporcionada ao mérito ou ao grau de culpabilidade, porque Deus leva em conta todas as circunstâncias que podem atenuar o mal ou aumentar o prêmio do bem.

Correspondência

Revista Espírita, setembro de 1861

Carta do Sr. Mathieu sobre a mediunidade dos pássaros.

Paris, 11 de agosto de 1861.

Senhor,

Sou ainda eu quem vos escreve, e para dar, se vós o permitirdes, uma nova homenagem à verdade.

Li somente hoje, no último número de vossa Revista, excelentes observações de vossa parte sobre a pretensa faculdade mediúnica dos pássaros, e me apresso em vos agradecer por isso, como um novo serviço prestado à causa que ambos defendemos.

Várias exibições de pássaros *maravilhosos* ocorreram nestes últimos anos, e como eu conhecia a principal *artimanha* dos torneios executados por esses interessantes voadores, ouvia com muita pena e pesar, certos Espiritualistas ou Espíritas, atribuírem esses torneios a uma ação mediúnica, o que deveria fazer sorrir *in peito*, se assim posso me exprimir, os proprietários desses pássaros; mas o que não pareciam muito apressados em desmentir, venho desmentir por eles, uma vez que vós me fornecestes a oportunidade, não para prejudicar a sua indústria, com isso estaria bem aborrecido, mas para impedir que uma deplorável confusão ocorra entre os fatos que só uma engenhosa paciência e uma certa habilidade de mãos produzem neles, e aqueles que a intervenção dos Espíritos produzem entre nós.

Tendes perfeitamente razão dizendo: "Esses pássaros fazem coisas que nem o homem mais inteligente, nem mesmo o sonâmbulo mais lúcido não poderiam fazer; de onde seria preciso concluir que eles possuem faculdades intelectuais superiores ao homem, o que seria contrário às leis da Natureza." Esta consideração deveria atingir as pessoas muito entusiastas, que não temem recorrer à faculdade mediúnica para explicar experiências que elas não compreendem à primeira vista; mas, ah! os observadores frios e judiciosos são ainda bastante raros, e entre os homens honráveis que continuam os nossos estudos, há os que não sabem sempre se defender dos arrastamentos da imaginação, e dos perigos da ilusão.

Ora, quereis que vos diga o que me foi comunicado a respeito desses pássaros *maravilhosos*, dos quais admiramos uma tarde juntos, se disse vos lembrais, uma espécie? Um de meus amigos, amador de todas as curiosidades possíveis, exibiu-me um dia uma longa estante em madeira, na qual um grande número de diminutos cartões estavam colocados de improviso, uns ao lado dos outros. Sobre esses cartões, impressas palavras, números, representações de carta de jogar, etc. Comprei isto, disse-me ele, de um homem que mostrava pássaros sábios, e ele me vendeu, ao mesmo tempo, a maneira de disto me servir.

Meu amigo, tirando então de seu armário vários desses cartões, me fez notar que as bordas superiores e inferiores eram uma cheia, a outra formada por duas folhas separadas por uma fenda quase imperceptível, e sobretudo inapreciável à distância. Explicou-me em seguida que

esses cartões deveriam ser colocados no armário, ora com a fenda para baixo, ora com a fenda para cima, segundo se quisesse que o pássaro os tirasse do armário com o seu bico, ou não os tocasse. O pássaro estava previamente adestrado para puxar todos os cartões onde percebesse uma fenda. Parecia que essa instrução preliminar lhe era dada por meio de grãos de painço, ou de qualquer outra guloseima, colocados na fenda em questão; ele acabava por tomar o hábito de bicar e de fazer, por conseqüência, sair do armário todos os cartões fendidos que encontrasse, passeando-os sobre o seu dorso.

Tal é, senhor, a engenhosa artimanha que meu amigo me fez conhecer. Tudo me leva a crer que ela é comum a todas as pessoas que exploram a indústria dos pássaros sábios. Resta a essas pessoas o mérito de adestrar os seus pássaros para esse manejo com muita paciência, e talvez um pouco de jejum, - para os pássaros bem entendido. Resta-lhes também o de salvar, com a maior habilidade possível, as aparências, seja por cumplicidade, seja por uma hábil prestidigitação no manejo dos cartões, como no dos objetos acessórios que figuram em suas experiências.

Lamento revelar assim o mais importante de seus segredos; mas, de uma parte, o público não verá com menos prazer os pássaros tão bem adestrados, por pouco que não se prenda ao que o torna testemunha de coisas *impossíveis*; de outra parte, não me era permitido se acreditar por mais tempo uma opinião que tende a nada menos do que à profanação de nossos estudos. Em presença de um interesse tão sagrado, creio que um silêncio de complacência seria um escrúpulo exagerado. Se é também a vossa opinião, estais livre, senhor, para participar esta nova carta aos vossos leitores.

Aceitai.

MATHIEU.

Seguramente somos da opinião do Sr. Mathieu, e estamos felizes por estarmos acertados com ele sobre esta questão. Agradecemos-lhe os detalhes que consentiu em nos transmitir e dos quais os nossos leitores, certamente, lhe felicitarão. O Espiritismo é bastante rico em fatos notáveis autênticos, sem lhe atribuir os que tocassem ao maravilhoso ou à impossibilidade. Só um estudo sério e aprofundado da ciência pode colocar as pessoas muito crédulas em guarda; porque esse estudo, dando-lhes a chave dos fenômenos, lhes ensina os limites nos quais podem se produzir.

Dissemos que se os pássaros pudessem operar os seus prodígios com conhecimento de causa, e pelo esforço de sua inteligência, fariam o que nem o homem mais inteligente, nem o sonâmbulo mais lúcido não podem fazer. Isso nos lembra os sucessores do célebre *Munito* que vimos há uns 25 ou 30 anos, ganhar constantemente seu parceiro ao trocar cartas, e dar o total de uma adição antes que pudéssemos nós mesmos obtê-lo fazendo o cálculo, ora, sem vaidade, nos cremos um pouco mais forte do que esse sovina sobre o cálculo; sem dúvida, havia cartas marcadas como para os pássaros. Quanto aos sonâmbulos, sem contradita, há os que são bastante lúcidos para fazerem coisas tão surpreendentes do que o fazem esses interessantes animais, o que não impede nossa proposição de ser verdadeira. Sabe-se que a lucidez sonambúlica, mesmo a mais desenvolvida, é essencialmente variável e intermitente por sua natureza; que ela está subordinada a uma multidão de circunstâncias e, sobretudo, à influência do meio ambiente; que o sonâmbulo, muito raramente, vê de maneira instantânea; que, freqüentemente, não pode ver num instante dado o que verá uma hora mais tarde ou no dia seguinte; que o que ele vê com uma pessoa não verá mais com uma outra; supondo que haja entre os animais sábios uma faculdade análoga, seria preciso admitir que não sofrem nenhuma influência suscetível de perturbá-la; que têm, mais lúcido não poderiam fazer; de

onde seria preciso concluir que eles possuem faculdades intelectuais superiores ao homem, o que seria contrário às leis da Natureza." Esta consideração deveria atingir as pessoas muito entusiastas, que não temem recorrer à faculdade mediúnica para explicar experiências que elas não compreendem à primeira vista; mas, ah! os observadores frios e judiciosos são ainda bastante raros, e entre os homens honráveis que continuam os nossos estudos, há os que não sabem sempre se defender dos arrastamentos da imaginação, e dos perigos da ilusão.

Ora, quereis que vos diga o que me foi comunicado a respeito desses pássaros *maravilhosos*, dos quais admiramos uma tarde juntos, se disso vos lembrais, uma espécie? Um de meus amigos, amador de todas as curiosidades possíveis, exibiu-me um dia uma longa estante em madeira, na qual um grande número de diminutos cartões estavam colocados de improviso, uns ao lado dos outros. Sobre esses cartões, impressas palavras, números, representações de carta de jogar, etc. Comprei isto, disse-me ele, de um homem que mostrava pássaros sábios, e ele me vendeu, ao mesmo tempo, a maneira de disto me servir.

Meu amigo, tirando então de seu armário vários desses cartões, me fez notar que as bordas superiores e inferiores eram uma cheia, a outra formada por duas folhas separadas por uma fenda quase imperceptível, e sobretudo inapreciável à distância. Explicou-me em seguida que esses cartões deveriam ser colocados no armário, ora com a fenda para baixo, ora com a fenda para cima, segundo se quisesse que o pássaro os tirasse do armário com o seu bico, ou não os tocasse. O pássaro estava previamente adestrado para puxar todos os cartões onde percebesse uma fenda. Parecia que essa instrução preliminar lhe era dada por meio de grãos de painço, ou de qualquer outra guloseima, colocados na fenda em questão; ele acabava por tomar o hábito de bicar e de fazer, por conseqüência, sair do armário todos os cartões fendidos que encontrasse, passeando-os sobre o seu dorso.

Tal é, senhor, a engenhosa artimanha que meu amigo me fez conhecer. Tudo me leva a crer que ela é comum a todas as pessoas que exploram a indústria dos pássaros sábios. Resta a essas pessoas o mérito de adestrar os seus pássaros para esse manejo com muita paciência, e talvez um pouco de jejum, - para os pássaros bem entendido. Resta-lhes também o de salvar, com a maior habilidade possível, as aparências, seja por cumplicidade, seja por uma hábil prestidigitação no manejo dos cartões, como no dos objetos acessórios que figuram em suas experiências.

Lamento revelar assim o mais importante de seus segredos; mas, de uma parte, o público não verá com menos prazer os pássaros tão bem adestrados, por pouco que não se prenda ao que o torna testemunha de coisas *impossíveis*; de outra parte, não me era permitido se acreditar por mais tempo uma opinião que tende a nada menos do que à profanação de nossos estudos. Em presença de um interesse tão sagrado, creio que um silêncio de complacência seria um escrúpulo exagerado. Se é também a vossa opinião, estais livre, senhor, para participar esta nova carta aos vossos leitores.

Aceitai.

MATHIEU.

Seguramente somos da opinião do Sr. Mathieu, e estamos felizes por estarmos acertados com ele sobre esta questão. Agradecemos-lhe os detalhes que consentiu em nos transmitir e dos quais os nossos leitores, certamente, lhe felicitarão. O Espiritismo é bastante rico em fatos notáveis autênticos, sem lhe atribuir os que tocassem ao maravilhoso ou à impossibilidade. Só um estudo sério e aprofundado da ciência pode colocar as pessoas muito

crédulas em guarda; porque esse estudo, dando-lhes a chave dos fenômenos, lhes ensina os limites nos quais podem se produzir.

Dissemos que se os pássaros pudessem operar os seus prodígios com conhecimento de causa, e pelo esforço de sua inteligência, fariam o que nem o homem mais inteligente, nem o sonâmbulo mais lúcido não podem fazer. Isso nos lembra os sucessores do célebre *Munito* que vimos há uns 25 ou 30 anos, ganhar constantemente seu parceiro ao trocar cartas, e dar o total de uma adição antes que pudéssemos nós mesmos obtê-lo fazendo o cálculo, ora, sem vaidade, nos cremos um pouco mais forte do que esse sovina sobre o cálculo; sem dúvida, havia cartas marcadas como para os pássaros. Quanto aos sonâmbulos, sem contradita, há os que são bastante lúcidos para fazerem coisas tão surpreendentes do que o fazem esses interessantes animais, o que não impede nossa proposição de ser verdadeira. Sabe-se que a lucidez sonambúlica, mesmo a mais desenvolvida, é essencialmente variável e intermitente por sua natureza; que ela está subordinada a uma multidão de circunstâncias e, sobretudo, à influência do meio ambiente; que o sonâmbulo, muito raramente, vê de maneira instantânea; que, freqüentemente, não pode ver num instante dado o que verá uma hora mais tarde ou no dia seguinte; que o que ele vê com uma pessoa não verá mais com uma outra; supondo que haja entre os animais sábios uma faculdade análoga, seria preciso admitir que não sofrem nenhuma influência suscetível de perturbá-la; que têm, sempre, a toda hora, e vinte vezes por dia, se lhe for preciso, à sua disposição, sem nenhuma alteração, e é desse ponto de vista que dizemos, sobretudo, que fazem o que os sonâmbulos mais lúcidos não podem fazer. O que caracteriza os torneios de prestidigitação é a precisão, a pontualidade, a instantaneidade, a repetição facultativa, todas as coisas contrárias à essência dos fenômenos puramente morais do sonambulismo e do Espiritismo, dos quais é preciso, quase sempre, esperar os efeitos, e que se podem, muito raramente, ser provocados.

Do fato de que os efeitos, dos quais acabamos de falar, são devidos a procedimentos artificiais, isso nada provaria contra a mediunidade dos animais em geral.

A questão seria, pois, de saber se há neles possibilidade, ou não, de servirem de intermediários entre os Espíritos e os homens; ora, a incompatibilidade de sua natureza, a esse respeito, está demonstrada pela dissertação de *Erasto* sobre esse assunto, publicada em nosso número do mês de outubro, e aquela do mesmo Espírito sobre *o papel dos médiuns nas comunicações*, inseridas na do mês de julho.

Carta do Sr. Jobard sobre os Espíritas de Metz.

Bruxelas, 18 de agosto de 1861.

Meu caro mestre,

Venho de visitar os Espíritas de Metz, como visitastes os de Lyon, no ano passado; mas em lugar de pobres operários simples e iletrados são condes, barões, coronéis, oficiais de gênio, antigos alunos da Escola politécnica, sábios conhecidos por obras de grande mérito. Eles também me ofereceram um banquete, mas um banquete de pagão que não tinha nada de comum com as modestas refeições dos primeiros cristãos; também o Espírito de Lamennais os puniu, nestes termos:

"Pobre Humanidade! Amontoais sempre os restos do meio no qual viveis; materializais tudo, prova de que a lama suja ainda o vosso ser. Não vos faço censura, mas uma simples observação; estando o vosso objetivo adornado de excelentes intenções, os caminhos que vos conduzem a ele não são condenáveis; se, ao lado de uma satisfação quase animal, colocais o desejo de santificá-la, de enobrecê-la, a pureza dos vossos prazeres, seguramente, a centuplicará. Com exceção das boas palavras que vão estreitar a vossa amizade; ao lado da lembrança dessa boa jornada, da qual o Espiritismo tem sua grande parte, não deixeis a mesa sem ter pensado que os bons Espíritos, que são os professores de vossas reuniões, têm direito a um pensamento de reconhecimento."

Que isto sirva de lição aos Luccullus, aos Trimalcions parisienses que devoram, em um jantar, a substância de cem famílias, pretendendo que Deus lhes deu os bens da Terra para deles desfrutar. Para desfrutá-los, seja; mas não para deles abusar, ao ponto de alterar a saúde do corpo e do Espírito. De que servem, eu vos pergunto, esses duplos, triplos e quádruplos serviços; essa superfluidade crescente de vinhos mais delicados, aos quais Deus parece ter retirado o sabor por um milagre inverso ao das bodas de Cana, e que muda em veneno para aqueles que perdem a razão ao ponto de se tornarem insensíveis às advertências de seu instinto animal. Quando o Espiritismo, difundido nas altas classes da sociedade, não tiver por efeito senão colocar um freio à glotonaria, e às orgias da mesa dos ricos, prestaria à sociedade um serviço imenso, que a medicina oficial não pôde prestar-lhe, uma vez que os próprios médicos partilham com muito gosto esses excessos que lhes fornecem mais doentes, mais estômagos a desobstruir, mais baços a desopilar, mais gotosos a consolar, porque não sabem curá-los.

Eu vos direi, caro mestre, que encontrei em Metz casas de antiga nobreza, muito religiosas, cujas avós, mães, filhas e netos, e até os eclesiásticos seus mentores, obtêm, pela tiptologia, ditados magníficos, se bem que de uma ordem inferior às dos sábios médiuns da Sociedade de que vos falo.

Tendo perguntado a dois Espíritos o que pensavam de certos livros, um nos disse que o tinha lido e meditado, e lhe fez o maior elogio; o outro confessou que não o lera, mas que dele ouvira dizer muito bem a seu respeito; um outro o achou bom, mas lhe censurava algumas obscuridades. Exatamente como se julga neste mundo.

Um outro nos expôs uma cosmografia das mais sedutoras, que nos dava como a pura verdade, e como ia até à afirmação dos segredos de Deus sobre o futuro, perguntei-lhe se ele era o próprio Deus, ou se a sua teoria não era senão uma bela hipótese de sua parte; balbuciou e reconheceu que estava muito avançada, mas que para ele era uma convicção. Em boa hora!

Em poucos dias receberéis a primeira publicação dos Espíritos de Metz, da qual consentiram em me pedir para ser o padrinho; ficareis contente com ela, porque está bem. Ali encontrareis dois discursos de Lamennais, sobre a prece, que um padre leu na pregação, declarando que isso não podia ser a obra de um homem. A Senhora de Girardin visita-os como vós, e ali reconheceréis seu espírito, seu coração e seu estilo.

O círculo de Metz pediu-me para pô-lo em comunicação com o círculo belga, que não se compõe senão de dois médiuns, dos quais um Francês e o outro Inglês. Os belgas são infinitamente mais razoáveis; lamentam de todo o seu coração um homem de uma inteligência tão grande quanto a minha, sobre todas as matérias da indústria e das ciências, dar nessa loucura de crer na existência, e mais ainda na imortalidade da alma. Afastam-se com piedade dizendo: "O que há senão nós!" Foi o que me ocorreu ontem à noite lendo-lhes,

a vossa Revista, que acreditei dever-lhes interessar, e que tomam por uma coletânea de boatos compostos para diverti-los.

JOBARD.

Nota. Sabíamos há muito tempo que a cidade de Metz caminha a grandes passos no caminho do progresso espírita, e que os Srs. oficiais não são os últimos a segui-lo; estamos felizes por ter a confirmação disso pelo nosso louvável colega Sr. Jobard; também teremos prazer em dar conta dos trabalhos desse círculo que se ergue sobre bases verdadeiramente sérias; não podem deixar de exercer uma grande influência pela posição social de seus membros. Teremos também logo que falar do de Bordeaux que se funda sob os auspícios da Sociedade de Paris, com elementos já muito numerosos e em condições que não podem deixar de colocá-lo nos primeiros lugares.

Conhecemos muito os princípios do Sr. Jobard para estar certo que enumerando os títulos e qualidades dos Espíritas de Metz, ao lado de modestos operários que visitamos ano passado, em Lyon, ele não quis fazer nenhuma comparação ofensiva; seu objetivo foi unicamente o de constatar que o Espiritismo conta com adeptos em todas as classes. É um fato bem conhecido que, por um motivo providencial, primeiro foram recrutados nas classes esclarecidas, a fim de provar aos seus adversários que não era o privilégio de tolos e ignorantes, e também a fim de não chegar às massas senão depois de ter sido depurado e libertado de toda idéia supersticiosa. Não foi senão há pouco que penetrou entre os trabalhadores; mas ali também faz rápidos progressos, porque leva supremas consolações ao meio de sofrimentos materiais que aprendem a suportar com resignação e coragem.

O Sr. Jobard se engana se crê que não encontramos em Lyon Espíritas senão entre os trabalhadores; a alta indústria, o grande comércio, as artes e as ciências, lá como alhures, fornecem seu contingente. Os operários, é verdade, ali estão em maioria por circunstâncias inteiramente locais. Esses operários são pobres, como disse o Sr. Jobard; é uma razão para lhes estender a mão; mas são plenos de coração, de zelo e devotamento; se não têm senão um pedaço de pão, sabem reparti-lo com seus irmãos; são simples, é ainda verdade; quer dizer, que não têm nem orgulho, nem a presunção do saber; são iletrados; sim, relativamente, mas não no sentido absoluto. Na falta de ciência têm bastante discernimento e bom senso para apreciarem o que é justo, e distinguirem, no que se lhes ensina, o que é racional do que é absurdo. Eis o que pudemos julgar por nós mesmo; por isso nos aproveitamos esta ocasião para lhes fazer justiça. A carta seguinte, pela qual vêm de nos convidar para ir visitá-los, ainda este ano, testemunha a feliz influência que exercem as idéias espíritas, e dos resultados que se deve delas esperar quando estiverem generalizadas.

Lyon, 20 de agosto de 1861.

Cartas sobre as Sociedades Espíritas de Lyon e de Bordeaux

Meu bom senhor Allan Kardec,

Fiquei muito tempo sem vos escrever, e não é preciso crer que nisso haja indiferença de minha parte; é que, sabendo da volumosa correspondência que tendes, não vos escrevo senão quando tenha alguma coisa de importante para vos mandar. Venho, pois, vos dizer que contamos convosco este ano, e vos pedir de me informar da época, tão precisa quanto

possível, de vossa chegada, e do lugar onde descereis, porque este ano o número dos Espíritas aumentou muito, sobretudo nas classes operárias; todos querem vos ver, vos ouvir; e embora saibam bem que foram os Espíritos que ditaram as vossas obras, estão desejosos de ver o homem que Deus escolheu para esta bela missão; querem vos dizer o quanto estão felizes por vos ler, e vos fazer juiz do progresso moral que tiraram de vossas instruções, porque se esforçam por serem dóceis, pacientes e resignados em sua miséria, que é muito grande em Lyon, sobretudo na parte da seda. Aqueles que murmuram, aqueles que se lamentam ainda, são os principiantes; os mais instruídos lhes dizem: Coragem! nossas penas e nossos sofrimentos são provas ou as conseqüências de nossas vidas anteriores; Deus, que é bom e justo, nos fará mais feliz e nos recompensará em novas encarnações. Allan Kardec no-lo disse, e no-lo prova pelos seus escritos.

Escolhemos um local maior que o da última vez, porque seremos mais de cem; nossa refeição será modesta, porque haverá bem pouco dinheiro; será antes o prazer da reunião. Faço de modo que ali haja Espíritas de todas as classes e de todas as condições, a fim de fazer-lhes compreender que são todos irmãos. O Sr. Déjou disso se ocupa com zelo, e levará todo o seu grupo, que é numeroso.

Vosso devotado e afeiçoado, C. REY.

Um convite também muito lisonjeiro nos foi dirigido de Bordeaux.

Bordeaux, 7 de agosto de 1861,

Meu caro senhor Kardec,

A vossa Revista anuncia que a Sociedade Espírita de Paris entra em férias de 15 de agosto a 1º de outubro; podemos esperar que, nesse intervalo, honraremos os Espíritas bordeleses com a vossa presença; com isso seríamos todos bem felizes. Os adeptos mais fervorosos da Doutrina, cujo número aumenta cada dia, desejam organizar uma Sociedade que dependa da de Paris para o controle dos trabalhos. Formulamos um regulamento sobre o modelo da Sociedade parisiense; nós vo-lo submeteremos. À parte da Sociedade principal, haverá, em diferentes pontos da cidade, grupos de dez a doze pessoas, principalmente para os operários, onde os membros da Sociedade irão de tempos em tempos na ordem de inscrição, para ali darem os conselhos necessários. Todos os nossos guias espirituais estão de acordo sobre esse ponto, que Bordeaux deve ter uma Sociedade de estudos, porque essa cidade será o centro da propagação do Espiritismo em todo o Sul.

Nós vos aguardamos com confiança e alegria para o dia memorável da inauguração, e esperamos que estareis contente com o nosso zelo e a nossa maneira de trabalhar. Estamos prontos a nos submeter aos sábios conselhos de vossa experiência. Vinde, pois, nos ver no trabalho: pela obra se conhece o obreiro.

Vosso muito devotado servidor, A. SABO.

Dissertações espíritas

Revista Espírita, setembro de 1861

Um Espírito israelita aos seus correligionários.

Nossos leitores se lembram da bela comunicação que publicamos no número de março último, sobre a *lei de Moisés e a lei do Cristo*, assinada por *Mardochee*, obtida pelo Sr. R... de Mulhouse. Esse senhor obteve outras igualmente notáveis do mesmo Espírito e que publicaremos. A que damos adiante é de um outro parente e falecido há alguns meses. Foi ditada em três vezes diferentes.

A todos aqueles que conheci.

I

Meus amigos,

Sede Espíritas, aisto vos conjuro a todos. O Espiritismo é a lei de Deus:

é a lei de Moisés aplicada à época atual. Quando Moisés deu a lei aos filhos de Israel, ele a fez tal como Deus lha deu, e Deus apropriou-a aos homens daquele tempo; mas depois os homens fizeram progresso; melhoraram-se em todos os sentidos; progrediram em ciência e em moralidade; cada um deles sabe hoje se conduzir; cada um deles sabe o que deve ao seu criador, ao seu próximo, a si mesmo. É preciso, pois, hoje, alargar as bases do ensinamento; é que o que a lei de Moisés vos ensinou não basta mais para fazer a Humanidade avançar, e Deus não quer que permaneçais sempre no mesmo ponto, porque o que era bom há 5000 anos não o é mais hoje. Quando quereis fazer vossos filhos avançarem e dar-lhes uma educação um pouco forte, os enviais sempre à mesma escola, onde não aprenderiam senão as mesmas coisas? Não; vós os enviais a uma escola superior. Pois bem! meus amigos, os tempos são chegados em que Deus quer que alargueis o quadro de vossos conhecimentos. O próprio Cristo, embora haja dado um passo adiante à lei mosaica, não disse tudo porque não teria sido compreendido, mas lançou as sementes que deveriam ser recolhidas e aproveitadas pelas gerações futuras. Deus, em sua bondade infinita, vos envia hoje o Espiritismo, cujas bases todas estão na lei bíblica e na lei evangélica, para vos elevar e vos ensinar a vos amar uns aos outros. Sim, meus amigos: a missão do Espiritismo é extinguir todos os ódios de homem a homem, de nação a nação; é a aurora da fraternidade universal que se eleva; só com o Espiritismo podereis chegar a uma paz geral e durável.

Levantai-vos, povos! Sede de pé; porque eis Deus, o criador de todas as coisas que vos envia os Espíritos de vossos parentes, para vos abrir um novo caminho maior e mais largo do que aquele que seguíeis ainda. Oh! meus amigos, não sejais os últimos a vos render à evidência, porque Deus descerá sua mão sobre os incrédulos e os endurecidos, que deverão desaparecer de cima da Terra, a fim de que não perturbem o reino do bem que se prepara. Crede nas advertências daquele que foi e que é sempre vosso parente e vosso amigo.

Que os Israelitas tomem a dianteira! Que arvoreem, e sem tardar, a bandeira que Deus envia aos homens para reuni-los em uma só família; armai-vos de coragem e de resolução; não hesiteis; não vos deixeis deter pelos retardatários que gostariam de vos reter falando-vos de sacrilégios. Não, meus amigos, não há sacrilégio, e lamentai aqueles que tentarem retardar a vossa marcha com semelhantes pretextos. A vossa razão não vos diz que não há nada de imutável neste mundo? Que só Deus é imutável, mas tudo o que ele criou deve seguir, e segue uma marcha progressiva, que nada pode deter, porque está nos desígnios do Criador. Tratai, pois, de impedir que a Terra não gire!

As instituições que eram magníficas há 5000 anos, são velhas hoje; o objetivo que elas estavam destinadas a atingir está ultrapassado; não podem mais bastar à sociedade atual quanto o que se chama na França o antigo regime, não poderia bastar à França de hoje. Um novo progresso se prepara, sem o qual todas as outras melhorias sociais estão sem bases sólidas; esse progresso é a fraternidade universal da qual o Cristo lançou as sementes e que germinam no Espiritismo. Seríeis, pois, os últimos a entrar neste caminho? Não vedes que o velho mundo está num trabalho de parto para se renovar? Lançai os olhos sobre o mapa, não digo da Europa, mas do mundo, e vede se todas as instituições caducas não caem uma a uma, e ficai seguros de que elas não se levantarão jamais. Por que isto? É que a aurora da liberdade se eleva e expulsa os despotismos de todas as espécies, como os primeiros raios do Sol expulsam as trevas da noite. Os povos estão cansados de ter sido inimigos; compreendem que sua felicidade está na fraternidade, e querem ser livres, porque não podem se melhorar, e se tornarem irmãos, senão quando estiverem livres. Não reconheceis, à frente de um grande povo, um homem eminente que cumpre uma missão dada por Deus e prepara o caminho? Não ouvis os ruídos do velho mundo que desmorona para dar lugar à era nova? Logo vereis surgir na cadeira de São Pedro um pontífice que proclamará os princípios novos, e essa crença, tornada a de todos os povos, reunirá todas as seitas dissidentes em uma única e mesma família. Estai, pois, prontos; arvorai, digo-vos, a bandeira deste ensinamento tão grande e tão santo, a fim de não serdes os últimos.

Israelitas de Bordeaux e de Bayonne, vós que caminhais à frente do progresso, levantai-vos; aclamai o Espiritismo, porque é a lei do Senhor, e bendizei-o por vos trazer os meios para chegar, mais prontamente, à felicidade eterna, que está destinada aos eleitos.



Meus amigos,

Não fiquéis surpresos lendo esta comunicação. Ela vem de mim, Edouard Pereyre, vosso parente, vosso amigo, vosso compatriota. Fui bem eu quem a ditou a meu sobrinho Rodolphe, de quem tenho a mão para fazê-la escrever conforme a minha letra. Tomo esta pena para melhor vos convencer, porque é uma fadiga para o médium e para mim, o médium devendo seguir um movimento contrário àquele que lhe é habitual.

Sim, meus amigos, o Espiritismo é uma nova revelação, e compreendeis a importância desta palavra em toda a sua acepção. É uma revelação, uma vez que vos revela uma nova força da Natureza que não suspeitáveis, e no entanto ela é tão antiga quanto o mundo; era conhecida por homens de elite de nossa história religiosa, à época de Moisés, e foi por ela que recebestes os primeiros ensinamentos sobre os deveres do homem para com o seu criador, mas não deu senão o que era então compatível com os homens daquela época.

Hoje, que o progresso está feito; que a luz se derrama sobre as massas, que a estupidez e a ignorância das primeiras idades começam dar lugar à razão e ao senso moral; hoje, que a idéia de Deus é compreendida por todos, ou todos ao menos da imensa maioria, se faz uma nova revelação, e ela se produziu simultaneamente entre todos os povos instruídos, se modificando, todavia, segundo o grau de seu adiantamento, e esta revelação vos disse que o homem não morre, que a alma sobrevive ao corpo, e que ela habita o espaço entre vós e ao vosso lado.

Sim, meus amigos; consolai-vos quando perderdes um ser que vos é caro, porque não perdeis senão o seu corpo material; mas o seu Espírito vive em vosso meio para vos guiar, vos instruir e vos inspirar. Secai as vossas lágrimas, sobretudo se ele foi bom, caridoso e sem orgulho, porque então está feliz nesse mundo novo onde todas as religiões se confundem numa única e mesma adoração, banindo todos os ódios e todos os ciúmes de seitas. Também somos felizes quando podemos inspirar esses mesmos sentimentos aos homens que estamos encarregados de instruir, e a nossa maior felicidade é de vos ver reentrar num bom caminho, porque então abris a porta pela qual deveis vir juntar-se a nós. Perguntai ao médium quais são os sublimes ensinamentos que recebe de seu avô Mardochee; se segue a rota que lhe está traçada, e se prepara um futuro de felicidade; mas também, se faltasse aos seus deveres depois de um tal ensinamento, disso sofreria toda a responsabilidade, e seria para ele recomeçar, até que tenha convenientemente cumprido a sua tarefa.

Sim, meus amigos, já vivemos corporalmente, e viveremos ainda; a felicidade de que gozamos não é senão relativa; há estados bem superiores àquele em que estamos, e aos quais não se chega senão por encarnações sucessivas e progressivas em outros mundos; porque não creiais que, de todos os globos do Universo, a Terra seja o único habitado. Pobre orgulho do homem que crê que Deus não criou todos os astros senão para alegrar a sua visão! Sabei, pois, que todos os mundos são habitados, e, entre esses mundos, se soubésseis o lugar que a Terra ocupa, não teríeis razão para disso se glorificar! Se não fora cumprir a missão que nos foi dada para vos inspirar, e de vos instruir, quanto gostaríamos mais de ir visitar esses mundos e nos instruir a nós mesmos! Mas o nosso dever e as afeições nos ligam ainda à Terra; mais tarde, quando cedermos o lugar aos últimos que chegam, iremos tomar outras existências em mundos melhores, purificando-nos assim por graus até que cheguemos a Deus, nosso Criador.

Eis o Espiritismo; eis o que ele ensina e isto é a verdade que hoje podeis compreender e que deve vos ajudar a vos regenerar.

Compreendei bem que todos os homens são irmãos, sejam eles negros ou brancos, ricos ou pobres, muçulmanos, judeus ou cristãos. Como devem, para progredir, renascer várias vezes, segundo a revelação que disso fez o Cristo, Deus permite que aqueles que os laços do sangue ou da amizade uniram, em existências anteriores, se reencontrem de novo sobre a Terra, sem se reconhecerem, mas em posições relativas às expiações que têm para suportar pelas suas faltas passadas; de sorte que aquele que é vosso servidor pode ter sido vosso senhor, em uma outra existência; o infeliz a quem recusastes assistência, talvez seja um de vossos antepassados do qual teríeis vaidade, ou um amigo que vos foi caro. Compreendei agora a importância deste mandamento do decálogo: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo." Eis, meus amigos, a revelação que deve vos levar à fraternidade universal, quando for compreendida por todos. Eis porque não deveis permanecer imutáveis em vosso princípios, mas seguir a marcha do progresso, traçada por Deus, sem jamais vos deter; eis porque vos exortei a tomar nas mãos a bandeira do Espiritismo. Sim, sede Espíritas, porque é a lei de Deus, e lembrai-vos de que neste caminho está a felicidade, porque é o que conduz à perfeição. Eu vos sustentarei, eu e todos aqueles que conhecestes, que, como eu, agem no

mesmo sentido.

Que, em cada família se estude o Espiritismo, que, em cada família se formem médiuns, a fim de multiplicar os intérpretes da vontade de Deus; não vos deixeis desencorajar pelos entraves das primeiras provas: freqüentemente, elas estão cercadas de dificuldades e não são sempre sem perigo, porque não há recompensa ali onde não há um pouco de dificuldade. Todos podeis adquirir esta faculdade, mas antes de tentar obtê-la, estudai a fim de vos pre-munir contra os obstáculos; purificai-vos de vossas manchas; corrigi vosso coração e vossos pensamentos, a fim de afastar de vós os maus Espíritos; orai sobretudo por aqueles que procuram vos obsidiar, porque é a prece que os converte e vos livra deles. Que a experiência de vossos antepassados vos aproveite e vos impeça de cair nas mesmas faltas!

Continuarei as minhas instruções.



A religião israelita foi a primeira que emitiu, aos olhos dos homens, a idéia de um *Deus espiritual*. Até então os homens adoravam: uns o Sol, outros a Lua; aqui o fogo, ali, os animais; mas a idéia de Deus não estava representada, em nenhuma parte, em sua essência espiritual e imaterial.

Moisés chegou; trouxe uma lei nova que transtornava todas as idéias recebidas antes dessa época. Tinha que lutar contra os sacerdotes egípcios que entrelinham os povos na ignorância mais absoluta, na escravidão mais abjeta; e esses sacerdotes, que retiravam desse estado de coisas um poder ilimitado, não podiam ver sem temor a propagação de uma fé nova, que vinha destruir os alicerces de seu poder, e ameaçava derrubá-los. Essa fé trazia consigo a luz, a inteligência e a liberdade de pensar; era uma revolução social e moral. Também os adeptos dessa fé, que eram recrutados entre todas as classes do Egito, e não somente entre os descendentes de Jacó, como foi dito por erro, eram perseguidos, acuados, submetidos aos mais duros vexames, e, enfim, expulsos do país, como infestando a população com idéias subversivas e anti-sociais. Sempre foi assim, todas as vezes que um progresso aparece no horizonte e brilha sobre a Humanidade; as mesmas perseguições e os mesmos tratamentos acompanham os inovadores, que lançam sobre o solo da nova geração os germes fecundos do progresso da moral; porque toda inovação progressiva, levando à destruição de certos abusos, necessariamente, tem por inimigos todos aqueles que estão interessados na manutenção desses abusos.

Mas Deus Todo-Poderoso, que conduz com a sua sabedoria infinita os acontecimentos de onde deve jorrar o progresso, inspirou Moisés; deu-lhe um poder que nenhum homem tivera, e pela irradiação desse poder, cujos efeitos feriam os olhos mais incrédulos, Moisés adquiriu uma imensa influência sobre uma população que, confiando cegamente em seu destino, cumpriu um dos milagres cuja impressão deveria se perpetuar de geração em geração, como uma lembrança imperecível do poder de Deus e de seu profeta.

A passagem do Mar Vermelho foi o primeiro ato de libertação desse povo: mas a sua educação estava para ser feita; era necessário domá-lo pela força do raciocínio e pelos milagres freqüentemente renovados; era necessário lhe inculcar a fé e a moral; era necessário ensinar-lhe a colocar a sua força e sua confiança num Deus criador, ser infinito, imaterial, infinitamente bom, infinitamente justo, e os quarenta anos de prova pelas quais passou, no deserto, no meio das privações, dos sofrimentos, e das vicissitudes de todas as espécies, os exemplos de insubordinação que foram tão severamente reprimidos, por uma

justiça providencial, tudo isso contribuiu para desenvolver nele a fé nesse ser todo-poderoso, do qual cada dia ele experimentava ora a mão benfazeja, ora a mão severa que pune aquele que a desafia.

Sobre o Monte Sinai ocorreu essa primeira revelação, esse brilhante mistério que espantou o mundo, o subjugou, e difundiu sobre a Terra os primeiros benefícios de uma moral que livrava o Espírito das opressões da carne e de um despotismo embrutecedor; que colocava o homem acima da esfera dos animais, e que dele fazia um ser superior, capaz de se elevar pelo progresso à suprema inteligência. Os primeiros passos desse povo que confiara seu destino ao *homem de Deus*, foram entravados por guerras, cujos efeitos deveriam ser o germe fecundo de uma renovação social entre as populações que combatia. O judaísmo se tornou o foco da luz, da inteligência e da liberdade, e a irradiação de um clarão brilhante sobre todas as nações vizinhas, nas quais provocava a hostilidade e o ódio. Esse resultado imediato estava nos desígnios de Deus, sem isso o progresso teria sido muito lento; e, ao mesmo tempo que essas guerras fecundavam os germes do progresso, eram um ensinamento para os Judeus, dos quais reanimava a fé.

Esse povo, tirado de entre um outro povo, que se confiara sem reflexão à condução de um homem que o espantara por um poder miraculoso, esse povo tinha, pois, uma missão, era um povo predestinado. Não foi sem razão que foi dito: ele cumpria uma missão da qual não se dava conta, nem ele, nem os outros povos; ia cegamente, executando sem compreendê-los, os desígnios da Providência. Essa missão árida foi cumprida com fel e amargura; esses apóstolos sofreram todos os estragos possíveis, foram perseguidos, atormentados, lapidados e dispersados, e, por toda parte, levavam com eles essa fé viva e inteligente, essa confiança em seu Deus, do qual tinham medido o poder, experimentado a bondade, e do qual aceitavam as provas que deveriam trazer sobre a Humanidade os benefícios da civilização.

Eis esses apóstolos obscuros, achincalhados, desprezados; eis os primeiros pioneiros da liberdade; sofreram bastante desde a sua saída do Egito até os nossos dias?

A hora de sua reabilitação não tardará a soar para eles, e um dia que não está longe saudará esses primeiros soldados da civilização moderna com reconhecimento e veneração, e se renderá justiça aos descendentes dessas antigas famílias que, inabaláveis em sua fé, a levaram como dote em todas as nações, onde Deus permitiu que fossem dispersadas.

Quando Jesus Cristo apareceu, era ainda um enviado de Deus; era um novo astro que aparecia sobre a Terra, como Moisés de quem retomou a missão para continuá-la, desenvolvê-la e apropriá-la ao progresso realizado, e ele mesmo estava destinado a sofrer essa morte ignominiosa da qual os Judeus prepararam os caminhos, conduziram as circunstâncias, e cujo crime foi cometido pelos Romanos. Mas cessai, pois, de considerar a história dos povos, e dos homens, como a considerastes até este dia. Em vosso orgulho, imaginai que foram eles que conduziram os acontecimentos que mudaram a face do mundo e vos esqueceis de que há um Deus no Universo, que rege essa admirável harmonia e cuja lei suportais, crendo impô-la vós mesmos. Olhai, pois, a história da Humanidade de um ponto mais elevado; abarcai um horizonte mais vasto, e notai que tudo segue um sistema único; a lei do progresso, em cada século, e não cada dia, vos faz dar um passo.

Jesus Cristo foi, pois, a segunda fase, a segunda revelação, e seus ensinamentos levaram dezoito séculos para se difundirem, para se vulgarizar; julgai por aí se o progresso é lento, e o que deveriam ser os homens quando Moisés trouxe ao mundo a admirável idéia de um Deus Todo-Poderoso, infinito e imaterial, cujo poder se fazia visível para esse povo, a quem sua missão levou tantos espinhos e sarças. O progresso não se efetua, pois, sem dificuldade; é às suas

custas, pelos seus sofrimentos e suas cruéis vicissitudes que a Humanidade aprende o objetivo de seu destino, e o poder daquele ao qual ela deve por existir.

O cristianismo, foi, pois, o resultado da segunda revelação. Mas essa doutrina, da qual o Cristo trouxera e desenvolvera a sublime moral, foi compreendida em sua admirável simplicidade? E como a praticam a maioria daqueles que professam? Jamais a fizeram desviar de seu objetivo? Jamais dela se abusou para fazê-la servir de instrumento ao despotismo, à ambição e à cupidez? Em uma palavra, todos aqueles que se dizem cristãos o são segundo o seu fundador? Não; eis porque eles também devem passar pelo alambique da infelicidade que tudo purifica. A história do cristianismo é muito moderna para dela contar todas as peripécias; mas, enfim, o objetivo está quase para ser alcançado, e a nova aurora vai se levantar que, por meios diferentes, vai nos fazer caminhar com um passo mais rápido nesse caminho onde necessitastes de seis mil anos para chegar.

O Espiritismo é o acontecimento de uma era que verá se realizar essa revolução nas idéias dos povos; porque o Espiritismo destruirá essas prevenções incompreendidas, esses preconceitos sem causas que acompanharam e seguiram os Judeus em sua longa e penosa peregrinação; compreender-se-á que sofreram um destino providencial, do qual foram os instrumentos, tudo como aqueles que percebiam com seu ódio o faziam compelidos pelo mesmo poder, cujos secretos desígnios devem se cumprir pelos caminhos misteriosos, ignorados. Sim, o Espiritismo é a terceira revelação; revela-se a uma geração de homens mais avançados, tendo mais nobres aspirações, aspirações generosas e humanitárias, que devem concorrer para a fraternidade universal. Eis o novo objetivo dado por Deus aos vossos esforços, mas esse resultado, como aqueles alcançados até este dia, não se alcançará sem dores e sem sofrimentos, que aqueles que se sentem com coragem de ser-lhe os apóstolos se levistem, que ergam a voz, que falem alto e claro, que exponham suas doutrinas, que ataquem os abusos, que mostrem seu objetivo. Esse objetivo não é uma brilhante miragem que perseguis em vão; esse objetivo é real, vós o esperais na época assinalada por Deus. Ela esteja talvez distante, mas está lá, assinalada; não temais, ide apóstolos do progresso, marchai audaciosamente, a frente alta e o coração resignado. Tendes por sustentáculo uma doutrina pura, isenta de todo mistério, apelando às mais belas virtudes da alma, sobrevivendo à morte e aos suplícios. Eis, meus amigos, o objetivo revelado. Quais serão os apóstolos, direis, e como os reconheceremos? Deus se encarrega de vos fazê-los conhecer pelas missões que lhes serão confiadas e que cumprirão. Reconhecê-los-eis pelas suas obras, mas não pelas qualidades que se atribuirão. Aqueles que recebem missões do alto as cumprem, mas não se glorificam com isso; porque Deus escolhe os humildes para difundir a sua palavra, e não os ambiciosos e os orgulhosos. Por esses sinais reconheceréis os falsos profetas.

Edouard PEREYRE.

Variedades - Um boato

Revista Espírita, setembro de 1861

Um jornal, não sabemos de que país, publicou há algum tempo, e outros o repetiram, ao que parece, que uma conferência solene deveria ocorrer, sobre o Espiritismo, entre os Srs. Home, Marcillet, Squire, Delaage, Sardou, Allan Kardec etc. Aqueles de nossos leitores que poderiam disso ter ouvido falar, são informados de que tudo o que foi impresso, não sendo palavra do Evangelho, fosse mesmo num jornal, é muito simplesmente um boato acomodado em sal muito grosso, no tempero do qual se esqueceu de colocar uma coisa, que é o Espírito. Não estaríamos surpresos de ver, um dia, publicar as decisões desse congresso, e mesmo citar as palavras que aí fossem pronunciadas. Isso não custará mais, e, na falta de melhor, isso encherá as colunas do jornal.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quarto Ano – 1861

Outubro

- [O Espiritismo em Lyon](#)
- [Banquete dos Espíritas Lioneses](#)
- [Discurso do Sr. Allan Kardec no banquete de Lyon](#)
- [Epístola de Erasto aos Espíritas Lioneses](#)
- Conversas familiares de além-túmulo.
 - [Eugène Scribe](#)
- Dissertações espíritas.
 - [Os cretinos](#)
 - [Se fosse um homem de bem, teria morrido](#)
 - [Os pobres e os ricos](#)
 - [Diferentes maneiras de fazer a caridade](#)
 - [Roma](#)
 - [O Coliseu](#)
 - [A Terra Prometida](#)
 - [Egoísmo e orgulho](#)
- [Sociedade Espírita de Metz](#)

O Espiritismo em Lyon

Revista Espírita, outubro de 1861

Fomos de novo, este ano, a Lyon, tendo em vista insistente convite que nos foi feito pelos Espíritas, se bem que conhecêssemos, pela correspondência, os progressos do Espiritismo nessa cidade, o resultado ultrapassou e muito a nossa expectativa. Nossos leitores nos serão agradecidos, sem dúvida, por lhes darmos algumas notícias a esse respeito; ali verão um indício da marcha irresistível da Doutrina, e uma prova patente de suas conseqüências morais.

Mas antes de falar dos Espíritas de Lyon, não devemos nos esquecer dos de Sens e de Mâcon, que visitamos em nosso percurso, e agradecer-lhes pela sua simpática acolhida. Lá também pudemos constatar um progresso muito notável, seja no número de adeptos, seja na opinião que se faz do Espiritismo, em geral; por todas as classes dos galhofeiros se esclarecem, e mesmo aqueles que não crêem ainda observam uma prudente reserva, comandada pelo caráter e a posição daqueles que não mais temem hoje se confessarem claramente partidários e propagadores de novas idéias; em presença da opinião que se pronuncia e se generaliza, os incrédulos se dizem que aí poderia bem ter alguma coisa, e que, em resumo, cada um é livre em suas crenças; se quer tudo ao menos saber do que se trata, antes de falar, ao passo que antes falava-se primeiro, antes de saber sobre o quê; não se pode negar que, para muita gente, não esteja aí um verdadeiro progresso. Retornaremos mais tarde sobre esses dois centros, ainda jovens, numericamente falando, ao passo que Lyon já atingiu a virilidade.

Com efeito, não é mais por centenas que ali se contam os Espíritas, como há um ano: é por milhares; ou, para melhor dizer, não mais se os conta, e se estima que, seguindo as mesmas progressões, em um ou dois anos serão mais de trinta mil. O Espiritismo ali está recrutado em todas as classes, mas é sobretudo na classe operária que ele se propagou com mais rapidez, e isso não é espantoso; esta classe, sendo a que sofre mais, volta-se do lado onde ela encontra mais consolação. Vós que gritais contra o Espiritismo, por que não lhe dais tanto! Ela se voltaria para vós; mas em lugar disso quereis lhe tirar o que a ajuda a carregar seu fardo de miséria; é o mais seguro meio de vos alienar as suas simpatias e engrossar as fileiras que vos são opostas. O que vimos com os nossos olhos é de tal modo característico, que encerra em si um grande ensinamento, que cremos dever dar aos trabalhadores a mais larga parte em nosso relatório.

O ano passado não havia senão um único centro de reunião, o de Brotteaux, dirigido pelo Sr. Dijoud, chefe de oficina, e sua mulher; depois se formaram em diversos pontos da cidade, na Guillotière, em Perrache, na Croix-Rousse, em Vaise, Saint-Just, etc., sem contar um grande número de reuniões particulares. Ali havia apenas ao todo dois ou três médiuns bastante novatos; hoje os há em todos os grupos, e vários são de primeira força; em um único grupo vimos cinco escreverem simultaneamente. Vimos igualmente uma pessoa jovem, muito bom médium vidente, e na qual pudemos constatar essa faculdade desenvolvida em um grau muito alto.

Trouxemos uma coleção de desenhos extremamente notáveis de um médium desenhista que não sabe desenhar; eles rivalizam, pela execução e complicação, com os desenhos de Júpiter, embora num outro gênero. Não devemos esquecer um médium curador, tão recomendável pelo seu devotamento quanto pelo poder de sua faculdade.

Sem dúvida, os adeptos se multiplicam muito, mas o que vale mais ainda, do que o número, é a qualidade. Pois bem! Nós declaramos claramente que não vimos, em nenhuma parte, reuniões Espíritas mais edificantes que as dos operários Lioneses, sob o aspecto da ordem, do recolhimento e da atenção que eles dão às instruções de seus guias Espirituais; ali há homens, velhos, mulheres, pessoas jovens, mesmo crianças, cuja atitude respeitosa e recolhida contrasta com a sua idade; jamais um único perturbou um instante de silêncio de nossas reuniões, freqüentemente muito longas; pareciam quase tão ávidos quanto seus pais para recolherem as nossas palavras. Isto não é tudo; o número das metamorfoses morais, entre os operários, é quase tão grande quanto o dos adeptos: hábitos viciosos reformados, paixões acalmadas, ódios apaziguados, interiores tornados pacíficos, em uma palavra, as virtudes mais cristãs desenvolvidas, e isso pela confiança, doravante inabalável, que as comunicações Espíritas lhes dão em um futuro no qual não acreditavam; é uma felicidade para eles assistirem a essas instruções, de onde saem reconfortados contra a adversidade; também se vê que chegam ali de mais de uma légua, com qualquer tempo, inverno como verão, e que desafiam tudo para não faltar a uma sessão; é que não há neles uma fé vulgar, mas uma fé baseada sobre uma convicção profunda, raciocinada e não cega.

Os Espíritos que os instruem sabem admiravelmente se colocar à altura de seus ouvintes. Seus ditados não são trechos de eloquência, mas boas instruções familiares, sem pretensão, e que, por isso mesmo, vão ao coração. As conversas com os parentes e os amigos defuntos aí desempenham um grande papel, e delas saem, quase sempre lições úteis. Freqüentemente, uma família se reúne, e o serão se passa numa doce expansão com aqueles que não estão mais; quer se ter novidades de tios, de tias, de primos e de primas; saber se são felizes; ninguém é esquecido; cada um quer que o avô lhe diga alguma coisa; ele dá a todos um conselho. - E eu, avô, dizia um dia um jovem, não me direis, pois, nada? - Tu, meu filho, eu te direi alguma coisa: não estou contente contigo; outro dia querelastes no caminho por uma bobagem, em lugar de ir direto para a tua obra; isso não está bem. - Como, avô, sabeis disso? - Sem dúvida, eu o sei; é que nós outros, Espíritos, não vemos tudo o que fazeis, uma vez que estamos ao vosso lado? - Perdão, avô, eu vos prometo que não recomencarei mais.

Não há alguma coisa de tocante nessa comunhão dos mortos com os vivos? A vida futura aí está, palpante sob os olhos; não há mais morte, não mais separação eterna, não mais o nada; o céu está mais perto da Terra, e se o compreende melhor. Se está aí uma superstição, praza a Deus que jamais tivesse havido outras!

Um fato digno de nota e que constatamos, é a facilidade com que esses homens, a maioria iletrados, e endurecidos pelos mais rudes trabalhos, compreendem a importância da Doutrina, pode-se dizer que não vêem nela senão o lado sério. Nas instruções que demos, nos diferentes grupos, foi em vão que procuramos excitar a curiosidade pelo relato das manifestações físicas, e no entanto, ninguém viu uma mesa girar; ao passo que, tudo o que se referia às apreciações morais, captava no mais alto ponto o seu interesse.

A alocução seguinte nos foi dirigida quando de nossa visita ao grupo de Saint-Just; nós a reportamos, não para satisfazer uma tola e pueril vaidade, mas como prova dos sentimentos que dominam nas oficinas onde o Espiritismo penetrou, e porque sabemos ser agradável àqueles que consentiram em nos dar esse testemunho de simpatia. Transcrevê-la-emos textualmente, porque nos seria fazer um escrúpulo acrescentar-lhe uma única palavra; só a ortografia foi retificada.

"Senhor Allan Kardec, discípulo de Jesus, intérprete do Espírito de Verdade, sois nosso irmão

em Deus; estamos todos reunidos em um mesmo coração, sob a proteção de São João Batista, protetor da Humanidade, precursor do grande mestre Jesus, nosso Salvador.

"Nós vos pedimos, nosso caro mestre, para mergulhar os vossos olhares no fundo de nossos corações, a fim de que possais vos dar conta das simpatias que temos por vós. Somos pobres trabalhadores, sem artes; uma espessa cortina, desde a nossa infância, foi estendida sobre nós para sufocar a nossa inteligência; mas vós, caro mestre, pela vontade do Todo-Poderoso, despedaçastes a cortina. Essa cortina, que acreditaram impenetrável, não pôde resistir à vossa digna coragem. Oh! Sim, nosso irmão, pegastes a pesada picareta para descobrir a semente do Espiritismo, que fora encerrada num terreno de granito; vós a semeastes aos quatro cantos do globo, e até em nossos pobres bairros de ignorantes, que começam a saborear o pão da vida.

"Todos nós te dizemos isto, do fundo do coração; estamos animados pelo mesmo fogo e repetimos todos: Glória a Allan Kardec e aos bons Espíritos que o inspiraram! e vós, bravos irmãos, Sr. e Sra. Dijoud, os benditos de Deus, de Jesus e de Maria, estais gravados em nossos corações para deles não sair jamais, porque sacrificastes por nós os vossos interesses e os vossos prazeres materiais. Deus o sabe; nós o agradecemos por vos ter escolhido para essa missão, e agradecemos também o nosso protetor superior São João Batista. "Obrigado, senhor Allan Kardec; mil vezes obrigado, em nome do grupo de Saint-Just, por ter vindo entre nós, simples operários, e ainda bem imperfeitos em Espiritismo; a vossa presença nos causa uma grande alegria em meio de nossas tribulações, que são grandes neste momento de crise comercial; nos trouxestes o bálsamo benfazejo que se chama esperança, que acalma os ódios, e reacende no coração do homem o amor e a caridade. Nós nos aplicaremos, caro mestre, em seguir os vossos bons conselhos, e aqueles dos Espíritos superiores que terão a bondade de nos ajudar e de nos instruir, a fim de que todos nos tornemos verdadeiros e bons Espíritos. Caro mestre, ficai seguro de que levareis convosco a simpatia de nossos corações pela eternidade; nós o prometemos; somos e seremos sempre vossos adeptos sinceros e submissos. Permitti ao médium, e a mim, vos dar o beijo de amor fraternal, em nome de todos os irmãos e irmãs que estão aqui. Ficaríamos bem felizes se quisésseis brindar conosco."

Vínhamos de longe, e havíamos subido as alturas de Saint-Just com um calor acabrunhante. Alguns refrescos tinham sido preparados no meio dos instrumentos de trabalho; pão, queijo, algumas frutas, um copo de vinho; verdadeiros ágapes oferecidos com a simplicidade antiga e um coração sincero. Um copo de vinho! Ai de mim! em nossa intenção; porque essas bravas pessoas não o bebem todos os dias; mas era festa para eles: ia-se falar do Espiritismo. Oh! Foi de grande coração que brindamos com eles, e sua modesta merenda tinha, aos nossos olhos, cem vezes mais valor do que os mais esplêndidos repastos. Que disso recebam aqui a certeza.

Alguém nos dizia em Lyon: "O Espiritismo penetra entre os operários pelo raciocínio, não seria tempo de procurar fazê-lo penetrar pelo coração?" Essa pessoa, seguramente, não conhece os operários; seria desejável que se encontrasse tanto de coração em todo o mundo. Se uma tal linguagem não está inspirada pelo coração; se o coração não está por nada naquele que encontra no Espiritismo a força para vencer suas tendências, lutar com resignação contra a miséria, abafar seus rancores e suas animosidades; naquele que partilha seu pedaço de pão com um mais infeliz, confessamos não saber onde está o coração.

Banquete

Revista Espírita, outubro de 1861

Oferecido ao Sr. Allan Kardec pelos diferentes grupos de Espíritas lioneses, em 19 de setembro de 1861.

Um banquete ainda reuniu este ano um certo número de Espíritas em Lyon, com esta diferença de que no último ano havia uns trinta convivas, ao passo que este foram contados cento e sessenta, representando os diferentes grupos que se consideram todos como os membros de uma mesma família, e entre os quais não existe a sombra do ciúme e da rivalidade, o que estamos muito alegre em fazer notar de passagem. A maioria dos assistentes era composta de operários, e todo o mundo notou a ordem perfeita que não cessou de reinar um só instante; é que os verdadeiros Espíritas colocam a sua satisfação nas alegrias do coração e não nos prazeres barulhentos. Vários discursos foram pronunciados; iremos reportá-los, porque resumem a situação e caracterizam uma das fases da marcha do Espiritismo; fazem, além disso, conhecer o verdadeiro dessa população, olhada outrora com uma espécie de temor, porque julgada mal, e talvez também mal dirigida moralmente. Um dos principais discursos, infelizmente, faltará, e o lamentamos sinceramente: é o do Sr. Renaud, notável pelas suas apreciações, e no qual não encontramos de mais senão os elogios que ali nos são dirigidos. A cópia desse discurso de uma certa extensão não nos tendo sido entregue antes de nossa partida, estamos privados de inseri-la, mas, por isso, não somos menos reconhecidos para com o autor pelos testemunhos de simpatia que consentiu em nos dar.

Tem-se a notar que, por uma coincidência não premeditada, uma vez que foi subordinada à nossa chegada, o banquete desse ano ocorreu na mesma data, 19 de setembro, que a do ano passado.

***Alocução do Sr. Dijoud, chefe de oficina,
presidente do
grupo Espírita de Brotteaux, em
agradecimento pela
assistência dos bons Espíritos.***

Meus bons amigos,

É em nome de todos que venho agradecer aos bons Espíritos por nos ter reunido e iniciado

pelas manifestações às leis divinas, às quais, estamos todos submetidos; satisfação imensa para nós, que as doces consolações que nos dão, e que nos fazem suportar com paciência e resignação as provas e os sofrimentos desta vida passageira, porque não ignoramos mais agora o objetivo de nossa encarnação, de nosso rude trabalho, e a recompensa que espera o nosso Espírito se nós os suportarmos com coragem e submissão.

Aprendemos também, com eles, que se escutarmos seus conselhos, e se colocarmos em prática a sua moral, seremos nós mesmos que prepararemos o reino de felicidade que Deus nos fez prometer pelo seu Filho; então o egoísmo, a calúnia e a malícia desaparecerão entre nós, porque somos todos irmãos, e devemos nos amar, nos ajudar e nos perdoar como irmãos.

É, pois, a chamada invisível dos Espíritos superiores que respondemos vindo aqui testemunhar-lhes, de coração unânime, o nosso reconhecimento. Pecamos para consentir em nos conservar sua proteção e seu amor, e nos continuar as suas instruções tão doces, tão consoladoras, tão vivificantes, que nos fizeram tanto bem, desde que temos a felicidade de receber as suas comunicações.

Oh! meus amigos! Quanto é belo este dia em que Deus nos convidou! Tomemos todos a resolução de sermos bons e sinceros Espíritas, e de jamais esquecer esta Doutrina que fará a felicidade da Humanidade inteira, conduzindo os homens para o bem. Obrigado aos bons Espíritos que nos assistem e nos dão a luz, e obrigado a Deus por no-los ter enviado!

Brinde trazido pelo Sr. Courtet, negociante.

Senhores,

Membro do grupo Espírita de Brotteaux, e em seu nome, venho vos propor um brinde em honra do senhor e senhora Dijoud.

Senhora, cumpro um dever bem agradável servindo de intérprete a toda a nossa Sociedade, que a vós agradece por tudo o que tendes feito em nosso favor! Quantas consolações fizestes nascer entre nós! Quantas lágrimas de enternecimento e de alegria nos fizestes derramar! Vosso coração tão bom e tão modesto não se orgulha com os vossos sucessos, e vossa caridade com eles é aumentada.

Sabemos bem, senhora, que não foi senão a intérprete dos Espíritos superiores que a vós são ligados, mas também com que devotamento cumpris esta tarefa! Por vosso intermédio estamos iniciados nessas altas questões de moral e de filosofia, cuja solução deve trazer o reino de Deus, e, por consequência, a felicidade dos homens sobre a Terra.

Nós vos agradecemos também, senhora, pela assistência que dais aos nossos doentes; vossa fé e vosso zelo deles recebem a recompensa pela satisfação que sentis em fazer o bem e aliviar o sofrimento. Nós vos pedimos a continuação de vossos bons ofícios; ficai persuadida de toda a nossa gratidão e de nosso reconhecimento eterno.

Senhor Dijoud, nós vos agradecemos pela inteligência, a firmeza e a complacência que trazeis em nossas reuniões. Contamos convosco para continuar essa grande obra com o concurso dos bons Espíritos.

Brinde trazido pelo Sr. Bouilland, professor.

Tenho a honra de trazer um brinde ao senhor Allan Kardec, um brinde de gratidão e de reconhecimento, em nome de seus adeptos, de seus apóstolos aqui presentes.

Ah! quanto somos felizes, nós, os voluntários da *grande obra*, da obra fecunda e regeneradora, em ver em nosso meio nosso valente, nosso bem amado chefe!

Se sentimos essa felicidade, é preciso bem reconhecê-lo, é que o favor distintivo, que nos é concedido hoje, é um desses que não se esquecem, que não se esquecem jamais. Oh! qual é o soldado, por exemplo, que não se recordaria com o mais vivo ardor que seu general consentiu se misturar a ele para partir o *mesmo* pão na *mesma* mesa?

Pois bem! Nós também, caro mestre, somos vossos soldados, vossos voluntários, e tão alto que plantastes o vosso estandarte, em nós, não para defendê-lo, disso não tendes necessidade, mas para que façamos triunfar por uma sábia, uma fervorosa propagação. Esta causa, é verdade, é tão bela, tão justa, tão consoladora! No-lo provaste tão bem em vossas obras tão cheias de erudição, de saber, de eloquência! Ah! todos nós o reconhecemos, estão bem aí as páginas do homem inspirado pelo puro Espírito, porque cada um nós compreendeu, haurindo na fonte de vosso consciencioso trabalho, que todos os vossos pensamentos eram tantas sublimes emanações do Mais Alto! Depois, se acrescentamos, caro mestre, que a vossa missão é santa e sagrada neste mundo, é que mais de uma vez sentimos, pelo recurso de vossas luzes, a centelha fluídica que liga entre eles todos os mundos visíveis e invisíveis, gravitando na imensidão! Também o nosso coração bate em unísono com o mesmo amor por vós; recebei aqui a sua expressão viva, sincera e profunda; a vós de todo o nosso coração, avós de todo o nosso Espírito!

Discurso do Sr. Allan Kardec no banquete de Lyon

Revista Espírita, outubro de 1861

Senhoras e senhores, todos vós, meus caros e bons irmãos em Espiritismo.

Se há circunstâncias em que se possa lamentar a insuficiência de nossa pobre linguagem humana, é quando se trata de exprimir certos sentimentos, e tal é, neste momento, a minha posição. O que eu sinto, ao mesmo tempo, é uma surpresa bem agradável quando vejo o terreno imenso que a Doutrina Espírita ganhou entre vós, há um ano, e admiro a Providência; uma alegria indizível pela visão do bem que ela aqui produz, de consolações que ela derrama sobre tantas dores, ostensivas ou ocultas, e disso deduzo o futuro que a espera; é uma felicidade inexprimível reencontrar-me no meio desta família, tornada tão numerosa em tão pouco tempo, e que aumenta todos os dias; é, enfim, e acima de tudo, uma profunda e sincera gratidão pelos tocantes testemunhos de simpatia que recebo de vós.

Esta reunião tem caráter particular. Graças Deus! Estamos todos aqui, muito bons Espíritas penso, para termos o prazer de nos acharmos juntos, e não o de nos encontrar à mesa; e, seja dito de passagem, creio mesmo que um festim de Espíritas seria uma contradição. Presumo também que, me convidando tão graciosamente e com tantas instâncias, a vir ao vosso meio, não acreditastes que a questão de um banquete fosse motivo de atração para mim; foi o que me apressei a escrever aos meus bons amigos Rey e Dijoud, quando se escusaram sobre a simplicidade da recepção; porque, ficai bem convencidos de que o que mais me honra nesta circunstância, o de que, com razão, posso estar orgulhoso, é a cordialidade e a sinceridade da acolhida, o que se encontra muito raramente nas recepções pomposas, porque aqui não há máscaras sobre os rostos.

Se uma coisa pudesse atenuar a felicidade que tenho por me encontrar em vosso meio, seria não poder permanecer senão tão pouco tempo; ser-me-ia muito agradável prolongar minha estada num dos centros mais numerosos e mais zelosos do Espiritismo; mas, uma vez que desejais receber algumas instruções de minha parte, não achareis mau, sem dúvida, que, a fim de utilizar todos os instantes, eu saia um pouco das banalidades muito comuns em semelhantes circunstâncias, e que minha alocação empreste alguma gravidade à própria gravidade do assunto que nos reuniu. Certamente, se estivéssemos num repasto de bodas ou de batismo, seria intempestivo falar das almas, da morte, e da vida futura; mas, eu o repito, estamos aqui para nos instruir, antes que para comer, e, em todo caso, não é para nos divertir.

Não creiais, senhores, que esta espontaneidade que vos levou a vos reunir aqui seja um fato puramente pessoal; esta reunião, disso não duvideis, tem um caráter pessoal e providencial; uma vontade superior a provocou; mãos invisíveis a isso vos impeliram, com o vosso desconhecimento e talvez um dia ela marcará nos fastos do Espiritismo. Possam nossos irmãos futuros se lembrarem deste dia memorável em que os Espíritas lioneses, dando o exemplo de união e de concórdia, colocaram, nesses novos banquetes o primeiro passo da aliança que deve existir entre os Espíritas de todos os países do mundo; porque o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, apaga naturalmente todas as distinções estabelecidas entre os

homens segundo as vantagens corpóreas e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou castas e os estúpidos preconceitos da cor. O Espiritismo, alargando o círculo da família pela pluralidade das existências, estabelece entre os homens uma fraternidade mais racional do aquela que não tem por base senão os frágeis laços da matéria, porque esses laços são perecíveis, ao passo que os do Espírito são eternos. Esses laços, uma vez bem compreendidos, influirão pela força das coisas, sobre as relações sociais, e mais tarde sobre a legislação social, que tomará por base as leis imutáveis do amor e da caridade; então ver-se-á desaparecer essas anomalias que chocam os homens de bom senso, como as leis da Idade Média chocam os homens de hoje. Mas isto é obra do tempo, deixemos a Deus o cuidado de fazer chegar cada coisa à sua hora; esperemos tudo de sua sabedoria e agradeçamo-lo somente por nos ter permitido assistir à aurora que se eleva para a Humanidade, e de nos ter escolhido como os primeiros pioneiros da grande obra que se prepara. Que ele se digne derramar a sua bênção sobre esta assembléia, a primeira onde os adeptos do Espiritismo estão reunidos em tão grande número, num sentimento de verdadeira confraternização.

Digo verdadeira confraternização, porque tenho a íntima convicção de que todos aqui presentes, não trazem nenhuma outra; mas não duvideis que numerosas coortes de Espíritos estão aqui entre nós, que nos escutam neste momento, espiam todas as nossas ações, e sondam os pensamentos de cada um, investigando sua força ou sua fraqueza moral. Os sentimentos que os animam são bem diferentes; se uns estão felizes com esta união, outros, crede-o bem, estão horripelantemente enciumados com ela; saindo daqui, vão tentar semear a discórdia e a desunião; cabe-vos a todos vós, bons e sinceros Espíritas, provar-lhes que perdem seu tempo, e que se enganam crendo encontrar aqui corações acessíveis às suas pérfidas sugestões. Invocai, pois, com fervor a assistência de vossos anjos guardiães, a fim de que afastem de vós todo pensamento que não seria para o bem; ora, como o mal não pode ter a sua fonte no bem, o simples bom senso nos diz que todo pensamento mau não pode vir de um bom Espírito, e um pensamento é necessariamente mau quando é contrário à lei de amor e de caridade; quando ele tem por móvel a inveja e o ciúme, o orgulho ferido, ou mesmo uma pueril suscetibilidade de amor-próprio melindrado, irmão gêmeo do orgulho, que levaria a olhar seus irmãos com desdém. *Amor e caridade para todos*, disse o Espiritismo; *amarás a teu próximo como a ti mesmo*, disse o Cristo: isto não é sinônimo?

Eu vos felicitei, meus amigos, pelo progresso que o Espiritismo fez entre vós, e estou mais feliz por constatá-lo. Felicitai-vos, de vosso lado, daquilo que esse progresso é por toda parte; sim, este último ano viu, em todos os países o Espiritismo crescer numa proporção que excedeu todas as esperanças; ele está no ar, nas aspirações de todos, e por toda a parte onde encontra eco, bocas que repetem: Eis o que eu esperava, o que uma voz secreta me fazia pressentir. Mas o progresso se manifesta ainda sob uma nova fase: é a coragem de sua opinião, que não existia ainda há pouco tempo. Não era senão em segredo, às escondidas que dele se falava; hoje confessa-se Espírita tão claramente quanto se confessa católico, judeu ou protestante; afronta-se a zombaria, e essa ousadia impõe aos zombadores, que são como esses cãesinhos que correm depois daqueles que fogem, e fogem se são perseguidos; ela dá coragem aos tímidos, e revela, em muitas localidades, numerosos Espíritas que se ignoravam mutuamente. Pode deter-se esse movimento? Pode-se detê-lo? Eu o digo claramente: Não; lançou-se mão de tudo para isso: sarcasmos, zombadas, ciência, anátema, e ele tudo suplantou sem retardar a sua marcha num segundo; cego, pois, quem não veja aí o dedo de Deus. Pode-se entravá-lo; detê-lo jamais, porque se não correr à direita, ele correrá à esquerda.

Vendo os benefícios morais que proporciona, as consolações que dá, os crimes mesmo que já impediu, pergunta-se quem pode ter interesse em combatê-lo. Ele tem contra si primeiro os incrédulos que o injuriam: estes não são de se temer, uma vez que se viram seus dardos afiados quebrar-se contra a sua couraça; os ignorantes que o combatem sem conhecê-lo:

estes são os mais numerosos; mas a verdade, combatida pela ignorância, jamais teve a temer, porque os ignorantes se refutam eles mesmos sem o querer, testemunha o Sr. Louis Figuier em sua *Historie du mer-veilleux*. A terceira categoria de adversários é a mais perigosa, porque é tenaz e pérfida; ela se compõe de todos aqueles cujos interesses materiais podem ser feridos; combatem na sombra, e as setas envenenadas da calúnia não lhes faltam. Eis os verdadeiros inimigos do Espiritismo, como tiveram todas as idéias de progresso em todos os tempos, e os encontrareis em todas as fileiras em todas as classes da sociedade. Vencerão? Não; porque não é dado ao homem se opor à marcha da Natureza, e o Espiritismo está na ordem das coisas naturais; será preciso, pois, que cedo ou tarde tomem o seu partido, e que aceitem o que será aceito por todo o mundo. Não, não o vencerão; serão eles que serão vencidos.

Um novo elemento vem se juntar à legião dos Espíritas: é o das classes trabalhadoras; e notai nisso a sabedoria da Providência. O Espiritismo, em primeiro lugar, propagou-se nas classes esclarecidas, nas sumidades sociais; isto era necessário, primeiro, para lhe dar mais crédito, segundo, porque foi elaborado e purgado das idéias supersticiosas que a falta de instrução teria podido nele introduzir, e com as quais o teria sido confundido. Apenas constituído, podendo-se falar assim de uma ciência tão nova, tocou a classe trabalhadora e nela se propagou com rapidez. Ah! É que lá há tanto de consolações a dar, tanto de coragem moral a levantar, tanto de lágrimas a secar, tanto de resignação a inspirar, que ele foi acolhido como uma âncora de salvação, como uma proteção contra as terríveis tentações da necessidade. Por toda a parte onde o vi penetrar na morada do trabalho, por toda a parte o vi ali produzir seus benefeitos efeitos moralizadores. Regozijai-vos, pois, operários lioneses que me escutais, porque tendes em outras cidades, tais como Sens, Lille, Bordeaux, irmãos Espíritas que, como vós, abjuraram as culpáveis esperanças da desordem e os criminosos desejos da vingança. Continuai a provar, pelo vosso exemplo, os benefeitos resultados desta doutrina. Àqueles que perguntam para que ela pode servir? respondi-lhes: Em meu desespero eu queria me matar: o Espiritismo me deteve, porque sei o que poderia me custar abreviar voluntariamente as provas que apraz a Deus enviar aos homens; para me estontear eu me embriagava: compreendi que desprezível era por me tirar voluntariamente a razão e que me privava assim de ganhar meu pão e o de meus filhos; estava divorciado de todos os sentimentos religiosos: hoje eu oro a Deus e coloco a minha esperança em sua misericórdia; eu não cria em coisa alguma senão no nada como supremo remédio para as minhas misérias: meu pai se comunicou comigo e me disse: Meu filho, coragem! Deus te vê; ainda um esforço e serás salvo! coloquei-me de joelhos diante de Deus e lhe pedi perdão; vendo os ricos e os pobres, as pessoas que têm tudo e outras que não têm nada, eu acusava a Providência: hoje sei que Deus pesa tudo na balança de sua justiça e espero o seu julgamento; se está em seus decretos que eu deva sucumbir na miséria, pois bem! sucumbirei, mas com a consciência pura, mas sem levar o remorso de ter roubado um óbolo àquele que poderia me salvar a vida. Dizei-lhe: Eis para que serve o Espiritismo, essa loucura, essa quimera, como o chamais. Sim, meus amigos, continuai a pregar pelo exemplo; fazei compreender o Espiritismo com as suas conseqüências salutares, e quando ele for compreendido, não se assustarão mais; bem mais, será acolhido como uma garantia da ordem social, e os próprios incrédulos serão forçados a falarem dele com respeito.

Falei do progresso do Espiritismo; com efeito, não se tem exemplo que uma doutrina, qualquer que ela seja, haja caminhado com tanta rapidez, sem excetuar mesmo o cristianismo. Isto quer dizer que lhe seja superior, que deve suplantá-lo? Não; mas é aqui o lugar de fixar-lhe o verdadeiro caráter, a fim de destruir uma prevenção, geralmente, bastante difundida entre aqueles que não o conhecem.

O cristianismo, em seu nascimento, tinha que lutar contra um poder terrível: o Paganismo, então universalmente difundido; não havia entre eles nenhuma aliança possível, não mais do

que entre a luz e as trevas: em uma palavra, não podia se propagar senão destruindo o que existia; também a luta foi longa e terrível; as perseguições disso são a prova. O Espiritismo, ao contrário, nada tem a destruir, porque se assenta sobre as próprias bases do cristianismo; sobre o Evangelho, do qual não é senão a aplicação. Concebeis a vantagem, não de sua superioridade, mas de sua posição. Não é, pois, assim como alguns o pretendem, sempre porque não o conhecem, uma religião nova, uma seita que se forma às expensas de suas irmãs mais velhas: é uma doutrina puramente moral que não se ocupa, de nenhum modo, dos dogmas e deixa a cada um inteira liberdade de suas crenças, uma vez que não se impõe a ninguém; e a prova disso é que tem adeptos em todas, entre os mais fervorosos católicos, como entre os protestantes, entre os judeus e os muçulmanos. O Espiritismo repousa sobre a possibilidade de se comunicar com o mundo invisível, quer dizer, com as almas; ora, como os judeus, os protestantes, os muçulmanos têm alma como nós, disso resulta que podem se comunicar com elas tão bem quanto conosco, e que, por conseguinte, podem ser Espíritas como nós.

Não é mais uma seita política, como não é uma seita religiosa; é a constatação de um fato que não pertence mais a um partido que a eletricidade e os caminhos de ferro; é, digo eu, uma doutrina moral, e a moral está em todas as religiões e em todos os partidos.

A moral que ele ensina é boa ou má? É subversiva? Aí está toda a questão. Que se estude, e saber-se-á a que se agarrar. Ora, uma vez que é a moral do Evangelho desenvolvida e aplicada, condená-la seria condenar o Evangelho.

Fez o bem ou o mal? Estudai ainda e vereis. Que fez ele? Impediu inumeráveis suicídios; levou a paz e a concórdia a um grande número de famílias; tornou dóceis e pacientes os homens violentos e coléricos; deu resignação àqueles que não a tinham, consolações aos aflitos; levou a Deus aqueles que o desconheciam, destruindo as idéias materialistas, verdadeira praga social, que aniquila a responsabilidade moral do homem; eis o que fez, o que faz todos os dias, o que fará mais e mais à medida que estiver mais difundido. Está aí o resultado de uma doutrina má? Mas não sei que alguém tenha jamais atacado a moral do Espiritismo; somente diz-se que a religião pode produzir tudo isso. Convenho com isso perfeitamente; mas então por que não o produz sempre? É porque nem todo mundo a compreende; ora, o Espiritismo, tornando claro e inteligível para todos o que não o é, evidente o que é duvidoso, conduz à aplicação; ao passo que não se sente jamais a necessidade daquilo que não se compreende; portanto, o Espiritismo, longe de ser o antagonista da religião, dela é o auxiliar; e a prova é que reconduz às idéias religiosas aqueles que a haviam repellido. Em resumo, jamais aconselhou mudar de religião, nem de sacrificar as suas crenças; não pertence em particular a nenhuma religião ou, para dizer melhor, ele está em todas as religiões.

Algumas palavras ainda, senhores, eu vos peço, sobre uma questão toda prática. O número crescente dos Espíritas, em Lyon, mostra a utilidade do conselho que vos dei no ano passado, relativamente à formação dos grupos. Reunir todos os adeptos em uma só sociedade, hoje já seria uma coisa materialmente impossível, e que o será bem mais ainda em algum tempo. Além do número, as distâncias a percorrer em razão da extensão da cidade, as diferenças de hábito segundo as posições sociais, acrescentam a essa impossibilidade. Por esse motivo, e por muitos outros que seria muito longo desenvolver aqui, uma única sociedade é uma quimera impraticável; multiplicai os grupos o mais possível; que haja dez deles, que haja cem, se for necessário, e ficai certos de que chegareis mais rápido e mais seguramente.

Haveria aqui coisas muito importante a dizer sobre a questão da unidade de princípios; sobre a divergência que poderia existir, entre eles, sobre alguns pontos; mas me detenho para não

abusar da vossa paciência em me escutar, paciência que já coloquei a prova muito longa. Se o desejais, disso farei o objeto de uma instrução especial que vos remeterei proximamente.

Eu termino, senhores, esta alocução, na qual me deixei arrastar pela própria raridade das ocasiões que tenho de ter a felicidade de estar em vosso meio. Levarei, de vossa benevolente acolhida, uma lembrança que não se apagará jamais, disso ficai bem persuadidos.

Ainda uma vez, meus amigos, obrigado do fundo do coração pelas marcas de simpatia que consentistes me dar; obrigado pelas boas palavras que me dirigistes pelos vossos intérpretes, e das quais não aceito senão o dever que elas me impõem, por aquilo que me resta a fazer, e não os elogios. Possa esta solenidade ser a garantia da união que deve existir entre todos os verdadeiros Espíritas!

Levo um brinde aos Espíritas lioneses, e a todos aqueles, dentre eles, que se distinguem por seu zelo, seu devotamento, sua abnegação, e que vós os enumereis, vós mesmos, sem que eu tenha a necessidade de fazê-lo.

Aos Espíritas lioneses, sem distinção de opinião, estejam ou não presentes!

Senhores, os Espíritos querem também ter sua parte nesta festa de família, e nela dizer suas palavras. O de Erasto, que conheceis pelas notáveis dissertações que foram publicadas na Revista, ditou espontaneamente, antes de minha partida, e em vossa intenção, a epístola seguinte, da qual me encarregou de vos ler em seu nome. É com alegria que me desincumbo desse encargo. Tereis assim a prova de que os Espíritos que se comunicam convosco não são os únicos a se ocuparem de vós e do que vos concerne. Esta certeza não pode senão consolidar a vossa fé e a vossa confiança, vendo que o olho vigilante dos Espíritos superiores se estende sobre todos, e que, sem disso duvidar, sois também o objeto de sua solicitude.

Epístola de Erasto aos Espíritas Lioneses

Revista Espírita, outubro de 1861

Lida no banquete de 19 de setembro de 1861.

Não é sem uma emoção muito suave que venho conversar convosco, caros Espíritas do grupo lionês; em um meio como o vosso, onde todas as classes estão confundidas, onde todas as condições sociais se dão as mãos, sinto-me cheio de ternura e simpatia, e estou feliz em poder vos anunciar que nós todos, que somos os Espíritos iniciadores do Espiritismo na França, assistiremos com uma alegria muito viva aos vossos fraternais banquetes, aos quais fomos convidados por *Jean e Irénée*, vossos eminentes guias espirituais. Ah!, esses banquetes despertam, em meu coração, a lembrança daqueles onde nos reuníamos todos, há mil e oitocentos anos, quando combatíamos contra os costumes dissolutos do *paganismo romano*, e quando já comentávamos os ensinamentos e as parábolas do Filho do Homem, morto pela propagação da idéia santa sobre a árvore da infâmia! Se o Altíssimo, meus amigos, por um efeito de sua misericórdia infinita, permitisse que a lembrança do passado pudesse irradiar um instante em vossas memórias entorpecidas, vos lembráreis dessa época, ilustrada pelos santos mártires da plêiade lionesa: *Sanctus, Alexandre, Attale, Episode*, a doce e corajosa *Blandine, Irénéé*, o valente bispo, aos quais, muitos dentre vós, formavam então cortejo, aplaudindo o seu heroísmo e cantando os louvores do Senhor; também vos lembráreis que, vários dentre aqueles que me escutam, regaram com o seu sangue a terra lionesa, esta terra fecunda que Eucher e Grégoire de Tours chamaram a pátria dos mártires. Eu não os nomearei; mas podeis considerar aqueles que cumprem, junto de vosso grupo, uma missão, um apostolado, como já tendo sido mártir da propagação da idéia igualitária, ensinada do alto do Gólgota pelo nosso Cristo bem-amado! Hoje, caros discípulos, aquele que foi sagrado por São Paulo vem vos dizer que a vossa missão é sempre a mesma, porque o *paganismo romano*, sempre de pé, sempre vivaz, enlaça ainda o mundo, como a hera enlaça o carvalho; deveis, pois, derramar sobre os vossos infelizes irmãos, escravos de suas paixões ou de paixões dos outros, a sã e consoladora doutrina que meus amigos e eu viemos vos revelar pelos nossos médiuns de todos os países. Não obstante, constatamos que os tempos progrediram; que os costumes não são mais os mesmos e que a Humanidade aumentou; porque hoje, se fósseis alvo da perseguição, ela não emanaria mais de um poder tirânico e ciumento, como no tempo da primitiva Igreja, mas dos interesses aliados contra a idéia e contra vós, os apóstolos da idéia.

Acabo de pronunciar a palavra igualitária: creio útil deter-me um pouco, porque não viemos pregar, em vosso meio, utopias impraticáveis, e porque, ao contrário, repelimos energicamente tudo o que pareceria se ligar às prescrições de um comunismo anti-social; somos, antes de tudo, essencialmente propagadores da liberdade individual, indispensável ao desenvolvimento dos encarnados; por conseguinte, inimigos declarados de tudo o que se aproxima dessas legislações conventuais que aniquilam os indivíduos. Se bem que me dirijo a um auditório em parte composto de artesãos e de proletários, sei que suas consciências, esclarecidas pelas irradiações da verdade espírita, já repeliram toda comunhão com as teorias anti-sociais dadas em apoio desta palavra: *igualdade*. Seja como for, creio dever restituir a essa palavra a sua significação cristã, tal como aquele que disse: "Dai a César o que é de César," explicara ele mesmo. Pois bem! Espíritas, a igualdade proclamada pelo Cristo, e que

nós mesmos professamos no meio de vossos grupos amados, é a igualdade diante da justiça de Deus, quer dizer, nosso direito, segundo o nosso dever cumprido, de subir na hierarquia dos Espíritos e atingir, um dia, os mundos avançados, onde reina a felicidade perfeita. Para isto, não teve em conta nem o nascimento, nem a fortuna: o pobre e o fraco ali chegam como o rico e o poderoso; porque uns não levam mais do que os outros materialmente; e como lá não se compra nem seu lugar, nem seu perdão, com o dinheiro, os direitos são iguais para todos; igualdade diante de Deus, eis a verdadeira igualdade. Não vos será pedido o que possuístes, mas bem o uso que fizestes daquilo que possuístes. Ora, quanto mais tiverdes possuído, mais longas e mais difíceis serão as contas que tereis a prestar de vossa gestão. Assim, pois, depois de vossas existências de missões, de provas ou de castigos nas paragens terrestres, cada um de vós, segundo suas obras boas ou más, ou progredirá na escala dos seres, ou recomeçará, cedo ou tarde, sua existência, se esta foi desviada. Em consequência, eu vo-lo repito, proclamando o dogma sagrado da igualdade, nós não viemos vos ensinar que deveis ser, neste mundo, todos iguais em riquezas, em saber e em felicidade; mas que chegareis todos, na vossa hora e segundo os vosso méritos à felicidade dos eleitos, quinhão das almas de elite que cumpriram os seus deveres. Eis, meus caros Espíritas, a igualdade à qual tendes direito, à qual o Espiritismo emancipador vos conduzirá, e à qual eu vos convido com todas as minhas forças. Para ali chegar, que tendes a fazer? Obedecer a estas duas palavras sublimes: amor e caridade, que resumem admiravelmente a lei e os profetas. Amor e caridade! Ah! aquele que cumpriu, segundo a sua consciência, as prescrições desta máxima divina está seguro de subir rapidamente os degraus da escada de Jacó, e de atingir logo as esferas elevadas, de onde poderá adorar, contemplar e compreender a majestade do Eterno.

Não poderíeis crer o quanto nos é doce e agradável presidir ao vosso banquete, onde o rico e o artesão se acotovelam bebendo fraternalmente; onde o judeu, o católico e o protestante podem se sentar na mesma comunhão pascal. Não poderíeis crer o quanto estou orgulhoso em distribuir, a todos e a cada um, os elogios e os encorajamentos que o *Espírito de Verdade*, nosso mestre bem-amado, me ordenou conceder às vossas piedosas coortes: a ti, Dijoud, a ti, sua digna companheira e a todos vossos devotados missionários que derramais os benefícios do Espiritismo, obrigado pelo vosso concurso e pelo vosso zelo. Mas quem é nobre deve proceder com nobreza, meus amigos, sobretudo a do coração, e serieis muito culpados, muito criminosos em falir, no futuro, em vossas santas missões; mas não falireis; nisso tenho por garantia o bem que fizestes e aquele que vos resta a fazer, mas é a vós meus bem-amados irmãos do labor cotidiano, que reservo minhas mais sinceras felicitações, porque, eu o sei, subis penosamente vosso Gólgota levando, como o Cristo, a vossa cruz dolorosa. Que poderia eu dizer de mais elogioso para vós do que lembrar a coragem e a resignação com que suportais os desastres inauditos que a luta fratricida, mas necessária, das duas Américas engendra no vosso meio? Ah! ninguém pode negar que abenfazeja influencia do Espiritismo não se faça já sentir; ela penetrou com a esperança e a fé, no meio das oficinas; e quando se lembram as épocas do último reinado, onde, desde que o trabalho faltava, os trabalhadores desciam da Croix-Rousse aos Terreaux em grupos tumultuosos, fazendo pressagiar o motim, e o motim a repressão terrível, deve-se agradecer a Deus pela nova revelação. Com efeito, segundo essa imagem vulgar de que se servem, em sua linguagem pitoresca, freqüentemente, lhes é preciso *dançar diante do aparador*; então, dizem, fechando a correia: Ora essa! Comeremos amanhã!!!! Sei bem que a caridade pública e particular se esforçam e se comovem; mas aí não está o verdadeiro remédio. É preciso melhor para a Humanidade; é por isso que, se o Cristianismo preconizou a igualdade e as leis igualitárias, o Espiritismo recebe em seus flancos a fraternidade e suas leis; obra grandiosa e durável que os séculos futuros bendirão. Lembrai-vos, meus amigos, que o Cristo tomou os seus apóstolos entre os últimos dos homens, e que esses últimos, mais fortes que os Césares, conquistaram o mundo para a idéia cristã. A vós, pois, incumbe e obra santa de esclarecer os vossos companheiros de oficina, e de propagar a nossa sublime Doutrina que faz os homens tão fortes na adversidade, enfim, que o Espírito do mal e da revolta não venha

suscitar o ódio e a vingança no coração de vossos irmãos, que a graça espírita ainda não tocou. Essa obra vos pertence inteiramente, meus caros amigos; vós a cumprireis, eu o sei, com zelo e o ardor que dá a consciência de um dever a cumprir; e um dia a história, reconhecida, inscreverá em seus anais que os operários de Lyon, esclarecidos pelo Espiritismo muito mereceram da pátria, e, 1861 e 1862, pela coragem e pela resignação pelas quais suportaram as tristes conseqüências das lutas escravocratas entre os *Estados Desunidos* da América. Que importa! Porque esses tempos de lutas e de provas são, meus filhos, os tempos benditos de Deus, enviados para desenvolver a coragem, a paciência e a energia; para apressar a elevação e o aperfeiçoamento do orbe terrestre e dos Espíritos que nele estão aprisionados nos últimos laços carnis da matéria. Ide! Agora, a trincheira está aberta no velho mundo, e sobre as suas ruínas aclamareis a era espírita da fraternidade, que vos mostra o objetivo e o fim das misérias humanas, consolando e fortificando os vossos corações contra a adversidade e a luta, e confundis os incrédulos e os ímpios, agradecendo a Deus o quinhão de vossos infortúnios e de vossas provas, porque estas vos aproximam da felicidade eterna.

Resta-me fazer-vos ouvir alguns conselhos que, com freqüência, os vossos guias habituais vos deram, mas que a minha posição pessoal, e a circunstância atual, me convidam a vos lembrar de novo. Dirijo-me aqui, meus bons amigos, a todos os Espíritas, a todos os grupos, a fim de que nenhuma cisão, nenhuma dissidência, nenhum cisma surja entre" vós, mas que, ao contrário, uma crença solidária vos anime e vos reuna a todos, porque isso é necessário para o desenvolvimento da nossa benfazeja Doutrina. Sinto com uma vontade que constrange vos pregar a concórdia e a união, porque nisso como em toda coisa, a união faz a força, e tendes necessidade de ser fortes e unidos para resistir às tempestades que se aproximam; e não só tendes necessidade de estar unidos entre vós, mas ainda com os vossos irmãos de todos os países; por isso, eu vos peço para seguirem o exemplo que vos dão os Espíritas de Bordeaux, dos quais todos os grupos particulares formam os satélites de um grupo central, o qual solicitou entrar em comunhão com a Sociedade iniciadora de Paris que, a primeira, recebeu os elementos de um corpo de doutrina e colocou bases sérias aos estudos do Espiritismo, que nós todos, Espíritos, professamos pelo mundo inteiro.

Sei que o que vos digo aqui não será perdido; refiro-me, de resto, inteiramente aos conselhos que já recebestes, e que receberéis ainda de vossos excelentes guias espirituais, que vos dirigem nesse caminho salutar, porque é preciso que a luz vá do centro aos raios e dos raios ao centro, a fim de que todos aproveitem e se beneficiem dos trabalhos de cada um. E incontestável, aliás, que submetendo-se ao cadinho da razão e da lógica todos os dados e todas as comunicações dos Espíritos, será fácil repelir o absurdo e o erro. Um médium pode ser fascinado, um grupo enganado, mas o controle severo de outros grupos, mas a ciência adquirida e a alta autoridade moral dos chefes de grupos, mas as comunicações dos principais médiuns que recebem uma marca de lógica e de autenticidade dos nossos melhores Espíritos, farão justiça, rapidamente, aos ditados mentirosos e astuciosos emanados de uma turba de Espíritos enganadores, imperfeitos ou maus. Repeli-os, impiedosamente, todos esses Espíritos que se dão como conselheiros exclusivos, pregando a divisão e o isolamento. São quase sempre Espíritos vaidosos e medíocres que tendem a se impor aos homens fracos e crédulos prodigalizando-lhes louvores exagerados, afim de fasciná-los e tê-los sob o seu domínio. São geralmente Espíritos famintos de poder que, déspotas públicos ou privados quando vivos, querem ter ainda vítimas para tiranizar depois de sua morte. Em geral, meus amigos, desconfiai das comunicações que trazem um caráter de misticismo e de estranheza, ou que prescrevem cerimônias e atos bizarros; há sempre, então, um motivo legítimo de suspeita. Por outro lado, crede bem que quando uma verdade deve ser revelada à Humanidade, ela é, por assim dizer, instantaneamente comunicada em todos os grupos sérios, que possuem médiuns sérios.

Enfim, creio bom dizer-vos de novo aqui que ninguém é médium perfeito se está obsidiado; a obsessão é um dos maiores escolhos, e há obsessão manifesta quando um médium não está apto para receber senão a comunicação de um Espírito especial, tão alto que este procure se colocar por si mesmo. Em consequência, todo médium, todo grupo que se crê privilegiado por comunicações que só eles podem receber, e que, de outra parte, estão sujeitos a práticas que roçam a superstição, indubitavelmente, estão sob a ação de uma obsessão das melhores caracterizadas. Digo-vos tudo isto, meus amigos, porque existem no mundo médiuns fascinados por Espíritos pérfidos. Eu desmascararei impiedosamente esses Espíritos, se ousam ainda profanar nomes veneráveis, dos quais se apoderam como ladrões, e com os quais se adornam orgulhosamente como lacaios com a roupa de seu senhor; eu os pregarei no pelourinho sem piedade, se persistem em afastar do caminho reto Cristãos honestos, Espíritas zelosos, cuja boa fé enganaram. Em uma palavra, deixai-me vos repetir o que já aconselhei aos Espíritas parisienses: vale mais repelir dez verdades momentaneamente do que admitir uma única mentira, uma única falsa teoria; porque sobre essa teoria, sobre essa mentira, poderíeis edificar todo um sistema, que desmoronaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento edificado sobre areia movediça; ao passo que, se rejeitais hoje certas verdades, certos princípios, o que não vos estão demonstrados logicamente, logo um fato brutal ou uma demonstração irrefutável virá vos afirmar a sua autenticidade.

A Jean, a Irénée, a Blandine, assim como a todos vós, Espíritos protetores, incumbe a tarefa de vos premunir, doravante, contra os falsos profetas da erraticidade. O grande Espírito emancipador que preside aos nossos trabalhos, sob o olhar do Todo-Poderoso, a isso provera, podeis nisto crer-me. Quanto a mim, se bem que esteja mais particularmente ligado aos grupos parisienses, virei algumas vezes conversar convosco e seguirei sempre com interesse os vossos trabalhos particulares.

Esperamos muito da província lionesa, e sabemos que não faltareis, nem uns nem os outros, às vossas missões respectivas. Lembrai-vos, de que o Cristianismo, trazido pelas legiões cesarianas, lançou, há quase dois mil anos, as primeiras sementes da renovação cristã em Viena e em Lyon, de onde elas se propagaram rapidamente na Gália do Norte. Hoje, o progresso deve se cumprir numa irradiação nova, quer dizer, do Norte para o Sul. A obra, pois, Lioneses!; é preciso que a verdade triunfe, e que não é sem uma legítima impaciência que esperamos a hora em que soará a trombeta de prata, que nos anunciará o vosso primeiro combate e a vossa primeira vitória.

Agora deixai-me vos agradecer pelo recolhimento com o que me escutastes, e pela simpática acolhida que me destes. Que Deus Todo-Poderoso, nosso Senhor de todos, vos conceda a sua benevolência, e derrame sobre vós, e sobre seu servidor muito humilde, os tesouros de sua misericórdia infinita! Adeus! Lioneses eu vos bendigo.

ERASTO.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, outubro de 1861

Eugène Scribe.

(Sociedade Espírita de Paris.)

Quando da discussão que se estabeleceu entre vários Espíritos sobre o aforismo de Buffon: *O estilo é o homem*, e que narramos no nosso precedente número, o nome do Sr. Scribe foi pronunciado, o que, sem dúvida, foi para ele um motivo para vir, embora não sendo chamado; sem tomar parte no debate, ditou espontaneamente a dissertação seguinte, que provocou a entrevista em seguida.

- Seria desejável que o teatro, onde grandes e pequenos vão haurir ensinamentos, se preocupasse um pouco menos em agradar o gosto pelos costumes fáceis e a exaltação e os aspectos veniais de uma juventude ardente, mas que o melhoramento social foi perseguido por peças elevadas e morais, onde o fino gracejo substitui o sal grosso de cozinha, do qual se servem os autores de comédia musicada do dia. Mas não; segundo o teatro, e segundo o público, lisonjeiam as paixões humanas. Aqui, preconiza-se a blusa às custas da roupa negra de que se faz o bode-expiatório de todas as iniquidades sociais; ali, é a blusa que é infamada e conspurcada, porque ela recobre sempre, diz-se, o gatuno ou o assassino. Mentira dos dois lados.

Alguns autores começam a pegar o boi pelos chifres, e, como Émile Augier, a pregar os manejadores de dinheiro no pelourinho da opinião pública. Ora essa! Que importa! O público, com isso, não continua menos a se precipitar para os teatros, onde uma plástica ousada e sem pudor, faz todos os gastos do espetáculo. Ah! É tempo de que as idéias espíritas sejam propagadas em todas as camadas sociais, porque então o teatro se moralizará por si mesmo, e, às exibições femininas sucederão peças conscienciosas, desempenhadas conscientemente por artistas de talento; com isso todos ganharão. Esperamos que logo surja um autor dramático capaz de expulsar do teatro e da admiração do público, todos esses intrigantes, proxenetas imorais de damas das camélias de toda sorte. Trabalhai, pois, para difundir o Espiritismo que deve produzir tão louvável resultado.

E. SCRIBE.

Perg. Numa comunicação que ditastes, há pouco tempo, à senhorita J...., e que foi lida na Sociedade, dissestes que o que fez a vossa reputação sobre a Terra não a fez no céu, e que vós teríeis podido melhor empregar os dons que recebestes de Deus. Seríeis bastante bom para nos desenvolver este pensamento, e nos dizer em que as vossas obras são repreensíveis; parece-nos que elas têm um lado moral, que abriram um caminho ao progresso, num certo sentido?

Resp. Tudo é relativo; hoje, no mundo elevado onde me encontro, não vejo mais com os

meus olhos terrestres, e penso que com os dons que recebi do Todo-Poderoso, eu poderia chegar a melhor para a Humanidade; eis porque disse que não tinha trabalhado pelo céu. Mas não posso exprimir, em algumas palavras, o que vos gostaria de dizer lá de cima, porque, vós o sabeis, eu era um pouco verboso.

P. Dissestes ainda que querieis compor uma obra mais útil e mais séria, mas que essa alegria vos foi recusada. Foi como Espírito, que teríeis querido fazer essa obra e, neste caso, como teríeis feito para fazer aproveitar aos homens?

R. Meu Deus! Da maneira muito simples que os Espíritos empregam, inspirando os escritores que, freqüentemente, imaginam haurir em seu próprio fundo, ah! algumas vezes bem vazio.

P. Pode-se saber qual foi o assunto que vos propusestes tratar?

R. Eu não tinha objetivo combinado, mas, vós o sabeis, gosta-se um pouco de fazer o que jamais se fez. Teria querido me ocupar de filosofia e de espiritualismo, porque estou insuficientemente ocupado de realismo. Não tomai esta palavra realismo como é entendida hoje; quis só dizer que estou mais especialmente ocupado com aquilo que diverte os olhos e ouvido dos Espíritos frívolos da Terra, do que daquilo que poderia satisfazer os Espíritos sérios e filósofos.

P. Dissestes à senhorita J... que não éreis feliz. Podeis não ter a sorte dos bem-aventurados; mas ainda há pouco, na comissão, contaram uma multidão de boas ações que fizestes e que, certamente, devem vos contar.

R. Não, eu não sou feliz, porque, ai de mim! tenho ainda a ambição, e que tendo sido acadêmico sobre a Terra, quisera igualmente fazer parte da dos eleitos.

P. Parece-nos que, na falta da obra que não podeis fazer ainda, poderíeis alcançar o mesmo objetivo, para vós e para os outros, vindo aqui nos fazer uma série de dissertações.

R. Não peço nada .melhor, e viria com prazer se me fosse permitido, o que ignoro, porque não tenho ainda posição bem determinada no mundo espiritual. Tudo é tão novo para mim, que passei minha vida a casar subtenentes com ricas herdeiras, que não tive ainda tempo para conhecer e admirar este mundo etéreo, que esquecera em minha encarnação. Retornarei, pois, se os Grandes Espíritos mo permitirem.

P. No mundo onde estais, já revistes a senhora de Girardin que, quando viva, se ocupava muito com os Espíritos e as evocações?

R. Ela teve a bondade de vir me esperar no limiar da verdadeira vida, com os Espíritos da plêiade a que pertencemos.

P. Ela é mais feliz do que vós?

R. Mais feliz do que eu é o seu Espírito, porque ela contribuiu com obras de educação para a infância, compostas por Sophie Gay, sua mãe.

Nota de Erasto. Não, foi porque ela lutou, ao passo que Scribe se deixou ir na corrente de sua vida fácil.

P. Ides, algumas vezes, assistir à representação de vossas obras, assim como a senhora de Girardin ou Casimir Delavigne?

R. Como quereis que não iríamos ver essas filhas queridas, que deixamos sobre a Terra? É ainda um dos nossos puros gozos.

Nota. A morte não separa, pois, aqueles que se conheceram sobre a Terra; eles se reencontram, se reúnem se interessam pelo que faziam o objeto de suas preocupações. Dir-se-á, sem dúvida, que se lembram do que fazia a sua alegria, lembram-se também dos motivos de dor, e que isso deve alterar sua felicidade. Essa lembrança produz um efeito todo contrário, porque a satisfação de estar livre dos males terrestres é uma alegria tanto mais doce quanto o contraste seja maior; apreciam-se melhor os benefícios da saúde depois da doença, a calma depois da tempestade. O guerreiro de volta aos seus lares não se compraz em contar os perigos que correu, as fadigas que suportou? Do mesmo modo, para os Espíritos, a lembrança das lutas terrestres é uma alegria, quando delas saem vitoriosos. Mas essa lembrança se perde na distância, ou pelo menos diminui de importância aos seus olhos, à medida que se livram dos fluidos materiais dos mundos inferiores e se aproximam da perfeição; essas lembranças são para eles sonhos distantes, como são no homem feitas as lembranças da primeira infância.

Dissertações espíritas

Revista Espírita, outubro de 1861

Os Cretinos.

(Sociedade Espírita de Paris. - Méd. Senhora Costel.)

Nossa colega, a senhora Costel, tendo ido fazer uma excursão na parte dos Alpes onde o cretinismo parece ter estabelecido um de seus principais focos, ali recebeu de um de seus Espíritos habituais, a comunicação seguinte:

- Os cretinos são seres punidos sobre a Terra pelo mau uso que fizeram de poderosas faculdades; sua alma está aprisionada num corpo, cujos órgãos, impossibilitados, não podem expelir seus pensamentos; esse mutismo moral e físico é uma das mais cruéis punições terrestres; freqüentemente, ela é escolhida pelos Espíritos arrependidos que querem resgatar as suas faltas. Essa prova não é estéril, porque o Espírito não permanece estacionário em sua prisão de carne; seus olhos bestificados vêem, seu cérebro deprimido concebe, mas nada pode se traduzir, nem pela palavra nem pelo olhar, e, salvo o movimento, estão moralmente no estado dos letárgicos e dos catalépticos, que vêem e ouvem o que se passa ao redor deles, sem poderem exprimi-lo. Quando tendes em sonho esses terríveis pesadelos, onde desejais fugir de um perigo, em que soltais gritos para chamar por socorro, ao passo que a vossa língua permanece presa ao céu da boca, e os vossos pés ao solo, experimentais um instante o que o cretino sente sempre: paralisia do corpo unida à vida do Espírito.

Quase todas as enfermidade têm, assim, sua razão de ser; nada se faz sem causa, o que chamais a injustiça da sorte é a aplicação da mais alta justiça. A loucura é também uma punição do abuso de altas faculdades; o louco tem duas personalidades: a que extravasa e a que tem a consciência de seus atos, sem poder dirigi-los. Quanto aos cretinos, a vida contemplativa e isolada de sua alma, que não tem a distração do corpo, pode sertão agitada quanto as existências mais complicadas pelos acontecimentos; alguns se revoltam contra o seu suplício voluntário; lamentam tê-lo escolhido e sentem um desejo furioso de retornar à outra vida, desejo que lhes faz esquecer a resignação à vida presente, e o remorso da vida passada, da qual têm a consciência, porque os cretinos e os loucos sabem mais do que vós, e sob a sua impossibilidade física, se esconde uma poderosa moral da qual não tendes nenhuma idéia. Os atos de furor, ou de imbecilidade aos quais seu corpo se entrega, são julgados pelo ser interior que os sofre e coram por eles. Assim, zombá-los, injuriá-los, maltratá-los mesmo, com se faz algumas vezes, é aumentar seus sofrimentos, porque é fazê-los sentir mais duramente sua fraqueza e sua abjeção, e se eles pudessem, acusariam de covardia aqueles que não agem desse modo senão porque sabem que sua vítima não pode defender-se.

O cretinismo não é uma das leis de Deus, e a ciência pode fazê-lo desaparecer, porque é o resultado material da ignorância, da miséria e da imoralidade. Os novos meios de higiene que a ciência, tornada mais prática, pôs ao alcance de todos, tendem a destruí-lo. Sendo o progresso a condição expressa da Humanidade, as provas impostas se modificarão e seguirão a marcha dos séculos; tornar-se-ão todas morais, e quando a vossa Terra, jovem ainda, tiver cumprido todas as fases de sua existência, tornar-se-á uma morada de felicidade, como

outros planetas mais avançados.

Pierre JOUTY, *pai do médium*.

Nota. Houve um tempo em que se pôs em discussão a alma dos cretinos e se perguntava se eles, verdadeiramente, pertenciam à espécie humana. A maneira pela qual o Espiritismo faz encará-los não é de uma alta moralidade e de um grande ensinamento? Não há matéria para sérias reflexões, pensando que esses corpos desfavorecidos encerram almas que talvez brilharam no mundo, que são tão lúcidas e tão pensantes quanto as nossas sob o espesso envoltório que lhes abafa as manifestações, e que poderá ocorrer o mesmo, um dia, conosco, se abusarmos das faculdades que nos distribui a Providência?

Além do mais, como o cretinismo poderia se explicar; como fazê-lo concordar com a justiça e a bondade de Deus, sem admitir a pluralidade das existências, de outro modo dito, a reencarnação? Se a alma já não viveu, é que é criada ao mesmo tempo que o corpo; nesta hipótese, como justificar a criação de almas tão deserdadas como as dos cretinos da parte de um Deus justo e bom? Porque aqui não se trata de um desses acidentes, como a loucura, por exemplo, que se pode ou prevenir ou curar; esses seres nascem e morrem no mesmo estado; não tendo nenhuma noção do bem e do mal, qual é a sua sorte na eternidade? Serão felizes como homens inteligentes e trabalhadores? Mas por que esse favor, uma vez que não fizeram nada de bem? Estarão naquilo que se chamam os limbos, quer dizer, num estado misto que não é nem a felicidade nem a infelicidade? Mas, por que essa inferioridade eterna? A falta é sua se Deus os criou cretinos? Desafiamos todos aqueles que repelem a doutrina da reencarnação a saírem deste impasse. Com a reencarnação, ao contrário, o que parece uma injustiça torna-se uma admirável justiça; o que é inexplicável, se explica da maneira mais racional. De resto, não sabemos que aqueles que repelem esta doutrina, a tenham jamais combatido com argumentos mais peremptórios, do que aquele de sua repugnância pessoal em retornar sobre a Terra. Estão, pois, muito seguro de terem bastantes virtudes para ganhar o céu de uma só vez! Nós lhes desejamos boa chance. Mas os cretinos? Mas as crianças que morrem em tenra idade? Quais títulos terão para fazerem valer?

Se fosse um homem de bem, teria morrido.

(Sociedade Espírita de Sens.)

Dizeis freqüentemente, falando de um mau homem que escapa de um perigo: Se fosse *um homem de bem, teria morrido*. Pois bem, dizendo isto estais com a verdade, porque efetivamente ocorre que, com muita freqüência, Deus dá a um Espírito, jovem ainda nos caminhos do progresso, uma prova mais longa do que a um bom que receberá, como uma recompensa devida ao seu mérito, que a sua prova seja a mais curta possível. Assim, pois, quando vos servis desse axioma, não duvideis de que cometeis uma blasfêmia. Se morre um homem de bem, e que ao lado de sua casa seja a de um mau, apressai-vos em dizer: *Gostaria bem mais que fosse aquele*. Estais em grande erro, porque aquele que parte terminou a sua tarefa, e aquele que permanece talvez não a começou ainda. Por que quereríeis, pois, que este não tivesse o tempo de acabá-la, e que o outro ficasse ligado à gleba terrestre? Que diríeis de um prisioneiro que tivesse cumprido o seu tempo e que se retivesse na prisão, ao passo que se desse a liberdade àquele que a ela não tem direito? Sabei, pois, que a verdadeira liberdade está na libertação dos laços do corpo, e que enquanto estiverdes sobre a Terra, estareis em cativeiro.

Habituai-vos a não censurar o que não podeis compreender, e crede que Deus é justo em

todas as coisas; freqüentemente o que vos parece um mal é um bem, mas as vossas faculdades são tão limitadas que o conjunto do grande todo vos escapa aos sentidos obtusos. Esforçai-vos por sair, pelo pensamento, de vossa estreita esfera e, à medida que vos elevardes, a importância da vida material diminuirá aos vossos olhos, porque ela não vos aparecerá senão como um incidente na duração infinita de vossa existência espiritual, a única existência verdadeira.

FÉNELON.

Os pobres e os ricos.

(Sociedade Espírita de Lyon.)

Nota. Se bem que os Espíritas de Lyon estejam divididos em vários grupos, que se reúnem separadamente, nós os consideramos como não formando senão uma única sociedade, que designamos sob o nome de *Sociedade Espírita de Lyon*. As duas comunicações seguintes foram obtidas em nossa presença.

O cume é o companheiro do orgulho e da inveja; ele vos leva a desejar tudo o que os outros possuem, sem vos dar conta se, invejando a sua posição, não pedis senão que se vos faça presente de uma víbora que aquecereis em vosso seio. Invejais os ricos e tendes sempre ciúme deles; a vossa ambição e o vosso egoísmo vos levam a ter sede do ouro dos outros. "Se fosse rico, dizeis, faria um uso muito diferente de meus bens, como não o vejo fazer tal ou tal;" sabeis se, quando tiverdes esse ouro, dele não fareis um pior uso ainda? A isso respondeis: "Aquele que está ao abrigo das necessidades cotidianas da vida, não tem senão penas bem mínimas em comparação comigo." Que sabeis disso? Aprendei que o rico não é senão um intendente de Deus; se faz um mau uso de sua fortuna, lhe será pedida uma conta severa. Essa fortuna que Deus lhe dá, e da qual aproveita sobre a Terra, é a sua punição, é a sua prova, é a sua expiação. Quantos tormentos o rico se dá para conservar esse ouro ao qual se prende tanto; e quando chega a sua última hora, quando lhe é necessário prestar as suas contas, e que compreende, nessa hora suprema, que lhe revela quase sempre toda a conduta que devera ter, como ele treme! Como tem medo! É que começa a compreender que faliu em sua missão, que foi um mandatário infiel, e que suas contas vão ser complicadas. Os pobres trabalhadores, ao contrário, que, tendo sofrido toda a vida, que tenham estado presos à bigorna e ao arado, vêm chegar a morte, essa libertação de todos os males, com reconhecimento, sobretudo se suportaram as suas misérias com resignação, e sem murmurar. Crede-me, meus amigos, se vos fosse dado ver o rude pelourinho ao qual a fortuna prende os ricos, vós, cujo coração é bom, porque passastes por todas as estamenhas da infelicidade, direis com o Cristo, quando o vosso amor-próprio fosse esmagado pelo luxo dos opulentos da Terra: "Perdoai-lhes, meu Deus, não sabem o que fazem," e dormireis sobre o vosso rude travesseiro acrescentando: "Meu Deus, abençoai-me e que a vossa vontade seja feita!!!"

O Espírito protetor do médium.

Diferentes maneiras de fazer a caridade.

(Sociedade Espírita de Lyon.)

Nota. A comunicação seguinte foi obtida em nossa presença, no grupo de Perrache:

Sim, meus amigos, virei sempre ao vosso meio, cada vez que aí for chamado. Ontem, estive muito feliz por vós, quando ouvi o autor dos livros que vos abriram os olhos testemunhar o desejo de vos ver reunidos, para vos dirigir benevolentes palavras. Foi para todos, ao mesmo tempo, um grande ensinamento e uma poderosa lembrança. Somente quando vos falou de amor e caridade, ouvi vários dentre vós dizerem a si mesmos: Como fazer a caridade? Frequentemente, não tenho mesmo o necessário.

A caridade, meus amigos, se faz de muitas maneiras; podeis fazer a caridade em pensamentos, em palavras, e em ações. Em pensamento: orando pelos pobres abandonados, que morreram sem mesmo terem visto a luz; uma prece de coração os alivia. Em palavras: dirigindo aos vossos companheiros de todos os dias alguns bons conselhos; dissei aos homens amargurados pelo desespero, as privações, e que blasfemam o nome do Altíssimo: "Eu era como vós; eu sofria, era infeliz, mas acreditei no Espiritismo, e vede, estou radiante agora." Aos velhos que vos dirão: "É inútil; estou no fim de minha carreira; morrerei como vivi." Dissei a esses: "Deus tem, por todos vós, uma igual justiça; lembrai-vos dos obreiros da décima hora." Às criancinhas que, já viciadas pelo seu ambiente, vão vagar pelos caminhos, prestes a sucumbirem às más tentações, dissei-lhes: "Deus vos vê, minhas queridas crianças," e não temais repetir-lhes, frequentemente, esta doce palavra; ela acabará por germinar em sua jovem inteligência, e em lugar de pequenos vagabundos, tereis feito homens. Está ainda aí uma caridade.

Vários dentre vós também dizem: "Ora, somos tão numerosos sobre a Terra, Deus não pode nos ver a todos." Escutai bem isto, meus amigos: quando estais sobre o cume de uma montanha, é que o vosso olhar não abarca milhões de grãos de areia que formam essa montanha? Pois bem! Deus vos vê do mesmo modo; deixa-vos o vosso livre arbítrio, como deixais esses grãos de areia livres de ir ao sabor do vento que os dispersa; somente Deus, em sua misericórdia infinita, colocou no fundo do vosso coração uma sentinela vigilante, que se chama a *consciência*. Escutai-a; ela não vos dará senão bons conselhos. Por vezes a entorpeceis opondo-lhe o Espírito do mal; ela então se cala; mas ficai seguros de que a pobre abandonada se fará ouvir logo que tiverdes deixado perceber a sombra do remorso. Escutai-a; interrogai-a e, frequentemente, vos achareis consolados com os conselhos que dela recebestes.

Meus amigos, a cada regimento novo o general remete uma bandeira; eu vos dou, eu, esta máxima do Cristo: "Amai-vos uns aos outros." Praticai esta máxima; reuni-vos todos ao redor deste estandarte, e dele recebereis a felicidade e a consolação."

Vosso Espírito protetor.

Roma

(Envio do Sr. Sabô, de Bordeaux.)

Cidade de Romulus, cidade dos Césares, berço do cristianismo, túmulo dos apóstolos, tu és a cidade eterna, e Deus quer que a longa letargia em que caíste cesse enfim; a hora de teu retorno à vida vai soar; sacode o entorpecimento de teus membros; levanta-te forte e valente para obedecer aos destinos que te esperam, porque, há longos séculos, não és senão uma cidade deserta. As numerosas ruínas de tuas vastas arenas, que continham com grande

dificuldade as ondas de espectadores ávidos, são apenas visitadas pelos raros estrangeiros que passam, de tempo em tempo, por tuas ruas solitárias. Tuas catacumbas, onde repousam os despojos de tantos valentes soldados mortos pela fé, apenas os tiram de sua indiferença. Mas a crise que suportas será a última, e vais sair desse penoso e doloroso trabalho, grande, forte, poderosa, transformada pela vontade de Deus, e, do alto da velha basílica, a voz do sucessor de São Pedro estenderá sobre ti as mãos que te trazem a bênção do céu, e ele chamará em seu conselho supremo os Espíritos do Senhor; submeter-se-á às suas lições, dará o sinal de progresso levantando francamente o estandarte do Espiritismo. Então, submetidos aos seus ensinamentos, o universo católico ocorrerá em multidão para se alinhar ao redor do cajado de seu primeiro pastor, e, dado esse impulso, todos os corações se voltarão para ti; serás o farol luminoso que deve clarear o mundo, e teus habitantes, na alegria e a felicidade de te ver dar, às nações, o exemplo do adiantamento e do progresso, pronunciarão em seus cantos: Sim, Roma é a cidade eterna.

MASSILON.

O Coliseu

(Envio do Sr. conde X... de Roma; traduzido do italiano.)

Que sentimento a visão do Coliseu faz nascer em vós? o que produz o aspecto de toda ruína: a tristeza. Suas vastas e belas proporções lembram todo um mundo de grandeza; mas sua decrepitude, involuntariamente, leva o pensamento sobre a fragilidade das coisas humanas. Tudo passa; e os monumentos, que parecem desafiar o tempo, desmoronam, como para provar que não há de durável senão as obras de Deus; e quando as ruínas, semeadas por toda parte, protestam contra a eternidade das obras do homem, ousais chamar eterna uma cidade juncada de restos do passado!

"Onde estais, Babilônia? Onde estais, Nínive? Onde estão os vossos imensos e esplêndidos palácios? Viajores, procurai-as em vão sob a areia do deserto; não vês que Deus as suprimiu de cima da terra? Roma! esperas desafiar as leis da Natureza? Eu sou cristã, dizes, e Babilônia era paga. Sim, mas és de pedra como ela, e um sopro de Deus pode dispersar essas pedras amontoadas. O solo que treme ao teu redor não está aí para advertir que teu berço, que está sob os teus pés, pode se tornar teu túmulo? Eu sou cristã, dizes, e Deus me protege! Mas ousas te comparar a esses primeiros cristãos que morriam pela fé, e cujos pensamentos todos já não eram deste mundo, tu que vives de prazer, de luxo e de moleza? Lança os olhos sobre essas arenas diante das quais passas com tanta indiferença; interroga essas pedras ainda de pé e elas te falarão, e a sombra dos mártires aparecerá para te dizer: Que fizeste da simplicidade da qual nosso divino Mestre nos fez uma lei, da humildade e da caridade das quais nos deu o exemplo? Tinham palácios, estavam vestidos de ouro e de seda esses primeiros propagadores do Evangelho? Suas mesas regurgitavam de supérfluo? Tinham legiões de servidores inúteis para lhes gabar seu orgulho? O que há de comum entre eles e ti? Eles não procuravam senão os tesouros do céu, e tu procuras os tesouros da Terra! Oh! homens que vos dizeis cristãos, vendo o vosso apego aos bens perecíveis deste mundo, dir-se-á verdadeiramente que não contaís com os da eternidade. Roma! que te dizes imortal, possam os séculos futuros não procurar o teu lugar, como hoje se procura o de Babilônia!

"DANTE."

Nota. Por uma singular coincidência, estas duas últimas comunicações chegaram no mesmo dia. Embora tratando do mesmo assunto, vê-se que os Espíritos o encararam cada um de

acordo com o seu ponto de vista pessoal. O primeiro vê a Roma religiosa e, segundo ele, ela é eterna, porque será sempre a capital do mundo cristão; o segundo vê a Roma material, e diz que nada daquilo que os homens levantam pode ser eterno. De resto, sabe-se que os Espíritos têm as suas opiniões, e que podem diferir entre eles na maneira de ver, quando estão imbuídos das idéias terrestres: só os Espíritos mais puros estão isentos de preconceitos; mas, à parte a opinião que pode ser controvertida, não se pode recusar, a essas duas comunicações, uma grande elevação de estilo e de pensamento, e cremos que não seriam desaprovadas pelos escritores cujos nomes trazem.

A Terra Prometida.

(Envio do Sr. Rodolphe, de Mulhouse.)

O Espiritismo se levanta, sua luz fecunda vai logo iluminar o mundo; seu brilho magnífico protestará contra os ataques daqueles que estão interessados em conservar os abusos, e contra a incredulidade do materialismo. Aqueles que duvidam ficarão felizes por encontrarem, nesta doutrina nova, tão bela, tão pura, o bálsamo consolador que os curará de seu ceticismo, e torna-los-á aptos para se melhorarem e progredirem como todas as outras criaturas. Os privilegiados serão aqueles que, renunciando às impurezas da matéria, se lançarão, num vôo rápido, até os cumes das idéias mais puras, e procurarão se desmaterializar completamente.

Povos! levantai-vos para assistir à aurora desta vida nova, que vem para vos regenerar; que vem, enviada por Deus, para vos unir numa santa comunhão fraternal. Oh! como serão felizes aqueles que, escutando esta voz bendita do Espiritismo, seguirão a sua bandeira, e cumprirão o apostolado que deve reconduzir os irmãos desviados pela dúvida, pela ignorância, ou embrutecidos pelo vício.

Regressai, ovelhas desgarradas, regressai ao redil; levantai a cabeça, contemplai o vosso Criador, e rendei homenagem ao seu amor por vós. Rejeitai prontamente o véu que vos oculta o Espírito da Divindade; admirai toda a sua bondade; prosternai-vos com a face contra a terra, e arrependei-vos. O arrependimento vos abrirá as portas da felicidade: as de um mundo melhor, onde reinam o amor mais puro, a fraternidade mais estreita, onde cada um faz, da alegria do próximo, a sua alegria.

Não sentis que se aproxima o momento em que coisas novas vão surgir? Não sentis que a Terra está em trabalho de parto? Que querem esses povos que se movimentam, que se agitam, que se preparam para a luta? Por que vão combater? Para quebrar as cadeias que detêm o vôo de sua inteligência, absorvem a sua seiva, semeiam a desconfiança e a discórdia, armam o filho contra o pai, o irmão contra o irmão, corrompem as nobres aspirações e matam o gênio. Ó liberdade! Ó independência! nobres atributos dos filhos de Deus, que dilatais o coração e elevais a alma, é por vós que os homens se tornam bons, grandes e generosos; por vós as nossas aspirações se voltam para o bem, por vós a injustiça desaparece, os ódios se extinguem, e a discórdia foge envergonhada, extinguindo seu facho, temendo que não a clareie os mais sinistros clarões. Irmãos! escutai a voz que vos diz: Marchai! Marchai para esse objetivo que vedes despontar além! Marchai para esse brilhante raio de luz que está diante de vós, como outrora a coluna luminosa diante do povo de Israel; ele vos conduzirá à verdadeira *Terra Prometida*, aquela onde reina a felicidade eterna, reservada aos puros Espíritos. Armai-vos de virtudes; purificai-vos de vossas impurezas, e então o caminho vos parecerá fácil, e o encontrareis juncado de flores; percorrê-lo-eis com um sentimento inefável de alegria, porque a cada passo compreendereis que vos aproximais

do objetivo onde podereis conquistar as palmas eternas,

MARDOCHÉE.

Egoísmo e orgulho.

(Sociedade Espírita de Sens.)

Se os homens se amassem com um comum amor, a caridade seria melhor praticada; mas seria preciso, para isso, que vos esforçásseis em vos desembaraçar desta couraça que cobre os vossos corações, a fim de serdes mais sensível para com os corações que sofrem. A rigidez mata os bons sentimentos; o Cristo não se aborrecia, aquele que se dirigia a ele, quem quer que fosse, não era repellido: a mulher adúltera, o criminoso eram socorridos por ele; jamais temia que a sua própria consideração sofresse com isso. Quando, pois, o tomareis por modelo de todas as vossas ações? Se a caridade reinasse sobre a Terra, o mau não teria mais império; fugiria envergonhado; esconder-se-ia, porque se encontraria deslocado por toda a parte. Será, então, que o mal desaparecerá da superfície da Terra; estejais bem compenetrados disto. Começai por dar o exemplo vós mesmos; sede caridosos para com todos, indistintamente; esforçai-vos por tomar o hábito de não mais notar aqueles que vos olham com desdém; crede sempre que merecem a vossa simpatia, e deixai a Deus o cuidado de toda justiça, porque cada dia, em seu reino, separa o bom grão do joio. O egoísmo é a negação da caridade: ora, sem a caridade, nada de repouso na sociedade; digo mais, nada de segurança; com o egoísmo e o orgulho, que se dão as mãos, será sempre uma corrida para o mais sagaz, uma luta de interesses, onde são pisadas aos pés as mais santas afeições, onde os laços sagrados da família não são mesmo respeitados.

PASCAL.

Sociedade Espírita de Metz

Revista Espírita, outubro de 1861

No retorno de nossa viagem, encontramos uma carta do honorável presidente da Sociedade Espírita de Metz, assim como a primeira publicação dessa Sociedade; disso daremos conta em nosso próximo número, estando este composto e no momento de ser impresso. Restamos exatamente o espaço e o tempo para dirigir nossas sinceras felicitações a essa Sociedade e ao seu digno presidente.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quarto Ano – 1861

Novembro

- [O resto da Idade Média. - Auto-de-fé das obras Espíritas de Barcelona](#)
- [Opinião de um jornalista sobre *O Livro dos Espíritos*](#)
- [O Espiritismo em Bordeaux](#)
- Reunião Geral dos Espíritas Bordeleses.
 - [Discurso do Sr. Sabó](#)
 - [Discurso do Dr. Bouché de Vitray](#)
 - [Discurso do Sr. Allan Kardec](#)
 - [Primeira Epístola aos Espíritas de Bordeaux, por Erasto](#)
- Banquete oferecido pelos Espíritas bordeleses ao Sr. Allan Kardec
 - [Discurso do Sr. Lacoste, negociante](#)
 - [Discurso do Sr. Sabó](#)
 - [Discurso do Sr. Desqueyroux, mecânico](#)
 - [Discurso do Sr. Allan Kardec](#)
- Poesias de circunstância, ditadas pelo Sr. Dombre (de Marmande).
 - [Os Camponeses e o Carvalho](#)
 - [O Ouriço, o Coelho e a Pega](#)
- Bibliografia.
 - [O Livro dos Médiuns, 2ª edição](#)
 - [O Espiritismo em Metz \(Sociedade Espírita de Metz\)](#)
 - [O Espiritismo na América, pela senhorita Guérin](#)

O resto da Idade Média

Revista Espírita, novembro de 1861

Auto-de-fé das obras Espíritas em Barcelona.

Não informamos nada, aos nossos leitores, sobre esse fato, que já não saibam pela via da imprensa; o que ocorreu de admirar, foi que os jornais, que passam geralmente por bem informados, hajam podido colocá-lo em dúvida; essa dúvida não nos surpreende; o fato em si mesmo parece tão estranho para o tempo em que vivemos, e está de tal modo longe de nossos costumes que, alguma cegueira que se reconhecesse ao fanatismo, crê-se sonhar ouvindo dizer que as fogueiras da inquisição se acendem ainda em 1861, à porta da França; a dúvida, nessa circunstância, é uma homenagem prestada à civilização européia, ao próprio clero católico. Em presença de uma realidade incontestável hoje, o que deve mais espantar, é que um jornal sério, que cai cada dia, sem dó nem piedade, sobre os abusos e as usurpações do poder sacerdotal, não haja encontrado, para assinalar esse fato, senão algumas palavras zombeteiras, acrescentando: "Em todo caso, não seremos nós que nos divertiremos, neste momento, em fazer girar as mesas na Espanha." (*Siècle* de 14 de outubro de 1861.) O *Siècle* está a ver, portanto, o Espiritismo nas mesas girantes? Ele também está, pois, bastante cego pelo ceticismo para ignorar que toda uma doutrina filosófica, eminentemente *progressiva*, saiu dessas mesas das quais tanto se zombou? Não sabe, pois, ainda, que essa idéia fermenta por toda a parte; que por toda a parte, nas grandes cidades como nas pequenas localidades, do alto a baixo da escala, na França e no estrangeiro, essa idéia se difunde com uma rapidez extraordinária? Que, por toda a parte, as massas proclamam nela a aurora de uma renovação social? O golpe com o qual se acreditou feri-la, não é um indício de sua importância? Porque não se investe assim contra uma infantilidade sem consequência, e Don Quixote não retornou na Espanha para se bater contra os moinhos de vento.

O que não é menos exorbitante, e o que contra o qual se espanta, é não se ter visto um protesto enérgico, é a estranha pretensão que se arroga o bispo de Barcelona de fazer a polícia na França. Ao pedido que foi feito de reexportar as obras, respondeu com uma recusa assim motivada: *A Igreja católica é universal, e os livros, sendo contrários à fé católica, o governo não pode consentir que eles vão perverter a moral e a religião de outros países.* Assim, eis um bispo estrangeiro, que se institui em juiz do que convém ou não convém à França! A sentença, portanto, foi mantida e executada sem mesmo isentar o destinatário das despesas de alfândega, que se teve muito cuidado em fazê-lo pagar.

Eis a narração que nos foi pessoalmente dirigida:

"Este dia, nove de outubro de mil oitocentos e sessenta e um, às dez horas e meia da manhã, sobre a esplanada da cidade de Barcelona, no lugar onde são executados os criminosos condenados ao último suplício, e por ordem do bispo desta cidade, foram queimados trezentos volumes e brochuras sobre o Espiritismo, a saber:

"A *Revista Espírita*, diretor Allan Kardec;

"A *Revista Espiritualista*, diretor Piérard;

"O *Livro dos Espíritos*, por Allan Kardec;

"O *Livro dos Médiuns*, pelo mesmo;

"*O que é o Espiritismo*, pelo mesmo;

"*Fragmento de sonata*, ditado pelo Espírito de Mozart;

"*Carta de um católico sobre o Espiritismo*, pelo doutor Grand;

"*A História de Jeanne d'Arc*, ditada por ela mesma à Srta. Ermance Dufau;

"*A realidade dos Espíritos demonstrada pela escrita direta*, pelo barão de Guldenstubbé.

"Assistiram ao auto-de-fé:

"Um padre revestido das roupas sacerdotais, trazendo a cruz numa mão e a tocha na outra mão;

"Um notário encarregado de redigir a ata do auto-de-fé;

"O escrevente do notário;

"Um empregado superior da administração da alfândega;

"Três moços (serventes) da alfândega, encarregados de manter o fogo;

"Um agente da alfândega representando o proprietário das obras condenadas pelo bispo.

"Uma multidão inumerável encobria os passeios e cobria a imensa esplanada onde se elevava a fogueira.

"Quando o fogo consumiu os trezentos volumes ou brochuras Espíritas, o padre e seus ajudantes se retiraram, cobertos pelas vaias e as maldições dos numerosos assistentes que gritavam: Abaixo a inquisição!

"Numerosas pessoas, em seguida, se aproximaram da fogueira, e recolheram as suas cinzas."

Uma parte dessas cinzas nos foi enviada; com elas se encontra um fragmento de *O Livro dos Espíritos* consumido pela metade. Nós o conservamos preciosamente, como um testemunho autêntico desse ato insensato.

Toda opinião à parte, esse assunto levanta uma séria questão de direito internacional. Reconhecemos ao governo espanhol o direito de proibir a entrada, sobre o seu território, das obras que não lhe convém, como a de todas as mercadorias proibidas. Se essas obras tivessem sido introduzidas clandestinamente e em fraude, nada haveria a dizer; mas são expedidas ostensivamente e apresentadas na alfândega; era, pois, uma permissão legalmente solicitada. Esta acreditou dever referi-la à autoridade episcopal que, sem outra

forma de processo, condena as obras a serem queimadas pela mão do carrasco. O destinatário pediu, então, para reexportá-las para o lugar de origem, e lhe foi respondido pelo fim de não receber, relatado acima. Perguntamos se a destruição dessa propriedade, em tais circunstâncias, não é um ato arbitrário e fora do direito comum.

Examinando-se este assunto do ponto de vista de suas conseqüências, diremos primeiro que não houve senão uma voz para dizer que nada podia ser mais feliz para o Espiritismo. A perseguição sempre foi aproveitável à idéia que se quis proscrever; por aí se lhe exalta a importância, se lhe desperta a atenção, e fazendo-o conhecer por aqueles que o ignoram. Graças a esse zelo imprudente, todo o mundo, em Espanha, vai ouvir falar do Espiritismo e quererá saber o que é; é tudo o que desejamos. Podem-se queimar os livros, mas não se queimam as idéias; as chamas das fogueiras as super-excitam em lugar de abafá-las. As idéias, aliás, estão no ar, e não há Pirineos bastante altos para detê-las; e quando uma idéia é grande e generosa, ela encontra milhares de peitos prontos para aspirá-la. O que se lhe haja feito, o Espiritismo já tem numerosas e profundas raízes na Espanha; as cinzas da fogueira vão fazê-las frutificar. Mas não será só na Espanha que esse resultado será produzido, é o mundo inteiro que lhe sentirá o contragolpe. Vários jornais da Espanha estigmatizaram esse ato retrógrado, como o merece. Lás *Novedades* de Madrid, de 19 de outubro, entre outros, contém, sobre esse assunto, um notável artigo; nós o reproduziremos em nosso próximo número.

Espíritas de todos os países! Não vos esqueçais desta data de 9 de outubro de 1861; ela será marcada, nos fastos do Espiritismo; que ela seja para vós um dia de festa e não de luto, porque é a garantia do vosso próximo triunfo!

Entre as numerosas comunicações que os Espíritos ditaram sobre esse acontecimento, não citaremos senão as duas seguintes, que foram dadas espontaneamente na Sociedade de Paris; elas dele resumem todas as causas e todas as conseqüências.

Sobre o auto-de-fé de Barcelona.

"O amor da verdade deve sempre se fazer ouvir: ela dissipa a névoa, e por toda a parte brilha ao mesmo tempo. O Espiritismo chegou para ser conhecido por todos; logo será julgado e colocado em prática; quanto mais houver perseguições, mais depressa esta sublime Doutrina chegará ao seu apogeu; seus mais cruéis inimigos, os inimigos do Cristo e do progresso, com isso se surpreendem de maneira que ninguém ignore que Deus permite àqueles que deixaram esta Terra de exílio de retornar para aqueles que amaram.

Tranqüilizai-vos; as fogueiras se extinguirão por si mesmas, e se os livros são lançados ao fogo, o pensamento imortal lhes sobrevive."

DOLLET.

Nota. Este Espírito, que se manifestou espontaneamente, disse ser o de um antigo livreiro do século dezesseis.

Outra.

Era preciso alguma coisa que ferisse, com um golpe violento, certos Espíritos encarnados

para que se decidissem ocupar-se desta grande Doutrina que deve regenerar o mundo. Nada é inutilmente feito sobre a vossa Terra, para isso, e nós, que inspiramos o auto-de-fé de Barcelona, sabíamos bem que, assim agindo, faríamos dar um passo imenso para a frente. Esse fato brutal, inaudito nos tempos atuais, foi consumado para atrair a atenção dos jornalistas que permaneciam indiferentes diante da agitação profunda que abalava as cidades e os centros Espíritas; deixavam dizer e deixavam fazer; mas se obstinavam em fazer ouvido de mercador, e respondiam pelo mutismo ao desejo de propaganda dos adeptos do Espiritismo. Por bem ou por mal, é preciso que dele falem hoje; uns constatando o histórico do fato de Barcelona, os outros desmentindo-o, deram lugar a uma polêmica que dará volta ao mundo, e da qual só o Espiritismo aproveitará. Eis por que, hoje, a retaguarda da inquisição fez seu último auto-de-fé, porque assim o quisemos."

SAINT DOMINIQUE.

Opinião de um jornalista sobre O Livro dos Espíritos

Revista Espírita, novembro de 1861

A imprensa não é bondosa conosco, como se sabe, o que não impede o Espiritismo de avançar rapidamente, prova evidente de que ele é bastante forte para avançar completamente sozinho. Se a imprensa está muda ou hostil, haveria erro em crer que tem contra si todos os seus representantes; ao contrário, muitos lhe são bastante simpáticos, mas são retidos por considerações pessoais, porque tudo é tomar a iniciativa. Durante esse tempo, a opinião se pronuncia cada vez mais; a idéia se generaliza, e quando ela tiver invadido as massas, a imprensa *progressista* será bem forçada a segui-la, sob pena de permanecer com aqueles que não avançam nunca. Fa-lo-á sobretudo quando compreender que o Espiritismo é o mais poderoso elemento de propagação para todas as idéias grandes, generosas e humanitárias, que não cessa de pregar; sem dúvida, suas palavras não são perdidas; mas quantos golpes de picareta não lhe serão dados na rocha dos preconceitos antes de encetá-la! O Espiritismo lhes abre um terreno fecundo e aplaina as últimas barreiras que lhe detinham a marcha. Eis o que compreenderão aqueles que se derem ao trabalho de estudá-lo a fundo, de medir-lhe a importância e de ver-lhe as conseqüências que já se manifestam por resultados positivos; mas, para isso, são necessários observadores sérios, e não superficiais; desses homens que escrevem não por escrever, mas que fazem uma religião de seus princípios. Serão encontrados, guardemo-nos disso duvidar; e mais cedo do que se pensa, ver-se-ão à frente da propagação das idéias Espíritas alguns desses nomes que, por si sós, são autoridades, e dos quais o futuro guardará a memória, como tendo concorrido para a verdadeira emancipação da Humanidade.

O artigo seguinte, publicado pelo *Akhbar*, jornal de Argel, de 15 de outubro de 1861, é, nesse caminho, um primeiro passo que terá imitadores; sob o modesto pseudônimo de Ariel, nossos leitores encontrarão talvez a pena exercitada de um de nossos eminentes publicistas.

"A imprensa da Europa está muito ocupada com esta obra; e depois de tê-la lido, concebe-se, qualquer que seja, aliás, a opinião que se faça sobre a colaboração das inteligências ultra-mundanas que o autor disse haver obtido. Com efeito, que se lhes suprimissem algumas páginas da introdução que expõem os caminhos e os meios dessa colaboração - a parte contestável para os profanos, - resta um livro de uma alta filosofia, de uma moral eminentemente pura e, sobretudo, de um efeito muito consolador sobre a alma humana, arrastada neste mundo entre os sofrimentos do presente e os medos do futuro. Também, mais de um leitor deve ter dito, chegando à última página: Não sei se tudo isso é, mas bem que gostaria que tudo isso fosse!

"Quem não ouviu falar, há alguns anos, das estranhas comunicações das quais certos seres privilegiados eram os intermediários entre o mundo material e o mundo invisível? Cada um tomou partido na questão; e, como é de hábito, a maioria daqueles que se alinharam sob a bandeira dos crentes, ou que se entrincheiraram no campo dos incrédulos, não se deram ao trabalho de verificar os fatos dos quais uns os admitiam, e dos quais os outros negavam a realidade.

"Mas essas não são matérias que se discutam num jornal da natureza do nosso. Sem, pois,

contestar nem atestar a autenticidade das assinaturas póstumas de Platão, Sócrates, Santo Agostinho, Júlio César, Carlos Magno, São Luís, Napoleão, etc., que se encontram abaixo de vários parágrafos do livro do Sr. Allan Kardec, constatamos que se esses grandes homens retornaram ao mundo para nos dar explicações sobre os mais interessantes problemas da Humanidade, não se exprimiram com maior lucidez, com senso moral mais profundo, mais delicado, com mais elevação nos objetivos e na linguagem que não o fazem na excêntrica obra da qual tentamos dar uma idéia. São coisas que não se lêem sem emoção, e não são daquelas que se esquece quase depois de tê-las lido. Nesse sentido, *O Livro dos Espíritos* não passará, como tantos outros, no meio da indiferença dos séculos: terá detratores ardentes, zombadores impiedosos, mas não ficaríamos espantados que tivesse também, em compensação, partidários muitos sinceros e muito entusiastas.

"Não podendo, em consciência - por falta de uma verificação preliminar-, nos alinhar entre uns nem entre os outros, detemo-nos na humilde posição de repórter e dizemos: Lede essa obra, porque ela sai completamente do caminho batido da banalidade contemporânea; se não fordes seduzido, subjugados vos irritareis talvez, mas, infalivelmente, não permanecereis nem frio e nem indiferente.

"Recomendamos sobretudo a passagem relativa à morte. Eis um assunto sobre o qual ninguém gosta de deter a atenção, mesmo aquele que se coloca por espírito forte e intrépido. Pois bem! Depois de lê-lo e meditá-lo sente-se muito espantado em não mais encontrar essa crise suprema tão assustadora; chega-se, sobre esse assunto, ao ponto mais desejável, aquele que não se teme nem se deseja a morte. Outros problemas de importância não menor têm soluções igualmente consoladoras e inesperadas. Enfim, o tempo que se consagrar à leitura desse livro será bem empregado para a curiosidade intelectual, e não será perdido para a melhoria moral."

ARIEL.

O Espiritismo em Bordeaux

Revista Espírita, novembro de 1861

Se Lyon fez o que se poderia chamar seu *pronunciamento* com respeito ao Espiritismo, Bordeaux não permaneceu atrás porque quer, ele também, ser um dos primeiros na grande família; isso julgar-se-á pelo relatório que damos da visita que acabamos de fazer aos Espíritas, dessa cidade, a seu convite. Não foi em alguns anos, foi em alguns meses que a Doutrina ali tomou proporções imponentes em todas as classes da sociedade. Constatamos desde logo um fato capital, é que lá, como em Lyon e como em muitas outras cidades que visitamos, vimos a Doutrina encarada do ponto de vista mais sério, e em suas aplicações morais; lá, como alhures, vimos inumeráveis transformações, verdadeiras metamorfoses; caracteres que não são mais reconhecíveis; pessoas que não criam em nada, conduzidas às idéias religiosas pela certeza do futuro, agora palpável para elas. Isso dá a medida do espírito que reina nas reuniões Espíritas, já muito multiplicadas; em todas aquelas onde assistimos, ali vimos o recolhimento mais edificante, um ar de benevolência mútua entre os assistentes; sente-se num meio simpático que inspira a confiança.

Os operários de Bordeaux não estão em débito com os de Lyon; ali contam numerosos e fervorosos adeptos, cujo número aumenta todos os dias. Estamos felizes por dizer que saímos de suas reuniões edificados pelo sentimento piedoso que ali preside, tanto quanto pelo tato com o qual sabem se guardar contra a intrusão de Espíritos zombadores. Um fato que gostamos de constatar, é que, freqüentemente, homens numa posição social eminente se misturam aos grupos plebeus com a mais cordial fraternidade, deixando seus títulos à porta, do mesmo modo que simples trabalhadores são acolhidos com uma igual benevolência nos grupos de uma outra ordem. Por toda parte o rico e o artesão se apertam cordialmente a mão; se nos disseram que essa aproximação das duas extremidades da escala social está nos costumes do país, e nós o felicitamos por isso; mas o Espiritismo veio, o reconhece-se, dar a esse estado de coisas uma razão de ser, uma sanção moral, mostrando em que consiste a verdadeira fraternidade.

Encontramos em Bordeaux muito numerosos e muito bons médiuns de todas as classes, de todos os sexos e de todas as idades. Muitos escrevem com uma grande facilidade, e obtêm comunicações de uma alta importância, do que os Espíritos, de resto nos preveniram antes de nossa partida. Não se pode senão louvá-los, além disso, pelo zelo com o qual prestam seu concurso nas reuniões; mas o que vale mais ainda, é a abnegação de todo amor-próprio, com relação às comunicações; ninguém se crê privilegiado e intérprete *exclusivo* da verdade; ninguém procura se impor, nem impor aos Espíritos que os assistem; todos submetem com simplicidade o que obtêm ao julgamento da assembléia, e ninguém se ofende, nem se fere pelas críticas; aquele que obtêm falsas comunicações consola-se com elas aproveitando as boas que outros obtêm, e das quais não têm a inveja. Ocorre o mesmo por toda parte? Nós o ignoramos; constatamos o que vimos; constatamos também que se está penetrado desse princípio, que todo médium orgulhoso, ciumento e suscetível não pode ser assistido por bons Espíritos, e que essa má direção nele, é um motivo de suspeição. Longe, pois, de procurar esses médiuns, sendo encontrados, malgrado a eminência de sua faculdade, seriam repelidos por todos os grupos sérios, que querem, antes de tudo, ter comunicações sérias, e não visar aos efeitos.

Entre os médiuns que vimos há um que merece uma menção especial; é uma jovem de

dezenove anos que, à faculdade de médium escrevente, junta a de médium desenhista e de médium musicista. Ela anotou, *mecanicamente*, sob o ditado de um Espírito que disse ser Mozart, um trecho de música que este não renegou. Assinou-o, e várias pessoas que viram o seu autógrafo afirmaram a perfeita identidade da assinatura. Mas o trabalho mais notável, sem contradita, é o desenho; é um quadro planetário de 4 metros quadrados superficiais, de um efeito tão original e tão singular, que nos seria impossível dar dele uma idéia pela descrição. Foi trabalhado em lápis preto, com pastel de diversas cores no esfuminho. Esse quadro, começado há alguns meses, não foi ainda inteiramente terminado; foi destinado pelo Espírito à Sociedade Espírita de Paris. Vimos o- médium no trabalho, e ficamos maravilhados com a rapidez, tanto quanto com a precisão, do trabalho. No início, e para pô-la em ação, o Espírito fê-la traçar, com a mão levantada e de um só jato, círculos e espirais de quase um metro de diâmetro, de uma tal regularidade, que neles se encontrou o centro geométrico perfeitamente exato. Não podemos ainda nada dizer sobre o valor científico desse quadro; mas admitindo que isso seja uma fantasia, por isso não é menos, como execução mediúnica, um trabalho muito notável. Devendo o original ser enviado a Paris, o Espírito aconselhou-a fazê-lo fotografar para dele ter várias cópias.

Um fato que devemos mencionar, é que o pai do médium é pintor; em sua qualidade de artista, achava que o Espírito se portava contrariamente às regras da arte, e pretendia dar conselhos; também o Espírito proibiu-lhe de assistir o trabalho, a fim de que o médium não sofresse a sua influência.

Havia pouco tempo, ainda, que o médium não havia lido as nossas obras; o Espírito lhe ditou, para nos ser entregue à nossa chegada, que não fora ainda anunciada, um pequeno tratado de Espiritismo, em todos os pontos conforme *O Livro dos Espíritos*.

Dar conta dos testemunhos de simpatia que recebemos, das atenções e amabilidades das quais fomos objeto, seria muito presunçoso de nossa parte; certamente, haveria com que inflamar o nosso orgulho se não tivéssemos pensado que era uma homenagem prestada à Doutrina, muito mais do que à nossa pessoa. Pelo mesmo motivo hesitáramos em publicar alguns dos discursos que foram pronunciados, e dos quais estamos verdadeiramente envergonhado. Tendo submetido os nossos escrúpulos a alguns amigos e a vários membros da Sociedade, disseram-nos que esses discursos eram um indício do estado da Doutrina, e que, desse ponto de vista, era instrutivo para todos os Espíritas conhecê-los; que, por outro lado, essas palavras, sendo a expressão de um sentimento sincero, aqueles que a pronunciaram, provavelmente, veriam com pena que, por um excesso de modéstia, nos abstivemos de reproduzi-las; poderiam nisso ver a indiferença de nossa parte. Esta última consideração sobretudo nos determinou; esperamos que os nossos leitores nos julguem bastante bom Espírita para não mentir aos princípios que professamos, fazendo dessa relação uma questão de amor-próprio.

Uma vez que informamos sobre esses diversos discursos, evitamos com todo o cuidado omitir, como traço característico, a pequena alocução que nos foi recitada com uma graça encantadora e uma ingênua solicitude por uma criança de cinco anos e meio, o filho do Sr. Sabó, à nossa chegada nessa família verdadeiramente patriarcal, e sobre a qual o Espiritismo derramou a mãos cheias suas benfezas consolações. Se toda a geração que se ergue estivesse imbuída de tais sentimentos, seria permitido entrever, como muito próxima, a mudança que deve se operar nos costumes sociais, mudança que é anunciada, por todos os lados, pelos Espíritos. Não creiais que essa criança recitou seu pequeno discurso como um papagaio; não, ela apreendeu-lhe muito bem o sentido; o Espiritismo, no qual por assim dizer nasceu, é já, para sua jovem inteligência, um freio que compreende perfeitamente, e que a sua razão, desenvolvendo-se, não repelirá.

Eis o pequeno discurso do nosso jovem amigo, Joseph Sabó, que ficaria muito triste por não vê-lo impresso:

"Senhor Allan Kardec, permiti a mais jovem de vossas crianças Espíritas vir, neste dia, para sempre gravado nos nossos corações, vos exprimir a alegria que causa a vossa chegada entre nós. Estou ainda na idade da infância; mas meu pai já me ensinou o que são os Espíritos que se nos manifestam, a docilidade com a qual devemos seguir seus conselhos, as penas e as recompensas que lhes são concedidas; e, em alguns anos, se Deus julgá-lo oportuno, quero também, sob vossos auspícios, tornar-me um digno e fervoroso apóstolo do Espiritismo, sempre submetido ao vosso saber e à vossa experiência. Conceder-me-eis, em recompensa destas poucas palavras ditadas pelo meu pequeno coração, um beijo que não ouse vos pedir?"

Reunião Geral dos Espíritas Bordeleses

Revista Espírita, novembro de 1861

14 de outubro de 1861.

Discurso do Sr. Sabó.

Senhoras, Senhores,

Dirijamos a Deus a sincera homenagem do nosso reconhecimento por ter lançado, sobre nós, um olhar paternal e benevolente, concedendo-nos o precioso favor de receber os ensinamentos dos bons Espíritos que, por sua ordem, vêm cada dia nos ajudar a discernir a verdade do erro, nos dar a certeza de uma felicidade futura, nos mostrar que a punição é proporcional à ofensa, mas nunca eterna, e nos fazer compreender esta justa e eqüitativa lei da reencarnação, chave da abóbada do edifício Espírita, que serve para nos purificar e nos fazer progredir para ó bem.

A reencarnação, eu disse! Mas para tornar essa palavra mais acessível, cedamos a palavra, um instante, a um de nossos guias espirituais que, para a nossa instrução espírita, consentiu em desenvolver em algumas palavras este sério e tão interessante assunto para a nossa pobre Humanidade.

"A reencarnação, disse ele, é o inferno; a reencarnação é o purgatório; a reencarnação é a expiação; a reencarnação é o progresso; enfim, ela é a escada santa que todos os homens devem escalar; seus degraus são as fases das diferentes existências a percorrer para alcançar o cume, porque Deus disse: para ir a ele, é necessário nascer, morrer e renascer até que se tenha chegado aos limites da perfeição, e ninguém chega a ele sem ter sido purificado pela reencarnação,"

Ainda novatos na ciência Espírita, não tínhamos, para difundi-la, senão o zelo e a boa vontade; Deus contentou-se com isso e abençoou nossos fracos esforços, fazendo germinar no coração de alguns de nossos irmãos de Bordeaux a semente da palavra divina.

Com efeito, desde o mês de janeiro que nos ocupamos com a *ciência prática*; vimos se reunir a nós um certo número de irmãos que dela se ocupavam isoladamente; outros que ouviram dele falar pela voz da imprensa, ou pela voz do povo, essa trombeta ressonante está encarregada de fazer saber, sobre todos os pontos da nossa cidade, da aparição desta fé consoladora, testemunha irrecusável da bondade de Deus por seus filhos.

Apesar das dificuldades que encontramos em nosso caminho, fortalecidos pela pureza e eqüidade de nossas convicções, sustentados pelos conselhos de nosso amado e venerado chefe Sr. Allan Kardec, tivemos a doce satisfação, após nove meses de apostolado, com a ajuda de alguns de nossos irmãos, de poder nos reunir hoje sob seus olhos para a

inauguração desta Sociedade que, espero-o, continuará a trazer frutos em abundância, e se derramará como orvalho benfazejo sobre os corações dessecados pelo materialismo, endurecidos pelo egoísmo, inchados pelo orgulho, e levará o bálsamo da resignação aos aflitos e aos sofredores, ao pobres e aos deserdados dos bens terrestres, dizendo-lhes: "Confiança e coragem; as provas terrestres são curtas comparativamente à eternidade da felicidade que Deus vos reserva em recompensa de vossos sofrimentos e de vossas lutas neste mundo."

Sim, eu o confesso em alta voz, que estou feliz por ser o intérprete de um grande número de membros da Sociedade Espírita de Bordeaux, protestando nossa fidelidade em seguir o caminho que nos está traçado pelo nosso querido missionário, aqui presente, porque compreendemos que, para ser seguro, o progresso não se pode fazer senão gradualmente, e que chocando-se muito fortemente com certas idéias recebidas há séculos, distanciaremos o momento de nossa emancipação espiritual. É possível que haja, entre nós, opiniões divergentes sobre este assunto; nós a respeitamos. Por nós, caminhamos pouco a pouco, seguindo esta máxima da sabedoria das nações: *que vá piano vá sano*; chegaremos mais tarde, talvez, mas chegaremos mais seguramente, porque não teremos rompido com a fé dos nossos ancestrais, que será sempre sagrada para nós, qualquer que seja; sirvamo-nos da luz do Espiritismo, não para abater, mas para nos melhorarmos, para progredir; suportando com coragem e resignação as vicissitudes desta vida, onde não estamos senão de passagem, mereceremos o favor de sermos conduzidos ao fim dos nossas provas, pelos Espíritos do Senhor, ao gozo da imortalidade para o qual fomos criados.

Permiti-nos, caro mestre, que em nome dos membros desta Sociedade que vos cercam, vos agradeça pela honra que nos fizestes vindo inaugurar, vós mesmo, esta reunião de família que é uma festa para todos nós, e que marcará, sem contradita, nos fastos do Espiritismo; recebi igualmente neste dia, que ficará gravado em nossos corações e de um modo todo particular, a expressão sincera de nosso vivo reconhecimento pela bondade paternal com a qual encorajastes os nossos fracos trabalhos; fostes vós que nos traçastes o caminho onde estamos felizes de vos seguir, convencidos de antemão de que a vossa missão é fazer o progresso espiritual caminhar em nossa bela França que, a seu turno, dará o impulso às outras nações da Terra, para fazê-las chegar, pouco a pouco à felicidade, pelo progresso intelectual e moral.

Algumas considerações sobre o Espiritismo, lidas em sessão geral quando da passagem do Sr. Allan Kardec por Bordeaux.

Pelo doutor Bouché de Vitray.

(14 de outubro de 1861.)

Há certas épocas em que a idéia governa o mundo, precedendo esses grandes cataclismos que transformam os homens e os povos. Tanto e mais que a que preside aos interesses temporários, a idéia religiosa toma também sua parte no grande movimento social.

Absorvida, freqüentemente, pelas preocupações materiais, delas se liberta de repente, ou insensivelmente. Ora como raio que se evade das nuvens, ora como o vulcão que mirta surdamente a montanha antes de transpor a cratera. Hoje ela toma um outro gênero de manifestação: depois de se haver mostrado como um ponto imperceptível no horizonte do pensamento, acabou por invadir a atmosfera. O ar está impregnado; ela atravessa o espaço, fecunda as inteligências, prende o mundo inteiro em comoção; e não creais que empresto aqui à metáfora, a expressão da realidade: não, é um fenômeno do qual se tem consciência e que se traduz dificilmente pela palavra. É como um fluido que nos comprime de todas as partes, é alguma coisa de vaga e de indeterminada da qual cada um sente a influência, da qual o cérebro está impregnado, que dele se liberta, freqüentemente, como por intuição, raramente como um pensamento formulado explicitamente. A idéia religiosa, dizemos Espírita, toma seu lugar no balcão do negociante, no consultório do médico, no estudo do advogado e do procurador judicial, na oficina do operário, nos campos e nas casernas. O nome de nosso grande, de nosso querido missionário Espírita, está em todas as bocas, como sua imagem está em todos os nossos corações, e todos os olhos estão fixados sobre este ponto culminante, digno intérprete dos ministros do Senhor. Esta idéia que percorre a imensidade, que superexcita todos os cérebros humanos, que existe mesmo, instintivamente, nos Espíritos encarnados mais recalcitrantes, não seria a obra dessa multidão de inteligências que nos envolve, precedendo e facilitando os nossos trabalhos apostólicos?

Sabemos que o testemunho da autenticidade de nossa Doutrina remonta à noite dos tempos; que os livros sagrados, base fundamental do cristianismo, as relatam; que vários Pais da Igreja, entre outros Tertuliano e Santo Agostinho, afirmam-lhe a realidade; mesmo as obras contemporâneas dela fazem menção, e não posso resistir ao desejo de citar uma passagem de um opúsculo publicado em 1843, que parece expor analiticamente toda a quintessência do Espiritismo:

"Algumas pessoas põem em dúvida a existência de inteligências superiores, incorpóreas, senão gênios presidindo à administração do mundo, e mantendo um comércio íntimo com alguns seres privilegiados; foi para eles que escrevi as linhas que se seguem; elas lhes darão, espero-o, a convicção. Em todos os reinos da Natureza, é uma lei que as espécies se escalonem desde os infinitamente pequenos até os infinitamente grandes. É por graus imperceptíveis que se passa do inseto ao elefante, do grão de areia ao mais imenso dos globos celestes. Essa graduação regular está evidente em todas as obras sensíveis do Criador; ela deve, pois, se encontrar em suas obras-primas, a fim de que a escala seja contínua para subir até ele! A distância prodigiosa que existe entre a matéria inerte e o homem dotado de razão parece estar preenchida pelos seres orgânicos, mas privados dessa nobre prerrogativa. Na distância infinita entre o homem e seu autor se *encontra o lugar dos puros Espíritos*. Sua existência é indispensável para que a criação esteja acabada em todos os sentidos.

"Há, pois, também o mundo dos Espíritos, cuja variedade é tão grande quanto a das estrelas que brilham no firmamento; há também o universo das inteligências que pela sutileza, a prontidão e a extensão de sua penetração, se aproximam mais e mais da inteligência soberana. Seu desejo, já manifestado na organização do mundo visível, continua até a perfeita consumação no mundo invisível. Todas as religiões proclamam a existências desses seres imateriais, todas o representam como se imiscuindo nos assuntos humanos na qualidade de agentes secundários; negar sua intervenção nas peripécias humanitárias, é evidentemente negar os fatos sobre os quais repousam as crenças de todos os povos, de todos os filósofos e de todos os sábios, remontando até a mais alta antigüidade."

Certamente aquele que traçou esse quadro era Espírita do fundo da alma. A este esboço incompleto falta o dogma essencial da reencarnação, assim como as conseqüências morais

que o ensino dos Espíritos impõe aos adeptos do Espiritismo. A Doutrina Espírita existia no estado de intuição nas inteligências e nos corações: vós aparecestes, vós, senhor, eleito de Deus; o Todo-Poderoso se apoiou sobre uma vasta erudição, sobre um Espírito elevado e de um retidão completa, uma mediunidade privilegiada. Todos os elementos das verdades eternas estavam disseminados no espaço; era preciso fixar a ciência, levar a convicção às consciências ainda indecisas, reunir todas as inspirações emanadas do Altíssimo, em um corpo substancial de doutrina; a obra caminhou, e o pólen escapado dessa antera intelectual produziu a fecundação. Vosso nome é a bandeira sob a qual nos alinharemos à porfia. Hoje vindes em ajuda destas crianças do Espiritismo, que não fazem senão balbuciar os rudimentos da ciência, mas que um grande número de Espíritos, atentos e benevolentes, não desdenham favorecer com suas celestes inspirações. Já, e disso nos felicitamos, no meio desse congresso de inteligências dos dois mundos, as paixões más se revoltam em torno da obra regeneradora; já o falso saber, o orgulho, o egoísmo e os interesses humanos se voltam contra o Espiritismo em testemunho de seu poder, ao passo que o grande motor desse progresso ascensional para as regiões celestes, Deus, oculto atrás dessa nuvem de teorias odiosas e quiméricas, permanece calmo, e prossegue a sua obra.

E a obra se realizou, e sobre todos os pontos do globo formam-se centros Espíritas. Os moços abandonam suas ilusões da primeira idade, que lhes preparam tantas decepções para a época de sua maturidade; homens maduros aprendem a levar a existência a sério; velhos que usaram suas emoções nos atritos da vida, enchem esse vazio imenso com gozos mais reais que aqueles que os abandonam, e de todos esses elementos heterogêneos se formam ajuntamentos que raíam ao infinito.

Nossa bela cidade não foi a última a participar desse movimento intelectual. Um desses homens de coração, de julgamento são, tomou a iniciativa. Seu apelo foi ouvido por inteligências que se harmonizam com a sua; ao redor desse foco luminoso gravita um grande número de círculos Espíritas.

De todas as partes surgem comunicações variadas trazendo a marca de seu autor: é a mãe que, de sua esfera gloriosa, com a perfeição do detalhe e sua ternura infinita, se comunica com o filho bem-amado; é o pai ou o avô que alia ao seu amor paternal a severidade da forma; foi Fénelon que deu à linguagem da caridade a marca da beleza antiga e a melodia de sua prosa; é o espetáculo tocante de um filho que se tornou Espírito bem-aventurado, e dando, àquela que o leva em seu seio, o eco de seus altos ensinamentos; é o de uma mãe que se revela a seu filho, e que, a cabeça coroada de estrelas, o conduz, de prova em prova, ao lugar que deve ocupar junto dela e no seio de Deus durante todas as eternidades (s/c); é o arcebispo de Utrecht soprando ao seu protegido as suas inspirações eloqüentes, e submetendo-as ao freio da ortodoxia; é um anjo Gabriel, tocante homônimo do grande arcanjo, tomando espontaneamente, e com a permissão de Deus, a missão de guiar seu irmão, de segui-lo passo a passo, aliando assim, seu Espírito superior, ao amor fraternal, ao amor divino; são os puros Espíritos, os santos, os arcanjos, que revestem suas sublimes instruções com a marca da divindade; são, enfim, manifestações físicas, depois das quais a dúvida não é mais senão um absurdo, se não for uma profanação.

Depois de haver elevado os vossos olhares até os degraus superiores da escala dos seres, consenti, caros colegas, em abaixá-los até os degraus ínfimos, e os infinitamente pequenos vos fornecerão ainda ensinamentos.

Há cerca dez anos que as claridades do Espiritismo luziram aos meus olhos; mas era o Espiritismo no estado rudimentar, despojado de seus principais documentos e de sua tecnologia característica; era um reflexo, alguns jatos de uma fina irradiação; isso não era

ainda a luz.

Em lugar de pegar a pena e o lápis e obter, por esse meio assim simplificado, comunicações rápidas, recorreu-se à mesa pela tiptologia ou escrita mediata. A mesa não era senão um apêndice da mão, mas esse modo de comunicação, em geral repulsivo aos Espíritos superiores, mantinha-os, o mais freqüentemente, à distância. Não tive, pois, senão mistificações, respostas triviais ou obscenas; e eu mesmo me afastava desses mistérios de além-túmulo, que se traduziam de um modo tão pouco conforme à minha expectativa, ou antes, que se apresentavam sob um aspecto que me espantava. Várias experimentações foram tentadas e chegaram a resultados análogos.

E, entretanto, essas aparentes decepções não eram senão provas temporárias que deveriam ter por conseqüência definitiva o arrebatamento de minhas convicções.

Apesar de mim, o positivismo de meus estudos se prendera às minhas crenças filosóficas; mas eu era céptico e não pirrônico; porque eu duvidava, pesaroso, e fazia vãos esforços para repelir o materialismo que invadira, por surpresa, minha alma e meu coração. Quanto os decretos de Deus são impenetráveis! Essa disposição moral serviu precisamente para a minha transformação. Eu tinha sob os olhos a imortalidade da alma revestindo o aspecto de uma realidade material, e para assentar essa fé tão nova, que me importava, depois de tudo, que as manifestações me viessem de um Espírito superior ou inferior, contanto que esse fosse um Espírito! Eu não sabia bem que um corpo inerte, tal como a mesa, pode ser o instrumento, mas não a causa de uma manifestação inteligente; que esta não entrava por nada na esfera de minhas idéias, e que todas as teorias fluídicas são impotentes para explicá-las? Eu tinha, pois, sacudido essas tendências materialistas, contra as quais lutei sem sucesso, com uma energia desesperada, e explorei francamente essas regiões intelectuais que somente entrevira, não era a demonofobia do Sr. de Mirville e a impressão profunda que havia lançado em minha alma. Era preciso, por contrapartida de seu livro, esse tratado tão luminoso, tão substancial, tão pleno de verdades consoladoras, escrito sob o ditado de inteligências celestes por um Espírito encarnado, mas um Espírito de elite, ao qual, desde esse dia, foi revelada sua missão sobre a Terra.

O reconhecimento me obriga hoje a inscrever sobre essa página o nome de um de meus bons amigos, que abriu meus olhos à luz, o do Sr. Roustaing, distinto advogado, e sobretudo consciencioso, destinado a desempenhar um papel marcante nos fastos do Espiritismo; devo esta homenagem passageira ao reconhecimento e à amizade.

Certamente, se nesta solenidade, não temesse abusar do emprego do tempo, teria a citar numerosas comunicações de um interesse incontestável; e, contudo, no meio desta atividade puramente intelectual acima de nossas relações incessantes com o mundo dos Espíritos, sobrepôr dois fatos que me parecem, por exceção, protestar contra o mutismo absoluto. O primeiro está caracterizado por detalhes íntimos e tocantes que nos emocionaram até às lágrimas; o segundo, pela estranheza do fenômeno, pertencente à mediunidade vidente, e constitui uma prova tão palpável que seria reduzir a negar a boa-fé dos médiuns se se quisesse negar a realidade do fato.

Alguns fervorosos Espíritas se reúnem, semanalmente, comigo, para estudar em comum e mais frutiferamente a doutrina dos Espíritos. Uma fé plena e inteira, a analogia, para a maioria, dos estudos e da educação, fizeram nascer uma simpatia recíproca e comunhão de idéias e de pensamentos; disposição intelectual e moral, sem contradita, a mais favorável às comunicações sérias.

Nessa modesta reunião, um de nós, dotado em um grau eminente da faculdade medianímica, quis evocar o Espírito de uma criança que conhecera e que sucumbira, creio, em razão de um crupe, com a idade de 6 anos; ele fazia o trabalho de médium e eu de evocador. A evocação apenas terminara e uma percussão muito sensível contra um dos móveis da antecâmara despertou nossa atenção, e nos levou a perguntar se esse ruído, de um caráter insólito, provinha de uma causa natural ou de um efeito espírita. São, nos responderam nossos guias, os companheiros de Estelle (era o nome que tinha a jovem durante a sua vida terrestre), que vinham à frente de sua jovem amiga; e nós seguimos, pelo pensamento, esse gracioso cortejo planando no espaço! Entre elas nos designaram Antônia, jovem que não fez senão passar sobre a Terra e que havia apenas completado sua quarta primavera, quando caiu sob a foice mortífera. Prevendo que elas iriam acabar suas provas numa nova existência, pedi ao meu anjo guardião, essa boa mãe cuja ternura jamais me faltou, tomá-las sob o seu patrocínio, e mostrar-lhes ostensivamente sua celeste protetora. A adesão não se fez esperar; mas Deus não lhe permitiu aparecer senão a uma delas, e ela escolheu Antônia: "Que vês, minha pequena amiga? exclamei evocando esta última - Oh! a bela senhora, ela está toda resplandecente de luzes! - e que te disse essa bela senhora? - Ela me disse: Vem a mim, minha criança, eu te amo!" Eis porque representei essa terna mãe com a cabeça coroada de estrelas.

Se esta tocante anedota, pertencente ao mundo Espírita, não vos parece senão o capítulo de um romance, é necessário renunciar a toda comunicação.

O outro fato se pode resumir em duas palavras: Estive com um de meus colegas em Espiritismo; onze horas e meia nos surpreenderam no meio de preces que dirigíamos a Deus pelos Espíritos sofredores, quando entrevi vagamente uma sombra partindo de um dos pontos de meu gabinete, descrevendo uma linha diagonal que se prolongou até o meu leito, situado na peça vizinha. Quando terminou o seu percurso, ouvimos um ruído muito distinto, e a sombra se dirigiu para a biblioteca, formando um ângulo agudo com a primeira direção.

A emoção me tomava, mas nessa hora em que tudo dispõe à emoção e ao mistério, de início acreditei numa alucinação, numa ilusão de ótica, e formei interiormente a resolução de guardar silêncio sobre essa aparição fantástica, quando o companheiro de meus estudos incessantes, voltando-se para mim, perguntou-me se não vira nada. Eu estava desorientado, mas resolvi esperar uma abertura mais completa, e me limitei a perguntar os motivos de sua pergunta. Ele descreveu-me, então, o estranho fenômeno do qual igualmente fora testemunha, de uma tal exatidão que não me foi mais possível duvidar e de não confirmar a realidade da aparição.

O segundo dia depois, nosso médium por excelência estava presente; nossos guias consultados, nos confirmaram a verdade; acrescentaram que essa aparição espontânea fora de um Espírito designado, durante sua vida terrestre, sob o nome de Maria dos Anjos. Foi-nos permitido evocá-lo, e o resultado de nossas perguntas foi que ela nascera na Espanha, que tomara o véu, que a sua vida fora por muito tempo sem censuras, mas que uma falta grave, à qual a morte não deixara o tempo de expiação, era a causa de seus sofrimentos no mundo dos Espíritos.

Alguns dias depois, o acaso, ou antes a vontade de Deus, nos preparou um segundo controle desse fato estranho. Um Espírita, jovem mecânico de uma inteligência notável, passara comigo a última parte de sua noite. Enquanto eu conversava com ele, notei que seu olhar tomava uma fixação singular. Ele não esperou minha pergunta para me dar a explicação dessa circunstância. "Ao mesmo tempo em que Unheis os olhos dirigidos para mim, vi distintamente a silhueta de uma mulher que, da janela, avançou para a poltrona vizinha,

diante da qual ajoelhou-se; tinha o aspecto de uma pessoa de vinte e cinco anos; estava vestida de preto; a parte superior do busto estava recoberta com uma capa; estava com a cabeça coberta com uma espécie de lenço ou touca."

Essa descrição concordava perfeitamente com a idéia que eu fizera da religiosa espanhola, e o lugar onde ela se prosternou está junto daquele em que eu tinha o hábito de oferecer a Deus, nessa posição, minhas preces para os falecidos. Para mim, era Maria dos Anjos.

Sem dúvida os incrédulos e os falsos Espíritas rir-se-ão de minha certeza, e verão nesse fato três visionários em lugar de um; quanto aos Espíritas sinceros, eles acreditarão em mim, sobretudo quando o afirmar sob palavra de honra. Não reconheço a ninguém, com direito de colocar em dúvida semelhante testemunho.

Os trabalhos do Espiritismo em Bordeaux, de quanta modéstia e de quanta reserva se revistam, não são por isso menos objeto da curiosidade pública, e não passa poucos dias que eu não seja perguntado a seu respeito. Todo profano maravilhado pelos fenômenos espíritas reclama com instância o favor de uma experimentação; a sua alma flutua entre sua própria dúvida e a convicção dos adeptos.

Introduzi-o numa assembléia séria, numa reunião de Espíritas, que supomos profundamente recolhidos, quer dizer, tendo uma disposição conveniente com a gravidade das circunstâncias; que se passará nele? O médium escrevente, traduzindo sob ditado as inspirações de um Espírito superior, lhes fará aceitar como tais? Disso fiz a deplorável experiência: se a comunicação traz a marca da inspiração celeste, seu mérito será atribuído ao talento do médium; se o pensamento do mensageiro de Deus toma a tinta do meio por onde ele passa, parecerá, muito certamente, uma concepção toda humana. Nesta circunstância, eis a minha regra de conduta; ela está previamente traçada pelo homem da Providência, por esse missionário do pensamento, que possuímos momentaneamente e que, de seu centro habitual de atividade, continuará a fazer irradiar sobre nós os tesouros celestes, dos quais uma graça especial o faz o dispensador. Aos curiosos que vêm pesquisar a realidade dos fatos, ou solicitar uma audiência, seja como objeto de distração, seja como uma emoção que atravessa o coração sem nele se deter, eu me limito a expor a gravidade do assunto; ao Espírito pseudo-sábio encarnado, que me representa perfeitamente sobre esse globo o da 8ª classe, e da 3ª ordem do mundo Espírita, respondo com o propósito de não receber; mas aquele que, se bem que obsidiado por suas dúvidas, possui a verdade em estado de germe, que começa pela boa-fé para chegar à fé, aconselho estudos teóricos, aos quais não tarda a suceder o estudo prático ou a experimentação; assim, à medida que de um fato novo se libera uma idéia nova, ele a registra ao lado do fato; então, se introduzem gota a gota em seu coração e em seu cérebro, a ciência Espírita, suas conseqüências morais, que nos fazem ver, alternando nas duas existências, uma eternidade radiosa que se derrama no seio de Deus, fonte de felicidade e de vida!

BOUCHÉ DE VITRAY, doutor em medicina.

Discurso do Sr. Allan Kardec

Senhoras e Senhores,

É com alegria que atendi ao chamado que consentistes em me fazer, e a acolhida simpática que de vós recebo é uma dessas satisfações morais que deixam no coração uma impressão

profunda e indelével. Se estou feliz com essa acolhida cordial, é que nela vejo uma homenagem prestada à Doutrina que professamos e aos bons Espíritos que no-la ensinam, bem mais do que a mim pessoalmente, que não sou senão um instrumento nas mãos da Providência. Convencido da verdade desta Doutrina e do bem que ela está chamada a produzir, tratei de coordenar-lhe os elementos; esforcei-me por torná-la clara e inteligível para todos; é tudo da parte dela que me reverte, também jamais me coloquei como seu criador: a honra inteira dela é dos Espíritos; é, pois, só a eles que devem se reportar os testemunhos de vossa gratidão, e não aceito os elogios que consentis em me dar senão como um encorajamento para prosseguir minha tarefa com perseverança.

Nos trabalhos que fiz para alcançar o objetivo que me propus, sem dúvida, fui ajudado pelos Espíritos, assim como eles me disseram várias vezes, mas sem nenhum sinal exterior de mediunidade. Não sou, pois, médium no sentido vulgar da palavra, e hoje compreendo que é feliz para mim que assim o seja. Por uma mediunidade efetiva, não teria escrito senão sob uma mesma influência; seria levado a não aceitar com verdade senão o que me teria sido dado, e isso talvez errado; ao passo que, na minha posição, convinha que tivesse uma liberdade absoluta para tomar o bom por toda parte onde ele se encontrasse, e de qualquer lado que viesse; portanto, pude fazer uma escolha de diversos ensinamentos, sem prevenção, e com inteira imparcialidade. Vi muito, estudei muito, muito observei, mas sempre com um olhar impassível, e não ambiciono nada de mais do que ver a experiência que adquirir ser aproveitada pelos outros, dos quais estou feliz de poder evitar os escolhos inseparáveis de todo noviciado.

Se trabalhei muito, e se trabalho todos os dias, disso estou bem largamente recompensado pela marcha tão rápida da Doutrina, cujos progressos ultrapassam tudo o que era permitido esperar pelos resultados morais que produz, e estou feliz por ver que a cidade de Bordeaux, não só não permanece atrás deste movimento, mas se dispõe a caminhar à frente pelo número e a qualidade dos adeptos.

Se se considera que o Espiritismo deve sua a propagação às suas próprias forças, sem o apoio de nenhum dos auxiliares que comumente fazem o sucesso, e apesar dos esforços de uma oposição sistemática, ou antes por causa mesmo desses esforços, não se pode deixar de ver aí o dedo de Deus. Se seus inimigos são poderosos, uma vez que não puderam paralisar-lhe o vôo, é preciso, pois, convir que é mais poderoso que eles, e que, como a serpente da fábula, usam em vão os seus dentes contra uma lima de aço.

Se dizemos que o segredo de seu poder está na vontade de Deus, aqueles que não crêem em Deus disso zombarão. Há também muitas pessoas que não negam a Deus, mas que pensam ser mais fortes que ele; estes não riem: opõem barreiras que crêem intransponíveis, e, no entanto, o Espiritismo as transpõe todos os dias, sob seus olhos: é que, com efeito, ele haure em sua natureza, em sua própria essência, uma força irresistível. Qual é, pois, o segredo dessa força? Devemos escondê-la, de medo que, uma vez conhecida, a exemplo de Sansão, seus inimigos disso se aproveitem para vencê-lo? De modo nenhum; no Espiritismo, não há mistérios, tudo se faz às claras, e podemos sem medo revelá-lo abertamente. Embora eu haja já dito, talvez não seja fora de propósito repeti-lo aqui, a fim de que se o saiba bem, que se entregamos aos nossos adversários o segredo de nossas forças, é porque conhecemos também o seu lado fraco.

A força do Espiritismo tem duas causas preponderantes: a primeira é a que torna felizes aqueles que o conhecem, o compreendem e o praticam; ora, como há muitas pessoas infelizes, ele recruta um inumerável exército entre aqueles que sofrem. Quer se lhe tirar esse elemento de propagação? Que se tornem os homens de tal modo felizes, moral e

materialmente, que não tenham mais nada a desejar, nem neste mundo e nem no outro; não pedimos mais, uma vez que o objetivo será atingido. A segunda é que ele não repousa sobre a cabeça de nenhum homem que se possa abater; que não há nenhum foco único, que se possa extinguir; sua fonte está por toda parte, uma vez que por toda parte há médiuns que podem se comunicar com os Espíritos; que não há famílias que não possam encontrá-los em seu seio, e que esta palavra do Cristo se cumpre: *Vossos filhos e vossas filhas profetizarão e terão visões*; porque, enfim, o Espiritismo é uma idéia, e que não há nenhuma barreira impenetrável pela idéia, nem bastante altas que ela não possa transpô-las. Matou-se o Cristo, mataram-se seus apóstolos e seus discípulos; mas o Cristo lançara no mundo a idéia cristã, e essa idéia triunfou da perseguição dos Césares onipotentes. Por que, pois, o Espiritismo, que não é outra coisa que o desenvolvimento e a aplicação da idéia cristã, não triunfaria de alguns zombadores ou antagonistas que, até o presente, apesar de seus esforços, não puderam lhe opor senão uma estéril negação? Está aí uma pretensão quimérica? Um sonho de reformador? Os fatos aí estão para responder: o Espiritismo, a despeito de tudo e contra tudo, penetra por toda a parte; como o pólen das flores, é levado pelo ventos, e toma raiz nos quatro cantos do mundo, porque por toda a parte encontra uma terra fecunda em sofrimentos, sobre os quais derrama um bálsamo consolador. Suponde, pois, o estado mais absoluto que a imaginação possa sonhar, recrutando o exílio e a nobreza desses esbirros para deter a idéia em sua passagem; isso impedirá os Espíritos de entrarem em sua casa, de se manifestarem espontaneamente? Impedirá a formação dos médiuns na intimidade das famílias? Suponhamo-lo bastante forte para impedir de escrever, para impedir a leitura dos livros; pode-se impedir de ouvir, uma vez que há médiuns audientes? Impedir-se-á o pai de receber as consolações do filho que perdeu? Vede, pois, que é impossível, e que eu tinha razão em dizer que o Espiritismo pode, sem temor, entregar o segredo de suas forças aos seus inimigos.

Seja, dir-se-á; quando uma coisa é inevitável, é preciso aceitá-la; mas se for uma idéia falsa ou má, não tem razão em entravá-la? Seria preciso primeiro provar que ela é falsa; ora, até o presente, que é o que opõem os seus adversários? Zombarias e negativas que, em boa lógica, jamais passaram por argumentos; mas uma refutação séria, sólida; uma demonstração categórica, evidente, onde a encontrais? Em nenhuma parte, não menos nos críticos da ciência quanto alhures. Por outro lado, quando uma idéia se propaga com a rapidez do raio, quando encontra inumeráveis ecos nas classes mais esclarecidas da sociedade, quando tem suas raízes em todos os povos, desde que há homens sobre a Terra; quando os maiores filósofos sagrados e profanos a proclamaram, é ilógico supor que não repousa senão sobre a mentira e a ilusão; todo homem sensato, o que não esteja cego pela paixão ou pelo interesse pessoal, dirá que deve ali ter alguma coisa de verdade, e pelo menos o homem prudente, antes de negar, suspenderá seu julgamento. A idéia é má? Se ela é verdadeira, se não é senão uma aplicação das leis da Natureza, parece difícil que possa ser má, a menos que se admita que Deus haja feito mal o que fez. Como uma doutrina seria má quando ela torna melhores aqueles que a professam, quando consola os aflitos, dá resignação ao infeliz, leva a paz às famílias, acalma a efervescência das paixões, impede o suicídio? Ela é, dizem alguns, contrária à religião. Eis a grande palavra com a qual tentam assustar os tímidos e aqueles que não a conhecem. Como uma doutrina que torna melhor, que ensina a moral evangélica, que não prega senão a caridade, o esquecimento das ofensas, a submissão à vontade de Deus, seria contrária à religião? Isso seria um contra-senso, afirmar que semelhante coisa seria o processo da própria religião; é por isso que digo que aqueles que falam assim não a conhecem. Se tal fosse esse resultado, por que conduziria às idéias religiosas aqueles que não crêem em nada? Por que faria orar aqueles que haviam esquecido de fazê-lo desde a sua infância?

Aliás, há uma outra resposta igualmente peremptória: o Espiritismo é estranho a toda questão dogmática. Aos materialistas prova a existência da alma; àqueles que não crêem

senão no nada, prova a vida eterna; àqueles que crêem que Deus não se ocupa com as ações dos homens, prova as penas e as recompensas futuras; destruindo o materialismo, destrói a pior praga social: eis o seu objetivo; quanto às crenças especiais, delas não se ocupa, e deixa a cada um toda a liberdade; o materialista é o maior inimigo da religião; o Espiritismo, conduzindo-o ao Espiritualismo, lhe faz percorrer três quartas partes do caminho para entrar na comunhão dos fiéis católicos; cabe à Igreja fazer o resto; mas se a comunhão para qual tenderia a se ligar o repele, seria a temer que não se voltasse para uma outra.

Dizendo-vos isso, senhores, prego aos convertidos, o sabeis tão bem quanto eu; mas há um outro ponto sobre o qual é útil dizer algumas palavras.

Se os inimigos de fora nada podem contra o Espiritismo, não ocorre o mesmo com aqueles do interior; quero dizer daqueles que são mais Espíritas de nome do que de fato, sem falar daqueles que não têm do Espiritismo senão a máscara. O mais belo lado do Espiritismo é o lado moral; será por suas conseqüências morais que triunfará, porque ali está sua força, porque ali é invulnerável. Ele escreveu sobre a sua bandeira: *Amor e caridade*, e diante desse paládio mais poderoso do que o de Minerva, porque vem do Cristo, a própria incredulidade se inclina. O que pode se opor a uma doutrina que conduz os homens a se amarem como irmãos? Se não se admite a causa, menos se respeitará o efeito; ora, o melhor meio de provar a realidade do efeito é de aplicá-lo a si mesmo; é mostrar aos inimigos da Doutrina, pelo seu próprio exemplo, que ela torna realmente melhor; mas como fazer crer que um instrumento pode produzir a harmonia, se torna os sons discordantes? Do mesmo modo, como persuadir que o Espiritismo deve conduzir à concórdia, se aqueles que o professam, ou que supostamente o professam, o que é tudo mesmo para os adversários, se atiram pedras? Se uma simples suscetibilidade do amor-próprio, de precedência, basta para dividi-los? Não é o meio de se fazer refletir o seu próprio argumento? Os inimigos mais perigosos do Espiritismo são, pois, aqueles que o fazem mentir a si mesmos, não praticando a lei que eles mesmos vêm proclamar. Haveria puerilidade em fazer dissidência por nuances de opinião; haveria malevolência evidente, esquecer do primeiro dever do verdadeiro Espírita, de se separar por uma questão pessoal, porque o sentimento da personalidade é o fruto do orgulho e do egoísmo.

É necessário não esquecer, senhores, que os inimigos do Espiritismo são de duas ordens: de um lado, tendes os zombeteiros e os incrédulos; estes recebem, todos os dias, desmentidos pelos fatos; não os temeis, e tendes razão. Eles servem à nossa causa sem querer, e devemos por isso agradecer-lhes. Do outro lado são as pessoas interessadas em combater a Doutrina; estes não espereis conduzi-los pela persuasão, porque não procuram a luz; em vão ostentáreis aos seus olhos a evidência do Sol, são cegos, porque não querem ver. Não vos atacam, porque estais no erro, mas porque estais na verdade, e que, certo ou errado, eles crêem que o Espiritismo prejudica os seus interesses materiais; se estivessem persuadidos de que é uma quimera, deixá-lo-iam perfeitamente tranqüilo; também sua obstinação cresce em razão dos progressos da Doutrina, de tal sorte que se pode medir a sua importância pela violência de seus ataques. Enquanto não viram no Espiritismo senão um jogo de mesa girantes, nada disseram, contaram com o capricho da moda; mas hoje, que, a despeito de sua má vontade, vêem a insuficiência da zombaria, empregaram outros meios. Esses meios, quaisquer que sejam, demonstraram a sua impotência; no entanto, se não podem abafar essa voz que se eleva de todas as partes do mundo, se não podem deter esta torrente que os invade de todas as partes, tudo farão para trazer entraves, e se podem recuar o progresso de um só dia, eles dirão que é ainda um dia de ganho.

Esperai, pois, que disputarão o terreno palmo a palmo, porque o interesse material é o mais tenaz de todos; para ele os mais sagrados direitos da Humanidade nada são; tendes disso a prova na luta americana. Pereça a união que fazia a nossa glória, antes que os nossos

interesses! dizem os escravocratas; assim falam os adversários do Espiritismo, porque a questão humanitária é o menor de seus cuidados. Que lhes opor? Uma bandeira que os faça enfraquecer, porque sabem bem que leva essas palavras saídas da boca do Cristo: *Amor e caridade*, e que essas palavras são a sua sentença. Ao redor desta bandeira, que todos os verdadeiros Espíritas se reúnam, e serão fortes, porque a união faz a força. Reconheceis, pois, os verdadeiros defensores de vossa causa, não por vãs palavras, as palavras que nada custam, mas pela prática da lei de amor e de caridade, pela abnegação da personalidade; o melhor soldado não é aquele que brande mais alto o seu sabre, mas aquele que sacrifica corajosamente sua vida. Olhai, pois, como fazem causa comum com vossos os inimigos, todos aqueles que teriam para lançar entre vós o fermento da discórdia, porque, voluntária ou involuntariamente, fornecem armas contra vós; em todos os casos não conteis mais com aqueles do que com esses maus soldados, que fogem ao primeiro tiro de fuzil.

Mas direis, se as opiniões estão divididas sobre alguns pontos da Doutrina, como reconhecer de que lado está a verdade? É a coisa mais fácil. Primeiro, tendes por peso o vosso julgamento, por medida a sã e inflexível lógica. Tereis em seguida o assentimento da maioria; porque, crede bem que o número crescente ou decrescente de partidários de uma idéia vos dá a medida do seu valor; se ela é falsa, não saberá conquistar mais voz do que a verdade: Deus não o permitiria; pode deixar o erro se mostrar por aqui e por ali, para nos fazer ver suas maneiras e nos ensinar a reconhecê-la; sem isso, onde estaria o nosso mérito se não tivéssemos escolhas a fazer? Quereis um outro critério da verdade? Eis um que é infalível. Uma vez que a divisa do Espiritismo é *Amor e caridade*, reconheceis a verdade pela prática desta máxima, e tende por certo que aquele que lança a pedra em outro não pode estar na verdade absoluta. Quanto a mim, senhores, ouvistes minha profissão de fé. Se, o que não apraze a Deus, se levantarem dissidências entre vós, digo-o com pesar, eu me separaria abertamente daqueles que desertassem a bandeira da fraternidade, porque, aos meus olhos não poderiam ser olhados como verdadeiros Espíritas.

Em todos os casos, não vos inquieteis, de nenhum modo, com quaisquer dissidências passageiras; logo tereis a prova de que elas são sem conseqüências graves; são provas para a vossa fé e o vosso julgamento; freqüentemente, são também meios permitidos por Deus e os bons Espíritos para darem a medida da sinceridade, e dar a conhecer aqueles com os quais se podem contar realmente em caso de necessidade, e que são evitados assim de se colocarem à frente; são pequenas pedras semeadas sobre o vosso caminho, a fim de vos habituar a ver sobre o que vos apoiais.

Resta-me, senhores, falar-vos da organização da Sociedade. Uma vez que consentis em pedir a minha opinião, direi o que já disse o ano passado em Lyon; os mesmos motivos me levam a vos desviar, com todas as minhas forças, do projeto de formar uma Sociedade única, abarcando todos os Espíritas da cidade, o que seria simplesmente impraticável pelo número crescente de adeptos. Não tardaríeis a ser detidos por obstáculos materiais e por dificuldades morais maiores ainda que disso demonstrariam a impossibilidade; vale mais, pois, não empreender uma coisa a que sereis obrigado a renunciar. Todas as considerações em apoio a esta opinião estão completamente desenvolvidas na nova edição de *O Livro dos Médiuns*, ao qual vos convido referirdes. A isto não acrescentarei senão poucas palavras.

O que é difícil obter numa reunião numerosa o é muito menos em grupos particulares; eles se formam por afinidade de gostos, de sentimentos e hábitos. Dois grupos separados podem ter uma maneira de ver diferente sobre alguns pontos de detalhe, e não deixar, por isso, de caminharem de acordo, ao passo que, se estivessem reunidos, a divergência de opiniões ali levaria, inevitavelmente, a perturbação.

O sistema da multiplicação dos grupos tem ainda por resultado pôr fim às rivalidades de supremacia e de presidência. Cada grupo naturalmente presidido pelo senhor da casa ou aquele que for designado, e tudo se passa em família. Se a alta direção do Espiritismo, numa cidade, incumbe alguém, este será chamado pela força das coisas, e um assentimento tácito o designará muito naturalmente em razão de seu mérito pessoal, de suas qualidades conciliatórias, do zelo e do devotamento dos quais tiver dado prova, dos serviços reais que terá prestado à causa; adquirir, assim, sem procurá-la, uma força moral que ninguém pensará em contestar-lhe, porque todo o mundo a reconhecerá nele; ao passo que aquele que, com sua autoridade privada, procurasse se impor, ou que fosse levado por um pequeno grupo, encontraria oposição da parte de todos aqueles que não lhe reconhecessem as qualidades morais necessárias, e daí uma causa inevitável de divisões.

É uma coisa grave conferir a qualquer um a direção suprema da Doutrina; antes de fazê-lo, precisaria estar bem seguro dele sob todos os aspectos, porque, com idéias errôneas, poderia arrastar a Sociedade para um triste abismo e talvez, a sua ruína. Nos grupos particulares, cada um pode fazer suas provas de habilidade e se designar, para mais tarde, ao sufrágio de seus colegas, se isso ocorrer; mas ninguém pode pretender ser general antes de ter sido soldado. Do mesmo modo que o bom general se reconhece pela sua coragem e pelos seus talentos, o verdadeiro Espírita se reconhece pelas suas qualidades; ora, a primeira da qual deve dar a prova é a abnegação da personalidade, pois, por seus atos é que se o reconhece, mais do que pelas suas palavras. O que é preciso para uma tal direção, é um verdadeiro Espírita, e o verdadeiro Espírita não é movido nem pela ambição, nem pelo amor-próprio. Chamo a esse respeito, senhores, a vossa atenção sobre as diversas categorias de Espíritas, cujos caracteres distintivos estão claramente definidos em *O Livro dos Médiuns* (nº 28).

De resto, qualquer que seja a natureza da reunião, quer seja numerosa ou não, as condições que deve preencher para atingir o objetivo são os mesmas; é nisso que é necessário levar todos os seus cuidados, e aqueles que o preencherem serão fortes, porque, necessariamente, terão o apoio dos bons Espíritos. Essas condições estão mencionadas em *O Livro dos Médiuns* (nº 341).

Um erro bastante freqüente, nos novos adeptos, é o de se crer tornarem-se mestres depois de alguns meses de estudo. O Espiritismo é uma ciência imensa, como sabeis, e cuja experiência não pode se adquirir senão com o tempo, nisso como em todas as coisas. Há nessa pretensão, de não ter mais necessidade de conselhos de outrem e de se crer acima de todos, uma prova de insuficiência, uma vez que falta a um dos primeiros preceitos da Doutrina: a modéstia e a humildade. Quando os Espíritos maus encontram semelhantes disposições num indivíduo, não deixam de superexcitá-los e entretê-los, persuadindo-os de que só eles possuem a verdade. É um dos escolhos que se podem encontrar, e contra o qual acreditei dever vos prevenir, acrescentando que não basta mais se dizer Espírita como se dizer cristão: é preciso prová-lo pela prática.

Se, pela formação dos grupos, evita-se a rivalidade dos indivíduos, essa rivalidade não pode existir entre os próprios grupos que, caminhando em caminhos um pouco divergentes, poderiam produzir cismas, ao passo que uma sociedade única manteria a unidade de princípios? A isso respondo que o inconveniente que se assinala não seria evitado, uma vez que aqueles que não adotassem os princípios da Sociedade dela se separariam, e nada os impediria de manterem-se afastados. Os grupos são tantas pequenas Sociedades que caminharão, necessariamente, no mesmo caminho se adotarem todas a mesma bandeira, e as bases da ciência consagradas pela experiência. Chamo igualmente, a esse respeito, a vossa atenção sobre o nº 348 de *O Livro dos Médiuns*. Aliás, nada impede que um grupo central seja formado de delegados diversos de grupos particulares que se encontrariam assim

como um ponto de união e um correspondente direto com a Sociedade de Paris. Depois, todos os anos, uma assembléia geral poderia reunir todos os adeptos e se tornar assim uma verdadeira festa do Espiritismo. De resto, sobre esses diversos pontos, prepararei uma instrução detalhada que terei a honra de vos transmitir ulteriormente, seja sobre a organização, seja sobre a ordem dos trabalhos. Aqueles que a seguirem se manterão, naturalmente, na unidade de princípios.

Tais são, senhores, os conselhos que creio dever vos dar, uma vez que consentistes em referir-se aos meus conselhos. Estou feliz em acrescentar que encontrei em Bordeaux excelentes elementos, e um progresso muito maior do que o esperava; encontrei aqui um grande número de verdadeiros e sinceros Espíritas, e levo de minha visita a esperança fundada que a nossa Doutrina aqui se desenvolverá sobre as bases mais largas e em excelentes condições. Crede bem que meu concurso não faltará jamais a tudo o que estiver em meu poder fazer para secundar os esforços daqueles que são, sincera e conscienciosamente, devotados de coração a esta nobre causa, que é a da Humanidade.

O Espírito de Erasto, que já conheceis, senhores, pelas notáveis dissertações que lestes dele, vem também vos trazer o tributo de seus conselhos. Antes de minha partida de Paris ele ditou, por seu médium habitual, a comunicação seguinte, que vou ter a honra de vos ler.

Primeira epístola aos Espíritas de Bordeaux, por Erasto,

humilde servidor de Deus.

Que a paz do Senhor esteja convosco, meus bons amigos, a fim de que nada jamais venha perturbar a boa harmonia que deve reinar num centro de Espíritas sinceros! Sei o quanto vossa fé em Deus é profunda, e quão fervorosos adeptos sois da nova revelação; é por isso que vos digo, em toda a efusão de minha ternura por vós, estaria desolado, estaríamos todos desolados, nós que somos, sob a direção do *Espírito de Verdade*, os iniciadores do Espiritismo na França, se a concórdia das quais destes, até este dia, provas brilhantes viessem a desaparecer de vosso meio. Se não tivésseis dado o exemplo de uma fraternidade sólida; se, enfim, não fosseis um centro sério e importante da grande comunhão Espírita francesa, eu teria deixado esta questão na sombra. Mas se a levanto, é que tenho plausíveis razões para vos convidar a manter, entre os vossos diversos grupos, a paz e a unidade de Doutrina. Sim, meus caros discípulos, aproveito com zelo desta ocasião, que nós mesmos preparamos, para vos mostrar o quanto seria funesto para o desenvolvimento do Espiritismo, e que escândalo causaria entre vossos irmãos de outros países, a novidade de uma cisão no centro que nos encantamos, até esta hora, de citar, pelo seu Espírito de fraternidade, a todos os outros grupos formados ou vias de formação. Não ignoro, e não deveis ignorar não mais, que se empregará de tudo para semear a divisão entre vós; que se procurará armar-vos emboscadas; que se semeará, sobre o vosso caminho, armadilhas de toda sorte; que vos oporão uns aos outros, a fim de fomentar uma divisão e levar a uma ruptura sob todos os aspectos lamentáveis; mas sabereis evitar isso, praticando primeiro diante de vós mesmos, e em seguida diante de todos, o sublimes preceitos da lei de amor e de caridade. Não, disso estou convencido, não dareis aos inimigos de nossa santa causa, a satisfação de dizer: Vede esses Espíritas de Bordeaux, que nos mostravam como caminhando na vanguarda dos novos crentes; não sabem mesmo estar de acordo entre si! É aí, meus caros amigos, onde vos esperam, onde nos esperam a todos. Vossos excelentes guias já vos disseram: tereis de lutar não só contra os orgulhosos, os egoístas, os materialistas e todos esses infelizes que

estão imbuídos do espírito do século; mas ainda, e sobretudo, contra a turba dos Espíritos enganadores que, encontrando no vosso meio uma rara reunião de médiuns, porque sois melhor aquinhoados sob esse aspecto, virão logo vos atacar: uns com dissertações sabiamente combinadas onde, à custa de algumas piedosas tiradas, insinuarão a heresia ou algum princípio dissolvente; os outros com comunicações abertamente hostis aos ensinamentos dados pelos verdadeiros missionários do Espírito de Verdade. Ah! Crede-me, não temais nunca então em desmascarar os patifes que, novos Tartufos, se introduzirão entre vós sob a máscara da religião; sede igualmente sem piedade para com os lobos devoradores que se escondem sob peles de ovelhas. Com a ajuda de Deus, que não invocareis jamais em vão, e com a assistência dos bons Espíritos que vos protegem, permanecereis inquebrantáveis em vossa fé; os maus Espíritos vos acharão invulneráveis, e quando virem suas flechas se enfraquecerem contra o amor e a caridade, que animam os vossos corações, se retirarão muito confusos numa campanha em que não terão recolhido senão a impossibilidade e a vergonha. Olhando como subversiva toda doutrina contrária à moral do Evangelho e às prescrições gerais do Decálogo, que se resumem nesta lei concisa: *Amai a Deus acima de tudo e vosso próximo como a vós mesmos*, permanecereis invariavelmente unidos. De resto, em todas as coisas, é preciso saber se submeter à lei comum: não compete a ninguém subtrair-se dela, e de querer impor sua opinião e seu sentimento, quando estes não são aceitos pelos outros membros de uma mesma família Espírita; e nisso, vos convido com instância a vos modelar sobre os usos e os regulamentos da Sociedade de Estudos Espíritas de Paris, onde ninguém, qualquer que seja sua classe, sua idade, os serviços prestados ou a autoridade adquirida, pode substituir sua iniciativa pessoal à da Sociedade da qual faz parte, *a fortiori*, e nada empenharem pelas diligências que ela não aprovou. Dito isto, é incontestável que os adeptos de um mesmo grupo devem ter um justo respeito pela sabedoria e pela experiências adquiridas: a experiência não é o quinhão nem do mais velho nem do mais sábio, mas bem daquele que se ocupou por maior tempo e com o maior fruto para todos da nossa consoladora filosofia; quanto à sabedoria, cabe a vós examinar aquele ou aqueles que, entre vós, melhor seguem e praticam os seus preceitos e as leis. No entanto, meus amigos, antes de seguir as vossas inspirações, tendes, não o esqueçais, vossos conselheiros e vossos protetores etéreos para consultar, e estes jamais vos faltarão quando os solicitardes com fervor e com um objetivo de interesse geral. Para isso, vos são necessários bons médiuns, e aqui vejo excelentes deles no meio dos quais não tereis senão que escolher. Certamente, e eu as conheço, a senhora e a senhorita Cazemajoux e algumas outras possuem, no mais alto grau, as qualidades medianímicas, e nenhum país, vos repito, não está, sob esse aspecto, melhor aquinhoado do que Bordeaux.

Devo vos fazer ouvir uma voz tanto mais severa, meus bem-amados, quanto o Espírito de Verdade, mestre de nós todos, espera mais de vós. Lembrai-vos de que fazeis parte da vanguarda Espírita, e que a vanguarda, como o estado-maior, deve a todos o exemplo de uma submissão absoluta à disciplina estabelecida. Ah! vossa tarefa não é fácil, uma vez que a vos incumbe o trabalho de elevar, com mão vigorosa, o machado nas sombrias florestas do materialismo, e perseguir, até suas últimas fortalezas, os interesses materiais coligados. Novos Jasons, caminhais para a conquista do verdadeiro toso de ouro, quer dizer, dessas idéias novas e fecundas que devem regenerar o mundo; mas aí caminhais não mais no vosso interesse privado, não mais mesmo no interesse da geração atual, mas sobretudo no interesse das gerações futuras, para as quais preparais os caminhos. Há nesta obra uma marca de abnegação e de grandeza que ferirá de admiração e de reconhecimento os séculos futuros, e da qual Deus, crede-me, saberá vos levar em conta. Devi vos falar como o fiz, porque me dirijo a pessoas que ouvem a razão, a homens que perseguem seriamente um objetivo eminentemente útil: a melhoria e a emancipação da raça humana; aos Espíritas, enfim, que ensinam e que pregam pelo exemplo, que o melhor meio para ali chegar está na prática das verdadeiras virtudes cristãs. Devi vos falar assim, porque era preciso vos premunir contra um perigo, vo-lo assinalando: era meu dever; vim cumpri-lo. Também,

agora, posso encarar sem inquietação o futuro, porque estou convencido de que minhas palavras aproveitarão a todos e a cada um; e que o egoísmo, o amor-próprio ou a vaidade, não terão doravante nenhuma presa sobre os corações onde a verdadeira fraternidade reinará sem divisão.

Vós vos lembrareis, Espíritas de Bordeaux, de que a união entre vós é o verdadeiro encaminhamento para a união e a fraternidade universal; e, a esse respeito, estou feliz, muito feliz, de poder constatar claramente que o Espiritismo deverá, por si, fazer vos dar um passo adiante. Recebei, pois, as nossas felicitações, porque falo aqui em nome de todos os Espíritos que presidem à grande obra da regeneração humana, por ter, pela vossa iniciativa, aberto um novo campo de exploração e uma nova causa de certeza aos estudos dos fenômenos de além-túmulo, pelo vosso pedido de filiação, não mais como indivíduos isolados, mas como grupo compacto, à Sociedade iniciadora de Paris. Reconheço a importância dessa providência, a alta sabedoria de vossos guias principais, e disso agradeço o terno Fénelon e seus fiéis coadjutores Georges e Marius, que presidem com ele as vossas piedosas reuniões de estudo. Aproveito dessa circunstância para prestar igualmente um testemunho brilhante aos Espíritos Ferdinand e Félicia, que todos vós conheceis. Se bem que esses dignos colaboradores hajam feito o bem só pelo bem, é bom que saibais que é a esses modestos pioneiros, secundados pelo humilde Marcelin, que nossa santa Doutrina deve ter prosperado tão rapidamente em Bordeaux e no sudoeste da França.

Sim, meus fiéis crentes, vossa admirável iniciativa será seguida, eu o sei, por todos os grupos Espíritas seriamente formados. E, pois, um passo imenso adiante. Compreendestes, e todos os vossos irmãos compreenderão como vós, quais vantagens, que progressos, que propaganda resultarão da adoção de um programa uniforme para os trabalhos e os estudos da Doutrina que nós vos revelamos. Está bem entendido, contudo, que cada grupo conservará a sua originalidade e sua iniciativa particular; mas, fora de seus trabalhos particulares, terá de se ocupar de diversas questões de interesse geral, submetidas a seu exame pela Sociedade central, e para resolver diversas dificuldades, cuja solução, até este dia, não pôde ser obtida dos Espíritos, por razões que é inútil desenvolver aqui. Cria vos injuriar se fizesse ressaltar, aos vossos olhos, as conseqüências que resultarão de trabalhos simultâneos e quem, pois, então, ousará contestar uma verdade, quando essa verdade será confirmada pela unanimidade ou a maioria das respostas mediúnicas, obtidas simultaneamente em Lyon, Bordeaux, em Constantinopla, em Metz, em Bruxelas, em Sens, no México, em Carlsruhe, em Marselha, em Toulouse, em Macon, em Sétif, em Alger, em Oran e Cracóvia, em Moscou, em São Petersburgo, assim como em Paris?

Eu vos entretive com a rude franqueza da qual me sirvo com vossos irmãos de Paris. Contudo, não vos deixarei sem testemunhar minhas simpatias justamente adquiridas com essa família patriarcal, onde os excelentes Espíritos comprometidos com a vossa direção espiritual começaram a fazer ouvir suas eloqüentes palavras; mencionei a família *Sabá*, que soube atravessar, com uma constância e uma piedade inalterável, as provas dolorosas com as quais Deus quis afligi-la, a fim de elevá-la e torná-la apta à sua missão atual. Não devo esquecer, não mais, o concurso devotado de todos aqueles que, em suas respectivas esferas, contribuíram para propagar a nossa consoladora Doutrina. Continuai todos, meus amigos, a caminhar resolutamente em vosso caminho aberto: ele vos conduzirá seguramente às esferas etéreas da perfeita felicidade, onde vos encontrarei. Em nome do *Espírito de Verdade*, que vos ama, eu vos abençôo, Espíritas de Bordeaux!

ERASTO.

Banquete oferecido pelos Espíritas bordeleses ao Sr. Allan Kardec

Revista Espírita, novembro de 1861

Discurso e brinde do Sr. Lacoste, negociante.

Senhores,

Peço sobretudo aos jovens que me escutam consentirem em prestar atenção a algumas palavras de afeto fraterno, que escrevi especialmente para eles. A falta de experiência, a conformidade de nossas idades e a comunhão de nossas idéias me asseguram sua indulgência.

Nenhum de nós, senhores, não acolheu com indiferença a revelação desta santa Doutrina, da qual o nosso venerado mestre recolheu, num livro sábio, os elementos novos. Jamais campo mais vasto foi aberto à nossa imaginação; jamais horizonte grandioso foi revelado às nossas inteligências. Foi com o ardor da jovem idade, foi sem lançar um olhar para trás, que nos fizemos adeptos da fé do futuro e os pioneiros da civilização futura. Não praza a Deus que eu venha a proferir palavras de desencorajamento! Vossas crenças me são muito conhecidas, senhores, eu as sei muito sólidas para crer que a zombaria, ou o raciocínio falso, de alguns adversários, poderá jamais abalá-las. A juventude é rica em privilégios; fácil para nobres emoções, ardente para empreender, possui ainda o entusiasmo da fé, essa alavanca moral que ergue os mundos. Mas se a sua imaginação a leva para além dos obstáculos, freqüentemente, fá-la ultrapassar o objetivo. É contra esses desvios que vos exorto a vos premunirdes. Entregues a vós mesmos, atraídos pelos encantos da novidade, levantando, a cada passo, um canto do véu que vos ocultava o desconhecido, tocando quase que com o dedo a solução do eterno problema das causas primeiras, guardai-vos de vos deixar embriagar pelas alegrias do triunfo. Poucos caminhos são isentos de precipícios; a confiança muito grande segue sempre os caminhos livres, e nada é mais difícil de obter, de jovens soldados, como de jovens inteligências, do que a moderação na vitória. Ali está o mal que temo para vós, como para mim.

Felizmente, o remédio está junto do mal; está entre nós, aqui reunidos, que gozamos da maturidade da idade e do talento da vantagem feliz de termos tido, em nossa cidade, os propagadores esclarecidos do ensino Espírita. É a esses Espíritos, mais calmos e mais refletidos, que deveis submeter a direção de vossos estudos, e, graças a essa atenção de todos os dias, graças a essa subordinação moral, ser-vos-á dado trazer, à construção do edifício comum, uma pedra que não cambaleará nunca.

Saibamos, pois, senhores, vencer as pueris questões do amor-próprio; nossa parte, a nós pessoas jovens, não é bastante bela? A nós, com efeito, pertence o futuro; a nós que, quando os nossos pais em Espiritismo reviverem num mundo melhor, poderão, cheios de vida e de fé, assistir à esplêndida irradiação desta verdade, da qual não entreviram, sobre a Terra,

senão a misteriosa aurora.

Deixai-me, pois, esperar, senhores, que direis comigo e do fundo do coração:

A todos os nossos mais idosos; a todos aqueles que, conhecidos ou desconhecidos, sob a veste do rico como sob a blusa do operário, se fizeram, em Bordeaux, os adeptos e os propagadores da Doutrina Espírita! À prosperidade da Sociedade Espírita de Paris, desta Sociedade que leva tão alto e tão firme a bandeira sob a qual nós aspiramos formar! Que o Sr. Allan Kardec, nosso mestre de todos, receba, por nossos irmãos de Paris, a garantia de uma profunda simpatia; que lhes diga que os nossos jovens corações batem em uníssono, e que, se bem que com um passo menos seguro, não concorreremos menos à regeneração universal, encorajados pelos seus exemplos e pelos seus sucessos.

Brinde do Sr. Sabó.

Os Espíritos também querem, senhores, nos assegurar, uma vez mais, que suas simpatias nos são adquiridas juntando seus desejos aos nossos pela prosperidade dessa santa Doutrina que é obra sua; o Espírito de Ferdinand, um de nossos guias protetores, ditou espontaneamente o ensinamento seguinte, que estou feliz em vos fazer ouvir.

"A grande família espírita, da qual fazeis parte, vê, todos os dias, aumentar o número de seus filhos, e logo não haverá mais, na vossa bela pátria, nem cidades e nem aldeias onde não esteja instalada a tenda dos membros dessa tribo bendita de Deus.

"Já nos seria impossível assinalar os numerosos centros que gravitam ao redor do foco luminoso do qual Paris é a sede, porque os centros das grandes cidades são conhecidos unicamente por nós. Entre aqueles se distingue, pelo seu saber, inteligência e união fraterna, a Sociedade dos Espíritas de Metz; ela está destinada a trazer frutos em abundância, e, procurando estabelecer com eles relações amigáveis, fundadas sobre uma estima recíproca, encheis com uma doce alegria o coração paternal de vosso chefe aqui presente.

"O eminente Espírito de Erasto vos disse ontem: sede unidos, a união faz a força. Fazei, pois, todos os esforços para a isso chegar, a fim de que, em pouco tempo, todos os centros Espíritas franceses, unidos entre si pelos laços da fraternidade, caminhem a passo de gigante no caminho traçado."

FERDINAND,

Guia espiritual do médium.

Como conclusão e fiel intérprete dos sentimentos expressados por esse bom Espírito, proponho um brinde aos nossos irmãos Espíritas de Metz em particular, e a todos os Espíritas franceses em geral.

Senhores,

Persuadido de que as calorosas palavras pronunciadas ontem, em nosso meio, pelo nosso honrado chefe Espírita, não hajam caído sobre a pedra e sobre os espinheiros, mas sim em vossos corações agora dispostos a estreitar, entre si, os laços da fraternidade, venho vos

propor um brinde aos nossos irmãos Espíritas de Lyon; eles começaram a sua tarefa antes de nós, e tiveram que sofrer, para se organizarem, os mesmos conflitos que nos fizemos tanto sofrer há tempos; mas, graças ao impulso que o nosso chefe bem-amado lhes deu no ano último, deram um passo imenso no caminho bendito no qual os Espíritos vêm fazer a Humanidade entrar. Imitemo-los, senhores; que uma emulação louvável una os Espíritas de Bordeaux e de Lyon, a fim de que a comunhão de pensamentos e de sentimentos, da qual todos estarão animados, faça dizer entre eles: Bordeleses e Lioneses são irmãos. Proponho um brinde à união dos irmãos de Bordeaux e de Lyon.

Discurso do Sr. Desqueyroux, mecânico

Em nome do grupo de operários.

Senhor Allan Kardec, nosso querido mestre,

Eu me permito, em nome de todos os operários Espíritas de Bordeaux, meus amigos e meus irmãos, trazer um brinde à vossa prosperidade. Embora já chegado a uma alta perfeição, que Deus vos faça ainda crescer nos bons sentimentos que vos animaram até este dia, e, sobretudo, que vos faça crescer aos olhos do universo e no coração daqueles que, seguindo a vossa Doutrina, se aproximam de Deus; nós, que somos do número daqueles que a professam, vos bendizemos, do fundo de nossos corações, e pedimos ao nosso divino criador que vos deixe ainda muito tempo em nosso meio, afim de que, quando a vossa missão estiver terminada, estejamos bastante firmes na fé, para nos conduzir sozinhos, sem nos desviarmos, do bom caminho.

É uma alegria inefável para nós termos nascido numa época em que podemos ser esclarecidos pelo Espiritismo; mas não é bastante conhecer e gostar dessa felicidade; com a Doutrina contraímos obrigações que consistem em quatro deveres diferentes: dever de submissão, que nos faça escutá-la com docilidade; dever de afeição, que nos faça amá-la com ternura; dever de zelo, para defender-lhe os interesses com ardor; dever de prática, que nos faça honrá-la por nossas obras.

Estamos no seio do Espiritismo, e o Espiritismo é para nós uma sólida consolação em nossas dificuldades; porque, é preciso confessar, há momentos na vida em que a razão, talvez, poderia nos sustentar, mas há outros em que se tem necessidade de toda a fé que o Espiritismo dá para não sucumbir. Em vão os filósofos vêm nos pregar uma firmeza estóica, nos recitar as suas pomposas máximas, nos dizer que o sábio não é abalado por nada, que o homem foi feito para possuir a si mesmo e dominar os acontecimentos da vida; insípidas consolações! Longe de abrandar minha dor, a agravais; em todas as vossas palavras não encontramos senão vazio e segura; mas o Espiritismo vem em nosso socorro e nos prova que a nossa própria aflição pode contribuir para a nossa felicidade.

Sim, nosso mestre; continuai a vossa augusta missão; continuai a nos mostrar essa ciência que vos é ditada pela bondade divina; que nos traz consolação durante esta vida, e que será o sólido pensamento que nos tranquilizará no momento da morte.

Recebei, querido mestre, estas poucas palavras saídas do coração de vossos filhos, porque sois pai de todos nós; o pai da classe trabalhadora e dos aflitos. Vós o sabeis: progresso e sofrimento caminham juntos; mas, ao passo que o desespero acabrunha os nossos corações, viestes nos trazer a força e a coragem. Sim, mostrando-nos o Espiritismo, nos dissestes:

Irmãos, coragem! Suportai sem murmurar as provas que vos são enviadas, e Deus vos abençoará. Sabei, pois, que somos apóstolos devotados, e que, no século presente, como nos séculos futuros, vosso nome será abençoado pelos nossos filhos e nossos amigos, os operários.

Discurso e brinde do Sr. Allan Kardec.

Meus caros irmãos em Espiritismo,

Faltam-me expressões para reproduzir a impressão que sinto com a vossa acolhida tão simpática e tão benevolente. Permitti-me, pois, vos dizer, com algumas palavras, em lugar de longas frases, que dela não diriam mais, que colocarei minha primeira estada em Bordeaux entre os momentos mais felizes de minha vida, e que dela guardarei uma eterna lembrança; mas também não esquecerei, senhores, que esta acolhida me impõe uma grande tarefa, a de justificá-la, o que espero fazer com a ajuda de Deus e dos bons Espíritos. Além disso, me impõe grandes obrigações, não só para convosco, mas ainda para com todos os Espíritas de todos os países, dos quais sois os representantes, como membros da grande família; para com o Espiritismo em geral, que vindes de aclamar nestas duas reuniões solenes, e que, disso não duvideis, haurirá, no impulso de vossa importante cidade, uma força nova para lutar contra os obstáculos que queiram lançar sobre o seu caminho.

Na minha alocução de ontem, falei de sua força irresistível; dela não sois a prova evidente, e não é um fato característico que a inauguração desta sociedade Espírita, que se inicia, como a vossa, pela reunião espontânea de quase 300 pessoas, atraídas não por uma vã curiosidade, mas pela convicção, e o único desejo de se agruparem em um só feixe? Sim, senhores, este fato é não só característico, mas é providencial. Eis, a este respeito, o que me dizia ainda ontem, antes da sessão, o meu guia espiritual: o Espírito de Verdade.

"Deus marcou, com o cunho de sua vontade imutável, a hora da regeneração dos filhos desta grande cidade. A obra, pois, com confiança e coragem; esta noite os destinos de seus habitantes vão começar a sair da rotina das paixões que a sua riqueza e seu luxo fazem germinar como o joio junto do bom grão, para atingir, pelo progresso moral que o Espiritismo vai lhe imprimir, a altura dos destinos eternos. Bordeaux, vês tu, é uma cidade amada pelos Espíritos, porque ela vê se multiplicarem, entre suas paredes, os mais sublimes devotamentos da caridade, sob todas as formas; também estão aflitos por vê-la atrás no movimento progressivo que o Espiritismo vem impor à Humanidade; mas os progressos vão ser feitos tão rapidamente, que os Espíritos bendirão ao Senhor de te haver inspirado o desejo de vir ajudá-los a entrar neste caminho sagrado."

Vós o vedes, pois, senhores, o impulso que vos anima vem do alto, e muito temerário seria aquele que quisesse detê-lo, porque seria derrubado como os anjos rebeldes, que quiseram lutar contra o poder de Deus. Não temais, pois, a oposição de alguns adversários interessados, ou se pavoneando em sua incredulidade materialista; o materialismo chega à sua última hora, e é o Espiritismo que a vem soar, porque é a aurora que dissipa as trevas da noite; e, coisa providencial, é o próprio materialismo que, sem o querer, serve de auxiliar à propagação do Espiritismo; por seus ataques, chama sobre ele a atenção dos indiferentes; querem ver o que é, e como o encontram bem, adotam-no. Disso tendes a prova sob os vossos olhos; sem os artigos de um dos jornais de vossa cidade, os Espíritas bordeleses seriam talvez metade menos numerosos do que o são; esse artigo tem, naturalmente, despertado a curiosidade, porque se diz: Ataca-se; portanto, há alguma coisa; mede-se a importância da coisa pelo comprimento do artigo. Perguntam: é bom; é mau? é verdadeiro, é

falso? vemos sempre. Viu-se e sabeis o resultado. Longe, pois, de por isso maldizer o autor do artigo, é preciso agradecer-lhe por ter feito a propaganda gratuita; e se há aqui algum de seus amigos, rogamos que queira convidá-lo a recomendar, a fim de que, se éramos 300 ontem, sejamos 600 no ano próximo. Eu poderia, a este respeito, vos citar fatos curiosos de propaganda semelhante, feitos em certas cidades por sermões furibundos contra o Espiritismo.

Bordeaux, como Lyon, vem, pois, de plantar fielmente a bandeira do Espiritismo, e o que vejo me garante que não a deixará arrebatada. Bordeaux e Lyon! duas das maiores cidades da França; focos de luzes! e dizem que todos os Espíritas são loucos! Honra aos loucos dessa espécie! Não esqueçamos Metz, que acaba de fundar a sua sociedade, onde figuram, em grande número, oficiais de todos os graus, e que reclama sua admissão na grande família. Logo, eu o espero, Toulouse, Marseille, e outras cidades, onde já fermenta a nova semente, se juntarão às suas irmãs mais velhas, e darão o sinal da regeneração em suas regiões respectivas.

Senhores, em nome da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, ergo um brinde aos Espíritas de Bordeaux; à sua união fraternal para resistir ao inimigo, que gostaria de dividi-los, a fim de nela ter mais facilmente razão.

A este brinde associo, do mais fundo do meu coração, e com a mais viva simpatia, o grupo Espirita de operários de Bordeaux que, como os de Lyon, dão um admirável exemplo de zelo, de devotamento, de abnegação e de reforma moral. Estou feliz, muito feliz, eu vos asseguro, por ver seus delegados reunidos fraternalmente, nesta mesa, com a elite da Sociedade, que prova, por esta associação, a influência do Espiritismo sobre os preconceitos sociais. Isto poderia ser de outro modo quando ele nos ensina que o mais alto colocado no mundo, talvez, foi ele mesmo um humilde proletário, e que, apertando a mão do último servente de pedreiro, talvez, aperte a de um irmão, um pai ou um amigo.

Em nome dos Espíritas de Metz e de Lyon, dos quais me torno o intérprete, eu vos agradeço por parte deles compreendido na expressão de vossos sentimentos fraternais.

Aos Espíritas bordeleses!

Senhores, os Espíritas não devem ser ingratos; creio que é do dever do reconhecimento não esquecer aqueles que servem a nossa causa, mesmo sem o querer. Proponho, pois, um brinde ao autor do artigo do *Courrier de la Gironde*, pelo serviço que nos prestou, fazendo votos para que ele renove de, tempos em tempos, seus espirituais artigos; e, se praza a Deus, logo ele será o único homem sensato de Bordeaux.

Poesias de circunstância

Revista Espírita, novembro de 1861

ditadas pelo Sr, Dombre (de Marmande),

que veio a Bordeaux para esta solenidade.

Os Camponeses e o Carvalho

FÁBULA.

Ao Sr. Allan Kardec.

Os abusos têm defensores ocultos, mas
perigosos dos que os adversários confessos,
e a prova disto está na dificuldade que se tem
de desenraizá-los.

ALLAN KARDEC. (*O que é o Espiritismo.*)

Um dia honestos camponeses,

De pé diante de um carvalho enorme, de fronde imensa,

Mediam-no com os seus olhares.

- Em vão prodigalizamos, disse um, nossa semente

Ao longo desses sulcos gradeados e bem adubados:

Nada brota; o adubo, os sucos são consumidos

Por esses ramos numerosos e essa espessa folhagem,

É fazer de seu bem um triste esbanjamento

Qual de deixar essa árvore empobrecer este terreno,

Absorver nossos sucos, esterilizar o grão.

Irmãos, se nisso quereis me crer,

Livreemos nosso campo

Desse hóspede incômodo...e isto...sobre o campo.

- À obra! repetiu o auditório.

E sendo todos ardentes e fortes;

Uma corda foi fixada no cume do carvalho,

E ei-los formando como que uma corrente,

Cujos anéis unem seus esforços.

A folhagem treme e murmura,

Mas é tudo... Muito se agitaram, se esfalfaram

Junto da tortuosa e robusta ramagem,

O carvalho não pode se abalar.

Um dos sábios do lugar,

Um bom velho lhes disse, ao passar: - Meus filhos,

Vossa colheita é devorada

Em proveito dos ramos, das folhas e das bolotas,

Destruí-os... está bem... eu o compreendo;

Mas ferir a árvore na frente não é coisa fácil;

O velho carvalho não curvará

Sob o fraco esforço de vossos braços;

A idade enrijece o corpo, como o torna indócil.

Travai um assalto menos ruidoso mas mais terrível

A esse colosso cheio de força;

Os séculos passaram sobre sua nodosa casca;

Ponde-vos a miná-lo vários dias, se for preciso.

Descobri à luz do dia a absorvente raiz

E tereis a morte desses maciços espessos.

Quando não se pode, de um golpe, eliminar um abuso,

É em seus fundamentos que se busca a sua ruína.

C. DOMBRE.

O Ouriço, o Coelho e a Pega

FÁBULA.

Aos membros da Sociedade Espírita de Bordeaux.

A caridade, meus amigos se faz de

muitas maneiras: podeis fazer a caridade

por pensamentos, por palavras e por ações...

O Espírito protetor da Sociedade Espírita de Lyon.

(Revista Espírita de 10 de outubro de 1861.)

Um pobre ouriço, expulso de seu abrigo,

Rolava através dos campos e espinheiros mortíferos,

Sob os golpes de tamanco de um filho das cabanas,

Que o abandonou, enfim, ensangüentado, contundido.

Tremendo, toma sua espinhosa armadura,

Distende-se ao lado dele, lança um olhar furtivo,

E, passado o perigo, murmura,

Com acento débil e lamentoso:

- Onde me esconder?... para onde fugir?... retomar minha casa

Está acima de meu poder;

Mil perigos que não posso prever

Me ameaçam aqui...

É preciso, pois, que eu morra?

Tenho necessidade de um refúgio e de um pouco de repouso

Para deixar curar minhas feridas;

Mas... onde estão os refúgios seguros?

Quem terá piedade de meus males?

Um coelho, morando sob restos de rochas,

Coelho para quem a caridade

Não era uma palavra vã, está à espera, se aproxima

E lhe diz: - Meu amigo, estou bem abrigado;

Aceitai a metade de meu modesto asilo,

Asilo seguro para vós; seria difícil

Vir e procurar a marca de vossos passos.

Depois, podeis estar tranqüilo:

Os cuidados junto a mim não vos faltarão.

A esta oferta bem graciosa,

O ouriço caminhava lentamente,

Quando uma pega oficiosa,

Fazendo sinal ao coelho: - Detei-vos um momento,

Eu vos peço... uma palavra... pouca coisa...

E depois ao ouriço: - É um pequeno segredo!...

Perdão ao menos pelo atraso que causo!

E o bom coelho, muito discreto,

Convida-o a falar baixo e ergue as orelhas.

- Como! Carregais para casa tais pessoas!...

Ides um pouco longe em vossos obséquios!

Eu não faria jamais semelhantes tolices,

Eu... Não temeis disso vos arrepender?

Uma vez sua saúde, suas forças recobradas,

Sereis o primeiro a talvez sentir

Com seu mau coração suas pontas aceradas;

E qual meio então de fazê-lo sair?...

O coelho lhe respondeu: - Nenhuma inquietação

Deve nos desviar do impulso generoso;

Vale mais se expor à ingratidão

Do que faltar aos infelizes!

C. DOMBRE.

Bibliografia

Revista Espírita, novembro de 1861

O Livro dos Médiuns.

Segunda edição (1-(1) 1 vol., in-12, preço, 3 fr. 50 c.; pelo correio, 4 francos.).

A primeira edição de *O Livro dos Médiuns*, publicada no começo deste ano, esgotou-se em alguns meses, e aí não está uma das menores marcas características do progresso das idéias Espíritas. Pudemos constatar, por nós mesmos, em nossas excursões, a influência salutar que essa obra exerceu sobre a direção dos estudos Espíritas práticos; também as decepções e as mistificações são muito menos numerosas do que outrora, porque se aprenderam os meios de frustrar a astúcia dos Espíritos enganadores. Esta segunda edição é muito mais completa do que a precedente; encerra numerosas instruções novas muito importantes e vários capítulos novos. Toda a parte que concerne mais especialmente aos médiuns, à identidade dos Espíritos, à obsessão, as perguntas que se podem dirigir aos Espíritos, as contradições, os meios de discernir os bons e os maus Espíritos, a formação das reuniões Espíritas, as fraudes em matéria de Espiritismo, receberam muito notáveis desenvolvimentos, frutos da experiência. No capítulo das dissertações Espíritas, acrescentamos várias comunicações *apócrifas*, acompanhadas de notas próprias a darem os meios de descobrir a fraude dos Espíritos enganadores, que se ornaram com falsos nomes.

Devemos acrescentar que os Espíritos revisaram a obra por inteiro, e que trouxeram numerosas observações do mais alto interesse, de sorte que se pode dizer que ela é obra deles quanto nossa.

Recomendamos com instância esta nova edição, como guia mais completo, seja para o médium, seja para os simples observadores; e podemos afirmar que, seguindo-a pontualmente, evitar-se-ão os escolhos tão numerosos contra os quais tantos novatos inexperientes vão se chocar. Depois de tê-la lido e meditado atentamente, aqueles que forem enganados ou mistificados, seguramente, isso não poderão dever senão a si mesmos, porque tiveram todos os meios de se esclarecer.

O Espiritismo ou Espiritualismo em Metz.

Primeira série de publicações da Sociedade Espírita de Metz (1- (1) Broch. in-8'; preço 1 fr., em Paris, casa Didier et Comp., cate dos Augustins, 35; Ledoyen, Palais-Royal, galeria de Orléans 31; em Metz, casa Verronnais, rua dès Jardins, 14, e casa Warion, rua du Falais, 8.).

Não mencionamos esta publicação senão para lembrança, em nosso último número, propondo-nos a ela retornar. Lemo-la com atenção e não podemos senão felicitar a Sociedade dos Espíritas messinos pelos seus resultados. Ela conta; em seu seio, um grande número de homens esclarecidos que, esperamos, saberão tê-la em guarda contra as armadilhas dos maus Espíritos, que não faltarão em tentar desviá-la do bom caminho no qual está colocada.

Essa publicação não é periódica; a Sociedade de Metz se propõe a dela fazer semelhantes, de tempos em tempos, em épocas indeterminadas, e nela inserirem as melhores comunicações que terão obtido. Esse modo é vantajoso naquilo que não obriga a contratar nenhum compromisso com os assinantes, que é preciso servir, e que as despesas que se fazem são sempre proporcionais.

Todas as comunicações contidas nesta primeira brochura levam a marca eminentemente séria e de uma moralidade irrepreensível; nada notamos nela que fosse o que se poderia chamar ortodoxa do ponto de vista da ciência, e de acordo com o ensino de *O Livro dos Espíritos*. Sim, senhores, os Espíritos de Metz nos permitam lhes dar um conselho, nós os convidamos a continuar a levar às suas publicações ulteriores a prudente circunspecção que notamos nesta; que se persuadam bem de que publicações intempestivas podem ser mais nocivas do que úteis à propagação do Espiritismo. Contamos com a sabedoria e a sagacidade daqueles que os dirigem para não cederem aos arrastamentos de adeptos mais zelosos do que refletidos; que queiram se lembrar desta máxima: *De nada serve correr, é preciso partir a propósito*.

As duas comunicações seguintes, extraídas deste primeiro fascículo, podem dar uma idéia do Espírito no qual são feitas.

O fluido universal.

(29 de setembro de 1860.)

O fluido universal liga entre si todos os mundos; e, segundo as correntes que lhe são imprimidas pela vontade do Criador, dá todos os fenômenos da criação. É ele que é a própria vida, e que liga as diferentes matérias do nosso globo; é ele que, pelas propriedades subordinadas à lei, regula as diferentes coisas tão misteriosas, para vós, as afinidades físicas e morais; é ele que vos faz ver o passado, o presente e o futuro, sobretudo quando a matéria que obstrui a vossa alma está anulada ou enfraquecida por uma causa qualquer; então esta dupla vista (se bem que menos desenvolvida que depois da morte), vê, sente e toca tudo, nesse meio fluídico, que é o seu elemento e o espelho exato do que foi, e o será; porque não há senão as partes mais grosseiras desse fluido que sofre modificações sensíveis de composição.

HENRY, *antigo Magnetizador.*

Efeitos da prece.

(15 de outubro de 1860.)

A prece é uma aspiração sublime, à qual Deus deu um poder tão mágico que os Espíritos a reclamam para si constantemente. Carvalho delicado, que é como um fresco para o pobre exilado sobre a Terra e um arranjo (s/c) frutífero para a alma sentir. A prece age diretamente sobre o Espírito que lhe é o objetivo; ela não muda seus espinhos por rosas, ela modifica sua vida de sofrimento, - nada podendo sobre a vontade imutável de Deus, - imprimindo-lhe esse vôo de vontade que revela a sua coragem, dando-lhe a força para lutar contra as provas e dominá-las. Por esse meio, o caminho que conduz a Deus é abreviado e nada pode, como efeito maravilhoso, ser comparado à prece.

Aquele que blasfema contra a prece não pode ser senão um Espírito ínfimo, de tal modo terrestre e recuado, que não compreende mesmo porque deve agarrar-se a essa tábua de salvação para salvar-se.

Orai: é uma palavra descida do céu, é a gota rósea do cálice de uma flor, é o sustento da roseira durante a tormenta, é a prancha do pobre náufrago durante a tempestade, é o abrigo do mendigo e do órfão, é o berço da criança para dormir. Emanação divina, a prece é que nos liga a Deus pela linguagem, é o que nos interessa; o orar, é o amar; o implorar para seu irmão é um ato de amor dos mais meritórios. A prece que vem do coração tem a chave dos tesouros de graça; é a economia que dispensa os benefícios em nome da infinita misericórdia. A alma elevada para Deus, por um desses impulsos sublimes da prece, livre de seu envoltório grosseiro, se apresenta cheia de confiança diante dele, parece segura de obter o que pede com humildade. Orai, oh! Orai, fazei um reservatório de vossas santas aspirações, que será derramado no dia da justiça. Preparai o celeiro da abundância, tão precioso durante a penúria; escondi o tesouro de vossas preces até o dia escolhido por Deus para distribuir o rico depósito. Amontoai para vós e para os vossos irmãos, o que diminuirá as vossas angústias e vos fará transpor, com mais celeridade, o espaço que vos separa de Deus. Reflete em tua miserável natureza, conta tuas decepções, teus perigos, sonda o abismo tão profundo onde as tuas paixões podem te arrastar, olha ao redor de ti aqueles que caem, e sentirás a necessidade imperiosa de recorrer à prece; é a âncora de salvação que impedirá a ruptura de teu navio, tão transtornado pelas tormentas do mundo.

TEU ESPÍRITO FAMILIAR.

O Espiritismo na América.

Fragmentos traduzidos do inglês

pela senhorita Clémence Guérin (1-(1) Broch. grande in-18, preço, 1 fr., casa Dentu, Palais-Royal, galeria de Orléans.).

O Espiritismo conta na América com homens eminentes que, desde o princípio, julgaram-lhe a importância, e viram nele outra coisa que simples manifestações. Nesse número está o juiz *Edmonds*, de New York, cujos escritos sobre esse importante assunto são justamente estimados e muito pouco conhecidos na Europa, onde não foram traduzidos. Devemos estar contentes com a Srta. Guérin por nos dar dele uma idéia, por alguns fragmentos que ela publicou em sua brochura, tudo nos fazendo lamentar que ela não haja terminado sua obra com uma tradução completa. Ela juntou-lhe alguns extratos, não menos notáveis, do doutor Hare, de Filadélfia, que, ele também, ousou ser um dos primeiros a afirmar sua fé nas novas revelações.

A srta. Guérin, que mora na América há muito tempo, onde viu se produzirem e se desenvolverem as primeiras manifestações, é um desses Espíritas sinceros, conscienciosos, julgando tudo com calma, sangue-frio, e sem entusiasmo. Temos a honra de conhecê-la pessoalmente, e estamos felizes em poder lhe dar aqui um testemunho merecido de nossa profunda estima. Julgar-se-á, pelos fragmentos seguintes de seu prólogo, que a nossa opinião é justamente motivada.

"Como os Americanos, temos a Fé profunda, a radiosa Esperança, que esta doutrina, tão

eminentemente baseada na caridade (não a esmola, mas o amor), é bem aquela que deve regenerar, pacificar o mundo. Jamais a solidariedade fraternal foi demonstrada mais claramente, nem de maneira mais sedutora. Os Espíritos, retornando para nos consolar, nos ajudar, nos instruir, nos indicar, enfim, o melhor uso a fazer de nossas faculdades, tendo em vista o futuro, são tão evidentemente desinteressados que o homem não pode ouvi-los por muito tempo sem sentir o desejo de imitá-los, sem procurar ao seu redor alguém a quem comunicar os benefícios que lhe dispensam generosamente. E o faz com tanto mais boa vontade quanto compreende, enfim, que o seu próprio progresso tem o seu preço, e que não é levado ao seu haver, no grande livro de Deus, senão os atos cumpridos tendo em vista o bem-estar material ou moral de seus irmãos. O que os Espíritos fazem com sucesso, neste momento, foi tentado muitas vezes, sobre a Terra, por corações nobres, por almas corajosas, mas foram e são ainda desconhecidas e abafadas; suspeitam de seu devotamento, e não é pouco que, desaparecendo, tenham alguma chance de serem julgados com imparcialidade. É porque Deus lhes permite continuar a obra depois do que chamamos morte.

"Não é o caso de repetir com Davis: Não temais, irmãos, o erro, sendo mortal, não pode viver; a verdade, sendo imortal, não pode morrer!"

CLÉMENCE GUÉRIN.

A passagem seguinte, do juiz *Edmonds*, mostrará com que justeza ele entreviu as conseqüências do Espiritismo; não é preciso esquecer que escrevia em 1854, e que nessa época o Espiritismo era jovem ainda na América, como na Europa.

"Que as minhas deduções sejam verdadeiras ou falsas, outros julgarão. Meu objetivo será alcançado se, falando do efeito produzido sobre o meu Espírito por essas revelações, faça nascerem alguns o desejo de procurar também e trazer, por novas luzes, ao estudo desses fenômenos; porque, até aqui, os adversários mais veementes, aqueles que em sua indignação gritam a impostura, são também os mais obstinados em sua recusa de nada ver e ouvir a esse respeito, os mais resolutos a permanecerem numa ignorância completa da natureza dos fatos. Tendo os homens uma reputação de saber, senão de ciência, não temem comprometê-la dando explicações que não satisfazem a ninguém, baseadas que são sobre observações superficiais, feitas com uma leviandade da qual um escolar coraria.

"Não é, entretanto, uma coisa indiferente que esse novo poder, inerente ao homem (connected with man), e que, sem nenhuma dúvida, terá sobre os destinos uma influência considerável, para o bem ou para o mal.

"Já podemos ver que desde a origem, cinco anos apenas, a idéia espiritualista se propagou com uma rapidez que a religião cristã não havia igualado em cem anos; ela não procura os lugares retirados, nem se envolve em mistérios, mas vem abertamente aos homens, provocando seu minucioso exame, não pedindo uma fé cega, mas em todas as circunstâncias recomendando o exercício da razão e do livre julgamento.

'Vimos que as zombarias dos filósofos não puderam desviar um só crente, que os sarcasmos da imprensa, os anátemas do púlpito são igualmente impotentes para deter-lhe o progresso, e sobretudo, já podemos constatar sua influência moralizadora; o verdadeiro crente torna-se sempre mais sábio e melhor (*a wiser and a better man*), porque lhe está demonstrado que a existência do homem, depois da morte, está positivamente provada. Todos aqueles que seriamente, sinceramente têm levado suas investigações sobre esse assunto, dele receberam provas irrefutáveis. Como poderia isso ser de outro modo? Eis uma inteligência que nos fala todos os dias, é um amigo. (Em geral, os Americanos começam por conversar com seus

parentes ou amigos.) Prova sua identidade por mil circunstâncias que não podem deixar nenhuma dúvida, para muitas recordações que só eles podem conhecer. Fala-nos das conseqüências da vida terrestre e nos pinta a vida futura com cores tão racionais, que *sentimos* que diz a verdade, tanto está conforme a idéia íntima que tínhamos da Divindade e dos deveres que ela nos impõe.

"Não estamos separados pela morte daqueles que amamos, mas estão freqüentemente perto de nós, nos ajudam e nos consolam pela esperança de uma reunião *certa*. Quantas vezes ouvi para mim e para os outros! Quantas pessoas desoladas vi acalmadas pela doce certeza que o ser querido "reconduzido pelos laços do amor, volteia ao redor delas, murmura em seu ouvido, contempla a sua alma, conversa com o seu Espírito!"

"A morte se encontra assim despojada desse cortejo de misteriosos e indefinidos terrores, dos quais foi rodeada por aqueles que esperam mais da degradante paixão do medo do que do nobre sentimento de amor.

"Notemos de passagem que, quaisquer que sejam as nuances no ensino da nova filosofia, todos os seus discípulos se entendem sobre este ponto, que a morte não é um espantelho, mas um fenômeno natural, a passagem a uma existência onde, livre dos mil males da vida material, e dos entraves que o confinam num só planeta, o Espírito pode percorrer a imensidade dos mundos, levantar vôo para as regiões onde a glória de Deus é realmente visível.

"Está igualmente demonstrado (*demonstrated*) que nos mais secretos pensamentos são conhecidos seres que, tendo-nos amado, continuam a velar por nós. É em vão que se tentaria subtrair-se a essa inquisição terrível por sua benevolência mesmo. Não é possível, disso duvidar, como o quiseram. Estive freqüentemente estupefato e os vi tremerem a essa revelação inesperada, mas irrecusável, que as dobras melhor fechadas da consciência podem ser folheadas por aqueles mesmos aos quais gostaríamos de esconder nossas fraquezas.

"Não está aí um freio salutar contra os maus pensamentos, os atos criminosos, cometidos mais freqüentemente porque o culpado está tranqüilo por estas palavras: Não saberão.. Se alguma coisa pode confirmar esta verdade, tão terrificante para alguns, é a lembrança do que cada um sente depois de uma boa ação, mesmo quando permanece secreta, - um contentamento íntimo não tem nenhum outro comparável. - Aqueles o sabem bem, cuja mão esquerda ignora o que dá a mão direita. É, pois, racional crer que, se nossos amigos podem nos felicitar, eles podem também repreender; se vêem nossos atos meritórios, vêem também nossas ações más.

"A isso não hesitamos em atribuir o fato incontestável e inconteste, que não há um *verdadeiro crente* que não tenha se tornado melhor.

"De nossa conduta depende o nosso destino futuro, não de nossa adesão a tal ou tal seita religiosa, mas de nossa submissão a este grande preceito: **AMAR A DEUS E AO PRÓXIMO**... Não devemos adiar a nossa conversão. Nós próprios devemos trabalhar pela nossa salvação, não mais tarde, mas *agora*; não amanhã, mas *hoje*.

"O que de mais consolador, de mais fortalecedor para a alma virtuosa, através das provas e das vicissitudes desta vida, do que a *certeza completa* de que sua felicidade futura depende de suas ações, que pode dirigir.

"De outra parte o vicioso, o mau, o cruel, o egoísta, o egoísta sobretudo, sofrerá por si e pelos outros (*self and mutual torment*) tormentos mais terríveis do que os do inferno material, tais que a imaginação mais desordenada jamais haja pintado."

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quarto Ano – 1861

Dezembro

- [Aviso aos assinantes da Revista](#)
- [Organização do Espiritismo](#)
- [Necrologia. - Morte do Sr. Jobard \(de Bruxelas\)](#)
- [Auto-de-fé de Barcelona \(2ª artigo\)](#)
- [A Toutinegra, o Pombo Torcaz e o Peixinho, poesia pelo Sr. Dombre](#)
- [Do sobrenatural, pelo Sr. Guizot](#)
- [Meditações filosóficas e religiosas, pelo Espírito de Lamennais](#)

Aviso aos assinantes da *Revista*

Revista Espírita, dezembro de 1861

Os Srs. assinantes que não quiserem sofrer atraso no envio da *Revista Espírita para o ano de 1862* (5^o ano) são solicitados a dignarem-se renovar sua assinatura antes de 31 de dezembro.

Os assinantes de 1862 poderão adquirir a coleção dos quatro anos precedentes, tomados em conjunto, ao preço de 30 fr. em lugar de 40; de sorte que, com a assinatura corrente, não pagarão pelos cinco anos senão 40 fr., quer dizer que, pelo mesmo preço, terão cinco anos em lugar de quatro; seja uma diminuição de 20 por cento. Os anos tomados isoladamente estão ao preço de 10 fr. cada um, como no passado.

Estando esgotadas a segunda tiragem dos anos 1858, 1859 e 1860, acaba de ser feita uma terceira reimpressão.

NOTA. O número de janeiro de 1862 conterà um artigo muito desenvolvido sobre a *Interpretação da doutrina dos Anjos rebeldes, dos Anjos decaídos, do Paraíso perdido, e sobre a Origem e a condição moral do homem sobre a Terra.*

Novas obras do Sr. ALLAN KARDEC devendo aparecer proximamente.

O ESPIRITISMO EM SUA MAIS SIMPLES EXPRESSÃO; brochura destinada a popularizar os elementos da Doutrina Espírita. Ela será vendida a 25 c.

REPUTAÇÃO DAS CRÍTICAS CONTRA O ESPIRITISMO; do ponto de vista do Materialismo, da Ciência e da Religião. Esta última parte terá todos os desenvolvimentos necessários. Ela conterà a resposta à brochura do Sr. cura Marouzeau.

Várias outras obras, das quais uma de importância quase igual, como volume, a *O Livro dos Espíritos*, serão publicadas no correr de 1862.

Organização do Espiritismo

Revista Espírita, dezembro de 1861

1. Até o presente os Espíritas, embora muito numerosos, estiveram disseminados em todos os países, e não está aí um dos caracteres menos salientes da Doutrina; como uma semente levada pelos ventos, tomou raízes em todos os pontos do globo, prova evidente de que a sua propagação não é o efeito de uma sociedade nem de um efeito local e pessoal. Os adeptos, de início isolados, estão muito surpresos, hoje, em se encontrarem em grande número; e como a semelhança das idéias inspira o desejo de aproximação, eles procuram se reunir e fundar Sociedades; também, de todas as partes, nos pedem instruções a esse respeito, manifestando-nos o desejo de se unir à Sociedade central de Paris. É chegado, pois, o momento de se ocupar do que se pode chamar *a organização do Espiritismo*. *O Livro dos Médiuns* (2-edição) contém, sobre a formação das Sociedades espíritas, observações importantes às quais remetemos os interessados, rogando-lhes meditar com cuidado. A experiência vem, cada dia, confirmar-lhe a justeza que lembraremos sucintamente, acrescentando-lhe instruções mais circunstanciadas.

2. Falemos de início dos adeptos que se encontram ainda isolados no meio de uma população hostil ou ignorante das idéias novas. Recebemos diariamente cartas de pessoas que estão nesse caso e que nos perguntam o que podem fazer na ausência de médiuns e de partidários do Espiritismo. Estão na situação em que se encontravam, há um ano apenas, os primeiros Espíritas dos centros mais numerosos de hoje; pouco a pouco os adeptos se multiplicaram, e em tal cidade onde se contavam por unidades espalhadas, são agora centenas de milhares; logo ser-lhe-á o mesmo por toda parte: é uma questão de paciência. Quanto ao que têm que fazer, é muito simples. Podem primeiro trabalhar por sua própria conta, penetrar-se da Doutrina pela leitura e a meditação das obras especiais; tanto mais a aprofundarão, mais descobrir-lhe-ão verdades consoladoras confirmadas pela sua razão. Em seu isolamento, devem se sentir felizes por terem sido os primeiros favorecidos. Mas se se limitavam em haurir na Doutrina uma satisfação pessoal, isso seria uma espécie de egoísmo; eles têm, mesmo em razão de sua posição, uma bela e importante missão a cumprir: a de distribuir a luz ao redor deles. Aqueles -que aceitarem esta missão sem estarem detidos pelas dificuldades, nela serão largamente recompensados pelo sucesso e pela satisfação de ter feito uma coisa útil. Sem dúvida encontrarão oposição; estarão expostos à zombaria e aos sarcasmos dos incrédulos, à malevolência mesmo das pessoas interessadas em combater a Doutrina; mas onde estaria o mérito se não houvesse nenhum obstáculo a vencer? Àqueles, pois, que estivessem detidos pelo medo pueril do que disso se dirá, nada temos a dizer, nenhum conselho a dar; mas àqueles que têm a coragem de sua opinião, que estão acima das mesquinhas considerações mundanas, diremos que o que têm a fazer limita-se em falar abertamente do Espiritismo, sem afetação, como de uma coisa muito simples e muito natural, sem pregá-la, e sobretudo sem procurar nem forçar as convicções, nem, quando mesmo, fazer prosélitos. *O Espiritismo não deve se impor; vem-se a ele porque dele se tem necessidade*, e porque ele dá o que as outras filosofias não dão. Convém mesmo não entrar em nenhuma explicação com os incrédulos obstinados: isso seria dar-lhes muita importância e fazer-lhes crer que se prende a eles. Os esforços que se faz para atraí-los a si os distancia, e, por amor-próprio, obstinam-se em sua oposição; é porque é inútil perder seu tempo com eles; quando a necessidade os fizer sentir isso, virão por si mesmos; à espera é preciso deixá-los tranquilos se comprazerem em seu ceticismo, que, crede-o bem, freqüentemente, lhes pesa mais do que não querem fazê-lo parecer; porque, disseram bem, a idéia do nada depois da morte tem alguma coisa de mais pavorosa, de mais aflitiva que a própria morte.

Mas, ao lado dos zombadores encontrar-se-ão pessoas que perguntarão: "O que é isso?" Apressai-vos, então, em satisfazê-las, proporcionando vossas explicações à natureza das disposições que encontrardes nelas. Quando se fala do Espiritismo em geral, é preciso considerar as palavras que se pronunciam como grãos lançados ao ar: entre eles, muitos caem sobre as pedras e não produzem nada; mas que deles um só tombasse sobre a terra fértil, considerai-vos felizes; cultivai-o, e estareis certos de que essa planta, frutificando, terá rebentos. A dificuldade, para alguns adeptos, é responder a certas objeções; mas poderão sobretudo se ajudarem, para esse efeito, com a brochura que vamos publicar sob o título de: *Refutação das críticas contra o Espiritismo do ponto de vista materialista, científico e religioso*.

3. Falemos agora da organização do Espiritismo nos centros já numerosos. O crescimento incessante dos adeptos demonstra a impossibilidade material de construir numa cidade, e sobretudo numa cidade populosa, uma Sociedade única. Além do número, há a diferença de distância, que é um obstáculo para muitos. Por outro lado, está reconhecido que as grandes reuniões são menos favoráveis às belas comunicações, e que as melhores se obtêm nas pequenas assembléias. É, pois, a multiplicar os grupos particulares que é preciso se empenhar. Ora, como dissemos, vinte grupos, de quinze a vinte pessoas, obterão mais e farão mais para a propaganda do que uma Sociedade única de quatrocentos membros. Os grupos se formam naturalmente pela afinidade de gostos, de sentimentos, de hábitos e de posição social; todos neles se conhecem, e, como essas são reuniões privadas, tem-se liberdade do número e da escolha daqueles que se quer ali admitir.

4. O sistema de multiplicação dos grupos tem, ainda, por resultado, assim como o dissemos em várias ocasiões, impedir os conflitos e as rivalidades de supremacia e de presidência. Cada grupo é naturalmente dirigido pelo chefe da casa, ou aquele que está designado para esse fim; não há, propriamente falando, presidente oficial, porque tudo se passa em família. O chefe da casa, sendo chefe nela, tem toda autoridade para mantê-la em boa ordem. Com uma Sociedade, propriamente dita, é preciso um local especial, um pessoal administrativo, um orçamento, em uma palavra, uma complicação de órgãos que a má vontade de alguns dissidentes mal-intencionados poderia comprometer.

5. A essas considerações, longamente desenvolvidas em *O Livro dos Médiuns*, acrescentaremos uma que é preponderante. O Espiritismo ainda não é visto com bons olhos por todo o mundo. Logo compreender-se-á que se tem todo o interesse em favorecer uma crença que torna os homens melhores, e que é uma garantia da ordem social; mas até que se esteja bem convencido de sua feliz influência sobre o espírito das massas, e de seus efeitos moralizadores, os adeptos devem esperar que, seja por ignorância do verdadeiro objetivo da Doutrina, seja tendo em vista interesse pessoal, suscitar-lhe-ão embaraços; não só será escarnecido, mas, quando virem enfraquecer a arma do ridículo, será *caluniado*. Serão acusados de loucura, de charlatanismo, de irreligião, de feitiçaria, enfim, de revoltar o fanatismo contra eles. De loucura! Sublime loucura aquela que faz crer em Deus e no futuro da alma; para aqueles que não crêem em nada, é, com efeito, a loucura de crer na comunicação dos mortos e dos vivos; loucura que faz volta ao mundo e alcança os homens mais eminentes. De charlatanismo! Eles têm uma resposta peremptória: o desinteresse, porque o charlatanismo não é jamais desinteressado. De irreligião! Aqueles que, desde que são Espíritos, são mais religiosos quanto não o eram antes. De feitiçaria e de comércio com o diabo! Aqueles que negam a existência do diabo, e não reconhecem senão Deus como o único senhor todo-poderoso, soberanamente justo e bom; singulares feiticeiros aqueles que renegassem o seu senhor e agissem em nome do seu antagonista! Em verdade, o diabo não deveria estar quase em nada contente com seus adeptos. Mas as boas razões são o menor cuidado daqueles que querem procurar disputas; quando se quer matar seu cão, diz-se que ele está enraivecido. Felizmente, a Idade Média lança seus últimos e pálidos clarões sobre o

nosso século; como o Espiritismo vem lhe dar o golpe de misericórdia, não é de se admirar vê-lo tentar num supremo esforço; mas que se tranqüilize, a luta não será longa. Entretanto, que a certeza da vitória não torne imprudente, porque uma imprudência poderia, senão comprometer, pelo menos retardar o sucesso. Por esses motivos, a constituição de Sociedades numerosas encontraria, talvez, obstáculos em certas localidades, ao passo que o mesmo não poderia ocorrer nas reuniões de famílias.

6. Acrescentemos ainda uma consideração. As Sociedades propriamente ditas, estão sujeitas a numerosas vicissitudes; mil causas, dependentes ou não de sua vontade, podem levar-lhe à dissolução. Suponhamos, pois, que uma Sociedade espírita tenha reunido à todos os adeptos de uma mesma cidade, e que, por uma circunstância qualquer, ela cesse de existir; eis os membros dispersos e desorientados. Agora, que em lugar dela haja cinquenta grupos, se alguns deles desaparecer, restarão sempre outros, e outros se formarão; são tantas plantas vivazes, que pelo menos renascem. Não tendes em um campo senão uma grande árvore, o raio pode abatê-lo; tende cem delas, o mesmo golpe não poderia atingi-las todas, e quanto mais sejam pequenas, menos estarão expostas.

Tudo milita, pois, em favor do sistema que propomos; quando um pequeno grupo fundado em qualquer parte se torne muito numeroso, que faça como as abelhas: que enxames saídos da colméia-mãe vão fundar novas colméias que, a seu turno, formarão outras colméias. Serão tantos centros de ação irradiando em seu círculo respectivo e mais poderosos para a propaganda do que uma Sociedade única.

7. Sendo admitida em princípio, a formação dos grupos, várias questões importantes restam a examinar. A primeira de todas é a uniformidade na Doutrina. Essa uniformidade não seria melhor garantia para uma Sociedade compacta, uma vez que os dissidentes teriam sempre a facilidade de se retirar e manterem-se afastados. Que a Sociedade seja una ou fracionada, a uniformidade será a consequência natural da unidade de base que os grupos adotarão. Ela será completa em todos aqueles que seguirão a linha traçada pelos *O Livro dos Espíritos e O Livro dos Médiuns*: um contendo os princípios da filosofia da ciência; o outro, as regras da parte experimental e prática. Essas obras estão escritas com bastante clareza para não darem lugar a interpretações divergentes, condição essencial de toda doutrina nova.

Até o presente, essas obras servem de regulador para a imensa maioria dos Espíritas, e por toda parte são acolhidas com uma simpatia inequívoca; aqueles que quiseram se afastar delas, puderam reconhecer, por seu isolamento e o número decrescente de seus partidários, que não tinham por eles a opinião geral. Esse assentimento dado pela grande maioria é de um grade peso; é um julgamento que não se poderia suspeitar de influência pessoal, uma vez que é espontâneo e que é pronunciado pelas milhares de pessoas que nos são completamente desconhecidas. Uma prova desse assentimento é que nos foi pedido para traduzi-los em diversas línguas: em espanhol, em inglês, em português, em alemão, em italiano, em polonês, em russo e mesmo em língua tártara. Podemos, pois, sem presunção, recomendá-los ao estudo e à prática às diversas reuniões espíritas, e isso com tanto mais razão porque são os únicos, até o presente, nos quais a ciência está traçada de maneira completa; todos aqueles que foram publicados sobre a matéria não tocaram senão alguns pontos isolados da questão. De resto, não temos, de nenhum modo, a pretensão de impor nossas idéias; nós a emitimos, como é nosso direito; aqueles a quem elas convém que as adotem; os outros as rejeitem, como é também seu direito; as instruções que damos são, pois, naturalmente para aqueles que caminhem conosco, para aqueles que nos honram com o título de seu *chefe espírita*, e não pretendemos, de nenhum modo, regulamentar aqueles que querem seguir um outro caminho. Entregamos a doutrina que professamos à apreciação geral; ora, encontramos bastantes adeptos para nos dar confiança, e nos consolar para algumas dissidências isoladas. O futuro, aliás, será o juiz em última instância; com os

homens atuais desaparecerão, pela força das coisas, a suscetibilidade do amor-próprio ferido, as causas de ciúme, de ambição, de esperanças materiais frustradas; não vendo mais as pessoas, não se verá senão a Doutrina, e o julgamento será mais Imparcial. Quais são as idéias novas que, em seu aparecimento, não tiveram seus contraditores mais ou menos interessados? Quais são os propagadores dessas idéias que não foram alvo das setas da inveja, sobretudo se os sucesso coroa seus esforços? Mas voltemos ao nosso assunto.

8. O segundo ponto é a constituição dos grupos. Uma das primeiras condições, é a homogeneidade, sem a qual nele não poderia haver comunhão de pensamentos. Uma reunião não pode ser nem estável, nem séria, se não houver simpatia entre aqueles que a compõem; e não pode haver simpatia entre pessoas que têm idéias divergentes e que fazem uma oposição surda, se ela não for aberta. Longe de nós dizer com isso que é preciso abafar a discussão, uma vez que, ao contrário, recomendamos o exame escrupuloso de todas as comunicações e todos os fenômenos; está, pois, bem entendido que cada um pode, e deve, emitir sua opinião; mas há pessoas que discutem para impor a sua e não para se esclarecer. É contra o espírito de oposição sistemática que nos levantamos; contra as idéias preconcebidas que não cedem mesmo diante da evidência. Tais pessoas são, incontestavelmente, uma causa de perturbação que é preciso evitar. As reuniões espíritas estão, a esse respeito, em condições excepcionais; o que elas requerem, acima de tudo, é o recolhimento; ora, como se está recolhido estando-se, a cada instante, distraído por uma polêmica acrimoniosa; se reina entre os assistentes um sentimento de amargor, e quando se sente, ao redor de si, seres que se sabe hostis, no rosto dos quais se lê o sarcasmo e o desdém por tudo com que não concordam?

9. Traçamos, em *O Livro dos Médiuns* (nº 28), o caráter das principais variedades de Espíritas; sendo essa distinção importante para o assunto que nos ocupa, cremos dever lembrá-la.

Podem-se colocar em primeira linha aqueles que crêem, pura e simplesmente, nas manifestações. O Espiritismo não é para eles senão uma ciência de observação, uma série de fatos mais ou menos curiosos; a filosofia e a moral são acessórios, dos quais pouco se preocupam, ou dos quais não supõem a importância. Nós os chamamos *Espíritas experimentadores*.

Vêm em seguida aqueles que vêem no Espiritismo outra coisa senão os fatos; compreendem a importância filosófica; admiram a moral que dele decorre, mas não a praticam; extasiam-se diante de belas comunicações, como diante de um eloqüente sermão que se escuta sem aproveitá-lo. Sua influência sobre seu caráter é insignificante ou nula; não mudam nada em seus hábitos e não se privariam de um único gozo: o avarento é sempre sovina, o orgulhoso sempre cheio de si mesmo, o invejoso e o ciumento sempre hostis; para eles a caridade cristã não é senão uma bela máxima, e os bens deste mundo dominam, em sua estima, sobre os do futuro: esses são os *espíritas imperfeitos*.

Ao lado daqueles há outros, mais numerosos do que se crê, que não se limitam a admirar a moral espírita, mas que a praticam e lhe aceitam, por si mesmos, todas as conseqüências. Convencidos de que a existência terrestre é uma prova passageira, tratam de aproveitar seus curtos instantes para caminhar na senda do progresso, esforçando-se por fazer o bem e reprimir seus maus pendores; suas relações são sempre seguras, porque sua convicção os distancia de todo pensamento do mal. A caridade é, em todas as coisas, a regra de sua conduta; esses são os *verdadeiros Espíritas*, ou melhor, os *Espíritas cristãos*.

10. Se se compreendeu bem o que precede, compreender-se-á também que um grupo

exclusivamente formado de elementos dessa última classe estaria em melhores condições, porque é só entre pessoas praticando a lei de amor e de caridade que um laço fraternal sério pode se estabelecer. Entre homens para quem a moral não é senão uma teoria, a união não poderia ser durável; como não impõem nenhum freio ao seu orgulho, à sua ambição, à sua vaidade, ao seu egoísmo, não lhes imporão mais às suas palavras; quererão preponderar quando deveriam se abaixar; irritar-se-ão com contradições e não farão nenhum escrúpulo em semear a perturbação e a discórdia. Entre verdadeiros Espíritos, ao contrário, reina um sentimento de confiança e de benevolência recíproco; sente-se à vontade nesse meio simpático, ao passo que há constrangimento e ansiedade num meio misturado.

11. Isto está na natureza das coisas, e nós não inventamos nada a esse respeito. Segue-se que, na formação dos grupos, seria preciso exigir a perfeição? Isso seria muito simplesmente absurdo, porque seria querer o impossível, e que, nessa conta, ninguém poderia pretender dela fazer parte. Tendo o Espiritismo por objetivo a melhoria dos homens, não vem procurar aqueles que são perfeitos, mas aqueles que se esforçam por se tornar a pôr em prática o ensinamento dos Espíritos. O verdadeiro Espírita não é aquele que chegou ao objetivo, mas aquele que quer seriamente atingi-lo. Quaisquer que sejam, pois, seus antecedentes, é bom Espírita desde que reconheça suas imperfeições, e que é sincero e perseverante em seu desejo de se emendar. O Espiritismo é para ele uma verdadeira regeneração, porque rompe com seu passado; indulgente para com os outros, como gostaria que fossem para consigo, não sairá de sua boca nenhuma palavra malevolente nem ofensiva para ninguém. Aquele que, numa reunião, se afastasse das conveniências, provaria não só uma falta de saber viver e de urbanidade, mas uma falta de caridade; aquele que se magoasse com a contradição, e pretendesse impor sua pessoa ou suas idéias, daria prova de orgulho; ora, nem um nem o outro estariam no caminho do verdadeiro Espiritismo, quer dizer, do Espiritismo cristão. Aquele que crê ter uma opinião mais justa que os outros, fá-la-á bem melhor aceita pela doçura e pela persuasão; o amargor seria de sua parte mau cálculo.

12. A simples lógica demonstra, pois, a quem conhece as leis do Espiritismo, quais são os melhores elementos para a composição dos grupos verdadeiramente sérios, e não hesitamos em dizer que são aqueles que têm a maior influência sobre a propagação da Doutrina; pela consideração que impõem, pelo exemplo que dão de suas conseqüências morais, dele provam a gravidade e impõem silêncio à zombaria, que, quando ela ataca o bem, é mais do que ridícula, porque é odiosa; mas o que quereis que pense um crítico incrédulo quando assiste a experiências cujos assistentes são os primeiros a fazerem delas um jogo? Delas sai um pouco mais incrédulo do que nelas entrou.

13. Acabamos de indicar a melhor composição dos grupos; mas a perfeição não é mais possível nos conjuntos do que nos indivíduos; indicamos o objetivo, e dizemos que quanto mais dele se aproveitar, mais os resultados serão satisfatórios. Algumas vezes, é-se dominado pelas circunstâncias, mas é a eludir os obstáculos que é preciso pôr todos os seus cuidados. Infelizmente, quando um grupo se cria, é-se pouco rigoroso na escolha, porque se quer, antes de tudo, formar um núcleo; basta, na maior parte do tempo, para nele ser admitido, um simples desejo, ou uma adesão qualquer às idéias mais gerais do Espiritismo; mais tarde, percebe-se que foi muito fácil.

14. Num grupo, há sempre o elemento estável e o elemento flutuante. O primeiro se compõe de pessoas assíduas que lhe formam a base; o segundo, daquelas que nele não são admitidas senão temporária e acidentalmente. E na composição do elemento estável que é essencial pôr uma atenção escrupulosa, e, neste caso, não é preciso hesitar em sacrificar a quantidade à qualidade, porque é ele que dá o impulso e serve de regulador; o elemento flutuante é menos importante, porque se é sempre livre para modificá-lo à sua vontade. Não é preciso perder de vista que as reuniões espíritas, como de resto todas as reuniões em geral, tiram as fontes de

sua vitalidade na base sobre a qual estão assentadas; tudo depende, sob este aspecto, do ponto de partida. Aquele que tem a intenção de organizar um grupo em boas condições deve, antes de tudo, se assegurar do concurso de alguns adeptos sinceros, tomando a Doutrina a sério, e cujo caráter *conciliador* e benevolente lhe seja conhecido. Estando esse núcleo formado, não fora senão de três ou quatro pessoas, estabelecer-se-ão regras precisas, seja para as admissões, seja para a correção das sessões e a ordem dos trabalhos, regras com as quais os novos que chegam serão obrigados a se conformarem. Essas regras podem sofrer modificações segundo as circunstâncias; mas há algumas delas essenciais.

15. Sendo a unidade de princípio um dos pontos importantes, essa unidade não pode existir naqueles que, não tendo estudado, não podem ter formado uma opinião. A primeira condição a impor, se não se quer estar, a cada instante, distraído por objeções ou por perguntas ociosas, é, pois, o estudo preliminar. A segunda é uma profissão de fé categórica, e uma adesão formal à doutrina de *O Livro dos Espíritos*, e tais outras condições especiais que se julgarão apropriadas. Isto é para os membros titulares e dirigentes; para os ouvintes, que vêm geralmente para adquirir um acréscimo de conhecimentos e de convicção, pode-se ser menos rigoroso; entretanto, como há os que poderiam causar perturbação com observações deslocadas, é importante se assegurar de suas disposições; é preciso, sobretudo e sem exceção, afastar os curiosos e quem não fosse atraído senão por um motivo frívolo.

16. A ordem e a regularidade dos trabalhos são coisas igualmente essenciais. Consideramos como eminentemente útil abrir cada sessão pela leitura de algumas passagens de *O Livro dos Médiuns*, e de *O Livro dos Espíritos*; por esse meio ter-se-ão sempre presentes à memória os princípios da ciência e os meios de evitar os escolhos que se encontram, a cada passo, na prática. A atenção se fixará, assim, sobre uma multidão de pontos que escapam, com freqüência, numa leitura particular, e poderão dar lugar a comentários e a discussões instrutivas, nas quais os próprios Espíritos poderão tomar parte.

Não é menos necessário colecionar e passar a limpo todas as comunicações obtidas, por ordem de datas, com indicação do médium que serviu de intermediário. Esta última menção é útil para o estudo do gênero de faculdade de cada um. Mas, freqüentemente, ocorre que se perdem de vistas essas comunicações, que se tornam, assim, letras mortas; isso desencoraja os Espíritos que as deram tendo em vista a instrução dos assistentes. É, pois, essencial fazer uma coleção especial das mais instrutivas, e fazer delas, de tempos em tempos, uma nova leitura.

Essas comunicações, freqüentemente, são de interesse geral, e não são dadas pelos Espíritos para a instrução de alguns somente, e para serem escondidas nos arquivos. É, pois, útil que sejam levadas ao conhecimento de todos pela publicidade. Examinaremos esta questão em um artigo do nosso próximo número, indicando o modo mais simples, o mais econômico e, ao mesmo tempo, o mais próprio para alcançar o objetivo.

17. Como se vê, nossas instruções se dirigem exclusivamente aos grupos formados de elementos sérios e homogêneos; àqueles que querem seguir a senda do Espiritismo moral tendo em vista o progresso de cada um, objetivo essencial e único da Doutrina; àqueles, enfim, que querem nos aceitar por guia e levar em conta os conselhos de nossa experiência. É incontestável que um grupo formado nas condições que indicamos, funcionará com regularidade, sem entraves, e de maneira frutífera. O que um grupo pode fazer, outros podem fazê-lo do mesmo modo. Suponhamos, pois, numa cidade, um número qualquer de grupos constituídos sobre as mesmas bases, haverá, necessariamente, entre eles, unidade de princípios, uma vez que seguem a mesma bandeira; união simpática, uma vez que têm, por máxima, amor e caridade; são, em uma palavra, os membros de uma mesma família, entre os

quais não poderia haver nem concorrência, nem rivalidade de amor-próprio, se estão todos animados com os mesmos sentimentos para o bem.

18. Seria útil, entretanto, que houvesse entre eles um ponto de união, um centro de ação. Segundo as circunstâncias e as localidades, os diversos grupos, pondo de lado toda questão pessoal, poderiam designar para esse efeito aquele que, pela sua posição e sua importância relativa, seria o mais apto a dar ao Espiritismo um impulso salutar. Se for preciso, e se for necessário manejar suscetibilidades, um grupo central formado de delegados de todos os grupos, tomaria o nome de *grupo diretor*. Na impossibilidade, para nós, de corresponder com todos, seria este com o qual teríamos relações mais diretas. Poderemos igualmente, em certos casos, designar uma pessoa encarregada mais especialmente de nos representar.

Sem prejuízo das relações que se estabelecerão, pela força das coisas, os grupos de uma cidade caminhando numa senda idêntica, uma assembléia geral anual poderia reunir os Espíritos dos diversos grupos numa festa de família, que seria, ao mesmo tempo, a festa do Espiritismo. Discursos ali seriam pronunciados, e seria dada leitura a comunicações mais notáveis ou apropriadas às circunstâncias.

O que é possível entre os grupos de uma mesma cidade, o é igualmente entre os grupos diretores de diferentes cidades, desde que haja entre eles comunhão de objetivos e de sentimentos; quer dizer, que possam estabelecer relações recíprocas. Indicar-lhe-emos os meios falando do modo de publicidade.

19. Tudo isto, como se vê, é de uma execução muito simples, e sem órgãos complicados; mas tudo depende do ponto de partida, quer dizer, da composição dos grupos primitivos. Se estão formados com bons elementos, serão tantas boas raízes que darão bons rebentos. Se, ao contrário, estão formados de elementos heterogêneos e antipáticos, de Espíritos duvidosos, ocupando-se mais da forma do que do fundo, considerando a moral como a parte acessória e secundária, é necessário esperar polémicas irritantes e sem resultado, pretensões pessoais, choque de suscetibilidades, e, em consequência, conflitos precursores da desorganização. Entre verdadeiros Espíritos, tais como os definimos, vendo o objetivo essencial do Espiritismo na moral que é a mesma para todos, haverá sempre abnegação da personalidade, condescendência e benevolência, e, por conseguinte, segurança e estabilidade nas relações. Eis porque insistimos tanto sobre as qualidades fundamentais.

20. Dir-se-á, talvez, que essas severas restrições são um obstáculo à propagação; é um erro. Não creiais que, abrindo as portas ao primeiro que chegue, façais mais prosélitos; a experiência aí está para provar o contrário; seríeis assaltados pela multidão dos curiosos e dos indiferentes, que ali viriam como a um espetáculo; ora, os curiosos e os indiferentes são embaraços e não auxiliares. Quanto aos incrédulos por sistema ou por orgulho, o que quer que lhes mostreis, não tratarão menos o que verão de malabarismos, porque não o compreendem, e não querem se dar ao trabalho de compreender. Nós o dissemos, e não saberíamos muito repeti-lo, a verdadeira propagação, a que é útil e frutífera, se faz pelo ascendente moral das reuniões sérias; se não houvesse jamais tido senão semelhantes, os Espíritos seriam ainda mais numerosos do que o são, porque, é preciso muito dizê-lo, muitos foram desviados da Doutrina porque não assistiram senão a reuniões fúteis, sem ordem e sem seriedade. Sede, pois, sérios em toda a acepção da palavra, e pessoas sérias virão a vós: são os melhores propagadores, porque falam por convicção e pregam pelo exemplo, tanto quanto por palavras.

21. Do caráter essencialmente sério das reuniões não é preciso inferir que se devem sistematicamente proscrever as manifestações físicas. Assim como o dissemos em *O Livro*

dos Médiuns (nº 326), elas são de uma utilidade incontestável do ponto de vista do estudo dos fenômenos e para a convicção de certas pessoas; mas para aproveitá-las no seu duplo ponto de vista, é necessário delas excluir todo pensamento frívolo. Uma reunião que possuísse um bom médium de efeitos físicos, e que se ocupasse desse gênero de manifestações com ordem, método e seriedade, *cuja condição moral oferecesse toda garantia contra o charlatanismo e a fraude*, não só poderia obter coisas notáveis do ponto de vista fenomênico, mas produziria muito bem. Convidamos, pois, fortemente a não negligenciar esse gênero de experimentação, tendo-se à sua disposição médiuns apropriados para a coisa, e a organizar, para esse fim, sessões especiais independentes daquelas onde se ocupa das comunicações morais e filosóficas. Os médiuns possuidores dessa categoria são raros; mas há fenômenos que, embora mais vulgares, não são menos interessantes e muito concludentes, porque provam de maneira evidente a independência do médium; desse número são as comunicações pela tipologia alfabética, que, freqüentemente, dão os mais inesperados resultados. A teoria desses fenômenos é necessária para poder se dar conta da maneira pela qual operam, porque é raro que levem uma convicção profunda naqueles que não os compreendem; ela tem, a mais, a vantagem de fazer conhecer as condições normais nas quais podem se produzir e, conseqüentemente, evitar tentativas inúteis, e fazer descobrir a fraude, se ela se introduzisse em alguma parte.

Acreditou-se erradamente que éramos sistematicamente opostos às manifestações físicas; preconizamos e preconizaremos sempre as comunicações inteligentes, sobretudo aquelas que têm uma importância moral e filosófica, porque só elas tendem ao objetivo essencial e definitivo do Espiritismo; quanto às outras, nunca lhes contestamos a utilidade, mas nos levantamos contra o abuso deplorável que delas se fez, e que se pode delas fazer, contra a exploração que delas fez o charlatanismo, contra as más condições nas quais, o mais freqüentemente, opera-se e que se prestam ao ridículo; dissemos e repetimos que as manifestações físicas foram o início da ciência, e que não se avança permanecendo no *abe*; que se o Espiritismo não tivesse saído das mesas girantes, não teria crescido como o fez, e que dele não se falaria, talvez, mais hoje; eis porque nos esforçamos por fazê-lo entrar no caminho filosófico, certos de que, então, se dirigiria mais à inteligência do que aos olhos, e tocaria o coração, e não seria um assunto de moda; só com esta única condição é que ele poderia fazer a volta ao mundo e se implantar como Doutrina; ora, o resultado de muito ultrapassou a nossa expectativa. Não ligamos às manifestações físicas senão uma importância relativa e não absoluta; aí está o nosso erro, aos olhos de certas pessoas que delas fazem sua ocupação exclusiva, e não vêem nada além. Se não nos ocupamos delas pessoalmente, é que não nos ensinariam nada de novo, e temos coisas mais essenciais a fazer; longe de censurar aqueles que delas se ocupam, nós os encorajamos, ao contrário, se o fazem nas condições realmente proveitosas; todas as vezes, pois, que conhecemos reuniões desse gênero, merecendo toda confiança, seremos os primeiros a recomendá-las à atenção dos novos adeptos. Tal é, sobre esta questão, a nossa profissão de fé categórica.

22. Dissemos, no início, que várias reuniões espíritas pediram para se unir à Sociedade de Paris; serviu-se mesmo da palavra *afiliar*; uma explicação, a este respeito, é necessária.

A Sociedade de Paris foi a primeira regular e legalmente constituída; pela sua posição e natureza de seus trabalhos, teve uma grande parte no desenvolvimento do Espiritismo, e justifica, em nossa opinião, o título de *Sociedade iniciadora* que certos Espíritos lhe deram. Sua influência moral se fez sentir ao longe, e, se bem que ela se tenha restringido, numericamente falando, tem a consciência de ter mais feito pela propaganda do que se tivesse aberto as suas portas ao público. Formou-se no único objetivo de estudar e aprofundar a ciência espírita; não teve necessidade, para isso, de um auditório numeroso, nem de muitos membros, sabendo muito bem que a verdadeira propaganda se faz pela influência dos princípios. Como não está movida por nenhum motivo de interesse material,

um excedente numérico ser-lhe-ia mais nocivo do que útil; também ver-se-á, com prazer, multiplicar ao seu redor as reuniões particulares formadas em boas condições, e com as quais ela poderá estabelecer relações de confraternidades. Não estaria nem conseqüente com os seus princípios, nem à altura de sua missão, se se lhe pudesse conceber a sombra de inveja; aqueles que a crêem disso capaz, não a conhecem.

Estas observações bastam para mostrar que a Sociedade de Paris não poderia ter a pretensão de absorver as outras Sociedades que poderiam se formar em Paris, ou em outra parte, sobre os mesmos trâmites; a palavra *afiliação* seria, pois, imprópria, porque suporia, de sua parte, uma espécie de supremacia material à qual não aspira de nenhum modo, e que teria mesmo inconvenientes. Como Sociedade iniciadora e central, poderia estabelecer, com os outros grupos ou Sociedades, relações puramente científicas, mas aí se limita o seu papel; não exerce nenhum controle sobre essas Sociedades, que não dependem dela de maneira alguma, e ficam inteiramente livres para se constituírem como o entenderem, sem ter de dar disso conta a ninguém, e sem que a Sociedade de Paris tenha que se imiscuir, em que quer que seja, em seus negócios. As Sociedades estrangeiras podem, pois, se formar sobre as mesmas bases, declarar que adotam os mesmos princípios, sem dela depender de outro modo que pela concentração dos estudos, dos conselhos que podem lhe pedir, e que aquela sempre terá um prazer em lhes dar.

A Sociedade de Paris, aliás, não se vangloria de estar, mais do que as outras, ao abrigo das vicissitudes. Se as tivesse, por assim dizer, em suas mãos, e que, por uma causa qualquer, ela deixasse de existir, faltar-lhes-ia o ponto de apoio e disso resultaria uma perturbação. Os grupos ou Sociedades devem procurar um ponto de apoio mais sólido do que em uma instituição humana, necessariamente frágil; devem tirar a sua vitalidade nos princípios da Doutrina, que são os mesmos para todos, e que sobrevivem a todos, quer esses princípios estejam, ou não, representados por uma Sociedade constituída.

23. Estando claramente definido o papel da Sociedade de Paris, para se evitar todo equívoco e toda falsa interpretação, as relações que ela estabelecerá com as Sociedades estrangeiras ficam extremamente simplificadas; limitam-se às relações morais, científicas e de mútua benevolência, sem nenhuma sujeição; transmitirão, reciprocamente, o resultado de suas observações, seja pelas publicações, seja pela correspondência. Para que a Sociedade de Paris possa estabelecer essas relações, é preciso, necessariamente, que esteja fixada sobre as das Sociedades estrangeiras que entendam caminhar no mesmo caminho, e adotar a mesma bandeira; inscrevê-las-á na lista de seus correspondentes. Se houver vários grupos numa cidade, serão representados pelo grupo central, do qual falamos no parágrafo 18.

24. Indicaremos, desde logo, alguns trabalhos aos quais as diversas Sociedades podem concorrer de maneira frutífera; em seguida indicaremos outros.

Sabe-se que os Espíritos, não tendo todos a soberana ciência, podem encarar certos princípios sob o seu ponto de vista pessoal, e, em conseqüência, não estarem sempre de acordo. O melhor critério da verdade está, naturalmente, na concordância dos princípios ensinados sobre diversos pontos por Espíritos diferentes, e por intermédio de médiuns estranhos uns aos outros. Foi assim que foi composto *O Livro dos Espíritos*; mas ainda restam muitas questões importantes que podem ser resolvidas dessa maneira, e cuja solução terá tanto mais autoridade quanto tiver obtido uma grande maioria. A Sociedade de Paris poderá, pois, na ocasião, dirigir as perguntas dessa natureza a todos os grupos correspondentes, que delas pedirão a solução, pelos seus médiuns, aos seus guias espirituais.

Um outro trabalho consiste nas pesquisas bibliográficas. Existe um número muito grande de

obras, antigas e modernas, em que se encontram testemunhos, mais ou menos diretos, em favor das idéias espíritas. Uma coletânea desses testemunhos seria muito preciosa, mas é quase impossível que seja feita por uma única pessoa. Tornar-se-á fácil, ao contrário, se cada um quiser deles tirar alguns elementos em suas leituras, ou em seus estudos, transmitindo-os à Sociedade de Paris, que os coordenará.

25. Tal é, no estado atual das coisas, a única organização possível do Espiritismo; mais tarde as circunstâncias poderão modificá-la, mas nada é preciso fazer de inoportuno; já é muito que, em tão pouco tempo, os adeptos estejam bastante multiplicados para chegar a esse resultado. Há, nessa disposição, um quadro que pode se estender ao infinito, pela simplicidade mesma dos órgãos; não procuremos, pois, complicá-los, com medo de encontrar obstáculos. Aqueles que querem bem nos conceder alguma confiança, podem estar seguros que não os deixaremos para trás, e que cada coisa virá a seu tempo. É só a eles, como dissemos, que nos dirigimos nestas instruções, não tendo a pretensão de nada impor àqueles que não caminham conosco.

Disse-se, para denegrir, que queríamos fazer escola no Espiritismo; e por que não teríamos esse direito? O Sr. de Mirvil não tentou formar a escola demoníaca? Por que seríamos obrigados a seguir a reboque tal ou tal? Não temos o direito de ter uma opinião, de formulá-la, de publicá-la, de proclamá-la? Se ela encontra tão numerosos adeptos, é que aparentemente não se encontra despida de todo senso comum; mas está aí o nosso erro, aos olhos de certas pessoas que não nos perdoam por termos sido mais rápidos do que elas, sobretudo, por termos vencido. Que isso seja, pois, uma escola, uma vez que querem assim; para nós será uma glória por inscrever sobre o frontispício: *Escola do Espiritismo moral, filosófico e cristão*; e, para isso, convidamos todos aqueles que tomam por divisa: *amor e caridade*. Àqueles que se unem a esta bandeira, todas as nossas simpatias, e o nosso concurso jamais faltará.

ALLAN KARDEC.

Necrologia

Revista Espírita, dezembro de 1861

Morte do Sr. Jobard, de Bruxelas.

O Espiritismo vem de perder um de seus adeptos mais fervorosos e mais esclarecidos. O Sr. Jobard, diretor do museu real da indústria de Bruxelas, oficial da Legião de Honra, membro da Academia de Dijon e da Sociedade de Encorajamento de Paris, morreu em Bruxelas, de um ataque de apoplexia, em 27 de outubro de 1861, com a idade de sessenta e nove anos, era nascido em Bassey (Haute-Marne), em 14 de maio de 1792. Fora sucessivamente engenheiro do cadastro, fundador do primeiro estabelecimento de litografia na Bélgica, diretor do *Industrial* e do *Correio belga*, redator do *Bulletin de l'Industrie Belge*, da *Presse*, e, em último lugar, do *Progrès International*. A *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* conferira-lhe o título de presidente honorário. Eis a apreciação que dele deu o *Siècle*:

"Espírito original, fecundo, pronto para o paradoxo e para o sistema, o Sr. Jobard prestou reais serviços à tecnologia industrial, e à causa, por tão longo tempo abandonada, da propriedade intelectual, da qual foi o defensor perseverante e talvez excessivo; suas teorias sobre esse assunto estão formuladas no seu *Maunotopole*; em 1844. Deve-se a esse polígrafo infatigável uma multidão de escritos e de brochuras sobre todos os assuntos possíveis, desde o *psiquismo oriental* até a *utilidade dos tolos na ordem social*. Deixa, ainda, contos e fábulas picantes. Entre as suas numerosas invenções, figura a engenhosa e econômica *lâmpada para um*, que figurou na exposição universal de Paris em 1855."

Nenhum jornal, do nosso conhecimento pelo menos, falou daquilo que foi um dos caracteres salientes dos últimos tempos de sua vida: sua adesão completa à Doutrina Espírita, da qual abraçara a causa com ardor; é o que lhes custa, aos adversários do Espiritismo, confessarem que homens de gênio, e que não se pode taxar de loucura sem fazer dúvida de sua própria razão, adotem essas idéias novas. É, com efeito, para eles

um dos pontos *mais* embaraçosos, e do qual jamais puderam dar explicação satisfatória, que a propagação dessas idéias seja feita, primeiro e de preferência, na classe mais esclarecida da sociedade; também se entrincheiram atrás deste axioma banal, de que o gênio é o primo irmão da loucura; alguns mesmo afirmam, de boa-fé e sem rirem, que Sócrates, Platão e todos os filósofos e sábios que professaram idéias semelhantes não eram senão loucos; sobretudo Sócrates com o seu demônio familiar; pode-se, com efeito, ter o senso comum e crer que se tem um Espírito às suas ordens? O Sr. Jobard não poderia, pois, achar graça diante desse areópago que se erige em juiz supremo da razão humana, da qual se coloca como o tipo e padrão métrico. Foi-nos dito, para poupar a reputação do Sr. Jobard, e por respeito à sua memória, que se passou sob silêncio esse *defeito* de seu espírito.

A obstinação nas idéias falsas jamais foi olhada como uma prova de bom senso; é, além disso, da pequenez quando é o fato do orgulho, o que é o caso mais comum. O Sr. Jobard provou que era, ao mesmo tempo, homem sensato e de espírito, abjurando, sem hesitar, suas primeiras teorias sobre o Espiritismo, quando lhe foi demonstrado que não estava com a verdade.

Sabe-se que, nos primeiros tempos, antes que a experiência tivesse elucidado a questão, diversos sistemas surgiram, e que cada um explicou esses novos fenômenos à sua maneira. O Sr. Jobard era partidário do sistema da *alma coletiva*. Segundo esse sistema, "só a alma do médium se manifesta, mas ela se identifica com a de vários outros viventes, presentes ou ausentes, de maneira a formar um todo coletivo reunindo as aptidões, a inteligência e os conhecimentos de cada um." De todos os sistemas criados nessa época, quantos estão de pé hoje? Não sabemos se este conta ainda com alguns partidários, mas o que é positivo é que o Sr. Jobard, que o preconizara e o amplificara, foi um dos primeiros a abandoná-lo quando apareceu *O Livro dos Espíritos*, a cuja doutrina se ligou francamente, assim como o atestam diversas cartas suas que publicamos.

A doutrina da reencarnação sobretudo o tocara como um raio de luz. "Se tanto *patinhei*, nos dizia um dia, no dédalo dos sistemas filosóficos, foi porque me faltava uma bússola; eu não encontrava senão caminhos sem sucesso e que não me levavam a nada; ninguém me dava uma solução concludente dos problemas mais importantes; muito me escavei a cabeça, sentia que me faltava uma chave para chegar à verdade. Pois bem! Essa chave está na reencarnação, que explica tudo de um modo tão lógico, tão conforme a justiça de Deus, que se diz naturalmente: "Sim, é preciso que isso seja assim."

Depois de sua morte, o Sr. Jobard reconheceu o pouco valor de certas teorias científicas que sustentara quando vivo. Disso falaremos em nosso próximo número, no qual publicaremos as conversas que tivemos com ele. Dizemos, à espera disso, que se mostrou muito prontamente libertado, e que a perturbação durou muito pouco tempo. Como todos os Espíritas que o precederam, confirma em todos os pontos o que dissemos do mundo dos Espíritos, no qual se encontra muito melhor do que sobre a Terra, onde deixa, no entanto, pesares sinceros entre todos aqueles que foram capazes de apreciar seu eminente saber, sua benevolência e sua afabilidade. Não era, de nenhum modo, um desses sábios invejosos que barram o caminho aos recém-chegados cujos méritos lhes façam sombra; todos aqueles, ao contrário, aos quais estendeu a mão e abriu caminho teriam bastado para lhe formar um bom cortejo. Em resumo, o Sr. Jobard era um homem de progresso, trabalhador infatigável e partidário de todas as idéias grandes, generosas e próprias para fazerem a Humanidade avançar. Se sua perda é lamentável para o Espiritismo, não o é menos para as artes e a indústria, que inscreverão seu nome em seus anais.

Auto-de-fé de Barcelona

Revista Espírita, dezembro de 1861

(Ver o número de novembro de 1861)

Os jornais espanhóis não foram tão moderados em reflexões, sobre esse acontecimento, quanto os jornais franceses. Qualquer que seja a opinião que se professe com respeito às idéias espíritas, há, no próprio fato, alguma coisa de tão estranha para o tempo em que vivemos, que ele excita mais piedade do que cólera contra as pessoas que parecem ter dormido há vários séculos, e despertado sem ter consciência do caminho que a Humanidade percorreu, crendo-se, ainda, no ponto de partida.

Eis um extrato do artigo publicado, a esse respeito, por *Las Novedades*, um dos grandes jornais de Madrid:

"O auto-de-fé celebrou há alguns meses em La Corogne, onde se queimou um grande número de livros à porta de uma igreja, produzira em nosso espírito, e no de todos os homens de idéias liberais, tristíssimas impressões. Mas foi com uma indignação muito maior ainda que foi recebida, em toda a Espanha, a novidade do segundo auto-de-fé celebrado em Barcelona, nessa bela capital civilizada da Catalunha, em meio de uma população essencialmente liberal, à qual, sem dúvida, se fez esse insulto bárbaro, porque se reconhece nela grandes qualidades."

Depois de dar conta dos fatos segundo o jornal de Barcelona, acrescenta:

"Eis o repugnante espetáculo que os homens da união liberal autorizaram, em pleno século XIX: uma fogueira em La Corogne, uma outra em Barcelona, e muitas outras ainda que não faltarão em outros lugares. Foi o que deveria acontecer, porque é uma consequência imediata do espírito geral que domina o estado de coisas atual, e que se reflete em todas as coisas. Reação interna relativamente aos projetos de lei que se apresenta; reação externa apoiando todos os governos reacionários da Itália, antes e depois de sua queda, combatendo as idéias liberais em todas as ocasiões, procurando o apoio da reação de todos os lados, e obtendo-o ao preço de mais inábeis concessões."

Seguem longas considerações relativamente aos sintomas e às consequências desse ato, mas que, pelo seu caráter essencialmente político, não são da alçada de nosso jornal.

O *Diário de Barcelona*, jornal ultramontano, foi o primeiro que anunciou o auto-de-fé, dizendo que "Os títulos dos livros queimados bastavam para justificar a sua condenação; que é o direito e o dever da Igreja fazer respeitar a sua autoridade, tanto mais quando se dá mais liberdade à imprensa, principalmente nos países que *jouissent* (gozam) da terrível praga da liberdade dos cultos".

La Carona, Jornal de Barcelona, fez, a esse respeito, as reflexões seguintes:

"Esperávamos que nosso colega (*le Diaro*), que dera a notícia, teria a bondade de satisfazer a

curiosidade do público sério, alarmado com semelhante ato, incrível no tempo em que vivemos; mas foi em vão que esperamos as suas explicações. Desde então, fomos assaltados por perguntas sobre esse acontecimento, e nos manda a verdade dizer que os amigos do governo com ele sentem mais dificuldades do que aqueles que lhe fazem oposição.

"No objetivo de satisfazer a curiosidade tão vivamente excitada, procuramos a verdade, e temos o pesar de dizer que o fato é exato, e que, com efeito, o auto-de-fé foi celebrado nas circunstâncias seguintes:

(Continuação da narração que demos em nosso último número.)

"Os expedientes empregados para chegar a esse resultado não podem ser mais expeditos nem mais eficazes. Apresentam-se ao controle da alfândega os livros supracitados; responde-se ao caixeiro que não se poderia expedir sem uma autorização do senhor bispo. O senhor bispo estava ausente; em seu retorno, se lhe apresentou um exemplar de cada obra, e, depois detê-los lido, ou fazê-los ler por pessoas de sua confiança, conformando-se ao julgamento de sua consciência, ordenou que fossem lançados ao fogo como sendo imorais e contrários à fé católica. Reclamou-se contra uma tal sentença, pediu-se ao governo que, uma vez que não permitia a circulação desses livros na Espanha, se permitisse ao menos, ao seu proprietário, reexpedi-los para o seu lugar de origem; mas isso mesmo foi recusado, dando por razão *que sendo contra a moral e a fé católica, o governo não podia consentir que esses livros fossem perverter a moral e a religião de outros países*. Apesar disso, o proprietário foi obrigado a pagar os direitos, que parece não deveriam ser exigidos. Uma multidão imensa assistiu ao auto-de-fé, o que não tem nada para admirar, tendo-se em conta a hora e o lugar da execução, e sobretudo a novidade do espetáculo. O efeito que produziu sobre os assistentes foi a estupefação em uns, o riso em outros, e a indignação entre a maioria, à medida que se dava conta do que se passava. Palavras de ódio saíam de mais de uma boca, depois vieram os gracejos, os ditos bufos e mordazes da parte daqueles que vêem, com um extremo prazer, a cegueira de certos homens; e isso tem sua razão, porque se entrevêm, nessa reação, digna do tempo da inquisição, o triunfo mais rápido de suas idéias; escarneciam-se a fim de que essa cerimônia não aumentasse o prestígio da autoridade que, com tanta complacência, se presta a exigências verdadeiramente ridículas. Quando as cinzas dessa nova fogueira foram resfriadas, notou-se que pessoas que estavam presentes, ou que passavam por perto, sabedoras do fato, se dirigiam para o lugar do auto-de-fé, e recolhiam uma parte das cinzas para conservá-las.

"Tal é o relato desse acontecimento, do qual não se pode impedir de falarem as pessoas que aí se encontram; indigna-se, lamenta-se ou se rejubila, segundo a maneira de interpretar as coisas. Os sinceros partidários da paz, do princípio de autoridade e da religião, se afligem com essas demonstrações reacionárias, porque compreendem que, às reações, sucedem as revoluções, e sabem que *aqueles que semeiam ventos não podem colher senão tempestades*. Os liberais sinceros se indignam que semelhantes espetáculos sejam dados ao mundo por homens que não compreendem a religião sem intolerância, e querem impô-la como Maomé impôs o seu Alcorão.

"Agora, abstração feita da qualificação dada aos livros queimados, examinaremos o fato em si mesmo. A jurisprudência pode admitir que um bispo diocesano tenha uma autoridade sem apelação e possa impedir a publicação e a circulação de um livro? Dir-se-nos-á que a lei sobre a imprensa assinala o que se deve fazer nesse caso; mas essa lei diz que os livros, tão

maus e perniciosos que sejam, serão lançados ao fogo com esse preparativo? Nela não encontramos nenhum artigo que possa justificar semelhante ato. Além disso, os livros em questão foram publicamente declarados. Um comissário declara os livros à alfândega, porque poderiam estar na categoria daqueles que o artigo 6 assinala; passam à censura diocesana, o governo poderia proibir-lhe a circulação, e a coisa estava terminada. Os padres deveriam se limitar a aconselhar aos seus fiéis de se absterem de tal ou tal leitura, se a julgassem contrária à moral e à religião; mas não se deveria lhes conceder um poder absoluto que os torna juizes e carrascos. Abstemo-nos de emitir qualquer opinião sobre o valor das obras queimadas; o que vemos é o fato, são suas tendências, e o espírito que ele revela. Em qual diocese se absterá, doravante, de usar, senão de abusar, de uma faculdade que, segundo o nosso julgamento, o próprio governo não tem, se, em Barcelona, na liberal Barcelona, o fazem? O absolutismo é muito sagaz; ensaia e pode dar um golpe de autoridade em qualquer parte; se triunfa, ousa mais. Esperamos, no entanto, que os esforços do absolutismo serão inúteis, que todas as concessões que lhe fizeram não terão outro resultado senão revelar o partido que, renovando as cenas como as de quinta-feira última, se precipita, cada vez mais, no abismo para onde corre cegamente; é o que nos faz esperar o efeito produzido em Barcelona por esse auto-de-fé.

A Toutinegra, o Pombo Torcaz e o Peixinho

Revista Espírita, dezembro de 1861

(Fábula.) À Senhora e Senhorita C***, de Bordeaux.

Amor e Caridade.

(Espiritismo)

No meio de uma roseira que adornava um quintal,

Uma toutinegra depositara a sua ninhada;

Todos os pequenos estavam felizmente nascidos;

Um infortúnio, ai! lhes estava reservado!

Raios por toda parte e a tempestade estourou;

A chuva, em torrentes descendo,

Nos campos forma um lago de uma vasta extensão;

Já o quintal está inundado.

Longe da roseira, o ninho sobre as águas balança;

A toutinegra o cobre e se entrega ao destino;

Ela não fechou seu coração à esperança;

A estrela da salvação lhe sorri ao longe.

Entretanto, a água se derrama.

Com a água da planície

O riacho em seu leito recebe o ninho flutuante,

Que, apesar dos escolhos dos quais cada riacho está cheio,

Chega sem acidente ao rio que o espera.

Pelo meio do rio um pequeno banco de areia

Das águas dominava a altura;

Uma onda, que ajudara um vento favorável,

Para lá impele mansamente o ninho navegador.

Aos primeiros transportes de alegria,

Que experimenta a toutinegra tocando nessa margem,

Sucede de repente uma morna tristeza:

Nesse lugar qual será a sua sorte?

Seus pequenos já pediram a forragem:

Deve ela, para procurar ao longe seu alimento,

Deixá-los expostos sobre essa areia instável?

Se foram salvos por uma vaga amiga,

Têm a temer uma vaga inimiga,

Ou o funesto efeito de algum golpe de vento.

No mesmo instante junto dela um grande pombo torcaz pousa,

"Pássaro poderoso, disse ela, perdoai-me se ousou

Fazer um pedido às vossas bondades:

Trata-se da salvação de toda uma família;

Oh! Devolvei seu quintal, sua roseira, seu bordo

Aos meus pequenos que aqui a tempestade lançou.

Dignai-vos abrir para eles vossas asas generosas;

O trajeto não é longo, e vossas garras nervosas

Não terão jamais levado fardo menos pesado.

" O pombo à sua voz não se fez de todo surdo:

"Deploro o vosso infortúnio

E lamento muito que um assunto importuno

Me obrigando de meu vôo prosseguir o curso,

Me prive da felicidade de vos prestar socorro;

Mas permaneci sem inquietação,

E segui o conselho que minha solicitude

Está feliz em vos dar: Confiai-vos às ondas...

O benfazejo gênio

Que até aqui tão bem vos salvou a vida

Não saberá vos abandonar."

E, satisfeito de si, nos ares se eleva.

Uma carpa, rodando em torno dessa praia,

Tudo viu, tudo ouviu.

"Consolai-vos, disse, ó infeliz mãe!

Eu, eu compreendo a vossa dor amarga,

E toda esperança não está perdida.

Eu não tenho a força em partilha;

Espero, no entanto, vos conduzir à margem do rio."

E, tomando em sua boca um dos longos filamentos

Que eram abundantes na espessura do ninho,

Desenrolou-o e fez deslizar o ninho sobre a onda.

A toutinegra, de pé, audaciosamente o secunda,

Abrindo suas asas aos ventos.

A carga se agita, e o peixe, que reboca,

Para flutuar sem balanço, mantém uma marcha constante,

E se afasta da correnteza.

Está-se junto da margem... chega-se!

A toutinegra encantada por se achar sobre a margem

De grama espessa e altas matas;

E o peixe lhe disse: "No futuro, minha querida,

Contai pouco com os grandes; os gritos da miséria

Não têm senão um bem fraco eco em seus corações endurecidos:

Seus dons são os conselhos e as condolências;

Mas a cordial assistência,

É encontrada entre os pequenos."

C. DOMBRE (de Marmande).

Do sobrenatural

Revista Espírita, dezembro de 1861

Pelo Sr. Guizot.

Extraímos da nova obra do Sr. Guizot: *A Igreja e a sociedade cristã em 1861*, o notável capítulo sobre *o Sobrenatural*. Não é, como se poderia supô-lo, um discurso pró ou contra o Espiritismo, porque não é, de nenhum modo, assunto da nova Doutrina; mas como aos olhos de muitas pessoas o Espiritismo é inseparável do sobrenatural, que segundo uns é uma superstição, e segundo outros uma verdade, é interessante conhecer, sobre essa questão, a opinião de um homem do valor do Sr. Guizot. Há, nesse trabalho, observações de uma incontestável justeza, mas, em nossa opinião, há também grandes erros que se prendem ao ponto de vista do autor. Dele faremos um exame mais aprofundado em nosso próximo número.

"Todos os ataques dos quais o cristianismo é hoje objeto, por diversas que sejam a sua natureza e a sua medida, partem de um mesmo ponto e tendem a um mesmo fim, a negação do sobrenatural nos destinos dos homens e do mundo, a abolição do elemento sobrenatural na religião cristã, como em toda religião, em sua história como em seus dogmas.

"Materialistas, panteístas, racionalistas, céticos, críticos, eruditos, uns claramente, os outros discretamente, todos pensam e falam sob o império desta idéia de que o mundo e o homem, a natureza moral como a natureza física, são unicamente governados pelas leis gerais, permanentes e necessárias, das quais nenhuma vontade especial jamais veio, e jamais virá, suspender ou modificar o curso.

"Não penso discutir aqui plenamente esta questão, que é a questão fundamental de toda religião; não quero senão submeter aos adversários declarados ou velados do sobrenatural, duas observações ou, para falar mais exatamente, dois fatos que, em minha opinião, a decidem.

"É sobre uma fé, natural ou sobrenatural, sobre um instinto inato do sobrenatural, em que toda religião se funda. Não digo toda idéia religiosa, mas toda religião positiva, prática, poderosa, durável, popular. Em todos os lugares, sob todos os climas, em todas as épocas da história, em todos os graus de civilização, o homem leva em si esse sentimento, gostaria mais de dizer esse pressentimento, de que o mundo que vê, a ordem no seio da qual vive, os fatos que se sucedem, regular e constantemente, ao seu redor, não são tudo. Em vão faz, cada dia, nesse vasto conjunto, descobertas e conquistas; em vão observa e constata sabiamente as leis permanentes que o presidem: seu pensamento não se encerra nesse universo entregue à sua ciência; esse espetáculo não basta para a sua alma; ela se lança alhures; procura, e entrevê outra coisa; aspira para o universo, e para ela mesma, a outros destinos, a um outro senhor:

Para além de todos os céus o Deus dos céus reside, disse Voltaire, e o Deus que está além de todos os céus não é a natureza personificada, é o sobrenatural em pessoa. É a ele que as religiões se dirigem; é para pôr o homem em relação com ele que se fundam as religiões. Sem a fé instintiva do homem no sobrenatural, sem o seu impulso espontâneo e invencível

para o sobrenatural, a religião nada seria.

"Só, entre todos os seres, o homem ora. Entre os seus instintos morais, nada há de mais natural, de mais universal, mais invencível do que a prece. A criança nela se porta com uma docilidade diligente. O velho nela se curva como num refúgio contra a decadência e o isolamento. A prece eleva-se por si mesma sobre os lábios jovens que apenas balbuciam o nome de Deus, e sobre os lábios agonizantes que não têm mais a força para pronunciá-la. Entre todos os povos, célebres ou obscuros, civilizados ou bárbaros, a cada passo se encontram atos e fórmula de evocação. Por toda parte onde vivem os homens, em certas circunstâncias, em certas horas, sob o império de certas impressões da alma, os olhos se elevam, as mãos se juntam, os joelhos se dobram para implorar ou para render graças, para adorar ou para acalmar. Com transporte ou com tremor, publicamente ou no secreto de seu coração, é à prece que o homem se dirige, em último recurso, para preencher os vazios de sua alma, ou para levar os fardos de seu destino; é na prece que ele procura, quando tudo lhe falta, o apoio para a sua fraqueza, a consolação em suas dores, a esperança para a sua virtude.

"Ninguém desconhece o valor moral e interior da prece, independentemente de sua eficácia quanto ao seu objetivo. Só por isso que ela pede, a alma se alivia, se ergue, se acalma, se fortifica; sente, voltando-se para Deus, esse sentimento de retorno à saúde e ao repouso que se derrama em seu corpo quando passa de um ar tempestuoso e pesado para uma atmosfera serena e pura. Deus vem em ajuda daqueles que o imploram, antes e sem que saibam se os atenderá.

"Atendê-los-ão? Qual é a eficácia exterior e definitiva da prece? Aqui está o mistério, o impenetrável mistério dos desígnios e da ação de Deus sobre cada um de nós. O que sabemos é que, seja agindo em nossa vida exterior ou interior, não somos só nós que dela dispomos, segundo o nosso pensamento e a nossa vontade próprios. Todos os nomes que damos a essa parte de nosso destino que não vem de nós mesmos, acaso, fortuna, estrela, natureza, fatalidade, são tantos véus lançados sobre a nossa impiedosa ignorância. Quando assim falamos, nos recusamos a ver Deus onde ele está. Além da estreita esfera onde se encerram o poder e a ação do homem, está Deus que reina e que age. Há, no ato natural e universal da prece, uma fé natural e universal nessa ação permanente, e sempre livre, de Deus sobre o homem e sobre o seu destino: "Somos trabalhadores com Deus," disse São Paulo: trabalhadores com Deus e na obra dos destinos gerais da Humanidade, e na do nosso próprio destino, presente e futuro. Aí está o que nos faz entrever a prece sobre o laço que une o homem a Deus; mas aí se detém para nós a luz: "Os caminhos de Deus não são os nossos caminhos;" neles caminhamos sem conhecê-los; crer sem ver e pedir sem prever, é a condição que Deus fez ao homem neste mundo, para tudo o que lhe ultrapassa os limites. É na consciência e aceitação dessa ordem sobrenatural que consistem a fé e a vida religiosas.

"Assim o Sr. Edmond Scherer tem razão quando duvida que "o racionalismo cristão seja e possa jamais ser uma religião." E porque o Sr. Jules Simon, que se inclina diante de Deus com um respeito tão sincero, intitulou seu livro: *A religião natural?* Deveria se chamar *Filosofia religiosa*. A filosofia persegue e atinge algumas das grandes idéias sobre as quais a religião se funda; mas, pela natureza de seus procedimentos e os limites de seu domínio, ela jamais fundou, e não poderia fundar, uma religião. Para falar exatamente, não há nenhuma religião natural, porque desde que abolis o sobrenatural, a religião também desaparece.

"Que essa fé, instintiva ou sobrenatural, fonte da religião, possa ser, e seja também, a fonte de uma infinidade de erros e de superstições, fonte ao seu turno de uma infinidade de males, quem pensa em negá-lo? Aqui, como por toda parte, é a condição do homem que o bem e o

mal se misturem incessantemente em seus destinos, e em suas obras como em si mesmo; mas, dessa incurável mistura, não se segue que nossos grandes instintos não tenham nenhum sentido e não façam senão nos desviar quando nos elevam. Quaisquer que possam ser, a isso aspirando, nossos desvios, resta certo que o sobrenatural está na fé natural do homem, e que é a condição, *sine qua non*, o verdadeiro objetivo, a essência mesma da religião.

"Eis um segundo fato que merece, creio, toda a atenção dos adversários do sobrenatural.

"Está reconhecido e constatado pela ciência que o nosso globo não esteve sempre no em que hoje está, que, em épocas diversas e indeterminadas, ele sofreu revoluções, transformações que lhe mudaram a face, o regime físico, a população; que o homem em particular não existiu sempre, e que, em vários dos estados sucessivos pelos quais este mundo passou, o homem nele não teria podido existir.

Como isso ocorreu? De que modo e por qual poder o gênero humano começou sobre a Terra?

"Isso não pode ter, em sua origem, senão duas explicações: ou bem foi o produto do trabalho próprio e íntimo das forças naturais da matéria, ou bem foi a obra de um poder sobrenatural, exterior e superior à matéria. Para o aparecimento do homem neste mundo, uma ou outra destas causas é necessárias: a geração espontânea ou a criação.

"Mas admitindo, o que por minha conta não admito de nenhum modo, esse mundo de produção não poderia, não teria jamais podido produzir senão seres crianças, à primeira hora e no primeiro estado da vida nascente. Ninguém, creio, jamais disse, e ninguém jamais dirá que, pela virtude de uma geração espontânea, o homem, quer dizer, o homem e a mulher, o par humano, pôde sair e que saíram um dia do seio da matéria todos formados e todos crescidos, em plena posse de seu talhe, de sua força, de todas as suas faculdades, como o paganismo grego fez sair Minerva do cérebro de Júpiter.

"Entretanto, é só nessa condição que, aparecendo pela primeira vez sobre a Terra, o homem nela teria podido viver, aí se perpetuar e fundar o gênero humano. Figura-te o primeiro homem nascendo no estado da primeira infância, vivo, mas inerte, ininteligente, impotente, incapaz de se bastar a si mesmo um momento, tremendo e gemendo, sem mãe para ouvi-lo e para nutri-lo! Não obstante, aí está o único primeiro homem que o sistema de geração espontânea pode dar.

"Evidentemente, a outra origem do gênero humano é a única admissível, única possível. Só o fato sobrenatural da criação explica a primeira aparição do homem neste mundo.

"Aqueles, pois, que negam e abolem o sobrenatural, abolem, no mesmo golpe, toda religião real; e é em vão que triunfem do sobrenatural, tão freqüentemente introduzido injustamente em nosso mundo e na nossa história; são constrangidos a se deterem diante do berço sobrenatural da Humanidade, impossibilitados de fazerem dele sair o homem sem a mão de Deus."

GUIZOT.

Meditações filosóficas e religiosas

Revista Espírita, dezembro de 1861

Ditados ao Sr. Alfred Dídier, médium, pelo Espírito de Lamennais.

(Sociedade Espírita de Paris.)

Já publicamos um certo número de publicações ditadas pelo Espírito de Lamennais, e das quais se pôde notar a alta importância filosófica. Algumas vezes, o assunto era nitidamente indicado, mas, freqüentemente, também não tinha caracteres bastante marcantes para que fosse fácil dar-lhe um título. Tendo feito a observação ao Espírito, ele respondeu que se propunha a dar uma série de dissertações sobre diversos assuntos variados, e à qual propôs o título geral de *Meditações filosóficas e religiosas*, salvo dar um título particular aos assuntos que o comportassem. Suspendemos sua publicação até que tivéssemos um conjunto suscetível de ser coordenado; é essa publicação que começamos hoje, e que continuaremos nos números seguintes.

Devemos fazer observar que só os Espíritos chegados a um grau muito alto de perfeição estão aptos para julgar as coisas de maneira completamente sadia; que, até lá, qualquer que seja o desenvolvimento de sua inteligência, e mesmo de sua moralidade, podem estar mais ou menos imbuídos de suas idéias terrestres, e ver as coisas do seu ponto de vista pessoal, o que explica as contradições que se encontram, freqüentemente, em suas apreciações. Lamennais nos parece estar neste caso; sem dúvida, há nessas comunicações muito belas e muito boas coisas, como pensamentos e como estilo, mas as há, evidentemente, que podem se prestar à crítica, e das quais não assumimos, de nenhum modo, a responsabilidade; cada um está livre para delas tirar o que encontrar de bom, e para rejeitar o que lhe pareça mau; só os Espíritos perfeitos podem produzir coisas perfeitas; ora, Lamennais, que sem contradita é um Espírito bom e avançado, não tem a pretensão de ser ainda perfeito, e o caráter sombrio, melancólico e místico do homem se reflete, incontestavelmente, sobre o do Espírito e, por conseguinte, sobre as suas comunicações; só sob esse ponto de vista já seriam um interessante objeto de observações.



As idéias mudam, mas as idéias e os desígnios de Deus não mudam nunca. A religião, quer dizer, a fé, a esperança e a caridade, uma só coisa em três, o emblema de Deus sobre a Terra, permanece inabalável no meio das lutas e dos preconceitos. A religião existe, antes de tudo, nos corações, portanto, ela não pode mudar. É no momento em que a incredulidade reina, em que as idéias se chocam e se entrechocam, sem proveito para a verdade, que aparece esta Aurora que vos diz: Venho, em nome do Deus dos vivos e dos mortos; só a matéria é perecível, porque ela é divisível; mas a alma é imortal, porque ela é una e indivisível. Quando a alma do homem amolece na dúvida sobre a eternidade, ela toma moralmente o aspecto da matéria; divide-se e, por consequência, está sujeita às provas infelizes em suas novas reencarnações. A religião é, pois, a força do homem; ela assiste,

todos os dias, às novas crucificações que inflige ao Cristo; ouve, todos os dias, as blasfêmias que lhe são lançadas à face; mas, forte e inabalável como a Virgem, assiste divinamente ao sacrifício de seu filho, porque possui nela a fé, a esperança e a caridade. A Virgem desmaiou diante das dores do Filho do homem, mas não morreu.



SANSÃO.

Depois de uma leitura da Bíblia sobre a história de Sansão, vi em meu pensamento um quadro análogo ao do poderoso artista que a França vem de perder, Decamps. Vi um homem de uma estatura colossal, com membros musculosos, como o *Dia*, de Michelângelo, e esse homem forte dormia ao lado de uma mulher que queimava, ao seu redor, perfumes tais que os Orientais sempre souberam introduzir em seu luxo e em seus costumes efeminados. Os membros desse gigante caíam de lassidão, e um pequeno gato saltava ora sobre ele, ora sobre a mulher que estava junto dele. A mulher se inclinou para ver se o gigante dormia; depois tomou pequenas tesouras e se pôs a cortar a cabeleira ondulante do colosso, e sabeis o resto. - Homens armados se arrojaram sobre ele, amarraram-no fortemente, e o homem preso nas redes de Dalila se chama Sansão, disse-me de repente um Espírito que logo vi perto de mim; esse homem representa a Humanidade enfraquecida pela corrupção, quer dizer, pela avidez e a hipocrisia. A Humanidade, quando Deus esteve com ela, levantou, como Sansão, as portas de Gaza; a Humanidade, quando teve por sustento a liberdade, quer dizer, o cristianismo, esmagou seus inimigos, como esse gigante esmagou sozinho um exército de Filisteus. - Assim, respondi ao meu Espírito, a mulher que está junto dele... Ele não me deixou arrematar, e me disse: "É a que substituiu Deus; e pensa que não quero falar da corrupção dos séculos passados, mas do vosso." Por muito tempo, Sansão e Dalila não haviam se apagado ante os meus olhos; eu via o anjo, sempre só, que me disse sorrindo: "A Humanidade está vencida." Seu rosto se tornou então reflexivo e profundo, e acrescentou:

"Eis os três seres que devolverão à Humanidade seu vigor primeiro; chamam-se a Fé, a Esperança e a Caridade. Virão em alguns anos e fundarão uma nova doutrina que os homens chamarão Espiritismo."



(Continuação.)

Cada fase religiosa do Humanidade possuiu a força divina materializada pelas figuras de Sansão, de Hércules e de Rolando. Um homem, armando-se com os argumentos da lógica, nos diria: "Eu vos decifro; mas essa comparação me parece muito sutil e bem compassada." É verdade, talvez até o presente não tenha vindo ao espírito de ninguém; e, entretanto, examinemos. Falei-vos ultimamente de Sansão, que é o emblema da força da fé divina em suas primeiras idades. A Bíblia é um poema oriental; Sansão é a figura material dessa força impetuosa que fez cair Heliodoro sobre o adro do templo e que reuniu as ondas do mar Vermelho, depois de tê-las separado. Essa grande força divina tinha abatido exércitos, derrubado os muros de Jerico. Os Gregos, vós o sabeis, vieram do Egito e do Oriente; essa tradição de Sansão não existia mais do que nos domínios do filosofia e da história egípcia. Os Gregos desbastaram os colossos de granito do Egito, armaram Hércules com uma clava e lhe deram a vida. Hércules fez seus doze trabalhos, Abateu a hidra de Lerna, a hidra dos sete pecados capitais, e tornou-se, nesse mundo pagão, o símbolo da força divina encarnado

sobre a Terra: dele fizeram um deus. Mas notai quais foram os vencedores desses dois gigantes. É necessário sorrir? é preciso chorar? como disse Lamartine. Essas foram duas filhas de Eva: Dalila e Dejanira. Vede-o, a tradição de Sansão e de Hércules é a mesma que a de Dalila e de Dejanira. Somente Dalila havia mudado os arranjos de cabelo das filhas de Faraó pelo diadema de Vênus.

Pela tarde, no famoso vale de Roncevaux, um gigante, deitado numa ravina profunda, urrava o nome de Carlos Magno com gritos desesperados. Tinha a metade esmagada sob uma enorme rocha, que suas mãos desfalecentes tentavam em vão movimentar. Pobre Rolando! tua hora chegou; os Bascos te desafiam do alto do rochedo, e fazem ainda rolar, sobre ti, pedras enormes. Entre os teus inimigos se encontram mulheres; Rolando, talvez, delas amara uma: sempre Dalila e Dejanira; A história não o disse, mas isso é muito provável. Sempre Rolando morreu como Sansão e Hércules. Discuti agora, se quiserdes; mas me parece, senhores, que essa aproximação não parecia tão sutil. Qual será, nas idades futuras, a personificação da força do Espiritismo? Quem viver, verá, diz-se sobre a Terra; aqui se diz: O homem viverá sempre.

LAMENNAIS

(A continuação no próximo número.)

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

PUBLICADA SOB A DIREÇÃO DE

ALLAN KARDEC

Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente. O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.

Quinto Ano – 1862

Titulo original em francês:

REVUE SPIRITE

JOURNAL D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES

Tradução: SALVADOR GENTILE

Revisão: ELIAS BARBOSA

1ª edição - 1.000 exemplares - 1993

2ª edição - 300 exemplares - 2001

© 1993 Instituto de Difusão Espírita

Índice geral das matérias

Janeiro

Maio

Setembro

Fevereiro

Junho

Outubro

Março

Julho

Novembro

Abril

Agosto

Dezembro

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quinto Ano – 1862

Janeiro

- [Ensaio sobre a interpretação da doutrina dos Anjos decaídos](#)
- [Publicidade das comunicações espíritas](#)
- [Controle do ensinamento espírita](#)
- [Questões e problemas propostos aos diferentes grupos espíritas](#)
- [Do sobrenatural, pelo Sr. Guizot \(2º artigo\)](#)
- [Poesias de além-túmulo - Gostaríamos de ter versos de Béranger](#)
- [Ensaio ainda uma de minhas canções](#)
- [Bibliografia.](#)
 - [O Espiritismo em sua mais simples expressão, pelo Sr. Allan Kardec](#)
 - [Revelações de além-túmulo, pelo Sr. H. Dozon](#)
- [Testamento em favor do Espiritismo](#)
- [Carta ao Sr. o Dr. Morhéry concernente à senhorita Godu](#)

Ensaio sobre a interpretação da doutrina dos Anjos decaídos

Revista Espírita, janeiro de 1862

A questão das origens tem sempre o privilégio de excitar a curiosidade, e, nesse ponto de vista, o que o homem vê o estimula tanto mais quanto é impossível, a qualquer pessoa sensata, aceitar ao pé da letra o relato bíblico, e nisso não ver uma dessas alegorias das quais o estilo oriental é tão pródigo. A ciência, aliás, veio fornecer-lhe a prova demonstrando, por sinais os menos contestáveis, a impossibilidade material da formação do globo em seis dias de vinte e quatro horas. Diante da evidência dos fatos escritos em caracteres irrecusáveis, nas camadas geológicas, a Igreja deveu se alinhar à opinião dos sábios, e convir, com eles, que os seis dias da criação são seis períodos de uma extensão indeterminada, como fez outrora quanto ao movimento da Terra. Se, pois, o texto bíblico é suscetível de interpretação sobre esse ponto capital, pode sê-lo, do mesmo modo, sobre outros pontos, notadamente sobre a época da aparecimento do homem sobre a Terra, sobre a sua origem, e sobre o sentido que se deve dar à qualificação de *anjos decaídos*.

Como o princípio das coisas está nos segredos de Deus, que não no-lo revela senão gradativamente, e à medida que julga a propósito, fica-se reduzido às conjecturas. Muitos sistemas foram imaginados para resolver esta questão, e cada um, até o presente, não satisfaz completamente à razão. Vamos tentar, nós também, levantar um canto do véu; seremos mais felizes do que os nossos predecessores? Nós o ignoramos; só o futuro isso decidirá. A teoria que apresentamos é, pois, uma opinião pessoal; ela nos parece concordar com a razão e com a lógica; é o que lhe dá, aos nossos olhos, um certo grau de probabilidade.

Constatamos, de início, que, se é possível descobrir alguma parte da verdade, isso não pode ser senão com a ajuda da teoria espírita; ela já resolveu uma multidão de problemas insolúveis até então, e será com a ajuda das balizas que nos fornece que vamos tratar de remontar à cadeia dos tempos. O sentido literal de certas passagens dos livros sagrados, contraditados pela ciência, repelidos pela razão, fez mais incrédulos do que se pensa, pela obstinação que se pôs em delas fazer artigos de fé; se uma interrupção racional fá-las aceitar, evidentemente, é reaproximar da Igreja aqueles que dela se afastaram.

Antes de prosseguir, é preciso entender-se sobre as palavras. Quantas disputas deveram a sua eternização senão à ambigüidade de certas expressões, que cada um tomava no sentido de suas idéias pessoais! Demonstramo-lo em *O Livro dos Espíritos*, a propósito da palavra *alma*. Dizendo, decididamente, em qual acepção a tomamos, pusemos fim a toda controvérsia. A palavra *anjo* está no mesmo caso; é empregada indiferentemente no bom ou mau costume, uma vez que se costuma dizer: os bons e os maus anjos, o anjo das luzes e o anjo das trevas; de onde se segue que, em sua acepção geral, significa simplesmente Espírito. Evidentemente, é neste último sentido que é preciso entendê-lo falando dos *anjos decaídos* e dos *anjos rebeldes*. Segundo a Doutrina Espírita, de acordo nisto com vários teólogos, os anjos não são seres privilegiados de criação, isentos, por um favor especial, do trabalho imposto aos outros, mas Espíritos chegados à perfeição por seus esforços e seus méritos. Se os anjos fossem seres criados perfeitos, a rebelião contra Deus sendo um sinal de inferioridade, os que se revoltaram não podiam ser anjos. A Doutrina nos diz também

que os Espíritos progridem, mas que não retrogradam nunca, porque não podem jamais perder as qualidades que adquiriram; ora, a rebelião, da parte de seres perfeitos, seria uma retrogradação, ao passo que ela se concebe da parte de seres ainda atrasados.

Para evitar todo equívoco, conviria reservar a qualificação de *anjos* para os puros Espíritos, e chamar os outros simplesmente *Espíritos bons* ou *Espíritos maus*; mas tendo prevalecido o uso do emprego dessa palavra para os anjos decaídos, dizemos que a tomamos na acepção geral, e ver-se-á que, neste sentido, a idéia de queda e de revolta é perfeitamente admissível.

Não conhecemos, e provavelmente não conheceremos jamais, o ponto de partida da alma humana; tudo o que sabemos é que os Espíritos são criados simples e ignorantes; que progridem intelectual e moralmente; que, em virtude de seu livre arbítrio, uns tomaram o bom caminho e os outros o mau; que, uma vez colocado o pé no lamaçal, nele afundaram mais e mais; que, depois de uma sucessão ilimitada de existências corporais cumpridas sobre a Terra ou em outros mundos, se depuram e chegam à perfeição, que os aproxima de Deus.

Um ponto que também é difícil de compreender é a formação dos primeiros seres vivos sobre a Terra, cada um em sua espécie, desde a planta até o homem; a teoria contida sobre este assunto, em *O Livro dos Espíritos*, nos parece a mais racional, embora não resolva, senão incompletamente e de maneira hipotética, o problema, que cremos insolúvel para nós quanto para a maioria dos Espíritos, a quem não é dado penetrar o mistério das origens. Se interrogados sobre esse ponto, os mais sábios dizem que não o sabem; mas outros, menos modestos, tomam a iniciativa por si mesmos e se colocam como reveladores, ditando sistemas, produtos de suas idéias pessoais, que dão como verdade absoluta. É contra a mania dos sistemas de certos Espíritos, com respeito ao princípio das coisas, que é preciso se pôr em guarda, e o que, aos nossos olhos, prova a sabedoria daqueles que ditaram *O Livro dos Espíritos*, é a reserva que observaram sobre as questões dessa natureza. Na nossa opinião, não é uma prova de sabedoria decidir essas questões de maneira absoluta, assim como alguns o fazem, sem inquietar-se com as impossibilidades materiais resultantes dos dados fornecidos pela ciência e pela observação. O que dizemos do aparecimento dos primeiros homens sobre a Terra se entende quanto à formação dos corpos; porque, uma vez formado o corpo, é mais fácil conceber que o Espírito vem tomar-lhe posse. Estando dado o corpo, o que nos propomos examinar aqui é o estado dos Espíritos que os animaram, a fim de chegar, se possível, a definir, de maneira mais racional do que não se fez até este dia, a doutrina da queda dos anjos e do paraíso perdido.

Se não se admite a pluralidade das existências corpóreas, é preciso admitir que a alma é criada ao mesmo tempo que o corpo se forma; porque, de duas coisas uma, ou a alma que anima o corpo em seu nascimento já viveu, ou ela ainda não viveu; entre essas duas hipóteses, não há meio termo; ora, da segunda hipótese, aquela em que a alma não viveu surge uma multidão de problemas insolúveis, tais como a diversidade de aptidões e de instintos, incompatíveis com a justiça de Deus, a sorte das crianças que morrem em tenra idade, a dos cretinos e dos idiotas, etc.; ao passo que tudo se explica naturalmente admitindo-se que a alma já viveu e que traz, encarnando em um novo corpo, o que adquirira anteriormente. Assim é que as sociedades progridem gradualmente; sem isso, como explicar a diferença que existe entre o estado social atual e o dos tempos de barbárie? Se as almas são criadas ao mesmo tempo que o corpo, as que nascem hoje são tão novas, tão primitivas quanto aquelas que viviam há mil anos; acrescentemos que não há, entre elas, nenhuma conexão, nenhuma relação necessária; elas são completamente independentes umas das outras; por que, pois, as almas hoje seriam melhor dotadas por Deus do que suas predecessoras? Porque compreendem melhor? Porque têm instintos mais

depurados, costumes mais brandos? Porque têm a intuição de certas coisas sem tê-las aprendido? Desafiamos a sair daí, a menos que se admita que Deus criou almas de diversas qualidades, segundo os tempos e os lugares, proposição inconciliável com a idéia de uma soberana justiça. Dizei, ao contrário, que as almas de hoje já viveram em tempos recuados; que elas puderam ser bárbaras como seu século, mas que progrediram; que, a cada nova existência, elas *lrr 'em a* aquisição das existências anteriores; que, por conseguinte, as almas dos tempos civilizados são as almas não criadas mais perfeitas, mas que se aperfeiçoaram, elas mesmas, com o tempo, e tereis a única explicação plausível do progresso social.

Estas considerações, tiradas da teoria da reencarnação, são essenciais para a inteligência do fato do que falaremos dentro em pouco.

Se bem que os Espíritos possam se reencarnar em diferentes mundos, parece que, em geral, eles cumprem um certo número de migrações corpóreas sobre o mesmo globo e no mesmo meio, a fim de poderem melhor aproveitar da experiência adquirida; não saem desse meio senão para entrar num pior por punição, ou num melhor por recompensa. Disso resulta que, durante um certo período, a população do globo é quase composta dos mesmos Espíritos, que nele reaparecem em diversas épocas, até que tenham alcançado tim grau de depuração suficiente para irem habitar mundos mais avançados.

Segundo o ensinamento dado pelos Espíritos superiores, essas emigrações e essas imigrações dos Espíritos encarnados sobre a Terra ocorrem de tempos em tempos individualmente; mas, em certas épocas, elas se operam em massa, em consequência das grandes revoluções que dela fazem desaparecer quantidades inumeráveis, e são substituídos por outros Espíritos que constituem, de alguma sorte, sobre a Terra ou *sobre uma parte da Terra*, uma nova geração.

O Cristo disse uma palavra notável que não foi compreendida, como muitas outras que se tomaram ao pé da letra, sem pensar que, quase sempre, ele falou por figuras e parábolas. Anunciando grandes mudanças no mundo físico e no mundo moral, disse ele: *Eu vos digo, em verdade, que esta geração não passará antes que estas coisas tenham se cumprido*; ora, a geração do tempo do Cristo passou há dezoito séculos sem que estas coisas tenham chegado; é preciso disso concluir, ou que o Cristo se enganou, o que não é admissível, ou que suas palavras tinham um sentido oculto, que se interpretou mal.

Se nos reportarmos agora ao que dizem os Espíritos, não somente a nós, mas pelos médiuns de todos os países, atingimos o cumprimento dos tempos preditos, uma época de renovação social, quer dizer, a uma época de uma dessas grandes *emigrações* dos Espíritos que habitam a Terra. Deus, que para ela os enviara para se melhorarem, *nela deixou-os o tempo necessário para progredirem*', fê-los conhecer as suas leis, primeiro por Moisés, em seguida pelo Cristo; fê-los advertir pelos profetas; em suas reencarnações sucessivas, puderam tirar proveito desses ensinamentos; agora é chegado o tempo em que aqueles que não aproveitaram da luz, aqueles que violaram as leis de Deus e desconhecaram seu poder, vão deixar a Terra onde estariam, doravante, deslocados no meio do progresso moral que se cumpriu, e ao qual não poderiam senão trazer entraves, seja como homens, seja como Espíritos. A geração da qual o Cristo falou, não podendo se reportar aos homens vivendo em seu tempo, corporalmente falando, deve se entender da geração dos Espíritos que percorreram, sobre a Terra, os diversos períodos de suas encarnações e que vão deixá-la. Vão ser substituídos por uma nova geração de Espíritos que, mais avançados moralmente, farão reinar, entre eles, a lei de amor e de caridade ensinada pelo Cristo, e cuja felicidade não será perturbada pelo contato dos maus, dos orgulhosos, dos egoístas, dos ambiciosos e

dos ímpios. Parece mesmo, no dizer dos Espíritos, que já entre as crianças que nascem agora, muitas são a encarnação de Espíritos dessa nova geração. Quanto àqueles da antiga geração que tiverem bem merecido, mas que, no entanto, não atingiram ainda um grau de depuração suficiente para chegar aos mundos mais avançados, eles poderão continuar a habitar a Terra e nela cumprir ainda algumas encarnações, mas, então, no lugar de ser uma punição, isto será uma recompensa, uma vez que nela serão mais felizes por progredirem. O tempo em que uma geração de Espíritos desaparece, para dar lugar a uma outra, pode ser considerado como o fim do mundo, quer dizer, do mundo moral.

Em que vão se tornar os Espíritos expulsos da Terra? Os próprios Espíritos nos dizem que irão habitar mundos novos, onde se encontram seres ainda mais atrasados do que neste mundo, e estarão encarregados de fazê-los progredir, levando-lhes o produto de seus conhecimentos adquiridos. O contato do meio bárbaro, onde se encontrarão, será, para eles, uma cruel expiação, e uma fonte incessante de sofrimentos físicos e morais, dos quais terão tanto mais consciência quanto sua inteligência estiver mais desenvolvida; mas essa expiação será, ao mesmo tempo, uma missão que lhes oferecerá um meio de resgatar seu passado, segundo o modo como a cumprirem. Ali, sofrerão ainda uma série de encarnações, durante um período de tempo mais ou menos longo, no fim do qual, aqueles que tiverem merecido, serão dele retirados para irem para mundos melhores, talvez sobre a Terra que, então, será uma morada de felicidade e de paz, ao passo que os da Terra, a seu turno, subirão, e, assim, alternativamente, até o estado de anjos ou de puros Espíritos.

É muito demorado, dir-se-á, não seria mais agradável ir de uma vez da Terra ao céu? Sem dúvida, mas, com esse sistema, tendes a alternativa de ir também direto da Terra para o inferno, pela eternidade das eternidades; ora, convir-se-á que a soma das virtudes necessárias para ir direto ao céu é bastante rara neste mundo, e há muito poucos homens que possam se dizer certos de possuí-las; de onde resulta que há mais chance de ir para o inferno do que de ir para o paraíso. Não vale mais fazer uma caminhada mais longa e estar seguro de atingir o objetivo? No estado atual da Terra, ninguém se preocupa de a ela voltar, mas nada o obriga, porque depende de cada um avançar de tal modo, enquanto nela está, que possa merecer subir. Nenhum prisioneiro que sai da prisão se impacienta para nela reentrar; o meio, para ele, é muito simples, é não recair em falta. O soldado, ele também, acharia muito cômodo tornar-se general de repente; mas embora tenha o bastão na sua cartucheira, não lhe é preciso menos ganhar suas esporas.

Remontemos agora à escala dos tempos; e, do presente, como ponto conhecido, tratemos de deduzir o desconhecido, pelo menos por analogia, se não o for com a certeza de uma demonstração matemática.

A questão de Adão, como fonte única da espécie humana sobre a Terra, é muito controvertida, como se sabe, porque as leis antropológicas demonstram-lhe a impossibilidade, sem falar dos documentos autênticos da história chinesa que provam que a população do globo remonta a uma época bem anterior à que a cronologia bíblica assinala a Adão. A história de Adão foi inventada? Isso não é provável; é uma figura que, como todas as alegorias, deve encerrar uma grande verdade da qual só o Espiritismo pode nos dar a chave. A questão principal, na nossa opinião, não é saber se o personagem Adão realmente existiu, nem em qual época ele viveu, mas se a raça humana, que se designa como sua posteridade, é uma raça decaída. A solução desta questão não está mesmo sem moralidade, porque, esclarecendo-nos sobre o nosso passado, pode nos guiar na nossa conduta para o futuro.

Notemos, de início, que a idéia de queda aplicada ao homem é um contra-senso, sem a

reencarnação, do mesmo modo que a da responsabilidade que levaríamos pela falta de nosso primeiro pai. Se a alma de cada homem é criada em seu nascimento, portanto, ela não existia antes; não deve ter nenhuma relação, nem direta nem indireta, com a que cometeu a primeira falta, e, desde então, pergunta-se como dela pode ser responsável. A dúvida, sobre esse ponto, conduz naturalmente à dúvida, ou mesmo à incredulidade, sobre muitos outros, porque, se o ponto de partida é falso, as conseqüências devem também ser falsas. Tal é o raciocínio de muitas pessoas. Pois bem! esse raciocínio cai tomando-se o espírito, e não a letra, do relato bíblico, e se se reporta aos próprios princípios da Doutrina Espírita, destinada, como foi dito, a reanimar a fé que se extingue.

Notemos, ainda, que a idéia dos anjos rebeldes, dos anjos decaídos, do paraíso perdido, se encontra em quase todas as religiões, e, no estado de tradição, em quase todos os povos; ela deve, pois, repousar sobre uma verdade. Para compreender o verdadeiro sentido que se deve dar à qualificação de *anjos rebeldes*, não é necessário supor uma luta real entre Deus e os anjos, ou Espíritos, uma vez que a palavra *anjo* está aqui tomada em uma acepção geral. Admitindo-se que os homens são Espíritos encarnados, que são os materialistas e os ateus senão anjos ou Espíritos em revolta contra a Divindade, uma vez que negam a sua existência e não reconhecem nem seu poder, nem suas leis? Não é por orgulho que pretendem que, de tudo o que são capazes, vem deles mesmos e não de Deus? Não é o cúmulo da rebelião o de pregar o nada depois da morte? Não são muito culpáveis aqueles que se servem da inteligência de que se glorificam, para arrastarem seus semelhantes aos precipícios da incredulidade? Não fazem igualmente ato de revolta, até um certo ponto, aqueles que, sem negarem a Divindade, desconhecem os verdadeiros atributos de sua essência? Aqueles que se cobrem com uma máscara de piedade para cometerem más ações? Aqueles que a fé no futuro não desliga dos bens deste mundo? Aqueles que, em nome de um Deus de paz, violam a primeira de suas leis: a lei de caridade? Aqueles que semeiam a perturbação e o ódio pela calúnia e pela maledicência? Aqueles, enfim, cuja vida, voluntariamente inútil se escoia na ociosidade, sem proveito para eles mesmos e para os seus semelhantes? A todos será pedida a conta não só do mal que fizeram, mas do bem que não terão feito. Pois bem! todos esses Espíritos que empregaram tão mal suas encarnações, uma vez expulsos da Terra enviados para mundos inferiores, entre os povos ainda na infância e na barbárie, que serão senão anjos decaídos enviados em expiação? A Terra que deixam, não é para eles um paraíso perdido em comparação com o meio ingrato onde vão se achar relegados durante milhares de séculos, até que tenham um dia merecido a sua libertação?

Se, agora, remontarmos à origem da raça atual, simbolizada na pessoa de Adão, encontramos todos os caracteres de uma geração de Espíritos expulsos de um outro mundo, e exilados, por causas semelhantes, sobre a Terra já povoada, mas de homens primitivos, mergulhados na ignorância e na barbárie, e que eles tinham a missão de fazê-los progredir, trazendo entre eles as luzes de uma inteligência já desenvolvida. Não é, com efeito, o papel que cumpre até este dia a raça adâmica? Relegando-a sobre esta Terra, de trabalho e de sofrimento, Deus não teve razão em dizer-lhe: "dela tirarás o teu sustento com o suor de teu rosto"? Se ela mereceu esse castigo por causas semelhantes às que temos hoje, não é justo dizer que ela está perdida pelo orgulho? Em sua mansuetude, não poderia lhe prometer que lhe enviaria um Salvador, quer dizer, aquele que deveria esclarecê-la sobre o caminho a seguir para chegar à felicidade dos eleitos? Este salvador enviou-lhe na pessoa do Cristo, que ensinou a lei de amor e de caridade, como a verdadeira âncora de salvação.

Aqui se apresenta uma importante consideração. A missão do Cristo é facilmente compreendida admitindo-se que foram os mesmos Espíritos que viveram antes e depois de sua vinda, e que, assim, deveram aproveitar seja de seu ensinamento, seja do mérito de

seu sacrifício; mas compreende-se mais dificilmente, sem a reencarnação, a utilidade desse mesmo sacrifício para Espíritos *criados posteriormente à sua vinda*, e que Deus, assim, teria criado manchados com faltas daqueles com os quais não tiveram nenhuma relação.

Essa raça de Espíritos parece, pois, ter feito seu tempo sobre a Terra; entre eles, uns aproveitaram esse tempo o seu adiantamento e mereceram ser recompensados; outros, pela sua obstinação em fechar os olhos à luz, esgotaram a mansuetude do Criador e mereceram um castigo. Assim cumprir-se-á esta palavra do Cristo: "Os bons ficarão à minha direita e os maus à minha esquerda."

Um fato parece vir em apoio da teoria que atribui uma preexistência aos primeiros habitantes dessa raça sobre a Terra, é que Adão, que é indicado como a sua origem, é representado com um desenvolvimento intelectual imediato, muito superior ao das raças selvagens atuais; que esses primeiros descendentes, em pouco tempo, puderam mostrar aptidão para trabalhos de arte muito avançados. Ora, o que sabemos do estado dos Espíritos em sua origem nos indica o que teria sido Adão, do ponto de vista intelectual, se sua alma houvesse sido criada ao mesmo tempo que o seu corpo. Admitindo-se que, por exceção, Deus lhe haja dado uma mais perfeita, restaria a explicar porque os selvagens da Nova-Holanda, por exemplo, se saem da mesma fonte, são infinitamente mais atrasados do que o pai comum. Tudo prova, ao contrário, tão bem pelo físico como pelo moral, que pertencem a uma outra raça de Espíritos mais próximos de sua origem, e que lhes é preciso ainda um grande número de migrações corpóreas antes de alcançarem mesmo o grau menos avançado da raça adâmica. A nova raça que vai surgir, fazendo reinar por toda a parte a lei do Cristo, que é a lei de justiça, de amor e de caridade, apressará o seu adiantamento. Aqueles que escreveram a história da antropologia terrestre, sobretudo, se apegaram aos caracteres físicos; o elemento espiritual, quase sempre, foi negligenciado, e o foi, necessariamente, pelos escritores que não admitem nada fora da matéria. Quando ele for levado em conta no estudo das ciências, lançará uma luz toda nova sobre uma multidão de questões ainda obscuras, porque o elemento espiritual é uma das forças vivas da Natureza, que desempenha um papel preponderante nos fenômenos físicos, tão bem quanto nos fenômenos morais.

Eis, em pequeno, um exemplo surpreendente da analogia com o que se passa em grande no mundo dos Espíritos, e que nos ajudará a compreendê-lo.

No dia 24 de maio de 1861, a fragata *Iphigénie* trouxe à Nova Caledônia uma companhia disciplinar composta de 291 homens: o comandante da colônia dirigiu-lhes, à sua chegada, uma ordem do dia, assim concebida:

"Pondo o pé sobre esta terra longínqua, já cumpris o papel que vos está reservado.

"A exemplo de nossos bravos soldados da marinha, servindo sob os vossos olhos, nos ajudareis a levar com brilho, no meio das tribos selvagens da Nova Caledônia, a bandeira da civilização. Não é uma bela e nobre missão? Eu vos peço, vós a cumprireis dignamente.

"Escutai a voz e os conselhos de vossos chefes. Eu estou no seu comando; que as minhas palavras sejam bem entendidas.

"A escolha de vosso comandante, de vossos oficiais, de vossos suboficiais e cabos é uma garantia segura de todos os esforços que serão tentados para fazer, de vós, excelentes soldados, digo mais, para vos elevar à altura de bons cidadãos e vos transformar em

colonos honrados, se o desejais.

"Vossa disciplina é severa; deve sê-lo. Colocada em nossas mãos, será firme e inflexível, sabeis-o bem; como também, justa e paternal, ela saberá distinguir o erro do vício e da degradação..."

Eis, pois, homens expulsos, por sua má conduta, de um país civilizado, e enviados, para punição, entre um povo bárbaro.

Que lhes disse o chefe? "Infringistes as leis de vosso país; fostes ali uma causa de perturbação e de escândalo, e dele fostes expulsos; enviaram-vos para aqui, mas podeis com isso resgatar o vosso passado; podeis, pelo trabalho, aqui vos criar uma posição honrosa, e vos tornar cidadãos honestos. Tendes aqui uma bela missão a cumprir, a de levar a civilização entre essas tribos selvagens. A disciplina será severa, mas justa, e saberemos distinguir aqueles que se conduzirem bem."

Para esses homens, relegados ao seio da selvageria, a mãe-pátria não é um Paraíso perdido pela sua falta e pela sua rebeldia à lei? Sobre essa terra longínqua, não sois anjos decaídos? A linguagem do chefe não é a que Deus devera fazer ouvir os Espíritos exilados sobre a Terra? "Desobedecestes às minhas leis, e é por isso que vos expulsei do país em que poderíeis viver feliz e em paz; aqui sereis condenados ao trabalho, mas podereis, pela vossa boa conduta, merecer vosso perdão e reconquistar a pátria que perdestes pela vossa falta, quer dizer, o céu."

À primeira vista, a idéia da queda parece em contradição com o princípio de que os Espíritos não podem retrogradar; mas é preciso considerar que não se trata de um retorno para o estado primitivo; o Espírito, embora numa posição inferior, não perde nada do que adquiriu; seu desenvolvimento moral e intelectual é o mesmo, qualquer que seja o meio onde esteja colocado. Ele está na posição de um homem do mundo, condenado à prisão por seus erros; certamente, ele caiu do ponto de vista social, mas não se torna nem mais estúpido, nem mais ignorante.

Crê-se, agora, que esses homens, enviados à Nova Caledônia, vão se transformar subitamente em modelos de virtudes? Que vão abjurar, de repente, seus erros passados? Seria preciso não conhecer a Humanidade para o supor. Pela mesma razão, os Espíritos que vão ser expulsos da Terra, uma vez transplantados nos mundos de exílio, não vão se despojar instantaneamente de seu orgulho e de seus maus instintos; por muito tempo ainda, conservarão as tendências de sua origem, um resto do velho fermento. Deve ter ocorrido, o mesmo com a raça adâmica exilada sobre a Terra; ora, não está aí o pecado original? A tarefa que eles trazem, ao nascer, é a da raça de Espíritos culpados e punidos à que eles pertencem; tarefa que podem encobrir pelo arrependimento, pela expiação, e pela renovação de seu ser moral. O pecado original, considerado como a responsabilidade de uma falta cometida por outrem, é um contra-senso e a negação da justiça de Deus; considerado, ao contrário, como consequência e saldo de uma imperfeição primeira do indivíduo, não só a razão a admite, mas se considera de toda justiça a responsabilidade que dela decorre.

Esta interpretação dá uma razão de ser toda natural ao dogma da Imaculada Conceição, do qual o ceticismo tanto tem zombado. Esse dogma estabelece que a mãe do Cristo não estava manchada pelo pecado original; como pode ser isto? É muito simples: Deus enviou um Espírito puro, não pertencente à raça culpada e exilada, para se encarnar sobre a Terra e nela cumprir essa augusta missão; do mesmo modo que, de tempos em tempos, envia

Espíritos superiores para nela se encarnarem, para darem um impulso ao progresso e apressar o seu adiantamento. Esses Espíritos são, sobre a Terra, como o venerável pastor que vai moralizar os condenados em sua prisão, e mostrar-lhes o caminho da salvação.

Certas pessoas, sem dúvida, acharão esta interpretação pouco ortodoxa; alguns mesmo poderão denunciá-la como heresia. Mas não está averiguado que muitos não vêem, nos relatos da Gênese, na história da maçã e da costela de Adão senão uma figura; que, por falta de poder dar um sentido preciso à doutrina dos anjos decaídos, dos anjos rebeldes e do paraíso perdido, olham todas essas coisas como fábulas? Se uma explicação lógica leva-os a nisso ver uma verdade disfarçada sob a alegoria, isso não vale mais do que uma negação absoluta? Admitamos que essa solução não esteja, em todos os pontos, conforme a ortodoxia rigorosa, no sentido vulgar da palavra, perguntamos se é preferível não crer em tudo, ou de crer em alguma coisa. Se a crença no texto literal afasta de Deus, e se a crença pela interpretação dele aproxima, uma não vale mais do que a outra? Não viemos, pois, destruir o princípio, solapá-lo em seus fundamentos, assim como o fizeram alguns filósofos; procuramos descobrir-lhe o sentido oculto, e viemos, ao contrário, consolidá-lo, dando-lhe uma base racional. Seja como for, a essa interpretação não se lhe recusará, em todos os casos, um caráter de grandeza que o texto, tomado ao pé da letra, não tem. Essa teoria abarca, ao mesmo tempo, a universalidade dos mundos, o infinito no passado e no futuro; ela dá, a tudo, sua razão de ser pelo encadeamento que liga todas as coisas, pela solidariedade que estabelece entre todas as partes do Universo. Não está mais conforme com a idéia que fazemos da majestade e da bondade de Deus, do que aquela que circunscreve a Humanidade num ponto do espaço, e a um instante na eternidade?

Publicidade das comunicações espíritas

Revista Espírita, janeiro de 1862

A questão da publicidade a dar às comunicações espíritas é o complemento da organização geral de que tratamos em nosso número precedente. À medida que o círculo dos Espíritas se alarga, os médiuns se multiplicam, e com eles o número das comunicações. Há algum tempo essas comunicações tomaram um desenvolvimento notável sob o aspecto do estilo, dos pensamentos e da amplitude dos assuntos tratados; elas cresceram com a própria

ciência, os Espíritos proporcionando a elevação de seu ensinamento ao desenvolvimento das idéias, e isso na província e no estrangeiro, tanto quanto em Paris, assim como atestam as numerosas amostras que nos enviam, e das quais algumas foram publicadas na *Revista*.

Dando essas comunicações, os Espíritos têm em vista a instrução geral, a propagação dos princípios da Doutrina, e este objetivo não seria atingido se, como dissemos, permanecessem escondidos nas pastas de papelão daqueles que as obtêm. E, pois, útil difundi-las pela via da publicidade; disso resultará uma outra vantagem muito importante, a de provar a concordância do ensinamento espontâneo dado pelos Espíritos, sobre todos os pontos fundamentais, e de neutralizar a influência dos sistemas errôneos provando o seu isolamento.

Trata-se, pois, de examinar o modo de publicidade que melhor pode atingir o objetivo e, para isso, dois pontos devem ser considerados: o meio que oferece mais chances de extensão da publicidade, e as condições mais próprias para fazer, sobre o leitor, uma impressão favorável, seja pela escolha judiciosa dos assuntos, seja pela disposição material. Por falta de levar em conta certas considerações, algumas vezes de pura forma, as melhores obras, freqüentemente, são crianças natimortas. Isto é um resultado da experiência: certos editores, sob esse aspecto, têm um tato que lhes dá o hábito dos gostos do público, e que lhes permite julgar quase com certeza as chances de sucesso de uma publicação, questão de mérito intrínseco à parte.

O desenvolvimento que as comunicações espíritas tomam nos colocam na impossibilidade material de inseri-las todas em nossa *Revista*. Seria preciso, para abraçar o quadro inteiro, dar-lhe uma extensão que obrigaria colocá-la a um preço fora do alcance de muita gente. Torna-se, pois, necessário achar um meio de completá-la nas melhores condições para todos. Examinemos, de início, o pró e o contra dos diferentes sistemas que poderiam ser empregados.

1- **Publicações periódicas locais.** - Apresentam dois inconvenientes: o primeiro, que têm uma publicidade quase sempre restrita à localidade; o segundo, que uma publicação periódica, devendo ser alimentada e servida em época fixa, necessita de um material burocrático e despesas regulares, aos quais é preciso pelo menos prover, sob pena de parar. Se os jornais de localidades, que se dirigem à massa do público, freqüentemente, têm dificuldade para viver, com mais forte razão isso assim seria com uma publicação que não se dirige senão a uma pequena porção restrita do público, porque seria iludir-se com

uma vã esperança de contar com muitos assinantes de fora, sobretudo se essas publicações vão se multiplicando.

2- **Publicações locais não periódicas.** - Uma sociedade, um grupo, os grupos de uma mesma cidade, poderiam, como se faz em Metz, reunir suas comunicações em brochuras independentes umas das outras, e aparecendo em épocas indeterminadas. Este modo é incomparavelmente preferível ao precedente, sob o ponto de vista financeiro, uma vez que não contrata nenhum compromisso, e que se é sempre senhor para parar quando quiser. Mas há sempre o inconveniente da restrição da publicidade. Para divulgar essas brochuras fora do círculo local, seriam necessárias despesas de anúncio diante das quais, freqüentemente, se recua, ou uma livraria central tendo numerosos correspondentes, e que disso se encarregaria; mas aqui se apresenta uma outra dificuldade. As livrarias, em geral, se ocupam com pouca boa vontade com obras que não editam; de um outro lado, não gostam de obstruir seus correspondentes com publicações sem importância para elas, e de um consumo incerto, amiúde feitas em más condições de venda pela forma ou pelo preço, e que, além do inconveniente de desagradar os correspondentes, teriam o de lhes ocasionar as despesas de retorno. São considerações que a maioria dos autores, estranhos ao mister da livraria, não compreendem, sem falar daqueles que, achando suas obras excelentes, se admiram de que todo editor não se apresse em delas se encarregar; aqueles mesmos que fazem imprimir às suas custas, devem bem pensar que, algumas vantagens que façam ao livreiro, a obra atingirá os interessados se não os houver, em termo de negócio, em *condições comerciais*.

Pedimos perdão aos nossos leitores por entrar em detalhes tão terrestres a propósito de coisas celestes, mas é precisamente na propagação das boas coisas que queremos premunir contra as ilusões da inexperiência.

3- **Publicações individuais dos médiuns.** - Todas as reflexões acima se aplicam naturalmente às publicações isoladas, que certos médiuns poderiam fazer, das comunicações que recebem; mas, além de que a maioria não o pode, estas têm um outro inconveniente, é que, em geral, têm uma marca de uniformidade que as torna monótonas, e prejudicaria tanto mais o seu consumo quanto fossem mais multiplicadas. Elas não podem ser atraentes senão se, tratando de um assunto determinado, formassem um todo, e apresentassem um conjunto, seja a obra de um único Espírito ou de vários.

Estas reflexões não poderiam ser absolutas e, sem dúvida, pode nisso haver exceções, mas não se pode desconvir que repousam sobre um fundo de verdade. De resto, o que aqui dizemos não é para impor nossas idéias, das quais cada um está livre para levar em conta se julgar a propósito; como não se publica senão com a esperança de um resultado, somente acreditamos devermos expor as causas de decepções.

Os inconvenientes que acabamos de assinalar nos parecem completamente levantados para a publicação central e coletiva que os Srs. Didier e Cia. vão empreender sob o título de BIBLIOTECA DO MUNDO INVISÍVEL; compreenderá uma série de volumes, formato 1n-18, de sete folhas de impressão, ou cerca de 250 páginas, e ao preço uniforme de 2 fr. Cada volume terá o seu número de ordem, mas se venderá separadamente, de sorte que os amadores estarão livres para tomarem aqueles que lhes convenha, sem estarem obrigados a comprar a totalidade, que não tem limite fixo. Esta coleção oferecerá os meios de publicar, nas melhores condições possíveis, os trabalhos mediúnicos obtidos nos diferentes centros, com a vantagem de uma publicidade muito ampla por meio dos correspondentes; o que essa casa não faria para brochuras isoladas, o fará para uma coleção que pode adquirir uma grande importância.

O nome de *Biblioteca do Mundo Invisível* é o título geral da coleção; mas cada volume levará um título especial para designar-lhe a procedência e o objeto, e beneficiará o autor, sem que este último tenha que se imiscuir no produto das obras que lhe são estranhas. É uma publicação coletiva, mas sem solidariedade entre os produtores, onde cada um nela está por sua conta e corre a chance do mérito de sua obra, aproveitando em tudo a publicidade comum.

Os editores não se comprometem, de modo algum, em publicar nessa coleção tudo o que se lhe apresentar; ao contrário, se reservam expressamente para fazer uma escolha rigorosa. Os volumes, que seriam impressos às custas dos autores, poderão entrar na coleção, se forem aceitos, uma vez que estejam nas condições requeridas de formato e de preço.

Pessoalmente, somos completamente estranhos ao conjunto dessa publicação e à sua administração; ela nada tem de comum nem com a *Revista Espírita*, nem com as nossas obras especiais sobre a matéria; damos-lhe nossa aprovação e o nosso apoio moral, porque a julgamos útil, e como sendo o melhor caminho aberto aos médiuns, grupos e sociedades para as suas publicações. Nela colaboraremos como os outros por nossa conta pessoal, não tomando a responsabilidade senão daquilo que levar nosso nome.

Além das obras especiais que poderemos fornecer a essa coleção, nós lhe daremos, sob o título particular de *Arquivo Espírita*, alguns volumes compostos de comunicações *escolhidas*, seja entre aquelas que são obtidas em nossas reuniões de Paris, seja entre aquelas que nos são dirigidas pelos médiuns e pelos grupos franceses e estrangeiros, que se correspondem conosco, e não gostaríamos de fazer publicações pessoais. Essas comunicações, emanando de fontes diferentes, terão o atrativo da variedade; nós lhes acrescentaremos, segundo as circunstâncias, as notas necessárias à sua inteligência e ao seu desenvolvimento. A ordem, a classificação e todas as disposições materiais serão o objeto de uma atenção particular.

Não querendo fazer um benefício pessoal dessas publicações, nossa intenção é passar os direitos que adquiriremos pelos cuidados que lhes daremos, à distribuição gratuita de nossas obras sobre o Espiritismo em favor das pessoas que não poderiam adquiri-las, ou a tal outro emprego que julgasse útil à propagação da Doutrina, segundo condições que sei ao ulteriormente fixadas.

Este plano nos parece dever responder a todas as necessidades, e não duvidamos de que seja acolhido com fervor por todos os amigos sinceros da Doutrina.

Controle do ensinamento espírita

Revista Espírita, janeiro de 1862

A organização que propusemos para a formação dos grupos espíritas tem por objetivo preparar os caminhos que devem facilitar, entre eles, relações mútuas. Ao número de vantagens que devem resultar dessas relações, é preciso colocar, em primeira linha, a unidade da Doutrina, que lhe será a consequência natural. Essa unidade já está feita em grande parte, e as bases fundamentais do Espiritismo hoje estão admitidas pela imensa maioria dos adeptos; mas ainda há questões duvidosas, seja que não hajam sido resolvidas, seja que hajam sido em sentido diferente pelos homens, e mesmo pelos Espíritos.

Se os sistemas, algumas vezes, são o produto de cérebros humanos, sabe-se que certos Espíritos não estão atrás nesse assunto; com efeito, vê-se que excitam com um maravilhoso jeito, encadeiam com muita arte, idéias freqüentemente absurdas, e delas fazem um conjunto mais engenhoso do que sólido, mas que poderia falsear a opinião de pessoas que não se dão ao trabalho de aprofundar, ou que são incapazes de fazê-lo pela insuficiência dos seus conhecimentos. Sem dúvida, as idéias falsas acabam por cair diante da experiência e da inflexível lógica; mas, à espera disso, podem lançar a incerteza. Sabe-se também que, segundo sua elevação, os Espíritos podem ter, sobre certos pontos, uma maneira de ver mais ou menos justa; que as assinaturas que as comunicações levam nem sempre são uma garantia de autenticidade, e que os Espíritos orgulhosos procuram, às vezes, fazer passar utopias ao abrigo dos nomes respeitáveis com os quais se enfeitam. Sem contradita, é uma das principais dificuldades da ciência prática, e contra a qual muitos se chocaram.

O melhor critério, em caso de divergência, é a conformidade do ensino pelos diferentes Espíritos, e transmitidos por médiuns completamente estranhos uns aos outros. Quando o mesmo princípio for proclamado ou condenado pela maioria, será necessário render-se à evidência. Se é um meio de se chegar à verdade, seguramente, é pela concordância tanto quanto pela racionalidade das comunicações, ajudadas pelos meios que temos para constatar a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos; cessando a opinião de ser individual, por tornar-se coletiva, adquire um grau de mais autenticidade, uma vez que não pode ser considerada como o resultado de uma influência pessoal ou local. Aqueles que ainda estão incertos, terão uma base para fixar suas idéias, porque seria irracional pensar que, aquele que está só, ou quase, em sua opinião, tem razão contra todos.

O que contribui sobretudo para o crédito da doutrina de *O Livro dos Espíritos*, é precisamente porque, sendo o produto de um trabalho semelhante, acha ecos por toda a parte; como dissemos, não é o produto de um único Espírito, que pudera ter sido sistemático, nem de um único médium que pudera ter abusado, mas, ao contrário, o de um ensinamento coletivo por uma grande diversidade de Espíritos e de médiuns, e que os princípios que ele encerra são confirmados em quase toda parte.

Dissemos mais ou menos, tendo em vista que, pela razão que explicamos acima, encontram-se Espíritos que procuram fazer prevalecer suas idéias pessoais. É, pois, útil submeter as idéias divergentes ao controle que propusemos; se a doutrina, ou algumas das doutrinas, que professamos, forem reconhecidas errôneas por uma voz unânime, submerter-

nos-emos sem murmurar, felicitando-nos haja sido encontrada por outros; mas se, ao contrário, elas são confirmadas, permitir-nos-á crer que estamos com a verdade.

A Sociedade Espírita de Paris, compreendendo toda a importância de semelhante trabalho, e tendo primeiro que esclarecer a si mesma, e em seguida provar que não entende, de nenhum modo, se pôr como árbitro absoluto das doutrinas que ela professa, submeterá, aos diferentes grupos que se correspondem com ela, as perguntas que acreditar mais úteis à propagação da verdade. Essas perguntas serão transmitidas, segundo as circunstâncias, seja por correspondência particular, seja por intermédio da *Revista Espírita*. Concebe-se que, para ela, e em razão da maneira séria com a qual encara o Espiritismo, a autoridade das comunicações depende das condições nas quais se acham colocadas as reuniões, segundo o caráter dos membros e dos objetivos a que ela se propõe; emanando as comunicações de grupos formados sobre as bases indicadas pelo nosso artigo sobre a organização do Espiritismo, terão tanto mais peso, aos seus olhos, quanto esses grupos estiverem em melhores condições. Submetemos aos nossos correspondentes as questões seguintes, à espera daquelas que lhes remeteremos ulteriormente.

Questões e problemas propostos aos diferentes grupos espíritas

Revista Espírita, janeiro de 1862

1 - Formação da Terra.

Existem dois sistemas sobre a origem e a formação da Terra. Segundo a mais comum opinião, a que parece geralmente adotada pela ciência, ela seria o produto da condensação gradual da matéria cósmica sobre um ponto determinado do espaço; ocorreria o mesmo com todos os planetas.

Segundo um outro sistema, preconizado nestes últimos tempos, de acordo com a revelação de um Espírito, a Terra seria formada pela incrustação de quatro satélites de um antigo planeta desaparecido; essa junção teria sido o fato da vontade própria da alma desses planetas; um quinto satélite, nossa lua, ter-se-ia recusado, em virtude de seu livre arbítrio, a essa associação. Os vazios deixados entre eles pela ausência da lua, teriam formado as cavidades enchidas pelos mares. Cada um desses planetas teria trazido consigo os seres *cataleptizados*, homens, animais e plantas, que lhes eram próprios; esses seres, saídos de sua letargia, depois de operada a junção e o equilíbrio restabelecido, teriam povoado o globo composto atual. Tal

seria a origem das raças-mães do homem sobre a Terra; raça negra na África, raça amarela na Ásia, raça vermelha na América, e raça branca na Europa.

Qual desses dois sistemas pode ser olhado como sendo a expressão da verdade?

Desejar-se-ia solicitar a esse respeito, como sobre as outras questões, uma solução explícita e racional.

Nota. - Esta questão, e algumas outras que a ela se prendem, se afastam, é verdade, do ponto de vista moral, que é o objetivo essencial do Espiritismo; é por isso que errar-se-ia fazendo disso o objeto de suas preocupações constantes; sabemos, aliás, que no que concerne ao princípio das coisas, os Espíritos não sabem tudo, não podem dizer senão do que pensam saber, ou que creiam saber; mas como há pessoas que poderiam tirar, da divergência desses sistemas, uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados por Espíritos, é útil poder comparar as razões, pró ou contra, no próprio interesse da Doutrina, e apoiar sobre o assentimento da maioria o julgamento que se pode dar sobre o valor de certas comunicações.

2- Alma da Terra.

Encontra-se a proposição seguinte numa brochura intitulada: *Resumo da religião harmônica*:

"Deus criou o homem, a mulher e todos os seres mais belos e melhores; mas ele deu à alma dos astros o poder de criar seres de uma ordem inferior, a fim de completar seu mobiliário, seja pela combinação de seu próprio fluido prolífico, conhecido em nosso globo sob o nome de *aurora boreal*, seja pela combinação desse fluido com o de outros astros. Ora, a alma do globo terrestre, gozando como a alma humana de seu livre arbítrio, quer dizer, da faculdade de escolher o caminho do bem ou o do mal, deixou se arrastar neste último caminho. Daí as criações imperfeitas e más, tais como os animais ferozes e venenosos, e os vegetais que produzem os venenos. Mas a Humanidade fará desaparecer esses seres nocivos quando, estando de acordo com a alma da Terra para caminhar na senda do bem, ela se ocupar, de maneira mais inteligente, com a gestão do globo terrestre, sobre o qual será 'criado um mobiliário mais perfeito."

O que há de verdadeiro nesta proposição, e o que se deve entender por alma da Terra?

3- Sede da alma humana.

Lê-se na mesma obra a passagem seguinte, citada como extraída de *A chave da vida*, página 751:

"A alma é de natureza luminosa divina: ela tem a forma do ser humano que a anima. Reside num espaço situado na substância cerebral mediana, que reúne os dois lóbulos do cérebro pela sua base. No homem harmonioso e na unidade, a alma, diamante brilhante, tem a cabeça coberta com uma coroa branca luminosa, é a coroa da harmonia."

O que há de verdadeiro nesta proposição?

4- Morada das Almas.

Na mesma obra:

"Enquanto os Espíritos habitam as regiões planetárias, são obrigados a se reencarnar para progredirem. Desde que cheguem nas regiões solares, não têm mais necessidade de se reencarnar, pro-gridem indo habitar outros sóis de uma ordem superior, e desses sóis de uma ordem superior eles passam à regiões celestes.

A Via Láctea, cuja luz é tão doce, é a morada dos anjos ou Espíritos superiores."

Isto é verdadeiro?

5- Manifestações dos Espíritos.

Segundo a doutrina ensinada por um Espírito, nenhum Espírito humano pode se manifestar, nem se comunicar, com os homens, nem servir de intermediário entre Deus e a Humanidade, tendo em vista que, Deus, sendo todo-poderoso e estando por toda a parte, não tem necessidade de auxiliares para a execução de suas vontades, e faz tudo por si mesmo. Em todas as comunicações ditas espíritas, é só Deus que se manifesta tomando a forma, nas aparições, e a linguagem, nas comunicações escritas, dos Espíritos que se evocam e aos quais se crê falar. Em consequência, desde que um homem está morto, não

pode mais haver relações entre ele e aqueles que deixou sobre a Terra, antes que, por uma série de reencarnações sucessivas, durante as quais eles progredem, não hajam atingido o mesmo grau de adiantamento no mundo dos Espíritos. Só Deus podendo se manifestar, disso resulta que as comunicações grosseiras, triviais, blas-fematórias e mentirosas são igualmente dadas por ele, mas como prova, do mesmo modo que dá as boas para instruir. O Espírito que ditou esta teoria disse, necessariamente, ser o próprio Deus; sob esse nome formulou, muito extensamente, uma doutrina filosófica, social e religiosa.

Que é preciso pensar desse sistema, de suas conseqüências e da natureza do Espírito que o ensina?

6- Dos anjos rebeldes, dos anjos decaídos e do paraíso perdido.

Que pensar da teoria emitida a este respeito no artigo publicado acima por Allan Kardec?

Do sobrenatural

Revista Espírita, janeiro de 1862

Pelo Sr. Guizot.

(2º artigo. - Ver o número de [dezembro de 1861.](#))

Publicamos, no nosso último número, eloqüente e notável capítulo do Sr. Guizot sobre o Sobrenatural, e a respeito do qual nos propusemos fazer algumas notas críticas, que não tiram nada de nossa admiração pelo ilustre e sábio escritor.

O Sr. Guizot crê no sobrenatural; sobre esse ponto, como sobre muitos outros, importa se entender bem sobre as palavras. Na sua acepção própria, *sobrenatural* significa o que está acima da Natureza, fora das leis da Natureza. O sobrenatural, propriamente dito, não está, pois, submetido a leis; é uma exceção, uma derrogação às leis que regem a criação; em uma palavra, é sinônimo de *milagre*. Do sentido próprio, essas duas palavras passaram na linguagem figurada, onde delas se servem para designar tudo o que é extraordinário, surpreendente, insólito; diz-se de uma coisa que espanta que ela é miraculosa, como se diz de uma grande extensão que ela é incomensurável, de um grande número que ele é incalculável, de uma longa duração que ela é eterna, embora, a rigor, possa-se medir uma, calcular outra, e prever um fim à ultima. Pela mesma razão, qualifica-se de sobrenatural o que, à primeira vista, parece sair dos limites do possível. O vulgo ignorante é sobretudo muito levado a tomar esta palavra ao pé da letra, para o que não compreende. Entendendo-se por aí o que se afasta das causas conhecidas, nós o queremos muito, mas então essa palavra não tem mais sentido preciso, porque o que era sobrenatural ontem não o é mais hoje. Quantas coisas, consideradas outrora como tais, a ciência não fez entrar no domínio das leis naturais! Por alguns progressos que fizemos, podemos nos gabar de conhecer todos os segredos de Deus? A Natureza nos disse sua última palavra sobre todas as coisas? Cada dia não vem dar um desmentido a essa orgulhosa pretensão? Se, pois, o que era sobrenatural ontem não o é mais hoje, pode-se logicamente inferir que o que é sobrenatural hoje pode não sê-lo amanhã. Para nós, tomamos a palavra sobrenatural no seu mais absoluto sentido próprio, isto é, para designar todo fenômeno contrário às leis da Natureza. O caráter do fato sobrenatural, ou miraculoso, é de ser excepcional; desde que se reproduz, é que está submetido a uma lei conhecida ou desconhecida, e reentra na ordem geral.

Se se restringe a *Natureza* ao mundo material, visível, é evidente que as coisas do mundo invisível serão sobrenaturais; mas o mundo invisível estando, ele mesmo, submetido a leis, cremos mais lógico definir a Natureza: *O conjunto das obras da criação, regidas por leis imutáveis da Divindade*. Se, como o Espiritismo demonstra, o mundo invisível é uma das forças, uma das potências reagindo sobre a matéria, desempenha um papel importante na Natureza, é porque os fenômenos espíritas não são, para nós, nem sobrenaturais, nem miraculosos; de onde se vê que o Espiritismo, longe de ser o círculo do maravilhoso, tende a restringi-lo e mesmo a fazê-lo desaparecer.

O Sr. Guizot, dissemos, crê no sobrenatural, mas no sentido miraculoso, o que não implica, de nenhum modo, a crença nos Espíritos e em suas manifestações; ora, do fato que, para nós, os fenômenos espíritas nada têm de anormal, não se segue que Deus não haja podido,

em certos casos, derogar as suas leis, uma vez que é todo-poderoso. Tê-lo-ia feito? Não é aqui o lugar de examiná-lo; seria preciso, para isso, discutir não o princípio mas cada fato isoladamente; ora, colocando-nos no ponto de vista do Sr. Guizot, quer dizer, da realidade dos fatos miraculosos, vamos tentar combater a consequência que disso tira, a saber que: *a religião não é possível sem o sobrenatural*, e provar ao contrário que de seu sistema decorre o aniquilamento da religião.

O Sr. Guizot parte deste princípio de que todas as religiões são fundadas sobre o sobrenatural. Isso é verdadeiro se se entende por aí o que não é compreendido; mas se se remonta o estado dos conhecimentos humanos, à época da fundação de todas as religiões conhecidas, sabe-se o quanto era, então, limitado o saber dos homens em astronomia, em física, em química, em geologia, em fisiologia, etc.; se nos tempos modernos, bom número de fenômenos hoje perfeitamente conhecidos e explicados, passaram por maravilhosos, com mais forte razão deveria ser assim nos tempos recuados. Acrescentemos que a linguagem figurada, simbólica e alegórica, em uso entre todos os povos do Oriente, se prestava naturalmente às ficções, cuja ignorância não permitia descobrir o verdadeiro sentido; acrescentemos ainda que, os fundadores das religiões, homens superiores ao vulgo, e sabendo mais do que ele, deveram, para impressionar as massas, cercar-se de um prestígio sobre-humano, e que certos ambiciosos puderam explorar a credulidade: vede Numa; vede Maomé e tantos outros. São impostores, direis. Seja; tomemos as religiões resultantes da lei mosaica; todas adotam a criação segundo o Gênesis; ora, há, com efeito, alguma coisa de mais sobrenatural do que essa formação da Terra, tirada do nada, desembaraçada do caos, povoada de todos os seres vivos, homens, animais e plantas, todos formados e adultos, e isso em seis dias de vinte e quatro horas, como um golpe de varinha mágica? Não é a derrogação, a mais formal, às leis que regem a matéria e a progressão dos seres? Certamente, Deus poderia fazer; mas o fez? Há poucos anos ainda, afirmava-se-o como um artigo de fé, e eis que a ciência recoloca o fato imenso da origem do mundo na ordem dos fatos naturais, provando que tudo se cumpriu segundo leis eternas. A religião sofreu por não ter mais por base um fato maravilhoso por excelência? Incontestavelmente, teria sofrido muito em seu crédito se ela obstinasse em negar a evidência, ao passo que ganhou reentrando no direito comum.

Um fato muito menos importante, apesar das perseguições das quais foi a fonte, é o de Josué detendo o Sol para prolongar o dia de duas horas. Que seja o Sol ou a Terra que tenha parado, o fato não é por isso menos tudo o que há de mais sobrenatural; é uma derrogação a uma das leis mais capitais, a da força que arrasta os mundos. Acreditou-se escapar à dificuldade reconhecendo que é a Terra que gira, mas contara-se sem a maçã de Newton, a mecânica celeste de Laplace e a lei da gravitação. Que o movimento da Terra seja suspenso, não por duas horas, mas por alguns minutos, a força centrífuga cessa, e a Terra vai se precipitar sobre o Sol; o equilíbrio das águas em sua superfície é mantido pela continuidade do movimento; cessando o movimento, tudo é transtornado; ora, a história do mundo não faz menção do menor cataclismo nessa época. Não contestamos que Deus haja podido favorecer Josué prolongando a claridade do dia; que meio empregaria? Nós o ignoramos; isso poderia ser uma aurora boreal, um meteoro ou qualquer outro fenômeno que não mudaria nada na ordem das coisas; mas, seguramente, esse não foi aquele do qual se fez, durante séculos, um artigo de fé; que outrora se haja acreditado, é bastante natural, mas hoje isso não é possível, a menos que se renegue a ciência.

Mas, dir-se-á, a religião se apoia sobre muitos outros fatos que não são nem explicados nem explicáveis. Inexplicados sim; inexplicáveis, é uma outro, questão; sabe-se sobre as descobertas e os conhecimentos que o futuro nos reserva? Já não se vê, sob o império do magnetismo, do sonambulismo, do Espiritismo, se reproduzirem os, êxtases, as visões, as aparições, a visão à distância, as curas instantâneas, os levantamentos, as comunicações

orais e outras com os seres do mundo invisível, fenômenos conhecidos de tempos imemoriais, considerados outrora como maravilhosos, e demonstrados hoje pertencerem à ordem das coisas naturais segundo a lei constitutiva dos seres? Os livros sacros estão cheios de fatos qualificados de sobrenaturais; mas como são encontrados análogos, e mais maravilhosos ainda, em todas religiões pagas da antigüidade, se a verdade de uma religião dependesse do número e da natureza desses fatos, não sabemos muito a que dominava.

O Sr. Guizot, como prova do sobrenatural, cita a formação do primeiro homem que deveu ser criado adulto, porque, diz ele, só, no estado de infância, não poderia se nutrir. Mas se Deus fez uma exceção criando-o adulto, não poderia fazer uma outra dando à criança os meios de viver, e isso mesmo sem se afastar da ordem estabelecida? Os animais sendo inferiores ao homem, não podia realizar, a respeito da primeira criança, a fábula de Rômulo e Remo?

Dizemos da primeira criança, deveríamos dizer das primeiras crianças; porque a questão de uma fonte única da espécie humana é muito controversa. Com efeito, as leis antropológicas demonstram a impossibilidade material de que a posteridade de um único homem haja podido, em alguns séculos, povoar toda a Terra, e se transformar em raças negras, amarelas e vermelhas; porque está bem demonstrado que essas diferenças prendem-se à constituição orgânica e não ao clima.

O Sr. Guizot sustenta uma tese perigosa afirmando que, de nenhum modo, a religião é possível sem o sobrenatural; se faz repousar as verdades do Cristianismo sobre a base única do maravilhoso, dá-lhe um apoio frágil cujas pedras se destacam cada dia. Nós lhe damos uma mais sólida: as leis imutáveis de Deus. Esta base desafia o tempo e a ciência; porque o tempo e a ciência virão sancioná-la. A tese do Sr. Guizot conduz, pois, a esta conclusão de que, num tempo dado, não haveria mais religião possível, mesmo religião cristã, se o que é considerado como sobrenatural for demonstrado natural. Está aí o que se quis provar? Não; mas é a consequência do seu argumento, e para ela se caminha a grande passo; porque seria agir inutilmente e amontoar raciocínios sobre raciocínios, não se chegará a manter a crença de que um fato é sobrenatural quando estiver provado que não o é.

Sob esse aspecto somos muito menos cépticos que o Sr. Guizot, e dizemos que Deus não é menos digno de nosso reconhecimento e de nosso respeito por não haver derogado às suas leis, grandes sobretudo pela sua imutabilidade, e que não há necessidade de sobrenatural para lhe prestar o culto que lhe é devido, e, por consequência, para ter uma religião que encontrará tanto menos incrédulos quanto seja, em todos os pontos, sancionada pela razão; não pode senão ganhar com isso: se alguma coisa pôde prejudicá-la na opinião de muitas pessoas, foi precisamente o abuso do maravilhoso e do sobrenatural. Fazer ver aos homens a grandeza e o poder de Deus em todas as suas obras; mostrai-lhes sua sabedoria e sua admirável previdência, desde a germinação de um talo de erva até o mecanismo do Universo: as maravilhas não faltam; substituí em seu espírito a idéia de um Deus ciumento, colérico, vingativo e implacável, pela de um Deus soberanamente justo, bom e misericordioso, que não condena aos suplícios eternos e sem esperança por faltas temporárias; que, desde a infância, sejam nutridos dessas idéias que crescerão com a sua razão, e fareis mais de firmes e sinceros crentes do que os embalando com alegorias que vós os forçais a tomar ao pé da letra, e que, mais tarde, repelirão por si mesmos, levando-os a duvidar de tudo, e mesmo a tudo negar. Se quereis manter a religião pelo único prestígio do maravilhoso, não há senão um único meio, é manter os homens na ignorância; vede se é possível. A força de não mostrar a ação de Deus senão nos prodígios, nas exceções, cessa-se de fazê-la ver nas maravilhas que esmigalhamos sob os pés.

Objetar-se-á, sem dúvida, o nascimento miraculoso do Cristo, que não se saberia explicar pelas leis naturais, e que é uma das provas mais brilhantes de seu caráter divino. Não é aqui o lugar de examinar esta questão; mas, ainda uma vez, não contestamos a Deus o poder de derrogar as leis que fez; o que contestamos é a necessidade absoluta dessa derrogação para o estabelecimento de uma religião qualquer.

O Magnetismo e o Espiritismo, dir-se-á, reproduzindo os fenômenos reputados miraculosos, são contrários à religião atual, porque tendem a tirar desses fatos seu caráter sobrenatural. Que fazer aí, se esses fatos são reais? Não serão impedidos, uma vez que não são o privilégio de um homem, mas que se produzem no mundo inteiro. Poder-se-ia dizer isso tanto da física, da química, da astronomia, da geologia, da meteorologia, de todas as ciências em uma palavra. Sob esse aspecto, diremos que o ceticismo de muitas pessoas não tem outra fonte senão a impossibilidade, segundo elas, desses fatos excepcionais; negando a base sobre a qual se apoia, negam todo o resto; provai-lhes a possibilidade e a realidade desses fatos, reproduzindo-os sob seus olhos, e serão forçados a crerem neles. - Mas é tirar ao Cristo seu caráter divino! - Desejai, pois, melhor que não creia em nada de tudo do que crer em alguma coisa? Não há, pois, senão esse meio para provar a divindade da missão do Cristo? Seu caráter não ressalta cem vezes melhor da sublimidade de sua doutrina e do exemplo que deu de todas as virtudes? Se não se vê esse caráter senão nas ações materiais que realizou, outros não fizeram fatos semelhantes, para não falar senão de Apolônio de Tiana seu contemporâneo? Por que, pois, o Cristo dominou sobre este último? Foi porque fez um milagre muito grande como o de mudar a água em vinho, de alimentar quatro mil homens com cinco pães, de curar os epiléticos, de dar vista aos cegos e fazer andar os paralíticos; foi a revolução que fez a simples palavra de um homem saído de um estábulo, durante três anos de pregação, sem nada ter escrito, ajudado unicamente por alguns obscuros pescadores ignorantes, eis o verdadeiro prodígio, aquele em que é preciso ser cego para não ver a mão de Deus. Compenetrai os homens desta verdade - é o melhor meio de fazer sólidos crentes.

Poesias de além-túmulo

Revista Espírita, janeiro de 1862

Gostaríamos de ter versos de Béranger

(Sociedade Espírita do México, 20 de abril de 1859.)

Desde que deixei nossa bela pátria,
Vi muitos países; ouvi me chamar,
Cada um me disse: Vinde, eu vos peço.
Gostaríamos de ter versos de Béranger.

Deixai, pois, repousar essa musa ridente;
Ela habita hoje os vastos campos dos ares,
É para louvar seu Deus, sua voz sempre alegre
Se mistura cada dia aos celestes concertos.

Ela cantou muito tempo sobre os árias bem frívolas;
Mas seu coração era bom; Deus a chamava para ele,
Não pôde achar más suas levianas palavras.
Ele amava, ele orava sem detestar outrem.

Se pude flagelar a raça capuchinha,
Os Franceses disso riram freqüentemente de muito bom coração.
Que ao retornar em baixo o bom Deus me destine,
Terei ainda, para eles, algum refrão zombador.

Nota. Aqui o Espírito de Béranger tendo nos deixado, retornou a nosso pedido, e nos deu os versos seguintes:

Que! me assassinais, raça humana e leviana!
Versos! Sempre versos! O pobre Béranger
Deles fez muito passando sobre a Terra,
E contra eles seu trespasse deveria protegê-lo.

Mas não, não é nada disso; que sua sorte se cumprisse!
Eu esperava, morrendo, que Deus tê-lo-ia impedido.
Do pobre Béranger, vedes o suplício,
E quereis puni-lo, ai! ai de mim! por seu pecado.

BÉRANGER.

Ensaio ainda uma de minhas canções

Revista Espírita, janeiro de 1862

(Sociedade Espírita do México.)

I

Criança querida de uma terra adorada,
De vós aqui me lembro sempre.
Sob outros céus, alma regenerada,
Encontrei beleza, juventude, amor.
Enfim, estou no cume da vida,
Mundo eterno onde todos renascemos;
E, pobre Espírito dessa outra pátria,
Ensaio ainda uma de minhas canções.

II

Vi chegar essa pálida deusa,
Cujo nome somente nos põe todos em comoção;
Mas em seus olhos não vendo senão ternura,
Pude apertar as duas mãos sem pavor.
Dormi, e minha nova amiga
Para minha partida me embalava em doces sons;
E, pobre Espírito dessa outra pátria,
Ensaio ainda uma de minhas canções.

III

Ide em paz; deitai-vos na tumba,
Ó! mortos felizes, sem cuidado do despertar;
Vossos olhos fechados, são a tela que cai
Para se reabrir sob um mais belo sol.
Sorri, pois, porque a morte vos convida
A seus banquetes de brilhantes colheitas;
E, pobre Espírito, dessa outra pátria,
Ensaio ainda uma de minhas canções.

IV

Eles caíram, esses gigantes da glória;
Escravos, reis, todos serão confundidos,
Porque para nós todos a mais bela vitória
É daquele que sabe amar mais.
Ali, vemos o que o nosso amor pede,
O que com pesar neste mundo nós deixamos.
E, pobre Espírito dessa outra pátria,
Ensaio ainda uma de minhas canções.

V

Amigos, adeus; entro no espaço
Que a vossa voz eu possa sempre superar;
Imensidade que jamais nos deixa

E que logo vireis percorrer.

Sim, de uma voz feliz e rejuvenescida

Unidos então direis minhas lições;

E, pobre Espírito dessa outra pátria,

Ensaio ainda uma de minhas canções.

BÉRANGER.

Nota. - O Presidente da Sociedade Espírita do México, em sua passagem por Paris, consentiu em nos confiar a coletânea das comunicações dessa Sociedade, e nos autorizar a dela extrair o que crêssemos útil; pensamos que nossos leitores não se lamentarão da primeira escolha que fizemos; verão por esse espécime que as belas comunicações são de todos os países. Devemos acrescentar que o médium que obteve os dois trechos acima é uma senhora inteiramente estranha à poesia.

Bibliografia

Revista Espírita, janeiro de 1862

O Espiritismo em sua mais simples expressão, ou a Doutrina Espírita popularizada.

A brochura que anunciamos sob este título, em nosso último número, aparecerá em 15 de janeiro, mas, em lugar de 25 centavos, preço indicado, ela será dada a 15 centavos por exemplar separado, e a 10 centavos por 20 exemplares, ou seja 2 fr. mais despesa de correio.

O objetivo dessa publicação é dar, num quadro muito restrito, um histórico do Espiritismo, e uma idéia suficiente da Doutrina dos Espíritos, para orientar a compreensão de seu objetivo moral e filosófico. Pela clareza e simplicidade do estilo, pro-currmos colocá-la à altura de todas as inteligências. Contamos com o zelo de todos os verdadeiros Espíritas para ajudar na sua propagação.

Revelações de Além-Túmulo.

Pela senhora H. Dozon, médium; evocador, Sr. H. Dozon, ex-tenente da guarda, cavaleiro da Legião de honra. — Um volume grande in-18º, preço: 2fr. 25 c.; casa Ledoyen, livraria, 31, galeria de Orléans, Palais-Royal.

Esta obra é uma coletânea de comunicações obtidas pela Sra. Dozon, médium, membro da Sociedade Espírita de Paris, durante e em seguida a uma grave e dolorosa moléstia que, como ela mesma disse, abateu sua coragem sem sua fé no Espiritismo e sem a assistência evidente de seus amigos e guias espirituais que a sustentaram nos momentos mais penosos; também a maioria dessas comunicações traz a marca da circunstância na qual foram dadas; seu objetivo evidente era de revelar o moral enfraquecido, e esse objetivo foi completamente alcançado. Seu caráter é essencialmente religioso; elas não respiram senão a moral mais pura, mais doce e mais conso-ladora; algumas são de uma notável elevação de pensamentos. Há somente a se lamentar que a rapidez com que esse volume foi impresso, não haja permitido trazer-lhe toda a correção material desejável.

Se a *Bibliothèque du Monde invisible*, que anunciamos, estivesse em vias de publicação, esta obra teria podido ter nela um lugar honroso.

Testamento em favor do Espiritismo

Revista Espírita, janeiro de 1862

Ao Senhor Allan Kardec, presidente da Sociedade Espírita de Paris.

Meu caro senhor e muito honrado chefe espírita.

Eu vos envio, aqui incluso, meu .testamento manuscrito, em envelope lacrado com lacre verde, com menção, sobre esse envelope lacrado, do que deverá ser feito depois de minha morte. Desde o momento em que conheci e compreendi o Espiritismo, seu objeto, seu objetivo final, tive o pensamento e tomei a resolução de fazer o meu testamento. Tinha adiado, em meu retorno ao campo, neste inverno, esta obra de minhas últimas vontades. No lazer e na solidão dos campos, pude me recolher, e à luz desse divino brilho do Espiritismo, coloquei em proveito todos os ensinamentos que recebi, em todos os pontos de vista dos Espíritos do Senhor, para me guiar no cumprimento desta obra da maneira mais útil aos meus irmãos da Terra, seja sentado em minha lareira doméstica, seja ao redor de mim e longe de mim, conhecidos e desconhecidos, amigos ou inimigos, e da maneira mais agradável a Deus. Lembrei-me do que o respeitável Sr. Jobard, de Bruxelas, de quem anunciastes a morte súbita, vos escrevia em sua linguagem ao mesmo tempo profunda, engraçada e espirituosa, relativamente a uma sucessão de vinte milhões, da qual dizia ter o espólio: que essa soma colossal teria sido uma alavanca poderosa para ativar de um século a era nova que começa. O dinheiro, como se disse freqüentemente, do ponto de vista terrestre, ser o nervo das batalhas, com efeito, é um instrumento mais temível, poderoso para o bem e para o mal neste mundo, e me disse: "Eu posso e devo consagrar para a ajuda dessa nova era uma porção importante do modesto patrimônio que adquiri, para o cumprimento das minhas provas, com o suor de minha fronte, às expensas de minha saúde, através da pobreza, da fadiga, do estudo e do trabalho, e por trinta anos de vida militante na advocacia, um dos mais ocupados na audiência e no escritório.

Reli a carta que escreveu, em 1º de novembro de 1832, depois de sua viagem a Roma, Lamennais, à condessa de Senfft, e na qual, com a expressão de suas decepções depois de tantos esforços e lutas consagradas à procura da verdade, se encontravam essas palavras, senão proféticas pelos menos inspiradas, anunciando essa nova era.

(Seguem-se diversas citações que a falta de espaço não nos permite reproduzir.)

O envelope contém a subscrição seguinte:

"Neste envelope, lacrado com lacre verde, está meu testamento manuscrito. Este envelope

será aberto, e o lacre quebrado, somente depois de minha morte, em sessão geral da Sociedade Espírita de Paris, e nessa sessão, será, pelo presidente dessa Sociedade que estiver em exercício à época de minha morte, dada a leitura inteira de meu testamento; o dito envelope será aberto e o dito lacre quebrado por esse presidente. O presente envelope lacrado, contendo meu testamento e que vai ser enviado e entregue ao Sr. Allan Kardec, presidente atual de dita Sociedade, será depositado por ele nos arquivos dessa Sociedade. Um original desse mesmo testamento será achado, na época de minha morte, depositado no escritório de M^e***; um outro original, será, na mesma época, achado em minha casa. O depósito ao Sr. Allan Kardec está mencionado sobre os outros originais." Tendo esta carta sido comunicada à Sociedade Espírita de Paris na sessão de 20 de dezembro de 1861, aquela encarregou seu presidente, Sr. Allan Kardec, de agradecer em seu nome ao testador por suas generosas intenções em favor do Espiritismo, e felicitá-lo da maneira pela qual ele lhe compreende o objetivo e a importância.

Embora o autor da carta não haja recomendado calar seu nome no caso em que fosse julgado o propósito publicá-la, concebe-se que, em semelhante circunstância, e por um ato dessa natureza, a reserva mais absoluta é uma obrigação rigorosa.

Carta ao Sr. o Dr. Morhéry concernente à senhorita Godu

Revista Espírita, janeiro de 1862

Entreteve-se, nestes últimos tempos, com certos fenômenos estranhos operados pela Srta. Godu, e que consistiam notadamente na produção de diamantes e de grãos preciosos por meios não menos estranhos. Tendo o Sr. Morhéry nos escrito a esse respeito, uma longa carta descritiva, algumas pessoas se admiraram de que não falamos mais nisso. A razão disso é que não tomamos nenhum fato com entusiasmo, e examinamos friamente as coisas antes de aceitá-las, tendo a experiência nos ensinado o quanto se deve desconfiar de certas ilusões. Se tivéssemos publicado, sem exame, todas as maravilhas que foram relatadas, com mais ou menos boa fé, nossa Revista, talvez, tivesse sido mais divertida, mas nos prendemos a lhe conservar o caráter sério que ela sempre teve. Quanto à nova e prodigiosa faculdade que teria se revelado na Srta. Godu, francamente não cremos que a de médium curador era mais preciosa e mais útil à Humanidade, e mesmo para a propagação do Espiritismo. Todavia, não negamos nada, e aqueles que pensam que, sobre essa opinião, iríamos tomar imediatamente a estrada de ferro para disso nos assegurar, respondemos que, se a coisa é real, ela não pode deixar de ser oficialmente constatada; que então será sempre tempo para falar disso, e que não colocamos nenhum amor-próprio para proclamá-la a primeira. Eis, de resto, um extrato da resposta que fizemos ao Sr. Morhéry:

"... É verdade que não publiquei todos os relatórios que me enviastes sobre as curas operadas pela Srta. Godu, mas disso disse bastante para chamar a atenção sobre ela; falando constantemente, seria tomar o ar de me colocar a serviço de um interesse particular. A prudência mandava, aliás, que o futuro viesse confirmar o passado. Quanto aos fenômenos que relatastes em vossa última carta, são tão estranhos, que não arriscaria publicá-los senão quando deles tivesse a confirmação de maneira irrecusável. Quanto mais um fato é anormal, mais exige circunspeção. Não encontrareis, pois, surpreendente que disso use muito nesta circunstância; de resto, é também a opinião do Comitê da Sociedade, à qual submeti a vossa carta, e decidiu, pela unanimidade, que antes mesmo dela falar, convinha esperar a continuação. Até o presente, esse fato é de tal modo contrário às leis naturais, e mesmo a todas as leis conhecidas do Espiritismo, que provoca, mesmo entre os Espíritas, a incredulidade; falar disso por antecipação, e antes de poder apoiá-lo sobre provas autênticas, seria excitar sem proveito a verve dos maus gracejado rés."

Nota. - Remetemos ao nosso próximo número a publicação de várias evocações e dissertações espíritas de grande interesse.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quinto Ano – 1862

Fevereiro

- [Os desejos de ano novo](#)
- [Resposta ao requerimento dos Espíritas de Lyon por ocasião do ano novo](#)
- [O Espiritismo é provado por milagres ?](#)
- [O Vento, fábula espírita, pelo Sr. Dombre](#)
- [A Reencarnação na América](#)
- [Novos médiuns americanos em Paris](#)
- [Subscrição em favor dos operários Lioneses](#)
- Ensinamentos e Dissertações espíritas.
 - [A Fé](#)
 - [A Esperança](#)
 - [A Caridade](#)
 - [Esquecimento das injúrias](#)
 - [Sobre os instintos](#)
- Meditações filosóficas e religiosas, pelo Espírito de Lamennais
 - [A Cruz](#)
 - [Bem-aventurados os pobres de espírito](#)
 - [A Escravidão](#)

Os desejos de ano novo

Revista Espírita, fevereiro de 1862

Várias centenas de cartas nos foram dirigidas por ocasião do ano novo, e nos foi materialmente impossível responder a cada uma em particular; rogamos, pois, aos nossos honoráveis correspondentes aceitarem aqui a expressão de nossa sincera gratidão, pelos testemunhos de simpatia que consentiram em nos dar. Entre elas, no entanto, há uma que, por sua natureza, pedia uma resposta especial: é a dos Espíritas de Lyon, revestida em torno de duzentas assinaturas. Aproveitamo-la para juntar, a seu pedido, alguns conselhos gerais. A Sociedade Espírita de Paris, à qual disso demos conhecimento, tendo julgado que poderia ser útil a todo mundo, não somente nos convidou a publicá-la na *Revista*, mas a fazer-lhe a impressão separada para ser distribuída a todos os seus membros. Todos aqueles que tiveram o obséquio de nos escrever, consintam em tomar sua parte nos sentimentos de reciprocidade que aqui exprimimos, e que se dirigem, sem exceção, a todos os Espíritas, franceses e estrangeiros, que nos honram com o título de seu chefe e de seu guia no novo caminho que lhes está aberto. Não é, pois, somente àqueles que nos escreveram, por ocasião do ano novo, que nos dirigimos, mas àqueles que nos dão, a cada instante, provas tão tocantes de seu reconhecimento pela felicidade e pelas consolações que haurem na Doutrina, e que nos levam em conta nossas dificuldades e nossos esforços para ajudar a sua propagação; a todos aqueles, enfim, que pensam que os nossos trabalhos valem alguma coisa na marcha progressiva do Espiritismo.

Resposta ao requerimento dos Espíritas de Lyon por ocasião do ano novo

Revista Espírita, fevereiro de 1862

Meus caros irmãos e amigos de Lyon,

O requerimento coletivo que consentis em me enviar, por ocasião do ano novo, causou-me bem viva satisfação, provando-me que conservais uma boa lembrança de mim; mas o que me deu mais prazer nesse ato espontâneo de vossa parte, foi encontrar, entre as numerosas assinaturas que ali figuram, representantes de quase todos os grupos, porque é um sinal da harmonia que reina entre eles. Estou feliz em ver que compreendestes perfeitamente o objetivo desta organização da qual já podeis apreciar os resultados, porque deve estar evidente agora, para vós, que uma Sociedade única teria sido quase impossível.

Eu vos agradeço, meus bons amigos, pelos votos que formulais por mim; eles me são tanto mais agradáveis quanto sei que partem do coração, e são aqueles que Deus escuta. Ficai, pois, satisfeitos, porque eles os atende cada dia, dando-me a alegria inaudita no estabelecimento de uma nova doutrina, de ver aquela a que me devotei crescer e prosperar, enquanto vivo, com uma maravilhosa rapidez. Considero como um grande favor do céu ser testemunha do bem que ela já fez. Esta certeza, da qual recebo diariamente os mais tocantes testemunhos, me paga com usura todas as minhas dificuldades e todas as minhas fadigas; não peço a Deus senão uma graça, que é a de me dar a força física necessária para ir até o fim de minha tarefa, que está longe de ser terminada; mas, o que quer que ocorra, terei sempre o consolo de estar seguro de que a semente das idéias novas, agora difundida por toda a parte, é imperecível; mais feliz do que muitos outros, que não trabalharam senão para o futuro, foi-me dado ver-lhe os primeiros frutos. Se uma coisa lamento, é que a exigüidade de meus recursos pessoais não me permita pôr em execução os planos que concebi para o seu adiantamento ainda mais rápido; mas se Deus, em sua sabedoria, acreditou dever isso decidir de outro modo, legarei esses planos aos meus sucessores que, sem dúvida, serão mais felizes. Apesar da penúria dos recursos materiais, o movimento que se opera na opinião superou toda esperança; crede bem, meus irmãos, que nisso vosso exemplo não terá sido sem influência. Recebi, pois, nossas felicitações pela maneira pela qual sabeis compreender e praticar a Doutrina. Sei o quanto são grandes as provas que muitos, dentre vós, tereis que suportar; só Deus lhes conhece o fim neste mundo; mas também que força a fé no futuro dá contra a adversidade! Oh! lamentai aqueles que crêem no nada depois da morte, porque para eles o mal presente não tem compensação. O incrédulo infeliz é como o doente que não espera nenhuma cura; o Espírita, ao contrário, é como aquele que está doente hoje e que sabe que amanhã estará bem.

Pedis a mim para vos continuar com meus conselhos; eu os dou de boa vontade àqueles que crêem deles ter necessidade e que os reclamam; mas não os dou senão àqueles; aos que pensam deles saber bastante e poder abster-se das lições da experiência, nada tenho a dizer, senão que desejo que não tenham a se lamentar um dia por terem muito presumido de suas próprias forças. Essa pretensão, aliás, acusa um sentimento de orgulho, contrário

ao verdadeiro espírito do Espiritismo; ora, pecando pela base, provam só por isso que se afastam da verdade. Não sois desse número, meus amigos, e é por isso que aproveito a circunstância para vos dirigir algumas palavras que vos provarão que, de longe como de perto, estou inteiramente ao vosso dispor.

No ponto em que hoje as coisas estão, e ao ver a marcha do Espiritismo através dos obstáculos semeados sobre o seu caminho, pode-se dizer que as principais dificuldades estão vencidas; ele tomou seu lugar e está assentado sobre bases que desafiam, doravante, os esforços de seus adversários. Pergunta-se como uma doutrina que nos torna felizes e melhores, pode ter inimigos; isso é muito natural: o estabelecimento das melhores coisas, no começo, fere sempre interesses; não foi assim com todas as invenções e descobertas que fizeram revolução na indústria? As que hoje são olhadas como benefícios, sem quais não se poderia mais se passar, não tiveram inimigos obstinados? Toda lei que reprime os abusos, não tem contra si aqueles que vivem dos abusos? Como quereríeis que uma doutrina, que conduz ao reino da caridade efetiva, não seja combatida por todos aqueles que vivem do egoísmo; e sabeis o quanto são estes numerosos sobre a Terra! No princípio, esperaram matá-la pela zombaria; hoje vêem que essa arma é impotente, e que sob o fogo constante dos sarcasmos continuou seu caminho sem tropeçar; não credes que eles irão se confessar vencidos; não, o interesse material é mais tenaz; reconhecendo que é uma força com a qual, doravante, é preciso contar, vão lhe travar assaltos mais sérios, mas que não servirão senão para melhor provar sua fraqueza. Uns atacam abertamente, em palavras e em ações, e a perseguirão até na pessoa de seus adeptos, que tentarão desencorajar à força de tormentos, ao passo que outros, ocultamente e por caminhos deturpados, procurarão miná-la surdamente. Tende, pois, por advertidos de que a luta não terminou. Estou prevenido de que vão tentar um supremo esforço; mas não tenhais medo; a garantia do sucesso está nesta divisa, que é a de todos os verdadeiros Espíritas: *Fora da caridade não há salvação*. Arvorai-a claramente, porque ela é a cabeça de Medusa para os egoístas.

A tática já usada pelos inimigos dos Espíritas, mas que vão empregar com um novo ardor, é a de tentar dividi-los, criando sistemas divergentes e suscitando, entre eles, a desconfiança e a inveja. Não vos deixeis prender na armadilha, e tende por certo que quem procura, por um meio qualquer que seja, romper a boa harmonia, não pode ter uma boa intenção. É por isso que vos convido a colocardes a maior circunspecção na formação de vossos grupos, não somente para vossa tranquilidade, mas no próprio interesse de vossos trabalhos.

A natureza dos trabalhos espíritas exige a calma e o recolhimento; ora, não há recolhimento possível se se distrai por discussões e a expressão de sentimentos malévolos. Não haverá sentimentos malévolos, se houver fraternidade; mas não pode aí haver fraternidade com egoístas, ambiciosos e orgulhosos. Com orgulhosos que se melindram e se ofendem com tudo, ambiciosos que estarão frustrados se não tiverem a supremacia, egoístas que não pensam senão neles, a discórdia não pode tardar a se introduzir e, daí, a dissolução. É o que querem nossos inimigos, e é o que procurarão fazer. Se um grupo quer estar em condições de ordem, de tranquilidade e de estabilidade, é preciso que nele reine um sentimento fraternal. Todo grupo ou sociedade que se forma sem ter a caridade *efetiva* por base, não tem vitalidade; ao passo que aqueles que serão fundados segundo o verdadeiro espírito da Doutrina, se olharão como os membros de uma mesma família, que, não podendo todos habitar sob o mesmo teto, moram em lugares diferentes. A rivalidade entre eles seria um contra-senso; ela não poderia existir ali onde reina a verdadeira caridade, porque a caridade não pode se entender de duas maneiras. Reconhecereis, pois, o verdadeiro Espírita pela prática da caridade em pensamentos, em palavras e em ações, e dissei-vos que, quem nutre em sua alma sentimentos de animosidade, de rancor, de ódio, de inveja ou de ciúme mente a si mesmo se pretende compreender e praticar o Espiritismo.

O egoísmo e o orgulho matam as sociedades particulares, como matam os povos e a sociedade em geral. Lede a história, e vereis que os povos sucumbem sob o amplexo desses dois mortais inimigos da felicidade dos homens. Quando se apoiarem sobre as bases da caridade, serão indissolúveis, porque estarão em paz entre eles e com eles próprios, cada um respeitando os direitos e os bens de seu vizinho. É a era nova predita, da qual o Espiritismo é o precursor, e pela qual todo Espírita deve trabalhar, cada um em sua esfera de atividade. É uma tarefa que lhes incumbe, e da qual serão recompensados segundo a maneira que a terão cumprido, porque Deus saberá distinguir aqueles que não terão procurado no Espiritismo senão a sua satisfação pessoal, daqueles que terão, ao mesmo tempo, trabalhado pela felicidade de seus irmãos.

Devo ainda vos assinalar uma outra tática de nossos adversários, que é a de procurar comprometer os Espíritas, impelindo-os a se afastarem do verdadeiro objetivo da Doutrina, que é o da moral, para abordarem questões que não são de sua alçada, e que poderiam, a justo título, despertar suscetibilidades sombrias. Não vos deixeis, não mais, vos prender nesta armadilha; afastai com cuidado, em vossas reuniões, tudo o que tem relação com a política e com questões irritantes; as discussões, sob esse assunto, não levariam a nada senão a vos suscitar embaraços, ao passo que ninguém pode achar de censurar a moral quando ela é boa. Procurai, no Espiritismo, o que pode vos melhorar, está aí o essencial; quando os homens forem melhores, as reformas sociais, verdadeiramente úteis, lhe serão a consequência muito natural; trabalhando para o progresso moral, possuireis os verdadeiros e os mais sólidos fundamentos de todos os melhoramentos, e deixais a Deus o cuidado de fazer as coisas chegarem a seu tempo. Oponde, pois, no próprio interesse do Espiritismo que é ainda jovem, mas que amadurece depressa, uma inabalável firmeza àqueles que procurarem vos arrastar num caminho perigoso.

Tendo em vista o descrédito do Espiritismo, alguns pretendem que ele vai destruir a religião. Sabeis, muito ao contrário, uma vez que a maioria entre vós que acreditáveis com dificuldade em Deus, e em sua alma, nisso crêem agora; que não sabiam o que era orar, e que oram com fervor; que não punham mais os pés nas igrejas, e que ali vão com recolhimento. Aliás, se a religião devesse ser destruída pelo Espiritismo, seria destrutível e o Espiritismo seria mais poderoso; dize-lo seria uma imperícia, porque isso seria confessar a fraqueza de uma e a força do outro.

O Espiritismo é uma doutrina moral que fortalece os sentimentos religiosos em geral e se aplica a todas as religiões; ele é de todas, e não é de nenhuma em particular; é por isso que não diz a ninguém para mudá-la; deixa cada um livre para adorar a Deus à sua maneira, e observar as práticas que a sua consciência lhe dita, tendo Deus mais em conta a intenção do que o fato. Ide, pois, cada um nos templos de vosso culto, e provai com isso que o taxam de impiedade ou de calúnia.

Na impossibilidade material em que estou de manter relações com todos os grupos, peço a um de vossos confrades consentir em me representar, mais especialmente em Lyon, como o fiz alhures; foi o Sr. Villon, cujo zelo e devotamento vos são conhecidos, tão bem quanto a pureza de seus sentimentos. Sua posição independente lhe dá, além disso, mais lazer para a tarefa que consentiu de se encarregar; tarefa pesada, mas diante da qual não recuará. O grupo que formou em sua casa o foi sob meus auspícios e segundo minhas instruções, quando de minha última viagem; nele encontrareis excelentes conselhos e salutarex exemplos. Verei, pois, com uma viva satisfação, todos aqueles que me honrarem com a sua confiança e nela se unirem como a um centro comum. Se alguns querem se apartar, guardai-vos de vê-los com mau olho; se vos atiram a pedra, não a recolhais, nem a devolvais: entre eles e vós Deus será o juiz dos sentimentos de cada um. Que aqueles

que crerem estar na verdade com a exclusão dos outros, provem-no por uma maior caridade, e uma maior abnegação do amor-próprio, porque a verdade não poderia estar do lado daquele que falta ao primeiro preceito da Doutrina. Se estais na dúvida, fazei sempre o bem: os erros do Espírito pesam menos, na balança de Deus, do que os erros do coração.

Repetirei aqui o que disse em outras ocasiões: em caso de divergência de opinião, há um meio fácil para sair da incerteza, é o de ver a que mais liga os partidários, porque há nas massas um bom senso inato que não poderia se enganar. O erro não pode seduzir senão alguns Espíritos cegos pelo amor-próprio e um falso julgamento, mas a verdade acaba sempre por se impor; tende, pois, por certo que ela abandona as classes que se esclarecem, e que há uma obstinação irracional em crer que um só tem razão contra todos. Se os princípios que eu professo não encontrassem senão alguns ecos isolados, e se fossem repelidos pela opinião geral, eu seria o primeiro a reconhecer que pude me enganar; mas vendo crescer, sem cessar, o número dos adeptos, em todas as classes da sociedade, e em todos os países do mundo, devo crer na solidez da base em que repousam; é por isso que vos digo, com toda a segurança, para marchardes com passo firme no caminho que vos está traçado; dissei aos vossos antagonistas que, se querem que os sigais, vos ofereçam uma doutrina mais consoladora, mais clara, mais inteligível, que melhor satisfaça à razão, e que seja, ao mesmo tempo, uma melhor garantia para a ordem social; frustraí, pela vossa união, os cálculos daqueles que queriam vos dividir; provai, enfim, pelo vosso exemplo, que a Doutrina nos torna mais moderados, mais brandos, mais pacientes, mais indulgentes, e isso será a melhor resposta a dar aos seus detratores, ao mesmo tempo que a visão de seus resultados benfazejos é o mais poderoso meio de propaganda.

Eis, meus amigos, os conselhos que vos dou e aos quais junto meus votos para o ano que começa. Não sei quais provas Deus nos destina para este ano, mas sei que, quaisquer que sejam, vós a suportareis com firmeza e resignação, porque sabeis que, para vós como para o soldado, a recompensa é proporcional à coragem.

Quanto ao Espiritismo, pelo qual vos interessais mais do que por vós mesmos, e do qual, pela minha posição, posso julgar, melhor do que ninguém, os progressos, estou feliz em vos dizer que o ano se abre sob os auspícios mais favoráveis, e que verá, sem nenhuma dúvida, o número dos adeptos crescer numa proporção impossível de se prever; ainda alguns anos como os que vêm de se escoar, e o Espiritismo terá por ele os três quartos da população. Deixai-me vos citar um fato entre mil.

Num departamento vizinho de Paris, há uma pequena cidade onde o Espiritismo penetrou há seis meses apenas. Em algumas semanas, tomou um desenvolvimento considerável; uma oposição formidável foi logo organizada contra os seus partidários, ameaçando mesmo seus interesses privados; tudo enfrentaram com uma coragem, um desinteresse dignos dos maiores elogios; entregaram-nos à Providência, e a Providência não lhes faltou. Essa cidade conta com uma população operária numerosa, entre a qual as idéias espíritas, graças à oposição que se lhe fez, fazem luz rapidamente; ora, um fato digno de nota, é que as mulheres, as jovens esperaram seus presentes para se proporcionarem as obras necessárias à sua instrução, e foi por centenas que uma livraria foi encarregada de expedilas só nessa cidade. Não é prodigioso ver simples operários reservarem suas economias para comprar livros de moral e de filosofia, antes que romances e bagatelas? Homens preferirem essa leitura às alegrias barulhentas e embrutecidas do cabaré? Ah! é que esses homens e essas mulheres, que sofrem como vós, compreendem agora que não é neste mundo que a sua sorte se cumpre; a cortina se levanta e eles entrevêm os esplêndidos horizontes do futuro. Essa pequena cidade é Chauny, no departamento do Aisne. Novas crianças na grande família, vos saúdam, irmãos de Lyon, como mais velhos, e formam doravante um dos anéis da corrente espiritual que já une Paris, Lyon, Metz, Sens, Bordeaux

e outras, e que logo ligará todas as cidades do mundo num sentimento de mútua confraternização; porque por toda a parte o Espiritismo lançou sementes fecundas, e seus filhos já se estendem as mãos acima das barreiras dos preconceitos de seitas, de castas e de nacionalidades.

Vosso muito devotado irmão e amigo,

ALLAN KARDEC.

O Espiritismo é provado por milagres ?

Revista Espírita, fevereiro de 1862

Dissertações de vários Espíritos sobre esta pergunta

Um eclesiástico nos dirigiu a pergunta seguinte:

"Todos aqueles que tiveram missão de Deus de ensinar a verdade aos homens, provaram sua missão por milagres. Por quais milagres provais a verdade de vosso ensinamento?"

Não é a primeira vez que esta pergunta é dirigida, seja a nós, seja a outros Espíritos; parece que se lhe dá uma grande importância, e que de sua solução depende a sentença que deve condenar ou absolver o Espiritismo. É preciso convir que, neste caso, a nossa posição é crítica, porque estamos como pobre diabo que não tinha uma moeda em seu bolso e a quem se pediu a bolsa ou a vida. Nós confessamos pois, humildemente, que não temos o menor milagre a oferecer; dizemos mais, é que o Espiritismo não se apoia sobre nenhum fato miraculoso; seus adeptos nunca fizeram e não têm a pretensão de fazer nenhum milagre; não se crêem bastante dignos para que, à sua voz, Deus mude a ordem eterna das coisas. O Espiritismo constata um fato material, o da manifestação das almas ou Espíritos. Esse fato é real, sim ou não? Aí está toda a questão; ora, nesse fato, admitindo como verdadeiro, nada há de miraculoso. Como as manifestações desse gênero, tais como as visões, aparições e outras, ocorreram em todos os tempos, assim como atestam as histórias, sagradas e profanas, e os livros de todas as religiões, outrora puderam passar por sobrenaturais; mas hoje que se lhes conhece a causa, que se sabe que se produzem em virtude de certas leis, sabe-se também que lhes falta o caráter essencial dos fatos miraculosos, o de fazer exceção à lei comum.

Essas manifestações, observadas em nossos dias com mais cuidado do que na antigüidade, observadas sobretudo sem prevenção, e com a ajuda de investigações tão minuciosas quanto as que aplica no estudo das ciências, têm por consequência provar, de maneira irrecusável, a existência de um princípio inteligente fora da matéria, sua sobrevivência aos corpos, sua individualidade depois da morte, sua imortalidade, seu futuro feliz ou infeliz, por conseguinte, a base de todas as religiões.

Se a verdade não fosse provada senão por milagres, poder-se-ia perguntar por que os sacerdotes do Egito, que estavam no erro, reproduziram diante do Faraó aquilo que Moisés fez? Por que Apolônio de Tiana, que era pagão, curava pelo toque, devolvia a visão aos cegos, a palavra aos mudos, predizia as coisas futuras e via o que se passava à distância? O próprio Cristo não disse: "Haverá falsos profetas que farão prodígios"? Um de nossos amigos, depois de uma fervorosa prece ao seu Espírito protetor, foi curado quase instantaneamente de uma enfermidade, muito grave e muito antiga, que resistia a todos os remédios; para ele o fato era verdadeiramente miraculoso; mas, como ele acreditava nos Espíritos, um cura, a quem contou a coisa, disse-lhe que o diabo também pode fazer

milagres. "Nesse caso, disse esse amigo, se foi o diabo que me curou, é ao diabo que devo agradecer."

Os prodígios e os milagres não são, pois, o privilégio exclusivo da verdade, uma vez que o próprio diabo pode fazê-los. Como, então, distinguir os bons dos maus? Todas as religiões idolatras, sem delas excetuar a de Maomé, se apoiam sobre fatos sobrenaturais. Isso prova uma coisa, é que os fundadores dessas religiões conheciam os segredos naturais desconhecidos do vulgo. Cristóvão Colombo não passou por um ser sobre-humano, aos olhos dos selvagens da América, por haver predito um eclipse? Ele não teve senão que, a eles, se fazer passar por um enviado de Deus. Para provar seu poder, Deus tem, pois, necessidade de fazer o que ele fez? De fazer girar à direita o que deve girar à esquerda? Provando o movimento da Terra pelas leis da Natureza, Galileu não estava mais com a verdade do que aqueles que pretendiam que, por uma derrogação dessas mesmas leis, seria necessário parar o Sol? Também, sabe-se o que isso lhe custou, a ele e a tantos outros, por terem demonstrado um erro. Dizemos que Deus é maior pela imutabilidade de suas leis do que em derogando-as, e se lhe aprouve fazê-lo em algumas circunstâncias, esse não pode ser o único sinal que dá da verdade. Pedimos consentir em se reportar ao que dissemos, a esse respeito, no nosso artigo do mês de janeiro, a propósito do *sobrenatural*. Retornemos às provas da verdade do Espiritismo.

Há no Espiritismo duas coisas: o fato da existência dos Espíritos e de suas manifestações, e a doutrina que disso decorre. O primeiro ponto não pode ser posto em dúvida senão por aqueles que não viram ou que não quiseram ver; quanto ao segundo, a questão é saber se essa doutrina é justa ou falsa: é um resultado de apreciação.

Se os Espíritos não manifestam sua presença senão por ruídos, movimentos, efeitos físicos, em uma palavra, isso não provaria grande coisa, porque não se saberia se são bons ou maus. O que é sobretudo característico nesse fenômeno, o que é de natureza a convencer os incrédulos, é poder reconhecer, entre os Espíritos, seus parentes e seus amigos. Mas como os Espíritos podem atestar a sua presença, a sua individualidade, e fazer julgar suas qualidades, se isso não for falando? Sabe-se que a escrita por médiuns é um dos meios que eles empregam. Desde que têm um meio de exprimirem suas idéias, podem dizer tudo o que querem; segundo o grau de seu adiantamento, dirão coisas mais ou menos boas, justas ou profundas; deixando a Terra, não abdicam de seu livre arbítrio; como todos os seres pensantes, têm sua opinião; como entre os homens, os mais avançados dão os ensinamentos de uma alta moralidade, conselhos cheios da mais profunda sabedoria. São esses ensinamentos e esses conselhos que, coletados e postos em ordem, constituem a Doutrina Espírita ou dos Espíritos. Considerai esta doutrina, se o quiserdes, não como uma revelação divina, mas como a expressão de uma opinião pessoal, a tal ou tal Espírito, a questão é saber se ela é boa ou má, justa ou falsa, racional ou ilógica. A que se reportar para isso? É ao julgamento de um indivíduo? De alguns indivíduos mesmo? Não; porque, dominados pelos preconceitos, as idéias preconcebidas, ou os interesses pessoais, podem se enganar. O único, o verdadeiro juiz, é o público, porque ali não há o interesse de associação, e que nas massas há um bom senso inato que não se engana. A lógica sã diz que a adoção de uma idéia, ou de um princípio, pela opinião geral, é uma prova de que ela repousa sobre um fundo de verdade.

Os Espíritos não dizem, pois: "Eis uma doutrina saída da boca do próprio Deus, revelada a um único homem por meios prodigiosos, e que é preciso impor ao gênero humano." Eles dizem, ao contrário:

"Eis uma doutrina que não é nossa, e da qual não reivindicamos o mérito; nós a adotamos

porque a achamos racional. Atribuí-lhe a origem que quiserdes: de Deus, dos Espíritos ou dos homens; examinai-a; se ela vos convém, adotai-a; caso contrário, ponde-a de lado." Não se pode ser menos absoluto. O Espiritismo não vem, pois, intrometer-se na religião; ele não se impõe; não vem forçar a consciência, não mais dos católicos do que dos protestantes, dos judeus; ele se apresenta e diz: "Adotai-me, se me achais bom." É culpa dos Espíritos se o acham bom? Se nele se encontra a solução do que se procurava em vão alhures? Se nele se haurem consolações que tornam felizes, que dissipam os terrores do futuro, acalmam as angústias da dúvida e dão coragem para o presente? Não se dirige àqueles a quem as crenças católicas ou outras bastam, mas àqueles que elas não satisfazem completamente, ou que desertaram; em lugar de não mais crer em nada, os conduz a crerem em alguma coisa, e a crer com fervor. O Espiritismo não veio, pois, dividir; conduz, pelos meios que lhe são próprios, aqueles que se afastam; se os recusais, estarão forçados a ficar de fora. Em vossa alma e consciência, dizei se, para eles, seria preferível serem ateus.

Pergunta-se sobre que milagre nós nos apoiamos para crer a Doutrina Espírita boa. Nós a cremos boa, não só porque é nossa opinião, mas porque milhões de outros pensam como nos; porque ela conduz a crer aqueles que não crêem; dá coragem nas misérias da vida. O milagre! é a rapidez de sua propagação, estranha nos fastos das doutrinas filosóficas; foi por ter, em alguns anos, feito a volta ao mundo, e estar implantada em todos os países e em todas as classes da sociedade; foi por ter progredido, apesar de tudo o que se fez para detê-la, de transtornar as barreiras que se lhe opôs; de encontrar um acréscimo de forças nas próprias barreiras. Está aí o caráter de uma utopia? Uma idéia falsa pode encontrar alguns partidários, mas nunca tem senão uma existência efêmera e circunscrita; perde terreno em lugar de ganhá-lo, ao passo que o Espiritismo ganha-o em lugar de perdê-lo. Quando é visto germinar por todas as partes, acolhido por toda a parte como um benefício da Providência, é que ali está o dedo da Providência; eis o verdadeiro milagre, e nós o cremos suficiente para assegurar o seu futuro. Direis que, aos vossos olhos, não há um caráter providencial, mas um caráter diabólico; é-lhes permitido ter essa opinião: contanto que ele caminhe, é o essencial. Diremos somente que, se uma coisa se estabelecesse universalmente pelo poder do demônio, e apesar dos esforços daqueles que dizem agir em nome de Deus, isso poderia fazer crer, a certas pessoas, que o demônio é mais poderoso do que a Providência. Pedis milagres! eis um deles que nos dirige um dos nossos correspondentes da Argélia:

"O Sr. P..., antigo oficial era bem o mais endurecido dos incrédulos; tinha o fanatismo da irreligião; dissera: Deus, é o mal, antes de Proudhon; ou, melhor dizendo, não admitia nenhum Deus e não reconhecia senão o nada. Quando o vi procurar o vosso *O Livro dos Espíritos*, acreditei que iria coroar essa leitura com alguma elucubração satírica, como tinha o hábito de fazê-lo contra os sacerdotes, e mesmo contra o Cristo; não me parecia possível que um ateísmo tão inveterado jamais pudesse ser curado. Pois bem! *O Livro do Espíritos*, no entanto, fez esse milagre. Se conhecêsseis o homem como o conheci, estarieis confiante em vossa obra, e olharíeis a coisa como o vosso maior sucesso. Aqui, isso espanta todo o mundo; entretanto, quando se iniciou na palavra da verdade, não há mais ali do que se surpreender, certamente, depois de refletir." Acrescentemos, o que não pode prejudicar, que nosso correspondente é um jornalista que, ele também, professava opiniões muito pouco espiritualistas, e ainda menos espíritas. Onde tomou esse senhor força para se impor a crença em Deus em sua alma? Não, e não é provável que fosse sacerdote. Foi fascinado pela visão de alguns fenômenos prodigiosos? Não mais, porque nada viu no fato das manifestações; somente leu, compreendeu, achou os raciocínios lógicos, e acreditou. Direis que essa conversão, e tantas outras, são a obra do diabo? Se assim fora, o diabo tem uma singular política de dar armas contra si mesmo, e é muito desajeitado deixando escapar aqueles que tinha em suas garras. Esse milagre, porque não o fizestes? Seríeis, pois, menos

fortes que o diabo para fazer crer em Deus? Uma outra questão, eu vos peço. Esse senhor, então quando era ateu e blasfemador, estava condenado pela eternidade? - Sem nenhuma dúvida. - Agora que, segundo vós, está convertido a Deus, pelo diabo, está ainda condenado? Suponhamos que, crendo muito em Deus, em sua alma, na vida futura feliz ou infeliz, e que em virtude dessa crença seja melhor do que era, não adote mais completamente ao pé da letra a interpretação de todos os dogmas, que repele mesmo algum deles, está ainda condenado? Se disserdes: *sim*, a crença em Deus não lhe serve para nada; se disserdes: *não*, em que se torna a máxima: *Fora da Igreja não há salvação?* O Espiritismo diz: *Fora da caridade não há salvação.* Credes que, entre os dois, esse senhor balance? Até mesmo queimado segundo um, salvo segundo o outro; a escolha não parece duvidosa.

Essas idéias, como todas as idéias novas, contrariam certas pessoas, certos hábitos, certos interesses mesmo, como as estradas de ferro contrariaram os senhores das postas, e aqueles que tinham medo; como uma revolução contraria certas opiniões; como a imprensa contrariou os escreventes; como o Cristianismo contrariou os sacerdotes pagãos; mas que fazer disso, quando uma coisa se instala, bom ou malgrado, por sua própria força, e que ela é aceita pela generalidade? É bem preciso tomar o seu partido e dizer, como Maomé, que é o que deve ser. Que fareis se o Espiritismo tornar-se uma crença universal? Repelireis todos aqueles que o admitirem? - Isso não o será; isso não pode ser, direis. - Mas se isso for, ainda uma vez, que fareis?

Pode-se deter esse vôo? Seria preciso, para isso, deter não um homem, mas os Espíritos, e impedi-los de falar; queimar não um livro, mas as idéias; impedir os médiuns de escreverem e de se multiplicarem. Um de nossos correspondentes nos escreveu de uma cidade do departamento de Tarn:

"Nosso cura fez propaganda para nós; ele esbraveja do púlpito contra o Espiritismo, que não é outra coisa senão a obra do demônio, disse ele. Quase que me designou como o grande-sacerdote da Doutrina em nossa cidade; agradeço-lhe do fundo do coração; forneceu-me, assim, as ocasiões para conversar com aqueles que não tinham ouvido dele falar, e que me abordam para saberem o que é. Hoje, temos muitos médiuns entre nós." O resultado é o mesmo por toda a parte onde se quis gritar contra. Hoje, a idéia espírita está lançada; é acolhida porque agrada; vai do palácio à choupana, e se pode julgar, dos efeitos das tentativas futuras, por aquelas que fizeram para abafá-lo.

Em resumo, o Espiritismo, para se estabelecer, não reivindica a ação de nenhum milagre; não quer, em nada, mudar a ordem das coisas; procurou e encontrou a causa de certos fenômenos, erradamente reputados como sobrenaturais; em lugar de se apoiar no sobrenatural, repudia-o por sua própria conta; dirige-se ao coração e à razão; a lógica lhe abre o caminho, a lógica o fará acabar.

Isso é um adiantamento sobre a resposta que devemos à brochura do Sr. cura Marouzeau.

Deixemos agora os Espíritos falarem. Tendo lhes sido colocada a pergunta acima, eis algumas das respostas obtidas por intermédio de diferentes médiuns:

'Venho vos falar da realidade da Doutrina Espírita, e opô-la aos milagres, cuja ausência parece dever servir de arma aos seus detratores. Os milagres necessários às primeiras idades da Humanidade, para impressionar os Espíritos que importava submeter; os milagres, quase todos explicados hoje pelas descobertas das ciências físicas ou outras, tornaram-se agora inúteis, direi mesmo perigosos, uma vez que suas manifestações não

despertariam senão a incredulidade ou a zombaria. O reino da inteligência, enfim, está chegado, não ainda em sua triunfante expressão, mas em suas tendências. Que pedis? Quereis ver de novo as varinhas transformadas em serpentes, os enfermos se levantarem e os pães se multiplicarem? Não, não vereis mais isso; mas vereis os incrédulos se abrandarem e dobrar, diante do altar, seus joelhos enrijecidos. Esse milagre vale tanto quanto o da água jorrando da rocha. Vereis o homem desolado, curvado sob o fardo da infelicidade, vê-lo-eis desviar da pistola armada e gritar: "Meu Deus, sede bendito, uma vez que a vossa vontade levantou minhas provas ao nível do amor que vos devo". Por toda a parte, enfim, vós que atacais os fatos com os textos, o espírito com a letra, vereis a luminosa verdade se estabelecer sobre as ruínas de vossos mistérios carcomidos."

LÁZARO (Médium, Sra. Costel).

"Demonstrei, em uma de minhas últimas meditações, que se leu, creio, aqui, que a Humanidade, atualmente, está em progressão. Até o Cristo, a Humanidade bem que tinha um corpo; era certamente esplêndida; fizera mesmo heróicos esforços e sublimes virtudes; mas onde estava sua ternura, onde estava sua mansuetude? Haveria, na antigüidade, muitos exemplos a esse respeito. Abri um poema antigo: onde está a mansuetude; onde está a ternura? Já encontrareis a expansão no poema quase todo cristão da Dido de Virgílio, espécie de heroína melancólica que o Tasso ou Ariosto teria tornado interessante em seus cantos cheios de alegria cristã.

"O Cristo, pois, veio falar ao coração da Humanidade; mas sabeis, o próprio Cristo disse, ele veio encarnado no meio do paganismo, e prometeu vir no meio do Cristianismo. Há no indivíduo a educação do coração, como há a da inteligência; do mesmo modo para a Humanidade. O Cristo, pois, é o grande educador. Sua ressurreição é o símbolo de sua fusão espiritual em todos, e essa fusão, essa expansão dele mesmo, começais apenas a senti-la. O Cristo não veio mais fazer milagres; veio falar diretamente ao coração, em lugar de falar aos sentidos. Com aqueles que lhe pediam um milagre no céu, ia além, e alguns mais longe, improvisou seu magnífico sermão da montanha. Ora, portanto, àqueles que pedem ainda milagres, o Cristo responde por todos os Espíritos sábios e esclarecidos: Credes, pois, mais em vossos olhos, em vossos ouvidos, em vossas mãos do que no vosso coração? Minhas feridas estão fechadas atualmente; o Cordeiro foi sacrificado; a carne foi arruinada; o materialismo a viu; agora é a vez do Espírito. Deixo os falsos profetas; não me apresento diante dos poderosos da Terra como Simão, o mago, mas vou àqueles que realmente têm sede, que realmente têm fome, àqueles que sofrem em seu coração, e não àqueles que não são espiritualistas senão como verdadeiros e puros materialistas."

LAMENNAIS (Méd. Sr. A. Didier)

"Pergunta-se quais são os milagres que fazemos; mas me parece que, há alguns anos, suas provas estão bastante evidentes. Os progressos do espírito humano mudaram a face do mundo civilizado; tudo progrediu, e aqueles que quiseram ficar atrás desse movimento são como os párias das sociedades novas.

"À sociedade tal qual está hoje preparada para os acontecimentos, que é preciso, senão tudo o que impressiona a razão e a esclarece? Pode ser que, em certas épocas, Deus quis se comunicar por inteligências superiores, tais como Moisés e outros; desses grandes homens datam as grandes épocas, mas o espírito dos povos progrediu depois. As grandes imagens dos predestinados enviados por Deus, lembram uma lenda miraculosa; e depois um fato, freqüentemente simples em si mesmo, se torna maravilhoso diante da multidão impressionável e preparada para emoções que só a Natureza sabe dar aos seus filhos

ignorantes.

"Mas, hoje, tendes necessidade de milagres? - Tudo está transformado ao vosso derredor; a ciência, a filosofia, a indústria, desenvolveram tudo o que vos cerca, e pensais que nós, os Espíritos, não participamos em nada nessas modificações profundas? - Estudando, comentando, aprendeis e meditais melhor; os milagres não são mais de vossa época e deveis vos elevar acima desses preconceitos que ficaram na memória, como tradições. Vos daremos a verdade, e sempre nosso concurso. Nós vos esclarecemos, a fim de vos tornar melhores e fortes; crede e amai; e o milagre procurado se produzirá em vós. Conhecendo e compreendendo melhor o objetivo desta vida, sereis transformados sem fatos físicos.

"Procurais apalpar, tocar a verdade, e ela vos cerca e vos penetra. Sede, pois, confiantes em vossas próprias forças, e o Deus de bondade que vos deu o espírito tornará a vossa força temível. Por ele expulsareis as nuvens que obscurecem a vossa inteligência, e compreenderéis que o Espírito é todo imortalidade, todo poder. Postos em relação com essa lei de Deus, chamada progresso, não procurareis mais no prestígio dos grandes nomes, que são como mitos da antigüidade, uma resposta e um escolho contra o Espiritismo, que é a verdadeira revelação, a fé, a ciência nova que consola e torna forte."

BALUZE (Méd. P.-G. Leymarie).

"Para provar a verdade da Doutrina Espírita, pedem-se milagres; e quem pede essa prova da verdade? Aquele que deveria ser o primeiro a crer e a ensinar..."

"O maior dos milagres vai se operar logo; padres do catolicismo, escutai; quereis milagres, ei-los que se operam... A cruz do Cristo se desmoronava sob os golpes do materialismo, da indiferença e do egoísmo, ei-la que se reergue bela e resplandecente, sustentada pelo Espiritismo? Dizei-mo, isso não é o maior milagre: uma cruz que se endireita, tendo em cada um de seus lados a Esperança e a Caridade? - Em verdade, padres da Igreja, crede e vede: os milagres vos cercam!... Como chamareis esse retorno comum à crença casta e pura do Evangelho, por que todas as filosofias se unirão no Espiritismo? O Espiritismo será a glória e o facho que iluminará todo o Universo. Oh! Então o milagre será manifesto e brilhante, porque não haverá mais, neste mundo, senão uma única e mesma família. Quereis milagres! Vede essa pobre mulher sofredora e sem pão; como treme em sua mansarda; o sopro com o qual ela quer aquecer dois pequenos seres que morrem de fome, é mais frio e mais glacial que o vento que se engolfa em sua miserável morada; por que, pois, tanta calma e serenidade sobre seu rosto no meio de tanta miséria? Ah! é que ela viu brilhar uma estrela ardente acima de sua cabeça; a luz celeste se espalhou em seu reduto; ela não chora mais, ela espera! Ela não maldiz mais, não pede somente a Deus que lhe dê a coragem de suportar a prova!... E eis que as portas da mansarda se abrem e que a Caridade vem ali depositar o que a sua benfazeja mão pode distribuir!..."

"Que doutrina dará mais sentimento e impulsos ao coração? O Cristianismo plantou o estandarte da igualdade sobre a Terra, o Espiritismo arvora o da fraternidade!... Eis o milagre, o mais celeste e o mais divino que se possa produzir!... Padres, cujas mãos, algumas vezes, estão enlameadas pelo sacrilégio, não peçais milagres físicos, por que então vossas fronteiras poderiam se quebrar sobre a pedra que pisais para subir ao altar!..."

"Não, o Espiritismo não se prende aos fenômenos físicos, não se apoia sobre os milagres que falam aos olhos, mas dá a fé ao coração, e, dizei-mo, não está ainda aí o maior milagre?..."

Nota. - Isto não pode, evidentemente, se aplicar senão aos padres que mancharam o santuário, como Verger e outros.

O Vento

Revista Espírita, fevereiro de 1862

FÁBULA ESPÍRITA.

Quanto mais a crítica tem ressonância,
mais pode fazer de bem, chamando
a atenção dos indiferentes.

(ALLAN KARDEC.)

O vento forte queria reinar senhor na planície.
Em seu vô impetuoso,
Atormentava com seu ardente hálito
Um olmo secular, de pé largo e nodoso.

De seus ramos fecundos, dizia-se, a semente
Poderia juncar a terra, ali germinar e surgir;
Prevemos uma luta, e vigiamos o futuro
De tanto obstáculos feitos para dificultar meu poder.

E os pequenos penachos verdes,
Se desfolhando aos golpes que os atinge,
Em turbilhões leves se perdem nos ares,
Os grãos, entretanto, escapam

ao sopro que se esforça por varrer seu vôo,
E, apesar dele, tomam raiz no solo.
Contra as leis de amor e de austera sabedoria
Que difunde o Espiritismo, árvore de verdade,

O vento da incredulidade
Sopra, resmunga, fere sem cessar.
Faz nascer e crescer o que acreditava comprimir:
Quer expulsar o germe... ajuda-o a semear.

C. DOMBRE (de Marmande).

A Reencarnação na América

Revista Espírita, fevereiro de 1862

Admira-se, freqüentemente, que a doutrina da reencarnação não haja sido ensinada na América, e os incrédulos não deixaram de nisso se apoiar para acusar os Espíritos de contradição. Não repetiremos aqui as explicações que demos, e que publicamos, sobre esse assunto, nos limitaremos a lembrar que nisso os Espíritos mostraram a sua prudência habitual; quiseram que o Espiritismo nascesse num país de liberdade absoluta quanto à emissão das opiniões; o ponto essencial era a adoção do princípio, e para isso não quiseram estar embaraçados em nada; não ocorria o mesmo em todas as suas conseqüências, e sobretudo da reencarnação, que se chocaria contra os preconceitos da escravidão e da cor. A idéia de que o negro poderia tornar-se um branco; que um branco poderia ter sido negro; que um senhor pudera ser escravo; pareceu de tal modo monstruosa que bastou para fazer rejeitar o todo; os Espíritos, pois, preferiram sacrificar, momentaneamente, o acessório ao principal, e sempre dissemos que, mais tarde, a unidade se faria sobre este ponto como sobre todos os outros. Foi, com efeito, o que começou a ocorrer: várias pessoas do país nos disseram que essa doutrina encontra ali, agora, numerosos partidários; que certos Espíritos, depois de tê-la feito pressentir, vêm confirmá-la. Eis o que nos escreveu, a este respeito, de Montreal (Canadá), o Sr. Henry Lacroix, natural dos Estados Unidos:

"... A questão da reencarnação, da qual fostes o primeiro promotor *visível*, nos pegou de surpresa aqui; mas hoje estamos reconciliados com ela, com essa filha de vosso pensamento. Tudo se tornou compreensível por essa nova claridade, e vemos agora, diante de nós, bem longe no caminho eterno. Isso nos parecia, todavia, bem absurdo, como dizíamos no começo; mas hoje negamos, amanhã cremos, eis a Humanidade. Felizes são aqueles que querem saber, por que a luz se faz para eles; infelizes são os outros; porque permanecem nas trevas".

Assim foi a lógica, a força do raciocínio, que os conduziu a essa doutrina, e porque nela encontraram a única chave que podia resolver os problemas até então insolúveis. No entanto, nosso honroso correspondente se engana sobre um fato importante, nos atribuindo a iniciativa desta doutrina, que chama a filha de nosso pensamento. É uma honra que não nos ocorre: a reencarnação foi ensinada pelos Espíritos a outros senão a nós, antes da publicação de *O Livro dos Espíritos*; além disso, o princípio foi claramente colocado em várias obras anteriores, não somente as nossas, mas ao aparecimento das mesas girantes, entre outras, em *Céu e Terra*, de Jean Raynaud, e num encantador livrinho de Louis Jourdan, intitulado *Preces de Ludowic*, publicado em 1849, sem contar que esse dogma era professado pelos Druidas, aos quais, certamente, não ensinamos (1-(1) Ver a *Revista Espírita*, abril de 1858, página 95: *O Espiritismo entre os Druidas*. artigo contendo as *Tríades*). Quando nos foi revelado, ficamos surpresos, e o acolhemos com hesitação, com desconfiança: nós o combatemos durante algum tempo, até que a evidência nos foi demonstrada. Assim, esse dogma, nós o ACEITAMOS e não INVENTAMOS, o que é muito diferente.

Isto responde à objeção de um de nossos assinantes, Sr. Salgues (de Angers), que é um dos antagonistas confessos da reencarnação, e que pretende que os Espíritos, e os médiuns que o ensinam, sofrem a nossa influência, tendo em vista que, aqueles que se comunicam com ele, dizem o contrário. De resto, o Sr. Salgues alega contra a reencarnação objeções especiais, das quais faremos, num destes dias, o objeto de um exame particular. À espera

disso, constatamos um fato, é que o número de seus partidários cresce sem cessar, e que o de seus adversários diminui; se esse resultado for devido à nossa influência, é nos atribuir uma muito grande, uma vez que se estende da Europa à América, da Ásia à África e até à Oceania. Se a opinião contrária é a verdade, como ocorre que não haja preponderado? O erro seria, pois, mais poderoso do que a verdade?

Novos médiuns americanos em Paris

Revista Espírita, fevereiro de 1862

Os médiuns americanos passam, com razão, por levar a melhor, pelo número e pela força, sobre os do antigo continente, no fato das manifestações físicas. Sua reputação, sob esse aspecto, está tão bem estabelecida, sobretudo depois do Sr. Home, que só esse título parece prometer prodígios: o Sr. Squire, para muitas pessoas, não era designado senão sob o nome de médium americano. Um charlatão que corria as cidades e as feiras, há alguns anos, para dar representações, chamava a atenção como médium americano, embora fosse perfeitamente Francês. Eis que vindo dois novos que não têm de médium senão o nome, e dos quais não teríamos falado, porque sua *arte é estranha* ao nosso assunto, se sua chegada, anunciada com estrondo, não tivesse causado uma certa sensação pela natureza de suas pretensões. Para a edificação de nossos leitores e não ser taxado de parcialidade, transcreveremos textualmente seus prospectos, dos quais Paris vem de ser inundada.

"Divertimento dos salões parisienses. - Da novidade, nada senão da novidade!!! - Serão para as famílias e reuniões privadas dadas pelos MÉDIUNS AMERICANOS, Sr. C. Eddwards Girroodd, de Kingstown (lago Ontário), alto Canadá, e Sra. Júlia Girroodd, cognominada pela imprensa inglesa e americana a *Graciosa Sensitiva*.

"Um álbum de mais de 200 páginas, do qual cada folha é uma carta de felicitação, assinada pelos maiores nomes de França, seja na nobreza, no exército, na literatura, assim como por 16 arcebispos e bispos de França, e de um grande número de eclesiásticos de alta distinção, está à disposição das pessoas que, querendo dar um serão, desejarem antes se assegurar do bom gosto, da riqueza e da novidade de suas experiências.

"Sr. e Sra. Girroodd, os únicos na França dando suas experiências, ainda não passaram senão três meses em Paris, e quarenta e duas sessões nos primeiros Salões da Capital e nas Tuileries, 12 de maio de 1861, assim como entre vários membros da Família Imperial.

"Imediatamente colocaram suas EXPERIÊNCIAS muito acima de tudo o que se viu, até este dia, como Recreação dos Serões.

"Sua prestidigitação, contrariamente ao uso dos Srs. físicos, não exige os menores preparativos e arranjos particulares, e os artistas operam facilmente no meio de um círculo de espectadores atentos, sem medo, um só minuto, de ver destruir a ilusão.

"OS SORTILÉGIOS não são senão uma fraquíssima parte de seus talentos variados. O Mundo dos Espíritos obedece às suas vozes- VISÃO - ÊXTASE - FASCINAÇÃO - MAGNETISMO - ELETRO-BIOLOGIA- ESPÍRITOS BATEDORES - ESPIRITUALISMO, etc., tudo o que a ciência e o charlatanismo inventaram, que pasma, em nossos dias, os incrédulos, até lhes dar uma fé robusta em tudo o que não é senão hábil malabarismo, onde se é cúmplice com seu desconhecimento. Em uma palavra, o Sr. e a Sra. GIRROODD, depois de se terem mostrado como feiticeiros - mas feiticeiros de boa companhia - sábios como MERLIN o Encantador, demonstrarão, se for preciso, os segredos de sua ciência.

"A fé cristã não pode senão ganhar em ver claramente que tudo o que ela não ensinou não é senão brilhante charlatanismo.

"Para as pequenas reuniões ou serões para as crianças, o Sr. Girroodd contratou, para todo o inverno, um dos mais HÁBEIS FÍSICOS da capital, e com um VENTRÍLOQUO cognominado O HOMEM DOS BONECOS FALANTES, que darão sessões a preços reduzidos".

Esse senhor e essa senhora, como se vê, não têm nada menos do que a pretensão de matar o Espiritismo, e se colocam como defensores da *fé cristã*, muito surpresos, sem dúvida, por encontrarem a prestidigitação por auxiliar; mas isso pode aumentar uma certa clientela.

Eles se dizem *médiuns*, e não deixam de omitir o título de *americanos*, passaporte indispensável, como os nomes em / para os músicos, e isso para provar que os médiuns não existem, tendo em vista, dizem, que podem reproduzir, com a ajuda da destreza, da mecânica e dos meios que lhes são particulares, tudo o que fazem os médiuns. Isso prova uma coisa, é que tudo pode ser imitado: a ilusão não é senão uma questão de habilidade. Mas do fato de que se pode imitar uma coisa, segue-se que a coisa não exista? A prestidigitação imitou, ao ponto de enganar-se, a lucidez sonambúlica, é preciso concluir disso que não há sonâmbulos? Fez-se cópia de Rafael que se tomou pelos originais; é que Rafael não teria existido? O Sr. Robert-Houdin mudou água em vinho, fez sair de um chapéu (não preparado) milhares de objetos podendo encher uma grande caixa, isso prejudica contra os milagres das bodas de Cana e da multiplicação dos pães? Todavia, ele faz bem mais do que mudar a água em vinho, uma vez que de uma garrafa, faz sair meia dezena de licores diferentes e deliciosos.

Todas as manifestações físicas se prestam maravilhosamente à imitação, e também são aquelas que o charlatanismo explora; ele distancia mesmo de bem longe os Espíritos, sobretudo em fatos de *transportes*, uma vez que os produz à vontade e a propósito, dos quais os Espíritos e os melhores médiuns são incapazes. De resto, é preciso fazer justiça a esse senhor e à sua senhora, é que não procuram, de nenhum modo, enganar o público; não se fazem passar pelo que não são, e se colocam decididamente como imitadores ágeis, e nissô são mais estimáveis do que aqueles que se dão falsamente como médiuns; o são mesmo muito mais que os verdadeiros médiuns que, para produzirem mais efeitos e ultrapassar seus concorrentes, acrescentam o subterfúgio à realidade. É verdade que a franqueza, algumas vezes, é uma boa política; colocar-se como vulgares prestidigitadores, está muito gasto; mas querer provar que os médiuns são escamoteadores, escamoteando por si mesmos, é um atrativo de novidade que se pode fazer pagar largamente pelos curiosos.

A agilidade, como dissemos, não prejudica nada contra a realidade dos fenômenos, longe de prejudicar, terá uma grande utilidade. É, primeiro, uma trombeta a mais que chamará a atenção e fará as pessoas que nele nunca ouvirem falar, pensar no Espiritismo; como em todas as críticas, se quererá ver o pró e o contra; ora, o resultado da comparação não é duvidoso. Uma utilidade maior ainda, é a de se colocar em guarda contra a possibilidade da fraude e os subterfúgios dos falsos médiuns; provando a possibilidade da imitação, é expor aqueles a uma má direção e arruinar o seu crédito. Se sua destreza pudesse prejudicar alguma coisa, isso seria a confiança que se lhe concede, talvez um pouco levianamente, aos prodígios que obtêm tão *facilmente* certos médiuns além do Atlântico, porque não foi dito que o Sr. e a Sra. Girroodd tenham o privilégio de seus segredos. Se nos for dado um dia assistir a uma dessas sessões, será para nós um prazer dela dar conta para a instrução dos

nossos leitores.

Quando dizemos que tudo pode ser imitado, é preciso, entretanto, disso excetuar as condições verdadeiramente normais nas quais podem se produzir as manifestações espíritas; de onde se pode dizer que todo fenômeno que se afasta dessas condições, deve ser tido por suspeito; ora, para julgar sadiamente uma coisa, é preciso tê-la estudado. As próprias manifestações inteligentes não estão ao abrigo dos malabarismos; mas há as que, por sua natureza e pelas circunstâncias nas quais são obtidas, desafiam a habilidade de imitação a mais hábil, tais como, por exemplo, a evocação de pessoas mortas, revelando com verdade particularidades de sua existência, desconhecidas do médium e dos assistentes, e, melhor ainda, essas dissertações de várias páginas, escritas de um só jato, sem rasuras, com rapidez, eloquência, correção, profundidade, ciência e sublimidade de pensamentos, sobre assuntos dados, fora dos conhecimentos e da capacidade do médium, e que este mesmo não compreende. Para executar tais prodígios seria preciso ser um gênio universal; ora, os gênios universais são raros, e, aliás, não se dão em espetáculo; no entanto, é o que se faz todos os dias, não por *um indivíduo privilegiado*, mas por milhares de indivíduos de toda idade, de todo sexo, de toda classe e de todo grau de instrução, dos quais a honradez e o desinteresse absoluto são a melhor garantia de sinceridade, porque o charlatanismo não dá nada por nada. Se o Sr. e Sra. Girroodd quisessem aceitar uma luta, seria sobre esse terreno que os chamaríamos, entregando-lhes de boa vontade o das manifestações físicas.

Nota. - Uma pessoa que se diz bem informada nos assegura que *Eddwards Girroodd* deve-se traduzir por *Edouard Girod*, e *Kingstown*, lago *Ontario*, *Alto-Canadá*, por *Saint-Flour*, *Cantai*.

Subscrição em favor dos operários Lioneses

Revista Espírita, fevereiro de 1862

A Sociedade Espírita de Paris não podia esquecer seus irmãos de Lyon em suas aflições; desde o mês de novembro está empenhada em subscrever, por 260 francos, uma loteria beneficente organizada por vários grupos dessa cidade. Mas o Espiritismo não é exclusivista; para ele todos os homens são irmãos e se devem um mútuo apoio, sem exceção de crença. Querendo, pois, dar seu óbolo à obra comum, abriu, na sede da Sociedade, 59, rua e passagem Sainte-Anne, uma subscrição cujo produto será entregue à caixa da subscrição geral do jornal *lê Siècle*.

Uma carta de Lyon, dirigida ao Sr. Allan Kardec, informou-lhe que um Espírita anônimo vem de enviar diretamente, para esse efeito, uma soma de 500 francos. Que esse generoso benfeitor, do qual respeitamos o anonimato, receba aqui os agradecimentos de todos os membros da Sociedade.

Um Espírita que se fez conhecer sob o nome característico e gracioso de *Carita*, e cuja missão parece ser a de chamar a beneficência em socorro do infeliz, consentiu ditar, a esse respeito, a epístola seguinte, que nos foi enviada de Lyon, e que nossos leitores colocarão, sem dúvida, como nós, entre as mais encantadoras produções de além-túmulo. Possa ela despertar a simpatia de todos os Espíritas para seus irmãos sofredores! Todas as comunicações de *Carita* estão cheias da mesma marca de bondade e de simplicidade. Evocada na Sociedade de Paris, diz ter sido Santa Irene, imperatriz.

AOS ESPÍRITAS PARISIENSES QUE ENVIARAM 500 FRANCOS

PARA OS POBRES DE LYON, OBRIGADA!

"Obrigada! A vós cujo coração generoso soube compreender nosso apelo, e que veio em ajuda de vossos irmãos infelizes. Obrigada! Porque a vossa oferenda vai cicatrizar muitas feridas, entorpecer muitas dores. Obrigada! Uma vez que soubestes adivinhar que, com esse fruto de ouro que enviastes, se vai poder abrandar momentaneamente a fome, e aquecer muitas lareiras extintas há muito tempo.

"Obrigada! Sobretudo pela delicada atenção que tivestes em disfarçar a vossa boa ação sob o manto do anonimato; mas se escondestes esse generoso pensamento de ser úteis aos vossos semelhantes, como a violeta se esconde sob a folha, há um juiz, um senhor para o qual o vosso coração não tem segredo, e que sabe de onde partiu essa benfazeja roseira que veio refrescar mais de uma frente ardente, e expulsar a miséria tão temida das pobres mães de família. Deus, que tudo vê, conhece o segredo do anonimato, e se encarregará de compensar aqueles que tiveram a inspiração de socorrer as pobres vítimas de circunstâncias independentes de sua vontade. Deus, meus amigos, ama esses incensos de vossos corações que, sabendo compartilhar as dores alheias, sabe também como se pratica a caridade; aprecia, sobretudo, esse devotamento, essa abnegação que recua diante de um agradecimento pomposo e prefere proteger sua modéstia sob simples iniciais; mas deu, a

todas as bênçãos que o vosso socorro vai fazer nascer, o nome de benfeitor, porque, todos o sabeis, esses transportes de alegria, sentidos pelos corações socorridos, sobem até Deus, e como vê que esses eflúvios, partidos do reconhecimento, são o resultado de vossos benefícios, leva para o grande livro do Espírito generoso que as fez nascer, a recompensa que disso lhe aparece.

"Se vos fosse dado ouvir essas doces emoções, essas tímidas marcas de simpatia que deixam escapar esses infelizes à vista de mínima peça de dinheiro, maná celeste caído do céu sobre seu pobre reduto; se vos fosse dado assistir a esses gritos infantis do pobre e pequenino ser que compreende que o pão está assegurado por alguns dias, serieis bem felizes e vos diríeis: A caridade é doce e vale muito que se a pratique. É que, vede, é preciso pouca coisa para mudar as lágrimas em alegria, sobretudo entre o trabalhador que não tem o hábito de ver a felicidade visitá-lo com freqüência; se essa pobre formiga que recolhe, migalha a migalha, o pão do dia, acha em seu caminho um pão inteiro no momento em que desesperava de poder dar à sua família a nutrição cotidiana, então, essa fortuna inesperada lhe parece tão incompreensível que, não encontrando expressão para dizer de sua felicidade, deixa escapar algumas palavras sem seqüência, as quais sucedem as lágrimas de emoção. Socorrei, pois, os pobres, meus amigos, esses operários que não têm por última esperança senão a morte no hospital ou a mendicidade no canto de uma rua. Socorrei-os tantos quanto puderdes, a fim de que, quando Deus vos reunir, e que seguindo a longa avenida que conduz à imensa porta sobre o frontispício da qual estão gravadas estas palavras: *Amor e Caridade*, Deus, reunindo os benfeitores e os agradecidos, dirá a todos: Soubestes dar, fostes felizes em receber; ide, está bem, entrai; que a caridade que vos guiou vos introduza neste mundo radioso que reservo àqueles que tiveram por divisa: "Amemo-nos uns aos outros."

"CARITA."

Nota. - A quem se fará crer que foi o demônio que ditou tais palavras? Em todo o caso, se é o demônio que impele à caridade, não se arrisca sempre nada em fazê-la.

Ensinamentos e Dissertações espíritas

Revista Espírita, fevereiro de 1862

(Bordeaux, Médiun, senhora Cazemajoux.)

A fé.

Eu sou a irmã mais velha da Esperança e da Caridade, chamo-me a Fé.

Sou grande e forte; aquele que me possui não teme nem o ferro e nem o fogo: é a prova de todos os sofrimentos físicos e morais. Irradio sobre vós com um faixo cujos jatos faiscantes se refletem no fundo dos vossos corações, e vos comunica a força e a vida. Diz-se entre vós que ergo as montanhas, e eu vos digo: venho erguer o mundo, porque o Espiritismo é a alavanca que deve me ajudar. Uni-vos, pois, a mim, eu sou a Fé.

Eu sou a Fé! Habito, com a Esperança, a Caridade e o Amor, o mundo dos puros Espíritos; freqüentemente, deixei as regiões etéreas, e vim sobre a Terra para vos regenerar, dando-vos a vida do Espírito; mas, à parte os mártires dos primeiros tempos do Cristianismo, e alguns fervorosos sacrifícios, de longe em longe, ao progresso da ciência, das letras, da indústria e da liberdade, não encontrei, entre os homens, senão indiferença e frieza, e retomei tristemente meu vôo para os céus; vós me criéis em vosso meio, mas vos enganastes, porque a Fé sem as obras é uma aparência de Fé; a verdadeira Fé é a vida e a ação.

Antes da revelação do Espiritismo, a vida era estéril, era uma árvore seca pelos estrondos do raio que não produzia nenhum fruto. Não se me reconhecia pelos meus atos: eu ilumino as inteligências, aqueço e fortaleço os corações; expulso para longe de vós as influências enganadoras e vos conduzo a Deus pela perfeição do espírito e do coração. Vinde vos alinhar sob minha bandeira, sou poderosa e forte: eu sou a Fé.

Eu sou a Fé, e o meu reino começa entre os homens; reino pacífico que vai torná-los felizes para o tempo presente e para a eternidade. A aurora de meu advento entre vós é pura e serena; seu sol será resplandescente, e seu deitar virá docemente embalar a Humanidade nos braços das felicidades eternas. Espiritismo! Derrama sobre os homens o teu batismo regenerador; faço-lhes um apelo supremo: eu sou a Fé.

GEORGES, Bispo de Périgueux.

A Esperança.

Eu me chamo a Esperança; sorrio à vossa entrada na vida; eu vos sigo passo a passo, e não vos deixo senão nos mundos onde se realizam, para vós, as promessas de felicidade

que ouvis, sem cessar, murmurar aos vossos ouvidos. Eu sou vossa fiel amiga; não repilais minhas inspirações: eu sou a Esperança.

Sou eu que canto pela voz do rouxinol e que lança aos ecos das florestas essa notas lamentosas e cadenciadas que vos fazem sonhar com os céus: sou eu quem inspira à andorinha o desejo de aquecer seus amores ao abrigo de vossas moradas; eu brinco na brisa leve que acaricia os vossos cabelos; eu derramo aos vossos pés os perfumes suaves das flores de vossos canteiros, e é com dificuldade que dais um pensamento a esta amiga que vos é tão devotada! Não a repilais: é a Esperança.

Eu tomo todas as formas para me aproximar de vós: eu sou a estrela que brilha no azul, o quente raio de sol que vos vivifica; embalo vossas noites de sonhos ridentes; expulso para longe de vós a negra inquietação e os pensamentos sombrios; guio vossos passos para o caminho da virtude; acompanho-vos em vossas visitas aos pobres, aos aflitos, aos moribundos e vos inspiro as palavras afetuosas que consolam; não me repilais: eu sou a Esperança.

Eu sou a Esperança! sou eu que, no inverno, faço crescer sobre a crosta dos carvalhos os musgos espessos dos quais os pequenos pássaros constróem seu ninho; sou eu que, na primavera, corôo a macieira e a amendoeira de suas flores brancas e rosas, e as derramo sobre a terra como uma juncada celeste que faz aspirar aos mundos felizes; estou sobretudo convosco quando sois pobres e sofredores; minha voz ressoa, sem cessar, em vossos ouvidos; não me repilais: eu sou a Esperança.

Não me repilais, porque o anjo do desespero me faz uma guerra obstinada e se esgota em vão esforços para me substituir junto de vós; não sou sempre a mais forte e, quando ele chega a me afastar, vos envolve com suas asas fúnebres, desvia os vossos pensamentos de Deus e vos conduz ao suicídio; uni-vos a mim para afastar sua funesta influência e deixai-vos embalar docemente em meus braços, porque eu sou a Esperança.

FELICIA. Filha do médium.

A Caridade

Eu sou a Caridade; sim, a verdadeira Caridade; não me pareço em nada com a caridade da qual seguis as práticas. Aquela que usurpou meu nome, entre vós, é fantasiosa, caprichosa, exclusiva, orgulhosa, e venho vos premunir contra os defeitos que delustringam, aos olhos de Deus, o mérito e o brilho de suas boas ações. Sede dóceis às lições que o Espírito de Verdade vos faz dar por minha voz; segui-me, meus fiéis: eu sou a Caridade.

Segui-me; conheço todos os infortúnios, todas as dores, todos os sofrimentos, todas as aflições que assediam a Humanidade. Eu sou a mãe dos órfãos, a filha dos velhos, a protetora e o sustento das viúvas; eu trato das feridas infectas; eu cuido de todas as enfermidades; eu dou as vestes, o pão e um abrigo àqueles que não os têm. Eu subo aos mais miseráveis sótãos, na humilde choupana; bato à porta dos ricos e dos poderosos, porque, por toda a parte onde vive uma criatura humana, há sob a máscara da felicidade amargas e cruciantes dores. Oh! Quanto minha tarefa é grande! Não posso bastar para cumpri-la se não vierdes em minha ajuda; vinde a mim: eu sou a Caridade.

Eu não tenho preferência por ninguém; não digo jamais àqueles que têm necessidade de

mim: 'Tenho meus pobres, dirigi-vos para outra parte". Oh! Falsa caridade, quanto mal fazes! Amigos, nos devemos a todos; crede-me! não recuseis vossa assistência a ninguém; socorrei-vos uns aos outros com bastante desinteresse para não exigir nenhum reconhecimento da parte daqueles que tiverdes socorrido. A paz do coração e da consciência é a doce recompensa de minhas obras: eu sou a verdadeira Caridade.

Ninguém conhece, sobre a Terra, o número e a natureza de meus benefícios; só a falsa caridade fere e humilha aquele que ela alivia. Guardai-vos desse funesto desvio; as ações desse gênero não têm nenhum mérito junto a Deus, e atraem sobre vós sua cólera. Só ele deve saber e conhecer os impulsos generosos de vossos corações, quando vos fazeis os dispensadores de seus benefícios. Guardai-vos, pois, amigos, de dar publicidade à prática da assistência mútua. Não mais lhe deis o nome de esmola; crede em mim: Eu sou a Caridade.

Tenho tantos infortúnios a aliviar que, freqüentemente, tenho os seios e as mãos vazias; venho vos dizer que espero em vós. O Espiritismo tem por divisa: Amor e Caridade, e todos os verdadeiros espíritas virão, no futuro, se ajustar a este sublime preceito pregado pelo Cristo, há dezoito séculos. Segui-me, pois, irmãos, e vos conduzirei no reino de Deus, nosso Pai. Eu sou a Caridade.

ADOLPHE, Bispo de Argélia.

Instruções dadas pelos nossos guias a respeito das três comunicações acima.

Meus caros amigos, devestes crer que era um de nós que vos havia dado esses ensinamentos sobre a fé, a esperança e a caridade, e teríeis razão. Felizes de ver Espíritos superiores vos dar, tão amiúde, conselhos que devem vos guiar em vossos trabalhos espirituais, nós com isso não sentimos menos uma alegria doce e pura quando vimos ajudá-los na tarefa de vosso apostolado espírita.

Podeis, pois, atribuir ao Espírito do Sr. *Georges*, a comunicação da Fé; a da Esperança à *Félicia*: nela encontrareis o estilo poético que tinha durante a sua vida; a da Caridade ao Sr. *Dupuch*, bispo da Argélia, que foi, sobre a Terra, um de seus fervorosos apóstolos.

Temos ainda que vos fazer tratar a caridade de um outro ponto de vista; nós o faremos em alguns dias.

VOSSOS GUIAS.

Esquecimento das injúrias

(Sociedade Espírita de Paris. - Médiun, senhora Costel.)

Minha filha, o esquecimento das injúrias é a perfeição da alma, como perdão das ofensas feitos à vaidade é a perfeição do Espírito. Foi mais fácil a Jesus perdoar os ultrajes de sua Paixão quanto não é fácil, ao último dentre vós, perdoar uma leve zombaria. A grande alma do Salvador, habituada à doçura, não concebia nem a amargura nem a vingança; os

nossos, obtendo o que é pequeno, esquecem o que é grande. Cada dia os homens imploram o perdão de Deus que desce sobre eles como benfazejo orvalho; mas seus corações esquecem essa palavra, sem cessar repetida na prece. Eu vos digo, em verdade, o fel interior corrompe a alma; é a pedra pesada que a fixa ao solo e retém a sua elevação. Quando sois censurados, reentrai em vós mesmos; examinai vosso pecado interior: aquele que o mundo ignora; medi a sua profundidade, e curai vossa vaidade pelo conhecimento de vossa miséria. Se, mais grave, a ofensa alcança o coração, lamentai o infeliz que a comete, como lamentais o ferido cuja ferida aberta deixa correr o sangue: a piedade é devida àquele que aniquila seu ser futuro. Jesus, no jardim das Oliveiras, conheceu a dor humana, mas ignorou sempre as asperezas do orgulho e as mesquinhas da vaidade; encarnou-se para mostrar aos homens o tipo da beleza moral que deveria lhe servir de modelo: dela não vos afasteis nunca. Modelai vossas almas como a cera mole, e fazei com que vossa argila transformada torne-se um mármore imperecível que Deus, o grande escultor, possa assinar.

LÁZARO.

Sobre os instintos

(Sociedade Espírita de Paris. - Médiun, senhora Costel).

Eu te ensinarei o verdadeiro conhecimento do bem e do mal que o Espírito confunde tão freqüentemente. O mal é a revolta dos instintos contra a consciência, esse tato interior e delicado que é o toque moral. Quais são os limites que os separam do bem que costeia por toda a parte? O mal não é complexo: ele é um, e emana do ser primitivo que quer a satisfação do instinto às expensas do dever. O instinto, primitivamente destinado a desenvolver no *homem animal* o cuidado de sua conservação e de seu bem-estar, é a única origem do mal; porque, persistindo mais violento e mais áspero em certas naturezas, impele-os a se apoderar do que desejam ou a concentrar o que possuem. O instinto, que os animais seguem cegamente, e que lhes é a própria virtude, deve ser, sem cessar, combatido pelo homem que quer se elevar e substituir o grosseiro instrumento da necessidade pelas armas finamente cinzeladas da inteligência. Mas, pense, o instinto não é sempre mal, e, freqüentemente, a Humanidade lhe deve sublimes inspirações, por exemplo, na maternidade e em certos atos de devotamento, onde substitui, segura e prontamente, a reflexão.

Minha filha, tua objeção é precisamente a causa do erro, na qual caem os homens prontos a menosprezarem a verdade sempre absoluta em suas conseqüências. Quaisquer que possam ser os bons resultados de uma causa má, os exemplos não devem nunca fazer concluir contra as premissas estabelecidas pela razão. O instinto é mau, porque é puramente humano e a Humanidade não deve pensar que se deve despojar, ela mesma, deixar a carne para se elevar ao Espírito; e se o mal costeia o bem, é porque seu princípio, freqüentemente, tem resultados opostos a si mesmo que o fazem menosprezar pelo homem leviano e levado pela sensação. Nada de verdadeiramente bem pode emanar do instinto: um sublime impulso não é mais o devotamento do que uma inspiração isolada não é o gênio. O verdadeiro progresso da Humanidade é a sua luta e seu triunfo contra a própria essência de seu ser. Jesus foi enviado sobre a Terra para prová-la humanamente. Pôs a descoberto, bela fonte enterrada na areia da ignorância. Não perturbeis a limpidez da divina bebida com os compostos do erro. E, crede-o, os homens que não são bons e devotados senão instintivamente, o são mal; porque sofrem uma cega dominação que pode, de repente, precipitá-los no abismo.

Nota. Apesar de todo o nosso respeito pelo Espírito de Lázaro, que nos tem dado, tão freqüentemente, belas e boas coisas, nos permitimos não ser de sua opinião sobre estas últimas proposições. Pode-se dizer que há duas espécies de instintos: o instinto animal e o instinto moral. O primeiro, como o diz muito bem Lázaro, é orgânico; é dado aos seres vivos para a sua conservação e a de sua prole; é cego, e quase inconsciente, porque a Providência quis dar um contrapeso à sua indiferença e à sua negligência. Não ocorre o mesmo com o instinto moral que é o privilégio do homem; pode-se defini-lo assim: *Propensão inata para fazer o bem ou o mal*; ora, essa propensão prende-se ao estado de adiantamento, maior ou menor, do Espírito. O homem cujo Espírito já está depurado, faz o bem sem premeditação e como uma coisa muito natural, e é por isso que se admira sendo louvado. Não é, pois, justo dizer que "os homens que não são bons e devotados senão instintivamente, o são mal, e sofrem uma cega dominação que pode, de repente, precipitá-los no abismo". Aqueles que são bons e devotados instintivamente denotam um progresso realizado; aqueles que o são com intenção, o progresso está em vias de se cumprir, é porque há trabalho, luta, entre dois sentimentos; no primeiro a dificuldade está vencida; no segundo, é preciso vencê-la; o primeiro é como o homem que sabe ler e lê sem dificuldade, e quase sem disso desconfiar; o segundo é como aquele que soletra. Um, por ter chegado mais cedo, tem, pois, menos mérito do que o outro?

Meditações filosóficas e religiosas, pelo Espírito de Lamennais

Revista Espírita, fevereiro de 1862

(Sociedade Espírita de Paris, méd. Sr. A. Didier.)

A Cruz.

No meio das revoluções humanas, no meio de todas as perturbações, de todos os desencadeamentos do pensamento, se eleva uma cruz, alta e simples, e essa cruz está fixada sobre um altar de pedra. Um jovem, esculpido na pedra, tendo em suas duas pequenas mãos uma bandeirola sobre a qual se lê esta palavra: *Simplicitas*. Filantropos, filósofos, deístas, poetas, vinde ler e contemplar essa palavra: é todo o Evangelho, toda a explicação do Cristianismo. Filantropos, não inventeis a filantropia: não há senão a caridade; filósofos, não inventeis uma sabedoria, delas não há senão uma; deístas, não inventeis um Deus, dele não há senão um; poetas, não perturbeis o coração do homem. Filantropos, quereis quebrar as cadeias materiais que retêm a Humanidade cativa; filósofos, levantais panteons; poetas, idealizais o fanatismo: para trás! Sois deste mundo, e o Cristo disse: "Meu reino não é deste mundo". Oh! Sois muito deste mundo de lama para compreender estas sublimes palavras; e se algum juiz bastante poderoso pudesse vos dizer: "Sois os filhos de Deus?" Vossa vontade morreria no fundo de vossa garganta, e não poderíeis responder como o Cristo em face da Humanidade: "Vós o dissestes." - Sois todos deuses, disse o Cristo, quando a língua de fogo desce sobre as vossas cabeças e penetra o vosso coração; sois todos deuses quando percorreis a Terra em nome da caridade; mas sois os filhos do mundo quando contemplais as penas presentes da Humanidade, e não pensais em seu futuro divino. Homem! Que seja teu coração que leia esse nome e não os teus olhos de carne; Cristo não erigiu panteon; ele elevou uma cruz.

Bem-aventurados os pobres de espírito.

As diferentes ações meritórias do Espírito depois da morte são, sobretudo, as do coração, mais do que as da inteligência. Bem-aventurados os pobres de espírito não quer dizer unicamente bem-aventurados os imbecis, mas bem-aventurados aqueles que, cheios dos dons da inteligência, deles não fazem uso para o mal, porque é uma arma muito poderosa para arrebatam as massas. Entretanto, como dizia Gérard de Nerval, recentemente (1-(1) Alusão a uma comunicação de Gérard de Nerval.), a inteligência desconhecida sobre a Terra será um grande mérito diante de Deus. Com efeito, o homem poderoso em inteligência, e lutando contra todas as circunstâncias infelizes que vêm assaltá-lo, deve se regozijar destas palavras: "Os primeiros serão os últimos, e os últimos serão os primeiros"; o que não deve se entender na ordem unicamente material, mas também para as manifestações do Espírito e das obras da inteligência humana. As qualidades do coração são meritórias, porque as circunstâncias que podem impedi-las são bem pequenas, bem raras, bem fúteis. A caridade

deve brilhar por toda a parte, apesar de tudo, para todos, como o Sol está para todo o mundo. O homem pode impedir a inteligência de seu próximo de se manifestar, mas nada pode sobre o coração. As lutas contra a adversidade, as angústias da dor, podem paralisar os impulsos do gênio, mas não podem parar os da caridade.

A Escravidão.

A escravidão! Quando se pronuncia este nome, o coração tem frio, porque vê, diante de si, o egoísmo e o orgulho. Um padre, quando vos fala de escravidão entende essa escravidão da alma que rebaixa o Espírito do homem e o faz esquecer a sua consciência, quer dizer, a sua liberdade. Oh! Sim, essa escravidão da alma é horrível e excita cada dia a eloqüência de mais de um pregador; mas a escravidão do ilota, a escravidão do negro, que se torna aos seus olhos? Diante desta pergunta o padre mostra a cruz e diz: "Esperai." Com efeito, para os infelizes é a consolação a lhe oferecer e ela lhes diz: "Quando vosso corpo for despedaçado sob o chicote, e que morrerdes labutando, não sonheis mais com a Terra; sonhai com o céu."

Aqui tocamos em uma dessas questões sérias e terríveis que transtornam a alma humana e a lançam na incerteza. O negro está à altura dos povos da Europa, e a prudência humana, ou antes, a justiça humana deve lhe mostrara antecipação como o meio mais seguro de alcançar o progresso da civilização? Os filantropos, nessa questão, mostram o Evangelho e dizem: Jesus falou de escravos? Não; mas Jesus falou da resignação e disse esta palavra sublime: "Meu reino não é deste mundo." John Brown, quando contemplo vosso cadáver no patíbulo, sinto-me tomado de uma piedade profunda e de uma admiração entusiasta; mas a razão, esta brutal razão que nos reconduz, sem cessar, ao por quê, nos faz dizer em nós mesmo: "Que teríeis feito depois da vitória?".

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quinto Ano – 1862

Março

- [Aos nossos Correspondentes](#)
- [Os Espíritos e o brasão](#)
- Conversas familiares de além-túmulo.
 - [Sr. Jobard](#)
- [Carrère: constatação de um fato de identidade](#)
- Ensinamentos e Dissertações espíritas.
 - [A Reencarnação \(La Haye\)](#)
 - [O Realismo e o Idealismo em pintura](#)
 - [Os obreiros do Senhor](#)
 - [Instrução moral. – Lacordaire](#)
 - [A Vinha do Senhor](#)
 - [A Caridade para com os criminosos](#)

Aos nossos Correspondentes

Revista Espírita, março de 1862

Paris, 1º de março de 1862.

Senhores,

Conheceis o provérbio: Ao impossível ninguém está obrigado; é o benefício deste princípio que venho reclamar junto a vós. Há seis meses, com a melhor vontade do mundo, me foi materialmente impossível pôr em dia a minha correspondência, que se acumulou além de todas as previsões. Estou, pois, na posição de um devedor que pede conciliação com seus credores, sob pena de se declarar falido. À medida que algumas dívidas são pagas, novas obrigações chegam mais numerosas, se bem que o atraso cresça sem cessar em lugar de decrescer, e me encontro, neste momento, em presença de um passivo de mais de duzentas cartas; ora, a média sendo em torno de dez por dia, não verei nenhum meio de me liberar se não obtiver, de vossa parte, um adiamento ilimitado.

Longe de mim lamentar-me do número de cartas que recebo, porque é uma prova irrecusável da extensão da Doutrina, e a maioria exprime sentimentos dos quais não posso senão estar profundamente tocado, e que constituem, para mim, arquivos de um preço inestimável. Muitas, aliás, encerram úteis informações que não estão jamais perdidas, e que, cedo ou tarde, serão utilizadas, segundo as circunstâncias, porque são imediatamente classificadas segundo a sua especialidade.

Só a correspondência bastaria, pois, além disso, para absorver todos os meus instantes, e, no entanto, constitui apenas a quarta parte das ocupações necessitadas pela tarefa que empreendi, tarefa da qual estava longe de prever o desenvolvimento no início de minha carreira espírita. Também várias publicações muito importantes se encontram paradas por falta do tempo necessário para nelas trabalhar, e venho de receber, de meus guias espirituais, o convite *premente* para deles me ocupar sem demora, *imediatamente* para as causas urgentes. Forçoso me é, pois, a menos de falir no cumprimento da obra tão felizmente começada, operar uma espécie de liquidação epistolar para o passado, e de me limitar, para o futuro, às respostas estritamente necessárias, pedindo coletivamente, aos meus honrados correspondentes, aceitem a expressão de minha viva e sincera gratidão pelos testemunhos de simpatia que consentiram em me dar.

Entre as cartas que me são endereçadas, muitas contêm pedidos de evocações, ou controles de evocações feitas em outro lugar; freqüentemente, pede-se, também, informações sobre a aptidão à mediunidade, ou sobre coisas de interesses materiais. Lembrarei aqui o que disse, em outra parte, sobre a dificuldade, e mesmo os inconvenientes dessas espécies de evocação feitas na ausência das pessoas interessadas, ao que é preciso acrescentar que os Espíritos se comunicam mais facilmente, e com mais bom grado, àqueles que se afeiçoam do que aos estranhos que lhes são indiferentes. É porque, à parte toda consideração relativa às minhas ocupações, não posso aceder aos pedidos dessa natureza senão em circunstâncias muito excepcionais, e, em todos os casos, jamais para aquilo que concerne aos interesses materiais. Freqüentemente, poupar-se-ia o trabalho de uma multidão de pedidos se se tivesse lido, atentamente, as instruções contidas em *O Livro dos Médiuns*, cap. 26.

Por outro lado, as evocações pessoais não podem ser feitas nas sessões da Sociedade senão quando oferecem um objeto de estudo instrutivo, e de um interesse geral; fora disso, para satisfazer a todos os pedidos, uma sessão de duas horas por dia não bastaria. Além disso, é preciso considerar que todos os médiuns, sem exceção, que nos dão o seu concurso, o fazem por *pura cortesia*, não as admitindo em outras condições, e, como têm os seus próprios assuntos, não estão sempre disponíveis, qualquer que seja sua boa vontade. Concebo todo o interesse que cada um liga às questões que lhe concernem, e estaria feliz em poder respondê-las; mas, se se considera que minha posição me coloca em relação com milhares de pessoas, compreender-se-á a impossibilidade, que estou, de fazê-lo. E preciso imaginar que certas evocações não exigem menos de cinco a seis horas de trabalho, tanto para fazê-las quanto para transcrevê-las e passá-las a limpo, e que todas as que me foram pedidas encheriam dois volumes como o dos *Espíritos*. De resto, os médiuns se multiplicam cada dia e é muito raro não encontrá-los em sua família ou entre seus conhecidos, se não se é em si mesmo, o que é sempre preferível para as coisas íntimas; não se trata senão de tentar, em boas condições, das quais a primeira é de se bem compenetrar, antes de qualquer tentativa, das instruções sobre a prática do Espiritismo, querendo-se poupar as decepções.

À medida que a Doutrina cresce, as minhas relações se multiplicam, e os deveres de minha posição aumentam, o que me obriga a negligenciar um pouco os detalhes para os interesses gerais, porque o tempo e as forças do homem têm limites, e confesso que os meus, há algum tempo, me fazem, amiúde, falta, não podendo tomar um repouso que me seria, algumas vezes, tanto mais necessário porque sou só para ocupar-me de tudo.

Aceitai, eu vos peço, Senhores, a nova certeza de meu afetuoso devotamento.

ALLAN KARDEC.

Os Espíritos e o brasão

Revista Espírita, março de 1862

Entre os argumentos que certas pessoas opõem à doutrina da reencarnação, há uma que devemos examinar, porque ao primeiro aspecto, parece bastante especioso. Diz que ela tenderia a romper os laços de família, multiplicando-os; tal que concentrasse suas afeições sobre seu pai deveria partilhá-las entre tantos outros pais que tivera nas encarnações; como então, uma vez no mundo dos Espíritos, se reconheceria no meio dessa progenitura? Por outro lado, em que se tornaria a filiação dos ancestrais, se aquele que crê descender em linha direta de Hugues Capet ou de Godefroy de Bouillon viveu várias vezes? Se, depois de ter sido grande senhor, pode tornar-se plebeu? Eis, pois, toda um linhagem transtornada!

A isso responderemos primeiro que, de duas coisas uma, ou isto é ou isto não é; se isto é, todas as recriminações pessoais não impedirão que isto seja, porque Deus, para regular a ordem das coisas, não pede conselhos para tal ou tal, de outro modo cada um gostaria que o mundo fosse governado à sua maneira. Quanto à multiplicidade dos laços de família, diremos que certos pais não têm senão um filho, ao passo que outros têm doze ou mais deles; Pensou-se em acusar Deus por obrigá-los a dividir a sua afeição em várias partes? E esses filhos que, a seu turno, têm filhos, tudo isso não forma uma família numerosa, cujo avô ou bisavô se glorifica em lugar de lamentá-los? Vós, que fazeis remontar a vossa genealogia a cinco ou seis séculos, não deveríeis, uma vez no mundo dos Espíritos, partilhar vossa afeição entre todos os vossos ascendentes? Se vos atribuíis uma dezena de avós, pois bem!, vós os teríeis o dobro ou o triplo, eis tudo. Tendes, pois, de vossos sentimentos afetuosos uma pobre idéia, uma vez que temeis que não possam bastar para amar várias pessoas! Mas, tranquilizai-vos; vou provar-vos que, com a reencarnação, a vossa afeição será menos dividida do que se ela não existisse. Com efeito, suponhamos que em vossa genealogia contaís com cinqüenta avós, tanto ascendentes diretos quanto colaterais, o que é pouco se a fizerdes remontar às cruzadas; pela reencarnação, pode ser que alguns, dentre eles, tenham vindo várias vezes, e que, assim, em lugar de cinqüenta Espíritos que contaís sobre a Terra, deles não encontraríeis senão a metade no outro mundo.

Passemos à questão de filiação. Com o vosso sistema chegais a um resultado contrário àquele que esperais. Se não há preexistência, anterioridade da alma, a alma não viveu ainda; portanto, a vossa foi CRIADA ao mesmo tempo que o vosso corpo; nesse estado de coisa, ela não tem *nenhuma* relação com *nenhum* de vossos ancestrais. Suponhamos que descendeis em linha direta de Charlemagne, que há de comum entre vós e ele? Que vos transmitiu intelectual e moralmente? Nada, absolutamente nada. Pelo que vos ligais a ele? Por uma série de corpos que estão todos apodrecidos, destruídos e dispersos; certamente, eis que nisso não tendes do que estar muito orgulhosos. Com a preexistência da alma, ao contrário, podeis ter tido, com vossos ancestrais, relações reais e sérias, e mais lisonjeadoras para o amor-próprio. Portanto, sem a reencarnação, não há senão uma parentela corpórea pela transmissão de moléculas orgânicas, da mesma natureza da dos cavalos puro sangue. Com a reencarnação, há uma parentela espiritual; qual das duas é a que vale mais?

Objetareis, sem dúvida, que com a reencarnação um Espírito estranho pode se introduzir em vossa linhagem, e que, em lugar de contar com gentis homens nela, pode encontrar um sapateiro remendão. E perfeitamente verdadeiro; mas nisso nada posso. São Pedro não era senão um pobre pescador; não seria bastante boa casa para que se tivesse que corar de tê-

lo em sua família?

E depois, entre esses ancestrais de nomes retumbantes, todos tiveram uma conduta bem edificante, única coisa, na nossa opinião, da qual se poderia, até um certo ponto, estar honrado, embora seu mérito não fosse nada do nosso? Que se sonde a vida particular desses paladinos, esses altos barões que roubavam os transeuntes sem escrúpulo e que, em nossos dias, seriam citados em tribunais criminais pelos seus altos feitos; de certos senhores para quem a vida de um vilão não valia a de uma peça de caça, uma vez que faziam tomar um homem por um coelho. Tudo isso era pecadilho, e não deslustrava um brasão; mas casar com pessoa de sangue inferior, introduzir um sangue plebeu na família, era um crime imperdoável! Pois bem! por mais que se faça, quando soa a hora da partida, ela soa para o grande como para o pequeno, com isso não é preciso menos deixar sobre a Terra suas roupas bordadas e os pergaminhos não servem para nada diante do juiz supremo que pronuncia esta sentença terrível: *Quem se eleva será rebaixado!* Se bastasse descender de algum grande nome para ter seu lugar marcado antes no céu, seria o comprado com pouca coisa, uma vez que isso seria com o mérito de outrém. A reencarnação dá uma nobreza mais meritória, a única que seja aceita por Deus, é a de ter animado *por si mesmo* uma série de homens de bem. Feliz aquele que puder depositar, aos pés do Eterno, o tributo dos serviços que tiver prestado à Humanidade em cada uma de suas existências; porque a soma desses méritos será proporcional ao número de suas existências; mas àquele que não poderá senão se prevalecer da ilustração de seus avós, Deus dirá: Por que não vos ilustrastes por vós mesmos?

Um outro sistema poderia, em aparência, conciliar as exigências do amor-próprio com o princípio da não-reencarnação: é aquele pelo qual o pai não transmite ao filho só o corpo, mas também uma porção de sua alma; de tal sorte que, se descendeis de Charlemagne, vossa alma poderia ter sua estirpe na sua. Muito bem; mas, vejamos a que conseqüências chegaremos. A alma de Charlemagne, em virtude desse sistema, teria sua estirpe na de seu pai, e assim de pai em pai, até Adão. Se a alma de Adão é o tronco de todas as do gênero humano, cada uma transmite, ao seu sucessor, uma porção de si mesma, as almas atuais seriam o produto de um fracionamento que ultrapassaria todas as subdivisões homeopáticas. Disso resultaria que a alma do pai comum deveria ser mais completa, mais inteira do que a de seus descendentes; disso resultaria ainda que Deus não teria criado senão uma única alma, subdividindo-se ao infinito, e que assim cada um de nós não seria uma criatura direta de Deus. Esse sistema deixaria, aliás, um imenso problema a resolver: o das aptidões especiais. Se o pai transmitisse ao seu filho os princípios de sua alma, transmitir-lhe-ia, necessariamente, suas virtudes e seus vícios, seus talentos e suas inépcias, como lhe transmitiria certas enfermidades congênitas. Como, então, explicar por que homens virtuosos, ou de gênio, têm filhos maus indivíduos ou cretinos, e *vice-versa*? Por que uma linhagem estaria misturada de bons e de maus? Dizei, ao contrário, que cada alma é individual, e tem sua existência própria e independente, que progride, em virtude de seu livre arbítrio, por uma série de existências corpóreas em cada uma das quais adquire alguma coisa de bom e deixa alguma coisa de mal, até que tenha atingido a perfeição, e tudo se explica, tudo concorda com a razão, com a justiça de Deus, mesmo em proveito do amor-próprio.

O Sr. Salgues (de Angers), de quem falamos em nosso último número, não é partidário da reencarnação. Desde o aparecimento de *O Livro dos Espíritos*, nos escreveu uma longa carta na qual combatia essa doutrina com argumentos baseados sobre a sua incompatibilidade com os laços de família. Nessa carta, datada de 18 de setembro de 1857, dá-nos sua genealogia remontando, sem interrupção, aos Carlovingiens, e nos pergunta o que se torna essa gloriosa filiação com a mistura dos Espíritos pela reencarnação. Dela extraímos a passagem seguinte:

"Mas de que serviriam, pois, os quadros genealógicos? Tenho o meu, *completo, regular*, de uma parte, desde os ancestrais de Charlemagne, e, de outra, desde a filha do emir Muza, um dos descendentes abassidas de Maomé, décima geração, pelo seu casamento com Garcia, príncipe de Navarra, pai, com ela, de Garcia Ximenes, rei de Navarra, e enfim essa genealogia continuou, por meio de alianças, por soberanos de quase todas as cortes da Europa, até a época de Alfonso VI, rei de Castela, depois nas casas de Comminges, de Lascaris Vintimille, de Montmorency, de Turenne e, enfim, dos condes e senhores Falhasse de Salgues, em Languedoc; o que pode ser verificado em *A arte de verificar as datas*, os Beneditinos de Saint-Maur, no *Dicionário da nobreza de França*, em o *Armorial*, no padre Anselme, Noreri, etc. Mas, se não temos de nossos pais de outro modo senão pela matéria carnal que recebeu nosso Espírito, não há, por toda parte, lacunas, notáveis soluções de continuidade? É um caminho traçado sobre a areia que se perde em cem lugares. Que nos seja, pois, permitido crer que, se o Espírito não se transmite, a alma está para o homem o que o aroma está para a flor. Ora, Swedenborg não disse, nos Arcanos, que não há nada perdido na Natureza? E que o aroma das flores reproduz novas flores em outras regiões que não a de onde saiu? É, pois, pela alma, que não é o Espírito, que existiria uma cadeia talvez semi-espiritual de gerações. Se meu Espírito pudesse saltar oito ou dez gerações, de vez em quando, onde reconheceria meus antepassados?"

O Sr. Salgues, como se vê, prende-se a não proceder senão do corpo; mas como conciliar as relações de Espírito a Espírito com a não preexistência da alma? Se houvesse entre eles, na filiação, relações necessárias, como o descendente de tantos soberanos seria hoje um simples proprietário anjuvino? Não é, aos olhos do mundo, uma retrogradação? Não colocamos em dúvida a autenticidade da sua genealogia, e o felicitamos por isso, uma vez que isso lhe dá prazer, mas não lhe diremos menos que o estimamos mais por suas virtudes pessoais do que por aquelas de seus antepassados.

A autoridade de Swedenborg é aqui muito contestável quando atribui, ao aroma das flores, sua reprodução; esse azeite essencial, volátil que dá o aroma, jamais teve a faculdade reprodutora, que reside só no pólen. Falta exatidão, pois, à comparação; porque se a alma não faz senão influenciar, pelo seu perfume, sobre a alma que lhe sucede, não a criou; no entanto, deveria transmitir-lhe suas próprias qualidades, e, nessa hipótese, não veríamos porque o descendente de Charlemagne não teria enchido o mundo do brilho de suas ações, ao passo que Napoléon não se apoiaria senão sobre uma alma vulgar. Que se diga que Napoléon descende de Charlemagne, ou melhor ainda, foi Charlemagne, que veio no século XIX continuar a obra começada no século XVIII, será o compreendido; mas, com o princípio de unicidade de existência, nada liga Charlemagne aos seus descendentes, se isso não é o aroma transmitido de pais em pais sobre as almas *não criadas*; e, então, como explicar porque, entre seus descendentes houve tantos homens sem valor e indignos, e por que Napoléon é um gênio maior que seus antepassados obscuros? O que quer que se faça, sem a reencarnação, choca-se a cada passo contra dificuldades insolúveis que só a preexistência da alma resolve de maneira ao mesmo tempo simples, lógica e completa, uma vez que dá razão a tudo.

Uma outra questão. É um fato conhecido, que as famílias se abastardam e degeneram quando as alianças não saem da linha direta; ocorre o mesmo com as raças humanas, tanto quanto com as raças animais. Por que, pois, a necessidade dos cruzamentos? Em que se torna então a unidade de estirpe? Não tem aí mistura de Espíritos, intrusão de Espíritos estranhos à família? Um dia trataremos dessa grave questão com todos os desenvolvimentos que ela comporta.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, março de 1862

Sr. Jobard.

Depois de sua morte, o Sr. Jobard se comunicou várias vezes na Sociedade, nas sessões às quais ele diz assistir quase sempre; antes de publicar-lhe a relação, preferimos esperar ter uma série de manifestações, formando um conjunto, que permita julgá-las melhor. Não tínhamos a intenção de evocá-lo na sessão de 8 de novembro, quando previu, nosso desejo comunicando-se espontaneamente. (Ver a notícia necrológica publicada na *Revista Espírita* do mês de dezembro de 1861.)

(Sociedade Espírita de Paris, 8 de novembro de 1861. - Médiun, Senhora Costel.)

Ditado espontâneo.

Eis-me, eu que iríeis evocar e que quero me manifestar primeiro por este médium que verdadeiramente solicitei até aqui.

Quero de início vos contar minhas impressões no momento da separação de minha alma: senti um abalo inaudito, lembrei-me, de repente, de meu nascimento, de minha juventude, de minha idade madura; toda a minha vida se retratou nitidamente na minha lembrança. Não sentia senão um impiedoso desejo de me encontrar nas regiões reveladas pela nossa querida crença; depois, todo esse tumulto se abrandou. Estava livre e meu corpo jazia inerte. Ah! meus caros amigos, que embriaguez despojar-me do peso do corpo! Que embriaguez abraçar o espaço! Não creiais, todavia, que me tornei de repente um eleito do Senhor; não; estou entre os Espíritos que, estando um pouco retido, devem ainda muito aprender. Não tardei a me lembrar de vós, meus *irmãos em exílio*, asseguro-vos, toda a minha simpatia, todos os meus votos vos têm envolvido. Tive logo o poder de me comunicar, e o teria feito com este médium, que tem medo de ser enganado; mas que ele se tranqüillize, nós o amamos.

Quereis saber quais foram os Espíritos que me receberam? Quais foram as minhas impressões? Meus amigos foram todos aqueles que evocamos, todos os irmãos que partilharam nossos trabalhos. Vi o esplendor, mas não posso descrevê-lo. Apliquei-me em discernir o que era verdadeiro nas comunicações, pronto para retificar todas as afirmativas erradas; pronto, enfim, para ser o cavaleiro da verdade no outro mundo, como o fui no vosso. Conversaremos, pois, muito, e isto não é senão um preâmbulo para mostrar ao caro médium meu desejo de ser evocado por ele, e a vós minha boa vontade para responder às perguntas que ireis me dirigir.

JOBARD.

Entrevista.

1. Quando vivo, nos recomendastes para vos chamar quando tivésseis deixado a Terra; fazemo-lo, não só por nos conformar com o vosso desejo, mas sobretudo para vos renovar o testemunho de nossa bem viva e sincera simpatia, e também no interesse de nossa instrução, porque vós, melhor que ninguém, estais em condições de nos dar informações precisas sobre o mundo em que vos encontrais. Estaremos, pois, felizes se consentirdes em responder às nossas perguntas. - *Resp.* A esta hora, o que mais importa, é a vossa instrução. Quanto à vossa simpatia, eu a vejo, e não ouço mais somente a expressão pelos ouvidos, o que constitui um grande progresso.

2. Para fixar nossas idéias, e para não falar no vago, tanto quanto para a instrução das pessoas estranhas à Sociedade, e que estão presentes à sessão, vos perguntaremos primeiro em que lugar vos encontrais aqui, e como vos veríamos se pudséssemos vos ver? - *R.* Estou perto do médium; me veríeis sob a aparência de Jobard, que se sentava à vossa mesa, porque vossos olhos mortais não abertos não podem ver os Espíritos senão sob a aparência mortal.

3. Teríeis a possibilidade de vos tornar visível para nós, e se não o podeis, o que a isso se opõe? - *R.* A disposição que vos é toda pessoal. Um médium vidente me veria: os outros não me vêem.

4. Este lugar é aquele que ocupáveis quando vivo, quando assistíeis às nossas sessões, e que vos reservamos. Aqueles, pois, que nele vos viram, devem se figurar a vós ali tal como estáveis então. Se não estais com o vosso corpo material, ali estais com o vosso corpo fluídico, que tem a mesma forma; se não vos vemos com os olhos do corpo, vemo-vos com os do pensamento; se não podeis vos comunicar com a palavra, podeis fazê-lo pela escrita, com a ajuda de um intérprete; nossas relações convosco não estão, pois, de nenhum modo interrompidas pela vossa morte, e podemos nos entreter convosco tão facilmente e tão completamente quanto outrora. É bem assim que são as coisas? - *R.* Sim, e o sabeis há muito tempo. Este lugar, eu o ocuparei freqüentemente, e mesmo com o vosso desconhecimento, porque o meu Espírito habitará entre vós.

5. Não faz muito tempo que estáveis sentado neste mesmo lugar; as condições nas quais estais ali agora vos parecem estranhas: Que efeito essa mudança produziu em vós? - *R.* Essas condições não me parecem estranhas, porque não sofri perturbação, e meu Espírito desencarnado goza de uma clareza que não deixa na sombra nenhuma das questões que encara.

6. Lembrai-vos de ter estado nesse mesmo estado antes de vossa última existência e encontrais algo mudado? - *R.* Lembro-me de minhas existências anteriores, e acho que melhorei. Vejo, e assimilo o que vejo. Quando de minhas precedentes encarnações, Espírito perturbado, não me apercebia senão das lacunas terrenas.

7. Lembrai-vos de vossa penúltima existência, daquela que precedeu o Sr. Jobard? - *R.* Na minha penúltima existência, eu era um trabalhador mecânico, roído pela miséria e pelo desejo de aperfeiçoar o meu trabalho. Realizei, sendo Jobard, o sonho do pobre operário, e louvo a Deus, cuja bondade infinita fez germinar a planta da qual havia depositado o grão em meu cérebro.

(11 de novembro. Sessão particular. - Médium, senhora Costel.)

8. *Evocação.* Estou aqui, encantado por encontrar a oportunidade desejada de te falar (ao médium) e a vós também.

9. Parece-nos que tendes um fraco por este médium? - R. Não me censureis, porque foi preciso que eu me tornasse Espírito para o testemunhar.

10. Já vos comunicastes em outra parte? - R. Não tenho ainda senão pouco comunicado; em todos os lugares um Espírito tomou o meu nome; algumas vezes estava perto dele, sem poder fazê-lo diretamente; minha morte é tão recente que pertenço ainda a certas influências terrestres. É preciso uma perfeita simpatia para que eu possa exprimir meu pensamento. Em pouco, agiria indistintamente; eu não o posso ainda, repito-o. Quando um homem um pouco conhecido morre, ele é chamado de todos os lados; mil Espíritos se apressam em revestir a sua individualidade; foi o que ocorreu comigo em várias circunstâncias. Eu vos asseguro que logo depois da libertação, poucos Espíritos podem se comunicar, mesmo por um médium preferido.

11. Depois de sexta-feira vossas idéias estão um pouco modificadas? - R. Estou absolutamente nas mesmas de sexta-feira. Estou ainda pouco ocupado com questões puramente intelectuais, no sentido em que a tomais; como o poderia, deslumbrado, arrastado como o sou pelo maravilhoso espetáculo que me cerca? Este laço do Espiritismo, mais poderoso que vós outros, homens, podeis conceber, só pode atrair o meu ser, para essa Terra que abandono, não mais com alegria, isso seria uma impiedade, mas com o profundo reconhecimento da libertação.

12. Vedes os Espíritos que estão aqui convosco? - R. Eu vejo sobretudo *Lázaro e Erasto*, depois, mais distante, *o Espírito de Verdade*, planando no espaço; depois, uma multidão de Espíritos amigos que vos cercam, apressados e benevolentes. Sede felizes, amigos, porque boas influências vos disputam às calamidades do erro.

13. Ainda uma pergunta, eu vos peço. Conheceis a causa da vossa morte? - R. Não me faleis ainda disso.

Nota. A senhora Gostei diz ter recebido uma comunicação em sua casa, pela qual se lhe anunciava que o Sr. Jobard tinha morrido porque queria ultrapassar o objetivo atualmente marcado pelo Espiritismo. Sua partida teria, assim, sido precipitada por esse motivo. O Sr. Jobard pessoalmente, não se explicara a esse respeito. Várias outras comunicações pareciam corroborar a opinião acima; mas o que ressalta de certos fatos é uma espécie de mistério sobre as verdadeiras causas de sua morte precipitada, que, diz-se, será explicada mais tarde.

(Sociedade, 22 de novembro de 1861.)

14. Quando vivo, partilháveis a opinião que foi emitida sobre a formação da Terra pela incrustação de quatro planetas que teriam sido soldados juntos. Estais sempre nessa mesma crença? - R. É um erro. As novas descobertas geológicas provam as convulsões da Terra e sua formação sucessiva. A Terra, como os outros planetas, teve a sua vida própria, e Deus não teve necessidade dessa grande desordem, ou dessa agregação de planetas. A água e o fogo são os únicos elementos orgânicos da Terra.

15. Pensáveis, também, que os homens poderiam entrar em catalepsia durante um tempo ilimitado, e que o gênero humano foi trazido desse modo para a Terra? - R. Ilusão de minha

imaginação, que ultrapassava sempre o objetivo. A catalepsia pode ser longa, mas não indeterminada. Tradições, lendas exageradas pela imaginação oriental. Meus amigos, já sofri muito repassando as ilusões com as quais nutri o meu Espírito: nisso não vos enganeis. Muito aprendi, e, posso dizer-lhe, minha inteligência, pronta para se apropriar de seus vastos e diversos estudos, guardara, de minha última encarnação, o amor ao maravilhoso e ao composto haurido nas imaginações populares.

(Bordeaux, 24 de novembro de 1861. - Médiun, senhora Cazamajoux.)

16. *Evocação.* - R. Está, pois, sempre a recomeçar? Pois bem! Que quereis! Eis-me.

17. Viemos estudar a vossa morte; gostaríeis, vós, um dos defensores da nossa Doutrina, de responder a algumas de nossas perguntas? - R. Seja, não sei muito com quem estou, mas os Espíritos me dizem que esse médiun obteve algumas dissertações, inseridas na *Revista* e que me deram prazer; é preciso que eu o faça por minha vez. - Não estou por muito tempo ausente da Terra; em alguns anos aí reviverei para retomar o curso da missão que tinha a cumprir, porque ela foi detida pelo anjo da libertação.

18. Falais de uma missão que tínheis a cumprir sobre a Terra; quereis no-la dar a conhecer? - R. Missão de progresso intelectual e moral em estado de germe. A Doutrina, ou ciência espírita, contém os elementos fecundos que devem desenvolver, fazer crescer e amadurecer as idéias modernas de liberdade, de unidade e fraternidade; é por isso que não é preciso temer em lhe dar o impulso vigoroso que a fará transpor os obstáculos com uma força que nada poderá dominar.

19. Caminhando mais depressa que o tempo, não temos a temer em prejudicar a Doutrina? - R. Transtornaríeis seus adversários; vossa lentidão lhes deixa ganhar terreno. Eu não gosto do passo pesado e lento da tartaruga; eu lhe prefiro o vôo audacioso do rei dos ares.

Nota. - Isto é um erro; os partidários do Espiritismo ganham terreno cada dia, ao passo que seus adversários o perdem. O Sr. Jobard é sempre entusiasta; não compreende que com a prudência chega-se mais seguramente ao objetivo, ao passo que, lançando-se de cabeça abaixada contra o obstáculo, arrisca-se a comprometer a sua causa. A.K.

20. Como explicar, então, os desígnios de Deus em vos separando da Terra de maneira tão súbita, se havia em vós a instrução necessária para a marcha rápida da Humanidade para o progresso moral e intelectual? - R. Oh! uma parte dos Espíritas com minhas idéias, que alavanca! Mas não; o medo os paralisa!

21. Podeis nos informar dos desígnios de Deus vos chamando a ele antes do término de vossa missão? - R. Eu não estou descontente; vejo e aprendo para ser mais forte quando a hora do combate tiver soado. Redobrai de fervor e de zelo para a nobre e santa causa da Humanidade; uma única existência não pode bastar para ver se cumprir a crise que deve transformar a sociedade, e muitos dentre vós que preparais os caminhos, reviverão algum tempo depois para ajudar de novo à obra santa e bendita. Disso já vos disse bastante para esta noite, não é? Mas estou à vossa disposição; retornarei porque sois um bom e fervoroso adepto. Adeus, quero assistir esta noite à sessão de nosso caro mestre Allan Kardec.

22. Não respondestes à minha pergunta sobre os desígnios de Deus chamando-vos antes do término de vossa missão. - R. Somos os instrumentos próprios para ajudar seus desígnios; Ele nos suprime à sua vontade, e nos manda para a cena quando crê útil. Submetamo-nos,

pois, aos seus decretos sem procurar aprofundá-los, porque ninguém tem o direito de rasgar o véu que esconde, aos Espíritos, seus decretos imutáveis. Até breve!

JOBARD.

(Passy, 20 de dezembro de 1861. - Médiun, senhora Dozon.)

23. *Evocação.* - R. Não sei porque me evocais; não vos sou nada, e, desde então, não vos devo nada; também, não vos responderei, sem o Espírito de *Verdade* que me disse que foi Kardec que vos pediu para me fazer vir até vós. Pois bem! Eis-me; que devo vos dizer?

24. O Sr. Allan Kardec, com efeito, nos pediu para vos evocar com o objetivo de ter um controle das diversas comunicações de vós obtidas, comparando-as entre si; é um estudo, e esperamos que consentireis a ele se prestar, no interesse da ciência espírita, nos descrevendo a vossa situação e as vossas impressões desde que deixastes a Terra. - R. Eu não estava inteiramente na verdade durante minha vida terrestre; começo a sabê-lo; minhas idéias, se depurando da perturbação, chegam a um novo conhecimento, e, desde então, revejo os *erros* de minhas crenças. Isto é uma graça da bondade de Deus, mas é um pouco tardia. O Sr. Allan Kardec não tinha, por meu Espírito, uma total simpatia, e isso deveria ser: ele é positivo em sua fé; eu sonhava e procurava algo, freqüentemente, ao lado da realidade. Eu não sabia ao certo o que queria, senão uma vida melhor do que aquela que tinha; o Espiritismo ma mostrou, e o mais esclarecido dos Espíritos me levantou o véu da vida dos Espíritos. Isto foi A VERDADE que inspirou; *O Livro dos Espíritos* me fez uma verdadeira revolução na alma e um bem impossível de dizer; mas houve em meu espírito dúvidas sobre várias coisas que, hoje, mostram-se para mim sob uma outra luz. Eu vos disse no início desta comunicação: o Espírito, libertando-se da perturbação, mostrou-me o que eu não via. O Espírito se afasta; seu desligamento ainda não é total; entretanto, já se comunicou várias vezes; mas, coisa bizarra para vós talvez, é a mudança que se faz, aos olhos dos evocadores, nas comunicações do Espírito Jobard.

Este mesmo médiun obteve, em seguida, a comunicação espontânea seguinte:

Jobard era um espírito pesquisador, querendo subir, sempre subir. As idéias espíritas lhe pareciam um quadro muito estreito. Jobard representava o Espírito de *curiosidade*; queria saber, sempre saber. Essa necessidade, essa sede, impeliu-o às pesquisas que ultrapassavam os limites daquilo que Deus quer que saibais; mas que não se tente arrancar o véu que cobre os mistérios de seu poder! Jobard pôs as mãos sobre a arca, e foi fulminado. Isto é um ensinamento: procurai o Sol, mas não tendes a audácia de fixá-lo, ou vos tomareis cegos. Deus não vos dá bastante enviando-vos os Espíritos? Deixai, pois, à morte o poder que Deus lhe outorgou: o de levantar o véu a quem é digno disso; então podereis olhar Deus, Sol dos céus, sem estar nem cegos nem fulminados pelo poder que vos diz: "Não vades mais longe." Eis o que devo vos dizer.

A VERDADE.

(Sociedade, 3 de janeiro de 1862. - Médiun, senhora Costel.)

Nota. - O Sr. Jobard manifestou-se várias vezes na casa do Sr. e Sra. P..., membros da Sociedade. Uma vez, entre outras, mostrou-se espontaneamente, e sem que se pensasse nele, a uma sonâmbula que o descreveu de maneira muito exata e disse seu nome, embora nunca o tivesse conhecido. Tendo uma conversação se estabelecido entre ele e o Sr. P...,

por intermédio da sonâmbula, lembrou diversas particularidades que não puderam deixar nenhuma dúvida sobre sua identidade. Uma coisa, sobretudo, os tocara, é que, a única vez que tiveram ocasião de vê-lo na Sociedade, tivera, durante quase toda a sessão, os olhos fixados sobre eles, como se procurasse neles pessoas de seu conhecimento; circunstância que havia esquecido, e que o Espírito do Sr. Jobard lembrou-lhe por intermédio da sonâmbula. O Sr. e a Sra. P...; que jamais tiveram relações com ele quando vivo, desejaram conhecer o motivo da simpatia que parecia haver entre eles. Foi a esse respeito que ditou a comunicação seguinte:

Incrédulo! tinhas necessidade dessa confirmação da sonâmbula para crer em minha identidade! Ingrato! tu me esqueceste por muito tempo sob o pretexto de que outros se esquecem soberanamente mais. Mas deixemos as censuras e conversemos: abordemos o assunto pelo qual me evocaste. Posso facilmente explicar porque minha atenção foi excitada pela visão desse casal que me era estranho, mas que uma espécie de instinto, de segunda vista, de presciência me fazia reconhecer. Depois de minha libertação, vi que nos conhecêramos precedentemente, e *retornei* até eles: é a palavra.

Comecei a viver espiritualmente, mais pacífico e menos perturbado pelas evocações através de assuntos que choviam sobre mim. A moda reina mesmo sobre os Espíritos; quando a moda Jobard der lugar a uma outra, e que entrarei no nada do esquecimento humano, pedirei, então, meus amigos sérios e entendo por isso aqueles cuja inteligência não esquece, e pedir-lhes-ei para me evocarem; então conversaremos de questões tratadas muito superficialmente e vosso Jobard, completamente transfigurado, poderá vos ser útil, o que ele deseja de todo o seu coração.

JOBARD.

(Ao médium, senhora Costel.) - Eu retorno; desejas saber porque manifestei uma preferência por ti. Quando eu era mecânico, tu eras poeta, e te conheci no hospital onde morreste, senhora!

JOBARD.

(Montreal (Canadá), 19 de dezembro de 1861.)

O Sr. Henri Lacroix nos escreveu de Montreal que dirigira três cartas ao Sr. Jobard, mas este não recebeu senão duas, a terceira tendo chegado muito tarde; não respondeu senão à primeira. O Sr. Lacroix, tendo sabido de sua morte pelos jornais, teve comunicações de vários Espíritos assinadas Voltaire, Volney, Franklin, e atestando que a notícia era falsa, e que o Sr. Jobard se achava muito bem. A *Revista Espírita* veio levantar suas dúvidas confirmando o acontecimento. Foi então que o Espírito do Sr. Jobard, tendo sido evocado, deu-lhe a comunicação adiante, da qual o Sr. Lacroix nos pede consentir em controlar a exatidão.

Meu caro mestre, estou morto, dizeis; eu não estou morto, uma vez que vos falo. Aqueles que tomaram a si vos dizer que eu não tinha morrido talvez quiseram vos pregar uma peça. Eu não os conheço ainda, mas os conhecerei e saberei o motivo que os fez assim agir. Escrevei ao Sr. Kardec e vos responderei. Não poderia, penso, vos responder pela mesa, mas em todos os casos, farei o melhor. As duas cartas que recebi de vós *contribuíram fortemente para causar a minha morte*; mais tarde sabereis como.

O Sr. Jobard, evocado a esse respeito, a 10 de janeiro, na Sociedade de Paris, respondeu que se reconhecia o autor dessa comunicação; mas que o pretendido retrato traçado em continuação não era nem *ele* nem *dele*, o que acreditamos sem dificuldades, porque não lhe parece de nenhum modo.

Perg. Como as duas cartas que recebestes puderam contribuir para a vossa morte? - R. Eu não posso e não quero dizer aqui senão uma coisa, é que a leitura dessas duas cartas, depois de minha refeição, determinou a congestão que me levou, ou libertou, se preferis.

Nota. - Enquanto o médium escrevia essa resposta, e antes que ela fosse lida, um outro médium recebeu a resposta seguinte de seu guia particular:

"Explicação difícil, que não vos dará em detalhe; é uma dessas coisas que Jobard não pode dizer aqui."

Perg. - O Sr. Lacroix deseja saber por qual razão diversos Espíritos vieram espontaneamente desmentir a notícia de sua morte? - R. Se tivesse prestado mais atenção, teria facilmente reconhecido a fraude. Quantas vezes será preciso repetir que é necessário, quase absolutamente, desconfiar das comunicações espontâneas dadas a propósito de um fato, afirmando de propósito deliberado! Os Espíritos não enganam senão aqueles que se deixam enganar.

Nota. - Durante esta resposta, um outro médium escreveu o que segue:

"Espíritos que gostam de tagarelar sem se importar com a verdade. Ocorre com certos Espíritos como com homens: contam novidades, as afirmam-nas ou as desmentem com a mesma facilidade."

É evidente que os nomes que assinaram o desmentido dado à morte do Sr. Jobard são apócrifos. Bastaria, para reconhecê-lo, considerar que Espíritos como Franklin, Volney e Voltaire têm coisas mais sérias para se ocuparem, e que semelhantes detalhes são incompatíveis com o seu caráter; só isso deveria inspirar dúvidas sobre sua identidade, e, por conseguinte, sobre a verdade das comunicações. Não saberíamos mais repeti-lo: só um estudo prévio, completo e atento da ciência espírita pode dar os meios de frustrar as mistificações dos Espíritos enganadores dos quais são alvo todos os novatos faltando a experiência necessária.

Perg. Não respondestes senão à primeira carta do Sr. Lacroix; ele deseja uma resposta às duas últimas, e sobretudo a terceira que tinha, dizia, uma marca particular que não poderia ser compreendida senão por vós. - R. Ter-la-á mais tarde; para o momento não o posso. Seria inútil provocá-la, de outro modo poderia estar certo de que não seria eu que responderia.

(Sociedade Espírita de Paris, 21 de fevereiro de 1862. - Médium, senhorita Stéphanie.)

Quando da subscrição aberta pela Sociedade em proveito dos operários de Lyon, um membro deu 50 fr., dos quais 25 por sua própria conta, e 25 em nome do Sr. Jobard. Este último deu, a esse respeito, a comunicação seguinte:

'Vou responder, ainda uma vez, meu caro Kardec; estou lisonjeado e reconhecido por não ter sido esquecido pelos meus irmãos espíritas. Obrigado ao coração generoso que vos levou a oferenda que vos teria dado se ainda habitasse o vosso mundo. Naquele que habito agora, não se tem necessidade de dinheiro; não me teria sido preciso, pois, buscar na bolsa da amizade para dar provas materiais de que estava tocado pelo infortúnio de meus irmãos de Lyon. Corajosos trabalhadores que ardentemente cultivais a vinha do Senhor, quanto deveis crer que a caridade não é uma palavra vã, uma vez que pequenos e grandes vos mostraram simpatia e fraternidade. Estais no grande caminho humanitário do progresso; possa Deus aí vos manter, e possais ser mais felizes; os Espíritos amigos vos sustentarão e triunfareis!

JOBARD.

SUBSCRIÇÃO PARA O FIM DE LEVANTAR UM MONUMENTO À MEMÓRIA DO SR. JOBARD.

Tendo os jornais anunciado uma subscrição para levantar um monumento ao Sr. Jobard, o Sr. Allan Kardec disse deu parte à Sociedade, na sessão de 31 de janeiro último, acrescentando que se propunha a falar disso na *Revista*, mas que acreditou dever adiar o anúncio dessa subscrição, tendo em vista que teria poucas chances favoráveis sendo posta à consideração dos operários e que não deixaria de fazer a reflexão de que vale mais dar pão aos vivos do que pedras aos mortos.

O Sr. Jobard, interrogado sobre o que pensava disso, respondeu: "Certamente; mas refleti: quereis saber se amo as estátuas; dai, primeiro, o vosso dinheiro aos infelizes, e se, por acaso, nas costuras de vosso bolso ficaram algumas peças de 5 f r., fazei erigir uma estátua, isso fará um artista sempre vivo."

Em consequência, a Sociedade receberá os donativos que lhe forem feitos com essa intenção, e fará a entrega ao escritório do jornal *a Propriedade Industrial*, rua Bergére, 21, onde a subscrição está aberta.

Carrère: constatação de um fato de identidade

Revista Espírita, março de 1862

A identidade dos Espíritos que se manifestam, como se sabe, é uma das dificuldades do Espiritismo, e os meios que se empregam para verificá-la conduzem, freqüentemente, a resultados negativos; as melhores provas, a esse respeito, são as que nascem da espontaneidade das comunicações. Embora essas provas não sejam raras, quando estão bem caracterizadas, é bom constatá-las, primeiro para sua própria satisfação e como objeto de estudo, e, além disso, para responder àqueles que lhe negam a possibilidade, possivelmente porque, tomando-as, não tiveram sucesso, ou bem porque há neles um sistema preconcebido. Repetiremos o que dissemos em outra parte, que a identidade dos Espíritos que viveram numa época recuada e que vêm dar ensinamentos, é quase impossível de se estabelecer, e que não é preciso ligar, aos nomes, senão uma importância relativa; o que eles dizem é bom ou mau, racional ou ilógico, digno ou indigno do nome assinado? Aí está toda a questão. Não ocorre o mesmo com os Espíritos contemporâneos, cujo caráter e cujos hábitos nos são conhecidos, e que podem provar sua identidade pelas particularidades do detalhe, particularidades que se obtêm raramente quando são pedidas, e que é preciso saber esperar. Tal é o fato relatado na carta seguinte:

Bordeaux, 25 de janeiro de 1862.

Meu caro senhor Kardec,

"Sabeis que temos o hábito de vos submeter todos os nossos trabalhos, nos reportando inteiramente às vossas luzes e à vossa experiência para apreciá-los; também quando, para nós os fatos são marcantes de identidade, nós nos limitamos a vos fazer conhecê-los em todos os seus detalhes.

"O Sr. Guipon, controlador da contabilidade na Companhia das estradas de ferro do Sul, membro do grupo diretor da Sociedade Espírita de Bordeaux, me escreveu, em data de 14 deste mês, a carta seguinte:

"Meu caro senhor Sabô, permiti-me dirigir-vos o pedido de fazer, em sessão, a evocação do Espírito de Carrère, subchefe da equipe da estação de Bordeaux, morto comandando uma manobra em 18 de dezembro último. Junto a este, em envelope, o detalhe dos fatos que desejo fazer constatar e que seriam, para nós, um assunto sério de estudo e de instrução. Me fareis o obséquio igualmente de não abrir esse envelope senão depois da evocação.

L. GUIPON.

No dia 18 do mesmo mês, numa reunião de uma dezena de pessoas honradas de nossa cidade, fizemos a evocação pedida:

1. Evocação do Espírito de Carrère. - R. Eis-me.

2. Qual é a vossa posição no mundo dos Espíritos? - R. Não sou nem feliz nem infeliz. Aliás, estou freqüentemente sobre a Terra; mostro-me a qualquer um que não está muito contente por me ver.

3. Com que objetivo vos manifestais a essa pessoa? - R. Ah! vede, é que ia morrer; tinha medo e não se tinha medo por mim. Procurar-se-ia por toda a parte um *Cristo* para me ajudar a transpor a difícil passagem da vida para a morte, e a pessoa a quem me mostrei tinha um que ela recusou de me emprestar para aplicá-la sobre meus lábios agonizantes, e depor entre minhas mãos como uma prova de paz e de amor. Pois bem! Ela disse falou por longo tempo ao me ver *ao lado do Cristo*; ali me verá sempre. Agora, eu me vou, estou mal acomodado aqui; deixai-me partir. Adeus.

Imediatamente depois desta evocação, abri o envelope fechado que continha os detalhes seguintes:

"Quando da morte de Carrère, subchefe da equipe de Bordeaux, morto em 18 de dezembro último, o Sr. Beutey, chefe de estação PV, fez transportar o corpo à estação dos viajantes e ordenou, a um homem da equipe ir ao seu domicílio pedir à senhora Beutey um Cristo para colocá-lo sobre o cadáver. Essa senhora respondeu pretendendo que o Cristo estava quebrado, e que, conseqüentemente, não o podia emprestar.

"Pelo dia 10 de janeiro corrente, a senhora Beutey confessou a seu marido que o Cristo que ela tinha recusado não estava quebrado, mas que ela não queria prestá-lo, disse ela, para não mais ter que sentir as emoções ocasionadas em seguida a um acidente semelhante, sobrevindo precedentemente, e quase nas mesmas condições. Ela acrescentou em seguida que nunca mais recusaria nada a um morto, e explicou essas palavras assim: - Durante toda a noite da morte desse homem, ele ficou visível para mim; por muito tempo eu o vi colocado *perto do Cristo*, depois ao seu lado.

"A senhora Beutey, que jamais vira nem ouvira falar desse homem, designou com tanta precisão ao seu marido, que este o reconheceu como se estivesse presente. A senhora Beutey, de resto, estava desperta, e não estava vendo os Espíritos pela primeira vez; entretanto, um fato há a se notar, é que o Espírito de Carrère impressionou-a fortemente, e que ele não tinha chegado quando ela viu outros Espíritos. - Assinado *Guipon*."

Mais abaixo se encontra a menção seguinte:

"Esta narração está perfeitamente exata.

"Assinado: *Beutey*, chefe de estação."

Acreditei de meu dever vos relatar o fato de identidade que acabo de vos assinalar, fato, é preciso nisto convir, muito raro e que não chegou, seguramente, senão com a permissão de Deus, e que serve de todos os meios para ferir a incredulidade e a indiferença.

Se julgardes útil reproduzir este interessante episódio, mais abaixo encontrareis as assinaturas das pessoas que assistiram a essa sessão. Elas me encarregaram de vos dizer que seus nomes podem ser postos a descoberto, e, conservar o incógnito nesta circunstância, acrescentam elas, seria uma falta. Os nomes próprios que figuram nos detalhes circunstanciados da evocação de Carrère podem igualmente ser publicados.

Vosso muito devotado servidor,

A. SABÔ.

Atestamos que os detalhes relatados na presente carta são verídicos em todos os pontos, e não hesitamos em confirmá-los com a nossa assinatura. A. Sabô, contador principal da Companhia das Estradas de Ferro do Sul, 13, rua Barennes. - CH. COLLIGNON, capitalista, rua Sauce, 12. - EMILIE COLLIGNON, capitalista. - UANGLE, empregado das contribuições indiretas, rua Pélegrin, 28. - VIÚVA CAZEMAJOUX. - GUIPON, controlador de contabilidade e das receitas das estradas de ferro do Sul, 119, caminho dos Bègles. - ULRICHS, negociante, rua dos Chartrons, 17. - CHAIN, negociante. - JOUANNI, empregado na casa do Sr. Arman, construtor de navios, rua Capenteyre, 26. -GOURGUES, negociante, caminho de Saint-Genès, 64. - BELLY primogênito, mecânico, rua Lafurterie, 39. - HUJBERT, capitão na 88^ª de comunicação. - PUGINER, tenente-coronel no mesmo regimento.

Como de hábito, não faltam os incrédulos para colocar este fato à conta da imaginação. Dirão, por exemplo, que a Senhora Beutey tinha o espírito ferido pela sua recusa, e que um remorso de consciência lhe fizera crer que via Carrère. Isso é possível, nisso convimos, mas os negadores, que não se consideram capaz de aprofundarem antes de julgar, não procuram se alguma circunstância escapa à sua teoria. Como explicarão o retrato, que ela fez, de um homem que jamais viu? "E um acaso", dirão. - Quanto à evocação, direis também que o médium não faz senão traduzir seu pensamento ou o dos assistentes, uma vez que essas circunstâncias foram ignoradas? É ainda o acaso? - Não; mas entre os assistentes havia o Sr. Guipon, autor da carta oculta e conhecedor do fato; ora, seu pensamento pôde se transmitir ao médium, pela corrente dos fluidos, tendo em vista que os médiuns estão *sempre* num estado de superexcitação febril, mantido e provocado pela concentração dos assistentes, e sua própria vontade; ora, nesse estado anormal, que não é outra coisa senão um estado biológico, segundo o sábio Sr. Figuier, há emanações que escapam do cérebro e dão percepções excepcionais provenientes da expansão dos fluidos que estabelecem relações entre as pessoas presentes e mesmo ausentes. Vede bem, pois, por esta explicação tão clara quanto lógica que não há necessidade de ter recursos com a intervenção de vossos pretensos Espíritos que não existem senão na vossa imaginação. - Esse raciocínio, confessamos com toda a humildade, supera a nossa inteligência, e vos perguntaremos se vos compreendeis vós mesmos?

Ensinaamentos e Dissertações espíritas

Revista Espírita, março de 1862

A Reencarnação

(Enviado de La Haye. - Médiun, Sr. barão de Kock.)

A doutrina da reencarnação é uma verdade que não pode ser contestada; desde que o homem quer pensar somente no amor, na sabedoria e na justiça de Deus, não pode admitir nenhuma outra doutrina.

É verdade que não se encontra, nos livros sacros, senão estas palavras: "o homem, depois da morte, será recompensado segundo as suas obras;" mas não se dá bastante atenção a uma infinidade de citações, que todas vos dizem que é completamente inadmissível que o homem atual seja punido pelas faltas, pelos crimes daqueles que viveram antes do Cristo. Não posso retornar a tantos exemplos e demonstrações dadas por aqueles que têm fé na reencarnação, vós mesmo podeis isso suprir, os bons Espíritos vos ajudarão, e isso vos será um trabalho agradável. Podereis acrescentar isso aos ditados que vos dei e aos que vos darei ainda, se Deus o permitir. Estais convencidos do amor de Deus pelos homens; ele não deseja senão a felicidade de seus filhos; ora, o único meio para atingirem, um dia, essa felicidade suprema, está inteiramente nas reencarnações sucessivas.

Já vos disse que, o que Kardec escreveu sobre os anjos decaídos é a maior verdade. Os Espíritos que povoam o vosso globo, em sua maioria, sempre o habitaram. Se são os mesmos que para ele retornam desde tantos séculos, é que bem poucos mereceram a recompensa prometida por Deus.

O Cristo disse: "Esta raça será destruída, e logo esta promessa se cumprirá." Crendo-se em um Deus de amor e de justiça, como se pode admitir que os homens que vivem atualmente, e mesmo os que viveram há dezoito séculos, possam ser culpados da morte do Cristo sem admitir a reencarnação? Sim, o sentimento de amor por Deus, o das penas e das recompensas da vida futura, a idéia da reencarnação, são inatas no homem, há séculos; vede todas as histórias, vede os escritos dos sábios da antigüidade, e ficareis convencidos de que esta doutrina, em todos os tempos, foi admitida por todos os homens que compreenderam a justiça de Deus. Agora compreendeis o que é a nossa Terra, e como está chegado o momento em que as profecias do Cristo serão cumpridas.

Lamento-vos por encontrardes tão poucas pessoas que pensam como vós. Vossos compatriotas não sonham senão com grandezas e dinheiro, em se fazer um nome; rejeitam tudo o que pode entrar suas infelizes paixões; mas que isso não vos desencoraje; trabalhai por vossa felicidade, pelo bem daqueles que talvez retornarão aos seus erros; perseverai em vossa obra; pensai sempre em Deus, no Cristo, e a beatitude celeste será a vossa recompensa.

Querendo-se examinar a questão dos preconceitos, refletir sobre a existência do homem nas diferentes condições da sociedade, e coordenar essa existência com o amor, a sabedoria e a justiça de Deus, toda a dúvida, concernente ao dogma da reencarnação, logo deve desaparecer. Com efeito, como conciliar essa justiça, e esse amor, com uma única existência onde todos nascem em posições tão diferentes; onde um é rico e grande, ao passo que o outro está afligido pelos males de todas as espécies? Aqui se encontram o prazer e a alegria; mais longe a tristeza e a dor; em uns a inteligência está muito desenvolvida; em outros, ela se eleva apenas acima do animal. Pode-se crer que um Deus que é todo amor haja feito nascer criaturas condenadas, por toda sua vida, ao idiotismo e à demência, que haja permitido que crianças, na primavera da vida, fossem arrebatadas à ternura de seus pais? Ouso mesmo perguntar se poder-se-ia atribuir a Deus o amor, a sabedoria e a justiça, diante da visão desses povos mergulhados na ignorância e na barbárie, comparados às outras nações civilizadas, onde reinam as leis, a ordem, onde se cultivam as artes e as ciências? Não basta dizer: "Deus, em sua sabedoria, assim regulou todas as coisas"; não, a sabedoria de Deus que, antes de tudo, é amor, deve tornar-se clara para o entendimento humano: o dogma da reencarnação esclarece tudo; este dogma, dado pelo próprio Deus, não pode ser oposto aos princípios das santas Escrituras; longe disso, ele explica os princípios de onde emanam, para o homem, o adiantamento moral e a perfeição. Esse futuro, revelado pelo Cristo, está de acordo com os atributos infinitos que Deus deve possuir. O Cristo disse: "Todos os homens não são somente os filhos de Deus, são também irmãos e irmãs da mesma família"; ora, é preciso bem compreender estas expressões.

Um bom pai terrestre dará a alguns de seus filhos o que recusa a outros? Lançará um no abismo da miséria, ao passo que encherá o outro de riquezas, de honra e de dignidades? Acrescentai ainda que o amor de Deus, sendo infinito, não poderia ser comparado ao do homem por seus filhos. As diferentes posições do homem, tendo uma causa, e essa causa tendo por princípio o amor, a sabedoria, a bondade e a justiça de Deus, não pode encontrar sua razão de ser senão na doutrina da reencarnação.

Deus criou todos os Espíritos iguais, simples, inocentes, sem vícios, e sem virtudes, mas com o livre arbítrio de regular suas ações segundo um instinto que se chama consciência, e que lhes dá o poder de distinguir o bem e o mal. Cada Espírito está destinado à mais alta perfeição junto a Deus e do Cristo; para ali chegar, deve adquirir todos os conhecimentos pelo estudo de todas as ciências, se iniciar em todas as verdades, se depurar pela prática de todas as virtudes; ora, como essas qualidades superiores não podem ser obtidas em uma única vida, todos devem percorrer várias existências para adquirir os diferentes graus de saber.

A vida humana é a escola da perfeição espiritual, e uma seqüência de provas; é por isso que o Espírito deve conhecer todas as condições da sociedade, e, em cada uma dessas condições, deve se aplicar em cumprir a vontade divina. O poder e a riqueza, assim como a pobreza e a humildade, são provas; dores, idiotismo, demência, etc., são punições pelo mal cometido numa vida anterior.

Pelo livre arbítrio, do mesmo modo que cada indivíduo está em estado de cumprir as provas às quais é submetido, do mesmo modo pode nelas falir; no primeiro caso, a recompensa não se faz esperar, e essa recompensa consiste em um progresso na perfeição espiritual; no segundo, recebe sua punição, quer dizer, que deve reparar, por uma vida nova, o tempo perdido durante sua vida precedente, da qual não soube tirar vantagem para si mesmo.

Antes de sua reencarnação, os Espíritos planam nas esferas celestes, os bons gozando-lhes

a felicidade, os maus entregando-se ao arrependimento, atormentados pela dor de estarem desamparados por Deus; mas o Espírito, conservando a lembrança do passado, lembra-se de suas infrações aos mandamentos de Deus, e Deus lhe permite escolher, numa nova existência, suas provas e sua condição, o que explica por que se encontra, freqüentemente, nas classes inferiores da sociedade, sentimentos elevados e um entendimento desenvolvido, ao passo que nas classes superiores encontram-se, freqüentemente, tendências ignóbeis e Espíritos muito embrutecidos. Pode-se falar de injustiça quando o homem empregou mal sua vida, pode reparar suas faltas numa outra existência, e chegar ao seu objetivo? A injustiça não estaria numa condenação imediata e sem retorno possível? A Bíblia fala de punições eternas; mas isso não poderia realmente se entender para uma só vida, tão triste, tão curta; por esse instante, esse piscar de olho relativamente à eternidade. Deus quer dar a felicidade eterna em recompensa do bem, mas é preciso merecê-la, e uma única vida, de curta duração, não basta para alcançá-la.

Muitos perguntam porque Deus teria escondido, por tão longo tempo, aos homens um dogma cujo conhecimento é útil à sua felicidade? Teria, pois, amado menos os homens do que não o faz agora?

O amor de Deus é de toda eternidade; ele enviou aos homens, para esclarecê-los, sábios, profetas, o salvador Jesus Cristo; isso não é uma prova de seu amor infinito? Mas como os homens receberam esse amor? Tornaram-se melhores?

O Cristo disse: "Eu poderia vos dizer ainda muitas coisas, mas não poderíeis compreendê-las em vosso, estado de imperfeição", e tomando-se as santas Escrituras, no verdadeiro sentido intelectual, nelas se encontram citações que parecem indicar que o Espírito deve percorrer várias vidas antes de chegar ao seu objetivo? Não se encontram, igualmente, nas obras dos filósofos antigos, as mesmas idéias sobre a reencarnação dos Espíritos?

O mundo avançou muito, sob o aspecto material, nas ciências, nas instituições sociais; mas, sob o aspecto moral, está ainda muito atrasado; os homens desconhecem as leis de Deus, e não escutam mais a voz do Cristo; é porque Deus, em sua bondade, lhes dá como último recurso, para chegar a conhecer os princípios da felicidade eterna, a comunicação direta com os Espíritos e o ensinamento do dogma da reencarnação, palavras cheias de consolações e que brilham no meio das trevas dos dogmas de tantas religiões diferentes.

À obra! E que a procura se cumpra com amor e confiança; lede sem preconceitos; refleti sobre tudo o que Deus, desde a criação do mundo, se dignou fazer para o gênero humano, e sereis confirmados na fé que a reencarnação é uma verdade santa e divina.

Nota. - Não temos a honra de conhecer o Sr. barão de Kock; esta comunicação, que concorda com todos os princípios do Espiritismo, não é, pois, o fato de nenhuma influência pessoal.

O Realismo e o Idealismo em pintura

(Sociedade Espírita de Paris - Médiun, Sr. A. Didier.)



A pintura é uma arte que tem por objetivo retratar as cenas terrestres mais belas e mais elevadas, e imitar, algumas vezes, muito simplesmente a Natureza pela magia da verdade. É uma arte que, por assim dizer, não tem limites, sobretudo em vossa época. A arte, de vossos dias, não deve ser somente a personalidade; deve ser, se posso assim me exprimir, a compreensão de tudo o que esteve na história, e as exigências da cor local, longe de entravar a personalidade e a originalidade do artista, estendem suas vistas, formam e depuram seu gosto, e lhes fazem criar obras interessantes para a arte e para aqueles que nela querem ver uma civilização tombada, idéias esquecidas. A pintura, dita histórica, de vossas escolas não está, em relação com as exigências do século; e ousar dizê-lo, há mais de futuro para um artista, em suas pesquisas individuais sobre a arte e sobre a história, do que nesse caminho onde comecei, diz-se, a colocar o pé. Não há senão uma coisa que não possa salvar a arte em vossa época, é um novo impulso e uma nova escola que, aliando os dois princípios que se diz tão contrários: o *realismo* e o *idealismo*, compelem as pessoas jovens a compreender que se os mestres são assim chamados, é que viviam com a Natureza, e que sua poderosa imaginação inventava ali onde era preciso inventar, mas obedecia ali onde era preciso obedecer.

Para muitas pessoas ignorantes da ciência e da arte, as disposições, freqüentemente, trocam o saber e a observação; também se vêem, de todas as partes, em vossa época, homens de uma imaginação muito interessante, é verdade, de artistas mesmo, mas pintores, de nenhum modo; aqueles não serão contados na história senão como muito engenhosos desenhistas. A rapidez no trabalho, a pronta entrega do pensamento, adquirem-se pouco a pouco pelo estudo e pela prática, e embora possua essa imensa faculdade de tornar rápido, é preciso ainda lutar, e sempre lutar. No vosso século materialista, a arte, não digo em todos os pontos, muito alegremente, se materializa ao lado dos esforços, verdadeiramente surpreendentes, de homens célebres da pintura moderna. Por que essa tendência? É o que indicarei numa próxima comunicação.



Para bem compreender a pintura, como disse em minha última comunicação, seria preciso ir da prática à idéia, da idéia à prática. Passei a minha vida, quase inteira, em Roma; quando contemplava as obras dos mestres, esforçava-me por compreender, em meu Espírito, a ligação íntima, as relações e a harmonia do idealismo mais elevado e do realismo mais real. Raramente vi uma obra-prima que não reunisse esses dois grandes princípios; nela havia o ideal e o sentimento da expressão ao lado de uma verdade tão brutal que dizia em mim mesmo: está bem aí a obra do espírito humano; está bem aí a obra objetivada e pensada primeiro; estão bem aí a alma e o corpo: é a vida inteiramente. Via que os mestres, brandos em suas idéias, em sua compreensão, o estavam em suas formas, em suas cores, em seus efeitos; a expressão de suas cabeças era incerta e a de seus movimentos banal e sem grandeza. É preciso uma longa iniciação na Natureza para bem compreender seus segredos, seus caprichos e suas sublimidades. Não é pintor quem quer; além do trabalho da observação, que é imenso, é preciso lutar em seu cérebro e na prática contínua da arte; é preciso, num momento dado, trazer, à obra que se quer produzir, os instintos e o sentimento das coisas adquiridas e das coisas pensadas, em uma palavra, sempre esses dois grandes princípios: alma e corpo.

NICOLAS POUSSIN.

Os obreiros do Senhor

(Cherbourg, fevereiro de 1861. - Médiun, Sr. Robin.)

Atingis o tempo do cumprimento das coisas anunciadas para a transformação da Humanidade; felizes serão aqueles que tiverem trabalhado no campo do Senhor com desinteresse e sem outro móvel que a caridade! Suas jornadas de trabalhos serão pagas ao cêntuplo do que tiverem esperado.' Felizes serão aqueles que tiverem dito aos seus irmãos: "Irmãos, trabalhemos juntos, e unamos nossos esforços a fim de que o mestre encontre a obra pronta em sua chegada, porque o mestre lhes dirá: 'Vinde a mim, vós que fostes bons servidores, vós que fizestes calar vossos ciúmes e vossas discórdias para não deixar a obra parada!" Mas infelizes daqueles que, pelas suas dissensões, tiverem retardado a hora da colheita, porque a tempestade virá e serão levados pelo turbilhão! Eles gritarão: "Graça! graça!" Mas o Senhor lhes dirá: "Porque pedis graça, vós que não tivestes piedade de vossos irmãos, e que recusastes estender-lhes a mão, vós que esmagastes o fraco em lugar de sustentá-lo? Por que pedis graça, vós que procurastes vossa recompensa nas alegrias da Terra e na satisfação de vosso orgulho? Vós já recebestes, vossa recompensa tal como a quisestes; não a peçais mais: as recompensas celestes são para aqueles que não terão pedido as recompensas da Terra."

Deus faz neste momento o recenseamento de seus servidores fiéis, e marcou com o seu dedo aqueles que não têm senão a aparência do devotamento, a fim de que não usurpem o salário dos servidores corajosos, porque será a estes, que não recuarão diante de sua tarefa, que vai confiar os postos mais difíceis na grande obra da regeneração pelo Espiritismo, e esta palavra se cumprirá: "Os primeiros serão os últimos, e os últimos serão os primeiros no reino dos céus!"

O ESPÍRITO DE VERDADE

Instrução moral

(Paris, grupo Faucherand. - Médiun, Sr. Planche.)

Venho a vós, pobres transviados sobre uma terra escorregadia, cuja inclinação rápida não espera mais que alguns passos ainda para vos precipitar nos abismos. Como bom pai de família, venho vos estender mão caridosa para vos salvar do perigo. Meu maior desejo é vos conduzir sob o teto paterno e divino, a fim de vos fazer gozar, pelo amor de Deus e do trabalho, pela fé e caridade cristã, a paz, os prazeres e as doçuras do lar doméstico. Como vós, meus caros filhos, conheci as alegrias e os sofrimentos, sei tudo o que há de dúvidas em vossos espíritos, e de combate em vossos corações. É para vos premunir contra vossos defeitos, e vos mostrar os escolhos contra os quais poderíeis vos chocar, que serei justo, mas severo.

Do alto das esferas celestes que eu percorro, meu olhar mergulha com felicidade nas vossas reuniões, e é com um vivo interesse que sigo as vossas santas instruções. Mas, ao mesmo tempo em que a minha alma se alegra de um lado, de outro sente uma pena muito amarga, quando penetra os vossos corações e ali vê ainda tanto apego às coisas terrestres. Para a maioria, o santuário de nossas lições vos tem lugar de sala de espetáculo, e esperais sempre ver ali surgir, de nossa parte, alguns fatos maravilhosos. Não estamos encarregados de vos fazer milagres, mas temos a missão de lavrar os vossos corações, de abrir-lhes largos sulcos para neles lançar, a mãos cheias, a semente divina. Nós nos devotamos sem cessar a torná-la fecunda; porque sabemos que essas raízes devem atravessar a terra, de um pólo ao outro, e cobrir-lhe toda a superfície. Os frutos que delas

sairão serão tão belos, tão suaves e tão grandes que subirão até os céus.

Felizes aqueles que souberem colhê-los para com eles se saciarem; porque os Espíritos bem-aventurados virão ao seu encontro, cingirão sua cabeça com a auréola dos eleitos, Ihe farão escalar os degraus do trono majestoso do Eterno, e Ihe dirão para tomarem parte na felicidade incomparável, nos gozos e nas delícias sem fim das falanges celestes.

Infeliz aquele a quem houver sido dado ver a luz e ouvir a palavra de Deus, que tiver fechado os olhos e tapado os ouvidos; porque o Espírito das trevas o envolverá em suas asas lúgubres e o transportará em seu negro império para Ihe fazer expiar, durante séculos, pelos tormentos sem número, sua desobediência ao Senhor. É o momento de aplicara sentença de morte do profeta Oséias: *Coedan eos secundum auditionem coetus eorum* (eu os farei morrer segundo tiverem ouvido). Que estas poucas palavras não sejam fumaça desaparecendo nos ares; mas que elas cativem a vossa atenção para que as mediteis e as reflitais seriamente. Apressai-vos em aproveitar alguns instantes que vos restam para consagrá-los a Deus; um dia viremos vos pedir que conta fizestes de nossos ensinamentos, e como tereis posto em prática a doutrina sagrada do Espiritismo.

A vós, pois, Espíritas de Paris, que podeis muito pela vossa posição pessoal e pela vossa influência moral, a vós, digo, a glória e a honra de dar o exemplo sublime das virtudes cristãs. Não espereis que a infelicidade venha bater em vossa porta. Ide diante de vossos irmãos sofredores, dai ao pobre o óbolo da jornada, secai as lágrimas da viúva e do órfão, com doces e consoladoras palavras. Levantai a coragem abatida desse velho curvado sob o peso dos anos e sob o jugo dessas iniquidades, fazendo luzir em sua alma as asas douradas da esperança numa vida futura e melhor. Prodigalizai, por toda a parte, sobre a vossa passagem, o amor e a consolação; elevando assim as vossas boas obras à altura de vossos pensamentos, merecereis dignamente o título glorioso e brilhante que vos concedem mentalmente os espíritas da província e do estrangeiro, cujos olhos estão fixados sobre vós, e que, tocados de admiração diante das ondas de luz que escapam de vossas assembléias, vos chamarão o Sol da França.

LACORDAIRE.

A Vinha do Senhor

(Sociedade Espírita de Paris. - Médiun, Sr. E.Vézy.)

Enfim, todos virão trabalhar na vinha: já os vejo; chegam em quantidade; ei-los que acorrem. Vamos! à obra, filhos; eis que Deus quer que todos nela trabalheis.

Semeai, semeai, e um dia colhereis com abundância. Vede no oriente esse belo Sol; como ele se eleva radioso e brilhante! vem para nos aquecer e aumentar os cachos da vinha. Vamos, filhos! as vindimas estarão esplêndidas, e cada um de vós virá beber na taça o vinho sagrado da regeneração. É o vinho do Senhor, que será vertido no banquete da fraternidade universal! Lá, todas as nações estarão reunidas em uma só e mesma família e cantarão os louvores de um mesmo Deus. Armai-vos, pois, de relhas e facões, vós que quereis viver eternamente; amarraí os cepos, a fim de que não tombem e fiquem direitos, e suas copas subirão ao céu. Haverá os que terão cem côvados, e os Espíritos dos mundos etéreos, virão espremer-Ihe os grãos e refrescá-los; o suco será de tal modo poderoso que dará a força e a coragem aos fracos; será o leite nutritivo do pequeno.

Eis a vindima que vai se fazer; ela já se fez; preparam-se os vasos que devem conter o licor sagrado. Aproximai vossos lábios, vós que quereis provar, porque esse licor vos embriagará de uma celeste embriaguez, e vereis Deus em vossos sonhos, esperando que a realidade suceda ao sonho.

Filhos! esta vinha esplêndida que deve vos elevar para Deus, é o Espiritismo. Adeptos fervorosos, é preciso erguê-la possante e forte, e vós, pequenos, é preciso que ajudeis os fortes a sustentá-la e a propagá-la! Cortai-lhe os brotos e plantai-os em um outro campo; eles produzirão novas vinhas e outros brotos em todos os países do mundo.

Sim, eu vo-lo digo: enfim todo o mundo beberá do suco da vinha, e vós o bebereis no reino do Cristo com o Pai celeste! Sede, pois, saudáveis e dispostos, e não vivais uma vida austera. Deus não vos pede viver de austeridade e de privações; não pede que cubrais o vosso corpo com um cilício: quer que vivais somente segundo a caridade e segundo o coração. Não quer modificações que destruam o corpo; quer que cada um se aqueça ao seu sol, e se fez raios mais frios, uns do que os outros, é para fazer todos compreenderem quanto é forte e poderoso. Não, não vos cubrais de cilício; não estragueis vossas carnes sob os golpes da disciplina; para trabalhar na vinha, é preciso ser robusto e poderoso; é preciso ao homem o vigor que Deus lhe deu. Ele não criou a Humanidade para fazer dela uma raça bastarda e enfraquecida; a fez como manifestação de sua glória e de seu poder.

Vós que quereis viver a verdadeira vida, estareis nos caminhos do Senhor quando houverdes dado o pão ao infeliz, o óbolo aos sofredores e a vossa prece a Deus. Então, quando a morte fechar as vossas pálpebras, o anjo do Senhor dirá com clareza os vossos benefícios, e vossa alma, levada sobre as asas brancas da caridade, subirá a Deus tão bela e tão pura quanto um belo lírio que desabrocha de manhã sob um sol primaveril.

Orai, amai e fazei a caridade, meus irmãos; a vinha é grande, o campo do Senhor é grande; vinde, vinde, Deus e o Cristo vos chamam, e eu vos abençôo.

SANTO AGOSTINHO.

A Caridade para com os criminosos

Problema moral.

"Um homem está em perigo de morte; para salvá-lo é preciso expor a sua própria vida; mas sabe-se que esse homem é um malfeitor, e que, se dele escapar, poderá cometer novos crimes. Apesar disso, deve-se expor para salvá-lo?"

A resposta seguinte foi obtida na Sociedade Espírita de Paris, a 7 de fevereiro de 1862, médium Sr. A. Didier:

Esta é uma questão muito grave e que pode se apresentar naturalmente ao espírito. Responderei segundo meu adiantamento moral, uma vez que a isso estamos sujeitos, que se deve expor a sua própria vida por um malfeitor. O devotamento é cego: socorre-se um inimigo, deve-se, pois, socorrer mesmo o inimigo da sociedade, um malfeitor, em uma palavra. Credes, pois, que é somente à morte que se deve arrancar esse infeliz? Talvez, é à sua vida passada inteira. Porque, pensai nisso, nesses rápidos instantes que lhe arrebatam

os últimos minutos da vida, o homem perdido retorna sobre sua vida passada, ou antes, ele se levanta diante dela. A morte, talvez, chegue muito cedo para ele; a reencarnação será, talvez, terrível; atirai-vos, pois, homens! vós que a ciência espírita esclareceu, atirai-vos, arrancai-o de sua condenação, e então, talvez, esse homem que estaria morto vos blasfemando, se lançará em vossos braços. No entanto, não é preciso vos perguntar se o fará ou se não o fará, mas vos atirar, porque, salvando-o, obedeceis a esta voz do coração que vos diz: 'Tu podes salvá-lo, salva-o!'

LAMENNAIS.

Nota. - Por uma singular coincidência, recebemos, há alguns dias, a comunicação seguinte, obtida no grupo espírita do Hayre, e tratando quase do mesmo assunto.

Em continuação, escrevem-nos, de uma conversa a respeito do assassino Dumollard, o Espírito da Sra. Elisabeth de France, que já dera diversas comunicações, se apresentou espontaneamente e ditou o que se segue:

A verdadeira caridade é um dos mais sublimes ensinamentos que Deus deu ao mundo. Deve existir entre os verdadeiros discípulos de sua doutrina uma fraternidade completa. Deveis amar os infelizes, os criminosos, como criaturas de Deus às quais o perdão e a misericórdia serão concedidos se se arrependem, como a vós mesmos, pelas faltas que cometerdes contra a sua lei. Pensai que sois mais repreensíveis, mais culpáveis do que aqueles aos quais recusais o perdão e a comiseração, porque, freqüentemente, eles não conhecem Deus como vós o conheceis, e lhes será menos pedido do que avós. Não julgueis nunca; oh! não julgueis nunca, meus caros amigos, porque o julgamento que fizerdes vos será aplicado mais severamente ainda, e tendes necessidade de indulgência para com os pecados que cometeis sem cessar. Não sabeis que há muitas ações que são crimes aos olhos do Deus de pureza, e que o mundo não considera mesmo como faltas leves? A verdadeira caridade não consiste somente na esmola que dais, nem mesmo nas palavras de consolação com as quais podeis acompanhá-la; não, não é isso somente o que Deus exige de vós. A caridade sublime, ensinada por Jesus, consiste também na benevolência concedida sempre, e em todas as coisas, ao vosso próximo. Podeis ainda exercer esta sublime virtude sobre muitos seres que não têm que se fazer senão esmolas, e que palavras de amor, de consolação, de encorajamento conduzirão ao Senhor. Os tempos estão próximos, eu vos digo ainda, em que a grande fraternidade reinará sobre o globo; a lei do Cristo é a que regerá os homens: só aquela será o freio e a esperança, e conduzirá as almas às moradas bem-aventuradas. Amai-vos, pois, como os filhos de um mesmo pai; não façais diferença entre os outros infelizes, porque é Deus que quer que todos sejam iguais; não desprezeis, pois, a ninguém; Deus permite que os grandes criminosos estejam entre vós, a fim de que vos sirvam de ensinamento. Logo, quando os homens forem conduzidos às verdadeiras leis de Deus, não haverá mais necessidade desses ensinamentos, e todos os Espíritos impuros e revoltados serão dispersados nos mundos inferiores, em harmonia com as suas tendências.

Deveis àqueles dos quais vos falo o socorro de vossas preces: é a verdadeira caridade. Não é preciso dizer de um criminoso: "É um miserável, é preciso purgá-lo da Terra; a morte que se lhe inflige é muito branda para um ser de sua espécie." Não, não é assim que deveis falar. Olhai o vosso modelo, Jesus; que diria se visse esse infeliz junto dele? Lamentá-lo-ia; considerá-lo-ia como um enfermo muito miserável; estender-lhe-ia a mão. Vós não podeis fazê-lo em realidade, mas ao menos podeis orar por esse infeliz, assistir o seu Espírito durante os poucos instantes que deve ainda passar sobre a vossa Terra. O arrependimento pode tocar seu coração se orardes com fé. É vosso próximo como o melhor dentre os homens; sua alma transviada e revoltada é criada, como a vossa, à imagem do Deus

perfeito. Orai, pois, por ele; não o julgueis nunca, não o deveis nunca. Só Deus o julgará.

ELISABETH DE FRANÇA.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quinto Ano – 1862

Abril

- [Frenologia espiritualista e espírita - Perfectibilidade da raça negra](#)
- [Conseqüências da doutrina da reencarnação sobre a propagação do Espiritismo](#)
- [Epidemia demoníaca em Savoie](#)
- [Respostas à questão dos anjos decaídos](#)
- Conversas familiares de além-túmulo.
 - [Girard de Codemberg](#)
 - [De La Bruyère](#)
- Poesias Espíritas.
 - [Credes nos Espíritos do Senhor](#)
 - [As Vozes do Céu](#)
- Dissertações espíritas.
 - [Os Mártires do Espiritismo](#)
 - [Os Ataques contra a idéia nova](#)
 - [Perseguição](#)
- [Bibliografia](#)

Frenologia espiritualista e espírita - Perfectibilidade da raça negra

Revista Espírita, abril de 1862

(1) Ver a *Revista Espírita*, julho 1860: *A Frenologia e a Fisiognomonía*.

A raça negra é perfectível? Segundo algumas pessoas, essa questão está julgada e resolvida negativamente. Se assim é, e se essa raça está votada por Deus a uma eterna inferioridade, a consequência é que é inútil se preocupar com ela, e que é preciso se limitar a fazer do negro uma espécie de animal doméstico adestrado para a cultura do açúcar e do algodão. No entanto, a Humanidade, tanto quanto o interesse social, requer um exame mais atento: é o que iremos tentar fazer; mas como uma conclusão dessa gravidade, num ou noutro sentido, não pode ser tomada levemente e deve se apoiar sobre um raciocínio sério, pedimos a permissão para desenvolver algumas considerações preliminares, que nos servirão para mostrar, uma vez mais, que o Espiritismo é a única chave possível de uma multidão de problemas insolúveis com a ajuda dos dados atuais da ciência. A frenologia nos servirá de ponto de partida; exporemos, sumariamente, as suas bases fundamentais para a compreensão do assunto.

A frenologia, como se sabe, repousa sobre esse princípio de que o cérebro é o órgão do pensamento, como o coração é o da circulação, o estômago o da digestão, o fígado o da secreção da bilis. Esse ponto é admitido por todo o mundo, porque não há ninguém que possa atribuir o pensamento a uma outra parte do corpo; cada um sente que pensa pela cabeça e não pelo braço e não pela perna. Há mais: sente-se instintivamente que a sede do pensamento está na frente; está ali, e não no occiput, que se leva a mão para indicar que um pensamento acaba de surgir. Para todo o mundo, o desenvolvimento da parte frontal faz presumir mais inteligência do que quando é baixa e deprimida. Por outro lado, as experiências anatômicas e fisiológicas demonstraram claramente o papel especial de certas partes do cérebro nas funções vitais, e a diferença de fenômenos produzidos pela lesão de tal ou tal parte. As pesquisas da ciência não podem deixar dúvidas a esse respeito; as do Sr. Flourens, sobretudo, provaram até à evidência, a especialidade das funções do cerebelo.

Portanto, é admitido em princípio que todas as partes do cérebro não têm a mesma função. Além disso, é reconhecido que os cordões nervosos que, do cérebro como fonte, se ramificam em todas as partes do corpo, como os filamentos de uma raiz, são afetados de maneira diferente segundo a sua destinação; é assim que o nervo ótico, que chega ao olho e desabrocha na retina, é afetado pela luz e pelas cores, e transmite sua sensação ao cérebro numa porção especial; que o nervo auditivo é afetado pelos sons, e os nervos olfativos pelos odores. Que um desses nervos perca sua sensibilidade por uma causa qualquer, e a sensação não mais ocorre; fica-se cego, surdo ou privado do olfato. Esses nervos têm, pois, funções distintas e não podem, de nenhum modo, se substituir, e, no entanto, o exame mais atento não mostra a mais leve diferença em sua contextura.

A frenologia, partindo desses princípios, vai mais longe: localiza todas as faculdades morais

e intelectuais, a cada uma das quais assinala um lugar especial no cérebro; assim é que ela afeta um órgão com o instinto de destruição que, levado ao excesso, se torna crueldade e ferocidade; um outro com a firmeza, cujo excesso, sem o contrapeso do julgamento, produz a obstinação; um outro ao amor à prole; outros à memória dos lugares, à dos nomes, à das formas, ao sentimento poético, à harmonia dos sons, das cores, etc., etc. Não é aqui o lugar de fazer a descrição anatômica do cérebro; diremos somente que, fazendo-se uma seção longitudinal na massa, reconhecer-se-á que da base partem feixes fibrosos indo desabrochar na superfície, e quase apresentando o aspecto de um cogumelo cortado em sua altura. Cada feixe corresponde a uma das circunvoluções da superfície externa, de onde se segue que o desenvolvimento corresponde ao desenvolvimento do feixe fibroso. Sendo cada feixe, segundo a frenologia, a sede de uma sensação ou de uma faculdade, ela disso conclui que a energia da sensação, ou da faculdade, está em razão do desenvolvimento do órgão.

Nos fetos, a caixa óssea do crânio não está ainda formada; no início, ela não é senão uma película, uma membrana muito flexível, que se modela, conseqüentemente, sobre as partes salientes do cérebro, e lhes conserva a impressão, à medida que se endurece pelo depósito do fosfato de cálcio, que é a base dos ossos. Da saliência do crânio a frenologia conclui o volume do órgão, e do volume do órgão conclui o desenvolvimento da faculdade.

Tal é, em poucas palavras, o princípio da ciência frenológica. Embora o nosso objetivo não seja desenvolvê-la aqui, uma palavra ainda é necessária sobre o modo de apreciação. Enganar-se-ia estranhamente crendo-se poder deduzir o caráter absoluto de uma pessoa só pela inspeção das saliências do crânio. As faculdades se fazem, reciprocamente, contrapeso, se equilibram, se corroboram ou se atenuam umas pelas outras, de tal sorte que, para julgar um indivíduo, é preciso ter em conta o grau de influência de cada um, em razão de seu desenvolvimento, depois fazer entrar na balança o temperamento, o meio, os hábitos e a educação. Suponhamos um homem tendo o órgão da destruição muito pronunciado, com atrofia dos órgãos das faculdades morais e afetivas, será vilmente feroz; mas se, à destruição, junta a benevolência, a afeição, as faculdades intelectuais, a destruição será neutralizada, terá por efeito dar-lhe mais energia, poderá ser um homem muito honesto, ao passo que o observador superficial, que o julgaria sobre a inspeção do primeiro único órgão, o tomaria por um assassino. Concebe-se, segundo isso, todas as modificações do caráter que poderão resultar do concurso das outras faculdades, como a astúcia, a circunspeção, a estima de si, a coragem, etc. O sentimento da cor, só, fará o colorista, mas não fará o pintor; só o da forma não fará senão um desenhista; os dois reunidos não farão senão um pintor copista, se não houver, ao mesmo tempo, as faculdades reflexivas e comparativas. Isso basta para mostrar que as observações frenológicas práticas apresentam uma dificuldade muito grande, e repousam sobre considerações filosóficas, que não estão ao alcance de todo o mundo. Colocadas estas preliminares, encaremos a coisa de um outro ponto de vista.

Dois sistemas radicalmente opostos têm, desde o princípio, dividido os frenologistas em materialistas e em espiritualistas.

Os primeiros, nada admitindo fora da matéria, dizem que o pensamento é um produto da substância cerebral; que o cérebro segrega o pensamento, como as glândulas a saliva, como o fígado a bÍlis; ora, como a quantidade de secreção é geralmente proporcional ao volume e à qualidade do órgão secretor, dizem que a quantidade do pensamento é proporcional ao volume e à qualidade do cérebro, que cada parte do cérebro, segregando uma ordem particular de pensamentos, os diversos sentimentos e as diversas aptidões estão na razão do órgão que os produz. Não refutaremos esta monstruosa doutrina que faz do homem uma máquina, sem responsabilidade de seus atos maus, sem mérito de suas

boas qualidades, e que não deve seu gênio e suas virtudes senão ao acaso de seu organismo (1-(1) Vede a *Revista Espírita* de março de 1851: *A cabeça de Garibaldi*, página 76.).

Com semelhante sistema, toda punição é injusta e todos os crimes são justificados.

Os espiritualistas dizem, ao contrário, que os órgãos não são a causa das faculdades, mas os instrumentos da manifestação das faculdades; que o pensamento é um atributo da alma e não do cérebro; que a alma, possuindo por si mesma aptidões diversas, a predominância de tal ou tal faculdade leva ao desenvolvimento do órgão correspondente, como o exercício de um braço leva ao desenvolvimento dos músculos desse braço; de onde se segue que o desenvolvimento do órgão é um efeito e não uma causa. Assim, um homem não é poeta porque tem o órgão da poesia; tem o órgão da poesia porque é poeta, o que é muito diferente. Mas aqui se apresenta uma outra dificuldade diante da qual a frenologia forçosamente se detém: se é espiritualista, nos dirá bem que o poeta tem o órgão da poesia, mas não nos diz porque ele é poeta; porque o é antes que seu irmão, embora educado nas mesmas condições; e assim com todas as outras aptidões. Só o Espiritismo pode dar-lhes a explicação.

Com efeito, se a alma é criada ao mesmo tempo que o corpo, a do sábio do Instituto é tão nova quanto a do selvagem; desde então, por que, pois, há sobre a Terra selvagens e membros do Instituto? O meio no qual eles vivem, direis. Seja; dizei, então, por que homens nascidos no meio mais ingrato, e mais refratário, se tornam gênios, ao passo que crianças que bebem a ciência com o leite materno são imbecis. Os fatos não provam, até à evidência, que há homens instintivamente bons ou maus, inteligentes ou estúpidos? É preciso, pois, que haja na alma um germe; de onde vem? Pode-se racionalmente dizer que Deus os fez de todas as espécies, uns que chegam sem dificuldade, e outros que não chegam mesmo com um trabalho perseverante? Estaria aí sua justiça e sua bondade? Evidentemente não. Uma única solução é possível: a preexistência da alma, sua anterioridade ao nascimento do corpo, o desenvolvimento adquirido segundo o tempo que ela viveu e as diferentes migrações que percorreu. A alma traz, pois, unindo-se ao corpo, o que adquiriu, suas qualidades boas ou más; daí as predisposições instintivas; de onde se pode dizer, com certeza, que aquele que nasceu poeta já cultivou a poesia; que aquele que nasceu músico cultivou a música; que aquele que nasceu celerado foi mais celerado ainda. Tal é a fonte das faculdades inatas que produzem, nos órgãos destinados à sua manifestação, um trabalho interior, molecular, que os leva ao desenvolvimento.

Isto nos conduz ao exame da importante questão da anterioridade de certas raças e de sua perfectibilidade.

Colocamos, de início, em princípio, que todas as faculdades, todas as paixões, todos os sentimentos, todas as aptidões estão na Natureza; que elas são necessárias à harmonia geral, porque Deus nada faz de inútil; que o mal resulta do abuso, assim como da falta de contrapeso e de equilíbrio entre as diversas faculdades. As faculdades não se desenvolvendo todas simultaneamente, disso resulta que o equilíbrio não pode se estabelecer senão com o tempo; que essa falta de equilíbrio produz homens imperfeitos, nos quais o mal domina momentaneamente. Tomemos por exemplo o instinto da destruição; este instinto é necessário, porque, na Natureza, é preciso que tudo se destrua para se renovar; é por isso que todas as espécies vivas são, ao mesmo tempo, agentes destruidores e reprodutores. Mas o instinto de destruição isolado é um instinto cego e brutal; ele domina entre os povos primitivos, entre os selvagens, cuja alma não adquiriu ainda as qualidades reflexivas próprias para regularem a destruição numa justa medida. O

selvagem feroz pode, numa só existência, adquirir as qualidades que lhe faltam? Que educação dar-lhe-íeis, desde o berço, para fazerdes deles um São Vicente de Paulo, um sábio, um orador, um artista? Não; é materialmente impossível. E, no entanto, esse selvagem tem uma alma; qual é a sorte dessa alma depois da morte? É punida por seus atos bárbaros que nada reprimiu? Está colocada em posição igual à do homem de bem? Um não é mais racional que o outro? Está, então, condenada a permanecer eternamente num estado misto, que não é nem a felicidade e nem a infelicidade? Isso não seria justo; porque, se não é mais perfeita, isso não dependeu dela. Não podeis sair desse dilema senão admitindo a possibilidade de um progresso; ora, como pode progredir, se não for tomando novas existências? Poderá, direis, progredir como Espírito, sem retornar sobre a Terra. Mas, então, por que nós, civilizados, esclarecidos, nascemos na Europa antes que na Oceania? em corpos brancos antes que em corpos negros? Por que um ponto de partida tão diferente, se não se progride senão como Espírito? Por que Deus nos isentou do longo caminho que o selvagem deve percorrer? Nossas almas seriam de uma outra natureza que a sua? Por que, então, procurar fazê-lo cristão? Se o fazeis cristão, é que o olhais como vosso igual diante de Deus; se é vosso igual diante de Deus, porque Deus vos concede privilégios? Agiríeis inutilmente, não chegaríeis a nenhuma solução senão admitindo, para nós um progresso anterior, para o selvagem um progresso ulterior; se a alma do selvagem deve progredir ulteriormente, é que ela nos alcançará; se progredimos anteriormente, é que fomos selvagens, porque, se o ponto de partida for diferente, não há mais justiça, e se Deus não é justo, não é Deus. Eis, pois, forçosamente, duas existências extremas: a do selvagem e a do homem mais civilizado; mas, entre esses dois extremos, não encontrais nenhum intermediário? Segui a escala dos povos, e vereis que é uma cadeia não interrompida, sem solução de continuidade. Ainda uma vez, todos esses problemas são insolúveis sem a pluralidade das existências. Dizei que os Zelandeses renascerão entre um povo um pouco menos bárbaro, e assim por diante até à civilização, e tudo se explica; que se, em lugar de seguir os degraus da escala, vencer todos de repente e sem transição entre nós, e nos dará o odioso espetáculo de um Dumollard, que é um monstro para nós, e que nada apresentou de anormal entre as populações da África central, de onde talvez saiu. Assim é que, fechando-se numa só existência, tudo é obscuridade, tudo é problema sem resultado; ao passo que, com a reencarnação, tudo é claro, tudo é solução.

Voltemos à frenologia. Ela admite órgãos especiais para cada faculdade, e não cremos que esteja com a verdade; mas iremos mais longe. Vimos que cada órgão cerebral é formado de um feixe de fibras; pensamos que cada fibra corresponde a uma nuance da faculdade. Isto não é senão uma hipótese, é verdade, mas que poderá abrir caminho para novas observações. O nervo auditivo recebe os sons e transmite-os ao cérebro; mas se o nervo é homogêneo, como percebe sons tão variados? É, pois, permitido admitir que cada fibra nervosa seja destinada a um som diferente com o qual ela vibra, de alguma sorte, em unísono, como as cordas de uma harpa. Todos os tons estão na Natureza; suponhamo-los cem, desde o mais agudo até o mais grave: o homem que possuísse as cem fibras correspondentes, percebê-los-ia a todos; aquele que não os possuísse senão pela metade, não perceberia senão a metade dos sons, os outros lhe escapariam, e deles não teria nenhuma consciência. Ocorreria o mesmo com as cordas vocais para exprimir os sons; com as fibras óticas para perceber as diferentes cores; com as fibras olfativas para perceber todos os odores. O mesmo raciocínio pode se aplicar aos órgãos de todos os gêneros de percepções e de manifestações.

Todos os corpos animados encerram, incontestavelmente, o princípio de todos os órgãos, mas há os que, em certos indivíduos, são de tal modo rudimentares, que não são suscetíveis de desenvolvimento, e que é absolutamente como se não existissem; portanto, em certas pessoas, não pode nelas haver nem as percepções, nem as manifestações correspondentes a esses órgãos; em uma palavra, elas estão, para essas faculdades, como

os cegos para a luz, os surdos para a música.

O exame frenológico dos povos pouco inteligentes constata a predominância das faculdades instintivas, e a atrofia dos órgãos da inteligência. O que é excepcional nos povos avançados, é a regra em certas raças. Por que isto? É uma injusta preferência? Não, é a sabedoria. A Natureza é sempre providente; nada faz de inútil; ora, seria uma coisa inútil dar um instrumento completo a quem não tem meios de se servir dele. Os Espíritos selvagens são Espíritos ainda crianças, podendo-se assim se exprimir; entre eles, muitas faculdades ainda estão latentes. Que faria, pois, o Espírito de um Hotentote no corpo de um Arago? Seria como aquele que não sabe a música diante de um excelente piano. Por uma razão inversa, que faria o Espírito de Arago no corpo de um Hotentote? Seria como Liszt diante de um piano que não teria senão algumas más cordas falsas, às quais seu talento jamais chegaria a dar sons harmoniosos. Arago entre os selvagens, com todo o seu gênio, seria tão inteligente, talvez, quanto pode sê-lo um selvagem, mas nada de mais; jamais seria, sob uma pele negra, membro do Instituto. Seu Espírito levá-lo-ia ao desenvolvimento dos órgãos? De órgãos fracos, sim; de órgãos rudimentares, não(1(1)Vede a *Revista Espírita* de outubro de 1861: Os Cretinos.)

A Natureza, portanto, apropriou os corpos ao grau de adiantamento dos Espíritos que devem neles se encarnar; eis porque os corpos das raças primitivas possuem menos cordas vibrantes que os das raças avançadas. Há, pois, no homem, dois seres bem distintos: o Espírito, ser pensante; o corpo, instrumento das manifestações do pensamento, mais ou menos completo, mais ou menos rico em cordas, segundo as necessidades.

Chegamos agora à perfectibilidade das raças; esta questão, por assim dizer, está resolvida pelo que precede: não temos senão que deduzir-lhe algumas conseqüências. Elas são perfectíveis pelo Espírito que se desenvolve através de suas diferentes migrações, em cada uma das quais adquire, pouco a pouco, as qualidades que lhes faltam; mas, à medida que as suas faculdades se estendem, falta-lhe um instrumento apropriado, como a uma criança que cresce são necessárias roupas maiores; ora, sendo insuficientes os corpos constituídos para seu estado primitivo, lhes é necessário encarnar em melhores condições, e assim por diante, à medida que progride.

As raças são também perfectíveis pelo corpo, mas isso não é senão pelo cruzamento com as raças mais aperfeiçoadas, que lhes trazem novos elementos que as *enxertam*, por assim dizer, os germes de novos órgãos. Esse cruzamento se faz pelas emigrações, pelas guerras, e pelas conquistas. Sob esse aspecto, há raças, como famílias, que se abastardam se não se misturam com sangues diversos. Então, não se pode dizer que isso seja a raça primitiva pura, porque sem cruzamento essa raça será sempre a mesma, seu estado de inferioridade relacionado à sua natureza; ela degenerará em lugar de progredir, e é o que a conduz ao desaparecimento num tempo dado.

A respeito dos negros escravos, diz-se: "São seres tão brutos, tão pouco inteligentes, que seria trabalho perdido procurar instruí-los; é uma raça inferior, incorrigível e profundamente incapaz". A teoria que acabamos de dar permite encará-los sob uma outra luz; na questão do aperfeiçoamento das raças, é preciso ter em conta dois elementos constitutivos do homem: o elemento espiritual e o elemento corpóreo. É preciso conhecê-los, um e o outro, e só o Espiritismo pode nos esclarecer sobre a natureza do elemento espiritual, o mais importante, uma vez que é este que pensa e que sobrevive, ao passo que o elemento corpóreo se destrói.

Os negros, pois, como organização física, serão sempre os mesmos; como Espíritos, sem

dúvida, são uma raça inferior, quer dizer, primitiva; são verdadeiras crianças às quais pode-se ensinar muito coisa; mas, por cuidados inteligentes, pode-se sempre modificar certos hábitos, certas tendências, e já é um progresso que levarão numa outra existência, e que lhes permitirá, mais tarde, tomar um envoltório em melhores condições. Trabalhando para o seu adiantamento, trabalha-se menos para o presente do que para o futuro, e, por pouco que se ganhe, é sempre para eles um tanto de aquisições; cada progresso é um passo adiante, que facilita novos progressos.

Sob o mesmo envoltório, quer dizer, com os mesmos instrumentos de manifestação do pensamento, as raças não são perfectíveis senão em limites estreitos, pelas razões que desenvolvemos. Eis por que a raça negra, enquanto raça negra, corporeamente falando, jamais alcançará o nível das raças caucásicas; mas, enquanto Espíritos, é outra coisa; ela pode se tornar, e se tornará, o que somos; somente ser-lhe-á preciso tempo e melhores instrumentos. Eis porque as raças selvagens, mesmo em contato com a civilização, permanecem sempre selvagens; mas, à medida que as raças civilizadas se ampliam, as raças selvagens diminuem, até que desapareçam completamente, como desapareceram as raças dos Caraíbas, dos Guanches, e outras. Os corpos desapareceram, mas em que se tornaram os Espíritos? Mais de um, talvez, esteja entre nós.

Dissemos, e repetimos, o Espiritismo abre horizontes novos a todas as ciências; quando os sábios consentirem em levar em conta o elemento espiritual nos fenômenos da Natureza, ficarão muito surpresos em ver as dificuldades, contra as quais se chocavam a cada passo, se aplainarem como por encanto; mas é provável que, para muitos, será preciso renovar o hábito. Quando retornarem, terão tido o tempo de refletir, e trarão novas idéias. Encontrarão as coisas muito mudadas neste mundo; as idéias espíritas, que repelem hoje, terão germinado por toda parte e serão a base de todas as instituições sociais; eles mesmos serão educados e nutridos nessa crença que abrirá, ao seu gênio, um novo campo para o progresso da ciência. À espera disso, e enquanto estão aqui, que procurem a solução deste problema: Por que a autoridade de seu saber, e suas negações, não detêm, por um único instante, a marcha, dia a dia mais rápida, das idéias novas?

Conseqüências da doutrina da reencarnação sobre a propagação do Espiritismo

Revista Espírita, abril de 1862

O Espiritismo caminha com rapidez, aí está um fato que ninguém poderia negar; ora, quando uma coisa se propaga, é que ela convém, portanto, o Espiritismo se propaga porque ele convém. Para isso há muitas causas; a primeira, sem contradita, como explicamos em diversas circunstâncias, é a satisfação moral que ele proporciona àqueles que o compreendem e o praticam; mas esta mesma causa recebe, em parte, sua força do princípio da reencarnação; é o que vamos tentar demonstrar.

Todo homem que reflete, não pode se impedir de preocupar-se com o seu futuro depois da morte, e isso lhe vale bem a pena. Qual é aquele que não liga, à sua situação sobre a Terra, durante alguns anos, mais importância que à de alguns dias? Faz-se mais: durante a primeira parte da vida, trabalha-se, extenua-se de fadiga, se impõem todas espécies de privações para assegurar, na outra metade, um pouco de repouso e de bem-estar. Se se toma tanto cuidado para alguns anos eventuais, não é racional tomá-lo ainda mais para a vida de além-túmulo, cuja duração é ilimitada? Por que a maioria trabalha mais para o presente fugidio do que para o futuro sem fim? É que se crê na realidade do presente, e que se duvida do futuro; ora, *não se duvida senão do que não se compreende*. Que o futuro seja compreendido, e a dúvida cessará. Aos próprios olhos daquele que, no estado das crenças vulgares, está melhor convencido da vida futura, ela se apresenta de maneira tão vaga, que a fé não basta sempre para fixar as idéias, e que tem mais caracteres da hipótese do que dos da realidade. O Espiritismo vem levantar essa incerteza pelo testemunho daqueles que viveram, e por provas por assim dizer materiais.

Toda religião repousa, necessariamente, sobre a vida futura, e todos os dogmas convergem, forçosamente, para esse objetivo único; é tendo em vista alcançar esse objetivo que são praticados, e a fé nesses dogmas está em razão da eficácia que se lhes supõe para ali chegar. A teoria da vida futura é, pois, a pedra angular de toda doutrina religiosa; se essa teoria peca pela base, se abre o campo para objeções sérias, se ela mesma se contradiz, se se pode demonstrar a impossibilidade de certas partes, tudo desmorona: a dúvida vem primeiro, à dúvida sucede a negação absoluta, e os dogmas são arrastados no naufrágio da fé. Acreditou-se escapar ao perigo

proscurendo o exame e fazendo uma virtude da fé cega; mas pretender impor a fé cega neste século, é desconhecer os tempos em que vivemos; reflita-se apesar de si; examine-se pela força das coisas, se quer saber o por quê e o como; o desenvolvimento da indústria e das ciências exatas ensina a olhar o terreno onde se põe o pé, é porque se pesquisa aquele sobre o qual se diz que se caminhará depois da morte; se não for encontrado sólido, quer dizer, lógico, racional, com ele não se preocupa. Agir-se-á inutilmente, não se chegará a neutralizar essa tendência, porque ela é inerente ao desenvolvimento intelectual e moral da Humanidade. Segundo uns, é um bem, segundo outros, é um mal; qualquer que seja a maneira pela qual seja encarado, é preciso, bom grado ou malgrado, a isso se acomodar, porque não há meio de fazê-lo de outro modo.

A necessidade de se dar conta e de compreender refere-se às coisas materiais sobre as coisas morais. A vida futura, sem dúvida, não é uma coisa palpável como uma estrada de ferro e uma máquina a vapor, mas pode ser compreendida pelo raciocínio; se o raciocínio, em virtude do qual procura-se demonstrá-lo, não satisfaz à razão, rejeitam-se premissas e conclusões. Interrogai aqueles que negam a vida futura, e todos vos dirão que foram conduzidos à incredulidade pelo próprio quadro que delas se lhes fez com seu cortejo de diabos, de chamas e de penas sem fim.

Todas as questões morais, psicológicas e metafísicas se ligam de maneira mais ou menos direta à questão do futuro; disso resulta que desta última questão depende, de alguma forma, a racionalidade de todas as doutrinas filosóficas e religiosas. O Espiritismo vem, a seu turno, não como uma religião, mas como uma doutrina filosófica, trazer a sua teoria, apoiada sobre o fato das manifestações; não se impõe; não reclama confiança cega; candidata-se e diz: Examinai, comparai e julgai; se encontrardes alguma coisa melhor do que a que vos dou, tomai-a. Ele não diz: Venho saber os fundamentos da religião e substituí-la por um culto novo; ele diz: Eu não me dirijo àqueles que crêem e que estão satisfeitos com a sua crença, mas àqueles que desertam de vossas fileiras pela incredulidade e que não soubestes ou não pudestes reter; venho lhes dar, sobre as verdades que repelem, uma interpretação de natureza a satisfazer sua razão e que lhes faz aceitá-la; e a prova de que tenho sucesso é o número daqueles que tiro da lamaçal da incredulidade. Escutai-os, todos vos dirão: Se não se tivesse me ensinado essas coisas dessa maneira, desde minha infância, jamais teria duvidado; agora creio, porque compreendo. Deveis repeli-los porque aceitam o espírito e não a letra, o princípio em lugar da forma? Sois livre; se vossa consciência disso vos fizer um dever, ninguém pensa em violentá-la, mas disso não direi menos que é uma falta; digo mais, uma imprudência.

A vida futura, como vos dissemos, é o objetivo essencial de toda doutrina moral; sem a vida futura, a moral não tem mais base. O triunfo do Espiritismo está precisamente na maneira pela qual apresenta o futuro; além das provas que dele dá, o quadro que dele faz é tão claro, tão simples, tão lógico, tão conforme à justiça e à bondade de Deus, que, involuntariamente, se diz: Sim, é bem assim que isso deve ser, foi assim que eu sonhei, e se nele não acreditei, foi porque me afirmaram que era de outro modo. Mas o que dá à teoria do futuro uma tal força? O que é que lhe granjeia tão numerosas simpatias? É, dizemos, sua inflexível lógica, é porque ela resolve as dificuldades até então insolúveis e isso deve ao princípio da pluralidade das existências; com efeito, tirai esse princípio e mil problemas, todos mais insolúveis uns que os outros, se apresentam imediatamente; choca-se, a cada passo, contra objeções sem número. Essas objeções não eram feitas outrora, quer dizer, não se pensava nelas; mas, hoje que a criança se tornou homem, quer ir ao fundo das coisas; quer ver claro no caminho em que o conduzem; sonda e pesa o valor dos argumentos que lhe dão, e se não se satisfazem pela sua razão, a deixam no vago e na incerteza, rejeita-os esperando-os melhores. A pluralidade das existências é uma chave que abre horizontes novos, que dá uma razão de ser a uma multidão de coisas incompreendidas, que explica o que era inexplicável; ela concilia todos os acontecimentos da vida com a justiça e a bondade de Deus; eis porque aqueles que chegando a duvidar dessa justiça e dessa bondade, reconhecem agora o dedo da Providência, ali onde o tinham desconhecido. Sem a reencarnação, com efeito, que causa atribuir às idéias inatas; como justificar o idiota, o cretinismo, a selvajaria ao lado do gênio e da civilização; a profunda miséria de uns ao lado da felicidade dos outros, as mortes prematuras e tantas outras coisas? Do ponto de vista religioso, certos dogmas, tais como o pecado original, a queda dos anjos, a eternidade das penas, a ressurreição da carne, etc., encontram nesse princípio uma interpretação racional, que faz aceitar-lhe o espírito mesmo por aqueles que lhe repelem a letra.

Em resumo, o homem atual quer compreender; o princípio da reencarnação lança a luz sobre o que era obscuro; eis porque dizemos que esse princípio é uma das causas que fazem acolher o Espiritismo com favor.

A reencarnação, dir-se-á, não é necessária para se crer nos Espíritos e suas manifestações, e a prova disso é que há crentes que não o admitem. Isso é verdade; também não dizemos que não se possa ser muito bom Espírita sem isso; não somos daqueles que atiram a pedra em quem não pensa como nós. Dizemos somente que não abordaram todos os problemas que o sistema unitário levanta, sem isso teriam reconhecido a impossibilidade de dar-lhe uma solução satisfatória. A idéia da pluralidade das existências, no início, foi acolhida com espanto, com desconfiança; depois, pouco a pouco, familiarizou-se com essa idéia, à medida que se reconheceu a impossibilidade de sair, sem ela, das inumeráveis dificuldades que levantam a psicologia e a vida futura. Há um fato certo, é que esse sistema ganha terreno todos os dias, e que o outro o perde todos os dias; na França, hoje, os adversários da reencarnação, - falamos daqueles que estudaram a ciência espírita - são em número imperceptível comparativamente aos seus partidários; na própria América, onde são mais numerosos, pelas causas que explicamos em nosso número precedente, esse princípio começa a se popularizar, de onde se pode concluir que não está longe o tempo em que não haverá nenhuma dissidência sob esse aspecto.

Epidemia demoníaca em Savoie

Revista Espírita, abril de 1862

Os jornais falaram, há algum tempo, de uma monomania epidêmica que se declarou numa parte da Haute-Savoie, e contra a qual fracassaram todos os recursos da medicina e da religião. O único meio que produziu resultados um pouco satisfatórios foi a dispersão dos indivíduos em diferentes cidades. Recebemos, a esse respeito, a carta seguinte do capitão B..., membro da Sociedade Espírita de Paris, neste momento em Annecy.

Annecy, 7 de março de 1862.

"Senhor presidente,

"Pensando me tornar útil à Sociedade, tenho a honra de vos enviar uma brochura, que um amigo me remeteu, Sr. Dr. Caille, encarregado pelo ministro para seguir a sindicância feita pelo Sr. Constant, inspetor das casas de alienados, sobre os casos *muito numerosos* de demoniomania, observados na comuna de Morzine, distrito de Thonon (Haute-Savoie). Essa infeliz população está ainda hoje sob a influência da obsessão, apesar dos exorcismos, dos tratamentos médicos, das medidas tomadas pela autoridade, internação nos hospitais do departamento; os casos diminuíram um pouco, mas não cessaram, e o mal existe, por assim dizer, no estado latente. O cura, querendo exorcizar esses infelizes, na maioria crianças, os fizera levar à igreja, conduzidos por homens vigorosos. Apenas pronunciara as primeiras palavras latinas, e uma cena assustadora se produziu: gritos, pulos furiosos, convulsões, etc., a tal ponto que mandaram buscar a polícia e uma companhia de infantaria, para colocar a boa ordem.

"Não pude conseguir todas as informações que gostaria de poder vos dar desde hoje, mas esses fatos me parecem bastante graves para merecer vosso exame. O Sr. Dr. Arthaud, alienista, de Lyon, leu um relatório à Sociedade médica dessa cidade, relatório que foi impresso na *Gazette médicale de Lyon*, e que poderíeis vos proporcionar pelo vosso correspondente. Temos, no hospital dessa cidade, duas mulheres de Morzine, que estão em tratamento. O Sr. Dr. Caille concluiu por uma afecção nervosa epidêmica, que escapa a toda espécie de tratamento e de exorcismo; só o isolamento produziu bons resultados. Todos esses infelizes obsidiados pronunciam, em suas crises, palavras obscenas; dão pulos prodigiosos acima das mesas, sobem nas árvores, nos tetos, e profetizam, às vezes.

"Se esses fatos se apresentaram nos séculos dezesseis e dezessete, nos conventos e nas regiões de lavoura, não é menos verdadeiro que, no nosso século dezenove, nos ofereçam, a nós Espíritas, um objeto de estudo do ponto de vista da obsessão epidêmica se generalizando e persistindo durante anos, uma vez que há quase cinco anos o primeiro caso foi observado.

'Terei a honra de vos enviar todos os documentos e informações que puder me proporcionar.

Aceitai, etc.,

"B."

As duas comunicações seguintes nos foram dadas a esse respeito, na Sociedade de Paris, pelos nossos Espíritos habituais.

"Não são os médicos, mas magnetizadores, espiritualistas ou espíritas que seria preciso enviar para dissipar a legião dos maus Espíritos, perdidos em vosso planeta. Digo perdidos, porque não farão senão passar. Mas por muito tempo a infeliz população enlameada pelo contato impuro, sofrerá em seu moral e em seu corpo. Onde está o remédio? Perguntai-vos. Ele surgirá do mal, porque os homens, assustados por essas manifestações, acolherão com entusiasmo o contato benfazejo de bons Espíritos que lhes sucederão, como a alvorada sucede à noite. Essa pobre população, ignorante de todo o trabalho intelectual, teria desconhecido as comunicações inteligentes dos Espíritos, ou antes, não as teria mesmo percebido. A iniciação e os males que essa turba impura arrasta, abrem os olhos fechados, e as desordens, os atos de demência, não são senão o prelúdio da iniciação, porque todos devem participar da grande luz espírita. Não reclameis sobre o cruel modo de proceder: tudo tem uma finalidade, e os sofrimentos devem fecundar como fazem as tempestades que destroem a colheita de uma região, ao passo que fertilizam outras regiões.

GEORGES (*Médium, senhora Costel*).

"Os casos de demoniomania, que se produzem hoje em Savoie, se produzem igualmente em outros países, notadamente na Alemanha, mas muito principalmente no Oriente. Esse fato anormal é mais característico do que o pensais. Com efeito, ele revela, para o observador atento, uma atenção análoga àquela que se manifestou nos últimos anos do paganismo. Ninguém ignora que quando o Cristo, nosso mestre bem-amado, se encarnou na Judéia, sob os traços do carpinteiro Jesus, esse país havia sido invadido por legiões de maus Espíritos que se apoderaram, pela possessão, como hoje, das classes sociais mais ignorantes, de Espíritos encarnados mais fracos e menos avançados, em uma palavra, de indivíduos que guardam os rebanhos ou que vagam nas ocupações da vida dos campos. Não vos apercebeis de uma analogia muito grande entre a reprodução desses fenômenos idênticos de possessão? Ah! há ali um ensinamento muito profundo! e deveis disso concluir que os tempos preditos se aproximam mais e mais, e que o Filho do homem virá logo expulsar, de novo, essa turba de Espíritos impuros que se abateram sobre a Terra, e reviver a fé cristã, dando a sua alta e divina sanção às revelações consoladoras e aos ensinamentos regeneradores do Espiritismo. Para retornarmos aos casos atuais de demoniomania, é preciso se lembrar que os sábios, que os médicos do século de Augusto, trataram segundo os procedimentos hipocráticos, os infelizes possessos da Palestina, e que toda a sua ciência se quebrou diante desse poder desconhecido. Pois bem! Hoje ainda, todos os vossos inspetores de epidemias, todos os vossos alienistas mais distintos, sábios doutores em materialismo puro, fracassarão do mesmo modo diante dessa enfermidade toda moral, diante dessa epidemia toda espiritual. Mas que importa! meus amigos, vós que fostes tocados pela graça nova, sabeis o quanto esses males são passageiros, são curáveis por aqueles que têm fé. Esperai, pois, esperai com confiança a vinda d'Aquele que já resgatou a Humanidade; a hora está próxima; o Espírito precursor já está encarnado; logo, pois, o desenvolvimento completo desta Doutrina que tomou por divisa: "Fora da caridade, não há salvação!"

ERASTO. (*Médium, Sr. d'Ambel*).

Do que precede, seria preciso concluir que não se trata aqui de uma afecção orgânica, mas antes de uma influência oculta. Temos tanto menos dificuldades em nisto crer quanto tivemos numerosos em casos idênticos isolados devidos à mesma causa; e o que o prova, é

que os meios ensinados pelo Espiritismo bastaram para fazer cessar a obsessão. Está provado pela experiência que os Espíritos malévolos agem não só sobre o pensamento, mas também sobre o corpo, com o qual se identificam, e do qual se servem como se fosse o seu; que provocam atos ridículos, gritos, movimentos desordenados, tendo todas as aparências da loucura ou da monomania. Encontrar-se-á a explicação no nosso *O Livro dos Médiuns*, no capítulo da Obsessão, e num próximo artigo citaremos vários fatos que o demonstram de maneira incontestável. É bem, com efeito, uma espécie de loucura, uma vez que pode se dar esse nome a todo estado anormal em quem o espírito não age livremente; neste ponto de vista, a embriaguez é uma verdadeira loucura accidental.

É preciso, pois, distinguir a *loucura patológica* da *loucura obsessional*. A primeira é produzida por uma desordem nos órgãos da manifestação do pensamento. Notemos que, nesse estado de coisas, não é o Espírito que está louco; ele conserva a plenitude das suas faculdades, assim como a observação o demonstra; somente, o instrumento de que se serve para se manifestar, estando desorganizado, o pensamento, ou antes, a expressão do pensamento é incoerente.

Na loucura obsessional, não há lesão orgânica; é o próprio Espírito que está afetado pela subjugação de um Espírito estranho, que o domina e o dirige. No primeiro caso, é preciso tentar curar o órgão enfermo; no segundo, basta livrar o Espírito enfermo de um hóspede importuno, a fim de lhe devolver a liberdade. Os casos semelhantes são muito freqüentes, e, amiúde, se toma pela loucura o que não era em realidade senão uma obsessão, para a qual seria preciso empregar meios morais e não duchar. Para os tratamentos físicos, e sobretudo para o contato dos verdadeiros alienados, freqüentemente, tem sido determinada uma verdadeira loucura ali onde ela não existia.

O Espiritismo, que abre horizontes novos a todas as ciências, vem, pois, também clarear a questão tão obscura das enfermidades mentais, assinalando-lhe uma causa a qual, até este dia, não se teve em conta; causa real, evidente, provada pela experiência, e da qual se reconhecerá mais tarde a verdade. Mas como fazer admitir essa causa por aqueles que são muito prontos a enviarem aos Hospícios quem tenha a fraqueza de crer que temos uma alma, que essa alma desempenha um papel nas funções vitais, que ela sobrevive ao corpo e pode agir sobre os vivos? Graças a Deus! e, para o bem da Humanidade, as idéias espíritas fazem mais progressos entre os médicos do que se poderia esperar, e tudo faz prever que, em futuro pouco distante, a medicina sairá, enfim, da rotina materialista.

Os casos isolados de obsessão física ou de subjugação, estando averiguados, compreende-se que, semelhante a uma nuvem de gafanhotos, um bando de maus Espíritos pode se abater sobre um certo número de indivíduos, apoderar-se deles e produzir uma espécie de epidemia moral. A ignorância, a fraqueza das faculdades, a falta de cultura intelectual, lhes dá naturalmente mais ação; por isso maltratam, de preferência, certas classes, embora as pessoas inteligentes e instruídas deles não estejam isentas. Provavelmente, como disse Erasto, é uma epidemia desse gênero que reinava no tempo do Cristo, e da qual freqüentemente se falou no Evangelho. Mas por que só a sua palavra bastava para expulsar o que eram chamados então de demônios? Isso prova que o mal não podia ser curado senão por uma influência moral; ora, quem pode negar a influência moral do Cristo? Entretanto, dir-se-á, empregou-se o exorcismo, que é um remédio moral, e nada produziu. Se nada produziu, é que o remédio nada vale, e que é preciso procurar um outro; isto é evidente. Estudai o Espiritismo, e compreender-lhe-eis a razão. Só o Espiritismo, assinalando a verdadeira causa do mal, pode dar os meios de combater os flagelos dessa natureza. Mas quando dissemos para estudá-lo, entendemos que é preciso fazê-lo seriamente, e não na esperança de aí encontrar uma receita banal para o uso do primeiro que chegue.

O que acontece em Savoie, chamando a atenção, apressará provavelmente o momento em que se reconhecerá a parte de ação do mundo invisível, nos fenômenos da Natureza; uma vez entrado neste caminho, a ciência possuirá a chave de muitos mistérios, e verá se abaixar a mais formidável barreira que detém o progresso: o materialismo, que restringe o círculo da observação, ao invés de alargá-lo.

Respostas à questão dos anjos decaídos

Revista Espírita, abril de 1862

Nota. - Recebemos de diversos lados respostas a todas as perguntas propostas no número de janeiro último. Sua extensão não nos permite publicá-las todas simultaneamente; limitá-nos-emos hoje à questão dos anjos rebeldes.

(Bordeaux. - Médiun, Sra. Cazemajoux.)

Meus amigos, a teoria contida no resumo que vindes de ler, é a mais lógica e a mais racional. A sã razão não permite admitir a criação de Espíritos puros e perfeitos se revoltando contra Deus e procurando igualá-lo em poder, em majestade, em grandeza.

Antes de chegar à perfeição, o Espírito ignorante e fraco, entregue ao seu livre arbítrio, se entrega, muito freqüentemente, à corrupção, e mergulha com prazer no oceano da iniquidade; mas o que causa sobretudo a sua perda, é o orgulho. Ele nega Deus, atribui ao acaso sua existência, as maravilhas da criação e a harmonia universal. Então, infeliz dele! É um anjo decaído. Em lugar de avançar para os mundos felizes, é mesmo exilado do planeta em que habita para ir expiar, em mundos inferiores, a sua rebeldia incessante contra Deus.

Guardai-vos, irmãos, de imitá-los: são os anjos perversos; fazei todos os vossos esforços para não lhes aumentar o número; que a luz da fé espírita vos esclareça sobre os vossos deveres presentes e sobre os vossos interesses futuros, a fim de que possais, um dia, evitar a sorte dos Espíritos rebeldes, e subir a escala espiritual que conduz à perfeição.

VOSSOS GUIAS ESPIRITUAIS

(Haia (Holanda). - Médiun, Sr. barão de Kock.)

Sobre este artigo não tenho senão poucas palavras a dizer, senão que é sublime de verdade; nada há a acrescentar, nada há a suprimir; bem felizes aqueles que unirem fé a essas belas palavras, aqueles que aceitarão esta Doutrina escrita por Kardec. Kardec é o homem eleito de Deus para instrução do homem desde o presente; são palavras inspiradas pelos Espíritos do bem, Espíritos muito superiores. Acrescentai-lhe fé; lede, estudai toda esta Doutrina: é um bom conselho que vos dou.

VOSSO GUIA PROTETOR.

(Sens. - Médiun, Sr. Pichon.)

Perg. Que devemos pensar da interpretação da doutrina dos anjos decaídos, que o Sr. Kardec publicou no último número da *Revista Espírita*? - *Resp.* Que ela é perfeitamente racional e que nós mesmos não teríamos explicação melhor.

(Paris. Comunicação particular. - Médium, senhorita Stéphanie.)

Está bem definido, mas é preciso ser franco, não acho senão uma coisa que me contrarie: por que falar desse dogma da Imaculada Conceição? Tivestes revelações concernentes à Mãe do Cristo? Deixai essas discussões para a Igreja católica. Lamento tanto mais essa comparação quanto os padres crerão e dirão que quereis lhes fazer a corte.

UM ESPÍRITO *amigo sincero do médium*

e do diretor da revista espírita.

(Lyon. - Médium, senhora Bouillant.)

Outrora críamos que os anjos, depois de ter habitado os mundos mais radiosos, tinham se revoltado contra Deus, e tinham merecido ser expulsos do Éden, que Deus lhes havia dado como morada. Cantamos sua queda e sua fraqueza, e, crendo nessa fábula do Paraíso perdido, bordamo-lo com todas as flores da retórica que conhecíamos. Era para nós um tema que nos oferecia um encanto particular. Esse primeiro homem e essa primeira mulher expulsos de seu oásis, condenados a viver sobre a Terra, presos de todos os males que vêm assediá-la a Humanidade, era para o autor um grande recurso para estender suas idéias, e o assunto, sobretudo, se prestava perfeitamente às nossas idéias melancólicas; como os outros, acreditamos no erro, e acrescentamos a nossa palavra a todas as que já tinham sido pronunciadas. Mas, agora que nossa existência no espaço nos permitiu julgar as coisas sob seu verdadeiro ponto de vista; no presente que podemos compreender o quanto é absurdo admitir que o Espírito, chegado ao seu mais alto grau de pureza, podia retrogradar de repente, se revoltar contra seu o criador e entrar em luta com ele; mas agora que podemos julgar por quantos cadinhos é preciso que o líquido se filtre para se depurar ao ponto de se tornar essência e quintessência, estamos no estado de vos dizer o que são os anjos decaídos, e o que deveis acreditar do Paraíso perdido.

Deus, em sua imutável lei do progresso, quer que os homens avancem, e avancem sem cessar, de século em século, em épocas determinadas por ele. Quando a maioria dos seres que habitam a Terra se torna muito superior para a parte terrestre que ela ocupa, Deus ordena uma emigração de Espíritos, e aqueles que cumpriram sua missão com consciência vão habitar regiões que lhes são determinadas; mas o Espírito recalcitrante ou preguiçoso que vem fazer sombra no quadro, este está obrigado a permanecer para trás, e nessa depuração do Espírito, ele é rejeitado, como os químicos fazem para o que não passou pelo filtro; então o Espírito se encontra em contato com outros Espíritos, que lhe são inferiores, e sofre realmente do constrangimento que lhe é imposto.

Lembra-se intuitivamente da felicidade que gozava, e se encontra no meio de seus iguais como uma flor exótica que fosse bruscamente transplantada num campo inculto. Esse Espírito se revolta compreendendo a sua superioridade; procura dominar aqueles que o cercam, e essa revolta, essa luta contra si mesmo, volta-se também contra o criador que lhe deu a existência, e que desconhece. Se seus pensamentos podem se desenvolver, derramará o que excede de seu coração em recriminações amargas, como o condenado na prisão, sofrerá cruelmente até que tenha expiado a preguiça e o egoísmo que o impediram de seguir seus irmãos. Eis, meus amigos, quais são os anjos decaídos e porque todos lamentam seu paraíso. Tratai, pois, a vosso turno, de vos apressar para não serdes

abandonados quando soar o sinal do retorno; lembrai-vos de tudo o que deveis a vós mesmos; dizei-vos bem que sois vós, e que tendes o vosso livre arbítrio. Essa personalidade do Espírito vos explica porque o filho do homem sábio, freqüentemente, é um idiota, e porque a inteligência não pode se transformar em morgadio. Um grande homem poderá bem dar à sua prole o garbo de sua aparência, mas jamais lhe transmitirá o seu gênio, e podeis estar certos de que todos os gênios que vieram ostentar seus talentos entre vós eram bem os filhos de suas obras, porque, assim como disse um homem muito sábio, é que: "as mães dos Patay, dos Letronne e do vasto Arago criaram esses grandes homens muito inocentemente". Não, meu amigo, a mãe que dá nascimento a um talento ilustre não está, por nada, no Espírito que anima seu filho: esse Espírito já era muito avançado quando veio se reencarnar no cadinho da depuração. Escalai, pois, esses degraus da escala; degraus luminosos e brilhantes como sóis, uma vez que Deus os ilumina com a sua esplêndida luz; e lembrai-vos de que, agora que conheceis o caminho, sereis muito culpáveis se vos tornardes anjos decaídos; de resto, não creio que ninguém ousaria vos lamentar e vos cantar ainda o *Paraíso perdido*.

MILTON.

(Francfort. - Médiun, senhora Delton).

Não direi nada diverso sobre essa interpretação dos anjos rebeldes e dos anjos decaídos, senão que ela faz parte dos ensinamentos que devem vos ser dados, a fim de dar, às coisas mal compreendidas, seu verdadeiro sentido. Não creiais que o autor desse artigo o haja escrito sem assistência, como ele mesmo pensou; acreditou emitir suas próprias idéias e foi por isso que dela se duvidou, ao passo que, em realidade, não fez senão dar uma forma às que lhe eram inspiradas.

Sim, está com a verdade quando disse que os anjos rebeldes estão ainda sobre a Terra, e que são os materialistas e os ímpios, aqueles que ousam negar o poder de Deus, não está aí o cúmulo do orgulho? Todos vós que credes em Deus e cantais seus louvores, vos indignais com tal audácia da criatura, e tendes razão; mas sondai a vossa consciência, e vede se não estais, vós mesmos, a cada instante em revolta contra ele, pelo esquecimento de suas mais santas leis. Praticai a humildade, vós que credes na superioridade de vosso mérito; que vos glorificais dos dons que recebestes; que vedes com inveja e ciúme a posição de vosso vizinho, os favores que lhe acontecem, a autoridade que lhe é concedida? Praticai a caridade, vós que denegrís vosso irmão; que derramais sobre ele a maledicência e a calúnia; que em lugar de lançar um véu sobre seus defeitos, tendes prazer em expô-los à luz, a fim de rebaixá-lo? Vós que credes em Deus, sobretudo vós, Espíritas, e que se agis assim, eu o digo em verdade, sois mais culpáveis do que o ateu e o materialista, porque tendes a luz e não vedes. Sim, sois também anjos rebeldes, porque não obedecéis à lei de Deus, e no grande dia Deus vos dirá: "Que fizestes de meus ensinamentos?"

PAUL, *Espírito protetor*.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, abril de 1862

Girard de Codemberg

(Bordeaux, novembro de 1861).

O Sr. Girard de Codemberg, antigo aluno da Escola politécnica, é autor de um livro intitulado: *O Mundo espiritual, ou Ciência cristã de comunicar intimamente com as potências celestes e as almas felizes*. Esta obra contém comunicações excêntricas que denotam uma obsessão manifesta, e da qual os Espíritas sérios não podem ver senão com pena a publicação. O autor morreu em novembro de 1858, e foi evocado na Sociedade de Paris em 14 de janeiro de 1859. Pode-se ver o resultado dessa evocação no número da *Revista Espírita* do mês de abril de 1859. A evocação seguinte foi feita em Bordeaux, em novembro de 1861; a coincidência dessas duas evocações é digna de nota.

Perg. Consentiríeis em responder a algumas perguntas que me proponho vos dirigir? - *Resp.* É um dever.

P. Qual é a vossa posição no mundo dos Espíritos? - *R.* Feliz relativamente à da Terra; porque nesse mundo eu não via o mundo espiritual senão através do nevoeiro de meus pensamentos, e agora vejo se desenrolar diante de mim a grandeza e a magnificência das obras de Deus.

P. Dizeis, em uma passagem de vossa obra, que tenho sob a mão: "Pergunta-se à mesa o nome do anjo guardião que, segundo a crença americana, não é outro senão uma alma feliz, que viveu de nossa vida terrestre, e à qual, por conseguinte, um nome deve ter tido na sociedade humana." Essa crença, dizeis, é uma heresia. Que pensais hoje dessa heresia? - *R.* Eu vos disse, eu mal vi, porque, inexperiente na prática do Espiritismo, aceitei como verdades dados que me eram ditados por Espíritos levianos e impostores; mas confesso, em presença dos verdadeiros e sinceros Espíritas que estão reunidos aqui esta noite, que o anjo guardião, ou Espírito protetor, não é outro senão o Espírito chegado ao progresso moral e intelectual pelas diversas fases que percorreu, nos diversos mundos, e que a reencarnação, que neguei, é a mais sublime e a maior prova da justiça de nosso Pai que está no céu, e que não quer a nossa perda, mas a nossa felicidade.

P. Falais igualmente, em vossa obra, do purgatório. Qual foi o significado que quisestes dar a essa palavra? - *R.* Pensava, com razão, que os homens não poderiam chegar à felicidade sem estarem purificados das manchas que a vida material deixa sempre ao Espírito; mas o purgatório, em lugar de ser um abismo de fogo, tal como eu o imaginava, ou, melhor dizendo, que o medo que eu tinha me fazia juntar-lhe uma fé cega, não era senão os mundos inferiores, dos quais a Terra é um deles, onde todas as misérias, às quais a Humanidade está sujeita, se manifestam de mil maneiras. Não é a explicação desta palavra: *purgare*?

P. Dissestes igualmente que vosso anjo guardião vos respondeu, a propósito do jejum: "O jejum é o complemento da vida cristã, e deves a ele submeter-te." Que pensais disto agora? - R. O complemento da vida cristã! e os Judeus, os Muçulmanos jejuam muito também! O jejum não é apropriado exclusivamente à vida cristã; no entanto, algumas vezes, é útil naquilo em que pode enfraquecer o corpo e acalmar as revoltas da carne; crede-me, uma vida simples e frugal vale melhor que todos os jejuns que são feitos tendo em vista se dar em espetáculo aos homens, mas não corrigem em nada os vossos pendores e as vossas tendências ao mal. Vejo o que exigis de mim; é uma retratação completa de meus escritos; eu vo-la dou, porque alguns fanáticos, que não fazem parte da época na qual escrevi, acrescentam uma fé cega àquilo que fiz imprimir, então, como a exata verdade. Disso não fui punido porque estava de boa-fé, e que escrevia sob a influência receosa das lições da primeira idade, das quais não podia subtrair minha vontade de agir e de pensar; mas crede-o: será muito restrito o número daqueles que abandonarão o caminho traçado pelo Sr. Kardec para seguir o meu; são pessoas com as quais não é preciso muito contar, e que estão marcadas pelo anjo da libertação para serem levadas no turbilhão renovador, que deve transformar a sociedade. Sim, meus amigos, sede Espíritas; é Girard de Codenberg quem vos convida a vos sentar nesse grande banquete fraterno, porque sois e nós somos todos irmãos, e a reencarnação nos torna todos solidários uns com os outros, estreitando entre nós os laços da fraternidade em Deus.

Nota. - Este pensamento que, no grande movimento que deve causar a renovação da Humanidade, os homens que poderiam fazer-lhe obstáculo não teriam aproveitado as advertências de Deus, dela serão expulsos e enviados para mundos inferiores, se encontra hoje reproduzido, de todos os lados, nas comunicações dos Espíritos. Ocorre o mesmo neste: tocamos o momento desta transformação, cujos sintomas já se fazem sentir. Quanto àquela que mostra o Espiritismo como sendo a base dessa transformação, ela é universal. Esta coincidência tem alguma coisa de característica. A. K.

P. Evocastes, dissestes, a virgem Maria, e dissestes ter dela recebido conselhos. Esta manifestação foi real? - R. Quantos, dentre vós, crêem estar inspirados por ela e estão enganados! Sede, vós mesmos, os vossos juizes e os meus.

P. Dirigindo à Virgem esta pergunta: "Há, pelo menos, na sorte das almas punidas, a esperança que vários teólogos conservaram da *gradação das penas*?" A resposta da Virgem, dissestes, foi esta: "As penas eternas não têm gradação; são todas as mesmas, e as chamas lhes são os ministros." Qual é a vossa opinião a esse respeito? - R. As penas infligidas aos maus Espíritos são reais, mas não são eternas; testemunham vossos parentes e vossos amigos que vêm todos os dias ao vosso chamado, e que vos dão, sob todas as formas, ensinamentos que não podem senão confirmar a verdade.

P. Alguém da assembléia vos pergunta se o fogo queima fisicamente ou moralmente? - R. Fogo moral.

O Espírito retoma em seguida espontaneamente: "Caros irmãos em Espiritismo, sois escolhidos por Deus para a sua santa propagação; mais feliz do que eu, um Espírito em missão sobre a vossa Terra, vos traçou o caminho no qual deveis entrar com passo firme e determinado; sede dóceis, não temais nada, é o caminho do progresso e da moralidade da raça humana. Para mim que não tinha delineado a obra que o vosso mestre, vos traçou porque me faltava coragem para me afastar do caminho batido, tinha a missão de vos guiar ao estado de Espírito, no bom e seguro caminho em que entrastes; eu poderia, pois, por aí, reparar o mal que fiz por minha ignorância e ajudar, com minhas fracas faculdades, a reforma da sociedade. Não tenhais nenhum cuidado com os irmãos que se afastam de

vossas crenças; fazei, ao contrário, de maneira que não estejam mais misturados ao grupo dos verdadeiros crentes, porque são pessoas corrompidas, e deveis vos guardar do contágio. Adeus; logo retornarei com este médium.

GIRARD DE CODEMBERG.

Nota. - Nossos guias, consultados sobre a identidade do Espírito, nos respondeu: "Sim, meus amigos, ele sofre de ver o mal que causa a doutrina errônea que publicou; mas já tinha expiado, sobre a Terra, esse erro, porque estava obsidiado, e a doença da qual morreu foi o fruto da obsessão.

De La Bruyère

(Sociedade de Bordeaux. - Médium, senhora Cazemajoux.)

1. Evocação. - *R.* Eis-me aqui!
2. Nossa evocação vos dá prazer?- *R.* Sim, porque muito poucos de vós pensam neste pobre Espírito maldizente.
3. Qual é a vossa posição no mundo espírita? - *R.* Feliz.
4. Que pensais da geração de homens que vive atualmente sobre a Terra? - *R.* Penso que pouco progrediram em moralidade, porque, se vivesse entre eles, poderia aplicar os meus *Caracteres* com a mesma verdade impressionante que os fez notar em minha vida. Reencontro meus gulosos, meus egoístas, meus orgulhosos no mesmo ponto em que os deixei quando morri.
5. Vossos *Caracteres* gozam de uma reputação merecida; qual é a vossa opinião atua l sobre as vossas obras? - *R.* Penso que não tinham o mérito que lhes atribuí, porque teriam produzido um outro resultado. Compreendo que todos aqueles que lêem não se comparam a nenhum desses retratos, embora a maioria seja evidente de verdade. Tendes, todos vós, uma pequena dose de amor-próprio suficiente para aplicar, ao vosso próximo, os vossos erros pessoais, e não vos reconheceis jamais quando vos pintam com traços verídicos.
6. Acabais de dizer que os vossos *Caracteres* poderiam ser aplicados hoje com a mesma verdade; é que não achais os homens mais avançados? - *R.* Em geral, a inteligência caminhou, mas a melhoria não deu um passo. Se Molière e eu pudéssemos ainda escrever, não faríamos outra coisa senão o que fizemos: trabalhos inúteis que vos advertiram sem vos corrigir. O Espiritismo será mais feliz; pouco a pouco, vos conformareis à sua doutrina, e reformareis os vícios que vos assinalamos quando vivos.
7. Pensais que a Humanidade será ainda rebelde às advertências que lhes são dadas pelos Espíritos encarnados em missão sobre a Terra, e pelos Espíritos que vêm ajudá-los? - *R.* Não; a época do progresso e da renovação da Terra, e de seus habitantes, é chegada; é por isso que os bons Espíritos vêm vos dar o seu concurso. Já vos disse bastante para esta noite, mas prepararei, em alguns dias, um de meus *Caracteres*.
8. Vossos *Caracteres* não podem se aplicar igualmente a alguns Espíritos errantes movidos

por sentimentos idênticos? - *R.* A todos aqueles que ainda têm, no estado de Espírito, essas mesmas paixões que os dominavam em sua vida. Perdoai-me a minha franqueza, mas vos direi, quando me chamardes, as coisas sem sutileza e sem rodeio.

JEAN DE LA BRUYÈRE.

Poesias Espíritas

Revista Espírita, abril de 1862

(Sociedade Espírita de Bordeaux. - Médiun, senhora Cazemajoux.)

Crede nos Espíritos do Senhor

Crede em nós; somos a centelha,
Raio brilhante saído do seio de Deus,
Que pendemos sobre cada alma nova,
Em seu berço, chorando seu belo céu azul.

Crede em nós; nossa chama leve,
Espírito errante, junto dos túmulos amigos,
Derrubando o obstáculo, a barreira
Que o Eterno, entre nós, tinha posto.

Crede em nós; trevas e mentiras
Estão dispersas, quando chegamos do céu!
Ridentes e doces, vos derramar, em vossos sonhos,
O doce néctar, a ambrosia e o mel.

Crede em nós; erramos no espaço
Para vos guiar ao bem. Crede em nós
Que vos amamos... Mas cada hora que passa,
Caros exilados, nos aproxima de vós.

ELISA MERCUEUR.

As Vozes do Céu

As vozes do céu suspiram na brisa,
Resmungam no ar, rugem nas ondas;
Nas florestas, sobre a montanha cinzenta,
De seus suspiros escutais os ecos.

As vozes do céu murmuram sob a folha,
Nos prados verdes, nos bosques, nos campos,
Junto da fonte onde chora e se recolhe
O humilde poeta aos tímidos acentos.

As vozes do céu cantam no bosquete,
Nos trigos maduros, nos jardins em flores,
No céu azul que ri na nuvem,
No arco-íris em esplêndidas cores.

As vozes do céu choram no silêncio;
Recolhei-vos, elas falam ao coração;
E os Espíritos, cujo reino começa,
Vos conduzirão ao vosso Criador.

ELISA MERCOEUR.

Dissertações espíritas

Revista Espírita, abril de 1862

Os Mártires do Espiritismo

A propósito da questão dos milagres do Espiritismo que nos foi proposta, e que tratamos no nosso último número, igualmente se propõe esta: "Os mártires selaram com o seu sangue a verdade do Cristianismo; onde estão os mártires do Espiritismo?"

Estais, pois, muito instados a ver os Espíritas colocados sobre a fogueira e lançados às feras! O que deve fazer supor que a boa vontade não vos faltaria se isso ocorresse ainda. Quereis, pois, a toda força elevar o Espiritismo à situação de uma religião! Notai bem que jamais ele teve essa pretensão; jamais se colocou como rival do Cristianismo, do qual declara ser o filho; que ele combate os seus mais cruéis inimigos: o ateísmo e o materialismo. Ainda uma vez, é uma filosofia repousando sobre as bases fundamentais de toda religião, e sobre a moral do Cristo; se renegasse o Cristianismo, se desmentiria, se suicidaria. São esses inimigos que o mostram como uma nova seita, que lhe dá sacerdotes e grandes sacerdotes. Gritarão tanto, e tão freqüentemente, que é uma religião, que se poderia acabar por nisto crer. É necessário ser uma religião para ter seus mártires? A ciência, as artes, o gênio, o trabalho, em todos os tempos, não tiveram seus mártires, assim como todas as idéias novas?

Não ajudam a fazer mártires aqueles que mostram os Espíritas como condenados, párias de cujo contato é preciso fugir; que amotinam contra eles o populacho ignorante, e vão até *lhes tirar os recursos de seu trabalho*, esperando vencê-los pela penúria, à falta de boas razões? Bela vitória, se triunfam! Mas a semente está lançada, ela germina por toda a parte; se é cortada num canto, produz em cem outros. Tentai, pois, ceifá-las da terra inteira! Mas deixemos falarem os Espíritos que se encarregaram de responder à pergunta.



Pedistes milagres, hoje pedistes mártires! Os mártires do Espiritismo já existem: entrai no interior das casas e os vereis. Perguntais dos perseguidos: abri, pois, o coração desses fervorosos adeptos da idéia nova, que têm que lutar com os preconceitos, com o mundo, freqüentemente mesmo com a família! Como seus corações sangram e se prejudicam quando seus braços se estendem para abraçar um pai, uma mãe, um irmão ou uma esposa, e que não recebe por preço de suas carícias e de seu transporte senão sarcasmos, sorrisos de desdém ou de desprezo. Os mártires do Espiritismo são aqueles que ouvem, a cada um de seus passos, estas palavras insultantes: *louco, insensato, visionário!*.... e terão muito tempo para sofrer estas afrontas da incredulidade, e outros sofrimentos mais amargos ainda; mas a recompensa será bela para eles, porque se o Cristo fez preparar para os mártires do Cristianismo um lugar soberbo, o que prepara para os mártires do Espiritismo é mais brilhante ainda. Mártires do Cristianismo em sua infância, caminham para o suplício, fiéis e resignados, porque não contavam sofrer senão os dias, as horas ou o segundo do martírio, aspirando depois à morte como a única barreira a vencer para viver a vida celeste. Mártires do Espiritismo, não devem nem procurar, nem desejar a morte; devem sofrer tanto

tempo quanto praza a Deus deixá-los sobre a Terra, e não ousarem se crerem dignos dos puros gozos celestes logo deixando a vida. Pedem e esperam, murmuram muito baixo palavras de paz, de amor e de perdão por aqueles que os torturam, esperando novas encarnações em que possam resgatar as suas faltas passadas.

O Espiritismo se elevará, como um templo soberbo; os degraus, de início, serão rudes a subir; mas, transpostos os primeiros degraus, os bons Espíritos ajudarão a transpor os outros, até o lugar unido e direito que conduz a Deus. Ide, ide, filhos, pregar o Espiritismo! Pedem mártires: vós sois os primeiros que o Senhor marcou, porque sois mostrados a dedo, e fostes tratados de loucos e de insensatos por causa da verdade! Mas eu vo-lo digo, a hora da luz virá logo e, então, não haverá mais nem perseguidores nem perseguidos, sereis todos irmãos e o mesmo banquete reunirá o opressor e o oprimido!

SANTO AGOSTINHO. (Méd. Sr. E. Vézy.)



O progresso do tempo trocou as torturas físicas pelo martírio da concepção e do parto cerebral das idéias que, filhas do passado, serão mães do futuro. Quando o Cristo veio destruir o costume bárbaro dos sacrifícios, quando veio proclamar a igualdade e a fraternidade do saíote proletário com a toga patrícia, os altares, vermelhos ainda, fumegavam do sangue das vítimas imoladas; os escravos tremiam diante dos caprichos do senhor, e os povos, ignorando a sua grandeza, esqueciam a justiça de Deus. Neste estado de rebaixamento moral, as palavras do Cristo teriam ficado impotentes e desprezadas pela multidão, se não tivessem gritado pelas suas chagas e tornadas sensíveis pela carne palpitante dos mártires; para ser cumprida, a misteriosa lei dos semelhantes exigia que o sangue vertesse para a idéia resgatar o sangue derramado pela brutalidade.

Hoje, os homens pacíficos ignoram as torturas físicas; só seu ser intelectual sofre, porque se debate, comprimido pelas tradições do passado, ao passo que aspira aos horizontes novos. Quem poderá pintar as angústias da geração presente, suas dúvidas pungentes, suas incertezas, seus ardores impotentes e sua extrema lassidão? Inquietantes pressentimentos de mundos superiores, dores ignoradas pela materialidade antiquada, que não sofria senão quando não gozava; dores que são a tortura moderna, e que tornarão mártires aqueles que, inspirados pela revelação espírita, creram e não serão acreditados, falarão e serão zombados, caminharão e serão repelidos. Não vos desencorajeis; vossos próprios inimigos vos preparam uma recompensa, tanto mais bela quanto terão semeado mais espinhos sobre o vosso caminho.

LÁZARO (Méd. Sr. Costel.)



Em todos os tempos, como dissestes, as crenças tiveram mártires; mas também, é preciso dizê-lo, o fanatismo estava, freqüentemente, dos dois lados, e então, quase sempre, o sangue corria. Hoje, graças aos moderadores das paixões, aos filósofos, ou antes, graças a essa filosofia que começou para os escritores do século dezoito, o fanatismo extinguiu a sua chama, e colocou seu gládio na bainha. Não se imagina mais, em nossa época, a cimitarra de Maomé, o cadafalso e a roda da Idade Média, suas fogueiras e suas torturas de todas as espécies, não mais do que não se imaginam os feiticeiros e os mágicos. Outro tempo, outro

costume, diz um provérbio muito sábio. A palavra costume está aqui muito ampla, como o vedes, e significa, segundo a sua etimologia latina: hábitos, maneiras de viver. Ora, no nosso século, nossa maneira de ser não é de revestir um cilício, de ir nas catacumbas, nem de subtrair suas preces aos procônules e aos magistrados da cidade de Paris. O Espiritismo não verá, pois, o machado se levantar e a chama devorar os seus adeptos. Será batido a golpes de idéias, a golpes de livros, a golpes de comentários, a golpes de ecletismo e a golpes de teologia, mas a São Bartolomeu não se renovará. Certamente, poderá haver deles algumas vítimas nas nações grosseiras, mas nos centros civilizados só a idéia será combatida e ridicularizada. Assim, pois, nada de machados, de feixes, de azeite fervente, mas ficai em guarda com o espírito voltaireano mal entendido: eis o carrasco. E preciso preveni-lo, aquele, mas não temê-lo; ele ri em lugar de ameaçar; lança ao ridículo em lugar da blasfêmia, e seus suplícios são as torturas do Espírito sucumbindo sob os apertos do sarcasmo moderno. Mas não em ofensa aos pequenos Vol-taires de nossa época, a juventude compreenderá facilmente as três palavras mágicas: Liberdade, Igualdade, Fraternidade. Quanto aos sectários, estes são mais a temer, porque são sempre os mesmos, apesar de tudo; aqueles podem fazer o mal algumas vezes, mas são coxos, contrafeitos, velhos e rabugentos; ora, vós que passais na fonte de Juventude, e cuja alma reverdece e rejuvenesce, não os temais, pois, porque seu fanatismo os perderá a si mesmos.

LAMENNAIS (*Médium, Sr. A Didier*).

Os Ataques contra a idéia nova

Como vedes, começam a comentar as idéias espíritas até nos cursos de teologia, e a *Revista Católica* com a pretensão de mostrar *ex-professo*, como dizem, que o Espiritismo atual é obra do demônio, assim como isso resulta do artigo intitulado *do Satanismo no Espiritismo moderno*, que dá a dita Revista. Ora essa! Deixai dizer, deixai fazer: o Espiritismo é como o aço, e todas as serpentes possíveis usarão seus dentes para mordê-lo. Seja como for, há aí um fato digno de nota: é que outrora desdenhava-se de se ocupar daqueles que faziam girar cadeiras e mesas, ao passo que, hoje, ocupa-se muito com esses inovadores, cujas idéias e teorias se elevaram à altura de uma doutrina. Ah! É que essa doutrina, essa revelação, ataca vivamente todas as antigas doutrinas, todas as antigas filosofias, insuficientes para satisfazerem as necessidades da razão humana. Também abades, sábios, jornalistas, descem a pena à mão na arena, para repelir a idéia nova: o progresso. Ah! que importa! Não é uma prova irrecusável da propagação de nossos ensinos? Ide! Não se discute, não se combate senão as idéias realmente sérias e bastante partilhadas para que não se possa mais tratá-las de utopias, de coisas vãs, emanadas de alguns cérebros doentes. De resto, melhor do que ninguém, sois capazes de ver aqui com que rapidez o Espiritismo se recruta cada dia, e isto até nas fileiras esclarecidas do exército, entre os oficiais de todas as armas. Não vos inquieteis, pois, com todos esses infelizes que uivam sem resultado! Porque não sabem mais onde estão: estão confundidos. Suas certezas, suas probabilidades se esvanecem à luz espírita, porque, no fundo de suas consciências, sentem que só nós estamos na verdade; digo nós, porque hoje, Espíritos ou encarnados, não temos senão um objetivo: a destruição das idéias materialistas e a regeneração da fé em Deus, a quem todos devemos.

ERASTO (*Médium, Sr. d'Ambel*).

Perseguição

Vamos! bravos, filhos! estou feliz de vos ver reunidos, lutando com zelo e persistência. Coragem! trabalhai rudemente no campo do Senhor; porque, eu vo-lo digo, chegará um tempo em que não será mais à portas fechadas que será preciso pregar a doutrina santa do Espiritismo.

Flagelou-se a carne, deve-se flagelar o Espírito; ora, em verdade vos digo, quando esta coisa chegar, estareis perto de cantar, todos juntos, o cântico de ação de graças, e há de se estar perto de ouvir um único e mesmo grito de alegria sobre a Terra! Eu vo-lo digo, antes da idade de ouro e do reino do Espírito, são necessários os dilaceramentos, os ranger de dentes e as lágrimas.

As perseguições já começaram. Espíritas! sede firmes, e permanecei de pé: estais marcados pelo unguento do Senhor. Sereis tratados de insensatos, de loucos e de visionários; não se fará mais ferver o azeite, não se levantarão mais cadafalsos nem fogueiras mas o fogo de que se servirá para vos fazer renunciar às vossas crenças será mais pungente e mais vivo ainda. Espíritas! despojai-vos, pois, do homem velho, uma vez que é ao homem velho que se fará sofrer; que as vossas novas túnicas sejam brancas; cingi as vossas frentes de coroas e preparai-vos para entrar na liça. Sereis amaldiçoados: deixai vossos irmãos vos chamar *racca*, orai por eles, ao contrário, e afastai de suas cabeças o castigo que o Cristo disse reservar àqueles que dissessem *racca* aos seus irmãos!

Preparai-vos para as perseguições pelo estudo, pela prece e pela caridade; os servidores serão expulsos de entre seus senhores e tratados de loucos! Mas, à porta da morada, reencontrarão a Samaritana e, embora pobres e privados de tudo, repartirão ainda com ela o último pedaço de pão e suas roupas. A esse espetáculo, os patrões dirão a si mesmos: Mas, quem são, pois, esses homens que expulsamos de nossas casas! Eles não têm senão um pedaço de pão para viver esta noite, e o dão; não têm senão um casaco para se cobrir, e o partilham em dois com um estrangeiro. Será então que suas portas serão abertas de novo, porque sois vós os servidores do senhor; mas, desta vez, eles vos acolherão, vos abraçarão; vos conjurarão a bendizê-los e lhes ensinar a amar; não vos chamarão mais servidores, nem escravos, mas vos dirão: Meu irmão, vem sentar-te à minha mesa; não há mais do que uma única e mesma família sobre a Terra, como não há senão um único e mesmo pai no céu.

Ide, ide, meus irmãos! pregai e, sobretudo, sede unidos: o céu vos está preparado.

SANTO AGOSTINHO. (*Médium, Sr. E. Vézy*).

Bibliografia

Revista Espírita, abril de 1862

O Espiritismo em sua mais simples expressão, dos quais perto de dez mil exemplares se esgotaram, se reimprime neste momento com várias correções importantes. Sabemos que já está traduzido em alemão, em russo e em polonês. Convidamos os tradutores, a se conformarem ao texto da nova edição. Recebemos de Viena (Áustria) a tradução alemã publicada nessa cidade, onde se forma uma sociedade com os auspícios da de Paris.

O segundo volume das *Revelações de além-túmulo*, pela senhora H. Dozon, está no prelo.

Chamamos, de novo, a atenção de nossos leitores sobre a interessante brochura da senhorita Clemence Guérin, intitulada: *Ensaio biográfico sobre Andrew Jackson Davis*, um dos principais escritores espiritualistas dos Estados Unidos. Casa Ledoyen. Preço, 1 fr.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quinto Ano – 1862

Maio

- [Exéquias do Sr. Sanson](#)
- Conversas familiares de além-túmulo.
 - [O capitão Nivrac](#)
- [Uma paixão de além-túmulo: Maximilien V...](#)
- [Causas de incredulidade: Carta do Sr. Gauzy, antigo oficial](#)
- [Resposta de uma senhora a um eclesiástico sobre o Espiritismo](#)
- [O padeiro desumano - Suicídio](#)
- Dissertações espíritas.
 - [Aos membros da Sociedade de Paris partindo para a Rússia](#)
 - [Relações amigáveis entre os vivos e os mortos](#)
 - [As duas lágrimas](#)
 - [Os dois Voltaire](#)

Exéquias do Sr. Sanson

Revista Espírita, maio de 1862

MEMBRO DA SOCIEDADE ESPÍRITA DE PARIS.

Um de nossos colegas, o Sr. Sanson, faleceu no dia 21 de abril de 1862, depois de mais de um ano de cruéis sofrimentos. Na previsão de sua morte, dirigira, no dia 27 de agosto de 1860, à Sociedade, uma carta da qual extraímos a passagem seguinte:

"Caro e honroso presidente,

"Em caso de surpresa, pela desagregação de minha alma e de meu corpo, tenho a honra de vos lembrar um pedido que já vos fiz, há mais ou menos um ano; é o de evocar meu Espírito, o mais imediatamente possível e o mais freqüentemente que o julgardes a propósito, afim de que, membro bastante inútil de nossa Sociedade, durante a minha presença sobre a Terra, possa lhe servir para alguma coisa além-túmulo, dando-lhe os meios de estudar, fase por fase, em suas evocações, as diversas circunstâncias que seguem o que o vulgo chama a morte, mas que, para nós Espíritas, não é senão uma transformação, segundo os objetivos impenetráveis de Deus, mas sempre útil ao fim que se propõe.

"Além desta autorização e pedido de me fazer a honra dessa espécie de autópsia espiritual, que meu pouquíssimo adiantamento como Espírito talvez tornará estéril, caso em que a vossa sabedoria, naturalmente, vos levará a não prolongar mais longe que um certo número de tentativas, ousou vos pedir pessoalmente, assim como todos os meus colegas, consentir suplicar ao Todo-Poderoso de permitir aos bons Espíritos para me assistirem com seus conselhos benevolentes, São Luís, nosso presidente espiritual em particular, para o efeito de me guiar na escolha e sobre a época de uma reencarnação, porque, desde o presente, isto muito me ocupa; tremo de me enganar sobre as minhas forças espirituais, e de pedir a Deus, e muito cedo, e muito presunçosamente, um estado corpóreo no qual não poderia justificar a bondade divina, o que, em lugar de servir para o meu adiantamento, prolongaria a minha estada sobre a Terra ou alhures, no caso em que eu fracassasse.

.....

"Entretanto, tendo toda confiança na mansuetude e indulgente eqüidade de nosso Criador, e de seu divino Filho, e, enfim, esperando com uma humilde resignação sofrer as expiações de minhas faltas, salvo o que se dignasse remeter-me a misericórdia do Eterno, eu o repito, minha grande preocupação é o medo pungente de me enganar na escolha de uma reencarnação, se nela não for ajudado e guiado pelos Espíritos santos e benevolentes que poderiam me achar indigno de sua intervenção, se nisso não forem solicitados senão unicamente por mim; mas cuja comiseração pode ser despertada, desde que, por caridade cristã, seriam evocados por todos vós em meu favor. Portanto, tomo a liberdade de me recomendar a vós, caro Presidente, e a todos os meus honrados colegas da Sociedade Espírita de Paris."

Para nos conformar ao desejo de nosso colega, de ser evocado o mais cedo possível depois

de seu decesso, fomos à casa mortuária com alguns membros da Sociedade, e, em presença do corpo, a conversa seguinte ocorreu uma hora antes da inumação. Tínhamos, com isso, um duplo objetivo, o de cumprir uma última vontade, e o de observar, uma vez mais, a situação da alma num momento tão próximo da morte, e isso num homem eminentemente inteligente e esclarecido, e profundamente compenetrado das verdades espíritas; tínhamos a constatar a influência de suas crenças sobre o estado do Espírito, afim de tomar as suas primeiras impressões. Nossa espera, como se verá, não estava enganada, e cada um achará, sem dúvida, como nós, um alto ensinamento na pintura que ele fez do próprio instante da transição. Acrescentamos, no entanto, que nem todos os Espíritos estariam aptos para descrever esse fenômeno com tanta lucidez quanto ele o fez; o Sr. Sanson se viu morrer e se viu renascer, circunstância pouco comum, e que devia-se à elevação de seu Espírito.

1. *Evocação.* - Venho à vossa chamada para cumprir a minha promessa.

2. Meu caro senhor Sanson, nos fazemos um dever e um prazer vos evocar o mais cedo possível depois de vossa morte, assim como desejastes. –R- É uma graça especial de Deus que permite ao meu Espírito poder se comunicar; eu vos agradeço pela vossa boa vontade; mas estou fraco e tremo.

3. Estáveis tão sofredor que podemos, penso, vos perguntar como estais agora. Sentis ainda as vossas dores? Que sensação sentis, comparando a vossa situação presente com a de há dois dias?- R Minha posição é muito feliz, porque não sinto mais nada de minhas antigas dores; estou regenerado de modo a tornar-me novo, como dizeis entre vós. A transição da vida terrestre para a vida dos Espíritos tornou, de início, tudo incompreensível, porque ficamos, às vezes, sem recobrar nossa lucidez; mas, antes de morrer, fiz uma prece a Deus para pedir-lhe poder falar àqueles a quem amo, e Deus me escutou.

4. Ao cabo de quanto tempo recobrástes a lucidez de vossas idéias? - R Ao cabo de oito horas; Deus, eu vo-lo repito, me dera uma prova de sua bondade; julgou-me bastante digno, e eu não poderia jamais agradecer-lhe o bastante.

5. Estais muito certo de não ser mais de nosso mundo, e como o constatais? - R Oh! certamente, não, não sou mais de vosso mundo; mas estarei sempre perto de vós para vos proteger e vos sustentar, a fim de pregar a caridade e a abnegação, que foram os guias de minha vida; depois, ensinarei a fé verdadeira, a fé espírita, que deve levantar a crença do justo e do bom; estou forte, e muito forte, transformado, em uma palavra; não reconheceríeis mais o velho enfermo, que devia tudo esquecer, deixando longe dele todo prazer, toda alegria. Eu sou Espírito; minha pátria é o espaço, meu futuro Deus, que irradia na imensidade. Gostaria muito de poder falar com os meus filhos, porque eu lhes ensinaria o que tiveram sempre a má vontade de não crer.

6. Que efeito vos fez sentir a visão do vosso corpo, aqui ao lado? -R Meu corpo pobre e ínfimo despojo, deves ir para o pó, e olho com boa lembrança todos aqueles que me estimularam. Olho essa pobre carne deformada, morada de meu Espírito, prova de tantos anos! Obrigado, meu pobre corpo; tu purificaste o meu Espírito, e o sofrimento, dez vezes santo, me deu um lugar bem merecido, uma vez que acho, logo em seguida, a faculdade de vos falar.

7. Conservastes vossas idéias até o último momento ?- R Sim, meu Espírito conservou suas faculdades; eu não via mais, mas pressentia; toda minha vida se desenrolou diante de minha lembrança, e meu último pensamento, minha última prece foi de poder vos falar, o

que o faço; depois pedi a Deus para vos proteger, a fim de que o sonho de minha vida se cumprisse.

8. Tivestes consciência do momento em que vosso corpo deu o último suspiro? Que se passou convosco nesse momento? Que sensação sentistes? - *R.* Ávida se rompe, e a visão, ou antes, a visão do Espírito, se estende; acha-se o vazio, o desconhecido, e, levado não sei por qual sortilégio, encontra-se num mundo onde tudo é alegria e grandeza. Eu não sentia mais, não me dava conta, e, contudo, uma felicidade infável me enchia; não sentia mais o aperto da dor.

9. Tendes conhecimento... do que me proponho a ler sobre a vossa tumba?

Nota. As primeiras palavras de minha pergunta foram apenas pronunciadas, quando o Espírito respondeu antes de deixar terminar. Respondeu, além disso, e sem questão proposta, a uma discussão que se levantou entre os assistentes, sobre a oportunidade de ler essa comunicação no cemitério, em razão das pessoas que poderiam não partilhar essas opiniões.

R. Oh! meu amigo, e o sei, porque vos vi ontem, e vos vejo hoje, e minha satisfação é muito grande. Obrigado! Obrigado! Falai, a fim de que se me compreenda e que se vos estime; nada temo, porque se respeita a morte; falai, pois, a fim de que os incrédulos tenham fé. Adeus; falai; coragem, confiança, e possam os meus filhos se converterem a uma crença reverenciada!

Adeus.

J. SANSON,

Durante a cerimônia do cemitério, ele ditou as palavras seguintes:

Que a morte não vos amedronte, meus amigos; ela é uma etapa para vós, se soubestes viver; é uma felicidade, se merecestes dignamente e bem cumpristes as vossas provas. Repito-vos: Coragem e boa-vontade! Não ligueis senão um valor medíocre aos bens da Terra, e sereis recompensados; *não se pode desfrutar muito, sem tirar o bem-estar dos outros*, e sem se fazer moralmente um mal imenso. Que a terra me seja leve!

Nota. - Depois da cerimônia, alguns membros da Sociedade, estando reunidos, tiveram espontaneamente a comunicação seguinte, e que estavam longe de esperar.

"Eu me chamo Bernard, e vivi em 96 em Passy; era então uma aldeia. Eu era um pobre diabo; ensinava e só Deus sabe os dissabores que tive que suportar. Que tédio prolongado! anos inteiros de cuidados e de sofrimentos! e amaldiçoei a Deus, ao diabo, aos homens em geral e às mulheres em particular; entre elas, nenhuma veio me dizer: Coragem, paciência! foi preciso viver só, sempre só e a maldade me tornou mau. Desde aquele tempo, erro ao redor dos lugares onde vivi, onde morri.

"Eu vos ouvi hoje; vossas preces me tocaram profundamente; acompanhastes um bom e digno Espírito, e tudo o que dissestes me emocionou. Estava em numerosa companhia e, em comum, oramos por todos vós, pelo futuro de vossas santas crenças. Oraí por nós, que temos necessidade de socorro. O Espírito de Sanson, que nos acompanhava, prometeu que

pensaríeis em nós; desejo me reencarnar, a fim de que minha prova seja útil e conveniente para o meu futuro no mundo dos Espíritos. Adeus, meus amigos; digo assim porque amais aqueles que sofrem. Para vós: bons pensamentos, feliz futuro."

Este episódio, ligando-se à evocação do Sr. Sanson, acreditamos dever mencioná-lo, porque encerra um eminente assunto de instrução. Cremos cumprir um dever recomendando esse Espírito às preces de todos os verdadeiros Espíritos; elas não poderão senão fortificá-lo em suas boas resoluções.

A conversa com o Sr. Sanson foi retomada na sessão da Sociedade, na sexta-feira seguinte, 25 de abril, e deve ser continuada. Aproveitamos sua boa vontade e suas luzes, para obter novos esclarecimentos, tão precisos quanto possível, sobre o mundo invisível, comparado ao mundo visível, e principalmente sobre a transição de um para o outro, o que interessa a todo o mundo, uma vez que é preciso que todos passem por isso, sem exceção. O Sr. Sanson a isso se prestou com sua benevolência habitual; aliás, como se viu, era seu desejo antes de morrer. Suas respostas formam um conjunto muito instrutivo e de um interesse tanto maior quanto emanam de uma testemunha ocular, que pode analisar, ela mesma, as suas próprias sensações, e que se expressa, ao mesmo tempo, com elegância, profundidade e clareza. Publicaremos essa seqüência no próximo número.

Um fato importante que devemos fazer notar, é que o médium que serviu de intermediário no dia do enterro, e nos dias seguintes, Sr. Leymarie, jamais vira o Sr. Sanson e não conhecia nem seu caráter, nem sua posição, nem seus hábitos; não sabia se tinha filhos, e ainda menos se esses filhos partilhavam ou não suas idéias sobre o Espiritismo. Foi, pois, de maneira inteiramente espontânea que dele falou, e que o caráter do Sr. Sanson se revelou sob seu lápis sem que sua imaginação haja podido influir no que quer que seja.

Um fato não menos curioso, e que prova que as comunicações não são o reflexo do pensamento, é a de Bernard, em que nenhum dos assistentes podia pensar, porque, desde que o médium tomou o lápis, pensava-se que seria provavelmente um de seus Espíritos habituais, Baluze ou Sonnet; perguntar-se-ia, nesse caso, do pensamento que essa comunicação poderia ter sido o reflexo.

DISCURSO DO SR. ALLAN KARDEC SOBRE O TÚMULO DO SR. SANSON

Senhores e caros colegas da Sociedade Espírita de Paris. É a primeira vez que conduzimos um de nossos colegas à sua última morada. Aquele a quem viemos dizer adeus, o conheceis e soubestes apreciar as suas eminentes qualidades. Lembrando-as aqui, eu não faria senão vos dizer o que todos conheceis: coração eminentemente reto, de uma lealdade a toda prova, a sua vida foi a de um homem honesto em toda a acepção da palavra; ninguém, penso, protestará contra esta afirmação. Estas qualidades eram realçadas nele por uma grande bondade e uma extrema benevolência. Que necessidade, com isso, de ter feito ações de estrondo e de deixar um nome à posteridade? Certamente, isso não lhe teria um melhor lugar no mundo onde está agora. Se, pois, não temos para lançar sobre a sua tumba coroas de lauréis, todos aqueles que o conheceram nela depositam, na sinceridade de sua alma, as mais preciosas ainda, da estima e da afeição.

O Sr. Sanson, vós o sabeis, Senhores, era dotado de uma inteligência pouco comum e de uma grande justeza de apreciação, que uma instrução, ao mesmo tempo, variada e profunda, havia ainda desenvolvido. De uma simplicidade patriarcal em sua maneira de viver, e haurindo, nos recursos de seu próprio espírito, os elementos de uma incessante atividade intelectual, que aplicava em suas pesquisas, nas invenções, muito inteligentes,

sem dúvida, mas que, infelizmente, não lhe proporcionaram nenhum resultado. Era um desses homens que não se entediam jamais, porque pensam sempre em alguma coisa de sério. Embora privado, por sua posição, do que faz as doçuras da vida, seu bom humor jamais se alterou; não creio nada exagerar dizendo que era o tipo do verdadeiro filósofo; não do filósofo cínico, mas daquele que está sempre contente com o que tem, sem se atormentar nunca com aquilo que não tem.

Estes sentimentos, sem dúvida, estavam no fundo do seu caráter, mas foram, nestes últimos anos, fortalecidos pelas suas crenças espíritas; elas ajudaram-no a suportar longos e cruéis sofrimentos com uma paciência, uma resignação muito cristãs; não há um daqueles, dentre nós, que, tendo-o visto em seu leito de dor, não haja sido edificado com a sua calma e a sua inalterável serenidade. Há muito tempo previa seu fim, mas, longe de se amedrontar com isso, esperava-o como a hora da libertação. Ah! é que a fé espírita dá, nesses momentos supremos, uma força da qual só pode se dar conta aquele que a possui, e esta fé, o Sr. Sanson a possuía no grau supremo.

O que é a fé espírita? talvez perguntem alguns daqueles que me escutam. - A fé espírita consiste na convicção íntima de que temos uma alma, ou Espírito, o que é a mesma coisa, sobrevivente ao corpo; que ela é feliz ou infeliz, segundo o bem ou o mal que fez durante sua vida. Isto é conhecido de todo o mundo, dir-se-á. Sim, exceto aqueles que crêem que tudo está acabado, para nós, quando morremos, e há deles mais do que se pensa neste século. Assim, segundo eles, este despojo mortal que temos sob os olhos, que, em alguns dias será reduzido a pó, seria tudo o que restaria daquele a quem lamentamos; assim, viríamos render homenagem a quem? a um cadáver; porque de sua inteligência, de seu pensamento, das qualidades que o faziam amar, nada restaria, tudo estaria aniquilado, e será assim conosco quando morrermos! Esta idéia do nada, que nos esperará a todos, não tem alguma coisa de pungente, de glacial?

Quem é aquele que, em presença deste túmulo entreaberto, não sente o arrepio correr em suas veias, ao pensamento de que amanhã, talvez, ocorrerá o mesmo com ele, e que depois de algumas pazadas de terra lançadas sobre o seu corpo, estará tudo acabado para sempre, que não pensará mais, não sentirá mais, não amará mais? Mas ao lado daqueles que negam, há um número bem maior ainda daqueles que duvidam, porque não têm certeza positiva, e para quem a dúvida é uma tortura.

Vós todos que credes firmemente que o Sr. Sanson tinha uma alma, o que pensais que se tornou esta alma? Onde está ela? Que faz? Ah! direis, se pudéssemos sabê-lo! jamais a dúvida teria entrado em nosso coração; porque, sondai bem o fundo de vosso pensamento, e convinde que chegou, a mais de um dentre vós, a dizer, em seu foro íntimo, falando da vida futura: Se, no entanto, assim não fosse! E diríeis isto porque não a compreenderíeis; porque se fazíeis dela uma idéia que não podia se aliar com a vossa razão.

Pois bem! o Espiritismo vem fazê-la compreender, fazê-la, por assim dizer, tocar com o dedo e o olhar, torná-la tão palpável, tão evidente, que não é mais possível negá-la, do que negar a luz.

Que se tornou, pois, a alma de nosso amigo? Ela está aqui, ao nosso lado, que nos escuta, que penetra nosso pensamento, que julga do sentimento que cada um de nós traz a esta triste cerimônia. Esta alma não é o que se crê vulgarmente: uma fia-ma, uma centelha, alguma coisa de vago e de indefinido. Não a vereis, segundo as idéias da superstição, correr à noite sobre a Terra como um fogo-fátuo; duende; não, ela tem uma forma, um corpo, como quando viva; mas um corpo fluídico, vaporoso, invisível para os nossos sentidos

grosseiros, e que, no entanto, em certos casos, pode se tornar visível. Durante a vida, ela tinha um segundo envoltório, pesado, material, destrutível; quando este envoltório está usado, que não pode mais funcionar, ele cai como a casca de um fruto maduro, e a alma o deixa, como se deixa uma velha roupa fora de uso. É este envoltório da alma do Sr. Sanson, é este velho hábito que o fazia sofrer, que está no fundo desta cova; é tudo o que há dele; mas guardou o envoltório etéreo, indestrutível, radioso, aquele que não está sujeito nem às doenças nem às enfermidades. Assim é que está entre nós; mas não creiais que seja só assim; há milhares deles aqui, no mesmo caso, que assistem ao adeus que damos àquele que parte, que vêm felicitar o novo recém-chegado, ser livre das misérias terrestres. De sorte que se, neste momento, o véu que os esconde ao nosso olhar pudesse ser levantado, veríamos toda uma multidão circular entre nós, nos acotovelar, e no número deles ver-se-ia o Sr. Sanson, não mais impossibilitado e deitado sobre o seu leito de sofrimento, mas alerta, disposto, se transportando sem esforço de um lugar para outro, com a rapidez do pensamento, sem ser detido por nenhum obstáculo.

Estas almas, ou Espíritos, constituem o mundo invisível no meio do qual vivemos, sem disso desconfiar; de sorte que os parentes e os amigos que perdemos, estão mais perto de nós, depois de sua morte, do que se, quando vivos, estivessem em país estrangeiro.

É a existência desse mundo invisível, que o Espiritismo demonstra à evidência, pelos relacionamentos que é possível estabelecer com ele, e porque ali se reencontram aqueles que se conheceu; isso não é mais, então, uma vaga esperança: é uma prova patente; ora, a prova do mundo invisível é a prova da vida futura. Adquirida esta certeza, as idéias mudam completamente, porque a importância da vida terrestre diminui à medida que cresce a da vida futura. É a fé no mundo invisível que o Sr. Sanson possuía; via, compreendia tão bem que a morte não era, para ele, senão um limiar a transpor para passar, de uma vida de dores e de misérias, para uma vida bem-aventurada.

A serenidade de seus últimos instantes era, ao mesmo tempo, o resultado de sua confiança absoluta na vida futura, que ele já entrevia, e de uma consciência irrepreensível que lhe dizia que nada tinha a temer. Esta fé ele a hauriu no Espiritismo; porque, é preciso bem dizer-lo, antes da época em que conheceu esta ciência consoladora, sem ser materialista, ele fora cético; mas suas dúvidas cederam diante da evidência dos fatos dos quais era testemunha, e, desde então, tudo estava mudado para ele. Colocando-se, pelo pensamento, fora da vida material, não havia mais do que um dia infeliz entre um número infinito de dias felizes; e, longe de se lamentar da amargura da vida, bendizia seus sofrimentos como provas que deveriam apressar seu adiantamento.

Caro senhor Sanson, sois testemunha da sinceridade dos pesares de todos aqueles que vos conheceram, e cuja afeição vos sobrevive. Em nome de todos os meus colegas, presentes e ausentes, em nome de todos vossos parentes e amigos, eu vos digo adeus, mas não um eterno adeus, o que seria uma blasfêmia contra a Providência e uma negação da vida futura. Nós, Espíritas, menos do que outros, devemos pronunciar esta palavra.

Até breve, pois, caro senhor Sanson; que possais gozar, no mundo onde estais agora, da felicidade que mereceis, e vir nos estender a mão quando vier a nossa vez de aí entrar.

Permiti-me, Senhores, pronunciar uma curta prece sobre esta tumba antes que ela seja fechada.

"Deus todo-poderoso, que vossa misericórdia se estenda sobre a alma do Sr. Sanson, que vindes de chamar a vós. Possam as provas, que sofreu sobre a Terra, lhes serem contadas,

e nossas preces abrandar e abreviar as penas que ele possa ainda suportar como Espírito!

"Bons Espíritos que viestes recebê-la, e sobretudo vós, seu anjo guardião, assisti-a para ajudá-la a se despojar da matéria; dai-lhe a luz e a consciência de si mesma, a fim de tirá-la da perturbação que acompanha a passagem da vida corpórea para a vida espiritual. Inspirai-lhe o arrependimento das faltas que cometeu, e o desejo de que lhe seja permitido repará-las para apressar o seu adiantamento para a vida eterna bem-aventurada.

"Alma do Sr. Sanson, que vindes de reentrar no mundo dos Espíritos, estais aqui presente entre nós; nos vedes e nos ouvis, porque não há de menos, entre vós e nós, senão o corpo perecível, que vindes de deixar e que logo será reduzido a pó.

"Este corpo, instrumento de tantas dores, está ainda ali, ao vosso lado; vós o vedes como o prisioneiro vê as cadeias das quais vem de ser libertado. Deixastes o envoltório grosseiro, sujeito às vicissitudes e à morte, e não conservastes senão o envoltório etéreo, imperecível e inacessível aos sofrimentos. Se não viveis mais pelo corpo, viveis da vida dos Espíritos, e esta vida está isenta das misérias, que afligem a Humanidade.

"Não tendes mais o véu que oculta, aos nossos olhos, os esplendores da vida futura; doravante, podereis contemplar novas maravilhas, ao passo que nós ainda estamos mergulhados nas trevas.

"Ireis percorrer o espaço e visitar os mundos com toda liberdade, ao passo que nós rastejamos penosamente sobre a Terra, onde nos retém nosso corpo material, semelhante para nós a um pesado fardo.

"O horizonte do infinito vai se desenrolar diante de vós, e em presença de tanta grandeza compreendeis a vaidade de nossos desejos terrestres, de nossas ambições mundanas e das alegrias fúteis das quais os homens fazem suas delícias.

"A morte não é, entre os homens, senão uma separação material de alguns instantes. Do lugar de exílio, onde nos retém ainda a vontade de Deus, assim como os deveres que temos a cumprir neste mundo, nós vos seguiremos, pelo pensamento, até o momento em que nos será permitido reunir-nos a vós, como vos reunistes com aqueles que vos precederam.

"Se nós não podemos ir junto a vós, podeis vir perto de nós. Vinde, pois, entre aqueles que vos amam e que amastes; sustentai-os nas provas da vida; velai sobre aqueles que vos são queridos; protegei-os segundo o vosso poder, e abrandai seus lamentos pelo pensamento de que sois mais feliz agora, e a consoladora certeza de estar um dia reunidos a vós num mundo melhor.

"Que possais, para a vossa felicidade futura, doravante, ser inacessível aos ressentimentos terrestres! Perdoai, pois, aqueles que puderam ter faltas para convosco, como vos perdoam aquelas que pudestes ter para com eles." Amém.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, maio de 1862

O capitão Nivrac

(Morto em 11 de fevereiro de 1862; evocado a pedido de seu amigo, o capitão Blou, membro da Sociedade. - Médiun, Sr. Leymarie.)

O Sr. Nivrac era um homem rico de muitos estudos e de uma inteligência notável. O Sr. Blou falara-lhe inutilmente do Espiritismo, e ofereceu todas as obras que tratam da matéria; ele olhava todas essas coisas como utopias, e aqueles que lhe adicionavam fé como sonhadores. Em 1º de fevereiro passeava com um de seus camaradas, gracejando sobre esse assunto, como de hábito, quando, passando diante da loja de uma livraria, viram exposta a brochura: *O Espiritismo em sua mais simples expressão*. Uma boa inspiração, disse o Sr. Blou, fê-lo comprar, o que provavelmente não teria feito se eu não me encontrasse ali. Depois desse dia, o Sr. capitão Nivrac leu *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, e alguns números da *Revista*; seu Espírito e seu coração estavam tocados; longe de zombar, vinha me questionar, e se fez, junto dos oficiais, um zeloso propagador do Espiritismo, a tal ponto que, durante oito dias, a nova doutrina era o assunto de todas as conversas. Desejava muito assistir a uma sessão, quando a morte veio surpreendê-lo sem nenhuma causa aparente de doença. Na terça-feira, 11 de fevereiro, estando no banho, expirou em 4 horas nos braços do médico. Não está aí, acrescentou o Sr. Blou, o dedo de Deus, que permitiu que meu amigo abrisse os olhos à luz antes de sua morte?

1. *Evocação*. R. Compreendo porque desejais me falar, estou feliz com esta evocação, e venho a vós com alegria, porque é um amigo que me pede, e nada me poderia ser mais agradável.

Nota. O Espírito antecipa a pergunta que lhe iria ser proposta e que era esta: Embora não tenhamos a vantagem de vos conhecer, vos pedimos para vir da parte de vosso amigo, o Sr. capitão Blou, nosso colega, e estaremos encantados em conversar convosco se o quiserdes.

2. Sois feliz... (o Espírito não deixa terminar a pergunta que termina assim: por ter conhecido o Espiritismo antes de morrer?) - R. Sou feliz, porque acreditei antes de morrer. Lembro-me das discussões que tive contigo, meu amigo, porque eu repelia todas as doutrinas novas. Dizendo em verdade, eu estava abalado: dizia à minha mulher, à minha família, que era loucura escutar semelhantes futilidades, e te acreditava amalucado, eu o pensava; mas felizmente pude crer e esperar, e minha posição é mais feliz, porque Deus me promete um adiantamento muito desejado.

3. Como uma pequena brochura, de algumas páginas, teve mais poder sobre vós do que as palavras de vosso amigo, em que devíeis ter confiança? - R. Eu estava abalado, porque a idéia de uma vida melhor está no fundo de todas as encarnações. Acreditava

instintivamente, mas as idéias do soldado tinham modificado meus pensamentos; eis tudo. Quando li a brochura, me senti emocionado; encontrei esse enunciado de uma doutrina tão clara, tão precisa, que Deus me apareceu em sua bondade; o futuro me pareceu menos sombrio. Acreditei, porque devia crer, e a brochura estava segundo meu coração.

4. De que morrestes? - R. Morri de uma comoção cerebral. Deu-se várias razões; era um derrame no cérebro. O tempo estava marcado e me era preciso partir.

5. Poderíeis nos descrever vossas sensações no momento de vossa morte e depois de vosso despertar? - R. A passagem da vida para a morte é uma sensação dolorosa, mas rápida; pressente-se tudo o que pode chegar; toda a vida se apresenta espontaneamente, como uma miragem, e se gostaria de recobrar todo o seu passado para purificar os maus dias, e este pensamento vos segue na transição espontânea da vida à morte, que não é senão outra vida. Fica-se como aturdido pela luz nova, e fiquei numa confusão de idéias bastante singular. Não era um Espírito perfeito; contudo, pude me dar conta, e agradeço a Deus de me ter esclarecido antes de morrer.

Nota. Esse quadro da passagem da vida à morte tem uma analogia marcante com a que dele deu o Sr. Sanson. Fazemos observar que não foi o mesmo médium.

6. Vossa situação atual seria diferente se tivésseis conhecido e aceitado as idéias espíritas? - R. Sem dúvida; mas era um homem de natureza franca, e, embora não seja extremamente avançado, não é menos verdadeiro que Deus recompensa toda boa decisão, quando mesmo seja a última.

7. É inútil vos perguntar se... (o Espírito não deixou terminar a pergunta, assim concebida: ides ver vossa mulher e vossa filha, mas não podeis fazê-las ouvirem; quereis que lhes transmitamos alguma coisa de vossa parte? - R. Sem dúvida, estou sempre perto dela; eu a encorajo à paciência e lhe digo: Coragem, amiga, secai vossas lágrimas e sorri a Deus, que vos fortificará. Pensai que minha existência é um adiantamento, uma purificação, e que tenho necessidade de vossas preces para me ajudar. Desejo, com todas as minhas forças, uma nova encarnação, e, embora a separação terrestre seja cruel, lembrai-vos, vós que amo, que estais só e tendes necessidade de toda vossa saúde, de toda vossa resignação para vos sustentar; mas eu estarei perto de vós para vos encorajar, vos bendizer e vos amar.

8. Estamos certos de que os vossos camaradas do regimento estariam muito felizes de ter algumas palavras vossas. A esta questão acrescento uma outra que, talvez, achará lugar em vossa alocação. Até aqui o Espiritismo quase não se propagou no exército, senão entre os oficiais. Pensais que seria útil que assim fosse entre os soldados, e qual seria o resultado disso? - R. É preciso muito que a cabeça se torne séria para que o corpo a siga, e compreendo que os oficiais hajam aceitado primeiro essas soluções filosóficas e sensatas que *O Livro dos Espíritos* dá. Por essas leituras, o oficial compreende melhor o seu dever; torna-se mais sério, menos sujeito a zombar da tranqüilidade das famílias; ele se habitua à ordem em seu interior, e a bebida e a comida não são mais os primeiros móveis da vida. Por eles, os sub-oficiais aprenderão e propagarão; saberão poder se o querem. Eu lhes digo: adiante! E um novo campo de batalha da Humanidade; somente as feridas, nada de metralha, mas por toda a parte há harmonia, o amor e o dever. E o soldado será um homem tornado liberal segundo a boa expressão; terá a coragem e a boa vontade que fazem de um operário um bom cidadão, um homem conforme Deus.

Segui, pois, a nova direção; sede apóstolos segundo Deus, e dirigi-vos ao infatigável

propagador da Doutrina, o autor do pequeno livro que me esclareceu.

Nota. A respeito da influência do Espiritismo sobre o soldado, a comunicação seguinte foi ditada numa outra ocasião:

O soldado tornado Espírita será mais fácil para governar, mais submisso, mais disciplinado, porque a submissão será para ele um dever sancionado pela razão, ao passo que ela não é, o mais freqüentemente, senão o resultado do constrangimento; não se embrutecerá mais nos excessos que, muito freqüentemente, engendram as sedições e levam a desconhecer a autoridade. Ocorre o mesmo com todos os subordinados, a qualquer classe que pertençam: operários, empregados e outros; se eles quitarão mais conscienciosamente com sua tarefa quando se darão conta da causa que os colocou nessa posição sobre a Terra, e da recompensa que espera os humildes na outra vida. Infelizmente, bem poucos crêem na outra vida, e é o que faz que dêem tudo à vida presente. Se a incredulidade é uma praga social, é sobretudo nas classes inferiores da sociedade, onde não há o contrapeso da educação e o temor da opinião. Quando aqueles que são chamados a exercer uma autoridade, a qualquer título que isso seja, compreenderem o que ganhariam em ver subordinados imbuídos das idéias espíritas, farão todos os seus esforços para compeli-los nesse caminho. Mas paciência! Isso virá.

LESPINASSE.

Uma paixão de além-túmulo

Revista Espírita, maio de 1862

Maximilien V...., menino de doze anos se suicidou por amor.

Lê-se no *Siècle* de 13 de janeiro de 1862:

"Maximilien V....jovem de doze anos, morava em casa de seus pais, rua dos Cordiers, e era empregado como aprendiz numa tapeçaria. Esse menino tinha o hábito de ler romance-folhetins. Todos os momentos que podia furtar ao trabalho, dava-os a essa leitura, que lhes super excitava a imaginação e lhe inspirava idéias acima de sua idade. Foi assim que veio a pensar que sentia uma paixão por uma pessoa que tivera algumas vezes ocasião de ver, e que estava longe de desconfiar que ela faria nascer um semelhante sentimento. Desesperado de ver se realizar os sonhos que o levavam a fazer essas leituras, resolveu matar-se. Ontem, o porteiro da casa onde ele estava ocupado, encontrou-o sem vida num escritório do terceiro andar, onde trabalhava sozinho. Estava dependurado a uma corda que havia amarrado, por meio de um grande prego, a uma viga."

A circunstância desta morte, numa idade tão pouco avançada, fez pensar que a evocação desse menino poderia fornecer um útil assunto de instrução. Ela foi feita na sessão da Sociedade do dia 24 de janeiro último (médium Sr. E. Vézy.)

Há neste fato um problema moral difícil, senão impossível, de resolver pelos argumentos da filosofia ordinária, e ainda menos da filosofia materialista. Creu-se tudo haver explicado dizendo que era uma criança precoce. Mas isto não explica nada; é absolutamente como se dissesse que se fez dia porque o sol está levantado. De onde vem a precocidade? Por que certas crianças antecedem a idade normal para o desenvolvimento das paixões e da inteligência? Está aí uma dessas dificuldades contra as quais todas as filosofias vêm se chocar, porque as suas soluções deixam sempre uma questão não resolvida e que se pode sempre perguntar o por quê do porque. Admita-se a preexistência da alma e o desenvolvimento anterior, e tudo se explica da maneira mais natural. Com esse princípio remontais à causa e à fonte de tudo.

1. (Ao guia espiritual do médium.) Quereríeis nos dizer se podemos evocar o Espírito do menino do qual vem de se tratar? - R. Sim; eu o conduzirei, porque ele é sofredor. Que a sua aparição entre vós vos sirva de exemplo e seja uma lição.
2. (A Maximilien.) Dai-vos bem conta de vossa situação? - R. Eu não sei ainda definir bem onde estou; tenho como um véu sombrio diante de mim; falo e não sei como se me ouve e como falo. Todavia, o que era obscuro ainda há pouco, eu o vejo; sofria, e depois de um segundo me senti aliviado.
3. Lembrai-vos bem das circunstâncias da vossa morte? - R. Elas me parecem bem vagas; sei que me suicidei sem causa. No entanto, poeta numa outra encarnação, tinha como uma intuição de minha vida passada; eu me criava sonhos, quimeras, enfim, eu amava.
4. Como pudestes ser conduzido a esse extremo? - R. Acabo de responder.

5. É singular que um menino de doze anos seja conduzido ao suicídio, sobretudo por um motivo como aquele que a isso vos impeliu? - R. Sois estrangeiros! Não vos disse que, poeta numa outra encarnação, minhas faculdades permaneceram mais amplas e mais desenvolvidas do que num outro? Oh! ainda na noite onde estava naquela hora, vi passar essa sílfide de meus sonhos sobre a Terra, e aí está a pena que Deus me inflige, de vê-la bela e leve sempre, passar diante de mim, e eu, ébrio de loucura e de amor, quero me lançar..., mas, ai de mim! Sou como preso a um anel de ferro... Oh! então quanto sofro!

6. Podeis vos dar conta da sensação que "experimentastes quando vos reconhecestes no mundo dos Espíritos? - R. Oh! Sim, agora que estou em relação convosco. Meu corpo ficou lá, inerte e frio, e eu planava ao redor; chorava lágrimas quentes. Estais espantados, vós, das aflições de uma alma. Ah! Como são quentes e ardentes! Sim, eu chorava, porque vinha de reconhecer a enormidade de minha falta e a grandeza de Deus!... E, todavia, estava incerto de minha morte; acreditava que meus olhos iriam se abrir... Elvire! Perguntava eu!... Eu acreditava revê-la... Ah! é que a amo há muito tempo; amá-la-ei sempre... Que me importa se devo sofrer pela eternidade, se posso possuí-la um dia numa outra encarnação!

7. Que efeito isso vos dá por vos encontrardes aqui? - R. Isso me faz bem e mal ao mesmo tempo. Bem, porque sei que todos vós compartilhai o meu sofrimento; mal, porque, apesar de toda a vontade que tenho de vos dar prazer aceitando vossos pedidos, não o posso, porque me seria preciso, então, caminhar num outro caminho que o dos meus sonhos.

8. Que podemos fazer que vos seja útil? - R. Orar; porque a prece é o orvalho divino que nos refresca o coração, as nossas outras pobres almas em pena e sofrimentos. Orar; e, no entanto, me parece que se me arrancardes do coração meu amor para substituí-lo pelo amor divino, pois bem!... eu não sei... eu creio!... Examinai, neste momento eu choro...pois bem! pois bem!... orai por mim!

9. (Ao guia do médium.) Qual é o grau de punição deste Espírito por se ter suicidado? Sua ação, em razão de sua idade, é tão culpável quanto a dos outros suicidas? - R. A punição será terrível, porque foi mais culpável que um outro; já possuía grandes faculdades: o poder de amar a Deus de maneira poderosa e de fazer o bem. Se os suicidas sofrem longos castigos, Deus pune ainda mais aqueles que se matam com amplos pensamentos na cabeça e no coração.

10. Dissestes que a punição de Maximilien V... será terrível; poderíeis nos dizer em que consistirá? Parece que ela já começa. É que lhe está reservado mais do que sente? - R. Sem dúvida, uma vez que sofre de um fogo que o consome e o devora, o qual não deve cessar senão sob os esforços da prece e do arrependimento.

Nota. Ele sofre de um fogo que o consome e o devora; não está aí a figura do fogo do inferno que se nos apresenta como um fogo material?

11. Há, para ele, a possibilidade de atenuar a sua punição? - R. Sim, orando por ele, e sobretudo Maximilien se unindo às vossas preces.

12. O objeto de sua paixão partilha seus sentimentos? Esses dois seres estão destinados a se reunirem um dia? Quais são as condições de sua reunião e quais obstáculos se lhes

opõem agora? - R. É que os poetas amam as mulheres da Terra? Crêem-no um dia, uma hora; o que amam, é o ideal, uma quimera criada pela sua imaginação ardente; amor que não pode ser preenchido senão por Deus. Todos os poetas têm uma ficção no coração, beleza, ideal que crêem ver passar sobre a Terra; quando encontram uma bela criança que não devem jamais possuir, então dizem que a realidade deu lugar ao sonho; mas que toquem à realidade, caem das regiões etéreas na matéria e não reconhecem mais o ser que sonhara, criam-se outras quimeras.

13. (A Maximilien.) Desejamos vos dirigir ainda algumas perguntas, que talvez ajudarão no vosso alívio. Em que época vivíeis como poeta? Tínheis um nome conhecido? - R. Sob o reinado de Louis XV. Era pobre e desconhecido; amava uma mulher, um anjo que vi passar num parque, num dia de primavera, depois, não a revi senão em meus sonhos, e meus sonhos me prometiam de me fazer possuí-la um dia.

14. O nome de Elvire nos parece bem romântico, o que nos poderia vos fazer pensar que não se trata de um ser imaginário? - R. Mas, sim, era uma mulher; eu sei seu nome porque um cavalheiro que passava junto dela a chamou Elvire! Ah! era bem a mulher que minha imaginação sonhara! eu a revejo ainda, sempre bela e sedutora; é capaz de me fazer esquecer Deus para vê-la e segui-la ainda.

15. Sofreis e podereis sofrer ainda por muito tempo; depende de vós abreviar os vossos tormentos. - R. Que me faz, a mim, sofrer! Não sabeis, pois, que é senão um desejo insaciado! é que meus desejos são carnis, a mim? E, no entanto, me queimam e as batidas de meu coração, pensando nela, são mais fortes do que as que seriam pensando em Deus.

16. Nós vos lamentamos sinceramente. Para trabalhar pelo vosso adiantamento, é preciso vos tornar útil e pensar em Deus mais do que não o fizestes; é preciso pedir uma reencarnação tendo em vista só reparar os erros e a inutilidade de vossas últimas existências. Não se vos disse para esquecer Elvire, mas para pensar um pouco menos exclusivamente nela e um pouco mais em Deus, que pode abreviar os vossos tormentos, se fizerdes o que é preciso. Nós sustentaremos os vossos esforços com as nossas preces. - R. Obrigado! orai e tratai de me arrancar Elvire do coração; talvez disso vos agradecerei um dia!

Causas de incredulidade

Revista Espírita, maio de 1862

Senhor Allan Kardec,

Li com muita desconfiança, direi mesmo com o sentimento de incredulidade, as vossas primeiras publicações tratando do Espiritismo; mais tarde, eu as reli com infinita atenção, assim como as vossas outras publicações, à medida que elas apareceram. Pertencço, devo dizer-lo sem preâmbulo, à escola materialista; a razão, ei-la: é que, de todas as seitas filosóficas ou religiosas, era a mais tolerante, a única que não se entregou a um levante geral para a defesa de um Deus que disse, pela boca do Mestre: "Os homens provarão que são meus discípulos se amando uns aos outros". Em seguida, é que a maioria dos guias que a sociedade se dá para inculcar nos espíritos jovens as idéias de moral e de religião, parecem antes destinadas a lançar o pavor nas almas, do que lhes ensinar a bem se conduzir, a esperar uma recompensa pelas suas penas, uma compensação para sua aflição. Também os materialistas de todas as épocas, e principalmente os filósofos do último século, cuja maioria ilustrou as artes e as ciências, aumentaram o número de seus prosélitos, à medida que a instrução emancipou os indivíduos: preferiu-se o nada aos tormentos eternos.

Está na ordem que o infeliz compare; a comparação lhe sendo desvantajosa, duvida de tudo. E, com efeito, quando se vê o vício na opulência e a virtude na miséria, se não houver uma doutrina racional e provada pelos fatos, o desespero se apodera da alma, pergunta-se o que se ganha em ser virtuoso, e atribuem-se os escrúpulos da consciência aos preconceitos e aos erros de uma primeira educação.

Ignorando o uso que fareis de minha carta, e vos deixando, sobre este ponto, uma inteira liberdade, creio que não será inútil fazer conhecer aqui as causas que operaram minha conversão. Eu tinha vagamente ouvido falar do magnetismo; uns o consideravam como uma coisa séria e real, os outros o tratavam de bagatela: nisso, pois, não me deterei. Mais tarde, ouvi falar de todos os lados de mesas girantes, de mesas falantes, etc.; mas cada um tinha, sobre esse assunto, a mesma linguagem que sobre o magnetismo, o que fez que não me interessasse mais com isso. Entretanto, por uma circunstância inteiramente imprevista, tive à minha disposição o *Tratado de magnetismo e de sonambulismo* do Sr. Aubin Gauthier. Li esta obra com uma disposição de espírito constantemente em rebelião contra seu conteúdo, de tal modo que, o que ali está explicado, me parecia extraordinário, impossível; mas chegado a esta página onde esse homem honesto disse: "Não queremos que nos creia sobre palavra; que se tente segundo os princípios que indicamos, e se se reconhece que, o que adiantamos, é verdadeiro, tudo o que pedimos, é que se esteja de boa fé, e que nisso se convenha." Esta linguagem de uma certeza racional, que só o homem prático pode ter, detém toda minha efervescência, submete meu espírito à reflexão e lhe determina a tentar. Operei primeiro sobre uma criança de meus parentes, com idade em torno de dezesseis anos, e triunfei além de todas as minhas esperanças; dizer-vos da perturbação que se fez em mim, seria difícil; eu desconfiava de mim mesmo e me perguntava se não era pateta dessa criança que, tendo adivinhado as minhas intenções, se entregava às macaquices de uma simulação para, em seguida, me ridicularizar. Para disso me assegurar, tomei certas precauções indicadas e fiz vir, imediatamente, um magnetizador; então, adquiri a certeza de que a criança estava realmente sob a influência magnética. Essa primeira tentativa me animou tão bem que me entreguei a esta ciência, da qual tive ocasião de observar todos os fenômenos, ao mesmo tempo que pude constatar a

existência do agente invisível que os produzia.

Qual é, pois, este agente? quem o dirige? qual é sua essência? por que não é visível? São perguntas às quais me é impossível responder, mas que me conduziram a ler o que foi escrito pró e contra as mesas falantes, porque me disse que se um agente invisível podia produzir os efeitos dos quais era testemunha, um outro agente, ou talvez o mesmo, podia bem produzir outros; de onde concluí que a coisa era possível, e hoje nela creio, embora não haja ainda nada visto.

Todas estas coisa são, por seus efeitos, tão surpreendentes quanto o Espiritismo, que os críticos, de resto, não combateram senão fracamente, e de maneira a não deslocar nenhuma convicção. Mas o que o caracteriza bem de outro modo que os efeitos materiais, são os efeitos morais. Fica evidente para mim que todo homem que disso se ocupar seriamente, se for bom, se tornará melhor; se for mau, modificará forçosamente seu caráter. Outrora a esperança não era senão uma corda na qual se dependuravam os infelizes; com o Espiritismo, a esperança é uma consolação, os sofrimentos uma expiação, e o Espírito, em lugar de se colocar em rebeldia contra os decretos da Providência, suporta pacientemente as suas misérias, não maldiz nem a Deus nem aos homens, e caminha sempre para a sua perfeição. Se eu tivesse sido nutrido nessas idéias, não teria certamente passado pela escola do materialismo, da qual estou muito feliz por ter saído agora.

Vedes, senhor, que por rudes que tenham sido os combates aos quais me entreguei, minha conversão está operada, e sois um daqueles que para ela mais contribuiu. Registrarei-o em vossas anotações porque essa não será uma das menores, e querei doravante me contar no número de vossos adeptos.

GAUZY

Antigo oficial, 23, rua Saint-Louis, em Batignolles (Paris).

Nota. - Esta conversão é um exemplo a mais da causa mais comum da incredulidade. Enquanto se der como verdades absolutas coisas que a razão repele, far-se-ão incrédulos e materialistas. Para fazer crer, é preciso fazer compreender; assim o quer nosso século, e é preciso caminhar com o século se não se quiser sucumbir; mas para fazer compreender, é preciso que tudo seja lógico: princípios e conseqüências. O Sr. Gauzy emite uma grande verdade dizendo que o homem prefere a idéia do nada, que põe fim às suas penas, à perspectiva de torturas sem fim, às quais é tão difícil escapar; também procura gozar, o mais possível, enquanto está sobre a Terra. Perguntai a um homem que sofre muito o que ele prefere: morrer em seguida ou viver cinqüenta anos na dor; sua escolha não será duvidosa. Quem quer muito provar, nada prova; à força de exagerar as penas, acabou-se por não mais fazer crer nelas; e estamos certos de haver muita gente de nossa opinião dizendo que a doutrina do diabo e das penas eternas fez o maior número dos materialistas; que a de um Deus que criou seres para entregar sua imensa maioria às torturas sem esperança, por faltas temporárias, fez o maior número dos ateus.

Resposta de uma senhora a um eclesiástico sobre o Espiritismo

Revista Espírita, maio de 1862

Informam-nos de Bordeaux que um eclesiástico daquela cidade, a oito de janeiro último, escreveu a carta seguinte a uma senhora de bastante idade e muito doente. Estamos formalmente autorizados a publicar esta carta, assim como a resposta que a ela foi dada:

"Senhora,

"Lamento não ter podido ontem conversar convosco, *em particular*, de certas práticas religiosas contrárias aos ensinamentos da santa Igreja. Falou-se muito, a esse respeito, de vossa família, mesmo a um círculo. Estaria feliz, senhora, em vos ensinar que não tendes senão que ter desprezo por essas superstições diabólicas, e que estejais sempre sinceramente ligada aos dogmas invariáveis da religião católica.

'Tenho a honra, etc. "X..."

Resposta.

"Meu caro senhor abade,

"Estando minha mãe muito doente para responder, ela mesma, à vossa benevolente carta de 8 do corrente, apresso-me em fazê-lo por ela, e de sua parte, a fim de tranquilizar a vossa solicitude sobre os perigos que ela e sua família podem correr.

"Não se passa, em minha casa, caro senhor, nenhuma prática religiosa que possa inquietar os católicos mais fervorosos, a menos que o respeito e a prece pelos mortos, a fé na imortalidade da alma, uma confiança ilimitada no amor e na bondade de Deus, uma observância tão rígida quanto o permite a natureza humana, das santas doutrinas do Cristo, sejam *práticas* condenadas pela santa Igreja católica.

"Quanto àquilo que se possa dizer de minha família, *mesmo em um círculo*, estou tranquila: não se dirá, nem ali nem alhures, que nenhum de nós haja feito do que se envergonhar ou a esconder, e não me envergonho, nem me oculto, em admitir os desenvolvimentos e a clareza que as *manifestações espíritas* derramam para mim e para muitos outros sobre o que havia de obscuro, do ponto de vista de minha inteligência, em tudo o que parecia sair das leis da Natureza. Devo a estas *superstições diabólicas* o crer com sinceridade, com reconhecimento, em todos os milagres que a Igreja nos dá como artigos de fé, e que, até o presente, eu olhava como símbolos, ou antes, os reconhecia como fantasias. Eu lhes devo uma quietude de alma que, até então, não pudera obter, quaisquer que tivessem sido meus esforços; eu lhes devo a fé, a fé sem limites, sem reflexões, sem comentários, a fé, enfim, tal quanto a santa Igreja a recomenda a seus filhos, tal quanto o Senhor deve exigí-la de suas criaturas, tal quanto o nosso divino Salvador a pregou com a sua palavra e o seu exemplo.

Tranqüilizai-vos, pois, caríssimo senhor, o bom Pastor reuniu ao seu redor as ovelhas indiferentes que o seguiam maquinalmente por hábito e que, agora, o seguem, e o seguirão sempre, com amor e reconhecimento. O divino Mestre perdoou a São Tome por não ter acreditado senão depois que o viu; pois bem! ainda hoje faz os incrédulos tocarem seu lado e suas mãos, e é com um amor sem nome que aqueles que duvidavam se aproximam para abraçar seus pés sangrentos e agradecer a esse pai bom e misericordioso de permitir, a essas verdades imutáveis, se tornarem *palpáveis* para fortalecer os fracos e esclarecer os cegos, que se recusavam, quando mesmo, a ver a luz que brilha há tantos séculos.

"Permiti-me, agora, reabilitar uma mãe aos olhos da santa Igreja. De toda a minha família, meu marido e eu somos os únicos que temos a felicidade de seguir este caminho, onde cada um é livre para julgar do seu ponto de vista. Apresso-me, pois, em vos tranqüilizar a este respeito. Quanto a mim, pessoalmente, encontro muita força e consolação na *certeza palpável* de que aqueles que havíamos amado e que choramos, estão sempre perto de nós, nos pregando o amor a Deus acima de tudo, o amor ao próximo, a caridade sob todas as suas faces, a abnegação, o esquecimento das injúrias, o bem para o mal (o que, creio, não se afasta dos dogmas da Igreja), que, o que possa acontecer neste mundo, a isso me apego pelo que *sei*, e pelo que *vi*, pedindo a Deus querer enviar as suas consolações àqueles que, como eu, não ousavam refletir nos mistérios da religião, temerosos de que essa pobre razão humana, que não quer admitir o que ela compreende, destruísse as crenças que o hábito me davam o arde ter.

"Agradeço, pois, ao Senhor, cuja bondade e poder incontestáveis permitem aos anjos e aos santos se fazerem *visivelmente*, para salvar os homens da dúvida e da negação, o que havia permitido ao demônio fazer desde a criação do mundo. Tudo é possível a Deus, mesmo os milagres; hoje eu o reconheço com alegria e confiança.

"Aceitai, caro senhor abade, receber os meus sinceros agradecimentos pelo interesse que consentistes em nos testemunhar, e crede que faço votos ardentes para ver entrar, em todos os corações, a fé e o amor que hoje tenho a felicidade de possuir.

"Aceitai, etc.

"EMILIE COLLIGNON."

Nota. - Não dispensamos nenhum comentário a esta carta que deixamos a cada um o cuidado de apreciar. Diremos somente que conhecemos um grande número de escritos no mesmo sentido. A passagem seguinte, de um deles, pode resumi-los, senão pelos termos, ao menos pelo sentido:

"Embora nascido e batizado na religião católica, apostólica e romana, há trinta anos, quer dizer, desde a minha primeira comunhão, tinha esquecido minhas preces e o caminho da igreja; em uma palavra, nunca acreditava mais em nada senão na realidade da vida presente. O Espiritismo, por uma graça do céu, veio enfim me abrir os olhos; hoje os fatos falaram por mim; creio não só em Deus e na alma, mas na vida futura feliz ou infeliz; creio em um Deus justo e bom, que pune os atos maus e não as crenças errôneas. Como um mudo que recobre a palavra, lembrei-me de minhas preces, e oro, não mais com os lábios e sem compreender, mas com o coração, com inteligência, fé e amor. Há pouco tempo ainda acreditava ato de fraqueza me aproximando dos sacramentos da Igreja; hoje creio fazer um ato de humildade agradável a Deus recebendo-os. Vós me repelis mesmo do tribunal da

penitência; me impondes, antes de todas as coisas, uma retratação formal de minhas crenças espíritas; quereis que renuncie a conversar com o filho querido que perdi, e que veio dizer-me palavras tão doces e consoladoras; quereis que eu declare que esse filho que reconheci como se estivesse ali, vivo, diante de mim, seja o demônio! Não, uma mãe não se engana tão grosseiramente. Mas, senhor abade, são as próprias palavras desse filho que, tendo-me convencido da vida futura, me reconduzem à Igreja! Como quereis, pois, que eu creia que é o demônio? Se devesse estar aí a última palavra da Igreja, perguntar-se-ia o que advirá quando todo o mundo for espírita?

"Me haveis designado do alto do púlpito; me mostrastes com o dedo; amotinastes contra mim um populacho fanático; fizestes retirar, a uma pobre mulher, que partilha de minhas crenças, o trabalho que a faz viver, dizendo que ela teria recursos se deixasse de me ver, esperando prendê-la pela fome; francamente, senhor abade, Jesus Cristo teria feito isto?

"Dizeis que agis segundo a vossa consciência; não temais que com isso eu faça violência, mas achais bom que eu aja segundo a minha. Não me repilais da Igreja: não tentarei nela entrar à força, porque, por toda parte, a prece é agradável a Deus. Deixai-me somente fazer a história das causas que, há muito tempo, dela me afastaram; que fizeram nascer em mim primeiro a dúvida, e da dúvida me conduziram a negar tudo. Se sou maldita a esta hora, como o pretendeis, vereis quem deve disso levar a responsabilidade.

Nota. - As reflexões que semelhantes coisas fazem nascer, se resumem em duas palavras: Fatal imprudência! fatal cegueira! Tivemos sob os olhos um manuscrito intitulado: *Memórias de um incrédulo*; é um curioso relato das causas que conduzem o homem às idéias materialistas, e dos meios pelos quais podem ser reconduzidos à fé. Não sabemos ainda se o autor se decidirá a publicá-lo.

O padeiro desumano - Suicídio

Revista Espírita, maio de 1862

Uma correspondência de Crefled (Prússia Rhenana), de 25 de janeiro de 1862, e inserto no *Constitutionnel* de 4 de fevereiro, contém o fato seguinte:

"Uma pobre viúva, mãe de três filhos, entra na padaria e pede, insistentemente, dar-lhe crédito de um pão. O padeiro recusa. A viúva reduziu seu pedido a meio pão, e por fim, a um pedaço de pão, somente para seus filhos famintos. O padeiro ainda recusa, deixa o lugar e entra atrás da padaria; a mulher, crendo não ser vista, se apodera de um pão e se vai dali. Mas o furto, imediatamente descoberto, é denunciado à polícia.

" Um agente vai à casa da viúva e a surpreende quando cortava pedaços de pão para seus filhos. Ela não nega o furto, mas se escusa sobre a necessidade. O agente da polícia, censurando a dureza do padeiro, insiste para que ela o siga ao escritório do comissário.

"A viúva pede somente alguns instantes para mudar de roupa. Ela entra no quarto de dormir, mas ali permanece por tanto tempo para que o agente, perdendo a paciência, se decida a abrir a porta: a infeliz estava por terra inundada de sangue. Com a mesma faca que acabara de cortar o pão para seus filhos ela havia posto fim aos seus dias."

Esta notícia, tendo sido lida na sessão da Sociedade, de 14 de fevereiro de 1862, foi proposta fazer a evocação dessa infeliz mulher, quando ela mesma veio se manifestar, espontaneamente, pela comunicação simples. Ocorre, freqüentemente, que Espíritos que estão em questão se revelem desta maneira; é incontestável que são atraídos pelo pensamento, que é uma espécie de evocação tácita. Sabem que se ocupa deles, e vêm; se comunicam, então, se a ocasião lhes parece oportuna, ou se encontram um médium de sua conveniência. Compreender-se-á, segundo isso, que não é necessário nem ter um médium, nem mesmo ser Espírita para atrair os Espíritos com os quais alguém se preocupa.

"Deus foi bom para a pobre desviada, e vem vos agradecer pela simpatia que consentistes me testemunhar. Pois bem! diante da miséria de meus pobres e pequenos filhos, me esqueci e falhei. Então me disse: Uma vez que és impotente para alimentar teus filhos e que o padeiro recusa o pão àqueles que não podem pagá-lo; uma vez que não tem nem dinheiro, nem trabalho, morra! Porque quando não estiverdes mais ali virão em sua ajuda. Com efeito, hoje a caridade pública adotou esses pobres órfãos. Deus nos perdoou, porque viu minha razão vacilar e meu desespero horrível. Fui a vítima inocente de uma sociedade mal, muito mal regulada. Ah! agradecei a Deus por vos ter feito nascer neste belo país da França, onde a caridade vai procurar e aliviar todas as misérias.

"Orai por mim, a fim de que possa logo reparar a falta que cometi, não por covardia, mas por amor maternal. Quanto vossos Espíritos protetores são bons! Eles me consolam, me fortalecem, me encorajam, dizendo que o meu sacrifício não foi desagradável ao grande Espírito, e que, sob o olhar e a mão de Deus, preside aos destinos humanos."

A POBRE MARY (Méd. Sr d'Ambel).

Em seguida a esta comunicação, o Espírito de Lamennais dá a apreciação seguinte sobre o fato em questão:

"Esta infeliz mulher é uma das vítimas de vosso mundo, de vossas leis e de vossa sociedade. Deus julga as almas, mas também julga os tempos e as circunstâncias: julga as coisas forçadas e o desespero; julga o fundo e não a forma; e ousa afirmá-lo, esta infeliz morreu não por crime mas por pudor, por medo da vergonha; é que ali onde a justiça humana é inexorável, julga e condena os fatos materiais, a justiça divina constata o fundo do coração e o estado da consciência. Seria a desejar que se desenvolvesse, entre certas naturezas privilegiadas, um dom que seria muito útil, não para os tribunais, mas para o adiantamento de algumas pessoas: esse dom é uma espécie de sonambulismo do pensamento que descobre, muito freqüentemente, coisas ocultas, mas que o homem, habituado à corrente da vida, negligencia e atenua por sua falta de fé. É certo que um médium desse gênero, examinando esta pobre mulher, teria dito: Esta mulher é bendita de Deus por que ela é infeliz, e esse homem é maldito por que ele recusou o pão. O Deus! quando, pois, todos os dons serão reconhecidos e colocados em prática? Aos olhos da justiça aquele que recusou o pão será punido, porque o Cristo disse: Aquele que dá o pão ao seu próximo, a mim mesmo o dá."

LAMENNAIS. (Méd. Sr. A. Didier).

Dissertações espíritas

Revista Espírita, maio de 1862

Aos membros da Sociedade de Paris partindo para a Rússia

(Sociedade Espírita de Paris, abril de 1862. - Médiun, Sr. E. Vézzy.)

Nota. - Vários personagens de distinção russos, tendo vindo passar o inverno em Paris, principalmente em vista de completar sua instrução espírita, nesse objetivo, fez receber membros da Sociedade, para assistir regularmente às sessões. Alguns já partiram, entre outros o príncipe Dimetry G..., outros estavam às vésperas de sua partida. Foi esta circunstância que deu lugar à comunicação espontânea seguinte:

"Ide e ensinai, disse o Senhor. É a vós, filhos, da grande família que se forma, que me dirijo esta noite. Retornais à vossa pátria e às vossas famílias; não esqueçais do lar esse que um outro pai, o Pai celeste, consentiu em vos comunicar e vos dar a conhecer. Ide, e, sobretudo, que a semente esteja sempre pronta para ser lançada nos sulcos que ides cavar nessa terra que não tem bastante rochas em suas entranhas para não se abrir sob o arado. Vossa pátria está chamada a se tornar grande e forte, não só pela literatura, pela ciência, pelo gênio e pelo número, mas ainda pelo seu amor e seu devotamento para com o Criador de todas as coisas. Que a vossa caridade se torne, pois, ampla e poderosa; não temais de distribuir a duas mãos ao vosso redor; aprendei que a caridade não se faz somente com a esmola, mas também com o coração!... O coração, eis a grande fonte do bem, a fonte dos eflúvios que devem se derramar e aquecer a vida daqueles que sofrem ao vosso redor!... Ide e pregai o Evangelho, novos apóstolos do Cristo; Deus vos colocou alto no mundo, a fim de que todos possam vos ver e que vossas palavras sejam bem ouvidas. Mas é sempre olhando o céu e a Terra, quer dizer, Deus e a Humanidade, que chegareis ao grande objetivo que vos propusestes alcançar e para o qual nós ajudamos. O campo é vasto; ide, pois, e semeai, a fim que logo possamos ir fazer as colheitas.

"Podeis anunciar, por toda parte, que o grande reino logo vai chegar, reino de felicidade e de alegria para todos aqueles que quiseram crer e amar, porque dele participarão.

"Recebei, pois, antes da partida, o último conselho que vos damos sob o belo céu que todo mundo ama, sob o céu da França! Recebei o último adeus destes amigos que vos ajudarão ainda na rude senda que ides percorrer neste mundo; todavia nossas mãos invisíveis vo-la tornarão mais fácil, e se souberdes nela colocar perseverança, vontade e coragem, vereis os obstáculos tombarem sob vossos passos.

"Quando se ouvir saírem de vossas bocas estas palavras: 'Todos os homens são irmãos e devem se apoiar, uns aos outros, para caminharem', quanta admiração e quantas exclamações! Sorrir-se-á vendo-vos professar uma tal doutrina; repe-tir-se-á baixinho: Dizem belas coisas, os grandes, mas não são senão mourões que indicam os caminhos sem percorrê-los?"

"Mostrai, mostrai-lhes, então, que o Espírito, este novo apóstolo do Cristo, não está no meio do caminho para indicar a senda, mas se arma de seu machado e seu facão e se lança no meio dos bosques mais sombrios, e mais escuros para abrir o caminho e arrancar as sarsas de sob os passos daqueles que seguem. Sim, os novos discípulo do Cristo devem ser vigorosos, devem caminhar sempre com o jarrete firme e a mão pesada. Nada de barreiras diante deles; todas devem cair sob seus esforços e seus golpes; as altas árvores, os cipós e as sarsas se romperão para deixarem ver, enfim, um pouco do céu!

"Será, então que lá estará a consolação e a felicidade. Que recompensa para vós! Os Espíritos felizes vos exclamarão: "Bravo! bravo!" Filhos, logo sereis dos nossos, e logo nos chamaremos nossos irmãos, porque a tarefa que vos impusestes voluntariamente, tendes sabido cumpri-la! Deus tem grandes recompensas para aquele que vem trabalhar em seu campo; dá a colheita a todos aqueles que contribuem para o grande trabalho!

"Ide, pois, em paz, ide, nós vos bendizemos. Que esta bênção vos dê felicidade e vos encha de coragem; não esqueçais nenhum de vossos irmãos da grande sociedade da França; todos fazem votos por vós e por vossa pátria, que o Espiritismo tornará poderosa e forte; ide! os bons Espíritos vos assistem!"

SANTO AGOSTINHO.

Relações amigáveis entre os vivos e os mortos

(Sociedade Espírita da Argélia. - Médiun, Sr. B....)

Por que, nas conversações com os Espíritos, pessoas que temos como as mais queridas, sentimos um embaraço, uma frieza mesmo, que jamais sentimos quando de sua vida?

Resposta: -Porque sois materiais e nós não o somos mais. Vou te fazer uma comparação que, como todas as comparações, não será absolutamente exata; se-lo-á, no entanto, bastante para o que quero dizer.

Suponho que tu sentes, por uma mulher, uma dessas paixões que só os romancistas imaginam entre vós, e que tratais de exagerada, ao passo que a nós ela nos parece diferir em menos daquelas que conhecemos por toda a extensão do infinito.

Continuo a supor. Depois de ter tido, durante algum tempo, a felicidade infável de falar, cada dia, com essa mulher e de a contemplar gostosamente, uma circunstância qualquer faz com que não possas mais vê-la e deves te contentar em ouvi-la somente; crês que teu amor resistiria, sem nenhuma brecha, a uma situação desse gênero indefinidamente prolongada? Confessa que sofreria bem alguma modificação, ou o que nós o chamaríamos *uma diminuição*.

Vamos mais longe. Não só não podes mais vê-la, essa bela amiga, mas tu não podes mesmo mais ouvi-la; ela está inteiramente seqüestrada; não se te deixa mais aproximar dela; prolongue este estado durante alguns anos e veja o que acontecerá.

Agora, um passo a mais. Ela está morta, a mulher que tu amavas; está, há muito tempo,

enterrada nas trevas da tumba. Nova mudança em ti. Não quero dizer que a paixão esteja morta com seu objeto, mas sustento que pelo menos ela está transformada. Está de tal modo que se, por um favor celeste, a mulher que tu lamentas tanto e que choras sempre, viesse a se apresentar diante de ti, não na odiosa realidade do esqueleto imóvel no cemitério, mas com a forma que amavas e adoravas até o êxtase, estais bem seguro de que o primeiro efeito dessa aparição imprevista não seria o sentimento de um profundo terror?

É que, veja, meu amigo, as paixões, os afetos vivos não são possíveis, em toda sua extensão, senão entre pessoas da mesma natureza, entre mundanos e mundanos, entre Espíritos e Espíritos. Não pretendo dizer por aí que toda afeição deva se apagar com a morte; quero dizer que muda de natureza e toma um outro caráter. Em uma palavra, quero dizer que, sobre a vossa Terra, conservais uma boa lembrança daqueles que amastes, mas que a matéria, no meio da qual viveis, não permitindo compreender, nem praticar, outra coisa senão amores materiais, e que esse gênero de amores, sendo necessariamente impossível entre vós e nós, daí vem que sois tão desajeitados e tão frios em vossas relações conosco. Se queres disso te convencer, releia algumas conversações espíritas entre parentes, amigos ou conhecidos; tu as encontrarás de um glacial para dar frio aos habitantes dos pólos.

Com isso não queremos, não nos entristecermos mesmo, quando, no entanto, somos suficientemente elevados na hierarquia dos Espíritos para disso nos dar conta e compreender; mas, naturalmente, isso não é sem ter também alguma influência sobre nossa maneira de ser convosco.

Lembras-te da história de *Hanifa* que, podendo se pôr em comunicação com sua filha querida, que tanto chorava, colocou-lhe esta primeira pergunta: *Há um tesouro escondido nesta casa?* Também que boa mistificação ela fez! Não o havia roubado.

Penso, meu amigo, disso ter dito bastante para que sintas bem a causa do constrangimento que existe necessariamente entre vós e nós. Teria podido disso dizer mais; por exemplo, que vemos todas as imperfeições e impurezas do corpo e da alma, e que, de vosso lado, tendes a consciência de que não as vemos. Reconheço que é embaraçoso para as duas partes. Coloca os dois amantes mais apaixonados nessa casa de vidro onde tudo aparece, o moral como o físico, e pergunta-te o que disso advirá.

Quanto a nós, animados de um sentimento de caridade que não podeis compreender, estamos, com relação a nós, como a boa mãe quanto às enfermidades e as manchas de seu filho ralhador, que lhe tira o sono não podem fazer esquecer, um só instante, os instintos sublimes da maternidade. Nós vos vemos fracos, feios e maus, e, no entanto, vos amamos, porque tratamos de vos melhorar; mas, vós outros, não vos fazeis justiça nos temendo mais do que não nos amais.

DESIRÉ LÉGLISE, Poeta argelino, morto em 1851.

As duas lágrimas

(Sociedade Espírita de Lyon; grupo Vilon. - Médiun, senhora Bouilland.)

Um Espírito iria deixar forçosamente a Terra, que não teria podido visitar, porque vinha de

uma região bem inferior; mas tinha pedido para sofrer uma prova, e Deus não lha havia recusado. Pois bem! a esperança que havia concebido à sua entrada no mundo terrestre não se realizara, e sua natureza abrupta tendo retomado o superior, cada um de seus dias foi marcado pelo mais negro crime. Durante muito tempo, todos os Espíritos guardiães dos homens haviam tentado afastá-lo da senda que seguia, mas, cedendo de cansaço, tinham abandonado esse infeliz a si mesmo, quase temendo seu contato. Todavia, cada coisa tem um fim; cedo ou tarde o crime se descobre, e a justiça repressiva dos homens impõe ao culpado a pena de talião. Esta vez não foi cabeça por cabeça: foi cabeça por cento; e ontem esse Espírito, depois de permanecer meio século sobre a Terra, ia retornar ao espaço, para ser julgado pelo Juiz supremo, que pesa as faltas muito mais inexoravelmente que vós mesmos não poderíeis fazê-lo.

Em vão os Espíritos guardiães se ocuparam com a condenação e tinham tentado introduzir o arrependimento nessa alma rebelde; em vão levaram junto dele os Espíritos de toda a sua família: cada um quisera poder arrancar-lhe um suspiro de remorso, ou somente um sinal; o momento fatal se aproximava, e nada enfraquecia essa natureza bronzada e, por assim dizer, bestial; no entanto, um único arrependimento, antes de deixar a vida, teria podido abrandar os sofrimentos desse infeliz, condenado pelos homens a perder a vida, e por Deus aos remorsos incessantes, torturas terríveis, semelhantes ao abutre roendo o coração que renasce sem cessar.

Enquanto os Espíritos trabalhavam sem descanso para fazer nascer nele pelo menos um pensamento de arrependimento, um outro Espírito, Espírito encantador, dotado de uma sensibilidade e de uma ternura sublimes, voava ao redor de uma cabeça muito cara, cabeça vivente ainda, e lhe dizia: "Pensa nesse infeliz que vai morrer; fala-me dele." Quando a caridade é simpática, quando dois Espíritos se entendem e não fazem dela senão um, o pensamento é como elétrico. Logo o Espírito encarnado diz ao mensageiro do amor: "Meu filho, trata de inspirar um pouco de remorsos a este miserável que vai morrer; vai, consolá-lo!" E nele pensando compreende-se tudo que o infortunado criminoso iria ter de sofrimentos a suportar para a sua expiação, uma lágrima furtiva escapou daquele que, só, nessa hora matinal, despertara pensando nesse ser impuro que, num instante, deveria prestar suas contas. O doce mensageiro recolheu essa lágrima benfazeja na concha de sua pequena mão; e, num vôo rápido, levou-a para o tabernáculo que encerra semelhantes relíquias, e fez assim a sua prece: "Senhor, um ímpio vai morrer; vós o condenastes, mas dissestes: "Perdão ao remorso, concedo indulgência ao arrependimento". Eis uma lágrima de verdadeira caridade, que traspassou do coração aos olhos do ser que eu mais amo no mundo. Eu vos trago esta lágrima: é o resgate do sofrimento; dai-me o poder de abrandar o coração de rocha do Espírito que vai expiar seus crimes. - Vai, responde-lhe o Mestre; vai, meu filho; essa lágrima bendita pode pagar muitos resgates."

A doce filha tornou a partir: chega junto ao criminoso no momento do suplício; o que ela lhe diz só Deus o sabe; o que se passou neste ser desviado, ninguém não o compreendeu, mas, abrindo os seus olhos à luz, viu se desenrolar diante dele todo um passado terrível. Ele, que o instrumento fatal não havia abalado; ele, que a condenação à morte fê-lo sorrir, levantou os olhos e uma grossa lágrima, ardente como chumbo fundido, tombou de seus olhos. A essa prova muda, que lhe testemunhava que sua prece havia sido atendida, o anjo da caridade estendeu sobre o infeliz as suas brancas asas, recolheu essa lágrima e parecia dizer: "Infortunado! sofrerás menos: levo a tua redenção."

Que contraste pode inspirar a caridade do Criador! O ser mais impuro sobre os últimos degraus da escala, e o anjo mais casto que, prestes a entrar no mundo dos eleitos, vem, a um sinal, estender a sua proteção visível sobre esse pária da sociedade! Deus bendiz, do alto de seu poderoso tribunal, esta cena tocante, e nós todos, dizemos cercado essa

criança: "Vai receber a tua recompensa." A doce mensageira remontou aos céus, sua lágrima de lava na mão, e pôde dizer: "Mestre, ele chorou, eis a prova! - Está bem, responde o Senhor; conservai essa primeira gota de orvalho do coração endurecido; que essa lágrima fecunda vá regar esse Espírito ressecado pelo mal; mas guardai, sobretudo, a primeira lágrima que esta criança me trouxe; que essa gota d'água se torne diamante puro, porque é bem a pérola sem mácula da verdadeira caridade. Relatai este exemplo aos povos e dizei-lhes: "Solidários uns com os outros, vede, eis "uma lágrima de amor e de humanidade, e uma lágrima de remorsos obtida pela prece, e essas duas lágrimas serão as pedras mais preciosas do vasto escrínio da caridade."

CARITA.

Os dois Voltaire

(Sociedade Espírita de Paris; grupo Fauchorand. - Médiun, Sr. E. Vézy.)

Sou bem eu, mas não mais aquele Espírito zombador e cáustico de outrora; o pequeno reizinho do século dezoito, que comandava, pelo pensamento e o gênio, a tantos grandes soberanos, hoje não tem mais sobre os lábios aquele sorriso mordaz que fazia tremer inimigos, e mesmo amigos! Meu cinismo desapareceu diante da revelação das grandes coisas que eu queria tocar e que não as soube senão no além-túmulo!

Pobres cérebros tão estreitos para conterem tanta maravilha! Humanos, calai-vos, humilhai-vos, diante do poder supremo; admirai e contemplai, eis o que podeis fazer. Como quereis aprofundar Deus e seu grande trabalho? Apesar de todos esses recursos, vossa razão não se choca diante do átomo e o grão de areia que ela não pode definir?

Usei minha vida, eu, a procurar e a conhecer Deus e seu princípio, minha razão nisso se enfraqueceu, e cheguei, não a negar Deus, mas sua glória, seu poder e sua grandeza. Eu me explicava esse desenvolvimento no tempo. Uma intuição celeste me dizia para rejeitar esse erro, mas não a escutava, e me fiz apóstolo de uma doutrina mentirosa... Sabeis por quê? Porque no tumulto e no fracasso de meus pensamentos, que se entrechocavam sem cessar, não via senão uma coisa: meu nome gravado no frontão do templo de memória das nações! Não via senão a glória que me prometia essa juventude universal que me cercava e parecia provar com suavidade e delícias o suco da doutrina que eu lhe ensinava. No entanto, impellido por não sabia quais remorsos de minha consciência, quis parar, mas era muito tarde; como uma utopia, todo o sistema que abraça vos arrasta; a torrente segue primeiro, depois vos leva e vos quebra, tanto sua queda é, às vezes, violenta e rápida.

Crede-me, vós que estais aqui à procura da verdade, encontrá-la-eis quando tiverdes destacado de vosso coração o amor às lantejoulas, que fazem brilhar, aos vossos olhos, um tolo amor-próprio e um tolo orgulho. Não temais, no novo caminho que caminhais, combater o erro e abatê-lo quando se levantar diante de vós. Não é uma monstruosidade enaltecer uma mentira

contra a qual não se ousa se defender, porque se fez discípulos que vos precederam em vossas crenças?

Vós o vedes, meus amigos, o Voltaire de hoje não é mais aquele do século dezoito; sou mais cristão, porque venho aqui para vos fazer esquecer minha glória e vos lembrar o que

eu era durante minha juventude, e o que eu amava durante minha infância. Oh! quanto gostava de me perder no mundo do pensamento! Minha imaginação, ardente e viva, corria os vales da Ásia em conseqüência daquele a quem chamais Redentor... Gostava de correr nos caminhos que ele percorrera; e como me parecia grande e sublime esse Cristo no meio da multidão! Acreditava ouvir sua voz poderosa, instruindo os povos da Galiléia, nas margens do lago de Tiberíades e da Judéia. Mais tarde, nas minhas noites de insônia, quantas vezes me levantei para abrir uma velha Bíblia e dela retirar as santas páginas! Então, minha cabeça se inclinava diante da cruz, esse sinal eterno da redenção que une a Terra ao céu, a criatura ao Criador!... Quantas vezes admirei esse poder de Deus, se subdividindo, por assim dizer, e do qual uma centelha se encarna para se fazer pequeno, vindo dar sua alma no Calvário para a expiação!... Vítima augusta, da qual neguei a divindade, e que me fiz dizer dela, no entanto:

Teu Deus que traíste, teu Deus que blasfemas,

Por ti, pelo universo, está morto nesses próprios lugares!

Sofro, mas expio a resistência que opus a Deus. Tinha por missão instruir e esclarecer; primeiro o fiz, mas a minha luz se extinguiu em minhas mãos na hora marcada para a luz!...

Felizes filhos dos séculos dezoito e dezenove, é a vós que está dado ver luzir a luz da verdade; fazei que vossos olhos vejam bem sua luz, porque para vós ela terá raios celestes e sua claridade será divina! VOLTAIRE.

Filhos, deixei falar em meu lugar um dos vossos grandes filósofos, principal chefe do erro; quis que viesse vos dizer onde está a luz; que vos pareceu ele? Todos virão repetir-vos: Não há sabedoria sem amor nem caridade; e disse-me, que doutrina mais suave para ensiná-lo que o Espiritismo? Não saberia muito vo-lo repetir: o amor e a caridade são as duas virtudes supremas que unem, como o disse Voltaire, a criatura ao Criador. Oh! que mistério e que lugar sublime! minhoquinha, verme da terra que pode se tornar de tal modo poderoso, que sua glória tocará o trono do Eterno!...

SANTO AGOSTINHO.

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quinto Ano – 1862

Junho

- [Sociedade Parisiense de Estudos espíritas - Discurso do Sr. Allan Kardec pelo quinto aniversário](#)
- Conversas familiares de além-túmulo.
 - [Sr. Sanson \(continuação\)](#)
- [O Menino Jesus no meio dos doutores. Último quadro do Sr. Ingres](#)
- [Eis como se escreve a história! Os milhões do Sr. Allan Kardec](#)
- [Sociedade Espírita de Viena, na Áustria](#)
- [Princípio vital das Sociedades Espíritas](#)
- Ensinamentos e Dissertações espíritas.
 - [O espiritismo filosófico](#)
- [Um espírita na Rússia](#)

Discurso do Sr. Allan Kardec pelo quinto aniversário

Sociedade Parisiense de Estudos espíritas

Revista Espírita, junho de 1862

Na renovação do ano social, a 1^ª de abril de 1862.

Senhores e caros colegas,

A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas começou seu quinto ano a 1^ª de abril de 1862, e jamais, nisto é preciso convir, o fez sob melhores auspícios. Este fato não é somente importante do nosso ponto de vista pessoal, mas é sobretudo característico do ponto de vista da Doutrina em geral, porque prova, de maneira evidente, a intervenção de nossos guias espirituais. Seria supérfluo vos relatar a modesta origem da Sociedade, assim como as circunstâncias, de alguma forma providencial, de sua constituição; circunstâncias às quais um Espírito eminente, então no poder, e depois regressando ao no mundo dos Espíritos, nos disse, ele próprio, ter poderosamente contribuído.

A Sociedade, vós vos lembrais, senhores, teve suas vicissitudes; tinha em seu seio elementos de dissolução, provenientes da época em que recrutava muito facilmente, e sua existência foi mesmo um instante comprometida. Naquele momento, coloquei em dúvida sua utilidade real, não como simples reunião, mas como sociedade constituída. Fatigado com esses desacordos, estava resolvido a me retirar; esperava que, uma vez livre dos entraves semeados sobre o meu caminho, nela trabalharia tanto melhor na grande obra empreendida. Disso fui dissuadido por numerosas comunicações espontâneas, que me foram dadas de diferentes lados; de uma delas, entre outras, creio útil hoje vos dar a substância, porque os acontecimentos justificaram as previsões. Ela estava assim concebida:

"A Sociedade formada por nós com o teu concurso é necessária; queremos que ela subsista e subsistirá, apesar da má vontade de alguns, como o reconhecerás mais tarde. Quando um mal existe, não se cura sem crise; ocorre assim com o pequeno e o grande: no indivíduo como nas sociedades; nas sociedades como entre os povos; entre os povos como o será na Humanidade. Nossa Sociedade, dizemos, é necessária; quando cessar de o ser sob sua forma atual, se transformará como todas as coisas. Quanto a ti, não podes, não deves te retirar; nós não pretendemos, não obstante, acorrentar teu livre arbítrio; dizemos somente que tua retirada seria uma falta que lamentarias um dia, porque ela entravaria nossos desígnios..."

Desde então, dois anos se escoaram, e, como o vedes, a Sociedade felizmente saiu dessa crise passageira, das quais todas as peripécias me foram assinaladas, e das quais um dos resultados foi nos dar uma lição de experiência, que aproveitamos, e que provocou as medidas das quais não temos senão que nos aplaudir. A Sociedade, desembaraçada dos cuidados inerentes ao seu estado anterior, pôde prosseguir seus estudos sem entraves; seus progressos também foram rápidos, e cresceu a olhos vistos, não diria numericamente,

embora seja mais numerosa do que jamais o foi, mas em importância. Oitenta e sete membros, participando das cotizações anuais, figuraram na lista do ano que acaba de se escoar, sem contar os membros honorários e os correspondentes. Ter-lhe-ia sido fácil dobrar, e mesmo triplicar esse número, se visasse às receitas; ora, longe de diminuir suas dificuldades, elas as aumentou, porque sendo uma Sociedade de estudos, não quis se afastar dos princípios de sua instituição, e que disso jamais faz uma questão de interesse material; não procurando entesourar, lhe era indiferente ser pouco mais ou pouco menos numerosa. Sua preponderância não se prende, pois, de nenhum modo, ao número de seus membros; está nas idéias que estuda, que elabora e que divulga; não faz propaganda ativa; não tem agentes nem emissários; não solicita a ninguém para vir a ela, e, isso que pode parecer extraordinário, é a essa reserva mesma que deve sua influência. Eis, a esse respeito, qual é o seu raciocínio. Se as idéias espíritas fossem falsas, nada lhes poderia fazer tomar raiz, porque toda idéia falsa não tem senão uma existência passageira; se elas são verdadeiras, estabelecer-se-ão, quando mesmo pela convicção, e o pior meio de propagá-las seria impô-las, porque toda idéia imposta é suspeita e trai sua fraqueza. As idéias verdadeiras devem ser aceitas pela razão e o bom senso; ali onde elas não germinam é porque sua estação não chegou; é preciso esperar e se limitar a lançar a semente ao vento, porque, cedo ou tarde, encontrar-se-ão algumas sementes que caíram sobre uma terra menos árida.

O número dos membros da Sociedade é, pois, uma questão muito secundária; porque hoje, menos que nunca, não poderia ter a pretensão de absorver todos os adeptos; seu objetivo é, pelos seus estudos conscienciosos, feito sem preconceitos e sem partidarismo, de elucidar as diversas partes da ciência espírita, de procurar as causas dos fenômenos, e de recolher todas as observações de natureza a esclarecer a questão tão importante, e tão palpitante, do estado do mundo invisível, de sua ação sobre o mundo visível e das inumeráveis conseqüências que disso decorre para a Humanidade. Por essa posição, e pela multiplicidade de suas relações, ela se encontra nas condições mais favoráveis para observar bem e sempre. Seu objetivo é, pois, essencialmente moral e filosófico; mas o que sobretudo deu crédito ao seus trabalhos, foi a calma, a seriedade que ela lhes coloca; é que tudo ali é discutido friamente, sem paixão, como devem fazê-lo as pessoas que procuram, de boa fé, se esclarecer; é porque se sabe que ela não se ocupa senão de coisas sérias; é, enfim, a impressão que os numerosos estrangeiros, freqüentemente, vindos de países longínquos para assistir a ela levaram da ordem e da dignidade de suas sessões.

Também a linha que ela segue traz seus frutos; os princípios que professa, baseados sobre observações conscienciosas, servem hoje de regra à imensa maioria dos Espíritas. Vistes sucessivamente cair, diante da experiência, a maioria dos sistemas desabrochados no início, e é com dificuldade se alguns conservam ainda raros partidários; isto é incontestável. Quais são, pois, as idéias que crescem, e quais são as que declinam? É uma questão de fato. A doutrina da reencarnação é o princípio que foi mais controvertido, e seus adversários nada pouparam para atacá-la vivamente, nem mesmo as injúrias e as grosserias, este argumento supremo daqueles esgotados de boas razões; por isso não caminhou menos porque se apoia por uma lógica inflexível; que sem essa alavanca choca-se contra dificuldades intransponíveis, e porque, enfim, nada se encontrou de mais racional para colocar no lugar.

No entanto, há um sistema, do qual se faz mais do que nunca, a exibição hoje, é o sistema diabólico. Na impossibilidade de negar os fatos de manifestações, um partido pretende provar que são a obra exclusiva do diabo. A obstinação que a isso se leva prova que não está bem seguro de ter razão, ao passo que os Espíritas não se comovem, absolutamente, com esse desdobraimento de forças que deixam perder-se. Neste momento, se faz fogo sobre toda a linha: discursos, pequenas brochuras, grossos volumes, artigos de jornais, é um ataque geral, para demonstrar o quê? Que os fatos que, na nossa opinião,

testemunham do poder e da bondade de Deus, testemunham, ao contrário, do poder do diabo; de onde resulta que só o diabo podendo se manifestar, é mais poderoso do que Deus. Atribuindo ao diabo tudo o que é bom nas comunicações, é retirar o bem a Deus para com ele homenagear o diabo. Cremos ser mais respeitosos do que isso para com a Divindade. De resto, como disse, os Espíritos em nada se inquietam com esse levante geral que terá por efeito destruir, um pouco mais cedo, o crédito de Satã.

A Sociedade de Paris, sem o emprego de meios materiais, e embora restrita numericamente por sua vontade, nem por isso deixou de fazer uma propaganda considerável pela força do exemplo, e a prova disso é o número incalculável de grupos espíritas que se formam sob os mesmos trâmites, quer dizer, segundo os princípios que ela professa; é o número das sociedades regulares que se organizam e pedem para se colocarem sob seu patrocínio; delas há em várias cidades da França e do exterior, na Argélia, na Itália, na Áustria, no México, etc.; e o que fizemos para isto? Fomos procurá-las, solicitá-las? Enviamos emissários, agentes? Absolutamente; nossos agentes são as obras. As idéias espíritas se difundem numa localidade; ali não encontram de início senão alguns ecos, depois, passo a passo, ganham terreno; os adeptos sentem a necessidade de se reunir, menos para fazerem experiências do que para conversar sobre um assunto que lhes interessa; daí os milhares de grupos particulares, que se podem chamar de grupos de família; entre eles alguns adquirem uma importância numérica maior; pede-nos conselhos, e eis como se forma, insensivelmente essa rede que tem já balizas sobre todos os pontos do globo.

Aqui, senhores, coloca-se naturalmente uma observação importante sobre a natureza das relações que existem entre a Sociedade de Paris e as reuniões, ou sociedades, que se fundam sob os seus auspícios, e que erradamente se consideraria como sucursais. A Sociedade de Paris não tem sobre elas outra autoridade senão a da experiência; mas, como disse em outra ocasião, ela não se imiscui em nada nos seus negócios; seu papel se limita a conselhos officiosos, quando lhe são solicitados. O laço que as une é, pois, um laço puramente moral, fundado sobre a simpatia e a semelhança das idéias; não há, entre elas, *nenhuma filiação, nenhuma solidariedade material*; uma só palavra de ordem é a que deve unir todos os homens: *caridade e amor ao próximo*, palavra de ordem pacífica e que não poderia levar desconfiância.

A maior parte dos membros da Sociedade reside em Paris; entretanto, conta entre eles vários que habitam na província ou no estrangeiro, embora não assistindo a ela senão excepcionalmente, e há mesmo os que jamais vieram a Paris desde sua fundação, e tiveram a honra de dela fazer parte. Além dos membros, propriamente ditos, ela tem correspondentes, mas cujas relações, puramente científicas, não têm por objeto senão mantê-la ao corrente do movimento espírita nas diferentes localidades, e me fornecerem documentos para a história do estabelecimento do Espiritismo, do qual reúnem os materiais. Entre os adeptos, há os que se distinguem pelo seu zelo, sua abnegação, seu devotamento à causa do Espiritismo; que paguem por si mesmos, não em palavras, mas em ações; a Sociedade está feliz em lhes dar um testemunho particular de simpatia, conferindo-lhes o título de membro honorário.

Depois de dois anos, a Sociedade cresceu, pois, em crédito e em importância; mas seus progressos, além disso, são marcados pela natureza das comunicações que recebe dos Espíritos. Há algum tempo, com efeito, essas comunicações adquiriram proporções e desenvolvimentos que ultrapassaram em muito nossa expectativa; não são mais, como outrora, curtos fragmentos de moral banal, mas dissertações onde as mais altas questões de filosofia são tratadas com uma amplitude e uma profundidade de pensamentos, que delas fazem verdadeiros discursos. É o que notou a maioria dos leitores da *Revista*.

Estou feliz em assinalar um outro progresso no que concerne aos médiuns; jamais, em nenhuma outra época, não foram vistos tantos tomar parte em nossos trabalhos, uma vez que nos chegou ter até quatorze comunicações numa mesma sessão. Mas o que é mais precioso do que a quantidade, é a qualidade, da qual se pode julgar pela importância das instruções que nos são dadas. Todo o mundo não aprecia a qualidade mediúnica do mesmo ponto de vista; há os que a medem pelo efeito; para eles, os médiuns velozes são os mais notáveis e os melhores; para nós, que procuramos, antes de tudo, a instrução, damos mais importância ao que satisfaz ao pensamento do que ao que não satisfaz senão aos olhos; preferimos, pois, um médium útil com o qual aprendemos alguma coisa, a um médium admirável com o qual não aprendemos nada. Sob esse aspecto, nada temos a lamentar, e devemos agradecer aos Espíritos por terem cumprido a promessa, que nos fizeram, de não nos deixarem de surpresa. Querendo alargar o círculo de seus ensinamentos, devem também multiplicar os instrumentos.

Mas há um ponto mais importante ainda, sem o qual este ensinamento não teria produzido senão pouco ou nenhum fruto. Sabemos que todos os Espíritos estão longe de ter a soberana ciência e que podem se enganar; que, freqüentemente, emitem suas próprias idéias, que podem ser justas ou falsas; que os Espíritos superiores querem que nosso julgamento se exerça em discernir o verdadeiro do falso, o que é racional do que é ilógico; é por isso que não aceitamos, jamais, nada de olhos fechados. Não se saberia, pois, nela ter ensinamento proveitoso sem discussão; mas como discutir comunicações com médiuns que não suportam a menor controvérsia, que se ferem com uma nota crítica, com uma simples observação, e que acham mal que não sejam aplaudidos em tudo o que obtêm, fosse mesmo maculado com as mais grosseiras heresias científicas? Essa pretensão estaria deslocada se o que escrevem fosse o produto de sua inteligência; é ridícula desde que não são senão instrumentos passivos, porque se assemelham a um ator que se melindraria se fossem achados maus os versos que está encarregado de recitar. Se o próprio Espírito não podendo se melindrar com uma crítica que não o atinge, é, pois, o Espírito que se comunica que se fere, e que transmite sua impressão ao médium; por isso mesmo esse Espírito trai sua influência, uma vez que quer impor suas idéias pela fé cega e não pelo raciocínio, ou, o que vem a ser o mesmo, uma vez que quer raciocinar tudo sozinho. Disso resulta que o médium, que está nessa disposição, está sob império de um Espírito que merece pouca confiança, desde que mostre mais orgulho do que saber; também sabemos que os Espíritos dessa categoria afastam, geralmente, seus médiuns dos centros onde não são aceitos sem reserva.

Essa má direção, nos médiuns que por ela são atingidos, é um obstáculo para o estudo. Se não procurarmos senão os efeitos, isso seria sem importância para nós; mas como procuramos a instrução, não podemos nos dispensar de discutir, com risco de desagradar aos médiuns; também alguns se retiraram outrora, como o sabeis, por esse motivo, embora não confessado, e porque não puderam se colocar diante da Sociedade como médiuns exclusivos, e como intérpretes infalíveis dos poderes celestes; aos seus olhos, são aqueles que não se inclinam diante de suas comunicações que estão obsidiados; alguns há mesmo que estendem a suscetibilidade ao ponto de se melindrar com a prioridade dada à leitura das comunicações obtidas por outros médiuns; o que é, pois, quando uma outra comunicação é preferida à sua? Compreende-se o constrangimento que semelhante situação impõe. Felizmente, para o interesse da ciência espírita, nem todos são a mesma coisa, e tomo com zelo esta ocasião de me dirigir, em nome da Sociedade, os agradecimentos àqueles que nos prestam hoje seu concurso com tanto zelo quanto devotamento, sem calcular seu trabalho nem seu tempo, e que, não tomando, de nenhum modo, fato e causa por suas comunicações, são os primeiros a ir diante da controvérsia da qual podem ser o objeto.

Em resumo, senhores, não podemos senão nos felicitar pelo estado da Sociedade no ponto de vista moral; e não há pessoa que não haja notado do espírito dominante uma diferença notável, comparativamente ao que era no princípio, do qual cada um sente instintivamente a impressão, e que se traduziu, em muitas circunstâncias, por fatos positivos. É incontestável que ali reina menos embaraço e menos constrangimento, ao passo que se faz sentir um sentimento de mútua benevolência. Parece que Espíritos trapalhões, vendo sua impossibilidade em semear a desconfiança, tomaram a sábia resolução de se retirar. Não podemos também senão aplaudir ao feliz pensamento, de vários membros, de organizar, entre eles, reuniões particulares; elas têm a vantagem de estabelecer relações mais íntimas; além disso, são centros para uma multidão de pessoas que não podem ir à Sociedade; onde se pode haurir uma primeira iniciação; onde se pode fazer uma multidão de observações que vêm, em seguida, convergir ao centro comum; são, enfim, estufas para a formação dos médiuns. Agradeço muito sinceramente as pessoas que me deram a honra de me oferecer para tomar sua direção, mas isso me é materialmente impossível; lamento mesmo muito não poder ali ir tão freqüentemente quanto o desejava. Conheceis minha opinião com respeito aos grupos particulares; faço, pois, votos pela sua multiplicação, na Sociedade ou fora da Sociedade, em Paris ou em outro lugar, porque são os agentes mais ativos de propaganda.

Sob o aspecto material, nosso tesoureiro nos prestou conta da situação da Sociedade. Nosso orçamento, como o sabeis, senhores, é muito simples, e contanto que haja equilíbrio entre o ativo e o passivo, é o essencial, uma vez que não procuramos capitalizar.

Pecamos, pois, aos bons Espíritos que nos assistem, e em particular ao nosso presidente espiritual São Luís, consentir em continuar com a benfazeja proteção que, tão visivelmente, nos concederam até hoje, e da qual nos esforçamos, cada vez mais, de nos tornar dignos.

Resta-me a vos entreter, senhores, com uma coisa importante, quero falar do emprego dos dez mil francos que me foram enviados, há mais ou menos dois anos, por uma pessoa assinante da *Revista Espírita*, que quis permanecer desconhecida, para serem empregados no interesse do Espiritismo. Esse donativo, como vos lembrais sem dúvida, me foi feito pessoalmente, sem destinação especial, sem recibo, e sem que devesse dele dar conta a quem quer que seja.

Dando parte dessa feliz circunstância à Sociedade, declarei, em sessão de 17 de fevereiro de 1860, que não pensava, de nenhum modo, em me prevalecer dessa marca de confiança, e que eu não desejava menos, para minha própria satisfação, que o emprego dos fundos fosse submetido a um controle; e acrescentei: "Esta soma formará o primeiro fundo de uma *caixa especial*, sob o nome de *Caixa do Espiritismo*, e que nada terá em comum com os meus negócios pessoais. Esta caixa será ulteriormente aumentada com as somas que poderão lhe chegar de outras fontes, e exclusivamente destinadas às necessidades da Doutrina e ao desenvolvimento das idéias espíritas. Um de meus primeiros cuidados será o de prover ao que falta materialmente à Sociedade para a regularidade de seus trabalhos, e a criação de uma *biblioteca especial*. Pedi a vários de nossos colegas consentir em aceitar o controle dessa caixa, e constatar, em épocas que serão ulteriormente determinadas, o útil emprego dos fundos."

Essa comissão, hoje dispersada em parte pelas circunstâncias, será completada quando houver necessidade, e, então, todos os documentos lhe serão fornecidos. À espera disso, e como, em virtude da liberdade absoluta que me foi dada, julguei a propósito aplicar essa soma no desenvolvimento da Sociedade, é a vós, senhores, que creio dever prestar conta de sua situação, tanto para minha quitação pessoal quanto para a vossa edificação. Desejo

sobretudo que se compreenda bem a impossibilidade material de tirar, desses fundos, para as despesas cuja urgência, no entanto, se faz dia a dia mais sentir, em razão da extensão dos trabalhos que o Espiritismo reclama.

A Sociedade, vós o sabeis, senhores, sentia vivamente os inconvenientes de não ter um local especial para as suas sessões, e onde pudesse ter seus arquivos sob a mão. Para trabalhos como os nossos, é preciso, de alguma sorte, um lugar consagrado onde nada possa perturbar o recolhimento; todos deploravam a necessidade em que estávamos de nos reunir num estabelecimento público, pouco em harmonia com a gravidade de nossos estudos. Acreditei, pois, fazer uma coisa útil dando-lhe os meios de ter um local mais conveniente, com a ajuda dos fundos que recebera.

De um outro lado, os progressos do Espiritismo levando para minha casa um número, sem cessar crescente, de visitantes nacionais e estrangeiros, número que pode se avaliar mil e duzentos a mil e quinhentos por ano, era preferível recebê-los na própria sede da Sociedade, e, para esse efeito, nela concentrar todos os negócios e todos os documentos concernentes ao Espiritismo. No que me concerne, acrescentarei que, dando-me inteiramente à Doutrina, tornou-se, de alguma sorte, necessário, para evitar as perdas de tempo, que ali tivesse meu domicílio, ou pelo menos pequena casa de passagem. Para mim pessoalmente, de nenhum modo, disso teria necessidade, uma vez que tenho em minha casa um apartamento que não me custa nada, mais agradável em todos os sentidos, e onde habito tão freqüentemente quanto minhas ocupações mo permitem. Um segundo apartamento teria sido uma carga inútil e onerosa. Portanto, sem o Espiritismo, eu estaria tranqüilamente em minha casa, na avenida Ségur, e não aqui, obrigado a trabalhar de manhã até a noite e, freqüentemente, da noite até a manhã, sem mesmo poder ter um repouso que, algumas vezes, me seria muito necessário; porque sabeis que sou único para bastar a uma necessidade da qual dificilmente se imagina a extensão, e que aumenta necessariamente com a extensão da Doutrina.

Este apartamento reúne as vantagens desejáveis por suas disposições interiores e por sua situação central; sem ter nada de suntuoso, é muito conveniente; mas sendo os recursos da Sociedade insuficientes para pagar a integralidade do aluguel, devi perfazer a diferença com os fundos da doação; sem isso a Sociedade ficaria na necessidade de permanecer na situação precária, mesquinha e incômoda em que estava antes. Graças a esse suplemento, pôde dar, aos seus trabalhos, os desenvolvimentos que prontamente a colocaram, na opinião, de uma maneira vantajosa e proveitosa para a Doutrina. Portanto, o emprego passado e a destinação futura dos fundos da doação é o que creio dever vos comunicar. O aluguel do apartamento é de 2500 fr. por ano, e com os acessórios de 2530 fr. As contribuições são de 198 fr.; total, 2728 fr. A Sociedade disso paga, por sua parte, 1200 fr.; o resto, pois, a perfazer é de 1528 fr.

O contrato de aluguel foi feito por três, seis ou nove anos, que começou em 1º de abril de 1860. Calculando por seis anos somente, a 1528 fr., isso dá 9168 fr.; ao qual é preciso acrescentar, para pagar o mobiliário e despesas de instalação, 900 fr.; por dons e socorros a diversos, 800 fr.; total das despesas 10.148 fr. sem contar o imprevisto, para pagar com o capital de 10.000 fr.

Haverá, pois, no fim do contrato de aluguel, quer dizer, em quatro anos, um excedente de despesa. Vede, senhores, que não é preciso pensar em desviar a menor soma, se queremos chegar ao objetivo. Que se fará então? O que praze à Deus e aos bons Espíritos, que me disseram para não me inquietar com nada.

Farei notar que se a soma destinada à compra do material e às despesas de instalação não é senão de 900 fr., é porque nisso não compreendo senão o que foi rigorosamente gasto sobre o capital. Se fora preciso se proporcionar todo o mobiliário que está aqui, não falo senão das peças da recepção, teria sido preciso três ou quatro vezes mais, e então a Sociedade, em lugar dos seis anos de contrato de aluguel, dele não teria senão três. É, pois, meu mobiliário pessoal que serve na maior parte, e que, considerando o uso, recebeu um rude revés.

Em resumo, esta soma de 10.000 fr., que alguns crêem inesgotável, se acha quase inteiramente absorvida pelo aluguel, que, antes de tudo, importa assegurar por um certo tempo, sem que seja possível dela desviar uma parte para outros usos, notadamente para a compra de obras antigas e modernas, francesas e estrangeiras, necessárias à formação de uma grande biblioteca espírita, assim como tinha projetado; só esse objetivo não teria custado menos que 3.000 a 4.000 fr.

Disso resulta que todas as despesas fora do aluguel, tais como as viagens e uma multidão de despesas necessitadas pelo Espiritismo, e que não se elevam a menos de 2.000 fr., por ano, estão em meu encargo pessoal, e esta soma não é sem importância sobre um orçamento restrito que não se salda senão à força de ordem, de economia e mesmo de privações.

Não creiais, senhores, que quero com isto me fazer um mérito; agindo assim, sei que sirvo a uma causa perto da qual a vida material não é nada, e à qual estou todo pronto para sacrificar a minha; talvez um dia eu tenha imitadores; de resto, estou bem recompensado pela visão dos resultados que obtive. Se lamento uma coisa, é que a exigüidade de meus recursos não me permitem fazer mais; porque com os meios de execução suficientes, empregados a propósito, com ordem e para coisas verdadeiramente úteis, avançar-se-ia de meio século o estabelecimento definitivo da Doutrina.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, junho de 1862

Sr. Sanson.

(Sociedade Espírita de Paris, 25 de abril de 1862. - Médiun, Sr. Leymarie. Segunda entrevista. Vide a *Revista* de maio de 1862).

1. Evocação. - R. Meus amigos, estou junto a vós.
2. Estamos bem felizes com a conversa que tivemos convosco no dia de vosso sepultamento, e uma vez que o permitis, estamos encantados em completá-la para nossa instrução. - R. Estou todo preparado, feliz por que pensais em mim.
3. Tudo o que pode nos esclarecer sobre o estado do mundo invisível, e nos fazer compreendê-lo, é de um alto ensinamento, porque é a idéia falsa que dele se faz que, o mais freqüentemente, leva à incredulidade. Não vos surpreendais com as perguntas que poderemos vos dirigir. - R. Com elas não ficarei admirado, e espero as vossas perguntas.
4. Descrevestes com uma luminosa claridade a passagem da vida à morte; dissestes que no momento em que o corpo dá seu último suspiro, a vida se rompe, e que a visão do Espírito se extingue. Esse momento é acompanhado de uma sensação penosa, dolorosa? - R. Sem dúvida, porque a vida é uma seqüência contínua de dores, e a morte é o complemento de todas as dores; daí um dilaceramento violento, como se o Espírito tivesse que fazer um esforço sobre-humano para escapar de seu envoltório, e é esse esforço que absorve todo o nosso ser e lhe faz perder o conhecimento do que se torna.

Nota. - Este caso não é geral. A separação pode se fazer com um certo esforço, mas a experiência prova que nem todos os Espíritos dela têm consciência, porque muitos perdem todo conhecimento antes de expirar; as convulsões da agonia são, o mais freqüentemente, puramente físicas. O Sr. Sanson apresentou um fenômeno bastante raro, o de ser, por assim dizer, testemunha de seu último suspiro.

5. Sabeis se há Espíritos para os quais esse momento é mais doloroso? É mais penoso, por exemplo, para o materialista, para aquele que crê que tudo acaba nesse momento para ele? - R. Isto é certo, porque o Espírito preparado já esqueceu o sofrimento, ou antes, dele tem o hábito, e a quietude com a qual vê a morte, impede-o de sofrer duplamente, uma vez que sabe o que o espera. A pena moral é a mais forte, e sua ausência no instante da morte é uma alívio bem grande. Aquele que não crê assemelha-se a esse condenado à pena capital, e cujo pensamento vê a faca e o *desconhecido*. Há semelhança entre essa morte e a do ateu.

6. Há materialistas bastante endurecidos para crerem seriamente que, nesse momento supremo, vão ser mergulhados no nada? - R. Sem dúvida, até a última hora há os que

crêem no nada; mas no momento da separação, o Espírito tem um retorno profundo; a dúvida se apodera dele e o tortura, porque a si mesmo pergunta o que vai acontecer; quer agarrar qualquer coisa e não o pode. A separação não pode se fazer sem essa impressão.

Nota. -Um Espírito nos deu, numa outra circunstância, o quadro seguinte do fim do incrédulo. "O incrédulo endurecido experimenta, nos últimos momentos, as angústias desses pesadelos terríveis onde se vê à beira de um precipício, quase a cair no abismo; fazem-se inúteis esforços para fugir, e não se pode caminhar; se quer pendurar em alguma coisa, agarrar um ponto de apoio, e sente-se escorregar; se quer chamar e não se pode articular nenhum som; é então que se vê o moribundo se torcer, se crispar as mãos e soltar gritos abafados, sinais certos do pesadelo de que é vítima. No pesadelo comum, o despertar nos tira da inquietação, e vos sentis felizes em reconhecer que não experimentastes senão um sonho; mas o pesadelo da morte se prolonga, freqüentemente, por muito tempo, anos mesmo, além do decesso, e o que torna a sensação mais penosa ainda para o Espírito, são as trevas em que, algumas vezes, está mergulhado.

Fomos capazes de observar vários casos semelhantes e que provam que esta pintura nada tem de exagerada.

7. Dissestes que, no momento de morrer, não víeis mais, mas que pressentíeis. Não víeis mais corporalmente, isto se compreende; mas antes que a vida estivesse extinta, já entrevíeis a claridade do mundo dos Espíritos? - R. Foi o que eu disse precedentemente: o instante da morte dá a clarividência ao Espírito; os olhos não vêem mais, mas o Espírito, que possui uma visão muito mais profunda, descobre instantaneamente um mundo desconhecido, e a verdade lhe aparecendo, subitamente, lhe dá, momentaneamente, é verdade, ou uma alegria profunda, ou um pesar inexprimível, segundo o estado de sua consciência e a lembrança de sua vida passada.

Nota. - É questão do instante que precede aquele em que o Espírito perde conhecimento, o que explica o emprego da palavra *momentaneamente*, porque as mesmas impressões, agradáveis ou penosas, prosseguem no despertar.

8. Quereis nos dizer o que vistes, no instante em que vossos olhos se reabriram à luz. Quereis nos pintar, se for possível, o aspecto das coisas que se vos ofereceram. - R. Quando pude rever-me, e ver o que tinha diante dos olhos, estava como deslumbrado, e não dava muita conta de mim, porque a lucidez não retorna instantaneamente. Mas Deus, que me deu uma prova profunda de sua bondade, permitiu que recobrasse minhas faculdades. Vi-me cercado de numerosos e fiéis amigos. Todos os Espíritos protetores que vêm vos assistir me cercavam e me sorriam; uma alegria sem igual os animava, e eu mesmo, forte e saudável, podia, sem esforços, me transportar através do espaço. O que vi não tem nome nas línguas humanas.

Virei, de resto, vos falar mais amplamente de todas as minhas alegrias, sem ultrapassar, no entanto, o limite que Deus exige. Sabei que a felicidade, tal como a entendeis entre vós, é uma ficção. Vivei sabiamente, santamente, no espírito de caridade e de amor, e vos tereis preparado impressões que os vossos maiores poetas não saberiam descrever.

Nota. - Os contos de fadas, sem dúvida, estão cheios de coisas absurdas; mas não seriam, em alguns pontos, a pintura do que se passa no mundo dos Espíritos? A narração do Sr. Sanson não parece a de um homem que, adormecido numa pobre e escura cabana, despertasse num palácio esplêndido, no meio de uma cor brilhante?

(Terceira entrevista; 2 de maio de 1862.)

9. Sob qual aspecto os Espíritos se vos apresentaram? Foi sob o de uma forma humana? - R. Sim, meu caro amigo, os Espíritos nos ensinaram sobre a Terra que conservavam, no outro mundo, a forma transitória que tinham no vosso mundo; e é a verdade. Mas que diferença entre a máquina informe, que se arrasta penosamente, com seu cortejo de provas, e a fluidez maravilhosa do corpo dos Espíritos! A fealdade não existe mais, porque os traços perderam a dureza de expressão que forma o caráter distintivo da raça humana. Deus beatificou todos esses corpos graciosos, que se movem com todas as elegâncias da forma; a linguagem tem entonações intraduzíveis para vós, e o olhar a profundidade de uma estrela. Tratai, pelo pensamento de ver o que Deus pode fazer em sua onipotência, ele, o arquiteto dos arquitetos, e tereis feito uma fraca idéia da forma dos Espíritos.

10. Por vós, como vedes? Reconheceis uma forma limitada, circunscrita, embora fluídica? Sentis uma cabeça, um tronco, braços, pernas? - R. O Espírito, tendo conservado sua forma humana, mas divinizada, idealizada, sem contradita, tem todos os membros de que falais. Sinto perfeitamente as pernas e os dedos, porque podemos, por nossa vontade, vos aparecer ou vos apertar as mãos. Estou perto de vós, e apertei a mão de todos meus amigos, sem que disso tivessem a consciência; porque nossa fluidez pode estar por toda parte sem dificultar o espaço, sem dar nenhuma sensação, se isso for o nosso desejo. Neste momento, tendes as mãos cruzadas e tenho as minhas nas vossas. Eu vos digo: eu vos amo, mas meu corpo não toma lugar, a luz o atravessa, e o que chamaríeis um milagre, se fosse visível, é para os Espíritos a ação continuada de todos os instantes.

A visão dos Espíritos não tem relação, do mesmo modo que seu corpo não tem semelhança real, porque tudo está mudado no conjunto e no fundo. O Espírito, eu vo-lo repito, tem uma perspicácia divina que se estende a tudo, uma vez que pode mesmo adivinhar vosso pensamento; também pode a propósito tomar a forma que melhor o pode recordar às vossas lembranças. Mas no fato de o Espírito superior que terminou suas provas, gosta ele da forma que pôde conduzi-lo junto a Deus.

11. Os Espíritos não têm sexo; entretanto, como há poucos dias ainda éreis homem, tendes em vosso novo estado antes a natureza masculina do que a natureza feminina? Ocorre o mesmo com um Espírito que tivesse deixado seu corpo há muito tempo? - R. Não temos que ser de natureza masculina ou feminina: os Espíritos não se reproduzem. Deus os cria à sua vontade, e se, por seus objetivos maravilhosos, quis que os Espíritos se reencarnem sobre a Terra, deveu acrescentar a reprodução das espécies para macho e a fêmea. Mas o sentis, sem que seja necessária nenhuma explicação, os Espíritos não podem ter sexo.

Nota. Sempre foi dito que os Espíritos não têm sexo; os sexos não são necessários senão para a reprodução dos corpos; porque os Espíritos não se reproduzem, os sexos seriam inúteis para eles. Nossa pergunta não tinha por objetivo constatar o fato, mas em razão da morte muito recente do Sr. Sanson, queríamos saber se lhe restava uma impressão de seu estado terrestre. Os Espíritos depurados se dão perfeitamente conta de sua natureza, mas, entre os Espíritos inferiores, não desmaterializados, há muitos deles que se crêem ainda que estão sobre a Terra, e conservam as mesmas paixões e os mesmos desejos; aqueles se crêem ainda homens ou mulheres, e eis porque há os que disseram que os Espíritos têm sexos. É assim que certas contradições provêm do estado mais ou menos avançado dos Espíritos que se comunicam; o erro não é dos Espíritos, mas daqueles que os interrogam e não se dão ao trabalho de aprofundarem as perguntas.

12. Entre os Espíritos que estão aqui, vedes nosso presidente espiritual São Luís? - R. Está

sempre junto a vós, e quando está ausente, sabe sempre aí deixar um Espírito superior, que o substitui.

13. Não vedes outros Espíritos? - R. Perdão; o Espírito de Verdade, Santo Agostinho, Lamennais, Sonnet, São Paulo, Luís e outros amigos que evocais, estão sempre em vossas sessões.

14. Que aspecto a sessão vos apresenta? É para a vossa nova visão o que vos parecia quando vivo? As pessoas têm para vós a mesma aparência? Tudo é tão claro, tão limpo? - R. Bem mais claro, porque posso ler no pensamento de todos, e estou muito feliz, ora! da boa impressão que me deixa a boa vontade de todos os Espíritos reunidos. Desejo que o mesmo entendimento possa se fazer não só em Paris, pela reunião de todos os grupos, mas também em toda a França, onde grupos se separam e se invejam, impelidos pelos Espíritos trapalhões, que se comprazem com a desordem, ao passo que o Espiritismo deve ser o esquecimento completo, absoluto do *eu*.

15. Dissestes que ledes em nosso pensamento; poderíeis nos fazer compreender como se opera essa transmissão de pensamento? - R. Isto não é fácil; para vos dizer, vos explicar esse prodígio singular da visão dos Espíritos, seria preciso vos abrir todo um arsenal de agentes novos, e serieis tão sábios quanto nós, o que não se pode, uma vez que as vossas faculdades estão limitadas pela matéria. Paciência! tornai-vos bons, e a isto chegareis; não tendes atualmente senão o que Deus vos concede, mas com a esperança de progredir continuamente; mais tarde sereis como nós. Tratai, pois, de bem morrer para saber muito. A curiosidade, que é o estimulante do homem pensante, vos conduz tranqüilamente até a morte, vos reservando a satisfação de todas vossas curiosidades passadas, presentes e futuras. À espera disso, eu vos direi, para responder tanto bem quanto mal à vossa pergunta: O ar que vos cerca, impalpável como nós, transporta o caráter de vosso pensamento; o sopro que exalais é, por assim dizer, a página escrita de vossos pensamentos; eles são lidos, comentados pelos Espíritos que vos tropeçam sem cessar; são os mensageiros de uma telegrafia divina, à qual nada escapa.

16. Vedes, meu caro Sr. Sanson, que nós usamos largamente da permissão, que nos destes, de fazer a vossa autópsia espiritual. Disso não abusaremos; uma outra vez, se o quiserdes, faremos perguntas de uma outra ordem. - R. Ficarei sempre muito feliz em me tornar útil aos meus antigos colegas e ao seu digno presidente.

O Menino Jesus no meio dos doutores

Revista Espírita, junho de 1862

Ultimo quadro do Sr. Ingres.

A senhora Dozon, nossa colega da Sociedade, recebeu em sua casa, em 9 de abril de 1862, a comunicação espontânea seguinte:

"O Menino Jesus encontrado por seus pais pregando no Templo, no meio dos doutores. (São Lucas, Natividade.)

Tal é o assunto de um quadro inspirado a um dos nossos maiores artistas. Nesta obra do homem se mostra mais do que o gênio; ali se vê brilhar essa luz que Deus dá às almas para esclarecê-las e conduzi-las às regiões celestes. Sim, a religião iluminou o artista. Essa claridade é visível? O trabalhador viu o raio partindo do céu e descendo nele? Viu se divinizar, sob seus pincéis, a cabeça do Menino-Deus? Ajoelhou-se diante dessa criação de inspiração divina, e exclamou, como o santo velho Simeão: Senhor, vós deixareis morrer em paz o vosso servidor, segundo a vossa palavra, uma vez que meus olhos viram o Salvador, que nos dais agora, e que destinastes para ser exposto à visão de todos os povos."

"Sim, o artista pode se dizer servidor do Mestre, porque vem executar uma ordem de sua suprema vontade. Deus quis que, no tempo em que reina o ceticismo, a multidão se detenha diante dessa figura do Salvador! e mais de um coração se afastará levando uma lembrança que o conduzirá ao pé da cruz, onde esse divino Menino deu sua vida para a Humanidade, para vós, multidão negligente.

"Contemplando o quadro de Ingres, a visão se afasta, com pesar, para retornar a essa figura de Jesus, onde há uma mistura de divindade, de infância e também alguma coisa da flor; essas roupagens, essa veste de cores frescas, jovens, delicadas, lembram esses suaves coloridos sobre os caules perfumados. Tudo merece ser admirado na obra-prima de Ingres. Mas a alma ama, sobretudo, nela contemplar os dois tipos adoráveis de Jesus e de sua divina Mãe. Ainda uma vez, sente-se a necessidade de saudá-la pelas angélicas palavras: "Eu vos saúdo, Maria, cheia de graças." Mal se ousa levar o olhar artístico sobre essa nobre e divinizada figura, tabernáculo de um Deus, esposa de um homem, virgem pela pureza, mulher predestinada às alegrias do paraíso e às agonias da Terra. Ingres compreendeu tudo isto e não se passará diante da Mãe de Jesus sem dizer-lhe: "Maria, muito doce virgem, em nome de vosso filho, orai por nós!" Vós a estudareis um dia; mas eu vi as primeiras pinceladas dadas sobre essa tela bendita. Vi nascer uma a uma as figuras, as poses dos doutores; vi o anjo protetor de Ingres lhe inspirando para fazer cair os pergaminhos das mãos de um desses doutores; porque ali, meu Deus, está toda uma revelação! essa voz de criança destruirá também, uma a uma, as leis que não são suas.

"Não quero fazer aqui da arte como ex-artista; eu sou Espírito, e, para mim, só a arte religiosa me toca. Também vi nesses ornamentos graciosos das cepas de vinha a alegoria

da vinha de Deus, onde todos os humanos devem chegar a se consolar, e disse a mim com uma alegria profunda que Ingres vinha de fazer amadurecer um de seus belos cachos. Sim, mestre! teu Jesus vai falar também diante dos doutores que negam sua lei, diante daqueles que a combatem. Mas quando se encontrarem sós com a lembrança do Menino divino, ah! mais de um rasgará seus rolos de pergaminho sobre os quais a mão de Jesus terá escrito:
Erro.

"Vede, pois, como todos os trabalhadores se reencontram! uns vindo voluntariamente e por caminhos já conhecidos; outros conduzidos pela mão de Deus, que vai procurá-los sobre os lugares e lhes mostra onde devem ir. Outros ainda chegam, sem saber onde estão, atraídos por um encanto que lhes faz semear também as flores de vida para levantar o altar sobre o qual o menino Jesus vem, ainda hoje, para alguns, sob a roupagem de cor de safira ou sob a túnica do crucificado é sempre um mesmo, o único Deus.

"DAVID, pintor."

A senhora Dozon nem seu marido haviam ouvido falar desse quadro; tendo nós mesmos dele nos informado junto a vários artistas, nenhum tinha conhecimento, e começamos a crer numa mistificação. O melhor meio de esclarecer essa dúvida era dirigir-se diretamente ao artista, para se informar se tratara esse assunto; foi o que a senhora Dozon fez. Entrando no atelier, viu o quadro, terminado há somente alguns dias e, conseqüentemente, desconhecido do público. Esta revelação espontânea é tanto mais notável quanto a descrição que dela dá o Espírito é de uma exatidão perfeita. Tudo está ali: cepo de vinha, pergaminhos caídos no chão, etc. Este quadro está ainda exposto na sala do bulevar dos Italianos, onde fomos vê-lo, e ficamos, como todo mundo, admirados diante dessa página sublime, uma das mais belas, sem contradita, da pintura moderna. Do ponto de vista da execução, é digna do grande artista que, o cremos, nada fez de superior, apesar de seus oitenta e três anos; mas o que dela faz uma obra-prima, fora de linha, é o sentimento que a domina, a expressão, o pensamento que faz jorrar, de todas esses rostos sobre os quais lê-se a surpresa, a estupefação, a emoção, a dúvida, a necessidade de negar, a irritação de se ver abater por um menino; tudo isto é tão verdadeiro, tão natural, que se põe a colocar as palavras em cada boca. Quanto ao menino, é de um ideal que deixa longe, atrás dele, tudo o que foi feito sobre o mesmo assunto; não é um orador que fala aos seus ouvintes: não os olha mesmo; adivinha-se nele o órgão de uma voz celeste.

Em toda esta concepção, sem dúvida, há do gênio, mas há, incontestavelmente, da inspiração. O Sr. Ingres, ele mesmo, disse que não havia composto esse quadro nas condições comuns; começou, disse ele, pela arquitetura, o que não é de seus hábitos; em seguida vieram os personagens, por assim dizer, colocarem-se eles mesmos sob seu pincel, sem premeditação de sua parte. Temos motivos para pensar que esse trabalho se prende a coisas das quais ter-se-á a chave mais tarde, mas sobre as quais devemos ainda guardar o silêncio, como sobre muitas outras.

Tendo o fato acima sido narrado na Sociedade, o Espírito de Lamennais, ditou espontaneamente, nessa ocasião, a comunicação seguinte.

Sobre o quadro do Sr, Ingres.

(Sociedade Espírita de Paris, 2 de maio de 1862. - Médiun, Sr. A. Didier.)

Falei-vos, recentemente, de Jesus menino no meio dos doutores, e fazia ressaltar sua

iluminação divina no meio das sábias trevas dos sacerdotes judeus. Temos um exemplo a mais de que a espiritualidade e os movimentos da alma constituem a fase mais brilhante na arte. Sem conhecer a Sociedade Espírita, pode-se ser um grande artista espiritualista, e Ingres nos mostra, em sua nova obra, o estudo do artista, mas também sua inspiração mais pura e a mais ideal; não esse falso ideal, que engana tanta gente e que é uma hipocrisia da arte sem originalidade, mas o ideal haurido na natureza simples, verdadeira e, conseqüentemente, bela em toda a acepção da palavra. Nós outros, Espíritos, aplaudimos as obras espiritualistas tanto quanto censuramos a glorificação dos sentimentos materiais e do mau gosto. É uma virtude sentir a beleza moral e a beleza física nesse ponto; é a marca certa de sentimentos harmoniosos no coração e na alma, e quando o sentimento do belo está desenvolvido nesse ponto, é raro que o sentimento moral não o esteja também. É um grande exemplo o desse velho de oitenta anos, que representa, no meio da sociedade corrompida, o triunfo do Espiritualismo, com o gênio sempre jovem e sempre puro da fé.

LAMENNAIS.

Eis como se escreve a história!

Revista Espírita, junho de 1862

Os milhões do Sr. Allan Kardec.

Estamos informados que, numa grande cidade de comércio, onde o Espiritismo conta numerosos adeptos, e onde faz o maior bem entre a classe trabalhadora, um eclesiástico se fez propagador de certos ruídos que almas caridosas se apressaram em vender pela rua e, sem dúvida, amplificar. Segundo esses ditos, somos ricos por milhões; em nossa casa tudo brilha, e não caminhamos senão sobre os mais belos tapetes de Aubusson. Conheceram-nos pobre em Lyon; hoje temos carro de luxo a quatro cavalos, e vamos a Paris num trem principesco. Toda essa fortuna nos vem da Inglaterra, depois que nos ocupamos do Espiritismo, e remuneramos largamente nossos agentes da província. Vendemos muito caro os manuscritos de nossas obras, sobre os quais temos ainda uma reposição, o que não nos impede de vendê-los a preços loucos, etc.

Eis a resposta que demos à pessoa que nos transmitiu estes detalhes:

"Meu caro senhor, ri muito dos milhões com os quais me gratifica, tão generosamente, o Sr. abade V..., tanto mais que estava longe de desconfiar dessa boa fortuna. O relatório feito à Sociedade de Paris, antes do recebimento de vossa carta, e que está publicado acima, vem infelizmente reduzir essa ilusão a uma realidade muito menos dourada. De resto, não é a única inexatidão de vossa narração fantástica; primeiro, jamais morei em Lyon, não vejo, pois, como se me conheceu ali pobre; quanto ao meu carro de luxo a quatro cavalos, lamento dizer que se reduz aos rocins de um carro de aluguel que tomo apenas cinco ou seis vezes por ano, por economia. E verdade que antes das estradas de ferro, fiz várias viagens em diligência; sem dúvida, confundiu-se. Mas esqueço que nessa época o Espiritismo não estava em questão, e que é ao Espiritismo que devo, segundo ele, minha imensa fortuna; onde, pois, pescou tudo isso senão no arsenal da calúnia? Isto parece tanto mais verossímil, se se pensa na natureza da população no meio da qual se vendem esses ruídos. Convir-se-á que é preciso ter bem poucas boas razões para ser reduzido a tão ridículos expedientes para desacreditar o Espiritismo. O Sr. abade não vê que vai direto contra seu objetivo, porque dizer que o Espiritismo me enriqueceu a esse ponto, é confessar que ele está imensamente difundido; portanto, se está tão difundido, é que ele agrada. Assim, o que gostaria de fazer voltar contra o homem, tornar-se-ia em proveito do crédito da Doutrina. Fazei, pois, crer, segundo isso, que uma doutrina capaz de proporcionar, em alguns anos, milhões ao seu propagador, seja uma utopia, uma idéia vazia! Tal resultado seria um verdadeiro milagre, porque não tem exemplo de que uma teoria filosófica jamais haja sido uma fonte de fortuna. Geralmente, como para as invenções, nela se consome o pouco que se tem, e ver-se-ia que é um pouco o caso em que me encontro, sabendo-se tudo o que me custa a obra à qual me devotei e à qual sacrifiquei, além disso, o meu tempo, minhas vigílias, meu repouso e minha saúde; mas tenho por princípio guardar para mim o que faço e de não gritá-lo sobre os telhados. Para ser imparcial, o Sr. abade deveria colocar em paralelo as quantias que as comunidades e os conventos subtraem dos fiéis; quanto ao Espiritismo, mede sua influência sobre o bem que faz, o número de aflitos que consola, e não sobre o dinheiro que produz.

Com um trem principesco, deve-se dizer que é preciso uma mesa em proporção; que diria, pois, o Sr. abade se visse o meu repasto mais suntuoso, aquele em que recebo meus amigos? Encontrá-los-ia bem magros perto do magro de certos dignatários da Igreja, que os desdenharia, provavelmente, pela sua quaresma mais austera. Eu lhe informarei, pois, - uma vez que o ignora, e a fim de lhe poupar a pena de me conduzir sobre o terreno da comparação, que o Espiritismo não é, e não pode ser, um meio de enriquecer; que repudia toda especulação de que poderia ser objeto; que ensina a fazer pouco caso do temporal, a se contentar com o necessário e não procurar as alegrias do supérfluo que não são o caminho do céu; se todos os homens entre si fossem Espíritas, não se invejariam, não se teriam ciúmes e não se esfolariam uns aos outros; não diriam mal de seu próximo, e não o caluniarão, porque ele ensina esta máxima do Cristo: *Não façais aos outros o que não gostaríeis que vos façam*. É para pô-la em prática que não nomeio, com todas as letras, o Sr. abade V...

O Espiritismo ensina ainda que a fortuna é um depósito do qual será preciso dar conta, e que o rico será julgado segundo o emprego que tiver feito dela. Se tivesse a que me é atribuída, e se, sobretudo, eu a devesse ao Espiritismo, seria perjuro aos meus princípios, empregando-o para a satisfação do orgulho, e para a posse dos gozos mundanos, em lugar de fazê-la servir à causa da qual abracei a defesa.

Mas, diz-se, e vossas obras? Não vendestes caro os manuscritos? Um instante; é entrar aqui no domínio privado, onde não reconheço a ninguém o direito de se imiscuir; tenho sempre honrado os meus negócios, não importa ao preço de quais sacrifícios e de quais privações; não devo nada a ninguém, ao passo que muito me devem, sem isto, teria mais do dobro do que me resta, o que faz que, em lugar de subir a escala da fortuna, eu a desço. Não devo, pois, conta dos meus negócios a quem quer que seja, o que é bom constatar; todavia, para contentar um pouco os curiosos, que não têm nada de melhor a fazer do que se misturar com aquilo que não lhes diz respeito, direi que, se tivesse vendido meus manuscritos, não teria feito senão usar do direito que todo trabalhador tem de vender o produto de seu trabalho; mas não vendi nenhum deles; ocorre que dei, pura e simplesmente, no interesse da coisa, e que se vende como se quer sem que disso me retorne uma moeda. Os manuscritos se vendem caros quando são obras conhecidas, cujo sucesso é assegurado de antemão, mas em nenhuma parte encontra-se editores bastante complacentes para pagar, a preço de ouro, obras cujo produto é hipotético, então quando não querem mesmo correr a chance dos fracassos de impressão; ora, sob este aspecto, uma obra filosófica tem cem vezes menos valor do que certos romances unidos a certos nomes. Para dar uma idéia dos meus enormes benefícios, direi que a primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, que empreendi por minha conta e por meus riscos e perigos, não tendo encontrado editor que haja querido dela se encarregar, me trouxe líquido, todas as despesas feitas, todos os exemplares esgotados, tanto vendidos quanto dados, em torno de quinhentos francos, assim como posso isso justificar por peças autênticas não sei mais qual gênero de carro de luxo poder-se-ia conseguir com isto. Na impossibilidade em que me encontrei, não tendo ainda os milhões em questão, de fazer por mim mesmo as despesas de todas as minhas publicações, e sobretudo de me ocupar das relações necessárias para a venda, cedi, por um tempo, o direito de publicar, mediante um direito de autor calculado a tanto de *centavos* por exemplar vendido; de tal sorte que sou totalmente estranho ao detalhe da venda, e aos negócios que os intermediários possam fazer, sobre as remessas feitas pelos editores aos seus correspondentes, comercializações das quais declino a responsabilidade, estando obrigado, ao que me concerne, de ter conta aos editores, a um preço de....., de todos os exemplares que recebo deles, que os venda, que os dê ou que sejam sem valores.

Quanto ao produto que possa me reverter sobre a venda de minhas obras, não tenho a me

explicar nem sobre a quantia, nem sobre o emprego; tenho certamente bem o direito de dele dispor como melhor me pareça; no entanto, não se sabe se esse produto não tem uma destinação determinada, da qual não pode ser desviada; mas é o que se saberá mais tarde; porque, se fantasiasse, um dia, a alguém escrever minha história sobre dados semelhantes àqueles que são relatados acima, importaria que os fatos fossem restabelecidos em sua integridade. É por isso que deixarei memórias circunstanciadas sobre todas minhas relações e todos meus negócios, sobretudo no que concerne ao Espiritismo, a fim de poupar, aos cronistas futuros os erros nos quais podem cair sobre a fé do ouvir-dizer dos estouvados, das más línguas, e das pessoas interessadas em alterar a verdade, às quais deixo o prazer de deblaterar à sua vontade, a fim de que, mais tarde, sua má fé seja mais evidente.

Com isso me importaria muito pouco, por mim pessoalmente, se meu nome não se achasse doravante intimamente ligado à história do Espiritismo. Por minhas relações, naturalmente, possuo sobre esse assunto os documentos mais numerosos e mais autênticos que existem; pude seguir a Doutrina em todos os seus desenvolvimentos, em observar todas as peripécias como disso previ as conseqüências. Para todo homem que estuda esse movimento, é da última evidência que o Espiritismo marcará uma das fases da Humanidade; é, pois, necessário que se saiba, mais tarde, que vicissitudes teve que atravessar, que obstáculos encontrou, que inimigos procuraram entravá-lo, de que armas se serviram para combatê-lo; não é menos que se saiba por quais meios pôde triunfar, e quais são as pessoas que, pelo seu zelo, seu devotamento, sua abnegação, terão concorrido eficazmente para a sua propagação; aqueles cujos nomes e os atos merecerão ser apontados para o reconhecimento da posteridade, e que me faço um dever de inscrever em meus livros de lembrança. Esta história, compreende-se, não pode ainda aparecer, tão cedo; o Espiritismo acaba apenas de nascer, e as fases mais interessantes de seu estabelecimento não estão ainda cumpridas. Poder-se-ia, aliás, que, entre os Saul do Espiritismo de hoje, terá mais tarde os São Paulo; esperemos que não teremos que registrar os Judas.

Tais são, meu caro senhor, as reflexões que me sugeriram os ruídos estranhos que me retornaram; se os relevei, não foi pelos Espíritos de vossa cidade, que sabem o que podem tomar sobre minha conta e que puderam julgar, quando fui vê-los, se houvesse em mim os gostos e as maneiras de um grande senhor. Eu o faço, pois, por aqueles que não me conhecem e que poderiam ser induzidos em erro por essa maneira mais que leviana de fazer a história. Se o Sr. abade V... prende-se a não dizer senão a verdade, estou pronto para lhe fornecer verbalmente todas as explicações necessárias para esclarecê-lo.

Inteiramente vosso.

A. K.

Sociedade Espírita de Viena, na Áustria

Revista Espírita, junho de 1862

Anunciando que uma edição alemã de nossa brochura: *O Espiritismo em sua mais simples expressão*, foi publicada em Viena, falamos da Sociedade espírita dessa cidade. Recebemos, do presidente dessa Sociedade, a carta seguinte:

"Senhor Allan Kardec,

"A Sociedade Espírita de Viena me encarrega de vos anunciar que a acaba de vos nomear seu presidente de honra, e vos pede consentir em aceitar este título como um sinal da alta e respeitosa estima que vos dedica. Não tenho necessidade de acrescentar, senhor, e lhe servindo aqui de órgão, não faço senão obedecer ao impulso de meu coração, que vos é todo devotado.

"Permiti-me, senhor, acrescentar, sem abusar de vossos preciosos momentos, algumas palavras relativas à nossa Sociedade. Ela acaba de entrar em seu terceiro ano, e se bem que o número de seus membros seja ainda restrito, posso dizer com satisfação que, no círculo privado em que se move ainda, faz proporcionalmente muito bem, e tenho esperança de que, quando chegar o momento de ampliar seu campo de atividade, produzirá frutos mais abundantes: é o meu mais vivo desejo. No último ano, por ocasião do primeiro aniversário, nosso Espírito protetor me dizia em seu profundo e majestoso laconismo: *Tendes semeado o bom grão, eu vos abençoo*. Este ano ele me disse:

Eis, para o ano que vai começar, vossa máxima: COM DEUS E PARA DEUS. No último ano, foi uma recompensa pelo passado; este ano, é um encorajamento para o futuro; também me preparo este ano para empregar meios mais diretos para agir sobre a opinião pública. Primeiro a tradução de vossa excelente brochura não terá faltado de preparar, aqui e ali, o terreno; em seguida pensei na publicação de um jornal em língua alemã, como o meio mais seguro de apressar o resultado. Os materiais não me faltarão, se, sobretudo, quiserdes nos permitir de haurir, algumas vezes, os tesouros encerrados em vossa *Revista*, onde sempre, bem entendido, me farei um dever sagrado o de indicar a fonte das passagens e dos trechos dos quais terei feito a tradução. Enfim, para coroar a obra, desejaria colocar ao alcance dos alemães vosso precioso e indispensável *O Livro dos Espíritos*. Venho, pois, senhor, sem medo de vos importunar, porque estou persuadido de que todo o pensamento do bem responde ao vosso próprio pensamento, vos pedir, se ninguém ainda obteve esse favor, permitir-me traduzi-lo em língua alemã.

"Venho, senhor, de vos expor os projetos que medito para dar, entre nós, um impulso maior à propagação do Espiritismo. Ousaria dirigir-me à vossa benevolente experiência para dela receber alguns conselhos salutares que, estejais disso persuadido, senhor, serão de um grande peso na decisão que eu tomar.

"Recebei, etc.

Esta carta está acompanhada do seguinte diploma:

Sociedade Espírita, dita da caridade, de Viena (Áustria).

Sessão de aniversário de 18 de maio de 1862.

"Em nome de Deus todo-poderoso e sob a proteção do Espírito divino,

"A Sociedade Espírita de Viena, querendo, por ocasião de seu segundo aniversário, testemunhar à sua primogênita de Paris, na pessoa de seu digno e corajoso presidente, a deferência e o reconhecimento que lhe" inspiram seus constantes esforços e seus preciosos trabalhos para a santa causa do Espiritismo e o triunfo da fraternidade universal, tem, sobre a proposta de seu presidente, e com a aprovação de seus conselheiros espirituais, nomeado por aclamação o Sr. *Allan Kardec*, presidente da Sociedade dos Estudos Espíritas de Paris, com o título de PRESIDENTE DE HONRA da Sociedade Espírita, dita de Caridade, de Viena, na Áustria.

"Viena, 19 de maio de 1862.

"O Presidente,

"C. DELHEZ.

A pedido insistente que nos foi feito, acreditamos dever publicar textualmente as duas peças acima, como um testemunho de nosso profundo reconhecimento pela honra que, nossos irmãos de Viena, querem nos dar, honra à qual estávamos longe de esperar, e porque nela vimos uma homenagem prestada, não à nossa pessoa, mas aos princípios regeneradores do Espiritismo. É uma nova prova do crédito que adquire no estrangeiro tanto quanto na França. Pondo de lado o que essas cartas têm de lisonjeiras para nós, o que nos causa sobretudo uma viva satisfação, é de ver o objetivo eminentemente sério, religioso e humanitário que se propôs a Sociedade Espírita de Viena, à qual nosso concurso e nosso devotamento não faltarão. Podemos isso dizer igualmente de todas as sociedades que se formam sobre os diversos pontos, e que aceitam sem restrição os princípios de *O Livro dos Espíritos* e de *O Livro dos Médiuns*.

Entre aquelas que se organizaram em último lugar, devemos citar a *Sociedade Africana de Estudos Espíritas*, de Constantina, que consentiu se colocar sob nosso patrocínio e o da Sociedade de Paris, e que já conta com uns quarenta membros. Teremos ocasião de tornar a falar dela com mais detalhes.

Em presença desse movimento geral e sem cessar crescente da opinião, os adversários do Espiritismo compreenderão, enfim, que toda tentativa para detê-lo seria inútil, e que o que têm de melhor a fazer é aceitar o que se pode, doravante, considerar como um fato consumado? A arma do ridículo foi consumida em vãos esforços, pois, ela é impotente; a doutrina do diabo, que se procura reviver neste momento, com uma espécie de obstinação, será mais feliz? A resposta está inteiramente no efeito que ela produz: faz rir. Seria preciso, para isso, que aqueles que a propagam estivessem, eles mesmos, bastante convencidos; ora, podemos convenientemente afirmar que, entre eles, não crêem nisso mais do que nós.

É um último esforço, que terá por resultado apressar a propagação das idéias novas, primeiro porque ajuda fazer conhecê-las despertando a curiosidade, em seguida porque prova a penúria de argumentos verdadeiramente sérios.

Princípio vital das Sociedades Espíritas

Revista Espírita, junho de 1862

Senhor,

Vejo, na *Revista Espírita* do mês de abril de 1862, uma comunicação assinada por Gérard de Codemberg, onde noto a seguinte passagem: "Não tende nenhum cuidado com irmãos que se afastam de vossas crenças; fazei, ao contrário, de maneira que não sejam mais misturados no grupo de vossos crentes, porque são ovelhas corrompidas, e deveis vos guardar do contágio."

Achei que essa maneira de ver a respeito das ovelhas corrompidas, era pouco cristã, ainda menos espírita, e inteiramente fora dessa caridade para com todos que os Espíritos pregam. Não ter nenhum cuidado com irmãos que se afastam, e guardar-se de seu contágio, não é o meio de trazê-los de novo. Parece-me que, até o presente, nossos bons guias espirituais mostraram mais mansuetude. Esse Gérard de Codemberg é um bom Espírito? Se ele é, disso duvido. Quereis me perdoar esta espécie de controle que acabo de fazer, mas tenho um objetivo sério. Uma senhora, dentre minhas amigas, espírita novata, vem de percorrer esta citação e se deteve nessas poucas linhas, não encontrando ali a caridade que notou, até o presente, nas comunicações. Consultei meu guia a esse respeito, e eis o que me respondeu: "Não minha filha, um Espírito elevado não se serve de expressões semelhantes; deixai aos Espíritos encarnados a aspereza da linguagem, e reconhecei sempre o valor das comunicações pelo valor das palavras e, sobretudo, pelo valor dos pensamentos."

(Segue uma comunicação de um Espírito que é considerado ter tomado o lugar de Gérard de Codemberg.)

Onde está a verdade? Só vós poderíeis sabê-lo.

Recebei, etc.

E. COLLIGNON.

Resposta. - Nada, em Gérard de Codemberg prova que seja um Espírito muito avançado; a obra que publicou, sob o império de uma obsessão evidente e com o qual ele mesmo concorda, o demonstra suficientemente; um Espírito, por pouco superior que seja não poderia menosprezar a esse ponto as revelações que obteve quando vivo, como médium, nem aceitar como sublimes coisas evidentemente absurdas. Segue-se que seja um mau Espírito? Seguramente não; sua conduta durante sua vida, e sua linguagem depois de sua morte, disso são a prova; está na categoria numerosa dos Espíritos inteligentes, bons, mas não bastante superiores para dominar os Espíritos obsessores que dele abusaram, uma vez que não soube reconhecê-los.

Eis para o que concerne ao Espírito. A questão não é saber se é mais ou menos avançado,

mas se o conselho que dá é bom ou mau; ora, mantenho que não há reunião espírita séria possível sem homogeneidade. Por toda parte onde há divergência de opinião, há tendência a fazer prevalecer a sua, desejo de impor suas idéias ou sua vontade; daí discussões, dissensões, depois dissolução: isto é inevitável, e é o que ocorre em todas as sociedades, qualquer que seja seu objeto, onde cada um quer caminhar em caminhos diferentes. O que é necessário nas outras reuniões é mais necessário ainda nas reuniões espíritas sérias, onde a primeira condição é a calma e o recolhimento, que são impossíveis com discussões que fazem perder o tempo em coisas inúteis; é então que os bons Espíritos dela se vão e deixam o campo livre aos Espíritos trapalhões. Eis porque as pequenas assembléias são preferíveis; a homogeneidade de princípios, de gostos, de caracteres e de hábitos, condição essencial da boa harmonia, nelas é mais fácil obter do que nas grandes assembléias.

O que Gérard de Codemberg chama ovelhas corrompidas, não são as pessoas que procuram de boa fé se esclarecer sobre as dificuldades da ciência, ou sobre o que elas não compreendem, por uma discussão pacífica, moderada e conveniente, mas aquelas que vêm com uma posição tomada de oposição sistemática, que levantam, a torto e a direito, discussões inoportunas de natureza a perturbar os trabalhos. Quando um Espírito diz que é preciso afastá-las, tem razão, porque a existência da reunião a isso está ligada; tem ainda razão em dizer que disso não é preciso tomar *nenhum cuidado*, porque sua opinião pessoal, se é falsa, não impedirá a verdade de prevalecer; o sentido dessa palavra é que não é preciso se inquietar com sua oposição. Em segundo lugar, se aquele que tem uma maneira de ver diferente acha-a melhor do que a dos outros, se ela o satisfaz, se nela se obstina, por que contrariá-lo? O Espiritismo não deve se impor; deve ser aceito livremente e de boa vontade; não quer nenhuma conversão pelo constrangimento. A experiência, aliás, aí está para provar que não é insistindo que se lhe fará mudar de opinião. Com aquele que procura a luz de boa fé, é preciso ser todo devotamento, nada é preciso poupar: é do zelo bem empregado e frutífero; com aquele que não quer ou que crê tê-lo, é perder seu tempo e semear sobre pedras. A expressão *nenhum cuidado* pode, pois, ainda se entender nesse sentido de que não é preciso nem atormentar e nem violentar as suas convicções; agir assim, não é faltar com caridade. Espera-se reconduzi-lo a idéias mais santas? Que o façam em particular, pela persuasão, seja; mas se deve ser uma causa de perturbação para a reunião, conservá-la não seria dar prova de caridade para com ele, uma vez que isso de nada lhe serviria, ao passo que seria fazer mal a todos os outros.

O Espírito de Gérard de Codemberg diz sem cerimônia, e talvez um pouco duramente sua opinião, sem precauções oratórias, sem dúvida, contando com o bom senso daqueles a quem se dirige para mitigá-la na aplicação, observando que prescrevem, ao mesmo tempo, a urbanidade e as conveniências; mas, salvo a forma da linguagem o fundo do pensamento é idêntico com o que se encontra na comunicação relatada adiante, sob o título de: *o Espiritismo filosófico*, obtida pela própria pessoa que levantou a questão; ali se lê o que se segue: "Examinai bem, ao vosso redor, se não há falsos irmãos, curiosos, incrédulos. Se assim se encontra, pedi-lhes, com doçura, com caridade, para se retirarem. Se resistem, contentai-vos em pedir com fervor, ao Senhor, para esclarecê-los, e numa outra vez *não os admitais em vossos trabalhos*. Não recebais, entre vós, senão os homens simples que querem procurar a verdade e o progresso." Quer dizer, em outras palavras, desembaraçai-vos polidamente daqueles que vos entravam.

Nas reuniões livres, onde se é senhor para receber quem se quer, isso é mais fácil do que nas sociedades constituídas, onde os membros são ligados e têm voz no capítulo. Não se saberia, pois, tomar muitas precauções se não se quer ser contrariado. O sistema das *associações livres*, adotado pela Sociedade de Paris, é o mais próprio para prevenires inconvenientes, naquilo que não admite os candidatos senão a título provisório, e sem voz deliberativa nos negócios da Sociedade, durante um tempo que lhes permite apreciar seu

zelo, seu devotamento e seu espírito conciliador. O essencial é formar um núcleo de fundadores titulares, unidos por uma *perfeita comunhão* de objetivos, de opiniões e de sentimentos, e de estabelecer regras precisas às quais deverão se submeter, forçosamente, aqueles que virão, mais tarde, a ela se reunir. Remetemos, a esse respeito, ao regulamento da Sociedade de Paris e às instruções que demos sobre esse assunto. Nosso mais caro desejo é o de ver a união e a harmonia reinarem entre os grupos e sociedades que se formam por todas as partes; é por isso que consideramos sempre um dever ajudar com os conselhos de nossa experiência àqueles que crerem dever dela se aproveitar. Limitar-nos-emos, no momento, a dizer-lhes: Sem homogeneidade não há união simpática entre os membros, não há relações afetuosas; sem união não há estabilidade; sem estabilidade não há calma; sem calma não há trabalho sério; de onde concluímos que a homogeneidade é o princípio vital de toda sociedade ou reunião espírita. É o que nos diz com razão Gérard de Codemberg e Bernardin; quanto ao Espírito que se dá pelo substituto do primeiro, sua comunicação tem todos os caracteres de uma comunicação apócrifa.

Ensinaamentos e Dissertações espíritas

Revista Espírita, junho de 1862

O Espiritismo filosófico.

(Bordeaux, 4 de abril de 1862.- Médiun, senhora Collignon.)

Falamos, meus amigos, do Espiritismo sob o ponto de vista religioso; agora que está bem estabelecido que *não é uma religião nova*, mas a consagração dessa religião *universal* da qual o Cristo colocou as bases, e que hoje vem levar ao coroamento, iremos encarar o Espiritismo sob o ponto de vista moral e filosófico.

De início, expliquemos sobre o sentido exato da palavra filosofia. A filosofia não é uma negação das leis estabelecidas pela Divindade, da religião. Longe disto; a filosofia é a procura do que é sábio, do que é o mais exatamente razoável; e o que é que pode ser mais sábio, mais razoável do que o amor e o reconhecimento que se deve ao seu Criador, e, conseqüentemente, o culto, qualquer que seja, que pode servir para provar-lhe este reconhecimento e este amor? A religião, e tudo o que pode a ela levar, é, pois, uma filosofia, porque é uma sabedoria do homem que a ela se submete com alegria e docilidade. Isto posto, vejamos o que podeis tirar do Espiritismo colocado seriamente em prática.

Qual é o objetivo para que tendem todos os homens, em qualquer posição que se encontrem? A melhoria de sua posição presente; ora, para alcançar esse objetivo, correm de todos os lados, na maioria se extraviam, porque, cegos pelo seu orgulho, arrastados pela sua ambição, não vêem o único caminho que pode conduzir a essa melhoria; procuram-na na satisfação de seu orgulho, de seus instintos brutais, de sua ambição, ao passo que não podem encontrá-la senão no amor e na submissão devidos ao Criador.

O Espiritismo vem, pois, dizer aos homens: Deixai suas sendas tenebrosas, cheias de precipícios, cercadas de espinhos e sarças, e entrai no caminho que conduz à felicidade com que sonhais. Sede sábios para serdes felizes; compreendei, meus amigos, que os bens da Terra não são, para os homens, senão armadilhas das quais deve se garantir; são esses os escolhos que deve evitar; foi por isso que o Senhor permitiu que se vos deixasse, enfim, ver a luz desse farol que deve vos conduzir ao porto. As dores e os males que suportais com impaciência e revolta são o ferro vermelho que o cirurgião aplica sobre a ferida escancarada, a fim de impedir a gangrena e perder todo o corpo. Vosso corpo, meus amigos, que é isso para um Espírita? Quanto deve salvá-lo? Quanto deve preservá-lo do contágio? Quanto deve cicatrizar, por todos os meios possíveis, se não é a praga que rói seu Espírito, a enfermidade que o entrava e o impede de se lançar radioso para seu Criador?

Levai sempre vossos olhos sobre este pensamento filosófico, quer dizer, cheio de sabedoria: Somos uma essência criada pura, mas decaída; pertencemos a uma pátria onde tudo é pureza; culpados, fomos exilados por um tempo, mas só por um tempo; empreguem, pois, todas nossas forças, toda nossa energia para diminuir o tempo de exílio; esforcemo-

nos, por todos os meios que o Senhor coloca em nosso poder, para reconquistar essa pátria perdida e abreviar o tempo da ausência. (Ver nº. de janeiro de 1862: *Doutrina dos anjos decaídos.*)

Compreendi bem que vossa sorte futura está entre vossas mãos; que a duração de vossas provas depende inteiramente de vós; que o mártir tem sempre direito a uma palma, e que não se trata, para ser mártir, de ir, como os primeiros cristãos, servir de alimento aos animais ferozes. Sede mártires vós mesmos; quebrai, esmagai em vós todos os instintos carnis que se revoltam contra o Espírito; estudai com cuidado vossos pendores, vossos gostos, vossas idéias; desconfiai de todos aqueles que vossa consciência reprova. Tão baixo que ela vos fale, porque pôde ser repelida freqüentemente, tão baixo que vos fale, essa voz de vosso protetor vos dirá para evitarde o que pode vos prejudicar. De todos os tempos, a voz de vosso anjo guardião vos tem falado, mas quanto foram surdos! Hoje, meus amigos, o Espiritismo vem vos explicar a causa dessa voz íntima; vem vos dizer positivamente, vos mostrar, vos fazer tocar com o dedo o que podeis esperar se o escutardes documente; o que deveis temer se a rejeitardes.

Eis, meus amigos, para o homem em geral, o lado filosófico: é o de vos ensinar a vos salvar a vós mesmos. Não procureis aí, meus filhos, como o fazem os ignorantes, distrações materiais, satisfações de curiosidade. Não vades, sob o menor pretexto, chamar para vós os Espíritos dos quais não tendes nenhuma necessidade; contentai-vos- em vos remeter sempre aos cuidados e ao amor de vossos guias espirituais; eles jamais vos faltarão. Quando, reunidos com um objetivo comum: a melhoria de vossa Humanidade, elevais vosso coração para o Senhor, que isso seja para lhe pedir suas bênçãos e a assistência dos bons Espíritos, aos quais vos confiou. Examinai bem, ao redor de vós, se não há falsos irmãos, curiosos, incrédulos. Se resistem, contentai-vos em pedir com fervor para que o Senhor os esclareça, e, numa outra vez, não os admitais em vossos trabalhos. Não recebais, entre vós, senão os homens simples que querem procurar a verdade e o progresso. Quando estiverdes seguros dos irmãos que se acham reunidos em presença do Senhor, chamai a vós os vossos guias espirituais e pedi as suas instruções; eles vo-la darão sempre em proporção às vossas necessidades, à vossa inteligência; mas não procureis satisfazer a curiosidade da maioria daqueles que pedem as evocações. Quase sempre, dela vão menos convencidos e mais prontos a zombarem.

Que aqueles que querem evocar seus parentes, seus amigos, não o façam jamais senão com um objetivo de utilidade e de caridade; é uma ação séria, muito séria, a de chamar a si os Espíritos que erram em redor de vós. Se nisso não puserdes a fé e o recolhimento necessários, os Espíritos maus se apresentarão em lugar daqueles que esperais, vos enganarão, vos farão cair em erros profundos e vos arrastarão, algumas vezes, para quedas terríveis!

Não esqueçais, pois, meus amigos, que o Espiritismo, sob o ponto de vista religiosos, não é senão a confirmação do cristianismo, porque o cristianismo entra inteiramente nestas palavras: Amar o Senhor acima de todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo.

Sob o ponto de vista filosófico, é a linha de conduta reta e sábia que deve levar à felicidade que todos vós ambicionais: a imortalidade da alma, para chegar a um outro ponto que ninguém pode negar: Deus!

Eis, meus amigos, o que tenho a vos dizer por hoje. Em breve a continuação de nossas conversas íntimas.

Nota. Esta comunicação faz parte de uma série de ditados, sob o título: *O Espiritismo para todos*, todos marcados com a mesma marca de profundidade e de simplicidade paternal. Não podendo todas serem publicadas na Revista, farão parte de coletâneas especiais que preparamos. Ocorre o mesmo com aquelas que nos foram dirigidas pelos outros médiuns de Bordeaux, e de outras cidades. *Mas* tanto essas publicações serão úteis, se forem feitas com ordem e método, tanto poderão produzir um efeito contrário, se o forem sem discernimento e sem escolha. Tal comunicação excelente para a intimidade, mas estaria deslocada se fosse tornada pública. Há a que, para ser compreendida e não dar lugar a falsas interpretações, tem necessidade de comentários e de desenvolvimento. Nas comunicações, freqüentemente, é preciso deixar à parte a opinião pessoal do Espírito que fala, e que, se não for muito avançado, pode se formar sobre os homens e as coisas idéias, sistemas que nem sempre são justos. Essas idéias falsas, publicadas sem correções, não podem senão lançar o descrédito sobre o Espiritismo, fornecer armas aos seus inimigos, e semear a dúvida e a incerteza entre os novatos. Com os comentários e as explicações dadas a propósito, algumas vezes, o próprio mal pode tornar-se instrutivo; sem isso, poder-se-ia tornar a Doutrina responsável por todas as utopias debitadas por certos Espíritos mais orgulhosos do que lógicos. Se o Espiritismo pudesse ser retardado em sua marcha, isto não seria pelos ataques abertos de seus inimigos declarados, mas pelo zelo irrefletido de amigos imprudentes. Não se trata, pois, de fazer coletâneas indigestas onde tudo se encontre amontoado em desordem, e do qual o menor inconveniente seria o de entediar o leitor; é preciso evitar com cuidado tudo o que poderia falsear a opinião sobre o Espiritismo; ora, tudo isto exige um trabalho que justifique a atraso dado a essas publicações.

Um espírita na Rússia

Revista Espírita, junho de 1862

O príncipe D... K... nos envia da Rússia um prospecto em língua russa, começando por esta frase: "Obouan Bruné, célebre mágico, magnetizador, *membro da Sociedade Espírita de Paris*, terá a honra de dar, como já anunciou, uma noite fantástica no teatro desta cidade, a 17 de abril de 1862." Segue uma longa lista de formas de escamoteações que o dito Bruné se propõe a fazer. Pensamos que o bom senso dos numerosos adeptos que o Espiritismo conta na Rússia fará justiça a essa grosseira impostura. A Sociedade Espírita de Paris não conhece esse indivíduo que, na França, seria perseguido diante dos tribunais por se ter dado uma falsa qualidade.

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quinto Ano – 1862

Julho

- [O ponto de vista](#)
- [Estatística dos suicídios](#)
- [Hereditariedade moral](#)
- Poesia espírita.
 - [A criança e a visão](#)
- [Duplo suicídio por amor e por dever](#)
- Ensinamentos e Dissertações espíritas.
 - [União simpática das almas](#)
 - [Uma Telha](#)
 - [César, Clóvis e Charlemagne](#)
- [Aviso](#)

O ponto de vista

Revista Espírita, julho de 1862

Não há ninguém que não tenha notado o quanto as coisas mudam de aspecto, segundo o ponto de vista sob o qual são consideradas; não é somente o aspecto que se modifica, mas ainda a própria importância da coisa. Que se coloque no centro de um meio qualquer, fosse ele pequeno, parece imenso; que se coloque fora, parecerá todo outro. Tal que vê uma coisa do alto de uma montanha a acha insignificante, enquanto que, na base da montanha, lhe parece gigantesca.

Isto é um efeito de ótica, mas que se aplica igualmente às coisas morais. Ficai um dia inteiro no sofrimento, ele vos parecerá eterno; à medida que esse dia se afasta de vós, vos admirais de ter podido vos desesperar por tão pouco. Os pesares da infância têm também sua importância relativa, e, para a criança, são todos tão amargos quanto os da idade madura. Por que, pois, nos parecem tão fúteis? Porque não o somos mais, ao passo que a criança o é inteiramente, e não vê além de seu pequeno círculo de atividade; ela os vê do interior, nós os vemos do exterior. Suponhamos um ser colocado, em relação a nós, na posição em que estamos em relação à criança, ele julgará nossos cuidados do mesmo ponto de vista, e os achará pueris.

Um carreteiro é insultado por um carreteiro; eles discutem e se batem; que um grande senhor seja injuriado por um carreteiro, com isso não se crera ofendido, e não se baterá com ele. Por que isto? Porque se coloca fora de sua esfera: Crê-se de tal modo superior que a ofensa não pode atingi-lo; mas que ele desça ao nível de seu adversário, que se coloque, pelo pensamento, no mesmo meio, e se baterá.

O Espiritismo nos mostra uma aplicação desse princípio, se bem que de outro modo importante em suas consequências. Faz-nos ver a vida terrestre por aquilo que ela é, nos colocando no ponto de vista da vida futura; pelas provas materiais que dela nos fornece, pela intuição límpida, precisa, lógica que dela nos dá, pelos exemplos que coloca sob nossos olhos, e a ela nos transporta pelo pensamento: é vista, é compreendida; não é mais essa noção vaga, incerta, problemática, que se nos ensina do futuro, e que, involuntariamente, deixa dúvidas; para o Espírita, é uma certeza adquirida, é uma realidade.

Faz mais ainda: mostra-nos a vida da alma, o ser essencial, uma vez que é o ser pensante, remontando no passado a uma época desconhecida, e se estendendo indefinidamente no futuro, de tal sorte que a vida terrestre, fosse ela de um século, não é mais do que um ponto nesse longo percurso. Se a vida inteira é tão pouca coisa, comparada à vida da alma, que serão, pois, os incidentes da vida? E, no entanto, o homem, colocado no centro desta vida, com ela se preocupa como se devesse durar sempre; tudo toma para ele proporções colossais: a menor pedra que o choque lhe parece um rochedo; uma decepção o desespera; um fracasso o abate; uma palavra coloca-o furioso. Sua visão, limitada ao presente, ao que o toca imediatamente, lhe exagera a importância dos menores incidentes; um negócio não realizado lhe tira o apetite; uma questão de precedência é um negócio de Estado; uma injustiça coloca-o fora de si. Conseguir é o objetivo de todos os seus esforços, objeto de todas as suas combinações; mas, para a maioria, o que é conseguir? É, se não se tem do que viver, se criar, por meios honestos, uma existência tranqüila? E a nobre emulação de adquirir talento e desenvolver sua inteligência? É o desejo de deixar, depois de si, um nome

justamente honrado, e realizar trabalhos úteis para a Humanidade? Não; conseguir, é superar seu vizinho, eclipsá-lo, é afastá-lo, transtorná-lo mesmo, para se colocar em seu lugar; e, por esse belo triunfo, do qual a morte não deixará talvez gozar vinte e quatro horas, que de cuidados, que de tributações! Quanto de gênio mesmo dispensa, algumas vezes, que teria podido ser mais utilmente empregado! Depois, quanto de raiva, quanto de insônias se não se triunfa! Que febre de ciúme causa o sucesso de um rival! Então, prende-se à sua má estrela, à sua sorte, à sua chance fatal, ao passo que a má estrela, o mais freqüentemente, é a imperícia e a incapacidade. Dir-se-á, verdadeiramente, que o homem toma a tarefa de tornar tão penosos quanto possível os poucos instantes que deve passar sobre a Terra, e dos quais não é senhor, uma vez que o dia de amanhã jamais está assegurado.

Quanto todas essas coisas mudam de face, quando, pelo pensamento, o homem sai do estreito vale da vida terrestre, e se eleva na radiosa, esplêndida e incomensurável vida de além-túmulo! Quanto então, toma em piedade os tormentos que se criou à toa! Quanto, então, lhe parecem mesquinhas e pueris as ambições, os ciúmes, as suscetibilidades, as vãs satisfações do orgulho! Parece-lhe da idade madura considerar as brincadeiras da infância; do alto de uma montanha, considerar os homens no vale. Partindo deste ponto de vista, torna-se, voluntariamente, o brinquete de uma ilusão? Não; ao contrário, está na realidade, na verdade, e a ilusão, para ele, é quando vê as coisas do ponto de vista terrestre. Com efeito, não há ninguém sobre a Terra que não ligue mais importância ao que, para ele, deve durar muito tempo, do que ao que não deve durar senão um dia; que não prefere uma felicidade durável a uma alegria efêmera. Inquieta-se pouco com um desagrado passageiro; o que interessa acima de tudo é a situação normal. Se pois, eleva-se seu pensamento de modo a abarcar a vida da alma, forçosamente, chega-se a esta conseqüência, de que assim se percebe a vida terrestre como uma estação momentânea; que a vida espiritual é a vida real, porque ela é indefinida; que a ilusão é a de tomar a parte pelo todo, quer dizer, a vida do corpo, que não é senão transitória, pela vida definitiva. O homem que não considera as coisas senão do ponto de vista terrestre é como aquele que, estando no interior de uma casa, não pode julgar nem da forma, nem da importância do edifício; julga sobre as falsas aparências, porque não pode ver tudo; ao passo que aquele que vê de fora, só ele podendo julgar o conjunto, julga mais sadiamente.

Para ver as coisas desta maneira, dir-se-á, é preciso uma inteligência pouco comum, um espírito filosófico que não se saberia encontrar nas massas; de onde seria preciso concluir que, com poucas exceções, a Humanidade se arrastará sempre no terra-a-terra. É um erro; para se identificar com a vida futura não é preciso uma inteligência excepcional, nem grandes esforços de imaginação, porque cada um dela leva consigo a intuição e o desejo; mas a maneira pela qual se a apresenta, geralmente, é muito pouco sedutora, uma vez que oferece por alternativa as chamas eternas ou uma contemplação perpétua, o que faz com que muitos achem o nada preferível; de onde a incredulidade absoluta em alguns, e a dúvida na maioria. O que faltou até o presente foi a prova irrecusável da vida futura, e esta prova o Espiritismo vem dá-la, não mais por uma teoria vaga, mas por fatos patentes. Bem mais, mostra tal como a razão, a mais severa, pode aceitá-la, porque explica tudo, justifica tudo, e resolve todas as dificuldades. Por isso mesmo é que ela é clara e lógica, e está ao alcance de todo o mundo; eis porque o Espiritismo conduz à crença tantas pessoas que dela tinham se afastado. A experiência demonstra, cada dia, que o simples artesão, que os camponeses sem instrução, compreendem esse raciocínio sem esforços; colocam-se nesse novo ponto de vista tanto mais de boa vontade quanto nele encontram, como todas as pessoas infelizes, uma imensa consolação, e a única compensação possível em sua penosa e laboriosa existência.

Se esta maneira de encarar as coisas terrestres se generalizasse, não teria por

conseqüência destruir a ambição, estimulando grandes empreendimentos, trabalhos mais úteis, mesmo obras de gênio? Se a Humanidade inteira não pensasse mais senão na vida futura tudo não periclitaria neste mundo? Que fazem os monges nos conventos, se não é se ocupar exclusivamente do céu? Ora, em que se tornaria a Terra se todo mundo se fizesse monge?

Um tal estado de coisas seria desastroso, e os inconvenientes maiores do que se pensa, porque os homens a perderiam sobre a Terra e não ganhariam nada dela no céu; mas o resultado do princípio que expomos é inteiramente outro para quem não a compreenda pela metade, assim como a explicamos.

A vida corpórea é necessária ao Espírito, ou à alma, o que é a mesma coisa, para que possa cumprir no mundo material as funções que lhe são destinadas pela Providência: é um dos órgãos da harmonia universal. A atividade que está forçada a desdobrar nas funções que exerce com o seu desconhecimento, crendo não agir senão por si mesma, que ajuda o desenvolvimento de sua inteligência e facilita seu adiantamento. A felicidade do Espírito na vida espiritual, sendo proporcional ao seu adiantamento e ao bem que pôde fazer como homem, disso resulta que quanto mais a vida espiritual adquire importância aos olhos do homem, mais ele sente a necessidade de fazer o que for possível para nela assegurar o melhor lugar possível. A experiência daqueles que viveram vem provar que uma vida terrestre inútil ou mal empregada é sem proveito para o futuro, e que aqueles que não procuram neste mundo senão as satisfações materiais as pagam bem caro, seja pelos seus sofrimentos no mundo dos Espíritos, seja pela obrigação, em que estão, de recomeçar sua tarefa em condições mais penosas do que no passado, e tal é o caso de muitos daqueles que sofrem sobre a Terra. Portanto, considerando as coisas deste mundo do ponto de vista extra-corpóreo, o homem, longe de ser excitado pela negligência e pela ociosidade, compreende melhor a necessidade do trabalho. Falando do ponto de vista terrestre, esta necessidade é uma injustiça, aos seus olhos, quando se compara com aqueles que podem viver sem fazer nada: tem-lhes ciúme, os inveja. Falando do ponto de vista espiritual, esta necessidade tem sua razão de ser, sua utilidade, e a aceita sem murmurar, porque compreende que, sem trabalho, ficaria indefinidamente na inferioridade e privado da felicidade suprema a que aspira, e que não saberia esperar se não se desenvolve intelectualmente e moralmente. Sob este aspecto, muitos monges nos parecem mal compreenderem o objetivo da vida terrestre, e ainda menos as condições da vida futura. Pela seqüestração, se privam dos meios de se tornarem úteis aos seus semelhantes, e muitos daqueles que estão hoje no mundo dos Espíritos, nos confessaram estar estranhamente enganados, e sofrer as conseqüências de seus erros.

Este ponto de vista tem para o homem uma outra conseqüência imensa e imediata: é a de lhe tornar mais suportáveis as tribulações da vida. Que ele procure se proporcionar o bem-estar, a passar o mais agradavelmente possível o tempo de sua existência sobre a Terra, é muito natural e nada o proíbe. Mas, sabendo que não está neste mundo senão momentaneamente, que um futuro melhor o espera, atormenta-se pouco com as decepções que experimenta, e, vendo as coisas do alto, toma seus fracassos com menos amargura; permanece indiferente aos tormentos dos quais é alvo da parte dos invejosos e dos ciumentos; reduz ao seu justo valor os objetos de sua ambição, e se coloca acima das pequenas suscetibilidades do amor-próprio. Livre dos cuidados que se crê o homem que não sai de sua estreita esfera, pela perspectiva grandiosa que se abre diante dele, não é senão mais livre para se entregar a um trabalho proveitoso para si mesmo e para os outros. As afrontas, as diatribes, as maldades de seus inimigos não são para ele senão imperceptíveis nuvens num imenso horizonte; não se inquieta mais do que as moscas que zumbem aos seus ouvidos, porque sabe que delas logo estará livre; também todas as pequenas misérias que se lhe suscita, escorregam sobre ele como a água sobre o mármore. Colocando-se do

ponto de vista terrestre, com isso se irritaria, disso se vingaria talvez; do ponto de vista extra-terrestre, os despreza como salpicos de um mal-estar passageiro. Esses são espinhos lançados sobre sua senda, e sobre os quais passa, sem mesmo se dar ao trabalho de afastá-los, para não demorar sua caminhada para o objetivo mais sério que se propôs alcançar. Longe de querer o mesmo aos seus inimigos, ele lhes sabe agradecer por fornecer-lhe a ocasião de exercer a sua paciência e sua moderação, em proveito de seu adiantamento futuro, ao passo que disso perderia o fruto se se rebaixasse em represálias. Lamenta-os por se darem a tantas penas inúteis, e se diz que são eles mesmos que caminham sobre os espinhos pelos cuidados que tomam para fazer o mal. Tal é o resultado da diferença do ponto de vista sob o qual se considera a vida: um vos dá confusões e ansiedade; o outro a calma e a serenidade. Espíritas que sentis decepções, deixai um instante a Terra, pelo pensamento; subi às regiões do infinito e olhai do alto: vereis o que elas serão.

Diz-se algumas vezes. Vós que sois infelizes, olhai abaixo de vós e não acima, e com isso vereis mais infelizes ainda. Isto é muito verdadeiro, mas muitas pessoas se dizem que o mal dos outros não cura o seu. O remédio não está sempre senão na comparação, e ocorre para os quais é difícil não olhar para o alto e dizer-se: "Por que este tem o que não tenho?" Ao passo que se colocando no ponto de vista do qual falamos, aquele em que, forçosamente, estaremos um pouco à frente, se está, muito naturalmente, acima daqueles que poderíamos invejar, porque, daí, os maiores parecem bem pequenos.

Lembramo-nos de ter visto representar no Odéon, há uns quarenta anos, uma peça em um ato, intitulada *lês Ephémères*, não sabemos mais de que autor; mas, embora jovem então, ela nos causou uma viva impressão. A cena se passava no país dos Ephémères, cujos habitantes não vivem senão vinte e quatro horas. No espaço de um ato, se os vê passar do berço à adolescência, à juventude, à idade madura, à velhice, à decrepitude e à morte. Nesse intervalo, cumprem todos os atos da vida: batismo, casamento, negócios civis e governamentais, etc.; mas como o tempo é curto e as horas contadas, é preciso se apressar; também tudo se faz com uma rapidez prodigiosa, o que não lhes impede de se ocupar de intrigas, e de se darem muito trabalho para satisfazer sua ambição, e se superarem uns aos outros. Esta peça, como se vê, encerrava um pensamento profundamente filosófico, e involuntariamente o espectador, que via num instante se desenrolar todas as fases de uma existência bem cheia, se punha a dizer: Quanto essas pessoas são tolas em se darem tanto mal por tão pouco tempo que têm para viver! Que lhes resta das confusões de uma ambição de algumas horas? Não fariam melhor viverem em paz?

Está bem aí o quadro da vida humana vista do alto. A peça, no entanto, não viveu pouco mais que seus heróis: não foi compreendida. Se o autor vivesse ainda, o que ignoramos, provavelmente hoje seria espírita.

A.K.

Estatística dos suicídios

Revista Espírita, julho de 1862

Lê-se no *Siècle* de... maio de 1862:

"Em a *Comédie sociale au dix-neuvième siècle*, o novo livro que o Sr. B. Gasteineau acaba de publicar pela casa Dentu, encontramos esta curiosa estatística dos suicídios:

"Calculou-se que, desde o começo do século, o número dos suicídios na França não se eleva a menos de 300.000; e esta avaliação talvez deste lado da verdade, porque a estatística não fornece resultados completos senão a partir do ano de 1836. De 1836 a 1852, quer dizer, num período de dezessete anos, houve 52.126 suicídios, seja em média 3.066 por ano. Em 1858, contaram-se 3.903 suicídios, dos quais 853 mulheres e 3.050 homens; enfim, segundo a última estatística que vimos no curso do ano de 1859, 3.899 pessoas se mataram, a saber, 3.057 homens e 842 mulheres."

"Constatando que o número de suicídios aumenta a cada ano, o Sr. Gasteineau deplora, em termos eloqüentes, a triste monomania que parece ter se apoderado da espécie humana." Eis uma oração fúnebre bem rápida expedida sobre os infelizes suicidas; a questão, no entanto, nos parece bastante grave para merecer um exame sério. Do ponto de vista em que estão as coisas, o suicídio não é mais um fato isolado e acidental; ele pode, a justo título, ser olhado como um mal social, uma verdadeira calamidade; ora, um mal que leva regularmente 3.000 a 4.000 pessoas por ano num só país, e que segue uma progressão crescente, não é devido a uma causa fortuita; ocorreu necessariamente uma radical, absolutamente como quando se vê um grande número de pessoas morrer da mesma doença, e que deve chamar a atenção da ciência e a solicitude da autoridade. Em semelhante caso limita-se geralmente a constatar o gênero de morte e o modo empregado para que ela se dê, ao passo que se negligencia o elemento mais essencial, o único que pode colocar sobre o caminho do remédio: o motivo determinante de cada suicídio; chegar-se-ia assim a constatar a causa predominante; mas, a menos de circunstâncias bem caracterizadas acha-se mas simples e mais expedito disso sobrecarregar a classe dos monomaníacos e dos maníacos.

Incontestavelmente, há suicídios por monomania, realizados fora do império da razão, como aqueles, por exemplo, que ocorreram na loucura, na febre alta, na embriaguez; aqui a causa é puramente fisiológica; mas ao lado se encontra a categoria, muito mais numerosa, dos suicídios voluntários, realizados com premeditação e com pleno conhecimento de causa. Certas pessoas pensam que o suicida jamais está completamente em seu bom senso; é um erro que partilhamos outrora, mas que caiu diante de uma observação mais atenta. É bastante racional, com efeito, pensar que, estando o instinto de conservação na natureza, a destruição voluntária deve ser contra a natureza, e que tal é a razão pela qual, freqüentemente, vê-se este instinto se impor, no último momento, sobre a vontade de morrer; de onde se conclui que, para realizar esse ato, é preciso não ter mais a cabeça em si. Sem dúvida, há muitos suicidas que são tomados nesse instante de uma espécie de vertigem e sucumbem num primeiro momento de exaltação; se o instinto de conservação o toma em último lugar, são como desembriagados e se prendem à vida; mas é bem evidente também que muitos se matam a sangue frio e com reflexão, e a prova disso está nas precauções calculadas que tomam, na ordem razoável que colocam seus negócios, o que

não é o caráter da loucura.

Faremos notar, de passagem, um traço característico do suicídio, é que os atos dessa natureza, realizado em lugares completamente isolados e desabitados, são excessivamente raros; o homem perdido no deserto ou sobre o Oceano, morrerá de privações, mas não se suicidará, então mesmo que não espere nenhum socorro. Aquele que quer deixar voluntariamente a vida aproveita bem o momento em que está só para não ser detido em seu desígnio, mas o faz de preferência nos centros de população, onde seu corpo tem pelo menos alguma chance de ser encontrado. Tal se lançará do alto de um monumento no centro de uma cidade, que não o fará do alto de um rochedo à beira-mar, onde todo traço seu estará perdido; tal outro se dependurará nas árvores de Boulogne, e não irá fazê-lo numa floresta onde ninguém passe. O suicida quer muito não ser impedido, mas deseja que se saiba, cedo ou tarde, que se suicidou; parece-lhe que essa lembrança dos homens o liga ao mundo que quis deixar, tanto é verdade que a idéia do nada absoluto tem alguma coisa mais terrível do que a própria morte. Eis um curioso exemplo em apoio desta teoria.

Por volta de 1815, um rico Inglês, tendo ido visitar a famosa queda do Rhin, com ela ficou de tal modo entusiasmado, que voltou para a Inglaterra a fim de pôr em ordem seus negócios, depois retornou, alguns meses depois, para se precipitar no abismo. Incontestavelmente, é um ato de originalidade, mas duvidamos muito que tivesse feito o mesmo lançando-se no Niagara se ninguém devesse sabê-lo; uma singularidade de caráter causou o ato; mas o pensamento de que se iria falar dele determinou a escolha do lugar e do momento; se seu corpo não devesse ser encontrado, sua memória pelo menos não pereceria.

Na falta de uma estatística oficial que daria a exata proporção dos diferentes motivos de suicídios, não seria de duvidar que os casos mais numerosos são determinados pelos reveses da fortuna, as decepções, os desgostos de toda natureza. O suicídio, neste caso, não é um ato de loucura, mas de desespero. Ao lado destes motivos, que se poderiam chamar sérios, os há evidentemente fúteis, sem falar do indefinível desgosto da vida, no meio dos prazeres, como o que acabamos de citar. O que é certo é que todos aqueles que se suicidam não recorrem a esse extremo senão porque, errados ou com razão, não estão contentes. Sem dúvida, não é dado a ninguém remediar esta causa primeira, mas o que é preciso deplorar é a facilidade com a qual os homens cedem, há algum tempo, a esse fatal arrastamento; aí está, sobretudo, o que deve chamar a atenção, e que, na nossa opinião, é perfeitamente remediável.

Não se lembra, freqüentemente de perguntar se há frouxidão ou coragem no suicídio; incontestavelmente, há frouxidão em falhar diante das provas da vida, mas há coragem em desafiar as dores e as angústias da morte; estes dois pontos nos parecem encerrar todo o problema do suicídio.

Por pungente que sejam os apertos da morte, o homem os afronta e os suporta se para isso estiver excitado pelo exemplo; é a história do conscrito que, só recuaria diante do fogo, ao passo que fica eletrizado ao ver os outros caminharem para ele sem medo. Ocorre o mesmo para o suicídio; a visão daqueles que se libertam por esse meio do tédio e dos desgostos da vida faz dizer que esse momento passa logo; aqueles que o temor do sofrimento teria retido, se dizem que uma vez que tanta gente faz assim, pode-se bem fazer como eles; que vale mais ainda sofrer alguns minutos do que sofrer durante anos. É nesse sentido somente que o suicídio é contagioso; o contágio não está nem nos fluidos nem nas atrações; ele está no exemplo que familiariza com a idéia da morte e com o emprego dos meios para que ela se dê; isto é tão verdadeiro que quando um suicídio ocorre de uma certa maneira, não é

raro ver vários deles do mesmo gênero se sucederem. A história da famosa guarita, na qual catorze militares se penduraram, sucessivamente, em pouco tempo, não teve outra causa. O meio estava ali sob os olhos; parecia cômodo, e por pouco que esses homens tivessem alguma leviandade de assim acabar com a vida, dele aproveitaram; a tua própria visão podia fazer nascer a idéia; o fato tendo sido contado a Napoleón, ordenou a queima da fatal guarita; o meio não estava mais sob os olhos e o mal se deteve.

A publicidade dada aos suicídios produz sobre as massas o efeito da guarita; ela excita, encoraja, familiariza com a idéia, provoca-a mesmo. Sob este aspecto, consideramos os relatos desse gênero, dos quais os jornais são pródigos, como uma das causas excitantes do suicídio: eles dão *a coragem da morte*. Ocorre o mesmo com aqueles dos crimes com ajuda dos quais se atíça a curiosidade pública; produzem, pelo exemplo, um verdadeiro contágio moral; jamais detiveram um criminoso, ao passo que para isso desenvolveram mais de um.

Examinemos agora o suicídio de um outro ponto de vista. Dizemos que, quaisquer que sejam os motivos particulares, tem sempre por causa um descontentamento; ora, aquele que está certo de não ser infeliz senão um dia e ser melhor os dias seguintes, facilmente tem paciência; não se desespera senão se não vê o fim de seus sofrimentos. O que é, pois, a vida humana com relação à eternidade, senão menos que um dia? Mas para aquele que não crê na eternidade, que crê que tudo acaba nele com a vida, e se é acabrunhado pelo desgosto e pelo infortúnio, não lhe vê o fim senão na morte; nada esperando, acha muito natural, muito lógico mesmo, abreviar seus sofrimentos pelo suicídio.

A incredulidade, a simples dúvida sobre o futuro, as idéias materialistas, em uma palavra, são os maiores excitantes ao suicídio: elas dão *a covardia moral*. E quando se vêem homens de ciência se apoiarem sobre a autoridade de seu saber para se esforçarem em provar, aos seus ouvintes ou aos seus leitores, que não têm nada a esperar depois da morte, não é conduzi-los a esta consequência de que são infelizes, não têm nada de melhor a fazer do que se matarem? Que poderíamos lhes dizer para disso afastá-los? Que compensação poderiam lhes oferecer? Que esperanças podem lhes dar? Nenhuma outra coisa senão o nada; de onde é "preciso concluir que se o nada é o remédio heróico, a única perspectiva, vale mais nele cair logo em seguida do que mais tarde, e assim sofrer por menos tempo. A propagação das idéias materialistas é, pois, o veneno que inocula, num grande número o pensamento do suicídio, e aqueles que se fazem disso os apóstolos, seguramente, têm sobre si uma terrível responsabilidade.

A isso objetar-se-á, sem dúvida, que todos os suicidas não são materialistas, uma vez que há pessoas que se matam para irem mais depressa para o céu, e outras para se juntar mais cedo àqueles que amaram. Isto é verdade, mas incontestavelmente é o menor número, e do qual não se convenceria se se tivesse uma estatística conscienciosamente feita das causas íntimas de todos os suicídios. Seja como for, se as pessoas que cedem a este pensamento crêem na vida futura, é evidente que fazem dela uma idéia inteiramente falsa, e a maneira com a qual ela é apresentada, em geral, não é quase nada própria para dar-lhe uma idéia mais justa. O Espiritismo vem não somente confirmar a teoria da vida futura, mas a prova pelos fatos mais patentes que são possíveis ter: o testemunho daqueles mesmos que ali estão; faz mais, no-la mostra sob cores tão racionais, tão lógicas, que o raciocínio vem em apoio da fé. Não sendo mais permitida a dúvida, o aspecto da vida muda; sua importância diminui em razão da certeza, que se adquire, de um futuro mais próspero; para o crente, a vida se prolonga indefinidamente além do túmulo; daí a paciência e a resignação que afastam muito naturalmente do pensamento do suicídio; daí, em uma palavra, *a coragem moral*.

O Espiritismo tem ainda, sob esse aspecto, um outro resultado igualmente positivo, e talvez mais determinante. A religião diz bem que se suicidar é um pecado mortal do qual se é punido; mas como? pelas chamas eternas nas quais não se crê mais. O Espiritismo nos mostra os próprios suicidas vindo dar conta de sua posição infeliz, mas com esta diferença de que as penas variam segundo as circunstâncias agravantes ou atenuantes, o que é mais conforme a justiça de Deus; que, em lugar de serem uniformes, elas são a consequência tão natural da causa que provocou a falta, que não se pode impedir de nelas ver uma soberana justiça eqüitativamente distribuída. Entre os suicidas, há os que cujo sofrimento, por não ser senão temporário em lugar de eterno, não é menos terrível e de natureza a dar a refletir a quem estivesse tentado a partir daqui antes da ordem de Deus. O Espírita tem, pois, por contrapeso ao pensamento do suicídio, vários motivos: a *certeza* de uma vida futura, na qual sabe que será tanto mais feliz quanto houver sido mais infeliz e mais resignado sobre a Terra; a *certeza* de que, abreviando a vida, chega justamente a um resultado diferente daquele que espera alcançar; que se livra de um mal para tê-lo um pior, mais longo e mais terrível, que não reverá, no outro mundo, os objetos de sua afeição, que queria ir reencontrar; de onde a consequência de que o suicídio está contra os seus próprios interesses. Também o número de suicídios impedidos pelo Espiritismo é considerável, e se pode disso concluir que quando todo o mundo for Espírita, não haverá mais suicídios voluntários, e isso chegará mais cedo do que se crê. Comparando, pois, os resultados das doutrinas materialista e espírita, sob o único ponto de vista do suicídio, acha-se que a lógica de uma a ele conduz, ao passo que a lógica da outra dele desvia, o que está confirmado pela experiência.

Por esse meio, dir-se-á, destruireis a hipocondria, essa causa de tantos suicídios sem motivos, desse insuperável desgosto da vida, que nada parece justificar? Essa causa é eminentemente fisiológica, ao passo que as outras são morais. Ora, o Espiritismo não curasse senão estas, isto já seria muito; propriamente falando, a primeira ressalta da ciência, à qual poderíamos abandoná-la, dizendo-lhe: Nós curamos o que nos compete, por que não curais o que é de vossa competência? Entretanto, não hesitamos em responder afirmativamente à pergunta.

Certas afecções orgânicas, evidentemente, são mantidas e mesmo provocadas pelas disposições morais. O desgosto da vida, o mais freqüentemente, é o fruto da saciedade. O homem que usou de tudo, não vendo nada além, está na posição do bêbado que, tendo a garrafa vazia, e nela não encontrando mais nada, a quebra. Os abusos e os excessos de toda a sorte, forçosamente, conduzem a um enfraquecimento e a uma perturbação nas funções vitais; daí uma multidão de enfermidades cuja fonte é desconhecida, que são julgadas causadoras, ao passo que não são senão consecutivas; daí também um sentimento de apatia e de desencorajamento. Que falta ao hipocondríaco para combater suas idéias melancólicas? Um objetivo para a vida, um motivo para sua atividade. Que objetivo pode ter se não crê em nada? Ó Espírita faz mais do que crer no futuro: ele sabe, não pelos olhos da fé, mas pelos exemplos que tem diante de si, que pela vida futura, à qual não pode escapar, é feliz ou infeliz, segundo o emprego que faz da vida corpórea; que a felicidade é proporcional ao bem que se fez. Ora, certo de viver depois da morte, e de viver bem mais tempo sobre a Terra, é muito natural que pense nela ser o mais feliz possível; certo, além disso, de lá ser infeliz se não faz nada de bem, ou mesmo se, não fazendo nada de mal, não faz nada de tudo, compreende a necessidade da ocupação, o melhor preservativo dá hipocondria. Com a certeza do futuro ele tem um objetivo; com a dúvida, ele não tem nada. O tédio ganha-o, e ele acaba com a vida porque não espera mais nada. Que se nos permita uma comparação um pouco trivial, mas que não deixa de ter analogia. Um homem passou uma hora no espetáculo; acreditou que tudo tinha acabado, se levantou e se foi; mas, se ele sabe que se deve representar ainda alguma coisa melhor, e mais longa daquela que viu, ele ficará, ainda que fosse no pior lugar: a espera do melhor triunfará nele da fadiga.

As mesmas causas que conduzem ao suicídio também produzem a loucura. O remédio de um é também o remédio da outra, assim como o demonstramos em outro lugar. Infelizmente, enquanto a medicina não de der conta senão do elemento material, privar-se-á de todas as luzes que lhe traria o elemento espiritual, que desempenha um papel tão ativo num grande número de afecções.

O Espiritismo nos revela, além disso, a causa primeira do suicídio, e só ele poderia fazê-lo. As tributações da vida são, ao mesmo tempo, expiações pelas faltas de existências passadas, e provas para o futuro. O próprio Espírito as escolhe tendo em vista o seu adiantamento; mas pode ocorrer que uma vez na obra, ache a carga muito pesada e recue diante de seu cumprimento; é então que tem o recurso do suicídio, o que o retarda em lugar de avançá-lo. Ocorre ainda que um Espírito suicidou-se numa precedente encarnação, e que, como expiação, lhe é imposto dever em sua nova existência, de lutar contra a tendência ao suicídio; se sai vencedor, avança; se sucumbe, ser-lhe-á preciso recomeçar uma vida talvez mais penosa ainda do que a precedente, e deverá lutar assim até que haja triunfado, porque toda recompensa na outra vida é o fruto de uma vitória, e quem diz vitória, diz luta. O Espírita haure, na certeza que tem desse estado de coisas, uma força de perseverança que nenhuma outra filosofia poderia dar-lhe.

A. K.

Hereditariedade moral

Revista Espírita, julho de 1862

Um de nossos assinantes nos escreve de Wiesbaden:

"Senhor, estudo com cuidado o Espiritismo em todos os vossos livros, e apesar da clareza que deles decorre, dois pontos importantes não parecem bem explicados aos olhos de certas pessoas, eles são: 1º as faculdades hereditárias; 2º os sonhos.

"Como conciliar, com efeito, o sistema da anterioridade da alma com a existência das faculdades hereditárias? Elas existem, no entanto, embora de maneira não absoluta; cada dia somos disso tocados na vida privada, e vemos também, numa ordem mais elevada, os talentos sucederem aos talentos, a inteligência à inteligência. O filho de Racine foi poeta; Alexandre Dumas tem por filho um autor distinguido; na arte dramática, vemos a tradição dos talentos numa mesma família, e na arte da guerra uma raça, tal qual a dos duques de Brunswick, por exemplo, fornece uma série de heróis. Mesmo a inépcia, o vício, o crime conservam sua tradição. Eugène Sue cita famílias onde várias gerações, sucessivamente, passaram pela morte na guilhotina. A criação da alma por indivíduo explicaria ainda menos essas dificuldades, eu o compreendo, mas é preciso confessar que uma e outra doutrina dão margem aos golpes dos materialistas, que não vêem em toda faculdade senão uma concentração de forças nervosas.

"Quanto aos sonhos, a Doutrina Espírita não concilia bastante o sistema das peregrinações da alma durante o sono com a opinião vulgar, que dele faz simplesmente o reflexo das impressões percebidas durante a vigília. Esta última opinião poderia parecer a verdadeira explicação dos sonhos, ao passo que a peregrinação não seria senão um caso excepcional. (Seguem vários exemplos em apoio).

"Está bem entendido, senhor presidente, que não pretendo fazer aqui nenhuma objeção em meu nome pessoal, mas me parece útil que a *Revista Espírita* se ocupasse destas questões, não fora senão para dar os meios de responder aos incrédulos; quanto a mim, sou crente e não procuro senão a minha instrução."

A questão dos sonhos será examinada ulteriormente num artigo especial; não nos ocuparemos hoje senão da *hereditariedade moral*, que deixaremos ser tratada pelos Espíritos, limitando-nos a algumas observações preliminares.

O que se possa dizer a esse respeito, os materialistas dele não estarão mais convencidos por isso, porque, não admitindo o princípio, não podem admitir-lhe as conseqüências; seria preciso, antes de tudo, torná-los espiritualistas; ora, não é por esta questão que seria preciso começar; não podemos, pois, nos ocupar com as suas objeções.

Tomando por ponto de partida a existência de um princípio inteligente fora da matéria, de outro modo dito, a existência da alma, a questão é saber se as almas procedem das almas, ou se elas são independentes. Cremos já ter demonstrado, em outro artigo sobre os *Espíritos e o brasão*, publicado no número do mês de março último, as impossibilidades que existem para a criação da alma pela alma; com efeito, se a alma da criança fosse uma parte

da do pai, ela deveria sempre dele ter as qualidades e as imperfeições, em virtude do axioma de que a parte é da mesma natureza do todo; ora, e experiência prova ao contrário cada dia. Citam-se, é verdade, exemplos de semelhanças morais e intelectuais que parecem devidas à hereditariedade, de onde seria preciso concluir que houve transmissão; mas então, por que essa transmissão não ocorre sempre? Por que se vêem, diariamente, pais essencialmente bons, terem filhos instintivamente viciosos, e *vice-versa*. Uma vez que é impossível fazer, da hereditariedade moral, uma regra geral, trata-se de explicar, com o sistema da independência recíproca das almas, a causa das semelhanças. Isto poderia ser quando muito uma dificuldade, mas que não pre-julgaria nada contra a doutrina da anterioridade da alma e da pluralidade das existências, tendo em vista que esta doutrina está provada por cem outros fatos concludentes, e contra os quais é impossível levantar alguma objeção séria. Deixemos falar os Espíritos que consentiram tratar a questão. Eis as duas comunicações que obtivemos a este respeito:

(Sociedade Espírita de Paris, 23 de maio de 1862. - Médium, Sr. d'Ambel.)

Já foi dito, com freqüência, que não seria preciso amontoar sistemas sobre simples aparências, e foi um sistema dessa natureza o que deduziu das semelhanças familiares uma teoria contrária à que demos da existência das almas anteriormente à sua encarnação terrestre. É positivo que, muito freqüentemente, estes jamais tiveram relações diretas com os meios, com as famílias nas quais se encarnam neste mundo. Já repetimos, a miúdo, que as semelhanças corpóreas prendem-se a uma questão material e fisiológica, inteiramente fora da ação espiritual, e que, pelas aptidões e pelos gostos semelhantes, resultam não na procriação da alma por uma alma já nascida, mas do que os Espíritos similares se atraem; daí as famílias de heróis ou de raças de bandidos. Admiti, pois, em princípio, que os bons Espíritos escolhem, de preferência, para sua nova etapa terrestre, o meio em que o terreno já está preparado, a família de Espíritos avançados onde estão seguros de encontrar os materiais necessários ao seu adiantamento futuro; admiti, igualmente, que os Espíritos atrasados, ainda inclinados aos vícios e aos apetites animais, fogem dos grupos elevados, das famílias morais, e se encarnam, ao contrário, lá onde esperam reencontrar os meios de satisfazer as paixões que ainda os dominam. Assim, pois, em tese geral, as semelhanças espirituais vêm de que os semelhantes atraem seus semelhantes, ao passo que as semelhanças corpóreas ligam-se à procriação. Agora, é preciso acrescentar isto: é que, muito freqüentemente, nascem nas famílias, dignas sob todos os aspectos do respeito de seus concidadãos, indivíduos viciosos e maus que ali são enviados para serem a pedra de toque destes; como algumas vezes ainda aqui vêm de sua plena vontade, na esperança de sair da rotina onde são arrastados até então, e se aperfeiçoarem sob a influência desses meios virtuosos e morais. Ocorre o mesmo com Espíritos já avançados moralmente que, a exemplo daquela jovem mulher de Saint-Étienne, de que se falou no último ano, se encarnam em famílias obscuras, entre Espíritos atrasados, afim de lhes mostrar o caminho que conduz ao progresso. Não esqueceste, estou certo disto, aquele anjo de asas brancas em que ela apareceu transfigurada aos olhos daqueles que a amaram sobre a Terra, quando estes reentraram, por sua vez, no mundo dos Espíritos. (*Revista Espírita*, de junho de 1861, página 179: Senhora Gourdon).

ERASTO.

(Outra; mesma sessão. - Médium, senhora Costel.)

Venho vos explicar a importante questão da hereditariedade das virtudes e dos vícios na raça humana. Esta transmissão faz hesitar aqueles que não compreendem a imensidade do princípio revelado pelo Espiritismo. Os mundos intermediários são povoados de Espíritos

esperando a prova da encarnação, ou aí se preparando de novo, segundo seu grau de adiantamento. Os Espíritos, nesses viveiros da vida eterna, estão agrupados e divididos em grandes tribos, uns adiante, outros em atraso no progresso, e cada um escolhe, entre os grupos humanos, aqueles que correspondem simpaticamente às suas faculdades adquiridas, os quais progridem e não podem retrogradar.

O Espírito que se encarna escolhe o pai cujo exemplo o fará avançar no caminho preferido, e repercute, elevando-lhes ou enfraquecendo-lhes, os talentos daquele que lhe deu a vida corpórea; nos dois casos, a conjunção simpática existe anteriormente ao nascimento, e é desenvolvida em seguida nas relações da família, pela imitação e pelo hábito.

Depois da hereditariedade familiar, quero, meus amigos, vos revelar a origem da discordância que separa os indivíduos de uma mesma raça, de repente notável ou desonrado por um de seus membros que ficou estranho entre ela. O grosseiro viciado que está encarnado num centro elevado, e o Espírito luminoso que se encarna entre os seres grosseiros, ambos obedecem à misteriosa harmonia que aproxima as partes divididas de um todo, e faz concordar o infinitamente pequeno com a suprema grandeza. O Espírito culpado, apoiado sobre as virtudes adquiridas de seu procurador terrestre, espera se fortalecer por elas, e se sucumbe ainda nas provas, adquire pelo exemplo o conhecimento do bem, e retorna à erraticidade menos carregado de ignorância e melhor preparado para sustentar uma nova luta.

Os Espíritos avançados entrevêem a glória de Jesus e queimam consumindo depois o cálice da ardente caridade; depois dele também querem guiar a Humanidade para o objetivo sagrado do progresso, e eles nascem no baixo mundo social onde se debatem, acorrentados um ao outro, a ignorância e o vício dos quais são alternativamente os vencedores e os mártires.

Se esta resposta não satisfaz todas as vossas dúvidas, interrogai-me, meus amigos.

SÃO LUÍS.

Poesia espírita

Revista Espírita, julho de 1862

(Sociedade Espírita de Bordeaux. - Médiun, Sr. Ricard.)

A criança e a visão

Mãezinha, é noite fechada,
E sinto o sono vir;
Depressa, coloca-me em meu leito rosa,
Ou em teus braços vou dormir.

Criança, a Deus faze tua prece.
Vamos, minha filha, as duas ajoelhadas
Pedir juntas por teu pai
Que está no céu!... bem longe de nós.

Ele está lá no Alto, não é mãe?
Muito perto dele Deus o quis;
Só os maus têm sua cólera,
Mas paizinho é seu eleito!.

Que Deus te ouça!... ó filha querida!
Que teu desejo seja escutado!
Peçamos-lhe por teu bom pai
Repouso!... alegria!... felicidade!...

Peço também por ti, minha mãe;
Digo a Deus: "Vós, todo-poderoso,
Já me tomastes meu pai,
Deixai a mãe à sua filha."

Obrigada!... obrigada!... minha Gabrielle.
Tão jovem ainda teu coração é bom!
Sobre ti, do Alto, teu pai vela:
Vejo sua alma sobre tua fronte.

Queria muito, mãe querida,
Uma vez que meu pai nos ouve,
Que viesse aqui da outra vida
Para abraçar sua querida criança.

Pede a Deus que um tal prodígio
Tenha lugar para nós que sofremos tanto!..
A alma de um morto às vezes volteia
Ao redor do leito de sua filha.

Mãezinha, é noite fechada,
E sinto o sono vir...
Depressa, coloca-me em meu leito rosa!...
Boa-noite, mamãe!... eu vou dormir.

Mas não!... eu vejo!... É bem meu pai!
Ele está aqui... perto de meu leito!
Aproxima-te, pois, mãezinha!
Ele nos olha e nos sorri...

Oh! sobre minha frente sinto a sua boca;
Sua mão acaricia meus cabelos!...
Como tu mesma ele fecha minha boca,
E eu o vejo subir aos céus!

Mãezinha, é noite fechada,
E tua criança não pode dormir...
É que meu pai, a este leito rosa,
Muito prometeu retornar!

TEU ANJO GUARDIÃO.

Duplo suicídio por amor e por dever

Revista Espírita, julho de 1862

Estudo moral

Lê-se em *l'Opinion nationale* de 13 de junho:

"Terça-feira última, dois caixões entraram juntos na igreja Bonne-Nouvelle. Estavam acompanhados por um homem parecendo presa de uma profunda dor e de uma multidão considerável, na qual se notavam o recolhimento e a tristeza. Eis um curto relato dos acontecimentos em consequência dos quais ocorreu a dupla cerimônia fúnebre.

"A senhorita Palmyre, modista, morando com seus pais, era dotada de um exterior encantador ao qual se juntava o mais amável caráter. Também era ela muito procurada para casamento. Entre os aspirantes à sua mão, distinguira o senhor B..., que sentia por ela uma viva paixão. Embora ela própria o amando muito, entretanto, acreditou dever, por respeito filial, se entregar aos votos de seus pais, esposando o senhor D..., cuja posição social lhe parecia mais vantajosa que a de seu rival. O casamento foi celebrado há quatro anos.

"Os senhores B... e D... eram amigos íntimos. Embora não tendo juntos nenhuma relação de interesse, não cessavam de se ver. O amor mútuo de B... e de Palmyre, agora a senhora D..., não tinha em nada enfraquecido, e, como se esforçavam em comprimi-lo, ele aumentava em razão da própria violência que se lhe fazia. Para tentar apagá-lo, B... tomou a decisão de se casar. Esposou uma jovem possuidora de eminentes qualidades, e fez todo o possível para amá-la; mas não tardou a perceber que esse meio heróico era impotente para curá-lo. Contudo, durante quatro anos, nem B... nem a senhora D... não faltaram aos seus deveres. O que tinham a sofrer não saberia exprimir, porque D..., que gostava verdadeiramente de seu amigo, o atraía sempre para a sua casa e, quando queria fugir, o constrangia a permanecer.

"Enfim, há alguns dias, aproximados por uma circunstância fortuita, os dois amantes não puderam resistir à paixão que os arrastava um para o outro. Apenas cometida a falta, dela experimentaram os mais cruciantes remorsos. A jovem mulher se lançou aos pés de seu marido, quando retornou, e lhe disse soluçante:

'- Expulsai-me! Matai-me! Sou agora indigna de vós!

"E, como ele permanecia mudo de espanto e de dor, contou-lhe suas lutas, seus sofrimentos, tudo o que lhe fora preciso de coragem para não falir mais cedo; fê-lo compreender que, dominada por um amor ilegítimo, nunca deixara de ter por ele o respeito, a estima, a afeição da qual era digno.

"Em lugar de maldizer, o marido chorava. B... chegou no meio desta cena e fez uma

confissão semelhante. D... levantou os dois e disse-lhes:

"- Sois corações leais e bons; só a fatalidade vos tornou culpados, li no fundo do vosso pensamento e nele li a sinceridade. Por que vos puniria por um arrastamento ao qual todas as vossas forças morais não puderam resistir? A punição está no remorso que sentis. Prometei-me deixar de se verem, e nada tereis perdido de minha estima nem de minha afeição.

"Esses dois infelizes amantes se apressaram em fazer o juramento que se lhes pedia. A maneira pela qual suas confissões eram recebidas pelo Sr. D... aumentou sua dor e seus remorsos. Tendo o acaso lhes preparado um encontro que não tinham procurado, se comunicaram seu estado de alma e concordaram de que a morte era o único remédio aos males que experimentavam. Resolveram se matar juntos e por esse projeto em execução no dia seguinte, devendo o Sr. D... estar ausente de seu domicílio uma grande parte da jornada.

"Depois de terem feito seus últimos preparativos, escreveram uma longa carta na qual diziam em substância:

"Nosso amor é mais forte do que todas as nossas promessas. Poderíamos ainda, apesar de nós, falir, sucumbir; não conservaremos uma existência culpável. Para nossa expiação faremos ver que a falta que cometemos não deve ser atribuída à nossa vontade, mas ao desvio de uma paixão cuja violência está acima de nossas forças."

"Esta carta tocante terminava por um pedido de perdão, e os dois amantes imploravam, como uma graça, estarem reunidos no mesmo túmulo.

"Quando o senhor D... entrou, um estranho e doloroso espetáculo se lhe ofereceu. No meio de espesso vapor saindo de um forno portátil cheio de carvão, os dois amantes, deitados vestidos sobre o leito, estavam estreitamente enlaçados. Tinham deixado de viver.

"O senhor D... respeitou a última vontade dos dois amantes; quis que partissem juntos para as preces da Igreja e que, no cemitério, não fossem separados."

O Sr. cura de Bonne-Nouvelle acreditou dever desmentir, por um artigo inserido em vários jornais a admissão dos dois corpos em sua igreja, as regras canônicas a isso se opondo.

Essa narração tendo sido lida, como objeto de estudo moral, na Sociedade Espírita de Paris, dois Espíritos deram-lhe a apreciação seguinte:

"Eis, portanto, a obra de vossa sociedade e de vossos costumes! mas o progresso se cumprirá; ainda algum tempo e semelhantes acontecimentos não se renovarão mais. Há certos indivíduos, como certas plantas que se colocam numa estufa; falta-lhes o ar, se abafam e não podem esparramar seu perfume. Vossas leis e vossos costumes marcaram limites à expansão de certos sentimentos, o que faz, freqüentemente, que duas almas dotadas das mesmas faculdades, dos mesmos instintos simpáticos, se reencontrem em duas ordens diferentes, e, não podendo se unir, se cansam em sua tenacidade de querer se encontrar. Do amor, que fizestes dele? Vós o reduzistes ao peso de um pacote de metal; lançaste-o numa balança; em lugar de ser rei, é escravo; de um laço sagrado vossos costumes fizeram uma corrente de ferro, cujas malhas esmagam e matam aqueles que não nasceram para prendê-los.

"Ah! se vossas sociedades caminhassem na senda de Deus, vossos corações não se consumiriam em chamas passageiras, e os vossos legisladores não seriam forçados a manter as vossas paixões pelas leis; mas o tempo caminha, e a grande hora soará em que todos podereis viver da vida verdadeira, da vida do coração. Quando os batimentos do coração não serão mais comprimidos pelos cálculos frios dos interesses materiais, não vereis mais esses terríveis suicídios que, de um tempo a outro, vêm lançar um desmentido aos vossos preconceitos sociais."

SANTO AGOSTINHO (méd., Sr. Vézy).

"Os dois amantes que se suicidaram não podem ainda vos responder; eu os vejo; estão mergulhados na perturbação e amedrontados pelo sopro da eternidade. As conseqüências morais de sua falta castigá-los-ão durante migrações sucessivas, nas quais suas almas desemparelhadas se buscarão sem cessar, e sofrerão o duplo suplício do pressentimento e do desejo. Cumprida a expiação, estarão reunidos para sempre no seio do eterno amor."

GEORGES (méd., Sr. Costel).

Oito dias depois, tendo consultado o guia espiritual do médium sobre a possibilidade da evocação desses dois Espíritos, foi-lhe respondido: "Eu vos disse na última vez que, em vossa próxima sessão, poderíeis evocá-los; eles virão ao chamado de meu médium, mas não se verão: Uma noite profunda os esconde um ao outro por muito tempo."

SANTO AGOSTINHO (Médium, Sr. Vézy.)

1. *Evocação da mulher* - R. Sim, eu me comunicarei, mas com ajuda do Espírito que está lá, que me ajuda e me impõe.
2. *Vedes vosso amante, com o qual vos suicidastes?* - R. Eu não vejo nada; não vejo mesmo os Espíritos que erram comigo neste lugar onde estou. Que noite! Que noite! e que véu espesso sobre os meus olhos!
3. *Que sensação experimentastes quando despertastes depois da morte?* - R. Estranha; tinha frio e queimava; o gelo corria em minhas veias, e o fogo estava em minha frente! Coisa estranha, mistura inaudita! o gelo e o fogo pareciam abraçar-me! Pensava que ia sucumbir uma segunda vez.
4. *Sentis uma dor física?* - R. Todo meu sofrimento está *lá, e lá*.
5. *Que quereis dizer por *lá e lá*?* - R. *Lá*, em meu cérebro; *lá*, em meu coração.
6. *Credeis que estareis sempre nesta situação?* - R. Oh! sempre, sempre! Ouço, às vezes, risos infernais, vozes apavorantes que me gritam estas palavras: Sempre assim!
7. *Pois bem! Podemos vos dizer, com toda a segurança, que isso não será sempre assim; em vos arrependendo, obtereis o vosso perdão.* - R. Que dissestes? Não ouço.
8. *Repito-vos que vossos sofrimentos terão um fim, que podeis apressar pelo arrependimento, e nisso vos ajudaremos pela prece.* -R. Não ouvi senão uma palavra e

vagos sons; esta palavra é *graça!* Foi de *graça* que quisestes falar? Oh! o adultério e o suicídio são dois crimes muito odiosos! Falaste de *graça*; sem dúvida, é a alma que passa ao meu lado, pobre criança que chora e que espera.

Nota. Uma senhora da Sociedade disse que vem de dirigira Deus, uma prece para essa infortunada, e que foi, sem dúvida, o que a tocou; que, com efeito, implorara mentalmente, para ela, a *graça* de Deus.

9. Dissestes que estais em trevas; é que não nos vedes? - *R.* É-me permitido ouvir algumas das palavras que pronunciais, mas não vejo nada, senão um crepe negro sobre o qual se desenha, a certas horas, uma cabeça que chora.

10. Se não vedes vosso amante, não sentis sua presença junto a vós, porque ele está aqui? - *R.* Ah! não me faleis dele, devo esquecê-lo no instante, se quero que do crepe se apague a imagem que dele vejo traçada.

11. Qual é essa imagem? - *R.* A de um homem que sofre, e do qual matei a existência moral sobre a Terra por muito tempo.

Nota. A obscuridade, assim como o demonstra a observação dos fatos, acompanha, muito freqüentemente, o castigo dos Espíritos criminosos; ela sucede imediatamente à morte, e sua duração, muito variável segundo as circunstâncias, pode ser de alguns meses a alguns séculos. Concebe-se facilmente o horror de semelhante situação, na qual o culpado não entrevê senão o que pode lembrar-lhe a falta e aumentar, pelo silêncio, a solidão e a incerteza em que está mergulhado, as ansiedades do remorso.

Lendo este relato, de início, estamos dispostos a encontrar, neste suicídio, circunstâncias atenuantes, olhando-o como um ato heróico, uma vez que foi provocado pelo sentimento do dever. Vê-se que foi julgado de outro modo, e que a pena dos culpados será longa e terrível por terem se refugiado voluntariamente na morte, a fim de fugir à luta; a intenção de não faltar ao seu dever era honrosa, sem dúvida, e isso lhe será tido em conta mais tarde, mas o verdadeiro mérito consistiria em vencer o arrastamento, ao passo que fizeram como o desertor que se esquiva no momento de perigo.

A pena dos dois culpados considera, como se vê, a se procurarem por muito tempo sem se encontrarem, seja no mundo dos Espíritos, seja nas outras encarnações terrestres; ela é momentaneamente agravada pela idéia de que seu estado presente deve durar sempre; este pensamento faz parte do castigo, e não lhes foi permitido ouvir as palavras de esperança que lhes dirigimos. Aqueles que achariam essa pena muito terrível e muito longa, sobretudo se ela não deve cessar senão depois de várias encarnações, diremos que sua duração não é absoluta, e que dependerá da maneira pela qual suportarão suas provas futuras, e que se pode ajudá-los pela prece; eles serão, como todos os Espíritos culpados, os árbitros de seu próprio destino. Isso não vale mais ainda do que a condenação eterna, sem esperança, à qual estão irrevogavelmente condenados segundo a doutrina da Igreja, que os olha tal como para sempre votados ao inferno, que lhes recusou as últimas preces, sem dúvida como inúteis?

Certos católicos censuram o Espiritismo por não admitir o inferno; certamente não, ele não admite a existência de um inferno localizado, com suas chamas, suas forcas e suas torturas corpóreas renovadas do Tártaro dos pagãos; mas a posição em que nos mostra os Espíritos infelizes não vale mais do que ele, com esta diferença radical, no entanto, de que a

natureza das penas nada tem de irracional, e que sua duração, em lugar de ser irremissível, está subordinada ao arrependimento, à expiação e à reparação, o que é, ao mesmo tempo, mais lógica e mais conforme com a doutrina da justiça e da bondade de Deus.

O Espiritismo teria sido um remédio bastante eficaz, no caso em que se trata, para prevenir esse suicídio? Isso não é duvidoso. Teria dado a esses dois seres uma confiança no futuro, que teria mudado totalmente sua maneira de encarar a vida terrestre e, em consequência, lhes teria dado a força moral que lhes faltou. Supondo que tivessem fé no futuro, o que ignoramos, e que seu objetivo, matando-se, fosse estar mais depressa reunidos, teriam sabido, por todos os exemplos análogos, que chegariam a um resultado diametralmente oposto e se achariam separados por tempo mais longo que não teriam tido neste mundo, não permitindo Deus que se seja recompensado por ter desafiado as suas leis; portanto, certos de não ver realizar seus desejos e de se encontrar ao contrário numa posição cem vezes pior, seu próprio interesse convidá-los-ia à paciência.

Recomendamo-los às preces de todos os Espíritos, afim de lhes dar a força e a resignação que poderão sustentá-los em suas novas provas, e apressar assim o fim de seu castigo.

Ensinos e Dissertações espíritas

Revista Espírita, julho de 1862

União simpática das almas

(Bordeaux, 15 de fevereiro de 1862. - Médiun, senhora H...)

P. - Já me dissestes várias vezes que nos reuniríamos para não mais nos separar. Como isto poderia se dar? É que as reencarnações, mesmo as que sucedem às da Terra, não separam sempre por um tempo mais ou menos longo?

R. - Digo-te: Deus permite àqueles que se amam sinceramente, e souberam sofrer com resignação para expiarem suas faltas, se reunirem primeiro no mundo dos Espíritos, onde progridem juntos, para obter estarem encarnados nos mundos superiores. Podem, pois, se o pedem com fervor, deixar os mundos espíritas na mesma época, se reencarnar nos mesmos lugares, e, por um encadeamento de circunstâncias previstas anteriormente, se reunir pelos laços que melhor convierem ao seu coração.

Uns pedirão para ser pai ou mãe de um Espírito que lhes era simpático, e que ficarão felizes em dirigir no bom caminho, cercado-o de ternos cuidados da família e da amizade. Os outros pedirão a graça de estarem unidos pelo matrimônio e de ver transcorrerem numerosos anos de felicidade e de amor. Falo do casamento entendido no sentido da reunião íntima de dois seres que não querem mais se separar; mas o casamento, tal como é compreendido sobre vossa Terra, não é conhecido nos mundos superiores. Nestes lugares de felicidade, de liberdade e de alegria, os laços são de flores e de amor; e não vás crer que sejam menos duráveis por isso. Só os corações falam e guiam nessas uniões tão doces. Uniões livres e felizes, casamentos de alma à alma diante de Deus, eis a lei de amor dos mundos superiores! e os seres privilegiados dessas regiões benditas, crendo-se mais fortemente ligados por semelhantes sentimentos do que não o são os homens da Terra, que pisam tão freqüentemente sob os pés os mais sagrados compromissos, não oferecem o doloroso espetáculo de uniões perturbadas, sem cessar, pela influência dos vícios, das más paixões, da inconstância, do ciúme, da injustiça, da aversão, de todos esses horríveis pendoros que conduzem ao mal, ao perjúrio e à violação dos juramentos mais solenes. Pois bem! esses casamentos benditos por Deus, essas uniões tão doces, são a recompensa daqueles que, tendo se amado profundamente no sofrimento, pedem ao Senhor justo e bom continuar nos mundos superiores a se amarem ainda, mas sem temerem uma próxima e terrível separação.

E o que há aí que não seja fácil de compreender e de admitir? Deus, que ama todos os seus filhos, não teve que criar, para os que disso se fizeram dignos, uma felicidade tão perfeita quanto as provas haviam sido cruéis? Que poderia conceder que fosse mais conforme ao desejo sincero de todo coração amante? De todas as recompensas prometidas aos homens, há alguma coisa de semelhante a este pensamento, a esta esperança, eu poderia dizer a esta certeza: estar reunido pela eternidade aos seres adorados?

Crê-me, filha querida, nossas secretas aspirações, essa necessidade misteriosa mas irresistível de amar, amar por muito tempo, amar sempre, não foram colocadas por Deus em nossos corações senão porque a promessa do futuro nos permitia essas doces esperanças. Deus não nos fará experimentar as dorés da decepção. Nossos corações querem a felicidade, não batem senão para as afeições puras; a recompensa não poderia ser senão o cumprimento perfeito de nossos sonhos de amor. Do mesmo modo que, pobres Espíritos sofredores destinados à prova, nos foi necessário pedir e escolher mesmo, algumas vezes, a expiação mais cruel, do mesmo modo Espíritos felizes, regenerados, escolhemos ainda, com a nova vida destinada a nos depurar mais, a soma destinada ao Espírito avançado. Eis, filha bem amada, um resumo bem sucinto das felicidades futuras. Freqüentemente, teremos ocasião de retornar a este agradável assunto. Deves compreender quanto a perspectiva desse futuro me torna feliz, e quanto me é doce te confiar minhas esperanças!

P. - Reconhecemo-nos nessas novas e felizes existências?

R. - Se não nos reconhecêssemos, a felicidade seria bem completa? Isso poderia ser a felicidade, sem dúvida, porque nesses mundos privilegiados todos os seres estão destinados a ser felizes; mas seria bem a perfeição da felicidade para aqueles que, separados bruscamente na mais bela época da vida, pedem a Deus para estarem reunidos em seu seio? Seria a realização de nossos sonhos e de nossas esperanças? Não, pensas como eu. Se um véu fosse lançado sobre o passado, não estaria aí a suprema felicidade, a inefável alegria de se rever depois das tristezas da ausência e da separação; não estaria aí, ou pelo menos se ignoraria, essa antiga afeição que aperta mais os laços. Do mesmo modo que sobre a vossa Terra dois amigos de infância gostam de se reencontrar no mundo, na sociedade, e se procuram muito mais do que se suas relações não datassem senão de alguns dias, assim também os Espíritos que mereceram o favor inapreciável de se juntarem nos mundos superiores são duplamente felizes, e reconhecem a Deus este novo reencontro, que responde aos seus desejos mais caros.

Os mundos colocados acima da Terra, nos graus da perfeição, são cumulados de todos os favores que podem contribuir para a felicidade perfeita dos seres que os habitam; o passado não lhes é oculto, porque a lembrança de seus antigos sofrimentos, de seus erros resgatados ao preço de muitos males, e aquele mais vivo ainda de suas sinceras afeições, lhe fazem encontrar mil vezes mais doçura nessa nova vida, e os garante das faltas que poderiam, talvez, por um resto de fraqueza, se deixarem ir algumas vezes. Esses mundos são para o homem o paraíso terrestre destinado a conduzi-lo ao paraíso divino.

Nota. - Equivocar-se-á estranhamente sobre, o sentido desta comunicação vendo-se nela a crítica às leis que regem o casamento e a sanção das uniões efêmeras extra-oficiais. Ante as leis, as únicas que são imutáveis são as leis divinas; mas as leis humanas, devendo ser apropriadas aos costumes, aos usos, aos climas, ao grau de civilização, são essencialmente móveis, e seria muito triste que fosse de outro modo, e que os povos do século dezenove fossem acorrentados à mesma regra que regia nossos pais; portanto, se as leis mudaram de nossos pais a nós, como não chegamos à perfeição, elas deverão mudar de nós aos nossos descendentes. Toda lei, no momento em que é feita, tem sua razão de ser e sua utilidade, mas pode que, boa hoje, não o seja mais amanhã. No estado de nossos costumes, de nossas exigências sociais, o casamento tem necessidade de ser regulado pela lei, e a prova de que essa lei não é absoluta, é que ela não é a mesma em todos os países civilizados. É, pois, permitido pensar que, nos mundos superiores, onde não há mais os mesmos interesses materiais a salvaguardar, onde o mal não existe, quer dizer, de onde os maus Espíritos encarnados estão excluídos, onde, conseqüentemente, as uniões são o

resultado da simpatia e não de um cálculo, as condições devem ser diferentes; mas o que é bom neles poderia ser mau em nós.

De outro lado, é preciso considerar que os Espíritos se desmaterializam à medida que se elevam e se depuram; que não é senão nas classes inferiores que a encarnação é material; para os Espíritos superiores, não há mais encarnação material, e, conseqüentemente, mais procriação, porque a procriação é para o corpo e não para o Espírito. Portanto, uma afeição pura é o único objetivo de sua união e, para isto, não mais que pela amizade sobre a Terra, não tem necessidade da sanção dos ofícios ministeriais.

Uma Telha

(Sociedade Espírita de Paris. - Médiun, senhora C.)

Um homem passa na rua, uma telha cai aos seus pés, e ele diz: "Que chance! um passo a mais e estaria morto." É geralmente o único agradecimento que dirige a Deus. Todavia, esse mesmo homem, pouco tempo depois, cai doente e morre em seu leito. Por que, pois, foi preservado da telha para morrer alguns dias depois como todo mundo? É o acaso, dirá o incrédulo, como ele mesmo disse: Que chance! Do que, pois, lhe serviu escapar ao primeiro acidente uma vez que sucumbiu no segundo? Em todo caso, se a chance lhe favoreceu, seu favor não foi de longa duração.

A esta questão o Espírita responde: A cada instante escapais a acidentes que vos colocam, como se diz, a dois dedos da morte; não vedes nisso, pois, uma advertência do céu para vos provar que a vossa vida prende-se a um fio, que não estais seguros jamais hoje de viver amanhã, e que assim deveis sempre estar prontos para partir. Mas, que fazeis quando deveis empreender uma longa viagem? Fazeis vossas disposições, arrançais vossos negócios, vos munis de provisões e das coisas necessárias para o caminho; desembaraçai-vos de tudo o que poderia vos dificultar e retardar vossa marcha; se conheceis o país onde ides, e se ali tendes amigos e conhecidos, partis sem medo, certo de ali ser bem recebido; em caso contrário, estudais o mapa da região e vos proporcionais cartas de recomendação. Suponde que sereis obrigados a empreender essa viagem no dia de amanhã não tereis o tempo de fazer vossos preparativos, ao passo que, se estais prevenidos muito tempo antes, tereis tudo disposto para vossa utilidade e para vosso agrado.

Pois bem! Todos os dias estais expostos a empreender a maior, a mais importante das viagens, a que deveis fazer inevitavelmente, e, no entanto, nela não pensais mais como se devêsseis ficar perpetuamente sobre a Terra. Deus, em sua bondade, tem, no entanto, cuidado em vos advertir, pelos numerosos acidentes aos quais escapais, e não tendes para ele senão esta palavra: Que chance!

Espíritas! sabeis quais são os preparativos que deveis fazer para essa grande viagem que tem para vós conseqüências muito mais importantes que todas aquelas que empreendeis neste mundo, porque, da maneira pela qual se cumprirá, depende vossa felicidade futura. O mapa que deve vos fazer conhecer o país onde ides entrar, é a iniciação aos mistérios da vida futura; por aí, esse país não será mais novo para vós; vossas provisões são as boas ações que tiverdes realizado e que vos servirão de passaporte e de cartas de recomendação.

Quanto aos amigos que ali encontrareis, vós os conheceis. Do que deveis vos desembaraçar são os maus sentimentos, porque infeliz é aquele a quem a morte surpreende com ódio no coração: seria como uma pessoa que caísse n'água com uma pedra no pescoço, que o

arrastaria para o abismo; os negócios que deveis colocarem ordem é o perdão a conceder àqueles que vos ofenderam; são os erros que pudestes cometer contra o vosso próximo e que é preciso vos apressar em reparar, a fim de obter deles, vós mesmos, o perdão, porque os erros são as dívidas das quais o perdão é a quitação. Apressai-vos, pois, porque a hora da partida pode soar de um momento para outro e não vos deixar o tempo da reflexão.

Eu vos digo em verdade, a telha que cai aos vossos pés é o sinal que vos adverte para estar sempre pronto a partir ao primeiro chamado, a fim de que não sejais tomados de surpresa.

O ESPÍRITO DE VERDADE.

César, Clóvis e Charlemagne

(Sociedade Espírita de Paris. 24 de janeiro de 1862: assunto proposto. - Médiun. Sr. A. Didier.)

Esta questão não é somente uma questão material, mas também muito espiritualista. Antes de abordar o ponto principal, há um do qual falaremos em primeiro lugar. O que é a guerra? A guerra, respondemos de início, é permitida por Deus, uma vez que ela existe, que sempre existiu e existirá sempre. Tem-se errado, na educação da inteligência, de não ver em César senão um conquistador, em Clóvis senão o homem bárbaro, em Charlemagne senão um déspota, cujo sonho insensato queria fundar um império imenso. Ah! meu Deus! como se diz geralmente, os conquistadores são, eles mesmos, os joguetes de Deus. Como sua audácia, seu gênio os faz chegar à primeira posição, viram ao seu redor não só homens armados, mas das idéias, do progresso, da civilização que era preciso levar às outras nações; partiram, como César, para levar Roma a Lutécia; como Clóvis, para levar os germes de uma solidariedade monárquica; como Charlemagne, para fazer raiar o facho do Cristianismo entre os povos cegos, entre as nações já corrompidas pelas heresias das primeiras idades da Igreja. Ora, eis o que ocorreu: César, o mais egoísta destes três grandes gênios, fez servir a tática militar, a disciplina, a lei, em uma palavra, para serem úteis nas Gaules, em seguida de suas armas, a idéia imortal seguia, e os povos vencidos e indomáveis sofriam o jugo de Roma, é verdade, mas se tornavam províncias romanas. A orgulhosa Marselha teria existido sem Roma? Lugdunum e tantas outras cidades célebres nos anais tornaram-se centros imensos, focos de luz para as ciências, as letras e as artes. César foi, pois, um grande propagador, um desses homens universais que se servem do homem para civilizar o homem, um desses homens que sacrificam os homens em proveito da idéia.

O sonho de Clóvis foi o de estabelecer uma monarquia, bases, regra para seu povo; mas como a graça do Cristianismo não o esclarecera ainda, foi propagador bárbaro. Devemos considerá-lo em sua conversão: Imaginação ativa, fervorosa, belicosa, viu em sua vitória sobre os Visigodos uma prova da proteção de Deus; e, doravante seguro de estar sempre com ele, se fez batizar. Eis, pois, o batismo que se propaga nas Gaules, e o Cristianismo que se difunde mais e mais. É o momento de dizer com Cornélio, Roma não era mais Roma. Os bárbaros invadiram o mundo romano.

Depois do saque de todas as civilizações esboçadas pelos Romanos, eis que um homem sonha em derramar sobre o mundo, não mais os mistérios e o prestígio do Capitólio, mas as formidáveis crenças de Aix-la-Chapelle; eis um homem que está ou se crê com Deus. Um culto odioso, rival do Cristianismo, ocupa ainda os bárbaros; Charlemagne cai sobre esses povos, e Witikind, depois de lutas e de vitórias balanceadas, se submete, enfim,

humildemente e recebe o batismo.

Certamente, eis um imenso quadro que é aquele onde se desenrolam tantos fatos, tantos golpes da Providência, tantas quedas e tantas vitórias; mas qual é disso a conclusão? A idéia, se universalizando, se propagando cada vez mais, não se detendo nem nos desmembramentos das famílias, nem nos desencorajamentos dos povos, e tendo por objetivo, por toda parte, a implantação da cruz do Cristo sobre todos os pontos da Terra, não está aí um fato espiritualista imenso? É preciso, pois, olhar esses três homens como grandes propagadores que, por ambição ou por crença, avançaram a luz no Ocidente, quando o Oriente sucumbia em sua sedutora preguiça e em sua inatividade. Ora, a Terra não é um mundo onde o progresso se faz depressa, e pelos caminhos da persuasão e da mansuetude; não vos espanteis, pois, que seja preciso, freqüentemente, tomar a espada em lugar da cruz.

LAMENNAIS.

Pergunta. - Dissestes que a guerra existirá sempre; entretanto, parece que o progresso moral, destruindo-lhe as causas, as fará cessar.

Resposta. - Ela existirá sempre, no sentido de que haverá sempre lutas; mas as lutas mudarão de forma. O Espiritismo, é verdade, deve derramar sobre o mundo a paz e a fraternidade; mas o sabeis, se o bem triunfa, haverá contudo sempre luta. O Espiritismo fará, evidentemente, e o melhor possível, compreender a necessidade da paz; mas o mal vela sempre; será preciso muito tempo ainda, sobre a Terra, combater para o bem; somente essas lutas se tornarão cada vez mais raras.

(Mesmo assunto. - Médium, Sr. Leymar.)

A influência dos homens de gênio sobre o futuro dos povos é incontestável; são nas mãos da Providência instrumentos para apressar as grandes reformas que, sem eles, não chegariam senão com o tempo; são eles que semeiam os germes das idéias novas; e, o mais freqüentemente, retornam alguns séculos mais tarde, sob outros nomes, para continuar ou completar a obra começada por eles.

César, esta grande figura da antigüidade, nos representa o gênio da guerra, a lei organizada. As paixões impelidas por ele ao extremo, a sociedade romana nisso é profundamente abalada; ela muda de face e em sua evolução tudo se transforma ao seu redor. Os povos sempre mudam sua antiga constituição; uma lei implacável, a da força, unia o que devia não se separar segundo a época em que César vivia. Sob sua mão triunfante os Gaules se transformam, e, depois de dez anos de combate, constituem uma poderosa unidade. Mas dessa época data a decadência romana. Levado ao excesso, esse poder que fazia o mundo tremer, cometia as faltas do poder extremo. Tudo o que cresce fora das proporções assinaladas por Deus, deve tombar do mesmo modo. Esse grande império foi invadido por uma nuvem de povos saídos de países então desconhecidos; a fama tinha levado, com as armas de César, as idéias novas nos países do Norte, que caíram sobre ele como sobre uma torrente. Vede, essas tribos bárbaras, se lançar com avidéz sobre suas províncias onde o solo era melhor, o vinho tão doce, as mulheres tão belas; elas atravessaram as Gaules, os Alpes, os Pirineus, para ir, por toda parte, fundar poderosas colônias, e desagregar esse grande corpo chamado império romano. Só o gênio de César bastara para levar sua nação ao auge do poder; dele data a época de renovação em que todos os povos se confundem, lançando-se uns sobre os outros para procurar outras coesões, outros elementos; e, durante vários séculos, que ódio entre essas populações!

Quantos combates! Quantos crimes! Quanto sangue!

BARBARET.

Clóvis deveria, sob sua mão bárbara, ser o ponto de partida de uma era nova para os povos. Obedecia ao costume, e, para formar uma nação, não recuava diante de nenhum meio. Ele a formou com o punhal e a astúcia; criou um novo elemento adotando o batismo, iniciando seus rudes soldados nas crenças novas; e, todavia, depois dele, tudo iria à deriva, apesar da idéia, apesar do cristianismo. Seria preciso Charles Martel, Pepin, depois Charlemagne.

Saudemos nessa figura poderosa, essa enérgica natureza que sabe, novo César, reunir em um feixe todos esses povos dispersos, mudar as idéias e dar uma forma a esse caos. Charlemagne, é a grandeza na guerra, na lei, na política, na moralidade nascente que deveria fundir os povos e lhes dar a intuição da conservação, da unidade, da solidariedade. Dele datam os grandes princípios que formaram a França; dele datam nossas leis e nossas ciências aplicadas. Transformador, era marcado pela Providência para ser um traço de união entre César e o futuro. Também é chamado o Grande, porque, se empregava meios executivos terríveis, era para dar uma forma, um pensamento único a essa reunião de povos bárbaros que não podiam obedecer senão ao que era poderoso e forte.

BARBARET.

Nota. - Este nome sendo desconhecido, pediu-se ao Espírito consentir em dar algumas informações sobre a sua pessoa.

Eu vivia sob Henri IV; era um humilde entre todos. Perdido nessa Paris onde se esquece tão bem aquele que se esconde e não procura senão o estudo, me agradava estar só, a ler, a comentar à minha maneira. Pobre, trabalhava, e o labor de cada dia me dava essa alegria inefável que se chama liberdade. Copiava livros, e fazia essas maravilhosas vinhetas, prodígios de paciência e de saber, que não davam senão o pão e a água a toda a minha paciência. Mas eu estudava, amava meu país e procurava a verdade nas ciências; ocupava-me da história, e para a minha França bem-amada teria querido a liberdade; teria querido todas as aspirações que sonhava na minha humildade. Depois, estou num mundo melhor, e Deus me recompensou de minha abnegação, dando-me essa tranqüilidade de espírito onde todas as obsessões do corpo estão ausentes, e sonho para meu país, para o mundo inteiro, nosso país para nós, o amor e a liberdade.

Freqüentemente, venho vos ver e vos ouvir; gosto de vossos trabalhos, deles participo com todo o meu ser; e vos desejo perfeitos e satisfeitos no futuro. Possais ser felizes, como o desejo; mas não vos tomareis completamente senão em vos despojando da velha roupa que há muito tempo reveste o mundo inteiro: falo do egoísmo. Estudai o passado, a história de vosso país, e aprendereis mais com o sofrimento de vossos irmãos do que com qualquer outra ciência.

Viver, é saber, é amar, é se entre ajudar. Ide, pois, e fazei segundo o vosso Espírito; Deus está lá que vos vê e vos julga.

BARBARET.

Aviso

Revista Espírita, julho de 1862

Foi-nos dirigido um manuscrito bastante volumoso, chamado: *O Amor, revelações do Espírito da 3ª ordem da série Angélica do irmão P. Montani*. Não estando esse envio acompanhado de nenhuma carta, ignoramos quem foi a pessoa a quem dele somos devedor. Se esse número lhe caia sob os olhos, pedimos consentir nos fazer conhecer, afim de que possamos agradecer-lhe. Diremos, à espera disso, que esse trabalho encerra excelentes coisas, e que está baseado sobre a mais santa moral e sobre os princípios fundamentais do Espiritismo; mas ao lado disso há teorias arriscadas sobre diversos pontos e que poderiam dar lugar a uma crítica fundada; não saberíamos, de nossa parte, aceitar tudo o que ele contém, e veríamos inconveniente em publicá-lo sem modificações.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quinto Ano – 1862

Agosto

- [Conferências do Sr. Trousseau - Professor da Faculdade de Medicina](#)
- **Necrologia.**
 - [A morte do bispo de Barcelona](#)
 - [Morte da senhora Home](#)
- [Sociedade Espírita de Constantina](#)
- [Carta do Sr. Jean Reynaud ao *Journal des Débats*](#)
- [Os Pandus e os Kurus - Reencarnação na antigüidade](#)
- [O planeta Vênus](#)
- [Carta ao *Jornal de Saint-Jean d'Angély*](#)
- [Castigo de um avaro](#)
- [Valor da prece](#)
- **Ensinamentos e Dissertações espíritas.**
 - [A conquista do futuro](#)
 - [O Pentecoste](#)
 - [O Perdão](#)
 - [A Vingança](#)
- [Bibliografia - O Espiritismo em Lyon](#)

Conferências do Sr. Trousseau - Professor da Faculdade de Medicina

Revista Espírita, agosto de 1862

Feitas na associação politécnica para o ensino dos operários, a 18 e 25 de maio de 1862 (broch. in-8°).

Se se usaram inutilmente os chifres do diabo para transtornar o Espiritismo, eis o reforço que chega aos adversários: é o Sr. doutor Trousseau que vem dar o golpe de misericórdia aos Espíritos. Infelizmente, se o Sr. Trousseau não crê nos Espíritos, ele não crê quase nada mais no diabo; pouco importa o auxiliar, contanto que bata o inimigo. Esse novo campeão, sem dúvida, vai dizer a esse respeito a última palavra da ciência; é o menos que se pode esperar de um homem colocado tão alto pelo seu saber. Atacando as idéias novas, não quererá deixar um argumento sem réplica; não quererá que se o possa acusar de falar de uma coisa que não conhece; sem dúvida, vai tomar um a um todos os fenômenos, escrutá-los, analisá-los, comentá-los, explicá-los, demoli-los, demonstrando por *a* mais *b* que são ilusões. Ah! Espíritas, tenhamos firmeza! Se o Sr. Trousseau não fosse um sábio, ou não fosse senão um meio-sábio, poderia bem esquecer de alguma coisa; mas um sábio inteiro não quererá deixar a tarefa pela metade; um general hábil quererá a vitória completa. Escutemos e tremamos!

Depois de uma tirada sobre as pessoas que se deixam prender pela isca dos anúncios, assim se exprime:

"É que, verdadeiramente, as pessoas capazes de julgar, no que quer que seja, não são as mais numerosas. O Sr. de Sartines queria enviar ao Fort-l'Évêque um charlatão que vendia drogas na Pont-Neuf e fazia belos negócios. Fê-lo vir e lhe disse: "Maraud, como fazes para atrair tantas pessoas e ganhar tanto dinheiro?" O homem respondeu: "Monsenhor, quantas pessoas credes que passam sobre a Pont-Neuf cada dia? - Não sei. - Vou dizer-vos: em torno de dez mil. Quanto pensais que haja pessoas de espírito neste número? - Oh! oh! cem talvez, disse o Sr. de Sartines. - É muito, mas eu vo-las deixo, e tomo as nove mil e novecentos outras para mim."

"O charlatão era muito modesto, e o Sr. de Sartines muito severo para a população parisiense. Infalivelmente, mais de cem pessoas inteligentes atravessam a Pont-Neuf, e os mais inteligentes talvez se detivessem diante dos cavaletes dos vendedores de drogas com tanta confiança quanto a multidão; porque, senhores, direi que as classes elevadas sofrem a influência do charlatanismo.

"Entre as nossas sociedades sábias, citarei o Instituto; citarei a sessão da Academia das ciências que encerra, seguramente, a elite dos sábios de nosso país; destes sábios, se encontram bem vinte deles que se dirigem aos charlatães."

Prova evidente da grande confiança que eles têm no saber de seus confrades, uma vez que

Ihes preferem os charlatães.

"São pessoas de grande mérito, é verdade; somente, de que são matemáticos, químicos ou naturalistas eminentes, disso concluem que são muito grandes médicos, e então se crêem perfeitamente capazes de julgar as coisas que ignoram completamente."

Se isso prova em favor de sua ciência, isso não prova quase nada em favor de sua modéstia e de seu julgamento. Lançaram-se muitas tiradas satíricas contra os sábios do Instituto; delas não conhecemos outra mais cáustica. É, pois, provável que o professor, juntando o exemplo ao preceito, não falará senão do que sabe.

"Entre nós, algumas vezes temos esta modéstia que, quando não somos senão médicos, se nos propõem grandes teoremas de matemática ou de mecânica, confessamos que não sabemos nada, declinamos da nossa competência; mas os verdadeiros sábios jamais declinam de sua competência em nada, sobretudo no que respeita à medicina."

Uma vez que os médicos declinam de sua competência sobre o que não sabem, isto nos é uma garantia de que o Sr. Trousseau não tratará, sobretudo numa lição pública, as questões que se ligam à psicologia, sem ser profundamente versado sobre essas matérias. Esses conhecimentos lhe fornecerão, sem dúvida, argumentos irresistíveis para apoiar seu julgamento.

"Os empíricos, coisa triste a dizer, têm sempre muito acesso junto a pessoas de espírito. Tive a extrema honra de ser amigo íntimo do ilustre Béranger.

"Em 1848, tinha ele uma pequena oftalmia para a qual o Sr. Bretonneau lhe aconselhou um colírio. Essa oftalmia sarou; mas, como Béranger lia e trabalhava muito, como era um pouco herpético, a oftalmia retornou; então dirigiu-se a um padre polonês que curava as enfermidades dos olhos com um remédio secreto. Nessa época, eu era presidente, na Faculdade, do júri encarregado dos exames dos oficiais de saúde. Como o padre polonês tinha contas a ajustar com a polícia, porque tinha estourado alguns olhos, quis se pôr em ordem. Com esse objetivo, foi procurar Béranger e lhe pediu se, com sua influência, poderia se fazer receber como oficial de saúde, a fim de estar em condições de tratar os olhos e tirar os olhos das pessoas à sua vontade."

Uma vez que Béranger havia sido curado pelo Sr. Bretonneau, por que se dirigia a outro? É muito natural ter mais confiança naquele que nos curou, que tem a experiência do nosso temperamento, do que num estranho.

O diploma, com efeito, é um salvo-conduto que não permite somente aos oficiais de saúde vazarem os olhos das pessoas, mas aos doutores de matá-las sem remorso e sem responsabilidade. Sem dúvida, é porque seus sábios confrades, assim como o confessou o Sr. Trousseau, são tão levados a se dirigirem aos empíricos e aos charlatães.

"Béranger veio me encontrar e me disse: "Meu amigo, prestai-me um grande serviço; tratai de fazer receber esse pobre diabo; ele não se ocupa senão dos doentes dos olhos, e embora os exames dos oficiais de saúde compreendam todos os ramos da arte de curar, tende indulgência, mansuetude; é um refugiado, e depois ele me curou: é a melhor das razões." Eu lhe respondi: "Enviarei-vosso homem." O padre polonês veio a mim. "Foste-me recomendado, disse-lhe, por um homem a quem sou singularmente obrigado; é o mais querido de meus amigos; além disso, é Béranger, o que vale ainda mais. Dois dos meus

colegas, de quem falei, e eu, somos três determinados a fazer o que for possível; somente os exames são públicos, talvez seja bom esconder um pouco as orelhas, é o menos." Eu acrescentei: "Vejam, serei conciliador; tomarei o exame de anatomia, e não vos será difícil saber a anatomia tão bem quanto eu: eu vos interrogarei sobre o olho."

Nosso homem pareceu desconcertado. Eu continuei: "Sabeis o que é olho? - Muito bem. - Sabeis que tem uma pálpebra? - Sim. - Tendes a idéia do que é uma córnea?... " Ele hesitou. A pupila ocular? - Ah! senhor, a pupila ocular, conheço bem isto. - Sabeis o que é o cristalino, o humor vítreo, a retina? - Não, senhor; de que isso me serviria? Não me ocupo senão dos doentes dos olhos?" Eu lhe disse: "Isto serve para alguma coisa, eu vos asseguro que será quase necessário vos convencer de que há um cristalino, sobretudo se quereis, como o fazeis algumas vezes, ao que parece, operar cataratas. - Não as opero mais. - Mas se a fantasia vos levar a extrair uma..." Não pude sair disso. Esse infeliz queria exercer a arte de oculista, sem ter a menor noção da anatomia do olho."

Com efeito, é difícil se mostrar menos exigente para dar a esse infeliz o direito de vazar os olhos das pessoas igualmente. Entretanto, parece que ele não fazia operação - é verdade que a fantasia teria podido nisso tomá-lo - e que era, muito simplesmente possuidor de um remédio para curar as oftalmias e cuja aplicação, muito empírica, não requeria conhecimentos especiais, porque não está aí o que se chama praticar a arte do oculista. Na nossa opinião, era mais importante assegurar-se se o remédio não tinha nada de ofensivo; ele havia curado Béranger, era uma presunção favorável, e no interesse da Humanidade poderia ser útil permitir-lhe o uso. Esse homem teria podido ter os conhecimentos anatômicos exigidos e obter seu diploma, o que não teria tornado o remédio bom se fora mau; e, no entanto, graças a esse diploma esse homem teria podido vendê-lo com toda segurança, por perigoso que fosse. Jesus Cristo curava os cegos, os surdos, os mudos e os paralíticos, provavelmente, não sabia mais do que ele de fato de anatomia; se o Sr. Trousseau, incontestavelmente, lhe teria recusado o direito de fazer milagres, quantas multas pagaria em nossos dias se não pudesse curar sem diploma!

Tudo isto não tem quase nada de relação com os Espíritos, mas são as premissas do argumento sob o qual vai esmagar seus partidários.

"Irei procurar Béranger e lhe contar a coisa. Béranger exclamará: "Mas este pobre homem!..."

É provável que dissesse a si mesmo: *E todavia me curou!* - Longe de nós fazer a apologia dos charlatães e dos vendedores de drogas; queremos somente dizer que pode haver remédios eficazes fora das fórmulas do Codex; que os selvagens, que têm seus segredos infalíveis contra a mordida das serpentes, não conhecem a teoria da circulação do sangue nem a diferença do sangue venoso nem do sangue arterial. Gostaríamos de saber se o Sr. Trousseau, mordido por uma cascavel ou um trigonocéfalo, recusaria seus recursos porque não têm diploma.

Num próximo artigo falaremos especialmente das diferentes categorias de médiuns curadores, que parecem se multiplicar há algum tempo.

"Eu lhe disse: "Meu caro Béranger, sou vosso médico há oito anos; vou pedir-vos honorários hoje. - E que honorários? - Ireis me fazer uma canção que me dedicareis, mas sou eu que dou o refrão. - Sim!... e esse refrão? - *Ah! como as pessoas de espírito são estúpidas!*" - Foi um negócio combinado doravante entre nós. Ele não me falará de seu padre polonês. Não é triste ver um homem como Béranger, a quem conto tais coisas, não

compreender que seu protegido poderia fazer muito mal, e era absolutamente incapaz de fazer o que fosse útil para as doenças mais simples dos olhos."

Parece que Béranger não estava convencido da infalibilidade dos doutores diplomados, e podia tomar a sua parte do refrão:

Ah! como as pessoas de espírito são estúpidas!

"Vede-o, Senhores, que as pessoas inteligentes são os primeiros a se deixar prender. Lembrai-vos do que se passou no fim do último século. - Um empírico alemão emprega a eletricidade, mal conhecida ainda nessa época. Submete à ação do fluido algumas mulheres vaporosas; produziram-se pequenos acidentes nervosos, que ele atribui a um fluido emanado dele; estabelece uma teoria esquisita que se chamou nessa época de *mesmerismo*. Veio a Paris; estabeleceu-se na praça Vendôme, no centro de Paris, e ali as pessoas mais ricas, as pessoas da mais alta aristocracia da capital vêm se alinhar em torno tina de *Mesmer*. Não saberia vos dizer quantas curas foram atribuídas a Mesmer, que foi, aliás, o inventor ou o importador, entre nós, dessa maravilha que se chama sonambulismo, quer dizer, de uma das *mais vergonhosas chagas do empirismo*.

"Que vos direi, com efeito, do sonambulismo? Das moças histéricas, o mais freqüentemente perdidas, apoiada em algum charlatão famélico, e ei-los simulando o êxtase, a catalepsia, ou o sono, e vendendo, com a segurança mais cômica, mais inepta que disso se poderia imaginar, inépcias bem pagas, inépcias bem aceitas, acreditadas com uma fé mais robusta do que os conselhos do nobre mais esclarecido."

De que serve ser inteligente, uma vez que aqueles que o são se deixam prender primeiro? O que é preciso para não se deixar prender? Ser sábio?- Não. - Ser membro do Instituto? - Não, uma vez que bom número deles têm a fraqueza de preferir os charlatães aos seus confrades; é o Sr. Trousseau que nos ensina. - Ser médico? - Não mais, porque bom número também dão no absurdo do magnetismo. - Que é preciso, pois, para ter o senso comum? - Ser o Sr. Trousseau.

O Sr. Trousseau, sem dúvida, é livre para dizer a sua opinião, de crer ou de não crer no sonambulismo; mas não é para ultrapassar os limites das conveniências ao tratar todos os sonâmbulos de *moças perdidas, apoiadas em charlatães*? Que há abuso, nisso como em todas as coisas, é inevitável, e a própria medicina oficial dele não está isenta; sem dúvida, há simulacro de sonambulismo, mas porque há falsos devotos, é para se dizer que não haja verdadeira devoção? O Sr. Trousseau ignora que, entre os sonâmbulos de profissão, ha mulheres casadas muito respeitáveis; que o número daqueles que não se põem em evidência é muito maior; que há famílias as mais honradas e as mais alto colocadas; que numerosos médicos, bem e devidamente diplomados, de um saber incontestável, se fazem hoje os combatentes confessos do magnetismo, que empregam com sucesso numa multidão de casos rebeldes à medicina comum. Não procuraremos fazer o Sr. Trousseau reverterem sua opinião provando-lhe a existência do magnetismo e do sonambulismo, porque é provável que seria trabalho perdido; isto sairia, aliás, de nosso quadro; mas diremos que se a zombaria e o sarcasmo são armas pouco dignas da ciência, e mais indigna ainda de arrastar na lama uma ciência hoje espalhada no mundo inteiro, reconhecida e praticada pelos homens mais honrados, e de lançar, àqueles que a professam, o insulto mais grosseiro que se possa encontrar no vocabulário da injúria. Não se pode senão lamentar de ouvir expressões de uma trivialidade e feitas para inspirar a mágoa, descer da cadeira docente.

Vós vos admirais de que inépcias, como vos agrada chamá-las, sejam cridas com uma fé muito mais robusta do que os conselhos do nobre mais esclarecido; a razão disso está na inumerável quantidade de erros cometidos pelos nobres mais esclarecidos, e dos quais não citaremos senão dois exemplos.

Uma senhora de nosso conhecimento tinha um filho de quatro a cinco anos, com um tumor no joelho, em consequência de uma queda. O mal tornou-se de tal modo grave que ela acreditou dever consultar uma celebridade médica, que declarou a amputação indispensável para a vida do filho. A mãe era sonâmbula; não podendo se decidir por essa operação, cujo sucesso era duvidoso, ela empreendeu dele cuidar ela mesma. Ao cabo de um mês a cura era completa. Um ano depois ela foi, com seu filho gordo e bem posto, ver o médico e lhe disse: "Eis a criança que, segundo vós, deveria morrer se não se lhe cortasse a perna. -Que quereis, disse ele, a Natureza tem recursos imprevistos!"

Um outro fato nos é pessoal. Há uma dezena de anos, tornei-me quase cego, ao ponto de não poder nem ler nem escrever, e de não reconhecer uma pessoa a quem dava a mão. Consultei as notabilidades da ciência, entre outros o doutor L..., professor de clínica para as doenças dos olhos; depois de um exame muito atento e muito consciencioso, declarou que eu estava afetado de amantose e que não havia senão que resignar-me. Fui ver uma sonâmbula que me disse que aquilo não era uma amantose, mas uma apoplexia sobre os olhos, que poderia degenerar em amantose se não se cuidasse dela convenientemente; ela declarou assegurar a cura. Em quinze dias, disse ela, sentireis uma ligeira melhora; em um mês começareis a ver, e em dois ou três meses não se manifestará mais. Tudo se passou como ela previra, e hoje minha visão está completamente restabelecida.

O Sr. Trousseau prossegue:

"Em nossos dias ainda, vistes um Americano que evoca os Espíritos, fez Sócrates falar, Voltaire, Rousseau, Jesus Cristo, quem se queira! Fê-los falar, em que lugares? Nas pocilgas de alguns bêbados?"

A escolha das expressões do professor é verdadeiramente notável.

"Não, fá-los falar nos palácios, no senado, nos salões mais aristocráticos de Paris. E há pessoas honestas que dizem: "Mas eu vi; recebi uma bofetada de uma mão invisível; a mesa subiu ao teto!" Vo-lo dizem e o repetem. E os Espíritos batedores ficaram durante sete ou oito meses em possessão de admirar os homens, de espantar as mulheres, de lhes dar ataques de nervos. Essa estupidez, que não tem nome, essa estupidez que o homem mais grosseiro teria vergonha de aceitar, foi aceita por pessoas esclarecidas, mas, mais ainda talvez pelas classes elevadas da sociedade de Paris."

O Sr. Trousseau teria podido acrescentar: e do mundo inteiro. Parece ignorar que essa estupidez sem nome que não durou sete ou oito meses, mas dura sempre e se propaga por toda a parte cada vez mais; que a evocação dos Espíritos não é o privilégio de um Americano, mas de milhares de pessoas de todos os sexos, de toda idade e de todos os países. Até o presente, em boa lógica, se havia considerado a adesão das massas e das pessoas esclarecidas sobretudo, como tendo um certo valor; parece que isso não é nada, e que a única opinião sensata é a do Sr. Trousseau e daqueles que pensam como ele. Quanto aos outros, qualquer que seja a sua classe, sua posição social, sua instrução, que morem num palácio ou exerçam funções nos primeiros corpos do Estado, estão abaixo do homem mais grosseiro, uma vez que *o homem mais grosseiro teria vergonha de aceitar suas idéias*. Quando uma opinião é tão difundida quanto a do Espiritismo, quando em lugar de decrescer

progride com uma rapidez que chega ao prodígio, quando ela é aceita pela elite da sociedade, se ela é falsa e perigosa, é preciso lhe opor um dique, é preciso combatê-la com provas contrárias; ora, parece que o Sr. Trousseau não tem outras a lhe opor do que este argumento:

Ah! como as pessoas de espírito são estúpidas!

Necrologia

Revista Espírita, agosto de 1862

A morte do bispo de Barcelona

Escreveram-nos da Espanha que o bispo de Barcelona, aquele que fez queimar trezentos volumes espíritas, pelas mãos do carrasco, a 9 de outubro de 1861 (1-(1) Ver, para os detalhes, a *Revista Espírita* dos meses de novembro e dezembro de 1861), morreu no dia 9 deste mês, e foi enterrado com a pompa habitual para os chefes da Igreja. Nove meses somente se escoaram desde então, e já aquele auto-de-fé produziu os resultados pressentidos por todo o mundo, quer dizer, apressou a propagação do Espiritismo naquele país. Com efeito, a repercussão que esse ato inqualificável teve neste século, chamou sobre a Doutrina a atenção de uma multidão de pessoas que jamais dela ouviram falar, e a imprensa, não importa qual opinião, não pôde ficar muda. A disposição deplorável, nessa circunstância, era sobretudo de atizar a curiosidade pelo atrativo do fruto proibido, e sobretudo pela própria importância que isso dava à coisa, cada um dizendo-se que não se procede desse modo por uma bagatela ou um sonho vazio; muito naturalmente o pensamento se transportou a alguns séculos atrás, dizendo-se que recentemente, nesse mesmo país, não se queimou somente os livros, mas as pessoas. Que poderiam, pois, conter os livros dignos das solenidades da fogueira? Foi o que se quis saber, e o resultado foi na Espanha o que é por toda a parte onde o Espiritismo foi atacado; sem os ataques zombeteiros ou sérios dos quais foi objeto, contaria dez vezes menos partidários do que os tem; quanto mais a crítica foi violenta e repetida, mais foi posto em relevo e fez crescer; os ataques calmos podem passar despercebidos, ao passo que os relâmpagos de raio despertam os mais entorpecidos; se quer ver o que se passa, e é tudo o que nós pedimos, seguros antecipadamente do resultado do exame. Este é um fato positivo, porque cada vez que, numa localidade, o anátema desceu sobre ele do alto da cátedra, estamos certos de ver o número de nossos assinantes crescer, de vê-los chegar, se não os havia antes. A Espanha não podia escapar a esta consequência, também não há um Espírita que não se rejubilou tomando o auto-de-fé de Barcelona, pouco depois seguindo o de Alicante, e mesmo mais de um adversário deplorou um ato em que a religião nada tinha a ganhar. Cada dia temos a prova irrecusável da marcha progressiva do Espiritismo nas classes mais esclarecidas daquele país, onde conta zelosos e fervorosos adeptos.

Um de nossos correspondentes da Espanha, nos anunciando a morte do bispo de Barcelona, convidou-nos a evocá-lo. Dispusemo-nos a fazê-lo, e havíamos, em consequência, preparado algumas perguntas, quando ele se manifestou espontaneamente por um de nossos médiuns, respondendo antecipadamente a todas as perguntas que queríamos dirigir-lhe, e antes que elas tivessem sido pronunciadas. Sua comunicação, de um caráter inteiramente inesperado, contém entre outras a passagem seguinte:

"..... Ajudado por vosso chefe espiritual, pude vir vos ensinar pelo meu exemplo e vos dizer: Não repilais nenhuma das idéias anunciadas, porque um dia, um dia que durará e pesará como um século, essas idéias anunciadas gritarão como a voz do anjo: Caim, que fizeste de teu irmão? Que fizeste de nosso poder, que devia consolar e elevar a Humanidade? O homem que, voluntariamente, vive cego e surdo de espírito, como outros o são de corpo, sofrerá, expiará e renascerá para recomeçar o trabalho intelectual que sua preguiça e seu orgulho

Ihe fizeram evitar; e essa terrível voz me disse: Queimas-te as idéias, e as idéias te queimaram.....

"Orai por mim; orai, porque ela é agradável a Deus, a prece que Ihe dirige o perseguido pelo perseguidor.

"Aquele que foi bispo e que não é mais que um penitente."

O contraste entre as palavras do Espírito e as do homem nada tem que deva surpreender; todos os dias se vê quem pensa de outro modo depois da morte que durante a vida, uma vez que a venda das ilusões caiu, e é uma incontestável prova de superioridade; os Espíritos inferiores e vulgares persistem nos erros e preconceitos da vida terrestre. Quando vivo, o bispo de Barcelona via o Espiritismo através de um prisma particular que Ihe desnaturava as cores, ou, dizendo melhor, não o conhecia. Agora ele o vê sob sua verdadeira luz, e sonda-Ihe as profundezas; tendo caído o véu, isso não é para ele uma simples opinião, uma teoria efêmera que se pode abafar sob a cinza: é um fato; é a revelação de uma lei da Natureza, lei irresistível como a força da gravidade, lei que deve, pela força das coisas, ser aceita por todos, como tudo o que é natural. Eis o que ele compreende agora, e o que Ihe fez dizer que: "as idéias que quis queimar o queimaram," dito de outro modo, carregaram os preconceitos que Ihe havia feito condenar.

Não podemos, pois, isso admitir, pelo tríplice motivo de que o verdadeiro Espírita não quer isso para ninguém, não conserva rancor, esquece as ofensas e, a exemplo do Cristo, perdoa aos seus inimigos; em segundo lugar porque, longe de nos prejudicar, nos serviu; enfim, que reclama de nós a prece *do perseguido pelo perseguidor*, como a mais agradável a Deus, pensamento todo de caridade, digno da humildade cristã que revelam estas últimas palavras: "Aquele que foi bispo e que não é mais que um penitente." Bela imagem das dignidades terrestres deixadas à beira do túmulo, para se apresentar a Deus tal qual é, sem a aceitação que dela impunha aos homens.

Espíritas, perdoai-Ihe o mal que quis nos fazer, como gostaríamos que nossas ofensas nos fossem perdoadas, e oremos por ele no aniversário do auto-de-fé a 9 de outubro de 1861.

Morte da senhora Home

Lê-se no *Nord*, de 15 de julho de 1862.

"O famoso Sr. Dunglas Home atravessou Paris estes dias. Bem poucas pessoas o entreviram. Vem de perder sua mulher, irmã da condessa Kouchelew-Bezborodko. Por mais cruel que ela seja, essa perda Ihe é menos sensível, disse ele, do que para qualquer outro, não que amasse menos, mas porque a morte não o separa daquela que levava seu nome neste mundo. Eles se vêem, conversam tão facilmente quanto quando moravam juntos no mesmo planeta.

"O Sr. Home é católico romano, e sua mulher, antes de dar o último suspiro, querendo se unir ao seu marido numa última comunhão espiritual, abjurou a religião grega nas mãos do bispo de Périgueux. Isso se passou no castelo de Laroche, na casa do conde Kouchelew."

O folhetim - porque é num folhetim, ao lado do Pré-Catelan, que se encontra esta nota- é assinado *Nemo*, um dos críticos que não pouparam a zombaria aos Espíritas e às suas

pretensões de conversar com os mortos. Não é, senhor, agradável crer que aqueles que amamos não estão perdidos para sempre, que os reveremos? Não é bem ridículo, bem tolo, bem supersticioso crer que estão ao nosso lado, que nos vêem e nos ouvem quando não os vemos, e que podem se comunicar conosco? O Sr. Home e sua mulher se *viam*, *conversavam* tão facilmente quanto se estivessem juntos, que absurdo! e dizer que em pleno século dezenove, num século de luzes, há pessoas bastante crédulas para dar fé a semelhantes bagatelas, dignas dos contos de Perrault! Pedi a razão ao Sr. Trousseau. O nada, falai-me disto! eis que é lógico! se é muito mais livre para se fazer o que se quer durante a vida; ao menos não temer o futuro. Sim; mas o infeliz, onde está a sua compensação? – *Nemo!* singular pseudônimo de circunstância!

Sociedade Espírita de Constantina

Revista Espírita, agosto de 1862

Nota. Falamos da sociedade que se formou em Constantina sob o título de *Sociedade Africana de Estudos Espíritos*, e sob os auspícios da Sociedade de Paris. Transcrevemos adiante a comunicação que ela obteve pela sua instalação:

"Embora os trabalhos que vossa Sociedade fez até este dia não estejam inteiramente sem censuras, não queremos, entretanto, deter-nos nessas considerações, por causa da boa vontade que vos anima; temos antes conta da intenção do que dos fatos.

"Compenetrai-vos, antes de tudo, com a grandeza da tarefa que empreendestes, e fazei o quanto possível para levá-la a bom fim; não é senão com esta condição que podereis esperar ser assistidos pelos Espíritos superiores.

"Entremos agora na matéria, e vejamos se não cometestes algumas faltas. Primeiro, cometestes um grande erro em vos servir de todos os vossos médiuns para as comunicações particulares. O que é a evocação geral, se não é um apelo aos bons Espíritos de se comunicarem convosco. Pois bem! que fazeis? em lugar de esperar, depois da evocação geral, e de deixar aos bons Espíritos o tempo de se comunicar portal ou tal médium, segundo as simpatias que possam existir, passais imediatamente a evocações particulares. Sabei, pois, que não está aí o bom meio de ter comunicações espontâneas como as recebidas em outras sociedades. Assim, esperai um momento e receberéis as comunicações gerais, que sempre vos ensinarão algumas boas verdades. Podereis em seguida passar às evocações particulares; mas então, para cada uma, não vos servis senão de um único médium; não sabeis, pois, que não há senão os Espíritos realmente superiores que estão no caso de se comunicarem por vários médiuns ao mesmo tempo? Não façais, pois, servir senão um único médium para cada evocação particular, e se tendes dúvidas sobre a verdade das respostas obtidas, fazei então num outro dia uma evocação nova, empregando um outro médium.

"Não estais ainda senão no início da ciência espírita e não podeis dela tirar todos os frutos que ela concede aos seus adeptos experimentados; mas não percais a coragem, porque vos serão levados em conta os vossos esforços para vos melhorardes e propagar a vontade imutável de Deus. Avante, pois, e que o ridículo que encontrareis mais de uma vez sobre vosso caminho não vos faça desviar de uma linha de vossas crenças espíritas.

"JACQUES."

Os Espíritas de Constantina, tendo-nos rogado pedir a Santo Agostinho se consentia aceitar o patrocínio espiritual de sua Sociedade, este deu, a esse respeito, a comunicação seguinte.

(Sociedade de Paris; 27 de junho de 1862. - Médium, Sr. E.Vézy.)

Dirigindo-se primeiro aos membros da Sociedade de Paris, ele disse:

"Fizeram bem, nossos filhos da nova França, de se unirem a vós; fizeram bem em não destacar o talo do tronco. Permanecei sempre unidos, e os bons Espíritos estarão convosco." E continuou se dirigindo aos de Constantina;

Amigos, estou muito feliz de ser escolhido para ser vosso guia espiritual. Ligai-vos à Terra para a grande missão para regenerá-la, estou alegre de poder encorajar mais especialmente um grupo de pensadores ocupando-se da grande idéia, e de presidir aos seus trabalhos. Colocai, pois, meu nome na cabeça de vossos nomes, e os Espíritos de minha ordem virão expulsar os maus Espíritos que rondam sempre as portas das assembléias onde se discutem as leis da moral e do progresso. Que a fraternidade e a concórdia residam sempre entre vós. Lembrai-vos de que todos os homens são irmãos, e que o grande objetivo do Espiritismo é o de reuni-los um dia, numa mesma família, e fazê-los sentar todos ao redor da mesa do Pai comum: Deus.

Quanto esta missão é bela! Também com que alegria viemos a vós para vos fazer entender os decretos divinos; para vos revelar as maravilhas de além-túmulo! mas vós que já iniciastes nessas sublimes verdades, espalhai ao vosso redor a semente, a vossa recompensa será bela; dela experimentareis as primícias sobre a Terra. Que alegria! caminhai sempre no caminho do ensinamento, do amor e da caridade!

Pronunciai o meu nome com confiança em vossas horas de temor e de dúvida; logo vossos corações serão aliviados da amargura e do fel que possam levar neles.

Não esqueçais que estou sobre todos os pontos da Terra onde ouvis falar do apostolado evangélico; eu guardarei todos em minha alma para vos depositar um dia numa alma maior e mais forte. Estarei sempre convosco como estou aqui; minha voz terá para vós a doçura que lhe conheceis, porque não gosto nem dos acentos gritados, nem dos sons agudos. Ouvir-me-eis repetindo sem cessar: Amai-vos, amai-vos! Poupai-me de me armar com a vara com a qual é preciso atingir o mau; todavia, às vezes, é preciso, mas não sejais jamais desse número! Virá um tempo em que a Humanidade caminhará dócil sob a voz do bom pastor; sois vós, filhos, que deveis nos ajudar nessa regeneração, que deveis ouvir soar a sua primeira hora; porque eis o rebanho que se reúne e o pastor que chega.

Nota. O Espírito faz alusão a uma revelação de muito altíssima importância feita, pela primeira vez, num grupo espírita de uma pequena cidade da África, sobre os confins do deserto, por um médium completamente iletrado. Essa revelação, que nos foi imediatamente transmitida, nos chegou quase simultaneamente de diversos pontos da França, e do estrangeiro. Desde então numerosos documentos muito característicos e mais circunstanciados, vieram a dar-lhe uma espécie de consagração. Dele daremos conta quando chegar o momento de fazê-lo.

Trabalhai, pois, e tende coragem. Em vossas assembléias, discuti sempre friamente, sem arrebatamento; solicitai nossa opinião, nossos conselhos, a fim de não cairdes no erro, na heresia. Sobretudo não formuleis nem artigos de fé, nem dogmas; lembrai-vos que a religião de Deus é a religião do coração; que ela não tem por base senão um princípio: a caridade; por desenvolvimento: o amor da Humanidade.

Não abatais jamais o ramo do tronco; a árvore tem bem mais verdura com todos os seus ramos, e o ramo morre quando é separado do caule que o fez nascer. Lembrai-vos que

Cristo compreendeu que seria preciso que sua Igreja fosse assentada sobre a mesma pedra para estar sólida, como ordenou ao Espiritismo de não ter senão uma única raiz, para que tenha mais força para penetrar sob todas as superfícies do solo, por áridas e ressecadas que seja.

Um Espírito encarnado foi escolhido para vos dirigir e vos conduzir; submetei-vos com respeito, não às suas leis, porque ele não ordena, mas aos seus desejos. Provareis aos vossos inimigos, por essa submissão, que tendes convosco o espírito de disciplina necessário para dar partida à nova cruzada contra o erro e a superstição, o espírito de amor e de obediência necessário para caminhar contra a barbárie. Envolvei-vos, pois, nesta bandeira da civilização moderna: o Espiritismo sob um único chefe, e derrubareis essas idéias formidáveis das cabeças extravagantes e suas grandes conseqüências, que é preciso aniquilar.

Esse chefe, não digo seu nome; vós o conheceis. Vede-o na frente; caminha sem temer as mordidas venenosas das serpentes e dos répteis da inveja e do ciúme que o cercam; ele permanecerá de pé, porque nós unguimos seu corpo para que seja sempre sólido e robusto. Segui-o, segui-o, pois; mas, em vossa caminhada, tempestades estourarão sobre as vossas cabeças, e alguns dentre vós não encontrarão ponto de refúgio para se colocar ao abrigo da tempestade! Que estes se resignem com coragem, como os mártires cristãos, e que pensem que a grande obra pela qual terão sofrido, é a vida, é o despertar das nações adormecidas, e que disso serão recompensados largamente, um dia, no reino do Pai.

SANTO AGOSTINHO.

Extraímos a passagem seguinte de uma carta que nos escreveu recentemente o presidente da Sociedade de Constantina:

"Preocupam-nos todos os habitantes europeus e mesmo indígenas; vários grupos se formaram fora de nós, e ocupa-se por toda parte do Espiritismo. A criação de nossa Sociedade terá tido, pelo menos por resultado, chamar a atenção sobre a ciência nova. Não deixamos, entretanto, de sentir alguns embaraços, mas estamos sustentados pelos Espíritos que nos exortam à paciência e nos dizem que essas são provas das quais a Sociedade sairá vitoriosa e mais forte, de alguma sorte. Tivemos também as oposições do exterior; o clero de uma parte, e as pessoas das mesquitas por outra, afirmam claramente que estamos colocados sob as inspirações de Satã, e que nossas comunicações vêm do inferno. Temos também contra nós os boêmios, aqueles que vivem de sensualismo, sem se ocuparem de sua alma; materialistas ou céticos que repelem tudo o que se relaciona a essa outra vida da qual não querem admitir a existência; fecham os olhos e os ouvidos, chamam-nos de charlatães e procuram nos asfixiar pela zombaria e pelo ridículo. Mas caminhamos sempre através de todos os espinhos; os médiuns não nos faltam, e todos os dias surgem novos e bem interessantes. Temos comunicações de diversas naturezas e de incidentes imprevistos, feitos para convencer as pessoas mais rebeldes, por exemplo, uma resposta em italiano por uma pessoa que não conhece essa língua; respostas às perguntas sobre a formação do globo por uma senhora médium que jamais estudou a geologia; um outro grupo recebeu comunicações poéticas cheias de encanto, etc."

Nota. - O diabo, como se vê, é também posto em causa pelos sacerdotes muçulmanos. É notável que os padres de todos os cultos lhe dêem tanto poder que não se sabe, verdadeiramente, a parte que deixam a Deus, nem como é preciso entender a sua onipotência; se ele é absoluto, o diabo não pode agir sem a sua vontade; se ele não é senão parcial, Deus não é Deus. Felizmente se tem mais fé em sua bondade 'infinita do que

em sua vingança infinita, e o diabo é bem discreto desde que o fazem representar a comédia em todos os teatros, desde a farsa até a ópera; também seu nome, hoje, não tem mais efeito sobre as populações do que as imagens horrendas que os Chineses colocam sob suas muralhas para servirem de espantinho aos bárbaros europeus. Os progressos incessantes do Espiritismo provam que esse meio é ineficaz; far-se-á bem em procurar um outro.

Carta do Sr. Jean Reynaud ao *Journal dês Débats*

Revista Espírita, agosto de 1862

A carta seguinte foi publicada no *Débats* de 6 de julho de 1862.

"Ao Sr. Diretor-geral.

"Neuilly, 2 de julho de 1862.

"Senhor,

"Permiti-me responder a duas acusações consideráveis feitas contra mim em vosso jornal de hoje, pelo Sr. Franck, que me considerou como fomentador do panteísmo e da metempsicose. Não somente repilo esses erros do fundo de minha alma, mas as pessoas que consentiram ler meu livro *Terre et Ciel* puderam ver que elas são abertamente contrárias a todos os sentimentos que ali são expressados.

Quanto ao panteísmo, limito-me a dizer que o princípio da personalidade de Deus é o ponto de partida de todas as minhas idéias e que, sem me inquietar do que pensam os Judeus, penso com os Cristãos que o dogma da trindade resume toda a teologia a esse respeito. Assim, à página 226 do livro em questão, anuncio que a criação procede inteiramente da trindade; melhor ainda, cito textualmente, sobre essa tese, Santo Agostinho, sob cuja autoridade declaro me alinhar, e acrescento: "Se, afastando-me da idade média no que respeita à antigüidade do mundo, corri o menor risco de escorregar no abismo daqueles que confundem Deus e o Universo num caráter comum de eternidade, me deteria; mas posso ter a menor inquietude a esse respeito?"

"Quanto à segunda acusação, sem me inquietar mais em saber se penso ou não penso como o Sr. Salvador, direi simplesmente que se se entende por metempsicose, segundo o sentido vulgar, a doutrina que quer que o homem esteja exposto a passar, depois de sua morte, no corpo dos animais, repilo essa doutrina, filha do panteísmo, do mesmo modo que o próprio panteísmo. Creio o nosso destino futuro essencialmente fundado sobre a permanência de nossa personalidade. O sentimento dessa permanência pode se eclipsar momentaneamente, mas jamais se perde, e a sua posse plena é o primeiro caráter da vida feliz à qual todos os homens, no curso mais ou menos prolongado de suas provas, são continuamente chamados. Da personalidade de Deus, com efeito, segue-se muito naturalmente a do homem. "Como Deus, está dito à página 258, do livro posto em causa, não teria criado à sua imagem o que lhe fora dado criar na plenitude de seu amor?" E, sobre este ponto, ainda me refiro a Santo Agostinho, de quem cito textualmente as belas palavras: "Portanto, desde que fomos criados à imagem de nosso criador, contemplemos em nós essa imagem, e, como o filho desviado do Evangelho, retornemos a ele depois de estarmos dele afastados pelos nossos pecados."

"Se o livro *Terre et Ciel* se afasta das opiniões reconhecidas pela Igreja, não é, pois, sobre essas teses substanciais, como tenderia a fazê-lo crer o Sr. Franck, mas somente, se assim

posso falar, sobre uma questão de tempo. Ele ensinou que a duração da criação é igual à sua extensão, de sorte que a imensidade reina igualmente nos dois sentidos; e ensinou também que a nossa vida atual, em lugar de representar a totalidade das provas pelas quais nos tornamos capazes de participar da plenitude da vida feliz, não é senão um dos fins de uma série, mais ou menos longa, de existências análogas. Eis, senhor, o que pôde dar a mudança ao Sr. Franck, cuja crítica me pareceu tanto mais terrível quanto a perfeita lealdade de seu caráter é conhecida por todo mundo.

"Queirais aceitar, etc.

"Jean Reynaud"

Vê-se que não fomos o único nem o primeiro a proclamar a doutrina da pluralidade das existências, dita de outro modo, da reencarnação. A obra *Terre et Ciel*, do Sr. Jean Reynaud, apareceu antes de *O Livro dos Espíritos*. Pode-se ver o mesmo princípio exposto em termos explícitos num encantador livrinho do Sr. Louis Jourdan, intitulado: *Lês Prières de Ludovic*, e cuja primeira edição foi publicada em 1849, pela Librairie-Nouvelle, bulevar dos Italianos. É que a idéia da reencarnação não é nova; ela é tão velha quanto o mundo, e é encontrada em muitos autores antigos e modernos. Àqueles que objetam que essa doutrina é contrária aos dogmas da Igreja, respondemos que: de duas coisas uma, ou a reencarnação existe, ou ela não existe; não há alternativa; se ela existe, é que é uma lei da Natureza; ora, se um dogma é contrário a uma lei da Natureza, trata-se de saber quem tem razão, o dogma ou a lei. Quando a Igreja anatematizou, excomungou como culpados de heresia aqueles que acreditavam no movimento da Terra, isso não impediu a Terra de girar, e todo o mundo de nisso crer hoje. Ocorrerá o mesmo com a encarnação. Isso não é uma questão de opinião, mas uma questão de fato; se o fato existe, tudo o que se poderá dizer ou fazer não impedirá de existir, e, cedo ou tarde, os mais recalcitrantes deverão aceitá-lo; Deus não consulta suas conveniências para regular a ordem das coisas, e o futuro não tardará a provar quem tem erro ou razão.

Os Pandus e os Kurus - Reencarnação na antigüidade

Revista Espírita, agosto de 1862

Um dos nossos assinantes nos escreveu de Nantes:

"Lendo um livro que trata de algumas obras sânscritas, encontrei, numa passagem de um poema chamado *Mahabárata*, uma exposição da crença desses tempos recuados, e grande foi meu espanto de ali encontrar a reencarnação, doutrina que, para os tempos, parecia ter sido bastante compreendida. Eis o fato que deu lugar ao deus *Krischna* de explicar ao chefe dos Pandus a teoria dos brâmanes.

'Tendo estourado a guerra civil entre os descendentes de Pandu, legítimos herdeiros do trono, e os descendentes de Kuru, que o usurparam, os Pandus vêm, à frente de um exército que o herói Arjuna comanda, atacar os usurpadores. A batalha durou muito tempo, e a vitória é ainda bastante incerta; um armistício dá aos dois exércitos presentes o tempo para retemperar suas forças; de repente as trombetas tocam e os dois exércitos se movimentam inteiramente e avançam para o combate; cavalos brancos levam o carro de Arjuna, junto do qual fica o deus *Krischna*. De repente o herói se detém no meio do espaço que separa os dois exércitos; percorre-os com o olhar: "Irmãos contra irmãos, diz para si; parentes contra parentes, prestes a se degolarem mutuamente sobre os cadáveres de seus irmãos!" Uma melancolia profunda, uma súbita dor o tomou.

"*Krischna!* exclamou, eis nossos parentes armados, de pé, prestes a se degolarem; vede, meus membros tremem, meu rosto empalidece, meu sangue gela; um frio de morte circula em minhas veias e os meus cabelos se eriçam de horror. Meu arco fiel cai em minha mão, incapaz de sustentá-lo; eu vacilo; não posso nem avançar nem recuar, e minha alma embriagada de dor parece querer abandonar-me. Deus de cabelos loiros, ah! disse-me, quando tiver assassinado todos os meus, será isso a felicidade? A vitória, o império, a vida, de que me servirão então quando aqueles por quem desejo obtê-los e conservá-los terão perecido no combate? Ó conquistador celeste, quando o triplo mundo seria o preço de sua morte, eu não gostaria de degolá-los por esse miserável globo; não, eu não o quero, embora se preparem para me matar sem piedade."

"-Aqueles dos quais choras a morte, responde-lhe o deus, não merecem que tu os chores; que se viva ou que se morra, o sábio não tem lágrimas para a vida e para a morte. O tempo em que eu não existia, em que tu não existias, em que esses guerreiros não existiam, jamais foi, e jamais se verá chegar a hora que soará nossa morte. A alma colocada num corpo atravessa a juventude, a idade madura, a decrepitude, e passando num novo corpo, nele recomeça seu curso. Indestrutível e eterno, um deus desenrola de suas mãos o universo em que estamos; e quem aniquilará a alma que ele criou? Quem, pois, destruirá a obra do Indestrutível? O corpo, envoltório frágil, se altera, se corrompe e perece; mas a alma, a alma eterna que não se pode conceber, aquela não perecerá. Ao combate, Arjuna! Impele os teus corcéis ao combate; a alma não mata; a alma não é morta; jamais desabrocha; jamais morre; ela não conhece o presente, o passado, o futuro; é antiga, eterna, sempre virgem, sempre jovem, imutável, inalterável. Tombar no combate, degolar seus inimigos, o que é senão depor uma veste ou tirar àquele que a levava? Vai,

pois! e não temas nada; lança sem escrúpulo uma roupagem usada; veja sem terror teus inimigos e teus irmãos deixarem seus corpos perecíveis, e sua alma revestir uma forma nova. A alma, é a coisa que o gládio não penetra, que o fogo não pode consumir, que as águas não deterioram, que o vento do sul não seca. Cesse, pois, de gemer."

Nota. - A idéia da reencarnação, com efeito, está bem definida nesta passagem, como, de resto, todas as crenças espíritas o estavam na antigüidade; não lhe faltava senão um princípio: o da caridade. Estava reservado ao Cristo proclamar esta lei suprema, fonte de todas as felicidades terrestres e celestes.

O planeta Vênus

Revista Espírita, agosto de 1862

(Ditado espontâneo. - Médiun, Sr. Costel.)

O planeta Vênus é o ponto intermediário entre Mercúrio e Júpiter; seus habitantes têm a mesma conformação física que a vossa; o mais ou menos de beleza e de idealidade nas formas é a única diferença delineada entre os seres criados. A sutileza do ar, em Vênus, comparável à das altas montanhas, torna-o impróprio aos vossos pulmões; as doenças ali são ignoradas. Seus habitantes não se nutrem senão de frutas e de laticínios; ignoram o bárbaro costume de se nutrirem de cadáveres de animais, ferocidade que não existe senão nos planetas inferiores; em consequência, as grosseiras necessidades do corpo são destruídas, e o amor se enfeita de todas as paixões e de todas as perfeições apenas sonhadas sobre a Terra.

Como na madrugada onde as formas se revestem indecisas e alagadas nos vapores da manhã, a perfeição da alma, perto de ser completa, tem as ignorâncias e os desejos da infância feliz. A própria natureza reveste a graça da felicidade velada; suas formas flácidas e arredondadas não têm as violências e as asperezas dos panoramas terrestres; o mar, profundo e calmo, ignora a tempestade; as árvores não se curvam jamais sob o esforço da tempestade e o inverno não as despoja de sua verdura; nada é estridente; tudo ri, tudo é doce. Os costumes, cheios de quietude e de ternura, não têm necessidade de nenhuma repressão para ficarem puros e fortes.

A forma política reveste a expressão da família; cada tribo, ou aglomeração de indivíduos, tem seu chefe pela classe de idade. Ali a velhice é o apogeu da dignidade humana, porque ela aproxima do objetivo desejado; isenta de enfermidades e de fealdade, ela é calma e irradiante como uma bela tarde de outono.

A indústria terrestre, aplicada à pesquisa inquieta do bem-estar material, é simplificada e quase desaparece nas regiões superiores, onde não tem nenhuma razão de ser; as artes sublimes a substituem e adquirem um desenvolvimento e uma perfeição que os vossos sentidos espessos não podem imaginar.

As vestes são uniformes; grandes túnicas brancas envolvem com suas pregas harmoniosas o corpo, que não desnaturam. Tudo é fácil para esses seres que não desejam senão Deus e que, despojados dos interesses grosseiros, vivem simples e quase luminosos.

GEORGES.

(Perguntas sobre o ditado precedente; Sociedade de Paris; 27 de junho de 1862. Médiun, Sr. Costel.)

1. Destes ao vosso médiun predileto uma descrição do planeta Vênus, e estamos encantados de vê-la concordar com o que já nos foi dito, todavia, com menos de precisão. Pedimos consentir em completá-la, respondendo a algumas perguntas.

Quereis nos dizer, primeiro, como tendes conhecimento desse mundo? - R. Eu sou errante, mas inspirado por Espíritos superiores. Fui enviado em missão a Vênus.

2. Os habitantes da Terra podem ali estar encarnados diretamente saindo daqui? - R. Deixando a Terra, os seres mais avançados sofrem a erraticidade durante um tempo mais ou menos prolongado, que despoja inteiramente dos laços carnis, rompidos imperfeitamente pela morte.

Nota. - A questão não era saber se os habitantes da Terra podem ali estar encarnados *imediatamente* depois da morte, mais diretamente, quer dizer, sem passar por mundos intermediários. Ele respondeu que isso é possível para os mais avançados.

3. O estado de adiantamento dos habitantes de Vênus lhes permite lembrarem de sua estada nos mundos inferiores, e de estabelecerem uma comparação entre as duas situações? - R. Os homens olham para trás pelos olhos do pensamento, que reconstrói num único impulso ao passado desvanecido. Assim o Espírito avançado vê com a mesma rapidez que se move, rapidez mais fulminante que a da eletricidade, bela descoberta que se liga estreitamente à revelação do Espiritismo; ambos levam neles o progresso material e intelectual.

Nota. - Para estabelecer uma comparação, não é necessário saber que posição se ocupou pessoalmente; basta conhecer o estado material e moral dos mundos inferiores, pelos quais se teve que passar para apreciar-lhes a diferença. Segundo o que nos foi dito do planeta Marte, devemos nos felicitar por ali não estar mais; e, sem sair da Terra, basta considerar os povos bárbaros e ferozes e sabermos que tivemos que passar por esse estado, para nos sentir mais felizes. Não temos sobre os outros mundos senão notícias hipotéticas; mas pode que, naqueles que estão mais avançados do que nós, esse Conhecimento tenha um grau de certeza que não nos é dado.

4. A duração da vida ali é proporcionalmente mais longa ou mais curta do que sobre a Terra? - R. A encarnação, em Vênus, é infinitamente mais longa do que não o é a prova terrestre; despojada das violências humanas, detida e impregnada pela vivificante influência que a penetra, ensaia as asas que a levarão nos planetas gloriosos de Júpiter, ou outros semelhantes.

Nota. - Assim como já fizemos observar, a duração da vida corpórea parece ser proporcional ao adiantamento dos mundos. Deus, em sua bondade, quis abreviar a prova nos mundos inferiores. Por essa razão se junta uma causa física, é que, quanto mais os mundos são avançados, menos os corpos são usados para a devastação das paixões e das doenças que lhes são as conseqüências.

O caráter sob o qual pintais os habitantes de Vênus deve nos fazer supor que não há entre eles nem guerras, nem querelas, nem ódios, nem ciúmes? - R. Os homens não se tornam senão o que as palavras podem exprimir, e seu pensamento limitado está privado do infinito; assim atribuis sempre, mesmo aos planetas superiores, as vossas paixões e os vossos motivos inferiores, vírus depositado em vossos seres pela grosseria do ponto de partida, e do qual não vos curais senão lentamente. As divisões, as querelas, as guerras, são desconhecidas em Vênus, tão desconhecidas quanto é entre vós a antropofagia.

Nota. - A Terra, com efeito, nos apresenta, pela inumerável variedade dos graus sociais, uma infinidade de tipos que pode nos dar uma idéia dos mundos onde cada um desses tipos

é o estado normal.

6. Qual é o estado da religião nesse planeta? - R. A religião é a adoração constante e ativa do Ser supremo; adoração despojada de todo erro, quer dizer, de todo culto idolatra.

7. Todos os habitantes estão no mesmo grau, ou bem os há, como sobre a Terra, os mais ou menos avançados? Neste caso, a que habitantes da Terra correspondem os menos avançados? - R. A mesma desigualdade proporcional existe entre os habitantes de Vênus quanto entre os seres terrestres. Os menos avançados são as estrelas do mundo terrestre, quer dizer, os gênios e os homens virtuosos.

8. Há senhores e servidores? - R. A servidão é o primeiro grau da iniciação. Os escravos da antigüidade, como os da América moderna, são seres destinados a progredir num meio superior àquele que habitaram em sua última encarnação. Por toda a parte os seres inferiores estão subordinados aos seres superiores; mas em Vênus essa subordinação moral não pode ser comparada à subordinação corpórea, tal qual existe sobre a Terra. Os superiores não são os senhores, mas os pais dos inferiores; em lugar de explorá-los, ajudam o seu adiantamento.

9. Vênus chegou gradualmente ao estado em que está? Passou anteriormente pelo estado em que está a Terra e mesmo Marte? - R. Reina uma admirável unidade no conjunto da obra divina. Os planetas, como os indivíduos, como tudo o que é criado, animais e plantas, progredem inevitavelmente. A vida, em suas expressões variadas, é uma ascensão perpétua para o Criador; ela desenrola, numa imensa espiral, os graus de sua eternidade.

10. Tivemos comunicações concordantes sobre Júpiter, Marte e Vênus; porque não tivemos sobre a lua senão coisas contraditórias e que não puderam fixar a opinião? - R. Essa lacuna será preenchida, e logo tereis sobre a lua revelações tão nítidas, tão precisas quanto às que obtivestes sobre outros planetas. Se elas não vos foram ainda dadas, disso compreendereis mais tarde a razão.

Nota. Essa descrição de Vênus, sem dúvida, não tem nenhum dos caracteres de uma autenticidade absoluta, e também não a damos senão a título condicional. No entanto, o que já foi dito desse mundo, lhe dá, pelo menos, um grau de probabilidade, e, seja como for, o que não é menos o quadro de um mundo que deve, necessariamente, existir para todo homem que não tenha a orgulhosa pretensão de crer que a Terra é o apogeu da perfeição humana; é um anel na escala dos mundos, é um grau necessário àqueles que não sentem a força de ir sem dificuldade a Júpiter.

Carta ao *Jornal de Saint-Jean d'Angély*

Revista Espírita, agosto de 1862

Encontramos a carta seguinte no *Journal de Saint-Jean-d'Angely*, de 15 de junho de 1862:

"Ao Sr. Pierre de L..., redator acidental do jornal LÊMELLOIS.

"Numa carta endereçada ao *Mellois*, a 8 de junho último, fazeis um desafio ao que chamais a pequena Igreja de *Saint-Jean-d'Angely*. Ofendido por ser repellido pelo Sr. Borreau, com o fim de não receber, vós vos voltastes para seu colega em Espiritismo para interrogá-lo. Sem ser o médium notável que designais sob uma transparente inicial, permitir-me-ia submeter-vos algumas observações.

"Qual pôde ser vosso objetivo pondo, primeiro ao Sr. Borreau, em seguida aos Espíritas de *Saint-Jean-d'Angely*, o desafio de evocar a alma de Jacques Bujault? Era um gracejo para pôr fim à guerra civil e intestina que parecia dever ensangüentar os férteis campos do Poitou? Se assim for, compreendeis, penso, que a dignidade das pessoas sérias e conscienciosas, que crêem firmemente nas teorias estabelecidas sobre os fenômenos dos quais reconhecem a certeza, lhes impõe não se associar às brincadeiras. Certamente lhes é permitido, e aos céticos também, rirem dessas teorias; ri-se de tudo na França, vós o sabeis, senhor. No entanto, por bom que fosse o vosso gracejo, ele não é novo, e, entre outros, certo cronista do jornal ao qual dirijo a presente, não deixou de servir-se deles em seu início.

"Se colocastes esta questão seriamente, não me permitistes vos dizer, para tomar um meio bom, a fim de chegar ao vosso objetivo. Não seriam as zombarias contidas em vosso primeiro artigo que poderiam persuadir o Sr. Borreau de vossa sinceridade. Era-lhe perfeitamente permitido duvidar e não vos dar a oportunidade de uma pendência ao esboço espiritual da evocação do prior que sabeis. Igualmente não são as vossas notas satíricas sobre a completa inutilidade do Espiritismo, e sobre as dissidências que dividem os seus adeptos, que podem convencer o Sr. C...da completa boa fé com a qual reclamais suas luzes. Se, pois, é verdadeiramente vossa intenção resolver esse problema, eis o meio mais curto e, ao mesmo tempo, penso, o mais conveniente. Vinde ao cenáculo, e ali, despojando-se de toda idéia preconcebida, fazendo tabula rasa da prevenção anterior, examinai friamente os fenômenos que se operarão diante de vós, e submetei-o ao critério da certeza. Que, se uma vez, duas vezes, temais ser alvo das alucinações, reiterai vossa experiências. O Espiritismo vos dirá, como o Cristo a Tomé:

Vide pedes, vide manus,

Noli esse incrédulas.

"Se essas experiências levam sempre ao mesmo resultado, segundo todas as regras da lógica, deveis ter confiança no testemunho de vossos sentidos, a menos que, o que estou longe de supor, com isso estejais reduzido ao pirronismo.

"Se, ao contrário, como o supus mais acima, vossos artigos não são senão um jogo para alegrar o combate pointevino suscitado pelo voto desastroso da Societé d'Agriculture de Niort, continuai vossas agradáveis zombarias, brilhantes assaltos que admiramos, nós, espectadores desinteressados. Somente permitais aos Espíritas de guardarem sua fé. A zombaria, com efeito, não tem sempre razão; o aforismo: *o ridículo mata* não é de uma justeza chocante, e poder-se-ia dizer a essa arma tão cruel, entre nós sobretudo, o que se disse a um personagem da comédia:

"Todos aqueles que matais passam bem."

"Riu-se de todas as grandes coisas, foram tratadas de loucura, o que não impediu que se realizassem. Riu-se da existência de um outro mundo, e a América foi descoberta; riu-se do vapor, e estamos no século das estradas de ferro; riu-se dos piróscafos de Fulton, seu inventor, e agora eles cobrem nossos mares e nossos rios; riu-se, inclinai-vos, senhor, riu-se do Cristo, e sua sublime loucura, a loucura da cruz conquistou e subjugou o universo. Portanto, se neste momento o Espiritismo se expõe aos epigramas dos filhos de Voltaire, ele toma seu partido e continua sua rota; o futuro o julgará. Se este sistema está baseado sobre a verdade, nem zombarias, nem paixões prevalecerão contra ele; se não for senão um erro, erro bem generoso, confessai-o, em nosso século de materialismo, irá juntar-se ao nada de mil e uma aberrações do espírito que, sob nomes diversos e esquisitos, desencaminharam a Humanidade.

"Recebei, senhor, a expressão de meus cumprimentos atenciosos.

"UM ADEPTO"

Nota, - Não é a primeira vez que adeptos levantam a luva lançada ao Espiritismo pelos zombadores, e mais de um, entre estes últimos, puderam se convencer de que tinham pela frente adversários mais fortes e mais numerosos do que acreditavam, também muitos compreendem agora que é mais prudente, a eles, se calarem. E depois, é preciso dizê-lo, as idéias espíritas penetraram até no próprio campo do adversário, onde se começa a sentir transbordar, e então espera-me. Hoje não se professa mais o Espiritismo em segredo; diz-se abertamente Espírita, como se diria Francês ou Inglês, católico, judeu ou protestante, partidário de tal ou tal filosofia; todo medo pueril foi banido. Que todos os Espíritas, pois, tenham a coragem de sua opinião, é o meio de fechar a boca aos detratores, e de lhes dar a refletir.

O Espiritismo cresce incessantemente como a onda que sobe e que circunscreve a ilha, muito extensa primeiro, e alguns dias mais tarde reduzida a um ponto. Que farão os negadores que se virem sobre essa ilha que encerra, cada dia mais e mais, o oceano das idéias novas? Vemos subir a onda que nos leva; eis porque não nos inquietamos; mas um dia, aqueles que estarão sobre a onda, temerosos de seu isolamento, nos estenderão os braços, e nos chamarão em seu socorro.

Castigo de um avaro

Revista Espírita, agosto de 1862

François Riquier, homem muito vulgar, era um velho avaro e velho solteirão, morto em C..., há quatro ou cinco anos, deixando uma fortuna bastante considerável aos seus colaterais. Fora o senhorio de uma de nossas amigas, senhora F... Esta senhora o havia esquecido totalmente, quando recentemente sua filha, que é sujeita a crises de catalepsia seguidas de um sono magnético espontâneo, viu, nesse sonho, o senhor Riquier que, disse ela, queria se dirigir à sua mãe. Depois de alguns dias, a filha da senhora F..., que além disso é boa médium escrevente, tendo tomado o lápis, obteve a comunicação seguinte, após a qual Riquier colocou seu nome e seu endereço com o número. A senhora F..., que não conhecia esse número, apressou-se em ir verificá-lo e ficou muito surpresa ao ver que a indicação era perfeitamente exata. Eis esta comunicação, que é um novo exemplo das penas reservadas aos Espíritos culpados. Como tinha se manifestado espontaneamente e testemunhado o desejo de falar à senhora F..., dirigiu-lhe esta pergunta: "Que quereis de nós? - R. Meu dinheiro que mo tomaram, os miseráveis, para partilhá-lo. Venderam minhas fazendas, minhas casas, tudo, para o partilharem. Dilapidaram meu bem, como se não fosse meu. Fazer-me fazer justiça, porque, eu, não me escutam, e não quero ver tais infâmias. Dizem que eu era usurário, e guardam meu dinheiro! Por que não mo querem devolver, uma vez que acham que é mal adquirido?"

"P. Mas estais morto, meu bom homem; não tendes mais necessidade de dinheiro. Pedi a Deus ter uma nova existência pobre para expiar a avareza desta. - R. Não, eu não poderia viver pobre. É preciso meu dinheiro para me fazer viver. Aliás, não tenho necessidade de uma outra vida, uma vez que vivo a presente.

"P. (A pergunta seguinte foi feita com o objetivo de levá-lo à sua realidade.) - Sofreis? - R. Oh! sim, sofro torturas piores do que a doença mais cruel, porque é minha alma que suporta essas torturas. Tenho sempre presente em meu pensamento a iniquidade de minha vida, que foi um motivo de escândalo para muitos. Sei bem que sou um miserável indigno de piedade; mas sofro tanto que é preciso me ajudar a sair deste miserável estado.

"P. Oraremos por vós. - R. Obrigado! Orai para que eu esqueça minhas riquezas terrestres, sem isso não poderia jamais me arrepender. Adeus e obrigado.

"FRANÇOIS RIQUIER,

"Rua da Caridade, nº44."

Nota. Este exemplo e muitos outros análogos provam que o Espírito pode conservar, durante vários anos, a idéia de que pertence ainda ao mundo corpóreo. Essa ilusão não é, pois, exclusivamente a própria dos casos de morte violenta; parece ser a consequência da materialidade da vida terrestre, e a persistência do sentimento dessa materialidade, que não pode ser satisfeita, é um suplício para o Espírito. Além disso, aí encontramos a prova de que o Espírito é um ser semelhante ao ser corpóreo, embora fluídico, porque, para crer que ainda está neste mundo, que continua ou crê continuar, poder-se-ia dizer, a ocupar-se de seus negócios, é preciso que ele se veja uma forma, um corpo, em uma palavra, como de sua vida. Se não restasse dele senão um sopro, um vapor, uma centelha, não poderia se

equivocar sobre a sua situação. É assim que o estudo dos Espíritos, mesmo vulgares, vem nos esclarecer sobre o estado real do mundo invisível, e confirmar as mais importantes verdades.

Valor da prece

Revista Espírita, agosto de 1862

A mesma pessoa da qual o fato precedente foi questão, teve, um dia, a comunicação espontânea seguinte, da qual não compreendeu imediatamente a origem:

'Vós não me esquecestes, e jamais vosso Espírito teve um sentimento de perdão para mim. E verdade que vos fiz muito mal; mas disso sou punida há muito tempo. Não parei de sofrer. Vejo-vos seguir os deveres que cumpris com tanta coragem, para prover às necessidades de vossa família, a inveja não parou de me devorar o coração. Vossa... (Aqui, paramos para perguntar o que isso poderia ser. O Espírito acrescenta: "Não me interrompas; me nomearei quando tiver acabado.")... resignação, que segui, foi um dos meus maiores males. Tende um pouco de piedade de mim, se sois realmente discípulo do Cristo. Eu estava muito sozinha sobre a Terra, embora no meio dos meus, e a inveja foi meu maior vício. Foi pela inveja que dominei vosso marido. Parecíeis retomar o império sobre ele quando vos conheci, e me coloquei entre vós. Perdoai-me e tende coragem: Deus terá piedade de vós a seu turno. Minha irmã, que oprimi durante minha vida, é a única que tem orado por mim; mas são as vossas preces que me faltam. As outras não têm para mim o selo do perdão. Adeus, perdoai-me.

ANGÈLE ROUGET."

Aquela senhora acrescenta: "Lembrei-me então perfeitamente da pessoa morta, há vinte e cinco anos, e na qual não havia pensado desde muitos anos. Pergunto-me como ocorre que as preces de sua irmã, virtuosa e doce criatura, devotada, piedosa e resignada, não sejam mais frutíferas do que as minhas. Entretanto, pensai que, depois disto, orei e perdoei."

Resposta. - O Espírito deu-lhe a explicação quando disse: "As preces dos outros não têm para mim o selo do perdão." Com efeito, sendo essa senhora a principal ofendida, e sendo a que mais sofreu com a conduta daquela mulher, em sua prece havia perdão, o que deveria mais tocar o Espírito culpado. Sua irmã, orando, não fazia, por assim dizer, senão cumprir um dever; do outro lado, havia ato de caridade. A ofendida tinha mais direito e mérito para pedir graça; seu perdão deveria, pois, tranquilizar muito mais o Espírito. Ora, sabe-se que o principal efeito da prece é agir sobre o moral do Espírito, seja para acalmá-lo, seja para conduzi-lo ao bem; conduzindo-o ao bem apressa a clemência do Juiz supremo, que sempre perdoa ao pecador arrependido.

A justiça humana, toda imperfeita que ela é em comparação com a justiça divina, nos oferece freqüentes exemplos semelhantes. Que um homem seja levado ante os tribunais por uma ofensa contra alguém, ninguém não agradecerá mais em seu favor, e não obterá mais facilmente a sua graça do que o próprio ofendido vindo generosamente retirar a sua queixa.

Esta comunicação, tendo sido lida na Sociedade de Paris, deu lugar à seguinte pergunta, proposta por um de seus membros:

"Os Espíritos reclamam sem cessar as preces dos mortais; é que os bons Espíritos não oram

também pelos Espíritos sofredores, e nesse caso porque as dos homens são mais eficazes?"

A resposta seguinte foi dada na mesma sessão, por Santo Agostinho; médium, Sr. E. Vézy:

Orai sempre, filhos; já vos disse: a prece é um orvalho benfazejo que deve tornar menos árida a terra seca. Venho vo-lo repetir ainda, e acrescento-lhe algumas palavras em resposta à pergunta que dirigis. Por que, pois, dizeis, os Espíritos sofredores vos pedem preces de preferência a nós? As preces dos mortais são mais eficazes do que as dos bons Espíritos? - Quem vos disse que nossas preces não tinham a virtude de espalhar a consolação e dar força aos Espíritos fracos que não podem ir a Deus senão com dificuldade e, freqüentemente, com desencorajamento? Se imploram vossas preces, é que têm o mérito das emanações terrestres subindo voluntariamente a Deus, e que, aqueles, gostam sempre delas, vindo de vossa caridade e de vosso amor.

Para vós, orar, é abnegação; para nós, é dever. O encarnado que ora por seu próximo cumpre a nobre tarefa dos puros Espíritos; sem ter sua coragem e força, realiza suas maravilhas. É o próprio de nossa vida, cabe a nós, consolar o Espírito em dificuldade e sofrimento; mas uma de vossas preces, de vós, é o colar que tirais de vosso pescoço para dar ao indigente; é o pão que retirais de vossa mesa para dá-lo a quem tem fome, e eis porque vossas preces são agradáveis àqueles que as ouvem. Um pai não aquiesce sempre à prece do filho pródigo? Não chama todos os seus servidores para matar o vitelo gordo ao redor do filho culpado? Quanto não faria mais ainda por aquele mesmo que viesse aos seus joelhos dizer-lhe: "Ó meu pai, sou muito culpado; não vos peço graça, mas perdoai ao meu irmão arrependido, mais fraco e menos culpado do que eu!" Oh! é então que o pai se enternece; é então que ele arranca de seu peito tudo o que pode conter de dons e de amor. Ele diz: "Tu eras cheio de iniquidades, te disseste criminoso; mas, compreendendo a enormidade de tuas faltas, não me pediste graça para ti; aceitas o sofrimento de meu castigo, e malgrado tuas torturas, tua voz tem bastante força para pedir por teu irmão!" Pois bem! o pai não quer menos caridade do que o filho: ele perdoa a ambos; a um e ao outro estenderá as mãos para que possam caminhar direito no caminho que conduz à sua glória.

Eis, meus filhos, porque os Espíritos sofredores que vagam ao vosso redor imploram as vossas preces; nós *devemos* orar, nós; vós *podeis* orar. Prece do coração, tu és a alma das almas, se posso me exprimir assim; quintessência sublime que sobe sempre casta, bela e radiosa na alma mais vasta de Deus!

SANTO AGOSTINHO.

Ensinaamentos e Dissertações espíritas

Revista Espírita, agosto de 1862

A conquista do futuro

(Grupo de Sainte-Gemme (Tarn). - Médiun, Sr. C...)

A idéia espírita vai crescendo; logo ela cobrirá o solo francês de norte a sul, do levante ao poente. Balisas estão plantadas de distância em distância; sois vós essas balisas; é a vós que virá a honra de ter, pelos nossos conselhos, traçado aos vossos irmãos o caminho a seguir. Reuni-vos, pois, não só num pensamento comum, mas também numa ação comum. O tempo de observação e de experiências passou: está-se na aplicação. Atuai e atuai sem medo; jamais olhai para trás de vós; tende sempre, ao contrário, os olhos fixados para a frente; contemplai os objetivos e os obstáculos que dele vos separa; se vos distrairdes a contar os passos, em lugar de avançar rapidamente, faltareis com a missão que vos foi dada. Tomai, pois, o vosso bastão de viagem; cingi vossos rins, e caminhai! Mas não partais sozinhos; que todo o exército espírita, essa vanguarda da doutrina evangélica, se ponha em marcha ao mesmo tempo. Uni-vos, consultai-vos, e voai para a conquista do futuro.

HIPPOLYTE FORTOUL

O Pentecoste

(Grupo de Sainte-Gemme (Tarn). - Méd., Sr. C...)

O espírito de Deus sopra sobre o mundo para nele regenerar seus filhos; se, como no tempo dos apóstolos, não se mostra sob a forma de línguas de fogo, ele não está menos realmente presente entre vós. Orai, pois, com fervor ao Todo-Poderoso, a fim de que se digne vos fazer aproveitar de todas as vantagens morais, de todos os dons imperecíveis que quis, então, muito derramar sobre a cabeça dos apóstolos e do Cristo. Pedi e recebereis, e nada daquilo que pedirdes de bom e de útil para o vosso adiantamento espiritual vos será recusado. Pedi, pois, ainda uma vez, com fervor; mas que seja o vosso coração e não os vossos lábios que falem; ou se vossos lábios se agitam, que não digam nada que vosso coração não tenha pensado antes. A felicidade que sentireis, quando estiverdes animados do Espírito de Deus é tão grande, que não saberíeis dela fazer uma idéia. Depende de vós obtê-la, e, a partir deste momento, considerai os dias que vos restam para viver como um trecho do caminho que vos faltaria a percorrer para chegar ao vosso destino, e onde deveréis encontrar, no fim do dia, a vossa ceia e uma pousada para a noite.

Mas que a pouca importância que deveis relativamente ligar às coisas terrestres não vos impeça de considerar vossos deveres materiais como muito sérios; cometeríeis uma falta muito grave aos olhos de Deus, se não vos entregásseis conscienciosamente aos vossos trabalhos cotidianos. Não se deve desprezar nada daquilo que saiu da mão do Criador;

deveis gozar, numa certa medida, dos bens materiais dos quais vos deu o dom; vosso dever é de não guardá-los exclusivamente para vós, mas deles dar uma parte àqueles de vossos irmãos a quem esses dons foram recusados. Uma consciência pura, uma caridade e uma humildade sem limites, eis a melhor das preces para chamar a si o Espírito Santo. É o verdadeiro *Veni Creator*, não que aquilo que se canta nas igrejas não seja uma prece que será atendida todas as vezes que for feita de bom coração, mas, como isto vos foi dito várias vezes, o fundo é que é tudo, a forma é pouca coisa.

Pedi, pois, por vossos atos, que o Espírito Santo vem vos visitar e derramar sobre a vossa alma essa força que dá a fé para superar as misérias da existência terrestre, e para estender a mão àqueles de vossos irmãos que a fraqueza de Espírito impede de ver a luz, sem a qual não podeis senão caminhar às cegas, com risco de vos contundirdes contra todos os obstáculos semeados sobre o vosso caminho. A felicidade verdadeira, aquela atrás da qual cada um de vós suspira, se encontra ali; cada um de vós atem sob a mão; não há senão que querer para agarrá-la. Tomai hoje boas e firmes resoluções e o Espírito de Deus, disto estejais seguros, não vos faltará. Amaí vosso próximo como a vós mesmos pelo amor de Deus, e tereis dignamente solenizado o dia em que o Espírito-Santo vem visitar os apóstolos do Cristianismo.

HIPPOLYTE FORTOUL

O Perdão

(Sociedade Espírita de Paris. - Médiun, Sr. A. Didier.)

Como se pode, pois, encontrar em si a força de perdoar? A sublimidade do perdão é a morte do Cristo sobre o Gólgota! Ora, eu já vos disse que o Cristo havia resumido em sua vida todas as angústias e todas as lutas humanas. Todos aqueles que mereceram o nome de cristãos antes de Jesus Cristo morreram com o perdão sobre os lábios: os defensores das liberdades oprimidas, os mártires das verdades e das grandes causas compreenderam de tal modo a importância e a sublimidade de sua vida, que não faliram no último momento, e perdoaram. Se o perdão de Augusto não é completamente e historicamente sublime, o Augusto de Corneille, o grande trágico, é senhor de si como do universo, porque perdoa. Ah! quanto são mesquinhos e miseráveis aqueles que possuem o mundo e não perdoavam! Quanto é grande, aquele que tem no futuro dos séculos todas as humanidades espirituais, e que perdoa! O perdão é uma inspiração, freqüentemente um conselho dos Espíritos. Infelizes aqueles que fecham seus corações a essa voz: serão punidos, como dizem as Escrituras, porque tinham ouvidos e não escutaram. Pois bem! se quereis perdoar, se vos sentis fracos diante de vós mesmos, contemplai a morte do Cristo. Quem conhece a si mesmo triunfa facilmente de si mesmo. Eis porque o grande princípio da sabedoria antiga era, antes de tudo, conhecer-se a si mesmo. Antes de se lançar na luta, ensinavam-se aos atletas, para os jogos, para as lutas grandiosas, os meios seguros de vencer. Ao lado, nos liceus, Sócrates ensinava que havia um Ser supremo, e, algum tempo depois, séculos antes de Cristo, ensinava a toda a nação grega a morrer e a perdoar. O homem vicioso, baixo e fraco, não perdoa; o homem habituado às lutas pessoais, às reflexões justas e sadias, perdoa facilmente.

LAMENNAIS.

A Vingança

(Sociedade Espírita de Paris. - Méd., Sr. de B... M...)

A vingança é doce ao coração, disse o poeta. Oh! pobres cegos que dão um livre curso à mais odiosa das paixões, credes fazer mal ao vosso próximo quando lhes dais vossos golpes, e não sentis que eles se voltam contra vós mesmos. Ela não é somente um crime, mas uma absurda imperícia; ela é, com seus irmãos, o rancor, o ódio, o ciúme, filhos do orgulho, o meio do qual se servem os Espíritos das trevas para atraírem a si aqueles que temem ver lhes escapar; é o mais infalível instrumento de perdição que possa ser colocado nas mãos dos homens pelos inimigos que se obstinam em sua queda moral. Resisti, filhos da Terra, a esse culpável arrastamento, e estejais seguros de que, se alguém mereceu vossa cólera, não será na explosão de vosso rancor que encontrareis a calma de vossa consciência. Colocai entre as mãos do Todo-Poderoso o cuidado de se pronunciar sobre os vossos direitos e sobre a justiça de vossa causa. Há na vingança alguma coisa de ímpia e de degradante para o Espírito.

Não, a vingança não é compatível com a perfeição; enquanto uma alma dela conserva o sentimento, ela fica no baixio do mundo dos Espíritos. Mas a vossa não será mais do que os outros o eterno joguete dessa infeliz paixão; posso assegurá-lo, a abolição da falsa noção do inferno eterno, ou antes, da condenação eterna, que foi como o pretexto ou pelo menos como uma desculpa íntima dos atos vingativos, será a aurora de uma era nova de tolerância e de mansuetude que não tardará a se estender até às regiões privadas da vida moral. O homem podia condenar a vingança, então que se apresentava Deus como um Deus ciumento, ele mesmo se vingando por torturas sem fim? Cessai, pois, ó homens! de insultar a Divindade atribuindo-lhe as vossas mais ignóbeis paixões. Então sereis, habitantes da Terra, um povo bendito de Deus. Fazei de maneira, vós que me escutais, que tendo libertado vossa alma desse culpado e odioso móvel dos atos mais contrários à caridade, mereçais ser admitidos no recinto sagrado do qual só a caridade pode abrir as portas.

PIERRE ANGE, *Espírito protetor.*

Bibliografia - O Espiritismo em Lyon

Revista Espírita, agosto de 1862

Comunicações de além-túmulo; seleção de manifestações da Sociedade Espírita de Brotteaux, com esta epígrafe: *O Espiritismo não deve se impor; vem-se a ele, porque dele se tem necessidade.* (Allan Kardec. *Revista*, 1861, página 371.) - Broch. in-8º de 32 páginas, acompanhada de quatro desenhos gravados, obtidos mediunicamente. Preço: 75cents. Nas principais livrarias de Lyon, e em Paris, casa do Sr. Ledoyen.

Esta brochura é a primeira de uma série que será publicada em épocas indeterminadas. Ela contém uma seleção das comunicações obtidas no grupo de Brotteaux, dirigido pelo Sr. Déjoud, chefe da fábrica. Todas essas comunicações, em tudo conformes com a doutrina de *O Livro dos Espíritos*, respiram a mais sadia moral e levam a marca incontestável de Espíritos bons e benevolentes. Seu estilo é simples, familiar e perfeitamente adaptado ao meio no qual foram dadas, e onde as idéias abstratas não estariam em seu lugar. Os bons Espíritos querem antes de tudo instruir; por isso se colocam à altura de seus ouvintes, e pouco se preocupam em satisfazer àqueles que não apreciam, em suas comunicações, senão a pompa do estilo, sem aproveitar as lições. Que a instrução seja boa, que ela penetre o coração, é para eles o essencial. Pensamos que, sob esse aspecto, esta coletânea alcança perfeitamente o objetivo. Estamos felizes em aproveitar esta ocasião de felicitar o Sr. Déjoud, chefe do grupo, um dos mais numerosos de Lyon, por seu zelo e sua perseverança para a propagação do Espiritismo entre seus irmãos trabalhadores.

O terceiro volume das *Revelações de além-túmulo*, da senhora Dozon, vai aparecer brevemente.

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quinto Ano – 1862

Setembro

- [Inauguração de um grupo espírita de Bordeaux - Discurso de abertura](#)
- [Carta a um pregador, pelo Sr. Dombre](#)
- [O Espiritismo numa distribuição de prêmio](#)
- [Perseguições](#)
- [Uma Reconciliação pelo Espiritismo](#)
- [Respostas ao convite dos Espíritas de Lyon e de Bordeaux](#)
- Poesias espíritas.
 - [Peregrinações da alma](#)
 - [O Anjo guardião](#)
- Ensinamentos e Dissertações espíritas.
 - [Estudos uranográficos](#)
- [Férias da Sociedade Espírita de Paris](#)
- [Aos centros espíritas que devemos visitar](#)

Inauguração de um grupo espírita de Bordeaux - Discurso de abertura

Revista Espírita, setembro de 1862

Apesar de certas más vontades, os grupos espíritas se multiplicam a cada dia; temos o prazer, e um dever, de colocar sob os olhos de nossos numerosos leitores o discurso pronunciado em Bordeaux, na abertura de um deles, pelo seu fundador, Sr. Condat, a 20 de março de 1862. A maneira pela qual a grave questão do Espiritismo nele está encarada prova o quanto, agora, se lhe compreende o objetivo essencial e a verdadeira importância. Estamos felizes em dizer que, hoje, esse sentimento é geral, porque por toda a parte o sentimento da curiosidade dá lugar ao desejo sério de se instruir e de se melhorar; foi isso o que estivemos no estado de constatar nas visitas que fizemos em diferentes cidades da província; vimos se ligar às comunicações instrutivas, e avaliar, pelo seu valor, os médiuns que as obtêm. Este é um fato característico na história do estabelecimento do Espiritismo. Não conhecemos, de nenhum modo, o grupo do qual falamos, mas julgamos suas tendências pelo discurso de abertura; o orador não teve essa linguagem em presença de um auditório leviano e superficial, e reunido tendo em vista distrair-se. São as reuniões sérias que dão uma idéia séria do Espiritismo. Eis por que não saberíamos mais encorajar-lhes a multiplicação.

Senhoras e senhores,

Rogando aceitar os agradecimentos que tenho a honra de vos apresentar pela benevolente acolhida que destes ao meu convite, permiti-me vos dirigir algumas palavras sobre o assunto de nossa reunião. Na falta de talento, nelas vereis, pelo menos o espero, a convicção de um homem profundamente devotado ao progresso da Humanidade.

Muito freqüentemente, o viajor intrépido, aspirando atingir o cume de uma montanha, encontra o caminho estreito obstruído por uma rocha; muito freqüentemente também, na marcha das idades, a Humanidade que tende a se aproximar de Deus, encontra seu obstáculo: seu rochedo é o materialismo. Ela estaciona algum tempo, alguns séculos talvez; mas a força invencível, à qual ela obedece, agindo em razão da resistência, triunfa do obstáculo, e a Humanidade, sempre solicitada para caminhar adiante, torna a partir com um impulso mais vivo.

Não nos admiramos, pois, senhores, quando se manifesta uma dessas grandes idéias que mostram melhor a origem celeste do homem, quando se produz um desses fatos prodigiosos que vêm alterar os cálculos restritos e as observações limitadas de uma ciência materialista; não nos admiramos, e sobretudo não deixamos nos desencorajar, pelas resistências que sobrevêm ao encontro de tudo o que pode demonstrar que o homem não é só um pouco de barro, cujos elementos serão restituídos à terra, depois da morte.

Constatamos logo, e constatamo-lo com alegria, nós, os adeptos do Espiritismo, nós os filhos do século dezenove, filho ele mesmo de um século que foi a manifestação mais

completa, a encarnação, por assim dizer, do ceticismo e de suas desencorajadoras conseqüências; constatamo-lo: a Humanidade caminha nesta hora!

Vede o progresso que aqui fez o Espiritismo, nesta bela cidade, grande e inteligente cidade; vede como a dúvida se desfaz por toda parte às claridades da ciência nova.

Contemos, senhores, e confessemos com sinceridade, quantos dentre nós que, ainda na véspera, tinham sobre os lábios o sorriso da incredulidade têm hoje o pé no caminho, e no coração a resolução de não mais voltar atrás. Isto se concebe, se está colocado na corrente, ela nos arrasta. Qual é, pois, esta doutrina, senhores, para onde ela conduz?

Levantar a coragem do homem, sustentá-lo em seus desfalecimentos, torná-lo forte contra as vicissitudes da vida, reavivar sua fé, provar-lhe a imortalidade de sua alma, não somente por demonstrações, mas por fatos: ei-la, esta doutrina, eis aonde ela conduz!

Que outra doutrina produzirá sobre o moral e sobre o intelecto melhores resultados? Será a negação de uma vida futura que se poderá lhe opor como preferível, no interesse da Humanidade inteira e para a perfeição moral e intelectual de cada homem isoladamente?

Tomando por princípio estas palavras que resumem o materialismo inteiramente: "Tudo acaba quando se abre o túmulo," com esta máxima desoladora o que se chega a se produzir senão o nada? Sinto uma espécie de sentimento penoso, uma espécie de pudor por ter feito um paralelo entre esses dois extremos: a esperança de encontrar, num mundo melhor, seres queridos cuja alma abriu suas asas, o horror invencível que sentimos, que o próprio ateu sente ao pensamento de que tudo se aniquilaria com o último suspiro da parte mortal de nosso ser, bastaria para repelir toda idéia de comparação. Entretanto, senhores, se todas as consolações que o Espiritismo encerra não estivessem senão no estado de crenças, se esse não fosse senão um sistema de pura especulação, uma engenhosa ficção, como se lhe objetam os apóstolos do materialismo, para submeter as inteligências fracas a certas regras chamadas arbitrariamente virtudes, e retê-las assim fora dos apetites sedutores da matéria, compensação que, num dia de piedade, o autor dessa ordem fatal que dá tudo a uns e reserva o sofrimento à maioria, teria concedido a estes para se atordoarem. Não é, senhores, senão para as inteligências fortes, para o homem que sabe fazer uso legítimo de sua razão, essas engenhosas combinações, estabelecidas como conseqüências de um princípio sem base e fruto somente da imaginação, seriam um tormento a mais acrescentado aos tormentos de uma fatalidade à qual não poderia subtrair-se?

A demonstração é uma coisa admirável, sem dúvida, ela prova antes de tudo a razão humana, a alma, esta abstração da matéria. Mas até hoje o seu ponto de partida único foi esta palavra de Descartes: "Penso, logo existo." Hoje, o Espiritismo veio dar uma força imensa ao princípio da imortalidade da alma, apoiando-o em fatos tangíveis, irrefutáveis.

O que precede explica como e por quê nos encontramos reunidos aqui. Mas deixai-me, ainda, senhores, vos dar parte de uma impressão que sempre senti, de um desejo que foi constantemente renovado cada vez que me encontrei em presença de uma sociedade procurando como objetivo um aperfeiçoamento do homem moral. Teria querido ser da primeira reunião, participar das primeiras comunicações, de alma a alma, dos fundadores, teria querido presidir ao desenvolvimento do germe da idéia, germe que, como o grão tornado gigante, deu mais tarde abundantes frutos.

Pois bem! Senhores, hoje que tenho a felicidade de vos reunir para vos propor a formação

de um novo grupo espírita, minha idéia recebe inteira satisfação, e vos peço conservar como eu em vosso coração, em vossa lembrança, a data de 20 de março.

Agora, senhores, é tempo de passar na prática: talvez tenha muito retardado. Sem transição, para reparar a perda de tempo tão largamente concedido às aproximações, abordarei, pois, o objeto de nossa reunião, rogando-vos para vos premunir contra uma objeção que se apresentará naturalmente ao vosso Espírito, como se apresentou ao meu, sobre a necessidade indispensável de *médiuns* quando se quer formar um grupo espírita. Aí está, senhores, a aparência de uma dificuldade, e não uma dificuldade. No início, na ausência de médiuns, nossas noites não se passarão esterilmente, crede-o. Eis uma idéia que vos submeto pedindo vossos conselhos; nós procederemos assim:

A primeira parte de cada sessão será dada às leituras em *O Livro dos Espíritos* e no dos *médiuns*. A segunda parte será consagrada à formação de médiuns entre nós, e crede-o bem, senhores, se seguirmos os conselhos e os ensinamentos que nos são dados nas obras de nosso venerado chefe, Sr. Allan Kardec, a faculdade medianímica não tardará a se desenvolver na maioria de nós, e será então que nossos trabalhos receberão sua mais doce, a mais larga recompensa; porque Deus, o grande Criador de todas as coisas, o juiz infalível, não pode se enganar sobre o bom uso que queremos fazer da preciosa faculdade medianímica. Não faltará, pois, para nos dar a mais bela recompensa que possamos ambicionar, de permitir que um de nós, ao menos, obtenha essa faculdade no mesmo grau de vários médiuns sérios, que temos a felicidade de possuir esta noite.

Nossos bem-amados irmãos Gourgues e Sabô, que tenho a honra de vos apresentar, consentiram também, assistindo à nossa sessão de instalação, em lhe dar um maior grau de solenidade, que nos dão a esperança, e disso lhes dirigimos o pedido, que muito freqüentemente, tão freqüentemente quanto lhes seja possível, virão nos visitar; sua presença fortalecerá a nossa fé, reanimará o ardor daqueles que, entre nós, em consequência do insucesso em suas primeiras tentativas mediúnicas, poderiam cair no desencorajamento.

Sobretudo, senhores, não nos enganemos; tenhamos muita conta de nosso empreendimento, de seu objetivo; enganar-se-ia seriamente aquele que não seria tentado em fazer parte do novo grupo que vamos formar, senão na esperança de nele encontrar distrações fúteis e fora da verdadeira moral pregada pelos bons Espíritos.

"O objetivo essencial do Espiritismo, disse nosso venerado chefe, é a melhoria dos homens. Não é preciso procurar senão o que pode ajudar o progresso moral e intelectual. Não é preciso perder de vista, enfim, que a crença no Espiritismo não é proveitosa senão àquele de quem se pode dizer: Ele vale mais hoje do que ontem."

Não esqueçamos, pois, que o nosso pobre planeta é um lugar de purgatório onde expiamos, pela nossa existência atual, as faltas que cometemos nas precedentes. Isso prova uma coisa, senhores, é que nenhum de nós pode se dizer perfeito, porque, enquanto tivermos faltas para expiar, estaremos reencarnados. Nossa presença sobre a Terra atesta, pois, a nossa imperfeição.

O Espiritismo plantou as balizas do caminho que conduz aos pés de Deus; caminhemos sem jamais perdê-las de vista. A linha traçada pelos bons Espíritos, geômetras da Divindade, é cercada de precipícios; as sarças e os espinhos lhe são a margem, não temamos suas picadas. Que são semelhantes feridas comparadas à felicidade eterna que acolherá o viajor chegado ao fim de seu curso?

Esse termo, esse objetivo, senhores, há muito tempo é objeto de minhas meditações. Abarcando com um olhar o passado, nele retornando para reconhecer ainda a sarça que me havia rasgado, o obstáculo que me fizera tropeçar no caminho, não pude me impedir de fazer o que todo homem faz, pelo menos uma vez em sua vida, a contagem, por assim dizer, de suas alegrias e de suas dores, de seus bons momentos de coragem, de suas horas de desfalecimento. E de cabeça repousada, a alma livre, quer dizer, voltada sobre si mesma, liberta da matéria, disse a mim mesmo: A existência humana não é senão um sonho, mas um sonho horrível, começando quando a alma ou Espírito encarnado da criança se esclarece aos primeiros clarões da inteligência, para cessar no desmaio da morte. A morte! essa palavra de temor para tanta gente, não é, pois, em realidade, senão o despertar desse sono horrível, a benfeitora segura que nos livra do pesadelo insuportável que nos acompanhou passo a passo, desde o nosso nascimento.

Falo em geral, mas não de maneira absoluta; a vida do homem de bem não tem esses mesmos caracteres; o que fez de bom, de grande, de útil, ilumina com puras claridades o sonho de sua existência. Para ele, a passagem da vida à morte se faz sem dolorosa transição; não deixa nada atrás de si que possa comprometer o futuro de sua nova existência espiritual, recompensa de seus benefícios.

Mas para aqueles, ao contrário, voluntários cegos que terão constantemente fechado os olhos para melhor negarem a existência de Deus, que se recusaram à contemplação do sublime espetáculo de suas obras divinas, provas e manifestações de sua bondade, de sua justiça, de seu poder; aqueles, digo eu, terão horrível despertar, cheio de remorsos amargos, remorsos sobretudo por ter desconhecido os benfazejos conselhos de seus irmãos espíritas, e o sofrimento moral que sofrerão durará até o dia em que o arrependimento sincero lhes fará serem tomados em piedade por Deus, que lhes concederá o favor de uma nova encarnação.

Muitas pessoas vêem, ainda, nas comunicações espíritas, a obra do demônio; no entanto, o número delas diminui cada dia. Essa feliz diminuição prende-se evidentemente a que a curiosidade levando, seja a visitar os grupos espíritas, seja a ler *O Livro dos Espíritos*, se acha sempre entre os curiosos algumas pessoas que se convencem, sobretudo entre as que lêem *O Livro dos Espíritos*; porque não creiais, senhores, levar sempre adeptos à nossa sublime doutrina fazendo pela primeira vez assistir às nossas sessões; não, disto tenho íntima convicção, uma pessoa completamente estranha à doutrina não estará convencida por aquilo que verá em nossas sessões; ela estará antes disposta a rir dos fenômenos que ali se obtêm, do que a tomá-los a sério.

Quanto a mim, senhores, creio ter feito muito mais pela nova doutrina quando, em lugar de fazer uma pessoa assistir a uma de nossas sessões, pude decidi-la a ler *O Livro dos Espíritos*. Quando tenho a certeza de que essa leitura foi feita e que produziu os frutos que ela não pode deixar de produzir, oh! então que conduzo com alegria a pessoa para um grupo espírita; porque não tenho a certeza, nesse momento, que ela se dará conta de tudo o que verá e ouvirá, e o que, provavelmente, teria feito rir diante da leitura desse livro, produzirá, nessa hora, efeitos diametralmente opostos? Não ousou dizer que ela chorará.

Como melhor finalizar, senhores, senão por uma citação tirada de *O Livro dos Espíritos*; ela convencerá, muito mais do que meus fracos meios não mo permitem, aqueles que duvidam ainda do fundo de verdade sobre o qual repousam as crenças espíritas:

"Aqueles que dizem que as crenças espíritas ameaçam invadir o mundo, proclamam por

isso mesmo a sua força; porque uma idéia sem fundamento e destituída de lógica não poderia se tornar universal. Se, pois, o Espiritismo se implanta por toda a parte, se se recruta sobretudo nas classes esclarecidas, assim como todos reconhecem, é que tem um fundo de verdade. Contra essa tendência, todos os esforços de seus detratores serão vãos, e o que o prova, é que o próprio ridículo com o qual procuram cobri-lo, longe de deter-lhe o vôo, parece lhe dar uma nova vida. Este resultado justifica plenamente o que nos disseram muitas vezes os Espíritos: "Não vos inquieteis com a oposição; tudo o que se fizer contra vós voltará para vós, e vossos maiores adversários servirão vossa causa sem o querer. Contra a vontade de Deus, a má vontade dos homens não poderá prevalecer.

CONDAT.

Carta a um pregador, pelo Sr. Dombre

Revista Espírita, setembro de 1862

O P. F..., dominicano, tendo pregado em Marmande, durante o mês de maio último, acreditou dever, num de seus últimos sermões, lançar algumas pedras contra o Espiritismo. O Sr. Dombre teria desejado uma discussão mais aprofundada sobre esse assunto, e que o Sr. abade F..., em lugar de se encerrar nos ataques banais, abordasse resolutamente certas questões de detalhe; mas, temendo que seu nome não tivesse bastante peso para decidir-lhe o assunto, escreveu-lhe a carta seguinte, sob o pseudônimo de *Um católico*:

"Senhor pregador,

"Sigo com assiduidade as vossas instruções dogmáticas de cada noite. Por uma fatalidade que deploro, cheguei um pouco mais tarde, que de costume, sexta-feira, e soube, na saída da igreja, que havíeis começado, em forma de escaramuça, um ataque contra o Espiritismo; disso me regozijo em nome dos católicos fervorosos. Se estou bem informado, eis as questões que teríeis abordado: 1º-O Espiritismo é uma religião nova do século dezenove. 2ºHá, incontestavelmente, comunicação com os Espíritos. 3º As comunicações com os Espíritos, se bem constatadas, se bem reconhecidas, vós vos encarregastes de provar, depois de longos e sérios estudos que fizestes sobre o Espiritismo, que os Espíritos que se comunicam não são outros senão o demônio. 4º Enfim, seria perigoso, do ponto de vista da salvação da alma, ocupar-se do Espiritismo antes que a Igreja não tenha se pronunciado a esse respeito. Gosto muito deste quarto artigo, mas se se reconhece de antemão que é o demônio, a Igreja nada mais tem a fazer (1).

(1) Se a igreja não se pronunciou ainda, a questão do demônio não é, pois, senão uma opinião individual que não tem sanção legal; e isso é tão verdadeiro que nem todos os eclesiásticos a partilham, e conhecemos muitos deles nesse caso. Até mais amplas informações, a dúvida é permitida, e pode-se ver, desde o presente, que essa doutrina do demônio tem pouco império sobre as massas. Se jamais a Igreja a proclamasse oficialmente, seria de temer que não adviesse desse julgamento o que adveio da declaração de heresia e da condenação pronunciada outrora contra o movimento da Terra; o que adveio, em nossos dias dos anátemas lançados contra a ciência a propósito dos seis períodos da criação. Cremos que o clero faria sabiamente e prudentemente em não se apressar muito em resolver um dilema, afirmando uma coisa que até o presente provoca mais incredulidade e mais risos do que medo, e a qual podemos certificar que muitos dos padres não crêem mais que nós, porque ela é ilógica. Expor-se a receber um desmentido do futuro e a se ver forçado a reconhecer que se está errado, é prejudicar a autoridade moral da Igreja, que proclama a infalibilidade de seus julgamentos. Melhor seria, pois, abster-se.

De resto, o que quer se possa dizer ou fazer contra o Espiritismo, a experiência aí está para provar que a sua marcha é irresistível; é uma idéia que se implanta por toda parte com uma rapidez prodigiosa, porque ela satisfaz, ao mesmo tempo, à razão e ao coração. Para detê-lo, seria preciso opor-lhe uma doutrina que satisfizesse mais, e isso não seria certamente pela do demônio e das penas eternas.

"Eis quatro questões importantes que desejo ver resolvidas para confundir num mesmo golpe os *Espíritas* e os *católicos de nome*, que não crêem nem no demônio nem nas penas eternas, todos eles admitindo um Deus e a imortalidade da alma, e os *materialistas* que não crêem em nada.

A essa primeira questão: *O Espiritismo é uma religião*, os Espíritas dizem: Não, o Espiritismo não é uma religião, não pretende ser uma religião. O Espiritismo está fundado sobre a existência de um mundo invisível, formado de seres incorpóreos que povoam o espaço, e que não são outros senão as almas daqueles que viveram sobre a Terra ou em outros globos. Esses seres, que nos rodeiam sem cessar, exercem sobre os homens, com o seu desconhecimento, uma grande influência; desempenham um papel muito ativo no mundo moral e, até um certo ponto, no mundo físico. O Espiritismo está na Natureza, e pode-se se dizer que, numa certa ordem de coisas, é uma força como a eletricidade o é em um outro ponto de vista, como a gravidade o é num outro. O Espiritismo nos descortina o mundo invisível; não é novo; a história de todos os povos dele fazem menção. O Espiritismo repousa sobre princípios gerais independentes de toda questão dogmática. Ele tem conseqüências morais, é verdade, no sentido do cristianismo, mas não tem nem culto, nem templos, nem ministros; cada um pode se fazer uma religião de suas opiniões, mas daí à constituição de uma nova Igreja, há distância; portanto, o Espiritismo não é uma nova religião. Eis, senhor pregador, o que dizem os Espíritas dessa primeira questão.

"A esta mesma questão os *falsos católicos* e os *materialistas* riem. Os primeiros, se estão entre os felizes deste mundo, riem com desprezo; essa doutrina, que comporta a pluralidade das existências, ou reencarnação, choca-os em suas alegrias e seu orgulho. Retornar talvez numa condição inferior, é horrível pensar! Os Espíritas lhes dizem: "Eis a justiça, a verdadeira igualdade." Mas essa igualdade não lhes vai. Os *materialistas*, espíritos fortes e compostos de pretensos sábios, riem de coração, porque não crêem no futuro: a sorte do pequeno cão que os segue e a sua são absolutamente a mesma coisa, e acham isso preferível.

"À segunda questão: *Há comunicações com os Espíritos*, os Espíritas e nós, fervorosos católicos, estamos de acordo; os falsos católicos e os materialistas fazem o riso da incredulidade.

"À terceira questão: *É só o demônio que se comunica*, os Espíritas riem a seu turno; os materialistas riem também, zombando daqueles que crêem nas comunicações e dos que, nelas crendo, as atribuem aos demônios; os falsos católicos guardam o silêncio e parecem dizer: *Arranjem-se entre vós*.

"À quarta questão: *É preciso esperar que a Igreja se pronuncie*, os Espíritas dizem: "Certamente, virá um dia em que a crença no Espiritismo será tão vulgar, estará tão difundida, que a Igreja, a menos de querer ficar só, será forçada a seguir a corrente. O Espiritismo se fundirá então no catolicismo, e o catolicismo no Espiritismo." A esta questão o materialista ri ainda e diz: "Que me importa!" o falso católico entra numa espécie de despeito; ele não pode, mesmo que se o diga bem alto, se acomodar com essa doutrina: seu egoísmo e seu orgulho nele estão machucados; repele esta eventualidade de uma fusão. "É impossível, diz ele, o Espiritismo não é senão uma utopia que não dará quatro passos no mundo(1)."

"Aceitai, etc.

"Um fervoroso católico."

(1) Falsos católicos, verdadeiros católicos, ou materialistas, são os que têm essa linguagem. Que a tenham dito há alguns anos, isso podia se conceber; mas depois de quatro ou cinco anos já caminharam tanto, tanto fizeram todos os dias, que dentro em pouco chegariam ao objetivo. Procurai na história uma doutrina que haja caminhado tanto em tão pouco tempo. Em presença desse resultado inaudito de uma propagação contra a qual vêm se quebrar todos os raios e todas as zombarias; que cresce em razão da violência dos ataques, é verdadeiramente muito ingênuo dizer que o Espiritismo não é senão fogo de palha. Se assim fora, por que tanta cólera? Deixai-o, pois, se extinguir sozinho. Nós, que estamos nos primeiros camarotes para vê-lo caminhar, que os seguimos em todas as peripécias, nisso vemos a conclusão, e rimos a nosso turno.

A. K.

Em uma carta dirigida a Bordeaux, a esse respeito, o Sr. Dombre disse:

"O Sr. abade F... procurou saber quem era o Espírita e não o fervoroso católico que lhe escrevera essa carta. Seus enviados vieram até mim e me disseram: "Sr. F... teria necessidade de sete a oito sermões para responder, e o tempo lhe falta; depois gostaria de saber o nome daquele com quem tem assunto. - Eu garanto, respondi, que o autor da carta se fará conhecer, se ele quiser respondê-la do púlpito." Parece que se sabe aqui, por experiência, que quanto mais se fale contra o Espiritismo, mas se fazem prosélitos, e que se julgou a propósito guardar silêncio, porque o Sr. abade F... partiu sem tornar a falar.

"Ireis me dizer que talvez haja um pouco de temeridade em querer entrar assim na liça; conheço a necessidade de nossa localidade; é preciso ruído. Os inimigos sistemáticos ou interessados do Espiritismo não pediriam senão o mutismo, e eu quero ensurdecê-los de discussões. Há sempre, em torno dos incrédulos que discutem, os indiferentes ou os dispostos a crer que retiram um proveito da luta, relativamente à instrução espírita. - Mas pensai, dir-me-eis talvez, sair honrosamente dessas polêmicas? - Pois bem! meu Deus! quando se é assinante da *Revista Espírita*, que se leu todos os livros da doutrina, que se está inteiramente mergulhado nos argumentos sobre os quais ela se apóia, e sobre os dos Espíritos que se comunicam, sai-se de lá como Minerva, armado dos pés à cabeça, e não se teme nada."

Nota. — Diz-se: Credes na reencarnação, e a pluralidade das existências é contrária aos dogmas que não admite senão uma delas; portanto, por isso mesmo, estais fora da Igreja.

A isso, repetiremos o que dissemos cem vezes: Colocastes, outrora, fora da Igreja, anatematizados, excomungados, condenados como heréticos, aqueles que acreditavam no movimento da Terra. - Foi, dizeis, num tempo de ignorância. - Seja; mas se a Igreja é infalível, ela deveria sê-lo então como hoje, e sua infalibilidade não pode estar submetida às flutuações da ciência mundana. Mas muito recentemente, há apenas um quarto de século, neste século de luz, não foram igualmente condenadas as descobertas da ciência no que toca à formação do globo? O que disso adveio hoje? E o que teria advindo se ela tivesse persistido em repelir de seu seio todos os aqueles que crêem naquelas coisas? Não haveria mais católicos, nem mesmo o papa. Por que, pois, a Igreja deve ceder? É porque o movimento dos astros e sua formação repousam sobre as leis da Natureza, e que, contra

essas leis, não há opinião que possa ter.

Quanto à reencarnação, de duas coisas uma: ou ela existe, ou ela não existe: não há meio termo. Se ela existe, é que está nas leis da Natureza. Se um dogma diz outra coisa, trata-se de saber quem tem a razão, o dogma ou a Natureza, que é obra de Deus. A reencarnação não é, pois, uma opinião, um sistema, como uma opinião política ou social, que se pode adotar ou recusar; é um fato ou não o é; se é um fato, é inútil não ser do gosto de todo o mundo, tudo o que se disser não o impedirá de ser um fato.

Creemos firmemente, por nossa conta, que a reencarnação, longe de ser contrária aos dogmas, dá de vários uma explicação lógica que os faz aceitar pela maioria daqueles que os repeliam, porque não os compreendiam; a prova disso está no grande número de pessoas reconduzidas à crença religiosa pelo Espiritismo. Mas admitamos essa incompatibilidade, se o quiserdes; nos colocamos decididamente esta questão: "Quando a pluralidade das existências for reconhecida, o que não tardará, como uma lei natural; quando todo o mundo reconhecer esta lei como a *única* compatível com a justiça de Deus, e como podendo explicar *sozinha* o que, sem isso, é inexplicável, que fareis?" - Fareis o que fizestes para com o movimento da Terra e os seis dias da criação, e não será difícil conciliar o dogma com esta lei.

A. K.

O Espiritismo numa distribuição de prêmio

Revista Espírita, setembro de 1862

Um dos nossos colegas da Sociedade Espírita de Paris nos comunica a carta seguinte, que dirigiu às diretoras do pensionato onde está uma de suas filhas, em Paris:

"Senhoras,

"Peco-vos permitir-me algumas reflexões sobre um discurso pronunciado na distribuição de prêmio de vosso pensionato; minha qualidade de pai de família, e sobretudo a de pai de uma de vossas alunas, me dá alguns direitos à esta apreciação.

"O autor desse discurso, estranho ao vosso estabelecimento, e professor, me foi dito, do colégio C..., consagrou-se a uma longa ironia, não sei verdadeiramente a propósito de que, sobre a ciência espírita e os médiuns. Que ele emitisse sua opinião, sobre esse assunto, em outra circunstância, eu o compreenderia; mas diante de um auditório como aquele ao qual falava, diante de pessoas jovens confiadas aos vossos cuidados, permiti-me dizer que esta questão estava deslocada, e que foi mal escolhido seu tema para procurar produzir o efeito.

"Esse senhor disse, entre outras coisas, que "todas as pessoas que se ocupam de experiências de mesas e outros fenômenos ditos espíritas, ou da ordem psicológica são malabaristas, ingênuas ou estúpidas."

"Sou, senhoras, do número daqueles que se ocupam disso, e não o escondem, e tenho a certeza de não ter sido o único em vossa reunião. Não tenho a pretensão de ser sábio, como vosso orador, e a esse título posso ser talvez estúpido no seu ponto de vista; todavia, a expressão é bastante inconveniente quando dirigida a pessoas que não se conhece, e que se generaliza o pensamento; mas, certamente, minha posição e meu caráter me colocam ao abrigo do epíteto de malabarista. Esse senhor parece ignorar que essa estupidez conta hoje seus adeptos por milhões no mundo inteiro, e que esses pretensos malabaristas se encontram até nas classes mais elevadas da sociedade, sem que tivesse refletido que suas palavras podiam ir ao encontro de mais de um de seus ouvintes. Se provou, por essa saída intempestiva, uma falta de tato e da arte de bem viver, provou igualmente que falava de uma coisa que jamais estudou.

"Quanto a mim, senhoras, há quatro anos, estudo, observo, e o resultado de minhas observações me convenceu, como tantos outros, que nosso mundo material pode, em certas circunstâncias, pôr-se em relação com o mundo espiritual. As provas desse fato, tive-as aos milhares, por toda parte, em todos os países que visitei, e sabeí que vi muitas delas, em minha família, com minha mulher que é médium sem ser uma malabarista, com parentes, com amigos que, como eu, procuram a verdade.

"Não penseis, senhoras, que acreditei no primeiro golpe, sem exame; como disse, estudei e observei conscienciosamente, friamente, com calma e sem tomar partido, e não foi senão depois de maduras reflexões que tive a felicidade de me convencer da realidade dessas

coisas. Digo a felicidade, porque, eu o confessarei, o ensinamento religioso que tinha recebido, não sendo suficiente para esclarecer minha razão, tornara-me cético. Agora, graças ao Espiritismo, às provas patentes que ele fornece, não o sou mais, porque pude me assegurar da imortalidade da alma e de suas conseqüências. Se está aí o que esse senhor chama uma estupidez, ao menos deveria se abster de dizer-lo diante de vossos alunos, que poderão bem, e muito mais cedo do que não o pensais talvez, se darem conta dos fenômenos dos quais se lhes levantou o véu. Bastar-lhes-á para isso entrar no mundo; a nova ciência nele faz grandes e rápidos progressos, eu vos asseguro. Então, não há a temer que elas façam esta reflexão: Se se nos induziu em erro sobre essas matérias; se se quis nos esconder a verdade, não pode ocorrer que se nos hajam enganado sobre outros pontos? Na dúvida, a mais vulgar prudência manda abster-se; em todos os casos, não era nem o lugar, nem o momento de tratar de semelhante assunto.

"Acreditei dever, senhoras, vos comunicar as minhas impressões; buscai, eu vos peço, acolhê-las com a vossa bondade habitual.

"Aceitai, etc.

"A.GASSIER.

"3 8, rua da Chaussée-cTAntin."

Nota. - Difundindo-se o Espiritismo por toda a parte, é muito raro que uma assembléia qualquer não tenha mais ou menos adeptos. Entregar-se a saídas virulentas contra uma opinião que cresce sem cessar; servir-se, para esse propósito, de expressões ferinas diante de um auditório que não se conhece, é expor-se a molestar as pessoas mais respeitáveis, e, algumas vezes, ver-se chamado à ordem; fazê-lo numa reunião que, por sua natureza, manda mais do que toda outra a estrita observação das conveniências, onde toda palavra deve ter um ensinamento, é uma falta. Que uma dessas pessoas jovens, cujos pais se ocupam do Espiritismo, venha lhes dizer: "Sois malabaristas, ingênuos ou estúpidos," não poderiam se desculpar dizendo: "É o que se ensina na distribuição de prêmios?" Esse senhor teria tomado uma saída semelhante contra os protestantes, ou os judeus, dizendo que são todos heréticos e condenados às penas eternas; contra tal ou tal opinião política? Não, porque há poucos pensionatos onde não haja alunos cujos pais professam diferentes opiniões políticas ou religiosas, e temer-se-ia ferir estes últimos. Pois bem! que ele saiba que há hoje, só na França, tantos Espíritas quantos há de judeus e protestantes, e que, antes que seja muito tempo, haverá tantos quantos há de católicos.

De resto, ali, como por toda a parte, o efeito irá direto contra a intenção. Eis uma multidão de moças curiosas, das quais muitas jamais ouviram falar dessas coisas, e que quererão saber o que são na primeira ocasião; tentarão a mediunidade, e, infalivelmente, mais de uma triunfará; elas disso falarão às suas companheiras, e assim por diante. Vós as proibis disso se ocuparem; amedrontá-las-eis com a idéia do diabo; mas isso será uma razão a mais para que façam às escondidas, porque quererão saber o que o diabo lhes dirá. Não ouvem elas todos os dias falar de bons diabos, de diabos cor de rosa? Ora, ali está o verdadeiro perigo, porque, com falta de experiência e sem guia prudente e esclarecido, poderão achar-se sob uma influência perniciosa, da qual não saberão se desembaraçar, e de onde podem resultar inconvenientes tanto mais graves que, em conseqüência da proibição que lhes terá sido feita, e por medo de uma punição, elas não ousarão nada dizer. Vós as proibis de escrever? Isto nem sempre é fácil: os donos da pensão disso sabem alguma coisa; mas que fareis com aquelas que se tornarão médiuns videntes e audientes? Tapar-lhe-eis os olhos e os ouvidos? Eis, senhor orador, o que pode produzir o vosso

imprudente discurso, com o qual, provavelmente, ficastes muito satisfeito.

O resultado é todo outro entre as crianças levadas por seus pais àquelas idéias; primeiro, nada têm a esconder, e estão, assim, preservadas do perigo da inexperiência; depois, isso lhes dá, em boa hora, uma piedade razoável que a idade fortalece e não pode enfraquecer; tornam-se mais dóceis, mais submissas, mais respeitosas; a certeza que têm da presença de seus pais mortos que as vêem sem cessar, com os quais podem conversar, e dos quais recebem sábios conselhos, é para elas um freio poderoso pelo temor salutar que lhes inspira. Quando a geração for ensinada nas crenças espíritas, ver-se-á a juventude diferente, mais estudiosa e menos turbulenta. Pode-se isso já julgar pelos efeitos que essas idéias produzem sobre os jovens que delas estão compenetrados.

Perseguições

Revista Espírita, setembro de 1862

Tendo a zombaria se enfraquecido contra a couraça do Espiritismo, e servindo mais para propagá-lo do que para desacreditá-lo, seus inimigos tentam um outro meio que, nós o dizemos antecipadamente, não triunfará melhor e, provavelmente, fará ainda mais prosélitos; esse meio é a perseguição. Dizemos que Ihe fará mais, por uma razão muito simples, é que tomando o Espiritismo a sério, com isto ele cresce enormemente de importância; e depois, liga-se tanto mais a uma causa quanto ela mais fez sofrer. Sem dúvida, lembra-se das belas comunicações que foram dadas sobre os mártires do Espiritismo, e que publicamos na *Revista Espírita* do mês de abril último. Esta fase estava anunciada há muito tempo pelos Espíritos:

"Quando ver-se-á, disseram, a arma do ridículo impotente, tentar-se-á a da perseguição; não haverá mais mártires sangrentos, mas muitos terão de sofrer em seus interesses e em suas aflições; procurar-se-á desunir as famílias, reduzir os adeptos pela fome, aborrecê-los a golpes de alfinetes, às vezes, mais pungentes do que a morte; mas ali ainda encontrarão almas sólidas e fervorosas que saberão desafiar as misérias deste mundo, em vista do futuro melhor que as espera. Lembrai-vos das palavras do divino Salvador: "Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados." Tranqüilizai-vos, no entanto; a era da perseguição, na qual logo entrareis, será de curta duração, e vossos inimigos dela não retirarão senão a vergonha, porque as armas que apontarão para vós se voltarão contra eles."

A era predita começou; assinalam-nos de diferentes lados atos que se lamenta serem feitos pelos ministros de um Deus de paz e de caridade. Não falaremos das violências feitas à consciência expulsando da Igreja aqueles que ali conduzem o Espiritismo; tendo esse meio tido resultados quase negativos, procuraram outros mais eficazes; poderíamos citar localidades onde as pessoas que vivem de seu trabalho foram ameaçadas de se ver arrebatados seus recursos; outras onde os adeptos foram assinalados à animosidade pública fazendo correr contra eles os moleques da rua; outras em que despedem da escola as crianças cujos pais se ocupam do Espiritismo; uma outra em que um pobre professor, primário foi destituído e reduzido à miséria, porque tinha em sua casa *O Livro dos Espíritos*. Temos deste último uma tocante prece em versos, onde respiram os mais nobres sentimentos, a piedade mais sincera; acrescentamos que um Espírita benfazejo estendeu-Ihe mão segura; acrescentamos ainda que foi nessa circunstância vítima de uma infame traição por parte de um homem em quem tinha confiado, e que pareceu entusiasmado com esse livro.

Em pequena cidade onde o Espiritismo conta com um número bastante grande de partidários, um missionário disse do púlpito, nesta última quaresma: "Espero muito que no auditório não haja senão fiéis, e que não haja nem judeus, nem protestantes, nem Espíritos." Parece que ele contava muito pouco com sua palavra para converter aqueles que tivessem vindo ouvi-lo com o objetivo de se esclarecer. Em um município, perto de Bordeaux, quiseram impedir os Espíritos de se reunirem em mais de cinco, sob o pretexto de que a lei a isso se opunha; mas uma autoridade superior levou a autoridade local à legalidade. Resultou desse pequeno vexame que hoje os três quartos deste município são Espíritos. No departamento de Tarn-et-Garonne, os Espíritos de várias localidades querendo se reunir, foram assinalados como conspirando contra o governo. Esta acusação ridícula caiu bem depressa, como deveria ser, e dela se riu.

Como contra, nos foi citado um magistrado que disse: "Praza a Deus que todo o mundo fosse Espírita! nossos tribunais teriam menos, e a ordem pública não teria nada a temer." Ele disse uma grande e profunda verdade; porque se começa a perceber a influência moralizadora que o Espiritismo exerce sobre as massas. Não é um resultado maravilhoso ver homens, sob o império desta crença, renunciarem à embriaguez, aos seus hábitos de deboche, aos excessos degradantes e ao suicídio; homens violentos se tornarem organizados, dóceis, pacíficos e bons pais de família; homens que blasfemavam o nome de Deus, orar com fervor, e se aproximar piedosamente dos altares? E são esses homens que expulsais da Igreja! Ah! pedi a Deus que, se reserva ainda à Humanidade dias de prova, haja muitos Espíritas; porque estes aprenderam a perdoar a seus inimigos, considerando como primeiro dever do cristão lhes estender a mão no momento do perigo, em lugar de lhes meter o pé sobre a garganta.

Um livreiro de Charente nos escreveu o que se segue:

"Não tenho medo de ostentar abertamente minhas opiniões espíritas; deixei de lado mesquinhas mundanas, sem me preocupar se, o que faço, não prejudicaria o meu comércio. Estava, entretanto, longe de esperar o que me ocorreu. Se o mal tivesse se detido em pequenos tormentos, ele não foi grande; mas, ah! graças àqueles que compreendem pouco a religião, tornei-me a ovelha negra da tropa, a peste do lugar; fui mostrado como precursor do Anticristo. Empregaram-se todas as influências, a calúnia mesmo, para me fazer cair, para afastar meus clientes, para me arruinar em uma palavra. Ah! os Espíritos nos falam de perseguições, de mártires do Espiritismo; disso me orgulho, mas, certamente, sou do número das vítimas; minha família disso sofre, é verdade; mas tenho para minha consolação de ter uma mulher que partilha minhas idéias espíritas. Tarda-me para que meus filhos estejam na idade de compreender essa bela doutrina; prendo-me em esclarecê-los em nossas queridas crenças. Que Deus me conserve a possibilidade - o que quer que se faça para me tirá-la - de instruí-los e de prepará-los para lutarem a seu turno, se for preciso. Os fatos que narraís, em vossa Revista no mês de maio, têm uma analogia chocante com o que me aconteceu. Como o autor da carta, fui expulso impiedosamente do tribunal da penitência; meu cura queria, antes de tudo, fazer com que eu renunciasse às minhas idéias espíritas; resulta de sua imprudência que não me verá mais em seus ofícios; se fiz mal, deixo disso a responsabilidade ao seu autor."

Extraímos as passagens seguintes de uma carta que nos foi dirigida de uma aldeia do Vosges. Embora estejamos autorizados a não calar nem o nome do autor, nem o da localidade, nós não o fazemos por motivos de conveniência, que se apreciará; mas temos a carta nas mãos para dela fazer uso que creiamos útil. Ocorre o mesmo para todos os fatos que adiantamos, e que, segundo a sua maior ou menor importância, figurarão, mais tarde, na história do estabelecimento do Espiritismo.

"Não sou bastante versado na literatura para tratar dignamente o assunto que empreendo; todavia, tentarei me fazer compreender, na condição de que suprireis a falta de meu estilo e de minha redação, porque há vários meses queimo pelo desejo de me unir a vós por correspondência, a estando-o já pelos sentimentos desde que meu filho me enviou os preciosos livros contendo a instrução da Doutrina Espírita e a dos médiuns. Eu chegava do campo ao cair da noite; notei esses livros que o correio me trouxera; apressava-me em jantar e me deitar, tendo a vela acesa junto de meu leito, pensando ler até o momento em que o sono viesse me fechar os olhos, mas li toda a noite com uma tal avidez que não senti o menor desejo de dormir."

Segue a enumeração das causas que tinham levado nele a incredulidade religiosa absoluta, e que passamos por respeito humano.

"Todas essas considerações me passam diariamente no espírito; o desgosto se apoderou de mim; tinha caído num estado de ceticismo o mais endurecido; depois em minha triste solidão de tédio e de desespero, cria-me inútil à sociedade, tinha decidido pôr fim em meus dias tão infelizes pelo suicídio.

"Ah! senhor, não sei se alguém poderá jamais se fazer uma idéia do efeito que produziu sobre mim a leitura de *O Livro dos Espíritos*; a confiança renasceu, o amor de Deus se apoderou de meu coração e eu sentia como um bálsamo divino se derramando sobre todo o meu ser. Ah! dizia-me, toda a minha vida procurei a verdade e a justiça de Deus e não encontrei senão o abuso e a mentira; e agora, sobre os meus velhos dias, tenho, pois, a felicidade de encontrar essa verdade tão desejada. Que mudança em minha situação que, de tão triste, tornou-se tão doce! Agora me encontro continuamente em presença de Deus e de seus Espíritos bem-aventurados, meu criador, protetores amigos fiéis; creio que as mais belas expressões dos poetas seriam insuficientes para pintar uma situação tão agradável; quando meu fraco peito pode permiti-lo, encontro minha distração no canto dos hinos e dos cânticos que creio ser-lhe o mais agradável; enfim, sou feliz graças ao Espiritismo. Recentemente escrevi ao meu filho que me enviando esses livros, me havia tornado mais feliz do que se me tivesse posto na cabeça a fortuna mais brilhante."

Segue o relato detalhado de tentativas de mediunidade feitas na aldeia entre vários adeptos e os resultados obtidos; entre eles se encontravam vários médiuns, dos quais um parecia bastante notável. Chamaram parentes e amigos, que vieram lhes dar provas incontestáveis de identidade, e Espíritos superiores que lhes deram excelentes conselhos.

"Todas essas evocações foram narradas aos ouvidos do Sr. cura, por compadres e comadres, que as desnaturaram em grande parte. A dezoito de maio último, o Sr. cura, dando o catecismo aos seus alunos da primeira comunhão, vomitou mil injúrias contra a casa C... (um dos principais adeptos) e contra mim; depois ele dizia ao filho C...: "Tu, eu não te quero mais, mas em dois anos serás bastante forte para ganhar tua vida; aconselho-te a deixar teus pais, eles não são capazes de te dar bons conselhos." Eis um bom catecismo! Na véspera, ele subiu propositadamente ao púlpito para recomençar o discurso que tivera com seus alunos um instante antes, dizendo com uma grande volubilidade que nada conhecemos do inferno, que não arriscamos nada para nos entregar ao roubo e à rapina para nos enriquecer às custas de outrem; que era nos dar aos sortilégios e às superstições da Idade Média, e mil outras invectivas.

"A esse propósito, escrevi uma carta ao Sr. procurador imperial de M...; mas antes de enviá-la quis consultar o Espírito de São Vicente de Paulo na nossa próxima reunião. Esse bom Espírito fez o médium escrever o que se segue: "Lembrai-vos destas palavras do Cristo: "Perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem." Depois do que, queimei minha carta.

A fama dessa doutrina se difunde em todas as aldeias vizinhas; várias me pediram e fazem pedir meus livros, mas não me restam mais; todos aqueles que compreendem um pouco a leitura querem lê-los e os passam de mão em mão."

"Depois de ter lido *O Livro dos Espíritos* e o dos *Médiuns*, meu primeiro cuidado foi tentar se podia ser médium. Durante oito dias nada tendo obtido, escrevi ao meu filho minha falta de sucesso. Como morava em sua casa um magnetizador, este lhe propôs me escrever uma carta que ele magnetizaria, e que com isso eu podia fazer infalivelmente a evocação de

minha defunta. O pobre magnetizador não pensava que me proporcionava as varas para fazer chicotear. Com isso tornei-me médium auditivo; coloquei-me de novo em posição de escrever e logo me foi dito ao ouvido: "Procuram enganar teu filho." Durante três dias consecutivos, com uma força progressiva, essa advertência vinha-me ao ouvido e tirava-me a atenção que devia pôr naquilo que fazia. Disso escrevi a meu filho para adverti-lo de desconfiar desse homem. Pelo retorno do correio, respondeu-me para me censurar as dúvidas que tinha contra esse homem, a quem dava toda a sua confiança. Poucos dias depois recebi dele uma nova carta, que mudava de linguagem, dizendo que tinha colocado à porta esse infeliz tratante que, vestindo-se por fora de um homem honesto, servia-se dessa pretensa qualidade para melhor prender suas vítimas. Colocando-o à porta, mostrou-lhe minha carta, que, a cem léguas de distância, o tinha pintado tão bem."

Esta carta não tem necessidade de comentários; vê-se que o discurso do Sr. cura produziu seu efeito no meio desses camponeses, como alhures. Se foi o diabo que tomou, nessa circunstância, o nome de São Vicente de Paulo, o Sr. cura deve com isso estar satisfeito! Temos razão em dizer que os próprios adversários fazem a propaganda e servem à nossa causa sem o querer? Dizemos, no entanto, que fato semelhante são antes exceções do que a regra; pelo menos gostamos de assim pensar; conhecemos muitos honrados eclesiásticos que deploram essas coisas como impolíticas e imprudentes. Se nos assinalam alguns atos lamentáveis, nos assinalam também um bom número deles de um caráter verdadeiramente evangélico. Um sacerdote dizia a uma de suas penitentes que o consultava sobre o Espiritismo: "Nada chega sem a permissão de Deus; portanto, uma vez que essas coisas ocorrem, é que não podem ser senão por sua vontade." - Um moribundo fez chamar um sacerdote e lhe disse: "Meu pai, há cinqüenta anos que não freqüentava mais as igrejas e que já havia esquecido Deus; foi o Espiritismo que me conduziu de novo a ele e que é a causa que me fez vos chamar antes de morrer; dar-me-eis a absolvição? -- Meu filho, responde o sacerdote, os objetivos de Deus são impenetráveis; rendei-lhe graça por vos ter enviado essa tábua de salvação: morrei em paz." - Poderíamos citar cem exemplos semelhantes.

Uma Reconciliação pelo Espiritismo

Revista Espírita, setembro de 1862

O Espiritismo muitas vezes provou a sua benfazeja influência restabelecendo a boa harmonia nas famílias e entre os indivíduos. Disso temos numerosos exemplos, mas a maioria são de fatos íntimos que nos são confiados, poder-se-ia dizer sob o segredo da confissão, e que não nos pertence revelar. Não temos o mesmo escrúpulo para o fato seguinte, que oferece um interesse tocante.

Um capitão de navio negociante do Havre, que conhecemos pessoalmente, é ao mesmo tempo excelente Espírita e bom médium. Vários homens de sua tripulação foram iniciados por ele na Doutrina, ele não tivera senão que disso se louvar pela ordem, a disciplina e a boa conduta. Havia a bordo seu jovem irmão de dezoito anos, e um prático de piloto de dezenove anos, ambos bons médiuns, animados de uma fé viva e recebendo com fervor e reconhecimento os sábios conselhos de seus Espíritos protetores. Uma noite, todavia, se tomam de querela; das palavras vão às vias de fato; tão bem que marcam um encontro para a manhã do dia seguinte, a fim de se baterem em algum canto do navio. Tomada essa resolução, eles se separam. Na noite, foram os dois tomados da necessidade de escrever e receberam, cada um de seu lado, de seus guias invisíveis, uma enérgica admoestação sobre a futilidade de sua disputa, e conselhos sobre a alegria da amizade, com um convite de se reconciliarem, sem pensamento dissimulado. Os dois jovens, movidos pelo mesmo sentimento, deixaram simultaneamente seu lugar e vieram, chorando, se lançar um nos braços do outro, e depois nenhuma nuvem perturbou entre eles o entendimento.

Foi do próprio capitão que tivemos esse relato; tivemos sob os olhos o caderno de suas comunicações espíritas, assim como o dos dois jovens, onde vimos aquela da qual acabamos de falar.

O fato seguinte ocorreu ao mesmo capitão em uma de suas travessias. Ser-nos-á grato transcrever, embora seja estranho ao nosso assunto. - Estava em pleno mar, pelo melhor tempo do mundo, quando recebi a comunicação seguinte: 'Toma todas as precauções; amanhã às duas horas estourará uma borrasca, e teu navio corre o maior perigo.' Como nada podia fazer prever o mau tempo, o capitão acreditou primeiro numa mistificação; entretanto, para não ter nada a se censurar, o que quer que aconteça, preparou-se. Isso foi bom para ele; porque à hora dita, uma violenta tempestade se desencadeou, e durante três dias seu navio correu um dos maiores perigos que ele jamais correu; mas, graças às precauções tomadas, dela se saiu sem acidente.

O fato da reconciliação nos sugeriu as reflexões seguintes.

Um dos resultados do Espiritismo *bem compreendido*, - apoiamo-nos sobre estas palavras: *bem compreendido*, - é de desenvolver o sentimento da caridade; mas a própria caridade, como se sabe, tem uma aceção muito extensa, desde a simples esmola até o amor aos seus inimigos, que é o sublime da caridade; pode-se dizer que ela resume todos os nobres impulsos da alma para com o próximo. O verdadeiro Espírita, como verdadeiro cristão, pode

ter inimigos; - o Cristo não os teve? -Mas não é o inimigo de ninguém, porque está sempre pronto a perdoar e a restituir o bem pelo mal. Que dois verdadeiros Espíritos hajam tido outrora motivos de animosidade recíproca, sua reconciliação será fácil, porque o ofendido esquece a ofensa e o ofensor reconhece seus erros; desde então entre eles não há mais querelas, porque serão indulgentes um com outro e se farão concessões mútuas; nenhum dos dois procurará impor ao outro um humilhante perdão que irrite e fira mais do que não acalme.

Se em tais condições dois indivíduos podem viver em boa harmonia, pode sê-lo assim com um maior número, e desde então serão tão felizes quanto se pode sê-lo sobre a Terra, porque a maioria de nossas tribulações nasce do contato dos maus. Suponde, pois, uma nação inteira imbuída desses princípios, não seria a mais feliz do mundo? O que é apenas possível para os indivíduos, dir-se-á, é uma utopia para as massas, a menos que se dê um milagre. Pois bem! esse milagre, o Espiritismo já fez muitas vezes em pequeno para famílias desunidas, onde reconduziu a paz e a concórdia; e o futuro provará que pode fazê-lo sobre uma grande escala.

Respostas ao convite dos Espíritas de Lyon e de Bordeaux

Revista Espírita, setembro de 1862

Meus caros irmão e amigos espíritas de Lyon,

Apresso-me em vos dizer o quanto sou sensível ao novo testemunho de simpatia que vindes de me dar, pelo vosso amável e gracioso convite de ir vos visitar ainda este ano. Aceito-o com prazer, porque é sempre uma alegria para mim encontrar-me em vosso meio.

Minha alegria é grande, meus amigos, em ver a família crescer a vista d'olhos; é a mais eloqüente resposta a dar aos tolos e ignóbeis ataques contra o Espiritismo. Parece que esse crescimento aumenta seu furor, porque recebo hoje mesmo uma carta de Lyon, que me anuncia o envio de um jornal desta cidade, *la France littéraire*, onde a doutrina em geral, e minhas obras em particular, são achincalhadas de maneira tão repugnante que me pergunto se é preciso responder-lhe pela imprensa ou pelos tribunais. Digo que é preciso responder-lhe pelo desprezo. Se a doutrina não fizesse nenhum progresso, se minhas obras fossem natimortas, com elas não se inquietariam e nem diriam nada. São os nossos sucessos que exasperam os nossos inimigos. Deixemo-los, pois, exalar sua raiva impotente, porque essa raiva mostra que sentem que sua derrota está próxima; não são bastante tolos para se lançarem sobre um monstro. Quanto mais seus ataques são ignóbeis, menos eles são a temer, porque são desprezados por todas as pessoas honestas, e provam que não têm nenhuma boa razão para o povo, uma vez que não sabem dizer senão injúrias.

Continuai, pois, meus amigos, a grande obra de regeneração começada sob tão felizes auspícios, e logo recolhereis os frutos de vossa perseverança. Provai sobretudo por vossa união, e pela prática do bem, que o Espiritismo é a garantia da paz e da concórdia entre os homens, e fazei que, em vos vendo, possa se dizer que seria a desejar que todo o mundo fosse espírita.

Estou feliz, meus amigos, em ver tantos grupos unidos num mesmo sentimento, e caminhar em comum acordo para esse nobre objetivo que nos propusemos. Sendo esse objetivo exatamente o mesmo para todos, não poderia nele haver divisão; uma mesma bandeira deve vos guiar, e sobre esta bandeira está escrito: *Fora da caridade não há salvação*. Ficai certos de que será ao redor dela que a Humanidade inteira sentirá necessidade de se unir, quando estiver cansada das lutas engendradas pelo orgulho, pelo ciúme e pela cupidez. Esta máxima, verdadeira âncora de salvação, porque ela será o repouso depois da fadiga, o Espiritismo terá a glória de tê-la proclamado primeiro; inscrevei-a em todos os lugares de reunião e em vossas casas particulares; que ela seja doravante a palavra de união entre todos os homens que querem sinceramente o bem, sem pensamento dissimulado pessoal; mas fazei melhor ainda, gravai-a em vossos corações, e gozareis desde o presente da calma e da serenidade que nela haurirão as gerações futuras, quando ela for a base das relações sociais. Sois os vanguardeiros; deveis dar o exemplo para encorajar os outros a vos seguir.

Não olvideis que a tática de vossos inimigos *encarnados* ou *desencarnados* é de vos dividir;

provai-lhes que perdem seu tempo se tentam suscitar entre os grupos sentimentos de ciúme e de rivalidade, que seria uma apostasia da verdadeira Doutrina Espírita Cristã.

As *quinhentas* assinaturas que acompanham o convite que consentistes me endereçar são um protesto contra essa tentativa, e a vários que estou feliz em vê-los. Aos meus olhos, é mais do que uma simples forma; é um convite para marchar no caminho que os bons Espíritos nos traçam. Eu os conservarei preciosamente, porque serão um dia os gloriosos arquivos do Espiritismo.

Uma palavra ainda, meus amigos. Indo vos ver, desejo uma coisa, é que não haja banquete, e isso por vários motivos. Não quero que a minha visita seja uma ocasião de despesa, que poderia impedir a alguns de ali se encontrarem, e me privar do prazer de vos ver todos reunidos. Os tempos são duros; não é preciso, pois, fazer despesa inútil. O dinheiro que custaria será melhor empregado vindo em ajuda daqueles que dele terão necessidade mais tarde. E vo-lo digo com toda a sinceridade, o pensamento de que o que faríeis por mim, nessa circunstância, poderia ser uma causa de privação para muitos, me tiraria todo o prazer da reunião. Não vou a Lyon nem para exhibir nem para receber homenagens, mas para conversar convosco, consolar os aflitos, dar coragem aos fracos, vos ajudar com meus conselhos tanto quanto estiver em meu poder fazê-lo; e o que podeis me oferecer de mais agradável é o espetáculo de uma boa, franca e sólida união. Crede bem que os termos tão afetuosos de vosso convite, valem mais para mim do que todos os banquetes do mundo, me fossem ofertados num palácio. Que me restaria de um banquete? Nada; ao passo que o vosso convite me fica como uma preciosa lembrança e uma garantia de vossa afeição.

Logo, meus amigos, se Deus quiser, terei o prazer de vos apertar cordialmente a mão.

A.K.

Ao Senhor Sabô, de Bordeaux.

Estou muito sensibilizado com o desejo que me testemunhou um grande número de espíritas de Bordeaux de me ver, ainda este ano, entre eles. Se nenhum obstáculo imprevisto a isso se opor, estou sempre na intenção de ir lhes fazer uma pequena visita, não fosse senão para agradecer-lhes pela boa acolhida do último ano; mas vos seria muito reconhecido em lhes fazer saber que desejo que não haja banquete. Não vou entre eles para receber ovações, mas para dar instruções àqueles que crerem delas ter necessidade e com os quais estarei feliz em conversar. Alguns consentiram em dar à minha visita o nome de visita pastoral; eu não desejo que ela tenha um outro caráter. Crede bem que me terei por mais honrado com uma franca e cordial acolhida na forma mais simples, do que de uma recepção cerimoniosa que não convém nem ao meu caráter, nem aos meus hábitos, nem aos meus princípios. Se a união não reinar entre eles, não será um banquete que a fará nascer, ao contrário; se ela existe, pode-se manifestar de outro modo do que por uma festa onde o amor-próprio pode encontrar sua conta, mas que não poderia tocar um verdadeiro Espírita, e por uma despesa inútil que seria melhor empregada para aliviar o infortúnio. Cotizai-vos, pois, em minha intenção, se o quiserdes, e permiti-me juntar-lhe meu óbolo; mas, em lugar de comer o dinheiro, que sirva para dar de comer àqueles a quem falte o necessário. Então isso será a festa do coração, e não a do estômago. Mais vale ser bendito pelos infelizes do que pelos cozinheiros.

A sinceridade da união se traduz pelos atos, e mais ainda pelos atos íntimos do que pelas

demonstrações aparatosas. Que eu veja por toda a parte a paz e a concórdia reinar na grande família; que cada um coloque de lado as vãs suscetibilidade, as rivalidades pueris, filhas do orgulho; que todos não tenham senão um objetivo: o triunfo e a propagação da doutrina, e que todos a isso concorram com zelo, perseverança e abnegação de todo interesse e de toda a vaidade pessoal; eis o que será para mim uma verdadeira festa, o que me encherá de alegria e me fará trazer, de minha segunda estada em Bordeaux, a mais doce e a mais agradável lembrança.

Buscai, eu vos peço, dar parte de minhas intenções aos nossos irmãos espíritas e me crer, etc.

A.K.

Acreditamos dever publicar estas duas respostas, a fim de que não se equivoque sobre os sentimentos que nos guiam nas visitas que fazemos aos centros espíritas. Aproveitamos esta ocasião para agradecer aquelas outras cidades que nos fizeram semelhantes convites; lamentamos que o tempo não nos permita ir por toda a parte; nós o faremos sucessivamente.

No momento de publicar um convite, dos mais graciosos e dos mais prementes, nos foi igualmente feito em nome dos membros da Sociedade Espírita de Viena, na Áustria, ao qual, com nosso lamento, nos é de toda impossibilidade atender neste ano.

Poesias espíritas

Revista Espírita, setembro de 1862

Peregrinações da alma.

Do mesmo modo que do sangue a menor partícula,
Jorrando do coração, em nossas veias circula,
Nossa vida, emanando da Divindade,
Gravita o infinito durante a eternidade.

Nosso globo é um lugar de prova, de sofrimento;
É aí que estão os choros, os ranger de dentes;
Sim, é aí que está o inferno do qual nossa libertação
Prende-se ao grau do mal de nossos antecedentes.

É assim que cada um, deixando este baixo mundo,
Se eleva mais ou menos para um mundo etéreo.
Segundo seja mais puro ou mais ou menos imundo,
Seu ser se liberta ou se acha atraído.

Ninguém pode dos eleitos alcançar a carreira
Sem ter por inteiro expiado as suas faltas,
Se o cruciante remorso, o lamento, a prece,
Não lançaram sobre seus erros um véu de benefícios.

Assim o Espírito errante, ou antes a alma em pena,
Vem tomar um novo corpo neste mundo para sofrer,
Renascer para a virtude na família humana,
Depurar-se pelo bem, e de novo morrer.

Sua santa missão uma vez terminada,
Súbito Deus os retira para a celeste morada,
E progressivamente sua alma é elevada
Ao foco infinito do oceano de amor,

Ao nosso turno, também, nossa prova termina,
Pelo amor elevado às santas regiões,
Triunfantes iremos, no seio da harmonia,
Desses felizes eleitos aumentar as legiões.

Lá, para maior felicidade e por cúmulo de embriaguez,
Àqueles que nos são caros Deus nos reunirá;
Confundidos no impulso de uma santa carícia,
Sob um céu sempre puro sua mão nos abençoará.

No bem, no belo, mudando de modo de ser,

Elevar-nos-emos na santa cidade,
Onde veremos sem fim aumentar o nosso bem-estar
Pelo infinito tesouro da felicidade.

Dos mundos graduados subindo a escala imensa,
Sempre mais depurados mudando de confins,
Iremos, radiosos, acabar onde tudo começa,
Renascer cheios de amor, e brilhantes serafins.

Seremos os primogênitos de uma raça nova,
Os anjos guardiães de homens a chegar;
Celestes mensageiros do bem que Deus revela,
Dos mundos nós iremos enriquecer o futuro.

De Deus tal é, creio, a vontade verdadeira,
No imenso percurso de nossa humanidade,
Humanos, inclinemo-nos, sua ordem é imutável;
Cantemos todos: "Glória a ele, durante a eternidade!"

B. JOLLY, *herborista de Lyon,*

Nota. - Os críticos meticulosos poderão talvez, procurando muito, encontrar algumas falhas nestes versos; nós lhes deixamos esse cuidado e não consideramos senão o pensamento, do qual não se pode desconhecer a justeza do ponto de vista espírita; é bem a alma e suas peregrinações para alcançar, pelo trabalho de depuração, a felicidade infinita. Há um entretanto que parece dominar todos os trechos, muito ortodoxos de resto, e que não poderíamos admitir; é aquele que está expresso por este verso de epígrafe: "*Gravita o infinito durante a eternidade.*" Se o autor entende por isso que a alma sobe sem cessar, disso resultaria que ela não atingiria jamais a felicidade perfeita. A razão disso que a alma, sendo um ser finito, sua ascensão para o bem absoluto deve ter um fim; que chegada a um certo ponto, ela deve, não mais permanecer numa contemplação perpétua, pouco atraente, aliás, e que seria uma inutilidade perpétua, mas ter uma atividade incessante e bem-aventurada, como auxiliar da Divindade.

O Anjo Guardião.

(Sociedade Espírita Africana. - Médiun, senhorita O...)

Pobres humanos, que sofrem nesse mundo,
Consolai-vos, secai os vossos prantos.
Em vão sobre vós o raio estoura,
Junto a vós estão os vossos defensores.
Deus tão bom, este Deus vosso pai,
A todos quis vos dar
Um pequeno anjo, um pequeno irmão,
Que sempre deve vos proteger.
Escutai nossa voz amiga.
Oh! queremos vos ver felizes;
Depois das penas da vida,
Fossais vos conduzir aos céus!
Se pudésseis nos ver sorrir

Aos primeiros passos que fazeis criança;
Se vossos olhares, mortais, em nossos olhos pudessem ler
Nossa dor, quando sois maus!
Mas escutai: queremos vos instruir,
De um doce segredo, que vos convida ao bem,
Para vós também, o dia deve luzir
Quando sereis anjo guardião.
Sim, quando depois de vossa prova última
O Senhor receberá vosso Espírito depurado,
E vos dirá para ir proteger sobre a Terra,
Uma bela criancinha, que para vós terá nascido.
Amai-a bem, e que a vossa assistência,
Pobre pequeno, lhe prove cada dia
De seu anjo guardião o maternal amor;
A vosso turno, guiai com constância
O Espírito de vosso irmão à celeste morada.

Assinado, DUCIS.

Nota. - Este trecho, e um outro de certa extensão, e não menos notável, intitulado: *A Criança e o Ateu*, que inseriremos em nosso próximo número, foram publicados no *Echo de Sétif* (Argélia), de 31 de julho de 1862, que os fez preceder da nota seguinte:

"Um dos nossos assinantes nos comunicou as duas peças de versos adiante, obtidas por um médium de Constantina, nos primeiros dias deste mês. Sem dá-los por isentos de censura, sob o aspecto das regras da versificação, reproduzimos esses versos porque explicam, em parte ao menos, a Doutrina Espírita que tende a se difundir, cada vez mais, sobre toda a superfície do globo."

Esse médium parece ter a especialidade da poesia; já obtive um grande número de trechos que escreve com uma incrível facilidade, sem nenhuma rasura, embora não tenha nenhuma noção das regras da versificação. Vimos um dos membros da Sociedade de Constantina, em presença do qual foram escritos.

Ensinaamentos e Dissertações espíritas

Revista Espírita, setembro de 1862

Estudos Uranográficos.

(Sociedade Espírita de Paris. -Médium, Sr. Flammarion.)

As três comunicações adiante são, de alguma sorte, o início de um jovem médium; ver-se-á que elas prometem para o futuro. Elas servem de introdução a uma série de ditados que o Espírito se propôs fazer sob o título de *Estudos Uranográficos*. Deixamos aos leitores o cuidado de lhe apreciarem a forma e o fundo.



Há algum tempo vos foi anunciado, aqui e alhures, por diversos Espíritos e por diversos médiuns, que vos seriam feitas revelações sobre o sistema dos mundos. Estou chamado para concorrer, na ordem de minha destinação, para cumprir a predição.

Antes de abrir o que poderia chamar nossos estudos Uranográficos, importa bem colocar o primeiro princípio, a fim de que o edifício, assentado sobre uma base sólida, leve em si as condições de duração.

Esse primeiro princípio, essa primeira causa, é o grande e soberano poder que dá a vida aos mundos e aos seres; esse preâmbulo de toda meditação séria, é Deus! A este nome venerado tudo se inclina, e a harpa etérea dos céus faz vibrar as suas cordas de ouro. Filhos da Terra, ó vós que há muito tempo balbuciais este grande nome sem compreendê-lo, quantas teorias arriscadas foram inscritas desde o começo das idades nos anais da filosofia humana! Quantas interpretações errôneas da consciência universal se mostraram através das crenças caducas dos povos antigos! e hoje ainda, quando a era cristã, em seu esplendor, se irradiou sobre o mundo, que idéia se faz do primeiro dos seres, do ser por excelência, daquele que é? Não se viu, nos últimos tempos, o panteísmo orgulhoso se elevar soberbamente até aquele que acreditou justamente qualificar de ser absorvivo, do grande todo, do seio do qual tudo saiu e no qual tudo deve reentrar e se confundir, um dia, sem distinção de individualidades? Não se viu o ateísmo grosseiro expor vergonhosamente o ceticismo negador e corruptor de todo progresso intelectual, o que quer que hajam dito seus sofistas defensores? Seria interminável mencionar escrupulosamente todos os erros que se creditaram ao assunto do princípio primordial e eterno, e a reflexão basta para vos mostrar que o homem terrestre errará todas as vezes que pretender explicar esse problema insolúvel para muitos Espíritos desencarnados. É vos dizer implicitamente que deveis, melhor dizendo, que devemos nos inclinar humildemente diante do grande Ser; é vos dizer, filhos! que se está em nós nos elevarmos até a idéia do Ser infinito, isto deve nos bastar e interditar, a todos, a pretensão orgulhosa de ter os olhos abertos diante do Sol, sem o que estaríamos logo cegos pelo deslumbrante esplendor de Deus na sua eterna glória! Retende

bem isto, é o prelúdio de nossos estudos: Crede em Deus criador e organizador das esferas; amai a Deus criador e protetor das almas, e poderemos penetrar juntos, humilde e estudiosamente, ao mesmo tempo, no santuário onde semeou os dons de seu poder infinito.

GALILEU.



Depois de ter estabelecido o primeiro ponto de nossa tese, a segunda questão que se apresenta é o problema do poder que conserva os seres e se convencionou chamar *Natureza*. Depois da palavra que resume tudo, a palavra que representa tudo. Ora, portanto, o que é a *Natureza*? Escutai primeiro a definição do naturalismo moderno: *A Natureza, diz ele, é o trono exterior do poder divino*. A essa definição, eu acrescentaria esta, que resume todas as idéias dos observadores: *a Natureza é o poder efetivo do Criador*. Notemos esta dupla explicação da mesma palavra que, por uma maravilhosa combinação da linguagem, representa duas coisas à primeira vista tão diferentes. Com efeito, a *Natureza*, entendida no primeiro sentido, representa o efeito cuja causa está expressa sob o segundo sentido. Uma paisagem no horizonte perdido, as árvores espessas sob as quais sente-se a vida subir com a seiva; uma campina colorida pelas flores odorantes e coroadas pelo Sol: isto se chama *Natureza*. Agora, se quer designar a força que guia os astros na vastidão ou que faz germinar, sobre a Terra, o grão de trigo? É ainda a *Natureza*. Que a constatação dessas diversas qualificações seja para vós a fonte de profundas reflexões; que sirva para vos ensinar que se servindo da mesma palavra para exprimir o efeito e a causa, é que, na realidade, a causa e o efeito não fazem senão um. O astro atrai o astro no espaço segundo as leis inerentes à constituição do universo, e é atraído com a mesma força que aquela que reside nele. Eis a causa e o efeito. O raio solar coloca o perfume sobre a flor, e a abelha ali vai procurar o mel; aqui, o perfume é ainda o efeito e a causa. Em vários lugares que vossos olhares se abaixarem sobre a Terra, podereis constatar, por toda a parte, esta dupla natureza. Concluimos disto que se a *Natureza* é, como a denominei, o poder efetivo de Deus, ela é ao mesmo tempo o trono desse mesmo poder; é, ao mesmo tempo, ativa e passiva, efeito e causa, matéria e força imaterial; é a lei que cria, a lei que governa, a lei que embeleza; é o ser e a imagem; é a manifestação do poder criador, infinitamente bela, infinitamente admirável, infinitamente digna da vontade da qual ela é a mensageira.

GALILEU.



Nosso terceiro estudo terá por assunto o espaço.

Várias definições dessa palavra foram dadas; a principal é esta: a extensão que separa dois corpos. De onde certos sofistas deduziram que ali onde não houvesse corpos, não haveria espaço; foi sobre o que os doutores em teologia se basearam para estabelecer que o espaço era necessariamente finito, alegando que corpos limitados em certo número não podiam formar uma seqüência infinita; e que ali onde os corpos se detinham, o espaço se detinha também. Definiu-se ainda o espaço: o lugar onde se movem os mundos, o vazio onde age a matéria, etc... Deixamos nos tratados onde elas repousam todas essas definições que não definem nada.

O espaço é uma dessas palavras que representam uma idéia primitiva e axiomática, evidente por si mesma, e que as diversas definições que se podem dele dar não sabem senão obscurecer. Todos sabemos o que é o espaço, e não quero senão estabelecer sua infinidade, a fim de que nossos estudos ulteriores não tenham nenhuma barreira se opondo às investigações de nosso objetivo.

Ora, digo que o espaço é infinito, por esta razão de que é impossível lhe supor algum limite, e que, apesar da dificuldade que temos para conceber o infinito, nos é no entanto mais fácil ir eternamente no espaço, em pensamento, do que nos deter num lugar qualquer junto ao qual não encontraríamos mais extensão a percorrer.

Para nos figurar, tanto quanto são nossas faculdades limitadas, a infinidade do espaço, suponhamos que partindo da Terra perdida no meio do infinito, para um ponto qualquer do Universo, e isso com a rapidez prodigiosa da centelha elétrica que transpõe *milhares de léguas a cada segundo*, apenas tenhamos deixado este globo, não tendo percorrido milhões de léguas, nós nos encontramos num lugar onde a Terra não nos aparece mais que sob o aspecto de uma pálida estrela. Um instante depois, seguindo sempre a mesma direção, chegamos às estrelas distantes que distinguís com dificuldade de vossa estação terrestre; e dali, não somente a Terra está inteiramente perdida para os nossos olhares nas profundezas do céu, mas ainda o vosso próprio Sol, mesmo em seu esplendor, é eclipsado pela extensão que dele nos separa. Animados sempre da mesma rapidez do relâmpago, transpomos sistemas de mundos a cada passo que avançamos na extensão, ilhas de luz etérea, caminhos estelares, paragens suntuosas onde Deus semeou os mundos com a mesma profusão que semeou as plantas nas campinas terrestres.

Ora, há apenas alguns minutos que caminhamos, e já centenas de milhões e de milhões de léguas nos separam da Terra, bilhões de mundos passaram sob nossos olhares, e no entanto escutai:

Não avançamos, em realidade, um só passo no Universo.

Se continuarmos durante anos, séculos, milhares de séculos, milhões de períodos cem vezes seculares e *incessantemente com a mesma rapidez do relâmpago*, não teremos avançado quase nada! E isto de algum lado que fôssemos e para algum ponto que nos dirigíssemos depois desse grão invisível que deixamos e que se chama a Terra.

Eis o que é o espaço!

GALILEU.

Férias da Sociedade Espírita de Paris

Revista Espírita, setembro de 1862

(Sociedade Espírita de Paris, 1º de agosto de 1862. - Médium, Sr. E. Vézzy.)

Ides vos separar por algum tempo, mas os bons Espíritos estarão sempre com aqueles que pedirem sua ajuda e seu apoio.

Se cada um de vós deixa a mesa do mestre, não é somente para tomar o exercício do repouso, mas é ainda para servir, por toda parte onde vos espalhais, a grande causa humanitária, sob a bandeira da qual viestes vos colocar ao abrigo.

Compreendei bem que para o Espírita fervoroso não há horas marcadas para o estudo; toda a sua vida não é senão uma hora, hora muito curta ainda para o grande trabalho ao qual se entrega: o desenvolvimento intelectual das raças humanas!...

Os ramos não se destacam no tronco porque deles se afastam, ao contrário, dão lugar a novos rebentos que os tornam solidários e os unem. Aproveitai dessas férias que vão vos disseminar, para tornar-vos mais fervorosos ainda, a exemplo dos apóstolos do Cristo; saí desse cenáculo fortes e corajosos; que a vossa fé e as vossas boas obras reúnam ao vosso redor mil crentes que bendirão a luz que derramais em torno de vós.

Coragem! Coragem! no dia do encontro, quando o estandarte do Espiritismo vos chamar para combater e se desdobrar sobre vossas cabeças, que cada um, ao redor de si, tenha os adeptos que terá formado sob a sua bandeira, e os bons Espíritos lhe completarão o número e o levarão a Deus!

Não durmais, pois, Espíritas, na hora da sesta; velai e orai! Já vos disse e outras vezes vos fizeram ouvir, o relógio dos séculos soa, uma vibração retine, chama aqueles que estão na noite, infeliz quem não quer prestar ouvido para escutar!

Ó Espíritas! ide, despertai os dorminhocos, e dizei-lhes que vão ser surpreendidos pelas ondas do mar que sobe com mugidos surdos e terríveis; ide dizer-lhes da escolha com relação ao solo mais esclarecido e mais sólido, porque eis os astros que declinam e a Natureza inteira que se move, treme, e se agita!.....

Mas depois das trevas eis a luz, e aqueles que não tiverem querido ver nem ouvir, imigrarão nessa hora nos mundos inferiores para expiar e ali esperar por muito tempo, bem muito tempo, novos astros que devam se elevar e esclarecê-los! e o tempo lhes parecerá a eternidade, porque não entreverão o fim de suas penas até o dia em que começarão a crer e a compreender.

Eu não vos chamaria mais filhos, Espíritas, mas homens, homens bravos e corajosos! Soldados da nova fé, combatei valentemente, armai vosso braço com a lança da caridade e

cobri vosso corpo com o escudo do amor. Entrai na liça! alerta! alerta! Esmigalhai sob os pés os erros e a mentira, estendei a mão àqueles que vos pedirem: Onde está a luz? Dizei-lhes bem que aqueles que caminham guiados pela estrela do Espiritismo não são pusilânimes, que não se amedrontam com miragens, e não aceitam como leis senão o que a fria e sã razão lhes ordena; que a caridade é a sua divisa e que não se despojam para seus irmãos senão em nome da solidariedade universal, e não para ganharem um paraíso que sabem bem não poder possuir senão quando tiverem muito expiado!... que conhecem Deus, e que sabem, antes de tudo, que é imutável em sua justiça, que não pode conseqüentemente perdoar uma vida de faltas amontoadas, por um segundo de arrependimento, como não pode punir uma hora de sacrilégio por uma eternidade de suplício!...

Sim, Espíritas, contai os anos de arrependimento em número de estrelas, mas a idade de ouro chegará para quem tiver sabido contá-los!...

Ide, pois, trabalhadores e soldados, e que cada um retorne com a pedra ou o calhau que deve ajudar na construção do novo edifício, e vo-lo digo, em verdade, esta vez não tereis mais a temer a confusão, embora querendo elevar até o céu a torre que o coroará; Deus, ao contrário, estenderá a mão sobre o vosso caminho, a fim de vos pôr ao abrigo dos furacões.

Eis a décima hora do dia, eis os servidores que vêm da parte do senhor procurar os trabalhadores; vós que não estais ocupados, vinde, e não esperai a última hora!...

SANTO AGOSTINHO.

Aos centros espíritas que devemos visitar

Revista Espírita, setembro de 1862

O número dos centros que nos propomos visitar, junto ao cumprimento do trajeto, não nos permitindo consagrar, a cada um, tanto tempo quanto o desejávamos, cremos útil aproveitar esse tempo, o melhor possível, para a instrução. Nesse objetivo, nossa intenção é de responder, tanto quanto isso esteja em nosso poder, às perguntas sobre as quais se desejar ter esclarecimentos. Temos notado que, quando fazemos essa proposição durante a sessão, não se sabe o que geralmente perguntar, e que muitas pessoas são retidas pela timidez ou pelo embaraço em formular o seu pensamento. Para evitar esse duplo inconveniente, rogamos preparar essas perguntas antecipadamente por escrito e nos remeter a lista antes da reunião. Poderemos, então, classificá-las metodicamente, podar os duplos empregos, e respondê-las de maneira mais satisfatória para todos, refutando ao mesmo tempo as objeções à doutrina.

Ao Senhor E. K.

Sou completamente estranho à inscrição da qual me falais em vossa carta de 2 de agosto, datada de Guigampe, por uma razão muito simples: é que não estive na Bretagne; e acrescento que não tinha nenhum conhecimento desse *Mane, Thècel, Pharès* de um outro gênero, como vós o chamais. Se pude produzir sobre vós uma salutar impressão, é preciso disso agradecer ao autor desconhecido. Em todos os casos, ficaria feliz de vos receber quando vierdes a Paris, onde todavia não estarei de retorno senão nos primeiros dias de outubro. Será um prazer vos dar verbalmente todas as instruções que desejardes.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quinto Ano – 1862

Outubro

- [Apolônio de Tiana](#)
- [Resposta ao *Abeille agenaise*, pelo Sr. Dombre](#)
- [Membros honorários da Sociedade de Paris](#)
- [O que deve ser a história do Espiritismo](#)
- Provas de identificação.
 - [Arsène Gautier - Uma lembrança de Espírito](#)
- [Um Espírito pode recuar diante de uma prova?](#)
- [Resposta a uma pergunta mental](#)
- Poesias espíritas.
 - [A criança e o ateu](#)
 - [A Abóbora e a Sensitiva](#)
- Ensinamentos e Dissertações espíritas.
 - [O Espiritismo o Espírito maligno](#)
 - [O Corvo e a Raposa](#)
 - [Estilo das boas comunicações](#)
 - [A Razão e o Sobrenatural](#)

Apolônio de Tiana

Revista Espírita, outubro de 1862

A exceção dos eruditos, Apolônio de Tiana não é quase conhecido de nome, e ainda seu nome não é popular, por falta de uma história à altura de todos. Dele não existia senão algumas traduções, elas mesmas feitas sobre uma tradução latina e de um formato incômodo. Deve-se, pois, estar contente com o sábio helenista que vem de pô-lo à luz por uma tradução conscienciosa feita sobre o texto grego original, e aos editores terem, com essa publicação, preenchido uma lacuna lamentável (1-1- *Apolônio de Tiana*, sua vida, suas viagens, seus prodígios; por Rlostrato, Nova tradução feita sobre o texto grego, pelo Sr. CHAS3ANG, mestre das conferências na Escola normal. -1 vol. in-12 de 500 páginas. Preço, 3 fr 50; casa dos Srs. Didier e Cia., editores, cais do Augustin, 35, em Paris.).

Não há datas precisas sobre a vida de Apolônio. Segundo certos cálculos, teria nascido dois ou três anos antes de Jesus Cristo, e morrido aos noventa e seis anos pelo fim do primeiro século. Nasceu em Tiana, vila grega de Cappadoce, na Ásia Menor. Em boa hora fez prova de uma grande memória, de uma inteligência notável e mostrou um grande ardor pelo estudo. De todas as filosofias que estudou, adotou a de Pitágoras, da qual seguiu rigorosamente os preceitos até a sua morte. Seu pai, um dos mais ricos cidadãos de Tiana, deixou-lhe uma fortuna considerável que ele partilhou entre seus parentes, não se reservando senão uma pequena parte, porque, dizia ele, o sábio deve saber se contentar com pouco. Ele viajou muito para se instruir; percorreu a Assíria, a Cítia, a Índia, onde visitou os Bramanes, o Egito, a Grécia, a Itália e a Espanha, ensinando por toda a parte a sabedoria; por toda a parte, querido pela doçura de seu caráter, honrado por suas virtudes e recrutando numerosos discípulos que se apressavam sobre seus passos para ouvi-lo, e dos quais vários o seguiram em suas viagens. Um deles, no entanto, Eufrates, invejoso de sua superioridade e de seu crédito, tornou-se seu detrator e seu inimigo mortal, e não cessou de derramar a calúnia sobre ele para perdê-lo, mas não resultou senão em aviltar a si mesmo; Apolônio com isso jamais se perturbou, e longe de conceber contra ele algum ressentimento, lamentava-o pela sua fraqueza e procurava sempre restituir-lhe o bem para o mal. Damis, ao contrário, jovem Assírio que conheceu em Nínive, ligou-se a ele com uma fidelidade à toda prova, foi o companheiro assíduo de suas viagens, o depositário de sua filosofia, e deixou, sobre ele, a maioria dos conhecimentos que possuímos.

O nome de Apolônio de Tiana se encontra misturado ao de todos os personagens legendários que a imaginação dos homens está pronta a enfeitar com os atrativos do maravilhoso. Qualquer que seja o exagero dos fatos que se lhe atribuem, fica evidente que, ao lado das fábulas, encontra-se um fundo de verdades mais ou menos desnaturadas. Ninguém seguramente saberia pôr em dúvida a existência de Apolônio de Tiana; o que é igualmente certo é que deve ter feito coisas notáveis, sem o que não se teria dele falado. Para que a imperatriz Júlia Domna, mulher de Sétimo-Severo, haja pedido a Filostrato para escrever a sua vida, seria preciso, necessariamente, que houvesse feito falar dele, porque não é provável que ela haja encomendado um romance sobre um homem imaginário ou obscuro. Que Filostrato haja ampliado os fatos, ou que os haja encontrado ampliados, isto é provável e mesmo certo para alguns pelo menos, que estão fora de toda probabilidade; mas o que não é menos certo, é que retirou o fundo de sua relação nos relatos quase contemporâneos e que deviam ter bastante notoriedade para merecerem a atenção da imperatriz. A dificuldade, algumas vezes, é de distinguir a fábula da verdade; neste caso há pessoas que acham mais simples tudo negar.

Os personagens dessa natureza são muito diversamente apreciados; cada um os julga no ponto de vista de suas opiniões, de suas crenças e mesmo de seus interesses. Apolônio de Tiana devia, mais que qualquer outro., dar matéria à controvérsia, pela época em que vivia, e pela natureza de suas faculdades. Atribuía-lhe, entre outras coisas, o dom de curar, a presciência, a visão à distância, o poder de ler no pensamento, de expulsar demônios, de se transportar, instantaneamente de um lugar para um outro, etc. Poucos filósofos gozaram de maior popularidade quando vivos. Seu prestígio era ainda aumentado pela austeridade de seus costumes, sua doçura, sua simplicidade, seu desinteresse, seu caráter benevolente e sua reputação de sabedoria. O paganismo lançava, então, seus últimos clarões, e se batia contra a invasão do cristianismo nascente: quis dele fazer um deus. As idéias cristãs se misturando com as idéias pagas, alguns dele fizeram um santo; os menos fanáticos não viram nele senão um filósofo; é a opinião mais razoável, e é o único título que ele jamais tomou, porque se defendeu de ser filho de Júpiter, como alguns o pretendiam. Embora contemporâneo do Cristo, não parece dele ter ouvido falar, porque, em sua vida, não faz nenhuma alusão ao que se passava então na Judéia.

Entre os cristãos que o julgaram depois, uns o declararam patife e impostor; outros, não podendo negar os fatos, pretenderam que ele não operava prodígios senão pela assistência do demônio, sem pensar que era confessar esses mesmos prodígios, e fazer de Satã o rival de Deus, pela dificuldade de se distinguirem os prodígios divinos dos prodígios diabólicos. Foram as duas opiniões que prevaleceram na Igreja.

O autor dessa tradução manteve-se numa sábia neutralidade; não esposou nenhuma versão, e, para colocar cada um em condições de apreciar todas, indica com cuidado escrupuloso todas as fontes de onde pôde haurir, deixando cada um livre para tirar, da comparação dos argumentos pró ou contra, tal consequência que julgará a propósito, limitando em fazer uma tradução fiel e conscienciosa.

Os fenômenos espíritas, magnéticos e sonambúlicos vêm hoje lançar uma luz toda nova sobre os fatos atribuídos a esse personagem, demonstrando a possibilidade de certos efeitos relegados, até este dia, ao domínio fantástico do maravilhoso, e permitindo-lhes fazer a parte do possível e do impossível.

E primeiro, o que é o maravilhoso? O ceticismo responde: é tudo o que, estando fora das leis da Natureza, é impossível; depois acrescenta: Se os relatos antigos são férteis em fatos desse gênero, isso se prende ao amor do homem pelo maravilhoso. Mas de onde vem esse amor? É o que ele não diz, e é o que vamos tentar explicar; isto não será inútil ao nosso assunto.

O que o homem chama de maravilhoso, o transporta pelo pensamento além dos limites do conhecido, e é aspiração íntima para uma ordem de coisas melhores que lhe faz procurar com avidez o que pode a ela ligá-lo e dar dela uma idéia. Esta aspiração lhe vem da intuição que ele tem de que certa ordem de coisas deve existir; não a encontrando sobre a Terra, procura-a na esfera do desconhecido. Mas esta própria aspiração não é indício providencial de que há alguma coisa, além da vida corpórea? Ela não é dada senão ao homem, porque os animais, que nada esperam, não procuram o maravilhoso. O homem compreende intuitivamente que há, fora do mundo visível, um poder do qual se faz uma idéia mais ou menos justa segundo o desenvolvimento de sua inteligência, e muito naturalmente vê a ação *direta* desse poder em todos os fenômenos que ele não compreende; também uma multidão de fatos passavam outrora por maravilhosos, que, hoje perfeitamente explicados, entraram no domínio das leis naturais. Disso resulta que

todos os homens que possuem faculdades ou conhecimentos superiores ao vulgo passam por ter uma porção desse poder invisível, ou ter dele seu poder; foram chamados mágicos ou feiticeiros. A opinião da Igreja tendo feito prevalecer que esse poder não podia provir senão do Espírito do mau, quando se exercia fora de seu seio, nos tempos de barbárie e de ignorância, queimavam-se os pretensos mágicos ou feiticeiros; o progresso da ciência tomou seu lugar na Humanidade.

Onde encontrais, dizem os incrédulos, mais relatos maravilhosos? Não é na antigüidade, nos povos selvagens, nas classes menos esclarecidas? Não é uma prova de que são o produto da superstição, filha da ignorância? Da ignorância, é incontestável, e isto por uma razão muito simples. Os antigos, que sabiam menos do que nós, não eram menos tocados pelos mesmos fenômenos; conhecendo menos causas verdadeiras, procuravam as causas sobrenaturais para as coisas mais naturais, e, com a ajuda da imaginação, secundada pelo medo de um lado, do outro pelo gênio poético, aumentavam acima dos contos fantásticos amplificados pelo gosto da alegoria particular aos povos do Oriente. Prometeu arrancando o fogo do céu que o consumia, devia passar por um ser sobre-humano punido por sua temeridade, por ter impiedade sobre os direitos de Júpiter; Franklin, o Prometeu moderno, é para nós simplesmente um sábio. Montgolfier, elevando-se nos ares teria sido, nos tempos mitológicos, um ícaro; que teria sido, pois, o Sr. Poitevin se elevando sobre um cavalo?

Tendo a ciência feito reentrar uma multidão de fatos na ordem natural, reduziu muito os fatos maravilhosos. Mas explicou tudo? Conhece todas as leis que regem os mundos? Não tem nada mais a aprender? Cada dia dá um desmentido a essa orgulhosa pretensão. Não tendo, pois, pesquisado todos os segredos de Deus, disso resulta que muitos fatos antigos estão ainda inexplicados; ora, não admitindo como possível o que ela não compreende, acha mais simples chamá-los maravilhosos, fantásticos, quer dizer, inadmissíveis para a razão; aos seus olhos todos os homens que são considerados tê-los produzidos, são mitos ou impostores, e diante desse decreto, Apolônio de Tiana não podia encontrar graça. Ei-lo, pois, condenado pela Igreja, que admite fatos, como um subordinado de Satã, e pelos sábios que não os admitem, como um hábil malabarista.

A lei de gravitação universal abriu um novo caminho para a ciência, e deu conta de uma multidão de fenômenos sobre os quais se construíram teorias absurdas; a lei das afinidades moleculares veio lhe dar um novo passo; a descoberta de um mundo microscópico abriu-lhe novos horizontes; a eletricidade, a seu turno, veio revelar-lhe uma nova força que ela não supunha; a cada uma dessas descobertas, viram-se resolver muitas dificuldades, muitos problemas, muitos mistérios incompreendidos ou falsamente interpretados; mas quantas coisas restam ainda a esclarecer? Não se pode admitir a descoberta de uma nova lei, de uma nova força vindo lançar luz sobre sobre os pontos ainda obscuros? Pois bem! é uma nova força que o Espiritismo vem revelar, e essa força, é a ação do mundo invisível sobre o mundo visível. Mostrando nesta ação uma lei natural, recua ainda os limites do maravilhoso e do sobrenatural, porque explica uma multidão de coisas que pareciam inexplicáveis, como outras pareciam inexplicáveis antes da descoberta da eletricidade.

O Espiritismo limita-se a admitir o mundo invisível como hipótese e como meio de explicação? Não, porque isso seria explicar o desconhecido pelo desconhecido; ele prova a sua existência por fatos patentes, irrecusáveis, como o microscópio provou a existência do mundo dos infinitamente pequenos. Estando, pois, demonstrado que o mundo invisível nos rodeia, que esse mundo é essencialmente inteligente, uma vez que se compõe das almas dos homens que viveram, concebe-se facilmente que ele possa desempenhar um papel ativo no mundo visível, e produzir fenômenos de uma ordem particular. São esses fenômenos que a ciência, não podendo explicar pelas leis conhecidas, chama de

maravilhosos. Esses fenômenos, sendo uma lei da Natureza, deveram se produzir em todos os tempos; ora, como repousa sobre a ação de uma força fora da Humanidade, e que todas as religiões têm por princípio a homenagem prestada a essa força, eles serviram de base a todas as religiões; eis porque nos relatos antigos, do mesmo modo que todas as teogonias, formigam alusões e alegorias concernentes às relações do mundo invisível com o mundo visível, e que são ininteligíveis se não se conhecem essas relações; querer explicá-las sem isso, é querer explicar os fenômenos elétricos sem a eletricidade. Esta lei é uma chave que vai abrir a maioria dos santuários misteriosos da antigüidade; uma vez reconhecida, os historiadores, os arqueólogos, os filósofos, vão ver se desenrolar, diante deles, um horizonte inteiramente novo, e a luz se fará sobre os pontos mais obscuros.

Se esta lei ainda encontra oposição, ela tem isso de comum com tudo que é novo; isto se prende, além disso, ao Espírito materialista que domina nossa época, e em segundo lugar porque se faz, do mundo invisível, uma idéia de tal modo falsa, que a incredulidade lhe é a consequência. O Espiritismo não só lhe demonstra a existência, mas apresenta-o sob um aspecto de tal modo lógico que a dúvida não tem mais razão de ser naquele que se dá ao trabalho de estudá-lo conscienciosamente.

Não pedimos, no entanto, aos sábios crerem; mas como o Espiritismo é uma filosofia que toma um lugar amplo no mundo, a esse título, fosse ele um sonho oco, ela merece exame, não fosse senão para saber o que ela diz. Não lhes pedimos senão uma coisa, é de estudá-la, mas de estudá-la a fundo, para não lhe fazer dizer o que ela não diz; depois, então, que creiam ou que não creiam, com a ajuda dessa alavanca, tomada como simples hipótese, que tentem resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc., diante dos quais fracassaram, e disso verão o resultado. Não lhes pedir a fé, isso não é muito exigir.

Voltemos a Apolônio, Os Antigos conheciam incontestavelmente o magnetismo: disso se encontra a prova em certas pinturas egípcias; conheciam igualmente o sonambulismo e a segunda vista, uma vez que são fenômenos naturais psicológicos; conheciam as diferentes categorias de Espíritos, que chamavam deuses, e suas relações como os homens; os médiuns curadores, videntes, falantes, audientes, inspirados, etc., deveram se produzir entre eles como em nosso tempo, como se vêem numerosos exemplos entre os Árabes; com a ajuda desses dados e do conhecimento das propriedades do perispírito, envoltório corporal fluídico dos Espíritos, pode-se perfeitamente se dar conta de vários fatos atribuídos a Apolônio de Tiana, sem haver recorrido à magia, à feitiçaria nem ao malabarismo. Dizemos de vários, porque os há dos quais o próprio Espiritismo demonstra a impossibilidade; é nisso que ele serve para fazer a parte da verdade e do erro. Deixamos àqueles que terão feito um estudo sério e completo desta ciência, o cuidado de estabelecer a distinção do possível e do impossível, o que lhes será fácil.

Consideremos, agora, Apolônio sob um outro ponto de vista. Ao lado do médium que dele fazia, naquele tempo, um ser quase sobrenatural, havia nele o filósofo, o sábio. Sua filosofia exalava doçura de seus costumes e de seu caráter, de sua simplicidade em todas as coisas. Pode-se julgá-lo por algumas de suas máximas.

Tendo feito censuras aos Lacedemônios degenerados e efeminados, e tendo estes aproveitado seus conselhos, ele escreveu aos Eforos: "Apolônio aos Éforos, saúde. Os verdadeiros homens não devem cometer faltas; mas não cabe senão aos homens de coração, se cometem faltas, reconhecê-las."

Os Lacedemônios, tendo recebido uma carta de censura do imperador, estando indecisos

em saberem se deveriam conjurar sua cólera ou lhe responder com altivez, consultaram Apolônio sobre a forma de sua resposta; este veio à assembléia e não disse senão estas palavras: "Se Palamédio inventou a escrita, não foi somente para que se pudesse escrever, mas a fim de que se saiba quando não é preciso escrever."

Telesino, cônsul romano, interrogando Apolônio, lhe perguntou: "Quando vos aproximais dos altares, qual é a vossa prece? - Peço aos deuses que reine a justiça, que as leis sejam respeitadas, que os sábios sejam pobres, que os outros se enriqueçam, mas por caminhos honestos. - Quê! quando pedis tantas coisas pensais estar satisfeito? - Sem dúvida, porque peço tudo isto em uma só palavra: e, me aproximando dos altares, digo: "Ó deuses! dai-me o que me é devido." Se estou entre os justos, obterei mais do que não disse; se, ao contrário, os deuses me colocam no número dos maus, punir-me-ão, e não poderei fazer censuras aos deuses e, não sendo bom, sou punido."

Vespasiano, conversando com Apolônio sobre a maneira de governar quando fosse imperador, lhe disse: "Vendo o império aviltado pelos tiranos que acabo de vos nomear, quis tomar vosso conselho sobre a maneira de reabilitá-lo na estima dos homens. - Um dia, disse Apolônio, um tocador de flauta, dos mais hábeis, enviou um de seus alunos entre os piores tocadores de flauta para lhes ensinar como não é preciso tocar. Sabeis, agora, Vespasiano, como não é preciso reinar: vossos predecessores vo-lo ensinaram. Reflitamos agora na maneira de reinar bem."

Estando preso em Roma, sob Domiciano, fez aos prisioneiros um discurso para chamá-los à coragem e à resignação, e lhes disse: "Todos, enquanto somos, estamos na prisão durante a duração do que se chama a vida. Nossa alma, ligada a esse corpo perecível, sofre males numerosos, e é escrava de todas as necessidades de sua condição de homem."

Em sua prisão, respondendo a um emissário de Domiciano, que o convidava a acusar Nerva para obter a sua liberdade, ele disse: "Meu amigo, se fui posto a ferros por ter dito a verdade a Domiciano, o que me aconteceria por ter mentido? O imperador crê que é a franqueza que merece os ferros, e eu creio que é a mentira."

Em uma carta a Eufrates: "Perguntei aos ricos se eles não tinham inquietações. "Como não as teríamos? me disseram. - "E de onde vêm vossas inquietações?-De nossas riquezas." Eufrates, eu vos lamento, porque vindes de vos enriquecer."

Ao mesmo: "Os homens mais sábios são os mais breves em seu discurso. Se os tagarelas sofressem o que fazem os outros sofrerem, não falaria tanto."

Outra a Criton: "Pitágoras disse que a medicina é a mais divina das artes. Se a medicina é a arte mais divina, é preciso que o médico se ocupe da alma ao mesmo tempo que do corpo. Como um ser estaria sadio, quando a parte mais importante de si mesmo estiver doente?"

Outra aos platônicos: "Se oferecem dinheiro a Apolônio, que se lhe pareça estimável, não terá dificuldades em aceitá-lo, por pouco que dele tenha necessidade. Mas um salário para que ele ensine, jamais, mesmo na necessidade, ele não o aceitará."

Outra a Valério: "Ninguém morre, se isso não é em aparência, do mesmo modo que ninguém nasce, se isso não é em aparência. Com efeito, a passagem da essência à substância, eis o que se chama nascer; e o que se chama morrer é, ao contrário, a passagem da substância à essência."

Aos sacrificadores do Olimpo: "Os deuses não têm necessidade de sacrifícios. O que é preciso, pois, fazer para lhes ser agradável? É preciso, se não me engano, procurar adquirir a divina sabedoria, e prestar, tanto quando o pode, serviços àqueles que os merecem: Eis o que os deuses amam. Os ímpios, eles mesmos, podem fazer sacrifícios."

Aos Efésios do templo de Diana: "Conservastes todos os ritos dos sacrifícios, todo o fausto da realeza. Como banqueteadores e alegres convivas, sois irrepreensíveis; mas quantas censuras não se tem a vos fazer, como vizinhos da deusa noite e dia! Não é de vosso meio que saem os gatunos, os bandidos, os mercadores de escravos, todos os homens injustos e ímpios? O templo é um covil de ladrões."

Aos que se crêem sábios: "Dissestes que sois dos meus discípulos? Pois bem! Acrescentai que ficais sempre em vossa casa, que jamais ides às termas, que não matais animais, que não corneis carne de açougue, que estais livres de todas as paixões, da inveja, da malignidade, do ódio, da calúnia, do ressentimento, que, enfim, sois do número dos homens livres. Não vades fazer como aqueles que, por discursos mentirosos, fazem crer que vivem de um modo, ao passo que vivem de maneira toda oposta."

Ao seu irmão Hestieu: "Por toda a parte sou olhado como um homem divino; em alguns lugares mesmo tomam-me por um deus. Na minha pátria, ao contrário, sou até aqui desconhecido. É preciso com isso se espantar? Vós mesmos, meus irmãos, eu o vejo, não estais convencidos ainda de que sou superior a muitos homens pela palavra e pelos costumes. E como meus concidadãos e meus parentes se enganaram a meu respeito? Ai! esse erro me é muito doloroso, eu sei que é belo considerar toda a Terra como sua pátria e todos os homens como seus irmãos e seus amigos, uma vez que todos descendem de Deus e são de uma mesma natureza, uma vez que todos têm igualmente as mesmas paixões, uma vez que todos são homens igualmente, quer tenham nascido Gregos ou bárbaros."

Estamos em Catânia, na Sicília, numa instrução dada aos seus discípulos, ele disse falando do Etna: "A ouvi-los, sob essa montanha geme acorrentado algum gigante, Tifeu e Enceládio, que, em sua longa agonia, vomita todo esse fogo. Eu concordo que existiram gigantes; porque, em diversos lugares, os túmulos entre-abertos nos fizeram ver as ossadas que indicam homens de um talhe extraordinário; mas eu não podia admitir que tivessem entrado em luta com os deuses; no máximo talvez ultrajaram seus templos e suas estátuas. Mas que hajam escalado o céu e dele tenham expulsado os deuses, é insensato dizê-lo, e é insensato nisso crer. Uma outra fábula, que parece menos irreverente para com os deuses, e da qual no entanto não devemos fazer mais caso, é que Vulcano trabalha na forja nas profundezas do Etna, e que isso o faz sem cessar retinir a bigorna. Há, em diversos pontos da Terra, outros vulcões, e não se acha de dizer que haja tantos gigantes e Vulcanos."

Certos leitores teriam achado, talvez, mais interessante que citássemos os prodígios de Apolônio para comentá-los e explicá-los; mas nos mantivemos, antes de tudo, em nele mostrar o filósofo e o sábio antes que o taumaturgo. Pode-se tomar ou rejeitar tudo o que se quiser dos fatos maravilhosos que se lhe atribuem, mas cremos difícil que um homem que disse tais palavras, que professa e pratica tais princípios, seja um malabarista, um patife ou um possuído do demônio.

Quanto aos prodígios, não citaremos deles senão um único que testemunha suficientemente uma das faculdades da qual era dotado.

Depois de um relato detalhado do assassinato de Domiciano, Filostrato acrescenta:

"Enquanto esses fatos se passavam em Roma, Apolônio os via em Êfeso. Domiciano foi atacado por Clemente pelo meio-dia; no mesmo dia, no mesmo momento, Apolônio dissertava nos jardins junto aos xistos. De repente abaixou um pouco a voz, como se estivesse tomado de um pavor súbito. Continuou seu discurso, mas sua linguagem não tinha a sua força ordinária, assim como ocorre àqueles que falam pensando em outra coisa. Depois ele se calou como fazem aqueles que perderam o fio de seu discurso; lançou para a terra olhares assustadores, deu três ou quatro passos adiante, e exclamou: "Fere o tirano! fere!" Dir-se-ia que via não a imagem de um fato num espelho, mas o próprio fato em toda a sua realidade. Os Efésios (porque Êfeso inteiro assistia ao discurso de Apolônio) foram tomados de espanto. Apolônio deteve-se semelhante a um homem que procura ver o fim de um acontecimento duvidoso. Enfim exclamou: 'Tende boa coragem, Efésios. O tirano foi morto hoje. Que digo eu hoje? Por Minerva! vem de ser morto neste mesmo instante, enquanto me interrompi.'" Os Efésios acreditaram que Apolônio havia perdido o espírito; desejaram vivamente que tivesse dito a verdade, mas temiam que algum perigo não resultasse para eles desse discurso." Eu não me admiro, disse Apolônio, se não crerem em mim ainda: a própria Roma não o sabe por inteira. Mas eis que ela sabe, a novidade se espalha, já milhares de cidadãos a crêem; isso faz saltar de alegria o dobro desses homens, e o quádruplo, e o povo inteiro. O boato disso virá até aqui; podeis adiar, até o momento em que fordes instruídos do fato, o sacrifício que deveis oferecer aos deuses nessa ocasião; quanto a mim, vou dar-lhes graças daquilo que vi. Os Efésios ficaram em sua incredulidade; mas logo mensageiros vieram lhes anunciar a boa nova e dar testemunho em favor da ciência de Apolônio; porque o assassinato do tirano, o dia em que foi consumado, a hora do meio-dia, o autor da morte que encorajara Apolônio, todos esses detalhes se encontravam perfeitamente conforme àqueles que os deuses lhe tinham mostrado no dia de seu discurso aos Efésios."

Disso não era preciso mais, nessa época, para se fazer passar por um homem divino. Em nossos dias os nossos sábios tê-lo-iam tratado de visionário; para nós, ele era dotado de uma segunda vista da qual o Espiritismo dá a explicação. (Ver a teoria do sonambulismo e da dupla vista em *O Livro dos Espíritos*, nº 455.)

Sua morte apresentou um outro prodígio. Tendo entrado, uma noite, no templo de Dictinia em Linde, na Creta, malgrado os cães ferozes que lhe guardavam a entrada, e que em lugar de ladrarem à sua chegada, vieram acariciá-lo, foi aprisionado pelos guardas do templo, por esse fato, como mágico e acorrentado. Durante a noite, desapareceu da visão dos guardas, sem deixar traços e sem que se haja encontrado seu corpo. Ouviram-se, então, dizem, vozes de mocinhas que cantavam: "Deixai a Terra; ide ao céu, ide!" Como para convidá-lo a se elevar da Terra para as regiões superiores.

Filostrato termina assim o relato de sua vida:

"Mesmo depois de sua desaparecimento, Apolônio sustentou a imortalidade da alma, e ensinou que o que se disse a esse respeito é verdade. Havia então em Tiana um certo número de jovens apaixonados pela filosofia; a maioria de suas discussões rolava sobre a alma. Um deles não podia admitir que ela fosse imortal. "Eis dez meses, dizia, que peço a Apolônio para me revelar a verdade sobre a imortalidade da alma; mas ele está tão bem morto que minhas preces são vãs, e que não me apareceu, mesmo para me provar que seja imortal. "Cinco dias depois ele falou do mesmo assunto com seus companheiros, depois dormiu no lugar mesmo onde ocorreu a discussão. De repente ele saltou como sendo vítima de um acesso de demência: estava meio adormecido e coberto de suor. "Eu te acredito,"

gritava. Seus companheiros lhe perguntaram o que havia com ele. "Não vedes, respondeu-lhes, o sábio Apolônio? Ele está em nosso meio, escuta a nossa discussão, e recita sobre a alma cantos melodiosos. - Onde está? disseram os outros, porque não o vemos, e é uma felicidade que preferiríamos a todos os bens da Terra. — Parece que ele veio só para mim: veio instruir-me do que recusava crer. Escutai, pois, escutai os cantos divinos que ele me faz ouvir:

"A alma é imortal; ela não é para vós, ela é para a Providência. Quando o corpo está esgotado, semelhante a um corcel veloz que vence a carreira, a alma se lança e se precipita no meio dos espaços etéreos, cheia de desprezo pela triste e rude escravidão que sofreu. Mas que vos importam essas coisas! Vós as conhecereis quando não fordes mais. Enquanto estais entre os vivos, por que procurar penetrar esses mistérios?"

Tal é o oráculo tão claro que deu Apolônio sobre os destinos da alma; ele quis que, conhecendo a nossa natureza, caminhássemos de coração contente para os objetivos que as Parcas nos fixam."

A aparição de Apolônio depois de sua morte é tratada de alucinação pela maioria de seus comentaristas, cristãos ou outros, que pretenderam que o jovem tivera a imaginação ferida pelo próprio desejo que tinha de vê-lo, o que fez com que acreditasse vê-lo. Entretanto, a Igreja de todos os tempos admitiu essa espécie de aparições; delas cita muitos exemplos que reconhece como autênticos. O Espiritismo vem explicar o fenômeno, fundado sobre as propriedades do perispírito, envoltório ou corpo fluídico do Espírito, que, por uma espécie de condensação, toma uma aparência visível, e pode, como se sabe, tomar uma aparência tangível. Sem o conhecimento da lei constitutiva dos Espíritos, esse fenômeno é maravilhoso; conhecida a lei, o maravilhoso desaparece para dar lugar a um fenômeno natural. (Ver em *O Livro dos Médiuns* a teoria das manifestações visuais, capítulo VI.) Admitindo que esse jovem foi joguete de uma ilusão, restaria aos negadores explicar as palavras que ele empresta à Apolônio, palavras sublimes e todas opostas à idéias que ele viera de sustentar um instante antes.

O que faltaria à Apolônio para ser cristão? Bem pouca coisa, como se vê. Não praza a Deus que estabeleçamos um paralelo entre ele e o Cristo! O que prova a incontestável superioridade deste, é a divindade de sua missão, é a revolução produzida no mundo inteiro pela doutrina que ele, obscuro, e seus apóstolos também obscuros quanto ele, pregaram, ao passo que a de Apolônio morreu com ele. Haveria, pois, impiedade em colocá-lo como rival do Cristo! Mas, querendo-se prestar muita atenção ao que foi dito a respeito do culto pagão, ver-se-á que ele condena as formas supersticiosas e lhes dá um golpe terrível para substituir por idéias mais sadias. Se se tivesse falado assim ao tempo de Sócrates, haveria, como este último, pagado com sua vida o que se teria chamado de sua impiedade; mas à época em que ele vivia, as crenças pagas tinham passado seu tempo, e ele era escutado. Pela sua moral, preparou os pagãos, no meio dos quais vivia, para receberem, com menos dificuldade, as idéias cristãs, às quais serviu de transição. Cremos, pois, estar na verdade dizendo que ele serviu de traço *de* união entre o paganismo e o cristianismo. Sob esse aspecto, talvez, teve também a sua missão. Podia ser escutado pelos Pagãos, e não o teria sido pelos Judeus.

Resposta ao *Abeille agenaise*, pelo Sr. Dombre

Revista Espírita, outubro de 1862

Lê-se no *Abeille agenaise* de 25 de maio de 1862, o artigo seguinte:

"Temos sob os olhos um escrito de uma graça encantadora, intitulado: *Entrevistas espíritas*. O autor, Sr. de Cazenove de Pradines, antigo presidente da Sociedade de agricultura, ciências e artes de Agen, a tudo recentemente deixou ao Sr. Magen o prazer e o cuidado de dar-lhe leitura à nossa Academia. Inútil dizer com que interesse essa comunicação foi acolhida.

O Sr. de Cazenove resume assim as doutrinas da nova seita, tirando-as de *O Livro dos Espíritos*:

"1º Os Espíritos de uma ordem elevada não fazem geralmente sobre a Terra senão estadas de uma curta duração.

"2º Os Espíritos vulgares nelas são, de alguma forma, *sedentários* e constituem a *massa* da população ambiente do mundo invisível. Eles conservaram, mais ou menos, os mesmos gostos e os mesmos pendores que tinham sob seu envoltório corpóreo. Não podendo satisfazer suas paixões, desfrutam daqueles que a elas se abandonam e os excitam.

"3º Só os Espíritos inferiores podem lamentar as alegrias que simpatizam com a impureza de sua natureza.

"4º Os Espíritos não podem degenerar; podem ficar estacionários, mas não retrogradam.

"5º Todos os Espíritos se tornarão perfeitos.

"6º Os Espíritos imperfeitos procuram se apoderar do homem, e dominá-lo; ficam felizes por fazê-lo sucumbir.

"7º Os Espíritos são atraídos em razão de sua simpatia pela natureza moral do meio que os evoca. Os Espíritos inferiores ostentam, freqüentemente, nomes veneráveis para melhor induzirem ao erro.

"Segundo esses dados, o Sr. de Cazenove, com a fineza e a sagacidade do talento que o caracterizam, compôs duas entrevistas nas quais toca as duas extremidades do corpo social. Pelo órgão de um médium (suposto), evoca de um lado os Espíritos inferiores, personificados na figura de um bandido célebre, de Cartouche, por exemplo, e os admite num singular colóquio que demonstra a *perversidade* de semelhante doutrina. De um outro lado, são os Espíritos de uma ordem elevada que entram em relação com os homens da época contemporânea. O contraste é intenso, sem dúvida, e ninguém não soube dar com

mais fidelidade, de tato e de alegria, tudo o que a doutrina epicuriana, resumida em o Espírito de Horácio e de Lucrecio, encerra de resumos deploráveis e enganosos.

"Lamentamos vivamente não poder colocar por inteiro sob os olhos de nossos leitores o trabalho do Sr. de Cazenove. Teriam aplaudido, disto estamos certos, não só pela forma irrepreensível e perfeitamente acadêmica desse escrito, mas ainda pelo alto pensamento moral que o domina, uma vez que condena sem fraqueza um sistema cheio de seduções e de verdadeiros perigos.

"J. SERREI."

Resposta do Sr. Dombre.

Senhor redator,

Fui o primeiro a gostar das exposições sumárias finas e delicadas lançadas pelo Sr. de Cazenove de Pradines, no domínio da Doutrina Espírita. O escrito, tendo por título: *Entrevistas espíritas*, que tenho em minha posse, e do qual ele fez menção em vossa estimada folha de domingo, 25 de maio, é com efeito de uma graça encantadora, e não desmente o caráter de sagacidade do talento que distingue seu autor. Esse escrito é uma flor da qual admiro as cores e o brilho, e da qual me guardarei, para o momento, de alterar o aveludado pelo contato da menor palavra de crítica indiscreta; mas vosso entusiasmo por esses diálogos picantes, mais espirituosos do que ofensivos para a Doutrina, vos fez anunciar erros que é do dever de todo bom Espírita, e do meu principalmente, de vos fazer notar.

Devo dizer primeiramente que as citações escolhidas, aqui e ali, em *O Livro dos Espíritos* são agrupadas com arte para apresentar a doutrina sob uma luz desfavorável; mas todo homem prudente de boa fé quererá ler por inteiro *O Livro dos Espíritos* e meditar.

1º Falais das *doutrinas da nova seita*. O Espiritismo, permiti-me vo-lo dizer, não é nem uma religião nem uma seita. O Espiritismo é um ensinamento dado aos homens pelos Espíritos que povoam o espaço, e que não são outros senão as almas daqueles que viveram. Sofremos, com o nosso desconhecimento, sua influencia de todos os instantes; eles são uma potência da Natureza, como a eletricidade é uma outra delas sob outro ponto de vista; sua existência e sua presença se constata por fatos evidentes e palpáveis.

2º Dissestes: *A perversidade de semelhante doutrina*. Guardai-vos! o Espiritismo não é outro senão o cristianismo em sua pureza; não há outra divisa inscrita sobre sua bandeira do que: *Amor e caridade*. Está, pois, aí a perversidade?

3º Enfim, falais de um sistema *cheio de seduções e de verdadeiros perigos*. Sim, está cheio de seduções, cheio de atrativos,

porque é belo, grande, justo consolador e digno, em todos os pontos, da perfeição de Deus. Seus perigos, onde estão? Em vão os procuram na prática do Espiritismo; nele não se encontra senão consolação e melhoramento moral. Perguntai em Paris, em Lyon, em Bordeaux, em Metz, etc., qual é o efeito produzido sobre as massas por essa nova crença. Lyon, sobretudo vos dirá em que fonte seus operários sem trabalho haurem tanta resignação e força para suportarem privações de todas as espécies.

Ignoro se as livrarias de Agen já estão providas dos livros adiante: *O que é o Espiritismo ? - O Livro dos Espíritos - O Livro dos Médiuns*; mas desejo, de todo o meu coração, que vosso pequeno comentário desperte a atenção dos indiferentes, faça procurar essas obras e formar um núcleo espírita na sede de vosso departamento. Esta Doutrina, destinada a regenerar o mundo, caminha a passos de gigante, e Agen seria uma das últimas cidades onde o Espiritismo viria tomar direito de cidadania? Vosso pequeno artigo é, eu o considero assim, como uma pedra que levais ao edifício, e admiro uma vez mais os meios dos quais Deus se serve para chegar aos seus fins.

'Vossa imparcialidade e vosso desejo de chegar, pela discussão, à verdade, me são uma garantia de que admitireis, nas colunas de vosso jornal, uma carta em resposta ao vosso artigo de 25 de maio.

"Aceitai, etc. "DOMBRE (de Marmande.)"

A esta carta o redator se limita, em seu jornal de 1^o de junho, a dizer isto:

"O Sr. Dombre nos escreveu de Marmande a respeito de nossas reflexões sobre *O Livro dos Espíritos* e os diálogos que surgiriam ao honrado Sr. de Cazenove de Pradines. Esse *novo ensinamento*, como quer bem chamá-lo o Sr. Dombre, não poderia ter, aos nossos olhos, o mesmo valor e o mesmo prestígio que ele parece exercer com relação ao nosso espírituoso correspondente.

(O Sr. Dombre enviou várias vezes a este jornal peças de versos e outras.)

"Respeitamos as convicções de nossos contraditores, então mesmo que elas repousem sobre princípios errôneos; mas não cremos dever manter, apesar da defesa leal e sincera que o Sr. Dombre empreende dessa doutrina, a expressão de um sentimento sobre um sistema completamente fora dos caminhos da verdade.

"O *Abeille agenaise* não poderia, por consequência, se entregar à propaganda de idéias essencialmente perigosas, e o Sr. Dombre compreenderá todo o lamento que sentimos em não poder nos associar à manifestação de seus desejos.

"J. SERRET."

Nota. - Reservar-se o direito de atacar, não admitir a resposta, é um meio cômodo de ter razão; resta saber se é o de chegar à verdade. Se uma doutrina que tem por base fundamental a caridade e o amor ao próximo, que torna os homens melhores, que fá-los renunciar aos hábitos de desordem, que dá a fé àqueles que não acreditavam em nada, que faz orar aqueles que não oravam mais, que conduz à união nas famílias divididas, que impede o suicídio; se, dizemos, uma tal doutrina é perversa, que serão, pois, as que são impotentes para produzir esses resultados? O Sr. Serret teme ajudar à propagação por uma polêmica, é porque ele gosta mais de falar sozinho. Pois bem! que fale só tanto quanto queira, o resultado disso não será menos o que foi por toda a parte: chamar a atenção e recrutar partidários para a Doutrina.

A.K.

Membros honorários da Sociedade de Paris

Revista Espírita, outubro de 1862

A Sociedade Espírita de Paris, para dar um testemunho de sua simpatia e de sua gratidão para com as pessoas que prestam serviços assinalados e efetivos à causa do Espiritismo, por seu zelo, seu devotamento, seu desinteresse, e que na necessidade sabem pagar por sua pessoa, lhes confere o título de *membro honorário*. Ela tem prazer em reconhecer assim o concurso que trazem à obra comum, os chefes e fundadores das sociedades ou grupos que se colocam sob a mesma bandeira, e que são dirigidos segundo os princípios do Espiritismo sério, *tendo em vista obter resultados morais*. Os motivos que as guiam são menos as palavras do que os atos. Ela conta deles não só nas várias cidades da França e da Argélia, mas nos países estrangeiros: na Itália, na Espanha, na Áustria, na Polônia, em Constantinopla, na América, etc.

O Sr. Dombre, de Marmande, que, desde que se iniciou no Espiritismo, não cessou de se fazer dele, abertamente, o propagador e o defensor, merecia esta distinção. Em lhe anunciando a sua nomeação, lhe havíamos pedido se nos autorizava publicar sua carta ao Père F... (V. o artigo do mês precedente.) Sua resposta merece ser citada; ela mostra de que maneira certos adeptos compreendem o seu papel.

"Marmande, 10 de agosto de 1862.

"Senhor Allan Kardec,

"Aceito, com reconhecimento, o título de membro honorário da Sociedade Espírita de Paris. Para responder a uma tal distinção, que obriga, e em testemunho de simpatia da parte dos membros dessa Sociedade que consentiram em me conferir esse título, farei por a toda parte e sempre, esforços para ajudar, na medida de meus meios, à propagação de uma Doutrina que faz minha alegria neste mundo e fará também, num tempo mais ou menos afastado, a daqueles que querem guardar ainda sob seus olhos a venda da incredulidade.

"Não vejo nenhum obstáculo, nenhum inconveniente na publicação de minha resposta ao diretor do *Abeille agenaise* e de minha carta ao P. F... Minha carta a este último está assinada: *Um católico*; penso bem que nenhum dos leitores da *Revista* pensará que o autor haja querido se esconder sob o véu do anonimato: o respeito humano não tem contenda sobre mim; rio do ridentes, porque estou na verdade. Todo bom Espírita deve, pelo seu exemplo, dar energia aos adeptos tímidos, e lhes ensinar a levar alto e firme o estandarte de sua crença.

"Peco-vos, senhor, apresentar meus sinceros agradecimentos à honorável Sociedade da qual me felicito hoje de fazer parte, e aceitai, etc.

"DOMBRE, proprietário."

O medo do *que disso se dirá?* diminuiu singularmente hoje, no que concerne ao Espiritismo, e o número daqueles que escondem sua opinião é bem mínimo; não se compõe mais quase senão daqueles que temem perder uma posição que os faz viver, e nesse número há muito mais de sacerdotes do que não se crê; deles conhecemos pessoalmente mais de cem. Mas, à parte isso, notamos em todas as posições sociais, entre os funcionários públicos, os oficiais de todos os graus, os médicos, etc., uma multidão de pessoas que, há um ano somente, não se teriam confessado Espíritas, e que, hoje, disso se fazem uma honra. Essa coragem de opinião que desafia a zombaria tem por conseqüência, primeiro, de dar coragem aos tímidos; em segundo lugar, de mostrar que o número dos adeptos é maior do que não se acreditava; enfim, de impor silêncio aos zombadores, surpresos de ouvirem por toda a parte retinir aos seus ouvidos a palavra Espiritismo, por pessoas que se considera duas vezes antes de zombar. Também nota-se que os zombadores abaixaram singularmente de tom há algum tempo; ainda alguns anos como os que vêm de se escoar, e seu papel terá acabado, porque se verão por toda a parte transbordados pela opinião.

O Sr. Dombre não tem somente a coragem de sua opinião, tem a da ação; monta resolutamente sobre a brecha e faz frente a seus adversários provocando-os à discussão, e eis que um jornalista se recusa para um fim de não receber, que trai sua fraqueza, e um pregador a quem a mais bela ocasião é oferecida para fazer valer seus argumentos e dar um golpe imprevisto à Doutrina, e que disso se vá dizendo que não tem tempo de responder. Não é aí desertar do campo de batalha? Se estava seguro de si mesmo, se a religião estava em causa, o que não restava para vencer o seu antagonista? Em semelhante caso, deixar a parte, é perdê-la. Um pregador tem uma vantagem imensa sobre o advogado, é que ele fala sem contraditor; pode dizer tudo o que quer, ninguém o refuta. É, ao que parece, desse modo que os adversários do Espiritismo entendem a controvérsia.

O Sr. Dombre não é o único que, na ocasião, tenha sabido manter a cabeça na tempestade: Bordeaux, Lyon e muitas outras cidades menos importantes, simples aldeias mesmo disso nos ofereceram numerosos exemplos, que se multiplicaram cada dia; e por toda a parte onde os adeptos mostraram a firmeza e a energia, os antagonistas moderaram a sua jactância.

Até o presente essa coragem de opinião e de ação é encontrada bem mais nas classes médias e obscuras do que nas classes elevadas; mas que um homem de nome popular, justamente estimado e honrado, influente por seus talentos, sua posição ou sua classe, tome um dia nas mãos a causa do Espiritismo e dela ostente abertamente a bandeira, ousar-se-á taxar de loucura aquele do qual se terá exaltado o talento e o gênio? sua voz não imporá silêncio aos clamores da incredulidade? Pois bem! esse homem surgirá, eu vo-lo certifico; à sua voz os dissidentes se reunirão, cedendo à influência de sua autoridade moral; ele também terá sua missão, missão providencial como a de todos os homens que fazem a Humanidade avançar, missão geral como muitas outras são particulares e locais; estas últimas, embora mais modestas, não têm por isso menos utilidade relativa, porque elas preparam os caminhos; é então que o Espiritismo entrará a todo pano nos costumes e os modificará profundamente, porque as idéias serão diferentes sobre todas as coisas. Nós semeamos e ele colherá, ou melhor, eles colherão, porque muitos outros seguirão seus traços. Espíritas, semeai, semeai sempre! A fim de que a colheita seja mais abundante e mais fácil. O passado vos é garantia do futuro.

O que deve ser a história do Espiritismo

Revista Espírita, outubro de 1862

A propósito dessa história da qual vos dissemos algumas palavras, várias pessoas perguntaram o que ela compreendia, e nos dirigiram, para esse efeito, diversos relatos e manifestações. Aqueles que acreditaram por aí trazer uma pedra ao edifício, sabemos a vontade da intenção, mas lhes diremos que se trata de uma coisa mais séria do que um catálogo de fenômenos espíritas que se encontrará em muitas obras. Devendo o Espiritismo marcar nos fastos da Humanidade, será interessante, para as gerações futuras, saber por que meios ele se estabeleceu. Esta será, pois, a história das peripécias que terão assinalado os seus primeiros passos; as lutas que terá tido que sofrer; os entraves que se lhe terão suscitado; de sua marcha progressiva no mundo inteiro. O verdadeiro mérito é modesto e não procura se fazer valer; é preciso que a posteridade conheça o nome dos primeiros pioneiros da obra, daqueles cujos devotamento e abnegação merecerão estarem inscritos nos seus anais; cidades que terão caminhado na primeira linha; daqueles que terão sofrido pela causa, a fim de que bendigam, e daqueles que terão feito sofrer, a fim de que orem para que sejam perdoados; em uma palavra, de seus amigos verdadeiros e de seus inimigos confessos ou ocultos. Não é preciso que a intriga e a ambição usurpem o lugar que não lhes pertença, nem um reconhecimento e honras que não lhes serão devidas. Se são Judas, é preciso que sejam desmascarados, uma parte, que não será a menos interessante, será a das revelações que, sucessivamente, anunciaram todas as fases dessa era nova e dos acontecimentos de toda natureza que a acompanharam.

Aqueles que achassem essa tarefa presunçosa, diremos que nela não teremos nenhum outro mérito que o de possuir, pela nossa posição excepcional, documentos que não estão na posse de ninguém, e que estão ao abrigo de todas as eventualidades; que o Espiritismo sendo incontestavelmente chamado a desempenhar um grande papel na história, importa que esse papel não seja desnaturado, e de opor uma história autêntica às histórias apócrifas que o interesse pessoal poderá fazer.

Quando aparecerá ela? Isso não será de início, e talvez de nossa vida, porque ela não está destinada a satisfazer a curiosidade do momento. Se dela falamos por antecipação, é a fim de que não se menospreze sobre o objetivo, e de marcar data da nossa intenção. Aliás, o Espiritismo está em seu início, e muitas outras coisas se passarão daqui até lá; e depois, é preciso esperar que cada um nele tenha tomado o seu lugar, bom ou mau.

Provas de identificação - Arsène Gautier

Revista Espírita, outubro de 1862

Uma lembrança de Espírito.

A senhora S..., de Cherbourg, nos transmite o relato seguinte:

Um marujo da marinha do Estado, de nome Arsène Gautier, retornou a Cherbourg, há quinze ou dezesseis anos, muito doente em consequência de febres que adquiriu nas costas da África. Veio na casa de um meus genros que sabia ser amigo de seu irmão, capitão da marinha mercante, esperado proximamente nesse porto. Nós o recebemos bem, e como ele estava doente, minha filha J..., que tinha então quatorze a quinze anos, me pediu para lhe oferecer vir se aquecer no nosso fogo para ali tomar da champanhe que não se lhe fazia na sua estalagem, e até que seu irmão chegasse. Essa criança teve com ele cuidados compassivos. Ele morreu chegando em sua casa, e depois nele não pensamos mais, nem uns nem os outros; seu próprio nome, assinado na cabeça da comunicação espontânea que recebemos a 8 de março último por minha filha J..., hoje médium, não no-lo fizera lembrar. Não o reconhecemos senão nos detalhes nos quais entrou. Era um homem de uma inteligência muito limitada, e a sua vida fora muito penosa; privado da afeição dos seus, era resignado a tudo. Eis a sua comunicação:

"Arsène Gautier. Vós me esquecestes há muito tempo, minha amiga, e eu não vos perdi de vista desde que deixei a Terra, porque sois a única pessoa, o único Espírito simpático que encontrei sobre essa Terra de dor. Eu vos amei com todas as minhas forças quando não éreis ainda senão uma criança, que não tínheis senão por mim um sentimento de piedade por causa da terrível moléstia que deveria me levar. Estou feliz... Essa existência era a primeira que Deus me havia dado. Foi porque meu Espírito era ainda tão novo, não conhecendo nenhum outro Espírito, que eu me liguei mais a vós. Estou feliz e pronto para retornar sobre a Terra para avançar para o Senhor. Tenho a esperança no coração; o caminho, tão difícil para alguns, me parece largo e fácil. Um bom começo como minha existência passada é um encorajamento tão grande! Deus me ajudará; orareis também por mim, a fim de que minha prova tão próxima me seja tão aproveitável quanto a outra. Eu não sou avançado, ah! mas chegarei."

Não tínhamos nenhuma idéia de que Espírito era essa comunicação, nos perguntávamos uma a outra quem poderia ser.

O Espírito responde:

"Eu sou irmão de um ex-capitão de Nantes que era amigo de um de vossos parentes." (Isto nos colocou no caminho e o Espírito continuou:)

"Obrigado de lembrar-vos de mim. Eu não lamento senão uma coisa entrevendo a próxima prova, é a de estar separado de vós por algum tempo. Adeus, eu vos amo muito.

ARSÈNE GAUTIER."

Nota. - Esta comunicação tendo sido lida na Sociedade de Paris, perguntamos a um de nossos guias espirituais se era possível que esse Espírito estivesse, como dizia, em sua primeira encarnação. Foi respondido:

"A sua primeira encarnação sobre esta Terra, é possível; mas como Espírito, isso não se pode dar. Em suas primeiras encarnações, os Espíritos estão num estado quase inconsciente, e este, embora pouco avançado, já está longe de sua origem; mas é um desses Espíritos bons e que tomaram o caminho do bem; seu avanço será rápido, porque não terá nada a se despojar senão de sua ignorância, e não a lutar contra os maus pendores daqueles que tomaram o caminho do mal."

Um Espírito pode recuar diante de uma prova?

Revista Espírita, outubro de 1862

Uma senhora de nossas amigas nos escreveu o que segue: "Minha filha teve um dia a comunicação espontânea seguinte de um Espírito que começou por assinar *Euphrosine Bretel*. Esse nome não nos lembrando ninguém, perguntamos: Quem és tu? - R. Sou um pobre Espírito em sofrimento, tenho necessidade de preces. Eu me dirijo a ti porque me conheceste então quando eu não era senão uma criança.

"Nós procuramos, e acreditei lembrar-me de que esse nome de família era o de uma jovem criança de nove a dez anos que se achava na mesma pensão que minha filha e que caiu doente pouco tempo depois à chegada desta. Seu pai veio procurá-la em viatura, e as crianças conservaram lembrança dessa doente toda envolvida e gemendo; ela morreu em sua casa. A mãe, no desespero, a seguiu de perto. O pai se tornou cego à força de ter chorado e morreu no mesmo ano. Desde que acreditamos ter reconhecido o nome, o Espírito logo escreveu:

"Sou eu; minha última existência deveria ser uma terrível prova, mas eu covardemente recuei, e tenho sempre sofrido desde esse tempo. Peço-te pedir a Deus me conceder a graça de uma nova prova; por dura que ela seja, eu me submeterei a ela; sou tão infeliz! Amo meu pai e minha mãe, e eles tem horror de mim; eles fogem, de mim, e aí está o meu castigo de procurá-los, sem cessar, para me ver repelida. Vim a ti porque minha lembrança não está inteiramente apagada de tua memória, e que daqueles que podem orarem particular por mim, só tu conheces o Espiritismo. Adeus, não me esqueçais, logo nos reveremos."

"Minha filha então disse gracejando: "Devo, pois, morrer logo?" Ao que o Espírito responde: "O tempo que para vós é longo, não se mede para nós." Depois verificamos o nome e o prenome da família que são perfeitamente exatos.

"Agora me pergunto se é possível que um Espírito reencarnado possa recuar diante da prova começada."

A esta questão respondemos: Sim, os Espíritos recuam freqüentemente, diante das provas que escolheram e que não têm mais a coragem não só de suportar, mas mesmo de afrontar quando vêem o momento chegado; é a causa da maioria dos suicídios. Eles recuam ainda quando murmuram e se desesperam, então perdem o benefício da prova. Eis porque o Espiritismo, fazendo conhecer a causa, o objetivo e as conseqüências das tribulações da vida, dá à fé tanto de consolação e de coragem, e afasta do pensamento abreviar seus dias. Qual é a filosofia que produziu sobre os homens semelhante resultado?

Resposta a uma pergunta mental

Revista Espírita, outubro de 1862

Um médium muito bom de Maine-et-Loire, que conhecemos pessoalmente, nos escreveu o que segue:

"Um de nossos amigos, homem dos menos crentes, mas tendo um grande desejo de se esclarecer, nos perguntou um dia se poderia evocar um Espírito sem nomeá-lo, e esse Espírito poderia responder às perguntas que lhe dirigisse pelo pensamento, sem que o médium delas tivesse o menor conhecimento. Nós lhe respondemos que isso se pode quando o Espírito quer muito a isso se prestar, o que não acontece sempre. Sobre isto obtive a seguinte resposta:

"O que me perguntais, não posso dizer-lo, porque Deus não permite; no entanto, posso vos dizer que sofro: é uma dor geral em todos os membros, o que deve vos surpreender uma vez que, na morte, o corpo apodrece na terra; mas nós temos um outro corpo espiritual que, ele, não morre, o que faz com que soframos tanto quanto se tivéssemos nosso *corpo corporal*. Sofro, mas espero não sofrer sempre. Como é preciso satisfazer à justiça de Deus, é preciso com isso se resignar nesta vida ou na outra. Não estou muito privado sobre a Terra, o que faz com que me é preciso reparar o tempo perdido. Não me imiteis, porque vos preparareis séculos de tormentos. É coisa grave quanto a eternidade, e infelizmente nela não se pensa tanto quanto se deveria pensar. Que se tem a lamentar quando se esquece o assunto tão importante da saúde! Pensai nisso!

"Vosso antigo cura, A... T..."

"Era bem esse cura que o nosso amigo queria evocar, e eis as três perguntas que ele queria lhe propor:

"Que pensar da divindade de Jesus Cristo?

"A alma é imortal?

"Que meios empregar para expiar as faltas e evitar a punição?

"Reconhecemos perfeitamente nosso antigo cura e seu estilo, as palavras *corpo corporal*, sobretudo mostram que é o Espírito do campo cuja educação pôde deixar alguma coisa a desejar."

Nota. - As respostas às perguntas mentais são fatos muito comuns, tanto mais interessantes a observar que são para os incrédulos de boa-fé uma das provas mais concluentes da intervenção de uma inteligência oculta; mas, como a maioria dos fenômenos espíritas, raramente eles se obtêm à vontade, ao passo que se produzem espontaneamente a cada instante. No caso acima, o Espírito quis a isso se prestar, o que é muito raro, porque os Espíritos, como se sabe, não gostam de perguntas de curiosidade e de prova; com isso não condescendem senão quando vêem a coisa útil, e freqüentemente não a julgam como nós. Como eles não estão ao capricho dos homens, é preciso esperar os fenômenos de sua

boa vontade ou da possibilidade por eles de produzi-los; é preciso, por assim dizer, agarrá-los de passagem e não provocá-los; para isso é preciso paciência e perseverança, e é nisso que os Espíritos reconhecem os observadores sérios e verdadeiramente desejosos de se instruírem; eles se inquietam muito pouco com pessoas superficiais que imaginam não ter senão a pedir para serem servidas na hora.

Poesias espíritas

Revista Espírita, outubro de 1862

A criança e o ateu

(Ver no número precedente, a nota sobre o *Anjo guardião*.)

(Sociedade Espírita Africana. - Médiun, senhorita O...)

Um belo Espírito se pondo como ateu
Passeava um dia, com uma criança,
Sobre as margens de um riacho cuja borda sombria
Os defendia contra um sol ardente.
Vendo fugir essa água límpida,
Disse à criança, seu sábio companheiro.
Onde pensas que seu curso rápido
Deve conduzi-lo deixando este valezinho?
Mas, disse a criança, creio que um lago pacífico
Vai receber o tributo de suas águas,
E que no fim de seu caminho penoso,
Devem assim acabar todos os riachos.
Pobre pequena! Disse rindo o mestre,
Em que erro está o teu Espírito;
Aprende enfim, aprende, pois, a conhecer
Como neste mundo tudo acaba.
Quando se afasta de sua fonte,
Onde, suas ondas nascem cada dia,
É para ir, no fim do seu curso,
Ao seio dos mares, se perder para sempre.
De nós mesmos, é uma imagem;
Quando deixamos este mundo sedutor
Não resta mais nada de nossa curta passagem,
E reentramos no nada.
Oh! meu Deus! Disse a criança com a voz triste,
É, pois, verdade, tal seria a nossa sorte?
Quê! de minha mãe bem amada,
Eu tudo perdi, tudo, no dia de sua morte?
Eu que acreditava que sua alma querida
Podia ainda proteger seu filho,
Partilhar com ele as penas da vida,
Depois nos rever um dia, junto de Deus onipotente?
Guarda sempre esta doce crença,
Disse-lhe baixinho seu anjo protetor.
Sim, cara criança, guarde bem a esperança,
Sem ela, sobre a Terra, não há felicidade.

O tempo fugiu; há longos anos

Nosso sábio sofreu o trespasse,
E, sempre fiel aos seus loucos pensamentos,
Morreu dizendo que Deus não existia.
A criança também viu chegar a velhice,
E sem temê-la, recebeu a morte,
Porque, conservando a fé da sua juventude,
Às mãos do eterno remeteu sua sorte.
Vede, vede essa multidão solícita
Deixar o céu, vir recebê-la;
De puros Espíritos é o grupo sagrado:
É seu irmão exilado que vão enfim receber.
Mas quem ela é, pois, essa alma abandonada,
Que parece querer se esconder?
Do infeliz sábio, é a alma desolada,
Que vê toda essa felicidade e não pode a ela se misturar.
Quanto a sua pena foi amarga,
Quando esse Deus, que ele havia tanto desafiado,
Apareceu-lhe enfim, como um juiz severo,
Em sua sublime majestade.
Oh! quantas lágrimas de sofrimento
Virão ferir esse Espírito cheio de orgulho!
Ele que outrora ria da esperança
Que uma pobre criança procurava além do féretro.
Mas do Senhor a bondade paternal
Não quis para sempre puni-lo;
E logo essa alma imortal
Sobre a Terra deve retornar.
Depois, a seu turno purificada,
Tomando seu vôo para o céu,
Ela irá de alegria embriagada
Repousar ao pé do Eterno.

Assinado: DUCIS.

A abóbora e a Sensitiva.

Fábula.

Qual é, pois, teu regime, ó pobre Sensitiva?
Dizia uma abóbora a essa frágil flor,
Para ficar assim lânguida e fraca?
Eu to digo com dor,
A sensibilidade te perde; tu te estiolas;
Morrerás antes do fim da estação;
Se o Sol se esconde no horizonte,
Vê-se se preguear teus finos folíolos:
Um funesto tremor
Percorre teu caule à só roçadura da brisa;
Todo contato te dá uma crise,
Tua vida enfim não é senão um tormento.

E por que tantos males e solicitude?
Segue meu exemplo experimentando doce quietude.
O que se passa ao redor mim
Não saberia me causar a mais leve comoção;
De bem me sustentar faço meu único estudo,
Que fazem, aliás, ao meu temperamento,
Os mistérios do céu? - A luz do dia límpido,
A obscura noite, o calor, o frio, o seco, o úmido
Me convém igualmente.
E é verdade que a propósito de minha forma gordíssima,
As vezes o observador satírico e maligno
Murmura ao meu lado: "A Abóbora vegeta!
Mas o dito não alcança meu seio;
Sobre meu leito nutritivo, rindo, eu rolo,
Ciumenta de expor, sobre o solo que esmigalho,
Meu grosso ventre e minha vasta extensão.
Nossos gostos são diferentes, disse a pequena flor;
Tu não queres consagrar teus cuidados, tua vida inteira
Senão ao bem-estar da matéria;
Eu creio fazer melhor, e, vês,
Abreviando minha existência,
Devoto-me ao prazer
Do sentimento e da inteligência
Terei sempre vivido bastante.

DOMBRE (de Marmande).

Ensinaamentos e Dissertações espíritas

Revista Espírita, outubro de 1862

O Espiritismo e o Espírito maligno.

(Grupo Sainte-Gemme. - Médiun, Sr. C...)

De todos os trabalhos aos quais a Humanidade se entrega, são preferíveis aqueles que aproximam mais a criatura de seu Criador, que a colocam a cada dia, a cada instante, no estado de admirar a obra divina que saiu e que sai incessantemente de suas mãos onipotentes. O dever do homem é de se prosternar, de adorar sem cessar. Aquele que lhe deu os meios de se melhorar como Espírito, e de chegar assim à felicidade suprema, que é o objetivo final para o qual deve tender.

Se há profissões que, quase exclusivamente intelectuais, dão ao homem os meios de elevar o nível de sua inteligência, um perigo, e um grande perigo se acha colocado ao lado do benefício. À história de todos os tempos prova o que é esse perigo e quantos males ele pode engendrar. Estais dotados de uma inteligência superior: sob este aspecto estais mais próximos, do que vossos irmãos, da Divindade, e vos conduzis a negar essa própria divindade, ou dela fazer uma outra inteiramente contrária ao que é em realidade! Não se saberia mais repeti-lo, e não é preciso jamais deixar de dizê-lo: o orgulho é o inimigo mais obstinado do gênero humano. Tivésseis mil bocas, que todas deveriam dizer sem cessar a mesma coisa.

Deus vos criou a todos simples e ignorantes (1); tratai de avançar com um passo tão seguro quanto possível; isto depende de vós: Deus não recusa jamais a graça àquele que a pede de boa-fé. Todos os estados podem igualmente vos conduzir a um objetivo desejado, se vos conduzis segundo a senda da justiça, e se não fazeis para não dobrar vossa consciência à vontade de vossos caprichos. Há, no entanto, estados onde é mais difícil avançar do que em outros; também Deus terá em certa conta aqueles que, tendo aceito, como prova, uma posição ambígua, terão percorrido sem tropeçar esse caminho difícil, ou pelo menos terão feito, para se levantar de novo, todos os esforços humanamente possíveis.

(1) Esta proposição, tocando o estado primitivo das almas, formulada pela primeira vez em *O Livro dos Espíritos*, é por toda parte hoje repetida nas comunicações; ela encontra assim a sua consagração ao mesmo tempo nessa concordância e na lógica, porque nenhum outro princípio poderia melhor responder à justiça de Deus. Dando a todos os homens um mesmo ponto de partida, deu a todos a mesma tarefa a cumprir para chegar ao objetivo; ninguém é privilegiado pela Natureza; mas como têm seu livre arbítrio, uns avançam mais depressa e outros mais lentamente. Esse princípio de justiça é inconciliável com a doutrina que admite a criação da alma ao mesmo tempo que o corpo; comporta em si mesmo a pluralidade das existências, porque se a alma é anterior ao corpo, é que ela já viveu

É aí que é preciso ter uma fé sincera, uma força pouco comum para resistir aos

arrastamentos fora do caminho de justiça; mas é aí também que se pode fazer um bem imenso aos seus irmãos infelizes. Ah! tem muito mérito aquele que toca o lamaçal sem que suas vestes nele sejam enlameadas! é preciso que uma chama bem pura brilhe nele! Mas também, que recompensa não lhe está reservada à saída dessa vida terrestre! (2)

(2) Espanta-se que os Espíritos possam escolher uma encarnação num desses meios onde estão em contato incessante com a corrupção; entre aqueles que se encontram nessas posições ínfimas da sociedade, uns as escolheram por gosto, e para achar como satisfazer seus pendores ignóbeis; outros, por missão e por dever, para tentar tirar seus irmãos da lama, e para ter mais méritos em lutar, eles mesmos, contra perniciosos arrastamentos, e sua recompensa será em razão da dificuldade vencida. Tal entre nós é o operário que é pago em proporção do perigo que ele corre no exercício de sua profissão.

Que aqueles que se encontrem em posição semelhante meditem bem estas palavras; que se compenetrem bem do Espírito que elas encerram, e se operará neles uma revolução benfazeja que fará suceder as doces efusões do coração aos apertos do egoísmo.

Que fará, como disse o Evangelho, desses homens homens novos?

E, para cumprir esse grande milagre, o que é preciso? É preciso que queiram bem reportar seu pensamento àquilo que estão destinados a se tornar depois de sua morte. Estão todos convencidos de que um amanhã pode não existir para eles; mas, amedrontados pelo sombrio e desolador quadro das penas eternas, nas quais recusam crer por intuição, se abandonam à corrente da vida atual; se deixam arrastar por essa cupidez febril que os leva a amontoar sempre, por todos os meios permitidos ou não; arruinam sem piedade um pobre pai de família, e prodigalizam ao vício somas que bastariam para fazer viver uma cidade inteira durante vários dias. Afastam os olhos do momento fatal. Ah! se pudessem olhá-lo em face e de sangue-frio como mudariam depressa de conduta! como se os veríamos solícitos a devolver ao seu legítimo proprietário esse pedaço de pão negro que tiveram a crueldade de lhe arrancar para aumentar, ao preço de uma injustiça, uma fortuna construída de injustiças acumuladas! Para isto o que é preciso? é preciso que a luz espírita brilhe; é preciso que se possa dizer, como um grande general disse de uma grande nação: *O Espiritismo é como o Sol, cego quem não o vê!* Os homens que se dizem e que se crêem cristãos e que repelem o Espiritismo são bem cegos!

Qual é a missão da Doutrina que a mão onipotente do Criador semeou no mundo no momento presente? É de conduzir os incrédulos à fé, os desesperados à esperança, os egoístas à caridade. Eles se dizem cristãos e lançam o anátema à doutrina de Jesus Cristo! É verdade que pretendem que é o Espírito maligno que, para melhor disfarçar, vem pregar essa doutrina no mundo. Infelizes cegos! pobres doentes! que Deus queira bem, em sua inesgotável bondade, fazer cessar vossa cegueira e pôr um termo aos males que vos obsidiam!

Quem vos disse que era o Espírito do mal? quem? disso não sabeis nada. Pedistes a Deus para vos esclarecer sobre esse assunto? Não, ou se o fizestes, tínheis uma idéia preconcebida. O Espírito do mal! Sabeis quem vos disse que é o Espírito do mal? foi o orgulho, o próprio Espírito do mal que vos leva a condenar, coisa revoltante! a condenar, digo, o Espírito de Deus representado pelos bons Espíritos que envia ao mundo para regenerá-lo!

Examinai pelo menos a coisa e, seguindo as regras estabelecidas, condenai ou absolvi. AN

se quisésseis somente lançar um golpe de olhar sobre os resultados inevitáveis que deve trazer o triunfo do Espiritismo; se quisésseis ver os homens se considerando enfim como irmãos, todos convencidos de que, de um momento para outro, Deus lhes pedirá conta da maneira pela qual cumpriram a missão que lhes havia dado; se quisésseis ver por toda a parte a caridade tomando o lugar do egoísmo, o trabalho tomando por toda parte o lugar da preguiça; - porque, vós o sabeis, o homem nasceu para o trabalho: Deus dele lhe fez uma obrigação à qual não pode se subtrair sem transgredir as ordens divinas; - se quisésseis ver de um lado esses infelizes que dizem: *Condenados neste mundo, condenados no outro, sejamos criminosos e gozemos*; e de outro esses homens de metal, esses açambarcadores da fortuna de todos, que dizem: *A alma é uma palavra; Deus não existe; se nada existe entre nós depois da morte, gozemos a vida; o mundo se compõe de exploradores e de explorados; gosto mais de fazer parte dos primeiros que dos segundos; depois de mim o dilúvio!* Se transportásseis vossos olhares sobre esses dois homens que, em ambos, personificam o roubo, a extorsão da boa companhia e a que conduz à prisão; se os vísseis transformados pelas crenças na imortalidade que lhes deu o Espiritismo, ousaríeis dizer que foi pelo Espírito do mal?

Vejo vossos lábios se franzirem de desdém, e vos ouço dizer: Somos nós que pregamos a imortalidade, e temos crédito para isto.

Ter-se-á sempre mais confiança em nós do que nesses sonhadores vazios que, se não são velhacos, sonharam que os mortos saíam de seus túmulos para se comunicarem com eles. A isto sempre a mesma resposta: Examinai, e se, convencidos uma boa vez, o que não pode faltar se sois sinceros, em lugar de maldizer, bendireis, o que deve estar sempre mais em vossas atribuições segundo a lei de Deus.

A lei de Deus! dela sois, segundo vós, os únicos depositários, e vos espantais que outros tomem uma iniciativa que, segundo vós, não pertence senão unicamente a vós? Pois bem! escutai o que os Espíritos enviados de Deus encarregaram de vos dizer:

'Vós que tomais a sério vosso ministério, sereis benditos, porque tereis cumprido todas as obras, não só ordenadas, mas aconselhadas pelo divino Mestre. E vós que haveis considerado o sacerdócio como um meio de chegar humanamente, vós não sereis malditos, embora tenhais amaldiçoado a outros, mas Deus vos reserva uma punição mais justa.

"Virá o dia em que sereis obrigados a vos explicar publicamente sobre os fenômenos espíritas, e esse dia não está longe. Então vos encontrareis na necessidade de julgar, uma vez que vos' erigistes em tribunal; de julgar quem? o próprio Deus, porque nada chega sem a sua permissão.

'Vede onde vos conduziu o Espírito do mal, quer dizer, o orgulho! em lugar de vos inclinar e de adorar, vos endurecestes contra a vontade Daquele único que tem o direito de dizer: *Eu quero*, e dizeis que o demônio é que quem diz: *Eu quero!*

"E, agora se persistis em não crer senão nas manifestações dos maus Espíritos, lembrai-vos das palavras do Mestre que acusavam de expulsar os demônios em nome de Belzebu: 'Todo reino dividido contra si mesmo perecerá.'"

HIPPOLYTE FORTOUL.

O Corvo e a Raposa.

(Sociedade Espírita de Paris, 8 de agosto de 1862. - Médiun, Sr. Leymarie.)

Desconfiai dos adutores: é a raça mentirosa; são as encarnações de dupla cara que riem para vos enganar; infeliz de quem nele crê, os escuta, porque as noções da verdade são logo pervertidas nele. E, no entanto, quantas pessoas se deixam prender nesse engodo mentiroso da adulação! escutam com paciência o velhaco que acaricia suas fraquezas, ao passo que repelem o amigo sincero que lhes diz a verdade e lhes dá sábios conselhos; atraem o falso amigo, ao passo que afastam o amigo verdadeiro e desinteressado; para agradar-lhes, é preciso adulá-los, tudo aprovar, tudo aplaudir, achar tudo bem, mesmo o absurdo; e, coisa estranha! repelem os conselhos sensatos, e crerão numa mentira do primeiro que chegue, se essa mentira lisonjeia suas idéias. Que quereis? Eles querem ser enganados e o são; e muito tarde, freqüentemente, disso vêem as conseqüências, mas então o mal está feito e, algumas vezes, não tem remédio.

De onde vem isso? A causa disto é quase sempre múltipla. A primeira, sem contradita, é o orgulho que os cega sobre a infalibilidade de seu próprio mérito que crêem superior a todo outro; também o tomam sem dificuldade por tipo do senso comum; a segunda prende-se a uma falta de julgamento que não lhes permite ver o forte e o fraco das coisas; mas é ainda aqui o orgulho que oblitera o julgamento; porque, sem orgulho, eles desconfiariam de si mesmos e disso se reportariam àqueles que possuem mais experiência. Crede bem também que os maus Espíritos nisso não são sempre estranhos; eles gostam de mistificar, de estender armadilhas e quem pode melhor nelas cair do que o orgulhoso que se lisonjeia? O orgulho é para ele o defeito da couraça em uns, como a cupidez é em outros, e sabem habilmente disso aproveitarem, mas evitam com cuidado dirigir-se ao mais fortes do que eles, moralmente falando. Quereis vos subtrair à influência dos maus Espíritos? Subi, subi tão alto em virtudes que não possam vos alcançar, e então sereis por eles temidos; mas se deixais arrastar uma ponta de corda a ela se agarrarão para vos forçar a descer; chamar-vos-ão com sua voz melosa, gabarão vossa plumagem, e fareis como o corvo, deixareis cair o vosso queijo.

SONNET.

Estilo das boas comunicações.

(Sociedade Espírita de Paris, 8 de agosto de 1862. - Médiun, Sr. Leymarie.)

Procurai, na palavra, a sobriedade e a concisão; poucas palavras, muitas coisas. A linguagem é como a harmonia: mais se quer torná-la sábia e menos ela é melodiosa. A ciência verdadeira é sempre aquela que impressiona, não alguns sibaritas insensíveis a tudo, mas a massa inteligente que o afasta há tão muito tempo do caminho do verdadeiro belo, que é o da simplicidade. A exemplo de seu Mestre, os discípulos do Cristo tinham adquirido esse profundo saber de dizer bem, sobriamente, brevemente e seus discursos, como os seus, eram cheios dessa graça delicada, dessa profundidade que, em nossos dias, em uma época onde tudo mente ao nosso redor, fazem ainda das grandes vozes do Cristo e dos apóstolos modelos inimitáveis de concisão e de precisão.

Mas a verdade desceu do alto; os Espíritos superiores vêm como os apóstolos dos primeiros dias da era cristã, ensinar e dirigir. *O Livro dos Espíritos* é todo uma revolução, porque está

escrito concisamente, sobriamente: poucas palavras, muitas coisas; nada de flores de retórica, nada de imagens, mas somente pensamentos grandes e fortes que consolam e fortalecem; é por isso que agrada, e ele agrada porque é compreendido facilmente: aí está uma marca da superioridade dos Espíritos que o ditaram.

Por que se encontram tantas comunicações vindas de Espíritos supostamente superiores, cheias de insensatez, de frases inchadas e floridas: uma página para nada dizer? Tende por certo que esses não são os Espíritos superiores, mas falsos sábios que crêem fazer do efeito substituindo por palavras o vazio das idéias, a profundidade dos pensamentos pela obscuridade. Eles não podem seduzir senão os cérebros ocos como os deles, que tomam a lantejoula por ouro fino, e julgam a beleza de uma mulher pelo brilho de seu adorno.

Desconfiai, pois, dos Espíritos verbosos, de linguagem empolada e deliberadamente ininteligível, que é preciso escavar a cabeça para compreender; e reconhecei a verdadeira superioridade no estilo conciso, claro e inteligível sem esforço da imaginação; não meçais a importância das comunicações pela sua extensão, mas pela soma das idéias que elas encerram sob o menor volume. Para ter o tipo da superioridade real, contai as palavras e contai as idéias, - entendendo as idéias justas, sadias e lógicas; - a comparação vos dará a medida exata.

BARBAREI (Espírito familiar).

A Razão e o Sobrenatural.

(Sociedade Espírita de Paris. - Médiun, Sr. A. Didier.)

O homem é limitado em sua inteligência e em suas sensações. Ele não pode compreender além de certos limites, e pronuncia então esta palavra sacramental e que põe fim a tudo: *Sobrenatural*.

A palavra sobrenatural, na ciência nova que estuda, é uma palavra de convenção; ela existe para nada exprimir. Com efeito, que quer dizer essa palavra? Fora da Natureza; além daquilo que nos é conhecido. O que de mais insensato, de mais absurdo do que aplicar essa palavra a tudo o que está fora de nós! Para o homem que pensa, a palavra sobrenatural não é definitiva; ela é vaga, faz pressentir. Conhece-se a frase banal do incrédulo por ignorância: "É sobrenatural. Ora, a razão, etc., etc." O que é a razão? Pois bem! Quando a Natureza, se ampliando e agindo como rainha, nos mostra os tesouros desconhecidos, a razão torna-se, pois, nesse sentido insensata e absurda, uma vez que ela persiste malgrado os fatos. Ora, se é o fato, é que a Natureza o permite. A Natureza tem para nós algumas manifestações sublimes, sem dúvida, mas que são muito restritas, entrando-se no domínio do desconhecido. Ah! quereis folhear a Natureza; quereis conhecer a causa das coisas, *causa rerum*, e credes que não é preciso colocar a vossa razão banal de lado? Mas pilheriais, senhores. O que é a razão humana, senão a maneira de pensar de vosso mundo? Correi de planeta em planeta, e credes que a razão deve ali vos acompanhar? Não, senhores: a única razão que deveis crer no meio de todos esses fenômenos, é o sangue-frio e a observação nesse ponto de vista, e não no ponto de vista da incredulidade.

Ultimamente tocamos em questões bem sérias, vós vos lembrais; mas, no meio daquilo que dizíamos, não concluímos que todo mal vem dos homens; depois de muitas lutas, depois de muitas discussões, vêm também os bons pensamentos, uma fé nova e esperanças novas. O Espiritismo, como vos disse ultimamente, é a luz que deve clarear doravante toda

inteligência que tende ao progresso. A prece será o único dogma e a única prática do Espiritismo, quer dizer, a harmonia e a simplicidade; a arte será nova, porque será fecundada por idéias novas. Pensai que toda obra inspirada por uma idéia filosófica religiosa é sempre uma manifestação poderosa e sadia; o Cristo será sempre a Humanidade, mas isso não será mais a Humanidade sofredora: será a Humanidade triunfante.

LAMENNAIS.

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quinto Ano – 1862

Novembro

- [Viagem espírita em 1862](#)
- [Aos nossos Correspondentes](#)
- [Os mistérios da torre Saint-Michel de Bordeaux](#)
- [Um remédio doado pelos Espíritos](#)
- Poesias espíritas.
 - [Meu Testamento](#)
- Fábulas e poesias diversas, por um Espírito batedor.
 - [O monólogo de um asno](#)
 - [O médium e o doutor Imbroglia](#)
- Dissertações espíritas.
 - [O duelo](#)
 - [Fundamentos da ordem social](#)
 - [Aqui jazem dezoito séculos de luzes](#)
 - [Papel da Sociedade de Paris](#)
 - [Da origem da linguagem](#)
- [Respostas](#)
- [Errata](#)

Viagem espírita em 1862

Revista Espírita, novembro de 1862

Vimos de fazer uma visita a alguns dos centros espíritas da França, lamentando que o tempo não nos haja permitido ir por toda parte onde disso se nos havia exprimido o desejo, nem de prolongar a nossa permanência, em cada localidade, tanto quanto tínhamos desejado, em razão da acolhida tão simpática e tão fraternal que recebemos por toda a parte. Durante uma viagem de mais de seis semanas e dum percurso total de seiscentas e seis léguas, nos detivemos em vinte cidades e assistimos a mais de cinqüenta reuniões. O resultado foi para nós uma grande satisfação moral sob o duplo aspecto das observações que recolhemos e da constatação dos imensos progressos do Espiritismo.

O relato dessa viagem, que compreende principalmente as instruções que demos nos diferentes grupos, é muito extenso para poder ser inserido na *Revista*, da qual absorveria quase dois fascículos; dele fazemos uma publicação à parte, do mesmo formato que o jornal, a fim de nela poder ser anexado se for preciso (1-(1 Brochura grande in-8º, formato e caracteres da *Revista* - Preço: 1 fr., *franco* para toda a França. (No prelo.)).

Em nossa rota, fomos visitar os possessos de Morzine em Savoie; lá também recolhemos observações importantes e muito instrutivas sobre as causas e o modo da obsessão em todos os graus, corroboradas pelos casos idênticos e isolados, e que vimos em outras localidades, e sobre os meios de combatê-la. Isto será objeto de um artigo especial desenvolvido, que tínhamos a intenção de inserir neste número da *Revista*, mas o tempo não nos tendo permitido terminá-lo bastante cedo, fomos forçados a adiá-lo para o próximo número; não poderá, de resto, senão ganhar a ser feito com menos precipitação. Vários fatos recentes, aliás, vieram depois esclarecer essa questão, que abre um horizonte novo à patologia.

Esse artigo responderá a todas as perguntas de esclarecimentos que nos são freqüentemente dirigidas sobre os casos análogos.

Creemos dever aproveitar dessa circunstância para retificar uma opinião que nos pareceu geralmente bastante difundida.

Várias pessoas, sobretudo na província, tinham pensado que as despesas dessa viagem eram suportadas pela Sociedade de Paris; deveríamos salientar esse erro quando a ocasião a isto se apresentasse; àqueles que poderiam ainda partilhá-la, lembraremos o que dissemos em uma outra circunstância (Nº de junho de 1862, página 167), que a Sociedade se limita a prover as despesas correntes, e não tem nada de reserva; para que ela possa amontoar um capital, ser-lhe-ia preciso visar o número; é o que não faz e não quer fazer, porque a especulação não é o seu objetivo, e que o número nada acrescenta à importância de seus trabalhos; sua influência é toda moral e no caráter de suas reuniões, que dão aos estranhos a idéia de uma assembléia grave e séria; aí está seu mais poderoso meio de propaganda. Não poderia ela, pois, prover semelhante despesa. As despesas de viagem, como todas aquelas que necessitam de nossas relações para o Espiritismo, são tiradas de nossos recursos pessoais e nossas economias, acrescidos do produto de nossas obras, sem o qual nos seria impossível subvencionar a todas as cargas que são para nós a consequência da obra que empreendemos. Isto dito sem vaidade, mas unicamente para

render homenagem à verdade e para a edificação daqueles que entesouramos.

Aos nossos Correspondentes

Revista Espírita, novembro de 1862

Ao retornar, encontramos uma correspondência tal que não seria preciso menos de um grande mês para responder, não fazendo outra coisa; considerando-se que cada dia vem a ela acrescentar um novo contingente, sem prejuízo das ocupações correntes estritamente obrigatórias, compreender-se-á a impossibilidade *material* em que estamos de bastar a semelhante trabalho. Dissemo-lo e repetimos ainda, estamos longe de nos queixar do número de cartas que nos escrevem, porque elas provam a imensa extensão que a Doutrina toma, e o ponto de vista moral e filosófico sob o qual é considerada agora por toda a parte onde ela penetra; são preciosos arquivos para o Espiritismo; mas somos ainda uma vez forçados a pedir indulgência para a nossa impontualidade em responder. Só esse trabalho absorveria o tempo de duas pessoas, e estamos *sozinho*. Disso resulta que muitas coisas ficam em suspenso, e é a esta causa que se deve o atraso dado à publicação de várias obras que havíamos anunciado.

Esperamos que um tempo virá em que poderemos ter uma colaboração permanente e assídua para que tudo possa caminhar de frente; os Espíritos no-lo prometem; à espera disso, não há alternativa, nos é necessário negligenciar ou a correspondência, ou os outros trabalhos que aumentam em proporção ao crescimento da Doutrina.

Os mistérios da torre Saint-Michel de Bordeaux

Revista Espírita, novembro de 1862

História de uma múmia.

Em uma das adegas da torre Saint-Michel, em Bordeaux, vê-se um certo número de cadáveres mumificados que não parecem remontar a mais de dois ou três séculos, e que, sem dúvida, foram levados a esse estado pela natureza do solo. É uma das curiosidades da cidade, e que os estrangeiros não deixam de ir visitar. Todos esses corpos têm a pele completamente pergaminhada; a maioria está num estado de conservação que permite distinguir os traços do rosto e a expressão da fisionomia; vários têm as unhas de um frescor notável; alguns têm ainda fragmentos das vestes, e mesmo de rendas muito finas.

Entre essas múmias, há uma que fixa particularmente a atenção; é a de um homem cujas contrações do corpo, do rosto e dos braços levados à boca, não deixam nenhuma dúvida sobre o seu gênero de morte; é evidente que foi enterrado vivo, e que morreu nas convulsões de uma agonia terrível.

Um novo jornal de Bordeaux publicou um romance-folhetim sob o título de *Mistérios da torre Saint-Michel*. Não conhecemos essa obra senão de nome, e pelas grandes imagens em cartazes sobre todas as paredes da cidade e representando a adega da torre.

Conseqüentemente, não sabemos em que espírito foi concebido, nem a fonte onde o autor hauriu os fatos que conta. O que vamos contar tem pelo menos o mérito de não ser o fruto da imaginação humana, uma vez que vem diretamente de além-túmulo, o que talvez fará muito rir o autor em questão. O que quer que seja, cremos que este relato não é um dos episódios menos impressionantes dos dramas que deveram se passar nesses lugares; será lido com tanto mais interesse por todos os Espíritas, porque encerra em si um grande ensinamento; é a história do homem enterrado vivo e de duas outras pessoas que a ele se ligam, obtido numa série de evocações feitas na Sociedade Espírita de Saint-Jean d'Angély, no mês de agosto último, e que nos foram comunicadas quando de nossa passagem. Pelo que concerne à autenticidade dos fatos, a isso nos referiremos na nota colocada no fim deste artigo.

(Saint-Jean d'Angély, 9 de agosto de 1862. - Médiun, Sr. Del.....pela tiptologia.)

1. Pergunta ao guia protetor: Podemos evocar o Espírito que animou o corpo que se vê na adega da torre Saint-Michel de Bordeaux, e que parece ter sido enterrado vivo? - R. Sim, e que isso sirva para o vosso ensinamento.

2. Evocação. - (O Espírito manifesta a sua presença.)

3. Poderíeis nos dizer qual foi o vosso nome quando animáveis o corpo de qual falamos? - R. Guillaume Remone.

4. Vossa morte foi uma expiação ou uma prova que havíeis escolhido com o objetivo de vosso adiantamento? - R. Meu Deus, porque, em tua bondade, prossegue a tua justiça sagrada? Sabeis que a expiação é sempre obrigatória, e que aquele que comete um crime não pode evitá-la. Estava eu nesse caso, é tudo vos dizer. Depois de muitos sofrimentos, cheguei a reconhecer meus erros, e deles senti todo o arrependimento necessário para a minha reentrada em graça diante do Eterno.

5. Podeis nos dizer qual foi o vosso crime? - R. Tinha assassinado minha mulher em seu leito.

(10 de agosto. - Médiun, senhora Guérin, pela escrita.)

6. Quando, antes de vossa encarnação, escolhestes vosso gênero de provas, sabíeis que serieis enterrado vivo? - Não; sabia somente que deveria cometer um crime odioso que encheria minha vida de remorsos cruciantes, e que essa vida, eu a acabaria em dores atrozes. Vou ser logo reencarnado; Deus tomou em piedade minha dor e meu arrependimento.

Nota. Esta frase: *Sabia que deveria cometer um crime*, está explicada adiante, perguntas 30 e 31.

7. A justiça perseguiu alguém por ocasião da morte de vossa mulher? - R. Não; acreditaram numa morte súbita; eu a havia sufocado.

8. Que motivo vos levou a esse ato criminoso? - R. O ciúme.

9. Foi por descuido que vos enterraram vivo? - R. Sim.

10. Lembrai-vos dos instantes de vossa morte? - R. É alguma coisa de terrível, impossível de descrever. Figurai-vos estar numa fossa com dez pés de terra sobre vós, querer respirar e faltar ar, querer gritar: "Estou vivo!" e sentir sua voz abafada; ver-se morrer e não poder chamar por socorro; sentir-se cheio de vida e riscado da lista dos vivos; ter sede e não poder se dessedentar; sentir as dores da fome e não poder fazê-la cessar; morrer, numa palavra, numa raiva de condenado.

11. Nesse momento supremo, pensastes que era o momento de vossa punição? - R. Não pensei em nada; morri como um enraivecido, ferindo-me nas paredes de meu caixão mortuário, querendo dele sair vivo a todo preço.

Nota. Esta resposta é lógica e se acha justificada pelas contorções na quais se vê, examinando o cadáver, que o indivíduo deve ter morrido.

12. Vosso Espírito liberto reviu o corpo de Guillaume Remone? - R. Logo depois de minha morte, eu me via ainda na terra.

13. Quanto tempo ficastes nesse estado, quer dizer, tendo o vosso Espírito ligado ao corpo embora não o animasse mais? - R. Em torno de quinze a dezoito dias.

14. Quando pudestes deixar vosso corpo, onde vos encontrastes? - R. Vi-me cercado de uma multidão de Espíritos como eu cheios de dor, não ousando elevar para Deus seu

coração preso à Terra, e desesperançado de receber seu perdão.

Nota. O Espírito ligado ao seu corpo e sofrendo ainda as torturas dos últimos instantes, pois se achando no meio de Espíritos sofredores, desesperançosos de seu perdão não é o inferno com seus prantos e seu ranger de dentes? É necessário fazer dele uma fornalha com as chamas e as forcas? Essa crença na perpetuidade dos sofrimentos é, como se sabe, um dos castigos infligidos aos Espíritos culpados. Esse estado dura tanto quanto o Espírito não se arrepende, e durará sempre se não se arrepende jamais, porque Deus não perdoa senão ao pecador arrependido. Desde que o arrependimento entre em seu coração, um raio de esperança lhe faz entrever a possibilidade de um fim para os seus males; mas só o arrependimento não basta; Deus quer a expiação e a reparação, e é pelas reencarnações sucessivas que Deus dá aos Espíritos imperfeitos a possibilidade de se melhorarem. Na erraticidade eles tomam resoluções que procuram executar em sua vida corporal; é assim que, a cada existência, deixando alguma impureza, chegam gradualmente a se aperfeiçoarem, e dão um passo adiante para a felicidade eterna. A porta da felicidade, portanto, jamais lhes é fechada, mas a alcançam num tempo mais ou menos longo, segundo a sua vontade e o trabalho que fazem, sobre si mesmos, para merecê-lo.

Não se pode admitir a onipotência de Deus sem a presciência; desde então, pergunta-se por que Deus, criando uma alma, sabendo que ela deverá falir sem poder se levantar, a tirou do nada para votá-la aos tormentos eternos? Quis, pois, criar almas infelizes? Esta proposição é insustentável com a idéia da bondade infinita, que é um dos seus atributos essenciais. De duas coisas uma, ou ele sabia, ou não o sabia; se não sabia não é todo-poderoso; se o sabia, não é nem justo e nem bom; ora, tirar uma parcela do infinito dos atributos de Deus, é negar a Divindade. Tudo se concilia, ao contrário, com a possibilidade deixada ao Espírito de reparar suas faltas. Deus sabia que, em virtude de seu livre arbítrio, o Espírito faliria, mas sabia também que se reabilitaria; sabia que tomando o mau caminho retardaria sua chegada ao objetivo, mas que chegaria cedo ou tarde, e é para fazê-lo chegar mais depressa que multiplica as advertências sobre seu caminho; se não as escuta, não é senão mais culpável, e merece a prolongamento de suas provas. Dessas duas doutrinas, qual é a mais racional?

A.K.

(11 de agosto.)

15. Nossas perguntas vos seriam desagradáveis? -R. Isso me lembra pungentes recordações; mas agora que reentrei em graça por meu arrependimento, estou feliz em poder dar minha vida em exemplo, a fim de premunir meus irmãos contra as paixões que poderiam arrastá-los, como eu.

16. Vosso gênero de morte, comparado ao de vossa mulher, nos faz supor que se vos aplicou a pena de talião, e que estas palavras do Cristo se cumpriram em vossa pessoa: "Aquele que fere pela espada, perecerá pela espada." Quereis, pois, nos dizer como asfixiastes vossa vítima? - R. Em seu leito, como já disse, entre dois colchões, depois de lhe ter colocado uma mordaça para impedi-la de gritar.

17. Gozáveis de uma boa reputação em vossa vizinhança? - R. Sim; era pobre, mas honesto e estimado; minha mulher era igualmente de uma família honrada; e nessa noite, durante a qual o ciúme me manteve desperto, vi sair um homem de seu quarto; embriagado de ódio, não sabendo o que fazia, tornei-me culpado do crime que vos revelei.

18. Revistes vossa mulher no mundo espírita? - R. Foi o primeiro Espírito que se ofereceu à minha visão, como para reprovar meu crime. Vi-a por muito tempo e infeliz também; não foi senão depois que foi decidido que eu seria reencarnado, que me desembarcei de sua presença.

Nota. - A visão incessante das vítimas é um dos castigos mais comuns infligidos aos Espíritos criminosos. Aqueles que são mergulhados nas trevas, o que é muito freqüente, não podem, a miúdo, dele escapar. Não vêem nada, se isso não é o que pode lembrar-lhes seu crime.

19. Pedistes a ela para vos perdoar? - R. Não; nos fugíamos sem cessar, e nos encontrávamos sempre cara a cara, um do outro, para nos torturar reciprocamente.

20. No entanto, do momento em que vos arrependestes, foi necessário pedir-lhe perdão? - R. Do momento que me arrependi, não mais a revi.

21. Sabeis onde ela está agora? - R. Não sei o que ela se tornou, mas vos será fácil disso se informar, junto de vosso guia espiritual, São João Batista.

22. Quais foram vossos sofrimentos como Espírito? - R. Estava cercado de Espíritos desesperados; eu mesmo acreditava jamais sair desse estado infeliz; nenhum clarão de esperança brilhava em minha alma endurecida; a visão de minha vítima coroava o meu martírio.

23. Como fostes levado a um estado melhor? - R. Do meio de meus irmãos em desespero, um dia visei um objetivo que, compreendi-o logo, não podia alcançar senão pelo arrependimento.

24. Que era esse objetivo? - R. Deus, do qual todo ser tem a idéia, malgrado seu.

25. Dissestes já duas vezes que iríeis reencarnar logo; há indiscrição em vos perguntar qual gênero de provas escolhestes? - R. A morte colherá todos os seres que me serão caros, e eu mesmo passarei pelas doenças mais abjetas.

26. Estais feliz agora? - R. Relativamente, sim, uma vez que entrevejo um fim aos meus sofrimentos; efetivamente, não.

27. Do momento em que entrastes em letargia, até o momento em que fostes despertado em vosso caixão, vistes e ouvistes o que se passava ao vosso redor? - R. Sim, mas tão vagamente que eu acreditava sonhar.

28. Em que ano morrestes? - R. Em 1612.

29. (A São João Batista.) G. Remone não foi constrangido, por punição, sem dúvida, a vir à nossa evocação confessar seu crime?

Isto parece resultar da sua primeira resposta, na qual fala da justiça de Deus. — R. Sim, ele foi forçado, mas a isso se resignou de boa vontade, quando viu como um meio a mais para ser agradável a Deus, em vos servindo em vossos estudos espíritas.

30. Sem dúvida, esse Espírito se enganou quando disse (pergunta 6): "Sabia que deveria cometer um crime." Sabia, provavelmente, que estaria exposto a cometer um crime, mas, tendo seu livre arbítrio, poderia muito bem não sucumbir à tentação. - R. Explicou-se mal; deveria dizer: "Sabia que minha vida deveria ser cheia de remorsos." Estava livre para escolher um outro gênero de provas; ora, para ter remorsos, é preciso supor que cometera uma má ação.

31. Não poderia admitir-se que ele não teve seu livre arbítrio senão no estado errante, escolhendo tal ou tal prova, mas que, uma vez escolhida essa prova, não tinha mais, como encarnado, a liberdade de não cometer a ação, e que seria preciso necessariamente que o crime fosse cometido por ele? — R. Poderia evitá-lo; tinha seu livre arbítrio, como Espírito e no estado de encarnado; poderia, pois, resistir, mas suas paixões o arrastaram.

Nota. - É evidente que o Espírito não se dera bem conta de sua situação; confundiu a prova, quer dizer, a tentação de fazer, com a ação; e como sucumbiu, pôde crer numa ação fatal escolhida por ele, o que não seria racional. O livre arbítrio é o mais belo privilégio do espírito humano, e uma prova brilhante da justiça de Deus que torna o Espírito o árbitro de seu destino, uma vez que dele depende abreviar seus sofrimentos ou prolongá-los por seu endurecimento e sua má vontade. Supor que ele possa perder sua liberdade moral como encarnado, seria tirar-lhe a responsabilidade de seus atos. Pode-se ver, por aí, que não é preciso admitir senão depois de maduro exame certas respostas dos Espíritos, sobretudo quando elas não estão, em todos os pontos, conformes com a lógica.

A. K.

32. Devemos supor que um Espírito possa, como prova, escolher uma vida de crimes, uma vez que escolhesse o remorso, que não é senão a consequência da infração à lei divina? - R. Pode escolher a prova de a isto estar exposto mas, tendo seu livre arbítrio, pode também não sucumbir. Assim G. Remone tinha escolhido uma vida cheia de desgostos domésticos que lhe suscitariam a idéia do crime, o qual deveria inundar a sua vida de remorsos, se o cumprisse. Quis, pois, tentar essa prova para ensaiar dela sair vitorioso.

Vossa linguagem está tão pouco em harmonia com a maneira de comunicar dos Espíritos, que ocorre, muito freqüentemente, que há retificações a fazer nas frases que vos dão os médiuns, sobretudo os médiuns intuitivos; pela combinação dos fluidos, nós lhes transmitimos a idéia que eles traduzem mais ou menos bem, segundo essa combinação seja mais ou menos fácil entre o fluido do nosso perispírito e o fluido animal do médium.

Senhora Remone.

(12 de agosto.)

33. (A São João.) Poderíamos evocar o Espírito da senhora de G.Remone? - R. Não; ela está encarnada.

34. Sobre a Terra? - R. Sim.

35. Se não podemos evocá-la como Espírito errante, não poderíamos fazê-lo como encarnado, e não poderíeis nos dizer quando ela dormirá? - Podeis fazê-lo neste momento, porque as noites para esse Espírito são os dias para vós.

36. Evocação do Espírito da senhora Remone. - (O Espírito se manifesta.)
37. Lembrai-vos da existência na qual vos chamava senhora Remone? -- R. Sim; oh! por que me fazer lembrar de minha vergonha e de minha infelicidade?
38. Se estas perguntas vos causam alguma dificuldade, nós as cessaremos. - R. Peco-vos isso.
39. Nosso objetivo não é causar-vos dificuldade; não vos conhecemos, e não vos conheceremos provavelmente jamais; mas só queremos fazer estudos espíritas. - R. Meu Espírito está tranqüilo, por que querer agitá-lo com lembranças penosas? Não podeis, pois, fazer estudos sobre Espíritos errantes?
40. (A São João.) Devemos cessar nossas perguntas que parecem despertar uma lembrança penosa neste Espírito? - R. A isto vos convido; é ainda uma criança, e a fadiga de seu Espírito reagiria sobre seu corpo; de resto, há pouca coisa além da repetição do que vos disse seu marido.
41. G. Remone e sua mulher perdoaram-se por seus erros recíprocos? - R. Não; é preciso para isso que cheguem a um grau de perfeição mais elevado.
42. Se esses dois Espíritos se reencontrassem sobre a Terra, no estado de encarnados, que sentimentos experimentariam um pelo outro? - R. Não experimentariam senão a antipatia.
- 43 G. Remone revendo, como visitante, seu corpo na adega de Saint-Michel, sentiria uma sensação desconhecida aos outros curiosos? - R. Sim; mas essa sensação lhe pareceria muito natural.
44. Reviu ele seu corpo depois que foi retirado da terra?-R. Sim.
45. Quais foram suas impressões? - R. Nenhuma; sabeis bem que os Espíritos desligados de seu envoltório vêem as coisas desse mundo com um outro olhar do que vós outros encarnados.
46. Poderíamos obter algumas informações sobre a posição atual da senhora Remone? - R. Perguntai.
47. Qual é hoje seu sexo? - R. Feminino.
48. Seu país natal? - R. Ela está nas Antilhas, filha de um rico negociante.
49. As Antilhas pertencem a várias potências; qual é sua nação? - R. Ela mora em Havana.
50. Poderíamos saber seu nome? - R. Não o pergunteis.
51. Qual é sua idade? - R. Onze anos.
52. Quais serão suas provas? - R. A perda de sua fortuna; um amor ilegítimo e sem

esperança, juntos à miséria e aos trabalhos mais penosos.

53. Dissestes um amor ilegítimo; amarás ela, pois, seu pai, seu irmão, ou um dos seus? - R. Ela amarás um homem consagrado a Deus, só e sem esperança de retorno.

54. Agora que conhecemos as provas desse Espírito, se nós o evocássemos, de tempo em tempo, durante seu sono, nos dias de sua infelicidade, não poderíamos lhe dar alguns conselhos para levantar sua coragem e pôr sua esperança em Deus; isto influenciaria as resoluções que poderia tomar no estado de vigília? - R. Muito pouco; essa jovem já tem uma imaginação de fogo e uma cabeça de ferro.

55. Dissestes que, no país em que ela reside, as noites são os nossos dias; ora, entre Havana e Saint-Jean d'Angély, não há senão uma diferença de cinco horas e meia; como era aqui duas horas no momento da evocação, deveria ser em Havana oito horas e meia da manhã? - R. Enfim, ela dormitava no momento em que a evocastes, ao passo que há muito tempo estáveis despertados. Dorme-se tarde nestes países quando se é rico e não se tem nada a fazer.

Nota. Dessas duas evocações ressaltam vários ensinamentos. Se na vida exterior de relação, o Espírito encarnado não se lembra de seu passado, liberto, durante o repouso do corpo, ele se lembra. Não há, pois, solução de continuidade na vida do Espírito, que, nesses momentos de emancipação, pode lançar um olhar retrospectivo sobre suas existências anteriores, e delas trazer uma intuição que pode dirigi-lo no estado de vigília.

Em muitas ocasiões, já fizemos ressaltar os inconvenientes que se apresentariam, no estado de vigília, a lembrança precisa do passado. Essas evocações disso nos fornece um exemplo. Foi dito que se G. Remone e sua mulher se reencontrassem, sentiriam um pelo outro antipatia; que seria isso, pois, se se lembrassem de suas antigas relações! O ódio entre eles despertaria inevitavelmente; em lugar de dois seres simplesmente antipáticos um ao outro, seriam talvez inimigos mortais. Com a sua ignorância, são mais eles mesmos, e caminham livremente na nova rota que têm a percorrer; a lembrança do passado perturbá-los-ia, humilhando-os aos seus próprios olhos e aos olhos dos outros. O esquecimento não lhes faz perder o benefício da experiência, porque nascem com o que adquiriram em inteligência e em moralidade; são aquilo que se fizeram; é para eles um novo ponto de partida. Se, às novas provas que G. Remone terá a suportar, se juntasse a lembrança das torturas de sua última morte, isso seria um suplício atroz que Deus quis poupar, lançando para ele um véu sobre o passado.

A. K.

JACQUES NOULIN.

(15 de agosto.)

56. (A São João.) Podemos evocar o cúmplice da senhora Remone? - R. Sim.

57. Evocação. - (O Espírito se manifesta.)

58. Jurais em nome de Deus que sois o Espírito daquele que foi o rival de Remone. - R. Eu o jurarei em nome de tudo o que quiserdes. - Jurai em nome de Deus. - Eu o juro em nome

de Deus.

59. Não pareceis ser um Espírito muito avançado? - R. Ocupai-vos de vossos assuntos e deixai-me ir daqui.

Nota. Como não há portas fechadas para os Espíritos, se este pede que se o deixe ir, é que um poder superior lhe constrange a ficar, sem dúvida para sua instrução.

60. Ocupamo-nos dos nossos assuntos, porque queremos saber como, na outra vida, a virtude é recompensada e o vício punido? - R. Sim, meu muito querido, cada um recebe recompensa, ou punição, segundo suas obras; tratai, pois, de andar direito.

61. As vossas fanfarrônicas não nos amedrontam; colocamos nossa confiança em Deus; mas pareceis ainda bem atrasado. - R. Sou sempre João-Grosso como antes.

62. Não podeis, pois, responder seriamente às perguntas sérias? - R. Por que vos dirigis a mim, pessoas sérias? Estou antes disposto a rir que a fazer filosofia; sempre gostei das mesas bem servidas, das mulheres amáveis e do bom vinho.

63. (Ao anjo guardião do médium.) Podeis nos dar algumas informações sobre este Espírito? - R. Não é bastante avançado para vos dar boas razões.

64. Haveria perigo em entrar em comunicação com ele? Poderíamos levá-lo a melhores sentimentos? - R. Isso poderá aproveitar mais a ele do que a vós. Tentai, talvez possais decidi-lo a encarar as coisas de outro ponto de vista.

65. (Ao Espírito.) Sabeis que o Espírito deve progredir; que deve, por encarnações sucessivas, chegar até Deus, do qual pareceis bem distante? - R. Jamais pensei nisso; depois, dele estou tão longe! Não quero empreender uma viagem tão longa.

Nota. Eis, pois, um Espírito que, em razão de sua leviandade e de seu pouco adiantamento, não desconfia da reencarnação. Quando chegar para ele o momento de retomar uma nova existência, que escolha poderá fazer? Evidentemente, uma escolha em relação com seu caráter e seus hábitos, em vista de gozar, e não em vista de expiar, até que seu Espírito esteja bastante desenvolvido para compreender-lhe as conseqüências. É a historiada criança inexperiente que se lança estouvadamente em todas as aventuras e que adquire a experiência às suas custas. Lembremos aqui que, para os Espíritos atrasados, incapazes de fazerem uma escolha com conhecimento de causa, há encarnações obrigatórias.

A. K.

66. Conhecestes G. Remone? - R. Sim, verdadeiramente, o pobre diabo...

67. Suspeitastes de haver ele matado sua mulher? - R. Eu era um pouco egoísta, ocupando-me mais de mim do que dos outros; quando soube de sua morte, eu a chorei sinceramente e não procurei a causa.

68. Qual era, então, a vossa posição? - R. Era um pobre clérigo-porteiro; um salta-riacho como dizeis hoje.

69. Depois da morte dessa mulher, pensastes alguma vez nela? - R. Não me lembreis, pois, tudo isso.

70. Nós queremos vo-lo recordar, porque pareceis mais que não o fizestes. - R. Pensei muito nela algumas vezes, mas como estava sem cuidado do meu natural, sua lembrança passou como um relâmpago, sem deixar marcas.

71. Qual era o vosso nome? - R. Sois muito curiosos, e, se a isso não estivesse forçado, já vos teria abandonado com vossa moral e vossos sermões.

72. Vivíeis num século religioso; jamais, pois, orastes por essa mulher que amáveis? - R. É como isso.

73. Revistes G. Remone e sua mulher no mundo dos Espíritos? - R. Encontrei bons meninos como eu, e quando esses chorões queriam se mostrar, eu lhes voltava as costas; não gosto de me dar a pena, etc...

74. Continuai. - R. Não sou tão tagarela quanto vós; ficarei aí, se quiserdes.

75. Sois felizes hoje? - R. Por que não? divirto-me em pregar peças naqueles que disso não desconfiam, e que crêem ter relações com os bons Espíritos; desde que se ocupam conosco, pregamos boas peças.

76. Não está aí a felicidade; a prova de que não sois feliz, é que dissestes que estáveis forçado a vir; ora, não é feliz quem está forçado a fazer o que o desagrada. - R. Não se tem sempre superiores? isto não impede de ser feliz. Cada um toma sua felicidade onde a encontra.

77. Poderíeis, com alguns esforços, pela prece sobretudo, alcançar a felicidade daqueles que vos comandam. - R. Não pensei nisso; ides me tornar ambicioso. Não me enganais, sempre? Não ides inquietar meu pobre Espírito por nada.

78. Não vos enganamos; trabalhai, pois, para o vosso adiantamento. - R. É preciso se dar muito mal, e sou preguiçoso.

79. Quando se é preguiçoso, pede-se a um amigo para nos ajudar; nós vos ajudaremos, por tanto; oraremos por vós. -R. Orai, pois, para que eu me decida a orar, eu mesmo.

80. Nós oraremos, mas orai de vosso lado. - R. Credes que se eu orasse isso me daria idéias no sentido das vossas?

81. Sem dúvida; mas orai de vosso lado; nos vos evocaremos quinta-feira 21, para ver o progresso que tereis feito e vos dar conselhos, se isto pode vos ser agradável. - R. Então, até breve.

82. Quereis nos dizer vosso nome agora? - R. Jacques Noulin.

No dia seguinte, o Espírito foi evocado de novo, e lhe foram feitas diferentes perguntas sobre a senhora Remone; suas respostas foram bem pouco edificantes e no gênero das

primeiras. São João, consultado, respondeu: "Errastes em perturbar esse Espírito e despertar nele a idéia de suas antigas paixões. Faríeis muito melhor esperando o dia indicado; ele está numa perturbação nova para ele; a vossa evocação o tinha lançado em idéias de uma ordem inteiramente diferente de suas idéias habituais; não pudera ainda tomar decisão muito positiva, no entanto, se dispôs a tentar a prece. Deixai até o dia que lhe indicastes; daqui até lá, se escutar os bons Espíritos que querem vos ajudar em vossa boa obra, podereis obter alguma coisa dele."

(Quinta-feira, 21.)

83. (A São João.) Desde nossa última evocação, Jacques Noulin melhorou? - R. Orou e a luz se fez em sua alma, agora ele crê que está destinado a se tornar melhor e se dispôs a trabalhar para isso.

84. Que caminho devemos seguir em seu interesse? - R. Perguntai-lhe o estado atual de sua alma, e fazei-o olhar a si mesmo, para que se dê conta de sua mudança.

85. (A Jacques Noulin.) Refletistes como nos prometestes, e podeis nos dizer qual é hoje a vossa maneira de encarar as coisas? - R. Quero, antes de tudo, vos agradecer; poupastes-me muitos anos de cegueira. Há alguns dias compreendo que Deus é o meu objetivo; que devo fazer todos os meus esforços para me tornar digno de chegar a ele. Uma era nova se abre para mim; as trevas se dissiparam, e vejo agora o caminho que devo seguir. Tenho o coração cheio de esperança, e sustentado pelos bons Espíritos que vêm em ajuda aos fracos. Vou caminhar nessa nova senda onde já encontrei a tranqüilidade e que deve me conduzir à felicidade.

86. Éreis verdadeiramente feliz, como o dissestes? - R. Era bem infeliz; vejo-o agora, mas me achava feliz como todos aqueles que não olham acima deles. Não pensava no futuro; caminhava, como sobre a Terra, em ser negligente, não me dando ao trabalho de pensar seriamente. Oh! quanto deploro a cegueira que me fez perder um tempo tão precioso! Fizestes um amigo, não o olvideis. Chamai-me quando quiserdes, e, se puder, eu virei.

87. Que pensam de vossa disposição os Espíritos com o quais tínheis o hábito de vos reunir? - R. Zombam de mim porque escutei os bons Espíritos, dos quais detestamos todos a presença e os conselhos.

88. Ser-vos-á permitido ir revê-los? - R. Não me ocupo mais senão de meu adiantamento; de resto, os bons anjos que velam sobre mim e que me cercam com seus cuidados, não me permitem mais olhar para trás, senão para me mostrar que rebaixamento era o meu.

Nota. - Não existe seguramente nenhum meio material de constatar a identidade dos Espíritos que se manifestaram nas evocações acima, também não o afirmaremos de maneira absoluta. Fazemos esta reserva para aqueles que crêem que aceitamos cegamente tudo o que vem dos Espíritos; pecamos antes por um excesso de desconfiança; é que é preciso se guardar de dar como verdade absoluta o que não pode ser controlado; ora, na ausência de provas positivas, é preciso se limitar a constatar a possibilidade e procurar as provas morais à falta de provas físicas. No fato do qual se trata, as respostas têm um caráter evidente de probabilidade e sobretudo de alta moralidade; ali não se vê nenhuma dessas contradições, nenhuma dessas faltas de lógica que chocam o bom senso e revelam a fraude; tudo se liga e se encadeia perfeitamente, tudo concorda com o que a experiência já mostrou; pode-se, pois, dizer que a história é ao menos verossímil, o que já é muito. O que

é certo, é que esse não é um romance inventado por homens, mas bem uma obra mediúnica; se fosse uma fantasia do Espírito, não poderia vir senão de um Espírito leviano, porque os Espíritos sérios não se divertem em fazer contos, e os Espíritos levianos deixam sempre descobrir seu verdadeiro caráter. Acrescentamos que a Sociedade Espírita de Saint-Jean d'Angelyn é um dos centros mais sérios e dos melhor dirigidos que vimos, e que ela não está composta senão de pessoas tão recomendáveis pelo seu caráter como pelo seu saber, levando mesmo, podendo-se dizer, o escrúpulo a um excesso; pode ela ser julgada pela sabedoria e pelo método com os quais as perguntas foram colocadas e formuladas; também todas as comunicações que ali são obtidas atestam a superioridade dos Espíritos que se manifestam. As evocações acima, pois, foram feitas em excelentes condições, tanto pelo meio como pela natureza dos médiuns; é pelo menos para nós uma garantia de sinceridade absoluta. Não acrescentaremos senão que a veracidade desse relato nos foi atestado da maneira mais explícita por vários dos melhores médiuns da Sociedade de Paris.

Não encarando a coisa senão do ponto de vista moral, uma séria questão se apresenta. Eis dois Espíritos, Remone e Noulin, tirados de sua situação e levados a melhores sentimentos pela evocação e pelos conselhos que lhes foram dados. Pode-se perguntar se teriam ficado infelizes no caso em que não tivessem sido evocados, e o que ocorre com todos os Espíritos sofredores que não são evocados? A resposta já foi feita em *a história de um condenado* (Espírito de Castelnaudary) publicada na Revista de 1860. Acrescentaremos que esses dois Espíritos tendo chegado no momento em que poderiam ser tocados pelo arrependimento e receber a luz, circunstâncias providenciais, embora em aparências fortuitas, provocaram sua evocação, seja para seu bem, seja para a nossa instrução; a evocação é um meio, mas na falta deste, Deus não precisa de recursos para vir em ajuda dos infelizes, e poderemos estar certos de que todo Espírito que quer avançar, sempre encontra assistência, de uma maneira ou de outra.

A. K.

Um remédio doado pelos Espíritos

Este título vai fazer os incrédulos sorrirem; que importa! ri-se de muitas outras coisas, o que não impede dessas coisas serem reconhecidas por verdades. Os bons Espíritos se interessam pelos sofrimentos da Humanidade; não é, pois, de se admirar que procurem aliviá-los, e, em muitas ocasiões, provaram que o podem, quando são bastante elevados para terem os conhecimentos necessários, porque eles vêem o que os olhos do corpo não podem ver; prevêm o que o homem não pode prever.

O remédio que está aqui em questão foi dado nas circunstâncias seguintes, à senhorita *Hernance Dufaux* (Médium que escreveu a história de Jeanne D'Arc.), que nos remeteu a fórmula com autorização de publicá-la para o bem daqueles que poderiam dela ter necessidade. Um de seus parentes, morto há bastante tempo, havia trazido da América a receita de um unguento, ou melhor, de uma pomada de uma maravilhosa eficácia para toda espécie de chaga ou ferida. Com sua morte, essa receita foi perdida; ele não a havia comunicado. A senhorita Dufaux estava afetada de um mal nas pernas, muito grave e muito antigo, e que havia resistido a todos os tratamentos; cansada de ter inutilmente empregado tantos remédios, pediu um dia ao seu Espírito protetor se não havia para ela cura possível. "Sim, respondeu ele, serve-te da pomada de teu tio. - Mas sabeis que a receita foi perdida. - Eu vou tá dar," disse o Espírito; depois lhe ditou o que segue:

Açafrão.....	20 centigramas
Cominho.....	4 gramas
Cera amarela.....	31 a 32 gramas
Óleo de amêndoas doces.....	uma colher

Fundir a cera e colocar em seguida o óleo de amêndoas doces; acrescentar o cominho e o açafrão fechados num pequeno saquinho de pano fino, ferver, num fogo brando, durante dez minutos. Para uso, estende-se essa pomada sobre um pedaço de tela e a aplica sobre a parte doente, renovando-a todos os dias, mas antes da aplicação do unguento, é preciso lavar cuidadosamente a ferida com água de altéia, ou outra loção suavizante.

A senhorita Dufaux, tendo seguido essa prescrição, sua perna foi cicatrizada em pouco tempo, a pele se reformou, e desde então está muito bem e nenhum acidente sobreveio.

Sua lavadeira foi curada felizmente de um mal análogo.

Um operário feriu-se com um fragmento de foice que entrou profundamente na ferida, e havia produzido inchaço e supuração. Falava-se de fazer a amputação. Pelo emprego dessa pomada o inchaço desapareceu, a supuração terminou e o pedaço de ferro saiu da ferida. Em oito dias esse homem estava de pé e pôde retomar o seu trabalho.

Aplicada sobre os furúnculos, os abscessos, panarícios ela faz chegar em pouco tempo e cicatriza logo. Age atraindo os princípios mórbidos para fora da ferida saneando-a, e provocando-lhe, se for o caso, a saída de corpos estranhos, tais como as lascas de osso, de

madeira, etc.

Parece que ela é igualmente muito eficaz para os dartros e, em geral, para todas as afecções da pele.

Sua composição, como se vê, é muito simples, fácil, e em todos os casos muito inofensiva; pode-se, pois, sempre tentar sem medo.

Poesias espíritas

Revista Espírita, novembro de 1862

(Bordeaux. - Médiun, E. Collignon.)

Meu testamento.

Embora rimado, creio que não é por isso menos bom,

Entendamo-nos. Nele o que gabo

Não é a rima: ela é mordaz;

É o espírito que... Diabo seja da gíria!

O Espírito não é, não mais, isso do que me preocupo;

Compreende bem se se pode: Só o Espírito vivifica,

É assim que tomo a palavra.

Eu, que dele não sou um, mas que logo irei ser,

-O espero, pelo menos, - eu gostaria de comparecer,

Não inteiramente como um tolo,

Mas como um pobre Espírito, humilde em meu arrependimento,

Colocando em meu Senhor toda a minha esperança,

E contando, para chegar à morada dos eleitos,

Muito sobre sua bondade, e muito pouco sobre minhas virtudes!

Expliquemo-nos ainda, porque sempre me equivoco;

É só a bondade de Deus que invoco;

Pois, para retomar meu assunto,

Antes de ir ouvir a sentença

Que me oprima ou me justifique,
Quero regular, do melhor que eu puder,
Toda conta atrasada em minha vida.
Há algumas delas que baixinho confessaria
Me dominam fortes no coração.
Ora, vejamos como fazer
Para arranjar o todo melhor que se puder.
Isso não ó, entre nós, um pequeno assunto!
Primeiro, quando meu Espírito de seu corpo se for,
Reclamo de vós uma boa prece
Podendo servir de passaporte
Ao pobre morto
Que restitui seu pó à terra.
Este fato, é de meu enterro
Que é preciso se ocupar,
Que, sem muito vos emocionar,
Esse será o enterro do sábio.
De início, em minha vida, fui sempre ferido
Em ver sobre os túmulos tanto luxo amontoar,
Então que nos entregamos à massa de argila
O pouco de que fomos formados.
Por que nos ocupar de uma glória fútil?
Muitos se perderam por serem muito gabados!

A prece de Deus provoca a clemência;

Nós o cremos; tal é também minha esperança.

Mas por que pedir mais por estes do que por aqueles?

De que serve o adorno ostentado para isso?

Por que o infeliz que morre na miséria

Não tem, como eu, o concurso da prece?

Por que, pois, expor esse fausto tão dispendioso,

Que faz nascer a inveja quando se nele pensa?

É para enganar o homem ou para ganhar os céus?

Se é para enganá-lo, anátema à mentira!

Se é para atrair as graças do Senhor,

Orai primeiro por aqueles que, privados da felicidade

Que nos proporcionam as riquezas,

Tendo muito sofrido, têm direito às liberalidades

Que não vos custam uma moeda!

Ora, escutai-me bem; deve-se tratar de louco

Meu pobre Espírito deixando a Terra,

Quer subir a Deus, embalado pela prece

Que sai do coração,

A única, crede-me que escuta o Senhor.

Levai-me, pois, sem despesas, sem ruído, sem alarde;

E, contrariamente ao uso,

Que vossos olhares sejam radiantes!

Que em lugar de lágrimas em vossos cantos

Retina um ar de alegria!

À dúvida deixai a tristeza.

Deus, obrigado! nós somos crentes!

Não penseis, filhos, que é a economia

Que me convida a falar assim!

Do dinheiro tive pouca inquietação

Durante a minha vida

Julgai depois de minha morte!

Quero tornar da sorte

A balança um pouco mais igual,

E desse luxo que se exhibe

Para dourar a lama do corpo,

Para com os infelizes reparar alguns erros.

Quero que desse lençol do qual a morte se recobre,

Os ornamentos sejam suprimidos.

Por uma mesma mão todos nossos dias são ceifados.

É a porta do Céu e não a do Louvre

Que a São Pedro meu arrependimento

Humildemente pede abrir.

Que de uma cruz de madeira a muda eloquência

Do Senhor ofendido afaste a vingança,

Que a minha alma se eleve em sua simplicidade,

E que esse ouro perdido cubra a nudez

Da criança, do velho, meus irmãos na vida,
Meus iguais na morte, talvez muito nos céus,
Aqueles que se ajoelharam cada um suplica,
Aqueles que chamamos bem-aventurados!
Antes de terminar, um conselho salutar
Pode bem encontrar o seu lugar aqui:
Que da caridade a tocha vos clareie;
Do julgamento dos tolos tomai pouco cuidado.
Desse luxo enganador que o orgulhoso exhibe
Desconfiai sempre. Para o coração nada iguala
A alegria do dever cumprido.
Do oprimido sustentai a fraqueza;
Que vossa alma responda a todo grito de aflição;
Que encontre um eco pronto a repeti-la.
Que vossa mão, filhos, esteja pronta para aliviar.
Com a ajuda do pouco ouro que entre vós partilham,
Amontoai tesouros para fazer essa viagem
Da qual o Espírito virtuoso, enfim, não retorna mais!
Semeai energia benfazeja, recolhei virtudes.
Pedi ao Senhor suas mais vivas luzes;
Entre os infelizes ide procurar vossos irmãos,
E que Deus vos conceda, em sua grande bondade,
De não ter outra lei senão o Amor e a Caridade!...

Fábulas e poesias diversas, por um Espírito batedor

Revista Espírita, novembro de 1862

(Um vol. in-18. - Preço: 2 fr. - A Carcassonne, casa L. Labau, em Paris, casa Ledoyen, no Palais-Royal.).

Embora a tipologia seja um meio de comunicação muito lento, pode-se, com a paciência, nela obter trabalhos de muito fôlego. O Sr. Jaubert, de Carcassonne, consentiu em nos dirigir uma coletânea de fábulas e poesias obtidas por ele com a ajuda desse procedimento. Se todas não são obras-primas, do que o Sr. Jaubert não poderia se ofender, uma vez que nela não está em nada, há as muito notáveis, à parte o interesse que oferece a fonte de onde elas provêm. Eis aqui uma delas que, embora não fazendo parte da coletânea, pode dar uma idéia do espírito desse Espírito batedor. Ela é dedicada à Sociedade Espírita de Bordeaux, por esse mesmo Espírito.

O monólogo de um asno.

Fábula.

Um Asno, - não confundais,

Eu não meço nunca pessoas de qualidade,

-Um Burro, um verdadeiro

Asno, daqueles que se pode tosquiar

Em uma palavra, um Burro arreado

Na estação, repreendia uma locomotiva.

Seu olhar era brilhante, sua palavra era viva.

"És tu, exclamava, tu que te dizes em repouso!

"Do Carneiro, meu vizinho, se dele creio os propósitos,

"Tu caminhas sem cavalo, sem asno, sem manobrador;

"Ruges arrastando tua imensa cobra,

"Tuas encomendas amontoadas, essa aldeia de madeira;

"Futilidades! no milagre se pôde crer outrora.

"Os tempos estão bem mudados! bem sovado que me zombo!

"Não tomo um trigo por um campo de luzerna;

"Deixo o cardo pelo molho de feno.

"Com os teus pés de ferro, não se vai muito longe.

"Eu me modero; ao bom senso feliz quem se confia.

"Tu! caminhar sem cavalos? sem nós? A isso te desafio.

" O Asno, vede-o, invoca a razão,

Esse facho tão freqüentemente extinto pela arrogância.

Ai! quantos sábios se assemelham ao jumento!

Negai, doutores; negai o *Espírito* e a sua força;

Negai o movimento, negligenciai o motor.

O homem faz de nada a elétrica luz?

Toda locomotiva tem necessidade de vapor;

Evocam-se os mortos... mas é preciso a prece,

A prece partindo do coração.

O Médiun e o doutor Imbróglio.

Acorrei, aproximai-vos, doutor Imbróglio;

A cura vai sozinha; é patente, é tangível.

- Eu, ver!... quero provar num infólio

Que a coisa não é possível.

Faremos uma nota sobre a qualificação dada ao Espírito que ditou as poesias das quais falamos acima. Os Espíritos sérios repudiam, com razão, a qualidade de Espíritos batedores: este título não convém senão àqueles que poderiam ser chamados batedores de profissão, aos Espíritos levianos ou malévolos, que se servem de pancadas para divertir ou atormentar; as coisas sérias não são de sua alçada; mas a tiptologia é um modo como um outro para as comunicações inteligentes, e da qual os Espíritos mais elevados podem se servir na falta de outro meio, embora prefiram a escrita, como respondendo melhor à rapidez do pensamento. É verdadeiro dizer que, neste caso, não são eles mesmos que batem; eles se limitam a transmitir a idéia, e deixam a execução material para Espíritos subalternos, como um estatuário deixa ao prático o cuidado de cortar o mármore.

A carta seguinte foi dirigida pelo Sr. Jaubert ao Sr. Sabô, de Bordeaux; estamos felizes por reproduzi-la como prova dos laços que se estabelecem entre os Espíritos de diversas localidades, e para a edificação de pessoas tímidas.

Senhor,

Sou sensível à vossa carta. Aceito com alegria o título que me defere a Sociedade Espírita de Bordeaux; aceito-o como recompensa de meus fracos trabalhos, de minhas convicções profundas, e, por que não dizer tudo? de minhas amarguras passadas. Ainda hoje a fé nova está bastante valorizada; os sábios se insurgem, os ignorantes os seguem, o clero grita ao demônio, e alguns convencidos guardam o silêncio. Neste século de materialismo, de apetites grosseiros, de guerras fratricidas, de afeições cegas, imo-deradas aos reinos deste mundo, Deus intervém; os mortos falam, nos encorajam, nos arrastam; eis por que cada um de nós deve, sem medo, inscrever seu nome sobre a bandeira da santa causa. Somos sempre os soldados do Cristo; proclamamos a grandeza, a imortalidade da alma, os laços palpáveis que ligam os vivos aos mortos; pregamos amor e caridade; que temos a temer dos homens? Ser fraco, é ser culpado. Eis porque, senhor, na medida de minhas forças, aceitei a tarefa que Deus e a minha consciência me impõem. Ainda uma vez, obrigado por me ter admitido entre vós; sede meu intérprete junto de todos os nossos irmãos de Bordeaux, e recebei para vós a segurança dos meus sentimentos mais afetuosos.

J. JAUBERT,

Vice-Presidente do Tribunal Civil.

Nota. - O Espiritismo conta hoje numerosos adeptos das classes da magistratura e dos advogados, assim como entre os funcionários públicos; mas nem todos ousam ainda desafiar o medo da opinião; este temor, de resto, se enfraquece cada dia, e, dentro em pouco, os ridentes serão surpreendidos por terem colocado, sem cerimônia, na classe dos loucos tantos homens recomendáveis por suas luzes e sua posição social.

Dissertações espíritas

Revista Espírita, novembro de 1862

O duelo.

(Bordeaux, 21 de novembro de 1861. - Médiun, Sr. Guipon.)

1º Considerações gerais.

O homem, ou Espírito encarnado, pode estar sobre vossa Terra: em missão, - em progresso, - em punição.

Isto posto, é preciso que saibais, uma vez por todas, que o estado de missão, progresso ou punição deve, sob pena de recomeçar sua prova, chegar ao termo fixado pelos decretos da justiça suprema.

Avançar por si mesmo, ou por provocação, o instante fixado por Deus para a reentrada no mundo do Espíritos, é, pois, um crime enorme; o duelo é um crime maior ainda; porque não só é um suicídio, mas além disso um assassinato raciocinado.

Com efeito, credes que o provocado e o provocador não se suicidam moralmente expondo-se voluntariamente aos golpes mortais do adversário? Credes que ambos não são assassinos desde o momento em que procuram mutuamente se tirar a existência, escolhida por eles ou imposta por Deus, em expiação ou como prova?

Sim, eu to digo, meu amigo, duas vezes criminosos aos olhos de Deus são os duelistas; duas vezes terrível será a sua punição; porque nenhuma escusa será admitida já que tudo, para eles, é friamente calculado e premeditado.

Li em teu coração, meu filho, porque também fostes um pobre desviado, e eis a minha resposta.

Para não sucumbira essa terrível tentação, não vos são necessárias senão *humildade, sinceridade e caridade* para com o vosso irmão em Deus; não sucumbis, ao contrário, senão pelo *orgulho e ostentação!*

2º Conseqüências espirituais.

Aquele que, por *humildade*, tiver, como o Cristo, suportado o último ultraje e perdoado de coração, e pelo amor de Deus, terá, além das recompensas celestes da outra vida, a paz do coração nesta, e uma alegria incompreensível de ter respeitado duas vezes a obra de Deus.

Aquele que, por caridade por seu próximo, lhe tiver provado seu amor fraternal, terá na outra vida a proteção santa e o concurso todo-poderoso da gloriosa mãe do Cristo, porque

ela ama e bendiz aqueles que executam os mandamentos de Deus, aqueles que seguem e praticam os ensinamentos de seu Filho.

Aquele que, apesar de todos os ultrajes, tiver respeitado a existência de seu irmão e a sua, encontrará, na sua entrada no mundo etéreo, milhões de legiões de bons e puros Espíritos que virão, *não honrá-lo por sua ação*, mas provar-lhe, pela sua solicitude em vir lhe facilitar seus primeiros passos na nova existência, que simpatia soube atrair e os verdadeiros amigos que fez entre eles, seus irmãos. Todos juntos se elevarão para Deus sinceras ações de graças por sua misericórdia, que permitiu ao seu irmão resistir à tentação.

Aquele, diz-se, que tiver resistido a essas tristes tentações, pode, não esperar a mudança dos decretos de Deus, os quais são imutáveis, mas contar com a benevolência sincera e afetuosa do Espírito de Verdade, o Filho de Deus, o qual saberá, de maneira incomparável, inundar sua alma da felicidade de compreender *o Espírito de justiça perfeita e de bondade infinita*, e, por conseqüência, salvaguardá-lo de toda nova armadilha semelhante.

Aqueles, ao contrário que, provocados ou provocadores, terão sucumbido, podem estar certos de que sentirão as maiores torturas morais pela presença contínua do cadáver de sua vítima e de seu próprio; serão torturados durante séculos, pelo remorso de ter desobedecido tão gravemente às vontades celestes, e serão perseguidos, até o dia da expiação, pelo *espectro horrível de duas odiosas visões de seus dois cadáveres ensangüentados*.

Felizes ainda se afastam esses sofrimentos por um arrependimento sincero e profundo lhes abrindo os olhos da alma, porque então, pelo menos, entreverão um fim às suas penas, compreenderão Deus e lhe pedirão a força de não mais provocar a sua justiça terrível.

3º Conseqüências humanas.

As palavras *dever, honra, coração*, são freqüentemente postas à frente pelos homens para justificar suas ações, seus crimes.

Compreendem eles sempre estas palavras? Não são o resumo das intenções do Cristo? Por que, pois, trocar-lhes o sentido? Por que, pois, retornar à barbárie?

Infelizmente, a generalidade dos homens está ainda sob a influência do *orgulho* e da *ostentação*; para se desculpar aos seus próprios olhos, eles fazem soar bem alto estas palavras de *dever, honra e coração*, e não desconfiam que significam: *execução dos mandamentos de Deus, sabedoria, caridade e amor*. Com estas palavras, no entanto, arruinam seus irmãos; com estas palavras, se suicidam; com estas palavras, se perdem.

Cegos que são! crêem ser fortes porque terão arrastado um infeliz mais fraco do que eles. Cegos são, quando crêem que a aprovação de sua conduta, por cegos e maus como eles, lhes dará a consideração humana! a própria sociedade da qual vivem reprova-os e os amaldiçoará logo, porque o reino da fraternidade chegou. À espera disso, são afastados pelos homens sábios, como animais bravios.

Examinemos algum caso, e veremos se o raciocínio justifica sua interpretação das palavras *dever, honra e coração*.

Um homem tem o coração cheio de dor, e a alma cheia de amargura, porque surpreendeu as provas irrecusáveis da má conduta de sua mulher; provoca um dos sedutores dessa pobre e infeliz criatura. Essa provocação será o resultado de seus deveres, de sua honestidade e de seu coração? Não; porque sua honra não lhes será vingada, porque sua honra pessoal não foi e não pode ser atingida; mas isso será *da vingança*.

Melhor ainda; para provar que sua pretendida honra não está em jogo, é que muito freqüentemente sua infelicidade é mesmo ignorada e ficaria ignorada, se não fosse publicada pelas mil vozes provocadas pelo escândalo ocasionado por sua *vingança*.

Enfim, se sua infelicidade era conhecida, seria lamentada sinceramente por todos os homens sensatos, dela retiraria provas numerosas de verdadeira simpatia, e não haveria contra ele senão os ridentes de coração mau e endurecido, *mas desprezíveis*.

Em um e outro caso, sua honra não seria nem vingada nem retirada.

Só o orgulho é, portanto, o guia de quase todos os duelos, e não a honra.

Crede que o duelista, por uma palavra, pela falsa interpretação de uma frase, o contato insensível e involuntário de um braço passando, por um *sim* ou um *não*, enfim, e mesmo algumas vezes por um olhar que não lhe era dirigido, *seja levado por um sentimento de honra* a pedir uma pretensa reparação pelo assassinato e o suicídio? Oh! disso não duvideis, o orgulho e a *certeza de sua força* são seus únicos móveis, freqüentemente ajudados pela ostentação; porque quer se exhibir, dar prova de coragem, de saber e algumas vezes de generosidade: *Ostentação!!!*

Ostentação, eu o repito, porque seus conhecimentos em duelismo são os únicos verdadeiros; sua coragem e sua generosidade, *mentiras*.

Quereis colocar à prova real, esse espadachim corajoso? colocai-o à frente de um rival tendo uma reputação infernal acima de sua, e todavia talvez de um saber inferior ao seu, ele empalidecerá e fará tudo para evitar o combate; colocai-o à frente de um ser mais fraco do que ele, ignorando esta ciência duplamente mortal, e vê-lo-eis impiedoso altivo e arrogante, mesmo quando é constrangido a ter piedade. - É da coragem?

A generosidade! Oh! falemos dela. - Ele é generoso, o homem confiante em sua força, e, depois de ter provocado a fraqueza, concede-lhe a continuação de uma existência achincalhada e dada em ridículo? É generoso, aquele que, para obtenção de uma coisa desejada e cobiçada, provoca seu fraco possuidor para obtê-la em seguida como recompensa de sua *generosidade*? É generoso, aquele que, usando de seus talentos criminosos, poupa a vida de seres fracos que injuriou? É generoso ainda, quando dá uma semelhante prova de generosidade ao marido ou ao irmão que indignamente ultrajou, e que expõe então pelo desespero a um segundo suicídio?

Oh! crede-me todos, meus amigos, o duelo é uma medonha e horrível invenção dos Espíritos maus e perversos, invenção digna do estado de barbárie, e que mais aflige nosso pai, o Deus tão bom.

Cabe-vos, Espíritas, combater e destruir esse triste hábito, esse crime digno dos anjos das trevas; cabe-vos, Espíritas, dar o nobre exemplo da renúncia, quando mesmo e apesar de tudo, a esse funesto mal; cabe-vos, Espíritas sinceros, fazer compreender o sublime destas

palavras: *dever, honra e coração*, e Deus falará por vossa voz; cabe-vos, enfim, a felicidade de semear, entre vossos irmãos, os grãos tão preciosos e tão ignorados por nós, durante a nossa existência sobre a Terra, do *Espiritismo*.

Teu pai, ANTOINE.

Nota. - Os duelos se tornam mais raros, - na França pelo menos, - e se deles são vistos ainda, de tempos em tempos, dolorosos exemplos, o seu número não é comparável ao que era outrora. Outrora o homem não saía de casa sem prever um encontro, também tomava sempre suas precauções em conseqüência. Um sinal característico dos costumes do tempo e dos povos está no uso do porte habitual, ostensivo ou oculto, de armas ofensivas e defensivas; a abolição desse uso testemunha o abrandamento dos costumes, e é curioso seguir-lhe a graduação desde a época em que os cavaleiros não cavalgavam jamais senão bardados de ferro e armados da lança, até o porte da simples espada, tornada antes um adorno e um acessório do brasão, que uma arma agressiva. Um outro traço de costumes é que outrora os combates singulares ocorriam em plena rua, e ante a multidão que se afastava para deixar o campo livre, e hoje esconde-se; hoje a morte de um homem é um acontecimento, com ela se comove; outrora não se lhe dava atenção. O Espiritismo levará estes últimos vestígios da barbárie, inculcando nos homens o espírito de caridade e de fraternidade.

Fundamentos da ordem social.

(Lyon, 16 de setembro de 1862. - Médium, Sr. Émile V...)

Nota. - Esta comunicação foi obtida num grupo particular, presidido pelo Sr. Allan Kardec.

Eis-vos reunidos, a fim de ver o Espiritismo em sua fonte, a fim de olhar essa idéia frente a frente, e de sentir as grandes ondas de amor que ela prodigaliza àqueles que a conhecem.

O Espiritismo é o progresso moral; é a elevação do Espírito no caminho que leva a Deus. O progresso é a fraternidade em seu nascimento, porque a fraternidade completa, tal qual o Espírito pode imaginá-la, é a perfeição. A fraternidade pura é um perfume do Alto, é uma emanção do Infinito, um átomo da inteligência celeste; é a base de todas as instituições morais, e o único meio de elevar um estado social que possa subsistir e produzir efeitos dignos da grande causa pela qual combateis.

Sede, pois, irmãos se quiserdes que o germe depositado entre vós se desenvolva e se torne a árvore que procurais. A união é a força soberana que desce sobre a Terra; a fraternidade é a simpatia na união; é a poesia, o encanto, o ideal no positivo.

É preciso estardes unidos para serdes fortes, e é preciso ser forte para fundar uma instituição que não repouse senão sobre a verdade tornada tão tocante e tão admirável, tão simples e tão sublime. Forças divididas se aniquilam; reunidas elas são tantas vezes mais fortes.

E se se considera o progresso moral de cada homem, se se reflete no amor, na caridade que corre de cada coração, a diferença é muito maior. Sob a influência sublime desse sopro inefável, os laços de família são estreitados, mas os laços sociais, tão vagamente definidos, se desenham, se aproximam, e acabam por não formar senão um só feixe de todos esses

pensamentos, de todos esses desejos, de todos esses objetivos de natureza diferente.

Sem a fraternidade, que vedes? O egoísmo, a ambição. Cada um em seu objetivo; cada um persegue-o de seu lado, cada um caminha à sua maneira, e todos são fatalmente arrastados no abismo onde são tragados, depois de tantos séculos, todos os esforços humanos. Com a união, não há mais que um único alvo, porque não há mais do que um único pensamento, um único desejo, um único coração. Uni-vos, pois, meus amigos; é o que vos repete a voz incessante de nosso mundo; uni-vos, e chegareis bem mais depressa ao vosso alvo.

É sobretudo nesta reunião toda simpática que deveis tomar a resolução irrevogável de serdes unidos, por um pensamento comum, a todos os Espíritos da Terra, para oferecer a homenagem de vosso reconhecimento àquele que vos abriu o caminho do bem supremo, àquele que levou a felicidade sobre vossas cabeças, a felicidade em vossos corações e a fé em vossos Espíritos. Vosso reconhecimento é a sua recompensa presente; não lha recuseis, pois, e oferecendo-a a uma só voz, dareis o primeiro exemplo de verdadeira fraternidade.

LÉON DE-MURIANE, *Espírito protetor.*

Nota. - Este nome é completamente desconhecido, mesmo do médium. Isto prova que para ser um Espírito elevado, não há necessidade de ter seu nome inscrito no calendário ou nos fastos da história, e que entre aqueles que se comunicam, há muitos que não têm nome conhecido.

Aqui jazem dezoito séculos de luzes.

(Lyon, 16 de setembro de 1862. - Médium, Sr. Émile V...)

O Sr. Émile, que obteve a comunicação acima e muitas outras não menos notáveis, é um homem jovem. Não é somente um excelente médium escrevente, é também médium pintor, embora não haja aprendido nem o desenho nem a pintura; ele pinta a óleo paisagens e diversos assuntos para os quais ele é conduzido a escolher, a misturar e a combinar as cores que lhe são necessárias. Do ponto de vista da arte, seus quadros, certamente, não são irrepreensíveis, embora em certas exposições sejam vistos os que não valem muito mais; faltam, sobretudo, em fineza e suavidade, os tons são duros e muito acentuados; mas quando se pensa nas condições nas quais são feitos, por isso não são menos muito notáveis. Quem sabe se, como exercício, não adquirirá a habilidade que lhe falta e não se tornará um pintor verdadeiro, como esse operário bordalês que, sabendo apenas assinar seu nome, escreveu como médium, e acabou por ter uma linda escrita para seu uso pessoal, sem outro mestre senão os Espíritos?

Quando vimos o Sr. Émile V..., ele estava ocupado em acabar um quadro alegórico, onde se vê um caixão sobre o qual está escrito: *aqui jazem dezoito séculos de luzes*. Permitimo-nos criticar essa inscrição do ponto de vista gramatical, e, de início, não compreendemos todo o sentido dessa alegoria colocando dezoito séculos de luz num caixão, tendo em vista que, dizíamos, graças sobretudo ao cristianismo, a Humanidade está mais esclarecida hoje do que não o era outrora. Foi na sessão de 16, na qual ele obteve a comunicação relatada acima. O Espírito respondeu às nossas observações, acrescentando o que segue a essa comunicação.

"*Aqui jazem* está posto intencionalmente. O sujeito não está expresso pelo número *dezoito* representando os séculos; é um total de séculos, uma idéia coletiva, como se houvesse *um lapso de tempo* de dezoito séculos. Podereis dizer aos vossos gramáticos para não confundirem uma idéia coletiva com uma idéia de separação. Não dizem, eles mesmos, da multidão, que pode se compor de um número incalculável de pessoas, que ELA PODE se mover? É bastante sobre este assunto; isto deve ser assim, porque é a própria idéia.

"Agora, abordemos a alegoria. Dezoito séculos de luzes num caixão! Esta idéia representa todos os esforços que a verdade fez desde esse tempo; esforços que, sempre, foram lançados por terra pelo espírito de partido, pelo egoísmo. Dezoito séculos de luzes em plena luz, seriam dezoito séculos de felicidade para a Humanidade, dezoito séculos que não fazem ainda germinar sobre a Terra e que teriam tido seu desenvolvimento. O Cristo traz a verdade sobre a Terra e a coloca ao alcance de todo mundo; em que se torna ela? As paixões terrestres dela se apoderam; fica escondida num caixão, de onde o Espiritismo vem tirá-la. Eis a alegoria.

"LÉON DE MURIANE."

Papel da Sociedade de Paris.

(Sociedade de Paris, 24 de outubro de 1862. - Médiun, Sr. Leymarie.)

Paris é a pequena casa de passagem do mundo; cada um vem nela buscar uma impressão, uma idéia.

Perguntei-me, muito freqüentemente, quando estava entre vós, por que essa grande cidade, local de encontro do mundo inteiro, não tinha uma reunião espírita numerosa, mas tão numerosa que os mais amplos anfiteatros não pudessem conter.

Por vezes, pude pensar que os Espíritas parisienses se entregavam muito aos seus prazeres; acreditei mesmo que a fé espírita era para muitos um prazer de amador, uma recreação entre todas as que se apresentam continuamente em Paris.

Mas longe de vós e, no entanto, tão perto de vós, vejo e compreendo melhor. Paris está assentada na margem do Seine, mas Paris está por toda a parte, e todos os dias essa cabeça poderosa movimentada o mundo inteiro. Como ela, a Sociedade central espírita faz jorrar seu pensamento no universo. Sua força não reside no círculo onde tem as suas sessões, mas bem em todos os países onde a seguem suas dissertações, por toda a parte onde ela faz lei com respeito a ensinamentos inteligentes; é um sol cujos raios benfazejos repercutem ao infinito.

Por isso mesmo, a Sociedade não pode ser um grupo comum; seus objetivos são predestinados e seu apostolado é maior. Não pode se encerrar num pequeno espaço; o mundo lhe é necessário, porque é invasora por sua natureza; e de fato conquista pacificamente grandes cidades, amanhã reinos, logo o mundo inteiro.

Quando um estrangeiro vem vos fazer uma visita cortês, recebi-o dignamente, largamente, para que ele leve uma grande idéia do Espiritismo, esta arma poderosa de civilização que deve aplainar todos os caminhos, vencer todas as dissidências, mesmo todas as dúvidas. Dai largamente, a fim de que cada um tome esse alimento do Espírito que

transforma tudo em sua passagem misteriosa, porque a crença nova é forte como Deus, grande como ele, caridosa como tudo o que emana do poder superior que comove para consolar dando à Humanidade em trabalho: a prece e a dor como adiantamento.

Bendita sejas, Sociedade que amo, tu que dás sempre com benevolência; tu que cumpres uma tarefa árdua sem olhar as pedras que barram a passagem. Bem mereceste de Deus; tu não serás e não podes ser um centro comum, mas bem, eu o repito, a fonte benfazeja onde o sofrimento virá sempre encontrar o bálsamo reparador.

SANSON,

Antigo membro da Sociedade de Paris.

Da origem da linguagem.

(Sociedade Espírita de Paris. - Médiun, Sr. d'Ambel.)

Hoje me pedis, caros e bem amados ouvintes, para ditar, ao meu médium, a história da origem da linguagem; vou tratar de vos satisfazer; mas deveis compreender que me será impossível, em algumas linhas, tratar inteiramente esta séria questão, à qual se liga, forçosamente, a mais importante ainda da origem das raças humanas.

Que Deus todo-poderoso, tão benevolente para os Espíritas, conceda-me a lucidez necessária para podar, de minha dissertação, toda confusão, toda obscuridade e, sobretudo, todo erro.

Entro na matéria vos dizendo: Admitamos primeiro em princípio esta eterna verdade: é que o Criador deu a todos os seres da mesma raça um modo especial, mas seguro, para se entenderem e se compreenderem entre eles. No entanto, esse modo de comunicação, essa linguagem foi tanto mais restrita quanto as espécies eram mais inferiores. É em virtude dessa verdade, dessa lei que os selvagens e as populações pouco civilizadas têm línguas de tal modo pobres, que uma multidão de termos usados nos países favorecidos pela civilização, ali não encontram nenhuma palavra correspondente; e é para obedecer a essa mesma lei que essas nações que progridem criam novas expressões para novas descobertas, para novas necessidades.

Assim como já disse em outro lugar: a Humanidade já atravessou três grandes períodos: a fase bárbara, a fase hebraica e paga e a fase cristã. A esta última sucederá o grande período espírita, do qual lançamos no presente, entre vós, os primeiros assentamentos.

Examinemos, pois, a primeira fase e os começos da segunda, e não posso senão repetir aqui o que já disse. A primeira fase humana, que se pode chamar ante-hebraica ou bárbara, se arrasta lenta e longamente em todos os horrores e convulsões de uma horrível barbárie. O homem nela é peludo como a fera animal e se escondia nas cavernas e nos bosques. Viviam de carne crua e se repastava de seu semelhante como de um excelente animal de caça. É o reino da antropofagia mais absoluta. Nada de sociedade! nada de família! Alguns grupos dispersos aqui e ali, vivendo desordenadamente uma promiscuidade completa e sempre prontos a se entre devorarem: tal é o quadro desse cruel período. Nenhum culto, nenhuma tradição, nenhuma idéia religiosa! Nada mais que as necessidades animais a satisfazer, e depois é tudo! A alma, prisioneira numa matéria entorpecida,

permanece morna e latente em sua prisão carnal; nada pode contra as paredes grosseiras que a encerram, e sua inteligência pode se mover com dificuldade nos compartimentos de um cérebro limitado. O olhar é terno, a pálpebra pesada, o lábio é espesso o crânio achatado, e alguns sons guturais bastam à linguagem; nada faz pressagiar que desse animal bruto sairá o pai das raças hebraicas e pagas. No entanto, com o tempo, sentem a necessidade de se sustentarem contra os outros carniceiros, contra o leão e o tigre, cujos caninos temíveis e cujas garras cortantes tinham facilmente vencido os homens isolados: é assim que se cumpre o primeiro progresso social. No entanto, o reino da matéria e da força bruta se manteve durante toda essa fase cruel. Não procureis, pois, no homem dessa época nem sentimento, nem razão, nem linguagem propriamente dita; ele não obedece senão à sua grosseira sensação e não tem senão um objetivo: beber, comer e dormir; fora disso, nada! Pode-se dizer que o homem inteligente nele está em germe, mas que não existe ainda. Entretanto, é necessário constatar que já, entre essas raças brutais, aparecem alguns seres superiores, Espíritos encarnados, encarregados de conduzir a Humanidade para seu objetivo e apressar o advento da era hebraica e paga. Devo acrescentar que fora desses Espíritos encarnados, o globo terrestre era freqüentemente visitado por esses ministros de Deus, cuja tradição consagrou a memória sob o nome de anjos e arcanjos, e que estes se punham quase que diariamente em relação com os seres superiores, Espíritos encarnados dos quais acabo de falar. A missão de alguns desses anjos continuou durante uma grande parte da segunda fase humanitária. Devo acrescentar que o quadro rápido que acabo de fazer, dos primeiros tempos da Humanidade, vos ensina, mais ou menos, a que leis rigorosas estão submetidos os Espíritos que ensaiam a vida nos planetas de formação recente.

A linguagem propriamente dita, como ávida social, não começa a ter um caráter certo senão a partir da era hebraica e paga, durante a qual o Espírito encarnado, sempre escravizado à matéria, começa, no entanto, a se revoltar e quebrar alguns anéis da sua pesada corrente. A alma fermenta e se agita em sua prisão carnal; por seus esforços reiterados ela reage energicamente contra as paredes do cérebro, do qual ela sensibiliza a matéria; melhora e aperfeiçoa, por um trabalho constante, o jogo de suas faculdades das quais, conseqüentemente, os órgãos físicos se desenvolvem; enfim, o pensamento se deixa ler num olhar límpido e claro. Estamos já longe das fronteiras achatadas! É que a alma se sente, ela se reconhece, tem a consciência de si mesma, e começa a compreender que é independente do corpo. Também, desde esse momento, ela luta com ardor para se desembaraçar dos apertos de sua robusta rival. O homem se modifica cada vez mais e a inteligência se move mais livremente num cérebro mais desenvolvido. Constatamos, no entanto, que essa época vê ainda o homem encurralado e matriculado como o gado, o homem escravo do homem; a escravidão está consagrada pelo Deus dos Hebreus tanto quanto pelos deuses pagãos, e Jeová, tanto como Júpiter Olímpico, pede sangue e vítimas vivas.

Essa segunda fase oferece aspectos curiosos do ponto de vista filosófico; dela já tracei um quadro rápido que meu médium vos comunicará proximamente. O que quer que seja, e para retornar ao assunto deste estudo, tende por certo que não foi senão na época dos grandes períodos pastorais e patriarcais que a linguagem humana tomou um passo regular, e adotou formas e sons especiais. Então nessa época primitiva em que a Humanidade se desembaraça dos cueiros do berço, ao mesmo tempo que da gaguez da primeira idade, poucas palavras bastam aos homens para quem a ciência não havia nascido, cujas necessidades eram muito restritas, e cujas relações sociais se detinham às portas da tenda, no limiar da família, e mais tarde nos limites da tribo. É a época em que o pai, o pastor, o ancião, o patriarca, numa palavra, dominava como senhor absoluto com direito de vida e de morte.

A língua primitiva foi uniforme; mas à medida que o número dos pastores cresceu, estes, deixando por sua vez a tenda paterna, foram fundar, nas regiões inabitadas, novas famílias, novas tribos. Então a língua usada entre eles se afastou, degrau por degrau, segundo as gerações, da linguagem em uso sob a tenda paternal que tinham deixado outrora; e foi assim que os idiomas diversos foram criados. De resto, embora minha intenção não seja fazer um curso de lingüística, não estais sem ter notado que, nas línguas mais discordantes, encontrais palavras cujo radical pouco variou e cuja significação é quase a mesma. Por outro lado, se bem que tendes hoje a pretensão de ser um velho mundo, a mesma razão que fez corromper a língua primitiva, reina ainda soberanamente em vossa França tão orgulhosa de sua civilização, onde vedes as concordâncias, os termos e a significação variada, não diria de província em província, mas de comunidade a comunidade. Para isso chamo àqueles que viajaram para a Bretagne, como àqueles que percorreram a Provence e o Languedoc.

É uma variedade de idiomas e dialetos de assustar aquele que quisesse coligi-los num único dicionário.

Uma vez que os homens primitivos, ajudados nisso pelos missionários do Eterno, tenham afetado a certos sons especiais certas idéias especiais, a língua falada se encontrou criada, e as modificações que ela sofreu mais tarde foram em razão dos progressos humanos; por consequência, segundo a riqueza de uma língua, pode se estabelecer facilmente o grau de civilização ao qual chegou o povo que a fala. O que posso acrescentaria que a Humanidade caminha para uma língua única, consequência forçada de uma comunidade de idéias em moral, em política, e sobretudo em religião. Tal será a obra da filosofia nova, o Espiritismo, que vos ensinamos hoje.

ERASTO.

Respostas

Revista Espírita, novembro de 1862

Ao Sr. B. G. em La Calle (Argélia). - *O Livro dos Espíritos e O Livro dos Médiuns* não estão ainda traduzidos em italiano.

Ao Sr. Dumas, de Sétif (Argélia). - Recebi o *Écho de Sétif*, e li com atenção os dois notáveis e sábios artigos sobre o Espiritismo, publicados por esse jornal. Deles falarei com detalhes no próximo número. Estou feliz em ver esse estimado jornal tomar em mão a causa da Doutrina e tratá-la de maneira séria.

Errata

Revista Espírita, novembro de 1862

Nº 9, setembro de 1862, página 280, *Peregrinações da alma*, no quarto verso da segunda quadra:

Son être se dégage et se trouve *attiré*,

lede: *atterré*.

A quadra adiante foi omitida após a quarta:

Au temps voulu par Dieu, quelques ames d'élite

Viennent par dévoüment s'incarner parmi nous;

Ministres d'un Dieu bon, Esprits pleins de mérite,

Prêcher la loi d'amour pour lê bonheur de tous.

Esta omissão, feita por erro de impressão, tira o sentido da estrofe seguinte, começando por: "*Leur sainte mission*," etc., e que se torna a sexta.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quinto Ano – 1862

Dezembro

- [Estudo sobre os Possessos de Morzine, As causas da obsessão e os meios de combatê-la](#)
- [O Espiritismo em Rochefort](#)
- [O Espiritismo é possível?](#)
- [Charles Fourier, Louis Jourdan e a Reencarnação](#)
- [A Cabana e o Salão](#)
- Dissertações espíritas.
 - [O dia de Todos os Santos](#)
- [Dispensário magnético](#)
- [Resposta a um senhor de Bordeaux](#)
- [Errata](#)

Estudo sobre os Possessos de Morzine, As causas da obsessão e os meios de combatê-la

Revista Espírita, dezembro de 1862

As observações que fizemos sobre a epidemia que maltratou e maltrata ainda a comunidade de Morzine, na Haute-Savoie, não nos deixam nenhuma dúvida sobre a sua causa; mas, para apoiar nossa opinião, nos é preciso entrar em algumas explicações preliminares, que farão melhor ressaltar a analogia desse mal com os casos análogos, cuja origem não poderia ser duvidosa, para quem está familiarizado com os fenômenos espíritas e reconhece a ação do mundo invisível sobre a Humanidade. É necessário para isto remontar à própria fonte do fenômeno, e seguir-lhe a gradação, desde os casos mais simples, e explicar, ao mesmo tempo, o modo pelo qual ele se opera; dela deduziremos muito melhor os meios de combater o mal. Embora tenhamos já tratado desse assunto em *O Livro dos Médiuns*, no capítulo da obsessão, e em vários artigos desta *Revista*, a isso acrescentaremos algumas considerações novas que tornarão a coisa mais fácil de ser concebida.

O primeiro ponto no qual importa penetrar é a natureza dos Espíritos do ponto de vista moral. Não sendo os Espíritos senão as almas dos homens, e não sendo os homens todos bons, não é racional admitir que o Espírito de um homem perverso se transforme subitamente, de outro modo não haveria necessidade de castigo na vida futura. A experiência vem confirmar esta teoria ou, melhor dizendo, esta teoria é o fruto da experiência. As relações com o mundo invisível nos mostram, com efeito, ao lado de Espíritos sublimes de sabedoria e de saber, outros Espíritos ignóbeis, tendo ainda todos os vícios e todas as paixões da Humanidade. A alma de um homem de bem será, depois de sua morte, um bom Espírito; do mesmo modo um bom Espírito, se encarnando, fará um homem de bem; pela mesma razão, um homem perverso, morrendo, dá ao mundo invisível um Espírito perverso, e um mau Espírito, se encarnando, não pode fazer um homem virtuoso, e isto enquanto o Espírito não estiver depurado ou não tiver sentido o desejo de se melhorar; porque, uma vez entrado no caminho do progresso, despoja-se pouco a pouco de seus maus instintos; ele se eleva gradualmente na hierarquia dos Espíritos, até que haja alcançado a perfeição acessível a todos, não podendo Deus ter criado seres votados ao mal ou infelizes para a eternidade. Assim, o mundo visível e o mundo invisível se derramam, incessante e alternativamente, um no outro, podendo-se assim se exprimir, e se alimentam mutuamente, ou, melhor dizendo, esses dois mundos não fazem em realidade senão um, em dois estados diferentes. Esta consideração é muito importante para compreender a solidariedade que existe entre eles.

Sendo a Terra um mundo inferior, quer dizer, pouco avançado, disso resulta que a imensa maioria dos Espíritos que o povoam, seja no estado errante, seja como encarnado, deve se compor de Espíritos imperfeitos que produzem mais mal do que bem; daí a predominância do mal sobre a Terra; ora, sendo a Terra, ao mesmo tempo, um mundo de expiação, é o contato do mal que torna os homens infelizes; porque se todos os homens fossem bons, todos seriam felizes. E um estado onde ainda não chegou o nosso globo, e é a esse estado que Deus quer conduzi-lo. Todas as tribulações que o homem de bem experimenta neste mundo, seja da parte dos homens, seja da dos Espíritos, são a consequência desse estado

de inferioridade. Poder-se-ia dizer que a Terra é a Botany-Bay dos mundos: nela se encontra a selvageria primitiva e a civilização, a criminalidade e a expiação.

É preciso, pois, imaginar o mundo invisível como formando uma população inumerável, compacta, por assim dizer, que envolve a Terra e se agita no espaço. É uma espécie da atmosfera moral da qual os Espíritos encarnados ocupam os baixios, e se agitam como no lodo. Ora, do mesmo modo que o ar dos lugares baixos é pesado e malsão, esse ar moral é também malsão, porque é corrompido pelos miasmas dos Espíritos impuros; para isso resistir, é preciso temperamentos morais de um grande vigor.

Dizemos, como parêntese, que esse estado de coisas é inerente aos mundos inferiores; mas esses mundos seguem a lei do progresso, e quando tiver alcançado a época própria, Deus os saneia, expulsando deles os Espíritos imperfeitos, que ali não se reencarnarão mais e serão substituídos por Espíritos mais avançados, que fazem reinar entre eles a felicidade, a justiça e a paz. E uma revolução desse gênero que se prepara neste momento.

Examinemos agora o modo recíproco de ação dos Espíritos encarnados e desencarnados.

Sabemos que os Espíritos estão revestidos de um envoltório vaporoso, formando neles um verdadeiro corpo fluídico, ao qual damos o nome de *perispírito*, cujos elementos são hauridos no fluido universal ou cósmico, princípio de todas as coisas. Quando o Espírito se une ao corpo, nele existe com seu perispírito, que serve de laço entre o Espírito propriamente dito e a matéria corpórea; é o intermediário das sensações percebidas pelo Espírito. Mas esse perispírito não está confinado no corpo como dentro de uma caixa; pela sua natureza fluídica, irradia ao redor e forma, em torno do corpo, uma espécie de atmosfera, como o vapor que dele se libera. Mas o vapor que se libera de um corpo malsão é igualmente malsão, acre e nauseabundo, o que infecta o ar dos lugares onde se reúnem muitas pessoas malsãs. Do mesmo modo que esse vapor está impregnado das qualidades do corpo, o perispírito está impregnado das qualidades, quer dizer, do pensamento do Espírito, e faz irradiar essas qualidades em torno do corpo.

Aqui um outro parêntese para responder imediatamente a uma objeção que alguns opõem à teoria que o Espiritismo dá do estado da alma; acusam-no de materializar a alma, ao passo que, segundo a religião, a alma é puramente imaterial. Esta objeção, como a maioria daquelas que são feitas, provém de um estudo incompleto e superficial. O Espiritismo jamais definiu a natureza da alma, que escapa às nossas investigações; nunca disse que o perispírito constitui a alma: a palavra *perispírito* diz positivamente o contrário, uma vez que especifica um envoltório ao redor do Espírito. Que diz *O Livro dos Espíritos* a esse respeito? "Há no homem três coisas: a *alma*, ou Espírito, princípio inteligente; o *corpo*, envoltório material; o *perispírito*, envoltório fluídico semi-material, servindo de laço entre o Espírito e o corpo. "De que na morte do corpo a alma conserva o envoltório fluídico, não quer dizer que esse envoltório e a alma sejam uma só e mesma coisa, não mais que o corpo não faça senão um com a roupa, não mais que a alma não faça senão um com o corpo. A Doutrina Espírita não tira nada à imaterialidade da alma, só lhe dá dois envoltórios em lugar de um durante a vida corpórea, e um depois da morte do corpo, o que é, não uma hipótese, mas um resultado da observação, e com a ajuda desse envoltório ela faz conceber melhor a individualidade e explicar melhor a sua ação sobre a matéria.

Voltemos ao nosso assunto.

O perispírito, pela sua natureza fluídica, é essencialmente móvel, elástico, podendo-se assim se exprimir; como agente direto do Espírito, põe em ação e projeta raios pela

vontade do Espírito; por esses raios serve à transmissão do pensamento, porque é de alguma sorte animado pelo pensamento do Espírito.

Sendo o perispírito o laço que une o Espírito ao corpo, é por esse intermediário que o Espírito transmite aos órgãos, não a vida *vegetativa*, mas os movimentos que são a expressão de sua vontade; é também por esse intermediário que as sensações do corpo são transmitidas ao Espírito. O corpo sólido destruído pela morte, o Espírito não age mais e não percebe mais senão pelo seu corpo fluídico, ou perispírito, é porque age mais facilmente e percebe melhor, sendo-lhe o corpo um entrave. Tudo isto é ainda um resultado da observação.

Suponhamos agora duas pessoas perto uma da outra, envolvida cada uma de sua atmosfera *perispiritual*, - que se nos permita ainda esse neologismo.- Esses dois fluidos vão se pôr em contato, penetrar um no outro; se são de natureza antipática, se repelirão, e os dois indivíduos sentirão uma espécie de mal-estar com a aproximação um do outro, sem disso se darem conta; sendo ao contrário movidos por um sentimento bom e benevolente, levarão consigo um pensamento benevolente que atrai. Tal é a causa pela qual duas pessoas se compreendem e se adivinham sem se falarem. Um certo não sei o quê diz freqüentemente que a pessoa que se tem diante de si deve estar animada de tal ou tal sentimento; ora, esse não sei quê é a expansão do fluido perispiritual da pessoa em contato com o nosso, espécie de fio elétrico condutor do pensamento. Compreende-se, desde então, que os Espíritos, cujo envoltório fluídico é bem mais livre do que no estado de encarnação, não têm mais necessidade de sons articulados para se entenderem.

O fluido perispiritual do encarnado, portanto, é posto em ação pelo Espírito; se, pela sua vontade, o Espírito irradia, por assim dizer, seus raios sobre um outro indivíduo, esses raios o penetram; daí a ação magnética mais ou menos possante segundo a vontade, mais ou menos benfazeja segundo esses raios sejam de uma natureza mais ou menos boa, mais ou menos vivificante; porque, pela sua ação, podem penetrar os órgãos, e, em certos casos, restabelecer o estado normal. Sabe-se qual é a influência das qualidades morais no magnetizador.

O que pode fazer o Espírito encarnado irradiando seu próprio fluido sobre um indivíduo, um Espírito desencarnado pode fazê-lo igualmente, uma vez que tem o mesmo fluido, quer dizer, que pode magnetizar, e, segundo seja bom ou mau, sua ação será benfazeja ou malfazeja.

Dá-se conta facilmente assim da natureza das impressões que se recebe segundo os meios onde se encontra. Se uma assembléia é composta de pessoa animadas de maus sentimentos, elas encherão o ar ambiente do fluido impregnado de seus pensamentos; daí, para as almas boas, um mal-estar moral análogo ao mal-estar físico causado pelas exalações mefíticas: *a alma é asfixiada*. As pessoas, ao contrário, se têm intenções puras, acham-se em sua atmosfera como num ar vivificante e salutar. O efeito será naturalmente o mesmo num meio cheio de Espíritos segundo sejam bons ou maus.

Estando isto bem compreendido, chegamos sem dificuldade à ação material dos Espíritos errantes sobre os Espíritos encarnados, e daí à explicação da mediunidade.

Um Espírito quer agir sobre um indivíduo, aproxima-se dele e o envolve, por assim dizer, de seu perispírito, como de um casaco; os fluidos se penetrando, os dois pensamentos e as duas vontades se confundem, e o Espírito pode, então, se servir desse corpo como do seu próprio, fazê-lo agir segundo a sua vontade, falar, escrever, desenhar, etc.; tais são os

médiuns. Se o Espírito é bom, sua ação é branda, benfazeja, não leva a fazer senão boas coisas; se ele é mau, leva a fazer coisas más; se é perverso e mau, o aperta como numa rede, paralisa até sua vontade, mesmo seu julgamento, que ele abafa sob seu fluido, como se abafa o fogo sob uma camada de ar; fá-lo pensar, falar, agir por si, leva-o, apesar dele, a atos extravagantes ou ridículos, em uma palavra, magnetiza-o, cataleptiza-o moralmente, e o indivíduo se torna um instrumento cego de suas vontades. Tal é a causa da obsessão, da fascinação e da subjugação, que se mostram em graus de diversas intensidades. É o paradoxismo da subjugação, que se chama vulgarmente *possessão*. Há a se anotar que, nesse estado, o indivíduo, freqüentemente, tem a consciência de que o que faz é ridículo, mas é constringido a fazê-lo, como se um homem, mais vigoroso do que ele, lhe fizesse mover, contra a sua vontade, seus braços, suas pernas e sua língua. Eis um exemplo curioso.

Em uma pequena reunião de Bordeaux, no meio de uma evocação, o médium, jovem de um caráter brando e de uma perfeita urbanidade, se põe de repente a golpear sobre a mesa, se levanta, os olhos ameaçadores, mostrando os punhos aos assistentes, dizendo-lhes as mais grosseiras injúrias, e querendo lançar-lhes o tinteiro na cabeça. Esta cena, tanto mais assustadora quanto se estava longe de esperá-la, durou em torno de dez minutos, depois dos quais o jovem retomou sua calma habitual, desculpando-se pelo que acabara de se passar, e dizendo que sabia muito bem ter feito e dito coisas inconvenientes, mas que ele não pudera impedir isso. Tendo-nos sido contado o fato, dele pedimos a explicação numa sessão da Sociedade de Paris, e nos foi respondido que o Espírito que o havia provocado era antes farsante do que mau, e que quisera simplesmente se divertir com o medo dos assistentes. O que prova a verdade dessa explicação é que o fato não se renovou, e que o médium não continua a receber menos excelentes comunicações como no passado. É bom dizer o que havia provavelmente excitado a verve desse Espírito farsante. Um antigo chefe de orquestra do teatro de Bordeaux, Sr. Beck, havia experimentado, durante vários anos, antes de sua morte, um singular fenômeno. Cada noite, saindo do teatro, parecia-lhe que um homem lhe saltava sobre as costas, punha-se a desconjuntar-se sobre suas espáduas, e se agarrava a ele, até que chegasse à porta de sua casa; ali, o pretense indivíduo saltava para a terra, e o Sr. Beck se achava desembaraçado. Nessa reunião, se quis evocar o Sr. Beck para lhe pedir uma explicação; foi então que o Espírito farsante encontrou prazer em se substituir a ele e fazer o médium desempenhar uma cena diabólica, em que encontrou, sem dúvida, as disposições fluídicas necessárias para secundá-lo.

O que não era senão accidental, nesta circunstância, toma algumas vezes um caráter de permanência quando o Espírito é mau, porque o indivíduo se torna para ele uma verdadeira vítima, à qual pode dar a aparência de uma verdadeira loucura. Dizemos aparência, porque a loucura propriamente dita resulta sempre de uma alteração dos órgãos cerebrais, ao passo que, nesse caso, os órgãos estão tão intactos quanto os do jovem do qual acabamos de falar; não há, pois, loucura real, mas loucura aparente contra a qual os remédios da terapêutica são impotentes, assim como o prova a experiência; bem mais, podem produzir o que não existe. As casas de alienados contêm muitos doentes desse gênero, aos quais o contato dos outros alienados não pode ser senão prejudicial, porque esse estado denota sempre uma certa fraqueza moral. Ao lado de todas as variedades de loucuras patológicas, convém, pois, acrescentar a *loucura obsessional*, que requer meios especiais; mas como um médico materialista jamais poderia fazer essa diferença, ou mesmo admiti-la?

Bravo! vão gritar nossos adversários; não se pode demonstrar melhor os perigos do Espiritismo., e tínhamos muita razão em proibi-lo.

Um instante; o que dissemos prova precisamente a sua utilidade.

Credeis que os maus Espíritos, que pululam no meio da Humanidade esperaram que fossem chamados para exercer sua influência perniciosa? Uma vez que os Espíritos existiram de todos os tempos, de todos os tempos também desempenharam o mesmo papel, porque esse papel está na Natureza, e a prova disto está no grande número de pessoas obsidiadas, ou possuídas, se o quereis, antes que os Espíritos fossem questão, ou quem, em nossos dias, jamais ouviu falar de Espiritismo nem de médiuns. A ação dos Espíritos, bons ou maus, é, pois, espontânea; a dos maus produz uma multidão de perturbações na economia moral e mesmo física que, por ignorância da causa verdadeira, se atribuíam a causas errôneas. O maus Espíritos são os inimigos invisíveis, tanto mais perigosos quanto não se suponha a sua ação. O Espiritismo, pondo-os a descoberto, vem revelar uma nova causa a certos males da Humanidade; conhecida a causa, não se procurará mais combater o mal por meios que, doravante, se sabe inúteis, procurar-se-ão os mais eficazes. Ora, o que foi que fez descobrir essa causa? A mediunidade; foi pela mediunidade que esses inimigos ocultos traíram sua presença; ela fez para eles o que o microscópio fez para os infinitamente pequenos: revelou todo um mundo. O Espiritismo não atraiu os maus Espíritos; ele os revelou, e deu os meios de paralisar a sua ação, e, por conseqüência, de afastá-los. Portanto, ele não trouxe o mal, porque o mal existia há muito tempo; ao contrário, ele trouxe o remédio ao mal, mostrando-lhe a causa. Uma vez reconhecida a ação do mundo invisível, ter-se-á a chave de uma multidão de fenômenos incompreendidos, e a ciência, enriquecida dessa nova lei, verá se abrir diante dela novos horizontes. Quando a isso chegará? Quando não professar mais o materialismo, porque o materialismo detém seu vôo e lhe põe uma barreira intransponível.

Antes de falar do remédio, expliquemos um fato que embaraça muitos Espíritos, sobretudo no caso de obsessão simples, quer dizer, naqueles, muito freqüentes, em que o médium não pode se desembaraçar de um mau Espírito que se comunica, obstinadamente, a ele pela escrita ou pela audição; aquele, não menos freqüente, onde, no meio de uma boa comunicação, um Espírito vem se imiscuir para dizer coisas más. Pergunta-se, então, se os maus Espíritos são mais poderosos do que os bons.

Reportemo-nos ao que dissemos, em começando, da maneira pela qual o Espírito age, e imaginemos um médium envolvido, penetrado pelo fluido perispiritual de um mau Espírito; para que o de um bom possa agir sobre o médium é preciso que penetre esse envoltório, e sabe-se que a luz penetra dificilmente um espesso nevoeiro. Segundo o grau de obsessão, esse nevoeiro será permanente, tenaz ou intermitente e, conseqüentemente, mais ou menos fácil de dissipar.

Nosso correspondente de Parme, Sr. Superchi, nos enviou dois desenhos feitos por um médium vidente, que representam perfeitamente essa situação. Num vê-se a mão do médium escrevente cercada de uma nuvem escura, imagem do fluido perispiritual dos maus Espíritos, atravessada por um raio luminoso indo clarear a mão; é o bom fluido que a dirige e se opõe à ação do mau. No outro, a mão está na sombra; a luz está em torno do nevoeiro, que ela não pode penetrar. O que esse desenho limita à mão deve-se entender de toda a pessoa.

Resta sempre a questão de saber se o bom Espírito é menos poderoso do que o mau. Não é o bom Espírito que é mais fraco, é o médium que não é bastante forte para sacudir o casaco que lhe lançaram, para se libertar do aperto dos braços que o enlaçam e no qual, é preciso bem dizer-lo, algumas vezes se compraz. Neste caso, compreende-se que o bom Espírito não possa ter vantagem, uma vez que se prefere um outro a ele. Admitamos agora o desejo de se desembaraçar desse envoltório fluídico, do qual o seu está penetrado, como uma veste que está penetrada pela umidade, o desejo não bastará, a própria vontade nem

sempre bastará.

Trata-se de lutar contra um adversário; ora, quando dois homens lutam corpo a corpo, é o que tem músculos mais fortes que derruba o outro. Com um Espírito é preciso lutar, não corpo a corpo, mas Espírito a Espírito, e é ainda o mais forte que o domina; aqui, a força está na *autoridade* que se pode tomar sobre o Espírito, e esta autoridade está subordinada à superioridade moral. A superioridade moral é como o Sol, que dissipa o nevoeiro pelo poder de seus raios. Esforçar-se por ser bom, tornar-se melhor se já se é bom, purificar-se de suas imperfeições, em uma palavra, se elevar moralmente o mais possível, tal é o meio de adquirir o poder de dominar os Espíritos inferiores para afastá-los, de outro modo eles zombam de vossas injunções. (O *Livro dos Médiuns*, nº 252 e 279.)

No entanto, dir-se-á, por que os Espíritos protetores não lhes ordenam para se retirarem? Sem dúvida, o podem e o fazem algumas vezes; mas, permitindo a luta, deixam também o mérito da vitória; se deixam se debater pessoas merecedoras sob certos aspectos, é para experimentar sua perseverança e fazê-las adquirir *mais força* no bem; é para elas uma espécie de *ginástica moral*.

Eis a resposta que demos a um coronel do estado-maior austríaco, em Hongrie, Sr. P..., que nos consultou sobre uma afecção que atribuía aos maus Espíritos, desculpando-se por nos dar o título de amigo, embora não nos conhecesse senão de nome:

"O Espiritismo é o laço fraternal por excelência, e tendes razão em pensar que aqueles que partilham essa crença podem, sem se conhecerem, se tratarem de amigos; eu vos agradeço por ter tido de mim tão boa opinião para me dar esse título.

"Estou feliz por encontrar em vós um adepto sincero e devotado desta consoladora Doutrina; mas por isso mesmo que é consoladora, deve dar a força moral e a resignação para suportar as provas da vida, que, freqüentemente, são expiações; a *Revista Espírita* disse vos fornece numerosos exemplos.

"No que concerne à doença da qual estais atacado, não vejo nela prova evidente da influência de maus Espíritos que vos obsidiariam. Admitamo-la, no entanto, por hipótese; não haveria aí senão uma força moral a se opor a uma força moral, e ela não pode vir senão de vós. Contra um Espírito é preciso lutar Espírito a Espírito, e é o Espírito' mais forte que o

domina. Em semelhante caso, é preciso, pois, adquirir a maior soma possível de superioridade pela vontade, a energia e as qualidades morais para ter o direito de dizer-lhe: *Vade retro*. Se, pois, tendes assunto com um deles, não é com vosso sabre de coronel que o vencereis, mas com a espada do anjo, quer dizer, a virtude e a prece. A espécie de temor e de angústia que sentis nesses momentos é uma espécie de fraqueza da qual o Espírito se aproveita. Superai esse medo, e com a vontade podereis ali chegar. Tomai, pois, a decisão resolutamente, como o fazeis diante do inimigo, e crede-me vosso todo devotado e afeiçoado,

"A. K".

Certas pessoas preferem, sem dúvida, uma receita mais fácil para afastar os maus Espíritos: algumas palavras a dizer ou alguns sinais a fazer, por exemplo, o que seria mais cômodo do que se corrigir de seus defeitos. Com isso não estamos descontentes, mas não

conhecemos nenhum outro procedimento mais eficaz para *vencer um inimigo do que ser mais forte do que ele*. Quando se está doente, é preciso se resignar a tomar um remédio, por amargo que ele seja; mas também, quando se teve a coragem de beber, como se sente bem, e quanto se é forte! É preciso, pois, se persuadir de que não há, para alcançar esse objetivo, nem palavras sacramentais, nem fórmulas, nem talismãs, nem quaisquer sinais materiais. Os maus Espíritos disso se riem e se alegram freqüentemente em indicarem que sempre têm o cuidado de se dizer infalíveis, para melhor captar a confiança daqueles que querem enganar, porque então estes confiantes na virtude do procedimento, se entregam sem medo.

Antes de esperar domar os maus Espíritos, é preciso domar a si mesmo. De todos os meios de adquirir a força para a isso chegar, o mais eficaz é a vontade secundada pela prece, a prece de coração se entende, e não de palavras às quais a boca tem mais parte que o pensamento. É preciso chamar seu anjo guardião e os bons Espíritos para nos assistirem na luta; mas não basta lhes pedir para expulsarem os maus Espíritos, é preciso se lembrar desta máxima: *Ajuda-te, o céu te ajudará*, e pedir-lhes sobretudo a força que nos falta para vencer os maus pendores que são para nós pior que os maus Espíritos, porque são esses pendores que os atraem, como a corrupção atrai as aves de rapina. Pedindo também pelo Espírito obsessivo, é retribuir-lhe o bem para o mal, e se mostrar melhor que ele, e já é uma superioridade. Com a perseverança, acaba-se, o mais freqüentemente, por levá-lo a melhores sentimentos, e de perseguidor dele fazer um devedor.

Em resumo, a prece fervorosa e os esforços sérios para se melhorar, são os únicos meios de afastar os maus Espíritos que reconhecem seus senhores naqueles que praticam o bem, ao passo que as fórmulas os fazem rir; a cólera e a impaciência os excitam. É preciso deixá-los mostrando-se mais pacientes do que eles.

Mas ocorre, algumas vezes, que a subjugação chega ao ponto de paralisar a vontade do obsidiado, e que não se pode esperar dele nenhum concurso sério. É então, sobretudo, que a intervenção de terceiros torna-se necessária, seja pela prece, seja pela ação magnética; mas o poder dessa intervenção depende também do ascendente moral que os intervenientes podem tomar sobre os Espíritos; porque, se não valem mais, sua ação é estéril. A ação magnética, nesse caso, tem por efeito penetrar o fluido do obsidiado de um fluido melhor, e de livrar o do Espírito mau; operando, o magnetizador deve ter o duplo objetivo de opor uma força moral a uma força moral, e de produzir sobre o sujeito uma espécie de reação química, para nos servir de uma comparação material, expulsando um fluido por um outro fluido. Daí, não só opera um desligamento salutar, mas dá força aos órgãos enfraquecidos por uma longa e, freqüentemente, vigorosa opressão. Compreende-se, de resto, que o poder da ação fluídica está em razão, não só da energia da vontade, mas sobretudo da qualidade do fluido introduzido e, segundo o que dissemos, essa qualidade depende da instrução e das qualidades morais do magnetizador; de onde se segue que o magnetizador comum, que agisse maquinalmente para magnetizar pura e simplesmente, produziria pouco ou nenhum efeito; é de toda necessidade um magnetizador *Espírita*, agindo com conhecimento de causa, com a intenção de produzir, não o sonambulismo ou uma cura orgânica, mas os efeitos que acabamos de descrever. Além disso, é evidente que uma ação magnética dirigida nesse sentido não pode ser senão muito útil no caso de obsessão comum, porque então, se o magnetizador é secundado pela vontade do obsidiado, o Espírito é combatido por dois adversários em lugar de um.

É preciso dizer também que se culpa freqüentemente os Espíritos estranhos de má ação das quais são muito inocentes; certos estados doentios e certas aberrações que se atribuem a uma causa oculta, às vezes deve-se simplesmente ao próprio indivíduo. As contrariedades, que o mais comumente concentram-se em si mesmo, os desgostos amorosos sobretudo,

fizeram cometer muitos atos excêntricos que seriam erradamente levados à conta da obsessão. Frequentemente somos nosso próprio obsessor.

Acrescentamos, enfim, que certas obsessões tenazes, sobretudo nas pessoas merecedoras, algumas vezes, fazem partes das provas às quais estão submetidas. "Ocorre mesmo algumas vezes que a obsessão, quando é "simples, é uma tarefa imposta ao obsidiado, que deve trabalhar para melhorar o obsessor, como um pai à de um filho viciado."

Enviamos, para mais detalhes, ao *O Livro dos Médiuns*.

Resta-nos falar da obsessão coletiva ou epidêmica, e, em particular, a de Morzine; mas isto exige considerações de uma certa extensão para mostrar, pelos fatos, sua semelhança com as obsessões individuais, e neles encontraremos a prova, seja nas próprias observações, seja nas que estão consignadas nos relatórios médicos. Além disso, nos restará, para examinar, o efeito dos meios empregados, desde a ação do exorcismo e as condições nas quais ele pode ser eficaz ou nulo. A extensão desta segunda parte nos obriga a fazer dela o objeto de um artigo especial, que se encontrará no próximo número.

O Espiritismo em Rochefort

Revista Espírita, dezembro de 1862

Episódio da viagem do Sr. Allan Kardec.

Rochefort não é ainda um foco de Espiritismo, embora tenham alguns adeptos fervorosos e bastante numerosas simpatias pelas novas idéias; mas lá, menos do que em outro lugar, há a coragem de opinião, e muitos crentes se mantêm à parte. No dia em que ousarem se mostrar, será muita surpresa vê-los tão numerosos. Como não tínhamos visto senão algumas pessoas isoladas, contamos não nos deter ali senão por poucas horas; mas um viajante que se encontrava na mesma viatura nossa, tendo nos reconhecido pelo nosso retrato que vira em Marennnes, preveniu seus amigos de nossa chegada; recebemos então um convite insistente e dos mais graciosos da parte de vários Espíritas que desejavam nos conhecer e receber instruções. Nossa partida foi, pois, adiada para o dia seguinte, e tivemos a alegria de passar a noite numa reunião de Espíritas sinceros e devotados.

Durante a noite recebemos um outro convite, em termos não menos obsequiosos, da parte de um alto funcionário e de altas notabilidades da cidade, que nos foram expressar o desejo de terem uma reunião no dia seguinte, à noite, o que foi causa de um novo adiamento da nossa partida. Não teríamos mencionado estes detalhes, se não fossem necessárias as explicações que cremos dever dar adiante, a propósito de um jornal da localidade. Nessa última reunião, fizemos, no início da sessão, a alocução seguinte:

"Senhores,

"Embora não tivesse a intenção de passar senão algumas horas em Rochefort, o desejo que me manifestastes dessa reunião era muito sedutor, sobretudo pela maneira pela qual o convite foi feito, para que eu não me tivesse apressado para a ele ceder. Ignoro se todas as pessoas que me dão a honra de assistir a esta reunião são iniciadas na ciência espírita; suponho que vários são ainda novatos nessa matéria; poderia mesmo encontrar aqui quem me fosse hostil; ora, em conseqüência da idéia falsa que fazem do Espiritismo aqueles que não o conhecem, ou não o conhecem senão imperfeitamente, o resultado desta sessão poderia causar algumas decepções àqueles que não encontrassem aqui o que esperavam encontrar; devo, pois, explicar claramente o seu objetivo para que não haja equívoco.

"Devo antes de tudo vos edificar sobre o fito que me proponho em minhas viagens. Vou unicamente visitar os centros espíritas, e dar-lhes as instruções das quais possam ter necessidade; mas seria errado crer que vou pregar a Doutrina aos incrédulos. O Espiritismo é todo uma ciência que requer estudos sérios, como todas as ciências, e numerosas observações; para desenvolvê-la, é preciso fazer um curso em regra, e um curso de Espiritismo não poderia mais se fazer em uma ou duas sessões, como um curso de física ou astronomia. Para aqueles que não sabem dele a primeira palavra, sou obrigado a remetê-los à fonte, quer dizer, ao estudo das obras, onde encontrarão todas as informações necessárias e a resposta à maioria das perguntas que poderiam dirigir, perguntas que, o mais freqüentemente, versam sobre os princípios mais elementares. Eis porque, em minhas visitas, não me dirijo senão àqueles que, já sabendo, não têm necessidade do A B C, mas bem de um ensinamento complementar. Não vou, pois, *jamaís* dar o que se chama de

sessões, nem convocar o público para assistir a experiências ou a demonstrações, e ainda menos fazer exibição de Espíritos; aqueles que esperassem ver aqui semelhante coisa estariam num erro completo e devo apressar-me em desenganá-los.

"A reunião desta noite é, pois, de alguma sorte, excepcional e fora de meus hábitos. Pelos motivos que acabo de expor, não posso ter a pretensão de convencer aqueles que repelissent as próprias bases de meus princípios; não desejo senão uma coisa, é que na falta de convicção, levem a idéia de que o Espiritismo é uma coisa séria e digna de atenção, uma vez que fixa a atenção dos homens mais esclarecidos em todos os países. Que não seja aceito cegamente e sem exame, isto se concebe; mas haveria presunção em se inscrever falsamente contra uma opinião que conta seus mais numerosos partidários na elite da sociedade. As pessoas sensatas dizem: Há tantas coisas novas que vêm nos surpreender e que seriam absurdas há um século; vemos cada dia descobrir leis novas, revelar novas forças da Natureza, e seria ilógico admitir que a Natureza tenha dito sua última palavra; antes de negar é, pois, prudente estudar e observar. Para julgar uma coisa é preciso conhecê-la; a crítica não é permitida senão àquele que fala do que sabe. Que se diria de um homem que, não sabendo a música, criticasse uma ópera? daquele que não tendo as primeiras noções da literatura, criticasse uma obra literária? Pois bem! ocorre assim com a maioria dos detratores do Espiritismo: julgam sobre dados incompletos, freqüentemente mesmo sobre o ouvir-dizer; também todas as suas objeções denotam a ignorância mais absoluta da coisa. Não se pode senão lhes responder: Estudai antes de julgar.

"Assim como tive a honra de vos dizer, senhores, ser-me-ia materialmente impossível vos desenvolver todos os princípios da ciência; quanto a satisfazer a curiosidade de quem quer que seja, há entre vós os que me conhecem bastante para saber que é um papel que jamais desempenhei. Mas na falta de poder vos expor a coisa em seus detalhes, pode ser útil vos fazer conhecer-lhe o objetivo e as tendências; é o que me proponho fazer; julgareis depois se esse objetivo é sério e se é permitido dele zombar. Peco-vos, pois, a permissão para vos ler algumas passagens do discurso que pronunciei nas grandes reuniões de Lyon e de Bordeaux. Para aqueles que não têm do Espiritismo senão uma idéia incompleta, deixa sem dúvida a questão principal no estado de hipótese, já que me dirijo a adeptos já instruídos; mas, à espera de que as circunstâncias dele tenham feito para vós uma verdade, podereis ver-lhe as conseqüências, assim como a natureza das instruções que dou, e julgar por aí o caráter das reuniões a que vou assistir.

"Posso dizer, no entanto, que, no Espiritismo, nada é hipotético; de todos os princípios formulados em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*, não há um só deles que seja o produto de um sistema ou de uma opinião pessoal; todos, sem exceção, são o fruto da experiência e da observação; não saberia reivindicar nenhum deles como sendo o produto de minha iniciativa; estas obras contêm o que aprendi, e não o que criei; ora, o que aprendi, outros podem aprendê-lo como eu; mas, como eu, lhes é preciso trabalhar; somente, lhes poupei a dificuldade dos primeiros trabalhos e das primeiras pesquisas."

Em continuação a esse preâmbulo, lemos alguns fragmentos do discurso pronunciado em Lyon e em Bordeaux, depois demos algumas explicações, necessariamente muito sumárias, sobre os princípios fundamentais do Espiritismo, entre outros sobre a natureza dos Espíritos e os meios pelos quais se comunicam, nos empenhando sobretudo em fazer ressaltar a influência moral que resulta das manifestações pela certeza da vida futura, e os efeitos dessa certeza sobre a conduta durante a vida presente.

Pelo preâmbulo, era impossível estabelecer a situação de maneira mais nítida, e melhor

precisar o objetivo que nós nos propusemos, a fim de prevenir todo equívoco. Tivemos essa precaução, sabendo que a assembléia estava longe de ser homogênea e muito simpática. Isso não bastava naturalmente para aqueles que esperavam ver uma sessão no gênero das do Sr. Home. Um dos assistentes declarou mesmo polidamente que não era o que ele esperava; nós o cremos sem dificuldade, uma vez que, em lugar de exibir coisas curiosas, vínhamos falar do moral; pediu mesmo com tanta insistência que déssemos provas da existência dos Espíritos, que forçoso foi dizer-lhe que não os tínhamos em nosso bolso para lhe mostrar; um pouco mais, creio, ter-lhe-ia dito: "Procurai bem."

Um jornalista, com pseudônimo de *Tony*, que assistia à reunião, pensou disso dar conta no *Spectateur*, jornal hebdomanário de teatros, número de 12 de outubro. Começa assim:

Seduzido pelo anúncio de uma noite espírita, apressei-me em ir ouvir um dos hierofantes mais acreditados dessa *ciência*... assim os adeptos qualificam o Espiritismo. Numeroso auditório esperava, com uma certa ansiedade, o desenvolvimento das bases dessa *ciência*, uma vez que *ciência* há. O Sr. Allan Kardec, autor dos livros dos *Espíritos* e dos *Médiuns*, ia nos iniciar em temíveis segredos! Movido por um sentimento de curiosidade muito compreensível e que nada tinha de hostil, esperávamos sair dessa sessão com uma meia convicção, se o professor, homem de uma habilidade não contestada, se desse ao trabalho de expor sua doutrina. O Sr. Allan Kardec disse pensou de outro modo, e é lamentável. Não se lhe pedia para evocar Espíritos, mas pelo menos para fornecer explicações claras ou mesmo elementares para *facilitar a experimentação dos profanos*.

O início caracteriza claramente o pensamento de alguns dos ouvintes que criam ser *expectadores*; a palavra *seduzido* disso diz mais do que todo o resto. O que queriam, eram *explicações claras para facilitar a experimentação dos profanos*; dito de outro modo, uma receita que cada um, entrando em sua casa, pudesse se divertir evocando os Espíritos.

Segue uma tirada sobre a base da Doutrina: a caridade, e outras máximas que, disse ele, vêm diretamente do cristianismo e não ensinam nada de novo. Se um dia esse senhor se der ao trabalho de ler, saberá que o Espiritismo jamais teve a pretensão de trazer aos homens uma moral senão a do Cristo, e que não se dirige àqueles que a PRATIQUEM em sua pureza; mas como há muitos que não crêem nem em Deus, nem em sua alma, nem nos ensinamentos de Cristo, ou que estão mais ou menos na dúvida, e dos quais toda moral se resume nestas palavras: *Cada um por si*, vem, provando a alma e a vida futura, dar uma sanção prática, uma necessidade a essa moral. Queremos muito crer que o Sr. Tony disso não tem necessidade, que tem uma fé viva, uma religião sincera, uma vez que toma a defesa do cristianismo contra o Espiritismo, embora umas más línguas o acusem de ser um pouco materialista; queremos muito crer, dissemos, que ele pratique a caridade como verdadeiro cristão; que, a exemplo do Cristo, seja brando e humilde; que não tenha nem orgulho, nem vaidade, nem ambição; que seja bom e indulgente para todo mundo, mesmo para seus inimigos; que, em uma palavra, ele tenha todas as virtudes do divino modelo; mas pelo menos com isso não aborreça os outros. Ele prossegue:

O Espiritismo tem a pretensão de evocar os Espíritos. Os Espíritos, é verdade, não se submetem aos caprichos e às exigências. Podem, se necessário, revestir um corpo reconhecível, mesmo roupas, e não entram em relação com os médiuns senão com a condição de estarem envolvidos de uma camada fluídica da mesma natureza... porque não de natureza contrária, como em eletricidade? A *ciência* do Espiritismo não explica. •

Lede e o vereis.

Não sei se os adeptos se retiraram satisfeitos; mas, seguramente, os ignorantes sinceramente desejosos de se instruírem nada levaram dessa sessão, se isso não é que o Espiritismo não se demonstra. É a falta do professor, ou o Espiritismo não revela seus arcanos senão aos fiéis? Não vo-lo diremos... e com razão.

TONY.

CONCLUSÃO. - *O Espiritismo não se demonstra.* O Sr. Tony deveria explicar claramente, uma vez que gosta tanto de explicações claras, porque está demonstrado para milhões de homens que não são nem tolos e nem ignorantes. Que se dê ao trabalho de estudar e o saberá, se, como o disse, está tão desejoso de se instruir; mas uma vez que acreditou dever dar conta publicamente de uma reunião que não tinha nada de pública, como se fosse tratar do relatório de um espetáculo onde se vai, *seduzido*, atraído pelo cartaz, deveria, para ser imparcial, narrar as palavras que dissemos no começo.

Seja como for, não temos senão que nos louvar da urbanidade que presidiu à reunião, e aproveitamos esta circunstância para dirigir ao funcionário eminente, senhor La Maison, nossos agradecimentos pela sua acolhida cheia de benevolência e de cordialidade, e a iniciativa que tomou de pôr seu salão à nossa disposição. Pareceu-nos útil provar-lhe, assim como à sociedade de elite reunida em sua casa, as tendências morais do Espiritismo, e a natureza do ensino que damos nos centros que vamos visitar.

O Sr. Tony ignora se os adeptos ficaram satisfeitos; em seu ponto de vista, evidentemente, a sessão foi sem resultado; quanto a nós, preferimos ter deixado em alguns ouvintes a impressão de um moralista aborrecido do que a idéia de um obsequiador de representações. Um fato certo, é que nem todo o mundo partilha sua opinião sem falar dos adeptos que ali se encontravam, e dos quais recebemos calorosos testemunhos de simpatia, citaremos dois senhores que, no fim da sessão, nos perguntaram se as instruções que havíamos lido seriam publicadas, acrescentando que tinham feito do Espiritismo uma idéia inteiramente falsa, mas que ouviam agora sob uma outra luz, compreendendo-lhe o lado sério e útil, e se propunham fazer dele um estudo aprofundado. Não tivéssemos obtido senão esse resultado e estaríamos satisfeitos. É reconhecer-lhe pouco valor, dirá o Sr. Tony; seja, mas ignora que dois grãos que frutificam se multiplicam; e, aliás, temos a certeza de que todos os que semeamos nessa circunstância não estarão perdidos, e que o próprio vento levantado pelo Sr. Tony terá levado alguns deles sobre uma terra fértil.

O Sr. Florentin Blanchard, livreiro de Marenes, acreditou dever responder ao artigo do Sr. Tony por uma carta que foi inserida nos *Tablettes des deux Charentes* de 25 de outubro.

Réplica do Sr. Tony onde se encontra esta conclusão:

"O Espiritismo superexcita lastimosamente o espírito dos crédulos, agrava o estado das mulheres de uma grande irritabilidade nervosa, torna-as loucas ou as *mata*, se elas persistem em suas aberrações.

"O Espiritismo é uma doença; a esse título, deve ser combatido. Além disso, entra no quadro das coisas... malsãs que estuda a higiene pública e moral."

Aqui nós pegamos o Sr. Tony em flagrante delito de contradição. No primeiro artigo narrado acima, disse que, vindo à sessão, estava "movido por um sentimento de curiosidade muito compreensível e *que nada tinha de hostil.*" Como compreender que não

fosse hostil a uma coisa que disse ser *uma doença, uma coisa malsã, etc.*?

Mais longe ele disse que *esperava explicações claras ou mesmo elementares para facilitar a experimentação dos profanos*. Como poderia desejar ser iniciado, ele e os profanos, na experimentação de uma coisa que disse poder tornar louco e MATAR? Por que veio? Por que não desviou seus amigos de virem assistir ao ensino de uma coisa tão perigosa? Por que lamenta que esse ensino não respondeu à sua expectativa, não tendo sido tão completo como o desejava? Uma vez que, na sua opinião, essa coisa é tão perniciosa, em lugar de nos fazer uma censura por termos sido tão pouco explícitos, disso deveria nos felicitar.

Outra contradição. Uma vez que veio à reunião para saber o que é, o que quer e o que pode o Espiritismo; que nos censura de não lhe ter ensinado, é, pois, que não o sabia; ora, uma vez que não o estudou, como sabe que é tão perigoso? Portanto, julga-o sem conhecê-lo. Assim, de sua autoridade privada, ele decide que uma coisa é má, malsã e que pode MATAR, então que vem de declarar que não sabe o que é. Essa é a linguagem de um homem sério? Há críticos que se refutam de tal modo por eles mesmos, que basta assinalá-los, e que seria supérfluo ligar-lhes importância. Em outras circunstâncias, uma alegação como esta de *matar* poderia ser demandado por calúnia, porque é levar uma acusação da última gravidade contra nós e contra uma classe imensamente numerosa, hoje, de homens mais honrados.

Isto não é tudo. Esse segundo artigo foi seguido de vários outros nos quais desenvolve sua tese.

Ora, eis o que se lê no *Spectateur* de 26 de outubro, por ocasião da primeira carta do Sr. Blanchard:

A redação do *Spectateur* recebeu de Marennes, com a assinatura de Florentin Blanchard, uma carta em resposta ao nosso primeiro artigo do dia 12, quando esse artigo já estava composto. A redação lamenta que a exigüidade de seu formato não lhe permita abrir suas colunas para uma controvérsia sobre o Espiritismo. *Os Tablettes*, a pedido expresso do *Spectateur*, deram essa carta *in-extenso*.

Reservamo-nos para responder em seu tempo e trataremos de não ceder, como seu autor, às inspirações de um *Espírito inconveniente*.

TONY.

Depois, em seguida a uma segunda carta do Sr. Blanchard, inserida desta vez no *Spectateur*, lê-se:

Concedemo-vos, a hospitalidade com prazer, Sr. Florentin Blanchard, mas não será preciso disso abusar. Vossa carta deste dia me acusa de não ter estudado o Espiritismo. Como o entendeis? Sem duvida, não quereis discutir com iluminados, e a esse título não faço o vosso negócio; de acordo!...

Que me respondais, senhor, a algumas proposições que terminam minha última carta... em lugar de me acusar vagamente? Esta correspondência prolongada é sem interesse, permiti-me não mais continuá-la.

Retomarei proximamente a seqüência de meus artigos sobre o Espiritismo, mas só de tempo em tempo, porque a pouca extensão do *Spectateur* não lhe permite estudos longos sobre esse divertido assunto.

Depois, tereis muito o que fazer, senhor, não tomamos os Espíritas a sério e não saberíamos considerar o Espiritismo como uma *ciência*.

TONY.

Assim, eis que está claro: o Sr. Tony quer atacar o Espiritismo, arrastá-lo na lama, qualificá-lo de coisa malsã, dizer que ele *mata*, sem dizer no entanto quantas pessoas matou, mas não quer controvérsia; seu jornal é bastante grande para seus ataques, mas é muito pequeno para a réplica. Falar sozinho é muito cômodo. Esqueceu que, em razão da natureza e da personalidade de seus ataques, a lei poderia obrigá-lo a uma inserção de uma resposta duplamente extensa, apesar da exigüidade de seu jornal.

Completando as particularidades de nossa estada, quisemos mostrar que nem procuramos, nem solicitamos essa reunião e, por conseguinte não *seduzimos* ninguém para vir nos ouvir; também tivemos o cuidado de dizer, sem cerimônia, no início, qual era a nossa intenção; aqueles que isso desapontava estavam livres para se retirarem. No presente nos felicitamos pela circunstância fortuita, ou melhor, providencial que nos fez permanecer, uma vez que provocou uma polêmica que não pode senão servir à causa do Espiritismo, fazendo-o conhecer pelo que ele é: uma coisa moral, e não por aquilo que não quer ser: um espetáculo para a satisfação dos curiosos; e dando, uma vez mais, à crítica a oportunidade de mostrar a lógica de seus argumentos.

Agora, senhor Tony, ainda duas palavras eu vos peço. Para adiantar publicamente coisas como aquelas que escrevestes, é preciso estar bem seguro de seu fato, e deveis ter interesse em prová-los. É muito cômodo discutir sozinho, e no entanto não entendo estabelecer convosco nenhuma polêmica; não tenho tempo para isto e, aliás, vossa folha é muito pequena para admitir a crítica e a refutação; depois, seja dito sem vos ofender, sua influência não vai muito longe. Ofereço-vos melhor do que isso, que é de vir a Paris, diante da Sociedade que presido, quer dizer, diante de cento e cinqüenta pessoas, sustentar e provar o que adiantais; se estais certo de estar na verdade, nada deveis temer, e vos prometo sob palavra de honra que, por meio da *Revista Espírita*, vossos argumentos e os efeitos que tereis produzido irão da China ao México, passando por todas as capitais da Europa.

Notai, senhor, que vos faço levar a melhor, porque não é na esperança de vos converter, ao que não me prendo de todo, que vos faço essa proposta; ficareis, pois, perfeitamente livre de guardar vossas convicções; é para oferecer às vossas idéias contra o Espiritismo a ocasião de uma grande repercussão. Para que saibais a quem ireis fazê-lo, dir-vos-ei dos que se compõe a Sociedade: advogados, negociantes, artistas, homens de letras, sábios, médicos, capitalistas, bons burgueses, oficiais, artesãos, príncipes, etc.; o todo entremeado de um certo número de senhoras, o que vos garante uma correção irrepreensível sob o aspecto da urbanidade; mas muito atentos até a medula dos ossos, como cinco ou seis milhões de adeptos, dessa *coisa malsã que estuda a higiene pública e a moral*, que deveis ardentemente desejar curar.

O Espiritismo é possível?

Revista Espírita, dezembro de 1862

(Extraído do *Écho de Sétif* de 18 de setembro de 1862.)

Tal é o título de um muito sábio e muito profundo artigo, assinado por *Jalabert*, publicado com esta epígrafe: *Mens agitat molen*, pelo *Écho de Sétif*, um dos jornais mais acreditados da Argélia. Lamentamos que sua extensão não nos permita reportá-lo por inteiro, porque não pode senão perder a interrupção do encadeamento dos argumentos pelos quais o autor chega, por uma seqüência de argumentos, da criação do corpo e do Espírito por Deus, à ação do Espírito sobre a matéria, depois à possibilidade das comunicações entre o Espírito livre e o Espírito encarnado. Suas deduções são tão lógicas que, a menos de negar Deus e a alma, não se pode impedir de dizer: Isto não pode ser de outro modo. Dele não citaremos senão alguns fragmentos e sobretudo a conclusão.

Quando Fulton expôs a Napoleão I o seu sistema de aplicação do vapor à navegação, ele afirmou e se ofereceu para provar que, se seu sistema era verdadeiro em teoria, não era menos verdadeiro na prática.

Que lhe respondeu Napoleão? - Que em teoria, sua idéia não era realizável, e, com este fim de não receber *a priori*, sem ter nenhuma conta nem das experimentações já feitas pelo imortal mecânico, nem das que lhe pedia para fazer e que fez, o grande Imperador não pensou mais nem em Fulton, nem em seu sistema, até o dia em que o primeiro barco a vapor apareceu no horizonte de Sainte-Hélène.

Coisa singular sobretudo num século de observações físicas, de ciências materialistas e de *positivismo!*. Mais de uma vez, o *fato*, só por isso que é extraordinário, inaudito, novo, o *fato*, permite-se dizê-lo, é *afastado* por uma simples exceção de *direito*.

É assim que, para não falar senão dessas manifestações de Espíritos, que lembra a expressão de *Espiritismo*, ouvimos de homens, aliás, sérios e instruídos, exclamarem, zombeteiros, depois de uma narração conscienciosa de certas dessas manifestações vistas ou atestadas por homens inteligentes, convencidos e de boa fé: Deixai, pois, a vós vosso Espiritismo e vossas manifestações, e vossos *médiuns!* O que contaís não é possível!

- Não é possível! Pois bem, seja! Mas, por favor, ó gênios transcendentais! dignai-vos vos lembrar da palavra célebre de um Antigo, e, antes de nos atingir com os vossos soberbos desdêns, consenti, eu vos peço, ouvir-nos.

Quereis ler estas linhas por inteiro, - seriamente, atentamente, - e depois, a mão sobre a vossa consciência e a sinceridade sobre os vossos lábios, ousai, ousai negar a possibilidade, a *racionalidade* do Espiritismo!

Dizeis: Eu não compreendo esse mistério! - mas para nós como para vós, o movimento material produz um movimento espiritual, a matéria agitada pelo pensamento, o corpo

movido pelo Espírito, é o incompreensível! Mas o incompreensível não é o impossível. Negar essa ação, negar essa influência, negar essa comunicação! Não mais criação, não mais encarnação, não mais de Redenção, não mais de distinção entre a alma e o corpo, não mais de variedade na unidade, - não mais Deus, - não mais corpo, - não mais Espírito, - não mais razão. - O caos, o caos ainda e sempre o caos, ou, o que é pior, o panteísmo ou o nihilismo.

Resumamos. Filosoficamente, fisiologicamente, religiosamente, o Espiritismo não é nem irracional, nem absurdo.

Portanto, ele é *possível*.

O homem *age* - sobre si mesmo por seu verbo interior ou sua vontade e por seus sentidos, - sobre seus semelhantes, por seu verbo exterior ou sua palavra, e pelos seus sentidos ainda. Por que, pois, só pelo seu verbo interior, não se comunicaria com Deus, com o anjo e com os Espíritos, em uma palavra, com qualquer outro ser *incorpóreo* por natureza, ou acidentalmente *corporificado*, liberto dos sentidos?

O Espírito é uma força, uma força *agindo* sobre a matéria, quer dizer, sobre um ser nada tendo de comum com ele, inerte, não inteligente. E, no entanto, existem relações do criador à criação, do anjo ao homem, como da alma do homem ao corpo do homem e, por ele, ao mundo exterior.

Mas, de Espírito a Espírito, o que impediria uma ação, uma comunicação recíproca? Se o Espírito se comunica com os seres de uma natureza oposta à sua, não se conceberia verdadeiramente que não pudesse se comunicar com os seres de uma natureza idêntica.

De onde viria o obstáculo? - Da distância? - Mas, entre Espíritos, não há distância. "O ar está cheio deles," disse São Paulo, - para nos fazer compreender que eles gozam, de alguma sorte, da ubiqüidade divina. De uma diferença hierárquica? Mas a hierarquia aí nada faz; desde que são Espíritos, sua natureza o exige, agem e se comunicam entre si. - De sua estada momentânea nos laços corporais? - Mas, nesse caso, salvo a diferença dos meios de comunicação, ela mesma não o fará menos. Meu Espírito comunica com o vosso, e vosso Espírito, tanto quanto o meu, habita um corpo. Por mais forte razão, comunicar-se-á com um Espírito *livre*, ou *libertado* de toda matéria, - quer se trate de um Espírito de anjo ou de uma alma de homem.

Há mais! Longe de que nada impede, tudo, ao contrário, favorece semelhante comunicação. "Deus é amor" e tudo o que tenha qualquer coisa de divina, participa do amor. Mas o amor vive de comunicações, de *comunhões*; Deus ama o homem: também comunica-se com ele, - no Éden, pela palavra, - sobre o Sinai pela escrita, - no estábulo de Belém e sobre o cume do Calvário por seu Verbo encarnado, - sobre o altar, por seu Verbo *transubstanciado* no pão e no vinho eucarísticos.

Temos, pois, por certo que as comunicações de alma a alma, de Espírito a Espírito, são mais possíveis ainda do que as do Espírito à matéria.

Agora, qual será o instrumento, o meio de comunicação dos seres entre si!

Entre os seres corpóreos, essa comunicação se opera pelo movimento, como é o verbo dos corpos;

Entre seres puramente espirituais, pelo pensamento ou pela palavra interior, que é como o movimento dos Espíritos;

Entre seres ao mesmo tempo espirituais e corpóreos, por esse mesmo pensamento revestido de um sinal ao mesmo tempo corpóreo e espiritual, pela palavra exterior;

Entre um ser espiritual e corpóreo, de uma parte, e um ser simplesmente espiritual, de outra, *comumente* pela palavra interior, se manifestando fora por um *sinal* material.

E, que será esse sinal? -Todo objeto material, movendo-se, num momento dado, de um movimento com significado previamente convencionado, sob a única influência, direta ou indireta, da vontade ou da palavra interior do Espírito com o qual quiser se por em comunicação.

Recomendamos este artigo ao Sr. Tony, de Rochefort; eis um de seus confrades que diz tudo ao contrário dele; um diz branco, o outro diz negro; quem tem razão? Há entre eles esta diferença, que um sabe e que o outro não sabe. Deixamos ao leitor o cuidado de pesar as duas lógicas.

O mesmo jornal publicou vários artigos sobre o mesmo assunto, por outros escritores, e que, como este, levam a marca de uma profunda observação e de um estudo sério. Disto voltaremos a falar.

Charles Fourier, Louis Jourdan e a Reencarnação

Revista Espírita, dezembro de 1862

Extraímos a passagem seguinte de uma carta que um amigo do autor consentiu nos comunicar.

"Imagina qual foi minha surpresa quando, na Doutrina Espírita, da qual não tinha nenhuma idéia, reconheci toda a teoria de Fourier sobre a alma, a vida futura, a missão do homem na vida atual e a reencarnação das almas. Julga isso por ti mesmo; eis a teoria de Fourier resumida:

"O homem está ligado ao planeta; vive sua vida e não a deixa mesmo morrendo.

"Há duas existências: a vida atual, que Fourier compara ao sono, e a vida que ele chama *aromale*, a outra vida em uma palavra, que é o despertar. Sua alma passa alternativamente de uma vida para outra, e periodicamente volta a se reencarnar na vida atual.

Na vida atual, a alma não tem o sentimento de suas vidas anteriores mas da vida *aromale* tem a consciência e vê todas as suas existências precedentes.

As penas na vida *aromale* são os temores que sentem as almas por estarem condenadas, reencarnando-se na vida atual, de vir animar o corpo de um infeliz; porque, disse Fourier, vêem-se todos os dias pessoas virem pedir a caridade à porta dos castelos dos quais foram proprietárias em suas vidas precedentes, e acrescenta: Se os homens estivessem bem convencidos da verdade que trago ao mundo, todos se apressariam em trabalhar pela felicidade de todos."

"Veja, meu caro amigo, por este pequeno- extrato, quanto a doutrina de Fourier e a doutrina do Espiritismo são similares, e que sendo partidário da doutrina social de Fourier, não era difícil fazer de mim um adepto da Doutrina Espírita."

É impossível ser mais explícito sobre o capítulo da reencarnação; não é somente uma idéia vaga de existências sucessivas através de diferentes mundos, é neste que o homem toma de novo nascimento para se depurar e expiar. Tudo aí está: alternativas de vida espiritual, que chama *aromale*, e de vida corpórea; esquecimento momentâneo, durante esta, das existências anteriores, e lembrança do passado durante a primeira; expiação pelas vicissitudes da vida. Seu quadro dos infelizes vindo pedir a esmola à porta dos castelos dos quais foram proprietários em suas existências precedentes, parece calcado sobre as revelações dos Espíritos. Por que, pois, aqueles que se obstinam tanto depois da doutrina da reencarnação hoje, nada disseram quando Fourier veio dela fazer uma pedra angular de sua teoria? É que então lhes parecia confinada nos partidários de Fourier, ao passo que hoje ela corre o mundo; e outras razões que se compreenderá facilmente sem que tenhamos necessidade de desenvolvê-las.

De resto, ele não foi o único que teve intuição dessa lei da Natureza. Acha-se o germe dessa idéia numa multidão de escritores modernos. O Sr. Louis Jourdan, redator do *Siècle*, formulou-a de maneira inequívoca em seu encantador livrinho das *Preces de Ludovic*, publicado pela primeira vez em 1849, por consequência, antes da questão do Espiritismo, e sabe-se que esse livro não é uma obra de fantasia, mas de convicção. Nele se lê, entre outras coisas, o que se segue:

"Para mim, eu vo-lo confesso, creio, mas creio firmemente, creio com paixão, como se acreditava nas épocas primitivas, que cada um e cada um de nós prepara hoje sua transformação futura, do mesmo modo que nossa existência atual é o produto de existências anteriores." O livro é inteiramente sobre esse dado.

Agora encaremos a questão dum outro ponto de vista, para responder a uma interrogação que nos foi colocada várias vezes a esse respeito.

Algumas pessoas objetam à doutrina da reencarnação que ela é contrária aos dogmas da Igreja, e disso concluem que não deve existir; que se pode responder-lhes?

A resposta é muito simples. A reencarnação não é um sistema que dependa dos homens adotar ou rejeitar, como se faz com um sistema político, econômico ou social. Se ela existe, é que está na Natureza; é uma lei inerente à Humanidade, como beber, comer e dormir; uma alternativa da vida da alma, como a vigília e o sono são alternativas da vida do corpo. Se é uma lei da Natureza, não é uma opinião que pode fazê-la prevalecer, nem uma opinião contrária que pode impedi-la de ser. A Terra não gira ao redor do Sol porque se crê que ela gira, mas porque obedece a uma lei e os anátemas que se lançaram contra essa lei não impediram a Terra de girar. Ocorre assim com a reencarnação; não é a opinião de alguns homens que os impedirá de renascer, se devem fazê-lo. Estando, pois, admitido que a reencarnação não pode ser senão uma lei da Natureza, suponhamos que ela não possa concordar com um dogma, trata-se de saber quem tem razão, o dogma ou a Lei. Ora, quem é o autor de uma lei da Natureza, se não for Deus? Direi, neste caso, que não é a lei que é contrária ao dogma, mas o dogma que é contrário à lei, tendo em vista que uma lei da Natureza qualquer é anterior ao dogma, e que os homens renasciam antes que o dogma fosse estabelecido. Se havia incompatibilidade absoluta entre um dogma e uma lei da Natureza, isso seria a prova de que o dogma é obra dos homens que não conhecem a lei, porque Deus não pode se contradizer, desfazendo de um lado o que faz de outro; sustentar essa incompatibilidade é, pois, condenar o dogma. Segue-se que o dogma seja falso? Não, mas simplesmente que pode ser suscetível de uma interpretação, como se interpretou a Gênese quando foi reconhecido que os seis dias da criação não podiam concordar com a lei da formação do globo. A religião nisso ganhará, tendo em vista que achará menos incrédulos.

A questão é saber se a lei da reencarnação existe ou não existe. Para os Espíritas há mil provas por uma que é inútil repetir aqui; direi somente que o Espiritismo demonstra que a pluralidade das existências é não só possível, mas necessária, indispensável, e dela encontra a prova, sem falar da revelação dos Espíritos, numa multidão inumerável de fenômenos de ordem moral, psicológica e antropológica; esses fenômenos são *efeitos que têm uma causa*, procurando essa causa, não se a encontra senão na reencarnação tornada evidente pela observação desses fenômenos, como a presença do Sol, embora oculto pelas nuvens, torna-se evidente pela luz do dia. Para provar que há erro, e que essa lei não existe, seria preciso exprimir melhor do que se o faz, e por outros meios, TUDO o que ele explica, e é o que ninguém fez ainda.

Antes da descoberta das propriedades da eletricidade, aquele que tivesse anunciado que se poderia corresponder a quinhentas léguas em cinco minutos, não teriam faltado sábios que lhe teriam provado cientificamente, pelas leis da mecânica, que a coisa era *materialmente* impossível, porque nisso não conheciam outras; seria preciso para isso a revelação de uma nova potência. Assim ocorre com a reencarnação; é uma nova lei que vem lançar a luz sobre uma multidão de questões obscuras, e modificará profundamente todas as idéias quando for reconhecida.

Assim, não é a opinião de alguns homens que prova que essa lei existe, são os fatos. Se evocamos o seu testemunho, é para demonstrar que ela fora entrevista e suspeitada por outros antes do Espiritismo, que dela não é o inventor, mas que a desenvolveu e deduziu-lhe as conseqüências.

A Cabana e o Salão

Revista Espírita, dezembro de 1862

Estudo de costumes espíritas.

Reencontramos, em nossa correspondência antiga, a carta seguinte, que vem a propósito depois do artigo precedente.

Paris, 29 de julho de 1860.

Senhor,

Tomo a liberdade de vos comunicar as reflexões que me sugeriram dois fatos observados por mim mesmo, e que poderiam' corretamente, penso, ser qualificados de *estudos de costumes espíritas*. Vereis por aí que os fenômenos morais não são sem valor para mim; depois que me entreguei ao estudo do Espiritismo, parece-me que vejo cem vezes mais coisas do que antes; tal fato ao qual não teria dado nenhuma atenção, leva-me hoje a refletir; eu estou, poderia dizer, diante de um espetáculo perpétuo, onde cada indivíduo tem o seu papel, e me oferece um enigma a decifrar; é verdadeiro dizer que os há tão fáceis quando se possui a admirável chave do Espiritismo, que não se tem grande mérito; mas não oferecem senão mais interesse, porque com o Espiritismo encontra-se como num país no qual se compreende a língua. Tornei-me meditativo e observador, porque tudo para mim agora tem a sua causa; os mil e um fatos que outrora me pareciam o produto do acaso e passavam por mim despercebidos, hoje têm sua razão de ser e sua utilidade; um nada, na ordem moral, atrai minha atenção e me é uma lição. Mas esqueço que é a propósito de uma lição que quero conversar convosco.

Sou professor de piano; há algum tempo, indo à casa de uma de minhas alunas que pertence a uma família da sociedade, entrei na portaria, não me lembrando mais por qual motivo. É uma senhora de mão fechada sobre o quadril, que não foi desqualificada nem no físico e nem no moral, ocupando um quarto de porteiro. Eu a vi repreender de importância sua filha, menina de uns quinze anos, cujas maneiras fazem um contraste evidente com a mãe. "Que fez, pois, a senhorita Justine, disse-lhe, para excitar a esse ponto vossa cólera? - Não me faleis disso, senhor, essa resmungona se achou de dar-se ares de duquesa! A senhorita não gosta de lavar a louça; ela acha que isso lhe estraga as mãos, que isso cheira mal, ela que foi educada com as vacas na casa de sua avó; teme de lhe sujar as unhas; e são necessárias essências em seu lenço! Dar-te-ei essências, eu!" Ali, uma vigorosa bofetada fá-la recuar quatro passos. "Ah! é que, vede, meu pequeno senhor, é preciso corrigir as crianças quando são jovens; jamais estraguei os meus, todos os meus rapazes são bons operários, será preciso que esta mulher afetada e ridícula perca seus ares de grande dama."

Depois de ter dado alguns conselhos de doçura à mãe e de docilidade à filha, subi para minha aluna sem dar importância a essa cena de família. Lá, por uma singular coincidência, vi a contrapartida. A mãe, mulher da sociedade e de boas maneiras, ralhava também com sua filha, mas por um motivo todo oposto. "Mas, dominai-vos, pois, como é preciso, Sophie, dizia-lhe; tendes um verdadeiro jeito de cozinheira; isso não é de admirar, tendes uma

predileção toda particular pela cozinha, onde parece terdes maior prazer do que no salão. Eu vos asseguro que Justine, a filha do porteiro, vos faria vergonha; verdadeiramente, dir-se-ia que vos transformastes em ama-de-leite."

Jamais dera atenção a essas particularidades; foi preciso aproximar as duas cenas para me fazer notá-las. A senhorita Sophie, minha aluna, é uma jovem de dezoito anos, bastante bonita, mas seus traços têm alguma coisa de vulgar; todas as suas maneiras são comuns e sem distinção; seu jeito, seus movimentos têm alguma coisa de pesado e de desajeitado; ignorava seus pendores para a cozinha. Pus-me então a compará-la à pequena Justine de instinto tão aristocráticos, e me perguntava se não estava ali um exemplo surpreendente das tendências inatas, uma vez que, nessas duas jovens, a educação foi impotente para modificá-las. Por que uma, elevada ao seio da opulência e do bom tom, tem gostos e maneiras vulgares, ao passo que a outra que, desde sua infância, viveu no meio mais rústico, tem o sentimento da distinção e das coisas delicadas, apesar das correções de sua mãe para fazer-lhe perder o hábito? Ó filósofos! que quereis sondar as dobras do coração humano, explicai, pois, esses fenômenos sem as existências anteriores; para mim, é indubitável que essas duas jovens têm os instintos daquilo que foram. Que pensais disto, caro mestre?

Aceitai,

D.....

Pensamos que a senhorita Justine, a porteira, podia bem ser uma variante do que disse Charles Fourier: "Vêm-se todos os dias pessoas irem pedir a caridade à porta dos castelos dos quais foram as proprietárias em suas vidas precedentes." Quem sabe se a senhorita Justine não foi a senhora nessa mansão, e a senhorita Sophie, a grande senhora, sua porteira? Esta idéia é revoltante para certas pessoas que não podem se dar a pensar terem podido ser menos do que são hoje, ou de se tornarem criados de seus criados; por que então em que se tornam a raça de puro sangue, que se tomou tanto cuidado em não casar em desigualdade? Consolai-vos; o sangue de vossos antepassados pode correr em vossas veias, porque o corpo procede do corpo. Quanto ao Espírito, é outra coisa; mas o que fazer se é assim? Não é porque um homem esteja contrariado com a chuva que isso impedirá de chover. É humilhante, sem dúvida, pensar que o senhor possa se tornar servidor, e o rico, mendigo; mas nada é mais fácil do que impedir que isso seja assim; não há senão que não ser vão e orgulhoso, e não se será rebaixado; de ser bom e generoso, e não se será reduzido a pedir o que se recusou aos outros. Ser punido por onde se pecou, não é a mais justa das justiça? Sim, de grande se pode tornar pequeno, mas quando se foi bom não pode-se tornar mau; ora, não vale mais ser um honesto proletário do que um rico vicioso?

Dissertações espíritas

Revista Espírita, dezembro de 1862

O dia de Todos-os-Santos.

I

(Paris, 1^o de novembro de 1862. - Médiun, Sr. Perchet, sargento da 40^o linha, caserna de Prince-Eugène; membro da Sociedade de Paris.)

Meu caro irmão, neste dia de comemoração dos mortos, estou muito feliz em conversar contigo. Não poderias crer o quanto é grande o prazer que nisso sinto; chama-me, pois, mais freqüentemente, com isso todos os dois ganharemos.

Aqui, não posso sempre vir junto de ti, porque, muito freqüentemente, estou perto de minhas irmãs, particularmente perto de minha afilhada, que pouco deixo, porque pedi por missão permanecer junto dela. No entanto, posso freqüentemente responder ao teu chamado, e será sempre com alegria que te ajudarei com os meus conselhos.

Falemos da festa de hoje. Nessa solenidade de recolhimento que aproxima o mundo invisível do mundo visível, há alegria e tristeza.

Felicidade, porque une num piedoso sentimento os membros dispersos da família. Nesse dia, o filho retorna junto de sua tumba ao encontro de sua terna mãe, que irriga a terra sepulcral com seus prantos. Abençoa-a, o anjinho, e mistura seus votos aos pensamentos que caem gota a gota com as lágrimas de sua mãe querida. Quanto são doces ao Senhor essas castas preces temperadas na fé e na recordação! Também sobem elas aos pés do Eterno, como o suave perfume das flores, e do alto do céu Deus lança um olhar de misericórdia sobre esse pequeno canto da Terra, envia um de seus bons Espíritos para consolar essa alma sofredora e dizer-lhe: "Consolai-vos, boa mãe; vosso filho querido está na morada dos bem-aventurados, vos ama e vos espera."

Disse: dia de felicidade, e o repito, porque aqueles que a religião da lembrança leva nesse mundo a orar por aqueles que não mais nele estão, sabem que isso não é em vão, e que um dia irão rever os outros bem-amados dos quais estão momentaneamente separados. Dia de felicidade, porque os Espíritos vêm com alegria e ternura aqueles que lhes são caros merecer, por sua confiança em Deus, de vir logo participar da felicidade da que gozam.

Neste dia de Todos-os-Santos, os defuntos que suportaram corajosamente todas as provas impostas durante a vida, que se despojaram das coisas mundanas e elevaram seus filhos na fé e na caridade, esses Espíritos, digo eu, vêm de boa vontade se associar às preces daqueles que deixaram, e lhes inspirar a firme vontade de caminhar constantemente da senda do bem; os filhos, parentes ou amigos ajoelhados junto de suas tumbas ali sentem uma satisfação íntima, porque têm a consciência de que os restos que lá estão, sob a

pedra, não são senão uma lembrança do ser que encerravam, e que está agora livre das misérias terrestres.

Eis, meu caro irmão, os felizes. Até amanhã!



Meu caro irmão, fiel à promessa, retorno junto a ti. Como te dissera, deixando-te ontem à noite, fui fazer uma visita ao cemitério; ali examinei atentamente os diversos Espíritos em sofrimento; é de fazer piedade; esse espetáculo doloroso arrancaria lágrimas ao coração mais duro.

Um grande número dessas almas, no entanto, estão muito aliviadas pelos vivos, e pela assistência dos bons Espíritos, sobretudo quando têm o arrependimento das faltas terrestres e que fazem seus esforços para se despojarem de -suas imperfeições, única causa de seus sofrimentos. Compreendem, então, a sabedoria, a bondade, a grandeza de Deus, e pedem o favor de novas provas para satisfazerem à justiça divina, expiar e reparar suas faltas, e obter um futuro melhor.

Orai, pois, meus caros amigos, de todo o vosso coração, por esses Espíritos arrependidos que vêm de ser esclarecidos por uma centelha de fogo. Até então, não tinham acreditado nas delícias eternas, porque, em sua punição, o que era o cúmulo de seus tormentos, não lhes era permitido esperar. Julga de sua alegria, quando o véu das trevas foi rasgado, e que o anjo enviado do Senhor abriu seus olhos feridos de cegueira à luz da fé. São felizes, e no entanto não se fazem, em geral, ilusão sobre o futuro; muitos dentre eles sabem que têm mesmo provas terríveis a suportar; também reclamam com instância as preces dos vivos e a assistência dos bons Espíritos, a fim de poderem suportar com resignação a tarefa difícil que lhes será obrigação.

Digo-vos ainda, e não poderia muito freqüentemente vo-lo repetir, para bem vos convencer desta grande verdade: orai do fundo do coração por todos os Espíritos que sofrem, sem distinção de castas, nem de seitas, porque todos os homens são irmãos, e se devem apoiar mutuamente.

Espíritas fervorosos, sobretudo vós que conheceis a situação dos Espíritos sofredores e sabeis apreciar as fases da vida; vós que conheceis as dificuldades que têm a superar, vinde em sua ajuda. É uma bela caridade a de orar por esses pobres irmãos desconhecidos, freqüentemente esquecidos de todos, e dos quais não se saberia imaginar o reconhecimento quando se vêem assistidos. A prece é para eles o que é um doce orvalho sobre uma terra queimada pelo calor. Imaginai um estranho caído em qualquer encruzilhada de um obscuro caminho, por uma noite sombria; seus pés estão dilacerados por uma longa caminhada; sente o aguilhão da fome e de uma sede ardente; aos seus sofrimentos físicos vêm se juntar todas as torturas morais; o desespero está a dois passos; em vão lança ele aos quatro ventos do céu gritos dilacerantes: nenhum eco amigo responde ao chamado desesperado. Pois bem! Pensai que no instante que essa infeliz criatura chega aos últimos limites do sofrimento, mão complacente vem docemente se colocar sobre sua espádua e lhe trazer os socorros que sua posição reclama; imaginai então, se é possível, o arrebatamento desse homem, e tereis uma fraca idéia da felicidade que a prece dá aos infelizes Espíritos que suportam as angústias da punição e do isolamento. Eternamente vos serão reconhecidos, porque estejais persuadidos de que no mundo dos Espíritos não há ingratos como sobre a vossa Terra.

Disse que o dia de Todos-os-Santos é uma solenidade cheia de tristezas; uma grande tristeza, com efeito, porque ela chama tanto a atenção sobre a classe desses Espíritos que, durante sua existência terrestre, se devotaram ao materialismo, ao egoísmo; que não quiseram conhecer outros deuses que as miseráveis vaidades de seu mundo ínfimo; que não temeram de empregar todos os meios ilícitos para aumentar suas riquezas e, freqüentemente, lançar pessoas honestas sobre a palha. Entre eles se encontram também aqueles que suprimiram sua existência por morte violenta; aqueles ainda que, durante sua vida, se arrastaram na lama infecta da impureza.

Para todos aqueles, meu caro irmão, que horríveis tormentos! É bem como dizem as Escrituras: Haverá prantos e ranger de dentes. Serão mergulhados no abismo profundo das trevas. São chamados vulgarmente esses infelizes de *condenados*, e embora seja mais verdadeiro chamá-los *os punidos*, não sofrem menos por isso torturas tão horríveis quanto a que se atribuem aos condenados ao meio das chamas. Envolvidos nas mais espessas trevas de um abismo que lhes parece insondável, se bem que não seja circunscrito como se vos ensina, sentem sofrimentos morais indescritíveis, até que abram seu coração ao arrependimento.

Ocorre que, algumas vezes, ficam séculos nesse estado, sem que lhes seja possível prever o fim de seus tormentos; também dizem que estão condenados pela eternidade. Essa opinião errônea, por muito tempo, encontrou crédito entre vós; é um grave erro; porque, cedo ou tarde, os Espíritos se abrem ao arrependimento, e então Deus, tomando em piedade suas infelicidades, envia-lhes um anjo que lhes dirige palavras consoladoras, e lhes abre um caminho tanto mais largo quanto fez por eles mais preces aos pés do Eterno.

Vês, irmão, as preces são sempre úteis aos culpados, e se elas não mudam os decretos imutáveis de Deus, não dão menos alívio aos Espíritos sofredores lhes trazendo o doce pensamento de estar ainda nas lembranças de algumas almas compassivas. Assim o prisioneiro sente saltar seu coração de alegria quando, através de suas grades, percebe o rosto de algum parente ou amigo que não o esqueceu na infelicidade.

Se o Espírito sofredor é muito endurecido, muito material, para que a prece tenha acesso em sua alma, um Espírito puro a recolhe como um aroma precioso, e a deposita nas ânforas celestes, até o dia em que elas poderão servir ao culpado.

Para que a prece traga o seu fruto, não basta balbuciar as palavras como a maior parte dos homens; a prece que parte do coração é a única agradável ao Senhor, a única que será levada em conta e que traz alívio aos Espíritos que sofrem.

Tua irmã, que te ama,

MARGUERITE.

Pergunta (feita à Sociedade). - Que pensar da passagem dessa comunicação, onde está dito: "Asseguro-vos que em nosso mundo não há ingratos como sobre a vossa Terra?" As almas dos homens, sendo Espíritos encarnados, trazem consigo seus vícios e suas virtudes: as imperfeições dos homens vêm das imperfeições do Espírito, como suas qualidades vêm das qualidades adquiridas. Segundo isto, e uma vez que se encontram os vícios mais ignóbeis nos Espíritos, não se compreenderá que não se possa encontrar a ingratidão que se encontra tão freqüentemente sobre a Terra.

Pergunta (para o Sr. Perché). "Há sem dúvida ingratos no mundo dos Espíritos, e podeis colocar em primeira linha os Espíritos obsessores e os Espíritos malignos, que fazem todos os seus esforços para vos inculcar seus pensamentos perversos, a despeito do bem que lhes fazeis orando por eles. Não obstante, sua ingratidão não é senão momentânea; porque a hora do arrependimento soa para eles cedo ou tarde; então seus olhos se abrem a luz e seus corações sempre se abrem também ao reconhecimento. Sobre a Terra, não ocorre assim, e encontrais a cada passo homens que, apesar de todo o bem que lhes fazeis, não vos pagam, até o fim, senão pela mais negra ingratidão.

A passagem que necessitou esta observação não é obscura senão porque lhe falta extensão. Se não encarasse a questão senão do ponto de vista dos Espíritos abertos ao arrependimento, e aptos, por isto mesmo, a recolherem imediatamente os frutos da prece. Esses Espíritos, tendo entrado num bom caminho, e o Espírito não retrocedendo, é claro que o reconhecimento não poderia se extinguir neles.

A fim de que não haja confusão, escrevereis a frase que suscitou esta nota da maneira seguinte: "Eternamente vos serão reconhecidos, por que estejais bem persuadidos de que, entre os Espíritos, aqueles que tereis levado ao bom caminho não poderiam ser ingratos."

MARGUERITE.

Nota. - Estas duas comunicações, como muitas outras de uma moralidade não menos elevada, foram obtidas pelo Sr. Perché, em sua caserna, onde conta vários camaradas que partilham suas crenças espíritas e lhe conformam sua conduta. Perguntaremos aos detratores do Espiritismo se esses militares receberiam melhores conselhos de moral no cabaré. Se aí está a linguagem de Satã, lese fez bem eremita! É verdade que é tão velho!

Na mesma ocasião, perguntaremos ao Sr. Tony, o espirituoso e sobretudo muito lógico jornalista de Rochefort, que crê que o Espiritismo é um dos males saídos da caixa de Pandora e uma dessas coisas malsãs que estudam a *higiene pública e a moral*; perguntar-lhe-emos, dizemos, o que há de malsão e de contrário à higiene nesta comunicação, e o que esses militares teriam perdido de sua moralidade e de sua saúde, renunciando aos lugares maus pela prece.

Dispensário magnético

Revista Espírita, dezembro de 1862

Fundado pelo Sr. CANELLE, 11, rua Neuve-des-Martyres, em Paris.

O primeiro artigo deste número faz ressaltar as relações que existem entre o Magnetismo e o Espiritismo, e mostra os recursos que, em casos numerosos, o Magnetizador pode haurir nos conhecimentos espíritas, caso no qual a idéia materialista não poderia senão paralisar a influência salutar; essas relações ressaltarão ainda melhor no segundo artigo que publicaremos no próximo número. Trazendo ao conhecimento de nossos leitores a formação do estabelecimento dirigido pelo Sr. Canelle, que conhecemos pessoalmente de longa data como magnetizador experimentado, não só espiritualista, mas sinceramente espírita, estamos felizes de dar-lhe este testemunho de nossa simpatia. Os tratamentos são dirigidos por ele e por vários médicos magnetizadores. Sessões especiais são consagradas às magnetizações gratuitas. Enviamos aos prospectos para mais amplas informações.

Resposta a um senhor de Bordeaux

Revista Espírita, dezembro de 1862

Um senhor de Bordeaux nos escreveu uma carta, muito polida, de resto, mas contendo uma crítica do ponto de vista religioso ao artigo publicado no número de novembro sobre a *Origem da linguagem*, artigo que, seja dito de passagem, encontrou numerosos admiradores. Não contendo essa carta nem assinatura nem endereço, fizemos com ela o caso que se deve fazer com toda carta sem nome: lançamo-la no fogo.

Errata

No artigo publicado no último número sobre: *Um remédio dado pelos Espíritos*, foi omitido dizer que, antes da aplicação do unguento, é preciso lavar cuidadosamente a ferida com água de altéia, ou outra loção suavizante.

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

COLETÂNEA FRANCESA

CONTENDO

Os fatos de manifestação dos Espíritos, assim como todas as notícias relativas ao Espiritismo. - O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do mundo invisível, sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e seu futuro. - A história do Espiritismo na antigüidade; suas relações com o magnetismo e o sonambulismo; a explicação das lendas e crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc.

PUBLICADA SOB A DIREÇÃO DE

ALLAN KARDEC

Todo efeito tem uma causa.
Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.
O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.

SEXTO ANO- 1863

INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPÍRITA
Av. Otto Barreto, 1067 - Caixa Postal 110
Fone: (19) 541-0077 - Fax: (19) 541-0966
CEP 13.602.970 - Araras - Estado de São Paulo - Brasil

ISBN 85-7341-167-8

Título original em francês:

REVUESPIRITE

JOURNAL D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES

Tradução: SALVADOR GENTILÊ

Revisão: ELIAS BARBOSA
1ª edição - 1.000 exemplares - 2000

© 2000, Instituto de Difusão Espírita C.G.C. (MF) 44.220.101/0001-43

Inscrição Estadual 182.010.405.118

ÍNDICE GERAL DAS MATÉRIAS

DO SEXTO VOLUME

ANO 1863

JANEIRO.

Estudo sobre os *Possessos de Morzines* (2º artigo)

Os Servidores. - História de um criado

Boieldieu na milésima representação da *Dama Branca*.

Carta sobre o Espiritismo, por Tribulle Lang, antigo aluno da Escola Politécnica

Algumas palavras sobre o Espiritismo. - Extrato do *Echo de Sétif*

Resposta a uma pergunta sobre o Espiritismo do ponto de vista religioso

Identidade de um Espírito encarnado

A Barbárie na civilização. - Horrível suplício de um negro

Dissertações Espíritas. - As proximidades do inverno

A lei do progresso .

Bibliografia. - A pluralidade dos mundos habitados, por Camille Flammarion

Subscrição em favor dos operários de Rouen

FEVEREIRO.

Estudo sobre os *Possessos de Morzines* (3º artigo)

Sermões contra o Espiritismo

Sobre a loucura espírita. - Resposta ao Sr. Burlei, de Lyon

Círculo Espírita de Tours. - Discurso de abertura

Variedade. - Cura por um Espírito

Dissertações Espíritas. - Paz aos homens de boa vontade

Poesia espírita. - O doente e o seu médico

Subscrição ruanesa

MARÇO.

A luta entre o passado e o futuro

Morte do Sr. Guillaume Renaud, de Lyon

Resposta da Sociedade Espírita de Paris sobre as questões religiosas

François-Simon Louvet, do Havre

Conversas de Além-Túmulo. - Clara Rivier

Fotografia dos Espíritos

Variedades. - O Akhbar. - Sr. Home. - Sr. Girroodd

Poesias espíritas. - Por que se lamentar?

A mãe e o filho

Subscrição ruanesa

ABRIL.

Estudo sobre os *Possessos de Morzines* (4º artigo).

Resultado da leitura das obras espíritas. - de Albi e de Lyon

Os sermões continuam e não se assemelham

Suicídio falsamente atribuído ao Espiritismo

Variedades. - Pais bárbaros

Revue Française. - Artigo do Sr. Flammarion

Dissertações espíritas. - Cartão de visita do Sr. Jobard

Sede severos convosco e indulgentes para com os vossos irmãos.

Homilia.

A Festa de Natal.

Fechamento da subscrição ruanesa

Aos leitores da Revista

MAIO.

Estudo sobre os *Possessos de Morzines* (5^o artigo)

Algumas refutações.

Conversas de além-túmulo. - Sr. Philibert Viennois

Um argumento terrível contra o Espiritismo. - História de um asno

Algumas palavras sérias a propósito dos golpes de bengala

Exame das comunicações medianímicas que nos são dirigidas.

Perguntas e problemas. - Os Espíritos incrédulos e materialistas

Notícia bibliográfica

JUNHO.

Do princípio da não-retrogradação dos Espíritos

Algumas refutações (2^o artigo)

Orçamento do Espiritismo.

Um Espírito coroado nos Jogos Florais.

Considerações sobre o Espírito batedor de Carcassonne

Meditações sobre o futuro: Poesia pela senhora "Raoul de Navery

Dissertações espíritas. - Conhecer-se a si mesmo

A amizade e a prece

O futuro do Espiritismo..

Notícia bibliográfica: *La Ruche spirite bordeáise*..

JULHO.

Dualidade do homem provada pelo sonambulismo.

Caráter filosófico da Sociedade Espírita de Paris. - Pedidos de admissão

As aparições simuladas no Teatro

Um quadro medianímico na exposição de Constantinopla

Um novo jornal espírita na Sicília.

Poder da vontade sobre as paixões.

Primeira carta ao cura Marouzeau..

Uma expiação terrestre. - Max, o mendigo

Dissertações espíritas. - Bem-aventurados os que têm os olhos fechados

O arrependimento

Os fatos cumpridos

As épocas de transição na Humanidade

Sobre as comunicações dos Espíritos

AGOSTO.

Jean Reynaud e os precursores do Espiritismo

Pensamentos espíritas em diferentes escritores. – Lamartine

Destino do homem nos dois mundos, por Hip. Renaud

Ação material dos Espíritos sobre o organismo

Ainda uma palavra sobre os Espectros artificiais e ao Sr. Oscar Comettant

Perguntas e problemas. – Mistificações

Infinito e indefinido

Conversas de além-túmulo. - Sr. Cardon, médico

Dissertações espíritas. - Jean Reynaud

A medicina homeopática

Correspondência. - Carta do Sr. Jaubert, de Carcassonne

SETEMBRO.

União da filosofia e do Espiritismo, pelo Sr. F. Herrensneider

Perguntas e problemas. - Sobre a expiação e a prova

Segunda carta ao Sr. cura Marouzeau

O *Écho de Sétif* Sr. Leblanc de Prébois

Notícias bibliográficas. - *Revelações sobre minha vida sobrenatural*, pelo

Sr. Home
Sermões sobre o Espiritismo pregados em Méz
Dissertações espíritas - Uma morte prematura
O Purgatório
A castidade
O dedo de Deus
O verdadeiro

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

6^a ANO

NO. 1

JANEIRO 1863

ESTUDO SOBRE OS POSSESSOS DE MORZINE.

As causas da obsessão e os meios de combatê-la.

(Segundo artigo)

Em nosso precedente artigo (1-(1) Ver dezembro de 1862.), expusemos a maneira pela qual se exerce a ação dos Espíritos sobre o homem, ação por assim dizer material. Sua causa está inteiramente no *perispírito*, princípio não só de todos os fenômenos espíritas propriamente ditos, mas de uma multidão de efeitos morais, fisiológicos e patológicos, incompreendidos antes do conhecimento deste agente, do qual a descoberta, podendo-se exprimir assim, abrirá horizontes novos à ciência, quando esta quiser reconhecer a existência do mundo invisível.

O perispírito, como se viu, desempenha um papel importante em todos os fenômenos da vida; é a fonte de uma multidão de afecções das quais o escalpelo procura em vão a causa na alteração dos órgãos, e contra a qual a terapêutica é impotente. Pela sua expansão, se explicam ainda as reações de indivíduo a indivíduo, as atrações e as repulsões instintivas, a ação magnética, etc. No Espírito livre, quer dizer, desencarnado, substitui o corpo material; é o agente sensitivo, o órgão com a ajuda do qual ele age. Pela natureza fluídica e expansão do perispírito, o Espírito alcança o indivíduo sobre o qual quer agir, o cerca, o envolve, o penetra e o magnetiza. O homem, vivendo no meio do mundo invisível, está incessantemente submetido a essas influências, como às da atmosfera que respira, e essa influência se traduz por efeitos morais e fisiológicos, dos quais não se dá conta, e que atribui, freqüentemente, a causas inteiramente contrárias. Esta influência difere naturalmente, segundo as qualidades boas ou más do Espírito, assim como explicamos no nosso precedente artigo. Este é bom e benevolente, a influência, ou querendo-se, a impressão, é agradável, salutar: é como as carícias de uma terna mãe que enlaça seu filho nos braços; se for mau e malevolente, ela é dura, penosa, ansiosa e, às vezes, malfazeja: ela não abraça, oprime. Vivemos nesse oceano fluídico, incessantemente expostos às correntes contrárias, que atraímos, que repelimos, ou às quais nos entregamos, conforme as nossas qualidades pessoais, mas no meio das quais os homens conservam sempre seu livre arbítrio, atributo essencial de sua natureza, em virtude do qual pode sempre escolher o seu caminho.

Isto, como se vê, é completamente independente da faculdade medianímica tal como é concebida vulgarmente. A ação do mundo invisível, estando na ordem das coisas naturais, se exerce sobre o homem, abstração feita de todo conhecimento espírita; a ela se está submetido como se o está à influência da eletricidade atmosférica, sem saber a física, como estar doente, sem saber a medicina. Ora, do mesmo modo que a física nos ensina a causa de certos fenômenos, e a medicina a causa de certas doenças, o estudo da ciência espírita nos ensina a causa dos fenômenos devidos às influências ocultas do

mundo invisível, e nos explica o que, sem ela, nos parecia inexplicável. A mediunidade é o meio direto de observação ~ que se nos permita esta comparação - é o instrumento de laboratório pelo qual a ação do mundo invisível se traduz de maneira patente; e, pela facilidade que nos dá de repetir as experiências, nos permite estudar o modo e as nuances dessa ação; foi do estudo e das observações que nasceu a ciência espírita.

Todo indivíduo que sofre, de um modo qualquer, a influência dos Espíritos é, por isso mesmo, médium; mas é pela mediunidade efetiva, consciente e facultativa, que se chega a constatar

a existência do mundo invisível, e pela diversidade das manifestações obtidas ou provocadas, que se pôde esclarecer sobre a qualidade dos seres que a compõem, e sobre o papel que eles desempenham na Natureza; o médium fez pelo mundo invisível o que o microscópio fez pelo mundo dos infinitamente pequenos.

É, pois, uma nova força, um novo poder, uma nova lei, em uma palavra, que nos é revelada. É verdadeiramente inconcebível que a incredulidade lhe repila mesmo a idéia, porque essa idéia supõe, em nós, uma alma, um princípio inteligente sobrevivendo ao corpo. Se se tratasse da descoberta de uma substância material e ininteligente, aceitá-las sem dificuldade; mas uma ação inteligente fora do homem, é para eles da superstição. Se, da observação dos fatos que se produzem pela mediunidade, se remonta aos fatos gerais, pode-se, pela semelhança dos efeitos, concluir pela semelhança das causas; ora, é constatando a analogia dos fenômenos de Morzine com os que a mediunidade nos coloca, todos os dias, sob os nossos olhos, que a participação de Espíritos malfazejos nos parece evidente nessa circunstância, e ela não o será menos para aqueles que tiverem meditado sobre os numerosos casos isolados, narrados na *Revista Espírita*. Toda a diferença está no caráter epidêmico da afecção; mas a história reporta mais de um fato semelhante, entre os quais figuram aquele das religiosas de Loudun, dos convulsionários de Saint-Médard, dos calvinistas de Cévènes e dos possessos do tempo do Cristo; estes últimos, sobretudo, têm uma analogia marcante com os de Morzine; e uma coisa digna de nota é que, por toda a parte onde esses fenômenos se produziram, a idéia de que eram devidos a Espíritos foi o pensamento dominante e como intuitivo nos que deles estavam afetados.

Querendo-se bem se reportar ao nosso primeiro artigo, da teoria da obsessão contida em *O Livro dos Médiuns*, e aos fatos relatados na Revista, ver-se-á que a ação dos maus Espíritos, sobre os indivíduos dos quais se apoderam, apresenta nuances extremamente variadas de intensidade e de duração, segundo o grau de malignidade e de perversidade dos Espíritos, e também segundo o estado moral da pessoa que lhes dá um acesso mais ou menos fácil. Esta ação, freqüentemente, não é senão temporária e acidental, mais maliciosa e desagradável do que perigosa, como no fato que relatamos no nosso precedente artigo. O fato seguinte pertence a essa categoria.

O Sr. Indermühle, de Berna, membro da Sociedade Espírita de Paris, nos contou que, em sua propriedade de Zimmerwald, seu caseiro, homem de uma força hercúlea, sentiu-se uma noite agarrado por um indivíduo que o sacudia vigorosamente. Era um pesadelo, dir-se-á; não, porque esse homem estava tão bem desperto que se levantou e lutou algum tempo contra aquele que o oprimia; quando se sentiu livre, pegou seu sabre pendurado ao lado de seu leito, e se pôs a golpear na sombra, sem nada atingir. Acendeu sua vela, procurou por toda a parte e não encontrou ninguém; a porta estava perfeitamente fechada. Apenas tornou a deitar-se, o jardineiro, que estava no quarto ao lado, se pôs a pedir socorro, se debatendo, e gritando que o estrangulavam. O caseiro correu para a casa de seu vizinho, mas, como em sua casa, não se encontrou ninguém. Um servente que dormia no mesmo prédio, ouvira todo esse barulho. Todas essas pessoas assustadas vieram, no dia seguinte, dar conta ao Sr. Indermühle do que se passara. Este, depois de estar informado de todos os detalhes e estar assegurado de que nenhum estranho havia se introduzido nos quartos, foi tanto mais levado a crer numa ação má de algum Espírito

que, depois de algum tempo de manifestações físicas inequívocas e de diversas naturezas, se produziam em sua própria casa. Tranqüilizou seus criados e disse-lhes para observarem com cuidado o que se passasse, se semelhante coisa se renovasse. Como ele é médium, assim como a sua mulher, evocou o Espírito perturbador, que concordou com o fato e se excusou dizendo: "Eu queria vos falar, porque sou infeliz e tenho necessidade de vossas preces; há muito tempo faço tudo o que posso para chamar a vossa atenção; bate em sua casa; vos peguei mesmo pela orelha (o Sr, Indermühle se lembrou da coisa): nada ali fez. Então pensei que fazendo a cena da noite última vos lembraria de me chamar; vós o fizestes, estou contente; mas vos asseguro que não tinha nenhuma má intenção. Prometei-me chamar-me algumas vezes e orar por mim. "O Sr. Indermühle lhe fez uma enérgica reprimenda, renovou a entrevista, fez-lhe repreensão, que escutou com prazer, orou por ele, disse ao seu pessoal para fazê-lo também, o que lhe fizeram, pessoas piedosas que são, e desde então tudo ficou em ordem.

Infelizmente, nem todos são de manejo tão fácil; este não era mau; mas os há cuja ação é tenaz, permanente, e pode mesmo ter conseqüências deploráveis para a saúde do indivíduo, diremos mais: para suas faculdades intelectuais, se o Espírito chega a subjugar sua vítima ao ponto de neutralizar seu livre arbítrio, e de constrangê-la a dizer e a fazer extravagâncias. Tal é o caso da loucura obsessiva, muito diferente em suas causas, senão em seus efeitos, da loucura patológica.

Vimos, em nossa viagem, o jovem obsidiado do qual falei na revista de janeiro de 1861, sob o título de *O Espírito batedor de l'Aube*, e obtivemos da boca do pai e de testemunhas oculares a confirmação de todos os fatos. Esse jovem tem presentemente dezesseis anos; é vigoroso, grande, perfeitamente constituído, e, no entanto, se queixa de males do estômago e de fraqueza nos membros, o que, diz ele, o impede de trabalhar. Ao vê-lo se crê facilmente que a preguiça é sua principal doença, o que não tira nada à realidade dos fenômenos que se produziram há cinco anos, e que lembram, em muitos aspectos, os de Bergzabern (Revista: maio, junho e julho de 1858). Assim não ocorre com a sua saúde moral; sendo criança era muito inteligente e aprendia na escola com facilidade; desde então suas faculdades enfraqueceram sensivelmente. É bom acrescentar que isso não foi senão depois de pouco que ele e seus pais conheceram o Espiritismo, e ainda por ouvir dizer, e muito superficialmente, porque jamais leram; antes, jamais dele tinham ouvido falar; não se poderia, pois, nisso ver uma causa provocadora. Os fenômenos materiais quase cessaram, ou pelo menos são mais raros hoje, mas o estado moral é o mesmo, o que é tanto mais deplorável para os pais que vivem de seu trabalho. Conhece-se a influência da prece em semelhante caso; mas como não se pode nada esperar do menino sob esse aspecto, seria preciso o concurso dos pais; eles estão bem persuadidos de que seu filho está sob uma má influência oculta, mas sua crença não vai muito além, e sua fé religiosa é das mais fracas. Dissemos ao pai que seria preciso orar, mas orar seriamente e com fervor. "É que já me foi dito, respondeu; orei algumas vezes, mas isto nada fez. Se soubesse que orando de uma boa vez durante vinte e quatro horas, e que isto terminasse, eu o faria bem ainda." Vê-se por aí de que maneira pode-se ser secundado nessa circunstância por aqueles que disso são os mais interessados.

Eis a contrapartida desse fato, e uma prova da eficácia da prece, quando ela é feita com o coração e não com os lábios.

Uma jovem, contrariada em suas inclinações, fora unida com um homem com o qual ela não podia simpatizar. O desgosto que ela nisso concebeu, levou-a a uma alteração em suas faculdades mentais; sob o império de uma idéia fixa, perdeu a razão, e foi obrigada a ser isolada. Essa senhora jamais ouvira falar do Espiritismo; se ela dele tivesse se ocupado, não haveria faltado de dizer que os Espíritos lhe haviam virado a cabe-3 mal provinha, pois, de uma causa moral acidental toda pessoal, e, em semelhante caso, concebe-se que os remédios comuns não poderiam ter nenhum recurso; como não havia nenhuma obsessão aparente, poder-se-ia duvidar igualmente da eficácia da prece.

Um membro da Sociedade Espírita de Paris, amigo da família, acreditou dever interrogar sobre seu assunto um Espírito superior, que respondeu: "A idéia fixa dessa senhora, por sua própria causa, atrai, ao seu redor, uma multidão de Espíritos maus que a envolvem com o seu fluido, mantendo-a em suas idéias, e impedindo que cheguem a ela as boas influências. Os Espíritos dessa natureza pululam sempre nos meios semelhantes ao que ela se encontra, e são, freqüentemente, um obstáculo à cura dos enfermos. No entanto, podeis curá-la, mas é preciso para isso uma força moral capaz de vencer a resistência, e essa força não é dada a um só. Que cinco ou seis Espíritas sinceros se reúnam todos os dias, durante alguns instantes, e peçam com fervor a Deus e aos bons Espíritos para assisti-la; que vossa ardente prece seja, ao mesmo tempo, uma magnetização mental; não tendes, para isto, necessidade de estar junto dela, ao contrário; pelo pensamento podeis levar sobre ela uma corrente fluídica salutar, cuja força estará em razão de vossa intenção e aumentada pelo número; por esse meio, podereis neutralizar o mau fluido que a envolve. Fazei isto; tende fé e confiança em Deus, e esperai."

Seis pessoas se devotaram a essa obra de caridade, e não faltaram um único dia, durante um mês, à missão que tinham aceito. Ao cabo de alguns dias a doente estava sensivelmente mais calma; quinze dias depois, a melhora era manifesta, e hoje essa mulher re-entrou em sua casa num estado perfeitamente normal, ignorando ainda, assim como seu marido, de onde veio a sua cura.

O modo de ação está aqui claramente indicado, e não saberíamos acrescentar nada de mais preciso à explicação dada pelo Espírito. A prece não tem, pois, só o efeito de chamar, sobre o paciente, um socorro estranho, mas o de exercer uma ação magnética. O que não se poderia, pois, pelo magnetismo secundado pela prece! Infelizmente, certos magnetizadores fazem muito, a exemplo de muitos médicos, abstração do elemento espiritual; eles não vêem senão a ação mecânica, e se privam assim de um poderoso auxiliar. Esperamos que os verdadeiros Espíritas verão mais tarde, nesse fato, uma prova a mais do bem que poderão fazer em semelhante circunstância.

Uma questão de grande importância se apresenta naturalmente aqui: *O exercício da mediunidade pode provocar o desarranjo da saúde e das faculdades mentais?*

Há de se notar que esta pergunta, assim formulada, é a que colocam a maioria dos antagonistas do Espiritismo, ou, por melhor dizer, em lugar de uma pergunta, eles formulam o princípio em axioma, afirmando que a mediunidade leva à loucura; falamos da loucura real e não daquela, mais burlesca do que séria, com a qual se gratificam os adeptos. Conceber-se-ia essa pergunta da parte daquele que cresse na existência dos Espíritos e na ação que podem exercer, porque, para eles, é alguma coisa de real; mas para aqueles que nisso não crêem, a pergunta é sem sentido, porque, se nada há, este nada não pode produzir alguma coisa. Não sendo essa tese sustentável, se entrincheiram sobre os perigos da superexcitação cerebral que, segundo eles, pode causar unicamente a crença nos Espíritos. Não retornaremos mais sobre este ponto, já tratado, mas perguntaremos se já se fez a enumeração de todos os cérebros virados pelo medo do diabo e os horríveis quadros das torturas do inferno e da condenação eterna, e se é mais prejudicial crer-se que se tem junto de si Espíritos bons e benevolentes, seus parentes, seus amigos e seu anjo guardião, do que o demônio.

A pergunta formulada da maneira seguinte é mais racional e mais séria, desde que se admita a existência e a ação dos Espíritos: *O exercício da mediunidade pode provocar no indivíduo a invasão de maus Espíritos e suas conseqüências?*

Jamais dissimulamos os escolhos que se encontram na mediunidade, razão por que multiplicamos as instruções, a esse respeito, em *O Livro dos Médiuns*, e não cessamos de recomendar o estudo preliminar antes de se entregar à prática; também, depois da

publicação deste livro, o número de obsidiados diminuiu sensivelmente e notoriamente, porque ele poupa uma experiência que os novatos não adquirem, freqüentemente, senão às suas custas. Dizemo-lo ainda, sim, sem experiência, a mediunidade tem inconvenientes dos quais o menor seria ser mistificado por Espíritos enganadores ou levianos; praticar o Espiritismo experimental sem estudo, é querer fazer manipulações químicas sem saber a química.

Os exemplos tão numerosos de pessoas obsidiadas e subjugadas da maneira mais deplorável, sem jamais ouvirem falar do Espiritismo, provam super-abundantemente que o exercício da mediunidade não tem o privilégio de atrair os maus Espíritos; bem mais, a experiência prova que é um meio de afastá-los, permitindo reconhecê-los. No entanto, como os há que rondam ao nosso redor, e pode ocorrer, encontrando uma ocasião de se manifestarem, que eles a aproveitam, se encontram no médium uma predisposição física ou moral que o torne acessível à sua influência; ora, essa predisposição prende-se ao indivíduo e a causas pessoais anteriores, e não é a mediunidade que a faz nascer; pode-se dizer que o exercício da mediunidade é uma oportunidade e não uma causa; mas se alguns indivíduos estão neste caso, vêem-se outros deles que oferecem, aos maus Espíritos, uma resistência insuperável, e aos quais estes últimos não se dirigem mais. Falamos de Espíritos realmente maus e malfazejos, os únicos verdadeiramente perigosos, e não de Espíritos levianos e zombeteiros que se insinuam por toda a parte.

A presunção de se crer invulnerável contra os maus Espíritos foi mais de uma vez punida de modo cruel, porque não são desafiadas jamais impunemente pelo orgulho; o orgulho é a porta que lhes dá o acesso mais fácil, porque ninguém oferece menos resistência do que o orgulhoso quando tomado pelo seu lado fraco. Antes de se dirigir aos Espíritos, convém, pois, se armar contra o ataque dos maus, como quando se caminha sobre um terreno onde se teme a mordedura de serpentes. A isto chega-se primeiro pelo estudo preliminar que indica o caminho e as precauções a tomar, depois pela prece; mas é preciso bem se compenetrar da verdade, que o *único* preservativo está em si, em sua própria força, e *jamais* em coisas exteriores, e que não há nem talismãs, nem amuletos, nem palavras sacramentais, nem fórmulas sagradas ou profanas que possam ter a menor eficácia, se não se possui em si as qualidades necessárias; são, pois, estas qualidades que é preciso se esforçar em adquirir.

Se se estivesse bem compenetrado do objetivo essencial e sério do Espiritismo, se se preparasse sempre para o exercício da mediunidade por um apelo fervoroso ao seu anjo guardião e aos seus Espíritos protetores, se bem se estudasse a si mesmo, esforçando-se em purificar suas imperfeições, os casos de obsessão mediúmica seriam ainda mais raros; infelizmente, nela não vêem senão o fato das manifestações; não contentes com as provas morais que pululam ao seu redor, eles querem a todo preço se darem a satisfação de se comunicarem eles mesmos com os Espíritos, insistindo no desenvolvimento de uma faculdade que, freqüentemente, não existe neles, guiados nisso, o mais freqüentemente, pela curiosidade do que pelo desejo sincero de se melhorar. Disso resulta que, em lugar de se envolver de uma atmosfera fluídica salutar, de se cobrir com as asas protetoras de seus anjos guardiães, de procurar domar as suas fraquezas morais, abrem de par em par a porta aos Espíritos obsessores que talvez os tivessem atormentado de um outro modo e num outro tempo, mas que aproveitam a ocasião que se lhes oferece. Que dizer então daqueles que se fazem um divertimento das manifestações e nelas não vêem senão um assunto de distração ou de curiosidade, e que nelas não procuram senão os meios de satisfazerem sua ambição, sua cupidez e seus interesses materiais? É neste sentido que se pode dizer que o exercício da mediunidade pode provocar invasão de maus Espíritos. Sim, é perigoso divertir-se com essas coisas. Quantas pessoas lêem *O Livro dos Médiuns* unicamente para saberem como nelas se prospera, porque a receita ou o procedimento é a coisa que mais lhes interessa! Quanto ao lado moral da questão, é

o acessório. Não é preciso, pois, imputar ao Espiritismo o que é o fato de sua imprudência.

Retornemos aos possessos de Morzine. O que um Espírito pode fazer sobre um indivíduo, vários Espíritos podem fazê-lo sobre vários indivíduos simultaneamente, e dar, à obsessão, um caráter epidêmico. Uma nuvem de maus Espíritos pode invadir uma localidade, e ali se manifestar de diversas maneiras. Foi uma epidemia desse gênero que grassou na Judéia no tempo do Cristo, e, em nossa opinião, foi uma epidemia semelhante que causou estragos em Morzine.

É o que procuraremos estabelecer num próximo artigo, onde faremos ressaltar os caracteres essencialmente obsessivos dessa afecção. Analisaremos os memoriais dos médicos que a observaram, entre outros o do doutor Constant, assim como os meios curativos empregados, seja pela medicina, seja pelo recurso dos exorcismos.

OS SERVIDORES.

História de um criado.

O fato narrado no número precedente, sob o título de *A cabana e o Salão* (dezembro de 1862, página 377) nos lembra um outro fato e nos é de algum modo pessoal. Numa viagem que fizemos, há dois anos, vimos, em uma família de alta classe, um muito jovem criado, cuja figura inteligente e fina nos tocou por seu ar de distinção; nada, em suas maneiras, cheirava à baixeza; sua solicitude para os serviços de seus senhores nada tinha dessa osequiosidade servil própria das pessoas dessa condição. No ano seguinte, tendo retornado àquela família, nela não vimos mais esse moço e nos perguntamos se fora despedido. "Não, nos foi respondido; foi passar alguns dias em sua terra natal e ali morreu.

Lamentamos muito, porque era um excelente indivíduo, e que tinha sentimentos *verdadeiramente acima de sua posição*. Éra-nos muito ligado, e nos deu provas do maior devotamento."

Mais tarde nos veio o pensamento de evocar esse jovem, e eis o que nos disse:

Em minha penúltima encarnação, era como se diz sobre a Terra, de uma boa família, mas arruinada pelas prodigalidades de meu pai. Fiquei órfão muito jovem e sem recursos. O Sr. de G....foi meu benfeitor; ele me educou como seu filho e fez me dar uma bela educação, da qual tive muita vaidade. Quis, em minha última existência, expiar meu orgulho, nascendo numa condição servil, e nela encontrei a ocasião de provar o meu devotamento ao meu benfeitor. Salvei-lhe mesmo a vida, sem que jamais tivesse desconfiado disso. Era ao mesmo tempo uma prova da qual saí com minha vantagem, uma vez que tive bastante força para não me deixar corromper pelo contato de um meio quase sempre vicioso; apesar dos maus exemplos, permaneci puro, e disso agradeço a Deus, porque estou recompensado pela felicidade da qual desfruto.

P. Em que circunstâncias salvastes ávida do Sr. de G...? - R. Num passeio a cavalo, em que eu o seguia só, percebi uma grossa árvore que caía de seu lado e que ele não via; chamei-o lançando um grito terrível; ele retornou vivamente e, durante esse tempo, a árvore tombou aos seus pés; sem o movimento que provoqueei, ele teria sido esmagado.

Nota. O Sr. G..., a quem o fato foi narrado, lembrou-se perfeitamente.

P. Por que morrestes tão jovem? - R. Deus havia julgado minha prova suficiente.

P. Como pudestes aproveitar dessa prova, uma vez que não tínheis lembrança de vossa precedente existência e da causa que motivou essa prova? -R. Em minha humilde posição, restava-me um instinto do orgulho, que fui bastante feliz em poder dominar, o que fez com que a prova me fosse proveitosa, sem isto, estaria ainda por recomeçar. Meu Espírito se lembrava em seus momentos de liberdade, e disso me restava, ao despertar, um desejo intuitivo de resistir às minhas tendências, que eu sentia serem más. Tive mais mérito em lutar assim do que se tivesse me lembrado claramente do passado. A lembrança de minha antiga posição teria exaltado o meu orgulho e ter-me-ia perturbado, ao passo que não tive a combater senão contra os arrastamentos de minha nova posição.

P. Recebestes uma brilhante educação; de que isto vos serviu em vossa última existência, uma vez que não vos lembráveis dos conhecimentos que havíeis adquirido? - R. Esses conhecimentos teriam sido inúteis, um contra-senso mesmo em minha nova posição; eles permaneceram latentes, e hoje os reencontrei. No entanto, não me foram inúteis, porque desenvolveram a minha inteligência; eu tinha instintivamente o gosto pelas coisas elevadas, o que me inspirava a repulsa pelos exemplos baixos e ignóbeis que tinha sob os olhos; sem essa educação, não teria sido senão um criado.

P. Os exemplos dos servidores devotados aos seus senhores até a abnegação, têm por causa as relações anteriores? - R. Não duvideis disto; é pelo menos o caso mais comum. Esses servidores, algumas vezes, são mesmo membros da família, ou, como eu, devedores que pagam uma dívida de reconhecimento, e que seu devotamento ajuda a avançar. Não sabeis todos os efeitos de simpatia e de antipatia que essas relações anteriores produzem no mundo. Não, a morte não interrompe essas relações que se perpetuam, freqüentemente, de século a século.

P. Por que esses exemplos de servidores são raros hoje? - R. É preciso disso acusar o espírito de egoísmo e de orgulho de vosso século, desenvolvido pela incredulidade e as idéias materialistas. A fé verdadeira dele se vai pela cupidez e o desejo de ganho, e com eles os devotamentos. O Espiritismo, reconduzindo os homens ao sentimento da verdade, fará renascer essas virtudes esquecidas.

Nota. - Nada pode melhor do que este exemplo para fazer ressaltar o benefício do esquecimento das existências anteriores. Se o Sr. G... tivesse se lembrado do que fora seu jovem doméstico, teria estado muito embaraçado com ele, e não o teria mesmo guardado nessa posição; teria assim entravado a prova, que foi proveitosa para ambos.

BOIELDIEU NA MILÉSIMA REPRESENTAÇÃO DA DAMA BRANCA.

As estrofes seguintes, do Sr. Méry, foram recitadas na milésima representação da *Dama Branca*, no teatro da Ópera Cômica, a 1 de dezembro de 1862:

À BOÏELDIEU !

Glória à obra onde por toda parte cante a melodia,
Obra de Boïeldieu, mil vezes aplaudida,
E como nos dias passados, tão jovem nos dias presentes!
Paris a vê ainda numa sala cheia,
A Dama d'Avenel, a dama castelã!
Centenária dez vezes, depois de trinta e seis anos!

E que o Escriba deu tudo o que o poeta
Pode inventar de melhor para a lira intérprete,
E o maestro inspirado esbanja, sucessivamente,
O encanto que as palavras jamais souberam descrever:
O acento que faz sonhar, o acento que faz sorrir,
A alegria do espírito, o êxtase do amor!

É que todos esses acordes, cuja graça suprema
Revela-se na voz, a orquestra, o poema,
A arte sabendo de sua noite não os protegeu;
Porque Boïeldieu, está aí sua grande vitória,
Torna todo o público artista e fala ao auditório
Essa língua do coração, que compreende o Universo!

Depois, com que bondade o grande mestre varia
Os acentos inspirados por sua musa querida!
Que rio de ouro cai de sua lira soberana!
Quantos raios vindos da bruma escocesa!
Por essa obra, sobretudo, a música francesa
Não tem nada a temer dos Alpes e do Rhin!

Cabe a nós festejar esse nobre milésimo,
Que parece elevar a obra ao seu mais alto cimo;
E depois... conhecemos os segredos do trespasse?...
Quem sabe? talvez aqui plane sob esta abóbada
Uma sombra que, esta noite, alegre nos escute,
Um auditório a mais que nós não vemos!

Todos os Espíritas notaram esta última estrofe, que não saberia melhor responder ao seu pensamento, nem melhor exprimir a presença, em nosso meio, do Espírito daqueles que deixaram seus despojos mortais. Para os materialistas, é um simples jogo de imaginação do poeta; porque, segundo eles, do homem de gênio, de quem se celebra a memória, não resta nada, e as palavras que lhe fossem dirigidas se perderiam no vazio, sem encontrarem um eco; as lembranças e os pesares que deixou são nulos para ele; bem mais, sua vasta inteligência, ela mesma, é um acaso da Natureza e de seu organismo. Onde estaria, então, seu mérito? Não o teria mais por ter composto suas obras-primas do que os têm os órgãos de Barbárie que as executam. Esse pensamento não tem alguma coisa de glacial, dizemos mais, de profundamente imoral? Não é triste ver homens de talento e de ciência preconizá-los em seus escritos, e ensiná-los à juventude das escolas do alto da cátedra, procurando provar-lhes que só o nada nos espera, e que, por consequência, aquele que pôde ou soube se subtrair à justiça humana nada tem a temer? Esta idéia, não se saberia repeti-lo, é eminentemente subversiva da ordem social, e os povos sofrem cedo ou tarde as terríveis consequências de sua predominância pelo desencadeamento das paixões; porque valeria tanto dizer-lhes: Podeis fazer impunemente tudo o que quiserdes, tendo em vista que sois os mais fortes. Essa idéia, no entanto, é preciso nisso convir em louvor da Humanidade, encontra um sentimento de repulsa nas massas. Perguntamos o efeito que o poeta teria produzido sobre o público se, em lugar dessa imagem tão verdadeira, tão comovente, da presença do Espírito de Boïeldieu no meio desse numeroso auditório, felizes com a aprovação dada à sua obra, viesse dizer: Do homem que lamentamos, não resta senão o que foi posto no túmulo e que se destrói todos os dias; ainda alguns anos, e nem mesmo seu pó não mais existirá; mas de seu ser pensante não resta nada; ele reentrou no mundo do nada de onde tinha saído; não nos vê

mais, não nos ouve mais. E vós, seus filhos aqui presentes, que venerais sua memória, vossos lamentos não o tocam mais; é em vão que o chamais em vossas ardentes preces; ele não pode vir porque não mais existe; o túmulo fechou sobre ele para sempre; é em vão que esperais revê-lo, deixando a Terra, porque vós também, como ele, reentrareis no nada; será em vão que pedireis seu apoio e seus conselhos: ele vos deixou sós e bem sós; credes que ele continua a se ocupar de vós, que está ao vosso lado, que está aqui, no vosso meio? Ilusão de um espírito fraco. Sois médium, dizeis, e credes que pode se manifestar a vós! Superstição renovada da Idade Média; efeito de vossa imaginação que se reflete em vossos escritos.

Perguntamos, que seria do auditório com um semelhante quadro? No entanto, está aí o ideal da incredulidade.

Ouvindo estes versos, alguns dos assistentes, sem dúvida, disseram a si mesmos: "Bela idéia! isto faz efeito; "mas outros, e a maioria, terão dito: "Doce e consolador pensamento! ele aquece o coração!" No entanto, terão podido acrescentar, se a alma de Boieldieu está aqui presente, como aqui está ela? Sob que forma? É uma chama, uma faísca, um vapor, um sopro? Como ela vê e ouve? É precisamente esta incerteza sobre o estado da alma que faz nascer a dúvida; ora, esta incerteza o Espiritismo vem dissipá-la, dizendo: Boieldieu, morrendo, deixou seu pesado e grosseiro envoltório; mas a sua alma conservou seu envoltório fluídico indestrutível; e doravante, liberto do entrave que o retinha ao solo, pode se elevar e transpor o espaço. Está ele aqui, sob a forma humana mais leve, e se o véu que o oculta à vossa visão pudesse ser levantado, ver-se-ia Boieldieu, indo e vindo ou planando sobre a multidão, e com ele milhares de Espíritos de corpos etéreos, vindo associarem-se ao seu triunfo.

Ora, se o Espírito de Boieldieu ali está é porque se interessa pelo que ali se passa, é que se associa aos pensamentos dos assistentes; por que, pois, não faria conhecer seu próprio pensamento se para isso tem o poder? É esse poder que constata e que explica o Espiritismo. Seu envoltório fluídico, todo invisível e etéreo que é, não é por isso menos uma espécie de matéria; quando vivo ela servia de intermediária entre a sua alma e seu corpo; era por ela que transmitia a sua vontade, à qual o corpo obedecia, e por ela a alma recebia as sensações sentidas pelo corpo; é, numa palavra, o traço de união entre o Espírito e a matéria propriamente dita. Hoje, que ele está desembaraçado de seu envoltório corpóreo, associando-se, por simpatia, a um outro Espírito encarnado, pode, de alguma sorte, emprestar-lhe momentaneamente seu corpo para exprimir seu pensamento pela palavra ou escrita, dito de outro modo, pela via mediúnica, quer dizer, por um intermediário.

Assim, da sobrevivência da alma à idéia de que ela pode estar em meio a nós, não há senão um passo; dessa idéia à possibilidade de se comunicar, a distância não é grande; tudo está em se dar conta da maneira pela qual se opera o fenômeno. Vê-se, pois, que a Doutrina Espírita, dando como uma verdade as relações do mundo visível e do mundo invisível, não adianta uma coisa tão excêntrica como alguns muito querem dizer, e a solidariedade que ela prova existir entre esses dois mundos é a porta que abre os horizontes do futuro.

As estrofes do Sr. Méry, tendo sido lidas na Sociedade Espírita de Paris, na sessão de 19 de dezembro de 1862, a senhora Gostei obteve, na continuação dessa sessão, a comunicação seguinte do Espírito de Boieldieu:

"Estou feliz em poder manifestar o meu reconhecimento àqueles que, homenageando o velho músico, não esqueceram o homem. Um poeta, - os poetas são adivinhadores, - senti o sopro de minha alma ainda inflamada de harmonia. A música ressoava em seus versos resplandecentes de inspiração, mas na qual vibrava também uma nota emocionada que fazia planar, acima dos vivos, a sombra feliz daquele que se festejava.

"Sim, eu assistia a essa festa comemorativa de meu talento humano, e, acima dos instrumentos, ouvia uma voz, mais melodiosa do que a melodia terrestre, que cantava a

morte despojada de seus antigos terrores, e aparecia, não mais como uma sombria divindade do Erebo, mas como a brilhante estrela da esperança e da ressurreição.

"A voz cantava também a união dos Espíritos com seus irmãos encarnados; suave mistério! fecunda união que completa o homem, e lhe retorna as almas que chamava em vão do silêncio do túmulo.

"O poeta, precursor dos tempos, é bendito por Deus. Cotovia matinal, celebra a aurora das idéias muito tempo antes que hajam aparecido no horizonte. Mas eis que a revelação sagrada se difunde como uma bênção sobre todos, e todos, como o poeta amado, vos sentis ao redor da presença daqueles que a vossa lembrança evoca."

BOÏELDIEU.

CARTA SOBRE O ESPIRITISMO

Extrato do *Renard*, jornal hebdomanário de Bordeaux, de 1 de novembro de 1862.

Ao Sr. Redator-chefe do Renard.

Senhor Redator,

Se o assunto que aqui abordo não vos parece nem muito repisado, nem muito extensamente tratado, rogo-vos inserir esta carta no mais próximo número de vosso estimado jornal:

Algumas palavras sobre o Espiritismo: É uma questão tão controversa e que hoje ocupa tanto do espírito que tudo o que se pode escrever, sobre esse assunto, um homem leal e seriamente convencido não pode parecer, a ninguém, nem ocioso nem ridículo.

Não quero impor minhas convicções a quem quer que seja; não tenho nem idade, nem experiência, nem inteligência necessárias para ser um Mentor; quero dizer somente, a todos aqueles que, não conhecendo desta teoria senão o nome, estão dispostos a acolher o Espiritismo por zombarias ou um desdém sistemático: Fazei como fiz; tentai primeiro vos instruir, e tereis em seguida o direito de ser desdenhoso ou zombador.

Há um mês, senhor redator, eu tinha apenas uma idéia vaga do Espiritismo; sabia só que essa descoberta, ou essa utopia, para a qual uma palavra nova foi inventada, repousava sobre fatos (verdadeiros ou falsos), de tal modo sobrenaturais, que eram rejeitados antecipadamente por todos os homens que não crêem em nada daquilo que os espanta, que não seguem jamais um progresso senão a reboque de todo o seu século, e que, novos São Tomes, não estão persuadidos senão quando tocaram. Como eles, confesso, estava muito disposto a rir dessa teoria e de seus adeptos; mas, antes de rir, quis saber de que riria, e me apresentei numa sociedade de Espíritas, a casa do Sr. E. B. Diga-se de passagem, o Sr. B., que me pareceu um espírito direito, sério e esclarecido, é cheio de uma convicção bastante forte para deter o sorriso sobre os lábios de gracejador de mau gosto; porque, o que quer que se diga, uma convicção sólida sempre se impõe.

No fim da primeira sessão eu não ria mais, mas duvidava ainda, e o que sentia sobretudo era um extremo desejo de me instruir, uma impaciência febril de assistir a novas provas.

Foi o que fiz ontem, senhor redator, e não mais duvido agora. Sem falar de algumas comunicações pessoais que me foram feitas sobre coisas ignoradas tanto do médium quanto de todos os membros da Sociedade, vi fatos, que considero irrecusáveis.

Sem fazer aqui, compreendeis porque, nenhuma reflexão sobre o grau de instrução ou da inteligência do médium, declaro que é impossível a qualquer outro senão a um Bossuet ou a um Pascal responder imediatamente, de maneira tão clara quanto possível, com uma velocidade por assim dizer mecânica, e num estilo conciso, elegante e correto, várias páginas sobre perguntas tais como esta: "Como se pode conciliar o livre arbítrio

com a presciência divina,"quer dizer, sobre os problemas mais difíceis da metafísica. Eis o que vi, senhor redator, e muitas outras coisas ainda que não acrescentarei nesta carta, já muito longa; escrevo isto, eu o repito, a fim de inspirar, se o posso, a alguns de vossos leitores, o desejo de se instruir; talvez em seguida estarão convencidos como eu.

TIBULLELANG,
antigo aluno da Escola Politécnica.

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O ESPIRITISMO.

(Extrato do *Écho de Sétif*, Argélia, de 9 de novembro de 1862.)

Já há algum tempo, o mundo se agita, estremece e procura; o mundo, a alma em pena, tem grandes necessidades.

Admitamos que o Espiritismo não existe, que tudo o que dele se diz seja o resultado do erro, da alucinação de alguns espíritos doentes; mas não é nada ver seis milhões de homens à espera da mesma doença em sete a oito anos?

Por mim, nele encontro muitas coisas: encontro o pressentimento de grandes acontecimentos, porque, em todos os tempos, na véspera de épocas marcantes, o mundo sempre ficou inquieto, turbulento mesmo, sem se dar conta de seu mal-estar. O que há de certo hoje, é que depois de ter atravessado uma época de materialismo assustador, sente a necessidade de uma crença espiritualista raciocinada; quer crer com conhecimento de causa, se posso me expressar assim. Eis as causas de seu mal-estar, se admitimos que haja doença.

Dizer que não há nada no fundo desse movimento, é ser temerário.

Um escritor, que não tenho a honra de conhecer, vem de dar um artigo, profundamente pensado, no *Écho de Sétif*, de 18 de setembro último. Ele mesmo confessa que não conhece o Espiritismo. Procura se é possível, se ele pode existir, e suas pesquisas levaram-no a concluir que o Espiritismo não é impossível.

O que quer que seja, os Espíritos têm o direito de alegrar-se hoje, uma vez que homens de elite querem muito consagrar uma parte de seus estudos à procura do que uns chamam uma verdade e os outros um erro.

No que me concerne, posso atestar um fato: é que vi coisas que não se podem crer sem tê-las visto.

Há uma parte muito esclarecida da sociedade que não nega precisamente o fato, mas pretende que as comunicações que se obtêm vêm diretamente do inferno. É o que não posso admitir em presença de comunicações como esta: "Crede em Deus, criador e organizador das esferas, amai a Deus criador e protetor das almas.....Assinado:

GALILEU.

O diabo não teve que falar sempre como isso; porque, se assim fora, os homens ter-lhe-iam dado uma reputação que não teria merecido. E se é verdade que haja faltado com o respeito para com Deus, reconhecamos que ele bem colocou a água em seu vinho.

Tão incrédulo que fui, não podia me persuadir que Deus jamais permitiria ao nosso Espírito se comunicar, com o nosso desconhecimento, com o Espírito de uma pessoa viva; no entanto, muito me foi preciso render-me à evidência. Pensei, e um adormecido me respondeu claramente, categoricamente; nenhum som, nenhum tremor se produziu em meu cérebro. O Espírito do adormecido, pois, correspondeu-se com o meu, com o seu desconhecimento! eis o que atesto.

Antes desta descoberta, pensava que Deus pusera uma barreira intransponível entre o mundo material e o mundo espiritual. Enganei-me, eis tudo. E parece que, quanto mais

era incrédulo, mais Deus quis me enganar pondo, sob meus olhos, fatos extraordinários e patentes.

Quis escrever eu mesmo, a fim de não ser mistificado por um terceiro; minha mão jamais fez o menor movimento. Coloquei a pena na mão de um menino de quatorze anos, e ele dormiu sem que eu o desejasse. Vendo isto, retirei-me para o meu jardim, com a convicção de que essa pretensa verdade não era senão um sonho; mas, reentrando em minha casa, notei que o menino tinha escrito. Aproximei-me para ler, e vi, com minha grande surpresa, que o menino respondera a todos os meus pensamentos. Protestante sempre, apesar desse fato e querendo confundir o adormecido, fiz mentalmente uma pergunta sobre a história antiga. Sem hesitar, o adormecido respondeu-a categoricamente.

Detenhamo-nos aqui, e apresentemos, em poucas palavras, algumas observações.

Suponhamos que não haja tido a intervenção dos Espíritos de um outro mundo, sempre é que o Espírito do adormecido e o meu estavam em perfeita concordância. Eis, pois, um fato, penso eu, que merece ser estudado. Mas há homens tão sábios que não têm mais nada para estudar e que preferem dizer-me que sou um louco.

Um louco, seja, mas mais tarde veremos bem aquele, ou aqueles, que estão no erro.

Se tivesse articulado uma única palavra, se tivesse feito o menor sinal, não me teria entregue; mas não me mexi, não falei: que digo eu, não respirei!

Pois bem! há um sábio que queira conversar comigo sem dizer uma palavra ou sem me escrever? Há algum deles que queira traduzir meu pensamento sem me conhecer, sem me ter visto? E o que é muito mais, não posso enganá-lo, mesmo lhe falando, e isto, sem que disso desconfie? Isto não podia se fazer com o médium em questão. Tentei muitas vezes, não tive sucesso.

Se me permitirdes, vos darei em continuação algumas das comunicações que obtive.

C***.

RESPOSTA A UMA PERGUNTA SOBRE O ESPIRITISMO DO PONTO DE VISTA RELIGIOSO.

A pergunta seguinte nos foi dirigida por uma pessoa de Bordeaux, que não temos a honra de conhecer, e à qual cremos dever responder pela Revista, para a instrução de todos.

"Li numa de suas obras: "O Espiritismo não se dirige àqueles que têm uma fé religiosa qualquer, com o fim de dela não os afastar, e a quem essa fé basta à sua razão e à sua consciência, mas à numerosa categoria dos incertos e dos incrédulos, etc.

"Pois bem! Por que não? O Espiritismo, que é a verdade, não deveria se dirigir a todo o mundo? a todos aqueles que estão no erro? Ora, aqueles que crêem numa religião qualquer, protestante, judaica, católica ou qualquer outra, não estão no erro? Nele estão, indubitavelmente, uma vez que as diversas religiões hoje professadas dão como verdades incontestáveis, e nos fazem uma obrigação de crer, em coisas completamente falsas, ou pelo menos coisas que podem vir de fontes verdadeiras, mas inteiramente mal interpretadas. Se está provado que as penas não são senão temporárias, - e Deus sabe se é um erro leviano confundir o temporário com o eterno, - que o fogo do inferno é uma ficção, e que em lugar de uma criação em seis dias trata-se de milhões de séculos, etc.; se tudo isto está provado, digo, partindo deste princípio de que a verdade é *una*, as crenças que deram lugar a interpretações tão falsas desses dogmas não são nem mais nem menos do que falsas, porque uma coisa é ou não é; não há meio-termo.

"Por que, pois, o Espiritismo não se dirigiria tanto àqueles que crêem em absurdos, para disso dissuadi-los, quanto àqueles que não crêem em nada ou que duvidam? etc."

Aproveitamos a ocasião da carta da qual extraímos as passagens acima, para lembrar, uma vez mais, o objetivo essencial do Espiritismo, sobre o qual o autor dessa carta não parece completamente edificado.

Pelas provas patentes que ele dá da existência da alma e da vida futura, bases de todas as religiões, é a negação do materialismo, e se dirige, conseqüentemente, àqueles que negam ou que duvidam. É bem evidente que, aquele que não crê em Deus nem em sua alma, não é nem católico, nem judeu, nem protestante, qualquer que seja a religião em que nasceu, porque não seria mesmo nem maometano nem budista; ora, pela evidência dos fatos, é levado a crer na vida futura com todas as suas conseqüências morais; livre para adotar em seguida o culto que melhor convenha à sua razão ou à sua consciência; mas aí se detém o papel do Espiritismo; faz vencer os três quartos do caminho; faz transpor o passo mais difícil, o da incredulidade, cabendo aos outros fazer o resto.

Mas, poderá dizer o autor da carta, se nenhum culto me convém? Pois bem! então, ficai o que sois; o Espiritismo nisso nada pode; não se encarrega de vos fazer abraçar um culto à força, nem de discutir para vós o valor intrínseco dos dogmas de cada um: deixa isto à vossa consciência. Se o que o Espiritismo dá não vos basta, procurai, entre todas as filosofias que existem, uma doutrina que melhor satisfaça às vossas aspirações.

Os incrédulos e os que duvidam formam uma categoria imensamente numerosa, e quando o Espiritismo diz que não se dirige àqueles que têm uma fé qualquer e a quem essa fé basta, entende que não se impõe a ninguém e não violenta nenhuma consciência. Dirigindo-se aos incrédulos, chega a convencê-los pelos meios que lhe são próprios, pelos raciocínios que sabe ter acesso à sua razão, uma vez que os outros foram impotentes; em uma palavra, ele tem seu método com o qual obtém, todos os dias, muitos bons resultados; mas não tem doutrina secreta; não diz a uns: abri vossos ouvidos, e aos outros, fechai-os; fala a todo o mundo por seus escritos, e cada um está livre para adotar ou rejeitar a sua maneira de encarar as coisas. Por esta maneira, faz crentes fervorosos daqueles que eram incrédulos; é tudo o que ele quer. Àquele, pois, que diria: 'Tenho minha fé e não quero mudá-la; creio na eternidade absoluta das penas, nas chamas do inferno e nos demônios; persisto mesmo em crer que é o Sol que gira porque a Bíblia o diz, e creio que minha salvação é a esse preço,' o Espiritismo responde: "Guardai vossas crenças, uma vez que elas vos convém; ninguém procura vos impor outras; não me dirijo a vós, uma vez que não me quereis;" e nisto é fiel ao seu princípio de respeitar a liberdade de consciência. Se há os que crêem estar em erro, são livres para olhar a luz, que brilha para todo o mundo; aqueles que crêem estar na verdade são livres para afastar os olhos.

Ainda uma vez, o Espiritismo tem um objetivo do qual não quer e não deve se afastar; sabe o caminho que deve a ele conduzir, e seguiu-lo-á sem se deixar extraviar pelas sugestões dos impacientes: cada coisa vem a seu tempo, e querer ir muito depressa, freqüentemente, é recuar em lugar de avançar.

Duas palavras ainda ao autor da carta: Parece-nos ter feito uma falsa aplicação do princípio de que a verdade é *una*, disso concluindo que se certos dogmas, como os das penas futuras e o da criação, receberam uma interpretação errônea, tudo deve ser falso na religião. Não vemos, todos os dias, a própria ciência positiva reconhecer certos erros de detalhes, sem que, por isso, a ciência seja radicalmente falsa? Não se pôs a Igreja de acordo com a ciência sobre certas crenças das quais fazia outrora artigos de fé? Não reconhece ela hoje a lei do movimento da Terra e a dos períodos geológicos da criação que havia condenado como heresias? Quanto às chamas do inferno, toda a alta teologia está de acordo para reconhecer que é uma figura, e que é preciso entender, por aí, um fogo moral e não um fogo material. Sobre vários pontos as doutrinas são também menos absolutas do que outrora; de onde se pode concluir que um dia, cedendo à evidência dos fatos e das provas materiais, ela compreenderá a necessidade de uma interpretação em harmonia com as leis da Natureza, de alguns pontos ainda controvertidos; porque nenhuma crença poderia, nem validamente, nem racionalmente, prevalecer contra essas leis. Deus

não pode se contradizer estabelecendo dogmas contrários às suas leis eternas e imutáveis, e o homem não pode pretender se colocar acima de Deus, decretando a nulidade de suas leis. Ora, a Igreja, que compreendeu esta verdade para certas coisas, compreendê-la-á igualmente para as outras, notadamente no que concerne ao Espiritismo, fundado, em todos os pontos, sobre as leis da Natureza, ainda mal compreendidas, mas que cada dia serão melhor compreendidas.

Não é preciso, pois, se apressar em rejeitar um todo, porque certas partes são obscuras ou defeituosas, e cremos útil, a esse propósito, lembrar-se da fábula de: *A macaca, o macaco e a noz*.

IDENTIDADE DE UM ESPIRITO ENCARNADO.

Nosso colega, Sr. Delanne, estando em viagem, nos transmite o relato seguinte da evocação que fez do Espírito de sua mulher, viva, que ficou em Paris.

.....Em 11 de dezembro último, estando em Lille, evoquei o Espírito de minha mulher as onze e meia da noite; ela me informou que uma de suas parentas estava, por acaso, deitada com ela. Este fato me deixou dúvidas, não o crendo possível, quando, dois dias depois, recebi dela uma carta constatando a realidade da coisa. Envio-vos nossa conversa, embora não haja nada de particular, mas porque oferece uma prova evidente de identidade.

1. *Pergunta*. Estás aqui, querida amiga? - *Resposta*. Sim, meu gordo. (É seu termo favorito.)

2. Vês os objetos que me cercam? - *R*. Vejo-os bem. Estou feliz por estar perto de ti. Espero que estejas bem abrigado! (Eram onze horas e meia; chegara de Arras; nada de fogo no quarto; estava envolvido com meu manto de viagem e não tinha mesmo tirado meu cachê.)

3. Estás contente por vir sem teu corpo? -*R* Sim, meu amigo; disso te agradeço. Tenho meu corpo fluídico, meu perispírito.

4. És tu que me faz escrever, e onde estás? - *R*. Junto de ti; certamente tua mão tem muito do mal a ceder.

5. Estás bem adormecida? - *R*. Não, ainda não muito bem.

6. Teu corpo te retém? - *R* Sim, eu sinto que me retém. Meu corpo está um pouco doente, mas meu Espírito não sofre.

7. Tiveste, durante o dia, a intuição de que te evocaria esta noite? - *R* Não, e no entanto não pude definir o que me dizia que te reveria. (Nesse momento tive um ataque violento de tosse.) Tosses sempre, amigo; cuida-te, pois, um pouco.

8. Podes ver meu perispírito? - *R* Não, não posso distinguir senão teu corpo material.

9. Sentes-te mais livre e melhor do que com o teu corpo? - *R* Sim não sofro mais. (Numa carta posterior, fui informado de que, efetivamente, estivera indisposta.)

10. Vês Espíritos ao meu redor? - *R* Não; no entanto, desejo muito vê-los.

11. Assusta-te estar só na casa? *R Adèle está comigo*. (Essa pessoa, uma de nossas parentas, jamais dormia na casa; não a víamos senão raramente.)

12. Como ocorre que Adèle esteja contigo? Ela deitou contigo? - *R* Sim, por acaso.

13. És bem tu, minha querida mulher, que me falas? - *R* Sim, sou bem eu.

14. Vês bem claro aqui? - *R* Sim, tudo irradia melhor do que a fraca luz. (Não tinha senão uma vela num grande quarto.)

15. Comunicas-te comigo por intuição ou mecanicamente? -*R* Toco mais particularmente sobre teu cérebro, que é próprio para receber mais facilmente, mas, apesar disso, dirijo tua mão ao mesmo tempo.

16. Como podes ver que meu cérebro está apto para receber as comunicações espíritas? – R- É pelo desenvolvimento que teus órgãos adquiriram há pouco, o que prova que lhe foi preciso... (Nesse momento soa meia-noite e o Espírito se detém.)

17. Ouves o som do pêndulo? -R Sim, mas estou surpresa com esse som desabitado; é semelhante à música celeste que ouvi no sonho que te contei. (Com efeito, algum tempo antes de minha partida, ela tivera um sonho delicioso, no qual ouvira uma melodia sem semelhança. Nesse momento, seguramente, eu não pensava nesse sonho de que havia esquecido totalmente; isso não podia, pois, ser o reflexo de meu pensamento; porque como nenhuma outra pessoa dele tivera conhecimento, e que eu estava só nesse momento, vi nessa revelação espontânea uma nova prova de identidade do Espírito de minha mulher. O Espírito terminou, espontaneamente, a frase começada mais acima.)

..... Muita força em tão pouco tempo.

18. Queres que evoque meu anjo guardião para controlar tua identidade? Isto te incomodará? - R Podes fazê-lo.

19. (Ao meu anjo guardião.) É bem o Espírito de minha mulher que acaba de me falar? –R- É tua mulher quem te fala e que está satisfeita em ver-te.

20. (À minha mulher.) Viste meu anjo guardião? - R Sim, é resplandecente de luz; não fez senão aparecer e desaparecer.

21. Ele mesmo te viu? - R Sim, olhou-me com olhos de uma celeste clemência; e eu, muito confusa, prosternei-me.

Adeus, meu gordo, sinto-me forçada a deixar-te.

Nota. Se esse controle tivesse se limitado à resposta do anjo guardião, teria sido inteiramente insuficiente, porque seria preciso controlar, a seu turno, a identidade do anjo guardião, do qual um Espírito enganador teria podido, perfeitamente, usurpar o nome. Nada há, em sua simples afirmação, que revele sua qualidade. Em semelhante caso, é sempre preferível fazer o controle por um médium estranho, que não estaria sob a mesma influência; evocar por si mesmo um Espírito, para ele controlar um outro, não oferece sempre uma garantia suficiente, sobretudo pedindo-se a permissão àquele de que se suspeita. Na circunstância da qual se trata, nela encontramos uma descrição que o Espírito dá do anjo guardião; um Espírito enganador não teria podido tomar esse aspecto celeste; reconhece-se, aliás, em todas essas respostas, um caráter de verdade que não poderia simular a fraude.

(Sessão da noite do dia seguinte.)

22. Estás aqui? - R Sim; vou dizer-te o que te preocupa, é Adèle. Pois bem! sim; ela deitou realmente comigo, eu te juro.

23. Teu corpo está melhor? - R Sim; não era nada.

24. Hoje, vês Espíritos ao teu redor? - R Não vejo nada ainda, mas pressinto algum, porque estou toda inquieta de estar só.

25. Ora, minha boa amiga, e estarás talvez melhor. - R Sim, é o que vou fazer. Dize comigo: "Meu Deus, grande e justo, querei nos bendizer, e nos absolver de nossas iniquidades; fazei graça aos vossos filhos que vos amam; dignai-vos inspirar-lhes as vossas virtudes, e concedei-lhes a insigne graça de serem contados, um dia, entre vossos eleitos. Que a dor terrestre não lhes pareça nada em comparação com a felicidade que reservais àqueles que vos amam sinceramente. Absolvei-nos, Senhor, e continuai nos vossos benefícios pela intercessão, da pura e angélica santa Maria, mãe dos pecadores e a misericórdia encarnada."

Nota. Esta prece, improvisada pelo Espírito, é de uma tocante simplicidade. O Sr. Delanne não conhecia o fato concernente a Adèle senão pelo que lhe havia dito o Espírito de sua mulher, e foi esse fato que lhe inspirou dúvidas; tendo escrito a esta a esse respeito, recebeu a resposta seguinte:

".....Adèle foi bem-vinda ontem à noite, por acaso; convidei-a a ficar, não por medo, disso ri, mas para tê-la comigo; vês bem que ela ficou deitada comigo. Estive um pouco perturbada nas duas últimas noites; senti uma espécie de mal-estar, do qual não me dava conta perfeitamente; era como uma força invencível que me forçava a dormir; estava como aniquilada; mas estou tão feliz por ter ido junto a ti!....."

A BARBÁRIE NA CIVILIZAÇÃO.

Horrível suplício de um Negro.

Uma carta de New York, dirigida, em data de 5 de novembro, à *Gazette des Tribunaux*, contém os detalhes seguintes de uma horrível tragédia que ocorreu em Dalton, no condado de Caroline (Maryland):

"Foi detido recentemente um jovem negro sob a acusação de atentado ao pudor sobre a pessoa de uma menina branca. Graves suspeitas pesavam sobre ele. A criança, objeto de suas criminosas violências, declarou reconhecê-lo perfeitamente. O acusado foi encerrado na prisão de Dalton. Ali estava apenas há algumas horas, quando uma multidão numerosa, soltando gritos de cólera e de vingança, pedia que se lhe entregasse o infeliz negro.

"Os representantes da ordem e da autoridade, vendo que lhes seria impossível defender à viva força seu prisioneiro contra essa multidão irritada, procuraram em vão, pelos mais insistentes discursos, acalmá-la. Os assobios acolheram suas palavras em favor da lei e da justiça regular.

"O povo, cujo número ia sem cessar crescendo, começou a lançar pedras contra a prisão. Alguns tiros de revólver foram descarregados sobre os agentes da autoridade, mas nenhuma bala os atingiu. Compreendendo que a resistência era impossível de sua parte, abriram as portas da prisão. A multidão, depois de ter lançado um imenso hurra em sinal de satisfação, nela precipitou-se com furor. Apodera-se do prisioneiro e o arrasta, no meio de gritos de cólera dos assistentes e das súplicas da vítima, ao meio da praça principal da cidade.

"Um júri é imediatamente nomeado. Depois de ter examinado, pela forma, os fatos do processo, declarou o acusado culpado, e o condenou a ser enforcado sem demora. Logo amarrou-se uma corda em uma árvore e, isto feito, procede-se à execução. O negro, enquanto seu corpo se debatia nas convulsões da agonia, era alvo dos insultos e das violências dos espectadores. Vários tiros foram dados sobre ele e contribuíram para aumentar as torturas de sua morte.

"A multidão, embriagada de cólera e de vingança, não esperou que o corpo estivesse completamente imóvel para livrá-lo da corda. Passeou seu ignóbil troféu pelas ruas de Dalton. Homens e mulheres, as próprias crianças, aplaudiam os ultrajes prodigalizados ao cadáver do jovem negro.

"Mas aí não deveria se deter a fúria do povo. Depois de ter percorrido a cidade de Dalton em todos os sentidos, deteve-se diante de uma igreja de negros. Uma imensa fogueira foi ali levantada, e depois de ter cortado e mutilado o cadáver, a multidão lançou, em meio de manifestações de alegria mais ruidosas, os membros e os fragmentos de carne nas chamas. "

Este relato deu lugar à pergunta seguinte, proposta na Sociedade Espírita de Paris, em 28 de novembro de 1862:

"Compreende-se que exemplos de ferocidade isolados e individuais se encontrem nos povos civilizados; o Espiritismo disso dá explicação dizendo que eles provêm de Espíritos inferiores, de alguma sorte extraviados numa sociedade mais avançada; mas, então, esses indivíduos, durante toda a sua vida, revelaram a baixaza de seus instintos. O que

se compreende mais dificilmente é que uma população inteira, que deu provas da superioridade de sua inteligência, e, mesmo em outras circunstâncias, de sentimentos de humanidade, que professa uma religião de doçura e de paz, possa ser tomada de tal vertigem sanguinária, e se alimentar com uma raiva selvagem das torturas de uma vítima. Há aí um problema moral sobre o qual pedimos aos Espíritos consentirem em nos dar uma instrução."

(Sociedade Espírita de Paris, 28 de novembro de 1862. - Médiun, Sr. A. de B...)

O sangue derramado nos países renomados, até este dia, pelas suas tendências ao progresso humano, é uma chuva de maldições, e a indignação do Deus justo não poderia tardar mais tempo para se abater sobre a morada onde se cumprem, tão freqüentemente, abominações semelhantes a essa da qual vindes de ouvir a leitura. Em vão se quer dissimular, a si mesmo, as conseqüências que elas arrastam forçosamente; em vão se quer atenuar a importância do crime; se ele é horrível por si mesmo, não o é menos pela intenção que o fez cometer com tão horríveis refinamentos, com uma obstinação tão bestial. O interesse! o interesse humano! os gozos sensuais, as satisfações do orgulho e da vaidade ali ainda foram o móvel, como em toda outra ocasião, e as mesmas causas farão nascer efeitos semelhantes, causas, ao seu turno, dos efeitos da cólera celeste, a qual pressagia tantas iniquidades. Crede-me que ali não há progresso real senão o da indústria, de todos os recursos e de todas as artes que tendem a amortecer os rigores da vida material e a aumentar os gozos com os quais se quer saciar-se? Não; ali não está unicamente o progresso necessário à elevação dos Espíritos, que não são humanos senão temporariamente, e não devem ligar às coisas humanas senão o interesse secundário que elas merecem. O aperfeiçoamento do coração, as luzes da consciência; a difusão do sentimento de solidariedade universal dos seres, do de fraternidade entre os humanos, são as únicas marcas autênticas que distinguem um povo na marcha do progresso geral. Só por esses caracteres se reconhece uma nação como a mais avançada. Mas aquelas que ainda nutrem em seu seio sentimentos de orgulho exclusivo, e não vêem tal porção da Humanidade senão como uma raça servil, feita para obedecer e sofrer, aquelas sentirão o nada de suas pretensões e o peso da vingança do Céu. Teu pai, V. de B.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

As proximidades do inverno.

(Sociedade Espírita de Paris, 27 de dezembro de 1862. - Médiun, Sr. Leymarie.)

Meus bons amigos, quando o frio chega e que tudo falta na casa de pessoas de bem, por que não viria, eu, vosso antigo condiscípulo, lembrar-vos a nossa palavra de ordem, a palavra *caridade*? Dai, dai tudo o que o vosso coração pode dar, em palavras, em consolações, em cuidados benevolentes. O amor de Deus está em vós, se souberdes, Espíritas fervorosos, cumprir o mandato que vos delegou.

Nos instantes livres, quando o trabalho vos deixa o repouso, procurai aquele que sofre moralmente ou corporeamente; a um dai essa força que consola e engrandece o Espírito, ao outro dai o que sustente e faça calar, sejam as apreensões da mãe cujos braços estão desocupados, seja a queixa da criança que pede pão.

As geadas chegaram, uma brisa fria rota o pó: em breve a neve. E a hora em que deveis andar e procurar. Quantos pobres envergonhados se escondem e gemem em segredo, sobretudo o pobre de casaca que tem todas as aspirações e faltam as primeiras necessidades. Para aquele, meus amigos, agi sabiamente; que vossa mão alivie e cure, mas também possa a voz do coração apresentar delicadamente o óbolo que pode ferir

penosamente o amor-próprio do homem bem elevado. E preciso, eu o repito, dar, mas saber bem dar; Deus, o dispensador de tudo, esconde seus tesouros, sua espigas, suas flores e seus frutos, e, no entanto, seus dons, que secreta e laboriosamente germinaram na seiva do tronco e do caule, nos chegam sem que sintamos a mão que os dispensa. Fazei como Deus, imitai-o, e sereis abençoados.

Oh! como é bom e belo ser útil e caridoso, saber se levantar levantando os outros, esquecer as egoístas pequenas necessidades da vida para praticar a mais nobre atribuição da Humanidade, aquela que faz de nós os verdadeiros filhos do Criador!

E que ensinamento para os vossos! Vossos filhos vos imitam; vosso exemplo leva seus frutos, porque todo ramo bem enxertado, é a abundância. O futuro espiritual da família depende sempre da forma que dais a todas as vossas ações.

Eu vo-lo digo, e não poderia jamais repeti-lo bastante, ganhais espiritualmente se dais e consolais; Porque Deus vos dará e vos consolará em seu reino, que não é deste mundo. Neste, a família que honra e bendiz seu chefe inteligente, nessa parcela de realidade que Deus lhe deixou, é uma atenuação de todas as dores que acompanham a vida.

Adeus, meus amigos, sede todo amor, todo caridade.

SANSON.

A LEI DO PROGRESSO.

(Lyon, 17 de setembro de 1862. - Médiun, Sr. Emile V...)

Nota. - Esta comunicação foi obtida na sessão geral presidida pelo Sr. Allan Kardec.

Parece, considerando-se a Humanidade em seu estado primitivo e em seu estado atual, quando a sua primeira aparição sobre a Terra marcou um ponto de partida, e agora que ela percorreu uma parte do caminho que conduz à perfeição, parece, digo eu, que todo bem, todo progresso, toda filosofia enfim, não possa nascer senão do que lhe e contrário.

Com efeito, toda formação é o produto de uma reação, do mesmo modo que todo efeito é engendrado por sua causa. Todos os fenômenos morais, todas as formações inteligentes, são devidos a uma perturbação momentânea da própria inteligência. Somente, na inteligência, devem-se considerar dois princípios: a um imutável, essencialmente bom, eterno como tudo o que é infinito; o outro, temporário, momentâneo e que não é senão o agente empregado para produzir a reação de onde sai, cada vez, o progresso dos homens.

O progresso abarca o universo durante a eternidade, e jamais é tão conhecido do que quando se concentra em um ponto qualquer. Não podeis ver, com um só olhar, a imensidade que vive, por consequência, que progride; mas olhai ao vosso redor; que vedes aí?

Em certas épocas, pode-se dizer, em momentos previstos, designados, surge um homem que abre um caminho novo, que corta a prumo os rochedos áridos dos quais está sempre semeado o mundo conhecido da inteligência. Frequentemente, esse homem é o último entre os humildes, entre os pequenos, e, no entanto, ele penetra nas altas esferas do desconhecido. Arma-se de coragem, porque para isso lhe é necessário lutar corpo a corpo com os preconceitos, com os usos recebidos; para isto lhe é preciso vencer os obstáculos que a má-fé semeia sob seus passos, porque enquanto restam preconceitos a derrubar, restam abusos e interesses nos abusos; para isso lhe é preciso, porque deve lutar ao mesmo tempo com as necessidades materiais de sua personalidade, e sua vitória, nesse caso, é a melhor prova de sua missão e de sua predestinação.

Chegado a esse ponto em que a luz se escapa bastante forte do círculo do qual é o centro, todos os olhares caem sobre ele; assimila-se todo princípio inteligente e bom; ele

reforma, regenera, o princípio contrário, apesar dos preconceitos, apesar da má-fé, apesar das necessidades, ele chega ao seu objetivo, faz a Humanidade transpor um degrau, faz conhecer o que não era conhecido.

Esse fato já se repetiu muitas vezes, e se repetirá muitas vezes ainda antes que a Terra tenha adquirido o grau de perfeição que convém à sua natureza. Mas tantas vezes quantas sejam necessárias, Deus fornecerá a semente e o lavrador. Esse lavrador, é cada homem em particular, como cada um dos gênios que a ilustram por uma ciência, frequentemente, sobre-humana. Em todos os tempos houve desses centros de luz, desses pontos de união, e o dever de todos é de se aproximar, de ajudar e de proteger os apóstolos da verdade. É o que o Espiritismo vem dizer ainda.

Apressai-vos, pois, vós todos que sois irmãos pela caridade; apressai-vos e a felicidade prometida à perfeição vos será bem mais cedo concedida.

ESPIRITO PROTETOR.

BIBLIOGRAFIA.

A pluralidade dos mundos habitados.

Estudo em que são expostas as condições de habitabilidade das terras celestes, discutidas do ponto de vista da astronomia e da fisiologia; por CAMILLE FLAMMARION, calculador no Observatório imperial de Paris, ligado ao Bureau dês longitudes, etc. (1-(1) Brochura grande in-8. Preço: 2 fr.; pelo correio, 2 fr. 10; casa Bachellier, impressora-livraria do Observatoire, 55 cais dos Grands-Augustins.)

Embora não seja relativa ao Espiritismo, nesta obra, o assunto é daqueles que entram no quadro de nossas observações e dos princípios da Doutrina, e nossos leitores nos agradecerão por o termos assinalado à sua atenção, persuadidos antecipadamente do poderoso interesse que darão a essa leitura duplamente atraente, pela forma e pelo fundo. Nela encontrarão, confirmada pela ciência, uma das revelações capitais feitas pelos Espíritos, o Sr. Flammarion é um dos membros da Sociedade Espírita de Paris, e seu nome figura como médium em notáveis dissertações assinadas por Galileu, e que publicamos, em setembro último, sob o título de *Estudos uranográficos*. A esse duplo título estamos felizes de lhe dar uma menção especial, que será ratificada, disso não temos nenhuma dúvida.

O autor dedicou-se a recolher todos os elementos de natureza a apoiar a opinião da pluralidade dos mundos habitados, ao mesmo tempo que combate a opinião contrária, e, depois de tê-lo lido, pergunta-se como é possível colocar em dúvida essa questão. Acrescentamos que as considerações de ordem científica mais elevadas não excluem nem a graça nem a poesia do estilo. Pode-se julgá-lo pela passagem seguinte, onde fala da intuição que a maioria dos homens, em contemplação diante da abóbada celeste, tem da habitabilidade dos mundos:

".....Mas a admiração que nos excita a cena mais emocionante do espetáculo da Natureza se transforma logo em um sentimento indescritível de tristeza, porque somos estranhos a esses mundos onde reina uma solidão aparente, e que não podem fazer nascer a impressão imediata pela qual a vida nos liga à Terra. Sentimos em nós a necessidade de povoar esses globos em aparência esquecidos pela vida, e sobre essas regiões eternamente desertas e silenciosas procuramos olhares que respondam aos nossos. Tal um ousado navegador explora por muito tempo em sonho os desertos do Oceano, procurando a terra que lhe foi revelada, atravessando com seus olhares de águia as mais vastas distâncias, e transpondo audaciosamente os limites do mundo conhecido, para vagar enfim nas imensas planícies onde o Novo Mundo estava assentado desde períodos secula-

res. Seu sonho se realizou. Que o nosso se liberte do mistério que o envolve ainda, e sobre a nave do pensamento, subiremos aos céus para procurar outras terras."

A obra está dividida em três partes; na primeira, intitulada *Estudos históricos*, o autor passa em revista a inumerável série de sábios e filósofos antigos e modernos, religiosos ou profanos, que professaram a doutrina da pluralidade dos mundos, desde Orfeu até Herschel e o sábio Laplace.

"A maioria das seitas gregas, disse ele, ensinaram, seja abertamente a todos os seus discípulos, seja em segredo, aos iniciados da filosofia. Se as poesias atribuídas a Orfeu são bem dele, ele pode ser contado como o primeiro que tenha ensinado a pluralidade dos mundos. Está implicitamente encerrada nos versos órficos, onde está dito que cada estrela é um mundo, e notadamente nestas palavras conservadas por Proclus: "Deus edificou uma terra imensa que os imortais chamam Selene, e que os homens chamam Lua, na qual se elevam um grande número de habitações, de montanhas e de cidades."

"O primeiro dos gregos que levou o nome de filósofo, Pitágoras, ensinava em público a imobilidade da Terra e o movimento dos astros ao redor dela como centro único da criação, ao passo que declarava aos adeptos avançados de sua doutrina a crença no movimento da Terra como planeta e na pluralidade dos mundos. Mais tarde, Demócrito, Heráclito, Metrodoro de Chio, os mais ilustres de seus discípulos, propagaram do alto da cátedra a opinião de seu mestre, que se tornou a da maioria dos pitagóricos, e da maioria dos filósofos gregos. Filolaus, Nicetas e Heráclido foram os mais ardentes defensores dessa crença; este último ia mesmo até pretender que cada estrela é um mundo que tem, como o nosso, uma terra, uma atmosfera e uma imensa extensão de matéria etérea."

Mais longe acrescenta:

"A ação benfazeja do Sol, disse Laplace, faz eclodir os animais e as plantas que cobrem a terra, e a analogia nos leva a crer que ela produz efeitos semelhantes sobre os outros planetas; porque não é natural pensar que a matéria da qual vemos a fecundidade se desenvolver de tantos modos, seja estéril sobre um tão grande planeta como Júpiter que, como o globo terrestre, tem seus dias, suas noites e seus anos, e sobre o qual as observações indicam as mudanças que supõem forças muito ativas... O homem, feito para a temperatura da qual goza na Terra, não poderia, segundo toda aparência, viver sobre os outros planetas. Mas não deve ali haver uma infinidade de organizações relativas às diversas temperaturas dos globos e dos universos? Se a única diferença dos elementos é dos climas coloca tanta variedade nas produções terrestres, quanto mais devem diferenciar as dos planetas e dos satélites!"

A segunda parte é consagrada ao *estudo astronômico* da constituição dos diversos globos celestes, segundo os dados mais positivos da ciência, e do qual resulta que a Terra não está, nem por sua posição, nem por seu volume, nem pelos elementos de que ela se compõe, numa situação excepcional que haja podido lhe valer o privilégio de ser habitada com a exclusão de tantos outros mundos mais favorecidos em vários aspectos. A primeira parte é da erudição, a segunda é da ciência.

A terceira parte trata a questão do ponto de vista da *fisiologia*. As observações astronômicas, fazendo conhecer o movimento das estações, as flutuações da atmosfera, e a variabilidade da temperatura na maioria dos mundos que compõem o nosso turbilhão solar, disso resulta que a Terra está numa das condições menos vantajosas, um daqueles cujos habitantes devem sentir mais vicissitudes, e onde a vida deve ser mais penosa; de onde o autor conclui que não é racional admitir que Deus haja reservado, para a habitação do homem, um dos mundos menos favorecidos, ao passo que aqueles que são os melhores dotados estariam condenados a não abrigar nenhum ser vivo. Tudo isto está estabelecido, não sobre uma idéia sistemática, mas sobre os dados positivos para os quais todas as ciências foram postas em contribuição: astronomia, física, química, meteorologia, geologia, zoologia, fisiologia, mecânica, etc.

"Mas, ajunta ele, de todos os planetas, o mais favorecido, sob todos os aspectos, é o magnífico Júpiter, cujas estações, apenas distintas, têm ainda a vantagem de durar doze vezes mais do que as nossas. Esse gigante planetário parece planar nos céus como um desafio aos fracos habitantes da Terra, fazendo-os entrever os quadros pomposos de uma longa e doce existência.

"Para nós, que estamos presos à bolinha terrestre por cadeias que não nos é dado romper, vemos se extinguirem sucessivamente nossos dias com o tempo rápido que os consome, com os caprichosos períodos que os partilham, com suas estações disparatadas, cujo antagonismo se perpetua na desigualdade contínua do dia e da noite, e na inconstância da temperatura."

Depois de um eloqüente quadro das lutas que o homem tem a sustentar contra a Natureza para prover à sua subsistência, das revoluções geológicas que transtornaram a superfície do globo e ameaçam aniquilá-lo, acrescenta: "Em consequência de tais considerações, pode-se pretender ainda que esse globo seja, mesmo para o homem, o melhor dos mundos possíveis, e que muitos outros corpos celestes não possam lhe ser infinitamente superiores, e reunir melhor do que ele as condições favoráveis ao desenvolvimento e à longa duração da existência humana?"

Depois, conduzindo o leitor através dos mundos no infinito do espaço, fá-lo ver um panorama de uma tal imensidade, que não se pode impedi-lo de achar ridícula e indigna do poder de Deus a suposição de que entre tantos milhões, nosso pequeno globo, desconhecido de uma grande parte mesmo de nosso sistema planetário, seja a única terra habitada, e nos identificamos com o pensamento do autor quando disse, ao terminar:

"Ah! se nossa visão fosse bastante penetrante para descobrir, lá onde não distinguimos senão pontos brilhantes sobre o fundo escuro do céu, os sóis resplandescentes que gravitam na extensão, e os mundos habitados que os seguem em seus cursos; se nos fosse dado abarcar sob o golpe de um olhar geral essas miríades de sistemas solidários, e se, avançando com a velocidade da luz, atravessássemos, durante séculos de séculos, esse número ilimitado de sóis e de esferas, sem jamais encontrar nenhum fim para essa imensidade prodigiosa onde Deus faz germinar os mundos e os seres, retornando nossos olhares para trás, mas não sabendo mais em que ponto do infinito encontrar esse grão de pó que se chama Terra, nos deteríamos fascinados e confundidos por um tal espetáculo, e unindo nossa voz ao concerto da natureza universal, diríamos do fundo de nossa alma: Deus poderoso! como éramos insensatos em crer que não havia nada além da Terra, e que só a nossa pobre morada tinha o privilégio de refletir a tua grandeza e o teu poder!"

Terminaremos, a nosso turno, por uma nota, é que vendo a soma de idéias contidas nessa pequena obra, admira-se que um homem jovem, de uma idade onde outros estão ainda nos bancos da escola, haja tido o tempo de apropriá-las, e, com mais forte razão, de aprofundá-las; é para nós a prova evidente de que seu Espírito não está em seu início, ou que, com o seu desconhecimento, tenha üido assistido por um outro Espírito.

SUBSCRIÇÃO EM FAVOR DOS OPERÁRIOS DE ROUEN.

Uma subscrição está aberta, no escritório da *Revista Espírita*, 59, rua e passagem Sainte-Anne, em proveito dos operários de Rouen, aos sofrimentos dos quais ninguém saberia ficar indiferente. Já vários grupos e sociedades espíritas nos enviaram o produto de suas cotizações; convidamos aqueles que estiverem na intenção de a isto concorrer, a apressarem o seu envio, porque o inverno está aí! A lista dela será publicada. (Ver acima, página 26, a comunicação do Sr. Sanson.)

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

6^a ANO

NO. 2

FEVEREIRO 1863

ESTUDO SOBRE OS POSSESSOS DE MORZINE.

As causas da obsessão e os meios de combatê-la.

Terceiro artigo. (1-(1) Ver os números de dezembro de 1862 e janeiro da 1863.)

O estudo dos fenômenos de Morzine não oferecerá, por assim dizer, nenhuma dificuldade quando se estiver bem compenetrado dos fatos particulares que citamos, e das considerações que um estudo atento permitiu deles deduzir. Bastar-nos-á relatá-los para que cada um encontre neles, por si mesmo, a aplicação por analogia. Os dois fatos seguintes nos ajudarão ainda a colocar o leitor no caminho. O primeiro nos foi transmitido pelo Sr. doutor Chaigneau, membro honorário da Sociedade de Paris, presidente da Sociedade Espírita de Saint-Jean d'Angély.

Uma família se ocupava de evocações com ardor desenfreado, impelida que era por um Espírito que nos foi apontado como muito perigoso; era um de seus parentes, desencarnado depois de uma vida pouco honrosa, terminada por vários anos de alienação mental. Sob um nome emprestado, por provas mecânicas surpreendentes, belas promessas e conselhos de uma moralidade sem censuras, chegou a fascinar de tal modo essas pessoas muito crédulas, que as submetia às suas exigências e as constrangia aos atos mais excêntricos. Não podendo mais satisfazer todos os seus desejos, pediram-nos conselho, e tivemos muita dificuldade em dissuadi-los, e provar-lhes que tinham relações com um Espírito da pior espécie. No entanto, aí chegamos e pudemos obter deles que, pelo menos por algum tempo, se absteriam. A partir desse momento a obsessão tomou um outro caráter: o Espírito se apossou completamente do filho mais moço, com a idade de quatorze anos, reduziu-o ao estado de catalepsia, e, pela sua boca, solicitava ainda conversas, dava ordens, proferia ameaças. Aconselhamos o mutismo mais absoluto; ele foi rigorosamente observado. Os parentes se entregaram à prece e vieram procurar um de nós para assisti-los; o recolhimento e a força de vontade nisso sempre nos tornaram senhores em poucos minutos.

"Hoje, quase tudo cessou. Esperamos que, na casa, a ordem substituirá a desordem. Longe de se desgostarem do Espiritismo, acreditou-se nele mais do que nunca, mas acreditou-se nele mais seriamente; se lhe compreende agora o objetivo e as conseqüências morais. Todos compreendem que receberam uma lição; alguns uma punição, talvez merecida."

Este exemplo prova, uma vez mais, o inconveniente de se entregar às evocações sem conhecimento de causa e sem objetivo sério. Graças aos conselhos da experiência, que essas pessoas consentiram em escutar, puderam se desembaraçar de um inimigo talvez terrível.

Disso ressalta um outro ensinamento não menos importante. Aos olhos de pessoas estranhas à ciência espírita, esse jovem teria passado por louco; não teria faltado aplicar-

lhe um tratamento em conseqüência, que talvez tivesse desenvolvido uma loucura real; pelos cuidados de um *médico espírita*, o mal, atacado em sua verdadeira causa, não teria nenhuma conseqüência.

Não ocorreria o mesmo no fato seguinte. Um senhor de nosso conhecimento, que mora numa cidade da província, bastante refratário às idéias espíritas, foi tomado subitamente de uma espécie de delírio, no qual dizia coisas absurdas. Como se ocupava de Espiritismo, muito naturalmente falou dos Espíritos. Sua companheira, temerosa, sem aprofundar a coisa, não teve nada de mais apressado do que chamar os médicos, que o declararam atingido pela loucura, para grande satisfação dos inimigos do Espiritismo, e já se falava em colocá-lo numa casa de saúde. O que aprendemos das circunstâncias desse acontecimento prova que esse senhor achou-se sob o domínio de uma subjugação súbita momentânea, talvez favorecida por certas disposições físicas. Foi o pensamento que lhe veio, disso nos escreveu, e lhe respondemos nesse sentido; infelizmente nossa carta não, Jhe chegou a tempo, e da qual só teve conhecimento mais tarde. "É muito triste, nos disse depois, que eu não tenha recebido vossa consoladora carta; naquele momento teria me feito um bem imenso confirmando-me no pensamento de que era o juguete de uma obsessão, o que me teria tranqüilizado; ao passo que ouvia tão freqüentemente repetir, ao meu redor, que estava louco, o que acabei por crer nisto; essa idéia me torturava ao ponto que, se tivesse continuado, não sei o que teria acontecido." - Um Espírito, consultado a esse respeito, respondeu: Esse senhor não é louco; mas da maneira a que isso se prende, poderia tornar-se; bem mais, poderia matá-lo. O remédio para o seu mal está no próprio Espiritismo, e é tomado em contra-senso." - *Perg.* Poder-se-ia agir sobre ele daqui? - *Resp.* - Sim, sem dúvida; podeis fazer-lhe o bem, mas vossa ação é paralisada pela má vontade daqueles que o cercam.

Casos análogos estão presentes em todas as épocas, e já se internou mais de um louco que não o era de todo.

Só um observador experimentado sobre essas matérias pode apreciá-las, e como hoje se encontram muitos médicos espíritas, é útil recorrer a eles em semelhante circunstância. A obsessão será um dia alinhada entre as causas patológicas, como é hoje a ação dos animálculos microscópicos dos quais não se supunha a existência antes da invenção do microscópio; mas então reconhecer-se-á que não é nem pelas duchas nem pelas sangrias que se pode curá-las. O médico que não admite e não procura senão as causas puramente materiais, é tão impróprio para compreender e para tratar essas espécies de afecções quanto um cego o é para discernir as cores.

O segundo fato nos foi reportado por um de nossos correspondentes de Boulogne-sur-Mer.

"A mulher de um marinheiro desta cidade, com a idade de quarenta e cinco anos, está desde os quinze sob o domínio de uma triste subjugação. Quase cada noite, sem mesmo excetuar-lhes seus momentos de gravidez, pelo meio da noite, ela é despertada, e logo é presa de tremores nos membros, como se fossem agitados por uma pilha galvânica; ela tinha o estômago oprimido como num círculo de ferro e queimado como por um ferro vermelho; o cérebro está num estado de exaltação furiosa, e se sente lançada fora de sua cama, depois, algumas vezes, semi-vestida, é levada fora de sua casa e forçada a correr pelo campo; caminha sem saber onde vai durante duas ou três horas, e não é senão quando pode parar que ela reconhece o lugar onde se encontra. Não pode pedir a Deus, e, desde que ela se ponha de joelhos para fazê-lo suas idéias são em seguida atravessadas por coisas bizarras e algumas vezes mesmo imundas. Não pode ela entrar em nenhuma igreja; disso tem uma boa inveja e um grande desejo; mas, quando chega à porta, sente como uma barreira que a detém. Quatro homens procuraram fazê-la entrar na igreja dos Redentoristas, e não puderam a isso chegar; ela gritava que a matavam, que lhe esmagavam o peito.

"Para se subtrair a essa terrível posição, essa pobre mulher tentou várias vezes se tirar a vida sem poder consegui-lo. Tomou do café no qual fizera infusão de fósforo químico; bebeu água de paveia, e disso foi tirada por sofrimentos; se lançou duas vezes na água, de cada vez sobrenadava na superfície até que se viesse socorrê-la. Fora dos momentos de crise, dos quais falei, essa mulher tem todo seu bom senso, e ainda, nesses momentos, ela tem perfeita consciência do que faz, e da força exterior que age sobre ela. Toda a sua vizinhança diz que ela foi atingida por um malefício ou um azar."

O fato da subjugação não poderia estar melhor caracterizado do que nesses fenômenos os quais, muito certamente, não podem ser senão a obra de um Espírito da pior espécie. Dir-se-á que foi o Espiritismo que o atraiu para ela, ou que lhe perturbou o cérebro? Mas há quinze anos ele não estava em questão; e, aliás, essa mulher não é louca, e o que ela sente não é uma ilusão.

A medicina comum não verá nesses sintomas senão uma das afecções a que ela dá o nome de *nevrose*, cuja causa é ainda para ela um mistério. Essa afecção é real, mas para todo efeito há uma causa; ora, qual é a causa primeira? Aí está o problema sobre cujo caminho o Espiritismo pode colocar, demonstrando um novo agente no perispírito, e a ação do mundo invisível sobre o mundo visível. Não generalizaremos, e reconhecemos que, em certos casos, a causa pode ser puramente material, mas há outros onde a intervenção de uma inteligência oculta é evidente, uma vez que, combatendo essa inteligência, se detém o mal, ao passo que não atacando senão a causa material presumida, não se produz nada.

Há um traço característico nos Espíritos perversos, é a sua aversão por tudo o que se prende à religião. A maioria dos médiuns, não obsidiados, que teve comunicações com Espíritos maus, muitas vezes viram estes blasfemarem contra as coisas, rirem-se das preces ou repeli-las, irritarem-se mesmo quando se lhes fala de Deus. No médium subjugado, o Espírito, tomando de alguma sorte o corpo de um terceiro para agir, exprime seus pensamentos, não mais pela escrita, mas pelos gestos e pelas palavras que provoca no médium; ora, como todo fenômeno espírita não pode se produzir sem uma aptidão mediânica, pode-se dizer que a mulher da qual se acaba de falar é um médium espontâneo e involuntário. A impossibilidade em que se encontrou de orar e de entrar na igreja, vem da repulsa do Espírito que dela se apoderou, sabendo que a prece é um meio de fazê-lo deixar a presa. Em lugar de uma pessoa, suponde-as, numa mesma localidade, dez, vinte, trinta e mais nesse estado, e tereis a reprodução do que se passou em Morzine.

Não está aí uma prova evidente de que são os demônios? dirão certas pessoas. Chamemo-los demônios, se isso pode vos dar prazer: esse nome não poderia caluniá-los. Mas não vedes todos os dias homens que não valem mais, e que justamente poderiam ser chamados os demônios encarnados? Não há deles que blasfemam e que renegam a Deus? que parecem fazer o mal com delícias? que se alimentam com a visão dos sofrimentos de seus semelhantes? Por que quereríeis que, uma vez no mundo dos Espíritos, se transformassem subitamente? Aqueles a quem chamais demônios, nós os chamamos maus Espíritos, e vos concedemos toda a perversidade que vos apraz atribuir-lhes; no entanto, a diferença é que, segundo vós, os demônios são anjos decaídos, quer dizer, seres perfeitos tornados maus, e para sempre votados ao mal e ao sofrimento; na nossa opinião são seres pertencentes à Humanidade primitiva, saída de selvagens ainda atrasados, mas a quem o futuro não está fechado, e que se melhorarão à medida que o senso moral se desenvolver neles, na seqüência de suas existências sucessivas, o que nos parece mais conforme com a lei do progresso e com a justiça de Deus. Temos mais, para nós, a experiência que prova a possibilidade de melhorar, e de levar ao arrependimento os Espíritos do mais baixo estágio, e aqueles que se alinham na categoria dos demônios.

Vejamos uma fase especial desses Espíritos, e cujo estudo é de uma alta importância para o assunto que nos ocupa.

Sabe-se que os Espíritos inferiores estão ainda sob a influência da matéria, e que se encontram, entre eles, todos os vícios e todas as paixões da Humanidade; paixões que carregam deixando a Terra, e que trazem em se reencarnando, quando não se emendaram, o que produz os homens perversos. A experiência prova, que os há sensuais, em diversos graus, obscenos, lascivos, comprazendo-se nos maus lugares, impelindo e excitando à orgia e ao deboche, com os quais alimentam sua visão. Perguntaremos a que categoria de Espíritos puderam pertencer, depois de sua morte, seres tais como os Tibério, os Nero, os Cláudio, as Messalina, os Calígula, os Heliogabalo, etc.? Que gênero de obsessão puderam provar, e se é necessário, para explicar essas obsessões, recorrer a seres especiais que Deus teria criado expressamente para levar o homem ao mal? Há certos gêneros de obsessão que não podem deixar dúvidas sobre a qualidade dos Espíritos que as produzem; são obsessões desse gênero que deram origem à fábula dos incubos e dos súcubos, na qual Santo Agostinho acreditava firmemente. Poderíamos citar mais de um exemplo recente em apoio dessa assertiva. Quando se estudam as diversas impressões corpóreas e os toques sensíveis que, às vezes, certos Espíritos produzem; quando se conhecem os gostos e as tendências de alguns dentre eles; e, se de um outro lado, se examina o caráter de certos fenômenos históricos, pergunta-se se não desempenhariam um papel nessa afecção, como o desempenham na loucura obsessional? Vimos, mais de uma vez, acompanhado dos sintomas os menos equívocos da subjugação.

Vejamos agora o que se passou em Morzine, e digamos primeiro algumas palavras do lugar, o que não é sem importância. Morzine é uma comuna do Chablais, na Haute-Savoie, situada a oito léguas de Thonon, na extremidade do vale da Drance, sobre os confins do Vaiais, na Suíça, da qual não está separada senão por uma montanha. Sua população, em torno de 2500 almas, compreende, além da aldeia principal, vários lugarejos disseminados nas colinas circundantes. Está cercada e dominada, de todos os lados, por três altas montanhas dependentes da cadeia dos Alpes, mas na maioria arborizadas e cultivadas até alturas consideráveis. De resto ali não se vê, em nenhuma parte, neves e gelos perpétuos, e, segundo o que nos foi dito, a neve ali seria menos persistente do que no Jura.

O Sr. doutor Constant, enviado em 1861 pelo governo francês para estudar a doença, ali demorou três meses. Fez da região e dos habitantes um quadro pouco lisonjero. Veio com a idéia de que o mal era um efeito puramente físico, não procurou senão causas físicas; a sua própria preocupação levava-o a insistir sobre o que poderia corroborar sua opinião, e essa idéia, provavelmente, fê-lo ver os homens e as coisas sob uma luz desfavorável. Em sua opinião, a doença é uma afecção nervosa cuja fonte primeira está na constituição dos habitantes, debilitados pela insalubridade das habitações, a insuficiência e a má qualidade da alimentação, e cuja causa imediata está no estado histórico da maioria dos doentes do sexo feminino. Sem contestar a existência dessa afecção, é bom notar que seu mal recaiu em grande parte sobre as mulheres, os homens também foram por ele atingidos, assim como as mulheres de uma idade avançada. Não se saberia, pois, ver na histeria uma causa exclusiva; e, aliás, qual é a causa da histeria?

Não fizemos senão uma curta parada em Morzine, mas devemos dizer que nossas observações, e as informações que recolhemos junto das pessoas notáveis, de um médico da região e das autoridades locais, diferem pouco das do Sr. Constant. A aldeia principal é geralmente bem edificada; as casas dos povoados circunvizinhos, certamente, não são mansões, mas não têm o aspecto miserável que se vê em muitos campos da França, e na Bretagne, por exemplo, onde o camponês mora em verdadeiras choupanas. A população não nos pareceu estiolada, nem raquítica, nem sobretudo com bócios, como disse o Sr. Constant; vimos alguns bóócios rudimentares, mas nenhum bócios pronunciado, como é visto entre todas as mulheres da Maurienne. Os idiotas e os cretinos ali são raros, embora o que deles disse também o Sr. Constant, ao passo que sobre a outra vertente da montanha, no Vaiais, são excessivamente numerosos. Quanto à alimentação, a região produz

além do consumo dos habitantes; se não há ali por toda parte a facilidade, não há tampouco miséria propriamente dita, nem sobretudo essa horrenda miséria que se encontra nas outras regiões; há onde as pessoas do campo são infinitamente mais mal nutridas; um fato característico é que não vimos um único mendigo nos estender a mão para pedir esmola. A própria região oferece importantes recursos pelas suas árvores e suas pedreiras, mas que ficam improdutivas pela impossibilidade dos transportes; a dificuldade nas comunicações é a praga da região, que sem isso seria uma das mais ricas do país. Pode-se julgar dessa dificuldade por este fato de que o correio de Thonon não pode chegar senão até duas léguas dessa cidade; além, não há mais que uma rota, mas um caminho que, alternativamente, sobe a pico através das florestas e desce do lado da Drance, torrente furiosa nas grandes águas, que rola através das massas enormes de rochas de granito precipitadas em seu leito do alto das montanhas, no fundo de uma garganta estreita. Durante várias léguas é a imagem do caos. Vencida essa passagem, o vale toma um aspecto agradável até Morzine onde ele termina; mas a impossibilidade de ali chegar facilmente afasta dela os viajantes, de sorte que a região não é visitada senão pelos caçadores bastante robustos para escalar os rochedos. Depois da anexação os caminhos foram melhorados; antes não eram praticáveis senão aos cavalos; diz-se que o governo fez estudar o prolongamento da estrada de Thonon até Morzine ladeando o rio; é um trabalho difícil, mas que transformará a região, permitindo a exportação de seus produtos.

Tal é o aspecto geral da região que não oferece, de resto, nenhuma causa de insalubridade. Admitindo que a principal aldeia de Morzine, situada no fundo do vale e na margem do rio, seja úmida, o que não notamos, e há a considerar que a maior parte dos doentes pertencem aos povoados circunvizinhos, situados nas alturas e, conseqüentemente, em posições aéreas e muito salubres.

Se a doença se prendesse, como o pretende o Sr. Constant, a causas locais, à constituição dos habitantes, aos seus hábitos e ao seu gênero de vida, essas causas permanentes deveriam produzir efeitos permanentes, e o mal seria endêmico, como as febres intermitentes da Camargue e os pântanos Pontins. Se o cretinismo e o bócio são endêmicos no vale do Rhône, e não no da Drance que lhe é limítrofe, é que num há uma causa local permanente que não existe no outro.

Se o que se chama a possessão de Morzine não é senão temporária, é que ela se prende a uma causa accidental. O Sr. Constant disse que suas observações não lhe revelaram *nenhuma causa sobrenatural*; mas ele, que não crê senão nas causas materiais, está apto a julgar os efeitos que resultassem da ação de uma força extra-material? Estudou os efeitos dessa força? Sabe em que eles consistem? em quais sintomas podem ser reconhecidos? Não, e, desde então, se os imagina diferentes do que são, sem dúvida, crendo que consiste em milagres e em aparições fantásticas. Esses sintomas, ele os viu, descreveu-os em seu relatório, mas não admitindo causa oculta, a procurou em outra parte, no mundo material, onde não a encontrou. Os doentes se diziam atormentados por seres invisíveis, mas como não viu nem duendes nem fantasmas, disso concluiu que os doentes eram loucos, e o que o confirmava nessa idéia, é que esses doentes diziam, às vezes, coisas notoriamente absurdas, mesmo aos olhos do mais firme crente nos Espíritos; mas para ele tudo deveria ser absurdo. No entanto, ele médico, deveria saber que no meio das divagações da loucura se encontram, às vezes, revelações da verdade. Esses infelizes, disse ele, e os habitantes em geral, são imbuídos de idéias supersticiosas; mas o que há aí de admirar numa população rural, ignorante e isolada no meio das montanhas? O que de mais natural que essas pessoas, terrificadas por esses fenômenos estranhos, os tenham amplificado? E porque, em seus relatos, se misturam fatos e apreciações ridículas, partindo de seu ponto de vista, disso se concluiu que tudo deveria ser ridículo, sem contar que, aos olhos de quem não admite a ação do mundo invisível, todos os efeitos resultantes dessa ação são relegados entre as crenças supersticiosas. Em apoio dessa última tese, insiste muito sobre um fato contado no tempo pelos jornais, sobre o

relato, sem dúvida, de alguma imaginação assustada, exaltada ou doente, e segundo a qual certos doentes sobem com a agilidade dos gatos em árvores de *quarenta metros*, caminham sobre os ramos sem fazê-los dobrar, se colocam sobre os cumes flexíveis, os pés no ar, e descem de novo assim, a cabeça embaixo, sem se fazerem nenhum mal. Discute-se longamente para provar a impossibilidade da coisa, e demonstrar que, segundo a direção do raio visual, a árvore mencionada não podia ser percebida das casas de onde se dizia ter visto o fato. Tanto trabalho era inútil, porque na região nos foi dito que o fato não era verdadeiro, e se reduzia a um jovem que, com efeito, tinha subido sobre uma árvore de um tamanho comum, mas sem fazer nenhum esforço de equilibrista.

O Sr. Constant descreve assim como segue a história e os efeitos da doença.

(A continuação no próximo número.)

SERMÕES CONTRA O ESPIRITISMO.

Uma carta de Lyon, datada de 7 de dezembro de 1862, contém a passagem seguinte, que uma testemunha ocular e auricular nos confirmou de viva voz:

"Tivemos aqui o bispo do Texas, da América, que pregou, terça-feira última, 2 de dezembro, às oito horas da noite, na igreja Saint-Nizier, diante de um auditório de quase duas mil pessoas, entre as quais se encontravam um grande número de Espíritas. Ai! não parecia muito instruído na nossa doutrina; pode-se julgá-lo por este curto resumo:

"Os Espíritas não admitem o inferno nem as preces nas igrejas, eles se fecham em seus quartos e ali oram, Deus sabe que preces!... Não há senão duas categorias de Espíritos: os perfeitos e os ladrões; os assassinos e os canalhas... Venho da América, onde esses infames começaram; pois bem! posso vos assegurar que, há dois anos, não se ocupa mais de tudo nesse país. Foi-me dito que aqui, nesta cidade de Lyon, tão renomada pela sua piedade, havia muitos Espíritas; isso não pode ser; não o creio. Estou bem seguro, caros irmãos e caras irmãs, que não há entre vós um único médium, nem uma única médium, porque, vede, os Espíritas não admitem nem o casamento, nem o batismo, e todos os Espíritas são separados de suas mulheres, etc., etc..."

"Estas várias frases podem dar uma idéia do resto. O que teria dito o orador se soubesse que quase um quarto de seus ouvintes era composto de Espíritas? Quanto à sua eloquência, não posso dizer senão uma coisa, é que, por momentos, ela parecia do frenesi; ele parecia perder o fio de suas idéias e não sabia o que queria dizer; se eu não temesse servir-me de um termo irreverente, diria que ele patinhava. Creio verdadeiramente que era impelido por alguns Espíritos a dizer todos esses absurdos, e de maneira tal que, vos asseguro, não se estaria em dúvida de estar num lugar santo; também todo mundo ria. Alguns de seus partidários foram os primeiros a julgar do efeito que produzira o sermão, mas não deveram estar muito satisfeitos, porque, uma vez fora, cada um tratou de rir e de dizer seu pensamento; vários mesmo de seus amigos deploravam os desvios aos quais se entregou, e compreendiam que o objetivo fora completamente errado. Com efeito, não poderia fazer melhor para recrutar adeptos, e foi o que aconteceu durante a sessão. Uma senhora, que se achava ao lado de um muito bom Espírita de meu conhecimento, disse-lhe: "Mas o que é, pois, esse Espiritismo e esses médiuns, dos quais se fala tanto, e contra os quais esses senhores estão tão furiosos?" A coisa tendo-lhe sido explicada: Oh! disse ela, chegando em minha casa, vou conseguir os livros e tentarei escrever."

"Posso vos assegurar que se os Espíritas são tão numerosos em Lyon, é graças alguns sermões do gênero desse. Lembrai-vos que, há três anos, quando não se contava aqui senão algumas centenas de Espíritas, eu vos escrevi, em consequência de uma pregação colérica contra a Doutrina, e que produziu um excelente efeito: "Ainda alguns ser-

mões como este, e em um ano o número de adeptos será decuplicado." Pois bem! hoje está decuplicado, graças também aos ignóbeis e mentirosos ataques de alguns órgãos da imprensa. Todo o mundo, até o simples operário que, sob suas vestes grosseiras, tem mais bom senso do que se crê, diz que não se ataca com tanto furor senão uma coisa que para isso valha a pena, é porque se quis ver por si mesmo, e quando se reconheceu a falsidade de certas afirmações, que denotavam ignorância e malevolência, a crítica perdeu todo o crédito, e, em lugar de afastar do Espiritismo, ela conquistou partidários. Ocorrerá o mesmo, muito esperamos, como sermão do monsenhor do Texas, cuja maior imperícia foi dizer que "todos os Espíritas estão separados de suas mulheres," quando temos aqui, sob nossos olhos, numerosos exemplos de lares outrora divididos, e onde o Espiritismo levou à união e à concórdia. Cada um diz naturalmente que, uma vez que os adversários do Espiritismo lhe atribuem ensinamentos e resultados cuja falsidade está demonstrada pelos fatos e pela leitura dos livros que dizem tudo ao contrário, nada prova a verdade das outras críticas. Creio que se os Espíritas lioneses não temessem faltar com o respeito ao monsenhor do Texas, ter-lhe-iam votado um requerimento de agradecimentos. Mas o Espiritismo nos torna caridosos, mesmo para com os nossos inimigos."

Uma outra carta, de uma testemunha ocular, contém a passagem seguinte:

"O orador de Saint-Nizier partiu desse dado de que o Espiritismo tivera seu tempo nos Estados Unidos, e que não se falava dele há dois anos. Era, pois, segundo ele, um assunto da moda; esses fenômenos eram sem consistência, e não valiam a pena serem estudados; tinha procurado ver e não vira nada. No entanto, mostrava a nova doutrina como atentatória aos laços de família, à propriedade, à constituição da sociedade, e denunciando-a como tal às autoridades competentes.

"Os adversários se prendiam a um efeito mais surpreendente, e não a uma simples negação representada de maneira bastante ridícula; porque não ignoram o que se passa na cidade, a marcha do progresso e a natureza das manifestações. Também a questão retornou, domingo dia 14, em Saint-Jean, e esta vez um pouco melhor tratada.

"O orador de Saint-Nizier negara os fenômenos; o de Saint-Jean reconheceu-os, afirmou-os: "Ouvem-se, disse ele, golpes nas paredes; no ar, vozes misteriosas; se tem, realmente, relações com os Espíritos, mas quais Espíritos? Podem não ser bons, porque os bons são dóceis e submissos às ordens de Deus, que proibiu a própria evocação dos Espíritos; portanto, aqueles que vêm não podem ser senão maus."

"Contaram-se bem três mil pessoas em Saint-Jean; entre elas, trezentas pelo menos irão à descoberta.

"O que contribuirá, certamente, para fazer refletirem as pessoas honestas ou inteligentes que compõem o auditório, são as afirmações singulares do orador, - digo singulares por polidez. - "O Espiritismo, disse ele, vem *destruir a família, aviltar a mulher, pregar o suicídio, o adultério e o abortamento, preconizar o comunismo, dissolver a sociedade.*" Depois convidou os paroquianos que, por acaso, tivessem livros espíritas a levá-los a esses senhores que os queimariam, como São Paulo fez a respeito das obras heréticas.

"Não sei se esses senhores encontrarão muitas pessoas bastante zelosas para irem esgotar, o dinheiro à mão, as lojas de nossas livrarias. Alguns Espíritas estavam furiosos; a maioria se alegrava, porque compreendiam que era uma boa coisa.

"Assim, do alto do segundo púlpito da França vem de se proclamar que os fenômenos espíritas são verdadeiros; toda questão se reduz, pois, em saber se são bons ou maus Espíritos, e se não é senão aos maus que Deus permite vir."

O orador de Saint-Jean afirma que não pode ser senão os maus; e eis um outro que modifica um pouco a solução. Escrevem-nos de Angoulême que, quinta-feira, 5 de dezembro último, um pregador assim se exprimiu em seu sermão: "Sabíamos todos que se podiam evocar os Espíritos, e isso há muito tempo; mas só a Igreja pode fazê-lo; não é

permitido aos outros homens tentarem corresponder-se com eles por meios físicos; para mim, é uma heresia." O efeito produzido foi todo contrário ao que se esperava."

É, pois, muito evidente que os bons e os maus podem se comunicar, porque se só os maus tivessem esse poder, não é provável que a Igreja se reservasse o privilégio de chamá-los.

Duvidamos que dois sermões, pregados em Bordeaux em outubro último, tenham servido melhor à causa de nossos antagonistas. Eis a análise que deles foi feita por um ouvinte; os Espíritas puderam ver se, sob esse disfarce, reconhecem sua doutrina, e se os argumentos que se lhes opõem são de natureza a abalar sua fé. Quanto a nós, repetimos o que dissemos alhures: Enquanto não se atacar o Espiritismo com melhores armas, nada se tem a temer.

"Lamentarei sempre, disse o narrador, não ter ouvido o primeiro desses sermões, que ocorreu na capela Margaux, a 15 de outubro último, se minhas informações estão certas. Segundo o que testemunhas dignas de fé me reportaram, a tese desenvolvida foi esta:

"Os Espíritos podem se comunicar aos homens. Os bons se comunicam só na Igreja. Todos aqueles que se manifestam fora da Igreja são maus, porque fora da Igreja não há salvação. - Os médiuns são infelizes que fizeram pacto com o diabo e dele, ao preço de sua alma, que lhe venderam, recebem manifestações de todas as espécies, fossem elas extraordinárias para não dizer miraculosas." - Silêncio sobre outras citações mais estranhas ainda; eu mesmo não as tendo entendido, temeria exagerá-las.

"No domingo seguinte, 19 de outubro, tive a felicidade de assistir ao segundo sermão. Informei-me quanto ao nome do pregador; foi-me respondido que era o Padre Lapeyre, da companhia de Jesus.

"O Padre Lapeyere fez a crítica de *O Livro dos Espíritos*, e, certamente, seria preciso uma extraordinária dose de boa vontade para reconhecer essa admirável obra nas teorias desprovidas de bom senso que o pregador pretendia ali ter encontrado. Limitar-me-ei a vos mostrar os pontos que me feriram mais, preferindo ficar abaixo da verdade antes que atribuir ao nosso adversário o que não teria dito, ou o que eu teria mal compreendido.

"Segundo o Padre Lapeyre, *"O Livro dos Espíritos* prega o comunismo, a partilha dos bens, o divórcio, a igualdade entre todos os homens e, sobretudo, entre o homem e a mulher, a igualdade entre o homem e seu Deus, porque o homem, levado por esse orgulho que os anjos perderam, não aspira a nada menos do que se tornar semelhante a Jesus Cristo; ele arrasta os homens ao *materialismo* e aos prazeres sensuais, porque o trabalho de aperfeiçoamento pode se fazer sem o concurso de Deus, apesar dele mesmo, pelo efeito dessa força que quer que tudo se aperfeiçoe gradualmente; ele preconiza a metempsicose, essa loucura dos Antigos, etc."

"Passando em seguida à rapidez com a qual as idéias novas se propagam, constata com pavor quanto o diabo que as ditou é hábil e velhaco, quanto soube habituar com arte, de maneira a fazê-los vibrar com força nos corações pervertidos das crianças deste século de incredulidade e de heresia. "Este século, exclama, ama tanto a liberdade! e se lhe vêm oferecer o livre exame, o livre arbítrio, a liberdade de consciência! Este século gosta tanto da igualdade! e se lhe mostra o homem à altura de Deus! Gosta tanto de luz! e com traço de pena se rasga o véu que esconde os santos mistérios!"

"Depois atacou a questão das penas eternas, e fez sobre esse assunto, palpitante de emoções, magníficos movimentos oratórios: "Crê-lo-íeis, meus muito caros irmãos; acreditaríeis até onde foi a impudência desses filósofos novos, que crêem fazer desabar sob o peso dos sofismas a santa religião do Cristo! Pois bem, os infelizes! dizem que não há inferno! dizem que não há purgatório! Para eles não mais de *relações benditas que ligam os vivos às almas daqueles que perderam!* Não mais o santo sacrifício da missa! E por que celebrá-la? essas almas não se purificam por si mesmas e sem trabalho nenhum, pela eficácia dessa força irresistível que, sem cessar, as atrai para a perfeição?"

"Sabeis quais são as autoridades que vêm proclamar essas doutrinas ímpias, marcadas na frente com o sinal inapagável desse inferno que queriam aniquilar? Ah! meus irmãos, essas são as mais sólidas colunas da Igreja: os São Paulo, os São Agostinho, os São Luís, os São Vicente de Paulo, os Bossuet, os Fénelon, os *Lamennais*, e todos esses homens de elite, santos homens que, durante sua vida, combateram para o estabelecimento das verdades inabaláveis, sobre as quais a Igreja construiu seus fundamentos, e que vem declarar hoje que seu Espírito, liberto da matéria, estando mais clarividente, perceberam que suas opiniões eram errôneas, e que é tudo ao contrário que é preciso crer."

"O pregador, passando em seguida à pergunta que o autor da *Carta de um católico* dirige a um Espírito para saber se, praticando o Espiritismo, ele é herético, acrescenta:

"Eis a resposta, meus irmãos; ela é curiosa, e o que é mais curioso ainda, o que nos mostra a maneira, a mais evidente, que o diabo, apesar de suas velhacarias e sua habilidade, deixa sempre perceber seu verdadeiro caráter, foi o próprio nome do Espírito que deu essa resposta; eu vos dizia há pouco."

"Segue a citação dessa resposta, que termina assim: "Estás de acordo com a Igreja sobre todas as verdades que te fortalecem no bem, que aumenta em tua alma o amor de Deus e o devotamento aos teus irmãos? Sim; pois bem! tu és católico." Depois acrescenta: "Marcai... Zenon! um filósofo grego, um pagão, um idolatra que, do fundo do inferno onde queima há vinte séculos, vem nos dizer que se pode ser católico e não crer nesse inferno que o tortura, e que espera todos aqueles que, como ele, não morrerem humildes e submissos no regaço da santa Igreja... Mas, insensatos e cegos que sois! com toda a vossa filosofia, não teríeis senão essa prova, essa única prova de que a doutrina que proclamais emana do demônio, que ela seria mil vezes suficiente!"

"Depois de longos desenvolvimentos sobre essa questão e sobre o privilégio exclusivo que a Igreja tem de expulsar os demônios, ajunta:

"Pobres insensatos, que vos divertis falando aos Espíritos e pretendeis exercer sobre eles alguma influência! Não temeis, pois, que, como aquele de que fala São Lucas, esses Espíritos batedores, barulhentos, - e são bem nomeados, meus muito caros irmãos, - não vos pergunte também: E vós, quem sois? Quem sois para vir nos perturbar? Crede-vos submeter-nos impunemente aos vossos caprichos sacrílegos? e que, agarrando as cadeiras e mesas que fazeis girar, não se apoderem de vós, como se apoderaram dos filhos de Sceva, e não vos maltratem de tal modo que não sejais forçados a fugir nus e feridos, e reconhecendo, mas muito tarde, toda abominação que há em jogar assim com os mortos."

"Diante desses fatos tão patentes, e que falam tão alto, que nos resta a fazer? Que temos a dizer? Ah! meus caros irmãos! Guardai-vos com cuidado do contágio! Repeli com horror todas as tentativas que os maus não deixarão de fazer depois de vos arrastar com eles ao abismo! Mas, ah!, já é muito tarde para fazer tais recomendações; o mal já fez rápidos progressos. Esses livros *infames*, ditados pelo príncipe das trevas, a fim de atrair em seu reino uma multidão de pobres ignorantes, estão de tal modo esparramados que se, como outrora em Éfeso, se calculasse o preço dos que circulam em Bordeaux, ultrapassar-se-ia, disto estou seguro, a soma enorme de cinqüenta mil moedas de prata (170000 francos de nossa moeda; chamada de uma citação feita em outra parte de seu sermão); e não estaria admirado que, entre os numerosos fiéis que me escutam, haja alguns deles que já se deixaram arrastar ao lê-los. Àqueles não podemos dizer senão isto: Depressa! aproximai-vos do tribunal da penitência; depressa! vinde abrir vossos corações aos vossos guias espirituais. Cheios de doçura e de bondade, e seguindo em todos os pontos o magnânimo exemplo de São Paulo, nos apressaremos em vos dar a absolvição; Mas, como ele, não vo-la daremos senão com a condição expressa de nos trazer esses livros de magia que fizeram vos perder. E desses livros, muito caros irmãos, o que faremos deles? sim, que faremos deles? Como São Paulo, deles faremos uma grande pilha na praça pública, e, como ele, nós mesmos lhes colocaremos o fogo."

Não faremos senão uma curta observação sobre esse sermão, é que o autor se enganou da data, e que talvez, novo Epimênides, dormiu depois de quatorze séculos. Um outro fato que disso ressalta é a constatação do rápido desenvolvimento do Espiritismo. Os adversários de uma outra escola o constatam também com desespero, tanto é grande seu amor pela razão humana. Lê-se no *Moniteur de la Moselle*, de 7 de novembro de 1862: "O Espiritismo faz perigosos progressos. Invade o grande, o pequeno, o médio e o semi-mundo. *Magistrados, médicos, pessoas sérias* dão também nesse erro." Achamos essa afirmação repetida na maioria das críticas atuais; é que, em presença de um fato tão patente, seria preciso vir do fundo do Texas para adiantar, diante de um auditório, onde se encontram mais de mil espíritas, que há dois anos dele não se ocupa mais. Então, por que tanta cólera se o Espiritismo está morto e enterrado? O P. Lapeyere, ao menos não se ilude; seu próprio medo lhe exagera a extensão do pretensio mal, uma vez que avalia numa cifra fabulosa o valor dos livros espíritas esparramados em Bordeaux somente; em todos os casos, é reconhecer um grande poder à idéia. O que quer que seja, em presença de todas essas afirmações, ninguém nos taxará de exagero, quando falamos dos rápidos progressos da Doutrina; que uns os atribuem ao poder do diabo, lutando com vantagem contra Deus, os outros a um acesso de loucura que invadiu todas as classes da sociedade, de tal sorte que o círculo das pessoas sensatas vai todos os dias se restringindo, e logo não terá mais lugar senão para alguns indivíduos; que uns e os outros deplorem esse estado de coisa, cada um do seu ponto de vista, e se perguntem: "Onde vamos? grande Deus!" lhes é permitido; disso não ressalta menos esse fato de que o Espiritismo passa por cima de todas as barreiras que se lhe opõem; portanto, se é uma loucura, logo não haverá mais do que loucos sobre a Terra: conhece-se o provérbio; se é obra do diabo, logo não haverá mais do que condenados, e se aqueles que falam em nome de Deus não podem detê-lo, é que o diabo é mais forte do que Deus. Os Espíritas são mais respeitosos do que isso para com a Divindade; não admitem que haja um ser podendo lutar com ela de poder a poder, e sobretudo se impor sobre ela; de outro modo os papéis estariam mudados, e o diabo tornar-se-ia o verdadeiro senhor do Universo. Os Espíritas dizem que Deus sendo soberano sem partilha, nada chega no mundo sem a sua permissão; portanto, se o Espiritismo se difunde com a rapidez do relâmpago, o que quer que se faça para detê-lo, é preciso nisso ver um efeito da vontade de Deus; ora, sendo Deus soberanamente justo e bom, não pode querer a perda de suas criaturas, nem fazê-las tentar, com a certeza, em virtude de sua presciência, que elas sucumbirão, para precipitá-las nos tormentos eternos. Hoje, o dilema está colocado; está submetido à consciência de todos; o futuro se encarrega da conclusão.

Se fazemos essas citações, é para mostrar a que argumentos os adversários do Espiritismo se reduziram para atacá-lo; com efeito, é preciso estar muito desprovido de boas razões para recorrer a uma calúnia como aquela que o representa pregando a desunião da família, o adultério, o abortamento, o comunismo, o transtorno da ordem social. Temos necessidade de refutar semelhantes afirmações? Não, porque basta remeter ao estudo da Doutrina, à leitura do que ela ensina, e é o que se faz de todos os lados. Quem poderá crer que pregamos o comunismo depois das instruções que demos sobre esse assunto no discurso reportado *in extenso* na narração de nossa viagem em 1862? Quem poderá ver uma excitação à anarquia nas palavras seguintes que se encontram na mesma brochura, página 58: "Em todo estado de causa, os Espíritas devem ser os primeiros a dar o exemplo da submissão às leis, nos casos em que para isso forem chamados."

Adiantar semelhantes coisas num país longínquo, onde o Espiritismo seria desconhecido, onde não houvesse nenhum meio de controle, isso poderia produzir algum efeito; mas afirmá-lo do alto do púlpito, no meio de uma população espírita que lhe dá, incessantemente, um desmentido para suas informações e seu exemplo, por imperícia, e não se pode impedi-lo de dizer que é preciso estar preso de singular vertigem para se iludir a esse ponto, e não compreender que, falar assim, é servir à causa do Espiritismo.

Estar-se-ia errado, no entanto, crendo que é a opinião de todos os membros do clero; ocorre muito, ao contrário, que não a partilham, e disso conhecemos um bom número que deplora esses desvios, mais nocivos à religião do que à Doutrina Espírita. Essas são, pois, opiniões individuais que não podem fazer lei; e o que prova que são apreciações pessoais é a contradição que existe entre eles. Assim, ao passo que um declara que todos os Espíritos que se manifestam são necessariamente maus, uma vez que desobedecem a Deus comunicando-se, um outro reconhece que há bons e maus, que só os bons vão à Igreja, e os maus ao vulgo. Um acusa o Espiritismo de aviltar a mulher, um outro o reprova por elevá-la ao nível dos direitos do homem; um pretende que ele "arrasta os homens ao materialismo e aos prazeres sensuais;" e um outro, o Sr. cura Marouzeau, reconhece que ele destrói o materialismo.

O Sr. abade Marouzeau, em sua brochura, assim se exprime: 'Verdadeiramente, ao ouvir os partidários das comunicações de além-túmulo, isso seria um preconceito da parte do clero de combater *quando mesmo* o Espiritismo. Por que, pois, supor aos padres tão pouco de inteligência e de bom senso, uma teimosia estúpida? Por que crer que a Igreja que, em todos os tempos, deu tantas provas de prudência, de sabedoria e de alta inteligência, para discernir o verdadeiro do falso, seja hoje incapaz de compreender o interesse de seus filhos? Por que condená-la sem ouvi-la? Se ela se recusa a reconhecer vossa bandeira, é que vosso estandarte não é o seu; tem as cores que lhe são essencialmente hostis; *é que ao lado do bem que fazeis, combatendo o horrendo materialismo*, ela vê um perigo real para as almas e a sociedade." E em outra parte: "Concluamos de tudo isso que o Espiritismo deve se limitar a combater o materialismo, a dar ao homem provas palpáveis de sua imortalidade por meio das manifestações de além-túmulo bem constatadas."

De tudo isto ressalta um fato capital, é que todos esses senhores estão de acordo sobre a *realidade das manifestações*, somente cada um a aprecia à sua maneira. Negá-las, com efeito, seria negar a verdade das Escrituras, e os próprios fatos sobre os quais se apoiam a maioria dos dogmas. Quanto à maneira de encarar a coisa, pode-se, desde o presente, constatar em que sentido se faz a unidade e se pronuncia a opinião pública, que tem também seu *veto*. Disso resulta ainda um outro fato, é que a Doutrina Espírita comove profundamente as massas; ao passo que uns nela vêem um fantasma apavorante, outros nela vêem o anjo da consolação e da liberdade, e uma nova era de progresso moral para a Humanidade.

Uma vez que citamos a brochura do Sr. abade Marouzeau, perguntar-se-nos-á, talvez, porque ainda não a respondemos, uma vez que nos era pessoalmente dirigida. Disso se pôde ver o motivo na narração de nossa viagem, a propósito das refutações. Quando tratamos uma questão, o fazemos do ponto de vista geral, abstração das pessoas que não são, aos nossos olhos, senão individualidades se apagando diante das questões de princípios. Falaremos do Sr. Marouzeau oportunamente, assim como de alguns outros, quando examinarmos o conjunto das objeções; para isso era útil esperar que cada um tivesse dito sua palavra, grande ou pequena, -viram-se acima algumas delas bastante grossas, - para apreciar a força da oposição. Respostas especiais e individuais teriam sido prematuras e, sem cessar, a recomençar. A brochura do Sr. Marouzeau foi um tiro de fuzil; nós lhe pedimos perdão por colocá-lo na condição dos simples atiradores, mas a sua modéstia cristã com isso não se ofenderá. Prevenido de um levante geral, nos pareceu conveniente deixar descarregar todas as armas, mesmo a grossa artilharia que, como se vê, vem de dar, a fim de julgar sua importância; ora, até o presente, não temos a nos lamentar dos vazios que ela fez em nossas fileiras, uma vez que, ao contrário, seus tiros ricochetearam contra ela. De um outro lado não era menos útil deixar a situação se desenhar, e se convirá que, há dois anos, o estado das coisas, longe de imperar para nós, cada dia vem nos emprestar uma nova força. Responderemos, pois, quando julgarmos oportuno; até o presente não houve tempo perdido, uma vez que ganhamos terreno sem ces-

sar, sem isso, e que nossos adversários, eles mesmos, se encarregam de tornar, nossa tarefa mais fácil. Não temos, pois, senão que deixá-los fazer.

SOBRE A LOUCURA ESPÍRITA.

Resposta ao Sr. Burlet, de Lyon.

O folhetim da *Presse*, de 8 de janeiro de 1863, contém o artigo seguinte, tirado do *Salut public de Lyon*, e que a *Gironde* de Bordeaux se apressou em reproduzir, crendo nele achar uma boa fortuna contra o Espiritismo:

CIÊNCIAS.

"O Sr. Philibert Burlet, interno dos hospitais de Lyon, leu recentemente à Sociedade das ciências médicas, dessa cidade, o interessante trabalho sobre o Espiritismo, considerado como causa de alienação mental. Em presença da epidemia que maltrata, neste momento, e sociedade francesa, sem dúvida, não será desprovido de utilidade mencionar os fatos contidos no relatório do Sr. Burlet.

"O autor descreveu com cuidado seis casos de loucura, dita aguda, observadas por ele mesmo no hospital de Antiquaille, e nos quais segue-se sem dificuldade a relação direta entre a alienação mental e as práticas espíritas. O Sr. doutor Carrier, disse ele, de sua parte teve ocasião, e há algum tempo, de tratar e de ver curar, em seu serviço, três mulheres que o Espiritismo havia tornado loucas. De resto, não há um único médico ocupando-se especialmente da alienação mental, que não haja tido a oportunidade, em mais ou em menos número de casos análogos, sem falar, bem entendido, das *perturbações intelectuais ou afetivas que, sem irem até o ponto que se convencionou chamar a loucura, não deixam senão de alterar a razão e de tomar o comércio daqueles que os apresentam desagradável e bizarro*, essa influência da *pretensa* Doutrina Espírita está hoje bem demonstrada pela ciência. As observações que estabelecem contar-se-iam por milhares, "Sim, disse o Sr. Burlet, em outras partes da França, os casos de loucura causados pela doutrina dos médiuns são tão freqüentes quanto no departamento que habitamos, e não há razão para que não o seja assim, nos parece fora de dúvida que o Espiritismo pode tomar lugar na classe das causas mais fecundas de alienação mental." Terminando, o autor exorta os pais e mães de família, os chefes de oficina, etc., a velarem para que seus filhos ou seus empregados não vão jamais "a essas reuniões espíritas chamadas de grupos, e nas quais, acrescenta ele, o perigo para a razão, certamente, não é o único a temer."

"Portanto, é de uma incontestável utilidade dar publicidade ao fatos desse gênero, conscienciosamente recolhidos, como os d. interno dos hospitais de Lyon. Não que houvesse a menor chance para que agissem sobre os indivíduos já atingidos pela epidemia; o caráter de sua loucura é precisamente a forte convicção de serem os únicos de posse da verdade. Em sua humildade, se crêem com o dom de comunicar-se com os Espíritos, e tratam orgulhosamente da ciência que ousa duvidar de seus poderes. Vítimas da alucinação que os possui, sua premissa admite, e raciocina em seguida com uma *lógica irrepreensível*, que não faz senão fortalecê-los em sua aberração. Mas pode se conservar a esperança de agir sobre as inteligências ainda sadias que estivessem tentadas a se expor às seduções do Espiritismo, mostrando-lhes o perigo, e garanti-los assim contra esse perigo. É bom saber que as práticas espíritas e a freqüência dos médiuns, - que são os verdadeiros alucinados, - é necessariamente malsã para a razão. Só os caracteres fortemen-

te temperados podem resistir. Os outros ali deixam sempre uma parte, pequena ou grande, de seu bom senso."

"ASANSON."

Este artigo pode fazer a tendência dos sermões relatados no artigo precedente; nele se pode ver, senão uma comunidade de origem, pelo menos uma intenção idêntica: a de levantar a opinião contra o Espiritismo por meios onde se descobrem a mesma boa fé ou a mesma ignorância das coisas. Notai a graduação que seguiu os ataques desde o famoso e desajeitado artigo da *Gazette de Lyon* (ver a *Revista Espírita* do mês de outubro de 1860, página 254); isso não era então senão uma chata zombaria onde os operários dessa cidade foram achincalhados, ridicularizados, e sua profissão comparada a suplícios. Não era, com efeito, uma imperícia insigne senão de derramar o desprezo sobre os trabalhadores e os instrumentos que fazem a prosperidade de uma cidade como Lyon? Depois, então, a agressão tomou um outro caráter: vendo a impotência do ridículo, e não podendo impedir-se de constatar o terreno que as idéias espíritas ganham a cada dia, toma-o sobre um tom mais lamentável; é em nome da Humanidade, *em presença da epidemia que castiga neste momento sobre a sociedade francesa*, que ela vem mostrar os perigos dessa *pretensa* doutrina que torna o *comércio daqueles que a professam desagradável e bizarro*. Elogio pouco lisonjeador para as senhoras de todas as classes, até mesmo as princesas, que crêem nos Espíritos. Parece-nos, no entanto, que as pessoas violentas e irascíveis tornadas brandas e boas pelo Espiritismo, não dão prova de um caráter muito mau e são menos desagradáveis do que antes, e que entre os não espíritas não se encontram senão pessoas amáveis e benevolentes. Se bem que se vejam numerosas famílias onde o Espiritismo levou a paz e a união, é em nome de seu interesse que se abjuram os operários de não retornarem "a essas reuniões chamadas grupos, onde podem perder sua razão e muitas outras coisas, "acham, sem dúvida, que a conservariam muito melhor indo ao cabaré do que permanecendo em sua casa. Não tendo dado resultado o sarcasmo, eis agora que os adversários chamam a ciência em sua ajuda; não mais a ciência zombeteira, representada pelo músculo estalante do Sr. Jobert (de Lamballe) (ver a *Revista Espírita* de junho de 1859, página 141), mas a ciência séria, condenando o Espiritismo tão seriamente quanto condenou outrora a aplicação do vapor à marinha, e tantas outras utopias que se teve mais tarde a fraqueza de tomar por verdades. E quais são seus representantes nessa séria questão? E o Instituto de França? Não, é o Sr. Philibert Burlet, interno dos hospitais de Lyon, quer dizer, estudante de medicina, que faz suas primeiras armas lançando um relatório contra o Espiritismo. Falou, e por ele o Sr. Sanson (da *Presse*), a ciência tornou-se sua sentença, sentença que, provavelmente, não será mais sem apelação do que a dos doutores que condenaram a teoria de Harvey sobre a circulação do sangue, e lançaram contra seu autor "libelos e diatribes mais ou menos virulentas e grosseiras." (*Dicionário das origens.*) Seja dito, entre parênteses, um trabalho curioso a fazer seria uma monografia sobre os erros dos sábios.

O Sr. Burlet observou, disse ele, seis casos de loucura aguda produzida pelo Espiritismo; mas como é pouco sobre uma população de 300 000 almas, da qual a décima pelo menos é espírita, teve o cuidado de acrescentar "que seriam os contados por milhares se, nas outras partes da França, os casos de loucura causados pelo doutrina dos médiuns são tão freqüentes quanto no departamento que habitamos, e não há razão para que assim não seja."

Com o sistema das suposições se vai muito longe, como se vê. Pois bem! vamos mais longe do que ele, e diremos, não por hipótese, mas por afirmação, que, num tempo dado, não se contarão loucos senão entre os Espíritas. Com efeito, a loucura é uma das enfermidades da espécie humana; mil causas acidentais podem produzi-las, e a prova disso é que houve loucos antes que o Espiritismo fosse questão, e que todos os loucos não são Espíritas. O Sr. Burlet nos concederá muito este ponto. Em todos os tempos hou-

ve loucos, e os haverá sempre; portanto, se todos os habitantes de Lyon fossem Espíritas, não se encontrariam loucos senão entre os Espíritas, absolutamente como num país todo católico, não há loucos senão entre os católicos. Observando-se a marcha da Doutrina desde alguns anos, poder-se-ia, até um certo ponto, prever o tempo que é necessário para isso. Mas não falemos senão do presente.

Os loucos falam daquilo que os preocupa; é bem certo que aquele que jamais tivesse ouvido falar do Espiritismo, dele não falará, ao passo que, no caso contrário, dele falará como o faria de religião, de amor, etc. Qualquer que seja a causa da loucura, o número de loucos falando dos Espíritos aumentará, pois, naturalmente com o número dos adeptos. A questão é saber se o Espiritismo é uma causa eficiente de loucura. O Sr. Burlet o afirma do alto de sua autoridade de interno, dizendo que: "Essa influência está hoje bem demonstrada pela ciência." Daí, exclamando com ardor, apela aos rigores da autoridade, como se uma autoridade qualquer pudesse impedir o curso de uma idéia, e sem pensar que as idéias não são jamais propagadas senão sob o império da perseguição. Tomam-se, pois, sua opinião e a de alguns homens que pensam como ele para os decretos da ciência? Parece ignorar que o Espiritismo conta em suas fileiras com um grande número de médicos distintos, que muitos grupos e sociedades são presididas por médicos que, também eles, são homens de ciência, e que chegam a conclusões todas contrárias às suas. Quem, pois, tem razão a dele ou a dos outros? Neste conflito entre a afirmação e a negação, quem é que se pronunciará em última instância? O tempo, a opinião, a consciência da maioria, e a própria ciência que se renderá à evidência, como se rendeu em outras circunstâncias.

Diremos ao Sr. Burlet: É contrário aos mais simples preceitos da lógica deduzir uma consequência geral de alguns fatos isolados, e à qual outros fatos podem dar um desmentido. Para apoiar vossa tese, seria preciso um outro trabalho do que aquele que fizestes. Dissestes ter observado seis casos; creio-vos sob palavra; mas o que é que isso prova? Teríeis observado o dobro ou o triplo deles, mas isso não provaria mais, se o total dos loucos não ultrapassou a média. Suponhamos essa média de 1000 para tomar um número redondo; as causas habituais da loucura sendo sempre as mesmas, se o Espiritismo pode provocá-la, é uma causa a mais a se acrescentar a todas as outras, e que deve aumentar a cifra da média. Se, depois da introdução das idéias espíritas, essa média, de 1000 se tivesse levado a 1200, por exemplo, e que essa diferença fosse precisamente dos casos de loucura espírita, a questão mudaria de face; mas enquanto não for provado que, sob a influência do Espiritismo, a média dos alienados aumentou, a exibição que se lhe faz de alguns casos isolados nada prova, senão a intenção de lançar o descrédito sobre as idéias espíritas e de amedrontar a opinião.

No estado atual das coisas, fica mesmo a conhecer o valor dos casos isolados que se colocaram à frente, e de saber se todo alienado que fala dos Espíritos deve sua loucura ao Espiritismo, e para isso seria preciso um julgamento imparcial e desinteressado. Suponhamos que o Sr. Burlet se torne louco, o que pode lhe acontecer tanto quanto a um outro; - quem sabe mesmo? talvez antes do que a um outro; - não haveria nada de espantoso em que, preocupado com a idéia que ele combateu, dela falasse em sua demência? Seria preciso disso concluir que foi a crença nos Espíritos que o teria tornado louco? Poderemos citar vários casos, dos quais um fez grande ruído, e onde foi provado que os indivíduos estavam pouco ou nada ocupados do Espiritismo, ou tiveram ataques de loucura característicos bem anteriores. A isto é preciso acrescentar os casos de obsessão e de subjugação, que se confundem com a loucura, e que se trata como tais com grande prejuízo para a saúde das pessoas que disso são afetadas, assim como explicamos nos nossos artigos sobre Morzine. São os únicos que se poderia, à primeira vista, atribuir ao Espiritismo, se bem que não esteja provado que se encontrem em grande número nos indivíduos que a isso são os mais estranhos, e que, por ignorância da causa, são tratados com contra-senso.

É verdadeiramente curioso ver certos adversários que não crêem nem nos Espíritos, nem em suas manifestações, pretenderem que o Espiritismo seja uma causa de loucura. Se os Espíritos não existem, ou se não podem se comunicar com os homens, todas essas crenças são quimeras que nada têm de real. Perguntamos, então, como nada pode produzir alguma coisa? Essa idéia, dirão, essa idéia é falsa; ora, todo homem que professa uma idéia falsa desarrazoa. Qual é, pois, essa idéia tão funesta à razão? ei-la: Temos *uma alma que vive depois da morte do corpo; essa alma conserva suas afeições da vida terrestre, e pode se comunicar com os vivos*. Segundo eles, é mais sadio crer no nada depois da morte; ou bem, o que vem a ser o mesmo, que a alma perde sua individualidade, se confunde no todo universal, como as gotas d'água no Oceano. É fato que, com esta última idéia, não se tem mais necessidade de se inquietar com a sorte de seus próximos, e que não se tem senão que pensar em si, em beber bem, em comer bem nesta vida, o que é todo proveito para o egoísta. Se a crença contrária é uma causa de loucura, por que há tantos loucos entre as pessoas que não crêem em nada? É, direis, que essa causa não é a única. De acordo; mas, então, por que gostaríeis que essas causas não possam atingir um Espírita como um outro; e por que pretenderíeis tornar o Espiritismo responsável por uma febre ou por um golpe de sol? Convidai a autoridade para punir com rigor contra as idéias espíritas porque, segundo eles, elas perturbam o cérebro; mas, por que não chamais também a vigilância da autoridade sobre as outras causas? Em vossa solicitude pela razão humana, da qual vos fazeis o tipo, fizestes o resumo dos inumeráveis casos de loucura produzida pelos desesperos do amor? Por que não convidais a autoridade para proscrever o sentimento amoroso? Está averiguado que todas as revoluções são marcadas por um recrudescimento notável nas afecções mentais; está aí, pois, uma causa eficiente bem manifesta, uma vez que ela aumenta o número da média; por que não aconselhais aos governantes para interditar as revoluções como coisa malsã? Uma vez que o Sr. Bulet fez o resumo *enorme* de seis casos de loucura supostamente espírita, sobre uma população de 300.000 almas, convidamos os médicos espíritas para fazerem a de todos os casos de loucura, de epilepsia e outras afecções causadas pelo medo do diabo, ou o aterrorizante quadro das torturas eternas do inferno, e o ascetismo das reclusões claustrais.

Longe de admitir o Espiritismo como uma causa de aumento da loucura, dizemos que é uma causa atenuante que deve diminuir o número de casos produzidos pelas causas comuns. Com efeito, entre essas causas, é preciso colocar em primeira linha os desgostos de toda natureza, as decepções, as afeições contrariadas, os revezes de fortuna, as ambições frustradas. O efeito dessas causas está em razão da impressionabilidade do indivíduo; se houvesse um meio de atenuar essa impressionabilidade, isso seria, sem contradita, o melhor preservativo; pois bem! esse meio está no Espiritismo, que amortece o contragolpe moral, que faz receber com resignação as vicissitudes da vida; tal que teria se suicidado por um revés, haure na crença espírita uma força moral que lhe faz receber seu mal com paciência; não só não se matará mas, em presença da maior adversidade, conservará sua fria razão, porque tem uma fé inalterável no futuro. Dar-lhe-íeis essa calma com a perspectiva do nada? Não, por que não entrevê nenhuma compensação, e se não tiver nada para comer, poderá vos comer. A fome é uma terrível conselheira para aquele que crê que tudo termina com a vida; pois bem! o Espiritismo faz sentir mesmo a fome, porque faz ver, compreender e esperar a vida que segue a morte do corpo; eis a sua loucura.

A maneira pela qual o verdadeiro Espírita encara as coisas deste mundo e do outro, leva-o a domar em si as mais violentas paixões, mesmo a cólera e a vingança. Depois do artigo insultante da *Gazette de Lyon*, que lembramos mais acima, um grupo de uma dúzia de operários nos diz: "Se não fôssemos Espíritas, iríamos dar uma sova no autor para lhe ensinar a viver, e se estivéssemos em revolução, colocaríamos fogo na loja de seu jornal; mas somos Espíritas; lamentamo-lo e pedimos a Deus perdoar-lhe." Que dizeis dessa

loucura, Sr. Burlet? Em semelhante caso o que teríeis preferido, ter relações com loucos dessa espécie, ou com homens que não temem nada? Pensai que, hoje, há deles mais de vinte mil em Lyon. Pretendeis servir aos interesses da Humanidade, e não compreendeis os vossos! Pedi a Deus que um dia não tenhais que lamentar que todos os homens não sejam Espíritas; é ao que, vós e os vossos, trabalhareis com todas as vossas forças. Semeando a incredulidade solapais os fundamentos da ordem social; levais à anarquia, às reações sangrentas; nós, nós trabalhamos para dar a fé àqueles que não crêem em nada; a difundir uma crença que torna os homens melhores uns para com os outros, que lhes ensina a perdoar seus inimigos, a se olharem como irmãos sem distinção de raças, de castas, de seitas, de cor, de opinião política ou religiosa; uma crença, em uma palavra, que faz nascer o verdadeiro sentimento da caridade, da fraternidade e dos deveres sociais.

Perguntai a todos os chefes militares que têm subordinados espíritas sob suas ordens, quais são aqueles que conduz com mais facilidade, que melhor observa a disciplina sem o emprego do rigor? Perguntai aos magistrados, aos agentes da autoridade que têm administrados espíritas nas classes inferiores da sociedade, quais são aqueles entre os quais há mais ordem e tranqüilidade; sobre os quais a lei tem menos a recair; onde há menos tumulto a apaziguar, desordens a reprimir?

Numa cidade do Sul, um comissário de polícia nos dizia: "Desde que o Espiritismo se difundiu na minha circunscrição tenho dez vezes menos do mal do que antes." Perguntai, enfim, aos médicos espíritas quais são os doentes nos quais encontram menos afecções causadas pelos excessos de todos os gêneros? Eis uma estatística um pouco mais concludente, creio, do que os vossos seis casos de alienação mental. Se tais resultados são uma loucura, glorifico-me em propagá-lo. Onde esses resultados foram hauridos? Nos livros que alguns gostariam de lançar ao fogo; nos grupos que recomendais aos operários para fugirem. Que se vê nesses grupos, que pintais como o túmulo da razão? Homens, mulheres, crianças que escutam com recolhimento uma doce e consoladora moral, em lugar de ir ao cabaré perder seu dinheiro e sua saúde, ou fazer barulho na praça pública; que delas saem com o amor de seus semelhantes no coração, em lugar do ódio e da vingança.

Eis da parte do autor do artigo pre-citado uma singular confissão: *Vítimas da alucinação que os possui, suas premissas admitidas raciocinam em seguida com uma lógica irrepreensível que não faz senão afirmar-lhes em sua aberração.* Singular loucura em Verdade, que raciocina com uma lógica irrepreensível! Ora, qual é essa premissa? disse-mo-lo há pouco: *A alma sobrevive ao corpo, conserva sua individualidade e suas afeições, e pode se comunicar com os vivos.* O que pode provar a verdade de uma premissa, se não for a lógica *irrepreensível* das deduções? Quem diz *irrepreensível*, diz inatacável, irrefutável; portanto, se as deduções de uma premissa são inatacáveis, é que elas satisfazem a tudo, e não se pode nada opor-lhe; portanto, se essas deduções são verdadeiras, é que a premissa é verdadeira, porque a verdade não pode ter um erro por princípio. De um princípio falso, sem dúvida, pode-se deduzir conseqüências aparentemente lógicas, mas isso não é senão uma lógica aparente, dito de outro modo, sofismas, e não uma lógica irrepreensível, porque ela deixará sempre uma porta aberta à refutação. A verdadeira lógica é aquela que satisfaz plenamente a razão: ela não pode ser contestada; a falsa lógica não é senão um falso raciocínio sempre contestável. O que caracteriza as deduções de nossa premissa, é que são baseadas sobre a observação dos fatos; em segundo lugar, que elas explicam, de maneira racional, o que, sem isso, é inexplicável. À nossa premissa substitui a negação, e vos chocareis, a cada passo, com dificuldades insolúveis. À teoria espírita, dizemos, está baseada sobre fatos, mas sobre milhares de fatos, se reproduzindo todos os dias, e observados por milhões de pessoas; a vossa, sobre meia dúzia observados por vós. Eis uma premissa da qual cada um pode tirar a conclusão.

CIRCULO ESPIRITA DE TOURS.

Discurso pronunciado pelo presidente na sessão de instalação.

Terça-feira, 12 de novembro de 1862.

Senhores,

"Primeiramente devo agradecer aos Espíritos protetores de nossa pequena sociedade nascente por consentirem em me designar para a vossa presidência; tratarei de justificar essa escolha, que me honra, velando escrupulosamente para que os trabalhos de nossas reuniões tenham sempre um caráter sério e moral, objetivo que jamais deveremos perder de vista, sob pena de nos expor a muitas decepções.

"Que viemos procurar aqui, senhores, longe do barulho dos negócios mundanos? A ciência de nossos destinos. Sim, enquanto estamos neste modesto recinto que crescerá, que se elevará, eu o espero, para a grandeza e para a altura do objetivo que perseguimos, cedemos ao desejo muito natural de rasgar o véu espesso que esconde, ao pobres humanos, o terrível mistério da morte, e saber se é verdade, como o ensina uma falsa ciência, e como o crêem, ai! tantos infelizes Espíritos desviados, que o túmulo fecha o livro dos destinos do homem.

"Sei bem que Deus colocou no coração, de cada um, uma luz destinada a clarear seus passos através dos rudes caminhos da vida: a *razão*; e uma balança própria para pesar todas as coisas segundo seu exato valor: a *justiça*; mas quando a viva e pura luz dessa tocha diretora, cada vez mais enfraquecida pelo sopro impuro das paixões pervertidas, e no ponto de se apagar; quando essa balança da justiça foi falseada pelo erro e pela mentira; quando o cancro do materialismo, depois de ter tudo invadido, até as religiões, ameaça tudo devorar, é preciso que o Juiz supremo venha, enfim, por prodígios de sua onipotência, por manifestações insólitas, capazes de chamar violentamente a atenção, redirecionar os caminhos da Humanidade e retirá-la do abismo.

"No ponto de degradação em que caíram as sociedades modernas, sob a influência das falsas e perniciosas doutrinas toleradas, senão encorajadas, por aqueles mesmos que têm a missão especial de reprimi-las; no meio desse indiferentismo geral por tudo o que não é matéria, desse sensualismo exagerado, exclusivo, desse furor desconhecido até nós, do enriquecimento a qualquer preço, desse culto desenfreado ao bezerro de ouro, dessa paixão desordenada do lucro que engendra o egoísmo, gela todos os corações falseando todas as inteligências, e tende à dissolução dos laços sociais, as comunicações de além-túmulo podem ser consideradas como *uma revelação divina*, tornada *necessária* ao chamado à ordem, da parte da Providência que não pode deixar perecer, sem socorro, sua criatura predileta. E, com a rapidez com que se difundem sobre todos os pontos do globo os ensinamentos da Doutrina Espírita, é fácil prever que se aproxima a hora em que a Humanidade, depois de um tempo de estacionamento, vai tranpor uma nova etapa, sofrer uma nova fase de desenvolvimento em seu progresso intermitente através dos séculos.

"Quanto a nós, senhores, agradeçamos a Providência de ter-se dignado nos escolher para difundir e fazer frutificar, sobre este pequeno canto da Terra, a semente espírita, e cooperar assim, na medida de nossas forças, na grande obra de regeneração moral que se prepara.

"Ocupo-me neste momento a propósito de uma questão médica, alguns dentre vós o sabem, de um trabalho filosófico importante em que tento explicar, racionalmente, os fenômenos fisiológicos do Espiritismo, e ligá-los à filosofia geral. Antes de publicar esse trabalho, essencialmente anti-materialista, que não está, de resto, ainda senão no esboço, proponho-me a vo-lo comunicar para tomar vosso conselho quanto a oportunidade de

submetê-lo à aprovação dos Espíritos elevados que consentem em nos assistir, os principais pontos de doutrina que ele encerra. Poderíamos encontrar ali, aliás, todas preparadas e metodicamente dispostas de antemão, a maioria das perguntas que devem ser o assunto de nossas conversas Espíritas.

"Não é preciso jamais perder de vista, Senhores, o objetivo essencial do Espiritismo, que é a destruição do materialismo pela prova experimental da sobrevivência da alma humana. Se os mortos respondem ao nosso chamado, se vêm se pôr em comunicação conosco, é evidente que não estão inteiramente mortos; é que o último estertor da agonia não faltou para eles no fim definitivo de sua existência. Todos os sermões do mundo não valem, a esse respeito, um argumento como aquele.

Por isso é de nosso dever, a nós crentes, difundir a luz ao nosso redor e não tê-la encerrada sob o alqueire, quer dizer, neste estreito recinto que deve, ao contrário, tornar-se pelo nosso zelo um foco irradiante. Isto quer dizer que deveríamos convidar todo o mundo às nossas reuniões, acolher o recém-chegado que manifeste a curiosidade de nos ver em trabalho, como se se tratasse de ver um prestidigitador operar? Isso seria desastrosamente exporás chances do ridículo a coisa mais séria do mundo e nos comprometer, ao mesmo tempo, nós mesmos. Mas todas as vezes que uma pessoa, da qual não temos nenhum motivo de suspeitar a boa-fé, e que tiver haurido na leitura das obras especiais as noções sobre o Espiritismo, desejar tornar-se testemunha dos fatos, deveremos aderir ao seu pedido, somente será bom regulamentar essas espécies de admissões, e de não admitir em nossas sessões nenhuma pessoa estranha, sem que a sociedade, consultada, tenha emitido preliminarmente sua opinião a esse respeito.

"Senhores, quando, há dois anos apenas, constatamos com um de nossos societários, na casa de um amigo comum, os fenômenos espíritas da ordem mecânica e da ordem intelectual as mais espantosas, apesar da evidência dos fatos dos quais éramos testemunhas, apesar de nossa convicção profunda de que essas manifestações extraordinárias se passam fora das leis naturais conhecidas, ousamos apenas delas timidamente dar parte aos nossos conhecimentos íntimos, enquanto temíamos que se pusesse em dúvida a integridade de nossa razão. *O Livro dos Espíritos*, então quase desconhecido em Tours, não estava ainda senão em sua primeira, ou, pelo menos, em sua segunda edição, nessa época, em uma palavra, quase não havia transposto os limites da capital. Pois bem, vede, pois, que imenso progresso no espaço de três anos! Hoje o Espiritismo penetrou por toda a parte, tem adeptos em todas as classes da sociedade; reuniões de grupos mais ou menos numerosos se organizam em todas as cidades, grandes ou pequenas, esperando a vez das aldeias; hoje as obras espíritas estão expostas em todas as livrarias, que têm o trabalho de satisfazer aos pedidos de sua clientela, ávida de se iniciar nos grandes mistérios das evocações; hoje, enfim, o Espiritismo vulgarizado, conhecido de todos por um título qualquer, não é mais um espantinho, um sinal de reprovação ou de desdém, e podemos audaciosamente, sem medo de passarmos por loucos, confessar o objetivo de nossas reuniões; podemos desafiar a zombaria e o sarcasmo e dizermos aos irônicos: "Antes de nos pôr em ridículo, pelo menos que possais nos contar, senão nos pesar."

"Quanto ao anátema de um partido, apreciamos muito sua fraca importância para dele nos inquietar. Dizem que temos pacto com o *diabo*, seja; mas então é preciso convir que os diabos não são de todo muito maus diabos. Nosso verdadeiro crime, aos seus olhos, é a nossa pretensão, seguramente muito legítima, de comunicar com Deus e os santos sem seu intermédio necessário. Provemo-lhes que, graças aos ensinamentos daqueles que chamam *Demônios*, compreendemos a moral sublime do Evangelho, que se resume no amor de Deus e de seus semelhantes, na caridade universal. Abracemos a Humanidade inteira, sem distinção de culto, de raça, de origem, e, com mais forte razão, de família, de fortuna e de condição social. Que saibam bem que nosso Deus, a nós Espíritas, não é um tirano cruel e vingativo que pune um instante de desvio pelas torturas eternas, mas um pai bom e misericordioso que vela sobre seus filhos desviados com uma solicitude incessante.

te, e procura aproximá-los dele por uma série de provas destinadas a lavá-los de suas manchas. Não está escrito: *que Deus não quer a morte do pecador, mas a sua conversão?*

"De resto, nos reservamos expressamente, aqui como em toda parte, os direitos imprescritíveis da razão que deve tudo dominar, tudo julgar em última instância. Não dizemos aos recalcitrantes, conduzindo-os ao pé da fogueira: *crê ou morre*, mas *crê se tua razão o quer*.

"Ainda uma palavra para terminar, senhores, porque não gostaria de abusar de vossa atenção. A instituição de nossa sociedade não tendo, não podendo ter outro objetivo senão nossa melhoria moral, devemos afastar com o maior cuidado, de nossas sessões, toda questão ligando-se de maneira direta ou indireta, seja às pessoas, seja à política, seja aos interesses materiais. *Estudo do homem com relação aos seus destinos futuros*, tal é o nosso programa, e não devemos jamais disso desistir."

CHAUVET, doutor em medicina.

Esse discurso foi seguido da comunicação adiante, obtida espontaneamente por um dos médiuns da sociedade:

"Meus amigos, o objetivo de vossa sociedade é de vos instruir e de conduzir o homem desviado à luz, há tanto tempo obscurecido pelas trevas que reinam neste século. Não deveis olhar esta instituição como vindo vos instruir sobre as questões de direito ou de ciência; ela vem muito simplesmente vos dispor a entrar no novo caminho de regeneração que deveis percorrer sem medo, colocando a vossa confiança nas instruções que recebeis. Não deveis nada temer, porque Deus vela sobre o homem que faz o bem, e não o abandona.

"Eu vos ouvi discutir a propósito de um artigo do regulamento sobre a admissão de pessoas estranhas à vossa sociedade. Escutai um pouco os conselhos de um amigo, ou antes de um irmão que vos fala, não de boca mas de coração, não materialmente mas espiritualmente; porque, crede-o, quando transpus para vir a vós os graus dos Espíritos impuros, esse espaço a percorrer não me pareceria penoso se visse vosso coração animado dos sentimentos humanos do bem.

"Quando uma pessoa estranha pedir para assistir às vossas sessões, antes de admiti-la, fazei-a vir em particular em vosso gabinete, e, na conversação, sondai seus sentimentos e vede se ela está instruída na nova doutrina. Se descobirdes nela o desejo do bem e não uma simples curiosidade; se ela vem animada de intenções sérias, então podereis, sem medo, admiti-la, mas repeli quem não vier senão com o pensamento de perturbar vossas sessões e de desprezar vossos ensinamentos. Pensai também que os espiões se insinuam por toda a parte: Jesus os teve.

"Se alguém se apresenta dizendo-se Espírita ou médium, não o recebeis sem saber com quem tendes relações. Não ignorais que existem médiuns cheios de frivolidade e de orgulho, e que, por isso mesmo, não atraem senão os Espíritos levianos. Diz-se frequentemente: quem se assemelha se reúne. O verdadeiro Espírita não deve ter outro sentimento senão o bem e a caridade, sem isto não pode estar assistido pelos Espíritos sábios.

"Sem dúvida a perda de um médium pode deixar um vazio entre vós, mas não é preciso crer que, por isso, não tereis mais instruções de nossa parte, porque estaremos sempre prontos a vir vos assistir em vossos trabalhos, tanto quanto Deus o permitir. Se um bom médium vos é tirado, é que Deus, sem dúvida, o destina a uma outra missão, que crê mais útil. Quem sabe o que o espera? É dessas coisas que o homem não pode compreender, e que, no entanto, lhe é preciso aceitar.

"O caminho que ireis percorrer, meus amigos, é rude para escalar, mas, com a ajuda de vossos irmãos, que estão acima de vós, ali chegareis.

"Numa outra vez, o espero, vos instruiremos sobre questões mais sérias."

VARIEDADE.

Cura por um Espírito.

Recebemos várias cartas que constataam a feliz aplicação que se fez do remédio indicado na *Revista Espírita* de novembro de 1862, página 335 (ver também o erratum do mês de dezembro), e cuja receita foi dada por um Espírito. Um oficial de cavalaria nos disse que o farmacêutico de seu regimento teve o cuidado de prepará-la para os casos muito freqüentes de acidentes causados pelos coices dos cavalos. Sabemos que outros farmacêuticos fizeram o mesmo em outras cidades.

A propósito desse remédio, um de nossos assinantes de Eure-et-Loir nos transmite o fato seguinte, que é de seu conhecimento pessoal.

Autheuset, 6 de novembro de 1862.

"Um homem do trabalho, de nome Paquine, que mora numa comunidade dos arredores, veio me ver, há um mês, munido de duas muletas. Espantado de vê-lo assim, informei-me do acidente que lhe ocorreu. Respondeu-me que, há algum tempo, suas pernas estavam prodigiosamente inchadas e cobertas de úlceras, e que *nenhum remédio* o limpava. Esse homem é Espírita e um pouco médium. Eu lhe disse que seria preciso dirigir-se aos bons Espíritos e fazê-lo com fervor. No dia de Todos-os-Santos, eu o vi reaparecer à missa com um simples bastão. No dia seguinte, veio me ver e me contou o que segue:

- Senhor, disse-me, depois que me recomendastes empregar os bons Espíritos para obter minha cura, não faltei cada noite, e freqüentemente durante o dia, de invocá-los e lhes representar quanto meu mal me causava prejuízo para ganhar minha vida. Havia apenas cinco ou seis dias que assim pedia, quando, uma noite, estando adormecido, vi um homem todo branco aparecer no meio de meu quarto. Avançou em minha direção e pegou um pote no qual havia gordura de que me servia para acalmar as dores que me causavam minhas pernas. Mostrou-me esse pote, depois tendo pegado o tabaco que conservo num papel, mo mostrou igualmente. Em seguida, fez procurar um pequeno frasco de extrato de Saturno, depois uma garrafa de essência de terebintina, e, mostrando-me tudo, me fez sinal de que era preciso deles fazer uma mistura; indicou-me a dose, derramando-a diante de mim no pote; depois tendo-me feito sinais de amizade, desapareceu. No dia seguinte, fiz o que o Espírito me prescreveu, e a partir desse momento, minhas pernas entraram num excelente caminho de cura. Não me resta mais hoje senão uma inchação no pé, que desaparece pouco a pouco pela eficácia desse remédio, e espero logo estar livre de todo o mal.

"Eis, senhores, um fato que poderia quase ser classificado no número das curas miraculosas, creio que seria preciso levar longe o espírito de partido para não ver aí senão um fato demoníaco.

"Examinando a vulgaridade, e quase sempre a simplicidade dos remédios indicados pelos Espíritos em geral, perguntei-me se não se poderia disso concluir que o remédio, em si mesmo, não é senão uma simples fórmula, e que é a influência fluídica do Espírito que opera a cura. Esta questão poderia, creio, ser estudada.

"L. DE TARRAGON."

Esta última questão não nos parece duvidosa, sobretudo quando se conhecem as propriedades que a ação magnética pode dar às substâncias mais benignas, a água por exemplo; ora, como os Espíritos também magnetizam, certamente podem dar, a certas

substâncias, propriedades curativas segundo as circunstâncias. Se o Espiritismo nos revela todo um mundo de seres pensando e agindo, nos revela também forças materiais desconhecidas e que a ciência um dia aproveitará.

DISSERTAÇÕES ESPIRITAS.

Paz aos homens de boa vontade.

(Poitiers. Reunião preparatória de operários espíritas; médium, Sr. X...)

Meus caros amigos, a vida é curta; grande é o que a precede, grande é o que a segue; nada é senão pela vontade de Deus; nada é, em consequência, senão legítimo e de alta justiça. Vossa miséria, quando vos oprime, é um mal merecido, uma punição, não duvideis disso, de vossas faltas anteriores. Encarai-a bravamente, e levantai os olhos para o alto com resignação: a bênção e o alívio descerão. Vossos desgostos, às vezes, são a prova pedida por vosso próprio Espírito, por vosso Espírito desejoso de chegar prontamente ao objetivo final, sempre entrevisto no estado de não encarnado.

No momento em que o mundo se agita e sofre, em que a sociedade, em busca do que é verdadeiro, se contorce num parto laborioso, Deus permite que o Espiritismo, quer dizer, um raio da eterna verdade, desça das altas regiões e vos esclareça. Nosso objetivo é de vos mostrar o caminho, mas de vos deixar a vossa liberdade, quer dizer, o mérito e o demérito de vossas ações. Escutai-nos pois, e estejais certos de que a vossa felicidade é para nós uma viva preocupação. Se soubésseis quanto vossas más ações nos afligem! quanto vossos esforços para a lei de Deus nos encham de alegria! O Senhor nos disse: "Servidores de meu império, apóstolos devotados de minha lei, levai a palavra a todos; explicai a todos que a vida eterna será daqueles que praticam o Evangelho; fazei todos os homens entenderem que o bem, o belo, o grande, degraus de minha eternidade, estão encerrados nesta palavra: Amor." O Senhor nos disse: "Espíritos levianos, correi a todos: aos infelizes e aos mais felizes; do rei ao artesão; do fariseu àquele que queima a fé ardente." E iremos por todos os lados, e gritaremos aos infelizes: Resignação; à felicidade: Caridade, humildade; aos reis: Amor aos povos; ao artesão: Respeito à lei!

Meus amigos, o dia em que se fizer melhor do que nos escutar, quer dizer, o dia em que se praticar nossos preceitos, não mais de egoísmo, não mais de ciúme; não falando daí mais de misérias, mais desse luxo que é o verme roedor das sociedades e as abala; não mais desses erros morais que perturbam as consciências; não mais de revoluções, não mais de sangue! não mais desse triste preconceito que fez crer por muito tempo, às famílias reais, que os povos eram sua coisa e que tinham um outro sangue que os povos, nada mais que a felicidade! Vossos governos serão bons, porque o governante e o governado aproveitarão do Espiritismo. As ciências e as artes, levadas sobre as asas da divina caridade, se elevarão a uma altura da qual não desconfiais; vosso clima saneado pelos trabalhos agrícolas; vossas colheitas tornadas mais abundantes; estas palavras tão profundas de igualdade e de fraternidade, enfim, interpretadas sem que *ninguém pense em despojar o que possui*, realizarão, vos afirmo, as promessas de vosso Deus.

"Paz, disse seu Cristo, aos homens de boa vontade!" Não tendes tido a paz, porque não tivestes a boa vontade. A boa vontade, para os pobres e para os ricos, se chamará *caridade*. Há a caridade moral, como há a caridade material, e não as tivestes; e o pobre foi tão culpado quanto o rico!

Ouvi-me bem: Crede e amai! amai: será sempre perdoado aquele que muito amou. Crede: a fé ergue as montanhas. Prudência e doçura no apostolado novo: vossa melhor pregação será o bom exemplo. Lamentai os cegos: aqueles que não querem olhar a luz. Lamentai, não censureis! Orai, meus amigos, e a bênção de Deus estará com vossas almas. O facho da vida irradia; em todos os cantos do horizonte acendem-se os faróis; a-

tempestade vai sacudir e talvez quebrar os barcos! Mas o barqueiro que, sobre a onda furiosa, olhar sempre o farol, abordará a praia, e o Senhor lhe dirá: "Paz aos homens de boa vontade; seja bendito, tu que amaste; seja feliz, uma vez que trabalhaste para à felicidade de outrem. Meu filho, a cada um segundo as suas obras!"

F.D., antigo magistrado.

POESIA ESPÍRITA

O Doente e o seu Médico.

Conto dedicado ao Sr. redator do *Renard*, de Bordeaux, pelo Espírito batedor de Carcassonne.

"É para não tê-la mais, doutor; foi por muito forte,
Gritar outro dia um senhor de Rochefort!
Sondai-me, pois, doutor, disso estou doente;
Q globo todo está tomado de uma mania.
E preciso crer que Deus não sabe mais o seu ofício;
Ele abaixa... e eu maldigo o globo todo.
E primeiro o vapor... é assim que se caminha?
Em que se tornou o tempo de minha doce berlinda?
Esse tempo em que, sem perigo de nos quebrar o pescoço,
Partíamos de Paris vindo por Sceaux em pequena carruagem?
Fala-se de progresso!... Doutor, é ridículo!
Lançado a toda pressa, o planeta recua;
Que horrível caos!... Um cabo, um fio de ferro,
De Calais a Pequim tagarela no mar.
Um alfaiate sem agulha tem a audácia de coser;
Da água se fez ferro; do algodão da pólvora;
Um mau pintor, não tendo por pincel senão um aparelho,
Vos venderá retratos fabricados ao sol!
Glória, glória ao passado! Neste século frívolo
A igualdade urra; o povo tem a palavra!
De escrever em pleno Bordeaux, Sabò está advertido!
Vós o vedes, doutor, tudo está transtornado.
Dos malabaristas eu saberia descobrir a malícia;
Prevenirei, com a brega! o chefe do *Etincelle*;
É lá que, sabre na mão, um crânio nos defende,
Isso não é tudo, doutor, ó escândalo! pretende-se
Que, do bom La Fontaine emprestando a fórmula,
Um verdadeiro morto, *um Espírito*, nos dá a palmatória."
-Aqui, de Rochefort projeta, depois repete:
"Doutor, de boa fé, credes no Espírito?
- Bah! disse-lhe o doutor! fazendo o bom apóstolo,
O Espírito?... Nele não creio, meu caro... mesmo no vosso."

Nota. Este conto, sobre o mérito do qual deixamos juizes os nossos leitores, foi obtido espontaneamente pela *tiptologia*, mandante de outras encantadoras poesias do mesmo médium, a propósito de um espirituoso artigo do Sr. *Aug. Bez*, inserido no *Renard*, que quer muito abrir suas colunas aos adeptos do Espiritismo. O *Etincelle* é um outro jornal de Bordeaux, redigido pelo Sr. de Rattier, e que lança contra o Espiritismo força faiscante com o objetivo de incendiá-lo, mas que, até o presente, não conseguiu senão pro-

duzir uma iluminação semelhante à dessas faíscas de fogos de artifícios que se extinguem antes de ter tocado a terra. Quando ao Sr. de Rochefort, ele achará, sem dúvida, esta poesia malsã.

SUBSCRIÇÃO RUANESA.

Depósitos feitos no escritório da *Revista Espírita*, em janeiro de 1863:

Sociedade Espírita de Paris: 423 fr. - O príncipe de Géorgie, 20fr.;
Sr. e Sra. Aumont, libr. 5 fr.; Courtois, 2fr.; Dole, desenhista lit., 5fr.;
Roger, 20 fr.; Yvose, 10 fr.; senhora Hilaire, 20 fr.;..... 505fr.OO

Sociedades e grupos espíritas: de Sens, 60 fr. 05; de Orléans, 40 fr.;
de Marennes, 34 fr. 50 - Sr. e Sra. Bodin, (de Cognac), 20 fr.;
Borreau (de Niort), 3 fr. Bitaubé (de Blaye), 5 fr.;
Bourgès, ten. (de Provins), 10 fr.; Blin, cap. (de Marseille), 20fr.;
Lausat (de Condom), 5fr.; Petitjean, alfaiate e seu operário
(de Joenville H.M.), 7fr.; Auzanneau (deNeuville), 10fr.;
Lafager (deTarbes),5fr.; Jouffroy (de Gaillon), 6 f r.;
Noël (de Boné), 10fr.; D... (Guelma), 2fr.50;
N...(IlhadeRé),9fr.-DePoitiers:Sr.BarbaultdeLaMotte, ant. magistrado, 100 fr.;
Senhora Baubault de la Motte, 100fr.; Sr. Frothier, escultor, 20fr.;
Sr. Bonvalet, operário, 10 fr. – Soc. Espírita de Montreuil -sur-Mer, 74 fr..... 497 05

Espíritas e colônia francesa de Barcelona (Espanha):

Sr. e Sra. Henri de Vincio, François Nerici, Ernest Laloux,
DésiréMaigrin,Mauricel_achâtre, senhoritaMarieGarette, 100 fr. –
Sr. e Sra. Achon, Ziegler, Ed. Bettiz, G. Sins, J. C. Carpentier, Holder,
Muller, J. Arto, Devenel, 80fr.; senhorita Nerici, 5 fr.; Simonnet,
batedor de ouro, 10 fr.; senhorita Caroline Vignes, 10 fr.; senhora
Guizy, 20 fr.; Sr. e Sra. Guizy,30fr.; E. B., 5fr.; Emprin, comissário,
10fr.; Marius Brunos, sapateiro, 5 fr.; Leconte, irmãos, 25 fr.; Hardy,
pai, 5 fr.; Flocon, viajante de comércio, 5 fr.; Bonsignori, joalheiro, 1 fr.;
Louis Pintrau, fundidor, 1 fr.; Canais etC^e, neg. 15 fr.; Cousseau et
C^e, tapeceiros, 10 fr.; Tasimez Bion, 1 fr.; Subernie, 1 fr.; Dupont, 2 fr.;
Paul, irmãos, fabricantes, 50 f r.; Garcerie, novidades, 10 fr.;
senhoras Curei, modas, 10 fr.; Antoinette Fournols, costureira, 10 fr.;
Sr. e Sra. Emile Cousoles, bandagista, 5 fr.; J. Hugon, 10fr.; Louis
Verdereau, novidades, 20fr.;Torri, chapeleiro, 5 fr.; Joseph Faur, 1 fr.;
A. C. 5 fr.; Gustave Fouquel, 1 fr.; Lavallée, 5 fr.; Fournier, 3fr. 75;
B. J. J. Maumus, 3fr.; Thiébault, 2 fr..... 489 35
Total.....-..... 1491fr.40
A subscrição permanece aberta.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

6^a ANO

NO. 3

MARÇO 1863

A LUTA ENTRE O PASSADO E O FUTURO.

Uma verdadeira cruzada ocorre neste momento contra o Espiritismo, assim como isso nos foi anunciado; de diversos lados se nos assinalam escritos, discursos e mesmo atos de violência e de intolerância; todos os Espíritas devem se alegrar com isso, porque é a prova evidente de que o Espiritismo não é uma quimera. Fariam tanto barulho por uma mosca que voa?

O que excita, sobretudo, essa grande cólera é a prodigiosa rapidez com a qual a idéia nova se propaga, apesar de tudo o que se fez para detê-la. Também nossos adversários, forçados pela evidência de reconhecer que esse progresso invade as classes mais esclarecidas da sociedade e mesmo os homens de ciência, se reduziram a deplorar esse arrastamento fatal que conduz a sociedade inteira aos manicômios. A zombaria esgotou seu arsenal de piadas e de sarcasmos, e essa arma, que se diz tão terrível, não pôde colocar os galhofeiros de seu lado, prova de que não tem matéria para rir. Não é menos evidente que ela não tirou um único partidário à Doutrina, longe disso, uma vez que aumentaram a olhos vistos. A razão disso é bem simples: reconheceu-se prontamente tudo o que há de profundamente religioso nessa Doutrina que toca as cordas mais sensíveis do coração, que eleva a alma para o infinito, que faz reconhecer a Deus àqueles que o tinham desconhecido; ela arrancou tantos homens ao desespero, acalmou tantas dores, cicatrizou tantas feridas morais, que os tolos e os chatos gracejos derramados sobre ela inspiraram mais desgosto do que simpatia. Os zombadores em vão se incomodaram sem proveito para fazer rir às suas custas; há coisas das quais, instintivamente, sente-se que não se pode rir sem profanação.

No entanto, se algumas pessoas, não conhecendo a Doutrina senão pelos gracejos sem graça, puderam crer que não se tratava senão de um sonho oco, de elucubração de um cérebro danificado, o que se passa é bem feito para desenganá-los. Ouvindo tantas declamações iradas, devem dizer a si mesmo que é mais sério do que não pensavam.

A população pode se dividir em três classes: os crentes, os incrédulos e os indiferentes. Se o número dos crentes centuplicou depois de alguns anos, isso não pode ser senão às custas das duas outras categorias. Mas os Espíritos que dirigem o movimento acharam que as coisas não iam ainda bastante depressa. Há ainda, disseram a si mesmos, muitas pessoas que não ouviram falar do Espiritismo, sobretudo no campo; é tempo de que a Doutrina ali penetre; além disso, é preciso despertar os indiferentes adormecidos. A zombaria fez seu trabalho de propaganda involuntária, mas tirou todas as flechas de seu estojo, mas as setas que ela dispara ainda são menos cortantes; é um fogo muito pálido agora. É preciso alguma coisa mais vigorosa, que faça mais barulho do que o tinir dos folhetins, que repercuta mesmo nas solidões; é preciso que a última aldeia ouça falar do Espiritismo. Quando a artilharia voltar, cada um se perguntará: O que há? e quererá ver.

Quando fizemos a pequena brochura: *O Espiritismo em sua mais simples expressão*, perguntamos aos nossos guias espirituais que efeito ela produziria. Foi-nos respondido:

ela produzirá um efeito ao qual não esperas, quer dizer, teus adversários ficarão furiosos em ver uma publicação destinada, pelo seu extremo preço pouco elevado, a ser difundida em massa e penetrar por toda a parte. Anunciado te foi um grande desdobramento de hostilidades, tua brochura dele será o sinal. Não te preocupes com isso, conheces o fim. Eles se irritam em razão da dificuldade em refutar teus argumentos. - Uma vez que assim é, dissemos, essa brochura, que deveria ser vendida por 25 centavos, será dada por duas moedas. O acontecimento justificou essas previsões, e disso nos felicitamos.

Tudo o que se passa, aliás, foi previsto e deveria ser para o bem da causa. Quando virdes alguma grande manifestação hostil, longe de vos amedrontar com ela, alegrai-vos, porque foi dito: o estrondo do raio será o sinal da aproximação dos tempos preditos. Orai então, meus irmãos; orai sobretudo pelos vossos inimigos, porque serão tomados de uma verdadeira vertigem.

Mas nem tudo ainda se cumpriu; a chama da fogueira de Barcelona não subiu tão alto. Se ela se renova em alguma parte, guardai-vos de extingui-la, porque ela se elevará mais, semelhante a um farol, será vista de longe, e ficará na lembrança das idades. Deixai, pois, fazer e em nenhuma parte oponde a violência à violência; lembrai-vos de que o Cristo disse a Pedro para guardar sua espada na bainha. Não imiteis as seitas que se entredilaceraram em nome de um Deus de paz, que cada um chamava em ajuda aos seus furores. A verdade não se prova pelas perseguições, mas pelo raciocínio; as perseguições, em todos os tempos, foram a arma das más causas, e daqueles que tomam o triunfo da força bruta pelo da razão. A perseguição é um meio mau de persuasão; pode momentaneamente abater o mais fraco, convencê-lo, jamais; porque, mesmo na aflição em que o tiver mergulhado, exclamará, como Galileu em sua prisão: *e pur si muovel* Recorrer à perseguição é provar que se conta pouco com o poder de sua lógica. Não useis, pois, de represálias: à violência oponde a doçura e uma inalterável tranqüilidade; restitui aos vossos inimigos o bem pelo mal; por aí dareis um desmentido às suas calúnias, e forçá-los-eis a reconhecer que vossas crenças são melhores do que eles dizem.

A calúnia! direis; pode-se ver com sangue frio nossa Doutrina indignamente deturpada por mentiras? acusada de dizer o que não disse, de ensinar o contrário do que ela ensina, de produzir o mal ao passo que não produz senão o bem? A própria autoridade daqueles que têm uma tal linguagem não pode dobrar a opinião, retardar o progresso do Espiritismo?

Incontestavelmente está aí seu o objetivo; atingi-lo-ão? é uma outra questão, e não hesitamos em dizer que chegam a um resultado todo contrário: o de se desacreditarem e à sua causa. A calúnia, sem contradita, é uma arma perigosa e pérfida, mas tem dois gumes e fere sempre aquele que dela se serve. Recorrer à mentira para se defender é a mais forte prova de que não se tem boas razões para dar, porque, tendo-as, não se deixaria de fazê-las valer. Dizeis que uma coisa é má, se tal é vossa opinião; gritai-o sobre os telhados, se bom vos parece, cabe ao público julgar se estais no erro ou na verdade; mas deturpá-la para apoiar vosso sentimento, desnaturá-la, é indigno de todo homem que se respeita. Nos relatórios das obras dramáticas e literárias, vêem-se freqüentemente apreciações muito opostas; um crítico louva exageradamente o que um outro achincha: é seu direito; mas o que se pensaria daquele que, para sustentar a sua censura faria o autor dizer o que não disse, lhe emprestaria maus versos para provar que sua poesia é detestável?

Ocorre assim com os detratores do Espiritismo: pelas suas calúnias mostram a fraqueza de sua própria causa e a desacreditam fazendo ver a que lamentáveis extremismos são obrigados a recorrer para sustentá-la. De que peso pode ser uma opinião fundada sobre erros manifestos? De duas coisas uma, ou esses erros são voluntários, e então se vê a má fé; ou são involuntários, e o autor prova sua inconseqüência falando do que não sabe; num e noutro caso perde todo direito à confiança.

O Espiritismo não é uma Doutrina que caminha na sombra; ele é conhecido, seus princípios são formulados de maneira clara, precisa, e sem ambigüidade. A calúnia, pois, não poderia atingi-lo; basta, para convencê-la de impostura, dizer: lede e vede. Sem dúvida, é útil desmascará-la; mas é preciso fazê-lo com calma, sem aspereza nem recriminação, limitando-se a opor, sem discursos supérfluos, o que é do que não é; deixai aos vossos adversários a cólera e as injúrias, guardai para vós o papel da força verdadeira: o da dignidade e da moderação.

De resto, não é preciso exagerar as conseqüências dessas calúnias, que levam consigo o antídoto de seu veneno, e são em definitivo mais vantajosas do que nocivas. Forçosamente, elas provocam o exame de homens sérios que querem julgar as coisas por si mesmos, e nisso são excitados em razão da importância que se lhe dá; ora, o Espiritismo, longe de temer o exame, provoca-o, e não se lamenta senão de uma coisa, é que tantas pessoas dele falam como os cegos das cores; mas graças aos cuidados que nossos adversários tomam em fazê-lo conhecer, esse inconveniente logo não existirá mais, e é tudo o que pedimos. A calúnia que ressalta desse exame engrandece-o em lugar de rebaixá-lo.

Espíritas, não lamenteis, pois, essas deturpações; não tirarão nenhuma das qualidades do Espiritismo; ao contrário, as farão ressaltar com mais estrondo pelo contraste, e se voltarão para a confusão dos caluniadores: essas mentiras, certamente, podem ter por efeito imediato enganar algumas pessoas, e mesmo desviá-las; mas o que é isso? O quê são alguns indivíduos perto das massas? Sabeis, vós mesmos, quanto o seu número é pouco considerável. Que influência isso pode ter sobre o futuro? Esse futuro vos está assegurado: os fatos realizados vos respondem por ele, e cada dia vos traz a prova da inutilidade dos ataques de nossos adversários. A doutrina do Cristo não foi caluniada, qualificada de subversiva e de ímpia? Ele mesmo não foi tratado como velhaco e como impostor? Perturbou-se com isso? Não, porque sabia que seus inimigos passariam e que a sua doutrina ficaria. Assim o será com o Espiritismo. Singular coincidência! Não é outro senão o chamado à pura lei do Cristo, e é atacada com as mesmas armas! Mas seus detratores passarão; é uma necessidade à qual ninguém pode se subtrair. A geração atual se extingue todos os dias, e com ela vão os homens imbuídos dos preconceitos de um outro tempo; a que se ergue está nutrida de idéias novas, e sabeis, aliás, que se compõe de Espíritos mais avançados que devem fazer, enfim, a lei de Deus reinar sobre a Terra. Olhai, pois, as coisas de mais alto; não as vejais do ponto de vista restrito do presente, mais estendei vossos olhares para o futuro e dizei a vós mesmos: O futuro é nosso; que nos importa o presente! que nos fazem as questões de pessoas! as pessoas passam, as instituições ficam. Pensai que estamos num momento de transição; que assistimos à luta entre o passado que se debate e se coloca para trás, e o futuro que nasce e se coloca para adiante. Quem levará a melhor? O passado é vicioso e caduco, - falamos das idéias, - ao passo que o futuro é jovem, e caminha para a conquista do progresso que está nas leis de Deus. Os homens do passado se vão com ele; os do futuro chegam; saibamos, pois, esperar com confiança e nos felicitemos por sermos os primeiros pioneiros encarregados de arrotear o terreno. Se temos o trabalho, teremos o salário. Trabalhemos, pois, não para uma propaganda colérica e irrefletida, mas com a paciência e a perseverança do trabalhador que sabe o tempo que lhe é preciso para chegar à colheita. Semeemos a idéia, mas não comprometamos a colheita por um ensinamento intempestivo e por nossa impaciência, antecedendo a estação própria para cada coisa. Cultivemos sobretudo as plantas férteis que não pedem senão produzir; são bastante numerosas para ocupar todos os nossos instantes, sem usar nossas forças contra rochas irremovíveis que Deus se encarrega de abalar e destruir, quando chegar seu tempo, porque se tem a força de elevar as montanhas, tem a de abaixá-las. Tiremos a figura, e digamos simplesmente que há resistências que seria supérfluo procurar vencer, e que se obstinam mais por amor-próprio, ou por interesse, do que por convicção; seria perder seu tempo procurar trazê-los a si; não cederão senão diante da força da opinião. Recrutemos os adeptos entre as pessoas de

boa vontade, que não faltam; aumentemos a falange de todos aqueles que, cansados da dúvida e assustados com o nada materialista, não pedem senão crer, e logo o número deles será tal que os outros acabarão por se render à evidência. Esse resultado já se manifesta, e esperai, dentro em pouco, a ver em vossa fileiras aqueles que nela não esperáveis senão os últimos.

OS FALSOS IRMÃOS E OS AMIGOS DESAJEITADOS.

Assim como demonstramos em nosso artigo precedente, nada poderia prevalecer contra a destinação providencial do Espiritismo. Do mesmo modo que ninguém pode impedir a queda daquele que, nos decretos divinos: homens, povos ou coisas, deve cair, ninguém pode deter a marcha do que deve ir adiante. Esta verdade, com relação ao Espiritismo, ressalta dos fatos realizados, e muito mais ainda de um outro ponto capital. Se o Espiritismo fosse uma simples teoria, um sistema, poderia ser combatido por um outro sistema, mas ele repousa sobre uma lei natural, tudo tão bem quanto o movimento da Terra. A existência dos Espíritos é inerente à espécie humana; não se pode, pois, fazer que não seja, e não se pode mais proibi-los de se manifestar quanto não se pode impedir o homem de caminhar. Não têm necessidade, para isso, de nenhuma permissão, e se riem de todas as proibições, porque não é preciso perder de vista que, além das manifestações mediúnicas propriamente ditas, há manifestações naturais e espontâneas, que se produziram em todos os tempos e se produzem todos os dias, entre uma multidão de pessoas que jamais ouviram falar dos Espíritos. Quem poderia, pois, se opor ao desenvolvimento de uma lei da Natureza? Sendo essa lei obra de Deus, insurgir-se contra ela é se revoltar contra Deus. Estas considerações explicam a inutilidade dos ataques dirigidos contra o Espiritismo. O que os Espíritos têm a fazer, em presença dessas agressões, é continuar pacificamente seus trabalhos, sem fanfarrice, com a calma e a confiança que dá a certeza de chegar ao objetivo.

No entanto, se nada pode deter a marcha geral, há circunstâncias que podem lhe trazer entraves parciais, como uma pequena barragem pode abrandar o curso de um rio sem impedi-lo de correr. Desse número são as providências inconseqüentes de certos adeptos mais zelosos do que prudentes, que não calculam bastante a importância de seus atos ou de suas palavras; por aí produzem, nas pessoas ainda não iniciadas na Doutrina, uma impressão desfavorável, muito mais própria para afastá-las do que as diatribes dos adversários. O Espiritismo, sem dúvida, está muito difundido, mas o seria ainda mais se todos os adeptos tivessem sempre escutado os conselhos da prudência, e sabido conter-se numa sábia reserva. Sem dúvida, é preciso ter em conta a intenção, mas é certo que mais de um justificou o provérbio: *Mais vale um inimigo confesso do que um amigo desajeitado*. O pior disto, é fornecer armas aos adversários que sabem habilmente explorar uma imperícia. Não saberemos, pois, senão recomendar aos Espíritos para refletirem maduramente antes de agir; em semelhante caso a prudência manda não se referir à sua opinião pessoal. Hoje, que de todos os lados se formam grupos ou sociedades, nada é mais simples do que se concordar antes de agir. O verdadeiro Espírita, não tendo em vista senão o bem da coisa, sabe fazer abnegação do amor-próprio; crer em sua própria infalibilidade, recusar em aceitar a opinião da maioria, e persistir num caminho que se demonstra mau e comprometedor, não é o fato de um verdadeiro Espírita; isto seria dar prova de orgulho, se não for o fato de uma obsessão.

Entre as imperícias, é preciso colocar, em primeira linha, as publicações intempestivas ou excêntricas, porque são os fatos que mais repercutem. Nenhum Espírita ignora que os Espíritos estão longe de terem a soberana ciência; muitos dentre eles sabem disso menos do que certos homens, e, como certos homens também, não têm menos a pretensão de tudo saber. Sobre todas as coisas, têm sua opinião pessoal, que pode ser justa ou

falsa; ora, como os homens ainda, são geralmente aqueles que têm as idéias mais falsas que são os mais obstinados. Esses falsos sábios falam de tudo, excitam os sistemas, criam utopias, ditam as coisas mais excêntricas, e ficam felizes de encontrar intérpretes complacentes e crédulos que aceitam suas elucubrações de olhos fechados. Essas espécies de publicações têm gravíssimos inconvenientes, porque o médium engana-se a si mesmo, freqüentemente seduzido por um nome apócrifo, as dá como coisas sérias das quais a crítica se apodera com pressa para denegrir o Espiritismo, ao passo que, com menos presunção, bastar-lhe-ia aconselhar-se com seus colegas para ser esclarecido. É muito raro que, nesse caso, o médium não ceda à injunção de um Espírito que quer, ai! ainda como certos homens, a toda força ser impresso; com mais experiência, saberia que os Espíritos verdadeiramente superiores aconselham, mas não se impõem nem gabam jamais, e que toda prescrição imperiosa é um sinal suspeito.

Quando o Espiritismo for completamente assistido e conhecido, as publicações dessa natureza não terão mais inconvenientes do que os maus tratados de ciências não têm em nossos dias; mas no início, nós o repetimos, elas têm um lado muito deplorável. Não se saberia, pois, em fato de publicidade, trazer mais circunspecção, nem calcular com mais cuidado o efeito que pode ser produzido sobre o leitor. Em resumo, é um grave erro crer-se obrigado a publicar tudo o que ditam os Espíritos, uma vez que, se há os bons e esclarecidos, há os maus e ignorantes; importa fazer uma escolha muito rigorosa de suas comunicações, podendo tudo o que é inútil, insignificante, falso ou de natureza a produzir uma impressão má. É preciso semear, sem dúvida, mas semear a boa semente e em tempo oportuno.

Passemos a um assunto mais sério ainda, os *falsos irmãos*. Os adversários do Espiritismo, alguns pelo menos, porque pode e deve haver os de boa fé, não são, como se sabe, muito escrupulosos sobre a escolha dos meios; tudo é para eles de boa guerra, e quando não se pode tomar uma cidadela de assalto, ela é minada por baixo. Na falta de boas razões, que são as armas leais, se os vê, todos os dias derramar sobre o Espiritismo a mentira e a calúnia. A calúnia é odiosa, eles bem o sabem, e a mentira pode ser desmentida, e também procuram fatos para se justificarem; mas como encontrar fatos comprometedores entre pessoas sérias, se não for os produzidos por si mesmo ou por associados? O perigo não está nos ataques de viva força; nem está nas perseguições, nem mesmo na calúnia, como vimos; mas está nas astúcias ocultas empregadas para desacreditar e arruinar o Espiritismo por si mesmo. Triunfarão? É o que examinaremos dentro em pouco.

Já chamamos a atenção sobre essa manobra no relatório de nossa viagem em 1862 (página 45), porque, no nosso caminho, recebemos três beijos de Judas dos quais não fomos vítima, embora nada tenham manifestado; de resto deles havíamos sido prevenidos antes de nossa partida, assim como as armadilhas que nos seriam estendidas. Mas ficamos de olho sobre eles, certo de que um dia mostrarão as suas verdadeiras intenções, porque é tão difícil a um falso Espírita arremedar sempre o verdadeiro Espírita, do que um mau Espírita simular um Espírito superior; nem um nem o outro podem sustentar por muito tempo seu papel.

De várias localidades nos assinalam indivíduos, homens ou mulheres, com antecedentes e com relações suspeitas, cujo zelo aparente pelo Espiritismo não inspira senão uma medíocre confiança, e não estamos surpresos de encontrar os três Judas dos quais falamos: há-os no baixo e no alto da escala. De sua parte, freqüentemente, é mais que do zelo; é do entusiasmo, uma admiração fanática. Segundo ele seu devotamento vai até o sacrifício de seus interesses, e apesar disso não atraem nenhuma simpatia: um fluido malsão parece envolvê-los; sua presença nas reuniões ali lança um manto de gelo. Acrescentemos que há os que cujos meios de existência *tornam-se* um problema, em província sobretudo onde todo o mundo se conhece.

O que caracteriza principalmente esses pretensos adeptos é sua tendência em fazer o Espiritismo sair de seus caminhos de prudência e de moderação pelo seu ardente desejo do triunfo da verdade; a impelir as publicações excêntricas, a se extasiar de admiração diante das comunicações apócrifas mais ridículas, e que eles têm o cuidado de difundir; a provocar, nas reuniões, assuntos comprometedores sobre a política e a religião, sempre para o triunfo da verdade que não precisam ter sob o alqueire; seus elogios sobre os homens e as coisas são golpes de turíbulo a quebrar cinqüenta faces: são os Fanfarrões do Espiritismo. Outros são mais adocicados e mais insinuantes; sob seu olhar oblíquo e com palavras melosas, sopram a discórdia, pregando a desunião; lançam jeitosamente sobre o tapete questões irritantes ou ferinas, assunto de natureza a provocar dissidências; excitam um ciúme de preponderância entre os diferentes grupos, e ficam encantados em vê-los se lançarem pedra, e, em favor de algumas divergências de opinião sobre certas questões de forma e de fundo, o mais freqüentemente provocadas, levantar bandeira contra bandeira.

Alguns fazem, em seu dizer, um excessivo consumo de livros espíritas, do qual os livreiros quase não se apercebem, e uma propaganda exagerada; mas, por efeito do acaso, a escolha de seus adeptos é infeliz; uma fatalidade leva-os a se dirigirem de preferência a pessoas exaltadas, às idéias obtusas, ou que já deram sinais de aberração; depois, apresentando-se ocasião a deploram gritando-a por toda parte, constata-se que essas pessoas se ocupam do Espiritismo, do qual na maior parte do tempo não compreenderam a primeira palavra. Aos livros espíritas que esses apóstolos zelosos distribuem generosamente, freqüentemente, acrescentam não críticas, isso seria imperícia, mas livros de *magia* e de *feiticeira*, ou escritos políticos pouco ortodoxos, ou diatribes ignóbeis contra a religião, a fim de que, apresentando-se a ocasião, fortuita ou não, se possa, numa verificação, confundir o todo reunido.

Como é mais cômodo ter as coisas sob a mão, para ter comparsas dóceis, o que se acha por toda parte, há os que organizam ou fazem organizar reuniões onde se ocupa, de preferência, daquilo que o Espiritismo precisamente recomenda para não se ocupar, e onde se tem o cuidado de atrair estranhos que não são sempre os amigos; ali o sagrado e o profano são indignamente confundidos; os nomes mais veneráveis são misturados às práticas mais ridículas da magia negra, com acompanhamento de sinais e palavras cabalísticas, talismãs, tripés sibilinos e outros acessórios; alguns a isso acrescentam, como complemento, e às vezes como produto lucrativo, a cartomancia, a quiromancia, a marca de café, o sonambulismo pago, etc.; Espíritos complacentes, que ali encontram intérpretes não menos complacentes, predizem o futuro, dizem a sorte, descobrem os tesouros escondidos e os tios da América, indicam, se for preciso, o curso da Bolsa e os números vencedores da loteria; depois, um belo dia, a justiça intervém, ou bem vê-se num jornal o relatório de uma sessão de Espiritismo à qual o autor assistiu e conta o que viu, com seus próprios olhos viu.

Tentareis reconduzir todas essas pessoas a idéias mais sadias? Seria tempo perdido, e se compreende o porquê: a razão e o lado sério da Doutrina não são seu negócio; é o que os mais atormenta; dizer-lhes que prejudica a causa, que dão armas aos seus inimigos, é elogiá-los; sendo seu objetivo desacreditá-la, tendo ar de defendê-la. Instrumentos, não temem nem de comprometer os outros levando-os sob o rigor da lei, e nem de se colocar eles mesmos, porque sabem ali encontrar compensação.

Seu papel não é sempre idêntico; varia segundo sua posição social, suas aptidões, a natureza de suas relações e o elemento que os faz agirem; mas o objetivo é sempre o mesmo. Nem todos empregam meios tão grosseiros, mas que nem por isso são menos pérfidos. Lede certas publicações supostamente simpáticas à idéia, mesmo em aparência defensiva da idéia, pesai-lhes todos os pensamentos, e vede se, às vezes, ao lado de uma aprovação colocada à guisa de cobertura e de etiqueta, não descobrireis, lançado como por acaso, um pensamento insidioso, uma insinuação de duplo sentido, um fato

contado de maneira ambígua e podendo se interpretar num sentido desfavorável. Entre eles há os menos velados, e que, sob o manto do Espiritismo, são evidentemente feitos tendo em vista suscitar divisões entre os adeptos. Perguntar-se-nos-ão, sem dúvida, se todas as torpezas das quais acabamos de falar são invariavelmente o fato de manobras ocultas, ou uma comédia representada num objetivo interessado, e se elas não podem ser também o de um movimento espontâneo; em uma palavra, se todos os Espíritas são homens de bom senso e incapazes de se enganar?

Pretender que todos os Espíritas são infalíveis seria tão absurdo quanto a pretensão de nossos adversários de terem, só eles, o privilégio da razão. Mas se há os que se enganam, é, pois, que menosprezam o sentido e o objetivo da Doutrina; nesse caso, sua opinião não pode fazer lei, e é ilógica ou desleal, segundo a intenção, de tomar a idéia individual pela idéia geral, e de explorar uma exceção. Ocorreria o mesmo tomando-se as aberrações de alguns sábios pelas regras da ciência. Àqueles diremos: Se quereis saber de que lado está a presunção de verdade, estudai os princípios admitidos pela imensa maioria, se não for ainda a unanimidade absoluta dos Espíritas do mundo inteiro.

Os crentes de boa fé podem, pois, se enganar, e não consideramos um crime não pensarem como nós; se, entre as torpezas relatadas acima, fossem elas o fato de uma opinião pessoal, não se poderia nisso ver senão desvios isolados, lamentáveis, dos quais seria injusto fazer recair a responsabilidade sobre a Doutrina, que os repudia vivamente; mas se dizemos que podem ser o resultado de manobras interesseiras, é que nosso quadro foi tomado sobre modelos. Ora, como é a única coisa que o Espiritismo haja, verdadeiramente, que temer no momento, convidamos todos os adeptos sinceros a se manterem em guarda evitando as armadilhas que se poderia estender-lhes. Para esse efeito, não poderiam ser mais circunspectos sobre os elementos a introduzir em suas reuniões, nem repelir com muito cuidado todas as sugestões que tendessem a desnaturar-lhe o caráter essencialmente moral. Mantendo ali a ordem, a dignidade e a seriedade que convém a homens sérios, se ocupando de uma coisa séria, fecharão o acesso aos mal intencionados que se retirarão quando reconhecerem que ali nada têm a fazer. Pelos mesmos motivos, devem declinar toda solidariedade com as reuniões formadas fora das condições prescritas pela sã razão e os verdadeiros princípios da Doutrina, se não podem conduzi-los para um bom caminho.

Como se vê, há uma grande diferença, certamente, entre os falsos irmãos e os amigos desajeitados, mas, sem o querer, o resultado pode ser o mesmo: desacreditar a Doutrina. A nuance que os separa, freqüentemente, não está senão na intenção, o que faz que se possa, algumas vezes, confundir-los e, vendo-os servir os interesses do partido adverso, supor que foram ganhados por ele. A circunspeção é, pois, nesse momento sobretudo, mais necessária do que nunca, porque não é preciso esquecer que palavras, ações ou escritos inconsiderados são explorados, e que os adversários se encantam em poderem dizer que isso vem dos Espíritas.

Nesse estado de coisas, compreende-se quais armas a especulação, em razão dos abusos aos quais pode dar lugar, podem oferecer aos detratores para apoiar sua acusação de malabarismos. Isso pode, pois, em certos casos, ser uma armadilha estendida da qual é preciso desconfiar. Ora, como não há malabarismo filantrópico, a abnegação e o desinteresse absoluto dos médiuns tiram aos detratores um de seus mais poderosos meios de difamação interrompendo toda discussão sobre esse assunto.

Levar a desconfiança ao excesso seria um erro muito grave, sem dúvida, mas num tempo de luta, e quando se conhece a tática do inimigo, a prudência se torna uma necessidade que não exclui, de resto, nem a moderação, nem a observação das conveniências das quais jamais se deve desistir. Aliás, não se poderia equivocar-se sobre o caráter do verdadeiro Espírita; há nele uma franqueza de maneiras que desafia toda suspeita, sobretudo quando é corroborada pela prática dos princípios da Doutrina. Que se levante bandeira contra bandeira, como procuram fazê-lo nossos antagonistas, o futuro de cada um

está subordinado à soma de consolações e de satisfação moral que trazem; um sistema não pode prevalecer sobre um outro senão com a condição de ser mais lógico, e do qual a opinião pública é o soberano juiz; em todos os casos, a violência, as injúrias e a aspereza são maus antecedentes e uma recomendação pior ainda.

Resta a examinar as conseqüências desse estado de coisas. Essas astúcias podem, sem contradita, momentaneamente, trazer algumas perturbações parciais, por isso é preciso desmanchá-las tanto quanto possível, mas elas não poderiam prejudicar o futuro; primeiro porque não terão senão um tempo, uma vez que são uma manobra da oposição que cairá pela força das coisas; em segundo lugar que, o que quer que se diga e que se faça, não tirará jamais, à Doutrina, seu caráter distintivo, sua filosofia racional nem sua moral consoladora. Será estranho torturá-la e deturpá-la, fazer os Espíritos falarem à sua vontade, ou recolher comunicações apócrifas para lançar contradições como obstáculos, não se fará prevalecer um ensinamento isolado, fosse ele verdadeiro e não suposto, contra aquele que é dado de todas as partes. O Espiritismo se distingue de todas as outras filosofias naquilo que não é o produto da concepção de um único homem, mas de um ensino que cada um pode receber sobre todos os pontos do globo, e tal é a consagração que recebeu *O Livro dos Espíritos*. Este livro, escrito sem equívoco possível e ao alcance de todas as inteligências, será sempre a expressão clara e exata da Doutrina, e a transmitirá intacta àqueles que virão depois de nós. As cóleras que provoca são um indício do papel que está chamado a desempenhar, e da dificuldade de lhe opor alguma coisa de mais séria. O que fez o rápido sucesso da Doutrina Espírita são as consolações e as esperanças que ela dá; todo sistema que, pela negação dos princípios fundamentais, tendesse a destruir a própria fonte dessas consolações, não poderia ser acolhido com mais favor.

É preciso não perder de vista que estamos, como dissemos, em momento de transição, e que nenhuma transição se opera sem conflito. Que não se admire, pois, em ver se agitarem as paixões em jogo, as ambições comprometidas, as pretensões frustradas, e cada um tentar recobrar o que vê lhe escapar, aferrando-se ao passado; mas pouco a pouco tudo isso se apaga, a febre se acalma, os homens passam, e as idéias novas ficam. Espíritas, elevai-vos pelo pensamento, levai vosso olhares vinte anos à frente, e o presente não vos inquietará.

MORTE DO SR. GUILLAUME RENAUD, DE LYON.

No domingo, 1o. de fevereiro, ocorreram em Lyon, os funerais do Sr. Guillaume Renaud, antigo oficial, medalha de Sainte-Hélène, um dos mais antigos e mais fervorosos Espíritas dessa cidade, muito conhecido entre seus irmãos em crença. Embora professasse, sobre alguns pontos de forma que combatemos, e pouco importante de resto e que não tocam o fundo da Doutrina, idéias particulares que não eram partilhadas por todos, não era menos por isso geralmente querido e estimado por causa da bondade de seu caráter e de suas eminentes qualidades morais, e se estivéssemos em Lyon nesse momento, ficaríamos felizes de lançar algumas flores em seu túmulo. Que ele receba aqui, assim como a sua família e seus amigos particulares, este testemunho de nossa afetuosa lembrança.

O Sr. Renaud, homem simples e modesto, não era quase conhecido fora de Lyon, e no entanto sua morte repercutiu até numa aldeia da Haute-Saône, onde ela foi contada do púlpito, no domingo 8 de fevereiro, da seguinte maneira:

O vigário da paróquia, conversando com seus paroquianos dos *horrores* do Espiritismo, acrescentou que "o chefe dos Espíritas de Lyon tinha morrido há três ou quatro dias; que tinha recusado os sacramentos; que não havia em seu enterro senão dois ou três Espíritas, sem parentes nem padres; se o chefe dos Espíritas (fazendo alusão ao Sr. Allan

Kardec) viesse a morrer, o lamentaria se fizesse como o de Lyon. Depois concluiu dizendo que não negava nada dessa doutrina, que não afirmava nada, senão que é o demônio que age contra a vontade de Deus."

Se quiséssemos revelar todas as falsidades que se debitam ao Espiritismo, para tentar mudar seu objetivo e seu caráter, com isso encheríamos nossa Revista. Como isso pouco nos inquieta, deixamos dizer, nos limitamos a recolher as notas que nos são dirigidas, para utilizá-las ulteriormente, se houver lugar, na história do Espiritismo. Nas circunstâncias das quais acabamos de falar, trata-se de um fato material sobre o qual o Sr. vigário, sem dúvida, foi mal informado, porque não queremos supor que ele haja querido conscientemente induzir ao erro. Sem dúvida, teria feito melhor pondo menos pressa e esperando informações mais exatas.

Acrescentaremos que, nessa comunidade, fez-se, há pouco tempo, a propósito da morte de um de seus habitantes, difundir o boato - algum mau cômico sem dúvida - que a sociedade dos *Irmãos batedores*, composta de sete ou oito indivíduos da comunidade, queria fazer ressuscitar os mortos colocando-lhes, sobre a fronte, emplastos, feitos com uma pomada preparada péla Sociedade Espírita de Paris; que essa sociedade dos Irmãos batedores ia visitar todas as noites o cemitério para fazer os mortos reviverem. As mulheres e os jovens do quarteirão ficaram amedrontados ao ponto de não mais ousar sair de casa, com medo de reencontrarem o defunto.

Não seria preciso mais do que isso para impressionar lastimosamente algum cérebro fraco ou doentio, e se um acidente ocorresse, apressar-se-ia em colocá-lo à conta do Espiritismo.

Voltemos ao Sr. Renaud. Durante sua doença, inúteis esforços foram tentados para que fizesse uma abjuração autêntica de suas crenças espíritas. No entanto, o venerável padre o confessa e lhe dá absolvição. É verdade que, depois disso, quis-se retirar o direito de confissão e a absolvição foi declarada nula pelo clero de Saint-Jean como tendo sido dada *inconsideradamente*; é um caso de consciência que não nos encarregamos de resolver. De onde esta reflexão muito justa, feita em público, que aquele que recebe a absolvição antes de morrer não pode saber se ela é válida ou não, uma vez que, com as melhores intenções um padre pode dá-la de maneira inconsiderada. O clero se recusou, pois, obstinadamente em receber o corpo na igreja, não tendo o Sr. Renaud querido retratar nenhuma das convicções que lhe tinham dado tanta consolação e fez suportar com resignação as provas da vida.

Por um sentimento de conveniência que se apreciará, e em razão das pessoas que seríamos forçados a designar, passamos em silêncio as lamentáveis manobras que foram tentadas, as mentiras que foram apresentadas para provocar a desordem nessa circunstância. Limitar-nos-emos a dizer que foram completamente frustradas pelo bom senso e pela prudência dos Espíritas, que receberam esse assunto de provas da benevolência da autoridade. Recomendações tinham sido feitas, por todos os chefes de grupos, para não responder a nenhuma provocação.

Com a recusa do clero em conceder as preces da Igreja, o corpo foi levado diretamente da casa para o cemitério, seguido de perto por mil pessoas, entre as quais se encontravam umas cinqüenta mulheres e jovens, o que não é de hábito em Lyon. Sobre o túmulo uma prece da circunstância foi lida por um dos assistentes e escutada por todo mundo, a cabeça descoberta, num religioso recolhimento. A multidão silenciosa retirou-se em seguida, e tudo terminou, como tinha começado, com a mais perfeita ordem.

Como contraste diremos que nosso antigo colega, Sr. Sanson, recebeu todos os sacramentos antes de morrer; que foi levado à igreja, e acompanhado por um padre ao cemitério, se bem que tivesse declarado de antemão, de maneira formal, que era Espírita e não renegava nenhuma de suas convicções. "Se, no entanto, disse-lhe o padre, eu colocasse essa condição para minha absolvição, que faríeis? - Lastimaria isso, respondeu o Sr. Sanson, mas persistiria, porque vossa absolvição nada valeria. - Como isso? Não cre-

des, pois, na eficácia da absolvição? - Sim, mas não creio na virtude de uma absolvição recebida por hipocrisia. Escutai-me: o Espiritismo não é somente para mim uma crença, um artigo de fé, é um fato tão patente quanto a vida. Como quereis que negue um fato que me está demonstrado como a luz que nos clareia, e ao qual devo a cura miraculosa de minha perna? Se o fizesse, isto seria dos lábios e não do coração; seria perjúrio: daríeis, pois, a absolvição a um perjuro; digo que ela nada valeria, porque a daríeis na forma e não no fundo. Eis porque prefiro disso abster-me. - Meu filho, respondeu o padre, sois mais cristão do que muitos daqueles que dizem sê-lo."

Tivemos estas palavras do próprio Sr. Sanson.

Circunstâncias semelhantes às do Sr. Renaud podendo se apresentar, ali ou noutra parte, esperamos que todos os Espíritas seguirão o exemplo daqueles de Lyon, e que, em nenhum caso, não desistirão da moderação, que é uma consequência dos princípios da Doutrina, e a melhor resposta a dar aos seus detratores, que não procuram senão pretextos para motivar seus ataques.

O Sr. Renaud, evocado no grupo central de Lyon, trinta e seis horas depois de sua morte, deu a comunicação seguinte:

"Estou ainda um pouco embaraçado para me comunicar e, se bem que encontre aqui rostos amigos e corações simpáticos, me sinto quase acanhado, ou, melhor dizendo, meu pensamento é um pouco novo. Oh! senhora B..., que diferença e que encantamentos em minha posição! Muito obrigado pela vossa constante afeição; obrigado, senhora V..., pelas vossas boas visitas, pelo vosso acolhimento.

"Perguntais e quereis saber o que me ocorreu desde ontem. Comecei a me desligar de meu corpo pela manhã; parecia-me que me evaporava; sentia meu sangue congelar em minhas veias, e acreditava que iria desmaiar; pouco a pouco perdi a percepção das idéias e dormi com uma certa dor compressiva; depois, despertei, e então vi ao meu redor os Espíritos que me cercavam, que me felicitavam; ali tive um pouco de confusão: não distinguia bem os mortos e os vivos; as lágrimas e as alegrias perturbaram um pouco a minha cabeça, e de todos os lados ouvia me chamarem, como me chamam ainda nesse momento. Sim, graças aos verdadeiros amigos que me protegeram, evocado e encorajado nessa dura passagem, porque há sofrimento nesse desligamento, e não é sem uma dor bastante viva que o Espírito deixa o corpo, compreendo o grito de chegada, me explico o suspiro da partida. Já fui evocado várias vezes, e depois me cansei como um viajante.

"Antes de partir, consenti em me permitir retornar e vos apertar a mão a todos?

"G. RENAUD."

O Sr. Renaud foi evocado na Sociedade de Paris; a falta de espaço nos obriga a adiar-lhe a publicação.

RESPOSTA DA SOCIEDADE ESPÍRITA DE PARIS SOBRE AS QUESTÕES RELIGIOSAS.

(Extrato da ata da sessão de 13 de fevereiro de 1863.)

Foi dado conhecimento de uma carta dirigida, de Tonnay-Charente (Charente-Inférieure), ao Sr. Allan Kardec, contendo as respostas ditas a um médium dessa cidade sobre as questões mais delicadas dos dogmas da Igreja. Essas perguntas, dirigidas ao Espírito de *Jesus, filho de Deus*, evocado para esse fim, são as seguintes:

1º O inferno é eterno?

2º Quereis colocar ao alcance de minha inteligência a explicação que vos pedi sobre a ceia de sua Paixão? 3ⁿⁱ Por que vossa Paixão se cumpriu?

4º Que devo pensar da comunhão? Estais na hóstia, meu Jesus?

5º O poder temporal, o que tem de comum com o poder espiritual para não poder dele ser separado?

6º O que o amor tem de tão precioso para estar no coração de todos os homens?

7º O que é a história sagrada, e quem a fez? 8^Q O que se quer dizer com estas palavras: história sagrada? O autor da carta pede que a Sociedade se pronuncie em sessão solene sobre o valor das respostas que ele obteve, e sobre a autenticidade do nome do Espírito que as deu.

A comissão, depois de ter examinado a questão, propôs a resolução seguinte, da qual foi dada leitura à Sociedade, que a aprovou calorosamente, por unanimidade, e pediu sua inserção na *Revista Espírita* para instrução de todo mundo, e a fim de que se compreenda a inutilidade de dirigir, no futuro, perguntas sobre semelhantes assuntos.

Se o autor tivesse se limitado à primeira pergunta, bastaria reenviá-lo ao *O Livro dos Espíritos*, onde ela está tratada. De resto, a pergunta está mal colocada; não se sabe se ele entende a eternidade como lugar de expiação, ou o das penas infligidas a cada indivíduo.

Decisão tomada pela Sociedade Espírita de Paris sobre as perguntas propostas pelo Sr. de Tonnay Charente, na sessão de 13 de fevereiro de 1863.

A Sociedade Espírita de Paris, depois de ter tomado conhecimento da carta do Sr....e das perguntas sobre as quais deseja que ela se pronuncie numa sessão solene, crê dever lembrar ao autor dessa carta que o objetivo essencial do Espiritismo é a destruição das idéias materialistas, e a melhoria moral do homem; que ela não se ocupa, de nenhum modo, em discutir os dogmas particulares de cada culto, deixando sua apreciação à consciência de cada um; que isso seria fazer dele instrumento de uma controvérsia religiosa cujo efeito seria de perpetuar um antagonismo que tende a desaparecer, chamando todos os homens sob a bandeira da caridade, e levando-os a não verem, em seus semelhantes, senão irmãos quaisquer que sejam suas crenças. Se há, em certas religiões, dogmas controvertível, é preciso deixar ao tempo e ao progresso das luzes o cuidado de sua depuração; o perigo dos erros que poderiam encerrar desaparecerá à medida que os homens fizerem do princípio da caridade a base de sua conduta. O dever dos verdadeiros Espíritas, daqueles que compreendem o objetivo providencial da Doutrina, é, pois, antes de tudo, de aplicar-se em combater a incredulidade e o egoísmo, que são as verdadeiras pragas da Humanidade, e em fazer prevalecer, tanto pelo exemplo quanto pela teoria, o sentimento da caridade, que deve ser a base de toda religião racional, e servir de guia nas reformas sociais; as questões de fundo devem passar antes das questões de formas; ora, as questões de fundo são aquelas que têm por objeto tornar os homens melhores, tendo em vista que todo progresso social, ou outro, não pode ser senão a consequência da melhoria das massas; é a isto que tende o Espiritismo, e por aí prepara os caminhos para todos os gêneros de progressos morais. Querer agir de outro modo, é começar um edifício pela cumeeira antes de assentar-lhe os fundamentos; é semear num terreno antes de tê-lo roçado.

Como aplicação dos princípios acima, a Sociedade Espírita de Paris está proibida, pelo seu regulamento, de todas as questões de controvérsias religiosas, de política e de economia social, e ela não cederá a nenhuma iniciativa que tendesse a fazê-la desviar dessa linha de conduta.

Por esses motivos, não poderia emitir nem oficialmente, nem oficiosamente opiniões sobre o valor das respostas dadas a um médium Sr.... essas respostas sendo essencialmente dogmáticas, e mesmo políticas, e ainda menos em fazê-la objeto de uma discussão solene, assim como pede o autor da carta.

Quanto ao livro devendo tratar dessas questões, e cuja publicação está prescrita pelo Espírito que o ditou, a Sociedade não hesita em declarar que ela consideraria essa publicação como inoportuna e perigosa, e que não poderia senão fornecer armas aos inimigos do Espiritismo; ela crê, em conseqüência, seu dever desaprová-la, como desaprova toda publicação própria para falsear a opinião sobre o objetivo e as tendências da Doutrina.

No que concerne à natureza do Espírito que ditou essas comunicações, a Sociedade crê dever lembrar que o nome que um Espírito toma jamais é garantia de sua identidade; que não se poderia ver uma prova de sua superioridade em algumas idéias justas que emitisse, se com essas idéias se encontram idéias falsas. Os Espíritos verdadeiramente superiores são lógicos e conseqüentes em tudo o que dizem; ora, não é o caso do qual se trata; sua pretensão de crer que esse livro deve ter por conseqüência obrigar o governo a modificar certas partes de sua política, bastaria para fazer duvidar de sua elevação, e ainda mais do nome que toma, porque isso não é racional. Sua insuficiência ressalta ainda de dois outros fatos não menos característicos.

O primeiro é que é completamente falso que o Sr. Allan Kardec tenha recebido missão, assim como o Espírito pretende, de examinar e de fazer publicar o livro de que se trata; se tem missão de examiná-lo, isso não pode ser senão para fazer-lhe sentir os inconvenientes e em combater a publicação.

O segundo fato está na maneira com a qual o Espírito exalta a missão do médium, o que os bons Espíritos jamais fazem, e o que fazem, ao contrário, aqueles que querem se impor captando a confiança com algumas belas palavras, com a ajuda das quais esperam fazer passar o resto.

Em resumo, fica evidente para a Sociedade que o nome, com o qual o Espírito se adorna, que diz ser o do Cristo, é apócrifo: ela crê dever convidar o autor da carta, assim como seu médium, a não se iludirem sobre essas comunicações, e a se conterem no objetivo essencial do Espiritismo.

FRANÇOIS-SIMON LOUVET, DO HAVRE.

A comunicação seguinte foi dada espontaneamente numa reunião espírita, no Havre, em 12 de fevereiro de 1863:

Teríeis piedade de um pobre miserável que sofre há muito tempo tão cruéis torturas! Oh! o vazio... o espaço... eu caio, eu caio, socorro! Meu Deus, tive uma vida tão miserável!... Era um pobre diabo, sofria freqüentemente a fome nos dias de minha velhice; foi por isso que me pus a beber e tinha vergonha e desgosto de tudo... Quis morrer e me atirei... Oh! meu Deus, que momento!... Por que, pois, desejar acabar-me quando estava tão perto do fim? Ora! para que não veja mais sempre um vazio abaixo de mim... Vou me quebrar sobre essas pedras. A isso vos conjuro, vós que conheceis as misérias daqueles que não são mais desse mundo, dirijo-me a vós, embora não me conheçais, porque sofro tanto... Por que querer ter provas? Sofro, não é isso o bastante? Se tivesse fome em lugar deste sofrimento mais terrível, mas invisível para vós não hesitaríeis em me aliviar dando-me um pedaço de pão. Peco-vos orar por mim. Não posso ficar mais. Perguntai a um destes felizes que estão aqui, e sabereis quem eu era. Ora! por mim.

FRANÇOIS-SIMON LOUVET.

Logo, em seguida a esta comunicação, o Espírito protetor do médium disse: Aquele que acaba de se dirigir a ti, meu filho, é um pobre infeliz que tinha um prova de miséria sobre a Terra, mas o desgosto o tomou, a coragem lhe faltou, e o infortunado, em lugar

de olhar para o alto assim como deveria ter feito, se entregou à embriaguez desceu aos últimos limites do desespero, e pôs termo à sua prova atirando-se da torre de François I, em 22 de julho de 1857. Tende piedade de sua pobre alma, que não é avançada, mas que, no entanto, tem bastante conhecimento da vida futura para sofrer e desejar uma nova prova. Pedi a Deus conceder-lhe essa graça, e fareis uma boa obra. Estou feliz por vos ver reunidos, meus caros filhos; estou convosco quando vos reunis assim. Estou sempre pronto a dar meus ensinamentos; se um bom Espírito não puder se comunicar a vós por falta de relações físicas, serei seu intermediário; mas estais cercados de bons Espíritos, e sereis abençoados. Tende paciência nas provas, não vos recuseis em fazer o bem pela ingratidão dos homens. Logo os homens serão melhores e os tempos disso estão próximos. Adeus, meus bem amados, sigo-vos em todos os vossos desgostos como em vossas alegrias. A paz esteja sobre vós.

Teu Espírito protetor.

Tendo sido feitas pesquisas, encontrou-se no *Journal du Havre*, de 23 de julho de 1857, o artigo seguinte, do qual eis a substância:

"Ontem, às quatro horas, os que passeavam no cais ficaram dolorosamente impressionados por um horrível acidente: um homem lançou-se da torre e foi quebrar-se sobre as pedras. É um velho puxador de sirga, que suas inclinações à embriaguez levaram ao suicídio. Chama-se François-Victor-Simon Louvet. Seu corpo foi transportado para a casa de uma de suas filhas, rua da Corderie; tinha a idade de sessenta e sete anos."

Nota. Um incrédulo, a quem esse fato foi mediunicamente relatado, como prova da realidade das comunicações de além-túmulo, respondeu: "Mas quem sabe se o médium não tinha conhecimento do *Journal du Havre*, e se não construiu seu romance sobre essa historietta?" A fraude, como se vê, é sempre a última trincheira dos negadores quando não podem se dar conta de um fato cuja evidência material não pode ser posta em dúvida; com eles, não basta mesmo mostrar-lhes que não se tem nada nas mãos, nada nos bolsos, porque, dizem, os escamoteadores fazem isso também, e, no entanto, desafiam a perspicácia do observador.

A isso, perguntaremos, de nossa parte, que interesse poderia ter o médium em desempenhar a comédia? Pode-se mesmo aqui supor um interesse de amor-próprio numa coisa que se passa na intimidade de sua família, então quando não enganaria senão a si mesmo e aos seus. Aliás, quando se quer divertir-se, não se toma assuntos dessa natureza, muito pouco recreativos, e não é admissível que uma jovem piedosa misture o nome de Deus a um gracejo grosseiro. O desinteresse absoluto e a honradez da pessoa são as melhores garantias de sinceridade e a mais peremptória resposta a se dar em semelhante caso.

Além disso, faremos notar o castigo infligido a esse suicida. Depois de cerca de seis anos que morreu, vê-se sempre caindo da torre e indo se quebrar sobre as pedras; apavora-se do vazio que tem diante de si; e isto depois de seis anos! Quanto isto durará? não o sabe, e essa incerteza aumenta suas angústias. Isso não vale pelo inferno e suas chamas? Quem nos revelou esses castigos? inventamo-los? Não; foram eles mesmos, os que os suportam, que vieram descrevê-los, como outros descreveram suas alegrias.

CONVERSAS DE ALÉM-TÚMULO.

CLARA RIVIER.

(Sociedade Espírita de Paris, 23 de janeiro de 1863. - Médium, Sr. Leymarie.)

O Sr. J... médico em..., (Gard), nos transmite o fato seguinte: "Uma família de lavradores, meus vizinhos do campo, tinha uma menina de dez anos, chamada Clara, completamente enferma há quatro anos. Durante toda a sua vida nunca vez ouvir um único lamento, nem deu um único sinal de impaciência; embora desprovida de instrução, consolava sua família aflita conversando sobre a vida futura e a felicidade que deveria ali encontrar. Morreu em setembro de 1862, depois de quatro dias de torturas e de convulsões, durante os quais não cessou de rogar a Deus. "Não temo a morte, dizia ela, uma vez que uma vida de felicidade me está reservada depois." Dizia ao seu pai, que chorava: "Conso-la-te; voltarei para te visitar; minha hora está próxima, eu o sinto; mas quando ela chegar, sabê-lo-ei e te prevenirei antes." Com efeito, quando o momento fatal estava a ponto de se cumprir, ela chamou todos os seus dizendo: "Não tenho mais do que cinco minutos para viver; dai-me vossas mãos." E ela expirou como havia anunciado.

Desde então, um Espírito batedor veio visitar a casa do casal Rivier, onde transtorna tudo; bate na mesa, como se tivesse uma clava; agita as roupas e as cortinas, revira as louças e joga bolas nos celeiros. Esse Espírito aparece sob a forma de Clara à sua irmãzinha, que não tem senão cinco anos. Segundo essa criança, sua irmã lhe falou frequentemente, e o que exclui todo sentimento de incerteza a esse respeito, é que as aparições lhe fazem dar gritos de alegria, ou reclamações se não se faz em seguida o que ela deseja, quer dizer, apagar o fogo e todas as luzes no quarto onde ocorreu a visão, durante o qual a criança não cessa de dizer: "Mas vede, pois, como Clara é linda!"

"O pai Rivier desejando saber o que Clara queria, esta pediu que lhe fossem devolvidos os cabelos que lhe tinham cortado, segundo o uso do país; mas, se bem que os pais tenham satisfeito a esse desejo levando seus cabelos sobre seu túmulo, o Espírito continuou suas visitas e o seu barulho, dos quais eu mesmo fui testemunha, ao ponto de que os vizinhos e os amigos com isso se emocionaram. Então, falei aos pais da moral, pedindo-lhes, se nada tinham a censurar contra alguém, ou cometido alguma ação desleal; que era provável que o Espírito os atormentasse enquanto não tivessem reparado suas faltas, e que os aconselhava a refletirem seriamente nisso.

"Durante uma ausência de dez dias que foi forçada a fazer, a obsessão tomou um caráter mais violento, ao ponto que Rivier teve que submeter-se a lutas corpo a corpo, e foi derrubado no solo. Ó medo se apoderou desses infelizes, e foram consultar um médium que os aconselhou a darem uma esmola geral a todos os pobres da região, esmola que durou dois dias. Disso vos darei a conhecer o resultado; à espera, ficarei muito feliz em receber vossos conselhos a esse respeito."

1. Evocação de Clara Rivier. - R. Estou junto de vós, disposta a responder.

2. De onde vos chegavam, embora tão jovem e sem instrução, as idéias elevadas que exprimíeis sobre a vida futura, antes de vossa morte? - R. Do pouco tempo que passaria sobre o vosso globo e de minha precedente encarnação. Era médium quando deixei a Terra, e era médium retornando entre vós. Era uma predestinação; eu sentia e via o que dizia.

3. Como ocorre que uma criança de vossa idade nunca haja lamentado durante quatro anos de sofrimentos? - R. Porque o sofrimento físico era dominado por uma força maior, a do meu anjo guardião, que via continuamente junto de mim; ele sabia aliviar tudo o que eu sentia; tornava a minha vontade maior do que a dor.

4. Como fostes prevenida do instante de vossa morte? - R. Meu anjo guardião mo disse; ele nunca me enganou.

5. Dissestes ao vosso pai: "Conso-la-te, retornarei para te visitar." Como ocorre que, animada de tão bons sentimentos por vossos pais, viésseis atormentá-los depois de vossa morte, fazendo barulho em sua casa? - R. Eu tinha, sem dúvida, uma prova, ou antes uma missão a cumprir. Se vim rever os meus pais, credes que isso fosse para nada? Esses ruídos, essa perturbação, essas lutas levadas pela minha presença, foram uma ad-

vertência. Fui ajudada por outros Espíritos, cuja turbulência tem uma importância, como tem a minha, aparecendo à minha irmã. Graças a nós, muitas convicções vão nascer. Meus pais tinham uma prova a sofrer; ela cessará logo, mas somente depois de ter dado a convicção a uma multidão de Espíritos.

6. Assim, não fostes vós, pessoalmente, que causastes essa perturbação? - R. Fui ajudada por outros Espíritos que servem à prova reservada aos meus queridos pais.

7. Como ocorre que a vossa irmã vos reconheceu, se não fostes vós que produzistes essas manifestações? - R. Minha irmã não viu senão eu. Ela possui agora uma segunda vista, e não foi a última vez que a minha presença virá consolá-la e encorajá-la.

8. A esmola geral que foi aconselhada aos vossos pais terá por efeito fazer cessar essa obsessão? - R. A obsessão acabará quando o tempo requerido para isso tiver chegado; mas, crede-o, a prece e a fé dão uma grande força para dominar a obsessão; a esmola por si mesma é uma prece; ela serve para consolar, e por aí nos ajuda a levar a convicção em muitos corações; é pela fé que devemos reerguer e salvar toda uma população; que importa se os inimigos do Espiritismo gritam ao demônio! Esse grito, em todos os tempos, levou a conhecê-lo, e para um que se curva, há cem cuja curiosidade leva a estudar. A obsessão e a subjugação são, é verdade, provas para aqueles que delas são objetos, mas, ao mesmo tempo, são um caminho aberto às convicções novas. Esses fatos forcem a falar dos Espíritos, dos quais não se pode negar a existência, vendo o que eles fazem.

Nota. Parece evidente que, nessa circunstância, a esmola aconselhada ao casal Rivier era, ao mesmo tempo, uma prova para eles, mais ou menos aproveitável segundo a maneira pela qual fora feita, e um meio de chamar a atenção, a um número maior de pessoas, sobre esses fenômenos. É um meio de provar que o Espiritismo não é a obra do demônio, uma vez que aconselha o bem e a caridade para combater o que chamam demônios. Que podem os adversários do Espiritismo contra manifestações desse gênero? Pode-se proibir de se ocupar dos Espíritos, mas não se pode impedir os Espíritos de virem, e a prova disso é que essas manifestações se produzem nas próprias casas onde não se procura provocá-las, e que, pela sua reputação de santidade, pareciam dever desafiá-los, se fosse o diabo. Contra os fatos não há nem oposição nem negação que possam prevalecer: de onde se conclui que o Espiritismo deve seguir seu curso.

9. Por que, tão jovem, fostes afligida com tantas enfermidades? - R. Eu tinha faltas anteriores a expiar; fiz mau uso da saúde e da posição brilhante que gozava em minha precedente encarnação; então Deus me disse: "Gozastes grandemente, desmesuradamente, sofrerás da mesma forma; eras orgulhosa, serás humilde; eras altiva por tua beleza e serás abatida; em lugar da vaidade esforçar-te-ás para adquirir a bondade e a caridade. "Fiz segundo a vontade de Deus, e o meu anjo guardião me ajudou.

10. Quereríeis dizer alguma coisa aos vossos pais? - R. A pedido de um médium, meus pais fizeram muita caridade; tiveram razão em não orarem sempre com os lábios: é necessário fazê-lo com a mão e com o coração. Dar àqueles que sofrem é orar, é ser Espírita.

Deus deu a todas as almas o livre arbítrio, quer dizer, a faculdade de progredir; a todas deu a mesma aspiração, e é por isso que a roupa de lã toca de mais perto a roupa de brocado de ouro do que se pensa geralmente. Também, encurtais as distâncias pela caridade; introduzi o pobre em vossa casa, encorajai-o, elevai-o, não o humilheis. Se se soubesse praticar, por toda parte, essa grande lei da consciência, não se teriam mais, em épocas determinadas, essas grandes misérias que desonram os povos civilizados, e que Deus envia para castigá-los e para abrir-lhes os olhos.

Caros pais, orai a Deus; amai-vos; praticai a lei do Cristo; não façais aos outros o que não gostaríeis que vos fizessem: implorai a Deus que vos prove, mostrando-vos que a sua vontade é santa e grande como ele. Sabei, em previsão do futuro, vos armar de coragem e de perseverança, porque estais ainda chamados a sofrer; é necessário saber

merecer uma boa posição num mundo melhor, onde a compreensão da justiça divina se torna a punição dos maus Espíritos.

Estarei sempre junto de vós, queridos pais. Adeus, ou antes, até breve. Tende a resignação, a caridade, o amor de vosso semelhante, e sereis felizes um dia.

CLARA.

Notas. - É um belo pensamento este: "A roupa de lã toca de mais perto do que se não crê a roupa de brocado de ouro." É uma alusão aos Espíritos que, de uma existência a outra, passam de uma posição brilhante a uma posição humilde ou miserável, porque, freqüentemente, expiam num meio ínfimo o abuso que fizeram dos dons que Deus lhe concedera. É uma justiça que todo o mundo compreende.

Um outro pensamento, não menos profundo, é aquele que atribui a calamidade dos povos à infração da lei de Deus, porque Deus castiga os povos como castiga os indivíduos. E certo que se praticassem a lei de caridade, não haveria nem guerras, nem grandes misérias. É à prática dessa lei que o Espiritismo conduz; seria, pois, por isso que encontra inimigos tão obstinados? As palavras desta menina aos seus pais são as de um demônio?

FOTOGRAFIA DOS ESPÍRITOS.

O *Courrier du Bas-Rhin* de sábado, 3 de janeiro de 1863 (parte alemã) contém o artigo seguinte, sob o título de *Photographiespectrale*:

"Os Americanos, que nos antecedem em muitas coisas, nos ultrapassam certamente na arte da fotografia e na evocação dos Espíritos. Em Boston, hoje, não só os defuntos são chamados pelos médiuns, mas são ainda fotografados. Deve-se esta descoberta maravilhosa a um senhor William Mumler, de Boston.

"Há algum tempo, é ele mesmo que conta, tentava em meu laboratório um novo aparelho de fotografia, fazendo a minha própria fotografia; súbito, senti uma certa pressão se exercer sobre o meu braço direito, e uma certa lassidão geral em todo o corpo. Mas quem descreveria minha admiração quando vi meu retrato reproduzido, e que tinha à sua direita a imagem de uma segunda pessoa que não era outra senão minha prima falecida? A semelhança do retrato, no dizer daqueles que conheceram essa senhora, não deixa nada a desejar.

"A consequência disso é que o Sr. Mumler, desde essa época, não dá mais aos seus clientes, não só senão sessões espiritualistas, mas executa ainda para eles a fotografia dos defuntos evocados. Comumente elas são um pouco pálidas e nebulosas, e os traços bastante difíceis para se reconhecer, o que não impede aos habitantes de Boston, esclarecidos, de declará-los verdadeiros, autênticos. Quem olharia de tão perto pelas imagens espectrais!"

Uma semelhante descoberta, se fosse real, teria seguramente consequências imensas, e seria um dos fatos de manifestações dos mais notáveis; no entanto, convidamos a acolhê-lo com uma prudente reserva; os Americanos que, no dizer do autor, nos ultrapassam em muitas coisas, nos ensinaram também que nos distanciam de muito na invenção de boatos.

Para quem conhece as propriedades do perispírito, a coisa, à primeira vista, não parece materialmente impossível; vêem-se surgir tantas coisas extraordinárias que não seria preciso se espantar com nada. Os Espíritos nos anunciaram manifestações de uma nova ordem, mais surpreendentes ainda do que as que vimos; esta seria incontestavelmente desse número; mas, ainda uma vez, até a constatação mais autêntica do que um relato de jornal, é prudente permanecer na dúvida. Se a coisa for verdadeira, ela se vulgarizará;

à espera disto, é preciso guardar-se de dar crédito a todo relato maravilhoso que os próprios inimigos do Espiritismo se comprazem em difundir para torná-lo ridículo, assim como aqueles que os aceitam facilmente. Além disso, é preciso nisso ver mais de duas vezes antes de atribuir aos Espíritos todos os fenômenos insólitos que não se podem explicar; um exame atento neles mostram, o mais freqüentemente, uma causa toda material que não se tinha percebido. É uma recomendação expressa que fazemos em *O Livro dos Médiuns*.

Em apoio do que acabamos de dizer, e a propósito da fotografia espírita, citaremos o artigo seguinte, tirado de *la Patrie* de 23 de fevereiro de 1863. Não se pode senão colocar-se em guarda contra os julgamentos precipitados.

"Um jovem lorde, que leva um dos nomes mais antigos e mais ilustres da câmara alta, e cujo gosto apaixonado pela fotografia vale grandes e felizes sucessos nessa arte que, talvez, é ainda uma ciência antes que uma arte, um jovem lorde, digo eu, vinha de perder sua irmã que amava com extrema ternura. Ferido no coração e lançado no profundo desencorajamento que, muito freqüentemente, o desgosto produz, deixou lá seus aparelhos fotográficos, deixou a Inglaterra, e fez uma longa viagem pelo continente e não entrou em sua residência, quase real do Lancashire, senão depois de uma ausência de quase quatro anos.

"Seu desespero, como acontece comumente, tinha passado do estado agudo ao estado crônico, quer dizer que, sem ter perdido sua intensidade, havia perdido sua violência, e se transformou pouco a pouco numa morna resignação.

"Quando aqueles que sofrem procuram consolações, se dirigem primeiro a Deus, em seguida ao trabalho. O jovem lorde retomou, pois, pouco a pouco, o caminho de seu laboratório, e retornou aos seus aparelhos de fotografia.

"Por uma espécie de transação com sua dor, a primeira imagem que pensou fazer desenhar pela luz foi o interior da capela onde repousava o despojo mortal de sua irmã. Obtido o negativo, reentrou em seu laboratório, fez sofrer à placa de vidro os preparativos ordinários, e expôs o clichê à luz para dele obter uma prova.

"Lançando os olhos sobre essa prova, faltou-lhe cair desmaiado. O interior da capela tinha vindo com uma grande nitidez de desenho, mas a cabeça da jovem defunta aparecia vagamente na parte menos clara da fotografia. Distinguia-se perfeitamente seus traços doces e encantadores, e mesmo os longos panos de suas roupagens; no entanto, através dessas roupagens, os menores detalhes da capela eram acentuados nitidamente.

"O primeiro movimento do lorde foi o de crer numa aparição, mas logo sorriu tristemente sacudindo a cabeça. Com efeito, lembrava-se que alguns anos antes, nessa mesma placa de vidro, fizera um retrato fotográfico de sua irmã. Esse retrato, não tendo ficado bom, o apagara e, sem dúvida, apagara mal, uma vez que seus contornos vagos se confundiam hoje com a nova imagem fixada sobre a placa.

"Na Inglaterra, alguns artistas exploram essa aplicação bizarra da fotografia; fabricam e vendem imagens duplas, cujos esquisitos acoplamentos produzem efeitos estranhos ou agradáveis.

Mostrou-nos, entre outros, um castelo em ruínas acima do qual transparecia seu parque, suas fachadas e suas pequenas torres, tais como deveriam existir antes de sua destruição.

Fazem-se ainda retratos de velhos, através dos quais pode-se ver seu rosto tal como era nos mais belos tempos de sua juventude."

VARIEDADES

O *Akhbar*, jornal de Alger, de 10 de fevereiro de 1863, contém o artigo seguinte:

"O monsenhor bispo de Argel acaba de publicar, para a quaresma de 1863, uma instrução pastoral onde o *Espiritismo* é questão, o assunto forte da ordem do dia, sobre o

qual o clero da África, até aqui, tinha guardado silêncio. Eis as passagens que a ele são relativas:

"É o demônio que dita a filósofos renomados essas doutrinas malsãs de dois princípios iguais, o bem e o mal, governando com a mesma autoridade, mas num sentido oposto: o espírito e a matéria; do materialismo que tudo relaciona ao corpo e não conhece mais nada depois do túmulo; do ceticismo que duvida de tudo; do fatalismo, que desculpa tudo, negando a liberdade e a responsabilidade humana; da metempsicose, da magia e da *evocação dos Espíritos*, tristes e mentirosos sistemas que inteligências desviadas procuram fazer reviver em nossos dias... (Página 21.)

"Que história lamentável não faria as empreitadas diabólicas, a partir do cenáculo, partindo da sinagoga e dos malabarismos de Simão o mágico, para chegar, através das perseguições, dos cismas, das heresias e das incredulidades de toda natureza, ao *Espiritismo* de nossos dias, tão tolamente renovado de um paganismo anterior a Moisés e por ele justamente desonrado como uma abominação diante de Deus." (Página 24.)

"Aqueles que gostam de ouvir as duas partes, em toda questão em litígio, têm inteira facilidade para fazê-lo, porque o Espiritismo teórico e prático está amplamente explicado em *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*, duas obras que se encontram em todas as livrarias de Alger. Querendo-se levar seus estudos mais longe, pode-se acrescentar a essa pequena biblioteca a *Revista Espírita*, por Allan Kardec. Ao que nos parece, é o melhor meio de se assegurar se o Espiritismo é, com efeito, uma obra do demônio; ou se, ao contrário, é uma revelação sob uma forma nova, como o pretendem seus adeptos."

ARIEL

O Sr. Home veio a Paris onde não permaneceu senão poucos dias. Perguntam-nos, de diversas partes, das notícias sobre os fenômenos extraordinários que teria produzido diante de augustos personagens, e dos quais alguns jornais falaram vagamente. Estas coisas, tendo-se passado na intimidade, não nos cabe revelar o que não tem nenhum caráter oficial, e ainda menos de a isso misturar alguns nomes. Diremos somente que os detratores exploraram essa circunstância, como muitas outras, para tentarem lançar o ridículo sobre o Espiritismo por relatos absurdos, sem respeito nem pelas pessoas, nem pelas coisas. Acrescentaremos que a permanência do Sr. Home em Paris, tão bem quanto a qualidade das casas onde foi recebido, é um desmentido formal dado aos infames caluniadores segundo os quais ele teria sido expulso de Paris, como no tempo, durante uma ausência que fez, fizera-se correr o boato de que estava enfermo em Mazas por causas graves, então que estava tranqüilamente em Nápoles pela sua saúde. Calúnia! sempre a calúnia! Faz muito tempo que os Espíritos vêm de purgá-la da Terra.

Reenviamos nossos leitores aos artigos detalhados que publicamos sobre o Sr. Home e suas manifestações, nos números de fevereiro, março e abril de 1858, da *Revista Espírita*.

Um artigo publicado no *Monde illustré* sobre os supostos médiuns americanos, Sr. e senhora Girroodd, tem igualmente motivado vários pedidos de informações. Não temos nada a acrescentar ao que dissemos a esse respeito na *Revista Espírita* de 1862, número de fevereiro, página 52, senão que vimos por nós mesmos, e que se vê na casa de Robert Houdin coisas não menos inexplicáveis quando não se conhece a astúcia. Nenhum Espírita ou magnetizador, conhecendo as condições normais nas quais se produzem os fenômenos, não pode levar essas coisas a sério, nem perder seu tempo para discuti-las seriamente.

Certos adversários inábeis quiseram explorar esses torneios de destreza contra os fenômenos Espíritas, dizendo que, uma vez que podem ser imitados, é porque não exis-

tem, e que todos os médiuns, a começar pelo Sr. Home, são hábeis prestidigitadores. Não atentam que dão, à incredulidade, armas contra eles mesmos, uma vez que poderiam retornar o argumento contra a maioria dos milagres. Sem revelar o que há de ilógico nessa conclusão, e sem discutir de novo esses fenômenos, diremos simplesmente que há, entre os prestidigitadores e os médiuns, a diferença do ganho ao desinteresse, da imitação à realidade, da flor artificial à flor natural. Não podemos mais impedir um escamoteador de dizer-se médium do que de dizer-se físico. Não temos a tomar a defesa de nenhuma exploração desse gênero e nós à entregamos à crítica.

POESIAS ESPIRITAS

Por que se lamentar?

(Grupo Espírita de Pau. - Médium, Sr. T...)

Deus criou o homem ativo, inteligente e livre,
E o fez artífice de seu próprio destino.
Abriu diante dele dois caminhos que pode seguir:
Um vai para o mal e o outro para o bem.
O primeiro dos dois é doce em aparência;
Para segui-lo não é preciso nenhum penoso esforço:
Sem estudo nem cuidados, viver na indolência,
Aos seus instintos brutais deixar um livre vôo,
Eis tudo o que é preciso. - O segundo, ao contrário,
Quer constantes esforços, um trabalho nobre,
E os cuidados vigilantes, e a procura austera,
A razão liberta e o instinto contido.
O homem, livre em sua escolha, pode tomar o primeiro,
Corromper-se na ignorância e na imoralidade;
Preferir ao dever a paixão grosseira,
À razão, o instinto e a brutalidade.
Ou então pode, ouvindo com interesse dócil
A voz que lhe diz: Tostes feito para crescer,
Para progredir e não para ficar imóvel."
No segundo entrar cheio de um nobre desejo.
Segundo o que decide ver seu destino
Sombrio se desenrolar sob seu olhar desvairado,
Ou então lhe sorrindo como a noiva
Sorri ao homem feliz a quem o seu coração é devido.
Mas se fazeis o mal, podereis neste mundo
A riqueza adquirir, os títulos, as honras;
Mas a calma da alma, e essa alegria profunda
Que nasce dos santos desejos e alegra os corações
Desaparecerão para sempre; e do remorso pungente,
Vos perseguirá a voz no meio dos festins,
Misturando para perturbá-los sua nota discordante
Aos vossos cantos de triunfo, aos vossos alegres estribilhos.
Depois, quando tiver soado para vós a hora fatal,
Quando o Espírito se livra do corpo que o enclausurava,
Entrará de novo na esfera moral
Onde a verdade brilha e o erro desaparece,
Onde o sofisma impuro, a frouxa hipocrisia

Não acham nunca acesso, onde tudo é luminoso,
Fantasma acusador, vosso culposos caminho
Surgirá diante de vós para vos seguir em todos os lugares.
Vossos crimes tornar-se-ão vossos carrascos, e vós, rico,
Sentir-vos-eis nu; poderoso, abandonado;
Fugireis espantados, tremendo como a corça.
Foge diante do caçador em sua perda obstinado.
Talvez que ébrio, então, de orgulho e de sofrimento,
A Deus soltareis um grito blasfemador,
Acusando-o de vossos males; mas vossa consciência
Poderosa elevará este outro grito vingador:
"Cessa de blasfemar, homem, em tua demência.
"Quando Deus te criou livre, ativo, inteligente,
"Só para ti no mundo limitou seu poder,
"E de tua própria sorte te fez o artífice.
"Tua vontade basta para transformar em alegria
"O mal que sentes. Contempla, radioso,
"Aquele que do dever segue o santo caminho,
"Que luta, que vence, e que conquista os céus.
"Por preço do mesmo esforço, a mesma recompensa
"Te espera. - Por que te lamentar então? Reconsidera-te.
"Desse Deus justo e bom implora a assistência;
"Trabalha, luta, ora, e o céu está em ti."

UM ESPÍRITO PROTETOR.

Nota. -Perdoamos algumas irregularidades de versificação em favor dos pensamentos.

A mãe e o filho.

(Sociedade Espírita de Bordeaux, 6 de julho de 1862. - Médium, Sr. Ricard.)

Num berço repousava um belo anjo
Todo róseo e branco, que cantante embalava;
Sua jovem mãe, com doce olhar de Arcanjo,
Ébria de amor sobre essa criança velava!...

Oh! quanto é belo este filho de minhas ternuras!...
Dorme, querido filho, tua mãe está junto de ti...
Em teu despertar tuas primeiras carícias
E teus beijos, amigo, serão para mim!...

Oh! quanto é belo!... Meu Deus, tomai minha vida
Se deveis me levar a deste filho... Conservai-mo,
Senhor, isto vos peço!...
Já sua boca murmurou: Mamãe!!!...

Esta palavra tão doce... esta palavra que se espia,
Como na primavera um raio de sol...
Esta palavra de amor cuja doce harmonia
Quando ouvida nos faz sonhar com o céu!...

Oh! de seus braços quando estou envolvida
Quando sobre meu seio sinto bater seu coração,
Sou feliz, e minha alma embriagada'
De vossos eleitos partilha a felicidade...

É tudo para mim... Esta criança é meu sonho!
Viver para ela... tudo nela, é a minha sorte.
De meu amor a vivificante seiva
Desse berço deve afastar a morte!!!...

Logo, meu Deus, sustentado por sua mãe
Eu vê-lo-ei dar os seus primeiros passos!...
Oh! dia feliz... que impaciência, eu espero...
Temo sempre que não chegue!

E depois ainda, em minha doce esperança,
Eu o vejo grande, honrado, virtuoso,
Tendo guardado de sua tímida infância
A pureza que deve torná-lo feliz.

Oh! quanto é belo!... Meu Deus, tomai a minha vida
Se a infelicidade deve ferir este filho!
Ao meu amor, deixai-o, eu vos rogo,
Já sua boca murmurou: Mamãe!!...

Mas ele está frio... e seu lábio está pálido!
Desperta-te, querido filho de meu coração!
Venha sobre o seio que te deu a vida...
Está gelado...Estremeço e tenho medo!!

Ah! isto está feito! ele cessou de viver!
Infelicidade sobre mim! porque não tenho mais o filho!
Deus sem piedade... de raiva estou ébria...
Não sois um Deus justo e poderoso!

Que vos fez este anjo de inocência.
Para arrebatá-lo tão cedo ao meu amor?...
Abjuro aqui toda a santa crença...
E sob vossos olhos vou morrer por minha vez...

"Mãe!... sou eu... é minha alma desaparecida
"Que o Eterno reenvia junto de ti.
"Maldizes, minha mãe, uma raiva insensata;
"Retorno a Deus... trago-te a Fé!...

"Inclina-te diante do decreto do Senhor.
"Mãe culpada, num passado distante...
"Fizeste morrer a criança que fizeste nascer:
"Deus te puniu!... Curva-te sob a sua mão!

"Toma, pega este livro; ele acalmará a tua pena,

"Este livro santo... ditado pelos Espíritos,
 "Se tu o leres... ó mãe, estejas certa
 "Que um dia no céu reverás teu filho!!!
 TEU ANJO GUARDIÃO.

SUBSCRIÇÃO RUANESA.

Montante das subscrições depositadas no escritório da *Revista Espírita*,
 e publicado no número de fevereiro.1.491 fr.40c
Novos depósitos até o dia 28 de fevereiro:

Sociedade Espírita de Paris (ela importava na lista de fevereiro em
 423fr., e sobre essa por 317 fr.; total 740 fr.)..... 317 “
Sociedades e grupos espíritas diversos. - Montreuil-sur-Mer, 74 fr.
 (importância sobre a lista de fevereiro, mas não compreendida na
 adição, por erro.) - Mescher-sur-Girond, 32 fr. 50 c. Carmaux (Tarn),
 20 fr. - Monerat e Saint-Gemme (Tarn), 40fr. -Chauny (Aisne), 40 fr.
 -Metz, 50 fr. -Bordeaux (sociedades e grupos Roux e Petit), 70 fr. –
 Albi (Tarn), 20 fr. -Tours, 103 fr. 30 c. -Angoulême, 18 fr.....467 80
Diversos assinantes (Paris). - Sr. e Sra. L..., 5 f r.; Hobach, 40 fr.;
 Nant e Breul (Passy), 100 fr.; Doit, 1fr.; Aumont, livraria (2^o depósito), 5fr.;
 Dufaux, 5fr.; Mazaroz, 20 fr.; Queyras, 3 fr.; X..., 25 fr.; doutor Houat, 20 fr.;
 Dufilleul, oficial de cavalaria, 10fr; X..., (Saint-Junien), 1 fr.; L. D..., 2 f r.;
 X..., 5fr.; Moreau, farmacêutico (Niort), 10 fr.; Blin, capitão (Marseille), 10 fr.
 (figura na lista de fevereiro por 20 fr., em lugar de 10 fr.que só foram
 completados na adição); J. L... (Digne), 3 fr.; doutor Reignier (thionville),
 7 fr. 50 c.; senhora Wilson Klein (gran duquesa de Bade), 20 fr.;
 B..., (Saint-Jeand'Angely), 2fr. A... (Versailles), 1 fr.; V. (Versailles), 2fr.;
 S... (Dole), 2fr.; Martner, oficial do estado maior (Orleans), 10fr.;
 Gevers (Anvers), 10fr.; CBabin (de Champblanc, por Cognac), 40 fr.....369 50.
Espíritas e franceses de Barcelona (Espanha). - Sr. e Sra. Jaime
 Ricart e filhos, 52 fr. 50 c.; Micolier, 5 fr.; Luis Nuty, 5fr.;
 Jean Regembat, 5fr.; AlexWigle, fotógrafo, 5fr.; Ch. Soujol, 2 fr. 60 c.;
 X..., 1 fr. 25 c.....76 35
 (Com a soma de 489 fr. 35 c. importada sobre a lista de _____
 fevereiro, esta faz, para Barcelona, um total de 565 fr, 70 c.)
 Total..... 2 722 05

Errata - Na lista de fevereiro, em lugar de Lausat (de Condom), *lede* Laubat. -Em lu-
 gar de Frothier (dePoitiers), *lede* Frottier. - Em lugar de Bodin (de Cognac), *lede* Babin.

A subscrição permanece aberta.

Sobre o montante desta soma, a *Revista Espirita* depositou, em 6 de fevereiro, na
 subscrição aberta pela *Opinion nationale*, 2 216 fr. 40 c., segundo a nota inserida na dé-
 cima quarta lista publicada por esse jornal, em 15 de fevereiro.

Faremos notar que a maioria dos grupos e sociedades depositaram na subscrição
 aberta na sua localidade. Foi enviada, entre outras, de Lyon, a lista seguinte de subscri-
 ções recolhidas nas diferentes reuniões espíritas.

Grupo Desprêe, curso Charlemagne, 57 f r. 95c.;idemdosTravailleurs, 93 f r. 30 c.;
 idem Virei, 20 fr.; idem da Croix-Rousse, 31 fr. 10 c.; idem Rousset, 48 fr. 30 c.; idem Cen-
 tral, 123fr.; reunião privada, 15fr. 25 c.; outra idem 32 fr. 50 c.; outra idem (Edoux), 22 fr.;
 subscrições isoladas, 316 fr. 50 c. -total , 765 fr. 90 c..

A Sociedade de Saint-Jean d'Angely depositou a subscrição aberta na sub-prefeitura, 100 fr.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

6^a ANO

NO. 4

ABRIL 1863

ESTUDO SOBRE OS POSSESSOS DE MORZINE;

As causas da obsessão e os meios de combatê-la.

(Quarto artigo) (1-(1) Ver os números de dezembro de 1862, janeiro e fevereiro de 1863.).

Numa segunda edição de sua brochura sobre a epidemia de Morzine (2-(2)Brochura in-8^o, casa Adrien Delahaye, praça da Escola de Medicina. - Preço:2fr.), o Sr. doutor Constant respondeu ao Sr. de Mirville que criticou seu ceticismo com respeito aos demônios, e o censurou por não ter estado nos lugares. "Ele se deteve, disse, em Thonon, certamente não porque haja tido medo dos diabos, mas do caminho, e não se crê menos o homem melhor informado. Censura-me ainda, assim como um outro médico, de ter partido de Paris com uma opinião formada; posso em bom direito, se quiser mo permitir, retornar-lhe esta censura: seremos, então, *ex oequo* sobre esse ponto."

Não sabemos se o Sr. de Mirville ali teria ido com decisão irrevogavelmente tomada de não ver nenhuma afecção física nos doentes de Morzine, mas é muito evidente que o Sr. Constant ali foi com o de não ver nenhuma causa oculta. Deliberadamente, em um sentido qualquer, é a pior condição para um observador, porque, então, vê tudo e relaciona tudo ao seu ponto de vista, negligenciando o que pode lhe ser contrário; esse não é certamente o meio de chegar à verdade. A opinião bem atrasada do Sr. Constant, quanto à negação das causas ocultas, ressalta de que repeliu a *priori* como errôneas toda observação e toda conclusão que se afasta de sua maneira de ver, nos relatórios feitos antes do seu. Assim, ao passo que o Sr. Constant insiste com força sobre a constituição débil, linfática e raquítica dos habitantes, a insalubridade da região, a má qualidade e a insuficiência da alimentação, o Sr. Arthaud, médico chefe dos alienados de Lyon, que foi enviado a Morzine, disse em seu relatório: "que a constituição dos habitantes é boa, que as escrófulas são raras; apesar de iodas as suas *pesquisas*, não pôde descobrir senão um único caso de epilepsia e um de imbecilidade." Mas, replica o Sr. Constant, "o Sr. Constant Arthaud não passou senão muito poucos dias nessa região, e não deveu ver senão uma pequeníssima parte da população, e é muito difícil obter informações sobre as famílias."

Um outro relatório assim se exprime sobre o mesmo assunto:

"Nós, abaixo-assinados..., declaramos que, tendo ouvido falar de fatos extraordinários apresentados como possessões de demônios que ocorreram em Morzine, nos transportamos para essa paróquia onde chegamos em 30 de setembro último (1857), para ser testemunha do que ali se passa e para examinar tudo isso com maturidade e prudência, esclarecendo-nos por todos os meios que fornece a presença nos lugares, com o efeito de poder formar um julgamento razoável em semelhante matéria.

"1º Vimos oito crianças que estão livres e cinco que estão em estado de crise; a mais jovem dessas crianças tem dez anos e a mais velha vinte e dois.

"2º Conforme tudo o que nos foi dito, e o que pudemos observar, essas crianças estão no estado de saúde mais perfeito; fazem todas as obras e os trabalhos que pede a sua posição, de sorte que não se vê para os outros hábitos e as ocupações nenhuma diferença entre elas e as outras crianças da montanha.

"3º Vimos essas crianças, as crianças não curadas, nos momentos lúcidos; ora, podemos assegurar que nada pôde ser observado nelas, seja quanto ao idiotismo, seja quanto a predisposições às crises atuais, por defeitos de caráter ou por um espírito exaltado. Aplicamos a mesma observação àquelas que estão curadas. Todas as pessoas que consultamos sobre os antecedentes e os primeiros anos dessas crianças, nos asseguraram que essas moças estavam, sob o aspecto da inteligência, no mais perfeito estado.

"4º A maioria dessas crianças pertence a famílias que estão numa honesta facilidade de fortuna.

"5º Asseguramos que elas pertencem a famílias que gozam de uma boa reputação, e que há, entre algumas aquelas cuja virtude e piedade são exemplares."

Daremos em pouco a continuação desse relatório concernente a certos fatos. Queríamos simplesmente constatar que nem todo mundo viu as coisas com as cores tão negras quanto o Sr. Constant, que apresenta os habitantes como estando na última miséria, entontecidos, demandistas e mentirosos, embora bons no fundo, e sobretudo piedosos, ou antes devotos. Ora, quem tem razão só o Sr. Constant, ou vários outros não menos honrados que certificam terem bem observado? Não hesitamos, por nossa conta, em nos alinhar com as opiniões destes últimos, segundo o que vimos, e segundo o que nos disseram várias autoridades administrativas da região, e a manter a opinião emitida nos precedentes artigos.

Para nós a causa primeira não está, pois, nem na constituição nem no regime higiênico dos habitantes, porque, assim como fizemos observar, há muitas regiões, a começar pelo Valais limítrofe, onde as condições de toda a natureza, morais e outras, são infinitamente mais desfavoráveis, e onde, no entanto, essa moléstia não maltratou. Nós a veremos, dentro em pouco, circunscrita, não ao vale, mas nos limites somente da comunidade de Morzine. Se, como afirma o Sr. Constant, a causa é inerente à localidade, ao gênero de vida e à inferioridade moral dos habitantes, perguntamos ainda por que o efeito é epidêmico em lugar de ser endêmico como a gota e o cretinismo no Valais? Por que as epidemias do mesmo gênero, das quais nos fala a história, se produziram em casas religiosas onde não faltava nada, e que se achavam nas melhores condições de salubridade?

Eis, de resto, o quadro que o Sr. Constant fez do caráter dos Morzinenses.

"Uma demora prolongada, visitas sucessivas e quase diárias, me permitiram chegar a outras constatações.

"Os habitantes de Morzine são brandos, honestos e de uma grande piedade; seria talvez mais verdadeiro dizer de uma grande devoção.

"São obstinados e dificilmente renunciam à uma idéia que adotaram, o que, a muitos outros inconvenientes, acrescenta-se o de torná-los demandistas: outra fonte de penúria e de miséria, porque as conciliações são raras; mas não é por exceções muito distantes que a justiça criminal encontra entre eles os julgáveis.

"Têm um ar grave e sério que parece um reflexo da rude natureza que os cerca, e que lhes imprime uma espécie de sinal particular que os fariam tomar pelos membros de uma vasta comunidade religiosa; sua existência, com efeito, pouco difere da de um convento.

"Seriam inteligentes, se seu julgamento não fosse obscurecido por uma multidão de crenças absurdas ou exageradas, por um arrastamento invencível para o maravilhoso, que lhes legaram os séculos passados, e dos quais o século presente não soube curá-los.

"Todos gostam dos contos, das histórias impossíveis; se bem que essencialmente honestos, há os que mentem com uma firmeza imperturbável para sustentar o que adiantaram nesse gênero. Se bem que acabem, disso estou persuadido, por mentir de boa fé, por crerem em suas próprias mentiras, sem cessar de crer nas dos outros. Para ser justo, é preciso dizer que a maioria não mente, não faz senão que contar inexatamente o que viu."

Aos nossos olhos, a causa é independente das condições físicas dos homens e das coisas. Se formulamos essa opinião, não é deliberadamente em ver por toda parte a ação dos Espíritos, porque ninguém admite sua intervenção com mais circunspeção do que nós, mas pela analogia que notamos entre certos efeitos e aqueles que nos demonstram ser o resultado evidente de uma causa oculta. Mas, ainda uma vez, como admitir essa causa quando não se crê na existência dos Espíritos? Como admitir, com Raspail, as afecções ocasionadas pelos animáculos microscópicos, negando-se a existência desse animais, por que não foram vistos? Antes da invenção do microscópio, Raspail teria passado por louco vendo por toda parte os animais; hoje, que se está muito mais esclarecido, não se vêem os Espíritos; no entanto, não falta muito, para isso, do que colocar as lunetas.

Não negamos que haja, na afecção da qual se trata, os efeitos patológicos, porque a experiência no-los mostram, freqüentemente, em semelhante caso, mas dizemos que são consecutivos e não causadores. Que um médico espírita fosse enviado a Morzine, teria visto o que outros não viram, sem negligenciar por isso os fatos fisiológicos.

Depois de ter falado do Sr. Mirville que, disse ele, ficou no caminho, o Sr. Constant acrescenta:

"O Sr. Allan Kardec fez a viagem completa. Nos números de dezembro de 1862 e janeiro de 1863, de sua *Revista Espírita*, já publicou dois artigos, mas não são senão preliminares; o exame dos fatos virá com o número de fevereiro. À espera disso, nos adverte que a epidemia de Morzine é semelhante à que maltratou a Judéia, ao tempo do Cristo. É bem possível.

"Com o risco de incorrer na censura de alguns leitores que acharão que provavelmente teria sido melhor não falar dos Espíritos, convido vivamente aqueles que muito quererão ler esta brochura, a ler o mesmo assunto nos autores que acabo de citar.

"Não seria preciso, no entanto, equivocar-se sobre o objetivo do nosso convite; quanto mais cedo houver leitores sérios das obras do Espiritismo, mais cedo será feita justiça completa de uma crença, de uma *ciência*, diz-se, sobre a qual poderia talvez arriscar uma opinião, depois de ter tantas vezes constatado um de seus resultados: o contingente bastante notável que ela fornece, cada ano, à população de nossos asilos de alienados."

Pode-se ver por aí com quais idéias o Sr. Constant foi a Morzine. Certamente, não procuraremos conduzi-lo à nossa opinião, somente dir-lhe-emos que o resultado da leitura das obras espíritas está demonstrado pela experiência, ao contrário do que ele espera, uma vez que essa leitura, em lugar de fazer pronta justiça dessa pretensa ciência, multiplica-lhe os adeptos, cada ano, por milhares; que são contados hoje no mundo inteiro por cinco ou seis milhões, dos quais a décima parte em torno da França somente. Objetando-se que são todos tolos e ignorantes, lhe perguntaríamos por que essa doutrina conta, entre seus mais firmes partidários, um tão grande número de médicos em todos os países, o que a nossa correspondência atesta, um número de médicos assinantes da *Revista*, e daqueles que presidem ou fazem parte dos grupos e sociedades espíritas, sem falar do número, não menor, dos adeptos pertencendo a posições sociais onde não se chega senão pela inteligência e pela instrução. Eis um fato material que não está no poder de ninguém negar; ora, como todo efeito tem uma causa, a causa desse efeito é que o Espiritismo não parece, a todo mundo, tão absurdo como apraz a alguns dizê-lo. - Infelizmente

é verdade, exclamam os adversários da Doutrina; também não temos mais que nos velar a face sobre a sorte da Humanidade que caminha para sua decadência.

Resta a questão da loucura, hoje o lobisomem, com a ajuda do qual se procura amedrontar as populações, que não se comovem mais com ele, como se pode ver. Quando esse meio estiver esgotado, sem dúvida, imaginar-se-á um outro; à espera disso, remetemos ao artigo publicado no número de fevereiro de 1863, sob o título de: *a Loucura Espírita*, página 51.

Os primeiros sintomas da epidemia de Morzine se declararam no mês de março de 1857, sobre duas meninas de uma dezena de anos; no mês de novembro seguinte, o número dos doentes era de vinte e sete, e em 1861 atingiu a cifra máxima de cento e vinte.

Se nos dermos conta dos fatos segundo o que vimos, poder-se-ia dizer que não vimos senão o que não quisemos ver; aliás, chegamos ao declínio da doença, e ali não ficamos muito tempo para tudo observar. Citando as observações dos outros, não se nos acusará de não ver senão pelos nossos olhos.

Tiramos do relato do qual demos acima um extrato, as observações seguintes:

"Essas crianças falam a língua francesa durante suas crises com uma facilidade admirável, mesmo as que, fora de lá, dela não sabem senão algumas palavras.

"Essas crianças, uma vez em suas crises, perdem completamente toda reserva para o que quer que seja; perdem também completamente toda afeição de família.

"A resposta é sempre tão pronta e tão fácil, que dir-se-ia que vem antes da interrogação; essa resposta é sempre ad *rem*, exceto quando o falador responde por asneiras, por insultos ou uma recusa exagerada.

"Durante a crise, o pulso fica calmo, e, no maior furor, o personagem tem o ar de se possuir, como alguém que chamasse a cólera à sua ordem, sem se assemelhar às pessoas exaltadas ou presas de um acesso de febre.

"Notamos durante as crises uma insolência estranha que ultrapassa toda expressão, nas crianças que, fora de lá, são doces e tímidas.

"Durante a crise, há em todas essas crianças um caráter de impiedade permanente levado além de todos os limites, dirigido a tudo que lembra Deus, os mistérios da religião, Maria, os santos, os sacramentos, a prece, etc.; o caráter dominante desses momentos horríveis é o ódio de Deus e de tudo o que a ele se relaciona.

"Está bem constatado para nós que essas crianças revelam *coisas que acontecem ao longe, assim como fatos passados dos quais não tinham nenhum conhecimento; elas revelaram também a várias pessoas os seus pensamentos.*

"*Anunciam algumas vezes o começo, a duração e o fim das crises, o que farão mais tarde e o que não farão.*

"Sabemos que deram respostas exatas a perguntas dirigidas em línguas desconhecidas para elas, alemão, latim, etc.

"Essas crianças têm, no estado de crise, uma força que não é proporcional à sua idade, uma vez que é preciso três ou quatro homens para conter, durante os exorcismos, as meninas de dez anos.

"Há a se notar que, durante a crise, as crianças não fazem nenhum mal, nem pelas contorções que parecem de natureza a deslocar seus membros, nem pelas quedas que dão, nem pelos golpes que se dão batendo com violência.

"Há sempre, invariavelmente, em suas respostas, a distinção de vários personagens: *a moça e ele, o demônio e o condenado.*

"Fora da crise, essas crianças não têm nenhuma lembrança do que disseram ou do que fizeram; seja que a crise tenha durado mesmo todo um dia, seja que elas tenham feito obras prolongadas ou incumbências dadas no estado de crise.

.....
"Para concluir, diremos:

"Que a nossa impressão, para nós, é que tudo isso é sobrenatural, na causa e nos efeitos; segundo as regras da lógica sadia, e segundo tudo o que a teologia, a história eclesiástica e o Evangelho nos ensinam e nos contam.

"Declaramos que, na nossa opinião, há uma verdadeira possessão do demônio.

"Em fé do que,

Assinado:*****

"Morzine, 5 de outubro de 1857."

Eis como o Sr. Constant descreve o estado de crise dos doentes, segundo as suas próprias observações:

"No meio da calma mais completa, raramente à noite, sobrevêm de repente os bocejos, os espreguiçamentos, algumas comoções, pequenos movimentos bruscos e de aspecto involuntário e irregular nos braços; pouco a pouco, e num muito curto espaço de tempo, como por efeito de descargas sucessivas, esses movimentos se tornam mais rápidos, em seguida mais amplos, e não parecem logo mais que um exagero dos movimentos fisiológicos; a pupila se dilata e se estreita alternativamente, e os olhos participam dos movimentos gerais.

"Nesse momento, os doentes, cujo aspecto tinha primeiro parecido exprimir o medo, entram num estado de furor, que vai sempre crescendo, como se a idéia que os domina produzisse dois efeitos quase simultâneos: da depressão e logo o da excitação.

"Batem sobre os móveis com força e vivacidade, começam a falar, ou antes a vociferar; o que elas dizem quase todas, quando não são superexcitadas por perguntas, se reduz a estas palavras indefinidamente repetidas: "S... nome! s... ch... gne! s... vermelho! (Ela chama vermelho aqueles na piedade dos quais não acreditam.) Algumas juntam juramentos.

"Se junto delas não se encontra nenhum expectador estranho; se não lhes faz perguntas, repetem sem cessar a mesma coisa sem nada acrescentar; se é o contrário, respondem ao que disse o espectador, e mesmo aos pensamentos que elas lhe emprestam, às objeções que prevêm, mas sem sair de sua idéia dominante, informando-os de tudo o que dizem. Assim, é freqüente: "Ah! tu crês, b... de incrédulo, que somos loucas, que não temos senão um mal de imaginação! nós somos condenadas, s... n... de Deus! Somos os diabos do inferno!"

"E como é sempre um diabo que fala por sua boca, o pretense diabo conta algumas vezes *o que fazia sobre a Terra, o que fez depois no inferno, etc.*

"Diante de mim acrescentavam invariavelmente: "Não são teus s... médicos que nos curarão! Nós f... muitos de teus médicos! podes bem fazê-los tomar a moça, elas a atormentarão, fá-la-ão sofrer; mas a nós, não farão nada, porque somos diabos! São santos padres, bispos que nos são necessários, etc."

"O que não as impede de insultarem os padres quando eles estão presentes, sob pretexto de que *não são bastante santos para terem ação sobre o demônio*. Diante do prefeito, dos magistrados, era sempre a mesma idéia, mas com outras palavras.

"À medida que elas falam, sempre com a mesma veemência, toda a sua fisionomia não tem outro caráter do que o do furor. Algumas vezes o pescoço se enche, a face se injeta; noutras, ela empalidece, tudo como ocorre às pessoas comuns que, segundo sua constituição, ruborizam ou empalidecera durante um acesso violento de cólera; os lábios, freqüentemente, estão sujos de saliva, o que faz dizer que os doentes babam.

"Os movimentos, no início limitados às partes superiores, ganham sucessivamente o tronco e os membros inferiores; a respiração se torna ofegante; os doentes redobram de furor, se tornam agressivos, deslocam os móveis e lançam cadeiras, tamboretas, tudo o que lhes cai sob a mão, sobre os assistentes; precipitam-se sobre eles para bater-lhes, tanto seus parentes quanto os estranhos; lançam-se no chão, sempre continuando as mesmas crises; rolam, batem a mão sobre o solo, se batem eles mesmos sobre o peito,

sobre o ventre, sobre a parte anterior do pescoço, e procuram arrancar alguma coisa que parece incomodá-los nesse ponto. Voltam-se e se reviram de um pulo; vi duas que, se levantando como pela expansão de uma mola, caem para trás, de tal modo que sua cabeça repousava sobre o solo ao mesmo tempo que seus pés.

"Essa crise dura, mais ou menos, dez, vinte minutos, meia hora, segundo a causa que a provocou. Se for a presença de um estranho, sobretudo de um padre, e é muito raro que ela acabe antes que a pessoa tenha se afastado; nesse caso os movimentos convulsivos, no entanto, não são contínuos; depois de ter sido muito violentos, enfraquecem e acabam por recomeçar imediatamente, como se a força nervosa esgotada tomasse um momento de repouso para se refazer.

"Durante a crise, o pulso, os batimentos do coração, não são de nenhum modo acelerados, e mesmo comumente o contrário: o pulso se concentra, torna-se pequeno, lento, e as extremidades se resfriam; apesar da violência da agitação, os golpes furiosos batidos por todos os lados, as mãos ficam geladas.

"Contrariamente ao que se viu, freqüentemente, em casos análogos, nenhum idéia erótica se mistura ou parece juntar-se à idéia demoníaca; fui mesmo tocado por essa particularidade, porque é comum a todos os doentes: nenhum diz a menor palavra ou faz o menor gesto obsceno: em seus movimentos mais desordenados, jamais elas não se descobrem, e se suas vestes se levantam um pouco quando elas rolam na terra, é muito raro que não a abaixem logo.

"Não parece que haja aqui lesão da sensibilidade genital; também jamais foi questão de incubos, de súcubos ou de cenas do sabá; todas as doenças pertencem, como demoniomaníacas, ao segundo dos quatro grupos indicados pelo Sr. Macario; algumas *ouvem* a voz dos diabos, muito mais geralmente *eles falam pela sua boca*.

"Depois da grande desordem, os movimentos se tornam, pouco a pouco, menos rápidos; alguns gases escapam pela boca, e a crise acaba. O doente olha ao seu redor com um ar um pouco admirável, arruma seus cabelos, apanha e recoloca seu boné, bebe alguns goles de água, e retoma sua obra, se a tinha quando a crise começou; quase todas dizem não sentir nenhum aborrecimento e não se lembrar do que disseram ou fizeram.

"Esta última afirmativa não é sempre sincera; surpreendi algumas lembrando-se muito bem, somente acrescentavam: "*Sei bem que ele (o diabo) disse ou fez tal coisa, mas não fui eu; se minha boca falou, se minhas mãos bateram, foi ELE que fazia falar e bater; teria querido muito permanecer tranqüila, mas ELE é mais forte do que eu.*"

"Esta descrição é a do estado mais freqüente; mas entre os extremos existem vários degraus, desde a doença que não tem senão crises de dores gastrálgicas, até à que chega a último paroxismo do furor. Feita esta reserva, não encontrei, em todos os doentes que visitei, diferenças dignas de notas senão somente em algumas.

"Uma, chamá-la-ei Jeanne Br..., quarenta e oito anos, solteira, histérica muito antiga, sente animais que não são outros senão *diabos* que lhe correm sobre o rosto e o picam.

"A mulher Nicolas B..., com a idade de trinta e oito anos, doente há três anos, *late* durante suas crises; ela atribui sua doença a um copo de vinho que bebeu em companhia de um daqueles que fazem o mal.

"Jeanne G..., com a idade de trinta e sete anos, solteira, é aquela cujas crises são as mais diferentes. Ela não tem desses movimentos crônicos gerais que se vêem em todos os outros, e não fala quase nunca. Desde que sinta vir a sua crise, senta-se e se põe a balançar a cabeça de trás para a frente; os movimentos, lentos e pouco extensos de início, vão sempre se acelerando, e acabam por fazer percorrer a cabeça, com uma incrível rapidez, um arco de círculo cada vez mais extenso, até que ela venha alternativa e regularmente bater nas costas e no peito. Por intervalos o movimento se detém um instante, e os músculos contraídos, agora, a cabeça fixada na posição onde ela se encontrava no momento do tempo de parada, sem que seja possível, mesmo com esforços, endireitá-la ou curvária-la.

"Victoire V..., com a idade de vinte anos, tornou-se doente, uma das primeiras, com a idade de dezesseis anos. Seu pai conta assim o que ela sentiu:

"Ela jamais tinha sentido nada, quando, o mal tomou-a um dia na missa; durante os dois ou três primeiros dias, ela não fazia senão saltar um pouco. Um dia ela me levou meu dinheiro à paróquia onde eu trabalhava, o *Angelus* soou quando ela chegava sobre a ponte; se pôs logo a saltar, e se lançou por terra gritando e gesticulando, jurando junto do sineiro. O cura de Montriond se encontrava ali por acaso, ela o injuriou, chamou-o s...ch...de Montriond. O Sr. cura de Morzine veio logo junto dela no momento em que a crise acabava, mas recomeçou logo, porque lhe fez um sinal da cruz sobre a fronte. Tinha-a exorcizado freqüentemente, mas vendo que nada a curava, não mais um exorcismo do que outra coisa, eu a conduzi para Genève, na casa do Sr. Lafontaine (o magnetizador); ela ali ficou um mês, e retornou bem curada: ficou tranqüila quase três anos.

"Há seis semanas teve recaída, mas não tinha mais crise; não queria ver ninguém e se encerrava na casa; não comia senão quando tinha alguma coisa de bom a lhe dar, de outro modo não podia engolir. Não podia manter-se sobre suas pernas nem apenas mover os braços; tentei várias vezes colocá-la de pé, mas ela não se *sentia*, e caía desde que não a segurasse mais. Decidi reconduzi-la à casa do Sr. Lafontaine; não sabia como carregá-la; ela me disse: "Quando estiver na comuna de Montriond, caminharei bem." Ajudado por um de meus vizinhos, carregamo-la, já que ela não caminhou até Montriond. Mas logo do outro lado da ponte, caminhou sozinha e não se lamentou mais do que de um gosto horrível na boca. Depois de duas sessões na casa do Sr. Lafontaine, estava melhor, e agora está colocada como doméstica.

"Geralmente foi notado, disse o Sr. Constant, que *desde que elas estão fora da comuna*, os doentes não têm, senão raramente, crises.

"Um dia, o prefeito, que me acompanhava, foi surpreendido por uma doente e violentamente ferido com uma pedra no rosto; quase no mesmo instante uma outra doente se precipitou sobre ele, armada de um grosso pedaço de madeira, para feri-lo também; vendo esta vir, apresentou-lhe a ponta aguda de seu bastão guarnecido de ferro, ameaçando-a de trespassá-la com ele, se avançasse; ela se deteve, deixou cair seu pedaço de madeira e se contentou em dizer injúrias.

"Apesar das corridas, dos saltos, dos movimentos violentos e desordenados, apesar dos golpes que se dão, seus terrores ou suas divagações, não se menciona tentativa de suicídio ou de acidente grave ocorrido com alguma dentre elas; não perdem, pois, toda a consciência, o instinto de conservação ao menos subsiste.

Se, no começo de uma crise, uma mulher tem seu filho nos braços, freqüentemente, ocorre que um *diabo* menos mau que aquele que vai *trabalhá-la* lhe diz: "*Deixa essa criança, ele (o outro diabo) lhe faria mal.*" Ocorre o mesmo algumas vezes quando elas têm uma faca ou outro instrumento suscetível de ocasionar um ferimento.

"Os homens sofreram, como as mulheres, a influência da crença que os deprime a todos em diversos graus, mas entre eles os efeitos foram menores e bastante diferentes. Há os que, com efeito, sentem absolutamente as mesmas dores que as mulheres; como elas, têm sufocações, experimentam um sentimento de estrangulamento e acusam a sensação da bola histérica, mas nenhum foi até as convulsões; se houve alguns raros exemplos de acidentes convulsivos, podem quase sempre serem atribuídos a um estado mórbido anterior e diferente. O único representante do sexo masculino que parece ter tido realmente crises da mesma natureza que a das moças, é o jovem T... Geralmente são as jovens de quinze a vinte e cinco anos que foram atingidas; no outro sexo, ao contrário, com exceção do menino T..., não são quase, na medida que venho te dizer, senão homens de uma idade madura, aos quais as vicissitudes da vida puderam trazer outras preocupações preexistentes, ou a acrescentar às causadas pela doença."

Depois de ter discutido a maioria dos fatos extraordinários contados a respeito dos doentes de Morzine, e tentado provar o estado de degenerescência física e moral dos habitantes em consequência de afecções hereditárias, o Sr. Constant acrescenta:

"É preciso, pois, assegurar-se bem de que tudo o que se disse de Morzine, uma vez restabelecida a verdade, encontra-se consideravelmente reduzido; cada um fez seu conto e quis ultrapassar os outros contistas. Esses exageros se encontram em todos os relatórios das epidemias desse gênero. Quando muito mesmo alguns fatos seriam reais em todos os pontos e escapariam a toda interpretação, seria isso um motivo para procurar-lhes uma explicação além das leis naturais? Tanto valeria dizer que todos os agentes cujo modo de ação resta descobrir, tudo o que escapa à nossa análise, é necessariamente sobrenatural.

"Tudo o que se viu em Morzine, sobretudo o que se contou, poderá muito bem, para algumas pessoas, ficar o sinal manifesto de uma possessão, mais também, muito certamente, o dessa doença complexa que recebeu o nome de histero-demoniomania.

"Em resumo, acaba-se de ver uma região cujo clima é rude e a temperatura muito variável, onde a histeria foi de todos os tempos reputada endêmica; uma população cuja alimentação, sempre a mesma para todos, mais pobres ou menos pobres, e sempre má, é composta de alimentos freqüentemente alterados, que podem provocar, e provocam, desarranjos nas funções dos órgãos da nutrição, e por aí nevroses particulares; uma população de uma constituição pouco robusta e especial, freqüentemente manchada de predisposições hereditárias; ignorante e vivendo num isolamento quase completo; muito piedosa, mais de uma piedade que tem por base o *medo mais do que a esperança*; muito supersticiosa, e cuja superstição, essa praga que São Tome chamou *um vício oposto à religião por excesso*, foi mais acariciada do que combatida; embalada por contos de feitiçaria que são, fora as cerimônias da Igreja, a única distração que não pôde impedir uma severidade religiosa exagerada; de uma imaginação viva, muito impressionável, que teria necessidade de algum alimento, e que não é outro senão essas mesmas cerimônias."

Resta-nos a examinar as relações que podem existir entre os fenômenos descritos acima, e aqueles que se produzem nos casos de obsessão e de subjugação bem constatados, o que cada um, sem dúvida, já terá notado, o efeito dos meios curativos empregados, as causas da ineficácia dos exorcismos e as condições nas quais podem ser úteis. É o que faremos num próximo e último artigo.

À espera disso, diremos com o Sr. Constant, que não há nenhuma necessidade de ir procurar no sobrenatural a explicação dos efeitos desconhecidos; estamos perfeitamente de acordo com ele sobre esse ponto. Para nós, os fenômenos espíritas nada têm de sobrenatural; eles nos revelam uma das leis, uma das forças da Natureza que não se conhecia e que produz os efeitos até então inexplicados. Essa lei, que ressalta dos fatos e da observação, é, pois, mais insensata porque têm por promotores seres inteligentes antes que animais ou a matéria bruta? É, pois, tão insensato crer em inteligências ativas além do túmulo, sobretudo quando elas se manifestam de modo ostensível? O conhecimento dessa lei, conduzindo certos efeitos à sua verdadeira causa, simples e natural, é o melhor antídoto das idéias supersticiosas.

RESULTADO DA LEITURA DAS OBRAS ESPÍRITAS.

Cartas dos Srs. Michel de Lyon, e D... de Albi

Como resposta à opinião do Sr. doutor Constant no tocante ao efeito que deve produzir a leitura das obras espíritas, publicamos adiante duas cartas entre as milhares da mesma natureza que nos são endereçadas. Sua opinião, como se pôde ver no artigo precedente, é que esse efeito deve ser inevitavelmente de fazer pronta justiça da pretensa ciência do Espiritismo, e é a esse título que recomenda a sua leitura. Ora, eis mais de seis

anos que se lêem essas obras, e, coisa deplorável para sua perspicácia, justiça ainda não foi feita!

Albi, 6 de março de 1863.

Senhor Allan Kardec,

(...) Sei que não devo abusar de vosso tempo precioso; também me privo da alegria de conversar longamente convosco. Dir-vos-ei que lamento amargamente não ter conhecido mais cedo a vossa admirável doutrina, porque sinto que teria sido inteiramente outro homem, e no entanto não sou médium, nem procuro vir a sê-lo ainda, tendo graves contrariedades que me obsidiam sem cessar. Tenho um passado deplorável de negligência; cheguei até a idade de quarenta e nove anos sem saber uma única prece; depois que vos li, peço sempre à noite, algumas vezes pela manhã, e sobretudo por meus inimigos. Vossa doutrina me salvou de muitas coisas, e me fez suportar os revezes com resignação.

Quanto vos seria reconhecido, caro senhor, se quisésseis orar algumas vezes por mim!

Aceitai, etc.

D...

Lyon, 9 de março de 1863.

Meu caro mestre,

Devo começar vos pedindo duplamente perdão, primeiro, por ter adiado por tanto tempo o cumprimento de um dever dessa natureza; em seguida, pela liberdade que tomo, sem ter a honra de ser vosso conhecido, de vos entreter com coisas que, de alguma sorte, me são inteiramente pessoais.

Esta consideração me obriga também a ser breve quanto possível para não abusar de vossa bondade, nem vos fazer perder só por mim um tempo que poderíeis empregar mais utilmente para o bem geral.

Há seis meses que tenho a felicidade de ter iniciado na Doutrina Espírita; senti nascer em mim um vivo sentimento de reconhecimento. Esse sentimento não é, de resto, senão uma conseqüência muito natural da crença no Espiritismo; e, uma vez que tem a sua razão de ser, deve igualmente se manifestar. Na minha opinião, ela deve se dividir em três partes, da qual a primeira é Deus, que cada dia todo verdadeiro Espírita deve agradecer dessa nova prova de sua misericórdia infinita; a segunda pertence de direito ao próprio Espiritismo, quer dizer, aos bons Espíritos e aos seus sublimes ensinamentos; e, enfim, a terceira é adquirida daquele que nos guia no novo caminho e que estamos felizes de reconhecer por nosso mestre venerado.

O reconhecimento espírita assim compreendido, impõe, pois, três deveres bem distintos: para com Deus, os bons Espíritos e o propagador de seus ensinamentos. Tenho a esperança de me absolver diante de Deus pedindo-lhe perdão de meus erros passados, e continuando a lhe pedir cada dia; tentarei pagar minha dívida ao Espiritismo espalhando ao meu redor, tanto quanto estiver em meu fraco poder, os benefícios da instrução espírita; e o objetivo desta carta é de vos testemunhar, senhor, o vivo desejo que experimento de me quitar convosco, o que me acuso de fazê-lo tão tardiamente. Apelo, pois, à vossa caridade, e vos peço aceitar esta homenagem sincera de um reconhecimento sem limites.

Associando-me de coração àqueles que me precederam, venho vos dizer: obrigado a vós que nos tirastes do erro fazendo raiar sobre nós, a tocha da verdade; obrigado a vós que nos fizestes conhecer os meios de chegar à verdadeira felicidade pela prática do bem; obrigado a vós que não tivestes medo de ser o primeiro a entrar na luta.

O advento do Espiritismo no século dezenove, numa época em que o egoísmo e o materialismo parecem partilhar o domínio do mundo, é um fato muito importante e muito extraordinário para não provocar a admiração ou o espanto de pessoas sérias e de espíritos observadores. Esse fato permanece completamente inexplicável para aqueles que se recusam a reconhecer a intervenção divina na marcha dos grandes acontecimentos que se cumprem entre nós, e freqüentemente apesar de nós.

Mas, um fato não menos surpreendente é que se tenha encontrado, nesta mesma época de incredulidade, um homem bastante crente, bastante audacioso, para sair da multidão, para abandonar o corrente e anunciar uma doutrina que deveria colocá-lo em desacordo com a grande maioria, sendo seu objetivo combater e derrubar os preconceitos, os abusos e os erros da multidão, e, enfim, pregar a fé aos materialistas, a caridade aos egoístas, a moderação aos fanáticos, a verdade a todos. Este fato hoje se cumpriu; portanto, não era impossível; mas, para cumpri-lo, seria preciso uma coragem que só a fé pode dar. Eis o que causa a nossa admiração.

Um semelhante devotamento, meu caro mestre, não poderia permanecer infrutífero; também, desde o presente, podeis começar a receber a recompensa de vossos labores, contemplando o triunfo da Doutrina que ensinastes.

Sem vos preocupar com o número e com a força de vossos adversários, descestes só na arena, e não opusestes às zombarias injuriosas senão uma inalterável serenidade, aos ataques e às calúnias senão a moderação; em pouco tempo, o Espiritismo se propagou em todas as partes do mundo; hoje, seus adeptos se contam por milhões, e, coisa mais satisfatória ainda, se recrutam em todos os graus da escala social. Ricos e pobres, ignorantes e sábios, livres pensadores e puritanos, todos responderam ao chamado do Espiritismo, e cada classe se apressou em fornecer seu contingente nessa cruzada da inteligência... Luta sublime! onde o vencido está orgulhoso de proclamar a sua derrota, e mais orgulhoso ainda de poder combater sob a bandeira dos vencedores.

Essa vitória não honra apenas aquele que a alcança, ela atesta também a justeza da causa, quer dizer, a superioridade da Doutrina Espírita sobre todas as que a precederam, e, conseqüentemente, sua origem toda divina. Para o adepto fervoroso, esse fato não pode ser posto em dúvida, e o Espiritismo não pode ser a obra de alguns cérebros em demência, como seus detratores tentaram demonstrá-lo. É impossível que o Espiritismo seja uma obra humana; deve ser e é, com efeito, uma revelação divina. Se assim não fora, já teria sucumbido e teria ficado impotente diante da indiferença e do materialismo.

Toda ciência humana é sistemática em sua essência, e por isso mesmo sujeita a erro; é por isso que não pode ser admitida senão por um pequeno número de indivíduos que, por ignorância ou por cálculo, propagam-lhe as crenças errôneas que caem, elas mesmas, depois de algum tempo de prova. O tempo e a razão sempre fizeram justiça às doutrinas abusivas e destituídas de fundamento. Nenhuma ciência, nenhuma doutrina pode pretender a estabilidade se ela não possui, em seu conjunto, como em seus menores detalhes, essa emanção pura e divina que chamamos a verdade; porque é a única imutável como o Criador, que dela é a fonte.

Disso encontramos um exemplo bem consolador nas divinas palavras do Cristo, que o santo Evangelho, apesar de sua longa e aventureira peregrinação, nos transmitiu tão suaves, tão puras quanto eram saindo da boca do Divino Renovador.

Depois de dezoito séculos de existência, a doutrina do Cristo nos parece tão luminosa quanto no tempo de seu nascimento. Apesar das falsas interpretações de uns, as perseguições de outros, embora pouco praticada em nossos dias, ela não ficou menos fortemente enraizada na lembrança dos homens. A doutrina do Cristo é, pois, uma base inabalável contra a qual as paixões humanas vêm, sem cessar, se quebrar. Como a vaga impotente se quebra sobre a rocha, as tempestades do erro se esgotam, em vão esforços, contra o farol da verdade. Sendo o Espiritismo a confirmação, o complemento dessa dou-

trina, é justo, pois, dizer que ele se tornará um monumento indestrutível uma vez que tem Deus por princípio e a verdade por base.

Do mesmo modo que estamos felizes em predizer sua longa destinação, entreve-mos, com alegria, o momento em que se tornará a crença universal. Esse momento não poderia estar muito longe, porque os homens não poderiam tardar em compreender que não há felicidade possível neste mundo sem a fraternidade. Compreenderão também que a palavra virtude não deve somente errar sobre seus lábios, mas deve se gravar profundamente em seus corações; compreenderão, enfim, que aquele que toma a tarefa de pregar a moral deve, antes de tudo, deve sobretudo, pregá-la pelo exemplo.

Detenho-me, meu caro mestre, a grandeza do assunto me arrasta para as alturas onde me é impossível manter-me. Mãos mais hábeis do que a minha já pintaram, com vivas cores, esse tocante quadro, que a minha pena ignorante tenta em vão esboçar. Perdoai-me, eu vos peço, por vos ter entretido, por tanto tempo, com meus próprios sentimentos; mas experimentava um desejo invencível de me extravasar no próprio seio daquele que dera a calma à minha alma, substituindo a dúvida que a torturou por quinze anos, por uma certeza consoladora!

Fui, alternativamente, católico fervoroso, fatalista, materialista, filósofo resignado; mas, disto dou graças a Deus, jamais fui ateu. Vociferava contra a Providência sem, no entanto, jamais negar a Deus. As chamas do inferno, há muito tempo, estão extintas para mim, e, no entanto, meu Espírito não estava tranqüilo sobre o seu futuro. Os gozos celes-tes preconizados pela Igreja não tinham bastante atrativos para exortar-me à virtude, e, no entanto, minha consciência aprovava muito raramente minha conduta. Estava numa dúvida contínua. Apropriando-me deste pensamento de um grande filósofo: "A consciên-cia foi dada ao homem para vexá-lo," disse cheguei a essa conclusão, de que o homem deve evitar com cuidado tudo o que pode pô-lo mal com a sua consciência. Assim, evitei de cometer alguma grande falta, porque a isso minha consciência se opunha; cumpri algumas boas obras por sentir a satisfação que elas proporcionam; mas não entrevia nada além. A natureza me tirara do nada, a morte deveria me tornar ao nada! Este pensamen-to, freqüentemente, mergulhava-me numa tristeza profunda, mas consultara inutilmente, procurara inutilmente, nada podia me dar a palavra do enigma. As desproporções sociais me chocavam, e, freqüentemente, me perguntava porque nascera no baixo da escala on-de me encontrava tão mal colocado. A isso, não podendo responder, eu dizia: O acaso. Uma consideração de um outro gênero me fazia tomar horror ao nada! Para que se instruir? Para brilhar num salão?... é preciso da fortuna; para tornar-me um poeta, um grande escritor?... é preciso um talento natural. Mas para mim, simples artesão, destinado talvez a morrer sobre a bancada à qual estou ligado pela necessidade de ganhar meu pão de cada dia... para que me instruir?... Não sei quase nada e é muitíssimo; uma vez que meu saber não me serve para nada durante a minha vida, e que deve aniquilar-se ao morrer. Esse pensamento se apresentou muito freqüentemente ao meu espírito; nele cheguei a maldizer essa instrução que se dá grátis ao filho do operário. Essa instrução, embora bem exígua, muito incompleta, parecia supérflua, e me parecia não só nociva à felicidade do pobre, mas incompatível com as exigências de sua condição. Era, na minha opinião, uma calamidade a mais para o pobre, uma vez que lhe fazia compreender a importância do mal sem indicar-lhe o remédio. É fácil de explicar-se os sofrimentos morais de um homem que, sentindo bater um coração nobre em seu peito, é obrigado a curvar sua inteligência sob a vontade de um indivíduo cujo punhado de escudos, freqüentemente mal adquiridos, algumas vezes faz todo o mérito e todo o saber.

É então que é necessário apelar à filosofia; e, olhando do alto da escala, se diz: O dinheiro não faz a felicidade; depois, olhando embaixo, percebem-se pessoas numa posi-ção inferior à sua, e acrescenta-se: Tenhamos paciência, há os que têm mais a lamentar do que nós. Mas, se esta filosofia, algumas vezes, dá a resignação, ela jamais produz a felicidade.

Estava nessa situação quando o Espiritismo veio me tirar do lamaçal de provas e de incertezas onde me enfiava cada vez mais, apesar de todos os esforços que fazia para dele sair.

Durante dois anos ouvi falar de Espiritismo sem lhe dar uma atenção séria; acreditava, segundo o dizer de seus adversários, que um malabarismo novo se introduzia entre os outros. Mas, cansado, enfim, de uma coisa da qual não conhecia realmente senão o nome, resolvi me instruir. Proporcionei-me *O Livro dos Espíritos* e o dos *Médiuns*. Li, ou antes, devorei essas duas obras com uma avidez e uma satisfação que me é impossível definir. Qual foi minha surpresa, lançando os olhos sobre as primeiras páginas, de ver que se tratava de filosofia moral e religiosa, quando esperava ler um tratado de magia acompanhado de relatos maravilhosos! Logo a surpresa deu lugar à convicção e ao reconhecimento. Quando acabei minha leitura, percebi com alegria que era Espírita há muito tempo. Agradei a Deus que me concedeu esse insigne favor. Doravante poderei pedir sem medo que minhas preces se percam no espaço, e suportarei com alegria as tribulações desta curta existência, sabendo que a minha miséria atual não é senão a justa consequência de um passado culposo, ou um período de prova para alcançar um futuro melhor. Não mais dúvida! a justiça e a lógica nos revelam a verdade; e aclamamos com alegria essa benfeitora da Humanidade.

É quase inútil vos dizer, meu caro mestre, quanto era grande meu desejo de tornar-me médium; também estudei com uma grande perseverança. Depois de alguns dias de observação, reconheci que era médium intuitivo; meu desejo não se cumprira senão pela metade, uma vez que desejava vivamente tornar-me médium mecânico.

A mediunidade intuitiva deixa, por muito tempo, a dúvida no espírito daquele que a possui. Devi, para dissipar todos os meus escrúpulos a esse respeito, assistir a algumas sessões de Espiritismo, a fim de poder estabelecer uma comparação entre a minha mediunidade e a dos outros médiuns. Foi então que compreendi a justeza de vossa recomendação que *prescreve ler antes de ver*, querendo-se estar convencido; porque, posso vo-lo dizer francamente, não vi nada de convencimento para um incrédulo. Teria dado muito, então, para poder ser admitido entre aqueles que a Providência colocou sob a direção imediata de nosso chefe bem-amado, porque penso que as provas devem ser mais palpáveis, mais freqüentes na sociedade que presidis. No entanto, eu não me prendia a ela ali, e convidei vários médiuns escreventes, videntes e desenhistas para se reunirem a mim, para trabalhar em comum. Foi então que tive a alegria de ser testemunha dos fatos mais surpreendentes e obter as provas mais evidentes da bondade e da verdade do Espiritismo. Pela segunda vez estava convencido!

Junto a esta carta, já muito longa, algumas de minhas comunicações; ficarei feliz, meu caro mestre, se vos fosse possível lançar sobre elas uma olhada e julgar-lhes o valor. Do ponto de vista moral, eu as creio irrepreensíveis; mas do ponto de vista literário.....

não estando eu mesmo apto para julgá-las, abstenho-me de qualquer apreciação. Se, contra minha espera, encontrardes alguns fragmentos bastante passáveis para serem dados à publicidade, peço-vos dispor delas segundo a vossa conveniência, e seria para mim uma alegria muito grande ter levado uma pequena pedra à construção do grande edifício.

Darei um valor muito grande a uma resposta de vossa mão, meu caro mestre, mas não ousou solicitá-la, sabendo a impossibilidade material que tendes de responder a todas as cartas que vos são dirigidas. Termino vos rogando perdoar-me esta extrer liberdade, esperando que consentireis em crer na sinceridade daquele que tem a honra de se dizer um dos vossos mais fervorosos admiradores e vosso muito humilde servidor.

MICHEL,
Rua Bouteille, 25, em Lyon.

OS SERMÕES CONTINUAM E NÃO SE ASSEMELHAM.

Escreveram-nos de Chauny, em 7 de março de 1863:

"Senhor,

"Venho tentar vos dar a análise de um sermão que nos foi pregado ontem pelo Sr. abade X..., estranho à nossa paróquia. Esse padre, que, de resto, é muito bom pregador, nos explicou, tanto quanto é possível fazê-lo, o que é Deus e o que são os Espíritos. Não devia ignorar que tinha um número muito grande de Espiritas em seu auditório, também sentimos uma vivíssima satisfação de ouvir falar dos Espíritos e de suas relações com os vivos.

"Não me explico de outro modo, disse ele, todos os fatos miraculosos, todas as visões, todos os pressentimentos, senão pelo contato daqueles que nos são caros e que nos precederam no túmulo; e se não temo levantar um véu muito misterioso, ou de vos falar de coisas que não seriam compreendidas por todos, me entendi por muito tempo sobre esse assunto. Sinto-me inspirado, e, obedecendo à voz de minha consciência, não poderia muito vos pedir em guardarem boa lembrança de minhas palavras: Crer nesse Deus de que todos os Espíritos emanam, e a quem deveremos nos reunir um dia."

"Esse sermão, senhor, dito com um acento de doçura, de benevolência e de convicção, aliado ao coração, bem melhor do que os discursos furiosos onde se procura em vão a caridade pregada pelo Cristo; estava ao alcance de todas as inteligências; também todos os compreenderam e saíram reconfortados, em lugar de desencorajados e tristes pelos quadros do inferno e das penas eternas, e tantos outros assuntos em contradição com a sã razão.

"Aceitai, etc.

V...

Este sermão, obrigado Deus, não é único desse gênero; foram-nos assinalados vários outros deles no mesmo sentido, mais ou menos acentuados, que foram pregados em Paris e nos departamentos; e, coisa bizarra, num sentido diametralmente oposto, pregados no mesmo dia, na mesma cidade, e quase na mesma hora. Isso nada tem de surpreendente, porque há muitos eclesiásticos esclarecidos que compreendem que a religião não pode senão perder de sua autoridade ao se inscrever em falso contra a irresistível marcha das coisas, e que, como todas as instituições, ela deve seguir o progresso das idéias, sob pena de receber mais tarde o desmentido dos fatos realizados. Ora, quanto ao Espiritismo, é impossível que muitos desses senhores não estejam no estado de se convencerem por si mesmos da realidade das coisas; conhecemos pessoalmente mais de um desses casos. Um deles nos disse um dia: "Pode-se me proibir de falar em favor do Espiritismo, mas me obrigar a falar contra a minha convicção, a dizer que tudo isso é obra do demônio, quando tenho a prova material do contrário, é o que não farei jamais."

Dessa divergência de opinião ressalta um fato capital, é que a doutrina exclusiva do demônio é uma opinião individual que deverá, necessariamente, curvar-se diante da experiência e da opinião geral. Que alguns persistam em suas idéias até *in extremis*, é possível, mas eles passarão, e com eles as suas palavras.

SUICÍDIO FALSAMENTE ATRIBUÍDO AO ESPIRITISMO.

O ardor dos adversários em recolher, e sobretudo em desnaturar os fatos que crêem poder comprometer o Espiritismo, é verdadeiramente incrível; está num ponto que não haverá logo um acidente qualquer do qual não o tornem responsável.

Um fato lamentável ocorreu recentemente em Tours, e não podia faltar de ser explorado pela crítica, foi o suicídio de dois indivíduos que se esforçaram por atribuir ao Espiritismo.

O jornal *lê Monde* (antigo *Univers religieux*, e depois dele vários jornais, publicaram sobre esse assunto um artigo do qual extraímos as passagens seguintes:

"Um casal muito avançado em idade, Sr. e senhora ***, ainda bem de saúde e gozando de uma renda que lhes permitia viver comodamente, se entregou há dois anos às operações do Espiritismo. Quase toda noite se reuniam em sua casa um certo número de operários, homens e mulheres, e pessoas jovens dos dois sexos, diante dos quais nossos dois Espíritos faziam suas evocações, *pelo menos pretendiam fazê-las*.

"Não falaremos das questões *de toda espécie* das quais se pedia solução aos Espíritos nessa casa. Aqueles que conheciam essas duas pessoas, há muito tempo, e seus sentimentos sobre a religião, jamais se surpreenderam das cenas que poderiam se produzir em sua casa. *Estranhos a toda idéia cristã, estavam lançados na magia, onde passavam por mestres hábeis e completos*.

.....

"Um e o outro estavam convencidos, há pouco tempo, que os Espíritos lhes convidavam vivamente a deixar a Terra, a fim de gozar num outro mundo, o mundo supraterrrestre, de maior soma de felicidade. Com efeito, não duvidando que seria assim, com o maior sangue frio, consumaram um duplo suicídio, que fez hoje um grande escândalo na cidade de Tours.

.....

"Assim, é hoje o suicídio que se tem a constatar como resultado do Espiritismo e de sua *doutrina*; ontem eram casos de loucura, sem falar das desordens domésticas e de *outras desordens* às quais o Espiritismo, *tão freqüentemente*, tem dado ocasião. Isto não basta para fazer compreender aos homens que não querem escutar a voz da religião, a quais perigos estão expostos entregando-se a essas tenebrosas e estúpidas práticas?"

Notemos primeiro que se esses dois indivíduos *pretendiam fazer evocações*, é que não a faziam realmente; portanto, se não faziam evocações reais era uma quimera, e os Espíritos não podem lhes ter dado maus conselhos.

Eram Espíritos, quer dizer, Espíritos de coração e não de nome? O artigo constata que *eles eram estranhos a toda idéia cristã*; além disso, que passavam por *mestres hábeis e completos em fato de magia*; ora, está constatado que o Espiritismo é inseparável das idéias religiosas, e sobretudo cristãs; que a negação destas é a negação do Espiritismo; que ele condena as práticas da magia, com as quais nada tem de comum; que denuncia como supersticiosa a crença na virtude dos talismãs, sinais cabalísticos e palavras sacramentais; portanto, essas pessoas não eram Espíritos, uma vez que estavam em contradição com os princípios do Espiritismo. Para homenagear a verdade, diremos que, tomadas as informações acima, resulta que essas pessoas não se ocupavam de magia, e que, sem dúvida, quis se aproveitar da circunstância para unir seu nome ao Espiritismo.

O artigo disse, além disso que, em sua casa, eram feitas aos Espíritos *perguntas de toda espécie*. O Espiritismo diz expressamente que não se podem dirigir aos Espíritos todas as espécies de perguntas; que eles vêm para nos instruir e nos tornar melhores, e não para se ocuparem dos interesses materiais; que é se equivocar sobre os objetivos das manifestações nelas vendo apenas um meio de conhecer o futuro, de descobrir tesouros ou heranças, de fazer invenções ou descobertas científicas para se ilustrar ou se enriquecer sem trabalho; em uma palavra, que os Espíritos não vêm ler a sorte; portanto, fazendo aos Espíritos *perguntas de toda espécie*, o que é muito real, esses indivíduos provam a sua ignorância do próprio objetivo do Espiritismo.

O artigo não disse que disso fizessem negócio, e, com efeito, assim não era, de outro modo lembraríamos o que foi dito cem vezes a respeito dessa exploração e de suas conseqüências, das quais o Espiritismo sério não pode assumir a responsabilidade *legal*

ou outra, não mais do que assume a das excentricidades daqueles que não o compreendem; não toma a defesa de nenhum dos abusos que poderiam ser cometidos em seu nome, por aqueles que dele tomassem a forma ou a *máscara* sem assimilar-lhe os princípios.

Uma outra prova de que esses indivíduos ignoravam um dos pontos fundamentais da Doutrina Espírita é que o Espiritismo prova, não por uma simples teoria moral, mas por exemplos numerosos e terríveis, que o suicídio é severamente punido; que aquele que crê escapar às misérias da vida por uma morte voluntária, antecipada sobre os desígnios de Deus, cai num estado muito mais infeliz. O Espírita sabe, pois, disso não se pode duvidar, que pelo suicídio, troca-se um estado mau passageiro por um pior, que pode durar muito tempo; é o que teriam sabido esses indivíduos se tivessem conhecido o Espiritismo. O autor do artigo, adiantando que essa doutrina conduz ao suicídio, pois, falou, ele mesmo, de uma coisa que não conhecia.

Não estamos de nenhum modo surpresos do resultado produzido pelo barulho que se fez desse acontecimento. Apresentando-o como uma conseqüência da Doutrina Espírita, estimulou-se a curiosidade, e cada um quis conhecer por si mesmo essa Doutrina, com direito a repeli-la se fosse tal como se a apresentava; ora, reconheceu-se que ela dizia tudo ao contrário daquilo que se lhe fazia dizer; ela não pode, pois, senão ganhar em ser conhecida, do que nossos adversários parecem se encarregar com ardor com o qual não podemos senão lhes ser agradecido, salvo, no entanto, da intenção. Se por suas diatribes produzem uma pequena perturbação */oca/ e momentânea*, não tarda em ser seguida de uma recrudescência no número de adeptos; é o que se vê por toda a parte.

"Se, pois, se nos escrevem de Tours, esses indivíduos creram dever misturar os Espíritos em sua fatal resolução e às suas excentricidades bem conhecidas, é evidente que nada compreenderam do Espiritismo, e que disso não se pode tirar nenhuma conclusão contra a Doutrina; de outro modo seria preciso pronunciar as doutrinas mais sérias e mais sagradas dos abusos, e mesmo dos crimes cometidos em seu nome por pobres insensatos ou fanáticos. A senhora F... pretendia ser médium, mas todos aqueles que a ouviram conversar, jamais puderam tomá-la a sério. As idéias muito conhecidas, os exageros e as excentricidades do casal, e sobretudo da mulher, lhes fizeram impiedosamente fechar as portas do círculo espírita de Tours, onde *não foram admitidos em uma única sessão.*"

O jornal precitado não estava melhor informado sobre as verdadeiras causas desse suicídio. Nós as haurimos nas peças autênticas depositadas num notário de Tours, assim como numa carta que nos foi escrita a esse respeito pelo Sr. X..., procurador judicial dessa cidade.

Os esposos F..., idosos, a mulher de sessenta e dois anos e o marido de oitenta, longe de estar no bem-estar, foram levados ao suicídio pela perspectiva da *miséria única*. Tinham amontoado uma pequena fortuna num comércio de tecido de algodão em Nouvelle-Orléans; arruinados por falências, vieram a Nantes, depois a Tours, com alguns restos de seu naufrágio. Uma renda vitalícia de 480 fr., que era seu principal recurso, lhes faltou em 1856, em conseqüência de uma nova falência. Já por três vezes, e bem antes que o Espiritismo estivesse em questão, tinham tentado o suicídio. Nestes últimos tempos, perseguidos por antigos credores, um processo infeliz acabara de arruiná-los e de lhes fazer perder a coragem e a razão.

A carta seguinte, escrita pela senhora F... antes de sua morte, e que se encontra entre as peças acima relatadas, e assinadas pelo presidente do tribunal, *ne varietur*, fez conhecer-lhe o verdadeiro motivo. Transcrevemo-la textualmente com a ortografia original:

"Senhor e senhora B..., antes de seguir para o céu, quero me entender convosco uma última vez, aceitai meus últimos adeuses, se bem que, espero, no entanto, que nos reveremos, como parto antes de vós, vou reservar o vosso lugar para quando o momento vier quero vos dar parte de nosso projeto, depois de nossas adversidades nutrimos no nosso coração, um desgosto que não pude apagar, é mais do que um tédio, tudo me tor-

na pesado, tenho constantemente o coração cheio de amargura, é preciso que vos diga que, há seis anos, que o negócio de nossa casa nada está ainda acabado, seria preciso talvez completar ainda dois mil francos como vemos que disso não poderemos sair senão com grandes privações, que é preciso sempre recomeçar sem ver o fim, é preciso isso acabar, agora somos velhos e as forças começam a nos abandonar, falta a coragem, a parte não é mais igual, é preciso terminar com isso e combinamos a determinação. Rogo-vos muito aceitar meus desejos muito sinceros.

F° F..."

Sabe-se hoje em Tours a que se ater sobre as verdadeiras causas desse acontecimento, e o barulho que se fez a esse respeito volta em proveito do Espiritismo, porque, disse nosso correspondente, dele se fala por toda parte, se quer saber o justo e o que isso é, e desde esse momento as livrarias da cidade venderam mais livros espíritas do que não o tinham ainda feito.

É verdadeiramente curioso ver o tom lamentável de alguns, a cólera furiosa de alguns outros, e no meio de tudo isso o Espiritismo prosseguindo em sua marcha ascendente, como um soldado que toma de assalto sem se inquietar com a metralha. Os adversários, vendo a zombaria impotente, depois de terem dito que era um fogo-fátuo, dizem agora que é um cão raivoso.

VARIEDADES

Lê-se no *Siècle* de 23 de março de 1862:

O casal C..., morando à rua Notre-Dame de Nazareth, tinha dois filhos, um menino de quinze meses, e uma menina de cinco anos que jamais se viam, porque ninguém penetrava em sua casa. Só uma vez se havia percebido atada sob as axilas e suspensa em uma porta, e freqüentemente ouviam-se gemidos sair de seu alojamento. Correu o boato de que era objeto de odioso tratamento. O comissário de polícia foi em sua casa e precisou empregar a força para nela entrar.

Um espetáculo terrível se ofereceu às pessoas que entraram. A pobre menina estava sem camisa nem meia, coberta somente com uma pequena roupa de chita, numa sujeira repelente. A carne dos pés tinha acabado por aderir ao couro do sapato. Estava sentada sobre um pequeno urinol, encostado contra uma caixa e mantido por cordas que passavam nos cabos da caixa. Resultou do inquérito que ela estava nessa posição há vários meses, o que havia produzido uma hérnia do reto; que os pais se levantavam à noite para atormentar a sua vítima; despertavam-na batendo nela, a mulher com tenazes e o cabo de um espanador, e o marido com uma corda. Sob as advertências do comissário, o marido respondeu: "Senhor, sou *muito religioso*; minha filha fazia mal suas preces, eis porque quis corrigi-la."

Que diria o autor do artigo citado mais acima, a propósito dos suicidas de Tours, se fosse imputada à religião essa barbárie de pessoas que se dizem muito religiosas? o ato dessa mãe que mata seus cinco filhos para enviá-los mais cedo ao céu? o dessa jovem criada que, tomando pela letra a máxima do Cristo: "Se a vossa mão direita vos escandaliza, cortai a vossa mão direita," se corta a mão a golpes de machado? Responderia que não basta se dizer religioso, mas que é preciso sê-lo na boa acepção; que não é preciso tirar uma consequência geral de um fato isolado. Somos desta opinião, e lhe enviamos esta resposta a respeito de suas imputações contra o Espiritismo, a propósito das pessoas que dele não tomam senão o nome.

EXTRATO DA REVUE FRANÇAISE.

Os Espíritos e o Espiritismo, pelo Sr. Flammarion.

Sob esse título, o Sr. Flammarion, o autor da brochura sobre *a Pluralidade dos mundos habitados*, da qual demos conta no nosso número de janeiro último, acaba de publicar na *Revue française* de fevereiro de 1863 (1-(1) *Revue française*, rua de Amsterdam, 35. - 20 -fr. pôr ano. - cada entrega mensal de 120 páginas, 2 fr.), um primeiro e muito interessante artigo do qual damos adiante o início. Esse trabalho, que lhe foi pedido pelo diretor desse jornal, coletânea literária importante e muito divulgada, é uma exposição da história e dos princípios do Espiritismo. Sua extensão lhe dá quase a importância de uma obra especial, não tendo esse primeiro artigo menos de vinte e três páginas grandes in 8^o. O autor acreditou dever fazer, até um certo ponto, abstração de sua opinião pessoal sobre a questão, e permanecer num terreno de alguma sorte neutro, restringindo-se a uma exposição imparcial dos fatos, de maneira a deixar ao leitor toda liberdade de apreciação. Ele começa assim:

"Num século em que a metafísica caiu de seu alto pedestal, onde a idéia religiosa quis se livrar de todo dogma e de todo culto especial, onde a própria filosofia mudou seu modo de raciocinar para se ater ao positivismo da ciência experimental, uma doutrina espiritualista veio se oferecer aos homens, e eles a receberam; propôs-lhes um símbolo de crença, e o adotaram; mostrou-lhes um novo caminho que os leva a regiões inexploradas, e aceitaram seu convite, e eis que essa doutrina, baseada sobre a manifestação dos seres invisíveis, se elevou, apenas saída do berço, acima das afeições ordinárias da vida, e se propagou universalmente entre os povos do antigo e do novo mundo. O que é, pois, esse sopro sob o impulso do qual tantas cabeças pensantes olharam o mesmo ponto do céu?

"Vã utopia ou ciência real, engodo fantástico ou a ciência profunda, o acontecimento está aí sob nossos olhos, e nos mostra o estandarte do Espiritismo reunindo ao seu redor grande número de defensores, contando hoje seus defensores por milhões. Este número prodigioso formou-se no espaço restrito de dez anos.

"Temos, pois, um acontecimento novo sob os olhos: é um fato incontestável. Ora, qualquer que seja, aliás, a frivolidade ou a importância desse acontecimento, não será inútil estudá-lo em si mesmo, a fim de saber se tem direito de nascimento entre os filhos do progresso, se sua marcha é paralela ao movimento das idéias progressivas, ou se não faria, como alguns o pretendem, nos fazer retroceder para as crenças caducas, pouco dignas de serem repostas em honra.

"E como para raciocinar sobre um assunto qualquer importa, antes de tudo, conhecê-lo bem, a fim de não se expor a apreciações errôneas, vamos examinar sucessivamente sobre quais *fatos* o Espiritismo repousa, sobre que base se construiu a teoria de seu ensino, e em que consiste sumariamente essa ciência. Observemos que se trata aqui de fatos e não de sistemas especulativos, de opiniões arriscadas; porque, o que quer que seja o maravilhoso da questão que nos ocupa, o Espiritismo não está menos baseado, pura e simplesmente, sobre a observação dos fatos. Se isso fora de outro modo se não se tratasse senão de uma seita de religião, de uma nova escola de filosofia, temos por certo que esse acontecimento perderia muito de sua importância, e que os homens sérios da época presente, em sua maioria discípulos do método baconiano, não teriam perdido o seu tempo no exame de uma questão de pura teoria. Bastante de utopias se inscreveram sobre o livro da fraqueza humana, para que não se procure mais recolher os sonhos que cérebros exaltados concebem e fazem proclamar cada dia.

"Ora, vamos, francamente e sem dissimulação, abordar essa ciência doutrinária, da qual se diz muito bem e muito mal, talvez sem tê-la estudado bastante. Nessa exposição, começaremos pela origem de sua história moderna, - porque o Espiritismo tem sua história antiga, - e daremos a conhecer os fenômenos sucessivos que o estabeleceram defini-

tivamente; seguindo a ordem natural das coisas, examinaremos o efeito antes de remontar à causa."

Segue o histórico das primeiras manifestações na América, sua introdução na Europa, sua conversão em doutrina filosófica.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

Cartão de visita do Sr. Jobard.

(Sociedade Espírita de Paris, 9 de janeiro de 1863. - Médium, Sr. d'Ambel.)

Hoje, venho vos prestar minha visita de boa confraternização e, ao mesmo tempo, vos apresentar um velho companheiro de colégio do qual nossas legiões etéreas vêm de se enriquecer; acolhei-o, pois, como um novo e zeloso partidário da verdade nova. Se quando vivo não foi um Espírita autêntico, pode-se afirmar que não se pronunciou jamais contra as nossas crenças; direi mesmo que, no fundo de sua consciência, nele via para o futuro a salvaguarda de todas as religiões. Mais de uma vez em sua vida teve a insigne felicidade de sentir a iluminação interior que lhe mostrava o caminho da verdade, quando a incerteza estava a ponto de invadir sua alma; também, quando nos trocamos, há apenas algumas horas, nossos fraternos apertos de mão, disse-me com seu doce sorriso: Amigo, tínheis razão!

Se não se prestou ao desenvolvimento de nossas idéias, é que a intuição mediúnica, que agia sobre ele, dava-lhe a entender que a hora nem o momento haviam chegado, e que haveria perigo em fazê-lo no meio das graves complicações de seu ministério, e entre um rebanho tão difícil de dirigir quanto o seu.

Hoje, que está livre dos cuidados da vida terrestre, está muito mais feliz por assistir a uma de vossas sessões; porque já há muito tempo tinha essa ambição de vir sentar-se em vosso meio. Muito freqüentemente teve o desejo de visitar nosso caro presidente, pelo qual tinha uma estima toda particular, apreciando o quanto seus livros e seus ensinamentos conduziam almas, senão ao seio da Igreja, pelo menos à crença e ao respeito de Deus, e à certeza da imortalidade. No entanto, devo dizer-lhe, quando fui visitá-lo, me recebendo com a efusão de um antigo discípulo, opusera ao meu zelo, talvez exagerado, de convertê-lo, a famosa razão de Estado, diante da qual devi-me inclinar. Todavia, em me reconduzindo, disse-me estas palavras simpáticas: *Si non é vero é bene trovato!*

Agora que ele veio juntar-se às nossas falanges, e que os mesmos escrúpulos não o retêm mais, faz votos pelo sucesso de nossa obra, e olha com alegria o futuro que ela promete à Humanidade; contempla com uma alegria inefável a terra prometida às novas gerações, ou antes às velhas gerações que já tanto lutaram, e prevê a hora bendita em que seus sucessores erguerão resolutamente essa nova bandeira da fé gálica: o Espiritismo!

O que quer que seja, meu caro presidente e meus bem-amados confrades, tive a honra de receber, às portas da vida, este venerável amigo, e estou orgulhoso de apresentá-lo no meio de vós; encarrego-me de vos assegurar de todas as suas simpatias e dizer-vos que seguirá com muito interesse vossos trabalhos e vossos estudos. À felicidade de ser seu intérprete junto a vós, junto o de vos apresentar as felicitações de uma legião de grandes Espíritos que seguem assiduamente as vossas sessões; trago-vos, pois, em meu nome e no seu, o tributo de nossa estima e os votos que formamos para o sucesso da grande causa.

Vamos! dentro em pouco a Terra não contará mais entre seus habitantes senão alguns raros humanísimos. Aperto a mão de Allan Kardec em nome de todos os vossos ami-

gos de além-túmulo, em nome dos quais peço-vos contar-me como um dos mais devotos.
JOBARD.

Sede severos convosco e indulgentes para com os vossos irmãos.

(1ª Homília.)

(Sociedade Espírita de Paris, 9 de janeiro de 1863. - Médiun, Sr. d'Ambel.)

É a primeira vez que venho conversar convosco, meus caros filhos; teria querido escolher um médium mais simpático aos sentimentos que foram o móvel de toda a minha vida terrestre e mais apto a prestar-me um concurso religioso; mas, uma vez que Santo Agostinho há muito tempo se apoderou do médium cujos materiais cerebrais me seriam mais úteis, e para o qual me sentia levado, dirijo-me a vós por este de quem meu excelente condiscípulo Jobard serviu-se para me apresentar em meio de vossa filosófica sociedade. Terei, pois, muita dificuldade para exprimir, hoje, o que vos quero dizer: primeiro, em razão da dificuldade que sinto em manipular a matéria mediana, não tendo ainda o hábito dessa propriedade de meu ser desencarnado; e em seguida daquela que tenho que fazer jorrar minhas idéias de um cérebro que não as admite todas. Dito isto, abordo o meu assunto.

Um espirituoso corcunda da antigüidade dizia que os homens de seu tempo levavam um duplo alforje, cujo bolso de trás continha seus defeitos e suas imperfeições, ao passo que o bolso da frente recebia todos os defeitos de outrem; é o que, mais tarde, o Evangelho lembrou pela alegoria da palha e da trave no olho. Meu Deus! meus filhos, seria bem tempo que os sacos do alforje mudassem de lugar; e cabe aos Espíritos sinceros operar essa modificação levando diante deles o bolso que contém suas próprias imperfeições, a fim de que as tendo continuamente sob os olhos, cheguem a se corrigir delas, e a que contém os defeitos de outrem do outro lado, a fim de não mais ligar-lhes uma vontade ciumenta e zombadora. Ah! como será digno da doutrina que confessais, e que deve regenerar a Humanidade, de ver seus adeptos sinceros e convictos a agirem com essa caridade que proclamam e que lhes manda não mais se aperceber da palha que incomoda a vista de seu irmão, e de se ocupar, ao contrário, com ardor e se desembaraçar da trave que os cega a si mesmos. Ai! meus queridos filhos, essa trave é formada pelo feixe de vossas tendências egoístas, de vossos maus pendores e de vossas faltas acumuladas pelas quais, até o presente, como todos os homens, professastes uma tolerância paternal muitíssimo grande enquanto que, na maior parte do tempo, não tínheis senão intolerância e severidade para com as fraquezas de vosso próximo. Gostaria de tal modo de vos ver inteiramente livres dessa enfermidade moral do resto dos homens, ó meus queridos Espíritos, que vos convido, com todas as minhas forças, para entrarem neste caminho que vos indico. Sei bem que já muito de vossos lados veniais se modificaram no sentido da verdade; mas vejo ainda tanta moleza e tanta indecisão em vós para o bem absoluto, que a distância que vos separa do bando dos pecadores endurecidos e dos materialistas não é tão grande, que a torrente não possa vos levar ainda. Ah! resta-vos uma rude etapa a percorrer para chegar à altura da santa e consoladora doutrina que os Espíritos, meus irmãos, já vos revelam há vários anos.

Da vida militante da qual, graças disso sejam dadas ao Senhor, acabo de sair, vi tantas mentiras se afirmarem como verdades, tantos vícios se ostentarem como virtudes, que estou feliz por ter deixado um meio onde quase sempre a hipocrisia revestia com o seu manto de tristezas e de misérias morais que me cercavam; e não posso senão vos felicitar de ver que as vossas fileiras não se abrem facilmente para os fanáticos dessa hipocrisia mentirosa.

Meus amigos, não vos deixeis jamais prender pelas palavras douradas; vede e sondai os atos antes de abrir vossas fileiras àqueles que solicitam essa honra, porque muitos falsos irmãos procurarão se misturar a vós, a fim de levar a perturbação e de semear sur-

damente a divisão. Minha consciência me manda vos esclarecer, e o faço com toda a sinceridade do meu coração, sem me preocupar com ninguém; estais advertidos: agi, doravante, dessa forma. Mas para acabar como comecei, vos peço em graça, meus muito caros filhos, de vos ocupar seriamente convosco mesmos, de expulsardes de vossos corações todos os germes impuros que podem ainda nele estarem ligados, de vos reformar pouco a pouco, mas sem descanso, segundo a sã moral espírita, de serem enfim tão severos para convosco quanto deveis ser indulgentes para com as fraquezas de vossos irmãos.

Se esta primeira homília deixa alguma coisa a desejar pela forma, não a tomeis senão quanto à minha experiência da mediunidade; farei melhor a primeira vez que me será permitido comunicar-me em vosso meio, onde agradeço meu amigo Jobard por me haver apadrinhado. Adeus, meus filhos, eu vos abençôo.

FRANÇOIS-NICOLAS-MADELEINE.

FESTA DE NATAL.

(Sociedade Espírita de Tours, 24 de dezembro de 1862. - Médium, Sr. N...)

Esta noite que, no mundo cristão, se festeja o Nascimento do Menino Jesus; mas vós, meus irmãos, deveis também vos rejubilar e festejar o nascimento da nova Doutrina Espírita. Vê-la-eis crescer como essa criança; virá, como ela, esclarecer os homens e lhes mostrar o caminho que devem percorrer. Logo vereis os reis, como os magos, virem, eles mesmos, pedir a esta Doutrina os recursos que não encontram mais nas idéias antigas. Não vos trarão mais o incenso e a mirra, mas se prosternarão de coração diante das idéias novas do Espiritismo. Não vedes já brilhar a estrela que deve guiá-los? Coragem, pois, meus irmãos; coragem, e logo podereis com o mundo inteiro celebrar a grande festa da regeneração da Humanidade.

Meus irmãos, por muito tempo guardastes em vosso coração o germe dessa doutrina; mas hoje eis que ele aparece à luz com o apoio de um tutor solidamente plantado e que não deixará curvar seus fracos ramos; com esse apoio providencial, crescerá dia a dia e se tornará a árvore da criação divina. Dessa árvore recolhereis frutos que não conservareis só para vós, mas para vossos irmãos que terão fome e sede da fé sagrada. Oh! então, apresentai-lhes esse fruto, e exclamai do fundo do vosso coração: "Vinde, vinde partilhar conosco o que alimenta o nosso espírito e alivia as nossas dores físicas e morais."

Mas não esqueçais, meus irmãos, que Deus vos fez levantar o primeiro germe; e esse germe cresceu e se tornou já uma árvore própria para dar seu fruto. Restar-vos-á alguma coisa, são esses caules que podereis transplantar; mas antes, vede se o terreno ao qual confiais esse germe não esconde, sob seu leito aparente algum verme roedor que poderia devorar o que vos confiou o Mestre.

Assinado: SÃO LUÍS.

FECHAMENTO DA SUBSCRIÇÃO ROUENSE.

Montante da lista publicada no número de março.....	2 722 fr. 05 c.
Sr. V. Fourrier (Versailles), 101; Sr. Lux (Dole), 2f. 50;	
Senhora D... (Paris), 5fr.; Sr. C. L... (Paris), 30 fr.;	
Sr. Blin, cap. (Marseille), 15fr.; Sr. Derivis, pelo décimo-segundo	
grupo espírita de Albi, 16 fr.; Sr. Berger (Cahors), 2 fr.;	
Sr. Cuvier (Ambroise), 14 fr.; Sr. V... (Bayonne), 10 fr.,	
Sr. L. D... (Versailles), 2 f r.; Senhora Borreau (Niort), 2 f r.;	
Sr. D... (Paris), 3 fr.....	111fr.50
Total	2 833 f r. 55 c.

AOS LEITORES DA REVISTA.

As circunstâncias nos forçaram, há algum tempo, a dar mais desenvolvimento aos artigos de fundo e a restringir as comunicações espíritas, pela necessidade de certas refutações da atualidade. Logo iremos poder restabelecer o equilíbrio.

Tratamos, seguramente, de pôr tanta variedade quanto possível, em nosso jornal, para satisfazer a todos os gostos e um pouco todas as pretensões, mas há coisas que passam antes de tudo; estamos felizes em ver que, geralmente, fomos compreendidos, e que se nos têm em conta as complicações de trabalho resultante da luta a sustentar e da extensão incessante da Doutrina, sendo o centro para onde chegam todas as ramificações e os inumeráveis fios desse entrelaçamento que abarca hoje o mundo inteiro. Graças a Deus, nossos esforços são coroados de sucesso, e, como compensação às nossas fadigas, as satisfações morais não nos faltam.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

6^a ANO

NO. 5

MAIO 1863

ESTUDO SOBRE OS POSSESSOS DE MORZINES

As causas da obsessão e os meios de combatê-la.

(Quinto e último artigo) (1-(1) Ver os números de dezembro de 1862, janeiro, fevereiro, abril de 1863. Ver também, sobre o mesmo assunto, o n° de abril de 1862, p. 109.).

Assim como se pôde notar, o Sr. Constant chegou em Morzines com a idéia de que a causa do mal fosse puramente física; podia ter razão, porque seria absurdo supor *a priori* uma influência oculta a todo efeito cuja causa é desconhecida. Segundo ele, essa causa está inteiramente nas condições higiênicas, climáticas e fisiológicas dos habitantes. Estamos longe de pretender que devera ter vindo com uma opinião contrária toda decidida, o que não seria mais lógico; dizemos simplesmente que, com sua idéia preconcebida, não viu senão o que podia a isso relacionar, ao passo que se estivesse em suas opiniões admitir somente a possibilidade de uma outra causa, teria visto outra coisa.

Quando uma causa é real, ela deve poder explicar todos os efeitos que produz; se certos efeitos vêm contradizê-la, é que ela é falsa ou não é a única, e então é preciso procurar uma outra. Incontestavelmente, é o caminho mais lógico; e a justiça, em suas investigações para a procura da criminalidade, não procede de outro modo. Tratando-se de constatar um crime, chega com a idéia de que deveu ser cometido de tal ou de tal maneira, por tal meio ou tal pessoa? Não; ela observa as menores circunstâncias, e, remontando dos efeitos às causas, afasta as que são inconciliáveis com os efeitos observados, e, de dedução em dedução, é raro que não chegue à constatação da verdade. Ocorre o mesmo nas ciências; quando uma dificuldade permanece insolúvel, o mais sábio é suspender seu julgamento. Toda hipótese é permitida, então, para tentar resolvê-la; mas se esta hipótese não resolve todos os casos da dificuldade, é que ela é falsa; não tem o caráter de uma verdade absoluta senão se ela dá a razão de tudo. É assim que no Espiritismo, por exemplo, toda constatação material à parte, remontando-se dos efeitos às causas, chega-se ao princípio da pluralidade das existências, como consequência inevitável, uma vez que só ela explica claramente o que nenhuma outra pôde explicar.

Aplicando-se esse método aos fatos de Morzines, é fácil ver que a causa única admitida pelo Sr. Constant está longe de tudo explicar. Constata, por exemplo, que as crises cessam geralmente desde que os doentes estão fora do território da comuna. Se, pois, o mal prende-se à constituição linfática e à má alimentação dos habitantes, como essa causa cessa de agir quando ultrapassaram o ponto que os separa da comuna vizinha? Se as crises nervosas não fossem acompanhadas de nenhum outro sintoma, ninguém duvida que se possa, segundo toda a aparência, atribuí-las a um estado constitucional, mas há fenômenos que somente esse estado não poderia explicar.

O Espiritismo nos oferece aqui uma comparação evidente. No início das manifestações, quando se viram as mesas girarem, baterem, dirigirem-se, se levantarem no espaço

sem ponto de apoio, o primeiro pensamento foi de que isso poderia ser pela ação da eletricidade, do magnetismo, ou de um fluido desconhecido; essa suposição nada tinha de irracional, ao contrário; oferecia toda probabilidade. Mas quando se viram esses mesmos movimentos darem sinais de inteligência, manifestarem uma vontade própria, espontânea e independente, a primeira hipótese, não podendo resolver essa fase do fenômeno, teve que ser abandonada, e foi preciso muito reconhecer num efeito inteligente uma causa inteligente. Qual era essa inteligência? Foi ainda pela via da experimentação que a isso se chegou, e não por um sistema preconcebido.

Citemos um outro exemplo. Quando Newton, observando a queda dos corpos, notou que caíam todos na mesma direção, procurou a causa disso e fez uma hipótese; essa hipótese, resolvendo todos os casos do mesmo gênero, tornou-se a lei da gravitação universal, lei puramente mecânica, porque todos os efeitos eram mecânicos. Mas suponhamos que, vendo cair uma maçã, esta devesse obedecer à sua vontade; que ao seu comando, em lugar de descer ela tivesse subido, fosse indo para a direita ou para a esquerda, fosse parando ou posta em movimento; que tivesse, por um sinal qualquer, respondido ao seu pensamento, teria sido bem forçado em reconhecer outra coisa senão uma lei mecânica, quer dizer, que a maçã não sendo inteligente por si mesma, deveria obedecer a uma inteligência. Assim ocorreu com as mesas girantes; assim deve ser com os doentes de Morzines.

Para não falar senão dos fatos observados pelo próprio Sr. Constant, nos perguntaremos como a má alimentação e um temperamento linfático podem produzir a antipatia religiosa nas pessoas naturalmente religiosas e mesmo devotas? Se fosse um fato isolado, isso poderia ser uma exceção, mas reconhece-se que é geral e que é um dos caracteres da doença ali e em outra parte; eis um efeito, procurai-lhe uma causa; não a conheceis? seja; confessai-o, mas não digais que ela prende-se a que os habitantes comam a batata-inglesa e o pão negro, nem à sua ignorância e à estreiteza de sua inteligência, porque se vos oporá o mesmo efeito nas pessoas que vivem na abundância e receberam instrução. Se bastasse o conforto para curar a impiedade, espantar-se-ia de encontrar tantos ímpios e blasfemadores entre as pessoas que não se recusam nada.

O regime higiênico explicará melhor esse fato, não menos característico e geral, do sentimento da dualidade que se traduz de maneira inequívoca na linguagem dos doentes? Certamente não. É sempre um terceiro que fala; sempre uma distinção entre ele e a jovem, fato constante nos indivíduos no mesmo caso, a qualquer classe da sociedade que eles pertençam. Os remédios são ineficazes por uma boa razão, é que são bons, como esse terceiro o disse, para a jovem, quer dizer, para o *ser* corporal, mas não para o outro, aquele que não se vê, e que, no entanto, a faz agir, a constrange, a subjuga, a lança por terra, e serve-se de seus membros para bater e de sua boca para falar. Disse ele que nada viu que justifique a idéia da possessão, mas os fatos estavam diante de seus olhos, e ele mesmo os cita. Podem se explicar pela causa que lhes atribuí? Não; portanto, essa causa não é a verdadeira; ele via efeitos morais, seria preciso procurar uma causa moral.

Um outro médico, o doutor *Chiara*, que, ele também, visitou Morzines, e publicou sua apreciação (1-(1) *Os Diabos de Morzines*. casa Mégret, cais do Hospital, 51, em Lyon.), constatou os mesmos fenômenos e os mesmos sintomas que o Sr. Constant; mas para ele, como para este último, os Espíritos malignos estão na imaginação dos doentes. Encontramos no seu relato o fato seguinte, a propósito de um doente;

"O acesso começa por um soluço e movimentos de deglutição, pela flexão e o endireitamento alternativos da cabeça sobre o tronco; depois, após várias contorções que dão ao seu rosto, tão doce, uma expressão assustadora: "S... médico, exclama ela, eu sou o diabo..., tu queres me fazer sair da jovem, eu não te temo... vem!... há quatro anos que a possuo: ela é minha, e nela ficarei. - Que fazes nessa jovem? - Atormento-a. -E por que, infeliz, atormentas uma pessoa que não te fez nenhum mal? - Por que a colocaram a mim

para atormentá-la? - És um celerado." Aqui me detenho, atordoado por uma avalanche de injúrias e de imprecações."

Falando de um outro doente, ele disse:

"Depois de alguns instantes de uma cena muda, de uma pantomima mais ou menos expressiva, nossa possessa se pôs a pronunciar pragas horríveis. Escumando de raiva, nos injuriou a todos com um furor sem igual. Mas, dissemos-lhe logo em seguida, não é a jovem que se exprime assim, é o diabo que a possui e que, servindo-se de seu órgão, fala em seu próprio nome. Quanto à nossa possessa, não é senão um instrumento passivo no qual a noção do *eu* está inteiramente abolida. Interpelando-a diretamente, permanece muda: só Belzebu responderá.

"Enfim, depois de mais ou menos três minutos, essa trama apavorante cessou de repente como por encanto. A jovem B... retomou expressão mais calma, a mais natural do mundo, como se nada tivesse se passado. Tricotava antes, e eis que tricota depois, sem que parecesse haver interrompido seu trabalho. Interrogo-a; responde-me não sentir nenhuma fadiga, e de nada se lembrando. Falo-lhe das injúrias que nos disse: ela as ignora; mas parecia com isso estar contrariada e nos pede suas desculpas.

"Em todos esses doentes, a sensibilidade geral é completamente abolida. Pode-se beliscá-las, picá-las, queimá-las, elas não sentem nada. Numa delas fiz uma prega na pele e a atravessei, de lado a lado, com uma agulha comum; o sangue correu, mas ela não sentiu nada.

"Em Morzines vi várias dessas doentes fora do estado de crise, eram meninas gordas e saudáveis, gozando da plenitude de suas faculdades físicas e morais. Ao vê-las, era impossível supor nelas a existência da menor afecção."

Isto contrasta com o estado raquítico, débil e sofredor que os Sr. Constant acreditou notar. Quanto ao fenômeno da insensibilidade durante as crises, não é, como se pôde vê-lo, a única aproximação que esses fatos apresentam com o estado cataléptico, o sonambulismo e a dupla vista.

De todas suas observações, o doutor Chiara conclui com esta definição do mal:

"É um conjunto mórbido, formado de diferentes sintomas, tomado um pouco em todo o quadro patológico das doenças nervosas e mentais; em uma palavra, é uma afecção *sui generis*, à qual

conservarei, ligando pouca importância às denominações, o nome de *hístero-demônia* que já se lhe deu."

É o caso de dizer: "Que aquele que tem ouvido ouça." É um mal particular, formado de diferentes partes, e que tem sua fonte um pouco por toda parte. Tanto valeria dizer muito simplesmente: "É um mal que não compreendo." É um mal *sui generis*; estamos de acordo; mas qual é esse gênero ao qual não sabemos mesmo que nome dar?

Poderíamos provar a insuficiência de uma causa puramente material para explicar o mal de Morzines, por muitas outras aproximações, que os nossos próprios leitores farão. Que queiram, pois, reportar-se aos nossos precedentes artigos sobre o mesmo assunto, ao que dissemos da maneira pela qual se opera a ação dos Espíritos obsessores, dos fenômenos que resultam dessa ação, e a analogia disso sairá com a última evidência. Se, para os Morzinenses, o terceiro interveniente é o diabo, é porque se lhes disse que era o diabo, e que não conhecem senão isso. Sabe-se, aliás, que certos Espíritos de baixo estágio divertem-se em tomar nomes infernais para amedrontar. A esse nome substitui em sua boca a palavra *Espírito*, ou melhor, maus *Espíritos*, e tereis a reprodução idêntica de todas as cenas da obsessão e da subjugação que narramos. É incontestável que, numa região onde dominasse a idéia do Espiritismo, uma epidemia semelhante sobrevindo, os doentes se diriam solicitados pelos maus Espíritos, então passariam, aos olhos de certas pessoas, por loucos; dizem que é o diabo: é uma afecção nervosa. É o que teria ocorrido em Morzines se o conhecimento do Espiritismo ali tivesse precedido à invasão desses Espíritos, e é então que seus adversários teriam gritado alto lá! sobre ele; mas a Provi-

dência não quis lhes dar essa satisfação passageira; ao contrário, quis provar-lhes a impossibilidade de combater o mal pelos meios comuns.

No final de conta, recorreu-se ao isolamento dos doentes que foram dirigidos aos hospitais de Thonon, Chambéry, Lyon, Mâcon, etc. O meio era bom; porque, quando foram todos transportados, pôde-se se gabar de dizer que não havia mais nenhum deles na região. Essa medida podia ser fundada sobre um fato observado, o da cessação das crises fora da comuna, mas parecia ter sido sobre uma outra consideração: o isolamento dos doentes. De resto, a opinião do Sr. Constant é categórica; ele disse: "Deveria ali ter uma espécie de lazareto onde poder-se-ia esconder, logo que se mostrem, as desordens morais e nervosas cuja propriedade contagiosa está estabelecida, disse meu velho amigo o doutor Bouchut. À espera de melhor, esse lazareto está encontrado, é o asilo dos alienados; é o único lugar verdadeiramente conveniente para o tratamento racional e completo dos doentes que me ocupam, seja que se admita que sua doença é bem uma forma, uma variedade de alienação, e quando muito mesmo, ainda que não se quisesse que o fossem, a nenhum título, tomados por alienados; é preciso produzir sobre eles um certo grau de intimidação, ocupar seu espírito de maneira a deixar o menos tempo possível para suas preocupações e para outras preocupações; subtraí-los totalmente de toda influência religiosa irrefletida e não medida, às conversas, a conselhos ou observações suscetíveis de manter seu erro, que, ao contrário, é preciso combater todos os dias; dar-lhes um regime apropriado; obrigá-los enfim a se submeter às prescrições que poderia ser útil associar a um tratamento puramente moral e ter os meios de execução. Acham-se reunidas todas essas condições necessárias, essenciais, em outra parte senão num asilo? Teme-se para esses doentes o contato com os verdadeiros alienados; esse contato tem sido menos deplorável do que não se pensou, e tem sido fácil, depois de tudo, consagrar provisoriamente um quarteirão inteiro somente aos doentes de Morzines. Se sua aglomeração tivesse alguns inconvenientes, ter-se-iam encontrado compensações na própria reunião, e fico convencido de que o nome de asilo, de casa de loucos, só ele poderia talvez conduzir a mais de uma cura, e que se tivessem encontrado poucos diabos que uma ducha não tivesse posto em fuga."

Estamos longe de partilhar o otimismo do Sr. Constant sobre a inocuidade do contato dos alienados e a eficácia das duchas em semelhante caso; estamos persuadidos, ao contrário, que um tal regime pode produzir uma loucura verdadeira ali onde não há senão uma loucura aparente; ora, notai bem que, fora das crises, os doentes têm seu bom senso e são sadios de corpo e de espírito; não há, pois, neles senão uma perturbação passageira que não tem nenhum dos caracteres da loucura propriamente dita. Seu cérebro, necessariamente enfraquecido pelos abalos freqüentes que experimenta, estaria ainda mais facilmente impressionado pela visão dos loucos e só pela idéia de estar com os loucos. O Sr. Constant atribui o desenvolvimento e a manutenção da doença à imitação, à influência das conversas que os doentes têm entre si, e aconselha colocá-los com os loucos ou encerrá-los num quarteirão do hospital! Não é uma contradição evidente, e é isso o que entendem por tratamento moral?

Na nossa opinião, o mal é devido a uma outra causa e deve requerer meios curativos muito diferentes. Tem sua fonte na reação incessante que existe entre o mundo visível e o mundo invisível, que nos cerca, e no meio do qual vivemos, quer dizer, entre os homens e os Espíritos, que não são outros senão as almas daqueles que viveram e entre os quais há bons e maus. Essa reação é uma das forças, uma das leis da Natureza, e produz uma multidão de fenômenos psicológicos, fisiológicos e morais incompreendidos, porque a causa era desconhecida; o Espiritismo nos fez conhecer essa lei, e desde que os efeitos estão submetidos a uma lei da Natureza, nada têm de sobrenatural. Vivendo no meio desse mundo, que não é tão imaterial quanto se pensa, uma vez que esses seres, embora invisíveis, têm corpos fluídicos semelhantes aos nossos, sentindo-nos a influên-

cia; a dos bons Espíritos é salutar e benfazeja, a dos maus é perniciosa como o contato das pessoas perversas na sociedade.

Dizemos, pois, que em Morzines uma nuvem desses seres invisíveis malfazejos abateu-se momentaneamente sobre essa *localidade*, como isso ocorreu em muitas outras, e não é nem com as duchas, nem com uma alimentação succulenta que serão expulsos. Uns os chamam *diabos* ou *demônios*; nós os chamamos simplesmente *maus Espíritos* ou *Espíritos inferiores*, o que não implica uma melhor qualidade, mas o que é muito diferente pelas conseqüências, tendo em vista que a idéia ligada aos demônios é a de seres à parte, fora da Humanidade, e perpetuamente votados ao mal, ao passo que não são outros senão as almas dos homens que foram maus sobre a Terra, mas que acabarão por se melhorar um dia; vindo a essa localidade, eles fazem, como Espíritos, o que fariam se tivessem vindo em sua vida, quer dizer, o mal que faria um bando de malfeitores. É preciso, pois, expulsá-los, como se expulsaria uma tropa de inimigos.

Está na natureza desses Espíritos o serem antipáticos à religião, porque lhes temem o poder, como os criminosos são antipáticos à lei e aos juizes que os condenam, e exprimem esses sentimentos pela boca de suas vítimas, verdadeiros médiuns inconscientes que estão estritamente na verdade quando dizem não ser senão ecos; o paciente está reduzido a um estado passivo; está na situação de um homem abatido por um inimigo mais forte, que o constrange a fazer a sua vontade; o *eu* do Espírito estranho neutraliza momentaneamente o *eu* pessoal; há subjugação obsessional e não possessão.

Que absurdo! dirão certos doutores. Absurdo, tanto que quereis, mas que não é menos hoje tido por uma verdade por um grande número de médicos. Um tempo virá, menos distante do que se pensa, em que, a ação do mundo invisível sendo geralmente reconhecida, a influência dos maus Espíritos será alinhada entre as causas patológicas; será levado em conta o papel importante que o perispírito desempenha na fisiologia, e um novo caminho de cura será aberto para uma multidão de doenças reputadas incuráveis.

Se assim é, dir-se-á, de onde vem a inutilidade dos exorcismos? Isto prova uma coisa, é que os exorcismos tais como são praticados, não valem mais do que as medicinas, e isso porque sua eficácia não está no ato exterior, na virtude das palavras e dos sinais, mas no ascendente moral exercido sobre os maus Espíritos. Os doentes não diziam: "Não são remédios que nos são necessários, mas santos padres;" e insultavam estes dizendo *que não são bastante santos para ter ação sobre os demônios*. Era a alimentação de batata-inglesa que os fazia falar assim? Não, mas bem a intuição da verdade. A ineficácia do exorcismo em semelhante caso está constatada pela experiência; e por que isto? porque consiste em cerimônias e fórmulas das quais os maus Espíritos se riem, ao passo que cedem ao ascendente moral que lhes impõe; vêem que se quer dominá-los por meios impotentes, e querem se mostrar os mais fortes; são como o cavalo assustadiço que lança por terra o cavaleiro inábil, ao passo que se dobra quando encontrou seu senhor.

"Numa dessas cerimônias, disse o doutor Chiara, havia na igreja onde haviam reunido todos os doentes, um horrível tumulto. Todas essas mulheres caíram em crise simultaneamente, derrubando, quebrando os bancos da igreja e rolando por terra, misturadas com as crianças e os homens, que se esforçavam em vão por contê-las. Proferiam juramentos assustadores, estranhos; interpelam o padre nos mais injuriosos termos."

As cerimônias públicas de exorcismo cessaram desse momento, mas, ia-se exorcisar a domicílio, a qualquer hora do dia e da noite, o que não produzia melhores resultados, e foi preciso renunciar a elas definitivamente.

Citamos vários exemplo da força moral em semelhante caso, e quando dele tivermos muitas provas sob os olhos, bastaria lembrar a que o Cristo exercia e que, para expulsar os demônios, não tinha senão que lhes pedir para que se retirassem. Comparai, no Evangelho, os possessos do seu tempo com os de nossos dias, e vereis uma chocante semelhança. Jesus curava-os por milagres, direis; seja, mas eis um fato que lembrareis tanto menos miraculoso quanto se passou entre os cismáticos.

O Sr. A..., de Moscou, que não tinha lido nosso relato, nos contou, há poucos dias, que em suas propriedades, os habitantes de uma aldeia foram atingidos de um mal em tudo semelhante ao de Morzines; as mesmas crises, as mesmas convulsões, as mesmas blasfêmias, as mesmas injúrias contra os padres, os mesmos efeitos do exorcismo, a mesma impotência da ciência médica. Um de seus tios, Sr. R..., de Moscou, poderoso magnetizador, homem de bem por excelência, muito piedoso de coração, tendo vindo visitar esses infelizes, parou as convulsões mais violentas pela única imposição das mãos, que acompanhava sempre de uma fervorosa prece. Reiterando esse ato, acabou por curar quase todos radicalmente.

Este exemplo não é o único; como explicá-lo se não for pela influência magnética secundada pela prece, remédio do qual os materialistas usam pouco, porque não se encontra nem no codex nem nas farmácias? remédio poderoso, no entanto, quando parte do coração e não dos lábios, e que se apoia sobre uma fé viva e um desejo ardente de fazer o bem. Descrevendo a obsessão nos nosso primeiros artigos, explicamos a ação fluídica que se exerce nessa circunstância, e disso concluímos, por analogia, que teria sido um poderoso auxiliar em Morzines.

O que quer que seja, o mal parece chegado ao seu termo, as condições da região, no entanto, permanecem as mesmas. Por que isto? é o que não nos é permitido ainda dizer; mas, como se reconhecerá mais tarde, terá, mais do que se pensa, servido à causa do Espiritismo, não fosse senão para provar, por um grande exemplo, que aqueles que não o conhecem não estão preservados da ação dos maus Espíritos, e a impossibilidade dos meios ordinários empregados para expulsá-los.

Terminaremos confortando certos habitantes da região sobre a pretensa influência que alguns dentre eles teriam podido exercer *dando o mal*, como o dizem; a crença nos lançadores de sorte deve ser relegada entre as crenças supersticiosas. Que sejam piedosos de coração, e que aqueles que estão encarregados de conduzi-los se esforcem por elevá-los moralmente, é o meio mais seguro para neutralizar a influência dos maus Espíritos, e de prevenir o retorno do que se passou. Os maus Espíritos não se dirigem senão àqueles que eles sabem poder dominar, e não àqueles que a superioridade moral, não dizemos intelectual, encouraça contra seus ataques.

Aqui se apresenta uma objeção muito natural, que é útil de prevenir. Perguntar-se-á, talvez, por que todos aqueles que fazem o mal não são atingidos pela possessão? A isso responderemos que, fazendo o mal, suportam de uma outra maneira a perniciosa influência dos maus Espíritos, dos quais escutam os conselhos, e serão punidos disso com tanto mais severidade quanto ajam com mais conhecimento de causa. Não creiais na virtude de nenhum talismã, de nenhum amuleto, de nenhum sinal, de nenhuma palavra para afastar os maus Espíritos; a pureza de coração e de intenção, o amor de Deus e de seu próximo, eis o melhor talismã, porque lhes tira todo o domínio sobre as nossas almas.

Eis a comunicação que deu sobre esse assunto o Espírito de São Luís, guia espiritual da Sociedade Espírita de Paris:

"Os possessos de Morzines estão realmente sob a influência dos maus Espíritos, atraídos nessa região por causas que um dia conhecereis, ou melhor, que reconheceréis vós mesmos um dia. O conhecimento do Espiritismo ali fará predominar a boa influência sobre a má; quer dizer, que os Espíritos curadores e consoladores, atraídos pelos fluidos simpáticos, substituirão a maligna e cruel influência que desola essa população. O Espiritismo está chamado a prestar grandes serviços; será o curador desses males dos quais não se conhecia a causa antes, e diante dos quais a ciência fica impotente; sondará as pragas morais, e lhes prodigalizará o bálsamo reparador; tornando os homens melhores, afastará deles os maus Espíritos, atraídos pelos vícios da Humanidade. Se todos os homens fossem bons, os maus Espíritos deles se afastariam, porque saberiam não poder induzi-los ao mal. A presença desses homens de bem fá-los fugir, a dos homens viciados

os atrai, ao passo que é ao contrário para os bons Espíritos. Sede, pois, bons se quiserdes não ter senão bons Espíritos ao vosso redor." (Médium, senhora Costel.)

ALGUMAS REPUTAÇÕES.

Assinalam-nos, de diferentes pontos, novas pregações contra o Espiritismo, todas no mesmo espírito daquelas das quais vos falamos, e como isso não é sempre senão a variante do mesmo pensamento, em termos mais ou menos escolhidos, cremos supérfluo dar-lhes a análise; limitamo-nos a realçar certas passagens, que fazemos seguir de algumas reflexões.

"Meus irmãos, é um cristão que fala aos cristãos, e como tal temos o direito de nos admirar em ver o Espiritismo crescer entre nós. O que é o Espiritismo, eu vos pergunto, se não for uma reunião de *horrores* que só a loucura pode justificar?"

A isso nada temos a responder, se não for que todas as pregações feitas nessa cidade não puderam deter o crescimento do Espiritismo, assim como o constata o orador; portanto, os argumentos que se lhe opõem são menos imperiosos do que os seus; portanto, se as pregações vêm de Deus, e o Espiritismo do diabo, é que o diabo é mais poderoso do que Deus. Nada é brutal como um fato; ora, o fato de propagação do Espiritismo em consequência mesma das pregações é notório, pois, é que se encontram argumentos que dão mais convencimento do que os de seus adversários. E uma trama de horrores, seja; mas haveis de convir que se esses mesmos Espíritos viessem afluir em todas as vossas idéias, em lugar de demônios, com isso vos fadeis santos, e, longe de condenar as evocações, as encorajaríeis.

"Nosso século não respeita mais nada; mesmo a cinza dos túmulos não foi poupada, uma vez que insensatos ousam chamar os mortos para conversar com eles. No entanto, assim é, e eis onde chega esse pretensão século de luzes: conversar com os fantasmas."

Conversar com os mortos não é o fato deste século, uma vez que a história de todos os povos prova que se o fez em todos os tempos; a única diferença é que se o faz por toda parte hoje e sem os acessórios supersticiosos com os quais se cercavam outrora as evocações; que se o faz com um sentimento mais religioso e mais respeitoso. De duas uma: ou a coisa é possível, ou ela não o é; se ela não o é, é uma crença ilusória, como a de crer na fatalidade da sexta-feira, na influência do sal derramado; não vemos, pois, que aí haja tantos horrores, e que se falta ao respeito conversando com pessoas que não estão ali; se os mortos vêm conversar conosco, isso não pode ser senão com a permissão de Deus, a menos que se pretenda que venham sem a sua permissão ou contra a sua vontade, o que implicaria que Deus não se ocupa disso, ou que as evocações são mais poderosas do que Deus. Mas notai as contradições: de um lado dizeis que só o diabo se comunica, e de um outro que se perturba as cinzas dos mortos, chamando-os; se for o diabo, não são os mortos, portanto, não se os perturba e não se lhes falta ao respeito; se esses são os mortos, pois, é que não é o diabo. Seria preciso ao menos vos pôr de acordo sobre esse ponto capital. Admitindo que sejam os mortos, reconhecemos que haveria profanação em chamá-los levianamente, por causas fúteis e sobretudo fazendo deles um negócio lucrativo, coisas todas que condenamos, não assumindo mais a responsabilidade daqueles que se afastam dos princípios do Espiritismo sério, que não assumais a dos falsos devotos que não têm da religião senão a máscara, que pregam o que não praticam, ou que especulam sobre as coisas santas. Certamente as evocações feitas nas condições burlescas supostas por um eloqüente orador, que citamos mais longe, seria um sacrilégio, mas, graças a Deus, ali não estamos, e não cremos que a do Sr. Viennois, igualmente narrada adiante, esteja neste caso.

"Fui testemunha, eu mesmo, desses fatos, e ouvi pregar a moral, a caridade, é verdade; mas sobre o que se apoia essa moral, essa caridade? Ai! sobre nada, porque pode se chamar moral uma doutrina que nega as penas eternas?"

Se essa moral leva a fazer o bem sem o medo das penas eternas, com isso ela tem mais mérito. Outrora acreditava-se na impossibilidade de manter os escolares sem o medo da palmatória; eles eram melhores? Não; hoje dela não se serve mais e eles não são piores, ao contrário; portanto, o regime atual é preferível. Julga-se a bondade de um meio pelos seus efeitos. Aliás, a quem se dirige essa moral? àqueles precisamente que não crêem nas penas eternas, e a quem damos um freio que aceitam, ao passo que vós não lhes dais nada, uma vez que não aceitam o vosso. Impedimos de crer na condenação absoluta a quem isso convém? Não, de maneira alguma. Ainda uma vez não nos dirigimos àqueles que têm a fé e a quem essa fé basta, mas àqueles que não a têm ou que duvidam. Amá-lo-íeis mais se permanecessem na incredulidade absoluta? isto seria pouco caridoso. Tendes medo de que não vos levem as ovelhas? é que não tendes grande confiança no poder de vossos meios para retê-las; é que tendes medo de que elas não sejam atraídas pela erva tenra do perdão e da misericórdia divina. Credes, pois, que aquelas que flutuam incertas preferirão os carvões do inferno? De um outro lado, quem deve estar mais convencido das penas eternas senão aqueles que são nutridos no seio da Igreja? Ora, disse por que essa perspectiva não deteve todos os escândalos, todas as atrocidades, todas as prevaricações às leis divinas e humanas, das quais a história está cheia, e que se reproduzem incessantemente em nossos dias? São crimes, sim ou não? Se, pois, aqueles que fazem profissão dessa fé não se detiveram, como quereis que o sejam aqueles que nisso não crêem? Não, é preciso ao homem esclarecido de nossos dias um freio, aquele que a sua razão admite; ora, a crença nas penas eternas, útil talvez para uma outra época, teve seu tempo; ela se extingue todos os dias, e agiríeis inutilmente, não darias mais a vida a esse cadáver que faríeis reviver, os usos e costumes e as idéias da Idade Média. Se a Igreja católica crê a sua segurança comprometida pelo desaparecimento dessa crença, é preciso lamentá-la de repousar sobre uma base tão frágil, porque, se ela tem o verme roedor, é o dogma das penas eternas.

"Também, disse apelo à moralidade de todas as almas honestas; disse apelo aos magistrados, porque são responsáveis por todo o mal que uma semelhante heresia atrai sobre nossas cabeças."

Não sabíamos que, na França, os magistrados estivessem encarregados de perseguir as heresias, uma vez que entre eles, se há católicos, há também protestantes e judeus, heréticos que estariam assim encarregados de perseguirem a si mesmos e de se condenarem; que os há entre os funcionários da mais alta classe.

"Sim, os Espíritas, não temo declará-lo aqui vivamente, não são somente passíveis da polícia correcional, do Tribunal imperial, mas, ouvi-o bem, são ainda passíveis do Tribunal criminal, porque são falsários; assinam comunicações de nomes honrados que, certamente, não teriam assinado, quando vivos, aqueles que se faz tão bem conversar hoje."

Os Espíritas, verdadeiramente, são muito felizes de que Confúcio, Sócrates, Platão, Santo Agostinho, São Vicente de Paulo, Fénelon, etc., não possam vir processá-los por crime de falsa escrita particular. Mas, nisso penso: teriam uma tábua de salvação nos Tribunais criminais onde são julgáveis; porque lá estão os jurados que se pronunciam segundo sua consciência; ora, entre eles há também protestantes e judeus; há mesmo, coisa abominável, filósofos, incrédulos, horríveis livres pensadores, que, tendo em vista as nossas detestáveis leis modernas, se acham por toda parte; portanto, se somos acusados de fazer Santo Agostinho dizer alguma coisa heterodoxa, acharemos sempre jurados para nos absolver. Ó perversidade do século! dizer que em nossos dias Voltaire, Diderot, Lutero, Calvino, João Huss, Arius, teriam sido jurados pelo direito de nascimento, que teriam podido ser juizes, prefeitos, ministros da justiça e mesmo dos cultos! Vede-os, esses tra-

tantes do inferno, se pronunciarem sobre uma questão de heresia! porque, para condenar a assinatura de Fénelon, posta abaixo de uma comunicação supostamente herética, é preciso julgar a questão da ortodoxia, e quem será competente no júri?

"E, no entanto, uma coisa seria bem fácil para interditar semelhantes *crimes enormes!* Que seria preciso fazer? a menor das coisas; e mesmo sem lhes fazer a honra da faixa do comissário, podeis colocar um sargento de cidade na entrada de cada grupo para dizer: não se passa. Pinto-vos o mal, descrevo-vos o remédio, nada de mais, nada de menos, porque os poupo da inquisição."

Muito obrigado, mas não há grande mérito em oferecer o que não se tem, e, infelizmente para vós, não tendes mais a inquisição, sem o que seria duvidoso que nos poupasse dela. Que não dizeis, pois, aos magistrados para interditem a entrada dos templos judeus e protestantes onde se pregam publicamente dogmas que não são os vossos? Quanto aos Espíritas, não têm nem templos, nem padres, mas têm grupos, que para vós é a mesma coisa, a entrada dos quais basta colocar um sargento de cidade para que tudo seja dito; é bem simples, com efeito; mas não vos esqueçais de que os Espíritos forcem todas as senhas e entram por toda parte sem pedir a permissão, mesmo em vossa casa, porque ali tendes ao vosso lado os que vos escutam, sem que disso desconfieis, e, o que é mais, falam aos vossos ouvidos; fazei voltai bem vossas lembranças e vereis que tivestes mais de uma manifestação sem procurá-la.

Pareceis ignorar uma coisa, que é bom que saibais. Os grupos espíritas não são de nenhum modo necessários; são simples reuniões onde ficam felizes de se reencontrarem pessoas que pensam do mesmo modo; e a prova disso é que há hoje na França mais de seiscentos mil Espíritas dos quais noventa e nove por cento não fazem parte de nenhum grupo, e nele jamais puseram o pé; que numa multidão de cidades não há nenhum deles; que nem os grupos, nem as sociedades, abrem suas portas ao público para pregarem suas doutrinas aos transeuntes; que o Espiritismo se prega por si mesmo e pela força das coisas, porque ele responde a uma necessidade da época; que essas idéias estão no ar e são aspiradas por todos os poros da inteligência; que o *contágio* está no exemplo daqueles que são felizes de suas crenças e que se encontram por toda parte, no mundo, sem ir procurá-los nos grupos. Assim, não são os grupos que fazem a propaganda, uma vez que não chamam o primeiro que chega; ela se faz, passo a passo, de indivíduo a indivíduo; portanto, admitamos a interdição de todas as reuniões, os Espíritas delas seriam tirados para permanecer em suas casas e se reunir em família, assim como isso se faz em milhares de lugares, sem que o Espiritismo disso sofra, muito ao contrário, uma vez que sempre censuramos as grandes assembléias como mais nocivas do que úteis, sendo reconhecida a intimidade como a condição mais favorável às manifestações. Interditareis as reuniões de famílias? Colocais um sargento de cidade para vigiar o que se passa no canto do fogo? Não se o faz na Espanha; não se o faz em Roma, onde há mais Espíritas e médiuns do que pensais. Não faltaria mais do que isso para fazer crescer ainda mais a importância do Espiritismo.

Admitamos agora a interdição legal dos grupos, sabeis o que fariam esses Espíritas que acusais de semear a desordem? Diriam: "Respeitemos a lei; *dura lex, sed lex*; damos o exemplo, e mostramos que se pregamos a união, a paz e a concórdia, isso não é para nos transformar em promotores de perturbações. As sociedades organizadas não são uma condição necessária para a existência do Espiritismo; não há entre elas nenhuma solidariedade material que possa ser quebrada pela sua supressão; o que os Espíritos nelas ensinam, ensinarão do mesmo modo no colóquio; porque o Espiritismo tem esse privilégio estranho de ter por toda parte seu foco de ensinamento; seu sinal de reunião é o amor de Deus e do próximo, e para colocar em prática, não se tem necessidade de reuniões oficiais, o estende sobre seus inimigos como sobre seus amigos. "Todo o mundo pode dele dizer outro tanto, e a autoridade não encontrou mais de uma vez da resistência, ali onde ela teria devido encontrar o mais da submissão? Se os Espíritas fossem pessoas

turbulentas e também pervertidas quanto o pretendeis, por que é que nos centros onde são mais numerosos os funcionários encarregados de manterem a ordem, têm menos trabalho o que faria dizer a um deles que se todos os seus administrados fossem Espíritas, poderia fechar a sua repartição? Por que é que, entre os militares espíritas, há menos penas disciplinares?

Depois, não pensais que há agora Espíritas por toda a parte, do alto ao baixo da escala social; que há reuniões e médiuns até nas casas daqueles dos quais invocais o apoio contra nós. Vede, pois, que vosso meio é insuficiente; é preciso procurar um outro meio. - Temos os raios do púlpito. - Está bem, e dele usais largamente, mas não vedes que por toda parte onde é fulminada, o número de Espíritas aumenta? - Temos as censuras da Igreja e as excomunhão. - Isso é melhor, mas bateis ainda no vazio; ainda uma vez, o Espiritismo não se dirige nem a vós nem àqueles que estão convosco; não vai procurá-los e dizer-lhes: deixai a vossa religião e segui-me, sereis condenados se não o fizerdes; não, é mais tolerante do que isso, e deixa a cada um sua liberdade de consciência. Dirige-se, como dissemos, à massa inumerável de incrédulos, dos que duvidam e dos indiferentes; aqueles não estão convosco, e vossas censuras não podem atingi-los. Retornam a vós, e os repelis, é muito simplesmente imperícia. Se alguns dos vossos os seguem, é que vossos argumentos não são bastante fortes para retê-los, e não é com o rigor que a isso chegareis. O Espiritismo agrada porque não se impõe e se aceita pela vontade e o livre exame; nisso é de nossa época; ele agrada pela sua doçura, pelas consolações que proporciona nas adversidades, pela inabalável fé que dá no futuro, na bondade e na misericórdia de Deus; além disso, se apoia sobre fatos patentes, materiais, irrecusáveis, que desafiam toda negação; eis o segredo de sua propagação tão rápida; que lhe opondes? sempre a condenação eterna, mau meio pelo tempo que encurta; depois a deturpação de suas doutrinas; vós o acusais de pregar o abortamento, o adultério e todos os crimes; àqueles que não o conhecem? Mas entre eles muitos querem saber o que ocorre com essa abominável doutrina; lêem, e vendo que ela diz tudo o contrário daquilo que se lhe fez dizer, vos deixam para segui-lo, e isso sem que vá procurá-los.

A posição, eu o sei, é embaraçadora; porque vos dizeis: Se falamos contra o Espiritismo, lhe recrutamos partidários; se nos calamos, ele caminha sozinho. Que fazer então? Outrora dizia-se: Deixai passar a justiça do rei; agora é preciso dizer: Deixemos passar a justiça de Deus.

(Continua no próximo número.)

CONVERSAS FAMILIARES DE ALÉM-TÚMULO.

Sr. Philibert Viennois.

(Sociedade Espírita de Paris, 20 de março de 1863. - Médiun, Sr. Leymarie.)

1. Evocação.

R. Estou junto a vós.

2. Tínheis prometido, com a senhora V..., que aquele dos dois que ficasse se dirigiria a mim para fazer evocar o primeiro que partiu. A senhora V...fez-me parte de seu dever, e tenho prazer em aceder a ele. Sei que éreis um Espírita fervoroso, e além disso dotado de qualidades do coração; estas circunstâncias não podem senão nos dar o desejo de conversar convosco.

R. Posso, pois, escrever-te e me aproximar de ti para exprimir-te tudo o que meu Espírito sente de benevolente a teu respeito. Obrigado por toda a felicidade que me deste, cara esposa, tu que me fizeste amar a crença, santa regra de meus últimos dias junto a ti.

Estou muito feliz de recolher hoje todos os bens que nos eram prometidos pela fé veneranda que nos afirma uma outra vida senão a da Terra. Estou de posse de um poder desconhecido aos homens; a imensidade nos pertence; posso compreender melhor, amar melhor; minhas sensações não são mais obscuras, e o que há de divino em nós é de uma simplicidade extrema, porque tudo o que é grande é simples; a grandeza é o verdadeiro elemento do Espírito.

Estou sempre perto de ti; doravante serás feliz, porque te cercarei de meu fluido que te fortalecerá, se isso for necessário; quero que sejas sempre corajosa, boa e sobretudo Espírita; com esses três elementos, bendirás a Deus de me ter chamado junto dele, porque te espero, persuadido de que, graças ao Espiritismo, Deus te reserva um bom lugar entre nós.

3. Sede bastante bom, eu vos peço, para nos descrever a vossa passagem no mundo dos Espíritos, vossas impressões e a influência de vossos conhecimentos espíritas sobre a vossa elevação?

R. A morte, que eu esperava, não era uma pena para mim, mas antes um desligamento completo da matéria. O que eu via, era uma nova vida; o futuro divino, essa hora desejada, veio com calma. Lamento, é verdade, a presença de minha companheira, que não podia deixar sem dor: é o último anel da cadeia que une o Espírito à matéria; uma vez rompido, pouco sofri da passagem da vida à morte; meu Espírito levou as preces de minha bem amada. Todas as impressões se extinguíram para me despertar em nosso domínio a nós, Espíritas. A viagem é um sono para o justo; a dilaceração é natural; mas, ao primeiro despertar, que admiração! como tudo é novo, esplêndido, maravilhoso! Aqueles que eu amava, e outros Espíritos, amigos de minhas encarnações precedentes, me acolheram e abriram as portas da existência verdadeira, nesse redil sem limites chamado o céu. Minhas impressões, não podeis compreendê-las, e eu não saberia exprimi-las; tentarei vo-las comunicar numa outra vez.

4. No recebimento da carta da senhora V..., dirigi-lhe uma prece de circunstância. Quereis dizer-me o que pensais disso? R. Obrigado pela vossa benevolência, senhor Kadek; não podíeis fazer melhor. Aqueles que choram os ausentes têm necessidade do Espírito de Deus, mas também do apoio de outros Espíritos benevolentes, e os Espíritos devem sê-lo. Vossa prece emocionou muitos Espíritos levianos e *incrédulos* que são as testemunhas invisíveis de vossas sessões (esta prece havia sido lida na Sociedade depois da evocação); vossas boas palavras servirão para o seu adiantamento. Restituís, freqüentemente, ao nosso mundo o bem que dele recebeis. Não desdenhar o conselho de um menor que seja, é reconhecer esse laço íntimo criado por Deus entre todas as criaturas.

5. Queria vos pedir para me dar uma comunicação para a senhora V..., mas vejo que haveis antecipado o meu pensamento.

R. Ao vosso primeiro pedido, respondi à minha mulher quando deveria ter respondido à Sociedade Espírita; perdoai-me, porque cumpria uma promessa. Sei que, pela persuasão, trouxe a vós aqueles que pedem para serem consolados; conversar com os ausentes de um outro mundo será a maior alegria daqueles que não sacrificam tudo ao ouro e ao prazer. Dizei, eu vos peço, à minha mulher que minha presença jamais lhe faltará. Trabalharemos juntos no seu adiantamento espírita. Enviei-lhe minha comunicação; gostaria de dizer-lhe tantas boas palavras que as expressões me faltam; que ela ame sempre a nossa família, a fim de que, pelo seu exemplo, esta possa se tornar Espírita e crer na vida eterna, que á a vida de Deus.

VIENNOIS.

Creemos dever publicar a prece da qual falamos acima, e que nos foi dada pelos Espíritos para as circunstâncias análogas.

Prece para as pessoas a quem tivemos afeição.

Prefácio. - Como é horrível a idéia do nada. Quanto se deve lamentar aqueles que crêem que a voz do amigo que chora seu amigo se perde no vazio e não encontra nenhum eco para lhe responder. Jamais conheceram as puras e santas afeições, aqueles que pensam que tudo morre com o corpo; que o gênio que iluminou o mundo com a sua vasta inteligência é um jogo da matéria que se extingue para sempre, como um sopro; que do ser mais querido, de um pai, de uma mãe ou de um filho adorado, não resta senão um pouco de pó, que o tempo dissipa para sempre!

Como um homem de coração pode permanecer frio a esse pensamento? Como a idéia de um aniquilamento absoluto não lhe gela de pavor e não lhe faz ao menos desejar que não o seja assim? Se até esse dia sua razão não bastou para tirar as suas dúvidas, eis o que o Espiritismo vem dissipar toda a incerteza sobre o futuro pelas provas materiais que dá da sobrevivência da alma e da existência dos seres de além-túmulo. Por isso, por toda parte, essas provas são acolhidas com alegria; a confiança renasce, porque o homem sabe, de hoje em diante, que a vida terrestre não é senão uma curta passagem que conduz a uma vida melhor; que seus trabalhos deste mundo não estão perdidos para ele, e que as suas mais santas afeições não estão esfaceladas sem esperança.

Prece. - Deus todo-poderoso, dignai-vos acolher favoravelmente a prece que vos dirijo pelo Espírito de N...; fazei-lhe entrever as vossas divinas claridades, e tornai-lhe fácil o caminho da felicidade eterna. Permiti que os bons Espíritos levem a ele as minhas palavras e o meu pensamento.

Tu que me eras caro neste mundo, ouve minha voz que te chama para te dar um novo testemunho da minha afeição. Deus permitiu que fosses libertado primeiro; eu não poderia me lamentar com isso sem egoísmo, porque seria estar aflito por não ter mais para ti as penas e os sofrimentos da vida. Espero, pois, com resignação, o momento da nossa união no mundo mais feliz, no qual me precedeste.

Sei que a nossa separação não é senão momentânea, e que, tão longa que me possa parecer, a sua duração se apaga diante da eternidade da felicidade que Deus promete aos seus eleitos. Que a sua bondade me preserve de nada fazer que possa retardar esse instante desejado, e me poupe assim a dor de não te reencontrar ao sair do meu cativeiro terreno.

Oh! como é doce e consoladora a certeza de que não há entre nós senão um véu material que te oculta à minha visão! Que tu possas estar aqui, ao meu lado, me ver e me ouvir, como antigamente, e ainda melhor do que antigamente; que não me olvides mais, e que eu mesmo não te olvide; que os nossos pensamentos não cessem de se confundir, e que o teu me siga e me sustente sempre!

UM ARGUMENTO TERRÍVEL CONTRA O ESPIRITISMO.

História de um asno.

Num sermão pregado recentemente contra o Espiritismo, porque a palavra de ordem é dada sobre toda linha para persegui-lo, assim como aos seus partidários, o orador, querendo lhe dar um golpe mortal, contou a historietta seguinte:

"Há três semanas, uma senhora perdeu seu marido. Um medium se apresentou para propor-lhe uma conversa com o defunto, e talvez desfrutar de sua visão. A visão não ocorreu, mas o defunto explicou à sua mulher, pela mão do médium, que não foi julgado

digno de entrar na morada dos bem-aventurados, e que se viu obrigado a se reencarnar *imediatamente*, para expiar seus grandes pecados. Começou a ser onde? A um quilômetro dali, na casa de um moleiro, e na pessoa de um asno roído de pancadas. Julgai da dor da pobre senhora, que corre à casa do moleiro, *abraça o humilde animal* e propõe a sua compra. O moleiro foi duro no negócio, mas enfim cedeu a uma grande bolsa de dinheiro, e o senhor Aliboron ocupa há quinze dias um apartamento particular na casa da senhora, cercado de mais cuidados, que jamais seu semelhante experimentou desde *que aprouve a Deus criar essa raça estimável.*"

Não duvidamos que o auditório haja sido bem convencido por essa historieta; mas, o que temos de testemunhas que ouviram, é que a maior parte achou que estaria melhor seu lugar num folhetim engraçado do que no púlpito, pelo fundo e pela escolha das expressões. Sem dúvida, o orador ignorava que o Espiritismo ensina, sem equívoco, que a alma ou Espírito não pode animar o corpo de um animal. (*O Livro dos Espíritos*, nº 118, 612 e 613.)

O que nos espanta mais ainda, é o ridículo lançado sobre a dor em geral, com a ajuda de um conto de pura invenção e em termos que não brilham pela dignidade. Além disso, é dever de um padre tratar tão livremente a obra de Deus por estas palavras pouco reverentes: "Desde que aprouve a Deus criar essa raça estimável." O assunto foi tanto mais mal escolhido para fazer graça, que se poderia objetar que tudo é respeitável nas obras de Deus, e que Jesus não se achou desonrado em entrar em Jerusalém montado sobre um dos indivíduos dessa raça.

Que se coloque em paralelo o burlesco quadro da dor dessa pretensa viúva com o da viúva verdadeira, do qual demos acima o relato, e que se diga qual dos dois é o mais edificante, o mais cheio de um verdadeiro sentimento religioso e de respeito pela Divindade; enfim, o que estaria melhor colocado no púlpito da verdade.

Admitamos o fato que contaís, senhor pregador, quer dizer, não a encarnação num asno., mas a credulidade da viúva com essa encarnação, como castigo, que lugar lhe teríeis dado? As chamas eternas do inferno, perspectiva ainda menos consoladora, porque essa mulher viúva, sem dúvida, teria respondido: "Gosto mais ainda de saber meu marido no corpo de um asno do que queimado durante a eternidade. "Suponde agora que ela tivesse que escolher entre vosso quadro de torturas sem fim e o que nos deu mais acima o Espírito do Sr. Viennois, crede que ela teria hesitado? Conscienciosamente não o pensais, porque, por vossa própria conta, não hesitaríeis.

ALGUMAS PALAVRAS SÉRIAS A PROPÓSITO DOS GOLPES DE BENGALA.

Um de nossos correspondentes nos escreveu de uma cidade do Sul:

"Venho hoje vos fornecer uma nova prova de que a cruzada da qual vos falei se traduz de mil formas. Assisti ontem a uma reunião onde se discutia calorosamente pró e contra o Espiritismo. Um dos assistentes expôs o fato seguinte: "As experiências do Sr. Allan Kardec não são melhores daquelas das quais falamos há pouco. O Sr. Kardec se guarde bem de contar em sua *Revista* todas as mistificações e as tribulações que tolera. Sabeis, por exemplo, que no ano último, no mês de setembro, numa reunião de mais ou menos treze pessoas, que ocorreu na casa do mesmo Sr. Kardec, todos os assistentes foram roçados por golpes de bengala pelos Espíritos. Estava eu em Paris nessa época, e tenho esse detalhe de uma pessoa que acabara de assistir a essa reunião e que me mostrou, sobre sua espádua, o lugar pisado por um golpe violento que ela recebera. - Não vi a bengala, disse-me, mas senti o golpe."

"Não tenho necessidade de vos dizer que desejo ser esclarecido sobre esse ponto, e que vos seria muito reconhecido pelas explicações que teríeis a bondade de me dar, etc."

Não iríamos entreter nossos leitores com um fato tão insignificante, se não nos fornecesse o motivo de uma instrução que pode ter sua utilidade neste momento, porque não o finalizaríamos, se nos fosse preciso realçar todos os contos absurdos que se lhe debita.

Resposta. - Meu caro senhor, o fato do qual me falais está nas coisas possíveis, e dela há mais de um exemplo; dizer que se passou em minha casa, é, pois, reconhecer explicitamente a manifestação dos Espíritos; no entanto, a forma do relato denota uma intenção da qual não posso ser muito agradecido ao autor; esse pode ser *um crente*, mas seguramente não é benevolente e esquece a base da moral espírita: a caridade. Se o fato reportado tivesse ocorrido, assim como o pretende a pessoa tão bem informada, eu não teria guardado de passá-lo sob silêncio, porque isso seria um fato capital que não se poderia por em dúvida, uma vez que teria tido, como se disse, trinta testemunhas levando sobre suas espáduas a prova da existência dos Espíritos. Infelizmente para vosso narrador, não há uma palavra de verdade nesse relato; dou-lhe, pois, um desmentido formal assim como àquele que afirma ter assistido a uma sessão, e os coloca, a um e a outro, no desafio de vir sustentar suas afirmativas diante da Sociedade de Paris, como o fazem a duzentas léguas.

Os fazedores de contos não pensam em tudo e se prendem em sua própria armadilha; foi o que ocorreu nessa circunstância, porque há, para o fato tão positivamente afirmado por uma testemunha supostamente ocular, uma impossibilidade material, é que a Sociedade suspende suas sessões de 15 de agosto a 1^o de outubro; que, partindo de Paris no fim do mês de agosto, não estarei de volta senão em 20 de outubro; que, por consequência, no mês de setembro estaria em plena viagem; portanto, como vedes, é um dos álibis dos mais autênticos.

Se, pois, a pessoa em questão levava sobre suas espáduas a marca dos golpes de bengala, uma vez que não houve reunião em minha casa, é que ela recebeu em *outra parte*, e que, não querendo dizer *nem onde nem como*, achou prazer em acusar disso os Espíritos, o que era menos comprometedor e eliminava toda explicação.

Em verdade, fazeis muita honra, meu caro senhor, a esse pequeno conto ridículo, de alinhá-lo entre os atos de cruzada contra o Espiritismo; há-os tantos dessa natureza que seria preciso não ter nenhuma outra coisa a fazer para realçá-los. A hostilidade se traduz por atos mais sérios, e que, no entanto, não são mais inquietantes. Tomais as diatribes de nossos adversários a peito; pensai, pois, que quanto mais se debate para combater o Espiritismo, mais provam a sua importância; se isso não fora senão um mito ou um sonho oco, não se inquietariam tanto com ele; o que os torna tão furiosos e tão obstinados contra ele, é vê-lo avançar contra vento e maré, e de sentir restringir-se cada vez mais o círculo no qual se movem.

Deixai, pois, os maus gracejadores inventar contos para dormir de pé, e outros lancem o veneno da calúnia, porque semelhantes meios são a prova de sua impotência para atacar com boas razões. O Espiritismo nada tem a temer-lhes, ao contrário; são as sombras que fazem ressaltar a luz; os mentirosos o são às expensas de invenção, e os caluniadores pela vergonha que jorra sobre eles. O Espiritismo tem a sorte de todas as verdades novas que levantam as paixões das pessoas das quais podem machucar as idéias ou os interesses; ora, vede se todas as grandes verdades que foram combatidas, com a maior obstinação, não superaram todos os obstáculos que lhe foram opostos, se uma só sucumbiu sob os ataques de seus inimigos; as idéias novas, que não brilharam senão com um brilho passageiro, caíram por si mesmas, e porque não tinham nelas a vitalidade que só a verdade dá; são aquelas que foram menos atacadas, ao passo que aquelas que prevaleceram o foram com mais violência.

Não penseis que a guerra dirigida contra o Espiritismo tenha chegado ao seu apogeu; não, é preciso ainda que certas coisas se cumpram para abrir os olhos dos mais cegos. Não posso nem devo disso dizer mais para o momento, porque não devo entrar a

marcha necessária dos acontecimentos; mas vos digo à espera: Quando ouvirdes invectivas coléricas, quando virdes atos de hostilidade material, de qualquer parte que venha, longe de vós com isso perturbar-vos, aplaudi-os tanto mais quanto poderão ter mais ressonância, é um dos sinais anunciados do próximo triunfo. Quanto aos verdadeiros Espíritos, devem se distinguir pela moderação, é deixar aos seus antagonistas o triste privilégio das injúrias e das personalidades que não provam nada, senão uma falta de saber viver primeiro, e a penúria de boas razões em seguida.

Algumas palavras ainda, eu vos peço, para aproveitar a ocasião, sobre a conduta a ter com relação aos adversários. Tanto é do dever de todo bom Espírita esclarecer aqueles que, de boa fé, procuram sê-lo, tanto é inútil discutir com os antagonistas de má fé ou de propósito, que, freqüentemente mesmo, estão mais convencidos do que o parecem, mas não querem confessá-lo; com estes toda polêmica é ociosa, porque é sem objetivo e não pode ter por resultado fazer-lhe mudar de opinião. Muitas pessoas de boa vontade nos reclamam, para não perdermos nosso tempo com os outros.

Tal é a linha de conduta que todo tempo tenho aconselhado, e tal é a que, invariavelmente, eu mesmo tenho seguido, tendo sempre me abtido de ceder às provocações que me foram feitas para descer na arena da controvérsia. Se por vezes relevo certos ataques e certas afirmações errôneas, é para mostrar que não é a possibilidade de responder que falta, e dar aos Espíritos meios de refutação na necessidade. Aliás, há as que reservam para mais tarde; não tendo nenhuma impaciência, observo tudo com calma e sangue frio; espero com confiança que chegue o momento oportuno, porque sei que ele virá, deixando os adversários se empenharem num caminho sem saída para eles. A medida de suas agressões não está preenchida, e é preciso que esteja; o presente prepara o futuro. Não há até aqui nenhuma objeção séria que não se encontre refutada em meus escritos; não posso, pois, senão a eles enviar para não me repetir sem cessar com todos aqueles que apraze falar daquilo que não sabe a primeira palavra. Toda discussão torna-se supérflua com pessoas que não leram, ou se o fizeram, tomam, premeditadamente o contrário daquilo que está dito.

As questões pessoais se apagam diante da grandeza do objetivo e do conjunto do movimento irresistível que se opera nas idéias; pouco importa, pois, que tal ou tal seja contra o Espiritismo, quando sabe-se que não está no poder de quem quer que seja impedir de se cumprirem os fatos; é o que a experiência confirma cada dia.

Digo, pois, a todos os Espíritos: continuai a semear a idéia; difundi-a pela doçura e pela persuasão, e deixai aos nossos antagonistas o monopólio da violência e da acrimônia, aos quais não recorreram senão quando não se sentem bastante fortes pelo raciocínio.

Vosso todo devotado,

A. K.

EXAME DAS COMUNICAÇÕES MEDIANÍMICAS QUE NOS SÃO DIRIGIDAS.

Muitas das comunicações nos foram dirigidas de diferentes grupos, seja para nos pedir a nossa opinião e nos colocar no estado de julgar suas tendências, seja, da parte de alguns, com esperança de vê-las aparecer na *Revista*; todas nos foram remetidas com a faculdade de dispormos delas como entendêssemos, para o bem da coisa. Delas fizemos o exame a classificação, e não se admirará da impossibilidade que temos de inseri-las todas, quando souber-se que além daquelas que publicamos, há mais de três mil e seiscentas que, somente elas, teriam absorvido cinco anos *completos* da *Revista*, sem contar um certo número de manuscritos, mais ou menos volumosos, dos quais falaremos dentro em pouco. O relatório desse exame nos fornecerá o assunto de algumas reflexões das quais cada um poderá tirar seu proveito.

Entre elas, encontramos as notoriamente más pelo fundo e pela forma, produtos evidentes de Espíritos ignorantes, obsessores ou mistificadores, e que juram com os nomes mais ou menos pomposos com os quais se revestem; publicá-las, teria sido dar armas fundadas à crítica. Uma circunstância digna de nota é que a totalidade das comunicações dessa categoria emana de indivíduos isolados e não de grupos. Soa fascinação poderia fazê-los tomar a sério e impedi-los de ver nelas o lado ridículo. O isolamento, como se sabe, favorece a fascinação, ao passo que as reuniões encontram um controle na pluralidade das opiniões.

No entanto, reconhecemos com prazer que as comunicações dessa natureza formam, na massa, uma pequena minoria; a maioria das outras encerram bons pensamentos e excelentes conselhos, mas não se segue que sejam todas boas para serem publicadas, e isto pelos motivos que vamos expor.

Os bons Espíritos ensinam quase a mesma coisa por toda a parte, porque por toda parte há os mesmos vícios a reformar e as mesmas virtudes a pregar; está aí um dos caracteres distintivos do Espiritismo; freqüentemente, a diferença não está senão na maior ou menor correção e elegância do estilo. Para apreciar as comunicações, com relação à publicidade, não é preciso vê-las de seu ponto de vista, mas no do público. Concebemos a satisfação que se sente em obter alguma coisa de bom, sobretudo em começando, mas, além de que certas pessoas possam se iludir sobre o mérito intrínseco, não se pensa que em cem outros lugares obtém-se coisas semelhantes, e o que é de um grande interesse individual pode ser a banalidade para a massa.

É preciso considerar, além disso, que há algum tempo as comunicações adquiriram, sob todos os aspectos, proporções e qualidades que deixam bem longe para trás aquelas que se obtinham há alguns anos; o que se admirava então parece pálido e mesquinho junto do que se obtém hoje. Na maioria dos centros verdadeiramente sérios, o ensino dos Espíritos aumentou com a compreensão do Espiritismo. Uma vez que por toda parte recebem-se instruções quase idênticas, sua publicação não pode interessar senão com a condição de apresentar qualidades salientes, como forma ou como importância instrutiva, seria, pois, iludir-se crendo que toda coletânea deve achar leitores numerosos e entusiasmados. Outrora, a menor conversa espírita era uma novidade que atraía a atenção; hoje, que os Espíritos e os médiuns não se contam mais, o que era uma raridade é um fato quase banal tornado hábito e que ficou distanciado pela amplitude e importância das comunicações atuais, como os deveres do escolar o são para o trabalho do adulto.

Temos sob os olhos a coleção de um jornal publicado no princípio das manifestações, sob o título de *a Mesa falante*, título característico da época; esse jornal teve, diz-se, de quinze a dezoito centenas de assinantes, cifra enorme para a época; ele continha uma multidão de pequenas conversas familiares e de fatos medianímicos que eram então um poderoso atrativo de curiosidade. Nele inutilmente procuramos alguma coisa para reproduzir em nossa *Revista*; tudo o que ali teríamos haurido seria hoje pueril e sem interesse. Se esse jornal não tivesse cessado de aparecer, por circunstâncias independentes do assunto, não teria podido viver senão com a condição de se colocar no nível do progresso da ciência, e, se ele reaparecesse agora nas mesmas condições, não teria cinquenta assinantes. Os Espíritos são imensamente mais numerosos do que então, é verdade; mas são mais esclarecidos e querem um ensinamento mais substancial.

Se as comunicações não emanassem senão de um único centro, ninguém duvida de que os leitores se multiplicariam em razão do número de adeptos; mas não é preciso perder de vista que os focos que os produzem se contam por milhares, e que por toda a parte onde se obtêm coisas superiores, não se pode se interessar por aquilo que é fraco ou medíocre.

O que dizemos não é para desencorajar de fazer publicações, longe disso, mas para mostrar a necessidade de uma escolha rigorosa, condição *sine qua non* de sucesso; os Espíritos, elevando os seus ensinamentos, tornaram-nos difíceis e mesmo exigentes. As publi-

cações locais podem ter uma imensa utilidade sob um duplo aspecto, o de difundir nas massas o ensino dado na intimidade, depois o de mostrar a concordância que existe nesse ensinamento sobre diferentes pontos; as aplaudiremos sempre e as encorajaremos todas as vezes que sejam feitas em boas condições.

Convém de início descartar tudo o que, sendo de um interesse privado, não interessa senão àquele que lhe concerne; depois, tudo o que é vulgar pelo estilo e pelos pensamentos, ou pueril pelo assunto; uma coisa pode ser excelente em si mesma, muito boa para dela fazer sua instrução pessoal, mas o que deve ser entregue ao público exige condições especiais; infelizmente o homem está inclinado a pensar que tudo o que lhe apraz deve aprazer aos outros; o mais hábil pode se enganar, e tudo é se enganar o menos possível. Há Espíritos que se divertem em entreter essa ilusão em alguns médiuns; é porque não saberíamos muito recomendar a estes últimos de não relacioná-las ao seu próprio julgamento, e é nisso que os grupos são úteis, pela multiplicidade das opiniões que permitem recolher; aquele que, nesse caso, recusasse a opinião da maioria, se crendo mais iluminado que todos, provaria super abundantemente a má influência sob a qual se acha.

Fazendo aplicação destes princípios de ecletismo às comunicações que nos são dirigidas, diremos que, sobre três mil e seiscentas, há mais de três mil de uma moralidade irrepreensível e excelentes como fundo, mas que sobre esse número não há senão trezentas para a publicidade, e apenas cem de um mérito sem paralelo. Essas comunicações nos tendo vindo de um grande numero de pontos diferentes, disso inferimos que essa proporção deve ser quase real. Pode-se julgar por aí da necessidade de não publicar inconsideradamente tudo o que vem dos Espíritos, querendo-se atingir o objetivo que se propõe, tanto sob o aspecto material quanto o do efeito moral e "da opinião que os indiferentes podem se fazer do Espiritismo.

Resta-nos a dizer algumas palavras dos manuscritos ou trabalhos de grande fôlego que nos são dirigidos, entre os quais, sobre trinta deles não encontramos senão cinco ou seis tendo um valor real. No mundo invisível, como sobre a Terra, os escritores não faltam, mas os bons escritores são raros; tal Espírito está apto a ditar uma boa comunicação isolada, a dar um excelente conselho particular, que é incapaz de produzir um trabalho de conjunto completo podendo suportar o exame, quaisquer que sejam, aliás, as suas pretensões e o nome do qual lhe apraz se vestir, não é uma garantia; quanto mais esse nome é elevado, mais obriga; ora, é mais fácil tomar um nome do que justificá-lo; por isso, ao lado de alguns bons pensamentos, freqüentemente, encontram-se idéias as mais excêntricas e os traços, os menos equivocados, da mais profunda ignorância. Foram nessas espécies de trabalhos medianímicos que notamos o mais de sinais de obsessão, dos quais um dos mais freqüentes é a injunção da parte do Espírito de fazê-los imprimir, e mais de um pensa erradamente que essa recomendação basta para encontrar um editor empenhado de se encarregar disso.

É sobretudo em semelhante caso que um exame escrupuloso é necessário, não querendo se expor a fazer escola às suas custas; além disso, é o melhor meio de afastar os Espíritos presunçosos e pseudo-sábios que se retiram forçosamente quando não acham instrumentos dóceis que possam fazer suas palavras serem aceitas como artigos de fé. A intromissão desses Espíritos nas comunicações é, é um fato conhecido, o maior escolho do Espiritismo. Não se saberia, pois, cercar-se muito de precauções para evitar as publicações lamentáveis; mais vale, em semelhante caso, pecar por excesso de prudência, no interesse da causa.

Em resumo, publicando-se as comunicações dignas de interesse, faz-se uma coisa útil; publicando aquelas que são fracas, insignificantes ou más, faz-se mais mal do que bem. Uma consideração não menos importante é a da oportunidade; umas há das quais a publicação seria intempestiva, e por isso mesmo nociva: cada coisa deve vir a seu tempo;

várias daquelas que nos são dirigidas estão neste caso, e embora muito boas, devem ser adiadas; quanto às outras, acharão seu lugar segundo as circunstâncias e seu objeto.

PERGUNTAS E PROBLEMAS.

Os Espíritos incrédulos e materialistas.

(Sociedade Espírita de Paris, 27 de março de 1863.)

Pergunta. - Na evocação do Sr. Viennois, feita na última sessão, encontra-se esta frase: "Vossa prece emocionou muitos Espíritos levianos e *incrédulos*." Como Espíritos podem ser incrédulos? O meio onde se encontram não é para eles a negação da incredulidade?

Pedimos aos Espíritos que consintam se comunicar e tratar esta questão, se julgarem a propósito.

Resposta (médiun, Sr. d'Ambel). - A explicação que me pedis não está escrita amplamente em vossas obras? Perguntais-me por que os *Espíritos incrédulos* se emocionaram? Mas vós mesmos não dissestes que os Espíritos que se acham na erraticidade ali entraram com suas aptidões, seus conhecimentos e sua maneira de ver passadas? Meu Deus! sou ainda muito novato para resolver, para a vossa satisfação, as questões espinhosas da Doutrina; posso, no entanto, por experiência, por assim dizer fracamente adquirida, responder às questões de fatos. Geralmente, crê-se, no mundo que habitais, que a morte vem de repente modificar as opiniões daqueles que dele se vão, e que a venda da incredulidade é violentamente arrancada daqueles que negam a Deus sobre a Terra: aí está o erro, porque a punição começa justamente, para aqueles, permanecendo na mesma incerteza relativamente ao Senhor de todas as coisas, e para conservar sua dúvida da Terra. Não, crede-me, a visão obscurecida da inteligência não percebe instantaneamente a luz; procede-se na erraticidade com ou ao menos tanto de prudência quanto sobre a Terra, e não se projetam os raios da luz elétrica sobre os olhos daqueles que estão doentes da vista, para curá-los.

A passagem da vida terrestre para a vida espiritual oferece, isto é certo, um período de confusão e de perturbação para a maioria daqueles que desencarnam; mas há alguns, quando vivos já libertos dos bens da Terra, que cumprem essa transição tão facilmente quanto uma pomba que se eleva no ar. É fácil de vos dar conta dessa diferença, examinando os hábitos dos viajantes que embarcam para atravessar os oceanos; para alguns a viagem é uma partida de prazer, para a maioria é um sofrimento vulgar, mas acabrunhante, que durará até o momento do desembarque. Pois bem! por assim dizer, ocorre o mesmo para o viajor da Terra ao mundo dos Espíritos. Alguns se libertam rapidamente, sem sofrimento e sem perturbação, ao passo que outros são submetidos ao mal da travessia etérea; mas ocorre isto: é que do mesmo modo que os viajores que tocam a Terra ao sair do navio encontram sua firmeza e sua saúde, do mesmo modo que o Espírito que transpôs todos os obstáculos da morte acaba por se encontrar, como no seu ponto de partida, com a consciência limpa e clara de sua individualidade.

É, pois, certo, meu caro senhor Kardec, que os incrédulos e os materialistas absolutos conservam a sua opinião além do túmulo até a hora em que a razão ou a graça tiver despertado em seu coração o pensamento verdadeiro de que se encontra enterrado. Daí essa difusão de idéias nas manifestações e essa divergência nas comunicações dos Espíritos de além-túmulo; daí alguns ditados ainda manchados de *ateísmo* ou de *panteísmo*.

Permiti-me, finalizando, retornar a questões que me são pessoais. Agradeço-vos por me terem feito evocar; isto me ajudou a me reconhecer; agradeço-vos também as consolações que dirigistes à minha mulher, e vos peço continueis vossas boas exortações, a fim

de sustentá-la nas provas que a esperam. Quanto a mim, estarei sempre junto dela e a inspirarei.

VIENNOIS.

Pergunta. - Compreende-se a incredulidade em certos Espíritos, mas não se compreende o materialismo, uma vez que seu estado é um protesto contra o reino absoluto da matéria e o nada após a morte.

Resposta (médium, Sr. d'Ambel). - Uma palavra somente: todos os corpos sólidos ou fluídicos pertencem à substância material; isto está bem demonstrado. Ora, aqueles que, durante sua vida, não admitiam senão um princípio na Natureza, a matéria, não percebem, freqüentemente, ainda depois da sua morte senão esse princípio único, e absoluto. Se refletísseis nos pensamentos que os dominaram toda a sua vida, os encontrareis certamente, ainda hoje, sob a inteira subjugação desses mesmos pensamentos. Outrora se consideravam como corpos sólidos; hoje se consideram como corpos fluídicos, eis tudo. Notai bem, eu vos peço, que se percebem sob uma forma nitidamente circunscrita, toda vaporosa que ela seja, e idêntica à que tinham sobre a Terra no estado sólido ou humano. De tal sorte que não vêm, em seu novo estado, senão uma transformação de seu ser na qual não tinham pensado; mas ficam convencidos de que é uma progressão para o fim ao qual chegarão quando estiverem suficientemente libertos, para se apagarem no grande todo universal. Não há nada de tão renitente do que um sábio, e eles persistem em pensar que esse fim, por ser retardado, por isso não é menos inevitável.

Uma das condições de sua cegueira moral é de encerrá-los mais violentamente nos laços da materialidade e, conseqüentemente, de impedi-los de se afastarem das regiões terrestres ou similares à Terra; e do mesmo modo que a grande maioria dos encarnados, aprisionados na carne, não podem perceber as formas vaporosas dos Espíritos que o cercam, do mesmo modo a opacidade do envoltório dos materialistas lhes interdita contemplar as entidades espirituais que se movem tão belas e tão ra-diosas, nas altas esferas do império celeste.

ERASTO.

Outra (médium, Sr. A. Didier).- A dúvida é a causa das penas e, muito freqüentemente, das faltas desse mundo; o conhecimento, ao contrário, do Espiritismo, motivam as penas e as faltas dos Espíritos.

Onde estaria o castigo se os Espíritos não conhecessem seus erros pela conseqüência que é a realidade penitenciária da outra vida? Onde estaria seu castigo se seu coração e sua alma não sentissem todo o erro do ceticismo terrestre e o nada da matéria? O Espírito vê o Espírito como a carne vê a carne; o erro do Espírito não é o erro da carne e o homem materialista que duvidou neste mundo, não duvida mais do outro lado.

O suplício dos materialistas é lamentar as alegrias e as satisfações terrestres, eles que não podem ainda nem compreender nem sentir as alegrias e as perfeições da alma; e vede o abaixamento moral desses Espíritos que vivem completamente na esterilidade moral e física, de lamentar esses bens que fizeram momentaneamente a sua alegria e que fazem atualmente o seu suplício.

Agora, é verdade que sem ser materialista pela satisfação de suas paixões terrestres, pode-se sê-lo mais nas idéias e no espírito do que nos atos da vida. É o que se chama de livres pensadores e aqueles que não ousam aprofundar as causas de sua existência. Aqueles, no outro mundo, serão punidos do mesmo modo; nadam na verdade, mas não são por ela penetrados; seu orgulho rebaixado fá-los sofrer, e lamentam esses dias terrestres onde, pelo menos, tinham a liberdade de duvidar.

LAMENNAIS.

Nota. - Esta apreciação parece, à primeira vista, em contradição com a de Erasto; este admite que certos Espíritos podem conservar as idéias materialistas, ao passo que

Lamennais pensa que essas idéias não são senão o lamento dos gozos materiais, mas esses Espíritos estão perfeitamente esclarecidos sobre seu estado espiritual. Os fatos parecem vir em apoio da opinião de Erasto; uma vez que vemos Espíritos que, muito tempo mesmo depois de sua morte, se *crêem ainda vivos, vagam ou crêem ocuparem-se de suas ocupações terrestres*, é, pois, que se iludem completamente sobre a sua posição e não se dão nenhuma conta de seu estado espiritual. Desde então, que não crêem estar mortos, não haveria nada de espantoso em que tivessem conservado a idéia do nada depois da morte que, para eles, ainda não chegou. Sem dúvida, foi nesse sentido que Erasto quis falar.

Resposta. - Têm eles, evidentemente a idéia do nada, mas isso não é senão um assunto de tempo. Chega um momento onde, do outro lado o véu se rasga, e onde as idéias materialistas são inaceitáveis. A resposta de Erasto dirige-se sobre fatos particulares e momentâneos; não falei, eu, senão dos fatos gerais e definitivos.

LAMENNAIS.

Nota. - A diferença não era senão aparente e não provinha senão do ponto de vista sob o qual cada um encarava a questão. É muito evidente que um Espírito não pode ficar perpetuamente materialista; perguntava-se simplesmente se essa idéia era necessariamente destruída logo depois da morte; ora, os dois Espíritos estão de acordo sobre esse ponto, e se pronunciam pela negativa. Acrescentamos que a persistência da dúvida sobre o futuro é um castigo para o Espírito incrédulo; é para ele uma tortura tanto mais pungente quanto não tem as preocupações terrestres para delas fazer diversão.

NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA

As publicações espíritas se multiplicam, e, como dissemos, nossos encorajamentos são dados a todas aquelas que podem servir utilmente à causa que defendemos. São tantas vozes que se elevam e servem para difundir a idéia sob diferentes formas. Se não demos dado nossa opinião sobre certas obras, mais ou menos importantes, tratando de matérias análogas, é que, por medo que não se visse aí um sentimento de parcialidade, preferimos deixar a opinião se formar por si mesma; ora, vemos que a da maioria confirmou a nossa. Pela nossa posição devemos ser sóbrios na apreciação desse gênero, quando sobretudo a aprovação não pode ser absoluta; permanecendo neutro, não se nos acusará de ter exercido uma pressão desfavorável, e, se o sucesso não corresponde à espera, não se poderá atribuir isso a nós.

Entre as publicações recentes, que estamos felizes de recomendar sem restrição, lembraremos notadamente as duas pequenas brochuras anunciadas no nosso último número sobre os títulos de: *o Espiritismo sem os Espíritos* e a *Verdade sobre o Espiritismo experimental nos grupos*, por um Espírita teórico, sobre as quais mantemos a opinião que emitimos dizendo que, num quadro muito restrito, o autor havia sabido resumir os verdadeiros princípios do Espiritismo com uma notável precisão e num estilo atraente. Naquela que é relativa aos grupos, os curiosos e os incrédulos encontrarão uma excelente lição sobre a maneira pela qual convém observar o que se passa nos grupos sérios. - Preço: 50 centavos cada uma; 60 centavos pelo correio. - Casa Dentu, Palais-Royal.

Não podemos omitir, não mais, o jornal *la Vérité*, publicado em Lyon sob a direção do Sr. Edoux, e que anunciamos igualmente. A falta de espaço nos força a limitar-nos em dizer que é um novo combatente que parece ser olhado obliquamente no campo adverso. Assinalou seus princípios por vários artigos de uma alta importância, assinados PHILOLÉTHES, entre os quais nota-se os que têm por título: *o Fundamento do Espiritismo; o Perispírito diante das tradições; o Perispírito diante da filosofia e da história*, etc. Denotam uma pena experimentada, se apoiando sobre uma lógica rigorosa e que pode, perseverando nesse caminho, perseguir nossos antagonistas permanecendo na linha de modera-

ção que parece ser a divisa desse jornal, como a nossa; é pela lógica que é preciso combater, e não pelas personalidades, pelas injúrias e pelas represálias.

ALLAN KARDEC.

Bordeaux terá logo também a sua *Revista* especial, que estaremos felizes em ajudar com os nossos conselhos, uma vez que consintam em no-los pedir. Se, como disso não duvidamos, ela seguirá o caminho da sabedoria e da prudência, não poderá deixar de ter o apoio de todos os verdadeiros Espíritas, daqueles que vêem o interesse da coisa antes das questões de pessoas, de interesse ou de amor próprio; é a estes, sabe-se que nossas simpatias são dirigidas. A abnegação da personalidade, o desinteresse moral e material, a prática da lei de amor e de caridade, serão sempre os sinais distintivos daqueles para quem o Espiritismo não é somente uma crença estéril, nesta vida e na outra, mas uma fé fecunda.

O *Courrier de la Moselle*, jornal de Metz, de 11 de abril de 1863, contém um excelente e notável artigo, assinado: *Um Espírita de Metz*, refutando os casos de loucura atribuídos ao Espiritismo. Gostamos de ver os Espíritas que entram na liça, opor a fria e severa lógica dos fatos às diatribes de seus adversários. Citaremos dele vários fragmentos, que a falta de espaço nos força remeter para o próximo número.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

6^a ANO

NO. 6

JUNHO 1863

DO PRINCÍPIO DA NÃO-RETROGRADAÇÃO DOS ESPÍRITOS.

Tendo sido levantadas, várias vezes, questões sobre o princípio da não-retrogradação dos Espíritos, princípio diversamente interpretado, iremos tentar resolvê-las. O Espiritismo quer ser claro para todo o mundo, e não deixar aos seus futuros filhos nenhum assunto de querelas de palavras, por isso todos os pontos suscetíveis de interpretação serão sucessivamente elucidados.

Os Espíritos não retrogradam, nesse sentido de que não perdem nada do progresso realizado; podem ficar momentaneamente estacionados; mas de bons, não podem se tornar maus, nem de sábios, ignorantes. Tal é o princípio geral, que não se aplica senão ao estado moral, e não à situação material, que de boa pode se tornar má, se o Espírito a mereceu.

Citemos uma comparação. Suponhamos um homem do mundo, instruído, mas culpado de um crime que o conduziu às galés; certamente, há para ele uma grande queda como posição social e como bem-estar material; à estima e à consideração sucederam o desprezo e a abjeção; e, no entanto, nada perdeu quanto ao desenvolvimento da inteligência; levará à prisão suas faculdades, seus talentos, seus conhecimentos; é um homem caído, e é assim que é preciso entender os Espíritos decaídos. Deus pode, pois, ao cabo de um certo tempo de prova, retirar, de um mundo onde não terão progredido moralmente, aqueles que o terão *desconhecido*, que terão sido rebeldes às suas leis, para enviá-los para expiar seus erros e seu endurecimento num mundo inferior, entre os seres ainda menos avançados; lá serão o que eram antes, moral e intelectualmente, mas numa condição tornada infinitamente mais penosa, pela própria natureza do globo, e sobretudo pelo meio no qual se encontrarão; estarão, em uma palavra, na posição de um homem civilizado forçado a viver entre os selvagens, ou de um homem bem educado condenado à sociedade dos forçados. Perderam sua posição, suas vantagens, mas não retrogradaram ao seu estado primitivo; de homens adultos não se tornaram crianças; eis o que é preciso entender pela não-retrogradação. Não tendo aproveitado o tempo, é para eles um trabalho a recomençar; Deus, em sua bondade, não quer deixá-los mais por muito tempo entre os bons, dos quais perturbariam a paz; por isso envia-os entre os homens que terão por missão fazer avançar, comunicando-lhes o que sabem; por esse trabalho eles mesmos poderão avançar e resgatar tudo, expiando suas faltas passadas, como o escravo que amontoa, pouco a pouco, o que comprar com a sua liberdade; mas, como o escravo, muitos não amontoam senão o dinheiro em lugar de amontoar as virtudes, as únicas que podem pagar seu resgate.

Tal é até este dia a situação de nossa Terra, mundo de expiação e de prova, onde a raça adâmica, raça inteligente, foi exilada entre as raças primitivas inferiores, que a habitavam antes dela. Tal é razão pela qual há tanta amargura neste mundo, amarguras que estão longe de sentirem no mesmo grau dos povos selvagens. Há certamente retrograda-

ção do Espírito nesse sentido que recua seu adiantamento, mas não do ponto de vista de suas aquisições, em razão das quais e do desenvolvimento de sua inteligência, sua decadência social lhe é mais penosa; é assim que o homem do mundo sofre mais num meio abjeto do que aquele que sempre viveu na lama.

Segundo um sistema, que tem alguma coisa de especial à primeira vista, os Espíritos não teriam sido criados para serem encarnados, e a encarnação não seria senão o resultado de suas faltas. Esse sistema cai por esta consideração de que, se nenhum Espírito tivesse falido, não haveria homens sobre a Terra nem sobre os outros mundos; ora, como a presença do homem é necessária para a melhoria material dos mundos; que ele concorre pela sua inteligência e sua atividade à obra geral, é um dos órgãos essenciais da criação. Deus não podia subordinar o cumprimento dessa parte de sua obra à queda eventual de suas criaturas, a menos que não contasse para isso sobre um número sempre suficiente de culpados para alimentar de obreiros os mundos criados e a criar. O bom senso repele tal pensamento.

A encarnação é, pois, uma necessidade para o Espírito que, para cumprir sua missão providencial, trabalha em seu próprio adiantamento pela atividade e a inteligência que lhe é preciso empregar para prover à sua vida e ao seu bem-estar; mas a encarnação se torna uma punição quando o Espírito, não tendo feito o que deve, é constrangido a recomeçar sua tarefa e multiplica suas existências corpóreas penosas pela sua própria falta. Um escolar não chega a colar seus graus senão depois de ter passado pela fieira de todas as classes; são essas classes uma punição? Não: são uma necessidade, uma condição indispensável de seu adiantamento; mas se, por sua preguiça, é obrigado a repeti-las, aí está a punição; poder passar algumas delas é um mérito. Portanto, o que é verdade é que a encarnação sobre a Terra é uma punição para muitos daqueles que a habitam, porque teriam podido evitá-la, ao passo que, talvez, a dobraram, triplicaram, centuplicaram por sua falta, retardando assim sua entrada nos mundos melhores. O que é falso é admitir em princípio a encarnação como um castigo.

Uma outra questão freqüentemente agitada é esta: O Espírito sendo criado simples e ignorante com liberdade de fazer o bem ou o mal, não há queda moral para aquele que toma o mau caminho, uma vez que chega a fazer o mal que não fazia antes?

Esta proposição não é mais sustentável do que a precedente. Não há queda senão na passagem de um estado relativamente bom a um estado pior; ora, o Espírito criado simples e ignorante está, em sua origem, num estado de nulidade moral e intelectual, como a criança que acaba de nascer; se não fez o mal, não fez, não mais, o bem; não é nem feliz nem infeliz; age sem consciência e sem responsabilidade; uma vez que nada tem, nada pode perder, e não pode, não mais, retrogradar; sua responsabilidade não começa senão do momento em que se desenvolve nele o livre arbítrio; seu estado primitivo não é, pois, um estado de inocência inteligente e racional; por conseqüência, o mal que faz mais tarde infringindo as leis de Deus, abusando das faculdades que lhes foram dadas, não é um retorno do bem ao mal, mas a conseqüência do mau caminho em que se empenhou.

Isso nos conduz a uma outra questão. Nero, por exemplo, pode, enquanto Nero, ter feito mais mal do que em sua precedente encarnação? A isto respondemos sim, o que não implica que na existência em que teria feito menos mal fosse melhor. Primeiro, o mal pode mudar de forma sem ser pior ou menos mal; a posição de Nero, como imperador, tendo-o colocado em evidência, o que ele fez foi mais notado; numa existência obscura pôde cometer atos também repreensíveis, embora sobre uma menor escala, e que passaram despercebidos; como soberano pôde fazer queimar uma cidade; como simples particular pôde queimar uma casa e ali fazer perecer uma família; tal assassino vulgar que mata alguns viajantes para despojá-los, se estivesse sobre um trono, seria um tirano sanguinário, fazendo em grande o que sua posição não lhe permitia fazer senão em pequeno.

Tomando a questão sob um outro ponto de vista, diremos que um homem pode fazer mais mal numa existência do que na precedente, mostrar vícios que não tinha, sem que isso implique uma degenerescência moral; freqüentemente, o que faltam são as ocasiões para fazer o mal, quando o princípio existe em estado latente; chega a ocasião, e os maus instintos se mostram a nu. A vida comum disso nos oferece numerosos exemplos: tal homem que se acreditava bom, mostra de repente vícios que não se supunha, e disso se admira; muito simplesmente é que soube dissimular, ou que uma causa provocou o desenvolvimento de um mau germe. É muito certo que aquele em que os bons sentimentos estão enraizados não tem mesmo o pensamento do mal; quando este pensamento existe, é que o germe existe: não falta senão a execução.

Depois, como dissemos, o mal, embora sob diferentes formas, não é por isso menos o mal. O mesmo princípio vicioso pode ser a fonte de uma multidão de atos diversos provindo de uma mesma causa; o orgulho, por exemplo, pode fazer cometer um grande número de faltas, às quais se está exposto, enquanto o princípio radical não for extirpado. Um homem pode, pois, numa existência, ter defeitos que não teriam se manifestado numa outra, e que não são senão conseqüências variadas de um mesmo princípio vicioso. Nero é para nós um monstro, porque cometeu atrocidades; mas crê-se que esses homens perversos, hipócritas, verdadeiras víboras que semeiam o veneno da calúnia, despojam as famílias pela astúcia e os abusos de confiança, que cobrem suas torpezas com a máscara da virtude para chegar, mais seguramente, aos seus fins e receberem os elogios quando merecem a execração, crê-se, dizemos, que valem mais do que Nero? Seguramente não; ser reencarnado num Nero não seria para eles uma decaída, mas uma ocasião de se mostrarem sob uma nova face; como tais exibirão os vícios que escondiam; ousarão fazer pela força o que faziam pela astúcia, eis toda a diferença. Mas essa nova prova não lhe tornará o castigo senão mais terrível, se, em lugar de aproveitar os meios que lhe são dados de reparar, servem-se deles para o mal. E, no entanto, cada existência, por má que ela seja, é uma ocasião de progresso para o Espírito; desenvolve a sua inteligência, adquire da experiência e dos conhecimentos que, mais tarde, ajudá-lo-ão a progredir moralmente.

ALGUMAS REPUTAÇÕES.

(2º artigo. - Ver o número de maio.)

Toda idéia nova tem, necessariamente, contra ela todos aqueles dos quais choca as opiniões e os interesses. Alguns crêem os da Igreja comprometidos, - não o pensamos, mas a nossa opinião não faz lei, - é porque nos atacam em seu nome com um furor ao qual não faltam senão as grandes execuções da Idade Média. Os sermões, as instruções pastorais lançam o raio sobre toda a linha; as brochuras e os artigos de jornais chovem como o granizo, pela maioria com um cinismo de expressão muito pouco evangélico. Em vários é uma raiva que chega ao frenesi. Por que, pois, exibem forças e tanta cólera? Porque dizemos que Deus perdoa ao arrependimento e que as penas não serão eternas senão para aqueles que não se arrependerão jamais; e porque proclamamos a clemência e a bondade de Deus, somos heréticos destinados à execração, e a sociedade está perdida; mostra-nos como perturbadores; intima-se a autoridade para nos perseguir em nome da moral e da ordem pública; dizem que não cumprem seu dever deixando-nos tranqüilos!

Um interessante problema se apresenta aqui. Pergunta-se por que essa fúria contra o Espiritismo, antes que contra tantas outras teorias filosóficas ou religiosas bem menos ortodoxas? A Igreja fulminou contra o materialismo que nega tudo, como o faz contra o Espiritismo que se limita à interpretação de alguns dogmas? Esses dogmas e muitos outros não foram muitas vezes negados, discutidos, controvertidos numa multidão de escri-

tos que ela deixa passar despercebidos? Os princípios fundamentais da fé: Deus, a alma e a imortalidade, não foram publicamente atacados sem que ela com isso se comovesse? Jamais o saint-simonismo, o fourierismo, a própria Igreja do abade Chatel não levantaram tanta cólera, sem falar de outras seitas menos conhecidas, tais como os *fusionistas*, cujo chefe acaba de morrer, que têm um culto, seu jornal, e não admitem a divindade do Cristo; os *católicos apostólicos*, que não reconhecem o papa, que têm seus padres e bispos casados, suas igrejas em Paris e na província, onde fazem batismos, casamentos e enterros. Por que, pois, o Espiritismo, que não tem nem culto nem igreja, e cujos padres não estão senão na imaginação, levanta tanta animosidade? Coisa fora do comum! o partido religioso e o partido materialista, que são a negação um do outro, se dão as mãos para nos *pulverizar*, é a sua palavra. O espírito humano apresenta verdadeiramente singulares esquisitices quando está cego pela paixão, e a história do Espiritismo terá agradáveis coisas a registrar.

A resposta está inteiramente nesta conclusão da brochura do Rev. Pé. Nampon (1-1) Discurso pregado na igreja de São João Batista, em presença de Sua Eminência o cardeal Arcebispo de Lyon, em 14 e 21 de dezembro de 1862, pelo Rev. Pé. Nampon, da Companhia de Jesus, pregador do Advento.): "Em geral nada é mais *abjeto, mais degradante, mais vazias de fundo e de atrativo na forma do que essas publicações, cujo sucesso fabuloso é um dos sintomas os mais alarmantes da nossa época*. Destruí-os, pois, com isso não perdereis nada. Com o dinheiro que se dispensa em Lyon por essas enépcias, ter-se-iam facilmente fundado alguns lugares a mais nos hospícios de alienados, atravancados depois da invasão do Espiritismo. E que faremos dessas brochuras malsãs? Faremos delas o que o grande apóstolo *delas* fez em Efeso; e por aí conservaremos, em nosso meio, o império da razão e da fé, e preservaremos as vítimas dessas lamentáveis ilusões de uma multidão de decepções na vida presente e das chamas da eternidade infeliz."

Esse *sucesso fabuloso*, eis o que confunde os nossos adversários; não podem compreender a inutilidade de tudo o que fazem para entravar essa idéia que escapa sob suas armadilhas, se endireita sob seus golpes, e prossegue sua marcha ascendente sem tomar cuidado com as pedras que lhe atiram. Isto é um fato adquirido, e constatado muitas vezes pelos adversários de uma e de outra categoria, em suas pregações e em suas publicações; todos deploram o *progresso inaudito dessa epidemia que ataca mesmo os homens de ciência, os médicos e os magistrados*. É preciso em verdade vir do Texas para dizer que o Espiritismo está morto e dele não se fala mais. (Ver a *Revista* de fevereiro de 1863, página 41.)

Para triunfar, que faremos? Iremos pregar o Espiritismo nas praças? Convocamos o público às nossas reuniões? Temos missionários de propaganda? Temos o apoio da imprensa? Temos, enfim, todos os meios de ação ostensivos e *secretos* que possuis e dos quais usais tão largamente? Não; para recrutar partidários nós nos damos mil vezes menos de trabalho do que tomais para afastá-los. Contentamo-nos em dizer: "Lede, e se isto vos convém, retornai a nós"; fazemos mais, dizemos: lede o pró e o contra e comparai. Respondemos aos vossos ataques sem fel, sem animosidade, sem amargor, porque não temos cóleras; longe de nos lamentar das vossas, nós as aplaudiremos, porque servem à nossa causa. Eis entre as milhares uma prova da força persuasiva dos argumentos de nossos adversários. Um senhor que vem de escrever à Sociedade de Paris para pedir dela fazer parte, começa assim sua carta: "A leitura de *a Questão do sobrenatural, os mortos e os vivos*, do Pé. Matignon, *da Questão dos Espíritos*, do Sr. de Mirville, do *Espírito batedor*, do doutor Bronson, e, enfim, de diferentes artigos contra o Espiritismo, não fizeram senão me ligar mais completamente à doutrina de *O Livro dos Espíritos*, e me deram o mais vivo desejo de fazer parte da Sociedade Espírita de Paris, para poder continuar o estudo do Espiritismo de maneira mais contínua e mais frutífera."

A paixão cega, às vezes, ao ponto de fazer cometer singulares inseqüências. Na passagem citada mais acima, o Rev. Pé. Nampon disse que: "*Nada é mais vazio de atrativo do que essas publicações, cujo sucesso fabuloso, etc.*" Não se apercebeu que essas

duas proposições se destroem uma pela outra; uma coisa sem atrativo não poderia ter um sucesso qualquer, porque não pode ter sucesso senão com a condição de ter atrativo; com mais forte razão quando esse sucesso é fabuloso.

Acrescenta ele que, com o dinheiro dispendido em Lyon para essas inépcias, ter-se-iam facilmente fundado alguns lugares a mais nos hospícios de alienados dessa cidade, sobrecarregados depois da invasão do Espiritismo. Teriam sido necessário, é verdade, fundar trinta a quarenta mil lugares, em Lyon somente, uma vez que todos os Espíritas são loucos. Por outro lado, uma vez que são *inépcias*, isso não tem nenhum valor; por que, pois, lhes dar as honras de tantos sermões, pastorais, brochuras? A esta questão do emprego do dinheiro sabemos que, em Lyon, muitas pessoas, sem dúvida mal pensantes, disseram que com os dois milhões fornecidos em oferenda a São Pedro, ter-se-ia podido dar pão a muitos operários infelizes durante o inverno, ao passo que a leitura dos livros espíritas lhes deu a coragem e a resignação para suportarem sua miséria sem se revoltarem.

O Pé. Nampon não foi mais feliz em suas citações. Numa passagem de *O Livro dos Espíritos*, nos fez dizer: "Há tanta distância entre a alma do animal e a alma do homem, quanto entre a alma do homem e a alma de Deus. (N^o 597.) Nós colocamos: *que entre a alma do homem e Deus*, o que é muito diferente; a *alma de Deus* implica uma espécie de assimilação entre Deus e as criaturas corpóreas. Concebe-se a omissão de uma palavra por inadvertência ou erro tipográfico; mas não se lhe acrescenta sem intenção; por que essa adição que desnatura o sentido do pensamento, se não for para nos dar uma cor materialista aos olhos daqueles que se contentarão em ler a citação, sem verificá-la no original? Um livro que apareceu pouco antes de *O Livro dos Espíritos*, e que contém toda uma teoria teogônica e cosmogônica, faz de Deus um ser muito de outro modo material, uma vez que dele faz um composto de todos os globos do Universo, moléculas do Ser universal, que tem um estômago, come e digere, e do qual os homens são os maus produtos de sua digestão; e, no entanto, nenhuma palavra foi dita para combatê-la: todas as cóleras se concentraram sobre *O Livro dos Espíritos*; seria isso, pois, porque em seis anos chegou à décima edição, e que está difundido em todos os países do mundo?

Não se contentam em criticar, mas mutilam e desnaturam as máximas para acrescentar o horror que deve inspirar essa abominável doutrina, e nos põe em contradição conosco mesmo. Foi assim que o Pé, Nampon, citando uma frase da introdução de *O Livro dos Espíritos*, página XXXIII, disse: "*Certas pessoas, vós mesmo dizeis, entregando-se a esses estudos perderam a razão.*" Temos assim o ar de reconhecer que o Espiritismo conduz à loucura; ao passo que, lendo todo o parágrafo XV, a acusação cai precisamente sobre todos aqueles que a lançam. Assim é que, tomando-se os fragmentos de frase de um autor, poder-se-ia "fazê-lo enforcar"; os próprios autores mais sagrados não escapariam a essa dissecação. É com esse sistema que certos críticos esperam dar a mudança sobre as tendências do Espiritismo, e fazer crer que ele preconiza o *aborto*, o *adultério*, o *suicídio*, quando lhes demonstra peremptoriamente a criminalidade e as funestas conseqüências para o futuro.

O Pé. Nampon vai mesmo até se apoderar das citações feitas com o objetivo de refutar certas idéias: "O autor, disse ele, chama algumas vezes Jesus-Cristo Homem-Deus; mas em outro lugar (*O Livro dos Médiuns*, página 368), num diálogo com um *médium* que, tomando o nome de Jesus, dizia-lhe: "Não sou Deus, mas sou seu filho," ele replica logo: "Sois, pois, Jesus?" Sim, acrescenta o Pé. Nampon, Jesus é chamado Filho de Deus, é, pois, num sentido ariano, e sem ser por isso consubstancial ao Pai."

De início, não era um *médium* que se dizia Jesus, mas bem um Espírito, o que é muito diferente, e a citação é precisamente feita para mostrar o embuste de certos Espíritos, e ter os médiuns em guarda contra seus subterfúgios. Pretendeis que o Espiritismo nega a divindade do Cristo; onde vistes essa proposição formulada em principia? É, dizeis, a conseqüência de toda a doutrina. Ah! se entrássemos nesse terreno das interpre-

tações, poderíamos ir mais longe do que não quereis. Se disséssemos, por exemplo, que o Cristo não tinha chegado à perfeição, que teve necessidade das provas da vida corpórea para progredir; que sua paixão lhe foi necessária para subir em glória, teríeis razão porque dele faríamos, não mesmo *um puro Espírito*, enviado sobre a Terra com uma missão divina, mas um simples mortal, a quem o sofrimento era necessário para ele mesmo progredir. Onde achais que dissemos isto? Pois bem, o que jamais dissemos, o que jamais diremos, é o que dizeis.

Vimos ultimamente, no parlatório de uma casa religiosa de Paris, a inscrição seguinte, impressa em caracteres grandes e afixada para a instrução de todos: "*Foi preciso que o Cristo sofresse para entrar em sua glória, e não foi senão depois de ter bebido em grandes tragos na torrente da tribulação e do sofrimento que foi elevado ao mais alto dos céus.*" (Salmo 109, v. 8.) É o comentário desse versículo cujo texto é: "*Ele beberá no caminho a água da torrente, e será por aí que erguerá sua cabeça (De torrente in via bibet: propterea exultabit caput).*" Se, pois "FOI PRECISO que o Cristo sofresse para entrar em sua glória; se NÃO PÔDE ser elevado ao mais alto dos céus senão pelas tribulações e o sofrimento," é que antes não estava nem na glória nem no mais alto dos céus, portanto, não era Deus; Seus sofrimentos não eram pois só em proveito da Humanidade, uma vez que eram necessários ao seu próprio adiantamento. Dizer que o Cristo tinha necessidade de sofrer para se elevar, é dizer que não era perfeito antes de sua vinda; não conhecemos protesto mais enérgico contra a sua divindade. Se tal é o sentido desse versículo do salmo que se canta às vésperas, todos os domingos cantam a não divindade do Cristo.

Com o sistema das interpretações se vai muito longe, dizemos; se quiséssemos citar as de alguns concílios sobre este outro versículo: "*O Senhor está à vossa direita, ele abaterá os reis no dia de sua cólera,*" seria fácil provar que disso tiramos a justificação do regicida.

"A vida futura, disse ainda o Pé. Nampon, muda inteiramente de face (com o Espiritismo). A imortalidade da alma se reduz a uma permanência material, sem identidade moral, sem consciência do passado."

É um erro; o Espiritismo jamais disse que a alma fosse sem consciência do passado; dele perde momentaneamente a lembrança durante a vida corpórea, mas "quando o Espírito reentra em sua vida primitiva (a vida espírita), todo o seu passado se desenrola diante dele; vê as faltas que cometeu e que são a causa de seu sofrimento, e o teria podido impedir de cometê-las; compreende que a posição que lhe é dada é justa, e procura então a existência que poderia reparar a que vem de se escoar." (*O Livro dos Espíritos*, n^o 393.) Uma vez que há lembrança do passado, consciência do eu, há, pois, identidade moral; uma vez que a *vida espiritual* é a vida normal do Espírito, que as existências corpóreas não são senão pontos na vida espírita, a imortalidade não se reduz a uma *permanência material*; o Espiritismo, como se vê, diz tudo ao contrário. Desnaturando-o assim, o Pé. Nampon não tem por desculpa a ignorância, porque suas citações provam que leu, mas tem o erro de fazer citações truncadas, e de lhe fazer dizer tudo ao contrário do que ele disse.

O Espiritismo é acusado, por alguns, de estar fundado sobre o mais grosseiro materialismo, porque admite o perispírito, que tem propriedades materiais. É ainda uma falsa consequência tirada de um princípio incompletamente informado. Jamais o Espiritismo confundiu a *alma* com o *perispírito*, que não é senão um envoltório, como o corpo dele é um outro. Tivesse ela dez envoltórios, isso não tiraria nada à sua essência imaterial. Não ocorre o mesmo com a doutrina adotada pelo concílio de Viena, em Dauphiné, em sua segunda sessão, em 3 de abril de 1312. Segundo essa doutrina "a autoridade da Igreja ordena crer que a alma não é senão a forma substancial do corpo; que não há idéias inatas, e declara heréticos aqueles que negarem a materialidade da alma." Raoul Fournier, professor de direito, ensina positivamente a mesma coisa em seus discursos acadêmicos

sobre a origem da alma, impressos em Paris em 1619, com a aprovação e os elogios de vários doutores em teologia.

É provável que o concílio, se fundando sobre os fatos numerosos de manifestações espíritas visíveis e tangíveis, narradas nas Escrituras, manifestações que não podem ser senão materiais, uma vez que ferem os sentidos, confundiu a alma com o seu envoltório fluídico ou perispírito, do qual o Espiritismo nos demonstra a distinção. Sua doutrina é, pois, menos materialista do que a do concílio.

"Mas abordemos sem hesitar o homem da França, que é o mais avançado em seus estudos. *Para constatar a identidade do Espírito que fala, é preciso*, disse o Sr. Allan Kardec, *estudar sua linguagem*. Pois bem! seja. Conhecemos por seus escritos autênticos o pensamento certo e, conseqüentemente, a *linguagem* de São João, de São Paulo, de Santo Agostinho, de Fénelon, etc., como, pois, ousais vos atribuir em vossos livros a esses grandes gênios pensamentos e sentimentos muito contrários àqueles que ficaram para sempre consignados em suas obras?"

Assim, admitis que esses personagens não puderam se enganar em nada; que tudo o que escreveram é a expressão da verdade; que retornariam hoje corporalmente e deveriam ensinar tudo o que ensinaram outrora; que retornando em Espírito, não devem negar nenhuma de suas palavras. No entanto, Santo Agostinho olharia como uma heresia a crença na redondeza da Terra e nos antípodas. Sustentaria a existência dos incubos e dos súcubos, e creeria na procriação pelo comércio dos homens com os Espíritos. Credes que ele não possa, a esse respeito, pensar, como Espírito, de outro modo que não pensava como homem, e que professaria essas doutrinas hoje? Se suas idéias deveram se modificar sobre certos pontos, puderam fazê-lo sobre outros. Se se enganou, ele, gênio incontestavelmente superior, por que não vos enganaríeis vós mesmos, e é preciso, por respeito pela ortodoxia, negar-lhe o direito, dizemos melhor, o mérito de retratar seus erros?

"Atribuí a São Luís esta sentença ridícula, sobretudo em sua boca, contra a eternidade das penas: *Supor Espíritos incuráveis, é negar a lei do progresso.*" (*O Livro dos Espíritos, n^o 1007.*)

Não é assim que ela está formulada. A esta pergunta: Há Espíritos que não se arrependem jamais? São Luís respondeu: "Há aqueles cujo arrependimento é muito tardio, mas pretender que não se melhorarão jamais, isso seria negar a lei do progresso e dizer que a criança não pode se tornar adulta." A primeira forma poderia parecer ridícula; por que, pois, sempre trincar e desnaturar as frases? A quem pensam enganar? àqueles que não lerão senão esses comentários inexatos? Mas o número deles é muito pequeno perto daqueles que querem conhecer a fundo as coisas sobre as quais vós mesmos chamais a atenção; ora, a comparação não pode ser senão favorável ao Espiritismo.

Nota. Para a edificação de todos, recomendamos a leitura da brochura intitulada: *Do Espiritismo, pelo Rev. Pé. Nampon, da Companhia de Jesus, Casa Girard et Josserand, Lyon, praça Bellecour, n^o30; Paris, rua Cassette, n^o5*, rogando consentir em ler, em *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*, os textos completos, citados abreviadamente ou alterados na brochura acima.

ORÇAMENTO DO ESPIRITISMO *Ou exploração da credulidade humana.*

Sob esse título, um antigo oficial reformado, ex-representante do povo na Assembléia Constituinte em 1848, publicou em Argel uma brochura na qual, procurando provar que o objetivo do Espiritismo é uma gigantesca especulação, estabeleceu cálculos de onde resulta para nós rendas fabulosas, que deixam bem longe para trás delas os milhões com os quais tão generosamente nos gratificou um certo abade de Lyon (V. a *Revista* de

junho de 1862, página 179). Para pôr nossos leitores a par desse interessante inventário, citamo-lo textualmente, assim como as conclusões do autor. Esse extrato dará uma idéia do que pode ser o resto da brochura do ponto de vista da apreciação do Espiritismo.

"Sem nos deter em analisar todos os artigos concernentes, em aparência, às provas do neofitismo e a disciplina da Sociedade, chamaremos a atenção do leitor sobre os artigos 15 e 16. Tudo está ali.

"Ver-se-á ali que, sob o *pretexto* de subvencionar as despesas da Sociedade, cada membro titular paga: 1^o uma entrada de 10 fr.; 2^o uma cotização anual de 24 f r., e que cada associado livre paga uma cotização de 20 fr. por ano.

"As cotizações se pagam integralmente pelo ano, quer dizer, adiantado: o Sr. Allan Kardec toma suas precauções contra as deserções.

"Ora, pelo *entusiasmo* que se nota por toda parte pelo Espiritismo, cremos ser modesto não contando nele para Paris senão 3000 associados, tanto titulares quanto livres. As cotizações produzem, pois, por ano, 63000 fr., sem contar as entradas que serviram para montar o negócio.

"Não contaremos senão para a lembrança os benefícios feitos sobre a venda de *O Livro dos Espíritos* e dos *Médiuns*. No entanto, devem ser considerados, porque não conhecemos pouco uma obra que haja tido *maior voga*, voga fundada sobre o insaciável desejo que leva o homem a descobrir o mistério da vida futura.

"Mas, no que precede, não mostramos ainda a fonte mais abundante dos proveitos. Existe uma revista mensal espírita, publicada pelo Sr. Allan Kardec, coletânea indigesta que ultrapassa de longe as lendas maravilhosas da antigüidade e da Idade Média, e cuja assinatura é de 10 f r. por um ano para Paris; 12 e 14 fr. para a província e o estrangeiro.

"Ora, qual é aquele dos numerosos adeptos do Espiritismo que, por falta de 10 fr. por ano (em torno de 90 centavos por mês), se privaria de sua parte de aparições, de evocações, de manifestações de Espíritos e de lendas? Não se pode contar, pois, na França e no estrangeiro, menos de 30 000 assinantes da *Revista*, produzindo um total anual de.....300 000 fr.

"Os quais, juntados aos 63 000 f r. de cotização..... 63 000 .
dão um total de363.000 fr.

"As despesas a deduzir são:

"1^o O aluguel da sala das sessões da Sociedade, os salários dos secretários, do tesoureiro, dos criados e de bom número de médiuns. Cremos estar acima da realidade levando estas despesas a..... 40 000 fr.

"O preço de custo da *Revista*: Um número de 32 páginas não custa mais de 20 centavos; os 12 números do ano somarão 2 fr. 40c. que, repetidos 30 000 vezes, dá uma cifra de..... 72 000

Total das despesas.....112.000 fr.

Tirando essas despesas dos 363 000 fr., resta para o Sr. Allan Kardec um benefício anual líquido de 250 000 fr., sem contar o da venda de *O Livro dos Espíritos* e dos *Médiuns*.

No passo que caminha a epidemia, logo a metade da França será espírita, *se isto já não está feito*, e como não se pode ser bom Espírita se não se é pelo menos associado livre e assinante da *Revista*, há a probabilidade de que sobre 20 milhões de habitantes, dos quais se compõe essa metade, haveria 5 milhões de associados e outro tanto de assinantes da *Revista*; conseqüentemente, o rendimento dos presidentes e vice-presidentes das sociedades espíritas será de 100 milhões por ano, e o do Sr. Allan Kardec, proprietário da *Revista* e soberano pontífice, 38 milhões.

"Se o Espiritismo ganhar a outra metade da França, essa renda será dobrada, e, se a Europa se deixar infestar, isso não será mais por milhões que será preciso contar, mas bem por bilhões.

"Pois bem, ingênuos Espíritas! que pensais dessa especulação baseada sobre a vossa simplicidade? Teríeis acreditado que, do jogo das mesas girantes, pudessem sair semelhantes tesouros, e estais edificados agora com o ardor que põe a fundar sociedades os propagadores da doutrina?"

"Não se tem razão em dizer que a insensatez humana é uma mina inesgotável a explorar?"

"Examinemos agora os meios postos em prática pelo Sr. Allan Kardec, e sua habilidade como especulador será a única coisa que não se poderá colocar em dúvida."

"Compreende que, na voga universal das mesas girantes, se encontra toda pronta, e sem bolsa aberta, a coisa mais difícil a se proporcionar, a *publicidade*."

"Ora, em tais circunstâncias, promete, por meio das mesas girantes, desvendar os mistérios do futuro e da vida futura, e conseqüentemente tudo disposto para escutar suas revelações. Em seguida, pensando que os cultos existentes podem lhe arrebatam bom número de adeptos, proclama sua decadência. Lê-se na brochura: *O Espiritismo em sua mais simples expressão* (p 15): "Do ponto de vista religioso, o Espiritismo tem por base as verdades fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma, a imortalidade, as penas e as recompensas futuras; mas é *independente de todo culto particular*."

"Essa doutrina, bem feita para seduzir o número sempre crescente dos homens que não querem suportar nenhuma hierarquia social, não podia deixar de ter seu efeito."

(Obs. Há, pois, muitos deles, segundo vós, a quem o jugo da religião é insuportável!)

"O que nos surpreende estranhamente é que, autorizando a pregação do Espiritismo, o governo não viu que essa audaciosa tentativa contém em germe a abolição possível de sua própria autoridade; porque, enfim, quando a epidemia tiver ainda aumentado, não é possível que, sobre a injunção dos Espíritos, a abolição de uma autoridade que pode ameaçar a existência do Espiritismo seja decretada?"

"Poder-se-ia, sem perigo, permitir as sociedades espíritas; mas não era mais sábio interditar-lhes as publicações?"

"Fosse a seita encerrada no recinto das salas de sessões e jamais teria, provavelmente, ultrapassado a importância das representações de *Conus* ou de Robert-Houdin."

"Mas a lei é atea, disse a filosofia moderna, e foi em virtude desse paradoxo que um homem pôde proclamar a decadência da autoridade da Igreja."

"Esse exemplo, diga-se de passagem, demonstraria, aos olhos dos menos clarividentes, a sabedoria dos legisladores da antigüidade, que não acreditavam que a ordem material pudesse coexistir com a desordem moral e que tinham tão intimamente ligado, em seus códigos, as leis civis e as leis religiosas."

"Se estava no poder da Humanidade destruir as criações espirituais de Deus, o primeiro efeito do Espiritismo seria de arrancar a *Esperança* do coração do homem."

"Que esperaria o homem neste mundo, se adquirisse a convicção (não dizemos a prova) que depois da morte, teria à sua disposição e indefinidamente várias existências corpóreas?"

"Esse dogma, que não é outra coisa senão a metempsicose renovada de Pitágoras, não é de natureza a enfraquecer nele o sentimento do dever e fazê-lo dizer neste mundo: *Para mais tarde os assuntos sérios?* A Caridade, tão fortemente recomendada pelo Cristo e pela Igreja e da qual o próprio Espiritismo toma para fazer a pedra angular de seu edifício, não recebe dele um golpe mortal?"

"Um outro efeito do Espiritismo é de transformar a Fé, que é um ato de livre arbítrio e de vontade, numa cega credulidade."

"Assim, para fazer ter êxito a especulação do Espiritismo ou das mesas girantes, o Sr. Allan Kardec prega uma doutrina cuja tendência é a *destruição da Fé, da Esperança e da Caridade*."

"No entanto, que o mundo cristão se tranqüilize, o Espiritismo não prevalecerá contra a Igreja. "Reconhecer-se-á todo o valor de um princípio religioso (Como disse o Sr. bispo de Argel, em sua carta de 13 de fevereiro de 1863, aos curas de sua diocese), porque basta a si mesmo para vencer todas as apalpadelas, todas as oposições e todas as resistências."

"Mas há verdadeiros Espíritas? - Nós o negaremos enquanto um homem sentir que a Esperança não está apagada em seu coração.

"Que há, pois, no Espiritismo? Nenhuma outra coisa senão um especulador e ingênuos. E do dia em que a autoridade temporal compreender a solidariedade com a autoridade moral e se limitar somente a interditar as publicações espíritas, essa imoral especulação cairá para não mais se levantar."

O jornal de Argel, o *Akhbar*, de 28 de março de 1863, num artigo tão benevolente quanto a brochura, reproduzindo uma parte desses argumentos, conclui que está bem e devidamente provado, por cálculos autênticos, que o Espiritismo nos dá atualmente uma renda positiva de 250 000 fr. por ano. O autor da brochura vê as coisas mais largamente ainda, uma vez que suas previsões levam-no, daqui a poucos anos, a 38 milhões, quer dizer, uma cifra superior à lista civil dos mais ricos soberanos da Europa. Não nos prendamos, certamente, ao trabalho de combater cálculos que se refutam pelo seu próprio exagero, mas que provam uma coisa, é o pavor que causa aos adversários a rápida propagação do Espiritismo, ao ponto de fazê-los dizer as maiores inconseqüências.

Admitamos, com efeito, por um instante, a realidade dos números do autor, não seria o mais enérgico protesto contra as idéias atuais, que desabariam no mundo inteiro diante da idéia emitida por um único homem, desconhecido há seis anos apenas? Não é reconhecer o irresistível poder dessa idéia? Tende ela, dizeis, a suplantiar a religião, e para prová-lo, vós a apresentais adotada dentro em pouco por vinte milhões, depois por quarenta milhões de habitantes só na França; depois exclamais: "Não, a religião não pode perecer." Mas se vossas previsões se realizam, que restará para a religião? Façamos também uma pequena estatística de números segundo o autor: Na França, 36 milhões de habitantes; Espíritas, 40 milhões; resta para os católicos O menos 4 milhões; uma vez que, segundo vós, não se pode ser católico e Espírita. Se a Igreja é tão facilmente trans-tornada por um indivíduo com a ajuda de uma idéia extravagante, não é isso reconhecer que ela repousa sobre uma base bem frágil? Dizer que pode ser comprometida por um absurdo é fazer medíocre elogio do poder de seus argumentos e entregar o segredo de sua própria fraqueza. Onde, pois, então, está sua base inabalável? Desejamos à Igreja um defensor mais forte e sobretudo mais lógico do que o autor da brochura. Não há nada mais perigoso que um amigo imprudente.

Não se pensa em tudo; o autor não pensou que, querendo nos denegrir, exalta a nossa importância, e o meio que emprega vai justamente contra o seu objetivo. Sendo o dinheiro o deus de nossa época, àquele que mais o possui, não faltam cortesãos atraídos pela esperança do saque. Os milhões com os quais nos gratifica, longe de afastá-los de nós, colocariam mesmo os príncipes aos nossos pés. Que diria o autor se, uma vez que não temos filhos, o façamos nosso legatário de algumas dezenas de milhões? Acharia a fonte má? Seria bem capaz de fazê-lo dizer que o Espiritismo é bom para alguma coisa.

Segundo ele, uma das fontes de nossas imensas rendas é a Sociedade de Paris, que supõe ter ao menos 3.000 membros. Poderíamos perguntar-lhe, primeiro, com que direito vem se imiscuir nos negócios privados; mas passamos por cima disso. Uma vez que se considera capaz de tanta exatidão, e isso é preciso quando se quer provar através de números, se tivesse se dado ao trabalho de ler somente a ata da Sociedade, publicada na *Revista* de junho de 1862, teria podido se fazer uma idéia mais verdadeira de seus recursos, e do que ele chama o orçamento do Espiritismo.

Haurindo suas informações em outra parte que em sua imaginação, teria sabido que a Sociedade, alinhada oficialmente entre as sociedades científicas, não é nem uma con-

fraria nem uma congregação, mas uma simples reunião de pessoas ocupando-se do estudo de uma ciência nova que ela aprofunda; que longe de visar ao número, que seria mais nocivo do que útil aos seus trabalhos, o restringe antes que não aumente, pela dificuldade das admissões; que em lugar de 3.000 membros, jamais teve cem; que não retribui nenhum de seus funcionários, nem presidentes, vice-presidentes ou secretários; que não emprega nenhum médium pago, e sempre se levantou contra a exploração da faculdade medianímica; que jamais recebeu um centavo das visitas que admite sempre em pequeno número, não abrindo jamais suas portas ao público; que fora dos membros *pagantes*, nenhum Espírita é seu tributário; que os membros honorários não pagam nenhuma cotização; que não existe entre ela e as outras sociedades espíritas nenhuma afiliação, nem nenhuma solidariedade material; que o produto das cotizações jamais passa pelas mãos do presidente; que toda despesa, por mínima que seja, não pode ser feita sem a opinião da comissão; enfim, que seu orçamento do 1862 foi liquidado por um encaixe de 429 fr. 40 cent.

Esse magro resultado infirma a importância crescente do Espiritismo? Não, ao contrário, porque prova que a Sociedade de Paris não é uma especulação para ninguém. E quando o autor procura provocar a animosidade contra nós, dizendo aos adeptos que se arruinam em nosso proveito, responderão muito simplesmente que é uma calúnia, porque não se lhes pede nada, e porque nada pagam. Poder-se-ia dizer o mesmo de todo o mundo, e não se poderia reenviar a outros o argumento do autor por números mais autênticos do que os seus? Quanto aos trinta mil assinantes da Revista, nós os desejamos. "Caluniais, caluniais, disse um autor, disso resta sempre alguma coisa." Sim, certamente, disso resta sempre alguma coisa que, cedo ou tarde, recai sobre o caluniador.

Injúrias, calúnias, invenções manifestas, até o imiscuir-se na vida privada, tendo em vista lançar a desconsideração sobre um indivíduo e sobre uma classe numerosa de indivíduos, essa brochura, que ultrapassou de muito todas as diatribes até hoje publicadas, tem todas as condições requeridas para ser deferida à justiça. Não o fizemos, apesar das solicitações que nos foram dirigidas a esse respeito, porque é uma boa fortuna para o Espiritismo, e não gostaríamos, ao preço de maiores injúrias ainda, que não tivesse sido publicada. Nossos adversários, não podendo fazer melhor para se desacreditarem a si mesmos, mostrando a que tristes expedientes se reduziram para nos atacar, e até que ponto o sucesso das idéias novas os apavora, poderíamos dizer, os faz perder a cabeça.

O efeito dessa brochura foi o de provocar uma imensa gargalhada em todos aqueles que nos conhecem, e são numerosos; quanto àqueles que não nos conhecem, deveu-lhes inspirar um vivo desejo de conhecer esse Nababo improvisado, que recolhe milhões mais facilmente do que não se recolhem os grossos centavos, e não tem senão que lançar uma idéia para nela ligar a população de todo um império; ora, como, segundo o autor, não une senão os tolos, disso resulta que esse império não é composto senão de tolos do alto a baixo da escala. A história da Humanidade não oferece nenhum exemplo de semelhante fenômeno. O Autor tivesse sido pago por esse resultado que não tivesse melhor vencido, não temos, pois, nada a lamentar disso (1-(1) Escreveram-nos da Argélia, damo-lo com toda reserva, que o autor da brochura fez parte de um grupo espírita; que seu zelo pela causa o tinha feito nomear presidente; mas que mais tarde, não tendo querido renunciar a certos projetos desaprovados dos outros membros, havia sido riscado da lista.).

UM ESPIRITO COROADO NOS JOGOS FLORAIS.

Reproduzimos textualmente a carta seguinte, que nos foi dirigida de Bordeaux, em 7 de maio de 1863.

"Caro mestre,

"Em 22 de abril último, recebi do Sr. T. Jaubert, vice-presidente do tribunal civil de Carcassonne, presidente honorário da Sociedade Espírita de Bordeaux, uma carta que me informava que a *Academia dos Jogos Florais* de Toulouse havia dado seu julgamento

sobre o mérito das peças de poesia admitidas no concurso de 1863. Sessenta e oito concorrentes se apresentaram para a fábula; duas fábulas foram distinguidas:

Uma obteve o primeiro prêmio (a Primavera); a outra foi mencionada com elogio na ata. Ora, essas duas peças, disse-me o Sr. Jaubert, pertencem *ambas* ao seu *Espírito familiar*.

"Como esse fato era capital para o Espiritismo, eu mesmo quis dele ser testemunha, e, para esse fim, fui a Toulouse com uma delegação da Sociedade Espírita de Bordeaux, para assistir ao coroamento do *Espírito batedor de Carcassonne*. Assistimos, pois, à sessão solene dos prêmios, e depois da leitura da fábula coroada, misturamos nossos aplausos aos do público toulousiano, e vimos, pelos sufrágios e as honras que recolheu dos honrados membros da academia, desabar sob seus bravos a hidra do materialismo e surgir em seu lugar o dogma santo e consolador da imortalidade da alma.

"Não somos junto a vós, caro mestre, senão os intérpretes de nosso honorável presidente, Sr. Jaubert. Ele encarregou-nos de vos comunicar esse feliz acontecimento, sabendo como nós que ninguém poderá, com tanta sabedoria, deduzir-lhe as conseqüências para torná-lo útil à causa que somos orgulhosos de servir sob vossa paternal direção.

"Aproveitamos com zelo esta ocasião para testemunhar nosso reconhecimento ao excelente e honrado Sr. Jaubert, pela acolhida cordial e simpática que deu à delegação da Sociedade de Bordeaux. Esses testemunhos de amizade são preciosos para nós, e nos encorajam para caminhar com perseverança na via penosa e laboriosa do apostolado, sem nos deter nos obstáculos que nela poderíamos encontrar. O Sr. Jaubert é um desses homens que podem servir de exemplo aos outros; é um verdadeiro Espírita, simples, modesto e bom, cheio de dignidade e de abnegação; calmo e sério como tudo o que é grande; sem orgulho e sem entusiasmo, qualidades essenciais a todo homem que se faz o apóstolo de uma doutrina, e que liga seu nome às corajosas profissões de fé que envia aos fracos e aos tímidos.

"Consideramos o triunfo do Espírito no Capitólio toulousiano como uma vitória para nossa santa e sublime Doutrina. Deus quer deter os sorrisos de ironia e de incredulidade; foi por isso, sem dúvida, que permitiu diante do aerópago coroa-se a alma de um morto. Que o 3 de maio seja, pois, gravado em letras de ouro nos fastos da história do Espiritismo; ele cimenta o primeiro elo da solidariedade fraternal que une os vivos aos mortos: revelação esplêndida e sublime que aquece e vivifica as almas pela irradiação da fé.

"Para todos os Espíritas que assistiam a essa solenidade, quanto a festa era bela! Libertando seus pensamentos do mundo material, viam na sala dos Jogos Florais voltejar aqui e ali grupos de bons Espíritos que se felicitavam com a vitória obtida por um de seus irmãos, e, irradiando sobre todos, o Espírito de Clémence Isaure, a fundadora desses novos jogos Olímpicos, tendo em suas mãos uma flexível coroa para depositá-la, no momento do triunfo, sobre a fronte do Espírito laureado.

"Se há na vida momentos de amargura, há também momentos de inefável felicidade; é vos dizer que a 3 de maio de 1863, em Toulouse, tive, ou antes, tivemos um desses momentos que fazem esquecer as tribulações da vida terrestre.

"Recebei, caro mestre, etc.

"SABO."

Com efeito, é um acontecimento sério o que vem de se passar em Toulouse, e cada um conceberá a emoção dos Espíritas sinceros que assistiam a essa solenidade, porque compreendiam-lhe as conseqüências, emoções passadas em termos tão simples e tão tocantes na carta que se acaba de ler; é a expressão da verdade sem fanfarrice, nem jactância, nem bravatas vãs.

Algumas pessoas poderiam se admirar que o Sr. Jaubert não haja confundido os adversários do Espiritismo proclamando, durante a sessão, e diante da multidão reunida, a verdadeira origem das fábulas coroadas. Se não o fez, a razão disso é muito simples: é

que o Sr. Jaubert é um homem modesto que não procura fama, e que acima de tudo sabe viver. Ora, entre os juizes encontravam-se provavelmente os que não partilhavam suas opiniões com respeito aos Espíritos; tivesse, pois, lhes lançado publicamente à face uma espécie de desafio, um desmentido, procedimento indigno de um homem galante, dizermos mais, de um verdadeiro Espírita que respeita todas as opiniões, mesmo as que não são as suas. Que teria produzido esse estrondo? Protestos da parte de alguns assistentes, escândalo talvez. O Espiritismo com isso teria ganho? Não, teria comprometido a sua dignidade. O Sr. Jaubert, assim como os numerosos Espíritas que assistiam à cerimônia, deram, pois, prova de uma alta sabedoria abstendo-se de toda demonstração pública; era uma marca de deferência e de respeito, seja com a academia, seja para com a assembléia; provaram uma vez mais, nessa circunstância, que os Espíritas sabem conservar a calma no sucesso, como sabem conservá-la diante das injúrias de seus adversários, e que não é de sua parte que se deve esperar o estímulo à desordem. Com isso o fato não perde nada de sua importância, porque dentro em pouco será conhecido e aclamado em cem países diferentes.

Os negadores de boa ou de má fé, porque os há de uns e de outros, sem dúvida, dirão que nada prova a origem dessas fábulas, e que o laureado, para servir aos interesses do Espiritismo, poderia ter atribuído aos Espíritos os produtos de seu próprio talento. A isso há uma resposta bem simples, é a honorabilidade notória do caráter do Sr. Jaubert, que desafia toda suspeição de haver desempenhado uma comédia indigna de sua seriedade e de sua posição. Quando os adversários nos opõem os charlatães que simulam os fenômenos espíritas nos teatros de feira, nós lhes respondemos que o Espiritismo verdadeiro nada tem de comum com eles, não mais do que a verdadeira ciência não tem de relação com os prestidigitadores que se intitulam físicos; cabe àqueles que querem se dar ao trabalho de estudar fazer-lhes a diferença; tanto pior para o julgamento daqueles que falam do que não conhecem.

A questão de lealdade não podendo ser posta em dúvida, resta saber se o Sr. Jaubert é poeta, e se não teria, de boa fé, tomado como obra dos Espíritos, o que seria a sua. Ignoramos se ele é poeta; mas tivesse ele o talento de Racine, o meio pelo qual obtém suas fábulas não pode deixar a sombra de uma dúvida a esse respeito; é notório que todas as que obteve o foram pela tiptologia, quer dizer, pela linguagem alfabética das pancadas, e que a maioria teve numerosas testemunhas, não menos dignas de fé do que ele; ora, para quem conhece esse modo de obtenção, é evidente que sua imaginação não saberia exercer a menor influência. A autenticidade da origem é, pois, incontestável, e a Academia de Toulouse poderia disso se assegurar assistindo a uma experiência.

Damos a seguir as duas fábulas que obtiveram seu sufrágio.

O LEÃO E O CORVO.

(Primeiro prêmio)

Um leão percorria seus imensos domínios,
Por um nobre orgulho dominado;
Sem cólera, comendo seus súditos por dúzias;
Bom príncipe, de resto, quando havia jantado!
Não andava só; ao redor de sua juba
Se agrupavam solícitos lobos, tigres, leopardos,
Panteras, javalis; dizem que as raposas
Prudentemente, ficavam para trás.
Ora, o monarca, um certo dia,
Como segue arengou os camponeses e a corte:
"Ilustres companheiros, verdadeiros sustentas de minha glória,
Quadrúpedes submetidos à minha nobre maxila,

Para me ouvir, todos vós acorrestes a este lugar,
Escutai: Sou rei pela graça de Deus! Poderia...
Mas por que pensar em minha força?"
Depois, o leão, com facilidade,
Como melhor não o faria um poderoso advogado
Melhor do que um procurador de fértil cérebro,
Falou de seus deveres, das cargas do Estado,
Dos pastores, de seus cães, da carta nova,
Do mal que, muito freqüentemente, lhe dizem os tolos;
E sempre mais emocionado terminou por estas palavras:
"Deixei meu palácio de propósito para vos agradar;
Exponde vossas queixas; eu pesarei o assunto.
Touros, carneiros, cabritos, contai com minha bondade.
Espero; explicai-vos com toda a liberdade.
Oh que coisa! nesse vasto cenário,
Nem um só infeliz! nem um só lamento!..."

Um velho corvo o interrompeu,
E livre no ar respondeu:
"Tu os crês satisfeitos; seu silêncio te toca,
Grande rei!...é o terror que lhes fecha a boca."

O OSSO PARA ROER. (Menção honrosa)

Ornado de um capacete com mecha e cheio de benevolência,
Um discípulo do falecido Vatel,
No pátio de sua vasta mansão,
Aos seus cães dava audiência. "Em vós, dizia-lhes, muito quis pensar;
Amo-vos e vos destino,
Toda sobra saindo de minha cozinha,
Esse osso, esse belo osso para roer!
Mas só um obtê-lo-á de meu favor ensigne;
Sou justo, e entendo dá-lo ao mais digno.
O concurso está aberto; fazei valer vossos direitos.
" Um cão de caça, renomado entre os mais ágeis,
De uma tropa canina outrora primeiro papel,
No mesmo instante arriscou o pulo,
Passeou sobre a multidão um olhar triunfador,
Ladrrou, se fez de morto, saltou para o imperador.
Um dogue exclamou: "Que importa tua flexibilidade!
Sobre toda a casa, eu velo sem cessar.
Senhor, não olvideis que um ladrão imprudente o ano passado caiu sob meu dente."
Um cão d'água dizia: "Valentemente, sem censura,
Desde logo dez anos volteio vosso espeto;
Para vós, há dez anos, munido de um pequeno saco,
Na mais vizinha loja comprei o tabaco."
- Gosto, uivou Tayaut, a fanfarra sonora;
Em caça se me viu nas fileiras dos retardatários?
Vós me deveis ao menos cem lebres, vinte raposas;
Sou sóbrio, submisso; jamais devoro A perdiz encontrada na rede."

Enfim, quem roerá o osso? E se foi um velho basset!
Como o teria feito outrora um delegado do centro,
Como sem mais corar fá-lo-á amanhã,
Diante do cozinheiro se arrastando de bruços
Lambeu-lhe os pés e...fez abrir sua mão.

Bassets de grandes senhores, heróis de refeitório,
Vis abajuladores, eis a vossa história.

Considerações sobre o Espírito batedor de Carca;

Persistindo-se em crer na influência dos conhecimentos pessoais do médium na produção dos versos coroados pela Academia de Toulouse, isto não poderia ser assim para as coisas que lhe é materialmente impossível conhecer. O fato seguinte, entre mil, é uma resposta peremptória a essa objeção. Haurimo-lo numa segunda carta do Sr. Sabô.

"Em 4 de maio, disse ele, a delegação de Bordeaux, tendo partido, permaneci um dia a mais em Toulouse, e numa visita que fiz ao Sr. Jaubert, me propôs uma experiência que aceitei com grande prazer, não o tendo visto jamais operar. Uma pesada mesa de quatro pés se encontrava no quarto, nos colocamos frente a frente um do outro, e depois de diversas evoluções da mesa que obedecia ao seu comando, esta tendo retomado a sua posição normal, pediu-me para evocar *mentalmente* um Espírito. Eis as perguntas colocadas por ele e as respostas dadas pelo Espírito.

Perg. Quereríeis nos dar a conhecer vosso o sexo? - *Resp.* Feminino. (Isto era verdade.)

P. Com que idade deixastes a Terra? -.*R.* Com vinte e dois anos. (Isto ainda era verdade.)

P. Qual é o vosso prenome?

Quando o Espírito mostrou seis letras formando *Félici*, o Sr. Jaubert acreditou adivinhar, e acrescentou: "Isso deve ser *Félicie* ou *Felicite*." Sem responder à sua observação, pedi-lhe para continuar. O Espírito indicou um *a*. Estava eu muito emocionado, e o médium temia uma mistificação. Tranqüilizado a esse respeito, tendo-lhe dito que o nome era bem *Fétida*, ele continuou.

P. Que grau de parentesco tínheis ligado com o Sr. Sabô? - *R* Era sua mulher.

Pela pancada, o Sr. Jaubert se acreditava inteiramente mistificado, uma vez que sabia que minha mulher estava ainda neste mundo. Não vos dissimulo, eu estava muito feliz: vinha de apalpar, se posso me exprimir assim, a alma de minha cara Félicia. Expliquei, então, ao Sr. Jaubert, *o que ele ignorava*, que eu era viúvo e casado há alguns meses somente com a irmã do Espírito que acabava de nos dar uma prova tão irrecusável da manifestação da alma. Estava ele tão feliz quanto eu com esse resultado, embora, disse-me, obtenha fatos dessa natureza aos quais a incredulidade mais absoluta deverá se render bom grado, malgrado. "É impossível," responderia com o Sr. Jaubert: Isto é. Incrédulos! procurai de boa fé e encontrareis."

A nosso turno, diremos a esses senhores que têm muito boa opinião dos *incrédulos absolutos*, crendo que se renderão à evidência; há os que nascerão incrédulos e morrerão incrédulos, não que não possam crer, mas porque não querem crer; ora, não há pior cego do que aquele que não quer ver. Um sábio oficial dizia recentemente a um de nossos amigos que lhe falava desses fenômenos: "Não creria jamais que uma mesa pudesse se mover e se levantar de outro modo senão pelo impulso dos músculos do operador. - Mas se vísseis uma mesa se manter no espaço sem contato e sem ponto de apoio, que diríeis disto? - Não creria mais nisso, porque EU SEI que é impossível."

Crede bem, pois, que todos os Espíritos batedores de Carcassonne, e do mundo inteiro, jamais chegarão a vencer os incrédulos absolutos e os deliberados. O que há de

melhor a fazer, é deixá-los tranquilos; quando, sobre mil pessoas, novecentos e noventa crerão, o que não tardará, que farão as outras dez? Dirão ainda, como hoje, que só elas têm o bom senso, e que é preciso trancar, com os loucos, os noventa centésimos da população. Deixemo-lhes, pois, essa inocente satisfação, e prossigamos nosso caminho sem nos inquietar com os retardatários.

Esta palavra, "*eu sei que é impossível*," nos lembra a historieta seguinte: Um embaixador holandês conversava com o rei do Sião das particularidades da Holanda, da qual esse príncipe se informava, disse-lhe entre outras coisas que, em seu país, a água se endurecia algumas vezes tanto, durante a estação mais fria do ano, que os homens caminhavam em cima, e que essa água assim endurecida suportava elefantes, se nela os houvesse. Sobre o que o rei respondeu: "Senhor embaixador, acreditei até aqui nas coisas extraordinárias que me contastes, porque eu vos tomava por um homem honrado e probo; mas presentemente, estou seguro de que mentis." Não é o equivalente do "*eu sei que é impossível*"?

O fato acima relatado, dirão certos negadores, nada prova, porque se o médium ignorava a coisa, o Sr. Sabô a conhecia perfeitamente; foi, pois, seu pensamento que se reproduziu. Assim, isso seria o pensamento daquele que não era médium que teria refletido na mesa, tê-la-ia agitado de maneira inteligente para fazê-la bater as pancadas indicadoras das letras formulando seu pensamento, e isso sem sua vontade, sem a participação de suas mãos? Singular propriedade do pensamento! Só esse fenômeno, admitindo vossa teoria, não seria prodigioso e digno da mais séria atenção? Por que, pois, desdenhá-lo? Absorvei-vos sobre a composição de um grão de pó, calculais com cuidado as proporções de seus elementos, e não tendes senão desdém para uma manifestação tão estranha do pensamento! Que um novo raio do espectro solar se separe, logo estudareis suas propriedades, sua ação química, calculais seu ângulo de reflexão, seu poder refringente; um raio do pensamento se isola, agita a matéria, se reflete como a luz e isso não desperta a vossa atenção! Para que disso nos ocupar? dizeis; isso não é senão o pensamento!"

Mais como explicaríeis, com essa teoria, os fatos tão numerosos de revelações, seja pela tipologia, seja pela escrita, coisas completamente ignoradas de todos os assistentes, e cuja exatidão foi constatada, entre outros o de Simon Louvei, narrado na *Revista* de março de 1863, página 87? Do pensamento de quem essa comunicação poderia ser o reflexo, uma vez que foi preciso recorrer a um jornal de seis anos anteriores para verificá-la? É mais simples admitir que isso seja o pensamento do jornalista do que o do Espírito do próprio Simon Louvet? Tendes, pois, muito medo de serdes forçados em convir que a alma sobrevive ao corpo! E a idéia de ser aniquilado depois da morte vos sorri, pois, muito mais do que a de reviver em condições mais felizes, e de reencontrar no mundo dos Espíritos as afeições que te-ríeis deixado sobre a Terra! Se vos comprazeis na doce quietude de acabar para sempre no fundo da fossa, e dormir no seio da podridão de vosso corpo, que erro vos fazem aqueles que crêem o contrário, e por que os perseguis como os inimigos do gênero humano? Em razão de vossa crença, procurais fazer-lhes o mal; em razão da sua não lhes é preciso, então que, sem isso, talvez se vingassem de vossas injúrias; esta aí a condenação das conseqüências sociais de vossas doutrinas.

Não nos recusamos crer, dizem alguns dentre vós, mas não podemos nada ver; recusam-nos mesmo a entrada nas reuniões onde poderíamos nos convencer, e onde não se admite senão pessoas convencidas. É-vos recusada a entrada nas reuniões por uma razão muito simples: é que não desejais fazer o que é preciso para vos esclarecer, nem seguir o caminho que vos é indicado; é que vindes às reuniões, não para estudar friamente e seriamente, mas com um sentimento hostil, com o pensamento de ali fazer prevalecer vossas idéias preconcebidas, e que, na maior parte do tempo, ali levais a perturbação; que, sem respeito pelo caráter privado, embora não secreto, das reuniões, procurais ali penetrar pela astúcia para satisfazer uma inútil curiosidade, e procurar temas para os vossos sarcasmos, e, freqüentemente, para desnaturar em seguida o que ali tiverdes vis-

to; tais são os motivos de vossa exclusão que não poderia jamais ser muito rigorosa, uma vez que ali serieis nocivos a uns, e sem utilidade para vós. Aqueles que quiserão conscientemente se instruir devem prová-lo por uma boa vontade paciente e perseverante, e os meios não lhes faltarão; mas não se poderia ver essa boa vontade no desejo de submeter a coisa às suas exigências, em lugar de se submeterem, eles mesmos, às exigências da coisa. Dito isto, deixemos os negadores em repouso, esperando que chegue a hora em que poderão ver a luz.

A primeira resposta dada pelo Espírito de Félicia poderia, para certas pessoas, parecer uma contradição; ela disse ser do sexo feminino, e sabe-se que os Espíritos não têm sexo. Não têm eles sexo, é verdade, mas sabe-se que para se fazer reconhecer se apresentam sob a forma que os conhecemos quando vivos. Para seu antigo marido, Félicia é sempre uma mulher; ela não poderia, pois, se apresentar a ele sob um outro aspecto que perturbasse a sua lembrança. Há mais: quando este entrar no mundo dos Espíritos, encontrar-la-á como era sobre a Terra, de outro modo não a reconheceria; mas, pouco a pouco, os caracteres puramente físicos se apagam, para não deixar subsistir senão os caracteres essencialmente morais. É assim que uma mãe encontra seu filho em baixa idade, embora que na realidade não seja mais uma criança. Acrescentemos, ainda, que os caracteres materiais são tanto mais persistentes quanto os Espíritos sejam menos desmaterializados, quer dizer, menos elevados na hierarquia dos seres; depurando-se, os traços da materialidade desaparecem à medida que o pensamento se liberta da matéria; é por isso que os Espíritos inferiores, ainda presos à Terra, são, no mundo invisível, quase o que eram quando vivos, com os mesmos gostos e os mesmos pendores.

Faremos sobre este capítulo uma última observação, que é sobre a qualificação de *batedor* dada, erradamente na nossa opinião, ao Espírito que se comunica ao Sr. Jaubert. Esta qualificação não convém, como dissemos em outra parte, senão aos Espíritos dos quais se pode dizer batedores de profissão, e que pertencem sempre, pela pouca elevação de suas idéias e de seus conhecimentos, às categorias inferiores. Não poderia sê-lo assim com aquele que prova, ao mesmo tempo, a superioridade de suas qualidades morais e intelectuais. A tiptologia não é para ele um divertimento; é um meio de transmissão do pensamento, do qual se serve na falta de ter encontrado, em seu médium, a faculdade necessária ao emprego de um outro modo. Seu objetivo é sério, ao passo que o dos Espíritos batedores, propriamente ditos, é quase sempre fútil, se mesmo não for malévolos. A qualificação de Espírito batedor, podendo ser tomada em mau sentido, preferiríamos a de *Espírito tiptólogo*, palavra que se relaciona à linguagem da tiptologia.

MEDITAÇÕES SOBRE O FUTURO.

Poesia pela senhora Raoul de Navery. Lida na Sociedade Espírita de Paris, em 27 de março de 1863.

Nota. - Embora não esteja em nossos hábitos publicar poesias que não sejam produtos medianímicos constatados, nossos leitores nos serão gratos, sem dúvida, de abrir exceção para o trecho seguinte, por assim dizer, inspiração espontânea de uma pessoa que, há pouco tempo ainda, relegava as crenças espíritas entre as utopias.

Quando a mão da Morte, multiplicando seus golpes,
Semeava outrora o luto, o vazio ao nosso redoc,
A única palavra consoladora que atingia, nosso ouvido
Era: "Se no túmulo um ser amado dorme,
"A alma, libertando-se da prisão do corpo,
"De um pesado envoltório quebra as forças;

"Agora, retornado à sua fonte primeira,
"Goza de Deus, sua força e sua luz;
"Reencontrá-la-eis, e confundireis um dia
"Com o amor terrestre um imortal amor!"
Hoje não é a esperança distante
Que lança sobre nossos males seu clarão incerto;
Não é mais o futuro que nos restituirá nossos mortos:
Lá estão, junto a nós, secundando nossos esforços,
Atentos aos nossos votos, sofrendo os nossos sofrimentos;
Mensageiros trazendo santas esperanças,
Respondem do alto aos nossos secretos pensamentos;
Suas mãos apertam nossas mãos, sua boca tem beijos;
Mais consoladores, mais doces, do seio de uma outra esfera,
Juntam ao amor a grandeza do mistério.
Quando os evocamos, invisíveis multidões,
Sopram o conhecimento, o calor em nossos seios;
Eles vêm! e para nós tudo muda, se colore;
Mundos desconhecidos nos pressentem a aurora;
Um reflexo sideral ilumina nossas frentes,
E curvados, de joelhos, mudos adoramos
A majestade do Deus que para eles se revela.

Responde! Nós te ofendemos, ó Sabedoria eterna!
Quando santamente ousados, rasgamos com as mãos
O véu que limitava o olhar dos humanos?
Iremos nós, sectários de um espírito indócil
Lacerar as folhas divinas do Evangelho?
Não! Homens convencidos, homens de valente coração,
Fazemos junto dele o que fez o Senhor:
Cremos: - Podemos operar milagres,
Fazer de nossos lares tantos outros cenáculos,
Chamar esse Espírito cujas línguas de fogo

Mudam de obscuros pecadores em apóstolos de Deus.
Dos quatro cantos do céu, soprais, ó ventos celestes!
Expulsai de nosso redor as trevas funestas;
Derramai vossas claridades, ó candelabro de ouro,
Que do arco sagrado clareais o tesouro!
Raios do Sinal! sarça de Horeb em chamas!
Espíritos poderosos dos fortes, dos profetas, das mulheres,
Espírito, sopro furtivo que Job sentiu passar
Sobre o pelo de sua carne até se eriçar;
Todos vós que, consumando as almas exaltadas,
Fizestes tantos mártires das multidões amotinadas,
Quando a Idade Média, com a ajuda do carrasco,
Cria todo sangrento o monge inquisidor;
Vinde! temos sede de ensinamentos estranhos;
Da infância para sempre rejeitamos os cueiros;
São-nos necessárias outras palavras e outras verdades
Do que aquelas dos discursos que nos são repetidos.
Caminhamos adiante das multidões indolentes,
E se a Verdade, com suas tochas ardentes

Nos devora, e de nós se digna fazer um mártir,
Morremos sorrindo e sem desmenti-la.
Precedemos nosso tempo; procuramos como os Magos
O Deus oculto que deve receber nossas homenagens.
Nós o sabemos, mais de um dirá falando de nós:
"Esses poetas sonhadores se tornaram loucos!"
Pois bem! seja! porque esse nome de que nosso orgulho zomba,
A Jesus foi dado quando a criadagem
Esbofeteou sua face, e sobre suas vestes
Lançadas, sublime emblema, uma roupa com dobras brancas.
Paulo disse: "A loucura, então, é a sabedoria!"
Sem nos desencorajar, procuremos, pesquisemos sem cessar;
Perguntemos à morte seus segredos todo-poderosos,
Despojemos nosso espírito dos entraves dos sentidos;
Do mundo que por nós Deus revela as regras,
E que nos muda assim como rejuvenesce as águias!
Sustentados pelo seu Direito, e fortes em seu poder,
Abriremos a todos as fontes do saber.

Um dia virá, - creio que sua aurora está próxima, -
Onde, cansada de chorar, a multidão humana,
Sabendo que temos para a sede de nossos corações
A onda que desaltera em lugar do ardor dos prantos,
Virá nos repetir num imenso lamento:
"Dai-nos a luz e a esperança santa;
Colocai com vossa mão a unção de virtude
Que levanta a frente para a terra abatida.
A nossos olhos cegos pelo pó imundo,
Fazei luzir súbito uma claridade fecunda.
Pronunciai o *Ephpheta* misterioso do Cristo!
Transfigurai a carne escravizada ao Espírito!
Colocai-nos, nós viventes, no meio das coortes
Das aparições e das figuras mortas?
Os sepulcros, ai! não estão nos túmulos,
Mas bem nos corações maus, mal branqueados pela cal.
Os mortos nos ensinarão como devemos viver
Para obter que em Deus possamos sobreviver!"

E nós, que do Senhor recebemos o benefício
De habitar sobre a Terra um centro mais perfeito,
Abriremos os braços ao adepto dócil,
Em nome do Espiritismo! em nome do Evangelho!

RAOUL DE NAVERY.

DISSERTAÇÕES ESPIRITAS.

Conhecer-se a si mesmo.

(Sociedade Espírita de Sens, 9 de março de 1863.)

O que se opõe, freqüentemente, a que vos corrija de um defeito, de um vício, seguramente, é porque não vos apercebeis mesmo que o tendes. Ao passo que vedes os menores defeitos de vosso vizinho, de vosso irmão, não desconfiais mesmo que tendes os

mesmos defeitos, talvez cem vezes maiores do que os deles. Isto não é senão uma consequência do orgulho que vos leva, como todos os seres imperfeitos, a não encontrar nada de bem senão em vós. Deveríeis vos considerar um pouco como se isso não fosse vós. Figurai-vos, por exemplo, que o que fizestes ao vosso irmão, foi o vosso irmão que vos fez; colocai-vos em seu lugar, que faríeis? Respondei sem dissimulação, porque creio que quereis a verdade. Fazendo isto, estou seguro que encontrareis, freqüentemente, os defeitos que não vos apercebíeis antes. Sede franco convosco mesmos; dai um pouco conhecimento ao vosso caráter, mas não o estragueis, porque as crianças que se estragam se tornam, freqüentemente, muito más, e aqueles que as estragaram são os primeiros a lhes sentir o efeito. Retornai um pouco o alforje onde estão colocados os vossos defeitos e os de outrem; colocai o vosso adiante e os de outrem para trás, e olhai bem se isso não vos faz abaixar a cabeça, quando tiverdes essa carga à frente.

LA FONTAINE.

A Amizade e a Prece.

(Sociedade Espírita de Viena, na Áustria. - Traduzido do alemão.)

Deus, criando as almas, não fez diferenças entre elas. Que essa igualdade de direitos entre as almas serve de princípio à amizade, que não é outra coisa senão a unidade nas tendências e nos sentimentos. A verdadeira amizade não existe senão entre os homens virtuosos que se reúnem sob a proteção do Todo-Poderoso para se encorajarem reciprocamente no cumprimento de seus deveres. Todo coração verdadeiramente cristão possui o sentimento da amizade; ao contrário, essa virtude acha no egoísmo das almas viciosas a dificuldade imprevista que, semelhante à semente caída sobre a rocha árida, se torna infecunda para o bem.

Cercai vossa alma da muralha protetora de uma prece cheia de fé, a fim de que o inimigo, seja inteirar, seja exterior, não possa ali penetrar.

A prece eleva o Espírito do homem para Deus, liberta-o de todas as inquietações terrestres, transporta-o num estado de tranqüilidade, de paz, que o mundo não poderia lhe oferecer. Quanto mais a prece é confiante e fervorosa, melhor é escutada e mais agradável é a Deus. Quando a alma do homem, inteiramente penetrada de um santo zelo, se lança para o céu na íntima e ardente prece, então os inimigos interiores, quer dizer, as paixões do homem, e os inimigos exteriores, quer dizer, os vícios do mundo, são impotentes para forçar as muralhas que o protegem. Homens, orai a Deus com toda confiança, do fundo do coração, com fé e verdade!

O futuro do Espiritismo.

(Lyon, 21 de setembro de 1862. - Médiun, senhora B...)

Perguntas-me qual será o futuro do Espiritismo, e que lugar terá no mundo. Não terá ele um lugar somente, preencherá o mundo inteiro. O Espiritismo está no ar, no espaço, na Natureza. É a pedra principal do edifício social; podes pressagiar de seu futuro por seu passado, por seu presente. O Espiritismo é a obra de Deus; vós, homens, lhe destes um nome, Deus dele vos deu o pensamento quando o tempo chegou; porque o Espiritismo é a lei imutável do Criador. Desde que o homem teve inteligência, Deus lhe inspirou o Espiritismo, e, de época em época, enviou sobre a Terra Espíritos avançados, que ensaiaram sobre as naturezas corpóreas a influência do Espiritismo. Se esses homens não triunfaram, foi porque a inteligência humana não estava bastante aperfeiçoada; mas esses homens dele não implantaram menos a idéia, e deixaram atrás deles seus nomes e seus atos, como se coloca um mourão indicador sobre um caminho, a fim de que o viajante possa reencontrar seu caminho. Olhai para trás e verás quanto de fé já Deus tentou da influência Espírita como adiantamento moral.

Há dezoito séculos, que era o Cristianismo senão do Espiritismo? Só o nome é diferente, mas o pensamento é o mesmo. Somente o homem, com seu livre arbítrio, desnaturou a obra de Deus. A Natureza foi preponderante e o erro veio se implantar sobre essa preponderância. -Depois, o Espiritismo fez esforços para germinar; mas o terreno era inculto e a semente se rompeu e feriu na frente os semeadores que Deus encarregara de difundir-la. Com o tempo a inteligência cresceu, o campo pôde ser arroteado, porque a época se aproxima em que o terreno deve estar de novo semeado; o Espiritismo se difunde, cada um o admite; até os mais incrédulos o compreendem, e se não o confessam, se fecham os olhos, é que a luz ofuscante do Espiritismo os cega; mas Deus protege a sua obra, a sustenta com seu poderoso olhar, a encoraja e, logo, todos os povos serão Espíritas, porque é a universalidade de todas as crenças.

O Espiritismo é o grande nivelador que avança para aplainar todas as heresias; é conduzido pela simpatia, e é seguido pela concórdia, pelo amor, pela fraternidade; ele avança sem abalos, sem revolução; não vem destruir nada, nada transtornar na organização social, vem tudo renovar. Não vejo aí uma contradição: os homens, tornados melhores, cogitarão de leis melhores; o senhor, compreendendo que o operário é da mesma essência dele, introduzirá em suas transações comerciais leis mais brandas, mais sábias; as próprias relações sociais se transformarão muito naturalmente entre a fortuna e a mediocridade; o Espírito não podendo se constituir em herdeiro privilegiado, o Espírita sentirá que há outra coisa mais importante, para ele, do que a riqueza; se desligará desse pensamento de amontoar que a cupidez engendra, e certamente ainda o pobre aproveitará dessa diminuição do egoísmo. Dizer-te que não haverá rebeldes a essa idéia, que todos crescerão universalmente fecundados pela onda do Espiritismo, não; haverá ainda refratários, anjos decaídos; porque os homens têm seu livre arbítrio, e, se bem que os conselhos não lhes faltem, muitos não vendo senão do seu ponto de vista, que restringe o horizonte da cupidez, não quererão render-se à evidência. Infelizes aqueles! Lamentai-os, esclarecei-os; porque não sois seu juiz, e só Deus é o senhor de censurar a sua conduta.

Pelo futuro que te mostro para o Espiritismo, podes julgar da influência que exercerá sobre as massas. Como estais organizados, moralmente falando? tendes feito uma estatística de vossos defeitos e de vossas qualidades? Os homens levianos e neutros povoam uma boa parte de vossa Terra; os benevolentes têm a maioria? é duvidoso; mas entre os neutros, quer dizer, entre aqueles que têm um pé na balança do bem e o outro na balança do mal, muitos podem colocar os dois pés nesse prato de benevolência, que é o primeiro degrau conduzindo rapidamente às regiões mais avançadas. Há ainda sobre o globo uma parte de seres maus, mas ela tende a diminuir cada dia. Quando os homens estiverem bem imbuídos deste pensamento: que a pena de talião é a lei imutável que Deus lhes inflige, lei bem mais terrível do que vossas mais terríveis leis terrestres, bem mais assustadora e mais lógica do que as chamadas eternas do inferno, nas quais não crêem mais, terão medo dessa reciprocidade de penas, e considerarão duas vezes antes de cometer um ato censurável. Quando, pela manifestação espírita, o criminoso puder prognosticar a sorte que o espera, recuará diante do pensamento do crime, porque saberá que Deus vê tudo e que o crime, restasse ele impune sobre a Terra, lhe será preciso pagar um dia caramente essa impunidade. Então, todos esses crimes odiosos, que vêm de tempo a outro trazer sua marca indelével, na frente da Humanidade, desaparecerão para dar lugar a uma concórdia, uma fraternidade que vos é pregada há muitos séculos; vossa legislação se abrandará em razão do adiantamento moral, e a escravidão e a pena de morte não ficarão mais em vossas leis que a assemelham à lembrança das torturas da inquisição. O homem, assim regenerado, poderá se ocupar mais de seus progressos intelectuais; o egoísmo, não existindo mais, as descobertas científicas, que pedem freqüentemente o concurso de várias inteligências, se desenvolverão rapidamente, cada um dizendo a si mesmo: "Que importa aquele que produz o bem, uma vez que o bem se produza!" Porque, com efeito, que detém, freqüentemente, os vossos sábios em sua marcha ascendente

para os progressos, se não é a personalidade, a ambição de ligar seu nome à sua obra? Eis qual é o futuro e a influência do Espiritismo sobre os povos da Terra.

(Um filósofo do outro mundo.)

NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA

Dissemos em nosso último número, falando do jornal *la Vérité de Lyon*, que Bordeaux teria logo também a sua *Revista Espírita*; vimos uma prova dessa publicação, que levará o título de: *la Ruche bordelaise, Revue de l'enseignement des Esprits*, e promete um novo órgão sério para a defesa e a propagação do Espiritismo. Tendo os diretores consentido em pedir nossos conselhos, formulamo-los numa carta que acreditaram dever colocar na cabeça de seu primeiro número, declarando querer seguir em todos os pontos a bandeira da Sociedade de Paris. Estamos felizes com uma adesão que não pode senão apertar, pela comunhão de idéias, os laços de uma união entre todos os Espíritas sinceramente devotados à causa comum, sem dissimulação pessoal.

A *Ruche Spirite bordelaise* aparece, a 1º e a 15º de cada mês, com cadernos de 16 páginas grandes in-8º, a partir de 1º de junho de 1863. Preço 6 francos por ano para a França e Argélia. Escritório em Bordeaux, 44, rua des Trois-Conils.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

6^a ANO

NO. 7

JULHO 1863

DUALIDADE DO HOMEM PROVADA PELO SONAMBULISMO.

Sem lembrar aqui os inumeráveis fenômenos que ressaltam do Espiritismo experimental, e provam, com a última evidência, a independência do Espírito e da matéria, chamamos a atenção sobre um fato vulgar do qual não se tem, que saibamos, tirado todas as conseqüências, e que, no entanto, é de natureza a impressionar todo observador sério; queremos falar do que se passa no sonambulismo natural ou artificial, nas estranhas faculdades que se desenvolvem nos catalépticos, no fenômeno não menos estranho da dupla vista, hoje perfeitamente averiguado, mesmo pelos incrédulos, mas da qual não se achou a causa, embora a coisa tenha valido bem a pena. A carta seguinte, que nos dirige um honrado médico de Tarn, prova, por qual encadeamento de idéias, um homem que reflete pode passar da incredulidade à crença, com a única ajuda de seu raciocínio e da observação feita de boa fé.

"Senhor,

"Confundido na massa dos doutores e dos incrédulos, a leitura de *O Livro dos Espíritos* produziu sobre mim uma sensação muito viva. A doce satisfação que me restou dessa leitura me fez nascer o desejo muito natural de crer, sem nenhuma restrição, em todos os ensinamentos dados, nesse livro, pelos Espíritos. Para chegar a esse objetivo, teria primeiro querido constatar por mim mesmo a realidade das comunicações; portanto, trabalhei para me tornar médium, mas não tive sucesso, e me vi assim detido em minhas pesquisas. Cansado de viver em minha incerteza, tive que tomar a resolução de nisso me informar com as observações de outrem, mas como não sou de natureza fácil a persuadir, senti a necessidade de conhecê-los para poder julgar de sua realidade. Depois deter percorrido os quatro primeiros anos da *Revista Espírita*, e ter sobretudo notado com que precauções os numerosos fatos são ali narrados, que as manifestações dos Espíritos e suas comunicações se encontram sempre constatadas por pessoas honradas, desinteressadas e dignas de fé, não se pode mais conservar nenhuma dúvida sobre a sua autenticidade.

"Mas uma vez admitidas as comunicações, tinha ainda a me fazer uma idéia do grau de confiança que se deveria conceder às revelações, e sobretudo àquelas que constituem a base da filosofia espírita. Nessa apreciação, as chamas do inferno não poderiam pouco deter-me, a menos que negasse a bondade infinita de Deus; a diferença das religiões não trazia quase obstáculos, não mais, à minha lógica, tendo em vista que semeando o bem, o mais simples bom senso diz também que não se pode disso recolher o mal. Mas me restava o ponto capital da reencarnação. O sonambulismo me foi, a esse respeito, um poderoso recurso, e, se não resolveu inteiramente a questão, tornou-a, na minha opinião, tão provável que seria preciso uma forte dose de má vontade para não admiti-la. E primeiro, se a existência da alma não estivesse já demonstrada pelas manifestações e as comunicações dos Espíritos, seria claramente provada pela visão à distância e através dos

corpos opacos, o que não pode ser explicado senão por seu intermédio. Em seguida, depois de ter feito a parte das faculdades da alma liberta da matéria, tais como a visão à distância, a comunicação dos pensamentos, etc., o sonambulismo nos fez descobrir no sujeito conhecimentos bem mais extensos do que aqueles que o mesmo sujeito possui no estado de vigília. Resulta desse fato que a alma deve ser mais antiga do que o corpo, uma vez que, criada ao mesmo tempo que ele, não poderia ter conhecimentos outros senão aqueles que teria adquirido durante a existência deste último. "Mas depois de ter constatado que a alma é mais antiga do que o corpo, não se sente mais nenhuma repugnância em lhe conceder outras encarnações, porque se a existência atual não é o começo, nada prova que ela seja a última; torna-se, ao contrário, muito natural e mesmo indispensável. Há mais: o sonâmbulo, no estado de vigília, geralmente, não tem nenhuma lembrança do que disse ou fez durante seu sono; mas durante seu sono reencontra, sem dificuldade, tudo o que fez, não só durante os sonos precedentes, mas ainda durante o estado de vigília. Não está aí o quadro exato da existência da alma em seus numerosos estados, errantes e encarnados, com suas lembranças e seus esquecimentos?"

"Filho do povo, minha instrução, extremamente medíocre e adquirida por mim mesmo, remonta apenas ao terço de minha idade que é de quarenta e dois anos, também me parece que uma pena, tanto seja pouco experimentada, faria ressaltar bem mais claramente desse sujeito as verdades que tentei nele descobrir. No entanto, por tão imperfeitas que sejam essas aproximações, bastaram para determinar a minha convicção, e me consideraria feliz se as julgásseis dignas de poder exercer a mesma influência sobre outros.

"Embora minha convicção seja de data muito recente, ela começou a dar seus frutos, e, independentemente das felizes modificações que já trouxe em minhas maneiras de ser, é para mim a fonte de muitas doces consolações. Essas felizes mudanças são unicamente devidas ao conhecimento de vossas obras; também vos peço, senhor, dignar-se aceitar o eterno reconhecimento daquele que deseja no futuro ser contado no número de vossos mais fervorosos adeptos.

"G..."

A visão à distância, as impressões que o sonâmbulo sente segundo o meio que vai visitar, provam que uma parte de seu ser é transportada; ora, uma vez que não é seu corpo material, visível, que não muda de lugar, esse não pode ser senão o corpo fluídico, invisível e sensitivo. Não é o fato mais patente da dupla existência corpórea e espiritual? Mas, sem falar dessa singular faculdade que não é geral, basta observar o que se passa entre os sonâmbulos mais vulgares; a dualidade se manifesta, de maneira não menos evidente, assim como o faz notar nosso correspondente no fenômeno do esquecimento do sonho. Não há ninguém que, tendo observado os efeitos magnéticos, não haja estado em condições de constatar a instantaneidade desse esquecimento. Um sonâmbulo fala, sua conversação é perfeitamente seqüente e racional; sendo despertado subitamente, no meio de uma frase, de uma palavra mesmo que não pôde acabar, depois, perguntando-se-lhe o que vem de dizer, lembrando-se-lhe a palavra começada, ele responde que nada disse. Se o pensamento fosse o produto da matéria cerebral, por que esse esquecimento, uma vez que esta matéria está sempre ali, e sempre a mesma? por que basta um instante para mudar o curso das idéias? Mas o que é mais característico ainda, é lembrar perfeitamente, num novo sono, daquilo que disse e fez num sono precedente, embora com um ano de intervalo. Só este fato provaria que, ao lado da vida do corpo, há a vida da alma, e que a alma pode agir e pensar de maneira independente. Se ela pode manifestar essa independência durante a vida do corpo, do qual ela sofre sempre mais ou menos os entraves, com mais forte razão, o pode quando goza de toda a sua liberdade.

As conseqüências que nosso correspondente tira desses fenômenos, para provar a anterioridade da alma e a pluralidade das existências, são perfeitamente lógicas. Os fenômenos sonambúlicos, como tantos outros, parecem conduzidos pela Providência para nos

colocar no caminho do mistério do pensamento. A ciência, no entanto, não se digna considerá-los; para vê-los, ela não afastará os olhos de um polipo, de um cogumelo ou de um filete nervoso. É verdade que a alma não se mostra à ponta do escalpelo, nem sob a lupa; mas como se julga a causa pelos efeitos, os efeitos da alma estão a cada instante sob vossos olhos e não o olhais; faríeis cem léguas para observar um fenômeno astronômico sem utilidade prática, ao passo que não tendes senão sarcasmo e desdém quando se trata dos fenômenos da alma, que estão à vossa altura, e que interessam a toda a Humanidade, em seu presente e em seu futuro.

Se a ciência oficial renuncia dificilmente a seus preconceitos, seria injusto disso fazer cair a responsabilidade sobre todos os sábios; manifesta-se entre eles um movimento de bom augúrio a respeito das idéias novas; as adesões individuais e tácitas são numerosas, mas mais do que outros, talvez, temam se porem em evidência; bastará que algumas sumidades levantem a bandeira, para fazer calar os escrúpulos dos outros, impor silêncio aos maus gracejadores e fazer refletir os agressores interessados; é o que não se pode tardar a ver.

CARÁTER FILOSÓFICO DA SOCIEDADE ESPÍRITA DE PARIS.

Como resposta a certas calúnias que os adversários do Espiritismo se comprazem em derramar contra a Sociedade, cremos dever publicar os pedidos de admissão formulados nas duas cartas adiante, que fazemos seguir de algumas notas.

Ao senhor presidente da Sociedade de Estudos Espíritas de Paris.

"Senhor,

"Ser-me-ia permitido aspirar a ser admitido como membro da honorável Sociedade que presidis?

"Tive a felicidade também de conhecer o Espiritismo, e de sentir em toda a sua plenitude, sua influência benfazeja. Estava atormentado, há muito tempo, pelo sofrimento físico, e conseqüentemente pelo sofrimento moral que dele decorre naturalmente quando o pensamento não vê por compensação senão a dúvida e a incerteza. *O Livro dos Espíritos* entrou em minha casa como o salvador cuja mão benfazeja nos retira do abismo, como o médico que cura instantaneamente.

"Li, compreendi; e logo o sofrimento moral deu lugar a uma imensa felicidade, diante da qual destruiu-se o sofrimento físico, porque, desde então, este não mais me apareceu senão como efeito da vontade e da sabedoria divinas, que não nos envia os males senão para nosso maior bem.

"Sob a influência dessa crença benfazeja, meu estado físico melhorou sensivelmente, e espero que Deus completará sua obra, porque se desejo hoje o retorno à saúde, não é mais, como outrora, para gozar a vida, mas para consagrá-la unicamente ao bem, quer dizer, para empregá-la exclusivamente a caminhar para o futuro, trabalhando com ardor, e por todos os meios em meu poder, no bem de meus semelhantes, e particularmente devotando-me à propagação da sublime Doutrina que Deus, em sua bondade infinita, envia à pobre Humanidade para regenerá-la.

"Glória seja, pois, dada a Deus pela divina luz que, em sua misericórdia, dignou-se enviar às suas cegas criaturas! E graças vos sejam dadas, a vós, senhor, a quem ele escolheu para lhes levar a luz sagrada!

"Se vos dignais, senhor, acolher meu pedido, eu vos serei profundamente reconhecido de transmiti-lo aos vossos honrados colegas. Não tenho a honra de vos ser conheci-

do pessoalmente, meu estado de saúde sempre impediu-me de vos visitar; mas meu amigo, o Sr. Canu, e vosso colega, quererá muito responder por mim.

"Aceitai, senhor e caro mestre, a segurança de meus sentimentos respeitosos e de meu sincero devotamento.

"HERMANN HOBACH."

"Senhor e venerado mestre,

"Confiante em vossa benevolência, venho vos dirigir um pedido que, se fosse atendido, me encheria de alegria. Já tive a felicidade de vos escrever, há algum tempo, no duplo objetivo de vos exprimir os sentimentos, por assim dizer, novos que fez nascer em mim a leitura séria de *O Livro dos Espíritos*, e obedecer ao dever sagrado de agradecer ao homem venerado que estende mão segura à coragem vacilante dos fracos deste mundo, entre os quais me encontrava há bem pouco tempo ainda, pela ignorância desses princípios sublimes que designam, enfim, ao homem uma tarefa a cumprir segundo suas forças e suas faculdades.

"Destes a esta carta uma resposta cheia de amenidade, e pela qual me convidastes a vir, como ouvinte, assistir às sessões gerais da Sociedade. Essas sessões e a leitura de *O Livro dos Médiuns* não fizeram senão me dar, cada vez mais, a força e a coragem, e me inspiraram o desejo de fazer parte de uma sociedade fundada sobre esses mesmos princípios que vinham de afastar a perturbação, a difusão, o caos, que presidiam a todas as minhas ações; disso vinha supor que a palavra do enigma da existência deveria ser bem insignificante, porque meu Espírito não me fizera ainda compreender que, fora do mundo material que me cercava, estava um mundo espiritual, caminhando concorrentemente com o nosso para a melhoria.

"Afirmo, pois, de novo, senhor, feliz se pudesse afirmar diante do mundo inteiro dos incrédulos e dos cépticos, que a Doutrina Espírita tem feito em mim uma mudança de tal modo radical na minha maneira de ser, que essa mudança poderia certamente, sem exagero, ser qualificada de milagre, naquilo que, me abrindo os olhos sobre todo o bem que se pode fazer e que não se faz, percebo primeiro um objetivo para a nossa vida atual, e em seguida, que acabrunhado dos defeitos de toda espécie, vi, enfim, que a Providência não nos havia deixado faltar ao trabalho, e que o Espírito não tinha demasiado uma existência para se aperfeiçoar trabalhando para dominar primeiro o seu corpo, para poder em seguida dominar-se a si mesmo.

"Se julgais conveniente, senhor, me receber, embora bem jovem ainda, como um dos membros Sociedade Espírita, peço-vos consentir em apresentar meu requerimento ao conselho, e lhe afirmar que a honra que me faria a Sociedade, me recebendo em seu seio, seria apreciada por mim com o sentimento do mais inteiro reconhecimento.

"Aceitai receber, senhor, a segurança de minha profunda veneração.

"PAUL ALBERT."

Se tais cartas honram seus autores, honram também a Sociedade à qual são dirigidas, e que vê com alegria aqueles que pedem para dela fazerem parte, animados portais sentimentos. É uma prova de que compreendem o objetivo exclusivamente moral que a Sociedade se propõe, uma vez que não são movidos por uma vã curiosidade, que não entraria, aliás, em nossa consideração de satisfazer. A Sociedade não acolhe senão pessoas sérias, e as cartas como as que vêm de ser relatadas, indicam-lhes o verdadeiro caráter. É entre os adeptos dessa categoria que ela se sente feliz de se recrutar, e é a melhor resposta que se possa dar aos detratores do Espiritismo, que se esforçam por apresentá-la, assim como suas irmãs dos departamentos do estrangeiro que caminham sob a mesma bandeira, como focos perigosos para a razão e a ordem pública, ou como

uma vasta especulação. Praza a Deus que o mundo não tenha outras fontes de perturbação!

O Espiritismo moderno, como dissemos, terá a sua história, que será a das fases que tiver percorrido, de suas lutas e de seus sucessos, de seus defensores, de seus mártires e de seus adversários, porque é preciso que a posteridade saiba de que armas se serviram para atacá-lo; é preciso sobretudo que conheça os homens de coração, que se devotaram à sua causa com uma inteira abnegação, um completo desinteresse material e moral, a fim de que possa lhes pagar um justo tributo de reconhecimento. É uma grande alegria para nós quando nos é dado inscrever um novo nome glorioso por sua modéstia, sua coragem e suas virtudes, sobre esses anais onde são confundidos o príncipe e o artesão, o rico e o pobre, os homens de todos os países e de todas as religiões, porque para o bem não há senão uma única casta, uma só seita, uma só nacionalidade e uma só bandeira: a da fraternidade universal.

A Sociedade Espírita de Paris, a primeira que foi fundada e oficialmente reconhecida, a que, pode-se dizer, deu o impulso e sob a égide da qual se formaram tantos outros grupos e sociedades, que se tornaram pela força das coisas, e por restrito que seja o número de seus membros, o centro do movimento espírita, uma vez que seus princípios são os da quase universalidade dos adeptos, esta Sociedade, dizemos, terá também seus anais para a instrução daqueles para os quais preparamos os caminhos, e para a confusão de seus caluniadores.

Não é só ao longe que a calúnia lança seu veneno, é às nossas portas. Recentemente, uma pessoa nos disse que, depois de muito tempo, tinha o maior desejo de assistir a algumas sessões da Sociedade, mas que disso foi retida porque tinham-lhe afirmado que seria preciso pagar dez francos. Sua surpresa foi grande, e podemos dizer sua alegria, quando lhe dissemos que esse boato era o fato da malevolência; que desde que a Sociedade existe, jamais um ouvinte pagou um centavo; que não é imposta nenhuma obrigação pecuniária sob qualquer forma e a qualquer título que seja, nem como assinatura da *Revista Espírita*, nem como compra de livros; que nenhum de nossos médiuns é retribuído, todos, sem exceção, dão seu concurso por puro devotamento pela causa; que os membros titulares e associados só participam das despesas materiais, mas que os membros correspondentes e honorários não suportam mesmo nenhuma carga, limitando-se a Sociedade a subvencionar suas despesas correntes, restritas tanto quanto possível, e não amontoando capital; que o Espiritismo é uma coisa toda moral, que não pode, não mais que as coisas santas, ser objeto de uma exploração que sempre repudiamos verbalmente e por escrito; que assim não pode aí ter senão uma malevolência insigne, capaz de emprestar à Sociedade semelhantes idéias.

Acrescentamos que o autor dessa informação oficiosa disse haver pago seus dez francos, o que prova que não se dera inocentemente ao eco de um falso boato. A Sociedade Espírita de Paris, pela sua própria posição e pelo papel que cumpre, não pode deixar de ter mais tarde uma certa ressonância; é, pois, necessário para nossos futuros irmãos, que seu objetivo e suas tendências não sejam desnaturadas pelas manobras da malevolência, e, por isso, não bastam algumas refutações individuais que não têm efeito senão no presente e se perdem na multidão; as retratações que se obtêm não são senão uma satisfação momentânea, cuja lembrança logo passa; é preciso um monumento especial, autêntico e durável, e esse monumento se fará em tempo útil; à espera, deixemos nossos adversários se desacreditarem por si mesmos pela mentira: a posteridade os julgará.

AS APARIÇÕES SIMULADAS NO TEATRO.

"Senhor,

"Os adversários do Espiritismo acabam de imaginar, para o combate, uma nova tática; ela consiste em" fazer aparecer no teatro espectros e fantasmas impalpáveis que se representam como sendo os do Espiritismo; essas aparições ocorrem todas as noites na sala Robin, boulevard do Temple. Assisti, ontem, à segunda representação, e não foi sem espanto que ouvi o Sr. Robin dizer aos seus espectadores: que se propunha, por suas experiências, combater a estranha crença, de certas pessoas, que imaginam que os Espíritos fazem mover mãos ou as mesas girarem.

"Jamais compreendi, senhor, por minha conta, a analogia que pode ali ter entre essas imitações criadas pela física recreativa e as manifestações espíritas, que estão nas leis da Natureza; também de tais manobras quase não são de temer para os adeptos do Espiritismo; entretanto, como não é preciso deixar surpreender a boa fé do público, devo vos informar desses fatos, a fim de que lhes consagreis um artigo especial na *Revista*, se julgardes conveniente; e como tenho o hábito de agir, não na sombra, mas à luz do dia, vos autorizo a fazer de minha carta o uso que vos agrade.

"Recebei, etc.

"SIMOND,
"Estudante de direito em Paris."

Há algum tempo, fala-se de uma peça fantástica que se monta no teatro Châtelet, e onde se devem, por um procedimento novo e secreto, fazer aparecer em cena sombras-fantasmas impalpáveis. Parece que o segredo foi descoberto, uma vez que o Sr. Robin o explora neste momento. Como não o vimos, nada podemos dizer sobre o mérito da imitação; desejamos-lhe que seja menos grosseira da que tinham imaginado o Sr. e Sra. Guirrod, Americanos do Canadá (Alguns traduzem: Girod de Saint-Flour), para simular a transmissão do pensamento através das muralhas, e que devia desacreditar, sem retorno, os médiuns e os sonâmbulos; desejamos sobretudo que a sua invenção não desempenhe a mesma funesta partida que a deles. O que quer que seja, o Sr. Simond tem perfeitamente razão de pensar que tais manobras não são, de nenhum modo, de temer, porque, do fato de que se pode imitar uma coisa, não se segue que a coisa não existe; os falsos diamantes nada roubam do valor dos diamantes finos; as flores artificiais não impedem de que haja as flores naturais. Pretender provar que certos fenômenos não existem porque se pode imitá-los, seria absolutamente como se aquele que fabrica o vinho Champagne com a poeira da água de Seltz pretendesse provar por aí que o champagne e a preguiça não existem senão na imaginação. Jamais a imitação foi mais engenhosa, mais sagaz e mais espiritual do que a da dupla vista por Robert Houdin, e no entanto isso não tem de nenhum modo desacreditado o sonambulismo, ao contrário, porque depois de se ter visto a pintura, se quis ver o original.

O Sr. e Sra. Guirrod tinham a pretensão de desacreditar os médiuns fazendo passar todos os fenômenos espíritas pelas destrezas da escamoteação; ora, como esses fenômenos são o pesadelo de certas pessoas, tinham recolhido as adesões, *exibidas em seus prospectos*, de vários padres e bispos espirito-fóbios, encantados com o golpe mortal dado ao Espiritismo; mas, em sua alegria, esses senhores não tinham refletido que os fenômenos espíritas vinham demonstrar a possibilidade dos fatos miraculosos; que provar, se fosse possível, que esses fenômenos não são senão formas de destreza, é provar que pode ocorrer o mesmo com os milagres; que, por consequência, desacreditar uns era desacreditar os outros. Jamais se pensa em tudo. Estando de alguma forma usadas as habilidades do Sr. Guirrod, esses senhores farão agora causa comum com o Sr. Robin para suas aparições?

O *Indépendance belge*, que não gosta do Espiritismo, não sabemos muito por quê, uma vez que não lhe fez mal, falando desse novo truque cênico, num número de junho, exclamava: "Eis a religião do Sr. Allan Kardec escoada a fundo; como o Espiritismo vai se levantar daí?" Notai que esta última questão foi muitas vezes colocada por todos aqueles

que pretenderam lhe dar o golpe mortal, sem disso excetuar o Sr. abade Marouzeau, e que nisso não se porta mais mal. Diremos ao *Indépendance* que é provar uma ignorância completa da própria base do Espiritismo crer que ele repousa sobre as aparições, e que tirar-lhas é tirar-lhe a alma. Se o fato das manifestações fosse oficialmente controvertido, a religião disso sofreria mais do que o Espiritismo, uma vez que os três quartos dos milagres mais importantes não têm outro fundamento. A arte cênica é a arte de imitação por excelência, desde o frango de papelão até as mais sublimes virtudes, e não se segue que não se deva crer nem nos frangos verdadeiros nem nas virtudes. Esse novo gênero de espetáculo, pela sua estranheza, vai aguçar a curiosidade pública, e será repetido em todos os teatros, porque fará ganhar dinheiro; fará falar do Espiritismo mais ainda talvez do que os sermões, precisamente por causa da analogia que os jornais vão se esforçar por estabelecer. É preciso muito se persuadir de que tudo o que tende a preocupar "a opinião, leva forçosamente ao exame, não fosse senão por curiosidade, e é do exame que saem os adeptos. Os sermões o representam sob um aspecto sério e terrível, como um monstro invadindo o mundo e ameaçando a Igreja até em seus fundamentos; os teatros vão se dirigir à multidão dos curiosos, de sorte que aqueles que não freqüentam os sermões, dele ouvirão falar no teatro, e aqueles que não freqüentam o teatro, dele ouvirão falar no sermão; há-os como se vê para todo o mundo. É verdadeiramente uma coisa admirável ver por que meios as forças ocultas que dirigem esse movimento chega a fazê-lo penetrar por toda a parte, servindo-se daqueles mesmos que querem transtorná-lo. É bem certo que, sem os sermões de um lado e os gracejos dos jornais de um outro, a população espírita seria hoje dez vezes menos numerosa do que não o é.

Dizemos, pois, que essas imitações, mesmo supondo-as tão perfeitas quanto possível, não podem trazer nenhum prejuízo; dizemos mesmo que elas são úteis. Com efeito, eis o Sr. Robin que, com a ajuda de um procedimento qualquer, produz diante dos espectadores coisas espantosas, que afirma serem as mesmas do Espiritismo e que os médiuns produzem; ora, entre os assistentes, mais de um dirá: "Uma vez que com o Espiritismo se pode fazer a mesma coisa, estudemos o Espiritismo, aprendamos a ser médium, poderemos ver em nossa casa tanto quanto quisermos, e sem pagar, o que se vê aqui." Entre eles muitos reconhecerão o lado sério da questão, e é assim que, sem o querer, servem àqueles que quem prejudicar.

O que as pessoas sérias temem é que esses malabarismos não enganem certas pessoas sobre o verdadeiro caráter do Espiritismo. Aí, sem dúvida, está o lado mau, mas o inconveniente é sem importância, porque o número daqueles que se deixariam enganar é mínimo; aqueles mesmo que diriam: "Isso não é senão isto!" terão, cedo ou tarde, a ocasião de reconhecer que é outra coisa; e, à espera disso, a idéia se difunde, familiariza-se com palavra que, sob o manto burlesco, penetra por toda parte; é pronunciada sem desconfiança, e quando a palavra é alguma parte, a coisa está muito perto de aí estar.

Que isso seja uma manobra dos adversários do Espiritismo, ou simplesmente uma combinação pessoal para forçar a receita, é preciso convir que é desajeitada; haveria mais destreza da parte do casal Robin e participantes a negar toda paridade com o Espiritismo ou o magnetismo; porque, proclamando essa paridade, é reconhecer uma concorrência, -falamos do seu ponto de vista comercial, - é dar o desejo de ver essa concorrência, é confessar que podem abster-se deles.

Uma vez que estamos no capítulo das imperícias, eis uma como já dela houve tanto; lamentamos fazê-la figurar ao lado da do casal Robin e Girroodd, mas é a analogia do resultado que a isso nos força. De resto, uma vez que os dignatários da Igreja não acreditaram abaixo deles patrocinar um prestidigitador contra o Espiritismo, não poderão se escandalizar de encontrar um sermão neste capítulo.

Um de nossos correspondentes nos escreveu de Bordeaux:

"Caro mestre, acabo de receber uma carta de minha irmã, que habita a pequena cidade de B...; ela se desespera por não encontrar ninguém com quem possa conversar sobre o Espiritismo, quando os adversários de nossa cara Doutrina vieram tirá-la do embarço. Algumas pessoas, tendo ouvido falar dele vagamente, acreditaram dever se dirigir aos Carmelitas para se informarem do que era; estes, não contentes de desviá-los dele, pregaram quatro sermões sobre o assunto, dos quais eis as principais conclusões:

"Os médiuns são possuídos do demônio; não agem senão com o objetivo de interesse, e não se servem de seu poder senão para fazer encontrar os tesouros escondidos ou os objetos preciosos que são perdidos, mas, ao contato de uma santa relíquia, vede-os se enrijecerem e se torcerem em horríveis convulsões.

"Os tempos preditos pelos evangelhos estão chegados; os médiuns não são outros senão os falsos profetas anunciados pelo Cristo; logo terão por chefe o Anticristo. Farão milagres e prodígios espantosos; por esse meio ganharão para a sua causa os três quartos da população do globo, o que será o sinal do fim dos tempos, porque Jesus descerá sobre uma nuvem celeste e, de um só sopro, precipitar-los-á nas chamas eternas."

"Disso resultou que toda a cidade ficou emocionada; por toda parte se fala do Espiritismo; não se contenta com a explicação do padre, quer se saber mais, e minha irmã, que não via ninguém, tem dias em que recebe mais de trinta visitas; ela envia sempre a *O Livro dos Espíritos*, que dentro em pouco, estará em todas as mãos, e muitos daqueles que o têm já se dizem que isso não se parece de todo com o quadro que dele fez o pregador, que dele disse mesmo tudo ao contrário; também contamos agora com vários adeptos sérios, graças a esses sermões, sem os quais o Espiritismo não teria penetrado, há muito tempo, nessas regiões recuadas."

Não tínhamos razão de dizer que é ainda uma imperícia e teremos razão de querer que os adversários trabalhem tão bem por nós? Mas não é a última; esperamos a maior de todas, que coroará a obra. Há um ano cometendo, uma delas muito grave, que nos guardamos de revelar, porque é preciso que vá até o fim, mas da qual se verão um dia as conseqüências. Há mais ou menos dois anos, perguntávamos a um de nossos guias espirituais por que meio o Espiritismo poderia penetrar nos campos. Responderam-nos: "Pelos curas. - *Perg.* Será isso voluntariamente ou involuntariamente de sua parte? - *R.* Involuntariamente no início; voluntariamente mais tarde. Dentro em pouco farão uma propaganda da qual não podeis prever a importância. Não vos inquieteis nada e deixai fazer: os Espíritos velam e sabem o que é preciso."

A primeira parte da predição, como se vê, cumpriu-se não se pode melhor. De resto, todas as fases por onde passa o Espiritismo nos foram anunciadas, e todas as que devem percorrer ainda, até seu estabelecimento definitivo, no-lo são igualmente, e cada dia se verifica o acontecimento.

É em vão que procuram dissuadir do Espiritismo apresentando-o sob cores assustadoras. O efeito, como se vê, é todo outro do que aquele que se espera; para dez pessoas desviadas, há cem delas reunidas. Isso prova que ele tem, por si mesmo, um irresistível atrativo, sem falar daquele do fruto proibido. Isso nos traz à memória a pequena historietta seguinte:

Um proprietário, um dia, fez vir à sua casa um tonei de excelente vinho; mas, como temia a infidelidade de seus servidores, colocou esta etiqueta em grandes caracteres: *Horrível vinagre*. Ora, o tonei deixando escapar algumas gotas, um deles teve a curiosidade de degustá-lo na ponta do dedo, e achou que o vinagre era bom. Foi dito de um para o outro, se bem que, cada um vindo ali haurir, ao cabo de algum tempo o tonei se encontrava vazio. Como o proprietário dava às suas pessoas vinho ordinário para beber, diziam entre si: "Isto não vale o horrível vinagre."

Será bom dizer que o Espiritismo é do vinagre, não se fará senão àqueles que o degustaram não o achando doce; ora, aqueles que dele terão gostado o dirão aos outros, e todos quererão dele beber.

UM QUADRO MEDIANÍMICO NA EXPOSIÇÃO DE CONSTANTINOPLA.

O presidente da Sociedade Espírita de Constantinopla, membro honorário da Sociedade Espírita de Paris, nos escreveu o que segue, em data de 22 de maio último:

Caro senhor Allan Kardec e irmão espírita,

Já há muito tempo me propus vos dar minhas notícias, mas não credes, por isso, que haja inatividade na propaganda espírita; ao contrário, há mais atividade do que nunca. Por toda parte, crede-o, neste país fanatizado e todo arregimentado nas seitas, o Espiritismo encontra obstáculos que não existem talvez em nenhuma parte, mas as raízes são tão vivazes e tão produtivas que, apesar de tudo, penetram pouco a pouco e acabarão por dar nascimento a rebentos vigorosos, que nenhuma força humana poderá abater. Constantinopla já conta com numerosos adeptos do Espiritismo, e, posso vos afirmar, nas classes mais elevadas da Sociedade; somente notei que cada um se contém ainda em si de medo de se comprometer.

Permiti-me vos citar um fato que se passa aqui, e que denota até que ponto o Espiritismo aqui se inculca: é que várias livrarias que fizeram vir obras espíritas, notadamente *O Livro dos Espíritos* e *o dos Médiuns*, os venderam imediatamente, e a quem? Ignoramos, nós Espíritas conhecidos e confessos aos olhos de todos. Temos a certeza desse fato sobre o qual chamo a vossa atenção, porque quando alguns, dentre nós, querem comprar vossas obras, o livreiro lhes responde: "Recebi-as, e as vendi imediatamente." Nós nos perguntamos quem açambarca essas obras quase logo em seu desencaixotamento, e isto ao ponto de que aqueles dos nossos que querem delas se proporcionar, não mais as encontram?

Eis agora uma outra notícia que, sem dúvida, não vos interessará menos.

Nosso amigo e irmão espírita Paul Lambardo, médium desenhista do qual vos enviei algumas flores, executou uma pintura em aquarela representando um belo buquê de flores, entre as quais os amadores notam sobretudo uma dália vermelho vivo aveludado de um efeito magnífico; todas as outras flores, rosas, cravos, tulipas, lírios, camélias, margaridas, papoulas, dormideiras, amores-perfeitos etc, são de um fino e de um natural perfeitos. Impeli-o a apresentar esse quadro à Exposição nacional otomana, aberta neste momento, e o quadro foi admitido com esta inscrição:

DESENHO MEDIANIMICO

Executado pelo Sr. Paul Lambardo, de Constantinopla, a quem as artes de desenho e da pintura são completamente desconhecidas.

Nos tempos que correm, o quadro figura de maneira notável no palácio da Exposição, à direita do lugar reservado aos quadros e gravuras. O preço dele foi fixado em 20 libras turcas ou 460 francos. Notai que se trata de um fato que milhares de pessoas podem constatar autenticamente.

Recebo cartas de diferentes pontos da Europa, da Ásia e da África, mas sou sóbrio nas respostas, senão para encorajar o estudo sério e aprofundado de nossa grande e bela ciência; depois os remeto sempre às vossas excelentes obras *O Livro dos Espíritos* e *dos Médiuns*.

Temos sempre reuniões para as experiências físicas e para os estudos psicológicos; embora as primeiras nos fiquem quase sempre, não podemos abandoná-las completamente, pela razão de que servem para convencer certos incrédulos que querem ver e tocar.

Apresentai, eu vos peço, à Sociedade Espírita de Paris, os respeitosos e fraternos cumprimentos de nossos irmãos espíritas de Constantinopla, e em particular daquele que se diz também vosso todo devotado irmão espírita.

REPOS Filho, *advogado*.

O fato significativo da exposição do quadro do Sr. Lambardo, em Constantinopla, embora admitido, ostensivamente apresentado como produto medianímico, é o semelhante das fábulas espíritas coroadas nos Jogos Florais de Toulouse. Diz-se em alguma parte que se a Academia de Toulouse tivesse conhecido a origem dessas fábulas, tê-las-ia repellido; é fazer-lhe a injúria; é esquecer, além disso, que os sujeitos enviados a essas espécies de concurso não devem levar nenhuma assinatura, nem nenhum sinal podendo revelar o autor, sob pena de exclusão; o Sr. Jaubert não podia, pois, mais colocar o de um Espírito do que o seu, nem mesmo dizer que elas vinham de um Espírito, porque isso violaria a lei do concurso, que quer o segredo mais absoluto. É a resposta àqueles que acusam o Sr. Jaubert de ter usado de fraude guardando o silêncio sobre a proveniência dessas fábulas. O que quer que seja, nas duas extremidades da Europa uma sanção oficial foi dada a produtos de além-túmulo.

Semelhantes fatos bastariam para demonstrar o irresistível poder do Espiritismo, se, aliás, não se tornara evidente por tudo o que se passa sob nossos olhos, há alguns anos, e pela inutilidade dos esforços que se fazem para combatê-lo. E por que esses esforços são inúteis? Porque, como dissemos, há um caráter que o distingue de todas as doutrinas filosóficas, é de não ter um foco único, de não depender da vida de nenhum homem; seu foco está por toda parte, sobre a Terra e no espaço, e se é incomodado de um lado, sai do outro; porque, como o disse a Sociedade Espírita de Palermo, ele se afirma e por fatos que cada um pode experimentar, e por uma teoria que tem suas raízes no senso íntimo de cada um. Para abafá-lo, não seria preciso comprimir um ponto do globo, uma aldeia, uma cidade, um país mesmo, mas o globo inteiro; e ainda não seria isso senão uma parada momentânea, porque a geração que se eleva, leva em si a intuição das idéias novas que fará cedo ou tarde prevalecer. Vede o que se passa numa região vizinha onde se coloca sobre essas idéias uma tampa de chumbo, e onde, no entanto, elas escapam por todas as fissuras.

UM NOVO JORNAL ESPÍRITA NA SICÍLIA.

Estamos felizes em termos para assinalar o aparecimento de um novo órgão do Espiritismo em Palermo, na Sicília, publicado em língua italiana, sob o título de: *O Espiritismo, jornal de psicologia experimental*. A multiplicação dos jornais especiais sobre esta matéria é um indício inequívoco do terreno que ganham as idéias novas a despeito, ou antes, em razão mesma dos ataques dos quais são objetos; essas idéias, que se implantaram em poucos anos em todas as partes do mundo, contam na Itália com numerosos e sérios representantes; é que, nessa pátria da inteligência como por toda a parte, quem lhes sonde a importância, compreende que encerram os elementos de todos os progressos, que elas são a bandeira sob a qual se abrigarão, um dia, todos os povos, e que só elas resolvem os temíveis problemas do futuro, de maneira a satisfazer a razão. Nosso concurso simpático é naturalmente alcançar a todas as publicações dessa natureza próprias para secundar nossos esforços na grande e laboriosa tarefa que empreendemos.

A carta seguinte, acompanhando a remessa desse jornal, nos anuncia, ao mesmo tempo, a constituição de uma Sociedade Espírita em Palermo, sob o título de *Societa Spiritista di Palermo*.

"Senhor, "Uma nova Sociedade espírita vem de ser constituída aqui, em Palermo, sob a presidência do Sr. cavaleiro Joseph Vassal lo Paleologo; ela já tem seu órgão de

publicidade: *O Espiritismo, ou Jornal de Psicologia experimental*, cujas duas primeiras entregas acabam de aparecer. Consenti em aceitar um exemplar que me permito vos oferecer, como àquele que tem muito merecido da Humanidade pelo progresso das idéias morais sob o impulso providencial do Espiritismo.

"Aceitai, etc.

Assinado: Paolo Morello,
Professor de história e filosofia da Universidade de Palermo.

Cada número do jornal começa pela citação de alguns aforismos, em forma de epígrafe, tirados de *O Livro dos Espíritos* ou de o dos *Médiuns*, por exemplo:

"Se o Espiritismo é um erro, cairá por si mesmo; se é uma verdade, todas as diatribes do mundo não o farão tornar-se uma mentira."

É um erro crer que baste a certas categorias de incrédulos ver os fenômenos extraordinários para serem convencidos; aqueles que não admitem a alma ou o Espírito no homem não podem admiti-lo fora do homem; por isso, negando a causa, negam o efeito."

"As reuniões frívolas têm um grave inconveniente para os novatos que as assistem, naquilo que lhes dão uma falsa idéia do Espiritismo."

Acrescentamos nós: e que, sem serem frívolas, não são realizadas com a ordem e a dignidade convenientes.

O primeiro número contém uma exposição de princípios, em forma de manifesto, do qual extraímos as passagens seguintes:

"Toda ciência repousa sobre dois pontos: os fatos e a teoria; ora, segundo o que vemos e vimos, estamos no estado de afirmar que o Espiritismo possui os materiais e as qualidades de uma ciência; porque, de uma parte, se afirma pelos fatos que lhe são próprios e que resultam da observação e da experiência, absolutamente como em toda outra ciência experimental; e de outra parte se afirma, pela sua teoria deduzida logicamente da observação dos fatos.

"O Espiritismo, considerado do ponto de vista dos fatos ou da teoria, não saiu do cérebro humano, mas decorre da própria natureza das coisas. A criação da inteligência estando dada, assim como a existência espiritual, o que recebeu o nome de Espiritismo se apresenta como uma necessidade da qual, nas condições atuais da ciência e da Humanidade, pode-se ser testemunha antes do que juiz; necessidade de onde resulta um fato complexo que pede para ser estudado seriamente antes de poder ser julgado. É permitido a cada um não estudá-lo se isso não lhe apraz, mas isso não dá a ninguém o direito de escarnecer daqueles que o estudam.

"A sociedade fundadora deste jornal não entende emitir nem uma crença, nem uma doutrina a ela; como em sua convicção nada pertence menos à invenção humana do que o Espiritismo, se propõe a expor a Doutrina Espírita, e de nenhum modo impô-la. Aliás, reserva-se uma inteira liberdade de exame e a mais completa independência de consciência na apreciação dos fatos, sem se deixar influenciar pela opinião de qualquer indivíduo ou de qualquer corpo que isso seja; isto da qual se torna responsável diante de sua própria consciência, diante de Deus e diante dos homens, é da sinceridade dos fatos."

A comunicação seguinte, assinada O Dante, extraída do segundo número, testemunha da natureza dos ensinamentos que são dados a essa sociedade.

Os Médiuns e os Espíritos.

Ninguém pode se tornar bom médium se não chega a se despojar dos vícios que degradam a Humanidade. Todos esses vícios têm sua origem no *egoísmo*, e como a negação do egoísmo é o amor, toda virtude se resume nesta palavra: *Caridade*.

A caridade ensinada por este preceito: *Quod tibi non vis*, etc. Deus não a tem somente gravada, de maneira indelével, no coração do homem, mas sancionou por seu próprio fato em nos dando seu Filho por modelo de caridade e de abnegação. Se ela deve

ser o guia de cada um, em qualquer condição social que isso chega, é sobretudo a condição *sine qua non* de todo bom médium.

Todo homem pode se tornar médium, mas a questão não é ser médium, trata-se de ser bom médium, o que depende das qualidades morais. Os Espíritos, é verdade, se comunicam aos homens em todas as condições, mas com a missão de aperfeiçoá-los se suas qualidades são boas; e operam esse aperfeiçoamento submetendo-os às mais duras provas para purificá-los, provas que o homem de bem suporta sem desmentir o sentimento moral de sua consciência e sem se deixar afastar do bom caminho pela tentação. Àqueles cujas qualidades são más, os Espíritos se comunicam para guiá-los pela mão e conduzi-los a uma conduta mais conforme à razão e mais em harmonia com o objetivo para o qual deve tender todo homem persuadido de que sua existência, neste mundo, não é outra coisa senão uma expiação. Quando tem mistura de bem e de mal, os Espíritos provocam a melhoria por meios intermediários.

Muitos serão abandonados pelos seus Espíritos, porque não quererão compreender que a caridade é o único meio de avançar. E, então, infeliz daquele que não tiver querido escutar a voz da verdade! Deus perdoa à ignorância, mas não àquele que faz o mal conscientemente. O objetivo de nossa missão é o vosso adiantamento moral, e o vosso dever é igualmente de vos melhorar; mas não espereis adiantamento de nenhuma espécie sem a caridade.

PODER DA VONTADE SOBRE AS PAIXÕES.

(Extraído dos trabalhos da Sociedade Espírita de Paris.)

Um jovem de vinte e três anos, Sr. A....., de Paris, que não está iniciado no Espiritismo senão há dois meses, entendeu-lhe a importância com uma tal rapidez que, sem ter visto nada, aceitou-o com todas as suas conseqüências morais. Isso não é de admirar, dir-se-á, da parte de um jovem, e isso não prova senão uma coisa: da leviandade e um entusiasmo irrefletido. Seja; mas prossigamos. Esse jovem irrefletido tinha, como disso conviu ele mesmo, um número muito grande de defeitos, dos quais o mais saliente era uma irresistível disposição da cólera desde sua infância; pela menor contrariedade, pelas causas mais fúteis, quando entrava em sua casa e não encontrava imediatamente o que queria, que uma coisa não estava em seu lugar habitual, que o que tinha pedido não estava pronto no minuto, entrava em furores de tudo quebrar; estava ao ponto de que, um dia, no paroxismo da cólera, enfurecido contra a sua mãe, disse-lhe: "Vá-te, ou te mato!" Depois, esgotado por essa superexcitação, caiu inconsciente. Acrescentamos que nem os conselhos de seus pais, nem as exortações da religião tinham podido vencer esse caráter indomável, compensado de resto por uma alta inteligência, uma instrução cuidadosa e os mais nobres sentimentos.

E feito de um temperamento bilioso-sangüíneo-nervoso, dir-se-á, resultado do organismo; por conseguinte, arrastamento irresistível. Resulta desse sistema que se, em seus descaminhos, tivesse cometido um homicídio, seria perfeitamente excusável, porque teria sido o fato de um excedente de bile. Disso resulta ainda que, a menos de modificar o temperamento, de mudar o estado normal do fígado e dos nervos, esse estava predestinado a todas as funestas conseqüências da cólera.

- Conheceis um remédio a um tal estado patológico? - Não, nenhum, se não for a idade talvez que, com o tempo possa acalmar a abundância das secreções mórbidas. - Pois bem! o que não pôde a ciência, o Espiritismo o fez, não com o tempo e em conseqüência de um esforço contínuo, mas instantaneamente; alguns dias bastaram para fazer desse jovem um ser doce e paciente. A certeza adquirida da vida futura, o objetivo da vida terrestre, o sentimento da dignidade do homem revelado pelo livre arbítrio que o coloca

acima do animal, a responsabilidade que disso decorre, o pensamento de que a maioria dos males terrestres são a consequência de nossos atos, todas essas idéias, hauridas num estudo sério do Espiritismo, produziram em seu cérebro uma revolução súbita; parece-lhe que um véu foi levantado de cima de seus olhos; a vida lhe apareceu sob uma outra face; certo, então, de que havia nele um ser inteligente independente da matéria, disse a si mesmo: "Esse ser deve ter uma vontade, ao passo que a matéria não a tem; por tanto, deve poder dominar a matéria." Daí este outro raciocínio: "O resultado de minha cólera foi o de me tornar doente e infeliz, e ela não faz ver o que me falta; portanto, é inútil, uma vez que com ela não avancei mais; me produziu o mal e não me deu nenhum bem em compensação; muito mais, poderia me levar a atos repreensíveis, criminosos talvez." Quis vencer, e venceu. Desde então mil ocasiões se apresentaram que, antes, o colocariam enfurecido, e diante das quais ficou impassível e indiferente, com grande estupefação de sua mãe. Sentia seu sangue ferver e subir ao cérebro, e, pela sua vontade, refluía-o e o forçava a descer.

Um milagre não teria feito melhor; mas o Espiritismo fez muitos outros deles, que a nossa Revista não bastaria para registrá-los, se quiséssemos narrar todos aqueles que são do nosso conhecimento pessoal, em fato de reformas morais dos hábitos mais inveterados. Citamos este como um exemplo notável do poder da vontade, e, além disso, porque levanta um problema importante que só o Espiritismo pode resolver.

O Sr. A.....nos perguntou, a esse respeito, se seu Espírito

era responsável por seus desatinos, ou se não fazia senão sofrer a influência da matéria. Eis a nossa resposta:

Vosso Espírito é de tal modo responsável que, quando o haveis seriamente querido, detivestes o movimento sangüíneo. Portanto, se tivésseis querido mais cedo, os acessos teriam cessado mais cedo, e não teríeis ameaçado vossa mãe. Além disso, o que é que se coloca em cólera? É o corpo ou o Espírito? Se os acessos tivessem vindo sem motivo, poder-se-ia crer que eram provocados pelo afluxo sangüíneo; mas, fútil ou não, tinham por causa uma contrariedade; ora, é evidente que não era o corpo que estava contrariado, mas o Espírito, muito suscetível; o Espírito contrariado, reagindo sobre um sistema orgânico irritável, que teria ficado em repouso se não fosse provocado. Tomemos uma comparação. Tendes um cavalo feroso; se sabeis governá-lo, ele se submete; se o maltratais, ele se levanta e vos lança à terra; de quem a falta? vossa, ou do cavalo?

Para mim, fica evidente que vosso Espírito é naturalmente irascível; mas como cada um leva consigo seu pecado original, quer dizer, um resto dos seus antigos pendores, não é menos evidente que, em vossa existência precedente, deveis ter sido um homem de uma extrema violência que, provavelmente, pagastes muito caro, talvez com a vossa vida. Na erraticidade, vossas outras boas qualidades vos ajudaram a compreender os vossos erros; tomastes a resolução de vos vencer, e para isso de lutar numa nova existência; mas se tivésseis escolhido um corpo mole e linfático, vosso Espírito, não encontrando nenhuma dificuldade, nada teria ganho, estaria a recomençar para vós; foi por isso que escolhestes um corpo bilioso, para ter o mérito da luta. Agora a vitória está alcançada; vencestes um inimigo de vosso repouso, e nada pode entrar o livre exercício de vossas boas qualidades. Quanto à facilidade com a qual aceitastes e compreendestes o Espiritismo, ela se explica pela mesma causa: éreis Espírita há muito tempo; essa crença era inata em vós, e o materialismo não foi senão um resultado da falsa direção dada às vossas idéias. A idéia espírita, abafada no início, ficou em estado latente, e bastou uma centelha para despertá-la; bendizei, pois, a Providência que permitiu que essa centelha chegasse em boa hora para deter uma tendência que talvez vos fosse a causa de amargos remorsos, ao passo que vos resta uma longa estrada a percorrer no caminho do bem.

Todas as filosofias se chocaram com esses mistérios da vida humana que pareciam insondáveis, até que o Espiritismo lhes trouxe a sua luz. Em presença de tais fatos, pode-

se perguntar ainda para que serve ele, e não está em direito de bem augurar o futuro moral da Humanidade quando for compreendido e praticado por todo o mundo.

PRIMEIRA CARTA AO CURA MAROUZEAU.

Senhor cura,

Espantai-vos de que, depois de dois anos, não haja respondido à vossa brochura contra o Espiritismo; estais no erro, porque depois de seu aparecimento tratei em muitos artigos de minha Revista a maioria das questões que levantai. Sei bem que teríeis desejado uma resposta pessoal, uma contra-brochura; que eu tomasse os vossos argumentos um a um para vos dar o prazer da réplica; ora, tive o irreparável erro de nem mesmo vos nomear, mas vossa modéstia, disto estou seguro, disso não me faz um crime. Reparei hoje essa omissão, mas não creiais que seja para estabelecer convosco uma polêmica, não, limito-me a algumas simples reflexões e a vos explicar os meus motivos.

Dir-vos-ei de início que se não respondi diretamente à vossa brochura, é que me tínheis anunciado que ela deveria enterrar todos vivos; portanto, quis esperar o acontecimento, e constato com prazer que não estamos mortos; que mesmo o Espiritismo está um pouco mais vivaz do que antes; que o número das sociedades se multiplica em todos os países; que por toda a parte onde se prega, contra ele o número dos adeptos aumentou; que este crescimento está em razão da violência dos ataques; isto não são hipóteses, mas fatos autênticos que, em minha posição e pela extensão de minhas relações, estou melhor do que quem quer que seja no estado de verificar. Constato, além disso, que os indigentes aos quais os padres zelosos proibiram de receber os vales de pão dados pelos Espíritas caridosos, porque era o pão do diabo, não estão mortos para vê-los comer; que os padeiros aos quais se disse para não recebê-los, porque o diabo os tiraria, não perderam um só deles; que os industriais aos quais, sempre por zelo evangélico, se quis cortar os alimentos tirando suas práticas, encontraram uma compensação nos novos clientes que lhes valeram o crescimento do número dos adeptos. Desaprovais, disto não tenho dúvida, essa maneira de atacar o Espiritismo, mas esses fatos não existem menos. Esses meios, convireis com isto, não são quase próprios para levarem à religião àqueles que dela se afastam; o medo pode reter momentaneamente, mas é um laço frágil que se rompe na primeira ocasião; os únicos laços sólidos são os do coração, cimentados pela convicção; ora, a convicção não se impõe pela força.

A vossa brochura, vós o sabeis, senhor cura, foi seguida de um grande número de outras; a vossa tem sobretudo um mérito, o da perfeita urbanidade; quereis nos matar polidamente, e vos sou grato por isso; mas por toda a parte os argumentos são os mesmos, enunciados mais ou menos agradavelmente, e em francês mais ou menos correto; para refutá-las todas, artigo por artigo, seria necessário me repetir sem cessar, e, francamente, tenho coisas mais importantes a fazer; isso era, aliás, sem utilidade, e ireis compreendê-lo.

Sou um homem positivo, sem entusiasmo, julgando tudo friamente; raciocino segundo os fatos e digo: Uma vez que os Espíritas são mais numerosos do que nunca, apesar da brochura do Sr. Marouzeau e todos os outros, apesar de todos os sermões e pastorais, é que os argumentos que ali se fazem valer não persuadiram as massas, que produziram um efeito contrário; ora, julgar o valor da causa por seus efeitos, creio que é a lógica elementar; desde então para que refutá-las? Uma vez que nos servem em lugar de nos prejudicarem, devemos nos guardar de pôr-lhes obstáculos. Vejo as coisas de um outro ponto de vista que o vosso, senhor abade; como um general que observa o movimento da batalha, julgo a força dos golpes, não o barulho que fazem, mas o efeito que produzem; é o conjunto que vejo, ora, o conjunto é satisfatório, é tudo o que é preciso. Respostas indi-

viduais seriam, pois, sem utilidade. Quando trato de maneira geral as questões levantadas por algum adversário, não é para convencê-lo, a isto não me prendo de nenhum modo, e ainda menos para fazê-lo renunciar à sua crença, que respeito quando é sincera, é unicamente para a instrução dos Espíritas, e porque ali encontro um ponto para desenvolver ou para esclarecer. Refuto os princípios e não os indivíduos; os princípios ficam, e os indivíduos desaparecem; é por isso que pouco me inquieto com as personalidades que talvez amanhã não serão mais e das quais não se falará mais, qualquer que seja a importância que procurem se dar. Vejo o futuro bem mais do que o presente, o conjunto e as coisas importantes mais do que os fatos isolados e secundários. Conduzir ao bem é aos nossos olhos a verdadeira conversão. Um homem arrancado aos seus maus pendores e levado a Deus e a caridade *para todos* pelo Espiritismo é para nós a vitória mais útil; é a que nos causa a maior alegria, e agradecemos a Deus por no-la dar tão freqüentemente. Para nós a vitória mais honrosa não consiste em tirar o indivíduo de tal ou tal culto, de tal ou tal crença, pela violência ou pelo medo, mas tirá-lo do mal pela persuasão. Prezamos acima de tudo as convicções sinceras e não aquelas que são obtidas pela força ou não têm senão as aparências.

É assim, por exemplo, que, em vossa brochura, perguntais quais milagres o Espiritismo pode invocar em seu favor, e que isso respondi no número de fevereiro de 1862, página 40, pelo artigo intitulado: *o Espiritismo é provado por milagres?* e ao mesmo tempo respondi a todos aqueles que fizeram a mesma pergunta. Pedis os milagres do Espiritismo? mas haverá um maior do que a sua propagação estranha, para e contra tudo, apesar dos ataques dos quais é objeto, apesar sobretudo dos golpes tão terríveis que lhe destes? Não está aí um fato da vontade de Deus? "Não, direis, é a vontade do diabo." Então convinde que a vontade do diabo se impõe sobre a de Deus, e que é mais forte do que a Igreja, uma vez que a Igreja não pode detê-lo. Mas esse não é o único milagre que o Espiritismo fez; ele o faz todos os dias, levando a Deus os incrédulos, convertendo ao bem aqueles que se dão ao mal, dando a força de vencer as más paixões. Pedi-lhe milagres! mas o fato narrado acima da jovem A... não é um deles? Por que a religião não o fez e deixou-o fazer ao Espiritismo, quer dizer, ao diabo? - Não está aí o que se chama um milagre. - Mas a Igreja não qualifica certas conversões de miraculosas? - Sim, mas essas são as conversões de heréticos à fé católica. - De sorte que a conversão do mal ao bem não é, na vossa opinião, um milagre; preferiríeis um sinal material: a liquefação do sangue de santo Janeiro, a cabeça de uma estátua que se move numa igreja, uma aparição no céu, como a cruz de Migné. O Espiritismo não faz dessas espécies de milagres; os únicos aos quais dá um valor infinito e dos quais se glorifica, são as transformações morais que ele opera.

Senhor abade, o tempo me apressa e o espaço me falta; uma outra vez vos direi ainda algumas palavras que poderão vos servir para a nova obra que preparais e que deve aniquilar o Espiritismo e os Espíritas para sempre. Desejo-lhe melhor chance que na primeira. Algumas passagens deste número poderão talvez vos esclarecer sobre as dificuldades que tereis que superar para ter sucesso.

Recebei, etc.

ALLAN KARDEC

UMA EXPIAÇÃO TERRESTRE.

Max, o mendigo.

Numa cidade da Baviera morreu, pelo ano de 1850, um velho quase centenário, conhecido sob o nome de pai Max. Ninguém conhecia direito a sua origem, porque ele não tinha família. Há quase meio século, acabrunhado por enfermidades que o punham fora do estado de ganhar sua vida pelo trabalho, não tinha outros recursos senão a caridade

pública, que dissimulava vendendo, nas fazendas e nos castelos, almanaques e pequenos objetos. Foi-lhe dada a alcunha de conde Max, e as crianças não o chamavam nunca senão senhor conde, do que ele sorria sem se melindrar. Por que esse título? Ninguém poderia dizer-lo; passou a ser hábito. Talvez fosse por causa de sua fisionomia e de suas maneiras, cuja distinção contrastava com os andrajos. Vários anos depois de sua morte, apareceu em sonho à filha do proprietário de um dos castelos, onde recebia a hospitalidade na estrebalaria, porque não havia domicílio para ele. Disse-lhe: obrigado a vós por vos terdes lembrado do pobre Max em vossas preces, porque elas foram ouvidas pelo Senhor. Desejais saber quem sou, alma caridosa que vos interessastes pelo infeliz mendigo; vou satisfazer-vos; isto será para todos uma grande instrução".

Ele fez, então, o relato seguinte, aproximadamente nestes termos:

"Há um século e meio mais ou menos, eu era um rico e poderoso senhor deste país, mas vão, orgulhoso e enfatuado pela minha nobreza; a minha imensa fortuna nunca serviu senão aos meus prazeres, e a isso apenas ela bastava, porque eu era jogador, libertino e passava minha vida nas orgias. Meus vassalos, que acreditava criados para o meu uso, como os animais da fazenda, eram pressionados e maltratados, para proverem as minhas prodigalidades. Permaneci surdo às suas queixas como aos de todos os infelizes, e, segundo eu, eles deveriam se sentir muito honrados por servirem aos meus caprichos. Morri com uma idade pouco avançada, esgotado pelos excessos, mas sem que provasse nenhuma infelicidade verdadeira; ao contrário, tudo parecia sorrir-me, de modo que eu era, aos olhos de todos, um dos felizes do mundo; a minha posição valeu-me suntuosos funerais; os boêmios lamentavam em mim o faustoso senhor, mas nenhuma lágrima foi vertida sobre a minha tumba, nem uma prece do coração foi dirigida a Deus por mim, e a minha memória foi amaldiçoada por todos aqueles dos quais aumentara a miséria. Ah! quanto é terrível a maldição dos infelizes que se fez! ela não cessou de retinir nos meus ouvidos durante longos anos, que pareceram uma eternidade! e, na morte de cada uma de minhas vítimas, era um novo rosto ameaçador ou irônico que se erguia diante de mim e me perseguia sem descanso, sem que pudesse encontrar um canto escuro para subtrair-me à sua visão. Nenhum olhar amigo! meus antigos companheiros de deboche, infelizes como eu, fugiam de mim e pareciam dizer-me com desdém: "Não podes mais pagar os nossos prazeres. "Oh! quanto teria pago muito caro um instante de repouso, um copo de água para estancar a sede ardente que me devorava! mas não possuía mais nada, e todo o ouro que semeiei, a mãos cheias, sobre a terra não produzira uma única bênção! nem uma só, entendeis, minha filha?"

Por fim, oprimido pela fadiga, esgotado como um viajor esfalfado que não vê o fim de seu caminho, exclamei: "Meu Deus, tende piedade de mim! Quando, pois, terminará está horrível situação?" Então uma voz, a primeira que eu ouvia desde que deixara a Terra, disse-me: "Quando tu quiseres. Que é necessário fazer, grande Deus? Respondi eu; disse: eu me submeterei a tudo. - E necessário o arrependimento, se humilhar diante daqueles que humilhaste. Pedir-lhes para que intercedam por ti, porque a prece do ofensor que perdoa é sempre agradável ao Senhor." Humilhei-me, pedi aos meus vassalos, meus servidores que estavam diante de mim, e cujos rostos, de mais em mais benevolentes acabaram por desaparecer. Isto foi, então, para mim como uma nova vida; a esperança substituiu o desespero e agradei a Deus com todas as forças de minha alma. A voz me disse em seguida: "Príncipe!" e eu respondi: "Não há aqui outro príncipe senão o Deus Todo-Poderoso que humilha os soberbos. Perdoai-me, Senhor, porque pequei; fiz de mim o servidor de meus servidores, se tal é a vossa vontade."

Alguns anos mais tarde nasci de novo, mas desta vez numa família de pobres camponeses. Meus pais morreram quando eu era ainda criança, e permaneci só no mundo e sem apoio. Ganhei minha vida como pude, ora como operário, ora como empregado de fazenda, mas sempre honestamente, porque eu acreditava em Deus desta vez. Com a idade de quarenta anos, uma doença tornou-me paralítico de todos os meus membros, e

me foi necessário mendigar, durante mais de cinqüenta anos, sobre essas mesmas terras das quais fora o senhor absoluto; receber um pedaço de pão nas fazendas que possuí, onde, por uma amarga zombaria alcunharam-me senhor conde, freqüentemente, muito feliz por encontrar um abrigo na estrebaria do castelo que fora o meu. No meu sonho, agradava-me percorrer esse mesmo castelo onde fora déspota; quantas vezes em meus sonhos, revi-me ali no meio de minha antiga fortuna! Essas visões me deixavam, ao despertar, um indefinível sentimento de amargura e de desgostos; mas nunca uma queixa escapou da minha boca; e quando aprouve a Deus chamar-me para ele, eu o bendisse por ter me dado a coragem de suportar, sem murmúrio, essa longa e penosa prova da qual recebo, hoje, a recompensa; e vós, minha filha, eu vos bendigo por terdes orado por mim."

Nota. - Recomendamos este fato àqueles que pretendem que os homens não teriam mais freios se não tivessem mais, diante deles, o espantinho das penas eternas, e perguntamos se a perspectiva de um castigo como aquele do pai Max é menos feita para deter no caminho do mal do que aquela de tortura sem fim, nas quais não crêem mais.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

Bem-aventurados os que têm os olhos fechados

(Sociedade Espírita de Paris, 19 de junho de 1863. - Médiun, Sr. Vézy.)

Nota. Está comunicação foi dada a propósito de uma senhora cega, que assistia à sessão.

Meus bons amigos, não venho freqüentemente entre vós, mas hoje eis-me aqui; disso agradeço a Deus e aos bons Espíritos que vêm vos ajudar a caminhar no novo caminho. Chamastes-me por que? É para me fazer impor as mãos sobre a pobre sofredora que está aqui e curá-la? E que sofrimento, bom Deus! Ela perdeu a vista, e as trevas se fizeram para ela!... pobre criança! que ore e que espere! não sei fazer milagres, eu, sem a vontade do bom Deus; todas as curas que pude obter e que vos foram assinaladas, não as atribuais senão Àquele que é nosso pai em tudo. Em vossas aflições, portanto, olhai sempre o céu, e dizei, do fundo do vosso coração: "Meu Pai, curai-me, mas fazei que minha alma doente seja curada antes das enfermidades de meu corpo; que minha carne seja castigada, se preciso for, para que minha alma se eleve até vós com a brancura que tinha quando a criastes." Depois desta prece, meus bons amigos, que o bom Deus ouvirá sempre, a força e a coragem vos serão dadas e, talvez, também essa cura, que não tereis pedido senão timidamente como recompensa da vossa abnegação carnal.

Mas, uma vez que estou aqui, numa assembléia onde se trata, antes de tudo, de estudos, eu vos direi que aqueles que estão privados da vista deveriam se considerar como os bem-aventurados da expiação. Lembrai-vos de que o Cristo disse que seria preciso arrancar vosso olho, se ele fosse mau, e que valeria mais que ele fosse lançado ao fogo do que ser causa de vossa perdição. Ah! quantos há sobre a vossa Terra, que maldirão um dia nas trevas terem visto a luz! Oh! sim, são felizes estes que, na expiação, são atingidos na vista! Seu olho não lhe será motivo de escândalo e de queda; podem viver inteiramente a vida das almas, podem ver mais do que vós que vedes claro... quando Deus me permite ir abrir a pálpebra de alguns desses pobres sofredores e lhes devolver vossa luz, digo a mim mesmo: "Alma querida, por que não conheces todas as delícias do Espírito que vive de contemplação e de amor? Ela não pediria para ver imagens menos puras e menos suaves do que aquelas que lhe é dado ver na cegueira."

Oh! sim, bem-aventurado o cego que quer viver com Deus! mais feliz do que vós, que estais aqui, ele sente a felicidade, toca-a, vê as almas e pode se lançar com elas nas esferas espíritas que os próprios predestinados de vossa Terra não vêem.

O olho aberto está sempre pronto para fazer a alma falir; o olho fechado, ao contrário, está sempre pronto para fazê-la alçar para Deus. Crede-me bem, meus bons e caros amigos, a cegueira dos olhos, freqüentemente, é a verdadeira luz do coração, enquanto que a vista, freqüentemente, é o anjo tenebroso que conduz à morte.

E agora, algumas palavras para ti, minha pobre sofredora; espera e tem coragem! Se te dissesse: "Minha filha, teus olhos vão se abrir," como serias ditosa! E quem sabe se essa alegria não te perderia? Tem confiança no bom Deus que fez a felicidade e permite a tristeza. Farei por ti tudo o que me for permitido; mas, a teu turno, ora e, sobretudo, medita em tudo o que acabo de te dizer.

Antes que me afaste, vós que estais aqui, recebei a minha bênção, meus bons amigos, eu a dou a todos, aos loucos, aos sábios, aos crentes, e aos infiéis desta assembléi-a, e que ela sirva a cada um de vós!

VIANNEY, *cura d'Ars.*

Nota. - Perguntamos se está aí a linguagem do demônio, e se se ofende o cura d'Ars atribuindo-lhe tais pensamentos. Uma jovem do campo, sem instrução, sonâmbula natural, vendo muito bem os Espíritos, veio à sessão em estado de sonambulismo. Não conhecia o cura d'Ars, mesmo de nome, e no entanto viu-o ao lado do médium e dele fez um retrato perfeitamente exato.

O Arrependimento.

(Sociedade Espírita de Paris, médium senhora Costel.)

O arrependimento eleva para Deus; é-lhe mais agradável do que a fumaça dos sacrifícios e mais precioso do que o incenso espalhado nos adros sagrados. Semelhante às tempestades que transtornam o ar purificando-o, o arrependimento é um sofrimento fecundo, uma força reativa e atuante. Jesus santificou a sua virtude, e as lágrimas da Madalena se derramaram como um orvalho sobre os corações endurecidos, que ignoram a graça do perdão. A soberana virtude proclamou o poder do arrependimento, e os séculos repercutiram a palavra do Cristo, enfraquecendo-o.

Chegou a hora em que o Espiritismo deve rejuvenescer e vivificar a própria essência do Cristianismo. Apagai, pois, em toda a parte e sempre, a cruel sentença que despoja de toda esperança a alma culpada. O arrependimento é uma virtude militante, uma virtude viril, que só os Espíritos avançados ou os corações ternos podem sentir. O remorso momentâneo e pungente de uma falta não leva com ele a expiação que dá o conhecimento de justiça de Deus, justiça rigorosa em suas conclusões, que aplica a lei do talião à vida moral e física do homem, e o castigo pela lógica dos fatos decorrentes do bom ou do mau uso de seu livre arbítrio.

Amai aqueles que sofrem, e assisti o arrependimento, que é a expressão e o sinal que Deus imprimiu em sua criatura inteligente, para elevá-la e aproximá-la de si.

JOÃO, *discípulo.*

Os fatos cumpridos.

(Sociedade Espírita de Paris, 26 de dezembro de 1862. Médium Sr. D'Ambel.)

Nota. Esta comunicação foi dada a propósito de um relatório feito na Sociedade sobre as novas sociedades espíritas, que se formam em todas as partes da França e do estrangeiro.

O progresso se manifesta de maneira muito evidente hoje na crença nas doutrinas regeneradoras que trazemos ao vosso mundo, para que seja necessário constatá-lo doravante. Cego quem não vê a marcha triunfante de nossas idéias! Quando homens eminentes, pertencentes às funções mais liberais, pessoas de ciência e de estudos, médicos, filósofos, jurisconsultos, se lançam resolutamente à procura da verdade nos caminhos novos abertos pelo Espiritismo; quando a classe militante vem nele procurar consolações e forças novas, quem, pois, entre os humanos, se crera bastante forte para opor uma barreira ao desenvolvimento dessa nova ciência filosófica? Recentemente Lamennais dizia, nesse estilo conciso e eloqüente a que vos habituastes: que o futuro era para o Espiritismo! Tenho o direito de exclamar hoje: Não está aí um fato cumprido?

Com efeito, o caminho se torna largo; o riacho de ontem se esparrama como um rio, e, a partir de valesinhos atravessados, seu curso majestoso se rirá das magras eclusas e das tardias barricadas que alguns ribeirinhos atrasados tentarão estabelecer, a fim de entrar sua marcha para o grande oceano do infinito. Pobres pessoas! a corrente vos levará logo a vós mesmos e logo vos ouviremos gritar, vós também: "É verdade! a terra gira!"

Se as ondas de sangue derramado nas Américas não chamaram a atenção de todos os pensadores sérios e de todos os amigos da paz, cujo coração sangra ao relato dessas lutas sangrentas e fratricidas; se as nações mal assentadas não procurarem em todo o continente encontrar sua base normal; se as aspirações de todos, enfim, não tenderem para uma melhoria material e moral desde há muito tempo perseguida, poder-se-ia negar a utilidade dos cataclismos morais anunciados por alguns Espíritos iniciadores; mas todos esses sinais característicos são muito aparentes para que não se reconheça a necessidade, a urgência de um novo farol, que possa salvar ainda o mundo em perigo.

Outrora, quando o mundo pagão, minado pela mais completa desmoralização, vacilava sobre a sua base, de toda parte vozes proféticas anunciavam a chegada próxima de um redentor. Há alguns anos não tendes ouvido, ó Espíritas! as mesmas vozes proféticas? Ah! eu o sei: ninguém dentre vós não o esqueceu. Pois bem! tende por certo que o tempo é chegado, e exclamemos juntos, como outrora na Judéia: "Glória a Deus no mais alto dos céus!"

ERASTO.

As épocas de transição na Humanidade.

(Sociedade Espírita de Paris, 19 de junho de 1863. - Médiun, Sr. Alfred Didier.)

Os séculos de transição na história da Humanidade se assemelham a vastas planícies semeadas de monumentos misturados confusamente sem harmonia, e a harmonia mais pura, a mais justa, existe no detalhe e não no conjunto. Os séculos abandonados pela fé, pela esperança, são sombrias páginas em que a Humanidade, trabalhada pela dúvida, se mina surdamente nas civilizações aperfeiçoadas, para chegar a uma reação que, o mais freqüentemente, as levaria, para substituí-las por outras civilizações. Os pesquisadores do pensamento, mais do que os sábios, aprofundam na nossa época, no ecletismo racional, esses misteriosos encadeamentos da história, essas trevas, essa uniformidade lançada como nevoeiros e nuvens espessas sobre civilizações há pouco vivazes e férteis. Estranho destino dos povos! É quase no nascimento do Cristianismo, é nas mais opulentas cidades, sedes dos maiores bispados do Oriente e do Ocidente, que os estragos da decadência começam; é no próprio meio da civilização, do esplendor inteligente das artes, das ciências, da literatura e dos ensinamentos sublimes do Cristo, que começa a confusão das idéias, as dissensões religiosas; é no próprio berço da Igreja romana, orgulhosa e soberba do sangue dos mártires, que a heresia, gerada pelos dogmas supersticiosos e as hierarquias eclesiásticas, se insinua como uma serpente iminente para morder no coração a Humanidade e lhe infiltrar nas veias, no meio de desordens políticas

e sociais, o mais terrível e o mais profundo de todos os flagelos: a dúvida. Esta vez a queda é imensa, a apatia religiosa dos padres, unida aos fanáticos heresiarcas, tira toda a força à política, todo amor ao país, e a Igreja do Cristo se torna humana, mas não mais humanitária. E inútil aqui, creio, apoiar sobre as relações assustadoras dessa época com a nossa; vivendo ao mesmo tempo com as tradições do Cristianismo e com a esperança do futuro, os mesmos abalos sacodem nossa velha civilização, as mesmas idéias são partilhadas, e a mesma dúvida atormenta a Humanidade, sinais precursores da renovação social e moral que se prepara. Ah! orai, Espíritas, vossa época atormentada e blasfematória e uma rude época, que os Espíritos vêm instruir e encorajar.

LAMENNAIS.

Sobre as comunicações dos Espíritos.
(Grupo Espírita de Sétif, Argélia.)

Freqüentemente vos admirais ao ver faculdades medianímica, físicas ou morais, que, na vossa opinião, deveriam ser a prova de um mérito pessoal, possuídas por pessoas que seu caracter moral fica abaixo de um semelhante favor; isso se prende à falsa idéia que fazeis das leis que regem essas coisas, e que quereis considerar como invariáveis. O que é invariável é o objetivo, mas os meios variam ao infinito, para que a vossa liberdade seja respeitada. Tal possui uma faculdade, e tal possui uma outra faculdade; este é levado pelo orgulho, aquele pela cupidez, um terceiro pela fraternidade. Deus emprega as faculdades e as paixões de cada um, e as utiliza na esfera de cada um, e do próprio mal sabe fazer sair o bem. Os atos do homem, que vos parecem tão importantes, nada são para ele, é a intenção que lhe faz, aos seus olhos, o mérito ou o demérito. Feliz, pois, aquele que é guiado pelo amor fraternal. A Providência não criou o mal; tudo foi feito em vista do bem. O mal não existe senão pela ignorância do homem e pelo mau uso que faz das paixões, das tendências, dos instintos que adquiriu por seu contato com a matéria. Grande Deus! quando lhe terás inspirado a sabedoria de saber tomar na mão a direção desse poderoso móvel: a paixão, que de males desaparecerão, que de bem resultará dessa força da qual não se conhece hoje senão o mau lado, que é sua obra! Oh! continuai ardentemente vossa obra, meus amigos; que a Humanidade entreveja, enfim, o caminho no qual deve colocar o pé, para alcançar a felicidade que lhe dado adquirir sobre este globo!

Não vos admireis se as comunicações que vos dão os Espíritos elevados, se apoiando inteiramente sobre a moral do Salvador, confirmando-a e desenvolvendo-a, vos oferecem tantos pontos de contato e de semelhança com os mistérios dos Antigos; é que os Antigos tinham a intuição das coisas do mundo invisível e daquilo que deveria chegar, e que vários tinham por missão de preparar os caminhos. Observai e estudai com cuidado as comunicações que recebeis; aceitai o que a vossa razão não rejeita; repeli o que a choca; pedi esclarecimentos sobre as que vos deixam na dúvida. Tendes aí a marcha a seguir para transmitir às gerações futuras, sem medo de vê-las desnaturadas, as verdades que distinguireis sem dificuldade de seu cortejo inevitável de erros.

Trabalhai, tornai-vos úteis aos vossos irmãos e a vós mesmos; quase não podeis prever a felicidade que o futuro vos reserva pela contemplação de vossa obra.

SANTO AGOSTINHO.

Nota. - Esta comunicação foi obtida por um jovem, médium sonâmbulo iletrado. Foi-nos enviada pelo Sr. Dumas, negociante de Sétif, membro da Sociedade Espírita de Paris, que acrescenta que o sujeito não conhecia o sentido da maioria das palavras, e nos transmite o nome de dez pessoas notáveis que assistiam à sessão. Os médiuns iletrados que têm comunicações acima de seu alcance intelectual são muito numerosos. Vem-se de nos mostrar uma página verdadeiramente notável, obtida em Lyon, por uma mulher

que não sabia nem ler nem escrever, e não sabia uma palavra do que escreve; seu marido, que não é quase mais forte, a decifra por intuição, durante a sessão, mas no dia seguinte isto lhe é impossível; as outras pessoas o lêem sem muita dificuldade. Não está aí a aplicação desta palavra do Cristo: "Vossas mulheres e vossas filhas profetizarão, e farão prodígios?" Não é um prodígio que de escrever, pintar, desenhar, fazer da música e da poesia quando não se o sabe? Pedis sinais materiais? ei-los. Os incrédulos dirão que é um efeito da imaginação? Se isso fora, seria preciso convir que essas pessoas têm a imaginação na mão e não no cérebro. Ainda uma vez, uma teoria não é boa senão com a condição de dar razão de todos os fatos; se um único fato vem contradizê-la, é que ela é falsa ou incompleta.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

6ª ANO

NO. 8

AGOSTO 1863

JEAN REYNAUD E OS PRECURSORES DO ESPIRITISMO.

A nosso turno, viemos lançar algumas flores sobre o túmulo recentemente fechado de um homem tão recomendável pelo seu saber quanto por suas eminentes qualidades morais, e ao qual, coisa rara, todos os partidos concordam em render justiça.

Jean Reynaud, nascido em Lyon, em fevereiro de 1808, morreu em Paris a 28 de junho de 1863. Não saberíamos dar uma idéia mais justa de seu caráter senão reproduzindo a curta e tocante notícia necrológica que seu amigo, o Sr. Ernest Legouvé, publicou no *Siècle* de 30 de junho de 1863.

"A democracia, a filosofia, e, não temo dizer-lo, a religião, acabam de ter uma perda imensa: Jean Reynaud morreu ontem depois de uma curta doença. De qualquer ponto de vista que se julguem suas doutrinas, sua obra, como sua vida, foi eminentemente religiosa; porque sua vida, como sua obra, foi um dos protestos mais eloqüentes contra o grande flagelo que nos ameaça: o ceticismo sob todas as formas. Ninguém acreditou mais energicamente na personalidade divina, ninguém acreditou mais energicamente na personalidade humana, ninguém amou mais ardentemente a liberdade. Em seu livro *Terra e Céu*, que cavou desde o início um sulco tão profundo, cujo traço ir-se-á se marcando sempre mais, nesse livro respira um tal sentimento do infinito, um tal sentimento da presença divina, que se pode dizer que Deus ali palpita em cada página! E como poderia sê-lo de outro modo, quando aquele que as escreveu, essas páginas, vivia sempre em presença de Deus! Sabemo-lo bem, nós todos que o conhecemos, o amamos, e cujo mais belo título de honra é de termos sido amados por um tal homem. Era uma fonte de vida moral sempre a jorrar; não se podia aproximar-se dele sem estar mais assegurado no bem; só seu rosto era uma lição de justiça, de honra, de devotamento; as almas decaídas se perturbam diante desse claro olhar como diante do próprio olhar da justiça: e tudo isto partiu! partiu em plena força, quando tantas palavras úteis, tantos grandes exemplos poderiam ainda sair dessa boca, desse coração!... Não choramos Reynaud só por nós, nós o choramos por nosso país inteiro.

"E. LEGOUVÉ."

O Sr. Henri Martin, no mesmo jornal de 16 de julho, deu sobre a vida e as obras de Jean Reynaud detalhes mais circunstanciados. "Educado, disse ele, na liberdade do campo por uma mãe de alma forte e terna, foi lá que tomou esses hábitos de intimidade com a Natureza que não o deixaram jamais, e se formaram esses órgãos robustos com os quais, mais tarde, fazia vinte léguas de um fôlego, e passava de geleira a geleira, de uma crista a outra dos Alpes, em estreitas cornijas onde não se arriscavam os caçadores de camurças. Seus estudos foram rápidos e fecundos; tudo se manifestando desde sua juventude o gosto mais vivo pelas letras e por todas as formas do belo, voltou de início seus objetivos futuros para as ciências, feliz direção que lhe deveria fornecer os alimentos e os ins-

trumentos de seu pensamento, e fazer do sábio útil o servidor do filósofo. Saído em primeiro lugar da Escola Politécnica, era engenheiro de minas em Corse, no momento da revolução de julho. Retornou a Paris; o saint-simonismo ali vinha de explodir; foi envolvido nesse grande e singular movimento que tomava, então, tantas jovens inteligências pelo atrativo do dogma da perfectibilidade do gênero humano. A escola, no entanto, pretendia se tornar uma *igreja*; Jean Reynaud não a seguiu; deixou o saint-simonismo pela democracia; tratou de reconstituir um grupo e um centro de ação intelectual com os amigos que dele tinham se separado ao mesmo tempo que ele. Pierre Leroux, Carnot e ele retomam das mãos de Julien (de Paris) a *Revista Enciclopédica*; foi lá que Pierre Leroux publicou seu notável *Ensaio sobre a doutrina do progresso contínuo*, e Jean Reynaud o trecho tão surpreendente do *Infinito dos céus*, germe de seu grande livro *Terra e Céu*. Fundou em seguida, com Pierre Leroux, a *Enciclopédia Nova*, obra imensa que permaneceu inacabada. O 24 de fevereiro arrancou o filósofo de seus pacíficos trabalhos para lançá-lo na política ativa. Presidente da comissão dos altos estudos científicos e literários, depois subsecretário de Estado no ministério da Instrução Pública, e elaborou com o ministro Carnot, um de seus mais antigos e de seus mais constantes amigos, os planos destinados a pôr a instrução pública ao nível das instituições democráticas. Da Instrução Pública transferido para o Conselho de Estado, Jean Reynaud ali ganhou rapidamente uma autoridade que procedia de seu caráter quanto de suas luzes, e, tão curta que tenha sido sua passagem, ali deixou, na memória dos homens especiais mais eminentes, uma impressão inapagável."

De todos os escritos de Jean Reynaud, aquele que mais contribuiu para a sua popularidade, sem contradita, foi seu livro *Terra e Céu*, embora a forma abstrata da linguagem o coloque à altura de todo o mundo; mas a profundidade das idéias e a lógica das deduções o fizeram apreciado de todos os pensadores sérios, e colocaram o autor na primeira linha dos filósofos espiritualistas. Essa obra pareceu, à Igreja, um perigo para a ortodoxia da fé; em consequência disso foi condenado e colocado no Index pela corte de Roma, o que aumentou ainda o crédito do qual já gozava e fê-lo procurar com mais avidez. Na época em que apareceu essa obra, em torno de 1840, não havia ainda a questão dos Espíritos, e, no entanto, Jean Reynaud parece ter tido, como de resto muitos outros escritores modernos, a intuição e o pressentimento do Espiritismo, do qual foi um dos mais eloqüentes precursores. Como Charles Fourier, admite o progresso indefinido da alma, e, como consequência desse progresso, a necessidade da pluralidade das existências pelos diversos estados do homem sobre a Terra.

Jean Reynaud nada tinha visto; tudo hauriu em sua profunda intuição. O Espiritismo viu o que o filósofo não fez senão pressentir; acrescenta assim a sanção da experiência à teoria puramente especulativa, e a experiência lhe fez naturalmente descobrir os pontos de detalhe que só a imaginação pode entrever, mas que vêm completar e corroborar os pontos fundamentais. Como todas as grandes idéias que revolucionaram o mundo, o Espiritismo não eclodiu subitamente; germinou em mais de um cérebro, mostrou-se, aqui e ali, pouco a pouco, como para habituar os homens a essa idéia; uma brusca aparição completa teria encontrado uma resistência muito viva: teria deslumbrado sem convencer. Cada coisa, aliás, deve vir a seu tempo, e toda planta deve germinar e crescer antes de atingir seu inteiro desenvolvimento. Ocorre o mesmo em política; não há nenhuma revolução que não tenha sido elaborada de longa data, e alguém que, guiado pela experiência e pelo estudo do passado, seguindo atentamente essas preliminares, pode, quase infalivelmente, sem ser profeta, prever-lhe o desenlace. Foi assim que os princípios do Espiritismo moderno se mostraram parcialmente e sob diferentes faces em várias épocas: no século último, em Swedenborg; no começo deste século, na doutrina dos teósofos, que admitiam claramente as comunicações entre o mundo visível e o mundo invisível; em Charles Fourier, que admite os progressos da alma pela reencarnação; em Jean Reynaud, que admite o mesmo princípio, sondando o infinito, a ciência à mão; há uma dúzia

de anos, nas manifestações americanas que tiveram uma tão grande repercussão e vieram provar as relações materiais entre os mortos e os vivos, e, finalmente, na filosofia espírita, que reuniu esses diversos elementos em corpo de doutrina e deduziu-lhes as conseqüências morais. Quem teria dito, então, quando se ocupavam das mesas girantes, que desse divertimento sairia toda uma filosofia? Quando essa filosofia apareceu, quem teria dito que, em alguns anos, ela faria a volta ao mundo e conquistaria milhões de adeptos? Hoje, quem poderia afirmar que ela disse a sua última palavra? Não, certamente, não a disse; se as bases fundamentais lhe estão estabelecidas, há ainda muitos pontos de detalhe a elucidar e que virão ao seu turno; depois, quanto mais se avança, mais se vê quanto são múltiplos os interesses nos quais ela toca, porque, pode se dizer sem exagero, toca a todas as questões da ordem social; só o futuro pode, pois, desenvolver-lhe todas as conseqüências, ou, melhor dizendo, essas conseqüências se desenvolverão por si mesmas pela força das coisas, porque se encontra no Espiritismo o que inultamente se procurou em outro lugar; por isto mesmo ser-se-á conduzido a reconhecer que só ele pode encher o vazio moral que se faz, cada dia, em torno do homem, vazio que ameaça a própria sociedade em sua base, e do qual começa-se ela se assustar. Em um dado momento o Espiritismo será a âncora de salvação; mas não seria preciso esperar esse momento para lançar a corda de salvamento, do mesmo modo que não se espera o momento em que se tem necessidade da colheita para semear. A Providência, em sua sabedoria, prepara as coisas há muito tempo; por isso a idéia-mãe teve, como dissemos, numerosos precursores que abriram o caminho e prepararam o terreno para receber a semente, uns em um sentido, os outros em outro, e reconhecer-se-á, um dia, por que fios numerosos todas essas idéias parciais se ligam à idéia fundamental; ora, cada uma dessas idéias tendo seus partidários, disso resulta neles uma predisposição muito natural a aceitar o complemento da idéia, cada uma dessas teorias tendo desmontado uma porção do terreno; aí, sem contradita, está uma das causas dessa propagação que se prende ao prodígio, e da qual a história das doutrinas filosóficas não oferece nenhum exemplo; já os adversários se espantam com a resistência que apresenta aos seus ataques; mais tarde deverão ceder diante da força da opinião.

Entre os precursores do Espiritismo é preciso ainda colocar uma multidão de escritores contemporâneos, cujas obras estão semeadas, talvez com seu desconhecimento, de idéias espíritas. Haveria volumes a fazer se se quisesse recolher as inumeráveis passagens onde está feita uma alusão, mais ou menos direta, da preexistência e da sobrevivência da alma, de sua presença entre os vivos, de suas manifestações, de suas peregrinações através dos mundos progressivos, da pluralidade das existências, etc. Admitindo que isso não seja, da parte de certos autores, senão um jogo de imaginação, a idéia não se infiltra menos no espírito das massas onde está latente até o momento em que será demonstrada como uma verdade. É um pensamento mais espírita que aquele que encerra a carta do Sr. Victor Hugo sobre a morte da senhora Lamartine, e que a maioria dos jornais aclamou com entusiasmo, mesmo aqueles que mais censuram sobre a crença nos Espíritos? Eis essa carta, que disso diz muito em algumas linhas:

"Hauteville-House, 23 de maio.

"Caro Lamartine,

"Uma grande infelicidade nos fere; tenho necessidade de colocar meu coração perto do vosso. Venero aquilo que amais. O vosso alto espírito vê além do horizonte; percebeis distintamente a vida futura.

"Não é a vós que é necessário dizer: Esperai. Sois daqueles que sabem e que esperam.

Ela é sempre a vossa companheira, invisível, *mas presente*. Perdestes a mulher, mas não a alma. Caro amigo, vivamos nos mortos.

"Victor Hugo."

Não são apenas os escritores isolados que semeiam, aqui e ali, algumas idéias, é a própria ciência que vem preparar os caminhos. O magnetismo foi o primeiro passo para o conhecimento da ação perispiritual, fonte de todos os fenômenos espíritas; o sonambulismo foi a primeira manifestação de isolamento da alma. A frenologia provou que o organismo cerebral é um chaveiro a serviço do princípio inteligente para a expressão das diversas faculdades; contrariamente à intenção de Gall, seu fundador, que era materialista, serviu para provar a independência do Espírito e da matéria. A homeopatia, provando a força da matéria espiritualizada, se liga ao papel importante que o perispiritito desempenha em certas afecções; ela ataca o mal em sua própria fonte que está fora do organismo, do qual a alteração não é senão consecutiva. Tal é a razão pela qual a homeopatia triunfa numa multidão de casos onde a medicina comum fracassa: mais do que isto, toma em conta o elemento espiritualizado tão preponderante na economia, o que explica a facilidade com a qual os médicos homeopatas aceitam o Espiritismo, e porque a maior parte dos médicos espíritas pertence à escola de Hahnemann. Até as recentes descobertas sobre as propriedades da eletricidade não há, enfim, as que não vieram trazer seu contingente na questão que nos ocupa, lançando sua parte de luz sobre o que se poderia chamar a fisiologia dos Espíritos.

Nisso não terminaríamos mais se quiséssemos analisar todas as circunstâncias, pequenas ou grandes, que há meio século vieram abrir o caminho à filosofia nova; veríamos as doutrinas mais contraditórias provocarem um desenvolvimento da idéia, os próprios acontecimentos políticos prepararem a sua introdução na vida prática; mas de todas essas causas, a mais preponderante, é a Igreja, que parece predestinada a impeli-lo fatalmente.

Tudo lhe vem em ajuda, e conhecendo-se a inumerável quantidade de documentos que nos chegam de todas as partes; se se pudesse seguir, como estamos em condições de fazê-lo, essa marcha providencial através do mundo, favorecida pelos acontecimentos menos esperados, e que, à primeira vista, pareceriam serem-lhe contrários, compreender-se-ia melhor ainda o quanto ela é irresistível, e se admiraria menos de nossa impassibilidade; é que vemos todo mundo nele trabalhar, de boa vontade ou à força, voluntariamente ou involuntariamente; é que vemos o objetivo, e que sabemos quando e como será alcançado; vemos o conjunto que avança, é por isso que nos inquietamos pouco com algumas individualidades que vão obliquamente.

Jean Reynaud foi, pois, um precursor do Espiritismo por seus escritos; também ele tinha sua missão providencial e deveria sulcar um campo; ser-lhe-á ainda útil depois de sua morte. Um eminente Espírito deu a apreciação seguinte sobre esse acontecimento:

"Ainda uma circunstância que vai resultar em proveito do Espiritismo.

Jean Reynaud havia cumprido o que devia fazer nesta última existência; vai se falar de sua morte, de sua vida, e mais do que nunca de suas obras; ora, falar de suas obras é colocar um pé no caminho do Espiritismo. Muitas inteligências aprenderão a nossa crença querendo estudar esse filósofo que se fez autoridade; comparar-se-á, e ver-se-á que não sois loucos como o pretendem aqueles que riem de vós e de vossa fé. Tudo o que Deus fez está bem feito, crede-me. Ele será louvado pelos vossos próprios detratores, e sabeis que são eles que, sem o querer, mais trabalham para vos fazer adeptos. Deixai fazer, deixai gritar, tudo será segundo a vontade de Deus. Ainda um pouco de paciência, e a elite dos homens inteligentes e de saber se juntará a vós, e diante de certas adesões ostensivas, a crítica deverá abaixar a voz.

"SANTO AGOSTINHO."

Nota. - Ver adiante, nas dissertações, algumas comunicações de Jean Reynaud.

PENSAMENTOS ESPÍRITAS EM DIFERENTES ESCRITORES.

Extraído do *Voyage en Orient*, pelo Sr. de Lamartine.

"Oh! Para isso, disse-lhe, é uma outra questão. Ninguém mais do que eu não sofre e não geme do gemido universal da Natureza, dos homens e das sociedades. Ninguém não confessa mais alto os enormes abusos sociais, políticos e religiosos. Ninguém não deseja e não espera mais uma reparação a esses males intoleráveis da Humanidade. Ninguém não está mais convencido de que esse reparador não pode ser senão divino! Se chamais isso esperar um messias, eu o espero como vós, e mais do que vós suspiro por seu próximo aparecimento; como vós, e mais do que vós vejo nas crenças abaladas do homem, no tumulto de suas idéias, no vazio de seu coração, na depravação de seu estado social, nos estremecimentos repetidos de suas instituições políticas, todos os sintomas de uma comoção, e por conseguinte de uma renovação próxima e iminente. Creio que Deus se mostra sempre no momento preciso onde tudo o que é humano é insuficiente, onde o homem confessa que nada pode por si mesmo. O seu mundo aí está. Creio, pois, num messias; não vejo Cristo que nada tem de mais a nos dar em sabedoria, em virtude e em verdade; vejo aquilo que o Cristo anunciou dever vir após ele: esse Espírito-Santo sempre atuante, sempre assistindo o homem, sempre lhe revelando, segundo os tempos e as necessidades, o que deve fazer e saber. Que esse Espírito divino se encarne num homem ou numa doutrina, num fato ou numa idéia, pouco importa, é sempre ele, homem ou doutrina, fato ou idéia. Creio nele, espero nele e o espero, e mais do que vós, milady, eu o invoco! Vede, pois, que podemos nos entender e que nossas estrelas não são tão divergentes do que esta conversação vo-lo pôde fazer pensar." (1^o vol. página 176.)

"A imaginação do homem é mais verdadeira do que se pensa; ela não edifica sempre com os sonhos, mas procede por assimilações instintivas de coisas e de imagens que lhe dão resultados mais seguros e mais evidentes do que a ciência e a lógica. Excetuados os vales do Líbano, as ruínas de Balbek, as margens do Bósforo em Constantinopla, e o primeiro aspecto de Damasco, do alto do Anti-Líbano, jamais encontrei um lugar, uma coisa cuja primeira visão não fosse para mim como uma lembrança!

"Vivemos duas vezes ou mil vezes? Nossa memória não é senão um gelo embaçado que o sopro de Deus reanima? ou bem temos na nossa imaginação o poder de pressentir e de ver, antes que vejamos realmente? Questões insolúveis!" (1^o vol., página 327.)

Nota. - Em nosso precedente artigo sobre os precursores do Espiritismo, dissemos que se encontram em muitos autores os elementos esparsos desta doutrina; os fragmentos acima são muito claros para que seja necessário fazê-los ressaltar a presença de espírito.

Do fato de que homens, como o Sr. Lamartine e outros, emitam, em seus escritos, idéias espíritas, segue-se que adotem francamente o Espiritismo? Não; para a maioria não estudaram, ou se o fizeram não ousam ligar seu nome conhecido a uma nova bandeira. Sua convicção, aliás, não é senão parcial, e a idéia, freqüentemente, não é para eles senão um relâmpago que parte de uma intuição vaga não formulada, não retida em seu espírito; podem, pois, recuar diante de um conjunto do qual certas partes podem ofuscá-los, assustá-los mesmo; para nós, isso não é menos o indício do pressentimento da idéia geral que germina parcialmente nos cérebros de elite, e isto basta para provar a certos adversários que essas idéias não são tão desprovidas de sentido quanto o pretendem, uma vez que são partilhadas pelos próprios homens cuja superioridade reconhecem. Reunindo e coordenando as idéias parciais de cada um, chegar-se-ia certamente a constituir a Doutrina Espírita completa segundo os homens mais eminentes e os mais acreditados.

Agradecemos ao nosso assinante de Joinville que teve a fineza de nos transmitir as duas passagens pre-citadas, e seremos sempre muito reconhecidos para com as pessoas que consentirem, como ele, nos fazer parte do fruto de suas leituras.

Nota. - Aproveitamos esta ocasião para agradecer à pessoa que nos dirigiu uma brochura intitulada: *Dissertação sobre o dilúvio*. Não estando esse envio acompanhado de nenhuma carta, não podemos agradecer diretamente. Um golpe de vista lançado sobre essa brochura nos convenceu de que o sistema original do autor está em contradição com os dados mais vulgares e os mais positivos da ciência geológica, que, o que quer que se diga deles, têm sempre seu valor. Seria, pois, fácil refutar sua teoria por observações ao menos tão rigorosas quanto as suas.

DESTINO DO HOMEM NOS DOIS MUNDOS.

Por Hippolyte Renaud, antigo aluno da Escola Politécnica (1-(1) 1 vol. In-18. Preço 2 fr., Ledoyen; Palais-Royal. Não confundir com Jean Reynaud.)

A *Presse* de 27 de julho de 1862 deu o relatório seguinte da obra acima indicada. Ela se liga de maneira muito direta à Doutrina Espírita para que nossos leitores não nos agradeçam por reproduzi-lo. Poderíamos nós mesmos fazer uma análise dessa obra, mas preferimos a de uma pessoa desinteressada na questão. Limitar-nos-emos a fazê-la seguir de algumas considerações:

O que de mais atraente para o espírito, disse o redator, e de mais refrescante para a alma do que encontrar, na hora presente, um homem de fé sincera, ingênua e profunda, um homem que crê e, no entanto, raciocina, e raciocina deliberadamente para procurar a verdade, à luz de sua consciência? Tal é o Sr. Renaud. Nela as matemáticas e a ciência não mataram o sentimento e perturbaram as fontes misteriosas que nos ligam ao infinito pela fé. O Sr. Renaud é um crente firme, convicto, um excelente cristão mesmo, se é aliás um mau católico, do que não se defende, ao contrário.

Sua razão esclarecida, não menos que seu coração afetuoso, lhe faz repelir para bem longe a idéia de um Deus vingador, ciumento e colérico, de um Deus que teria escolhido a cólera para ligar a criatura ao seu autor, de um Deus que pune o filho pela falta de seu pai, coisa única aos olhos da justiça humana.

O Deus do Sr. Renaud é um Deus de luz e de amor. A harmonia de sua obra infinita manifesta sua onipotência e sua bondade. O homem não é sua vítima, mas seu colaborador por uma parte mínima, mas ainda gloriosa e proporcional às suas forças. Então, por que o mal e como explicá-lo? O mal não vem de uma queda primitiva que teria mudado todas as condições da vida humana, tem por causa o não cumprimento da lei de Deus e a desobediência do homem fazendo mau uso de seu livre arbítrio. Teríamos achado mais claro que o Sr. Renaud nos dissesse muito simplesmente que o homem começou pelo instinto, e que não foi senão gradualmente que ele pôde desenvolver seus sentimentos superiores e sua inteligência. O homem espécie, como todos os seres vivos, não pode de repente compreender a plenitude de seu ser. Percorreu evoluções sucessivas e normais. Sua infância social é caracterizada pela dominação dos instintos; daí sua ignorância, sua miséria e sua brutalidade. À medida que se eleva na vida, se liberta pouco a pouco do lodo das primeiras idades. A inteligência cresce, os sentimentos tomam força, começa a se humanizar. Quanto mais o homem compreende, mais ele se liga à lei, mais se torna religioso, e concorre por sua parte para a harmonia geral. O sofrimento é uma advertência, um estimulante para se livrar do mal, para se retirar da sombra e caminhar para a luz. Quanto mais ele avança, mais tem horror do mundo do instinto, da luta, da violência e da guerra; quanto mais vê e compreende, melhor aspira ao mundo de paz e de ordem, ao

império da razão, ao reino dos sentimentos elevados, que são a dignidade e o sinal sagrado de sua espécie.

Resulta daí que, graças à ciência, à indústria, ao progresso incessante da sociabilidade, o gênero humano tende a se constituir como o rei, ou, preferindo-se um termo menos ambicioso, como o gerente de seu globo. Mas depois, e admitindo por um momento esta hipótese que, diga-se a verdade, parece se tornar mais certa cada dia, mas depois, restará sempre a satisfazer a esse desejo insatisfeito do homem, que não pode se deter e se limitar ao presente, por magnífico que possa ser?

Que me importa, depois de tudo, vossa alegria material e terrestre, se me deixa a alma vazia e alterada? A pessoa se sente apoderar de um soberano tédio e de um grande desgosto em presença de uma tal felicidade que dura tão pouco.

Isto é verdade, responde o Sr. Renaud, e é aqui que triunfa. Iluminado pela ciência, sua fé robusta nos destinos eternos do homem lhe mostra todo um futuro infinito de atividade consciente e de alegrias paradisíacas.

Ao primeiro despertar de seu pensamento, às primeiras comoções de sua alma, o homem levanta seu olhar para o céu, interroga suas profundezas infinitas e procura qual pode ser seu laço com o universo que entrevê. Esta existência terrestre, tão curta e freqüentemente tão triste, não lhe basta. Sente que participa do infinito, e, a qualquer preço, quer nele encontrar o lugar. O homem tem horror ao nada, como a natureza o tem ao vazio. Antes que ficar sem ideal, ele se lançará desvairado nas crenças mais estranhas. Daí tantas concepções paradisíacas mais ou menos loucas, mas que atestam essa necessidade absoluta e fundamental de se sentir ligado ao infinito, seguro da imortalidade.

Conhece-se o paraíso dos budistas, os campos Elíseos dos Gregos, o paraíso dos selvagens, com suas florestas e suas planícies abundantes de caça, o paraíso de Maomé, com suas delícias materiais e suas mulheres sem mancha. O paraíso católico, que coloca a Humanidade num estado de beatitude contemplativa infinita, é uma concepção em relação com as épocas cruéis, onde o trabalho era pena e castigo, onde o sofrimento geral é tal que a resignação neste mundo e o repouso no outro puderam parecer a soberana sabedoria e o ideal mais elevado. Mas, evidentemente, essa hipótese é inteiramente contraditória com as noções mais simples e as mais claras da existência. Viver é ser; ser é agir com todas as forças de suas faculdades e de sua energia vital. Viver é aspirar e se transformar sem cessar.

A metempsicose de Pitágoras, em tudo respeitando a idéia da atividade, é incompleta nesse sentido de que ela limita a transformação a passagens em organismos vivendo na superfície da Terra, e que não leva em conta a lei do progresso ascendente, que governa todas as coisas.

Segundo o Sr. Renaud, não há senão uma maneira racional de encarar essa questão da imortalidade. O autor repele de início essa concepção de que, em continuação a uma estada no mundo visível, lugar de prova, colocaria o homem no mundo invisível, o Paraíso, no estado de beato contemplativo e mais que desinteressado de seus semelhantes e de sua obra terrestre. Que eleitos e que viventes são esses seres despojados de todo o desejo e de toda aspiração, de toda atividade fecunda, de todo interesse pelo seu passado e seu semelhante, para o universo infinito onde trabalharam, sentiam e pensaram!...

O Sr. Renaud repele igualmente esta hipótese de uma seqüência indefinida de existências, seja sobre a Terra, seja em outros globos. Esse gênero de imortalidade possui já uma grande vantagem sobre a primeira concepção, uma vez que abre à atividade humana um campo indefinido. Os Srs. Jean Reynaud, Pierre Leroux, Henri Martin, Lamennais, se juntam mais ou menos a essa idéia. Mas há um ponto capital que a arruina pela base, é a ausência da memória. Que me importa uma imortalidade da qual não tenha consciência e que só Deus conhece? Para que minha imortalidade seja real, é preciso que, numa vida diferente da minha atual, eu tenha a lembrança de minhas existências anteriores,

tenha a consciência da continuidade e da identidade de meu ser. Só com essa condição, sou verdadeiramente imortal, participando do infinito e consciente de minha função no Universo. Não conhecemos nosso ser senão por suas manifestações; sua essência virtual nos escapa. Em que repugnaria, pois, à nossa razão admitir que nosso ser, de que constatamos neste mundo a persistência em suas modificações incessantes, persistisse eternamente? Somente muda de forma e de órgãos segundo o meio que atravessa em suas encarnações sucessivas.

É assim que o Sr. Renaud chega a expor sua concepção, que satisfaz a esta condição essencial, conservar a memória, e, além disso, está conforme à justiça e a onipotente bondade de Deus.

No Universo não há vazio, não mais do que não há o nada. Ora, se o mundo visível está por toda a parte, o mundo invisível não está em parte alguma, disse justamente o Sr. Renaud, a menos que não esteja por toda a parte também.

Sobre esta Terra, o homem tem dois estados bem distintos. Durante a *vigília*, lembra-se geralmente de todos os seus atos e tem a consciência de si mesmo; durante o sono, perde a memória e a consciência. Por que o homem não teria consequentemente dois modos de existências distintos, sempre ligados entre si, sempre unidos à vida da espécie e do planeta? Primeiro, a existência que conhecemos neste mundo, depois uma outra existência de uma ordem mais elevada, onde o indivíduo se organiza e se encarna no meio dos fluidos imponderáveis, participa de um modo mais amplo da vida de nosso turbilhão, conserva, então, a memória de suas existências anteriores e possui plena consciência de seu papel e de sua função no Universo? A existência mundana ou visível está em relação com o sono, a existência transmudana ou etérea está em analogia com a vigília?

Nesta hipótese, a solidariedade do gênero humano, em suas gerações presentes e futuras, nos aparece completa e inteira, cada um de nós viveu, vive e viverá as diferentes épocas da vida da espécie sobre esta Terra, e em seu duplo modo visível e invisível. Cada um de nós nela nasce e dela sai, segundo a lei de número, pesos e medidas que presidem à harmonia dos mundos. Nossas diversas alternativas são contadas como os dias e as estações. Cada um de nós renasce sobre a Terra, toma seu lugar na espécie e sua função no trabalho geral, de conformidade com o seu valor e segundo a lei da ordem universal. Talvez cada um de nós passe por diversos estados e funções que nos apresenta o conjunto da espécie. Certamente a justiça mais absoluta preside a essas transformações, como a ordem mais harmoniosa manifesta-se na eterna criação, nas combinações variadas que caracterizam todo organismo e todo ser vivo. Renascemos para a vida etérea, e dela saímos sob essas mesmas condições de ordem e de harmonia.

Tal é a concepção do Sr. Renaud, que não posso expor aqui com todo o desenvolvimento conveniente. É preciso recorrer ao seu livro, claro, simples, rápido, onde uma fé profunda, unida a uma razão não menos alta quanto imparcial, prende constantemente o leitor sob o encanto de uma teoria tão consoladora quanto é religiosa e grandiosa. A livre espontaneidade do homem, sua solidariedade íntima e incessante com seus semelhantes, com seu globo, com seu turbilhão, com o Universo, sua atividade cada vez mais progressiva, eficaz, irradiante, em harmonia com as leis divinas, uma carreira infinita para sua eterna aspiração, a onipotência e a bondade de Deus justificadas, explicadas e glorificadas, o amor por laço entre Deus e o homem, eis o que ressalta desse pequeno livro, o mais completo de todos os que foram escritos sob a inspiração desta grande palavra: "Os desejos do homem são as promessas de Deus."

E. de POMPÉRY.

Este artigo deu lugar às duas cartas seguintes, igualmente publicadas na *Presse* de 31 de julho e 5 de agosto de 1862.

"Paris, 29 de julho de 1862.

Ao redator. "Senhor,

"Acabo de ler na *Presse* de ontem de tarde, a passagem seguinte (artigo do Sr. de Pompéry, sobre a obra do Sr. Renaud):

"O Sr. Renaud repele a hipótese de uma seqüência indefinida de existências, seja sobre a Terra, seja em outros globos... Hipótese à qual se liga mais ou menos o Srs. Jean Reynaud, Pierre Leroux, Henri Martin. Lamennais... é um ponto capital que a arruina pela base, é a ausência da memória. Que me importa uma imortalidade da qual não tenha consciência e que só Deus conhece? Para que minha imortalidade seja real, é preciso que, numa vida diferente da minha vida atual, eu tenha a lembrança de minhas existências anteriores, tenha consciência da continuidade e da identidade de meu ser."

O Sr. de Pompéry tem razão, na minha opinião: uma metempsicose indefinida e sem memória não é a imortalidade. Mas, se tem razão quanto às idéias, está errado quanto às pessoas. Dos quatro escritores que ele cita, um só professou a doutrina que combatia, é o Sr. Pierre Leroux, em seu livro da *Humanidade*. Por minha conta, uma vez que me é preciso aqui comparecer, embora sem título para figurar junto dos três célebres filósofos, devo dizer que não tenho outra opinião senão aquela que acaba de expressar acima o Sr. de Pompéry.

"Quanto ao Sr. Jean Reynaud, fez ele dessa opinião o coroamento, de alguma sorte de seu livro *Terra e Céu*, onde apresenta a ausência de memória como a condição das existências inferiores, e a memória reencontrada e conservada para sempre como um atributo essencial da vida do mais alto.

"Não creio, não mais que o Sr. Lamennais, numa época qualquer de sua carreira, haja de nenhum modo parecido se inclinar à idéia da transmigração inconsciente e indefinida; ela era muito contrária a todas essas tendências.

"Ser-vos-ia reconhecido, senhor redator chefe, em consentir acolher esta reclamação, e vos peço aceitar meus sentimentos mais distintos.

"HENRI MARTIN."

Ao redator.

"Senhor,

"Dando conta do livro do Sr. Renaud, eu disse, segundo o autor, que os Srs. Henri Martin, Jean Reynaud, Pierre Leroux e Lamennais não podiam, segundo os sistemas adotados por eles, conservar ao homem a memória em suas encarnações ulteriores. Isto não implica que não estivesse, no pensamento desses filósofos, conservar ao homem, em suas existências indefinidas, a identidade e a perpetuidade de seu ser por meio da memória.

"A reclamação do Sr. Henri Martin seria, pois, muito justa, do ponto de vista de sua intenção, eu o constato com prazer. Resta saber agora se o Sr. Renaud, discutindo os sistemas desses ilustres contraditores, não tem razão de concluir pela sua impossibilidade. Aí está toda a questão, na qual não posso entrar neste lugar. É preciso ver o debate no livro do Sr. Renaud, que testemunha, aliás, a mais alta simpatia por esses homens eminentes.

"Aceitai, etc.

"E. de POMPÉRY."

Eis, pois, um debate seriamente iniciado num jornal, sem tolos e chatos gracejos, sobre a questão da pluralidade das existências, uma das bases fundamentais da Doutrina Espírita, por homens cujo valor intelectual não poderia ser contestado, o que prova que ela não é tão ridícula quanto agrada a alguns dizerem. Querendo-se muito aprofundar essas ideias emitidas no artigo do Sr. de Pompéry, encontrar-se-ão todas as da Doutrina

Espírita sobre esse ponto; não lhe falta, para completá-las, senão as relações do mundo visível e do mundo invisível, as quais não questiona. Só pela força do raciocínio e da intuição, esse senhores, aos quais se poderiam juntar muitos outros, tais como Charles Fournier e Louis Jourdan, chegaram ao ponto culminante do Espiritismo sem terem passado pela feira intermediária. A única diferença entre eles e nós, é que encontraram a coisa por si mesmos, ao passo que a nós foi revelada pelos Espíritos, e, aos olhos de certas pessoas, aí está o seu maior erro.

AÇÃO MATERIAL DOS ESPÍRITOS SOBRE O ORGANISMO.

O fato seguinte nos foi transmitido pelo Sr. A. Superchi, de Parma, membro honorário da Sociedade Espírita de Paris.

"Em nossa sessão de 23 de abril último, fiz o médium colocar a mão sobre o papel sem evocar nenhum Espírito. Logo que sua mão começou a se mover, sentiu uma força desconhecida que o constrangia a ter o indicador levantado e esticado, em uma posição inteiramente anormal; o dedo estava singularmente frio. Não podendo me dar razão de uma semelhante estranheza, disso pedi explicação ao Espírito. Respondeu ele: "Esquecidos que sois, não vos lembrais daquele que, quando vivo, escrevia de tal modo? Eu estiquei esse dedo para vos dar uma prova de nossa autenticidade e de nosso poder." Era o Espírito de um irmão do médium, morto há mais de vinte anos em Florença. Tinha se ferido no dedo quebrando uma garrafa, enquanto derramava o seu conteúdo, de tal sorte que o dedo ficou atacado de ancilose. Junta-se um desenho representando a posição da mão do médium.

"Um outro médium, contrariado por uma mistificação merecida, se esforçava por provar que os fenômenos provinham de nosso próprio espírito concentrado não sei de que modo. Tudo disso falando, um dia, tomou maquinalmente um lápis para desenhar algumas linhas, brincando; mas sua mão ficou imóvel, apesar de todos os seus esforços para dela se servir. Afinal se pôs em movimento e escreveu estas palavras: "Quando eu não quiser, jamais poderás escrever." Surpreso, mas ao mesmo tempo ferido em seu amor-próprio, retomou o lápis, dizendo que não queria mais escrever, e que assim veria bem se esse suposto Espírito teria a força de fazê-lo ir. Apesar de sua resolução, sua mão se abalou rapidamente e escreveu: "Quando eu quiser, não poderás mais escrever."

Nos dois fatos acima, a ação do Espírito sobre os órgãos, como se vê, é inteiramente independente da vontade; concebe-se desde então que pode se exercer espontaneamente, abstração feita de toda noção do Espiritismo; é, com efeito, o que provam muitas observações; aqui ocorreu sobre um dedo, noutra parte isso será sobre um outro órgão, e poderá se traduzir por outros efeitos. Essa ação, temporária nessa circunstância, poderia adquirir uma certa duração e apresentar uma aparência patológica, que não existiria em realidade, e contra a qual a terapêutica comum seria impotente.

Esse fenômeno, considerado do ponto de vista das manifestações espíritas, oferece uma prova notável de identidade. O Espírito, enquanto Espírito, incontestavelmente, não tem o dedo ancilosado, mas a um médium vidente se apresentaria com essa enfermidade para se fazer reconhecer; àquele que não fosse vidente, comunicaria momentaneamente a sua enfermidade; aí está ainda uma prova evidente de que o Espírito se identifica com o médium e se serve do corpo deste como se serviria do seu próprio. Que essa ação seja produzida por um Espírito malévolos, que ela adquira uma certa duração, que tome as formas mais caracterizadas e mais excêntricas, e ter-se-ia a explicação da maioria dos casos de subjugação corporal, que se toma peia loucura.

O fato seguinte, de uma natureza análoga, nos foi narrado por um membro da Sociedade de Paris, que foi dele testemunha numa cidade da província.

"Vi, disse ele, um médium muito singular; é uma senhora jovem ainda que pede ao seu Espírito familiar para paralisar-lhe a língua, por exemplo, e logo não pode mais falar senão à maneira de um mudo que se esforça por se fazer compreender. A seu pedido, faz aderir suas mãos uma contra a outra, de tal modo que se torna impossível desjuntá-las; ele a prega sobre sua cadeira até que peça ao Espírito para restituir-lhe a liberdade. Pedi ao Espírito para adormecê-la instantaneamente, o que fez: o médium dormiu pela primeira vez, quase em seguida, sem o concurso de ninguém. Foi nesse estado que acreditei reconhecer a natureza desse Espírito, que me pareceu obsessivo, porque quando essa senhora sofria, ou pelo menos estava muito agitada durante o sono, se eu quisesse fazer-lhe alguns passes magnéticos para acalmá-la, o Espírito a fazia repelir-me muito duramente. Aconselhei a essa senhora para não repetir com freqüência essas experiências."

Quanto a nós, lhe aconselhamos se abster totalmente disso, porque poderiam lhe pregar uma peça má. É evidente que um bom Espírito não pode se prestar a semelhantes coisas; disso se fazer um jogo é se colocar voluntariamente sob uma funesta dependência, *moralmente e fisicamente*, e Deus sabe onde isso se deteria; poderia disso resultar para ela alguma terrível subjugação corporal da qual lhe seria muito difícil depois, senão impossível, se desembaraçar. Já é bastante que esses acidentes ocorram espontaneamente, sem dar-lhes lugar provocando-os por prazer, e para satisfazer a uma vã curiosidade. Tais experiências são de nenhuma utilidade para o adiantamento moral, e podem ter os mais graves inconvenientes; depois seriam ligados ao Espiritismo, ao passo que não seria preciso acusar senão a imprevidência ou o orgulho daqueles que se crêem capazes de conduzir à sua vontade os maus Espíritos; não é jamais impunemente que se faz por muito desafiá-los. Não afirmamos que o Espírito em questão seja essencialmente mau, mas o que é certo, é que não pode ser elevado, nem mesmo essencialmente, e que é sempre perigoso se submeter a uma semelhante subordinação, da qual o menor inconveniente seria a neutralização do livre arbítrio. Dando acesso aos Espíritos dessa espécie, penetra-se em seus fluidos, necessariamente refratários às influências de bons Espíritos, que se afastam, se não se esforçam por atraí-los para si, procurando no Espiritismo os meios de se melhorar. *O perispírito, uma vez penetrado por um fluido malfazejo, é como uma veste impregnada de um odor acre, que os deliciosos perfumes não podem fazer desaparecer.*

AINDA UMA PALAVRA SOBRE OS ESPECTROS ARTIFICIAIS E AO SR. OSCAR COMETTANT.

A revista hebdomanária do Siècle de 12 de julho de 1863, contém o parágrafo seguinte:

"Fora dessas questões importantes, há as de uma outra ordem que não é preciso, não mais, negligenciar, entre outras a questão tão viva dos espectros. Vistes os espectros? Depois de oito dias o espectro é o único assunto que alegra a conversação. Também cada teatro tem seus espectros, espectros de honestos velhacos que roubaram, pilharam, assassinaram, e que retornam, sombras impalpáveis, passeando na hora de meia noite no quinto ato de um drama fortemente construído. Esse segredo do espectro ou, para falar a linguagem dos bastidores, esse *truque*, pago, diz-se, tão caro a um Inglês, é de uma simplicidade de tal modo elementar, que todos os teatros tiveram seus espectros no mesmo dia, este exagerando sobre aquele; depois do teatro o espectro passou para o salão, onde faz as belas noites dos senhores e madames, tomados como de uma tarântula dessa amável espectromania. Eis um divertimento que chega a propósito para explicar muitos prodígios, e quero sobretudo falar dos prodígios do Espiritismo. Tem-se falado muito desses Espíritos que evocam os mortos e os mostram a uma pequena comissão de crentes ter-rificados; pode-se, com a ajuda de um simples truque, fazer o mesmo trabalho

sem passar por um grande feiticeiro. Essa evocação geral dos espectros dá um golpe funesto ao maravilhoso, hoje que está provado que não é mais difícil fazer aparecer os fantasmas do que as pessoas em carne e osso. O célebre Sr. Home, ele mesmo, já deveu baixar de sessenta e cinco por cento na estima de seus numerosos admiradores.

"O ideal cai em pó ao tocar o real. O real é o truque.

"EDMOND TEXIER."

Tínhamos razão para dizer que, a propósito desse novo procedimento fantasmagórico, os jornais não deixariam de falar do Espiritismo; já o *Indépendance belge* também se esfregou as mãos exclamando: Como os Espíritas vão sair dessa? Diremos simplesmente a esses senhores de se informarem como se porta o Espiritismo. O que ressalta mais claramente desses artigos é, como sempre, a prova da ignorância mais absoluta do assunto que atacam. Com efeito, é preciso não saber dele a primeira palavra, para crer que os Espíritas se reúnem para fazer aparecer fantasmas; ora, o que é o mais singular é que não os vimos jamais, mesmo os dos teatros, embora, no dizer desses senhores, estejamos grandemente interessados na questão.

O Sr. Robin, o prestidigitador citado em nosso artigo precedente, do mês de julho, vai mais longe: não é apenas o *Espiritismo* que ele pretende demolir, é a própria Bíblia; na sua alocação cotidiana aos seus espectadores, afirma que a aparição de Samuel a Saul ocorreu pelo mesmo procedimento que o seu. Não pensávamos que a ciência da ótica estivesse tão avançada nessa época, entre os Hebreus, que não passavam por muito sábios. Nessa conta, sem dúvida, foi por meio de algum *truque* que Jesus apareceu aos seus discípulos.

Os falsos espectros não produzindo o resultado esperado, sem dúvida, logo veremos surgir algum novo estratagema. Terão seu tempo, como tudo o que não tem por resultado senão satisfazer a curiosidade; esse tempo será talvez mais curto do que não se crê, porque se deixa depressa e que não deixa nada no espírito. Os teatros, pois, bem disso se aproveitem enquanto têm o privilégio de atrair a multidão pelo atrativo da novidade. Sua aparição terá sempre tido a vantagem de fazer falar do Espiritismo e difundir-lhe a idéia; era um meio, como um outro, de excitar muitas pessoas a se inquirirem da verdade.

Que diremos do folhetim do Sr. Oscar Comettant sobre o livro do Sr. Home, publicado no *Siècle*, do dia 15 de julho de 1863? Nada, senão que é a melhor das propagandas para fazer vender a obra, e do qual o Espiritismo aproveitará. É útil que, de tempos em tempos, haja dessas chicotadas para despertar a atenção dos indiferentes. Se o artigo não é espírita, nem espiritualista, pelo menos é espirituoso? Deixamos aos outros o cuidado de se pronunciarem.

Há, no entanto, alguma coisa de boa nesse artigo, é que o autor, a exemplo de vários de seus confrades, cai com a maior violência sobre aqueles que fazem um ofício da faculdade mediúnica; censura, com uma justa severidade, os abusos que disso resulta, e por aí contribui para desacreditá-los, isso do que o Espiritismo sério não poderia se lamentar, uma vez que ele mesmo repudia toda exploração desse gênero, como indigna do caráter exclusivamente moral do Espiritismo, e como um atentado ao respeito que se deve aos mortos. O Sr. Comettant tem o erro de generalizar o que seria, no máximo, uma exceção muito rara, e sobretudo de assemelhar os médiuns aos escamoteadores, aos ledores de cartas, aos ledores de sorte, aos saltimbancos, porque viu os saltimbancos tomarem o nome de médiuns, como se vêem os charlatães se dizerem médicos. Parece ignorar que há médiuns entre os membros das famílias da classe mais elevada, que os há mesmo entre certos escritores renomados, tidos em grande estima por ele e seus amigos; que é notório que a senhora Émile de Girardin era uma excelente médium; estaríamos curiosos em saber se ele ousaria dizer-lhes em face que são fazedores de ingênuos.

Se aqueles que assim falam se dessem ao trabalho de estudar antes de falar, saberiam que o exercício da mediunidade exige um profundo recolhimento, incompatível com a

leviandade de caráter e a multidão dos curiosos, e que não se deve esperar nada de sério nas reuniões públicas. Ó Espiritismo desaprova toda experiência de pura curiosidade, feitas com o objetivo de um passatempo, porque não se deve se divertir com essas coisas. Os Espíritos, quer dizer, as almas daqueles que deixaram a Terra, de nossos parentes e de nossos amigos, o que não tem nada de agradável, vêm nos instruir, nos moralizar, e não para alegrar os ociosos; não vêm nem predizer o futuro, nem descobrir os segredos e os tesouros escondidos; vêm nos ensinar que há uma outra vida, e como é preciso se conduzir para nela ser feliz, o que é pouco recreativo para certas pessoas. Se não se crê na alma e na sobrevivência daqueles que nos foram caros, é sempre deslocado tornar essa crença em zombaria, não fosse senão por respeito à sua memória. O Espiritismo nos ensina ainda que os Espíritos não estão às ordens de ninguém; que vêm quando querem e com quem querem; que quem que pretendesse tê-los à sua disposição e governá-los à vontade, pode, com razão passar por um ignorante ou um charlatão; que é ilógico, assim como irreverente, admitir que os Espíritos sérios estejam ao capricho do primeiro que chegue, que pretenda evocá-los, a toda hora e a tanto por sessão, para fazê-los desempenhar um papel de comparsa; que há mesmo um sentimento instintivo de repugnância ligado a idéia de que a alma do ser que se chora venha ao preço de dinheiro. Por outro lado, é princípio consagrado pela experiência que os Espíritos não se comunicam, nem facilmente nem voluntariamente, por certos médiuns, que entre estes últimos há os completamente repulsivos a certos Espíritos, o que se compreende facilmente quando se conhece a maneira pela qual se opera a comunicação, pela assimilação dos fluidos. Pode, pois, haver entre o Espírito e o médium atração ou repulsão, segundo o grau de afinidade simpática. A simpatia é fundada sobre as semelhanças morais e a afeição; ora, que simpatia pode o Espírito ter por um médium que não o chama senão por dinheiro? Dir-se-á, talvez, que o Espírito vem pela pessoa que o chama e não pelo médium, que não é senão um instrumento. De acordo, mas não é preciso menos nestes as condições fluídicas necessárias, essencialmente modificadas pelos sentimentos morais e pelas relações pessoais de Espírito a médium; é por isso que não há um médium que possa se gabar de se comunicar indistintamente com todos os Espíritos, dificuldade capital para aquele que quisesse explorá-los. Eis o que ensinamos ao Sr. Comettant, uma vez que não o sabe, e o que destrói as assimilações que pretende estabelecer. A mediunidade real é uma faculdade preciosa, que adquire tanto mais valor quando seja empregada para o bem, e que é exercida religiosamente e com um completo desinteresse moral e material. Quanto à mediunidade *simulada, ou abusiva no que quer que seja*, nós a entregamos a todas as severidades da crítica, e é ignorar os princípios mais elementares do Espiritismo que disso se constitui o defensor, e que a repressão legal de um abuso, se ela ocorresse, fosse um revés; nenhuma repressão poderá atingir os médiuns que não farão profissão de sua faculdade e não se afastam do caminho moral que lhes é traçado pela Doutrina. As armas que os abusos fornecem aos detratores, sempre ardentes para agarrar as ocasiões de censura, a inventá-las mesmo quando não existam, fazem ressaltar melhor ainda, aos olhos dos Espíritos sinceros, a necessidade de mostrar que não há nenhuma solidariedade entre a verdadeira doutrina e, aqueles que a parodiam.

PERGUNTAS E PROBLEMAS.

Mistificações.

Uma carta de Locarno contém a seguinte passagem:

"... Para mim a dúvida seria impossível, uma vez que tenho uma filha, muito bom médium, e que meu próprio filho escreve; mas, ai! teve tão cruéis mistificações, que seu desencorajamento me ganhou um pouco, sem, no entanto, abalar nossa crença tão pura e tão consoladora, apesar dos desgostos que se sente quando se vê enganado por respostas falazes. Por que, pois, Deus permite que aqueles que têm boas intenções sejam assim enganados por aqueles que deveriam esclarecê-los?..."

Resposta. - O mundo corpóreo se derrama pelo mundo espírita pela morte, e o mundo espírita se derrama no mundo corpóreo pela encarnação, e disso resulta que a população normal do espaço que cerca a Terra se compõe de Espíritos provindos da Humanidade terrestre; essa Humanidade, sendo uma das mais imperfeitas, não pode dar senão produtos imperfeitos; é a razão pela qual os maus Espíritos pululam ao seu redor. Pela mesma razão, nos mundos mais avançados, naqueles onde o bem reina sem partilha, não há senão bons Espíritos. Estando isto admitido, compreender-se-á que a ingêrência tão freqüente dos maus Espíritos nas relações medianímicas é inerente à inferioridade de nosso globo; aqui corre-se o risco de ser vítima dos Espíritos enganadores, como num país de ladrões corre-se o risco de ser roubado. Não se poderia também perguntar por que Deus permite que as pessoas honestas sejam despojados pelos gatunos, vítimas da malevolência, alvo de todas as espécies de misérias? Perguntai antes por que estais sobre essa Terra, e vos será respondido que é porque não merecestes uma morada melhor, salvo os Espíritos que aqui estão em missão; é preciso, pois, sofrer-lhes as consequências e fazer seus esforços para dela sair o mais cedo possível. À espera disso, é preciso se esforçar por se preservar dos ataques dos maus Espíritos, o que não se chega senão fechando-lhes todas as saídas que poderiam lhes dar acesso em nossa alma, impondo-se-lhes pela superioridade moral, a coragem, a perseverança e uma fé inabalável na proteção de Deus e dos bons Espíritos, no futuro que é tudo, ao passo que o presente não é nada. Mas como ninguém é perfeito sobre a Terra, ninguém pode se gabar, sem orgulho, de estar ao abrigo de suas malícias de maneira absoluta. A pureza das intenções é muito, sem dúvida; é o caminho que conduz à perfeição, mas não é a perfeição, e pode aí ter ainda, no fundo da alma, algum velho fermento; é porque não há um único médium que não haja sido mais ou menos enganado.

A simples razão nos diz que os bons Espíritos não podem fazer senão o bem, de outro modo não seriam bons, e que o mal não pode vir senão dos Espíritos imperfeitos; portanto, as mistificações não podem ser senão o fato de Espíritos levianos ou mentirosos que abusam da credulidade, e freqüentemente exploram o orgulho, a vaidade ou outras paixões. Essas mistificações têm por objetivo pôr à prova a perseverança, a firmeza na fé, e de exercer o julgamento. Se os bons Espíritos as permitem, em certas ocasiões, isso não é por impossibilidade de sua parte, mas para nos deixar o mérito da luta: sendo a mais proveitosa a experiência que se adquire às próprias custas; se a coragem dobra, é uma prova da fraqueza que nos deixa à mercê dos maus Espíritos. Os bons Espíritos vejam sobre nós, nos assistem e nos ajudam, mas com a condição de que nos ajudaremos a nós mesmos. O homem está sobre a Terra para a luta, e lhe é preciso vencer para dela sair, senão ele aqui fica.

Infinito e indefinido.

Escrevem-nos de São Petersburgo, a primeiro de julho de 1863:

"... Em *O Livro dos Espíritos*, livro I, capítulo 1º, nº 2, anotei esta proposição: *Tudo o que é desconhecido é infinito*. Parece-me que muitas coisas nos são desconhecidas sem por isso serem *infinitas*. Encontrando-se essa palavra em todas as edições, pedi sua explicação ao meu guia, que me respondeu: "A palavra *infinito* é aqui um erro; é preciso *indefinido*." Que pensar disso?..."

Resposta. Essas duas palavras, embora sinônimas pelo sentido geral, têm cada uma acepção especial. A Academia as definiu assim:

Indefinido, cujo fim, os limites não podem ser determinados. *Tempo indefinido*. *Número indefinido*. *Linha indefinida*. *Espaço indefinido*.

Infinito, que não tem começo nem fim, que é sem marco e sem limites. *O espaço é infinito*. *Deus é infinito*. *A misericórdia de Deus é infinita*. Diz-se, por extensão, daquilo em que não se podem assinalar os marcos, o termo, e, por exagero, tanto no sentido físico quanto no sentido moral, de tudo o que é muito considerável em seu gênero. Diz-se particularmente por inumerável. *Uma duração Infinita*. *A beatitude infinita dos eleitos*. *Dos astros colocados a uma distância infinita*. *Eu vos sei de uma vontade infinita*. *Uma infinita variedade de objetos*. *As penas infinitas*. *Há um número infinito de autores que escreveram sobre este assunto*.

Resulta daí que a palavra *indefinido* tem o sentido mais particular, e a palavra *infinito* um sentido mais geral; que o primeiro se diz antes em relação às coisas materiais e o segundo das coisas abstratas: é mais vago do que o outro. O sentido mais geral da palavra *infinito* permite aplicá-la em certos casos ao que não é senão *indefinido*, ao passo que o inverso não poderia ocorrer. Diz-se igualmente: uma duração infinita e uma duração indefinida; não se poderia dizer: Deus é indefinido, sua misericórdia é indefinida.

Sob esse ponto de vista, o emprego da palavra *infinito* na frase pre-citada não é, pois, abusivo, e não é um erro. Dizemos, além disso, que a palavra *indefinido* não daria a mesma idéia. Do momento que uma coisa é desconhecida, ela tem para o pensamento o vago do infinito, senão absoluto, pelo menos relativo. Por exemplo, não sabeis o que vos acontecerá amanhã: vosso pensamento erra no infinito; são os acontecimentos que são indefinidos; não sabeis o quanto há de estrelas: é um número indefinido, mas é também o infinito para a imaginação. No caso do qual se trata, convém, pois, empregar a palavra que generalize o pensamento, de preferência à que lhe daria um sentido restrito.

CONVERSAS FAMILIARES DE ALÉM-TÚMULO.

Sr. Cardon, médico, morto em setembro de 1862.

(Sociedade de Paris. - Médiun, Sr. Leymarie.)

O Sr. Cardon tinha passado uma parte de sua vida na marinha mercante, na qualidade de médico de baleeiro, e havia adquirido hábitos e idéias um pouco materiais; retirado na aldeia de J..., exercia a modesta profissão de médico do campo. Há algum tempo tinha adquirido a certeza de que estava atingido de uma hipertrofia do coração, e, sabendo que essa doença é incurável, o pensamento da morte o mergulhou numa sombria melancolia, da qual nada podia distraí-lo. Em torno de dois meses antes, predisse seu fim em dia fixado; quando se viu perto de morrer, reuniu sua família ao seu redor para lhe dizer um último adeus. Sua mulher, sua mãe, seus três filhos e outros parentes estavam reunidos ao redor de seu leito; no momento em que sua mulher tentava levantá-lo, se prostrou, tornou-se de um azul lívido, seus olhos se fecharam, e se o acreditou morto; sua mulher se colocou diante dele para esconder esse espetáculo aos seus filhos. Depois de alguns minutos, ele reabriu os olhos; seu rosto, por assim dizer, iluminado, tomou uma expressão de radiosa beatitude, e exclamou:

"Oh! meus filhos, quanto é belo! quanto é sublime! Oh! a morte! que benefício! que coisa doce! Estava morto, e senti minha alma se elevar bem alto, bem alto; mas Deus me permitiu retornar para vos dizer: "Não mais temais a morte, é a libertação..." Que não posso vos pintar a magnificência do que vi e as impressões das quais me senti penetrado! Mas não poderíeis compreendê-lo... Oh! meus filhos, conduzi-vos sempre de maneira a merecer essa inefável felicidade, reservada aos homens de bem; vivei segundo a carida-

de; se tendes alguma coisa, dai uma parte dela àqueles a quem falta o necessário... Minha cara mulher, deixo-te numa posição que não é feliz; nos devem dinheiro, mas disso te peço, não atormentes aqueles que nos devem; estão torturados, espera que possam se quitar, e aqueles que não o puderem, faze disso o sacrifício: Deus te recompensará por isso. Tu, meu filho, trabalha para sustentar tua mãe; sé sempre homem honesto e guarda-te de nada fazer que possa desonrar nossa família. Toma esta cruz que vem de minha mãe; não a deixes, e que ela te lembre sempre meus últimos conselhos... Meus filhos, ajudai-vos e sustentai-vos mutuamente; que a boa harmonia reine entre vós; não sede nem vãos, nem orgulhosos; perdoai aos vossos inimigos se quereis que Deus vos perdoe..." Depois, tendo feito seus filhos se aproximarem, estendeu suas mãos para eles, e acrescentou: "meus filhos, eu vos abençôo." E seus olhos esta vez se fecharam para sempre; mas seu rosto conservou uma expressão tão imponente que, até o momento em que foi enterrado, uma multidão numerosa veio contemplá-lo com admiração.

Tendo esses interessantes detalhes sido transmitidos por um amigo da família, pensamos que essa evocação poderia ser instrutiva para todos, ao mesmo tempo que seria útil ao Espírito.

1. **EVOCAÇÃO.** - *Resp.* Estou junto a vós.

2. Narraram-nos os vossos últimos instantes que nos arrebataram de admiração. Quereríeis ser bastante bom para nos descrever, melhor do que não haveis feito, o que vistes no intervalo daquilo que se poderia chamar vossas duas mortes?

Resp. O que vi, poderíeis compreendê-lo? Não o sei, porque não poderia encontrar expressões capazes de tornar compreensível o que pude ver durante os poucos instantes em que me foi possível deixar meu despojo mortal.

3. Dai-vos conta de onde estivestes? É longe da Terra, num outro planeta ou no espaço? - *R.* O Espírito não conhece o valor das distâncias, como as considerais. Levado não sei por qual agente maravilhoso, vi o esplendor no céu como só nos sonhos poder-se-ia realizá-lo. Essa corrida através do infinito foi feita tão rapidamente que não posso precisar os instantes empregados pelo meu Espírito.

4. Atualmente gozais da felicidade que entrevistastes? - *R.* Não; bem que gostaria dela poder gozar, mas Deus não pode me recompensar assim. Muito freqüentemente, senti-me revoltado contra os pensamentos abençoados que meu coração ditava, e a morte me parecia uma injustiça. Médico incrédulo, tinha haurido na arte de curar uma aversão contra a segunda natureza que é o nosso movimento inteligente, divino; a imortalidade da alma era uma ficção própria para seduzir as naturezas pouco elevadas; no entanto, o vazio me assustava, porque amaldiçoei muitas vezes esse agente misterioso que fere sempre e sempre. E filosofia me tinha extraviado, sem me fazer compreender toda a grandeza do Eterno, que sabe repartir a dor e a alegria para o ensino da Humanidade.

5. Quando de vossa morte verdadeira, vos reconhecestes logo? - *R.* Não; me reconheci durante a transição que meu Espírito fez para percorrer os lugares etéreos, mas depois da morte real, não; foi preciso alguns dias para o meu despertar.

Deus me havia concedido uma graça; disso vou dizer-vos a razão:

Minha incredulidade primeira não existia mais; antes de minha morte, tinha acreditado, porque depois de ter cientificamente sondado a matéria pesada desfalecer, não tinha, ao cabo de razões terrestres, encontrado senão a razão divina; ela me havia inspirado, consolado, e minha coragem era mais forte do que a dor. Eu bendizia o que havia amaldiçoado; o fim me parecia a libertação. O pensamento de Deus é grande como o mundo! Oh! que suprema consolação na prece que dá emoções inefáveis; ela é o elemento mais seguro de nossa natureza imaterial; por ela compreendi, acreditei firmemente, soberanamente, e foi por isso que Deus, escutando as minhas ações benditas, consentiu em me recompensar antes de acabar a minha encarnação.

6. Poder-se-ia dizer que, na primeira vez, estáveis morto? - *R.* Sim e não; tendo o Espírito deixado o corpo, naturalmente a carne morre aos poucos; mas retomando a posse de minha morada terrestre, a vida retornou ao corpo que havia sofrido uma transição, um sono.

7. Nesse momento sentíeis os laços que vos ligavam ao vosso corpo? - *R.* Sem dúvida; o Espírito tem um laço difícil de quebrar, e lhe é preciso o último estremecimento da carne para reentrar em sua vida natural.

8. Como ocorre que, quando de vossa morte aparente, e durante alguns minutos, vosso Espírito haja podido se libertar instantaneamente e sem perturbação, ao passo que a morte real foi seguida de uma perturbação de vários dias? Parece que, no primeiro caso, os laços entre a alma e o corpo subsistindo mais do que no segundo, o desligamento deveria ser mais lento, e o que ocorreu foi ao contrário.- *R.* Freqüentemente tendes feito a evocação de um Espírito encarnado, dele recebestes respostas reais; estou na posição desses Espíritos. Deus me chamou, e seus servidores me disseram: "Vem..." obedeci, e agradeço a Deus da graça especial que consentiu em me fazer; pude ver o infinito de sua grandeza e disso me dou conta. Obrigado a vós, que me haveis, antes da morte real, permitido ensinar aos meus, para que tenham boas e justas encarnações.

9. De onde vos provinham as belas e boas palavras que, então do vosso retorno à vida, endereçastes à vossa família? - *R.* Eram o reflexo do que tinha visto e ouvido; os bons Espíritos inspiravam minha voz e animavam meu rosto.

10. Que impressão credes que vossa revelação fez sobre os assistentes e sobre vossos filhos em particular? - *R.* Surpreendente, profunda; a morte não é mentirosa; os filhos, por ingratos que possam ser, se inclinam diante da encarnação que se vai. Se se pudesse perscrutar o coração de seus filhos, junto de um túmulo entreaberto, não se sentiria bater senão os sentimentos verdadeiros, tocados profundamente pela mão secreta dos Espíritos que dizem a todos os pensamentos: Tremei se estais na dúvida; a morte é a reparação, a justiça de Deus; e vos asseguro, apesar dos incrédulos, meus amigos e minha família crerão nas palavras que minha voz pronunciou antes de morrer. Eu era o intérprete de um outro mundo.

11. Dissestes que não gozáveis da felicidade que entrevistastes; é que sois infeliz? - *R.* Não, uma vez que eu acreditava antes de morrer, e isto em minha alma e consciência. A dor apertada aqui em baixo, mas eleva para o futuro Espírita. Notai que Deus soube levar em conta minhas preces e de minha crença absoluta nele; estou sobre o caminho da perfeição e chegarei ao objetivo que me foi permitido entrever. Orai, meus amigos, por esse mundo invisível, que preside aos vossos destinos; essa permuta fraterna é da caridade; é uma alavanca poderosa, que põe em comunhão os Espíritos de todos os mundos.

12. Quereriéis dirigir algumas palavras à vossa mulher e aos vossos filhos?

Resp. Peço a todos os meus para crerem em Deus poderoso, justo, imutável; na prece que consola e alivia; na caridade, que é o ato mais puro da encarnação humana; que se lembre que se pode dar pouco: o óbolo do pobre é o mais meritório diante de Deus, que sabe que um pobre dá muito dando pouco; é preciso que o rico dê grandemente e freqüentemente para merecer tanto quanto ele.

O futuro, é a caridade, a benevolência em todas as ações; é crer que todos os Espíritos são irmãos, não se prevalecendo jamais de todas as pueris vaidades.

Família bem-amada, terás rudes provas; mais sabe tomá-las corajosamente, pensando que Deus as vê.

Dizei freqüentemente está prece:

Deus de amor e de bondade, que dás tudo e sempre, concede-nos essa força que não recua diante de nenhuma dificuldade; torna-nos bons, dóceis e caridosos, pequenos pela fortuna, grandes pelo coração; que nosso Espírito seja Espírita sobre a Terra para melhor vos compreender e vos amar.

Que vosso nome, ó meu Deus, emblema de liberdade, seja o objetivo consolador de todos os oprimidos, de todos aqueles que têm necessidade de amar, perdoar e crer.

CARDON.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS
O Espírito de Jean Reynaud.

(Sociedade Espírita de Paris. - Médiun, senhora Costel.)

Meus amigos, quanto esta nova vida é magnífica! Semelhante a uma torrente luminosa, ela arrasta em seu curso imenso as almas ébrias do infinito! Depois da ruptura dos laços carnis, meus olhos abarcaram os horizontes novos que me cercam, e gozei das esplêndidas maravilhas do infinito. Passei das sombras da matéria à alvorada brilhante que anuncia o Todo-Poderoso. Fui salvo, não pelo mérito de minhas obras, mas pelo conhecimento do princípio eterno que me fez evitar as manchas imprimidas pela ignorância à pobre Humanidade. Minha morte foi bendita; meus biógrafos a julgaram prematuramente; os cegos! Lamentaram alguns escritos nascidos do pó, e não compreenderão o quanto o pouco de barulho que se faz ao redor de minha tumba semi-fechada é útil para a santa causa do Espiritismo. Minha obra tinha acabado; meus antecessores corriam na carreira; eu tinha esperado esse ponto culminante em que o homem deu o que havia de melhor, e onde não faz mais do que recomeçar. Minha morte desperta a atenção dos letrados e a conduz sobre minha obra capital, que toca a grande questão espírita que eles aparentam desconhecer, e que logo os enlaçará. Glória a Deus! Ajudado pelos Espíritos superiores, que protegem a nova doutrina, vou ser um dos batedores, que demarcam o vosso caminho.

(Numa reunião de família. - Médiun, Sr. Charles V...)

O Espírito responde a esta reflexão: A vossa morte inesperada, numa idade tão pouco avançada, surpreendeu muita gente.

"Quem vos disse que minha morte não foi um benefício para o Espiritismo, para o seu futuro, para as suas conseqüências? Notastes, meu amigo, a marcha que segue o progresso, o caminho que toma a fé espírita? Primeiramente Deus deu as provas materiais: dança das mesas, pancadas e todas as espécies de fenômenos; era para chamar a atenção; era um prefácio divertido. Aos homens são necessárias provas palpáveis para crerem. Agora é bem outra coisa! Depois dos fatos materiais, Deus fala à inteligência, ao bom senso, à fria razão; não são mais os torneios de força, mas coisas racionais que devem convencer e reunir mesmo os incrédulos mais renitentes. E isso não é ainda senão o começo. Notai bem o que vos digo: toda uma série de fatos inteligentes, irrefutáveis, vão se seguir, e o número de adeptos da fé espírita, já tão grande, vai ainda aumentar. Deus não vai se prender às inteligências de elite, às sumidades do espírito, do talento e do saber. Isso vai ser um raio luminoso que se derramará sobre toda a Terra, como um fluido magnético irresistível, e levará os mais recalcitrantes à procura do infinito, ao estudo dessa admirável ciência que nos ensina máximas tão sublimes. Todos vão se agrupar ao vosso redor, e, fazendo abstração do diploma de gênio que lhes foi dado, vão se fazer humildes e pequenos para aprenderem e para se convencerem. Depois, mais tarde, quando estiverem bem instruídos e bem convencidos, se servirão de sua autoridade e da notoriedade de seu nome para impelir ainda mais longe, e alcançar os últimos limites do objetivo que todos vos propusestes: a regeneração da espécie humana pelo conhecimento raciocinado e aprofundado das existências passadas e futuras. Eis minha sincera opinião sobre o estado atual do Espiritismo."

JEAN REYNAUD.

Venho com prazer ao vosso chamado, senhora. Sim, tendes razão, a perturbação espírita não tem, por assim dizer, existido para mim (isto respondia ao pensamento do médium); exilado voluntariamente sobre vossa Terra, onde tinha que lançar a primeira semente séria das grandes verdades que envolvem o mundo neste momento, sempre tive a consciência da pátria, e depressa me reconheci no meio de meus irmãos.

P. Agradeço-vos por consentir em vir; mas não teria acreditado que meu desejo de vos entreter tivesse influência sobre vós; necessariamente, deve haver uma diferença tão grande entre nós, que nisso não penso senão com respeito.

R. Obrigado por esse bom pensamento, minha filha; mas deveis saber também que alguma distância que as provas terminadas mais ou menos prontamente, mais ou menos felizmente, possam estabelecer entre nós, há sempre um laço poderoso que nos une: a simpatia, e esse laço, o tendes apertado por vosso pensamento constante.

P. Se bem que muitos Espíritos tenham explicado suas primeiras sensações ao despertar, serieis bastante bom para me dizer o que sentistes ao vos reconhecer, e como a separação de vosso Espírito e de vosso corpo se operou?

R. Como para todos. Senti o momento da libertação se aproximar, mas, mais feliz que muitos, ela não me causou angústia, porque lhe conhecia os resultados, embora fossem ainda maiores do que não o pensava. O corpo é um entrave às faculdades espirituais, e, quaisquer que sejam as luzes que se haja conservado, elas são sempre mais ou menos abafadas pelo contato da matéria. Dormi esperando um despertar feliz; o sono foi curto, a admiração imensa! Os esplendores celestes desenrolados aos meus olhares brilhavam com toda a sua luz. Minha visão maravilhada mergulhava nas imensidades desses mundos dos quais tinha afirmado a existência e a habitabilidade. Era uma miragem que me revelava e me confirmava a verdade de meus sentimentos. O homem tem alegria em se crer seguro, quando fala, freqüentemente, há no fundo de seu coração momentos de dúvida, de incerteza; ele desconfia, senão da verdade que proclama, freqüentemente, pelo menos dos meios imperfeitos que emprega para demonstrar. Convencido da verdade que eu queria fazer admitir, com freqüência, tive que combater contra mim mesmo, contra o desencorajamento de ver, de tocar por assim dizer, a verdade, e não poder torná-la palpável àqueles que tinham tanta necessidade de nela crerem para caminhar seguramente no caminho que têm a seguir.

P. Quando vivo, professáveis o Espiritismo?

R. Entre professar e praticar há uma grande diferença. Muitas pessoas professam uma doutrina que não a praticam; pratiquei e não professei. Do mesmo modo que todo homem é cristão, quem segue as leis do Cristo, fosse isso sem conhecê-las, do mesmo modo todo homem pode ser Espírita que crê em sua alma imortal, em suas reexistências, em sua marcha progressiva incessante, nas provas terrestres, abluções necessárias para se purificar; eu acreditava, era, pois, Espírita. Compreendi a erraticidade, esse laço intermediário entre as encarnações, esse purgatório onde o Espírito culpado se despoja de suas vestes manchadas para revestir uma roupa nova, onde o Espírito em progresso *tece* com cuidado a roupa que vai carregar de novo e que quer conservar pura. Compreendi, eu vos disse, e sem professar continuei a praticar.

Nota. Estas três comunicações foram obtidas por três médiuns diferentes completamente estranhos um ao outro. Não temos nenhuma prova material da identidade do Espírito que se manifestou, mas, à analogia dos pensamentos, à forma da linguagem, pode se admitir, pelo menos, a presunção de identidade. A expressão: *tece com cuidado a roupa que vai carregar de novo*, é uma encantadora figura que pinta a solicitude com a qual, o Espírito em progresso, prepara a nova existência que deve fazê-lo progredir ainda. Os Espíritos atrasados tomam menos precauções e fazem muitas vezes escolhas infelizes e os forçam a recomeçar.

A medicina homeopática.

(Sociedade Espírita de Paris, 13 de março de 1863. - Médiun senhora Costel.)

Minha filha, venho dar um ensino médico aos Espíritas. A astronomia, a filosofia têm aqui eloqüentes intérpretes: a moral conta tanto escritores quanto médiuns; por que a medicina, em seu lado prático e fisiológico, seria negligenciada? Fui o criador da renovação médica que penetra hoje até nas classes dos sectários da antiga medicina; ligados contra a homeopatia, acharam bom criar-lhe diques inumeráveis, acharam bom de exclamar: "Não irás mais longe!" a jovem medicina, triunfante, venceu todos esses obstáculos; o Espiritismo ser-lhe-á um poderoso auxiliar; graças a ele, ela abandonará a tradição materialista que, há muito tempo, retardou o seu vôo. O estudo médico está inteiramente ligado à procura das causas e dos efeitos espiritualistas; disseca os corpos, e deve também analisar a alma, Deixai, pois, um velho médico justificar os fins e o objetivo da doutrina que propagou, e que vê estranhamente desfigurada nesse mundo pelos nobres, e no alto pelos Espíritos ignorantes que usurpam seu nome. Gostaria que minha palavra escutada tivesse o poder de corrigir os abusos que alteram a homeopatia e a impedem de ser tão útil quanto o deveria.

Se falasse num centro prático, onde os conselhos pudessem ser ouvidos com fruto, levantar-me-ia a contra a negligência de meus colegas terrestres, que desconhecem as leis primordiais do *Organon*, exagerando as doses, e sobretudo não trazendo à trituração tão importante dos medicamentos os cuidados que indiquei. Muitos esquecem que cem e, freqüentemente, duzentos golpes são absolutamente necessários ao desligamento do princípio médico apropriado a cada uma das plantas ou venenos que formam nosso arsenal curador. Nenhum remédio é indiferente, nenhum medicamento é inofensivo; quando o diagnóstico mal observado o faz dar fora de propósito, ele desenvolve os germes da doença que estava chamado a combater.

Mas deixo-me arrastar pelo meu assunto, e eis-me no pendor de fazer um curso de homeopatia a um auditório que não pode se interessar por essa questão. No entanto, não creio inútil iniciar os Espíritas nos princípios fundamentais da ciência, a fim de premuni-los contra as decepções que sofrem, seja da parte dos homens, seja mesmo da dos Espíritos.

SAMUEL HAHNEMANN.

Nota.-Esta dissertação foi motivada pela presença, na sessão, de um médico homeopata estrangeiro, que desejava ter a opinião de Hahnemann sobre o estado atual da ciência. Faremos observar que foi dada por intermédio de uma jovem senhora que jamais fez estudos médicos, e à qual, necessariamente, muitos termos especiais são estranhos.

CORRESPONDÊNCIA.

Carta do Sr. T. Jaubert, de Carcassonne.

O Sr. T. Jaubert, vice-presidente do tribunal civil de Carcassonne, dirige-nos a carta seguinte, a respeito do título de membro honorário que lhe concedeu a Sociedade Espírita de Paris. A Sociedade foi feliz em dar ao Sr. Jaubert esse testemunho de simpatia, e lhe provar o quanto ela aprecia o seu devotamento à causa do Espiritismo, sua modéstia tanto quanto sua firmeza de caráter. Há posições que realçam ainda o mérito da coragem da opinião, e das qualidades que colocam o homem acima da crítica. (Ver a *Revista* de junho de 1863: *Um Espírito coroado pela Academia de Jogos Florais.*)

Molitg-les-Bains, 21 de julho de 1863.

"Senhor presidente,

"Vossa carta e a ata constatando a minha admissão entre os membros honorários da Sociedade Espírita Parisiense me acham em Molitg onde esgoto, no interesse de minha saúde, uma licença de vinte e nove dias; tenho a vos dar *imediatamente* a expressão de toda a minha gratidão.

"Creio na imortalidade da alma, na comunicação dos mortos com os vivos, como creio no sol. Amo o Espiritismo como a afirmação mais legítima da lei de Deus: a lei do progresso. Confesso-o abertamente, porque confessá-lo é fazer o bem. Aceitei a primavera da Academia de Toulouse como uma resposta brilhante àqueles que não querem ver, nos ditados reais dos Espíritos senão percepções errôneas ou elucubrações ridículas. Recebo o título de membro honorário da Sociedade, da qual sois o chefe, como o mais honroso entre aqueles que tenho da mão dos homens. Ainda uma vez, senhor, recebi por vós e por todos os membros da Sociedade parisiense os meus agradecimentos mais sinceros.

"Vosso relatório da sessão dos Jogos Florais interpretou fielmente os meus sentimentos e minha conduta. Não podia, declarando que a fábula coroada era obra de meu Espírito familiar, me expor a chocar o público e os meus juizes. Expressastes perfeitamente, em vossa *Revista*, o respeito que tenho de mim mesmo e da opinião dos outros. E agora, se em todo esse caso não tomei a iniciativa a vosso respeito, se não faço senão vos responder, é que seria preciso vos falar de mim, e associar meu nome a um acontecimento pelo qual sou feliz, sem dúvida, mas que outros se dignaram considerar como um sucesso.

"Hoje me sinto mais livre, e é do mais profundo do meu coração que vos peço, senhor e caro mestre, aceitar a homenagem de meu reconhecimento, de minha simpatia e de minha consideração mais distinta.

"T. JAUBERT,

"Vice-presidente do tribunal de Carcassonne.

A abundância das matérias nos força a remeter ao próximo número nossa *segunda carta ao Sr. abade Marouzeau*, assim como a resposta à pergunta que nos foi dirigida sobre a distinção a fazer entre a *expição* e a *prova*.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

6^a ANO

NO. 9

SETEMBRO 1863

UNIÃO DA FILOSOFIA E DO ESPIRITISMO.

Nota. - O artigo seguinte é a introdução a um trabalho completo que o autor, Sr. Herrensneider, se propôs fazer sobre a aliança entre a filosofia e o Espiritismo.

Há dez ou doze anos que o Espiritismo foi revelado na França, as comunicações incessantes dos Espíritos provocaram, em todas as classes da sociedade, um movimento religioso benfazejo que importa encorajar e desenvolver. Neste século, com efeito, o Espírito religioso está sobretudo perdido entre as classes letradas e inteligentes. O sarcasmo voltairiano tirou-lhe o prestígio do cristianismo; o progresso das ciências lhes fez reconhecer as contradições que existem entre os dogmas e as leis naturais; e as descobertas astronômicas tinham demonstrado a puerilidade da idéia que formaram de Deus os filhos de Abraão, de Moisés e do Cristo. O desenvolvimento das riquezas, as invenções maravilhosas das artes e da indústria, toda a civilização protestava, aos olhos da sociedade moderna, contra a renúncia ao mundo. Foi por causa desses motivos numerosos que a incredulidade e a indiferença se introduziram nas almas, que a negligência dos destinos eternos tinha entorpecido o nosso amor do bem, detido nosso aperfeiçoamento moral, e que a paixão do bem-estar, do prazer, do luxo e das vaidades terrestres acabou por cativar quase toda nossa ambição; quando, de repente, os mortos vieram nos lembrar que nossa vida presente tem o seu amanhã, que nossos atos têm suas conseqüências fatais, inevitáveis, senão sempre nesta vida, mas infalivelmente naquela a vir.

Essa aparição dos Espíritos era uma paixão súbita, que fez tremer mais de um ao aspecto desses móveis postos em movimento sob o impulso de uma força invisível; à audição desses pensamentos inteligentes, ditados por meio de uma telegrafia grosseira; à leitura dessas páginas sublimes, escritas de nossas mãos distraídas, sob o impulso de uma direção misteriosa. Quantos corações batiam, tomados de um medo súbito, quantas consciências oprimidas despertaram em angústias merecidas; quantas inteligências mesmo foram feridas de estupor! A renovação dessas relações com as almas dos mortos é e ficará um acontecimento prodigioso, que terá por conseqüência a regeneração, tão necessária, da sociedade moderna.

É que, quando a sociedade humana não tem outro objetivo de atividade senão a prosperidade material e o prazer dos sentidos, ela mergulha no materialismo egoísta, aprecia todas as ações segundo o bem que delas retira, renuncia a todos os esforços que não levam a uma vantagem palpável, não estima senão aqueles que possuem, e não respeita senão a força que se impõe. Quando os homens não se preocupam senão com os sucessos imediatos e lucrativos, perdem o senso de honestidade, renunciam à escolha dos meios, calcam aos pés a felicidade íntima, as virtudes privadas, e cessam de se guiar segundo os princípios de justiça e de equidade. Numa sociedade lançada nessa direção imoral, o rico leva uma vida de moleza ignóbil, embrutecedora, e o deserdado nela arrasta uma existência dolorosa e monótona, da qual o suicídio parece ser a última consolação!

Contra uma semelhante disposição moral, pública e privada, a filosofia é impotente. Não que os argumentos lhe façam falta para provar a necessidade social de princípios puros e generosos, não que ela não possa demonstrar a iminência da responsabilidade final, e estabelecer a perpetuidade de nossa existência, mas os homens não têm, geralmente, nem o tempo, nem o gosto, nem o espírito bastante refletido, para prestar atenção à voz de suas consciências e às observações da razão. As vicissitudes da vida, aliás, frequentemente, são muito imperiosas para que se decida ao exercício da virtude pelo simples amor ao bem. Quando mesmo que a filosofia tivesse sido, verdadeiramente, o que deveria ser: uma doutrina completa e certa, jamais teria podido provocar, só pelo seu ensino, a regeneração social de maneira eficaz, uma vez que até este dia não pôde dar, à autoridade de sua doutrina, de outra sanção senão do amor abstrato do ideal e da perfeição.

É que aos homens é preciso, para convencê-los da necessidade de se consagrarem ao bem, fatos que falem aos sentidos. Preciso lhes é o quadro impressionante de suas dores futuras, para que consintam em subir novamente a rampa funesta onde seus vícios os arrastam; é-lhes preciso tocar com o dedo as infelicidades eternas que se preparam por seu desleixo moral, para que compreendam que a vida atual não é o objetivo de sua existência, mas o meio que o Criador lhes deu de trabalhar pessoalmente no cumprimento de seus destinos finais. Também é por esse motivo que todas as religiões apoiaram seus mandamentos sobre o terror do inferno e sobre as seduções das alegrias celestes. Mas, desde que, sob o império da incredulidade e da indiferença religiosa, as populações se tranquilizaram sobre as conseqüência últimas de seus pecados, uma filosofia fácil e inconseqüente ajudando o culto dos sentidos, dos interesses temporais e das doutrinas egoístas, acabou por prevalecer. Hoje os homens esclarecidos, inteligentes e fortes se afastam da Igreja e seguem suas próprias inspirações; a autoridade necessária lhe faz falta para recobrar sua influência vinte vezes secular. Pode-se, pois, dizer que a Igreja é tão impotente quanto a filosofia, e que nenhuma nem outra exercerão influência salutar sujeitando-se, cada uma em seu gênero, a uma reforma radical.

À espera disso, a Humanidade se agita, os acontecimentos se sucedem, e o aparecimento das manifestações espíritas neste século sábio, prático, suficiente e cético, sem contradita, dele é o mais considerado. Eis, pois, que o túmulo está aberto diante de nós, não como o fim de nossas penas e de nossas misérias terrestres, não como o abismo escancarado onde vêm se dissipar nossas paixões, nossos gozos e nossas ilusões, mas bem como pórtico majestoso de um novo mundo, onde uns recolherão, malgrado seu, os frutos amargos que suas fraquezas lhes terão feito semear; e outros, ao contrário, se assegurarão por seu mérito a passagem nas esferas mais puras e mais elevadas. É, pois, o Espiritismo que nos revela nossos destinos futuros, e, quanto mais for conhecido, mais a regeneração moral e religiosa ganhará em impulso e em extensão.

A união do Espiritismo com as ciências filosóficas nos parece, com efeito, de uma alta necessidade para a felicidade da Humanidade e para o progresso moral, intelectual e religioso da sociedade moderna; porque não estamos mais no tempo em que se podia afastar a ciência humana e preferir-lhe a fé cega. A ciência moderna é muito sábia, muito segura de si mesma, e muito avançada no conhecimento das leis que Deus impôs à inteligência e à Natureza, para que a transformação religiosa possa ter lugar sem seu concurso. Conhece-se muito exatamente a exigüidade relativa de nosso globo para conceder à Humanidade um lugar privilegiado nos desígnios providenciais. Aos olhos de todos, não somos mais do que um grão de pó na imensidade dos mundos, e sabe-se que as leis que regem essa multidão indefinida de existências são simples, imutáveis e universais. Enfim, as exigências da certeza de nossos conhecimentos foram muito fortemente aprofundadas, para que uma doutrina nova pudesse se elevar e se manter sem outra base senão um misticismo tocante e inofensivo. Então, pois, que o Espiritismo quer estender seu império sobre todas as classes da sociedade, sobre os homens superiores e inteligentes, como

sobre as almas delicadas e crentes, é preciso que se lance, sem reserva, na corrente do pensamento humano, e que pela sua superioridade filosófica saiba se impor à soberba razão o respeito de sua autoridade.

É essa ação independente dos adeptos do Espiritismo, que compreendem perfeitamente os Espíritos elevados que se manifestam. Aquele que se designa sob o nome de Santo Agostinho disse recentemente: "Observai e estudai com cuidado as comunicações que vos são feitas; aceitai o que vossa razão não rejeite, repeli o que a choque; pedi esclarecimento sobre as que vos deixam na dúvida. Tendes aí o caminho a seguir para transmitir, às gerações futuras, sem medo de vê-las desnaturadas, as verdades que distinguis sem dificuldade no seu cortejo inevitável de erros."

Eis, em poucas palavras, o verdadeiro espírito do Espiritismo, aquele que a ciência pode admitir sem derrogar, e aquele que nos servirá para conquistar a Humanidade. O Espiritismo, de resto, nada tem a temer de sua aliança com a filosofia, porque repousa sobre fatos incontestáveis, que têm sua razão de ser nas leis da criação. Cabe à ciência estudar-lhe a importância, e coordenar os princípios gerais, segundo a nova ordem de fenômenos. Porque é evidente que, uma vez que não tinha pressentido a existência necessária, no espaço que nos cerca, das almas trespassadas e daquelas destinadas a renascer, a ciência deve compreender que sua filosofia primeira era incompleta, e que os princípios primordiais lhe tinham escapado.

A filosofia, ao contrário, tem tudo a ganhar considerando seriamente os fatos do Espiritismo; primeiro, porque estes são a sanção solene de seu ensino moral, e que, por eles, provará aos mais endurecidos a importância fatal de sua má conduta. Mas, por importante que seja essa justificação positiva de suas máximas, o estudo aprofundado das conseqüências, que se deduzem da constatação da existência sensível da alma no estado não encarnado, servir-lhe-á em seguida para determinar os elementos constitutivos da alma, sua origem, seus destinos, e para estabelecer a lei moral e a do progresso anímico sobre bases certas e inabaláveis. Além disso, o conhecimento da essência da alma conduzirá a filosofia ao conhecimento da essência das coisas e mesmo da de Deus, e lhe permitirá unir todas as doutrinas que a dividem em um único e mesmo sistema geral, verdadeiramente completo. Enfim, esses diversos desenvolvimentos da filosofia, provocados por essa preciosa determinação da essência anímica, a conduzirão infalivelmente sobre os traços dos princípios fundamentais da antiga cabala e da antiga ciência oculta dos hierofantes, do qual a Trindade cristã é o último raio luminoso chegado até nós. É assim que, pela simples aparição das almas errantes, chegar-se-á, como temos todo o ensejo de esperar, a constituir a cadeia ininterrupta das tradições morais, religiosas e metafísicas da Humanidade antiga e moderna.

Esse futuro considerado, que concebemos à filosofia aliada ao Espiritismo, não parecerá impossível àqueles que têm alguma noção dessa ciência, se consideram o vazio dos princípios sobre os quais se fundam as diversas escolas, e a impossibilidade que disso resulta, para elas, de explicar a realidade concreta e viva da alma e de Deus. Assim é que o materialismo pensa que os seres não são senão fenômenos materiais, semelhantes àqueles que produzem as combinações das substâncias químicas, e que o princípio que os anima faz partir de um pretensível princípio vital universal. Segundo esse sistema, a alma individual não existiria, e Deus seria um ser completamente inútil.

Os discípulos de Hegel, de seu lado, imaginam que a idéia, esse fenômeno indisciplinado de nossa alma, é um elemento em si, independente de nós; que ela é um princípio universal que se manifesta pela humanidade e sua atividade intelectual, como também pela natureza e suas maravilhosas transformações. Esta idéia nega, conseqüentemente, a individualidade eterna de nossa alma, e a confunde, num só todo, com a Natureza. Supõe que existe uma identidade perfeita entre o universo visível e o mundo moral e intelectual; que um e outro são o resultado da evolução progressiva e fatal da idéia primitiva, universal, do absoluto em uma palavra. Deus, nesse sistema, não tem igualmente ne-

nhuma individualidade, nenhuma liberdade, e não se conhece pessoalmente. Ele não se apercebeu a si mesmo, pela primeira vez, que, em 1810, por intermédio de Hegel, quando este o reconheceu na idéia absoluta e universal. (Histórico.)

Enfim, nossa escola espiritualista, vulgarmente chamada o ecletismo, considera a alma como não sendo senão uma força sem extensão e sem solidez, uma inteligência imperceptível no corpo humano, e que, uma vez desembaraçada de seu envoltório, conservando em tudo sua individualidade e sua imortalidade, não existiria mais nem no tempo nem no espaço. Nossa alma seria, pois, um não sei quê sem laço com o que existe, e não preencheria nenhum lugar determinado. Deus, segundo esse mesmo sistema, não é mais compreensível. É o pensamento perfeito, e não tem igualmente nem solidez, nem estabilidade, nem forma, nem realidade sensível; é um ser vazio; sem nossa razão nele não poderíamos ver nenhuma intuição. No entanto, quem são aqueles que inventaram o ateísmo, o ceticismo, o panteísmo, o idealismo, etc.? Esses são os homens de razão, os inteligentes, os sábios! Os povos ignorantes, cujas sensações são os principais guias, jamais duvidaram nem de Deus, nem da alma, nem de sua imortalidade. A razão, somente, parece, pois, ser má conselheira!

Essas doutrinas, como se pode disso convencer-se, necessitam, em conseqüência, de um princípio real, estável, vivo, da noção do Ser real. Movem-se num mundo *inteligível* que não concerne à realidade concreta. O vazio de seus princípios se transporta sobre o conjunto de seus sistemas, e os torna tão sutis quanto vagos e estranhos à realidade das coisas. O próprio senso comum com isso se ofende, apesar do talento e da prodigiosa erudição de seus adeptos. Mas o Espiritismo é ainda mais brutal a seu respeito, transtorna todos esses sistemas abstratos, opondo-lhes um fato único: a realidade substancial, viva e atual da alma não encarnada. Ele lha mostra como um ser pessoal, existindo no tempo e no espaço, se bem que invisível para nós; como um ser tendo seu elemento sólido, substancial e sua força ativa e pensante. Mostra-nos mesmo as almas errantes se comunicando conosco, por sua própria iniciativa! é evidente que semelhante acontecimento deve fazer desabar todos esses castelos de cartas e desvanecer, num impulso, essas soberbas bases de fantasia.

Mas para aumento de confusão, pode-se provar aos partidários dessas doutrinas sutilizadas, que todo homem leva em sua própria consciência os elementos suficientes para demonstrar a existência da alma, tal como o Espiritismo a estabelece pelos fatos; de modo que seus sistemas, não só são errôneos em seu ponto de chegada, mas o são ainda em seu ponto de partida. Também, o mais sábio partido que resta a tomar a esses honrados sábios, é de refundir completamente sua filosofia, e de consagrar seu profundo saber à fundação de uma ciência primeira, e mais precisa e mais conforme à realidade.

É que, efetivamente, trazemos em nós mesmos quatro noções irreduzíveis, que nos autorizam a afirmar a existência de nossa alma, tal qual o Espiritismo no-la apresenta. Primeiramente, temos em nós o sentimento de nossa existência. Este sentimento não pode se revelar senão por uma impressão que recebemos de nós mesmos. Ora, nenhuma impressão se faz sobre um objeto privado de solidez e de extensão; de sorte que pelo único fato de nossas sensações, devemos induzir que temos em nós um elemento sensível, sutil, extenso e resistente: quer dizer, *uma substância*. Segundo, temos em nós a consciência de um elemento ativo, causador, que se manifesta em nossa vontade, em nosso pensamento e em nossos atos. Conseqüentemente, é evidente que possuímos em nós um segundo elemento: *uma força*. Portanto, pelo único fato de que sentimos e de que sabemos, devemos concluir que encerramos dois elementos constitutivos, força e substância; quer dizer, uma dualidade essencial, anímica.

Mas essas duas noções primitivas não são as únicas que trazemos em nós. Nós nos concebemos ainda, em terceiro lugar, *uma unidade* pessoal, original, que fica sempre idêntica a si mesma; e em quarto lugar, *um destino* igualmente pessoal; porque todos nós procuramos nossa felicidade e nossas próprias conveniências em todas as circunstâncias

de nossa vida. De maneira que, juntando essas duas novas noções, que constituem nosso duplo aspecto, às duas precedentes, reconhecemos que nosso ser encerra *quatro princípios* bem distintos: sua *dualidade de essência e sua dualidade de aspecto*.

Ora, como esses quatro elementos do conhecimento de nosso *eu*, que nos levam a nos afirmar pessoalmente, são noções independentes do corpo, que não têm nenhuma relação com o nosso envoltório material, é peremptório e evidente, para todo espírito justo e não prevenido, que nosso ser depende de um princípio invisível, chamado Alma; e que essa alma existe como tal, porque tem uma substância e uma força, uma unidade e uma destinação próprias e pessoais.

Tais são os quatro elementos primordiais de nossa individualidade anímica, dos quais cada um de nós traz a noção em seu seio, e que cada um não saberia recusar. Em conseqüência, como dissemos, a filosofia possuiu, de todos os tempos, os elementos suficientes para o conhecimento da alma, tal como o Espiritismo no-la faz compreender. Se, pois, até o presente, a razão humana não conseguiu construir uma metafísica verdadeira e útil que lhe haja feito compreender que a alma deve ser considerada como um ser real, independente do corpo, e capaz de existir por si mesma, substancialmente e virtualmente, no tempo e no espaço, é que desdenhou a observação direta dos fatos de consciência, e que, em seu orgulho e sua suficiência, a razão se pôs no lugar e categoria da realidade.

Segundo estas observações pode-se compreender quanto importa à filosofia unir-se ao Espiritismo, uma vez que disso retirará a vantagem de se crer uma ciência primeira, séria e completa, fundada sobre o conhecimento da essência da alma e das quatro condições de sua realidade. Mas não é menos necessário ao Espiritismo se aliar à filosofia, porque não é senão por ela que poderá estabelecer a certeza científica dos fatos espíritas que fazem a base fundamental de sua crença, e deles tirar as conseqüências importantes que contêm. Sem dúvida, basta o bom senso ver um fenômeno para crer em sua realidade; e muitos se contentam com isso; mas a ciência, muito freqüentemente, teve motivos para duvidar dos protestos do sentido comum, para não desconfiar das impressões de nossos sentidos e das ilusões de nossa imaginação. O bom senso não basta, pois, para estabelecer cientificamente a realidade da presença dos Espíritos ao nosso redor. Para dela ser certo de um modo irrefutável, é preciso estabelecer racionalmente, segundo as leis gerais da criação, que sua existência é necessária por si mesma, e que sua presença invisível não é senão a confirmação dos dados racionais e científicos, tais como acabamos de indicar alguns deles, de maneira sumária. Não é, pois, senão pelo método filosófico que se pode obter esse resultado. Está aí um trabalho necessário à autoridade do Espiritismo, e é só a filosofia que pode lhe prestar este serviço.

Em geral, para triunfar em qualquer empresa que seja, é necessário juntar o conhecimento dos princípios à observação dos fatos. Nas circunstâncias particulares do Espiritismo, é muito mais necessário ainda de proceder dessa maneira rigorosa para chegar à verdade, porque nossa nova doutrina toca em nossos interesses mais caros e mais elevados, àqueles que constituem nossa felicidade presente e eterna. Em conseqüência, a união do Espiritismo e da filosofia é da mais alta importância para o sucesso de nossos esforços e para o futura Humanidade.

F. HERRENSCHNEIDER.

PERGUNTAS E PROBLEMAS

Sobre a expiação e a prova.

Moulins, 8 de julho de 1863.

Senhor e venerável mestre,

Venho submeter à vossa apreciação uma questão que foi discutida em nosso pequeno grupo e que não pudemos resolver por nossas próprias luzes; os próprios Espíritos, que consultamos, não responderam bastante categoricamente para nos tirar da dúvida. Redigi uma pequena nota, que tomo a liberdade de vos endereçar, nas quais reuni os motivos de minha opinião pessoal, que difere da de vários de meus colegas. A opinião destes últimos é de que a expiação tem lugar mesmo durante a encarnação, apoiando-se sobre o fato de que esta expressão foi empregada em muitas comunicações, e notadamente em *O Livro dos Espíritos*.

Venho, pois, vos rogar serdes bastante bom para nos dar a vossa opinião sobre esta questão. Vossa decisão será lei para nós, e cada um de nós fará de boa vontade o sacrifício de sua maneira de ver para se alinhar sob a bandeira que plantastes e que sustentais de maneira tão firme e tão sábia.

Recebei, senhor e caro mestre, etc.

"T. T."

"Várias comunicações, emanando de Espíritos diferentes, qualificam indistintamente de *expiações* ou de *provas*, os males e as tribulações formando o destino de cada um de nós, durante nossa encarnação sobre esta Terra. Resulta dessa aplicação de duas palavras, muito diferentes em seu significado, a uma mesma idéia, a uma certa confusão, pouco importante, sem dúvida, para os Espíritos desmaterializados, mas que dá lugar, entre os encarnados, a discussões que seria bom fazer cessar por uma definição clara e precisa e explicações fornecidas pelos Espíritos superiores, as quais fixariam este ponto de doutrina, de modo irrevogável.

"Tomando primeiro essas duas palavras em seu sentido absoluto, parece que a *expiação* seria o castigo, a pena imposta para o resgate de uma falta, com perfeito conhecimento, da parte do culpado punido, da causa desse castigo, quer dizer, da falta a expiar.

Compreende-se que a expiação, neste sentido, é sempre imposta por Deus.

"A *prova* não implica nenhuma idéia de reparação, pode ser voluntária ou imposta, mas não é a consequência rigorosa e imediata das faltas cometidas.

"A prova é um meio de se constatar o estado de uma coisa para reconhecer se ela é de boa qualidade. Assim, faz-se sofrer uma prova a um cordame, a uma ponte, a uma peça de artilharia, não por causa de seu estado anterior, mas para assegurar-se de que são próprios para o serviço ao qual estão destinados.

"Do mesmo modo, por extensão, chamam-se *provas da vida*, o conjunto dos meios físicos e morais que revelam a existência, ou a ausência, das qualidades da alma, que estabelecem sua perfeição ou os progressos que fez para essa perfeição final.

Parece, pois, lógico admitir-se a *expiação* propriamente dita, e no sentido absoluto dessa palavra, ocorre na vida espiritual depois da desencarnação ou morte corpórea; que pode ser mais ou menos longa, mais ou menos penosa, segundo a gravidade das faltas; mas que ela se completa no outro mundo e termina sempre por um ardente desejo de receber uma nova encarnação, durante a qual as provas escolhidas ou impostas deverão dar à alma o progresso para a perfeição que suas faltas anteriores impediram de se cumprirem.

"Assim, pois, não conviria admitir que há *expiação* sobre a Terra, mesmo que ela possa existir excepcionalmente, porque seria preciso admitir também o conhecimento das faltas punidas; ora, esse conhecimento não existe senão na vida de além-túmulo. A *expiação* sem esse conhecimento seria uma barbárie sem utilidade e não concordaria nem com a justiça nem com a bondade de Deus.

"Pode-se conceber, durante a encarnação, quanto de *provas*, porque, quaisquer que sejam os males e as tribulações desta Terra, é impossível considerá-los como podendo constituir uma *expiação* suficiente para faltas de qualquer gravidade. Pensa-se que um

culpado deferido à justiça dos homens se encontraria bem punido se fosse condenado a viver como o menos feliz de nós? Não exageremos, pois, a importância dos males desta Terra para nos fazer um mérito o tê-los suportado. A *prova* consiste mais na maneira pela qual os males foram suportados do que em sua intensidade que, como a felicidade terrestre, é sempre relativa para cada indivíduo.

"Os caracteres distintivos da *expição* e da *prova* são que a primeira é sempre imposta e que sua causa deve ser conhecida daquele que a suporta, ao passo que a segunda pode ser voluntária, quer dizer, escolhida pelo Espírito, ou imposta pelo próprio Deus, na falta de escolha; além disso, concebe-se muito bem sem causa conhecida, uma vez que ela não é, necessariamente, a conseqüência das faltas passadas.

"Em uma palavra: A *expição* cobre o passado; a *prova* abre o futuro.

"O número de julho da *Revista Espírita* contém um artigo intitulado: *Expição terrestre*, que parece contrário à opinião emitida acima; no entanto, lendo atentamente, ver-se-á que a *expição* verdadeira ocorreu durante a vida espírita, e que a posição que Max ocupou durante sua última encarnação não era senão o gênero de *provas* que escolheu ou que lhe foi imposto, e do qual saiu vitorioso; mas que, durante toda essa encarnação, ignorante de sua posição anterior, não podia aproveitar nada de uma *expição* sem objeto.

"Esta questão, talvez, seja antes uma questão de palavras do que de princípio. Com efeito, foi dito freqüentemente: "Não vos ligueis às palavras, vede o fundo do pensamento." Em todos os casos, convém, para nós, que nos entendamos no meio das palavras, de estar bem fixados sobre o sentido que a elas se dá."

Resposta. - A distinção estabelecida pelo autor da notícia acima, entre o caráter da *expição* e o das *provas* é perfeitamente justa, e, no entanto, não saberíamos partilhar sua opinião no que concerne à aplicação dessa teoria à situação do homem sobre a Terra.

A *expição* implica necessariamente a idéia de um castigo mais ou menos penoso, resultado de uma falta cometida; a *prova* implica sempre a de uma inferioridade real ou presumida, porque aquele que chegou ao ponto culminante, ao qual aspira, não tem mais necessidade de *provas*. Em certos casos, a *prova* se confunde com a *expição*, quer dizer que a *expição* pode servir de *prova*, e reciprocamente. O candidato que se apresenta para obter um grau, sofre uma *prova*; se fracassa, lhe é preciso recomeçar um trabalho penoso; esse novo trabalho é a punição da negligência levada no primeiro; a segunda *prova* torna-se assim uma *expição*. Para o condenado a quem se faz esperar um abrandamento ou uma comutação conduzindo-se bem, a pena é, ao mesmo tempo, uma *expição* por sua falta, e uma *prova* para a sua sorte futura; se, em sua saída da prisão, não estiver melhor, a *prova* é nula, e um novo castigo trará uma nova *prova*.

Se consideramos agora o homem sobre a Terra, vemos que ele aqui sofre males de todas as espécies e freqüentemente cruéis; esses males têm uma causa; ora, a menos de atribuí-las ao capricho do Criador, é-se forçado a admitir que essa causa está em nós mesmos, e que as misérias que experimentamos não podem ser o resultado de nossas virtudes; portanto, elas têm sua fonte em nossas imperfeições. Que um Espírito se encarne sobre a Terra no seio da fortuna, das honras e de todos os gozos materiais, poder-se-á dizer que sofre a *prova* do arrastamento; para aquele que cai na infelicidade por sua má conduta ou sua imprevidência, é a *expição* de suas faltas atuais, e pode-se dizer que é punido por onde pecou. Mas que se dirá daquele que, desde seu nascimento, luta com as necessidades e as privações, que arrasta a existência miserável e sem esperança de melhoria, que sucumbe sob o peso de enfermidades congênitas, sem ter *ostensivamente* nada feito para merecer uma semelhante sorte? Que isso seja uma *prova* ou uma *expição*, a sua posição não é menos penosa, e isso não seria mais equitativo do ponto de vista de nosso correspondente, uma vez que se o homem não se lembra da falta, não se lembra mais de ter escolhido a *prova*. É preciso, pois, procurar em outra parte a solução da questão.

Todo efeito tendo uma causa, as misérias humanas são efeitos que devem ter uma causa; se essa causa não está na vida atual, deve estar na vida anterior. Além disso, admitindo a justiça de Deus, esses efeitos devem ter uma relação mais ou menos íntima com os atos precedentes, dos quais são, ao mesmo tempo, o castigo pelo passado, e a prova para o futuro. São expiações nesse sentido de que são a consequência de uma falta, e provas em relação ao proveito que dela se retira. A razão nos diz que Deus não pode ferir um inocente; portanto, se somos feridos, é que não somos inocentes: o mal que sentimos é o castigo, a maneira pela qual o suportamos, é a prova.

Mas ocorre, freqüentemente, que, a falta não se achando nesta vida, acusa-se a justiça de Deus, nega-se sua bondade, duvida-se mesmo de sua existência; aí, precisamente, está a prova mais escabrosa: a dúvida sobre a divindade. Quem admite um Deus soberanamente justo e bom deve-se dizer que ele não pode agir senão com sabedoria, mesmo nesse caso que não compreendemos, e que se sofremos uma pena, é que a merecemos; portanto, é uma expiação. O Espiritismo, pela revelação da grande lei da pluralidade das existências,- levanta completamente o véu sobre o que essa questão deixava de obscuro; nos ensina que, se a falta não foi cometida nesta vida, o foi em uma outra, e que assim a justiça de Deus segue seu curso nos punindo por onde nós pecamos.

Vem em seguida a séria questão do esquecimento que, segundo nosso correspondente, dá aos males da vida o caráter de expiação. É um erro; dai-lhe o nome que quiserdes, não fareis que não sejam a consequência de uma falta; se o ignorais, o Espiritismo vo-lo ensina. Quanto ao esquecimento das próprias faltas, não tem as consequências que lhe atribuíis. Demonstramos em outra parte que a lembrança precisa dessas faltas traria inconvenientes extremamente graves, em que isso nos perturbaria, nos humilharia aos nossos próprios olhos e aos de nossos próximos; que nos traria uma perturbação nas relações sociais, e que, por isso mesmo, entravaria nosso livre arbítrio. De um outro lado, o esquecimento não é tão absoluto quanto se supõe; não ocorre senão durante a vida exterior de relação, no próprio interesse da Humanidade; mas a vida espiritual não tem solução de continuidade; o Espírito, seja na erraticidade, seja em seus momentos de emancipação, se lembra perfeitamente, e essa lembrança lhe deixa uma intuição que se traduz pela voz da consciência que o adverte do que deve fazer ou não fazer; se não a escuta, é, pois, culpado. O Espiritismo dá, além disso, ao homem um meio de remontar ao seu passado, senão nos atos precisos, pelo menos nos caracteres gerais desses atos que pesaram mais ou menos sobre a vida atual. Das tribulações que sofre, expiações ou provas, deve concluir que foi culpado; da natureza dessas tribulações, ajudado pelo estudo de suas tendências instintivas, e apoiando-se sobre o princípio de que a punição mais justa é aquela que é a consequência de sua falta, pode deduzir disso seu passado moral; suas más tendências lhe mostram o que resta de imperfeito a corrigir em si. A vida atual é para ele um novo ponto de partida; aqui chega rico ou pobre de boas qualidades; basta-lhe, pois, estudar a si mesmo para ver o que lhe falta, e se dizer: "Se sou punido, é que pequei," e a própria punição lhe ensinará o que fez. Citemos uma comparação:

Suponhamos um homem condenado aos trabalhos forçados por tantos anos e nisso sofrendo um castigo especial, mais ou menos rigoroso, segundo sua falta: suponhamos, além disso, que, entrando na prisão, perde a lembrança dos atos que ali o conduziram; não se poderá dizer: "Se estou na prisão, é que fui culpado, porque aqui não se colocam as pessoas virtuosas; portanto, tratemos de nos tornar bons para não reentrar aqui quando dela tivermos saído." Quer saber o que fez? Estudando a lei penal, saberá quais são os crimes que para lá o conduzirão, porque não se é posto a ferro por uma travessura; da duração e da severidade da pena, disso concluirá o gênero daqueles que deveu cometer; para deles ter uma idéia mais exata, não terá senão que estudar aqueles para os quais se sente instintivamente, arrastado; saberá, pois, o que deve evitar doravante para conservar sua liberdade, e nisso será mais estimulado pelas exortações dos homens de bem, encarregados de instruí-lo e de dirigi-lo no bom caminho. Se disso não se aproveita, sofre-lhe

as conseqüências. Tal é a situação do homem sobre a Terra, onde, não mais do que o condenado à prisão não pode estar colocado por suas perfeições, uma vez que ali é infeliz e forçado ao trabalho. Deus lhe multiplica os ensinamentos proporcionais ao seu adiantamento; adverte-o, sem cessar, fere-o mesmo para despertá-lo de seu torpor, e aquele que persiste em seu endurecimento não pode se desculpar sobre sua ignorância.

Em resumo, se certas situações da vida humana têm, mais particularmente, o caráter de provas, outras têm, incontestavelmente, o do castigo, e todo castigo pode servir de prova.

É um erro crer que o caráter essencial da expiação seja o de ser imposto; vemos todos os dias na vida expiações voluntárias, sem falar dos monges que se maceram e se fustigam com a disciplina e a camisa de pele de cabra. Não há, pois, nada de irracional em admitir que um Espírito, na erraticidade, escolha ou solicite uma existência terrestre que o coloque de modo a reparar seus erros passados. Fosse essa existência mesmo imposta, por isso não seria menos justa, apesar da ausência momentânea de lembrança, pelos motivos acima desenvolvidos. As misérias deste mundo são, pois, expiações pelo seu lado efetivo e material, e provas pelas suas conseqüências morais. Qualquer que seja o nome que se lhes dê, o resultado deve ser o mesmo: a melhoria. Em presença de um objetivo tão importante, seria pueril fazer uma questão de princípio de uma questão de palavra; isso provaria que se liga mais importância às palavras do que à coisa.

Temos o prazer de responder às perguntas sérias e elucidá-las, quando isso é possível. Tanto a discussão é útil com as pessoas de boa fé, que estudaram e querem aprofundar as coisas, porque é trabalhar para o progresso da ciência, tanto é ociosa com aqueles que julgam sem conhecer e querem saber sem se darem ao trabalho de aprender.

SEGUNDA CARTA AO SR. CURA MAROUZEAU.

(Ver o n^o de julho de 1863.)

Senhor cura,

Em minha precedente carta, eu vos disse os motivos que me fazem não responder artigo por artigo à vossa brochura; não os lembrarei, e me limito a realçar algumas passagens.

Dissestes: "Concluímos de tudo isso que o Espiritismo deve se limitar a combater o materialismo, a dar ao homem provas palpáveis de sua imortalidade, por meio das manifestações de além-túmulo bem constatadas; que, fora desse caso, tudo nele não é senão incerteza, trevas espessas, ilusões, um verdadeiro caos; que, como doutrina filosófico-religiosa, não é senão uma verdadeira utopia, assim como tantas outras, consignadas na história, e da qual o tempo fará boa justiça, a despeito do exército espiritual do qual vos constituístes general-em-chefe."

Concordai, primeiro, senhor abade, que as vossas previsões não se realizaram quase, e que o tempo não se apressa muito para fazer justiça ao Espiritismo. Se ele não succumbir, não é preciso acusar-lhe a indiferença e a negligência do clero e de seus partidários; os ataques não faltaram: brochuras, jornais, sermões, excomunhões, fizeram fogo sobre toda a linha; nada faltou, nem mesmo o talento e o mérito incontestáveis de alguns dos combatentes. Se, pois, sob uma tão formidável artilharia as fileiras dos Espíritas aumentaram em lugar de diminuir, é que o fogo se desfez em fumaça. Ainda uma vez, uma regra de lógica elementar nos diz que se julga de uma força por seus efeitos; não pudesdes deter o Espiritismo, portanto, ele vai mais depressa do que vós; a razão disso é que vai adiante, ao passo que a vós vos empurra para trás, e o século caminha.

Examinando os diversos ataques dirigidos contra o Espiritismo, disso ressalta um ensinamento sério e triste ao mesmo tempo; os que vêm do partido cético e materialista

são caracterizados pela negação, a zombaria mais ou menos espirituosa, por sarcasmos o mais freqüentemente tolos e maçantes, ao passo que, e é lamentável dizê-lo, é nos do partido religioso que se encontram as mais grosseiras injúrias, os ultrajes pessoais, as calúnias; é do púlpito que caem as palavras mais ofensivas; é em nome da Igreja que se tem publicado o ignóbil e mentiroso panfleto sobre o pretense orçamento do Espiritismo. Disso dei algumas amostras na *Revista*, e não disse tudo, por deferência, e porque sei que todos os membros do clero estão longe de aprovarem semelhantes coisas. É útil, no entanto, que mais eclesiásticos que não crêem mais do que vós na comunicação exclusiva do diabo; que se ocupam de evocações com toda a segurança de consciência; que mesmo não crêem mais do que eu nas penas irremissíveis e na condenação eterna absoluta, de acordo nisso com mais de um Pai da Igreja, assim como vos será demonstrado mais tarde. Sim, muito mais de eclesiásticos do que não se pensa, encaram o Espiritismo de um ponto mais elevado; tocados da universalidade das manifestações e do espetáculo imponente dessa marcha irresistível, nele vêem a aurora de uma era nova, e um sinal da vontade de Deus, diante da qual se inclinam no silêncio.

Dissestes, senhor abade, que o Espiritismo deveria se deter em tal ponto e não ir além. É preciso em tudo ser conseqüente consigo mesmo. Para que essas almas possam convencer os incrédulos de sua existência, é preciso que elas falem; ora, pode-se impedi-las de dizerem o que querem? É minha falta se elas vêm descrever sua situação, feliz ou infeliz, de outro modo do que o ensina a Igreja? se elas vêm dizer que já viveram e que reviverão ainda corporalmente? que Deus não é nem cruel, nem vingativo, nem inflexível, como é representado, mas bom e misericordioso? se, sobre todos os pontos do globo onde são chamadas para se convencer da vida futura, elas dizem a mesma coisa? É minha falta, enfim, se o quadro que elas fazem do futuro reservado aos homens é mais sedutor do que aquele que ofereceis? se os homens preferem a misericórdia à condenação? Quem fez a Doutrina Espírita? São suas palavras, e não minha imaginação; são os próprios atores do mundo invisível, as testemunhas oculares das coisas de além-túmulo que a ditaram, e ela não foi estabelecida senão sobre a concordância da imensa maioria das revelações feitas de todos os lados e por milhares de pessoas que jamais vi. Não fiz, pois, em tudo isso senão recolher e coordenar metodicamente o ensino dado pelos Espíritos; sem ter nenhuma conta às opiniões isoladas, adotei as da maioria, afastando todas as idéias sistemáticas, individuais, excêntricas ou em contradição com os dados positivos da ciência.

Desses ensinamentos e de sua concordância, assim como da observação atenta dos fatos, ressalta que as manifestações espíritas nada têm de sobrenatural, mas são, ao contrário, o resultado de uma lei da Natureza, desconhecida até este dia, como o foram por muito tempo as da gravidade, do movimento dos astros, da formação da Terra, da eletricidade, etc. Desde então que esta lei está na Natureza, ela é obra de Deus, a menos de dizer que a Natureza é obra do diabo; essa lei, "explicando uma multidão de coisas inexplicáveis sem isso, converteu tantos incrédulos quanto à existência da alma do que o fato propriamente dito das manifestações, e a prova disso está no grande número de materialistas reconduzidos a Deus unicamente pela leitura das obras, sem terem visto nada. Teria sido melhor que ficassem na incredulidade, com o risco mesmo de não estarem inteiramente na ortodoxia católica?

A Doutrina Espírita não é, pois, obra minha, mas dos Espíritos; ora, se esses Espíritos são as almas dos homens, ela não pode ser a obra do demônio. Se fosse minha concepção pessoal, vendo seu prodigioso sucesso, não poderia senão me felicitar por isso; mas não poderia me atribuir o que não é meu. Não, ela não é a obra de um só, nem homem nem Espírito, que, quem quer que fosse, não teria podido lhe dar uma sanção suficiente, mas de uma multidão de Espíritos, e aí está o que faz a sua força, porque cada um está em condições de receber-lhe a confirmação. O tempo, como dissestes, dela fará boa justiça? Seria preciso para isso que ela deixasse de ser ensinada, quer dizer, que os Es-

píritos cessassem de existir e de se comunicarem por toda a Terra; seria preciso, além disso, que ela deixasse de ser lógica e de satisfazer às aspirações dos homens. Acrescentais que esperais que eu retorne de meu erro; não o penso, e, francamente, não são os argumentos de vossa brochura que me farão mudar de opinião, nem desertar do posto onde a Providência me colocou, posto onde tenho todas as alegrias morais a que um homem pode aspirar sobre a Terra, vendo frutificar aquilo que semeou. É uma felicidade muito grande e bem doce, vos asseguro, a visão dos felizes que se faz, de tantos homens arrancados ao desespero, ao suicídio, à brutalidade das paixões e conduzidos ao bem; uma única de suas bênçãos me paga largamente de todas as minhas fadigas e de todos os insultos; essa felicidade não está no poder de ninguém de ma tirar; não a co-nheceis, uma vez que gostaríeis de ma tirar; eu vo-la desejo de toda minha alma; tentai-a, e vereis.

Senhor abade, eu vos adio para dez anos para ver o que então pensareis da Doutrina.

Aceitai, etc.

ALLAN KARDEC.

O ÉCHO DE SÉTIF AO SR. LEBLANC DE PRÉBOIS.

Extraímos a passagem seguinte de um artigo publicado no *Écho de Sétif*, do dia 23 de julho de 1863, em resposta à brochura intitulada: *o Orçamento do Espiritismo*, do qual falamos no número da *Revista Espírita* do mês de junho último:

.....

"Não demos tanta extensão à questão, e, para melhor nos compreender, procedamos por ordem:

"1º Credes na imortalidade da alma e eu também. Eis-nos de acordo sobre este ponto.

"2º Depois de minha morte, enviais minha alma para Deus e eu também. Segundo ponto sobre o qual estamos de acordo.

"3º Uma vez minha alma chegada a Deus, quereis seja que ela fique em presença de Deus, seja que ela vá para o inferno, seja, enfim, que ela vá para o purgatório; eis os únicos três lugares onde lhe permitis mover-se.

"Aqui, não estamos mais de acordo. Eu creio que Deus pode permitir a uma alma viajar por toda parte; vós lhe circunscreveis o espaço, e eu o amplio.

"Dizei-me, leal e francamente, se pensais que vossa opinião seja melhor fundada do que a minha; dizei-me por que Deus impediria minha alma de viajar depois da morte de meu corpo? Tendes a esse respeito alguma revelação? tendes uma prova tirada unicamente de um raciocínio? Não o creio.

"Eu, eu tenho uma: é o raciocínio que tiro do conhecido para o desconhecido. Deus criou leis imutáveis que jamais se contradizem; ora, vejo na natureza que me é conhecida que tudo se move, que tudo se agita, que nada fica em repouso; Deus quer assim.

"Essa única verdade que toco, que sinto, me basta para provar-me que ocorre o mesmo em todos os mundo que me são desconhecidos. De vosso lado, dizei-me porque quereis que isso seja de outro modo.

"Se não contestais que minha alma possa se mover depois da morte de meu corpo, se ela vive, se ela sente, se pode se comunicar com alguma coisa, com qualquer um, dizei-me por que não poderá jamais se comunicar com a vossa alma, ainda ligada ao vosso corpo; dai-me uma razão, uma razão que tenha a razão, de outro modo eu a recuso.

"Se me dizeis que vossa inteligência se recusa a crer nisso, é uma razão que não admito, porque há milhões de coisas que vossa inteligência se recusa a crer, e que, no entanto, crereis depois de tê-las visto; tal fez São Tome.

"Não tenho senão uma prece a vos dirigir, eu; não me prendo a que creiais, nisso não tenho nenhum interesse, - mas vos suplico não insultar ninguém sem necessidade.

"Qualquer que seja vosso mérito, há homens que vos valem no Espiritismo. Há os que querem ver, estudar, se instruir; há os que viram coisas surpreendentes, querem conhecer-lhes as causas antes de se pronunciarem. Então! fazei como eles: estudai, tratai de encontrar. Depois, quando tiverdes encontrado, dai-nos a explicação clara e precisa do fenômeno; eis que valerá mais do que expressões mal sonantes. Tereis feito dar um passo à ciência, e acalmado as consciências alarmadas contra a vossa. Eis, enfim, um belo papel a cumprir!

"Antes de terminar, colocamos uma última pergunta ao Sr. Leblanc de Prébois.

"Vendeu sua brochura, ou a publicou somente por amor pela Humanidade?

"C***."

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

Revelações sobre minha vida sobrenatural.

Por Daniel Dunglas HOME (1-(1) Um vol. in-12; traduzido do inglês. Preço: 3 fr. 50, e não 2 fr. como foi anunciado por erro tipográfico no precedente número da *Revista*. Franco pelo correio, 3 fr. 90.).

Esta obra é um relato puro e simples, sem comentários nem explicações, dos fenômenos medianímicos produzidos pelo Sr. Home. Esses fenômenos são muito interessantes para quem conhece o Espiritismo e os possa explicar, mas por eles mesmos são pouco convincentes para os incrédulos que, não crendo mesmo naquilo que vêem, crêem ainda menos naquilo que se conta; é uma coletânea de fatos mais apropriada àqueles que sabem do que àqueles que não sabem, instrutiva para os primeiros, simplesmente curiosa para os segundos. Nossa intenção não é nem examinar nem discutir aqui esses fatos que fazem duplo emprego com os artigos que publicamos sobre o Sr. Home na *Revista Espírita* (fevereiro, março, abril e maio de 1858, páginas 58, 88, 117, 120, 145). Diremos somente que a simplicidade do relato é uma marca de verdade que não se poderia desconhecer, e que, para nós, não temos nenhum motivo para suspeitar de sua autenticidade; o que se pode censurar-lhe é muita monotonia, e a ausência de toda conclusão, de toda dedução filosófica ou moral; são também muito freqüentes incorreções de estilo; a tradução, sobretudo em certas partes, se afasta muitíssimo do gênio da língua francesa. Se a dúvida é a primeira impressão naquele que não pode se dar conta desses fatos, quem tiver lido atentamente e compreendido nossas obras, principalmente *O Livro dos Médiuns*, neles encontrará pelo menos a possibilidade, porque terá disso a explicação.

O Sr. Home, como se sabe, é um médium de efeitos físicos de um poder muito grande; uma particularidade notável é que ele reúne em sua pessoa a aptidão necessária à obtenção da maioria dos fenômenos desse gênero, e isso num grau de alguma sorte excepcional. Embora a malevolência lhe tenha atribuído uma multidão de fatos apócrifos, ridículos pelo seu exagero, resta-lhe bastante para justificar sua reputação; sua obra terá sobretudo a grande vantagem de participar do verdadeiro e do falso.

Os fenômenos que produz nos transportam ao primeiro período do Espiritismo, ao das mesas girantes, dito de outro modo, de *curiosidade*; quer dizer, àquela dos efeitos preliminares que tinham por objetivo chamar a atenção sobre a nova ordem de coisas e abrir o caminho do período filosófico. Essa marcha era racional, por que toda filosofia deve ser a dedução de fatos conscienciosamente estudados e observados, e à que não repousasse senão sobre ideais puramente especulativas, faltaria a base. A teoria deveria, pois, decorrer dos fatos, e as conseqüências filosóficas deveriam decorrer da teoria. Se o Espiritismo fosse se limitar aos fenômenos materiais, uma vez satisfeita a curiosidade,

não teria tido senão uma voga efêmera; dele se teve a prova pelas mesas girantes, que tiveram o privilégio de divertir os salões durante alguns invernos somente. Sua vitalidade não estava senão em sua utilidade; também a extensão prodigiosa que adquiriu data da época em que entrou no caminho filosófico; somente desta época ele tomou lugar entre as doutrinas.

A observação e a concordância dos fatos conduziram à procura das causas; a procura das causas conduziu a reconhecer que as relações entre o mundo visível e o mundo invisível existem em virtude de uma lei; uma vez conhecida essa lei, deu a explicação de uma multidão de fenômenos espontâneos até então incompreendidos, e reputados sobrenaturais, antes que se lhes conhecesse a causa; estabelecida a causa, esses mesmos fenômenos reentraram na ordem dos fatos naturais, e o maravilhoso desapareceu. Sob esse aspecto pode-se, com razão, criticar a qualificação de *sobrenatural* que o Sr. Home dá à sua vida em sua obra; outrora, sem dúvida, teria passado por um taumaturgo; na Idade Média, se tivesse sido monge, dele se teria feito um santo tendo o dom dos milagres; simples particular, teria passado por feiticeiro e se o teria queimado; entre os Pagãos, dele teriam feito um deus e lhe elevado altares; mas outros tempos, outros costumes: hoje, é um simples médium, predestinado pela força de sua faculdade a restringir o círculo dos prodígios, provando, pela experiência, que certos efeitos ditos maravilhosos não saem das leis da Natureza.

Algumas pessoas dele conceberam medos pela autenticidade de certos milagres, vendo estes caírem no domínio público. O Sr. Home partilhava esse dom com uma multidão de outros médiuns, que reproduzem esses fenômenos à vista de todo o mundo, e seria impossível, com efeito, considerá-los como derrogações às leis da Natureza, caráter essencial dos fatos miraculosos, a menos de admitir que era dado ao primeiro que chegasse poder transtornar essas leis. Mas como fazê-lo? Não se pode impedir de ser o que é; não se pode colocar sob o alqueire o que não é privilégio de nenhum indivíduo; é preciso, pois, resignar-se em aceitar os fatos ocorridos, do mesmo modo que se aceitaram o movimento da Terra e a lei de sua formação. Se o Sr. Home fosse sozinho em seu gênero, ele morto, poder-se-ia negar o que fez, mas como negar os fenômenos tornados vulgares pela sua multiplicidade e a perpetuidade dos médiuns que se formam cada dia, em milhares de famílias, sobre todos os pontos do globo? Ainda uma vez, por vontade ou a força, é preciso aceitar o que é, e o que não se pode impedir.

Mas o fato de que certos fenômenos perdem em prestígio do ponto de vista miraculoso, ou ganham em autenticidade; a incredulidade com relação aos milagres está na ordem do dia, é preciso nisso muito convir, e a fé neles estava realmente abalada; agora, em presença desses efeitos medianínicos, e graças à teoria espírita que prova que esses efeitos estão na Natureza, a possibilidade desses fenômenos está demonstrada, e a incredulidade deverá calar-se. A negação de um fato leva à negação de suas conseqüências; vale mais negar o fato, enquanto miraculoso, do que admiti-lo como simples lei da Natureza? É que as leis da Natureza não são a obra de Deus? é que a revelação de uma nova lei não é uma prova de seu poder? Deus é menos grande em agir em virtude dessas leis do que as derogando? Aliás, é que os milagres são o atributo exclusivo do poder divino? A própria Igreja não nos ensina que "falsos profetas, suscitados pelo demônio, podem fazer milagres e prodígios, para seduzir mesmo os eleitos?" Se o demônio pode fazer milagres, pode derogar as leis de Deus, quer dizer, desfazer o que Deus fez; mas a Igreja não diz em nenhuma parte que o demônio pode fazer leis para reger o Universo; ora, uma vez que os milagres podem ser feitos por Deus e pelo demônio, que as leis são a obra só de Deus, o Espiritismo, provando que certos fatos considerados como exceções, são aplicações das leis da Natureza, atesta, por isso mesmo, bem mais o poder de Deus do que os milagres, uma vez que não atribui senão a Deus o que, em outra hipótese, poderia ser a obra do demônio.

Dos fenômenos produzidos pelo Sr. Home ressalta um outro ensinamento, e seu livro vem em apoio do que dissemos muitas vezes sobre a insuficiência das manifestações físicas somente para levar a convicção entre certas pessoas. É um fato bem conhecido que muitas pessoas foram testemunhas das manifestações mais extraordinárias sem serem convencidas, e isso porque não as compreendia, e não tendo nenhuma base para assentar um raciocínio, nelas não viram senão do malabarismo. Seguramente, se alguém era capaz de vencer a incredulidade por efeitos materiais, era o Sr. Home; nenhum médium produziu um conjunto de fenômenos mais surpreendentes, nem em melhores condições de honradez, e, no entanto, bom número daqueles que o viram trabalhando o tratam ainda, nos tempos que correm, de ágil prestidigitador; para muitos, ele faz coisas muito curiosas, mais curiosas do que em Robert Houdin, e eis tudo. No entanto, parecia que, em presença de fatos tão manifestos, tornados notórios pelo número e a qualidade das testemunhas, toda negação se tornasse impossível, e que a França iria ser convertida em massa. Quando esses fenômenos não se produzissem senão na América, seriam rejeitados sobre a impossibilidade de vê-los; o Sr. Home veio mostrá-los à elite da sociedade, e nessa própria sociedade encontrou mais curiosos do que crentes, se bem que desafiassem toda suspeição fundada no charlatanismo. Que faltava, pois, a essas manifestações para convencerem? Faltava-lhes a chave para serem compreendidas. Hoje, não há um Espírita, tendo estudado um pouco seriamente a ciência, que não admita todos os fatos relatados no livro do Sr. Home, sem tê-los visto, ao passo que, mesmo entre aqueles que os viram, há mais de um incrédulo, tanto é verdade que o que fala ao espírito e se apoia sobre o raciocínio tem um poder de convicção que não possui aquele que não fala senão aos olhos.

Segue-se que a vinda do Sr. Home foi inútil? Certamente não; dissemos e repetimos: ele acelerou a eclosão do Espiritismo na França, pela luz que lançou sobre os fenômenos, mesmo entre os incrédulos, provando que não estão cercados de nenhum mistério, nem de nenhuma das fórmulas ridículas da magia, e que se pode ser médium sem ter o ar de um feiticeiro; enfim, pela repercussão que seu nome e o mundo que ele freqüentou deram à coisa; sua vinda foi, pois, muito útil, quando isso não fosse senão para ter fornecido ao Sr. Oscar Comettant a ocasião de dele falar, e fazer o *espirituoso* artigo que se conhece, pelo qual não deixou ao autor senão de conhecer o que quis criticar; absolutamente como se um homem não sabendo uma palavra de música, quisesse criticar Mozart ou Beethoven. (Ver o relatório da obra do Sr. Home pelo Sr. Comettant no *Siècle* de 15 de julho de 1863, e algumas palavras de nossa parte sobre esse artigo na *Revista Espírita* do mês de agosto seguinte.)

Sermões sobre o Espiritismo

Pregados na catedral de Metz, nos dias 27, 28 e 29 de maio de 1863, pelo Rev. Pé. Letierce, da Companhia de Jesus; - refutados por um Espírita de Metz, e precedidos de considerações sobre a loucura espírita (1-(1) Brochura in-12. Preço: 1 fr; pelo correio, 1 fr. 10 c.- Paris, casa dos Srs. Didier, 35, cais dos Augustins; Ledoyen, Palais-Soyal; Metz, casa Linden, 1, rua Pierre-Hardie.).

Embora não conheçamos pessoalmente o autor desse opúsculo, podemos dizer que é a obra de um Espírita esclarecido e sincero; e somos felizes de ver a defesa do Espiritismo feita por mãos hábeis que sabem aliar a força do raciocínio à moderação, que é o apanágio da verdadeira força. Os argumentos dos adversários ali são combatidos com uma lógica à qual não sabemos que lógica poder-se-ia opor, porque não há delas senão uma séria, aquela cujas deduções não deixam nenhum lugar à réplica, e achamos que a do autor está nesse caso. Sem dúvida, errado ou com razão, pode-se sempre replicar, pois há pessoas com as quais não se tem nunca a última palavra, tratando de provar-lhes que fez luz ao meio dia; mas esse não é daqueles que se trata de ter razão; pouco impor-

ta que sejam ou não convencidos de seu erro; também não é a eles que se dirige, mas ao público, juiz em última instância das boas e das más causas. Há no espírito das massas um bom sentido que pode falhar nos indivíduos isolados, mas cujo conjunto é como a resultante das forças intelectuais e do senso comum.

A brochura da qual se trata reúne, na nossa opinião, as vantagens do fundo e da forma; quer dizer, que, à justeza do raciocínio, junta a correção e a elegância do estilo, que não estragam nada jamais e tornam a leitura, de todo o escrito, mais atraente e mais fácil. Não duvidamos que esse escrito não seja acolhido com a simpatia que merece por todos os Espíritas; nós o recomendamos com toda a confiança e sem restrição; contribuindo para difundi-lo, prestarão serviço à causa.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

Uma morte prematura.

(Sociedade Espírita de Paris, 31 de julho de 1863. - Médium senhora Costel.)

Eis-me, pois, ainda sobre o teatro do mundo, eu que me acreditava enterrado para sempre em meu véu de inocência e de juventude. O fogo da Terra me salvava do fogo do inferno: assim eu pensava em minha fé católica, e, se não ousava entrever os esplendores do paraíso, minha alma trêmula se refugiava na expiação do purgatório, e eu orava, eu sofria, eu chorava. Mas quem dava à minha fraqueza, a força de suportar as minhas angústias? quem, nas longas noites de insônia e de febre dolorosa, se inclinava sobre minha cama de martírio? quem refrescava meus lábios secos? Era vós, meu anjo guardião, cuja branca auréola me cercava; eram também vós, caros Espíritos amigos, que vinham murmurar ao meu ouvido as palavras de esperança e de amor.

A chama que consumia meu fraco corpo me despojou do apego àquilo que passa; também já morri vivo da verdadeira vida. Não conheci a perturbação, e entrei sereno e recolhido no dia radioso que envolve aqueles que, depois de terem muito sofrido, esperaram um pouco. Minha mãe, minha querida mãe, foi a última vibração terrestre que ressoou em minha alma. Quanto queria que ela se tornasse Espírita!

Destaquei-me da árvore terrestre como um fruto maduro antes do tempo. Não estava ainda senão roçado pelo demônio do orgulho que excita as almas dos infelizes arrasados pelo sucesso brilhante e a embriaguez da juventude. Abençoei a chama; abençoei os sofrimentos; abençoei a prova que era uma expiação. Semelhante a esses leves fios brancos do outono, flutuo arrastado na corrente luminosa; não são mais as estrelas de diamante que brilham sobre minha fronte, mas as estrelas de ouro do bom Deus.

• * *
•

Nota - Nossa intenção tinha sido evocar, nessa sessão, esse Espírito, ao qual sabíamos que muitos dentre nós eram simpáticos. Razões particulares nos tinham feito adiar essa evocação, da qual não tínhamos conversado com ninguém; mas esse Espírito, sem dúvida, atraído pelo nosso pensamento e o de vários membros, veio espontaneamente, e sem ser chamado, ditar a encantadora comunicação acima.

O Purgatório.

(Sociedade Espírita de Paris, 31 de julho de 1863. - Médium, Sr. Alfred Didier.)

A religião católica nos mostra o purgatório como um lugar onde a alma, sofrendo terríveis expiações, alivia suas faltas e reivindica pouco a pouco, pela dor, seus direitos ao sol da vida eterna. Imagem esplêndida! a mais verdadeira, a mais perfeita da grande trindade dogmática do inferno, do purgatório e do paraíso. Apesar de suas severidades desesperadora, a Igreja compreendeu que lhe faltava um meio entre a condenação eterna e a felicidade eterna. Confundiu, no entanto, nessa estranha reunião, o tempo infinito e pro-

gressivo, que não é senão um, com três situações limitadas e incompreensíveis. À religião, ou antes, ao ensinamento todo humanitário e todo progressivo do Cristo, o Espiritismo acrescenta os meios de realizar essa ideal humanidade. Nesses desvios filosóficos de nossa época, há mais de um germe espírita; e tal filósofo cético que não aconselha para a felicidade definitiva da Humanidade senão o distanciamento e a destruição de toda crença humana e divina, trabalha mais do que se não crê para a tendência universal do Espiritismo. Somente é um caminho onde o céu parece pouco, onde a existência futura quase não aparece, mas onde pelo menos a tranqüilidade material, e por assim dizer, egoísta desta vida é compreendida com a evidência do legislador, e, senão do santo, pelo menos de um filantropo humanitário.

Ora, tratava-se de saber se, em estado latente, por assim dizer, da vida extracorpórea, e que se poderia chamar intra-vital, tratava-se de saber se, com a medida de conhecimentos e de sagacidade clarividente que os Espíritos superiores possuem, o progresso universal é tão eficaz quanto o progresso terrestre. Essa questão fundamental para o Espiritismo é até o presente insuficiente por respostas de detalhe; isso não é mais somente, como disse a Igreja, um lugar de expiações, é uma sede universal onde justamente as almas que ali circulam, temem com angústia ou aceitam com esperança, as existências que se revelam a elas. Lá está, na nossa opinião, somente o começo do que se chama o purgatório; e a erraticidade, essa fase importante da vida da alma, não nos parece de nenhum modo explicada, nem mesmo mencionada pelos dogmas católicos.

LAMENNAIS.

A Castidade.

(Grupo de Orléans. - Médiun, Sr. de Monvel.)

De todas as virtudes das quais o Cristo nos deixou o adorável exemplo, não há uma que haja sido mais indignamente esquecida pela triste Humanidade do que a castidade. E não falo somente da castidade do corpo, da qual se encontram ainda, sem dúvida, sobre a Terra numerosos exemplos, mas dessa castidade da alma, que jamais concebeu um pensamento, deixou escapar uma palavra de natureza a manchar a pureza da virgem ou da criança que a escuta.

O mal é tão universal, as ocasiões de perigo tão multiplicadas, que os pais, mesmo os mais verdadeiramente castos em seus atos como em seus discursos, não podem escapar à dolorosa certeza de que seus filhos não poderão, o que quer que façam, subtraírem-se ao funesto contágio. Preciso lhes é, qualquer repugnância que nisso sintam, resignar-se a abrir os próprios olhos à essas inocentes criaturas, para preservá-las pelo menos do perigo físico, uma vez que é absolutamente impossível preservá-las do perigo moral; e, muito freqüentemente ainda, quando crêem ter evitado o perigo, se encontra algum escolho do qual não haviam suposto a existência, e sobre o qual vem fracassar a pobre e inocente criança que seu amor não pôde preservar da mancha do vício.

Quantas palavras imprudentes, mesmo na sociedade mais seleta; quanto de imagens e de descrições, mesmo nos livros mais sérios, não vêm, com o desconhecimento dos pais, despertar, excitar, ou mesmo satisfazer completamente essa curiosidade ávida, tão temível, da criança que não tem nenhuma consciência do perigo! Se o mal é difícil de evitar, mesmo nas classes mais esclarecidas da sociedade, o que é, pois, das classes inferiores? Supondo que uma criança haja tido a felicidade de escapar disso sob o teto paterno, como garantir-lhe desse inevitável contato com os vícios que a acotovelam cada dia?

Há aí uma chaga bem profunda, muito perigosa, e da qual todo homem que conserveu no fundo do coração o senso moral deve sentir a mais imperiosa necessidade de purgar a sociedade. O mal está enraizado nos corações, e decorrerá muito tempo ainda antes que cada um de nós tenha se tornado bastante puro para supor-lhe somente a gravi-

dade. Tal creia cometer uma falta séria permitindo-se, diante de uma criança, a menor palavra de dupla interpretação, que, crendo-se cercado de pessoas de uma idade madura, achará um prazer confessar em seus gracejos, obscenos os triviais, que, diz ele, não fazem mal a ninguém. Não vê que a obscenidade é um mal de tal modo imoral, que mancha tudo o que toca, mesmo o ar, cujas vibrações vão levar ao longe o contágio. Diz-se que as paredes têm ouvidos, e se esta figura jamais foi verdadeira, é sobretudo em semelhante matéria. A pura e santa castidade não estabelecerá definitivamente seu reino sobre a Terra senão quando toda criatura que pense e que fale tiver compreendido que não deve jamais, em qualquer circunstância que seja, não escrever um termo nem pronunciar uma palavra, que a virgem mais pura não possa ouvir sem ruborizar.

Não tendes filhos, direis, e não há deles um só em vossa casa, e, desde então, não tendes nenhuma razão, ao que vos parece, para vos constranger. Mas se vós mesmos fósseis puros, não serieis obrigados a vos constranger; e não tendes amigos que vos escutam, que vosso exemplo excita, e que talvez, em outra parte, perderão diante dos filhos, que não conheceis, a reserva que um resto de pudor lhes fizera observar até ali. Depois também, é quase sempre nas horas das refeições que vosso espírito se deixa ir aos impulsos que excitam o riso dos convivas; mas não vedes esses servidores que vos cercam, e vosso vizinho tem filhos! Não conheceis nem esse vizinho nem seus filhos, e não sabeis jamais o mal do qual fostes a causa; mas o mal, de qualquer parte que venha, será sempre punido, disso estejais convencidos. Não há senão as paredes que têm ouvidos, há no ar que respirais coisas que não conheceis ainda, ou que não quereis conhecer.

Ninguém tem o direito de exigir de seus subalternos uma virtude que não pratique e não possua em si mesmo.

Uma única palavra impura basta para alterar a pureza de uma criança; uma única criança impura, introduzida numa casa de educação pública, basta para gangrenar toda uma geração de crianças, que, mais tarde, tornar-se-ão homens. Há um único homem sensato que ponha em dúvida a verdade patente e dolorosa deste fato? Ninguém disso duvida, ninguém ignora toda a extensão do mal que uma única palavra pode fazer, e, no entanto, ninguém se crê obrigado a essa castidade da alma que se indigna com todo pensamento obsceno, por disfarçado que seja, e mesmo, em certas circunstâncias, ninguém considera como uma estrita obrigação moral abster-se dos gracejos que deveriam fazê-lo ruborizar, se não se faz glória de não mais ruborizar. Triste e vergonhosa glória quanto esta!

Não é somente a castidade que deveríamos respeitar nas crianças, é também essa delicada candura que toda idéia de falsidade faz subir o vermelho à face; e essa virtude é bem rara também; mas quando se observa como está educada a imensa maioria de nossas crianças, não se deve espantar muito com isso. Para a maioria dos pais, os filhos, sobretudo os de tenra idade, não são quase senão pequenas bonecas com as quais se divertem num jogo encantador. E o que as torna tão divertidas, é que sua ingênua credulidade permite aborrecê-las, da manhã à noite, por essas pequenas mentiras que se crêem inocentes porque são feitas sem maldade nenhuma, e unicamente, como se disse, para rir. Ora, em sua verdadeira acepção, a palavra *inocente* significa: *que não prejudica*; mas o que há de mais nocivo, ao contrário, à candura de uma criança, do que esses pequenos abusos de confiança incessantes das quais é vítima um instante, mas um instante somente, do qual ri e se diverte em seguida, e que procura o maior prazer em imitar ela mesma tanto quanto o pode.

Resulta disso que a criança, freqüentemente, a mais cândida, aprende a enganar tão depressa quanto aprende a falar, e que ao cabo de muito pouco tempo, é capaz de dar lições aos seus mestres.

Não se desconfia quase o quanto, sobretudo nessa idade, com freqüência, uma fraca causa pode produzir mais tarde os mais deploráveis resultados. Os órgãos da inteligência, nas crianças muito jovens, são como uma cera mole apta a receber a impressão

do mais fraco objeto que a toca; e, não fosse isso senão um instante, há deformação; e quando essa cera, tão fluida de início, vier a congelar, a impressão ficará doravante inapagável. Pode-se crer que ela será coberta por outras, é um erro: a impressão primitiva ficará sozinha, inapagável, e serão as impressões ulteriores, ao contrário, que não deixarão senão um traço fugidio e sob o qual a primeira reaparecerá sempre.

Eis o que bem pouco de pais jovens são capazes de sentir com bastante força para disso fazer uma regra de conduta com seus filhos, e o que lhes é preciso repetir, à saciedade.

CÉCILE MONVEL

O DEDO DE DEUS.

(Thionville, 25 de dezembro de 1862. - Sr. doutor R...)

Fizemos entrever a aurora da regeneração humana; deveis ver aí, como em toda a marcha da Humanidade através das idades, o dedo de Deus.

Dissemos muito freqüentemente: Tudo o que chega neste mundo, como tudo o que se passa no Universo inteiro, está submetido a uma lei geral: a do *progresso*.

Inclinai-vos diante dela, orgulhosos e soberbos, que pretendeis vos colocar acima dos decretos do Mais Alto! Procurai por toda a parte a causa de vossas infelicidades e de vossas alegrias, e ali reconheceréis sempre o dedo de Deus.

Mas, direis, o dedo de Deus, é, pois, a fatalidade! Ah! guardai-vos de confundir esta palavra ímpia com as leis que a Providência vos impôs, a Providência, que quis vos deixar vosso *livre arbítrio* para vos deixar ao mesmo tempo o mérito de vossos atos, mas que lhe tempera o rigor por essa voz, tão freqüentemente desconhecida, que vos adverte do perigo ao qual vos expondes.

O fatalismo é a negação do dever, porque, nossa sorte sendo fixada de antemão, não nos convém mudá-la.

Em que se tornaria o mundo com essa terrível teoria, que abandonaria os homens às pérfidas sugestões das piores paixões? Onde estaria o objetivo da criação? onde estaria a razão de ser da ordem admirável que reina no Universo?

O dedo de Deus, ao contrário, é a punição sempre suspensa sobre a cabeça do culpado; é o remorso que lhe rói o coração, reprovando-lhe os crimes a cada instante do dia; é o terrível pesadelo que o tortura durante longas noites sem sono; é essa marca sanguinolenta que o segue em todos os lugares, como para reproduzir, sem cessar, a seus olhos, a imagem de seus crimes; é a febre que atormenta o egoísta; são as angústias perpétuas do mau rico, que vê em todos aqueles que se aproximam expoliadores dispostos a lhe arrebatam um bem mal adquirido; é a dor que sente em sua hora última por não poder levar seus inúteis tesouros!

O dedo de Deus é a paz do coração reservada ao homem justo; é esse doce perfume que vos enche a alma depois de uma boa ação; é essa suave alegria que se sente sempre ao fazer o bem; é a bênção do pobre que se assiste, é o doce olhar de uma criança da qual se secaram as lágrimas; é a prece fervorosa de uma pobre mãe a quem se proporcionou o trabalho que deve arrancá-la à miséria; em uma palavra, é o contentamento de si mesmo.

O dedo de Deus, enfim, é a justiça séria e austera, temperada pela misericórdia! o dedo de Deus, é a esperança, que não abandona o homem em seus mais cruéis sofrimentos, que o consola sempre, e que deixa entrever ao mais criminoso, que o arrependimento tocou, um canto da morada celeste da qual se acreditava repellido para sempre!

ESPÍRITO FAMILIAR

O Verdadeiro.

(Thionville, - Médiun, Sr. doutor R...)

Um poeta disse:

Nada é belo quanto o verdadeiro, só o verdadeiro é amável.

Reconheci nesse verso uma das mais belas inspirações que hajam jamais sido dadas ao homem. O verdadeiro, é a linha direita; o verdadeiro, é a luz, cujo esplendor não tem necessidade de ser velado pelos homens justos, cujo Espírito é maravilhosamente disposto a compreender seus imensos benefícios. Porque, na vossa sociedade atual, a luz tem tanta dificuldade para ser percebida pela maioria dos homens? Por que o ensino da verdade é cercado de tantos obstáculos? É que, até o presente, a Humanidade não fez progresso bastante notável, desde a origem do cristianismo. Desde o Cristo, que teve que velar seus admiráveis ensinamentos sob as formas da alegoria e da parábola, todos aqueles que tentaram propagar a verdade não foram mais escutados do que seu Divino Mestre; é que a Humanidade devia progredir com uma sábia lentidão, para que sua marcha fosse mais segura; é que ela tinha necessidade de um longo noviciado para estar apta a conduzir a si mesma.

Mas tranqüilizai-vos! O sol da regeneração, há muito tempo na sua aurora, não tardará a derramar sobre vós sua ofuscante claridade; a verdadeira luz vos aparecerá, e sua influência benfazeja se estenderá a todas as classes da sociedade. Quanto, então, se espantarão de não terem acolhido mais cedo essa verdade, que data da mais alta antiguidade, e que um sentimento de orgulho lhes fez sempre costear, sem vê-la!

Desta vez, pelo menos, não tereis que sofrer nenhum desses assustadores cataclismos que parecem como tantos marcos destinados a marcar, através dos séculos, a marcha da verdadeira luz; os homens, mais instruídos, compreenderão que os transtornos que deixam após si um rastro de fogo e de sangue não poderiam adaptar-se hoje com os nossos costumes abrandados pela prática da caridade. Compreenderão, enfim, a importância desta palavra sublime que o Cristo os fez ouvir outrora: "Paz aos homens de boa vontade!"

Não haverá mais outra guerra do que aquela que será feita às más paixões; todos unirão suas forças para expulsar o espírito do mal, cujo reino desastroso não tem senão detido, por muito tempo, o vôo da civilização. Todos se deterão a este pensamento de que a verdadeira luz é a única conquista legítima, a única que devem doravante ambicionar, a única que poderá conduzi-los à felicidade.

À obra, pois, todos vós que tendes a bandeira do progresso! não temais arvorá-la alto e firme, para que de todos os cantos do globo os homens possam acorrer e se alinhar sob sua égide. Pedi ao nosso Pai celeste a força e a energia que vos são indispensáveis para essa grande obra, e, se não deveis desfrutar nesse mundo da felicidade de vê-la se realizar, pelo menos, morrendo, levareis a convicção de que a vossa existência foi útil a todos, e que a mais doce recompensa vos espera entre nós: a alegria de ter cumprido a vossa missão para a maior glória de Deus.

ESPÍRITO FAMILIAR.
ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

6^a ANO

NO. 10

OUTUBRO 1863

REAÇÃO DAS IDÉIAS ESPIRITUALISTAS.

Há um século a sociedade era trabalhada pelas idéias materialistas, reproduzidas sob todas as formas, traduzindo-se na maioria das obras literárias e artísticas; a incredulidade era moda, era do bom tom ostentar a negação de tudo, mesmo de Deus. A vida presente, eis o positivo; fora disso tudo é quimera e incerteza; vivamos, pois, o melhor possível, e depois advenha o que advier. Tal era o raciocínio de todos aqueles que pretendiam estar acima dos preconceitos, e se chamavam por essa razão *espíritos fortes*; era, é preciso nisso convir, o de maior número, daqueles mesmos que davam o movimento à sociedade e estavam encarregados de conduzi-la, e cujo exemplo devia, necessariamente, ter uma grande influência. O próprio clero sofria essa influência; a conduta privada ou pública de muitos de seus membros, em completo desacordo com seus ensinamentos e os do Cristo, provava que não acreditavam naquilo que pregavam, uma vez que, se acreditassem firmemente na vida futura e nos castigos, teriam negligenciado menos os interesses do céu pelos da Terra.

Tinham-se, pois, procurado todas as bases das instituições humanas na ordem das coisas materiais; no entanto, acabou-se por reconhecer que faltava, a essas instituições, um ponto de apoio sólido, desde que aqueles, que pareciam melhor assentados, desmoronavam em um dia de tempestade; que as leis repressivas mascaravam os vícios, mas não tornavam os homens melhores. Qual era esse ponto de apoio? Aí está a questão; mas procurava-se, e alguns acabaram por acreditar que Deus poderia bem estar, por alguma coisa, no Universo. Depois alguns espíritos fortes começaram a ter medo, e por não mais rirem do futuro senão de lábios, dizendo a si mesmos: Pretende-se que tudo acaba com a morte; mas que disso sabem, em definitivo, aqueles que o afirmam? Isso não é, além do mais, senão a sua opinião. Antes de Cristóvão Colombo acreditava-se também que não havia nada além do Oceano; se, pois, houvesse alguma coisa além do túmulo? no entanto, seria interessante sabê-lo; porque, se há alguma coisa, é preciso que todos nós a passemos, uma vez que todos nós morreremos? Como se está ali? está-se bem? está-se mal? A questão é importante, e a ser considerada. Mas se nós sobrevivemos, isso não é nosso corpo seguramente; temos, pois, uma alma? A alma não seria, pois, uma quimera? Então essa alma, como é ela? de onde vem? para onde vai?

Daí uma vaga inquietação se apoderou dos mais fanfarrões em presença da morte; estavam prontos a procurar, a discutir; depois, reconhecendo que, o que quer que fosse, não se estava jamais completamente bem sobre a Terra, que nela se estava às vezes muito mal, lançavam seus objetivos e esperanças sobre o futuro. Todas as coisas extremas têm sua reação, quando não estão na verdade; só a verdade é imutável. As idéias materialistas tinham chegado ao seu apogeu; então, percebeu-se que elas não davam o que delas se esperava; e deixavam o vazio no coração; que abriam um abismo insondável, do qual se recuava com pavor, como diante de um precipício; daí uma aspiração para

o desconhecido, e, conseqüentemente, uma reação inevitável para as idéias espiritualistas, como única saída possível.

É essa reação que se manifesta há alguns anos; mas o homem chegou a um dos pontos culminantes da inteligência; ora, nessa idade em que a faculdade de compreender é adulta, não pode mais ser conduzido como na infância ou na adolescência. O positivismo da vida ensinou-o a procurar, dizemos nós, tornou-lhe necessário o porquê e o como de cada coisa, uma vez que, no nosso século matemático, se tem necessidade de se dar conta de tudo, de tudo calcular, de tudo medir, para saber onde se põe o pé. Quer-se a certeza, senão material, pelo menos moral, até na abstração; não basta dizer que uma coisa é boa ou má, se quer saber por que ela é boa ou má, e se há razão ou não de prescrevê-la ou proibi-la; eis porque a fé cega não tem mais curso em nosso século racional. Pede-se mais que ter a fé, se a deseja, dela se tem sede hoje, porque é uma necessidade; mas se quer uma fé raciocinada. Discutir sua crença é uma necessidade da época, à qual é preciso, de bom grado ou malgrado, se resignar.

As idéias espiritualistas respondem bem às aspirações gerais, são preferidas ao ceticismo e à idéia do nada, uma vez que se sabe, instintivamente, que elas estão na verdade, mas não satisfazem senão imperfeitamente, porque deixam ainda a alma no vago, e que sozinhas são impotentes para darem a solução de uma multidão de problemas. O simples Espiritualista está na posição de um homem que percebe o objetivo, mas que não sabe ainda por qual caminho para a ele chegar, e que encontra escolhos sobre seus passos. Eis por que, nestes últimos tempos, um tão grande número de escritores e de filósofos trataram de sondar esses misteriosos arcanos, porque tantos sistemas foram criados tendo em vista resolver as inumeráveis questões permanecidas insolúveis. Que esses sistemas sejam racionais ou absurdos, nisso não testemunham menos as tendências espiritualistas da época, tendências das quais não se faz mais mistério, que não se procura esconder, da qual se faz glória, ao contrário, como outrora se glorificava de sua incredulidade. Se todos esses sistemas não chegaram à verdade completa, é incontestável que vários dela se aproximaram ou a roçaram, e que a discussão que dela foi a conseqüência, preparou o caminho dispondo os espíritos a essa espécie de estudo.

Foi nessas circunstâncias, eminentemente favoráveis, que chegou o Espiritismo; mais tarde, foi chocar-se contra o materialismo todo-poderoso; num tempo mais recuado, teria sido abafado pelo fanatismo cego. Apresenta-se no momento em que o fanatismo, morto pela incredulidade que ele mesmo provocou, não lhe pode opor mais barreira séria, e onde está fatigado pelo vazio deixado pelo materialismo; num momento em que a reação espiritualista, provocada pelos próprios excessos do materialismo, se apoderou de todos os espíritos, onde se está à procura das grandes soluções que interessam ao futuro da Humanidade. Foi, pois, nesse momento, que veio resolver esses problemas, não por hipóteses, mas por provas efetivas, dando ao Espiritualismo o caráter positivo único que convém à nossa época. Nele se acha o que se procura, e o que não se encontrou em outra parte: eis porque é aceito facilmente. Milhares de órgãos traçaram-lhe, e lhe traçam ainda, o caminho, semeando parte por parte as idéias que professa; não é preciso crer que não haja, nesse caso, senão as obras sérias, lidas por um pequeno número de eruditos! Notai quanto, sob uma forma leve, a do romance ou do folhetim, os pensamentos espíritas são abundantes neste momento: por aí eles penetram por toda a parte, mesmo entre aqueles que menos pensam neles; são tantos germes latentes que eclodirão quando a grande luz lhes tiver vindo, porque estarão familiarizados com as idéias novas.

Um dos princípios mais importantes do Espiritismo, sem contradita, é o da pluralidade das existências corpóreas, quer dizer, da reencarnação, que os céticos confundem, voluntariamente ou por ignorância, com o dogma da metempsicose. Sem esse princípio choca-se com tantas dificuldades insolúveis, na ordem moral e fisiológica, que muitos filósofos modernos foram conduzidos a ele pela força do raciocínio, como a uma lei necessária da Natureza; tais são Charles Fourier, Jean Reynaud, e muitos outros. Este princípio,

discutido hoje abertamente por homens de um grande valor, sem serem por isso Espíritas, tem uma tendência manifesta a se introduzir na filosofia moderna; uma vez de posse dessa chave, ele verá abrirem-se diante dela horizontes novos e as dificuldades, as mais difíceis, se aplainarem como por encanto; ora, ela não pode deixar de chegar aí; a isso será conduzida pela força das coisas, porque a pluralidade das existências não é um sistema, mas uma lei da Natureza, que ressalta da evidência dos fatos.

Sem sertão nitidamente formulado como em Fourier e Reynaud, nem erigido em doutrina, o princípio da pluralidade das existências se encontra agora numa multidão de escritores, e daí em todas as bocas; de sorte que se pode dizer que está na ordem do dia, e tende a tomar lugar entre as crenças vulgares, embora, em muitos, preceda o conhecimento do Espiritismo; é uma conseqüência natural da reação espiritualista que se opera neste momento, e à qual o Espiritismo vem dar um poderoso impulso. Para as citações, não teríamos senão o embaraço da escolha, nos limitamos à passagem seguinte de um dos últimos romances da senhora George Sand: *Mademoiselle de La Quintinie*; obra filosófica notável, colocada no índice pela corte de Roma, assim como a *Revista dos Dois Mundos*, que a publicou em seus números de 1º e 15 de março, abril e maio de 1863. Nesta passagem, trata-se de um padre muito culpado, levado ao arrependimento, à reparação e à expiação terrestres pelos severos conselhos de um laico que lhe disse, entre outras coisas, isto:

"Passastes a idade das paixões, dizeis!... Não, porque entraís na das vinganças e das perseguições. Guardai-vos disso! Qualquer que seja, no entanto, a vossa sorte entre nós, vereis clarear um dia além do túmulo, e como não creio mais nos castigos sem fim, quanto nas provas sem frutos, vos anuncio que nos reencontraremos em alguma parte onde nos entenderemos melhor em lugar de nos combatermos; mas, não mais do que vós, não creio na impunidade do mal e na eficácia do erro. *Creio que expiareis o endurecimento voluntário de vosso coração por grandes dilaceramentos de coração em alguma outra existência.* Não teríeis, no entanto, senão que reentrar no caminho direto da felicidade progressiva, porque estou certo de que se pode tudo resgatar desde esta vida. A alma humana está dotada de magníficos poderes de arrependimento e de reabilitação. Isto não é contrário aos vossos dogmas, e vossa palavra de *contrição* disse muito."

Num próximo artigo examinaremos a obra do Sr. Renan sobre a vida de Jesus, e mostraremos que, apesar das aparências e com o desconhecimento do autor, é ainda um produto da reação espiritualista. O materialismo inutilmente proclama o nada, sacode em vão o círculo da lógica e da consciência universal que a encerra, seus últimos gritos são abafados pela voz que lhe grita dos quatro cantos do Mundo: "Temos uma alma imortal!" Mas em proveito de quem será a reação? É o que um futuro, que não está longe, nos ensinará.

À espera de que falemos da obra do Sr. Renan, recomendamos com instância aos nossos leitores uma pequena brochura, onde a questão nos parece encarada de um ponto de vista muito racional, e que contém observações muito judiciosas sobre essa delicada questão. É intitulada: *Reflexões de um ortodoxo da Igreja grega sobre a Vida de Jesus, pelo Sr. Renan.* (Casa dos Srs. Didier e Cia. Preço, 50 cent.)

ENTERRO DE UM ESPÍRITA NA VALA COMUM.

Um dos nossos irmãos em Espiritismo, membro da Sociedade de Paris, Sr. Costeau, acaba de morrer; foi inumado em 12 de setembro de 1863, no cemitério de Montemartre. Era um homem de coração, que o Espiritismo levou a Deus; sua fé no futuro era completa, sincera e profunda; era um simples operário calceteiro, praticando a caridade em pensamentos, em palavras e em ações, segundo seus fracos recursos, porque procurava ainda meio de assistir aqueles que tinham menos do que ele.

Estar-se-ia em erro considerando-se a Sociedade de Paris como uma reunião exclusivamente aristocrática, porque ela conta mais de um proletário em seu seio; acolhe todos os devotamentos à causa que sustenta, que venham do alto ou do baixo da escala social; o grande senhor e o artesão se dão a mão fraternalmente. Há algum tempo, ao casamento de um de nossos colegas, trabalhador também, assistiam um alto dignatário estrangeiro e a princesa sua mulher, ambos membros da Sociedade, que não tinham acreditado derrogar vindo sentar-se lado a lado com os outros assistentes, embora o luxo da cerimônia, celebrada numa capela obscura de uma opulenta paróquia, estivesse reduzida à sua mais simples expressão. É que o Espiritismo, sem cogitar uma igualdade quimérica, sem confundir as classes, sem pretender fazer passar todos os homens sob o mesmo nível social impossível, fá-los apreciar de um outro ponto de vista do que o prisma fascinante do mundo; ensina que o pequeno pode ter sido grande sobre a Terra, que o grande pode tornar-se pequeno, e que no reino celeste as classes terrestre não são contadas por nada. Assim é que, destruindo logicamente os preconceitos sociais de castas e de cor, conduz à verdadeira fraternidade.

Nosso irmão Costeau era pobre; deixa uma viúva na necessidade, também foi colocado na vala comum, porta que também conduz ao céu tão bem quanto o suntuoso mausoléu. O Sr. d'Ambel, vice-presidente, e o Sr. Canu, secretário da Sociedade, conduziram o féretro; um e outro pronunciaram sobre o túmulo palavras que causaram uma viva impressão sobre o auditório e sobre os próprios coveiros, visivelmente emocionados, embora insensíveis a essas espécies de cerimônias. Eis a alocução do Sr. Canu:

"Caro irmão Costeau, há alguns anos apenas, muitos dentre nós, e, o confesso, eu sendo o primeiro, não teríamos visto diante dessa tumba aberta senão o fim das misérias humanas, e, depois, o nada, o terrível nada! quer dizer, nada de alma para merecer ou expiar, e conseqüentemente nada de Deus para recompensar, castigar ou perdoar. Hoje, graças à nossa divina Doutrina, aqui vemos o fim das provas, e para vós, caro irmão, do qual restituímos à terra o despojo mortal, o triunfo de vossos labores e o começo das recompensas que mereceram vossa coragem, vossa resignação, vossa caridade, em uma palavra, vossas virtudes, e, acima de tudo, a glorificação de um Deus sábio, todopoderoso, justo e bom. Levai, pois, caro irmão, nossas ações de graças aos pés do Eterno, que consentiu em dissipar de nosso derredor as trevas do erro e da incredulidade, porque há pouco tempo ainda, vos teríamos dito, nesta circunstância, a fronte abatida e o desencorajamento no coração: "Adeus, amigo, para sempre." Hoje dizemos, a fronte alta e irradiando esperança, o coração cheio de coragem e de amor: "Caro irmão, até breve, e orai por nós."

Alocução do Sr. d'Ambel:

"Senhoras, senhores, e vós, caros colegas da Sociedade de Paris, é a segunda vez que conduzimos um de nossos colegas à sua última morada. Aquele a quem acabamos de dizer adeus foi um desses obscuros lutadores que os obstáculos da vida sempre encontraram inabalável; entretanto, a certeza absoluta lhe faltara por muito tempo; também, desde que o Espiritismo lhe foi conhecido, se apressou em abraçar uma doutrina que o levava à verdade, e cujos ensinamentos são tão próprios para consolar, de suas provas, os aflitos deste mundo. Modesto trabalhador, sempre cumpriu a sua tarefa com a serenidade do justo, e a adversidade que o feriu tão cruelmente, e com o nosso desconhecimento, os últimos dias de sua vida, abriu-lhe, ficai disto convencidos, vós todos que me escutais, um próximo caminho de prosperidade e de felicidade.

"Ah! quanto lamento que nosso mestre venerado não esteja em Paris; sua voz autorizada teria sido bem mais agradável do que a minha ao irmão que perdemos, e ter-lhe-ia dado uma homenagem mais considerável do que a minha obscuridade não lhe pode dar. Teria desejado dar ao enterro de nosso colega uma solenidade maior, mas prevenido

muito tarde para disto fazer parte a todos os membros da Sociedade presentes em Paris; mas, tão poucos que sejamos aqui, representamos a grande família espírita, que uma fé comum no futuro une de um canto a outro no mundo; somos os delegados de vários milhões de adeptos, em nome dos quais viemos vos pedir, caro e lamentado colega, de querer muito contribuir doravante, no limite de vossas novas faculdades, à propagação de nossa grande Doutrina, que, no meio das vossas últimas e cruéis provas, vos sustentou tão energicamente. Ah! como disse eloqüentemente nosso caro presidente Allan Kardec, no enterro de nosso irmão Sanson, é que a fé espírita dá, nesses momentos supremos, uma força da qual só se pode dar conta aquele que a possui, e, esta fé, o Sr. Costeau a possuiu no mais alto grau.

"Caro senhor Costeau, sabeis o quanto a Sociedade Espírita de Paris tinha por vós um vivo interesse; ela lamentará sempre em vós um de seus membros mais assíduos, e é em seu nome, em nome do seu presidente, em nome de vossa mulher e de vossa irmã desoladas, que venho vos dizer, como nosso amigo Sr. Canu, não adeus, mas até breve, num mundo mais feliz. Que possais gozar naquele em que estais agora a felicidade que mereceis, e vir nos estender a mão, quando vier nossa vez de aí entrar.

"Caros Espíritos dos Srs. Jobard e Sanson, acolhei, eu vos peço, nosso colega Costeau, e facilitai-lhe o acesso às vossas serenas regiões; caros Espíritos, orai por ele, orai por nós. Assim seja.

Depois desta alocução, o Sr. d'Ambel pronunciou textualmente a prece por aqueles que acabam de morrer, e que foi dita sobre a tumba do Sr. Sanson (*Revista Espírita*, maio de 1862, página 137)."

O Sr. Vézy, um dos médiuns da Sociedade, cujo nome é conhecido de nossos leitores pelas belas comunicações de Santo Agostinho, é então descido à fossa, e o Sr. d'Ambel fez, em voz alta, a evocação do Sr. Costeau, que deu, pelo Sr. Vézy, a comunicação seguinte, da qual todos os assistentes, aí compreendidos os coveiros, escutaram a leitura *com a cabeça descoberta* e com uma profunda emoção. Era, com efeito, um espetáculo novo e surpreendente de ouvir as palavras de um morto, recolhidas no próprio seio da tumba.

"Obrigado, amigos, obrigado; meu túmulo não está ainda fechado, e, no entanto, um segundo mais e a terra vai cobrir meus restos. Mas, sabei-o, sob este pó, minha alma não será escondida, vai planar no espaço para subir a Deus!

"Também, quanto é consolador poder dizer ainda, apesar do envoltório quebrado: Oh! não, não estou morto! eu vivo a verdadeira vida, da vida eterna!

"O enterro do pobre não é seguido por um grande número; orgulhosas manifestações não ocorrem sobre a sua tumba, e, no entanto, amigos, crede-me, *a multidão imensa não falta aqui*, e bons Espíritos seguiram convosco e com essas mulheres piedosas o corpo daquele que ali está deitado! Todos, ao menos, credes e amais o bom Deus!

"Oh! certamente não! não morremos porque nosso corpo se quebra, mulher bem amada! e doravante estarei sempre perto de ti para te consolar e te ajudar a suportar a prova. A vida será rude para ti; mas com a idéia da eternidade e do amor de Deus enchendo o teu coração, como os sofrimentos ser-te-ão leves!

"Parentes que cereais a minha bem amada companheira, amai-a, respeitai-a; sede para ela irmãos e irmãs. Não vos esqueçais que todos vós vos deveis assistência sobre a Terra, se quiserdes entrar na morada do Senhor.

"E vós, Espíritas! irmãos, amigos, obrigado por terdes vindo dizer-me adeus até esta morada de pó e de lama; mas sabeis, vós, sabeis bem que minha alma vive imortal, e que irá algumas vezes vos pedir prece, que não me serão recusadas, para me ajudar a marchar neste caminho magnífico que me abristes durante minha vida.

"Adeus a todos, que estais aqui, poderemos nos rever em outra parte do que sobre esta tumba. As almas me chamam ao seu encontro. Adeus! orai por aqueles que sofrem. Até breve.

"COSTEAU."

Depois de cumpridas as últimas formalidades fúnebres, esses senhores foram, no mesmo cemitério, fazer uma visita espírita ao túmulo de GEORGES, esse eminente Espírito que deu, por intermédio da senhora Gostei, as belas comunicações que nossos leitores, freqüentemente, têm admirado. O Sr. Georges, quando vivo, era o cunhado do Sr. d'Ambel. Ali, por intermédio do Sr. Vézy, recolheu as palavras seguintes:

"Embora não vivamos aqui (no lugar da inumação), gostamos, no entanto, de aqui vir vos agradecer as preces que vinde aqui dirigir para nós, e de algumas flores que deramais sobre nossos túmulos.

"Quanto bem faz crer nesses lugares de repouso e de prece! as almas podem conversar mais facilmente, e se dizem melhor, nesses impulsos íntimos, os sentimentos que as animam: uma junto de um túmulo, a outra planando acima!

"Acabais de dizer adeus a um de vossos amigos; eu vos agradeço por não terem me esquecido. Estava convosco nessa multidão de Espíritos que se pressionam junto à tumba que acaba de se abrir, e estava feliz em ver em vossos corações a vossa convicção e a vossa fé. Misturei minhas preces às vossas, e os Espíritos bem-aventurados as levaram para Deus!

"A fé espírita, meus bons amigos, fará volta ao mundo e acabará por tornar sábios os loucos; penetrará mesmo no coração desses padres que vistes há pouco sorrirem, e que vos causaram uma verdadeira dor... (alusão à maneira pela qual se realizou a cerimônia religiosa). Seu escândalo fez sangrar vossos corações, mas superastes vossa indignação pensando no bem que vós mesmos iríeis derramar sobre a alma de vosso amigo. Está ela aqui, junto a mim, e me pede para vos agradecer em seu nome.

"Já vos foi dito, o túmulo é a vida. Vinde algumas vezes, freqüentemente, à sombra do salgueiro, ao pé da cruz mortuária; no meio do silêncio, da calma, ouvireis uma harmonia divina, ouvireis, no meio das brisas, os concertos de nossas almas cantarem Deus... a eternidade... depois alguns de nós se destacarão dos coros sagrados para virem vos instruir sobre os vossos destinos. O que, até este dia, permaneceu mistério para vós, se revelará pouco a pouco aos vossos olhares, e podereis compreender vosso começo e vossas grandezas futuras.

Tomai, pois, encontros aqui, vós que quereis vos tornar sábios; aqui lereis as páginas da eternidade, e o livro da vida estará sempre aberto para vós. Neste lugar de calma e de paz, a voz do Espírito parece melhor se fazer ouvir àquele que quer se instruir; ela toma proporções mágicas e sonoras, e seus acentos penetram mais sobre aquele que ela quer agir.

"Trabalhai com zelo e fervor para a propaganda da idéia nova, nisso vos ajudarei sem cessar, e se a tranqüilidade do túmulo amedronta alguns, que saibam que os bons Espíritos são felizes por instruírem por toda a parte.

"Adeus e obrigado! Gostaria de poder comunicar ao mundo inteiro a fé da qual estais cheios! mas, em verdade, eu vo-lo digo, o Espiritismo é a alavanca com a qual Arquimedes levantará o mundo!

"Algumas palavras a vós, meu irmão, particularmente, uma vez que a ocasião disso se apresenta. Dizei à minha irmã para sempre amar os deveres impostos por Deus, tão pesados que sejam esses deveres; dizei-lhe para amar nossa mãe e me substituir junto dela; dizei-lhe para velar sobre minha filha, de sorrir ao céu e de encontrar os perfumes em cada flor da terra... Avós, meu irmão, aperto as duas mãos.

"GEORGES."

Daí ressalta um duplo ensino. Poder-se-ia admirar-se de que um Espírito, tão vizinho da época da morte, haja podido se exprimir com tanta lucidez, mas deve-se lembrar que o Sr. Sanson foi evocado na câmara mortuária, antes da retirada do corpo, e que deu, nes-

se momento, a bela comunicação que se pôde ver na *Revista*. Sua perturbação não havia durado senão algumas horas, e sabe-se, aliás, que o desligamento é rápido nos Espíritos avançados moralmente.

De um outro lado, por que o Sr. Vézy desceu à sepultura? Havia nisso utilidade ou era isso uma simples encenação? Afastemos primeiro este último motivo, porque os Espíritos sérios agem seriamente e religiosamente, e não fazem exibição; em semelhante momento, teria sido uma profanação. A utilidade, seguramente, não era absoluta; é preciso nisso ver um testemunho mais especial de simpatia, em razão mesmo de que o defunto estava na fossa comum. Sabe-se, aliás, que o acesso a essas valas é mais fácil do que os das covas particulares, cuja entrada é estreita, e o Sr. Vézy encontrava-se ali mais comodamente para escrever.

Isso poderia ter, no entanto, sua razão de ser, de um outro ponto de vista que, provavelmente, não veio ao pensamento do Sr. Vézy. Sabe-se que a evocação facilita o desligamento do Espírito, e pode abreviar a duração da perturbação. Sabe-se igualmente que os laços que unem o Espírito ao corpo não são sempre inteiramente quebrados logo depois da morte. Disso eis um notável exemplo:

Um jovem havia perecido acidentalmente de maneira muito infeliz. Sua vida havia sido a de muitos jovens ricos, desocupados, quer dizer, muito material. Comunicou-se espontaneamente a um médium de nosso conhecimento, que o conhecera quando vivo, pedindo que fosse lá evocá-lo e orar sobre seu *túmulo* para ajudar a romper os laços que o retinham ao seu corpo, do qual não podia chegar a se desembaraçar. Evidentemente, deve haver nesse caso uma ação magnética facilitada pela proximidade do corpo, e aí está, talvez, uma das causas que levam instintivamente os amigos dos defuntos a irem orar no lugar onde seu corpo repousa.

INAUGURAÇÃO DA CASA DE RETIRO DE CEMPUIS.

Já falamos da casa de retiro fundada em Cempuis, perto de Grandvilliers, no departamento do Oise, pelo Sr. Prévost, membro da Sociedade Espírita de Paris. Essa construção está hoje terminada, assim como as instalações interiores. Contígua ao estabelecimento, embora formando um corpo de edifício isolado, há uma capela de estilo gótico e de um aspecto monumental. A inauguração dessa capela ocorreu no domingo, 19 de julho último, dia de São Vicente de Paulo, a quem ela é dedicada, por uma cerimônia toda de caridade, quer dizer, por uma distribuição de pão, de vinho e de carne de açougue aos pobres da paróquia. O Sr. Prévost pronunciou a esse respeito o discurso seguinte, que estamos felizes em poder reproduzir:

"Senhores,

"O objetivo desta reunião vos é conhecido; não me estenderei, pois, sobre os detalhes sem utilidade, e que não vos ensinariam nada que já não sabeis. A obra material está hoje quase cumprida, graças à proteção evidente do Todo-Poderoso, que se dignou secundar meus esforços. Estamos aqui em família, todos, disto não duvido, animados dos mesmos sentimentos por sua divina bondade; unimo-nos, pois, num impulso comum de gratidão; roguemos a ele para continuar sua assistência e nos dar as luzes, que nos faltam.

"Deus do céu e da Terra, soberano senhor de todas as coisas, tem piedade de nossa fraqueza; eleva nossos corações para ti, a fim de que aprendamos a cumprir os nossos deveres segundo a tua vontade, e para que todas as nossas ações estejam de acordo com tua lei universal. Senhor, faça que nossa alma esteja cheia de teu amor; que ela se apaixone do fogo sagrado da convicção, e que ela prove a sua fé por atos de uma verdadeira caridade. Todas as palavras, por boas que sejam, se não são seguidas dos efeitos

da benevolência para com as tuas criaturas, se assemelham a uma bela árvore que não produz frutos.

Ajuda-nos, pois, Poder infinito, a superar os obstáculos que poderiam se elevar sobre nossos passos, e entravar nosso desejo de nos tornarmos úteis na missão para a qual nos escolheste; dá-nos a força necessária para cumpri-la com amor e sinceridade.

"Os bons socorros dados à velhice te são agradáveis, meu Deus, porque são um ato de justiça; ela nos precedeu no caminho; o sulco que ela traçou foi molhado com seus suores, e deles recolhemos os frutos; hoje sua experiência é um campo já ceifado, onde achamos ainda a respigar; portanto, é justo que a indenizemos por seus sacrifícios, assegurando-lhe o repouso após o trabalho. É um dever para nós, porque gostaríamos que fosse cumprido para conosco mesmos; mas para cumpri-lo dignamente é-nos necessária a tua assistência, porque não temos consciência de nossa fraqueza.

"É também em teu nome, Senhor, que o órfão encontrará aqui uma nova família; a criança abandonada crescerá em nossa casa ao doce calor do fogo divino, do qual favoreceste São Vicente de Paulo, a quem pedimos para nos assistir, a fim de que possamos cumprir este ato conforme o seu exemplo.

"Espírito infinito, tudo está em ti, tudo está para ti, nada está fora de ti; os castigos, como as recompensas, nos vêm de tua mão bendita; conheces nossas necessidades, somos teus filhos, e nisso nos remetemos à tua divina Providência.

"Os bons Espíritos que presidem, sob teu olhar paternal, aos destinos da Terra, os anjos guardiães dos homens, mereceram a tua confiança, Senhor; esperamos que, por ti, eles nos ajudarão a conservar intacto o sublime código moral promulgado pelo Cristo, teu filho bem amado. - Amai a Deus, nos disse do alto de sua cruz, há dezoito séculos; amai-vos uns aos outros; amai o vosso próximo como a vós mesmos; praticai a caridade para com todos e em todas as coisas. Eis sua lei, Senhor, e essa lei é a tua; possa ela se gravar em nossos corações, e nos fazer ver irmãos em todos os semelhantes, que, como nós, são teus filhos. Assim seja."

"Meus amigos, meus irmãos, sigamos este grande exemplo, e tenhamos uma fé sincera em Deus; ele nos ajudará a suportar as conseqüências da má direção que o esquecimento desses deveres imprimiu à sociedade, nos tempos já distantes de nós. Hoje muitas coisas reentram na ordem prescrita pelo Criador; apesar do egoísmo que nos domina ainda, num grande número, compreende-se melhor o amor fraterno; os preconceitos de casta, de seitas de nacionalidades se apagam pouco a pouco; a tolerância, uma das filhas da caridade evangélica, faz pouco a pouco desaparecerem esses antagonismos que por muito tempo dividiram os filhos de um mesmo Deus; o sentimento de humanidade se infiltra no coração das massas e já realizaram grandes coisas sobre diversos pontos da Terra. Na França, numerosas fábricas que ficaram sem trabalho recentemente experimentaram os doces efeitos desse amor do próximo. Esse impulso para o sofrimento fala bem alto em favor de nosso país; é preciso nele ver a mão de Deus. É com alegria que vemos a primeira nação do mundo civilizado levar, até sobre as regiões mais afastadas, o fruto desse amor da humanidade, o único que dá a verdadeira grandeza, e que ela hauriu no centro irradiante da cruz, ajudada pela luz do progresso que obriga o homem a ser melhor para com seu semelhante e a tornar-se ele mesmo.

"Espero, meus amigos, com o concurso dos homens instruídos e benevolentes, formar ulteriormente uma biblioteca moral e instrutiva anexada a este estabelecimento, onde cada um poderá retirar os meios de se melhorar, tanto sob o aspecto do espírito quanto sob o do coração.

Agradeço-vos muito sinceramente, a todos vós que viestes ao meu chamado oferecer em comum ações de graça à Divindade, em reconhecimento pela inspiração que deu da fundação do estabelecimento.

"A partir deste dia, 19 de julho de 1863, esta capela, dedicada a São Vicente de Paulo, do qual retrata sobre seus vitrais a doce e imortal imagem, Ihe é publicamente

consagrada pelo seu fundador, e que quer que. doravante, seja considerada como um lugar Santo, um lugar de prece. Deus ali deve ser adorado, e diante do símbolo de seu amor para com os homens, diante dessa venerável e grande figura do apóstolo da caridade cristã, se deverá compenetrar-se, de que o amor do próximo deve ser praticado por atos, que deve estar no coração e não sobre os lábios.

"Antes de nos separarmos, vamos repetir a Oração dominical.

"Nosso Pai, que está nos céus, que o vosso nome seja santificado, que o vosso reino chegue, que a vossa vontade seja feita sobre a Terra como no céu. Dai-nos hoje nosso pão de cada dia. Perdoai as nossas ofensas, como perdoamos àqueles que nos ofenderam. Não nos deixei cair em tentação, mas preservai-nos do mal. Assim seja."

O Sr. Prévost muito quis, nesta ocasião, nos remeter pessoalmente uma soma de 200 fr. para as obras de beneficência, e cujo emprego, infelizmente, não era difícil de encontrar.

A Sociedade Espírita de Paris, com relação ao discurso acima, votou pela unanimidade e por aclamação a carta seguinte, que lhe foi dirigida:

"Senhor e muito caro colega,

A Sociedade Espírita de Paris, da qual fazeis parte, ouviu com o mais vivo interesse a leitura do discurso que pronunciastes pela inauguração da capela da casa de retiro que haveis fundado em vossa propriedade de Cempuis. Esse discurso é a expressão dos nobres sentimentos que vos animam; é digno daquele que faz tão bom uso da fortuna adquirida por seu trabalho, e que não espera, para dela fazer proveito os infelizes, que a morte a tenha tornado inútil a ele, porque é quando vivo que vos impondes privações para fazer sua parte mais longa. A Sociedade se honra de contar entre seus membros um adepto que faz uma aplicação tão cristã dos princípios da Doutrina Espírita; ela decidiu, pela unanimidade, vos transmitir oficialmente a expressão de sua viva e fraternal simpatia pela obra humanitária que empreendestes, e para a vossa pessoa em particular.

"Recebei, etc.,"

A fortuna do Sr. Prévost é inteiramente o fruto de suas obras, e disso não tem senão mais mérito; depois de ter sofrido o contragolpe das revoluções que lhe fez perdê-la, reedificou-a por sua coragem e sua perseverança. Hoje, que chegou à idade do repouso, que se poderia dar largamente ao luxo e aos gozos da vida, contenta-se com estrito necessário, e, ao encontro de muitos outros, não espera para fazer parte de seu supérfluo aos seus irmãos em Jesus Cristo, de não ter mais necessidade de nada. Também sua recompensa será bela, e dela goza as primícias pelo prazer que proporciona o bem que se faz.

O Sr. Prévost tem, portanto, um grande erro aos olhos de certas pessoas: é de ser Espírita, de professar a doutrina do demônio. Seu discurso, no entanto, não é o de um ateu, muito longe disso, nem mesmo de um deísta, é o de um cristão; sua própria moderação é uma prova de caridade, porque se absteve de maldizer de seu próximo, nem mesmo de fazer alguma alusão àqueles que punham ao seu concurso condições que a sua consciência não lhe permitia aceitar.

OS BENFEITORES ANÔNIMOS.

O fato seguinte foi narrado pela *Patrie*, do mês de abril último:

"O proprietário de uma casa da rua do Cherche-Midi tinha permitido, anteontem, a um locatário, de trocar de residência sem tê-lo pago, mediante, no entanto, um reconhecimento de sua dívida; mas, enquanto se carregavam os móveis, o proprietário muda de

opinião e quer ser pago antes da partida do mobiliário. O locatário se desesperou, sua mulher chorou, e duas crianças de tenra idade imitavam sua mãe. Um senhor, condecorado da Legião de honra, passava, nesse momento, na rua; deteve-se. Tocado por esse desolador espetáculo, aproximou-se do infeliz devedor, e, sendo informado da soma devida pelo aluguel, entregou-lhe duas cédulas e desapareceu, seguido pelas bênçãos dessa família que ele salvou do desespero."

O *Opinion du Midi*, jornal de Nîmes, relatou no mês de julho um outro episódio do mesmo gênero:

"Acaba de se passar um fato tão estranho pelo mistério com o qual se realizou quanto tocante pelo seu objetivo e pela delicadeza do procedimento da pessoa que dele foi o autor.

"Narramos, há três dias, que um violento incêndio havia consumido quase inteiramente a loja e as oficinas do senhor Marteau, marceneiro em Nîmes. Contamos a dor desse infeliz homem em presença de um sinistro que consumava a sua ruína, porque o seguro mobiliário, que ele havia subscrito, era infinitamente abaixo do valor das mercadorias destruídas.

"Soubemos que hoje três carroças contendo madeiras de diversas espécies e qualidades, e instrumentos de trabalho, foram conduzidas diante da casa do senhor Marteau, e descarregadas em suas oficinas semi-devoradas pelas chamas.

"O indivíduo encarregado de conduzir essas carroças respondeu às interpelações das quais era o objeto, alegando a ignorância, em que estava, relativamente ao nome do doador do qual executava a vontade. Pretendeu não conhecer a pessoa que lhe havia dado a incumbência de conduzir as madeiras e as ferramentas à casa de Marteau, e nada saber fora dessa incumbência. Retirou-se depois de ter esvaziado completamente suas três viaturas.

"Alegria e a felicidade substituíram, em Marteau, o abatimento do qual era impossível tirá-lo desde o dia do incêndio.

"Que o generoso desconhecido que tão nobremente veio em socorro de um infortúnio que, sem ele, talvez tivesse sido irreparável, receba aqui os agradecimentos e as bênçãos de uma família que lhe deve, desde hoje, a mais doce das consolações e que talvez logo lhe deverá a sua prosperidade."

O coração se tranqüiliza lendo semelhantes fatos que vêm, de tempos em tempos, fazer a contrapartida dos relatos de crimes e torpezas que os jornais expõem em suas colunas. Os episódios como os relatos acima, provam que a virtude não está inteiramente banida da Terra, como pensam certos pessimistas. Sem dúvida, o mal nela domina ainda, mas, quando se procura na sombra, acha-se que, sob a erva má, há mais violetas, quer dizer, mais boas almas do que não se crê. Se elas parecem tão dispersas, é que a verdadeira virtude não se põe em evidência, porque é humilde; contenta-se com os gozos do coração e da aprovação de sua consciência, ao passo que o vício se expõe impudentemente à luz; faz ruído, porque é orgulhoso. O orgulho e a humildade são os dois pólos do coração humano: um atrai todo o bem, e o outro todo o mal; um tem a calma, e o outro a tempestade; a consciência é a bússola que indica a rota conduzindo a cada um dos dois.

O benfeitor anônimo, do mesmo modo que aquele que não espera para dar depois de sua morte àqueles que não têm, sem contradita, é o tipo do homem de bem por excelência; é a virtude modesta personificada, aquela que não procura os aplausos dos homens. Fazer o bem sem ostentação é um sinal incontestável de uma grande superioridade moral, porque é preciso uma fé viva em Deus e no futuro, é preciso fazer abstração da vida presente e se identificar com a vida futura para esperar a aprovação de Deus, e renunciar à satisfação que proporciona o testemunho atual dos homens. O reconhecido bendiz em seu coração a mão generosa desconhecida que o socorreu, e esta bênção sobe aos céus mais do que os aplausos da multidão. Aquele que toma o sufrágio dos homens mais do que o de Deus, prova que tem mais fé nos homens do que em Deus, e que

a vida presente é mais para ele do que a vida futura; se diz o contrário, age como se não cresse no que disse. Quantos há deles que não reconhecem senão com esperança de que o agradecido irá gritar o benefício sobre os telhados; que, à luz, dariam uma grande soma, e na sombra não dariam uma peça de moeda! Eis porque Jesus disse: "Aqueles que fazem o bem com ostentação já receberam sua recompensa." Com efeito, àquele que procura sua glorificação sobre a Terra, Deus não deve nada; não lhe resta a receber senão o preço de seu orgulho.

Que relação tem isso com o Espiritismo? dirão talvez certos críticos; que não contaís fatos mais divertidos do que essa moral *aborrecida!* (*Julgamento da moral espírita*, pelo Sr. Figuier, IV vol, página 369.) Isto deveu semelhança, nesse sentido de que o Espiritismo, dando uma fé inabalável na bondade de Deus e na vida futura, graças a ele, os homens fazendo o bem pelo bem, serão um dia menos dispersos do que não o são hoje; que os jornais terão para registrar menos crimes e suicídios e mais atos da natureza daqueles que deram lugar a estas reflexões.

ESPÍRITOS VISITANTES.

François Franckowski.

Certas pessoas pensam que os Espíritos não vêm senão ao chamado que se lhes faz; é um erro que não partilham aqueles que conhecem o Espiritismo, porque sabem que muitas vezes se apresentam espontaneamente, sem serem chamados, o que nos leva a dizer que se fosse proibido chamar os Espíritos, não se poderia impedi-los de virem. Mas, dir-se-á, eles vêm porque praticais a mediunidade, e que nela chamais outros; se vos absterdes, não virão. Está aí ainda um grave erro, e os fatos estão aí para provar quantas vezes os Espíritos se manifestaram pela visão, pela audição, ou de toda outra maneira, a pessoas que não tinham jamais ouvido falar do Espiritismo. Não é, pois, contra os médiuns que seria preciso uma ordem de interdição, mas bem contra os Espíritos, para lhes fazer a proibição de se comunicarem, mesmo com permissão de Deus.

As comunicações espontâneas têm o interesse muito mais comovente quando são Espíritos que não eram esperados nem são conhecidos, e nos quais mais tarde pode-se verificar a identidade. Deles citamos um exemplo notável na história de Simon Louvet, narrada na *Revista* de março de 1863, página 87; eis um outro fato não menos instrutivo obtido por um médium de nosso conhecimento.

Um Espírito se apresentou sob o nome de *François Franckowski*, e ditou o que segue:

"O amor de Deus é o sentimento que resume todos os amores, todas as abnegações. O amor da pátria é um raio desse sublime sentimento. Ó meu pobre país! ó infeliz Polônia! quantas infelicidades vieram se fundir sobre ti! quanto os crimes daqueles que se crêem civilizados são horríveis, e quanto os infelizes que querem entrar a liberdade serão castigados! Ó Deus! lança um olhar sobre esse infeliz país, e faz a graça àqueles que, inteiramente na vingança, não pensam que tu os punirás além de sua vida. A Polônia é uma terra bendita, porque engendra grandes devotamentos, e nenhum de seus filhos é frouxo. Deus ama aqueles que se esquecem para o bem de todos. É uma recompensa do devotamento dos Poloneses que fará graça e que seu jugo será quebrado. Morri vítima de nossos opressores, que todos os nossos deles eram execrados. Era jovem, tinha vinte e quatro anos; minha pobre mãe está morrendo de dor por ter perdido tudo o que ela amava nesse mundo: seu filho. Peco-vos por ela, orai por ela, para que esqueça e que perdoe ao meu carrasco, porque sem esse perdão, estará para sempre separada de mim...Pobre mãe! eu a revi somente na manhã de minha morte e era tão terrível de se sentir separados!... Deus teve piedade de mim, e não a deixou desde que pude sacudir o resto de vitalidade que prendia meu Espírito ao meu corpo... Venho avós, porque sei que orais por

e/a/tão boa, tão resignada comumente, e tão revoltada contra Deus desde que não estou mais lá!.....É preciso que ela perdoe. Orai

para que esse sublime perdão de uma mãe ao carrasco de seu filho venha acabar uma vida tão gloriosamente começada. Adeus!

Orareis, não é?

"FRANÇOIS FRANCKOWSKI."

O médium jamais ouvira falar dessa pessoa, e pensava que talvez fosse o juguete de uma mistificação, quando, alguns dias depois, recebeu diversos objetos de roupa branca, que havia mandado, envolvido num fragmento do *Petit Journal*, de 7 de julho último. Maquinalmente percorreu-o, e, sob a rubrica de *Execuções capitais*, leu um artigo começando assim:

"Achamos curiosos detalhes sobre a execução de um jovem Polonês, prisioneiro dos Russos. Franckowsky era um jovem de vinte e quatro anos. Tem ainda seus pais, que tinham mesmo recebido a permissão de visitá-lo na prisão. Não tendo sido preso de armas à mão, foi condenado pelo conselho de guerra a ser enforcado. Assisti à execução, e não posso pensar sem emoção nesse acontecimento terrível..."

Segue o relato detalhado da execução e dos últimos momentos da vítima, morta com a coragem do heroísmo.

Àqueles que negam as manifestações, - o seu número diminui todos os dias, - àqueles que atribuem as comunicações medianímicas à imaginação, ao reflexo do pensamento, mesmo inconsciente, perguntaremos de onde poderia vir ao médium a intuição do nome de Franckowsky, com a idade de vinte e quatro anos, da mãe vindo ver seu filho na prisão, do fato, numa palavra, do qual não tinha nenhum conhecimento, do qual mesmo duvidava, e do qual encontra confirmação num pedaço de jornal envolvendo um pacote? E é preciso que esse pedaço seja precisamente o que contém o relato. "Sim, direis, é o acaso." Seja, para vós, que não vedes em todas as coisas senão o acaso; mas o resto?

Àqueles que pretendem interditar as comunicações sob o pretexto de que elas vêm do diabo, ou de qualquer outro, perguntaremos se há alguma coisa de mais belo, de mais nobre, de mais evangélico do que a alma desse filho que perdoa seu carrasco, que suplica à sua mãe perdoá-lo também, que dá o perdão como uma condição de salvação! E por que vem a esse médium que não conhecia, mas a quem mais tarde dá uma prova irrecusável de sua identidade? Para lhe pedir para orar para que sua mãe perdoe. E dizeis que está aí a linguagem do demônio? Praza ao céu então que todos aqueles que falem em nome de Deus falem desse modo! Tocariam mais os corações do que com o anátema e a maldição.

DA PROIBIÇÃO DE EVOCAR OS MORTOS

Alguns membros da Igreja se apoiam sobre a proibição de Moisés para proscreever as comunicações com os Espíritos; mas se sua lei deve ser rigorosamente observada sobre este ponto, deve sê-lo igualmente sobre todos os outros, pois, por que seria ela boa no que concerne às evocações, e má em outras partes? É preciso ser conseqüente; reconhecendo-se que sua lei não está mais em harmonia com os nossos costumes e nossa época para certas coisas, não há razão para que não seja assim em sua proibição com respeito às evocações. Aliás, é preciso se reportar aos motivos que o fizeram fazer essa proibição, motivos que, então, tinham sua razão de ser, mas que hoje, seguramente, não existem mais. Quanto à pena de morte, que deveria seguir a infração a essa proibição, é preciso considerar que nisso era muito pródigo, e que em sua legislação draconiana, a severidade do castigo não era sempre um indício da gravidade da falta. O povo hebreu era turbulento, difícil de conduzir, e não podia ser domado senão pelo terror. Aliás, Moisés

não tinha grande escolha em seus meios de repressão; não tinha nem prisões, nem casas de correção, e seu povo não era de natureza a sentir o medo de penas puramente morais; não podia, pois, graduar sua penalidade como se faz em nossos dias. Ora, era-lhe preciso, para respeito à sua lei, manter a pena de morte para todos os casos onde a aplicava? Por que, aliás, faz-se reviver com tanta insistência esse artigo, quando se passa sob silêncio o começo do capítulo que proíbe aos padres de possuírem os bens da Terra e de ter parte em alguma herança, porque o próprio Senhor é seu herdeiro? (Deuteronomio, cap. XVIII.) Há duas partes distintas na lei de Moisés: a lei de Deus propriamente dita, promulgada sobre o monte Sinai, e a lei civil, ou disciplinar, apropriada aos costumes e ao caráter do povo; uma é invariável, a outra se modifica segundo os tempos, e não pode vir ao pensamento de ninguém que possamos ser governados pelos mesmos meios que os Hebreus no deserto, não mais do que a legislação da Idade Média não poderia se aplicar à França do século dezanove. Quem pensaria, por exemplo, em fazer reviver hoje este artigo da lei mosaica: "Se um boi fere com seu chifre um homem ou uma mulher, e que a pessoa com isso morra, o boi será lapidado sem nenhuma remissão, e não se comerá de sua carne, e o senhor do boi será absolvido." Ora, que diz Deus em seus mandamentos? "Não terás outro Deus senão eu; não tomaras o nome de Deus em vão; honra a teu pai e a tua mãe; não matarás; não cometerás adultério; não furtarás; não dirás falso testemunho; não cobiçarás o bem de teu próximo." Eis uma lei que é de todos os tempos e de todos os países, e que, por isso mesmo, tem um caráter divino; mas não há a questão da proibição de evocar os mortos; de onde é preciso concluir que essa proibição era uma simples medida disciplinar e de circunstância.

Mas Jesus não veio modificar a lei mosaica, e sua lei não é o código dos cristãos? Não disse ele: "Aprendestes que foi dito aos Antigos tal e tal coisa; e eu vos digo tal outra coisa?" Ora, em nenhuma parte, no Evangelho, não faz menção da proibição de evocar os mortos; é um ponto bastante sério para que o Cristo não o haja omitido em suas instruções, então que tratou das questões de uma ordem muito mais secundária; ou bem é preciso pensar, com um eclesiástico a quem se fez essa objeção, que "Jesus se esqueceu de falar disso?"

Não sendo admissível o pretexto da proibição de Moisés, apoia-se sobre o que a evocação é uma falta de respeito para com os mortos, dos quais não é preciso perturbar as cinzas. Quando essa evocação é feita religiosamente e com recolhimento, não se vê o que ela tem de desrespeitoso; mas há uma resposta peremptória a fazer a essa objeção, é que os Espíritos vêm voluntariamente quando chamados, e mesmo espontaneamente sem serem chamados; que testemunham a sua satisfação em se comunicarem com os homens, e se lamentam, freqüentemente, do esquecimento em que são deixados às vezes. Se estivessem perturbados em sua quietude ou descontentes com o nosso chamado, o diriam ou não viriam. Se vêm, é, pois, que isso lhes convém, porque não sabemos que esteja no poder de quem quer que seja constranger os Espíritos, seres impalpáveis, a se desviarem do dever se não o querem, uma vez que não se pode lhes prender o corpo.

Alega-se uma outra razão: as almas, diz-se, estão no inferno ou no paraíso; as que estão no inferno dele não podem sair; as que estão no paraíso estão inteiramente em sua beatitude, e muito acima dos mortais para se ocuparem deles; restam aquelas que estão no purgatório; mas estas são sofredoras e têm que pensar em sua própria salvação antes de tudo; portanto, nem umas nem as outras podem vir, é só o diabo que vem em seu lugar. No primeiro caso, seria bastante racional supor que o diabo, o autor e instigador da primeira revolta contra Deus, em rebelião perpétua, que não sente nem remorso nem arrependimento do que faz, seja mais rigorosamente punido do que as pobres almas que ele arrasta ao mal, e que, freqüentemente, não são culpadas senão de uma falta temporária da qual têm amargos remorsos; longe disso, é tudo o contrário que ocorre; essas almas infelizes são condenadas a sofrimentos atroztes, sem tréguas nem graças durante a eternidade, sem terem um único instante de alívio, e, durante esse tempo, o diabo, autor

de todo esse mal, goza de toda a sua liberdade, corre o mundo para recrutar vítimas, toma todas as formas, dá a si mesmo todas as alegrias, faz travessuras, diverte-se mesmo em interromper o curso das leis de Deus, uma vez que pode fazer milagres; em verdade, para as almas culpadas, é de invejar a sorte do diabo; e Deus o deixa sem nada dizer, sem lhe opor nenhum freio, sem permitir aos bons Espíritos de virem ao menos contrabalançar suas tentativas criminosas! De boa fé, isto é lógico? e aqueles que professam uma tal doutrina podem jurar, com a mão sobre a consciência que se colocariam no fogo para sustentarem que é a verdade?

O segundo caso levanta uma dificuldade também tão grande. Se as almas que estão na beatitude não podem deixar sua morada afortunada para virem em socorro dos mortais, é que, seja dito de passagem, seria uma felicidade muito egoísta; por que a Igreja invoca a assistência dos santos que, eles, devem gozar da maior soma possível de beatitude? Por que diz aos fiéis para invocá-los nas enfermidades, nas aflições, e para se preservarem dos flagelos? Por que, segundo ela, os santos, a própria Virgem, vêm se mostrar aos homens e fazer milagres? Deixam, pois, o céu para virem sobre a Terra? Se podem deixá-lo, por que outros não o fariam?

Todos os motivos alegados para justificar a proibição de comunicar com os Espíritos não podem sustentar um exame sério, é preciso que haja um outro não confessado; esse motivo poderia bem ser o medo de que os Espíritos, muito clarividentes, não viessem esclarecer os homens sobre certos pontos, e fazê-los conhecer exatamente o que ocorre no outro mundo, e as verdadeiras condições para ser feliz ou infeliz; é porque, do mesmo modo que se diz a uma criança: "Não vá lá, há um lobisomem;" diz-se aos homens: Não chameis os Espíritos, são o diabo." Mas se agirá inutilmente; proibindo-se aos homens de chamarem os Espíritos, não impedirão os Espíritos de virem até os homens, tirar a lâmpada de debaixo do alqueire.

DISSERTAÇÕES ESPIRITAS.

Tendo Moisés proibido de se evocarem os mortos, é permitido fazê-lo?
(Bordeaux: Médium, senhora Collingnon.)

Nota. - Esta comunicação foi dada num grupo espírita de Bordeaux, em resposta à pergunta acima. Antes que dela tivéssemos conhecimento, tínhamos feito o artigo precedente sobre o mesmo assunto; nós a publicamos apesar disso, precisamente por causa da concordância das idéias. Muitas outras, em diversos lugares, foram obtidas sobre o mesmo sentido, o que prova o acordo dos Espíritos a esse respeito. Não sendo essa objeção mais sustentável do que todas aquelas que se opõem às relações com os Espíritos, cairá do mesmo modo.

O homem é, pois, tão perfeito que crê inútil medir suas forças? e sua inteligência é tão desenvolvida que possa suportar toda a luz?

Quando Moisés trouxe aos Hebreus uma lei que pudesse fazê-los sair do estado de servidão no qual viviam, e reavivar neles a lembrança de seu Deus que tinham esquecido, foi obrigado a medir a luz à força de sua visão, e a ciência à força de seu entendimento.

Por que não perguntais assim: Por que Jesus se permitiu refazer a lei? Por que disse: "Moisés vos disse: Dente por dente, olho por olho, e eu vos digo: Fazei o bem àqueles que vos querem o mal; bendizei àqueles que vos maldizem; perdoai àqueles que vos perseguem."

Por que Jesus disse: "Moisés disse: que aquele que quer deixar sua mulher lhe dê a carta de divórcio. Mas eu vos digo: Não separeis o que Deus uniu."

Por quê? É que Jesus falava a Espíritos mais avançados na encarnação do que não o eram ao tempo de Moisés. É que é preciso proporcionar a lição à inteligência do aluno.

É que vós, que questionais, que duvidais, não chegastes ao ponto em que deveis estar, e não sabeis ainda o que sabereis um dia.

Por quê? Mas perguntais, pois, a Deus por que criou a erva dos campos, da qual o homem civilizado chegou a fazer a sua alimentação? por que fez árvores que não deveriam crescer senão em certos climas, sob certas latitudes, e que o homem chegou a aclimatar por toda a parte?

Moisés disse aos Hebreus: "*Não evoqueis os mortos!*" como se diz às crianças: *Não toqueis no fogo!*

Não foi a evocação que, pouco a pouco, havia degenerado entre os Egípcios, os Caldeus, os Moabitas e todos os povos da antigüidade, em idolatria? Não teriam tido a força de suportar a ciência, teriam se queimado, e o Senhor quisera preservar alguns homens, a fim de que pudessem servir e perpetuar seu nome e sua fé.

Os homens eram perversos e dispostos às evocações perigosas. Moisés preveniu o mal. O progresso deveria se fazer entre os Espíritos como entre os homens; mas a evocação ficou conhecida e praticada pelos príncipes da Igreja; a vaidade, o orgulho, são tão velhos quanto a Humanidade; portanto, os chefes da sinagoga usavam da evocação, e, muito freqüentemente, a usavam mal; também a cólera do Senhor, com freqüência, pesava sobre eles.

Eis porque Moisés disse: "Não evoqueis os mortos." Mas essa própria proibição prova que a evocação era usual entre o povo, e foi ao povo que ele a proibiu.

Deixai, pois, dizer àqueles que perguntam por quê? Abri-lhes a história do globo que eles cobrem com seus pequenos passos, e perguntai-lhes por que, depois de tantos séculos acumulados, sapateiam tanto por tão pouco avançar? É que sua inteligência não é bastante desenvolvida; é que a rotina os oprime; é que querem fechar os olhos apesar dos esforços que se fazem para lhes abrir.

Perguntai por que Deus é Deus? por que o Sol os ilumina?

Que estudem, que procurem, e na história da antigüidade verão porque Deus quis que esse conhecimento desaparecesse em parte, a fim de reviver com mais brilho, então que os Espíritos encarregados de reportá-la teriam mais força e não faliriam sob o seu peso.

Não vos inquieteis, meus amigos, com questões ociosas, objeções sem motivo que vos são dirigidas. Fazei sempre o que acabais de fazer: perguntai e vos responderemos com prazer. A ciência está com aquele que a procura; ela surge então para se mostrar a ele. A luz clareia aqueles que abrem seus olhos, mas as trevas se espessam para aqueles que querem fechá-los. Não é àqueles que perguntam que é preciso recusar, mas àqueles que fazem objeções no único objetivo de extinguir a luz, ou que não ousam olhá-la. Coragem, meus amigos, estamos prontos para vos responder todas as vezes que isso for necessário.

SIMÉON por MATHIEU.

Os falsos devotos.

(Reunião particular, 10 de março de 1863. - Médiun, senhora Costel.)

Minha lembrança vem de ser evocada por meu retrato e por meus versos; duas vezes tocada em minha vaidade feminina e em meu amor-próprio de poeta, venho reconhecer vossa benevolência esboçando em grandes traços a silhueta dos falsos devotos, que são na religião a falsa mulher honesta da sociedade. Esse assunto entra no quadro de meus estudos literários, dos quais *lady Tartufe* exprimia uma nuança.

Os falsos devotos sacrificam às aparências e traem a verdade; têm o coração seco e os olhos úmidos, a bolsa fechada e a mão aberta; falam de boa vontade do próximo, criticando suas ações de um modo enjoativo, que exagera o mal e diminui o mérito. Muito

ardentes na conquista dos bens materiais ou mundanos, agarram-se aos tesouros imaginários que a morte dispersa, e negligenciam os verdadeiros bens que servem ao fim do homem e são a riqueza da eternidade. Os hipócritas da devoção são os répteis da natureza moral; vis, baixos, evitam as faltas castigadas pela punição pública, e cometem na sombra atos sinistros. Quantas famílias desunidas, espoliadas! quantas confianças traídas! quantas lágrimas e mesmo quanto sangue!...

A comédia é o avesso da tragédia; atrás do celerado caminha o bufão, e os falsos devotos têm por acólitos seres ineptos que não agem senão por imitação; refletem, à maneira dos espelhos, a fisionomia de seus vizinhos. Levam-se a sério, se enganam a si mesmos, zombam por timidez do que crêem, exaltam aquilo de que duvidam, comungam com ostentação, queimam em segredo pequenas velas às quais atribuem muito mais virtude do que à santa hóstia.

Os falsos devotos são os verdadeiros ateus da virtude, da esperança, da Natureza e de Deus; negam o verdadeiro e afirmam o falso. No entanto, a morte os levará sujeitos do disfarce e cobertos de ouropéis que os mascaram, e os lançará ofegantes em plena luz.

DELPHINE DE GIRARDIN.

Longevidade dos patriarcas.

(Sociedade Espírita de Paris, 11 de julho de 1862. - Mèdium, Sr. A. Didier.)

Que vos importa a idade dos patriarcas em geral, e a de Matusalém em particular! A Natureza, sabeis-o bem, pois, jamais teve contra-sensos e irregularidades; e se a máquina humana algumas vezes variou, ela jamais empurrou por tão longo tempo a destruição material: a morte. A Bíblia, como já vos disse, é um magnífico poema oriental onde as paixões humanas são divinizadas, como as paixões que idealizavam os Gregos, as grandes colônias da Ásia Menor. Tem-se o erro de casar a concisão com a ênfase, a evidência com a difusão, a frieza do raciocínio e da lógica moderna com a exaltação oriental. Os querubins da Bíblia tinham seis asas, vós o sabeis: quase monstros! O Deus dos Judeus banhava-se no sangue; vós o sabeis, e quereis que vossos anjos sejam os mesmos anjos, e que vosso Deus, soberanamente bom e soberanamente justo, seja o mesmo Deus? Não alieis, pois, vossa análise poética moderna com a poesia mentirosa dos antigos Judeus ou pagãos.

A idade dos patriarcas é uma figura moral, e não uma realidade; a autoridade, a lembrança desses grandes nomes, desses verdadeiros pastores de povos, enriquecidos de mistérios e de lendas, que se fazia irradiar ao redor deles, existiam entre esses nômades supersticiosos e idolatras da lembrança. É provável que Matusalém viveu muito tempo no coração de seus descendentes. Notai que na poesia oriental toda idéia moral é incorporada, encarnada, revestida de uma forma brilhante, irradiante, esplêndida, contrariamente à poesia moderna que desencarna, que rompe o involtório para deixar escapar a idéia até o céu. A poesia moderna é expressa não só pelo brilho e a cor da imagem, mas também pelo desenho firme e correto da lógica, pela idéia, em uma palavra. Como quereis aliar esses dois grandes princípios tão contrários? Quando ledes a Bíblia aos raios do Oriente, no meio das imagens douradas, nos horizontes intermináveis e difusos dos desertos, das estepes, fazeis, pois, correr a eletricidade que atravessa todos os abismos, todas as trevas; quer dizer, servi-vos de vossa razão, e julgai sempre a diferença dos tempos, das formas e das compreensões.

LAMENNAIS.

A voz de Deus.

(Sociedade Espírita de Paris, 11 de julho de 1862. - Mèdium, Sr. Flammarion.)

Tendes ouvido o ruído confuso do mar rumorejante, quando o vento norte enfuna as vagas ou quando ela quebra, rugindo suas ondas argêntas sobre a praia? Ouvistes o estrondo sonoro do raio nas nuvens cinzentas ou o murmúrio da floresta sob o sopro do vento da noite? Ouvistes no fundo da alma essa múltipla harmonia que não fala aos sentidos senão para atravessá-los e chegar até o ser pensante e amante? Se, pois, não tendes ouvido e compreendido essas mudas palavras, não sois filhos da revelação, e não credes ainda. A estes direi: "Saí da cidade e nessa hora silenciosa em que os raios estelares descem do céu e, recolhendo em vós mesmos vossos íntimos pensamentos, contemplai o espetáculo que vos cerca, e chegareis antes da aurora a partilhar a fé dos vossos irmãos. "Àqueles que já crêem na grande voz da Natureza, direi: "Filhos da nova aliança, é a voz do Criador e do conservador dos seres que fala no tumulto das ondas, no rumor do trovão; é a voz de Deus que fala no sopro dos ventos: amigos, escutai ainda, escutai freqüentemente, escutai por muito tempo, escutai sempre, e o Senhor vos receberá de braços abertos." Ó vós, que já ouvistes sua voz poderosa nesse mundo, vós a compreenderdes melhor num outro mundo.

GALILEU.

O livre arbítrio e a presciência divina.

(Thionville, 5 de janeiro de 1863. -Médium, Sr. doutor R...)

Há uma grande lei que domina todo o Universo, a lei do progresso. É em virtude dessa lei que o homem, criatura essencialmente imperfeita, deve, como tudo o que existe sobre nosso globo, percorrer todas as fases que o separam da perfeição. Sem dúvida, Deus sabe quanto tempo cada um porá para chegar ao objetivo; mas como todo progresso deve resultar de um esforço feito para cumpri-lo, não haveria nenhum mérito se o homem não tivesse a liberdade de tomar tal ou tal caminho. O verdadeiro mérito, com efeito, não pode resultar senão de um trabalho operado pelo Espírito para vencer uma resistência mais ou menos considerável.

Como cada um ignora um número de existências consagradas por ele para o seu adiantamento moral, ninguém pode nada pre-julgar sobre essa grande questão, e é aí sobretudo que brilha de maneira admirável a infinita bondade de nosso Pai celeste que, ao lado do livre arbítrio que nos deixou, no entanto, semeou nosso caminho de mourões indicadores que lhe aclaram os desvios. É, pois, por um resto de predomínio da matéria que muitos homens se obstinam em permanecer surdos às advertências que lhes chegam de todos os lados, e preferem estragar, nos prazeres enganadores e efêmeros, uma vida que lhes fora concedida para o adiantamento de seu espírito.

Não se poderia, pois, sem blasfemar, afirmar que Deus haja querido a infelicidade de suas criaturas, uma vez que os infelizes expiam sempre, seja uma vida anterior mal empregada, seja a sua recusa de seguir o bom caminho, que então lhe estava claramente indicado.

Depende, pois, de cada um abreviar a prova que deve sofrer, e para isso guias seguros bastante numerosos lhe são concedidos, para que seja inteiramente responsável por sua recusa de seguir seus conselhos; e ainda neste caso existe um meio certo de atenuar uma punição merecida, dando sinais de um arrependimento sincero, e recorrendo à prece, que não falta nunca de ser atendida, quando é feita com fervor. O livre arbítrio existe, pois, muito realmente no homem, mas com um guia: a consciência.

Todos vós que tendes acesso ao grande centro da nova ciência, não negligencieis de vos penetrar das eloqüentes verdades que ela vos revela, e dos admiráveis princípios que lhe são as conseqüências; segui-os fielmente, é aí que brilha sobretudo o vosso livre arbítrio.

Pensai, de uma parte, nas fatais conseqüências que arrastariam para vós a recusa de seguir o bom caminho, como nas recompensas magníficas que vos esperam, no caso em que obedeçais às instruções dos bons Espíritos; é aí que brilhará, a seu turno, a presciência divina.

Os homens se esforçam em vão procurando a verdade por todos os meios que crêem ter da ciência; esta verdade que parece lhes escapar, os costeia sempre, e os cegos não a percebem!

Espíritos sábios de todos os países, aos quais é dado levantar um canto do véu, não negligencieis os meios que vos são oferecidos pela Providência! Provocai nossas manifestações, fazei aproveitá-las sobretudo vossos irmãos menos aquinhoados do que vós; inculcai em todos os preceitos que vos chegam do mundo espírita, e tereis muito merecido, porque tereis contribuído para uma grande parte no cumprimento dos desígnios da Providência.

ESPÍRITO FAMILIAR.

O Panteísmo.

(Sociedade Espírita de Paris. - Médiun, senhora Costel.)

O panteísmo, ou a encarnação do Espírito na matéria, da idéia na forma, é o primeiro passo do paganismo para a lei de amor, que foi revelada e pregada por Jesus. A antigüidade, ávida de prazeres, apaixonada pela beleza exterior, quase não olhava além do que ela via; sensual, ardente, ignorava as melancolias que nascem da dúvida inquieta e das afeições recalcadas: temia os deuses dos quais colocava a imagem polida nas salas de suas residências; a escravidão e a guerra a roíam por dentro, a esgotavam por fora; em vão a Natureza sonora e magnífica convidava os homens a compreender seu esplendor; eles a temiam, ou a adoravam igual dos deuses. As madeiras sagradas participavam do terror dos oráculos, e nenhum mortal separava o benefício de sua solidão das idéias religiosas que faziam palpitar a árvore e tremer a pedra.

O panteísmo tem duas faces, sob as quais convém estudá-lo. Primeiro, a separação infinita da natureza divina, dividida em todas as partes da criação e se encontrando nos mais ínfimos detalhes, tanto quanto em sua magnificência, quer dizer, uma confusão flagrante entre a obra e o obreiro. Em segundo lugar, a assimilação da humanidade, ou antes, sua absorção na matéria. O panteísmo antigo encarnava as divindades; o moderno panteísmo assimila o homem ao reino animal e faz jorrar as moléculas criadoras da ardente fornalha onde se elabora a vegetação, confundindo assim os resultados com o princípio.

Deus é a ordem, que a confusão humana não saberia perturbar; tudo vem a propósito: a seiva às árvores e o pensamento aos cérebros; nenhuma idéia, filha do tempo, é abandonada ao acaso; ela tem sua fieira, um estreito parentesco que lhe dá sua razão de ser, liga-a ao passado e a inicia no futuro. A história das crenças religiosas é a prova dessa verdade absoluta; não mais uma idolatria, não mais um sistema, não mais um fanatismo que não tivesse sua poderosa e imperiosa razão de existir; todos avançam para a luz, todos convergem para o mesmo objetivo, e todos virão se confundir, como as águas dos rios distantes, no vasto e profundo mar da unidade espírita.

Assim o panteísmo, precursor do catolicismo, trazia em si o germe da universalidade de Deus; inspirava aos homens a fraternidade para com a Natureza, essa fraternidade que Jesus deveria lhes ensinar a praticar uns para com os outros; fraternidade sagrada, afirmada hoje pelo Espiritismo, que religa vitoriosamente os seres terrestres ao mundo espiritual.

Em verdade eu vo-lo digo, a lei de amor desenvolve lentamente, e de maneira contínua, suas espirais infinitas; é ela que, nos ritos misteriosos das religiões indianas, diviniza

o animal, sagrando-o pela sua fraqueza e seus humildes serviços; foi ela que povoou de deuses familiares os lares purificados; foi ela, enfim, que, numa das crenças diversas, fez as gerações soletrarem uma palavra do alfabeto divino; mas só a Jesus estava reservado proclamar a idéia universal que as resume todas. O Salvador anunciou o amor e o tornou mais forte do que a morte; e disse aos homens: "Ami-vos uns aos outros; ami-vos na dor, na alegria, no opróbrio; ami a Natureza, vossa primeira iniciadora; ami os animais, vossos humildes companheiros; ami o que começa, ami o que acaba."

O Verbo do Eterno se chama amor, e ele abarca, numa inextinguível ternura, a Terra que atravessais e os céus onde entrareis, purificados e triunfantes.

LÁZARO.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

O ESPIRITUALISMO RACIONAL.

Pelo Sr. G.-H. LOVE, engenheiro (1-(1) Um volume in-12 3 fr. 50c., casa Srs. Didier.).

Esta obra notável e conscienciosa é a obra de um sábio distinto que se propôs tirar, da própria ciência e da observação dos fatos, a demonstração da realidade das idéias espiritualistas. É uma peça a mais em apoio à tese que sustentamos acima. É mais ainda, porque é um primeiro passo, quase oficial, da ciência no caminho espírita; de resto, será logo seguida, disso ternos a certeza, de outras adesões mais ressonantes ainda, que lançarão seriamente a refletir os negadores e os adversários de todas as escolas. Bastar-nos-á citar o fragmento seguinte para mostrar em que espírito a obra está concebida. Acha-se à página 331.

"Vê-se, - e é *certamente um sinal do tempo*, - a seita espírita, que já tive ocasião de mencionar, § 15, tomar um extensão rápida entre as pessoas de todas as classes e as mais esclarecidas, sem contar o lamentável e lamentado Jobard, de Bruxelas, que se tornou um dos combatentes mais alertas da nova doutrina.

"O fato é que, examinando-se esta doutrina, não fosse isso, como o fiz no início, senão na pequena brochura do Sr. Allan Kardec, *O que é o Espiritismo?* e é impossível não notar quanto sua moral é clara, homogênea, conseqüente consigo mesma, quanto dá de satisfação ao espírito e ao coração. Quando se entusiasmar com a realidade das comunicações com o mundo invisível, restar-lhe-á sempre isso, e é muito; é bastante para arrastar numerosas adesões e explicar seu sucesso sempre crescente. Quanto às comunicações com o mundo invisível, creio ter demonstrado cientificamente que elas eram não só possíveis, mas que deveriam ter lugar todos os dias no sono. A inspiração durante a vigília, da qual é impossível pôr em dúvida a autenticidade ou a natureza, segundo o que dela disse, é, aliás, uma comunicação desse gênero, se bem que possa dela haver casos onde não seja senão o resultado de um maior grau de atividade do espírito. Agora, que delas se encontra onde essa comunicação se traduz por noções estranhas ao médium que as recebe, nada vejo dentro que não seja eminentemente provável, e é em todos os casos uma questão que pode se resolver na ausência dos sábios, que cada médium, que na medida de seus conhecimentos no estado normal, e as pessoas de sua família e de sua companhia podem julgar melhor do que quem quer que seja, de tal sorte que se o Espiritismo faz prosélitos todos os dias fora da questão moral, é que, aparentemente, se produziram bastante médiuns para fornecerem a prova de seu estado particular a quem deseje examiná-los sem tomar partido.

"A moral, tal como a compreendo e tal como a deduzi de noções científicas, não temo reconhecê-lo, tem numerosos pontos de contato com aquela transmitida pelos médiuns do Sr. Allan Kardec; não estou distante, não mais, de admitir que, se nas páginas

escritas por eles há muitas delas que não ultrapassam a altura comum do espírito humano, e mesmo dos seus, deve delas haver, e as há, de uma importância tal que lhes seria impossível delas escrever semelhantes em seus momentos ordinários. Tudo isso não me leva pouco a desejar que uma doutrina que não oferece o menor perigo, e que, ao contrário, eleva o espírito e o coração tanto quanto é possível desejá-lo no interesse da sociedade, se difunda todos os dias mais e mais. Porque, segundo o que dela li, estimo que é impossível ser um bom Espírita sem ser um homem honesto e um *bom cidadão*. Não conheço muitas religiões das quais se possa disso dizer tanto."

SERMÕES SOBRE O ESPIRITISMO

Pregados na catedral de Metz, a 27, 28 e 29 de maio de 1863, pelo Rev. Pé. Letierce, da companhia de Jesus, refutados por um espírita de Metz.

Precedido de considerações sobre a loucura espírita (1-(1) Brochura in-18. - Preço: 1 fr.; pelo correio, 1 fr. 10 c. - Em Paris, Didier e Companhia, Ledoyen; - em Metz: Linden, Verronais, livrarias.)

Somos sempre felizes em ver adeptos sérios entrarem na liça quando, à lógica da argumentação, juntam a calma e a moderação das quais não se deve jamais se afastar, mesmo para com aqueles que não usam os mesmos procedimentos a nosso respeito. Felicitamos o autor desse opúsculo por ter sabido reunir essas duas qualidades em seu muito interessante e muito consciencioso trabalho, que será, disso não duvidamos, acolhido com o favor que merece. A carta colocada na cabeça de sua brochura é um testemunho de simpatia que não saberíamos melhor reconhecer senão citando-a textualmente, porque é uma prova da maneira pela qual ele compreende a Doutrina, do mesmo modo que os pensamentos seguintes, que toma por epígrafe:

"Cremos que há fatos que não são visíveis ao olhar, não tangíveis à mão; que o microscópio nem o escalpelo podem atingir, tão perfeitos que se os supõem; que escapam igualmente ao gosto, ao odor e ao ouvido, e que, no entanto, são suscetíveis de serem constatados com uma certeza absoluta. (Ch. Jouffroy, prefácio das *Esquisses de philosophie morale*, p. 5.)

"Não creiais em todo Espírito, mas colocai-o à prova para ver se vêm *de Deus*. "(*Evangelho*.)

"Senhor e caro mestre,

"Dignar-vos-eis aceitar a dedicatória desse modesto discurso de defesa em favor do Espiritismo, deste grito de indignação contra os ataques que ouvi dirigir contra a nossa sublime moral? Isso seria para mim o testemunho mais certo de que essas páginas são ditadas pelo espírito da moderação que admiramos todos os dias em vossos escritos, e que deveria nos guiar em todas as nossas lutas. Aceitai-o como o ensaio inexperiente de um de vossos recentes adeptos, como a profissão de fé de um verdadeiro crente. Se meus esforços forem felizes, deles atribuirei o sucesso ao vosso alto patrocínio; se minha voz inábil não encontrar ecos, ao Espiritismo não faltarão outros defensores, e terei para mim, com a satisfação de minha consciência, a felicidade de ter sido aprovado pelo apóstolo imortal de nossa filosofia."

Extraímos dessa brochura a passagem seguinte de um dos sermões do Rev. Pé. Letierce, a fim de dar uma idéia do poder de sua lógica.

"Não há nada de chocante para a razão, em admitir, num certo limite, a comunicação dos Espíritos dos mortos com os vivos; essa comunicação é sempre compatível com a natureza da alma humana, e delas se encontram bastante numerosos exemplos no *Evangelho* e na *Vida dos santos*; mas eram santos, eram apóstolos. Para nós, pobres pecadores, que, sobre a rampa escorregadia da corrupção, não teríamos freqüentemente necessidade senão de mão segura para nos conduzir para o bem, não é um sacrilégio,

um insulto à justiça divina, senão ir pedir aos bons Espíritos que Deus espalhou ao nosso redor, conselhos e preceitos para a nossa instrução moral e filosófica? Não é uma audácia ímpia rogar ao Criador para nos enviar anjos guardiães para nos lembrar, sem cessar, a observação de suas leis, a caridade, o amor por nossos semelhantes, e nos ensinar o que é preciso fazer, na medida de nossas forças, para chegar o mais rapidamente possível ao grau de perfeição que eles mesmos alcançaram?

"Esse apelo que fazemos às almas dos justos, em nome da bondade de Deus, não é ouvido senão pelas almas dos maus, em nome das forças infernais. Sim, os Espíritos se comunicam conosco, mas esses são os Espíritos condenados; suas comunicações e seus preceitos são, é verdade, tais que poderiam nos ditar os anjos mais puros; todos os seus discursos respiram as virtudes mais sublimes, das quais as menores devem ser para nós um ideal de perfeição ao qual podemos com dificuldade atingir nesta vida; mas isso não é senão uma armadilha para nos atrair, um mel recobrando o veneno pelo qual o demônio quer matar nossa alma.

"Com efeito, as almas dos mortos, com Allan Kardec, são de três classes: aquelas que chegaram ao estado de Espíritos puros, aquelas que estão sobre o caminho da perfeição, e as almas dos maus. As primeiras, por sua própria natureza, não podem se entregar ao nosso chamado; seu estado de pureza lhes torna impossível toda comunicação com a do homem, encerrada num tão grosseiro envoltório. Que viriam elas fazer, aliás, sobre a Terra? para nos pregar exortações que não saberíamos compreender? As segundas têm muito a trabalhar para o seu aperfeiçoamento moral para poderem perder tempo a conversar conosco; essas não são ainda as que nos assistem em nossas reuniões. Que resta, pois, para nós? Eu o disse, as almas dos condenados, e estas ao menos não fazem orar para virem; todas dispostas a se aproveitarem de nosso erro e de nossa necessidade de instrução, chegam em multidão junto a nós para nos arrastar, com elas, ao abismo onde as mergulhou a justa punição de Deus."

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

6^a ANO

NO. 11

NOVEMBRO 1863

UNIÃO DA FILOSOFIA E DO ESPIRITISMO

PELO SR. HERRENSCHNEIDER.

(2^o- artigo) (1-(1) Ver a *Revista* de setembro de 1863.)

O princípio da dualidade da essência da alma e o sistema espiritual do Sr. Cousin e de sua escola.

Procuramos provar, em nosso último artigo, que se, em geral, os senhores livres pensadores quisessem se dar ao trabalho de examinar os motivos que lhes permite afirmar, de dizer "eu" ou "mim", chegariam ao conhecimento de sua dupla essência; que se convenceriam de que sua alma está constituída de modo a existir separadamente do corpo, tão bem quanto em seu envoltório, e dela compreenderiam a erraticidade, quando, depois do trespasse, deixou sua matéria terrestre. De sorte que sua ciência, se fosse fundada sobre o verdadeiro princípio da constituição da alma, confirmaria os fatos espíritas, em lugar de contradizê-los com tanta persistência. Com efeito, nossa noção do *eu* se compõe principalmente do sentimento e do conhecimento que temos de nós mesmos, e esses dois fenômenos íntimos, evidentes para todo o mundo, implicam peremptoriamente dois elementos distintos da alma: um passivo, vasto e sólido, que recebe as impressões; o outro ativo, inextenso e pensante, que as percebe. Em consequência, se possuímos, ao lado de um elemento virtual, um elemento resistente e permanente, diferente de nosso corpo, dele não podemos nos desfazer pela morte; nossa imortalidade está provada, e nossa preexistência é dela uma consequência natural. Nossos destinos são, pois, independentes de nossa morada terrestre, e esta não é mais do que um episódio mais ou menos interessante para nós, segundo os acontecimentos que o realizam.

A dualidade da essência de nossa alma é, segundo essas observações, um princípio importante, uma vez que nos instrui sobre a nossa existência real e imortal. Mas ela é um princípio tanto mais importante quanto é a fonte única onde haurimos a consciência certa de nossa individualidade, e que é assim a origem de nossa ciência, daquela da qual não podemos duvidar, e sobre a qual repousa todo o resto de nossos conhecimentos. Efetivamente, começamos todos por nos conhecer de início, antes de notar o que nos cerca; e medimos com a nossa toesa tudo o que examinamos, e o que julgamos. É, pois, indispensável notar, para o estudo da verdade, que nosso saber parte de nós, para retornar a nós; que é um círculo que nós mesmos formamos, que nos cerca e nos enlaça fatalmente com o nosso desconhecimento. Os filósofos atuais o ignoram, e o sofrem sem disso se aperceberem. É ele que os ofusca, que os cega, que os impede de olhar além e acima deles. Também não temos senão muito freqüentemente a ocasião de constatar sua cegueira. Os Antigos, ao contrário, conheciam esse círculo e sua influência misteriosa, porque simbolizam a ciência sob a figura de uma serpente que se morde a cauda, depois de se retornar sobre si mesma. O que significava, a seus olhos, que nosso saber parte de um ponto dado, faz a volta de nosso horizonte intelectual, e alcança de novo seu ponto de

partida. Ora, se esse ponto de partida é elevado, e que o olhar seja penetrante, o horizonte é largo e a ciência é vasta; se esse ponto, ao contrário, raspa o solo, e que a visão seja perturbada, o horizonte é restrito e a inteligência das coisas limitada. Assim, tais como somos pessoalmente, tal é o conjunto e a importância de nossos conhecimentos. Por esse motivo se torna evidente que a primeira condição da ciência individual é de examinar a si mesma, não só para distinguir suas qualidades, seus defeitos e seus vícios, mas para conhecer primeiro a constituição íntima de nosso ser, e em seguida para levar nosso espírito e para formar nosso caráter.

Portanto, a verdadeira ciência não é feita para cada um. Aquele que a isso aspira deve não só ter da inteligência e da instrução, mas, sobretudo, ser sério, sóbrio, sábio, não se deixar guiar pelo capricho de sua imaginação, por sua vaidade, por seus interesses e por sua suficiência. O que deve guiar o verdadeiro amante da verdade é um amor desinteressado por esse objetivo venerado; é a vontade enérgica e constante de jamais se deter, e de separar rigorosamente o joio da boa semente.

Quanto mais o homem se possui, e tanto mais ele é calmo e nobre, melhor saberá discernir as sendas que o conduzirão à verdade; quanto mais ele é leviano, presunçoso ou apaixonado, mais corromperá por seu hálito impuro os frutos que colherá sobre a árvore da vida.

A primeira condição para chegar ao conhecimento das coisas é, pois, o caráter individual; e é por essa razão que, na antigüidade, provas solenes precediam toda iniciação. Hoje o saber está difundido sem discernimento, cada um crê poder pretendê-lo; mas também a verdade é menos acolhida do que nunca, ao passo que as doutrinas mais estranhas encontram numerosos adeptos. Dever-se-ia, pois, se convencer de que os espíritos indiferentes, limitados pelas ciências exatas e naturais, levados pela imaginação, ou inchados de impertinência, são impróprios para a procura da verdade, e que seria mais prudente reservar esse nobre trabalho para alguns eleitos. No entanto, disposições mais sensatas se manifestam hoje *pelo advento do Espiritismo*; e, com efeito, os Espíritas são homens bem dispostos para a procura da verdade, porque em se separando do turbilhão geral que arrasta a sociedade, renunciaram por si mesmos às vaidades mundanas, aos princípios superficiais dos livres pensadores, e à superstição oficial dos cultos reconhecidos. Fazem prova de uma sadia independência, de um amor sincero da verdade, e de uma tocante solicitude por seus interesses eternos. Estão aí as melhores disposições morais para abordar os graves problemas da alma, do mundo e da Divindade. Para nosso bem eterno, tentemos, pois, nos entender, e seguir o conjunto dos traços que nos conduzirão ao caminho sagrado. Porque temos necessidade de nos ajudar reciprocamente para atingirmos o objetivo que todos nós procuramos, o de nos esclarecer sobre isto que, somente, é real e durável.

Segundo as disposições morais que acabamos de indicar, a coisa mais indispensável para bem se empenhar na obra delicada da iniciação é o conhecimento do princípio da dualidade da essência da alma; porque é ele que é uma parte do segredo misterioso da Esfinge (1-(1) O outro primeiro princípio é a dualidade do aspecto das coisas, que encontraremos mais tarde.). É uma das chaves da ciência, e, sem possuí-la, todos os esforços se tornam inúteis para lá chegar. Só esse princípio da essência da alma encerra, como conseqüências, as noções consideráveis que desejamos adquirir, ao passo que todos os princípios secundários que se descobriu até este dia não elevam bastante alto para dominar o vasto horizonte dos conhecimentos humanos, e para abraçar-lhe todos os detalhes. Os princípios inferiores extraviam aqueles que deles se servem na complicação dos numerosos fatos que não esclarecem; e é por insuficiência de seus princípios primeiros que os filósofos se transviaram, e que se perderam nas sutilezas arbitrarias de suas doutrinas incompletas. Fatalmente levaram a confusão ali onde acreditaram tocar à verdade. Nessas matérias, mais delicadas ainda do que difíceis, o princípio verdadeiro, único, derrama a luz, resolve facilmente todos os problemas, e abre as portas secretas que conduzem ao san-

tuário mais recuado. Ora, já sabemos que carregamos esse princípio em nós mesmos, e que para descobri-lo não se trata senão de estudar-se, mas de estudar-se com calma e imparcialidade. Sabemos que esse princípio é a dualidade de nossa essência anímica, de sorte que nós não temos mais do que deslindar com precaução o fio do qual temos o laço mais importante. Mas, à medida que avançarmos em nosso estudo psicológico, consultaremos no entanto os trabalhos de nossos ilustres filósofos, a fim de reconhecermos em que falharam, e em que suas doutrinas confirmam nossas próprias pesquisas.

Assim, como fizemos notar acima, parece-nos evidente que tudo o que se liga em nós à ordem sensível depende da substância de nossa alma; porque é dela o elemento extenso e sólido, que recebe todas as impressões de fora, e que se ressent de nossa atividade íntima. Nossa alma, com efeito, não saberia ser tocada de maneira qualquer, sem apresentar um obstáculo, de início, às oscilações do meio ambiente, e, em seguida, às vibrações das emoções que nos afetam intimamente. Portanto, é esta maneira de ser toda natural que nos explica nossas relações com tudo o que existe, com o que não é para nós, com o nosso não-*eu* moral, intelectual e físico, visível ou invisível. A solidez e a extensão de nossa substância, evidentemente, não é de se rejeitar em princípio. No entanto, não é essa opinião que reina na Universidade e no Instituto. O espiritualismo a nega como absurda, sob o pretexto especioso de que a divisibilidade, que dela seria a consequência, implicaria a corruptibilidade da substância. Mas isso não é aí senão um mal-entendido; porque o que importa para a incorruptibilidade da natureza anímica, é a simplicidade química de sua fluidez corpórea, e não sua individualidade mecânica, na falta da qual há mil maneiras de remediar: ao passo que, para permanecer na verdade científica, é preciso se guardar de admitir um efeito sem causa, uma impressão possível sem resistência. Também a sensibilidade de nossa alma não ensina nada à nossa escola espiritualista; ela liga gratuitamente os sentimentos à razão, atribui as sensações ao organismo material, e não se explica sobre a conexão dessas diversas faculdades. *Aí está uma das causas de sua impotência filosófica.*

Quanto a nós, a sensibilidade de nossa alma é a prova irrecusável da solidez e da extensão de sua substância; e é a noção dessas propriedades que nos abre um vasto campo de observação. Assim, de início, a extensão e a solidez substancial permitem à nossa alma tomar diferentes formas, e encerrar o tipo de todos os órgãos que compõem o nosso organismo corpóreo. Serve ela, assim, de origem e de sustento aos nossos nervos, aos nossos sentidos, ao nosso cérebro, às nossas vísceras, aos nossos músculos e aos nossos ossos, e nos permite nos encarnarmos por meio dessa lei da mutabilidade das moléculas corpóreas, tão conhecida de nossos modernos fisiologistas. Nossos sábios supõem somente, erradamente, em nossa opinião, que essa lei é o efeito de uma força misteriosa da matéria, que se renova, que se absorve, que se derrama e se forma por si mesma; porque a matéria é inerte e nada forma por sua própria iniciativa. Essa mutabilidade, evidentemente, é o efeito da atividade instintiva de nossa dupla essência anímica, que se encontra sob nosso envoltório, e a existência dessa lei prova que nossa encarnação está na ordem da Natureza, uma vez que é contínua, e que, ao cabo de uma série de anos, nosso corpo se renova regularmente. A formação de nosso revestimento material e nossa encarnação sucessiva se explicam desse modo muito naturalmente. Mas, além disso, essa substancialidade extensa de nossa alma nos faz igualmente compreender o laço que existe entre ela e nosso corpo; porque não sendo o organismo visível senão a cobertura de nosso organismo substancial, tudo o que é sentido por um, necessariamente deve ser sentido no outro. As emoções da substância da alma devem abalar o corpo, e o estado deste deve afetar inevitavelmente suas próprias disposições morais e intelectuais. *Eis o primeiro ensino que resulta da natureza concreta de nossa substância.*

O segundo ensino que disso retiramos, é que a parte da substância de nossa alma que não serve de tipo ao nosso organismo material deve ser a base de nosso sentido íntimo, daquele que recebe todas as nossas impressões morais e intelectuais, e que nos

coloca em contato com a própria substância divina; de sorte que nossa substância recebe as impressões de todas as existências e de todas as atividades possíveis, e se encontra na origem primeira de todas as nossas noções. É do mesmo modo que nós recebemos o conhecimento de nós mesmos. Porque se se a pede um cético, como pode se afirmar, sem nenhuma reserva, ele responderá: "É que eu me sinto," porque o próprio cético não pode duvidar de suas sensações. No entanto, sentir-se não é todo o nosso conhecimento: o cético não pode, não mais, negar que sabe que se sente. Ora, a percepção de nosso sentimento é a consequência de nossa atividade intelectual; o que prova que nossa alma não é somente passiva, que ela é também ativa, que quer, que percebe, que pensa, que é causadora por sua própria autoridade. Os nossos próprios órgãos funcionam sem que disso tenhamos consciência, de sorte que se está forçado de atribuir à nossa alma um segundo elemento, um elemento ativo, virtual, quer dizer, uma força essencial, que é atenta quando nossa sensibilidade está desperta, que quer pelo efeito de seu próprio movimento, que percebe, pensa e reflete por meio de nosso órgão cerebral, que age com a ajuda de nossos membros, e que anima o nosso organismo de um movimento involuntário. É pela presença, em nossa alma, dessa dupla ordem essencial: a ordem substancial passiva e sensível, e da ordem virtual ativa e pensante, que nós nos sentimos, que nos sabemos, e que temos a consciência de nossa personalidade própria, sem nenhum recurso do mundo exterior.

Nossa força anímica é nosso elemento espiritual por excelência, porque não tem da extensão nem da própria solidez. Não nos é conhecida senão pela sua atividade. Desde que ela não quer, nem pensa, nem age, ela é como se não existisse; e se nossa alma não fosse substancialmente concreta, pela virtude de um outro elemento, nosso corpo não teria consistência, e não seria senão um montão de pó. Nossa alma não poderia mesmo existir na erraticidade, se perderia no nada, a menos que se supusesse, com o espiritualismo, um mistério impenetrável, que lhe permita existir sem ter da extensão nem da solidez, suposição que o Espiritismo e as leis naturais tornam completamente inadmissível. No entanto, é nossa força essencial que Leibnitz considera como sendo nossa substância, sem consideração por nossa natureza fugitiva; e a escola espiritualista francesa o repete ao seu exemplo, sem deter-se nessa confusão ilógica. Todavia, não basta chamar força uma substância para que ela o seja realmente, e de considerar essa substância imaginária como sendo o fundo de nosso ser, para que se saia do vazio das abstrações. Uma substância não é tal senão pelo seu estado concreto, pela sua extensão e sua solidez, por sutil que se queira concebê-la, e é isso que nossa escola espiritualista se compraz em passar sob silêncio. *Também está aí uma outra causa de sua impotência moral e filosófica.*

Nossa força essencial não é senão o princípio de nossa atividade; ela nos anima mas não nos constitui. É o princípio de nossa vida, mas não o de nossa existência. Está por toda parte em nossa substância, se derrama com ela em todo o nosso ser, e deve receber diretamente as impressões sem nosso concurso voluntário. É por essa união estreita de nossos dois elementos essenciais que nosso organismo funciona espontaneamente, que nossas sensações despertam em seguida a nossa atenção, e nos levam, sem outro intermediário, a perceber a causa de nossas impressões, que nossa consciência é um conjunto de sentimento e de reflexões, e que toda noção, qualquer que lhe seja o objeto, exige que a sintamos e que a saibamos. Só desde então estamos certos de sua existência. É pelo mesmo procedimento que temos a consciência do Ser supremo. Temos a sensação de sua presença por nosso sentido íntimo, e nos explicamos essa sensação sublime por nossa razão; porque o ideal da verdade, do bem e do belo está primeiro em nosso coração, antes de entrar em nossa cabeça. Os povos selvagens nisso não se enganam; não duvidam de Deus; figuram-no simplesmente segundo o nível de sua grosseira inteligência, ao passo que vemos nossos sábios debaterem sobre a sua personalidade,

porque pretendem nada admitir senão pela força de seu raciocínio, e porque se debatem nas abstrações, sem tomar seu ponto de apoio na ordem sensível.

Tal é a constituição de nossa alma. Ela se compõe de dois elementos bem distintos entre si, e que estão, no entanto, indissolivelmente unidos; porque jamais, em nenhuma parte esses elementos, são encontrados separadamente: toda substância tem sua força e toda força tem sua substância. Também essa dualidade se encontra reunida na essência de tudo o que existe; está na matéria, na alma, em Deus. Repetimo-lo, essa distinção na unidade é de ser admitida necessariamente, porque cada um desses elementos é bem caracterizado; porque têm suas propriedades respectivas e sua modalidade categórica; e porque é uma lei universal que um mesmo princípio não pode ter efeitos contrários, que as qualidades que excluem traem tantos princípios particulares. Mas sua unidade não é menos peremptória, porque nenhuma função, nenhuma faculdade, nenhum fenômeno se produz, em nós e em outra parte, sem o concurso simultâneo desses dois elementos irreduzíveis.

É esta unidade nessa dualidade constante de nossa alma que explicamos ainda este fenômeno psicológico importante, a saber: a espontaneidade instintiva de todas as nossas faculdades e de todas as nossas funções, assim como a formação de nossa caráter e de nossa natureza moral íntima. Efetivamente, nossas impressões se conservam em nós e se reproduzem involuntariamente; de sorte que, como a substância é o elemento passivo e permanente de nossa alma, é preciso atribuir-lhe a propriedade de conservar nossas sensações, de solidificá-las nela, e de transmiti-las, na ocasião, na atenção de nossa força essencial. Sendo essas impressões de todas as espécies, forma-se em nós, por essa propriedade conservadora, uma ordem moral, intelectual e prática permanente, que se manifesta por nossa atividade instintiva e espontânea, que nos inspira nossos sentimentos e nossas idéias, e que guia nossos atos sem nosso concurso voluntário, e freqüentemente apesar de nós mesmos. Além disso, esses sentimentos e essas idéias adquiridas se agrupam em nossa alma, e nos produzem novas idéias e novas imagens, às quais, algumas vezes, estamos longe de esperar. As funções psicológicas de nossa substância unidas à nossa força essencial, são, pois, muito multiplicadas, e nos formam uma natureza moral, intelectual e prática espontânea, que é o fundo de nosso caráter, a origem de nossas disposições naturais. Nossa substância encerra, pois, em estado latente, ou em potência, como se exprime a escola, todas as nossas qualidades, todos os nossos conhecimentos, todos os nossos hábitos passados em nós ao estado permanente. Em consequência, é a ela e à sua atividade instintiva que é preciso atribuir a memória, a imaginação, o espírito e os sentidos naturais, assim como a origem de nossas idéias e a de nossos sentimentos.

Esta ordem substancial instintiva existe incontestavelmente em nossa alma. Cada um se reconhece uma natureza moral permanente, disposições intelectuais e hábitos próprios, que lhe facilitam sua caminhada e sua conduta, se elas são boas; ou que impedem seus sucessos e o arrastam em certos desvios deploráveis, se elas são más. Se os nossos filósofos disso não estão tocados; porque não tendo admitido, como já fizemos notar, uma ordem psicológica substancial, condenaram-se a ter que atribuir tudo o que é resistente em nossa alma à influência da matéria, e de confundir tudo o que é sensível e vivo com a nossa inteligência. Aristóteles, é verdade, reconhecia no homem uma ordem potencial, onde todas as nossas qualidades estão em potência; mas a definiu mal, e confundiu-a também com a matéria. Desde então, ninguém está mais ocupado dessa ordem especial do que o Sr. Cousin. Mas esse filósofo contemporâneo, não reconhecendo em nossa alma senão a inteligência, não a considerou senão a atividade espontânea, sem procurar-lhe a origem nos elementos permanentes de nossa natureza anímica. Designou-a como sendo a razão espontânea e instintiva, em oposição à razão refletida, sem notar que contradição existe entre o instinto e a reflexão, qualidades que se excluem, e que evidentemente não podem pertencer ao mesmo princípio! Também o Sr. Cousin não tira senão

conseqüências limitadas dessa descoberta, e é por essa razão que sua psicologia, assim como a de sua escola, permaneceu uma ciência seca, ilógica e sem grande importância.

Detenhamos atualmente nossos pensamentos sobre o conjunto das observações que precedem, porque nos fizeram conhecer fenômenos psicológicos desconhecidos até este dia. Elas nos fizeram constatar, em nossa alma, a existência de duas ordens morais, intelectuais e práticas, bem distintas e fortemente caracterizadas: uma se reportando perfeitamente às propriedades particulares de nossa substância, que são a permanência, a extensão e a solidez; a outra, às de nossa força essencial, que são sua causalidade, sua inextensão e sua intermitência. A primeira é passiva, sensível, conservadora; a segunda é ativa, voluntária e refletida. A união íntima de nossos dois elementos essenciais produziu, além disso, em nós, nossa tríplice atividade instintiva, que é o reflexo direto do estado verdadeiro de nossas qualidades e de nossos defeitos naturais.

Com efeito, de uma parte, quanto mais nossa natureza substancial for sensível, delicada e conservadora, e nossa atividade instintiva viva e enérgica, tanto mais também nossas idéias e nossos sentimentos serão puros e elevados, nosso bom senso justo, nossa memória e nossa imaginação fáceis e seguras. Quanto menos, ao contrário, nosso estado substancial se aperfeiçoará, tanto mais lentas e mais limitadas serão nossa memória e nossa imaginação, quanto mais grosseiras nossas idéias, mais vis nossos sentimentos e mais obtuso nosso senso comum. Mas, de outra parte, quanto mais a nossa força causadora for enérgica, constante e flexível, mais nossa atenção, nossa vontade, nossa virtude e nosso império sobre nós serão fortes, mais nossa percepção, nosso pensamento, nosso julgamento e nossa razão terão de importância, e mais, enfim, nossa habilidade será grande e nossa conduta honrosa, porque todas essas qualidades e faculdades derivam de nosso elemento virtual. Ao contrário, quanto que nossa força essencial seja mole, embotada e obstinada, tanto nossa brutalidade e nossa lassidão moral e intelectual se produzirão à luz. De modo que nosso valor depende tão bem do estado das qualidades e das propriedades de um quanto de outro elemento de nossa alma.

Tal é o quadro sumário que apresenta a constituição íntima de nossa essência anímica, e que nos revela nossa dupla faculdade de nos sentir e nos saber. Esse quadro no-la mostra primeiro em sua unidade viva, uma vez que descobrimos o duplo princípio de sua atividade e de sua passividade, de sua permanência e de sua causalidade, de sua existência no tempo e no espaço, e de sua independência própria e distinta de Deus, do mundo e de seu envoltório material. Ele no-la mostra em seguida em sua diversidade maravilhosa, uma vez que reconhecemos a origem de suas qualidades e de suas faculdades, de suas funções e de seu organismo, nas propriedades respectivas de nossos elementos essenciais, e em seu concurso recíproco. Esse quadro, no entanto, não é senão um primeiro esboço, e todavia é fácil nele notar o método de observação rigorosa que nele seguimos, e que é a que Bacon descobriu, que Descartes introduziu na psicologia, que a escola escocesa aplicou, e que a escola espiritualista e eclética observou em toda a sua doutrina. Encontramo-nos, pois, sobre o mesmo terreno que toda filosofia séria, e se estamos freqüentemente em desacordo com nossas as ilustrações acadêmicas, é que não podemos proibir de crer que a maioria dos fatos de consciência foram, por elas, mal observados e mal explicados.

Com efeito, o ecletismo espiritualista nos reconhece três faculdades principais: a vontade, a sensação e a razão. Essas faculdades se distinguem de nosso corpo, que é sólido e extenso; de sorte que possuímos necessariamente uma alma inextensa e espiritual. Feita esta constatação, o ecletismo não se pergunta, nem comenta como nossa alma deve estar constituída para ser sensível, nem se a vontade e a razão, que são ambas ativas, não são duas manifestações de um mesmo princípio virtual. Estão aí as questões que não a inquietam. Sustentam somente que, dessas três faculdades, só a vontade nos pertence propriamente, só ela é o resultado de uma força substancial inextensa, que é o princípio primordial de nosso *eu*. A sensibilidade a seus olhos não é senão o efeito do

choque, que resulta da ação que a força do mundo exterior exerce sobre a nossa por intermédio de nosso organismo; mas o ecletismo não procura mais como nossa força inextensa se liga ao nosso organismo, nem como, nesse isolamento inextenso, ela pode receber um choque, que não explicou como podemos ser sensíveis. Aí estão os pequenos mistérios que não saberíamos detê-los. A razão, segundo ele, é a faculdade soberana do conhecimento, mas é impessoal, quer dizer, não nos pertence, embora dela nos sirvamos. Dizer *minha razão* é, pois, segundo o Sr. Cousin, um contra-senso, pelo motivo de que não se diz *minha* verdade. Esse motivo não nos parece muito concludente, mas é provavelmente nossa falta. Efetivamente, em seu sistema, a razão é o conjunto das verdades necessárias e universais; verdades tais que; os princípios da causalidade, da substância, da unidade, do verdadeiro, etc. A coleção desses princípios forma, pois, segundo ele, a razão divina, da qual participamos pela vontade inefável do Todo-Poderoso. Mas está aí o que faz crer sobre sua palavra, porque não vemos precisamente como uma coleção de verdades, por universais que sejam, poderia constituir a razão divina e humana. Vulgarmente, as verdades são leis, e a razão é uma faculdade. Ora, vejo o Sol, mas nunca a faculdade de ver foi capturada pelo Sol nem pelo menor de seus raios. Está, pois, aí um novo mistério a acrescentar aos precedentes. De sorte que, nessa doutrina, nada se explica por si, nada se prende, e nossa alma não é nela representada senão com um conjunto heterogêneo de faculdades, de qualidades, de funções distintas, ligadas entre si, ao acaso, como as folhas esparsas que se teriam reunido no volume sob este título pomposo: *Doutrina filosófica do século dezenove*. O segundo prefácio da terceira edição dos *Fragmentos filosóficos* contém dela um resumo interessante por mais de um título.

Segundo estas considerações podem julgar-se das causas que fazem da filosofia espiritualista oficial, apesar de suas boas intenções, uma doutrina bizarra e indigesta. Ser-se-ia mesmo autorizado a tratá-la mais duramente, se se perdessem de vista os serviços eminentes que ela prestou ao espírito francês, desviando-o de um sensualismo imoral e de um ceticismo desesperador. Estavam aí, evidentemente, as principais preocupações do ilustre filósofo no início de sua brilhante carreira; e, estudando suas obras notáveis, vê-se que Condillac e Kant foram seus principais adversários. Então foi essa luta que é a parte importante de seus trabalhos. Seu próprio sistema, ao contrário, nos parece muito defeituoso, e sua moral, sua teodicéia e sua ontologia contém numerosos pontos muito controvertidos. A verdade é uma flor tão delicada! O menor sopro do erro a murcha em nossas mãos, e a reduz a um pó pernicioso e deslumbrante. No calor do combate ou na emoção da ambição, é sobretudo difícil conservar a calma do espírito e delicadeza do sentimento da evidência; de sorte que o homem preocupado é facilmente arrastado a ultrapassar os limites da verdadeira sabedoria. Felizmente que o Criador nos regulou os fatos, as circunstâncias, os acontecimentos providenciais, que são bastante chocantes para nos conduzir ao bom caminho; e certamente, as *doutrinas e os fatos sobre os quais se funda o Espiritismo* são desse número. Que nossos grandes e sábios filósofos não os repilam sob o fútil pretexto de superstição. Que os estudem sem tomar partido! Reconhecerão neles a natureza extensa e sólida de nossa alma, sua pré-existência e sua perpetuidade. Nela encontrarão uma moral doce e salutar, bem feita para conduzir todo o mundo ao bem. Se, então, o Espírito pede para disso se dar conta, que se coloquem francamente à obra, que examinem cientificamente seus princípios e as conseqüências; e então, talvez, *o princípio da dualidade da essência da alma* lhes aparecerá em todo o seu esplendor e em toda a sua força; porque nos parece lançar uma viva luz sobre os segredos íntimos de nosso ser. É o que continuaremos a examinar proximamente.

E. HERRENSCHNEIDER.

ORDEM DO MONSENHOR BISPO DE ARGEL CONTRA O ESPIRITISMO.

O Mons. bispo de Argel publicou, em data de 18 de agosto último, uma brochura endereçada aos senhores curas de sua diocese, sob este título: *Carta circular e ordem sobre a superstição dita Espiritismo*. Citamos dela as passagens seguintes, que fazemos seguir de algumas observações,

"...Tínhamos o pensamento de juntar uma modesta página a esses luminosos anais, desonrando, das alturas do bom senso e da fé, como merece sê-lo, o *Espiritismo* que, renovação da mais velha e da mais grosseira idolatria, veio se abater sobre a Argélia. Pobre colônia! Depois de tantas cruéis provas, lhes seria preciso ainda uma prova deste gênero!"

Pobre colônia! Com efeito, não seria bem mais próspera se, em lugar de tolerar e proteger a religião dos indígenas, tivesse então se formado suas mesquitas e suas sinagogas em igrejas, e se não se tivesse detido o zelo do proselitismo! É verdade que a guerra santa, guerra de extermínio como a das cruzadas, duraria ainda, que centenas de milhares de soldados teriam perecido, que teríamos sido talvez forçados a abandoná-la; mas o que é isso quando se trata do triunfo da fé! Ora, eis bem um outro flagelo; o Espiritismo que vem, em nome do Evangelho, proclamar a fraternidade entre os diferentes cultos, e cimentar a união inscrevendo sobre sua bandeira: *Fora da caridade não há salvação*.

"Mas diversas considerações, senhor cura, nos retiveram até este dia. De início, hesitamos em revelar essa vergonha nova, acrescentada a tantas misérias exploradas, com uma amarga ironia, pelos inimigos de nossa cara e nobre Argélia. De outra parte, sabemos que o *Espiritismo* quase não penetrou entre nós senão em certas cidades, onde os desocupados se contam em maior número; onde a curiosidade, sem cessar excitada, se nutre avidamente de tudo o que se apresenta com um caráter de novidade; onde a necessidade de brilhar e de se distinguir da multidão não fica sempre estranha, mesmo para as inteligências de mais ou menos importância, ao passo que o maior número de nossas pequenas cidades e de nossos campos ignoram, e, certamente, nada têm com isso a perder, até no nome bizarro e pretensioso de *Espiritismo*. Pensamos, enfim, que tais práticas não estão jamais destinadas a viver uma vida muito longa, porque o desabuso vem depressa para os escândalos de imaginação, que contundem quase sempre com sua própria vergonha. Assim ocorreu com os malabarismos de Cagliostro e de Mesmer; assim o furor das mesas girantes acalmou-se, sem deixar atrás delas senão o ridículo de seus arrastamentos e de suas lembranças."

Se o próprio nome do Espiritismo é desconhecido na maioria das pequenas cidades e dos campos da Argélia, a carta-circular do Mons. bispo de Argel, distribuída profusamente, é um excelente meio de fazê-lo conhecer, excitando a curiosidade que não se deterá, certamente, pelo medo do diabo. Tal foi o efeito bem averiguado de todos os sermões pregados contra o Espiritismo, que, de notoriedade pública, contribuíram poderosamente para multiplicar os adeptos. A circular do Mons. de Argel teria um efeito contrário? é mais do que duvidoso. Lembrar-nos-emos sempre desta palavra profética, e que está tão bem realizada, de um Espírito a quem perguntávamos, há dois anos, por qual meio o Espiritismo penetraria nos campos; ele nos respondeu: "Pelos padres, - voluntariamente ou involuntariamente! - Involuntariamente de início, voluntariamente mais tarde."

Lembramos ainda que, quando da nossa primeira viagem a Lyon, em 1860, os Espíritas ali eram número de algumas centenas somente. Nesse mesmo ano um sermão virulento foi pregado contra eles, e nos escreveram: "Ainda dois ou três sermões como este, e estaremos logo decuplicados." Ora, os sermões não fazem falta nesta cidade, como cada um sabe; e o que cada um sabe também, é que no ano seguinte havia cinco ou seis mil Espíritas, e que desde o terceiro ano ali se contavam mais de trinta mil. Pobre cidade lionesa! O que se sabe ainda, é que a maioria dos adeptos se encontra entre os operários, que hauriram nesta Doutrina a força de suportar pacientemente as rudes provas que atra-

vessaram, sem procurar na violência e na espoliação o necessário que lhes faltava; é que pedem hoje, e crêem na justiça de Deus, se não crêem nas dos homens; é que compreendem a palavra de Jesus: "Meu reino não é deste mundo." Dizei por que, com vossa doutrina das penas eternas que preconizais como um freio indispensável, jamais detivesstes nenhum excesso, ao passo que a máxima "Fora da caridade não há salvação" é onipotente! Faça o céu que não tenhais jamais necessidade de vos colocar sob sua égide! Mas se Deus vos reserva ainda dias nefastos, lembrai-vos de que aqueles mesmos a quem recusastes o pão da esmola, porque eram Espíritas, serão os primeiros a partilhar convosco seu pedaço de pão; porque compreendem esta palavra: "Perdoai aos vossos inimigos, e fazei o bem àqueles que vos perseguem."

Mas o que tem o Espiritismo de tão temível, uma vez que não ocupa senão os desocupados de algumas cidades? uma vez que tais práticas não estão jamais destinadas a viver uma bem longa vida? uma vez que deve ter a sorte dos malabarismos de Cagliostro, de Mesmer e das mesas girantes? Pelo que é de Cagliostro, é preciso colocá-lo fora de causa, tendo em vista que o Espiritismo sempre declinou toda solidariedade com ele, apesar da persistências de alguns adversários para unir seu nome ao do Espiritismo, como fizeram com todos os escamoteadores e charlatães. Quanto a Mesmer, é preciso estar bem pouco ao corrente do que se passa, para ignorar que o magnetismo está mais difundido do que jamais o foi, e que é hoje professado por notabilidades científicas. É verdade que se ocupam pouco agora das mesas girantes, mas é preciso convir que elas têm no entanto feito um caminho bastante bom, uma vez que foram o ponto de partida dessa terrível doutrina que causa tanta insônia a esses senhores. Foram elas o alfabeto do Espiritismo; se, pois, delas não se ocupam mais, é que não se procura mais soletrar quando se sabe ler. Cresceram elas tanto que não as reconheceis mais.

Depois de ter falado de sua viagem à França, que teve um pleno sucesso, o Mons. de Argel acrescenta:

"Nossa primeira e incessante preocupação do retorno era de publicar uma instrução pastoral contra a superstição em geral, e em particular contra a do *Espiritismo*, *O Evangelho segundo Renan* não nos tendo desviado senão oito dias."

Eis, é preciso nisso convir, uma singular confissão. A obra do Sr. Renan, que solapa o edifício por sua base e que teve tão grande repercussão, não preocupou Sua Grandeza senão oito dias, ao passo que o Espiritismo absorve toda sua atenção. "Chego em tudo às pressas, disse ele, embora oprimido pelas fadigas de uma longa viagem, sem repousar, monto sobre o prejuízo. Temos um novo e rude adversário no Sr. Renan, mas este nos inquieta pouco; caminhemos direito ao Espiritismo, porque é o mais urgente." É uma grande honra para o Espiritismo, porque é reconhecer que é muito mais temível, e não pode ser temível senão com a condição de ser lógico. Se não tem nenhuma base séria, assim como o pretende o monsenhor, para que esse desdobramento de forças? Viu-se jamais disparar o canhão contra uma mosca que voa? Quanto mais os meios de ataque são violentos, mais se exalta a sua importância; eis porque não nos lamentamos disso.

"Aprendemos, dizeis, a disso não duvidar, que os verdadeiros cristãos, os sinceros católicos, pensam poder associar Jesus Cristo e Belial, os mandamentos da Igreja com os procedimentos do Espiritismo."

É um pouco tarde para disso vos aperceber, porque há três anos que o Espiritismo está implantado e prospera na Argélia, que não se acha aí mais mal. Aliás, a brochura do Sr. Leblanc de Prébois, publicada em nome e para a defesa da Igreja, deveu vos ensinar que há na França, neste momento, segundo seus cálculos, vinte milhões de Espíritas, quer dizer, a metade da população, e que dentro em pouco a outra metade será ganha; ora, a Argélia faz parte da França.

"Se, diz a circular, dirigindo-se aos curas da diocese, encontram-se em sua paróquias *Espíritas*, de alguma condição que possam ser, em geral os descrentes, as mulheres vaidosas, as cabeças fracas, formando sempre o grosso dos cortejos supersticiosos,

que o padre não hesite em declara-lhes que não há nenhuma transação possível entre o catolicismo e o Espiritismo; que, em suas experiências, não pode ali haver *senão uma destas três coisas*: malabarismos da parte de uns, alucinação da parte de outros, e, indo ao pior, *senão uma evocação diabólica*."

Se não há transação possível, é mais deplorável para o catolicismo do que para o Espiritismo, porque este ganha terreno todos os dias, o que quer que se faça para detê-lo, que fará o catolicismo quando a previsão do Sr. Leblanc de Prébois estiver realizada? Se coloca todos os Espíritas na porta da Igreja, que ficará dentro? Mas aí não está a questão para o momento; ela virá em tempo e lugar. O último membro de frase tem uma alta importância da parte de um homem como monsenhor de Argel, que deve pesar a importância de todas as suas palavras. Segundo ele, não pode haver no Espiritismo *senão uma destas três coisas*: malabarismo, alucinação, e, indo ao pior, intervenção diabólica. Notai bem que não são as três coisas juntas, mas somente uma das três que é possível; o monsenhor não parece muito certo da qual, uma vez que a intervenção diabólica não é *senão um pior caminho*. Ora, se for do malabarismo e da alucinação, isso não é nada de sério, e não há intervenção diabólica; se for obra do diabo, é alguma coisa de positivo, então não há nem malabarismo nem alucinação. Na primeira hipótese, é preciso convir que, fazer tanto barulho por um simples malabarismo ou uma ilusão, é bater-se contra os moinhos de vento, papel pouco digno da seriedade da Igreja; na segunda, é reconhecer ao diabo uma força maior do que a da Igreja, ou à Igreja uma enorme fraqueza, uma vez que não pode impedir o diabo de agir, que ela não pôde mesmo, apesar de todos os exorcismos, dele livrar os possessos de Morzine.

"Estivemos lá, senhor cura, de nosso labor apostólico, quando recebemos numerosos artigos de jornais, brochuras, livros, e notadamente um discurso (o do Padre Nampon), onde, salvo as idéias gerais, encontramos muito claramente e muito nitidamente exposto o que iríamos vos dizer em seguida, a propósito do Espiritismo. Como não gostamos de refazer sem necessidade o que julgamos estar bem feito, vos convidamos a vos proporcionar algumas dessas obras, e ao menos um exemplar desse discurso, que vos esclarecerá suficientemente sobre os procedimentos, a doutrina e as conseqüências do Espiritismo."

Estamos encantados em saber que a obra do Pé. Nampon é julgada, pelo príncipe dos padres, uma obra bem feita e junto à qual nada tem de melhor a fazer. É uma tranquilidade para os Espíritas, saber que o Reverendo Padre esgotou todos os argumentos em que não se pode nada acrescentar. Ora, como esses argumentos, longe de deter o impulso do Espiritismo, recrutaram-lhe partidários, é da parte desses antagonistas se mostrar satisfeitos com o pouco. Quanto a *esclarecer suficientemente* os senhores curas sobre a doutrina, não pensamos que os textos alterados e truncados, dos quais o do Pé. Nampon não tem falta, assim como o demonstramos (*Revista* de junho de 1863), sejam próprios para lhes dar dela uma idéia bem justa. É preciso estar com muito poucas razões para usar semelhantes meios que desacreditam a causa que deles se serve.

"Antes de qualquer coisa, não seria deplorável encontrar na Argélia cristãos sérios que hesitassem em se pronunciar energicamente contra o Espiritismo; uns sobre o pretexto de que há abaixo alguma coisa de verdade, outros por esse motivo que viram os materialistas forçados a retornarem, por meio do Espiritismo, à crença na outra vida? *Ilógica ingenuidade das duas partes!*"

Assim, não é nada conduzir à crença em Deus e na vida futura a *materialistas forçados*; o Espiritismo com isso não é menos uma coisa má. Jesus, no entanto, disse que uma árvore má não pode dar bons frutos. É, pois, um mau fruto que o de dar a fé àquele que não a tem? Uma vez que não pudestes levar esses incrédulos forçados, e que o Espiritismo neles triunfou, qual é, pois, a melhor das duas árvores? É evidente que, sem o Espiritismo, esses materialistas forçados teriam ficado materialistas; uma vez que o monsenhor quer destruir a toda força o Espiritismo, que conduz as almas a Deus, é que, aos

seus olhos, essas almas não podendo ser conduzidas pela Igreja, é preferível que morram na incredulidade. Isso nos lembra esta palavra pronunciada num púlpito de uma pequena cidade: "Gosto mais que os incrédulos fiquem fora da Igreja do que entrem para o Espiritismo." Não são inteiramente as palavras do Cristo que disse: "Gosto mais da misericórdia do que do sacrifício." Ou esta outra, pronunciada alhures: "Prefiro ver os operários saírem bêbados (sic) do cabaré do que sabê-los Espíritas." Isso é da demência; não ficaríamos surpresos que acessos de raiva contra o Espiritismo produzissem uma verdadeira loucura.

"Que apesar da voz da consciência, os homens, educados nos princípios do cristianismo e tendo-os infelizmente esquecido, negado em seu coração, e combatido em seus livros, tentem transigir com esses princípios, admitindo uma imortalidade da alma, um purgatório e um inferno tudo diferentes da imortalidade da alma, do purgatório e do inferno dos Evangelhos, tiverem ganho, pelo Espiritismo, alguma coisa para a fé e para sua salvação, qual cristão poderá se imaginar, uma vez que não puseram no lugar senão as mais sacrílegas blasfêmias da crença!"

Em que o purgatório dos Espíritas difere do dos Evangelhos, uma vez que os Evangelhos dele nada dizem? Dele falam tão pouco quanto os Protestantes, que seguem a letra do Evangelho, não o admitem. Quanto ao inferno, o Evangelho está longe de ter nele colocado as caldeiras ferventes que ali colocam o catolicismo, e de ter dito, como nos ensinaram em nossa infância, e como se pregou há três ou quatro anos em Montpellier, que "Os anjos tiram as tampas dessas caldeiras para que os eleitos se entretendam com a visão dos sofrimentos dos condenados." Eis um singular lado da beatitude dos bem-aventurados; não sabemos que Jesus disse haja dito uma palavra. O Espiritismo, é verdade, não admite semelhantes coisas; se for um motivo de reprovação que seja, pois, reprovado!

"Far-se-lhes-á compreender igualmente que é a renovação das teorias pagas caídas no desprezo dos sábios, antes mesmo da aparição do Evangelho, que, introduzindo a *metempsicose*, ou a transmigração das almas, o Espiritismo mata a individualidade pessoal, e coloca no nada a responsabilidade moral; que destruindo a idéia do purgatório e do inferno eternamente pessoal, abre o caminho a todas as desordens, a todas as imoralidades."

Se alguma coisa foi tomada às teorias pagas, seguramente foi o quadro das torturas do inferno. Depois, não vemos claramente como, depois de ter admitido um purgatório qualquer, neguemos a idéia do purgatório. Quanto à metempsicose dos Antigos, longe de tê-la introduzido, o Espiritismo a combateu de todos os tempos, e demonstrou-lhe a impossibilidade. Quando, pois, se cessará de fazer dizer ao Espiritismo o contrário daquilo que disse? A pluralidade das existências que admite, não como um sistema, mas como uma lei da Natureza provada por fatos, dela difere essencialmente. Ora, contra uma lei da Natureza, que é necessariamente obra de Deus, não há nem sistema que possa prevalecer, nem anátemas que possam anulá-la, não mais do que anular o movimento da Terra e os períodos da criação. A pluralidade das existências, o renascimento, querendo-se, é uma condição inerente à natureza humana, como a de dormir, e necessária ao progresso da alma. É sempre deplorável para uma religião, quando ela se obstina em se manter afastada dos conhecimentos adquiridos, porque chega um momento em que, sendo transbordada pela onda irresistível das idéias, perde seu crédito e sua influência sobre todos os homens instruídos; crer-se comprometido pelas idéias novas é confessar a fragilidade de seu ponto de apoio; é pior ainda quando ela soa o alarme diante do que chama uma utopia. É uma coisa curiosa, com efeito, ver os adversários do Espiritismo se esgrimirem a dizer que é um sonho oco, sem importância e sem vitalidade, e gritar sem cessar à violência!

Segundo a máxima: "Conhece-se a qualidade da árvore pelo seu fruto," a melhor maneira de julgar as coisas é estudar-lhes os efeitos. Se, pois, como se pretende, a ne-

gação do inferno eternamente pessoal abre o caminho a todas as desordens e a todas as imoralidades, segue-se: 1º que a crença nesse inferno abre o caminho a todas as virtudes; 2º que quem se entregue a atos imorais não teme as penas eternas, e se não as teme, é que não crê nelas. Ora, quem deve nisso crer melhor que aqueles que os ensinam? quem deve estar penetrado desse medo, impressionado pelo quadro das torturas sem fim, melhor do que aqueles que noite e dia foram embalados nessa crença? Onde essa crença e esse medo deveriam estar com toda a sua força? onde deveria haver mais moderação e moralidade, se isso não for no próprio centro do catolicismo? Se todos aqueles que professam esse dogma e fazem dele uma condição de salvação estivessem isentos de censuras, suas palavras, seguramente, teriam mais peso, mas quando se vêem tão escandalosas desordens entre aqueles mesmos que pregam o medo do inferno, disso é preciso concluir que não crêem naquilo que pregam. Como esperam persuadir aqueles que são inclinados à dúvida? Matam o dogma por seu próprio exagero e pelo seu exemplo. O dogma das penas eternas, julgado por seus frutos, não os dando bons, é uma prova de que a árvore é má; e entre esses maus frutos é preciso colocar o número imenso da incrédulos que faz cada dia. A Igreja a isso se agarra como a uma corda de salvação, mas essa corda está tão usada, que logo deixará ir a nau à deriva. Se jamais a Igreja devesse periclitar, isso seria pelo absolutismo de seus dogmas do inferno, das penas eternas, e da supremacia que ela concede ao diabo no mundo. Não se podendo ser católico sem crer nesse inferno e na condenação eterna, é preciso convir que o número dos verdadeiros católicos está desde hoje singularmente reduzido, e que mais de um Pai da Igreja pode ser considerado como maculado de heresia.

"Não será inútil acrescentar, senhor cura, que a paz das famílias está gravemente perturbada pela prática do Espiritismo; que um grande número de cabeças nisso já perderam o sentido, e que os hospícios da América, da Inglaterra e da França regurgitam, desde o presente, de suas muito numerosas vítimas; de tal sorte que se o Espiritismo propagasse suas conquistas, seria preciso mudar o nome de Petites-Maisons para Grandes-Maisons."

Se o Monsenhor de Argel tivesse haurido suas informações em outra parte senão nas fontes interessadas, teria sabido o que ocorre com esses pretensos loucos, e não teria se entregue ao eco de um conto inventado pela má-fé, e do qual o ridículo ressalta pelo próprio exagero. Um primeiro jornal falou de quatro casos, dizia-se, constatados num hospício; um outro jornal, citando o primeiro, colocou-os em quarenta; um terceiro, citando o segundo, colocou-os em quatrocentos, e acrescenta que se vai aumentar o hospício, e todos os jornais hostis de repetir à porfia dessa história; depois o Monsenhor de Argel, levado por seu zelo, retomando-a desde os alicerces, a amplia ainda dizendo que as casas de alienados da França, da Inglaterra e da América *transbordam* de vítimas da nova doutrina. Coisa curiosa! cita a Inglaterra que é um dos países onde o Espiritismo está menos difundido, e onde há certamente menos adeptos do que na Itália, na Espanha e na Rússia.

Que uma brochura efêmera e sem importância, que um jornal pouco difícil sobre a fonte das novidades que narra, avancem um fato arriscado pela necessidade da causa, não há nisso nada de espantoso, embora isso não seja mais moral; mas um documento episcopal, tendo um caráter oficial, não deveria conter coisas de uma autenticidade de tal modo averiguada, que deveria escapar até mesmo à suposição de inexatidão, mesmo involuntária.

Quanto à paz das famílias perturbadas pela prática do Espiritismo, não conhecemos nesse caso senão aquelas em que as mulheres, enganadas por seus confessores, foram solicitadas a abandonar o teto conjugai para se subtraírem às influências demoníacas trazidas pelos seus maridos espíritas. Em caso contrário, são numerosos os exemplos de famílias outrora divididas, cujos membros se reaproximaram depois dos conselhos de seus Espíritos protetores e sob a influência da Doutrina que, a exemplo de Jesus, prega a

união, a concórdia, a doçura, a tolerância, o esquecimento das injúrias, a indulgência para com as imperfeições de outrem, e conduz à paz onde reinava a cizânia. É ainda aí o caso de dizer que se julga a qualidade da árvore pelo seu fruto. É um fato averiguado que, quando há divisão nas famílias, a cisão parte sempre do lado da intolerância religiosa.

A carta pastoral termina pela ordem seguinte:

"A essas causas, e o Espírito Santo evocado, temos ordenado e ordenamos o que segue:

"Art. 1. A prática do Espiritismo ou a invocação dos mortos é interdita a todos e a cada um na diocese de Argel.

"Art. 2. Os confessores recusarão a absolvição a quem não renuncie a toda participação, seja como médium, seja como adepto, seja como simples testemunha em sessões privadas ou públicas, ou, enfim, em uma operação qualquer de Espiritismo.

"Art. 3. Em todas as cidades da Argélia e nas paróquias rurais onde o Espiritismo se introduziu com algum estrondo, senhores curas lerão publicamente esta carta no púlpito, o primeiro domingo depois de sua recepção. Por toda a parte, alhures, será comunicada em particular, segundo as necessidades.

"Dada em Argel, a 18 de agosto de 1863."

É a primeira ordem lançada para o efeito de interditar oficialmente o Espiritismo numa localidade. É ela de 18 de agosto de 1863; esta data marcará nos anais do Espiritismo, como a de 9 de outubro de 1860, dia para sempre memorável do auto-de-fé de Barcelona, ordenado pelo bispo dessa cidade. Os ataques, as críticas, os sermões nada tendo produzido de satisfatório, quis-se dar um golpe pela excomunhão oficial. Vejamos se o objetivo será melhor alcançado.

Pelo primeiro artigo, a ordem se dirige a todos e a cada um na diocese de Argel, quer dizer, que a proibição de se ocupar do Espiritismo é feita a todos os indivíduos sem exceção. Mas a população não se compõe somente de católicos fervorosos; compreende, sem falar dos judeus, os protestantes e os muçulmanos, todos os materialistas, panteístas, incrédulos, livres pensadores, céticos e indiferentes, cujo número é incalculável; figuram no contingente nominal do catolicismo, porque foram nascidos e batizados nessa religião, mas em realidade eles mesmos se puseram fora da Igreja; nessa conta o Sr. Renam e tantos outros figuram na população católica. Sobre todos os indivíduos que não estão na estrita ortodoxia, a ordem é, pois, sem importância; assim o será por toda parte onde semelhante proibição for feita. Sendo, pois, materialmente impossível que uma interdição dessa natureza, de qualquer parte que venha, alcance todo o mundo, por um que não será desviado, haverá cem deles que continuarão a disso se ocupar.

Depois colocam-se de lado os Espíritos que vêm sem ser chamados, mesmo, o junto daqueles a quem se proíbe de recebê-los; que falem àqueles que não querem escutá-lo; que passem através das paredes quando lhes fechem a porta. Aí está a maior dificuldade, para a qual falta um artigo na ordem acima. Essa ordem não toca, pois, senão os católicos fervorosos; ora, freqüentemente temos repetido, o Espiritismo vem dar a fé àqueles que não crêem em nada os que estão na dúvida; àqueles que têm uma fé bem parada e a quem essa fé basta, e diz: guardai-a, e não procureis dela vos desviar; não diz a ninguém: "Mudai vossa crença para vir a mim;" há bastante a colher no campo dos incrédulos. Assim, a proibição não pode alcançar aqueles a quem o Espiritismo se dirige, e não alcança senão aqueles aos quais não se dirige. Jesus não disse: "Não são aqueles que se portam bem que têm necessidade de médicos." Se estes últimos vêm a ele, sem que os procure, é que nele encontram consolações e certezas que não encontram em outra parte, e neste caso passarão sobre a proibição.

Eis logo três meses que essa ordem foi dada, e já se pode apreciar-lhe o efeito. Desde o seu aparecimento, mais de vinte cartas nos foram escritas da Argélia, todas as quais confirmam o resultado previsto. Veremos o que delas há no próximo número.

EXEMPLOS DA AÇÃO MORALIZADORA DO ESPIRITISMO.

Chamamos, sobre as cartas seguintes, a atenção daqueles que pretendem que, sem o medo das penas eternas, a Humanidade não teria mais freio, e que a negação do inferno, eternamente *pessoal*, abre o caminho a todas as desordens e a todas as imoralidades:

"Montreuil, 28 de agosto de 1863.

"No mês de março último, eu era ainda o que se pode chamar, com toda a força da palavra, incrustado de ateísmo e de materialismo. Não pouparei ao chefe do grupo espírita de nossa pequena cidade os gracejos e os sarcasmos; aconselhar-lhe-ei mesmo Charenton!, mas oporá aos meus escárnios uma paciência estóica.

"Ao mesmo tempo, durante a quaresma, um pregador falou do púlpito contra o Espiritismo. Essa circunstância excitou minha curiosidade, porque não via muito o que a Igreja poderia ter a discutir com o Espiritismo. Comecei, pois, a leitura do pequeno livro: *O que é o Espiritismo?* prometendo-me muito não ceder tão facilmente como o tinham feito certos materialistas convertidos, e me armei de todas as peças, persuadido de que nada poderia destruir a força de meus argumentos, e não duvidando, de nenhum modo, de uma vitória completa.

"Mas, ó prodígio! não tinha chegado à página cinqüenta, que já havia reconhecido a nulidade de minha pobre artilharia argumentai. Durante alguns minutos fiquei como iluminado, uma revolução súbita se operou em mim, e eis o que escrevi ao meu irmão, a 18 de junho:

"Sim, como dizes, a minha conversão é providencial; é a Deus que devo este sinal de grande benevolência. Sim, creio em Deus, em minha alma, em minha imortalidade depois da morte. Antes disso, tinha por filosofia uma certa firmeza de espírito pela qual me colocava acima das tribulações e dos acidentes da vida, mas dobrei-me diante de numerosas torturas morais que, pretensos amigos, tinham me infligido. A amargura dessas lembranças tinham envenenado meu coração. Ruminava mil projetos de vingança, e se não tivesse temido, por mim e pelos meus, a maldição pública, talvez tivesse dado aos meus projetos uma funesta execução. Mas Deus me salvou. O Espiritismo levou-me prontamente a crer nas verdades fundamentais da religião, da qual a Igreja havia me afastado pelo horrível quadro de suas chamas eternas, e querendo impor-me por artigos de fé dogmas que estão em contradição manifesta com os atributos infinitos de Deus. Lembrome ainda o pavor experimentado em 1814, com a idade de sete anos, quando da leitura desta linda passagem nos *Pensamentos cristãos*: "*E quando um condenado tiver sofrido tantos anos quanto há átomos no ar, folhas nas florestas, e grãos de areia sobre as praias do mar, tudo isso será contado por nada!*." E foi a Igreja que ousou proferir semelhante blasfêmia! que Deus a perdoe!"

"Continuo minha carta, caro Eugène, deixando à Igreja a propriedade do império infernal sobre a qual nada tenho a reivindicar.

"A idéia que tinha feito de minha alma deu lugar à dada pelos Espíritos. A pluralidade dos mundos, como a pluralidade das existências, não estando mais em dúvida para mim, senti imediatamente que é uma satisfação moral indefinível. A perspectiva de um nada frio e lúgubre me gelava outrora o sangue nas veias; hoje, vejo-me, por antecipação, habitante de um dos mundos mais avançados moralmente, intelectualmente e fisicamente do que o nosso planeta, à espera de que tenha chegado ao estado de puro Espírito.

"Para gozar dos benefícios de Deus, e disso tornar-me completamente digno, perdoei diligentemente aos meus inimigos, àqueles que me fizeram suportar vivas torturas morais, a todos aqueles, enfim, que me ofenderam, e abjurei todo o pensamento de vingança. Todos os dias agradeço a Deus pela alta benevolência que me testemunhou, fazendo-me sair rapidamente do mau caminho onde me lançaram o ateísmo e o materialis-

mo, e pedi conceder o mesmo favor a todos aqueles que, como eu, duvidaram dele e o negaram. Peço-lhe também fazer minha mulher, meus filhos, meu próximo, parentes, amigos e inimigos, gozarem das doçuras do Espiritismo. Enfim, peço por todos, por todas as almas sofredoras, a fim de que Deus lhes deixe entrever que sua bondade infinita não lhes fechou a porta do arrependimento. Peço também a Deus o perdão de minhas faltas, e a graça de praticar a caridade em toda a sua extensão.

"Encontro-me, pois, agora num estado perfeito de calma e de tranqüilidade sobre meu futuro. A idéia da morte nada tem mais que me apavore, porque tenho a convicção inabalável de que minha alma sobreviverá a meu corpo, e uma fé inteira na vida futura. Um único pensamento me faz mal, no entanto, é o de abandonar sobre a Terra seres que me são tão caros, com o medo de vê-los infelizes. Ai! esse medo que comporta sua dor é bem natural, em presença do egoísmo, do qual a maior parte do nosso pobre mundo está impregnada. Mas Deus me compreende; sabe que toda a minha confiança está só nele. Já senti a felicidade de rever nossa cara Laure, em dezembro último, alguns dias depois de sua morte. Seguramente, é um efeito antecipado de sua bondade para comigo."

"Desde a data dessa carta, meu caro senhor, meu bem-estar aumentou. Outrora, a menor contrariedade me irritava; hoje minha paciência é verdadeiramente notável; ela sucedeu à violência e ao desatino. A vitória que ela obteve nestes dias, numa prova bastante rude, vem em apoio da minha afirmação. Certamente, isso não fora assim no mês de março último. É bem nessas espécies de circunstâncias que a Doutrina Espírita exerce sua doce influência. Aqueles que a criticam dizem-na cheia de seduções, e eu não creio atenuar esse belo elogio achando-a cheia de volúpia.

"Meu retorno à religião causou aqui uma surpresa tanto maior quanto tinha até agora ostentado o materialismo mais desenfreado. Por uma consequência muito lógica, a meu turno, sou alvo das zombarias e dos sarcasmos, mas a isso permaneço insensível, e como o dizeis judiciosamente, tudo isso desliza sobre o verdadeiro Espírita, como a água sobre o mármore.

"Vou, meu caro senhor, terminar minha carta, cuja prolixidade poderia vos fazer perder um tempo precioso. Aceitai a expressão de minha viva gratidão pela satisfação moral, a esperança consoladora e o bem-estar que me haveis proporcionado. Continuai vossa santa missão, Deus vos abençoou, senhor!

"ROUSSEL (Adolphe),

"Prático de tabelião, antigo comissário-avaliador.

"P. S. No interesse do Espiritismo, podereis fazer uso desta carta como bem vos pareça, no todo ou em parte."

Nota. Já publicamos várias cartas desta natureza, mas seriam necessários volumes para publicar todas as que recebemos no mesmo sentido, e, o que não é menos notável, é que a maioria vem de pessoas que nos são completamente estranhas, e não são solicitadas por nenhuma outra influência senão o ascendente da Doutrina.

Eis, pois, um desses homens que foram tocados pelo anátema do monsenhor de Argel; um homem que, sem a Doutrina Espírita, teria morrido no ateísmo e no materialismo; que se apresentasse para receber os sacramentos da Igreja, seria impiedosamente repellido. Quem, pois, o reconduziu a Deus? Foi o medo das penas eternas? Não, uma vez que foi a teoria das penas eternas que dela o afastara. Quem, pois, teve o poder de acalmar seus desatinos e dele fazer um homem doce e inofensivo; de fazê-lo abjurar suas idéias de vingança para perdoar aos seus inimigos? Foi o Espiritismo somente, porque nele haurira uma fé inquebrantável no futuro; foi esta doutrina que quedeis extirpar de vossa diocese onde, certamente, se encontram muitos indivíduos no mesmo caso, e que, segundo vós, é uma praga vergonhosa para a colônia. A quem se persuadirá que seria

mais valido para esse homem permanecer o que era? Objetando-se de que era uma exceção, responderíamos por milhares de exemplos semelhantes; e, ainda, se fora uma exceção, responderíamos pela parábola das cem ovelhas, das quais uma se desviou e à procura da qual corre o pastor. Recusando-lhe o Espiritismo, que lhe teríeis dado no lugar para operar nele essa transformação? Sempre a perspectiva da condenação eterna, a única, segundo vós, que seja capaz de entrar a desordem e a imoralidade. Enfim, que o levou a estudar o Espiritismo? Foi um grupinho de Espíritas? Não, uma vez que deles fugia; foi um sermão pregado contra o Espiritismo. Por que, pois, foi convertido pelo Espiritismo e não pelo sermão? E que aparentemente os argumentos do Espiritismo eram mais convincentes do que os do sermão. Assim o foi em todas as pregações análogas; assim o será com a ordem episcopal de Argel, que terá, o predizemos, um resultado todo outro do que aquele que lhe estava prometido.

Ao autor desta carta diremos: "Irmão, esta espécie de confissão que fizestes diante dos homens é um grande ato de humildade; jamais há vergonha, mas há grandeza, em reconhecer que se está enganado e em confessar seus erros; Deus ama os humildes, porque é a eles que pertence o reino dos céus."

A carta seguinte é um exemplo não menos tocante dos milagres que o Espiritismo pode operar sobre as consciências; e, que, o resultado é tanto mais notável quando não se trata de um homem do mundo, vivendo num meio esclarecido, cujos maus pendores podem estar contidos, senão pelo medo da vida futura, pelo menos pelo da opinião, mas de um homem ferido pela justiça, de um condenado à reclusão numa casa central.

20 de setembro de 1863.

"Senhor,

"Fiquei bastante feliz por ler, por estudar algumas de vossas excelentes obras tratando do Espiritismo, e o efeito desta leitura foi tal sobre todo o meu ser, que acreditei dever disso conversar convosco; mas para que possais bem me compreender, creio necessário vos dar a conhecer as circunstâncias nas quais me encontro colocado.

"Tive a infelicidade de ser atingido por uma condenação de seis anos de reclusão, justa conseqüência de minha conduta passada; não tinha, pois, lugar para me lamentar, também não é senão por ordem que o relato.

"Ainda há um mês, me acreditava perdido para sempre; de onde vem que hoje penso de outro modo, e que a esperança se fez luz em meu coração? Não é porque o Espiritismo, revelando-me a sublimidade de suas máximas, me fez compreender que os bens terrestres nada eram; que a felicidade não existia realmente senão para aqueles que praticam as virtudes ensinadas por Jesus Cristo, virtudes que nos aproximam de Deus, nosso Pai comum? Não é também porque, embora caído num estado de abjeção, embora desonrado pela sociedade, pude esperar renascer de alguma sorte, e, nesta visão, preparar minha alma para uma vida melhor pela prática das virtudes e meu amor a Deus e ao próximo?

"Não sei se estão bem aí as verdadeiras causas da mudança que se operou em mim; mas o que sei é que se passa em todo o meu ser uma coisa que não posso definir. Estou mais disposto em comparação com os infelizes que, como eu, estão colocados sob a palmatória da sociedade. Tenho uma certa autoridade sobre uma centena dentre eles, e estou muito decidido a disso não usar senão para o bem. Minha posição moral me parece menos penosa; considero meus sofrimentos como uma justa expiação, e esta idéia me ajuda a suportá-los. Enfim, não é mais com sentimentos de ódio que considero a sociedade; dou-lhe a justiça que lhe é devida.

"Eis, disso estou seguro, as causas que reagiram sobre o meu Espírito, e que farão de mim, no futuro, disso tenho a doce esperança, um homem amante e servindo a Deus e

seu próximo, praticando a caridade e seus deveres. E a quem deverei dar graças desta feliz metamorfose que de um homem mau fará um homem amante da virtude? A Deus primeiro, a quem devemos tudo reportar, e em seguida aos vossos excelentes escritos. Também, senhor, permiti-me vo-lo dizer, esta carta tem por objetivo vos assinalar toda a minha gratidão.

"Mas por que é preciso que minha educação espírita permaneça? Sem dúvida, Deus o quis assim; que a sua vontade seja feita! Não vos deixarei ignorar, senhor, o nome da excelente pessoa a quem sou devedor do que sou agora: é o Sr. Benoít que, tendo notado em mim um desejo de retornar sobre meu passado, quis muito me iniciar na Doutrina Espírita; infelizmente, venho de perdê-lo, sua nova posição não lhe permitindo mais vir me ver. É uma grande infelicidade para mim, não vos escondo, porque aos conselhos junta o exemplo. Também ele deve sua melhoria à Doutrina. Disse-me: "Até que haja sido esclarecido do Espírito espírita, logo que minha refeição terminava, entregava-me ao café, e aí, freqüentemente, esquecia não só meus deveres para com a minha pequena família, mas ainda para com meu patrão. O tempo que passava assim, emprego-o agora na leitura dos livros espíritas, leitura que faço em voz alta, para que minha família dela aproveite. E crede-me, acrescentava o Sr. Benoit, isso vale mais, é o começo da verdadeira, da única felicidade."

Perdoai-me, vos peço, minha temeridade, e sobretudo a extensão desta carta, e acreditai, etc.

"D..."

O Sr. Benoít é um simples operário. Havia sido instruído no Espiritismo por uma senhora da cidade, da qual havia falado ao prisioneiro. Este último, antes da partida do seu instrutor, escreveu a essa senhora a carta seguinte:

"Senhora,

Sou, sem dúvida, muito temerário em ousar vos dirigir algumas linhas, mas espero em vossa bondade para me perdoar, sobretudo em razão das causas que me fazem agir. Tenho primeiro que vos agradecer, senhora, mas a vos agradecer do mais fundo do meu coração, de toda a minha alma, pelo bem que fizestes, permitindo ao Sr. Benoít de instruir-me no Espiritismo, desta sublime doutrina chamada a regenerar ao mundo, e que sabe tão bem demonstrar ao homem o que deve à Deus, à sua família, à sociedade, a si mesmo; que, provando-lhe que tudo não acaba com esta vida, convida-o e lhe dá os meios de se preparar para uma outra vida. Creio ter aproveitado os úteis ensinamentos que recebi, porque sinto um sentimento que me deixa melhor disposto para os meus semelhantes, e me faz sempre ter o pensamento para o céu. Está aí um começo de fé? Espero-o; infelizmente o Sr. Benoít vai partir, e com ele a minha esperança de me instruir.

"Sei que sois boa, que tereis pensado em continuar a me dar os meios de me esclarecer; a isso; vos conjuro de joelhos, continuai a obra tão bem começada; ela vos será contada por Deus, porque tendes a esperança de fazer de um infeliz perdido nos vícios do mundo um homem virtuoso, um homem digno deste nome, de sua família e da sociedade. À espera desse dia em que, livre, poderei dar minhas provas, vos bendirei como meu Espírito sobre esta Terra; eu vos associarei às minhas preces, e um dia virá em que poderei também ensinar à minha família a vos bendizer, a vos venerar, porque ter-lhe-eis dado um filho, um irmão homem honesto; é impossível nisso ser de outro modo quando se serve a Deus sinceramente. Concluo, pois, senhora, pedindo-vos ser sobre a Terra, meu bom Espírito, de consentir em me dirigir no bom caminho; o que fizerdes será contado como uma boa obra; quanto a mim, vos prometo ser dócil aos vossos ensinamentos.

"Termino, etc."

Nota. -Assim, o Sr. Benoît, simples operário, era ele mesmo um exemplo recente do efeito moralizador do Espiritismo, e já, a seu turno, leva ao bom caminho uma alma desviada; restitui à sua família, à sociedade, um homem honesto em lugar de um criminoso, boa obra para a qual ocorreu uma senhora caridosa, estranha a ambos, mas animada do único desejo de fazer o bem; tudo isso se fez na sombra, sem magnificência, sem ostentação, e com o único testemunho da consciência.

Espíritas, eis desses milagres dos quais deveis estar orgulhosos, que todos podeis operar, e para os quais não tendes necessidade de nenhuma faculdade excepcional, porque basta o desejo de fazer o bem. Se o Espiritismo tem um tal poder sobre as almas enfraquecidas, o que dele não se deverá esperar para a regeneração da Humanidade, quando tiver se tornado a crença comum, e que cada um a empregará na esfera de sua ação! Vós todos que atirais a pedra ao Espiritismo e dizeis que ele enche as casas de alienados, dai, pois, em lugar alguma coisa mais que não produziu. Pelo fruto se reconhece a qualidade da árvore; julgai, pois, o Espiritismo pelos seus frutos, e tratai de dá-los melhores; então sereis seguidos. Ainda alguns anos, e vereis muitos outros prodígios; não sinais no céu para ferir os olhos, como isso pediam os Fariseus, mas prodígios no coração dos homens, e dos quais o maior será fechar a boca aos detratores, e abrir os olhos aos cegos, porque é preciso que as predições do Cristo se cumpram, e elas se cumprirão todas.

NOVO SUCESSO DO ESPÍRITO DE CARCASSONNE

O Espírito tiptólogo de Carcassonne mantém sua reputação, e prova, pelo sucesso que obtém nos concursos em que se apresenta como candidato, o mérito incontestável de suas excelentes fábulas e poesias. Depois de ter ganho o primeiro prêmio, a Rosa de ouro, na academia de Jogos Florais de Toulouse, vem recentemente de obter uma medalha de bronze no concurso de Nimes. O *Courrier do Aude* disse a esse respeito: "Esta distinção é tanto mais lisonjeira quanto o concurso não era restrito somente às fábulas e às poesias, mas que abarcava todas as obras literárias."

Esse novo triunfo lhe pressagia, seguramente, outros para o futuro, porque é provável que esse Espírito nisso não se terá aí. Decididamente tornou-se um concorrente temível. Que dirão os incrédulos? O que já disseram por ocasião do sucesso de Toulouse: Que o Sr. Joubert é um poeta que tem a fantasia de se esconder sob o manto de um Espírito. Mas aqueles que conhecem o Sr. Joubert sabem que ele não é poeta; e, aliás, o fosse, o modo de obtenção, pela tiptologia, em presença de testemunhas, tira toda espécie de dúvida, a menos que se suponha que se esconde, não sob a mesa, mas na mesa. O que quer que seja, os fatos dessa natureza não podem deixar de chamar a atenção de pessoas sérias e de apressar o momento em que as relações do mundo visível e do mundo invisível serão admitidas como uma das leis da Natureza; reconhecida esta lei, a filosofia e a ciência entrarão necessariamente num novo caminho. A Providência, que quer o triunfo do Espiritismo, porque o Espiritismo é uma das grandes etapas do progresso humano, emprega diversos meios para fazê-lo penetrar no espírito das massas; meios apropriados ao gosto e às disposições de cada um, tendo em vista que o que convence uns não convence os outros; aqui são os sucessos acadêmicos de um Espírito poeta; lá são os fenômenos tangíveis provocados ou manifestações espontâneas; em outra parte são efeitos puramente morais; depois curas que outrora eram passadas por miraculosas, e confundem a ciência vulgar; as produções artísticas por pessoas estranhas às artes. Há até os casos de obsessão e de subjugação que, provando a impotência da ciência nessa espécie de afecções, conduzirão os sábios a reconhecer uma ação extra-material. Temos, enfim, necessidade de acrescentar que os adversários da idéia espírita são, nas mãos da Providência, um dos mais poderosos meios de vulgarização? porque é muito evidente que

sem a repercussão de seus ataques, o Espiritismo seria menos difundido do que não o é; Deus, convencendo-os da impotência, quis que eles mesmos servissem ao seu triunfo. (Ver a *Revista* de junho de 1863.)

PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS E DOS MUNDOS HABITADOS,

PELO DOUTOR GELPKE.

Devemos à gentileza de um de nossos correspondentes de Bordeaux a interessante passagem seguinte, extraída de uma obra intitulada: *Exposição da grandeza da criação universal*, pelo doutor GELPKE, publicada em Leipzig em 1817.

"... Se, pois, a construção de todos os mundos que brilham acima de nós pudesse ser submetida ao nosso exame, de que admiração não seríamos tocados vendo a diversidade dos globos, dos quais cada um é de outro modo organizado do que aquele que lhe é mais vizinho na ordem da criação! E, assim como já disse, sendo incalculável o número dos mundos, sua construção deve ser, igualmente, diferente ao infinito.

"Como, além disso, da organização de cada mundo depende a organização dos seres que o habitam, estes devem, tanto ao interior, quanto ao exterior, diferenciar essencialmente sobre cada globo. Se considerarmos agora a multiplicidade e a imensa variedade das criaturas sobre a nossa Terra, onde nem mesmo uma folha se parece a uma outra, e que admitíssemos que uma tão grande variedade de criaturas sobre cada mundo, quão prodigiosa deles nos parecerá a multidão no incomensurável reino de Deus!

"Qual será, pois, um dia a plenitude de nossa felicidade, quando, *sob envoltórios sempre mais perfeitos*, penetraremos sucessivamente mais adiante nos mistérios da criação, e que encontraremos mundos sem fim povoando um espaço sem fim! Quanto então Deus não nos parecerá mais adorável ainda, ele que tira todo esse conjunto do nada, ele cuja bondade sem limites não criou tudo senão para deles fazer gozarem os seres vivos, e cuja sabedoria ordenou esse todo de maneira tão admirável!

"Mas nossa residência e nossa conformação atuais podem nos proporcionar uma tal felicidade? Não temos necessidade para isso de uma outra morada que nos colocará mais adiante no domínio da criação, e de um envoltório mais sutil e mais perfeito, que não entrará no nosso espírito em seus progressos para a perfeição, e por meio do qual poderá ver, sem ajuda, no todo universal, muito além do que o podemos aqui com os melhores instrumentos?

"Mas, por que o Criador não nos daria, *depois de vários graus de existência*, um envoltório que, semelhante ao relâmpago, poderia se elevar de mundos em mundos, nos permitindo assim, ao mesmo tempo, considerar tudo de mais perto, e melhor abarcar o conjunto pelo pensamento? Quem ousaria disso duvidar, quando vemos a brilhante borboleta nascer da lagarta, e a árvore deslumbrante de flores provir de uma semente? Se Deus desenvolve assim, pouco a pouco, a lagarta, e no-la mostra esplendidamente transformada, se desenvolve tanto o germe gradualmente, quanto não fará para nos progredir, homens, reis da Terra, e avançar na criação!"

Pluralidade dos mundos habitados, pluralidade das existências, perispírito, progresso sucessivo e indefinido da alma, tudo aí está.

DISSERTAÇÕES ESPIRITAS.

A nova torre de Babel.

(Sociedade de Paris. - 6 de fevereiro de 1863. - Médium, senhora Costel.)

O Espiritismo é o Cristianismo da idade moderna; ele deve restituir às tradições seu sentido espiritualista. Outrora, o Espírito se fez carne; hoje, a carne se faz Espírito para desenvolver a idéia gigantesca que deve renovar a face do mundo. Mas à festa da criação espírita sucederão a perturbação e o orgulho dos sistemas diversos, que, desprezando os sábios ensinamentos, planejarão uma nova torre de Babel, obra de confusão, logo reduzida a nada, porque as obras do passado são a garantia do futuro, e nada se dissipa do tesouro da experiência amontoado pelos séculos. Espíritas, formai uma tribo intelectual; segui vossos guias mais documento do que não fizeram os Hebreus; viemos também vos livrar do jugo dos Filisteus, e vos conduzir para a Terra Prometida. Às trevas das primeiras idades sucederá a aurora, e ficareis maravilhados de compreender a lenta reflexão das idades anteriores sobre o presente. As lendas reviverão energicamente como a realidade, e adquirireis a prova da admirável unidade, garantia da aliança contratada por Deus com suas criaturas.

SÃO LUÍS

O verdadeiro Espírito das tradições
(Sétif, Argélia, 15 de outubro de 1863.)

Abri as Escrituras sagradas, e nela encontrareis, a cada página, predições ou alegorias incompreensíveis para quem não está ao corrente das revelações novas, e que, para a maioria, foi interpretada pelos seus comentaristas de maneira conforme à sua opinião e, muito freqüentemente, ao seu interesse. Mas tomando por guia a ciência que começastes a adquirir, sabereis descobrir facilmente o sentido oculto que elas encerram.

Os antigos profetas eram todos inspirados por Espíritos elevados que não lhes davam, em suas revelações, senão ensinamentos de natureza a serem compreendidos pelas inteligências de elite e cujo senso não estivesse em oposição muito patente com o estado dos conhecimentos e dos preconceitos daqueles tempos. Seria preciso que fosse possível interpretá-los de maneira apropriada à inteligência das massas, para que estas não os rejeitassem, como não teriam deixado de fazê-lo, se essas predições estivessem em oposição muito formal com as idéias gerais.

Hoje nosso cuidado deve ser o de vos esclarecer completamente, e, ao mesmo tempo, de vos fazer compreender a aproximação que existe entre a nossa revelação e a dos antigos. Temos uma outra tarefa a cumprir, é a de combater a mentira, a hipocrisia e o erro, tarefa muito difícil e muito árdua, mas da qual chegaremos ao fim, porque tal é a vontade de Deus. Tende fé e coragem; Deus não encontra jamais obstáculo irresistível à sua vontade. Os meios imprevistos serão empregados por suas ordens para vencer o gênio do mal personificado agora por aqueles que deveriam caminhar à frente do progresso, e propagar a verdade em lugar de pôr-lhe entraves por orgulho ou por interesse.

É preciso, pois, anunciar por toda a parte com confiança e segurança o fim próximo da escravidão, da injustiça e da mentira; digo o fim próximo, porque os acontecimentos, se bem que devendo se cumprir com a sábia lentidão que a Providência põe em suas reformas, para evitar as infelicidades inseparáveis de uma grande precipitação, terão seu curso num espaço de tempo mais próximo do que não o esperam aqueles que se assustam com os obstáculos que prevêem, e que não o esperam também aqueles que, por medo ou por egoísmo, estão interessados na manutenção indefinida do estado das coisas.

Sede, pois, ardentes na propaganda, mas prudentes à frente de vossos ouvintes, para não assustar as consciências tímidas e ignorantes; só os egoístas não exigem nenhuma reserva, e não devem vos inspirar nenhum medo. Tendes a ajuda de Deus, sua resistência será impotente contra vós; é preciso mostrar-lhes, sem equívoco, o futuro terrível que os espera, por causa deles mesmos, e por causa daqueles que se deixaram

perverter por seu exemplo, porque cada um é responsável pelo mal que faz, e daquele do qual é causa.

SANTO AGOSTINHO.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

6^a ANO

NO. 12

DEZEMBRO 1863

UTILIDADE DO ENSINO DOS ESPÍRITOS.

Um publicista distinto, pelo caráter do qual professamos a mais profunda estima e cujas simpatias foram adquiridas pela filosofia espírita, mas a quem a utilidade do ensino dos Espíritos não foi ainda demonstrada, nos escreveu o que se segue:

".....Creio que a Humanidade está de posse há muito tempo dos princípios que expusestes, princípio de que gosto e que defendo sem o recurso das comunicações espíritas, o que não quer dizer, notai-o bem, que negue os recursos das luzes divinas. Cada um de nós recebe esse recurso num certo limite, segundo o grau de sua boa vontade, de seu amor ao próximo, e também na medida da missão que tem a cumprir durante a sua passagem sobre a Terra. Não sei se vossas comunicações vos colocaram em posse de uma única idéia, de um único princípio que não haja sido precedentemente exposto pela série dos filósofos e dos pensadores que, desde Confúcio até Platão, até Moisés, Jesus Cristo, Santo Agostinho, Lutero, Diderot, Voltaire, Condorcet, Saint-Simon, etc., fizeram progredir nosso humilde planeta. Não o sinto, e se me engano, vos seria muito reconhecido do trabalho que tomardes para me demonstrar meu erro. Notai bem que não condeno vossos procedimentos espíritas: creio-os inúteis para mim, etc..."

Meu caro senhor, vou responder em algumas palavras à vossa pergunta. Não tenho nem vosso talento nem vossa eloquência, mas tratarei de ser claro, não só para vós, mas para meus leitores, a quem minha resposta poderá servir de ensinamento, é porque a faço por intermédio de meu jornal.

Direi primeiro que, de duas coisas uma, ou as comunicações com os Espíritos existem, ou elas não existem. Se não existem, *milhões* de pessoas que se comunicam diariamente com eles se envolvem uma estranha ilusão, e eu mesmo terei tido uma singular idéia de lhes atribuir o que teria podido me fazer um mérito; mas é tanto menos útil discutir este ponto quanto não o contestais. Se essa comunicação existe, deve ter sua utilidade, porque Deus não faz nada de inútil; ora, essa utilidade ressalta não só desse ensinamento, mas ainda e sobretudo das conseqüências desse ensino, assim como o veremos dentro em pouco.

Dizeis que essas comunicações não ensinam nada de novo daquilo que foi ensinado por todos os filósofos desde Confúcio, de onde concluís que elas são inúteis. O provérbio: "Nada há de novo sob o Sol" é perfeitamente verdadeiro, e Edouard Fournier demonstrou-o claramente em sua interessante obra do *Vieux neuf*, o que disse das obras da indústria é inteiramente verdadeiro em matéria filosófica, e isto por uma razão muito simples, é que as grandes verdades são de todos os tempos, e de todos os tempos deveram se revelar a homens de gênio. Mas do fato de que um homem formulou uma idéia, segue-se que aquele que a formule depois dele seja inútil? Sócrates e Platão não anunciaram princípios morais idênticos aos de Jesus? Seria preciso disso concluir que a doutrina de Jesus foi uma superfluidade? Nessa conta, bem poucos trabalhos seriam de uma utilidade real,

uma vez que, na maioria, pode-se dizer que um outro teve o mesmo pensamento, e que basta ali ter recursos. Vós mesmo, meu caro senhor, que consagrais vosso talento ao triunfo das idéias de progresso e de liberdade, que dizeis que cem outros não hajam tido antes de vós? É preciso disso concluir que deveríeis vos calar? Não o pensais. Confúcio, por exemplo, proclama uma verdade, depois um, dois, três, cem outros homens vêm depois dele, que a desenvolvem, a completam, e a apresentam sob uma outra forma, se bem que essa verdade, que permaneceu nos cartões da história e no privilégio de alguns eruditos, se popularize, se infiltre nas massas e acabe por se tornar uma crença vulgar. O que teria advindo das idéias dos filósofos antigos se não tivessem sido retomadas em seus alicerces pelos escritores modernos? Quantos os conhecem hoje? É assim que cada um, a seu turno, vem dar seu golpe de martelo.

Suponhamos, pois, que os Espíritos nada tenham ensinado de novo; que não hajam revelado a menor verdade nova; que não hajam feito, em uma palavra, senão todas aquelas que os apóstolos do progresso professaram, não é, pois, nada senão esses princípios ensinados hoje, pelas vozes do mundo invisível em todas as partes do mundo, no interior de todas as famílias, desde o palácio até a choupana? Não é, pois, nada senão esses milhões de golpes de martelo batidos todos os dias, a toda hora e por toda parte? Credes que as massas não estão nisso mais penetradas e impressionadas, vindo de seus parentes ou amigos, do que pelas máximas de Sócrates e de Platão que jamais leram ou que não conhecem senão de nome? Como, vós, meu caro senhor, que combateis os abusos de todas as espécies, podeis desdenhar um semelhante auxiliar? um auxiliar que bate em todas as portas, desafiando todos os castigos e todas as medidas inquisitoriais? Só esse auxiliar, disto tereis um dia a prova, triunfará de todas as resistências porque toma os abusos pela base apoiando-se sobre a fé que se extingue e que vem consolidar.

Pregais a fraternidade em termos eloqüentes, está muito bem, e vos admiro; mas o que é a fraternidade com o egoísmo? O egoísmo será sempre a dificuldade imprevista para a realização das idéias mais generosas; os exemplos antigos e recentes não faltariam ao apoio dessa proposição. É preciso, pois, tomar o mal em sua raiz, e por isso combater o egoísmo e o orgulho que fizeram e farão abortar os projetos melhor concebidos; e como destruir o egoísmo sob o império das idéias materialistas que concentram a ação do homem sobre a vida presente? Para aquele que nada espera depois desta vida, a abnegação não tem nenhuma razão de ser; o sacrifício é uma velhacaria, porque é tanto tirado sobre os curtos gozos deste mundo. Ora, quem dá essa fé inalterável no futuro melhor do que o Espiritismo?

Como chegou a triunfar da incredulidade de um tão grande número, a domar tantas paixões más, se não é pelas provas materiais que dá, e como pode dar essas provas sem as relações estabelecidas com aqueles que não estão mais sobre a Terra? Não é, pois, nada ter ensinado aos homens de onde vêm, onde vão, e o futuro que lhes está reservado? A solidariedade que ensina não é mais uma simples teoria, é uma conseqüência forçada das relações que existem entre os mortos e os vivos; relações que fazem da fraternidade entre vivos não só um dever moral, mas uma necessidade, porque há do interesse da vida futura.

As idéias de casta, os preconceitos aristocráticos, produtos do orgulho e do egoísmo, não foram de todos os tempos um obstáculo à emancipação das massas? Basta dizer em teoria aos privilégios do nascimento e da fortuna: Todos os homens são iguais! O Evangelho bastou para persuadir aos cristãos possuidores de escravos de que esses escravos eram seus irmãos? Ora, quem pode destruir esses preconceitos, que passa um nível sobre todas as cabeças melhor do que a *certeza* que nas últimas classes da sociedade se encontram seres que ocuparam o alto da escala social, que entre nossos servidores, entre aqueles a quem damos esmolas podem se encontrar parentes, amigos, homens que nos comandaram; que aqueles, enfim, que estão no alto colocados agora podem descer ao último degrau? Está, pois, aí um ensinamento estéril para a Humanidade? Esta

idéia é nova? Não; mais de um filósofo a emitiu e pressentiu essa grande lei da justiça divina; mas não é nada senão dar-lhe a prova palpável, evidente? Muitos séculos antes de Copérnico, Galileu e Newton, a redondeza e o movimento da Terra foram postos em princípios; esses sábios vieram demonstrar o que outros não fizeram senão supor; assim há Espíritos que vêm provar as grandes verdades, permanecidas no estado de letras mortas para a maioria, dando-lhes por base uma lei da Natureza.

Ah! meu caro senhor, se soubésseis quanto eu quantos homens, que tivessem sido entraves para a realização das idéias humanitárias, mudaram de maneira de ver e delas se tornam hoje os campeões, graças ao Espiritismo, não diríeis que o ensino dos Espíritos é inútil; vós os abençoaríeis como a âncora de salvação da sociedade, e pediríeis com todos os vossos votos a sua propagação. Foi, pois, o ensino dos filósofos que lhes faltou? Não, porque a maioria é de homens esclarecidos, mas para eles os filósofos eram sonhadores, utopistas, bons falantes; que digo eu? revolucionários; seria preciso tocar-lhes o coração, e o que os tocou foram as vozes de além-túmulo que ainda se fazem ouvir em seu próprio lar.

Permiti-me, caro senhor, em disso ficar por aqui hoje; a abundância de matérias força-me a remeter para o próximo número a questão considerada de um outro ponto de vista.

O ESPIRITISMO NA ARGÉLIA.

A respeito de nosso artigo do mês último, sobre a ordem do Mons., o bispo de Argel, várias pessoas nos perguntaram se lho havíamos endereçado. Ignoramos se alguém se encarregou desse cuidado; quanto a nós, não o fizemos, e eis a nossa razão:

Não temos nenhuma intenção de converter o Mons. de Argel às nossas opiniões. Teria ele podido ver, no envio direto desse artigo, uma espécie de desafio de nossa parte, o que não está no nosso caráter. O Espiritismo, ainda uma vez, deve ser aceito livremente e não violentar nenhuma consciência; deve atrair a ele pelo poder de seu raciocínio, acessível a todos, e pelos bons frutos que dá; deve realizar esta palavra do Cristo: "Outrora o céu era ganho pela violência, hoje, o é pela doçura." De duas coisas uma: ou o Mons. de Argel prende-se a não falar senão daquilo que sabe, ou não se prende a isso. No primeiro caso, deve por si mesmo pôr-se ao corrente da questão, e não se limitar aos escritos que são abundantes em seu sentido, se não quiser se expor a cometer lamentáveis erros: no segundo caso, isso seria trabalho perdido procurar abrir os olhos a quem quer fechá-los.

É um grave erro crer que a sorte do Espiritismo depende da adesão de tal ou ai individualidade; ele se apoia sobre uma base mais sólida; o assentimento das massas, nas quais as opiniões dos mais pequenos tem seu peso como a dos mais maiores. Não é uma única pedra que faz a solidez de um edifício, porque uma pedra pode ser derrubada; mas o conjunto de todas as pedras que lhe servem de fundação. Numa questão de um tão vasto interesse, a importância das individualidades, consideradas em si mesmas, se apaga de alguma sorte; cada um traz seu contingente de ação, mas que alguns falem ao chamado, o conjunto com isso não sofre.

Em sua opinião, o Mons. de Argel acreditou dever fazer o que fez; estava em seu direito; dizemos mais: tinha muito que fazê-lo uma vez que agiu segundo a sua consciência; se o resultado não responde à sua espera, é que tomou caminho falso, eis tudo. Não nos pertence procurar mudar suas idéias, e, por esse motivo, não tínhamos que endereçar-lhe nossa refutação. Não escrevemos para ele, mas para a instrução dos Espíritos de todos os países, a fim de tranquilizá-los sobre as conseqüências de uma tentativa que provavelmente terá imitadores. Pouco importa, pois, a medida em si mesma; o essencial era

provar que nem esta nem outras podem atingir o objetivo que se propôs: o aniquilamento do Espiritismo.

Em tese geral, em todas as nossas refutações, jamais tivemos em vista os indivíduos, porque as questões pessoais morrem com as pessoas. O Espiritismo vê as coisas de mais alto; liga-se às questões de princípio, que sobrevivem aos indivíduos. Num tempo dado, todos os detratores atuais do Espiritismo estarão mortos; uma vez que, quando vivos, não detiveram seu impulso, ou poderão ainda menos quando não estiverem mais aqui; muito ao contrário, mais de um, reconhecendo seu erro, secundará como Espírito o que havia combatido como homem, assim como o fez luz o bispo de Barcelona, que recomendamos às preces de todos os Espíritas, segundo o desejo que manifestou. Vede já se, antes de partir, mais de um antagonista não está morto moralmente! De todos os escritos que pretendem pulverizar a Doutrina, quantos sobreviveram? Um ano ou dois bastaram para colocar a maioria no esquecimento, e aqueles que fizeram mais barulho não lançaram senão um fogo de palha, já extinto ou se extinguindo a cada dia; ainda alguns anos, e isso não será mais questão, serão procurados como raridades. Ocorre o mesmo com as idéias espíritas? Os fatos respondem à pergunta. É de presumir que depois de seus autores virão adversários mais temíveis que terão razão do Espiritismo? É pouco provável, porque não é nem o talento, nem a boa vontade, nem a alta posição que faltam àqueles hoje; são todo fogo e todo ardor; o que lhes falta, são argumentos que levem a melhor sobre os do Espiritismo, e certamente não é por falta de procurá-los; ora, a idéia espírita ganhando sem cessar partidários, o número dos adversários diminuirá em proporção, e se verão forçados a aceitar um fato realizado.

De resto, já dissemos que o clero não é unânime na sua reprovação contra o Espiritismo; conhecemos pessoalmente vários eclesiásticos que são muito simpáticos a esta idéia, e aceitando-lhe todas as conseqüências; eis disso uma prova bem característica. O fato seguinte, do qual podemos garantir a autenticidade, é muito recente.

Num compartimento da estrada de ferro se encontravam dois senhores, um sábio, materialista e ateu ao grau supremo, e seu amigo, ao contrário, muito espiritualista. Discutiam calorosamente e sustentavam cada um a sua opinião. Numa estação subiu um jovem abade que escutou primeiro a conversação, depois nela tomou parte. Dirigindo-se ao incrédulo, disse-lhe: "Parece, senhor, que não credes em nada, nem mesmo em Deus? -

É a verdade, eu o confesso, senhor abade, e ninguém ainda pôde me provar que estou no erro. - Pois bem!! eu vos convido a ir aos Espíritas, e creereis. - Como! senhor abade, que me tendes semelhante linguagem? - Sim, senhor, e digo-o porque é minha convicção. Sei, por experiência, que quando a religião é impotente para vencer a incredulidade, o Espiritismo dela triunfa. -Mas, que pensará vosso bispo se souber o que me dizeis aqui? -Pensaria disso o que quisesse, e dir-lho-ia a ele mesmo, que tenho por hábito não esconder meu modo de pensar."

Foi esse próprio sábio que contou o fato a um de seus amigos, de quem o temos.

Eis um outro deles não menos significativo. Um de nossos fervorosos adeptos, tendo ido ver um de seus tios, cura de uma aldeia, encontrou-o ocupado em ler *O Livro dos Espíritos*. Transcrevemos textualmente o relato que nos deu de sua conversação. "Ora essa! meu tio, ledes este livro, e não tendes medo de ser condenado? Sem dúvida, é para refutá-lo em vossos sermões? -Ao contrário, essa doutrina me tranqüiliza sobre o futuro, porque compreendo hoje muitos mistérios que não tinha podido compreender, mesmo no Evangelho. E tu, é que conheces isto? - Como, pois, se o conheço! Sou Espírita de coração e de alma, e além disso um pouco médium. - Então, meu caro sobrinho, toca aqui! Jamais pudemos nos entender sobre a religião, agora nos compreenderemos. Por que não me falaste ainda disso? - Temia vos escandalizar. - Tu me escandalizavas outrora muito mais por tua incredulidade. - Se era incrédulo, fostes vós a sua causa. - Como assim? - Não fostes vós que me educastes? E o que foi que me ensinastes com relação à religião? Quisestes sempre me explicar o que vós mesmo não compreendíeis; depois,

quando vos questionava e que não sabíeis o que me responder, dizíeis: "Cala-te, infeliz! é preciso crer e não procurar compreender. Tu não serás jamais senão um ateu. "Agora, sou eu talvez que poderia vos servir de exemplo. Também, sou eu que me encarrego de instruir meu filho; ele tem dez anos, e vos asseguro que é mais crente do que eu não o era em sua idade, nas vossas mãos, e não temo que perca jamais a sua fé, porque compreende tudo tão bem quanto eu. Se vísseis como ele ora com fervor, como é dócil, laborioso, atento a todos seus desejos, serieis disso edificado. Mas, dizei-me, meu tio, é que pregais o Espiritismo aos vossos paroquianos? - Disso não é o bom desejo que me impede, mas tu compreendes que isto não é possível. - É que vós lhes falastes sempre na fornalha do diabo, como no meu tempo? Posso vos dizer isto agora sem vos ofender; mas, verdadeiramente, isso nos fazia rir muito; entre vossos ouvintes, vos certifico que não havia somente três ou quatro boas mulheres que acreditavam naquilo que dizíeis; as jovens, que são comumente muito medrosas, iam "brincar com o diabo", saindo do sermão. Se esse receio teve tão pouco poder sobre pessoas do campo, naturalmente supersticiosas, julgai de que isso deve ser naqueles que são esclarecidos. Ah! meu caro tio, é grande tempo de mudar de bateria, porque o diabo terminou seu tempo. - Bem o sei, e o pior de tudo isso, é que a maioria não crê mais em Deus do que no diabo, é porque estão mais freqüentemente no cabaré do que na igreja. Estou, asseguro-te, algumas vezes muito embaraçado para conciliar meu dever e minha consciência; trato de tomar um meio-termo; falo mais freqüentemente de moral, dos deveres para com a família e a sociedade, apoiando-me sobre o Evangelho, e vejo que sou melhor compreendido e melhor escutado. - Que resultado pensais que se obteria pregando-lhes a religião do ponto de vista do Espiritismo? - Fizeste-me tua confissão, vou te fazer a minha e falar-te com o coração aberto. Tenho a convicção de que, antes de dez anos, não haverá um único incrédulo na paróquia, e que todos serão homens honestos; o que lhes falta é a fé; neles não há mais dela, e seu ceticismo, não tendo o contrapeso o respeito humano que a educação dá, tem alguma coisa de bestial. Falo-lhes de moral, mas a moral sem a fé não tem base, e o Espiritismo lhes daria essa fé; porque essas pessoas, apesar de sua falta de instrução, têm muito de bom senso; raciocino mais do que não se crê, mas são extremamente desconfiadas, e essa desconfiança faz que queiram compreender antes de crer; ora, não há para isso nada melhor do que o Espiritismo. - A conseqüência daquilo que dissestes, meu tio, é que, se esse resultado é possível numa paróquia, o é igualmente nas outras; se, pois, todos os curas da França pregassem apoiando-se sobre o Espiritismo, a sociedade seria transformada em poucos anos. - É a minha opinião. - Pensais que isso chegará um dia? - Disso tenho a esperança. -E eu, tenho a certeza de que antes do fim deste século ver-se-á essa mudança. Dizei-me, meu tio, sois médium? - Silêncio! (*baixinho*) Sim! - E que vos dizem os Espíritos? - Dizem-me que..." (Aqui o bom cura fala tão baixo que seu sobrinho não pode ouvir.)

Dissemos que a ordem do Mons. de Argel não tinha detido o impulso do Espiritismo nesse país; o extrato seguinte de duas cartas, entre muitas outras análogas, pode disso dar uma idéia.

"Caro e venerado mestre, venho hoje, confirmando-vos minha precedente carta, e por ocasião da circular do Mons. bispo de Argel, vos renovar a segurança da ligação inviolável de todos os Espíritos de nosso grupo à santa e sublime doutrina do Espiritismo, que não se chegará jamais a nos persuadir se a obra é do diabo, porque nos arrancou da dúvida e do culto da matéria, e que ela nos torna melhores uns para com os outros, mesmo por nossos inimigos, por quem fazemos cada dia uma prece. Continuamos, como pelo passado, a nos reunir e a receber as instruções de nossos Espíritos protetores, que nos asseguram que tudo isso que se passa é para o melhor e segundo as vistas do Providência. Todos nos dizem que os tempos estão próximos em que as grandes mudanças vão se operar nas crenças às quais o Espiritismo servirá de laço para levar todos os homens à fraternidade..."

Uma outra carta disse: "A ordem do Mons. bispo de Argel tem fornecido ao nosso cura o assunto de um sermão fulminante contra o Espiritismo, mas isso ocorreu por conta de sua eloquência; engano-me, porque fez uma tão forte impressão sobre vários zombadores, que estes, vendo o Espiritismo levado a sério pela autoridade eclesiástica, disseram a si mesmos que ali deveria ter alguma coisa de sério; puseram-se, pois, a estudá-lo, e agora não têm nada mais disso e são dos nossos. De resto, o número dos Espíritas continua a aumentar e vários novos grupos estão em vias de se formar."

Toda a nossa correspondência é no mesmo sentido, e não nos assinala uma única defecção, mas somente alguns indivíduos que sua posição, dependente da autoridade eclesiástica, obriga a não se porem em evidência, sem cessarem, no entanto, de se ocupar do Espiritismo na intimidade ou no silêncio do gabinete. Podem-se impor os atos exteriores, mas não dominar a consciência. A comunicação adiante prova que, não mais entre os Espíritos do que entre os homens, o impulso não se abrandou.

Sétif, 17 de setembro de 1863.

"Venho a vós, meus amigos, cheio de alegria, vendo o Espiritismo fazer rápidos progressos, tomar cada dia novas forças, no meio dos entraves que lhe opõem. Essas forças não são unicamente do número, mais ainda as da união, da fraternidade, da caridade. Tende, pois, confiança, esperança e coragem caminhando nessa santa rota do progresso espírita, do qual nenhum poder humano vos deterá.

"No entanto, esperai a luta, e preparai-vos para sustentá-la. Vossos inimigos que estão ali vos forjam pesadas cadeias com as quais esperam vos ter e vos domar. Que farão contra a vontade de Deus, que vos protege? Os fundamentos de sua fé se elevarão apesar de todos os empecilhos. Os servidores do Todo-Poderoso estão cheios de ardor e de zelo; não se deixarão abater; resistirão a todos os ataques; caminharão na senda, quando mesmo e sempre; os entraves, as cadeias se quebrarão como se fossem de vidro.

"Eu vos digo, velai, orai, estendei a mão aos infelizes, abri-lhe os olhos que estão fechados; que vossos corações e vossos braços estejam abertos a todos sem exceção. Espíritas, vossa tarefa é bela! o que há de mais belo, de mais consolador, do que esse pacto de união entre os vivos e os mortos? Que imensos serviços poderemos nos dar mutuamente! Por vossas preces a Deus, falando do fundo do coração, muito podeis para o alívio das almas que sofrem, e quanto o benefício é doce ao coração daquele que o pratica! Que tocante harmonia senão a das bênçãos que tereis merecido! Ainda uma vez, orai elevando vossa alma ao céu, e ficai persuadidos de que cada uma de vossas preces será escutada e abrandará uma dor.

"Compreendi bem que quanto mais conduzirdes os homens a vos imitar, mais o conjunto de vossas preces terá poder. Tomai os homens pela mão, e conduzi-os no verdadeiro caminho onde engrossarão a vossa falange. Pregai a boa doutrina, a doutrina de Jesus, a que o próprio Divino Mestre ensina em suas comunicações, que não fazem senão repetir e confirmar a doutrina dos Evangelhos. Aqueles que viverem verão coisas admiráveis, eu vo-lo digo.

"P. É preciso responder a essa ordem pela imprensa? - R. Meu Deus, permiti-me dizer-lhes o que penso! Estabeleceram eles uma rota; fazem-na varrer para que o povo ali passeie com mais comodidade e em maior número; também a multidão vem ali se espremer. Deveis compreender a minha linguagem, um pouco enigmática. Vosso dever de Espírita é de lhes mostrar que tem aberta uma porta em lugar de fechá-la.

"SÃO JOSÉ."

Nota. Esta comunicação foi obtida por um operário, médium completamente iletrado, e que sabia apenas assinar; desde que é médium, escreveu um pouco, mas muito dificilmente. Não se pode, pois, supor que a dissertação acima seja a obra de sua imaginação.

ELIAS E JOÃO BATISTA.

Refutação.

Uma carta que nos foi endereçada contém a passagem seguinte: "Acabo de ter uma discussão com o cura daqui sobre a Doutrina Espírita; a respeito da reencarnação, disse-me para dizer-lhe qual dos corpos tomará o Espírito de Elias no último julgamento anunciado pela Igreja para se apresentar diante de Jesus Cristo; se será seu primeiro ou seu segundo. Não pude responder-lhe; ele riu e disse-me que não éramos fortes, os senhores Espíritas."

Não sabemos qual dos dois provocou a discussão; em todos os casos, há sempre imprudência em se envolver numa controvérsia quando não se sente com força para sustentá-la. Se a iniciativa veio de nosso correspondente, lembrar-lhe-emos o que não cessamos de repetir, que "o Espiritismo se dirige àqueles que não crêem ou que duvidam, e não àqueles que têm uma fé e que essa fé basta; que não diz a ninguém para renunciar às suas crenças para adotar as nossas," e nisso é conseqüente nos princípios de tolerância e de liberdade de consciência que professam. Por esse motivo, não saberíamos aprovar as tentativas, feitas por certas pessoas, para converter às nossas idéias o clero de qualquer comunhão que seja. Repetiremos, pois, a todos os Espíritas: Acolhei com solicitude os homens de boa vontade; dai a luz àqueles que a procuram, porque com aqueles que crêem tê-la não triunfareis; não violenteis a fé de ninguém, não mais do clero do que dos laicos, porque vindes semear os campos áridos; colocai a luz em evidência, para que aqueles que querem vê-la a olhem; mostrai os frutos da árvore, e dai de comer àqueles que têm fome, e não àqueles que dizem estar saciados. Se os membros do clero vêm a vós com intenções sinceras e sem pensamento dissimulado, fazei por eles o que fazeis para os outros vossos irmãos: instruí aqueles que o pedirem, mas não procureis conduzir à força àqueles que crerem sua consciência convidada a pensar de outro modo do que vós; deixai-lhes a fé que têm, como pedis que vos deixem a vossa; mostrai-lhes, enfim, que sabeis praticar a caridade segundo Jesus. Se atacam os primeiros, é então que se tem o direito de resposta e de refutação; se abrem a liça, é permitido segui-los sem se afastar, no entanto, da moderação da qual Jesus deu o exemplo aos seus discípulos; se nossos adversários disso se afastam por si mesmos, é preciso deixar-lhes esse triste privilégio que jamais é uma prova da verdadeira força. Se nós mesmos entramos há algum tempo no caminho da controvérsia, e se nós erguemos a luva lançada por algum dos membros do clero, se nos dará essa justiça que nossa polêmica jamais foi agressiva; se não tivessem atacado primeiro, seu nome jamais seria pronunciado por nós. Sempre desprezamos as injúrias e o personalismo dos quais fomos objetos, mas era de nosso dever tomar a defesa de nossos irmãos atacados e de nossa Doutrina indignamente desfigurada, uma vez que se chegou até a dizer, em pleno púlpito, que ela pregava o adultério e o suicídio. Dissemos e o repetimos, essa provocação era inábil, porque ela conduz, forçosamente, ao exame de certas questões que teria sido de uma melhor política deixar adormecidas, porque uma vez aberto o campo, não se sabe onde pode deter-se; mas o medo é mau conselheiro.

Isto dito, vamos tentar dar ao Sr., o cura citado mais acima, a resposta à pergunta que propôs. Todavia, não podemos nos impedir de notar que se seu interlocutor não era tão forte quanto ele em teologia, ele mesmo não parecia muito forte sobre o Evangelho. Sua questão retorna àquela que foi posta a Jesus pelos Saduceus; não tinha, pois, senão que se referir à resposta de Jesus, que tomamos a liberdade de lembrar-lhe, uma vez que não a sabe.

"Naquele dia, os Saduceus, que negam a ressurreição, vieram encontrá-lo e lhe propuseram uma questão, dizendo-lhe: "Mestre, Moisés ordenou que se alguém morresse sem filhos, seu irmão esposasse sua mulher, e suscitasse filhos ao seu irmão morto. Ora,

havia entre nós sete irmãos, dos quais o primeiro, tendo esposado uma mulher, morreu; e não tendo tido filhos, deixou sua mulher ao seu irmão. A mesma coisa ocorreu ao segundo, ao terceiro e a todos os outros até o sétimo. Enfim, essa mulher morreu depois deles todos. Então, pois, que a ressurreição chegue, do qual desses sete seria mulher, uma vez que o foi de todos?

"Jesus lhes respondeu: "Estais no erro, não compreendendo as Escrituras nem o poder de Deus; porque *depois da ressurreição os homens não terão mulher, nem as mulheres marido; mas serão como OS ANJOS DE DEUS NO CÉU*. E pelo que é da ressurreição dos mortos, não lestes estas palavras que Deus vos disse: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó? Ora, Deus não é o Deus dos mortos, mas dos vivos."(São Mateus, cap. XXII, v. de 23 a 32.)

Uma vez que, depois da ressurreição, os homens serão *como os anjos do céu*, e que os anjos não têm corpo carnal, mas um corpo etéreo e fluídico, os homens não ressuscitarão, pois, não mais em carne e osso. Se João Batista foi Elias, não é senão uma mesma alma tendo tido duas vestes deixadas em duas épocas diferentes sobre a Terra, e que não se, apresentará nem com uma nem com a outra, mas com o envoltório etéreo próprio ao mundo invisível. Se as palavras de Jesus não vos parecem bastante claras, lede as de São Paulo (que reportamos adiante na página 372), elas são ainda mais explícitas. Duvidais de que João Batista foi Elias? Lede São Mateus, cap. XI, v. 13, 14, 15: "Porque até João, todos os profetas, tão bem quanto a lei, profetizaram; e se quereis compreender o que vos digo, *é ele mesmo que é esse Elias que deve vir*. Que ouça aquele que tem ouvidos para ouvir." Aqui não há nenhum equívoco; os termos são claros e categóricos, e para não ouvir é necessário não ter ouvidos, ou querer fechá-los. Sendo estas palavras uma afirmação positiva, de duas coisas uma: Jesus disse a verdade, ou está enganado. Na primeira hipótese, é a reencarnação atestada por ele; na segunda, é a dúvida lançada sobre todos os seus ensinamentos, porque se está enganado sobre um ponto, pôde se enganar sobre os outros; escolhei.

Agora, senhor cura, permiti que, ao meu turno, vos dirija uma pergunta, à qual, sem dúvida, vos será fácil responder.

Sabeis que a Gênese, assinalando seis dias para a criação, não só da Terra, mas do Universo inteiro: sol, estrelas, lua, etc., havia contado sem a geologia e a astronomia; que Josué havia contado sem a lei da gravidade universal; parece-me que o dogma da ressurreição da carne contou sem a química. E verdade que a química é uma ciência diabólica, como todas as que fazem ver claro ali onde se gostaria que se visse perturbação; mas, embora isso seja de sua origem, ela nos ensina uma coisa positiva, é que o corpo do homem, do mesmo modo que todas as substâncias orgânicas animais e vegetais, é composto de elementos diversos dos quais os princípios são: o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono. Ela nos ensina ainda, - e notai que é um resultado da experiência, - que na morte esses elementos se dispersam e entram na composição de outros corpos, se bem que, ao cabo de um tempo dado, o corpo inteiro é absorvido. Está ainda constatado que o terreno que tem em abundância as matérias animais em decomposição são os mais férteis, e é na vizinhança dos cemitérios que os ímpios atribuem a fecundidade proverbial dos jardins dos Srs. curas do campo. Suponhamos, pois, senhor cura, que as batatas-inglesas sejam plantadas na vizinhança de uma fossa; essas batatas-inglesas vão se alimentar dos gases e dos sais provenientes da decomposição do corpo morto; essas batatas-inglesas vão servir para engordar as galinhas; essas galinhas, vós as comereis, as saboreareis; de tal sorte de que vosso próprio corpo será formado de moléculas do corpo do indivíduo que está morto, e que isso não será menos dele embora tendo passado por intermediários. Teríeis, pois, em vós, partes que pertenceram a um outro. Ora, quando ressuscitardes ambos no dia do julgamento, cada um com vosso corpo, como fareis? Guardareis o que tendes de outro, ou o outro vos retomará o que lhe pertence, ou bem ainda teríeis alguma coisa da batata-inglesa ou da galinha? Questão pelo menos tão séria

quanto aquela de saber se João Batista ressuscitará com o corpo de João ou de Elias. Coloco-a em sua maior simplicidade, mas julgai do embaraço se, como isto é certo, tiverdes em vós as porções de cem indivíduos. Está aí, propriamente falando, a ressurreição da carne; mas diferente é a do Espírito, que não leva seu despojo com ele. Vede, adiante, o que disse São Paulo.

Uma vez que estamos no caminho de perguntas, eis uma outra delas, senhor cura, que ouvimos fazer por incrédulos; ela é estranha, é verdade, ao assunto que nos ocupa, mas é trazida por um dos fatos narrados acima. Segundo a Gênese, Deus criou o mundo em seis dias, e repousou no sétimo; é esse repouso do sétimo dia que é consagrado pelo domingo, e cuja estrita observação é uma lei canônica. Se, pois, assim como o demonstra a geologia, esses seis dias, em lugar de serem de vinte e quatro horas, são de alguns milhões de anos, qual será a duração do dia de repouso? Como importância, esta pergunta vale bem as outras duas.

Não creiais, senhor cura, que essas observações sejam o resultado de um desprezo das santas Escrituras; não, muito ao contrário; nós lhe damos talvez uma maior homenagem que vós mesmos. Levando em conta a forma alegórica, nela procuramos o espírito que vivifica, ali encontramos grandes verdades, e por ali levamos os incrédulos a nelas crerem e a respeitá-las; ao passo que se prendendo à letra que mata, se lhes faz dizer coisas absurdas e se aumenta o número dos céticos.

SÃO PAULO, PRECURSOR DO ESPIRITISMO.

A comunicação seguinte foi obtida na sessão da Sociedade de Paris, de 9 de outubro de 1863:

"Quantos dias se escoaram desde que tive a felicidade de me entreter convosco, meus muito queridos filhos! Também, é com uma muito doce satisfação que me reencontro no meio de minha cara Sociedade de Paris.

"Do que vos entreterei hoje? A maioria das questões morais foram tratadas por penas hábeis; no entanto, elas são de tal modo de meu domínio e seu campo é tão vasto, que encontrarei ainda alguns grãos de verdade a respigar. De resto, quando bem mesmo não fizer senão tornar a dizer o que outros já vos disseram, disso ressaltará talvez alguns novos ensinamentos, porque as boas palavras, como as boas sementes, trazem sempre seus frutos.

"Os livros santos são para nós celeiros inesgotáveis, e o grande apóstolo Paulo, que outrora tanto contribuiu para o estabelecimento do Cristianismo pela sua poderosa pregação, vos deixou monumentos escritos, que servirão não menos energicamente ao desabrochamento do Espiritismo. Não ignoro que vossos adversários religiosos invocam seu testemunho contra vós; mas isto não impede que o ilustre iluminado de Damasco não seja por vós e convosco, disto ficai bem convencidos. O sopro que corre em suas epístolas, a inspiração santa que anima seus ensinamentos, longe de ser hostil à vossa doutrina, é, ao contrário, cheia de singulares previsões tendo em vista o que ocorre hoje. É assim que, em sua primeira aos Coríntios, ensina que sem a Caridade não existe nenhum homem, fosse ele santo, fosse profeta, transportasse montanhas, que possa se gabar de ser um verdadeiro discípulo de Nosso Senhor Jesus Cristo. Como os Espíritas, e antes dos Espíritas, foi ele quem proclamou primeiro esta máxima que faz a vossa glória: Fora da caridade não há salvação! Mas este não é o único lado que se liga à Doutrina que nós vos ensinamos e que propagais hoje. Com essa alta inteligência que lhe era própria, previu o que Deus reservava ao futuro, e notadamente essa transformação, essa regeneração da fé cristã, que sois chamados a assentar profundamente no espírito moderno, uma vez que

descreve na epístola já citada, e de maneira indiscutível, as principais faculdades mediánicas que chama os dons benditos do Espírito-Santo.

"Ah! meus filhos, esse santo doutor contempla, com uma amargura que não pode dissimular o grau de aviltamento em que caiu a maioria daqueles que falam em seu nome, e que proclamam, *urbe et orbi*, que Deus outrora deu à Terra toda a soma de virtudes que esta era capaz de receber. E, no entanto, o apóstolo proclamava que, em seu tempo, não havia senão uma ciência e senão profecias imperfeitas. Ora, aquele que se lamentava dessa situação sabia, por isso mesmo, que essa ciência e essas profecias se aperfeiçoarão um dia. Não está aí a condenação absoluta de todos aqueles que condenam o progresso? Não está aí o mais duro revés para aqueles que pretendem que o Cristo e os apóstolos, os Pais da Igreja, e sobretudo os reverendos casuístas da Companhia de Jesus, deram à Terra toda a ciência religiosa à qual essa tinha direito? Felizmente o próprio apóstolo tomou o cuidado de desmenti-los antecipadamente.

"Meus caros filhos, para apreciar com seu valor os homens que vos combatem, não tendes senão que estudar os argumentos de sua polêmica, suas palavras acerbas e os desgostos que testemunham, como o Rev. Pé. Pailloux, que as fogueiras estão extintas, e que a Santa Inquisição não funciona mais *ad majorem Dei gloriam*. Meus irmãos, tendes a caridade, eles têm a intolerância: são, pois, muito a lamentar; é porque vos convido a orar por esses pobres desviados, a fim de que o Espírito-Santo, que eles invocam tão frequentemente, se digne, enfim, esclarecer sua consciência e seu coração."

FRANÇOIS-NICOLAS MADELEINE.

A esta notável comunicação acrescentamos as palavras seguintes de São Paulo, tiradas da primeira epístola aos Coríntios:

"Mas alguém me dirá: Em que maneira os mortos ressuscitarão, e qual será o corpo no qual eles retornarão? - Insensatos que sois! não vedes que o que semeais não retorna mais da vida, se não se move antes? e quando semeais, não semeais o corpo da planta que deve nascer, mas somente o grão, como do trigo ou de qualquer outra coisa. Depois de que Deus lhe dá um corpo tal que lhe agrade, e dá a cada semente o corpo que é próprio a cada planta. Toda carne não é a mesma carne; mas outra é a carne dos homens, outra a carne dos animais, outra a dos pássaros, outra a dos peixes.

"Há também corpos celestes e corpos terrestres; mas os corpos celestes têm um outro brilho do que os corpos terrestres. O Sol tem seu brilho, que difere do brilho da Lua, como o brilho da Lua difere do brilho das estrelas, e, entre as estrelas, uma é mais brilhante do que a outra.

"Ocorrerá o mesmo na ressurreição dos mortos. O corpo, como uma semente, é agora colocado na terra cheia de corrupção, e ressuscitará incorruptível. É posto na terra todo disforme, e ressuscitará todo glorioso. Ele é posto na terra privado de movimento, e ressuscitará cheio de vigor. *Ele é posto na terra como um corpo animal e ressuscitará como um corpo espiritual. Como há um corpo animal, há um corpo espiritual.*

"Quero dizer, meus irmãos, que *a carne e o sangue não podem possuir o reino de Deus*, e que a corrupção não possuirá essa herança incorruptível. (São Paulo, 1ª Ep. aos Coríntios, cap. XV, v. de 35 a 44 e 50.)

Que pode ser este corpo *espiritual*, que não é o corpo animal, senão o corpo fluídico do qual o Espiritismo demonstra a existência, o perispírito do qual a alma é revestida depois da morte? Na morte do corpo, o Espírito entra em perturbação; ele perde por um instante a consciência de si mesmo; depois recobra o uso de suas faculdades, renasce na vida inteligente, em uma palavra, *ele ressuscita com seu corpo espiritual.*

O último parágrafo, relativo ao julgamento final, contradiz positivamente a doutrina da ressurreição da carne, uma vez que disse: "A carne e o sangue não podem possuir o reino de Deus." Os mortos não ressuscitarão, pois, com sua carne e seu sangue, e não

terão necessidade de juntar seus ossos dispersos, mas terão seu corpo celeste, que não é o corpo animal. Se o autor do *Catecismo filosófico* tivesse bem meditado o sentido de suas palavras, teria podido se dispensar de fazer o sábio cálculo matemático ao qual se entregou, para provar que todos os homens mortos desde Adão, ressuscitarão em carne e osso, com seu próprio corpo, poderiam perfeitamente estar no vale de Josafá, sem estarem muito incomodados (1-(1) *Catecismo filosófico*, pelo abade de Feller, t. III, p. 83.)

São Paulo, pois, colocou em princípio e em teoria o que ensina hoje o Espiritismo sobre o estado do homem depois da morte.

Mas São Paulo não foi o único que pressentiu as verdades ensinadas pelo Espiritismo; a Bíblia, os Evangelhos, os apóstolos e os Pais da Igreja delas estão cheios, de sorte que condenar o Espiritismo é desautorizar as próprias autoridades sobre as quais se apoia a religião. Atribuir todos esses ensinamentos ao demônio é lançar o mesmo anátema sobre a maioria dos autores sagrados. O Espiritismo não vem, pois, destruir, mas, ao contrário, restabelecer todas as coisas, quer dizer, restituir a cada coisa o seu verdadeiro sentido.

UM CASO DE POSSESSÃO.

Senhorita Julie.

Dissemos que não havia possessos no sentido vulgar da palavra, mas subjugados; retornamos sobre esta afirmação muito absoluta, porque nos está demonstrado agora que pode ali haver possessão verdadeira, quer dizer, substituição, parcial no entanto, de um Espírito errante ao Espírito encarnado. Eis um primeiro fato que é a prova disto, e que apresenta o fenômeno em toda a sua simplicidade.

Várias pessoas achavam-se um dia na casa de uma senhora médium sonâmbula. De repente esta tomou ares todos masculinos, sua voz mudou, e, dirigindo-se a um dos assistentes, exclamou: "Ah! meu caro amigo, quanto estou contente de te ver! "Surpreso, perguntou-se-lhe o que isso significava. A senhora retomou: "Como! meu caro, tu não me reconheces? Ah! é verdade; estou todo coberto de lama! Sou Charles Z..."A este nome, os assistentes se lembraram de um senhor morto, alguns meses antes, atingido de um ataque de apoplexia, na beira de um caminho; tinha caído num fosso, de onde se tinha retirado seu corpo, coberto de lama. Ele declara que, querendo conversar com seu antigo amigo, aproveitou de um momento em que o Espírito da senhora A..., a sonâmbula, estava afastado de seu corpo, para se colocar em seu lugar. Com efeito, tendo se renovado esta cena vários dias seguidos, a senhora A... tomava cada vez as poses e as maneiras habituais do Sr. Charles, virando-se sobre a costa da poltrona, cruzando as pernas, roçando o bigode, passando os dedos sobre seus cabelos, de tal sorte que, salvo o vestuário, poder-se-ia crer ter o Sr. Charles diante de si; no entanto, não havia transfiguração, como vimos em outras circunstâncias. Eis algumas de suas respostas:

P. Uma vez que tomastes posse do corpo da senhora A..., poderíeis ali ficar? - *R.* Não, mas isso não é a boa vontade que me falta.

P. Por que não o podeis? - *R.* Porque seu Espírito está sempre preso ao seu corpo. Ah! se eu pudesse romper esse laço, *pregar-lhe-ia uma peça.*

P. Que fez durante esse tempo o Espírito da senhora A... ?-*R.* Estava lá, ao lado, me olhava e ria de ver-me nesse vestuário.

Essas conversas eram muito divertidas; o Sr. Charles fora um alegre vivente, não desmentia seu caráter; dado à vida material, era pouco avançado como Espírito, mas naturalmente bom e benevolente. Tomando do corpo da senhora A..., não tinha nenhuma intenção má; também essa senhora não sofria de nenhum modo dessa situação, à qual se prestava de boa vontade, É bom dizer que ela não havia conhecido esse senhor, e não podia estar com efeito em suas maneiras. Há ainda a anotar que os assistentes nem pensavam nele, a cena não foi provocada, e que veio espontaneamente.

A possessão é aqui evidente e ressalta melhor dos detalhes, que seria muito longo reportar; mas é uma possessão inocente e sem inconveniente. Não ocorre o mesmo quando ela é o fato de um Espírito mau e mal intencionado; pode então ter conseqüências tanto mais graves quanto esses Espíritos sejam tenazes, e que se torna, freqüentemente, muito- difícil livrar deles o paciente do qual fazem sua vítima. Eis disso um exemplo recente, que nós mesmos podemos observar, e que foi objeto de estudo sério pela Sociedade de Paris.

A senhorita Julie, doméstica, nascida em Savoie, com a idade de vinte e três anos, de um caráter muito doce, sem nenhuma espécie de instrução, estava há algum tempo sujeita a acessos de sonambulismo natural, que duravam semanas inteiras; nesse estado ela vagava em seu serviço habitual, sem que as pessoas estranhas desconfiassem disso; seu trabalho mesmo era muito mais cuidadoso. Sua lucidez era notável; ela descrevia os lugares e os acontecimentos à distância com uma perfeita exatidão.

Há mais ou menos seis meses, tornou-se presa de crises de um caráter estranho, que ocorriam sempre durante o estado sonambúlico, de alguma sorte se tornou o estado normal. Ela se contorcia, rolava na terra como se debatesse sob a opressão de alguém que procurava estrangulá-la, e, com efeito, tinha todos os sintomas da estrangulação; acabava por derrubar esse ser fantástico, tomava-o pelos cabelos, cobria-o em seguida de golpes, de injúrias e de imprecações, repreendendo-o sem cessar com o nome de *Frédégonde*, infame regente, rainha impudica, vil criatura suja de todos os crimes, etc. Sapeteava como se a pisasse sob os pés com raiva, lhe arrancasse suas roupas e seus adornos. Coisa bizarra, se tomava ela mesma por *Frédégonde*, se dava golpes redobrados sobre os braços, o peito e o rosto, dizendo: 'Toma! toma! disso tens tu bastante, infame *Frédégonde*? Queres me sufocar, mas não alcançarás esse fim; queres te meter em *minha caixa*, mas eu saberia bem isso te afastar.' Minha caixa era o termo do qual ela se servia para designar seu corpo. Nada poderia pintar o assento frenético com o qual ela pronunciava o nome de *Frédégonde*, rangendo os dentes, nem as torturas que ela experimentava nesses momentos.

Um dia, para se desembaraçar de seu adversário, agarrou uma faca e feriu-se a si mesma, mas se pôde detê-la a tempo para impedir um acidente. Coisa não menos notável, é que jamais ela não tomou nenhuma das pessoas presentes por *Frédégonde*; a dualidade era sempre em si mesma; era contra ela que dirigia seu furor quando o Espírito estava nela, e contra um ser invisível quando dele estava desembaraçado; para os outros, ela era doce e benevolente mesmo nos momentos de sua maior exasperação.

Essas crises, verdadeiramente terríveis, freqüentemente, duravam algumas horas e se renovavam várias vezes por dia. Quando ela acabava por derrubar *Frédégonde*, caía num estado de prostração e acobramento do qual não saía senão com o tempo, mas que lhe deixava uma grande fraqueza e um embaraço na palavra. Sua saúde com isso era profundamente alterada; nada podia comer e ficava às vezes oito dias sem tomar alimento. Os melhores alimentos tinham para ela um gosto terrível que a fazia rejeitá-los; era, para ela, a obra de *Frédégonde*, que queria impedi-la de comer.

Dissemos mais acima que essa jovem não recebeu nenhuma instrução; no estado de vigília, jamais ouviu falar de *Frédégonde*, nem de seu caráter, nem do papel que esta desempenhava. No estado de sonambulismo, ao contrário, sabia-o perfeitamente, e disse ter vivido em seu tempo. Não era *Brunchaut*, como se havia de início suposto, mas uma outra pessoa ligada à sua corte.

Uma outra nota, não menos essencial, é que, quando começaram essas crises, a senhorita Julie jamais tinha se ocupado do Espiritismo, cujo nome mesmo lhe era desconhecido. Ainda hoje, no estado de vigília, lhe é estranha e não crê nele. Não o conhece senão no estado de sonambulismo, e somente depois que se começou a cuidar dela. Tudo o que ela disse, pois, foi espontâneo.

Em presença de uma situação tão estranha, uns atribuem o estado dessa jovem a uma afecção nervosa; outros a uma loucura de um caráter especial, e é necessário convir que, à primeira vista, esta última opinião tinha uma aparência de realidade. Um médico declarou que, no estado atual da ciência, nada podia explicar semelhantes fenômenos, e que não via nenhum remédio. No entanto, pessoas experimentadas em Espiritismo reconheceram sem dificuldade que ela estava sob o império de uma subjugação das mais graves e que poderia lhe tornar fatal. Sem dúvida, aquele que não tivesse visto senão os momentos de crise, e não tivesse considerado senão a estranheza de seus atos e de suas palavras, teria dito que ela estava louca, e ter-lhe-ia infligido o tratamento dos alienados que, sem nenhuma dúvida, teria determinado uma loucura verdadeira; mas esta opinião deveria ceder diante dos fatos. No estado de vigília, sua conversação era a de uma pessoa de sua condição e em relação com sua falta de instrução; sua própria inteligência era vulgar; era tudo diferente no estado de sonambulismo: nos momentos de calma, ela raciocina com muito sentido, justeza e uma verdadeira profundidade; ora, essa seria uma singular loucura quanto aquela que aumentaria a dose de inteligência e de julgamento. Só o Espiritismo pode explicar essa anomalia aparente. No estado de vigília, sua alma ou Espírito está comprimido por órgãos que não lhe permitem senão um desenvolvimento incompleto; no estado de sonambulismo, a alma, emancipada, está em parte livre de seus laços e goza da plenitude de suas faculdades. Nos momentos de crise, seus atos e suas palavras não são excêntricas senão para aqueles que não crêem na ação dos seres do mundo invisível; não vendo senão o efeito, não remontam à causa, eis porque todos os obsidiados, subjugados e possessos passam por loucos. Nas casas de alienados, em todos os tempos, houve pretensos loucos dessa natureza, e que se curariam facilmente se não se obstinassem em não ver neles senão uma doença orgânica.

Nesse momento, como a senhorita Julie era sem recursos, uma família de verdadeiros e sinceros Espíritos consentiu em tomá-la a seu serviço, mas nessa posição ela devia ser muito mais um embaraço do que uma utilidade, e seria necessário um verdadeiro devotamento para dela se encarregar. Mas essas pessoas disso foram bem recompensadas, primeiro pelo prazer de fazer uma boa ação, e em seguida pela satisfação de ter contribuído poderosamente para a sua cura, hoje completa; dupla cura, porque não só a senhorita Julie está livre, mas seu inimigo está convertido para melhores sentimentos.

Aí está o que testemunhamos de uma dessas lutas terríveis que não duram menos de duas horas, e que pudemos observar o fenômeno nos mais minuciosos detalhes, fenômeno no qual reconhecemos imediatamente uma analogia completa com os dos possessos de Morzines (1-(1) Ver a *Instrução sobre os possessos de Morzines*, *Revista Espírita* de dezembro de 1862, janeiro, fevereiro, abril e maio de 1863.). A única diferença é que em Morzines os possessos se entregavam a atos contra os indivíduos que os contrariavam, e que falavam do diabo que tinham neles, porque lhes tinham persuadido de que era o diabo. A senhorita Julie, em Morzines, seria chamada Frédégonde, o Diabo.

Num próximo artigo, exporemos com detalhe as diferentes fases dessa cura e os meios empregados para esse efeito; além disso narraremos as notáveis instruções que os Espíritos deram a esse respeito, assim como as importantes observações às quais deu lugar no tocante ao magnetismo.

PERÍODO DA LUTA.

O primeiro período do Espiritismo, caracterizado pelas mesas girantes, foi o da *curiosidade*. O segundo foi o *período filosófico*, marcado pela aparição de *O Livro dos Espíritos*. Desde esse momento o Espiritismo tomou um caráter diferente; foram entrevistados o objetivo e a importância, nele se hauriu a fé e a consolação, e a rapidez de seus progressos foi tal que nenhuma outra doutrina, filosófica ou religiosa, ofereceu igual exemplo.

Mas, como todas as idéias novas, teve adversários tanto mais obstinados quanto a idéia era maior, porque toda grande idéia

não pode se estabelecer sem ferir interesses; é necessário que ela tome lugar, e as pessoas deslocadas não podem vê-la com bom olhar; depois, ao lado das pessoas interessadas estão aqueles que, por sistema, sem motivos precisos, são os adversários natos de tudo o que é novo.

Nos primeiros anos, muitos duvidaram de sua vitalidade, foi porque lhe deram pouca atenção; mas quando o viram crescer apesar de tudo, se propagar em todas as classes da sociedade e em todas as partes do mundo, tomar seu lugar entre as crenças e tornar-se uma potência pelo número de seus adeptos, os interesses na conservação das idéias antigas se alarmaram seriamente. Foi então que uma verdadeira cruzada foi dirigida contra ele, e que começou o *período da luta*, do qual o auto-de-fé de Barcelona, de 9 de outubro de 1860, de alguma sorte, foi o sinal. Até ali, tinha sido alvo dos sarcasmos da incredulidade que ri de tudo, sobretudo do que não compreende, mesmo das coisas mais santas, e às quais nenhuma idéia nova pode escapar: foi o seu batismo do trópico; mas os outros não riem mais: se olham coléricos, sinal evidente e característico da importância do Espiritismo. Desde esse momento os ataques tomaram um caráter de violência estranha; a palavra de ordem foi dada; sermões coléricos, pastorais, anátemas, excomunhões, perseguições individuais, livros, brochuras, artigos de jornais, nada foi poupado, nem mesmo a calúnia.

Estamos, pois, em pleno período da luta, mas ele não acabou. Vendo a inutilidade do ataque a céu aberto, vai se tentar a guerra subterrânea, que já se organiza e começa; uma calma aparente vai se fazer sentir, mas é a calma precursora da tempestade; mas também, à tempestade, sucede um tempo sereno. Espíritas, sede-o, pois, sem inquietação, porque o resultado não é duvidoso; a luta é necessária, e o seu triunfo não será senão mais brilhante. Eu disse, e o repito: vejo o objetivo, sei quando e como será alcançado. Se vos falo com esta segurança, é que tenho para isso razões sobre as quais a prudência quer que me cale, mas as conhecereis um dia. Tudo o que posso vos dizer é que poderosos auxiliares virão, que fecharão a boca a mais de um detrator. No entanto, a luta será viva, e se, no conflito, houver algumas vítimas de sua fé, que elas disso se alegrem, como o fizeram os primeiros mártires cristãos, dos quais vários estão entre vós para vos encorajar e vos dar o exemplo; que elas se lembrem destas palavras do Cristo:

"Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Sereis felizes quando os homens vos carregarem de maldições, e que vos perseguirem, e que disserem falsamente toda espécie de mal contra vós por causa de mim. Alegrai-vos, então, e estremecei de alegria, porque uma grande recompensa vos está reservada nos céus; porque foi assim que perseguiram os profetas que vieram antes de vós." (São Mateus, cap. VI, v. 10, 11, 12.)

Estas palavras não parecem ter sido ditas para Espíritas de hoje como para apóstolos de então? é que as palavras do Cristo têm isto de particular, que são de todos os tempos, porque sua missão era para o futuro, como para o presente.

A luta determinará uma nova fase do Espiritismo e conduzirá ao quarto período, que será o *período religioso*; depois virá o quinto, *período intermediário*, consequência natural do precedente, e que receberá mais tarde sua denominação característica. O sexto e último período será o da *renovação social*, que abrirá a era do século vinte. Nessa época, todos os obstáculos à nova ordem de coisas queridas por Deus, para transformação da Terra, terão desaparecido; a geração que se levanta, imbuída de idéias novas, será toda a sua força, e preparará o caminho daquela que inaugurará o triunfo definitivo da união, da paz e da fraternidade entre os homens, confundidos numa mesma crença pela prática da lei evangélica. Assim serão verificadas as palavras do Cristo, que todas devem receber seu cumprimento, e das quais várias se cumprem nesta hora, porque os tempos preditos

são chegados. Mas é em vão que, tomando a figura pela realidade, procureis os sinais no céu: estes sinais estão ao vosso lado e surgem de toda parte.

É notável que as comunicações dos Espíritos tiveram um caráter em cada período: no primeiro eram frívolas e levianas; no segundo eram sérias e instrutivas; no terceiro pressentiram a luta e suas diferentes peripécias. A maioria daquelas que se obtêm hoje, nos diferentes centros, têm por objeto premunir os adeptos contra as astúcias de seus adversários. Por toda a parte, pois, as instruções são dadas sobre este assunto, como por toda parte um resultado idêntico é anunciado. Esta coincidência, sobre este ponto como sobre outros, não é um dos fatos menos significativos. A situação se acha completamente resumida nas duas comunicações seguintes, das quais mais de um Espírita já pôde reconhecer a verdade.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS.

A guerra surda.

(Paris, 14 de agosto de 1863.)

"A luta vos espera, meus caros filhos; é por isso que vos convido todos a imitarem os lutadores antigos, quer dizer, a vos cingir os rins. Os anos que vão seguir são cheios de promessas, mas também cheios de ansiedade. Não venho vos dizer: Amanhã será o dia da batalha! não, porque a hora do combate não está ainda fixada, mas venho vos advertir, a fim de que estejais prontos para todas as eventualidades. O Espiritismo, até o presente, não achou senão um caminho fácil e quase florido, porque as injúrias e as zombarias que vos foram dirigidas não tiveram nenhuma importância séria e mantiveram-se sem efeito, ao passo que doravante os ataques que forem dirigidos contra vós terão um caráter diferente: eis a chegar a hora em que Deus vai apelar a todos os devotamentos, em que vai julgar seus servidores fiéis para dar a cada um a parte que terá merecido. Não sereis martirizados corporalmente, como nos primeiros tempos da Igreja, nem se levantarão fogueiras homicidas, como na Idade Média, mas vos torturarão moralmente; se vos levantarão armadilhas; se vos estenderão emboscadas tanto mais perigosas quanto nelas se empregarão mãos amigas; agirão na sombra, receberéis golpes sem saber por quem esses golpes são trazidos, e sereis atingidos em pleno peito pelas flechas envenenadas da calúnia. Nada faltará às vossas dores; suscitarão fraquezas em vossas fileiras, e supostos Espíritos, perdidos pelo orgulho e pela vaidade, se colocarão em sua independência exclamando: "Nós é que estamos no caminho reto!", afim de que vossos adversários natos possam dizer: 'Vede como são unidos!' Tentar-se-á semear o joio entre os grupos, provocando a formação de grupos dissidentes; captar-se-ão vossos médiuns para fazê-los entrar no mau caminho ou desviá-los de ir aos grupos sérios; se empregará a intimidação para uns, a captação para os outros; se explorarão todas as fraquezas. Depois, não esqueçais que alguns viram no Espiritismo um papel a desempenhar, e um primeiro papel, que sentem hoje mais de uma má sorte em sua ambição. Ser-lhes-ão prometidos de um lado o que não podem encontrar do outro. Depois, enfim, com o dinheiro, tão poderoso em vosso século atrasado, não se podem encontrar comparsas para desempenharem comédias indignas, afim de lançar o descrédito e o ridículo sobre a Doutrina?

"Eis as provas que vos esperam, meus filhos, mas das quais saireis vitoriosos, se implorardes do fundo do coração o socorro do Todo-Poderoso; por isso, eu vo-lo repito de toda a minha alma: meus filhos, cerrai vossas fileiras, permaneçei sobre o que vive, porque é o vosso Gólgota que se levanta; e se, por isso, não sois crucificados em carne e osso, vo-lo sereis em vossos interesses, em vossas afeições, em vossa honra! A hora é séria e solene; para trás, pois, todas as mesquinhas discussões, todas as preocupações

pueris, todas as questões ociosas, e todas as vãs pretensões de preeminência e de amor-próprio; ocupai-vos dos grandes interesses que estão em vossas mãos e dos quais o Senhor vos pedirá conta. Uni-vos para que o inimigo encontre vossas fileiras compactas e cerradas; tendes uma palavra de união sem equívoco, pedra de toque com ajuda da qual podeis reconhecer os verdadeiros irmãos, porque esta palavra implica a abnegação e o devotamento, e resume todos os deveres do verdadeiro Espírita.

"Coragem, pois, e perseverança, meus filhos! pensai que Deus vos olha e vos julga; lembrai-vos também que vossos guias espirituais não vos abandonarão enquanto vos encontrarem no caminho reto. Aliás, toda essa guerra não terá senão um tempo e se voltará contra aqueles que crerem criar armas contra a Doutrina; o triunfo, e não mais o holocausto sangrento, se irradiará do Gólgota espírita.

"Até logo, meus filhos, saudação a todos.

"ERASTO, *discípulo de São Paulo, apóstolo.*"

Uma das manobras previstas na comunicação acima vem, ao que se nos ensina, de se realizar. Escrevem-nos que uma jovem, que fora conduzida uma única vez a uma reunião, deixou sua família, sem motivo, e se retirou na casa de uma pessoa estranha, de onde foi conduzida a um hospício de alienados, como atacada de loucura espírita, com desconhecimento de seus pais, que disso não foram informados senão depois da coisa feita. Ao cabo de vinte dias, estes tendo obtido autorização de ir vê-la, lhe censuraram de tê-los deixado; então ela confessou que se lhe haviam prometido dinheiro para simular a loucura. Até este momento, as providências para fazê-la sair foram infrutíferas.

Se for assim que se recrutam os loucos espíritas, o meio é mais perigoso para aqueles que o empregam do que para o Espiritismo. Quando se está reduzido a semelhantes expedientes para defender sua própria causa, esta é a prova mais evidente de que se está esgotado de boas razões. Diremos, pois, aos Espíritas: Quando virdes semelhantes coisas, alegrai-vos em lugar de vos inquietar com isso, porque elas são o sinal de um triunfo próximo. Uma outra circunstância, aliás, deve ser para vós um motivo de encorajamento, é que a vossa fileiras aumentam, não só em número, mas também em força moral; já vedes mais de um homem de talento tomar resolutamente a defesa do Espiritismo, e levantar com mão vigorosa a luva lançada por nossos adversários. Escritos de uma irresistível lógica lhes mostram cada dia que todos os Espíritas não são loucos. Nossos leitores conhecem a excelente reputação dos sermões do Rev. Pé. Letierce por um Espírita de Metz. Eis agora a não menos interessante dos Espíritas de *Villenave de Rions* (Gironde), sobre os sermões do Pé. *Nicomède*. A *Vérité* de Lyon é conhecida por seus profundos artigos; o número de 22 de novembro merece sobretudo uma séria atenção. A *Ruche* de Bordeaux se enriquece de novos colaboradores tão capazes quanto zelosos. Enfim, se os agressores são numerosos, os defensores não o são menos. Assim, pois, Espíritas, coragem, confiança e perseverança, porque tudo vai bem segundo o que está previsto.

A comunicação seguinte desenvolve uma das fases da séria questão de que acabamos de tratar, e não pode deixar de premunir os Espíritas sobre as dificuldades que vão se acumular neste período.

Os conflitos.

(Reunião particular. 25 de fevereiro de 1863. - Médium, Sr. d'Ambel.)

Há no momento atual uma recrudescência de obsessão, resultado da luta que devem, inevitavelmente, sustentar as idéias novas contra seus adversários encarnados e desencarnados. A obsessão, habilmente explorada pelos inimigos do Espiritismo, é uma das provas mais perigosas que se terá que suportar antes de se assentar de maneira es-

tável no espírito das populações, também deve ela ser combatida por todos os meios possíveis, e sobretudo pela prudência e energia de vossos guias espirituais e terrestres.

De todas as partes surgem médiuns com pretensas missões, chamados, dizem, a tomar nas mãos a bandeira do Espiritismo e a plantá-la sobre as ruínas do velho mundo, como se viessemos destruir, nós que não viemos senão para edificar. Não há individualidade, tão medíocre seja ela, que não haja encontrado, como Macbeth, um Espírito para lhes dizer: "Tu também serás rei." E que não se creia designado a um apostolado todo particular; há poucas reuniões íntimas, e mesmo de grupos de família que não hajam contado, entre seus médiuns, ou seus simples crentes, uma alma bastante enfatuada de si mesma para se crer indispensável ao sucesso da grande causa, muito presunçosa para se contentar com modesto papel de obreiro trazendo sua pedra ao edifício. Ai! meus amigos, quantas pessoas de zelo excessivo e inútil!

Quase todos os novos médiuns estão submetidos, em seu início, a essa tentação perigosa; alguns a resistem, mas muitos nela sucumbem, ao menos por um tempo, até que os fracassos sucessivos venham desenganá-los. Por que Deus permite uma prova tão difícil, senão para provar que o bem e o progresso não se estabelecem jamais sem trabalho e sem combate, para dar o triunfo da verdade mais brilhante pelas dificuldades da luta? E que querem certos Espíritos da erraticidade fomentando, entre as mediocridades da encarnação essa exaltação do amor-próprio e do orgulho, senão entrar o progresso? Sem o querer, somos instrumentos da prova que colocará em evidência os bons e os maus servidores de Deus. A este, tal Espírito promete o segredo da transmutação dos metais, como a um médium de R...; àquele, como ao Sr..... um Espírito revela pretensos acontecimentos que vão se cumprir, e fixa as épocas, precisa as datas, nomeia os autores que devem concorrer ao drama anunciado; a tal outro, um Espírito mistificador ensina a incubação dos diamantes; a outros são indicadas os tesouros ocultos, a glória, as honras, etc.; em uma palavra, todas as ambições e todas as cobiças dos homens são exploradas jeitosamente pelos Espíritos perversos. É porque de todos os lados vedes esses pobres obsidiados se prestarem a subir ao Capitólio com uma gravidade e uma importância que entristece o observador imparcial. Qual é o resultado de todas essas promessas falaciosas? As decepções, os dissabores, o ridículo, por vezes a ruína, justa punição do orgulho presunçoso que se crê chamado a fazer melhor que todo o mundo, desdenhando os conselhos e desprezando os verdadeiros princípios do Espiritismo.

Tanto a modéstia é o apanágio dos médiuns escolhidos pelos bons Espíritos, tanto o orgulho, o amor-próprio e, dizemos, a mediocridade são os lados distintivos dos médiuns inspirados pelos Espíritos inferiores; tanto os primeiros dão pouco valor às comunicações que recebem quanto estes se afastam da verdade, tanto os segundos mantêm contra todos a superioridade do que lhes é ditado, fosse isso mesmo absurdo. Disso resulta que, segundo as palavras pronunciadas na Sociedade de Paris, pelo seu presidente espiritual, São Luís, uma verdadeira *Torre de Babel* está em vias de se edificar entre vós. De resto, seria necessário ser cego ou enganado para não reconhecer senão à cruzada dirigida contra o Espiritismo pelos adversários natos de toda doutrina progressiva e emancipadora, juntando-se uma cruzada espiritual, dirigida por todos os Espíritos pseudo-sábios, falsos grandes homens, falsos religiosos e falsos irmãos da erraticidade, fazendo causa comum com os inimigos terrestres por meio dessa multidão de médiuns fanatizados por eles, e aos quais ditam tantas elucubrações mentirosas. Mas vede o que resta de todos esses amontoados elevados pela ambição, o amor-próprio ou o ciúme; quantos deles não tendes visto desabar e quantos deles vereis desabar ainda! Eu vo-lo digo, todo edifício que não está assentado sobre a única base sólida: a verdade, cairá, porque só a verdade pode desafiar o tempo e triunfar de todas as utopias. Espíritos sinceros, não vos assusteis, pois, desse caos momentâneo; não está longe o tempo em que a verdade, desembaraçada dos véus com os quais se quer cobri-la, deles sairá mais radiosa do que nunca, e

onde a sua claridade, inundando o mundo, fará reentrar na sombra seus obscuros detra-
tores um instante postos em evidência por sua própria confusão.

Assim, pois, meus amigos, tendes a vos defender não só dos ataques e das calúnias
de vossos adversários vivos, mas também contra as manobras mais perigosas ainda de
vossos adversários da erraticidade. Fortalecei-vos, pois, por santos estudos e sobretudo
pela prática do amor e da caridade, e retemperai-vos na prece. Deus ilumina sempre a-
queles que se consagram à propagação da verdade, quando são de boa fé e desprovidos
de toda ambição pessoal.

De resto, Espíritas, que vos importam os médiuns que não são, antes de tudo, senão
os instrumentos! O que vos é necessário considerar é o valor e a importância dos ensin-
os que vos são dados; é a pureza da moral que vos é ensinada; é a limpidez, a precisão das
verdades que vos são reveladas; é, enfim, de ver se as instruções que se vos dão res-
pondem às legítimas aspirações das almas de elite, e se elas estão conformes às leis ge-
rais e imutáveis da lógica e da harmonia universal.

Os Espíritos imperfeitos que desempenham um papel de apóstolos junto de seus
obsidiados não têm, vós o sabeis, nenhum escrúpulo em se ornamentar dos nomes mais
venerados; também seria mal agradecido, e o que não sou senão um dos últimos e dos
mais obscuros discípulos do *Espírito de Verdade*, se me lamentasse do abuso que alguns
fizeram de meu modesto nome; também, vos respeitei sem cessar o que disse ao meu
médium há dois anos: "Não julgueis jamais uma comunicação medianímica em razão do
nome do qual está assinada, mas somente pelo seu valor intrínseco."

É urgente vos colocardes em guarda contra todas as publicações de origem suspeita
que apareçam, ou que vão aparecer, contra todas aquelas que não teriam o modo de pro-
ceder franco e limpo, e tende por certo que mais de uma foi elaborada nos campos inimi-
gos do mundo visível ou do mundo invisível, tendo em vista lançar entre vós tochas de
discórdia. Cabe a vós não vos deixar nisso prender; tendes todos os elementos necessá-
rios para apreciá-las. Mas tende igualmente por certo que todo Espírito que se anuncia a
si mesmo como um ser superior, e sobretudo como de uma infalibilidade a toda a prova
não é, ao contrário, senão o contrário do que anuncia tão pomposamente. Depois que o
piedoso Espírito de François-Nicolas Madeleine consentiu em me desembaraçar de uma
parte de meu fardo espiritual, pude considerar o conjunto da obra espírita, e fazer a esta-
tística moral dos obreiros que trabalham na vinha do Senhor. Ai! se muitos Espíritos im-
perfeitos se imiscuem na obra que perseguimos, tenho um muito grande desgosto de
constatar que, entre nossas melhores ajudas da Terra, muitos se dobraram sob o peso de
sua tarefa, e retomaram pouco a pouco o caminho de suas antigas fraquezas, de tal sorte
que às grandes almas' etéreas que os aconselhavam, são desde logo substituídas por
Espíritos menos puros e menos perfeitos. Ah! sei que a virtude é difícil; mas não quere-
mos nem pedimos o impossível. A boa vontade nos basta quando ela é acompanhada do
desejo de fazer o melhor. Em tudo, meus amigos, o relaxamento é pernicioso; porque se-
rá muito pedido àqueles que, depois de se terem elevado por uma renúncia generosa à
sua própria individualidade, retomarão no culto da matéria, e se deixarão ainda invadir
pelo egoísmo e o amor de si mesmos. No entanto, oremos por eles e não condenemos
ninguém; porque devemos sempre ter presente à memória este magnífico ensino do Cris-
to: "Que aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra!"

Hoje, vossas falanges aumentam a olhos vistos, e vossos partidários se contam por
milhões. Ora, em razão do número dos adeptos, se insinuam sob falsas máscaras os fal-
sos irmãos, dos quais vosso presidente temporal vos falou recentemente. Não é que ve-
nha vos recomendar de não abrir vossas fileiras senão aos cordeiros sem mácula e às
vitelas brancas; não, porque, mais do que todos os outros, os pecadores têm o direito de
encontrar entre vós um refúgio contra suas próprias imperfeições. Mas aqueles dos quais
vos convido a desconfiar são esses hipócritas perigosos aos quais, à primeira vista, se
está tentado de conceder toda confiança. Com a ajuda de uma linha rígida, sob o olhar

observador das multidões, conservam esse ar sério e digno que faz dizer deles: "Que pessoas respeitáveis!" Ao passo que sob essa respeitável aparência, às vezes, dissimulam a perfídia e a imoralidade. São sociáveis, obsequiosas; intrometem-se nos interiores; remexem de bom grado na vida privada; escutam atrás das portas e se fazem surdos para melhor ouvirem; pressentem as inimizades, as instigam e as entretêm; vão nos campos opostos questionando e interrogando sobre cada um. Que faz este? De que vive aquele? Quem é essa pessoa? Conheceis sua família? Vede-os em seguida irem surdamente destilar na sombra as pequenas maledicências que puderam recolher, tendo o cuidado de envenenar por piedosas calúnias. "Esses são os boatos, dizem, aos quais não se crê;" mas, no entanto, acrescentam: "Não há fumaça sem fogo, etc., etc."

A esses hipócritas da encarnação reuni os hipócritas da erraticidade, e vereis, meus caros amigos, quanto tenho razão de vos aconselhar agir doravante com uma reserva extrema, e vos guardar de toda imprudência e de todo o entusiasmo irrefletido. Eu vos disse, estais num momento de crise, tornado mais difícil pela malevolência, mas do qual saireis mais fortes com a firmeza e a perseverança.

O número dos médiuns é hoje incalculável, e é deplorável ver que alguns se crêem os únicos chamados para distribuir a verdade ao mundo e se extasiarem diante das banalidades que consideram como monumentos. Pobres enganados que se abaixam passando sob os arcos de triunfo! Como se a verdade tivesse esperado sua vinda para ser anunciada. Nem o forte, nem o fraco, nem o instruído, nem o ignorante, tiveram esse privilégio exclusivo; é por mil vozes desconhecidas que a verdade se difunde, e é justamente por essa unanimidade que ela tem sabido se fazer reconhecer. Contai essas vozes, contai aqueles que as escutam, contai sobretudo aqueles que elas tocam o coração, se quereis saber de que lado está a verdade. Ah! se todos os médiuns tivessem a fé, eu seria o primeiro a me inclinar diante deles; mas não têm, a maior parte do tempo, senão fé em si mesmos, tanto o orgulho é grande sobre a Terra! Não, sua fé não é aquela que transporta as montanhas e que faz caminhar sobre as águas! É o caso de repetir aqui esta máxima evangélica, que me serviu de tema quando me fiz ouvir no meu início entre vós: *muitos chamados e poucos escolhidos*.

Em suma, publicações à direita, publicações à esquerda, publicações por toda a parte, pró ou contra, em todos os sentidos, sob todas as formas; críticas exageradas da parte de pessoas que não sabem a primeira palavra; sermões arrebatados de pessoas que o repelem; em suma, digo, o Espiritismo está na ordem do dia; abala todos os cérebros, agita todas as consciências, privilégio exclusivo das grandes coisas; cada um presente que ele leva em si o princípio de uma renovação que uns pedem em seus votos, e os outros temem. Mas, de tudo isto, que restará? Dessa torre de Babel, que jorrará? Uma coisa imensa: a vulgarização da idéia espírita, e como doutrina, o que será verdadeiramente doutrina! Esse conflito é inevitável, porque o homem está maculado de muito orgulho e de egoísmo para aceitar sem oposição uma verdade nova qualquer; digo mesmo que esse conflito é necessário, porque é o choque de idéias que estraga as idéias falsas e faz ressaltar a força daquelas que resistem. No meio dessa avalanche de mediocridade, de impossibilidades e de utopias irrealizáveis, a verdade esplêndida desabrochará em sua grandeza e sua majestade.

ERASTO.

O dever.

(Sociedade Espírita de Paris, 20 de novembro de 1863. -Médium, Sr. Costel.)

O dever é a obrigação moral, diante de si mesmo primeiro, e dos outros em seguida; o dever é a lei da vida, e se encontra nos mais ínfimos detalhes, tanto quanto nos atos

elevados. Não vou falar aqui senão do dever moral, e não daquele que as profissões impõem.

Na ordem dos sentimentos, o dever é o mais difícil de cumprir, porque ele se encontra em antagonismo com as seduções do instinto e do coração; suas vitórias não têm testemunhas, e suas faltas não têm repressão. O dever íntimo do homem está entregue ao seu livre arbítrio; o agulhão da consciência, esse guardião da probidade interior, o adverte e o sustenta; mas, freqüentemente, permanece impotente diante dos sofismas e da paixão. O dever do coração, fielmente observado, eleva o homem; mas esse dever, como precisá-lo? Onde começa? Onde se detém? Começa precisamente no ponto em que ameaçais a felicidade ou o repouso de vosso próximo; termina no limite que não quereríeis fosse ultrapassado com relação a vós mesmos.

Deus criou todos os homens iguais para a dor; pequenos ou grandes, ignorantes ou esclarecidos, sofrem pelas mesmas causas, a fim de que cada um julgue judiciosamente o mal que pode fazer. O mesmo critério não existe para o bem, infinitamente mais variado em suas expressões. A igualdade diante da dor é uma sublime providência de Deus, que quer que seus filhos, instruídos pela experiência comum não cometam o mal argumentando com a ignorância de seus efeitos.

O dever é o resumo prático de todas as especulações morais; é uma bravura da alma que afronta às angústias da luta; é austero e simples; pronto a dobrar-se as diversas complicações, e permanece inflexível diante de suas tentações. O homem que cumpre o seu dever ama a Deus mais que as criaturas, a as criaturas mais do que a si mesmo; é, ao mesmo tempo, juiz e escravo em sua própria causa. O dever é o mais belo laurel da *razão*, depende dela, como o filho depende de sua mãe. O homem deve amar o dever, não porque o preserva dos males da vida aos quais a Humanidade não pode se subtrair, mas porque dá, à alma, o vigor necessário ao seu desenvolvimento. O homem não pode afastar o cálice de suas provas; o dever é penoso em seus sacrifícios; o mal é amargo em seus resultados; mas essas dores, quase iguais, têm conclusões muito diferentes: uma é salutar como os venenos que restituem a saúde, a outra é nociva como os festins que arruinam o corpo. O dever cresce e irradia sob uma forma mais elevada em cada uma das etapas superiores da Humanidade. A obrigação moral não cessa jamais da criatura para com Deus; ela deve refletir as virtudes do Eterno, que não aceita um esboço imperfeito, porque quer que a beleza de sua obra resplandeça diante dele.

LÁZARO.

Sobre a alimentação do homem.

(Sociedade de Paris, 4 de julho de 1862. - Médiun, Sr. A. Didier.)

O sacrifício da carne foi severamente condenado pelos grandes filósofos da antigüidade. O Espírito elevado se revolta à idéia do sangue, e sobretudo à idéia de que o sangue é agradável à Divindade. E notai bem que não é aqui, de nenhum modo, a questão dos sacrifícios humanos, mas unicamente dos animais oferecidos em holocausto. Quando o Cristo veio anunciar a Boa Nova, não ordenou o sacrifício do sangue: ocupou-se unicamente do Espírito. Os grandes sábios da antigüidade tinham igualmente horror dessas espécies de sacrifícios, e eles mesmos não se alimentavam senão de frutas e de raízes. Sobre a Terra, os encarnados têm uma missão a cumprir; têm o Espírito que é necessário nutrir com o Espírito, o corpo com a matéria; mas a natureza da matéria influi, se o concebe facilmente, sobre a espessura do corpo, e, por conseguinte, sobre a manifestação do Espírito. Os temperamentos naturalmente bastante fortes para viverem como os anacoretas fazem bem, porque o esquecimento da carne conduz mais facilmente à meditação e à prece. Mas para viver assim, seria preciso geralmente uma natureza mais espiritualizada do que a vossa, o que é impossível com as condições terrestres; e como, antes de

tudo, a natureza jamais faz algo de insensato, é impossível, para o homem, submeter-se impunemente a essas privações. Pode-se ser bom cristão e bom Espírita e comer à sua maneira, contanto que seja um homem razoável. É uma questão um pouco leviana para nossos estudos, mas que não é menos útil e aproveitável.

LAMENNAIS.
ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

COLETÂNEA FRANCESA

CONTENDO

Os fatos de manifestação dos Espíritos, assim como todas as notícias relativas ao Espiritismo. - O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do mundo invisível, sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e seu futuro. - A história do Espiritismo na antigüidade; suas relações com o magnetismo e o sonambulismo; a explicação das lendas e crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc.

PUBLICADA SOB A DIREÇÃO DE

ALLAN KARDEC

Todo efeito tem uma causa.

Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.

O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.

SÉTIMO ANO- 1864

INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPÍRITA

Av. Otto Barreto, 1067 - Caixa Postal 110

Fone: (19) 541-0077 - Fax: (19) 541-0966

CEP 13.602.970 - Araras - Estado de São Paulo - Brasil

Título original em francês:

REVUESPIRITE

JOURNAL D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES

Tradução: SALVADOR GENTILE

Revisão: ELIAS BARBOSA

1ª edição - 1.000 exemplares - 1993

© 1993, Instituto de Difusão Espírita

ÍNDICE GERAL DAS MATÉRIAS DO SÉTIMO VOLUME

ANO 1864

JANEIRO

Aos assinantes da Revista Espírita

Estado do Espiritismo em 1863

Médiuns Curadores

Um caso de possessão - Senhorita Julie (2- artigo)

Conversas de além-túmulo - Frédégonde

Inauguração de vários grupos e sociedades espíritas

Perguntas e Problemas - Progresso nas primeiras encarnações

Variedades - Fontenelle e os Espíritos batedores

- Santo Atanásio, espírita sem o saber

- Extrato do *Opinion nationale*

- Um Espírito batedor no século XVI

FEVEREIRO

O Sr Home em Roma

Primeiras lições de moral da infância

Um drama íntimo - Apreciação moral

O Espiritismo nas prisões

Variedades - Cura de uma obsessão de Marmande

- Manifestações de Poitiers

Dissertações Espíritas - Necessidade da encarnação

- Estudos sobre a reencarnação

Notícias bibliográficas - *Revista Espírita de Anvers*

- *No Céu se se reconhece*, pelo R P Blot

- *A lenda do homem eterno*, pelo Sr Armand Duratin

MARÇO

Da perfeição dos seres criados

Um médium pintor cego

Variedades –Uma tentação

- Manifestações de Poitiers (continuação)

- A jovem obsidiada de Marmande (continuação)

- Mons Bispo de Strasbourg

- Uma rainha médium

- Participação Espírita

- Sr Home em Roma (conclusão)

Instruções dos Espíritos - Jacquard e Vaucanson

Bibliografia - *Annali dello Spiritismo in Itália - O Salvador dos Povos-*

Necrologia - M Matthieu

ABRIL

Bibliografia - *Imitação do Evangelho*

Autoridade da Doutrina Espírita Controle universal do ensinamento dos Espíritos

Resumo da lei dos fenômenos Espíritas

Correspondência - Sociedades d'Anvers e de Marseille

Instruções dos Espíritos - Progressão do globo terrestre

- A imprensa e a arquitetura

- O Espiritismo e a franco-maçonaria

- Aos obreiros

MAIO

Teoria da Presciência

Vida de Jesus pelo Sr Renan

Sociedade Espírita de Paris; Discurso de abertura do 7- ano

A escola espírita americana

Curso público de Espiritismo em Lyon e em Bordeaux

Variedades - Manifestações de Poitiers

- O Tasso e seu Espírito estouvado

Instruções de Ciro aos seus filhos

Notícias Bibliográficas - A guerra ao diabo e ao inferno - Cartas aos ignorantes

JUNHO

A vida de Jesus, pelo Sr Renan (2- artigo)

Relato completo da cura da jovem obsedada de Marmande

Algumas refutações: - Conspirações contra a fé

-Uma instrução de catecismo

O espírito batedor da irmã Marie

Variedades : - O index da corte de Roma

Perseguições militares

Um ato de justiça

JULHO

Reclamação do Sr Abade Barricand

A religião e o progresso

O Espiritismo em Constantinopla

Extrato do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro

Extrato do *Progrès colonial* da Ilha Maurício

Extrato da *Revista Espírita* D'Anvers

Instruções dos Espíritos - O castigo pela Luz

Notícias Bibliográficas -A Educação maternal

O Espiritismo em sua mais simples expressão, edição russa

AGOSTO

Novos Detalhes sobre os possessos de Morzines

Suplemento ao capítulo das preces em *A Imitação do Evangelho*

Perguntas e problemas - Destruição dos aborígenes do México

Correspondência - Resposta do redator de *La Vérité* à reclamação do Sr Abade Barricand

Conversas de além-túmulo - Julienne-Marie, a mendiga

Notícias Bibliográficas - *UAvenir*, moniteurdu Spiritisme

Cartas sobre o Espiritismo, escritas a eclesiásticos

Os milagres de nossos dias: relato das manifestações do médium Jean Hillaire

SETEMBRO

Influência da música sobre os criminosos, os loucos e os idiotas

O novo Bispo de Barcelona

Instruções dos Espíritos -Os Espíritos na Espanha

Conversas de além-túmulo - Um Espírito que se crê médium

Estudos Morais - Uma família de monstros

Variedades - Um suicídio falsamente atribuído ao Espiritismo

Notícias Bibliográficas - *A pluralidade dos mundos habitados*, por Flammarion

A voz de além-túmulo, jornal Espírita

OUTUBRO

O sexto sentido e a visão espiritual - Ensaio teórico sobre os espelhos mágicos

Transmissão do pensamento - Meu fantástico, por Émile Deschamps

O Espiritismo na Bélgica
Tiptologia rápida e inversa
Um criminoso arrependido
Estudos Morais - Um retorno de Fortuna
Uma vingança
Variedades - Sociedade alemã dos procuradores de tesouros
Um quadro espírita na exposição de Anvers

NOVEMBRO

O Espiritismo é uma ciência positiva -Alocução aos Espíritas de Bruxelas e de Anvers
Uma lembrança de existências passadas - M Méry
Um criminoso arrependido (continuação)
Conversas de além-túmulo - Pierre Legay
Dissertações - Sobre os Espíritos que se crêem ainda vivos
Variedades - Suicídio falsamente atribuído ao Espiritismo
Suicídio impedido pelo Espiritismo - Devotamento dos pobres operários de Lyon"
Periodicidade da *Revista Espírita*

DEZEMBRO

Da comunhão de pensamentos - A propósito da comunicação dos mortos
Sessão comemorativa na sociedade de Paris
- Sr Jobard e os médiuns mercenários - Exemplo notável de concordância
Louis-Henri, o trapeiro - Estudo moral
Necrologia - Morte do Sr Bruneau - Discursos de Allan Kardec-
Variedades - Comunicação em oposto
Notícias Bibliográficas - Como e porque me tornei Espírita? por JB Borreau
O mundo musical, jornal de Bruxelles
Auto-de-fé de Barcelona
Comunicação Espírita -A propósito de A Imitação do Evangelho
Subscrição dos incendiados de Limoges

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

7^a ANO

NO. 1

JANEIRO 1864

AOS ASSINANTES DA REVISTA ESPÍRITA.

A época da renovação das assinaturas da *Revista*, para muitos de nossos leitores, cujo número aumentou este ano numa proporção notável, é uma ocasião de testemunhar seu devotamento à causa, e de manifestar, a nosso respeito, sentimentos dos quais somos vivamente tocados. As cartas que contêm a sua expressão são muito numerosas para que nos seja possível responder a cada uma em particular. Dirigimo-lhes, pois, coletivamente, nossos agradecimentos sinceros pelas coisas obsequiosas que muito querem nos dizer e os votos que fazem por nós e para o futuro do Espiritismo; nossa conduta passada lhes é a garantia de que não faliremos em nossa tarefa, por pesada que seja, e que nos encontraremos sempre no primeiro lugar na luta. Até este dia suas preces foram atendidas, por isso os convidamos a agradecerem os bons Espíritos que nos assistem e nos secundam da maneira mais evidente, afastando os obstáculos que poderiam entrar a nossa marcha, e nos mostrando, cada vez mais claramente, o objetivo que devemos alcançar.

Por muito tempo quase estivemos a sós, mas eis que novos lutadores entram na liça de todos os lados, trabalhando com o ardor, a perseverança e a abnegação que dá a fé, para a defesa e a propagação de nossa santa Doutrina, sem desanimarem com os obstáculos, e sem temerem a perseguição; também a maioria viu a má vontade dobrar-se diante de sua firmeza. Que recebam aqui as nossas sinceras felicitações em nome de todos os Espíritos, presentes e futuros, na memória daqueles

que viverão certamente. Logo terão a satisfação de ver numerosos imitadores caminharem sobre suas marcas, porque, uma vez dado o impulso, não se deterá mais; logo também se verão sustentados por homens tendo autoridade, e que tomarão arrojadamente nas mãos a causa do Espiritismo, que é a do progresso e do bem-estar, material e moral, da Humanidade.

Saudações cordiais e fraternas a todos os nossos irmãos em Espiritismo de todos os países.

ALLAN KARDEC.

ESTADO DO ESPIRITISMO EM 1863.

O ano que vem de se escoar não foi menos fecundo do que os precedentes para o Espiritismo, mas ele se distingue por vários traços particulares. Mais do que todos os outros, foi marcado pela violência de certos ataques, sinal característico cuja importância

não escapou a ninguém. Todo o mundo diz para si mesmo: Uma vez que se ponha em cólera, é que se tem medo; tendo-se medo, é que há alguma coisa de séria.

Como é hoje bem verificado que essas agressões fizeram o Espiritismo avançar, antes de detê-lo, ver-se-ão naturalmente diminuir os ataques de viva força; mas não é preciso adormecer sobre a calma aparente, nem crer que os inimigos do Espiritismo logo vão tomar seu partido; é preciso, pois, muito se persuadir de que a luta não está terminada, mas que haverá mudança de tática; é porque dizemos aos Espíritas para vigiarem, sem cessar, sobre o que se passa ao redor deles, e de se lembrarem do que dissemos no número de dezembro último, sobre o período da luta, da guerra surda e os conflitos; que não se admirem, pois, se o inimigo se introduz até em suas fileiras; Deus o permite para experimentar a fé, a coragem, a perseverança de seus verdadeiros servidores. O objetivo será doravante de procurar todos os meios possíveis de comprometer o Espiritismo, a fim de desacreditá-lo; de levar os grupos, sob a aparência do zelo e o pretexto de que é preciso ir adiante a se ocupar de coisas estranhas ao objeto da Doutrina; a tratar das questões políticas ou outras de natureza a provocar discussões irritantes e a semear a divisão, tudo isso para ter pretextos de lhes pedir a firmeza.

A moderação dos Espíritas é o que espanta e contraria mais os seus adversários; tentarão de tudo para fazê-los dela sair, mesmo a provocação; mas saberão frustrar essas manobras por sua prudência, como já o fizeram em mais de uma ocasião, e não cairão nas armadilhas que prepararem; verão, aliás, os instigadores se prenderem em suas próprias redes, porque é impossível que, cedo ou tarde, não mostrem sua intenção. Esse será o momento mais difícil a passar do que aquele da guerra aberta, onde se vê seu inimigo face a face; mas, quanto mais a prova for rude, maior será o triunfo.

De resto, essa campanha teve um imenso resultado, o de provar a impotência das armas dirigidas contra o Espiritismo; os homens mais capazes do partido oposto entraram em liça; todos os recursos da argumentação foram desdobrados, e, não tendo o Espiritismo sofrido, cada um permaneceu convencido de que não poderia se lhe opor nenhuma razão peremptória, e a maior prova da penúria de boas razões é que se recorreu ao triste e ignóbil recurso da calúnia: mas muito se quis fazer o Espiritismo dizer o contrário daquilo que ele diz: a Doutrina ali está, escrita em termos tão claros que proíbem toda interpretação falsa, por isso o odioso da calúnia recai sobre aqueles que a empregam, e os convence da impossibilidade. Está aí um fato considerável no ano que acabou, e não tivéssemos obtido senão esse resultado, com isso deveríamos estar satisfeitos; mas há outros não menos positivos.

Este ano, sobretudo, está marcado pelo crescimento do número dos grupos ou sociedade que se formaram numa multidão de localidades onde ainda não havia, tanto na França quanto no estrangeiro, sinal evidente do aumento do número dos adeptos e da difusão da Doutrina; Paris, que tinha ficado para trás, cede, enfim, ao impulso geral e começa a se comover; cada dia vêem-se formarem reuniões particulares num objetivo eminentemente sério e em excelentes condições; a Sociedade que presidimos vê com alegria se multiplicarem, ao redor dela, rebentos vivazes, capazes de espalharem a boa semente. Os grupos particulares, quando são bem dirigidos, são muito úteis para a iniciação dos novos adeptos; a Sociedade principal, em razão da extensão de suas relações, sendo o centro para onde tudo chega das diversas partes do mundo, não pode e não deve se ocupar senão do desenvolvimento da ciência e das questões gerais que absorvem todo o seu tempo; deve forçosamente se abster de tudo o que é elementar e pessoal; os grupos particulares vêm, pois, preencher a lacuna que, forçosamente, ela deixa na prática, e é por isso que encoraja e fecunda com seus conselhos e seu apoio moral às pessoas que se devotam a essa obra de propagação. Se num instante pôde-se conceber alguns temores sobre o efeito de certas dissidências na maneira de encarar o Espiritismo, um fato de natureza a dissipá-los completamente, é o número sempre crescente das Sociedades que, de todos os países, se colocam espontaneamente sob o patrocínio da de Paris, e

erguem a sua bandeira. É notório que a doutrina de *O Livro dos Espíritos* é hoje o ponto para onde converge a imensa maioria dos adeptos; a máxima: *Fora da caridade não há salvação* tem ligado todos aqueles que vêem o lado moral do Espiritismo, porque não há duas maneiras de interpretá-lo, e que satisfaz todas as aspirações. Desde a constituição do Espiritismo em corpo de doutrina, muitos sistemas isolados já caíram, e o pouco de marcas que deixam ainda são sem influência sobre a opinião geral. As bases sólidas sobre as quais ele se apoia triunfarão sem dificuldade das divisões que seus adversários não deixarão de suscitar, porque aqueles contam sem os Espíritos que protegem sua obra, e se servem de seus próprios inimigos para assegurar-lhes o sucesso. Teria sido sem precedente que uma doutrina pudesse se estabelecer sem dissidência, e se se pode espantar de uma coisa, é de ver, quanto ao Espiritismo, a unidade se formar tão prontamente.

Seja como for, o Espiritismo não penetrou ainda por toda a parte, e em alguns lugares é apenas conhecido de nome; os raros adeptos que ali se encontram o atribuem a duas causas: a primeira, ao caráter das populações muito absorvidas pelos interesses materiais; a segunda, a ausência de pregações contrárias; é porque pedem, com todos os seus votos, sermões do gênero daqueles que foram pregados em outras partes, ou alguma manifestação estridente de hostilidade que desperte a atenção e atice a curiosidade; mas que tenham paciência, como é preciso que todo mundo ali chegue, os Espíritos saberão suprir isso por outros meios.

Mas o traço mais característico do ano de 1863 é o movimento que produziu na opinião concernente à Doutrina Espírita; está-se surpreso com a facilidade com a qual o princípio é aceito por pessoas que recentemente o tinham repellido e voltado em zombaria; as resistências, falamos daquelas que não são sistemáticas e interessadas, diminuem sensivelmente. Citem-se vários escritores de boa fé que combateram com todo o exagero o Espiritismo, e que hoje, dominados pela sua sociedade, sem se confessarem vencidos, renunciam a uma luta reconhecida inútil. É que a necessidade de uma transformação moral se faz sentir cada vez mais; a ruína do velho mundo é iminente, porque as idéias que preconizam não estão mais à altura a que chegou a Humanidade inteligente; tudo parece a isso conduzir, e atrás disso se entrevêem vagamente novos horizontes; sente-se que é preciso alguma coisa de melhor do que o que existe, e a procuram inutilmente no mundo atual; alguma coisa circula no ar como uma corrente elétrica precursora, e cada um está à espera; mas cada um diz a si mesmo também que não é a Humanidade que deve recuar.

Um outro fato não menos significativo que muitos notaram, e que é a consequência do estado atual dos espíritos, é um número prodigioso de escritos, sérios ou levianos, feitos de fora, e provavelmente sem o conhecimento do Espiritismo, onde se encontram pensamentos espíritas. O princípio da pluralidade das existências, sobretudo, tem uma tendência manifesta a entrar na opinião das massas e na filosofia moderna; muitos pensadores a ele são conduzidos pela lógica dos fatos, e dentro em pouco essa crença se tornará popular; esses são evidentemente os precursores da adoção do Espiritismo, cujos caminhos estão assim preparados e a rota aplainada. São todas essas idéias semeadas em diversos lados, em escritos que vão em todas as mãos, e que lhe tornam a aceitação cada vez mais fácil.

O estado do Espiritismo em 1863 pode, pois, se resumir assim: ataques violentos; multiplicação de escritos pró e contra; extensão notável da Doutrina, mas sem sinais exteriores de natureza a produzir uma sensação geral; as raízes se estendem, produzem brotos, à espera de que a árvore desdobre seus ramos. O momento de sua maturidade não chegou ainda.

Ao número de publicações que, neste último ano, vieram tomar parte na luta e concorrer para a defesa do Espiritismo, colocamos em primeiro lugar *a Ruche* de Bordeaux e *a Verdade* de Lyon, cujos redatores merecem o reconhecimento e os encorajamentos de todos os verdadeiros Espíritas pela perseverança, o devotamento e o desinteresse dos

quais deram prova. No centro espírita mais numeroso da França, e talvez do mundo inteiro, a Verdade veio se colocar como atleta temido por seus artigos de uma lógica tão rigorosa, que não deixam nenhuma presa à crítica. O Espiritismo logo terá, o esperamos, um novo e importante órgão na Itália, que, como seus primogênitos da França, caminhará de um comum acordo com os grandes princípios da Doutrina.

MÉDIUNS CURADORES.

Um oficial de caçadores, Espírita de longa data, e um dos numerosos exemplos das reformas morais que o Espiritismo pode operar, nos transmite os detalhes seguintes:

"Caro mestre, aproveitamos nossas longas horas de inverno para nos entregar com ardor ao desenvolvimento de nossas faculdades medianímicas. A tríade do 4^o caçador, sempre unida, sempre vivente, se inspira de seus deveres, e ensaia novos esforços. Sem dúvida, desejais conhecer o objeto de nossos trabalhos, a fim de saber se o campo que cultivamos não é estéril. Disso podereis julgar pelos detalhes seguintes. Há alguns meses nossos trabalhos têm por objetivo o estudo dos fluidos; esse estudo desenvolveu em nós a mediunidade curadora; também, aplicamo-la agora com sucesso. Há alguns dias, uma simples emissão fluídica de cinco minutos com minha mão, bastou para tirar uma nevralgia violenta.

"Madame P... estava afetada, há vinte e oito anos, de uma hiperestesia aguda ou sensibilidade exagerada da pele, enfermidade que a retinha em seu quarto há quinze anos. Ela mora numa pequena cidade vizinha, e, tendo ouvido falar de nosso grupo, veio procurar alívio junto a nós. Ao cabo de trinta e cinco dias, voltou completamente curada. Durante esse tempo, recebeu cada dia um quarto de hora de emissão fluídica, com o concurso de nossos guias espirituais.

"Dávamos, ao mesmo tempo, nossos cuidados a um epilético, atingido por essa terrível enfermidade há vinte e sete anos. As crises se renovavam quase cada noite, e cada vez sua mãe passava longas horas à sua cabeceira. Trinta e cinco dias bastaram para essa cura importante, e que estava feliz, essa mãe, acompanhando seu filho radicalmente curado! Nós revezávamos, todos os três, de oito dias em oito dias, para a emissão fluídica, colocávamos a mão, ora sobre a cavidade do estômago do enfermo, ora sobre a nuca, no início do pescoço. Cada dia o enfermo podia constatar uma melhora; nós mesmos, depois da evocação e durante o recolhimento, sentíamos o fluido exterior nos invadir, passar em nós, e escapar-se de nossos dedos alongados e de nosso braço estendido para o corpo do sujeito que tratávamos.

"Dávamos nesse momento nossos cuidados a um segundo epilético; desta vez, a enfermidade seria talvez mais rebelde, uma vez que é hereditária. O pai deixou, aos seus quatro filhos, o germe dessa afecção; enfim, com a ajuda de Deus e dos bons Espíritos, esperamos reduzi-la em todos os quatro.

"Caro mestre, reclamamos o socorro de vossas preces e as de nossos irmãos de Paris. Esse socorro será para nós um encorajamento e um estímulo aos nossos esforços. Depois, vossos bons Espíritos podem vir em nossa ajuda, tornar o tratamento mais salutar e abreviar-lhe a duração.

"Não aceitamos por toda recompensa, como bem o pensais, e ela deve ser suficiente, senão a satisfação de ter feito nosso dever e de ter obedecido ao impulso dos bons Espíritos. O verdadeiro amor ao próximo carrega consigo uma alegria sem mistura, e deixa em nós alguma coisa de luminosa, que encanta e que eleva a alma. Também procuramos, tanto quanto nossas imperfeições no-lo permitem, nos compenetrar dos deveres do verdadeiro Espírita, que não devem ser senão a aplicação dos preceitos evangélicos.

"O Sr. G... de L... deve nos conduzir seu cunhado, que um Espírito malfazejo subjuga há dois anos. Nosso guia espiritual Lamennais nos encarrega do tratamento dessa

obsessão rebelde. Deus nos daria também o poder de expulsar os demônios? Se assim for, não teríamos senão que nos humilhar diante de um tão grande favor, em lugar de nos orgulharmos. Quanto maior ainda não seria para nós a obrigação de nos melhorar, para disso testemunhar-lhe nosso reconhecimento e para não perder dons tão preciosos?"

Essa interessante carta, tendo sido lida na Sociedade Espírita de Paris, na sua sessão de 18 de dezembro de 1863, um dos nossos bons médiuns obteve espontaneamente, a esse respeito, as duas comunicações seguintes:

"A vontade, existindo no homem em diferentes graus de desenvolvimento, serviu, em todas as épocas, seja para curar, seja para aliviar. É lamentável ser obrigado a constatar que ela foi também a fonte de muitos males, mas é uma das conseqüências do abuso que, freqüentemente, o ser faz de seu livre arbítrio. A vontade desenvolve o fluido seja animal, seja espiritual, porque, o sabeis todos agora, há vários gêneros de magnetismo, entre os quais estão o magnetismo animal e o magnetismo espiritual que pode, segundo a ocorrência, pedir apoio ao primeiro. Um outro gênero de magnetismo, muito mais poderoso ainda, é a prece que uma alma pura e desinteressada dirige a Deus.

"A vontade foi, freqüentemente, mal compreendida; em geral aquele que magnetiza não pensa senão em desdobrar sua força fluídica, senão em derramar seu próprio fluido sobre o paciente submetido a seus cuidados, sem se ocupar se há ou não uma Providência que nisso se interessa tanto e mais do que ele; agindo só, não pode obter senão o que sua única força pode produzir; ao passo que nossos médiuns curadores começam por elevar sua alma a Deus, e para reconhecer que, por eles mesmos, não podem nada; fazem, por isso mesmo, um ato de humildade, de abnegação; então, confessando-se muito fracos por si mesmos, Deus, em sua solicitude, lhes envia poderosos recursos que não pode obter o primeiro, uma vez que se julga suficiente para a obra empreendida. Deus recompensa sempre a humildade sincera elevando-a, ao passo que rebaixa o orgulho. Esse recurso que envia, são os bons Espíritos que vêm penetrar o médium de seu fluido benfazejo, que este transmite ao enfermo. Também é por isso que o magnetismo empregado pelos médiuns curadores é tão poderoso e produz essas curas qualificadas de miraculosas, e que são devidas simplesmente à natureza do fluido derramado sobre o médium; ao passo que o magnetizador comum se esgota, freqüentemente, em vão, em fazer passes, o médium curador infiltra um fluido regenerador pela única imposição das mãos, graças ao concurso dos bons Espíritos; mas esse concurso não é concedido senão à fé sincera e à pureza de intenção."

MESMER (*Médium, Sr. Albert*).

"Uma palavra sobre os médiuns curadores, dos quais vindes de falar; estão todos nas disposições mais louváveis; têm a fé que ergue as montanhas, o desinteresse que purifica os atos da vida, a humildade que os santifica. Que perseverem na obra de beneficência, que empreenderam; que se recordem bem que aquele que pratica as leis sagradas que o Espiritismo ensina, se aproxima constantemente do Criador. Que, quando empregam sua faculdade, a prece, que é a vontade mais forte, seja sempre seu guia, seu ponto de apoio. O Cristo vos deu, em toda a sua existência, a prova mais irrecusável da vontade mais firme, mas era a vontade do bem e não a do orgulho. Quando dizia às vezes: *Eu quero*, essa palavra estava cheia de unção; seus apóstolos, que o cercavam, sentiam seus corações se abrirem a essa santa palavra. A doçura constante do Cristo, sua submissão à vontade de seu Pai, sua perfeita abnegação, são os mais belos modelos de vontade que se possa propor para exemplo."

PAULO, *apóstolo (Médium, Sr. Albert)*.

Algumas explicações faraó facilmente compreender o que se passa nesta circunstância. Sabe-se que o fluido magnético comum pode dar, a certas substâncias, propriedades particulares ativas; neste caso, age de alguma sorte como agente químico, modifi-

cando o estado molecular dos corpos; nada há, pois, de espantoso em que possa mesmo modificar o estado de certos órgãos; mas compreende-se, igualmente, que sua ação, mais ou menos salutar, deve depender de sua qualidade; daí as expressões de "bom ou mau fluido; fluido agradável ou penoso." Na ação magnética propriamente dita, é o fluido pessoal do magnetizador que é transmitido, e esse fluido que não é outro senão o perispírito, sabe-se que participa sempre, mais ou menos, das qualidades materiais do corpo, ao mesmo tempo que sofre a influência moral do Espírito. É, pois, impossível que o fluido próprio de um encarnado seja de uma pureza absoluta, e é por isso que sua ação curativa é lenta, algumas vezes nula, algumas vezes mesmo nociva, porque pode transmitir ao enfermo princípios mórbidos. De que um fluido seja bastante abundante e enérgico para produzir efeitos instantâneos de sono, de catalepsia, de atração ou de repulsão, não se segue, de nenhum modo, que tenha qualidades necessárias para curar; é a força que abate, e não o bálsamo que abranda e repara; assim ocorre com os Espíritos desencarnados de uma ordem inferior, cujo fluido pode mesmo ser malfazejo, o que os Espíritos têm, a cada instante, a ocasião de constatar. Só nos Espíritos superiores o fluido perispiritual está despojado de todas as impurezas da matéria; de alguma sorte, ele é *quintessenciado*; sua ação, por conseqüência, deve ser mais salutar e mais pronta; é o fluido benfazejo por excelência. Uma vez que não se pode encontrá-lo entre os encarnados, nem entre os desencarnados vulgares, é preciso, pois, pedi-lo aos Espíritos elevados, como se vai procurar nas regiões longínquas os remédios que não se encontram na sua. O médium curador emite pouco de seu próprio fluido; ele sente a corrente do fluido estranho que o penetra e ao qual serve de *condutor*; é com esse fluido que magnetiza, e aí está o que caracteriza o magnetismo espiritual e o distingue do magnetismo animal: um vem do homem, o outro dos Espíritos. Como se vê, não há aí nada de maravilhoso, mas um fenômeno resultante de uma lei da Natureza que não se conhecia.

Para curar pela terapêutica comum, não basta qualquer medicamento; são necessários puros, não avariados ou adulterados, e convenientemente preparados; pela mesma razão, para curar pela ação fluídica, os fluidos mais depurados são os mais saudáveis; uma vez que esses fluidos benfazejos são o próprio dos Espíritos superiores, é, pois, o concurso destes últimos que é necessário obter; é por isso que a prece e a invocação são necessárias. Mas para orar, e sobretudo orar com fervor, é preciso a fé; para que a prece seja escutada, é preciso que seja feita com *humildade* e ditada por um sentimento real de *benevolência e de caridade*; ora, não há de verdadeira caridade sem devotamento, e não há de devotamento sem desinteresse; sem essas condições, o magnetizador, privado da assistência dos bons Espíritos, nisso está reduzido às suas próprias forças, freqüentemente insuficientes, ao passo que com seu concurso podem ser centuplicados em poder e em eficácia. Mas não há licor, tão puro que seja, que não se altere passando por um vaso impuro; assim ocorre com o fluido dos Espíritos superiores passando pelos encarnados; daí, para os médiuns em que se revela essa preciosa faculdade, e que querem vê-la crescer e não se perder, há necessidade de trabalhar para a sua melhoria moral.

Entre o magnetizador e o médium curador há, pois, esta diferença capital, que o primeiro magnetiza com seu próprio fluido, e o segundo com o fluido depurados dos Espíritos; de onde se segue que estes últimos dão seu concurso àqueles que querem e quando querem; que podem recusá-lo, e, por conseqüência, tirar a faculdade àquele que dela abusasse ou a desviasse de seu objetivo humanitário e caridoso para dela fazer um tráfico. Quando Jesus disse aos seus apóstolos: "*Ide! expulsai os demônios, curai os enfermos, acrescentou: "Dai gratuitamente o que recebestes gratuitamente."*

Os médiuns curadores tendem a se multiplicar, assim como os Espíritos anunciaram, e isto tendo em vista propagar o Espiritismo pela impressão que essa nova ordem de fenômenos não pode deixar de produzir sobre as massas, porque não há ninguém que não pense em sua saúde, mesmo os mais incrédulos. Quando, pois, se verá obter com o concurso dos Espíritos o que a ciência não pode dar, seria preciso muito convir que há uma

força fora de nosso mundo; a ciência será assim conduzida a sair da via exclusivamente material onde permanece até este dia; quando os magnetizadores anti-espiritualistas, ou anti-espíritas, virem que existe um magnetismo mais poderoso do que o seu, serão muito forçados a remontar à verdadeira causa.

Importa, no entanto, premunir-se contra o charlatanismo, que não faltará em tentar explorar, em seu proveito, essa nova faculdade. Há, para isso, um meio muito simples, é o de recordar-se de que não há charlatanismo desinteressado, e que o desinteresse absoluto, material e moral, é a melhor garantia de sinceridade. Se

há uma faculdade dada por Deus num objetivo santo, sem contradita, é esta, uma vez que exige imperiosamente o concurso dos Espíritos superiores, e que esse concurso não pode ser adquirido pelo charlatanismo. E a fim de que se esteja bem edificado sobre a natureza toda especial dessa faculdade que a descrevemos com alguns detalhes. Embora tivéssemos podido constatar-lhe a existência por fatos autênticos, dos quais vários se passaram sob os nossos olhos, pode-se dizer que ela é ainda rara, e que não existe senão parcialmente nos médiuns que a possuem, seja porque estes não tenham todas as qualidades requeridas para possuí-la em toda a sua plenitude, seja porque ela está em seu início; é porque os fatos não tiveram, até este dia, senão pouca repercussão; mas não tardará a tomar os desenvolvimentos de natureza a fixar a atenção geral; daqui a poucos anos se revelará em algumas pessoas predestinadas a esse efeito, com uma força que triunfará de muitas obstinações; mas não são esses os únicos fatos que o futuro nos reserva, e pelos quais Deus confundirá os orgulhosos e os convencerá da impotência. Os médiuns curadores são um dos mil meios providenciais para alcançar esse objetivo de acelerar o triunfo do Espiritismo. Compreende-se facilmente que essa qualificação não pode ser dada aos médiuns escreventes, que obtêm prescrições médicas de certos Espíritos.

Não encaramos a mediunidade curadora senão do ponto de vista fenomênico, e como meio de propagação, mas não como recurso habitual; num próximo artigo trataremos de sua aliança possível com a medicina e a magnetização comum.

UM CASO DE POSSESSÃO. *Senhorita Julie.*

(2º artigo. - Ver o número de dezembro de 1863.)

Em nosso precedente artigo descrevemos a triste situação dessa jovem, e as circunstâncias que provam nela uma verdadeira possessão. Estamos felizes ao confirmar o que dissemos de sua cura, hoje completa. Depois de ser livrada de seu Espírito obsessivo, os violentos abalos que sentira durante mais de seis meses tinham-lhe trazido uma grave perturbação em sua saúde; agora está inteiramente refeita, mas não saiu de seu estado sonambúlico, o que não a impede de aplicar-se aos seus trabalhos habituais. Vamos expor as circunstâncias dessa cura.

Várias pessoas tinham empreendido magnetizá-la, mas sem muito sucesso, salvo uma leve e passageira melhora em seu estado patológico; quanto ao Espírito, estava cada vez mais tenaz, e as crises tinham atingido um grau de violência dos mais inquietantes. Teria sido preciso ali um magnetizador nas condições que indicamos no artigo precedente para os médiuns curadores, quer dizer, penetrando o enfermo de um fluido bastante puro para *eliminar* o fluido do mau Espírito. Se há um gênero de mediunidade que exige uma superioridade moral, é sem contradita no caso de obsessão, porque é necessário ter o direito de impor sua autoridade ao Espírito. Os casos de possessão, segundo o que foi anunciado, devem se multiplicar com uma grande energia daqui a algum tempo, a fim de que a impossibilidade dos meios empregados até o presente, para combatê-los, esteja bem demonstrada. Uma circunstância mesmo, da qual não podemos ainda falar, mas que

tem uma certa analogia com o que se passou ao tempo do Cristo, contribuirá para desenvolver essa espécie de epidemia demoníaca. Não é, pois, duvidoso que surgirão médiuns especiais tendo o poder de expulsar os maus Espíritos, como os apóstolos tinham o de expulsar os demônios, seja porque Deus coloca sempre o remédio ao lado do mal, seja para dar aos incrédulos uma nova prova da existência dos Espíritos.

Para a senhorita Julie, como em todos os casos análogos, o magnetismo simples, embora enérgico que fosse, era, pois, insuficiente; seria preciso agir simultaneamente sobre o Espírito obsessor para domá-lo, e sobre o moral do enfermo enfraquecido por todos esses abalos; o mal físico não era senão consecutivo; era um efeito e não a causa; seria preciso, pois, tratar a causa antes do efeito; destruído o mal moral, o mal físico deveria desaparecer por si mesmo. Mas para isso era preciso se identificar com a causa; estudar com o maior cuidado e em todas suas nuances o curso das idéias, para lhe imprimir tal ou tal direção mais favorável, porque os sintomas variam segundo o grau de inteligência do sujeito, o caráter do Espírito e os motivos da obsessão, motivos cuja origem remonta, quase sempre, às existências anteriores.

O insucesso do magnetismo sobre a senhorita Julie fez com que várias pessoas tentassem; no número delas achava-se um jovem dotado de uma grande força fluídica, mas a quem, infelizmente, faltava totalmente a experiência, e, sobretudo, conhecimentos necessários em semelhante caso. Atribuía-se um poder absoluto sobre os Espíritos inferiores que, segundo ele, não podiam resistir à sua vontade; essa pretensão, levada ao excesso e fundada sobre sua força pessoal, e não sobre a assistência dos bons Espíritos, devia lhe atrair mais de uma decepção. Só isso teria devido bastar para mostrar, aos amigos da jovem, que lhe faltava a primeira das qualidades requeridas para lhe ser um socorro eficaz. Mas o que, acima de tudo, teria devido esclarecê-los, é que ele professava, sobre os Espíritos em geral, uma opinião completamente falsa. Segundo ele, os Espíritos superiores são de uma natureza fluídica muito etérea para poderem vir sobre a Terra comunicar-se com os homens e assisti-los; isso não é possível senão aos Espíritos inferiores em razão de sua natureza mais grosseira. Essa opinião, que não é outra senão a da doutrina da comunicação exclusiva dos demônios, tinha um erro muito grave de sustentá-la diante do enfermo, mesmo nos momentos de crise. Com esta maneira de ver, devia não contar senão consigo mesmo, e não podia invocar a única assistência que teria podido secundá-lo, assistência da qual, é verdade, acreditava não necessitar; a conseqüência mais lastimável era para o enfermo que desencorajava, tirando-lhe a esperança da assistência dos bons Espíritos. No estado de enfraquecimento em que estava seu cérebro, uma tal crença, que dava toda presa ao Espírito obsessor, podia se tornar fatal para a sua razão, podia mesmo matá-la. Também repetia-lhe, sem cessar, nos momentos de crise: "Louca... louca... ele me tornará louca... inteiramente louca... não o sou ainda, mas tornar-me-ei." Falando de seu magnetizador, ela pintava perfeitamente sua ação dizendo: "Ele me dá a força do corpo, mas não me dá a força do espírito." Esta palavra era profundamente significativa, e, no entanto, ninguém lhe atribuía importância.

Quando vimos a senhorita Julie, o mal estava em seu apogeu, e a crise, da qual fomos testemunha, foi uma das mais violentas; foi no momento mesmo em que nos aplicamos em elevar seu moral, em que procuramos lhe inculcar o pensamento de que ela *podia* domar esse mau Espírito com a assistência dos bons e de seu anjo guardião, do qual invocaria o apoio, foi nesse momento, dizíamos, que o jovem magnetizador, que se encontrava presente, por uma circunstância providencial, sem dúvida, veio, sem provocação nenhuma, afirmar e desenvolver a sua teoria, destruindo de um lado o que fazíamos de outro. Tivemos que lhe expor com energia que cometia uma ação má, assumindo sobre si a terrível responsabilidade da razão e da vida dessa infeliz jovem.

Um fato dos mais singulares, que todo mundo havia observado, mas do qual ninguém havia deduzido as conseqüências, se produzia na magnetização. Quando ela ocorria durante a luta com o mau Espírito, este último, *sozinho*, absorvia todo o fluido que lhe

dava mais força, ao passo que a enferma se achava enfraquecida e sucumbia sob seus apertos. Deve-se lembrar que ela estava sempre em estado de sonambulismo; via, por conseqüência, o que se passava, e é ela mesma que dá esta explicação. Não se viu nesse fato senão uma malícia do Espírito, e contentou-se em abster-se de magnetizar nesses momentos e de ficar como espectador da luta. Com o conhecimento da natureza dos fluidos, pode-se facilmente se dar conta desse fenômeno. É evidente, primeiro, que absorvendo o fluido para se dar a força em detrimento da enferma, o Espírito queria convencer o magnetizador da impossibilidade com respeito à sua pretensão; se havia malícia de sua parte, era contra o magnetizador, uma vez que se servia da própria arma com a qual este último pretendia derrubá-lo; pode-se dizer que lhe tirava o bastão das mãos. Era não menos evidente que sua facilidade em se apropriar do fluido do magnetizador denotava uma afinidade entre esse fluido e o seu próprio, ao passo que os fluidos de uma natureza contrária teriam se repellido, como a água e o azeite. Só esse fato bastaria para demonstrar que havia outras condições a preencher. É, pois, um erro dos mais graves, e podemos dizer dos mais funestos, o de não ver na ação magnética senão uma simples emissão fluídica, sem ter em conta da qualidade íntima dos fluidos. Na maioria dos casos, o sucesso repousa inteiramente sobre essas qualidades, como na terapêutica depende da qualidade do medicamento. Não saberíamos muito chamar a atenção sobre este ponto capital, demonstrado, ao mesmo tempo, pela lógica e pela experiência.

Para combater a influência da doutrina do magnetizador que, já, tinha influído sobre as idéias da enferma, dissemos a esta: "Minha filha, tende confiança em Deus; olhai ao vosso redor; não vedes os bons Espíritos? - É verdade, disse ela; vejo-os luminosos, que Frédégonde não ousa olhar. - Pois bem! esses são aqueles que vos protegem e que não permitirão que o mau Espírito tenha o poder; implorai a sua assistência; orai com fervor; orai sobretudo para Frédégonde. -Oh! para isso, jamais o poderei. - Guardai-vos! vereis com essa palavra os bons Espíritos se afastarem. Se quereis sua proteção, é preciso merecê-la por vossos bons sentimentos, em vos esforçando sobretudo em ser melhor do que vosso inimigo. Como quereis que vos sustentem, se não vaieis mais do que ele? Pensai que, em outras existências, tivestes também censura a vos fazer; o que vos chega é uma expiação; se quereis fazê-la cessar, é preciso vos melhorar, e para provar as vossas boas intenções, é preciso começar por vos mostrar boa e caridosa para com o vosso inimigo. A própria Frédégonde com isso será tocada, e talvez fareis entrar o arrependimento em seu coração. Refleti. - Eu o farei. -Fazei-o em seguida, e dissei comigo: "Meu Deus, eu perdôo a Frédégonde o mal que ela me fez; eu a aceito como uma prova e uma expiação que mereci; perdoai minhas próprias faltas, como lhe perdôo as suas; e vós, bons Espíritos que me cereais, abri seu coração a melhores sentimentos, e dai-me a força que me falta. Prometeis orar todos os dias por ela? - Eu o prometo. - Está bem; de meu lado vou me ocupar convosco e dela; tende confiança. -Oh! obrigado! alguma coisa me diz que isto vai logo acabar."

Tendo dado conta desta cena à Sociedade, as instruções seguintes ali foram dadas a este respeito:

"O assunto do qual vos ocupais emocionou os próprios bons Espíritos que querem, ao seu turno, vir em ajuda a essa jovem com os seus conselhos. Ela apresenta um caso de obsessão, com efeito muito grave, e entre aqueles que tendes visto, e que vereis ainda, pode-se colocar este no número dos mais importantes, dos mais sérios, e sobretudo dos mais interessantes pelas particularidades instrutivas que já apresentou e que vos oferecerá de novo.

"Como já vos disse, esses casos de obsessão se renovarão freqüentemente, e fornecerão dois assuntos distintos de utilidade, para vós primeiro, e para aqueles que o sofrerão em seguida.

"Para vós primeiro, naquilo que, do mesmo modo que vários eclesiásticos contribuíram poderosamente para difundir o Espiritismo entre aqueles que lhe eram perfeitamente

estranhos, do mesmo modo também esses obsidiados, cujo número se tornará bastante importante para que deles não se ocupe de maneira não superficial, mas grande e profunda, abrirão bastante as portas da ciência para que a filosofia espírita possa com eles nela penetrar, e ocupar, entre as pessoas de ciência e os médicos de todos os sistemas, o lugar ao qual tem direito.

"Para eles em seguida, naquilo que, no estado de Espírito, antes de se encarnarem entre vós aceitaram essa luta que lhes proporciona a possessão que sofrem, tendo em vista o seu adiantamento, e essa luta, crede-o bem, faz cruelmente sofrer seu próprio Espírito que, quando seu corpo, de algum modo, não é mais seu, tem perfeitamente consciência do que se passa. Segundo terão suportado essa prova, da qual podeis abreviar-lhes poderosamente a duração por vossas preces, terão progredido mais ou menos; porque, estejais disto certos, apesar dessa possessão, sempre momentânea, guardam uma suficiente consciência de si mesmos para discernir a causa e a natureza de sua obsessão.

"Para aquela que vos ocupa, um conselho é necessário. As magnetizações que lhe faz suportar o Espírito encarnado do qual lhe falastes, são funestas sob todos os aspectos. Esse Espírito é sistemático; e que sistema! Aquele que não relaciona todas as suas ações à maior glória de Deus, que tira a vaidade das faculdades que lhe foram concedidas, será sempre confundido; os presunçosos serão rebaixados, neste mundo, freqüentemente, infalivelmente no outro. Tratai, pois, meu caro Kardec, que essas magnetizações cessem completamente, ou os inconvenientes mais graves resultarão de sua continuação, não só para a jovem, mas ainda para o imprudente que pensa ter sob suas ordens todos os Espíritos das trevas e os comandar como senhor.

"Vereis, digo, esses casos de possessão e de obsessão se desenvolverem durante um certo período de tempo, porque são úteis ao progresso da ciência e do Espiritismo; será por aí que os médicos e os sábios abrirão, enfim, os olhos e aprenderão que há enfermidades cujas causas não estão na matéria, e que não devem ser tratadas pela matéria. Esses casos de possessão, igualmente, vão abrir ao magnetismo horizontes totalmente novos e levá-lo a dar grande passo adiante pelo estudo, até o presente tão imperfeito, dos fluidos; com a ajuda desses novos conhecimentos, e pela sua aliança íntima com o Espiritismo, obterá as maiores coisas; infelizmente, no magnetismo, como na medicina, haverá por muito tempo ainda homens que creirão não terem mais nada a aprender. Essas obsessões freqüentes terão também um lado muito bom, naquilo que sendo penetrada pela prece e pela força moral, pode-se fazê-las cessar e adquirir o direito de expulsar os maus Espíritos, cada um procurará, pela melhoria de sua conduta, adquirir esse direito que o Espírito de Verdade, que dirige este globo, conferirá quando for merecido. Tende fé e confiança em Deus, que não permite que se sofra inutilmente e sem motivo."

HAHNEMANN (*Médium, Sr. Albert*).

"Serei breve. Será muito fácil curar essa infeliz possessa; os meios para isto estão implicitamente contidos nas reflexões que foram emitidas há pouco por Allan Kardec. É preciso não só uma ação material e moral, mas ainda uma ação puramente espiritual. Ao Espírito encarnado que se encontra, como Julie, em estado de possessão, é preciso um magnetizador experimentado e perfeitamente convencido da verdade Espírita; é preciso que seja, além disso, de uma moralidade irrepreensível e sem presunção. Mas, para agir sobre o Espírito obsessivo, é necessário a ação não menos enérgica de um bom Espírito desencarnado. Assim, pois, dupla ação: ação terrestre, ação extraterrena; encarnado sobre encarnado, desencarnado sobre desencarnado; eis a lei. Se até esta hora essa ação não foi cumprida, é justamente para vos levar ao estudo e à experimentação dessa interessante questão; foi por este efeito que Julie não foi livrada mais cedo: ela deveria servir para os vossos estudos.

"Isso nos demonstra o que tereis a fazer doravante nos casos de possessão manifesta; é indispensável chamar em vossa ajuda

o concurso de um Espírito elevado, gozando, ao mesmo tempo, de um poder moral e fluídico, como, por exemplo, o excelente cura d'Ars, e sabeis que podeis contar com a assistência desse digno e santo Vianney. Além disso, nosso concurso é dado a todos aqueles que nos chamarem em sua ajuda, com pureza do coração e fé verdadeira.

"Resumindo: Quando se magnetizar Julie, será preciso primeiro proceder pela fervorosa evocação do cura d'Ars e de outros bons Espíritos que se comunicam habitualmente entre vós, rogando-lhes agirem contra os maus Espíritos que perseguem essa jovem, e que fugirão diante de suas falanges luminosas. Não é preciso esquecer, não mais, que a prece coletiva tem um poder muito grande, quando é feita por um certo número de pessoas agindo de acordo, com fé viva e um desejo ardente de aliviar."

ERASTO (*Médium, Sr. d'Ambel*)

Estas instruções foram seguidas; vários membros da Sociedade se entenderam para agir pela prece em condições desejadas. Um ponto essencial era levar o Espírito obsessivo a se emendar, o que deveria, necessariamente, facilitar a cura. Foi o que se fez evocando-o e dando-lhe conselhos; prometeu não mais atormentar a senhorita Julie, e teve palavra. Um de nossos colegas foi especialmente encarregado, por seu guia espiritual, de sua educação moral, e ocorreu de nisso ser satisfeito. Esse Espírito, hoje, trabalha seriamente pela sua melhoria e pede uma nova encarnação para expiar e reparar suas faltas.

A importância do ensino que decorre deste fato e das observações às quais deu lugar, não escapará a ninguém, e cada um nele poderá haurir muitas instruções segundo a ocorrência. Uma nota essencial que esse fato permitiu constatar, e que se compreenderá sem dificuldade, é a influência do bem. É muito evidente que se a companhia secundária por uma comunidade de vista, de intenção e de ação, o enfermo se encontra numa espécie de atmosfera homogênea de fluidos benfazejos, o que deve, necessariamente, facilitar e apressar o sucesso; mas se houver desacordo, oposição; se cada um quer agir à sua maneira, disso resulta desacordos, correntes contrárias que paralisar forçosamente, e às vezes anulam, os esforços tentados para a cura. Os eflúvios fluídicos, que constituem a atmosfera moral, se são maus, são também funestos a certos indivíduos quanto as exalações das regiões pantanosas.

CONVERSAS DE ALÉM-TÚMULO.

Frédégonde

Damos a seguir as duas evocações do Espírito de Frédégonde, feitas na Sociedade, com um mês de intervalo, e que formam o complemento dos dois precedentes artigos sobre a possessão da senhorita Julie. Esse Espírito não se manifestou com sinais de violência, mas escrevia com uma dificuldade muito grande e cansava extremamente o médium, que com isso ficava mesmo indisposto, e cujas faculdades pareciam, de alguma sorte, paralisá-las. Na previsão desse resultado, tivemos o cuidado de não confiar essa evocação a um médium muito delicado.

Numa outra circunstância, um Espírito, interrogado à conta deste, dissera que, há muito tempo procurava se reencarnar, mas que isso não lhe fora permitido, porque seu objetivo não era ainda de se melhorar, sendo seu objetivo, ao contrário, de ter mais facilidade para fazer o mal, com a ajuda de um corpo material. De tais disposições deviam tornar sua conversa muito difícil; ela não o foi, no entanto, tanto quanto se poderia temê-lo, graças, sem dúvida, ao concurso benevolente de todas as pessoas que nisso participaram, e talvez também porque tinha chegado o tempo em que esse Espírito deveria entrar no caminho do arrependimento.

(16 de outubro de 1863 - Médiun, Sr. Leymarie.)

1. *Evocação.* - *Resp.* Não sou Frédégonde; que quereis de mim?

2. Quem sois, pois? - R Um Espírito que sofre.

3. Uma vez que sofreis, deveis desejar não mais sofrer; nós vos assistiremos, porque nos compadecemos com todos aqueles que sofrem neste mundo e no outro; mas é preciso que nos secundeis, e, para isso, é preciso que oreis. - R. Eu vos agradeço por isso, mas não posso orar.

4. Vamos orar, isto vos ajudará; tende confiança na bondade de Deus, que perdoa sempre àquele que se arrepende. -R Creio em vós; orai, orai; talvez eu possa me converter.

5. Mas não basta que oremos, é preciso orar de vosso lado. - R Eu quis orar, e não pude; agora vou tentar com a vossa ajuda.

6. Dizei conosco: Meu Deus, perdoai-me, porque pequei; arrependo-me do mal que fiz. - R Eu o digo; depois.

7. Isso não basta; é necessário escrever. - R Meu.... (Aqui o Espírito não pôde escrever a palavra Deus; não foi senão depois de forte encorajamento que chegou a terminar a frase, de maneira irregular e pouco legível.)

8. Não é preciso dizer isso pela forma; é necessário pensá-lo, e tomar a resolução de não mais fazer o mal, e vereis que logo estareis aliviada. - R Vou orar.

9. Se orastes sinceramente, com isso não vos sentis melhor? - R Oh! sim!

10. Agora, dai-nos alguns detalhes sobre a vossa vida e as causas de vossa obstinação contra Julie?- R Mais tarde... direi.... mas não posso hoje.

11. Prometeis deixar Julie em repouso? O mal que lhe fazeis recai sobre vós e aumenta os vossos sofrimentos. - R Sim, mas sou impelida por outros Espíritos piores do que eu.

12. É uma desculpa má que dais aí para vos desculpar; em todos os casos, deveis ter uma vontade, e com a vontade pode-se sempre resistir às más sugestões.— R Se eu tivesse a vontade, não sofreria; sou punido porque não soube resistir.

13. Isso mostraríeis, no entanto, bastante para atormentar Julie; mas vindes de tomar boas resoluções, vos convidamos a persistir nisso, e pediremos aos bons Espíritos para vos secundarem.

Nota.-Durante esta evocação, um outro médium obtinha de seu guia espiritual uma comunicação contendo, entre outras coisas, o que se segue: "Não vos inquieteis com as negações que notais nas respostas deste Espírito: sua idéia fixa de se reencarnar fá-lo repelir toda solidariedade com o seu passado, se bem que não lhe suporta senão muito os efeitos. Ela é bem aquela que foi nomeada, mas não quer convir nisso consigo mesma."

(13 de novembro de 1863.)

14. *Evocação.* - R. Estou pronta para responder.

15. Tendes persistido na boa resolução em que estáveis na última vez? - R Sim.

16. Como vos achastes com isso? - R Muito bem, porque orei e estou mais calma, bem mais feliz.

17. Com efeito, sabemos que Julie não foi mais atormentada. Uma vez que podeis vos comunicar mais facilmente, quereis nos dizer porque vos obstinastes junto dela? - R Estive esquecida durante séculos, e desejava que a maldição que cobre meu nome cessasse um pouco, a fim de que uma prece, uma só, viesse me consolar. Oro, creio em Deus; agora posso pronunciar o seu nome, e certamente é mais do que não poderia esperar do benefício que podeis me conceder,

Nota. - No intervalo da primeira para a segunda evocação, o Espírito era chamado todos os dias por aquele de nossos colegas que foi encarregado de instruí-lo. Um fato positivo é que, a partir desse momento, a senhorita Julie deixou de ser atormentada.

18. É muito duvidoso que apenas o desejo de obter uma prece tenha sido o móvel que vos levou a atormentar aquela jovem; quereis, sem dúvida, ainda procurar encobrir vossos erros; em todo o caso, era um meio mau de atrair sobre vós a compaixão dos homens. - *R.* No entanto, se não tivesse atormentado muito Julie, não feríeis pensado em mim, e eu não teria saído do miserável estado em que me arrastava. Disso resultou uma instrução para vós e um grande bem para mim, uma vez que me abristes os olhos.

19. (*Ao guia do médium.*) É bem Frédégonde que dá esta resposta? - *R.* Sim, é ela, um pouco ajudada, é verdade, porque está humilhada; mas este Espírito é muito mais avançado do que não credes; é-lhe preciso o progresso moral com o qual a ajudais a dar o primeiro passo. Ela não vos disse que Julie tirará um grande proveito daquilo que se passou para o seu adiantamento pessoal.

20. (*A Frédégonde.*) A senhorita Julie vivia em vosso tempo, e poderíeis nos dizer o que ela era? - *R.* Sim; era uma de minhas damas de companhia, chamada Hildegarde; uma alma sofredora e resignada que fez a minha vontade; sofreu a pena de seus serviços muito humildes e muito complacentes a meu respeito.

2,1. Desejais uma nova encarnação? - *R.* Sim, eu a desejo. Ó meu Deus! sofri mil torturas, e se tenho merecido uma pena justa, ai de mim! é tempo que eu possa, com a ajuda de vossas preces, recomeçar uma existência melhor, a fim de me lavar de minhas antigas sujeiras. Deus é justo; orai por mim. Até este dia, eu tinha desconhecido toda a extensão de minha pena; tinha como a vertigem; mas no presente vejo, compreendo, desejo o perdão do Senhor com o de minhas vítimas. Meu Deus, quanto é doce o perdão!

22. Dizei alguma coisa de Brunehaut! - *R.* BrunehautL. Esse nome me dá vertigem.... Ela é a grande falta da minha vida, e senti meu velho ódio despertar a esse nome!... Mas meu Deus me perdoará, e poderei doravante escrever este nome sem tremer. Mais feliz do que eu, ela está reencarnada pela segunda vez, e cumpre um papel que eu desejo, o de uma irmã de caridade.

23. Estamos felizes com a vossa mudança, para isso vos encorajamos, vos sustentamos com as nossas preces. - *R.* Obrigada! obrigada! bons Espíritos, Deus vo-lo restituirá.

Nota. - Um fato característico nos maus Espíritos é a impossibilidade em que estão, freqüentemente, de pronunciarem ou escreverem o nome de Deus. Sem dúvida, isto denota uma natureza má, mas, ao mesmo tempo, um fundo de temor e de respeito que os Espíritos hipócritas não têm, menos maus em aparência; estes últimos, longe de recuarem diante do nome de Deus, dele se servem impudentemente para captar a confiança. São eles infinitamente mais perversos e mais perigosos do que os Espíritos francamente maus; é nesta classe que se acha a maioria dos Espíritos fascinadores, dos quais é mais difícil de se desembaraçar do que dos outros, porque é do próprio Espírito que se apoderam com a ajuda de uma falsa aparência de saber, de virtude ou de religião, ao passo que os outros se apoderam do corpo. Um Espírito que, como o de Frédégonde, recua diante do nome de Deus, está muito mais perto de sua conversão do que aqueles que se cobrem com a máscara do bem. Ocorre o mesmo entre os homens, onde encontrareis essas duas categorias de Espíritos encarnados.

INAUGURAÇÃO DE VÁRIOS GRUPOS E SOCIEDADES ESPÍRITAS.

As reuniões espíritas que se formam são tão numerosas que nos seria impossível citar todas as boas palavras que são ditas a esse respeito, e que testemunham os sentimentos que a Doutrina estimula. O novo grupo que acaba de se formar na ilha de Oléron é tanto mais digno de simpatia quanto o Espiritismo foi, nessas regiões, o objeto de uma oposição bastante viva. Reportamos um dos discursos que foram pronunciados nessa circunstância, para provar de que maneira os Espíritas respondem aos seus adversários.

DISCURSO DO PRESIDENTE DA SOCIEDADE ESPÍRITA DE MARENNES.

"Senhores e caros irmãos espíritas de Oléron,

"A extensão que o Espiritismo toma cada dia em nossas regiões, é a prova mais evidente da impotência dos ataques dos quais é objeto; é que, assim como o disse o senhor Alian Kardec: "De duas coisas uma, ou é um erro ou é uma verdade; se for um erro cairá por si mesmo, como todas as utopias que não tiveram senão uma existência efêmera, e que morreram por falta da base sólida, única que pode dar a vida; se for uma dessas grandes verdades que, pela vontade de Deus, devem tomar lugar na história do mundo, e marcar uma era de progresso da Humanidade, nada poderia deter-lhe a marcha."

"A experiência aí está para mostrar em qual dessas duas categorias deve estar alinhado. A facilidade com a qual é aceito pelas massas, dizemos mais: a felicidade, a consolação, a coragem conta a adversidade que se haure nesta crença, a rapidez inaudita de sua propagação, não são o fato de uma idéia sem valor. O sistema mais excêntrico pode formar seita, e agrupar ao seu redor alguns partidários; mas como uma árvore sem raízes, se desfolha prontamente, e morre sem produzir rebentos. Ocorre assim com o Espiritismo? Não, vós o sabeis tão bem quanto eu. Desde o seu aparecimento, não parou de crescer, apesar dos ataques de que foi objeto, e hoje plantou sua bandeira sobre todos os pontos do globo; seus partidários contam-se por milhões; e considerando-se o caminho que fez há dez anos, pode-se julgar o que ele será em dez anos daqui, tanto mais quanto os obstáculos se aplainam, à medida que ele avança, e que o número de seus adeptos aumenta. Pode-se, pois, dizer, com o Sr. Allan Kardec, que hoje o Espiritismo é um fato realizado; a árvore tomou raiz; não lhe resta mais senão desenvolver-se, e tudo concorre para lhe ser favorável; porque, apesar de algumas borrascas, o vento está para o Espiritismo; seria preciso ser cego para não reconhecê-lo.

"Uma circunstância contribuiu poderosamente para a sua extensão, é que não é exclusivo de alguma religião; sua divisa: *Fora da caridade não há salvação* pertence a todas; ao mesmo tempo, é a bandeira da tolerância, da união e da fraternidade, ao redor da qual todo o mundo pode se unir sem renunciar à sua crença particular. Começa-se a compreender que é uma garantia de segurança para a sociedade. Quanto a mim, caros irmãos, vou mais longe, e penso que sois de minha opinião quando digo: Quando todos os povos tiverem inscrito sobre a sua bandeira: *Fora da caridade não há salvação*, a paz do mundo estará assegurada, e todos os povos viverão como irmãos. Não é senão um belo sonho? Não, senhores, é a promessa feita pelo Cristo, e estamos no tempo de seu cumprimento.

"Que somos, nós outros, no grande movimento que se opera? Somos obscuros trabalhadores que trazemos a nossa pedra ao edifício, mas quando milhões de operários tiverem trazido milhões de pedras, o edifício será terminado. Trabalhem, pois, com zelo e perseverança, sem nos desencorajar pela pequenez do sulco que traçamos, uma vez que numerosos sulcos se traçam ao nosso redor. Permiti-me uma comparação material, mas que responde a este pensamento. No começo das estradas de ferro, cada pequena localidade quis ter a sua parte; cada uma dessas partes era pouca coisa em si mesma, mas quando todas foram reunidas, teve-se essa imensa rede que cobre hoje o mundo e abaixa as barreiras dos povos. As estradas de ferro fizeram cair as barreiras materiais; a

palavra de ordem: *Fora da caridade não há salvação* fará cair as barreiras morais; sobretudo, fará cessar o antagonismo religioso, porque então Judeus, Católicos, Protestantes, Muçulmanos, se estenderão as mãos, adorando, cada um à sua maneira, o único Deus de misericórdia e de paz que é o mesmo para todos.

"O objetivo é grande, como o vedes, senhores e caros irmãos; restar-nos-ia a examinar a organização de nossa pequena esfera, para dela fazer uma organização útil do conjunto. Para isso, nossa tarefa se tornou fácil pelas instruções que encontramos nas obras de nosso chefe venerado, tornadas, pode-se dizer, as obras clássicas da Doutrina. Seguindo-as pontualmente, estamos certos de não nos desviarmos num falso caminho, porque essas instruções são o fruto da experiência. Que cada um de nós medite, pois, com cuidado essas obras, e nelas encontraremos tudo o que nos é necessário; aliás, disto estou seguro, o apoio e os conselhos do mestre jamais nos faltarão. Não é permitido a nenhum de nós esquecer que, se a esperança e a fé reentraram na maioria de nossos corações, se muitos dentre nós foram arrancados ao materialismo e à incredulidade, devemos à sua coragem perseverante, ao seu zelo, que nem as calúnias, nem as diatribes, nem os ataques de todas as espécies não abalaram. O primeiro soube compreender a importância imensa do Espiritismo, e desde então tudo sacrificou para difundir-lhe os benefícios entre seus irmãos da Terra. Dizemos-lhe: evidentemente, foi escolhido para esse grande apostolado, porque é impossível desconhecer que cumpre uma missão moralizadora entre nós. Proponho-vos, senhores, votar-lhe os agradecimentos que todos os verdadeiros e sinceros Espíritas lhe devemos. Pecamos a Deus, ao mesmo tempo, continuar a sustentá-lo numa empresa que é o único que está à altura de fazer frutificar completamente.

"Algumas palavras ainda, senhores, sobre o caráter desta reunião. A máxima que nos serve de guia é de natureza a tranquilizar aqueles que o nome do Espiritismo poderia assustar. O que se pode, com efeito, temer de pessoas que fazem do princípio da caridade para todos, amigos e inimigos, a regra de sua conduta? E esse princípio é para nós tão sério, que dele nos fazemos a condição expressa de nossa salvação. Não é a melhor garantia que poderíamos dar de nossas intenções pacíficas? Quem poderia, pois, ver com mau olhar, mesmo entre aqueles que não partilham nossas crenças, pessoas que não pregam senão a tolerância, a união e a concórdia, e cujo único objetivo é conduzir a Deus aqueles que dele se afastam, de combater o materialismo e a incredulidade que invadem a sociedade e a ameaçam em seus fundamentos?

"Dirijamo-nos, pois, àqueles que não crêem, e o campo a colher é bastante vasto, assim como o disse o senhor Allan Kardec; em virtude mesmo do princípio da caridade que nos serve de guia, guardemo-nos de ir perturbar qualquer consciência; acolhamos como irmãos aqueles que vêm a nós, e não procuremos constranger ninguém em sua fé religiosa. Não viemos elevar altar contra altar, mas elevá-lo onde não o havia. Aqueles que acharem os nossos princípios bons, o adotarão; aqueles que os acharem maus, os deixarão de lado, e por isso não os consideraremos menos como irmãos; se nos atiram uma pedra, pediremos a Deus perdoar-lhes sua falta de caridade, e chamá-los ao Evangelho e ao exemplo de Jesus Cristo, Nosso Senhor, que orou por seus carrascos.

"Oremos, pois, também, caros irmãos, a fim de que Deus se digne estender sobre nós a sua misericórdia, e nos perdoar nossas faltas, como perdoamos àqueles que nos desejam o mal. Digamos todos, do fundo do coração:

"Senhor, Deus Todo-Poderoso, que vedes no fundo das almas e vedes a pureza de nossas intenções, dignai-vos nos sustentar em nossa obra, e protegei o nosso chefe; dai-nos a força de suportar com coragem e resignação, e como provas para a nossa fé e nossa perseverança, as misérias que a malevolência poderia nos suscitar; fazei que, a exemplo dos primeiros mártires cristãos, estejamos prontos a todos os sacrifícios para vos provar a nossa submissão à vossa santa vontade. Que são, aliás, os sacrifícios dos bens deste mundo quando se tem, como devem tê-lo todos os Espíritas sinceros, a certeza dos

bens imperecíveis da vida futura! Fazei, Senhor, que as preocupações da vida terrestre não nos desviem do caminho santo no qual nos haveis conduzido, e dignai-nos enviar os bons Espíritos para nos manterem no caminho do bem; que a caridade, que é a vossa lei e a nossa, nos torne indulgentes para com as faltas de nossos irmãos; que ela abafe em nós todo sentimento de orgulho, de ódio, de inveja e de ciúme, e nos torne bons e benevolentes para todo o mundo, a fim de que preguemos pelos exemplos tanto quanto pelas palavras."

Estando reunidos, nessa ocasião, os delegados de diversos grupos das localidades vizinhas, aos seus novos irmãos em crença; vários outros discursos foram pronunciados, que todos testemunhando e um perfeito acordo de um verdadeiro espírito do Espiritismo; lamentamos que a falta de espaço não nos permita citá-los, assim como uma notável comunicação obtida nessa sessão, assinada por *François-Nicolas Madeleine*, que traça em termos simples e tocantes os deveres do verdadeiro Espírita.

Em Lyon, um novo grupo acaba de se formar em condições especiais, que merecem ser assinaladas, como encorajamento e bom exemplo. Essa reunião tem um duplo objetivo: a instrução e a beneficência. Sob o aspecto da instrução, propõe-se fazer uma parte menor do que se não o faz, geralmente, nas comunicações medianímicas, e disso fazer, em compensação, uma maior às instruções orais, tendo em vista desenvolver e explicar os princípios do Espiritismo. Sob o aspecto da beneficência, a nova sociedade se propõe vir em ajuda às pessoas necessitadas, por doações em natureza de objetos usuais, tais como roupa branca, vestuário, etc. Além disso do que poderia recolher, as senhoras que dela tomam parte fornecem seu contingente por seus trabalhos pessoais para a confecção, e para as visitas aos pobres enfermos. Um dos membros dessa sociedade nos escreveu a esse respeito: "Graças ao zelo da senhora G..., Lyon vai logo contar com uma reunião espírita a mais. Essa reunião alcançará o objetivo a que se propôs? Será o futuro que isso decidirá. Se ela é pouco numerosa ainda, encerra pelo menos elementos devotados, cheios de fé e de caridade. Podemos fracassar em nosso empreendimento, mas nossas intenções ao menos são boas; nos bastará que a sociedade de Paris, sob a égide da qual nos colocamos, nos aprove e nos ajude com seus conselhos, para que perseveremos com a ajuda de seu apoio moral."

Este apoio não faltará jamais a toda obra fundada segundo o verdadeiro espírito do Espiritismo, e que tem por objetivo a realização do bem. A Sociedade de Paris é sempre feliz de ver a Doutrina levar bons frutos; não declinará de toda solidariedade senão a respeito dos grupos ou sociedades que, desconhecendo o princípio de caridade e de fraternidade sem o qual não há verdadeiros Espíritos, veriam as outras reuniões com mau olho, lançando-lhes a pedra ou procurando denegri-las sob um pretexto qualquer. A caridade e a fraternidade se reconhecem por suas obras e não por palavras; é uma medida de apreciação que não pode enganar senão àqueles que se cegam quanto ao seu próprio mérito, mas não os terceiros desinteressados; é a pedra de toque pela qual se reconhece a sinceridade dos sentimentos; e quando se fala em caridade, em Espiritismo, sabe-se de que não se trata somente daquela que dá, mas também e sobretudo daquela que esquece e perdoa, que é benevolente e indulgente, que repudia todo sentimento de ciúme e de rancor. Toda reunião espírita que não estivesse fundada sobre o princípio da verdadeira caridade, seria mais nociva do que útil à causa, porque tenderia a dividir em lugar de reunir; levaria, aliás, em si mesma, o seu elemento destruidor. Nossas simpatias pessoais serão, pois, sempre adquiridas de todas aquelas que provarem, por seus atos, o bom espírito que as anima, porque os bons Espíritos não podem inspirar senão o bem.

No próximo número, falaremos das novas sociedades espíritas de Bruxelas, de Turim e de Smyrna, que se colocam igualmente sob o patrocínio da Sociedade de Paris.

PERGUNTAS E PROBLEMAS.

Progresso nas primeiras encarnações.

Pergunta. Duas almas, criadas simples e ignorantes, não conhecem nem o bem nem o mal, vindo sobre a Terra. Se, numa primeira existência, uma segue o caminho do bem e a outra o do mal, como é, de alguma sorte, o acaso que as conduz, não merecem nem punição nem recompensa. Essa primeira viagem terrestre não deve ter servido senão a dar, a cada uma, a consciência de sua existência, consciência que não tinha de início. Para ser lógico, seria preciso admitir que as punições e as recompensas não começam a ser infligidas, ou concedidas, senão a partir da segunda encarnação, quando os Espíritos sabem distinguir o bem dentre o mal, experiência que lhes falta em sua criação, mas que adquiriram por meio de sua primeira encarnação. Esta opinião é fundada?

Resposta. Embora esta questão já esteja resolvida pela Doutrina Espírita, vamos respondê-la para a instrução de todos.

Ignoramos absolutamente em quais condições são as primeiras encarnações da alma; é um desses princípios das coisas que estão nos segredos de Deus. Sabemos somente que elas são criadas simples e ignorantes, tendo todas assim um mesmo ponto de partida, o que está conforme à justiça; o que sabemos ainda, é que o livre arbítrio não se desenvolve senão pouco a pouco e depois de numerosas evoluções na vida corpórea. Não é, pois, nem depois da primeira, nem depois da segunda encarnação que a alma tem uma consciência bastante limpa de si mesma, para ser responsável por seus atos; não é talvez senão depois da centésima, talvez da milésima; ocorre o mesmo com a criança que não goza da plenitude das suas faculdades nem um, nem dois dias depois de seu nascimento, mas depois dos anos. E ainda, então que a alma goza de seu livre arbítrio, a responsabilidade cresce em razão do desenvolvimento de sua inteligência; assim é, por exemplo, que um selvagem que come seus semelhantes é menos punido do que o homem civilizado, que comete uma simples injustiça. Nossos selvagens, sem dúvida, estão muito atrasados com relação a nós, e, no entanto, estão muito longe de seu ponto de partida. Durante longos períodos, a alma encarnada está submetida à influência exclusiva dos instintos de conservação; pouco a pouco esses instintos se transformam em instintos inteligentes, ou, para melhor dizer, se equilibram com a inteligência; mais tarde, e *sempre gradualmente*, a inteligência domina os instintos; é então somente que começa a responsabilidade séria.

O autor da pergunta comete, além disso, dois erros graves: o primeiro é admitir que o acaso decide do bom ou do mau caminho que o Espírito segue em seu princípio. Se houvesse acaso ou fatalidade, toda responsabilidade seria injusta. Como dissemos, o Espírito está, durante numerosas encarnações, num estado inconsciente; a luz da inteligência não se faz senão pouco a pouco, e a responsabilidade real não começa senão quando o Espírito age livremente e com conhecimento de causa.

O segundo erro é admitir que as primeiras encarnações humanas têm lugar sobre a Terra. A Terra foi, mas não é mais um mundo primitivo; os seres humanos mais atrasados que se acham sobre a sua superfície já despojaram os primeiros cueiros da encarnação, e nossos selvagens estão em progresso comparativamente ao que tinham antes de seu Espírito vir se encarnar sobre este globo. Que se julgue agora no número de existências que são necessárias a esses selvagens para transporem todos os graus que os separam da civilização mais avançada; todos esses graus intermediários se encontram sobre a Terra sem *solução de continuidade*, e pode-se segui-los observando-se as nuances que distinguem os diferentes povos; não há senão o começo e o fim que aqui não se encontram; o começo se perde para nós nas profundezas do passado, que não nos é dado penetrar. Isto, de resto, pouco nos importa, uma vez que este conhecimento não nos adiantaria em nada. Nós não somos perfeitos, eis o que é positivo; sabemos que as nossas imperfeições são os nossos únicos obstáculos para a nossa felicidade futura, estudemos, pois, a fim de nos aperfeiçoarmos. No ponto onde estamos, a inteligência está bas-

tante desenvolvida para permitir ao homem julgar sadiamente o bem e o mal, e é neste ponto também que sua responsabilidade está mais empenhada; porque não se pode mais dizer dele o que disse Jesus: "Perdoai-lhes, Senhor, porque não sabem o que fazem."

VARIEDADES

Fontenelle e os Espíritos batedores.

Devemos ao zelo do Sr. Flammarion a comunicação de uma carta que lhe foi dirigida e que contém o relato seguinte:

Imaginais-vos provavelmente, caro senhor, ser o primeiro astrônomo que tenha se ocupado de Espiritismo; desenganai-vos; há um século e meio, Fontenelle fazia a tiptologia, com a senhorita Letard, médium. Divertindo-me esta manhã em folhear um velho manual epistolar, publicado por Philipon de la Madeleine, há cinqüenta anos, encontro uma carta da senhorita de Launai, que foi mais tarde a senhora de Staal, dirigida da parte da duquesa do Maine, ao secretário da Academia das ciências, relativamente a uma aventura da qual eis o resumo.

Em 1713, uma jovem chamada Letard, pretendeu ter com os Espíritos um comércio, tal qual Sócrates o teve com o seu demônio. O Sr. de Fontenelle foi ver essa jovem, e como deixasse ver em seus propósitos algumas dúvidas sobre essa espécie de charlatanismo, a senhora do Maine (que não duvidava) encarregou a senhorita de Launai de lhe escrever a esse respeito.

PHILIPON DE LA MADELEINE.

Acha-se sobre esse fato a nota seguinte numa edição das obras escolhidas de Fontenelle, publicada em Londres em 1761.

Uma jovem, chamada senhorita Letard, despertou no começo desse século a curiosidade do público por um pretenso prodígio. Todo o mundo para ali correu, e o Sr. de Fontenelle, convidado pelo Mons. o duque de Orléans, foi também ver a maravilha. Foi a esse respeito que a senhorita de Launai lhe escrevera. - Eis essa carta:

"A aventura da senhorita Letard fez menos ruído, senhor, do que o testemunho que dela haveis prestado. Espanta-se, e talvez com alguma razão, de que o destruidor dos oráculos, aquele que transtornou o tripé das sibilas, se tenha colocado de joelhos diante da senhorita Letard. O quê! dizem os críticos, esse homem que colocou às claras as fraudes feitas a mil léguas longe, e mais de dois mil anos antes dele, não pôde descobrir uma fraude tramada sob seus olhos! Os requintados pretendem que, como bom pirrônico, achando tudo incerto, vós achais tudo possível. De um outro lado, os devotos parecem muito edificadas com as homenagens que prestastes ao diabo; esperam que isso poderá ir mais longe. Por mim, senhor, suspendo meu julgamento até que esteja melhor esclarecida."

Resposta do Sr. de Fontenelle:

"Terei a honra, senhorita, de vos responder a mesma coisa que respondi a um de meus amigos, que me escreveu de Marly, no dia seguinte que estive com o *Espírito*. Participo-lhe que tinha ouvido ruídos dos quais não conhecia a mecânica; mas que, para decidir, seria preciso um exame mais exato do que aquele que tinha feito, e repeti-lo. Não mudei de linguagem; mas porque não decidi absolutamente senão que era um artifício, imputei-lhe de crer que era um duende; e como o público não se detém em tão bom caminho, me fez dizê-lo. Não há grande mal nisso. Se não se fizer o erro de me atribuir um discurso que não tive, se me faz a honra da atenção sobre mim, e um irá para o outro. Não acreditei dever descrever das velhas profetisas de Delfos, isso fosse um convite para

destruir uma jovem viva e da qual não se havia falado senão bem. Se, no entanto, achasse que faltei ao meu dever, uma outra vez tomarei um tom mais impiedoso e mais filosófico. Há muito tempo que se me censura a minha pouca severidade. É preciso que eu seja bem incorrigível, uma vez que a idade, a experiência e as injustiças do mundo nisso não me fazem bem. Eis, senhorita, tudo o que posso vos dizer sobre o *Espírito* que me atraiu uma carta que eu supô-la-ia, de bom grado, ter ditado, uma vez que, enfim, não estou longe de nisso crer. Quando me virá também um demônio familiar, vos diria com mais graça e com um tom mais engenhoso, mas não com mais sinceridade, que sou, etc."

Nota. - Fontenelle, como se vê, não se pronuncia nem pró nem contra, e se limita a constatar o fato; era da prudência, do que falta à maioria dos negadores de nossa época, que decidem sobre o que não se deram mesmo ao trabalho de observar, com risco de receberem mais tarde o desmentido da experiência. No entanto, é evidente que se inclina para a afirmativa, coisa notável para um homem em sua posição e no século de ceticismo por excelência. Longe de acusar a senhorita Letard de charlatanismo, reconhece que dela não se pode falar senão bem. Talvez mesmo estivesse mais convencido do que não queria parecer, e não estava retido senão pelo temor do ridículo, tão poderoso nessa época. Todavia, seria preciso que estivesse bem abalado, para não dizer, sem cerimônia que era uma fraude; ora, sua opinião sobre esse ponto é importante. Descartada a questão do charlatanismo, fica evidente que a senhorita Letard era uma médium espontânea no gênero das senhoritas Fox.

Santo Atanásio, espírita sem o saber.

A passagem seguinte, tirada de Santo Atanásio, patriarca de Alexandria, um dos Pais da Igreja grega, parece ter sido escrita sob a inspiração das idéias espíritas de hoje.

"A alma não morre, mas o corpo morre quando ela dele se afasta. A própria alma é o seu próprio motor; o movimento da alma é a sua vida. Mesmo quando está prisioneira no corpo, e como amarrada nele, ela não se diminui às suas estreitas proporções, não se encerra nele; mas, freqüentemente, quando o corpo está estendido imóvel, e como inanimado, permanece desperta por sua própria virtude; e, *saindo da matéria, embora nela se prenda ainda*, ela concebe, contempla as existências além do globo terrestre; vê os santos desligados do envoltório dos corpos, vê os anjos e sobe até eles na liberdade de sua pura inocência.

"Inteiramente separado do corpo, e quando praza a Deus tirar-lhe a cadeia que lhe impõe, não terá ela, eu vos peço, uma visão muito mais clara de sua natureza imortal? Se hoje mesmo, e nos entraves da carne, ela já vive *de uma vida toda exterior*, viverá muito mais depois da morte do corpo, graças a Deus que, por seu Verbo, a fez assim. Ela compreende, abarca em si as idéias de eternidade, as idéias de infinito, porque é imortal. Do mesmo modo que o corpo, que é mortal, nada percebe senão de material e de perecível, assim a alma que vê e medita as coisas imortais, é necessariamente imortal ela mesma, e viverá sempre: porque os pensamentos e as imagens de imortalidade não a deixam jamais e são nela como um foco vivo que nutre e assegura a sua imortalidade."

(SanctAtan. Oper., t. I, p. 32. - VILLEMMAIN, Quadro da eloquência cristã rio quarto século.)

Não está aí, com efeito, uma pintura exata da irradiação exterior da alma durante a vida corpórea, e sua emancipação no sono, o êxtase, o sonambulismo e a catalepsia? O Espiritismo diz exatamente a mesma coisa, e prova-a pela experiência.

Com as idéias esparsas contidas na Bíblia, nos Evangelhos, nos Apóstolos e nos Pais da Igreja, sem falar dos escritores profanos, pode-se constituir toda a Doutrina Espírita moderna. Os comentários que foram feitos desses escritos, geralmente, o foram sob um ponto de vista exclusivo e com idéias preconcebidas, e muitos ali não viram senão o

que queriam ver, ou faltava a chave necessária para ali ver outra coisa; mas, hoje, o Espiritismo é a chave que dá o verdadeiro sentido das passagens mal compreendidas. Até o presente esses fragmentos são recolhidos parcialmente, mas virá um dia em que os homens de paciência e de saber, e cuja autoridade não poderá ser desconhecida, farão desse estudo o objeto de um trabalho especial e completo, que lançará a luz sobre todas essas questões, e, diante da evidência claramente demonstrada, será preciso muito se render. Esse trabalho considerável será, cremos poder dizer-lo, a obra de membros eminentes da Igreja, que receberão essa missão, porque compreenderão que a religião deve ser progressiva como a Humanidade, sob pena de ser extravasada, porque há idéias retrógradas em religião como em política; em semelhante caso, não avançar é recuar. O que faz os incrédulos, é precisamente porque a religião se mantém fora do movimento científico e progressivo; ela faz mais: declara esse movimento a obra do demônio, e o tem sempre combatido. Disso resulta que a ciência, sendo repelida pela religião, a seu turno, repele a religião; daí um antagonismo que não cessará senão quando a religião compreender que não só deve caminhar com o progresso, mas que deve ser um elemento de progresso. Todo o mundo crera em Deus, quando ela não o apresentar em contradição com as leis da Natureza, que são obra sua.

Extrato do Opinion nationale.

Num artigo político muito sério sobre a Polônia, assinado por Bonneau, publicado no *Opinion nationale* de 10 de novembro de 1863, lê-se a passagem seguinte:

"Que François-Joseph evoque a sombra em sua ajuda, que peça conselho a Marie-Thérèse, alma sofredora, perseguida pelo remorso da Polônia desmembrada, e a luz se fará de repente a seus olhos."

Essas palavras não têm necessidade de comentário. Tínhamos razão em dizer, mais acima, que a idéia espírita penetra por toda a parte; ali onde é arrastada, apesar de si, logo transbordará.

Um Espírito batedor no século XVI.

Lê-se na *Histoire de saint Martial*, apóstolo das Gálias e notadamente do Aquitaine e do Limousin, pelo Rev. Pé. Bonaventur-re de Saint-Amable, religioso carmelita descalço, 3ª parte, p. 752:

"No ano de 1518, no mês de dezembro, na casa de Pierre Juge, comerciante de Limorges, um Espírito, durante quinze dias, fez grande ruído, batendo sobre as portas, as pranchas e o piso, e mudava os utensílios de um lugar para um outro. Vários religiosos ali foram dizer a missa, e passar a noite em vigília, com as velas acesas e a água benta, sem que quisesse falar. Um jovem de dezesseis anos, nativo de Ussel, que servia esse comerciante, confessou que esse Espírito, freqüentemente, o havia molestado em sua casa e em vários outros lugares, e acrescentou que um seu parente, que o fizera herdeiro, tinha morrido na guerra, e que, com freqüência, apareceu a vários de seus parentes, e tinha ferido sua irmã, que morrera três dias depois. O supradito comerciante Juge, tendo despedido esse jovem, todo esse ruído cessou."

Esse jovem, evidentemente, era um médium inconsciente, de efeitos físicos, como sempre o foi. O conhecimento das leis que regem as relações do mundo visível e do mundo invisível fazem reentrar todos esses fatos, pretensamente maravilhosos, no domínio das leis naturais.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

7^a ANO

NO. 2

FEVEREIRO 1864

O SR. HOME EM ROMA.

Vários jornais reproduziram o artigo seguinte:

"O incidente da semana, escreveu-se de Roma ao *Times*, é a ordem dada ao Sr. Home, o célebre médium, de deixar a cidade pontifícia em três dias.

"Convidado a se apresentar diante da polícia romana, o Sr. Home sofreu um interrogatório segundo as leis. Perguntou-se-lhe quanto tempo pensava ficar em Roma; se estava entregue às práticas do Espiritismo desde sua conversão ao catolicismo, etc., etc. Eis algumas das palavras trocadas nessa circunstância, tais como o próprio Sr. Home consignou-as em suas notas particulares, que comunica bastante facilmente, ao que parece.

- Depois de vossa conversão ao catolicismo, tendes exercido vosso poder de médium? - Nem depois nem antes exerci esse poder, porque, como não depende de minha vontade, não posso dizer que o exerço. - Considerais esse poder como um dom da Natureza? - Considero-o como um dom de Deus. - Que religião os Espíritos ensinam? - Isso depende. - Que fazeis para fazê-los vir? Respondi que não fazia nada; mas, no mesmo instante, pancadas repetidas e distintas se fizeram ouvir sobre a mesa onde meu interrogador escrevia. "Mas também fazeis as mesas se moverem?" disse-me. No mesmo instante a mesa se pôs em movimento."

"Pouco tocado desses prodígios, o chefe da polícia convidou o mágico a deixar Roma em três dias. O Sr. Home se abrigoando, como era seu direito, sob a proteção das leis internacionais, referiu isso ao cônsul da Inglaterra, que obteve do Sr. Matteucci que o muito célebre médium não fosse inquietado e que poderia continuar sua permanência em Roma, desde que pensasse em se abster, durante esse tempo, de toda comunicação com o mundo espiritual. Coisa espantosa! o Sr. Home acedeu a essa condição, e assinou o compromisso que se lhe pediu. Como pôde comprometer-se em não usar de um poder cujo exercício é independente de sua vontade? É o que procuraremos penetrar."

Não sabemos até que ponto esse relato é exato em todos os seus detalhes, mas uma carta escrita recentemente pelo Sr. Home a uma senhora de nosso conhecimento parece confirmar um fato principal. Quanto às pancadas tão a propósito, cremos que se pode, sem medo, colocá-las entre os gracejos aos quais nos habituaram os jornais pouco preocupados em aprofundar as coisas do outro mundo.

O Sr. Home, com efeito, está em Roma neste momento, e o motivo é muito honroso para ele para que não o digamos, uma vez que os jornais creram dever aproveitar esta ocasião para ridicularizá-lo.

O Sr. Home não é rico, e não teme dizer que deve procurar no trabalho um suplemento de recursos para prover os encargos aos quais deve recorrer. Pensou em procurar no talento natural que tem pela escultura, e foi para se aperfeiçoar nesta arte que foi a Roma. Com a notável faculdade medianímica que possui, poderia ser rico, muito rico mesmo, se tivesse querido explorá-la; a mediocridade de sua posição é a melhor resposta

ao epíteto de hábil charlatão que se lhe lançou à face. Mas ele sabe que essa faculdade lhe foi dada com um objetivo providencial, para os interesses de uma causa santa, e acreditaria cometer um sacrilégio se a convertesse em ofício. Ele tem demasiadamente o sentimento dos deveres que ela lhe impõe para não compreender que os Espíritos se manifestam pela vontade de Deus para conduzir os homens à fé na vida futura, e não para fazer demonstração de um espetáculo de curiosidades, em concorrência com os escamoteadores, nem para servir à cupidez daqueles que pretendessem explorá-los. Aliás, ele sabe também que os Espíritos não estão às ordens nem ao capricho de ninguém, e ainda menos de quem quisesse *exibir* seus fatos e gestos a tanto por sessão. Não há um só médium no mundo que possa garantir a produção de um fenômeno espírita num instante dado; donde é necessário concluir que a pretensão contrária é a prova de uma ignorância absoluta dos princípios mais elementares da ciência, e então toda suposição é permitida, porque, se os Espíritos não respondem ao chamado, ou não fazem *coisas muito espantosas* para satisfazer os curiosos e sustentar a reputação do médium, é preciso muito encontrar meio de dá-lo aos espectadores por seu dinheiro, se não se quer lhes restituí-lo.

Não saberíamos muito repetir, a melhor garantia de sinceridade é o desinteresse absoluto. Um médium é sempre forte quando pode responder àqueles que suspeitassem de sua boa fé: "Quanto pagastes para vir aqui?"

Ainda uma vez, a mediunidade séria não pode ser, e não será jamais, uma profissão; não só porque estaria desacreditada moralmente, mas porque repousa sobre uma faculdade essencialmente móvel, fugidia e variável, que nenhum daqueles que a possui hoje não está seguro de possuí-la amanhã; só os charlatães estão sempre certos de si mesmos. Outra coisa é um talento adquirido pelo estudo e pelo trabalho, que, por isso mesmo, é uma propriedade da qual é naturalmente permitido tirar partido; a mediunidade não está neste caso; explorá-la é dispor de uma coisa da qual não se é realmente senhor; é desviá-la de seu objetivo providencial; há mais: não é de *si mesmo* do que se dispõe, são os Espíritos, as almas dos mortos cujo concurso é posto a preço. Este pensamento repugna instintivamente. É porque em todos os centros sérios onde se ocupa do Espiritismo santamente, religiosamente, como em Lyon, Bordeaux e tantos outros, os médiuns exploradores seriam completamente desconsiderados.

Que aquele que, pois, não tem de que viver procure em outra parte os recursos e nela não consagre, se for preciso, senão o tempo que pode dar-lhe materialmente; os Espíritos levarão em conta o seu devotamento e os seus sacrifícios, ao passo que punem, cedo ou tarde, aqueles que dela esperam se fazerem um degrau, seja pela retirada da faculdade, afastando-o dos bons Espíritos, as mistificações comprometedoras, seja por meios mais desagradáveis ainda, assim como a experiência o prova.

O Sr. Home sabe muito bem que perderia a assistência de seus bons Espíritos protetores se abusasse de sua faculdade. Sua primeira punição seria perder a estima e a consideração das famílias honradas onde é recebido como amigo e onde não seria mais chamado senão com o mesmo título que as pessoas que vão dar representações a domicílio. Quando de sua primeira estada em Paris, sabemos que lhe foram feitas, por certos círculos, ofertas muito vantajosas para ali dar sessão, e que sempre recusou. Todos aqueles que o conhecem e compreendem os verdadeiros interesses do Espiritismo aplaudirão a resolução que toma hoje. Por nossa conta pessoal, nós lhe somos gratos do bom exemplo que dá.

Se insistimos de novo sobre a questão do desinteresse dos médiuns, é que temos razões de crer que a mediunidade *fictícia e abusiva* é um dos meios que os inimigos do Espiritismo contam empregar para procurar desacreditá-lo e apresentá-lo como uma obra de charlatanismo. É, pois, necessário que todos aqueles que se interessam pela causa da Doutrina se tenham por advertidos, a fim de desmascarar as manobras fraudulentas, se isso ocorrer, e mostrar que o Espiritismo verdadeiro nada tem de comum com as paródias

que dele se poderão fazer, e que ele repudia tudo o que se afasta do princípio moralizador que é a sua essência.

O artigo acima reportado oferece vários outros assuntos de observação. O autor crê dever qualificar o Sr. Home de mágico; não há ali nada senão de muito inocente; mas mais adiante disse: "O *muito* célebre médium", expressão empregada a respeito dos indivíduos que adquiriram uma deplorável celebridade. Onde estão, pois, os defeitos e os crimes do Sr. Home? É uma injúria gratuita, não só para ele, mas ainda para todas as pessoas respeitáveis e altamente colocadas que o recebem e que parecem assim patrocinar um homem de má fama.

A última frase do artigo é mais curiosa, porque ela encerra uma dessas contradições flagrantes das quais nossos adversários se inquietam muito pouco, de resto. O autor se admira de que o Sr. Home haja consentido no compromisso que se lhe impôs e se pergunta como pôde prometer de não usar de um poder independente de sua vontade? Se se prendesse em sabê-lo, o remeteríamos ao estudo dos fenômenos espíritas, de suas causas e de seu modo de produção, e saberia como o Sr. Home pode tomar um compromisso que, de resto, não pode concernir às manifestações que obtém na intimidade, fosse mesmo sob os ferrolhos da inquisição. Mas parece que o autor nisso não se prende tanto, porque acrescenta: "É o que procuraremos penetrar." Por essas palavras dá insidiosamente a entender que esses fenômenos não são senão da fraude.

No entanto, a medida tomada pelo governo pontifício prova que este tem medo das manifestações ostensivas; ora, não se tem medo de um malabarismo. Esse mesmo governo interditaria os supostos físicos que se fazem muito em imitar essas manifestações? Não, certamente, porque em Roma permitem-se muitas outras coisas muito menos evangélicas; por que, pois, interdita-las

ao Sr. Home? Por que querer expulsá-lo do país se não é senão um encenador? É no interesse da religião, dir-se-á; seja; mas é, pois, tão frágil essa religião que pode ser tão facilmente comprometida? Em Roma, como em outra parte, os escamoteadores executam com mais ou menos habilidade o jogo da garrafa encantada, e a água se transforma em todas espécies de vinhos, e do chapéu mágico, onde se multiplicam os pães e outros objetos; e, no entanto, não se teme que isso desacredite os milagres de Jesus Cristo, porque se sabe que não são senão imitações. Se se teme o Sr. Home, há, pois, de sua parte, alguma coisa de sério, e não jogo de habilidades.

Tal é a consequência que disso tira todo homem que reflete um pouco; não entrará no pensamento de nenhuma pessoa sensata que um governo, que uma corte soberana, composta de homens que, com razão, não passam portelos, se amedronte com um mito. Esta reflexão, não seremos os únicos a fazê-la, seguramente, e os jornais que se apressaram em dar conta desse incidente, tendo em vista torná-lo em ridículo, vão provocá-la muito naturalmente; de sorte que o resultado será, como o de tudo o que já se fez para matar o Espiritismo, de popularizar-lhe a idéia. Assim, um fato insignificante, em aparência, terá consequências mais sérias do que não se o havia pensado. Não duvidamos que não haja sido suscitado para apressar a eclosão do Espiritismo na Itália, onde já conta com muitos numerosos representantes, mesmo no clero. Não duvidamos, não mais, que a corte de Roma não se torne, cedo ou tarde, sem o querer, um dos principais instrumentos de propagação da Doutrina nesse país, porque está no destino que seus próprios adversários devem servir para difundi-la por tudo que farão para destruí-la. Cego, pois, aquele que não vê ali o dedo da Providência. Esse será, sem contradita, um dos fatos mais consideráveis da história do Espiritismo; um daqueles que melhor atestam o poder de sua origem.

PRIMEIRAS LIÇÕES DE MORAL DA INFÂNCIA.

De todas as pragas morais da sociedade, o egoísmo parece a mais difícil de desenraizar; ela é tanto mais, com efeito, quanto é entretida pelos próprios hábitos da educação. Parece que se toma, desde o berço, a tarefa de excitar certas paixões que se tornam mais tarde uma segunda natureza, e se espanta dos vícios da sociedade, então que as crianças os sugam com o leite. Eis disso um exemplo que, como cada um pode julgá-lo, pertence mais à regra do que à exceção.

Numa família de nosso conhecimento há uma pequena filha de quatro a cinco anos, de uma inteligência rara, mas que tem os pequenos defeitos das crianças mimadas, quer dizer, que ela é um pouco caprichosa, chorosa, teimosa, e não diz sempre obrigado quando se lhe dá alguma coisa, essa cujos pais têm grandemente interesse em corrigi-la, porque, à parte esses defeitos, ela tem *um coração de ouro*, expressão consagrada. Vejamos como se empenham para tirar essas pequenas nódoas e conservar ao ouro a sua pureza.

Um dia, havia sido trazido um bolo à criança, e, como é geralmente o hábito, se lhe disse: "Tu o comerás se fores obediente;" primeira lição de guloseima. Quantas vezes não chega a dizer, à mesa, a uma criança, que não comerá de tal gulodice se chorar. "Faze isto, faze aquilo, se lhe diz, e tu terás do creme" ou alguma outra coisa que possa lhe fazer inveja; e a criança se constrange, não por razão, mas tendo em vista satisfazer um desejo sensual que a aguilhoa. É bem pior ainda quando se lhe diz, o que não é menos freqüente, que se dará sua porção a um outro; aqui não é mais a gulodice só que está em jogo, é a inveja; a criança fará isso que se lhe manda, não só para ter, mas que um outro não tenha. Quer se lhe dar uma lição de generosidade? diga-se-lhe: "dá esse fruto ou esse brinquedo a um tal." Se ela recusa, não se deixe de acrescentar, para simular nela um bom sentimento: "Eu te darei um outro dele;" de maneira que a criança não se decida a ser generosa senão quando está certa de nada perder.

Fomos um dia testemunha de um fato muito característico nesse gênero. Era uma criança de dois anos e meio mais ou menos, a quem se havia feito semelhante ameaça, acrescentando-lhe: "Nós o daremos ao irmãozinho, e tu não o terás;" e, para tornar a lição mais sensível, coloca-se a porção sobre o prato deste; mas o irmãozinho, tomando a coisa a sério, come a porção. Em vista disso, a outra se torna vermelha e seria preciso não ser nem o pai nem a mãe para não ver o estrondo de cólera e de ódio que jorra de seus olhos. A semente foi lançada; pode produzir bom grão?

Retornemos à pequenina da qual falamos. Como não toma nenhuma conta da ameaça, sabendo por experiência que será executada raramente, esta vez se fez mais firme, porque compreendeu-se que seria preciso dominar esse pequeno caráter e não esperar que a idade lhe venha dar um mau hábito. E preciso formar as crianças cedo, dizia-se; máxima muito sábia, e, *para colocá-la em prática*, eis como se a toma." Eu te prometo, lhe diz sua mãe, que se tu não obedeceres, amanhã de manhã, a primeira pequena pobre que passar, dar-lhe-ei teu bolo." O que foi dito foi feito; esta vez queria-se resistir e lhe dar uma *boa* lição. No dia seguinte de manhã, pois, tendo percebido uma pequena vizinha na rua, fê-la entrar, e se obrigou a filhinha a tomá-la pela mão e a lhe dar, ela mesma, seu bolo. Sobre isso, louvores dados à sua docilidade. Moralidade: a filhinha disse: "É indifferente, se soubesse disto, teria me apressado em comer meu bolo ontem;" e todo o mundo de aplaudir a essa resposta espirituosa. A criança, com efeito, recebeu uma grande lição, mas uma lição do mais puro egoísmo, do qual não deixará de se aproveitar numa outra vez, porque ela sabe agora o que custa a generosidade forçada; resta saber que frutos dará mais tarde essa semente, quando, mais idosa, a criança fará a aplicação dessa moral em coisas mais sérias do que um bolo. Sabem-se todos os pensamentos que só esse fato pôde fazer germinar nessa jovem cabeça? Como se quer, depois disso, que uma criança não seja egoísta quando, em lugar de despertar nela o prazer de dar, e de lhe re-

presentar a felicidade daquele que recebe, se lhe impõe um sacrifício como punição? Não é inspirar a aversão pelo ato de dar, e por aqueles que têm necessidade? Um outro hábito igualmente freqüente é o de punir uma criança vendo-a comer, na cozinha, com os domésticos. A punição está menos na exclusão da mesa do que na humilhação de ir à das pessoas de serviço. Assim se encontra inoculado, desde a mais tenra infância, o vírus da sensualidade, do egoísmo, do orgulho, do desprezo aos inferiores, das paixões, em uma palavra, que são, com razão, consideradas como as pragas da Humanidade. É preciso ser dotado de uma natureza excepcionalmente boa para resistir a tais influências, produzidas na idade mais impressionável, onde elas não podem encontrar contrapeso nem na vontade nem na experiência. Por pouco, pois, que o germe das más paixões aí se encontre, o que é o caso mais comum, tendo em vista a natureza da maioria dos Espíritos que se encarnam sobre a Terra, não pode senão se desenvolver sob Essas influências, ao passo que seria preciso tentar descobrir-lhe os menores traços, para abafá-las.

Essa falta, sem dúvida, está nos pais, mas aqueles pecam freqüentemente, é preciso dizê-lo, mais por ignorância do que por má vontade; em muitos, incontestavelmente, há uma negligência culpável, mas em outros a intenção é boa, é o remédio que não vale nada ou que é mal aplicado. Sendo os primeiros médicos da alma de seus filhos, deveriam estar instruídos, não só de seus deveres, mas dos meios de cumpri-los; não basta ao médico saber que deve procurar curar, é preciso que saiba como deve fazê-lo. Ora, para os pais, onde estão os meios de se instruírem sobre essa parte tão importante de sua tarefa? Dá-se às mulheres muita instrução hoje; fazem-na suportar exames rigorosos mas jamais foi exigido de uma mãe que ela saiba como deve fazer para formar o moral de seu filho? São-lhes ensinadas receitas do governo da casa; mas se a iniciou nos mil segredos de governar os jovens corações? Os pais são, pois, abandonados sem guia à sua iniciativa, é por isso que, freqüentemente, tomam um falso caminho; também recolhem, nos erros de seus filhos tornados grandes, o fruto amargo de sua experiência ou de uma ternura mal combinada, e a sociedade toda disso recebe o contra-golpe.

Uma vez que está reconhecido que o egoísmo e o orgulho são a fonte da maioria das misérias humanas, que enquanto reinarem sobre a Terra, não se podem esperar nem paz, nem caridade, nem fraternidade, é preciso, pois, atacá-los no seu estado de embrião, sem esperar que sejam vivazes.

Pode o Espiritismo remediar esse mal? Sem nenhuma dúvida, e não hesitamos em dizer que só ele é bastante poderoso para fazê-lo cessar: pelo novo ponto de vista sob o qual faz encarar a missão e a responsabilidade dos pais; fazendo conhecer a fonte das qualidades inatas, boas ou más; mostrando-lhes a ação que se pode exercer sobre os Espíritos encarnados e desencarnados; dando-lhes a fé inabalável que sanciona os deveres; enfim, moralizando com isso os próprios pais. Já prova sua eficácia pela maneira mais racional da qual as crianças são educadas nas famílias verdadeiramente espíritas. Os novos horizontes que o Espiritismo abre fazem ver as coisas de maneira diferente; sendo seu objetivo o progresso moral da Humanidade, forçosamente deverá levar a luz sobre a séria questão da educação moral, fonte primeira da moralização das massas. Um dia compreender-se-á que esse ramo da educação tem seus princípios, suas regras, como a educação intelectual, em uma palavra, que é uma verdadeira ciência; um dia, talvez, se imporá a toda mãe de família a obrigação de possuir esses conhecimentos, como se impõe ao advogado a de conhecer o Direito.

UM DRAMA INTIMO.

Apreciação moral.

O *Monde illustre* de 7 de fevereiro de 1863 conta o drama de família seguinte, que emocionou, a justo título, a sociedade de Florence. O autor começa assim a sua narração:

"Eis a história. *Ele* era um velho de setenta e dois anos; *ela*, uma jovem de vinte anos. Havia-a esposado há três anos... Não vos revolteis! o velho conde, originário de Viterbe, era absolutamente sem família, o que é muito estranho para um milionário! Amália não era sem família, mas antes sem milhões. Para compensar as coisas, tendo-a visto quase nascer, e sabendo-a de um bom coração e de um encantador espírito, havia dito à sua mãe: "Deixai-me paternalmente esposar Amália; durante alguns anos ela cuidará de mim, e depois..."

"O casamento se fez. Amália compreende os seus deveres; ela cerca o velho dos cuidados mais assíduos, e lhe sacrifica todos os prazeres de sua idade. O conde tendo se tornado cego e um pouco paralítico, passava as mais longas horas do dia fazendo-lhe companhia, fazendo-lhe leituras, a contar tudo o que podia para distraí-lo e encantá-lo. "Quanto sois boa, minha querida criança!" exclamava freqüentemente tomando-lhe as mãos, e atraindo-a para lhe pôr sobre a fronte o casto e doce beijo da ternura e do reconhecimento.

"Um dia, no entanto, notou que Amália se afastava de sua pessoa; que, embora sempre assídua e cheia de solicitude, ela parecia temer sentar-se perto dele. Uma suspeita atravessou o seu espírito. Uma noite quando ela fazia a leitura, ele tomou-lhe o braço, atraiu-a, enlaçou seu corpo; então, lançando um grito terrível, caiu desmaiado de emoção e de cólera aos pés da jovem! Amália perdeu a cabeça; lançou-se na escada, chegando ao andar mais elevado da casa, precipitou-se pela janela e caiu despedaçada. O velho não sobreviveu senão seis horas a essa catástrofe."

Que relação, dir-se-á, essa história pode ter com o Espiritismo? Vê-se aí a intervenção de algum espírito maligno? Essas relações estão nas deduções que o Espiritismo pode ensinar a tirar das coisas em aparência mais vulgares da vida. Quando o cético ou o indiferente não vê num fato senão uma ocasião de exercer sua verve zombeteira, ou passar ao lado sem notá-lo, o Espírita observa-o e dele tira uma instrução remontando às causas providenciais, sondando-lhe as conseqüências para a vida futura, segundo os exemplos que as relações de além-túmulo lhe oferecem da justiça de Deus. No fato reportado acima, em lugar de uma simples historinha divertida entre um velho *ele* e uma jovem *ela*, ele vê duas vítimas; ora, como o interesse que leva aos infelizes não se detém no limiar da vida presente, mas os segue na vida futura, na qual tem fé, se pergunta se não há ali um duplo castigo para uma dupla falta, e se ambos não foram punidos por onde pecaram? Vê um suicídio, e como sabe que esse crime é sempre punido, pergunta-se em qual grau de responsabilidade incorre aquele que o cometeu.

Vós que credes que o Espiritismo não se ocupa senão de duendes, de aparições fantásticas, de mesas girantes e de Espíritos batedores, se vos derdes ao trabalho de estudá-lo sabereis que ele toca a todas as questões morais. Esses Espíritos que vos parecem tão risíveis, e que, no entanto, não são outros senão as almas dos homens, dão àquele que observa suas manifestações a prova de que é ele mesmo Espírito, momentaneamente ligado a um corpo; vê na morte, não o fim da vida, mas a porta da prisão que se abre diante do prisioneiro para restituí-lo à liberdade. Ensina que as vicissitudes da vida corpórea são as conseqüências das próprias imperfeições, quer dizer, das inspirações pelo passado e o presente, e provas para o futuro. Daí é naturalmente conduzido a não ver o cego acaso nesses acontecimentos, mas a mão da Providência. Para ele a equitativa sentença: *A cada um segundo suas obras* não encontra somente sua aplicação para além do túmulo, mas também sobre a própria Terra. E porque tudo o que se passa

ao redor dele tem o seu valor, sua razão de ser; ele estuda para disso tirar seu proveito e regular sua conduta em vista do futuro, que para ele é uma realidade demonstrada. Remontando às causas das infelicidades que o afligem, ensina a não mais disso acusar a sorte ou a fatalidade, mas a si mesmo.

Não tendo esta digressão outro objetivo senão demonstrar que o Espiritismo se ocupa de outra coisa que dos Espíritos batedores, retornemos ao nosso assunto. Uma vez que o fato se tornou público, é permitido apreciá-lo, tanto melhor quando não designamos a ninguém nominalmente.

Examinando-se a coisa do ponto de vista puramente mundano, a maioria ali não verá senão a conseqüência muito natural de uma união desproporcionada, e lançarão ao velho a pedra do ridículo por todo discurso fúnebre; outros acusarão de ingratidão a jovem que enganou a confiança do homem generoso que queria enriquecê-la; mas ela tem para o Espírita um lado mais sério, porque nela procura um ensinamento. Nós nos perguntaremos, pois, se na ação do velho não havia mais egoísmo do que generosidade a prender uma jovem, quase uma criança, à sua caducidade pelos laços indissolúveis que podem conduzi-la à idade onde antes deve-se sonhar na retirada que em gozar do mundo? se, impondo-lhe esse duro sacrifício, isso não era lhe fazer pagar bem caro a fortuna que lhe prometia? Quanto à jovem, não podia aceitar esses laços senão com a perspectiva de vê-los logo quebrados, uma vez que nenhum motivo de afeição a ligava ao velho. Havia, pois, cálculo dos dois lados e esse cálculo foi frustrado; Deus não permitiu que dele aproveitassem nem um nem o outro: a um infligiu a desilusão, ao outro a vergonha, que mata-ram a ambos.

Resta a responsabilidade do suicídio, que jamais é impune, mas que encontra sempre circunstâncias atenuantes. A mãe da jovem, para encorajá-la a aceitar, lhe havia dito: "Com essa grande fortuna farás a felicidade do homem pobre que amarás. À espera disso, honra e respeita esse grande coração que quis te instituir sua herdeira, durante o que lhe *resta* de vida." Era tomá-la por seu lado sensível; mas para gozar os benefícios desse grande coração, que teria sido muito grande de outro modo se a tivesse dotado sem interesse, seria preciso especular sobre a duração de sua vida. A filha errou em ceder, mas a mãe teve um erro maior em excitá-la, e, seguramente, é ela que incorrerá na maior parte da responsabilidade do suicídio de sua filha. É assim que aquele que se mata para escapar à miséria é culpado de falta de coragem e de resignação, mas muito mais culpável ainda é aquele que é a causa primeira desse ato de desespero. Eis o que o Espiritismo ensina pelos exemplos que se coloca sob os olhos daqueles que estudam o mundo invisível. Quanto à mãe, sua punição começa nesta vida, primeiro pela morte terrível de sua filha, cuja imagem talvez irá persegui-la e atormentá-la de remorsos, em seguida pela inutilidade para ela do sacrifício que provocou, porque tendo o marido morrido seis horas depois de sua mulher, toda a sua fortuna torna aos colaterais distantes, e ela não a aproveitará.

Os jornais estão cheios de fatos de todos os gêneros, louváveis ou censuráveis, que podem oferecer, como o que acabamos de reportar, o assunto de estudos morais sérios; é para os Espíritas uma mina inesgotável de observações e de instruções. O Espiritismo lhes dá os meios de ali descobrir o que passa desapercibido para os indiferentes, e ainda mais para os céticos que nisso não vêem, geralmente, senão o fato mais ou menos picante, sem procurar-lhe nem as causas nem as conseqüências. Para os grupos, é um elemento fecundo de trabalho, no qual os Espíritos protetores não deixarão de ajudar, dando-lhe a sua apreciação.

O ESPIRITISMO NAS PRISÕES.

Na *Revista* de novembro de 1863, página 350, publicamos uma carta de um condenado detido numa casa central, como prova da influência moralizadora do Espiritismo. A carta seguinte, de um condenado numa outra prisão, é um exemplo a mais dessa poderosa influência. Ela é de 27 de dezembro de 1863; nós a transcrevemos textualmente quanto ao estilo; dela não corrigimos senão as faltas de ortografia.

"Senhor,

"Há poucos dias, quando se me falou pela primeira vez do Espiritismo e da revelação de além-túmulo, eu ri, e disse que isso não era possível; falava como um ignorante que sou. Alguns dias depois, teve-se a bondade de me confiar, na minha terrível posição onde me encontro agora, vosso bom e excelente *O Livro dos Espíritos*; de início li algumas páginas com incredulidade, não querendo, ou antes não crendo nessa ciência; enfim, pouco a pouco e sem disso me aperceber, tomei gosto por ele; depois tomei a coisa a sério; depois reli pela segunda vez vosso livro, mas então com um outro espírito, quer dizer, com calma, e com toda a pouca inteligência que Deus me deu. Senti, então, despertar essa velha fé que minha mãe havia me posto no coração e que dormia há muito tempo; senti o desejo de me esclarecer sobre o Espiritismo. A partir desse momento, tive um pensamento muito firme, o de me dar conta, de aprender, de ver, e depois de julgar. Coloquei-me à obra com toda a crença que se pode ter e que é preciso crer em Deus e seu poder; desejava ver a verdade, pedia com fervor, e recomecei as experiências; as primeiras foram nulas, sem nenhum resultado.

"Não me desencorajei, perseverei em minhas experiências e em minha fé, redobrei minhas preces, que talvez não eram bastante fervorosas, e me entreguei ao trabalho com toda a convicção de uma alma crente e que espera. Ao cabo de algumas noites, porque não posso fazer minhas experiências senão à noite, senti, em torno de dez minutos, estremezimento na ponta dos dedos e uma pequena sensação sobre o braço como se tivesse sentido correr um pequeno riacho de água tépida, que parava no punho. Estava então todo recolhido, todo atenção, e cheio de fé. Meu lápis traçou algumas linhas perfeitamente legíveis, mas não bastante corretas para não crer que estavam sob o peso de uma alucinação. Esperei, pois, com paciência a noite seguinte para recomeçar minhas experiências, e esta vez agradei a Deus de todo o coração, tinha obtido mais do que não ousava esperar.

"Depois, todas as duas noites, me entretenho com os Espíritos que são bastante bons para responderem ao meu chamado, e, em menos de dez minutos, me respondem sempre com caridade; escrevo meias-páginas, páginas inteiras que minha inteligência não poderia fazer sozinha, porque, freqüentemente, são tratados filosófico-religiosos, que jamais sonhei e com mais forte razão coloquei em prática; porque eu me dizia, nos primeiros resultados: Não serias o joguete de uma alucinação ou de tua vontade? E a reflexão e o exame me provavam que estava muito longe dessa inteligência que havia traçado essas linhas. Abaixei a cabeça, acreditei, não podia ir contra a evidência, a menos estar inteiramente louco.

"Remeti duas ou três entrevistas à pessoa que tivera a caridade de me confiar vosso bom livro para que elas sancionasse se estou na verdade. Venho vos pedir, senhor, vós que sois a alma do Espiritismo, consentir me permitir vos enviar o que obtiver de sério em minhas conversas com o além-túmulo, se, no entanto, achares bom. Se isto vos pode ser agradável, enviarei as comunicações de Verger, que feriu o arcebispo de Paris; para bem me assegurar se era bem ele que se manifestava, evoquei São Luís, que me respondeu afirmativamente, assim como um outro Espírito em quem tenho muita confiança, etc....."

As conseqüências morais deste fato se deduzem por si mesmas; eis um homem que havia abjurado toda crença, que, atingido pela lei, se encontra confundido com refugo da sociedade, e esse homem, no meio dessa lama moral, retornou à fé; vê o abismo em que caiu, se arrepende, pede e, dizemo-lo, ai! ele pede com mais fervor do que muitas pessoas que ostentam a devoção. Bastou para isso a leitura de um livro onde encontrou os elementos de fé que sua razão pôde admitir, que reanimou as suas esperanças, e fê-lo compreender o futuro. O que há, além disso, a anotar, é que primeiro leu com prevenção, e que a sua incredulidade não foi vencida senão pelo ascendente da lógica. Se tais resultados foram produzidos por uma simples leitura feita, por assim dizer, às escondidas, que seria se se pudesse juntar a isso a influência das exortações verbais! é bem certo que, na disposição de espírito em que estão hoje esses dois homens (ver o fato narrado no número de novembro último), não só não darão, durante sua detenção, nenhum motivo de lamento, mas que reentrarão no mundo com a resolução de nele viver honestamente.

Uma vez que esses dois culpados puderam ser levados ao bem pela fé que hauriram no Espiritismo, é evidente que, se tivessem tido preliminarmente essa fé, não teriam cometido o mal. A sociedade, pois, está interessada na propagação de uma doutrina de uma tão grande força moralizadora. É o que se começa a compreender.

Uma outra conseqüência a tirar do fato que acabamos de narrar é que os Espíritos não estão presos pelos ferrolhos e que vão até o fundo dos calabouços levar suas consolações. Não está, pois, no poder de ninguém impedi-los de se manifestarem de uma ou de outra maneira; se não for pela escrita, será pela audição; eles desafiam todas as proibições, se riem de todas as interdições, ultrapassam todos os cordões sanitários. Que barreiras, pois, podem lhes opor os inimigos do Espiritismo?

VARIEDADES

Cura de uma obsessão.

O Sr. Dombre, o presidente da Sociedade Espírita de Marmande, nos manda o que segue:

"Com a ajuda dos bons Espíritos, livramos em cinco dias de uma obsessão muito violenta e muito perigosa, uma jovem de treze anos, completamente em poder de um mau Espírito, desde 8 de maio último. Cada dia, às cinco horas de tarde, sem faltar um só dia, ela tinha crises terríveis, lamentáveis de ver. Essa criança mora num quarteirão recuado, e os pais, que consideram essa enfermidade como uma epilepsia, disso não falavam mais. No entanto, um dos nossos, que mora na vizinhança, disso foi informado, e uma observação mais atenta dos fatos fê-lo reconhecer a verdadeira causa. Segundo o conselho de nossos guias espirituais, nos pusemos imediatamente à obra. Em 11 deste mês, às oito horas da noite, nossas reuniões começaram por invocar o Espírito, moralizá-lo, orar pelo obsessor e a vítima, e exercer sobre esta uma magnetização mental. As reuniões tiveram lugar cada tarde, e na sexta-feira, 15, a criança sofreu a última crise. Não lhe resta mais senão a fraqueza da convalescência, conseqüência de um tão longo e tão violento abalo, e que se manifesta pela tristeza, a apatia e as lágrimas, assim como isso nos havia sido anunciado. Cada dia estávamos anunciados pelas comunicações dos bons Espíritos, das diferentes fases da enfermidade.

"Essa cura que, em outros tempos, uns teriam olhado como um milagre, e outros como um fato de bruxaria, pelo qual teríamos sido, segundo a opinião, santificados ou queimados, produziu uma certa sensação na cidade."

Felicitemos os nossos irmãos de Marmande pelo resultado que obtiveram nessa circunstância, e estamos felizes por ver que aproveitaram os conselhos contidos na *Revista*, por ocasião dos casos análogos, que narrou ultimamente. Puderam assim se convence-

rem do poder da ação coletiva quando ela é dirigida por uma fé sincera e uma ardente caridade.

Manifestações de Poitiers.

O *Journal de la Vienne*, de 21 de janeiro, reporta o fato seguinte, que outros jornais reproduziram:

"Há cinco ou seis dias se passa na cidade de Poitiers um fato de tal modo extraordinário, que se tornou o assunto das conversas e dos comentários mais estranhos. Todas as noites, a partir das seis horas, ruídos singulares se fazem ouvir numa casa da rua Neuve-Saint-Paul, habitada pela senhorita d'O..., irmã do Sr. conde d'O.... Esses ruídos, segundo o que nos foi narrado, fazem o efeito de uma detonação de artilharia; violentos golpes parecem batidos sobre as portas e os postigos das janelas. De início acreditou-se atribuir-lhe a causa a alguns gracejos de moleques ou de vizinhos mal intencionados. Uma vigilância das mais ativas foi organizada. Sobre a denúncia da Srta. d'O..... a polícia tomou as medidas mais minuciosas: agentes foram postados no interior e no exterior da casa. As explosões, no entanto, se produziram, e temos a fonte certa de que o senhor M..., brigadeiro, foi, durante a penúltima noite, surpreendido por uma comoção tal que não pode, mesmo hoje, dela se dar conta.

"Nossa cidade inteira se preocupa com esse inexplicável mistério. As investigações feitas pela polícia, até o presente, não levaram a nenhum resultado. Cada um procura a palavra desse enigma. Algumas pessoas iniciadas no estudo do Espiritismo pretendem que os Espíritos batedores são os autores dessas manifestações, às quais não seria estranho um médium famoso, que, no entanto, não habita mais o quarteirão. Outros lembram que, outrora, existiu um cemitério na rua Neuve-Saint-Paul, e não temos necessidade de dizer a quais conjecturas se entregam nesse assunto.

"De todas essas explicações, não sabemos qual é a boa; sempre é que a opinião está muito emocionada desse acontecimento, e que ontem à noite uma multidão tão considerável estava reunida sob as janelas da casa d'O..., que a autoridade teve que requerer um piquete do 1^o caçadores para fazer evacuar a rua. No momento em que escrevemos, a polícia e a guarda militar ocupam a casa."

O relato desses fatos nos foi transmitido por várias correspondências particulares. Se bem que não tenha nada de mais estranho do que os fatos averiguados de manifestações que ocorreram em diversas épocas, e que estejam nos limites do possível, convém suspender seu julgamento até mais ampla constatação, não do fato, mas da causa; porque é preciso guardar-se de colocar à conta dos Espíritos todas as coisas que não se compreende. É preciso também desconfiar das manobras dos inimigos do Espiritismo, e das armadilhas que podem estender para torná-lo ao ridículo pela grande credulidade de seus adeptos. Vemos com prazer que os Espíritos de Poitiers, seguindo nisso os conselhos contidos em *O Livro dos Médiuns*, e as advertências que demos na *Revista*, se mantêm, até nova ordem, sobre uma prudente reserva; se for uma manifestação, ela será provada pela ausência de toda causa material; se for uma fraude, os autores terão contribuído, sem o querer, como o fizeram tantas vezes, para despertar a atenção dos indiferentes, e provocar o estudo do Espiritismo. Quando fatos análogos se multiplicarem de diversos lados, assim como isso está anunciado, e que procurarem inutilmente sua causa neste mundo, será preciso muito convir que ela está num outro. Em toda circunstância, os Espíritos provam sua sabedoria e sua moderação; é a melhor resposta a dar aos seus adversários.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

Necessidade da encarnação.

(Sociedade Espírita de Sens. - Médium, Sr. Percheron.)

Deus quis que o Espírito do homem fosse ligado à matéria para sofrer as vicissitudes do corpo com o qual se identifica ao ponto de iludir-se e de tomá-lo por si mesmo, ao passo que não é senão a sua prisão passageira; é como se um prisioneiro se confundisse com as paredes de seu cárcere. Os materialistas são bem cegos de não se aperceberem de seu erro; porque se quisessem um pouco seriamente, veriam que não é pela matéria de seu corpo que podem se afirmar; veriam que, uma vez que a matéria desse corpo se renova continuamente, como a água de um rio, não é senão pelo Espírito que podem saber que são bem sempre eles mesmos. Suponhamos que ao corpo de um homem que pesasse sessenta quilogramas se assimile, para a reparação de suas forças, um quilograma de novas substâncias por dia, para substituir a mesma quantidade de moléculas antigas das quais se separa, e que cumpriram o papel que deviam desempenhar na composição de seus órgãos, ao cabo de sessenta dias a matéria desse corpo se encontrará, pois, renovada. Numa mesma suposição, cujas cifras podem ser contestadas, mas verdadeira em princípio, a matéria do corpo se renovaria seis vezes por ano; o corpo de um homem de vinte anos estaria, pois, já renovado cento e vinte vezes; aos quarenta anos, duzentas e quarenta vezes; aos oitenta anos, quatrocentas e oitenta vezes. Mas vosso Espírito, ele, se renovou? Não, porque tendes consciência de que sois sempre bem vós mesmos. É, pois, vosso Espírito que constitui o vosso *eu*, e segundo qual vós vos afirmais, e não vosso corpo, que não é senão uma matéria efêmera e variável.

Os materialistas e os panteístas dizem que as moléculas desagregadas, depois da morte do corpo, retornam todas à massa comum de seus elementos primitivos, ocorre o mesmo com a alma, quer dizer, do ser que pensa em vós; mas que sabem eles disso? Há uma massa comum de substância que pensa? jamais o demonstraram, e é o que deveriam ter feito antes de afirmar. Isso não é, pois, de sua parte, senão uma hipótese; ora, não é mais lógico admitir que, uma vez que durante a vida do corpo as moléculas se desagregam várias centenas de vezes, o Espírito permanece sempre o mesmo, conservando a consciência de sua individualidade, é que a natureza do Espírito não é de se desagregar; por que, pois, se dissolveria de preferência na hora da morte do corpo do que antes?

Depois desta digressão, dirigida aos materialistas, retorno ao meu assunto. Se Deus quis que as suas criaturas espirituais estivessem momentaneamente unidas à matéria, foi, eu o repito, para fazer-lhes sentir e por assim dizer, suportar as necessidades que exige a matéria de seu corpo para a sua conservação e a sua manutenção; dessas necessidades nascem as vicissitudes que vão fazer sentir o sofrimento, e compreender a comiseração que deveis ter para com os vossos irmãos na mesma posição. Esse estado transitório é, pois, necessário para o progresso de vosso Espírito que, sem isso, permaneceria estagnado. As necessidades que vosso corpo vos fazem experimentar estimulam vosso Espírito e o forçam a procurar os meios de provê-las; desse trabalho forçado nasce o desenvolvimento do pensamento; o Espírito constringido a presidir os movimentos do corpo para dirigi-los em vista de sua conservação, é conduzido ao trabalho material, e ao trabalho intelectual, que se necessitam um ao outro e um para o outro, uma vez que a realização das concepções no Espírito exige o trabalho do corpo, e que este não pode fazer senão sob a direção e o impulso do Espírito. O Espírito tendo assim tomado o hábito de trabalhar, e sendo constringido ao trabalho pelas necessidades do corpo, o trabalho, ao seu turno, se torna uma necessidade para ele, e, quando desligado de seus laços, não tem mais que pensar na matéria, e pensa em trabalhar em si mesmo para o seu adiantamento.

Compreendeis agora a necessidade, para vosso Espírito, de estar ligado à matéria durante uma parte de sua existência, para não ficar estacionário.

Teu pai, PERCHERON, assistido pelo Espírito de Pascal.

Nota. - A estas observações, perfeitamente justas, acrescentaremos que, em tudo trabalhando por si mesmo, o Espírito encarnado trabalha para a melhoria do mundo em que habita; assim, ele ajuda a sua transformação e o seu progresso material que estão nos objetivos de Deus, do qual é instrumento inteligente. Em sua sabedoria providente, a Providência quis que tudo se encadeasse na Natureza; que todos, homens e coisas, fossem solidários; depois, quando o Espírito cumpriu a sua tarefa, que está suficientemente avançado, goza do fruto de suas obras.

ESTUDOS SOBRE A REENCARNAÇÃO.

(Sociedade Espírita de Paris. - Médium, senhorita A. C.)

I

Limites da reencarnação.

A reencarnação é necessária enquanto a matéria domina o Espírito; mas do momento em que o Espírito encarnado chegou a dominar a matéria e anular os efeitos de sua reação sobre o moral, a reencarnação não tem mais nenhuma utilidade nem razão de ser. Com efeito, o corpo é necessário ao Espírito para o trabalho progressivo até que, tendo chegado a manejar esse instrumento à sua maneira, a lhe imprimir a sua vontade, o trabalho está realizado. É-lhe preciso, então, um outro campo para a sua caminhada, para o seu adiantamento no infinito; lhe é preciso um outro círculo de estudos onde a matéria grosseira das esferas inferiores seja desconhecida. Tendo sobre a Terra, ou em globos análogos, depurado e experimentado suas sensações, está maduro para a vida espiritual e seus estudos. Tendo se elevado acima de todas as sensações corpóreas, não tem mais nenhum desses desejos ou necessidades inerentes à corporeidade: ele é Espírito e vive pelas sensações espirituais que são infinitamente mais deliciosas do que as mais agradáveis sensações corpóreas.

II

A reencarnação e as aspirações do homem.

As aspirações da alma ocasionam a sua realização, e esta realização se cumpre na reencarnação enquanto o Espírito está no trabalho material; eu me explico. Tomemos o Espírito em seu início na carreira humana; estúpido e bruto, sente, no entanto, a centelha divina nele, uma vez que adora um Deus, que ele materializa segundo a sua materialidade. Nesse ser, ainda vizinho do animal, há uma aspiração instintiva, quase inconsciente, rumo a um estado menos inferior. Começa por desejar satisfazer seus apetites materiais, e inveja aqueles que vê num estado melhor do que o seu; também, numa encarnação seguinte, ele mesmo escolhe, ou antes, é *arrastado* a um corpo mais aperfeiçoado; e sempre, em cada uma de suas existências, deseja uma melhoria material; não se achando jamais feliz, quer sempre subir, porque a aspiração à felicidade é a grande alavanca do progresso.

À medida que suas sensações corpóreas se tornam maiores, mais refinadas, suas sensações espirituais despertam e crescem também. Então o trabalho moral começa, e a depuração da alma se une à aspiração do corpo para chegar ao estado superior.

Esse estado de igualdade das aspirações materiais e espirituais não é de longa duração; logo o Espírito se eleva acima da matéria, e suas sensações não podem ser satisfeitas por ela; é-lhe preciso mais; lhe é preciso o melhor; mas aí o corpo, tendo sido leva-

do à sua perfeição sensitiva, não pode seguir o Espírito, que então o domina e dele se desliga cada vez mais, como um instrumento inútil. Volta todos os seus desejos, todas as suas aspirações, para um estado superior; sente que as necessidades corpóreas, que lhe eram um objeto de felicidade em suas satisfações, não são mais do que uma tortura, um rebaixamento, do que uma triste necessidade da qual aspira se libertar para gozar, sem entraves, de todas as felicidades espirituais que ele pressente.

III

Ação dos fluidos na reencarnação.

Sendo os fluidos os agentes que colocam em movimento o nosso aparelho corpóreo, são eles também que são os elementos de nossas aspirações, porque há fluidos corpóreos e fluidos espirituais, que todos tendem a se elevarem e se unirem aos fluidos da mesma natureza. Esses fluidos compõem o corpo espiritual do Espírito que, no estado encarnado, age por eles sobre a máquina humana que está encarregado de aperfeiçoar, porque tudo é trabalho na criação, tudo concorre para o adiantamento geral.

O Espírito tem seu livre arbítrio, e procura sempre o que lhe é agradável e o satisfaz. Se é um Espírito inferior e material, procura suas satisfações na materialidade, e então dará um impulso aos seus fluidos corpóreos que dominarão, mas tenderão sempre a crescer e a se elevar materialmente; portanto, as aspirações desse encarnado são materiais, e, retornado ao estado de Espírito, procurará uma nova encarnação onde satisfará as suas necessidades e seus desejos materiais; porque, notai bem, a aspiração corpórea não pode pedir, como realização, senão uma nova corporeidade, ao passo que a aspiração espiritual não se prende senão às sensações do Espírito. Ela será solicitada por seus fluidos que deixou se materializarem; e como no ato da reencarnação os fluidos agem para atrair o Espírito ao corpo que foi formado, houve, pois, atração e união dos fluidos, a reencarnação se opera em condições que darão satisfação às aspirações de sua existência precedente.

Ocorre o mesmo com os fluidos espirituais com os fluidos materiais, se são eles que dominam; mas então, quando o espiritual se sobrepôs sobre o material, o Espírito, que julga diferentemente, escolhe ou é atraído por simpatias diferentes; como lhe é necessária a depuração, e que não é senão pelo trabalho que a alcança, as encarnações escolhidas são mais penosas para ele, porque, depois de haver dado a supremacia à matéria e aos seus fluidos, lhe é necessário constrangê-la, lutar com ela e dominá-la. Daí essas existências tão dolorosas e que parecem, freqüentemente, tão injustas, infligidas a Espíritos bons e inteligentes. Aqueles fazem sua última etapa corpórea e entram, saindo deste mundo, nas esferas superiores onde suas aspirações *superiores* acharão a sua realização.

IV

As afeições terrestres e a reencarnação.

O dogma da reencarnação *indefinida* encontra oposições no coração do encarnado que ama, porque em presença dessa infinidade de existências, produzindo cada uma delas novos laços, pergunta-se com medo o que se tornam as afeições particulares, e se elas não se fundem num único amor geral, o que destruiria a persistência da afeição individual. Pergunta-se se essa afeição individual não é somente um meio de adiantamento, e então o desencorajamento se insinua em sua alma, porque a verdadeira afeição sente a necessidade de um amor eterno, sentindo que não se deixará jamais de amar. O pensamento de milhares dessas afeições idênticas lhe parece uma impossibilidade, mesmo admitindo faculdades maiores para o amor.

O encarnado que estuda seriamente o Espiritismo, sem tomar partido por um sistema antes que por um outro, se encontra arrastado para a reencarnação pela justiça que decorre do progresso e do adiantamento do Espírito em cada nova existência; mas quando o estuda do ponto de vista das afeições do coração, duvida e se atemoriza apesar dele. Não podendo colocar de acordo esses dois sentimentos, se diz que ali ainda tem um véu a levantar, e seu pensamento nesse trabalho atrai as luzes dos Espíritos para concordar seu coração e sua razão.

Eu disse precedentemente: a encarnação se detém lá onde a materialidade é anulada. Mostrei como o progresso material havia de início refinado as sensações corpóreas do Espírito encarnado; como o progresso espiritual, tendo vindo em seguida, havia contrabalançado a influência da matéria, depois a havia, enfim, subordinado à sua vontade, e, que chegado a esse grau de domínio espiritual, a corporeidade não tinha mais razão de ser, o trabalho estando realizado.

Examinemos agora a questão da afeição sob esses dois aspectos, material e espiritual.

De início, o que é a afeição, o amor? Ainda a atração fluídica atraindo dois seres um para o outro, e unindo-os num mesmo sentimento. Essa atração pode ser de duas naturezas diferentes, uma vez que os fluidos são de duas naturezas. Mas para que a afeição persista eternamente, é preciso que ela seja espiritual e desinteressada; é preciso a abnegação, o devotamento, e que nenhum sentimento pessoal seja o móvel desse arrastamento simpático. Do momento em que haja, nesse sentimento, *personalidade*, há *materialidade*; ora, nenhuma afeição material persiste nos domínios do Espírito. Portanto, toda afeição que não seja senão o resultado do instinto animal ou do egoísmo, se destrói à morte terrestre. Também, que seres supostamente amados são esquecidos depois de pouco tempo de separação! Vós os haveis amado por vós e não por eles, aqueles que não são mais, uma vez que os esquecestes e substituístes; procurastes a consolação no esquecimento; eles se vos tornam indiferentes, porque não tendes mais amor.

Contemplai a Humanidade, e vede o quanto há pouca afeição verdadeira sobre a Terra! Também não se deve tanto se amedrontar com a multiplicidade das afeições contraídas nesse mundo; elas são em minoria relativa, mas existem, e as que são reais persistem e se perpetuam sob todas as formas, sobre a Terra, de início, depois continuam no estado de Espírito numa amizade ou um amor inalterável, que não faz senão crescer em se elevando mais.

Vamos estudar esta verdadeira afeição: a *afeição espiritual*.

A afeição espiritual tem por base a afinidade fluídica espiritual, que, agindo *sozinha*, determina a simpatia. Quando ocorre assim, é a alma que ama a alma, e essa afeição não toma força senão pela manifestação dos sentimentos da alma. Dois Espíritos unidos espiritualmente se procuram e tendem sempre a se aproximarem; seus fluidos são atrativos. Que estejam num mesmo globo, serão levados um para o outro; que estejam separados pela morte terrestre, seus pensamentos se unirão na lembrança, e a união se fará na liberdade do sono; e quando a hora de uma nova encarnação soar para um deles, procurará se aproximar de seu amigo entrando nisso que é sua filiação material, e fá-lo-á com tanto mais facilidade quanto seus fluidos *periespirituais materiais* encontrarem afinidade na matéria corpórea dos encarnados que deram a luz ao novo ser. Daí um novo aumento da afeição, uma nova manifestação do amor. Tal Espírito amigo vos amou como pai, vos amará como filho, como irmão ou como amigo, e cada um desses laços aumentará de encarnação em encarnação, e se perpetuará de maneira inalterável quando, vosso trabalho estando feito, vivereis da vida do Espírito.

Mas essa verdadeira afeição não é comum sobre a Terra, e a matéria vem retardá-la, anulando-lhe os efeitos, segundo ela domine o Espírito. A verdadeira amizade, o verdadeiro amor sendo espiritual, tudo o que se relaciona com a matéria não é de sua natureza, nem concorre em nada para a identificação espiritual. A afinidade persiste, mas fica

no estado latente até que o fluido espiritual se sobrepondo, o progresso simpático se efetue de novo.

Para me resumir, a afeição espiritual é a única resistência no domínio do Espírito; sobre a Terra e nas esferas de trabalho corpóreo, ela concorre para o adiantamento moral do Espírito encarnado que, sob a influência simpática, cumpre milagres de abnegação e de devotamento pelos seres amados. Aqui, nas moradas celestes, ela é a satisfação completa de todas as aspirações, e a maior felicidade que o Espírito possa sentir.

V

O progresso entravado pela reencarnação indefinida.

Até aqui a reencarnação foi admitida de um modo muito prolongado; não se pensou senão nessa prolongação da corporeidade, embora cada vez menos material, ocasionando, no entanto, necessidades que deviam entravar o vôo do Espírito. Com efeito, admitindo a persistência da geração nos mundos superiores, atribui-se ao Espírito encarnado necessidades corpóreas, dão-lhe deveres e ocupações ainda materiais que constroem e detêm o impulso dos estudos espirituais. Que necessidade desses entraves? O Espírito não pode gozar as felicidades do amor sem sofrer as enfermidades corpóreas? Sobre a própria Terra, esse sentimento existe por si mesmo, independente da parte material de nosso ser; os exemplos, embora sejam raros, estão aí, suficientes para provar que deve ser sentido mais geralmente entre os seres mais espiritualizados.

A reencarnação ocasiona a união dos corpos, o *amor puro* somente a união das almas. Os Espíritos se unem segundo suas afeições começadas nos mundos inferiores, e trabalham juntos para o seu adiantamento espiritual. Eles têm uma organização fluídica muito diferente daquela que era a consequência de seu aparelho corpóreo, e seus trabalhos se exercem sobre os fluidos e não sobre os objetos materiais. Vão em esferas que, também elas, cumpriram seu período material, em esferas cujo trabalho humano levou a desmaterialização, e que, chegados ao apogeu de seu aperfeiçoamento, também passaram por uma transformação superior, que os torna próprios para sofrer outras modificações, mas num sentido todo fluídico.

Compreendeis, desde hoje a força imensa do fluido, força que não podeis senão constatar, mas que não vedes nem apalpais. Num estado menos pesado do que aquele em que estais, teríeis outros meios de ver, de tocar, de trabalhar esse fluido que é o grande agente da vida universal. Porque, pois, o Espírito teria ainda necessidade de um corpo que está fora das apreciações corpóreas? Dir-me-eis que esse corpo está em relação com os novos trabalhos que o Espírito terá que cumprir; mas uma vez que esses trabalhos serão todo fluídicos e espirituais nas esferas superiores, por que dar-lhe o embaraço das necessidades corpóreas, porque a reencarnação ocasiona sempre, como eu o disse, *geração e alimentação*, quer dizer, necessidade da matéria a satisfazer, e, em compensação, entraves para o Espírito. Compreendeis que o Espírito deve ser livre em seu vôo para o infinito; compreendeis que tendo saído dos cueiros da matéria, ele aspira, como a criança, a caminhar e correr sem ser contido pelas andadeiras maternas, e que essas *primeiras* necessidades da *primeira* educação da criança são supérfluas para a criança crescida, e insuportáveis ao adolescente. Não desejeis, pois, permanecer na infância; considerai-vos como alunos fazendo seus últimos estudos escolares, e se dispondo a entrar no mundo, e a ter nele seu lugar, e a começar os trabalhos de um outro gênero que seus estudos preliminares terão facilitado.

O Espiritismo é a alavanca que levantará de um pulo ao estado espiritual todo encarnado que, querendo bem compreendê-lo e pô-lo em prática, se ligará em dominar a matéria, a dela se tornar senhor, a aniquilá-la; todo Espírito de boa vontade pode se colocar em estado de passar, deixando este mundo, ao estado espiritual sem retorno terres-

tre; somente, lhe é preciso a fé ou *vontade ativa*. O Espiritismo a dá a *todos* aqueles que querem compreendê-lo em seu sentido moralizador.

UM ESPÍRITO PROTETOR DO MÉDIUM.

Nota. - Esta comunicação não leva outra assinatura senão esta acima, o que prova que não há necessidade de haver tido um nome célebre sobre a Terra para ditar boas coisas.

Pôde-se notar a analogia que existe entre a comunicação de Sens narrada mais acima, e a primeira parte desta; esta última é sem contradita mais desenvolvida, mas a idéia fundamental sobre a encarnação é a mesma. Citamos ambas para mostrar que os grandes princípios da Doutrina são ensinados de diversos lados, e que será assim que se constituirá e se consolidará a unidade no Espiritismo. Esta concordância é o melhor critério da verdade. Ora, há a anotar que as teorias excêntricas e sistemáticas ditadas por Espíritos pseudo-sábios, são sempre circunscritas num círculo estreito e individual, e é por isso que nenhuma prevaleceu; é também porque não podem ter senão uma existência efêmera que se apaga como uma pálida luz diante da claridade do dia.

Quanto a esta última comunicação, seria supérfluo fazer ressaltar dela a alta importância como fundo e como forma.

Ela pode se resumir assim:

A vida do Espírito, considerada do ponto de vista do progresso, apresenta três períodos principais, a saber:

1^o *O período material*, onde a influência da matéria domina a do Espírito; é o estado dos homens dados às paixões brutais e carnis, à sensualidade; cujas aspirações são exclusivamente terrestres, que são apegados aos bens temporais, ou refratários às idéias espiritualistas.

2^o *O período de equilíbrio*; aquele em que as influências da matéria e do Espírito se exercem simultaneamente; onde o homem, embora submetido às necessidades materiais, pressente e compreende o estado espiritual; onde ele trabalha para sair do estado corpóreo.

Nesses dois períodos o Espírito está submetido à reencarnação, que se cumpre nos mundos inferiores e medianos.

3^o *O período espiritual*, aquele em que o Espírito, tendo dominado completamente a matéria, não tem mais necessidade da encarnação nem do trabalho material, seu trabalho é todo espiritual; é o estado dos Espíritos nos mundos superiores.

A facilidade com a qual certas pessoas aceitam as idéias espíritas, das quais parecem ter a intuição, indica que pertencem ao segundo período; mas entre estas e as outras há uma multidão de graus que o Espírito atravessa tanto mais rapidamente quanto mais próximo estiver do período espiritual; é assim que, de um mundo material como a Terra, ele pode ir habitar um mundo superior, como Júpiter, por exemplo, se seu adiantamento moral e espiritual for suficiente para dispensá-lo de passar pelos graus intermediários. Depende, pois, do homem deixar a Terra sem retorno, como mundo de expiação e de prova para ele, ou não retornar a ela senão em missão.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

Revista Espírita de Anvers.

Sob este título um novo órgão do Espiritismo vem de aparecer, em Anvers, a partir de 1^o de janeiro de 1864. Sabe-se que a Doutrina Espírita tem feito rápidos progressos nessa cidade onde se formaram numerosas reuniões compostas de homens eminentes pelo seu saber e sua posição social. Em Bruxelas, há muito tempo refratária, a idéia nova ganha também terreno, assim como em outras cidades da Bélgica. Uma sociedade espíri-

ta que ali se formou recentemente consentiu em nos pedir para aceitar a sua presidência de honra; é dizer em que caminho ela se propõe caminhar.

O primeiro número da nova *Revista* contém: um apelo aos Espíritas de Anvers, dois artigos de fundo, um sobre os *adversários do Espiritismo*, o outro sobre o *Espiritismo e a loucura*, e um certo número de comunicações medianímicas das quais algumas em língua flamenga, ou tudo, estamos felizes de dizer-lo, em perfeita conformidade de objetivos e de princípios com a Sociedade de Paris. Essa publicação não pode deixar de ser favoravelmente acolhida num país onde as idéias novas têm uma tendência manifesta a se propagarem, se, como o esperamos, ela se mantém à altura da ciência, condição essencial de sucesso.

O Espiritismo cresce e vê cada dia novos horizontes se abrirem diante dele; ele aprofunda as questões que não fizera senão aflorar em sua origem; os Espíritos se conformando com o desenvolvimentos das idéias, suas instruções, por toda a parte, seguiram esse movimento ascensional; perto das produções medianímicas de hoje, as de outrora parecem pálidas e quase pueris, e, no entanto, então se as achava magníficas; há entre elas a diferença dos ensinamentos dados a escolares e a adultos; é que à medida que o homem cresce, é preciso à sua inteligência, tanto quanto ao seu corpo, uma alimentação mais substancial. Toda publicação espírita, periódica ou outra, que ficasse atrás do movimento, necessariamente, encontraria pouca simpatia, e isso seria iludir-se crer interessar agora os leitores com coisas elementares ou medíocres; por boa que seja a intenção, toda recomendação seria impotente para lhes dar a vida se não a têm por si mesmas.

Há para as publicações desse gênero uma condição de sucesso mais importante ainda, é de caminhar com a opinião da maioria. Na origem das manifestações espíritas, as idéias não ainda fixadas pela experiência, deram lugar a uma multidão de opiniões divergentes que caíram diante das observações mais completas ou não contam mais senão raros representantes. Sabe-se a que bandeira e a que princípios se unem hoje a imensa maioria dos Espíritas do mundo inteiro; tornar-se o eco de algumas opiniões retardadas, ou caminhar num caminho de reveses, é condenar-se antecipadamente ao isolamento e ao abandono. Aqueles que o fazem de boa fé são de lamentar; aqueles que agem com a intenção premeditada de suscitar obstáculos e de semear a divisão disso não recolherão senão vergonha. Nem uns nem os outros não podem ser encorajados por aqueles que têm no coração os verdadeiros interesses do Espiritismo.

Quanto a nós, pessoalmente, e à Sociedade de Paris, nossas simpatias e nosso apoio moral são adquiridos antes, como se sabe, a todas as publicações, como a todas as reuniões úteis à causa que defendemos.

No Céu se se reconhece.

Pelo Rev. Pé. Blot, da Companhia de Jesus (1-(1) Paris, 1863. 1 vol. pequeno in-18.-Preço: 1 fr., casa Poussielgue-Rusand, rua Cassette, nº 27).

Um de nossos correspondentes, o Sr. doutor C..., nos assinala esse pequeno livro, e nos escreve a este respeito o que segue:

"Há algum tempo palavras que, como cristão e Espírita, abstenho-me de qualificar, foram freqüentemente pronunciadas por homens que receberam a missão de falar aos povos de caridade e de misericórdia. Permitti-me, para vos confortar das penosas impressões que deveram vos causar, como a todo homem verdadeiramente cristão, de vos falar de um pequeno volume do Rev. Pe. Blot. Não penso que ele seja Espírita, mas encontro em sua obra o que, no Espiritismo, faz amar a Deus e esperar em sua misericórdia, e diversas passagens que tocam de muito perto ao que nos ensinam os Espíritos."

Dela anotamos as passagens seguintes, que confirmam a opinião de nosso correspondente:

"No sétimo século, o papa São Gregório o Grande, depois de ter contado que um religioso viu, ao morrer, os profetas virem diante dele, e que os designou por seus nomes, acrescentou: "Esse exemplo nos faz claramente entender quão grande será o conhecimento que teremos uns dos outros na vida incorruptível do céu, uma vez que esse religioso, estando ainda numa carne corruptível, reconheceu os santos profetas que jamais tinha visto."

"Os santos se vêem reciprocamente como o pedem a unidade do reino e a unidade da cidade onde vivem na companhia do mesmo Deus. Eles se revelam espontaneamente uns aos outros seus pensamentos e suas afeições, como as pessoas da mesma casa que estão unidas por um sincero amor. Entre seus concidadãos do céu, conhecem aqueles mesmos que não conheceram neste mundo, e o conhecimento das belas ações os conduz a um conhecimento mais completo daqueles que os cumpriram. (Berti, *De theologicis disciplinis*.)

"Perdestes um filho, uma filha? recebi as consolações que um patriarca de Constantinopla dirigiu a um pai desolado. Esse patriarca não pode mais ser contado entre os grandes homens senão entre os santos: é Photius, o autor do cisma cruel que separa o Oriente e o Ocidente, mas suas palavras disso não provam senão melhor do que os Gregos pensam sobre este ponto como os Latinos. Ei-los: "Se vossa filha vos aparecesse, se, colocando sua mão em vossa mão e sua fronte jovial sobre vossa fronte, ela vos falasse, não seria a descrição do céu que ela vos faria? Depois ela acrescentaria: "Por que vos afligir, ó meu pai? estou no paraíso, onde a felicidade é sem limites. Vireis um dia com minha mãe muito amada, e então achareis que não vos disse nada de mais deste lugar de delícias, tanto a realidade se imporá sobre as minhas palavras."

Os bons Espíritos podem, pois, se manifestar, se fazer ver, tocar os vivos, falar-lhes, descrever sua própria situação, vir consolar e fortalecer aqueles que amaram; se podem falar e segurar a mão, por que não poderiam fazê-los escrever? "Os Gregos, disse o Pé. Blot, pensando sobre esse ponto como os Latinos;" por que, pois, hoje os Latinos dizem que esse poder não é dado senão aos demônios para enganarem os homens? A passagem seguinte é ainda mais explícita:

"São João Crisóstomo, em uma de suas homílias sobre São Mateus, dizia a cada um de seus ouvintes: "Desejaríeis ver aquele que a morte vos levou! Segui o mesmo caminho que ele no caminho da virtude, e logo gozareis desta santa visão. Mas gostaríeis de vê-lo aqui mesmo? Pois bem! quem, pois, isso vos impede? É-vos permitido e fácil vê-lo, se fordes sábio; porque a esperança dos bens a virem é mais clara do que a própria visão."

O homem carnal não pode ver o que é puramente espiritual; se, pois, ele pode ver os Espíritos, é que eles têm uma parte material acessível aos seus sentidos; é o envoltório fluídico, que o Espiritismo designa sob o nome de perispírito.

Depois de uma citação de Dante sobre o estado dos bem-aventurados, o Pé. Blot acrescenta:

"Eis, pois, o princípio de solução para as objeções: Ao céu, *que é menos um lugar do que um estado*, tudo é luz, tudo é amor."

Assim, o céu não é um lugar circunscrito; é o estado das almas felizes; por toda a parte onde elas são felizes, elas estão no céu, quer dizer, para elas tudo é luz, amor e inteligência. É o que dizem os Espíritos.

Fénelon, na morte do duque de Beauvilliers, seu amigo, escreveu à duquesa: "Não, não há senão os sentidos e a imaginação

que tenham perdido seu objeto. Aquele que não podemos mais ver está mais do que nunca conosco. Nós o encontramos sem cessar em nosso centro comum. Ele nos vê ali e ouve, nos proporciona ali os verdadeiros recursos. Ali conhece melhor do que nós as nossas enfermidades, ele que não tem mais as suas; e pede os remédios necessários para a

nossa cura. Por mim, que estou privado de vê-lo há tantos anos, eu lhe falo, abro-lhe meu coração."

Fénelon escreveu ainda à viúva do duque de Chevreusi: "Unamos nosso coração àquele que lamentamos; não está distante de nós tornando-se invisível; ele nos vê, nos ama, é tocado por nossas necessidades. Chega felizmente ao porto, ora por nós que estamos ainda expostos ao naufrágio. Diz-nos com uma voz secreta: "Apressai-vos em vos reencontrar." Os puros Espíritos vêem, ouvem, amam sempre seus verdadeiros amigos em seu centro comum. Sua amizade é imortal como sua fonte. Os incrédulos não amam senão a si mesmos; deveriam se desesperar de perder para sempre seus amigos; mas a amizade divina muda a sociedade visível em uma sociedade de pura fé; ela chora, mas chorando se consola pela esperança de reencontrar seus amigos no país da verdade e no seio do próprio amor."

Para justificar o título de seu livro: *No céu se se reconhece*, o Pé. Blot cita um grande número de passagens de escritores sagrados, de aparições e de manifestações diversas que provam a reunião, depois da morte, daqueles que se amaram, as relações que existem entre os mortos e os vivos, os recursos que se dão *mutuamente* pela prece e inspiração. Em nenhuma parte fala da separação eterna, consequência da condenação eterna, nem dos diabos, nem do inferno; mostra, ao contrário, as almas mais sofredoras libertadas pela virtude do arrependimento e da prece e pela misericórdia de Deus. Se o Pé. Blot lançasse anátema contra o Espiritismo, isso seria lançá-lo contra seu próprio livro, e contra todos os santos dos quais ele evocou o testemunho. Quaisquer que sejam suas opiniões sobre esse assunto, diremos que se não tivesse jamais pregado senão nesse sentido, haveria menos incrédulos.

A Lenda do homem eterno,

Pelo Sr. Armand Durantin (1- 1Um vol. in-12. Preço: 3 francos. Casa Dentu e na Livraria central, boulevard dos Italianos, n° 24.).

O Espiritismo conquistou seu lugar nas crenças; se é ainda, para alguns escritores, um assunto de zombaria, é de se notar que entre aqueles mesmos que zombavam dele outrora, a zombaria baixou de tom diante do ascendente da opinião das massas, e se limita a reportar, sem comentários ou com restrições mais reservadas, os fatos que ali nararam. Outros, sem nele crerem positivamente, e sem mesmo conhecê-lo a fundo, julgam a idéia bastante importante para nela haurir os assuntos de seus trabalhos de imaginação ou de fantasia. Tal é, isso nos parece, o caso da obra de que falamos. É um simples romance baseado sobre a crença espírita, apresentado do ponto de vista sério, mas ao qual podemos censurar alguns erros, sem dúvida, provenientes de um estudo incompleto da matéria. O autor que quer bordar uma ação de fantasia sobre um assunto histórico deve, antes de tudo, compenetrar-se bem da verdade do fato, a fim de não estar ao lado da história. Assim deverão fazer todos os escritores que quiserem aproveitar a idéia espírita, seja para não serem acusados de ignorar do que falam, seja para conquistar a simpatia dos adeptos, bastante numerosos hoje para pesar na balança da opinião, e concorrer ao sucesso de toda obra que toca, direta ou indiretamente, às suas crenças.

Feita essa reserva do ponto de vista da perfeita ortodoxia, a obra em questão não será por isso menos lida com muito interesse pelos partidários como pelos adversários do Espiritismo, e agradecemos ao autor pela graciosa homenagem que consentiu em nos fazer com o seu livro, chamado a popularizar a idéia nova. Dele citaremos as passagens seguintes, que tratam mais especialmente da Doutrina.

"À época em que o Sr. de Boursonne (um dos principais personagens do romance) perdera sua mulher, uma doutrina mística se difundia surdamente, lentamente, e se propagava na sombra. Ela contava ainda poucos apóstolos; mas não aspirava a nada menos

do que se substituir aos diferentes cultos cristãos. Não lhe faltava ainda, para se tornar uma religião poderosa, senão a perseguição.

"Essa religião, é a do Espiritismo, tão eloqüentemente exposta pelo Sr. Allan Kardec, em sua notável obra *O Livro dos Espíritos*. Um de seus adeptos mais convencidos, era o conde de Boursonne.

"Não acrescentarei mais do que algumas palavras sobre essa doutrina, para fazer compreender aos incrédulos que o poder misterioso do conde era inteiramente natural.

"Os Espíritas reconhecem Deus e a imortalidade da alma. Crêem que a Terra é para eles um lugar de transição e de provas. Segundo eles, a alma é primeiro colocada por Deus num planeta de uma ordem inferior. Ali ela fica encerrada num corpo mais ou menos grosseiro, até o dia em que ela esteja bastante depurada para emigrar para um mundo superior. É assim que, depois de longas migrações e numerosas provas, as almas chegam enfim à perfeição, e são então admitidas no seio de Deus. Depende, pois, do homem abreviar as suas peregrinações e chegar mais prontamente junto ao Senhor, melhorando-se rapidamente.

"É uma crença do Espiritismo, crença tocante, que as almas mais perfeitas podem conversar com os Espíritos. Assim, segundo os Espíritas, podemos conversar com os seres que amamos e que perdemos, se nossa alma for bastante aperfeiçoada para ouvi-los e saber se fazer escutada por eles.

"São, pois, almas melhoradas, os homens mais perfeitos entre nós, que podem servir de intermediários entre o vulgo e os Espíritos; esses agentes, tanto zombados pelo ceticismo, tanto admirados e invejados pelos crentes, chamam-se, em linguagem espírita, *médiuns*.

"Isto explicado, uma vez por todas, anotemos de passagem que a Doutrina Espírita conta, nesta hora, seus adeptos por milhares, sobretudo nas grandes cidades, e que o conde de Boursonne era um dos médiuns mais poderosos."

Isto é um primeiro erro grave; se fosse preciso ser perfeito para comunicar-se com os Espíritos, bem poucos gozariam desse privilégio. Os Espíritos se manifestam àqueles mesmos que deixam mais a desejar, precisamente para conduzi-los, por seus conselhos, a se melhorarem, segundo esta palavra do Cristo: "Não são aqueles que passam bem que têm necessidade de remédios." A mediunidade é uma faculdade que se prende ao organismo mais ou menos desenvolvido segundo os indivíduos, mas que pode ser dada ao mais indigno, como ao mais digno, com a condição de ser punido o primeiro se dela não aproveita ou se dela abusa. A superioridade moral do médium lhe assegura a simpatia dos bons Espíritos, e o torna apto para receber instruções de uma ordem mais elevada; mas a facilidade de comunicar-se com os seres do mundo invisível, seja diretamente, seja por intermediários, é dada a cada um tendo em vista o seu adiantamento. Eis o que o autor teria sabido se tivesse feito um estudo mais aprofundado da ciência espírita.

"A ciência moderna provou que tudo se encadeia. Assim, na ordem material, entre o infusório, o último dos animais, e o homem, que deles é a expressão mais elevada, existe uma cadeia de criaturas, melhoradas sucessivamente, como o provam com abundância as descobertas dos geólogos. Ora, os Espíritas se têm perguntado por que a mesma harmonia não existiria no mundo espiritual; se têm perguntado por que uma lacuna entre Deus e o homem, como o Sr. Lê Verrier perguntou-se como se fazia que um planeta pudesse faltar em tal lugar do céu, em virtude das leis harmoniosas que regem nosso mundo incompreensível e ainda desconhecido.

"Foi guiado por esse mesmo raciocínio que conduziu o eminente diretor do observatório de Paris à sua maravilhosa dedução, de que os Espíritas vieram para reconhecer os seres materiais entre o homem e Deus, antes de disso ter a prova palpável que adquiriram mais tarde."

Há igualmente aí um erro capital. O Espiritismo foi conduzido às suas teorias pela observação dos fatos, e não por um sistema preconcebido. O raciocínio do qual fala o

autor é racional, sem dúvida, mas não foi assim que as coisas se passaram. Os Espíritos concluíram a existência dos Espíritos, porque os Espíritos se manifestaram *espontaneamente*; indicaram a lei que rege as relações do mundo visível e do mundo invisível, porque observaram essas relações; admitiram a hierarquia progressiva dos Espíritos, porque os Espíritos se mostraram a eles em todos os graus de adiantamento; adotaram o princípio da pluralidade das existências não só porque os Espíritos lhes ensinaram, mas porque esse princípio resulta, como lei da Natureza, da observação dos fatos que temos sob os olhos. Em resumo, o Espiritismo não admitiu nada a título de hipótese preliminar; tudo na doutrina é um resultado da experiência. Eis tudo o que temos muitas vezes repetido em nossas obras.

Creemos útil levar o aviso seguinte às pessoas que a ele podem dizer respeito.

Na recepção de toda carta o primeiro cuidado é de ver a sua assinatura. Na ausência de assinatura e de uma designação suficiente, a carta é imediatamente lançada nos papéis velhos sem ser lida ainda mesmo quando levasse a menção: *Um de vossos assinantes, um Espírita*, etc. Estes últimos tendo menos razão do que todos os outros de se fazer incógnito diante de nós, tornam, por isso mesmo, suspeita a origem de suas cartas, e é por isso que dela não é tomado conhecimento, sendo a correspondência autêntica tão numerosa e suficiente para absorver a atenção. A pessoa encarregada de examiná-la tem por instrução formal rejeitar, sem exame, toda carta da natureza daquelas das quais falamos.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

7^a ANO

NO. 3

MARÇO 1864

DA PERFEIÇÃO DOS SERES CRIADOS.

Pergunta-se, por vezes, se Deus não poderia ter criado Espíritos perfeitos para poupar-lhes o mal e todas as suas conseqüências.

Sem dúvida, Deus teria podido, uma vez que é todo-poderoso, e se não o fez, foi porque julgou, em sua soberana sabedoria, mais útil que isso fosse de outro modo. Não cabe ao homem escutar os seus desígnios, e ainda menos julgar e condenar as suas obras. Uma vez que não pode se admitir Deus sem o infinito das perfeições, sem a soberana bondade e a soberana justiça, que se tem incessantemente sob os olhos as milhares de provas de sua solicitude por suas criaturas, deve-se pensar que essa solicitude não pôde fazer falta na criação dos Espíritos. O homem, sobre a Terra, é como a criança, cuja visão limitada não se estende além do círculo estreito do presente, e não pode julgar da utilidade de certas coisas. Ele deve, pois, se inclinar diante do que está ainda acima de sua capacidade. No entanto, tendo Deus lhe dado a inteligência para se guiar, não lhe está proibido de procurar compreender, tudo em se detendo humildemente diante do limite que não pode transpor. Sobre todas as coisas ficadas no segredo de Deus, ele não pode senão estabelecer sistemas mais ou menos prováveis. Para julgar aquele desses sistemas que mais se aproxima da verdade, tem um critério seguro, que são os atributos essenciais da Divindade; toda teoria, toda doutrina filosófica ou religiosa que tendesse a destruir a mínima parte de um único desses atributos, pecaria pela base, e seria, por isso mesmo, maculada de erro; de onde se segue que o sistema mais verdadeiro seria aquele que concordasse melhor com esses atributos.

Sendo Deus todo sabedoria e todo bondade, não pôde criar o mal para fazer contrapeso ao bem; se tivesse feito do mal uma lei necessária, teria enfraquecido voluntariamente o poder do bem, porque o que é mal não pode senão alterar e não fortalecer o que é bem. Estabeleceu leis que são muito justas e boas; o homem seria perfeitamente feliz se as observasse escrupulosamente; mas a menor infração a essas leis causa uma perturbação da qual experimenta o contragolpe, daí todas as suas vicissitudes; é, pois, ele mesmo que é a causa do mal por sua desobediência às leis de Deus. Deus criou-o livre para escolher seu caminho; aquele que tomou o mau, fê-lo por sua vontade, e não pode senão se acusar das conseqüências que disso lhe resulte. Pela destinação da Terra, não vemos senão os Espíritos dessa categoria, e é isso que faz crer na necessidade do mal; se pudéssemos *abarcar* o conjunto dos mundos, veríamos que os Espíritos que permaneceram no bom caminho percorrem as diferentes fases de sua existência em condições todas outras, e que desde que o mal não sendo geral, não saberia ser indispensável. Mas resta sempre a questão de saber porque Deus não criou os Espíritos perfeitos. Essa questão é análoga a esta; Por que a criança não nasce toda desenvolvida, com todas as aptidões, toda a experiência e todos os conhecimentos da idade viril?

Há uma lei geral que rege todos os seres da criação, animados e inanimados: é a lei do progresso; os Espíritos a ela estão submetidos pela força das coisas, sem isso essa

exceção perturbaria a harmonia geral, e Deus quis nisso dar um exemplo abreviando-o no progresso da infância. Mas o mal não existindo como necessidade na ordem das coisas, uma vez que não é senão o fato dos Espíritos prevaricadores, a lei do progresso não os obriga, de nenhum modo, a passarem por essa fieira para chegarem ao bem; ela não os submete senão a passar pelo estado de inferioridade intelectual, dito de outro modo, pela infância espiritual. Criados simples e ignorantes, e por isso mesmo imperfeitos, ou melhor, *incompletos*, eles devem adquirir por si mesmos e pela sua própria atividade a ciência e a experiência que não podem ter no início. Se Deus os tivesse criado perfeitos, teria devido dotá-los, desde o instante de sua criação, da universalidade dos conhecimentos; tê-los-ia assim isentado de todo o trabalho intelectual; mas ao mesmo tempo ter-lhes-ia tirado a atividade que devem se desdobrar por adquirir, e pela qual concorrem, como encarnados e desencarnados, ao aperfeiçoamento material dos mundos, trabalho que não incumbe mais aos Espíritos superiores encarregados somente de dirigir o aperfeiçoamento moral. Por sua própria inferioridade eles tornam-se uma engrenagem essencial à obra geral da criação. De um outro lado, se os tivesse criado infalíveis, quer dizer, isentos da possibilidade de fazer mal, teriam sido fatalmente como máquinas bem montadas que cumprem maquinalmente as obras de precisão; mas então não mais de livre arbítrio, e, por consequência, não mais de independência; teriam se assemelhado a esses homens que nascem com a fortuna toda feita, e se crêem dispensados de nada fazer. Submetendo-os à lei do progresso facultativo, Deus quis que tivessem o mérito de suas obras para terem direito à recompensa e gozarem da satisfação de terem eles mesmos conquistado a sua posição.

Sem a lei universal do progresso aplicada a todos os seres, teria havido uma ordem de coisas diferentes a estabelecer. Deus, sem dúvida, disso tinha a possibilidade; por que não o fez? Teria feito melhor em agir de outro modo? Nesta hipótese teria, pois, se enganado! Ora, se Deus pôde se enganar, é que não era perfeito; se não é perfeito, é que não é Deus. Desde que não se pode concebê-lo sem a perfeição infinita, disso é preciso concluir que o que fez é pelo melhor; se não estamos ainda aptos para compreender seus motivos, sem dúvida, podê-lo-emos mais tarde, num estado mais avançado. À espera disso, se não podemos sondar as causas, podemos observar os efeitos, e reconhecer que tudo, no universo, é regido por leis harmônicas cuja sabedoria e a admirável previdência confundem nosso entendimento. Bem presunçoso seria, pois, aquele que pretendesse que Deus deveria reger o mundo de outro modo, porque isso significaria que, em seu lugar, teria feito melhor do que ele. Tais são os Espíritos dos quais Deus castiga o orgulho e a ingratidão, relegando-os aos mundos inferiores, de onde não sairão senão quando, curvando a cabeça sob a mão que o fere, reconhecerão o seu poder. Deus não lhes impõe esse reconhecimento; quer que ele seja voluntário e o fruto de suas observações, é por isso que os deixa livres e espera que, vencidos pelo próprio mal que atraem, retornem a ele.

A isso responde-se: "Compreende-se que Deus não haja criado os Espíritos perfeitos, mas se julga a propósito de submetê-los todos à lei do progresso, não teria podido, pelo menos, criá-los felizes, sem sujeitá-los a todas as misérias da vida? A rigor, o sofrimento se compreende para o homem, porque pôde desmerecer, mas os animais sofrem também; comem-se entre si; os grandes devoram os menores. Há os que cuja vida não é senão um longo martírio; têm, como nós, seu livre arbítrio e desmereceram?"

Tal é ainda a objeção que se faz algumas vezes e à qual os argumentos acima podem servir de respostas; lhe acrescentaremos, no entanto, algumas considerações.

Sobre o primeiro ponto, diremos que a felicidade completa é o resultado da perfeição; uma vez que as vicissitudes são o produto da imperfeição, criar os Espíritos perfeitamente felizes, teria sido criá-los perfeitos.

A questão dos animais pede alguns desenvolvimentos. Eles têm um princípio inteligente, isto é incontestável. De que natureza é esse princípio? Que relações tem com o do

homem? É estacionário em cada espécie, ou progressivo passando de uma espécie à outra? Qual é para ele o limite do progresso? Caminha paralelamente ao homem, ou bem é o mesmo princípio que se elabora e ensaia a vida nas espécies inferiores, para receber mais tarde novas faculdades e sofrer a transformação humana? São tantas questões que ficaram insolúveis até este dia, e se o véu que cobre esse mistério não foi ainda levantado pelos Espíritos, é que isso teria sido prematuro: o homem não está ainda maduro para receber tanta luz. Vários Espíritos deram, isto é verdade, teorias a esse respeito, mas nenhuma tem um caráter bastante autêntico para ser aceita como verdade definitiva; não se podem, pois, considerá-las, até nova ordem, senão como sistemas individuais. Só a concordância pode dar-lhes uma consagração, porque aí está o único e verdadeiro controle do ensino dos Espíritos. É por isso que estamos longe de aceitar como verdades irrecusáveis tudo o que ensinam individualmente; um princípio, qualquer que seja, para nós não adquire autenticidade senão pela universalidade do ensinamento, quer dizer, pelas instruções idênticas dadas sobre todos os pontos por médiuns estranhos uns aos outros e não sofrendo as mesmas influências, notoriamente isentos de obsessões e assistidos por Espíritos bons e esclarecidos, é preciso ouvir aqueles que provam a sua superioridade pela elevação de seus pensamentos, a alta importância de seus ensinamentos, não se contradizendo jamais, e não dizendo jamais nada que a lógica mais rigorosa não possa admitir. Foi assim que foram controladas as diversas partes da doutrina formulada em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*. Tal não é ainda o caso da questão dos animais, é porque não resolvemos o dilema; até constatação mais séria, não é preciso aceitar teorias que podem ser dadas a esse respeito senão em benefício de inventário, e à espera da confirmação ou da negação.

Em geral, não se poderia trazer muita prudência em fato de teorias novas sobre as quais pode-se iludir; também quantas delas se viram, desde a origem do Espiritismo, que, prematuramente entregues à publicidade, não tiveram senão uma existência efêmera! Assim o será com todas aquelas que não tiverem senão um caráter individual e não tiverem sofrido o controle da concordância. Em nossa posição, recebendo as comunicações de perto de mil centros Espíritas sérios, disseminados sobre os diversos pontos do globo, somos capazes de ver os princípios sobre os quais essa concordância se estabelece; foi essa observação que nos guiou até este dia, e será igualmente a que nos guiará nos novos campos que o Espiritismo está chamado a explorar. É assim que, há algum tempo, notamos nas comunicações vindas de diversos lados, tanto da França quanto do exterior, uma tendência a entrar numa via nova, pelas revelações de uma natureza toda especial. Essas revelações, freqüentemente feitas com palavras veladas, passaram despercebidas para muitos daqueles que as obtiveram; muitos outros acreditaram só eles tê-las; tomadas isoladamente, seriam para nós sem valor, mas a sua coincidência lhes dá uma alta seriedade, da qual será capaz de julgar mais tarde, quando chegar o momento de entregá-las à luz da publicidade.

Sem essa concordância, quem poderia estar seguro de ter a verdade? A razão, a lógica, o julgamento, sem dúvida, são os primeiros meios de controle dos quais é preciso fazer uso; em muitos casos isto basta; mas quando se trata de um princípio importante, da emissão de uma idéia nova, seria preciso presunção em se crer infalível na apreciação das coisas; é aliás um dos caracteres distintivos da revelação nova, de ser feita sobre todos os pontos ao mesmo tempo; assim ocorreu em diversas partes da Doutrina. A experiência aí está para provar que todas as teorias arriscadas pelos Espíritos sistemáticos e pseudo-sábios sempre foram isoladas e localizadas; nenhuma se tornou geral e nem pôde suportar o controle da concordância; várias mesmo caíram sob o ridículo, prova evidente de que elas não estavam na verdade. Esse controle universal é uma garantia para a unidade futura da Doutrina.

Esta digressão nos afastou um pouco de nosso assunto, mas era útil para nos fazer conhecer de que maneira procedemos em fato de teorias novas concernentes ao Espiri-

tismo, que está longe de ter dito a sua última palavra sobre todas as coisas. Não emitimos jamais uma que não haja recebido a sanção da qual acabamos de falar, é por isso que algumas pessoas, um pouco impacientes, se espantam de nosso silêncio em certos casos. Como sabemos que cada coisa deve vir ao seu tempo, não cedemos a nenhuma pressão, de qualquer parte que ela venha, sabendo a sorte daqueles que querem ir muito depressa e têm em si mesmos, e em suas próprias luzes, uma confiança muito grande; não queremos colher um fruto antes de sua maturidade; mas pode-se estar seguro de que, quando estiver maduro, nós o deixaremos cair.

Estabelecido este ponto, nos resta pouca coisa a dizer sobre a questão proposta, não podendo ainda ser resolvido o ponto capital.

Está constatado que os animais sofrem; mas é racional imputar esses sofrimento à imprevidência do Criador, ou uma falta de bondade de sua parte, porque a causa escapa à nossa inteligência, como a utilidade dos deveres e da disciplina escapa ao escolar? Ao lado desse mal aparente não se vêem manifestar-se suas solitudes pelas mais ínfimas de suas criaturas? Os animais não são providos de meios de conservação apropriados ao meio em que devem viver? Não se vêem seus pêlos se proverem mais ou menos segundo o clima? seu aparelho de nutrição, suas armas ofensivas e defensivas proporcionais aos obstáculos que têm a vencer e aos inimigos que têm a combater?

Em presença desses fatos tão multiplicados, e cujas conseqüências escapam ao olho do materialista, é-se fundado a dizer que não há Providência para eles? Não, certamente; tanto quanto que nossa visão é muito limitada para julgar a lei do conjunto. Nosso ponto de vista, restrito ao pequeno círculo que nos cerca, não nos deixa ver senão as irregularidades aparentes; mas quando nos elevamos pelo pensamento acima do horizonte terrestre, essas irregularidades se apagam diante da harmonia geral.

O que mais choca nessa observação localizada, é a destruição dos seres uns pelos outros. Uma vez que Deus prova sua sabedoria e sua bondade em tudo o que podemos compreender, é preciso também admitir que a mesma sabedoria preside ao que não compreendemos. De resto, não se exagere a importância dessa destruição senão pelo que se lhe liga à matéria, sempre em conseqüência do ponto de vista estreito em que o homem se coloca. Em definitivo, não há senão o envoltório físico a destruir, mas o princípio inteligente não é aniquilado; o Espírito é tão indiferente à perda de seu corpo, quanto o homem o é à de sua roupa. Essa destruição dos envoltórios temporários é necessária à formação e à manutenção dos novos envoltórios que se constituem com os mesmos elementos, mas o princípio inteligente nisso não sofre nenhum prejuízo, não mais entre os animais do que entre os homens.

Resta o sofrimento que acarreta às vezes a destruição desse envoltório. O Espiritismo nos ensina e nos prova que o sofrimento, no homem, é útil para o seu adiantamento moral; quem nos diz que aqueles que suportam os animais não tem também a sua utilidade; que ele não é, em sua esfera e segundo uma certa ordem de coisas, uma causa de progresso? Isso não é senão uma hipótese, é verdade, mas que, ao menos, se apoia sobre os atributos de Deus: a justiça e a bondade, ao passo que os outros lhes são a negação.

A questão da criação dos seres perfeitos, tendo sido debatida numa sessão da Sociedade Espírita de Paris, o Espírito de Eras-to ditou, a este respeito, a comunicação seguinte.

Sobre a não-perfeição dos seres criados.

(Sociedade Espírita de Paris, 5 de fevereiro de 1864. - Médiun, Sr. d'Ambel.)

Por que Deus não criou todos os seres perfeitos? Em virtude mesmo da lei do progresso. É fácil compreender a economia desta lei. Aquele que caminha está no movimen-

to, quer dizer, na lei da atividade humana; aquele que não progride, que se acha por essência estacionário, incontestavelmente, não pertence à gradação ou hierarquia humanitária. Eu me explico, e compreendereis facilmente o meu raciocínio. O homem que nasce numa posição mais ou menos elevada encontra em sua situação ativa um estado de ser dado; pois bem! é certo que se toda sua vida inteira escoasse nessa condição de ser, sem que tivesse trazido modificações por seu feito ou pelo feito de outrem, ele declararia que sua existência é monótona, aborrecida, cansativa, insuportável, em uma palavra; acrescento que teria perfeitamente razão, tendo em vista que o bem não é bem senão relativamente àquilo que lhe é inferior. Isto é tão verdade, que, se colocardes o homem num paraíso terrestre, num paraíso onde não se progrida mais, ele achará, num tempo dado, a sua existência e essa morada um inferno impiedoso. Disso resulta, de maneira absoluta, que a lei imutável dos mundos é o progresso ou o movimento para a frente; quer dizer que todo Espírito que é criado está submetido inevitavelmente a essa grande e sublime lei da vida; conseqüentemente, tal é a própria lei humana.

Não existe senão um único ser perfeito, e não pode dele existir senão um único: Deus! Ora, pedir ao Ser supremo para criar os Espíritos perfeitos, isso seria pedir-lhe para criar alguma coisa semelhante e igual a ele. Emitir uma semelhante proposição, não é condená-la antecipadamente? Ó homens! por que sempre pedir a razão de ser de certas questões insolúveis ou acima do entendimento humano? Lembrai-vos sempre de que só Deus pode permanecer e viver em sua imobilidade gigantesca. Ele é o *summum* e o *máximum* de todas as coisas, o *alfa* e o *ômega* de toda a vida. Ah! crede-me, meus filhos, não procureis jamais levantar o véu que cobre esse grandioso mistério, que os maiores Espíritos da criação não abordam senão tremendo. Quanto a mim, humilde pioneiro da iniciação, tudo o que posso vos afirmar é que a imobilidade é um dos atributos de Deus ou do Criador, e que o homem e tudo o que é criado têm, como atributo, a mobilidade. Compreendi se puderdes compreender, ou então esperai que seja chegada a hora de uma explicação mais inteligível, quer dizer, mais à altura de vosso entendimento.

Não trato senão desta parte da questão, tendo querido vos provar somente que não estava estranho à vossa discussão; sobre todo o resto refiro-me ao que foi dito, uma vez que todo o mundo me pareceu da mesma opinião. Dentro em pouco falarei de outros fatos que foram assinalados (os fatos de Poitiers).

ERASTO.

UM MÉDIUM PINTOR CEGO.

Um de nossos correspondentes de Maine-et-Loire, Sr. doutor C..., nos transmite o fato seguinte:

"Eis um curioso exemplo da faculdade medianímica aplicada ao desenho, e que se manifestou vários anos antes que o Espiritismo fosse conhecido, e mesmo antes das mesas girantes. Há três semanas, estando em Bressuire, eu explicava o Espiritismo e as relações dos homens com o mundo invisível, a um advogado de meus amigos, que não lhe conhecia a primeira palavra; ora, eis o fato que me contou como tendo uma grande relação com o que lhe dizia. Em 1849, disse ele, ia com um amigo visitar a aldeia de Saint-Laurent-sur-Sèvres e seus dois conventos, um de homens e o outro de mulheres. Fomos recebidos da maneira mais cordial pelo Padre Dallain, superior do primeiro, e que tinha também autoridade sobre o segundo. Depois de ter nos levado a passear nos dois conventos, nos disse: "Quero agora, senhores, vos mostrar uma das coisas mais curiosas do convento das senhoras." Fez trazer um álbum onde admiramos, com efeito, aquarelas de uma grande perfeição. Eram flores, paisagens e marinhas. "Estes desenhos, tão bem sucedidos, nos disse, foram feitos por uma de nossas jovens religiosas que é cega." E eis o que ele nos contou de um adorável buquê de rosas das quais um botão era azul: "Há al-

gum tempo, em presença do Sr. marquês de La Rochejaquelein e vários outros visitantes, chamei a religiosa cega e lhe pedi para colocar-se em uma mesa para desenhar alguma coisa. Diluíram-se-lhe as cores, deram-lhe papel, lápis, pincéis, e ela começou imediatamente o buquê que vedes. Durante seu trabalho, colocou-se várias vezes um corpo opaco, seja cartão ou prancheta entre seus olhos e o papel, e o pincel por isso não continuou menos a caminhar com a mesma calma e a mesma regularidade. Sobre a observação de que o buquê era um pouco magro, ela disse: "Pois bem! vou fazer partir um botão da axila deste ramo." Enquanto ela trabalhava nessa retificação, mudou-se o carmim do qual se servia pelo azul; ela não se apercebeu da mudança, e eis porque vedes um botão azul."

Os Sr. abade Dallain, acrescenta o narrador, era tão notável pela sua ciência, sua grande inteligência, quanto por sua alta piedade; não encontrei, disse ele, ninguém que me haja inspirado mais de simpatia e de veneração.

O fato não prova, em nossa opinião, de maneira evidente, uma ação medianímica. Pela linguagem da jovem cega, é certo que ela via, de outro modo não teria dito: "Vou fazer partir um botão da axila deste ramo." Mas o que não é menos certo, é que ela não via pelos olhos, uma vez que continuava seu trabalho apesar do obstáculo que se lhe colocava à frente. Ela agia com conhecimento de causa, e não maquinalmente como um médium. Parece, pois, evidente que era dirigida pela *segunda vista*; via pela visão da alma, abstração feita da visão do corpo; talvez mesmo estava, de maneira permanente, num estado de sonambulismo desperto.

Fenômenos análogos foram muitas vezes observados, mas contentava-se de achá-los surpreendentes. Sua causa não podia ser descoberta, pela razão que, ligando-se essencialmente à alma, seria preciso primeiro reconhecer a existência da alma; mas admitido esse ponto, não bastaria ainda; faltaria o conhecimento das propriedades da alma e o das leis que regem suas relações com a matéria. O Espiritismo, revelando-nos a existência do perispírito, nos fez conhecer, podendo exprimir-se assim, a fisiologia dos Espíritos; por aí nos deu a chave de uma multidão de fenômenos incompreendidos, qualificados, à falta de melhores razões, de *sobrenaturais* por uns, e pelos outros de *extravagâncias da Natureza*. Pode a Natureza ter extravagâncias? Não, porque as extravagâncias são caprichos; ora, a Natureza sendo a obra de Deus, Deus não pode ter caprichos, sem isso nada seria estável no Universo. Se há uma regra sem exceção, seguramente, essa deve ser a que rege as obras do Criador; as exceções seriam a destruição da harmonia universal. Todos os fenômenos se ligam a uma lei geral, e uma coisa não nos parece extravagante senão porque não a observamos senão de um único ponto, ao passo que considerando-se o conjunto, se reconheceria que a irregularidade desse ponto não é senão aparente e depende de nosso ponto de vista limitado.

Isto posto, diremos que o fenômeno do qual se trata não é nem maravilhoso nem excepcional, isso é o que vamos tratar de explicar.

No estado atual de nossos conhecimentos, não podemos conceber a alma sem seu envoltório fluídico, perispiritual. O princípio inteligente escapa completamente à nossa análise; não o conhecemos senão por suas manifestações, que se produzem com a ajuda do perispírito; é pelo perispírito que a alma age, percebe e transmite. Liberta do envoltório corpóreo, a alma ou Espírito é ainda um ser complexo. A teoria, de acordo com a experiência nos ensina que a visão da alma, do mesmo modo que todas as outras percepções, é um atributo do ser inteiro; no corpo ela está circunscrita ao órgão da visão; e é preciso o concurso da luz; tudo o que está sobre o trajeto do raio luminoso a intercepta. Não ocorre assim com o Espírito, para o qual não há nem obscuridade nem corpos opacos. A comparação seguinte pode ajudar a compreender essa diferença. O homem, a céu aberto, recebe a luz de todos os lados; mergulhado no fluido luminoso, o horizonte visual se estende todo ao redor. Se está fechado numa caixa na qual não é praticada senão uma pequena abertura, tudo ao redor de si está na obscuridade, salvo o ponto por onde chega o raio luminoso. A visão do Espírito encarnado está neste caso, a do Espírito desencarnado está

no primeiro. Esta comparação é justa quanto ao efeito, mas não o é quanto à causa; porque a fonte da luz não é a mesma para o homem e para o Espírito, ou, melhor dizendo, não é a luz que lhe dá a faculdade de ver.

A cega de que se trata via, pois, pela alma e não pelos olhos; eis porque o corpo opaco colocado diante de seu desenho não a dificultava mais do que se diante dos olhos de um vidente fosse colocado um cristal transparente; é também porque ela podia desenhar à noite tão bem quanto de dia.

O fluido perispiritual irradiando tudo ao seu redor, penetrando tudo, levava a imagem, não sobre a retina, mas à sua alma. Nesse estado, a visão abarca tudo? Não; ela pode ser geral ou especial segundo a vontade do Espírito; pode ser limitada ao ponto onde concentra a sua atenção.

Mas, então, dir-se-á, por que não percebeu ela a substituição da cor? Pode-se primeiro que a atenção levada sobre o lugar que ela queria colocar a flor a tenha desviado da cor; aliás, é preciso considerar que a visão da alma não se opera pelo mesmo mecanismo que a visão corpórea e que assim há efeitos dos quais não poderíamos nos dar conta; além disso, é preciso notar que *nossas cores* são produzidas pela refração de *nossa luz*; ora, as propriedades do perispírito sendo diferentes das de nossos fluidos ambientes, é provável que a refração ali não produziu os mesmos efeitos; que as cores não têm para o Espírito a mesma causa que para o encarnado; ela podia, pois, pelo pensamento, ver rosa o que nos parecia azul. Sabe-se que o fenômeno da substituição das cores é bastante freqüente na visão comum. O fato principal é o da visão bem constatada sem o concurso dos órgãos da visão. Esse fato como se vê, não implica a ação medianímica, mas não exclui não mais, em certos casos, a assistência de um Espírito estranho. Essa jovem podia, pois, ser ou não ser médium, e que um estudo mais atento teria podido revelar.

Uma pessoa cega gozando dessa faculdade seria um sujeito precioso de observação; mas para isso ser-lhe-ia necessário conhecer a fundo a teoria da alma, a do perispírito, e por conseguinte o sonambulismo e o Espiritismo. Nessa época não se conheciam essas coisas; hoje mesmo não é nos meios onde se os considera como diabólicos que se poderia entregar-se a esses estudos. Isso não é não mais naqueles onde se nega a existência da alma que se pode fazê-lo. Um dia virá, sem dúvida, em que se reconhecerá que existe uma *física espiritual*, como se começa a reconhecer a existência da *medicina espiritual*.

VARIEDADES

Uma tentação.

Conhecemos pessoalmente uma senhora médium dotada de uma notável faculdade tiptológica: ela obtém facilmente, e, o que é muito raro, quase constantemente, coisas de precisão, como nome de lugares e de pessoas em diversas línguas, datas e fatos particulares, em presença dos quais a incredulidade, mais de uma vez, foi confundida. Essa senhora, toda devotada à causa do Espiritismo, consagra todo o tempo do qual pode dispor ao exercício de sua faculdade num objetivo de propaganda, e isso com desinteresse tanto mais louvável quanto sua posição de fortuna toca mais de perto à mediocridade. Como o Espiritismo é para ela uma coisa séria, ela procede sempre por uma prece dita com o maior recolhimento para chamar o concurso dos bons Espíritos, rogar a Deus e afastar os maus, e termina assim: "Se eu fosse tentada a abusar, no que quer que seja, da faculdade que aprova a Deus me conceder, peço-lhe me *retirá-la*, antes que permitir que ela seja desviada de seu fim providencial."

Um dia um rico estrangeiro, -foi dela mesma que obtivemos o fato, - veio encontrar essa senhora para rogar-lhe dar-lhe uma comunicação. Ele não tinha a menor noção do Espiritismo, e ainda menos de crença. Disse-lhe, depondo sua pasta de papéis sobre a mesa: "Senhora, eis dez mil francos que vos dou se me disserdes o nome da pessoa na qual penso." Isto basta para mostrar onde ele estava em conhecimento da Doutrina. Essa senhora lhe fez, a esse respeito, as observações que todo verdadeiro Espírita faria em semelhante caso. No entanto, ela tentava e não obtinha absolutamente nada. Ora, logo depois da partida desse senhor, ela teve, por outras pessoas, comunicações muito de outro modo difíceis e complicadas do que a que lhe tinha pedido.

Esse fato deveria ser, para esse senhor, assim como lhe dissemos, uma prova da sinceridade e da boa fé do médium, porque os charlatães têm sempre recursos à sua disposição quando se trata de ganhar dinheiro. Mas disso ressaltam vários ensinamentos de uma outra gravidade. Os Espíritos quiseram provar que não é com dinheiro que se lhes faz falar quando não o querem; além disso, provaram que, se não tinham respondido à sua pergunta, isso não era impossibilidade de sua parte, uma vez que disseram coisas mais difíceis a pessoas que nada ofereciam. A lição era maior ainda para o médium; era demonstrar-lhe sua impossibilidade absoluta fora de seu concurso, e ensinar-lhe a humildade; porque, se os Espíritos estivessem às suas ordens, se bastasse a sua vontade para fazê-los falar, era o caso de jamais exercer o seu poder.

Está aí uma prova manifesta em apoio do que dissemos no número da *Revista* de fevereiro último, a propósito do Sr. Home, sobre a impossibilidade em que estão os médiuns de contar com uma faculdade que pode lhes fazer falta no momento em que seria necessária. Aquele que possui um talento e que o explora está sempre certo de tê-lo à sua disposição, porque é inerente à sua pessoa; mas a mediunidade não é um talento; ela não existe senão pelo concurso de terceiros; se esses terceiros se recusam, não há mais mediunidade. A aptidão pode subsistir, mas o seu exercício é anulado. Um médium sem a assistência dos Espíritos é como um violinista sem violino.

O senhor em questão admirou-se que, vindo para se convencer, os Espíritos não se prestaram para isso. A isto lhe respondemos que, se ele pode ser convencido, o será por outros meios que não lhe custarão nada. Os Espíritos não quiseram que ele pudesse dizer tê-lo a preço de dinheiro, porque se o dinheiro fosse necessário para se convencer, como fariam aqueles que não podem pagar? É para que a crença possa penetrar nos mais humildes redutos que a mediunidade não é um privilégio; ela se encontra por toda a parte, a fim de que todos, pobres como ricos, possam ter a consolação de comunicar-se com seus parentes e amigos de além-túmulo. Os Espíritos não quiseram que fosse convencido dessa maneira, porque a repercussão que isso teria dado teria falseado sua própria opinião e a de seus amigos sobre o caráter essencialmente moral e religioso do Espiritismo. Não o quiseram no interesse do médium e dos médiuns em geral, dos quais esse resultado teria superexcitado a cupidez, porque diriam a si mesmos que se obteve sucesso nessa circunstância, o poderia igualmente em outras. Não é a primeira vez que ofertas semelhantes foram feitas, que brindes foram ofertados, mas sempre sem sucesso, tendo em vista que os Espíritos não se colocam ao concurso e não se dão ao que mais oferece.

Se essa senhora tivesse conseguido, teria ela aceito ou recusado? Nós o ignoramos, porque dez mil francos são bem sedutores, sobretudo em certas posições. Em todos os casos, a tentação foi grande; e quem sabe se uma recusa não foi seguida de um lamento que lhe atenuou o mérito? Notemos que, na prece, ela pede a Deus de retirar sua faculdade antes de permitir que seja tentada de desviá-la de seu fim providencial; pois bem! sua prece foi atendida; sua mediunidade lhe foi retirada para esse fato especial, a fim de poupar-lhe o perigo da tentação, e todas as conseqüências deploráveis que isso teria em conseqüência, para ela mesma primeiro, e também pelos maus efeitos que isso teria produzido.

Mas não é somente contra a cupidez que os médiuns devem se colocar em guarda; como os há em todas as classes da sociedade, a maioria está acima dessa tentação; mas há um perigo bem de outro modo grande, porque todos a ele estão expostos, que é o orgulho, que nisso perde um tão grande número; é contra este escolho que as mais belas faculdades, muito freqüentemente, vêm se quebrar. O desinteresse material é sem proveito se não for acompanhado do desinteresse moral mais completo. Humildade, devotamento, desinteresse e abnegação são as qualidades do médium amado pelos bons Espíritos.

Manifestações de Poitiers.

Os fatos dos quais demos conta em nosso último número, e sobre os quais havíamos suspenso nosso julgamento, parecem ser definitivamente obtidos pelos fenômenos espíritas. Um exame atento das circunstâncias de detalhe não permite confundir os atos da malevolência ou da travessura. Parece-nos difícil que os mal intencionados possam escapar à atividade da vigilância exercida pela autoridade, e possam sobretudo agir no próprio momento em que são espiados, sob os olhos daqueles que os procuram, e que certamente não faltam de boa vontade para descobri-los.

Os exorcismos tinham sido feitos, mas depois de alguns dias de suspensão, os ruídos começaram com outro caráter. Eis o que disto disse o *Journal de la Vienne* em seus números de 17 e 18 de fevereiro:

"Lembra-se que no mês de janeiro último os Espíritos batedores, fazendo a sua solene aparição em Poitiers, vieram sitiá-la, rua Saint-Paul, a casa situada perto da antiga igreja designada por este vocábulo; mas sua permanência entre nós não foi senão de curta duração, e estava-se no direito de crer que tudo tinha acabado, quando, anteontem, os ruídos que tinham tão fortemente agitado a população se reproduziram com uma nova intensidade.

"Os diabos negros, pois, retornaram à casa da senhorita d'O...; somente que não são mais Espíritos batedores, mas Espíritos atiradores, procedendo por meio de detonações formidáveis. Celebraremos, sua festa no dia de Santa Bárbara, patrona dos artilheiros. É sempre quando a isso se dão de coração alegres, que as procissões de curiosos recomeçam, e que a

polícia interroga todos os ecos para se guiar através do nevoeiro do outro mundo.

"É preciso esperar, no entanto, que desta vez descubram-se os autores dessas mistificações de mau gosto, e que a justiça saberá muito provar aos exploradores da credulidade humana que os melhores Espíritos não são aqueles que fazem mais barulho mas aqueles que sabem se calar ou não falam senão a propósito.

A. PIOGEARD."

"Retornamos sempre à rua Saint-Paul, sem podermos penetrar o *mistério infernal*.

"Quando interrogamos uma pessoa que passeia com ar preocupado diante da casa da senhorita d'O..., ela nos responde invariavelmente: "De minha parte, nada ouvi, mas um tal me disse que as detonações eram muito fortes." O que não deixa de ser embaraçante para a solução do problema.

"É certo, no entanto, que os Espíritos possuem algumas peças de artilharia, e mesmo de um calibre bastante grande, porque os ruídos que delas resultam têm uma certa violência, e se assemelham, diz-se, àqueles que produzem pequenas bombas.

Mas de onde vêm eles? Impossível, até este dia, determinar a sua direção. Não provêm do subsolo, tendo em vista que os tiros de pistola dados nas adegas não se ouvem no primeiro andar.

"É pois nas regiões superiores que é preciso se esforçar por agarrá-los, e, no entanto, todos os procedimentos indicados pela ciência, ou pela experiência, para atingir esse resultado permaneceram impotentes.

"Seria preciso, então, disso concluir que os Espíritos podem impunemente atirar sua pólvora nos pardais e perturbar o repouso dos cidadãos sem que seja possível atingi-los? Esta solução seria muito rigorosa; pode-se, com efeito, para certos procedimentos, ou em virtude de alguns acidentes do terreno, produzir efeitos que surpreendem à primeira vista, mas dos quais se espanta mais tarde não ter compreendido o mecanismo elementar. São sempre as coisas mais simples que escapam à apreciação do homem.

Há muito a crer, pois, que, se os atiradores do outro mundo têm neste momento os galhofeiros de seu lado, estão longe de ser incompreensíveis. Os mistificadores podem disto estarem persuadidos; os mistificadores terão a sua vez.

A. PIOGEARD."

O Sr. Pioguard nos parece singularmente se debater contra a evidência. Dir-se-ia que, com seu desconhecimento, uma dúvida se insinua em seu pensamento; que ele teme uma solução contrária às suas idéias; em uma palavra, nos faz o efeito de pessoas que, recebendo o aviso de má notícia, exclamam: "Não, isso não é; isso não se pode; não quero nisso crer!" e que se fecham os olhos para não verem, a fim de poderem afirmar que não viram nada. Por um dos parágrafos acima parece lançar dúvidas sobre a própria realidade dos ruídos, uma vez que, segundo ele, todos aqueles que se interroga dizem nada terem ouvido. Se ninguém nada ouviu, não compreendemos por que tanto rumor; não haveria então ali mais de malevolência do que de Espíritos.

Num terceiro artigo não assinado, e que o jornal anuncia dever ser o último, ele dá, enfim, a solução desse problema. Se os interessados não a acham concludente, isto será sua falta e não a dele.

"Recebemos há algum tempo cartas em cada correio, seja de nossos assinantes, seja de pessoas estranhas ao departamento, nas quais nos pedem dar informações mais circunstanciadas sobre as cenas da qual a casa d'O... é o teatro. Dissemos tudo o que sabemos; repetimos em nossa folha tudo o que se contou em Poitiers sobre esse assunto. Uma vez que as nossas explicações não pareceram completas, eis, pela última vez, nossa resposta às perguntas que nos são dirigidas:

"É perfeitamente verdadeiro que ruídos *singulares* se fazem ouvir cada dia, de seis horas à meia-noite, à rua Saint-Paul, na casa d'O... Esses ruídos parecem àqueles que seriam produzido pelas descargas sucessivas de um fuzil de dois tiros; eles abalam as portas, as janelas e as divisões. Não se percebe nem luz nem fumaça; nenhum odor se faz sentir. Os fatos foram constatados pelas pessoas mais dignas de fé em nossa cidade, por atas da polícia e da guarda civil, a requerimento da família do Sr. conde d'Ò...

"Existe em Poitiers uma associação de Espiritistas; mas, apesar da opinião do Sr. D..., que nos escreve de Marseille, não veio ao pensamento de nenhum de nossos concidadãos, muito espirituosos por isso, que os Espiritistas estivessem no que quer que seja na *aparição dos fenômenos*. O Sr. H., de Orange, crê em causas físicas, a de gás se libertando de um antigo cemitério sobre o qual teria sido construída a casa d'O... A casa d'O... está construída sobre a rocha, e não existe nenhum subterrâneo confinante.

"Pensamos, por nossa conta, que os fatos estranhos e inexplicados, ainda que há mais de um mês perturbem o repouso de uma família honrada, não permanecerão sempre no estado de mistério. Cremos numa fraude muito hábil e esperamos ver logo os fantasmas da rua Sain-Paul corrigir-se pela polícia correccional."

A jovem obsidiada de Marmande
(Continuação.)

Narramos, no número precedente (página 46), a notável cura obtida por meio da prece, pelos Espíritas de Marmande, de uma jovem obsidiada dessa cidade. Uma carta posterior confirma o resultado dessa cura, hoje completa. O rosto da criança, alterada por oito meses de torturas, retomou a sua frescura, sua aparência física e sua serenidade.

A qualquer opinião que se pertença, qualquer idéia que se tenha do Espiritismo, toda pessoa animada de um sincero amor ao próximo deveu se alegrar de ver a tranqüilidade reentrar nessa família, e o contentamento suceder à aflição. É lamentável que o Sr. cura da paróquia não haja crido dever associar-se a esse sentimento, e que essa circunstância lhe tenha fornecido o texto de um discurso pouco evangélico numa de suas práticas dominicais. Suas palavras, tendo sido ditas em público, são do domínio da publicidade. Se se tivesse limitado a uma crítica leal da Doutrina no seu ponto de vista, disso não falaríamos, mas cremos dever realçar os ataques que dirigiu contra as pessoas mais respeitáveis, tratando-as de saltimbancos, a propósito do fato acima.

"Assim, disse ele, o primeiro *engraxate que chegue* poderá, pois, se for médium, evocar o membro de uma família honrada, quando ninguém nessa família poderá fazê-lo? Não creiais nesses absurdos, meus irmãos; é do malabarismo, é da asneira. De fato, que vedes nessas reuniões? Carpinteiros, marceneiros, carpinteiros de carro, que sei ainda?.....Algumas pessoas me perguntaram se eu tinha contribuído para a cura da criança. "Não, lhes respondi; não estou nisso em nada; não sou médico."

"Não vejo lá, dizia aos pais, senão uma afecção orgânica da alçada da medicina;" acrescentando que se tivesse acreditado que as preces pudessem operar algum alívio, tê-las-ia feito há muito tempo.

Se o Sr. cura não crê na eficácia da prece em semelhante caso, fez bem em não falar disso; de onde é preciso concluir que, sendo homem consciencioso, se seus pais tivessem vindo lhe pedir missas pela cura da criança, ter-lhe-ia recusado o pagamento, porque se fosse aceito, teria feito pagar por uma coisa que considera sem valor. Os Espíritas crêem na eficácia das preces pelas doenças e as obsessões; eles pediram, curaram, e não pediram nada; bem mais, se seus pais estivessem na necessidade, lhes teriam dado.

"Esses são, disse ele, os charlatães e os malabaristas." Desde quando foram vistos charlatães fazerem seu ofício por nada? Fizeram dar aos doentes os amuletos? Fizeram sinais cabalísticos? Pronunciaram palavras sacramentais ligando-lhes uma virtude eficaz? Não, porque o Espiritismo condena toda prática supersticiosa; eles oraram com fervor, em comunhão de pensamentos; essas preces eram do malabarismo? Aparentemente não; uma vez que tiveram sucesso, é que foram escutadas.

Que o Sr. cura trate o Espiritismo e as evocações de absurdos e de asneiras, disso é o senhor, se tal é sua opinião, e ninguém tem nada a lhe dizer. Mas quando, para deneigrir as reuniões espíritas, disse que não se vêem ali senão carpinteiros, marceneiros e carpinteiros de carro, etc., não é para apresentar essas profissões como degradantes, e aqueles que as exercem como pessoas desprezíveis? Esqueceis, pois, senhor cura, que Jesus era carpinteiro, e que seus apóstolos eram todos pobres artesãos ou pescadores. E evangélico lançar, do alto do púlpito, o desdém sobre a classe dos trabalhadores que Jesus quis honrar nascendo entre eles? Haveis compreendido a importância de vossas palavras quando dissestes: "O primeiro engraxate que chegue poderá, pois, evocar o membro de uma família honrada?" Vós o desprezais muito, pois, esse pobre engraxate quando limpa os vossos sapatos? Óh quê! porque sua posição é humilde não o achais digno de evocar a alma de um nobre personagem? Temeis, pois que essa alma não seja enlameada quando, por ela, se estenderão para os céus as mãos enegrecidas pelo trabalho? Credes, pois, que Deus faz uma diferença entre a alma do rico e a do pobre? Jesus não disse: Amai ao vosso próximo como a vós mesmos? Ora, amar seu próximo como a si mesmo, é não fazer nenhuma diferença entre si mesmo e o próximo; é a consagração do princípio: Todos os homens são irmãos, porque são filhos de Deus. Deus recebe com

mais distinção a alma do grande do que a do pequeno? a do homem a quem fizestes um pomposo serviço, largamente pago, do que aquela do infeliz a quem não concedestes senão as mais curtas preces? Falais do ponto de vista exclusivamente mundano, e vos esquecesteis que Jesus disse: "Meu reino não é deste mundo; lá as distinções da Terra não existem mais; lá, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos?" Quando ele disse: "Há várias moradas na casa de meu pai," isto significa que há ali uma para o rico e uma para o proletário? uma para o senhor e uma para o servidor? Não; mas que ali há uma para o humilde e uma outra para o orgulhoso, porque ele disse: "Que aquele que quiser ser o primeiro no céu seja o servidor de seus irmãos sobre a Terra." E, pois, àqueles que vos apraz chamar profanos de vos lembrar o Evangelho?

Senhor cura, em todas as circunstâncias, tais palavras seriam pouco caridosas, sobretudo no templo do Senhor, onde não deveriam ser pregadas senão palavras de paz e de união entre todos os membros da grande família; no estado atual da sociedade, é uma imperícia, porque é semear os fermentos do antagonismo. Que tivésseis uma tal linguagem na época em que os servos, habituados a dobrar-se sob o jugo, se acreditavam de uma raça inferior, porque se lhes havia dito, conceber-se-ia; mas na França de hoje, onde todo homem honesto tem o direito de levantar a cabeça, quer seja ele plebeu ou patricio é um anacronismo.

Se, como é provável, houvesse no auditório carpinteiros, marceneiros, carpinteiros de carros e engraxates, deveriam ser mediocrementemente tocados desse discurso; quanto aos Espíritos, sabemos que pediram a Deus para perdoar ao orador suas imprudentes palavras, e que eles mesmos perdoaram àquele que lhes disse: Racca; é o conselho que damos a todos os nossos irmãos.

Extrato da ordem do Mons. bispo de Strasbourg.

Citamos pura e simplesmente a passagem dessa ordenação concernente ao Espiritismo, sem comentários e sem reflexões. Dando sua opinião sobre esse assunto, do ponto de vista teológico, o monsenhor está em seu direito, e desde que não ataca senão as coisas e não às pessoas, nada há a dizer; não haveria ali a discutir senão sua teoria, ora, é o que foi feito tantas vezes, e seria supérfluo se repetir, tanto mais quanto ali não encontramos nenhum argumento novo. Colocamo-la sob os olhos de nossos leitores, a fim de que todos possam dela tomar conhecimento, e tirem proveito segundo o julgarem a propósito.

"O demônio se esconde sob todas as formas possíveis, para eternizar sua conspiração contra Deus e os homens, para continuar sua obra de sedução. No paraíso, está disfarçado sob a forma da serpente; se for preciso, ou se isso puder contribuir para a realização de seus projetos, transforma-se em anjo de luz, como o provam mil exemplos consignados na história.

"Numa época mais recente, retirou mesmo do arsenal do inferno armas usadas na época e cobertas de ferrugem das quais se tinha servido em tempos mais recuados, mais particularmente no segundo ou terceiro século, para combater o cristianismo. As mesas girantes, os Espíritos batedores, as evocações, etc., são tantos artificios, e Deus o permite para o castigo dos homens ímpios, curiosos e levianos. Se os maus gênios, como o asseguram as santas Escrituras, enchem o ar, se se unem aos homens em seus corpos e em suas almas (vede o livro de Job e muitas outras passagens das Escrituras), se podem fazer falar de madeira, uma pedra, uma serpente, as cabras, uma mula; se, junto do lago de Genesaré, recebem, a seu próprio pedido, a permissão de entrar nos animais imundos, lhes é também possível falar por meio de mesas, de escrever com os pés de uma mesa ou de uma cadeira, de adotar a linguagem e de imitar a voz dos mortos ou dos ausentes, de contar coisas que nos são desconhecidas ou que nos parecem impossíveis, mas que, em sua qualidade de Espíritos podem ver e ouvir. Todavia, infelicidade aos homens in-

sensatos, ociosos, imprevidentes e criminosamente indiscretos que procuram seu passatempo nos malabarismos diabólicos, que não temem recorrer a esses meios supersticiosos e proibidos para chegarem ao conhecimento do futuro e de outros mistérios que o demônio ignora ou não conhece senão imperfeitamente! Quem gosta do perigo perecerá no perigo; quem joga com as serpentes venenosas não escapará ao seu dardo assassino; quem se precipita nas chamas será reduzido a cinzas; quem procura a sociedade dos mentirosos e dos velhacos se tornará necessariamente sua vítima. Está aí um comércio com os maus anjos, aos quais os profetas do Antigo Testamento dão o nome que não se leva de boa vontade numa cátedra cristã. Quando essas evocações ocorrem, o maligno Espírito poderá bem dizer, de início, uma ou outra verdade, e falar segundo os desejos dos curiosos, a fim de ganhar sua confiança. Mas as pessoas impacientes de penetrar os mistérios são seduzidas, ofuscadas, quando se aproxima de seus lábios a taça envenenada; são saciadas de todas as espécies de mentiras e de impiedades, são despojadas de todos os princípios cristãos, de todos os piedosos sentimentos. Feliz aquele que se apercebe a tempo que caiu entre mãos diabólicas e que pode, com o socorro de Deus, repelir os laços dos quais estava carregado!..."

Enquanto nossos antagonistas permanecerem no terreno da discussão teológica, convidamos aqueles de nossos irmãos que querem bem ouvir nossos conselhos, a se absterem de toda recriminação, porque a liberdade de opinião deve ser para eles quanto para nós. Ó Espiritismo não se impõe, aceita-se; ele dá suas razões e não acha mau que as combata, uma vez que isso seja com armas leais, e remete-se ao bom senso público para pronunciar-se. Se ele repousa sobre a verdade, triunfará apesar de tudo; se seus argumentos são falsos, a violência não os tornará melhores. O Espiritismo não quer ser acreditado sob palavra; ele quer o livre exame; sua propaganda se faz dizendo: Vede o pró e o contra; julgai o que satisfaça melhor vosso julgamento, o que responda melhor às vossas esperanças e às vossas aspirações, o que toque mais vosso coração, e decidi-vos em conhecimento de causa.

Censurando, em nossos adversários, o inconveniente das palavras e as personalidades, os Espíritas não devem incorrer na mesma censura; a moderação fez a sua força; nós os adjuramos para disso não renunciar. Em nome dos princípios do Espiritismo, e no interesse da causa, declinamos toda solidariedade com toda polêmica agressiva e inconveniente de qualquer parte que venha.

Ao lado de alguns fatos lamentáveis, como o de Marmande, deles poderíamos citar bom número de um outro caráter, se não temêssemos atrair desagregação aos seus autores, é porque não o fazemos senão com a maior reserva.

Uma senhora que conhecemos pessoalmente, bom médium, fervorosa Espírita assim como seu marido, estava, há seis meses, em artigo da morte; ela hauria em sua crença e em sua fé no futuro uma consoladora resignação nesse momento supremo, que via se aproximar sem temor. A seu pedido, o cura da paróquia, respeitável velhinho, veio para administrar-lhe. Sabeis, disse-lhe ela, que somos Espíritas; me dareis, apesar disso, os sacramentos da Igreja? -Por que não? respondeu o bom cura; esta crença vos consola; torna-vos ambos piedosos e caridosos; não vejo nada de mal nisso, conheço, *O Livro dos Espíritos*; não vos direi que me convenceu sobre todos os pontos, mas contém a moral que todo cristão deve seguir, e não vos censuro por lê-lo; somente, se há bons Espíritos, há deles também os maus; é contra estes que é preciso vos pôr em guarda; são estes que é preciso vos interessar em distinguir. Aliás, vede, meu filho, a verdadeira religião consiste na prece do coração e na prática de boas obras; tendes fé em Deus, orais com fervor, assistis vosso próximo tanto quanto o podeis, posso, pois, vos dar a absolvição."

Uma rainha médium.

Não teríamos tomado a iniciativa do fato seguinte, mas não temos nenhum motivo de nos abster, uma vez que está reproduzido em vários jornais, entre outros a *Opinion nationale* e o *Siècle* de 22 de fevereiro de 1864, segundo o *Bulletin diplomatique*.

"Uma carta emanando de uma pessoa bem informada revela que, recentemente, num conselho privado, onde era agitada a questão dinamarquesa, a rainha (Vitória) declarou que nada faria sem consultar o *príncipe Albert*, e, com efeito, depois de ter se retirado algum tempo em seu gabinete, ela retornou dizendo: que o príncipe se pronunciara contra a guerra. Este fato e *outros semelhantes* transpiraram e deram nascimento ao pensamento de que seria oportuno estabelecer uma regência."

Tínhamos, pois, razão quando escrevemos que o Espiritismo tem adeptos até sobre os degraus dos tronos; teríamos podido dizer: até sobre os tronos. Mas vê-se que os próprios soberanos não escapam à qualificação dada àqueles que crêem nas comunicações de além-túmulo. Os Espíritos, que são tratados como loucos, devem se consolar de estar em tão boa companhia. O contágio é, pois, grande, uma vez que sobe tão alto! Entre os príncipes estrangeiros sabemos um bom número deles que têm essa pretensa fraqueza, uma vez que fazem parte da Sociedade Espírita de Paris. Como se quer que a idéia não penetre a sociedade inteira quando ela parte de todos os graus da escala?

O Sr. cura de Marmande pode ver por aí que não há médiuns senão entre os engraxates.

O *Journal de Poitiers*, que narra o mesmo fato, o faz seguir desta reflexão:

"Cair assim no domínio dos Espíritos, não é abandonar o das únicas realidades que têm direito de conduzir o mundo?"

Somos, até um certo ponto, da opinião do jornal, mas num outro ponto de vista. Para ele os Espíritos não são realidades, porque, segundo certas pessoas, não há de realidades senão naquilo que se vê e que se toca; ora, nessa conta, Deus não seria uma realidade, e, no entanto, quem ousaria dizer que ele não conduz o mundo? que nele não há acontecimentos providenciais para conduzir a tal resultado determinado? Pois bem! os Espíritos são os instrumentos de sua vontade; eles inspiram os homens, os solicitam, com seu desconhecimento, a fazer tal ou tal coisa, a agir num sentido antes que num outro, e isto nas grandes resoluções como nas circunstâncias da vida privada. Sob esse aspecto, pois, não somos da opinião do jornal.

Se os Espíritos inspiram de maneira oculta, é a fim de deixar ao homem seu livre arbítrio e a responsabilidade de seus atos. Se ele recebe a inspiração de um mau Espírito, pode estar *certo* de receber, ao mesmo tempo, a de um bom Espírito, porque Deus não deixa jamais o homem sem defesa contra as más sugestões; cabe a ele pesar e decidir segundo a sua consciência.

Nas comunicações ostensivas por via medianímica, o homem não deve mais fazer abnegação de seu livre arbítrio; seria um erro regular cegamente e sem exame todos os seus passos e providências segundo o conselho dos Espíritos, porque os há que podem ter ainda as idéias e os preconceitos da vida; não há senão os Espíritos muito superiores que disso estão isentos. Os Espíritos dão seu conselho, sua opinião; em caso de dúvida, pode-se discutir com eles como se fazia quando vivos; então pode-se pesar a força de seus argumentos. Os Espíritos verdadeiramente bons não se recusam jamais a isso; aqueles que repelem todo exame, que prescrevem uma submissão absoluta, provam que contam pouco sobre a bondade de suas razões para convencer, e devem ser tidos por suspeitos.

Em princípio, os Espíritos não vêm para nos conduzir ao limite; o objetivo de suas instruções é nos tornar melhores, dar a fé àqueles que não a têm, e não nos *poupar o trabalho de pensar por nós mesmos*.

Eis o que não sabem aqueles que criticam as relações de além-túmulo; acham-nos absurdas, porque as julgam sobre a idéia que se fazem delas, e não sobre a realidade que não conhecem. Não é preciso, não mais, julgar as manifestações sobre os abusos ou

as falsas aplicações que dela podem fazer algumas pessoas, não mais do que não seria racional julgar a religião pelos maus sacerdotes; ora, para saber se há boa ou má aplicação de uma coisa, é preciso conhecê-la, não superficialmente, mas a fundo. Se fordes a um concerto para saber se a música é boa, e se os músicos a executam bem, é preciso, antes de tudo, saber a música.

Estando isto posto, pode servir de base para apreciar o fato do qual se trata. Censurar-se-ia a rainha se ela tivesse dito: "Senhores, o caso é grave, permiti-me recolher-me um instante e orar a Deus para me inspirar a resolução que devo tomar?" O príncipe não é Deus, é verdade; mas como ela é piedosa, é provável que terá pedido a Deus para inspirar a resposta do príncipe, o que se torna o mesmo; ela o faz intervir como intermediário, em razão da afeição que lhe tem.

As coisas podem ainda ter se passado de outra maneira. Se quando vivo o príncipe, a rainha tinha o hábito de nada fazer sem seu conselho, estando este morto, pede-lhe a opinião como se estivesse vivo, e não *porque é Espírito*, porque, para ela, ele não está morto; está sempre junto dela, seu guia, seu conselheiro oficial; não há entre ambos senão o corpo de menos; se o príncipe vivesse ela teria feito o mesmo; não há, pois, nada de mudado em sua maneira de agir.

Agora, a política do príncipe-Espírito é boa ou má? é o que não nos compete examinar. Ó que devíamos salientar é a opinião daqueles a quem pareceu bizarro, pueril, estúpido mesmo que uma pessoa em seu bom senso possa crer na realidade de alguém que não tem mais corpo, porque lhes apraz pensar que eles mesmos, quando estiverem mortos, não serão mais nada do todo. Aos seus olhos, a rainha não fez um ato mais sensato do que se ela tivesse dito: "Senhores, vou interrogar minhas cartas, ou um astrólogo."

Se esse fato é sem grande conseqüência para a política, não ocorre o mesmo do ponto de vista espírita, pela repercussão que teve. A rainha poderia seguramente se abster de dizer o motivo de sua ausência e que tal era o conselho do príncipe. Dize-lo numa circunstância tão solene era fazer ato de alguma sorte público de crença nos Espíritos e em suas manifestações, e se reconhecer médium; ora, quando um tal exemplo vem de uma cabeça coroada, isto pode bem dar a coragem da opinião aos colocados menos alto.

Não se pode senão admirar a fecundidade dos meios empregados pelos Espíritos para obrigar os incrédulos a falar do Espiritismo e fazer sua idéia penetrar em todas as classes da sociedade. Nesta circunstância, forçoso lhe é criticar com comedimento.

Participação espírita.

Recebemos do Havre uma participação de decesso com esta subscrição:

"Rogamos

"Que o Deus todo-poderoso e misericordioso, e os *bons Espíritos*, queiram bem acolhê-lo favoravelmente."

A carta continha a menção: "Munido dos sacramentos da Igreja."

É a primeira vez, pelo menos de nosso conhecimento, que uma semelhante profissão de fé pública foi feita em semelhante circunstância. É preciso estar contente com a família pelo bom exemplo que vem de dar. Poucas pessoas, em geral, com exceção dos parentes mais próximos, têm conta do convite contido nas participações de orar pelo defunto. Estamos persuadidos de que todos os Espíritas, mesmo estranhos à família, que terão recebido este, terão considerado como um dever a cumprir o voto que ali está expresso. A prece não é para eles uma fórmula banal; sabem a influência que ela exerce no momento de sua morte, sobre o desligamento da alma.

Sr. Home em Roma. – (Conclusão).

A ordem que havia sido dada ao Sr. Home, pelas autoridades pontifícias, de deixar Roma em três dias, havia sido de início informada, assim como se viu em nosso último número; mas não se domina o medo e se reconsiderou; a permissão de permanência foi definitivamente retirada, e o Sr. Home teve que partir instantaneamente sob prevenção de bruxaria. É bom dizer que o fato das pancadas e da mesa erguida durante o interrogatório, que não narramos senão sob forma duvidosa, não se tendo disso a certeza, é exato; esse devia ser um motivo a mais de pensar que o Sr. Home levava com ele a Roma o diabo, que ali jamais penetrou, ao que parece. Ei-lo, pois, bem e duramente convencido, pelo governo romano, de ser um feiticeiro; não um feiticeiro para rir, mas um verdadeiro feiticeiro, de outro modo não se teria tomado a coisa a sério. Tivemos sob os olhos o longo interrogatório que se lhe fez suportar, e essa leitura, pela forma das perguntas, involuntariamente nos reportou ao tempo de Jeanne d'Arc; ali não faltou senão a conclusão comum nessa época para essas espécies de acusações. Os jornais zombeteiros se admiraram que no século dezanove se creia ainda em feiticeiros; é que há pessoas que dormem o sono de Epiménide há quatro séculos; como, aliás, o povo nisso não creia, quando sua existência está atestada pela autoridade que melhor devê isso conhecer, uma vez que tantos deles fez queimar? É preciso nele ser cético como jornalista para não se dar conta de uma prova tão evidente. O que é mais surpreendente é que façam reviver os feiticeiros nos Espíritos, eles que vêm provar, peças na mão, que não há nem feiticeiros nem maravilhosos, mas somente leis naturais.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS.

Jacquard e Vaucanson.

Nota. - Nosso colega, Sr. Leymarie, levado por uma força involuntária, tendo se levantado um destes dias mais cedo do que de hábito, sentiu-se involuntariamente solicitado a escrever, e obteve a dissertação espontânea seguinte:

Uma geração de operários amaldiçoou meu nome; tinham razão? estavam errados? Ah! será o futuro que deverá responder.

Eu tinha uma idéia fixa, a de aperfeiçoar, e sobretudo de economizar, suprimindo algumas mãos; queria simplificar o serviço à moda Vaucanson, que pegava a criança em baixa idade para dela fazer esse pária singular, pálido, raquítico, de ar assustado, na linguagem burlesca, que formava uma população à parte de minha cidade natal.

Meu espírito estava em tensão contínua; adormecia para encontrar ao despertar um plano novo; em lugar de imagens e de sentimentos, meu pensamento era uma engrenagem, um cilindro, motores, polias, alavancas; em meus sonhos vi aparecer meu anjo guardião que punha em movimento todas as minhas aspirações, todas as obras das mãos do homem. Disse-se com razão: "Os mecânicos são os poetas da matéria;" as mais belas máquinas saíram todas feitas do cérebro de um operário; as noções mecânicas que não possuí, as recria de novo; a paciência e a imaginação são seus únicos recursos. É verdade, é uma inspiração de bons Espíritos desprezada pelas academias ou sábios de profissão; mas não é menos verdadeiro que se Arquimedes e Vaucanson são os gênios da mecânica, os Virgílios, se quereis, não é senão essa paciência, unida a uma imaginação viva, que cria todas as descobertas das quais se a Humanidade se honra, e isto por quem? pelos monges, pelos fabricantes de louças, pelos cardadores de lã, pelos pastores, pelos marinheiros, um operário em seda, um ferreiro ignorante.

Humilde operário, eu não era um gênio, mas, como tantos outros, um predestinado chamado a simplificar um ofício que deslocava os membros abreviando a vida de milhares

de crianças. Suprimi um suplício físico; tudo em servindo à indústria, servi o gênero humano.

É preciso admirar a Providência, que se serve de um pobre Jacquard para transformar um ofício que alimenta milhares, que digo eu, milhões de homens sobre a Terra; e é um inseto que o túmulo assalaria, que transforma e nutre os dois quintos do globo. Deus não é um mecânico maravilhoso? Ele criou o verme para a seda, esse engenhoso artista no qual fez encontrar o mais vasto problema de economia política. Que ensinamento para os orgulhosos e os indiferentes!

Questão de máquinas! questão terrível! Cada invenção arranca a ferramenta e o pão à populações inteiras; o inventor, portanto, é um inimigo de perto, um benfeitor à distância; decupla a força da arte e da indústria; multiplica o trabalho no futuro; merece muito da Humanidade, mas também não causa um mal presente? O primeiro inventor da máquina de fiar destruiu o recurso de muitas pessoas. Quem fiava a matéria bruta, senão a mãe de família, a pastora, as mulheres velhas? Tão mínimo que fosse o seu salário, pelo menos habilitava-as, fazia-as viver tão bem quanto mal.

Semelhantes aos inventores de verdades religiosas, políticas ou morais, os inventores de máquinas revolucionam a matéria; precursores do futuro, abrem violentamente seus caminhos através dos interesses, esmigalhando sob seus pés o passado; também são, à espera de sua recompensa distante, amaldiçoados por seus concidadãos.

Pobre Humanidade! tu és estúpida se te deténs, cruel se tu caminhas; deves, segundo Deus, não ficar estacionaria se não quiseses perpetuar o mal, mas para cumprir o bem, és revolucionária apesar de tudo.

E é por isso que, neste tempo de transição, Deus vos disse: Sede Espíritas; quer dizer, profundamente imbuídos de iniciativa moral e desinteressada; quer dizer prontos para todos os sacrifícios, a fim de que a vossa existência se cumpra.

Como o verme da seda, rastejei penosamente, sustentado pelos bons Espíritos; como ele, fiei minha prisão, dei tudo o que tinha; como ele, meus contemporâneos me desdenharam; mas também, como ele, o Espírito renasce de suas cinzas para viver verdadeiramente e admirar essa mecânica dos mundos, esse Deus de luz e de bondade que consentiu em ensinar à minha cidade natal esse Espírito de verdade que a vivifica e a consola.

JACQUARD.

Tendo sido lida essa comunicação na Sociedade de Paris, na sessão de 12 de fevereiro de 1864, evocou-se o Espírito de Jacquard, ao qual foram endereçadas as perguntas seguintes. Delas deu a resposta adiante.

(Sociedade Espírita de Paris, 12 de fevereiro de 1864. - Médium, Sr. Leymarie.)

Pergunta. - Devestes, sem dúvida, vos comunicar em Lyon, no entanto não me lembro de ter visto comunicações vossas?

Como ocorre que viestes dar a dissertação que acabamos de ler ao Sr. Leymarie, em Paris, antes que num dos centros espíritas de Lyon?

Por que, o Sr. Leymarie, de alguma sorte, foi constrangido a se levantar de madrugada para escrever essa comunicação?

Enfim, que pensais do Espiritismo em Lyon?

Resposta. - É natural que me haja me comunicado em Paris tão bem quanto em minha cidade natal, porque os pais do médium são Lioneses, e particularmente conheci seu avô, que me prestou um serviço importante numa circunstância excepcional. E depois, esse médium me foi designado pelo Espírito de seu avô, que cumpre no mundo dos Espíritos missão idêntica à minha; e como essa missão me deixa um pouco de instantes livres, acreditei não medir o sono do médium cujo devotamento, como o de tantos outros, alcança a causa a que serve.

Desejava também que meus compatriotas tivessem minhas notícias pela *Revista Espírita*. Estando sempre junto deles, partilhando suas alegrias e suas dificuldades, não cessando de lhes dizer: "Amái-vos e estimái-vos," eu queria, unindo minha voz a outras vozes mais influentes do que a minha, convidá-los nesse tempo de paralisação de trabalho e de dificuldades, a se prepararem contra as eventualidades, contra o inimigo.

Por Lyon, podeis compreender o que o Espiritismo pode interpretar como bom senso. Em que se tornaram as violências do passado, essas recriminações injustas, esses levantamentos que ensangüentaram a colmeia lionesa? E esses cabarés, outrora testemunhas de cenas licenciosas, por que se esvaziam hoje? É que a família retomou seus direitos por toda a parte onde o Espiritismo penetrou, por toda parte onde sua influência benfazeja se fez sentir; e por toda parte os operários espíritas retornaram à esperança, à ordem, ao trabalho inteligente, ao desejo de fazer bem, à vontade de progredir.

Em meu tempo, foi minha invenção que, não tornando mais o tecelão escravo da máquina, pôde regenerar todo um mundo de trabalhadores; foi o Espiritismo, a seu turno, que transformou o espírito dessa população dando-lhe a verdadeira iniciação à vida; é toda uma legião de bons Espíritos que vem descerrar os olhos e abrir à inteligência, ao amor, os corações até então pervertidos.

Hoje, o Espiritismo entra em uma nova fase, porque é o tempo das aspirações generosas. A burguesia, submetida ainda ao alto clero, fica expectadora do combate pacífico que a idéia nova entrega ao *non possumus* do passado; e todos esperam o fim da batalha, a fim de se alinharem ao lado dos vencedores.

Também, caros compatriotas, escutai e segui os conselhos de Allan Kardec: são os dos vossos Espíritos protetores. Será por eles que afastareis o perigo das colisões e mesmo das coalizões. Quanto mais íordes humildes e sinceros, mais sereis fortes. Os arrogantes abaixarão o pavilhão diante da verdade que os cega; e será então que ocorrerá a transformação espiritual dessa grande cidade que todos nós amamos e que ama particularmente a Sociedade Espírita de Paris, por sua fé no futuro e as boas esperanças que ela soube realizar.

JACQUARD.

Na mesma sessão, e enquanto Jacquard escrevia a comunicação que se acaba de ler, um outro médium, o Sr. d'Ambel, obteve uma delas sobre o mesmo assunto, assinada pelo Espírito de Vaucanson.

Objetivo final do homem sobre a Terra.

O outrora os homens eram atrelados à charrua; eram sacrificados em trabalhos gigantescos, e a construção das muralhas da Babilônia, onde vários carros caminhavam de frente, a edificação das Pirâmides e a instalação da Esfinge custaram mais do que dez sangrentas batalhas. Mais tarde, os animais foram escravizados concorrentemente aos homens e viu-se, na jovem Lutécia, os bois emparelhados sob o jugo, arrastar o carro onde se refestelavam os reis preguiçosos da segunda raça.

Este preâmbulo tem por objeto mostrar, àqueles que nos escutam, que todas as questões colocadas neste centro simpático aos Espíritos obtêm sua solução, seja por um, seja por outro dentre nós. Esse caro Jacquard, essa glória da profissão de tecelão, esse artesão engenhoso que caiu como um valente soldado no campo de honra e trabalho, tratou um lado das questões econômicas que se ligam ao labor humanitário. De alguma forma, me colocou em causa; falando das modificações que eu mesmo trouxe à arte do tecido e do tecelão, por assim dizer, ele me chamou para desempenhar minha parte neste concerto espiritual. É porque, achando entre vós um médium nascido como eu na velha cidade dos Allobroges, esse reino de Grésivaudan, dele me apodero com a permissão de

seus guias habituais, e venho completar, por uma parte, a exposição que meu ilustre amigo de Lyon vos deu por um outro médium.

Em sua dissertação, muito notável de resto, ele expressa ainda alguns lamentos que, sob o inventor, vão encontrar o operário ciumento de seu ganha-pão e temendo a inatividade homicida; sente-se que o pai de família se espanta de uma suspensão de trabalho do qual depende a vida dos seus; adivinha-se o cidadão que treme diante do desastre que pode atingir a maioria de seus compatriotas. Esse sentimento, certamente, é dos mais honrados, mas denota um ponto de vista de uma certa estreiteza; venho tratar a mesma questão que Jacquard, senão mais longamente do que ele, pelo menos num ponto de vista mais geral; no entanto, devo constatar, para homenagear a quem de direito, que a generosa conclusão da comunicação de meu amigo recompensa amplamente o lado defeituoso que assinalo.

O homem não foi feito para permanecer um instrumento ininteligente de produções: por suas aptidões e seu lugar na criação, por seu destino, é chamado a uma outra função que a da máquina, a um outro papel que o de um cavalo astucioso; deve, nos limites postos por seu estado de adiantamento, chegar a produzir cada vez mais intelectualmente e se emancipar, enfim, desse estado de servidão e de máquina ininteligente, ao qual durante tantas gerações permaneceu escravizado. O operário está chamado a se tornar engenhoso, e a ver substituir seu braço laborioso por máquinas mais ativas, mais infatigáveis e mais precisas do que ele; o artesão deve tornar-se artista e conduzir o trabalho mecânico por um esforço de seu pensamento e não mais por um esforço de seus braços. Aí está a prova irrecusável dessa lei tão ampla do progresso, que rege todas as humanidades.

Agora que vos é permitido entrever, por uma escapada sobre a vida futura, a verdade dos destinos humanos; agora que estais convencidos de que esta existência não é senão um elo de vossa vida imortal, posso bem exclamar: Que importa que cem mil indivíduos sucumbam quando uma máquina é descoberta para fazer o trabalho desses cem mil indivíduos! Para o filósofo, que se eleva acima dos preconceitos e dos interesses terrestres, esse fato prova unicamente que o homem não estava mais em seu caminho quando se consagrava a esse labor condenado pela Providência. Com efeito, é no campo de sua inteligência que o homem, doravante, deve fazer passar a grade da charrua que fecunda; será só pela sua inteligência que poderá, que deverá chegar ao melhor.

Não dai, eu vos peço, às minhas palavras, um sentido muito revolucionário; não! mas deixai-lhe seu sentido amplo e superior que comporta um ensino espírita que se dirige às inteligências já avançadas e prontas a compreenderem toda a importância de nossas instruções.

É constante que se, de hoje para amanhã, o artesão abandonasse o ofício que o faz viver, sob pretexto de que, num tempo dado, este será substituído por um mecanismo ou toda outra invenção, é constante que seguiria um caminho fatal e contrário a todas as lições que o Espiritismo deu.

Mas todas as nossas reflexões não têm senão um objetivo, é o de demonstrar que ninguém deve gritar contra um progresso que substitui os braços humanos pelos motores e as engrenagens de um mecanismo. De resto, é bom acrescentar que a Humanidade pagou seu largo resgate à miséria, e que, a instrução, penetrando cada vez mais todas as camadas sociais, cada indivíduo se torna cada vez mais apto às funções tão inteligentemente chamadas liberais.

É difícil para um Espírito, que se comunica pela primeira vez a um médium, exprimir bem nitidamente o seu pensamento; desculpareis, pois, o desordenado de minha comunicação, da qual eis a conclusão em duas palavras: O homem é um agente espiritual que deve chegar, num período não afastado, a abrandar ao seu serviço e por todas as operações materiais, a própria matéria, dando-lhe por único motor a inteligência que desabrocha nos cérebros humanos.

VAUCANSON.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

Annali dello Spiritismo in Itália
(Anais do Espiritismo na Itália).

Sob este título a Sociedade Espírita de Turim começou uma publicação mensal da qual recebemos os dois primeiros números. O objetivo eminentemente sério que se propõe essa sociedade, o talento e as luzes dos membros que dela fazem parte, fazem muito augurar da direção que será dada a esse novo órgão da Doutrina; graças a ele, e em razão de que é escrito em sua língua nacional, o Espiritismo fará seu caminho na Itália, onde já encontra tão numerosas simpatias. A sociedade e seu jornal ergueram claramente a bandeira da Sociedade de Paris. A passagem seguinte, traduzida do primeiro número, é uma espécie de profissão de fé que indica suficientemente o espírito que preside à redação.

"..... Que aquele, pois, que quiser se entregar ao estudo do Espiritismo comece, antes de tentar as experiências, por ler as obras que tratam da matéria, e por estudá-las atentamente, para não fazer como o viajante que, atravessando um país desconhecido, sem guia nem conselhos, se arrisca a cada passo se desviar; e uma vez que outros já aplainaram o caminho, a razão quer que se esclareça de seus estudos para aprender a maneira de distinguir os bons Espíritos dos maus, e para saber como se deve nisso se ligar para se livrar destes últimos, para não ser ludibriado por suas mentiras, nem vítima dos males que poderiam delas resultar.

Para esse efeito se recomendam, como da mais alta utilidade, as obras escritas em francês por um infatigável e sábio Espírita, o Sr. Allan Kardec, e nas quais não se sabe o que se deve mais louvar, da justiça das intenções, da altura da filosofia ou da clareza da dicção. Entre essas obras, as principais e as primeiras a ler são *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*. No primeiro se encontra a teoria filosófica revelada, assim como o afirma o autor, pelos Espíritos superiores, e no segundo um tratado completo da prática do Espiritismo e da maneira de adquirir, se for possível, a faculdade medianímica.

"Mas nem uma nem a outra dessas obras estão ainda traduzidas para o italiano, e quando mesmo poderiam, em seu texto, serem abordadas por todo o mundo, sua extensão seria um obstáculo para muitos. O próprio autor sentiu essa dificuldade; foi por isso que resumiu a parte mais essencial de *O Livro dos Espíritos* num opúsculo intitulado: *O Espiritismo em sua mais simples expressão*, o qual foi traduzido para nossa língua e publicado em Turim. Esta tradução fez, pode-se dizer, a volta da península inteira, e dela foi vendido um grande número de exemplares em todas as cidades da Itália.

"Mas como o autor não fez um resumo de *O Livro dos Médiuns*, e na espera de que esse livro completo possa ser traduzido em italiano, tivemos a idéia de publicá-lo em resumo que, se não se pode comparar ao do Sr. Allan Kardec, contém pelo menos as principais advertências que são de primeira necessidade para aqueles que têm a intenção de se aplicar ao estudo do Espiritismo prático; bastará, nós o esperamos, para indicar o caminho que é preciso seguir para triunfar ao se pôr em relação com os bons Espíritos, e a afastar os Espíritos inferiores e perversos.

"O Espiritismo, estudado com pureza de sentimento, pode se tornar a fonte das mais doces consolações para todos os homens de bem e desejosos do progresso."

Um novo jornal acaba de aparecer em Bordeaux, sob o título de: *o Salvador dos Povos, jornal do Espiritismo, propagador da unidade fraterna*. Diretor-geral, A. LEFRAISE.

Aparece todas as semanas. - Este título promete muito e impõe grandes obrigações, porque hoje não basta mais a etiqueta. Disso falaremos quando tivermos podido apreciar a matéria da qual o justificará. Se vem trazer uma pedra útil ao edifício, se vem, como o disse, unir em lugar de dividir, se a verdadeira caridade de palavras e de ação é seu guia para com seus irmãos em crença, se a polêmica com os adversários de nossa Doutrina não se afaste dos limites da moderação e de uma leal discussão, será bem-vindo, e ficaremos felizes de encorajá-lo e de apoiá-lo.

Uma nova obra do Sr. Allan Kardec, do mesmo volume em torno de *O Livro dos Espíritos*, está no prelo desde o fim de dezembro; ela deveria aparecer em fevereiro, mas os atrasos involuntários na impressão, e os cuidados que esta exige, não o permitiram. Tudo nos faz esperar que poderemos anunciá-la posta à venda no próximo número. E destinada a substituir a obra anunciada sob o título: *As vozes do mundo invisível*, e da qual o plano primitivo foi radicalmente mudado.

NECROLOGIA. Sr.
P.-F. Matthieu,

Antigo farmacêutico-em-chefe do exército, membro de várias Sociedades de sábios.

O Sr. Matthieu, morto em 12 de fevereiro de 1864, era muito conhecido no mundo espírita parisiense, onde freqüentava diversas reuniões nas quais tomava uma parte ativa. Ocupou-se com os fenômenos espíritas desde a sua origem; nós o conhecemos na época em que fazíamos nossos primeiros trabalhos preliminares. A natureza de seu espírito levava-o à dúvida, e muito tempo depois dele mesmo ter experimentado com a ajuda da prancheta, recusava-se a nisso reconhecer a ação dos Espíritos. Depois, suas idéias tendo se modificado, e mesmo, nos últimos tempos, não se mostrava mais tão radicalmente contrário à reencarnação. O Sr. Matthieu não admitia senão dificilmente, e depois de muito tempo, o que não estava em suas idéias; mas esse não era um adversário sistemático, e, se bem que não partilhasse inteiramente as doutrinas de *O Livro dos Espíritos*, devemos fazer-lhe essa justiça de que, em sua polêmica, jamais se afastou dos limites de uma perfeita conveniência. Sua doçura e a honradez de seu caráter fizeram-no estimar e lamentar por todos aqueles que o conheceram. Morreu num momento em que vinha de colocar a última mão numa importante obra sobre os convulsionários, que os Srs. Didier e Cie. acabam de editar.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

7^a ANO

NO. 4

ABRIL 1864

BIBLIOGRAFIA

À VENDA:

IMITAÇÃO DO EVANGELHO

SEGUNDO O ESPIRITISMO (1-)

(1) Um grande vol. in-12. Casa Srs. Didier e Cie., 35, cais dos Grands-Augustins; Ledoyen, no Palais-Royal, e no escritório da *Revista Espírita*, Preço: 3 fr. 50 c.).

Contendo: a explicação das máximas morais do Cristo, sua concordância com o Espiritismo, e sua aplicação às diversas posições da vida.

Por ALLAN KARDEC,

Com esta epígrafe: "Não há fé inabalável senão aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade."

Abstemo-nos de toda reflexão sobre esta obra, nos limitando a extrair da introdução a parte que lhe indica o objetivo.

"Podem-se dividir as matérias contidas nos Evangelhos em quatro partes: Os *atos comuns da vida do Cristo, os milagres, as predições, o ensino moral*. Se as três primeiras partes foram objeto de controvérsia, a última permaneceu inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se inclina; é o terreno onde todos os cultos podem se reencontrar, a bandeira sob a qual todos podem se abrigar, quaisquer que sejam suas crenças, porque ela jamais foi o objeto de disputas religiosas, sempre e por toda a parte levantadas pelas questões de dogmas; discutindo-as, aliás, as seitas aí teriam encontrado a sua própria condenação, porque a maioria está mais ligada à parte mística, do que à parte moral que exige a reforma de si mesmo. Para os homens em particular é uma regra de conduta abarcando todas as circunstâncias da vida privada ou pública, o princípio de todas as relações sociais fundadas sobre a mais rigorosa justiça; é, enfim, e acima de tudo, a rota infalível da felicidade futura, um canto do véu levantado sobre a vida futura. É esta parte que se faz o objeto exclusivo desta obra.

"Todo o mundo admira a moral evangélica; cada um lhe proclama a sublimidade e a necessidade, mas muitos o fazem em confiança, sobre o que ouviram dizer, ou sobre a fé em algumas máximas que se tornaram proverbiais; mas poucos a conhecem a fundo, menos ainda a compreendem e sabem deduzir-lhe as conseqüências. A razão disso está em grande parte na dificuldade que apresenta a leitura do Evangelho, ininteligível para a maioria. A forma alegórica, o misticismo intencional da linguagem, fazem com que a maior parte o leiam para descargo de consciência e por dever, como lêem as preces sem compreendê-las, quer dizer, sem fruto. Os preceitos de moral, disseminados aqui e ali, confundidos na massa dos outros relatos, passam desapercibidos; torna-se, então, impossí-

vel apreender-lhe o conjunto, e dele fazer objeto de uma leitura e de uma meditação separadas.

"Fizeram-se, é verdade, tratados de moral evangélica, mas o arranjo em estilo literário moderno lhes tira a ingenuidade primitiva que, ao mesmo tempo, lhes deu o encanto e a autenticidade. Ocorre o mesmo com as máximas destacadas, reduzidas à sua mais simples expressão proverbial; não são mais, então, senão aforismos que perdem uma parte de seu valor e de seu interesse, pela ausência dos acessórios e das circunstâncias nas quais foram dadas.

"Para obviar esses inconvenientes, reunimos nesta obra os artigos que podem constituir, propriamente falando, um código de moral universal, sem distinção de culto; nas citações conservamos tudo o que era útil ao desenvolvimento do pensamento, não podendo senão as coisas estranhas ao assunto. Além disso, respeitamos escrupulosamente a tradução original de Sacy, assim como a divisão por versículos. Mais em lugar de nos prendermos a uma ordem cronológica impossível e sem vantagem real num semelhante assunto, as máximas foram agrupadas e classificadas metodicamente segundo a sua natureza, de maneira que, tanto quanto possível, se deduzam uma das outras. A chamada dos números de ordem dos capítulos e dos versículos permite_ recorrer à classificação vulgar, julgando-se oportuno.

"Não estivesse aí senão um trabalho material sozinho, não teria sido senão de uma utilidade secundária; o essencial era colocá-lo ao alcance de todos, pela explicação das passagens obscuras, e o desenvolvimento de todas as conseqüências tendo em vista a aplicação às diferentes posições da vida. Foi o que tentamos fazer com a ajuda dos bons Espíritos que nos assistem.

"Muitos pontos do Evangelho, da Bíblia e dos autores sacros em geral, não são inteligíveis, muitos mesmo não parecem irracionais, senão por falta da chave para compreender-lhes o verdadeiro sentido; esta chave está inteiramente no Espiritismo, assim como já se puderam se convencer disso aqueles que o estudaram seriamente, e assim como se o reconhecerá melhor ainda mais tarde. O Espiritismo se encontra por toda a parte na antigüidade e em todas as épocas da Humanidade; por toda a parte dele se encontram os traços nos escritos, nas crenças, e sobre os monumentos; é por isso que, se abrem horizontes novos para o futuro, lança uma luz não menos viva sobre os mistérios do passado.

"Como complemento de cada preceito, juntamos algumas instruções escolhidas entre aquelas que nos foram ditadas pelos Espíritos em diversos países, e por intermédio de diferentes médiuns. Se essas instruções tivessem saído de uma fonte única, teriam podido sofrer uma influência pessoal ou a do meio, ao passo que a diversidade de origens prova que os Espíritos dão seus ensinamentos por toda a parte, e que ninguém tem privilégio sob esse aspecto.

"Esta obra é para o uso de todo o mundo; cada um pode nela haurir os meios de conformar a sua conduta à moral do Cristo. Os Espíritos nela encontrarão outras aplicações que lhes concernem mais especialmente. Graças às comunicações estabelecidas doravante de maneira permanente entre os homens e o mundo invisível, a lei evangélica ensinada em todas as nações pelos próprios Espíritos, não será mais uma letra morta, porque cada um a compreenderá, e será incessantemente solicitado a pô-la em prática, pelos conselhos de seus guias espirituais. As instruções dos Espíritos são verdadeiramente *as vozes do céu* que vêm esclarecer os homens, e convidá-los à *imitação* do Evangelho."

AUTORIDADE DA DOUTRINA ESPÍRITA.

Controle universal do ensinamento dos Espíritos.

Já afloramos esta questão em nosso número anterior, a propósito de um artigo especial (da perfeição dos seres criados); mas ela é de uma tal gravidade, tem conseqüências de tal modo importantes para o futuro do Espiritismo, que acreditamos dever tratá-la de maneira completa.

Se a Doutrina Espírita fosse uma concepção puramente humana, ela não teria por garantia senão as luzes daquele que a tivesse concebido; ora, ninguém nesse mundo poderia ter a pretensão fundada de possuir sozinho a verdade absoluta. Se os Espíritos que a revelavam tivessem se manifestado a um único homem, nada lhe garantiria a origem, porque seria crer sob palavra em quem dissesse ter recebido seu ensinamento. Admitindo-se de sua parte uma perfeita sinceridade, no máximo poderia convencer as pessoas que o acompanham; poderia ter sectários, mais não chegaria jamais a reunir todo o mundo.

Deus quis que a nova revelação chegasse aos homens por uma via mais rápida e mais autêntica, foi por isso que encarregou os Espíritos de irem levá-la de um pólo a outro, manifestando-se por toda a parte, sem dar a ninguém o privilégio exclusivo de ouvir a sua palavra. Um homem pode ser enganado, pode-se enganar a si mesmo; isso não poderia ser assim quando milhões de homens vêem e ouvem a mesma coisa: é uma garantia para cada um e para todos. Aliás, pode-se fazer desaparecer um homem, não se fazem desaparecer as massas; podem-se queimar os livros, mas não se podem queimar os Espíritos; ora, queimem-se todos os livros, a fonte da doutrina por isso não seria menos inesgotável, por isso mesmo que ela não está sobre a Terra, que surge por toda a parte, e que cada um pode hauri-la. À falta de homens para difundi-la, haverá sempre os Espíritos que atingem todo o mundo e que ninguém pode atingir.

Em realidade, são, pois, os próprios Espíritos que fazem a propaganda, com a ajuda dos inumeráveis médiuns que suscitam de todos os lados. Se não tivesse tido senão um único intérprete, embora favorecido que fosse, o Espiritismo seria dificilmente conhecido; o próprio intérprete, a qualquer classe que pertencesse, teria sido objeto de prevenções da parte de muitas pessoas; todas as nações não o teriam aceito, ao passo que os Espíritos, se comunicando por toda parte, a todos os povos, a todas as seitas e a todos os partidos, são aceitos por todos; o Espiritismo não tem nacionalidade; está fora de todos os cultos particulares; não é imposto por nenhuma classe da sociedade, uma vez que cada um pode receber instruções de seus parentes e de seus amigos de além-túmulo. Seria preciso que isso fosse assim para que pudesse chamar todos os homens à fraternidade; se ele não estivesse colocado num terreno neutro, teria mantido dissensões ao invés de acalmá-las.

Essa universalidade no ensinamento dos Espíritos faz a força do Espiritismo; aí está também a causa de sua propagação tão rápida. Ao passo que a voz de um único homem, mesmo com o recurso da imprensa, empregaria séculos antes de chegar ao ouvido de todos, eis que milhares de vozes se fazem ouvir simultaneamente sobre todos os pontos da Terra para proclamar os mesmos princípios e transmiti-los aos mais ignorantes, como aos mais sábios, a fim de que ninguém seja deserdado. É uma vantagem da qual não goza nenhuma das doutrinas que apareceram até hoje. Se, pois, o Espiritismo é uma verdade, ele não teme a má vontade dos homens, nem as revoluções morais, nem os transtornos físicos do globo, porque nenhuma dessas coisas pode atingir os Espíritos.

Mas esta não é a única vantagem que resulta dessa posição excepcional; o Espiritismo nisso encontra uma garantia poderosíssima contra os cismas que poderiam suscitar, seja a ambição de alguns, seja as contradições de certos Espíritos. Essas contradições, seguramente, são um escolho que leva em si o remédio ao lado do mal.

Sabe-se que os Espíritos, em conseqüência da diferença que existe em suas capacidades, estão longe de estar individualmente de posse de toda a verdade; que não é da-

do a todos penetrar certos mistérios; que seu saber é proporcional à sua depuração; que os Espíritos vulgares dela não sabem mais que os homens, e menos do que certos homens; que há entre eles, como entre estes últimos, os presunçosos e os pseudo-sábios que crêem saber o que não sabem; os sistemáticos que tomam suas idéias pela verdade; enfim, que os Espíritos de ordem mais elevada, aqueles que estão completamente desmaterializados, são os únicos despojados das idéias e dos preconceitos terrestres; mas sabe-se também que os Espíritos enganadores não fazem escrúpulo de se abrigarem sob nomes emprestados, para fazer aceitar as suas utopias. Disso resulta que, para tudo o que está fora do ensinamento exclusivamente moral, as revelações que cada um pode obter, têm um caráter individual sem autenticidade; que elas devem ser consideradas como opiniões pessoais de tal ou tal Espírito, e que haveria imprudência em aceitá-las e promulgá-las levianamente como verdade absolutas.

O primeiro controle, sem contradita, é o da razão, ao qual é preciso submeter, sem exceção, tudo o que vem dos Espíritos; toda teoria em contradição manifesta com o bom senso, com uma lógica rigorosa, e com os dados positivos que se possui, por respeitável que seja o nome assinado, deve ser rejeitada. Mas esse controle é incompleto em muitos casos, em consequência da insuficiência das luzes de certas pessoas, e da tendência de muitos em tomar seu próprio julgamento por único árbitro da verdade. Em semelhante caso, que fazem os homens que disso não têm, em si mesmos, uma confiança absoluta? Tomam a opinião da maioria, e a opinião da maioria é seu guia. Assim, deve-se estar em guarda a respeito do ensino dos Espíritos, que disso eles mesmos nos fornecem os meios.

A concordância no ensino dos Espíritos é, pois, o melhor controle; mas é preciso ainda que ela ocorra em certas condições. A menos segura de todas é quando um médium interroga, ele mesmo, vários Espíritos sobre um ponto duvidoso; é muito evidente que, se estiver sob o domínio de uma obsessão, e se tem negócio com um Espírito enganador, esse Espírito pode lhe dizer a mesma coisa sob nomes diferentes. Não há, não mais, uma garantia suficiente na conformidade que se possa obter pelos médiuns de um único centro, porque podem sofrer a mesma influência. *A única garantia séria está na concordância que existe entre as revelações feitas espontaneamente, por intermédio de um grande número de médiuns estranhos uns aos outros, e em diversos países.* Concebe-se que não se trata aqui de comunicações relativas a interesses secundários, mas do que se ligue aos próprios princípios da Doutrina. A experiência prova que, quando um princípio novo deve receber a sua solução, ele é ensinado *espontaneamente* sobre diferentes pontos ao mesmo tempo, e de maneira idêntica, senão pela forma, ao menos pelo fundo. Se, pois, apraz a um Espírito formular um sistema excêntrico, baseado unicamente sobre as suas idéias e fora da verdade, pode-se estar certo de que esse sistema ficará *circunscrito*, e cairá diante da unanimidade das instruções dadas por todas outras partes, assim como isso já ocorreu em vários exemplos. Foi esta unanimidade que fez cair todos os sistemas parciais eclodidos na origem do Espiritismo, quando cada um explicava os fenômenos à sua maneira, e antes que se conhecessem as leis que regem as relações do mundo visível e do mundo invisível.

Tal é a base sobre a qual nos apoiamos quando formulamos um princípio da Doutrina; não é porque ele está segundo as nossas idéias que o damos como verdadeiro; não nos colocamos de nenhum modo como árbitro supremo da verdade, e não dizemos a ninguém: "Crede em tal coisa, porque o dizemos." Nossa opinião não é, aos nossos próprios olhos, senão uma opinião pessoal que pode ser justa ou falsa, porque não somos mais infalíveis do que um outro. Não é, não mais, porque um princípio nos é ensinado que seja para nós a verdade, mas porque recebeu a sanção da concordância.

Esse controle universal é uma garantia para a unidade futura do Espiritismo, e anulará todas as teorias contraditórias. É aí que, no futuro, procurar-se-á o critério da verdade. O que fez o sucesso da doutrina formulada em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos*

Médiuns, é que, por toda a parte, cada um pode receber diretamente dos Espíritos a confirmação daquilo que encerram. Se, de todas as partes, os Espíritos tivessem vindo contradizê-los, esses livros teriam depois de muito tempo sofrido a sorte de todas as concepções fantásticas. O próprio apoio da imprensa não os teria salvo do naufrágio, ao passo que, privados desse apoio, por isso não deixaram de fazer um caminho rápido, porque tiveram o dos Espíritos cuja boa vontade compensou, e além, a má vontade dos homens. Assim o será com todas as idéias emanadas dos Espíritos ou dos homens, que não puderem suportar a prova desse controle, do qual ninguém pode contestar o poder.

Suponhamos, pois, que agrade a certos Espíritos ditar, sob um título qualquer, um livro em sentido contrário: suponhamos mesmo que, numa intenção hostil, e tendo em vista desacreditar a Doutrina, a malevolência suscitasse comunicações apócrifas, que influência poderiam ter esses escritos se são desmentidos, de todos os lados, pelos Espíritos? É da adesão destes últimos que é preciso se assegurar antes de lançar um sistema em seu nome. Do sistema de um único ao de todos, há a distância da unidade ao infinito. Que podem mesmo todos os argumentos dos detratores sobre a opinião das massas, quando milhões de vozes amigas, partidas do espaço, vêm de todos os pontos do globo, e no seio de cada família, atacá-los vivamente? A experiência, sob este aspecto, já não confirmou a teoria? Que se tornaram todas essas publicações que deveriam, supostamente, aniquilar o Espiritismo? Qual é aquela que dele somente deteve a marcha? Até este dia não se tinha encarado a questão sob esse ponto de vista, um dos mais sérios, sem contradita; cada um contou consigo mesmo, mas sem contar com os Espíritos.

Ressalta disto tudo uma verdade capital, é que quem quisesse se colocar como obstáculo da corrente de idéias estabelecida e sancionada, poderia bem causar uma pequena perturbação local e momentânea, mas jamais dominar o conjunto, mesmo no presente, e ainda menos no futuro.

Além disso disto ressalta que as instruções dadas pelos Espíritos sobre os pontos da Doutrina não elucidados ainda, não poderiam fazer lei, enquanto estiverem isolados; que elas não devem, por conseqüência, ser aceitas senão sob todas as reservas e a título de informação.

Daí a necessidade de levar à sua publicação a maior prudência; e, no caso em que se cresse dever publicá-las, importa de não as apresentar senão como opiniões individuais, mais ou menos prováveis, mas tendo, em todos os casos, necessidade de confirmação. É essa confirmação que é preciso esperar antes de apresentar um princípio como verdade absoluta, se não se quer ser acusado de leviandade ou credulidade irrefletida.

Os Espíritos superiores procedem, em suas revelações, com uma extrema sabedoria; não abordam as grandes questões da Doutrina senão gradualmente, à medida que a inteligência está apta a compreender as verdades de ordem mais elevada, e que as circunstâncias são propícias para a emissão de uma idéia nova. É por isso que, desde o começo, não disseram tudo, e ainda não disseram tudo hoje, não cedendo jamais à impaciência das pessoas muito apressadas, que querem colher os frutos antes de sua maturidade. Seria, pois, supérfluo querer anteceder o tempo assinalado a cada coisa pela Providência, porque então os Espíritos verdadeiramente sérios recusam positivamente seu concurso; mas os Espíritos levianos, pouco se importando com a verdade, respondem a tudo; é por esta razão que, sobre todas as questões prematuras, há sempre respostas contraditórias.

Os princípios acima não são o fato de uma teoria pessoal, mas a conseqüência forçada das condições nas quais os Espíritos se manifestam. É bem evidente que, se um Espírito disse uma coisa de um lado, ao passo que milhões de Espíritos dizem o contrário em outra parte, a presunção de verdade não pode estar para aquele que está só, ou quase, em sua opinião; ora, pretender ter a única razão contra todos, seria tão ilógico da parte de um Espírito quanto da parte dos homens. Os Espíritos verdadeiramente sábios, se não se sentem suficientemente esclarecidos sobre uma questão, não decidem *jámais* de

maneira absoluta; declaram não tratá-la senão no seu ponto de vista, e eles mesmos aconselham esperar-se a sua confirmação.

Por grande, bela e justa que seja uma idéia, é impossível que ela una, desde o início, todas as opiniões. Os conflitos que dela resultam são a consequência inevitável do movimento que se opera; são mesmo necessários para melhor fazer ressaltar a verdade, e é útil que ocorram no começo, para que as idéias falsas sejam mais prontamente gastas. Os Espíritas que concebam algumas delas, tementes devem, pois, estar perfeitamente tranquilos. Todas as pretensões isoladas cairão, pela força das coisas diante do grande e poderoso critério do controle universal. Não é à opinião de um homem que se unirá, é à voz unânime dos Espíritos; não será um homem, *não mais nós do que um outro*, que fundará a ortodoxia espírita; não será, não mais, um Espírito vindo se impor a quem quer que seja: será a universalidade dos Espíritos se comunicando sobre toda a Terra por ordem de Deus; aí está o caráter essencial da Doutrina Espírita; aí está a sua força, aí está a sua autoridade. Deus quis que a sua lei se assentasse sobre uma base inabalável, foi por isso que não a fez repousar sobre a cabeça frágil de um único homem.

Será diante desse poderoso areópago, que não conhece nem os grupos, nem as rivalidades invejosas, nem as seitas, nem as nações, que virão se quebrar todas as oposições, todas as ambições, todas as pretensões à supremacia individual; que nos quebraríamos nós mesmos se quiséssemos substituir as nossas próprias idéias aos seus decretos soberanos; só ele decidirá todas as questões litigiosas, que fará calar as dissidências, e dará razão ou não a quem de direito. Diante desse imponente acordo de todas as vozes do céu, que pode a opinião de um homem ou de um Espírito? Menos do que a gota d'água que se perde no Oceano, menos que a voz da criança abafada pela tempestade.

A opinião universal, eis, pois, o juiz supremo, aquele que decide em última instância; ela se forma de todas as opiniões individuais; se uma delas é verdadeira, não tem senão seu peso relativo na balança; se é falsa, não pode se impor sobre todas as outras. Nesse imenso concurso, as individualidades se apagam, e está aí um novo fracasso para o orgulho humano.

Esse conjunto harmonioso já se desenha; ora, este século não passará se não o ocupar com todo o seu brilho, de maneira a fixar todas as incertezas; porque aqui e lá vozes poderosas terão recebido a missão de se fazerem ouvir para unir os homens sob a mesma bandeira, desde que o campo esteja suficientemente lavrado. A espera disso, aquele que flutuar entre dois sistemas opostos, poderá observar em que sentido se forma a opinião geral; é o indício certo do sentido no qual se pronuncia a maioria dos Espíritos sobre os diversos pontos onde se comunicam; é um sinal não menos certo daquele dos dois sistemas que se imporá.

RESUMO DA LEI DOS FENÔMENOS ESPIRITAS.

Esta instrução foi feita sobretudo tendo em vista as pessoas que não possuem nenhuma noção do Espiritismo, e às quais se quer dele dar uma idéia sucinta em poucas palavras. Nos grupos ou reuniões espíritas, onde se encontrem assistentes novatos, ela pode utilmente servir de preâmbulo às sessões, segundo as necessidades.

As pessoas estranhas ao Espiritismo, não lhe compreendendo nem os objetivos nem os meios, quase sempre, fazem dele uma idéia completamente falsa. O que lhes falta, sobretudo, é o conhecimento do princípio, a chave primeira dos fenômenos; na falta disso, o que vêem e o que ouvem é sem proveito, e mesmo sem interesse, para elas. Há um fato adquirido pela experiência, é que só a visão ou o relato dos fenômenos não basta para convencer. Aquele mesmo que é testemunha de fatos capazes de confundi-lo, é mais espantado do que convencido; quanto mais o efeito lhe parece extraordinário, mais o suspeita. Um estudo preliminar sério é o único meio de conduzir à convicção; freqüente-

mente mesmo ele basta para mudar inteiramente o curso das idéias. Em todos os casos, ele é indispensável para a compreensão dos fenômenos mais simples. À falta de uma instrução completa, que não pode ser dada em algumas palavras, um resumo sucinto da lei que rege as manifestações bastará para fazer encarar a coisa sob a sua verdadeira luz, para as pessoas que nela não estão ainda iniciadas. É esse primeiro degrau que damos na pequena instrução adiante. No entanto, uma observação preliminar é necessária.

A propensão dos incrédulos, geralmente, é suspeitar da boa fé dos médiuns, e de supor o emprego de meios fraudulentos. Além de que, ao olhar de certas pessoas, essa suposição é injuriosa, é preciso, antes de tudo, se perguntar qual interesse poderiam ter em enganar e em desempenhar, ou fazer desempenhar, a comédia. A melhor garantia da sinceridade está no desinteresse absoluto, porque ali onde não há nada a ganhar, o charlatanismo não tem razão de ser.

Quanto à realidade dos fenômenos, cada um pode constatá-la, colocando-se nas condições favoráveis e se leva à observação dos fatos a paciência, a perseverança e a imparcialidade necessárias.

1. O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, consiste nas relações que se podem estabelecer com os Espíritos; como filosofia, compreende todas as conseqüências morais que decorrem dessas relações.

2. Os Espíritos não são, como se pensa freqüentemente, seres à parte na criação; são as almas daqueles que viveram sobre a Terra ou em outros mundos. As almas ou Espíritos são, pois, uma só e mesma coisa; de onde se segue que quem crê na existência da alma, crê, por isso mesmo, na dos Espíritos.

3. Geralmente, faz-se um idéia muito falsa do estado dos Espíritos; estes não são, como alguns o crêem, seres vagos e indefinidos, nem chamados como os fogos fátuos, nem fantasmas como nos contos de assombrações. São seres semelhantes a nós, tendo um corpo como o nosso, mas fluídico e invisível no estado normal.

4. Quando a alma está unida ao corpo durante a vida, ela tem um duplo envoltório: um pesado, grosseiro e destrutível que é o corpo; o outro fluídico, leve e indestrutível, chamado *perispírito*. O perispírito é o laço que une a alma e o corpo; é por seu intermédio que a alma faz o corpo agir, e que percebe as sensações sentidas pelo corpo.

5. A morte não é senão a destruição do envoltório grosseiro; a alma abandona esse envoltório, como se despe de uma roupa usada, ou como a borboleta deixa a sua crisálida; mas ela conserva o seu corpo fluídico ou perispírito.

A união da alma, do perispírito e do corpo material constitui o *homem*; a alma e o perispírito separados do corpo constituem o ser chamado *Espírito*.

6. A morte do corpo livra o Espírito do envoltório que o prendia à Terra e o fazia sofrer; uma vez livre desse fardo, não há mais do que seu corpo etéreo, que lhe permite percorrer o espaço e transpor as distâncias com a rapidez do pensamento.

7. O fluido que compõe o perispírito penetra todos os corpos, e os atravessa como a luz atravessa os corpos transparentes; nenhuma matéria lhe faz obstáculo. É por isso que os Espíritos penetram por toda a parte, nos lugares o mais hermeticamente fechados; é uma idéia ridícula crer que se introduzem por uma pequena abertura, como o buraco de uma fechadura ou o tubo da chaminé.

8. Os Espíritos povoam o espaço; constituem o mundo invisível que nos cerca, no meio do qual vivemos, e com o qual, sem cessar, estamos em contato.

9. Os Espíritos têm todas as percepções que tinham sobre a Terra, mas em um grau mais alto, porque as suas faculdades não são amortecidas pela matéria; têm sensações que nos são desconhecidas; vêem e ouvem coisas que os nossos sentidos limitados não permitem nem ver nem ouvir. Para eles não há obscuridade, salvo aqueles cuja punição é estar temporariamente nas trevas. Todos os nossos pensamentos repercutem ne-

les, e os lêem como num livro aberto; de sorte que o que poderíamos responder a alguém quando vivo, não o poderemos mais desde que seja Espírito.

10. Os Espíritos conservam as afeições sérias que tinham sobre a Terra; se comprazem em retornar àqueles que amaram, sobretudo quando a eles são atraídos pelo pensamento e pelos sentimentos que lhes têm, ao passo que são indiferentes por aqueles que não têm senão da indiferença.

11. Os Espíritos podem se manifestar de muitas maneiras diferentes: pela visão, pela audição, pelo toque, pelos ruídos, ou movimento dos corpos, a escrita, o desenho, a música, etc. Eles se manifestam por intermédio de pessoas dotadas de uma aptidão especial para cada gênero de manifestação, e que se distinguem sob o nome de médiuns. É assim que se distinguem os médiuns videntes, falantes, auditivos, sensitivos, de efeitos físicos, desenhistas, tiptólogos, escreventes, etc. Entre os médiuns escreventes há variedades numerosas, segundo a natureza das comunicações que são aptos a receber.

12. O perispírito, embora invisível para nós no estado normal, por isso não é menos matéria etérea. O Espírito pode, em certos casos, fazê-lo sofrer uma espécie de modificação celular que o torna visível e mesmo tangível; é assim que se produzem as aparições. Esse fenômeno não é mais extraordinário do que aquele do vapor que é invisível quando é muito rarefeito, e que se torna visível quando está condensado.

Os Espíritos que se tornam visíveis se apresentam, quase sempre, sob as aparências que tinham quando vivos, e que pode fazê-los reconhecer.

13. É com ajuda de seu perispírito que o Espírito atua sobre o seu corpo vivo; é ainda com esse mesmo fluido que se manifesta agindo sobre a matéria inerte, que produz do ruídos, os movimentos das mesas e outros objetos que levanta, tomba ou transporta. Esse fenômeno nada tem de surpreendente considerando-se que, entre nós, os mais possantes motores se acham nos fluidos mais rarefeitos e mesmo imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade.

É igualmente com a ajuda de seu perispírito que o Espírito faz os médiuns escreverem, falarem ou desenharem; não tendo corpo tangível para agir ostensivamente quando quer se manifestar, serve-se do corpo do médium, de cujos órgãos se apodera, que faz agir como se fosse seu próprio corpo, e isso pelo eflúvio fluídico que derrama sobre ele.

14. É pelo mesmo meio que o Espírito age sobre a mesa, seja para fazê-la mover-se sem significação determinada, seja para fazê-la bater golpes inteligentes indicando as letras do alfabeto, para formar as palavras e as frases, fenômeno designado sob o nome de *tiptologia*. A mesa não é aqui senão um instrumento do qual se serve, como o faz do lápis para escrever; dá-lhe uma vitalidade momentânea pelo fluido do qual a penetra, mas não se identifica com ela. As pessoas que, em sua emoção, vendo se manifestar um ser que lhe é caro, abraçam a mesa, fazem um ato ridículo, porque é absolutamente, como se elas abraçassem o bastão do qual um amigo se serve para bater as pancadas. Ocorre o mesmo com aquelas que dirigem a palavra à mesa, como se o Espírito estivesse encerrado na madeira, e como se a madeira tivesse se tornado Espírito.

Quando as comunicações ocorrem por esse meio, é preciso se representar o Espírito, não na mesa, mas ao lado, tal qual era quando vivo, e tal qual seria visto se, nesse momento, pudesse se tornar visível. A mesma coisa ocorre nas comunicações pela escrita; ver-se-ia o Espírito ao lado do médium, dirigindo a sua mão, ou transmitindo-lhe o seu pensamento por uma corrente fluídica.

Quando a mesa se destaca do solo e flutua no espaço sem ponto de apoio, o Espírito não a ergue com a força de seu braço, mas a envolve e a penetra de uma espécie de atmosfera fluídica que neutraliza o efeito da gravidade, como o faz o ar para os balões e os papagaios de papel. O fluido com a qual ela está penetrada lhe dá, momentaneamente, uma leveza específica maior. Quando ela está pregada ao solo, está num caso análogo ao da campânula pneumática sob a qual se faz o vácuo. Estas não são aqui senão

comparações, para mostrar a analogia dos efeitos, e não a semelhança absoluta das causas.

Compreende-se, segundo isso, que não é mais difícil ao Espírito levantar uma pessoa do que levantar uma mesa, de transportar um objeto de um lugar a um outro, ou de lançá-lo em qualquer parte; esses fenômenos se produzem pela mesma lei.

Quando a mesa persegue alguém, não é o Espírito que corre, porque ele pode permanecer tranqüilamente no mesmo lugar, mas que lhe dá o impulso por uma corrente fluídica com a ajuda da qual faz movê-la à sua vontade.

Quando pancadas se fazem ouvir na mesa ou noutra parte, o Espírito não bate nem com sua mão, nem com um objeto qualquer; ele dirige sobre o ponto de onde parte o ruído um jato de fluido que produz o efeito de um choque elétrico. Ele modifica, como se pode modificar os sons produzidos pelo ar.

15. Pode-se ver, por estas poucas palavras, que as manifestações espíritas, de qualquer natureza que sejam, não têm nada de sobrenatural nem de maravilhoso. Esses são fenômenos que se produzem em virtude da lei que rege as relações do mundo visível e do mundo invisível, lei toda tão natural quanto as da eletricidade, da gravidade, etc. O Espiritismo é a ciência que nos faz conhecer essa lei, como a mecânica nos faz conhecer a lei do movimento, a ótica a da luz. Estando as manifestações espíritas na Natureza, produziram-se em todas as épocas; sendo conhecida a lei que as rege, explica-nos uma multidão de problemas considerados como insolúveis; é a chave de uma multidão de fenômenos explorados e ampliados pela superstição.

16. Estando o maravilhoso completamente descartado, esses fenômenos nada têm mais que repugne a razão, porque vêm tomar lugar ao lado dos outros fenômenos naturais. Nos tempos de ignorância, todos os efeitos dos quais não se conhecia a causa, eram reputados sobrenaturais; as descobertas da ciência restringiram sucessivamente o círculo do maravilhoso; o conhecimento dessa nova lei veio reduzi-lo a nada. Aqueles, pois, que acusam o Espiritismo de ressuscitar o maravilhoso, provam, por isso mesmo, que falam de uma coisa que não conhecem.

17. Uma idéia quase geral entre as pessoas que não conhecem o Espiritismo é de crer que os Espíritos, só pelo fato de estarem livres da matéria, devem tudo saber e possuir a soberana sabedoria. Está aí um erro grave. Deixando o seu envoltório corpóreo, eles não se despojam imediatamente de suas imperfeições; não é senão com o tempo que se depuram e se melhoram.

Sendo os Espíritos as almas dos homens, como há homens de todos os graus de saber e de ignorância, de bondade e de maldade, encontra-se a mesma coisa entre os Espíritos. Há deles que não são senão levianos e traquinas, outros são mentirosos, velhacos, hipócritas, maus, vingativos; outros, ao contrário, possuem as mais sublimes virtudes e o saber num grau desconhecido sobre a Terra. Essa diversidade na qualidade dos Espíritos é um dos pontos mais importantes a considerar, porque explica a natureza boa ou má das comunicações que se recebem; é a distingui-las que é preciso sobretudo se empenhar.

Disso resulta que não basta se dirigir a um Espírito qualquer para ter uma resposta justa a toda pergunta; porque o Espírito responderá segundo o que sabe, e, freqüentemente, não dará senão a sua opinião pessoal, que pode ser justa ou falsa. Se for sábio, confessará a sua ignorância sobre o que não sabe; se for leviano ou mentiroso, responderá sobre tudo sem se importar com a verdade; dará sua idéia como uma verdade absoluta. Foi por isso que São João o evangelista disse: *"Não creiais em todo Espírito, mas experimentai se os Espíritos são de Deus."* A experiência prova a sabedoria deste conselho. Haveria, pois, imprudência e levandade em aceitar sem controle tudo o que vem dos Espíritos.

Os Espíritos não podem responder senão sobre aquilo que sabem, e, além disso, sobre o que lhes é permitido dizer, porque há coisas que não devem revelar, porque não é dado ainda aos homens tudo conhecerem.

18. Reconhece-se a qualidade dos Espíritos pela sua linguagem; a dos Espíritos verdadeiramente bons e superiores é sempre digna, nobre, lógica, isenta de toda trivialidade, puerilidade ou contradição; ela respira a sabedoria, a benevolência e a modéstia; é concisa e sem palavras inúteis. A dos Espíritos inferiores, ignorantes ou orgulhosos carece dessas qualidades; o vazio das idéias nela é quase sempre compensado pela abundância das palavras.

19. Um outro ponto igualmente essencial a considerar é que os Espíritos são livres; comunicam-se quando querem, a quem lhes convém, e também quando o podem, porque têm as suas ocupações. Não estão às ordens e ao capricho de quem quer que seja, e não é dado a ninguém fazê-los vir contra a sua vontade, nem fazê-los dizer o que querem calar; de sorte que ninguém pode afirmar que um Espírito qualquer virá ao seu chamado num momento determinado, ou responderá a tal ou a tal questão. Dizer o contrário é provar ignorância absoluta dos princípios mais elementares do Espiritismo; só o charlatanismo tem fontes infalíveis.

20. Os Espíritos são atraídos pela simpatia, a semelhança dos gostos e dos caracteres, a intenção que faz desejar sua presença. Os Espíritos superiores não vão mais à reuniões fúteis do que um sábio da Terra não iria a uma assembléia de jovens estouvados. O simples bom senso nos diz que isso não pode ser de outro modo; ou, se ali vão algumas vezes, é para dar um conselho salutar, combater os vícios, tratar de conduzir no bom caminho; se não são escutados, retiram-se. Seria ter uma idéia completamente falsa crer que os Espíritos sérios possam se comprazer em responder a futilidades, a questões ociosas que não provam nem ligam, nem respeito por eles, nem desejo real de se instruir, e ainda menos que possam vir se dar em espetáculo para a diversão dos curiosos. Não o tivessem feito de sua vida não podem fazê-lo depois de sua morte.

21. Do que precede, resulta que toda reunião espírita, para ser proveitosa, deve, como primeira condição, ser séria e recolhida; que tudo nela deve se passar respeitosa e religiosamente, e com dignidade, querendo-se obter o concurso habitual dos bons Espíritos. Não é preciso esquecer que se esses mesmos Espíritos ali estivessem presentes quando vivos, teriam tido por eles considerações aos quais têm ainda mais direito depois de sua morte.

Em vão alegue-se a utilidade de certas experiências curiosas, frívolas e divertidas para convencer os incrédulos: é a um resultado todo oposto que se chega. O incrédulo, já levado a zombar das crenças mais sagradas, não pode ver uma coisa séria naquilo que se faz um gracejo; não pode ser levado a respeitar o que não lhe é apresentado de maneira respeitável; também, as reuniões fúteis e levianas, daquelas onde não há nem ordem, nem seriedade, nem recolhimento, ele leva sempre uma impressão má. O que pode sobretudo convencê-lo, é a prova da presença de seres cuja memória lhe é cara; é diante de suas palavras sérias e solenes, é diante das revelações íntimas que se o vê comover-se e empalidecer. Mas, por isso mesmo que ele tem mais respeito, veneração, apego para a pessoa cuja alma se lhe apresenta, fica chocado, escandalizado de vê-la vir a uma assembléia sem respeito, num meio de mesas que dançam e das chocarrices dos Espíritos levianos; todo incrédulo que seja, sua consciência repele essa aliança do sério e do frívolo, do religioso e do profano, é por isso que ele tacha tudo isso de malabarismo, e, freqüentemente, sai menos convencido do que não estava ao entrar.

As reuniões dessa natureza fazem sempre mais mal do que bem, porque afastam da Doutrina mais pessoas do que para ela não trazem, sem contar que elas oferecem flanco à crítica dos detratores que nelas encontram os motivos fundados de zombaria.

22. É errado que se faça um jogo das manifestações físicas; se elas não têm a importância do ensino filosófico, têm sua utilidade, do ponto de vista dos fenômenos, porque

são o alfabeto da ciência da qual dão a chave. Embora menos necessárias hoje, ajudam ainda a convicção de certas pessoas. Mas não excluem, de nenhum modo, a ordem e a boa atitude nas reuniões onde se as experimenta; se fossem sempre praticadas de maneira conveniente, convenceriam mais facilmente e produziriam, sob todos os aspectos, bem melhores resultados.

23. Essas explicações, sem dúvida, são muito incompletas e podem, necessariamente, provocar numerosas perguntas, mas não é preciso perder de vista que este não é um curso de Espiritismo. Tais como são, elas bastam para mostrar a base sobre a qual repousa, o caráter das manifestações e grau de confiança que podem inspirar segundo as circunstâncias.

Quanto à utilidade das manifestações, ela é imensa, por suas conseqüências; mas não tivessem por resultado senão de fazer conhecer uma nova lei da Natureza, de demonstrar materialmente a existência da alma e sua imortalidade, seria já muito, porque este seria um largo caminho aberto à filosofia.

CORRESPONDÊNCIA.

Sociedades d'Anvers e de Marseille.

Anvers, 27 de fevereiro de 1864.

Caro mestre, temos a honra de vos informar que acabamos de constituir, em Anvers, uma nova sociedade sob a denominação de: *Círculo espírita, amor e caridade*.

Como o vereis pelo art. 2- do regulamento, nos colocamos sob o patrocínio da sociedade central de Paris, assim como sob a vossa. Declaramos em conseqüência nos unirmos à doutrina emitida em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*.

Temos a firme vontade de nos manter no caminho dos verdadeiros Espíritos; é vos dizer que a caridade é o objetivo principal de nossas reuniões. A fim de que estejais bem convencido da sinceridade de nossos sentimentos, consenti em consultar o presidente espiritual de vossa sociedade; por fracos que tenham sido os nossos esforços até aqui, foram sinceros, e neste ponto de vista, temos a convicção de que não somos mais estranhos para ele.

Junto a esta, temos a satisfação de vos dirigir uma das comunicações obtidas em nosso círculo, por meio de um médium falante, a fim de que possais julgar de nossas tendências... etc.

Nota. - Esta carta é com efeito seguida de uma comunicação muito extensa que testemunha do bom caminho no qual está essa sociedade.

Recebemos, no mesmo sentido, uma da parte da sociedade espírita de Bruxelas.

Marseille, 21 de março de 1864.

Senhor Presidente, temos a felicidade de vos anunciar a formação de nossa nova sociedade que toma o título de: *Sociedade marselhense de estudos espíritas*, e cuja autorização acaba de ser concedida pelo Sr. senador encarregado da administração do departamento de Bouches-du-Rhône.

Ajudados por vossos bons conselhos, caro mestre, faremos todos nossos esforços para caminhar nas pegadas de nossos irmãos de Paris, dos quais adotamos o regulamento para a ordem de nossas sessões. Colocando-nos sob o patrocínio da honorável Sociedade de Paris, inscreveremos, como ela, sobre a nossa bandeira: *Fora da caridade não há salvação*.

O Sr. doutor C..., nosso presidente, terá também a honra de vos escrever logo após a inauguração.

Nós vos pedimos, senhor, no interesse da causa, consentir em dar à nossa sociedade a publicidade que julgardes útil, a fim de reunir os adeptos sinceros.

Recebei, etc.

Já dissemos que, entre as sociedades espíritas que se formam, tanto na França quanto no estrangeiro, a maioria declara colocar-se sob o patrocínio da Sociedade de Paris. Todas as cartas que nos são dirigidas, a esse efeito, são concebidas no mesmo espírito daquelas acima. Essas adesões dão espontaneamente testemunho dos princípios que prevalecem entre os Espíritas, e a Sociedade de Paris não pode ser senão muito sensível a essas marcas de simpatia que provam a séria intenção de caminhar sob a mesma bandeira. Isto não é dizer que todas aquelas que não fizeram a declaração oficial seguem uma outra, longe disso; a correspondência que elas mantêm conosco é uma garantia suficiente de seus sentimentos e da boa direção de seus estudos. O número muito grande de reuniões, aliás, não têm o caráter de sociedades propriamente ditas, e não são elas, em grande parte, senão simples grupos. Fora das sociedades e dos grupos regulares, as reuniões de famílias, onde não se recebem senão os conhecimentos íntimos, são inumeráveis, e se multiplicam cada dia, sobretudo nas classes elevadas.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS.

Progressão do globo terrestre.

DITADO ESPONTÂNEO, FAZENDO PARTE DE UMA SÉRIE DE INSTRUÇÕES SOBRE A TEORIA DOS FLUIDOS.

(Paris, 11 de novembro de 1863. - Médium, senhorita A. C.)

A progressão de todas as coisas, necessariamente, conduz à *transubstanciação*, e a mediunidade espiritual é uma das forças da Natureza que a ela fará chegar mais depressa nosso planeta, porque deve, como todos os mundos, sofrer a lei do adiantamento e da transformação. Não só seu *pessoal humano*, mas todas as suas produções minerais, vegetais e animais, seus gases e seus fluidos imponderáveis, devem também se aperfeiçoar e se transformar em substâncias mais depuradas. A ciência, que já trabalhou essa questão tão interessante da formação do mundo, e reconheceu que não foi criado de uma palavra, assim como o disse a Gênese, numa sublime alegoria, mas que sofreu, durante uma longa seqüência de séculos transformações que produziram camadas minerais de diversas naturezas. Seguindo a gradação dessas camadas, vêem-se aparecer sucessivamente e se multiplicar as produções vegetais; acha-se mais tarde o traço dos animais, o que indica que só nessa época os corpos organizados tinham encontrado a possibilidade de ali viver.

Estudando a progressão dos seres animados, como se fez para os minerais e os vegetais, reconhece-se que esses seres, moluscos no início, elevaram-se gradualmente na escala animal, e que a sua progressão seguiu a das produções e da depuração do solo; nota-se, ao mesmo tempo, o desaparecimento de certas espécies, desde que as condições físicas necessárias à sua vida não existem mais. Assim é que, por exemplo os grandes sáurios, monstros anfíbios, e os mamíferos gigantes, dos quais não se acham mais senão só fósseis, desapareceram totalmente da Terra com as condições de existência que as inundações tinham criado para eles. Os dilúvios, sendo um dos meios de transformação da Terra, foram quase gerais; quer dizer que, durante um certo período, eles transtornaram o globo e trouxeram assim as produções vegetais e os fluidos atmosféricos

diferentes. O homem, do mesmo modo que todos os seres orgânicos, apareceu sobre a Terra, quando pôde encontrar nela as condições necessárias à sua existência.

Aí se detém a *criação material* pelas únicas forças da Natureza; aí começa o papel do Espírito encarnado no homem para o trabalho, porque ele deve concorrer à obra comum; deve, trabalhando por si mesmo, trabalhar para a melhoria geral. Também o vemos, desde as primeiras raças, cultivar a Terra, fazê-la produzir para suas necessidades corpóreas, e por aí levar a transformações no solo, em seus produtos, em seus gases e em seus fluidos. Quanto mais a Terra se povoa, mais os homens a trabalham, a cultivam, a saneiam, mais seus produtos são abundantes e variados; a depuração de seus fluidos conduz pouco a pouco ao desaparecimento de espécies vegetais e animais, venenosas e nocivas ao homem, que não podem mais existir num ar muito depurado e muito sutil para seu organismo, e não lhe fornece mais os elementos necessários à sua manutenção. O estado sanitário do globo está sensivelmente melhorado desde a sua origem; mas como deixa ainda muito a desejar, é o indício de que se melhorará ainda pelo trabalho e pela indústria do homem. Não é sem designo que este é levado a estabelecer-se nas regiões mais ingratas e mais insalubres; já tornou habitável regiões infestadas pelos animais imundos e os miasmas deletérios; pouco a pouco as transformações que faz o solo sofrer levarão à depuração completa.

Pelo trabalho, o homem aprende a conhecer e a digirir as forças da Natureza. Pode-se seguir, na história, o fio das descobertas e das conquistas do espírito humano, e a aplicação que delas fez em suas necessidades e em suas satisfações. Mas seguindo essa fieira, deve-se notar também que se desbastou, desmaterializou-se; e querendo-se fazer o paralelo do homem de hoje com os primeiros habitantes do globo, julgar-se-á do progresso já realizado; ver-se-á que quanto mais o homem progride, mais é excitado a progredir mais, e que a progressão está em razão do progresso realizado. Hoje o progresso caminha a grande velocidade e arrasta forçosamente os retardatários.

Acabamos de falar do progresso *físico, material, inteligente*; mas vejamos o progresso moral e a influência que deve ter sobre o primeiro.

O progresso moral desperta ao mesmo tempo que o desenvolvimento material, mas foi mais lento, porque o homem, encontrando-se no meio de uma criação toda material, tinha necessidade de aspirações em harmonia com o que o cercava. Avançando, sentiu o *espiritual* se desenvolver e crescer nele, e, ajudado pelas influências celestes, começou a compreender a necessidade da direção inteligente do Espírito sobre a matéria; o progresso moral continuou seu desenvolvimento, e, em diferentes épocas, Espíritos avançados vieram guiar a Humanidade, e dar um maior impulso à sua marcha ascendente; tais são Moisés, os profetas, Confúcio, os sábios da antigüidade e o Cristo, o maior de todos embora o mais humilde sobre a Terra. O Cristo deu ao homem uma idéia maior de seu próprio valor, de sua independência e de sua personalidade espiritual. Mas seus sucessores, sendo muito inferiores a ele, não compreenderam a idéia grandiosa que brilha em todos os seus ensinamentos; materializaram o que era espiritual; daí a espécie de *statu quo moral* no qual se deteve a Humanidade. O progresso científico e inteligente continua a sua marcha, o progresso moral se arrasta lentamente. Não é certo que, se depois do Cristo, todos aqueles que professaram a sua doutrina a tivessem praticado, os homens se teriam poupado de muitos males, e estariam hoje mais avançados moralmente?

O Espiritismo vem apressar este progresso, relevando à Humanidade terrestre os seus destinos, e já vemos a sua força pelo número de seus adeptos e a facilidade com a qual é compreendido. Vai trazer uma *transformação moral ativa*, e, pela multiplicidade das comunicações medianímicas, o coração e o Espírito de todos os encarnados serão trabalhados pelos Espíritos amigos e instrutores. Dessa instrução vai nascer um novo impulso científico, porque novos caminhos vão ser abertos à ciência que, dirigirá suas pesquisas para as novas forças da Natureza, que se revelam. As faculdades humanas que já se desenvolvem, se desenvolverão ainda mais pelo trabalho medianímico.

O Espiritismo, acolhido de início pelas almas ternas e inconsoláveis pela perda de seus parentes e amigos, o foi depois pelos infelizes deste mundo, cujo número é grande, e que foram encorajados e sustentados em suas provas por sua doutrina, ao mesmo tempo tão doce e tão fortalecedora; propagou-se assim rapidamente, e muitos incrédulos *espantados*, que o estudaram de início por curiosidade, foram *convencidos* quando nele encontraram, por si mesmos, esperanças e consolações.

Hoje os sábios começam a se emocionar, e alguns dentre eles o estudam seriamente, e o admitem como *força natural* desconhecida até o presente; aplicando-lhe sua inteligência, seus conhecimentos já adquiridos, farão dar um passo científico imenso à Humanidade.

Mas os Espíritos não se limitam à instrução científica; seu dever é duplo, e devem sobretudo cultivar o vosso moral. Ao lado dos estudos da ciência, vos farão, e vos fazem desde o presente, trabalhar o vosso *vós mesmos*; os encarnados inteligentes e desejosos de avançar, compreenderão que a sua desmaterialização é a melhor condição para o estudo progressivo, e que a sua felicidade presente e futura a isso está ligada.

Nota. - É assim que o mundo, depois de alcançar um certo grau de elevação no progresso intelectual, vai entrar no período do progresso moral, do qual o Espiritismo abre-lhe o caminho. Esse progresso se cumprirá pela força das coisas e conduzirá naturalmente à transformação da Humanidade, pelo alargamento do círculo das idéias no sentido espiritual, e pela prática inteligente e raciocinada das leis morais ensinadas pelo Cristo. A rapidez com a qual as idéias espíritas se propagam no próprio meio do materialismo que domina a nossa época, é o indício certo de uma pronta mudança na ordem das coisas; basta para isso a extinção de uma geração, porque já a que se levanta se anuncia sob todos os outros auspícios.

A IMPRENSA.

(Comunicação espontânea. - Sociedade Espírita de Paris, 19 de fevereiro de 1864.
Médium, Sr. Leymarie.)

Foi no décimo-quinto século que foi inventada a imprensa. Como tantas outras conhecidas ou desconhecidas, foi preciso pegar o cálice e beber-lhe o fel. Não venho a vós, Espíritas, para vos contar meus dissabores ou meus sofrimentos; porque nesses tempos de ignorância e de tristeza, onde vossos pais tinham no peito esse pesadelo chamado feudalidade e uma teocracia cega e invejosa de seu poder, *todo homem de progresso tinha a cabeça supérflua*. Quero somente vos dizer algumas palavras a respeito de minha invenção, de seus resultados, e de sua afinidade espiritual convosco, com os elementos que fazem a vossa força expansiva.

A revolução mãe, a que levava em seus flancos o modo de expressão da Humanidade, o pensamento humano se despojando do passado, de sua casca simbólica, é a invenção da imprensa. Sob esse forma, o pensamento se mistura ao ar, se espiritualiza, será indestrutível; senhor dos séculos futuros, toma seu vôo inteligente para ligar todos os pontos do espaço, e desse dia, senhor da velha maneira de falar. Aos povos primitivos, eram necessários monumentos representando um povo, montanhas de pedra dizendo àqueles que sabem ver: eis a minha religião, minha lei, minhas esperanças, minha poesia.

Com efeito, a imprensa substitui o hieróglifo; sua linguagem é acessível a todos, seu aparato é leve; é que um livro não pede senão um pouco de papel, um pouco de tinta, algumas mãos, ao passo que uma catedral exige várias vidas de um povo e ouro em toneladas.

Aqui, permiti-me uma digressão. O alfabeto dos primeiros povos foi composto de quartos de rocha que o ferro não tinha tocado. As pedras levadas dos Celtas se encontram tanto na Sibéria quanto na América. Eram as lembranças humanas tornadas confu-

sas, escritas em monumentos duráveis. O Galgai hebreu, os crombels, os dolmens, os túmulos, exprimiram mais tarde palavras.

Depois vieram a tradição e o símbolo; esses primeiros monumentos não bastam mais, cria-se o edifício, e a arquitetura torna-se monstruosa; ela se fixou como um gigante, repetindo às gerações novas os símbolos do passado; tais foram os pagodes, as pirâmides, o templo de Salomão.

É o edifício que encerra o Verbo, essa idéia mãe das nações; sua forma, seu local representam todo um pensamento, e é por isso que todos os símbolos têm as suas grandes e magníficas páginas de pedras.

A maçonaria é a idéia escrita, inteligente, pertencente a esses homens que se uniram por um símbolo, tomando Iram por padrão e compondo essa franco-maçonaria tão desdenhada, que levou nela o germe de toda a liberdade. Ela soube semear seus monumentos e os símbolos do passado no mundo inteiro, substituindo a teocracia das primeiras civilizações pela democracia, esta lei da liberdade.

Depois dos monumentos teocráticos da Índia e do Egito, vêm suas irmãs, as arquiteturas grega e romana, depois o estilo romano tão sombrio, representando o absoluto, a unidade, o sacerdote; as cruzadas nos trazem a ogiva, e o senhor quer partilhar, a espera do povo que saberá muito bem tomar seu lugar; a feudalidade vê nascer a comuna, e a face da Europa, muda, por que a ogiva destrona o romano; o pedreiro torna-se artista e poetiza a matéria; se dá o privilégio da liberdade na arquitetura, porque o pensamento não tinha então senão esse modo de expressão. Quantas sedições escritas também na frente de nossos monumentos! E é por isso que os poetas, os pensadores, os deserdados, tudo o que era inteligente, cobriu a Europa de catedrais.

Vede-o, até o pobre Guttemberg, a arquitetura é a escrita universal; a seu turno, a imprensa derruba o gótico; a teocracia é o horror do progresso, a conservação mumificada dos tipos primitivos; a ogiva é a transição da noite ao crepúsculo onde cada um pode ler a pedra fácil de compreender; mas a imprensa é a luz completa, derrubando o manuscrito, pedindo um espaço maior que doravante ninguém poderá restringir.

Como o Sol, a imprensa fecundou o mundo com seus raios benfazejos; a arquitetura não representa mais a sociedade; ela será clássica e renascente, e esse mundo de artistas, divorciando-se do passado, faz rudes brechas nas teogonias humanas para seguir a rota traçada por Deus; deixa simples manobras aos movimentos da renascença para se fazer estatuária, pintor, músico; a força da harmonia se despende em livros, e já, no décimo-sexto século, ela é tão robusta, tão forte essa imprensa de Nuremberg, que é o acontecimento de um século literário; ela é ao mesmo tempo Lutero, Jean Goujon, Rousseau, Voltaire; entrega à velha Europa esse combate lento, mas seguro, que sabe reconstruir depois de ter destruído.

E agora que o pensamento está emancipado, qual é a força que poderia escrever o livro arquitetura! de nossa época? Todos os milhões de nosso planeta não saberiam a isso bastar, e ninguém saberá salientar o que é do passado e lhe pertença exclusivamente.

Sem desdenhar o grande livro da arquitetura, que é o passado e seu ensinamento, agradecemos a Deus que sabe, nas épocas próprias, colocar em nosso poder uma arma tão forte que se torna o pão do Espírito, a emancipação do corpo, o livre arbítrio do homem, a idéia comum a todos, a ciência, um *a*, *b*, *c*, que fecunda a terra em nos tornando melhores. Mas se a imprensa vos emancipou, a eletricidade vos fará verdadeiramente livre, será ela que destronará a imprensa de Guttemberg para colocar em vossas mãos um poder de outro modo temível, e isto será logo.

A ciência espírita, a salvaguarda da Humanidade, vos ajudará a compreender a nova força de que vos falo. Guttemberg, a quem Deus deu uma missão providencial, sem dúvida, fará parte da segunda, quer dizer, daquela que vos guiará no estudo dos fluidos.

Logo estareis prontos, caros amigos; mas também, não se trata mais somente de ser Espíritas fervorosos, é preciso também estudar, a fim de que tudo o que vos foi ensinado sobre a eletricidade e todos os fluidos em geral seja para vós uma gramática segura para o coração. Nada é estranho à ciência dos Espíritos; quanto mais vossa bagagem intelectual seja sólida, menos estareis admirados das novas descobertas; devendo ser os iniciadores das novas formas de pensamento, deveis estar fortes e seguros de vossas faculdades espirituais.

Eu tinha, pois, razão de vos falar de minha missão, irmã da vossa. Sois os eleitos entre os homens. Os bons Espíritos vos dão um livro que percorre toda a Terra, e sem a imprensa não serieis nada. Para vós, a obsessão que vela a verdade aos homens desaparecerá; mas, eu o repito, preparai-vos e estudai

para não serdes indignos do novo benefício, e para saber, ao contrário, mais inteligentemente do que outros, difundi-lo e fazê-lo aceitar.

GUTTEMBERG.

Nota. - A imprensa, pela difusão das idéias que ela tornou imperecível e que difunde nos quatro cantos do mundo, produziu uma revolução intelectual que ninguém pode desconhecer. Foi porque esse resultado era entrevisto que ela foi, no início, qualificada, por alguns, de invenção diabólica; é uma relação a mais que ela tem com o Espiritismo, e do qual Guttemberg deixou de falar. Pareceria verdadeiramente, no entender de certas pessoas, que o diabo tem o monopólio de todas as grandes idéias; todas aquelas que tendem a fazer a Humanidade dar um passo, lhe são atribuídas. O próprio Jesus, sabe-se, foi acusado de agir por intermédio do demônio que, em verdade, deve estar orgulhoso de todas as boas e belas coisas que retiram a Deus para lhes atribuir. Não foi ele que inspirou Galileu e todas as descobertas científicas que fizeram a Humanidade avançar? Segundo isso, seria preciso que fosse muito modesto para não se crer o senhor do universo.

Mas o que pode parecer estranho, é sua imperícia, uma vez que não há um único progresso da ciência que não tenha por efeito arruinar o seu império. É um ponto no qual não se pensou.

Se tal foi a força desse meio de propagação toda material, o quanto não será maior a do ensino dos Espíritos se comunicando por toda a parte, penetrando lá onde o acesso dos livros está interdito, se fazendo ouvir àqueles mesmos que não querem escutá-los! Que poder humano poderia resistir a uma tal força?

Essa notável dissertação provocou, no seio da Sociedade, as reflexões seguintes da parte de um outro Espírito.

Sobre a arquitetura e a imprensa, a propósito da comunicação de Guttemberg.
(Sociedade Espírita de Paris. - Méd. Sr. A. Didier.)

O Espírito de Guttemberg muito poeticamente definiu os efeitos positivos e tão universalmente progressivos da imprensa e do futuro da eletricidade; no entanto, permito-me, em minha qualidade de antigo talhador de castelos, de balcões de muralhas, de alicerces e de catedrais, de expor certas teorias sobre o caráter e objetivo da arquitetura da Idade Média.

Todo o mundo sabe, ilustres professores arqueólogos ensinaram em nossos dias, que a religião, a fé ingênua levantaram com o gênio do homem esses soberbos monumentos góticos, esparramados sobre a face da Europa; e aqui, mais do que nunca, a idéia expressa pelo Espírito de Guttemberg está cheia de elevação.

Creemos, no entanto, dever emitir, não contra, mas ao lado, a nossa opinião.

A idéia, essa luz da alma, centelha real que comunica a vontade e o movimento ao organismo humano, se manifesta de diferentes maneiras, seja pela arte, pela filosofia, etc. A arquitetura, essa arte elevada que talvez melhor exprima o natural e o gênio de um povo, foi consagrada, nas nações impressionáveis e crentes, ao culto de Deus e às cerimô-

nias religiosas. A Idade Média, forte na feudalidade e na sua crença, teve a glória de fundar duas artes essencialmente diferentes em seus objetivos e suas consagrações, mas que exprime perfeitamente o estado de sua civilização: o castelo forte, habitado pelo senhor ou o rei; a abadia, o monastério e a Igreja; em uma palavra, a arte arquitetura! militar, e a arte arquitetura! religiosa. Os Romanos, essencialmente administradores, guerreiros, civilizadores, colonizadores universais, forçados que estavam pela extensão de suas conquistas, não tiveram jamais uma arte arquitetural inspirada por sua fé religiosa; somente a avidez, o amor do ganho e do poder executivo, os fizeram construir esses formidáveis amontoados de pedras, símbolos de sua audácia e de suas bases intelectuais. A poesia do Norte, contemplativa e nebulosa, unida à suntuosidade da arte oriental, criou o gênero gótico, de início austero e pouco a pouco florido. Com efeito, vemos na arquitetura a realização das tendências religiosas e do despotismo feudal.

Essas ruínas famosas de muitas das revoluções humanas, mais do que do tempo, se impõem ainda por seu aspecto grandioso e formidável. Parece que o século que as viu se levantarem era duro, sombrio e inexorável como elas; mas não é preciso concluir disso que a descoberta da imprensa, à força de estender o pensamento, haja simplificado a arte da arquitetura.

Não, a arte que é uma parte da idéia, será sempre uma manifestação ou religiosa, ou política, ou militar, ou democrática ou principesca. A arte tem seu papel, a imprensa tem o seu; sem ser exclusivamente especialista, não é preciso confundir o objetivo de cada coisa; é preciso dizer somente que não é necessário misturar as diferentes faculdades e as diferentes manifestações da idéia humana.

ROBERT DE LUZARCHES.

O Espiritismo e a franco-maçonaria.

(Sociedade Espírita de Paris, 25 de fevereiro de 1864.)

Nota. - Nesta sessão, agradecimentos foram dirigidos ao Espírito de Guttemberg, com pedido de consentir em tomar parte em nossas conversas, quando o julgasse oportuno.

Na mesma sessão, a presença de vários dignatários estrangeiros da Ordem Maçônica, motivou a pergunta seguinte:

Que concurso o Espiritismo pode encontrar na Franco-Maçonaria? Várias dissertações foram obtidas sobre este assunto.

I

Senhor Presidente, agradeço-vos pelo vosso amável convite; foi a primeira vez que uma de minhas comunicações foi lida na Sociedade Espírita de Paris, e esta não será, eu o espero, a última.

Talvez encontrastes em minhas reflexões um pouco longas sobre a imprensa alguns pensamentos que não aprovais completamente; mas, refletindo na dificuldade que sentimos para nos colocarmos em relação com os médiuns e empregar as suas faculdades, consenti em passar ligeiramente sobre certas expressões ou certos torneios de linguagem que não estamos sempre no estado de dominar. Mais tarde, a eletricidade fará sua revolução medianímica, e como tudo será mudado na maneira de reproduzir o pensamento do Espírito, não encontrareis mais dessas lacunas, algumas vezes lamentáveis, sobretudo quando as comunicações são lidas diante dos estrangeiros.

Falastes da franco-maçonaria, e tendes razão de esperar encontrar nela bons elementos. Que se pede a todo maçom iniciado? De serem na imortalidade da alma, no divino Arquiteto, de serem benfazejos, devotados, sociáveis, dignos e humildes. Ali se pratica

a igualdade na mais ampla escala; há, pois, nessas sociedades uma afinidade com o Espiritismo de tal modo evidente que fere os olhos.

A questão do Espiritismo foi levada à ordem do dia em várias lojas, e eis qual foi o resultado disso: leram-se volumosos relatórios desordenados sobre esse assunto, mas não se o estudou a fundo, o que fez que ali, como em muitos outros lugares discutiu-se sobre uma coisa que não se conhece, julgando-o sobre o ouvir dizer muito mais do que sobre a realidade. No entanto, muitos maçons são Espíritas, e trabalham grandemente para propagar esta crença; todos os ouvidos escutam, e se o hábito diz: Não; a razão diz: Sim.

Esperai, pois; porque o tempo é um recrutador sem igual; por ele as impressões se modificam, e, necessariamente, no vasto campo dos estudos abertos nas lojas, o estudo espírita entrará como complemento; porque isso já está no ar; riu-se, falou-se: não se ri mais, medita-se.

Então, pois, tereis um viveiro espírita nessas sociedades essencialmente liberais; por elas, entrareis plenamente nesse segundo período que deve preparar os caminhos prometidos. Os homens inteligentes da maçonaria vos bendirão por sua vez; porque a moral dos Espíritos dará um corpo a essa seita tão comprometida, tão temida, mas que fez mais bem do que não se crê.

Tudo tem uma laboriosa criação, uma afinidade misteriosa; e se isso existe por aquilo que perturba as camadas sociais, isso é muito mais verdadeiro por aquilo que conduz ao adiantamento moral dos povos.

GUTTEMBERG (*Médium*, Sr. Leymarie.)

II

Meu caro irmão em doutrina (o Espírito se dirige a um dos franco-maçons espíritas presentes à sessão), venho com alegria ao benevolente chamado que fazes aos Espíritos que amaram e fundaram as instituições franco-maçônicas. Para cimentar essa associação generosa, duas vezes derramei meu sangue; duas vezes as praças públicas desta cidade tingiram-se com o sangue do pobre Jacques Mole. Caros irmãos, seria preciso dar-lhe uma terceira? Direi com alegria: Não. Foi-nos dito: Nada mais de sangue, nada mais de despotismo, nada mais de carrascos! Uma sociedade de irmãos, de amigos, de homens cheios de boa vontade que não desejam senão uma coisa: conhecer a verdade para fazer o bem! Não tinha ainda me comunicado nesta assembléia; enquanto faláveis em ciência espírita, filosofia espírita, cedi o lugar aos Espíritos que são mais aptos para vos dar conselhos sobre estes diversos pontos, e esperei pacientemente, sabendo que minha vez chegaria; há tempo para tudo, do mesmo modo há momentos para todos; também, creio que a hora soou e que o momento é oportuno. Posso, pois, vir vos dizer qual é minha opinião a respeito do Espiritismo e a franco-maçonaria.

As instituições maçônicas foram para a sociedade um encaminhamento para a felicidade. Numa época em que toda idéia liberal era considerada como um crime, era necessária aos homens uma força que, embora estando submetida às leis, não fosse menos emancipada: emancipada por suas crenças, por suas instituições e pela unidade de seu ensinamento. A religião, nessa época, era ainda, não mãe consoladora, mas uma força despótica que, pela voz de seus ministros, ordenava, feria, fazia tudo curvar sob a sua vontade; ela era um objeto de temor para quem quisesse, como livre pensador, agir e dar aos homens sofrendores algum encorajamento, e na infelicidade, algumas consolações morais. Unidos pelo coração, pela fortuna e pela caridade, nossos templos foram os únicos altares onde não se havia desconhecido o verdadeiro Deus, onde o homem podia ainda se dizer homem, onde a criança podia esperar encontrar mais tarde um protetor, e o abandonado dos amigos.

Vários séculos se passaram e todos acrescentaram algumas flores a mais na coroa maçônica. Foram mártires, homens letrados, legisladores, que juntaram à sua glória em

se lhe fazendo os defensores e os conservadores. No décimo nono século, o Espiritismo vem, com a sua clara bandeira, dar a mão aos comendadores, aos rosacruz, e com voz trovejante lhes gritar: Vamos, meus irmãos, sou verdadeiramente a voz que se faz ouvir no Oriente e à qual o Ocidente responde, dizendo: Glória, honra, vitória aos filhos dos homens! Alguns dias ainda, e o Espiritismo terá transposto o muro que separa a maioria do recinto do templo dos segredos; e, desse dia, a sociedade verá florescer em seu seio a mais bela flor espírita que, deixando cair as suas pétalas, dará uma semente regeneradora de verdadeira liberdade. O Espiritismo fez progressos, mas do dia em que terá dado a mão à franco-maçonaria, todas as dificuldades serão vencidas, todo obstáculo será levantado, a verdade se fará luz, e o maior progresso moral será realizado; terá transposto os primeiros degraus do trono onde logo deve reinar.

A vós, saudação fraterna e amiga.

JACQUES DE MOLE (*Médium*, Srta. Béguet).

III

Fiquei muito encantado em misturar-me às discussões deste centro tão profundamente espiritualista, e retorno atraído por Guttemberg, como fora outro dia por Jacquart.

A maior parte da dissertação do grande tipógrafo tratou a questão de um ponto de vista de ofício, e não viu principalmente nessa bela invenção senão o lado prático, material, utilitário. Ampliemos o debate, e tomemos a questão de mais alto.

Seria um erro crer que a imprensa veio substituir a arquitetura, porque esta permanecerá para continuar o seu papel historiográfico, por meio de monumentos característicos, tocados com a marca do espírito de cada século, de cada geração, de cada revolução humanitária. Não; digamo-lo claramente, a imprensa não veio nada derrubar; veio para completar, e por sua obra especial, grande e emancipadora; ela chegou em sua hora, como todas as descobertas que eclodem providencialmente neste mundo. Contemporâneo do monge que inventou a pólvora, e que, por aí, transtornou a velha arte das batalhas, Guttemberg trouxe uma nova alavanca para a expansão das idéias. Não o esqueçamos: a imprensa não podia ter a sua legítima razão de ser senão para a emancipação das massas e o desenvolvimento intelectual dos indivíduos. Sem essa necessidade a satisfazer, sem esse alimento, esse maná espiritual a distribuir, a imprensa teria se debatido por muito tempo ainda no vazio, e não teria sido considerada senão como o sonho de um louco, ou como uma utopia sem importância. Não foi assim que foram tratados os primeiros inventores, dizemos melhor, aqueles que, os primeiros, descobriram e constataram as propriedades do vapor? Fazei nascer Guttemberg nas ilhas Andaman, e a imprensa aborta fatalmente.

Portanto, a idéia: eis a alavanca primordial que é preciso considerar. Sem a idéia, sem o trabalho fecundo dos pensadores, dos filósofos, dos ideólogos, e mesmo dos monges sonhadores da Idade Média, a imprensa teria permanecido letra morta. Guttemberg pode, pois, queimar mais de uma vela em honra dos dialéticos da escola que fizeram germinar a idéia, e desbastar as inteligências. A idéia fervorosa, que reveste uma forma plástica no cérebro humano, é e será sempre o maior motor das descobertas e das invenções. Criar uma necessidade nova no meio das sociedades modernas é abrir um novo caminho à idéia perpetuamente inovadora; é impelir o homem inteligente à procura do que satisfará essa nova necessidade da Humanidade; é porque, por toda a parte onde a idéia for soberana, por toda a parte onde ela for acolhida com respeito, por toda a parte, enfim, onde os pensadores forem honrados, se estará seguro de progredir para Deus.

A franco-maçonaria, contra a qual tanto se gritou, contra a qual a Igreja romana não teve bastante anátemas, e que por isso não sobreviveu menos, a franco-maçonaria abriu seus templos a dois batentes ao culto emancipador da idéia. Em seu seio, todas as questões mais graves foram tratadas, e, antes que o Espiritismo fizesse a sua aparição, os veneráveis e os grandes mestres sabiam e professavam que a alma é imortal, e que os

mundos visíveis e invisíveis se comunicam entre si. É lá, nesses santuários onde os profanos eram admitidos, que os Swedenborg, os Pascal, os Saint-Martin, obtiveram fulminantes resultados; foi lá onde a grande *Sofia*, essa inspiradora etérea, veio ensinar a esses primogênitos da Humanidade os dogmas emancipadores onde 89 hauriu seus princípios fecundos e generosos; foi lá onde., bem antes de vossos médiuns contemporâneos, dos precursores de vossa mediunidade, grandes desconhecidos, tinham evocado e feito aparecer os sábios da antigüidade e os primeiros séculos da era; foi lá... Mas detenho-me; o quadro restrito de vossas sessões, o tempo que se escoou, não me permitem estender-me, como o queria, sobre este interessante assunto. A ele voltaremos mais tarde. Tudo o que direi é que o Espiritismo encontrará, no seio das lojas maçônicas, uma falange numerosa e compacta de crentes, não de crentes efêmeros, mas sérios, resolutos e inquebrantáveis em sua fé.

O Espiritismo realiza todas as aspirações generosas e caridosas da franco-maçonaria; ele sanciona as crenças que ela professa, dando provas irrecusáveis da imortalidade da alma; conduz a Humanidade ao objetivo que ela se propôs: a união, a paz, a fraternidade universal, pela fé em Deus e no futuro. É que os Espíritas sinceros de todas as nações, de todos os cultos e de todas as classes, não se olham como irmãos? Não há entre eles uma verdadeira franco-maçonaria, com essa diferença de que em lugar de ser secreto, ela se pratica à luz do dia? Homens esclarecidos como aqueles que ela possui, que as suas luzes colocam acima dos preconceitos de grupos e de castas, não podem ver com indiferença o movimento que essa nova doutrina, essencialmente emancipadora, produz no mundo. Repelir um elemento tão poderoso de progresso moral seria abjurar seus princípios e se colocar ao nível dos homens retrógrados. Não, disso estou seguro, não se deixarão transbordar, porque vejo nisso que, sob a nossa influência, vão tomar em mão essa grave questão.

O Espiritismo é uma corrente de idéias irresistível, que deve ganhar todo o mundo: isso não é senão uma questão de tempo; ora, seria desconhecer o caráter da instituição maçônica, crer que ela consentirá em se aniquilar, e a desempenhar um papel negativo no meio do movimento que eleva a Humanidade para a frente; sobretudo, crer que ela lançará o apagador sobre a chama, como se tivesse medo da luz.

É bem entendido que não falo aqui senão da alta franco-maçonaria, e não dessas lojas feitas pela ilusão, onde se reúnem antes para comer e beber, ou para rir das perplexidades que inocentes provas causam aos neófitos, senão para discutir as questões de moral e de filosofia. Seria bem preciso, para que a franco-maçonaria pudesse continuar a sua missão sem entraves, que tivesse de distância em distância, de raio em raio, de meridiano em meridiano, templos fora do templo, lugares profanos fora dos lugares sagrados, falsos tabernáculos fora do arco. É nesses centros que os adeptos do Espiritismo têm inutilmente tentado se fazerem ouvir.

Imperativa, a franco-maçonaria ensinou o dogma precursor do vosso, e professou em segredo o que proclamais bem alto. Eu retornarei, disse, sobre estas questões, se, no entanto, os grandes Espíritos que presidem os vossos trabalhos o permitirem. À espera, eu vo-lo afirmo, a Doutrina Espírita pode perfeitamente se unir às das grandes lojas do Oriente Médio, Agora, glória ao grande Arquiteto!

*Um antigo franco-maçom,
VAUCANSON (médiun, Sr. d'Ambel).*

Aos Obreiros.

(Sociedade Espírita de Paris, 17 de janeiro de 1864. - Médiun, senhora Costel.)

Venho a vós, meus amigos, vós que sois os experimentados e os proletários do sofrimento; venho vos saudar, bravos e dignos obreiros, em nome da caridade e do amor. Sois os bem-amados de Jesus, de quem eu fui o amigo; confortai-vos na crença espírita,

como eu me confortei no seio do enviado divino. Obreiros, sois os eleitos no caminho doloroso da prova, onde caminhais com os pés sangrantes e o coração desencorajado. Irmãos, esperai! Toda dificuldade traz consigo seu o salário; toda jornada laboriosa tem a sua noite de repouso. Crede no futuro que será vossa recompensa, e não procureis o esquecimento, que é ímpio. O esquecimento, meus amigos, é a embriaguez egoísta ou brutal; é a fome para os vossos filhos e as aflições para as vossas mulheres. O esquecimento é uma covardia. Que pensaríeis de um obreiro que, sob o pretexto de uma leve fadiga, desertasse da oficina e interrompesse covardemente a jornada começada? Meus amigos, a vida é a jornada da eternidade; cumpri bravamente o vosso trabalho; não sonheis com o repouso impossível; não avanceis a hora do relógio dos tempos; tudo vem a propósito: a recompensa à coragem e a bênção ao coração emocionado, que se confia à justiça eterna.

Sede Espíritas: tornar-vos-eis fortes e pacientes, porque aprendereis que as provas são uma garantia segura de progresso, e que elas vos abrirão a entrada das moradas felizes, onde bendireis os sofrimentos que dela vos terão aberto o acesso.

A vós todos, obreiros e amigos, minhas bênçãos. Assisto às vossas assembléias, porque sois bem-amados daquele que foi

JOÃO O EVANGELISTA.
ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

7^a ANO

NO. 5

MAIO 1864

TEORIA DA PRESCIÊNCIA.

Como o conhecimento do futuro é possível? Compreendem-se as previsões dos acontecimentos que são a consequência do estado presente, mas não daqueles que não têm com ele nenhuma relação, e ainda menos aqueles que são atribuídos ao acaso. As coisas futuras, diz-se, não existem; elas estão ainda no nada; como, então, saber que ocorrerão? Os exemplos de predições realizadas, no entanto, são bastante numerosos, de onde é preciso concluir que se passa ali um fenômeno do qual não se tem a chave, porque não há efeito sem causa; é essa causa que vamos tentar procurar, e é ainda o Espiritismo, ele mesmo chave de tantos mistérios, que no-la fornecerá, e que, além disso, nos mostrará que o próprio fato das predições não sai das leis naturais.

Tomemos, como comparação, um exemplo nas coisas usuais, e que ajudará a fazer compreender o princípio que teremos de desenvolver.

Suponhamos um homem colocado sobre uma alta montanha e considerando a vasta extensão da planície. Nessa situação, o espaço de uma légua será pouca coisa, e poderá facilmente abarcar de um só golpe de vista, todos os acidentes do terreno, desde o começo até o fim do caminho. O viajor que segue esse caminho, pela primeira vez, sabe que nele caminhando chegará ao fim: está aí uma simples previsão da consequência de sua marcha; mas os acidentes do terreno, as subidas e as descidas, os rios a transpor, as matas a atravessar, os precipícios em que pode cair, os ladrões colocados para lhe roubar dinheiro, as hospedarias onde poderia repousar, tudo isso é independente de sua pessoa: é para ele o desconhecido, o futuro, porque sua visão não se estende além do pequeno círculo que o cerca. Quanto à duração, mede-a pelo tempo que põe para percorrer o caminho; tirei-lhe os pontos de referência e a duração se apagará. Para o homem que está sobre a montanha e que segue com o olhar o viajante, tudo isso é o presente. Suponhamos que esse homem desça junto ao viajante e lhe diga: "Em tal momento encontrareis tal coisa, sereis atacado e socorrido," lhe predirá o futuro; o futuro é para o viajante; para o homem da montanha, esse futuro é o presente.

Se sairmos agora do círculo das coisas puramente materiais, e se entrarmos pelo pensamento, no domínio da vida espiritual, veremos esse fenômeno se produzir numa maior escala. Os Espíritos desmaterializados são como o homem da montanha; o espaço e a duração se apagam para eles. Mas a extensão e a penetração de sua visão são proporcionais à depuração e à elevação na hierarquia espiritual; são, com relação aos Espíritos inferiores, como um homem armado de um possante telescópio, ao lado daquele que não tem senão seus olhos. Entre esses últimos, a visão é circunscrita, não só porque não podem, senão dificilmente, se afastar do globo ao qual estão ligados, mas porque a grosseria de seu perispírito vela as coisas afastadas, como o faz um nevoeiro para os olhos do corpo.

Compreende-se, pois, que, segundo o grau de perfeição, um Espírito pode abarcar um período de alguns anos, de alguns séculos e mesmo de vários milhares de anos, por-

que, o que é um século em presença do infinito? Os acontecimentos não se desenrolam sucessivamente diante dele, como os incidentes da rota do viajante; ele vê simultaneamente o começo e o fim do período; todos os acontecimentos que, nesse período, são o futuro para o homem da Terra, para eles são o presente. Poderia, pois, vir nos dizer com certeza: Tal coisa acontecerá em tal época, porque ele vê essa coisa como o homem da montanha vê o que espera o viajante no caminho. Se não o faz, é porque o conhecimento do futuro é nocivo ao homem; entravaria seu livre arbítrio; o paralisaria no trabalho que deve realizar para seu progresso; o bem e o mal que o espera, estando no desconhecido, são a prova para ele.

Se uma tal faculdade, mesmo restrita, pode estar nos atributos da criatura, em que grau de poder deve se elevar no Criador que abarca o infinito? Para ele, o tempo não existe: o começo e o fim dos mundos são o presente. Nesse imenso panorama, o que é a duração da vida de um homem, de uma geração, de um povo?

No entanto, como o homem deve concorrer ao progresso geral, e certos acontecimentos devem resultar de sua cooperação, pode ser útil, em certos casos, que seja prescrito desses acontecimentos, a fim de que lhe prepare os caminhos, e esteja pronto para agir quando o momento chegar; é porque Deus permite, às vezes, que um canto do véu seja levantado; mas é sempre num objetivo útil, e jamais para satisfazer uma vã curiosidade. Essa missão pode, pois, ser dada, não a todos os Espíritos, porque entre estes há os que não conhecem mais o futuro do que os homens, mas a alguns Espíritos suficientemente avançados para isso; ora, há que se notar que essas espécies de revelações são sempre feitas espontaneamente, e jamais, ou pelo menos mais raramente, em resposta a uma pergunta direta.

Essa missão pode igualmente ser mostrada a certos homens, e eis de que maneira.

Aquele a quem está confiado o encargo de revelar uma coisa oculta pode dela receber, com seu desconhecimento, a inspiração dos Espíritos que a conhecem, e, então, a transmite maquinalmente, sem disso se dar conta. Sabe-se, além disso, que, seja durante o sono, seja no estado de vigília, nos êxtases da dupla vista, a alma se liberta e possui, num grau mais ou menos grande, as faculdades do Espírito livre. Se for um Espírito avançado, se, sobretudo, como os profetas, recebeu uma missão especial para esse fim, ele goza, nesses momentos de emancipação da alma, da faculdade de abarcar, por si mesmo, um período mais ou menos extenso, e vê, como presentes, os acontecimentos desse período. Pode, então revelá-los no mesmo instante, ou conservar-lhes a memória em seu despertar. Se esses acontecimentos devem permanecer no segredo, deles perderá a lembrança ou não lhe restará senão uma vaga intuição, suficiente para guiá-lo instintivamente. É assim que se vê essa faculdade se desenvolver providencialmente em certas ocasiões, nos perigos iminentes, nas grandes calamidades, nas revoluções, e que a maioria das seitas perseguidas tiveram numerosos *videntes*; é ainda assim que se vêem grandes capitães marcharem resolutamente ao inimigo, com a certeza da vitória; homens de gênio, como Cristóvão Colombo, por exemplo, perseguir um objetivo predizendo, por assim dizer, o momento em que o alcançarão: é que viram esse objetivo, que não é desconhecido para seu Espírito.

Todos os fenômenos cuja causa era ignorada foram reputados maravilhosos; uma vez conhecida a lei segundo a qual eles se cumpriam, reentraram na ordem das coisas naturais. O dom da predição não é mais sobrenatural do que uma multidão de outros fenômenos; ele repousa sobre as propriedades da alma e a lei das relações do mundo visível e do mundo invisível, que o Espiritismo vem fazer conhecer. Mas como admitir a existência de um mundo invisível, se não se admite a alma, ou se se a admite sem individualidade depois da morte? O incrédulo que nega a presciência é conseqüente consigo mesmo; resta saber se ele mesmo é conseqüente com a lei natural.

Essa teoria da presciência talvez não resolva, de maneira absoluta, todos os casos que a previsão do futuro pode apresentar, mas não se pode deixar de convir que nela re-

pousa o princípio fundamental. Se não se pode tudo explicar, é pela dificuldade, para o homem, de se colocar nesse ponto de vista extra-terrestre; por sua própria inferioridade, seu pensamento, incessantemente conduzido para os caminhos estreitos da vida material, freqüentemente, está impossibilitado de se destacar do solo. A esse respeito, certos homens são como os pássaros jovens, cujas asas muito fracas não lhes permitem se elevarem no ar, ou como aqueles cuja visão é muito curta para verem ao longe, ou, enfim, como aqueles a quem faltam um sentido para certas percepções. No entanto, com alguns esforços e o hábito da reflexão, chega-se a isto: os Espíritos mais facilmente do que outros, porque, melhor do que outros, podem se identificar com a vida espiritual, que compreendem.

Para compreender as coisas espirituais, quer dizer, para delas fazer uma idéia tão límpida quanto aquela que fazemos de uma paisagem que está sob nossos olhos, nos falta verdadeiramente um sentido, exatamente como ao cego falta o sentido necessário para compreender os efeitos da luz, das cores e da visão a distância. Também não será por um esforço de imaginação que a isso chegaremos, e com a ajuda de comparações hauridas nas coisas que nos são familiares. Mas as coisas materiais não podem dar senão idéias muito imperfeitas das coisas espirituais; é por isso que não é preciso tomar essas comparações pela letra, e crer, por exemplo, no caso de que se trata, que a extensão das faculdades perceptivas dos Espíritos prende-se à sua elevação efetiva, e que não têm necessidade de estar sobre uma montanha ou acima das nuvens para abarcar o tempo e o espaço. Essa faculdade é inerente ao estado de espiritualização, ou, querendo-se, de desmaterialização; quer dizer que a espiritualização produz um efeito que se pode comparar, embora muito imperfeitamente, ao da visão do conjunto do homem que está sobre a montanha; essa comparação tinha simplesmente por objetivo mostrar que os acontecimentos que para uns estão no futuro, estão no presente para outros, e podem assim ser preditos, o que não implica que o efeito se produza do mesmo modo.

Para gozar dessa percepção o Espírito tem, pois, necessidade de se transportar sobre um ponto qualquer do espaço; aquele que está na Terra, ao nosso lado, pode possuí-la em sua plenitude, tão bem quanto se estivesse a mil léguas dela, ao passo que não vemos nada fora do horizonte visual. A visão, nos Espíritos, não se produzindo do mesmo modo nem com os mesmos elementos que no homem, seu horizonte visual é diferente; ora, está precisamente aí o sentido que nos falta para concebê-la; o Espírito, ao lado do encarnado, é como o vidente ao lado de um cego.

É preciso figurar-se, além disso, que essa percepção não se limita à extensão, mas que compreende a penetração de todas as coisas; é, repetimos, uma faculdade inerente e proporcional ao estado de desmaterialização. Essa faculdade é *diminuída* pela encarnação, mas não é completamente anulada, porque a alma não está encerrada no corpo como numa caixa. O encarnado a possui, em razão do adiantamento do Espírito, embora sempre num grau menor do que quando está inteiramente liberto; é isso que dá a certos homens um poder de penetração que falta totalmente a outros, uma maior justeza no golpe de vista moral, uma compreensão mais fácil das coisas extra-materiais; não só o Espírito percebe, mas se lembra do que viu no estado de Espírito, e essa lembrança é como um quadro que se retrata em seu pensamento. Na encarnação ele vê, mas vagamente e como através de um véu; no estado de liberdade ele vê e concebe claramente. O princípio da visão não está fora dele, mas nele; é por isso que não tem necessidade de nossa luz exterior; pelo desenvolvimento moral, o círculo das idéias e da concepção se amplia; pela desmaterialização gradual do perispírito, este se purifica dos elementos grosseiros que alteram a delicadeza das percepções; de onde é fácil compreender que a extensão de todas as faculdades segue o progresso do Espírito.

É o grau de extensão das faculdades do Espírito que, na encarnação, torna-o mais ou menos apto a conceber as coisas espirituais. Todavia, essa aptidão não é a consequência necessária do desenvolvimento intelectual; a ciência vulgar não a dá; é por isso

que se vêem homens de uma grande inteligência e de um grande saber, tão cegos para as coisas espirituais quanto outros o são para as coisas materiais; são refratários a elas porque não as compreendem; isso prende-se a que seu progresso não está *ainda* realizado nesse sentido, ao passo que se vêem pessoas de uma instrução e de uma inteligência vulgares aprendê-los com a maior facilidade, o que prova que tinham disso intuição prévia.

A faculdade de mudar seu ponto de vista e de tomá-lo do alto não dá somente a solução do problema da presciência; é além disso a chave da verdadeira fé, da fé sólida; é também o mais poderoso elemento de força e de resignação, porque, daí, a vida terrestre, aparece como um ponto da imensidão, compreende-se o pouco valor das coisas que, vistas daqui de baixo, parecem tão importantes; os incidentes, as misérias, as vaidades da vida diminuem à medida que se desenrola o imenso e esplêndido horizonte do futuro. Aquele que vê assim as coisas deste mundo não é senão pouco alcançado pelas vicissitudes, e, por isso mesmo, é tão feliz quanto se pode ser neste mundo. É preciso, pois, lamentar aqueles que concentram seus pensamentos na estreita esfera terrestre, porque sentem, em toda a sua força, o contragolpe de todas as tribulações, que, como tantos aguilhões, os assediam sem cessar.

Quanto ao futuro do Espiritismo, os Espíritos, como se sabe, são unânimes em afirmar-lhe o triunfo próximo, apesar dos entraves que se lhe opõem; essa previsão lhes é fácil, primeiro, porque a sua propagação é sua obra pessoal, e sabem, conseqüentemente, o que devem fazer; em segundo lugar, basta-lhe abarcar um período de curta duração, e que, nesse período, vêm em seu caminho os poderosos auxiliares que Deus lhes suscita, e que não tardarão a se manifestar. Sem serem Espíritos desencarnados, que os espíritos se levem a apenas trinta anos à frente, no meio da geração que se levanta; que, dali, considerem o que se passa hoje; que lhes sigam a fieira, e verão se consumir em vãos esforços aqueles que se crêem chamados a derrubá-lo; eles os verão pouco a pouco desaparecer da cena, ao lado da árvore que cresce e cujas raízes se estendem cada dia mais.

Completaremos este estudo pelas relações que existem entre a presciência e a fatalidade. À espera disso, remetemos ao que foi dito sobre este último ponto, em *O Livro dos Espíritos*, nº 851 e seguintes.

VIDA DE JESUS PELO SR. RENAN.

Esta obra é muito conhecida hoje para que seja necessário dela dar uma análise; limitar-nos-emos, pois, a examinar o ponto de vista no qual o autor se colocou e disso deduzir algumas conseqüências.

A tocante dedicatória à alma de sua irmã, que o Sr. Renan coloca na cabeça do volume, embora muito curta, na nossa opinião, é um trecho capital, porque é toda uma profissão de fé. Citamo-la integralmente, porque ela nos dará lugar a fazer algumas notas importantes, de um interesse geral.

A alma pura de minha irmã Henriette.

FALECIDA EM BYBLOS, A 24 DE SETEMBRO DE 1861.

"Lembras-te, do seio de Deus onde repousas, dessas longas jornadas de Ghazir, onde, só contigo, eu escrevia essas páginas inspiradas e dos lugares que acabávamos de percorrer? Silenciosa ao meu lado, relias cada folha e recopiavas tão logo escrita, enquanto que o mar, as aldeias, os barrancos, as montanhas, se desenrolavam aos nossos pés. Quando a acabrunhante luz havia tomado lugar ao inumerável exército das estrelas,

tuas perguntas finas e delicadas, tuas dúvidas discretas, me levavam ao objeto sublime de nossos pensamentos comuns. Tu me dizias um dia que este livro tu o amarias, primeiro porque fora feito contigo, e também porque te agradava. Se temias, às vezes, por ele, os estreitos julgamentos do homem frívolo, estavas sempre persuadida de que as almas verdadeiramente religiosas acabariam por se amarem. Em meio a essas doces meditações, a morte nos atinge a ambos com a sua asa; o sono da febre nos toma na mesma hora; despertei só!...Tu dormes ainda na terra de Adonis, junto da santa Byblos e das águas sagradas onde as mulheres dos mistérios antigos vinham misturar suas lágrimas. Revela-me, ó bom gênio, a mim que amavas, estas verdades que dominam a morte, impedem o medo, e fazem quase amar."

A menos que se suponha que o Sr. Renan tenha desempenhado uma comédia indigna, é impossível que tais palavras venham sob a pena de um homem que crê no nada. Sem dúvida, vêem-se escritores, de talento flexível, jogar com as idéias e as crenças mais contraditórias, ao ponto de iludir sobre seus próprios sentimentos; é que, como o ato, eles possuem a arte da imitação. Uma idéia não tem necessidade de ser, para eles, um artigo de fé; é um tema sobre o qual trabalham, por pouco que ela se preste à imaginação, e que arranjam, ora de um modo, ora de um outro, segundo as necessidades e as circunstâncias. Mas há assuntos aos quais o incrédulo mais endurecido não saberia tocar sem se sentir sacrílego; tal é o da dedicatória do Sr. Renan. Em semelhante caso, um homem de coração se abstém antes do que falar contra a sua convicção; não são aqueles que se escolhem para fazer efeito.

Tomando as formas dessa dedicatória pela expressão conscienciosa do pensamento do autor, aí se encontra mais do que um vago pensamento espiritualista. Com efeito, essa não é a alma perdida nas profundezas do espaço, absorvida numa eterna e beata contemplação, ou nas dores sem fim; não é, não mais, a alma do panteísta, se aniquilando no oceano da inteligência universal; é o quadro da alma individual, tendo a lembrança de suas afeições e de suas ocupações terrestres, retornando aos lugares onde habitou junto das pessoas amadas. O Sr. Renan não falaria assim a um mito, a um ser submergido no nada; para ele, a alma de sua irmã está ao seu lado; ela o vê, o inspira, interessa-se por seus trabalhos; há entre ambos troca de pensamentos, comunicação espiritual; sem disso duvidar, ele faz, como tantos outros, uma verdadeira evocação. O que falta a essa crença para ser completamente espírita? A comunicação material. Por que, pois, o Sr. Renan a rejeita entre as crenças supersticiosas! Porque ele não admite nem o sobrenatural nem o maravilhoso. Mas se conhecesse o estado real da alma depois da morte, as propriedades de seu envoltório perispiritual, compreenderia que o fenômeno das manifestações espíritas não sai das leis naturais, e que não há necessidade para isso de recorrer ao maravilhoso; que desde que esse fenômeno teve que se produzir em todos os tempos e entre todos os povos, e que aí está a fonte de uma multidão de fatos falsamente qualificados de sobrenaturais por uns, ou atribuídos à imaginação por outros; que não está no poder de ninguém impedir essas manifestações, e que é possível provocá-las em certos casos. Que faz, pois, o Espiritismo, senão nos revelar uma nova lei da Natureza? Ele faz, com relação a uma certa ordem de fenômenos, o que faz para outros a descoberta das leis da eletricidade e da gravitação, da afinidade molecular, etc. Teria a ciência, pois, a pretensão de ter a última palavra da Natureza? Há algo de mais surpreendente, de mais maravilhoso, em aparência, do que corresponder-se, em alguns minutos, com uma pessoa que está a quinhentas léguas? Antes do conhecimento da lei da eletricidade, um tal fato teria passado por magia, feitiçaria, diabrura, ou por um milagre, sem nenhuma dúvida, um sábio a quem se tivesse contado, o teria repellido, e não teria falta de excelentes razões para demonstrar que era materialmente impossível. Impossível, sem dúvida, segundo as leis então conhecidas, mas muito possível segundo uma lei que não se conhece. Por que, pois, seria antes possível se comunicar instantaneamente com um ser vivo cujo corpo está a quinhentas léguas, do que com a alma desse mesmo ser que está ao nosso lado? É, diz-

se, que não tem mais corpo. E quem vos disse que ela não o tem mais? O Espiritismo vem provar precisamente o contrário, demonstrando que se sua alma não tem mais o envoltório material, compacto, ponderável, ela tem dele um fluídico, imponderável, mas que não é uma espécie de matéria; que esse envoltório, invisível em seu estado normal, pode, em circunstâncias dadas e por uma espécie de modificação molecular, tornar-se visível, como o vapor pela condensação; não há aí, como se vê, senão um fenômeno muito natural, do qual o Espiritismo dá a chave pela lei que rege as relações do mundo visível e do mundo invisível.

O Sr. Renan, persuadido de que a alma de sua irmã, ou seu Espírito, o que é a mesma coisa, estava junto dele, o via, e ouvia-o, devia crer que essa alma era alguma coisa. Se alguém tivesse vindo lhe dizer: Essa alma, da qual vosso pensamento adivinha a presença, não é um ser vago e indefinido; é um ser limitado e circunscrito por um corpo fluídico, invisível como a maioria dos fluidos: a morte não foi para ela senão a destruição de seu envoltório corporal, mas ela conservou seu envoltório etéreo indestrutível; de sorte que tendes junto a vós a vossa irmã, tal qual era quando viva, menos o corpo que ela deixou sobre a Terra, como a borboleta deixa a sua crisálida; morrendo, ela não fez senão se despojar do vestido que não podia mais lhe servir, que a retinha à superfície do solo, mas ela conservou uma veste leve que lhe permite transportar-se por toda parte onde quer, transpor o espaço com a rapidez do relâmpago; no moral, é a mesma pessoa com os mesmos pensamentos, as mesmas afeições, a mesma inteligência, mas com percepções novas, mais amplas, mais sutis, não estando suas faculdades mais comprimidas pela matéria pesada e compacta através da qual elas devem se transmitir; dissei se esse quadro nada tem de insensato? O Espiritismo, provando que isso é real é, pois, tão ridículo quanto alguns o pretendem? Que faz ele, em definitivo? Demonstra, de maneira patente, a existência da alma; provando que é um ser definido, dá um objetivo real às nossas lembranças e às nossas afeições. Se o pensamento do Sr. Renan não fosse senão um sonho, uma ficção poética, o Espiritismo vem fazer dessa ficção uma realidade.

A filosofia, de todos os tempos, esteve ligada à procura da alma, de sua natureza, de suas faculdades, de sua origem e de seu destino; inúmeras teorias foram feitas a esse respeito, e a questão sempre ficou indecisa. Por que isso? Aparentemente nenhuma encontrou o nó do problema, e não o resolveu de maneira bastante satisfatória para convencer todo o mundo. O Espiritismo veio por sua vez dar a sua; ele se apoia sobre a psicologia experimental; estuda a alma, não só durante a vida, mas depois da morte; observa-a no estado de isolamento; ele a vê agir em liberdade, ao passo que a filosofia comum não a vê senão em sua união com o corpo, submissa aos entraves da matéria, é porque ela confunde muito, freqüentemente, a causa com o efeito. Ela se esforça em demonstrar a existência e os atributos da alma por fórmulas abstratas, ininteligíveis para as massas; o Espiritismo dela dá provas palpáveis e, por assim dizer, fá-la tocar com o dedo e com os olhos; exprime-se em termos claros, ao alcance de todo mundo. É que a simplicidade da linguagem tirar-lhe-ia o caráter filosófico, assim como o pretendem certos sábios?

No entanto, a filosofia espírita, tem um grave erro aos olhos de muitas pessoas, esse erro está em uma única palavra. A palavra *alma*, mesmo para os incrédulos, tem alguma coisa de respeitável e que impõe; a palavra *Espírito*, ao contrário, desperta neles as idéias fantásticas das lendas, dos contos de fadas, dos fogos-fátuos, dos lobisomens, etc.; admitem de boa vontade que se possa crer na alma, embora não crendo nela por si mesmos, mas não podem compreender senão com bom senso se possa crer nos Espíritos. Daí uma prevenção que os faz olhar essa ciência como pueril e indigna de sua atenção; julgam-na pela etiqueta, a crêem inseparável da magia e da feitiçaria. Se o Espiritismo tivesse se absterido de pronunciar a palavra *Espírito*, se tivesse em todas as circunstâncias substituído a palavra *alma*, a impressão, para eles, teria sido diferente. A grande rigor, esses profundos filósofos, esses livres pensadores, admitirão bem que a *alma* de um ser que nos foi caro ouve nossos lamentos e vem nos inspirar, mas não admitirão que ela

seja a mesma de seu *Espírito*. O Sr. Renan pôde colocar no frontispício de sua dedicatória: *À alma pura de minha irmã Henriette*; não teria colocado: *Ao Espírito puro*.

Por que o Espiritismo se serviu da palavra *Espírito*? É um erro? Não, ao contrário. Primeiro, esta palavra estava consagrada desde as primeiras manifestações, antes da criação da filosofia espírita; uma vez que se tratasse de deduzir as conseqüências morais dessas manifestações, havia utilidade em conservar uma denominação passada em uso, a fim de mostrar a conexão dessas duas partes da ciência. Além disso, era evidente que a prevenção ligada a esta palavra, circunscrita a uma categoria especial de pessoas, deveria se apagar com o tempo; o inconveniente não poderia senão ser momentâneo.

Em segundo lugar, se a palavra *Espírito* era um repelente para alguns indivíduos, era um atrativo para as massas, e deveria contribuir mais do que a outra para popularizar a doutrina. Seria preciso, pois, preferir o maior número ao menor.

Um terceiro motivo é mais sério do que os dois outros. As palavras *alma* e *Espírito*, se bem que sinônimas e empregadas indiferentemente, não exprimem exatamente a mesma idéia. A *alma*, propriamente falando, é o princípio inteligente, princípio inapreensível e indefinido como o pensamento. No estado de nossos conhecimentos, não podemos concebê-la isolada da matéria de modo absoluto. O perispírito, embora formado de matéria sutil, dela fez um ser limitado, definido, e circunscreeveu a sua individualidade espiritual; de onde se pode formular esta proposição: *A união da alma, do perispírito e do corpo material constitui o HOMEM; a alma e o perispírito separados do corpo constituem o ser chamado ESPÍRITO*. Nas manifestações, não é, pois, só a alma que se apresenta; ela está sempre revestida de seu envoltório fluídico; esse envoltório é o intermediário necessário com a ajuda do qual age sobre a matéria compacta. Nas aparições, não é a alma que se vê, mas o perispírito; do mesmo modo que quando se vê um homem se vê seu corpo, mas não se vêem o pensamento, a força, o princípio que o faz agir.

Em resumo, a *alma* é o ser simples, primitivo; o *Espírito* é o ser duplo; o *homem* é o ser triplo; confundindo-se o homem com suas roupas, ter-se-á um ser quádruplo. Nas circunstâncias das quais se trata, a palavra *Espírito* é a que corresponde melhor à coisa expressa. Pelo pensamento, representa-se um Espírito, não se representa uma alma.

O Sr. Renan, convencido de que a alma de sua irmã o via e o ouvia, não podia supor que ela estivesse só no espaço; uma simples reflexão deveria dizer-lhe que deve ocorrer o mesmo com todas aquelas que deixam a Terra. As almas ou Espíritos assim distribuídos na imensidade constituem o mundo invisível que nos cerca e no meio do qual nós vivemos; de sorte que esse mundo não é composto de seres fantásticos, de gnomos, de duendes, de demônios chifrudos e com pés tendidos, mas dos mesmos seres que formaram a Humanidade terrestre. Que há nisso de absurdo? O mundo visível e o mundo invisível achando-se assim perpetuamente em contato, disso resulta uma reação incessante de um sobre o outro; daí uma multidão de fenômenos que entram na ordem dos fatos naturais. O Espiritismo moderno nem os descobriu nem os inventou; melhor os estudou e melhor observou; procurou-lhes as leis e, por isso mesmo, as tirou da ordem dos fatos maravilhosos.

Os fatos que se prendem ao mundo invisível e às suas relações com o mundo visível, mais ou menos bem observados em todas as épocas, se ligam à história de quase todos os povos, e sobretudo à história religiosa; é porque fez alusão em muitas passagens dos escritores sagrados e profanos. É por falta de reconhecer essa relação que tantas passagens ficaram ininteligíveis, e foram tão diversamente e tão falsamente interpretadas.

É pela mesma que o Sr. Renan tão estranhamente desprezou sobre a natureza dos fatos narrados no Evangelho, sobre o sentido das palavras do Cristo, seu papel e seu verdadeiro caráter, assim como o demonstraremos num próximo artigo. Estas reflexões, às quais nos levaram seu preâmbulo, eram necessárias para apreciar as conseqüências tiradas do ponto de vista em que se está colocado.

SOCIEDADE ESPÍRITA DE PARIS.
DISCURSO DE ABERTURA DO SÉTIMO ANO SOCIAL, 1º DE ABRIL DE 1864.

Senhores e caros colegas,

A Sociedade começa seu sétimo ano, e esta duração não é sem significação quando se trata de uma ciência nova. Um fato que não tem uma menor importância, é que, constantemente, ela seguiu uma marcha ascendente. No entanto, vós o sabeis, senhores, é menos em seu sentido material do que em seu sentido moral que seu progresso se realizou. Não só ela não abriu suas portas a qualquer um, nem solicitou a quem quer que seja fazer isso, mas antes visou circunscrever-se do que estender-se indefinidamente.

O número dos membros ativos, com efeito, é uma questão secundária para toda sociedade que, como esta, não visa entesourar; não são *subscritores que ela procura*, eis porque não se prende à quantidade; assim o quer a própria natureza de seus trabalhos, exclusivamente científicos, para os quais é preciso a calma e o recolhimento, e não o movimento da multidão.

O sinal de prosperidade da Sociedade não está, pois, nem no número de seu pessoal, nem no de seus valores em caixa; está inteiramente no progresso de seus estudos, na consideração que ela adquiriu, no ascendente moral que ela exerce fora, enfim, no número dos adeptos que se ligam aos princípios que professa, sem por isso disso fazer partido. Sob esse aspecto, senhores, sabeis que o resultado ultrapassou todas as previsões; e, coisa notável, não é somente na França que ela exerce esse ascendente, mas no estrangeiro, porque, para os verdadeiros Espíritos, todos os homens são irmãos, qualquer que seja a nação a que pertençam. Disso tendes a prova material pelo número das sociedades e dos grupos que, em diversos países, vêm se colocar sob seu patrocínio e reclamar seus conselhos. Isto é um fato notório e tanto mais característico quanto essa convergência para ela se faz espontaneamente, porque não é menos notório que ela nem nada provocou nem solicitou. É, pois, muito voluntariamente que se vêm alinhar sob a bandeira que ela desfralda. A que se prende isso? Suas causas são múltiplas; e não é inútil examiná-las, porque isso entra na história do Espiritismo.

Uma dessas causas vem naturalmente de que a primeira regularmente constituída foi também a primeira que alargou o círculo de seus estudos e abarcou todas as partes da ciência espírita. Quando o Espiritismo apenas saía do período de curiosidade e das mesas girantes, ela entrou resolutamente no período filosófico, que de alguma sorte o inaugurou; por isso mesmo, desde o início fixou a atenção das pessoas sérias.

Mas isso não teria servido para nada se ela tivesse permanecido fora dos princípios ensinados pela generalidade dos Espíritos. Se não tivesse professado senão as suas próprias idéias, jamais os teria imposto à imensa maioria dos adeptos de todos os países. A Sociedade representa os princípios formulados em *O Livro dos Espíritos*; sendo esses princípios ensinados por todo a parte, muito naturalmente se reuniram ao centro de onde partiam, ao passo que aqueles que se colocaram fora desse centro, ficaram isolados, porque não encontraram eco entre os Espíritos.

Repetirei aqui o que disse em outro lugar, porque não saberia muito dizer-lo de novo: A força do Espiritismo não reside na opinião de um homem nem de um Espírito; ela está na universalidade do ensino dado por estes últimos; o *controle universal*, como o *sufrágio universal*, decidirá no futuro todas as questões litigiosas; fundará a unidade da doutrina bem melhor do que um concílio de homens. Esse princípio, disto estejamos certos, senhores, fará o seu caminho, como aquele de: *Fora de caridade não há salvação*, porque está fundado sobre a mais rigorosa lógica e a abdicação da personalidade. Não poderá contra-

riar senão os adversários do Espiritismo, e aqueles que não têm fé senão em suas luzes pessoais.

É porque a Sociedade de Paris jamais se afastou em nada desse caminho traçado pela sã razão, que ela conquistou o lugar que ocupa; confia-se nela, porque sabe-se que ela não avança nada levemente, que não impõe suas próprias idéias, e que, por sua posição, ela está, mais do que o que seja, no estado de constatar o sentido no qual se pronuncia o que se pode justamente chamar o *sufrágio universal dos Espíritos*. Se jamais ela se colocasse ao lado da maioria, cairia, *porque tem seu ponto de apoio por toda a parte*, mas a sociedade não tendo mais o seu *por toda a parte*, cairia. O Espiritismo, com efeito, por sua natureza toda excepcional, não repousa mais *sobre uma sociedade* do que sobre um indivíduo; a de Paris jamais disse: *Fora de mim, não há Espiritismo*; ela viria, pois, a cessar de existir, que não seguiria menos seu curso, porque tem raízes na multidão inumerável dos intérpretes dos Espíritos, no mundo inteiro, e não numa reunião qualquer, cuja existência é sempre eventual.

Os testemunhos que a Sociedade recebe provam que é estimada e considerada, e, certamente, é do que mais se felicita. Se a causa primeira disso está na natureza de seus trabalhos, é justo acrescentar que o deve também à boa opinião que levaram de suas sessões os numerosos estrangeiros que vieram visitá-la; a ordem, a conservação, a gravidade, os sentimentos de fraternidade que viram ali reinar, os convenceram melhor do que todas as palavras de seu caráter eminentemente sério.

Tal é, senhores, a posição que, como fundador da Sociedade, tive a lhe assegurar; tal é também a razão pela qual jamais cedi a nenhuma incitação tendente a fazê-la desviar do caminho da prudência. Deixei dizer e fazer os impacientes de boa ou de má-fé; saibem em que se tornaram, ao passo que a Sociedade está ainda de pé.

A missão da Sociedade não é fazer de adeptos para ela mesma, é por isso que ela não convoca jamais o público; o objetivo de seus trabalhos, como o indica seu título, é o progresso da ciência espírita. Para esse efeito, aproveita, não só as suas próprias observações, mas as que se fazem em outra parte; ela recolhe os documentos que lhe chegam de todas as partes; estuda-os, perscruta-os e os compara, para deduzir-lhes os princípios e deles tirar as instruções que ela difunde, mas que não dá jamais levemente. Assim é que seus trabalhos aproveitam a todos, e se adquiriram alguma autoridade, é porque se os sabe conscienciosamente feitos, sem prevenção sistemática contra as pessoas ou as coisas.

Compreende-se, pois, que, para atingir esse objetivo, um número de membros mais ou menos considerável é coisa indiferente; o resultado seria obtido com uma dúzia de pessoas tão bem e melhor ainda do que com várias centenas. Não tendo em vista nenhum interesse material, é a razão pela qual não procura o número; sendo seu objetivo grave e sério, não faz nada em vista da curiosidade; enfim, como os elementos da ciência não lhe ensinariam nada de novo, não perde seu tempo em repetir o que já sabe. Seu papel, como o dissemos, é de trabalhar pelo progresso da ciência pelo estudo; não é junto dela que aqueles que nada sabem vêm se convencer, mas que os adeptos já iniciados vêm haurir novas instruções; tal é o seu verdadeiro caráter. O que lhe é preciso, o que lhe é indispensável, são as vastas relações que lhe permitem ver do alto o movimento geral, para julgar o conjunto, conformar-se com ele e fazê-lo conhecer; ora, essas relações, ela as possui; vieram por si mesmas, e aumentam todos os dias, assim como disso tendes a prova pela correspondência.

O número das reuniões que se formam sob seus auspícios e solicitam seu patrocínio pelos motivos desenvolvidos acima, é o fato mais característico do ano social que acaba de se escoar. Este fato não é somente muito honroso para a Sociedade, e é, além disso, de uma importância capital, naquilo que testemunha, ao mesmo tempo, a extensão da doutrina e o sentido no qual tende a se estabelecer a unidade.

Aqueles que nos conhecem sabem a natureza das relações que existem entre a Sociedade de Paris e as sociedades estrangeiras, mas é essencial que todo o mundo o saiba, para evitar os enganos aos quais as alegações da malevolência poderiam dar lugar. Não é, pois, supérfluo repetir: Que os Espíritas não formem entre si nem uma congregação, nem uma associação; que entre as sociedades diversas não haja sem solidariedade material, nem filiação oculta ou ostensiva; que não obedeçam a nenhuma palavra secreta; que aqueles que dela fazem parte estão sempre livres de se retirarem se isso lhes convém; que se não abrem suas portas ao público, não é porque ali se passe nada de misterioso nem de oculto, mas porque não querem ser perturbadas pelos curiosos e os importunos; longe de agirem na sombra, estão sempre prontas, ao contrário, para se submeterem às investigações da autoridade legal e às prescrições que lhes serão impostas. A de Paris não tem sobre as outras senão a autoridade moral que tem de sua posição e de seus estudos e que se quer muito lhe conceder. Dá os conselhos que se reclama de sua experiência, mas não se impõe a ninguém; a única palavra de ordem que ela dá, como sinal de reconhecimento entre os verdadeiros Espíritas, é esta: *Caridade para com todos, mesmo para com os nossos inimigos*. Declinaria, pois, toda solidariedade moral daquelas que se afastassem desse princípio, que tivessem um móvel de interesse material, que, em lugar de manter a união e a boa harmonia, tendessem a semear a divisão entre os adeptos, porque se colocariam, por isto mesmo, fora da Doutrina.

A Sociedade de Paris não pode incorrer na responsabilidade dos abusos que, por ignorância ou outras causas, pode-se fazer do Espiritismo; não entende, de nenhum modo, cobrir com seu manto aqueles que os cometem; ela não pode nem deve tomar sua defesa diante da autoridade, em caso de perseguição, porque isso seria aprovar o que a Doutrina desaprova. Quando a crítica se dirige a esses abusos, não temos em que refutá-la, mas somente responder-lhe: Se vos désseis ao trabalho de estudar o Espiritismo, saberíeis o que ele diz, e não o acusaríeis daquilo que ele condena. Cabe, pois, aos Espíritas sinceros evitar com cuidado tudo o que poderia dar lugar a uma crítica fundada; a isso não chegarão seguramente em se contendo nos preceitos da Doutrina. Não é porque uma reunião se intitule grupo, círculo ou sociedade espírita, que deve necessariamente ter nossas simpatias; a etiqueta jamais foi uma garantia absoluta da qualidade da mercadoria; mas, segundo a máxima: "Reconhece-se a árvore pelo seu fruto.", nós a apreciamos em razão do sentimento que a animam, do móvel que a dirige, e a julgamos por suas obras. A Sociedade de Paris se felicita quando pode inscrever, na lista de seus adeptos, reuniões que oferecem todas as garantias desejáveis de ordem, de boa correção, de sinceridade, de devotamento e de abnegação pessoal, e que pode lhes oferecer como modelos aos seus irmãos em crença.

A posição da Sociedade Espírita de Paris é, pois, exclusivamente moral, e jamais ambicionou outra. Aqueles de nossos antagonistas que pretendem que todos os Espíritas são seus tributários; que ela se enriquece às suas expensas, repassando-lhe seu dinheiro em seu proveito; que supõem suas pretensas rendas sobre o número de adeptos, provam, ou uma notável má-fé, ou a ignorância mais absoluta do que fala. Sem dúvida, ela tem por si a sua consciência, mas tem mais, para confundir a impostura, os seus arquivos, que testemunharão sempre da verdade, no presente como no futuro.

Sem desígnio premeditado, e pela força das coisas, a Sociedade tornou-se um centro para onde chegam as informações de toda natureza concernentes ao Espiritismo; ela se acha, sob este aspecto, numa posição que se pode dizer excepcional, pelos elementos que possui para assentar a sua opinião. Melhor do que quem quer que seja, pode, pois, conhecer o estado real dos progressos da Doutrina em cada região, e apreciar as causas locais que podem favorecer-lhe ou retardar-lhe o desenvolvimento. Essa estatística não será um dos elementos menos preciosos da história do Espiritismo, ao mesmo tempo que permite estudar as manobras de seus adversários, e calcular a importância dos golpes que dão para o derrubar. Só esta observação bastaria para fazer prever o resultado defini-

tivo e inevitável da luta, como se julga o sucesso de uma batalha vendo o movimento de dois exércitos.

Pode-se dizer, em toda verdade, que, sob esse aspecto, estamos em primeiro plano para observar, não só a tática dos homens, mas a dos Espíritos. Com efeito, vemos da parte destes, uma unidade de vista e de plano sabiamente e providencialmente combinado, diante do qual forçosamente devem se quebrar todos os esforços humanos, porque os Espíritos podem atingir os homens e feri-los, ao passo que escapam destes últimos. Como se vê, a parte não é igual.

A história do Espiritismo moderno será uma coisa verdadeiramente curiosa, porque será a da luta do mundo visível e do mundo invisível; os Antigos teriam dito: *A guerra dos homens contra os deuses*. Isso será também a dos fatos, mas sobretudo e forçosamente a dos homens que tiverem desempenhado nele um papel ativo, num sentido como no outro, de verdadeiros sustentáculos, como de adversários da causa. É preciso que as gerações futuras saibam a quem deverão um justo tributo de reconhecimento; é preciso que consagrem a memória dos verdadeiros pioneiros da obra regeneradora, e que não haja glórias usurpadas.

O que dará a essa história um caráter particular é que em lugar de ser feita, como muitas outras, dos anos ou dos séculos tarde demais, sobre a fé da tradição e da lenda, ela se faz à medida dos acontecimentos, e sobre peças autênticas das quais possuímos, por uma correspondência incessante vinda de todos os países onde a Doutrina se encontra, a coleção mais vasta e mais completa que seja no mundo.

Sem dúvida o Espiritismo, em si mesmo, não pode ser atingido pelas alegações mentirosas de seus adversários, com ajuda das quais tentam mascarar-lo; mas elas poderiam, no entanto, dar uma falsa idéia de seu começo e de seus meios de ação, desnaturando os atos e o caráter dos homens que nisso terão cooperado, se se lhes desse uma contrapartida oficial. Esses arquivos serão, para o futuro, a luz que levantará todas as dúvidas, uma mina onde os comentaristas futuros poderão haurir com certeza. Vede, senhores, de que importância é esse trabalho no interesse da verdade histórica; a nossa própria Sociedade nisso está interessada, em razão da parte que ela toma no movimento.

Há um provérbio que diz: "Quem é nobre deve proceder com nobreza;" a posição da Sociedade lhe impõe também obrigações para conservar seu crédito e seu ascendente moral. A primeira é de não se afastar, quanto à teoria, da linha que ela tem seguido até este dia, uma vez que lhe recolhe os frutos; a segunda está no bom exemplo que ela deve dar justificando, pela prática, a bondade da doutrina que professa. Esse exemplo, sabe-se, provando a influência moralizadora do Espiritismo, é um poderoso elemento de propaganda, ao mesmo tempo que é o melhor meio de fechar a boca dos detratores. Um incrédulo, que não conhecesse senão a filosofia da Doutrina, diria que *com tais princípios um Espírita deveria necessariamente ser um homem honesto*. Esta palavra é profundamente verdadeira; mas, para ser completa, seria preciso acrescentar que um verdadeiro Espírita deve necessariamente ser bom e benevolente para com seus semelhantes, quer dizer, praticar a caridade evangélica em sua mais larga acepção.

É a graça que todos devemos pedir a Deus nos conceder, tornando-nos dóceis aos conselhos dos bons Espíritos que nos assistem. Pecamos igualmente este de nos continuar a sua proteção durante o ano que acaba de se abrir, e nos dar a força de nos tornarmos dignos disso; é o meio mais seguro de justificar e de conservar a posição que a Sociedade adquiriu.

A. K.

A ESCOLA ESPÍRITA AMERICANA.

Algumas pessoas perguntam por que a Doutrina Espírita não é a mesma no antigo e no novo continente, e em que consiste a diferença. É o que iremos tentar explicar.

As manifestações, como se sabe, ocorreram em todos os tempos, tanto na Europa quanto na América, e hoje que se dá conta da coisa, lembra-se uma multidão de fatos que passaram despercebidos, e deles se encontra uma multidão consignados nos escritos autênticos. Mas esses fatos eram isolados; nestes últimos tempos, se produziram nos Estados Unidos, numa escala bastante vasta para despertar a atenção geral dos dois lados do Atlântico. A extrema liberdade que existe naquele país ali favoreceu a eclosão de idéias novas, e foi por isso que os Espíritos escolheram-no como o primeiro teatro de seus ensinamentos.

Ora, ocorre freqüentemente que uma idéia nasce num país, e se desenvolve em um outro, assim como se vê pelas ciências e pela indústria. Sob esse aspecto o gênero americano fez suas provas, e nada tem a invejar à Europa; mas se excede em tudo o que concerne ao comércio e às artes mecânicas, não se pode recusar à Europa o das ciências morais e filosóficas. Em consequência dessa diferença no caráter normal dos povos, o Espiritismo experimental estava sobre seu terreno na América, ao passo que a parte teórica e filosófica achava na Europa os elementos mais propícios ao seu desenvolvimento; também foi ali que ela nasceu: em poucos anos conquistou o primeiro lugar. Os fatos lá primeiro despertaram a curiosidade; mas constatados os fatos e satisfeita a curiosidade, logo deixaram as experiências materiais sem resultados positivos; não ocorreu mais o mesmo desde que se desenvolveram as consequências morais desses mesmos fatos para o futuro da Humanidade; desde esse momento o Espiritismo tomou lugar entre as ciências filosóficas; caminhou a passos de gigante, apesar dos obstáculos que lhe suscitaram, porque satisfazia as aspirações das massas, porque se compreendeu prontamente que vinha preencher um vazio imenso nas crenças, e resolver o que até então parecia insolúvel.

A América, pois, foi o berço do Espiritismo, mas foi na Europa que ele cresceu e fez suas humanidades. Na América há lugar para disso ter ciúme? Não, porque sobre outros pontos teve a vantagem. Não foi na Europa que as máquinas a vapor nasceram, e não foi na América que se tornaram em condições práticas? A cada um seu papel segundo as suas aptidões, e a cada povo o seu, segundo seu gênio particular.

O que distingue principalmente a escola espírita dita americana da escola européia é a predominância, na primeira, da parte fenomênica, à qual se liga mais especialmente, e, na segunda, a parte filosófica. A filosofia espírita da Europa prontamente difundiu-se, porque ofereceu, desde o início, um conjunto completo, que mostrou o objetivo e alargou o horizonte das idéias; incontestavelmente, é a que prevalece hoje no mundo inteiro. Os Estados Unidos, até este dia, afastaram-se um pouco de suas idéias primeiras; quer dizer, sozinhos, ficaram atrás do movimento geral? Isso seria injuriar a inteligência desse povo. Os Espíritos, aliás, estão lá para impeli-lo na via comum, dando ali o ensino que dão em outra parte; triunfarão pouco a pouco das resistências que poderiam nascer do amor-próprio nacional. Se os Americanos recusassem a teoria européia, porque vem da Europa, aceitarão quando ela surgir no meio deles pela voz dos mesmos Espíritos; cederão ao ascendente, não da opinião de alguns homens, mas o do controle universal do ensino dos Espíritos, esse poderoso critério, assim como o demonstramos em nosso artigo sobre a *autoridade da Doutrina Espírita*; não é senão uma questão de tempo, sobretudo quando as questões de pessoas tiverem desaparecido.

De todos os princípios da Doutrina, aquele que encontrou mais oposição na América, e pela América é preciso entender exclusivamente os Estados Unidos, foi o da reencarnação; pode-se mesmo dizer que é a única divergência capital, as outras prendendo-se antes à forma do que ao fundo, e isso, porque os Espíritos não o ensinaram ali; disso

explicamos os motivos. Os Espíritos procedem por toda a parte com sabedoria e prudência; para fazer-se aceitar, evitam chocar muito bruscamente as idéias recebidas; não irão dizer inconsideradamente a um muçulmano que Maomé é um impostor. Nos Estados Unidos, o dogma da reencarnação viria se chocar contra os preconceitos de cor, tão profundamente enraizados nesse país; o essencial era fazer aceitar o princípio fundamental da comunicação do mundo visível e do mundo invisível; as questões de detalhe deveriam vir em outro tempo. Ora, não é duvidoso que esse obstáculo acabará por desaparecer, e que um dos resultados da guerra atual será o enfraquecimento gradual dos preconceitos que são uma anomalia numa nação tão liberal.

Se a idéia da reencarnação não é ainda aceita nos Estados Unidos de maneira geral, o é individualmente por alguns, senão como princípio absoluto, ao menos com certas restrições, o que já é alguma coisa. Quanto aos Espíritos, julgando sem dúvida que o momento se torna propício, começam a ensiná-la com comedimento em certos lugares, e sem cerimônia em outros; uma vez levantada a questão, fará seu caminho. De resto, temos sob os olhos comunicações já antigas obtidas nesse país, onde, sem ela estar formalmente expressa, a pluralidade das existências é a conseqüência forçada dos princípios emitidos; vê-se ali despontar a idéia. Não é, pois, duvidoso que, num tempo dado, o que se chama hoje ainda a escola americana se fundirá na grande unidade que se estabelece de todas as partes.

Como prova do que avançamos, citaremos o artigo seguinte, publicado no *Union*, jornal de *San Francisco*, e um extrato da carta de envio que o acompanhava.

"Senhor Allan Kardec,

"Embora não tenha a honra de vos ser conhecido, tomo, como médium, a liberdade de vos dirigir a notícia aqui juntada que esses senhores do jornal abreviaram um pouco; no entanto, tal qual ela é, muitas pessoas parecem desejar dela saber mais; também todos os vossos livros se difundem, e nossas livrarias terão logo que fazer novos pedidos...

"Recebei, etc.

"PAULINE BOULAY;

Notícia sobre o Espiritismo.

"Basta exprimir bem alto idéias que todo mundo não compreende para ser tratado de exaltado, de extravagante e de louco. Não é necessário ser ESCRITOR para escrever o que o coração e a alma nos ditam.

"Um espírito forte dizia a uma senhora médium: Como vós, que sois inteligente, podeis crer nos Espíritos invisíveis e na pluralidade das existências? - É talvez porque sou inteligente que acredito nisso, respondeu a senhora, o que sinto me inspira mais confiança do que o que vejo, tendo em vista que o que vemos nos engana algumas vezes, o que sentimos não nos engana jamais; estais livre de nisso não crer. Aqueles que crêem na pluralidade das existências não são maus, e são mais desinteressados do que aqueles que nela não crêem: os incrédulos os tratam de loucos, isso não prova que dizem a verdade; ao contrário: duvidar do poder de Deus é ofendê-lo, negar o que existe além daquilo que podemos apalpar é um ultraje dirigido ao Criador.

"Tem-se o hábito, quando nos acontece alguma coisa extraordinária, de atribuí-la ao acaso. Pergunto-me, o que é o acaso? O nada, responde a voz da verdade; ora, portanto, o nada não podendo nada produzir, o que existe nos vem de uma fonte produtiva: não seria senão mais justo pensar que o que ocorre independentemente de nossa vontade é obra da Providência, dirigida pelo Senhor de nossos destinos.

"O que quer que digais, o que quer que façais, espíritos fortes, não destruireis jamais essa Doutrina, que sempre existiu. A ignorância das almas primitivas, não lhes permitindo

compreendê-la em toda a sua extensão, pensam que depois desta vida tudo acaba. Errado! Nós outros médiuns, mais ou menos avançados, acabaremos por vos convencer.

"Não só o Espiritismo é uma consolação, mas ainda ele desenvolve a inteligência, destrói todo pensamento de egoísmo, de orgulho e de avareza, nos coloca em comunicação com aqueles que nos são caros, e prepara o progresso; progresso imenso que destruirá insensivelmente todos os abusos, as revoluções e as guerras.

"A alma tem necessidade de se reencarnar para se aperfeiçoar, não pode em uma única vida material aprender tudo o que deve saber para compreender a obra do Todo-Poderoso. O corpo não é senão um envoltório passageiro no qual Deus envia uma alma para se aperfeiçoar e sofrer as provas necessárias ao seu adiantamento e ao cumprimento da grande obra do Criador, que somos todos chamados a servir quando tivermos feito nossas provas e tivermos adquirido todas as perfeições. Todas as nossas celebridades contemporâneas são tantas almas que progrediram pela renovação das encarnações; muitas dentre elas são médiuns escreventes, gênios que trazem em cada existência nova os progressos da ciência e das artes.

"A lista dos homens de gênio aumenta cada ano: são igualmente guias que Deus coloca em nosso meio para nos esclarecer, nos instruir, em uma palavra, nos ensinar o que ignoramos e que é preciso absolutamente que saibamos; eles nos mostram a praga

social, tratam de destruir os nossos preconceitos, colocam à luz e sob nossos olhos todo o mal produzido pelo egoísmo e pela ignorância. Esses gênios são animados por Espíritos superiores; fizeram mais para o progresso e a civilização do que todos os vossos fuzileiros e os vossos canhões, e fazem derramar mais lágrimas de reconhecimento e de ternura do que todos os vossos belos feitos de armas.

"Refleti, pois, seriamente no Espiritismo, homens inteligentes, nele encontrareis grandes ensinamentos; não há charlatanismo nessa lei divina, tudo nela é belo, grande, sublime; ela só tende a nos conduzir para a perfeição e a verdadeira felicidade moral.

"O livro escrito pelos médiuns, sob o ditado dos Espíritos superiores e errantes, é um livro de alta filosofia e de uma instrução tão profunda quanto etérea, tratando de tudo. É verdade que todo o mundo não está ainda preparado para esta crença, e para compreendê-la é necessário que a alma já tenha se reencarnado várias vezes.

"Quando todo o mundo compreender o Espiritismo, nossos poetas serão mais apreciados e serão lidos com mais atenção e respeito. Todos os nossos literatos serão compreendidos por todos os povos, serão admirados sem ciúme deles, porque se conhecerão a causa e os efeitos.

"O estudo da ciência é a mais nobre ocupação, o Espiritismo dela é a divindade; por ele nos associamos ao gênio, e, como disse um de nossos sábios, junto ao homem de gênio vem aquele que sabe compreendê-lo.

"A instrução feita do Espírito, o que um hábil joalheiro faz do espécime, ela lhe dá o brilho, o brilhante que encanta e seduz, ressaltando-lhe o valor.

"A alma não tem forma propriamente dita, é uma espécie de luz que difere pela sua intensidade segundo o grau de perfeição que adquiriu. Quanto mais a alma progrediu, mais a sua cor é luminosa.

"Quando fordes todos médiuns, podereis conversar com os Espíritos como já o fazemos, vos dirão que são mais felizes do que nós; nos vêem, nos ouvem, assistem às nossas reuniões, conversam com nossa alma durante o nosso sono, se transportam e penetram por toda a parte onde Deus os envia.

"PAULINE BOULAY."

Nota. - O princípio da reencarnação se encontra igualmente num manuscrito que nos foi dirigido de Montreal (Canadá), e do qual falaremos proximamente.

CURSO PÚBLICO DE ESPIRITISMO EM LYON E EM BORDEAUX.

Não se trata aqui, como se poderia crê-lo, de uma demonstração aprovadora da Doutrina, mas, ao contrário, de uma nova forma de ataque, sob um título atraente e um tanto enganador, porque aquele que sob a fé do programa, irá lá crendo assistir a lições de Espiritismo, será muito desapontado. Os sermões estão longe de terem o resultado que deles se espera; não se dirigem, aliás, senão aos fiéis; depois exigem uma forma muito solene, muito exclusivamente religiosa; ao passo que a tribuna de ensino permite maneiras mais livres, mais familiares; o orador eclesiástico faz abstração de sua qualidade de sacerdote: torna-se professor. Esse meio triunfará? Ó futuro no-lo ensinará.

O Sr. abade Barricand, professor da Faculdade de Teologia de Lyon, começou no Pequeno-Colégio uma série de lições públicas sobre, ou melhor, contra o magnetismo e o Espiritismo. O jornal *la Vérité*, em seu número do dia 10 de abril de 1864, dá a análise de uma sessão consagrada ao Espiritismo, e salienta várias afirmações do orador; promete manter seus leitores ao corrente da continuação, ao mesmo tempo que trata de refutá-lo, o que, disso não duvidamos cumprirá muito bem, a julgá-lo pelo seu início. A conveniência e a moderação da qual deu prova até este dia, em sua polêmica, nos são garantia de que dela não renunciará nesta circunstância, no caso mesmo onde seu contraditor dela se afastar.

Enquanto o Sr. abade Barricand permanecer sobre o terreno da discussão dos princípios da Doutrina, estará em seu direito; não podemos estar descontente de não ser de nossa opinião, de dizê-lo, e de procurar provar que tem razão. Gostaríamos que, em geral, o clero fosse partidário do livre exame, como nós mesmos o somos. O que está fora do direito de discussão são os ataques pessoais, e sobretudo as personalidades maldosas; é quando, pelas necessidades de sua causa, um adversário desnatura os fatos e os princípios que quer combater, as palavras e os atos daqueles que os defendem. Semelhantes meios são sempre uma prova de fraqueza e testemunham pouca confiança que tem nos argumentos tirados da própria culpa. São esses desvios da verdade que é essencial salientar na ocasião, permanecendo tudo no limite das conveniências e da urbanidade.

A *Vérité* resume assim como se segue uma parte da argumentação do Sr. abade Barricand:

"Quanto aos Espíritas que são muito mais numerosos, igualmente me empenho em vos provar que descem hoje do pretensioso pedestal sobre o qual o Sr. A. Kardec os fazia dominar em 1862. Em 1861, com efeito, o Sr. Kardec efetuou uma viagem em toda a França, viagem da qual complacentemente deu conta ao público. Oh! então, senhores, tudo estava para o melhor; os adeptos dessa escola se contavam por trinta mil em Lyon, por dois ou três mil em Bordeaux, etc., etc. O Espiritismo parecia ter invadido toda a Europa! Ora, o que se passa em 1863? O Sr. A.

Kardec não faz mais viagem.....não mais de relatório enfático! É que, provavelmente, constatou bom número de deserções, e a fim de não desencorajar o que resta ainda de Espíritas, por um estado pouco a seu favor, julgou prudente e sagaz abster-se. Perdão, senhores, eu me engano, o Sr. A. Kardec consagra algumas páginas de sua *Revista Espírita* (janeiro de 1864), a nos dar algumas notícias gerais sobre a campanha de 1863. Mas aqui, não mais cifras ambiciosas! Mas disso se guarda bem e com razão!.....O Sr. Kardec se contenta em nos anunciar que o Espiritismo está sempre florescente, mais florescente do que nunca. Como prova ao apoio, cita a criação de dois novos órgãos da escola, a *Ruche* de Bordeaux e a *Vérité* de Lyon; a *Vérité* sobretudo, que veio, disse ele, *colocar-se como atleta temível, por seus artigos de uma lógica tão apertada, que não deixam nenhuma presa à crítica*. Espero, senhores, vos demonstrar sexta-feira que a *Vérité* não é assim tão terrível quanto se quer dizê-lo.

"É fácil ao Sr. Allan Kardec colocar esta afirmação: *O Espiritismo está mais poderoso do que nunca*, e de citar como principal prova a *Ruche* e a *Vérité*! Senhores, que comédia tudo isso!.....Esses dois jornais podem bem existir, sem ser precisamente obrigado a concluir que o Espiritismo dê um passo adiante?.....Se me objetardes que esses jornais têm despesas e que para pagá-las são necessários assinantes ou se impor sacrifícios por muito deprimentes, vos responderei ainda: Comédia!.....

A caixa do Sr. A. Kardec está bem abastecida, diz-se; não é justo, racional, que venha em ajuda aos seus discípulos?"

O redator da *Vérité*, Sr. Edoux, acompanha essa citação da nota seguinte: "Ao sair do curso, tivemos um momento de conversa com o Sr. abade Barricand que, de resto nos recebeu de maneira muito cortês. Nosso objetivo era oferecer-lhe uma coleção da *Vérité*, a fim de que dela fale comodamente."

Veremos se o Sr. Barricand será mais feliz do que seus confrades, e se encontrará, enfim, o que tantos outros procuraram: argumentos esmagadores contra o Espiritismo. Mas para que tanto trabalho, uma vez que este morreu? Uma vez que o Sr. Barricand o crê, deixemos-lhe essa doce crença, porque isso não será nem mais nem menos.

Não temos nenhum interesse de dissuadi-lo. Diremos somente que se não tem motivos de segurança mais sérios do que aqueles que faz valer, suas razões não são quase nada concludentes, e se todos os seus argumentos contra o Espiritismo são da mesma força, podemos dormir tranquilos.

Pode-se admirar que um homem sério tire conclusões tão arriscadas do que não fizemos de viagens no ano último, e se imiscua em nossos atos privados supondo o pensamento que devêramos ter para viajar ou não. De uma suposição ele tira uma consequência absoluta, o que não é de uma lógica muito rigorosa, porque, se as premissas não estão certas, a conclusão não saberia sê-lo. Isso não é responder, direis; mas não temos nenhuma intenção de satisfazer a curiosidade de quem quer que seja; o Espiritismo é uma questão humanitária; seu futuro está na mão de Deus, e não depende de tal ou tal providência de um homem. Lamentamos que o Sr. abade Barricand o veja de um ponto de vista tão estreito.

Quanto a saber se nossa caixa está bem ou mal abastecida, nos parece que supor o que há no fundo da bolsa de alguém, que não deu o direito de nela olhar, poderia passar por indiscrição; fazendo disso um texto de um ensino público, é uma violação da vida privada; supor o uso que uma pessoa deva fazer daquilo que se *supõe* que ela deva possuir, pode, segundo as circunstâncias roçar à calúnia.

Parece que o sistema do Sr. Barricand é de proceder por suposições e por insinuações; com um semelhante sistema, pode-se se expor a receber desmentidos; ora, nós lhe damos um formal desmentido a respeito de todas as alegações, suposições e deduções acima relatadas. Discuti quanto quiserdes os princípios do Espiritismo, mas o que fazemos ou não fazemos, o que temos ou não temos, é estranho à questão. Um curso não é uma diatribe; é uma exposição séria, completa e conscienciosa do assunto que se trata; se é contraditória, a lealdade quer que se coloque em frente os argumentos pró e contra, a fim de que o público julgue de seu valor recíproco; às provas é preciso opor provas mais preponderantes; é dar uma pobre idéia da força de seus próprios argumentos, procurando lançar o descrédito sobre as pessoas. Eis como compreendemos um curso, sobretudo da parte de um professor de teologia que deve, antes de tudo, procurar a verdade.

Bordeaux também tem seu curso público de Espiritismo, quer dizer, contra o Espiritismo, pelo Rev. Pé. Delaporte, professor da faculdade de teologia dessa cidade. A *Ruche* o anuncia nestes termos:

"Assistimos quarta-feira última, 13 do corrente, ao curso público de dogma, no qual o Rev. Pé. Delaporte tratou esta questão:

Da hipótese de uma nova religião revelada pelos Espíritos, ou o Espiritismo. O sábio professor não tendo ainda concluído, seguiremos com atenção suas lições, e dele dare-

mos conta com essa imparcialidade e essa moderação das quais um Espírita não deve jamais se afastar."

O *Sauveur des peuples*, em seus números de 17 e 24 de abril, dá o relatório das duas primeiras lições e delas faz uma crítica séria e cerrada que não deve deixar de causar algum embaraço ao orador. Assim, eis dois professores de teologia de incontestável talento, que, nos dois principais centros do Espiritismo na França, empreendem contra ele uma nova guerra, e se acham lutando, sobre os dois pontos com defensores que têm o que lhes responder. É que hoje se encontra o que era mais raro há alguns anos: homens que estudaram seriamente, e que não temem se estar sempre lutando. O que disso sairá? Um primeiro resultado inevitável: o exame mais aprofundado da questão por todo o mundo; aqueles que não leram quererão ler; aqueles que não viram quererão ver. Um segundo resultado será o de fazê-lo tomar a sério por aqueles que nele não vêem ainda senão uma mistificação, uma vez que sábios teólogos o julgam digno de fazer o assunto de uma discussão pública séria. Um terceiro resultado, enfim, será de fazer calar o medo do ridículo que retém ainda muitas pessoas. Quando uma coisa é publicamente discutida por homens de valor, pró e contra, não se teme mais dela falar por si mesmo.

Do púlpito religioso a discussão passará muito seriamente na cátedra científica e filosófica. Essa discussão, pela elite dos homens inteligentes, terá por efeito esgotar os argumentos contraditórios que não poderão resistir à evidência dos fatos.

A idéia espírita, sem dúvida, está muito difundida; mas não se pode dizer que está ainda no estado de opinião individual; o que se passa hoje tende a dar-lhe postura na opinião geral, e lhe determinará, num tempo próximo, o lugar oficial entre as crenças recebidas.

Aproveitamos com alegria a ocasião que nos é oferecida para dirigir as nossas felicitações e nossos encorajamentos a todos aqueles que, desafiando todo medo, tomam resolutamente na mão a causa do Espiritismo; somos felizes em ver o número deles que cresce todos os dias. Que perseverem, e verão logo os apoios se multiplicarem ao seu redor; mas que se persuadam também que a luta não terminou, e que a guerra a céu aberto não é mais de se temer; o inimigo mais perigoso é aquele que age na sombra e, freqüentemente, se esconde sob uma máscara falsa. Nós lhes diremos, pois: Desconfiai das aparências; julgai os homens não pelas suas palavras, mas por seus atos; temei sobretudo as armadilhas.

VARIEDADES

Manifestações de Poitiers.

Os ruídos que tinham comovido a cidade de Poitiers cessaram completamente, segundo o que nos foi dito, mas parece que os Espíritos barulhentos transportaram o teatro de suas façanhas para as redondezas. Eis o que se lê, a esse respeito, no *Pays*:

"Os Espíritos batedores de Poitiers começam a fazer descendência, e povoam os campos vizinhos. Escreveu-se da Ville-au-Moine, de 24 de fevereiro, no *Courrier de la Vienne* (não confundir com o *Journal de la Vienne*, especial para a casa d'O.):

"Senhor redator,

"Há alguns dias nossa região está preocupada com a presença, em Bois-de-Doeuil, de Espíritos batedores que difundem o terror nos pequenos burgos. A casa do senhor Perroche é seu lugar de encontro: todas as noites, entre onze horas e meia-noite, o Espírito se manifesta por nove, onze ou treze pancadas de dois e um, e as seis horas da manhã pelo mesmo barulho.

"Notai, senhor, que esses golpes se fazem ouvir no encosto de uma cama na qual dorme uma mulher, meio morta de medo, que pretende receber as comunicações de um tio de seu marido, falecido em nossa aldeia há um mês. É de não se crer nisso: também temos vários de meus amigos e eu, querido conhecer a verdade, e por isso, fomos dormir no Bois-de-Doeuil, onde fomos testemunha dos fatos que se nos haviam assinalado; ouvimos mesmo agitar no sentido de seu comprimento o berço de uma criança, que parecia não estar em comunicação com ninguém.

De início tomamos a coisa rindo; mas vendo que todas as precauções que tínhamos tomado para descobrir um estratagema não tinham chegado a nada, nos retiramos com mais estupor do que vontade de rir.

"Se o ruído continuar, a casa do senhor Perroche não será mais bastante grande para receber os curiosos, porque de Marsais, Priaire, Migre, Doeuil e mesmo de Villeneuve-la-Comtesse, para lá vão por bandos de vários indivíduos para ali passar as noites e tratar de descobrir as profundezas desse mistério.

"Aceitai, etc."

Não faremos sobre esses acontecimentos senão uma curta reflexão. O *Journal de la Vienne*, relatando-os, havia anunciado, com várias repetições, que se estava sobre os vestígios do ou dos maus gracejadores que causam essas perturbações, e que não se tardaria a agarrá-los. Se não foi feito, não se pode ligar isso à negligência da autoridade. Como ocorre que, numa casa ocupada, de alto a baixo, por seus agentes, esses gracejadores hajam podido continuar suas manobras em sua presença, sem que se pudesse colocar-lhes a mão em cima? É preciso convir que tinham, ao mesmo tempo, muito de audácia e muito de agilidade, uma vez que puderam agarrar um brigadeiro sem serem vistos. E preciso, além disso, que esse bando de traquinas seja bem numeroso, uma vez que pregam a mesma peça em diferentes cidades e com anos de distância, sem jamais terem sido agarrados; porque os embaraços da rua dos Grès e da rua dos Noyers em Paris, das Grandes-Ventes, perto de Dieppe, e tantos outros não levaram a mais resultados. Como ocorre que a polícia, que possui tão grandes recursos e despista os malfeitores mais sagazes e mais velhacos, não possa ter razão com alguns barulhentos. Refletiu-se bem nisso?

De resto, esses fatos não são novos, assim como pode se ver pelo relato seguinte.

O TASSO E SEU ESPÍRITO ESTOUVADO.

Escrevem-nos de Saint-Pétersbourg:

"Venerável mestre, tendo lido no primeiro número da *Revista Espírita* de 1864 o fato de um Espírito batedor no século dezesseis, me lembrei de um outro deles; talvez o julgueis digno de obter um pequeno lugar em vosso jornal. Eu extraí de uma biografia sobre a vida e o caráter de Tasso, escrita pelo Sr. Suard, secretário perpetuo da classe da língua e da literatura francesas, e inserida na tradução da *Jerusalém libertada*, publicada em 1803.

Depois de ter dito que os sentimentos religiosos de Tasso, exaltados em consequência de sua disposição melancólica e das infelicidades que dela foram o resultado, levaram-no a se persuadir seriamente de que era o objeto das perseguições de um Espírito estouvado que queria seu dinheiro, e lhe tirava de sobre sua mesa e sob seus olhos tudo o que se lhe servia, e acrescenta, com seu historiador: "Eis a maneira pela qual o próprio Tasso dá conta dessa perseguição:

"O irmão R... (informa ele a um de seus amigos) trouxe-me duas cartas vossas, mas uma das duas desapareceu, desde que a li, e creio que o Espírito estouvado a levou, tanto mais que era aquela em que faláveis dele. É um desses prodígios dos quais, freqüen-

temente, fui testemunha no hospital, o que não permitia duvidar que fossem a obra de algum mágico, e disso tenho muitas outras provas. Hoje mesmo, tirou um pão diante de mim, e outro dia um prato de frutas."

Lamenta-se em seguida dos livros e papéis que lhe rouba, e acrescenta: "Aqueles que desapareceram enquanto eu não estava aqui, pode terem sido tomados por homens que, eu creio têm as chaves de todas as minhas caixinhas, de sorte que não tinha mais nada que pudesse defender contra as empresas de meus inimigos ou das do diabo, se isso não é minha vontade, que não consentirá jamais em nada aprender dele ou de seus sectários, nem a contrair nenhuma familiaridade com ele ou seus mágicos."

Numa outra carta, ele diz: 'Tudo vai de mal a pior; o diabo não me deixa nunca, quer dormisse ou passeasse, vendo que não podia obter de mim o acordo que desejava, tomou a decisão de roubar-me abertamente o meu dinheiro."

"Outras vezes, continua o autor da notícia, crê ver a Virgem Maria aparecer-lhe, e o abade Serassi conta que numa doença que ele teve na prisão, o Tasso se recomendou com tanto ardor à santa Virgem, que ela lhe apareceu e curou-o. O Tasso consagrou esse milagre por um soneto.

"Em seguida, o Espírito estouvado se mudou em um demônio mais tratável com quem o Tasso pretendia conversar familiarmente, e que lhe ensinava coisas maravilhosas. No entanto, pouco lisonjeado com esse estranho comércio, o Tasso atribuía-lhe à importância que tivera em sua juventude de compor um diálogo onde ele supunha-se em conversa com um Espírito; "o que eu não quis fazer seriamente, acrescenta ele, mesmo quando isso me foi possível."

"O Sr. Suard termina esse relato dizendo: "Não se pode negar a uma triste reflexão pensando que foi há trinta anos, depois de ter escrito uma obra imortal, que o infeliz foi escolhido para dar o mais deplorável exemplo da fraqueza de espírito."

"Mas vós, senhor, graças à luz do Espiritismo, vos dirigireis a um outro julgamento, e vereis, disso estou seguro, nesses fatos, um elo a mais na cadeia dos fenômenos espíritos que ligam os tempos antigos à época atual."

Sem nenhuma dúvida, os fatos que se passam hoje, perfeitamente constatados e explicados, provam que o Tasso poderia se encontrar sob o domínio de uma dessas obsessões das quais diariamente somos testemunhas, e que nada têm de sobrenatural. Se disso tivesse conhecido a verdadeira causa, não teria estado mais impressionado do que é agora; mas, nessa época, a idéia do diabo, dos feiticeiros e dos mágicos estava com toda a sua força, e como, longe de combatê-la não se procurava senão mantê-la, e poderia reagir de maneira deplorável sobre os cérebros fracos. É, pois, mais do que provável que o Tasso não era mais louco do que não o são os obsidiados de nossos dias, aos quais são necessários cuidados morais e não medicamentos.

Instruções de Ciro aos seus filhos, no momento de sua morte.
(Extraído da *Cyropédie* de Xénophon, liv. VIII, cap. VII.)

Conjuro-vos, pois, meus filhos, em nome dos deuses de nossa pátria, de terem considerações um pelo outro, se conservais algum desejo de chorar por mim: porque não imagino que consideraríeis como certo que eu não seria mais nada quando cessasse de viver. Minha alma foi até aqui ocultada aos vossos olhos; mas em suas operações, reconheceríeis que ela existia.

Não notastes, do mesmo modo, de quais terrores são agitados os homicidas pelas almas dos inocentes que fizeram morrer, e que vinganças elas tiram desses ímpios? Pensais que o culto que se rende aos mortos fosse constantemente sustentado acreditando-se suas almas destituídas de todo poder? Por mim, meus filhos, jamais pude me persuadir de que a alma, que vive enquanto está num corpo mortal, se extinga desde que dele tenha saído; porque vejo que é ela que vivifica esses corpos destrutíveis, enquanto os

habita. Jamais pude me persuadir de que ela perde sua faculdade de raciocinar no momento em que ela se separa de um corpo incapaz de raciocínio; é natural crer que a alma, então mais pura e livre da matéria, goze plenamente de sua inteligência. Quando um homem está morto, vêm-se as diferentes partes que o compunham se juntar aos elementos aos quais elas pertencem: só a alma escapa aos olhares, seja durante sua estada no corpo, seja quando o deixa.

Sabeis que é durante o sono, imagem da morte, que a alma mais se aproxima da Divindade, e que nesse estado, freqüentemente, ela prevê o futuro, sem dúvida porque então ela está inteiramente livre.

Ora, se as coisas são como penso, e que a alma sobrevive ao corpo que abandona, fazei, por respeito à minha, o que vos recomendo; se estou no erro, se a alma fica com o corpo e perece com ele, temei pelo menos os deuses que não morrem, que vêm tudo, que podem tudo, que mantêm no Universo essa ordem imutável, inalterável, invariável, cuja magnificência e majestade estão acima da expressão.

Que esse temor vos preserve de toda ação, de todo pensamento que fira a piedade ou a justiça.....mas sinto que minha alma

me abandona; sinto os sintomas que anunciam comumente a nossa dissolução.

Nota. - Um Espírita teria muito pouca coisa a acrescentar a essas notáveis palavras, dignas de um filósofo cristão, e onde se encontram admiravelmente descritos os atributos especiais do corpo e da alma: o corpo material, destrutível, cujos elementos se dispersam para se unirem aos outros similares, e que, durante a vida, não age senão pelo impulso do princípio inteligente; depois a alma, sobrevivendo ao corpo, conservando a sua individualidade, e gozando de maiores percepções quando está desligada da matéria; a liberdade da alma durante o sono; enfim, a ação da alma dos mortos sobre os vivos.

Pode-se, além disso, notar que ali está feita uma distinção entre os deuses e a Divindade propriamente dita. Os deuses não eram outros senão só Espíritos em diferentes graus de elevação, encarregados de presidir, cada um em sua especialidade, a todas as coisas deste mundo, na ordem moral e na ordem material. Os deuses da pátria eram os Espíritos protetores da pátria, como os deuses lares eram os protetores da família. Os deuses, ou Espíritos superiores, não se comunicavam aos homens senão por intermédio de Espíritos subalternos, chamados *demônios*. O vulgo não ia mais além; mas os filósofos e os iniciados reconheciam um ser supremo, criador e ordenador de todas as coisas.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

A GUERRA AO DIABO E AO INFERNO, *a imperícia do diabo, o diabo convertido*; por Jean de la Veuze, Brochura in-18, preço, 1 fr. - Bordeaux, casa Ferrei, livraria. - Paris, casa Didier et C", 35, cais dos Augustins; Ledoyen, Palais-Royal.

O autor, falando desse ponto de que o Espiritismo é uma concepção do diabo em vista de atrair a si um maior número de almas, traça-lhe um rápido esboço desde as primeiras manifestações da América até este dia, e mostra que o diabo se enganou em seus cálculos, uma vez que salva as almas que estavam perdidas, e deixa desastrosamente escapar aquelas que eram suas; o que vendo, ele se converte por si mesmo, assim como uma parte de seus acólitos. É uma crítica espirituosa e alegre do papel que se faz o diabo desempenhar nestes últimos tempos, mas onde pensamentos sérios, profundos e de uma perfeita justiça, ressaltam através do tom de brincadeira.

Esse pequeno livro será lido, disso não duvidamos, com prazer, não dizemos por todo o mundo.

CARTAS AOS IGNORANTES, *filosofia do bom senso*; por V. Tournier, Brochura in-18, preço, 1 fr. - Casa Dentu, Palais-Royal.

O autor, Espírita fervoroso e esclarecido, reproduziu em versos os princípios fundamentais da Doutrina Espírita segundo *O Livro dos Espíritos*. Nós o felicitamos sinceramente da intenção que presidiu seu trabalho; sob qualquer forma que a Doutrina se apresente, é sempre um indício da vulgarização da idéia, e tanto de sementes espalhadas que frutificam mais ou menos segundo a forma de que estão revestidas; o essencial é que o fundo seja exato, e está aqui o caso.

ALLAN KARCEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

7^a ANO

NO. 6

JUNHO 1864

A VIDA DE JESUS, PELO SR. RENAN.

(2^o artigo. - Ver o número de maio de 1864.)

Este livro é um daqueles que não podem ser completamente refutados senão por um outro livro. Seria preciso discuti-lo artigo por artigo; é uma tarefa que não empreenderemos, pela razão de que toca em questões que não são de nossa alçada, e que muitos outros disso se encarregarão; limitar-nos-emos ao exame das conseqüências que o autor tirou do ponto de vista em que se colocou.

Há nessa obra, como em todas as obras históricas, duas partes muito distintas: a relação dos fatos, e a apreciação desses fatos. A primeira é uma questão de erudição e de boafé: a segunda depende inteiramente da opinião pessoal. Dois homens podem perfeitamente ter o mesmo pensamento sobre uma, e diferir completamente sobre a outra.

É natural que a parte religiosa haja sido atacada, porque é uma questão de crença, mas a parte histórica não parece ser invulnerável, julgando-as pelas críticas dos teólogos que lhe contestam não só a apreciação, mas a exatidão de certos fatos. Deixaremos aos mais competentes do que nós o cuidado de decidir esta última questão; no entanto, sem nos constituir juiz do debate, reconhecemos que certas críticas são evidentemente fundadas, mas que, sobre vários pontos importantes da história, as notas do Sr. Renan são perfeitamente justas. Entre as numerosas refutações que foram feitas de seu livro, cremos dever assinalar a do Pe. Grafry como uma das mais lógicas e das mais imparciais; ele fez sobretudo ressaltar, com muita clareza, as contradições que ali se encontram em cada passo (1-(1) Brochura in-18, - Preço: 1fr. casa Plon, 8, rua Garancière.).

Admitamos, no entanto, que o Sr. Renan não tenha em nada se afastado da verdade histórica, isso não implica a justeza de apreciação, porque fez esse trabalho em vista de uma opinião e com idéias preconcebidas. Ele estudou os fatos para neles procurar a prova dessa opinião, e não para dele se formar uma; naturalmente não viu senão o que lhe pareceu conforme com a sua maneira de ver, ao passo que não viu o que lhe era contrário. Sua opinião é a sua medida; ele disse-o, de resto, ele mesmo, nesta passagem de sua introdução, página 5: "Estarei satisfeito se, depois de ter escrito a vida de Jesus, me der de *contar como entendo* a história dos apóstolos, o estado da consciência cristã durante as semanas que seguiram a morte de Jesus, a formação do *círculo legendário*, da ressurreição, os primeiros atos da Igreja de Jerusalém, a vida de São Paulo, etc. "Ele pode ter várias maneiras de apreciar um fato, mas o fato em si mesmo é independente da opinião. É, pois, uma história dos apóstolos à sua *maneira* que o Sr. Renan se propõe a dar, como deu *à sua maneira*, a história da vida de Jesus. Encontra-se nas condições de imparcialidade requeridas para que sua opinião faça fé? Ele nos permitirá disso duvidar.

Persuadido de que estava na verdade, pôde agir, e cremos que agiu de boa-fé, e que os erros materiais que se lhe censura não são resultado de um desígnio premeditado de alterar a verdade, mas de uma falsa apreciação das coisas. Ele está na posição de um

homem consciencioso, partidário exclusivo das idéias do antigo regime, e que escreveu uma história da Revolução francesa. Seu relato poderá ser de uma escrupulosa exatidão, mas o julgamento que fará sobre os homens e sobre as coisas será o reflexo de suas próprias idéias; reprovará o que outros aprovarão. Em vão terá percorrido os lugares onde os acontecimentos se passaram, esses lugares lhe confirmarão os fatos, mas não os fará encarar de outra maneira. Tal foi o Sr. Renan percorrendo a Judéia, com o Evangelho à mão; ele encontrou as marcas do Cristo, de onde concluiu que o Cristo havia existido, mas não viu o Cristo de outro modo do que não o via antes. Ali onde não viu senão os passos de um homem, um apóstolo da fé ortodoxa teria percebido o cunho da Divindade.

Sua apreciação vem do ponto de vista em que se colocou. Ele se defende do ateísmo e do materialismo, porque não crê que a matéria pense, que admite um princípio inteligente, universal, repartido em cada indivíduo em doses mais ou menos fortes. Em que se torna esse princípio inteligente na morte década indivíduo? Crendo-se nisso a delicadeza do Sr. Renan com a alma de sua irmã, ele conserva sua individualidade e suas afeições; mas se a alma conserva sua individualidade e suas afeições, há, pois, um mundo invisível, inteligente e amante; ora, esse mundo, uma vez que é inteligente, não pode permanecer inativo; deve desempenhar um papel qualquer no Universo. Pois bem! a obra inteira é a negação desse mundo invisível, de toda inteligência ativa fora do mundo visível; por consequência, de todo fenômeno resultante da ação de inteligências ocultas, de toda relação entre os mortos e os vivos; de onde é preciso concluir que sua tocante delicadeza é uma obra de imaginação suscitada pelo pesar sincero que sente pela perda de sua irmã, e que ali exprime seu desejo mais do que sua crença; porque se tivesse acreditado seriamente na existência individual da alma de sua irmã, na persistência de seu afeto por ele, em sua solicitude, em sua inspiração, essa crença ter-lhe-ia dado idéias mais verdadeiras sobre o sentido da maioria das palavras do Cristo.

O Cristo, com efeito, preocupando-se com o futuro da alma, fez incessantemente alusão à vida futura, ao mundo invisível, por consequência, que o apresenta como bem mais invejável do que o mundo material, e como devendo fazer parte de todas as aspirações do homem. Para aquele que não vê nada fora da humanidade tangível, estas palavras: "Meu reino não é deste mundo; Há muitas moradas na casa de meu Pai; Não procuréis os tesouros da Terra, mas os do céu; Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados," e tantas outras, não devem ter senão um sentido quimérico. É assim que as considera o Sr. Renan: "A parte de verdade, disse ele, contida no pensamento de Jesus, o havia levado sobre a *quimera* que o obscurecia. Não desprezemos, no entanto, essa quimera que foi o esboço grosseiro do bulbo sagrado do qual vivemos. Esse *fantástico reino do céu*, essa perseguição sem fim de uma cidade de Deus, que sempre preocupou o cristianismo em sua longa carreira, foi o princípio do grande instinto do futuro que animou todos os reformadores, discípulos obstinados do Apocalipse, desde Joachim de Flore até o sectário protestante de nossos dias." (Cap. XVIII, página 285, 1ª ed.) (1(1) Todas as citações são tiradas da 1ª edição.

A obra do Cristo era toda espiritual; ora, o Sr. Renan não crendo na espiritualização do ser, nem no mundo espiritual, deveria naturalmente tomar o contrapeso de suas palavras e o julgar no ponto de vista exclusivamente material. Um materialista ou um panteísta, julgando uma obra espiritual, é como um surdo julgando um trecho de música. O Sr. Renan julgando o Cristo no ponto de vista em que se colocou, teve que se equivocar sobre suas intenções e seu caráter. A prova mais evidente disso está nesta estranha passagem de seu livro: "Jesus não é um espiritualista, porque tudo chegava para ele a uma realização palpável; não há a menor noção de uma alma separada do corpo. Mas é um idealista realizado, a matéria não sendo para ele senão o sinal da idéia, e a real expressão viva daquilo que não parece." (Cap. VII, página 128.)

Concebe-se o Cristo, fundador da doutrina espiritualista por excelência, não crendo na individualidade da alma da qual não tem a menor noção, e por consequência na vida

futura? Se não é espiritualista, é, pois, materialista e, por conseqüência, o Sr. Renan é mais espiritualista do que ele. De tais palavras não se discutem; elas bastam para indicar a importância do livro, porque provam que o autor leu os Evangelhos, ou com muito de leviandade, ou com o espírito tão prevenido que não viu o que salta aos olhos de todo o mundo. Pode-se admitir a sua boa-fé, mas não se admitirá certamente a justeza de seu golpe de vista.

Todas suas apreciações decorrem dessa idéia de que o Cristo não tinha em vista senão as coisas terrestres. Segundo ele, era um homem essencialmente bom, desinteressado dos bens deste mundo, de costumes muito brandos, de uma instrução limitada ao estudo dos textos sagrados, de uma inteligência natural superior, a quem as disputas religiosas dos Judeus deram a idéia de fundar uma doutrina. Nisso foi favorecido pelas circunstâncias, que ele soube habilmente explorar. Sem idéia preconcebida e sem plano combinado, vendo que não triunfava junto aos ricos, procurou seu ponto de apoio nos proletários naturalmente animados contra os ricos; bajulando-os, devia deles fazer amigos. Se ele disse que o reino dos céus é para as crianças, foi para bajular as mães, que prende pelo seu lado fraco e delas faz partidários; também religião nascente foi, sob muitos aspectos, um movimento de mulheres e crianças. Em uma palavra, tudo era calculado e combinado nele, e, o amor ao maravilhoso ajudando, ele triunfou. De resto, não muito austero, porque amou muito Madalena, pela qual foi muito "amado". Várias mulheres ricas proviam as suas necessidades. Ele e seus apóstolos eram bons viventes que não desdenhavam os repastos alegres. Vede antes o que ele disse:

"Três ou quatro Galiléias devotadas acompanhavam sempre o *jovem Mestre* e se disputavam o prazer de escutá-lo e dele cuidar alternadamente. Elas traziam na seita nova o elemento de entusiasmo e de maravilhoso do qual já se pode sentir a importância. Uma delas, Maria de Magdala, que tornou tão célebre no mundo o nome de seu pequeno burgo, parecia ter sido uma pessoa muito exaltada. Segundo a linguagem do tempo, ela estava possuída por sete demônios; quer dizer, que estava afetada por doenças nervosas e, em aparência, inexplicáveis. Jesus, *por sua bondade* pura e doce, acalma essa organização perturbada. A Magdalense lhe foi fiel até o Gólgota, e desempenhou no segundo dia depois de sua morte um papel de primeira ordem; porque ela foi o órgão principal pelo qual se estabeleceu a fé na ressurreição, assim como o veremos mais tarde. Joana, mulher de Cusa, um dos intendentess de Antipas, Suzana, e outras que ficaram desconhecidas, o seguiram sem cessar e o serviram. Algumas eram ricas, e colocavam *pela sua fortuna o jovem profeta em posição de viver sem exercer o ofício que professara até então.*" (Cap. IX, p. 151.)

"Jesus compreendeu bem depressa que o mundo oficial de seu tempo não se prestaria de nenhum modo ao seu reino. Tomou seu partido com uma audácia extrema. Deixando lá todo esse mundo de coração seco e de estreitos preconceitos, se voltaria para os simples. O reino de Deus é feito para as crianças e para aqueles que se lhes assemelham; para os rejeitados deste mundo, vítimas da arrogância social que repele o homem bom, mas humilde... O puro *ebionismo*, quer dizer que só os pobres (*ebionistas*) serão salvos, quando o reino dos pobres chegar, foi, pois, a doutrina de Jesus." (Cap. XI, p. 178).

"Ele não apreciava os estados da alma senão em proporção ao amor que a eles se junta. As mulheres, o coração cheio de lágrimas e dispostas, por suas faltas, aos sentimentos de humildade, estavam mais perto de seu reino do que as naturezas medíocres, as quais têm, freqüentemente, pouco mérito por não terem falido. Concebe-se, de um outro lado, que essas almas ternas, encontrando em sua conversão à seita um meio de reabilitação fácil, se ligavam a ele com paixão."

"Longe de que procurasse abrandar as murmurações que levantava seu desdém pelas suscetibilidades sociais do tempo, parecia ter prazer em excitá-las. Jamais confessou mais abertamente seu desprezo ao mundo, que é a condição das grandes coisas e da

grande originalidade. Ele não perdoava ao rico senão quando o rico, em consequência de algum preconceito, era mal visto da sociedade. Ele preferia abertamente as pessoas de vida equivocada e de pouca consideração aos notáveis ortodoxos. "Os publicanos e os cortesãos, lhes dizia ele, vos precederão no reino de Deus. João veio; os publicanos e os cortesãos creram nele, e apesar disso não vos convertestes." Compreende-se que a censura de não seguir o bom exemplo que lhes dava as *filhas da alegria* deveria ser ofensivo para as pessoas fazendo profissão de gravidade e de uma moral rígida.

"Não havia nenhuma afetação exterior, nem mostra de austeridade. Ele não fugia da alegria, ia voluntariamente às festas dos casamentos." *Um de seus milagres foi feito para alegrar uma núpcia de pequena cidade.* As núpcias no Oriente ocorrem à noite. Cada um leva uma candeia; as luzes que vão e vêm fazem um efeito muito agradável. Jesus gostava desse aspecto alegre e animado, e tirava daí as parábolas." (Cap. XI, p.187.)

"Os Fariseus e os doutores gritavam com o escândalo. "Vede, diziam, com que pessoas ele come! " Jesus tinha, então, finas respostas que exasperavam os hipócritas: "Não são as pessoas que se portam bem que têm necessidade de médico." (Cap. XI, p. 185.)

O Sr. Renan tem cuidado de indicar, por notas de retorno, as passagens do Evangelho aos quais faz alusão, para mostrar que se apoia sobre o texto. Não é a verdade das citações que se lhe contesta, mas a interpretação que lhes dá. É assim que a profunda máxima deste último parágrafo foi convertida numa simples réplica espirituosa. Tudo se materializa no pensamento do Sr. Renan; ele não vê em todas as palavras de Jesus nada além do terra-a-terra, porque ele mesmo não vê nada fora da vida material.

Depois de uma descrição idílica da Galiléia, de seu clima delicioso, de sua fertilidade luxuriante, do caráter doce e hospitaleiro de seus habitantes, dos quais faz verdadeiros pastores da Arcádia, encontra na disposição de espírito que deveria disso resultar a fonte do cristianismo.

"Essa vida contente e facilmente satisfeita não chegava ao grosseiro materialismo de nosso camponês, à grossa alegria de uma Normandia abundante, à pesada alegria dos Flamengos. Ela se espiritualizava em sonhos etéreos, em uma espécie de misticismo poético, confundindo o céu e a terra... A alegria fará parte do reino de Deus. Não é a filha dos humildes de coração, dos homens de boa vontade?

"Toda a história do cristianismo nascente, veio da sorte de uma deliciosa pastoral. Um Messias no repasto de núpcias, a cortesã e o bom Zaqueu chamado aos seus festins, os fundadores do reino do céu, como um cortejo de paraninfos: eis o que a Galiléia ousou, e o que ela fez aceitar." (Cap. IV, p. 67.)

"Um sentimento de uma admirável profundidade dominou em tudo isso Jesus, assim como o bando de *alegres crianças* que o acompanhavam, e fez dele pela eternidade o verdadeiro criador da paz da alma, o grande consolador da vida." (Cap. X, p. 176.)

"*As utopias de vida bem-aventurada fundada sobre a fraternidade dos homens* e o culto puro do verdadeiro Deus preocupam as almas elevadas e produzem, de todas as partes, experiências audaciosas, sinceras, mas de pouco futuro." (Cap. X, p. 172.)

"No Oriente, a casa onde desce um estrangeiro se torna em seguida um lugar público. Toda a aldeia a isso se assemelha; as crianças as invadem; os criados as afastam: elas retornam sempre. Jesus não podia sofrer senão tratando severamente esses ingênuos ouvintes; fazia-os se aproximar de si e os abraçava. As mães, encorajadas por uma tal acolhida, levavam-lhe suas criancinhas para que as tocasse... Também as mulheres e as crianças o adoravam...

"*A religião nascente foi assim, em muitos aspectos, um movimento de mulheres e de crianças.* Estas últimas faziam, ao redor dele, como um jovem guarda para a inauguração de sua *inocente realeza*, e lhe concediam pequenas ovações com as quais se alegravam muito, chamando-o: filho de Davi, gritando: *Hosanna!* e levando palmas ao redor deles. Jesus, como Savonarola, fazia-as talvez servir de instrumento à missões piedosas; era

muito fácil ver esses jovens apóstolos, que não o comprometiam, lançarem-se para a frente, e conceder-lhe títulos que não ousava tomar por si mesmo." (Cap. XI, p. 190.)

Jesus é assim apresentado como um ambicioso vulgar, de paixões mesquinhas, que age por debaixo e não tem a coragem de se confessar. À falta de uma realeza efetiva, contenta-se com aquela mais inocente e menos perigosa que lhe concedem as crianças. A passagem seguinte faz dele um egoísta:

"Mas de tudo isso não resulta nenhuma Igreja estável em Jerusalém, nem um grupo de discípulos hierosolimitas. O *encantador doutor*, que perdoava a todos *desde que se o amasse*, não podia encontrar muito eco nesse santuário de vãs disputas e de velhos sacrifícios."

"Sua família não parece tê-lo amado, e, por momentos, se a encontra dura para ele. Jesus, como todos os homens exclusivamente preocupados com uma idéia, chegava a levar em pouca conta os laços do sangue... Logo, na sua audaciosa revolta contra a natureza, deveria ir mais longe ainda, e o veremos esmigalhar sob os pés tudo o que é do homem, do sangue, do amor, da pátria, *não guardar da alma e do coração senão para a idéia que se apresentava a ele* como a forma absoluta do bem e do verdadeiro." (Cap. III, p. 42, 43.)

Eis o que o Sr. Renan intitula: *Origens do cristianismo*. Quem jamais teria acreditado que um bando de alegres viventes, uma multidão de mulheres, de cortesãs e de crianças, tendo à sua frente um idealista, que não tinha a menor noção da alma, pudesse, com ajuda de uma utopia, da quimera de um reino celeste, mudar a face do mundo religioso, social, e político? Num outro artigo examinaremos a maneira pela qual ele encara os milagres e a natureza na pessoa do Cristo.

RELATO COMPLETO DA CURA DA JOVEM OBSEDADA DE MARMANDE.

(Ver os números de fevereiro e março de 1864.)

O Sr. Dombre, de Marmande, nos transmitiu o relatório circunstanciado dessa cura da qual já conversamos com nossos leitores; os detalhes que ele encerra são do mais alto interesse no duplo ponto de vista dos fatos e da instrução. É tudo, ao mesmo tempo, como se verá, um curso de ensino teórico e prático, um guia para os casos análogos, e uma fonte fecunda de observações para o estudo do mundo invisível em geral, em suas relações com o mundo visível.

Fui advertido, disse o Sr. Dombre em sua narração, por um dos membros de nossa sociedade Espírita, das crises violentas que experimentava, cada tarde regularmente há oito meses, a chamada Thérèse B...; fui, acompanhado pelo Sr. L..., médium, em 11 de janeiro último, às quatro horas e meia, numa casa vizinha à da doente, para procurar ser testemunha da crise que, segundo o que havia ocorrido cada dia, deveria chegar às cinco horas. Encontramos lá a jovem e sua mãe, em conversa com os vizinhos. A meia hora logo decorreu; vimos, de repente, a jovem se levantar de sua cadeira, abrir a porta, atravessar a rua e entrar em sua casa seguida de sua mãe que a toma e a coloca habilmente sobre sua cama. As convulsões começaram; seu corpo se dobrava; a cabeça tendia a se juntar aos calcanhares; seu peito se inchava; em uma palavra, fazia mal vê-la. O médium e eu entramos na casa vizinha, perguntamos ao Espírito de Louis David, guia espiritual do médium, se era uma obsessão ou um caso patológico. O Espírito respondeu:

"Pobre criança! ela se acha com efeito, sob uma fatal influência, muito perigosa mesmo; vindes em sua ajuda. Renitente e mau, esse Espírito resistirá por muito tempo. Evitai, tanto quanto isto esteja em vosso poder, deixá-la tratar por medicamentos que prejudicariam o organismo. A causa é toda moral; tentai a evocação desse Espírito; moralizai-o com comedimento: nós vos secundaremos. Que *todas as almas sinceras que co-*

nheceis se reúnam para orar e combater a grande influência perniciosa desse Espírito mau. Pobre pequena vítima de um ciúme!
"LOUIS DAVID."

P. - Sob que nome chamaremos esse Espírito? - R. Jules.

Evoquei-o imediatamente. O Espírito se apresentou de maneira violenta, injuriando-nos, rasgando o papel, e se recusando a responder a certas interpelações. Enquanto nos entretínhamos com esse Espírito, o Sr. B., médico, que tinha ido examinar a crise, chegou junto a nós e nos disse com um certo espanto: "É singular! a criança cessou, de repente, de se torcer; está agora estendida sem movimento em sua cama. - Isso não me espanta, disse-lhe, porque o Espírito obsessivo, neste momento, está junto de nós." Convidei o Sr. B... a retornar para a doente, e continuamos a interpelar o Espírito que, no momento dado, não respondeu mais. O guia do médium nos informou que ele tinha ido continuar sua obra; recomendou-nos de não mais evocá-lo durante as crises, no interesse da criança, porque, retornando junto dela com mais raiva, torturá-la-ia de maneira mais aguda. No mesmo instante, o médico reentrou e nos informou que a crise acabava de começar mais forte do que nunca. Eu lhe fiz ler o conselho que vinha de nos ser dado, e permanecemos todos tocados por essas coincidências, que não podiam deixar nenhuma dúvida sobre a causa do mal.

A partir dessa noite, e sob a recomendação dos bons Espíritos que nos assistem em nossos trabalhos espíritas, nos reunimos cada noite, até a cura completa.

No mesmo dia, 11 de janeiro, recebemos a comunicação seguinte do Espírito protetor de nosso grupo:

"Guardião vigilante da infância infeliz, venho me associar aos vossos trabalhos, unir meus esforços aos vossos para livrar essa jovem dos constrangimentos cruéis de um mau Espírito. O remédio está em vossas mãos; velai, evocai e pedi sem jamais vos deixar cansar, até a completa cura.

"PEQUENA CÁRITA."

Esse Espírito, que toma o nome de *Pequena Cárita*, é o de uma jovem que conheci, morta na flor da idade, e que, desde sua terna infância, tinha dado as provas do caráter mais angélico e de uma bondade rara.

A evocação do Espírito obsessivo não nos valeu senão as injúrias mais grosseiras e as mais obscenas que é inútil reportar; nossas exortações e nossas preces deslizaram sobre ele e foram sem efeito.

"Amigos, não vos desencorajeis; ele se crê forte porque vos vê desgostosos com a sua linguagem grosseira. Abstende-vos de lhe pregar moral para o momento. Conversai com ele familiarmente e com um tom amigável; ganhareis assim a sua confiança, salvo em retornar ao sério mais tarde. Amigos, perseverança.

"VOSSOS GUIAS."

De acordo com esta recomendação, nos tornamos leves em nossas interpelações, às quais respondia no mesmo tom.

No dia seguinte, 12 de janeiro, a crise foi tão longa e tão violenta quanto a dos dias precedentes; durou quase uma hora e meia. A criança se endireitava sobre sua cama, repelia com força o Espírito dizendo-lhe: "Vai-te! vai-te!" O quarto da doente estava cheio de gente. Estávamos, alguns de nós, junto ao leito para observar atentamente as fases da crise.

Na reunião da noite, tivemos a comunicação seguinte:

"Meus amigos, vos convido a seguir, como tendes feito, passo a passo, esta obsessão que é um fato novo para vós. Vossas observações nos serão de um grande socorro, porque casos semelhantes poderão se multiplicar, e onde tereis que intervir.

"Esta obsessão, toda física de início, será, eu o creio, seguida de alguma obsessão moral, mas sem perigo. Vereis logo momentos de alegria no meio dessas torturas exercidas por esse mau Espírito: Reconhecereis ali a presença e a mão dos bons Espíritos. Se as torturas duram ainda, notareis, depois da crise, a paralisação completa do corpo, e, depois dessa paralisação, uma alegria serena e um êxtase que abrandarão a dor da obsessão.

"Observai muito; outros sintomas se manifestarão, e neles encontrareis novos objetos de estudo.

"O Senhor disse aos seus anjos: Ide levar uma palavra aos filhos dos homens. Ferimos a terra com a vara, e a terra cria prodígios. Curvai-vos, filhos: é a onipotência do Eterno que se manifesta em vós.

"Amigos, velai e orai; estamos junto de vós e junto do leito dos sofrimentos para secar as lágrimas.

"PEQUENA CÁRITA."

O Espírito de Jules evocado foi menos intratável do que na véspera; na verdade, respondemos aos seus gracejos com os gracejos, o que lhe agradava. Antes de nos deixar, fizemo-lo prometer ser menos duro a respeito de sua vítima. "Tratarei de me moderar," disse ele; e como lhe prometemos por nossa vez fazer-lhe preces, nos respondeu: "Eu aceito, se bem que não conheça o valor dessa mercadoria."

(Ao Espírito). Uma vez que não conheceis a prece, quereis aprender a conhecê-la, e escrever uma delas sob nosso ditado? -R. Quero muito.

O Espírito escreveu sob o ditado a prece seguinte: "Ó meu Deus! prometo abrir minha alma ao arrependimento; fazei penetrar em meu coração um raio de amor por meus irmãos, que, só, pode me purificar; e, como garantia deste desejo, faço aqui a promessa de..." (o fim da frase era: *Cessar minha obsessão*; mas o Espírito não escreveu estas três últimas palavras.) "Alto lá! acrescentou; quereis me induzir sem me advertir; tomai guarda! não gosto de armadilhas; andais muito depressa." E, como queríamos saber a origem do ciúme e da vingança que exercia, ele retomou: "Não me faleis jamais da criança; não fareis senão me afastar de vós."

A crise do dia 13 não durou senão meia hora, e a luta com o Espírito foi seguida de sorrisos de alegria, de êxtase e de lágrimas de alegria; a criança, os grandes olhos abertos, juntava suas duas mãos, levantava-se sobre seu leito, e, olhando o céu, apresentava um quadro encantador. As predições da pequena Cárita estavam em todos os pontos realizadas.

Na evocação que ocorreu à noite, como nos dias precedentes, o Espírito de Jules se mostra mais brando, mais submisso, e promete de novo se moderar em seus ataques contra a criança, da qual não queria jamais nos dizer a história; prometeu mesmo orar.

O guia do médium nos disse: "Não vos fieis muito em suas palavras; elas podem ser sinceras, mas poderão muito vos enganar para se desembaraçar de vós; permaneci atento; tende-lhe conta de suas promessas, e se tiverdes mais tarde censuras a lhe endereçar, fazei-o com doçura, afim de que sinta os bons sentimentos que tendes a seu respeito.

"LOUIS DAVID."

No dia 14, a crise foi tão curta quanto da véspera e ainda menos viva; foi igualmente seguida de êxtase e de manifestações de alegria; as lágrimas que corriam ao longo das duas faces da criança, causavam em todos os assistentes uma emoção que não podiam esconder.

Reunidos à noite, às oito horas, como de hábito, recebemos no início a comunicação seguinte:

"Como deveram notar, uma melhora sensível se produziu hoje na criança. Devemos dizer que nossa presença influi muito sobre o Espírito; nós lhe lembramos a sua promessa de ontem. A jovem hauriu novos conhecimentos no êxtase, e tentou repelir os ataques de seu obsessivo. Na evocação de Jules, não façais rodeios; evitai os detalhes que cansam uns e outros; sede francos e benevolentes com ele, tê-lo-eis mais cedo. Ele deu um grande passo para seu adiantamento, o que podemos notar nesta última crise.

"PEQUENA CÁRITA."

Evocação de Jules. - R. Eis-me, senhores.

P. Como estão vossas disposições hoje? - R. Estão boas.

P. Devestes ter sentido os efeitos de nossas preces? - R. Não muito.

P. Perdoai à vossa vítima e experimentareis uma satisfação que não conheceis; é o que sentimos no perdão das injúrias. - R. Comigo é tudo ao contrário; encontrava mais satisfação na vingança de uma injúria; chamo isto pagar suas dívidas.

P. Mas o sentimento de ódio que conservais em vossa alma é um sentimento penoso que está longe de vos deixar a tranqüilidade? -R. Se vos dissesse que é a afeição, crer-me-íeis?

P. Cremos em vós, no entanto, dai-nos o prazer de nos explicar como conciliais essa afeição com a vingança que exercéis. Que foi para vós o Espírito desta criança numa outra existência, e que vos fez ela para merecer esse rigor? - R. Inútil que me o pergunteis; já vos disse: não me faleis desta criança.

P. Pois bem! ela não será mais questão; devemos vos felicitar pela mudança que se operou em vós; estamos felizes com isso. -R. Fiz progresso em vossa escola... O que vão dizer os outros?... Vão me vaiar e me gritar: Ah! te fazes ermitão!

P. Que vos importa a sua ironia, se tendes os louvores dos bons Espíritos? -RÉ verdade.

P. Escutai! para provar aos maus Espíritos, vossos antigos companheiros, que rompestes completamente com eles, deveríeis perdoar inteiramente, a partir deste dia; mostrar-vos generoso e bom deixando de maneira absoluta a jovem pela qual nos interessamos. - R. Meu caro senhor, é impossível; *isto não pode vir de maneira tão pronta. Deixai-me desfazer-me pouco a pouco daquilo que é uma necessidade para mim.* Sabeis a que vos arriscais, se eu cessasse subitamente? a isso me tornar de repente. No entanto, quero vos prometer uma coisa, é de poupar a criança e torturá-la amanhã menos do que hoje; mas para isso coloco uma condição: é de não me levar a isso pela força; quero me entregar ao vosso apelo livremente, e se faltou á minha palavra, consinto em perder vosso favor. Devo vos dizer que essa mudança em mim é devida a esta figura risonha que está ali, junto de vós, e que vejo também junto ao leito da jovem, todos os dias, no momento da luta. Ê-se tocado apesar de si; sem isto, vós e vossos santos não teríeis fio a retorcer por alguns dias. (O Espírito queria falar da Pequena Cárita.)

P. Ela é, pois, bela? - R. Bela, muito bela, oh sim!

P. Mas ela não está apenas junto de vós durante as lutas? - R. Oh não! Há os outros, os antigos *do corpo*, os amigos; isso não ri nunca, isso; mas zombo muito deles, agora.

Nota. - O interrogador queria, sem dúvida, falar dos outros bons Espíritos, mas Jules fazia alusão aos Espíritos maus, seus companheiros.

P. Vamos! antes de nos deixar, vos prometemos dizer, por vós, esta noite, uma prece.

R. Peço dez delas, e *dizei de bom coração*, e estareis contentes comigo amanhã.

P. Pois bem! seja, dez. E uma vez que estais em tão boas disposições, quereis escrever de coração uma prece de três palavras, sob meu ditado? - R. De boa vontade.

O Espírito escreveu: "Ó meu Deus, dai-me a força de perdoar."

Em 15 de janeiro, a crise ocorreu, como sempre, às cinco horas depois do meio dia, mas não durou senão um quarto de hora. A luta foi fraca, e foi seguida de êxtase, de sorrisos e de lágrimas que exprimiam a alegria e a felicidade.

Na reunião da noite, a pequena Cárta nos deu a comunicação seguinte:

"Meus caros protegidos, como vos fizemos esperar, o fenômeno espírita que se passa sob nossos olhos, se modifica, melhora cada dia, perdendo seu caráter de gravidade. Um conselho de início: Que isto seja para vós um assunto de estudo, do ponto de vista das torturas físicas, e de estudos morais. Não façais, aos olhos do mundo, sinais exteriores; não digais palavras inúteis. Que vos importa o que se dirá! Deixai a discussão aos ociosos. Que o objetivo prático, quer dizer, a libertação desta jovem e a melhoria do Espírito que a obsidia, seja o elemento de vossas conversas íntimas e sérias; não faleis em cura, de voz alta; pedi a Deus no recolhimento da prece.

"Esta obsessão, estou feliz em vos dizer, chega ao seu fim. O Espírito de Jules está sensivelmente melhorado. Eu também, com todo o meu poder, agi sobre o Espírito da criança, afim de que essas duas naturezas tão opostas fossem compatíveis entre si. A combinação dos fluidos não oferecerá mais nenhum perigo real com relação ao organismo; o abalo que esse jovem corpo sentia ao contato fluídico, desaparece sensivelmente. Vosso trabalho não acabou; a prece de iodos deve sempre preceder e seguir a evocação.

"PEQUENA CÁRTA."

Depois da evocação de Jules, e a prece em que é qualificado de Espírito mau, ele disse:

"Eis-me! peço, em nome da justiça, a reforma de certas palavras em vossa prece. Reformei meus atos, reformai as qualificações que me endereçais."

P. Tendes razão; nisso não faltaremos mais. Viestes sem constrangimento hoje?

R. Sim, vim livremente; levei em conta as minhas promessas.

P. Agora que estais calmo e com bons sentimentos, vos convém nos confiar os motivos de vosso rigor a respeito dessa criança?

R. Deixai, pois, o passado, se vos apraz; quando o mal está cauterizado, para que reavivar a ferida? Ah! sinto que o homem deve se tornar melhor. Tenho horror ao meu passado e olho o futuro com esperança. Quando uma boca de anjo vos disse: A vingança é uma tortura para aquele que a exerce; o amor é a felicidade para aquele que o prodigaliza; pois bem! esse fermento que irrita e murcha o coração se desfaz: é preciso amar.

"Estais espantados com minhas palavras? Elas não são de minha crença; foram me ensinadas, e tenho prazer em vo-las repetir.

Ah! quanto serieis felizes por perceber somente por um minuto este anjo, irradiando como um sol, boa, doce como um orvalho refrescante que cai em gotas finas sobre uma planta queimada pelos calores do dia! Como vedes, não estou com dificuldade de falar, bebo na fonte.

"Um golpe de vista rápido sobre minha vida destegra:

"Nascido no seio da miséria unida ao vício, cedo gostei dos grosseiros amores da vida. Eu sugava com o leite a bebida envenenada que me ofereciam todas as paixões. Errei sem fé, sem lei, sem honra. Quando se deve viver ao acaso, tudo é bom. A galinha do camponês, como o carneiro do castelão, servia aos nossos repastos. O saque era minha ocupação, quando o acaso, sem dúvida, porque não creio que a Providência vele sobre semelhantes celerados, me toma e me equipa. Orgulhoso da roupa ralada que substituí meus farrapos, alabarda no braço, me integrava num bando de... más companhias, vivendo às expensas de um senhor medroso que, a seu turno, podava sobre os camponeses; mas que nos importava, a nós, a fonte de onde corriam em suas mãos a moeda e as provisões! Não entrarei no detalhe dos fatos que me são pessoais: São maus, odiosos e indignos de serem contados. Compreendei que aluno em uma semelhante escola se possa tornar um homem de bem?"

"O bando, dividido pela morte, vai se reconstituir no mundo dos Espíritos. Longe de evitar as ocasiões de fazer o mal, nós as procurávamos; em meus passeios errantes, encontrei uma presa a fazer; eu a fiz: sabeis o resto.

"Orai também pelo bando, senhores, se vos aprouver. Espantai-vos freqüentemente de que uma região esconda mais malfeitores do que outras regiões; é muito simples. *Não querendo se separar, se abatem sobre uma região como uma nuvem de gafanhotos: aos lobos as florestas, aos pombos os pombais.*

"Vivi essa existência terrestre sob Luís XIII. Minha última existência se passou sob o império. Fiz guerrilhas; o bacamarte e o chapéu cênico enfiado me davam muito prazer. Amava o perigo, o roubo e as presas audaciosas. Triste gosto, direis; mas que fazer em outro lugar? Estava habituado a viver nos bandos. Deveis estar admirados desta mudança súbita: é obra de um anjo.

"Não vos prometo nada para amanhã; julgar-me-eis pelos meus atos. Uma prece, se vos apraz; de minha parte vou fazer uma:

"Pequeno anjo, abra tuas asas; alça teu vôo para o trono do Senhor; pedi-lhe meu perdão colocando a seus pés o meu arrependimento.

"JULES."

P. Uma vez que estais em tão bom caminho, pedi a Deus pela pobre criança... - R. Não posso... Isso seria da zombaria ou da crueldade que o carrasco abraçasse sua vítima.

No dia seguinte, 16 de janeiro, a criança não teve crise, mas somente languidez do estômago. A nossos olhos, a libertação estava operada.

À noite, às oito horas, o Espírito de Jules, respondendo ao nosso chamado, nos deu a comunicação seguinte:

"Meus amigos, permiti-me este nome; eu, o Espírito obsessivo, mau, velhaco e perverso; eu que, há ainda poucos dias, estagnava no mal e nele me alegrava, vou com a ajuda do anjo, vou pregar a moral. Eu me acho surpreso desta mudança; me pergunto se sou bem eu que falo.

"Acreditava todo sentimento extinto em minha alma; uma fibra vibrava ainda; o anjo adivinhou-a e tocou-a; comecei a ver e a sentir. O mal me causa horror. Lancei um olhar sobre o meu passado, e não vi senão crimes. Uma voz doce me disse: Espera; contempla a alegria e a felicidade dos bons Espíritos; purifica-te; perdoa em lugar de vingar-te; amai em lugar de odiar. Eu te amarei também, eu, se quiseres ama, se te tomares melhor. Senti-me emocionado. Compreendo agora a felicidade que os homens experimentarão quando souberem praticar a caridade.

"Terna criança (se dirige à sua vítima presente à sessão) , tu que escolhi por minha presa, como o abutre a doce pomba, ora por mim, e que o nome de condenado se apague de tua memória. Recebi o batismo de amor das mãos do anjo do Senhor, e hoje visto a roupa da inocência. Pobre criança, desejo que tuas preces dirigidas por mim ao Senhor me livrem logo do remorso que vai me seguir como uma expiação justamente merecida.

"Meus amigos, consenti em continuarem bem as vossas preces por meus miseráveis companheiros que me perseguem com seu ciúme mau, porque lhes escapo. Ainda ontem, me perguntava o que diriam de mim; hoje eu lhes digo: Eu venci; meu passado me é perdoado, porque soube me arrepender. Fazei como eu, travai batalha com o mal que vos mantém cativos nesse lugar de tormentos e de desespero; saí disso vencedores, se minha mão criminosa molhou como a vossa no sangue, ela vos levara a água santa da prece que lava os estigmas do condenado. Meu Deus, perdão!

"Obrigado, meus amigos, pelo bem que me fizestes. Pedir-vos-ei para permanecer junto de vós, a contar de hoje, para assistir às vossas reuniões. Tenho necessidade de haurir em boa fonte conselhos para cumprir uma nova existência que pedirei a Deus

quando tiver suportado a expiação de meu passado infame, que minha consciência me reprova.

"JULES."

Em 17 de janeiro, segundo a promessa de Jules a menina não sentiu absolutamente nenhum mal-estar nem nenhuma fraqueza de estômago. A pequena Cárta nos anunciou que ela sofreria uma prova moral, seja às cinco da tarde, durante alguns dias, seja durante seu sono, prova que nada teria de penosa para ela e da qual os únicos sintomas seriam os sorrisos e as lágrimas ternas, o que ocorreu, com efeito, durante dois dias. Nos dias seguintes houve ausência completa do menor indício de crise. Não continuamos menos a observar a criança e a orar.

Em 18 de fevereiro, a Pequena Cárta nos ditou a instrução seguinte:

"Meus bons amigos, bani todo o medo; a obsessão está acabada e bem acabada; uma ordem de coisas estranhas para vós, mas que vos parecerão logo muito naturais, seja talvez a consequência dessa obsessão, mas não a obra de Jules. Alguns desenvolvimentos são necessários aqui como ensinamento.

"A obsessão ou a subjugação do ser material se apresenta aos vossos olhos, hoje que conheceis a Doutrina, não como um fenômeno sobrenatural, mas simplesmente com um caráter diferente das doenças orgânicas.

"O Espírito que subjuga penetra o perispírito do ser sobre o qual quer agir. O perispírito do obsidiado recebe como um envoltório o corpo fluídico do Espírito estranho, e, por esse meio, é atingido em todo o seu ser; o corpo material sente a pressão sobre ele de maneira indireta.

"Pareceu espantoso que a alma pudesse agir fisicamente sobre a matéria animada; é ela, no entanto, que é a autora de todos esses fatos. Tem por atributos a inteligência e a vontade; por sua vontade ela dirige, e o perispírito, de maneira semi-material, é o instrumento do qual ela se serve.'

"O mal físico é aparente, mas a combinação fluídica que vossos sentidos não podem perceber esconde um número infinito de mistérios, que se revelarão com o progresso da Doutrina considerada do ponto de vista científico.

"Quando o Espírito abandona sua vítima, sua vontade não age mais sobre o corpo, mas a marca que recebeu o perispírito pelo fluido estranho do qual foi carregado, não se apaga de repente, e continua ainda algum tempo a influir sobre o organismo. No caso de vossa jovem doente: tristezas, lágrimas, apatia, insônias, perturbações vagas, tais são os efeitos que poderão produzir em seguida a essa libertação, mas tranquilizai-vos, tranquilizai a criança e sua família, porque essas consequências serão para ela sem perigo.

"Meu dever me chama de maneira especial a conduzir a bom fim o trabalho que comeci convosco; é preciso agora agir sobre o próprio Espírito da criança, por uma doce e salutar influência moralizadora.

"Quanto a vós, meus amigos, continuai a pedir e a observar atentamente todos esses fenômenos; estudai sem cessar; o campo está aberto, é vasto. Fazei conhecer e compreender todas estas coisas, e as idéias espíritas se introduzirão pouco a pouco no espírito de vossos irmãos, que o aparecimento da Doutrina encontrou incrédulos ou indiferentes.

"PEQUENA CÁRTA."

Nota .- Devemos um justo tributo de elogio aos nossos irmãos de Marmande, pelo tato, a prudência e o devotamento esclarecido dos quais deram prova nessa circunstância. Por este brilhante sucesso, Deus recompensou sua fé, sua perseverança e seu desinteresse moral, porque nisso não procuraram nenhuma satisfação de amor-próprio; provavelmente, não teria ali ocorrido o mesmo se o orgulho tivesse deslustrado a sua boa ação. Deus retira seus dons a quem não os use com humildade; sob o império do orgulho, as

mais eminentes faculdades medianímicas se pervertem, se alteram e se aniquilam, porque os bons Espíritos retiram seu concurso; as decepções, os dissabores, os efeitos infelizes desde esta vida, freqüentemente, são a conseqüência do desvio da faculdade de seu objetivo providencial; disso poderíamos citar mais de um triste exemplo entre os médiuns que davam as mais belas esperanças.

A esse respeito, não se saberia muito se penetrar das instruções contidas em *A Imitação do Evangelho*, n.º- 285, 326 e seg., 333,392 e seg.

Recomendamos às preces de todos os bons Espíritos o Espírito de Jules, precedentemente obsessivo, afim de fortalecê-lo em suas boas resoluções, e fazê-lo compreender o que se ganha fazendo o bem.

ALGUMAS REPUTAÇÕES.

Conspirações contra a fé.

A história registrará a singular lógica dos contraditores do Espiritismo, da qual vamos dar algumas outras amostras.

Dirigem-nos do departamento da Haute-Marne a ordenação do Mons. o bispo de Langres, onde se nota a passagem seguinte:

"... E eis o (a fé) que os homens que se dizem os amigos da humanidade, da liberdade e do progresso, mas que na realidade, a sociedade deve contar entre os seus mais perigosos inimigos, se esforçam, por todos os meios, de extirpar do coração das populações cristãs. Porque, é preciso dizê-lo, nossos muito caros irmãos, e é nobre dever vos advertir disso, a nós que estamos encarregados de velar pela guarda de vossas almas, a fim de que nossas advertências vos tornem prudentes e precavidos: Talvez jamais se viu uma conspiração mais odiosa, mais vasta, mais perigosa, mais sabiamente, quer dizer, mais satanicamente organizada contra a fé católica, do que a que existe hoje. Conspirações de sociedades secretas, que trabalham na sombra para aniquilar, se o pudessem, o catolicismo; conspiração do protestantismo que, por uma propaganda ativa, procura se insinuar por toda parte; conspiração dos filósofos racionalistas e anticristãos, que rejeitam, sem razão e contra toda razão, o sobrenatural e a religião revelada, e que se esforçam para fazer prevalecer no mundo letrado sua falsa e funesta doutrina; conspiração das sociedades espíritas que, pela superstição prática da evocação dos Espíritos, se entregam, e incitam outros a se entregarem, à pérfida maldade do espírito de mentira e de erro; conspiração de uma literatura ímpia ou corrupta; conspiração dos maus jornais e dos maus livros, que se propagam de maneira assustadora, na sombra de uma tolerância ou de uma liberdade que se gaba como um progresso do século, como uma conquista daquilo que se chama o espírito moderno, e que não é isso menos um encorajamento para o gênio do mal, um justo motivo de dor para uma nação católica, uma armadilha e um perigo muito evidente para todos os fiéis, a qualquer classe a que pertençam, que não são suficientemente instruídos da religião, e o número deles é grande, infelizmente; conspiração, enfim, desse materialismo prático que não vê, que não procura, que não persegue senão o que interessa ao corpo e ao bem-estar físico; que não se ocupa mais da alma e de seus destinos como se não existissem, e cujo exemplo pernicioso seduz e arrasta facilmente as massas. Tais são, para notar, nossos muito caros irmãos, os perigos que correm hoje a fé.... etc."

Estamos perfeitamente de acordo com o monsenhor no que toca às funestas conseqüências do materialismo; mas pode se admirar de vê-lo confundir, na mesma reprovação, o materialismo que nega tudo: a alma, o futuro, Deus, a Providência, com o Espiritismo que vem combatê-lo e dele triunfa pelas provas materiais que dá da existência da alma, precisamente com a ajuda dessas mesmas evocações pretensamente supersticiosas. Seria porque ele triunfa ali onde a Igreja é impotente? O monsenhor partilharia a opi-

não desse eclesiástico que dizia do púlpito: "Prefiro um ateu que não crê em nada a um Espírita que crê em Deus e em sua alma." É uma opinião como outra, e não se podem disputar os gostos. Qualquer que seja a do monsenhor sobre esse ponto, ficaremos encantados se consentisse em resolver as duas questões seguintes: "Como ocorre que, com a ajuda dos meios poderosos de ensino que a Igreja possui para fazer a verdade brilhar a todos os olhos, ela não haja podido deter o materialismo, ao passo que o Espiritismo, nascido ontem, reconduz cada dia incrédulos endurecidos? - O meio pelo qual se alcança um objetivo é pior do que aquele com a ajuda do qual não se o alcança?"

O monsenhor expõe uma profusão de conspirações que se dirigem ameaçadoras contra a religião; sem dúvida, não refletiu que, por esse quadro pouco tranqüilizados para os fiéis, vai precisamente contra seu objetivo, e pode provocar mesmo, nestes últimos, deploráveis reflexões. Ao ouvi-lo, os conspiradores seriam cedo os mais numerosos.

Ora, que adviria num Estado se toda a nação conspirasse? Se a religião se vê atacada por tão numerosas coortes, isso não provaria em favor das simpatias que ela encontra. Dizer que a fé ortodoxa está ameaçada é confessar a fraqueza de seus argumentos. Se está fundada sobre a verdade absoluta, ela não pode temer nenhum argumento contrário. Soar o alarme, em semelhante caso, é da imperícia.

Uma instrução de catecismo.

Num catecismo de perseverança da diocese de Langres, por ocasião da ordenação acima relatada, foi feita uma instrução sobre o Espiritismo e dado como assunto a tratar pelos alunos.

Eis a narração textual de um deles:

"O Espiritismo é a obra do diabo que o inventou. Entregar-se a isso, é colocar-se em relação direta com o demônio. Superstição diabólica! Deus *frequentemente permite essas coisas para reavivar a fé dos fiéis*. O demônio faz o bom, faz o santo; ele cita as palavras das Escrituras santas."

Esse meio de reavivar a fé nos parece muito mal escolhido.

"Tertuliano, que viveu no segundo século, nos conta que faziam as cabras e as mesas falarem; é a essência da idolatria. Essas operações satânicas eram raras em certos países cristãos, e hoje são muito comuns. Esse poder do demônio é mostrado em todo seu estrondo na aparição do protestantismo.

Eis as crianças muito convencidas do grande poder do demônio; não seria de temer que isso lhes fizesse duvidar um pouco do poder de Deus, quando se vê o primeiro se impor tão frequentemente sobre o segundo?

"O Espiritismo nasceu na América, no seio de uma família protestante, chamada Fox. O demônio apareceu primeiro por golpes que despertavam em sobressalto; enfim, impaciente com os golpes, procurou-se o que isso poderia ser. A filha do Sr. Fox se pôs a dizer um dia; Bate aqui, bate lá, e batia-se onde ela queria."

Sempre a excitação contra os protestantes! Eis, pois, crianças instruídas pela religião no ódio contra uma parte de seus concidadãos, frequentemente contra os membros de sua própria família! Felizmente o espírito de tolerância que reina em nossa época aí faz contrapeso, sem isso ver-se-ia renovarem-se as cenas sangrentas dos séculos passados.

"Essa heresia logo se tornou vulgar; cedo contou com quinhentos mil sectários. Os Espíritos invisíveis se prendem a fazer todas as espécies de coisas. À simples pergunta de um indivíduo, mesas carregadas de várias centenas de livros se moviam; mãos sem corpo se faziam ver. Eis o que se passa na América, e isso chegou à França pela Espanha. Primeiro, o Espírito foi forçado por Deus e os anjos para dizer que era o diabo, para que não prenda mais em suas armadilhas as pessoas honestas."

Creemos estar bastante ao corrente da marcha do Espiritismo, e jamais ouvimos dizer que ele veio para a França pela Espanha. Seria um ponto da história do Espiritismo a retificar?

Vê-se, da confissão dos adversários do Espiritismo, com que rapidez a idéia nova ganhou terreno; uma idéia que, apenas eclodida, conquista quinhentos mil partidários não é sem valor e prova o caminho que fará mais tarde; também, há dez anos daqui, um deles lhe traz a cifra de vinte milhões só na França, e predisse que dentro em pouco a heresia terá ganhado outros vinte milhões. (Ver a *Revista Espírita*, de junho de 1863.) Mas então, se todo mundo é herético, que restaria à ortodoxia? Não seria o caso de aplicar a máxima: Quando todo mundo está errado, todo mundo tem razão? Que teria respondido o instrutor, se uma criança terrível de seu jovem auditório lhe tivesse feito esta pergunta: "Como ocorre que a primeira pregação de São Pedro não teve senão três mil Judeus convertidos, ao passo que o Espiritismo, que é obra de Satã, fez logo em seguida quinhentos mil adeptos? É que Satã é mais poderoso do que Deus? - Talvez lhe tivesse respondido: "É porque eram protestantes."

"Satã disse que é um bom Espírito; mas é um mentiroso. Um dia se quis fazer uma mesa falar; ela não quis responder; acreditou-se que era a presença de eclesiásticos, que estavam lá, que a isso impediam. Enfim, dois golpes violentos vieram advertir que o Espírito estava ali. Perguntou-se-lhe: - Jesus Cristo é filho de Deus? - Não. - Reconheces a santa Eucaristia? - Sim. - A morte de Jesus Cristo aumentou teus sofrimentos? - Sim."

Há, pois, eclesiásticos que assistem a essas reuniões diabólicas. A criança terrível teria podido perguntar por que, quando eles vêm, não fazem o diabo fugir?

"Eis uma cena diabólica." Eis o que dizia o Sr. Allan Kardec: A esperteza dos Espíritos mistificadores ultrapassa tudo o que se pode imaginar: eram dois Espíritos, um fazendo o bom e o outro o mau; ao cabo de alguns meses um disse: - Aborreço-me em vos repetir as palavras melosas que não penso. - És, pois, o Espírito do mal? - Sim. - Não sofres por não falar de Deus, da santa Virgem e dos santos? - Sim. - Queres o bem ou o mal? - O mal. - Não eras tu o Espírito que falou há pouco? - Não. - Onde estás? - No inferno.

- Sofres? - Sim. - Sempre? - Sim. - És submisso a Jesus Cristo?

- Não, a Lúcifer. - Ele é eterno? - Não. - Gostas do que tenho na mão? (eram medalhas da santa Virgem) - Não: acreditei vos inspirar confiança; o inferno me reclama, a-deus!"

O relato é muito dramático, sem dúvida, mas aquele que provar que nele estamos por alguma coisa será muito hábil. É triste ver a que expedientes se é obrigado a recorrer para dar a fé. Esquece-se que essas crianças se tornarão grandes e refletirão. A fé que repousa sobre tais provas tem razão de temer as conspirações.

"Acabamos de ver o Espírito do mal forçado a confessar que era tal. Eis uma outra frase que o lápis escreveu por um médium: "Se queres te entregar a mim, alma, espírito e corpo, satisfarei teus desejos; se queres estar comigo, escreve teu nome sob o meu;" e ele escreveu: *Gieffe* ou Satã. O médium tremia, e não escrevia; tinha razão. *Todas* essas sessões terminam com estas palavras: *Queres alistar-te?* "O demônio queria que se fizesse um pacto com ele. Entrega-me tua alma! disse um dia a alguém. - Quem és tu? respondeu-se. - Eu sou o demônio. - Que queres? - Ter-te. O purgatório não é mais; os celerados, os maus, tudo isso ao céu."

Que dirão essas crianças quando forem testemunhas de algumas evocações, e que, em lugar de um pacto infernal, ouvirão os Espíritos dizerem: "Amai a Deus acima de todas as coisas, e a vosso próximo como a vós mesmos; praticai a caridade ensinada pelo Cristo; sede bons para todo mundo, mesmo para vossos inimigos; orai a Deus, e segui seus mandamentos para serdes felizes neste mundo e no outro?"

'Todos esses prodígios, todas essas coisas extraordinárias, vêm dos Espíritos das trevas. O Sr. Home, fervoroso Espírita, nos disse que algumas vezes o solo estremesse

sob os pés, os apartamentos tremem, arrepia-se; uma mão invisível vos apalpa sobre os joelhos, as espáduas; uma mesa que salta. Pergunta-se-lhe: Estás tu ali? - Sim. - Dê provas disso. E a mesa se ergue duas vezes!"

Ainda uma vez, tudo isso é muito dramático; mas, entre os jovens ouvintes, mais de um, sem dúvida, desejou ver e não deixará de fazê-lo na primeira ocasião. Encontrar-se-ão também moças impressionáveis, de organização delicada, que, ao menor prurido, creem sentir a mão do diabo e se sentirão mal.

Todas essas coisas são ridículas; a santa Igreja, nossa mãe de todos, nos faz ver que isso não é senão uma mentira."

Se tudo isso é ridículo e mentira, por que, pois, dar-lhe tanta importância? Por que assustar as crianças com quadros que não têm nenhuma realidade? Se há mentira, não é nesses mesmos quadros?

"Por exemplo, a evocação dos mortos, não é preciso crer que sejam nossos parentes que nos falam; é Satã que nos fala e que se dá por um morto. Certamente estamos em comunicação pela comunhão dos santos. Temos, na vida dos santos, exemplos de aparição de mortos; mas é um milagre da sabedoria divina, e esses milagres são raros. Eis o que se nos disse: Os demônios se dão algumas vezes por mortos; se dão algumas vezes também por santos."

Algumas vezes, não sempre; portanto, pode ocorrer que o Espírito que se comunica não seja um demônio.

"Podem fazer muito outra coisa. Um dia, um médium que não sabia desenho, reproduziu, a mão conduzida por um Espírito, as imagens de Jesus Cristo e da Santa Virgem, que apresentadas a alguns de nossos melhores artistas, foram julgadas dignas de serem expostas."

Ouvindo isso, um aluno poderia bem dizer: Se um Espírito pode conduzir-me a mão para fazer meu dever e me fazer ganhar um prêmio! Tentemos!

"Saul consultou a Pitonisa de Endor, e Deus permitiu que Samuel lhe aparecesse para dizer-lhe: Por que perturbas meu repouso? Amanhã estarás comigo no túmulo. Nossos Saús de salão deveriam pensar muito nessa história. São Felipe de Neri nos disse: Se a santa Virgem vos aparecesse, ou mesmo Nosso Senhor Jesus Cristo, *escarrai-lhe no rosto*, porque isso não seria senão uma mentira do demônio para vos induzir em erro.

Em que se torna então a aparição de Nossa Senhora da Salette a duas pobres crianças? Segundo essa instrução de catecismo, deveriam escarrar-lhe no rosto.

"Nosso santo pai o papa Pio IX proibiu expressamente entregar-se a essas coisas. Mons. o bispo de Langres, e muitos outros ainda, fizeram isso igualmente. Há perigo para a sua vida: dois velhos se suicidaram, porque os Espíritos lhes disseram que depois de sua morte gozariam duma felicidade infinita; perigo para a razão: vários médiuns se tornaram loucos, e se contam numa casa de alienados mais de quarenta indivíduos que o Espiritismo tornara loucos."

Não conhecemos ainda a bula do papa que proíbe expressamente de se ocupar com essas coisas; se ela existisse, Mons. de Langres e outros não teriam deixado de mencioná-la. A história dos dois velhos, aos quais fez alusão, é inexata; foi provada, por peças oficiais, depositadas em tribunal, e notadamente duas cartas escritas por eles antes de sua morte, que se suicidaram em consequência de perdas de dinheiro, e do medo de cair na miséria (Ver a *Revista Espírita* de abril de 1863). A de quarenta indivíduos doentes numa casa de alienados não é mais verídica. Estar-se-ia muito embaraçado em justificá-la pelos nomes desses pretensos loucos, dos quais um primeiro jornal trouxe o nome de quatro, um segundo de quarenta, um terceiro de quatrocentos, um quinto disse que se trabalhava para o aumento do hospício. Um instrutor de catecismo deveria haurir essas notícias históricas em outro lugar do que nos boatos de jornais. As crianças às quais se vende seriamente semelhantes coisas as aceitam de confiança; quanto mais a confiança

for grande, mais forte será a reação no sentido inverso quando, mais tarde, vêm a saber a verdade. Isto dito em geral e não exclusivamente para o Espiritismo.

Se analisamos esse trabalho de uma criança, seja bem entendido que não é a opinião da criança que refutamos, mas a da qual sua narração é o resumo. Se se pesquisassem com cuidado todas as instruções dessa natureza, estar-se-ia menos espantado dos frutos que delas se recolhem mais tarde. Para instruir a criança é preciso um grande tato e muito de experiência, porque não se imagina a importância que pôde ter uma única palavra imprudente que, do mesmo modo que a semente de uma má erva, germina nessas jovens imaginações como numa terra virgem.

Parece que os adversários do Espiritismo não acham que a sua idéia esteja bastante difundida; dir-se-ia que impelidos, apesar deles, a engenho os meios de difundi-la ainda mais. Depois dos sermões, cujo resultado é conhecido, não se poderia encontrar um mais eficaz do que fazê-lo o assunto das instruções e dos deveres do catecismo. Os sermões agem sobre a geração que se vai; essas instruções dispõem ali a geração que chega. Estaríamos, pois, bem errados em não lhes ser agradecidos.

O ESPÍRITO BATEDOR DA IRMÃ MARIE.

O relato seguinte está contido numa carta cujo original está em nossas mãos, e que transcreveremos textualmente.

"A Viviers, em 10 de abril de 1741.

"Ninguém no mundo, meu caro de Noailles, pode melhor que eu vos instruir de tudo o que se passou na cela de nossa irmã Marie, e se o relato que disso vos fizeram de um ridículo em nossa cidade, quero partilhá-lo convosco; a força da verdade se imporá sempre em mim sobre o medo de passar por um visionário e um homem muito crédulo.

"Eis aqui, pois, um pequeno relato de tudo o que vi e ouvi durante quatro noites que ali passei, e comigo mais de quarenta pessoas, todas dignas de fé. Não vos reportarei senão os fatos mais notáveis.

"Em 23 de março, dia da Anunciação, tomei conhecimento pela voz pública que, há três dias, ouviam-se, todas as noites, grandes ruídos no quarto da irmã Marie; qua as duas irmãs de São Domingos que moram com ela, estavam tão amedrontadas que fizeram chamar o Sr. Chambon, cura de Saint-Laurent, o qual tendo chegado a uma hora depois da meia-noite, nesse quarto ouviu mesas baterem contra a parede, uma pia de faiança deslocar-se com ruído e viu uma cadeira de madeira colocada no meio dessa cela, cair por seis vezes. Confesso-vos, senhor, que neste relato não deixarei de fazer gracejos; os devotos, por atacado e varejo, sujeitaram-se à minha crítica, e, desde então, resolvi ir passar a noite seguinte com essa irmã Marie, muito persuadido de que com minha presença tudo ficaria no silêncio ou eu descobriria a impostura. Com efeito, fui, nesse mesmo dia, às nove horas da noite para aquela casa. Questionava muito essas irmãs, sobretudo a Irmã Marie que me pareceu instruída da causa de todos esses ruídos, mas que não queria disso me dar conhecimento. Então, fiz uma pesquisa muito exata nesse quarto; olhei por cima, por baixo da cama; as paredes, os quadros, tudo foi examinado com muito cuidado, e nada tendo descoberto que pudesse ocasionar esses ruídos, fiz sair todo mundo desse quarto, com ordem de que ninguém ali entrasse senão eu. Coloquei-me junto do fogo no quarto seguinte; deixei a porta da cela aberta, e sobre o limiar da porta, ali coloquei uma vela por meio do qual via, do meu lugar, a um passo da cama, a cadeira que tinha colocado e quase todo o quarto inteiro. Às 10 horas os Srs. d'Entrevaux e Archambaud vieram juntar-se a mim, e com eles dois artesãos da nossa cidade.

"Pelas as onze horas e meia, ouvi a cadeira se deslocar e acorri logo, e tendo-a encontrada caída, levantei-a. Peguei uma segunda delas e coloquei numa maior distância da cama da doente; não queria perdê-la de vista. Os Srs. d'Entrevaux e Archambaud tomaram a mesma precaução um momento depois a vimos se deslocar uma segunda vez, a pia colocada na cama da irmã Marie, mas numa altura que ela não poderia atingi-la, tocou várias vezes, e um quadro bateu vários golpes contra a parede. Nesse momento, fiz falar à nossa doente; eu a achava extremamente oprimida, e da opressão caiu num desvanecimento que a fez perder o conhecimento e o uso de todos os seus sentidos que se reduziram ao ouvido; eu mesmo fui seu médico; por meio da água de lavanda, em pouco tempo, voltou a si mesma. De quarto de hora em quarto de hora ouvíamos o mesmo ruído, e achando sempre os quadros no mesmo estado, ordenava a esse barulhento, quem fosse, para bater com o quadro três golpes contra a parede e voltá-lo para adiante e para trás: fui obedecido no momento; um instante depois ordenava-lhe remeter o quadro à primeira situação, recebi uma segunda prova de sua submissão às minhas ordens.

"Como percebi que não havia nada de barulhento nesse quarto senão uma cadeira, dois quadros, e uma pia, apoderei-me de todos esses modos, então, o ruído se prende às imagens que ouvimos deslocar várias vezes, e num pequeno crucifixo que estava suspenso num prego contra a parede. Não ouvimos nem vimos nada de mais particular nessa noite; tudo foi calmo e tranquilo às cinco horas da manhã. Não guardamos segredo sobre tudo o que tínhamos visto e ouvido e vos deixo a pensar se não fui gracejado em minha visão. Convidaria os mais incrédulos a participarem; ali fomos três noites em seguida, e eis o que me pareceu o mais surpreendente. Não vos relatarei senão certos fatos, seria muito longo se quisesse entrar nesse detalhe; deve bastar vos dizer aqui que os Srs. Digoine, Bonfils, d'Entrevaux, Chambon, Faure, Allier, Aousi, Grange, Bouron, Bonnier, Fontenès, Robert o *hucanteur* e muitos outros disso foram testemunhas.

'Tendo se difundido na cidade o boato de que a irmã Marie podia ser a atriz dessa comédia, desisti então da boa opinião que tinha dela; quis muito supor-la de embuste, e embora ela seja parálitica, segundo testemunho de nosso médico e de todos aqueles que a cercam, que nos asseguram que há mais de três anos ela não tem a liberdade senão de movimentar a cabeça, quis muito supor que ela podia agir, e nessa suposição eis, senhor, de que modo a isso me prendi:

"Fui durante três dias consecutivos, às nove horas da noite, na casa da irmã. Preveni-a sobre os expedientes que ia tomar para não ser enganado, em presença de cinco a seis dos senhores que aqui já nomeei. Fi-la coser em suas vestes; ela estava colocada e enrolada em seu leito como uma criança de um mês em seu berço. Além disso tomei dois papelotes que coloquei em forma de cruz sobre o peito de modo que ela não pudesse fazer nenhum movimento sem que essa cruz fosse desarranjada.

"Nesse dia ela tinha revelado o mistério ao Sr. Chambon, que a dirige na ausência do Sr. Bispo e do Sr. Davi, diretor de nosso seminário, o primeiro pede-lhe e lhe permite ensinar-me a causa de todos esses ruídos; entrei, então, na confiança, e ela me explicou que havia lá uma alma sofredora que me nomeou e que veio pela permissão de Deus para que aliviassem suas penas. Assim instruído e precavido contra o erro, não deixei ninguém no quarto. Estávamos em oito nessa noite e todos determinados a não crer em nada. Pelas 11 horas, os quadros e a pia se fizeram ouvir. Então, o Sr. Digoine e eu fomos nos colocar à porta com um castiçal à mão; é preciso observar que essa cela é pequena, que do meio podemos alcançar as quatro paredes sem fazer outros movimentos senão estender os braços. Apenas nos colocamos e o quadro bateu contra a parede; a correremos logo, encontramos o quadro sem movimento e a doente na mesma situação; retomamos nosso mesmo posto e tendo o quadro batido uma segunda vez a correremos ao primeiro golpe e vimos esse quadro girar no ar e voltar sobre o leito. Eu o colocara na janela; um momento depois esse quadro bateu três golpes diante de todos esses senhores. Querendo cada vez mais me convencer da verdade do fato que me fora adiantado pela

irmã Marie, ordenei a esse Espírito sofredor que tomasse o crucifixo que estava na parede e levá-lo sobre o peito da doente; ele obedeceu no momento; todos os senhores que estavam comigo foram disso testemunhas. Ordenei-lhe recolocar o crucifixo em seu lugar e movimentar a pia com força; ele obedeceu igualmente, e como então tivera o cuidado de colocar a pia à vista de todo o mundo, ouvimos ruído e vimos o movimento. Todos esses sinais não sendo capazes de me convencer, eu exigia novas provas; coloquei uma mesa ao pé da cama da doente, e disse ao Espírito sofredor que lhe oferecíamos de boa vontade nossos votos e nossas preces, mas que sendo o sacrifício da missa o mais no alívio de suas penas, ordenei-lhe que batesse tantos golpes sobre essa mesa quanto quisesse que se lhe dissesse missas por ele. Bateu no instante, contamos trinta e três golpes; então tomamos a disposição entre nós para pagá-los antes, e no mesmo tempo que conferimos a esse sujeito, os quadros, a pia, o crucifixo bateram todos em conjunto e com mais ruído do que nunca.

"Eram duas horas depois da meia-noite e fui fazer levantar-se o Sr. Chambon que foi testemunha de tudo o que nós lhe tínhamos contado, uma vez que, em sua presença, lhe fizemos repetir os 33 golpes. O Sr. Chambon lhe ordenou de tomar o crucifixo e levá-lo sobre uma tal cadeira; logo ouvimos bater uma pancada sobre essa cadeira, acorremos e encontramos o crucifixo inteiramente debaixo da cama, a um passo dessa cadeira. Eu pedia, alternadamente, ao Sr. cônego de Goine, Sr. Chambon e Sr. Robert de se esconderem na cela para examinar se não veriam nada; ouviram duas vozes diferentes na cama da doente; distinguiram perfeitamente a da doente que fez várias perguntas; quanto à outra, não puderam discernir sua resposta, ela se explicava de um tom muito baixo e muito rápido; esses senhores me informaram disso e fui conferi-lo com a irmã Marie, que me confessou o fato.

"Propus a esses senhores de dizer um *De profundis* para o alívio das penas dessa alma sofredora, e terminada essa prece, a cadeira caiu, os quadros bateram e a pia tiniu. Disse a esse Espírito que iríamos dizer cinco *Pater* e cinco *Ave* em honra das cinco chagas de Nosso Senhor, e que se lhe ordenou, por prova de que essa prece lhe agradava, de derrubar uma segunda vez a cadeira, mas com mais força do que na primeira. Apenas a vemos flexionado o joelho e essa cadeira, colocada diante de nossos olhos e a dois passos de nós, tombou para frente, se levantou e tombou. "Vendo a docilidade desse Espírito e sua prontidão em obedecer, acreditei poder tudo tentar; coloquei sobre a cama da irmã 40 peças de dinheiro e ordenei contá-las; imediatamente ouvimo-lo contar numa caneca de vidro que eu tinha colocado junto; eu tomei esse moedeiro e coloquei-o sobre a mesa; ordenei-lhe a mesma coisa e ele obedeceu no momento. Ali coloquei um escudo de seis francos e ordenei-lhe para que me designasse com esse escudo o número dos meses que lhe são necessários; ele bateu com o escudo 33 pancadas contra a parede. Fiz entrarem os Srs. Digoine, Bonfils, d'Entrevaux no quarto, tiramos as cortinas do leito, colocamos o castiçal sobre a cama e ordenamos a esse Espírito para bater e nos designar o número dos meses. Vemos, todos os quatro, a irmã Marie sempre no mesmo estado, sem movimento e os dois papelotes em forma de cruz de nenhum modo desarranjados e contamos as 33 pancadas contra a parede. Há a observar que no quarto vizinho que corresponde a essa parede, não havia alma que viva; tínhamos tomado o cuidado de afastar tudo o que poderia fazer nascer em nós a menor suspeição.

"Enfim, senhor, tentei um outro caminho: escrevi sobre o papel estas palavras: Ordeno-te, alma sofredora, nos dizer quem tu és, tanto para nossa consolação quanto para a manutenção de nossa fé. Escreva, pois, teu nome sobre este papel, ou pelo menos faça nele alguma marca, conheceremos por aí a necessidade que tens de nossas preces. Coloco este escrito debaixo da cama da doente com uma prancheta e uma caneta; um instante depois ouvi tinir a pia; acorremos todos ao ruído, encontramos o papel ao mesmo tempo e o crucifixo derrubado em cima; ordenei-lhe para colocar o crucifixo em seu lugar e marcar o papel; demos para então as ladainhas da Virgem e terminada a nossa prece,

encontramos o crucifixo em seu lugar e debaixo no baixo do papel formadas as duas cru- zes com a caneta. O Sr. Chambom, que estava muito perto do leito, ouviu o ruído da ca- neta sobre o papel. Poderia vos contar muitos outros fatos igualmente surpreendentes, mas esse detalhe me levaria muito longe.

"Sem dúvida, me perguntareis, meu caro senhor, o que penso dessa aventura; vou vos fazer minha profissão de fé. Estabeleço, em primeiro lugar, que o ruído que vi e ouvi foi produzido por uma causa. Esses quadros, essa cadeira, essa pia, etc., são seres ina- nimados que não podem se mover por si mesmos. Qual é, pois, a causa que lhes deu o movimento? Necessariamente, é preciso que ela seja natural ou sobrenatural; se ela é natural, não pode ser senão a irmã Marie, uma vez que não havia senão ela no quarto. Não se pode pretender que esse ruído seja feito por elasticidade; examinamos o todo com a última atenção, até desmontar os quadros, e não houvesse senão um cabelo da cabeça que tivesse respondido à pia ou à cadeira, nós o teríamos percebido.

"Ora, digo que a irmã Marie não lhes foi a causa; ela não o quis, digo mais, não po- dia nos enganar. Ela não o quis, porque seria possível que uma filha que está em odor de santidade, uma filha cuja vida é um milagre contínuo, uma vez que foi averiguado que, desde três anos ela não comeu nem bebeu e que não saiu de seu corpo outra coisa se- ão uma quantidade de pedras; que uma filha que sofre, desde 6 anos tudo o que se po- de sofrer e sempre com uma paciência admirável; que uma filha que não abre a boca se- ão para orar e que faz parecer, em tudo o que ela diz, a humildade mais profunda; é possível, digo eu, que ela tenha querido nos enganar impondo- nos assim, a todo um pú- blico, a seu bispo, a seu confessor e à quantidade de padres que se questionaram a esse respeito? Encontramos em tudo o que ela disse um acordo maravilhoso, jamais a menor contradição, caráter único da verdade, a mentira não poderia se sustentar. Não creio que os mártires tenham sofrido mais do que sofre essa santa jovem; há tempos no ano que todo seu corpo não é senão uma chaga; vêem-se-lhe sair o sangue e o pus pelos ouvi- dos, e freqüentemente se lhe arrancam vermes de um grande comprimento que saem pelas narinas; ela sofre e pede continuamente e Deus para fazê-la sofrer. Uma coisa ma- ravilhosa, é que todos os anos, na quinzena da Páscoa, se lhe toma um vômito de san- gue; esse vômito passa, sua garganta se desentope; ela recebe a santa comunhão, e um instante depois ela se fecha totalmente, foi o que lhe ocorreu na última quarta-feira.

"Digo, em segundo lugar, que ela não pôde nos enganar; está fora do estado de a- gir; ela é parálitica como já disse, e uma senhorita de nossa cidade disso ficou plenen- te convencida quando lhe enfiou uma agulha grossa na barriga da perna. Aliás, vedes as precauções que tomamos; nós a costuramos em suas roupas e muito freqüentemente deixada à vista; isso não é, pois, nada dela. O que é, pois, que me dizeis? A consequên- cia é fácil de tirar de tudo o que tenho a honra de vos dizer neste relato.

"Assinado: Abade de Saint-Ponc, cônego apresentador."

Nota. Há uma analogia evidente entre estes fatos e os do Espírito batedor de Berg- zavern e de Dibbelsdorf, narrados na *Revista Espírita* de maio, junho, julho e agosto de 1858, salvo que, neste, o Espírito nada tinha de mau. Foi constatado por um homem cujo caráter não pode ser suspeito, e que não observou levemente. Se, como o pretendem certas pessoas, só o diabo se manifesta, como viria junto de uma jovem em odor de san- tidade? Ora, há a se notar que ela não estava nem com medo nem atormentada; ela pró- pria sabia, e as experiências constataram, que era uma alma sofredora. Se não é o diabo, outros Espíritos podem, pois, se comunicar?

Duas circunstâncias têm uma analogia particular com o que vemos hoje; é, de início, o primeiro pensamento de que há fraude da parte da pessoa junto da qual se produzem os fenômenos, apesar das impossibilidades materiais que, às vezes, existem. Na situação física e moral dessa jovem, não se compreende que a suposição de um jogo desempe- nhado haja podido entrar no espírito dos outros religiosos.

O segundo fato é mais importante. Se alguns dos fenômenos ocorreram à vista das pessoas presentes, a maioria se produziu quando elas estavam na peça ao lado, desde que tinham as costas voltadas, e em ausência da luz direta, assim como se tem muitas vezes observado em nossos dias. A que se prende isso? É o que não está ainda suficientemente explicado. Esses fenômenos tendo uma causa material, e não *sobrenatural*, poder-se-ia que, assim como isso ocorre para certas operações químicas, a luz difusa fosse mais favorável à ação dos fluidos dos quais se servem o Espírito. A física espiritual está ainda na infância.

VARIEDADES

O Index da corte de Roma.

A data de 1^o de maio de 1864 marcará, nos anais do Espiritismo, como a de 9 de outubro de 1862; ela lembrará a decisão da sagrada congregação do *Index* concernente às nossas obras sobre o Espiritismo. Se uma coisa há para os Espíritas admirarem, é que essa decisão não haja sido tomada mais cedo. De resto, não há senão uma opinião sobre os bons efeitos que ela deve produzir, e que estão já confirmados pelas notícias que nos chegam de todos os lados. A essa novidade, a maioria das livrarias se apressaram em colocar essas obras mais em evidência. Alguns, mais timoratos, crendo numa proibição de vendê-los, os retiraram da prateleira, mas não venderam menos por baixo do pano. Tranqüilizou-se-lhes fazendo observar que a lei orgânica traz que: "Nenhuma bula, breve, decreto, mandato, provisão, assinatura servindo de provisão, nem outro despacho da corte de Roma, *mesmo não concernente senão aos particulares*, não poderão ser recebidos, publicados, impressos nem de outro modo *postos em execução* sem a autorização do governo."

Quanto a nós, essa medida, que é uma daquelas que nós esperamos, é um indício de que os colocamos em proveito, e que nos servirá de guia para os nossos trabalhos ulteriores.

Perseguições militares.

O Espiritismo conta numerosos representantes no exército, entre os oficiais de todos os graus, que nele constata a benfazeja influência sobre si mesmos e sobre seus inferiores. Em alguns regimentos, no entanto, ele encontra entre os chefes superiores, não negadores, mas adversários declarados que interdita formalmente a seus subordinados de se ocuparem dele. Conhecemos um oficial que foi riscado do quadro dos propostos para a Legião de honra, e outros que foram postos em parada forçada, por causa do Espiritismo. Nós lhes aconselhamos submeterem-se, sem murmurar, à disciplina hierárquica, e esperar pacientemente um tempo melhor que não pode tardar, porque será trazido pela força da opinião. Convidamo-los mesmo a se absterem de toda manifestação espírita exterior, se for absolutamente preciso, porque nenhum constrangimento pode ser exercido sobre sua crença íntima, nem lhes levar as consolações e os encorajamentos que nela haurem. Essas pequenas perseguições são provas para a sua fé, e servem o Espiritismo em lugar de prejudicá-lo. Devem sentirem-se felizes de sofrer um pouco por uma causa que lhe é cara. Não têm orgulho em deixar um membro sobre um campo de batalha para a pátria terrestre? O que são, pois, alguns aborrecimentos e alguns desgostos suportados pela pátria eterna e a causa da Humanidade?

Um ato de justiça.

Domingo, 3 de abril de 1864, foi um dia de grande festa para a comunidade de Cempuis, perto de Grandvilliers (Oise). Vários milhares de pessoas ali se encontraram reunidas para uma tocante cerimônia que deixará inapagáveis lembranças no coração de todos aqueles que dela foram testemunhas. Nosso colega, Sr. Prévost, membro da Sociedade Espírita de Paris, fundador da casa de refúgio, e das sociedades de socorros mútuos da circunscrição administrativa, dela foi o modesto herói. Um imenso cortejo, precedido da banda da cidade de Grandvilliers, conduziu-o ao conselho municipal, onde recebeu, das mãos da autoridade departamental, a medalha de honra que mereceu seu nobre devotamento à causa da humanidade sofredora. No discurso pronunciado nessa ocasião, pelo delegado da prefeitura, anotamos a seguinte passagem:

"Se nessa revista sumária cheguei a fazer, senhores, a cada um a parte merecida que lhe cabe na consagração deste grande dia, que me seja permitido com ela alegrar-me convosco, como da execução de um dever que me era muito caro a todos os títulos.

"É, pois, com uma indizível alegria e um legítimo orgulho que todos verão, sobre o nobre peito do Sr. Prévost esse sinal honorífico que o Imperador quis nele ver pregado em seu nome, à espera de que, disso não duvidemos, que a estrela da honra ali venha a brilhar com o seu mais vivo brilho.

"Antes de terminar esta bela cerimônia, à qual com razão impaciente de fazer suceder sua alegre animação, façamos remontar nosso contentamento e nossa gratidão, até seu augusto autor, o Imperador, assim como ao seu fiel intérprete, o Sr. prefeito de Oise."

A Sociedade Espírita de Paris está também orgulhosa da honra prestada a um de seus membros altamente devotados. (Ver, para os detalhes sobre a casa de refúgio de Cempuis, a *Revista Espírita* de outubro de 1863, p. 303.)

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

7^a ANO

NO. 7

JULHO 1864

RECLAMAÇÃO DO SR. ABADE BARRICAND.

O número *da Revista* do mês de junho estava composto e em parte tirado, quando nos chegou a carta adiante do Sr. abade Barricand, ao qual fizemos responder o que segue:

"Senhor.

"O Sr. Allan Kardec encarrega-me de vos acusar o recebimento da carta que lhe endereçastes, e vos dizer que era supérfluo requerer para inseri-la na *Revista*', bastaria que lhe tivésseis dirigido uma retificação motivada para que a considerasse como um dever de imparcialidade e de lhe fazer direito. O número da *Revista* de 1^o de junho, estando tirado no momento do recebimento de vossa carta, ela não poderá aparecer senão no número seguinte.

"Recebei, etc."

"Lyon, 19 de maio 1864.

"Senhor,

"Acabo de ler, no número da *Revista Espírita* domes de maio de 1864, um artigo onde meu curso é de tal modo mascarado e desfigurado, que me vejo na necessidade de lhe dar uma resposta, para destruir a impressão desfavorável que esse artigo por certo deixou aos vossos leitores, com respeito à minha pessoa e ao meu ensinamento.

"Esse artigo é intitulado: *Curso público de Espiritismo em Lyon*. Jamais se viu figurar essa designação sobre nenhum de meus programas, e se alguém foi ao meu curso na crença de que assistiria a lições de Espiritismo, não é, como o insinuais, porque foi seduzido por um título *atraente e um pouco enganador*, mas unicamente porque não se deu ao trabalho de ler o que levam nossos cartazes.

"Ensinais aos vossos leitores que o *Journal LAVÉRITÉ salienta várias de nossas afirmações*, e além disso que se *encarrega de nos refutar, ao que, disso não duvidamos, acrescentais, e cumprirá muito bem, julgando-o por seu início*. Mas não dais a conhecer essas afirmações. Nosso contraditor afirma, e é verdade, que *não é necessário ter feito a sua teologia para ter uma caneta*, e que não teme de vos perseguir *unicamente com as armas da razão e da fé em Deus que o Espiritismo dá;... que a tese paradoxal que sustentamos não se discute;... que não cederemos com dificuldade por acompanhar o Espiritismo ao cemitério, mas que não é preciso se apressar muito em soar o dobre de finados;... que, por sua própria conta, está em condições de amamentar por si mesmo, e sem muita dificuldade, essa pequena criança que se chama a Verdade;... que o sangue do futuro corre mais quente do que nunca nas veias do Espírita, e que tem a confiança íntima de que um dia nos será dado o tom definitivo do mais magnífico TE DEUM*.

"O Sr. Allan Kardec está muito senhor, seguramente, de se imaginar que essas afirmações copiam as nossas e de prometer, aos seus leitores, que, julgando-o, pelo seu início, o diretor da *Vérité* cumprirá sem dificuldade tarefa que se impôs de nos refutar; mas nós temos dificuldade em crer que, fora da escola espírita, tenha-se a mesma opinião, e não iríamos mesmo até supor que, se aprovesse ao Sr. diretor da *Revista Espírita* de colocar inteiramente sob os olhos de seus assinantes o artigo onde nosso antagonista inicia a luta, muitos dentre eles teriam hesitado em considerá-lo como um início que promete uma refutação maravilhosa de nossas lições contra o Espiritismo.

"Mas digais talvez: o resumo que a *Vérité* dá de uma parte de vossa argumentação não a reproduziu com fidelidade? Não, senhor, esse resumo não é senão uma burlesca paródia dela. Tudo ali está falsificado, e nossa linguagem, e nossas idéias, e nosso raciocínio. Essas expressões altivas: *Fiz-me muito em vos provar, pretensioso pedestal... relatório enfático, cifras ambiciosas, comédia que tudo isso. A caixa do Sr. Allan Kardec está bem abastecida, não é justo que ela venha em ajuda aos seus discípulos, etc.*, jamais entraram nas lições, e o Sr. diretor da *Vérité* ter-se-ia poupado o trabalho de colocá-la sobre nossa conta, se tivesse compreendido ou querido compreender o verdadeiro estado da questão que tratamos diante dele.

"De que se trata, com efeito? De dar a conhecer ao nosso auditório qual era, no fim de 1862 e no fim de 1863, a situação do Espiritismo em Lyon. Ora, para não nos apoiarmos senão sobre os dados que nenhum espírita pode recusar, em lugar de falar de vossas viagens e de supor o que poderia conter a vossa caixa, estamos contentes de pôr em oposição a vossa brochura intitulada: *Viagem espírita em 1862*, e vosso artigo da *Revista Espírita* (janeiro de 1864), no qual dais conta, aos vossos assinantes, da situação do Espiritismo em 1863. Da diferença tão marcante de tom e de linguagem que se nota nesses dois documentos, acreditamos dever concluir, não como nos fez dizer a *Vérité*, que o Espiritismo está morto ou morrendo, mas que sofre, pelo menos em Lyon, um tempo de parada, se é que já não entrou num período de decadência. Em apoio a essa conclusão, lembramos as confissões do diretor da *Vérité*; porque, enquanto o Sr. Allan Kardec afirma que em 1862 podia-se, sem exagero, contar de 25 a 30 mil Espíritas lioneses, o Sr. Edoux não tem dificuldade de reconhecer que seu número hoje não passa de dez mil; ora, que outro nome, senão o de decadência, pode-se dar a uma tão sensível diminuição?

"Nada era mais fácil, isso nos parece, do que tomar o verdadeiro sentido de uma tão simples argumentação, e dele fazer uma análise exata; mas o Sr. diretor da *Vérité*, em lugar de se limitar a reproduzir fielmente a nossa exposição, pensou que seria mais picante dar aos seus leitores a bonita mostra de nosso curso que inseriu em seu jornal.

"Foi, todavia, nesse relatório, onde se descobre a cada linha a falta de lógica e de sinceridade, que acreditastes poder dar por fundamento a essas insinuações malévolas que tendem a nos apresentar, aos vossos leitores, como um homem *que se imiscui em vossos atos particulares, que de uma simples suposição tira uma consequência absoluta; que supões o que há no fundo de vossa caixa para disso fazer um texto de um ensino público*. Tais acusações, lançadas ao acaso e sem sombra de provas, cai por si mesmas: basta, segundo a palavra de um antigo autor, trazê-las a luz para refutá-las: *Vestra exposuisse refellisse est*.

Acreditastes dever, terminando vosso artigo, nos ensinar como se deve fazer um curso de teologia; guardar-nos-emos muito de querer, ao nosso turno, vos dar a lição; mas que nos seja permitido, pelo menos, vos dar o conselho caridoso, se quereis vos poupar de muitos desmentidos, de não aceitar doravante, senão com uma certa desconfiança, os relatórios de vossos correspondentes; porque, para emprestar a linguagem de nosso bom La Fontaine:

Nada é mais perigoso do que um ignorante amigo,
Mais vale um sábio inimigo.

"Eu vos peço, e por necessidade vos requero, inserir integralmente esta resposta em vosso próximo número. "Aceitai a segurança de meus sentimentos distintos.

"A. Barricand.

"Decano da Faculdade de Teologia."

As palavras contra as quais reclama o Sr. abade Barricand são estas: "É fácil ao Sr. Allan Kardec colocar esta afirmativa: *O Espiritismo está mais poderoso do que nunca*, e de citar como principal prova da criação da *Ruche* e da *Vérité*! Senhores, comédia que tudo isso! . . .Esses dois jornais podem bem existir, sem serem precisamente obrigados a concluir que o Espiritismo deu um passo avante...Se me objetais que esses jornais têm despesas, e que para pagá-las são necessários assinantes, ou sem impor sacrifícios muito deprimentes, eu responderia ainda: Comédia!... A caixa do Sr. Allan Kardec está bem abastecida, diz-se; não é justo, racional, que venha em ajuda aos seus discípulos?"

Elas são extratos textuais do jornal *la Vérité* de 10 de abril de 1864; não fizemos senão acrescentar as reflexões muito naturais que nos sugeriram, dizendo que não reconhecemos a ninguém o direito de supor o fundo de nossa bolsa, e de prejudicar o uso que fazemos daquilo que se supõe que possuímos, e ainda menos disso fazer o texto de um ensino público. (Ver a *Revista* do mês de maio, pág. 154.)

Sem procurar se o Sr. Barricand pronunciou as palavras que ele contesta, ou o equivalente, pode-se admirar de que não haja pedido, desde o início, a retificação ao jornal ao qual não fizemos senão lhes emprestar. Esse jornal é de 10 de abril; aparece em Lyon todas as semanas e lhe é endereçado; ora, sua carta é de 19 de maio, e cinco números tinham aparecido no intervalo. De duas coisas uma: essas palavras são justas ou elas são falsas; se são falsas, é que o redator, que declara, no artigo, ter assistido à lição do professor, inventou-as; como ocorre então, nesse mesmo artigo, ele protesta contra a alegação de ser subvencionado por nós, dizendo que não tem necessidade do socorro de ninguém, e pode caminhar sozinho? Seria, pois, estranho desprezo. Como ocorre que, em presença desta dupla afirmação, o Sr. Barricand tenha deixados passar mais de um mês sem protestar? Seu silêncio, então que não podia isso ignorar, deveu ser considerado por nós como um assentimento, porque é muito evidente que, se tivessem sido retificados na *Vérité*, nós não os teríamos reproduzido.

O Sr. abade Barricand retorna, em sua carta, sobre a tese que sustentou concernente à suposta decadência do Espiritismo, restringindo, todavia, a importância de suas expressões. Uma vez que esse pensamento o tranqüiliza, nós lhe o deixamos de boa vontade, porque não temos nenhum interesse em dissimulá-lo. Que ele tire, pois, da ausência de estipulações precisas sobre o número de Espíritas todas as induções que queira, isso não impedirá às coisas seguirem seu curso. Pouco nos importa que nossos adversários creiam ou não creiam no progresso do Espiritismo; ao contrário, quanto menos nisso creiam, menos disso se ocuparão, e mais nos deixarão tranqüilos; de boa vontade nos faremos mesmo os mortos se isso puder lhe ser agradável. Caberia a eles não nos despertar; mas enquanto crerem, fulminarão, anatematizarão, usarão de violência e perseguições, e não farão crer a ninguém que somos mortos seriamente.

Até o presente o clero acreditava que um meio de amedrontar com respeito ao Espiritismo, e de fazê-lo repelir, era de exagerar desmedidamente o número de seus adeptos. Em muitos sermões, ordenações e publicações de todos os gêneros, estes não estavam apresentados como invadindo a sociedade e colocando, pelo seu crescimento, a Igreja em perigo? Afirmamos o progresso das idéias espíritas que, melhor do que quem que seja, estamos em condições de constatar; mas jamais caímos nesses cálculos hiperbólicos; jamais dissemos, como um certo pregador, que só em Bordeaux venderam-se, em pouco tempo mais de 170.000 francos de nossos livros. Não fomos nós que dissemos que havia

20 milhões de Espíritas na França, nem, como numa obra recente, 600 milhões no mundo inteiro, o que equivaleria a mais da metade da população total do globo. O resultado desses quadros foi diferente daquilo que deles se esperava; ora, se quiséssemos proceder por indução, suporíamos o Sr. abade Barricand de querer seguir uma tática contrária, atenuando os progressos do Espiritismo ao invés de exaltá-los.

O que quer que seja, a estatística exata dos Espíritas é uma coisa impossível, tendo em vista o número imenso de pessoas simpáticas à idéia, e que não têm nenhum motivo de se porem em evidência, não sendo os Espíritas arregimentados como numa confraria. Enganar-se-ia muito tomando-se por base o número dos grupos oficialmente conhecidos, tendo em vista que não há a milésima parte dos adeptos que os freqüentam; conhecemos tais cidades onde não existe nenhuma sociedade regular, e onde há mais Espíritas do que numa tal outra que delas conta várias. Dissemos, aliás, as sociedades não são de nenhum modo uma condição necessária à existência do Espiritismo; elas se formam hoje, que cessem amanhã, sem que a sua marcha seja entravada no que quer que seja; *o Espiritismo é uma questão de fé e de crença e não de associação.*

Quem partilha nossas convicções a respeito da existência e da manifestação dos Espíritos, e das conseqüências morais que disso decorrem, é Espírita de fato, sem que tenha necessidade de estar inscrito num registro de matrícula ou de receber um diploma. Uma simples conversação basta para fazer conhecer aqueles que são simpáticos à idéia ou que a repelem, e, por aí, julga-se se ela ganha ou perde terreno.

A avaliação aproximada do número dos adeptos repousa sobre as relações íntimas, porque não existe nenhuma base para o estabelecimento de uma cifra rigorosa, cifra, de resto, incessantemente variável; tal carta, por exemplo, vai nos revelar toda uma família espírita, e, freqüentemente, várias famílias, das quais não tínhamos nenhum conhecimento. Se o Sr. Barricand visse a nossa correspondência, talvez mudasse de opinião, mas nós não a temos.

A oposição que se faz a uma idéia está sempre em razão de sua importância; se o Espiritismo fosse uma utopia, dele não se teria ocupado mais do que de tantas outras teorias; a obstinação da luta é indício certo de que se o toma a sério. Mas se há luta entre o Espiritismo e o clero, a história dirá quais foram os agressores. Os ataques e as calúnias dos quais foi objeto forçaram devolver as armas que se lhe lançaram, e de mostrar os lados vulneráveis de seus adversários; estes, assediando-o, detiveram sua caminhada? Não; é um fato adquirido. Se o tivessem deixado em repouso, o próprio nome do clero não teria sido pronunciado, e talvez aquele nisso teria ganho. Atacando-o em nome dos dogmas da Igreja, forçou a discussão do valor das objeções e, por isso mesmo, de entrar sobre um terreno que não tinha a intenção de abordar. A missão do Espiritismo é combater a incredulidade pela evidência dos fatos,

de conduzir a Deus aqueles que o desconhecem, de provar o futuro àqueles que crêem no nada; por que, pois, a Igreja lança anátema àqueles a quem dá essa fé, mais do que quando não acreditavam em nada? Repelindo aqueles que crêem em Deus e em sua alma por ele, é constrangê-los a procurar um refúgio fora da Igreja. Quem, o primeiro, a proclamar que o Espiritismo era uma religião nova com seu culto e seus sacerdotes, se não foi o clero? Onde, até o presente, viram-se o culto e os sacerdotes do Espiritismo? Se jamais tornar-se uma religião, foi o clero que terá provocado.

A RELIGIÃO E O PROGRESSO.

Pensa-se, muito geralmente, que a Igreja admite hoje o fogo do inferno como um fogo moral e não como um fogo material; tal é, pelo menos, a opinião da maioria dos teólogos e de muitos eclesiásticos esclarecidos; mas isso, todavia, não é senão uma opinião individual e não uma crença adquirida pela ortodoxia, de outro modo seria universalmente

professada. Pode-se julgá-lo pelo quadro adiante, que um pregador traçou do inferno, durante a última quaresma, em Montreuil-sur-Mer:

"O fogo do inferno é dez milhões de vezes mais intenso do que o da Terra, e se um dos corpos que ali queimam sem se consumir viesse a ser atirado sobre o nosso planeta, ele o empestaria desde um canto até o outro!

"O inferno é uma vasta e sombria caverna, erichada de pregos pontiagudos, de lâminas de espadas bem afiadas, de lâminas de navalhas bem afiadas, na qual são atiradas as almas dos condenados!"

Seria supérfluo refutar essa descrição; poder-se -ia, no entanto, perguntar ao orador onde hauriu um conhecimento tão preciso desse lugar que descreve; certamente, não foi no Evangelho onde não há questão nem de pregos, nem de espadas, nem de navalhas. Para saber que essas lâminas eram bem acerradas e bem afiadas, é preciso tê-las visto e provado; é que, novo Enéas ou Orfeu, teria ele mesmo descido a essa sombria caverna, que tem, de resto, um grande ar de familiaridade com o Tártaro dos pagãos? Além disso, teria devido explicar a ação que os pregos e as navalhas podem ter sobre as almas, e a necessidade de que fossem bem afiadas e de boa tempera. Uma vez que conhece tão bem os detalhes interiores do local, teria devido dizer também onde ela está situada. Isso não é no centro da Terra, uma vez que supõe o caso de que um dos corpos que ela encerra seria lançado sobre nosso planeta. É, pois, no espaço? Mas a astronomia nele mergulhou seus olhares bem longe, sem nada descobrir; é verdade que não o olhou com os olhos da fé.

O que quer que ele seja, esse quadro faz para conduzir os incrédulos? é mais do que duvidoso, porque é mais próprio a diminuir o número dos crentes.

Como contrapartida, citaremos o fragmento seguinte de uma carta escrita de *Riom*, e reportada pelo jornal *la Vérité*, no número de 20 de março de 1864:

"Ontem, para minha grande surpresa e a minha grande satisfação, ouvi com meus próprios ouvidos essa confortadora confissão sair da boca de um eloqüente pregador, em presença de um numeroso auditório espantado: *Não há mais inferno... o inferno não existe mais... ele foi trocado por uma admirável substituição: os fogos da caridade, os fogos do amor resgatando as nossas faltas!*

Nossa divina doutrina (o Espiritismo) não está encerrada inteiramente nestas poucas palavras?

É inútil dizer qual dos dois teve mais simpatia no auditório; mas o segundo poderia mesmo ser acusado de heresia pelo primeiro. Outrora teria infalivelmente expiado sobre uma fogueira ou num calabouço a audácia de ter proclamado que Deus não faz queimar as suas criaturas.

Estas duas citações nos sugerem as reflexões seguintes:

Se uns crêem na materialidade das penas, ao passo que outros nisso não crêem, necessariamente uns estão errados e os outros certos.

Esse ponto é mais capital do que não parece à primeira vista, porque é o caminho aberto às interpretações numa religião fundada sobre a unidade absoluta de crença, e que repele a interpretação em princípio.

É muito certo que, até este dia, a materialidade das penas faz parte das crenças dogmáticas da Igreja; por que, pois, todos os teólogos não crêem nelas? Como nem uns nem os outros não verificaram as coisas por si mesmos, o que leva alguns a não ver senão uma figura ali onde outros vêem a realidade, se não é a razão que neles se impõe sobre a fé cega? Ora, a razão é o livre exame.

Eis, pois, a razão e o livre exame entrados na Igreja pela força da opinião; poder-se-ia dizer, sem metáfora, pela porta do inferno; é a mão levada sobre o santuário invariável dos dogmas, não pelos laicos, mas pelo próprio clero.

Que não se creia essa questão de mínima importância; leva ela em si o germe de toda uma revolução religiosa e de um imenso cisma, muito mais radical do que o protes-

tantismo, porque ameaça não só o catolicismo, mas o protestantismo, a Igreja grega e todas as seitas cristãs. Com efeito, entre a materialidade das penas e as penas puramente morais, há toda a distância do sentido próprio ao sentido figurado, da alegoria à realidade; desde que se admitam as chamas do inferno como alegoria, fica evidente que as palavras de Jesus: "Ide ao fogo eterno," têm um sentido alegórico; daí a consequência de que deve ocorrer o mesmo com muitas outras de suas palavras.

Mas a consequência mais grave é esta: Do momento em que se admite a interpretação sobre um ponto, não há motivo de rejeitá-la sobre outros; é, pois, como dissemos, a porta aberta à livre discussão, um golpe mortal ao princípio absoluto da fé cega. A crença na materialidade das penas se liga intimamente a outros artigos de fé que lhes são o corolário; essa crença transformada, os outros se transformarão pela força das coisas e, assim, passo a passo.

Eis disso já uma aplicação. Há poucos anos ainda o dogma: Fora da Igreja não há salvação estava com toda a sua força; o batismo era de condição tão imperiosa, que bastava que o filho de um herético o recebesse clandestinamente, e malgrado a vontade de seus pais, para ser salvo, porque tudo o que não era rigorosamente ortodoxo era irremissivelmente condenado. Mas a razão humana tendo se lembrado desses bilhões de almas votadas às torturas eternas, então que não havia dependido que fossem esclarecidas da verdadeira fé, das inumeráveis crianças que morrem antes de terem a consciência de seus atos, e que por isso não são menos condenadas, se a negligência ou a fé religiosa de seus pais a privaram do batismo, a Igreja renunciou ao seu absolutismo a esse respeito. Ela diz hoje, ou pelo menos a maioria dos teólogos dizem, que essas crianças não são responsáveis pelas faltas de seus pais; que a responsabilidade não começa senão do momento em que tendo a possibilidade de ser esclarecida, não se lhe recusa, e que desde então essas crianças não são condenadas por não terem recebido o batismo; que ocorre o mesmo com os selvagens e os idolatras de todas as seitas. Alguns vão mais longe; reconhecem que, pela prática das virtudes cristãs, quer dizer, da humildade e da caridade, pode-se ser salvo em todas as religiões, porque depende também da boa vontade de um Hindu, de um judeu, de um muçulmano, de um protestante quanto de um católico viver cristãmente; que aquele que vive assim está na Igreja pelo Espírito, se não está pela forma. Não está aí o princípio: Fora da Igreja não há salvação ampliado e transformado neste: Fora da caridade não há salvação? É precisamente o que o Espiritismo ensina, e, no entanto, por isso é declarado ser a obra do demônio. Por que essas máximas seriam antes o sopro do demônio na boca dos Espíritas do que na dos ministros da Igreja? Se a ortodoxia da fé está ameaçada, não o é, pois, pelo Espiritismo, mas pela própria Igreja, porque ela sofre, com seu desconhecimento, a pressão da opinião geral, e que, entre seus membros, são encontrados os que vêm as coisas de mais alto, e nos quais o poder da lógica se impõe sobre a fé cega.

Sem dúvida, parece temerário dizer que a Igreja caminha ao encontro do Espiritismo; no entanto, é uma verdade que se reconhecerá mais tarde; caminhando inteiramente para combatê-lo, ela não se assimila menos, pouco a pouco, seus princípios sem disso desconfiar.

Essa nova maneira de encarar a questão da salvação é séria; o Espírito colocado acima da forma é um princípio eminentemente revolucionário na ortodoxia. Sendo reconhecida possível a salvação fora da Igreja, a eficácia do batismo é relativa e não absoluta: torna-se simbólica. A criança não batizada, não levando a pena da negligência ou da má vontade de seus pais, em que se torna a incorrida para todo gênero humano pela falta do primeiro homem? em que se torna também o pecado original, tal qual o entende a Igreja?

Os maiores efeitos, freqüentemente, têm as menores causas; sendo admitido na questão o direito de interpretação e de livre exame, pueril em aparência, da materialidade das penas futuras, é um primeiro passo cujas consequências são incalculáveis, porque é uma brecha feita na imutabilidade dogmática, é uma pedra levantada que arrasta outras.

A posição da Igreja é embaraçosa, é preciso nisso convir; no entanto, não há senão um desses dois partidos a tomar: quando mesmo permanecer estacionário, ou ir avante; mas, então, ela não pode escapar deste dilema: se ela se imobiliza, de maneira absoluta, nos trâmites do passado, será infalivelmente transbordada, como já o é, pelas ondas das idéias novas, depois isoladas, depois desmembradas, como o seria hoje se tivesse persistido em repelir de seu seio aqueles que crêem no movimento da Terra, nos princípios geológicos da criação; se entrar na via da interpretação dos dogmas, se transformará, e ela aí entrará pelo único fato de renunciar à materialidade das penas e à necessidade absoluta do batismo.

O perigo de uma transformação, de resto, está nitidamente e energicamente formulado na passagem seguinte de uma pequena brochura, publicada pelo Rev. Pe. Marin de Boylesve, da Companhia de Jesus, sob o título de: O Milagre e o diabo, em resposta à Revue des Deux-Mondes.

"Há, entre outras, uma questão que para a religião cristã é a vida ou a morte, a questão do milagre. A do diabo não o é pouco menor. Tirai o diabo, o cristianismo desaparece. Se o diabo não é senão um mito, a queda de Adão e o pecado original entram nas regiões da fábula; a redenção, por consequência o batismo, a Igreja, o cristianismo, em uma palavra, não têm menos razão de ser. Também a ciência não se poupa para apagar o milagre e para suprimir o diabo."

De sorte que se a ciência descobre uma lei da Natureza que faça reentrar nos fatos naturais um fato reputado miraculoso; se ela prova a anterioridade da raça humana e a multiplicidade de suas origens, todo edifício desmorona. Uma religião é muito frágil, quando uma descoberta científica é para ela uma questão de vida e de morte. Está aí uma confissão imprudente. Por nossa conta, estamos longe de partilhar as apreensões do Pé. Boylesve com relação ao cristianismo; dizemos que o cristianismo tal como saiu da boca de Jesus, mas somente tal como dele saiu, é invulnerável, porque é a lei de Deus.

A conclusão disto é: Nada de concessão, sob pena de morrer. O autor esquece de examinar se há mais chances de viver na imobilidade; nossa opinião é que nela há menos, e que vale mais viver transformado do que não viver de todo.

Num e noutro caso, uma cisão é inevitável; pode-se mesmo dizer que ela já existe; a unidade doutrinária está rompida, uma vez que não há acordo perfeito no ensinamento; que uns aprovam o que outros censuram; que, então, os absolvem o que outros condenam. Também vêem-se os fiéis irem de preferência àqueles cujas idéias mais lhe convêm; os pastores se dividem, o rebanho se divide igualmente. Dessa divergência a uma separação, a distância não é grande; um passo a mais, e aqueles que estão adiante serão tratados de heréticos por aqueles que ficam atrás. Ora, eis o cisma estabelecido; aí está o perigo da imobilidade.

A religião, ou melhor todas as religiões, sofrem, apesar delas, a influência do movimento progressivo das idéias. Uma necessidade fatal as obriga a se manterem ao nível do movimento ascensional, sob pena de serem submergidas; também todas foram constrangidas, de tempos em tempos, a fazer concessões à ciência, e de fazer curvar o sentido literal de certas crenças diante da evidência dos fatos; aquela que repudiasse as descobertas da ciência e suas consequências, do ponto de vista religioso, perderia cedo ou tarde sua autoridade e seu crédito, e aumentaria o número dos incrédulos. Se uma religião qualquer pode ser comprometida pela ciência, a falta não é da ciência, mas da religião fundada sobre dogmas absolutos em contradição com as leis da Natureza, que são leis divinas. Repudiar a ciência é, pois, repudiar as leis da Natureza, e, por isso mesmo, negar a obra de Deus; fazê-lo em nome da religião seria colocar Deus em contradição consigo mesmo, e fazê-lo dizer: Estabeleci leis para reger o mundo, mas não creiais nessas leis.

O homem, em todos os tempos, não esteve apto para conhecer todas as leis da Natureza; a descoberta sucessiva dessas leis constitui o progresso; daí, para as religiões, a necessidade de colocar suas crenças e seus dogmas em harmonia com o progresso, sob

pena de receber o desmentido dos fatos constatados pela ciência; somente com essa única condição uma religião é invulnerável. Na nossa opinião, a religião deveria fazer mais do que se meter a reboque do progresso, que ela não segue senão como constrangida e forçada, deveria ser dele a sentinela avançada, porque é honrar a Deus em proclamar a grandeza e a sabedoria de suas leis.

A contradição que existe entre certas crenças religiosas e as leis naturais fez a maioria dos incrédulos, cujo número aumenta à medida que o conhecimento dessas leis se populariza. Se o acordo entre a ciência e a religião fosse impossível, não haveria religião possível. Proclamamos claramente a possibilidade e a necessidade desse acordo, porque, em nossa opinião, a ciência e a religião são irmãs para a maior glória de Deus, e devem se completar uma pela outra, em lugar de se desmentir uma pela outra. Elas se estenderão as mãos quando a ciência não vir na religião nada incompatível com os fatos demonstrados, e que a religião não terá mais a temer a demonstração dos fatos. O Espiritismo, pela revelação das leis que regem as relações do mundo visível e do mundo

invisível, será o traço de união que lhes permitirá se olharem face a face, uma sem rir e a outra sem tremer. É pelo acordo da fé e da razão que ele conduz, cada dia, tantos incrédulos a Deus.

O ESPIRITISMO EM CONSTANTINOPLA.

Sob esse título, o jornal de Constantinopla publicou, no mês de março último, três artigos muito extensos sobre, ou melhor, contra o Magnetismo e o Espiritismo, que têm, nessa capital, numerosos e fervorosos adeptos. Como em todas as críticas em geral, nelas procuramos em vão alguns argumentos sérios, ao passo que ali vimos a prova evidente de que o autor fala de uma coisa que não conhece, ou que não conhece senão superficialmente; ele julga o Espiritismo sobre as aparências, sobre o ouvir-dizer, sobre a leitura de alguns fragmentos incompletos, sobre o relato de alguns fatos excêntricos repudiados pelo próprio Espiritismo, isso lhe parece suficiente para pronunciar um julgamento. Como se vê, é uma nova amostra da lógica de nossos antagonistas. O que parece ter lido melhor é o Sr. de Mirville, a magia do Sr. Dupotet e ávida do Sr. Home; mas da ciência espírita propriamente dita, não se vêem nem estudos nem observações sérias.

Estamos longe de pretender que aquele que estuda o Espiritismo deve necessariamente aprová-lo; mas, se está de boa fé, em sua própria censura não se afastará da verdade; não nos fará dizer o contrário daquilo que dizemos, o que chegará necessariamente se não sabe tudo o que dissemos. Não reconheceríamos por crítico sério senão aquele que, saindo das generalidades, opusesse aos nossos argumentos peremptórios, e provasse, sem réplica possível, que os fatos sobre os quais nos apoiamos são falsos, controversos e radicalmente impossíveis; é o que ninguém ainda fez, não mais o redator do jornal de Constantinopla do que os outros. O Espiritismo foi atacado de todas as maneiras, com todas as armas que se acreditou mais mortíferas; nada foi poupado para aniquilá-lo, nem mesmo a calúnia; não será o mais medíocre escritor que, num opúsculo ou num folhetim, não se sinta lisonjeado em lhe dar um golpe de misericórdia; entre seus adversários, se encontram homens de um valor real que deveram rebuscar até o fundo o arsenal das objeções, com um ardor tanto maior quanto tinham interesse em abafá-lo. No entanto, o que quer que se haja feito, não só ele está ainda de pé, mas se estende cada dia mais; se implanta por toda parte; o número de seus adeptos cresce sem cessar; isto é um fato notório. Que é preciso disso concluir? é que não se lhe pode opor nada de sério e de conclusivo. Nosso contraditor de Constantinopla será mais feliz? Disso duvidamos muito se não tem melhores argumentos para fazer valer. Seus artigos, longe de deter o movimento espírita no Oriente, não podem senão favorecê-lo, como fizeram todos os do mesmo gênero, porque se voltam exatamente no mesmo círculo; é por isso que não temos de outro

modo que nos preocupar com isso. Limitar-nos-emos a citar alguns fragmentos que resumem a opinião do autor.

Não há uma das objeções feitas contra o Espiritismo que não encontre sua refutação em nossas obras; se nos fosse necessário realçar todos os absurdos debitados a esse respeito, nos seria preciso, sem cessar, nos repetir, o que é inútil, uma vez que, em definitivo, essas críticas não tendo nenhum fundo sério servem bem mais do que prejudicam.

"Ao lado dos práticos hábeis, tais quais os mágicos como o Sr. Dupotet, ou os médiuns como o Sr. Home, vêm se colocar os operadores de uma ordem diferente, nas primeiras linhas dos quais figura o Sr. Allan Kardec. Este pode ser apresentado como o padrão sobre o qual são calcados todo um quadro de Espíritas cuja boa fé não poderia ser colocada em dúvida.

"Os Espíritas de Constantinopla pertencem, assim como já o dissemos, a essa escola literária e artística, que milita principalmente por seus escritos, dos quais a *Revista Espírita* de Allan Kardec é o tipo mais perfeito. Foram os adeptos dessa categoria que estabeleceram a Doutrina. A teoria dos Espíritos não tem nenhum segredo para eles; também desdenham, o mais freqüentemente, recorrer aos procedimentos materiais empregados pelos médiuns do comum. Eles têm manifestações diretas. Seu procedimento, tão simples quanto eles mesmos, consiste em pegar, como o faria o primeiro profano que chegasse, um lápis comum com ajuda do qual se colocam em relação imediata com os Espíritos, e escrevem sob seu ditado. Entre outras vantagens, esse método lhes permite colocar toda modéstia de lado, e de dar, às suas próprias obras, os louvores mais exagerados, cobrindo-se com o nome dos seus supostos autores.

"Antes de crer na exatidão de um médium escrevente *mecânico*, gostar-se-ia de ver escrever por um idiota alguma bela página, tal como os Espíritos que agem por via mediúnica jamais a ditaram. O médium *intuitivo* é mais aceitável; mas nos parece muito difícil que a experiência ensine a distinguir o pensamento do Espírito do

do médium. O papel desempenhado por este último pode, de resto, se explicar facilmente. Na maioria dos casos, é sincero, e é antes a ele do que aos operadores da ordem dos Srs. Home e Dupotet que se aplicaria com justeza o julgamento dado pelo Sr. conde Gasparin. Quanto à opinião do Sr. de Mirville, não há lugar de discutir aqui, porque está perfeitamente averiguado que nenhum médium, em Constantinopla pelo menos, não é feiticeiro.

"Se nos fosse preciso defender os Espíritas contra acusações tão odiosas quanto aquelas que rejeitamos aqui, nos bastaria demonstrar sua completa *inocência* em citar alguns dos ensinamentos que os Espíritos dão.

"Os diferentes planetas que circulam no espaço são povoados como nossa Terra. As *observações astronômicas* induzem a pensar que os meios onde vão seus habitantes respectivos são bastante diferentes para necessitar de organizações corpóreas diferentes; mas o *perispírito* se acomoda à variedade dos tipos e permite ao Espírito que ele recobre se encarnar na superfície de planetas diferentes.

"O estado moral, intelectual e físico desses mundos forma uma série progressiva, na qual nossa Terra não ocupa nem o primeiro nem o último lugar; no entanto, ela é um dos globos mais materiais e mais atrasados. Há os que onde o mal moral é desconhecido; onde as artes e as ciências são levadas a um grau de perfeição que não podemos compreender; onde a organização física não está sujeita nem aos sofrimentos, nem às doenças; onde os *homens* vivem em paz, sem procurar se prejudicar, isentos de desgostos e de cuidados."

"*Com meus novos instrumentos, esta noite, verei homens na lua...*" disse em alguma parte o rei Alphonse; mais feliz do que ele, os Espíritas os viram, mas é muito errado que invejem a sorte dos lunáticos; nada poderia, cremos, impedi-los de gozar desses mundos comodamente.

"Vê-se, por tudo o que precede, ao que se reduz o maravilhoso e o sobrenatural do Espiritismo; basta, para reduzi-los a nada, examinar todos os fatos que citamos, sem partidarismo antecipado de nele encontrar as práticas da feitiçaria mais repreensível, ou a ação de um fluido dos quais os sábios negam a existência. Para quem quiser se dar ao trabalho de assistir às suas sessões sem se condenar a tomar os fatos que produzem por aquilo que eles os dão, os Srs. Home e Dupotet, assim como todos os operadores da mesma ordem, serão muito evidentemente mistificadores interessados. Suas operações são mais ou menos comparáveis, no que concerne à habilidade, às do Sr. Bosco, e este tem a mais a sinceridade, o que não permite levar mais longe a comparação entre eles.

"Bem diferentes dos mágicos dos quais acabamos de falar, os médiuns da categoria do Sr. Allan Kardec, categoria à qual pertencem geralmente os Espíritas de Constantinopla, são ao contrário os mistificados. Todos os seus esforços tendem a tornar cada vez mais completa a mistificação que dão a si mesmos. Apesar de toda boa vontade que nisso se possa pôr, é verdadeiramente impossível levar a sério nenhuma de suas práticas. Todavia, é permitido lamentar que pessoas honestas passem assim a maior parte de seu tempo a se comenetrarem de erros que para elas se tornam realidade. Por inofensivos que possam parecer no fundo esses erros, não é menos verdadeiro que eles não podem produzir senão resultados funestos, uma vez que tomam o lugar da verdade; é nesse sentido que são condenáveis."

Os próprios Espíritas de Constantinopla se encarregaram de responder, por dois artigos que o jornal publicou em seus números de 21 e 22 de março último. Um é de um médium que dá conta da maneira pela qual a faculdade se desenvolve nele e triunfou de sua incredulidade. O outro, que reproduzimos adiante, está em nome de todos.

"Senhor redator,

"Vosso jornal acaba de publicar três longos artigos intitulados: *o Espiritismo em Constantinopla*, em seguida dos quais vimos vos pedir consentir em nos dar lugar para as poucas linhas seguintes:

"O VERDADEIRO ESPIRITISMO EM CONSTANTINOPLA"

"A doutrina que se baseia sobre a crença de um Deus infinitamente justo e infinitamente bom: o amor infinito; que indica por objetivo, aos Espíritos criados por esse mesmo Deus, a marcha para a perfeição cada vez mais completa; e por castigo, no estado de Espírito, a percepção perfeita desse objetivo com o desgosto de dele estar distanciado, ao mesmo tempo que a necessidade de recomeçar essa marcha ascensional por novas encarnações.... A doutrina que ensina a moral mais pura: ali está mesmo a que o Cristo expunha tão bem por estas simples palavras: *Amai-vos uns aos outros...* Uma tal doutrina de amor, dizemos claramente, pode perfeitamente abster-se das manifestações que o autor dos artigos, *O Espiritismo em Constantinopla*, depois de ter prometido explicá-la, fora do Espiritismo, limita-se a qualificar de mistificações.

"Mas essas manifestações, hoje tão completamente averiguadas, e das quais se encontra a prova a quase cada página da história humanitária, Deus as permite continuamente, a fim de dar a todos a prova da solidariedade que existe entre os Espíritos encarnados e os não encarnados; e

isto, a fim de que uns e outros se ajudem mutuamente, e que o ser espiritual, chamado à vida eterna, possa alcançar mais facilmente e sobretudo mais seguramente o objetivo providencial assinado à criação.

Se os fatos de onde decorrem semelhantes teorias, que são a base da Doutrina Espírita, podem ser tomados, *por certas pessoas*, por mistificações, ao menos deveriam elas indicar-lhes as razões, e, o que valeria ainda mais, apresentar outras *teorias mais racionais* e sobretudo mais verdadeiras.

"Agora, chamai a verdade *feiticiaria, magia, prestidigitação* e outros epítetos ainda mais ridículos, não impedireis, a *esta verdade* de se propagar e de estender seus raios benfazejos sobre todo o gênero humano.

"Eis por que o Espiritismo se propagou tão rapidamente sobre toda a superfície da Terra; e, apesar das críticas do gênero dos supracitados artigos, isso não impede seus adeptos de se contarem por milhões.

"OS ESPÍRITAS DE CONSTANTINOPLA."

Dirigimos aos nossos irmãos Espíritas de Constantinopla, tanto em nosso nome pessoal quanto no dos membros da Sociedade de Paris, as sinceras felicitações que sua resposta merece, ao mesmo tempo digna e moderada. A carta seguinte, que a esse respeito nos escreveu o Sr. Repôs, advogado, presidente da Sociedade Espírita de Constantinopla, testemunha muito bem seu devotamento à causa da Doutrina, para que não nos façamos um dever e um sincero prazer de publicá-la, a fim de que os Espíritas de todos os países saibam que têm na capital do Oriente irmãos sobre a fraternidade dos quais podem contar. Falando do Oriente, não devemos nos esquecer os de Smirna; eles também têm direito a todas as suas simpatias.

"Constantinopla, 15 de junho de 1864."

"Caro mestre e muito honrado irmão em Espiritismo, "Recebi, em tempo a vossa boa carta de 8 de abril último, que me deu o maior prazer, assim como aos irmãos Espíritas, aos quais não deixei de dar-lhes conhecimento em sessão.

"Todos os Espíritas de Constantinopla se juntam a mim, em conjunto, para assegurar de nossos sentimentos fraternos a vós e a todos os Espíritas que fazem parte da Sociedade de Paris; e todos, vos agradecendo pelos encorajamentos que nos dais para nos ajudar a combater por nossa grande causa, ficai bem persuadido de que não falharemos na tarefa que empreendemos, e que todos os nossos esforços tenderão à propagação da verdade, do amor ao bem, e da emancipação intelectual dos outros homens, nossos irmãos em Deus, devêssemos sustentar as lutas mais obstinadas contra os nossos inimigos. Se há homens bastante servis e bastante frouxos para ousar combater a verdade, há também os bastante independentes e bastante corajosos para defendê-la, obedecendo nisso ao sentimento de justiça e de amor fraterno que fazem do ser humano um verdadeiro filho de Deus.

"Foi com um interesse muito vivo que li os detalhes interessantes contidos em vossa supradita carta, com relação ao progresso do Espiritismo na França e por todas as outras partes; esperamos que, no futuro, a idéia crescerá cada vez mais, e desejamo-lo ardentemente para nossos irmãos terrestres, de todos os países e de todas as religiões.

"O jato poderoso da revelação jorra de todas as partes: cego quem não o vê, imprudente quem o nega, insensato quem o combate procurando reprimi-lo em sua fonte; sua água pura e límpida, não parte do pé do trono eterno para se derramar em doce e fecundo orvalho sobre toda a Terra, que ela deve regenerar? Nenhuma força humana poderá, pois, comprimi-la!... E, com efeito, não vemos que, desde que um jato surge em qualquer parte, se alguém faz esforços para comprimi-lo, logo se vêem milhares de jatos surgirem em todas as direções e em todos os degraus da escala social? tanto é verdade que a vontade divina é onipotente, e que num momento dado nenhum obstáculo pode lhe ser oposto sob pena de ser derrubado e esmagado pelo carro brilhante da justiça e da verdade.

"Caro mestre, tenho um bem doce dever a cumprir, o de vos cumprimentar, tanto em meu nome como em nome de todos os nossos irmãos do Oriente, daquilo que as nossas obras sofreram a condenação da muito santa inquisição do pensamento, quero dizer, a condenação do Index. Rejubilai-vos, pois, com todos os nossos irmãos, se vossas obras levantaram tão altas cóleras que não puderam vos atingir senão se ridicularizando e dei-

xando ver, cada vez mais a realidade. Esse julgamento já foi declarado nulo e o dito pelo não dito pela opinião pública de todos os países.

"Sem dúvida, recebestes os jornais de Constantinopla que lhe remeti, e nos quais se achava a maior parte dos artigos publicados contra o Espiritismo e contra os Espíritos. Vistes as nossas duas pequenas respostas; como as achou? Aqui elas produziram bom efeito, e agora fala-se do Espiritismo mais do que nunca. Esperamos impacientemente o que direis para nos ajudar a combater o embuste e a mentira, que são o único apanágio dos inimigos de nossa bela Doutrina.

"Aqui a perseguição surda que anunciastes começou; um de nossos irmãos, devido à sua qualidade de Espírita, perdeu seu emprego; outros são perseguidos, ameaçados em seus mais caros interesses de família, ou em seus meios de existência, pelas manobras tenebrosas dos eternos inimigos da

luz, e que ousam dizer que o Espiritismo é a obra do anjo das trevas! Se é assim que crêem abafá-lo, enganam-se. A perseguição, longe de deter, faz engrandecer toda idéia que vem do alto; apressa a sua eclosão e sua maturidade, porque é o adubo que a fecunda; ela prova a ausência de todo meio inteligente para combatê-la. É que a idéia cristã foi abafada no sangue dos mártires?

"Até à vista, caro mestre; crede em meu devotamento muito sincero por vós e nossos irmãos Espíritos de Paris, aos quais vos peço fazer meus cumprimentos.

"B. REPÔS júnior, advogado."

EXTRATO DO *JORNAL DO COMMERCIO DO RIO DE JANEIRO*
De 23 de setembro de 1863

CRÔNICA DE PARIS.

A propósito dos espectros dos teatros, o correspondente conclui assim, depois de deles fazer o histórico:

"Por sorte, no próximo inverno, cada um poderá regalar aos seus amigos do espetáculo, tornado popular, de alguns fantasmas e outras curiosidades sobrenaturais. De sobremesa, se apagarão as velas e ver-se-ão aparecer, envolvidos em seus lençóis, os espectros modernos que substituirão assim as tiradas que outrora cantavam nossos avós. Nos bailes, em lugar dos refrescos, far-se-ão desfilar os fantasmas. Que encantador divertimento! nada que disso pensar se tem dele o arrepio."

O autor passando ao Espiritismo:

"Uma vez que falamos de coisas sobrenaturais, não passaremos em silêncio *O Livro dos Espíritos*. Que título atraente! quantos mistérios não se escondem! E se nos reportarmos ao ponto de partida, que caminho que essas idéias fizeram há alguns anos! -No início, esses fenômenos, ainda não explicados, consistiam em uma simples mesa posta em movimento pela imposição das mãos; hoje, as mesas não se contentam mais em girar, em saltar, em se endireitar sobre um pé, em fazer mil cabriolas, elas vão mais longe; falam! que digo eu: elas falam, é que têm um alfabeto próprio e mesmo vários. Basta dirigir-lhe uma pergunta, e a resposta é logo dada por pequenos golpes seguidos, batidos com o pé, ou bem por meio de um lápis que, preso à mão, põe-se a traçar sinais sobre o papel, palavras, frases inteiras ditadas por uma vontade estranha e desconhecida; a mão se torna então um simples instrumento, um porta-lápis, e o espírito da pessoa fica completamente estranho a tudo o que se passa.

"O Espiritismo, é assim que se chama a ciência desses fenômenos, fez, em poucos anos, grandes progressos nos fatos, na prática; mas a teoria, na minha opinião, não fez o

mesmo caminho, está estacionaria, e direi porque. - É incontestável, a menos que as pessoas que se ocupam dessa matéria não tenham interesse em se enganar e em nos enganar, é incontestável que os fatos existem. Eles não se revelam unicamente por meio das mesas, se nos apresentam todos os dias e a toda hora. Excitam e espantam a todos, mas todos permanecem aí. - Duas pessoas concebem a mesma idéia ou se reencontram simultaneamente sobre a mesma palavra; alguém que não vemos, freqüentemente e no qual acabamos de pensar se nos apresenta inopinadamente; bate-se à nossa porta, e, se bem que nada vem de fora nos indicar a pessoa, adivinhamos que ela está; uma carta com dinheiro nos chega num momento de urgência; e tantos outros casos tão freqüentes, tão numerosos e conhecidos de todo o mundo; tudo isso pode ser atribuídos ao acaso? Não, isso não pode ser o acaso em nenhum caso; e por que não seria isso uma comunicação fluídica inapreciável por nosso organismo material, um sexto sentido, enfim, de uma natureza mais elevada? Ninguém sabe onde reside a alma; ela não é nem visível, nem ponderável, nem tangível, e, no entanto, cheios de convicção que somos, afirmamos a sua existência. - Qual é a natureza do agente elétrico? O que é o imã?... E no entanto os efeitos da eletricidade e do magnetismo são continuamente patentes aos nossos olhos. - Estou persuadido de que um dia deverá ocorrer o mesmo com o Espiritismo, ou qualquer que seja o nome que em último lugar praza à ciência lhe dar.

"Há algum tempo vi numerosos fatos de catalepsia, de magnetismo, de Espiritismo, e não posso conservar a menor dúvida a seu respeito; mas o que me parece mais difícil é poder explicá-los e atribuí-los a tal ou tal causa. É preciso, pois, proceder com prudência e reservar sua opinião, abstendo-se de cair nos dois extremos: ou de negar todos os fatos ou de submetê-los todos a uma teoria prematura.

"A existência dos fenômenos é incontestável; sua teoria está ainda para descobrir-se: eis hoje o estado da questão. Não se pode negar que haja alguma coisa de singular e digna de ser examinada nessa idéia que agitou o mundo inteiro, que reaparece com mais intensidade do que nunca, nessa idéia que tem seus órgãos periódicos,, seus anais de observações, que emocionou os espíritos na Áustria, na Itália, na América, que fez nascer reuniões na França, país onde se formam raramente, e onde o governo as tolera dificilmente.

"Essa invasão geral, além deter produzido uma viva impressão, tem uma muito alta importância. É preciso, pois, sem precipitação nem idéias preconcebidas, verificar de boa fé esses fenômenos, até que venham a ser explicados, o que ocorrerá um dia, se aprouver a Deus nos revelar a natureza desse agente misterioso."

O autor, como se vê, não é muito avançado; mas ao menos não julga aquilo que não sabe; reconhece a existência dos fatos e a sua causa primeira, mas não conhece seu modo de produção. Ele ignora os progressos da parte teórica da ciência, e dá a esse respeito um conselho muito sábio: poderão fazer teorias arriscadas, assim como se estava muito apressado de fazê-lo no início da aparição dos fenômenos, onde cada um se apressou em explicá-los à sua maneira; assim, a maioria desses sistemas prematuros caíram diante das experiências ulteriores, que vieram contradizê-los. Hoje se possui disso uma teoria racional da qual *nenhum ponto foi admitido a título de hipótese*; tudo é deduzido da experiência e da observação atenta dos fatos; pode-se dizer que, sob este aspecto, o Espiritismo foi estudado à maneira das ciências exatas.

Esta ciência, nascida ontem, não disse tudo, tanto lhe é preciso, e nos resta ainda muito a aprender, mas disse o bastante para ser fixada sobre as bases fundamentais e saber que esses fenômenos não saem da ordem dos fatos naturais; não foram qualificados de sobrenaturais e maravilhosos senão por falta de conhecer a lei que os rege, assim como ocorreu com a maioria dos fenômenos da Natureza. O Espiritismo, fazendo conhecer essa lei, restringe o círculo do maravilhoso em lugar de estendê-lo; dizemos mais, é que ele lhe dá o último golpe. Aqueles que dele falam de outro modo provam que não o estudaram.

Constatamos com prazer que a idéia espírita fez progressos sensíveis no Rio de Janeiro, onde conta com numerosos representantes fervorosos e devotados. A pequena brochura: *O Espiritismo em sua mais simples expressão*, publicada em língua portuguesa, não contribuiu pouco para ali difundir os princípios da Doutrina.

EXTRATO DO *PROGRÈS COLONIAL*, JORNAL DAILHA MAURÍCIO.
De 28 de março de 1864.

Ao Senhor Redator do PROGRÈS COLONIAL

Senhor,

Conhecendo vosso liberalismo e sabendo também que vos ocupais do Espiritismo, consenti na cortesia de inserir em vosso próximo número a carta que vos envio, dirigida ao Sr. abade de Régnon, vos deixando a liberdade de fazer as reflexões que julgais conveniente fazê-lo, no interesse da verdade.

Contando com a vossa imparcialidade, ousou acreditar que me abrireis as colunas de vosso jornal, para todas as reclamações do gênero daquela que tenho a honra de vos enviar.

Sou, senhor, vosso muito humilde servidor,

C.

Ao Senhor abade de RÉGNON.

"Port-Louis, 26 de março de 1864.

"Senhor abade,

"Em vossa conferência de quinta-feira última (24 de março), atacastes o Espiritismo, e gosto de crer que o fizestes de boa fé, se bem que os argumentos dos quais vos servistes contra ele não hajam talvez sido de uma inteira exatidão.

"Há a lamentar por nós, Espíritas bem convencidos, que hauristes em outra parte senão no conhecimento positivo dessa ciência; estudando-a um pouco, teríeis aprendido que rejeitamos, assim como vós, todas as comunicações emanadas de Espíritos grosseiros ou enganadores, que com a menor experiência é fácil de reconhecer, e que nos ligamos somente àquelas que se apresentam de maneira clara, racional, e segundo as leis de Deus, que, vós o sabeis como nós, permitiu em todos os tempos as manifestações espíritas; as santas Escrituras estão aí para disto fazer fé.

"De resto, não negais a existência dos Espíritos, ao contrário; somente não admitis deles senão os maus; eis a diferença que existe entre nós.

"Estamos seguros de que há os bons, e que seus conselhos, quando são seguidos, e todo verdadeiro Espírita nisso não falha, conduzem mais almas a Deus e fazem muito mais prosélitos para a religião do que não pensais. Mas compreender e praticar esta ciência, assim como todas as outras, é preciso primeiro dela se instruir e conhecê-la a fundo.

"Convido-vos, pois, senhor abade, primeiro no vosso interesse, depois no daqueles que têm a felicidade de vos ouvir, a ler uma das principais obras que apareceram sobre este assunto, *O Livro dos Espíritos*, ditado por eles ao Sr. Allan Kardec, presidente da Sociedade Espírita de Paris, composta de pessoas sérias e muito instruídas, em sua maioria.

"Ali, vereis como só os ignorantes se deixam enganar por falsos nomes e palavras mentirosas, e que *pelos frutos é muito fácil reconhecer a arvorei* Tenho necessidade, de

resto, de vos lembrar da 4a. epístola de São João, versículos 1,2,3, sobre a maneira de provar os Espíritos?

"Sim, convenho com isto, o Espiritismo é uma ciência que, assim como o que há de melhor neste mundo, pode algumas vezes produzir grandes males, quando é exercido por aqueles que não a estudaram e a praticam ao acaso; mas deveis, pois, vós homem sábio, julgá-la assim sem conhecê-la?

"E nossa bela religião cristã, em nome da qual um tão grande número de insensatos, de ignorantes, e mesmo de celerados cometeram tantos crimes, e fazem derramar tanto sangue, é preciso, pois, também julgá-la sobre as ações loucas ou criminosas desses infelizes?

"Não, senhor abade, não é nem justo, nem racional ter um julgamento temerário sobre coisas das quais primeiro não se estar assegurado; deixai a superfície, ide ao fundo para o estudo; então dela podereis tratar com conhecimento de causa e vos escutaremos com recolhimento, porque, então, estareis sem dúvida na verdade, e não sorriremos mais em nos falando baixinho:

"Ele fala do que ignora."

"UM ESPÍRITA."

Se o Espiritismo tem detratores, tem também por toda a parte defensores, mesmo nas regiões mais distantes; o autor desta carta publicou-a em folhetins, nesse mesmo jornal, um romance muito interessante do qual o Espiritismo forma a base e que contribuiu poderosamente para difundir estas idéias no país. Disso daremos conta ulteriormente.

EXTRATO DA REVISTA *ESPÍRITA D'ANVERS*, SOBRE A CRUZADA
CONTRA O ESPIRITISMO.

(Número de junho de 1863.)

"Decididamente o Espiritismo é uma coisa horrível, porque jamais nem ciência, nem doutrina herética, nem o próprio ateísmo, não levantaram contra si um tão forte motim no seio da Igreja, quanto o fez o Espiritismo. Todos os recursos imagináveis, louváveis ou não, foram postos em jogo para abafá-lo primeiro, e depois, quando a impossibilidade desse aniquilamento foi demonstrada, para desnaturá-lo e apresentá-lo sob um aspecto negro de pecados. Pobre Espiritismo! não pedia senão um pequeno lugar ao sol para fazer o mundo desfrutar gratuitamente de seus benefícios; não pedia a essas pessoas que, na qualidade de discípulos em título do Cristo, do Homem-Amor, são levados a colocar a palavra de caridade inscrita em letras brilhantes sobre seus paramentos, e não lhes pedia senão poder conduzir, ao bom caminho, esses milhares de ovelhas que não foram capazes de nele se manter; não lhes pedia senão poder secundá-lo em sua obra de devotamento, curando-o por uma esperança fundada os pobres corações roídos pela gangrena da dúvida, - a esse pedido tão desinteressado, tão puro de intenção, não respondeu senão por um decreto de prescrição! Verdadeiramente se vêem estranhas coisas neste mundo: os mensageiros oficiais da caridade condenam mais de nove décimos dos homens por que escapam à sua influência e condenam mais profundamente aqueles que querem salvar esses infelizes!

"Sem dúvida, pois, o Espiritismo é coisa muito culpável uma vez que é de tal modo combatido, e é muito espantoso que uma doutrina tão perversa haja caminhado tanto em um tão curto lapso de tempo. Mas o que deve parecer muito mais espantoso ainda, é que esse abominável Espiritismo é tão solidamente estabelecido e tão lógico, que todos os argumentos que se lhe opõem, longe de fazê-lo abater e reduzi-lo a nada, longe mesmo

de abalá-lo, vêm todos, ao contrário, contribuir, pela sua inanidade e sua impotência manifestas, à sua solidificação e à sua propagação. É, com efeito, aos entraves que quizeram suscitar-lhe, que ele deve em notável parte a rapidez de sua extensão, e as pregações sem freio de certos de nossos adversários, certamente, não ajudaram pouco a generalizá-lo. Está ele assim na ordem das coisas: a verdade nada tem a temer de seus detratores, e são eles mesmos que contribuem involuntariamente para fazê-la triunfar. O Espiritismo é um imenso foco de calor e de luz, e que sopra sobre esse braseiro, além de que infalivelmente se não queima um pouco, não obtêm outro resultado senão que reavivá-la mais.

"Entretanto, mandamentos e conferências parecem insuficientes para destruir o Espiritismo (estamos longe de negar essa insuficiência patente), também a Congregação romana vem colocar no *Index* todos os livros do Sr. Allan Kardec, livros que contêm o ensino universal dos Espíritos, e aos quais, Espíritas, todos nos ligamos. Que se nos permita fazer a este respeito as duas reflexões seguintes: Os livros espíritas em questão encerram em toda a sua

pureza e com os desenvolvimentos que o estado atual do espírito humano exige, os ensinamentos e os preceitos de Jesus, em que os Espíritos reconhecem um Messias: condenar estes livros, não é, pois, condenar ao mesmo tempo as palavras do Cristo, e colocar estes livros no *Index*, não é colocar ali de alguma sorte os evangelhos que estão de acordo conosco? Parece-nos que sim, mas é verdade que não o somos *infallíveis* como vós! Segunda reflexão: Esta medida que se toma hoje, não é tanto que seja pouco tardia? Por que esperar tão longo tempo? Além de que é mais ou menos inexplicável (a menos de crer que o Espiritismo vos pareça de tal modo verdadeiro e que estais de tal modo persuadidos de seu triunfo, que haveis hesitado por muito tempo em atacá-lo decididamente de frente, e que um interesse pessoal muito poderoso (porque não vos faremos a injúria de crer-vos ultra-ignorantes) só vós pudestes decidir a fazê-lo), além disso, dizemos nós, que é mais ou menos inexplicável, é ainda muito inábil. Com efeito, *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns* e *A Imitação do Evangelho Segundo o Espiritismo*, estão atualmente nas mãos de milhares de pessoas, e duvidamos muito que a condenação da Congregação de Roma possa fazer achar agora mau e abjeto o que cada um julgou grande e nobre.

"O que quer que seja, os livros espíritas estão colocados no *Index*. Tanto melhor, porque muitos daqueles que ainda não os leram os devorarão; tanto melhor! porque de dez pessoas que os percorrerem, pelo menos sete serão convencidas, ou fortemente abaladas e desejosas de estudar os fenômenos espíritas; tanto melhor! porque os nossos próprios adversários, vendo seus esforços não chegarem senão a resultados contrários àqueles que deles esperavam, se juntarão a nós, se possuem a sinceridade, o desinteresse e as luzes que seu ministério comporta. Assim o quer, aliás, a lei de Deus: nada no mundo pode ficar eternamente estacionário, mas tudo progride, e a idéia religiosa deve seguir o progresso geral, se ela não quiser desaparecer.

"Que os nossos adversários, pois, continuem a sua cruzada. Já colocaram em jogo as ordenações, os sermões, os cursos públicos, as influências ocultas e freqüentemente vitoriosas na aparência, por causa do estado dependente daqueles sobre os quais elas pesam tiranicamente; usaram do auto-de-fé, queimando publicamente nossos livros em Barcelona; não podendo ali queimar senão alguns exemplares e estes se substituindo em número espantoso, puseram-nos, enfim, no *Index*. A inquisição não sendo, ah! mais tolerada, embora esteja bem longe de não mais existir sob uma outra forma e com a ajuda das influências ocultas das quais acabamos de falar, não lhes resta mais senão a excomunhão de todos os Espíritas em massa, quer dizer, de uma notável fração de homens e, em particular, de uma muito notável fração de cristãos (não falamos senão dos Espíritas confessos, porque o número daqueles que o são sem sabê-lo é inapreciável)."

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS.

O CASTIGO PELA LUZ.

Nota. - Numa das sessões da Sociedade Espírita de Paris, onde se havia discutido a questão da perturbação que segue geralmente à morte, um Espírito se manifestou espontaneamente à senhora Gostei, pela comunicação seguinte que não assina:

Que falais da perturbação? por que essas palavras vãs? Sois sonhadores e utopistas. Ignorais perfeitamente as coisas das quais pretendeis vos ocupar. Não, senhores, a perturbação não existe, salvo talvez nos vossos cérebros. Estou tão francamente morto quanto possível; vejo claro em mim, ao redor de mim, por toda parte.... A vida é uma lúgubre comédia! Inábeis, aqueles que se fazem sair da cena antes da queda da cortina... A morte é um terror, um castigo, um desejo, segundo a fraqueza ou a força daqueles que a temem, a desafiam ou a imploram. Para todos ela é uma amarga zombaria!... A luz me deslumbra e penetra, como uma flecha afiada, a sutileza de meu ser... Fui castigado pelas trevas da prisão, e me acreditei castigado pelas trevas do túmulo, ou aquelas sonhadas pelas superstições católicas. Pois bem! sois vós, senhores, que suportais a obscuridade, e eu, o degradado social, plano acima de vós.... Quero continuar eu!... Forte pelo pensamento, desdenho as advertências que ressoam ao meu redor... Vejo claro... Um crime! é uma palavra! O crime existe por toda a parte. Quando é executado por massas de homens, o glorificam; no particular, é infame. Absurdo!

Não quero ser lamentado... Não peço nada... Eu me basto e saberei muito lutar contra essa odiosa luz.

AQUELE QUE ERA ONTEM UM HOMEM.

Esta comunicação tendo sido analisada na sessão seguinte, reconheceu-se, no próprio cinismo da linguagem, um ensinamento sério, e viu-se, na situação desse infeliz, uma nova fase do castigo que espera os culpados. Com efeito, ao passo que uns são mergulhados nas trevas ou num isolamento absoluto, outros suportam, durante muitos anos, as angústias de sua última hora, ou se crêem ainda neste mundo; a luz brilha para aquele; seu Espírito goza da plenitude de suas faculdades; ele sabe perfeitamente que está morto, e não se lamenta de nada; não pede nenhuma assistência, e ainda desafia as leis divinas e humanas. É, pois, que escaparia à punição? Não, mas é que a justiça de Deus se cumpriu sob todas as formas, e o que faz a alegria de uns é para outros um tormento; essa luz faz seu suplício contra o qual ele se enrijece, e, apesar de seu orgulho, confessa-o quando disse: "Eu me basto e saberei muito lutar contra essa luz odiosa"; e nesta outra frase: "A luz me deslumbra e penetra, como uma flecha afiada, a sutileza de meu ser." Estas palavras: *sutileza de meu ser* são características; ele reconhece que seu corpo é fluídico e penetrável à luz, à qual não pode escapar, e essa luz o traspassa como uma flexa pontiaguda.

Nossos guias espirituais, chamados a darem a sua apreciação sobre este assunto, ditaram as três comunicações adiante, e que merecem uma séria atenção:

(Médium, Sr. A. Didier.)

Há provas sem expiação, do mesmo modo que há expiações sem provas. Os Espíritos, evidentemente, na erraticidade, estão, do ponto de vista das existências, inativos e na espera; mas, no entanto, podem expiar, contanto que seu orgulho, a tenacidade formidável e teimosa de seus erros não os retenham, no momento de sua ascensão progressiva. Disso temos um exemplo terrível nas últimas comunicações relativamente ao criminoso

que se debate contra a justiça divina que o constrange junto à dos homens. Então, nesse caso, a expiação, ou antes o sofrimento fatal que o oprime, em lugar de aproveitar-lhe e de lhe fazer sentir a profunda significação de suas penas, os exalta na revolta, e lhe faz produzir essas murmurações que as Escrituras, em sua poética eloqüente, chama *ranger de dentes*; imagem por excelência! sinal do sofrimento abatido, mas insubmisso! perdido na dor, mas da qual a revolta é ainda muito grande para recusar a reconhecer a verdade da pena e a verdade da recompensa!

Os grandes erros, freqüentemente, continuam, e mesmo quase sempre, no mundo dos Espíritos. Do mesmo modo as grandes consciências criminosas. Ser ele apesar de tudo e se exhibir diante do infinito, parece-se a essa cegueira do homem que contempla as estrelas e as toma pelos arabescos de um teto, tal como o acreditavam os Gauleses do tempo de Alexandre.

Há o infinito moral! Miserável é aquele, ínfimo é aquele que, sob o pretexto de continuar as lutas e as fanfarrices abjetas da Terra, nela não vê mais longe no outro mundo do que neste mundo! Àquele a cegueira, o desprezo dos outros, a egoísta e mesquinha personalidade e a parada do progresso! Não é muito verdadeiro, ó homens, que há um acordo secreto entre a imortalidade de um nome puro deixado sobre a Terra, e a imortalidade que realmente guardam os Espíritos em suas provas sucessivas.

LAMENNAIS.

Nota. - Para compreender o sentido desta frase: "Há provas sem expiação, e expiações sem prova", é preciso entender por *expiação* o sofrimento que purifica e lava as manchas do passado; depois da expiação, o Espírito está reabilitado. O pensamento de Lamennais é este: Segundo as vicissitudes da vida sejam ou não acompanhadas de arrependimento das faltas que as ocasionaram, do desejo de torná-las aproveitáveis para sua própria melhoria, há ou não expiação, quer dizer, reabilitação. Assim, os maiores sofrimentos podem ser sem proveito para aquele que os suporta, se não o tornam melhor, se não o elevam acima da matéria, se ele não vê a mão de Deus, enfim, se não lhe fazem dar um passo adiante, porque isso será, para ele, recomeçar em condições ainda mais penosas. Deste ponto de vista, ocorre o mesmo com as penas suportadas depois da morte; o Espírito endurecido as sofre, sem ser tocado pelo arrependimento; é porque ele pode prolongá-los indefinidamente por sua própria vontade; é castigado, mas não repara.

(Médium, Sr. d'Ambel.)

Precipitar um homem nas trevas ou nas ondas de claridade: o resultado não é o mesmo? Num e noutro caso, não vê nada do que o cerca, e se habituará mesmo muito mais rapidamente na sombra do que na tripla claridade elétrica na qual pode ser imergido. Portanto, o Espírito que se comunicou na última sessão, exprime bem a verdade de sua situação, quando exclama: "Oh! me livrarei bem desta odiosa luz!" Com efeito, essa luz é tanto mais terrível quanto mais excessiva, que ela o traspasse completamente, e que torne visíveis e aparentes seus mais secretos pensamentos. Aí está um dos lados mais rudes de seu castigo espiritual. Encontra-se, por assim dizer, internado na casa de vidro que pediu Sócrates, e está aí ainda um ensinamento, porque o que teria sido a alegria e a consolação do sábio, torna-se a punição infamante e contínua do mau, do criminoso, do parricida, espantado em sua própria personalidade.

Compreendei, meus filhos, a dor e o terror que deve oprimir aquele que, durante uma existência sinistra, se comprazia em combinar, em maquinar os mais tristes crimes no fundo de seu ser, onde se refugiava como um animal feroz em sua caverna, e que hoje se encontra expulso desse covil íntimo, onde se ocultava aos olhares e à investigação de seus contemporâneos? Agora, sua máscara de impassibilidade lhe foi arrancada, e cada um de seus pensamentos se reflete sucessivamente sobre sua fronte!

Sim, doravante, nenhum repouso, nenhum asilo para esse formidável criminoso! Cada mau pensamento, e Deus sabe se sua alma assim se exprime, se trai fora e dentro dele, como em um choque elétrico superior. Quer se esconder da multidão, e a luz odiosa o penetra continuamente até hoje. Quer fugir, foge numa carreira esbaforida e desesperada através dos espaços incomensuráveis, e por toda a parte a luz! por toda a parte os olhares que mergulham nele! e ele se precipita de novo na perseguição da sombra, à procura da noite, e a sombra e a noite não estão mais para ele. Chama a morte em sua ajuda; mas a morte não é senão um vazio de sentidos. O infeliz foge sempre! Caminha para a loucura espiritual, castigo terrível! dor horrível! onde se debaterá consigo mesmo para se desembaraçar de si mesmo. Porque tal é a lei suprema além da Terra: é o culpado que se torna, por si mesmo, seu mais inexorável castigo.

Quanto tempo isso durará? Até a hora em que a sua vontade, enfim vencida, se curvará sob o peso pungente do remorso, e em que a sua fronte soberba se humilhará diante de suas vítimas apaziguadas e diante dos Espíritos de justiça. E notai a alta lógica das leis imutáveis, nisso ainda ele cumprirá o que escrevia, nessa comunicação orgulhosa, tão limpa, tão lúcida e tão tristemente cheia de si mesmo, que ele deu na última sexta-feira, livrando-se por um ato de sua própria vontade.

O ESPÍRITO PROTETOR DO MÉDIUM.

(Médium. Sr. Costel.)

A justiça humana não dá preferência à individualidade dos seres que ela castiga; medindo o crime pelo próprio crime, fere indistintamente aqueles que o cometeram, e a mesma pena alcança o culpado sem distinção de sexo, e qualquer que seja a sua educação. A justiça divina procede de outro modo; as punições correspondem ao grau de adiantamento dos seres aos quais são infligidas; a igualdade do crime não constitui a igualdade entre os indivíduos; dois homens culpados pela mesma cabeça podem estar separados pela distância das provas que mergulham um na opacidade intelectual dos primeiros círculos iniciadores, ao passo que o outro, tendo-os ultrapassado, possui a lucidez que isenta o Espírito da perturbação. Não são mais, então, as trevas que castigam, mas a acuidade da luz espiritual; ela traspassa a inteligência terrestre, e a faz sentir a angústia de uma ferida posta ao vivo.

Os seres desencarnados que perseguem a representação material de seu crime suportam o choque da eletricidade psíquica: sofrem pelos sentidos; aqueles que já estão desmaterializados pelo Espírito sentem uma dor muito superior, que aniquila em suas ondas amargas a recordação dos fatos, para não deixar subsistir senão a ciência de suas causas.

O homem pode, pois, apesar da criminalidade de suas ações, possuir um adiantamento interior, e, ao passo que as paixões o fazem agir como um animal, suas faculdades aguçadas o elevam acima da espessa atmosfera das camadas inferiores. A ausência de ponderação, de equilíbrio entre o progresso moral e o progresso intelectual, produz as anomalias muito freqüentes nas épocas de materialismo e de transição.

A luz que tortura o Espírito culpado é, pois, bem o raio espiritual inundando de clareza os refúgios secretos de seu orgulho, e lhe descobre a inanição de seu ser fragmentário. Estão aí os primeiros sintomas e as primeiras angústias da agonia espiritual que anunciam a separação ou dissolução dos elementos intelectuais materiais que compõem a primitiva dualidade humana, e devem desaparecer na grande unidade do ser perfeito.

JEAN REYNAUD.

Nota. Estas três comunicações, obtidas simultaneamente, se completam uma pela outra, e apresentam o castigo sob um novo aspecto, eminentemente filosófico, um tanto mais racional do que as chamas do inferno, com suas cavernas guarnecidas de lâminas de navalhas (*ver acima, página 119*). É provável que os Espíritos, querendo tratar esta

questão segundo um exemplo, terão provocado, nesse objetivo, a comunicação espontânea do Espírito culpado.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

A EDUCAÇÃO MATERNAL.

Conselho às mães de família (1).

(1) Broch.in-8; preço 50 c; pelo correio 60c.- Paris, casa Ledoyen, Palais-Royal, galeria d'Orleans, n.31. Bordeaux, casa Ferret, livr.,15,Fossés-de-l'Intendance, e no escritório do jornal *lê Sauveur*, 57, curso d'Aquitaine.

Este opúsculo é o produto de instruções mediúnicas, formando um conjunto completo, ditadas à senhora Collignon, de Bordeaux, por um Espírito que assina *Étienne*, e que é desconhecido do médium. Essas instruções, publicadas primitivamente em artigos destacados pelo jornal *lê Sauveur*, foram reunidas em corpo de brochura.

Estamos felizes em poder dar uma aprovação sem reserva a esse trabalho, tão recomendável pela forma quanto pelo fundo; estilo simples, claro, conciso, sem ênfase nem palavras de enchimento vazias de sentido, pensamentos profundos, de uma lógica irrepreensível, está bem ali a linguagem de um Espírito elevado, e não esse estilo verboso dos Espíritos que crêem compensar o vazio das idéias pela abundância das palavras. Não tememos dar-lhe estes elogios, porque sabemos que a senhora Collignon não os tomará para ela, e que seu amor-próprio por isso não será de nenhum modo superexcitado, do mesmo modo que ela não se formalizaria com a crítica mais severa.

Nesse escrito, a educação é encarada em seu verdadeiro ponto de vista sob o aspecto do desenvolvimento físico, moral e intelectual da criança, considerada desde o berço até o seu estabelecimento no mundo. As mães espíritas, melhor do que todas as outras, apreciarão a sabedoria dos conselhos que ela encerra, e é por isso que nós a recomendamos como uma obra digna de toda a sua atenção.

A brochura é completada por um pequeno poema intitulado: *o Corpo e o Espírito*, igualmente produto mediúnico que mais de um autor de renome poderia assinar sem medo. Eis dele o início:

Morfeu tinha mergulhado meus sentidos;
Meu Espírito, livre desse pesado aparelho,
Quis se emancipar e vagar no espaço,
Abandonando seu corpo como um soldado a praça.
Semelhante ao prisioneiro que geme nos ferros,
Quis, livre enfim, se elevar nos ares;
Era essa uma lembrança, um capricho, um mistério
Que levava meu Espírito a abandonar a Terra?
Eu não saberia dizer-lo, e ele mesmo, no retorno,
A essa pergunta responde por um rodeio.
Mas compreendi logo o motivo de sua astúcia
E me irritei muito, não gostando que me enganem.
"Ao menos, dir-me-eis, Espírito caprichoso,
O que haveis visto nessa viagem aos céus? "
- Para te contentar, é preciso muito dizer-te alguma coisa;
"De outro modo, o carcereiro, em seu humor triste,
"Estenderia ao prisioneiro algum discurso brutal
"E o pobre cativo com isso não estaria senão mais mal...
"Saiba pois... - Esperai. É muito da história
"Que me ireis contar? - Oh! sim, tu podes nisso crer-me.
"Sabe, pois, que antigamente, no mundo dos Espíritos

"Deixei parentes e bom número de amigos:
"Eu queria revê-los: porque o exílio sobre a Terra
"Não foi feito, crede-me bem, para divertir e agradar!
"Aproveitando o sono que te pregava ao leito,
"Deixei lá meu corpo, e logo, todo Espírito,
"Transpus os degraus que separam os mundos,
"Fazendo esse longo trajeto em menos de dois segundos.
"Seria preciso apressar-se, porque o menor atraso
"Poderia comprometer-te. Ai de mim! Se por acaso
"Me achasse esquecido num caminho distante,
"No retorno, vê tu bem, era coisa certa,
"Eu encontraria um cadáver em lugar de um corpo.
"Quis evitar-me um semelhante remorso.
"Sabia que ali ficando cometeria um crime,
"Só Deus devendo quebrar a nossa união íntima.
" - Obrigado pela lembrança, caro Espírito diligente;
"Não é menos verdadeiro que estaria trespassado
"Se o menor atraso... Ah! fé de corpo honesto,
"Sinto todos os meus cabelos se levantarem na minha cabeça!"

O ESPIRITISMO EM SUA MAIS SIMPLES EXPRESSÃO,

POR ALLAN KARDEC
Edição em língua russa,

Impresso em LEIPZIG, casa Baer et Hermann. - Paris, casa Ledoyen, Palais-Royal;
Didier et Co, 35, cais dos Augustins; e no escritório da Revista Espírita. - Preço: 20 c.;
pelo correio, 25 c.

AVISO. - O Sr. doutor Chavaux, presidente da Sociedade dos Estudos Espíritas de Marselha, nos pede para anunciar que a sede da dita Sociedade é à rua do Petit-Saint-Jean, n. 24 ao primeiro.

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

7^a ANO

NO. 8

AGOSTO 1864

NOVOS DETALHES SOBRE OS POSSESSOS DE MORZINES.

Na *Revista Espírita* dos meses de dezembro de 1862, janeiro, fevereiro, março e maio de 1863, demos um relatório circunstanciado e uma apreciação da epidemia demoníaca de Morzines (Hau-te-Savoie), e demonstramos a insuficiência dos meios empregados para combatê-la. Embora o mal não tenha jamais cessado completamente, teve uma espécie de tempo de parada. Vários jornais, assim como a nossa correspondência particular, assinalam o reaparecimento do flagelo com uma nova intensidade. O *Magnétiseur*, jornal do magnetismo animal, publicado em Gênève pelo Sr. Lafontaine, em seu número de 15 de maio de 1864, dá-lhe o relato detalhado adiante:

"A epidemia demoníaca que reina desde 1857, no burgo de Morzines e nos lugares vizinhos, situados no meio das montanhas do Haute-Savoie, ainda não cessou. O governo francês, desde que Savoie lhe pertence, com isso está tocado. Enviou aos lugares homens especiais, inteligentes e capazes, inspetores de casas de alienados, etc., para estudar a natureza e observar a marcha dessa doença. Tomaram algumas medidas, tentaram o deslocamento, e fizeram transportar essas jovens doentes a Chambéry, a Annecy, a Evian, a Thonon, etc.; mas os resultados dessas tentativas não foram satisfatórios; apesar dos tratamentos médicos que se julgaram convenientes juntar-lhe, as curas foram pouco numerosas; e quando as infelizes jovens retornaram ao lugar, retomaram o mesmo estado de sofrimento.

"Depois deter atingido primeiro as crianças, as moças, essa epidemia se estendeu às mães de família, e às senhoras idosas. Poucos homens sentiram-lhe a influência; no entanto, há um ao qual ela custou a vida; esse infeliz estava colocado num espaço estreito, entre um fogareiro e uma parede, do qual pretendia não poder sair; ficou ali durante um mês, sem querer tomar nenhum alimento; ali morreu de esgotamento e de inanição, vítima de sua imaginação ferida.

"Os enviados do governo francês fizeram relatórios, num dos quais o Sr. Constant, entre outras, declarou que o pequeno número de curas realizadas nessa população eram devidas ao magnetismo empregado por mim, em Gênève, nas jovens e nas mulheres que me foram conduzidas em 1858 e 1859.

"Nossos leitores sabem que esse flagelo, atribuído pelos bons camponeses de Morzines, e, o que é mais deplorável, por seus condutores espirituais, *ao poder do demônio*, se manifesta naqueles que toma por convulsões violentas acompanhadas de gritos, de males do estômago e dos fatos da mais espantosa ginástica, sem falar dos juramentos e outros procedimentos escandalosos dos quais os doentes se tornam culpados tão depressa assim que são constrangidos a entrar numa igreja.

"Chegamos a curar vários desses doentes, que não sofreram nenhum outro ataque enquanto moraram longe das influências deploráveis do contágio e dos Espíritos atingidos de sua região; mas em Morzines o mal horrível não cessou de fazer estrago entre essa infeliz população, e o número de suas vítimas é, ao contrário, ali crescente; em vão se

prodigalizaram preces e exorcismos, em vão se transportaram doentes para os hospitais de diferentes cidades distantes, o flagelo, que se abate em geral nas jovens cuja imaginação é mais viva, obstinou-se sobre sua presa, e as únicas curas que se puderam constatar são as que realizamos e das quais demos conta em vosso jornal.

"Enfim, a cabo de meios, quiseram tentar um grande golpe; Mons. Maguin, bispo de Annecy, fez anunciar ultimamente que iria a Morzines, tanto para confirmar aqueles dos habitantes que não tinham ainda recebido esse sacramento quanto para achar os meios de vencer a terrível doença. As pessoas boas do vilarejo esperavam maravilhas dessa visita.

"Ela ocorreu sábado, 30 de abril, e domingo, 1^o de maio, e eis as circunstâncias que se lhe assinalaram.

Sábado, pelas quatro horas, o prelado se aproximou da aldeia. Estava a cavalo, acompanhado de um grande número de eclesiásticos. Procurou-se reunir os doentes na igreja; constrangeu-se a alguns para ali irem. "Desde que o bispo pôs os pés nas terras de Morzines, disse uma testemunha ocular, os possessos, sentindo que ele se aproximava, foram tomados das convulsões mais violentas; e em particular, as que estavam encerradas na igreja soltavam gritos e uivos, que nada tinham de humano. Todas as jovens que, em diversas épocas, foram atingidas pela doença, sofreram-lhe o retorno, e viram-se várias delas que, há cinco anos não tinham recebido nenhum ataque, tombarem vítimas ao paroxismo, o mais apavorante, dessas horríveis crises." O próprio bispo empalideceu ao ouvir os uivos que acolhiam a sua chegada; no entanto, ele continuou a avançar para a igreja, apesar das vociferações de algumas doentes, que tinham escapado das mãos de seus guardas para se lançarem diante dele e injuriá-lo. Ele pôs o pé na terra, à porta do templo, e nele penetrou com dignidade. Mas apenas entrou ali, e a desordem redobrou; essa foi, então, uma cena verdadeiramente infernal.

"Os possessos, em número em torno de setenta, com um único jovem, juravam, rugiam, saltando em todos os sentidos; isso durou várias horas, e quando o prelado quis proceder à confirmação, sua fúria redobrou, se é possível; deveu-se arrastá-los junto ao altar; sete, oito homens deveram várias vezes reunir seus esforços para vencer a resistência de algumas; os soldados lhes deram mão forte. O bispo deveria partir às quatro horas; às sete da noite ele estava ainda na igreja, onde não se lhe podia conseguir mais lhe conduzir três doentes; chegou-se a lhe arrastar duas ofegantes, a espuma à boca, a blasfêmia nos lábios até os pés do prelado. A última resistiu a todos os esforços; o bispo, batido pela fadiga e emoção, deveu renunciar a lhe impor as mãos; saiu da igreja, tremendo, transtornado, as pernas cobertas de contusões recebidas dos possessos enquanto que se debatiam sob sua bênção.

"Deixou a aldeia deixando nela, aos habitantes, boas palavras, mas sem lhes esconder a impressão profunda de estupor que tinha sentido em presença de um mal que não se podia imaginar tão grande. - Ele terminou isto confessando "que não esteve bastante forte para conjurar a praga que veio curar, e prometendo retornar o mais cedo munido de poderes maiores."

"Não fazemos hoje nenhuma reflexão; limitamo-nos a relatar esses fatos deploráveis. Talvez diremos, no próximo número, tudo o que provocaram de penoso em nós."

CH. LAFONTAINE.

Eis o relato sucinto que o *Courrier des Alpes* deu desses fatos, e que vários jornais reproduziram sem comentários:

"Ocupa-se muito em Annecy de um incidente tão doloroso quanto inesperado, que assinalou a viagem do Mons. Maguin, nosso digno prelado. Todos conhecem a triste e singular doença que aflige há muitos anos a comuna de Morzines, e a qual não se sabe qual nome dar; a ciência ali se perde. Certo público caracterizou essa doença, que pesa principalmente sobre as mulheres, chamando àqueles que são por ela atingidos: os pos-

sessos; muitos habitantes da comuna, com efeito, estão na persuasão de que uma sorte se lançou sobre essa localidade.

"Lembra-se, também, que, em 1862, um certo número de pessoas atingidas por essa doença, que produz todos os efeitos da loucura furiosa sem dela ter o caráter, foram disseminadas em diversos hospitais, em diversos pontos da França, nisso tornando-se perfeitamente curadas. Este ano, a doença ganhou outras pessoas e tomou, há algum tempo, proporções assustadoras.

"Foi nessas circunstâncias que o Mons. Maguin, não ouvindo senão sua caridade, fez sua viagem pastoral a Morzines, e foi no momento em que administrava o sacramento da confirmação que uma crise, de repente, se apoderou de um certo número desses infelizes que assistiam à cerimônia ou dela faziam parte. Um horrível escândalo ocorreu então na igreja. Os detalhes dessa cena são muito aflitivos para serem relatados.

"Limitar-me-ei a dizer que a administração superior comoveu-se com esse triste caso, e que um destacamento de trinta homens de infantaria já foi enviado para os lugares; tenho também de boa fonte que esse destacamento será dobrado e comandado por um oficial superior, encarregado de instruções extensas. Ele vai sem dizer que outras medidas serão tomadas, tais, por exemplo, como o envio de médicos especiais encarregados de estudar a doença; a força armada terá por missão proteger as pessoas."

A ciência ali se perde é uma confissão de impotência; então, que farão os médicos? Já não foram enviados para lá os mais capazes? Vão, dizem, enviar-lhe especiais; mas como estabelecer sua especialidade numa afecção da qual não se conhece a natureza, e onde a ciência se perde? Concebe-se a especialidade dos oculistas para as afecções da visão, dos toxicologistas nos casos de envenenamento; mas aqui, em que categoria se os tomará? Entre os alienistas? Muito bem, se estiver demonstrado que é uma afecção mental; mas os próprios alienistas fracassaram; não estão de acordo nem sobre a causa nem sobre o tratamento; ora, uma vez que a ciência ali se perde, o que é uma grande verdade, os alienistas não são mais especiais do que os cirurgiões. É verdade que se vai lhe juntar a força armada; mas já se empregou esse meio sem sucesso; não duvidamos muito que triunfasse melhor desta vez.

Se, pois, a ciência fracassa, é que ela não está com a verdade. A isso o que há de espantoso? Tudo revela uma causa moral, e se lhe enviam homens que não crêem senão na matéria; eles procuram na matéria e nela não encontram nada; isto prova super abundantemente que não procuram onde é preciso. Querendo-se médicos mais especiais que se os tomem entre os espiritualistas e não entre os materialistas; aqueles, pelo menos, poderão compreender que pode ali haver alguma coisa fora do organismo.

A religião não foi mais feliz; ela usou suas munições contra os diabos sem poder colocá-los na razão; portanto, é que os diabos são os mais fortes, ou que não são os diabos. Seus fracassos constantes, em semelhantes casos, provam de duas coisas uma, ou que ela não está na verdade, ou que ela é vencida por seus inimigos.

O mais claro de tudo isso é que nada do que se empregou não triunfou, e não triunfará melhor enquanto se obstinar a não procurar a verdadeira causa onde ela está. Um estudo atento dos sintomas, demonstra com a última evidência que ela está na ação do mundo invisível sobre o mundo visível, ação que é a fonte de mais afecções do que se pensa, e contra as quais a ciência fracassa pela razão de que se ataca ao efeito e não à causa. Em uma palavra, é o que o Espiritismo designa sob o nome de *obsessão*, levada ao mais alto grau, quer dizer, de *subjugação* e *possessão*. As crises são os efeitos consecutivos; a causa é o ser obsessivo; é, pois, sobre este ser que é preciso agir, como nas convulsões ocasionadas pelos vermes, age-se sobre os vermes.

Sistema absurdo, dir-se-á; absurdo, para aqueles que não admitem nada fora do mundo tangível, mas muito positivo para aqueles que constataram a existência do mundo espiritual, e a presença de seres invisíveis ao nosso redor; sistema, aliás, baseado sobre a experiência e a observação, e não sobre uma teoria preconcebida. A ação de um ser

invisível malfazejo foi *constatada* numa multidão de casos isolados, tendo uma completa analogia com os fatos de Morzines, de onde é lógico concluir que a causa é a mesma, uma vez que os efeitos são semelhantes; a diferença não está senão no número. Todos os sintomas, sem exceção, observados nos doentes dessa localidade, estiveram nos casos particulares dos quais falamos; ora, uma vez que se libertaram doentes atacados pelo mesmo mal, sem exorcismo, sem medicamentos e sem soldados, o que se fez em outro lugar poderia se fazer em Morzines.

Se assim é, dir-se-á, por que os meios espirituais empregados pela Igreja são ineficazes? Eis disso a razão.

A Igreja crê nos demônios, quer dizer, em uma categoria de seres de natureza perversa e votados ao mal pela eternidade, conseqüentemente, imperfectíveis. Com essa idéia ela não procura melhorá-los. O Espiritismo, ao contrário, reconheceu que o mundo invisível é composto das almas ou Espíritos dos homens que viveram sobre a Terra, e que, depois de sua morte, povoam o espaço; entre eles há bons e maus, como entre os homens; daqueles que fizeram o mal durante sua vida, muitos nisso se comprazem ainda depois de sua morte; mas, por isso mesmo que pertencem à Humanidade, estão submetidos à lei do progresso e podem se melhorar. Não são, pois, demônios no sentido da Igreja, mas Espíritos imperfeitos.

Sua ação sobre os homens se exerce, ao mesmo tempo, sobre o físico e sobre o moral; daí uma multidão de afecções que não têm sua sede no organismo, de loucuras aparentes que são refratárias a toda medicação. É um novo rumo da patologia, que se pode designar sob o nome de *patologia espiritual*. A experiência ensina distinguir os casos dessa categoria, daqueles que pertencem à patologia orgânica.

Não tentaremos descrever o tratamento das afecções desse gênero, porque já foi indicado em outra parte; limitar-nos-emos em lembrar que consiste numa tripla ação: a ação fluídica que liberta o perispírito do doente do constrangimento daquele do mau Espírito, o ascendente exercido sobre este último pela autoridade que dá sobre ele a superioridade moral, e a influência moralizadora dos conselhos que se lhe dá. A primeira não é senão o acessório das duas outras; só ela é insuficiente, porque se chega momentaneamente a afastar o Espírito, nada o impede de retornar à carga. É a fazê-lo renunciar voluntariamente aos seus maus propósitos que é preciso se prender, moralizando-o. É uma verdadeira educação a fazer que exige tato, paciência, devotamento, e, acima de tudo, uma fé sincera. A experiência prova, pelos resultados obtidos, a força desse meio; mas ela demonstra também que, em certos casos, o concurso simultâneo de várias pessoas unidas de intenção, é necessário.

Ora, que faz a Igreja em semelhante circunstância? Convencida de que ela tem relações com demônios incorrigíveis, não se ocupa de nenhum modo com a sua melhoria; crê assustá-los e afastá-los por sinais, fórmulas e aparelhos do exorcismo, do que se riem, e com isso estão mais do que excitados para redobrar de malícia, como isso é visto em todas as vezes que se tentaram exorcizar os lugares onde se produziam os barulhos e as perturbações. É um fato adquirido pela experiência que os sinais e os atos exteriores não têm sobre eles nenhum império, ao passo que se viu, entre os mais endurecidos e os mais perversos, cederem a uma pressão moral e retornarem aos bons sentimentos. Têm, então, a dupla satisfação de libertar um obsedado e conduzir a Deus uma alma transviada.

Perguntar-se-á, talvez, por que os Espíritas, uma vez que estão convencidos da causa do mal e dos meios de combatê-lo, não foram a Morzines para ali operar seus milagres? Primeiro, os Espíritas não fazem milagres; a ação curativa que se pode exercer em semelhante caso nada tem de maravilhoso nem de sobrenatural; ela repousa sobre uma lei da Natureza: a das relações do mundo visível e do mundo invisível, lei que, dando a razão de certos fenômenos incompreendidos por falta de conhecê-los, vem recuar os limites do maravilhoso, em lugar de estendê-los. Em segundo lugar, é preciso perguntar

se seu concurso teria sido aceito; se não teriam encontrado uma oposição sistemática; se, longe de serem secundados, não teriam sido entravados por aqueles mesmos que fracassaram; se não teriam sido entregues aos insultos e aos maus tratos de uma população superexcitada pelo fanatismo, acusados de feitiçaria junto dos próprios doentes, e de agirem em nome do diabo, assim como se viram isso nas amostras em outras localidades. Nos casos individuais e isolados, aqueles que se devotam ao alívio dos aflitos são geralmente secundados pelas famílias e pelas amizades, freqüentemente pelos próprios doentes, sobre o moral dos quais é preciso agir por boas e encorajadoras palavras, que é preciso excitar à prece. Semelhantes curas não se obtêm instantaneamente; aqueles que as empreendem têm necessidade de calma e de um profundo recolhimento; nas circunstâncias atuais, estas condições seriam possíveis em Morzines? É mais do que duvidoso.

Quando chegar o momento de deter o mal, Deus o proverá.

De resto, os fatos de Morzines e suas conseqüências têm sua razão de ser, do mesmo modo que as manifestações do gênero das de Poitiers; multiplicar-se-ão, seja isoladamente, seja coletivamente, afim de convencer da impotência dos meios empregados até este dia para colocar-lhe um fim, e forçar a incredulidade a reconhecer, enfim, a existência de uma força extra-humana.

Para todos os casos de obsessão, de possessão e de manifestações desagradáveis quaisquer, chamamos a atenção sobre o que está dito a este respeito em *O Livro dos Médiuns*, cáp. da *obsessão*; sobre os artigos da *Revista* relativos a Morzines e lembrados acima; sobre nossos artigos no mês de fevereiro, março e junho de 1864, relativos à jovem obsedada de Marmande; enfim, sobre os n^{os} 325 a 335 de *A Imitação do Evangelho*. Encontrar-se-ão ali as instruções necessárias para se guiar nas circunstâncias análogas.

SUPLEMENTO AO CAPÍTULO DAS PRECES EM A IMITAÇÃO DO EVANGELHO.

Vários de nossos assinantes nos testemunharam o lamento de não terem encontrado, em nossa *A Imitação do Evangelho Segundo o Espiritismo*, uma prece especial, para a manhã e a noite, para o uso habitual.

Faremos notar que as preces contidas nessa obra não constituem um formulário que, para ser completo, deveria delas conter um muito maior número. Elas fazem parte das comunicações dadas pelos Espíritos; nós as juntamos, no capítulo consagrado ao exame da prece, como juntamos, a cada um dos outros capítulos, as comunicações que poderiam a eles se relacionar. Omitindo, de propósito, as da manhã e da noite, quisemos evitar de dar, à nossa obra, um caráter litúrgico; por isso nos limitamos às que têm uma relação direta com o Espiritismo, cada um podendo encontrar as outras nas de seu culto particular. Todavia, para obtemperar o desejo que nos foi manifestado, damos a seguir a que nos parece melhor responder ao objetivo que se propôs. No entanto, fá-la-emos preceder de algumas observações para fazer delas compreender melhor a importância.

Em *A Imitação*, n^o 274, fizemos ressaltar a necessidade das preces *inteligíveis*. Aquele que ora sem compreender o que diz se habitua a dar mais valor às palavras do que aos pensamentos; para ele são as palavras que são eficazes, mesmo quando o coração nelas não está por nada; também muitos se crêem quites quando recitam algumas palavras que os dispensam de se reformarem. É fazer-se uma estranha idéia da Divindade crer que ela se paga com palavras antes do que com atos que atestem uma melhoria moral.

Eis, de resto, sobre este assunto, a opinião de São Paulo:

"Se não entendo o que significam as palavras, serei bárbaro para aquele com quem eu fale, e aquele que me fale ser-me-á bárbaro. - Se oro numa língua que não entendo, meu coração ora, mas minha inteligência está sem fruto. - Se não louvais a Deus senão

do coração, como um homem entre aqueles que não entendem senão a sua própria língua, responderá *Amém*, ao fim de vossa ação de graça, uma vez que não entende o que dissestes? - Não é que a vossa ação de graça não seja boa, mas os outros não estão dela edificadas." (São Paulo, 1a. Ep. aos Coríntios, cap. XIV, v. 11, 14, 16, 17.)

É impossível condenar de maneira mais formal e mais lógica o uso de preces ininteligíveis. Pode-se admirar que seja tão pouco levada em conta a autoridade de São Paulo sobre esse ponto, desde que ela é tão freqüentemente evocada sobre outros. Poder-se-ia dizer outro tanto da maioria dos escritores sacros considerados como as luzes da Igreja, e dos quais todos os preceitos estão longe de serem postos em prática.

Uma condição essencial da prece é, pois, segundo São Paulo, de ser inteligível, a fim de que possa falar ao nosso espírito; para isto não basta que seja dita numa língua compreendida por aquele que ora; há preces em linguagem vulgar que não dizem muito mais ao pensamento do que se estivessem em língua estrangeira, e que, por isso mesmo, não vão ao coração; as raras idéias que elas contêm, freqüentemente, são abafadas sob a superabundância das palavras e do misticismo da linguagem.

A principal qualidade da prece é ser clara, simples e concisa, sem fraseologia inútil, nem luxo de epítetos que não são senão enfeites de lantejoulas; cada palavra deve ter sua importância, revelar um pensamento, movimentar uma fibra; em uma palavra, deve fazer refletir; só com esta condição a prece pode alcançar seu objetivo, de outro modo não é senão ruído. Também vedes com que ar de distração e com que volubilidade elas são ditas na maioria do tempo; vêem-se os lábios que se movimentam, mas, pela expressão da fisionomia, mesmo ao som da voz, reconhece-se um ato maquinai, puramente exterior, ao qual a alma permanece indiferente.

O mais perfeito modelo de concisão com relação à prece, sem contradita, é a *Oração dominical*, verdadeira obra-prima de sublimidade em sua simplicidade; sob a forma mais restrita ela resume todos os deveres do homem para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo. No entanto, em razão de sua própria brevidade, o sentido profundo, encerrado nas poucas palavras das quais ele se compõem, escapa à maioria; os comentários que foram dados a esse respeito não estão sempre presentes na memória, ou mesmo são desconhecidos da maioria; é porque dizem-na, geralmente, sem dirigir-se o pensamento sobre as aplicações de cada uma de suas partes, é dita como uma fórmula cuja eficácia é proporcional ao número de vezes que é repetida; ora, é quase sempre um dos números cabalísticos *três, sete ou nove*, tirados da antiga crença na virtude dos números, e em uso nas operações da magia. Pensai ou não penseis naquilo que dizeis, mas repeti a prece tantas vezes, isto basta. Então que o Espiritismo repele expressamente toda eficácia atribuída às palavras, aos sinais e às fórmulas, a Igreja veio mal em acusá-lo de ressuscitar as velhas crenças supersticiosas.

Todas as religiões antigas e pagas têm sua linguagem sacra, língua misteriosa, inteligível somente para os iniciados, mas da qual o sentido verdadeiro está oculto ao vulgo, que a respeita tanto mais quanto não a compreende. Isto podia ser aceito na época da infância intelectual das massas; mas hoje, que elas estão emancipadas espiritualmente, as línguas místicas não têm mais razão de ser e são um anacronismo; também quer se ver claro nas coisas da religião quanto nas da vida civil; não se pergunta mais de crer e de saber, mas se quer saber porque se crê e o que se pede orando.

O latim, de um uso habitual nos primeiros tempos do Cristianismo, tornou-se para a Igreja uma língua sacra, e é por um resto do velho prestígio dado a essas línguas, que a maioria daqueles que não o sabem dizem a Oração dominical antes nessa língua do que na sua; dir-se-ia que lhe dão mais virtude quanto a compreendem menos. Certamente, tal não foi a intenção de Jesus quando a ditou, e tal não foi mais o pensamento de São Paulo quando disse: "Se falo numa língua que não entendo, minha inteligência está sem fruto." Ainda se, à falta de inteligência, o coração orasse sempre, não haveria aí senão meio mal; infelizmente, é que, muito freqüentemente, o coração não ora mais do que o espírito.

Se o coração orasse realmente, não se veriam tantas pessoas, entre aquelas que oram muito, aproveitar disso tão pouco, não serem nem mais benevolentes, nem mais caridosas, nem menos maldizentes para com seu próximo.

Feita esta reserva, diremos que a melhor prece da manhã e da noite, sem contradita, é a *Oração dominical*, dita com inteligência, do coração e não dos lábios. Mas para suprir o vago que a sua concisão deixa no pensamento, a ela acrescentamos, segundo o conselho e com a assistência dos bons Espíritos, um desenvolvimento a cada proposição.

Segundo as circunstâncias e o tempo disponível, pode-se, pois, dizer a *Oração dominical* simples, ou com os comentários. Pode-se também a ela juntar algumas das preces contidas em *A Imitação do Evangelho*, tomadas entre aquelas que não têm um fim especial, como por exemplo: a prece aos anjos guardiães e aos Espíritos protetores, nº 293; a para afastar os maus Espíritos, nº 297; para as pessoas pelas quais se tem afeição, nº 358; para as almas sofredoras que pedem preces, nº 360, etc. Fica entendido que é sem prejuízo das preces especiais do culto ao qual se pertence por convicção, e ao qual o Espiritismo não manda renunciar.

Aqueles que nos pedem uma linha de conduta a seguir, no que concerne às preces cotidianas, aconselhamos delas fazer por si mesmo uma coletânea apropriada às circunstâncias em que se encontra, para si, para outro ou para aqueles que deixaram a Terra; de estendê-las ou restringi-las segundo a oportunidade.

Uma vez por semana, o domingo, por exemplo, pode-se a elas consagrar um tempo mais longo e dizer-las todas, seja em particular, seja em comum, se houver lugar; juntar-lhe a leitura de algumas passagens de *A Imitação do Evangelho*, e a de algumas boas instruções ditadas pelos Espíritos. Isto é mais especialmente no interesse das pessoas repelidas pela Igreja por causa do Espiritismo, e que sentem mais a necessidade de se unirem a Deus pelo pensamento com elas.

Mas, excetuado esse caso, nada se opõe a que, aqueles que se fazem um dever de assistir, nos dias consagrados, às cerimônias de seu culto, de dizer ali, ao mesmo tempo, algumas das preces em relação com suas crenças espíritas; isto não pode senão contribuir para elevar sua alma a Deus pela união do pensamento e das palavras. O Espiritismo é uma fé íntima; está no coração e não nos atos exteriores; não prescreve nada que seja de natureza a escandalizar aqueles que não partilham esta crença; recomenda, ao contrário, disso se abster por espírito de caridade e de tolerância.

Em consideração e como aplicação das idéias que precedem, damos a seguir a *Oração dominical desenvolvida*. Se algumas pessoas acham que aqui não há lugar para um documento desta natureza, lembrar-lhes-íamos que a nossa *Revista* não é só uma coletânea de fatos, e que seu quadro abarca tudo o que pode ajudar ao desenvolvimento moral. Foi um tempo em que os fatos de manifestações só tinham o privilégio de interessar os leitores; mas hoje que o objetivo sério e moralizador do Espiritismo é compreendido e apreciado, a maioria dos adeptos nele procuram antes o que toca o coração do que aquilo que apraz ao espírito; é, pois, àqueles que nos dirigimos nesta circunstância. Por esta publicação, sabemos ser agradáveis a um grande número, senão a todos. Só isto nos teria decidido, sem outras considerações, sobre as quais devemos guardar silêncio, e nos teriam determinado fazê-lo neste momento antes que num outro.

Oração dominical desenvolvida.

I. PAI NOSSO, QUE ESTAIS NOS CÉUS, QUE O VOSSO NOME SEJA SANTIFICADO!

Creemos em vós, Senhor, porque tudo revela o vosso poder e à vossa bondade. A harmonia do Universo testemunha uma sabedoria, uma prudência e uma providência que ultrapassam todas as faculdades humanas; o nome de um ser soberanamente grande e sábio está inscrito em todas as obras da criação, desde o talo de erva e o menor inseto

até os astros que se movem no espaço; por toda a parte vemos a prova de uma solicitude paternal; por isso, cego é aquele que não vos reconhece em vossas obras, orgulhoso aquele que não vos glorifica, ingrato aquele que não vos dá ações de graça.

II. QUE VOSSO REINO CHEGUE!

Senhor, destes aos homens leis cheias de sabedoria e que fariam a sua felicidade, se as observassem. Com essas leis, fariam reinar entre eles a paz e a justiça; se entreadjudariam mutuamente, em lugar de se prejudicarem, como o fazem; o forte sustentaria o fraco no lugar de esmagá-lo; evitaria os males que engendram os abusos e os excessos de todos os gêneros. Todas as misérias deste mundo vêm da violação de vossas leis, porque não há uma só infração que não tenha suas conseqüências fatais.

Destes ao animal o instinto que lhe traça o limite do necessário, e com isso ele se conforma maquinalmente; mas ao homem, além desse instinto, destes a inteligência e a razão; deste-lhe também a liberdade de observar ou de infringir aquelas de vossas leis que lhe concernem pessoalmente, quer dizer, de escolher entre o bem e o mal, afim de que haja o mérito e a responsabilidade de suas ações.

Ninguém pode pretextar ignorância de vossas leis, porque, em vossa providência paternal, quisestes que elas fossem gravadas na consciência de cada um, sem distinção de culto nem de nações; aqueles que as violam, é que vos desconhecem.

Dia virá, segundo a vossa promessa, em que todos as praticarão; então, a incredulidade terá desaparecido; todos vos reconhecerão como soberano Senhor de todas as coisas, e o reino de vossas leis será vosso reino sobre a Terra.

Dignai-vos, Senhor, apressar esse advento, dando aos homens a luz necessária para conduzi-los no caminho da verdade.

III. QUE A VOSSA VONTADE SEJA FEITA NA TERRA, COMO NO CÉU!

Se a submissão é um dever do filho com relação ao pai, do inferior para com seu superior, quanto não deve ser maior a da criatura com relação ao seu Criador! Fazer a vossa vontade, Senhor, é observar vossas leis e submeter-se sem murmurar aos vossos decretos divinos; o homem a elas se submeterá quando compreender que sois a fonte de toda sabedoria, e que sem vós nada pode; então fará a vossa vontade na Terra, como os eleitos no céu.

IV. DAI-NOS O NOSSO PÃO DE CADA DIA.

Dai-nos a alimento para a manutenção das forças do corpo; dai-nos também o alimento espiritual para o desenvolvimento de nosso Espírito.

O animal encontra sua pastagem, mas o homem a deve à sua atividade e aos recursos de sua inteligência, porque o criastes livre.

Vós lhe dissestes: "Tirarás teu alimento da terra com o suor de teu rosto." Por aí, fizeste-lhe uma obrigação do trabalho, a fim de que ele exercite a sua inteligência pela procura dos meios de prover suas necessidades e seu bem-estar, uns pelo trabalho material, os outros pelo trabalho intelectual; sem o trabalho, ele permaneceria estacionará e não poderia aspirar à felicidade dos Espíritos superiores.

Secundais o homem de boa vontade que se confia a vós para o necessário, mas não aquele que se compraz na ociosidade e gostaria de tudo obter sem trabalho, nem aquele que procura o supérfluo.

Quantos deles sucumbem por sua própria falta, por sua incúria, sua imprevidência ou sua ambição, e por não ter querido se contentar com aquilo que lhes tínheis dado! Aqueles são os artífices de seu próprio infortúnio e não têm o direito de se lamentarem, porque são punidos por onde pecaram. Mas aqueles mesmos, não os abandonais, porque

sois infinitamente misericordioso; vós lhes estendeis mão de socorro desde que, como o filho pródigo, retornem sinceramente a vós.

Antes de nos lamentar de nossa sorte, perguntemo-nos se não é obra nossa; a cada infelicidade que nos chegue, perguntemo-nos se não dependeu de nós evitá-la; mas digamos também que Deus nos deu inteligência para nos tirar do lamaçal, e que depende de nós dela fazer uso.

Uma vez que a lei do trabalho é a condição do homem sobre a Terra, dai-nos a coragem e a força para cumpri-la; dai-nos também a prudência, a previdência e a moderação, a fim de não perder-lhe o fruto.

Dai-nos, pois, Senhor, nosso pão de cada dia, quer dizer, os meios de adquirir pelo trabalho, as coisas necessárias à vida, porque ninguém tem o direito de reclamar o supérfluo.

Se o trabalho não nos for possível, nos confiamos à vossa divina Providência.

Se entra em vossos desígnios de nos experimentar pelas mais duras privações, apesar de nossos esforços, as aceitamos como uma justa expiação das faltas que pudemos cometer nesta vida ou numa vida precedente, porque sois justo; sabemos que não há penas imerecidas, e que não castigais jamais sem causa.

Preservai-nos, ó meu Deus, de conceber a inveja contra aqueles que possuem o que não temos, nem mesmo contra aqueles que têm o supérfluo, quando nos falta o necessário. Perdoai-lhes se esquecem a lei de caridade e de amor ao próximo, que vós lhes ensinastes.

Afastai também de nosso espírito o pensamento de negar a vossa justiça, vendo a prosperidade do mau que acabrunha às vezes o homem de bem. Sabemos, agora, graças às novas luzes que vos aprouve nos dar, que a vossa justiça recebe sempre seu cumprimento e não falta a ninguém; que a prosperidade material do mau é efêmera, como sua existência corpórea, e que ela terá terríveis retornos, ao passo que a alegria reservada àquele que sofre com resignação será eterna.

V. PERDOAI AS NOSSAS DÍVIDAS, COMO NÓS AS PERDOAMOS ÀQUELES QUE NOS DEVEM. - PERDOAI AS NOSSAS OFENSAS, COMO PERDOAMOS ÀQUELES QUE NOS OFENDERAM.

Cada uma de nossas infrações às vossas leis, Senhor, é uma ofensa para convosco, e uma dívida contraída que nos será preciso, cedo ou tarde, pagar. Solicitamo-lhes a remissão de vossa infinita misericórdia, sob a promessa de fazer nossos esforços para não contrair novas dívidas.

Fizeste-nos uma lei expressa da caridade; mas a caridade não consiste somente em assistir seu semelhante na necessidade; ela está também no esquecimento e no perdão das ofensas. Com que direito reclamaríamos a vossa indulgência, se ela faltasse em nós mesmos com relação àqueles dos quais temos a nos lamentar?

Dai-nos, ó meu Deus! a força de abafar em nossa alma todo ressentimento, todo ódio e todo rancor; fazei com que a morte não nos surpreenda com um desejo de vingança no coração. Se vos aprouver nos retirar hoje mesmo deste mundo, fazei com que possamos nos apresentar a vós puros de toda animosidade, a exemplo do Cristo, cujas últimas palavras foram por seus carrascos.

As perseguições que os maus nos fazem suportar fazem parte de nossas provas terrestres; devemos aceitá-las sem murmurar, como todas as outras provas, e não maldizer aqueles que, por suas maldades, nos abrem o caminho da felicidade eterna, porque nos dissestes, pela boca de Jesus: "Bem-aventurados aqueles que sofrem pela justiça!" Bendigamos, pois, a mão que nos fere e nos humilha, porque as contusões do corpo fortalecem a nossa alma, e seremos elevados de nossa humildade.

Bendito seja o vosso nome, Senhor, por nos terdes ensinado que a nossa sorte não está irrevogavelmente fixada depois da morte; e encontraremos, em outras existências, o

meio de resgatar e de reparar nossas faltas passadas, de cumprir numa nova vida o que não podemos fazer nesta, pelo nosso adiantamento.

Por aí se explicam, enfim, todas as anomalias aparentes da vida; é a luz lançada sobre o nosso passado e o nosso futuro, o sinal manifesto de vossa soberana justiça e de vossa bondade infinita.

VI. NÃO NOS ABANDONEIS À TENTAÇÃO, MAS LIVRAI-NOS DO MAL.

Dai-nos, Senhor, a força de resistir às sugestões dos maus Espíritos que tentarem nos desviar do caminho do bem, nos inspirando maus pensamentos.

Mas nós somos, nós mesmos, Espíritos imperfeitos, encarnados sobre esta Terra para expiar e nos melhorar. A causa primeira do mal está em nós, e os maus Espíritos não fazem senão aproveitar nossos pendores viciosos, nos quais nos mantêm, para nos tentar.

Cada imperfeição é uma porta aberta à sua influência, ao passo que são impotentes e renunciam a toda tentativa contra os seres perfeitos. Tudo o que poderíamos fazer para afastá-los é inútil, se não lhes opomos uma vontade inabalável no bem, e uma renúncia absoluta ao mal. É, pois, contra nós mesmos que devemos dirigir nossos esforços, e então os maus Espíritos se afastarão naturalmente, porque é o mal que os atrai, ao passo que o bem os repele.

Senhor, sustentai-nos em nossa fraqueza; inspirai-nos, pela voz de nossos anjos guardiães e dos bons Espíritos, a vontade de nos corrigir de nossas imperfeições, a fim de fechar, aos Espíritos impuros, o acesso à nossa alma.

O mal não é obra vossa, Senhor, porque a fonte de todo bem não pode nada engendrar de mal; somos nós mesmos que o criamos, infringindo vossas leis, e pelo mau uso da liberdade que nos destes. Quando os homens observarem as vossas leis, o mal desaparecerá da Terra, como já desapareceu nos mundos mais avançados.

O mal não é uma necessidade fatal para ninguém, e não parece irresistível senão àqueles que a ele se entregam com complacência. Se temos a vontade de fazê-lo, podemos ter também a de fazer o bem; é porque, ó meu Deus, pedimos, a vossa assistência e a dos bons Espíritos para resistir à tentação.

VII. ASSIM SEJA.

Praze a vós, Senhor, que nossos desejos se cumpram! Mas nós nos inclinamos diante de vossa sabedoria infinita. Sobre todas as coisas que não nos é dado compreender, seja feito segundo vossa santa

vontade, e não segundo a nossa, porque não quereis senão nosso bem, e sabeis melhor do que nós o que nos é útil.

Nós vos dirigimos esta prece, ó meu Deus! por nós mesmos, e por todas as almas sofredoras, encarnadas e desencarnadas, por nossos amigos e nossos inimigos, por todos aqueles que reclamam a nossa assistência.

Pedimos sobre todos a vossa misericórdia e a vossa bênção.

Nota. Pode-se formular aqui o que se agradece a Deus, e o que se pede para si mesmo e para outrem.

PERGUNTAS E PROBLEMAS DESTRUIÇÃO DOS ABORÍGENES DO MÉXICO.

Escrevem-nos de Bordeaux:

"Lendo, no *Civilisateur*, de Lamartine, as cartas de Cristóvão Colombo sobre o estado do México no momento de sua descoberta, a passagem seguinte chamou particularmente a nossa atenção:

"A Natureza, disse Colombo, ali é tão pródiga, que a propriedade não criou o sentimento de avareza ou de cupidez. Esses homens parecem viver numa idade de ouro, felizes e tranquilos no meio de jardins abertos e sem limites, que não são nem cercados de fossos, nem divididos por paliçadas, nem defendidos por muralhas. Agem lealmente um para com o outro, sem leis, sem livros, sem juizes. Consideram como um homem mau aquele que tem prazer em fazer mal a um outro. Este horror dos bons contra os maus parece ser toda a sua legislação.

"Sua religião não é senão o sentimento de inferioridade, de reconhecimento e de amor para com o Ser invisível que lhes tinha prodigalizado a vida e a felicidade.

"Não há, no universo, uma melhor nação e um melhor país; eles amam seus vizinhos, como a si mesmos; têm sempre uma linguagem doce e graciosa, e o sorriso da ternura sobre os lábios. São nus, é verdade, mas vestidos com a sua candura e a sua inocência."

"Segundo esse quadro, esses povos eram infinitamente superiores, não só aos seus invasores, mas o seriam ainda hoje, comparando-os com os dos países mais civilizados. Os Espanhóis nada aprenderam de suas virtudes e lhes comunicaram seus vícios; em troca de sua boa acolhida, não lhes levaram senão a escravidão e a morte; esses infelizes foram, em grande parte, exterminados, e o pouco que deles resta, se perdeu ao contato dos conquistadores.

"Diante desses resultados, pergunta-se:

"Onde está o progresso, e que bem moral a Humanidade tirou de tanto sangue derramado? Não seria melhor que a velha Europa ignorasse o Novo Mundo, tão feliz antes dessa descoberta?

"Responder-te-íamos com prazer se teu espírito estivesse no estado de tratar, neste momento, um assunto sério, necessitando de alguns desenvolvimentos espírito-filosóficos. Dirige-te a Kardec; essa ordem de idéias já foi debatida, mas a ela se chegará de maneira mais lúcida do que tu não poderias fazê-lo, porque tens sempre o espírito tenso e à escuta; é uma consequência de tua posição atual, é preciso a isto submeter-te."

Ressalta disto uma primeira instrução, é que não basta ser médium, mesmo formado e desenvolvido, para obter à vontade comunicações sobre o primeiro assunto ventilado. Aquele fez suas provas, mas, nesse momento, seu próprio Espírito fortemente e penosamente preocupado com outras coisas, não podia ter a calma necessária. Assim é que mil circunstâncias podem se opor ao exercício da faculdade medianímica; a faculdade nele não subsiste menos, mas nada é sem o concurso dos Espíritos, que o dão ou recusam segundo julgam a propósito, e isto, muito freqüentemente, no próprio interesse do médium.

Quanto à pergunta principal, eis a resposta obtida na Sociedade de Paris:

(8 de julho de 1864. - Médium, Sr. d'Ambel.)

"Sob as aparências de uma certa bondade natural e com os costumes antes doces do que virtuosos, os Incas viviam negligentemente, sem progredir nem se elevar. Faltava a luta para essas raças primitivas, e se as batalhas sangrentas não as dizimavam; se uma ambição individual não exercia ali uma pressão dominadora para lançar essas populações à conquista, elas não eram menos atingidas por um vírus perigoso que conduzia sua raça à extinção. Seria preciso retemperar as fontes vitais destes Incas abastardados, dos quais os Aztecas representavam a decadência fatal que deveria atingir todos esses povos.

A essas causas todas fisiológicas, se juntarmos as causas morais, notamos que o nível das ciências e das artes ficou ali igualmente numa infância prolongada. Havia, pois, utilidade para esses países pacíficos de serem colocados ao nível das raças ocidentais. Hoje crê-se que a raça desapareceu, porque ela se fundiu com a família dos conquistado-

res espanhóis. Dessa raça cruzada surgiu uma nação jovem e vivaz que, por um impulso vigoroso, não tardará a alcançar os povos do velho continente. De tanto sangue derramado que resta, pergunta-se de Bordeaux? Primeiro, o sangue derramado não foi tão considerável quanto se poderia crê-lo. Diante das armas de fogo e diante de alguns soldados de Pizarro, todo o continente invadido se submeteu como diante dos semi-deuses saídos das águas. É quase um episódio da mitologia antiga, e essa raça indígena é, sob mais de um aspecto, semelhante àquelas que defendiam o Tosão de ouro."

A esta judiciosa explicação, acrescentaremos algumas reflexões.

Do ponto de vista antropológico, a extinção das raças é um fato positivo; do ponto de vista da filosofia, é ainda um problema; do ponto de vista da religião, o fato é inconciliável com a justiça de Deus, admitindo-se para o homem uma única existência corpórea decidindo seu futuro pela eternidade. Com efeito, as raças que se extinguem são sempre raças inferiores àquelas que sucedem; podem ter na vida futura uma posição idêntica à das raças mais aperfeiçoadas? O simples bom senso repele esta idéia, de outro modo o trabalho que fazemos para nos melhorar seria inútil, e tanto teria valido permanecermos nos selvagens. A não preexistência da alma implica, forçosamente, para cada raça, a criação de novas almas mais perfeitas em sua saída das mãos do Criador, hipótese inconciliável com o princípio de toda justiça. Admitindo-se, ao contrário, um mesmo ponto de partida para todas e uma sucessão de existências progressivas, tudo se explica.

Na extinção das raças, geralmente, não se leva em conta senão o ser material que é unicamente destruído, ao passo que se olvida o ser espiritual que é indestrutível e não faz senão mudar de roupa, porque o primeiro não estava mais em relação com o seu desenvolvimento moral e intelectual. Suponhamos toda raça negra destruída; mas o Espírito, que vive sempre, revestirá primeiro um corpo intermediário entre o negro e o branco, e mais tarde um corpo branco. Assim é que o ser colocado no último degrau da Humanidade alcançará, num tempo dado, a soma das perfeições compatíveis com o estado de nosso globo.

Não é preciso, pois, perder de vista que a extinção das raças não alcança senão o corpo e não afeta em nada o Espírito; aquele, longe de sofrer com isso, ganha um instrumento mais aperfeiçoado, provido de cordas cerebrais respondendo a um maior número de faculdades. O Espírito de um selvagem, encarnado no corpo de um sábio europeu, com isto não seria mais sábio, não saberia o que fazer de seu instrumento, cujas cordas inativas se atrofiariam; o Espírito de um sábio, encarnado no corpo de um selvagem, nele seria como um grande pianista diante de um piano faltando a maioria das cordas. Esta tese foi desenvolvida num artigo da *Revista* do mês de abril de 1862, *sobre a perfectibilidade da raça negra*.

A raça branca caucásica, sem contradita, é a que ocupa o primeiro lugar na Terra, mas atingiu ela o apogeu da perfeição? Todas as faculdades da alma nela estão representadas? Quem ousaria dizer-lo? Suponhamos, pois que os Espíritos dessa raça, progredindo continuamente, acabem por nela se encontrar pobremente, a raça desapareceria para dar lugar a uma raça de uma organização mais ricamente provida; assim o quer a lei do progresso. Já na própria raça branca, não se vêem nuances muito acentuadas como desenvolvimento moral e intelectual? Pode-se estar certo de que os mais avançados absorverão os outros.

O desaparecimento das raças se opera de duas maneiras: numa, pela extinção natural, conseqüência das condições climatéricas e do abastardamento, quando ficam isoladas; nas outras, pelas conquistas e pela dispersão que os cruzamentos conduzem. Sabe-se que da raça negra e da raça branca saiu uma raça intermediária muito superior à primeira, em que é como um degrau para os Espíritos desta. Depois, a fusão do sangue conduz à aliança dos Espíritos dos quais os mais avançados ajudam o progresso dos outros. Quem pode prever, sob esse aspecto, as conseqüências da última guerra da China? as modificações que vão produzir, nesse país por tanto tempo estacionário, os novos e

lementos fisiológicos e psicológicos que ali são levados? Em alguns séculos, talvez, não será mais reconhecível do que é o México de hoje comparado ao dos tempos de Colombo.

Quanto aos indígenas do México, diremos, como Erasto, que havia neles costumes antes dóceis do que virtuosos, e acrescentaremos que, sem dúvida, foi um pouco poetizada sua pretensa idade de ouro. A história da conquista nos ensina que, se faziam a guerra entre eles, isso não anuncia um grande respeito pelos direitos de seus vizinhos. Sua idade de ouro era a da infância; estão hoje no ardor da juventude; mais tarde, alcançarão a idade viril. Se não têm ainda a virtude dos sábios, adquiriram a inteligência que a isso os conduzirá, quando estiverem amadurecidos pela experiência; mas são necessários séculos para a educação dos povos; ela não se opera senão pela transformação de seus elementos constitutivos. A França seria o que é hoje sem a conquista dos Romanos? E os Bárbaros estariam civilizados se não tivessem invadido a Gália? A sabedoria gaulesa e a civilização romana unidas ao vigor dos povos do Norte fez o povo francês atual.

Sem dúvida, é penoso pensar que o progresso, às vezes, tem necessidade de destruição; mas é muito preciso destruir os velhos casebres para substituí-los pelas casas novas, mais belas e mais cômodas. É preciso, aliás, levar em conta o estado atrasado do globo, onde a Humanidade não está ainda senão no progresso material e intelectual; quando ela tiver entrado no período do progresso moral e espiritual, as necessidades morais se imporão sobre as necessidades materiais; os homens se governarão segundo a justiça e não terão mais que reivindicar seu lugar pela força; então a guerra e a destruição não terão mais sua razão de ser; até lá, a luta é uma conseqüência de sua inferioridade moral.

O homem, vivendo mais materialmente do que espiritualmente, não encara as coisas senão do ponto de vista atual e material, e conseqüentemente limitado. Até o presente, ignorou que o papel principal é do Espírito; viu os efeitos, mas não conheceu a causa, foi por isso que, por tão longo tempo, se enganou nas ciências, em suas instituições e em suas religiões. O Espiritismo, ensinando-lhe a participação do elemento espiritual em todas as coisas do mundo, alarga o seu horizonte e muda o curso de suas idéias; ele abre a era do progresso moral.

CORRESPONDÊNCIA.

Resposta do redator de La Vérité à reclamação do Sr. Abade Barricand.

Caro Senhor Allan Kardec,

Serieis bastante bom para inserir as poucas linhas seguintes no mais próximo número de vossa Revista?

Fiquei muito surpreso, abrindo vosso último número (julho de 1864), de encontrar ali uma carta assinada Barricand, na qual esse teólogo me toma a partir do assunto do relatório que publiquei sobre um de seus cursos anti-espíritas. (La Vérité de 10 de abril de 1864.)

As observações muito judiciosas das quais fizestes seguir esse inqualificável e muito tardio protesto, certamente, ter-me-iam dispensado de respondê-lo eu mesmo, se não tivesse medo de que, aos olhos de alguns, meu silêncio passasse por um defeito ou uma falta. Declaro abertamente que a minha consciência não poderia se associar à censura grave que me é feita de ter travestido, *falsificado* o curso do qual se trata; eu o afirmo diante de Deus: Se nem sempre reproduzi as mesmas frases, as mesmas palavras pronunciadas por meu contraditar, estou *convencido* de lhes ter dado o verdadeiro sentido.

Segundo isso, que a alta inteligência do Sr. abade Barricand julgue a minha muito ínfima e muito pesada por não ter podido agarrar o tema verdadeiro de seu discurso, através dos caminhos sinuosos, mas floridos, onde o conduziu; que o Sr. abade Barricand tire dessa premissa a indução que, em semelhante ocorrência, não me é mais permitido nem afirmar, nem negar; é, minha fé, muito possível! Neste caso, e para ser fiel aos meus princípios de tolerância, consentiria quase reprender-me por ter defendido *la Vérité* e os outros jornais espíritas contra as acusações ilusórias, eclodidas em meu cérebro em delírio; a me bater no peito por ter compreendido que em lugar de soar o dobre de finados sobre nossas cabeças, contentar-se-ia, parece, em nos tatear o pulso.

Assim se acalmará, eu o espero, a ira do Sr. decano da Faculdade de teologia; assim estarão reabilitados aos olhos do mundo a sua pessoa e o seu ensino.

Aceitai, etc.

E. EDOUX, *Diretor de la Vérité.*

CONVERSAS DE ALEM TÚMULO.

Julienne-Marie, a mendiga.

Na comuna de Villatte, perto de Nozai (Loire-Inferieure), havia uma pobre mulher chamada Julienne-Marie, velha, enferma, e que vivia da caridade pública. Um dia, ela caiu numa lagoa de onde foi retirada por um habitante do lugar, Sr. Aubert, que lhe dava habitualmente os recursos. Transportada ao seu domicílio, ela morreu pouco tempo depois em consequência do acidente. A opinião geral foi de que ela teria querido se suicidar. No mesmo dia de seu decesso, o Sr. Aubert, que é Espírita e médium, sentiu sobre toda a sua pessoa como o roçamento de alguém que estaria junto dele, sem no entanto explicarlhe a causa; quando lembrou a morte de Jeanne-Marie, lhe veio o pensamento que talvez fosse seu Espírito que tinha vindo visitá-lo.

Segundo o conselho de um de seus amigos, Sr. Cheminant, membro da Sociedade Espírita de Paris, e que lhe dera conhecimento do que tinha se passado, ele fez evocação dessa mulher, com o objetivo de lhe ser útil; mas, preliminarmente, pediu conselho aos seus guias protetores, dos quais recebeu a resposta seguinte:

"Tu o podes, e isso lhe dará prazer, embora o serviço que te propões a lhe prestar seja inútil; ela está feliz e toda devotada àqueles que lhe foram compassivos. Tu és um de seus bons amigos; ela não te deixa mais e conversa contigo, freqüentemente, com o teu desconhecimento. Cedo ou tarde os serviços prestados são recompensados, se não o for pelo obsequiado, será por aqueles que se interessam por ele, antes de sua morte, como depois; quando o Espírito não teve o tempo de se reconhecer, são outros Espíritos simpáticos que testemunham, em seu nome, todo o seu reconhecimento. Eis o que explica o que sentiste no dia de seu decesso. Agora é ela que te ajuda no bem que desejas fazer. Lembra-te o que Jesus disse: "Aquele que foi rebaixado será elevado"; terás a medida dos serviços que ela pode te prestar, se no entanto não lhe pedes assistência senão para ser útil ao teu próximo."

Evocação. Boa Julienne-Marie, sois feliz, é tudo o que eu queria saber; isto não me impedirá de pensar freqüentemente em vós, e de jamais vos esquecer em minhas preces. - *Resp.* Tem confiança em Deus; inspira aos teus doentes uma fé sincera, e terás sucesso quase sempre. Jamais te ocupes com a recompensa que disso advirá, ela será além de tua espera. Deus sabe sempre recompensar, como o merece, aquele que se devota ao alívio de seus semelhantes, e traz em suas ações um desinteresse completo; sem isto tudo não é senão ilusão e quimera; antes de tudo é preciso a fé, de outro modo, nada. Lembra-te desta máxima e ficarás espantado com os resultados que obterás. Os dois doentes que curaste, disto são a prova; nas circunstâncias em que se encontravam, com os simples remédios terias fracassado.

Quando pedires a Deus permitir aos bons Espíritos derramarem sobre ti o seu fluido benfazejo, se esse pedido não te fizer sentir um estremecimento involuntário, é que a prece não foi bastante fervorosa para ser escutada; ela não é senão nas condições que te menciono. É o que sentes quando disseste do fundo do coração: "Deus todo-poderoso, Deus misericordioso, Deus de bondade sem limite, atendei a minha prece, e permiti aos bons Espíritos me assistirem na cura de...; tende piedade dele, meu Deus, e devolvi-lhe a saúde; sem vós, nada posso. Que a vossa vontade seja feita."

Fizeste muito bem em não desdenhar os humildes; a voz daquele que sofreu e suportou com resignação as misérias desse mundo é sempre escutada; e, como o vês, todo serviço prestado recebe sempre a sua recompensa.

Agora, uma palavra sobre mim, e isto te confirmará o que foi dito acima.

O Espiritismo te explica a minha linguagem como Espírito; não tenho necessidade de entrar em detalhes sobre este assunto. Creio também inútil te participar de minha existência precedente. A posição que me conhecestes sobre a Terra deve te fazer compreender e apreciar as minhas outras existências, que nem sempre foram sem censuras. Votada a uma vida de miséria, enferma e não podendo trabalhar, mendiguei toda a minha vida. Não entesourei; sobre meus velhos dias, minhas economias se limitavam a uma centena de francos, que reservava para quando minhas pernas não mais pudessem me levar. Deus julgou minha prova e minha expiação suficientes, e lhe pôs um termo livrando-me sem sofrimento da vida terrestre; porque não morri por suicídio, como se acreditou de início. Caí fulminada sobre a margem da lagoa, no momento em que dirigia minha última prece a Deus; a inclinação do terreno foi a causa da presença de meu corpo na água. Não sofri; estou feliz de ter podido cumprir a minha missão sem entraves e com resignação. Fiz-me útil, na medida de minhas forças e de meus meios, evitei de fazer mal ao meu próximo. Disso hoje recebo a recompensa, e disso dou graças a Deus, nosso divino Senhor, que, no castigo que inflige, abrandando-lhe a amargura fazendo-nos esquecer, durante a vida, nossas antigas existências, e coloca sobre o nosso caminho almas caridosas, para nos ajudarem a suportar o fardo de nossas faltas passadas.

Persevera também, tu, e como eu, disso serás recompensado.

Agradeço-te as boas preces e o serviço que me prestaste. Não o esquecerei jamais. Um dia nos reveremos, e muitas coisas te serão explicadas; para o momento, isto seria supérfluo. Saiba somente que te sou toda devotada, freqüentemente junto de ti, e sempre quando tiveres necessidade de mim para aliviar aquele que sofre.

A pobre mulher JULIENNE-MARIE.

O Espírito de Julienne-Marie, tendo sido evocado na Sociedade de Paris em 10 de junho de 1864 (médium, senhora Patet), ditou a comunicação adiante:

Obrigada por terem consentido me admitirem em vosso meio, caro presidente; sentistes bem que minhas existências anteriores foram mais elevadas como posição social, e, se retornei para sofrer esta prova da pobreza, foi para me punir de um vão orgulho que me fazia repelir o que era pobre e miserável. Então sofri essa lei justa do talião, que me deu a mais terrível pobreza desta região; e, como para me provar a bondade de Deus, não era repelida portados; era todo o meu medo; suportei também minha prova sem reclamar, pressentindo uma vida melhor de onde não deveria mais retornar sobre esta Terra de exílio e de calamidade. Que felicidade o dia em que nossa alma, jovem ainda, pode reentrar na vida espiritual para rever os seres amados! porque, eu também, amei e sou feliz de ter reencontrado aqueles que me precederam. Obrigada a esse bom Aubert, ele me abriu a porta do reconhecimento; sem sua mediunidade, não teria podido agradecer-lhe, provar-lhe que a minha alma não esquece as felizes influências de seu bom coração, e recomendar-lhe propagar a sua divina crença. Ele está chamado a conduzir almas desviadas; que se persuada bem de meu apoio. Sim, posso lhe renderão cêntuplo o que me fez, instruindo-o no caminho que seguis. Agradecei ao Senhor de ter permitido que os

bons Espíritos possam vos dar instruções para encorajar o pobre em suas penas e deter o rico em seu orgulho. Sabei compreender a vergonha que há em repelir um infeliz; que eu vos sirva de exemplo, a fim de evitar de vir, como eu, expiar vossas faltas por essas dolorosas posições sociais, que vos colocam tão baixo e fazem de vós o refugio da sociedade.

JULIENNE-MARIE.

Nota. Este fato está cheio de ensinamento para quem meditar as palavras desse Espírito nessas duas comunicações; todos os grandes princípios do Espiritismo aí se acham reunidos. Desde a primeira, o Espírito mostra a sua superioridade por sua linguagem; como uma fada benfazeja, vem proteger aquele que não desanimou sob os andrajos da miséria. E uma aplicação destas máximas do Evangelho: "Os grandes serão rebaixados e os pequenos serão elevados; muito felizes os humildes; muito felizes os aflitos, porque serão consolados; não desprezeis os pequenos, porque aquele que é pequeno neste mundo pode ser maior do que o credes." Que aqueles que negam a reencarnação como contrária à justiça de Deus, expliquem a posição dessa mulher votada à infelicidade desde o seu nascimento por suas enfermidades, de que outro modo senão por uma vida anterior!

Tendo essa comunicação sido transmitida ao Sr. Aubert, de sua parte obtive a que se segue, e que lhe é a confirmação.

P. Boa Julienne-Marie, uma vez que consentis em me ajudar com vossos bons conselhos, a fim de me fazer progredir no caminho de nossa divina doutrina, dignai-vos comunicar comigo; farei todos os meus esforços para aproveitar os vossos ensinamentos. - R. Lembra-te da recomendação que vou fazer-te, e dela não te afastes jamais. Sé sempre caridoso na medida de teus meios; compreendes bastante a caridade tal qual se deve praticá-la em todas as posições da vida terrestre. Não tenho, pois, necessidade de vir te dar um ensinamento a este respeito; tu mesmo serás teu melhor juiz, seguindo, no entanto, a voz de tua consciência, que não te enganará jamais quando escutá-la sinceramente.

Não abuses sobre as missões que tens a cumprir sobre a Terra; pequenos e grandes têm a sua; a minha foi bem penosa, mas eu merecia uma semelhante punição, por minhas existências precedentes, como disse vim me confessar ao bom presidente da Sociedade mãe de Paris, a qual vos ligareis todos um dia. Esse dia não está tão longe quanto o pensas; o Espiritismo caminha a passos de gigante, apesar de tudo o que se faz para entravá-lo. Caminhai, pois, todos sem medo, fervorosos adeptos da Doutrina, e os vossos esforços serão coroados de sucesso. Pouco vos importa o que se dirá de vós; colocai-vos acima da crítica irrisória que recairá sobre os adversários do Espiritismo.

Os orgulhosos! eles se crêem fortes e pensam vos abater facilmente; vós, meus bons amigos, ficai tranquilos, e não temais vos medir com eles; são mais fáceis de se vencer do que não o credes; muitos dentre eles têm medo, e temem que a verdade não venha, enfim, lhes ofuscar os olhos; esperai, eles virão a seu turno no coroamento do edifício.

JULIENNE-MARIE.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS (1).

(1) Ver os anúncios detalhados adiante das Obras diversas sobre o Espiritismo.

UAVENIR. Moniteur du Spiritisme.

Durante muito tempo estivemos sozinhos lutando para sustentar a luta iniciada contra o Espiritismo, mas eis que os defensores surgiram dos diversos lados e entraram audaciosamente na liça, como para dar um desmentido àqueles que pretendem que o Espiritismo com isso se vai. Primeiro *la Vérité* em Lyon; depois em Bordeaux: *la Ruche, lê*

Sauveur, la Lumière; na Bélgica: a *Revista Espírita d'Anvers*; em Turim: os *Annalis du Spiritisme en Italie*. Estamos felizes em dizer que todos bravamente sustentaram a bandeira, e provaram aos nossos adversários que encontrariam com quem contar. Se damos justos elogios à firmeza das quais esses jornais deram prova, as suas refutações cheias de lógica, devemos sobretudo louvá-las por não terem se afastado da moderação, que é o caráter essencial do Espiritismo, ao mesmo tempo que a prova da verdadeira força; de não terem seguido nossos antagonistas sobre o terreno da personalidade e da injúria, sinal incontestável de fraqueza, porque não se chega a esse extremismo senão quando se está sem boas razões. Aquele que, em presença de argumentos sérios, os faz valer; não os substitui, ou se guarda de enfraquecê-los por uma linguagem indigna de uma boa causa.

Em Paris, um recém-chegado se apresenta sob o título sem pretensão de o *Avenir, Moniteur du Spiritisme*. A maioria de nossos leitores já o conhece, assim como seu redator-chefe, Sr. d'Ambel, e puderam julgá-lo pelas suas primeiras armas; o melhor reclame é o de provar o que se pode fazer; em seguida é o grande júri da opinião que pronuncia o veredicto; ora, não duvidamos que não lhe seja favorável, a julgá-lo pela acolhida simpática que recebeu em seu aparecimento.

A ele, pois, também as nossas simpatias pessoais, adquiridas de antemão por todas as publicações de natureza a servir validamente à causa do Espiritismo; porque não poderíamos conscienciosamente apoiar nem encorajar aquelas que, pela forma ou pelo fundo, voluntariamente ou por imprudência, lhes seriam antes nocivas do que úteis, prestando-lhe flanco aos ataques e às críticas fundadas de nossos inimigos. Em semelhante caso, a intenção não pode ser refutada pelo fato.

CARTAS SOBRE O ESPIRITISMO.

Escritas a eclesiásticos pela senhora J. B., com essa epígrafe de circunstância, e que é o sinal característico de nossa época:

Tenho ainda muitas coisas a vos dizer, mas não poderíeis suportá-las agora. - Quando esse Espírito de verdade vier, vos ensinará toda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas a virem. - E quando vier, convencerá o mundo no que respeita ao pecado, no que respeita à justiça, e no que respeita ao julgamento. (S. João, cap. XVI, v. 8, 12, 13.)

As reflexões que fizemos acima, a propósito do *Avenir*, não se aplicam somente às folhas periódicas, mas às publicações de toda natureza, volumes ou brochuras, cujo número se multiplica sem cessar, e cujos autores são igualmente combatentes que tomam parte na luta, e trazem sua pedra ao edifício. Saudação fraternal de boas vindas a todos esses defensores, homens e mulheres, que, sacudindo o jugo dos velhos preconceitos, arvoram a bandeira sem pensamento dissimulado pessoal, sem outro interesse do que aquele do bem geral, e fazem ecoar o grito libertador e emancipador da Humanidade: *Fora da caridade não há salvação! Apenas* esse grito foi pronunciado pela primeira vez, e todos compreenderam que encerrava toda uma revolução moral há muito tempo pressentida e desejada, e que encontra ecos simpáticos nas cinco partes do mundo. Foi saudada como a aurora de um futuro feliz, e, em alguns meses, tornou-se a palavra de união de todos os Espíritos sinceros; é que depois de uma tão longa e tão cruel luta contra o egoísmo, fazia, enfim, entrever o reino da fraternidade.

A brochura que anunciamos aqui é devida a uma senhora, membro da Sociedade Espírita de Paris, excelente médium, chefe de um grupo particular admiravelmente dirigido e a quem não se poderia censurar senão por um excesso de modéstia, se pudesse ali haver excesso no bem. Se ela não assinou seu escrito senão por iniciais, é que pensou que um nome desconhecido não é uma recomendação, e que não se prende de nenhum modo a se colocar como escritora; mas ela não tem por isso menos a coragem de sua opinião, da qual não faz mistério a ninguém.

A senhora J. B. é sinceramente católica, mas católica muito esclarecida, o que quer tudo dizer; sua brochura é escrita nesse ponto de vista, e, por isto mesmo, se dirige principalmente aos eclesiásticos. É impossível refutar com mais talento, elegância na

forma, moderação e lógica, os argumentos que uma fé exclusiva e cega opõe às idéias novas. Recomendamos este interessante trabalho aos nossos leitores; eles podem sem medo propagá-lo entre as pessoas de uma suscetibilidade desconfiada com relação à ortodoxia, e dá-la em resposta aos ataques dirigidos contra o Espiritismo do ponto de vista religioso.

OS MILAGRES DE NOSSOS DIAS, PORAUG. BEZ.

Sob esse título, o Sr. Aug Bez, de Bordeaux, acaba de publicar o relato das manifestações de Jean Hillaire, médium notável, cujas faculdades lembram, sob vários aspectos, as do Sr. Home, e mesmo as ultrapassam em certos aspectos.

O Sr. Home é um homem do mundo, de maneiras brandas e cheias de urbanidade, que não se mostra senão à mais alta aristocracia. Jean Hillaire é um simples cultivador de Charente-Inférieure, pouco letrado, e vivendo de seu trabalho; suas maiores excursões foram, parece, de Sonnac, sua aldeia, a Saint-Jean-d'Angély e a Bordeaux; mas Deus, na repartição de seus dons, não leva em conta as posições sociais; quer que a luz se faça a todos os graus da escala, é porque a concede ao menor quanto ao maior.

A crítica e a odiosa calúnia não pouparam o Sr. Home; sem consideração para com as altas personagens que o honraram com a sua estima, que o receberam e que o recebem ainda em sua intimidade, a título de comensal e de amigo, a zombeteira incredulidade, que nada respeita, se aprouve a achincalhá-lo, a apresentá-lo como um vil charlatão, um hábil escamoteador, em uma palavra, como um saltimbanco de boa companhia; ela não se deteve mesmo pelo pensamento de que tais ataques atingiam a honorabilidade das pessoas mais respeitáveis, acusadas, por isso mesmo, de cooperar com um pretenso fazedor de ingênuos. Dissemos a seu respeito que basta tê-lo visto para julgar que seria o mais desajeitado charlatão, porque não tem nem as maneiras marcantes, nem a eloquência, que não concordariam com a sua timidez habitual. Quem, aliás, poderia dizer que jamais tenha posto um preço às suas manifestações? O motivo que o conduziu recentemente a Roma, de onde foi expulso, para ali aperfeiçoar-se na arte da escultura e disso fazer-se um recurso, é o desmentido mais formal dado aos seus detratores; mas que importa! disseram que é um charlatão, e disso não querem desistir.

Aqueles que conhecem Hillaire puderam se convencer igualmente de que seria um charlatão ainda mais desajeitado. Não saberíamos muito repeti-lo: o móvel do charlatanismo é sempre o interesse; onde nada há a ganhar, o charlatanismo está sem objetivo; onde há a perder, isso seria uma estupidez. Ora, que proveito material Hillaire tirou de suas faculdades? Muita fadiga, uma grande perda de tempo, aborrecimento, perseguições, calúnias. O que ele ganhou, e que para ele não tem preço, foi uma fé viva que ele não tinha, em Deus, em sua bondade, na imortalidade da alma e na proteção dos bons Espíritos; não está precisamente aí o fruto que o charlatanismo procura. Mas sabe também que essa proteção não se obtém senão em se melhorando; e é o que se esforça em fazer, e isso não é mais o que toca os charlatões. E também o que o faz suportar com paciência as vicissitudes e as privações.

Uma garantia de sinceridade, em semelhante caso, está, pois, no desinteresse absoluto; antes de acusar um homem de charlatanismo, é preciso perguntar-se que proveito ele encontra em fazer ingênuos, porque os charlatões não são bastante tolos para nada ganharem, e ainda menos para perder em lugar de ganhar. Também os médiuns têm uma resposta peremptória a dar aos detratores, em lhes dizendo: *Quanto me pagaste* para fazer o que faço? Uma garantia não menos grande, e de natureza a fazer uma viva impressão, é a reforma de si mesmo. Só uma convicção profunda pode levar um homem a

vencer-se, a se desembaraçar daquilo que há de mau nele, e a resistir aos perniciosos arrastamentos. Não é mais, então, só a faculdade que se admira é a pessoa que se respeita e que se impõe à zombaria.

As manifestações que Hillaire obtém são para ele uma coisa santa; considera-as como um favor de Deus. Os sentimentos que elas lhe inspiram estão resumidos nas palavras seguintes, extraídas do livro do Sr. Bez:

"O boato desses novos fenômenos se difundiu por todas as partes com a rapidez do relâmpago. Todos aqueles que, até ali, não tinham ainda assistido a manifestações espíritas foram devorados pela inveja de ver. Mais do que nunca Hillaire foi assediado de pedidos, de convites de toda sorte. Oferecimentos de dinheiro lhe foram feitos por várias pessoas, afim de decidi-lo a dar sessões em suas casas; mas Hillaire teve sempre a convicção profunda de que as suas faculdades não lhe são dadas senão num objetivo de caridade, a fim de levar a fé na alma dos incrédulos, e de arrancá-los assim ao materialismo que os rói sem piedade e os mergulha no egoísmo e no deboche. Depois que Deus lhe deu a graça de se servir dele para esclarecer seus compatriotas, desde que manifestações de uma ordem tão elevada se produziram por seu intermédio, o simples médium de Sonnac considerou sua mediunidade como um puro sacerdócio, e está persuadido de que, do dia em que aceitar a menor retribuição, suas faculdades lhe seriam tiradas, ou seriam entregues como brinquedo aos Espíritos maus ou levianos, que delas não se serviriam senão para fazerem o mal ou mistificarem todos aqueles que tivessem ainda a imprudência de se dirigirem a ele. E, no entanto, a posição pecuniária desse humilde instrumento está num estado muito precário. Sem fortuna, é preciso que ganhe seu pão com o suor de seu rosto, e, freqüentemente, a grande fadiga que sente quando se produzem algumas manifestações importantes, prejudicam muito as forças que lhe são necessárias para manejar a picareta e a pá, esses dois instrumentos que lhe são necessário, sem cessar, ter entre as mãos."

Nos momentos de aflição que, como para Job, tinham por objetivo provar sua fé e sua resignação, Hillaire encontrou asilo e assistência entre os amigos reconhecidos que lhe deviam seu consolo pelo Espiritismo. Está aí o que se pode chamar pôr um preço às manifestações dos Espíritos? Não certamente; é um recurso que Deus lhe enviou, que podia e devia mesmo aceitar sem escrúpulo; sua consciência pode estar em repouso, porque não traficou os dons que recebeu gratuitamente; não vendeu as consolações aos aflitos nem a fé que dava aos incrédulos. Quanto àqueles que vieram em sua ajuda, cumpriram um dever de fraternidade do qual serão recompensados.

As faculdades de Hillaire são muito múltiplas; ele é médium vidente de primeira ordem, auditivo, falante, extático, e além disso escrevente. Obteve escrita direta e transportes muito notáveis. Várias vezes se elevou e transpôs o espaço sem tocar o solo, o que não é mais sobrenatural do que ver se levantar uma mesa. Todas as comunicações e todas as manifestações que obteve atestam a assistência de Espíritos muito bons, e ocorrem sempre em plena luz. Freqüentemente, ele entra espontaneamente no sono sonambúlico, e é quase sempre nesse estado que se produzem os fenômenos mais extraordinários.

A obra do Sr. Bez está escrita com simplicidade e sem exaltação. Não só o autor diz o que viu, mas cita as numerosas testemunhas oculares das quais a maioria achava-se pessoalmente interessada nas manifestações; aquelas não teriam faltado de protestar contra as inexatidões, sobretudo se lhes tivessem feito desempenhar um papel contrário ao que se passou; o autor, justamente estimado e considerado em Bordeaux, não se exporia a receber semelhantes desmentidos. Pela linguagem se reconhece o homem consciencioso que se faria um escrúpulo alterar conscientemente a verdade. De resto, não há um só desses fenômenos cuja possibilidade não esteja demonstrada pelas explicações que se acham em *O Livro dos Médiuns*.

Essa obra difere da do Sr. Home, naquilo que, em lugar de ser uma simples coletânea de fatos muitas vezes freqüentemente repetidos, sem deduções nem conclusões, encerra sobre quase todos aqueles que são narrados, apreciações morais e considerações filosóficas que dele fazem um livro ao mesmo tempo interessante e instrutivo, e onde se reconhece o Espírita, não só convencido, mas esclarecido.

Quanto a Hillaire, felicitando-o pelo seu devotamento, convidamo-lo a jamais perder de vista que o que faz o principal mérito de um médium, não é a transcendência de suas faculdades, que podem lhe ser retiradas de um momento para outro, mas o bom uso que delas faz; desse uso depende a continuação da assistência dos bons Espíritos, porque há uma grande diferença entre um médium bem dotado e aquele que é bem assistido. O primeiro não excita senão a curiosidade, o segundo, ele mesmo toca o coração, reage moralmente sobre os outros em razão de suas qualidades pessoais. Desejamos, tanto em seu próprio interesse quanto no da causa, que os elogios de amigos, freqüentemente mais entusiastas do que prudentes, não lhe roubem nada de sua simplicidade e de sua modéstia, e não o façam cair na armadilha do orgulho que já perdeu tantos médiuns.

A PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS;

Estudo onde se expõem as condições de habitabilidade das terras celestes, discutidas do ponto de vista da astronomia, da fisiologia e da filosofia natural, por CAMILLE FLAMMARION, ligado ao Observatório de Paris. Um muito grande volume in-12, com mapas astronômicos. Preço: 4 francos. - Edição de biblioteca, in-8,7 francos. - Livraria acadêmica de Didier e Co., 35, cais dos Augustins.

A falta de espaço nos obriga a remeter ao próximo número o relatório dessa importante obra.

Para as condições das obras acima, ver adiante, na lista das *Obras diversas sobre o Espiritismo*.

AVISO.

Por exceção, e em consequência de circunstâncias particulares, as férias da Sociedade Espírita de Paris começarão este ano a 1^o de agosto. A Sociedade retomará suas sessões na primeira sexta-feira de outubro.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

7^a ANO

NO. 9

SETEMBRO 1864

INFLUENCIA DA MUSICA SOBRE OS CRIMINOSOS, OS LOUCOS E OS IDIOTAS.

A Revista musical do *Siècle*, de 21 de junho de 1864, continha o artigo seguinte:

"Sob este título: *Um Orfeão sob os ferrolhos*, o Sr. de Pontécoulant acaba de publicar uma excelente notícia em favor de uma boa causa. Parece que o diretor de uma casa central de detenção concebeu a engenhosa idéia de fazer penetrar a música nas celas dos condenados; compreendeu que seu dever não era só punir, mas de corrigir.

"Para agir com certeza sobre o caráter do prisioneiro, magoado pelo castigo, dirigiu-se diretamente à música. Começou por criar uma escola de canto. Os detentos que eram distinguidos por sua boa conduta consideravam como uma recompensa fazer parte desse orfeão.

"O penitenciário se encontrava assim transformado. Cerca de mil pensionistas mais ou menos, escolheram cem que foram chamados a concorrer aos primeiros ensaios. O efeito foi muito grande sobre o moral desses infelizes. Uma infração às regras poderia fazê-los mandar embora da escola; eles se organizaram para respeitar obrigações, até então desdenhadas por eles.

"A fim de melhor fazer compreender a importância que dão à instituição desses coros, lembrarei que o silêncio lhes era habitualmente imposto. Eles pensam, não falam. Poderiam esquecer sua língua, da qual momentaneamente não mais se serviam. Nessas condições, compreende-se, esses trechos de conjunto, falados e cantados, lhes cai como um maná do céu. É a ocasião de se reunir, de ouvir vozes, de quebrar sua solidão, de se emocionar, de existir.

"Eu o repito, os resultados são excelentes. Sobre setenta cantores dos quais o orfeão se compõe esse ano, dezesseis graças puderam ser concedidas. Não é concludente?

"Esquecia-me de dizer que a experiência foi feita em Melun. É uma prova para encorajar, um exemplo a seguir. Quem sabe? esses corações endurecidos sentirão talvez seu gelo fundir-se, e cuidarão de amar ainda alguma coisa. Em lhes ensinando a cantar, se lhes ensina não mais maldizerem. Seu isolamento se povoa, sua cabeça se acalma, e o trabalho forçado lhes parece menos duro. Depois de seu tempo terminado, freqüentemente encurtado pela aplicação e a boa conduta, sairão de outro modo do que pervertidos pelo ódio.

"Visitei um dia a casa de saúde do doutor B..., em companhia de um *alienista*; percorrendo o caminho, este último dizia:

-As duchas! as duchas!... Não conheço senão as duchas e a camisa de força. É a panacéia... Todos os outros paliativos são insuficientes quando se está em presença de um louco furioso.

"Nesse momento gritos atraíram a nossa atenção ao fundo do jardim.

- Escuta, retomou ele, percebo um deles que vai sofrer um dos dois suplícios, talvez mesmo todos os dois. Quereis que o sigamos? deles vereis o efeito.

"O pobre diabo se debatia desesperadamente na mão de seus guardas. Tinha ameaça na boca, fogo nos olhos. Tentar um apaziguamento parecia impossível sem o concurso dos grandes meios.

"De repente, uma voz se fez ouvir na outra extremidade do jardim. Vinha de um pavilhão isolado, que se teria acreditado sem ninguém, com sua vinha virgem e seus parasitas pendendo do teto, num buquê de espinheiros em flor. A voz cantava o romance do *Saulo*, de Desdêmona.

"Detive-me para escutá-lo. Não sei se devo a impressão que senti à influência da atmosfera do lugar, mas o que afirmo é que jamais, em tempo algum, não me senti tão profundamente comovido. Soube depois que a cantora era uma senhora do mundo, à qual as infelicidades tinham feito perder a razão.

"O louco furioso se deteve logo, cessando de se debater e de blasfemar.

" - A voz! a voz! disse ele... Silêncio!

"E, de ouvido atento, não sentia mais do que o êxtase.

"Ele tinha se acalmado.

- Pois bem! disse eu ao *alienista* embaraçado, que dizeis de vosso famoso tópico?

"Ele teria se deixado cortar em pedaços antes de retroceder sobre sua brutal afirmativa. As pessoas sistemáticas são a<=sim feitas. Os fatos nada provam sobre elas. Tratam o que as contrariam como uma exceção. Não tenteis combatê-las; têm sua idéia fixa, e quando tiverdes dispensado todos os vossos argumentos, rirão na cara. Nada de concessão! está-se convencido ou não se está.

"Em vários hospitais de alienados, notadamente em Bicêtre, compreende-se o partido que se pode tirar da música, e dela se serviu vitoriosamente. As missas ali são cantadas pelos loucos; salvo raros acidentes, tudo se cumpre segundo o programa, sem que se tenham que reprimir os menores desvios.

"Há uma doença mais horrível do que a loucura; quero falar do cretinismo. Os loucos têm suas horas de lucidez; algumas vezes mesmo não são afetados senão de uma mania. Falam razoavelmente sobre todos os assuntos, exceto sobre aquele que os faz divagar. Um se crê de vidro e vos recomenda tocá-lo com precaução; o outro vos aborda e vos diz, mostrando um de seus vizinhos: 'Vede bem esse pequeno moreno? Ele se pretende o filho de Deus; mas sou eu, o Cristo.'" Um terceiro vos convida a suas grandes caças, em seu parque esplêndido; ele ouve a matilha, os criados que o apoiam, as fanfarras que lhe respondem, a presa a gritar; é feliz em seu sonho; é quase sempre um ambicioso caído mais ou menos longe do objetivo perseguido. Todos os curáveis e os incuráveis têm um ponto de referência para a sua imaginação.

"Mas os outros, mas os idiotas, os cretinos, que lhes resta? Estão agachados no ângulo de um muro, sobre uma pedra, a face apatetada, como um horrível pacote de carne, não tendo jamais um brilho de inteligência, e não possuindo mesmo instinto dos animais inferiores. Estão muito perdidos, não é, de corpo e de alma? muito rebaixados em sua dignidade de homens, muito degradados, muito paralíticos física e moralmente? têm ouvidos para não ouvirem, olhos para não verem, sentidos aniquilados; são mortos vivos.

Tentou-se em vão ressuscitar alguma coisa neles, ora pela rudeza, ora pela doçura. Era de desesperar.

"Então vocalizaram-se notas em sua presença, até que repetissem maquinai mente. E ensinaram-lhes motivos simples e curtos que repetiram. Eles cantam agora; é uma festa para eles cantar. Pelo canto, se os prende; é sua punição ou sua recompensa; eles obedecem; têm consciência de suas ações. São ocupados com os mesmos trabalhos; hei-los no caminho de uma semi-reabilitação intelectual.

"Há regiões onde essa cruel enfermidade se reproduz incessantemente. E o ar ou a água que a provoca?

"Certa manhã, depois de uma noite de caça laboriosa através da vertente meridional dos Pireneus, eu tinha entrado na cabana de um pastor, para me refrescar. Ali encontrei o

pai fraco, sua mulher débil, e três crianças mirradas, das quais uma enovelada sobre uma cama de palha apodrecida. Como eu examinava esse infeliz embrutecido, o pai me disse:

" - Oh! aquele jamais viveu; nasceu como é, o cretinismo o toma um sobre três por aqui. Paguei a minha dívida.

" - Ele vos reconhece? perguntei-lhe.

" - Nem eu, nem seus irmãos; ele permanece na posição em que o vedes; não desperta do entorpecimento senão quando o sol se deita e chamo os rebanhos esparsos, então ele se agita, parece contente, como se alguma coisa feliz chegasse.

" - A que credes poder atribuir esse movimento?

" - Não sei.

" - De que sinal vos servis?

" - Do refrão de todos os pastores.

" - Vejamos, disse esse refrão, como se os animais fossem reentrar.

"O velho dócil foi até a porta, e, de pé sobre o planalto, as mãos em cometa, recomeçou seu canto de chamada. Um fato estranho se produziu: a criança doente se levantou de um salto, dando gritos inarticulados. Advinhou-se que queria falar. Expliquei que a música agia poderosamente sobre os seus nervos. O pai compreendeu, e me disse em seu dialeto acentuado:

" - Eu sei canções; eu lhas direi.

"Dois anos mais tarde, tive ocasião de rever essas pobres pessoas, às quais levava uma camurça ferida.

"A criança tinha se tornado dócil.

"Publiquei a história antes que se pensasse em se servir da música como procedimento curativo em casos semelhantes. Meu relato foi considerado como uma fábula.

"O meio prático fez seu caminho depois, com os cretinos como com os loucos, - o que não impediu o meu *alienista* de sustentar que nada não valem a camisa de força e as duchas. Disso está seguro."

Não sabemos se o autor do artigo, Sr. Chadeuil, é anti-espiritualista, mas o que é certo, é que é anti-Espírita antes de qualquer outro, a se julgar pelos sarcasmos que não poupou à crença nos Espíritos, quando acreditou disso encontrar ocasião em sua *Revista musical*. Para negar uma doutrina baseada sobre fatos, e aceita por milhões de indivíduos, ele viu, observou e estudou? Consultou escrupulosamente todas as fontes? Seus próprios artigos testemunham da ignorância do que fala. Sobre o que, pois, se apoia ele para afirmar que é uma crença ridícula? Sobre a sua opinião pessoal, que acha ridícula a idéia dos Espíritos se comunicando aos homens, absolutamente como todas as idéias novas de alguma importância foram achadas ridículas pelos homens, mesmo os mais capazes. É assim, sem disso duvidar, a aplicação destas notáveis e verídicas palavras de seu artigo:

"As pessoas sistemáticas são feitas assim. Os fatos nada podem sobre elas. Tratam o que as contraria como uma exceção. Não tentai combatê-las; elas têm sua idéia fixa, e quando tiverdes despendido todos os vossos argumentos, vos rirão na cara."

Não é sempre a história da trave e da palha no olho? É verdade que não sabemos se essa reflexão é dele ou de Sr. de Pontécoulant; o que quer que seja, ele a cita com elogio, portanto, é que a aceita. Mas deixemos aí a opinião do Sr. Chadeuil, que pouco nos importa, e vejamos o artigo em si mesmo, que constata um fato importante: a influência da música sobre os criminosos, os loucos e os idiotas.

De todos os tempos, reconheceu-se à música uma influência salutar para o abrandamento dos costumes; a sua introdução entre os criminosos seria um progresso incontestável e não poderia ter senão resultados satisfatórios; ela comove as fibras entorpecidas da sensibilidade, e as predispõe a receber as impressões morais. Mas isto é suficiente? Não; é um trabalho sobre um terreno inculto, que é preciso semear de idéias próprias a fazerem, sobre essas naturezas desencaminhadas uma profunda impressão. É preciso

falar à alma depois de ter amolecido o coração. O que lhes falta é a fé em Deus, em sua alma e no futuro; não uma fé vaga, incerta, incessantemente combatida pela dúvida, mas uma fé fundada sobre a certeza, a única que pode torná-la inabalável. Sem dúvida, a música pode a isso predispor, mas ela não a dá. Por isso não é menos uma auxiliar que não é preciso negligenciar. Essa tentativa e muitas outras, às quais a Humanidade e a civilização não podem senão aplaudir, testemunham uma louvável solicitude para o moral dos condenados; mas resta ainda alcançar o mal em sua raiz; um dia se reconhecerá toda a extensão que se pode tirar nas idéias espíritas, cuja influência já está provada pelas numerosas transformações que elas operam sobre as naturezas em aparência as mais rebeldes. Aqueles que aprofundaram essa doutrina e meditaram sobre as suas tendências e as suas conseqüências inevitáveis, só eles podem compreender o poder do freio que ela opõe aos arrastamentos perniciosos. Esse poder prende-se a que ela se dirige à própria causa desses arrastamentos, que é a *imperfeição do Espírito*, ao passo que a maior parte do tempo não se procura senão na *imperfeição da matéria*. O Espiritismo, como doutrina moral, hoje não está mais no estado de simples teoria; entrou na prática, ao menos para um grande número daqueles que lhe admitem o princípio; ora, segundo o que se passa, e em presença dos resultados produzidos, pode-se afirmar sem medo que a diminuição dos crimes e delitos será proporcional à sua vulgarização. É o que um futuro próximo se encarregará de demonstrar. À espera disso, que a experiência se faça numa mais vasta escala, se faça todos os dias individualmente. A *Revista* disso fornece numerosos exemplos; limitar-nos-emos a lembrar as cartas dos dois prisioneiros, publicadas nos números de novembro de 1863, página 350, e fevereiro de 1864, página 44.

Deixamos aos nossos leitores o cuidado de apreciar o fato acima, relativo à loucura; sem contradita, é a mais amarga crítica dos alienistas que não conhecem senão as duchas e a camisa de força. O Espiritismo vem lançar uma luz toda nova sobre as doenças mentais, demonstrando a dualidade do ser humano, e a possibilidade de agir isoladamente sobre o ser espiritual e sobre o ser material. O número sem cessar crescente dos médicos que entram nesta nova ordem de idéias, necessariamente, conduzirá a grandes modificações no tratamento dessas espécies de afecções. Abstração feita de idéia espírita propriamente dita, a constatação dos efeitos da música em semelhante caso é um passo no caminho espiritualista da qual os alienistas, geralmente, estão afastados até este dia, com grande prejuízo dos doentes.

O efeito produzido sobre os idiotas e os cretinos é ainda mais característico. Os loucos, quase sempre, foram homens inteligentes; ocorre de outro modo com os idiotas e os cretinos, que parecem votados, pela própria Natureza, a uma nulidade moral absoluta. O Espiritismo experimental vem ainda lançar aqui a luz provando, pelo isolamento do Espírito e do corpo, que esses são, geralmente, Espíritos desenvolvidos e não atrasados, como poder-se-ia crer, mas unidos a corpos imperfeitos. A igualdade de inteligência, há esta diferença entre o louco e o cretino, que o primeiro é provido, no nascimento do corpo, de órgãos cerebrais constituídos normalmente, mas que se desorganizam mais tarde; ao passo que o segundo é um Espírito encarnado num corpo cujos órgãos atrofiados, desde o princípio, jamais lhe permitiram manifestar livremente o seu pensamento; está na situação de um homem forte e vigoroso a quem se teria tirado a liberdade de seus movimentos. Esse constrangimento, para o Espírito, é um verdadeiro suplício, porque ele não tem menos a faculdade de pensar, e sente, como Espírito, a abjeção em que o coloca a sua enfermidade. Suponhamos, pois, que num instante dado se possa, por um tratamento qualquer, desligar os órgãos, o Espírito recobriria a sua liberdade, e o maior cretino se tornaria um homem inteligente; seria como um prisioneiro saindo de sua prisão, ou como um bom músico posto em presença de um instrumento completo, ou ainda, como um mudo recobrando a palavra.

O que falta ao idiota não são as faculdades, mas as cordas cerebrais respondendo a essas faculdades pelas suas manifestações. Na criança normalmente constituída, o exer-

cício das faculdades do Espírito leva ao desenvolvimento dos órgãos correspondentes, que não oferecem nenhuma resistência; no idiota, a ação do Espírito é impotente para provocar um desenvolvimento, permanecendo num estado rudimentar, como um fruto abortado. A cura radical do idiota, portanto, é impossível; tudo o que se pode esperar é uma ligeira melhora. Para isto, não se conhece nenhum tratamento aplicável aos órgãos; é ao Espírito que é preciso se dirigir. Estudando as faculdades das quais se descobre o germe, é preciso provocar-lhe o exercício de parte do Espírito, e então este, superando a resistência, poderá obter uma manifestação, se não completa, pelo menos parcial. Se há um meio externo de agir sobre os órgãos, sem contradita, é a música. Ela chega a abalar essas fibras entorpecidas, como um grande barulho que chegue ao ouvido de um surdo; o Espírito a isso se comove, como numa lembrança, e sua atividade, provocada, redobra esforços para vencer os obstáculos.

Para aquele que não vê no homem senão uma máquina organizada, sem levar em conta a inteligência que preside ao funcionamento desse organismo, tudo é obscuridade e problema nas funções vitais, tudo é incerteza no tratamento das afecções; é por isso que, o mais freqüentemente, se fere ao lado do mal; bem mais: tudo são trevas nas evoluções da Humanidade, tudo é apalpadela nas instituições sociais; é por isso que se faz, tão freqüentemente, falso caminho. Admiti, somente a título de hipótese, a dualidade do homem, a presença de um ser inteligente independente da matéria, preexistente e sobrevivente ao corpo, que não é para ele senão um envoltório temporário, e tudo se explica. O Espiritismo, por experiências positivas, fez desta hipótese uma realidade, nos revelando a lei que rege as relações do Espírito e da matéria.

Ride, pois, cétricos, da Doutrina dos Espíritos, saída do vulgar fenômeno das mesas girantes, como a telegrafia elétrica saiu das rãs dançantes de Galvani; mas pensai que, negando os Espíritos, estais negando a vós mesmos, e que se riu das maiores descobertas.

O NOVO BISPO DE BARCELONA.

Escrevem-nos da Espanha, a 1^o de outubro de 1864:

"Caro mestre,

'Tomo a liberdade de vos dirigir a nova ordenação que o Mons. Pantaléon, bispo de Barcelona, vem de publicar no jornal: *El D/aro de Barcelona*, de 31 de julho. Como poderis notá-lo, quis caminhar sobre as marcas de seu predecessor. Para mim, Espírita sincero, perdôo-lhe os palavrões que nos dirige, mas não posso me impedir de pensar que poderia empregar a ciência que possui de maneira mais aproveitável para o bem da fé e de seus semelhantes. Para não citar senão um exemplo, temos, a cada instante, o espetáculo desses abomináveis cursos de toureiro, nos quais os pobres cavalos, depois de terem dispensado sua existência ao serviço do homem, vêm morrer desventrados nessas tristes arenas, a maior alegria de uma população ávida de sangue e cujos jogos bárbaros desenvolvem os maus instintos.

"Eis contra o que deveríeis fulminar, Monsenhor, e não contra o Espiritismo que vos conduz, cada dia, ao redil as ovelhas que havíeis perdido; porque eu, que creio sinceramente em Deus, que reconheço a sua grandeza nos menores detalhes da Natureza, antes de ser Espírita, não podia me aproximar de uma igreja, tanto aos meus olhos havia dissemelhança entre aqueles que se dizem os representantes de Deus sobre a Terra e essa grande figura do Cristo, que o Evangelho nos mostra todo amor e abnegação. Sim, dizia-me, Jesus se sacrifica por nós; faz sua entrada triunfal em Jerusalém, coberto de burel, montado sobre um asno; e vós, que vos dizeis seus representantes, estais cobertos de seda, de ouro e de diamantes. Está aí o desprezo das riquezas que o divino Messias

pregava aos seus apóstolos? Não; e no entanto, eu vos confesso, Monsenhor, desde que sou Espírita, pude reentrar em vossas igrejas, pude ali orar a Deus com fervor, apesar da música mundana que ali desempenha ares de ópera; pude orar pensando que, entre todas essas pessoas reunidas, talvez houvesse aquelas a quem essa pompa teatral fosse útil para elevar sua alma a Deus; então pude perdoar o vosso luxo, e compreendê-lo num certo sentido. Vede, pois, bem, Monsenhor, que não é sobre os Espíritas que deveríeis tropejar; e se tendes, como disse não duvido, unicamente o bem de vosso rebanho em vista, retornai de vossa maneira de ver sobre o Espiritismo, que não nos prega senão o amor de nossos semelhantes, o perdão das injúrias, a doçura, a caridade e mesmo o amor por nossos inimigos.

"Caro mestre, perdoai-me estas poucas linhas que me foram sugeridas por essa nova ordenação. O Espiritismo veio reavivar a minha fé, me explicando todas as misérias da vida que, até então, a minha inteligência não havia podido compreender. Persuadido pessoalmente de que trabalhamos por nosso adiantamento e o da Humanidade, não cessarei de propagar esta doutrina no círculo que me cerca, empregando para isso uma convicção profunda e os meios que Deus me deu.

"Dignai-vos receber, caro mestre, etc."

Damos a seguira tradução do Monsenhor o bispo. Nós a reproduzimos *in extenso* para não lhe enfraquecer a importância. Mons. de Barcelona passa com razão por um homem de mérito; portanto, deveu reunir os argumentos mais poderosos contra o Espiritismo; nossos leitores julgarão se é mais feliz do que seus confrades, e se o golpe de misericórdia nos será dado do outro lado dos Pireneus. Limitamo-nos a juntar-lhe algumas notas.

"Nós, D. D. Pantaléon Monserra e Navarro, pela graça de Deus e da Santa-Sé apostólica, bispo de Barcelona, cavaleiro grande cruz da Ordem americana de Isabel a Católica, do Conselho de Sua Majestade, etc.

"Aos nossos amados e fiéis diocesanos,

"O homem, colocado sobre a Terra como num lugar de trevas que lhe impede de ver as coisas colocadas numa ordem superior, não pode dar um passo para procurá-las se não estiver esclarecido pelo facho da fé. Se ele se separa desse guia, não fará senão tropeçar, caindo hoje no extremo da incredulidade que tudo nega, e amanhã no da superstição que tudo crê. Nossa época, que pretende se conduzir pela razão e os sentidos, não admitindo por verdadeiro senão o que lhe mostrem esses falaciosos testemunhos, se vê atravessada por uma imensa corrente de idéias se arrastando em consequência, a negação do sobrenatural e uma excessiva credulidade. Uma e outra são o produto do orgulho da inteligência humana, que repugna prestar uma atenção razoável à palavra revelada de Deus. A geração atual se vê obrigada a assistir a esse triste espetáculo que nos dão hoje os povos mais avançados em ciência e em civilização. Os Estados Norte-Americanos, essa nação chamada modelo, que algumas partes da França, aí compreendida a colônia de Arge, empenham-se, há algum tempo, no estudo ridículo e na aplicação do Espiritismo que vem, sob esse nome, ressucitar as antigas práticas da necromancia pela evocação dos Espíritos invisíveis, que repousam no lugar de sua destinação, colocado além do túmulo, e que os consultam para descobrir os segredos ocultos sob o véu estendido por Deus entre o tempo e a eternidade."

Nota. Se fosse repreensível ter relações com os Espíritos, seria preciso que a Igreja impedisse estes de virem sem ser chamados; porque é notório que há uma multidão de manifestações espontâneas entre as próprias pessoas que nunca ouviram falar do Espiritismo. Como as senhoritas Fox, nos Estados Unidos, as primeiras que revelaram a sua presença naquele país, foram postas no caminho das evocações, se isso não foi pelos Espíritos que vieram se manifestar a elas, então que nisso pensavam o mínimo do mundo? Por que esses Espíritos deixaram seu lugar, que lhes estava assinalado além do túmulo? Foi com ou sem a permissão de Deus?

O Espiritismo não saiu do cérebro de um homem como um sistema filosófico criado pela imaginação; se os *próprios Espíritos não tivessem se manifestado, não teria havido Espiritismo.* Se não se pode impedi-

los de se manifestarem, não se pode deter o Espiritismo, não mais -do que não se pode impedir um rio de correr, a menos que se lhe suprima a fonte. Pretender que os Espíritos não se manifestem é uma questão de fato e não de opinião; contra a evidência não há negação possível.

"Esse desejo exagerado de tudo conhecer por meios ridículos e reprovados não é outro senão o fruto dessa necessidade, desse vazio que o homem sente quando rejeitou tudo o que lhe foi proposto como verdade pela sua soberana legítima e infalível: a Igreja."

N. Se o que essa soberana infalível propõe como verdade é demonstrada como erro pelas observações da ciência, é falta do homem se a repele? A Igreja é infalível, quando condena às penas eternas àqueles que crêem no movimento da Terra e nos anti podas? Quando ela condena, ainda hoje, aqueles que crêem que a Terra não foi formada em seis vezes vinte e quatro horas? Para que a Igreja fizesse acreditar sob palavra, seria preciso que ela não ensinasse nada que pudesse ser desmentido pelos fatos.

"Num momento de ardor de tudo conhecer por si mesmo, ele repeliu como superstição esta mesma verdade, porque seu entendimento não a compreendia ou não concordava com as noções que dela tinha recebido. Mas, mais tarde, julgou necessário o que havia desprezado; quis se reabilitarem sua fé; examinou de novo, e segundo esse exame foi feito por pessoas de uma imaginação viva, ou por outras de um temperamento nervoso e irritável, elas admitiram, em seu sistema de crença, tudo o que acreditaram ver e ouvir dos Espíritos evocados num momento de melancólica exaltação."

N. Não havíamos jamais pensado que a fé, quer dizer, a adoção ou a rejeição das verdades ensinadas pela Igreja, depois de exame por aquele que quer sinceramente a ela retornar, fosse uma questão de temperamento. Se, para lhe dar a preferência sobre outras crenças, não precisa ser nem nervoso nem irritável, nem ter uma imaginação viva, há muitas pessoas que dela estão fatalmente excluídas em consequência de sua compleição. Cremos, nós, que neste século de desenvolvimento intelectual, a fé é uma questão de *compreensão*.

"Foi assim que se chegou a criar uma religião que, renovando os desvios e as aberrações do paganismo, ameaça levar a sociedade ávida de maravilhoso à loucura, à extravagância e ao cinismo mais imundo (*y ai cinismo más inmundo*)."

N. Eis ainda um príncipe da Igreja que proclama, num ato oficial, que o Espiritismo é uma religião que se cria. É aqui o caso de repetir o que já dissemos a este respeito: Se jamais o Espiritismo se tornar uma religião, foi a Igreja que, a primeira, ter-lhe-á dado a idéia. Em todos os casos, essa religião nova, se tanto é que seja uma, se afastaria do paganismo pelo fato capital de que ela não admite um inferno localizado, com penas materiais, ao passo que o inferno da Igreja, com suas chamas, suas forcas, suas caldeiras, suas lâminas de navalhas, seus pregos que rasgam os condenados, e seus diabos que atizam o fogo, é uma cópia ampliada do Tártaro.

"O propagador dessa seita de modernos iluminados, Allan Kardec, ele mesmo confessa em seu *O Livro dos Espíritos*, dizendo: "Que às vezes aqueles se comprazem em responder ironicamente e de maneira equivocada que desconcerta os infelizes que os consultam." E, se bem que advirta da necessidade que há de discernir os Espíritos sérios dos Espíritos superficiais, não pode nos dar as regras necessárias a esse discernimento, confissão que revela toda a vaidade e toda a falsidade do Espiritismo, com suas deploráveis conseqüências."

N. Reenviamos o Mons. de Barcelona ao *O Livro dos Médiuns* (cap. XXIV, página 327).

"Se esse sistema, que estabelece um monstruoso comércio entre a luz e as trevas, entre a verdade e o erro, entre o bem e o mal, em uma palavra, entre Deus e Belial, não tem prosélitos na Espanha, há, disso não se pode duvidar, ardentes propagadores, e a metrópole de nossa diocese é o teatro escolhido para pôr em prática todos os meios que podem sugerir o Espírito de mentira e de perdição. A prova disso está na introdução frau-

dulenta que se opera, apesar do zelo empregado pelas autoridades locais, de milhares de exemplares de *O Livro dos Espíritos*, escrito pelo primeiro pregador dessas mentiras, Allan Kardec, e traduzido em espanhol."

N. É bastante difícil conciliar essas duas afirmativas, a saber: que o Espiritismo *não* tem proséitos na Espanha, e que há, disso não se pode duvidar, ardentes propagadores. Não se compreende a vantagem que, num país onde não há Espíritos, se encontre a venda fácil de *O Livro dos Espíritos* aos milhares.

"Lendo essa produção original, nos dissemos: cada século tem suas preocupações, seus erros favoritos, e os de nosso século são uma tendência a negar o que é invisível e a não procurar a certeza senão na matéria sensível; não seria, pois, coisa incrível, se não a tivéssemos visto, que o século dezenove, tão rico em descobertas sobre as leis da Natureza, tão rico em observações e em experiências tenha vindo a adotar os sonhos da magia e das aparições dos Espíritos com a única evocação de um simples mortal? E, no entanto, isso é! E essa nova heresia, importada, segundo as aparências, de países idólatras aos povos do novo mundo, invadiu o antigo, e encontrou adeptos e partidários neste, apesar do facho do Cristianismo que o clareia há dezoito séculos, e condena semelhantes ridicularias, apesar da luz que difundiu sobre toda a sua superfície e particularmente sobre toda a Europa."

N. Uma vez que o Mons. de Barcelona se espanta de que o século dezenove aceite tão facilmente o Espiritismo, apesar de suas tendências positivas e da riqueza de suas descobertas em relação às leis da Natureza, dir-lhe-emos que foi precisamente a aptidão a essas descobertas que produziu esse resultado. As relações do mundo visível e do mundo invisível são uma das grandes leis naturais que estava reservada ao século dezenove revelar ao mundo, assim como tantas outras leis. O Espiritismo, fruto da experiência e da observação, baseado sobre fatos positivos até hoje incompreendidos, mal estudado e ainda mais mal explicado, é a expressão dessa lei; por isso mesmo vem destruir o fantástico, o maravilhoso e o sobrenatural falsamente atribuído a esses fatos, fazendo-os reentrar na categoria dos fenômenos naturais. Como ele vem explicar o que era inexplicável, que demonstra o que adianta e dá-lhe razão, que não quer ser acreditado sob palavras, que provoca o exame e não quer ser aceito senão com conhecimento de causa, por esses motivos, responde às idéias e às tendências positivas do século. Sua fácil aceitação, longe de ser uma anomalia é uma consequência de sua natureza que lhe dá lugar entre as ciências de observação. Se ele estivesse cercado de mistérios e se tivesse exigido uma fé cega, se o repeliria como um anacronismo.

Jovem ainda, encontra oposição, como todas as idéias novas de uma certa importância; tem contra ele:

1° Aqueles que não crêem senão na matéria tangível, e negam todo poder intelectual fora do homem;

2° Certos sábios que crêem que a Natureza não tem segredos para ele, ou que só a eles compete descobrir o que está ainda oculto;

3° Aqueles que, em todos os tempos, se esforçaram por entrar a marcha ascendente do espírito humano, porque temem que o desenvolvimento das idéias, fazendo ver muito claro, prejudique o seu poder e os seus interesses;

4- Enfim, por aqueles que, não tendo tomado partido, e não o conhecendo, julgam-no sobre a deturpação que lhe fazem sofrer seus adversários, tendo em vista desacreditá-lo.

Esta categoria compõe a grande maioria dos opositores; mas ela diminui todos os dias, porque todos os dias o número daqueles que estudam aumenta; as prevenções caem diante de um exame sério, e se prende tanto mais a coisa sobre a qual se reconhece ter se enganado. A julgá-lo pelo caminho que o Espiritismo fez em tão curto espaço de tempo, é fácil prever que dentro em pouco não terá mais contra ele senão os antagonistas de partido tomado; e como eles formam uma pequeníssima minoria, sua influência será nula; eles mesmos sofrerão a influência da massa, e serão forçados a seguir a torrente.

A manifestação dos Espíritos não é somente uma crença, é um fato; ora, diante de um fato, a negação é sem valor, a menos de provar que ele não existe, e é o que ninguém ainda demonstrou. Como sobre todos os pontos do globo a realidade do fato é cada dia constatada, crê-se no que se vê; é o que explica a impotência dos negadores para deterem o movimento da idéia. Uma crença não é ridícula senão quando ela é falsa, e não o é mais desde que repouse sobre uma coisa positiva; o ridículo é para aquele que se obstina em negar a evidência.

"Isto deve vos convencer, meus caros filhos e irmãos, da necessidade que o homem tem de crer, e que quando despreza as verdadeiras crenças, abraça com entusiasmo mesmo as falsas.

Foi porque o profundo Pascal disse, num de seus pensamentos: "Os incrédulos são os homens mais levados a tudo crerem." O Espírito de trevas prende os homens por joquete e por instrumento de seus maus desígnios, servindo-se de sua vaidade, de sua credulidade, de sua presunção para fazerem de si mesmos os propagadores e os apóstolos do que riram na véspera, do que qualificam de invenção quimérica e de espantalho para as almas fracas."

"Não, meus irmãos, a verdadeira fé, a doutrina do cristianismo, o ensino constante da Igreja, têm sempre reprovado a prática dessas evocações que levam a crer que o homem tem sobre os Espíritos um poder que não pertence senão unicamente a Deus. "Não está no poder de um mortal que as almas separadas dos corpos depois da morte lhe revelem os segredos que cobrem o véu do futuro." (Mat., XVI, 4.)"

N. O Espiritismo diz também que não é dado aos Espíritos revelar o futuro, e condena formalmente o emprego das comunicações de além-túmulo como meio de adivinhação; diz que os Espíritos vêm para nos instruir e nos melhorar, e não para nos dizer a sorte; diz além disso que nada pode constranger os Espíritos a virem e a falarem quando não o querem. É desnaturá-lo maliciosamente o objetivo de pretender que faz da necromancia. (O *Livro dos Médiuns*, cap. XXVI, página 386.)

"Se a sabedoria divina tivesse julgado útil à felicidade e ao repouso do gênero humano instruí-lo sobre as relações entre o mundo dos Espíritos e o dos seres corpóreos, ela no-lo teria revelado de maneira a que nenhum mortal pudesse ser enganado em suas comunicações; teria nos ensinado um meio para reconhecer quando nos tivessem dito a verdade, ou insinuado o erro, e não nos teria abandonado por este discernimento à luz da razão que é um brilho muito fraco para descobrir essas regiões que se estendem além da morte."

N. Uma vez que Deus permite hoje que essas relações existam, -por que é preciso bem admitir que nada chega sem a permissão de Deus,- é que ele julga útil à felicidade dos homens, a fim de lhes dar a prova da vida futura, na qual há tantos que não crêem mais, e porque o número sem cessar crescente dos incrédulos prova que só a Igreja é impotente para retê-los nos redil. Deus lhe envia auxiliares nos Espíritos que se manifestam; repeli-los não é fazer prova de submissão à sua vontade; negá-los, é desconhecer o seu poder; injuriá-los é maltratar seus intérpretes, é agir como os Judeus com respeito aos profetas, o que fez Jesus derramar lágrimas sobre a sorte de Jerusalém.

"Quando, pois, um miserável mortal, desviado por sua imaginação pretende nos dar novidade sobre as sorte das almas no outro

mundo; quando homens de visão curta têm a audácia de querer revelar à Humanidade e ao indivíduo sua destinação indefectível no futuro, usurpam um poder que pertence a Deus, e do qual não se despoja, se não for para o bem da própria Humanidade e dos povos, advertindo-os ou reprimindo-os por intermédio de enviados que, como os profetas, trazem com eles a prova de sua missão, nos milagres que operam, e no cumprimento constante daquilo que anunciaram."

N. Vós negais, pois, as predições de Jesus, uma vez que não reconheceis no que chega o cumprimento do que ele anunciou. Que significam estas palavras; "Derramarei o Espírito sobre toda a carne; vossas mulheres e vossas filhas profetizarão, vossos filhos terão visões e os velhos sonhos?"

"Podemos considerar como visionários aqueles que, abandonando a verdade e dando o ouvido às fábulas, querem que se escute como revelações os caprichos, os sonhos fantásticos de sua imaginação em delírio. São Paulo, escrevendo a Timóteo, coloca-o em guarda contra tudo isso, ele e as gerações futuras, (I Tim. IV, v. 7.) O apóstolo já pressentia, dezoito séculos antes, o que à nossa época a incredulidade deveria oferecer para encher com alguma coisa o vazio que deixa na alma a ausência da fé."

N. Com efeito, a incredulidade é a praga da nossa época; deixa na alma um vazio imenso; por que, pois, a Igreja não a combate? Porque não pode ela reter os fiéis na fé? Os meios materiais e espirituais não lhe faltam, no entanto; não tem imensas riquezas, um inumerável exército de pregadores, a instrução religiosa da juventude? Se seus argumentos não triunfam da incredulidade, é, pois, que não são bastante peremptórios. O Espiritismo não vai sobre seus destroços: *ele faz o que ela não faz*, dirige-se àqueles em que é impotente em conduzir e triunfa dando-lhes a fé em Deus, em sua alma e na vida futura. Que se diria de um médico que, não podendo curar um doente, se opusesse a que ele aceitasse os cuidados de um outro médico que poderia salvá-lo?

É verdade que não preconiza um culto às expensas do outro, que não lança o anátema a ninguém, sem isso seria o bem-vindo daquele do qual teria abraçado a causa exclusiva; mas é precisamente porque é portador de uma palavra de união, à qual todos podem responder: "Fora da caridade não há salvação," que vem fazer cessar os antagonismos religiosos, que fizeram derramar mais sangue do que as guerras de conquistas.

"Depois de ter tentado a adivinhação, o sonambulismo pelo magnetismo animal, sem ter podido obter outra coisa senão a reprovação de todo homem sensato; depois de ter visto cair em descrédito as mesas girantes, desenterraram o cadáver infecto desse Espiritismo com os absurdos da transmigração das almas; desprezando os artigos de nosso símbolo, tais como os ensina a Igreja, quiseram substituí-los por outros que os anulem, admitindo uma imortalidade da alma, um purgatório e um inferno muito diferentes daqueles que nos ensina nossa fé católica."

N. Isto é muito justo; o Espiritismo não admite um inferno onde há chamas, forcados, caldeiras e lâminas de navalha; não admite não mais de que isso seja uma alegria para os eleitos, levantar a tampa das caldeiras para ver nela ferver os condenados, talvez um pai, mãe ou filho; não admite que Deus se compraza em ouvir, durante a eternidade, os gritos de desespero de suas criaturas, sem ser tocado das lágrimas daqueles que se arrependem, mais cruel nisso do que esse tirano que fez construir um respiradouro ligando os calabouços de seu palácio ao seu quarto de dormir, para se dar o *prazer* de ouvir o gemido de suas vítimas; não admite, enfim, que a suprema felicidade consiste numa contemplação perpétua, que seria uma inutilidade perpétua, nem que Deus haja criado as almas para não lhes dar senão alguns anos ou alguns dias de existência ativa, e mergulhá-las em seguida, pela eternidade, nas torturas ou numa inútil beatitude. Se estiver aí a pedra angular do edifício, a Igreja tem razão de temer as idéias novas; não é com tais crenças que fechará o abismo escancarado da incredulidade.

"Com isso, como o disse muito a propósito o sábio bispo de Alger, tudo que pôde fazer os incrédulos foi mudar de face para arrastar essa porção de crentes, cuja fé simples e pouco esclarecida é fácil a se prestar a tudo o que é extraordinário, e, ao mesmo tempo, de conseguir opor um novo obstáculo a conversão dessas almas amortalhadas na indiferença religiosa, que, vendo que se quer reduzir o cristianismo a um enredo de superstições, acabaram por blasfemar contra, ele e o seu autor."

N. Eis uma coisa bem singular! é o Espiritismo que impede a Igreja de converter as almas amortalhadas na indiferença religiosa; mas, então, porque não as converteu antes do aparecimento do Espiritismo? Ele é, pois, mais poderoso do que a Igreja? Se os indiferentes se ligam a ele de preferência, é que, aparentemente, o que ele dá lhes convém mais.

"A fim de que os homens de pouca fé não se escandalizem lendo as doutrinas de *O Livro dos Espíritos*, e não creiam, um único instante, que elas estão em harmonia com todos os cultos e todas as crenças, aí compreendida a fé católica, assim como o pretende Allan Kardec, lhes lembramos que as Escrituras santas as condenam como loucura, dizendo pela boca do Eclesiastes: "As adivinhações, os augúrios e os sonhos são coisas vãs, e o coração sofre com essas quimeras; todas as vezes que não serão enviados pelo Mais Alto, desconfiai disso; porque os sonhos entristecem os homens, e aqueles que se apoiam neles são caídos." (Ecl. XXXVI, v. 5, 7.)

"Jesus Cristo censura os seus discípulos por terem acreditado na visão de um fantasma, vendo-o caminhar sobre as águas, e não quer que disso se assegurem de outro modo senão pelos sinais que lhes dá da realidade de sua pessoa. (Luc. XXIV, v. 39.)

"A Igreja e os santos Pais, como intérpretes da palavra divina, constantemente repeliram esses meios enganadores pelos quais se crê que os Espíritos se comunicam com os homens, e a razão esclarecida os repele também, porque, compreendendo que, por ela só e sem o recurso da fé, não pode abarcar as coisas nem as verdades que se relacionam ao passado na ordem sobrenatural; como pode ela pretender alcançar, por si mesma, num estado de transporte, ou arrastada por uma imaginação ardente, o que não pode se verificar senão de uma maneira, num lugar, e em circunstâncias imprevistas?

"Se, pois, em outras ocasiões, elevamos a voz contra esse materialismo ímpio, essa incredulidade sistemática que nega a imortalidade da alma separada do corpo nos diferentes estados aos quais a destina a justiça divina pela eternidade, hoje nos vemos obrigados a protestar contra essa comunicação ativa que se atribui à evocação dos mortos, e que pretende revelar o que não é perceptível senão à penetração infinita de Deus.

"Não vos deixeis arrastar, meus irmãos, meus filhos amados, por essas fábulas vãs, recebendo os erros e as preocupações dos povos bárbaros e ignorantes, e todas as invenções absurdas de pessoas cujo espírito, enfraquecido pela falta da fé verdadeira e pela superstição, abjura a religião revelada pelo filho de Deus, corrompe a razão humana e expulsa a pureza da alma. Longe de nossos bem-amados diocesanos, e sobretudo desses leitores reputados, com razão, esclarecidos e civilizados, de juntar a fé aos contos de sonhadores tais como Allan Kardec, homens de imaginação exaltada e em delírio! Longe de nós, pois, essa crença anti-cristã que faz os fantasmas saírem do túmulo, os Espíritos errantes; longe de vós essa superstição importada em nossa religião pelos pagãos convertidos ao cristianismo, e que os escritos de seus sábios apologistas dela afastarão logo."

N. Os Espíritos jamais fizeram os fantasmas saírem dos túmulos, pela razão muito simples de que nos túmulos não há senão o despojo mortal que se destrói e não ressuscita. Os Espíritos estão por toda a parte no espaço, felizes de estarem livres e desembaraçados do corpo que os fazia sofrer; é porque não se prendem aos seus restos, e fogem deles mais do que os procuram. O Espiritismo tem sempre repellido a idéia de que as evocações eram mais fáceis junto aos túmulos, de onde não se pode fazer sair o que ali não está. Não é senão no teatro que se vêem essas coisas.

'Tende cuidado que vossos filhos, levados pela curiosidade da jovem idade, não leiam semelhantes produções, e não se impressionem com suas imagens que fizeram perder o senso comum a um grande número de pessoas, que gemem hoje nas casas de alienados, vítimas do Espiritismo.

"Fazei todos os vossos esforços, meus filhos e meus irmãos, para conservar pura a doutrina que nosso divino Mestre nos ensinou; tranqüilizai-vos e apoiái-vos unicamente sobre sua santa palavra com respeito ao futuro. E sabendo que é à Providência divina, sempre sábia, que cabe conduzir o homem através das vicissitudes desta vida, para provar a sua fé, e avivar a sua esperança, sem querer sondar vossa sorte futura, procurai assegurá-lo por meio das boas obras, tornando certa por elas a vossa vocação de filhos de Deus, chamados à herança do Pai celeste."

N. Antes de deter a curiosidade dos filhos, não seria preciso aguilhoar a dos pais, o que esse mandamento não pode deixar de produzir. Quanto à loucura, é sempre a mesma história, que começa ser singularmente usada, e cujo resultado não foi mais feliz do que a dos pretensos fantasmas. As experiências se fazem de todos os lados, muito mais ainda na intimidade das famílias do que em público, e os médiuns se encontrando por toda a parte, em todas as classes da sociedade, e de todas as idades, cada um sabe em que se prender sobre o verdadeiro estado das coisas; é por isso que os esforços que se fazem para mascarar o Espiritismo são sem importância. O número daqueles que de falsas alegações chegam a se enganar é muito fraco, e deles muitos, querendo ver por si mesmos, reconhecem a verdade. Como persuadir a uma multidão de pessoas que é noite, então que todos estão em condições de ver que é claro? Essa faculdade

de controle prático, dada a todo o mundo, é um dos caracteres especiais do Espiritismo, e é o que faz a sua força. Isso ocorre de outro modo com doutrinas puramente teóricas que se pode combater pelo raciocínio; mas o Espiritismo é fundado sobre os fatos e as observações que cada um tem, sem cessar, sob a mão.

Toda a argumentação do Mons. de Barcelona se resume assim: As manifestações dos Espíritos são fábulas imaginadas pelos incrédulos para destruir a religião; não é preciso crer no que dizemos, porque só nós estamos de posse da verdade; não examineis nada além, de medo que não sejais seduzidos.

"Para prevenir os perigos aos quais poderíeis sucumbir, e em virtude da autoridade divina que nos foi dada para vos assinalar e vos afastar disso, conforme a faculdade que nos é reconhecida pelo artigo 3 da última concordata, e de acordo com o que foi previsto pelos cânones sagrados, e as leis do reino, no tocante aos erros que assinalamos e combatemos, condenamos *O Livro dos Espíritos*, traduzido em espanhol sob o título de *El Libro de los Espíritos*, por Allan Kardec, como compreendido nos artigos 8 e 9 do catálogo promulgado em virtude da prescrição, para esse efeito, do concílio de Trento. Nós lhe proibimos a leitura a todos os nossos diocesanos, sem exceção, e lhes ordenamos entregar aos seus curas respectivos os exemplares que poderão cair em suas mãos, para que nos sejam remetidos com toda a segurança possível.

"Dado em nossa santa visita de Mataro, a 27 de julho de 1864."

PANTALEON, *bispo de Barcelona*.

Por ordem de S. E. S. Monsenhor bispo,
DON LÁZARO BAULUZ, *secretário*.

A proibição feita pelo Mons. de Barcelona a todos os seus diocesanos, sem exceção, de se ocupar do Espiritismo, está calcada sobre a do Mons. de Argel. Duvidamos muito que ela tenha mais sucesso, embora isso seja na Espanha; porque neste país as idéias fermentam como em toda a parte, mesmo sem abafá-las, e talvez por causa do abafamento que elas ficam como em estufa quente. O auto-de-fé de Barcelona apressou a sua eclosão. O efeito que se tinha prometido dessa solenidade aparentemente não respondeu à espera, uma vez que não se renovou; mas a execução que não se usa mais fazer em público, se quer fazê-la em particular. Convidando seus administrados a lhe remeter todos os livros espíritas que lhes caírem nas mãos, o Mons. Pantaléon, sem dúvida, não tinha em vista deles fazer coleção. Sua interdição de evocar os Espíritos, é seu direito; mas em sua ordenação esqueceu uma coisa essencial, a de fazer proibição aos Espíritos de entrarem na Espanha.

Admira-se que o Espiritismo tome tão facilmente raiz no século dezenove; deve se admirar ainda mais de ver neste século ressuscitar os usos e costumes da idade média; e o que é surpreendente ainda, é que aí se encontram pessoas, instruídas de resto, compreendendo muito pouco a natureza e o poder da idéia, para crer que se pode deter-lhe a passagem, como se detém um pacote de mercadoria na fronteira.

Não lamenteis, monsenhor, de que os incrédulos e os indiferentes permaneçam surdos à voz dos pastores da Igreja, ao passo que se entregam à do Espiritismo; é que eles são mais tocados pelas palavras de caridade, de encorajamento e de consolo do que pelos anátemas. Crê-se conduzi-los por imprecações como a que pronunciou recentemente o cura de Villemayor-de-Ladre contra um pobre mestre escola que havia feito erro de desagrada-lo? Eis esta fórmula canônica narrada pela *Correspondência* de Madri, do mês de junho de 1864, e junto da qual a famosa imprecação de Camille é quase da doçura; o poeta pôde pô-la na boca de um pagão, e não ousou pô-la na de um cristão.

"Maldito seja Auguste Vincent; malditas sejam as vestes com as quais se cobre, a terra sobre a qual caminha, a cama onde dorme e a mesa onde come; malditos sejam o pão, e além disso, todos os outros alimentos dos quais se nutre, a fonte onde bebe, e além disso, todos os líquidos que toma.

"Que a terra se abra e que ele seja enterrado neste momento; que Lúcifer esteja ao seu lado direito. Ninguém pode falar com ele, sob pena de serem todos excomungados, somente lhe dizendo adeus; maldi-

tos também sejam seus campos, sobre os quais não cairá mais água, a fim de que nada lhes produzam; malditos sejam o jumento que monta, a casa onde mora e as propriedades que possui.

"Malditos sejam também seus pais, os filhos que tem e que tiver, que serão em pequeno número e maus; eles irão mendigar e não haverá ninguém que lhes dará esmola, e se lhes a derem, que não possam comê-la. Além do mais, que sua mulher, neste instante, fique viúva, seus filhos órfãos e sem pai."

É bem num templo cristão que podem ressoar tão horríveis palavras? É bem um ministro do Evangelho, um representante de Jesus Cristo que pôde pronunciá-las? que, por uma injúria pessoal, lance um homem à execração de seus semelhantes, à condenação eterna e a todas as misérias da vida, seu pai, sua mãe, seus filhos presentes e futuros, e tudo que lhe pertence? Jesus jamais teve uma semelhante linguagem, ele que orava por seus carrascos, e que disse: "Perdoai aos vossos inimigos;" que nos faz cada dia repetir, na Oração dominical: "Senhor, perdoai as nossas ofensas, como nós perdoamos àqueles que nos ofenderam." Quando pronuncia a maldição contra os Escribas e os Fariseus, chama sobre eles a cólera de Deus? Não; mas lhes prediz as infelicidades que os esperam.

E vós vos espantais, monsenhor, do progresso da incredulidade! Espantai-vos antes de que no século dezenove a religião do Cristo seja tão mal compreendida por aqueles que estão encarregados de ensiná-la. Não estejais, pois, surpreso se Deus envia seus bons Espíritos para lembrar o sentido verdadeiro de sua lei. Eles não vêm destruir o Cristianismo, mas livrá-lo das falsas interpretações e dos abusos que os homens nele introduziram.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS **OS ESPÍRITOS NA ESPANHA.**

(Barcelona, 13 de junho de 1864. - Médiun, senhora J.)

Venho junto a vós para que tenhais a bondade de me recomendar a Deus em vossas preces, porque sofro, e desejo que as almas caridosas encarnadas tenham compaixão de um pobre Espírito que pede a Deus o seu perdão. Por muito tempo estagnei no mal, mas hoje venho dizer aos Espíritos que o fazem: Cessai, almas impuras em nossas iniquidades, cessai de ser incrédulos e de levar uma vida errante tal qual a vossa; cessai, pois, de fazer o mal, porque Deus disse aos seus bons Espíritos: "Ide, e purificai essas almas perversas que jamais conheceram o bem; é preciso que o mal cesse, porque estão próximos os tempos em que a Terra deve ser melhorada. Para que ela seja melhor, é preciso que essas almas enlameadas, que cada dia vêm povoá-la, se purifiquem, a fim de habitar essa nova Terra, melhores e caridosas."

Foi o que Deus disse aos seus bons Espíritos; e eu que era um dos mais cruéis nas obsessões, venho hoje dizer àqueles que fazem o que eu fazia: Almas desviadas, segui-me; pedi perdão a Deus e a essas almas puras que vos estendem os braços; implorai, e Deus vos perdoará; mas perdoai também, vós, e arrependei-vos; o perdão é tão doce! Ah! se vós o conhecêsseis, não tardaríeis um instante em vos retirar da lama do mal em que estagnais; voaríeis logo nos braços dos anjos que estão junto de vós. Cessai, cessai, irmãos, isto vos peço; cessai e segui-me; arrependei-vos.

Meus amigos, permiti que vos dê este nome, embora não me conheçais: Sou um desses Espíritos que tudo fizeram fora do bem; mas a todo pecado misericórdia, e uma vez que Deus me concede o meu perdão, e que os anjos consentiram em me dar o nome de irmão, espero que vós, que praticais a caridade, orareis por mim, porque tenho provas bem duras a suportar; mas elas são merecidas.

P. Há muito tempo que tomastes o caminho do bem? - *R.* Não, meus amigos, há pouco tempo, porque sou o Espírito obsessivo da jovem de Marmande; sou Jules, e venho

junto às almas caridosas pedir-lhes para orarem por mim, e dizer também aos meus antigos companheiros: "Parai! não façais mais o mal, porque Deus perdoa aos pecadores arrependidos; arrependei-vos, e sereis absolvidos. Venho vos trazer as palavras de paz; recebi do anjo que está aqui presente o santo batismo, como eu mesmo recebi."

Caros amigos, eu vos deixo, recomendando-vos não vos esquecer de mim em vossas boas preces. Adeus.

JULES.

Tendo perguntado ao Espírito se o da Pequena Cárita, sua protetora, o acompanhava, ele respondeu afirmativamente. Pedi-mos a esse bom Espírito consentir em nos dizer algumas palavras relativamente às obsessões que combatemos há muito tempo. Eis o que nos disse:

"Meus amigos, as obsessões que fazem o tormento dessas pobres almas encarnadas são muito dolorosas, sobretudo para os médiuns que desejam se servir de sua faculdade para fazer o bem, e não o podem, porque Espíritos malévolos se abatem sobre eles e não lhes deixam tranquilidade; mas é preciso esperar que essas obsessões cheguem ao seu fim. Orai muito, pedi a Deus, a bondade mesmo, que consinta em abreviar os vossos sofrimentos e as vossas provas. Evocai, caras almas, esses Espíritos desviados; orai por eles; moralizai-os; pedi conselhos aos bons Espíritos. Estais bem assistidos; não tendes junto a vós várias dessas almas etéreas que querem velar sobre vós e vos protegem, e procuram vos fazer progredir, para que chegueis junto a Deus; aí está a sua tarefa; trabalham sem cessar para vos preparar a vida que jamais se acaba. Se não estais livres, meus caros amigos, sem dúvida é que não estais bastante purificados para a tarefa que vos impusestes. Escolhestes vossa prova livremente e deveis vos esforçar por levá-la a bom fim, porque os Espíritos vos guiam e vos sustentam para vos ajudar a terminar a vida terrestre santamente, vos depurando pela expiação do sofrimento e pela caridade.

"Adeus, caros amigos; eu vos deixo, pedindo a Deus por vós e por esses pobres obediados, e peço-lhe que sejais sempre protegidos pelos Espíritos purificados de vosso grupo. (Ver a *Revista* de fevereiro, março e junho de 1864: a cura da jovem obsidiada de Marmande.)

PEQUENA CÁRITA."

Eis dois Espíritos que violaram a ordenação e passaram os Pireneus sem permissão, sem levar em conta a ordenação do Mons. Pantaléon, e, o que mais é, sem haverem sido chamados nem evocados. E verdade que a ordenação não tinha ainda aparecido; veremos se agora serão mais atrevidos. Poder-se-ia dizer que se, nessa reunião, não se os chamou, tinha-se o hábito de chamá-los em outras, e que, encontrando a porta aberta, aproveitaram para entrar; mas não se tardará, se isso já não foi feito, em ver ali se introduzirem, ali como em outra parte, como em Poitiers, por exemplo, aquelas pessoas que jamais terão ouvido falar do Espiritismo, e mesmo aqueles que, escrupulosos observadores da ordenação, lhes fecharão a entrada de suas casas, e isso apesar dos policiais.

Uma vez que aqueles que são referidos aqui se permitiram essa injúria, perguntaremos ao Monsenhor o que há de ridículo nesse fato, e onde está o *cinismo imundo* que, segundo ele, é o fruto do Espiritismo: Uma jovem de Marmande, que nem ela nem seus pais pensavam nos Espíritos, que talvez nem neles acreditavam, é atingida, há mais de um ano, de uma doença terrível, bizarra, diante da qual a ciência fracassou. Alguns Espíritos creram ali reconhecer a ação de um mau Espírito; empreenderam a sua cura sem medicamentos, pela prece e pela evocação desse mau Espírito, e em cinco dias, não só lhe devolveram a saúde, mas conduziram o mau Espírito ao bem. Onde está o mal? onde está o absurdo? Depois, esse mesmo Espírito vem a Barcelona, sem ser chamado, reclamar preces das quais tem necessidade para terminar a sua purificação; se dá por exemplo e convida seus antigos companheiros a renunciar ao mal; o bom Espírito que o

acompanha prega uma moral evangélica; o que há ainda aí de ridículo e de imundo? O que é ridículo, dizeis, é crer na manifestação dos Espíritos. Mas o que são esses dois seres que vêm de se comunicar? São um efeito da imaginação? Não, uma vez que nem pensavam neles, nem no fato dos quais vêm falar. Quando estiverdes morto, Monsenhor, vereis as coisas de outro modo, e pedimos a Deus que vos esclareça, como fez para o vosso predecessor, hoje um dos protetores do Espiritismo em Barcelona.

Entre as comunicações que deu à Sociedade Espírita de Paris, eis a primeira que já foi publicada nesta Revista; nós a reproduzimos, no entanto, para a edificação daqueles que não a conhecem. (Ver a Revista de agosto de 1862, página 231: A morte do bispo de Barcelona, e, para os detalhes do auto-de-fé, os números de novembro e dezembro de 1861.)

"Ajudado por vosso chefe espiritual (São Luís), pude vir vos ensinar pelo meu exemplo e vos dizer: Não repilais nenhuma das idéias anunciadas, porque um dia, um dia que durará e pesará como um século, essas idéias acumuladas gritarão como a voz do anjo: Caim, que fizeste de teu irmão? Que fizeste de nosso poder, que deveria consolar e elevar a Humanidade? O homem que voluntariamente vive cego e surdo de espírito, como outros o são de corpo, sofrerá, expiará e renascerá para recomeçar o labor intelectual que sua preguiça e seu orgulho lhe fizeram evitar; e essa terrível voz me disse: Tu queimaste as idéias, e as idéias te queimarão. Oraí por mim; oraí, porque é agradável a Deus a prece que lhe dirige o perseguido por seu perseguidor.

"Aquele que foi bispo e não é mais do que um penitente." Os Espíritos não se detêm em Barcelona; Madri, Cadiz, Sevilha, Múrcia e muitas outras cidades recebem suas comunicações, às quais o auto-de-fé deu um novo impulso, aumentando o número dos adeptos. Sem ter o dom de profecia, podemos dizer com certeza que meio século não passará sem que toda a Espanha seja Espírita.

(Múrcia (Espanha) 28 de junho de 1864.)

Pergunta a um Espírito protetor. Poderíeis nos falar do estado das almas encarnadas nos mundos superiores ao nosso?

Resposta. Tomo como ponto de comparação com o vosso, um mundo sensivelmente mais avançado, onde a crença em Deus, na imortalidade da alma, na sucessão das existências para alcançar a perfeição, são tantas verdades reconhecidas e compreendidas por todos, onde a comunicação dos seres corpóreos com o mundo oculto, por isso mesmo, é muito mais fácil. Os seres ali são menos materiais do que sobre a vossa Terra, e não estão sujeitos a todas as necessidades que vos pesam; formam a transição dos corpóreos aos incorpóreos. Ali nada de barreiras que separem os povos, nada de guerras; todos vivem em paz, praticando entre si a caridade e a verdadeira fraternidade; as leis humanas ali são inúteis; cada um traz consigo a sua consciência que é o seu tribunal. O mal ali é raro, e ainda esse mal seria quase o bem para vós. Com relação a vós, seriam perfeitos, mas da perfeição de Deus, estão ainda muito longe; lhes é preciso ainda mais de uma encarnação sobre diversas terras para terminar a sua purificação. Aquele que vos parece perfeito sobre a Terra seria considerado como um revoltado e um criminoso no mundo do qual vos falo; os vossos maiores sábios ali seriam os últimos ignorantes.

Nos mundos superiores, as produções da Natureza não têm nada de comum com as de vosso globo; tudo ali é apropriado à organização menos material dos habitantes. Não é pelo suor de seu rosto e pelo trabalho manual que deles tiram a sua nutrição; o solo produz naturalmente o que lhes é necessário. No entanto, não são inativos; mas suas ocupações são diferentes das vossas; não tendo que prover às necessidades do corpo, provêm à do Espírito; cada um compreendendo porque foi criado, está positivamente certo de seu futuro, e trabalha sem descanso para a sua melhoria e a purificação de sua alma.

A morte ali é considerada como um benefício. O dia em que uma alma deixa o seu envoltório é um dia feliz. Sabe-se onde vai; passa-se primeiro para ir esperar mais tarde seus parentes, seus amigos e os Espíritos simpáticos que são deixados atrás de si.

Terra de paz, morada afortunada, onde as vicissitudes da vida material são desconhecidas, onde a tranqüilidade da alma não é perturbada nem pela ambição, nem pela sede de riquezas, felizes aqueles que a habitam! Tocam o objetivo que perseguiram há tantos séculos; vêem, sabem, compreendem; regozijam-se pensando no futuro que os espera, e trabalham com mais ardor para chegar mais prontamente.

UM ESPÍRITO PROTETOR.

Esta comunicação não oferece nada que não haja sido dito sobre os mundos avançados; mas nela não é menos interessante ver a concordância que se estabelece no ensino dos Espíritos sobre os diversos pontos do globo. Com tais elementos, como a unidade da Doutrina não se faria?

Até o presente, os pontos fundamentais da Doutrina estando constituídos, os Espíritos têm poucas coisas novas para dizer; não podem mais que repeti-las em outros termos, desenvolver e comentar os mesmos assuntos, o que estabelece uma certa uniformidade em seus ensinamentos. Antes de abordar novas questões, deixam àquelas que estão resolvidas o tempo de se identificarem com o pensamento; mas, à medida que o momento é propício para dar um passo adiante, se os vê abordar novos assuntos que, mais cedo, teriam sido prematuros.

CONVERSAS DE ALÉM-TÚMULO. UM ESPÍRITO QUE SE CRÊ MÉDIUM.

A senhora Gaspard, amiga da senhora Delanne, era uma fervorosa espírita; lamentava não ser médium; sobretudo desejava ser médium vidente. Há muito tempo sofria muito de um aneurisma; no dia 2 de julho último, a ruptura desse aneurisma levou, na noite, à morte súbita dessa senhora. A senhora Delanne não fora ainda informada do acontecimento, quando, no dia, ela ouviu pancadas nas diferentes partes de seu quarto; no início não prestou grande atenção, mas a persistência desses golpes fê-la pensar que algum Espírito pedia para se comunicar. Como ela era muito bom médium, tomou o lápis e escreveu o que se segue:

Oh! boa senhora Delanne, como me fizestes esperar! Eu corri para vos contara minha nova faculdade: sou médium vidente. Vi minha cara Émile, meus filhinhos, minha mãe, a mãe do Sr. Gaspard. Oh! quanto vai ficar feliz, quando o souber! Obrigada, meu Deus! por um tão grande favor.

P. - É bem vós, senhora Gaspard, que me falais neste momento?

R.-Como! não me vedes? Vim até vós porque já faz muito tempo. Estava impaciente porque não me respondíeis. Vamos! vais vir, não é? é vossa vez agora. E depois, isso vos fará bem; iremos passear, agora que estou bem. Oh! quanto se é feliz em rever aqueles que se ama! é, no entanto, o que me curou. Como o bom Deus é bom, e como ele cumpre as suas promessas, quando se é fiel aos seus mandamentos!- Hein, meu Émile! e dizer que meu pobre pai vai me dizer ainda que sou louca! Isso não faz nada, lhe direi tudo do mesmo modo.-Vamos, partamos? É preciso levar a vossa mãe, isso lhe fará bem. Pobre mulher! ela tem o ar tão bom.

P. - Vejamos, boa senhora Gaspard, partamos, eu vos sigo; vamos em sua casa, em Châtillon? Dizei-me o que vedes, ou antes, o que se passa ali nesse momento.

R. - Coisas singulares!

A esta palavra, o Espírito se foi dali, e a senhora Delanne nada mais pôde obter.

Para a compreensão desta última parte da comunicação, diremos que, há algum tempo, uma partida de campanha a Châtillon era projetada entre essas duas senhoras. A senhora Gaspard, surpreendida por uma morte súbita, não se deu conta de sua posição, e se crê ainda viva; como ela vê os Espíritos daqueles que lhe são caros, pensou ter se tornado médium vidente; é uma particularidade notável da transição da vida corpórea à vida espiritual. Além disso, a senhora Gaspard, achando-se livre de seus sofrimentos, crê estar curada, e vem renovar seu convite à senhora Delanne. No entanto, as idéias nela estão confusas, porque vem adverti-la batendo golpes ao seu redor, sem compreender que ela não seria ali notada desse modo se estivesse viva.

A senhora Delanne compreendeu em seguida a singularidade da posição, mas, para não desenganá-la, convida-a a ver o que se passa em Châtillon. Sem dúvida, o Espírito para lá se transporta e é chamado à realidade por alguma circunstância imprevista, uma vez que exclama: "Coisa singular!" e interrompe a sua comunicação.

De resto, a ilusão não foi de longa duração; a partir do dia seguinte, a senhora Gaspard estava completamente desligada, e ditou uma excelente comunicação dirigida ao seu marido e aos seus amigos, se felicitando por ter conhecido o Espiritismo, que lhe havia proporcionado morte isenta das angústias da separação.

ESTUDOS MORAIS.

UMA FAMÍLIA DE MONSTROS.

Escreveu-se de Brunswick ao *Pays*:

"Uma camponesa das cercanias de Lutter vem de colocar no mundo uma criança que tem todas as aparências de um macaco, porque seu corpo, quase inteiramente, é coberto de pêlos negros e espessos, e o próprio rosto não é isento dessa estranha vegetação.

"Casada há doze anos, e embora admiravelmente conformada, essa infeliz mulher não pôde ainda colocar no mundo um único filho que não fosse atingido por enfermidades mais ou menos medonhas.

"Sua filha primogênita, com idade de dez anos é completamente corcunda, e sua fisionomia parece copiar, traço por traço, a do Polichinelo. Seu segundo filho é um menino de sete anos; ele não tem pernas e coxas. O terceiro, que vai fazer seu quinto ano, é surdo-mudo e idiota. Enfim, a quarta, uma pequena de dois anos e meio, é completamente cega.

"Qual deve ser a causa desse estranho fenômeno? Está aí um ponto que a ciência deve esclarecer.

"O pai é um homem perfeitamente constituído e que apresenta todas as aparências da mais robusta saúde, e nada pode explicar a espécie de fatalidade que pesa sobre a sua raça."

(*Moniteur* de 20 de julho de 1864.)

"Está aí, disse o jornal, um ponto que a ciência deve esclarecer." Há muitos outros fatos diante dos quais a ciência permanece impotente, sem contar os de Morzines e os de Poitiers. A razão disso é muito simples, é que ela se obstina em não procurar as causas senão na matéria, e não levar em conta senão as leis que conhece. Ela está, com relação a certos fenômenos, na posição em que se achava se não tivesse saído da física de Aristóteles, se tivesse desconhecido a lei da gravidade ou da eletricidade; onde se achava a religião enquanto esta desconheceu a lei do movimento dos astros; onde estão ainda hoje aqueles que desconhecem a lei geológica de formação do globo?

Duas forças dividem o mundo: o espírito e a matéria. O espírito tem suas leis, como a matéria tem as suas; ora, essas duas forças reagindo incessantemente uma sobre a outra, disso resulta que certos fenômenos materiais têm como causa a ação do espírito, e que umas não podem ser compreendidas se não se levar em conta as outras. Fora das leis tangíveis, há, pois, uma outra que desempenha no mundo um papel capital, é a das relações do mundo visível e do mundo invisível. Quando a ciência reconhecer a existência dessa lei, nela encontrará a solução de uma multidão de problemas contra os quais se choca inutilmente.

As monstruosidades, como todas as enfermidades congênitas, sem dúvida, têm uma causa fisiológica que é da competência da ciência material; mas, supondo que ela venha a surpreender os segredos desses desvios da Natureza, ficará sempre o problema da causa primeira, e a conciliação do fato com a justiça de Deus. Se a ciência diz que isso não lhe concerne, isso não poderia ser assim com a religião. Quando a ciência demonstra a existência de um fato, à religião incumbe o dever de procurar-lhe a prova da soberana sabedoria. Ela jamais procurou, do ponto de vista da divina equidade, o mistério dessas existências anormais? dessas fatalidades que parecem perseguir certas famílias, sem causas atuais conhecidas? Não, porque ela sente a sua impossibilidade, e se assusta com essas questões temíveis para seus dogmas absolutos. Até hoje se havia aceito o fato sem ir mais longe; mas hoje pensa-se, reflete-se, se quer saber; interroga-se a ciência, que procura nas fibras e permanece muda; interroga-se a religião, que responde: Mistério impenetrável!

Pois bem! o Espiritismo vem rasgar esse mistério, dele faz sair a brilhante justiça de Deus; prova que essas almas deserdadas desde o seu nascimento neste mundo já viveram, e que expiam, em seus corpos disformes, faltas passadas; a observação o demonstra e a razão o diz, porque não se poderia admitir que elas sejam castigadas ao sair das mãos do Criador antes de nada terem feito.

Bem, dir-se-á, para o ser que nasce assim; e os pais? mas essa mãe que não dá o dia senão aos seres infelizes; que é privada de ter a alegria de ter um único filho que lhe faça honra e que ela possa mostrar com orgulho? A isso o Espiritismo responde: Justiça de Deus, expiação, prova para a sua ternura maternal, porque é um bem muito grande não ver ao seu redor senão os pequenos monstros em lugar de filhos graciosos. Ele acrescenta: Não há uma única infração às leis de Deus que não tenha, cedo ou tarde, suas conseqüências funestas, sobre a Terra ou no mundo dos Espíritos, nesta vida ou numa vida seguinte. Pela mesma razão: não uma única vicissitude da vida que não seja a conseqüência e a punição de uma falta passada, e isso será assim para cada um, enquanto não estiver arrependido, não terá expiado e reparado o mal que fez; ela retorna à Terra para expiar e reparar; cabe-lhe se melhorar bastante neste mundo, para nele não retornar mais *como condenado*. Frequentemente, Deus se serve daquele que é punido para nisso punir outros; é assim que os Espíritos dessas crianças devendo, por punição, se encarnar em corpos disformes, são, com o seu desconhecimento, instrumentos de expiação para a mãe que lhe deu nascimento. Essa justiça distributiva, proporcional à duração do mal, vale mais de que a das penas eternas, irremissíveis, que fecham para sempre o caminho do arrependimento e da reparação.

Tendo sido o fato acima lido na Sociedade Espírita de Paris, como assunto de estudo filosófico, um Espírito deu a explicação seguinte:

(Sociedade de Paris, 29 de julho de 1864.)

Se pudésseis ver as forças ocultas que fazem mover o vosso mundo, compreenderíeis como tudo se encadeia, desde as menores coisas até as maiores; compreenderíeis sobretudo a ligação íntima que existe entre o mundo físico e o mundo moral, essa grande lei da Natureza; veríeis a multidão das inteligências que presidem a todos os fatos e os

utilizam para fazê-los servir ao cumprimento dos objetivos do Criador. Suponde-vos um instante diante de uma colmeia cujas abelhas seriam invisíveis; o trabalho que veríeis cada dia realizado vos espantaria, e vos exclamaríeis talvez: Singular efeito do acaso! Pois bem! estais em realidade em presença de uma oficina imensa, conduzida por inumeráveis legiões de trabalhadores invisíveis para vós, dos quais uns não são senão manobreadores que obedecem e executam, ao passo que outros comandam e dirigem, cada um em sua esfera de atividade proporcional ao seu desenvolvimento e ao seu adiantamento, e assim de passo em passo, até a vontade suprema que dá impulso a tudo.

Assim se explica a ação da Divindade nos detalhes mais ínfimos.

Do mesmo modo que os soberanos temporários, Deus tem seus ministros, e estes os agentes subalternos, órgãos secundários do grande governo do Universo. Se, num país bem administrado, o menor lugarejo sente os efeitos da sabedoria e da solicitude do chefe do Estado, o quanto a sabedoria infinita do Mais Alto deve se estender aos pequenos detalhes da criação! Não creiais que essa mulher, da qual acabais de falar, seja a vítima do acaso ou de uma cega fatalidade; não, o que lhe chega tem a sua razão de ser, estejais disto bem convencidos. Ela é castigada em seu orgulho; desprezou os fracos e os enfermos; foi dura para com os seres infelizes dos quais desviava seu olhar com nojo, em lugar de cercá-los com um olhar de comiseração; tirou vaidade da beleza física de seus filhos, às expensas de mães menos favorecidas; mostrava-os com orgulho, porque a beleza do corpo, aos seus olhos, tinha mais valor do que a beleza da alma; assim desenvolveu neles os vícios que lhes retardaram o adiantamento, em lugar de desenvolver as qualidades do coração. Foi porque Deus permitiu que, em sua existência atual, ela não tivesse senão filhos disformes, a fim de que a ternura maternal a ajudasse a vencer a sua repugnância pelos infelizes. É, pois, para ela uma punição e um meio de adiantamento; mas, nessa própria punição, brilham, ao mesmo tempo, a justiça e a bondade de Deus, que castiga com uma mão, e com a outra dá sem cessar ao culpado os meios de se remediar.

UM ESPÍRITO PROTETOR.

VARIEDADES

UM SUICIDO FALSAMENTE ATRIBUÍDO AO ESPIRITISMO.

O *Moniteur* de 6 de agosto contém o artigo seguinte, que o *Siècle* reproduziu no dia seguinte:

"Ontem, quinta-feira, às duas horas depois do meio dia, um jovem, com a idade de apenas dezenove anos, filho de um médico, se suicidou em seu domicílio do aterro dos Martyrs, se dando um tiro de pistola na boca.

"A bala despedaçou-lhe a cabeça e no entanto a morte não foi instantânea; conservou a sua razão durante alguns instantes, e, às perguntas que lhe foram dirigidas, respondeu que à parte do desgosto que iria causar ao seu pai, não tinha nenhum arrependimento do que havia feito. Depois o delírio se apossou dele, e, apesar dos cuidados com que o cercaram, morreu na mesma noite, depois de uma agonia de cinco horas.

"Há algum tempo esse infeliz jovem nutria, diz-se, pensamentos de suicídio, e presume-se, certo ou errado, que o estudo do *Espiritismo*, ao qual se entregou com ardor, não é estranho a essa fatal resolução."

Esta notícia, sem dúvida, circulará pela imprensa, como outrora a dos quatro pretenso loucos de Lyon, que foi a cada vez repetida com a adição de um zero, tanto nossos adversários procuram com avidez as ocasiões de encontrar do que falar mal contra o *Espiritismo*. A verdade não tarda a ser conhecida, mas que importa! espera-se que de uma boa pequena calúnia vendida ao povo reste sempre alguma coisa. Sim, disso fica alguma

coisa: uma mancha sobre os caluniadores. Quanto à Doutrina, não se percebe que haja sofrido com isso, uma vez que não prosseguiu menos em sua marcha ascendente.

Felicitemos o diretor do *Avenir*, Sr. d'Ambel, em sua pressa em se informar da verdadeira causa do acontecimento. Eis o que disse a esse respeito, em seu número de 11 de agosto de 1864:

"Confessamos que a leitura desse fato nos mergulhou na mais profunda estupefação. Nos é impossível não protestar contra a leviandade com a qual o órgão oficial acolheu uma semelhante acusação. O *Espiritismo* é completamente estranho ao ato desse infeliz jovem. Nós que somos vizinhos do lugar do sinistro, sabemos pertinentemente que tal não foi a causa desse suicídio espantoso. Não é senão com a maior reserva que devemos indicar a verdadeira causa dessa catástrofe; mas, enfim, a verdade é a verdade, e nossa Doutrina não pode ficar sob o golpe de uma tal imputação.

"Há muito tempo, esse jovem, que se apresenta como se entregando com ardor ao estudo de nossa Doutrina, havia fracassado em várias vezes em seus exames para o bacharelado. O estudo lhe era antipático, tanto quanto a profissão paterna; deveria proximamente passar por um outro exame, e foi em seguida de uma viva discussão com o seu pai que, temendo fracassar ainda, ele tomou e pôs em execução a fatal resolução.

"Acrescentamos que se tivesse realmente conhecido o *Espiritismo*, nossa Doutrina tê-lo-ia detido sobre a inclinação fatal, mostrando-lhe todo o horror que nos inspira o suicídio e todas as conseqüências terríveis que esse crime arrasta consigo. (Ver *O Livro dos Espíritos*, p. 406 e seguintes.)"

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

A PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS

Pelo Sr. Camille Flammarion.

Nossos leitores se lembram de uma brochura, sob o mesmo título, publicada pelo Sr. Flammarion, e da qual demos conta, com o elogio que ela merecia, na *Revista Espírita* de janeiro de 1863. O sucesso desse opúsculo convidou o autor a desenvolver a mesma tese numa obra mais completa, onde a questão é tratada com todos os desenvolvimentos que ela comporta, no ponto de vista da astronomia, da fisiologia e da filosofia natural.

Nesta obra é feita abstração do Espiritismo, do qual não falou, e, por isso mesmo, se dirige aos incrédulos tanto quanto aos crentes; mas, como a teoria da pluralidade dos mundos habitados se liga intimamente à Doutrina Espírita, é muito importante vê-la consagrada pela ciência e pela filosofia. Sob esse aspecto esta notável e sábia obra tem seu lugar marcado na biblioteca dos Espíritos.

É neste mesmo ponto de vista, quer dizer, fora da revelação dos Espíritos, que será tratada a importante questão da *pluralidade das existências*, numa obra nesse momento no prelo, editada pelos Srs. Didier e Co. O nome do autor, conhecido no mundo sábio, é uma garantia de que seu livro estará à altura do assunto.

A VOZ DE ALÉM-TÚMULO,

Jornal do Espiritismo, publicado em Bordeaux, sob a direção do Sr. Aug. Bez.

Eis a quarta publicação periódica espírita que aparece em Bordeaux, e estamos felizes de compreender nas reflexões que fizemos no nosso último número sobre as publicações do mesmo gênero. Conhecemos o Sr. Bez de longa data como um dos firmes sustentáculos da causa; sua bandeira é a mesma que a nossa, temos fé em sua prudência e em sua moderação; é, pois, um órgão a mais que vem juntar sua voz às que defendem os verdadeiros princípios da Doutrina; que seja bem-vindo!

Anunciam-nos que logo Marseille terá também seu jornal espírita.

A multiplicação desses jornais especiais nos sugeriu importantes reflexões em seu interesse, mas que a falta de espaço nos obriga a remeter a um próximo número.

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

7^a ANO

NO. 10

OUTUBRO 1864

O SEXTO SENTIDO E A VISÃO ESPIRITUAL.

ENSAIO TEÓRICO SOBRE OS ESPELHOS MÁGICOS.

Dá-se o nome de *espelhos mágicos* a objetos, geralmente de reflexo brilhante, tais como vidraça, placas metálicas, garrafas, vidros, etc., nos quais certas pessoas vêem imagens que lhes traçam os acontecimentos distantes, passados, presentes e algumas vezes futuros, e os colocam nos caminhos das respostas que lhes são dirigidas. Esse fenômeno não é extremamente raro; os espíritos fortes o tacham de crença supersticiosa, de efeito de imaginação, de superstição, como tudo o que não podem explicar pelas leis naturais conhecidas; assim o são, para eles, todos os efeitos sonambúlicos e medianímicos. Mas se o fato existe, sua opinião não poderia prevalecer contra a realidade e se é bem forçado a admitir a existência de uma nova lei ainda inobservada.

Até o presente, não nos estendemos sobre este assunto, apesar dos numerosos fatos que nos foram relatados, porque temos por princípio nada afirmar sobre aquilo do que não podemos nos dar conta, querendo sempre, tanto quanto possível, dizer o porquê e o como das coisas, quer dizer, juntar ao relato uma explicação racional. Mencionamos o fato sobre o testemunho de pessoas sérias e honradas; mas, admitindo a possibilidade do fenômeno e mesmo a sua realidade, não tínhamos ainda visto bastante claramente a qual lei podia se ligar para estar na medida de dar-lhe a solução, foi porque nos abstivemos. Os relatos que tínhamos sob os olhos podiam, aliás, estarem cheios de exagero; carecem sobretudo de certos detalhes de observação que, só eles, podem ajudar a fixar as idéias. Hoje que vimos, observamos e estudamos, podemos falar com conhecimento de causa.

Relatemos de início sumariamente os fatos dos quais fomos testemunhas. Não pretendemos convencer os incrédulos; queremos somente tentar esclarecer um ponto obscuro da ciência espírita.

No curso da excursão espírita que fizemos este ano, tendo ido passar alguns dias na casa do Sr. de W..., membro da Sociedade Espírita de Paris, no cantão de Berna, na Suíça, este último nos falou de um camponês das vizinhanças, torneiro de seu estado, que goza da faculdade de descobrir as fontes, e de ver num copo as respostas às perguntas que se lhe dirigem. Para descobertas das fontes, ele se transporta algumas vezes sobre os lugares, e se serve da vara usada em semelhante caso; de outras vezes, sem se deslocar, serve-se de seu copo e dá as indicações necessárias. Eis um notável exemplo de sua lucidez.

Na propriedade do Sr. de W... existia um conduto muito longo para as águas; mas, em consequência de certas causas locais, foi preferível que a tomada de água ficasse mais próxima. A fim de se poupar, se fosse possível, de escavações inúteis, recorreu à descoberta de fontes. Este, sem deixar seu quarto, disse-lhe olhando em seu copo: "No percurso dos tubos, existe uma outra fonte; ela está a tantos pés de profundidade abaixo do décimo quarto tubo, a partir de tal ponto." A coisa foi encontrada tal qual havia indicado. A ocasião era muito favorável para não aproveitá-la no interesse de nossa instrução.

Fomos, pois, à casa desse homem com o Sr. e a Sra. de W... e duas outras pessoas. Algumas informações sobre seu estado não são sem utilidade.

É um homem de sessenta e quatro anos, bastante grande, delgado, de uma boa saúde, embora estropiado, e podendo se transportar com grande dificuldade. Ele é protestante, muito religioso, e faz sua leitura habitual da Bíblia e de livros de prece. Sua enfermidade, consequência de uma doença, data da idade de trinta anos. Foi nessa época que a sua faculdade se revelou nele; diz que foi Deus que quis lhe dar uma compensação. Seu rosto é expressivo e alegre, seu olhar vivo, inteligente e penetrante. Ele não fala senão o dialeto alemão da região, e não entende uma palavra de francês. Ele é casado e pai de família; vive do produto de algumas partes de terra, e de seu trabalho pessoal; de sorte que, sem estar numa posição fácil, não está na necessidade. Quando pessoas desconhecidas se apresentam em sua casa para consultá-lo, seu primeiro movimento é o da desconfiança; ele fareja de alguma sorte suas intenções, e, por pouco que sua impressão seja desfavorável, responde que não se ocupa de fontes, e recusa toda experiência com seu copo. Ele se recusa, sobretudo, a responder às perguntas que tenham por objetivo a cupidez, como a procura de tesouros, as especulações temerárias, ou o cumprimento de algum mau desejo, a todas aquelas, em uma palavra, que feririam a lealdade e a delicadeza; ele diz que se se ocupasse dessas coisas, Deus lhe retiraria a faculdade. Quando se lhe é apresentado por pessoas conhecidas, e sendo-lhe simpático, sua fisionomia torna-se aberta e benevolente. Se o motivo pelo qual se o interroga é sério e útil, interessa-se por ele e se compraz nas pesquisas; se as perguntas são fúteis e de pura curiosidade, se se dirige a ele como a um ledor de boa sorte, não responde.

Graças à presença e à recomendação do Sr. de W..., fomos bastante felizes por estar em boas condições frente a frente a ele, só tivemos que nos louvar de sua acolhida cordial e de sua boa vontade.

Esse homem é da mais completa ignorância no que concerne ao Espiritismo; não tem a menor idéia dos médiuns, nem das evocações, nem da intervenção dos Espíritos, nem da ação fluídica; para ele sua faculdade está em seus nervos, numa força que não se explica, que jamais procurou se explicar, porque, quando quisemos fazê-lo dizer de que maneira ele via em seu copo, nos pareceu que era a primeira vez que sua atenção era levada a esse ponto; ora, era para nós uma coisa essencial, e não foi senão depois de perguntas sucessivas que chegamos a compreender, ou melhor, a elucidar o seu pensamento.

Seu copo é um copo de beber comum, vazio; mas é sempre o mesmo, e que não serve senão para esse uso; não poderia nisso empregar outro. Na previsão de um acidente, foi indicado onde poderia encontrar um deles para substituí-lo; tendo-o procurado, o mantém de reserva. Quando ele o interroga, o tem na concha da mão, e olha no interior; se o copo está colocado sobre a mesa, nada vê. Quando fixa seu olhar sobre o fundo, seus olhos parecem se velar um instante, depois retomam logo seu brilho habitual; então, olhando alternativamente seu copo e seus interlocutores, fala como de hábito, dizendo o que vê, respondendo às perguntas, de maneira simples, natural e sem ênfase. Em suas experiências não faz nenhuma evocação, não emprega nenhum sinal cabalístico, não pronuncia nem fórmulas, nem palavras sacramentais. Quando uma pergunta lhe é feita, concentra, diz ele, sua atenção e sua vontade sobre o assunto proposto olhando no fundo do copo, onde se formam na hora as imagens das pessoas e das coisas relativas ao objeto do qual se ocupa. Quanto às pessoas, as pinta ao físico e ao moral, como o faria um sonâmbulo lúcido, de maneira a não deixar nenhuma dúvida sobre a sua identidade. Ele descreve também, com mais ou menos precisão, os lugares que não conhece; isso destrói a idéia de que o que vê é um jogo de sua imaginação. Quando disse ao Sr. de W... que a fonte estava a tantos pés abaixo do décimo-quarto tubo, não podia certamente tomá-lo em seu próprio cérebro. Para se tornar mais inteligível, tendo necessidade, serve-se de um pedaço de giz, com o qual traça sobre a mesa os pontos, os círculos, as linhas

de diversos tamanhos, indicando as pessoas e os lugares dos quais fala, sua posição relativa, etc., de maneira a não ter senão a lhes mostrar, quando ali retorna, dizendo: Foi este que fez tal coisa, ou é em tal lugar que tal coisa se passa.

Um dia, uma senhora o interrogou sobre a sorte de uma jovem filha levada pelos Boêmios há mais de quinze anos, sem que se tivesse podido ter notícias dela desde então. Partindo, à maneira dos sonâmbulos do lugar onde a coisa havia ocorrido, seguiu as marcas da criança que dizia ver em seu copo, e que havia, segundo ele, seguido as margens de uma grande água, quer dizer, o mar. Afirmou que ela vivia, descreveu sua situação, sem no entanto poder precisar o lugar de sua residência, porque, disse ele, a época desejada para que ela fosse entregue à sua mãe não havia chegado ainda; que seria preciso primeiramente que certas coisas, que ele especificou, se cumprissem, e então uma circunstância fortuita faria que a mãe reconhecesse sua filha. A fim de poder melhor precisar a direção a seguir para reencontrá-la pediu que, numa outra, vez se lhe levasse uma carta geográfica. Essa carta lhe foi mostrada em nossa presença no dia de nossa visita; mas, como ele não tem nenhuma noção de geografia, se foi obrigado a lhe explicar o mar, os rios, as cidades, as estradas e as montanhas; então, colocando o dedo sobre o ponto de partida, indicou o caminho que conduzia ao lugar em questão. Embora tivesse escoado um certo tempo desde a primeira constatação, recordou-se perfeitamente de tudo o que havia dito, e foi o primeiro a falar da criança antes que se lhe perguntasse.

Não tendo esse assunto recebido ainda seu desfecho, não podemos nada pre-julgar sobre o resultado de suas previsões; diremos apenas que com respeito às circunstâncias passadas e conhecidas, a sua visão foi muito justa. Não reportamos esse fato senão como espécime de sua maneira de ver.

Pelo que nos concerne pessoalmente, igualmente podemos constatar a sua lucidez. Sem pergunta preliminar, e mesmo sem que nisso pensássemos, ele nos falou espontaneamente de uma afecção da qual sofremos há um certo tempo e da qual nos assinala o termo; e, coisa notável, é que esse termo é precisamente aquele que havia indicado a sonâmbula, senhora Roger, que tínhamos consultado para esse efeito, seis meses antes.

Ele não nos conhecia nem de vista nem de nome, e embora, em sua ignorância, lhe fosse difícil compreender a natureza de nossos trabalhos por circunlóquios, imagens e expressões à sua maneira, indicou-lhe, e não é para isso desprezar, o objetivo, as tendências e o resultado inevitável; este último ponto sobretudo parecia interessá-lo vivamente, porque repetia sem cessar que a coisa deveria se realizar, que a isso estávamos destinados desde o nosso nascimento, e que nada se lhe poderia opor. Dele mesmo, falou da pessoa chamada a continuar a obra depois da nossa morte, dos obstáculos que certos indivíduos procurariam lançar em nosso caminho, das rivalidades ciumentas e das ambições pessoais; designou de maneira inequívoca aqueles que poderiam utilmente nos secundar e aqueles dos quais deveríamos desconfiar, retornando sem cessar sobre uns e sobre outros como uma espécie de obstinação; entrou, enfim, nos detalhes circunstanciados de uma perfeita justeza, tanto mais notáveis que a maioria não era provocado por nenhuma pergunta, e que coincidiu em todos os pontos com as revelações que muitas vezes nos fizeram os guias espirituais para o nosso governo.

Esse gênero de pesquisa saía totalmente dos hábitos e dos conhecimentos desse homem, assim como ele mesmo o dizia; várias vezes ele repetia: "Eu digo aqui muitas coisas que não diria a outros, porque não me compreenderiam; mas *ele* (nos designando) me compreende perfeitamente. Com efeito, havia coisas ditas de propósito por meias palavras, que não eram inteligíveis senão para nós. Vimos nesse fato uma marca especial da benevolência dos bons Espíritos que quiseram nos confirmar, por esse meio novo e inesperado, as instruções que nos tinham dado em outras circunstâncias, ao mesmo tempo que era para nós um objeto de observação e de estudo.

Foi, pois, averiguado por nós que esse homem é dotado de uma faculdade, e que vê realmente. Vê sempre certo? Aí não está a questão; basta que tenha visto bastante fre-

qüentemente para constatar a existência do fenômeno; a infalibilidade não é dada a ninguém sobre a Terra, pela razão de que ninguém nela goza da perfeição absoluta. Como vê ele? Aí está o ponto essencial e que não pode se deduzir senão da observação.

Em conseqüência de sua falta de instrução e dos preconceitos do meio no qual sempre viveu, ele é imbuído de certas idéias supersticiosas que mistura aos seus relatos; assim é, por exemplo, que crê de boa-fé na influência dos planetas sobre o destino dos indivíduos, e na dos dias felizes e infelizes. Segundo o que havia visto de nós, deveríamos ter nascido sob, não sabemos mais que signo; deveríamos nos abster de empreender coisas importantes em tal dia da lua. Não tentamos dissuadi-lo, no que provavelmente não teríamos triunfado, e não serviria senão para perturbá-lo; mas, porque tem algumas idéias falsas, isso não é motivo para negar a faculdade que possui; porque de que há maus grãos num montão de trigo isso não quer dizer que não há bom trigo; e de que um homem não veja sempre certo, não se segue que não veja de todo.

Quando quase se foi dar conta do objetivo e dos resultados dos nossos trabalhos, perguntou muito seriamente e com uma espécie de ansiedade no ouvido do Sr. de W..., se nós teríamos por acaso encontrado o sexto livro de Moisés. Ora, segundo uma tradição popular em certas localidades, Moisés teria escrito um sexto livro contendo novas revelações e a explicação de tudo o que há de obscuro nos cinco primeiros. Segundo a mesma tradição, esse livro deverá ser um dia descoberto. Se alguma coisa pode dar a chave de todas as alegorias das *Escrituras*, é seguramente o Espiritismo, que realizaria assim a idéia ligada ao pretense sexto livro de Moisés. É bastante singular que esse homem haja concebido esse pensamento.

Um exame atento dos fatos acima demonstra uma completa analogia entre essa faculdade e o fenômeno designado sob os nomes de *segunda vista*, *dupla vista*, ou *sonambulismo desperto*, e que está descrito em *O Livro dos Espíritos*, cap. VIII: *Emancipação da alma*, e em *O Livro Dos Médiuns*, cap. XIV...

Ela tem, pois, seu princípio na propriedade radiante do fluido perispiritual, que permite à alma, em certos casos, perceber as coisas à distância, de outro modo dito, na *emancipação da alma*, que é uma lei da Natureza. Não são os olhos que vêem, é a alma que, por seus raios, atinge um ponto dado, exerce sua ação fora e sem o concurso dos órgãos corpóreos. Esta faculdade, muito mais comum do que se o crê, se apresenta com graus de intensidade e aspectos muito diversos segundo os indivíduos; nuns, ela se manifesta pela percepção permanente ou acidental, mais ou menos límpida, das coisas distantes; noutros, pela simples intuição dessas mesmas coisas; noutros, enfim, pela transmissão do pensamento. Há a notar que muitos a possuem sem disso desconfiarem, sem dela se dar conta; ela é inerente ao seu ser, e lhes parece inteiramente natural quanto a de ver pelos olhos; freqüentemente mesmo confundem essas duas percepções. Perguntando-lhes como vêem, na maior parte do tempo não sabem mais explicá-la quanto não explicariam o mecanismo da visão comum.

Sendo o número das pessoas que gozam espontaneamente dessa faculdade o mais considerável, disso resulta que ela é independente de todo aparelho qualquer. O copo do qual esse homem se serve é um acessório que não lhe é útil senão por hábito, porque constatamos que em várias circunstâncias ele descrevia as coisas sem olhá-lo. Pelo que nos concernia, notadamente falando dos indivíduos, ele os indicava com seu giz, pelos sinais característicos de suas qualidades e de sua posição; era sobre esses sinais que falava olhando a mesa, sobre a qual parecia ver tão bem quanto em seu copo que apenas olhava; mas, para ele, o crê necessário, e eis como se o pode explicar.

A imagem que observa se forma nos raios do fluido perispiritual que lhe transmitem a sensação; sua atenção se concentrando no fundo do copo, ali dirige os raios fluídicos, e muito naturalmente a imagem ali se concentra, como se concentraria sobre um objeto qualquer: um copo d'água, uma garrafa, uma folha de papel, um papelão, ou sobre um ponto vago do espaço. É um meio de fixar o pensamento e de circunscrevê-lo, e estamos

convencidos de que quem exerce essa faculdade com a ajuda de um objeto material, com um pouco de exercício, se tiver a firme vontade de nele passar, verá do mesmo modo.

Todavia, admitindo que isso não está ainda provado, que o objeto agisse sobre certos organismos, à maneira dos excitantes, de modo a provocar o desligamento fluídico, e, em consequência, o isolamento do Espírito, há um fato capital adquirido pela experiência, é que não existe nenhuma substância especial gozando a esse respeito de uma propriedade exclusiva. O homem em questão não vê senão num copo vazio, mantido na concha de sua mão, e não pode ver no primeiro copo encontrado nem no seu colocado de outro modo. Se a propriedade era inerente a substância e à forma do objeto, por que dois objetos da mesma natureza e da mesma forma não a possuiriam para o mesmo indivíduo? Por que o que produz o efeito sobre um não produziria sobre um outro? Por que, enfim, tantas pessoas possuem essa faculdade sem o concurso de nenhum aparelho? Assim foi que dissemos que a faculdade é inerente ao indivíduo e não ao copo. A imagem se forma nele mesmo, ou melhor, nos raios fluídicos que emanam dele; o copo não oferece, por assim dizer, senão o reflexo dessa imagem: é um efeito e não a causa. Tal é a razão pela qual todo o mundo não vê naquilo que se convencionou chamar *espelhos mágicos*; não basta para isso a visão *corpórea*, é preciso estar dotado da faculdade chamada *dupla vista*, que seria mais exatamente nomeada *visão espiritual*; e isto é tão verdadeiro que certas pessoas vêem perfeitamente com os olhos fechados.

A *visão espiritual* é, na realidade, o *sexto sentido* ou *sentido espiritual*, de que tanto se falou, e que, do mesmo modo que os outros sentidos, pode ser mais ou menos obtuso ou sutil; ele tem por agente o fluido perispiritual, como a visão corpórea tem por agente o fluido luminoso; do mesmo modo que a irradiação do fluido luminoso leva a imagem dos objetos sobre a retina, a irradiação do fluido perispiritual leva à alma certas imagens e certas impressões; esse fluido, como todos os outros fluidos, têm seus efeitos próprios, suas propriedades *sui generis*.

Sendo o homem composto do Espírito, do perispírito e do corpo, durante a vida as sensações e as percepções se produzem, ao mesmo tempo, pelos sentidos orgânicos e pelo *sentido espiritual*; depois da morte, os sentidos orgânicos são destruídos, mas, restando o perispírito, o Espírito continua a perceber pelo sentido espiritual, cuja sutileza cresce em razão do desligamento da matéria. O homem em que esse sentido é desenvolvido goza, assim, por antecipação, de uma parte das sensações do Espírito livre. Embora amortecido pela predominância da matéria, o sentido espiritual não produz menos, em todos os homens, uma multidão de efeitos reputados maravilhosos, por falta de conhecê-lo o princípio. Esta faculdade estando na Natureza, uma vez que ela se prende à constituição do Espírito, existiu, pois, de todos os tempos; mas como todos os efeitos cujas causas são desconhecidas, a ignorância a atribuía a causas sobrenaturais. Aqueles que a possuíam em um grau eminente, podendo dizer, saber e fazer coisas acima da capacidade do vulgo, uns foram acusados *de pactuar* com o diabo, qualificados de feiticeiros e queimados vivos; outros foram beatificados como tendo o dom dos milagres, ao passo que tudo se reduzia à aplicação de uma lei natural.

Retornemos aos *espelhos mágicos*. A palavra *magia*, que significava outrora *ciência dos sábios*, pelo abuso que dela fez a superstição e o charlatanismo, perdeu sua significação primitiva; hoje é desacreditada com razão, e acreditamos difícil reabilitá-la, porque doravante está ligada à idéia das operações cabalísticas, dos livros de mágicos, dos talismãs e de uma multidão de práticas supersticiosas condenadas pela sã razão. O Espiritismo, declinando toda solidariedade com essas pretensas ciências, deve evitar de se apropriar dos termos que poderiam falsear a opinião no que lhe concerne. No caso do qual se trata, a qualificação de *mágico* é tão imprópria quanto o seria a de *feiticeiro* atribuída aos médiuns; a designação desses objetos sob o nome de *espelhos espirituais* nos parece mais exata, porque ela lembra o princípio em virtude do qual os efeitos se produzem. À

nomenclatura espírita pode-se, pois, acrescentar os nomes de: *visão espiritual, sentido espiritual e espelhos espirituais*.

Uma vez que a natureza, a forma e a substância desses objetos são coisas indiferentes, compreende-se que os indivíduos dotados da *visão espiritual* vejam numa borra de café, no branco dos olhos, na concha da mão ou nas cartas, o que outros vêem num copo d'água, e dizem às vezes coisas verdadeiras. Esses objetos e suas combinações não têm nenhum significado por si mesmos; isso não é senão um meio de fixar a atenção, um pretexto de falar, uma atitude por assim dizer, porque há que se notar que, nesse caso, o indivíduo os olha apenas, e no entanto se não os tivesse diante dele creia lhe faltar alguma coisa; estaria desorientado como o estaria nosso homem se não tivesse seu copo na mão; estaria embaraçado para falar, como certos oradores que nada sabem dizer se não estiverem em seu lugar habitual, ou não têm à mão um caderno que não lêem.

Mas se há algumas pessoas sobre as quais esses objetos produzem o efeito de *espelhos espirituais*, há também a multidão de outro modo grande de pessoas que, não tendo outra faculdade do que a de ver pelos olhos, e de possuir a linguagem de convenção ligada a esses sinais, enganam os outros ou se enganam a si mesmas; depois o igualmente numeroso dos charlatães que exploram a credulidade. Só a superstição pôde consagrar o uso desses procedimentos, como meio de adivinhação, de uma multidão de outros que não têm mais valor, atribuindo uma virtude a palavras, uma significação a sinais materiais, a combinações fortuitas, que não têm nenhuma ligação necessária com o objeto da pergunta ou do pensamento.

Dizendo que com ajuda desses procedimentos, certas pessoas podem às vezes dizer verdades, isso não é, pois, para reabilitá-las na opinião, mas para mostrar que as idéias supersticiosas têm às vezes origem num princípio verdadeiro, desnaturado pelo abuso e pela ignorância. O Espiritismo, fazendo conhecer a lei que rege as relações do mundo visível e do mundo invisível, destrói, por isso mesmo, as idéias falsas que foram feitas sobre essas relações, como a lei da eletricidade destruiu, não o raio, mas as superstições engendradas pela ignorância das verdadeiras causas do raio. Em resumo: a visão espiritual é um dos atributos do Espírito, e constitui uma das percepções do sentido espiritual; é por consequência uma lei da Natureza.

Sendo o homem um Espírito encarnado, possui os atributos do Espírito e, por consequência, as percepções do sentido espiritual.

No estado de vigília, essas percepções geralmente são vagas, difusas, às vezes mesmo insensíveis e inapreciáveis, porque são amortecidas pela atividade preponderante dos sentidos materiais. No entanto, pode-se dizer que toda percepção extra-corpórea é devida à ação do sentido espiritual que, nesse caso, supera a resistência da matéria.

No estado de sonambulismo natural ou magnético, de hipnotismo, de catalepsia, de letargia, de êxtase, e mesmo no de sono comum, estando os sentidos corpóreos momentaneamente entorpecidos, o sentido espiritual se desenvolve com mais liberdade.

Toda causa exterior tendendo a entorpecer os sentidos corpóreos, provoca, por isso mesmo, a expansão e a atividade do sentido espiritual.

As percepções pelo sentido espiritual não estão isentas de erros, pela razão de que o Espírito encarnado pode ser mais ou menos avançado, e, por consequência, mais ou menos apto a julgar sadiamente as coisas e a compreendê-las, e que está ainda sob a influência da matéria.

Uma comparação fará compreender melhor o que se passa nesta circunstância. Sobre a Terra, aquele que tem a melhor visão pode ser enganado pelas aparências; por muito tempo o homem acreditou no

movimento do Sol; foram-lhe necessárias a experiência e as luzes da ciência para mostrar-lhe que era o juguete de uma ilusão. Assim o é com os Espíritos pouco avançados, encarnados ou desencarnados; eles ignoram muitas coisas do mundo invisível, como certos homens inteligentes, de resto, ignoram muitas coisas da Terra; a visão espiritual

não lhes mostra senão o que sabem, e não basta para lhes dar os conhecimentos que lhes faltam; daí as aberrações e as excentricidades que se notam tão freqüentemente entre os *videntes* e os extáticos; sem contar que sua ignorância os coloca, mais do que outros, à mercê dos Espíritos enganadores que exploram a sua credulidade e mais ainda o seu orgulho. Eis porque haveria imprudência em aceitar sem controle suas revelações. Não é preciso perder de vista que estamos sobre a Terra, num mundo de expiação, onde são abundantes os Espíritos inferiores, e onde os Espíritos superiores são as exceções; nos mundos avançados, ocorre o contrário.

As pessoas dotadas da visão espiritual podem ser consideradas como médiuns? Sim e não, segundo as circunstâncias. A mediunidade consiste na intervenção dos Espíritos; o que se faz por si mesmo não é um ato mecânico. Aquele que possui a visão espiritual vê por seu próprio Espírito, e nada implica a necessidade do concurso de um Espírito estranho; não é médium porque vê, mas pelo fato de suas relações com outros Espíritos. Segundo sua natureza boa ou má os Espíritos que o assistem podem facilitar ou entravar sua lucidez, fazê-lo ver coisas justas ou falsas, o que depende também do objetivo que se propõe, e da utilidade que podem apresentar certas revelações. Aqui, como em todos os outros gêneros de mediunidade, as questões fúteis e de curiosidade, as intenções não sérias, os objetivos cúpidos e interesseiros, atraem os Espíritos levianos que se divertem às custas das pessoas muito crédulas e se comprazem em mistificá-las. Os Espíritos sérios não intervêm senão nas coisas sérias, e os *videntes melhores dotados podem nada ver se não lhes é permitido responder ao que se lhes pergunta, ou ser perturbado por visões ilusórias para punir os curiosos indiscretos*. Se bem que possua em si próprio sua faculdade, e por transcendente que ela seja, não lhe é sempre livre usá-la à sua vontade. Freqüentemente, os Espíritos lhe dirigem o emprego, e se dela abusa, nisso é o primeiro punido pela intromissão dos maus Espíritos.

Um ponto importante resta a esclarecer: o da previsão dos acontecimentos futuros. Compreende-se a visão das coisas presentes, a visão retrospectiva do passado, mas como a visão espiritual pode dar, a certos indivíduos, o conhecimento do que não existe ainda? Para não nos repetirmos, reenviamos ao nosso artigo do mês de maio de 1864, página 129, sobre a *teoria da presciência*, onde a questão é tratada de maneira completa. Não lhe acrescentaremos senão algumas palavras. Em princípio, o futuro está oculto ao homem pelos motivos que muitas vezes foram desenvolvidos; não é senão excepcionalmente que lhe é revelado, e ainda é mais *pressentido* do que *predito*. Para conhecê-lo, Deus não deu ao homem nenhum meio certo; é, pois, em vão que este último emprega para esse efeito a multidão dos processos inventados pela superstição, e que o charlatanismo explora em seu proveito. Se entre os leitores de boa sorte, profissionais ou não, se encontrem às vezes os que sejam dotados da visão espiritual, há que se notar que vêem bem mais freqüentemente no passado e no presente do que no futuro; é porque haveria imprudência em se fiar, de modo absoluto, em suas predições, e em conseqüência regular sua conduta.

TRANSMISSÃO DO PENSAMENTO.

Meu fantástico.

Sob este último título, lê-se na *Presse littéraire* de 15 de março de 1854, o artigo seguinte, assinado por *Émile Deschamps*:

"Se o homem não crê senão no que compreende, não creia nem em Deus, nem em si mesmo, nem nos astros que rolam sobre sua cabeça, nem na erva que pisa sob os pés.

"Milagres, profecias, visões, fantasmas, prognósticos, pressentimentos, coincidências sobrenaturais, etc., que é preciso pensar disto tudo? Os espíritos fortes disso saem com duas palavras: *mentira* ou *acaso*’, não pode ser mais cômodo. As almas supersticio-

sas disso se livram, ou antes, disso não se livram. Prefiro de muito estas almas àqueles espíritos. Com efeito, é preciso ter da imaginação para que se possa tê-lo doente; ao passo que basta ser eleitor e assinante de dois ou três jornais industriais para sabê-lo tão longo e nisso crer tão pouco quanto Voltaire. E depois, gosto mais da loucura do que da insensatez, da superstição do que da incredulidade; mas o que prefiro a tudo, é a verdade, a luz, a razão; eu as procuro com uma fé viva e um coração sincero; examino todas as coisas, e tomei a decisão de não ter partido tomado por nada.

"Vejam: Que! o mundo material invisível é obstruído de impenetráveis mistérios, de fenômenos inexplicáveis, e não se gostaria que o mundo intelectual, que *a vida da alma*, que se prende já a um milagre, tivesse também seus fenômenos e seus mistérios! Por que tal bom pensamento, tal fervorosa prece, tal outro desejo, não teriam o poder de produzir ou de chamar certos acontecimentos, bênçãos ou catástrofes? Por que não existiriam causas morais, como existem causas físicas, das quais não se dão conta? E por que *os germes de todas as coisas não* estariam depositados e fecundados *na terra do coração e da alma* para eclodirem mais tarde sob a forma palpável dos fatos? Ora, quando Deus, em raras circunstâncias, e para alguns de seus filhos, dignou-se levantar um canto do véu eterno, e difundir sobre sua fronte um raio fugidio da luz da presciência, guardemo-nos de gritar ao absurdo e de blasfemar assim a luz e a própria verdade.

"Eis uma reflexão que faço freqüentemente: Foi dado aos pássaros e a certos animais prever e anunciar a tempestade, as inundações, os tremores de terra. Todos os dias os barômetros nos dizem o tempo que fará amanhã; e o homem não poderia, por um sonho, uma visão ou sinal qualquer da Providência, ser advertido algumas vezes de qualquer acontecimento futuro que interesse à sua alma, à sua vida, à sua eternidade? O espírito não tem, pois, também sua atmosfera da qual possa sentir as variações? Enfim, qualquer que seja a miséria do maravilhoso neste século muito positivo, haveria ainda encanto e utilidade a isso retratar, se todos aqueles que nisso refletissem fracas luzes reportassem a um foco comum todos esses raios divergentes; se cada um, depois de ter conscienciosamente interrogado suas lembranças, redigisse com boa-fé, e depositasse em alguns arquivos, o relatório circunstanciado do que sentiu, do que lhe adveio de sobrenatural e de miraculoso. Talvez um dia se encontrasse alguém que, analisando os sintomas e os acontecimentos, viesse a recompor em parte uma ciência perdida. Em todo o caso, comporia um livro que lhe valeria muitos outros.

"Quanto a mim, sou aparentemente o que se chama um assunto, porque tive de tudo isso em minha vida, tão obscura aliás; e venho o primeiro depositar aqui o meu tributo, persuadido de que essa visão interior tem sempre uma espécie de interesse. Todo o pequeno maravilhoso que vos dou, leitores, verificou-se na minha vida real; desde que sei ler, tudo o que me chega de sobre-natural, eu o consigno sobre o papel. São memórias de um gênero singular.

.....

"No mês de fevereiro de 1846, eu viajava pela França; cheguei a uma rica e grande cidade, ia passear diante dos belos magazines, os quais ela tem muito. A chuva começou a cair; abriguei-me numa elegante galeria; de repente eis-me imóvel; meus olhos não podiam se desligar da figura de uma jovem, inteiramente só atrás de uma vitrina de pequenas jóias. Essa jovem era muito bela, mas não era a sua beleza que me prendia ali. Não sei que interesse misterioso, que laço inexplicável dominava todo o meu ser. Era uma simpatia súbita e profunda, livre de qualquer mistura sensual, mas de uma força irresistível, como o desconhecido em todas as coisas. Fui impelido como uma máquina na loja por uma força sobrenatural. Eu comprava alguns pequenos objetos que paguei, dizendo: Obrigado, senhorita Sara. A jovem me olhou com ar um pouco surpreso. -Isto vos espanta, retomei, que um estranho saiba o vosso nome, um de vossos pequenos nomes; mas se quiserdes pensar atentamente em todos os vossos nomes, eu vo-los direi sem hesitar. Pensai nisso? - Sim, senhor, respondeu ela, metade rindo e metade tremendo. - Pois

bem! continuei, olhando-a fixamente na testa, vos chamais Sara, Adèle, Benjamine N...- É verdadeiro, replicou ela; e depois de alguns segundos de estupor, ela se pôs a rir completamente, e vi que ela pensava que eu tivera essas informações na vizinhança, com o que me divertia. Mas eu, que sabia bem que disso não sabia uma palavra, fiquei assustado com essa adivinhação instantânea.

"No dia seguinte, e muitos dias seguintes, corri à bela loja; minha adivinhação se renovava a todo momento. Pedia-lhe para pensar em alguma coisa, sem me dizer, e quase em seguida lia sobre sua fronte esse pensamento não explicado. Pedia-lhe para escrever algumas palavras com um lápis mas escondendo, e, depois de tê-la olhado um minuto, escrevi de minha parte as mesmas palavras na mesma ordem. Eu lia em seu pensamento como num livro aberto, e ela não lia no meu: eis a minha superioridade; mas ela me impunha suas idéias e suas emoções. Que ela pensasse seriamente nesse objeto; que ela repetisse nela mesma as palavras desse escrito, e súbito eu adivinhava tudo. O mistério estava entre o seu cérebro e o meu, não entre minhas faculdades de intuição e as coisas materiais. O que quer que seja, tinha-se estabelecido entre nós dois uma relação tanto mais íntima quanto mais pura.

"Uma noite, ouvi em meu ouvido uma voz forte que me gritava: Sara está doente, muito doente! Corri à sua casa; um médico a velava e atendia uma crise. Na véspera à noite Sara tinha reentrado com uma febre ardente; o delírio continuou toda a noite. O médico me tomou à parte, e me fez entender que temia muito. Dessa posição eu via inteiramente a fronte de Sara, e minha intuição o trazendo sobre minha própria inquietude: Doutor, disse-lhe baixinho, quereis saber de que imagem seu fervente sono está ocupado? Ela se crê neste momento na grande Ópera de Paris, onde jamais foi, e uma dançarina corta, entre outras ervas, uma planta de cicuta, e a atira exclamando: É para ti. O médico me acredita em delírio. Alguns minutos depois a doente despertou pesadamente, e suas primeiras palavras foram: "Oh! como é bela a Ópera! mas por que, pois, esta cicuta, que me atira esta bela ninfa?" O médico ficou estupefato. Uma poção onde entrava a cicuta foi administrada a Sara, que se achou curada em alguns dias."

Os exemplos de transmissão de pensamento são muito freqüentes, não talvez de maneira tão caracterizada como no fato acima, mas sob formas diversas. Quantos fenômenos se passam assim diariamente sob nossos olhos, que são como os fios condutores da vida espiritual, e aos quais, no entanto, a ciência não se digna conceder a menor atenção! Aqueles que os repelem certamente não são todos materialistas; muitos admitem uma visão espiritual, mas sem relação direta com a vida orgânica. O dia em que essas relações forem reconhecidas como lei fisiológica, ver-se-á se cumprir um imenso progresso, mas só então a ciência terá a chave de uma multidão de efeitos misteriosos em aparência, que ela prefere negar por falta de poder explicá-los à sua maneira e com os seus meios limitados às leis da matéria bruta.

Ligação íntima da vida espiritual e da vida orgânica durante a existência terrestre; destruição da vida orgânica e persistência da vida espiritual depois da morte; a ação do fluido perispiritual sobre o organismo; reação incessante do mundo invisível sobre o mundo visível e reciprocamente: tal é a lei que o Espiritismo vem demonstrar e que abre à ciência e ao homem moral horizontes inteiramente novos.

Por qual lei da fisiologia puramente material poder-se-ia explicar os fenômenos do gênero daquele relatado acima? Para que o Sr. Deschamps pudesse ler tão nitidamente no pensamento da jovem, seria preciso entre ela e ele um intermediário, um laço qualquer. Que se queira bem meditar o artigo precedente, e se reconhecerá que esse laço não é outro senão a irradiação fluídica que dá a visão espiritual, visão que não é detida pelos corpos materiais.

Sabe-se que os Espíritos não têm mais necessidade da linguagem articulada; eles se compreendem sem o recurso da palavra, tão só pela transmissão do pensamento, que é a língua universal. Assim ocorre algumas vezes entre os homens, porque os homens

são os Espíritos encarnados, e gozam por essa razão, num grau mais ou menos grande, dos atributos e das faculdades do Espírito.

Mas, então, por que a jovem não lia de seu lado no pensamento do Sr. Deschamps? Por que num a visão espiritual estava desenvolvida, e no outro não; segue-se que ele pôde tudo ver, ler nos espelhos espirituais, por exemplo, ou ver à distância à maneira dos sonâmbulos? Não, porque sua faculdade podia não estar desenvolvida senão num sentido especial, e parcialmente. Poderia ler com a mesma facilidade no pensamento de todo o mundo? Ele não o disse, mas é provável que não; porque pode existir de indivíduo a indivíduo relações fluídicas que facilitam essa transmissão, então que não existem do mesmo indivíduo a uma outra pessoa. Não conhecemos ainda senão imperfeitamente as propriedades desse fluido universal, agente tão poderoso e que desempenha um tão grande papel nos fenômenos da Natureza; conhecemos o princípio, e isso já é muito para nos dar conta de muitas coisas; os detalhes virão a seu tempo.

O fato acima tendo sido comunicado à Sociedade de Paris, um Espírito deu a esse respeito a instrução seguinte:

(Sociedade Espírita de Paris, 8 de julho de 1864. - Médiun, Sr. A. Didier.)

Os ignorantes, e deles há muitos, ficam cheios de dúvida e de inquietação quando ouvem falar dos fenômenos espíritos. A crer neles, a face do mundo está transtornada, a intimidade do coração, dos sentimentos, a virgindade do pensamento são lançados através do mundo e entregues à mercê de qualquer um. O mundo, com efeito, estaria singularmente mudado, e a vida privada não teria mais abrigo atrás da personalidade de cada um, se todos os homens pudessem ler no espírito uns dos outros.

Um ignorante nos disse com muita ingenuidade: Mas a justiça, as perseguições de polícia, as operações comerciais, governamentais, poderiam ser consideravelmente revistas, corrigidas, esclarecidas, etc., com a ajuda desses procedimentos. Os erros estão muito difundidos. A ignorância tem isso de particular que faz esquecer completamente o objetivo das coisas para lançar o espírito inculto numa série de incoerências.

Jesus tinha razão em dizer: "Meu reino não é deste mundo," o que significa também que neste mundo as coisas não se passam como em seu reino. O Espiritismo que, em tudo e por tudo, é o espiritualismo do cristianismo, pode igualmente dizer aos ambiciosos e aos terroristas ignorantes, que seu grande objetivo não é dar pedaços de ouro a um, de entregar a consciência de um ser fraco à vontade de um ser mais forte, e de ligar juntos a força e a fraqueza num duelo eterno inevitável e censurado; não. Se o Espiritismo proporciona gozos, são os da calma, da esperança e da fé; se adverte algumas vezes por presentimentos, ou pela visão adormecida ou desperta, é que os Espíritos sabem perfeitamente que um fato seguro e particular não transtornará a superfície do globo. De resto, se se observa a marcha dos fenômenos, o mal tem aí uma parte muito mínima. A ciência funesta parece relegada nos livros velhos dos velhos alquimistas, e se Cagliostro retornasse isso não seria certamente armado da varinha mágica ou da garrafa encantada que ele aparecia, mas com a sua força elétrica, comunicativa, espiritualista e sonambúlica, força que todo ser superior possui em si mesmo e que toca ao mesmo tempo o coração e o cérebro.

A adivinhação era o maior dom de Jesus, como eu o disse recentemente (o Espírito fazia alusão a uma outra comunicação). Estando destinados a se tornarem superiores, como Espíritos, pecamos a Deus uma parte dos raios que concede a certos seres privilegiados, que ma concedeu a mim mesmo, e que pude distribuir mais santamente.

MESMER.

Nota. Não há uma única das faculdades concedidas ao homem da qual não possa abusar em virtude de seu livre arbítrio; não é a faculdade que é má em si, é o uso que

dela se faz. Se os homens fossem bons, não haveria nenhuma delas a temer, porque ninguém delas se serviria para o mal. No estado de inferioridade em que os homens ainda estão na Terra, a penetração do pensamento, se ela fosse geral, seria sem dúvida uma das mais perigosas, porque se tem muito a esconder, e muitos podem abusar. Mas quaisquer que sejam os inconvenientes, se ela existe, é um fato que precisa ser aceito de bom ou malgrado, uma vez que não se pode suprimir um efeito natural. Mas Deus, que é soberanamente bom, mede a extensão dessa faculdade à nossa fraqueza; no-la mostra, de tempos em tempos, para melhor nos fazer compreender a nossa essência espiritual, e nos advertir para trabalhar pela nossa depuração para não termos do que temer.

O ESPIRITISMO NA BÉLGICA.

Cedendo às prementes solicitações de nossos irmãos espíritas de Bruxelas e de Anvers, fomos lhes fazer uma pequena visita este ano, e estamos felizes em dizer que dali trouxemos a impressão mais favorável pelo desenvolvimento da Doutrina naquele país. Ali encontramos um número maior do que esperávamos de adeptos sinceros, devotados e esclarecidos. A acolhida simpática que nos foi feita, nessas duas cidades, deixou em nós uma lembrança que não se apagará jamais, e contamos os momentos que ali passamos entre os mais satisfatórios para nós. Não podendo dirigir nossos agradecimentos a cada um em particular, rogamos-lhes consentirem em recebê-los aqui coletivamente,

Em nosso retorno a Paris, encontramos uma mensagem da Sociedade Espírita de Bruxelas, com a qual ficamos profundamente tocados; nós a conservaremos preciosamente como um testemunho de sua simpatia, mas eles compreenderão facilmente os motivos que nos impedem de publicá-la em nossa Revista. Há, no entanto, uma passagem dessa mensagem que nos fazemos um dever levar ao conhecimento de nossos leitores, porque o fato que revela disso diz mais que longas frases sobre a maneira com as quais certas pessoas compreendem o objetivo do Espiritismo; está assim concebida:

"Em comemoração de vossa viagem à Bélgica, nosso grupo decidiu a fundação de um dormitório para crianças na creche de Saint Josse Tennoode."

Nada poderia ser mais agradável para nós do que um semelhante testemunho. É nos dar a maior prova de estima nos crer mais honrado pela fundação de uma obra de beneficência em memória de nossa visita, do que pelas mais brilhantes recepções que podem gabar o amor-próprio daquele que lhe é objeto, mas não aproveitam a ninguém e nem deixam nenhum traço útil.

Anvers se distingue por um maior número de adeptos e de grupos; mas ali, como em Bruxelas e por toda a parte, aqueles que fazem parte das reuniões, de alguma sorte oficiais e regularmente constituídas, são em minoria. As relações sociais e as opiniões emitidas na conversação, provam que as simpatias pela Doutrina se estendem muito além dos grupos propriamente ditos. Se todos os habitantes não são espíritas, a idéia ali não encontra oposição sistemática; fala-se dela como uma coisa muito natural e dela não se ri. Os adeptos pertencendo em geral à classe do alto comércio, nossa chegada foi a novidade da bolsa e sobressaindo na conversação, sem mais importância que se tratasse da chegada de uma carga.

Vários grupos se compõem de um número limitado de membros, e se designam por um título especial e característico; foi assim que um se intitulou: *A Fraternidade*, um outro *Amor e Caridade*, etc. Acrescentamos que esses títulos não são para eles insígnias banais, mas divisas que se esforçam por justificar.

O grupo *Amor e Caridade*, por exemplo, tem por objetivo especial a caridade material, sem prejuízo das instruções dos Espíritos, que são de alguma sorte a parte acessória. Sua organização é muito simples e dá excelentes resultados. Um dos membros tem o título de *esmola*, nome que responde perfeitamente às suas funções de distribuir recursos

a domicílio, e freqüentemente os Espíritos indicaram com nome e endereço as pessoas às quais eram necessários. O nome de esmola é assim reconduzido ao seu significado primitivo, do qual foi singularmente desviado.

Esse grupo possui um médium tipólogo excepcional do qual cremos dever fazer a diante o objeto de um artigo especial.

Não fazemos senão constatar aqui os muito bons elementos que permitem augurar do Espiritismo nesse país, onde não tomou raízes senão há pouco, o que não quer dizer que certos grupos não tiveram, lá como em toda aparte, desacordos e decepções inevitáveis quando se trata do estabelecimento de uma idéia nova. É impossível que, no início de uma doutrina, tão importante sobretudo quanto à do Espiritismo, mesmo todos aqueles que se declaram delas partidários, compreender-lhe a importância, a gravidade e as conseqüências; é preciso, pois, esperar encontrar através da rota das pessoas que nele não vêem senão a superfície, ambições pessoais, aqueles para quem é um meio antes que uma convicção de coração, sem falar das pessoas que tomam todas as máscaras para se insinuar tendo em vista servir os interesses dos adversários; porque, do mesmo modo que o hábito não faz o monge, o nome de Espírita não faz o verdadeiro Espírita. Cedo ou tarde esses Espíritos mascarados, cujo orgulho permaneceu vivo, causam nos grupos esfriamentos penosos, e nele suscitam entraves, mas dos quais se triunfa sempre com a perseverança e a firmeza. Essas são provas para a fé dos Espíritos sinceros.

A homogeneidade, a comunhão de pensamentos e de sentimentos são para os grupos Espíritos, como para quaisquer outras reuniões, a condição *sine qua non* de estabilidade e de vitalidade. É para esse objetivo que devem tender todos os esforços, e compreende-se que é tanto mais fácil atingi-lo quanto as reuniões sejam menos numerosas. Nas grandes reuniões é quase impossível evitar a ingerência de elementos heterogêneos que, cedo ou tarde, semeiam a divisão; mas pequenas reuniões, onde todo o mundo se conhece e se aprecia, se está como em família, o recolhimento é maior, e a intrusão dos mal-intencionados mais difícil. A diversidade dos elementos dos quais se compõem as grandes reuniões os torna, por isso mesmo, mais vulneráveis às surdas astúcias dos adversários.

Vale mais, pois, numa cidade, cem grupos de dez a vinte adeptos, dos quais nenhum se arroga a supremacia sobre os outros, do que uma única sociedade que os reunisse todos. Esse fracionamento não pode em nada prejudicar a unidade de princípios, desde que a bandeira seja única e que todos caminhem para um mesmo objetivo. É o que parece terem perfeitamente compreendido nossos irmãos de Anvers e de Bruxelas.

Em resumo, nossa viagem à Bélgica foi fértil em ensinamentos no interesse do Espiritismo, pelos documentos que recolhemos, e que serão aproveitados em tempo oportuno.

Não esqueçamos uma menção, das mais honrosas, ao grupo espírita de Douai, que visitamos de passagem, e um testemunho particular de gratidão pela acolhida que ali recebemos. É um grupo de família, onde a Doutrina Espírita evangélica é praticada em toda a sua pureza. Ali reina a mais perfeita harmonia, a benevolência recíproca, a caridade em pensamentos, em palavras e em ações; respira-se ali uma atmosfera de fraternidade patriarcal, isenta de eflúvios malfazejos, onde os bons Espíritos devem se comprazer tão bem quanto os homens; também as comunicações ali se ressentem da influência desse meio simpático. Ele deve à sua homogeneidade, e aos cuidados escrupulosos que se lhe tem nas admissões, de jamais ter sido perturbado nas dissenções e nos desacordos dos quais outros sofreram; é que todos aqueles que dela fazem parte são Espíritos de coração, e que ninguém ali procura fazer prevalecer a sua personalidade. Os médiuns são relativamente muito numerosos; todos se consideram como simples instrumentos da Providência, e são sem orgulho, sem pretensões pessoais, e se submetem humildemente, e sem se machucarem, ao julgamento dado sobre as comunicações que obtêm, prontos a destruí-las, se elas são consideradas más.

Uma encantadora peça de versos foi obtida em nossa intenção e depois de nossa partida; agradecemos ao Espírito que a ditou e seu intérprete; conservamo-la como uma preciosa lembrança, mas são desses documentos que não podemos publicar e que não aceitamos senão a título de encorajamento. Estamos felizes em dizer que esse grupo não é o único nessas condições favoráveis, e de ter podido constatar que as reuniões verdadeiramente sérias, aquelas onde cada um procura se melhorar, de onde a curiosidade foi banida as únicas que merecem a qualificação de *espíritas*, se multiplicam cada dia. Elas oferecem uma pequena imagem daquilo que poderá ser a sociedade, quando o Espiritismo, bem compreendido e universalizado, lhe formará a base das relações mútuas. Então, os homens não terão nada mais a temer uns dos outros; a caridade fará reinar entre eles a paz e a justiça. Tal será o resultado da transformação que se opera e da qual a geração futura começará a sentir os efeitos.

TIPTOLOGIA RÁPIDA E INVERSA.

Dissemos que um dos grupos espíritas de Anvers possui um médium tiptólogo dotado de uma faculdade especial. Eis em que ela consiste.

A indicação das letras se faz por meio de pancadas pelo pé de uma mesinha redonda, com pé central único, mas com uma rapidez que quase alcança a da escrita, e tal que aqueles que as escrevem, às vezes, têm dificuldade em segui-la; as pancadas se sucedem como as do telégrafo elétrico em ação. Vimos fazer um ditado de vinte linhas em menos de quinze minutos. Mas o que é sobretudo particular é que o Espírito dita sempre em sentido oposto, começando pela última letra. O médium obtém, pelo mesmo meio, respostas a perguntas mentais, e em línguas que lhe são estranhas. Esse médium é também psicógrafo, e, neste caso, ele escreve igualmente em sentido oposto com a mesma facilidade. A primeira vez que o fenômeno se produziu, os assistentes, não encontrando nenhum sentido nas cartas recolhidas, creram numa mistificação; não foi senão depois de uma observação atenta que descobriram o sistema empregado pelo Espírito. Sem dúvida, isso não é senão uma fantasia da parte deste último, mas como todas as suas comunicações são muito sérias, é preciso disso concluir que há no fato uma intenção séria.

Independentemente da rapidez com a qual os golpes se sucedem, a maneira de proceder abrevia ainda em muito a operação. Serve-se de uma mesinha de três pés; o alfabeto é dividido em três séries: a 1ª de **a** a **h**, a 2ª de **i a p**, a 3ª de **q a z**. Cada pé da mesinha corresponde a uma série de letras, e bate o número de golpes necessários para designar a letra desejada, começando pela primeira da série; de sorte que, para indicar o **t**, por exemplo, em lugar de 20 golpes, o pé encarregado da 3ª série não bateu senão 4 deles. Três pessoas se colocam na mesinha, uma para cada pé, anunciando a letra indicada em sua série que é para ela um pequeno alfabeto sem que tenha que se preocupar com as outras. Várias pessoas escrevem as letras à medida que são chamadas, a fim de poder controlá-las em caso de erro. O hábito de ler em sentido oposto, freqüentemente, permite adivinhar o fim de uma palavra ou de uma frase começada, como se o faz pelo procedimento comum; o Espírito confirma se tem lugar a suposição, e passa a outra.

Essa divisão das letras, juntada à cooperação de três pessoas que não podem se ouvir, à rapidez do movimento, e à indicação das letras em sentido inverso, torna a fraude materialmente impossível, assim como a reprodução do pensamento individual. A palavra *reprodução*, por exemplo, será, pois, escrita desta maneira: NOITCUDORPER, e terá sido soletrada por três pessoas diferentes em alguns segundos, a saber: *noi* pela 2ª, **t** pela 3ª; **c** pela 1ª; **u** pela 3ª; **d** pela 1ª; **o** pela 2ª; **r** pela 3ª; **p** pela 2ª; **e** pela 1ª; **r** pela 3ª.

De todos os aparelhos imaginados para constatar a independência do pensamento do médium, não há nenhum deles que valha este procedimento. É verdade que, para isso, é preciso a influência de um médium especial, porque as duas pessoas que o assistem não estão para nada na rapidez do movimento.

Esse procedimento não tem em definitivo utilidade real senão para a convicção de certas pessoas, e como constatação de um fenômeno mediúnico notável, porque nada pode substituir a facilidade das comunicações escritas.

UM CRIMINOSO ARREPENDIDO.

Durante a visita que viemos de fazer aos Espíritos de Bruxelas, o fato seguinte se produziu em nossa presença, numa reunião íntima de sete ou oito pessoas, em 13 de setembro.

Uma senhora médium, estando chamada a escrever, e não tendo sido feita nenhuma evocação especial, ela traçou com uma agitação extraordinária, em grossos caracteres, e depois de ter violentamente riscado o papel, estas palavras:

"Eu me arrependo, eu me arrependo; Latour."

Surpresos com essa comunicação inesperada, que nada havia provocado, porque ninguém pensava nesse infeliz do qual a maioria dos assistentes ignorava mesmo a morte, dirige-se ao Espírito algumas palavras de comiseração e de encorajamento; depois se lhe faz esta pergunta:

Que motivo pôde vos convidar a vir entre nós, antes que em outra parte, uma vez que não vos chamamos?

O médium, que é também médium falante, respondeu de viva voz:

"Vi que sois almas compassivas e que teríeis piedade de mim, ao passo que outros me evocam mais por curiosidade do que por verdadeira caridade, ou bem se afastam de mim com horror."

Então começou uma cena indescritível, que não durou menos de meia hora. O médium, juntando à palavra os gestos e a expressão da fisionomia, é evidente que o Espírito se identificou a com sua pessoa; às vezes, seus acentos de desespero são tão dilacerantes, pintam suas angústias e seus sofrimentos com um tom tão doloroso, suas súplicas são tão veementes, que todos os assistentes com ele ficam profundamente emocionados.

Alguns mesmo estavam temerosos da superexcitação do médium, mas pensávamos que um Espírito que se arrepende e que implora a piedade não oferecia nenhum perigo. Se emprestou seus órgãos, foi para melhor pintar sua situação e interessar mais pela sua sorte, mas não, como os Espíritos obsessores e possessivos, em vista de se apoderar dele para dominá-lo. Isto lhe foi permitido, sem dúvida, em seu próprio interesse, e talvez também para a instrução das pessoas presentes.

Ele exclama:

"Oh! sim, a piedade! tenho necessidade dela, porque não sabeis o que sofro!... não, não o sabeis; mas não podeis compreendê-lo... é horrível!... A guilhotina! o que é isso, ao lado do que sofro agora? Isso não é nada; é um instante. Mas o fogo que me devora, é pior, é uma morte contínua; é um sofrimento que não deixa nem trégua nem repouso... que não tem fim!

"E minhas vítimas que estão ali, ao meu redor,... que me mostram suas feridas,... que me perseguem com seus olhares!... Elas estão ali, diante de mim... eu as vejo todas... sim todas... eu as vejo todas; não posso evitá-las!... E esse mar de sangue!... e esse ouro sujo de sangue!... tudo está ali! sempre diante de mim!... Sentis o odor do sangue?... Do sangue, sempre do sangue!... Hei-las, essas pobres vítimas; elas me imploram... e eu, sem piedade eu firo,... eu firo,... firo sempre!... O sangue me embriaga!

"Acreditava que depois de minha morte tudo estaria acabado; foi por isso que desafiei o suplício; desafiei a Deus, reneguei-o!... E eis que quando me acreditava aniquilado para sempre, um despertar terrível aconteceu;... oh! sim, terrível!... estou cercado de cadáveres, de figuras ameaçadoras... caminho no sangue... acreditava estar morto, e vivo!... Vivo para rever tudo isso! para vê-lo sem cessar!... É horrível!... é horrível! mais horrível do que todos os suplícios da Terra!

"Oh! se todos os homens pudessem saber o que há além da vida! saberiam o que lhes custa fazer o mal; não haveria mais assassinos, mais criminosos, mais malfeitores!... Gostaria que todos os assassinos pudessem ver o que vejo e o que suporto... Oh! não, não haveria mais deles... é muito horrível sofrer o que sofro!

"Sei bem que o mereci, ó meu Deus! porque não tive piedade de minhas vítimas; repeli suas mãos suplicantes quando me pediam para poupá-las. Sim, eu mesmo fui cruel; matei-as covardemente para ter seu ouro!... Fui impiedoso; eu vos reneguei; blasfemei contra vosso santo nome... *Eu quis me atordoar; por isso queria me persuadir de que não existíeis...* Oh! meu Deus! sou um grande criminoso! Eu o compreendo agora. Mas não teríeis piedade de mim?... Sois Deus, quer dizer, a bondade, a misericórdia! Sois todopoderoso!

"Piedade, Senhor! oh! piedade! Eu vos peço isto, não sejais inflexível; livrai-me desta visão odiosa, dessas imagens horríveis,... deste sangue,... de minhas vítimas *cujos olhares me atravessam até o coração como golpes de punhal.*

"Vós que estais aqui, que me escutais, sois almas boas, almas caridosas; sim, eu vos vejo, tereis piedade de mim, não é? Orareis por mim... Oh! vos suplico isso! não me repilais. Pedireis a Deus para me tirar este horrível espetáculo de diante de meus olhos; ele vos escutará, porque sois bons... Eu vos peço isso, não me repilais como repeli os outros... Orai por mim!"

Os assistentes, tocados com seus lamentos, lhe endereçaram palavras de encorajamento e de consolo. Deus, se lhe disse, não é inflexível; o que ele pede ao culpado é um arrependimento sincero e o desejo de reparar o mal que fez. Uma vez que o vosso coração não é endurecido, e que lhe pedis perdão por vossos crimes, estenderá sobre vós a sua misericórdia, se perseverardes em vossas boas resoluções para reparar o mal que fizestes. Sem dúvida, não podeis restituir às vossas vítimas a vida que lhes tirastes, mas, se pedirdes com fervor, Deus vos concederá reencontrar com elas numa nova existência, onde podereis lhes mostrar tanto devotamento quanto fostes cruel; e quando ele julgar a reparação suficiente, reentrareis em graça junto dele. A duração do vosso castigo está assim em vossas mãos; depende de vós abreviá-lo; nós vos prometemos vos ajudar com as nossas preces, e chamar sobre vós a assistência dos bons Espíritos. Iremos dizer, em vossa intenção, a prece contida em *A Imitação do Evangelho* para os Espíritos sofredores e arrependidos. Não diremos aquela para os maus Espíritos, porque desde que vos arrependestes, que implorais a Deus, e renunciáveis em fazer o mal, não sois mais, aos nossos olhos, do que um Espírito infeliz, e não mau.

Dita essa prece, e depois de alguns instantes de calma, o Espírito retomou:

"Obrigado, meu Deus!... oh obrigado! tivestes piedade de mim; essas imagens horríveis se afastam... Não me abandoneis, enviai-me vossos bons Espíritos para sustentarme... Obrigado!"

Depois desta cena, o médium, durante algum tempo, está cansado e abatido; seus membros fatigados. Ele tem a lembrança, de início confusa, do que acaba de se passar; depois, pouco a pouco, ele se lembra de algumas das palavras que pronunciou, e que dizia malgrado ele; sentia que não era ele quem falava.

No dia seguinte, numa nova reunião, o Espírito se manifestou ainda e recomeçou, durante alguns minutos somente, a cena da véspera, com a mesma pantomima expressiva, mais menos violenta; depois ele escreveu, pelo mesmo médium, com uma agitação febril, as palavras seguintes:

"Obrigado por vossas preces; já uma melhora sensível se produziu em mim. Pedi a Deus com tanto fervor, que ele permitiu que, por um momento, meus sofrimentos sejam aliviados; mas as verei ainda, minhas vítimas... Hei-las! hei-las!... Vedes esse sangue?..."

(A prece da véspera foi repetida .O Espírito continua, dirigindo-se ao médium):

"Perdão por me apoderar de vós. Obrigado pelo alívio que trazeis aos meus sofrimentos; perdão por todo o mal que vos occasionei; mas tenho necessidade de me manifestar; só vós podeis..."

"Obrigado! obrigado! um pouco de alívio se produziu; mas não estou no fim de minhas provas. Logo ainda as minhas vítimas retornarão. Eis a punição; eu a mereci, meu Deus! mas sede indulgente.

"Todos vós, orai por mim; tende piedade de mim.

"LATOURE."

Nota. Embora não tenhamos prova material da identidade do Espírito que se manifestou, não temos, não mais, motivos para dela duvidar. Em todos os casos, é evidentemente um Espírito muito culpado, mas arrependido, terrivelmente infeliz e torturado pelo remorso. A esse título, esta comunicação é muito instrutiva, porque não se pode desconhecer a profundidade e a alta importância de algumas das palavras que ela encerra; além disso, ela oferece um dos aspectos do mundo dos Espíritos castigados, acima do qual, no entanto, se entrevê a misericórdia de Deus. A alegoria mitológica das Eumênides não é tão ridícula quanto se o crê, e os demônios, carrascos oficiais do mundo invisível, que os substituem na crença moderna, são menos racionais, com seus cornos e suas forças, quanto essas vítimas servindo elas mesmas ao castigo do culpado. Em admitindo a identidade desse Espírito, se admirará talvez de uma mudança tão pronta em seu estado moral; foi assim que fizemos notar numa outra ocasião, que há, freqüentemente, mais recursos num Espírito brutalmente mau, do que naquele que é dominado pelo orgulho, ou que esconde seus vícios sob o manto da hipocrisia. Esse pronto retorno a melhores sentimentos indica uma natureza mais selvagem do que perversa, à qual não faltou senão uma boa direção. Comparando a sua linguagem com a de um outro criminoso citado da Revista de julho de 1864, sob o título de: *Castigo pela luz*, é fácil de ver qual dos dois é o mais avançado moralmente, apesar da diferença de sua instrução e de sua posição social; um obedecia a um instinto natural de ferocidade, a uma espécie de superexcitação, ao passo que o outro trazia, na perpetração de seus crimes, a calma e o sangue frio de uma lenta e perseverante combinação, e depois de sua morte desafiava ainda o castigo por orgulho; ele sofre mas não quer nisso convir; o outro é dominado imediatamente. Pode-se assim prever qual dos dois sofrerá por mais tempo.

ESTUDOS MORAIS.

UM RETORNO DE FORTUNA.

Lê-se no *Siècle* de 5 de junho de 1864:

"Um Berlinense, Sr. X..., possuía uma fortuna muito grande. Seu pai, ao contrário, em consequência de seguidos revezes, tinha caído numa privação absoluta e se viu constrangido a recorrer à generosidade de seu filho. Este repeliu duramente o pedido do velho que, para não morrer de fome, precisou solicitar a intervenção da justiça. O Sr. X... foi condenado a fornecer ao seu pai uma pensão alimentícia. O Sr. X... havia tomado suas precauções. Pressentindo que, se recusasse a decidir-se, uma oposição seria posta sobre suas rendas, tomou a decisão de ceder sua fortuna ao seu tio paterno.

"O infeliz pai se via na sorte de levar sua última esperança. Ele protestou que a cessão era fictícia e que seu filho a ela não tinha recorrido senão para escapar à execução do julgamento. Mas lhe seria necessário poder prová-lo, e, longe de ser capaz de intentar um processo custoso, o velho não tinha as coisas as mais necessárias à vida.

"Um acontecimento imprevisto veio tudo mudar. O tio morreu subitamente e sem testar. Não tendo família, a fortuna veio de direito ao seu parente mais próximo, quer dizer, ao seu irmão.

"Compreende-se o resto. Hoje, os papéis estão invertidos. O pai é rico e seu filho pobre. O que deve, sobretudo, crescer à exasperação deste último, é que não pode invocar o fato de uma cessão fictícia, a lei interditando formalmente esse gênero de transação."

Se isso fosse sempre assim com o mal, dir-se-á, se compreenderia melhor a justiça do castigo; sabendo o culpado porque é punido, saberia do que deve se corrigir.

Os exemplos de castigos imediatos são menos raros do que se crê. Se se remontasse à fonte de todas as vicissitudes da vida, ver-se-ia aí, quase sempre, a consequência natural de alguma falta cometida. O homem recebe, a cada instante, terríveis lições das quais infelizmente bem pouco aproveita. Cego pela paixão ele não vê a mão de Deus que o fere; longe de se acusar de seus próprios infortúnios, liga-os à fatalidade, à má chance; se irrita muito mais freqüentemente do que se arrepende, e não ficaríamos surpresos se o filho do qual se fala acima, em lugar de reconhecer seus erros para com seu pai, de ter retornado, a seu respeito, a melhores sentimentos, não teria concebido contra ele uma maior animosidade. Ora, o que é que Deus pede ao culpado? O arrependimento e a reparação *voluntária*.

Para excitá-lo a isso, multiplica ao seu redor as advertências sob todas as formas durante a sua vida: infelicidades, decepções, perigos iminentes, em uma palavra, tudo que é próprio a fazê-lo refletir; se, apesar disso, seu orgulho resiste, não é justo que seja punido mais tarde? É um grave erro crer que o mal seja, às vezes, completamente impune na vida atual; se se soubesse tudo o que chega ao mau, em aparência o mais próspero, convencer-se-ia dessa verdade de que não há uma única falta nesta vida, um único mau pendor, dizemos mais, um único mau pensamento que não tenha a sua contrapartida; de onde esta consequência de que, se o homem aproveitasse as advertências que recebe, se se arrependesse e reparasse desde esta vida, teria satisfeito a justiça de Deus, e não teria mais a expiar, nem a reparar, seja no mundo dos Espíritos, seja numa nova existência. Se, pois, eles estão aqui, nesta vida, sofrendo o passado de sua existência precedente, é que têm a pagar uma dívida que não quitaram. Se o filho em questão morre na impenitência, sofrerá de início, no mundo dos Espíritos, o castigo do remorso; ele sofrerá moralmente o que fez suportar materialmente; será um Espírito infeliz, porque terá violado a lei que lhe dizia: Honra teu pai e tua mãe. Mas Deus, que é soberanamente bom, ao mesmo tempo que soberanamente justo, lhe permitirá reencarnar-se para reparar; dar-lhe-á, talvez, o mesmo pai, e, em sua bondade, poupar-lhe-á a humilhante lembrança do passado; mas o culpado trará com ele a intuição das resoluções que terá tomado, a vontade de fazer o bem em lugar de fazer o mal; será a voz da consciência que lhe ditará a conduta. Depois, quando ele reentrar no mundo dos Espíritos, Deus lhe dirá: Vem a mim, meu filho, tuas faltas estão apagadas. Mas se fracassa nessa nova prova, isso será para ele a recomeçar, até que haja se despojado inteiramente do homem velho.

Cessemos, pois, de ver nas misérias que suportamos, pelas faltas de uma existência anterior, um mistério inexplicável, e digamos a nós mesmos que depende de nós evitá-las, merecendo nosso perdão desde esta vida; nossas dívidas quitadas, Deus não nos fará pagar uma segunda vez; mas se permaneceremos surdos às suas advertências, então exigirá até o último óbolo, fosse isso depois de vários séculos ou vários milhares de anos. Para isso, não são vãos simulacros que ele exige, é a reforma radical do coração. A morada dos eleitos não está aberta senão aos Espíritos purificados; toda mancha interdita-lhe o acesso. Cada um pode pretendê-la: a cada um cabe fazer o que for preciso para isso, e ali chegar cedo ou tarde segundo seus esforços e sua vontade; mas Deus não diz a ninguém: Tu não te purificarás!

UMA VINGANÇA.

"Escreveu-se de Marseille:

"Um dos mais honrados negociantes de nossa cidade, cercado da estima geral, Sr. X..., vem de dar um tiro de pistola no vigário de Saint-Barnabé. Na última segunda-feira, o Sr. X... soube, por uma carta anônima, que sua mulher mantinha relações íntimas com o padre. Deram-lhe os detalhes mais circunstanciados, que não lhe deixavam nenhuma dúvida sobre a extensão da infelicidade. Ele entrou em sua casa, fez uma pesquisa junto de seus domésticos: camareira, criado, jardineiro, cocheiro, etc., todos confessam o que sabem. Essa intriga durava há quinze meses. O Sr. X...era a fábula de todo o quarteirão, e só ele disse não desconfiava. Foi depois dessa enquete que ele deu o tiro de pistola contra o vigário." (*Siècle*, 7 de junho de 1864.)

Quem é o mais culpado nesse triste acontecimento? A mulher, o marido ou o padre? A mulher que, enganada por piedosos sofismas, provavelmente, se achou desculpada pela qualidade do cúmplice, e se tranqüilizou pela esperança de uma absolvição fácil? O marido que, cedendo a um movimento de indignação, não pôde dominar sua cólera? Ou o padre que, de sangue frio, com premeditação, viola seus votos, abusa de seu caráter, engana a confiança para lançar a desordem, o desespero e a desunião numa família honrada? A consciência pública pronunciou seu veredicto; mas, fora do fato material, há considerações da mais alta gravidade.

Uma filosofia de consciência elástica poderá talvez encontrar uma escusa no arrastamento das paixões, e se limitará a censurar os votos imprudentes. Admitamos, querendo-se, não uma escusa, mas uma circunstância atenuante aos olhos dos homens carnais, e disso não resta menos um abuso de confiança e do ascendente que o culpado possuía em sua qualidade; a fascinação que exercia sobre sua vítima ao abrigo de seu hábito sagrado: aí está a falta, aí está o crime que, se não for punido pela justiça dos homens, certamente sê-lo-á pela justiça de Deus.

Ora, quinze meses eram mais do que suficientes para lhe dar o tempo da reflexão e retornar ao sentimento de seus deveres. Que fazia no intervalo? Ensinava à juventude as verdades da religião; pregava as virtudes do Cristo, a castidade de Maria, a eternidade das penas contra os pecadores; perdoava ou retinha as faltas de outrem segundo seu próprio julgamento; e ele, o refratário aos mandamentos de Deus que condenam o que ele fazia, era o dispensador infalível da inflexível severidade ou da misericórdia de Deus! É esse um caso isolado? Ah! a história de todos os tempos, infelizmente, aí está para provar o contrário. Fazemos aqui abstração do indivíduo, para não ver senão um princípio que dá lugar à incredulidade e mina silenciosamente o elemento religioso. O poder absoluto do padre, diz-se, é independente de sua conduta pessoal; seja, não discutiremos esse ponto, embora pareça estranho que um homem que, por suas infâmias, merece o inferno, possa abrir ou fechar as portas do paraíso a quem bom lhe pareça, quando, frequentemente, os excessos lhe tiram a inteira lucidez de suas idéias. Se o medo das penas eternas não detém no caminho do mal e na violação dos mandamentos de Deus aqueles que os preconizam, é que eles mesmos nisso não crêem; a primeira condição para inspirar confiança seria a de pregar pelo exemplo.

VARIEDADES

SOCIEDADE ALEMÃ DOS PROCURADORES DE TESOUROS.

Leu-se o artigo seguinte nos diversos jornais franceses e estrangeiros:

"Os Espíritas acabam de recrutar novos adeptos na Alemanha. Um certo médico de Zittau, de nome Berthelen, autor de um opúsculo sobre as *mesas falantes*, organizou uma sociedade que se intitula: *Associação dos procuradores de tesouros*, e que tem por objetivo escavar o solo das localidades que passam por encerrar tesouros enterrados. As operações da empresa são conduzidas por um sonâmbulo dos mais lúcidos, senhora Louise

Ebermann, e começaram por escavações diárias que se executam a horas fixas no meio de um campo plantado de tabaco, onde se encontraria escondida uma soma de 400.000 thalers (1.500.000 francos). A sociedade não conta senão sete ou oito membros tomando parte nos trabalhos, e até o presente suas operações se limitam a dizer preces em comum e a carregar, com um certo cerimonial, as terras retiradas do solo onde se espera descobrir o feliz tesouro."

E verdadeiramente curioso ver a pressa de certos jornais em reproduzir tudo o que, segundo eles, pode lançar descrédito sobre o Espiritismo. O menor acontecimento infeliz ou ridículo, e ao qual, certo ou errado, se encontre misturada a palavra *espírita*, é a toda hora repetido sobre toda linha, com variantes mais ou menos engenhosas, sem cuidado da verdade; os próprios boatos mais inverossímeis são aceitos com uma seriedade verdadeiramente cômica. Ao aparecimento dos espectros nos teatros, todos a repetirem a polêmica que o Espiritismo esgotou a fundo, e que suas mais importantes astúcias foram enfim descobertas; um charlatão, um saltimbanco, um ledor de boa sorte crêem vestirem-se do nome de Espírita, logo os adversários o assinalam como um dos representantes da Doutrina. De tudo isto qual é o resultado? Ressonância do nome; daí o desejo de conhecer a coisa; ridículo para os zombadores que falam aturdidos daquilo que não sabem; ódio caído sobre os caluniadores; e, em consequência, crescimento do número de adeptos sérios, os únicos que se contam entre os Espíritas.

O artigo acima pertence à categoria dos que acabamos de falar. O autor se dá a si mesmo um desmentido dizendo que as pesquisas se fazem com a ajuda de um sonâmbulo dos mais lúcidos; não é, pois, com o concurso dos Espíritos. Sobre o que se funda para se dizer que é uma associação de Espíritas? Sobre o que o fundador da sociedade escreveu um opúsculo sobre as mesas girantes. Segue-se que ele seja Espírita? De nenhum modo, porque na época das mesas girantes estava-se ainda no *abe* da ciência; aliás, se ele conhecesse o Espiritismo, saberia que os Espíritos não podem favorecer nenhuma procura dessa natureza.

Desde que se conhece o sonambulismo, se o empregou na descoberta dos tesouros, e até o presente ninguém conseguiu senão despender dinheiro em escavações inúteis, como outrora os procuradores da pedra filosofal. Predizemos a mesma sorte à nova empresa. Quando se soube que os Espíritos poderiam se comunicar, um primeiro pensamento, de resto muito natural, foi também que eles poderiam servir utilmente às especulações de toda natureza; mas não se tardou a reconhecer que, sob esse aspecto, não se retirava deles senão mistificações. Para isso havia uma causa: foram os próprios Espíritos que o indicaram; também não há hoje um único Espírita esclarecido que perca seu tempo em perseguir tais quimeras, porque todos sabem que Deus não dá aos homens semelhantes meios para se enriquecerem, e é a razão pela qual não permite aos Espíritos as revelações desse gênero.

Foi, pois, abusivamente que o autor do artigo colocou a associação alemã dos procuradores de ouro sob o patrocínio do Espiritismo; não é entre aqueles que não vêem nos Espíritos senão os servidores da ambição, da cupidez e dos interesses materiais que a Doutrina recruta seus adeptos, mas entre aqueles que a consideram como uma causa de melhoria moral.

Para mais ampla instrução a este respeito, enviamos a *O Livro dos Médiuns*, cap. XXVI, *Perguntas que se podem dirigir aos Espíritos*; nº291, *Perguntas sobre os interesses morais e materiais*; nº 294, *Perguntas sobre as invenções e as descobertas*; nº 295, *Perguntas sobre os tesouros ocultos*.

UM QUADRO ESPÍRITA NA EXPOSIÇÃO DE ANVERS.

Durante nossa estada em Anvers, fomos visitar a exposição de pintura, onde admiramos as obras verdadeiramente notáveis de pintores nacionais; ali vimos com um extre-

mo prazer figurar muito honrosamente dois quadros do nosso colega da Sociedade de Paris, Sr. Wintz, 63, rua de Clichy: *Retorno das vacas* e um raio de *Lua*. Mas o que chamou particularmente a nossa atenção foi um quadro do gênero posto no catálogo sob o título de: *Cena do interior de camponeses espíritas*. Num interior de imóvel rural, três indivíduos em roupa flamenga estão sentados em redor de um enorme cepo sobre o qual pousam as mãos na atitude daqueles que fazem mover as mesas. Em sua fisionomia atenta e recolhida, reconhecia-se que tomam a coisa a sério. Outros personagens, homens, mulheres e crianças, estão diversamente agrupados, uns espiando com ansiedade o primeiro movimento da enorme massa, os outros sorrindo com um ar de ceticismo. Essa pintura', que não é sem mérito como execução, é original e verdadeira. Se excetuarmos deles o quadro *medianímico* que figurava como tal na exposição de artes de Constantinopla (Ver a *Revista* de julho de 1863, p. 209), é a primeira vez que o Espiritismo figura tão claramente confessado nas obras de arte; é um começo.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

7^a ANO

NO. 11

NOVEMBRO 1864

O ESPIRITISMO E UMA CIÊNCIA POSITIVA.

Alocução do Sr. ALLAN KARDEC aos Espíritas de Bruxelas e de Anvers, em 1864.

Publicamos esta alocução a pedido de um grande número de pessoas que nos manifestaram o desejo de conservá-la, e porque ela tende a fazer encarar o Espiritismo sob um aspecto de alguma sorte novo. A *Revista Espírita* de Anvers a reproduziu integralmente.

Senhores e caros irmãos espíritas,

Eu me comprazo em vos dar este título, porque, se bem que não tenha a vantagem de conhecer todas as pessoas que assistem a esta reunião, gosto de crer que estamos aqui em família, e todos em comunhão de pensamentos e de sentimentos. Admitindo mesmo que todos os assistentes não fossem simpáticos às nossas idéias, não os confundiria menos no sentimento fraternal que deve animar os verdadeiros Espíritas para com todos os homens, sem distinção de opinião.

No entanto, é aos nossos irmãos em crença que me dirijo mais especialmente para exprimir-lhes a satisfação que sinto por me encontrar entre eles, e lhes oferecer, em nome da Sociedade de Paris, a saudação de confraternização espírita.

Já havia adquirido a prova de que o Espiritismo conta, nesta cidade, numerosos adeptos sérios, devotados e esclarecidos, compreendendo perfeitamente o objetivo moral e filosófico da Doutrina; sabia aqui encontrar corações simpáticos, e este foi um motivo determinante para mim de responder ao premente e gracioso convite que me foi feito por vários dentre vós, para vir vos fazer uma visita este ano. A acolhida tão amável e tão cordial que recebi, me fará levar, de minha estada aqui, as mais agradáveis lembranças.

Certamente, teria o direito de me orgulhar da acolhida que me é feita nos diversos centros que vou visitar, se não soubesse que estes testemunhos se dirigem bem menos ao homem do que à Doutrina, da qual não sou senão o humilde representante, e devem ser considerados como uma profissão de fé, uma adesão aos nossos princípios; é assim que os considero, no que me concerne pessoalmente.

De resto, se as viagens que faço, de tempos em tempos, aos centros espíritas não devessem ter por resultado senão uma satisfação pessoal, considerá-las-ia como inúteis e delas me absteria; mas, além de que contribuir para estreitar os laços de fraternidade entre os adeptos, têm também a vantagem de me fornecer assuntos de observação e de estudo, que não são jamais perdidos para a Doutrina. Independentemente dos fatos que podem servir ao progresso da ciência, ali recolho os materiais da história futura do Espiritismo, os documentos autênticos sobre o movimento da idéia espírita, os elementos mais os menos favoráveis, ou contrários, que ela encontra segundo as localidades, a força ou a fraqueza e as manobras de seus adversários, os meios de combater estes últimos, o zelo e o devotamento de seus verdadeiros defensores.

Entre estes últimos, é preciso colocar em primeiro plano todos aqueles que militam pela causa com coragem, perseverança, abnegação e desinteresse, sem pensamento

dissimulado pessoal, que procuram o triunfo da Doutrina pela Doutrina e não para a satisfação de seu amor-próprio; aqueles, enfim, que, por seu exemplo, provam que a moral espírita não é uma palavra vã, e se esforçam por justificar esta notável palavra de um incrédulo: *Com uma tal doutrina, não se pode ser Espírita sem ser homem de bem.*

Não há centro espírita onde não haja encontrado um número mais ou menos grande desses pioneiros da obra, desses arroteadores do terreno, desses lutadores infatigáveis que, sustentados por uma fé sincera e esclarecida, pela consciência de cumprir um dever, não desanimam ante nenhuma dificuldade, considerando seu devotamento como uma dívida de reconhecimento pelos benefícios morais que receberam do Espiritismo. Não é justo que os nomes daqueles, dos quais a Doutrina se honra, estejam perdidos para nossos descendentes e que um dia se possa inscrevê-los no panteão espírita?

Infelizmente, ao lado deles, às vezes, se encontram as crianças terríveis da causa, os impacientes que, não calculando a importância de suas palavras e de seus atos, podem comprometê-la; aqueles que, por um zelo irrefletido, idéias intempestivas e prematuras, fornecem, sem o querer, armas aos nossos adversários. Depois vêm aqueles que, não tomando do Espiritismo senão a superfície, sem *dele serem tocados no coração*, dão, por seu próprio exemplo, uma falsa opinião de seus resultados e de suas tendências morais.

Aí está, sem contradita, o maior escolho que encontram os sinceros propagadores da Doutrina, porque, freqüentemente, vêem a obra que penosamente esboçaram, desfeita por aqueles mesmos que deveriam secundá-los. É um fato constatado que o Espiritismo é mais entravado por aqueles que o compreendem mal do que por aqueles que não o compreendem de todo, e mesmo por seus inimigos declarados; e há a anotar-se que aqueles que o compreendem mal, geralmente, têm a pretensão de compreendê-lo melhor do que os outros; não é raro ver noviços pretenderem, ao cabo de alguns meses, ser superiores àqueles que tiveram para eles a experiência adquirida por estudos sérios. Essa pretensão, que trai o orgulho, é ela mesma uma prova da ignorância dos verdadeiros princípios da Doutrina.

No entanto, que os Espíritas sinceros não se desencorajem: é um resultado do momento de transição em que estamos; as idéias novas não podem se estabelecer de repente e sem obstáculo; como lhes é preciso sanear as idéias antigas, elas encontram forçosamente adversários que as combatem e as repelem; depois, pessoas que as tomam como contra-senso, que as exageram ou querem acomodá-las aos seus gostos ou às suas opiniões pessoais. Mas chega um momento em que os verdadeiros princípios sendo conhecidos e compreendidos pela maioria, as idéias contraditórias caem por si mesmas. Vede o que já nisso adveio com todos os sistemas isolados, eclodidos na origem do Espiritismo; todos caíram diante da observação mais rigorosa dos fatos, ou não encontram ainda senão alguns de seus partidários tenazes que, em todas as coisas, se aferram às suas primeiras idéias sem dar um passo à frente. A unidade se fez na crença espírita com muito mais rapidez do que se podia esperar; é que os Espíritos vieram sobre todos os pontos confirmar os princípios verdadeiros; de sorte que hoje há, entre os adeptos do mundo inteiro, uma opinião predominante que, se não é ainda a da unanimidade absoluta, incontestavelmente, é a da imensa maioria; de onde se segue que aquele que quer caminhar em sentido contrário a esta opinião, não encontrando senão pouco ou nenhum eco, se condena ao isolamento. A experiência aí está para demonstrá-lo.

Para remediar o inconveniente que acabo de assinalar, quer dizer, para prevenir as conseqüências da ignorância e das falsas interpretações, é preciso se prender em vulgarizar as idéias justas, a formar adeptos esclarecidos, cujo número crescente neutralizará a influência das idéias errôneas.

Minhas visitas aos centros espíritas, naturalmente, têm por objetivo principal ajudar nossos irmãos em crença em sua tarefa; portanto, delas me aproveito para lhes dar as instruções das quais podem ter necessidade, como desenvolvimento teórico ou aplicação

prática da Doutrina, quanto me é possível fazê-lo. Sendo sério o objetivo dessas visitas, e exclusivamente no interesse da Doutrina, não vou ali procurar ovações que não estão nem nos meus gostos nem em meu caráter. Minha maior satisfação é encontrar-me com amigos sinceros, devotados, com os quais se pode conversar sem constrangimento e se esclarecer mutuamente por uma discussão amigável, onde cada um traz o tributo de suas próprias observações.

Nessas viagens, não vou pregar aos incrédulos; não convoco jamais o público para catequizá-lo; em uma palavra, não vou fazer propaganda; não compareço senão nas reuniões de adeptos onde meus conselhos são desejados e podem ser úteis; dou-os de boa vontade àqueles que crêem deles ter necessidade; disso me abstenho com aqueles que se crêem bastante esclarecidos para poder sem eles passar. Não me dirijo senão aos homens de boa vontade.

Se nessas reuniões se misturassem, por exceção, pessoas atraídas pelo motivo único da curiosidade, ficariam desapontadas, porque ali não encontrariam nada que pudessem satisfazê-las, e se estivessem animadas de um sentimento hostil ou de difamação, o caráter eminentemente sério, sincero e moral da assembléia e dos assuntos que nela são tratados, tiraria todo pretexto plausível à sua malevolência. Tais são os pensamentos que se exprimem nas diversas reuniões às quais sou chamado a assistir, afim de que não se equivoque sobre as minhas intenções.

Em começando, digo que sou o representante da Doutrina. Algumas explicações sobre o seu verdadeiro caráter chamarão naturalmente a vossa atenção sobre um ponto essencial que talvez não se tenha suficientemente considerado até o presente. Certamente, vendo a rapidez dos progressos desta Doutrina, haveria mais glória em me dizer dela o criador; meu amor-próprio nisso encontraria sua conta; mas não devo fazer minha parte maior do que ela o é; longe de lamentá-lo, disso me felicito, porque então a Doutrina não seria senão uma concepção individual, que poderia ser mais ou menos justa, mais ou menos engenhosa, mas que, por isso mesmo, perderia a sua autoridade. Ela poderia ter partidários, talvez fazer escola, como muitas outras, mas seguramente não teria podido adquirir, em alguns anos, o caráter de universalidade que a distingue.

Aí está um fato capital, senhores, e que deve ser proclamado bem alto. Não, o Espiritismo não é uma concepção individual, um produto da imaginação; não é uma teoria, um sistema inventado para a necessidade de uma causa; tem sua fonte nos fatos da própria Natureza, nos fatos positivos, que se produzem a cada instante sob nossos olhos, mas dos quais não se supunha a origem. É, pois, um resultado da observação, uma ciência, em uma palavra: a ciência das relações do mundo visível e do mundo invisível; ciência ainda imperfeita, mas que se completa todos os dias por novos estudos e que toma lugar, estejais disto convencidos, ao lado das ciências *positivas*. Disse *positivas*, porque toda ciência que repousa sobre os fatos é uma ciência positiva e não puramente especulativa.

O Espiritismo nada inventou, porque não se inventa o que está na Natureza. Newton não inventou a lei da gravitação; essa lei universal existia antes dele; cada um dela fazia a aplicação e sentia-lhe os efeitos, e, no entanto, não era conhecida.

O Espiritismo vem a seu turno mostrar uma nova lei, uma nova força na Natureza: a que reside na ação do Espírito sobre a matéria, lei também universal quanto a da gravitação e da eletricidade, e, no entanto, ainda desconhecida e negada por certas pessoas, como o foi com todas as outras leis na época de sua descoberta; é que os homens têm, geralmente, dificuldade em renunciar às suas idéias preconcebidas, e que, por amor-próprio, lhes custa convir que estão enganados, ou que outros puderam encontrar o que eles mesmos não encontraram.

Mas como, em definitivo, essa lei repousa sobre os fatos, e que contra os fatos não há negação que possa prevalecer, lhe será bem preciso render-se à evidência, como os mais recalcitrantes deveram fazê-lo para o movimento da Terra, a formação do globo e os

efeitos do vapor. Se esforçaram em taxar os fenômenos de ridículos, não podem impedir de existir o que existe.

O Espiritismo tem, pois, procurado a explicação dos fenômenos de uma certa ordem, e que, em todas as épocas, se produziram de maneira espontânea; mas o que sobretudo favoreceu em suas pesquisas, é que lhe foi dado poder produzi-los e provocá-los, até um certo ponto. Ele encontrou nos médiuns instrumentos próprios para esse efeito, como o físico encontrou na pilha e na máquina elétrica os meios de reproduzir os efeitos do raio. Isto, compreende-se, não é senão uma comparação que eu pretenda estabelecer.

Mas há aqui uma consideração de uma alta importância, é que, em suas pesquisas, ele não procedeu pela via das hipóteses, assim como se o acusa; ele não supôs a existência do mundo espiritual para explicar os fenômenos que tinha sob os olhos; procedeu pela via da análise e da observação; dos *fatos ele remontou à causa, e o elemento espiritual se apresentou a ele como força ativa; não o proclamou senão depois de tê-lo constatado.*

A ação do elemento espiritual, como força e como lei da Natureza, abre, pois, novos horizontes à ciência, dando-lhe a chave de uma multidão de problemas incompreendidos. Mas se a descoberta das leis puramente materiais produziu no mundo revoluções materiais, a do elemento espiritual nele prepara uma revolução moral, porque muda totalmente o curso das idéias e das crenças mais enraizadas; ele mostra o caminho sob um novo aspecto; mata a superstição e o fanatismo; engrandece o pensamento, e o homem, em lugar de se arrastar na matéria, de circunscrever sua vida entre o nascimento e a morte, se eleva até o infinito; sabe de onde vem e para onde vai; vê um objetivo para seu trabalho, seus esforços, uma razão de ser ao bem; sabe que nada do que adquire neste mundo, em saber e em moralidade, está perdido para ele, e que o seu progresso prossegue indefinidamente além do túmulo; ele sabe que tem sempre o futuro para si, quaisquer que sejam a insuficiência e a brevidade da existência presente, ao passo que a idéia materialista, em circunscrevendo a vida à existência atual, lhe dá por perspectiva o nada, que não tem mesmo para compensação a ausência, que ninguém pode recuar à sua vontade, porque aqui podemos cair amanhã, numa hora, e então o fruto de nossos labores, de nossas vigílias, dos conhecimentos adquiridos está perdido para sempre para nós, freqüentemente, sem ter tido o tempo de gozá-los.

O Espiritismo, eu o repito, em demonstrando, não por hipótese, mas por fatos, a existência do mundo invisível, e o futuro que nos espera, muda totalmente o curso das idéias; dá ao homem a força moral, a coragem e a resignação, porque ele não trabalha mais somente para o presente, mas para o futuro; sabe que se não goza hoje, gozará amanhã. Demonstrando a ação do elemento espiritual sobre o mundo material, alarga o domínio da ciência e abre, por isso mesmo, um novo caminho ao progresso material. O homem terá, então, uma base sólida para o estabelecimento da ordem moral sobre a Terra; compreenderá melhor a solidariedade que existe entre os seres deste mundo, uma vez que essa solidariedade se perpetua indefinidamente; a fraternidade não é mais uma palavra vã; ela mata o egoísmo em lugar de ser morta por ele, e muito naturalmente o homem, imbuído dessas idéias, nisso conformará às suas leis e suas instituições sociais.

O Espiritismo conduz inevitavelmente a essa reforma; assim se cumprirá, pela força das coisas, a revolução moral que deve transformar a Humanidade e mudar a face do mundo, e isso tudo simplesmente pelo conhecimento de uma nova lei da Natureza que dá um outro curso às idéias, que dá um resultado a esta vida, um objetivo às aspirações do futuro, e faz encarar as coisas de um outro ponto de vista.

Se os detratores do Espiritismo - falo daqueles que militam para o progresso social, dos escritores que pregam a emancipação dos povos, a liberdade, a fraternidade e a reforma dos abusos - conhecessem as verdadeiras tendências do Espiritismo, a sua importância e seus resultados inevitáveis, em lugar de abafá-lo como o fazem, de lançar sem cessar entraves em seu caminho, nele veriam a mais poderosa alavanca para chegar à

destruição dos abusos que combatem; em lugar de lhe serem hostis, o aclamariam como um socorro providencial; infelizmente, a maioria crê mais neles do que na Providência. Mas a alavanca age sem eles e apesar deles, e a irresistível força do Espiritismo nisso será tanto melhor constatada quanto tiver tido mais a combater. Um dia dir-se-á deles, e isso não será à sua glória, o que dizem eles mesmos daqueles que combateram o movimento da Terra e daqueles que negaram a força do vapor. Todas as negações, todas as perseguições, não impediram essas leis naturais de seguir o seu curso; do mesmo modo todos os sarcasmos da incredulidade não impedirão a ação do elemento espiritual que é também uma lei da Natureza.

O Espiritismo, considerado dessa maneira, perde o caráter de misticismo que lhe censuram seus detratores, aqueles pelo menos que não o conhecem; não é mais a ciência do maravilhoso e do sobrenatural ressuscitada, é o domínio da Natureza enriquecido de uma lei nova e fecunda, uma prova a mais do poder e da sabedoria do Criador; são, enfim, os limites dos conhecimentos humanos recuados.

Tal é, em resumo, senhores, o ponto de vista sob o qual é preciso encarar o Espiritismo. Nesta circunstância, qual foi o meu papel? Não foi nem o de inventor, nem o de criador; eu vi, observei, estudei os fatos com cuidado e perseverança; coordenei-os e lhes deduzi as conseqüências: eis toda a parte que nisso me toca; o que fiz, um outro teria podido fazê-lo em meu lugar. Em tudo isso fui um simples instrumento dos desígnios da Providência, e dou graças a Deus e aos bons Espíritos por terem consentido em se servirem de mim; é uma tarefa que aceitei com alegria, e da qual me esforço para me tornar digno, rogando a Deus me dar as forças necessárias para cumpri-la segundo a sua santa vontade. No entanto, esta tarefa é pesada, mais pesada do que ninguém pode crer; se ela tem para mim algum mérito, é que tenho a consciência de não ter recuado diante de nenhum obstáculo, nem de nenhum sacrifício; essa será a obra de minha vida até meu último dia, porque diante de um objetivo tão importante, todos os interesses materiais e pessoais se apagam, como os pontos diante do infinito.

Termino esta curta exposição, senhores, dirigindo felicitações sinceras àqueles de nossos irmãos da Bélgica, presentes ou ausentes, cujo zelo, devotamento e perseverança contribuíram para implantar o Espiritismo neste país. As sementes que depositaram nos grandes centros populacionais, tais como Bruxelas, Anvers, etc., não terão sido, disso estou seguro, lançadas sobre um solo estéril.

UMA LEMBRANÇA DE EXISTÊNCIAS PASSADAS.

Num artigo biográfico sobre *Méry*, publicado pelo *Journal litté-raire*, de 25 de setembro de 1864, encontra-se a passagem seguinte:

"Há teorias singulares, que são para ele convicções.

"Assim, crê firmemente que viveu várias vezes; se lembra das menores circunstâncias dessas existências precedentes, e os detalhes com uma verve de certeza, que se impõe como uma autoridade.

"Assim, ele foi um dos amigos de Virgílio e de Horácio, conheceu Auguste Germanicus, fez a guerra nas Gálias e na Germânia. Foi general e comandou as linha romanas quando atravessaram o Reno. Ele reconhece nas montanhas os lugares onde acampou, nos vales os campos de batalha onde combateu. Lembra-se das conversas com Mecenas, que são o objeto eterno de seus lamentos. Ele se chamava Minius.

"Um dia, em sua vida presente, estava em Roma e visitava a biblioteca do Vaticano. Ali foi recebido por jovens, noviços com longas roupas castanhas, que se admiram a lhe falarem o latim mais puro. Méry era bom latinista, em tudo o que se prende à teoria e às coisas escritas, mas não tinha ainda tentado conversar familiarmente na língua de Juvenal. Ouvindo esses Romanos de hoje, admirando esse magnífico idioma tão bem harmo-

nizado com os monumentos, com os costumes da época onde era usado, pareceu-lhe que um véu caiu de seus olhos; pareceu-lhe que ele mesmo havia conversado, em outros tempos, com amigos que se serviam dessa linguagem divina. Frases inteiras e irrepreensíveis caíam de seus lábios; encontrou imediatamente a elegância e a correção, falou latim, enfim, como fala francês; teve em latim o espírito que tem em francês. Tudo isso não podia se fazer sem uma aprendizagem e, se não tivesse sido um modelo de Augusto, se não tivesse atravessado esse século de todos os esplendores, não teria improvisado uma ciência, impossível de adquirir em algumas horas.

"Sua outra passagem sobre a Terra ocorreu nas Índias, eis por que os conhece tão bem; eis porque, quando publicou a *Guerre du Nizam*, não houve um de seus leitores que haja duvidado que ele tivesse habitado por muito tempo a Ásia. Suas descrições são vivas, seus quadros são os originais, faz tocar com o dedo os menores detalhes, é impossível que não haja visto o que conta, a marca da verdade ali está.

"Ele pretende penetrar nesse país com a expedição muçulmana, em 1035. Viveu cinquenta anos, passou belos dias, e ali se fixou para não mais sair. Lá era ainda poeta, mas menos letrado do que em Roma e em Paris. Guerreiro de início, sonhador em seguida, guardou em sua alma as imagens impressionantes das margens do rio Sagrado e dos ritos hindus. Tinha várias moradas, na cidade e no campo, orou nos templos de elefantes, conheceu a civilização avançada de Java, viu de pé as esplêndidas ruínas que assinala, e que se conhece ainda tão pouco.

"É preciso ouvi-lo contar esses poemas; porque são verdadeiros poemas quanto essas lembranças de Swendenborg. Ele é muito sério, não duvideis disto. Não é uma mistificação arranjada às custas de seus ouvintes, é uma realidade da qual ele chega a vos convencer.

"E suas doutrinas sobre a história, que possui admiravelmente! E esses gracejos tão finos, que lançam uma nova luz sobre tudo o que elas tocam! E seus relatos, que são romanos, onde se choraria se ousasse, depois de ter rido sem impedir de fazê-lo! Tudo isso faz de Méry um dos homens mais maravilhosos dos tempos em que viveu, e mesmo daqueles em que sua alma errante esperava sua vez, a fim de reentrar num corpo e de fazer de novo falar dele às gerações sucessivas.

PIERRE DANGEAU."

O autor do artigo não acompanha esse fato de nenhuma reflexão. Depois de ter exaltado o alto mérito de Méry e sua alta inteligência, foi inconseqüente de taxá-la de loucura. Se, pois, Méry é um homem de bom senso, de um alto valor intelectual; se a crença de já ter vivido é nele uma convicção; se essa convicção não é nele o produto de um sistema de seu modo, mas o resultado de uma lembrança retrospectiva e de um fato material, não há ali do que despertar a atenção de todo homem sério? Vejamos a quais incalculáveis conseqüências nos conduz este simples fato.

Se Méry já viveu, ele não deve fazer exceção, porque as leis da Natureza são as mesmas para todos, e, desde então, os homens devem também ter vivido; se se viveu, não é seguramente o corpo que renasce: é, pois, o princípio inteligente, a alma, o Espírito; temos, pois, uma alma. Uma vez que Méry conservou a lembrança de várias existências, uma vez que os lugares lhe lembram o que viu outrora, na morte do corpo a alma não se perde, pois, no todo universal; portanto, ela conserva a sua individualidade, a consciência de seu *eu*.

Méry, lembrando-se do que foi há quase dois mil anos, em que se tornou sua alma no intervalo? Ele se submergiu no oceano do infinito ou se perdeu nas profundezas do espaço? Não, sem isso ela não reencontraria a sua individualidade de outrora. Ela deveu, pois, permanecer na esfera de atividade terrestre, viver da vida espiritual, no meio de nós ou no espaço que nos cerca, até que tivesse retomado um novo corpo. Méry não sendo o único no mundo, há, pois, ao nosso redor uma população inteligente invisível.

Renascendo na vida corpórea, depois de um intervalo mais ou menos longo, a alma renasce no estado primitivo, no estado de alma nova, ou aproveita as idéias adquiridas em suas existências anteriores? A lembrança retrospectiva resolve a questão por um fato: se Méry tivesse perdido as idéias adquiridas, não teria reencontrado a língua que falava outrora; a visão dos lugares não lhe teria lembrado nada.

Mas se já vivemos, por que não reviveríamos ainda? Por que esta existência seria a última? Se renascemos com o desenvolvimento intelectual realizado, a intuição que trazemos das idéias adquiridas é um fundo que ajuda a aquisição de novas idéias, que tornam o estudo mais fácil. Se um homem não é senão um meio-matemático numa existência, será preciso menos trabalho numa nova existência para ser um matemático completo; está aí uma consequência lógica. Se tornou metade bom, se corrigiu de alguns defeitos, ser-lhe-á preciso menos trabalho para se tornar ainda melhor, e assim por diante.

Nada daquilo que adquirirmos em inteligência, em saber e em moralidade não está, pois, perdido; que morramos jovens ou velhos, que tenhamos ou não o tempo de o aproveitar na existência presente, nós lhe recolheremos os frutos nas existências subseqüentes. As almas que animam os Franceses civilizados de hoje podem, pois, ser as mesmas que animavam os bárbaros Francos, Ostrogodos, Visigodos, os selvagens Gauleses, os conquistadores Romanos, os fanáticos da Idade Média, mas que, a cada existência, se dá um passo adiante, apoiando-se sobre os passos feitos precedentemente, e que avançam ainda.

Eis, pois, o grande problema do progresso da Humanidade resolvido, o problema contra o qual se chocaram tantos filósofos! está resolvido pelo simples fato da pluralidade das existências. Mas quantos outros problemas vão encontrar a sua solução na solução deste! Que horizontes novos isso não abre! É toda uma revolução nas crenças e nas idéias.

Assim raciocinará o pensador sério, o homem refletido; um fato é um ponto de partida do qual ele deduz as consequências. Ora, quais são os pensamentos que o fato de Méry desperta no autor do artigo? Ele mesmo os resume nestas palavras: "Há teorias singulares, são para ele convicções."

Mas se esse autor não vê senão uma coisa bizarra, pouco digna de sua atenção, isso não poderia ser do mesmo modo com todo o mundo. Tal encontra em seu caminho um diamante bruto que não se digna recolher, porque não lhe conhece o valor, ao passo que um outro saberá apreciá-lo e disso tirará proveito.

As idéias espíritas se produzem hoje sob todas as formas; elas estão na ordem do dia, e a imprensa, sem querer confessá-lo, as registra e as semeia em profusão, crendo não enriquecer suas colunas senão com gracejos. Não é notável que todos os adversários da idéia, sem exceção, trabalhem com seu desconhecimento para a sua propagação? Gostariam de se calar e a força das coisas os arrasta a dela falar. Assim o quer a Providência, -para aqueles que crêem na Providência.

Raciocinais, dir-se-á, sobre um fato isolado que não pode fazer lei; porque, se a pluralidade das existências é uma condição inerente à Humanidade, por que todos os homens não se lembram como Méry? A isto respondemos: Tomai o trabalho de estudar o Espiritismo e sabê-lo-eis. Não repetiremos, pois, o que foi cem vezes demonstrado relativamente à inutilidade da lembrança para aproveitar a experiência adquirida nas existências precedentes, e o perigo dessa lembrança para as relações sociais.

Mas há, para esse esquecimento, uma outra causa de alguma sorte fisiológica, e que se prende ao mesmo tempo à materialidade de nosso envoltório e à identificação de nosso Espírito pouco avançado com a matéria. À medida que o Espírito se depura, os laços materiais são menos tenazes. O véu que obscurece o passado é menos opaco; a faculdade da lembrança retrospectiva segue, pois, o desenvolvimento do Espírito. O fato é raro sobre a nossa Terra, porque a Humanidade nela é ainda muito material; mas seria um erro crer que Méry nela seja um exemplo único. Deus permite, de tempos em tempos,

que isso se apresente, a fim de levar os homens a tomar conhecimento da grande lei da pluralidade das existências, única lei que lhe explica a origem de suas qualidades boas ou más, lhe mostra a justiça das misérias que ele sofre neste mundo, e lhe traça o caminho do futuro.

A inutilidade da lembrança para aproveitamento do passado é o que se tem mais dificuldade em compreender para aqueles que não estudaram o Espiritismo; para os Espíritos é uma questão elementar. Sem repetir o que foi dito a esse respeito, a comparação seguinte poderá facilitar-lhe a inteligência.

O escolar percorre a série de classes, desde a oitava até a filosofia. O que aprendeu na oitava lhe serve para aprender o que se ensina na sétima. Suponhamos agora que no fim da oitava haja perdido toda lembrança do tempo passado nessa classe, seu Espírito por isso não será menos desenvolvido, e equipado de conhecimentos adquiridos; somente não se lembrará nem onde nem como os adquiriu, mas, pelo fato do progresso realizado, está apto a aproveitar as lições da sétima. Suponhamos, além disso, que na oitava tenha sido preguiçoso, colérico, indócil, mas que haja sido castigado e moralizado, seu caráter tenha se rompido, e que tenha se tornado laborioso, dócil e obediente, levará essas qualidades em sua nova classe que, para ele, parecerá ser a primeira. Que lhe serviria saber se foi fustigado por sua preguiça, se agora não é mais preguiçoso? O essencial é que chegou na sétima melhor e mais capaz do que era na oitava. Assim o será de classe em classe.

Pois bem! o que não teve lugar para o escolar, nem para o homem nos diferentes períodos de sua vida, existe para ele de uma existência à outra; aí está toda a diferença, mas o resultado é exatamente o mesmo, embora sobre uma maior escala.

(Ver um outro exemplo de lembrança do passado relatado na *Revista* de julho de 1860, página 205.)

UM CRIMINOSO ARREPENDIDO.

(Continuação.)

(Passy, 4 de outubro de 1864. - Médium, Sr. Rui.)

Nota. - O médium tivera a intenção de evocar Latour desde o momento do suplício; tendo perguntado ao seu guia espiritual se poderia fazê-lo, respondeu-lhe para esperar o momento que lhe seria indicado. Não foi senão em 3 de outubro que dele recebeu a autorização, depois de ter lido o artigo da *Revista*, onde dele é falado.

P. Ouvistes minhas preces? - *R.* Sim, apesar de minha perturbação, eu as ouvi e lhas agradeço.

Fui evocado quase depois de minha morte, e não pude comunicar-me em seguida, mas muitos Espíritos levianos tomaram o meu nome e o meu lugar. Aproveitei a presença, em Bruxelas, do presidente da Sociedade de Paris, e, com a permissão dos Espíritos superiores, comuniquei-me.

Virei me comunicar à Sociedade, e farei revelações que serão um começo de reparação de minhas faltas, e que poderão servir de ensinamento a todos os criminosos que me lerão e refletirão sobre o relato de meus sofrimentos.

Os discursos sobre as penas do inferno fazem pouco efeito sobre o Espírito dos culpados, que não crêem em todas essas imagens, atemorizantes para as crianças e os homens fracos. Ora, um grande malfeitor não é um Espírito pusilânime, e o medo dos policiais age mais sobre ele do que a narração dos tormentos do inferno. Eis porque todos aqueles que me lerão serão tocados pelas minhas palavras, com meus sofrimentos que não são suposições. Não há um só padre que possa dizer: "Eu vi o que dizeis, assisti às torturas dos condenados." Mas quando eu vier dizer: "Eis o que se passou depois da morte de meu corpo; eis qual foi o meu desencanto, reconhecendo que não estava morto, como eu o esperava, e o que tomei como o fim de meus sofrimentos era o começo de

torturas impossíveis de se descrever." Então, mais de um se deterá à beira do precipício onde iria cair; cada infeliz que se detiver assim, no caminho do crime, servirá para resgatar uma de minhas faltas. Assim é que o bem sai do mal, e que a bondade de Deus se manifesta por toda a parte, sobre a Terra como no espaço.

Foi-me permitido estar longe da visão de minhas vítimas, que se tornaram os meus carrascos, afim de me comunicar convosco; mas deixando-vos, revê-las-ei, e só esse pensamento me faz sofrer mais do que não posso dizer. Sou feliz quando se me evoca, porque então deixo meu inferno por alguns instantes. Orai sempre por mim; orai ao Senhor para que me liberte da visão de minhas vítimas.

Sim, oremos juntos, a prece faz tanto bem!... Estou mais aliviado; não sinto mais o quanto o peso do fardo me oprime. Vejo um clarão de esperança que brilha aos meus olhos, e cheio de arrependimento, exclamo: Bendita seja a mão de Deus; que seja feita a sua vontade!

J. LATOUR.

O guia espiritual do médium ditou o que se segue:

"Não tome os primeiros gritos do Espírito que se arrepende como o sinal infalível de suas resoluções. Ele pode ser de boa-fé em suas promessas, porque a primeira impressão que sente vendo-se no mundo dos Espíritos é de tal modo fulminante que, ao primeiro testemunho de caridade que recebe de um Espírito encarnado, é se entregar aos extravasamentos do reconhecimento e do arrependimento. Mas, às vezes, a reação é igual à ação, e, freqüentemente, esse Espírito culpado, que ditou a um médium tão boas palavras, pode retornar à sua natureza perversa, aos seus pendores criminosos. Como uma criança que tenta caminhar, ele tem necessidade de ser ajudado para não cair."

No dia seguinte, o Espírito de Latour foi de novo invocado,

O MÉDIUM. - Em lugar de pedir a Deus para vos livrar da visão de vossas vítimas, eu vos convido a orar comigo, para pedir-lhe a força para suportar essa tortura expiatória.

LATOUR. - Preferiria estar livre da visão de minhas vítimas. Se soubésseis o que sofro! O homem mais insensível ficaria emocionado se pudesse ver, impresso sobre meu rosto como com o fogo, os sofrimentos de minha alma. Farei o que me aconselhais. Compreendo que é um meio, um pouco mais rápido, de expiar as minhas faltas.

É como uma operação dolorosa que deve restituir a saúde ao meu corpo muito doente.

Ah! se os culpados da Terra pudessem me ver, ficariam amedrontados com as conseqüências dos seus crimes que, ocultos aos olhos dos homens, são vistos pelos Espíritos! Como a ignorância é fatal para tantas pobres pessoas!

Que responsabilidade assumem aqueles que recusam a instrução às classes pobres da sociedade! Crêem que com os guardas e a polícia podem prevenir os crimes. Como estão no erro! Dobrar-se-ia, quadruplicar-se-ia o número dos agentes da autoridade, que os mesmos crimes se cometeriam, porque é preciso que os maus Espíritos encarnados cometam crimes.

Eu me recomendo à vossa caridade.

Nota. - Sem dúvida, é por um resto dos preconceitos terrestres que Latour diz: "É preciso que os maus Espíritos encarnados cometam crimes." Seria a fatalidade nas ações dos homens, doutrina que os desculparia a todos. De resto, é muito natural que, ao sair de uma semelhante existência, o Espírito não compreenda ainda a liberdade moral, sem a qual o homem estaria ao nível do animal; pode-se admirar que não diga mais as más coisas.

A comunicação seguinte, do mesmo Espírito, foi obtida espontaneamente em Bruxelas, pela senhora C..., o mesmo médium que havia servido de instrumento para a cena narrada no número de outubro.

"Não temais mais nada de mim; estou mais tranqüilo, no entanto, sofro ainda. Deus teve piedade de mim, porque viu o meu arrependimento. Agora, sofro *desse arrependimento que mostra a enormidade de minhas faltas*.

"Se tivesse sido bem guiado na vida, não teria feito todo o mal que fiz; mas meus instintos não foram reprimidos, e a isso obedeci, não tendo conhecido nenhum freio. Se todos os homens pensassem antes em Deus, ou pelo menos se todos os homens nele cressem, semelhantes crimes enormes não mais seriam cometidos.

"Mas a justiça dos homens é mal combinada; por uma falta, algumas vezes leve, um homem é encerrado numa prisão que, sempre, é um lugar de perdição e de perversão. Dali sai completamente perdido pelos maus conselhos e os maus exemplos que nela hauriu. No entanto, se sua natureza é bastante boa e bastante forte para resistir ao mau exemplo, saindo da prisão todas as portas lhe são fechadas, todas as mãos se retiram diante dele, todos os corações honestos o repelem. Que lhe resta? o desprezo e a miséria. O desprezo, o desespero, se sente nele boas resoluções para retornar ao bem; a miséria o leva a tudo. Então, ele também despreza seu semelhante o odeia, e perde toda consciência do bem e do mal, uma vez que se vê repellido, ele que, no entanto, havia tomado a resolução de se tornar um homem honesto. Para se proporcionar o necessário, ele rouba, e mata às vezes; depois o guilhotinam!

"Meu Deus, no momento em que minhas alucinações vão me retomar, sinto vossa mão que se estende para mim; sinto vossa bondade que me envolve e me protege. Obrigado, meu Deus! Em minha próxima existência, empregarei minha inteligência, meu bem para socorrer os infelizes que sucumbiram e preservá-los da queda.

"Obrigado, vós que não repugnais comunicar-vos comigo; não tendes medo; vede que não sou mau. Quando pensardes em mim, não vos representeis o retrato que vistes de mim, mas representai-vos uma pobre alma desolada, que vos agradece pela vossa indulgência.

"Adeus; evocai-me ainda, e pedi a Deus por mim.

"LATOUR."

Nota. - O Espírito fez alusão ao medo que a sua presença inspirava ao médium.

"Eu sofro, disse ele ainda, desse arrependimento que me mostra a enormidade de minhas faltas". Há aí um pensamento profundo. O Espírito não compreende realmente a gravidade de seus crimes senão quando se arrepende; o arrependimento traz o remorso, o remorso, sentimento doloroso que é transição do mal ao bem, da doença moral à saúde moral. É para disso escapar que os Espíritos perversos se obstinam contra a voz de sua consciência, como esses doentes que repelem o remédio que deve curá-los; procuram se iludir, se atordoar persistindo no mal. Latour chegou a esse período em que o endurecimento acaba por ceder; o remorso entrou em seu coração; o arrependimento nele seguiu-o; compreende a extensão do mal que fez; vê sua abjeção, e sofre com isso; eis porque ele disse: "Eu sofro desse arrependimento." Em sua precedente existência, deveu ter sido pior do que nesta, porque se tivesse se arrependido como o faz hoje, sua vida teria sido melhor. As resoluções que agora toma influirão sobre a sua existência terrestre futura; a que vem de deixar, toda criminosa que haja sido, marcou para ele uma etapa de progresso. É mais provável que, antes de começá-la, ele era, na erraticidade, um desses maus Espíritos rebeldes, obstinados no mal, como se vêem tantos deles.

Muitas pessoas perguntaram que proveito poder-se-ia tirar das existências passadas, uma vez de que não se lembram nem daquilo que foram, nem daquilo que fizeram.

Esta questão está completamente resolvida pelo fato de que, se o mal que cometemos está apagado, se dele não resta nenhum traço em nosso coração, a sua lembrança seria inútil, uma vez de que não temos mais a nos preocupar com ele. Quanto àquele do qual não estamos inteiramente corrigidos, o conhecemos pelas nossas tendências atuais;

é sobre este que devemos levar toda a nossa atenção. Basta saber o que somos, sem que seja necessário saber o que fomos.

Quando se considera a dificuldade, durante a vida, da reabilitação do culpado mais arrependido, a reprovação do qual é o objeto, deve-se bendizer a Deus por ter lançado um véu sobre o passado. Se Latour tivesse sido condenado em tempo, e mesmo se tivesse resgatado, seus antecedentes o teriam feito rejeitar pela sociedade. Quem teria querido, apesar de seu arrependimento, admiti-lo em sua intimidade? Os sentimentos que manifesta hoje como Espírito, nos dão a esperança de que, em sua próxima existência terrestre, ele será um homem honesto, estimado e considerado; mas supondo que se saiba que ele foi Latour, a reprovação o perseguirá ainda. O véu lançado sobre seu passado abre-lhe a porta da reabilitação; poderá sentar-se, sem medo e sem desonra, entre as pessoas mais honestas. Quantos deles há que gostariam, a qualquer preço, de apagar da memória dos homens certos anos de sua existência!

Que se encontre uma doutrina que melhor se concilie do que esta com a justiça e a bondade de Deus! De resto, esta doutrina não é uma teoria, mas um resultado de observação. Não foram os Espíritos que a imaginaram; eles viram e observaram as diferentes situações nas quais se apresentam os Espíritos; procuraram explicá-los, e dessa explicação saiu a Doutrina. Se a aceitaram, foi porque ela resultou dos fatos, e porque lhes pareceu mais racional do que todas aquelas emitidas até hoje sobre o futuro da alma.

Latour foi muitas vezes evocado, e isso era muito natural; mas como ele chega em semelhante caso, houve muitas comunicações apócrifas e os Espíritos levianos não perderam essa ocasião. A própria situação de Latour se opunha a que pudesse se manifestar quase simultaneamente sobre tantos pontos, ao mesmo tempo; essa ubiquidade não é o quinhão senão dos Espíritos superiores.

As comunicações que reportamos são mais autênticas? Nós o cremos, e o desejamos sobretudo pelo bem desse Espírito. Na falta dessas provas materiais que constata a identidade de maneira absoluta, assim como se a obtém freqüentemente, temos pelo menos as provas morais que resultam, seja da circunstância nas quais essas manifestações ocorreram, seja da concordância; sobre as comunicações que conhecemos, vindas de fontes diferentes, três quartos pelo menos estão de acordo pelo fundo; entre as outras, há as que não suportam o exame, tanto o erro de situação é evidente, e em contradição flagrante com o que a experiência nos ensina sobre o estado dos Espíritos no mundo espiritual.

O que quer que seja, não se pode recusar àquelas que citamos um alto ensinamento moral. O Espírito pôde ser, mesmo deveu ser ajudado em suas reflexões, e sobretudo na escolha de suas expressões, por Espíritos mais avançados; mas, em semelhante caso, estes últimos não assistem senão na forma e não no fundo, e não colocam jamais o Espírito inferior em contradição consigo mesmo. Puderam poetizarem Latoura forma do arrependimento, mas não lhe poderiam fazer expressar o arrependimento contra a sua vontade, porque o Espírito tem seu livre arbítrio; viram nele o germe de bom sentimento, e é por isso que o ajudaram a expressá-los, e por aí contribuíram para desenvolvê-los ao mesmo tempo que chamaram sobre ele a comiseração.

Não há nada de mais surpreendente, de mais moral, de natureza a impressionar mais vivamente, do que o quadro desse grande criminoso arrependido, exalando seu desespero e seus remorsos; que, em meio de suas torturas, perseguido pelo olhar incessante de suas vítimas eleva seu pensamento a Deus para implorar a sua misericórdia? Não está aí um salutar exemplo para os culpados? Tudo é sensato em suas palavras; tudo é natural em sua situação, ao passo que a que lhe é feita por certas comunicações, é ridícula. Compreende-se a natureza de suas angústias; elas são racionais, terríveis, embora simples e sem encenação fantasmagórica. Por que não teria tido arrependimento? Por que não teria nele uma corda sensível vibrante? Está precisamente aí o lado moral de suas comunicações; é a inteligência que ele tem de sua situação; são seus remorsos, su-

as resoluções, seus projetos de reparação que são eminentemente instrutivos. Ter-se-ia achado extraordinário que se arrependesse sinceramente antes de morrer; que tivesse dito antes o que disse depois?

Um retorno ao bem antes de sua morte teria passado, aos olhos da maioria de seus semelhantes, por fraqueza; sua voz de além-túmulo é a revelação do futuro que os espera. Ele está na verdade absoluta quando diz que seu exemplo é mais próprio para conduzir os culpados do que a perspectiva das chamas do inferno, e mesmo do cadafalso. Por que, pois, não se lhes daria nas prisões? Isto nisso faria refletir mais de um, assim como disso já tivemos mais exemplos. Mas como crer na eficácia das palavras de um morto, quando se crê em si mesmo que quando se está morto tudo está acabado? No entanto, um dia virá em que se reconhecerá esta verdade de que os mortos podem vir instruir os vivos.

CONVERSAS FAMILIARES DE ALÉM-TÚMULO.

PIERRELEGAY, DITO GRAND-PIERROT.

(Paris, 16 de agosto de 1864. - Médiun, senhora Delanne).

Pierre Legay era um rico cultivador um pouco interessado, morto há dois anos e parente da senhora Delanne. Ele era conhecido na região sob a alcunha de *Grand-Pierrot*.

A entrevista seguinte nos mostra um dos lados mais interessantes do mundo invisível, o dos Espíritos que se crêem ainda vivos. Ela foi obtida pela senhora Delanne, que a comunicou à Sociedade de Paris. O Espírito se exprime exatamente como o fazia quando vivo; a própria trivialidade de sua linguagem é uma prova de identidade. Tivemos que suprimir algumas expressões que lhe eram familiares, por causa de sua crueza.

"Há algum tempo, diz a senhora Delanne, ouvíamos pancadas ao nosso redor; presumindo que isso poderia ser um Espírito, pedimos-lhe para se dar a conhecer. Ele escreveu logo: Pierre Legay, dito Grand-Pierrot.

P. Eis-vos, pois, em Paris, Grand-Pierrot, vós que tínheis tanto desejo de aqui vir? -

R. Estou aí, meu caro amigo; vim inteiramente só, uma vez que *ela* veio sem mim; no entanto, eu lhe tinha tanto dito para me prevenir; mas, enfim, aqui estou... Estava aborrecido por não me ser dada atenção.

Nota. - O Espírito faz alusão à mãe da senhora Delanne, que, há algum tempo, viera morar em Paris, em casa de sua filha.

Ele a designa por um epíteto que lhe era habitual, e que substituímos por *ela*.

P. Era vós que batíeis à noite? - *R.* Onde queríeis que fosse? Não posso deitar diante da porta.

P. Deitastes, pois, em nossa casa? - *R.* Mas certamente. Ontem, fui passear convosco (ver as iluminações). Vi tudo. Oh! mas aquilo lá é bonito! Finalmente! pode-se dizer que fazem belas coisas. Eu vos asseguro que estou muito contente; não lamento o meu dinheiro.

P. Porque caminho viestes a Paris? Pudestes, pois, abandonar vosso lado? - *R.* Mas, diabo! não posso cavar e depois estar aqui. Estou muito contente de ter vindo. Vós me perguntais como vim, mas vim pela estrada de ferro.

P. Com quem estáveis? - *R.* Oh bem! na verdade, eu não os conhecia.

P. Quem vos deu o meu endereço? Dizei-me também de onde vinha a simpatia que tínheis por mim? - *R.* Mas quando fui a casa *dela* (a mãe da senhora Delanne), e que não a encontrei, perguntei àquele que guarda sua casa onde ela estava. Ele me disse que ela estava aqui; então, eu vim. E depois vede, meu amigo, eu gosto de vós porque sois um

bom jovem; vós me provestes, sois franco, e depois gosto muito de todas essas crianças. Vede, quando se gosta muito dos pais, gosta-se dos filhos.

P. Dizei-nos o nome da pessoa que guarda a casa de minha sogra, uma vez que ela guarda as chaves em seu bolso? - *R.* Quem encontrei ali? Mas encontrei o pai Colbert, que me disse que ela lhe havia dito para dar-me atenção.

P. Vedes aqui meu sogro, papai Didelot? - *R.* Como quereis que eu o veja uma vez que não está aqui? Sabeis bem que ele morreu.

(2ª entrevista, 18 de agosto de 1864.)

O senhor e senhora Delanne tendo ido passar o dia em Châtillon, ali fizeram a evocação de Pierre Legay.

P. Viestes, pois, a Châtillon? - *R.* Mas vos segui por toda a parte. *P.* Como viestes aqui? - *R.* Sois engraçados! Vim na viatura.

P. Eu não vi pagardes vosso lugar? - *R.* Subi com Marianne e depois vossa mulher; acreditei que tínheis pago.

Eu estava sobre o teto; não se me pediu nada. É que não pagastes? Por que não o reclamou aquele que conduz?

P. Quanto pagastes na estrada de ferro de Ligny a Paris? - *R.* Na estrada de ferro foi tudo a mesma coisa. Fui de Tréveray a Ligny a pé, e depois tomei o ônibus que paguei ao condutor.

P. Foi bem ao condutor que pagastes? - *R.* A quem querieis que eu pagasse? Mas, meu primo, credes, pois, que não tenho dinheiro? Há muito tempo que tinha colocado meu dinheiro de lado para vir. Não é porque não paguei meu lugar aqui que é preciso crer que não tenho dinheiro. Eu não teria vindo sem isso.

P. Mas não me respondestes quanto destes de dinheiro por vosso percurso na estrada de ferro de Nançois-le-Petit a Paris? - *R.* Mas b... paguei como os outros. Dei 20 fr. e me devolveram 3 fr. 60 c. Vede quanto isso dá.

Nota. - A soma de 16 fr. 40 c. é, com efeito, a que está marcada no *Indicador*, o que o Sr. e senhora Delanne ignoravam.

P. Quanto tempo ficastes na estrada de ferro de Nançois a Paris?

- *R.* Fiquei tanto tempo quanto os outros. Não fiz a máquina se apressar mais rápida para mim do que para os outros. De resto, não podia achar o tempo longo; jamais tinha viajado em estrada de ferro, e acreditava Paris mais longe do que isso. Aqui vem tão freqüentemente. É bom, com efeito, e estou contente de poder va-diar convosco. Somente não me respondeis freqüentemente. Eu compreendo; vossos negócios vos ocupam muito. Ontem, não ousei entrar convosco de manhã (a casa de comércio onde está empregado o Sr. D...), e voltei a visitar o cemitério Montmartre, creio; não é, é assim que vós o chamaís? É preciso muito dizer-me os nomes para que possa contá-los quando vou aqui retornar. (O Sr. e a senhora Delanne, com efeito, tinham ido de manhã ao cemitério Montmartre.)

P. Uma vez que nada vos apressa na região, pensais partir logo?

- *R.* Quando tiver tudo visto, uma vez que para isto estou aqui. Depois, com efeito, os outros podem bem se mexer um pouco (seus filhos); farão como quiserem. Quando eu aqui não estiver mais, será preciso que se abstenham de mim; que me dizeis disto, primo?

P. Que achais do vinho de Paris, e da alimentação? - *R.* Mas não vale mais do que aquele que vos dei a beber (o Espírito faz alusão a uma circunstância em que fez o Sr. D... beber do vinho de vinte e cinco anos de garrafa); no entanto, não é mau. A alimentação me é muito igual; freqüentemente pego pão e como convosco. Não gosto de sujar um prato; isso não é o trabalho quando não se está disso habituado. Por que fazer cerimônias?

P. Onde dormistes, pois? não distingui vosso leito. - R. Chegando, Marianne foi a um quarto escuro; acreditei que era para mim; e ali dormi. Eu vos falei várias vezes de tudo.

P. É que não temeis, em vossa idade, de vos deixar esmagar nas ruas de Paris? - R. Mas, meu primo, é isso que me aborrece mais, esses diabos de viaturas; não deixo as calçadas também.

P. Há quanto tempo estais em Paris? - R. Oh bem! por exemplo sabeis bem que vim na última quinta-feira; isso faz oito dias, creio.

P. Como não vos vi de mala, se tendes necessidade de roupa branca, não vos incomoda. - R. Peguei duas camisas, e isso é bastante; quando estiverem sujas, retornarei; não quero mais vos incomodar.

P. Quereis nos dizer o que o pai Colbert vos disse antes que partísseis para Paris? - R. Ele está lá na casa de Marianne; está ali há muito tempo. Vendendo-a, quis ali ficar ainda. Ele disse que não incomoda, uma vez que guarda.

P. Dissestes ontem que não víeis meu sogro Didelot, porque está morto; como ocorre que vedes tão bem o pai Colbert, uma vez que está morto, ele também, há pelo menos trinta anos? - R. Oh bem! com efeito, me perguntais o que não sei; eu não tinha refletido nisso. O que há de certo, é que ele está bem tranqüilo; dele não vos posso dizer mais.

Nota. - O pai Colbert é o antigo proprietário da casa da mãe da senhora Delanne. Parece que, depois de sua morte, ficou na casa da qual se fez o guardião, e que, ele também, se crê ainda vivo. Assim esses dois Espíritos, Colbert e Pierre Legay, se vêem e se falam como se estivessem ainda neste mundo, nem um nem o outro se dando conta de sua situação.

(3ª entrevista, 19 de agosto de 1864.)

P. (ao guia espiritual do médium). Quereis nos dar algumas instruções a respeito do Espírito Legay, e nos dizer se é tempo de fazê-lo compreender a sua verdadeira posição! -R. Sim, meus filhos, ele perturbou-se desde vossas perguntas de ontem; ele não sabe o que é; tudo para ele é confuso quando quer procurar, porque não reclama ainda a proteção de seu anjo guardião.

P. (a Legay). Estais lá? - R. Sim, meu primo, mas não estou muito alegre; não sei o que isso quer dizer. Nem te vás para lá sem mim, Marianne.

P. Refletistes no que vos pedimos ontem de nos dizer a respeito do pai Colbert, que vistes vivo ao passo que está morto? - R. Mas não posso vos dizer como isso se fez; somente ouvi dizer nos tempos que ali havia fantasmas; com efeito, acreditei que ele era um deles. Dir-se-á o que se quiser, eu o vi bem. Mas estou cansado, vos asseguro; tenho necessidade de ficar um pouco tranqüilo.

P. Credes em Deus, e fazeis vossas preces cada dia? - R. Mas, com efeito; se isso não faz bem, isso não pode fazer mal.

P. Credes na imortalidade da alma? - R. Oh! isso é diferente; não posso me pronunciar; eu duvido.

P. Se vos der uma prova da imortalidade da alma, nela crerieis? - R. Oh! mas, os Parisienses conhecem tudo. Eu não peço melhor. Como fareis?

P. (ao guia do médium). Podemos fazer a evocação do pai Colbert, para provar-lhe que está morto? - R. Não é preciso ir muito depressa; conduzi tudo docemente. E, depois, esse outro Espírito vos cansaria toda esta noite.

P. (a Legay). Onde estais colocado, que não vos vejo? - R. Não me vedes? Ah! por exemplo, é muito forte. Portanto, vos tornastes cego?

P. Dai-nos conta da maneira pela qual nos falais, porque fazeis escrever a uma mulher. - R. Eu? mas, com efeito, não.

(Várias perguntas novas são dirigidas ao Espírito, e permanecem sem resposta. Evoca-se seu anjo guardião, e um dos guias do médium responde o que segue:)

"Meus amigos, sou eu que venho responder, porque o anjo guardião desse pobre Espírito não está com ele; e aqui não virá senão quando ele mesmo chamá-lo, e que pedir ao Senhor conceder-lhe a luz. Ele está ainda sob o império da matéria, e não quis escutar a voz de seu anjo guardião que se afastou dele, uma vez que se obstinava em permanecer estacionário. Não era ele, com efeito, que te fazia escrever; ele falava como se dissesse o hábito, persuadido de que o ouvias; mas era seu Espírito familiar que conduzia tua mão; para ele, conversava com teu marido; tu, tu escrevias, e tudo isso lhe parecia natural. Mas vossas últimas perguntas e vosso pensamento o transportaram para Tréve-ray; ele está perturbado, orai por ele, o chamareis mais tarde; retornará depressa. Orai por ele, nós oraremos convosco."

Já vimos mais de um exemplo de Espíritos se crendo ainda vivos. Pierre Legay nos mostra essa fase da vida dos Espíritos de maneira mais caracterizada. Aqueles que se acham neste caso parecem ser mais numerosos do que não se pensa; em lugar de fazer exceção, de oferecer uma variedade no castigo, isso seria quase uma regra, um estado normal para os Espíritos de uma certa categoria. Teríamos, assim, ao nosso redor, não só os Espíritos que têm consciência da vida espiritual, mas uma multidão de outros que vivem, por assim dizer, de uma vida semi-material, se crendo ainda deste mundo, e continuando a vagar, ou crendo vagar em suas ocupações terrestres. Estar-se-ia em erro, no entanto, assimilá-los em tudo aos encarnados, porque se nota em suas maneiras e em suas idéias alguma coisa de vaga e de incerta que não é própria da vida corpórea; é um estado intermediário que nos dá a explicação de certos efeitos nas manifestações espontâneas, e de certas crenças antigas e modernas.

Um fenômeno que pode parecer mais bizarro, e não pode deixar de fazer sorrir os incrédulos, é o dos objetos materiais que o Espírito crê possuir. Compreende-se que Pierre Legay se imagine subir em estrada de ferro, porque a estrada de ferro é uma coisa real, que existe; mas se compreende menos que ele creia ter o dinheiro e pagar o seu lugar.

Esse fenômeno encontra sua solução nas propriedades do fluido perispiritual, e na teoria das criações fluídicas, princípio importante que dá a chave de muitos mistérios do mundo invisível.

O Espírito, pela vontade ou unicamente pelo pensamento, opera no fluido perispiritual, que não é, ele mesmo, senão uma concentração do fluido cósmico ou elemento universal, uma transformação parcial que produz o objeto que deseja. Esse objeto não é para nós senão uma aparência, para o Espírito é uma realidade. Foi assim que um Espírito morto há pouco, se apresentou um dia numa reunião espírita, a um médium vidente, com um cachimbo à boca e fumando. Sobre a observação que lhe foi feita de que isso não era conveniente, ele respondeu: "Que quereis! tenho de tal modo o hábito de fumar que não posso passar sem meu cachimbo." O que era mais singular é que o cachimbo soltava fumaça; para o médium vidente, bem entendido, e não para os assistentes.

Tudo deve estar em harmonia, no mundo espiritual, como no mundo material; aos homens corpóreos, são necessários objetos materiais; aos Espíritos, cujo corpo é fluídico, são necessários objetos fluídicos, os objetos materiais não lhes serviriam, não mais do que os objetos fluídicos não serviriam aos homens corpóreos. O Espírito fumante, querendo fumar, cria um cachimbo, que, para ele, tinha a realidade de um cachimbo de terra; Legay, querendo ter dinheiro para pagar seu lugar, seu pensamento criou-lhe a soma necessária. Para ele há realmente dinheiro, mas os homens não poderiam se contentar com a moeda dos Espíritos. Assim se explicam as vestes dos quais estes se revestem à vontade, as insígnias que carregam, as diferentes aparências que podem tomar, etc.

As propriedades curativas dadas ao fluido pela vontade se explicam também por esta transformação. O fluido modificado age sobre o perispírito que lhe é similar, e este perispírito, intermediário entre o princípio material e o princípio espiritual, reage sobre a economia, na qual desempenha um papel importante, embora desconhecido ainda pela ciência.

Há, pois, o mundo corpóreo visível com os objetos materiais, e o mundo fluídico, invisível para nós, com os objetos fluídicos. Há a se notar que os Espíritos, de uma ordem inferior e pouco esclarecidos, operam essas criações sem se darem conta da maneira pela qual se produz neles esse efeito; não podem mais se explicar do que um ignorante da Terra não pode explicar o mecanismo da visão, nem um camponês dizer como produz o trigo.

As formações fluídicas se prendem a um princípio geral que será ulteriormente o objeto de um desenvolvimento completo, quando tiver sido suficientemente elaborado.

O estado dos Espíritos na situação de Pierre Legay levanta várias questões. A que categoria pertencem precisamente os Espíritos que se crêem ainda vivos? A que se prende essa particularidade? Prende-se ela a uma falta de desenvolvimento intelectual e moral? Vemos deles muito inferiores se darem conta perfeitamente de seu estado, e a maioria daqueles que vimos nessa situação não são os mais atrasados. É isso uma punição? Sem dúvida o é para alguns, como para Simon Louvet, do Havre, o suicida da torre de François 1^o, que, durante cinco anos, estava na apreensão de sua queda (*Revista Espírita*, do mês de março de 1863, página 87); mas muitos outros não são infelizes e não sofrem, como testemunha Pierre Legay. (Ver, para a resposta, a dissertação adiante.)

SOBRE OS ESPÍRITOS QUE SE CRÊM AINDA VIVOS.

(Sociedade de Paris, 21 de julho de 1864. - Médiun, Sr. Vézy.)

Já falamos, muito freqüentemente, das diversas provas e expiações, mas cada dia delas descobris novas? Elas são infinitas, como os vícios da Humanidade e como vos estabelecer delas a nomenclatura? Todavia, vindes de nos reclamar por um fato, e vou tentar vos instruir.

Nem tudo é prova na existência; a vida do Espírito continua, como já vos foi dito, desde seu nascimento até o infinito; para uns a morte não é senão um simples acidente que não influi em nada sobre o destino daquele que morre. Uma telha caída, um ataque de apoplexia, uma morte violenta, muito freqüentemente, não fazem senão separar o Espírito de seu envoltório material; mas o envoltório perispiritual conserva, pelo menos em parte, as propriedades do corpo que acaba de sucumbir. Num dia de batalha, se eu pudesse vos abrir os olhos que possuis, mas dos quais não podeis fazer uso, veríeis muitas lutas continuarem, muitos soldados subir ainda ao assalto, defender e atacar os redutos; vós os ouviríeis mesmo produzir seus hurras! e seus gritos de guerra, no meio do silêncio e sob o véu lúgubre que segue um dia de carnagem; o combate acabou, eles retornam aos seus lares para abraçar seus velhos pais, suas velhas mães que os esperam. Algumas vezes, esse estado dura muito tempo para alguns; é uma continuação da vida terrestre, um estado misto entre a vida corpórea e a vida espiritual. Por que, se foram simples e sábios, sentiriam o frio do túmulo? Por que passariam bruscamente da vida para a morte, da claridade do dia à noite? Deus não é injusto, e deixa aos pobres de Espírito esse gozo, esperando que vejam seu estado pelo desenvolvimento de suas próprias faculdades, e que possam passar com calma da vida material à vida real do Espírito.

Consolai-vos, pois, que tendes pais, mães, irmãos ou filhos que se extinguiram sem luta; talvez lhes seja permitido crer ainda que seus lábios se aproximaram de vossas fronteiras. Secai vossas lágrimas: os prantos são dolorosos para vós, e eles se admiram de vos ver derramá-los; envolvem vossos colos com seus braços, e vos pedem para sorrir. Sorri, pois, a esses invisíveis, e orai para que mudem o papel de companheiros no de guias; para que desdobrem suas asas espirituais que lhes permitirão planar no infinito e de vos trazer dali as doces emanações.

Não vos digo, notai-o bem, que todos os mortos logo caem nesse estado; não, mas não há um único cuja matéria não tenha que lutar com o Espírito que se reencontra. O duelo teve lugar, a carne foi dilacerada, o Espírito obscureceu-se no instante da separação, e na erraticidade o Espírito reconheceu a verdadeira vida. Agora vou dizer-vos algumas palavras daqueles para os quais esse estado é uma prova. Oh! quanto ela é penosa! eles se crêem vivos e bem vivos, possuindo um corpo capaz de sentir e de saborear os gozos da Terra, e quando suas mãos vão tocar, suas mãos se apagam; quando querem aproximar seus lábios de uma taça ou de uma fruta, seus lábios se aniquilam; eles vêm, querem tocar, e não podem nem sentir nem tocar. Quanto o paganismo oferece uma bela imagem desse suplício, apresentando Tântalo tendo fome e sede e não podendo jamais tocar os lábios na fonte d'água que murmura ao seu ouvido, ou o fruto que parece amadurecer para ele. Há maldições e anátemas nos gritos desses infelizes! Que fizeram para suportar esses sofrimentos? Perguntai-o a Deus: é a lei; ela está escrita por ele. Aquele que fere com espada perecerá pela espada; aquele que profanou seu próximo será profanado por sua vez. A grande lei de talião está inscrita no livro de Moisés, ela o está ainda no grande livro da expiação.

Orai, pois, sem cessar por aqueles na hora de seu fim; seus lábios se fecharão, eles dormirão no espaço, como se tivessem dormido sobre a Terra, e reencontrarão, no seu despertar, não mais um juiz severo, mas um pai compassivo lhes destinando novas obras e novos destinos.

SANTO AGOSTINHO.

VARIEDADES

UM SUICÍDIO FALSAMENTE ATRIBUÍDO AO ESPIRITISMO.

Vários jornais, depois do *Sémaphore* de Marseille, de 29 de setembro, se apressaram em reproduzir o fato seguinte:

"Uma casa da rua Paradis, antes de ontem à noite, foi o teatro de um doloroso acontecimento. Um industrial que tem uma loja de lâmpadas nessa rua se deu à morte, empregando, para realizar sua fatal resolução, uma forte dose de um veneno dos mais enérgicos.

"Eis em que circunstâncias cumpriu-se esse suicídio:

"Esse industrial dava, há algum tempo, sinais de um certo desarranjo do cérebro, talvez produzido em particular pelo abuso dos licores fortes, mas sobretudo pela prática do Espiritismo, esse flagelo moderno que já fez tão numerosas vítimas nas grandes cidades, e que ameaça agora exercer suas devastações até nos campos. Apesar de sua boa clientela, que lhe assegurava um trabalho frutífero, X... não estava, por outro lado, muito bem em seus negócios e, algumas vezes, se encontrava sem dinheiro para efetuar seus pagamentos. Por conseqüência, seu humor era geralmente sombrio e seu caráter rabujento."

O artigo constata que o indivíduo abusava dos licores fortes e que seus negócios estavam em mau estado, circunstâncias que, muitas vezes, ocasionaram acidentes cerebrais e levaram ao suicídio. No entanto, o autor do artigo não admite essas causas senão como possíveis ou acessórias na circunstância da qual se trata, ao passo que atribui o acontecimento *sobretudo à prática do Espiritismo*.

A carta seguinte, que nos foi escrita de Marseille decide a questão, e faz ressaltar a boa fé do redator:

"Caro mestre,

"A *Gazette du Midi* e o *Sémaphore* de Marseille, de 29 de setembro, publicaram um artigo sobre o envenenamento voluntário de um industrial, atribuído à prática do Espiritismo. Tendo conhecido pessoalmente esse infeliz, que era da mesma loja maçônica minha, eu sei de maneira positiva que ele *jamaís se ocupou do Espiritismo, não tinha lido nenhuma obra nem nenhuma publicação sobre esta matéria*. Eu vos autorizo a vos servir de meu nome, porque estou pronto para provar a verdade daquilo que adianto; na necessidade, todos os meus irmãos e os melhores amigos do defunto se farão um dever certifi-cá-lo. Aprovezse a Deus que tivesse conhecido e compreendido o Espiritismo, e nele teria encontrado a força de resistir aos funestos pendores que o conduziram a esse ato insensato.

"Aceitai, etc.

CHAVAUX,

"Doutor em medicina, 24, rua do Petit-Saint-Jean."

SUICÍDIO IMPEDIDO PELO ESPIRITISMO.

Escrevem-nos de Lyon, em 3 de outubro de 1864: "Conheceis de reputação o capitão B...; é um homem de uma fé ardente, de uma convicção experimentada; dele já haveis falado em vossa *Revista*. Há algum tempo, ele se encontrava nas margens do Saône, em companhia de um advogado, Espírita como ele; esses senhores, prolongando seu passeio, entraram num restaurante para almoçar, e logo viram um outro passeando no mesmo estabelecimento; o recém-chegado falava alto, mandava bruscamente, e parecia querer monopolizar só para ele o pessoal do restaurante. Vendo esse sem-cerimônia, o capitão disse em alta voz algumas palavras um pouco severas a respeito do recém-chegado. De repente ele se sentiu preso de uma estranha tristeza. O Sr. B... é médium audiente; ouviu distintamente a voz de seu filho, do qual recebe freqüentes comunicações, e que murmurou ao seu ouvido: "Este homem que vês tão brusco, vai se suicidar; veio aqui fazer sua última refeição."

"O capitão se levantou precipitadamente, foi junto do alterado, e pediu-lhe perdão por ter expressado tão alto o seu pensamento; depois, arrastando-o fora do estabelecimento, disse-lhe: "Senhor, ides vos suicidar." Grande espanto da parte do indivíduo, velho de setenta e seis anos, e que lhe respondeu: "Quem pôde vos revelar uma semelhante coisa? - Deus," replicou o Sr. B... Depois, se pôs a falar-lhe tão docemente e com tanta bondade da imortalidade da alma, e, reconduzindo-o a Lyon, o entrelinha sobre o Espiritismo e de tudo o que, em semelhante caso, Deus pode inspirar para encorajar e consolar.

"O velho lhe contou a sua história. Antigo ortopedista, tinha sido arruinado por um sócio infiel. Tendo adoecido, necessitou ficar por muito tempo no hospital; mas, uma vez curado, sua saúde lançou-o no desemprego, sem nenhum recurso. Ele foi recolhido por uma pobre calceira, criatura sublime que, durante meses inteiros, alimentou o velho sem disso estar obrigada por nenhum outro laço senão a piedade. Mas o medo de ser carga tinha levado o velho ao suicídio.

"O capitão foi ver a digna senhora, encorajou-a, ajudou-a; mas quando é preciso viver, o dinheiro vai rápido, e ontem todo o pobre utensílio da obreira teria sido vendido se alguns Espíritas não tivessem recomprado os poucos móveis de seu único quarto: o Mont-de-Piété havia recebido, depois de um ano que ela alimentava o velho, os colchões, os lençóis, etc. Isso foi retirado, graças aos bons corações tocados desse generoso devotamento; mas isso não é tudo: é preciso continuar até que o velho tenha obtido um refúgio nas pequenas irmãs dos pobres. Cárita me fez escrever, a esse respeito, uma comunicação que vos dirijo com a expressão de todo o nosso reconhecimento por vós, caro senhor, que nos tornastes Espíritas. Quanto a mim, não me esqueço de que me haveis convidado para voltar convosco, quando retornardes."

Eis esta comunicação:

Apelo aos bons corações.

"O Espiritismo, esta estrela do Oriente, não vem somente vos abrir as portas da ciência; faz mais do que isso: é um amigo que vos conduz uns aos outros, para vos ensinar o amor ao próximo e sobretudo a caridade; não essa esmola degradante que procura na sua bolsa a menor moeda para lançá-la na mão de um pobre, mas a doce mansuetude do Cristo, que conhece o caminho onde se encontra o infortúnio oculto.

"Meus bons amigos, encontrei no meu caminho uma dessas míseras das quais a história não fala, mas das quais o coração se lembra quando foi testemunha de tão rudes provas. É uma pobre mulher; ela é mãe; tem um filho sem ocupação há vários meses; além disso, ela alimenta uma infeliz trabalhadora como ela; e, por acréscimo, um velho vem cada dia encontrá-la na hora em que se almoça, quando há bastante para almoçar. Mas no dia em que o necessário falta, as duas pobres mulheres, criaturas admiráveis de caridade, dão seu repasto aos dois homens: o velho e a criança, pretendendo que tendo tido fome, eles foram os primeiros a comer. Vi isso se renovar muito freqüentemente; vi o velho, num momento de desespero, vender sua última roupa, e querer, por um ato insigne de loucura, dizer um último adeus à vida, antes de partir para o mundo invisível onde, Deus nos julga a todos.

"Vi a fome imprimir seus apertos sobre esses deserdados do bem-estar social; mas as mulheres pediram a Deus com fervor, e Deus as atendeu. Já colocou irmãos, os Espíritos, sobre seus passos, e quando a caridade chama, os corações devotados respondem. As lágrimas de desespero já secaram; não resta mais do que angústia do dia de amanhã, o fantasma ameaçador do inverno com seu cortejo de geadas, de gelo e de neve. Eu vos estendo a mão em favor desse infortúnio. Os pobres, nossos amigos, são os enviados de Deus; eles vêm nos dizer: Nós sofremos, Deus o quer; é nosso castigo, e é ao mesmo tempo um exemplo para a nossa melhoria. Em nos vendo tão infelizes, vosso coração se enternece, vossos sentimentos se alargam, aprendeis a amar e a lamentar o infeliz; socorrei-nos, a fim de que não murmuramos, e também porque Deus vos sorri do alto de seu belo paraíso.

"Eis o que disse o pobre em seus farrapos; eis o que repete o anjo guardião que vos vela, e o que vos repito, simples mensageira de caridade, intermediária entre o céu e vós.

"Sorri ao infortúnio, ó vós que sois tão ricamente dotados de todas as qualidades do coração; ajudai-me em minha tarefa; não deixeis tornar a fechar este santuário de vossa alma onde o olhar de Deus mergulhou; e, um dia, quando reentrardes em vossa mãe-pátria, quando o olhar incerto, a providência ainda mal assegurada, procurardes o vosso caminho através da imensidade, eu vos abrirei, nos dois batentes, as portas do templo onde tudo é amor e caridade, e vos direi: Entrai, meus amados, eu vos conheço!

"CÁRITA."

A quem se fará crer que está aí a linguagem do diabo? Foi a voz do diabo que se fez ouvir no ouvido do capitão sob o nome de seu filho, para advertir que esse velho ia se suicidar, e lhe dar, ao mesmo tempo, o remorso de ter dito palavras que deveriam feri-lo? Segundo a doutrina que um partido procura fazer prevalecer, e segundo a qual só o diabo se comunica, esse capitão deveria ter repellido como satânica a voz que lhe falou; disso teria resultado que o velho teria se suicidado, que o mobiliário dos pobres obreiros teria sido vendido, e que teria talvez morrido de fome.

Entre os dons que recebemos em sua intenção, há um dos que cremos dever mencionar, sem no entanto nomear seu autor. Estava acompanhado da carta seguinte:

"Senhor Allan Kardec,

"Fui informado por um meu parente, que o teve de vós, do relato da bela ação verdadeiramente cristã realizada por uma pobre operária de Lyon para com um velho infeliz, o qual o parente me mostrou também um apelo muito eloqüente em *seu* favor por um Espírito que se dá sob o doce nome de Cárita. A seu pedido se reconhecesse ali a linguagem do demônio, ter-lhe-ia respondido que os nossos melhores santos não fariam melhor: é a minha opinião; é porque tomo a liberdade de pedir-lhe uma cópia dela. Senhor, não sou senão um pobre padre, mas vos envio o último da viúva, em nome de Jesus Cristo, por essa brava e digna mulher. Aqui inclusa, encontrareis a módica soma de cinco francos, lamentando não poder fazer melhor. Peco-vos o favor de calar meu nome.

"Dignai-vos aceitar, etc.

"O abade X..."

PERIODICIDADE DA *REVISTA ESPÍRITA*.

Suas relações com os outros jornais especiais.

O desejo de ver aparecer a *Revista* duas vezes por mês, ou todas as semanas, mesmo ao preço de um aumento na assinatura, nos tem sido freqüentemente manifestado. Somos muito sensíveis a esse testemunho de simpatia, mas nos é impossível, pelo menos até nova ordem, de mudar o nosso modo de publicidade. O primeiro motivo está na multiplicidade dos trabalhos que são a consequência de nossa posição, e do qual é difícil pensar aumentá-lo. Estamos na rigorosa verdade dizendo que não há para nós um único dia de repouso absoluto, e que, apesar de toda a nossa atividade, nos é materialmente impossível bastar a tudo. Dobrando, quadruplicando nossa publicação mensal, compreendemos que a maioria de nossos assinantes teriam o tempo de lê-la, mas, para nós, isso seria em prejuízo dos trabalhos mais importantes que nos restam a fazer.

O segundo motivo é a natureza mesma de nossa *Revista*, que é menos um jornal do que o complemento e o desenvolvimento de nossas obras doutrinárias. A forma periódica nos permite introduzir-lhe mais variedade do que num livro, e de aproveitar as atualidades. Ali vêm se agrupar os fatos mais interessantes, as refutações, as instruções dos Espíritos; ali se desenham as diferentes fases do progresso da ciência espírita; ali, enfim, vêm se tentar, sob forma dubitativa, as teorias novas que não podem ser aceitas senão depois de terem recebido a sanção do controle universal.

Em uma palavra, a *Revista* é uma obra pessoal da qual assumimos sozinho a responsabilidade, e pela qual não devemos nem queremos ser entravado por nenhuma vontade estranha; ela está concebida segundo um plano determinado para concorrer a objetivo que devemos alcançar. Transformada em uma folha semanal, ela perderia o seu caráter essencial. A própria natureza de nossos trabalhos se opõe a que entremos no detalhe das preocupações e das vicissitudes do jornalismo. Eis por que a *Revista Espírita* deve permanecer o que ela é; continuá-la-emos enquanto que sua existência, sob essa forma, nos for demonstrada necessária. Aliás, mudando-lhe o modo de publicidade, teríamos o ar de querer fazer concorrência aos novos jornais publicados sobre a matéria, o que não poderia entrar em nosso pensamento.

Esses jornais, pela sua periodicidade mais freqüente, enchem a lacuna assinalada; pela diversidade dos assuntos que eles podem tratar, e que entram em seu quadro pelo número dos Espíritos esclarecidos e de talento que podem neles fazer ouvir a sua voz, enfim, pela difusão das idéias em diferentes formas, podem prestar grandes serviços à causa; são tantos combatentes que militam pela doutrina que vemos com prazer se multiplicarem os órgãos. Apoiaremos sempre aqueles que marcharem francamente num caminho útil, que não se farão instrumentos nem de grupelhos nem de ambições pessoais, aqueles, enfim, que serão dirigidos segundo os grandes princípios da moral espírita; seremos felizes em encorajá-los e ajudá-los com os nossos conselhos, se crerem disso ter necessidade; mas aí se limita a nossa cooperação. Declaramos não ter solidariedade material com nenhum, sem exceção; conseqüentemente, nenhum é publicado por nós, nem

sob nosso patrocínio efetivo; deixamos a cada um a responsabilidade de suas publicações. Quando os pedidos de assinatura por sua conta são dirigidos à direção da *Revista*, nós os fazemos chegar a título de boa confraternização, sem ter nisso nenhum interesse, nem mesmo da retribuição usual aos intermediários, retribuição que não aceitaríamos, mesmo que nos fosse ofertada.

Acreditamos dever explicar o estado real das coisas para a edificação daqueles que crêem que certos jornais espíritas são ligados por interesse com a nossa *Revista*. Sem dúvida, todos têm um interesse comum, porque tendem ao mesmo objetivo nosso; a esse título todos se devem benevolência recíproca, de outro modo dariam um desmentido à sua qualificação de jornais espíritas, mas cada um age na esfera de sua atividade e de seus meios, e sob sua própria responsabilidade. A Doutrina não pode senão ganhar, em dignidade e em crédito, pela sua independência, ao passo que o acordo de objetivos e de princípios que existe entre eles e a *Revista* não teria nada de espantoso da parte daqueles que emanassem da mesma fonte. Se jamais uma outra publicação periódica se fizer por nossa iniciativa, e com o nosso concurso efetivo, nós o diremos abertamente.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

7^a ANO

NO. 12

DEZEMBRO 1864

Aviso. – Este número contém um suplemento; tem 52 paginas em lugar de 32, compreendendo o índice geral.

DA COMUNHÃO DE PENSAMENTOS. *A PROPÓSITO DA COMUNICAÇÃO DOS MORTOS.*

A Sociedade Espírita de Paris se reuniu especialmente, pela primeira vez, em 2 de novembro de 1864, com o objetivo de oferecer uma piedosa lembrança aos seus colegas e aos seus irmãos em Espiritismo, falecidos. Nessa ocasião o Sr. Allan Kardec desenvolveu o princípio da *comunhão de pensamentos* no discurso seguinte:

Caros irmãos e irmãs espíritas,

Estamos reunidos, neste dia consagrado pelo uso à comemoração dos mortos, para dar àqueles de nossos irmãos que deixaram a Terra um testemunho particular de simpatia, para continuar as relações de afeição e de fraternidade que existiam entre eles e nós quando vivos, e para chamar sobre eles as bondades do Todo-Poderoso. Mas, por que nos reunir? por que nos afastar de nossas ocupações? Podemos fazer, cada um em particular, o que nos propomos fazer em comum? Cada um de nós não o faz pelos seus? Não se pode fazê-lo cada dia e a cada hora do dia? Qual utilidade pode, pois, isso ter em se reunir assim num dia determinado? É sobre este ponto, senhores, que me proponho vos apresentar algumas considerações.

O favor com o qual a idéia desta reunião foi acolhida é uma primeira resposta a essas diversas perguntas; é o indício da necessidade que se sente em se encontrar reunidos numa comunhão de pensamentos.

Comunhão de pensamentos! compreende-se bem toda a importância desta palavra? É permitido disso duvidar, pelo menos da parte da maioria. O Espiritismo, que nos explica tantas coisas pelas leis que revela, vem agora nos explicar a causa, os efeitos e a força dessa situação do espírito.

Comunhão de pensamentos, quer dizer pensamento comum, unidade de intenções, de vontade, de desejo, de aspiração. Ninguém pode desconhecer que o pensamento não seja uma força; mas é uma força puramente moral e abstrata? Não; de outro modo não se explicariam certos efeitos do pensamento, e ainda menos *da* comunhão de pensamentos. Para compreendê-lo é preciso conhecer as propriedades e a ação dos elementos que constituem a nossa essência espiritual, e é o Espiritismo que no-lo ensina.

O pensamento é o atributo característico do ser espiritual; é ele que distingue o espírito da matéria; sem o pensamento o espírito não seria espírito. A vontade não é um atributo especial do espírito; está aí o pensamento chegado a um certo grau de energia; está aí o pensamento convertido em força motriz. É pela vontade que o espírito imprime, aos membros e ao corpo, os movimentos num sentido determinado. Mas se ele tem a força de

agir sobre os órgãos materiais, o quanto essa força deve ser maior sobre os elementos fluídicos que nos cercam! O pensamento age sobre os fluidos ambientes, como o som age sobre o ar; esses fluidos nos levam o pensamento, como o ar nos leva o som. Pode-se, pois, dizer com toda a verdade que há, nesses fluidos, ondas e raios de pensamentos que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros.

Uma assembléia é um foco de onde se irradiam pensamentos diversos; é como uma orquestra, um coro de pensamentos onde cada um produz a sua nota. Disso resulta uma multidão de correntes e de eflúvios fluídicos dos quais cada um recebe a impressão pelo sentido espiritual, como num coro de música, cada um recebe a impressão dos sons pelo sentido do ouvido.

Mas, do mesmo modo que há raios sonoros harmônicos ou discordantes, há também pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto é harmônico a impressão é agradável; se é discordante, a impressão é penosa. Ora, para isso, não há necessidade de que o pensamento seja formulado em palavras; a irradiação fluídica não existe menos, quer seja ela expressada ou não; se todos são benevolentes, todos os assistentes deles sentem um verdadeiro bem-estar; sentem-se comodamente; mas se a eles se misturam alguns pensamentos maus, produzem o efeito de uma corrente de ar gelado num meio lúpido.

Tal é a causa do sentimento de satisfação que se sente numa reunião simpática; ali reina como uma atmosfera moral saudável, onde se respira comodamente; dali se sai reconfortado, porque se está impregnado de correntes fluídicas salutares. Assim se explicam também a ansiedade, o mal-estar que se sente num meio antipático, onde os pensamentos malévolos provocam, por assim dizer, correntes fluídicas malsãs.

A comunhão de pensamentos produz, pois, uma espécie de efeito físico que reage sobre o moral; é o que só o Espiritismo poderia fazer compreender. O homem o sente instintivamente, uma vez que procura as reuniões onde sabe encontrar essa comunhão; nessas reuniões homogêneas e simpáticas, ele haure novas forças morais; poder-se-ia dizer que ali recupera as perdas fluídicas que tem cada dia pela irradiação do pensamento, como recupera pelos alimentos as perdas do corpo material.

Essas considerações, senhores e caros irmãos, parecem nos afastar do objetivo principal de nossa reunião, e, no entanto, a ele nos conduz diretamente. As reuniões que têm por objeto a comemoração dos mortos repousam sobre a comunhão de pensamentos; para compreender-lhe a utilidade, é necessário bem definir a natureza e os efeitos dessa comunhão.

Para a explicação das coisas espirituais, às vezes, me sirvo de comparações bem materiais, e talvez mesmo um pouco forçadas, que não seria preciso sempre tomar ao pé da letra; mas é procedendo por analogia, do conhecido ao desconhecido, que se chega a se dar conta, ao menos aproximadamente, do que escapa aos nossos sentidos; foi a essas comparações que a Doutrina Espírita deve, em grande parte, o ter sido tão facilmente compreendida, mesmo pelas inteligências mais vulgares, ao passo que se eu tivesse permanecido nas abstrações da filosofia metafísica, ela não seria hoje o quinhão senão de algumas inteligências de elite. Ora, era importante que ela fosse, desde o princípio, aceita pelas massas, porque a opinião das massas exerce uma pressão que acaba por fazer lei, e por triunfar das oposições as mais tenazes. Foi porque me esforcei em simplificá-la e torná-la clara, a fim de colocá-la ao alcance de todo mundo, ao risco de fazê-la contestar por certas pessoas com título de filosofia, porque ela não é bastante abstrata, e não saiu das nuvens da metafísica clássica.

Aos efeitos que acabo de descrever, a respeito da comunhão de pensamentos, juntando-lhe um outro que lhe é a conseqüência natural, e que importa não perder de vista, é a força que adquire o pensamento ou a vontade, pelo conjunto dos pensamentos ou vontades reunidas. Sendo a vontade uma força ativa, essa força é multiplicada pelo número das vontades idênticas, como a força muscular é multiplicada pelo número dos braços.

Estabelecido este ponto, concebe-se que nas relações que se estabelecem entre os homens e os Espíritos, há, numa reunião em que reina uma perfeita comunhão de pensamentos, uma força atrativa ou repulsiva que não possui sempre um indivíduo isolado. Se, até o presente, as reuniões muito numerosas são menos favoráveis, é pela dificuldade de se obter uma homogeneidade perfeita de pensamentos, o que se prende à imperfeição da natureza humana sobre a Terra. Quanto mais as reuniões são numerosas, mais nelas se misturam elementos heterogêneos que paralisam a ação dos bons elementos, e que são como os grãos de areia numa engrenagem. Isso não é assim nos mundos mais avançados, e esse estado de coisas mudará sobre a Terra, à medida que os homens nela se tornarem melhores.

Para os Espíritos, a comunhão de pensamentos tem um resultado mais especial ainda. Temos visto o efeito desta comunhão de homem a homem; O Espiritismo nos prova que não é menor dos homens aos Espíritos, e reciprocamente. Com efeito, se o pensamento coletivo adquire força pelo número, um conjunto de pensamentos idênticos, tendo o bem como objetivo, terá mais força para neutralizar a ação dos maus Espíritos; também vemos que a tática destes últimos é levar à divisão e ao isolamento. Só, um homem pode sucumbir, ao passo que se sua vontade for corroborada por outras vontades, ele poderá resistir, segundo o axioma: *A união faz a força*, axioma verdadeiro tanto quanto ao moral como ao físico.

De um outro lado, se a ação dos Espíritos malévolos pode ser paralisada por um pensamento comum, é evidente que a dos bons Espíritos será secundada; sua influência salutar não encontrará obstáculos; seus eflúvios fluídicos não sendo detidos por correntes contrárias, se derramarão sobre todos os assistentes, precisamente porque todos os terão atraído pelo pensamento, não cada um em seu proveito pessoal, mas em proveito de todos, segundo a lei de caridade. Descerão sobre eles em línguas de fogo, para nos servir de uma admirável imagem do Evangelho.

Assim, pela comunhão dos pensamentos, os homens se assistem entre si, e ao mesmo tempo assistem os Espíritos e são por eles assistidos. As relações do mundo visível e do mundo invisível não são mais individuais, são coletivas, e, por isso mesmo, mais poderosas para o proveito das massas, como para os indivíduos; em uma palavra, ela estabelece a solidariedade, que é a base da fraternidade. Cada um não trabalha somente para si, mas para todos, e, trabalhando para todos, nisso cada um encontra a sua conta; é o que não compreende o egoísmo.

Todas as reuniões religiosas, qualquer que seja oculto a que pertençam, são fundadas sobre a comunhão de pensamentos; está aí um efeito que deve e pode exercer todo o seu poder, porque o objetivo deve ser o desligamento do pensamento dos constrangimentos da matéria. Infelizmente a maioria se desviou deste princípio, à medida que fez da religião uma questão de forma. Disso resultou que cada um fazendo consistir seu dever no cumprimento da forma, acreditou-se quite com Deus e com os homens, quando praticou uma fórmula. Disso resulta ainda que cada um vai nesses lugares de reuniões religiosas com um pensamento pessoal, por sua própria conta, e, o mais freqüentemente, sem nenhum sentimento de confraternização com respeito aos outros assistentes; está isolado no meio da multidão, e não pensa no céu senão para si mesmo.

Certamente, não era assim que o entendia Jesus, quando disse: Quando vários de vós estiverdes reunidos em meu nome, estarei no meio de vós. Reunidos em meu nome, quer dizer, com um pensamento comum; mas não se pode estar reunidos em nome de Jesus sem assimilar os seus princípios, a sua doutrina; ora, qual é o princípio fundamental da doutrina de Jesus? A caridade em pensamentos, em palavras e em ações. Os egoístas e os orgulhosos mentem quando se dizem reunidos em nome de Jesus, porque Jesus os nega como seus discípulos.

Tocadas desses abusos e desses desvios, há pessoas que negam a utilidade das assembléias religiosas, e, conseqüentemente, dos edifícios consagrados a essas assem-

bléias. Em seu radicalismo, pensam que valem mais construir hospícios do que templos, tendo em vista que o templo de Deus está por toda a parte, que pode ser adorado por toda a parte, que cada um pode orar em sua casa e a toda hora, ao passo que os pobres, os doentes e os enfermos têm necessidade de lugar de refúgio.

Mas do fato de que abusos são cometidos, de que se afasta do caminho reto, segue-se que o caminho reto não existe, e que tudo do que se abusa seja mau? Não, certamente. Falar assim é desconhecer a fonte dos benefícios da comunhão dos pensamentos que deve ser a essência das assembléias religiosas; é ignorar as causas que a provocam. Que os materialistas professem semelhantes idéias, concebe-se; porque, para eles, fazem em todas as coisas abstração da vida espiritual; mas da parte de espiritualistas, e mais ainda de Espíritas, isso seria um contra-senso. O isolamento religioso, como o isolamento social, conduz ao egoísmo. Que alguns homens sejam bastante fortes por si mesmos, bastante largamente dotados pelo coração, porque sua fé e sua caridade não tenham necessidade de serem aquecidas num foco comum, é possível; mas não ocorre assim com as massas, às quais é preciso um estimulante, sem o qual poderiam se deixar ganhar pela indiferença. Qual é, além disso, o homem que possa se dizer bastante esclarecido para não ter nada a aprender com respeito aos seus interesses futuros? bastante perfeito para prescindir de conselhos na vida presente? É sempre capaz de se instruir por si mesmo? Não; é preciso, à maioria, os ensinamentos diretos em matéria de religião e de moral, como em matéria de ciência. Sem contradita, esse ensinamento pode ser dado por toda a parte, sob a abóbada do céu como sob a de um templo; mas por que não teriam os homens lugares especiais para os negócios do céu, como têm para os negócios da Terra? Por que não teriam assembléias religiosas, como têm assembléias políticas, científicas e industriais? Isso não impede as fundações em proveito dos infelizes; mas dizemos a mais que, quando os homens compreenderem melhor seus interesses do céu, haverá menos demanda nos hospícios.

Se as assembléias religiosas, eu falo em geral, sem fazer alusão a nenhum culto, se freqüentemente se desviaram do objetivo principal primitivo, que é a comunhão fraternal do pensamento; se o ensino que aí é dado não seguiu sempre o movimento progressivo da Humanidade, é que os homens não cumpriram todos os progressos ao mesmo tempo; o que não fazem num período, o fazem num outro; à medida que se esclarecem, vêem as lacunas que existem em suas instituições, e as preenchem; compreendem que o que não era bom em uma época, teve relação com o grau da civilização, torna-se insuficiente num estado mais avançado, e restabelecem o nível. O Espiritismo, nós o sabemos, é a grande alavanca do progresso em todas as coisas; ele marca uma era de renovação. Saibamos, pois, esperar, e não pecamos a uma época mais do que ela pode nos dar.

Como as plantas, é preciso que as idéias amadureçam para recolher-lhes os frutos.

Saibamos, além disso, fazer as concessões necessárias às épocas de transição, porque nada, na Natureza, se opera de maneira brusca e instantânea.

Em razão do motivo que nos reúne hoje, senhores e caros irmãos, acreditei oportuno aproveitar da circunstância para desenvolver o princípio da comunhão de pensamentos do ponto de vista do Espiritismo; sendo nosso objetivo nos unir de intenção para oferecer em comum um testemunho particular de simpatia aos nossos irmãos falecidos, podia ser útil chamar a nossa atenção sobre as vantagens da reunião. Graças ao Espiritismo, compreendemos a força e os efeitos do pensamento coletivo; nos explicamos melhor o sentimento de bem-estar que se sente num meio homogêneo e simpático; mas sabemos igualmente que ocorre o mesmo com os Espíritos, porque eles também recebem os eflúvios de todos os pensamentos benevolentes que se elevam a eles, como uma fumaça de perfume. Aqueles que são felizes sentem uma alegria maior desse concerto harmonioso; aqueles que sofrem dele sentem um alívio maior. Cada um de nós em particular ora de preferência por aqueles que o interessam ou que se afeiçoam mais; façamos com que todos aqui tenham sua parte nas preces que dirigimos a Deus.

SESSÃO COMEMORATIVA NA SOCIEDADE DE PARIS.

No começo da sessão, uma prece especial pela circunstância substituiu a invocação geral que serve de introdução às sessões ordinárias. Ela é assim concebida:

Glória a Deus, soberano senhor de todas as coisas!

Senhor, nós vos pedimos derramar a vossa santa bênção sobre esta assembléia.

Nós vos glorificamos e vos agradecemos de ter-vos aprazado clarear nosso caminho pela divina luz do Espiritismo.

Graças a esta luz, a dúvida e a incredulidade desapareceram de nosso espírito, e desaparecerão também deste mundo; a vida futura é uma realidade, e caminhamos sem incerteza para o futuro que nos está reservado.

Sabemos de onde viemos e para onde vamos, e porque estamos na Terra.

Conhecemos a causa de nossas misérias, e compreendemos que tudo é sabedoria e justiça em vossas obras.

Sabemos que a morte do corpo não interrompe a vida do espírito, mas que lhe abre a verdadeira vida; que ela não quebra nenhuma afeição sincera; que aqueles que nos são caros não estão perdidos para nós, e que os reencontraremos no mundo dos Espíritos. Sabemos que, à espera disso, estão junto a nós; que nos vêem e nos ouvem, e que podem continuar suas relações conosco.

Ajudai-nos, Senhor, a difundir entre nossos irmãos da Terra que estão ainda na ignorância, os benefícios desta santa crença, porque ela acalma todas as dores, dá a consolação aos aflitos, a coragem, a resignação e a esperança nas maiores amarguras da vida.

Dignai-vos estender a vossa misericórdia sobre os nossos irmãos falecidos, e sobre todos os Espíritos que se recomendam em nossas preces, qualquer que tenha sido sua crença sobre a Terra.

Fazei com que o nosso pensamento benevolente leve o alívio, a consolação e a esperança àqueles que sofrem.

O Presidente dirige em seguida a alocução seguinte aos Espíritos:

Caros Espíritos de nossos antigos colegas: *Jobarb, Sanson, Costeau, Hobach e Poudra:*

Em vos convidando à nossa reunião comemorativa, nosso objetivo não é somente de vos dar um testemunho de nossa lembrança, que, vós o sabeis, é sempre cara à nossa memória; vimos, sobretudo, vos felicitar pela posição que ocupais no mundo dos Espíritos, e vos agradecer as excelentes instruções que vindes, de tempos em tempos, nos dar desde a vossa partida.

A Sociedade se regozija de vos saber felizes; ela se honra de vos ter contado entre seus membros, e de vos contar agora entre seus conselheiros do mundo invisível.

Apreciamos a sabedoria de vossas comunicações, e estaremos sempre felizes todas as vezes que quiserdes bem vir tomar parte em nossos trabalhos.

A este testemunho de gratidão, associamos todos os bons Espíritos que vêm habitualmente ou eventualmente nos trazer o tributo de suas luzes: *Jean, Ev., Erasto, Lamennais, Georges, François-Nicolas-Madeleine, Santo Agostinho, Sonnet, Baluze, Vianne, cura d'Arç, Jean Raynaud, Delph. de Girardin, Mesmer* e aqueles que não tomam senão a qualificação de *Espírito*.

Devemos um tributo particular de reconhecimento ao nosso guia e presidente espiritual, que foi São Luís sobre a Terra; nós o agradecemos por ter consentido em tomar a

nossa sociedade sob seu patrocínio, e as marcas evidentes de proteção que nos deu. Nós lhe pedimos consentir igualmente em nos assistir nesta circunstância.

Nosso pensamento se estende a todos os adeptos e apóstolos da nova doutrina, que deixaram a Terra, e nominalmente àqueles que nos são pessoalmente conhecidos, a saber: N. N...

A todos aqueles a quem Deus permite vir nos ouvir, dizemos:

Caros irmãos em crença, que nos precedestes no mundos dos Espíritos, nós nos unimos de pensamento para vos dar um testemunho de simpatia, e chamar sobre vós as bênçãos do Todo-Poderoso.

Nós lhe agradecemos pela graça que fizestes de sedes esclarecidos da luz da verdade antes de deixar a Terra, porque esta luz vos guiou, a vós, em vossa entrada na vida espiritual; a fé e a confiança em Deus que ela vos deu, vos preservaram da perturbação e das angústias que seguem a separação naqueles que afligem a dúvida e a incredulidade.

Ela vos deu a coragem e a resignação nas provas da vida terrestre; vos mostrou o objetivo e a necessidade do bem, as conseqüências inevitáveis do mal, e agora disso recolheis os frutos.

Deixastes a Terra sem lamento, sabendo que iríeis encontrar bens infinitamente preciosos do que aqueles que aqui deixáveis; deixastes-a coma firme certeza de reencontrar os objetos de vossas afeições, e de poder retornar em Espírito, para sustentar e consolar aqueles que deixastes junto a vós. Estais, enfim, no mundo dos Espíritos, como num país que vos era conhecido antes.

Estamos muito felizes de termos visto as nossas crenças confirmadas por todos aqueles dentre vós que vieram se comunicar; nenhum veio dizer que havia sido frustrado em suas esperanças, e que alimentamos ilusões sobre o futuro; todos, ao contrário, disseram que o mundo invisível tinha esplendores indescritíveis, e que suas esperanças tinham sido ultrapassadas.

A vós, agora, que gozais da felicidade de ter tido a fé, e que recebeis a recompensa de vossa submissão à lei de Deus, de vir em ajuda daqueles de vossos irmãos da Terra que estão ainda nas trevas. Sede os missionários do Espírito de Verdade para o progresso da Humanidade, e para o cumprimento dos desígnios do Mais Alto.

Nosso pensamento não se detém nos nossos irmãos em Espiritismo; todos os homens são irmãos, qualquer que seja a sua crença.

Se fôssemos exclusivos, não seríamos nem Espíritas nem cristãos; é porque compreendemos em nossas preces, em nossas exortações ou em nossas felicitações, segundo o estado em que se encontrem, todos os Espíritos aos quais a nossa assistência pode ser útil, que hajam ou não partilhado nossas crenças quando vivos.

O conhecimento do Espiritismo não é indispensável à felicidade futura, porque ele não tem o privilégio de fazer eleitos. É um meio de alcançar mais facilmente, e mais seguramente, o objetivo, pela fé raciocinada que dá e a caridade que inspira; ele clareia o caminho, e o homem, não andando mais às cegas, caminha com mais segurança; por ele se compreende melhor o bem e o mal; ele dá mais força para praticar um e evitar o outro. Para ser agradável a Deus, basta observar suas leis, quer dizer, praticar a caridade que as resume todas; ora, a caridade pode ser praticada portodo o mundo. Despojar-se de todos os vícios e de todos os pendores contrários a caridade é, pois, a condição essencial da salvação.

Depois desta alocução, preces especiais, tiradas em parte de *A Imitação do Evangelho* (n^os 355 e seg.), são ditas para cada categoria de Espíritos com designação nominativa daqueles em intenção dos quais a prece é dita mais especialmente. A série de preces terminou pela *Oração dominical desenvolvida*. (Ver a Revista de agosto de 1864, página 232.)

Os médiuns em seguida se colocaram à disposição dos Espíritos que quiseram se manifestar. Nenhuma evocação particular foi feita.

Damos adiante as principais comunicações obtidas.

I. Meus filhos, uma estreita comunhão religa os vivos aos mortos. A morte continua a obra esboçada, e não quebra os laços do coração; esta certeza enriquece ainda o tesouro de amor derramado sobre a criação.

Os progressos humanos obtidos ao preço de sacrifícios dolorosos e hecatombes sangrentas aproximam o homem do Verbo divino, e o fazem soletrar a palavra sagrada que, caída dos lábios de Jesus, reanima a Humanidade desfalecente. O amor é a lei do Espiritismo; ele alarga o coração e faz amar ativamente àqueles que desaparecem na vaga penumbra da morte.

O Espiritismo não é um som vão caído dos lábios mortais e que um sopro leva; é a lei forte e severa que proclamou Moisés no Monte Sinai, a lei que afirmaram os mártires ébrios de esperança, a lei que discutiram os filósofos inquietos, e que, enfim, os Espíritos vêm proclamar.

Espíritas! o grande nome de Jesus deve flutuar, como uma bandeira, acima de vossos ensinamentos. Antes que fósseis, o Salvador trazia a revelação em seu seio, e a sua palavra, prudentemente medida, indicou cada uma das etapas que percorreis hoje. Os mistérios desabaram ao sopro profético que abala as vossas inteligências, como outrora as muralhas de Jerico.

Uni-vos de intenção, como o fazeis nesta reunião bendita. A cáli-da eletricidade desligada do coração preenche a distância que nos separa, e dissipa os vapores da dúvida, da personalidade, da indiferença, que, muito freqüentemente, obscurece a faculdade espiritual.

Amai e orai por vossas obras.

JOÃO, EV. (*Médium, senhora Costel.*)

II. Meus bons amigos, vossas preces e vosso recolhimento chamaram para junto do vós numerosos Espíritos, aos quais fizestes muito bem. Uma reunião como a vossa tem uma força de atração de tal modo eficaz que as vibrações de vosso pensamento emocionaram todos os pontos do espaço. Uma multidão de vossos irmãos, pouco avançados ou em sofrimento, seguiu os Espíritos superiores; antes de vos ter ouvido, estavam sem fé, agora esperam, crêem. Suas vozes, unidas à minha, saberão doravante vos abençoar; eles vos sabem fortes diante das provas; como vós, eles quererão merecer a vida eterna, a vida de Deus.

Não esquecesteis a ninguém, caro presidente. Por minha conta pessoal, estou orgulhoso pelo bom acolhimento que meu nome recebe entre meus antigos discípulos. Sempre ouvi dizer que um curioso, escutando à porta, jamais ouviu seu elogio; no entanto, somos testemunhas invisíveis; nosso número é infinito, o que ouvimos, contrariamente à moda terrestre, é o perdão, a prece, a benevolência; é a prática da caridade, a mais nobre das divisas.

Possa o vosso exemplo se difundir como um eco amado, a fim de que todos os Espíritos em sofrimento, em todos os lugares, possam ouvir-lhe as palavras que saberão guiá-los para as verdades eternas!

Paris é, diz-se, uma cidade de barulho e de esquecimento; os místicos pretendem que é uma Babilônia moderna. Bem alto eu proclamo, porque Paris é a cidade dos pensamentos laboriosos, das idéias fecundas e dos sentimentos nobres. É a cidade que irradia sobre o Universo; será sempre ela que ensinará os grandes princípios, as grandes abnegações e as sólidas virtudes.

Vede-a de preferência, a grande cidade, neste dia em que cada um tem uma lágrima para os queridos ausentes; ela pôs de lado a sua vida múltipla para ir se recolher nas necrópoles, e esse rio humano, silencioso, refletido, vai orar sobre os restos daqueles que lhes foram caros; e diante desse piedoso cortejo a própria incredulidade é tomada de respeito.

Paris, diz-se, não é espírita. Procurai uma cidade, no universo, onde o túmulo mais modesto seja mais venerado, melhor florido. É que a cidade das grandes criações sentem melhor as perdas dolorosas; ela chora lágrimas verdadeiras, e nada dá à aparência. Sem dúvida, Paris é uma cidade de prazeres para um certo mundo, mas é também a cidade do trabalho e do pensamento para a maioria. Ela não é essencialmente materialista. É ela que dá a luz espírita ao universo, e essa luz lhe retornará aumentada, depurada. Todos os povos virão procurar entre vós as verdades do Espiritismo, muito preferíveis aos fúteis e vãos gozos ou às paradas que nada deixam ao espírito.

Há no ar uma idéia racional aprovada por todas as pessoas progressistas, é que todo o mundo deveria saber ler. Nossa doutrina, tão bela que seja, encontra um obstáculo na ignorância. Também nosso dever, a todos nós Espíritas, é de diminuir o número de nossos irmãos ignorantes, afim de que *O Livro dos Espíritos* não permaneça uma letra morta para tantos párias. Trabalhar para difundir a instrução nas massas é abrir o caminho ao Espiritismo ao mesmo tempo que é destruir o elemento do fanatismo; é diminuir igualmente os arrastamentos da ignorância; é criar homens que viverão e morrerão bem.

Realizado esse grande ato de caridade, não terei mais a dor de ver retornar, neste dia dos mortos, tantos Espíritos atrasados que pedem para se reencarnar para saberem, e para cumprir a missão prometida às suas novas faculdades. Esses Espíritos tornados inteligentes poderão, a seu turno, ir ensinar em outros mundos, e dar o pão da vida, o saber que torna digno de Deus.

Ao vosso redor legiões de ignorantes vos imploram: são vossos mortos; não olvideis o que eles pedem. Vossas preces lhes serão úteis, mas as vossas ações são chamadas a lhes prestar um serviço mais essencial.

Adeus, irmãos; vosso devotado condiscípulo,

SANSON (*Méd. Sr. Leymarie*).

III. Dia de felicidade para os Espíritos do Senhor que se agrupam para dirigir a Deus preces pelos Espíritos, porque esta santa comunhão de pensamentos se reproduz também nas regiões superiores! Oh! sim, felizes os pobres deserdados que compreenderão os objetivos de nossas preces dirigidas para apressar o seu progresso! Graças ao Espiritismo, muitos já entraram no caminho do arrependimento e puderam melhorar-se. Foi essa graça descida sobre a Terra que abriu seu coração aos remorsos e lhes deu a esperança de vir um dia junto a nós. Obrigado a todos vós, Espíritas cristãos, por terem pedido a Deus e obtido que pudéssemos vir vos dizer: Coragem! Os Espíritos que vêm vos agradecer por este bom pensamento o aproveitaram, e se sentem hoje muito felizes.

Direi em particular ao meu bom amigo Canu: Sede feliz ao pensamento de que vosso amigo Hobach é ele mesmo, e que ele está lá cercado de Espíritos amigos e protetores que vêm, atraídos por sua simpatia, elevar suas almas ao Criador, porque tudo vem dele e deve retornar a ele. Procuremos sempre, pois, as reuniões sinceras, afim de aproveitar os ensinamentos que ali são dados, e que os invisíveis e os encarnados possam progredir para o infinito, quer dizer, para o Ser supremo que nos criou para o bem e a marcha progressiva de suas obras. Sim, mil vezes obrigado, porque leio em todos os corações os sentimentos daqueles que particularmente nos amaram; mas também aqueles que choram sequem suas lágrimas, porque virão conosco reencontrar-nos num mundo melhor, onde a lei de justiça reina soberana, uma vez que lá ela emana de Deus.

HOBACH (*Méd. Sra. Patet*).

IV. Amigos e irmãos em Espiritismo, estais reunidos neste dia para dirigir ao Senhor votos e preces pelos Espíritos que vos são caros e que cumpriram a sua missão nesse mundo. Muitos dentre vós, meus caros amigos, cumpriram essa tarefa dignamente, e receberam a recompensa de seu trabalho nessa vida de expiação e de miséria. Oh! aqueles, meus caros Espíritas, velam sobre vós; eles vos protegem, e neste dia participam de

vossos votos e das súplicas que endereçais ao nosso Pai de todos. Em sua maioria, em vosso meio, estão felizes por verem o recolhimento em que estais neste momento solene.

Mas é sobretudo pelos Espíritos que não cumpriram sua missão nesse mundo de passagem que devem se elevar os vossos pensamentos e as vossas preces. Oh! aqueles têm necessidade que corações amigos, almas compadecentes lhes dêem uma lembrança, uma prece, mas uma prece sincera, uma prece que suba até o trono do Eterno! Ah! quantos desses Espíritos são abandonados, esquecidos, mesmo por aqueles que deveriam pensar mais neles; por parentes algumas vezes bem próximos! É que estes, meus amigos não são Espíritos; é que não conhecem o efeito que pode produzir sobre o Espírito a ação das preces. Não, não conhecem a caridade, não crêem numa outra existência depois desta, crêem que a morte nada deixa depois dela.

Quantos nestes dias de luto vão de coração frio e seco para o túmulo daqueles que conheceram! Ali vão, mas por hábito, por conveniência; sua alma não sente nenhuma esperança; não pensam mesmo que essas almas, às quais vêm prestar um dever, estão ali, junto deles e esperando deles uma prece partida do coração.

Oh! meus amigos supri, vós, por vossas preces, ao que não fazem vossos irmãos. Eles não vêm na morte senão o despojo: o corpo, e esquecem que a alma vive sempre. Orai, porque vossas preces serão ouvidas pelo Altíssimo.

Um Espírito que pede também uma parte em vossas preces,

LALOUZE. (*Méd. Sra. Lampérière.*)

V. Caros amigos, quantas ações de graças vos devemos em troca de vossas boas e generosas preces!

Oh! sim, somos reconhecidos por tanto devotamento, por tanta caridade. Em nenhum tempo preces tão calorosas, tão fervorosas, foram escutadas e levadas sobre as asas brancas dos Espíritos puros ao trono divino. Em nenhum tempo os homens compreenderam melhor a utilidade da prece em comum, cuja força moral pesa sobre os Espíritos imperfeitos que vêm, cada vez que vos reunis, haurir em vosso foco generoso efraterno. Porque ali não há distinção; os pequenos, os deserdados da Terra são recebidos por vós como os grandes, como os príncipes; orais pelo pobre como pelo rico. Oh! fraternidade divina, cresce, cresce sempre até que atinjas o sublime regenerador que te envia para reconduzir os homens ao caminho reto, do qual se afastaram há tantos séculos!

Batei e vos será aberto, disse Jesus; pedi e vos será dado. Sim, batei sobre as vossas paixões, e o raio da caridade divina inundará vossa alma. Pedi a fé e ela vos virá. Pedi a paciência e ela vos será concedida. Em uma palavra, pedi todas as virtudes necessárias para vos despojar do homem velho que deve desaparecer para sempre e dar lugar ao homem de bem.

Eu sou um Espírito desconhecido de vós, apoderei-me desta mão graças à caridade de São José.

(*Méd. Sr. Lampérière.*)

VI. Minha caríssima esposa, vi teus suspiros, vi tuas lágrimas. Sempre chorar! Vi também tuas preces, deixa-me agradecer por elas. Vamos, cara amiga, consola-te. Vês, perturbas a minha felicidade. Consola-te, pois, porque és mais feliz do que muitas outras: tens irmãos que te amam, que são felizes por te verem vir entre eles. Vês, minha filha, o quanto és bendita entre todas.

Não tenho senão que vos louvar, meus irmãos, pela boa acolhida que por toda a parte é feita à minha esposa; eu vos agradeço por tudo o que fazeis por ela... e me fazeis ainda a amizade de me chamar hoje!... Tenho dos primeiros sustentado e propagado, com todo o meu poder, esta santa doutrina. Ah! se houvesse sabido o que sei e vejo agora! Crede-me, crede-me, é tudo o que posso vos dizer. Fazei tudo para ensiná-lo e para

atrair os corações a vós. Nada é mais belo, nada é tão verdadeiro do que o que vos ensinam os vossos livros.

COSTEAU. (*Méd.* senhorita Béguet.)

VII. Obrigado a vós todos, irmãos bem-amados, pela vossa boa lembrança e pelas vossas boas preces. Obrigado a vós, caro presidente, pela feliz iniciativa que tomastes fazendo orar por todos numa mesma comunhão de idéias e de pensamentos. Sim, estamos todos aqui; ouvimos com alegria as vossas preces sinceras, endereçadas ao Pai de misericórdia em favor de cada um de nós. Sim, estamos felizes, porque a prece feita com sinceridade sobe até Deus, e recebemos dele a força necessária para combater as más influências que os Espíritos levianos procuram fazer sentir àqueles que trabalham com energia na obra santa. Essas preces foram para nós como uma chamada solene, e nos encontramos todos reunidos ao vosso lado. De longe, como de perto, acorreremos a essa feliz chamada. É a desejar que vosso exemplo seja seguido por todos os centros sérios, porque essas preces, feitas com tanta sinceridade e desinteresse, sobem para Deus como santos eflúvios e recaem sobre cada um de nós. Obrigada, pois, ainda, meus bons amigos, e, embora meu nome não haja sido pronunciado, vedes que estou aqui. Isto deve vos provar que somos felizes e numerosos.

A mãe de um membro honorário de vossa Sociedade,
AIMÉE BRÉDARD, de Bordeaux. (*Méd.* senhora Delanne.)

VIII. Meus bons amigos, eu teria preferido, depois das preces que vindes de ouvir, e às quais vos associastes com todo o vosso coração, eu teria preferido, digo eu, ver cada um de vós se retirar no silêncio piedoso que a prece vos deixa no coração. Elevastes vossas almas a Deus por todos aqueles que partiram da Terra; lançastes doces lembranças do passado, e, no presente, não vos sentis mais fortes? Não sentistes, ainda há pouco, enquanto vossas almas subiam ao céu, num impulso comum, o hálito quente de outras almas misturando suas preces às vossas? Dele não vos impregnastes? Por que não vos recolher nesse perfume silencioso de além-túmulo, antes de nos pedir vozes? Viver com esses doces pensamentos gotejando eflúvios sagrados da prece, não é felicidade bastante?

Mas compreendo que essa linguagem muda não vos basta. Os zéfiros tépidos não são bastantes para o coração amoroso que pede aos ecos uma voz que responda à sua voz. Eu vos perdôo esse desejo, ele é muito justo. Por que cada um de vós não poderia gozar um segundo benefício que lhe concede a sua nova fé, de se comunicar com aqueles que lhe são caros, por intermédio de nossos médiuns?

Mas que vossa assembléia é numerosa para pequena quantidade de mãos que podem escrever! Quais de vossos amigos poderão dizer quais são os felizes, entre vós, que ouvirão suas vozes? Vejo um número de Espíritos bem mais considerável do que não sois aqui de encarnados; eles se comprimem ao redor de cada um de nossos intermediários: Georges, Sanson, Costeau, Jobard, Dauban, Paul, Émile, e cem outros dos quais não posso dizer os nomes, lá estão e gostariam de vos falar. Detém o seu impulso, e lhes digo a todos que seria seu intermediário entre eles e vós; eles muito o querem, e vós, caros amigos, o desejais também? Eu trataria de ser para uns seus pais, para os outros suas mães; para aqueles um filho, uma filha, um esposo, uma esposa, e para todos um amigo, um irmão que vos ama e que gostaria que vossos corações, reunidos num só coração, não formem senão um único pensamento, senão uma alma respondendo a esta comunicação de espírito concentrado em meu pensamento e em minha alma.

Ah! vossos caros mortos não esperaram este dia para vir a cada um de vós; não sentis a toda hora se espremer ao vosso lado, e vos dar, por essa voz que chamais a consciência, esses segredos castos e divinos do dever? Não o sentis se aproximarem

antes de vós nas horas de aflição e de desfalecimento? Eles vos dizem: Coragem! e sobretudo a vós, Espíritos, eles vos mostram o céu e as inumeráveis estrelas que rolam sobre seu azul em sinal de aliança entre o Senhor e vós.

Não, meus caros amigos, eles não vos deixam pelo pensamento. A ti, mãe, tua filha vem dizer-te: Parti primeiro, como se destaca do tronco vigoroso o ramo que a tempestade quebra, mas vivo ainda de tua seiva e de teu amor na imensidade, e nesse terço de pérolas que carrega minha alma não são algumas esmeraldas que me vieram de ti?

A ti, pai, ouço o filho dizer-te: Parti para retornar e te ajudar, na prece, a melhor amar a Deus. Parti, porque a tua frente se inclinava diante do grande dispensador de todas as coisas; ele quis se lembrar a ti em te fazendo ouvir os acentos de além-túmulo da voz de teu filho.

A ti, irmão, ouço o irmão te recontar os jogos de outrora, vossas lutas, vossas alegrias, vosso sofrimento. Estou diante dele, te diz, mas eu não estou morto. Eu te preparei o caminho: naquele em que encontras mais glória do que sobre a Terra. Joga teu manto de púrpura e veste teu burel de lã para fazer a viagem. O Senhor, ama mais a pobreza do que a riqueza.

Ouçó doces suspiros responderem a todos os vossos suspiros; os do amante respondem à amante, os do esposo à esposa. Bela harmonia!

Regozijai-vos, pois! Quantas lágrimas felizes! quantos impulsos tocantes! Esposas, senti vossas mãos pressionadas pelas mãos invisíveis de vossos esposos; eles vêm renovar nesta hora o juramento de vos amar sempre; vêm vos dizer o que eu mesmo vos disse: que a morte não quebra os laços do coração e que as uniões continuam além do túmulo.

Quanto gostaria de nomeá-los a todos, esses caros mortos; eu não o posso. Escutai vós mesmos a sua voz; cada um de vós as reconhecerá no concerto sagrado que sobe ao céu. Elas cantam juntas um cântico de ações de graça ao Senhor.

SANTO AGOSTINHO. (Méd. Sr. E. Vézy).

IX. Meu médium não podendo prestar o seu concurso a todo Espírito, venho em lugar de um Espírito que talvez tivesse desejado se comunicar; mas a instrução não estando deslocada aqui mesmo, nesta reunião especialmente dedicada aos ausentes, quero vos dar alguns conselhos sobre a maneira de proceder para obter respostas realmente emanadas dos Espíritos chamados.

Há aqui muitos médiuns e muitos Espíritos desejosos de se comunicarem, e, no entanto, poucos poderão fazê-lo, porque não terão tido o tempo de estabelecer a comunicação fluídica com eles. A identidade das comunicações é coisa difícil de se estabelecer, e raramente podereis estar perfeitamente seguros dessa identidade. No entanto, se quisésseis prestar um pouco de ajuda aos Espíritos, em vos preparando antes das evocações, mais freqüentemente haveria identidade real. Os fluidos devem sempre ser similares: sem essa semelhança, não há comunicação possível; mas vós possuís, médiuns, muitos fluidos diversos, e, entre eles, certos poderiam ser utilizados pelos Espíritos, se lhes fosse dado tempo para influenciá-los.

Geralmente chama-se este, aquele à queima-roupa, sem tê-lo chamado pelo pensamento, sem lhe ter oferecido seu aparelho fluídico, sem lhe ter deixado tempo de dispô-lo a ressoar uníssono com os seus próprios pensamentos. Credes fazê-lo bem em agindo assim? Não, porque são obrigados a tomar emprestado o intermediário de vossos Espíritos familiares, e naturalmente não podeis reconhecê-los de uma maneira tão positiva, e estais reduzidos a não constatar senão os pensamentos, freqüentemente, muito diferentes daqueles que tinham durante a sua vida, sem terem nenhuma particularidade que vos revele uma identidade. Crede-me, quando quiserdes evocar, pensai primeiro algum tempo antes naqueles que desejais chamar, e lhes oferecereis muito mais assim o meio de se comunicarem pessoalmente.

Trago a palavra em nome de todos aqueles que são da família e amigos de meu médium, e venho agradecer ao Presidente as palavras cheias de coração que pronunciou para todos. Certamente, a alegria em se unir a tantos desejos e vontades benevolentes; e nós todos, Espíritos dispostos ao bem e Espíritos instrutores, nos fazemos um dever cumprir as missões que nos são confiadas por ele e por todos os corações espíritas (Ver adiante, página 399).

UM ESPÍRITO. (Médium, senhorita A. C.)

O SR. JOBARD E OS MÉDIUNS MERCENÁRIOS.

Exemplo notável de concordância.

Uma sonâmbula médium, que pretende ser adormecida pelo Espírito do Sr. Jobard, disse ter dele recebido uma comunicação dirigida a um outro médium, ao qual aconselhava fazer pagar suas consultas pelos ricos, e dá-las gratuitamente aos pobres e aos operários. O Espírito lhe traçava o emprego de sua jornada, sem poupar os elogios sobre suas eminentes faculdades e sua alta missão. Tendo uma pessoa concebido dúvidas sobre a autenticidade dessa comunicação, e sabendo que o Espírito do Sr. Jobard se manifesta freqüentemente na Sociedade, pediu-nos de fazê-la controlar.

Para maior segurança, dirigimos imediatamente, a seis médiuns, estas simples palavras: "Quereis perguntar ao Espírito do Sr. Jobard se ele ditou à Sra. X..., em sonambulismo magnético, uma comunicação por um outro médium que convida a explorar a sua faculdade. Tenho necessidade desta resposta para amanhã." Tivemos o cuidado de não preveni-los dessa espécie de concurso, de sorte que cada um se acreditou chamado sozinho para resolver a questão.

Contávamos com a elevação do Espírito do Sr. Jobard para se prestar à circunstância, e não se melindrar ou se impacientar com esse pedido que deveria lhe ser dirigido, quase simultaneamente, sobre seis pontos diferentes. No dia seguinte recebemos as respostas adiante que faremos seguir de algumas reflexões.

(20 de outubro de 1864. - Médium, Sr. Leymarie.)

O quê! caros amigos, meu nome serve, pois, de alvo de motejo a todas as espécies de pessoas! Há muito tempo estou habituado a esses plagiários sem vergonha que me fazem alternativamente adotar, como um camaleão, todas as cores; toma-se-me por um pateta. No entanto, minha vida passada, meus trabalhos e as numerosas provas de identidade dadas na Sociedade de Paris, não podem fazer se enganar sobre meus sentimentos. Tal eu era simples encarnado, tal eu sou no estado de Espírito livre, e a minha missão junto a vós, meus amigos, é a do devotamento, e sobretudo do desinteresse.

O Espiritismo é uma ciência positiva; os fatos sobre os quais repousa não estão ainda completados; mas tende paciência ainda, vós que sabeis esperar, e essa ciência, que não tem nada inventado, uma vez que ela é uma força da Natureza, provará aos menos clarividentes que o seu objetivo todo moral é a regeneração da Humanidade, e que, fora de todas as ciências especulativas, seu ensino é o contrário do materialismo, que procede por hipótese. Proceder com análise, estabelecer fatos para remontar às causas, proclamar o elemento espiritual, depois de constatação, tal é a sua maneira limpa e sem evasivas; é a linha reta, a que deve ser o guia de todo Espírita convicto.

Rejeito, pois, o joio do bom grão, todos os interesses mesquinhos, os meiodevotamentos, os compromissos malsãos que são a praga de nossa fé.

Do dia em que vos dizeis Espíritas, tenho o direito de vos perguntar o que sois, o que quereis ser. Pois bem! se tendes a fé, se sois caridosos antes de tudo; todos os encarnados aos vossos olhos sofrem uma prova; assistis como espectadores a muitos des-

falecimentos, e nesse rude combate da vida, onde vossos irmãos procuram a luz, vosso dever, a vós privilegiados que vistes e sabeis, é de dar generosamente o que Deus vos distribuiu generosamente também.

Médium, não deveis disso vos orgulhar, *porque a mão que dispensa pode se retirar de vós*, quando, por vosso intermédio, um Espírito vem consolar, encorajar, ensinar, deveis estar feliz e agradecer a Deus que vos permite ser a boa fonte onde aqueles que têm sede vêm se saciar. Mas essa água não vos pertence, é a provisão de todo o mundo, não podeis vendê-la, nem cedê-la, porque esse domínio não é desse mundo. Gostaríeis que vos expulsasse como os vendedores do templo?

Ricos ou pobres, acorrei e perguntai: cada um de vós tem seu sofrimento secreto; o farrapo de um tornar-se-á numa outra vida a púrpura de outro, e é por isso que a mediunidade não é a usura: diante dela todos os encarnados são iguais.

Olhai ao vosso redor: são ricos, são pobres, aqueles que fazem ofício de um dom providencial? Eles vendem a ciência dos Espíritos, e o óbolo que recolhem é a gangrena de seu espiritualismo. Fizeram bem dizer espiritualismo, porque os Espíritos reprovam, sabei-o, toda venda moral; a venalidade não é o seu fato. Rejeitamos de nosso seio todas essas escórias mentirosas que fazem rir os assistentes introduzidos em seu negócio.

Quanto a mim, caro mestre, respondi àquele ou àqueles que querem comerciar com o meu nome que por mais pateta que eu possa ser, não o serei jamais bastante para apor minha assinatura sobre traços falsificados, tirados sobre vosso devotamento.

JOBARD.

(Médium, senhora Costel.)

Venho reclamar e protestar contra o abuso que se faz em meu nome. Os pobres de espírito - e se encontram muitos deles entre os Espíritos - têm o deplorável hábito de se vestir de nomes que lhe servem de passaporte junto aos médiuns orgulhosos e crédulos.

Seguramente, eu teria a graça em defender a nobreza de meu pobre nome, sinônimo de simples; no entanto, espero tê-lo colocado bastante alto no julgamento daqueles que me conheceram, por medo de ser tornado solidário das pobrezaas debitadas sob a minha assinatura. É, pois, somente por amor da verdade que protesto não ter adormecido nenhum sonâmbulo, nem exaltado nenhum médium. Eu me comunico muito raramente, tento eu mesmo muita coisa a aprender para servir de guia instrutor dos outros.

Reprovo em princípio a exploração da mediunidade, por esta razão muito simples de que o médium, não gozando de sua faculdade senão de um modo *intermitente e incerto, não pode jamais nada prejudicar nem nada fundar sobre ela*. Portanto, as pessoas pobres erraram em abandonar a sua profissão para exercer a mediunidade no sentido lucrativo da palavra. Sei que muitas dentre elas se abrigam sob o título de *missão*, ou abandono de seu lar, desertado por orgulhosas satisfações e a importância efêmera que lhes concede a curiosidade mundana. Esses médiuns se enganam de boa-fé, eu o espero, mas, enfim, se enganam; a mediunidade é um dom sagrado e íntimo do qual não se pode ter agência aberta. *Os médiuns muito pobres para se consagrarem ao exercício de sua faculdade devem subordiná-la ao trabalho que os faz viver*, o Espiritismo nisso nada perderá, ao contrário, e a sua dignidade com isso muito ganhará.

Não quero desencorajar ninguém, nem desanimar nenhuma boa vontade: mas importa que a nossa cara Doutrina esteja ao abrigo de toda acusação malsã; a mulher de César não deve ser suspeitada, nem os Espíritos tampouco.

Eis o que está dito, e desejo que não fique o menor equívoco sobre as palavras de vosso velho amigo

JOBARD.

(Médium, Sr. Rui.)

Como poder-se-ia crer que aquele que, em todas as suas comunicações, recomendou a caridade e o desinteresse, viesse hoje se contradizer?

É uma prova para a sonâmbula, e eu a convido a não se deixar seduzir pelos maus Espíritos que querem, por essa pequena especulação de além-túmulo, lançar o desfavor sobre os médiuns em geral, e sobre o médium sobre o qual é questão em particular. Não tenho necessidade, penso, de fazer de novo minha profissão de fé. Não é àquele que, encarnado, tão freqüentemente perseguido, teve sempre por regra de conduta a eqüidade e a lealdade, que se possa atribuir semelhantes comunicações! Estaria feliz se, a exemplo do que se faz para certos comerciantes da Terra, se pudesse apor sobre as comunicações de além-túmulo a estampilha que constataria a identidade do autor.

Não sois ainda bastante avançados, mas na falta de estampilha, servi-vos de vossa razão, ela não pode vos enganar, e desafio todos os Espíritos, por numerosos que sejam, a me fazerem sem passar, aos olhos dos meus antigos confrades, por mais bobo que eu não o seja. Adeus.

JOBARD.

(Médium, Sr. Vézy.)

Por que tantas tolices ainda entre aqueles que crêem de boa-fé? E dizer que se lhes colocar diante dos olhos os verdadeiros princípios da coisa, eles mudam de ou golpe e se tornam mais incrédulos do que São Tome!

Ide dizer a essa cara senhora que jamais me comuniquei com ela. Ela vos dirá: é possível, e diante de vós parecerá partilhar o vosso julgamento; mas, em seu foro íntimo, ela dirá que sois insensatos. Proibir a um louco de fazer loucuras, é ser mais louco do que ele, diz-se. No entanto, seria muito preciso encontrar um remédio para curar tantos pobres de espírito que se desviam sozinhos, persuadidos de que são seres guiados por maravilhas.

Verdadeiramente, meu caro presidente, me credes capaz de escrever as coisas vãs que lestes? Este seria, então, verdadeiramente, o caso de me aplicar o nome que tinha porter ousado escrever semelhantes bobagens. O Espiritismo não se ensina a tanto a lição ou o selo. *Que aquele que não pode ir levar as nossas palavras aos seus irmãos não em detrimento de seu próprio salário, fique em seu lar e peça à sua ferramenta ou à sua agulha para lhe continuar seu pão cotidiano;* mas se assemelhar a um doador de representações é invadir o domínio do explorador ou do charlatão. Que aquele que é pobre e que sente a coragem de se tornar o apóstolo de nossa doutrina, se cubra-se com a sua fé e com a sua coragem, a Providência virá, em sua hora, lhe dar o pão que lhe falta; mas que não estenda a mão por todos os seus esforços, porque seríamos os primeiros a lhe gritar: Retira-te daqui, mendigo, e deixa o lugar àqueles que dele podem fazer o ofício. *Encontramos sempre bastantes homens de boa vontade para cumprirem a tarefa que lhes pedimos.*

Mulheres ou homens que deixais a máquina de fiar ou a ferramenta para vos fazer pregador ou médium, e pedir um salário, não é senão o orgulho que vos guia. Quereis um pouco de glória em torno de vosso nome: o metal não tem senão feio reflexo que o tempo enferruja, ao passo que a verdadeira glória tem mais luz na abnegação. Gosto mais de Malfilatre, Gilbert e Moreau, cantando sua agonia sobre o leito de hospital do que o poeta mendigando o óbolo entregando seu coração para conservar alguns lambris dourados em torno de seu leito de morte. Os desinteressados serão os mais recompensados; uma felicidade durável os espera, e seus nomes serão tanto mais poderosos quanto terão derramado mais lágrimas, e que suas frentes tiverem se coberto de mais suor e de poeira.

Eis tudo o que posso vos dizer a este respeito, caro presidente, e aproveito a boa ocasião que a mim se apresenta para vos apertar a mão e vos reiterar todos os meus

bons desejos e meus sinceros cumprimentos. Permaneci sempre corajoso e robusto na tarefa que vos impusestes, fizeti calar os ciumentos e os tagarelas que vos rodeiam por essa firmeza e essa simplicidade que vos caem tão bem. Hoje é preciso ser positivo; não vos deixeis arrastar à procura da lua quando a Terra está aos vossos pés, e tendes aí de que completar vosso trabalho. Todos os materiais são abundantes ao vosso redor. Provai as vossas teorias por fatos, e que os vossos exemplos não se apoiem sobre teoremas algébricos que todo o mundo não poderia compreender, mas sobre axiomas matemáticos. Uma criança sabe que dois e dois são quatro. *Deixai correr à frente aqueles que têm pernas muito grandes; eles romperão o pescoço, e é inútil que o sigais em sua queda. Apressemos-nos docemente; o mundo é jovem ainda, e os homens têm o tempo diante deles para se instruírem.*

O sol se esconde à noite porque é preciso a obscuridade para fazer compreender sua luz; a verdade algumas vezes se cobre de trevas para não cegar aqueles que a olham muito à face.

Perg. Então não vos comunicastes jamais a esta senhora; ela se diz, no entanto, magnetizada por vós?

Resp. Pobre mulher! ela atribui aos seres inteligentes o que só a insensatez pode ditar, ou bem algumas palavras todas boas ou todas simples de grandes oráculos. É uma doença que não é preciso contrariar; ela tem sua sede nos nervos, e se cura pela prudência e as duchas frias.

JOBARD.

(Médium, senhora Delanne.)

Saudação fraternal avós todos, meus bons amigos, que trabalhais com ardor para enxertar a Humanidade. É preciso que redobreis a atenção, porque, neste momento, uma incrível revolução se opera entre os desencarnados. Tendes também entre eles adversários que se prendem a vos suscitar entraves, mas Deus vela sobre sua obra.

Ele colocou em vossa cabeça um chefe vigilante que possui o sangue-frio, a perspicácia e uma vontade enérgica para vos fazer triunfar dos obstáculos que os vossos inimigos visíveis e invisíveis levantam a cada instante sob vossos passos. Também não se enganou lendo essa comunicação; compreendeu que Jobard não poderia falar assim nem aprovar uma semelhante linguagem. Não, meus amigos, o Espiritismo não deve ser explorado por Espíritos sinceros e de boa-fé. *Pregai contra os abusos desta natureza que desacreditam a religião, não podeis praticar o que condenais, porque afastaríeis aqueles que o vosso desinteresse poderia conduzir a vós.*

Jamais refletistes seriamente nas conseqüências funestas das reuniões pagas? Compreendi bem que se Allan Kardec autorizasse semelhantes idéias por seu silêncio ou sua aprovação tácita, dentro de dois anos o Espiritismo seria a vítima de uma multidão de exploradores, e que esta coisa santa e sagrada seria desacreditada pelo charlatanismo. Eis a minha opinião. Rejeito, pois, hoje como sempre, toda idéia de especulação, qualquer que seja o pretexto, que entravasse a Doutrina, em lugar de ajudá-la.

Aplicai-vos, no instante antes de tudo, em reformar os homens por vossos ensinamentos e vosso exemplo. Que vosso desinteresse e vossa moderação falem tão alto que nenhum de vossos adversários possa vos fazer censuras. Estando cada um de vós colocado em posições diferentes, deveis trabalhar cada um segundo as vossas forças; Deus não pede o impossível. Tende confiança nele, e deixai cada coisa vir a seu tempo. Se ele quisesse que o Espiritismo caminhasse mais rapidamente ainda, teria enviado mais cedo os grandes Espíritos que estão encarnados e que surgirão, quase ao mesmo tempo, sobre todos os pontos do globo, quando chegar o tempo disso; à espera, preparai os caminhos com prudência e sabedoria. Coragem, caro presidente, cada dia as rédeas se tornam mais difíceis; mas estamos aqui para vos sustentar, e Deus vela sobre vós.

(Médium, Sr. d'Ambel.)

Pois bem! isto vos espanta! Mas há tantos bobos no mundo dos Espíritos, como entre vós, sem vos ofender, que um bobo pôde dar a um outro a comunicação sonambúlica em questão.

Quanto ao médium, há necessidade de se inquietar com ele demasiadamente?

Deixai passar o tempo; é um grande reformador. Aqueles que colocam a preço sua mediunidade fazem como essas pessoas que dizem aos interrogadores, expondo um jogo de carta sob seus olhos: "Eis um homem da cidade ou um homem do campo; há uma carta a caminho, eis o ás de ouros." Quem sabe se, entre alguns, esse não é um retorno ao passado, um resto de antigos hábitos? Pois bem, tanto pior para aqueles que caem na mesma rotina! Dela não tirarão seus gastos, e lamentarão um dia ter tomado o caminho de atalho.

Tudo o que posso vos dizer, é que não estando por nada neste pequeno comércio, vós bem o sabeis, lavo minhas as mãos, e lamento a pobre humanimalidade por ter ainda recorrido a semelhantes expedientes.

Adeus.

JOBARD.

Observações.

A necessidade do desinteresse nos médiuns é hoje a tal ponto, que passada em princípio, que teria sido supérfluo publicar o fato acima, se não oferecesse, fora da questão principal, um notável exemplo de coincidência e uma prova manifesta de identidade, pela semelhança dos pensamentos e a marca de originalidade que levam em geral todas as comunicações do nosso antigo colega Jobard. É a tal ponto que quando se manifesta espontaneamente na Sociedade, é raro que, desde as primeiras linhas não se adivinhe o autor. Assim, não se levantou nenhuma dúvida sobre a autenticidade das que acabamos de narrar, ao passo que, naquelas que tínhamos pedido fazer controle, a fraude saltava aos olhos de qualquer que conhecesse a linguagem e o caráter do Sr. Jobard, assim como os princípios que havia constantemente processado como homem e como Espírito; teria sido irracional admitir que tivesse subitamente mudado em proveito dos interesses materiais de um indivíduo. A fraude era inábil.

Quanto à questão do desinteresse, seria inútil repetir tudo o que foi dito sobre esse ponto, e que se acha admiravelmente resumido nas respostas do Sr. Jobard. Acrescentar-lhe-emos somente uma consideração, que não é sem importância.

Certos médiuns exploradores crêem salvar as aparências em não se fazendo pagar senão pelos ricos, ou deles não aceitando senão uma retribuição voluntária. Em primeiro lugar, isso não é menos um ofício, a exploração de uma coisa santa, e um lucro tirado daquilo que se recebe gratuitamente.

Quando Jesus e seus apóstolos ensinavam e curavam, não punham preço nem às suas palavras nem aos seus cuidados, e, no entanto, não tinham rendas para viver. Por outro lado, essa maneira de operar não é uma garantia de sinceridade, e não coloca ao abrigo da suspeição de charlatanismo. Sabe-se no que se ter sobre a filantropia das consultas gratuitas de certos médicos, e que relacionam a certos comerciantes os artigos que dão em prejuízo e algumas vezes por nada. A gratuidade, em certas ocasiões, é um meio de atrair a clientela produtiva.

Mas há uma outra consideração mais poderosa ainda. A que sinal reconhecer aquele que pode ou não pagar? A colocação muitas vezes é enganosa, e, freqüentemente, uma vestimenta limpa esconde um sem dinheiro maior do que a blusa do obreiro. É preciso, pois, declinar sua pobreza, seus títulos à caridade, ou produzir um certificado de indi-

gência? Aliás, quem diz que o médium, mesmo admitindo de sua parte a mais inteira sinceridade, terá a mesma solicitude por aquele que não paga ou que paga menos, do que por aquele que paga largamente, e que não dará a cada um por seu dinheiro? Que, se um rico e um pobre se dirigem a ele ao mesmo tempo, não fará passar o rico primeiro, este tendo em vista satisfazer uma vã curiosidade, ao passo que o pobre, que talvez espera uma suprema consolação, será adiado? Involuntariamente sua consciência estará lutando com a tentação da preferência; será levado a ver com um olho melhor aquele que paga, ainda mesmo que lhe lançasse com desdém uma peça de ouro como a um mercenário, ao passo que olhará com indiferença os poucos centavos que lhe estenderá timidamente o pobre envergonhado. Estão aí sentimentos compatíveis com o Espiritismo? Não é entreter entre o rico e o pobre essa demarcação humilhante que já fez tanto mal, e que o Espiritismo deve fazer desaparecer, provando a igualdade do rico e do pobre diante de Deus, que não mede os raios de seu sol com a fortuna, e que não pode subordinar-lhe antes as consolações do coração que faz dar aos homens pelos bons Espíritos seus mensageiros.

Apesar de tudo, se houvesse uma escolha a fazer, preferiríamos ainda o médium que não se fizesse sempre pagar, porque pelo menos não há hipocrisia; sabe-se imediatamente a que se ater sobre a sua conta.

De resto, a multiplicidade sempre crescente dos médiuns em todas as classes da sociedade e no seio da maioria das famílias, tira à mediunidade retribuída toda utilidade e toda razão de ser.

Esta multiplicidade matará a exploração, quando mesmo não o fosse pelo sentimento de repulsa que a isso se liga.

Assinala-se-nos o fechamento, numa cidade da província, de um grupo antigo e numeroso, organizado com objetivos interessados. O chefe desse grupo tinha, assim como sua família, abandonado seu estado sob o especioso pretexto de devotamento à causa, à qual queria consagrar todo o seu tempo; havia substituído recursos que esperava retirar do Espiritismo. Infelizmente, a exploração da mediunidade está de tal modo desacreditada na província que, na maioria das cidades, aquele que dela fizesse ofício, tivesse as faculdades mais transcendentais, não inspiraria nenhuma confiança; seria muito mal visto, e todos os grupos sérios lhe estariam fechados. A especulação não respondeu à espera, e o chefe desse grupo teria se lamentado aos seus freqüentadores, diz-se, de *seu* estado de pobreza, e teria reclamado recursos; ao que lhe foi respondido que estava pobre por sua falta; que fizera o erro de fechar suas oficinas para viver do Espiritismo, e fazer pagar as instruções que os Espíritos lhe davam por nada. Sobre isso ele declarou referir o assunto aos Espíritos. Sobre nove médiuns presentes a quem a pergunta foi posta, oito receberam comunicações censurando sua maneira de agir, uma só a aprovou: era a de sua mulher. O chefe do grupo, submetendo-se de boa vontade ao conselho dos Espíritos, anunciou que, a partir desse momento, o grupo seria fechado. Sem dúvida, teria sido mais sábio a ele escutar mais cedo os conselhos que, há muito tempo, lhe eram dados pelos amigos sinceros do Espiritismo.

Um outro grupo, em condições quase idênticas, se viu sucessivamente desertado pelos seus freqüentadores, e finalmente estrangido a se dissolver.

Assim, eis dois grupos que sucumbem sob a pressão da opinião. Escrevem-nos que o parágrafo de *A Imitação do Evangelho*, n^o 392 e seg., sem dúvida, não é estranho a esse resultado. De resto, é impossível que todo Espírito sincero, compreendendo a essência e os verdadeiros interesses da Doutrina, se faça o defensor e o sustentáculo de um abuso que, inevitavelmente, tenderia a desacreditá-la. Convidamo-los a desconfiarem das armadilhas que os inimigos do Espiritismo tentam lhes estender sob esse aspecto. Sabe-se que, na falta de boas razões para o combate, uma de suas táticas é a de procurar arruiná-lo por si mesmo; assim vê-se com que ardor eles espiam a ocasião de encontrá-lo em falta ou em contradição consigo mesmo; é por isso que os Espíritos nos dizem sem cessar que velemos e de nos mantenhemos em guarda.

Quanto a nós, não ignoramos que nossa persistência em combater o abuso de que falamos não nos fez amigos daqueles que viram no Espiritismo uma matéria explorável, nem daqueles que o sustentam; mas que nos importa a oposição de alguns indivíduos! Defendemos um princípio verdadeiro, e nenhuma consideração pessoal nos fará recuar diante do cumprimento de um dever. Nossos esforços tenderão sempre a preservar o Espiritismo da invasão da venalidade; o momento presente é o mais difícil, mas à medida que a Doutrina seja melhor compreendida, essa invasão será menos a temer; a oposição das massas lhe oporá uma barreira intransponível. O princípio do desinteresse, que satisfaz, ao mesmo tempo, o coração e a razão, terá sempre as mais numerosas simpatias, e se imporá, pela força das coisas, sobre o princípio da especulação.

LOUIS-HENRI, O TRAPEIRO.

Estudo moral.

Lê-se no *Siècle* de 12 de outubro de 1864:

"Num horrendo casebre da passagem Saint-Pierre, em Clichy, vivia um homem chamado Louis-Henri, idade sessenta e quatro anos, mas parecendo ter noventa anos. Ele tinha descido abaixo do último degrau da vida social. Dizia-se que fora outrora um belo, um boêmio; que ele tinha feito girar muitas cabeças femininas, e que tinha levado a existência a toda pressa.

"Escapava-lhe, por momentos, com efeito, cheirando à sociedade refinada, e via-se em sua casa duas deliciosas miniaturas representando encantadoras mulheres. O círculo desses medalhões havia sido vendido há muito tempo, e a pintura havia se tornado muito falha para que se pudesse dela tirar partido.

"Louis-Henri exercia o ofício de trapeiro; mas ele era tão fraco, tão velho, tão trêmulo, que não recolhia quase nada. Deitava-se, sem tirar seus farrapos, sobre as imundícies que lhe serviam de leito. Outros trapeiros, quase tão pobres quanto ele, se cotizavam para lhe dar alguns alimentos, tais quais as cascas de pão e os restos de cozinhas provenientes de seus cestos. Era coberto de feridas e ruído de vermes. Já várias vezes, disse o *Opinion nationale*, os guardas da brigada de Clichy tinham feito entre eles uma coleta para pagar a esse infeliz banhos sulfurosos. Não sabiam o que

aconteceu com a sua família, e ele tinha esquecido o seu próprio nome. Ficou-lhe apenas a lembrança de seus prenomes Louis-Henri.

"Há alguns dias, o leproso, como era chamado, não fora visto. Um odor infecto, que escapava de seu alojamento, tendo atraído a atenção dos locatários, eles advertiram o comissário de polícia, que se deslocou para o local, assistido pelo doutor Massart, e fez abrir por um serralheiro. Encontraram-se, entre as imundícies, os restos, arranhados pelos ratos e decompostos, do trapeiro, que morreu aos poucos no meio de suas enfermidades e de seus males."

Está aí um triste revés de fortuna e uma prova de que a justiça de Deus não espera sempre a vida futura para pesar sobre o culpado. Dizemos o culpado por hipótese, por que uma tal degradação não pode ser senão o resultado do vício em seu mais alto grau. O homem mais rico e mais alto colocado pode cair na última classe da escala social, mas se a honra não foi abafada nele, na sua profunda miséria ele conserva a sua dignidade.

Presumindo que a vida desse homem poderia fornecer um ensinamento, a Sociedade de Paris acreditou dever fazer-lhe a evocação, com a esperança de lhe ser útil ao mesmo tempo.

(Sociedade de Paris, 28 de julho de 1864. - Médium, Sr. Vézy.)

Pergunta. Os detalhes que lemos sobre vossa vida e vossa morte nos interessaram, primeiro por vós, porque todos aqueles que sofrem têm direito às nossas simpatias, e em seguida para nossa instrução. Seria útil, do ponto de vista moral, conhecer como e por quais causas, de uma existência que parece ter sido brilhante, caístes numa tal abjeção, e qual é a vossa situação atual? Pedimos para um bom Espírito consentir nos assistir na comunicação que nos dareis.

I. *Resposta.* Já não paguei bastante minha dívida de sofrimentos sobre a Terra para que me sejam concedidas algumas horas de lucidez além-túmulo? É porque meu corpo está infecto e roído pelos vermes que se disputa com a podridão que o dilacera, que meu Espírito está perturbado? Deixai-me reconhecer-me um pouco.

A vós que conheceis as leis divinas da imigração das almas, não tenho necessidade de vos explicar o porquê deste estado abjeto ao qual descí. No entanto, uma vez que isso me é *ordenado*, vou contar-vos minha história... De resto, uma anedota no meio de vossa sábias discussões e de vossos sábios argumentos fará diversão. Tendes aqui um certo público que isso distrairá mais do que a vossa moral e a vossa filosofia. Eu começo, pois.

Nota. - A Sociedade tinha nesse dia uma sessão geral, quer dizer, uma daquelas onde ela admite um certo número de ouvintes estranhos; é a isto que o Espírito faz alusão.

Porque vos calei o nome que eu levava, e que, em meus últimos anos, sobretudo, eu mesmo parecia ter esquecido completamente? Não adivinhastes que a lama que me enodoava era a única causa do meu silêncio a esse respeito? Eu fazia parecer esquecer. Eu me chamo... mas não; não quero lançar lama sobre os fraques e as roupas de seda e de veludo daqueles que foram meus parentes e meus amigos, com os quais vivi durante a minha juventude, e que vivem ainda. Não quero, não mais do que essas velhas senhoras, que mudaram de residência, passando da sala ao oratório, vejam no medalhão que elas conservam ainda dependurados nos lambris de suas alcovas, sob a casaca galante do gentil-homem, o infeliz abandonado. Para uns, morri na América durante as guerras que se seguiram ao despertar de seus povos; para outros, morri nos últimos restos das escaramuças sangrentas da Vendée, gritando: Viva o Rei!

Não toquemos nesses lauréis sobre os quais repousam em seus corações!... Estou morto para todos há muito tempo!... Morri também para ela!... Ah! não zombemos aqui!... Sim, para ti, estou bem morto! morto pela eternidade! E, no entanto, que horas de êxtase e de embriaguez passamos! Quantas vezes o teu olhar encontrou o meu olhar e meus sorrisos teu sorriso! Não vives ainda senão para me mostrar as rédeas e os cavalos brancos. Mas quando a morte, a seu turno, te houver tocado, não te verei mais!... Não! não!... Maldição! Ouço vozes que me gritam: Maldito!... Não, não, eu não a verei mais. A ela um dia a luz e o brilho, e a mim a noite e as trevas! Arranquei as asas do anjo sobre a Terra, mas seus prantos lhe deram sua pureza, e o perdão de Deus destacará para ela asas brancas de serafim.

Ah! por que a juventude joga assim com seu coração? por que quer ela colher todas as flores sobre a sua passagem, para esmigalhá-las em seguida sob os pés? No entanto, quando seu coração fala a linguagem da alma a uma outra alma, ela não mente. Por que é preciso que o sopro das paixões impuras a empane e lance seu corpo sobre o lixo?... Deixai-me verter também algumas lágrimas; elas são doces para aqueles que sofrem!

Quanto gostaria de poder reviver minha vida de outrora, para utilizar melhor minhas horas de juventude! Oh! quanto gostaria de possuir meu coração de vinte anos! Eu o daria todo inteiro a um coração irmão do meu; daria toda inteira minha alma a uma alma irmã da minha, e em minhas aspirações pediria a Deus para nos fazer provar todas as alegrias do céu!... Mas isso está feito; porque meus prantos e meus lamentos? Homem degradado, que sonhas tu? Tudo está perdido para aquele que não soube aproveitar o tempo que lhe era dado! Tudo está perdido para o miserável que não soube aproveitar as qualidades que possuía!

Ó vós que me ouvis, sim, aquele que vos-fala era dotado de belas faculdades. De que lhe serviram elas? Para enganar com astúcia e conhecimento de causa! para cometer crimes! Mais tarde, eu abafei os remorsos na orgia para não ouvir os gritos de minha consciência. Eu era gentil-homem; manejava a palavra e a espada com audácia, e se as mulheres me chamavam o refinado, acariciando minha frente e meus cabelos em sua alcova, os homens me chamavam o invencível e o bravo!... Orgulho! Por que essas lembranças de um outro tempo?... Infelicidade!... condenação!... Vejo sangue ao meu redor! Por que esta espada com a qual feri, não retorna contra meu seio?... Entre esses mortos, vedes este cadáver?... É meu filho!... E eis o que causam os costumes de uma sociedade na qual se ri de tudo!... Sou eu o culpado, e sabia eu que era meu filho? Sabia eu que a amante abandonada há vinte anos colocaria em meu caminho um fruto adúltero, que eu não conhecia, e que vinha a disputar uma vítima ao novo dom Juan?... E quereríeis que não tivesse esquecido meu nome depois desses crimes enormes? Ah! a mim a taça de vergonha e de infâmia! Eu deveria morrer como morri, na lama. Sinto o frio do túmulo! sinto o verme que me rói! sinto as imundícies me cobrirem! sinto as úlceras que cobriam o meu corpo! mas nada de tudo isso me faz sofrer tanto quanto a visão desta ferida escancarada que fez minha espada... Meu filho, graça! se teu pai não te deu o nome, ele riscou o seu do mundo; se te deu a morte, morreu também, ele, na lama. Ah! abre-me teus braços; ensina a teu pai o caminho de Deus pelo perdão.

Que lúgubre história! eu acreditava, tomando esta mão para escrever, que iria encontrar os meus sorrisos de outrora! Lovelace! É, pois, o meio em que me encontro, que me penetra e me muda?... Por que me evocastes? Por que me retiraram da noite, para me mostrar um pouco do dia e para me relançar em seguida nas trevas? A meu turno, vos interrogo, respondi-me.

P. Nós vos chamamos para vos ser útil, e porque nos compadecemos de vossos sofrimentos. Que podemos fazer por vós?

R. Oh! que sei eu? Cabe a vós instruir-me. Não me relanceis na obscuridade... Háveis despertado mortos; eu os vejo na noite; tenho medo!

P. Nós oraremos por vós.

R. Ah! Orai. Dizem que a prece faz tanto bem àqueles que sofrem! *P.* Quereis assinar o vosso nome? *R.* Não, não! orai por mim.

Alguns dias depois, um outro médium, Sr. Rui, de Passy, fez em particular a evocação do mesmo Espírito, e dele obteve as três comunicações seguintes. Cremos supérfluo reproduzir os conselhos dados pelo médium ao Espírito; são os de um Espírita sincero, animado de uma verdadeira caridade para com os irmãos sofredores.

II. Sim, orai por mim, porque as preces de vossos irmãos já me fizeram bem. Se soubésseis o que é o sofrimento de um desencarnado! Se pudésseis ler em meu rosto espiritual os traços das paixões que o trabalharam, serieis tomado de piedade, e vossa mão fraterna, apertando a minha, sentiria a febre que me agita. Quanto sofro desde que fui evocado por vosso presidente! Reconheço a justiça divina. Só, errante entre os mortos, acreditava ser o único a conhecer meus sofrimentos, e eis que, à grande luz da publicidade, sou chamado para confessar as minhas faltas! Oh! Que faltas a paixão me fez cometer! Eu não disse tudo ao vosso irmão; o pudor, a vergonha, me retinham; teria querido recuperar as declarações que fiz, e apagar esses caracteres indeléveis que me colocavam no pelourinho de vossas consciências. Mas se orou por mim, reconheço hoje o bem que vossos corações caridosos me fizeram; e, para melhor merecer a vossa compaixão, porque sois Espíritas, o que quer dizer indulgentes e compassivos, acuso-me de não ter recuado diante de nenhum crime enorme para satisfazer minhas paixões. Eu não tinha cometido nenhum dos crimes punidos pela lei dos homens, mas os vícios que vossa sociedade tolera e desculpa, sobretudo quando se tem um nome e fortuna, são justificáveis por Deus que não os deixa jamais impunes. Cruelmente os expiei sobre a Terra; caí no último degrau da miséria, do aviltamento e do desprezo, eu que outrora brilhava e fazia invejosos e

ciumentos, e o castigo me perseguiu além do túmulo. Eu não matei como um vil assassino; não roubei, porque a minha altivez de gentil-homem se revoltava somente ao pensamento de ser confundido com os criminosos; e, no entanto, eu matei, em salvaguarda da honra, segundo o mundo; levei a ruína, a vergonha e o desespero às famílias, e me chamavam o feliz, o homem de boas fortunas! Quantas vítimas gritam vingança ao meu redor! Oh! levarei por muito tempo o fardo de meus crimes! Orai por mim, porque sofro ao sentir minha alma se cansar!

Obrigado, obrigado, caro irmão; quero te dar o nome que tu me dás; agradeço-te por tuas lágrimas, porque elas me aliviaram; agradeço-te pela prece, porque ela atraiu junto a mim Espíritos cheios de glória, que me dizem: Espera, tu que foste tão culpado; espera na misericórdia de Deus, que perdoa a todos os seus filhos que se arrependem. Persevera nas boas resoluções, e serás mais forte para suportar teus sofrimentos.

Obrigado a ti que me tiraste do nevoeiro que me envolvia; que eu possa te provar um dia que o reconhecimento de teu irmão é para a eternidade!

III. O remorso me persegue; sofro muito, mas compreendo a necessidade de sofrer; compreendo que a impureza não pode se tornar pura senão depois de ser transformada ao contato do fogo.

Os bons Espíritos me dizem para esperar, e eu espero; para orar, e eu orei; mas tenho necessidade de um amigo que me estenda a mão para me sustentar e me impedir de sucumbir sob meu fardo que é muito pesado. Sé para mim esse irmão caridoso, esse amigo devotado. Escutarei os teus conselhos; orarei contigo; eu me prosternarei contigo aos pés do Eterno.

Quantas vezes vi minha espada tinta do sangue de um de meus irmãos! Fui implacável em minhas vinganças, e quando o aguilhão da carne, a vaidade, o desejo de me impor sobre meus rivais, me exaltavam, a todo preço me era necessária a vitória. Triste vitória! Sujar-se pelas mais baixas paixões. Fui cruel quando meu orgulho era excitado; sim, fui um grande culpado, mas quero me tornar um filho do Senhor, eis porque venho a ti dizer-te: Sé meu irmão para me ajudar a me purificar. Irmão! oremos juntos.

IV. Obrigado, obrigado, irmão; estou sob a impressão das palavras que acabas de pronunciar. Estou mais forte; vejo o objetivo, e sem procurar medir a distância que dele me separa, digo a mim mesmo: Eu chegarei, porque o quero e tenho confiança nos bons Espíritos que me dizem para esperar. Sobre a Terra, jamais duvidei do sucesso quando fazia o mal; como poderia duvidar, hoje que quero fazer o bem?

Obrigado, irmão, pela tua caridade, tuas boas preces, teus ensinamentos, porque neles hauro minha força e sinto crescer o meu arrependimento. Se o arrependimento dobra o sofrimento, sei que esse sofrimento não durará senão um tempo, e que a felicidade me espera depois da depuração. Quero, pois, sofrer, sofrer muito para merecer ser feliz mais depressa, desta felicidade que gozam estes Espíritos radiantes que vejo perto de ti.

Desejo vos rever logo, porque vejo que tens um outro Espírito sofredor para consolar, para fortificar em seu arrependimento. Pensa em mim, e durante a prece da noite eu estarei junto de ti.

Considerações gerais.

É evidente que esse Espírito está num bom caminho; há nele um combate de bom augúrio, porque não pede senão para ser esclarecido.

Suas idéias, no entanto, se ressentem ainda de certos preconceitos. Como muitas pessoas que crêem nisso encontrar uma desculpa, ele tudo liga à sociedade. Mas o que é que torna a sociedade má, senão as pessoas viciadas? A sociedade deixa, sem dúvida, muito a desejar sob o aspecto das instituições, mas se ali se encontram pessoas honestas e que cumprem seu dever, todos poderiam fazer o mesmo, porque ela não constrange ninguém a fazer o mal. Foi a sociedade que obrigou Louis-Henri a abandonar essa mulher e seu filho? Se não reconheceu aquela, porque perdeu-a de vista sem se preocupar com a sua existência? Foram os preconceitos sociais que o impediram de dar seu nome a essa mulher? Não, porque não tinha senão suas paixões por móvel. Era a instrução que lhe faltava? Não, uma vez que pertencia à classe elevada. Portanto, não é a sociedade que é culpada para com ele; ela nada lhe recusou, uma vez que era um dos favorecidos em todas as coisas. Foi, pois, ele o culpado para com a sociedade, porque agiu livremente, voluntariamente, e com conhecimento de causa. Quem lançou seu filho no caminho dos excessos? O acaso? Não: a Providência, a fim de que o remorso que deveria mais tarde ser-lhe a conseqüência servisse para o seu adiantamento.

A verdadeira praga da sociedade, a causa primeira de todas as desordens, é a incredulidade. A negação do princípio espiritual, a crença no nada depois da morte, as idéias materialistas, em uma palavra, altamente preconizadas por homens influentes, se infiltram na juventude que as suga, por assim dizer, com o leite. O homem que não crê senão no presente quer gozar a todo preço, e é conseqüente consigo mesmo, uma vez que não espera nada além do túmulo; ele não espera nada e, conseqüentemente, não crê em nada. Se Louis-Henri tivesse tido fé em sua alma e no futuro, teria compreendido que a vida corpórea é fugidia e precária, e não teria dela feito seu objetivo único; sabendo que nada do que aqui se adquire está perdido, teria se preocupado com o seu futuro, ao passo que agiu como alguém que come o seu capital e joga seu vale-tudo.

Quantas desordens, quantas misérias, quantos crimes tiveram sua fonte nessa maneira de encarar a vida! Quais são os primeiros culpados! Aqueles que o erigem em dogma, em crença, zombando e tratando de loucos aqueles que crêem que nem tudo está na matéria e no mundo visível. Louis-Henri não foi bastante forte para resistir a essa corrente de idéias; ele sucumbiu, vítima de suas paixões que encontravam uma justificativa no materialismo, ao passo que uma fé sólida e raciocinada ter-lhe-ia posto um freio mais poderoso do que todas as leis repressivas que podem atingir todas as más ações. O Espiritismo dá essa fé, e é por isso que opera tão numerosas transformações morais.

As três últimas comunicações confirmam a primeira obtida por um outro médium; evidentemente é o mesmo fundo de pensamento. Nelas se nota o progresso que se operou nesse Espírito e nelas podemos haurir mais de um ensinamento.

Na primeira, em tudo fazendo confissão de suas faltas, não há ainda o arrependimento sério nem resolução tomada; lamenta-se quase por ter sido evocado.

Na segunda, ele disse: "Quanto sofro depois que fui evocado pelo vosso presidente!" Estas palavras justificariam o dizer de certas pessoas que pretendem que se perturba o repouso dos mortos evocando-os? Não, seguramente, primeiro porque não vêm senão quando isso lhes convém; em segundo lugar, a maioria testemunha a sua satisfação em serem chamados, quando o são por um sentimento de simpatia e benevolência. Somente certos culpados vêm com repugnância, e, nesse caso, eles não são ali estrangidos pelo evocador, mas por Espíritos superiores, tendo em vista seu adiantamento. Sua repugnância é a do criminoso que se conduz diante de um tribunal. Tendo a evocação dos Espíritos culpados, por objetivo e por resultado, a sua melhoria, a contrariedade momentânea que ela lhes causa é sua vantagem, uma vez que excitando-os ao arrependimento, abreviam os sofrimentos que suportam no mundo dos Espíritos. Seria, pois, mais caridoso deixados estagnar na abjeção em que se encontram do que dela tirá-los? O sofrimento que disso

resulta é aquele do médico que faz suportar seu doente para curá-lo. Tirei da lama um homem embrutecido, ele se lamentará; ocorre o mesmo com os Espíritos.

Encontra-se nas comunicações desse Espírito um pensamento análogo ao que exprimia Latour sobre o sofrimento que o arrependimento causa. Explicamos a causa desse sofrimento (número de novembro de 1864, página336); é o mesmo que fez este dizer: "Sofro desde que fui evocado," e "o remorso me persegue; sofro muito." É, pois, o remorso que o faz sofrer, mas é esse remorso que deve salvá-lo, e foi a evocação que o provocou. Mas ele acrescenta estas palavras notáveis: "Compreendo a necessidade de sofrer; compreendo que a impureza não pode se tornar pura senão depois de ser transformada ao contato do fogo." E mais adiante: "Se o arrependimento dobra o sofrimento, sei que esse sofrimento não durará senão um tempo, e que a felicidade me espera depois da depuração." Esta certeza lhe faz dizer: "Quero sofrer, sofrer muito, para merecer ser mais depressa feliz." É preciso, pois, admirar-se, depois disso, que um Espírito escolhesse provas terríveis numa nova existência? Não está no caso de um doente que se resigna a uma operação dolorosa para ficar bom? ou naquele de um homem que se expõe a todos os perigos, que suporta todas as misérias, todas as fadigas e todas as privações, tendo em vista adquirir a fortuna ou a glória? Não há, pois, nada de irracional no princípio da livre escolha das provas da vida. A condição, para disso aproveitar, é não recuar; ora, é recuar quem não as suportar com coragem e resignação.

Qual será a sorte de Louis-Henri numa nova existência? Como expiou cruelmente suas faltas em sua última existência; que no estado de espírito seu arrependimento é sincero e suas boas resoluções sérias, é provável que será posto de modo a reparar os seus erros, fazendo o bem; mas como pagou sua dívida de sofrimentos corpóreos, não terá mais que passar pelas mesmas vicissitudes.

É o que lhe desejamos, em vista do que oramos por ele.

NECROLOGIA.

MORTE DO SR. BRUNEAU.

A Sociedade Espírita de Paris acaba de perder um de seus membros na pessoa do Sr. Bruneau, falecido em 13 de novembro de 1864, com a idade de setenta anos, e do qual o *Opinion nationale* anuncia a morte nestes termos:

"A morte bate golpes redobrados sobre os membros sobreviventes da missão são-simoniana no Egito. Depois de Infantin, depois de Lambert Bey, temos a deplorar hoje a perda do Sr. Bruneau, antigo coronel de artilharia, que fundou no Egito a escola de cavalaria, ao passo que Lambert Bey, seu genro, organizou uma escola politécnica. O Sr. Bruneau morreu como homem livre, cheio de esperança no progresso físico, intelectual e moral, cheio de fé nas doutrinas religiosas e sociais da juventude."

O Sr. Bruneau, antigo aluno da Escola Politécnica, era membro da Sociedade Espírita de Paris, há vários anos. Ignoramos que fé tinha no futuro das doutrinas religiosas e sociais de sua juventude, mas sabemos que tinha uma confiança absoluta no futuro do Espiritismo, do qual era um adepto fervoroso e esclarecido. Havia haurido uma fé inabalável na vida futura e nas reformas humanitárias que dela serão a consequência. Acrescentamos que seus colegas tinham podido apreciar as suas excelentes qualidades, a sua extrema modéstia, sua doçura, sua benevolência e sua caridade. Comunicou-se na Sociedade poucos dias depois de sua morte, e deu a prova da elevação de seu Espírito, pela justeza e profundidade de suas apreciações. Para ele o mundo invisível não teve nenhuma surpresa, porque o compreendia antecipadamente; também veio nos confirmar tudo o que a Doutrina nos ensina a este respeito. Ele reencontrou com alegria seus parentes,

seus amigos e seus colegas que o precederam e que o esperaram em sua chegada entre eles.

A Sociedade Espírita de Paris foi representada nos funerais do Sr. Bruneau por uma delegação de vinte membros. Teríamos feito um dever exprimir, nessa circunstância, os sentimentos da Sociedade, mas sabíamos que a família não era simpática às nossas idéias e tivemos que nos abster de toda manifestação. O Espiritismo não se impõe; ele quer ser livremente aceito; é por isso que ele respeita todas as crenças, e, por espírito de tolerância e de caridade, evita o que pode melindrar as opiniões contrárias às suas.

De resto, o justo tributo de elogios e de lamentos que não pode lhe ser pago ostensivamente, diante de um público indiferente ou hostil, o foi com muito mais recolhimento no seio da Sociedade. Na sessão que seguiu seus funerais, uma alocução foi pronunciada, e todos os seus colegas se uniram de coração às preces que foram ditas em sua intenção.

Na sessão da Sociedade consagrada à memória do Sr. Bruneau, o Sr. Allan Kardec pronunciou a alocução seguinte:

Senhores e caros Irmãos espíritas,

Um de nossos colegas acaba de deixar a Terra para reentrar no mundo dos Espíritos. Consagrando-lhe especialmente esta sessão, cumprimos para com ele um dever de confraternidade, ao qual cada um de nós, disto não duvido, se associará de coração e por uma santa comunhão de pensamentos.

O Sr. Bruneau fazia parte da Sociedade desde 1º de abril de 1862; membro da comissão, ele era, como o sabeis, muito assíduo às nossas sessões. Todos nós podemos apreciar a doçura de seu caráter, sua extrema benevolência, sua simplicidade e sua caridade. Não há um infortúnio mencionado à Sociedade em favor do qual não haja trazido a sua oferenda. Sua morte nos revelou nele uma outra qualidade eminente: a modéstia. Jamais exibiu títulos que o recomendava como homem de saber. Uma circunstância fortuita me havia informado que era antigo aluno da Escola Politécnica, mas ignorávamos todos que foi coronel de artilharia, e que havia cumprido uma missão superior no Egito, onde fundou uma escola de cavalaria, ao mesmo tempo que seu genro, Lambert Bey, ali fundou uma escola politécnica. Nós o conhecíamos como um Espírita sincero, devotado e esclarecido, e se ele se calava sobre seus títulos, não escondia as suas opiniões.

Essas circunstâncias, senhores, nos tornam sua memória ainda mais cara, e não duvidemos de que haja encontrado no mundo dos Espíritos uma posição digna de seu mérito.

O Sr. Bruneau havia sido um dos membros ativos da escola são-simoniana, o que os jornais que anunciaram sua morte tiveram o cuidado de fazer ressaltar, mas se guardaram bem de dizer que ele morreu na crença espírita.

Não temos a discutir aqui os princípios da escola são-simoniana; no entanto, o início do artigo do *Opinion nationale* nos leva involuntariamente a fazer uma comparação. Ali está dito: "A morte bate com golpes redobrados sobre os membros da missão são-simoniana no Egito; depois de Infantin, depois de Lambert Bey, temos a deplorar hoje a perda do Sr. Bruneau, etc." O são-simonismo, durante algum tempo, lançou um vivo clarão, seja pela estranheza de algumas de suas doutrinas, seja pelos homens eminentes que a ele se juntaram; mas sabe-se o quanto esse clarão foi passageiro. Porque, pois, uma existência tão efêmera, se estava de posse da verdade filosófica?

Às vezes, a verdade é lenta em se difundir; mas no momento em que ela começa a despontar, cresce sem cessar e não perece, porque a verdade é eterna, e ela é eterna porque emana de Deus; só o erro é perecível porque ele vem dos homens. O progresso é a lei da Humanidade; ora, a Humanidade não pode progredir senão à medida que ela descobre a verdade; uma vez feita a descoberta, ela é adquirida e inabalável. Que teoria poderia prevalecer hoje contra a lei do movimento dos astros, da formação da Terra e tantas outras? A filosofia não é variável senão porque é o produto de sistemas criados pelos

homens; ela não terá estabilidade senão quando tiver adquirido a precisão da verdade matemática. Se, pois, um sistema, uma teoria, uma doutrina qualquer, filosófica, religiosa ou social, caminha para o declínio, é a prova certa de que não está na verdade absoluta. Em todas as religiões, sem disso excetuar o Cristianismo, o elemento divino é imperecível; o elemento humano cai se não está em harmonia com a lei do progresso; mas como o progresso é incessante, disso resulta que, nas religiões, o elemento humano deve se modificar sob pena de perecer; só o elemento divino é invariável. Vede-o na lei mosaica: as tábuas do Sinai estão ainda de pé, tornando-se cada vez mais o código da Humanidade, ao passo que o resto teve o seu tempo.

A verdade absoluta, não podendo se estabelecer senão sobre as ruínas do erro, forçosamente, encontra antagonistas entre aqueles que, vivendo do erro, têm interesse em combater a verdade, e lhe fazem, por isso mesmo, uma guerra obstinada, mas ela conquista prontamente as simpatias das massas desinteressadas. Ocorreu assim com a doutrina são-sominiana? Não; como prática ela viveu; não sobrevive senão no estado de teoria simpática e de crença individual no pensamento de alguns de seus antigos adeptos; mas, assim como o constata o *Opinion nationale*, cada dia levando alguns de seus representantes, não está distante o tempo em que todos terão desaparecido, e então ela não viverá mais senão na história. De onde é preciso concluir que ela não possuía toda a verdade e não respondia a todas as aspirações.

Isto quer dizer que todas as seitas e todas as escolas que caem estejam no falso absoluto? Não; a maioria, ao contrário, entreviu um canto da verdade; mas a soma de verdades que elas possuem não sendo bastante grande para sustentar a luta contra o progresso, elas não se encontraram à altura das necessidades da Humanidade. Aliás, as seitas são, geralmente, bastante exclusivas, e, por isso mesmo, estacionárias; disso resulta que aquelas que puderam marcar uma etapa do progresso numa certa época, acabam por ser distanciadas e se extinguem pela força das coisas. No entanto, quaisquer que sejam os erros sobre os quais elas venham a sucumbir, sua passagem não foi inútil: elas revolveram as idéias, tiraram o homem do entorpecimento, levantaram questões novas que, melhor elaboradas e libertas do espírito de sistema e do exagero, recebem mais tarde a sua solução. Entre as idéias que elas semeiam, só as boas frutificam e renascem sob uma nova forma; o tempo, a experiência e a razão fazem justiça às outras.

O erro de quase todas as doutrinas sociais, apresentadas como a panacéia dos males da Humanidade, é de se apoiar exclusivamente sobre os interesses materiais. Disso resulta que a solidariedade que elas procuram estabelecer entre os homens é frágil como a vida corpórea; os laços de fraternidade, não tendo raízes no coração e na fé no futuro, se rompem ao menor choque do egoísmo.

O Espiritismo se apresenta em condições todas outras. Está ele na verdade? Nós o cremos, mas estamos melhor fundados do que os outros? Os motivos que nos levam a crê-lo são muito simples; eles ressaltam, ao mesmo tempo, da causa e dos efeitos. Como causa, tem por ele de não ser uma concepção humana, o produto de um sistema pessoal, o que é capital; não há um único de seus princípios, e quando digo um único, não faço nenhuma exceção, que não seja baseado sobre a observação dos fatos. *Se um único dos princípios do Espiritismo fosse o resultado de uma opinião individual, este seria o seu lado vulnerável.* Mas desde que ele não avança em nada que não seja sancionado pela experiência dos fatos, e que os fatos estão nas leis da Natureza, deve ser imutável como essas leis, porque por toda a parte e em todos os tempos encontrará sua sanção e sua confirmação, e, cedo ou tarde, é preciso que, diante dos fatos, todas as crenças se inclinem.

Como efeito, ele responde a todas as aspirações da alma; satisfaz, ao mesmo tempo, o espírito, a razão e o coração; enche o vazio que a dúvida deixa; dá uma base e uma razão de ser à solidariedade, pela ligação que estabelece entre o presente e o futuro; apresenta, enfim, sobre um fundamento sólido o princípio de igualdade, de liberdade e de fraternidade. Ele é assim o pivô sobre o qual se apoiam todas as reformas sociais sérias. Ele

mesmo se apoiando sobre os fatos e as leis da Natureza, sem mistura de teorias humanas, não arrisca de se afastar do elemento divino. Também oferece o espetáculo único na história de uma Doutrina que, em alguns anos, se implantou sobre todos os pontos do globo e cresce sem cessar; que liga todas as crenças religiosas, ao passo que as outras são exclusivas e ficam encerradas num círculo circunscrito de adeptos.

Tais são, em poucas palavras, as razões sobre as quais se apoia a nossa fé na verdade e na estabilidade do Espiritismo. Esperamos que nosso antigo colega e sempre irmão Bruneau consinta em nos dizer como encara a questão, hoje que pode considerar de um ponto de vista mais elevado.

Nota. A comunicação do Sr. Bruneau respondeu plenamente à nossa expectativa; ela se prende, assim como aquelas que foram obtidas nesta sessão, a um conjunto de questões que serão tratadas ulteriormente; é por isso que adiamos a sua publicação.

VARIEDADES *COMUNICAÇÃO EM SENTIDO OPOSTO.*

(Anvers, 1º de novembro de 1864.)

(Fim) .larutan iel ad medro an ol-ácolocrop larutanerbos e ocitsátnaf retárac odot omsitiripsE oa siarit euqrop é; oãçiefrep a: ovitejob omsem o somiugesrep son sotrom sosson e soviv sossov euq etnemlanif ,ziuj onarebos oa adatserp atnoc somet áj só.n lauq ad oãssim amu riugesrep ed sueD rop sodagerracne e oproc o amahc es euq ertserret oirótlavne ossov me siazerpsed rezid reuq, sodanracne sotirípse, sóV. sotirípsE sodot somos són euq selpmis otium oãsulcnoc

á acot es, amla ad edadilatromi ad odatatsnoc otaf olep, aroh; anirtuoD atse racrec á zarpa es es lauq od oirbmos sezev sã e osohlivaram oigítserp o riurtsed á oinícoicar selpmis olep agehc es, ortuo o mes mu ratiejer uo ritimda airebas oán es euq, soipícnirp siodsues ed odnitrap mE. amlA ad edadilatromi a e sueD mu ed aicnêtsixe a: sedadrev sednarg saud anisne sov omsitiripsE O (oçemoC).

(Fim). edadiraC ed ota mud adahnpmoca ecerpt aob amu (sodassapser) arief-atrauq an e, otium zeugitaf sov oán: oãçadnemocer amitlú amu, ritrap ed setnA (oçemoC). .suedA

Demos acima uma curiosa amostra da escrita tiptológica inversa, da qual falamos no número de outubro último, página 309. Notar-se-á que não são apenas as palavras que são ditadas ao inverso, mas os parágrafos inteiros; de sorte que é preciso começar pela última letra de cada parágrafo. Deixamos aos nossos leitores o cuidado da tradução.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS. *COMO E PORQUE ME TORNEI ESPÍRITA.*

Por J.-B. Borreau, de Niort (1).

(1) Broch. in-8º. Preço: 2 fr. - Niort, em todas as livrarias: Paris, Didier e Cia. 35, cais dos Augustins; Ledoyen, Palais-Royal.

O autor conta como foi levado a crer na existência dos Espíritos, em suas manifestações e em sua intervenção nas coisas deste mundo, e isto muito tempo antes que o Espiritismo fosse questão. A isso fui conduzido por uma série de acontecimentos, então que nisso não pensava de nenhum modo. Nas experiências que fazia com todo outro objetivo, o mundo dos Espíritos se lhe apresentou, por seu lado pior, é verdade, mas, enfim, se apresentou como parte ativa. O Sr. Borreau a encontrou sem o querer, absolutamente como os procuradores da pedra filosofal encontraram no fundo de suas retartas corpos

novos que não procuravam, e que enriqueceram a ciência, se não os enriqueceram eles mesmos.

O relato detalhado e circunstanciado do Sr. Borreau é, ao mesmo tempo, interessante, porque é verdadeiro, e muito instrutivo pelos ensinamentos que deles ressaltam para qualquer um, não se detendo na superfície das coisas, procura as deduções e as consequências que se podem tirar dos fatos.

O Sr. Borreau é um grande magnetizador; ele tinha podido constatar o poder do agente magnético, e a espantosa lucidez de certos sonâmbulos, que vêm à distância com tanta precisão quanto com os olhos, e cuja visão não se detém nem pela obscuridade nem pelos corpos opacos. Esses fenômenos foram para ele a prova palpável da existência, no homem, de um princípio inteligente independente da matéria. Seu desejo ardente era propagar essa ciência nova; mas, sem esperança de vencer a incredulidade, teve a idéia de tocar as imaginações por um fato estrondoso, diante do qual deveriam cair todas as negativas e dúvidas dos mais obstinados.

Uma vez que, disse para si mesmo, a visão dos sonâmbulos penetra tudo, ela pode penetrar as camadas terrestres. A descoberta ostensiva de algum tesouro escondido seria um fato patente, que não poderia deixar de fazer muito barulho, e impor silêncio aos zombadores, porque não se zomba diante dos tesouros.

É a história de suas tentativas que o Sr. Borreau conta em sua brochura, tentativas penosas, perigosas, que muitas vezes puderam fazê-lo crer no sucesso, e que, depois de vinte anos, não conduziram senão a decepções e a mistificações. Um dos episódios mais emocionantes é aquele da cena terrível que ocorreu, quando faziam escavações num campo da Vendée, durante uma noite escura, ao pé de pedras druídicas e no meio de sombrias giestas, no momento em que acreditava tocar o objetivo, a sonâmbula, no paroxismo do êxtase e da superexcitação, caiu inanimada, como atingida por um raio, não dando mais sinal de vida, e tendo a rigidez cadavérica. Julgaram-na morta, e deveu-se transportá-la, com muitas dificuldades, através de ravinas e de rochedos, numa noite escura. Não foi senão a várias léguas dali que ela começou a voltar a si, sem ter consciência do que se passara. Esse fracasso não desencorajou o perseverante pesquisador, apesar de uma multidão de outros incidentes, não menos dramáticos, que vieram sem cessar por obstáculos, como para adverti-lo da inutilidade e do perigo de suas tentativas.

Foi durante o curso de suas experiências que a existência dos Espíritos lhe foi revelada de maneira patente, seja pela sonâmbula, que os via e conversava com eles, seja por mais de cinquenta fatos de *escrita direta*, cujo original não podia ser duvidoso. Esses Espíritos se apresentaram, ora sob aspectos apavorantes, e provocavam na sonâmbula crises terríveis que toda a força magnética, do Sr. Borreau não podia chegar a acalmar, ora sob a aparência de Espíritos benevolentes que vinham encorajá-lo a prosseguir suas pesquisas, prometendo sempre o sucesso, mas do qual eles distanciavam a data. Persistir em tais condições, devemos dizê-lo, era jogar um jogo bem perigoso e incorrer em grave responsabilidade. Acrescentamos que os Espíritos prescreviam novenas, das quais o Sr. Borreau acabou por deixar, achando que isso se tornava muito caro, o que o levou a esta reflexão: que as preces ditas por si mesmo poderiam ser também eficazes e não custariam nada.

Hoje que o Espiritismo veio esclarecer todas estas questões, cada um dos parágrafos dessa brochura poderia dar lugar a um comentário instrutivo, mais dois números inteiros de nossa *Revista* não lhe bastariam. Um dia, talvez, empreenderemos esse trabalho; à espera disso, toda pessoa versada no conhecimento dos princípios do Espiritismo poderá, ela mesma, tirar as conclusões. Remetemos, para esse efeito, ao capítulo XXVI de *O Livro dos Médiuns*, e notadamente aos §§ 294 e 295, assim como às reflexões que acompanham o artigo sobre a sociedade alemã dos procuradores de tesouros, publicado na *Revista* de outubro de 1864.

O Sr. Borreau disse que seu único objetivo era vencer a incredulidade a respeito do magnetismo; no entanto, embora não haja triunfado, o magnetismo e o sonambulismo não deixaram de fazer o seu caminho; apesar da oposição sistemática de alguns sábios, os fenômenos dessa ordem hoje passaram ao estado de fatos, e aceitos pelas massas e por um grande número de médicos; as curas magnéticas são admitidas, mesmo no mundo oficial; algumas pessoas as contestam ainda por espírito de oposição, mas ninguém se ri mais delas; tanto é verdadeiro que o que é verdade deve cedo ou tarde triunfar.

O êxito das tentativas do Sr. Borreau não era, pois, necessário; ele não alcançou mesmo o objetivo que se propunha, porque um fato isolado não pode fazer lei, e não teriam faltado razões aos incrédulos para atribuí-lo a toda outra causa do que a verdadeira. Dizemos mais, é que o êxito teria sido deplorável para o magnetismo.

Um princípio novo não se acredita senão pela multiplicidade dos fatos; ora, a possibilidade para um de descobrir um tesouro implicaria essa possibilidade para todo o mundo; para melhor se convencer, cada um teria querido tentar. O que de mais natural! uma vez que se poderia enriquecer tão fácil e prontamente; os preguiçosos aí teriam encontrado sua conta, e os ladrões também, pois, por que a lucidez se deteria diante do direito de propriedade? A cupidez, já chegada ao estado de flagelo, não tinha necessidade de novo estimulante. A Providência não o quis; mas como o magnetismo é uma lei natural, ele triunfou pela força das coisas. Sua propagação deveu-se sobretudo ao seu poder curativo; por aí ele tem um objetivo humanitário, e não egoísta como o é necessariamente a atração do ganho. Os inumeráveis fatos de cura que se repetem sobre todos os pontos do globo fizeram mais para acreditá-lo do que não teriam podido fazer a descoberta do maior tesouro, ou mesmo as experiências mais curiosas, tendo em vista que todo o mundo pode sentir-lhes os benefícios, ao passo que não há tesouros para todo o mundo, e que a própria curiosidade se cansa. Jesus fez mais prosélitos curando os doentes do que pelo milagre das bodas de Cana. Ocorre assim com o Espiritismo; aqueles que ele traz a si pela consolação estão para aqueles que ele recruta pela curiosidade na proporção de 100 por 1.

Essas tentativas, embora infrutíferas do ponto de vista material, foram sem proveito para o Sr. Borreau? Eis o que ele mesmo diz a esse respeito:

"Todas essas reflexões tinham de tal modo entristecido meu Espírito, tão alegre de hábito, que me tornei, durante o resto da viagem, triste, sonhador e injusto ao ponto de lamentar por ter dado, em meu pensamento, acesso a essa idéia fixa que me tinha lançado em todas as tribulações desses caminhos desconhecidos. "Que ganhei com isso, me dizia com amargura? O conhecimento, é verdade, de um mundo que eu ignorava, e a possibilidade de se pôr em relação com os seres que o compõe. Mas, afinal de contas, esse mundo, assim como o nosso, deve ter os seus bons e os seus maus Espíritos. Quem me dá a segurança de que, apesar do interesse que parece nos trazer e todas as suas belas e benevolentes palavras, aquele que parece que se impôs a nós não tenha senão boas intenções, e o poder, assim como o disse, de nos conduzir ao brilhante sucesso que sonhei, e que, talvez, não me foi inspirado senão para me seduzir e induzir-me em erro?"

Não é, pois, nada que a constatação do mundo invisível, da coisa que interessa no mais alto grau ao futuro da Humanidade inteira, uma vez que toda a Humanidade ali chega? Não é um resultado imenso que a descoberta dessa chave de abóbada de todos os problemas contra os quais a filosofia se choca até este dia? Não é um favor insigne ter sido um dos primeiros chamados para esse conhecimento? Não é um grande serviço prestado à causa do magnetismo, involuntariamente é verdade, o de ter fornecido, às suas expensas, uma nova prova, entre mil outras, da impossibilidade de sucesso em semelhante caso, e de afastar aqueles que seriam tentados a fazer semelhantes tentativas e se iludir de esperanças quiméricas? Foi a esse resultado que chegaram as laboriosas pesquisas do Sr. Borreau; se não encontrou tesouros por essa via, encontrou-os mil vezes

mais preciosos por outra; porque aquele que tivesse encontrado na Terra, teria sido forçado a deixá-lo em sua partida, ao passo que ele levará consigo um tesouro imperecível. Acha-se ele satisfeito? Nós o ignoramos.

O que quer que seja, não podemos nos impedir de estabelecer uma aproximação entre esse fato e o velho da fábula, que disse aos seus três filhos, que um tesouro estava escondido no campo, que lhes deixava por herança, sobre o que dois dentre eles se vêm a escavar sua porção; mas, de tesouro, nada. O terceiro, mais sábio, trabalha a sua com cuidado, tão bem que ao cabo do ano ela produz mais; de onde a máxima: 'Trabalhai, esforçai-vos, o fundo é o que menos falta.' O Espírito fez como o velho, e, na nossa opinião, o Sr. Borreau encontrou o verdadeiro tesouro.

Nossa crítica não toca em nada a pessoa do Sr. Borreau, que conhecemos de longa data, e temos por digna de estima em todos os aspectos. Simplesmente quisemos mostrar a moralidade que ressalta de suas experiências em proveito da ciência e de cada um em particular. Desse ponto de vista, sua brochura é eminentemente instrutiva, ao mesmo tempo que interessante pelos fenômenos notáveis que ela constata; é porque a recomendamos aos nossos leitores.

O MUNDO MUSICAL

Jornal popular e internacional das belas artes e da literatura.

Tal é o título de um novo jornal que se publica em Bruxelles, no formato dos grandes jornais, sob a direção dos Srs. Malibrán e Roselli, nomes que são ao mesmo tempo um programa e uma recomendação para a especialidade dessa folha. Não é como órgão das artes que temos que apreciá-lo; sobre este ponto nós nos referimos aos mais competentes do que nós e que o julgam à altura de seu título. Com efeito, não poderia ser confundido com essas folhas levianas que, sob a bandeira da literatura, dão aos seus leitores mais de gracejos que de fundo, e, freqüentemente, mais de brancos que de texto. O *Mundo musical* é um jornal sério, onde todas as questões de seu programa são tratadas de modo substancial e por mãos hábeis. Esta consideração não é sem importância para nós.

Esse jornal é um primeiro passo da imprensa independente no caminho do Espiritismo. Sem se colocar como órgão e propagador da Doutrina, fez este raciocínio judicioso:

'Verdadeiro ou falso, o Espiritismo tomou lugar entre os fatos da atualidade, que preocupam a opinião. As tempestades que ele levanta num certo mundo provam que não é sem importância; a sua propagação, apesar dos ataques do clero, prova que não é um fogo de palha; já, pelo número de seus adeptos, torna-se uma força com a qual cedo ou tarde será preciso contar. Se for um erro, cairá por si mesmo; se é uma verdade, é inevitavelmente uma revolução nas idéias e nada poderia se lhe opor. Numa ou noutra dessas duas alternativas, devemos, a título de informação, ter nossos leitores ao corrente do estado da questão. Falar disso ou de outra coisa, vale mais, em nossa opinião, tratar este assunto do que expor uma crônica escandalosa de bastidores ou dos salões.

"Para colocar nossos leitores em condições de julgar com conhecimento de causa, tiraremos a maioria de nossas citações dos escritos que fazem fé entre os adeptos dessa doutrina; mas, como não devemos nem queremos forçar a opinião de ninguém, nem pró nem contra, admitiremos a controvérsia quando ela não se afastar dos limites de uma discussão conveniente e honesta. Mantendo-nos sob o terreno da imparcialidade, cada um fica livre em suas convicções. As opiniões favoráveis ou contrárias que pudessem ser formuladas em certos artigos devem ser consideradas como opiniões pessoais dos autores de ditos artigos, e que não empenham em nada a responsabilidade do jornal."

Tal é o resumo do programa que nos foi apresentado, e ao qual não podemos senão aplaudir. Seria de desejar que esse exemplo tivesse imitadores na imprensa; o que censuramos nesta, não é a discussão de nossos princípios, mas a crítica cega e sistematicamente malévolamente do que fala sem conhecer, e os desnatura de maneira pouco leal. Os

jornais que entrarem francamente nesse caminho, longe de nele perder, não poderão se não ganhar materialmente, porque os Espíritas formam hoje uma massa de leitores cada vez mais preponderante, e cuja simpatia naturalmente se dirigirá de seu lado.

Sob esse aspecto, o *Monde mus/ca* merece seus encorajamentos.

Nota. - O *Monde mus/ca* aparece todos os domingos, desde 1º de outubro de 1864. Preço da assinatura: 4 francos por ano para a Bélgica; 10 francos para a França. Pode-se assinar a partir do 1º de cada mês; em *Bruxelles*, no escritório do jornal, rua do Ecuyer, nº18; em *Paris*, na agência do jornal, rua de Bufaut, 9.

Uma sociedade foi formada para a exploração desse jornal, com o capital de 60.000 fr. dividido em 2.400 ações de 25 fr. cada uma.

Auto-de-fé de Barcelona.

Fotografia de um desenho feito sobre os lugares, representando a cerimônia do auto-de-fé dos livros espíritas em Barcelona, com extrato da ata escrita pela mão do Sr. Allan Kardec.

Preço: 1 franco 25 c., *isento* para a França e Argélia, porte e embalagem 1fr. 50 c.
Ao escritório da *Revista Espírita*.

COMUNICAÇÃO ESPÍRITA.

A propósito de *A Imitação do Evangelho*.
(Bordeaux, maio de 1864; grupo de Saint-Jean. - Médium, Sr. Rui.)

Um novo livro acaba de aparecer; é uma luz mais brilhante que vem clarear o vosso caminho. Há dezoito séculos eu vim, por ordem de meu Pai, trazer a palavra de Deus aos homens de vontade. Esta palavra foi esquecida pela maioria, e a incredulidade, o materialismo, vieram abafar o bom grão que eu tinha depositado sobre vossa Terra. Hoje, por ordem do *Eterno*, os bons Espíritos, seus mensageiros, vêm sobre todos os pontos do globo fazer ouvir a trombeta retumbante. Escutai suas vozes; são aquelas destinadas a vos mostrar o caminho que conduz aos pés do Pai celeste. Sede dóceis aos seus ensinamentos; os tempos preditos são chegados; todas as profecias serão cumpridas.

Pelos frutos se reconhece a árvore. Vede quais são os frutos do Espiritismo: casais, onde a discórdia havia substituído a harmonia, viu-se retornar à paz e à felicidade; os homens que sucumbiam sob o peso de suas aflições, despertados aos assentos melódicos das vozes de além-túmulo, compreenderam que caminhavam em falso caminho, e, ruborizados de suas fraquezas, arrependem-se, e pediram ao Senhor a força de suportar suas provas.

Provas e expiações, eis a condição do homem sobre a Terra. Expição do passado, provas para fortalecê-los contra a tentação, para desenvolver o Espírito pela atividade da luta, habituá-lo a dominar a matéria, e prepará-lo para os gozos puros que o esperam no mundo dos Espíritos.

Há várias moradas na casa de meu Pai, eu lhes disse há dezoito séculos. Estas palavras, o Espiritismo veio fazer compreendê-las. E vós, meus bem-amados, trabalhadores que suportais o ardor do dia, que credes ter a vos lamentar da injustiça da sorte, bendizei vossos sofrimentos; agradecei a Deus que vos dá os meios de quitar as dívidas do passado; orai, não dos lábios, mas do vosso coração melhorado, para vir tomar, na casa de meu Pai, a melhor morada; porque os grandes serão rebaixados; mas, vós o sabeis, os pequenos nos e os humildes serão elevados.

O ESPÍRITO DE VERDADE.

Nota. - Sabe-se que tomamos tanto menos a responsabilidade dos nomes quanto pertençam a seres mais elevados. Nós não garantimos mais essa assinatura do que muitas outras, nos limitando a entregar esta comunicação à apreciação de todo Espírita esclarecido. Diremos, no entanto, que não se pode nela desconhecer a elevação do pensamento, a nobreza e a simplicidade das expressões, a sobriedade da linguagem, a ausência de todo supérfluo. Se se a compara àquelas que estão reportadas em *A Imitação do Evangelho* (prefácio, e cap. III: *O Cristo consolador*), e que levam a mesma assinatura, embora obtidas por médiuns diferentes e em diferentes épocas, nota-se entre elas uma analogia evidente de tom, de estilo e de pensamentos que acusa uma fonte única. Por nós, dizemos que ela *pode ser de O Espírito de Verdade*, porque ela é digna dele; ao passo que delas vimos massas assinadas com este nome venerado, ou o de *Jesus*, cuja prolixidade, verborragia, vulgaridade, às vezes mesmo a trivialidade das idéias, traem a origem apócrifa aos olhos dos menos clarividentes. Somente uma *fascinação* completa pode explicar a cegueira daqueles que nisso se deixam prender, se não for também o orgulho de se crer infalível e o intérprete privilegiado dos puros Espíritos, orgulho sempre punido, cedo ou tarde, por decepções, mistificações ridículas e por infelicidades reais nesta vida. À vista desses nomes venerados, o primeiro sentimento do médium modesto é o da dúvida, porque não se crê digno de um tal favor.

SUBSCRIÇÃO EM FAVOR DOS INCENDIADOS DE LIMOGES.

Esta subscrição foi encerrada em 1^o de dezembro, assim como o anunciamos no último número da Revista. O montante se elevou a 255 francos.

Faremos notar que, em razão das férias da Sociedade, no momento do desastre, a subscrição não pôde ser aberta senão na reentrada, e anunciada na Revista do mês de outubro. Nessa época, cada um já tinha se apressado em derramar sua oferenda aos diferentes centros de subscrição, o que explica a modicidade da cifra obtida, que, para a subscrição rua nessa, se elevou a 2.833 fr. A quase totalidade dos subscritores tendo se guardado no anonimato, não publicamos a lista nominativa. Mencionaremos, no entanto, a que está inscrita por 50 fr. sob o título de *Produto da jornada de um fotógrafo de província*, com recomendação de calar mesmo o nome da cidade. A subscrição será dada em nome da *Sociedade Espírita de Paris*.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

COLETÂNEA FRANCESA

CONTENDO

Os fatos de manifestação dos Espíritos, assim como todas as notícias relativas ao Espiritismo. - O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do mundo invisível, sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e seu futuro. - A história do Espiritismo na antigüidade; suas relações com o magnetismo e o sonambulismo; a explicação das lendas e crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc.

PUBLICADA SOB A DIREÇÃO DE

ALLAN KARDEC

Todo efeito tem uma causa.

Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.

O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.

OITAVO ANO- 1865

INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPÍRITA

Av. Otto Barreto, 1067 - Caixa Postal 110

Fone: (19) 541-0077 - Fax: (19) 541-0966

CEP 13.602.970 - Araras - Estado de São Paulo - Brasil

Título original em francês:

REVUESPIRITE

JOURNAL D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES

Tradução: SALVADOR GENTILE

Revisão: ELIAS BARBOSA

1ª edição - 1.000 exemplares - 1996

© 1996, Instituto de Difusão Espírita

ÍNDICE GERAL DAS MATÉRIAS

DO OITAVO VOLUME

ANO

JANEIRO

Aos assinantes da *Revista Espírita*

Golpe de vista sobre o Espiritismo em 1864

Nova cura de uma jovem obsidiada de Marrnande

Evocação de um surdo-mudo encarnado

Variedades - O Perispírito descrito em 1805

Um novo ovo de Saumur

Notícias Bibliográficas -A Pluralidade das existências da Alma por Pezzani

O Médiun evangélico, jornal espírita de Toulouse

Instruções dos Espíritos - Sociedade Espírita de Anvers

FEVEREIRO

Da apreensão da morte

Da perpetuidade do Espiritismo

Os Espíritos instrutores da infância - Criança afetada de mutismo

Mediunidade da infância

Perguntas e Problemas - As obras-primas por via medianímica

O Ramanenjiana

Poesia Espírita - Inspiração de um ex-incrédulo a propósito de *O Livro dos Espíritos*

Discurso de Victor Hugo sobre o túmulo de uma jovem

Notícias bibliográficas - A Luz, jornal espírita de Bologna (Itália)

O mundo musical

MARÇO

Onde está o céu?

Necrologia - Senhora viúva Foulon

O doutor Demeure

Processo Hillaire

Notícias Bibliográficas - Um anjo do céu sobre a Terra

ABRIL

Destruição dos seres vivos uns pelos outros

Um sermão sobre o progresso :

Extrato do Jornal de Saint-Jean d'Angély

Correspondência de além-túmulo

Poder curativo do magnetismo espiritual - Espírito do doutor Demeure

Conversas familiares de além-túmulo - Pierre Legay, dito Grande-Pierrot

Manifestações espontâneas de Marseille

Poesias espíritas - Marie-Caroline Quillet

Enterro espírita

Notícias Bibliográficas - Desordem do Império de Satã

- O eco de além-túmulo, jornal espírita de Marseille

-Acordo da fé e da razão

MAIO

Perguntas e Problemas - Manifestação do espírito dos animais

Considerações sobre os ruídos de Poitiers Tiradas do Jornal de La Vienne

Conversas de além-túmulo - O doutor Vignal

Correspondência Cartas do SrSalgues, d'Angers

Manifestações diversas Curas, chuvas de amêndoas Carta do Sr Delanne

Variedades - O tabaco e a loucura

Dissertações espíritas -As idéias preconcebidas

-Deus não se vinga

-A verdade

-Estudo sobre a mediunidade

-Progresso intelectual

-Da seriedade nas reuniões

-Imigração dos Espíritos superiores para a Terra

-Sobre as criações fluídicas

JUNHO

Relatório da caixa do Espiritismo, feito à Sociedade espírita de Paris

O Espiritismo no alto e no baixo da escala

Os Espíritos na Espanha Cura de um obsidiado em Barcelona

Os dois espiões

Nova tática dos adversários do Espiritismo

Variedades - Carta de Dante ao Sr Thiers

JULHO

Ária e palavras do Rei Henri III

Gontran, vencedor nas corridas de Chantilly

Teoria dos sonhos

Perguntas e Problemas: Cura moral dos encarnados

Sobre a morte dos Espíritos

Estudos Morais: A comuna de Koenigsfeld, o mundo futuro em miniatura

Variedades - Manifestações diversas espontâneas

Dissertações espíritas - O cardeal Wiseman

Notícias Bibliográficas - O que é o Espiritismo? (Nova edição)

-O Céu e o Inferno

- Vida de Germaine Cousin

- A União espírita borda-lesa

- Ária e palavras pelo rei Henri III

AGOSTO

O que o Espiritismo ensina

O Abade Dégenettes, médium

Manifestações de Fives, perto de Lille

Problema Psicológico Dois irmãos idiotas

Variedades - Epitáfio de Benjamin Franklin

Noticias Bibliográficas - Manual de Xéfolius

Dissertações espíritas - A Chave do céu

-A Fé

SETEMBRO

Da mediunidade curadora

Cura de uma fratura pela magnetização espiritual

Alucinação nos animais nos sintomas da raiva

Uma explicação a propósito da revelação do Sr Bach

Um egoísta - Estudo espírita moral

Notícias Bibliográficas - *O Céu e o Inferno*

Conversas familiares sobre o Espiritismo, pela senhora ECollignon'

OUTUBRO

Novos estudos sobre os espelhos mágicos ou físicos

Partida de um adversário do Espiritismo para o mundo dos Espíritos

Os irmãos Davenport

Exéquias de um Espírita (Sr Nant)

Variedades - Vossos filhos e vossas filhas profetizarão

NOVEMBRO

A Sociedade espírita de Paris dos Espíritos da França e do estrangeiro

Alocução na retomada das sessões da Sociedade de Paris

Da crítica a propósito dos irmãos Davenport (2º artigo)

Poesia espírita - *Um fenômeno*, fábula, por C. Dombre

O Espiritismo no Brasil - Extrato do *Diário da Bahia*

O Espiritismo e o Cólera

Um novo Nabucodonosor

O patriarca José e o vidente de Zimmerwald

Dissertações espíritas - O repouso eterno

Notícias Bibliográficas - *O Evangelho segundo o Espiritismo* (3ª edição)

La Gazette du Midi diante do Espiritismo

DEZEMBRO

Abri-me Pedido de Càrita - Subscrição de Lyon-Cólera

Os romances espíritas - *Espírita*, por Theophile Gautier - *A Dupla vista*, por ÉlieBerthet

Modo de protesto de um Espírita contra os ataques de certos jornais

Como o Espiritismo vem sem que se o procure Jovem camponesa, médium inconsciente

Um camponês filósofo

Espíritos de dois sábios incrédulos aos seus antigos amigos da Terra

Dissertações espíritas - Estado social da mulher

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

8º ANO

NO. 1

JANEIRO 1865

AOS ASSINANTES DA REVISTA ESPIRITA.

A *Revista Espírita* começa seu oitavo ano; já é uma façanha muito grande tratando-se de uma idéia nova, ao mesmo tempo que um desmentido dado àqueles que prediziam a morte prematura do Espiritismo. Como nos anos precedentes, a época da renovação das assinaturas é, para a maioria dos leitores que se dirigem diretamente a nós, a ocasião de reiterar a expressão de seu reconhecimento pelos benefícios da Doutrina. Não podendo responder a cada um em particular, nós lhes pedimos aceitar aqui nossos agradecimentos sinceros pelos testemunhos de simpatia que consentiram em nos dar nesta circunstância. Se a Doutrina faz o bem, se dá consolação aos aflitos, se fortalece os fracos e levanta as coragens abatidas, primeiro é a Deus que é preciso agradecer, por isso antes que ao seu servidor, depois aos grandes Espíritos, que são os verdadeiros iniciadores da idéia e os diretores do movimento. Com isto não somos menos profundamente tocados com os votos que nos são dirigidos, para que a força de ir até o fim de nossa tarefa nos seja conservada; é o que nos esforçamos por merecer pelo nosso zelo e nosso devotamento, que não falharão, a fim de entregar a obra tão avançada quanto possível às mãos daquele que deve nos substituir um dia, e aperfeiçoar com um maior poder o que restará inacabado.

GOLPE DE VISTA SOBRE O ESPIRITISMO EM 1864.

O Espiritismo progrediu ou diminuiu? Esta questão interessa, ao mesmo tempo, aos seus partidários e aos seus adversários. Os primeiros afirmam que ele aumenta, os outros que declina. Quais deles se iludem? Nem uns nem os outros; porque aqueles que proclamam a sua decadência sabem muito bem em que se pegar para isso, e o provam a cada instante pelos temores que manifestam e a importância que lhe concedem. Alguns, no entanto, são de boa-fé; têm neles uma tal confiança que, porque deram um grande golpe no ar, se dizem seriamente: Ele está morto! ou melhor: Ele deve estar morto!

Os Espíritas se apoiam sobre os dados mais positivos, sobre os fatos que foram capazes de constatar. Por nossa posição, podemos melhor ainda julgar do movimento do conjunto, e somos felizes as afirmar que a Doutrina ganha incessantemente terreno em todas as classes da sociedade, e que o ano de 1864 não foi menos fecundo que os outros em bons resultados. À falta de outros indícios, nossa Revista já seria uma prova material do estado da opinião com relação às idéias novas. Um jornal especial que está em seu oitavo ano de existência, e que vê todos os anos o número de seus assinantes crescer numa notável proporção; que desde a sua fundação viu três vezes se esgotarem as coleções dos anos anteriores, não prova a decadência da Doutrina que ele sustenta, nem a indiferença de seus adeptos. Até o mês de dezembro, recebeu novas assinaturas para o

ano expirado, e o número daqueles inscritos em 1º de janeiro de 1865 já era de um quinto mais considerável do que não o era na mesma época do ano precedente.

Está aí um fato material que, sem dúvida, não é concludente para os estranhos, mas que para nós é tanto mais significativo quanto não solicitamos as assinaturas de ninguém, e não as impomos como condição em nenhuma circunstância; não há, pois, *ninguém*, quem seja a isso forçado, ou o preço de uma condescendência particular. Além disso, não bajulamos ninguém para obter adesões à nossa causa; deixamos as coisas seguirem o seu curso natural; dizendo-nos que se nossa maneira de ver e de fazer não é boa, nada poderia fazê-la prevalecer. Sabemos muito bem que, na falta de ter incensado certos indivíduos, nós os distanciamos de nós e que se voltaram do lado em que vinha o incenso; mas que nos importa! Para nós, as pessoas sérias são as mais úteis à causa, e nós não

consideramos como sérios aqueles que não se atraem senão pela sedução do amor-próprio, e mais de um o provou. Não queremos a sua adesão: lamentamos por eles terem dado mais importância à fumaça das palavras do que à sinceridade. Temos a consciência de que, em toda a nossa vida, jamais devemos à adulação nem à intriga; é por isso que acumulamos grande coisa, e não seria com o Espiritismo que teríamos começado.

Louvamos com alegria os fatos realizados, os serviços prestados, mas jamais, por antecipação, os serviços que se podem prestar, ou mesmo que se prometem prestar: por princípio, primeiro, em seguida porque não temos senão uma medíocre confiança sobre o valor real dos impulsos tirados do orgulho; é por isso que dele jamais tiramos. Quando deixamos de aprovar, não censuramos, guardamos o silêncio, a menos que o interesse da causa nos force a rompê-lo.

Aqueles, que vêm a nós aqui vêm livremente, voluntariamente, atraídos unicamente pela idéia que mais lhes convém, e não por uma solicitação qualquer, ou por nosso mérito pessoal, que é questão secundária, tendo em vista que, qualquer que possa ser esse mérito, não poderia dar valor a uma idéia que não tivesse valor. É por isso que dizemos que os testemunhos que recebemos se dirigem à idéia, e não à pessoa; haveria tola presunção de nossa parte em tirar disso vaidade. O ponto de vista da Doutrina, esses testemunhos nos vêm, pela maioria, de pessoa que jamais vimos, a quem freqüentemente jamais escrevemos, e a quem, certamente, jamais escrevemos primeiro. A idéia de captação ou de associação estando assim descartada, eis porque dizemos que a situação da *Revista* tem um significado particular, como indício do progresso do Espiritismo e foi só por isso que dele falamos.

Além disso, o ano viu nascerem vários órgãos da idéia: o *Sauveur des peuples*, a *Lumière*, a *Voix d'outre-tombe*, em Bordeaux; o *Avenir*, em Paris; o *Médium évangélique*, em Toulouse; em Bruxelles, o *Monde musical* que, sem ser um jornal especial, trata a questão do Espiritismo de maneira séria. Seguramente, se os fundadores dessas publicações tivessem acreditado a idéia em declínio, não teriam se aventurado a semelhantes empreendimentos.

O progresso, em 1864, é ainda marcado pelo crescimento do número dos grupos e sociedades espíritas que se formaram numa multidão de localidades onde elas não existiam, tanto no estrangeiro quanto na França. A cada instante, recebemos o aviso da criação de um novo centro. Esse número é ainda bem maior do que parece, pela multidão das reuniões íntimas e de família, que não têm nenhum caráter oficial. É contra essas reuniões que todos os rigores de uma oposição sistemática são impotentes, fosse mesmo ela inquisitorial, como na Espanha, onde, no entanto, elas existem em mais de trinta cidades, e nas casas dos personagens da mais alta classe.

Ao lado desses índices materiais, há aquele que se revela pelas relações sociais. É raro encontrar hoje pessoas que não conhecem o Espiritismo, ao menos de nome, e, quase por toda a parte, encontram-se os que lhe são simpáticos. Aqueles mesmos que

não crêem dele falam com mais reserva, e cada um pôde constatar o quanto o espírito zombeteiro diminuiu; ele geralmente dá lugar a uma discussão mais raciocinada. Salvo alguns ditos espirituosos da imprensa e alguns sermões mais ou menos acerbos, os ataques violentos e apaixonados, incontestavelmente, são mais raros. É que os próprios negadores, mesmo repelindo a idéia, sofrem com seu desconhecimento, seu ascendente, e começam a compreender que ela conquistou o seu lugar na opinião; a maioria, aliás, encontra adeptos em suas fileiras e entre seus amigos que podem pilheriar na intimidade, mas que não ousam zombar publicamente. De resto, cada um notou sob quantas formas a maioria das idéias espíritas são hoje reproduzidas na literatura, de maneira séria, sem que a palavra seja pronunciada. Jamais se viram tantas produções desse gênero do que nestes últimos tempos. Que isso seja convicção ou fantasia da maioria dos escritores, não é menos um sinal da vulgarização da idéia, porque se é explorada é com o pensamento de que ela encontrará eco.

O progresso, no entanto, está longe de ser uniforme. Em certas localidades ela está contida pelos preconceitos ou por uma força oculta, mas, freqüentemente, ela vem à luz no momento em que menos se o espera. É que, em muitos lugares, há mais partidários do que se crê, mas que não se colocam em evidência; disso se tem a prova pela venda das obras, que já ultrapassa em muito o número dos Espíritas conhecidos. Então, basta uma pessoa que tenha a coragem de sua opinião, para que o progresso, de latente, se torne ostensivo. Deveu ser assim em Paris, permanecido tanto tempo a-trás de algumas cidades da província. Há dois anos, mas há um ano sobretudo, o Espiritismo ali se desenvolveu com uma rapidez surpreendente. Hoje os grupos declarados são numerosos, e as reuniões privadas inumeráveis. Certamente, não há exagero em avaliar o número dos adeptos em cem mil, desde o alto até o baixo da escala.

Em resumo, o progresso durante o ano que acaba de se escoar, foi incontestável, considerando-se o conjunto e não as localidades isoladamente; embora não se tenha manifestado por nenhum sinal estrondoso, nem nenhum acontecimento excepcional, é evidente que a idéia se infiltra cada dia mais e mais no espírito das massas, e dela não há senão mais força. Disso não seria preciso concluir, no entanto, que o período de luta tenha terminado; não, nossos adversários não se dão tão facilmente por vencidos. Eles dirigem novas baterias no silêncio, e é por isso que é preciso se manter em guarda. Disso diremos algumas palavras num próximo artigo.

NOVA CURA DE UMA JOVEM OBSIDIADA DE MARMANDE.

O Sr. Dombre nos transmite o relato seguinte de uma nova cura das mais notáveis, obtida pelo círculo espírita de Marmande. Apesar de sua extensão, acreditamos dever publicá-la em uma única vez, em razão do alto interesse que apresenta e para que melhor se possa apreciar o encadeamento dos fatos. Pensamos que nossos leitores com isso não se descontentarão. Não suprimimos qualquer detalhe que nos pareceu de uma importância capital. Os ensinamentos que dela decorrem são numerosos e sérios, e lançam uma luz nova sobre essa questão de atualidade e esses fenômenos que tendem a se multiplicar. Tendo em vista a extensão desse artigo, remetemos as considerações ao próximo número, a fim de dar-lhe os desenvolvimentos necessários.

Senhor Allan Kardec,

É com uma força nova e uma confiança em Deus corroborada pelos fatos, que me entusiasmo sem me espantarem, que venho vos fazer o relato de uma cura de obsessão, notável sob vários aspectos. Oh! muito cego quem não vê aí o dedo de Deus! Todos os princípios da sublime doutrina do Espiritismo ali se acham confirmados; a individualidade da alma, a intervenção dos Espíritos no mundo corpóreo, a expiação, o

castigo e a reencarnação são demonstrados de maneira chocante nos fatos com os quais vou vos entreter. Lamento, assim como já vos exprimi, estar obrigado a falar de mim, do papel que me aconteceu nesta circunstância, como instrumento do que Deus se dignou servir-se para ferir os homens. Deveria passar sob silêncio os fatos que têm relação comigo? Não o pensei. Estais encarregado de controlar, estudar, analisar os fatos e derramar a luz: os menores detalhes, pois, devem ser levados ao vosso conhecimento. Deus, que lê no fundo dos corações, sabe que uma vã satisfação de amor-próprio não foi o meu móvel; não ignoro, aliás, que aquele que, por privilégio é chamado a fazer algum bem, é logo reduzido à impotência, se desconhece um instante a intervenção divina: feliz mesmo se não for castigado!

Chego ao relato dos fatos.

Desde os primeiros dias de setembro de 1864, não eram motivo de questão, em certo quarteirão da cidade, as crises convulsivas experimentadas por uma jovem, Valentine Laurent, com a idade de treze anos. Essas crises, que se renovavam várias vezes por dia, eram de uma violência tal que cinco homens tomando-a pela cabeça, os braços e as pernas, tinham dificuldade para mantê-la em sua cama. Ela achava bastante força para agitá-los, e algumas vezes mesmo se libertar de seus constrangimentos. Então suas mãos se agarravam em tudo; as camisas, as roupas, os cobertores da cama eram prontamente dilacerados; seus dentes também desempenhavam um papel muito ativo em seus furores, dos quais temiam com razão as pessoas que a cercavam. Se não fosse mantida, ela quebraria a cabeça contra as paredes, e apesar de todos os esforços e as precauções, não se isentou de rasgões e de contusões.

Os recursos da arte não lhe faltaram; quatro médicos a viram sucessivamente; porções de éter, pílulas, medicamento de toda natureza, ela tomava tudo sem repugnância; as sanguessugas atrás da orelha, os vesicatórios nas coxas não lhe foram poupados, mas sem sucesso. Durante as crises, o pulso era perfeitamente regular; depois das crises, a menor lembrança de seus sofrimentos, de suas convulsões, mas muita admiração de ver a casa cheia de gente, e sua cama cercada de homens sem fôlego, dos quais alguns tinham a lamentar uma camisa ou um colete rasgado.

O cura de X.....paróquia situada a dois ou três quilômetros de

Marmande, gozava na região de uma celebridade nascente, entre um certo povo, como curador de todas as espécies de males, foi consultado pelo pai da jovem. O cura, sem se explicar sobre a natureza do mal, lhe deu *gratuitamente* um pouco de pó branco para fazer a doente tomar; ofereceu-lhe em seguida para dizer uma missa. Mas, ah! nem o pó nem a missa preservaram a jovem Valentine de catorze crises que ela teve no dia seguinte, o que jamais lhe tinha acontecido.

Tanto insucesso nos cuidados de todas as espécies, necessariamente, deveram fazer nascer no espírito do vulgo idéias supersticiosas. As comadres, com efeito, falaram altamente de malefício, de sortilégio lançado sobre a criança.

Durante esse tempo, consultamos no silêncio da intimidade nossos guias espirituais sobre a natureza dessa doença, e eis o que nos responderam:

"É uma obsessão das mais graves, cujo caráter mudará freqüentemente de fisionomia. Agi friamente, com calma; observai, estudai e chamai Germaine."

A esta primeira evocação, este Espírito prodigaliza as injúrias e mostra uma grande repugnância em responder às nossas interpelações. Nenhum de nós havia ainda entrado na casa da doente, e antes de intervir queríamos deixar a família esgotar todos os meios dos quais pudesse se inspirar em sua solicitude. Não foi senão quando a impotência da ciência e da Igreja foi constatada, que convidamos o pai desesperado a vir assistir à nossa reunião para conhecer a verdadeira causa do mal de sua criança, e o remédio

moral a lhe levar. Essa primeira sessão teve lugar em 16 de setembro de 1864. Antes da evocação de Germaine, nossos guias nos deram a instrução seguinte:

"Levai muito cuidado, muita observação e muito zelo. Tereis negócio com o Espírito mistificador que junta a astúcia, a habilidade hipócrita a um caráter muito mau. Não cesseis de estudar, de trabalhar na moralização desse Espírito e de orar para esse fim. Recomendai aos pais evitar, em presença da criança, a manifestação de qualquer medo por seu estado; eles devem, ao contrário, ocupar-se de suas ocupações ordinárias, e sobretudo evitar, a seu respeito, a precipitação. Que lhes digam muito, sobretudo, que não há feiticeiros: isto é muito importante. O cérebro jovem e flexível recebe as impressões com muita facilidade, e, com isso, seu moral poderia sofrer; que não se a deixe conversar com as pessoas suscetíveis de lhe contar histórias absurdas, que dão às crianças idéias falsas e, freqüentemente, perniciosas. Que os próprios pais se tranquilizem: a prece sincera é o único remédio que deve livrar a criança.

Nós vos dissemos, Espíritas, o Espírito de Germaine tem habilidade; ele arranjará sempre crenças ridículas, ruídos que circulam ao redor da jovem; procurará vos enganar. Tirai partido deste caso: a obsessão se apresentará sob fases novas. Tende-vos por advertidos; pensai que deveis trabalhar com perseverança, e seguir com inteligência os menores detalhes que vos colocarão sobre as marcas das manobras do Espírito. Não vos confieis na calma. Se as crises são os efeitos mais evidentes nas obsessões, são conseqüências de outro modo bem perigosas. Desconfiai-vos do idiotismo e da infantilidade de um obsidiado que, como neste caso, não sofre fisicamente. As obsessões são tanto mais perigosas quanto elas sejam mais ocultas; freqüentemente são puramente morais. Tal desarrazoa, tal outro perde a lembrança do que disse, do que fez. No entanto, não é preciso julgar muito precipitadamente e tudo atribuir à obsessão. Eu o repito, estudai, discerni, trabalhai seriamente; não espereis tudo de nós; nós vos ajudaremos, uma vez que trabalhamos juntos, mas não repouseis crendo que tudo vos será dispensado."

Evocação de Germaine. - R. Eis-me aqui. P. Tendes alguma coisa a nos dizer, em conseqüência de nossa última conversa? - R. Não, nada, senhores.

P. Sabeis que nos tratastes muito bruscamente? - R. Falais-me também bastante mal.

P. Nós vos demos conselhos; neles refletistes? - R. Sim, muito, eu vo-lo juro; minhas reflexões foram sábias; eu estava louca, nisto convenho; era do delírio, mas eis-me aqui calma.

P. Então! Quereis nos dizer por que torturais esta criança? - R. Inútil retornar sobre esse assunto, isto seria muito longo para contar. Eu imagino que não há aqui um tribunal; que não serei chamada com autoridade de me sentar sobre o banco, e responder ao questionário.

P. Não, de todo; estais completamente livre; é um interesse que temos por vós, assim como pela criança, que nos faz vos perguntar por qual motivo sério, ou por qual capricho vos entregais a esses ataques? - R. Capricho, dizeis? Ah! deveríeis desejá-lo que não fosse senão um capricho; porque, vós o sabeis, o capricho é variável e finito.

P. Estais realmente calma? - R. Vós o vedes. P. Sim, em aparência; mas não disfarçais vossos sentimentos? - R. Não venho vos estender armadilhas, não tenho necessidade disto.

P. Quereis nos afirmar diante dos Espíritos que nos cercam...?-R. Não coloquemos outras pessoas entre nós. Se temos alguma coisa a conversar ou a tratar, que isso seja de vós a mim; não gosto da intervenção de terceiros.

P. Então! nós vos cremos de boa fé, e... - R. É por isso que deveríeis vos contentar com esta garantia. De resto eu vos obrigaria a crer-me se nisso pusésseis resistência; as provas não me faltarão para vos convencer de minha sinceridade.

GERMAINE.

Ao nome de *Germaine* o pai da obsidiada exclama, estupefato: *Oh! é má pessoal e se retirando, repetiu freqüentemente: É má pessoa!*

(Isto será explicado mais tarde.)

No dia seguinte, 17 de setembro, fui pela primeira vez àquela família, com o desejo de ser testemunha de um ataque do Espírito; fui servido a gosto. Valentine estava em crise; entrei com as pessoas do quarteirão, que se precipitaram na casa.

Vi estendida sobre uma cama uma jovem magnífica, robusta para sua idade, e contida por oito ou dez braços vigorosos, assim como o descrevi mais acima. Só a cabeça estava livre, se agitando em todos os sentidos a sua cabeleira desenrolada. A boca entreaberta deixava ver duas fileiras de dentes brancos e sobretudo ameaçadores. O olhar era completamente perdido e as duas pupilas, das quais não se via senão a borda, estavam alojadas no ângulo do lado do nariz. Ajuntai a isto uma espécie de grito selvagem, e julgai o quadro.

Observei um instante a força dos abalos, e me inclinando para o rosto da criança, pousei minha mão esquerda sobre a sua frente e minha mão direita sobre seu peito; instantaneamente os movimentos e os esforços convulsivos cessaram, e a cabeça se colocou calma sobre o travesseiro. Dirigi os dedos da mão direita sobre a boca que afiz nela roçar, e logo o sorriso retornou sobre seus lábios; suas duas grandes pupilas negras retomaram seu lugar no meio do olho; a essa figura satânica sucedeu o rosto mais gracioso. A criança manifestou seu espanto de ver tantas pessoas ao seu redor, em dizendo que ela não estava doente; era sempre suas primeiras palavras depois das crises. Elevei minha alma a Deus, e senti sobre minhas pálpebras duas lágrimas de entusiasmo e de reconhecimento.

Isto vinha de se passar na manhã de 17. As crises, as mais multiplicadas, tendo lugar à tarde, em torno de cinco horas, a ela retornei, mas a crise tinha adiantado à hora habitual, e tinha terminado. Às sete horas entrei em minha casa para jantar; mas apenas de retorno vieram me advertir de que a criança tinha uma crise terrível. Para lá retornei logo. Depois de haver tomado, com a mão, junto aos punhos, os dois braços reunidos da jovem, disse aos homens que a detinham: Deixai-a; depois, sob minha outra mão colocada sobre seu peito se a viu aquietar de repente; minha mão levada em seguida sobre o rosto, para lá reconduziu o sorriso, e seus olhos retomaram seu estado normal. O mesmo efeito da manhã havia se produzido. Fiquei junto da criança uma parte da noite; ela não teve crises, mas dormia um sono agitado; sua fisionomia tinha alguma coisa de convulsiva; via-se-lhe o branco dos olhos, e ela parecia sofrer moralmente. Gesticulava, falava distintamente e gritava com um acento enérgico e emocionado: *"Vai-te daqui! vai-te daqui!... oh! a vilã!... E a criança... e a criança... nos rochedos... nos rochedos... A essa agitação sucedia uma espécie de êxtase; ela chorava e retomava com um acento lamentoso: Ah! tu sofres os tormentos do inferno!... e eu, tu vens me fazer sempre sofrer!... sempre! sempre pois! E estendendo seus dois braços no ar, procurando se levantar: Pois bem! carrega, carrega-me!"*

O pai a cada instante soltava sua exclamação: *Oh! é má pessoal E a mãe acrescentava: Ali há mistério.* A partir de uma hora da noite, ela dormiu mansamente até o dia.

Essas agitações, essas reprovações, esses êxtases, esses choros, se renovavam cada dia depois dos ataques violentos do Espírito, e duraram muito antes nas noites de 18, 19 e 20 de setembro. Cada dia eu ia junto da enferma e me instalava, por assim dizer, na casa. Durante a minha presença, nada se manifestava; mas apenas partia, uma nova crise se produzia. Eu voltava e a calma também logo como se viu. Isto durou vários dias. Certamente, era um fenômeno bem digno de atenção que essas crises se acalmassem subitamente apenas com a imposição das mãos; isso era boato em toda a cidade, e havia

aí matéria para estudo sério; no entanto, tive o desgosto de não ver nenhum dos quatro médicos que tinham cuidado da criança, vir observá-la.

Eu notava durante todo esse tempo, na casa da criança, ora uma alegria exagerada, ora uma espécie de tolice; o pai e a mãe não achavam esses ares naturais, o que justificava a previsão de nossos guias.

Em 21 de setembro, o pai e a criança foram comigo à sessão. No início, nossos guias nos disseram: Chamai Germaine; pedi-lhe para permanecer junto de vós, e dissei-lhe isto:

"Germaine, sois nossa irmã; esta jovem é também nossa irmã e a vossa. Se outrora alguma ação funesta vos ligou, e fez pesar sobre vós duas a justiça divina, não podeis dobrar o Juiz supremo. Fazei um apelo à sua misericórdia infinita; pedi-lhe vossa graça, como a pedimos por vós; tocaí o Senhor por vossa prece fervorosa e vosso arrependimento. É em vão que procurais calma aos vossos remorsos e um refúgio na vingança; é em vão que procurais vossa justificativa oprimindo com o peso de vossa acusação. Retornai, pois, ao nosso conselho; perdoai, e vos será perdoado; não procureis nos enganar; não creiais que apenas a aparência de franqueza possa nos seduzir; quaisquer que sejam os meios empregados por vós, nós os conhecemos, e vos oporemos nossa força e nossa vontade. Que vosso coração, enceguecido pelo sofrimento e pelo ódio, se abra à piedade e ao perdão. Não deixaremos de pedir ao Eterno e aos bons Espíritos, seus mensageiros fiéis, para derramar sobre vós a consolação e o favor. O que queremos, Germaine, é vos livrar de vossos sofrimentos. Sereis sempre acolhida por nós como uma irmã; sereis socorrida. Não nos olheis, pois, como inimigos; queremos a vossa felicidade; não sejais surda às nossas palavras; escutai nossos conselhos, e dentro em pouco conhecereis a paz da consciência. O remorso terá fugido para longe de vós, o arrependimento terá tomado seu lugar. Os bons Espíritos vos acolherão como uma ovelha perdida que terão reencontrado; os maus imitarão vosso exemplo. Nesta família onde provocais a maldição, não será falado de vós senão o bem; haverá ali reconhecimento; essa criança pedirá também por vós, e se o ódio vos desuniu, o amor um dia vos reunirá.

"Sempre se é infeliz quando se está alterado pela vingança; não mais repouso para aquele que odeia. Aquela que perdoa está perto de amar; a felicidade e a tranqüilidade substituem o sofrimento e a inquietação. Vinde, Germaine, vinde unir-vos a nós por vossas preces. Queremos que, a exemplo de Jules (1-(1) O Espírito obsessivo da jovem Thérèse B..., de Marmande. (V. *Revista Espírita* de junho de 1864.)) e de outros Espíritos que, como vós, viviam no mal, ficai junto de nós sob a feliz proteção de nossos guias. Estais só; sede a filha adotiva desta família que ora ao Eterno por aqueles que sofrem, e ensina a todos a amar para serem felizes. Se vos obstinais em permanecer cruel com relação a esta criança, prolongareis e agravareis vossos sofrimentos, e ouvireis a criança e aqueles que a cercam vos maldizerem.

"Merecei, pois, de vossos irmãos a amizade que vos oferecem de todo coração; cessai essas torturas, de onde vos retirareis toda machucada. Crede em nossa palavra; crede sobretudo nos conselhos dos bons Espíritos que nos guiam, e particularmente nos da *Pequena Cárita*. Não sereis surda a este pedido. Dai-nos por prova que acolheis a nossa oferta, a paz e o sono sem perturbação da criança durante alguns dias. Nós iremos orar por vós, e não cessaremos de pedir o fim de todos os vossos males."

Chamamos Germaine, e lemos para ela o que acaba de nos ser ditado.

P. Ouvistes e compreendestes bem os votos que acabamos de vos expressar? - R. Sim; estou admirada de todas essas promessas; não mereço tanto. Mas sou um Espírito desconfiado e não ousa acreditar nisso. Veremos se vossas preces me darão essa calma da qual estou privada há muito tempo. É verdade, estou só, e não conheço senão *aquela que procura me dilacerar* (1-(1) A seqüência do relato fará compreender estas últimas palavras.). Veremos.

P. Não vedes junto de vós os bons Espíritos? - R. Sim, mas não espero nada senão de vós.

P. Pois bem! em troca do bem que queremos vos fazer, não poderíeis cessar de fazer o mal, de atormentar?... - R. E sou somente eu a causa desse mal? Ela nisso contribuiu tanto quanto eu. Atormentar, dizeis? Nós lutamos, nos estreitamos; a culpa é partilhada. Ela foi minha cúmplice; não vejo porque faríeis pesar apenas sobre mim a responsabilidade desses atos violentos dos quais também sou vítima, eu.

P. No entanto, a criança não vai vos procurar, e se a atormentais, é bem porque a quereis; tendes o vosso livre arbítrio. - R. Quem vos disse? estais no erro; uma fatalidade nos liga.

P. Pois bem! contai-nos tudo. - R. Não posso; não gozo aqui de toda a sua liberdade... Sou franca.

P. Vamos! Germaine, vamos orar por vós. Até uma outra vez!

Terminando, nossos guias nos disseram:

"Durante estes dias, reuni-vos tão numerosos quanto possível; ocupai-vos mais particularmente dela. Vossa franqueza e vosso zelo a seu respeito a tocarão e os resultados que pedimos serão, nós o esperamos, prontos graças a esta medida.

O dia 22 passou sem crise, e à noite nos reunimos, como de hábito.

Evocação de Germaine. - P. Pois bem! Germaine, credes em nossa afeição por vós?-R. É-me bem permitido duvidar; o pária crê dificilmente no beijo fraternal que se lhe dá de passagem. Estou habituada a ver o desdém e o desprezo me perseguirem.

P. Deus quer que tenhamos o amor uns para com os outros. - R. Não conheço isso. Aqui, aquele que o remorso persegue ou oprime é um inimigo, uma serpente da qual se foge atirando-lhe a pedra. Credes que isso não é revoltante para o maldito? Ele se torna o inimigo de todos por instinto; a paixão e o ódio o cegam; infeliz aquele que cai sob a garra desse abutre.

P. Nós, Germaine, queremos vos amar, e vos estendemos a mão. - R. Por que não se me falou assim mais cedo? No entanto, há corações generosos no mundo que habito; eu lhes causava, pois, medo? Por que não se me disse jamais: Tu és nossa irmã e podes partilhar a nossa sorte? Tenho ainda o veneno na alma, sobretudo quando penso no passado. O crime merece uma pena, mas a punição foi muito grande: parecia que tudo caía sobre mim, para me esmagar. Nesses momentos desconhece-se Deus, se o blasfema, se o nega, revolta-se contra ele e os seus, quando se está no abandono.

Nota. Este último raciocínio do Espírito é o resultado da su-perexcitação em que se encontra, mas vem de pôr uma questão que tem a sua importância. "Por que, disse ele, no mundo onde estou, não se me falou como vós o fazeis?" Pela razão de que a ignorância do futuro, momentaneamente, faz parte do castigo de certos culpados; não é senão quando seu endurecimento é vencido pela lassidão que se lhe faz entrever um raio de esperança como alívio de suas penas; é preciso que seja voluntariamente que voltem seus olhares para Deus. Mas os bons Espíritos não os abandonam; eles se esforçam por lhes inspirar bons pensamentos; espiam os menores sinais de progresso e, desde que vejam despontar neles o germe do arrependimento, provocam as instruções que, esclarecendo-os, podem conduzi-los ao bem. Essas instruções lhes são dadas pelos Espíritos em tempo oportuno; podem também sê-lo pelos encarnados, a fim de mostrar a solidariedade que existe entre o mundo visível e o mundo invisível. No caso de que se trata, era útil para a reabilitação de Germaine que o perdão lhe viesse da parte daqueles que tinham a se lamentar dela, e que era, ao mesmo tempo, um mérito para estes últimos. Tal é a razão pela qual a intervenção dos homens é com freqüência requerida para a melhoria e o alívio dos Espíritos sofredores, sobretudo nos casos de obsessão. A dos bons Espíritos, seguramente, basta, mas a caridade dos homens para com seus irmãos da erraticidade é, para eles mesmos, um meio de adiantamento que Deus lhes reservou.

P. O Espírito de Jules que vedes junto de nós, era também um criminoso, sofredor e infeliz?... -R. Minha posição foi pior para mim. Citei tudo o que pode afligir a alma; dissei o quanto o veneno queima as entranhas: eu tudo experimentei; e o mais cruel para mim era estar só, abandonada, maldita; não inspirei a piedade a ninguém. Compreendeis a raiva que extravasa de meu coração? Muito sofri! *eu não podia morrer; o suicídio me era impossível;* e sempre diante de mim o futuro mais sombrio! Jamais vi despontar um luar; jamais uma voz me disse: Espera! Então, gritei: "Raiva, vingança! A mim as vítimas! terei ao menos companheiros de sofrimentos. Não é a primeira vez que a criança sente meus abraços (1-(1) Os pais nos disseram que, com efeito, sua filha tinha, com a idade de seis anos, sentido crises das quais não tinha podido se dar conta.)."

Nota. - Se se perguntasse por que Deus permite aos maus Espíritos saciarem sua raiva sobre os inocentes, diríamos que não há sofrimento imerecido, e que aquele que é inocente hoje e que sofre, sem dúvida, tem ainda alguma dívida a pagar; esses maus Espíritos servem, nesse caso, de instrumentos à expiação. Sua maldade, além disso, é uma prova para a paciência, a resignação e a caridade.

P. Agradecei a Deus de vos ter feito sofrer tanto; esses sofrimentos são a expiação que vos purificou. - R. Agradecer a Deus! nisso me pedis muito; sofri muito! O inferno era preferível ao que suportei. Os condenados, como me foi ensinado, sofrem, choram e gritam juntos; podem se debater e lutar entre eles; eu, era só. Oh! é horrível! Eu me sinto, em vos fazendo essas descrições, prestes a blasfemar e a precipitar sobre a minha presa. Não creias me entrar, colocando entre ela e mim um anjo sorridente. Lutarei com todos, quem quer que seja.

P. Qualquer que seja o sentimento que vos agita, não vos oporemos senão a calma, a prece e o amor. - R. O que mais me apraz é que falais sem me injuriar, sem me repelir, e quereis me fazer esperar. Oh! esperais que eu me livre logo em seguida; tenho medo da decepção. Se, depois de me ter feito tão belas promessas, tão belas que não posso ainda nelas crer, fósseis me abandonar! Oh! então, em que eu me tornaria? E, nisso refleti; por que essas consolações tão tarde? e por que vós? seria isso uma armadilha oculta? Tende! eu não sei o que crer, o que fazer; verdade, isso me parece estranho, surpreendente!

Nota. -A experiência prova, com efeito, que as palavras duras e más são um meio muito mau para se desembaraçar dos maus Espíritos; elas os irritam, o que os leva a se obstinarem mais.

P. Germaine, escutai-me; vou vos explicar o que vos surpreende. Há poucos anos, a imortalidade, a individualidade e a relação das almas com aqueles que estão ainda sobre a Terra nos foram demonstradas de maneira que não podem deixar nenhuma dúvida. O Espiritismo, é o nome desta nova doutrina, faz para seus adeptos um dever amar e socorrer os seus irmãos. Somos Espíritas, e, por amor por duas irmãs que sofrem, vós e a criança vossa vítima, viemos a vós para vos oferecer nosso coração e o socorro de nossas preces. Compreendeis agora? - R. Não muito. Raciocinais como jamais ouvi. Tendes, pois, a vos ocupar daqueles que vivem como vós e no vosso meio, e dos Espíritos que sofrem como eu? É um trabalho que não deve ser sem mérito.

P. Se tiverdes lugar de nos crer sinceros, quereis nos prometer que as vossas disposições com relação à criança serão boas? - R. Boas *em razão de que fostes bons para mim.* Eu vos creio todos sinceros; vossa linguagem tende a me fazer crê-lo; mas duvido ainda. Levantai-me essa dúvida, e sou à vós. Vou me esforçar por fazer o que vou vos prometer: à medida que a dúvida se apagar, o mal se enfraquecerá, e tendo a dúvida partido, o mal na criança terá cessado. Se brincarem comigo, infeliz! Ela morrerá estrangulada. Uma vítima espera, ou a sua graça que depende de vós, ou o golpe que tenho sobre a sua cabeça. Isto não é uma ameaça para vos intimidar, mas uma advertência de que o ódio e a raiva me cegariam. Chegastes a tempo; ela seria talvez morta já. Uma vez que não podemos sempre conversar juntos, dissei aos vossos amigos

que vivem onde vivo, para continuarem a conversa; que não me repilam, embora não haja talvez cessado minhas maldades; porque não estou absolutamente obrigada; não podeis exigir mais do que prometi.

Pedimos aos nossos guias para darem boa acolhida a Germaine. Eles responderam:

"Ela é, por antecipação, nossa irmã bem-amada, tanto mais que ela mais sofreu. Vinde, Germaine; se jamais nenhuma mão amiga apertou a vossa mão, aproximai-vos: nós vos estenderemos as nossas. Só a vossa felicidade nos ocupa. Encontrareis sempre em nós irmãos, apesar da fraqueza de que vos sentis ainda capaz. Nós vos lamentamos e não vos condenamos. Entrai em vossa família, a felicidade nos sorri. Entre nós as lágrimas amargas não correm; a alegria substitui a dor, e o amor o ódio. Irmã, vossas mãos!"

'VOSSOS GUIAS.'

O dia 23 passou sem crise, como o da véspera. À noite a jovem vai com seu pai à sessão, para ouvir Germaine por quem ela já levava muito interesse.

Nossos guias nos disseram:

"Começai vossos trabalhos pela evocação de Germaine; ela o deseja muito; deveis provar-lhe que ela vos ocupa especialmente. Evitai tudo o que poderia ter a aparência de esquecimento ou de indiferença, afim de afastar todas as suas dúvidas. Pensai que seus ataques não estão senão suspensos. Sede prudentes; sede felizes sem amor-próprio e sem orgulho; sobretudo, sede fervorosos em vossas preces. Se ela manifestar o desejo de conversar longamente, deva ela vos prender toda a noite, não regateeis o tempo."

'VOSSOS GUIAS.'

Evocação de Germaine. - R. Eis-me, muito mais calma; quero ser justa, creio vo-lo dever. Vede também que agi segundo o que havia dito; as boas relações fazem os bons amigos. Falai-me, pois, uma vez que sois vossas amigas; é tão estranho e tão novo para mim, que me permitais bem saborear uma conversa onde o ódio será substituído pelo... eu ia dizer o amor, e não o conheço! Dizei-me o que é preciso fazer para amar e ser amada, eu, a pobre miserável Germaine, envelhecida pela infelicidade, o opróbrio e o crime!... Batiza-se entre vós? Eis uma neófito."

- O batismo que perguntais, Jeanne, já o recebestes, respondi-lhe; ele está em vosso arrependimento, em vossa resolução de caminhar num caminho novo.

O dia 24 de setembro foi tão calmo quanto o precedente. Na reunião da noite, chamamos Germaine.

P. Germaine, nós vos agradecemos... - R "Não me faleis nisso, porque me tornais toda envergonhada. Cabe a mim inclinar-me e pedir graça. Dou-te uma grande reparação, pobre criança! A vida da qual os Espíritos gozam é eterna, Deus colocou diante de mim os meios e o tempo de reparar os estragos causados pela cegueira da paixão. Fica tranqüila; algumas vezes ore pela infeliz Germaine, a criminoso que, hoje, arrependida, te pede seu perdão. Esquece, pobre criança, tuas dores e aquela que as causou; não te lembres senão daquela que deseja agora ser tua amiga. Não é mais a mesma Germaine: a prece que se derramou sobre mim tornou-me a alma mais limpa; minha sede de vingança se extinguiu. A lembrança de meu infame passado será minha expiação. Minha prece, junto à vossa, abrandará o remorso que me tortura. Obrigada a todos, que me haveis chamado ao caminho da verdade e do bem, quando estava perdida nas profundezas do vício e da impenitência.

"Agora eu creio em vós: a dúvida desapareceu. Amo-vos e vos agradeço por me terdes salvo e curado; eu vos agradeço também por esta pobre criança, a quem restituístes a saúde e a vida.

"Posso me dizer feliz, porque estou no meio de bons Espíritos, que me consolam e me fortalecem por sua doce e persuasiva moral. Não estou mais só; apesar de todo o negrume de minha alma, eles me admitiram em sua família bem-aventurada. Eu sou a doente, eles são os meus guardiães. As expressões me faltam para vos dizer tudo o que sinto.

"Dizei-me todos, tu sobretudo, pobre jovem, que me perdoais. Tenho necessidade de ouvir esta palavra sair de teu coração. Dai-me, se vos apraz, essa consolação."

A jovem Valentine lhe disse: "Sim, Germaine, eu vos perdôo; muito mais, vos amo!"

- "E nós também, respondi logo, nós vos amamos como a uma irmã."

Germaine continuou:

"E eu também, começo a amar. A quem devo esta transformação? Àqueles que injuriei, e que, apesar de todo o horror que eu devia lhes inspirar, tiveram piedade de mim e me chamaram sua irmã, e me provaram que não me enganavam.

"Sim, me abristes o caminho do futuro feliz. Eu estava pobre e abandonada, e vivo agora no meio daqueles que possuem muito: não tenho mais do que lamentar. Os bons Espíritos me dizem que vão me preparar as provas que sofrerei infalivelmente; e, munida desta força, descerei no meio de criaturas terrenas. Isso não será mais para semear a morte ao meu redor, mas para amar e merecer delas sua benevolência e sua amizade.

"Teria muito a dizer, mas não quero ser importuna. Oremos; parece-me que isso me fará bem.

"Deus Todo-Poderoso, eterno, misericordioso, ouve minha prece. Perdoa minhas blasfêmias, perdoa meus desvios. Não conhecia o caminho que leva ao reino do justo. Meus irmãos da Terra mo fizeram conhecer; meus irmãos, os Espíritos, a ele me conduzem. Que a justiça divina siga o seu curso sobre a pobre Germaine; ela sofrerá agora sem se lamentar; nunca um murmúrio sairá de sua boca. Reconheço tua grandeza e tua bondade de Pai para teus bem-aventurados servidores que vieram me tirar do caminho do vício. Que minha prece suba até ti; que os anjos que te servem e cercam o teu trono possam, um dia, me acolher no meio deles, como fizeram estes bons Espíritos. Eu o compreendo hoje, só a virtude leva à felicidade. Fazei graça, ó meu Deus, àqueles que, como eu, sofrem ainda. Concedei à criança que torturei as doçuras e as virtudes que fazem a felicidade sobre a Terra.

"GERMAINE."

"Ajuda-te, o céu te ajudará, se vos disse; os Espíritos que vos guiam não farão o trabalho que o dever vos impõe; mas, segundo fordes trabalhadores, eles abreviarão, tanto quanto esteja em seu poder, a tarefa empreendida sob a bandeira da imortal caridade. Agi, pois, sem desencorajamento e sem fraqueza; que a vossa fé se fortaleça e, um dia, talvez, vos perguntareis de onde vem esse poder. Trabalhai pela moralização de vossos irmãos encarnados e a dos Espíritos atrasados; não vos contenteis de pregar as consolações do Espiritismo; mostrai-lhes a grandeza e o poder por vossos atos; é a melhor refutação que poderíeis opor aos vossos adversários. As palavras voam e os atos fortalecem e levantam. Que a felicidade que entrará na família em companhia da jovem Doutrina seja devida à caridade dos sinceros adeptos. Sede fiéis, sem orgulho, daquilo que vos chega, sem isso os frutos que deveis disso retirar estariam perdidos para vós.

"VOSSOS GUIAS."

Nota. - Os Espíritos, como se vê, não são nem inativos nem indiferentes com relação aos Espíritos sofredores, que é preciso conduzir ao bem; mas quando a intervenção dos homens pode ser útil, deixam-lhes a iniciativa e o mérito, sob a condição de secundá-los com seus conselhos e seus encorajamentos.

A partir de 25 de setembro, segundo os conselhos de nossos guias, adormeci todos os dias com sono magnético a jovem Valentine, para purgá-la completamente da impressão dos maus fluidos que a tinham envolvido, e fortalecer o seu organismo. Depois de sua libertação, ela sentia mal-estar, apatias do estômago, pequenos puxões nervosos, consequência inevitável da obsessão.

Nota. - Para que teria servido esse magnetismo, se a causa tivesse subsistido? Seria preciso primeiro destruir a causa antes de atacar os efeitos; ou pelo menos agir sobre os dois simultaneamente.

A criança era um pouco mimada pelos cuidados e os carinhos que lhe tinham sido prodigalizados durante a sua enfermidade; tornara-se um pouco caprichosa e voluntariosa, e se prestava com repugnância a ser adormecida. Um dia ela se recusou mesmo a isso, e me fui dali. Reentrando em minha casa, vieram-me advertir de que ela tinha uma crise. "Bem, exclamei, é uma punição de Germaine." Retornei imediatamente para lá, e encontrei a criança se agitando sobre sua cama. Essa crise não era tão violenta quanto as precedentes, mas tinha os mesmos caracteres; acalmei-a como nas outras. Algumas horas depois, ela teve uma segunda crise, que detive do mesmo modo.

À noite nos reunimos. Germaine veio sem ser chamada; disse que tinha querido dar uma lição na criança, e adverti-la de que, quando não fosse razoável, ela lhe faria sentir a sua presença. Além disso deu-lhe muitos bons conselhos, e fez sentir aos pais os inconvenientes de ceder aos caprichos de seus filhos.

À fase da cura e da conversão do Espírito, sucedeu a das revelações com respeito ao drama, do qual a obsessão violenta da jovem Valentine era o desfecho. Por interessante e emocionante que seja essa parte do relato, suprimimos-lhe os detalhes como estranhos, até um certo ponto, ao nosso assunto, e porque trata de acontecimentos contemporâneos, cuja penosa lembrança está ainda presente, e que tiveram por testemunhas interessadas pessoas ainda vivas. Nós a resumimos para as conclusões que delas teremos que tirar. Pelos mesmos motivos, dissimulamos os nomes próprios que não acrescentariam nada à instrução que ressalta desta história.

Dessas revelações feitas na intimidade, fora do grupo, e por intermédio de um outro médium, resulta que Germaine é a avó do senhor Laurent, o pai da jovem obsidiada Valentine. Ela tinha uma filha que teve duas crianças, das quais uma é o próprio senhor Laurent; a outra foi morta por sua avó, que a precipitou num barranco embaixo dos rochedos de ... Por esse homicídio, ela foi condenada a dez anos de reclusão, que sofreu na prisão de C... Ela deu sobre todos esses fatos as indicações mais minuciosas, precisando com exatidão os nomes, os lugares e as datas, de maneira a não deixar nenhuma dúvida sobre a sua identidade. Estes detalhes íntimos, conhecidos só de Laurent e de sua mulher, foram confirmados por eles. Para se fazer melhor ainda reconhecer por seu neto, ela o designou por seu pequeno nome ignorado do médium, e não lhe falou senão em seu dialeto, como quando viva.

Não havia, pois aí nada ao ponto de enganar-se, Germaine era bem a avó de Laurent, a condenada por infanticídio. Quanto à sua filha, da qual destruiu o filho, é hoje a filha de Laurent, a jovem Valentine, que vinha ainda de atormentar por uma cruel obsessão. Ela explicou a causa do ódio que lhe havia votado. Houvera luta entre as duas como Espírito, e esta luta continuou quando uma delas reencarnou. Um fato veio confirmar esta afirmativa, são as palavras que a jovem pronunciava durante o sono. Seus pais, como se o concebe, lhe tinham sempre deixado ignorar o que se passou em sua família; estas palavras: *A criança! a criança! nos rochedos! nos rochedos!* evidentemente, eram o resultado da lembrança que seu Espírito conservava no estado de desligamento. "Pois bem! disse eu ao pai de Valentine, estais bem convencido de que é o Espírito de sua avó? - Oh! senhor, respondeu ele, disso estava já convencido antes desta conversa. Este nome de Germaine, e as palavras de Valentine, em suas crises, não me deixam

nenhuma dúvida a esse respeito; eu o disse em seguida à minha mulher. Bem mais, quando me fa-lastes do Espiritismo e das reencarnações, tive no pensamento que minha mãe estava encarnada em Valentine."

Assim se explicam as exclamações repetidas de Laurent: "É má pessoa!" E as de sua mulher: "Ali há um mistério!"

EVOCÇÃO DE UM SURDO-MUDO ENCARNADO

O Sr. Rui, membro da Sociedade de Paris, nos transmite o fato seguinte:

"Conheci, disse ele, em 1862, um jovem surdo-mudo de doze a treze anos, e, desejoso de fazer uma observação, pedi aos meus guias protetores se me seria possível evocá-lo. Tendo a resposta sido afirmativa, fiz vir essa criança em meu quarto, e a instalei em uma poltrona, em companhia de um prato de uva, que se pôs a debulhar com pressa. Coloquei-me, de minha parte, numa mesa; pedi, e fiz a evocação, como de hábito, ao cabo de alguns instantes minha mão tremeu, e escrevi: Eis-me.

"Eu olhei o menino: Ele estava imóvel, os olhos fechados, calmo, adormecido, o prato sobre os joelhos, e tinha parado de comer. Dirigi-lhe as seguintes perguntas:

P. Onde estás neste momento? - *R.* Em vosso quarto, em vossa poltrona.

P. Queres me dizer por que és surdo-mudo de nascença? -*R.* É uma expiação de meus crimes passados.

P. Quais crimes, pois, cometeste? - *R.* Fui parricida.

P. Podes me dizer se tua mãe, *que amas tão ternamente*, não teria sido, seja como teu pai ou tua mãe na existência da qual falas, o objeto do crime que cometeste?

"Em vão esperei a resposta; minha mão ficou imóvel. Levei de novo os olhos sobre o menino; ele acabava de despertar, e comia avidamente suas uvas. Tendo então pedido aos meus guias explicar-me o que acabara de se passar, me foi respondido:

"Ele te deu as informações que desejavas, e Deus não permitiu que te desse as outras."

"Não sei como os partidários da comunicação exclusiva dos demônios nos explicariam este fato. Para mim, dele tirei a conclusão de que, uma vez que Deus nos permite algumas vezes evocar um Espírito encarnado, no-lo permite igualmente com relação aos desencarnados, quando o fazemos com um espírito de caridade."

Nota. - Faremos, de nosso lado, uma outra observação sobre este assunto. A prova da identidade resulta aqui do sono provocado pela evocação, e da cessação da escrita no momento do despertar. Quanto ao silêncio guardado sobre a última pergunta, prova a utilidade do véu lançado sobre o passado. Com efeito, suponhamos que a mãe atual desse menino foi sua vítima em outra existência, e que esta haja querido reparar seus erros pela afeição que lhe testemunha, é que a mãe não seria dolorosamente afetada se soubesse que seu filho foi seu homicida, e sua ternura por ela não seria alterada com isso? Poderia lhe ser permitido revelar a causa de sua enfermidade como assunto de instrução, a fim de nos dar uma prova a mais de que as aflições deste mundo têm uma causa anterior, quando esta causa não está na vida atual, e que assim tudo é segundo a justiça; mas o excesso era inútil e teria podido chegar aos ouvidos da mãe, foi por isso que os Espíritos o despertaram no momento em que ele iria, sem dúvida, responder. Explicaremos mais tarde a diferença que existe entre a posição deste menino e a de Valentine, do relato precedente.

Este fato, além disso, prova um outro ponto capital, de que não é somente depois da morte que o Espírito recobra a lembrança de seu passado; não se pode dizer que não a perde jamais, mesmo na encarnação, porque, durante o sono do corpo, quando goza de

uma certa liberdade, o Espírito tem consciência de seus atos anteriores; sabe porque sofre, e que sofre justamente; a lembrança não se apaga senão durante a vida exterior de relação. Mas, na falta de uma lembrança precisa que poderia lhe ser penosa e prejudicar suas relações sociais, ele haure novas forças nesses instantes de emancipação, se soube aproveitá-los.

É preciso concluir desse fato que todos os surdos-mudos foram parricidas? Isto seria uma conseqüência absurda; porque a justiça de Deus não está circunscrita em limites absolutos, como a justiça humana. Outros exemplos provam que essa enfermidade, às vezes, é o resultado do mau uso que o indivíduo fez da faculdade da palavra. Pois quê! dir-se-á, a mesma expiação para duas faltas tão diferentes em sua gravidade, está aí a justiça? Mas aqueles que assim raciocinam ignoram, pois, que a mesma falta oferece graus infinitos de culpabilidade, e que Deus mede a responsabilidade pelas circunstâncias? Quem sabe, aliás, se esse menino, supondo seu crime sem desculpa, não sofreu no mundo dos Espíritos um duro castigo, e se seu arrependimento e seu desejo de reparar não reduziram a expiação terrestre a uma simples enfermidade? Admitindo, a título de hipótese, uma vez que o ignoramos, que sua mãe atual tenha sido sua vítima, se não tinha para com ela a resolução que tomou de reparar sua falta por sua ternura, é certo que um castigo mais terrível a esperaria, seja no mundo dos Espíritos, seja numa nova existência. A justiça de Deus jamais falha, e, por ser algumas vezes tardia, não perde nada por esperar; mas Deus, em sua bondade infinita, jamais condena de maneira irremissível, e deixa sempre aberta a porta do arrependimento; se o culpado demora muito em aproveitá-la, sofre por mais longo tempo. Assim, depende sempre dele abreviar seus sofrimentos. A duração do castigo é proporcional à duração do endurecimento; é assim que a justiça de Deus se concilia com a sua bondade e o seu amor por suas criaturas.

VARIEDADES

O PERISPÍRITO DESCRITO EM 1805.

Extrato da obra alemã: *Os Fenômenos místicos da vida humana*,
por Maximilien Perty, professor na universidade de Berna.
- Leipzig e Heidelberg, 1861.

Sob o título de: "*Aparição real de minha mulher depois de sua morte*, - Chemnitz, 1804," - o doutor Woetzel publicou um livro que causou uma enorme sensação nos primeiros anos deste século. O autor foi atacado em vários escritos; o Wieland sobretudo o põe em ridículo na *Euthanasia*. Durante uma enfermidade de sua mulher, Woetzel havia pedido a esta última para se apresentar a ele depois de sua morte. Ela lhe fez a promessa, mas, mais tarde, a seu pedido, seu marido a liberou. No entanto, algumas semanas depois de sua morte, um vento violento pareceu soprar no quarto, embora fechado; a luz ficou quase extinta; uma pequena janela na alcova se abriu, e, na fraca claridade que reinava, Woetzel viu a forma de sua mulher que lhe disse com voz doce: "Charles, eu sou imortal; um dia nos reveremos." A aparição e essas palavras consoladoras se renovaram mais tarde uma segunda vez. A mulher se mostra em túnica branca sob o aspecto que ela tinha antes de morrer. Um cão que não tinha se agita na primeira aparição se pôs a tremelicar e a descrever um círculo como ao redor de uma pessoa conhecida.

Numa segunda obra sobre o mesmo assunto (Leipzig, 1805), o autor fala de convites que lhe teriam sido dirigidos para desmentir todo o negócio, "porque de outro modo muitos sábios seriam forçados a renunciar àquilo que, até ali, acreditavam ser opiniões verdadeiras e justas, e que a superstição nisso encontraria um alimento." Mas já havia

pedido ao conselho da Universidade de Leipzig de lhe permitir para prestar um juramento jurídico a esse respeito. O autor desenvolve a sua teoria. Segundo ele, "a alma, depois da morte, seria envolvida de um corpo etéreo, luminoso, por meio do qual ela poderia se tornar visível; que ela poderia colocar outras vestimentas por cima desse envoltório luminoso; que a aparição não agiu sobre seu senso interior, mas unicamente sobre seus sentidos exteriores."

A esta explicação não falta, como se vê, senão a palavra *perispírito*. No entanto Woetzel está em erro quando acredita que a aparição não age senão sobre seus sentidos exteriores, e não sobre o senso interior; sabe-se hoje que é ao contrário o que ocorre; mas talvez quis dizer que estava perfeitamente desperto, e não em estado de sonho, o que provavelmente lhe fez crer que havia percebido a aparição unicamente pela visão corpórea, tendo em vista que não conhecia nem as propriedades do fluido perispiritual, nem o mecanismo da *visão espiritual*.

De resto, lendo a sábia obra do Sr. Pezzani, sobre a *Pluralidade das existências*, tem-se a prova de que o conhecimento do *corpo espiritual* remonta à mais alta antigüidade, e que o nome de *perispírito* é o único moderno. São Paulo o descreveu na primeira aos Cor., cap. XV. Woetzel o reconheceu unicamente pela força de seu raciocínio. O Espiritismo moderno tendo-o estudado nos fatos numerosos que observou, descreveu-lhe as propriedades e deduziu as leis de sua formação e de suas manifestações.

Quanto ao que concerne ao cão, isso nada tem de surpreendente; vários fatos parecem provar que certos animais sentem a presença dos Espíritos. Na *Revista Espírita*, de junho de 1860, página 171, citamos um exemplo deles que tem uma notável analogia com o de Woetzel. Não está mesmo positivamente provado que não possam vê-los. Não haveria nada de impossível a que, em certas circunstâncias, por exemplo, os cavalos que se amedrontam e se recusam obstinadamente a avançar sem motivo conhecido, sofressem o efeito de uma influência oculta.

UM NOVO OVO DE SAUMUR.

Saumur, ao que parece é fecundo em maravilhas ovíparas. Lembra-se que, no mês de setembro último, uma galinha, nativa desta cidade e domiciliada à rua da Visitation, pôs ovos miraculosos, sobre a concha das quais se via em relevo, e nitidamente desenhadas, objetos de santidade e de inscrições. Isto fez grande sensação num certo mundo, e excitou a verve zombeteira dos incrédulos; o *Echo saumurois*, entre outros, se alegrou muito com isso. A multidão se transportou para os lugares; a autoridade com isso se emocionou, e se propôs um policial para a guarda da galinha para esperar o acontecimento. Não nos repetiremos o espirituoso relato e a não menos judiciosa explicação que dele deu o *Sauveurdes Peuplesde Bordeaux*, de 18 de setembro de 1864, ao qual enviamos os nossos leitores para os detalhes circunstanciados do assunto.

Recentemente um dos nossos assinantes de Saumur nos remeteu um outro ovo fenomenal, originário da mesma cidade, com o pedido de consentir em examinar a bizarrice que apresenta, se bem que não tivesse nem desenhos nem inscrições; não que se acreditasse num prodígio, mas, ao contrário, para ter nossa opinião, a fim de opô-la às pessoas muito crédulas em matéria de milagres, porque parecia que, em consequência do que havia se passado, esse ovo tinha igualmente produzido uma certa sensação no público.

Não sabemos se é a mesma galinha. Eis do que se trata.

O ovo apresenta em sua ponta uma excrescência em forma de grosso cordão voltado sobre si mesmo, da mesma natureza que a casca e a ela aderida em todo o seu comprimento, que é de 6 a 7 centímetros. Basta conhecer a formação dos ovos para se dar conta desse fenômeno. Sabe-se que o ovo é de início formado de uma simples

membrana semelhante a uma bexiga, na qual se desenvolvem o branco e o amarelo, germe e alimento do futuro frango. Antes da ponta, essa película se cobre de uma camada de carbonato de cálcio que forma a casca. No caso de que se trata, o conteúdo não sendo suficiente para encher a membrana vesicular, disso resultou que a parte vazia formando pescoço de bexiga ficou contraída, depois rebateu torcendo sobre o próprio corpo do ovo. Tendo se formado depois o depósito calcário, endureceu o todo, o que deu lugar a essa excrescência anormal. Se toda capacidade tivesse enchida, o ovo teria sido monstruoso para um ovo de galinha, porque teria em torno de 10 centímetros em seu maior diâmetro, ao passo que tem um volume normal.

Que relação tudo isso tem com o Espiritismo? Absolutamente nenhuma. Se disso falamos, é porque seus detratores quiseram misturar seu nome no primeiro negócio, não sabemos verdadeiramente a que título, se não for, segundo seu hábito, de procurar todas as ocasiões de ridicularizá-lo, mesmo nas coisas que lhe são as mais estranhas. Quisemos provar uma vez mais que os Espíritas não são tão crédulos quanto se quer muito dizer-lo. Desde que um fenômeno insólito se apresenta, dele procuram, antes de tudo, a explicação no mundo tangível, e não misturam os Espíritos a tudo que é extraordinário, porque sabem em quais limites e segundo quais leis se exerce sua ação.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

A PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS DA ALMA,
Por ANDRÉ PEZZANI, advogado na Corte imperial de Lyon.

Esta obra, anunciada há algum tempo, e que era esperada com impaciência, vem de aparecer na casa dos Srs. Didier e Cia. (1-(1) Um vol. in-8º, em venda. Preço: 6 fr. - No prelo, ed. in-12. Preço: 3fr.). Todos aqueles que conhecem o autor, sua vasta erudição, seu espírito judicioso de análise e investigação, não duvidando que essa séria questão da pluralidade das existências não foi tratada por ele segundo a sua importância. Estamos felizes em dizer que não falhou em sua tarefa. No entanto, pouco prendeu-se em demonstrar essa grande lei da Humanidade por seu próprio raciocínio, se bem que disso não faça abnegação. Por sábio que ele seja, é modesto muito modesto mesmo, o que é muito raramente o corolário do saber; foi dito que a sua opinião pessoal pesaria pouco na balança, e foi porque se apoiou mais sobre a dos outros do que sobre a sua. Ele quis demonstrar que esse princípio havia sido entrevisto pelos maiores gênios de todos os tempos; que se encontra em todas as religiões, às vezes clara e categoricamente formulado, mais freqüentemente velado sob a alegoria; que é implicitamente a fonte primeira de uma multidão de dogmas. Ele prova, por documentos autênticos, que fazia, com a teoria da imortalidade e do progresso da alma, parte do ensino secreto reservado somente aos iniciados nos mistérios. Nesses tempos recuados, poderia isso ter utilidade, assim como o demonstra, em esconder ao vulgo certas verdades que as massas não estavam amadurecidas para compreender, e que as teria deslumbrado sem esclarecê-las. Sua obra é, pois, rica em citações, desde os livros sagrados dos Indus, dos Persas, dos Judeus, dos cristãos; os filósofos gregos, os neoplatônicos, as doutrinas druídicas, até os escritores modernos: Charles Bonnet, Ballanche, Fourier, Pierre Leroux, Jean Raynaud, Henri Martin, etc.; e, como conclusão e última expressão, os livros espíritas.

Nesse vasto panorama, passa em revista todas as opiniões, as diversas teorias sobre a origem e os destinos da alma. A doutrina da metempsicose animal ali é tratada largamente e de maneira nova. Ele demonstra que a da pluralidade das existências humanas a precedeu, e que a transmigração nos corpos de animais não é senão dela uma derivação alterada e não o princípio. Era a crença reservada ao vulgo, incapaz de compreender as altas verdades abstratas, e como freio das paixões. A encarnação nos animais era uma punição, uma espécie de inferno visível, atual, que deveria mais

impressionar do que o medo de um castigo moral num mundo espiritual. Eis o que disse a esse respeito Timée de Locres, que Cícero assegura ter sido o mestre de Platão:

"Se alguém é viciado e viola as regras do Estado, é preciso que seja punido pelas leis e pelas censuras; deve-se ainda assustar pelo medo do inferno, pela apreensão das penas contínuas, dos castigos, e pelos terrores e as punições inevitáveis que estão reservadas aos infelizes criminosos sob a terra.

"Eu louvo muito o poeta jônico (Homero) por ter mostrado os homens religiosos por fábulas antigas e úteis; porque, do mesmo modo que curamos os corpos com remédios malsãos, se não cedem aos remédios mais salutares, do mesmo modo reprimimos as almas pelos discursos falsos, se elas não se deixam conduzir pelos verdadeiros. É pela mesma razão que é necessário estabelecer penas passageiras fundadas sobre a crença na transformação das almas. De sorte que as almas dos homens tímidos passam, depois da morte, no corpo de mulheres expostas ao desprezo e às injúrias; as almas dos homicidas no corpo de animais ferozes, para ali receber sua punição; a dos impudicos nos porcos e nos javalis; as dos inconstantes e dos evaporados nos pássaros que voam nos ares; as dos preguiçosos, dos ociosos, dos ignorantes e dos loucos nas formas de animais aquáticos. É a deusa Nemésia que julga todas essas coisas, no segundo período, quer dizer, no círculo da segunda região ao redor da Terra, com os demônios, vingadores dos crimes, que são os inquisidores terrestres das ações humanas, e a quem o Deus condutor de todas as coisas concedeu a administração do mundo cheio de deuses, de homens e de outros animais que foram produzidos segundo a imagem excelente da forma improdida e eterna."

Ressalta daí e de diversos outros documentos que a maioria dos filósofos que professavam ostensivamente a metempsicose animal, como meio, nisso não criam eles mesmos, e que tinham uma doutrina secreta mais racional sobre a vida futura. Tal parece ter sido também o sentimento de Pitágoras, que não é, como se sabe, o autor da metempsicose, e dela não foi senão o propagador na Grécia, depois de tê-la encontrado entre os Indus. De resto, a encarnação na animalidade não era senão uma punição temporária de alguns milhares de anos, mais ou menos segundo a culpabilidade, uma espécie de prisão, ao sair da qual a alma reentraria na humanidade. A encarnação animal não era, pois, uma condição absoluta, e se aliava, como se vê, à reencarnação humana. Era uma espécie de espantinho para os simples, bem mais do que um artigo de fé entre os filósofos; do mesmo modo que se diz às crianças: "Se fordes más o lobo vos comerá," os Antigos diziam aos criminosos: "Tornar-vos-eis lobos."

A doutrina da pluralidade das existências, separada das fábulas e dos erros dos tempos de ignorância, tende hoje, de maneira evidente, a entrar na filosofia moderna, abstração feita do Espiritismo, porque os pensadores sérios nela encontram a única solução possível dos maiores problemas da moral e da vida humana. A obra do Sr. Pezzani vem, pois, muito a propósito lançar a luz da história sobre esta importante questão; ele poupará as pesquisas laboriosas, difíceis e freqüentemente impossíveis para muita gente. O autor não o escreveu do ponto de vista do Espiritismo, que ali não figura senão de maneira acessória e como informação; ele escreveu do ponto de vista filosófico, de maneira a abrir-lhe as portas que lhe estariam fechadas se não lhe tivesse dado a etiqueta das novas crenças. É o cumprimento de *A pluralidade dos mundos habitados*, do Sr. Flammarion, que, de seu lado, vulgarizou um dos grandes princípios de nossa Doutrina, sem dela falar.

Teremos que retornar sobre as obras do Sr. Pezzani, fazendo-lhe diversas citações.

O MÉDIUM EVANGÉLICO,

Novo jornal espírita de Toulouse (1-)

(1) O *Médium evangélico* aparece todos os sábados, desde 15 de dezembro. - Preço: Toulouse, 8 fr, por ano; 6 meses, 4 fr. 50. - Departamentos, 9 fr. e 5 fr. - Assinatura em Toulouse, rua de la Pomme, 34; em Paris, boulevard St.-Germain, 68..

O último mês do ano que acaba de escoar viu nascer um novo órgão do Espiritismo, o que vem corroborar nossas reflexões contidas no artigo acima sobre o estado do Espiritismo em 1864. Segundo seu início e a carta que seu diretor consentiu nos escrever antes de sua publicação, devemos contar com um novo combatente para defesa dos verdadeiros princípios da Doutrina, queremos falar daqueles que são hoje sancionados pelo grande controle da concordância. Que seja, pois, bem-vindo.

À espera de que tenhamos podido julgá-lo por suas obras, diremos que se o ditado: *Nobreza obriga*, é verdadeiro, pode-se dizer com mais forte razão que *o título obriga*. O de *Médium evangélico* é todo um programa e um belo programa, que impõe grandes obrigações, mas que, no entanto, poderia se entender de duas maneiras. Poderia significar, ou que o jornal se ocupará principalmente de controvérsias religiosas do ponto de vista dogmático, ou que, compreende o objetivo essencial do Espiritismo que é a moralização, será redigido segundo o espírito evangélico, que é sinônimo de caridade, tolerância e moderação. No primeiro caso, não o seguiríamos, porque o próprio interesse da Doutrina exige uma reserva no desenvolvimento de suas conseqüências, e que se recua querendo ir muito depressa: "De nada serve correr, é preciso partir a propósito." No segundo, estaremos inteiramente com ele. Eis, de resto, um extrato de sua profissão de fé colocada na cabeça do primeiro número:

"O jornal que empreendemos fundar, sob o título de *Médium evangélico*, tem por objetivo entrar nos caminhos novos dos quais o mundo hoje se preocupa, quero dizer, nos caminhos do Espiritismo.

Este jornal nos pareceu necessário em Toulouse, na hora em que os Espíritas não se contam já mais entre nós, na hora em que seus grupos numerosos aumentam mais cada dia. Com efeito, a publicidade será um meio de melhor dar a conhecer o resultado dos trabalhos desses diversos grupos e de torná-los mais úteis à grande causa do progresso moral *ao qual todas as nossas destinações nos convidam*.

"No entanto, afim de não flutuar a todo vento de doutrina, nesses caminhos ainda difíceis, acreditamos dever erguer um estandarte, sob os auspícios do qual queremos sincera e resolutamente caminhar, certos de que o grande princípio da renovação moral está ali onde não há mais nem Gregos nem Romanos, quer dizer, judeus, protestantes, católicos, mas uma grande família unida pelos laços da fraternidade, e tendendo para um objetivo comum em seu curso ofegante através das solicitações misteriosas da vida. Esse estandarte, vós o conheceis. Não é a cruz de ouro, filha do orgulho e dos vãos pensamentos dos homens, mas a cruz de madeira, filha do devotamento e do sacrifício, dizemos, filha da verdadeira caridade."

Lamentamos que a falta de espaço nos impeça de citar a profissão de fé por inteira; mas, sem dúvida, teremos ocasião de a ela retornar.

ALFABETO ESPÍRITA *Para aprender a ser feliz.*

Sob este título, nosso muito honrado irmão em Espiritismo, Sr. Delhez, de Viena, na Áustria, cujo zelo pela causa da Doutrina é infatigável, vem de publicar um opúsculo em língua alemã, do qual uma parte contém a tradução francesa em frente. É uma interessante coletânea de comunicações medianímicas em prosa e em verso, obtidas na Sociedade Espírita de Viena, sobre diferentes assuntos de moral, alinhados por ordem alfabética. Ele é encontrado em Viena na casa do autor, Singerstrasse, 7, e em todas as livrarias. Preço: 1 florin, o Sr. Delhez é o tradutor de *O Livro dos Espíritos* em língua alemã.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS. (Sociedade Espírita de Anvers. - 1864.)

I

Reconhecei a grandeza e a misericórdia de Deus para com todos os seus filhos. A voz do Altíssimo se fez ouvir! inclinai-vos e sede humildes porque o poder do Senhor é grande. A Terra inteira deve

se abalar sob sua mão misericordiosa, e aqueles que se submeterão às suas leis serão benditos, como outrora Abraão, que caminhava para uma terra desconhecida, porque a voz do Eterno falava em seu coração.

O Altíssimo vos sustentará, vós que caminhais sob seu olhar paternal, humildes e crentes. Deixai-vos tratar de pobres de espírito, o Deus forte vos atrairá a ele por sua graça; sede fortes trabalhando em sua vinha, e desprezai os desdêns dos ímpios, porque o Eterno vos tocou com a sua mão protetora. Sede corajosos, e caminhei sem saber onde vos conduz; ele protege aqueles que apoiam sua fraqueza sobre a sua força. O Criador é grande; admirai-o em suas obras.

O Espiritismo se difunde sobre a Terra, semelhante ao orvalho benfazejo da noite que refresca uma terra muito seca. Ele derrama em vossas almas o orvalho celeste: vossos corações, pela unção da graça divina, produzirão bons frutos, e vossos trabalhos divulgarão sua glória e sua grandeza.

Deus é todo-poderoso, e quando conduziu por sua força o braço de Moisés, as tábuas da lei não abalaram a Terra? Que temeis? Deus vos abandonará à vossa fraqueza, quando deu sua força a Moisés? O Altíssimo não enviou o maná no deserto? Será menos misericordioso para convosco do que não o foi para os filhos de Israel, deixando secar vossos corações pela ignorância?

Deus é tão justo quanto é grande! Apoiai-vos sobre ele, e ele vos inundará de sua graça; vossos corações desabrocharão e se tornarão o asilo da fé e da caridade; porque a verdade luziu sobre a Terra, e o Altíssimo vos tocou com a sua mão benfazeja.

Coragem, Espíritas! o Deus forte vos olha. Que vossos corações sejam as tábuas onde ele escreve suas leis, e que nada de impuro suje o templo do Eterno, a fim de vos tornardes dignos de publicar seus mandamentos. Não temais em caminhar nas trevas, quando a luz divina vos conduz.

Os tempos designados pelo Todo-Poderoso são chegados; as trevas desaparecerão da Terra para dar lugar aos raios divinos que inundarão vossas almas, se não repelirdes a voz de Deus.

A força do Altíssimo se derramará sobre seu povo, e seus filhos o abençoarão cantando seus louvores pela pureza de seus corações. Que nada vos detenha, que nada vos desanime; sede firmes na obra de Deus. Sede todos os filhos de uma grande família, e que o olhar de vosso Pai celeste vos conduza e faça frutificar vossos trabalhos.

II

O reino do Cristo se aproxima; os precursores o anunciam; as guerras surdas aumentam; os Espíritos encarnados se agitam sob o sopro impuro do príncipe das trevas: o demônio, o orgulho que lança seu fogo semelhante à cratera de um vulcão em trabalho. O mundo invisível se ergue diante da cruz; toda a hierarquia celeste está em marcha para o combate divino. Espíritas, levantai-vos; dai a mão aos vossos irmãos, os apóstolos da fé, a fim de que sejais fortes diante do exército tenebroso que quer vos engolir. Curvai-vos diante da cruz, é a vossa salvaguarda no perigo, é a garantia da vitória. A luta está semeada de perigos, não vo-lo escondemos; mas os combates são necessários para tornar o triunfo da fé mais evidente e mais sólido, e a fim de que estas palavras do Cristo se cumpram: As portas do inferno não prevalecerão contra ela.

III

O homem jamais é tão forte do que quando sente a sua fraqueza; ele pode tudo empreender sob o olhar de Deus. Sua força moral cresce em razão de sua confiança, porque sente a necessidade de se dirigir ao Criador para pôr sua fraqueza ao abrigo das quedas em que a imperfeição humana pode arrastá-la. Aquele que coloca a sua vontade na de Deus pode desafiar impunemente o Espírito do mal, sem se crer temerário. Se o Ser supremo permite a luta entre o anjo e o demônio é para dar à criatura a ocasião de triunfar e de se sacrificar nos combates. Quando São Paulo sentiu vibrar nele a voz de Deus, ele exclamou: "Eu tudo posso n'Aquele que me fortalece;" e o maior pecador se tornou o apóstolo mais zeloso de sua fé. Santo Agostinho, abandonado à fraqueza de sua natureza ardente e apaixonada, sucumbe; torna-se forte sob o olhar de Deus, que dá sempre a força àquele que a pede para resistir ao mal. Mas o homem, em sua cegueira, se crê poderoso por si mesmo; e abandonando o recurso a Deus, cai no abismo que lhe cava o amor-próprio. Coragem, pois, porque por forte que seja o Espírito que barra o caminho, apoiados sobre a cruz nada tendes a temer; ao contrário, tendes tudo a ganhar para vossa alma, que crescerá sob o raio divino da fé. Deixai-vos conduzir através das tempestades, e chegareis ao fim de vosso curso, onde Jesus vos espera.

Todo homem tem necessidade de conselhos; infeliz aquele que se crê bastante forte por suas próprias luzes, porque terá numerosas decepções.

O Espiritismo está cheio de escolhos mesmo nos grupos, com mais forte razão no isolamento. O medo excessivo que tendes de ser enganados é um bem para vós, porque ele foi a vossa salvaguarda em mais de uma circunstância. No entanto, vossas comunicações têm necessidade de controle; algumas apreciações não bastam; é porque vossos Espíritos protetores vos aconselharam a vos dirigir ao chefe espírita, a fim de que sejais fixados sobre seu valor.

É preciso provar, pela união, que todos os adeptos sérios trabalham de acordo na vinha do Senhor, que vai estender seus ramos sobre o mundo inteiro. Quanto mais os obreiros se reunirem, mais depressa a grande cadeia espírita será formada, e mais depressa também a família humana será inundada de eflúvios divinos da fé e da caridade, que regenerarão as almas sob o poder do Criador.

Que cada um de vós leve a sua pedra ao edifício na medida de suas forças; mas se cada um quiser construir ao seu modo, sem levar em conta as instruções que vos demos, e que dele formam a base; se não há acordo entre vós; se não tendes um ponto de união, então fareis uma torre de Babel. Esse ponto, nós vo-lo mostramos: que cada um dele faça seu objetivo único; este sinal, nós vo-lo demos: que cada um o inscreva sob sua bandeira; então vos reconheceréis e vos estendereis a mão. Mas Deus dispersará os presunçosos que não terão escutado a sua voz; cegará os orgulhosos que se creem bastante fortes por si mesmos, e aqueles que se afastarem da rota que lhes traçou, se perderão no deserto.

Espíritas, sede fortes de coragem, de perseverança e de firmeza, mas humildes de coração, segundo o preceito do Evangelho, e Jesus vos conduzirá através das tormentas e abençoará os vossos trabalhos.

Cada luta suportada corajosamente sob o olhar de Deus é uma prece fervorosa que sobe até ele como o incenso puro e de agradável odor. Se bastasse formular palavras para se dirigir a Deus, os preguiçosos não teriam senão que tomar um livro de preces para satisfazer a obrigação de orar. Só o trabalho, a atividade da alma, são a boa prece que a purifica e a dignifica.

FÉNELON.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

8º ANO

NO. 2

FEVEREIRO 1865

DA APREENSÃO DA MORTE.

O homem, em qualquer grau da escala a que pertença, desde o estado de selvageria, tem o sentimento inato do futuro; sua intuição lhe diz que a morte não é a última palavra da existência, e que aqueles que lamentamos não estão perdidos sem retorno. A crença no futuro é intuitiva, e infinitamente mais geral do que a no nada. Como ocorre, pois, que, entre aqueles que crêem na imortalidade da alma, encontre-se ainda tanto apego às coisas da Terra, e uma tão grande apreensão da morte?

A apreensão da morte é um efeito da sabedoria da Providência, e uma consequência do instinto de conservação comum a todos os seres vivos. Ela é necessária enquanto o homem não está esclarecido sobre as condições da vida futura, como contrapeso ao ar-rastamento que, sem esse freio, o levaria a deixar prematuramente a vida terrestre, e negligenciar o trabalho deste mundo, que deve servir ao seu próprio adiantamento.

É por isso que, nos povos primitivos, o futuro não é senão uma vaga intuição, mas tarde uma simples esperança, mais tarde enfim uma certeza, mas ainda contrabalançada por um secreto apego à vida corpórea.

À medida que o homem compreende melhor a vida futura, a apreensão da morte diminui; mas, ao mesmo tempo, compreendendo melhor sua missão sobre a Terra, espera seu fim com mais calma, resignação e sem medo. A certeza da vida futura dá um outro curso às suas idéias, um outro objetivo aos seus trabalhos; antes de ter essa certeza, não trabalha senão pelo presente, porque sabe que seu futuro depende da direção mais ou menos boa que dá ao presente. A certeza de reencontrar seus amigos depois da morte, de continuar as relações que teve sobre a Terra, de não perder o fruto de nenhum trabalho, de crescer sem cessar em inteligência e em perfeição, dá-lhe a paciência de esperar, e a coragem de suportar as fadigas momentâneas da vida terrestre. A solidariedade que ele vê se estabelecer entre os mortos e os vivos lhe faz compreender a que deve existir entre os vivos; a fraternidade, desde então, é sua razão de ser e a caridade um objetivo no presente e no futuro.

Para se libertar das apreensões da morte, é preciso poder encarar esta sob seu verdadeiro ponto de vista, quer dizer, ter penetrado, pelo pensamento, no mundo invisível e dele ter feito uma idéia tão exata quanto possível, o que denota no Espírito encarnado um certo desenvolvimento, e uma certa aptidão a se libertar da matéria. Naqueles que não estão suficientemente avançados, ávida material se impõe ainda sobre a vida espiritual. O homem se apegando ao exterior, não vê a vida senão no corpo, ao passo que a vida real está na alma; estando o corpo privado de vida, aos seus olhos, tudo está perdido, e ele se desespera. Se, em lugar de concentrar seu pensamento sobre a veste exterior, ele o leva sobre a própria fonte da vida, sobre a alma que é o ser real sobrevivente a tudo, lamentaria menos o corpo, fonte de tantas misérias e dores; mas, para isso, é preciso uma força que o Espírito não adquire senão com a maturidade.

A apreensão da morte prende-se, pois, à insuficiência das noções sobre a vida futura; mas ela denota a necessidade de viver, e o medo de que a destruição do corpo não seja o fim de tudo; é assim provocada pelo secreto desejo da sobrevivência da alma, ainda velada pela incerteza.

A apreensão se enfraquece à medida que a certeza se forma; desaparece quando a certeza é completa.

Eis o lado providencial da questão. Era sábio não ofuscar o homem cuja razão não estava ainda bastante forte para suportar a perspectiva, muito positiva e muito sedutora, de um futuro que lhe teria feito negligenciar o presente necessário ao seu adiantamento material e intelectual.

Esse estado de coisas é mantido e prolongado por causas puramente humanas, que desaparecerão com o progresso. A primeira é o aspecto sob o qual é apresentada a vida futura, aspecto que poderia bastar às inteligências pouco avançadas, mas que não saberia satisfazer as exigências da razão dos homens que refletem. Desde que, dizem eles, nos apresente como verdades absolutas princípios contraditados pela lógica e pelos dados positivos da ciência, é que não são verdades. Daí em alguns a incredulidade, num grande número, uma crença misturada de dúvida. A vida futura é para eles uma idéia vaga, uma probabilidade antes que uma certeza absoluta; nisso crêem, gostariam que assim fosse, e apesar deles, dizem: Se, no entanto, assim não for! O presente é positivo, primeiro nos ocupemos dele; o futuro virá por acréscimo.

E depois, dizem ainda, que é em definitivo a alma? É um ponto, um átomo, uma centelha, uma chama? como ela sente? como ela vê? como ela percebe? A alma não é para eles uma realidade efetiva: é uma abstração. Os seres que lhe são caros, reduzidos ao estado de átomos em seu pensamento, estão por assim dizer perdidos para eles, e não têm mais aos seus olhos as qualidades que os fazia amá-los; não compreendem nem o amor de uma centelha, nem aquele que se pode ter por ela, e eles mesmos são mediocrementemente satisfeitos de serem transformados em mônadas. Daí o retorno ao positivismo da vida terrestre, que tem alguma coisa de mais substancial. O número daqueles que são dominados por esses pensamentos é considerável.

Uma outra razão que se liga às coisas da Terra, aqueles mesmos que crêem mais firmemente na vida futura prendem-se à impressão que conservam do ensino que dela lhes foi dado desde a infância.

O quadro que dela faz a religião não é, nisso é preciso convir, nem muito sedutor, nem muito consolador. De um lado ali se vêem as contorções dos condenados que expiam nas torturas e nas chamas sem fim seus erros de um momento; para quem os séculos se sucedem aos séculos sem esperança de abrandamento nem de piedade; e o que é mais impiedoso ainda, para quem o arrependimento é sem eficácia. De outro, as almas lângidas e sofredoras do purgatório, esperando sua libertação da boa vontade dos vivos que pedirão ou farão pedir por elas, e não de seus esforços para progredir. Essas duas categorias compõem a imensa maioria da população do outro mundo. Acima plana a muito restrita dos eleitos, gozando, durante a eternidade, de uma beatitude contemplativa. Esta eterna inutilidade, preferível, sem dúvida, ao nada, não é menos que uma fastidiosa monotonia. Também se vêem, nas pinturas que retratam os bem-aventurados, figuras angélicas, mas que respiram antes o tédio do que a verdadeira felicidade.

Esse estado não satisfaz nem as aspirações, nem a idéia instintiva do progresso, a única que parece compatível com a felicidade absoluta. Tem-se dificuldade em conceber que o selvagem ignorante, de senso moral obtuso, só porque recebeu o batismo, esteja no mesmo nível que o daquele que chegou ao mais alto grau da ciência e da moralidade prática, depois de longos anos de trabalho. É ainda menos concebível que a criança morta em tenra idade, antes de ter consciência de si mesma e de seus atos, gozasse os mesmos privilégios pelo único fato de uma cerimônia, na qual sua vontade não tomou nenhuma parte.

Esses pensamentos não deixam de agitar os mais fervorosos, por pouco que refletissem. O trabalho progressivo que se cumpre sobre a Terra, não estando por nada na felicidade futura, a facilidade com a qual crêem adquirir essa felicidade por meio de algumas práticas exteriores, a própria possibilidade de comprá-la a preço de dinheiro, sem reforma séria do caráter e dos hábitos, deixam aos gozos do mundo todo o seu valor. Mais de um crente disse-o, em seu foro interior, que, uma vez que seu futuro está assegurado pelo cumprimento de certas fórmulas, ou por dons póstumos que não o privam de nada, seria supérfluo impor esses sacrifícios ou um embaraço qualquer em proveito de outrem, desde que pode fazer sua salvação trabalhando cada um para si.

Seguramente tal não é o pensamento de todos, porque há grandes e belas exceções; mas não se pode dissimular que essa não seja a de um número maior, sobretudo das massas pouco esclarecidas, e que a idéia que se faz das condições para ser feliz no outro mundo não mantém o apego aos bens deste, e, conseqüentemente, o egoísmo.

Acrescentamos a isso que tudo, nos usos, concorre para fazer lamentar a vida terrestre, e temer a passagem da Terra ao céu. A morte não é cercada senão de cerimônias lúgubres que terrificam mais do que provocam a esperança. Se se representa a morte, é sempre sob um aspecto repousante, e jamais como um sono de transição; todos os seus emblemas lembram a destruição do corpo, ou o mostram odioso e descarnado; nenhuma simboliza a alma que se liberta radiosa de seus laços terrestres. A partida para esse mundo mais feliz não é acompanhada senão de lamentações dos sobreviventes, como se chegasse a maior infelicidade àqueles que para lá se vão; diz-se um eterno adeus como se não se devesse jamais revê-los; o que se lamenta por eles são os gozos deste mundo, como se não devessem encontrar gozos maiores. Que infelicidade, diz-se, morrer quando se é jovem, rico, feliz e que se tem diante de si um futuro brilhante! A idéia de uma situação mais feliz apenas aflora no pensamento, porque ela não tem ali raízes. Tudo concorre, pois, para inspirar o medo da morte em lugar de fazer nascer a esperança. Sem dúvida, o homem terá muito tempo para se desfazer desses preconceitos, mas ali chegará à medida que sua fé se afirmar, que se fizer uma idéia mais sadia da vida espiritual.

A Doutrina Espírita muda inteiramente a maneira de encarar o futuro. A vida futura não é mais uma hipótese, mas uma realidade; o estado das almas depois da morte não é mais um sistema, mas um resultado de observação. O véu é levantado; o mundo invisível nos aparece em toda sua realidade prática; não foram os homens que o descobriram pelo esforço de uma concepção engenhosa, foram os próprios habitantes desse mundo que vieram nos descrever sua situação; nós os vemos ali em todos os graus da escala espiritual, em todas as fases da felicidade e da infelicidade; assistimos a todas as peripécias da vida de além-túmulo. A está, para os Espíritos, a causa da calma com a qual encaram a morte, a serenidade de seus últimos instantes sobre a Terra. O que o sustenta não é somente a esperança, é a certeza; sabem que a vida futura não é senão a continuação da vida presente em melhores condições, e a esperam com a mesma confiança com que esperam o reerguer do Sol depois de uma noite de tempestade. Os motivos dessa confiança estão nos fatos dos quais são testemunhas, e no acordo desses fatos com a lógica, a justiça e a bondade de Deus, e as aspirações íntimas do homem.

A crença vulgar coloca, por outro lado, essas almas nas regiões apenas acessíveis ao pensamento, onde se tornam, de alguma sorte, estranhas aos sobreviventes; a própria Igreja coloca entre elas e esta última uma barreira intransponível; ela declara que toda relação está rompida, toda comunicação é impossível. Se elas estão no inferno, toda esperança de revê-las está perdida para sempre, a menos de lá ir por si mesmo; se elas estão entre os eleitos, estão toda absorvidas pela sua beatitude contemplativa. Tudo isso coloca entre os mortos e os vivos uma tal distância, que se considera a separação como eterna; é porque prefere-se ainda vê-las junto de si sofredoras sobre a Terra, a vê-las

partir, mesmo para o céu. Depois a alma, que está no céu, é realmente feliz em ver, por exemplo, seu *filho, seu pai, sua mãe ou seus amigos* queimarem eternamente?

Para os Espíritas, a alma não é mais uma abstração; ela tem um corpo etéreo que faz dela um ser definido, que o pensamento abarca e concebe; já é muito para fixar as idéias sobre sua individualidade, suas aptidões e suas percepções. A lembrança daqueles que nos são caros repousa sobre alguma coisa de real. Não se os representa mais como chamas fugidias que não lembram nada ao pensamento mas sob uma forma concreta que no-las mostra como seres vivos. Depois, em lugar de seres perdidos nas profundezas do espaço, estão ao nosso redor; o mundo visível e o mundo invisível estão em perpétuas relações, e se assistem mutuamente. Não sendo mais permitida a dúvida sobre o futuro, a apreensão da morte não tem mais razão de ser; se a vê chegar de sangue-frio, como uma libertação, como a porta da vida, e não como a do nada.

DA PERPETUIDADE DO ESPIRITISMO.

Num artigo precedente, falamos dos progressos incessantes do Espiritismo. Esses progressos serão duráveis ou efêmeros? É um meteoro que brilha com uma luz passageira, como tantas outras coisas? É o que vamos examinar em algumas palavras.

Se o Espiritismo fosse uma simples teoria, uma escola filosófica repousando sobre uma opinião pessoal, nada lhe garantiria a estabilidade, porque poderia satisfazer hoje e não mais satisfazer amanhã; num tempo dado, poderia não estar mais em harmonia com os costumes e o desenvolvimento intelectual, e então cairia como todas as coisas superadas que permanecem atrás do movimento; enfim, poderia ser substituído por qualquer coisa melhor. Assim ocorre com todas as concepções humanas, com todas as legislações, com todas as doutrinas puramente especulativas.

O Espiritismo se apresenta em condições de todo outras, assim como muitas vezes fizemos observar. Ele repousa sobre um fato, o da comunicação do mundo visível e do mundo invisível; ora, um fato não pode ser anulado pelo tempo, como uma opinião. Sem dúvida, ele não é ainda admitido por todo o mundo, mas que importam as negações de alguns, quando é a cada dia constatado por milhões de indivíduos, cujo número cresce sem cessar, e que não são nem mais tolos nem mais cegos do que os outros? Virá, pois, um momento em que não encontrará mais negadores do que não os tem agora para o movimento da Terra.

Quantas oposições este último fez levantarem-se! por muito tempo os incrédulos não deixaram de ter boas razões aparentes para constatá-lo. "Como crer, diziam, na existência de antípodas caminhando de cabeça para baixo? E se a Terra gira, como se o pretende, como cremos que estejamos nós mesmos, todas as vinte e quatro horas, nessa posição incômoda sem disso nos perceber? Nesse estado, não poderíamos mais permanecer ligados à terra se quiséssemos caminhar sobre um teto, os pés no ar, à maneira de moscas. E depois, em que se tornariam os mares? É que a água não se derrama quando se pende o vaso? A coisa toda é simplesmente *impossível*, portanto ela é absurda, e Galileu é um louco."

No entanto, essa coisa absurda sendo um fato, ela triunfou de todas as razões contrárias e de todos os anátemas. O que faltava para admitir-lhe a possibilidade? o conhecimento da lei natural sobre a qual ela repousa. Se Galileu tivesse se contentado em dizer que a Terra gira, não se lhe criaria ainda na hora que foi; mas as negações caíram diante do conhecimento do princípio.

Ocorrerá o mesmo com o Espiritismo; uma vez que ele repousa sobre um fato material existindo em virtude de uma lei, explicada e demonstrada, que lhe tira todo caráter sobrenatural e maravilhoso, é imperecível. Aqueles que negam as possibilidades das manifestações estão no mesmo caso daqueles que negaram o movimento da Terra.

A maioria nega a causa primeira, quer dizer, a alma, sua sobrevivência e sua individualidade; não é, pois, surpreendente que neguem o efeito. Eles julgam sobre o simples enunciado do fato, e o declaram absurdo, como outrora se declarava absurda a crença nos antípodas. Mas o que pode sua opinião contra um fenômeno constatado pela observação e demonstrado por uma lei da Natureza? Sendo o movimento da Terra um fato puramente científico, sua constatação não estava ao alcance do vulgo; foi preciso aceitá-lo sobre a fé dos sábios; mas o Espiritismo tem a mais, por ele, o poder ser constatado por todo o mundo, o que explica a sua propagação tão rápida.

Toda descoberta nova de qualquer importância tem consequências mais ou menos graves; a do movimento da Terra e da lei de gravitação, que rege esse movimento, tiveram incalculáveis; a ciência viu se abrir diante dela um novo campo de exploração, e não saber-se-iam enumerar todas as descobertas, as invenções e as aplicações que dela foram a consequência. O progresso da ciência tem levado ao da indústria, e o progresso da indústria mudou a maneira de viver, os hábitos, em uma palavra, todas as condições de ser da Humanidade. O conhecimento das relações do mundo visível e do mundo invisível tem consequências ainda mais diretas e mais imediatamente práticas, porque está ao alcance de todas as individualidades e interessa a todas. Cada homem devendo necessariamente morrer, ninguém pode ser indiferente ao que dele advirá depois de sua morte. Pela certeza que o Espiritismo dá do futuro, muda a maneira de ver e influi sobre a moralidade. Abafando o egoísmo, modificará profundamente as relações sociais de indivíduo a indivíduo, e de povo a povo.

Muitos reformadores, de pensamentos generosos, formularam doutrinas mais ou menos sedutoras; mas para a maioria elas não tiveram senão um sucesso de seita, temporário e circunscrito. Isso foi assim e será assim sempre com as teorias puramente sistemáticas, porque não é dado ao homem sobre a Terra conceber alguma coisa de completa e de perfeita. O Espiritismo, ao contrário, apoiando-se não sobre uma idéia preconcebida, mas sobre fatos patentes, está ao abrigo dessas flutuações e não pode senão crescer à medida que esses fatos forem vulgarizados, melhor conhecidos e melhor compreendidos; ora, nenhum poder humano poderia impedir a vulgarização de fatos que cada um pode constatar; constatados os fatos, ninguém pode impedir as consequências que deles decorrem. Essas consequências são aqui uma revolução completa nas idéias e na maneira de ver as coisas deste mundo e do outro; antes que este século se escoe, ela se cumprirá.

Mas, dir-se-á, ao lado dos fatos tendes uma teoria, uma doutrina; quem vos diz que essa teoria não sofrerá variações; que a de hoje será a mesma em alguns anos?

Sem dúvida, ela pode sofrer modificações em seus detalhes, em consequência de novas observações; mas estando o princípio doravante adquirido, não pode variar, e ainda menos ser anulado; aí está o essencial. Desde Copérnico e Galileu, calculou-se melhor o movimento da Terra e dos astros, mas o fato do movimento permaneceu com o princípio.

Dissemos que o Espiritismo é, antes de tudo, uma ciência de observação; o que faz sua força contra os ataques, dos quais é objeto, e dá aos seus adeptos uma fé inabalável. Todos os raciocínios que se lhe opõem caem diante dos fatos, e esses raciocínios são tanto de menor valor aos seus olhos quanto os sabem interessados. Em vão se lhes diz que isso não é, ou que é outra coisa, eles respondem: Nós não podemos negar a evidência. Ainda, se deles não houvesse senão um único, poder-se-ia se crer juguete de uma ilusão; mas quando milhões de indivíduos vêem a mesma coisa, em todos os países, disso se conclui logicamente que são os negadores que se enganam.

Se os fatos espíritas não tivessem por resultado senão satisfazer a curiosidade, não causariam certamente senão uma preocupação momentânea, como tudo o que é inútil; mas as consequências que deles decorrem tocam o coração, tornam felizes, satisfazem as aspirações, encham o vazio cavado pela dúvida, lançando a luz sobre a temível

questão do futuro; bem mais, vê-se aí uma causa poderosa de moralização para a sociedade; ela têm, pois, um grande interesse; ora, não se renuncia facilmente àquilo que é uma fonte de felicidade. Seguramente, não é nem com a perspectiva do nada, nem com a das chamas eternas, que desligarão os Espíritas de sua crença.

O Espiritismo não se afastará da verdade, e nada terá a temer das opiniões contraditórias, enquanto sua teoria científica e sua doutrina moral forem uma dedução dos fatos escrupulosamente e conscientemente observados, sem preconceitos nem sistemas preconcebidos. Foi diante de uma observação mais completa que todas teorias prematuras e arriscadas, eclodidas na origem dos fenômenos espíritas modernos, caíram, e vieram se fundir na imponente unidade que existe hoje, e contra a qual não se obstinam mais senão raras individualidades, que diminuem todos os dias. As lacunas que a teoria atual pode ainda encerrar se encherão do mesmo modo. O Espiritismo está longe de ter dito a sua última palavra, quanto às suas conseqüências, mas é inabalável em sua base, porque esta base se assenta sobre os fatos.

Que os Espíritas estejam, pois, sem medo: o futuro é para eles; que deixem seus adversários se debaterem sob o aperto da verdade que os ofusca, porque toda negação é impotente contra a evidência que, inevitavelmente, triunfa pela própria força das coisas. É uma questão de tempo, e neste século o tempo caminha a passo de gigante, sob o impulso do progresso.

OS ESPÍRITOS INSTRUTORES DA INFÂNCIA.

CRIANÇA AFETADA DE MUTISMO.

Uma senhora nos transmite o fato seguinte:

"Uma de minhas filhas tem um menininho de três anos que, desde que nasceu, lhe deu as mais vivas inquietações; restabelecida sua saúde, ao fim do mês de agosto último, andava com dificuldade, não dizia senão *papá, mama*, o resto de sua linguagem não era senão uma mistura de sons inarticulados. Há um mês mais ou menos, em conseqüência das tentativas infrutíferas para fazer seu filho pronunciar as palavras mais usuais, tentativas freqüentemente renovadas sem nenhum sucesso, minha filha deitou-se, muito entristecida por essa espécie de mutismo, desolando-se sobretudo porque, em seu retorno, seu marido, capitão de longo curso, cuja ausência havia durado mais de um ano, não encontraria mudança na maneira de falar de seu filho, quando, às cinco horas da manhã, ela foi despertada pela voz da criança que articulava distintamente as letras A, B, C, D, que jamais havia tentado fazê-lo pronunciar. Credo sonhar, ela sentou-se em sua cama, a cabeça pendida sobre o berço, o rosto junto do menino que dormia, ela o ouviu repetir, em alta voz, várias vezes, pontuando cada uma por um pequeno movimento da cabeça, as letras A, B, C, depois um pequeno tempo de parada, em se apoiando sobre a pronúncia, D.

"Quando entrou em seu quarto às seis horas, a criança dormia sempre, mas a mãe, ainda muito feliz e muito emocionada por ter ouvido seu filho dizer essas letras, não tinha tornado a dormir. No despertar do menino, e então depois, tentamos em vão fazê-lo dizer essas letras (das quais nunca tinha ouvido falar quando as disse em seu sono, ao menos nesta vida), todas as nossas tentativas fracassaram. Ainda hoje mesmo, ele disse A, B, mas nos foi impossível obter, para C, D, outra coisa senão dois sons, um da garganta, o outro do nariz que não lembram de nenhum modo as duas letras que queríamos fazê-lo dizer.

"Não é a prova de que essa criança já viveu? Detenho-me aí, sentindo-me bastante instruída por ousar concluir. Tenho necessidade de aprender ainda, de ler muito tudo o

que trata do Espiritismo, não para me convencer: o Espiritismo responde a tudo, ou pelo menos quase tudo; mas, vo-lo repito, senhor, não sei bastante. Isto virá: o desejo não me falta. Deus que não me abandonou há dezessete anos que sou viúva; Deus, que me ajudou a educar meus filhos e a estabelecê-los; Deus, em quem tenho fé, provera o que me falta, porque espero nele, e lhe rogo de todo o coração para que permita aos seus bons Espíritos esclarecer-me, guiar-me para o bem. Orai, pois, por mim, senhor, que estou em comunhão de pensamento convosco, e que desejo acima de tudo caminhar no bom caminho."

Este fato é, sem contradita, o resultado de conhecimentos adquiridos anteriormente. Se ele é uma aptidão inata, é a que se revela espontaneamente durante o sono do corpo, quando nenhuma circunstância não tinha podido desenvolvê-la no estado de vigília. Se as idéias fossem um produto da matéria, por que surgiria uma idéia nova quando a matéria está entorpecida, ao passo que ela é, não só nula, mas impossível de se exprimir quando os órgãos estão em plena atividade? A causa primeira, pois, não deve estar na matéria. É assim que o materialismo se choca a cada passo contra os problemas aos quais é impotente para dar a solução. Para que uma teoria seja verdadeira e completa, é preciso que ela não seja desmentida por nenhum fato; o Espiritismo não a formula nenhuma prematuramente, a menos que isso não seja a título de hipótese, caso em que se guarda de dá-la como verdade absoluta, mas somente como um objeto de estudo. É a razão pela qual ele caminha infalivelmente.

No caso de que se trata, é, pois, evidente que o Espírito não tendo aprendido durante a vigília o que disse durante o sono, é preciso que haja aprendido em alguma parte; uma vez que não foi nesta vida, é preciso que isso seja numa outra, e, o que é mais, numa existência terrestre onde falasse francês, uma vez que foram letras francesas que ele pronunciou. Como explicarão esses fatos aqueles que negam a pluralidade das existências ou a reencarnação sobre a Terra?

Mas resta saber como ocorre que o Espírito não possa dizer, desperto, o que articulou no sono? Eis a explicação que disso foi dada por um Espírito à Sociedade de Paris.

(24 de novembro de 1864. - Médiun, senhora Cazemajour.)

"É uma inteligência que poderá permanecer ainda velada algum tempo pelo sofrimento material da reencarnação à qual esse Espírito teve muita dificuldade em se submeter, e que tem, momentaneamente, aniquiladas as suas faculdades. Mas seu guia o ajuda com uma terna solicitude a sair desse estado pelos conselhos, os encorajamentos e as *lições* que lhe dá durante o sono do corpo, lições que não são perdidas e que se *reencontrarão vivazes* quando essa fase do entorpecimento tiver passado, e que será determinada por um choque violento, uma emoção extrema. Uma crise desse gênero é necessária para isso; é preciso esperá-la, mas não temer o idiotismo: este não é o caso."

Há ali um ensinamento importante e até certo ponto novo: o da primeira educação dada a um Espírito encarnado por um Espírito desencarnado. Certos sábios, sem dúvida, desdenhariam esse fato como muito pueril e sem importância; não veriam nisso senão uma bizarrice da Natureza, ou o explicariam por uma superexcitação cerebral que apaga momentaneamente as faculdades; porque é assim que eles explicam todas as faculdades medianímicas. Sem dúvida, conceber-se-ia, em certos casos, a exaltação em uma pessoa de idade madura, que eleva a imaginação por aquilo que vê, ou o que ouve, mas não se compreenderia que isso pudesse superexcitar o cérebro de uma criança de três anos que dorme. Eis, pois, um fato inexplicável por essa teoria, ao passo que encontra sua solução natural e lógica pelo Espiritismo. O Espiritismo não desdenha nenhum fato, por medíocre que seja em aparência; ele os espia, os observa e os estuda todos; é assim que progride

a ciência espírita, à medida que os fatos se apresentam para afirmar ou completar a sua teoria; se eles se contradizem, procura-lhes uma outra explicação.

Uma carta datada de 30 de dezembro de 1864, escrita por um amigo da família, contém o que se segue:

"Uma crise, disseram os Espíritos, determinada por um choque violento, uma emoção extrema, livrará a criança do entorpecimento de suas faculdades. Os Espíritos disseram verdadeiramente: a crise ocorreu por um choque violento, e eis de que maneira. A criança foi causa para que sua avó tivesse uma queda terrível, na qual deixou de rachar a cabeça, esmagando a criança. Depois desse abalo, a criança surpreende seus parentes, a cada instante, pronunciando frases inteiras, como esta, por exemplo: "Tome cuidado, mamãe, de cair."

A articulação das letras durante o sono da criança era, bem evidentemente, o resultado do exercício que o Espírito lhe fazia praticar. Numa sessão ulterior da Sociedade, onde não se ocupava de nenhum modo do fato em questão, a dissertação seguinte foi dada espontaneamente, e vem confirmar e desenvolver o princípio desse gênero de mediunidade.

MEDIUNIDADE DA INFÂNCIA.

(Sociedade de Paris, 6 de janeiro de 1865. - Mèdium, Sr. Delanne.)

Quando, depois de ter sido preparado pelo anjo guardião, o Espírito que vem se encarnar, quer dizer, sofrer novas provas tendo em vista o seu adiantamento, começam então a se estabelecer os laços misteriosos que o unem ao corpo para manifestar sua ação terrestre. Aí está todo um estudo, sobre o qual não me estenderei; mas não vos falaria senão do papel e da disposição do Espírito durante o período da infância no berço.

A ação do Espírito sobre a matéria, nesse tempo de vegetação corpórea, é pouco sensível. Também os guias espirituais se apressam em se aproveitarem desses instantes, em que a parte carnal não obriga a participação inteligente do Espírito, a fim de preparar este último, de encorajá-lo nas boas resoluções das quais sua alma está impregnada.

É nesses momentos de desligamento que o Espírito, todo em saindo da perturbação em que teve que passar por sua encarnação presente, compreende e se lembra dos compromissos que contraiu para o seu adiantamento moral. É então que os Espíritos protetores vos assistem, e vos ajudam a vos reconhecer. Também, estudai a figura da criancinha que dorme; vós a vedes freqüentemente "sorrir aos anjos", como se diz vulgarmente, expressão mais justa do que se pensa. Com efeito, ela sorri aos Espíritos que a cercam e devem guiá-la.

Vede-a desperta, essa cara criança; ora ela olha fixamente: parece reconhecer os seres amigos; ora balbucia as palavras, e seus gestos alegres parecem se dirigir aos rostos amados; e como Deus jamais abandona as suas criaturas, esses mesmos Espíritos lhe dão, mais tarde, boas e salutares instruções, seja durante o sono, seja por inspiração no estado de vigília. Daí podeis ver que todos os homens possuem, ao menos no estado de germe, o dom da mediunidade.

A infância propriamente dita é uma longa sucessão de efeitos medianímicos, e se as crianças um pouco mais avançadas em idade, quando o Espírito adquiriu mais força, às vezes não temem as imagens das primeiras horas, poderíeis constatar muito melhor esses efeitos.

Continuai a estudar e, a cada dia, como grandes crianças, a vossa instrução crescerá, se não vos obstinardes em fechar os olhos sobre o que vos cerca.

UM ESPÍRITO PROTETOR.

PERGUNTAS E PROBLEMAS.

AS OBRAS-PRIMAS POR VIA MEDIANÍMICA.

Porque os Espíritos dos grandes gênios, que brilharam sobre a Terra ,não produzem obras-primas por via medianímicas, como o fizeram quando vivos, uma vez que sua inteligência nada perdeu?

Esta pergunta, ao mesmo tempo, é daquelas cuja solução interessa à ciência espírita, como objeto de estudo, e uma objeção oposta por certos negadores à realidade das manifestações. "Essas obras fora de linha, dizem estes últimos, seriam uma prova de identidade própria para convencer os mais recalcitrantes, ao passo que os produtos medianímicos assinados por nomes os mais ilustres, não se elevam quase acima da vulgaridade. Não se cita, até o presente, nenhuma obra capital que possa mesmo se aproximar daquelas dos grandes literatos e dos grandes artistas." Quando eu vir, acrescentam alguns, o Espírito de Homero dar uma nova *Ilíada*, o de Virgílio uma nova *Eneida*, o de Corneille um novo *Cid*, o de Beethoven uma nova sinfonia em *lá*; ou bem um sábio, como Laplace, resolver um desses problemas inutilmente procurados, como a quadratura do círculo, por exemplo, então poderei acreditar na realidade dos Espíritos. Mas como quereis que nisso acredite quando vos vejo dar seriamente, sob o nome de Racine, poesias que corrigiria um aluno de quarto ano; atribuir a Béranger versos que não são senão pedaços mal rimados, sem espírito e sem sal, ou fazer ter a Voltaire e a Chateaubriand uma linguagem de cozinheira?"

Há, nesta objeção, um lado sério, é o que contém a última parte, mas que não deixa de denotar a ignorância dos primeiros princípios do Espiritismo. Se aqueles que a fazem não julgassem antes de terem estudado, se poupariam um trabalho inútil.

Como se sabe, a identidade dos Espíritos é uma das grandes dificuldades do Espiritismo prático. Ela não pode ser constatada de maneira positiva senão para os Espíritos contemporâneos, dos quais se conhecem o caráter e os hábitos. Eles se revelam, então, por uma multidão de particularidades nos fatos e na linguagem, que não permitem deixar nenhuma dúvida. Esses são aqueles cuja identidade nos interessa mais pelos laços que nos unem a eles. Um sinal, uma palavra freqüentemente bastam para atestar a sua presença, e essas particularidades são tanto mais significativas, quando há mais semelhança na série das conversas familiares que se teve com esses Espíritos. É preciso considerar, além disso, que quanto mais os Espíritos estão próximos de nós pela época de sua morte terrestre, menos são despojados do caráter, dos hábitos e das idéias pessoais que no-los fazem reconhecer.

Ocorre de outro modo com os Espíritos que não são conhecidos, de alguma sorte, senão pela história; para aqueles, não existe nenhuma prova material de identidade; pode haver sua presunção, mas não certeza absoluta da personalidade. Quanto mais os Espíritos estão distanciados de nós pela época em que viveram, menos essa certeza é grande, tendo em vista que suas idéias e seu caráter podem ser modificados com o tempo. Em segundo lugar, aqueles que chegaram a uma certa elevação formam famílias similares pelo pensamento e o grau de adiantamento, dos quais todos os membros estão longe de nos serem conhecidos. Se um deles se manifesta, o fará sob um nome nosso conhecido, como indício de sua categoria. Evocando-se Platão por exemplo, pode ocorrer que ele responda ao chamado; mas se não o pode, um Espírito da mesma classe responderá por ele: este será seu pensamento, mas não sua individualidade. Eis do que importa muito bem se compenetrar.

De resto, os Espíritos superiores vêm para nos instruir; sua identidade absoluta é uma questão secundária. O que eles dizem é bom ou mau, racional ou ilógico, digno ou indigno de sua assinatura, aí está toda a questão. No primeiro caso, é aceita; no segundo, é rejeitada como apócrifa.

Aqui se apresenta o grande escolho da imissão dos Espíritos levianos ou ignorantes, que se enfeitam de grandes nomes para fazerem aceitar suas tolices ou suas utopias. A distinção, nesse caso, exige tato, observação e quase sempre conhecimentos especiais. Para julgar uma coisa, é preciso ser competente. Como aquele que não é versado na literatura e na poesia pode apreciar as qualidades e os defeitos das comunicações desse gênero? A ignorância, neste caso, às vezes faz tomar por belezas sublimes a ênfase, os floreios da linguagem, as palavras sonoras que escondem o vazio das idéias; ela não pode se identificar com o gênio particular do escritor, para julgar isso que pode ou não ser dele. Também se vêem, freqüentemente, médiuns, lisonjeados em receber versos assinados por Racine, Voltaire ou Béranger, não ter nenhuma dificuldade de crê-los autênticos, por detestáveis que sejam, bem felizes ainda se não se irritam contra aqueles que se permitem disso duvidar.

Temos, pois, por perfeitamente justa a crítica quando ela ataca semelhantes coisas, porque ela é muita em nosso sentido. O erro não é do Espiritismo, mas daqueles que aceitam muito facilmente o que vem dos Espíritos. Se aqueles que disso fazem uma arma contra a Doutrina a tivessem estudado, saberiam o que ela admite, e não lhe imputariam o que ela repele, nem os exageros de uma credulidade cega e irrefletida. O erro é ainda maior quando se publicam, sob nomes conhecidos, coisas indignas da origem que se lhes atribui; é expor-se à crítica fundada e nociva ao Espiritismo. É necessário que se saiba bem que o Espiritismo racional, de nenhum modo, toma essas produções sob seu patrocínio, e não assume a responsabilidade das publicações feitas com mais de entusiasmo do que de prudência.

A incerteza no tocante à identidade dos Espíritos, em certos casos, e a freqüência da imissão dos Espíritos levianos provam contra a realidade das manifestações? De nenhum modo; porque o fato das manifestações está tão bem provado pelos Espíritos inferiores quanto pelos Espíritos superiores. A abundância dos primeiros prova a inferioridade moral de nosso globo, e a necessidade de trabalhar pela nossa melhoria para dela sairmos o mais cedo possível.

Resta agora a questão principal: Por que os Espíritos dos homens de gênio não produzem obras-primas pela via medianímica?

Antes de tudo, é preciso ver a utilidade das coisas. Para que isso serviria? Para convencer os incrédulos, diz-se; mas quando se os vê resistir à evidência mais palpável, uma obra-prima não lhes provaria melhor a existência dos Espíritos, porque a atribuiriam, como todas as produções medianímicas, à superexcitação cerebral. Um Espírito familiar, um pai, uma mãe, um filho, um amigo, que vêm revelar circunstâncias desconhecidas do médium, dizer dessas palavras que vão ao coração, provam muito mais do que uma obra-prima que poderia sair de seu próprio cérebro. Um pai, cujo filho que ele chora vem atestar sua presença e sua afeição, não é mais convincente do que se Homero viesse fazer uma nova *Ilíada*, ou Racine uma nova Pedra? Por que, pois, pedir-lhes torneio de força que espantariam mais do que convenceriam, quando eles se revelam por milhares de fatos íntimos ao alcance de todo o mundo? Os Espíritos procuram convencer as massas, e não tal ou tal indivíduo, porque a opinião das massas faz a lei, ao passo que os indivíduos são unidades perdidas na multidão; eis porque fazem tão poucos esforços para os obstinados que querem fazê-los perder a paciência. Eles sabem bem que cedo ou tarde lhes será preciso dobrar-se diante da força da opinião. Os Espíritos não se submetem ao capricho de ninguém; para convencer os incrédulos empregam os meios que querem, segundo os indivíduos e as circunstâncias; tanto pior para aqueles que com isso não se contentam; sua vez virá mais tarde. Eis porque dizemos também aos adeptos: Apegai-vos aos homens de boa vontade, porque nisso não faltareis; mas não percais vosso tempo com os cegos que não querem ver, e os surdos que não querem ouvir. E faltar com a caridade agir assim? Não, uma vez que não é para eles senão um atraso. Enquanto perderíeis vosso tempo com eles, negligenciariéis de dar consolações a uma

multidão de pessoas que delas têm necessidade, e que aceitariam com alegria o pão de vida que lhes ofereceis. Além disso, pensai que os refratários que resistem à vossa palavra e às provas que lhes dais, cederão um dia sob o ascendente da opinião que se formará ao redor deles; seu amor-próprio com isso sofrerá menos.

A questão das obras-primas se liga ainda ao próprio princípio que rege as relações dos encarnados com os desencarnados. Sua solução depende do conhecimento deste princípio. Eis as respostas dadas a este respeito na Sociedade Espírita de Paris.

(6 de janeiro de 1865. - Médiun, Sr. d'Ambel.)

Há médiuns que, por suas aquisições anteriores, por seus estudos particulares na existência que percorrem hoje, se colocaram em posição de estarem mais aptos, senão mais úteis do que outros. Aqui a questão moral nada tem a fazer: é simplesmente uma questão de capacidade intelectual. Mas não é preciso desconhecer que a maior parte desses médiuns não se prodigalizam e se recebem da parte dos Espíritos comunicações de uma ordem elevada, estas aproveitam só a eles. Mais de uma obra-prima da literatura e das artes foi o produto de uma mediunidade inconsciente; sem isto, de onde viria a inspiração? Afirmais temerariamente que as comunicações recebidas por Delphine de Girardin, Auguste Vaquerie e outros estavam à altura do que se tinha direito de esperar dos Espíritos que se comunicavam por eles. Nessas ocasiões, infelizmente muito raras em Espiritismo, as almas daqueles que queriam se comunicar estavam sob a mão de bons, de excelentes instrumentos, ou antes, de médiuns cujas capacidades cerebrais forneciam todos os elementos de palavras e de pensamentos necessários à manifestação dos Espíritos inspiradores. Ora, na maioria das circunstâncias em que os Espíritos se comunicam, os grandes Espíritos, bem entendido, estão longe de ter sob a mão os elementos suficientes para a emissão de seus pensamentos na forma, com a fórmula que teriam dado quando vivos. Está aí um motivo para não receber suas instruções? Certamente não! Porque se algumas vezes a forma deixa a desejar, o fundo é sempre digno do signatário das comunicações. De resto, são querelas de palavras. A comunicação existe ou não existe? Tudo está aí. Se ela existe, que importa o Espírito e o nome que se dá! Se não se crê nele, importa menos ainda com isso se preocupar. Os Espíritos tratam de convencer; quando não têm sucesso, é um inconveniente sem importância; é simplesmente porque o encarnado não está ainda pronto para ser convencido. No entanto, estou bem a vontade para afirmar aqui que sobre cem indivíduos de boa-fé que experimentam por eles ou por médiuns que lhes são estranhos, há mais de dois terços que se tornam partidários sinceros da Doutrina Espírita, porque nesses períodos excepcionais, a ação dos Espíritos não se circunscreve somente no ato do médium, mas se manifesta por mil lados materiais ou espirituais sobre o próprio evocador.

Em suma, nada é absoluto, e chegará sempre uma hora mais fecunda, mais produtiva do que a hora precedente. Eis, em duas palavras, minha resposta à pergunta colocada por vosso presidente.

ERASTO.

(20 de janeiro de 1865. - Médiun, senhorita M. C.)

Perguntais por que os Espíritos que, sobre a Terra, brilharam pelo seu gênio, não dão aos médiuns comunicações que estejam à altura de suas produções terrestres, quando deveriam antes dá-las superiores, tendo acrescentado o tempo escoado desde sua morte às suas faculdades. A razão é esta.

Para poder se fazer ouvir, é preciso que os Espíritos ajam sobre instrumento que estejam ao nível de sua ressonância fluídica. Que pode fazer um bom músico com um instrumento detestável? Nada. Ah! muitos, senão a maioria dos médiuns são para nós instrumentos bem imperfeitos. Compreendei que em tudo é preciso semelhança, tanto

nos fluidos espirituais quanto nos fluidos materiais. Para que os Espíritos avançados possam se vos manifestar, lhes são necessários médiuns capazes de vibrar em uníssono com eles; do mesmo modo, para as manifestações físicas, é preciso encarnados possuidores dos fluidos materiais da mesma natureza daqueles dos Espíritos errantes, tendo ainda ação sobre a matéria.

Galileu não poderá, pois, se manifestar realmente senão a um astrônomo capaz de compreendê-lo e de transmitir sem erro seus dados astronômicos; Alfred de Musset e outros poetas terão necessidade de um médium amando e compreendendo a poesia; Beethoven, Mozart, procurarão músicos dignos de poder transcrever seus pensamentos musicais; os Espíritos instrutores que vos revelam os segredos da Natureza, segredos pouco conhecidos, ou ainda ignorados, têm necessidade de médiuns compreendendo já certos efeitos magnéticos e tendo bem estudado a mediunidade.

Compreendi isto, meus amigos; refleti que não encomendais um vestuário ao vosso chapeleiro, nem um chapéu a um alfaiate. Deveis compreender que temos necessidade de bons intérpretes, e que certos de nós, na falta de poder encontrar esses intérpretes, se recusam à comunicação. Mas então o lugar é tomado. Não olvideis que os Espíritos levianos são em grande número, e que aproveitam de vossas faculdades com tanto mais facilidade quanto muitos dentre vós, bajulados por assinaturas notáveis, pouco se inquietam em se informar na fonte verdadeira, e de confrontar o que obtêm com o que teriam devido obter. Regra geral: quando quiserdes um calculador, não vos dirijais a um dançarino.

UM ESPÍRITO PROTETOR.

Nota. Esta comunicação repousa sobre um princípio verdadeiro, que resolve perfeitamente a questão no ponto de vista científico, mas, no entanto, não poderia ser tomada num sentido muito absoluto. À primeira vista, esse princípio parece contradito pelos fatos tão numerosos de médiuns que tratam de assuntos fora de seus conhecimentos, e pareceria implicar, para os Espíritos superiores, a possibilidade de não se comunicarem senão com médiuns à sua altura. Ora, isto não deve se entender senão quando se trata de trabalhos especiais e de uma importância fora de linha. Concebe-se que se Galileu quer tratar uma questão científica, se um grande poeta quer ditar uma obra poética, eles têm necessidade de um instrumento que responda ao seu pensamento, mas isto não quer dizer que, para outras coisas, uma simples questão de moral, por exemplo, um bom exemplo a dar, não poderão fazê-lo por um médium que não seja nem sábio nem poeta. Quando um médium trata com facilidade e superioridade assuntos que lhe são estranhos, é um indício de que seu Espírito possui um desenvolvimento inato e faculdades latentes fora da educação que recebeu.

O RAMANENJANA.

Os *Anais da propagação da fé*, de setembro 1864, n^o 216, contêm o relato detalhado dos acontecimentos inesperados em Tananarive (Madagascar), no corrente do ano de 1863, entre outros o da morte do rei Radama II. Ali encontramos o relato seguinte:

O mais grave dos acontecimentos inesperados em Tananarive, em 1863, sem contradita, foi a morte de Radama II; mas, antes de contar o fim trágico desse infeliz príncipe, é necessário lembrar um outro fato que não teve menos ressonância do que o primeiro, que teve por testemunha mais de duzentos mil homens, e que pode ser considerado como o prelúdio ou o precursor do atentado cometido sobre a pessoa real do infelizmente Radama. Quero falar do *Ramanenjana*.

O que é o Ramanenjana?

Esta palavra, que significa *tensão*, exprime uma doença estranha, que se declarou primeiro no sul de Emirne. Dela se teve conhecimento em Tananarive cerca de um mês antes. Isso não era, a princípio, senão um rumor vago que circulava entre o povo. Assegurava-se que multidões numerosas de homens e de mulheres, atingidos por uma afecção misteriosa, subiam do sul para a capital para falar ao rei da parte de sua mãe (a defunta rainha). Esses bandos, dizia-se, se encaminhavam em pequenas jornadas, acampando cada noite nas aldeias, e aumentando, ao longo de seu caminho, de todos recrutamentos que faziam em sua passagem.

Mas ninguém teria imaginado que o Ramanenjana estivesse tão perto da cidade real, quando de repente fez sua primeira aparição, alguns dias antes do domingo de Ramos. Eis o que se escreveu a esse respeito:

"No momento em que o acreditávamos ainda muito longe, o Ramanenjana ou Raména-bé, como outros o chamam também, veio estourar como uma bomba. Não teve fama na cidade senão de convulsões e de convulsionários: deles há por todos os lados; avalia-se seu número em mais de dois mil. Estão acampados neste momento em Machamasina, campo de Marte situado ao pé da capital. O barulho que fazem é tal que nos impede de dormir. Julgai se deve ser forte, para que à distância de uma légua ele possa chegar até aqui e perturbar o sono!

"Na terça-feira santa, havia grande revista em Soanérana. Quando os tambores bateram a chamada, eis que mais de mil soldados deixam bruscamente as fileiras e se põem a dançar o Ramanenjana. Os chefes inutilmente gritaram, esbravejaram, ameaçaram, e foi preciso renunciar a passar em revista."

Caráter do Ramanenjana.

Esta doença age especialmente sobre os nervos, e exerce neles uma tal pressão que provoca logo convulsões e alucinações, das quais se tem dificuldades em dar-se conta unicamente do ponto de vista da ciência.

Aqueles que são atingidos por ela sentem, primeiro, dores violentas na cabeça, na nuca, depois no estômago. Ao cabo de algum tempo os acidentes convulsivos começam; é então que os vivos entram em comunicação com os mortos: eles vêem a rainha Ranavalona, Radama I, Andrian Ampoinémérina, e outros, que lhes falam e lhes dão incumbências. A maioria dessas mensagens são dirigidas a Radama II.

Os Ramanenjana parecem especialmente delegados pela velha Ranavalona para significar à Radama que ele tinha que retornar ao antigo regime, a fazer cessar a prece, à reenviar os Blancs, a interditar os porcos numa cidade santa, etc., etc.; que de outro modo grandes infelicidades a ameaçam, e que ela o renegará por seu filho.

Um outro efeito dessas alucinações é que a maioria daqueles que lhe são o juguete pensam estar carregados de pesados fardos que carregam em consequência dos mortos: que se figura ter sobre a cabeça uma caixa de sabão; um cofre, um colchão, fuzis, chaves, talheres de prata, etc., etc.

É preciso que esses fantasmas caminhem numa seqüência de inferno, uma vez que os infelizes que estão sob suas ordens têm toda a dificuldade do mundo em segui-los, em passo de carreira. Não receberam mais cedo sua missão de além-túmulo, que se põem a tripudiar, a gritar, a pedir graça, agitando a cabeça e os braços, sacudindo as extremidades do *lamba* ou pedaço de linho que lhe cobre o corpo. Depois ei-los que se lançam, sempre gritando, dançando, saltando e se agitando convulsivamente. Seu grito mais comum é: *Ekala!* e este outro: *Izahay maikia!* (estamos com pressa!) O mais freqüentemente, uma multidão numerosa os acompanha cantando, estalando as mãos e batendo tambor: é, diz-se, para superexcitá-los ainda mais e apressar o fim da crise, como se vê o cavaleiro hábil deixar as rédeas ao seu corcel feroso, e, bem longe de

procurar detê-lo, o pressiona, ao contrário e da voz e da espora, até que este, tremendo sob a mão que o guia, ofegante, coberto de espuma, acabe por parar por si mesmo, esgotado de fadiga e de forças.

Ainda que essa doença atinja especialmente os escravos, é verdadeiro dizer que ela não excetua ninguém. Foi assim que um filho de Radama e de Marie, sua concubina, se viu de repente vítima das alucinações do Ramanenjana; e ei-lo a gritar, a se agitar, a dançar e a correr como os outros. Do primeiro momento de pavor, o próprio rei se pôs em sua perseguição; mas, nessa carreira precipitada, fere ligeiramente a perna, o que fez dar a ordem de sempre ter um cavalo celado e adornado, em caso de novo incidente.

As carreiras desses energúmenos não têm nada de bem determinada: uma vez levados não se sabe por qual força irresistível, se espalham no campo, uns de um lado, outros de um outro. Antes da semana santa, vão sobre os túmulos, onde dançam e oferecem uma peça de dinheiro.

No próprio dia de Ramos (singular coincidência), uma nova moda tomou lugar entre eles, é de ir na parte baixa da cidade cortar uma cana-de-açúcar; levam-na triunfalmente em suas espáduas, e vêm colocá-la sobre a pedra sagrada de Mahamasin em honra a Ranavalona. Ali dança-se, agita-se com todas as contorções e convulsões de hábito; depois se deposita a cana com a moeda, e se retorna, correndo, dançando, saltando, como se tinha ido.

Há os que levam um jarro d'água sobre a cabeça para dela beber e se molhar; e, coisa muito surpreendente! apesar de tantas agitações e de evoluções convulsivas, o jarro se mantém em equilíbrio; dir-se-ia pregado e chumbado ao cérebro.

Vem de se tomar uma nova fantasia, se nos escreve ainda: é a de exigir que se coloque o chapéu por toda a parte onde passem.

Infelizes daqueles que se recusam a obtemperar essa injunção, tão absurda que ela seja! Disso já resultou mais de uma luta, que o pobre Radama acreditou poder prevenir impondo uma multa de 150 fr. aos recalcitrantes. Para não infringir essa ordem real de um novo gênero, os Brancos tomaram o partido de não mais sair senão de cabeça nua. Um de nossos Padres se viu exposto a um caso muito mais grave; não se tratava de nada menos do que de fazê-lo tirar sua batina, ou *Ramanejana* pretendendo que a cor negra o ofuscava. Felizmente o Padre pôde ganhar o largo e entrar na casa, sem estar obrigado a se pôr em camisa.

Os acessos dos convulsionários não são contínuos. Vários, depois de terem feito simulações diante da pedra sagrada (é sobre essa pedra que se faz subir o herdeiro do trono para apresentá-lo ao povo), vão se lançar à água, depois sobem novamente para ir repousar até uma nova crise.

Outros caem algumas vezes de esgotamento no caminho ou na via pública, ali dormem e se levantam curados. Há deles os que ficam doentes dois ou três dias antes de serem completamente liberados. Em muitos, o mal é mais tenaz e dura, freqüentemente, mais de uns quinze dias.

Durante o acesso, o indivíduo atingido do Ramanenjana não reconhece ninguém. Quase não responde às perguntas que lhe dirigem. Depois do acesso, se se lembra de alguma coisa, é vagamente e como em sonho.

Uma particularidade muito notável é que, no meio de suas evoluções mais ofegantes, suas mãos e seus pés ficam frios como o gelo, ao passo que o resto do corpo é alagado de suor e a cabeça em ebulição.

Agora, qual pode ser a causa dessa singular doença! Aqui cada um cresce em seu sentido; vários a atribuem pura e simplesmente ao demônio, que se revela como se revelou antes nas mesas girantes, pensantes, etc. Eis porque, pouco cuidadosos em saudar essa diabólica majestade, muitos se resignaram a caminhar sem chapéu.

Teria sido muito espantoso que o nome do Espiritismo não tivesse sido misturado a esse negócio; muito feliz ainda que seus adeptos não sejam acusados de ser-lhe a causa. O que não teriam dito esses pobres Malgaches tendo lido *O Livro dos Espíritos!*. Não se teria faltado de afirmar que lhes tinha virado a cabeça. Quem, pois, sem o Espiritismo, lhes ensinou a crer nos Espíritos, na comunicação dos vivos com as almas dos mortos? É que o que está na Natureza se produz tão bem entre o selvagem quanto entre o homem civilizado; entre o ignorante quanto entre o sábio, na aldeia como na cidade. Como há Espíritos por toda parte, as manifestações ocorreram por toda parte, com esta diferença de que entre os homens próximos da Natureza, o orgulho do saber ainda não enfraqueceu as idéias intuitivas que neles são vivazes e em toda sua ingenuidade; eis porque não se encontra entre eles a incredulidade erigida em sistema. Eles podem julgar mal as coisas em consequência de sua inteligência; mas a crença no mundo invisível é inata neles, e mantida pelos fatos dos quais são testemunhas.

Tudo prova, pois, que lá, como em Morzines, esses fenômenos são o resultado de uma obsessão, ou possessão coletiva, verdadeira epidemia de maus Espíritos, assim como se produziu ao tempo do Cristo e em muitas outras épocas. Cada população deve fornecer, ao mundo invisível ambiente, Espíritos similares que, do espaço, reagem sobre essas mesmas populações das quais, em consequência de sua inferioridade, conservaram seus hábitos, os pendores e os preconceitos. Os povos selvagens e bárbaros estão, pois, cercados de uma massa de Espíritos ainda selvagens e bárbaros até que o progresso os tenha levado a se encarnarem num meio mais avançado. E o que resulta da comunicação adiante.

O relatório acima tendo sido lido numa reunião íntima, um dos guias espirituais da família ditou espontaneamente o que se segue:

(Paris, 12 de janeiro de 1865. - Médium, Sra. Delanne.)

Esta noite eu vos ouvi ver os fatos de obsessão que se passaram em Madagascar; se o permitis, emitiria minha opinião sobre esse assunto.

Nota.- O Espírito não tinha sido evocado; estava, pois, lá, no meio da sociedade, escutando, sem ser visto, o que ali se dizia. É assim que, com o nosso desconhecimento, temos sem cessar, testemunhas invisíveis de nossas ações.

Essas alucinações, como as chama o correspondente do jornal, não são outra coisa senão obsessão, obsessão no entanto de um caráter diferente daquelas que conheceis. Aqui, é uma obsessão coletiva produzida por uma plêiade de Espíritos atrasados, que, tendo conservado suas antigas opiniões políticas, vêm por manifestações tentar perturbar seus compatriotas, a fim de que estes últimos, tomados de medo, não ousem apoiar as idéias de civilização que começam a se implantar nesse país onde o progresso começa a nascer.

Os Espíritos obsessores que impelem essas pobres pessoas a tantas manifestações ridículas, são os dos antigos Malgaches, que estão furiosos, e eu o repito, de ver os habitantes dessas regiões admitir as idéias de civilização que alguns Espíritos avançados, encarnados, têm a missão de implantar entre eles. Também os ouvis freqüentemente repetir: "Mais preces, abaixo os brancos, etc." É vos fazer compreender que são antipáticos a tudo o que pode vir dos Europeus, quer dizer, do centro intelectual.

Não é uma grande confirmação de vossos princípios, essas manifestações à vista de todo um povo? Elas são menos produzidas por essas populações semi-selvagens do que para a sanção de vossos trabalhos.

As possessões de Morzines têm um caráter mais particular, ou por melhor dizer, mais restrito. Podem estudar-se, sem sair do lugar, as fases de cada Espírito; observando os detalhes, cada individualidade oferece um estudo especial, ao passo que as

manifestações de Madagascar têm a espontaneidade e o caráter nacional. É toda uma população de antigos Espíritos atrasados que vêem, com despeito, sua pátria sofrer o impulso do progresso. Não tendo progresso por si mesmos, procuram enterrar a marcha da Providência.

Os Espíritos de Morzines são comparativamente mais avançados; embora brutos, julgam mais sadiamente do que os Malgaches; discernem o bem e o mal, uma vez que sabem reconhecer que a forma da prece nada é, mas que o pensamento é tudo; vereis, de resto, mais tarde, pelos estudos que fareis, que não são tão atrasados quanto o parecem à primeira vista. Aqui, é para mostrar que a ciência é impotente para curar esses casos por seus meios materiais; no fundo, é para atrair a atenção e confirmar o princípio.

UM ESPÍRITO PROTETOR.

POESIA ESPÍRITA.

INSPIRAÇÃO DE UM EX- INCRÉDULO A PROPÓSITO DE O LIVRO DOS ESPÍRITOS.

Pelo doutor Niéger.

27 de dezembro de 1864.

Tal esse infornado, vítima de um naufrágio,
No meio dos restos se salvando a nado,
Ferido pela fadiga e perdendo toda a esperança,
Dirigindo ao país que não deve mais rever
Uma última lembrança, e orando por sua alma;
Quando subitamente sobre a vaga aparece uma chama
De uma terra desconhecida indicando as proximidades,
O pobre náufrago redobra seus esforços,
E logo, abordando a margem tutelar,
Ao Senhor, primeiramente, dirige uma prece,
E, sensível doravante nele nasce a fé,
Promete ao seu Salvador obedecer à sua lei!

Tal senti um dia, lendo a vossa obra,
Em meu coração desolado renascer a coragem.
Muito tempo preocupado em procurar os segredos
Do organismo humano, eu via os efeitos,
Mas não podia apreender uma causa desconhecida
Que parecia para sempre escapar à minha visão.
Vosso livro, em me abrindo os horizontes novos,
Vem, imediatamente, dar um objetivo aos meus trabalhos.
Vi ali que, até então, tinha caminhado em falso,
E a fé, em meu coração, deveu substituir a dúvida.
O homem, com efeito, saindo das mãos do Criador,
Não pode neste mundo ser lançado por sua infelicidade,
Porque uma santa lei, por Deus mesmo dada,
Do Universo inteiro, regula o destino!
Seu nome, é o progresso, e é para cumpri-lo
Que os homens, entre eles, devem se reunir.

Que maravilhoso quadro, que brilhantes páginas
Neste livro que segue o homem através das eras,
Que mostra inteiramente os primeiros dos humanos,

Pedindo o bem-estar ao trabalho de suas mãos!
Só o instinto, dir-se-á, o guia na vida!
Sim! mas o instinto mais tarde se tornará o gênio.
O homem nele sentirá nascer o fogo sagrado,
E, pelo espírito do bem sempre mais inspirado,
Do demônio aterrado quebrando apesar da cadeia,
A grandes passos doravante caminhará na arena.
Lá, sobre um frágil esquife, de audaciosos marinheiros
Do mar furiosos vão afrontar as ondas.
Eles se lançam.... De repente a vaga temida
Diante de um tal desafio recua assustada.
Lá, da água imitando o vôo audacioso,
Vê-se o homem tentar subir até os céus!
Mais longe, sobre um rochedo, sua incrível audácia
Das profundezas do céu ousa sondar o espaço;
Do imenso Universo ele descobre a lei,
E do mundo logo se torna o único rei!

Lá não se detém seu ardor incrível:
Num tubo encerrando o vapor indomável,
Avança montado sobre esse dragão de fogo;
Os mais rudes trabalhos não são para ele senão um jogo;
Imprimindo em todos os lugares a marca do gênio,
Onde domina a morte, faz nascer a vida.
Pareceria que aqui vai terminar seu vôo;
Mas a inflexível lei pede mais ainda,
E veremos logo esse senhor da terra
À nuvem inflamada arrancando o trovão,
Em dócil instrumento transformando seu furor,
Em fazer do correio um humilde servidor!

Assim, pois, nada de limite à ciência humana.
Ao homem Deus deu o Universo por domínio.
Cabe a ele procurar, por constantes esforços,
Do corpo e do Espírito, as maravilhosas relações.
Cabe a ele, se afastando de todo caminho batido,
Libertar, enfim, o brilhante desconhecido
Que há muito tempo se esconde ao seu olhar.
Levemos, pois, do progresso o brilhante estandarte;
Abordemos sem tardar a vasta carreira
Aberta aos nossos esforços... O amor e a prece:
Eis as palavras sagradas escritas sobre nossas bandeiras!
Sob esta égide, amigos, prossigamos nossos trabalhos.
Se nos for necessário um dia sucumbir na luta,
Pediremos, Senhor, que pelo menos nossa queda
Inspirando aos nossos filhos a coragem e a fé,
Eles assegurem, enfim, o reino de tua lei.

DISCURSO DE VICTOR HUGO SOBRE O TÚMULO DE UMA JOVEM.

Se bem que esta tocante oração fúnebre haja sido publicada por diversos jornais, ela encontra igualmente seu lugar nesta *Revista*, em razão da natureza dos pensamentos que ela encerra, e dos quais cada um poderá compreender a importância. O jornal do qual nos servimos dá conta da cerimônia fúnebre nos termos seguintes:

"Uma triste cerimônia reuniu, quinta-feira última, uma multidão dolorosamente emocionada no cemitério dos independentes, em Guernesey. I numava-se uma jovem, que a morte viera surpreender no meio das alegrias da família, e cuja irmã se casara alguns dias antes. Era uma criança feliz, a quem um dos filhos do grande poeta, Sr. François Hugo, havia dedicado o décimo-quarto volume de sua tradução de Sheakespeare; ela morreu na véspera do dia em que esse volume deveria aparecer.

"Como acabamos de dizer, a assistência era numerosa a esses funerais, numerosa e simpática, e foi com uma viva emoção, com lágrimas que a amizade fazia correr, que ela escutou as palavras de adeus pronunciadas, sobre essa tumba tão prematuramente aberta, pelo ilustre exilado de Guernesey, pelo próprio Victor Hugo.

Eis o discurso pronunciado pelo poeta:

"Em algumas semanas, estamos ocupados com estas duas irmãs; casamos uma, e eis que sepultamos a outra. Está aí o perpétuo estremecimento da vida. Inclinem-nos, meus irmãos, diante do severo destino.

"Inclinem-nos com esperança. Nossos olhos são feitos para chorar, mas para ver; nosso coração é feito para sofrer, mas para crer. A fé em uma outra existência sai da faculdade de amar. Não nos esqueçamos nesta vida inquieta e confortada pelo amor, é o coração que crê. O filho conta reencontrar seu pai; a mãe não consente perder para sempre seu filho. Esta recusa do nada é a grandeza do homem.

"O coração não pode errar. A carne é um sonho; ela se dissipa; esse desvanescimento, se fosse o fim do homem, tiraria à nossa existência toda sanção; não nos contentamos com essa fumaça que é a matéria; é-nos preciso uma certeza. Quem quer que ame, sabe e sente que nenhum dos pontos de apoio do homem está sobre a Terra. Amar é viver além da vida. Sem esta fé, nenhum dom perfeito do coração seria possível; amar, que é o objetivo do homem, seria seu suplício. Esse paraíso seria o inferno. Não! dizemo-lo bem alto, a criatura amante exige a criatura imortal. O coração tem necessidade da alma.

"Há um coração nesse caixão e esse coração está vivo. Neste momento, ele escuta minhas palavras.

"Emily de Putron era o doce orgulho de uma respeitável e patriarcal família. Seus amigos e seus parentes tinham por encantamento a sua graça e por festa o seu sorriso. Ela era como uma flor de alegria desabrochada na casa. Desde o berço, todas as ternuras a cercavam, ela cresceu feliz, e, recebendo felicidade, a dava; amada, ela amava. Ela acaba de se ir.

"Para onde foi? Para a sombra? Não.

"Somos nós que estamos na sombra. Ela, ela está na aurora. Ela está na irradiação, na verdade, na realidade, na recompensa. Esses jovens mortos, que não fizeram nenhum mal na vida, são os bem-vindos do túmulo, e sua cabeça sobe docemente fora da fossa, para uma misteriosa coroa. Emily de Putron foi procurar lá no alto a serenidade suprema, complemento das existências inocentes. Para lá se foi, jovem, para a eternidade; beleza, para o ideal: esperança, para a certeza; amor, para o infinito; pérola, para o Oceano; espírito, para Deus. "Vai, alma!

"O prodígio desta grande partida celeste, que se chama a morte, é que aqueles que partem não se afastam. Estão num mundo de claridade, mas assistem, testemunhas enternecidas, ao nosso mundo de trevas. Estão no alto, e muito perto. O que quer que sejais, que tendes visto desaparecer no túmulo um ser querido, não vos creiais abandonados por ele. Está sempre lá. Está ao vosso lado mais do que nunca. A beleza da morte é a presença. Presença inexprimível das almas amadas sorrindo aos nossos

olhos em lágrimas. O ser chorado desapareceu, não partiu. Não lhe percebemos mais seu doce rosto.... Os mortos são os invisíveis, mas não são os ausentes.

"Rendamos justiça à morte. Não sejamos ingratos para com ela. Ela não é, como se diz, um desmoronamento e uma armadilha. É um erro crer que aqui, nesta obscuridade da fossa aberta, tudo se perde. Aqui tudo se reencontra. O túmulo é um lugar de restituição. Aqui a alma recobra o infinito; aqui ela recupera a sua plenitude; aqui ela reentra na posse de sua misteriosa natureza; está desligada do corpo, desligada da necessidade, desligada do fardo, desligada da fatalidade.

"A morte é a maior das liberdades. É também o maior dos progressos. A morte é a subida de tudo o que viveu no grau superior. A ascensão resplandecente e sagrada. Cada um recebe seu aumento. Tudo se transfigura na luz e pela luz. Aquele que não foi senão honesto sobre a Terra se torna belo, aquele que não foi senão belo se torna sublime, aquele que não foi senão sublime se torna bom.

"E agora, eu que falo, por que estou aqui? o que trago a esta fossa? com que direito venho dirigir a palavra à morte? Quem sou eu? Nada. Eu me engano, sou alguma coisa. Sou um proscrito. Exilado à força ontem, exilado voluntário hoje. Um proscrito e um vencido, um caluniado, um perseguido, um ferido pelo destino, um deserdado da pátria; um proscrito é um inocente sob o peso de uma maldição. Sua bênção deve ser boa. Eu bendigo este túmulo.

"Bendigo o ser nobre e gracioso que está nesta fossa. No deserto se reencontra o oásis; no exílio se reencontra as almas. Emily de Putron foi uma dessas encantadoras almas reencontradas. Venho lhe pagar a dívida do exílio consolado. Eu a bendigo na profunda sombra. Em nome das aflições sobre as quais ela docemente irradiou, em nome das provas do destino, terminadas para ela, continuadas por nós; em nome de tudo o que ela esperou outrora e de tudo o que ela obtém hoje, em nome de tudo o que ela amou, eu bendigo esta morte, a bendigo em sua beleza, em sua juventude, em sua doçura, em sua vida e em sua morte; eu a bendigo em sua roupa branca do sepulcro, em sua casa que ela deixa desolada, em seu caixão que sua mãe encheu de flores e que Deus vai encher de estrelas."

A estas notáveis palavras, não falta absolutamente senão o nome *Espiritismo*. Não é somente a expressão de uma vaga crença na alma e em sua sobrevivência; é ainda menos o frio nada sucedendo à atividade da vida, sepultando para sempre, sob seu manto de gelo, o espírito, a graça, a beleza, as qualidades do coração; não é, não mais, a alma submergida nesse oceano do infinito que se chama o todo universal; é bem o ser real, individual, presente em nosso meio, sorrindo àqueles que lhes são caros, vendo-os, escutando-os, falando-lhes pelo pensamento. O que de mais belo, de mais verdadeiro do que estas palavras: "Amar é viver além da vida. Sem essa fé, nenhum dom profundo do coração seria possível; amar, que é o objetivo do homem, seria seu suplício. Esse paraíso seria o seu inferno. Não! dizemo-lo bem alto, a criatura amante exige a criatura imortal. O coração tem necessidade da alma." Que idéia mais justa da morte do que esta: "O prodígio dessa grande partida celeste que se chama morte, é que aqueles que partem não se afastam. Estão num mundo de claridade, mas assistem, testemunhas enternecidas, ao nosso mundo de trevas... Estão lá no alto e bem perto. Ó vós, quem quer que sejais, que vistes desaparecer no túmulo um ser querido, não vos creais abandonados por ele. Ele está sempre lá. Está ao vosso lado mais do que nunca. É um erro crer que aqui, nesta obscuridade da fossa aberta, tudo se perde. Tudo aqui se reencontra. O túmulo é um lugar de restituição. Aqui a alma reassume o infinito; aqui ela recobra a sua plenitude."

Não é exatamente o que ensina o Espiritismo? Mas àqueles que poderiam se crer o joguete de uma ilusão, vem acrescentar à teoria a sanção do fato material, pela comunicação daqueles que partiram com aqueles que ficam. Que há, pois, de irracional

em crer que esses mesmos seres que estão ao nosso lado, com o corpo etéreo, possam entrar em relação conosco?

Ó vós! cétricos que rides de nossas crenças, ride, pois, dessas palavras do poeta filósofo, de quem reconheceis a alta inteligência! Direis que é alucinado? que é louco quando acredita na manifestação dos Espíritos? É louco aquele que escreveu: "Tenhamos compaixão dos castigados. Ah! que somos nós mesmos? quem sou eu, eu que vos falo? Quem sois vós, vós que me escutais? De onde viemos? É bem seguro que não tínhamos nada feito antes de nascer? A Terra não é sem semelhança com um cárcere. Quem sabe se o homem não é um condenado da justiça divina? Olhai a vida de perto; ela está assim feita que se sente nela por toda a parte a punição." Os *Miseráveis*, 7^o vol., live. VII, cap. 1^o. - Não está aí a preexistência da alma, a reencarnação sobre a Terra; a Terra, mundo de expiação? (Ver, *A Imitação do Evangelho*, n- 27, 46, 47)

Vós que negais o futuro, que estranha satisfação é a vossa de vos comprazer com o pensamento do aniquilamento de vosso ser, daqueles que haveis amado! Oh! tendes razão em temer a morte, porque para vós é o fim de todas as vossas esperanças.

Tendo sido lido o discurso acima na Sociedade Espírita de Paris, na sessão de 27 de janeiro de 1865, o Espírito da jovem *Emite de Putron*, que, sem dúvida, o escutava e partilhava a emoção da assembléia, manifestou-se espontaneamente pela senhora Gostei, e ditou as palavras seguintes:

"As palavras do poeta correram como um sopro sonoro sobre esta assembléia; elas fizeram estremecer vossos Espíritos; evocaram minha alma que flutua incerta ainda no éter infinito!

"Ó poeta, revelador da vida, tu conheces bem a morte, mas não coroas com cipreste aqueles que choras, mas prendes sobre a sua frente as trêmulas violetas da esperança! Passei rápido e leve, apenas esflorando as alegrias ternas da vida; no declínio do dia, voei sobre o trêmulo raio que morria no seio das ondas.

"Ó minha mãe, minha irmã, meus amigos, grande poeta! não choreis mais, mas estejais atentos! O murmúrio que roça vossos ouvidos é o meu; o perfume da flor pendente é o meu sopro. Misturo-me à grande vida para melhor penetrar o vosso amor. Somos eternos; o que não começou não pode acabar, e o teu gênio, ó poeta, semelhante ao rio que corre para o mar, encherá a eternidade do poder que é força e amor!

EMILY.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

A LUZ,
Giornale dello Spiritismo in Bologna (Itália).

O Espiritismo conta com um novo órgão na Itália. A LUZ, *jornal do Espiritismo em Bologna*, aparece por entregas mensais. (10 fr. por ano para a Itália.) Eis a tradução de seu programa:

"A aurora de um grande dia apareceu, e já resplandece nos céus. O Espiritismo, este fato surpreendente, e para muitos incrível, fez a sua aparição em todas as partes do mundo, e caminha com um irresistível poder. Hoje, seus adeptos se contam por milhões e estão espalhados por toda a parte.

" Importantes obras e numerosos jornais especiais, devidos a inteligências de elite, são publicados sobre essa sublime filosofia, principalmente na França, onde numerosas sociedades dela se ocupam. Várias cidades da Itália têm também reuniões espíritas; sociedades de sábios existem em Nápoles e em Turim, a desta última cidade publica o excelente jornal: *os Anais do Espiritismo em Turim*.

"Aqueles que ignoram os princípios desta nova ciência se esforçam em vão por ridicularizá-la e fazer seus adeptos passarem por sonhadores e alucinados. As comunicações entre o mundo invisível e o mundo corpóreo estão na natureza das coisas; elas existiram de todos os tempos; é porque se lhes encontram os traços entre todos os povos e em todas as épocas. Essas comunicações, hoje mais gerais, mais difundidas, patentes para todos, têm um objetivo: Os Espíritos vêm anunciar que os tempos preditos pela Providência para uma manifestação universal são chegados; têm por missão instruir os homens, abrindo uma era nova para a regeneração da Humanidade.

"É em vão que os fariseus da época se agitem, que a incredulidade se arme de um soberbo sorriso, eles não deterão a estrela do Espiritismo; quanto mais ela avança, mais sua força cresce e vem abater o orgulhoso materialista, que ameaça invadir todas as classes da sociedade.

Se, pois, nos centros mais inteligentes, nas maiores cidades, nas capitais, estuda-se há vários anos e com interesse esses fenômenos que, fora das leis da ciência vulgar, se manifestam por todos os lados, é que se reconheceu neles a realidade, e neles se viu a ação de uma vontade livre e inteligente.

"O jornal *A Luz* está fundado no objetivo de propagar esta nova ciência, apoiando-se sobre as obras especiais mais instrutivas, entre as quais colocamos em primeira linha as de Allan Kardec, o douto presidente da Sociedade Espírita de Paris, que nos fornecerão a matéria da parte filosófica, e a teoria da parte experimental. *Estudo e boa vontade*, são as duas condições necessárias para chegar a experimentar por si mesmo. Na segunda parte, nosso jornal conterá os ditados dados pelos Espíritos, uns sobre a mais consoladora filosofia e a moral mais pura; os outros, embora familiares, serão escolhidos entre os mais próprios para inspirar a fé, o amor e a esperança. Além disso, passando em revista as obras e jornais espíritas, publicaremos todos os fatos de natureza a interessar os nossos leitores. Nenhuma discussão será iniciada com as pessoas que não conhecem os princípios do Espiritismo.

"A fé e a coragem nos tornarão menos penoso o nosso dever, e mais fácil o caminho para chegar à verdade."

O MUNDO MUSICAL,

jornal da literatura e das belas artes,

Publicado sob a direção dos Srs. *Malibran e Roselli*. Administrador: Sr. *Vauchez*.
Escritório em Bruxelles, rua dela Montagne, 51.

Esse jornal, do qual demos conta em nosso número de dezembro de 1864, acaba de se constituir em sociedade em comandita com o capital de 60 000 f r., dividido em 2 400 ações de 25 f r. cada uma. Interesse das ações, 6 por cento por ano; parte no dividendo anual de 40 por cento sobre os benefícios. -Aparece todos os domingos, formato dos grandes jornais. - Preço da assinatura: para a Bélgica, 4fr. por ano; 10 cent. o número.- Para a França, 10 fr.-Paga-se em Paris, 8, rua Ribouté.

As simpatias desse jornal pelo Espiritismo o recomenda a todos os adeptos. Cada número contém um artigo muito bom sobre a Doutrina. Embora sejamos completamente estranhos à sua direção, a administração da *Revista Espírita* se encarrega, por pura cortesia, dê receber as assinaturas e as subscrições de ações.

Correspondência. - Obrigado ao Espírita anônimo de São Petersburgo que nos enviou 50 fr. para o pobre operário de Lyon, a pedido de Cárita. Se os homens não sabem o seu nome, Deus o sabe.

ALUIN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

8º ANO

NO. 3

MARÇO 1865

ONDE ESTA O CÉU?

A palavra céu se diz em geral do espaço indefinido que envolve a Terra, e mais particularmente da parte que está acima de nosso horizonte; vem do latim *coelum*, formado do grego *eólios*, oco, côncavo, porque o céu parece aos olhos como uma imensa concavi-dade. Os Antigos acreditavam na existência de vários céus superpostos, compostos de matéria sólida e transparente, formando esferas concêntricas das quais a Terra era o centro. Essas esferas girando ao redor da Terra arrastavam consigo os astros que se encontravam em seu circuito.

Esta idéia, que se prendia à insuficiência dos conhecimentos astronômicos, foi a de todas as teogonias que fizeram dos céus, assim escalonados, os diversos graus da beatificação; o último era a morada da suprema felicidade. Segundo a opinião mais comum, havia sete deles; daí a expressão: *Estar no sétimo céu*, para exprimir uma felicidade perfeita. Os Muçulmanos admitem nove deles, em cada um dos quais aumenta a felicidade dos crentes. O astrônomo Rolomeu (1-1-Rolomeu viveu em Alexandria, no Egito, no segundo século da era cristã.) contava onze deles, dos quais o último era chamado Empíreo (2-(2 Do grego *pur* ou *pyr*, fogo), por causa da brilhante luz que ali reina. É ainda hoje o nome poético dado ao lugar da eterna beatitude. A teologia cristã reconhece três céus; o primeiro é o da região do ar e das nuvens; o segundo é o espaço onde se movem os astros; o terceiro, além da região dos astros, é a morada do Altíssimo, a morada dos eleitos que contemplam Deus face a face. É em consequência desta crença que se diz que São Paulo foi elevado ao terceiro céu.

As diferentes doutrinas concernentes à morada dos bem-aventurados repousam todas no duplo erro de que a Terra é o centro do Universo, e que a região dos astros é limitada. É para além desse limite imaginário que todas colocaram essa morada feliz e a morada do Todo-Poderoso. Singular anomalia que coloca o autor de todas as coisas, aquele que as governa todas, nos confins da criação, em lugar do centro de onde a irradiação de seu pensamento poderia se estender a tudo!

A ciência, com a inexorável lógica dos fatos e da observação, levou sua luz até a profundidade do espaço, e mostrou o nada de todas essas teorias. A Terra não é mais o pivô do Universo, mas um dos menores astros rolando na imensidão; o próprio Sol não é senão o centro de um turbilhão planetário; as estrelas são inumeráveis sóis ao redor dos quais circulam mundos inumeráveis, separados por distâncias apenas acessíveis ao pensamento, embora nos pareçam se tocar. Nesse conjunto, regido por leis eternas, onde se revela a sabedoria e a onipotência do Criador, a Terra não aparece senão como um ponto imperceptível, e um dos menos favorecidos para a habitabilidade. Desde então pergunta-se por que Deus teria dela feito a única sede da vida, e nela teria relegado suas criaturas prediletas. Tudo, ao contrário, anuncia que a vida está por toda a parte, que a Humanidade é infinita como o Universo. A ciência, nos revelando mundos semelhantes à

Terra, Deus não poderia tê-los criado sem objetivo; deveu povoá-lo de seres capazes de governá-los.

As idéias do homem são em razão do que ele sabe; como todas as descobertas importantes, a da constituição dos mundos deveu dar-lhes um outro curso. Sob o império desses novos conhecimentos, as crenças deveram se modificar; o céu foi deslocado; a região das estrelas, sendo sem limites, não pode mais para ele servir. Onde está ele? Diante desta pergunta, todas as religiões permanecem mudas.

O Espiritismo vem resolvê-la, demonstrando a verdadeira destinação do homem. A natureza deste último, e os atributos de Deus, sendo tomados como ponto de partida, chega-se à conclusão.

O homem é composto do corpo e do Espírito; o Espírito é o ser principal, o ser de razão, o ser inteligente; o corpo é o envoltório material que reveste temporariamente o Espírito, para o cumprimento de sua missão sobre a Terra e a execução do trabalho é necessária ao seu adiantamento. O corpo, usado, se destrói, e o Espírito sobrevive à sua destruição. Sem o espírito, o corpo não é senão matéria inerte, como um instrumento privado do braço que o faz agir; sem o corpo, o Espírito é tudo: a vida e a inteligência. Deixando o corpo, ele reentra no mundo espiritual, de onde tinha saído para se encarnar.

Há, pois, o *mundo corpóreo*, composto dos Espíritos encarnados, e o *mundo espiritual*, formado dos Espíritos desencarnados. Os seres do mundo corpóreo, pelo próprio fato do seu envoltório material, são presos à terra, ou a um globo qualquer; o mundo espiritual está por toda a parte, ao nosso redor e no espaço; nenhum limite lhe foi assinalado. Em razão da natureza fluídica de seu envoltório, os seres que o compõem, em lugar de se arrastarem penosamente sobre o solo, atravessam as distâncias com a rapidez do pensamento. A morte do corpo é a ruptura dos laços que os retinham cativos.

Os Espíritos são criados simples e ignorantes, mas com a aptidão de tudo adquirir e de progredir, em virtude de seu livre arbítrio. Pelo progresso, adquirem novos conhecimentos, novas faculdades, novas percepções, e, em consequência novos gozos desconhecidos aos Espíritos inferiores; eles vêem, ouvem, sentem e compreendem o que os Espíritos atrasados não podem nem ver, nem ouvir, nem sentir, nem compreender. A felicidade está em razão do progresso realizado; de sorte que, de dois Espíritos, um pode sertão atrasado quanto o outro, unicamente porque não é tão avançado intelectual e moralmente, sem que tenham necessidade de estar cada um num lugar distinto. Embora estando ao lado um do outro, um pode estar nas trevas, ao passo que tudo é resplendente ao redor do outro, absolutamente como para um cego e um vidente que se dão a mão: um percebe a luz, que não faz nenhuma impressão sobre seu vizinho. A felicidade dos Espíritos sendo inerente às qualidades que possuem, eles a haurem por toda a parte onde se encontrem, na superfície da Terra, no meio dos encarnados ou no espaço.

Uma comparação vulgar fará compreender melhor esta situação. Se num concerto se encontram dois homens, um bom músico com ouvido exercitado, o outro sem conhecimento da música e com o sentido do ouvido pouco delicado, o primeiro sente uma sensação de felicidade, ao passo que o segundo permanece insensível, porque um compreende e percebe o que não faz nenhuma impressão sobre o outro. Assim o é com todos os gozos dos Espíritos que estão em razão de sua aptidão em senti-los. O mundo espiritual tem por toda a parte esplendores, harmonias e sensações que os Espíritos inferiores, ainda submetidos à influência da matéria, não entrevêm mesmo, e que não são acessíveis senão aos Espíritos depurados.

O progresso, nos Espíritos, é o fruto de seu próprio trabalho; mas, como são livres, trabalham por seu adiantamento com mais ou menos atividade ou negligência, segundo a sua vontade; assim, apressam ou retardam seu progresso, e, consequentemente sua felicidade. Ao passo que uns avançam rapidamente, outros ficam estagnados por longos séculos nas classes inferiores. São, pois, os próprios artífices de sua situação, feliz ou

infeliz, segundo esta palavra do Cristo: A cada um segundo as suas obras. Todo Espírito que permanece atrasado disso não pode culpar senão a si mesmo, do mesmo modo que aquele que avança disso tem todo o mérito; a felicidade que conquistou não tem senão maior valor aos seus olhos.

A felicidade suprema não é o quinhão senão dos Espíritos perfeitos, de outro modo dito, dos puros Espíritos. Não a alcançam senão depois deterem progredido em inteligência e em moralidade. O progresso intelectual e o progresso moral raramente caminham de frente; mas o que o Espírito não faz num tempo o faz em um outro, de sorte que os dois progressos acabam por alcançar o mesmo nível. É a razão pela qual, freqüentemente, se vêem homens inteligentes e instruídos, moralmente pouquíssimo avançados, e reciprocamente.

A encarnação é necessária ao duplo progresso, moral e intelectual, do Espírito: ao progresso intelectual, pela atividade que está obrigado a desdobrar no trabalho; ao progresso moral, pela necessidade que os homens têm uns dos outros. A vida social é a pedra de toque das boas e das más qualidades. A bondade, a maldade, a doçura, a violência, a benevolência, a caridade, o egoísmo, a avareza, o orgulho, a humildade, a sinceridade, a franqueza, a lealdade, a má fé, a hipocrisia, em uma palavra, tudo o que constitui o homem de bem ou o homem perverso, tem por móvel, por objetivo e por estimulante as relações do homem com seus semelhantes; para aquele que vivesse só, não haveria nem vícios nem virtudes; se, pelo isolamento, se preserva do mal, ele anula o bem.

Uma única existência corpórea é manifestamente insuficiente para que o Espírito possa adquirir tudo o que lhe falta em bem, e se desfazer de tudo o que é mau nele. O selvagem, por exemplo, jamais poderia, numa única encarnação, alcançar o nível moral e intelectual do Europeu mais avançado? Isto é materialmente impossível. Deve, pois, permanecer eternamente na ignorância e na barbárie, privado dos gozos que só podem ser proporcionados pelo desenvolvimento das faculdades? O simples bom senso repele uma tal suposição que seria, ao mesmo tempo, a negação da justiça e da bondade de Deus, e a da lei progressiva da Natureza. É porque Deus, que é soberanamente justo e bom, concede ao Espírito do homem tantas existências quantas sejam necessárias para alcançar o objetivo, que é a perfeição. Em cada nova existência, traz o que adquiriu nas precedentes em aptidões, em conhecimentos intuitivos, em inteligência e em moralidade. Cada existência, assim, é um passo adiante no caminho do progresso, a menos que, por sua preguiça, sua negligência ou sua obstinação no mal, não a aproveita, caso no qual é para ele a recomeçar. Dele depende, pois, aumentar ou diminuir o número de suas encarnações, sempre mais ou menos penosas e laboriosas.

No intervalo das existências corpóreas, o Espírito reentra, por um tempo mais ou menos longo, no mundo espiritual, onde é feliz ou infeliz, segundo o bem ou o mal que tenha feito. O estado espiritual é o estado normal do Espírito, uma vez que esse deve ser seu estado definitivo, e que o corpo espiritual não morre; o estado corpóreo não é senão transitório e passageiro. É no estado espiritual sobretudo que recolhe os frutos do progresso realizado pelo seu trabalho na encarnação; é então também que se prepara para novas lutas, e toma as resoluções que se esforçará para pôr em prática em seu retorno à humanidade.

A reencarnação pode ocorrer sobre a Terra ou em outros mundos. Entre os mundos, os há mais avançados uns do que os outros, onde a existência se realiza em condições menos penosas do que sobre a Terra, fisicamente e moralmente mas onde não são admitidos senão os Espíritos chegados a um grau de perfeição em relação com o estado desses mundos.

A vida nos mundos superiores é já uma recompensa, porque se está ali isento dos males e das vicissitudes das quais se é alvo neste mundo. Os corpos, menos materiais, quase fluídicos, ali não estão sujeitos às doenças, nem às enfermidades, nem às

necessidades. Os maus Espíritos estando deles excluídos, os homens ali vivem em paz, sem outro cuidado que o do seu adiantamento pelo trabalho da inteligência. Lá reina a verdadeira fraternidade, porque não há egoísmo, a verdadeira igualdade, porque não há orgulho, a verdadeira liberdade, porque não há desordens a reprimir, nem ambiciosos procurando oprimir o fraco. Comparados à Terra, esses mundos são verdadeiros paraísos; são as etapas do caminho do progresso, que conduz à morada definitiva. Sendo a Terra um mundo inferior destinado à depuração dos Espíritos imperfeitos, é a razão pela qual o mal nela domina até que apraza a Deus fazer dela a morada de Espíritos mais avançados.

É assim que o Espírito, progredindo gradualmente, à medida que se desenvolve, atinge o apogeu da felicidade; mas, antes de ter alcançado o ponto culminante da perfeição, ele goza de uma felicidade relativa ao seu adiantamento. Tal a criança que gosta dos prazeres da primeira idade; mais tarde, os da juventude, e finalmente os mais sólidos da idade madura.

A felicidade dos Espíritos bem-aventurados não está na ociosidade contemplativa, que seria, como freqüentemente foi dito, uma eterna e fastidiosa inutilidade. Ávida espiritual, em todos os graus, ao contrário, é uma atividade constante, mas uma atividade isenta de fadigas. A suprema felicidade consiste no gozo de todos os esplendores da criação, que nenhuma linguagem humana poderia informar, que a imaginação mais fecunda não poderia conceber; no conhecimento e na penetração de todas as coisas; na ausência de toda dificuldade física e moral; numa satisfação íntima; uma serenidade da alma que nada altera; no amor puro que une todos os seres, em conseqüência da ausência de toda contrariedade pelo contato dos maus, e, acima de tudo, na visão de Deus, e na compreensão de seus mistérios revelados aos mais dignos. Ela está também nas funções das quais se é feliz por estar encarregado. Os puros Espíritos são os Messias ou mensageiros de Deus para a transmissão e execução de suas vontades; cumprem as grandes missões, presidem à formação dos mundos e à harmonia geral do Universo, encargo glorioso ao qual não se chega senão pela perfeição. Os de ordem mais elevada são os únicos nos segredos de Deus, se inspiram de seu pensamento do qual são os representantes diretos.

As atribuições dos Espíritos são proporcionais ao seu adiantamento, às luzes que possuem, às suas capacidades, à sua experiência e ao grau de confiança que inspiram ao soberano Senhor. Lá nada de privilégio, nada de favores que não sejam o prêmio do mérito: tudo é medido ao peso da estrita justiça. As missões mais importantes não são confiadas senão àqueles que se sabe apropriados a cumpri-las e incapazes de nelas falirem ou de comprometê-las. Ao passo que sob o próprio olhar de Deus, os mais dignos compõem o conselho supremo, aos chefes superiores é atribuída a direção de um turbilhão planetário; a outros é conferida a de um mundo especial. Vêm, em seguida, na ordem do adiantamento e da subordinação hierárquica, as atribuições mais restritas daqueles que são nomeados à marcha dos povos, à proteção das famílias e dos indivíduos, ao impulso de cada ramo do progresso, às diversas operações da Natureza, até aos mais ínfimos detalhes da criação. Nesse vasto e harmonioso conjunto, há ocupação para todas as capacidades, todas as aptidões, todas as boas-vontades, ocupações aceitas com alegria, solicitadas com ardor, porque é um meio de adiantamento para os Espíritos que aspiram a se elevar.

A encarnação é inerente à inferioridade dos Espíritos; ela não é mais necessária àqueles que lhe transpuseram o limite e que progridem no estado espiritual, ou nas existências corpóreas dos mundos superiores que não têm mais nada da materialidade terrestre. Da parte destes é voluntária, em vista de exercer sobre os encarnados uma ação mais direta para o cumprimento da missão da qual estão encarregados junto a eles. Aceitam as vicissitudes e os sofrimentos por devotamento.

Ao lado das grandes missões confiadas aos Espíritos superiores, há as de todos os graus de importância atribuídas aos Espíritos de todas as ordens; de onde se pode dizer que cada encarnado tem a sua, quer dizer, deveres a cumprir para o bem dos semelhantes, desde o pai de família, a quem incumbe o cuidado de fazer seus filhos progredirem, até o homem de gênio, que lança na sociedade novos elementos de progresso. É nessas missões secundárias que se encontram, freqüentemente, os desfalecimentos, as prevaricações, as renúncias, mas que não prejudicam senão o indivíduo e não o conjunto.

Todas as inteligências concorrem, pois, à obra geral, em qualquer grau a que tenham chegado, e cada uma na medida de suas forças; umas no estado de encarnação, outras no estado de Espírito. Por toda a parte a atividade, desde o baixo até o mais alto da escala, todas se instruindo, se entre ajudando, se prestando um mútuo apoio, se estendendo a mão para alcançar o grau supremo.

Assim se estabelece a solidariedade entre o mundo espiritual e o mundo corpóreo, de outro modo dito, entre os homens e os Espíritos, entre os Espíritos livres e os Espíritos cativos. Assim se perpetuam e se consolidam, pela depuração e pela continuidade das relações, as simpatias verdadeiras, as afeições santas.

Por toda a parte, pois, a vida e o movimento; não há um canto do espaço infinito que não seja povoado; não uma região que não seja incessantemente percorrida por inumeráveis legiões de seres radiosos, invisíveis para os sentidos grosseiros dos encarnados, mas cuja visão arrebatada de admiração e de alegria as almas desligadas da matéria. Por toda a parte, enfim, há uma felicidade relativa para todos os progressos, para todos os deveres cumpridos; cada um leva consigo os elementos de sua felicidade, em razão da categoria onde o coloca o seu grau de adiantamento.

A felicidade prende-se às qualidades próprias dos indivíduos, e não ao estado material do meio onde se encontrem; portanto, está por toda a parte onde há Espíritos capazes de serem felizes; nenhum lugar circunscrito lhe é assinalado no Universo. Em qualquer lugar em que se encontrem, os puros Espíritos podem contemplar a majestade divina, porque Deus está por toda a parte.

No entanto, a felicidade não é pessoal; se não se a haurisse senão em si mesmo, não se poderia fazê-la partilhar por outros, seria egoísta e triste; está também na comunhão de pensamentos que une os seres simpáticos. Os Espíritos felizes, atraídos uns para os outros pela semelhança das idéias, dos gostos, dos sentimentos, formam vastos grupos ou famílias homogêneas, no seio das quais cada individualidade irradia suas próprias qualidades, e se penetra dos eflúvios serenos e benfazejos que emanam do conjunto, cujos membros ora se dispersam para ocuparem-se de suas missões, ora se reúnem num ponto qualquer do espaço para darem conta do resultado de seus trabalhos, ora se reúnem ao redor de um Espírito de uma ordem mais elevada, para receberem seus conselhos e suas instruções.

Se bem que os Espíritos estejam por toda a parte, os mundos são os lares onde se reúnem de preferência, em razão da analogia que existe entre eles e aqueles que os habitam. Ao redor dos mundos avançados são muitos os Espíritos superiores; ao redor dos mundos atrasados pululam os Espíritos inferiores. A Terra é ainda um destes últimos. Cada globo tem, pois, de alguma sorte, a sua população própria em Espíritos encarnados e desencarnados, que se alimenta, em maior parte, pela encarnação e desencarnação dos mesmos Espíritos. Essa população é mais estável nos mundos inferiores, onde os Espíritos são mais apegados à matéria, e mais flutuante nos mundos superiores. Mas dos mundos, focos de luz e de felicidade, os Espíritos se desligam para os mundos inferiores para ali semear os germes do progresso, levar-lhe o consolo e a esperança, levantar as coragens abatidas pelas provas da vida, e, às vezes se encarnarem para cumprir sua missão com mais eficácia.

Nessa imensidade sem limites, onde está o céu! Ele está por toda a parte; nenhum recinto lhe serve de limites; os mundos felizes são as últimas estações que a ele conduzem; as virtudes abrem-lhe o caminho, os vícios lhe interditam o acesso.

Ao lado desse quadro grandioso que povoa todos os cantos do Universo, como é pequena e mesquinha a doutrina que circunscreve a Humanidade sobre um imperceptível ponto do espaço, que no-la mostra começando num instante dado para acabar igualmente um dia com o mundo que a leva, não abarcando assim senão um minuto na eternidade! Quanto ela é triste, fria e glacial, quando nos mostra o resto do Universo antes, durante e depois da Humanidade terrestre, sem vida, sem movimento, como um imenso deserto mergulhado no silêncio! Quanto ela é desesperadora para a pintura que faz do pequeno número dos eleitos votados à contemplação perpétua, ao passo que a maioria das criaturas é condenada ao sofrimento sem fim! Quanto é dolorosa para os corações amantes, pela barreira que ela põe entre os mortos e os vivos! As almas felizes, diz-se, não pensam senão em sua felicidade; aquelas que são infelizes, em suas dores. É espantoso que o egoísmo reine sobre a Terra, quando se o mostra no céu? Quanto, então, é estreita a idéia que ela dá da grandeza, do poder e da bondade de Deus!

Quanto é sublime, ao contrário, a que dela dá o Espiritismo! quanto sua doutrina engrandece as idéias, alarga o pensamento! -Mas quem disse que ela é verdadeira? A razão primeiro, a revelação em seguida, depois a sua concordância com o progresso da ciência. Entre duas doutrinas das quais uma diminui e a outra estende os atributos de Deus; das quais uma está em desacordo e a outra em harmonia com o progresso; das quais uma permanece atrasada e a outra caminha para adiante, o bom senso diz de que lado está a verdade. Que em presença das duas, cada um, em seu foro interior, interrogue as suas aspirações, e uma voz íntima lhe responderá. As aspirações são a voz de Deus, que não pode enganar os homens.

Mas, então, porque Deus, desde o princípio, não lhes revelou toda a verdade? Pela mesma razão porque não se ensina à infância o que se ensina na idade madura. A revelação restrita era suficiente durante um certo período da Humanidade; Deus a proporciona às forças do Espírito. Aqueles que recebem hoje uma revelação mais completa são os *mesmos Espíritos* que dela já receberam uma parte em outros tempos, mas que desde então cresceram em inteligência. Antes que a ciência lhes tivesse revelado as forças vivas da Natureza, a constituição dos astros, o verdadeiro papel e a formação da Terra, teriam compreendido a imensidão do espaço, a pluralidade dos mundos? Teriam podido se identificar com a vida espiritual? conceber, depois da morte, uma vida feliz ou infeliz, de outro modo que num lugar circunscrito e sob uma força material? Não; compreendendo mais pelos sentidos do que pelo pensamento, o Universo era muito vasto para o seu cérebro; era preciso reduzi-lo a proporções menos extensas para o pôr no seu ponto de vista, sob a condição de estendê-lo mais tarde. Uma revelação parcial tinha sua utilidade; era sábia então, é suficiente hoje. O erro é daqueles que, não levando em conta o progresso das idéias, crêem poder governar os homens maduros com as andadeiras da infância.

A.K.

Nota .-Este artigo, assim como o do número precedente, sobre a *apreensão da morte*, foram extraídos da nova obra que o Sr. Allan Kardec colocará proximamente no prelo. Os dois fatos seguintes vêm confirmar este quadro do céu.

NECROLOGIA.
SENHORA VIÚVA FOULON.

O jornal *lê S'èc/e*, em seus artigos necrológicos, de 13 de fevereiro de 1865, publicou a nota seguinte, igualmente reproduzida pelo jornal do Havre e o de Antibes:

"Uma artista amada e estimada em Havre, senhora viúva Foulon, miniaturista hábil, faleceu em 3 de fevereiro em Antibes, onde tinha ido procurar, num clima mais ameno, o restabelecimento de uma saúde alterada pelo trabalho, tanto quanto pela idade."

Tendo pessoalmente e muito intimamente conhecido a senhora Foulon, estamos felizes em poder completar a justa mas muito curta notícia acima. Nisto, cumprimos um dever de amizade, ao mesmo tempo que é uma homenagem merecida prestada às virtudes ignoradas, e um salutar exemplo para todo o mundo e para os Espíritas em particular, que nisso haurirão preciosos ensinamentos.

Como artista, a senhora Foulon tinha um talento notável; suas obras, justamente apreciadas em muitas exposições, valeram-lhe numerosas recompensas honrosas. Aí está um mérito, sem dúvida, mas que nada tem de excepcional. O que a fazia sobretudo amar e estimar, o que torna sua memória querida a todos aqueles que a conheceram, é a amenidade de seu caráter; são suas qualidades particulares, as quais só aqueles que conhecem sua vida íntima podem apreciar em toda a extensão; porque, como todos aqueles em que o sentimento do bem é inato, ela disso não fazia alarde, não duvidava mesmo disso. Se há alguém sobre quem o egoísmo não tinha nenhum efeito, era ela, sem dúvida; jamais talvez o sentimento da abnegação pessoal foi levado mais longe; sempre pronta a sacrificar seu repouso, sua saúde, seus interesses por aqueles a quem podia ser útil, sua vida não foi senão uma longa série de devotamentos, como não foi, desde sua juventude, senão uma série de rudes e cruéis provas diante das quais sua coragem, sua resignação e sua perseverança jamais faliram. Os reveses da fortuna não lhe tinham deixado senão seu talento por único recurso, e foi somente com os pincéis, seja dando lições, seja fazendo retratos, que ela elevou uma numerosíssima família e assegurou uma honrada posição a todos seus filhos. É preciso ter conhecido sua vida íntima para saber tudo o que ela suportou de fadigas e de privações, todas as dificuldades contra as quais teve que lutar para alcançar o seu objetivo. Mas, ah! sua vista, fatigada pelo trabalho atraente da miniatura, se extinguia dia a dia; ainda algum tempo, e a cegueira, já muito avançada, foi completa.

Quando, há alguns anos, a senhora Foulon teve conhecimento da Doutrina Espírita, isso foi para ela como um traço de luz; pareceu-lhe que um véu se levantou sobre alguma coisa que não lhe era desconhecida, mas da qual não tinha senão uma vaga intuição; também o estudou com ardor, mas ao mesmo tempo com essa lucidez de espírito, essa justeza de apreciação que era própria de sua alta inteligência. É preciso conhecer todas as perplexidades de sua vida, perplexidades que tinham sempre por móvel, não ela mesma, mas os seres que lhe eram caros, para compreender todas as consolações que ela hauriu nesta sublime revelação que lhe deu uma fé inabalável no futuro, e mostrou-lhe o nada das coisas terrestres. Sem o respeito devido às coisas íntimas, quantos grandes ensinamentos saíram do último período dessa vida tão fecunda em emoções! Também a assistência dos bons Espíritos não lhe faltou; as instruções e os ensinamentos que prodigalizaram a esta alma de elite formam uma coletânea das mais edificantes, mas muito íntima, das quais estamos felizes por termos sido mais de uma vez o agente provocador. Também sua morte foi digna de sua vida. Ela viu sua aproximação sem nenhuma apreensão penosa: era para ela a libertação dos laços terrestres que devia lhe abrir essa vida espiritual bem-aventurada, com a qual ela havia se identificado pelo estudo do Espiritismo.

Ela morreu com calma porque tinha a consciência de ter cumprido a missão que tinha aceito vindo sobre a Terra, de ter cumprido escrupulosamente seus deveres de esposa e de mãe de família; porque também ela havia, durante sua vida, abjurado todo ressentimento contra aqueles dos quais tinha a se lamentar, e que a haviam pago com a ingratidão; que ela sempre lhes restituiu o bem pelo mal, e que deixou a vida perdoando-

os, remetendo-os, por ela mesma, à bondade e à justiça de Deus. Ela morreu, enfim, com a serenidade que dá uma consciência pura, e a certeza de estar menos separada de seus filhos do que durante ávida corpórea, uma vez que poderá, doravante, estar com eles em Espírito, sobre qualquer ponto do globo em que se encontre, ajudá-los com seus conselhos, e cobri-los com a sua proteção. Agora, qual é sua sorte no mundo em que se encontra? Os Espíritas já a pressentem; mas deixemos ela mesma dar conta de suas impressões.

Ela morreu, como se viu, em 3 de fevereiro; disso recebemos a notícia no dia 6 e nosso primeiro desejo foi conversar com ela, se isto fosse possível. Nós mesmos, nesse momento, estávamos atingidos por uma moléstia grave, o que explica algumas de suas palavras. Há a se anotar que o médium não a conhecia, e ignorava as particularidades de sua vida, da qual ela fala espontaneamente. Eis sua primeira comunicação, que foi dada em 6 de fevereiro:

(5 de fevereiro de 1865. - Médium, senhora Cazemajour.)

Estava segura de que teríeis o pensamento de me evocar logo após a minha libertação, e estava pronta a vos responder, porque não conheci a perturbação; não há senão aqueles que têm medo de que são envolvidos dessas espessas trevas.

Pois bem, meu amigo, estou feliz agora; estes pobres olhos que estavam enfraquecidos e que não me deixavam senão a lembrança dos prismas que tinham colorido minha juventude com seu cintilante raio, abriram-se aqui, e reencontraram os esplêndidos horizontes que idealizam, em suas vagas reproduções, alguns de vossos grandes artistas, mas dos quais a realidade majestosa, severa e no entanto cheia de encantos, é impregnada da mais completa realidade.

Não faz senão três dias que morri, e sinto que sou artista; minhas aspirações para com o ideal da beleza na arte não eram senão a intuição de uma faculdade que estudei e adquiri em outras existências, e que se desenvolveram em minha última. Masque tenho a fazer para reproduzir uma obra-prima digna da grande cena que toca o espírito chegando na região da luz! Os pincéis! os pincéis! e provarei ao mundo que a arte espírita é o coroamento da arte paga, da arte cristã que periclita, e que só ao Espiritismo está reservada a glória de fazê-la reviver em todo o seu brilho, sobre o vosso mundo deserdado.

Bastante para o artista; em torno da amiga.

Por que, boa amiga (senhora Allan Kardec), vos afetais assim com a minha morte? Vós sobretudo, que conheceis as decepções e as amarguras de minha vida, deveríeis vos alegrar, ao contrário, por ver que agora não tenho mais a beber na taça amarga das dores terrestres que esvaziei até o fim. Crede-me, os mortos são mais felizes do que os vivos, e é duvidar da verdade do Espiritismo chorá-los. Reverer-me-eis, esteja disso segura; parti primeiro, porque minha tarefa tinha acabado nesse mundo; cada um tem a sua a cumprir na Terra, e quando a vossa tiver terminado, vireis repousar um pouco junto de mim, para recomeçar em seguida, se for preciso, tendo em vista que nada na Natureza permanece inativo. Cada um tem as suas tendências e a elas obedece; é uma lei suprema que prova o poder do livre arbítrio; também, boa amiga, indulgência e caridade, todos nós delas temos necessidade reciprocamente, seja no mundo visível, seja no mundo invisível; com esta divisa, tudo vai bem.

Não me direis para deter-me. Sabeis que falo longamente pela primeira vez! Também vos deixo; ao redor de meu excelente amigo, Sr. Kardec. Quero vos agradecer pelas afetuosas palavras que consentiu dirigir à amiga que o antecipou no túmulo; porque quase partimos juntos para o mundo onde me encontro, meu bom amigo! (Tínhamos

caído doente em 31 de janeiro). Que teria dito a companheira bem amada de vossos dias, se os bons Espíritos não o tivessem colocado em ordem? seria então que ela teria chorado e gemido! e eu o compreendo; mas também é preciso que ela vele para não vos expordes de novo ao perigo, antes de ter terminado o vosso trabalho de iniciação espírita, sem isso correreis o risco de chegar muito cedo entre nós, e de não ver, como Moisés, a Terra Prometida senão de longe. Tende-vos, pois, em guarda, é uma amiga que disse vos previne.

Agora, eu me vou; retorno junto de meus caros filhos; depois, vou ver, além dos mares, se minha ovelha viajante chegou enfim ao porto, ou se ela é o brinquedo da tempestade. Que os bons Espíritos a protejam; vou juntar-me a eles para isto. Voltarei a falar convosco, porque sou uma faladora infatigável; disso vos lembrais. Até breve, pois, bons e caros amigos; desejo vos rever logo.

VIÚVA FOULON.

Nota. - A ovelha viajante é uma de suas filhas, que mora na América, e que vinha de fazer uma longa e penosa viagem.

Não se teme a morte senão pela incerteza do que se passa nesse momento supremo e do que ocorre conosco no além. A crença vaga na vida futura não basta para sempre nos acalmar a apreensão do desconhecido. Todas as comunicações que têm por objetivo nos iniciar nos detalhes e nas impressões da passagem, tendem a dissipar esse medo, naquilo que elas nos familiarizam e nos identificam com a transição que se opera em nós. Deste ponto de vista, as da senhora Foulon, e as do doutor Demeure que vão fazer seqüência, são eminentemente instrutivas. A situação dos Espíritos depois da morte, sendo essencialmente variável, segundo a diversidade das aptidões, das qualidades e do caráter de cada um, não é senão pela multiplicidade dos exemplos que se pode chegar a conhecer o estado real do mundo invisível.

(8 de fevereiro de 1865.)

Espontâneo. Eis-me entre vós bem mais cedo do que acreditava, e muito feliz por vos rever, sobretudo agora que ides melhor, e que logo, o espero, estareis completamente restabelecido. Mas quero que me dirijais as perguntas que vos interessem; eu as responderei melhor; sem isto, corro o risco de conversar convosco sem plano e em desordem, e é preciso que conversemos sobre coisas puramente sérias; não é, meu bom mestre espírita?

P. Cara senhora Foulon, estou feliz pela comunicação que me destes outro dia, e com a vossa promessa de continuarmos nossas entrevistas.

Eu vos reconheci perfeitamente na comunicação; ali falastes de coisas ignoradas do médium, e que não podem vir senão de vós; depois a vossa linguagem afetuosa a nosso respeito é bem a da vossa alma amante; mas há, em vossa linguagem, uma segurança, um aprumo, uma firmeza que não vos conhecia quando viva. Sabeis que, a este respeito, me permiti mais de uma advertência em certas circunstâncias.

R. É verdade; mas desde que me vi gravemente enferma, recobrei minha firmeza de espírito, perdida nos lamentos e nas vicissitudes que tinham, às vezes, me tornado amedrontada durante a vida. Disse a mim mesma: Tu és Espírita; esquece a Terra; prepara-te para a transformação de teu ser, e vê, pelo pensamento, o caminho luminoso que tua alma deve seguir deixando teu corpo, e que a seguirá, feliz e liberta, nas esferas celestes onde deves viver doravante.

Dir-me-eis que era um pouco de presunção de minha parte contar com a felicidade perfeita deixando a Terra, mas eu tinha sofrido tanto, que devera ter expiado minhas faltas dessa existência e das existências precedentes. Esta intuição não me enganara, e foi ela que me restituiu a coragem, a calma e a firmeza dos últimos instantes; essa

firmeza foi naturalmente aumentada quando, depois de minha libertação, vi minhas esperanças realizadas.

P. Quereis agora nos descrever vossa passagem, vosso despertar e vossas primeiras impressões?

R. Eu sofri, mas meu Espírito foi mais forte do que o sofrimento material, que o desligamento fazia sentir. Achava-me, *depois do supremo suspiro*, como em síncope, não tendo nenhuma consciência de meu estado, nem pensando em nada, e numa vaga sonolência que não era nem o sono do corpo, nem o despertar da alma. Permaneci por muito tempo assim; depois, com se saísse de um longo desmaio, despertei pouco a pouco no meio de irmãos que não conhecia; eles me prodigalizaram seus cuidados e seus carinhos; mostraram-me um ponto no espaço que se parecia a uma estrela brilhante, e me disseram: "É lá que tu vais conosco; não pertences mais à Terra." Então lembrei-me; apoiei-me sobre eles, e, como um grupo gracioso que se lança para as esferas desconhecidas, mas com a certeza de ali encontrar a felicidade.....Subimos, subimos, e a estrela aumentava; era um mundo feliz, um mundo superior, onde vossa boa amiga vai, enfim, encontrar o repouso, quero dizer o repouso em relação às fadigas corpóreas que experimentei e às vicissitudes da vida terrestre, mas não a indolência do Espírito, porque a atividade do Espírito é um prazer.

P. É que haveis deixado definitivamente a Terra?

R. Nela deixei muitos seres que me são caros para deixá-la ainda definitivamente. A ela retornarei, pois, em Espírito, porque tenho uma missão a cumprir junto de minhas criancinhas. Sabeis bem, aliás, que nenhum obstáculo se opõe a que os Espíritos, que estacionam nos mundos superiores à Terra, venham visitá-la.

P. A posição em que estais parece enfraquecer vossas relações com aqueles que deixastes neste mundo.

R. Não, meu amigo; o amor aproxima as almas. Crede-me, pode-se estar, sobre a Terra, mais perto daqueles que atingiram a perfeição do que daqueles que a inferioridade e o egoísmo fazem turbilhonar ao redor da esfera terrestre. A caridade e o amor são dois motores de uma atração poderosa. É o laço que cimenta a união das almas ligando uma a outra, e a continua apesar da distância e dos lugares. Não há distância senão para os corpos materiais; ela não existe para os Espíritos.

P. Segundo o que dissestes em vossa precedente comunicação, sobre vossos instintos de artista, e o desenvolvimento da arte espírita, eu acreditava que, numa nova existência, dela serieis um dos primeiros intérpretes?

R. Não; é como guia e Espírito protetor que devo dar provas ao mundo da possibilidade de fazer obras-primas na arte espírita. As crianças serão médiuns pintores, e na idade em que não se faz senão esboços sem forma, eles pintarão, não coisas da Terra, mas coisas dos mundos onde a arte atingiu toda a sua perfeição.

P. Que idéia fazeis agora de meus trabalhos concernentes ao Espiritismo?

R. Acho que estais encarregado de almas, e que o fardo é penoso para carregar; mas vejo o objetivo, e sei que o alcançareis; eu vos ajudarei, se for possível, com meus conselhos de Espírito, para que possais superar as dificuldades que vos serão suscitadas, convidando-vos a propósito de tomar certas medidas próprias a ativar, durante vossa vida, o movimento renovador ao qual o Espiritismo leva. Vosso amigo Demeure, unido ao Espírito de Verdade, vos será de um concurso mais útil ainda; ele é mais sábio e mais sério do que eu; mas, como sei que a assistência dos bons Espíritos vos fortalece e mantém em vosso labor, crede que a minha vos será assegurada por toda a parte e sempre.

P. Poder-se-ia induzir de algumas de vossas palavras que não dareis uma cooperação pessoal muito ativa à obra do Espiritismo?

R. Vós vos enganais; mas vejo tantos outros Espíritos mais capazes do que eu para tratar desta questão importante, que um sentimento invencível de timidez me impede, no

momento, de vos responder segundo os vossos desejos. Isso talvez virá; terei mais coragem e ousadia, mas é preciso antes que os conheça melhor. Não faz senão quatro dias que morri; estou ainda sob o encanto do deslumbramento que me cerca; meu amigo, não o compreendeis? Eu não posso bastar para exprimir as novas sensações que sinto. Deveria violentar-me para me arrancar à fascinação que exerce sobre o meu ser as maravilhas que ele admira. Não posso senão bendizer e adorar a Deus em suas obras. Mas isto passará; os Espíritos me asseguram que logo estarei acostuada com todas essas magnificências, e que poderei, então, com a minha lucidez de Espírito, tratar todas as questões relativas à renovação terrestre. Depois, com tudo isto, pensai que neste momento sobretudo, tenho uma família a consolar. O entusiasmo invadiu minha alma, e espero que tenha passado um pouco para vos entreter com o Espiritismo sério, e não com o Espiritismo poético, que não é bom para os homens: eles não o compreendem.

Adeus, desejo retornar logo; vossa boa amiga, que vos ama e vos amará sempre, meu mestre, porque é só a vós que ela deve a consolação durável e verdadeira que sentiu sobre a Terra.

VIÚVA FOULON.

Nota. - Todo Espírita sério e esclarecido tirará facilmente destas comunicações os ensinamentos que delas ressaltam; não chamaremos, pois, a atenção senão sobre dois pontos. O primeiro é que este exemplo nos mostra a possibilidade de não mais se encarnar sobre a Terra e de passar daqui para um mundo superior, sem estar por isso separados dos seres amados que se deixam aqui. Aqueles, pois, que temem a reencarnação por causa das misérias da vida podem disso se livrar fazendo o que é preciso, quer dizer, trabalhando por sua melhoria. Tal aquele que não quer vegetar nas classes inferiores, deve se instruir e trabalhar para subir de grau.

O segundo ponto é a confirmação desta verdade de que, depois da morte, estamos menos separados dos seres que nos são caros do que durante a vida. Há apenas alguns dias, a senhora Foulon, retida pela idade e a enfermidade numa pequena cidade do Sul, não tinha junto dela senão uma parte de sua família; a maioria de seus filhos e de seus amigos estando dispersa ao longe, obstáculos materiais se opunham a que ela pudesse vê-los tão freqüentemente, uns e outros, que o tivesse desejado. A grande distância tornava mesmo a correspondência rara e difícil para alguns. Apenas se desembaraçou de seu pesado envoltório, que, leve, ela correu junto de cada um, transpondo as distâncias sem fadiga, com a rapidez da eletricidade, os vê, assiste às suas mínimas reuniões, cerca-os com a sua proteção e pode, pela via da mediunidade, conversar com eles a todo instante, como quando viva. E dizer que, a este pensamento consolador, há pessoas que preferem o de uma separação indefinida!

Nota. - Recebemos muito tarde para poder reproduzi-lo, o interessante artigo necrológico detalhado, publicado no *Journal du Havre*, de 10 de fevereiro, estando nosso número composto e completo, e no momento de ser impresso.

O DOUTOR DEMEURE,
Morto em Albi (Tarn), a 26 de janeiro de 1865.

Ainda uma alma de elite que acaba de deixar a Terra! O Sr. Demeure era um médico homeopata muito distinguido de Albi. Seu caráter, tanto quanto seu saber, lhe tinham conciliado a estima e a veneração de seus concidadãos. Não o conhecemos senão por sua correspondência e a de seus amigos, mas ela bastou para nos revelar toda a grandeza e toda a nobreza de seus sentimentos. Sua bondade e sua caridade eram inesgotáveis, e, apesar de sua grande idade, nenhuma fadiga lhe custava quando se tratasse de ir dar cuidados a pobres doentes. O preço de suas visitas era o menor de

seus cuidados; preocupava-se menos em se incomodar pelo infeliz do que por aquele que sabia poder pagar, porque, dizia ele, na falta dele, poderia sempre se proporcionar um médico. Ao primeiro, não somente dava os remédios gratuitamente, mas, freqüentemente, deixava com que subvencionar as necessidades materiais, o que, às vezes, é o mais útil dos medicamentos. Pode-se dizer dele que era o Cura d'Ars da medicina.

O Sr. Demeure havia abraçado com ardor a Doutrina Espírita, na qual tinha encontrado a chave dos mais sérios problemas, dos quais tinha em vão pedido a solução à ciência e a todas as filosofias. Seu espírito profundo e investigador fê-lo imediatamente compreender toda a sua importância, também foi um de seus mais zelosos propagadores. Embora não nos tivéssemos jamais visto, ele nos dizia em uma de suas cartas, que tinha a convicção de que não éramos estranhos um ao outro, e que relações anteriores existiam entre nós. Sua pressa em se colocar junto de nós desde que morreu, sua solicitude por nós e os cuidados que nos deu na circunstância em que nos achávamos no momento, o papel que ele parece chamado a cumprir, parecem confirmar esta previsão, que não pudemos ainda verificar.

Soubemos de sua morte a 30 de janeiro, e nosso primeiro pensamento foi de conversar com ele. Eis a comunicação que nos deu na própria noite, por intermédio da senhora Cazemajour, médium.

"Eis-me. Tinha prometido, quando vivo, que, desde que morresse, viria, se isto me fosse possível, apertar a mão de meu caro mestre e amigo, Sr. Allan Kardec.

"A morte havia dado à minha alma esse sono pesado que se chama letargia; mas o meu pensamento velava. Sacudi esse torpor funesto que prolonga a perturbação que segue à morte, e despertei, e de um salto fiz a viagem.

"Quanto sou feliz! Não sou mais velho nem enfermo; meu corpo não era senão um disfarce imposto; sou jovem e belo, belo dessa eterna juventude dos Espíritos cujas rugas jamais preeguem o rosto, cujos cabelos não embranquecem sob a duração do tempo. Sou leve como o pássaro que atravessa com um vôo rápido o horizonte de vosso céu nebuloso, e admiro, contemplo, bendigo, amo e me inclino, átomo, diante da grandeza, da sabedoria, da ciência de nosso Criador, diante das maravilhas que me cercam.

"Eu estava junto de vós, caro e venerado amigo, quando o Sr. Sabó falou de fazer minha evocação, e eu o segui.

"Estou feliz; estou na glória! Oh! quem poderá um dia contar as esplêndidas belezas da terra dos eleitos: os céus, os mundos, os sóis, seu papel no grande concurso da harmonia universal? Então! tentarei, ó meu mestre; vou fazer esse estudo, e voltarei depor junto a vós a homenagem de meus trabalhos de Espírito, que vos dedico desde já. Até logo.

"DEMEURE."

Nota. - As duas comunicações seguintes, dadas em 1º e 2 de fevereiro, são relativas à enfermidade de que fomos atingidos subitamente a 31 de janeiro. Embora sejam pessoais, nós as reproduzimos, porque elas provam que o Sr. Demeure é tão bom quanto o Espírito que ele era como homem, e que oferecem, além disso, um ensino. É um testemunho de gratidão que devemos à solicitude de que fomos objeto de sua parte, nessa circunstância:

"Meu bom amigo, tende confiança em nós, e boa coragem; esta crise, embora fatigante e dolorosa, não será longa, e, com os comedimentos prescritos, podereis, segundo os vossos desejos, completar a obra da qual vossa existência foi o objetivo principal. Portanto, sou eu que estou sempre aí, junto de vós, com o Espírito de *Verdade*, que me permite tomar em seu nome a palavra, como o último de vossos amigos vindo entre os Espíritos! Eles me fazem a honra da boa-vinda. Caro mestre, quanto sou feliz de ter morrido em tempo para estar com eles neste momento! Se tivesse morrido mais cedo, teria talvez podido vos evitar essa crise que eu não previa; havia pouco tempo que eu

tinha desencarnado para me ocupar de outra coisa senão do espiritual; mas agora velarei sobre vós, caro mestre, é vosso irmão e amigo que está feliz de ser Espírito para estar junto de vós e vos dar os cuidados em sua doença; mas conheceis o provérbio: "Ajuda-te e o céu te ajudará." Ajudai, pois, os bons Espíritos nos cuidados que vos dão, vos conformando estritamente às suas prescrições.

"Faz muito calor aqui; este carvão é fatigante. Enquanto estiver-des doente, não o queimeis; ele continua a aumentar a vossa opressão; os gases que dele se desprendem são deletérios.

'Vosso amigo,

DEMEURE."

"Sou eu, Demeure, o amigo do Sr. Kardec. Venho dizer-lhe que estava junto dele quando do acidente que lhe ocorreu, e que teria podido ser funesto sem uma intervenção eficaz para a qual fiquei feliz em concorrer. Segundo as minhas observações e as informações que hauri em boa fonte, é evidente para mim que, quanto mais cedo asuadesencarnação se operar, mais cedo poderá se fazer a reencarnação pela qual virá acabar a sua obra. No entanto, lhe é preciso dar, antes de partir, a última mão nas obras que devem completar a teoria doutrinária da qual é o iniciador, e ele se torna culpado de homicídio voluntário contribuindo, por excesso de trabalho, ao defeito de seu organismo que o ameaça de uma súbita partida para os nossos mundos. Não é preciso temer de dizer-lhe toda a verdade, para que se mantenha em guarda e siga ao pé da letra as nossas prescrições.

"DEMEURE."

A comunicação seguinte foi obtida em Montauban, a *P* de fevereiro, no círculo dos amigos espíritas, que ele tinha nessa cidade.

"Antoine Demeure. Para vós não estou morto, meus bons amigos, mas para aqueles que não conhecem, como vós, esta santa doutrina, que reúne aqueles que se amaram sobre a Terra, e que tiveram os mesmos pensamentos e os mesmos sentimentos de amor e de caridade.

"Estou feliz; mais feliz do que podia esperá-lo, porque gozo de uma lucidez rara entre os Espíritos desligados da matéria depois de tão pouco tempo. Tomai coragem, meus bons amigos; freqüentemente, estarei junto de vós, e não deixarei de vos instruir sobre muitas coisas que ignoramos quando estamos presos à nossa pobre matéria, que nos esconde tantas magnificências e tantos gozos. Orai por aqueles que estão privados dessa felicidade, porque não sabem o mal que fazem a si mesmos.

"Não continuarei por mais tempo hoje, mas vos direi que não me acho de todo estranho neste mundo dos invisíveis; parece-me que sempre o habitei. Sou feliz aqui, porque vejo meus amigos, e posso me comunicar com eles todas as vezes que o deseje.

"Não choreis, meus amigos; far-me-eis lamentar de vos ter conhecido. Deixai correr o tempo, e Deus vos conduzirá a esta morada onde devemos todos nos encontrar reunidos. Boa-noite, meus amigos: que Deus vos console; estou lá junto de vós.

"DEMEURE."

Nota. - A situação do Sr. Demeure, como Espírito, é bem aquela que podia fazer pressentir sua vida tão dignamente e tão utilmente cumprida; mas um outro fato, não menos instrutivo, ressalta destas comunicações, é a atividade que desenvolve, quase imediatamente, depois de sua morte, para ser útil. Por sua alta inteligência e suas qualidades morais, ele pertence à ordem dos Espíritos muito avançados; é muito feliz, mas a sua felicidade não está na inação. Há alguns dias de distância, pensava nos doentes como médico, e, apenas desligado, se apressa em ir nisto pensar como Espírito. O que se ganha, pois, em estar no outro mundo, certamente, dirão certas pessoas, se não

se goza ali de repouso? A isto lhes perguntaremos primeiro se não é nada não ter mais nem os cuidados, nem as necessidades, nem as enfermidades da vida, de ser livre, e de poder, sem fadiga, percorrer o espaço com a rapidez do pensamento, ir ver seus amigos a toda hora, a qualquer distância em que se achem ? Depois acrescentaremos: Quando estiverdes no outro mundo, nada vos forçará a fazer o que quer que seja; estareis perfeitamente livres para permanecer numa beatitude ociosa tanto tempo quanto vos apraza; mas vos deixareis logo dessa ociosidade egoísta; sereis os primeiros a pedir uma ocupação. Então, vos será respondido: Se vos entediais por nada fazer, procurai vós mesmos alguma coisa a fazer; as ocasiões de ser útil não faltam mais no mundo dos Espíritos do que entre os homens. É assim que a atividade espiritual não é um constrangimento; ela é uma necessidade, uma satisfação para os Espíritos que procuram as ocupações em relação com seus gostos e suas aptidões, e escolhem de preferência aquelas que podem ajudar o seu adiantamento.

PROCESSO HILLAIRE.

Um assunto sobre o qual havíamos guardado um silêncio que se compreenderá facilmente, acaba de receber um desfecho que o coloca no domínio público; vários jornais das localidades vizinhas, tendo disso dado conta, cremos desde então oportuno dele falar, a fim de prevenir as falsas interpretações da malevolência com respeito à Doutrina Espírita, e provar que esta doutrina não cobre com o seu manto nada daquilo que é irrepreensível. Aliás, não estando nosso nome a ele misturado, não é inútil que se conheça a nossa maneira de ver. Este assunto concerne ao médium Hillaire, de Sonnac (Charente-Inférieure), com o qual já tivemos a ocasião de entreter nossos leitores.

Hillaire é um jovem, casado e pai de família, simples trabalhador, quase iletrado. A Providência dotou-o de uma notável faculdade medianímica muito múltipla, da qual se podem ver os detalhes na obrado Sr. Bez, intitulada: os *Milagres de nossos dias*, e que tem mais de uma relação com a do Sr. Home. Esta faculdade tem naturalmente chamado a atenção sobre ele; ela tinha adquirido uma celebridade local, ao mesmo tempo que lhe havia feito valer a simpatia de uns e a repreensão dos outros. Os elogios um pouco exagerados dos quais era objeto, produziram sobre ele sua má influência habitual. Os sucessos do Sr. Home tinham-lhe, de algum modo, subido à imaginação, assim como o atestam as cartas que nos escreveu. Ele sonhava um teatro maior do que a sua aldeia; no entanto, apesar de suas instâncias para vê-lo vir a Paris, jamais quisemos apertar-lhe a mão. Seguramente, se nisso tivéssemos visto uma utilidade qualquer, o teríamos favorecido, mas estávamos convencidos, segundo as idéias e o caráter que lhe conhecíamos, que ele não estava à altura a nisso desempenhar um papel bastante preponderante em seu próprio interesse. Aliás, muito recentemente tínhamos visto um triste exemplo dessas ambições que levam para a capital, e que acabam por cruéis decepções. Elevando-o sobre um pedestal, se lhe prestou um mau serviço. Sua missão era local; num raio limitado, sobre uma certa população, poderia prestar grandes serviços à causa do Espiritismo, com a ajuda dos notáveis fenômenos que se produziam sob a sua influência; isso lhe rendeu propagando as idéias espíritas na região, mas poderia dar-lhe muito mais ainda, se tivesse permanecido em sua modesta esfera, sem abandonar o trabalho que o fazia viver, e que com mais prudência teria podido conciliar com o exercício da mediunidade. Infelizmente, a importância que se atribuía o tornou pouco acessível aos conselhos da experiência; como muitas pessoas, as teria voluntariamente aceito se estivessem conforme às suas idéias, do que suas cartas nos dão a prova! Vários indícios nos fizeram prever sua queda, mas estávamos longe de desconfiar porque causa ela chegaria. Somente nossos guias espirituais nos advertiram, mais de uma vez,

para agir com ele com uma grande circunspeção, e de não nos colocarmos à frente, sobretudo, desviando de fazê-lo vir a Paris.

Por muita presunção de um lado, e muita fraqueza de outro, quebrou a sua missão no momento em que ela poderia adquirir o maior brilho. Cedendo a deploráveis arrastamentos, e talvez, somos levados a crê-lo, a pérfidas insinuações conduzidas com jeito, ele cometeu uma falta, em conseqüência da qual deixou o país, e da qual, mais tarde, teve que prestar conta diante da justiça. O Espiritismo, longe de com isso sofrer, assim como disso se gabam nossos adversários, saiu são e salvo dessa prova, como se o verá dentro em pouco. Vai sem dizer que se queria esforçar-se por fazer passar todas as manifestações do infeliz Hillaire como insignes malabarismos.

O lesado, nesse triste negócio, um daqueles que mais o tinha aclamado em sua glória passageira, e o tinha coberto com o seu patrocínio, nos escreveu depois da fuga dos culpados, para nos dar conta dos fatos em detalhe, e nos pedir o nosso concurso e o de nossos correspondentes, a fim de fazê-los deter. E termina dizendo: "É preciso lhes tirar todos os recursos para forçá-los a entrar na França, e aí poderemos fazê-los castigar pela justiça dos homens, à espera de que a desse Deus de misericórdia ela própria os *castigue*, porque fazem um mal muito grande ao Espiritismo. À espera de uma resposta de vossa mão, vou pedir a Deus para fazê-los descobrir. Sou todo vosso, irmão em Deus, etc."

Eis a resposta que lhe demos, nem desconfiar que se tornaria uma das peças do processo:

Senhor,

No retorno de uma longa viagem que acabo de fazer, encontrei a carta que me havíeis escrito concernente a Hillaire. Deploro, tanto quanto quem quer que seja, esse triste assunto, do qual o Espiritismo, no entanto, não pode receber nenhum prejuízo, porque não poderia ser responsável pelos atos daqueles que o compreendem mal. Quanto a vós, o mais lesado nessa circunstância, compreendo a vossa indignação, e o primeiro momento de desatino que deveu vos agitar, mas espero que a reflexão terá levado mais calma em vosso espírito. Se sois realmente Espírita, deveis saber que devemos aceitar com resignação todas as provas que apraza a Deus nos enviar, e que elas são expiações que merecemos por nossas faltas passadas. Não é rogando a Deus, como o fazes, de nos vingar daqueles de quem temos a lamentar, que se adquire o mérito das provas que nos são enviadas; bem ao contrário, perde-se delas o fruto, e se as atrai maiores. Não é uma contradição de vossa parte dizer que pediste *ao Deus de misericórdia* fazer com que os culpados sejam detidos, a fim de serem entregues à justiça dos homens? É o o fensor a lhe dirigir semelhantes preces, então que temos mais ou menos necessidade de sua misericórdia para nós mesmos, e esquecer que disse: *Sereis perdoados como tiverdes perdoado aos outros*. Uma tal linguagem não é nem cristã nem espírita, porque o Espiritismo, a exemplo do Cristo, nos ensina a indulgência e o perdão das ofensas. É uma bela ocasião para nós mostrar a grandeza e a magnanimidade, e provar que estais acima das misérias humanas. Desejo, por vós, que não a deixeis escapar.

Pensais que esse negócio fará mal ao Espiritismo; repito que não sofrerá com ele, apesar do ardor de seus adversários em explorar essa circunstância em seu proveito. Se ela devesse lhe fazer mal, isso não seria senão um efeito local e momentâneo, e nisso teríeis vossa parte de responsabilidade, pela pressa que pusestes em divulgá-la. Tanto pela caridade quanto pelo interesse que dizeis ter pela Doutrina, deveríeis ter feito tudo o que estava em vosso poder para evitar o escândalo; ao passo que, pela ressonância que lhe haveis dado, fornecestes armas aos nossos inimigos. Os Espíritas sinceros vos teriam

agradecido pela vossa moderação, e Deus vos teria levado em conta esse bom sentimento.

Lamento profundamente terdes podido pensar que eu serviria, no que quer que seja, aos vossos desejos vingativos, tomando providências para entregar os culpados à justiça. Era vos enganar singularmente sobre o meu papel, meu caráter e minha inteligência dos verdadeiros interesses do Espiritismo. Se sois realmente, como o dizeis, meu irmão em Deus, implorai a sua clemência e não a sua cólera; porque aquele que chama essa cólera sobre outro corre o risco de fazê-la cair sobre si mesmo.

Tenho a honra de vos saudar cordialmente, com esperança de vos ver retornar às idéias mais dignas de um Espírita sincero.

A. K.

Eis agora o relatório que nos foi digirido:

"Começado sexta-feira, o caso Hillaire terminou sábado à meia-noite. Vitet retirando sua queixa no momento em que o julgamento ia ser pronunciado, sua mulher foi inocentada. Restava somente Hillaire sob a ação da justiça. O ministério público concluiu pela culpabilidade e reclamou a aplicação dos artigos 336,337,338, etc., do Código Penal. O Tribunal, *declinando* a sua competência no que toca à apreciação *de todos os transportes e outros fatos medianímicos*, fazendo a aplicação do artigo 463, condenou Hillaire a um ano de prisão e às despesas. Esse julgamento é, aos nossos olhos, uma justa aplicação da lei escrita, se bem que foi achado um pouco severo para pessoas que não são de nenhum modo espíritas.

"Se fomos testemunhas do desenvolvimento das tristes torpezas às quais podem conduzir as fraquezas humanas, de um outro lado, assistimos a um belo espetáculo, quando ouvimos solenemente proclamar a ortodoxia da moral espírita; quando, durante as suspensões e na saída das audiências, ouvimos estas palavras repetidas em público: "Devemos invejar a felicidade daqueles que sua fé põe constantemente em presença daqueles que amaram, e cujo túmulo, ele mesmo, não pode mais separá-los."

"Vede, com efeito, essa multidão que num instante esse pretório não poderá mais conter, ali se espremem os membros de todas as posições sociais, desde a mais ínfima até a mais elevada. Pensai que esses homens vêm simplesmente assistir aos vulgares debates de um sujo negócio em polícia correccional? à vergonha de dois infelizes que confessaram e contaram as circunstâncias de sua falta? Oh! não. O assunto em questão tem uma importância muito mais alta. O Espiritismo está em jogo; se vem ouvir as revelação que se terá trazido sobre a nova doutrina numa investigação de três meses; se vem gozar do ridículo que não pode faltar nem cair sobre esses pobres alucinados; mas essas esperanças pouco caridosas foram frustradas pela sabedoria do tribunal.

"O presidente começa por proclamar a liberdade de consciência mais absoluta; recomenda a todos o respeito pela crença religiosa de cada um; caminha ele mesmo até o fim neste caminho. Uma ocasião se apresenta de ler a carta de nosso mestre a Vitet (carta citada mais acima); toma-a e faz observar, depois da leitura, que, para ele, reconhecia ali uma voz digna dos primeiros Pais da Igreja; que jamais mais bela moral foi pregada numa melhor linguagem.

"Vinte testemunhas foram unânimes sobre a veracidade, para eles, dos transportes; nenhuma manifestou a menor suspeita. Daí a declaração de incompetência do tribunal. Somente Vitet, e seu doméstico Muson, contestaram o caminho miraculoso; mas no mesmo instante se lhe opôs uma ata redigida no mesmo dia por Vitet, escrita de sua mão, trazendo sua assinatura e a de Muson. Dois membros de nossa sociedade foram ouvidos. O presidente não temendo fazer nascer de sua destituição a discussão sobre certos pontos da doutrina; um e o outro responderam perfeitamente e triunfou com a satisfação de todos os Espíritas.

"O advogado de Hillaire foi, e não podia ser senão muito curto, no que concerne especialmente ao chefe da acusação. Mas sobre a Doutrina, sobre os seus ensinamentos, sobre as suas conseqüências, os seus progressos no mundo; sobre a perseverança desses homens da localidade, pelo menos, dizia ele, nossos iguais em ciência, em inteligência, e em moralidade, em posição social; sobre os fatos publicados cada dia pela imprensa; sobre a multiplicidade das obras, dos jornais especiais, sempre falou com eloqüência e convicção. Seu último lance foi a leitura de uma carta do Sr. Jaubert. Nesta carta, o Sr. Jaubert dá conta de que ele mesmo e seus amigos, ocupando-se de manifestações físicas, *viram e viram bem*, à luz das lâmpadas tão bem quanto à luz do dia, fatos análogos aos obtidos por Hillaire, dos quais dá conta nos menores detalhes. Esta leitura, seguida daquela, com um tom solene, da profissão de fé do próprio Sr. Jaubert, de um magistrado, vice-presidente em exercício de um tribunal civil, capital do departamento, esta leitura emocionou todo o auditório. (O *Journal de Saint-Jean-d'Angély*, de 12 de fevereiro, dá a análise desse notável recurso de defesa. Ver também a *Revue de l'Ouest*, de Niort, de 18 de fevereiro.)

"Em seu requisitório, o ministério público desonra naturalmente o culpado. Quanto aos fatos de manifestações, os explica por meios vulgares; cada um, diz ele, em seu salão, os produz à sua vontade, com a maior facilidade: a menor habilidade basta. Cita fatos medianímicos históricos para os quais conclui pela alucinação. Pelo que concerne à Doutrina, sempre foi digno e respeitoso para com seus sectários derrotados. Sobretudo, calorosamente, aplaudiu a coragem, a sinceridade e a boa-fé das testemunhas que vieram afirmar sua crença, sem se deterem nem pelo medo dos sarcasmos e da zombaria, nem por seus interesses materiais, que poderiam com isso sofrer."

O Espiritismo não só saiu são e salvo dessa prova, saiu com as honras da guerra. O julgamento, é verdade, não proclamou a realidade das manifestações de Hillaire, mas as colocou fora de causa por sua declaração de incompetência; por isso mesmo não as declarou fraudulentas. Quanto à doutrina, obteve ali um estrondoso sufrágio. Para nós, é o ponto essencial, porque o Espiritismo está menos nos fenômenos materiais do que em suas conseqüências morais. Pouco nos importa que se neguem os fatos que são cada dia constatados sobre todos os pontos da Terra; o tempo não está longe em que todo o mundo será forçado a se render à evidência; o principal é que a doutrina que dele decorre seja reconhecida digna do Evangelho sobre o qual se apoia. Certamente, o Sr., o substituto, não é espírita; o presidente também não o é mais, que o saibamos; mas o que estamos felizes de constatar, é que a sua opinião pessoal não tira nada à sua imparcialidade.

Os elogios dados às testemunhas são uma brilhante homenagem prestada à coragem da opinião e à sinceridade das crenças. Devemos a esses firmes sustentáculos de nossa fé um testemunho especial; apressamo-nos em lhes dar pelo requerimento seguinte, que lhes fizemos chegar.

Paris, 21 de janeiro de 1865.

O SR. ALLAN KARDEC AOS ESPÍRITAS DEVOTADOS NO CASO HILLAIRE.

Caros irmãos em Espiritismo,

Venho, tanto em meu nome pessoal quanto em nome da Sociedade Espírita de Paris, pagar um justo tributo de elogios a todos aqueles que, na triste circunstância nas quais fomos todos afligidos, sustentaram sua fé, defenderam a verdade com coragem, dignidade e firmeza. Um brilhante e solene testemunho lhes foi prestado pelos órgãos da justiça; o de seus irmãos em crença não poderia lhes faltar. Disso pedi a lista tão exata e tão completa quanto possível, a fim de inscrever seus nomes ao lado daqueles que têm

muito mérito do Espiritismo. Isto não é para entregá-los a uma publicidade que feriria sua modéstia, e seria aliás, nos tempos que correm, mais nociva do que útil, mas nosso século é tão preocupado que é esquecido; é preciso que a memória dos devotamentos verdadeiros, puros de todo pensamento dissimulado de interesse, não seja perdida por aqueles que virão depois de nós. Os arquivos do Espiritismo lhes dirão aqueles que têm um direito legítimo ao seu reconhecimento.

Aproveito esta ocasião, caros irmãos, para conversar um instante convosco, sobre o assunto que nos preocupa.

À primeira vista, poder-se-ia temer as conseqüências desse caso para o Espiritismo. Não me inquietei com isto, como o sabeis, porque ela não poderia, em todos os casos, produzir senão uma emoção local e momentânea; porque a nossa Doutrina, não mais do que a religião, não pode ser responsável pelas faltas daqueles que não a compreendem. É em vão que nossos adversários se esforçam em apresentá-la como malsã e imoral; é preciso provar que ela provoca, desculpa ou justifica um único ato repreensível qualquer ou que ao lado de seus ensinamentos ostensivos ela tenha segredos sob os quais a consciência pode se colocar ao abrigo. Mas como, no Espiritismo, tudo se passa sob a luz, que ele não prega senão a moral do Evangelho, a prática do qual tende a conduzir os homens que dela se afastam, somente uma intenção malévola poderia imputar-lhe tendências perniciosas. Cada um podendo julgar por si mesmo seus princípios claramente proclamados e claramente formulados em obras ao alcance de todos, só a ignorância ou a má-fé podem desnaturá-los, assim como se fez com os primeiros cristãos acusados de todas as infelicidades e de todos os acidentes que ocorriam em Roma, e de corromper os costumes. O cristianismo, o Evangelho à mão, não podia sair vitorioso de todas essas acusações e da luta terrível empregada contra ele; assim ocorre com o Espiritismo que, ele também, tem por bandeira o Evangelho. Para a sua justificação, basta lhe dizer: Vede o que ensinam, o que recomendo e o que condeno; ora, o que é que condeno? Todo ato contrário à caridade, que é a lei ensinada pelo Cristo.

O Espiritismo não está somente na crença na manifestação dos Espíritos. O erro daqueles que o condenam é crer que ele não consiste senão na produção de fenômenos estranhos, e isso porque, não se dando ao trabalho de estudá-lo, dele não vêem senão a superfície. Esses fenômenos não são estranhos senão para aqueles que não lhe conhecem a causa; mas quem as aprofunda nelas não vê senão os efeitos de uma lei, de uma força da Natureza que não se conhecia, e que, por isso mesmo, não são nem maravilhosos, nem sobrenaturais. Esses fenômenos provando a existência dos Espíritos, que não são outros senão as almas daqueles que viveram, provam, conseqüentemente, a existência da alma, a sua sobrevivência ao corpo, a vida futura com todas as suas conseqüências morais. A fé no futuro, encontrando-se assim apoiada sobre provas materiais, torna-se inabalável, e triunfa da incredulidade. Eis porque, quando o Espiritismo se tiver tornado a crença de todos, não haverá mais nem incrédulos, nem materialistas, nem ateus. Sua missão é a de combater a incredulidade, a dúvida, a indiferença; não se dirige, pois, àqueles que têm uma fé, e a quem essa fé basta, mas àqueles que não crêem em nada, ou que duvidam. Ele não diz a ninguém para deixar a sua religião; respeita todas as crenças quando elas são sinceras. A liberdade de consciência, aos seus olhos, é um direito sagrado; se não a respeitasse, faltaria ao seu primeiro princípio que é a caridade. Neutro entre todos os cultos, será o laço que os reunirá sob uma mesma bandeira, a da fraternidade universal; um dia se estenderão a mão, em lugar de se lançarem anátemas.

Os fenômenos, longe de serem a parte essencial do Espiritismo, dele não é senão o acessório, um meio suscitado por Deus para vencer a incredulidade que invade a sociedade; é sobretudo na aplicação de seus princípios morais. É nisso que se

reconhecem os Espíritas sinceros. Os exemplos de reforma moral provocados pelo Espiritismo são já muito numerosos para que se possa julgar os resultados que produzirá com o tempo. É preciso que a sua força moralizadora seja bem grande para triunfar dos atos inveterados pela idade, e da leviandade da juventude.

O efeito moralizador do Espiritismo tem, pois, por causa primeira os fenômenos das manifestações que deu a fé; se esses fenômenos fossem uma ilusão, assim como os incrédulos o pretendem, seria preciso bendizer uma ilusão que dá ao homem a força de vencer seus maus pendores.

Mas se depois de dezoito séculos se vêem ainda tantas pessoas que professam o cristianismo e o praticam tão pouco, é espantoso que, em menos de dez anos, todos aqueles que crêem no Espiritismo não tenham dele tirado todo o proveito desejável? Entre eles, há os que não viram senão o fato material das manifestações, os que a curiosidade foi mais excitada do que o coração, que não foi tocado. Eis porque todos os Espíritas não são perfeitos. Isso nada tem de surpreendente em seu início, e se uma coisa deve admirar, é o número das reformas que se operaram nesse curto intervalo. Se o Espiritismo não triunfa sempre dos maus arrastamentos de maneira completa, um resultado parcial não é um menor progresso o qual deve ser levado em conta, e, como cada um de nós tem seu lado fraco, isso deve nos tornar indulgentes. O tempo e novas existências acabarão o que foi começado; felizes aqueles que se pouparem novas provas!

Hillaire pertence a essa classe que o Espiritismo não fez, de alguma sorte, senão aflorar; foi por isso que faliu. - A Providência o havia dotado de uma notável faculdade, com a ajuda da qual ele fez muito bem; poderia com ela fazer muito mais, se não tivesse rompido sua missão por sua fraqueza. Não podemos nem condená-lo nem absolvê-lo; só a Deus pertence julgá-lo por não ter realizado a sua tarefa até o fim. Possa a expiação que sofre e um sério retorno sobre si mesmo merecer a sua clemência!

Irmãos, estendamos-lhe a mão segura e oremos por ele.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

UM ANJO DO CÉU SOBRE A TERRA (1).

(1) Por BENJAMIN MOSSÉ, rabino de Avignon. - 1 vol. in-12; preço, 3 fr. 50. - Avignon, casa Bonnet filhos.

Eis o relatório feito sobre esta obra para a *Sociedade Espírita de Paris*, por nosso colega Sr. Feyteau, advogado:

Sob esse título, o Sr. Benjamin Mossé escreveu um livro cheio de poesia no qual, num duplo ponto de vista, a caridade é progressivamente ensinada pelos fatos mais tocantes. O assunto desse pequeno poema em prosa começa no céu, se desenvolve sobre a Terra, e termina no céu, onde começou.

Os anjos, os arcanjos, os serafins, os *ophanims*, todos os seres sagrados (estas são as expressões do Sr. Mossé) estão reunidos e cantam os louvores ao Altíssimo, que os reuniu para lhes dar a missão de irem entre as almas da Terra, a fim de conduzi-las no caminho do bem, do qual os fazem desviar sem cessar os apetites e as paixões terrestres.

Um desses anjos, o mais puro, só restou depois da partida de todos os outros; esse anjo é *Zadécia*. Prostrada aos pés do trono do Eterno, ela implora para si o favor de uma exceção à regra geral imposta aos seus irmãos; ela dizia, suplicante: "Senhor, escuta a minha prece, antes que obedeça à tua voz! Vou descer sobre a Terra, segundo a tua vontade. Eu me separo, uma vez que tu o ordenas, da felicidade da qual tu nos inundas; vou dela falar aos habitantes da baixa moradia; vou inspirar-lhes a esperança para sustentá-los em suas marchas penosas. Mas digna-vos conceder às minhas súplicas a graça que imploro! Permite, ó meu Deus, que longe de teu palácio, dele não esqueça

jamais as delícias! Permite que o envoltório do qual vou me revestir não faça jamais obstáculo aos meus impulsos para ti! Que eu permaneça sempre senhora de mim mesma; que jamais nada de impuro me venha alterar minha nobreza! Permite, Senhor, que a minha ausência da morada bem-aventurada não seja de longa duração! Vela para que minha missão seja prontamente cumprida; que eu aqueça em minha chama um coração generoso; que o cativo por minhas lágrimas, esse coração já bendito por tua mão; que meu amor o eleve, o aperfeiçoe, remate sua virtude, a fim de que receba as minhas inspirações, que aceite minha mensagem, que se torne para a Humanidade um consolo, uma luz, e que então eu possa, ó meu Deus, retornar à minha celeste morada orgulhosa de deixar sobre a Terra um nobre continuador de minha missão, animado pelo meu olhar, adorando minha imagem, e sempre se elevando para mim para haurirem meu seio a força de prosseguir sua obra para o cumprimento daquela que lhe prodigalizei os encorajamentos de meu amor, até a hora em que, por tua vontade, virá me reencontrar e receber em meus braços, aos pés de teu trono, as eternas bênçãos."

"Atendo tua prece, ó minha filha! respondeu-lhe a voz divina; vai, vai sem medo, levar aos humanos os tesouros de tua chama. O fogo que te anima nada perderá de sua santidade sobre a Terra ou onde tua passagem será rápida, onde já uma alma digna de ti tomou um envoltório terrestre para cumprir a grande missão que tu queres lhe confiar. Tão ardente quanto pura, ela se enobrecerá sob teu amor; será santificada por tua presença, pelos laços que a unirão ao teu imortal destino. Dessa união que bendigo antecipadamente, essa alma receberá tua missão da qual se quitará como tu mesma. Então retornarás nestas regiões supremas, de onde levarás sobre teu esposo bem-amado da Terra, que se tornará, quando tiver terminado a sua tarefa, teu esposo bem-amado no céu!"

A estas palavras, Zadécia desce radiosa das moradas infinitas entre os humanos; ela deposita um beijo sobre a fronte da criança à qual deverá se ligar mais tarde pelo casamento; depois, se submetendo às condições necessárias da existência terrestre, ela se envolverá de uma forma material onde deverá brilhar sua beleza, onde deverão resplandecer suas virtudes e seus encantos!!!

É nestas condições particularmente benditas que a alma de Zadécia empreende sua missão, cuja primeira fase é sua encarnação na criatura dolorosamente gerada por uma jovem e piedosa mãe. Na segunda fase de sua missão, Zadécia é um anjo de inocência, e sua beleza, que irradia como uma emanção divina, purifica tudo o que a cerca. Na terceira fase, Zadécia é anjo de resignação pela paciência com que suporta os sofrimentos físicos. Na quarta, ela é um anjo de piedade pelos exemplos de caridade e de abnegação que dá. Na quinta, é anjo de amor pela afeição simpática que se desenvolve entre ela e o jovem Azariel. Na sexta, é um anjo do amor conjugai por sua união com Azariel. Na sétima, é o anjo do amor maternal. A oitava fase, enfim, é o seu retorno ao céu, deixando sobre a Terra seu esposo e sua filha para continuar sua obra de santificação.

Esses diferentes quadros contêm, sem contradita, exemplos edificantes, e são de uma leitura atraente; mas o triunfo muito previsto de Zadécia sobre todas as provas às quais a sua encarnação está submetida, lhes eleva esse caráter de ensino útil .que não pode sair realmente senão dos esforços da luta. Esta situação que é dada a Zadécia, de conservar em deixando o céu a pureza e a incorruptibilidade dos anjos, não permite quase nada de se interessar além do atrativo que o autor deu pela forma e expressão dos pensamentos às etapas de sua viagem sobre a Terra. Também, depois de ter lido este livro, e concedendo-lhe o justo tributo de elogios que merecem o estilo e o conjunto verdadeiramente harmonioso do assunto, e é permitido lamentar que o autor pareça estranho aos princípios reais da natureza dos Espíritos, e não ter jamais pensado em se dar conta da influência que eles exercem sobre as diversas condições sociais da Humanidade, pela melhoria progressiva que desenvolve as suas diversas encarnações.

É uma preocupação natural ao homem sério, seja que das múltiplas luzes da filosofia ele escrute as peripécias da vida humana, seja que com a chama das religiões ele sonde as misteriosas profundezas da morte: é chegar a uma conclusão que esclareça sobre o seu verdadeiro destino mostrando-lhe o caminho que deve seguir. Esse caminho, sem dúvida, não é sempre o verdadeiro, mas cada um segue o sulco que a charrua da boa-vontade traça no campo do pensamento, segundo esteja atrelada a bons ou a maus princípios. Para uns, sistemas preconcebidos lhes tem lugar de verdade; se disso fazem uma lei, se esgotam em discussões para fazê-la prevalecer e impô-la. Para os outros, é o próprio Deus que têm a pretensão de traduzir, de interpretar e de comentar com tantos modos e tantos debates tumultuados, quando não são sangrentos, que os textos sagrados da palavra divina permanecem sepultados sobre os escombros de suas disputas.

O livro do Sr. Mossé, se não revela a preocupação que gostaríamos de ali ver sobre a natureza dos Espíritos, não revela pelo menos nenhuma daquelas que a excluem ou que a combatam; diremos mesmo que se aproxima dela mais do que dela se afasta, e que com um passo a mais caminharia em uníssono, porque tendem a um objetivo comum: a prática da caridade como condição da vida bem-aventurada. É, pois, um bom livro que o Espiritismo deve acolher como um aliado que pode se tornar seu irmão.

FEYTEAU, advogado.

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

8º ANO

NO. 4

ABRIL 1865

DESTRUIÇÃO DOS SERES VIVOS UNS PELOS OUTROS.

A destruição recíproca dos seres vivos é uma das leis da Natureza que, à primeira vista, parece o menos se conciliar com a bondade de Deus. Pergunta-se por que lhes fez uma necessidade de se entre-destruírem para se nutrirem às expensas uns dos outros.

Para aquele que não vê senão a matéria, que limita sua visão à vida presente, isto parece, com efeito, uma imperfeição na obra divina; de onde esta conclusão que disso tiram os incrédulos, de que Deus não sendo perfeito, não há Deus. É que julgam a perfeição de Deus do seu ponto de vista; seu próprio julgamento é a medida de sua sabedoria, e pensam que Deus não poderia fazer melhor do que eles mesmos o fariam. Sua curta visão não lhes permitindo julgar o conjunto, não compreendem que um bem real pode sair de um mal aparente. Somente o conhecimento do princípio espiritual, considerado em sua essência verdadeira, e da grande lei de unidade que constitui a harmonia da criação, podem dar ao homem a chave desse mistério, e mostrar-lhe a sabedoria providencial e a harmonia precisamente aí onde não via senão uma anomalia e uma contradição. Ocorre com esta verdade, como em uma multidão de outras; o homem não estará apto a sondar certas profundezas senão quando seu Espírito tiver chegado a um grau suficiente de maturidade.

A verdadeira vida, tanto do animal quanto a do homem, não está mais no envoltório corpóreo que dela não é senão o vestuário; ela está no princípio inteligente que preexiste e sobrevive ao corpo. Este princípio tem necessidade do corpo para se desenvolver pelo trabalho que deve realizar sobre a matéria bruta; o corpo se desgasta nesse trabalho, mas o Espírito não se gasta, ao contrário: sai dele cada vez mais forte, mais lúcido e mais capaz. Que importa, pois, que o Espírito mude mais ou menos vezes de envoltório; com isso não é menos Espírito; é absolutamente como se um homem renovasse cem vezes seu vestuário no ano, com isso não seria menos o mesmo homem. Pelo espetáculo incessante da destruição, Deus ensina aos homens o pouco caso que devem fazer do envoltório material, e suscita entre eles a idéia da vida espiritual em lhes fazendo desejá-la como uma compensação.

Deus, dir-se-á, poderia chegar ao mesmo resultado por outros meios, e sem constranger os seres vivos a se entre-destruírem? Bem audacioso aquele que pretendesse penetrar os desígnios de Deus! Se tudo é sabedoria em sua obra, devemos supor que essa sabedoria não deva mais fazer falta sobre esse ponto do que sobre os outros; se não o compreendemos, é preciso atribuí-lo ao nosso pouco adiantamento. No entanto, podemos tentar procurar-lhe a razão, tomando por bússola este princípio: Deus *deve ser infinitamente justo e sábio*] procuremos, pois, em tudo sua justiça e sua sabedoria.

Uma primeira utilidade que se apresenta dessa destruição, utilidade puramente física, é verdade, é esta: os corpos orgânicos não se mantêm senão com ajuda das matérias orgânicas, só essas matérias contendo os elementos nutritivos necessários à

sua transformação. Os corpos, instrumentos de ação do princípio inteligente, tendo necessidade de serem incessantemente renovados, a Providência os faz servir à sua manutenção mútua; é por isso que os seres se nutrem uns dos outros; quer dizer que o corpo se nutre do corpo, mas o Espírito não é nem destruído, nem alterado; ele não é senão despojado de seu envoltório.

Além disso há considerações morais de uma ordem mais elevada.

A luta é necessária ao desenvolvimento do Espírito; é na luta que ele exerce suas faculdades. Aquele que ataca para ter seu alimento, e aquele que se defende para conservar sua vida, se rivalizam em astúcia e em inteligência, e aumentam, por isso mesmo, suas forças intelectuais. Um dos dois sucumbe; mas o que é que o mais forte ou o mais hábil tirou ao mais fraco em realidade? Sua veste de carne, não outra coisa; o Espírito, que não está morto, retomará um outro corpo mais tarde.

Nos seres inferiores da criação, naqueles em que o senso moral não existe, em que a inteligência não está ainda senão no estado de instinto, a luta não poderia ter por móvel senão a satisfação de uma necessidade material; ora, uma das necessidades materiais mais imperiosas é a da nutrição; eles lutam, pois, unicamente para viver, quer dizer, para tomar ou defender uma presa, porque não poderiam estar estimulados por um móvel mais elevado. É neste primeiro período que a alma se elabora e ensaia para a vida. Quando ela alcança o grau de maturidade necessária para sua transformação, recebe de Deus novas faculdades: o livre arbítrio e o senso moral, centelha divina em uma palavra, que dão um novo curso às suas idéias, dotam-na de novas aptidões e de novas percepções. Mas as novas faculdades morais das quais está dotada não se desenvolvem senão gradualmente, porque nada é brusco na Natureza; há um período de transição em que o homem se distingue com dificuldade do animal; nessas primeiras idades, o instinto animal domina, e a luta tem ainda por móvel a satisfação das necessidades materiais; mais tarde, o instinto animal e o sentimento moral se contrabalançam; o homem então luta, não mais para se nutrir, mas para satisfazer sua ambição, seu orgulho, a necessidade de dominar: por isto, lhe é necessário ainda destruir. Mas, à medida que o senso moral domina, a sensibilidade se desenvolve, a necessidade da destruição diminui; acaba mesmo por se apagar e por se tornar odiosa: o homem tem horror ao sangue. No entanto, a luta é sempre necessária ao desenvolvimento do Espírito, porque mesmo chegado a este ponto, que nos parece culminante, está longe de ser perfeito; não é senão ao preço de sua atividade que ele adquire conhecimentos, experiência, e que se despoja dos últimos vestígios da animalidade; mas então a luta, de sangrenta e brutal que era, se torna puramente intelectual; o homem luta contra as dificuldades e não mais contra os seus semelhantes.

Nota. Esta explicação, como se vê prende-se à grave questão do futuro dos animais; nós a trataremos proximamente afundo, porque ela nos parece suficientemente elaborada, e cremos que se pode, desde hoje, considerá-la como resolvida em princípio, pela concordância do ensinamento.

UM SERMÃO SOBRE O PROGRESSO.

Escrevem-nos de Montauban:

Passou-se estes dias na cidade um fato que diversamente impressionou a população. Um pregador protestante, Sr. Rewile, capelão do rei da Holanda, em um discurso pronunciado diante de duas mil pessoas, se afirmou decididamente como partidário das idéias novas. Ficamos felizes ouvindo, pela primeira vez, essas sublimes verdades proclamadas do alto de uma cátedra cristã, e desenvolvidas com um talento e uma eloquência incomuns. É preciso muito que tenha sido belo, um vez que os fanáticos

se apressaram e lhe dar o título de anticristo. Lamento não poder vos transmitir esse discurso por inteiro, mas vou tentar analisar-lhe algumas passagens.

"O orador tinha tomado por texto "Eu não vim destruir a lei e os profetas, mas cumpri-la. Amai-vos de todo vosso coração, de toda vossa alma, de todo vosso pensamento, e vosso próximo como a vós mesmos."

"Segundo o Sr. Rewile, a missão do Cristo entre os homens foi uma missão de caridade e de espiritualidade; sua doutrina, parecia, pois, está em oposição com a dos Judeus, cujo princípio era: "a observação estrita da letra," princípio que engendrava o egoísmo. Mas a palavra *acabar* explica essa contradição aparente, porque acabar significa completar, tornar mais perfeito. Ora, substituir o egoísmo pela caridade, e o culto da matéria pela espiritualidade, era acabar, completar a lei. O Cristo tentou, mas em vão, fazer romper a essa nação as cadeias da matéria elevando seu pensamento, e fazendo-a encarar sua destinação de mais alto; jamais ela pôde compreender a profundidade de sua moral; também, quando quis atacar os abusos de toda sorte, as práticas exteriores e abrandar os rigores da lei mosaica, foi acusado e covardemente condenado. Os Judeus esperavam um Messias conquistador, que, armado de seu cetro de ferro, deveria lhes dar em partilha o poder temporal, e não compreendiam o que havia de grande, de sublime naquele que, um frágil caniço à mão, vinha trazer à Humanidade, como uma garantia de seu poder espiritual, a lei de amor e de caridade.

"Mas os desígnios de Deus se cumpriram sempre, apesar de todas as resistências, e se os Judeus, como os obreiros de má-vontade, se recusam a trabalhar na vinha, a Humanidade com isso não caminhou menos e não caminhará menos, arrastando em sua passagem tudo o que lhe faz obstáculo para alcançar o progresso. A Igreja cristã, sob pena de queda, deve seguir esta marcha ascendente, porque *a Humanidade não foi feita para a Igreja, mas bem a Igreja para a Humanidade*. Infeliz daquele que resistisse, porque seria esmagado como pó pela mão do progresso; o passado não está feito para responder pelo futuro?

"Que os filhos do século dezenove, contrariamente à conduta dos

Judeus antigos, compreendam e cumpram sua obra! Não sentiram já esse estremeamento que agita todas as inteligências de elite e que as leva espontaneamente à conquista das idéias de espiritualidade, única garantia de felicidade para a Humanidade; porque, sem espiritualidade, não há senão matéria, e sem liberdade não há senão escravidão? *Por que, pois, resistir por mais tempo a esses nobres impulsos da alma e atribuir ao demônio esses novos sinais dos tempos modernos? por que não ver aí antes as inspirações dos mensageiros celestes de um Deus de amor e de caridade, nos anunciando a renovação da Humanidade?*

"Que a Igreja cristã retorne ao espírito. O que é, com efeito, a Igreja sem o espírito, se isso não for um cadáver, um verdadeiro cadáver na acepção da palavra?... Que aquele que tem ouvidos ouça! a verdadeira Igreja, nestes dias críticos, tem o direito de contar com seus filhos... Vamos, de pé e à obra! que cada um faça seu dever. Deus o quer! Deus o quer!

"Se o Cristo veio para acabar, quer dizer, para completar a lei pela prática do amor de Deus e dos homens, é que considerava este preceito como resumindo a perfeição humana. A lei de amor de Deus e dos homens é, assim como o ensina o próprio Cristo, uma lei de primeira ordem, à qual estão subordinadas todas as outras. É preciso, pois, praticá-la em sua acepção mais ampla, a fim de se aproximar dele, e, conseqüentemente, de Deus, de quem foi a mais alta expressão sobre a Terra. Para amar a Deus, é preciso amar o verdadeiro, o belo, o bem; é preciso se sentir interiormente transportado para esses atributos da perfeição moral; mas é preciso também amar seus irmãos, seus semelhantes, em quem Deus se reflete naquilo que tem de verdadeiro, de belo, de bem.

"Por que o Cristo amou a Humanidade até dar sua vida por ela? Porque sendo também a mais alta expressão da perfeição humana, sentiu no mais alto grau os efeitos

dessa lei de amor de Deus e dos homens, e que deveu praticá-la de maneira sublime... Praticar a caridade, amar, é caminhar a grandes passos no caminho do verdadeiro, do belo, do bem; é ir a Deus! Amar, é viver; é ir para a imortalidade!"

Segundo o que me foi contado, o Sr. Rewile teria abordado com sucesso, em duas conferências dadas aos alunos da Faculdade, a questão das manifestações; teria respondido vitoriosamente a todas as objeções. Lamento não ter podido ouvi-lo nesta circunstância tão interessante.

Nota. - Os Espíritos disseram bem que o Espiritismo iria encontrar defensores nas próprias fileiras de seus adversários. Um tal discurso na boca de um ministro da religião, e pronunciado do alto do púlpito, é um acontecimento sério. Esperemos ver outros deles, porque o exemplo da coragem de opinião é contagioso. As idéias novas não tardarão, não mais, a encontrar combatentes devotados na alta ciência, na literatura e na imprensa; elas ali já têm mais simpatias do que se crê; isso não custa senão o primeiro passo. Até este dia pode-se dizer que, à exceção dos órgãos especiais do Espiritismo, que não se dirigem à massa do público indiferente, só nossos adversários tiveram a palavra, e Deus sabe se dela usaram! Agora a luta se inicia; que dirão quando virem nomes justamente honrados e estimados sair de suas fileiras, tomar abertamente à mão a bandeira da Doutrina? Está dito que tudo deve se cumprir.

EXTRATO DO JOURNAL DE SAINT-JEAN D'ANGÉLY
de 5 de março de 1865.

Sociedade dos estudos espíritas de Saint-Jean d'Angély.

GOLPE DE VISTA SOBRE O ESPIRITISMO E SUAS CONSEQÜÊNCIAS.

Existe uma harmonia secreta e contínua entre o mundo visível e o mundo dos Espíritos. Esta harmonia, suas manifestações possíveis, eis, sem contradita, uma das grandes questões de nossa época, é a que nos propomos tratar nas colunas deste jornal.

Dirigimo-nos a todos, sem dúvida, mas mais particularmente àqueles que suas ocupações diárias impedem de se entregarem em longas horas ao estudo seguido dos fatos tão emocionantes que, assinalados de um canto ao outro do universo, são proclamados e atestados por homens os mais instruídos; demonstra a possibilidade desses fatos pela revelação de leis naturais desconhecidas até nosso tempo; despojá-los do epíteto irônico de pretensos milagres pelo qual se queria diminuí-los aos olhos daqueles que deles não sabem mais, iniciar aqueles no conhecimento da doutrina deles proveniente, deduzir dessa doutrina as conseqüências tão consoladoras que ela traz consigo, eis nosso objetivo.

Fala-se de milagres, se há um deles incompreensível aos nossos olhos, é o da frieza e da indiferença, reais ou simuladas, de homens inteligentes e probos, em presença das manifestações que surgem em todos os cantos do mundo, e são cada dia publicadas em profusão.

Se a reprodução daquilo que tantos outros viram não conduzissem senão à satisfação de uma infantil curiosidade, ou não tivesse por resultado senão o emprego de momentos que não poderiam ser melhor ocupados, oh! é então que compreenderíamos os desdêns e as leviandades de linguagem.

Isto não pode mais ser assim quando pensamos que se trata, não só do objetivo mais importante de nossa existência, a solução, pela prova palpável da imortalidade de nossas almas, a questão por tão longo tempo discutida de nossos destinos futuros, mas que se tratasse também, e sobretudo, da chamada pela convicção dessas grandes

verdades, daqueles que delas e afastam, ao cumprimento de seus deveres para com Deus, seus semelhantes e consigo mesmos.

Vede um pouco: sois membro de um júri, testemunhas que não conheceis, que nunca vistes, vêm vos afirmar o fato mais inverossímil, o assassinato de um pai por seu filho, ou de um filho por seu pai, vós os creeis e condenareis o miserável autor de um semelhante crime, e fazeis bem. Mas sondemos a questão com a mão na consciência, pensai que se esse infeliz tivesse acreditado em um Deus poderoso e justo, se tivesse compreendido já há muito tempo que seu ato horrível, infalivelmente, teria numa outra existência sua punição merecida, pensais que não teria recuado diante do cumprimento de seu crime enorme? Não, vós não o pensais; como nós, dizeis: Sim, a crença, mas a crença firme e sem restrição, a crença absoluta, em um Deus justo, nas penas e nas recompensas numa outra vida onde cada um receberá segundo suas obras neste mundo, eis o freio que deve ser o mais difícil para se quebrar; e tendes razão ainda.

Infelizmente essas crenças são, para a quase universalidade, as *desconhecidas* do grande problema da moralização universal.

Detende-vos um pouco! grita-me a maioria; não cessamos de estar de acordo; há muito tempo que nossa inteligência, nossos estudos nos fizeram conhecer a solução que indicais. Para nós, vossas pretensas novas provas são inúteis, *somos e sempre temos sido crentes*.

Tal é bem a linguagem que nos tem o comum dos mártires.

Tendes, dizeis, sempre acreditado, pelo menos no-lo assegurais; tanto melhor para vós, senhores; se é preciso confessá-lo disso não estamos quase nada em dúvida; recebi por isso nossas sinceras felicitações; seríamos verdadeiramente felizes de poder afirmá-lo também. Francamente, convimos que, apesar do favor de todas as boas condições que puderam contribuir para elevar nossas idéias, nos resta muito do caminho a percorrer para nele ter feito tanto quanto vós. Quantos de nossos irmãos, com mais forte razão, puderam permanecer atrás, privados que estavam por suas posições sociais das vantagens do estudo e, algumas vezes, de bons exemplos?

Sim, a fé está morta: todos os doutores da lei nisso convém e com isso sofrem; jamais, apesar de seus esforços, jamais a incredulidade foi mais profunda, mais geral. Segui um pouco essa longa fila de homens que vêm, como o dizem, de conduzir um dos seus à sua última morada. Ali ouvireis noventa e cinco por cento repetirem: *Ainda um esgotou suas penas*. Tristes palavras, triste e muito grande prova, ao mesmo tempo, da insuficiência dos meios empregados em nossos dias para a propagação da única e verdadeira felicidade que os homens podem provar sobre nossa Terra, pela propagação da fé.

Deus seja louvado! um novo farol brilha para todos; para trás o privilégio! Lugar aos homens de boa vontade! Sem esforços de inteligência, sem estudos difíceis e custosos, o mais humilde, o menos instruído pode, tanto como todos seus irmãos, contemplar, se quiser, a luz divina. Só não verão aqueles que não quiserem ver.

Se isto é assim, e, nós o repetimos, os homens mais honrados, os mais instruídos, dos quais citaremos os nomes por falanges, disso dão os testemunhos mais autênticos, se isto é assim, dizemos, por que empenhar-se em colocar a luz sob o alqueire? Por que, só para isso não sentimos essa necessidade, para nós, de rejeitar, sem exame, os fenômenos cujo conhecimento e apreciação podem, se não sempre, freqüentemente ao menos, deter sobre as inclinações fatais onde levam a dúvida e a incredulidade, podem em todos os casos, e com tão poucas despesas, levantar pela esperança as co-ragens prestes a sucumbirem sob o peso do infortúnio?

Eis os benefícios que, para o exemplo, pode-se tão facilmente difundir, bem longe ao redor de si, mas cuja indiferença, tanto quanto a oposição, podem também retardar o progresso e a difusão.

A. CHAIGNEAU,

(Será continuado.)

Nota. - Nossa previsão emitida no artigo precedente, a propósito do sermão de Montauban, começa a se realizar. Eis um jornal, que não é um órgão do Espiritismo, e que acolhe hoje, o que sem dúvida não teria feito há um ano, não relatos de fatos, mas artigos de fundo, desenvolvendo os princípios da Doutrina. E de quem são esses artigos? de um desconhecido? de um ignorante? Não; são de um médico que goza na região de uma reputação de saber justamente merecida, e de uma consideração devida às suas eminentes qualidades. Ainda um exemplo que terá imitadores.

Sabemos mais de um jornal que não repugnaria falar favoravelmente do Espiritismo, que dele falaria voluntariamente se não fosse o medo de desagradar seus leitores, e de comprometer seus próprios interesses. Esse medo podia ser fundado em um tempo, mas hoje não o é mais. Há alguns anos, a opinião mudou muito em relação ao Espiritismo; não é mais uma coisa desconhecida; dele se fala por toda parte; não se ri mais tanto. A idéia está de tal modo vulgarizada, que se admira de uma coisa, é de ver a imprensa indiferente a uma questão que preocupa as massas, e que conta seus partidários por milhões em todos os países do mundo, e nas classes mais esclarecidas da sociedade; é sobretudo de ver homens de inteligência criticá-la sem dela saber a primeira palavra. É, pois, uma questão fútil quanto aquela que levanta as cóleras de todo um partido; esse partido com isso se emocionaria se não visse nela senão um mito sem conseqüência? Dele riria; mas desde que se descontenta, que chama, que queima seus autos-de-fé na esperança de matar a idéia, é que há alguma coisa de sério. Ah! se todos aqueles que se dizem os representantes do progresso se dessem ao trabalho de aprofundar a questão, é provável que não a tratariam com tanto desdém.

O que quer que seja, nosso objetivo não é aqui fazer disso apologia; queremos somente constatar um fato hoje averiguado, é que a idéia espírita tomou lugar entre as doutrinas filosóficas; que ela constitui uma opinião cujos representantes se multiplicam de tal modo que seus adversários são os primeiros a proclamá-lo. A conseqüência natural disto é que os jornais que forem francamente simpáticos a esta causa, terão as simpatias de seus adeptos, e que estes são bastante numerosos para compensar amplamente algumas defecções que poderiam sentir, se no entanto isso sentirem.

O público, do ponto de vista da idéia espírita, se divide em três categorias; os partidários, os indiferentes e os antagonistas. É constatado que as duas primeiras compõem a imensa maioria; os partidários as procurarão por simpatia; os indiferentes estarão satisfeitos de encontrar, numa discussão imparcial, os meios de se esclarecerem sobre o que ignoram. Quanto aos antagonistas, a maioria se contentará de não ler os artigos que não lhes convém, mas não renunciarão, por este motivo, a um jornal que lhes apraz sobre outras relações, por suas tendências políticas, sua redação, seus folhetins ou a variedade de suas notícias diversas. Os adversários natos do Espiritismo, aliás, têm seus jornais especiais. Em suma, é certo que, no estado atual da opinião, com isso ganhariam mais do que perderiam.

Sem dúvida, dir-se-á, e isto com razão, que a convicção não se impõe, e que um jornal, não mais que um indivíduo, não pode abraçar as idéias que não são as suas. Isto é muito justo, mas não impede a imparcialidade. Ora, até este dia, com um pequeno número de exceções, os jornais abriram suas colunas tão largamente quanto possível à crítica, aos ataques, à difamação mesmo contra uma classe numerosa de cidadãos, lançando, sem escrúpulo, o ridículo e o desprezo sobre as pessoas, ao passo que lhes fecharam impiedosamente a defesa. Quantas vezes a lei não dá à réplica dos direitos que foram desconhecidos! Seria preciso, pois, recorrer às medidas de rigor, intentar processos? Teria havido milhares deles há dez anos. Nós lhe pedimos, é da

imparcialidade, da justiça, de parte das folhas que proclamem sem cessar a liberdade do pensamento, a igualdade dos direitos e a fraternidade? Compreende-se a refutação de uma doutrina que não se partilha, a discussão racional e de boa-fé de seus princípios; mas o que não é nem justo nem leal, é desnaturá-la e fazê-la dizer ao contrário do que ela disse, em vista de desacreditá-la; ora, é o que fazem diariamente os adversários do Espiritismo. Admitir a defesa depois do ataque, a retificação das inexatidões, não seria esposar-lhe os princípios; isso não seria senão a imparcialidade e a lealdade. Um jornal poderia mesmo ir mais longe; sem renunciar às suas convicções, e sob toda reserva de suas opiniões pessoais, poderia admitir a discussão do pró e do contra; colocaria assim seus leitores em condições de julgar uma questão que lhes valeria bem a pena, pela ressonância que ela adquire cada dia.

Devemos, pois, elogios à imparcialidade do jornal que acolhe os artigos do Sr. Chaigneau. Devemos-lhe também ao autor que, um dos primeiros, entrou na arena da publicidade oficial para ali sustentar nossa causa com a autoridade de um homem de ciência. O artigo acima reportado não é senão a introdução de seu trabalho; o número de 12 de março contém a entrada em matéria: é uma exposição sabiamente racional da história do Espiritismo moderno. Lamentamos que sua extensão não nos permita reproduzi-lo.

CORRESPONDÊNCIA DE ALÉM-TÚMULO.

ESTUDO MEDIANÍMICO.

Para a inteligência do fato principal de que se trata, extraímos a passagem seguinte da carta de um de nossos assinantes; além disso, é uma simples e tocante expressão das consolações que os aflitos haurem no Espiritismo:

"Permiti-me vos dizer quanto o Espiritismo me proporcionou de alívio dando-me a certeza de rever, num mundo melhor, um ser que amei com um amor sem limites, um irmão querido, morto na flor da idade. Quanto é consolador este pensamento que aquele de quem choramos a morte está freqüentemente junto de nós, nos sustentando quando estamos abatidos sob o peso da dor, se regozijando quando a fé no futuro nos faz entrever uma reunião certa! Iniciado já há alguns anos nos admiráveis preceitos do Espiritismo, dele aceitei todas as verdades, e me esforcei por viver neste mundo de modo a apressar meu adiantamento. Minhas boas resoluções foram tomadas muito sinceramente, e, no entanto, eu o confesso, não possuindo os elementos necessários para fortalecer e manter minha crença na comunicação dos Espíritos, habituei-me pouco a pouco, não a rejeitá-la, mas a encará-la com mais indiferença. É que a infelicidade me fora desconhecida até então. Hoje, que aprove a Deus enviar-me uma dolorosa prova, hauri no Espiritismo preciosas consolações, e sinto a necessidade de vos agradecer muito particularmente por isto, como o primeiro propagador desta santa Doutrina.

"A doutrina do Espiritismo não sendo uma simples hipótese, mas apoiando-se sobre fatos patentes e ao alcance de todo o mundo, as consolações que ela proporciona consistem não só na certeza de rever as pessoas amadas, mas também, e sobretudo, na possibilidade de corresponder com elas e obter delas salutares ensinamentos."

Nesta convicção, o irmão vivo escreve ao seu irmão morto, a carta seguinte, da qual solicita resposta por intermédio de um médium:

N..., 14 de março de 1865.

Meu irmão bem-amado,

É-me impossível dizer-te o quanto estou feliz lendo a carta que consentiste em me dirigir por intermédio do médium S... Comuniquei-a aos nossos pobre pais que muito afligiste em nos deixando de modo tão inesperado. Eles me pedem escrever-te de novo,

pedir-te de novo detalhes sobre tua existência atual, a fim de poder crer, por provas que te será fácil dar, na realidade do ensino dos Espíritos. Mas, antes de tudo, volta freqüentemente junto deles, inspira-lhes a resignação e a fé no futuro; consola-os, porque disso têm necessidade, feridos que foram por um golpe tão inesperado. Quanto a mim, ó meu irmão bem-amado, estarei sempre feliz quanto te for permitido dar-me tuas notícias. Acabo de pedir hoje novos detalhes sobre tua doença, tua morte e teu despertar no mundo dos Espíritos. - Quais foram os Espíritos que vieram te receber em tua entrada no mundo invisível? - Reviste nosso avô? Ele está feliz? — Reviste e reconheceste nossos parentes que faleceram antes de ti, mesmo aqueles que não havias conhecido sobre esta Terra? - Assististe ao teu enterro? Que impressão sentiste dele? Dá-me, isto te suplico, alguns detalhes sobre esta triste cerimônia que não permitam aos nossos pais duvidar de tua identidade. Poderias dizer se algum membro de nossa família poderá se tornar médium? Não desejarias comunicar-te por intermédio de um de nós? - Não posso compreender que não queiras continuar teus estudos musicais, que cultivavas com tanto ardor sobre esta Terra; isto seria uma muito doce consolação para nós, se quisesses terminar, por intermédio de um médium, os salmos que começaste a colocar em música em Paris. - Pudeste constatar o vazio imenso causado por tua morte no coração de nós todos. Inspira, isto te suplico, a teus pais, a coragem necessária para não sucumbirem sob esta terrível prova; freqüentemente, esteja com eles e dá-lhes, com freqüência tuas notícias. Quanto a mim, Deus sabe o quanto tenho chorado! Apesar de minha crença no Espiritismo, há momentos em que não posso me fazer a idéia de não mais rever-te sobre esta Terra, e onde daria minha vida para poder te apertar sobre meu coração. - Adeus, meu nobre amigo, pense algumas vezes naquele cujos pensamentos estão constantemente dirigidos para ti, e que fará seu possível para ser julgado digno de estar reunido, um dia, a ti. -Abraço-te e aperto-te sobre meu coração.

Teu irmão todo devotado, B.....

Nota. - Numa precedente comunicação dada aos pais, por um outro médium, ele havia dito que o jovem não queria continuar seus estudos musicais no mundo dos Espíritos.

Resposta do irmão morto ao irmão vivo.

Eis-me, meu bom irmão; mas tu exiges muito; não posso, com a melhor vontade, satisfazer, numa só evocação, as numerosas perguntas que me diriges. Não sabes que, algumas vezes, é muito difícil aos Espíritos transmitir seu pensamento com a ajuda de certos médiuns pouco apropriados a receberem nitidamente, no cérebro, a impressão fotográfica dos pensamentos de certos Espíritos, e que, desnaturando-os, lhes dão uma marca de falsidade que conduz, da parte dos interessados, à negação mais formal da manifestação; o que é muito pouco lisonjeiro e entristece profundamente aqueles que, por falta de instrumentos convenientes, estão impossibilitados de dar sinais de identidade suficientes.

Crê-me, bom irmão, evoca-me em família; e tu mesmo, com um pouco de boa-vontade e alguns ensaios perseverantes, poderás conversar à tua vontade comigo. Estou quase sempre perto de ti, porque sei que tu és Espírita e que espero em ti. É certo que a simpatia atrai a simpatia, e que não se pode ser expansivo com um médium que se vê pela primeira vez; no entanto, vou tratar de vos satisfazer.

Minha morte, que vos aflige era o fim do cativeiro de minha alma; vosso amor, vossa solicitude, vossa ternura haviam tornado doce meu exílio sobre a Terra; mas, nos meus mais belos momentos de inspiração musical, voltei meus olhares para as regiões luminosas onde tudo é harmonia, e me esquecia a escutar os acordes longínquos da melodia celeste que me inundava com suas doces vibrações. Quantas vezes me esqueci

nesses sonhos extáticos, aos quais devia o sucesso de meus estudos musicais, que continuo aqui! Seria um estranho erro crer que a aptidão individual se perde no mundo espírita; ali ela se aperfeiçoa, ao contrário, para trazer, em seguida esse aperfeiçoamento sobre os planetas onde esses Espíritos são chamados a viver.

Não choreis mais, pois, vós todos, bem-amados pais! Para que servem as lágrimas? Para abater, desencorajar as almas. Parti primeiro, mas vireis me reencontrar; esta certeza não é bastante poderosa para vos consolar? A rosa, que exalou seus perfumes no carvalho, morre, como eu, depois de ter vivido pouco, juncando o solo com suas pétalas murchas; mas o carvalho morre a seu turno, e tem a sorte da rosa que chorou e cujas vivas cores se harmonizavam com sua sombria folhagem.

Ainda algum tempo, e vireis a mim; cantaremos então a cantiga das cantigas, e louvaremos a Deus em suas obras; porque seremos felizes juntos; se vos resignardes com a prova que vos atinge.

Aquele que foi teu irmão sobre a Terra e que te ama sempre,

B...

Vários ensinamentos importantes ressaltam desta comunicação. O primeiro é a dificuldade que sente o Espírito em se expressar com a ajuda do instrumento que lhe foi dado. Conhecemos pessoalmente esse médium que deu há muito tempo provas como poder e flexibilidade de faculdade, sobretudo em fatos de evocações particulares; é o que se pode chamar um médium seguro e bem assistido. De onde vem, pois, esse impedimento? É que a facilidade das comunicações depende do grau de afinidade fluídica que existe entre o Espírito e o médium. Cada médium está, assim, mais ou menos apto para receber a impressão ou o *impulso* do pensamento de tal ou tal Espírito; ele pode ser um bom instrumento para um e um mau instrumento para o outro, sem que isso prejudique nada contra suas qualidades, sendo esta condição mais orgânica do que moral. Os Espíritos procuram, pois, de preferência, os instrumentos que vibrem em uníssono com eles; impor-lhes o primeiro que chega, e crer que eles podem indiferentemente dele se servirem, seria como se se impusesse a um pianista tocar violão, pela razão que, sabendo música, deve saber tocar todos os instrumentos.

Sem essa harmonia única que pode levar à assimilação fluídica, *tão necessária na tiptologia quanto na escrita*, as comunicações são ou impossíveis, ou incompletas, ou falsas. Na falta do Espírito que não se pode ver, se não pode se manifestar livremente, para isso não faltam outros sempre prontos a aproveitar a ocasião, e que pouco se importam com a verdade do que dizem. Esta assimilação fluídica é algumas vezes inteiramente impossível entre certos Espíritos e certos médiuns; outras vezes, e é o caso mais comum, ela não se estabelece senão gradualmente e com o tempo, o que explica por que os Espíritos que se manifestam habitualmente a um médium o fazem com mais facilidade, e por que as primeiras comunicações atestam, quase sempre, um certo embaraço e são menos explícitas.

Está, pois, demonstrado, ao mesmo tempo pela teoria e pela experiência, que não há mais médiuns universais para as evocações senão pela aptidão aos diversos gêneros de manifestações. Aquele que pretenda receber à vontade, a propósito, as comunicações de todos os Espíritos, e poder satisfazer, por conseguinte, os legítimos desejos de todos aqueles que querem conversar com os seres que lhe são caros, farão prova, ou de uma ignorância radical dos princípios mais elementares da ciência, ou de chalatanismo, e, em todos os casos, de uma presunção incompatível com as qualidades essenciais de um bom médium. Num tempo pôde-se acreditá-lo, mas hoje os progressos da ciência teórica e prática demonstram que isto não se pode em princípio. Quando um Espírito se comunica pela primeira vez por um médium sem nenhum embaraço, isto prende-se a uma afinidade fluídica excepcional, ou anterior, entre o Espírito e seu intérprete.

É, pois, um erro impor um médium a um Espírito que se quer evocar; é preciso deixar-lhe a escolha de seu instrumento. Mas como fazer, dir-se-á, se não se tem senão um único médium, o que é muito freqüente? Primeiro, contentar-se com o que se tem, e abster-se do que não se tem. Não está mais no poder da ciência espírita em mudar as condições normais das manifestações, quanto à química de mudar as da combinação dos elementos .

No entanto, há aqui um meio de atenuar a dificuldade. Em princípio, quando se trata de uma evocação nova, o médium deve sempre preliminarmente evocar seu guia espiritual, e lhe perguntar se ela é possível; em caso afirmativo, perguntar ao Espírito evocado se encontra no médium a aptidão necessária para receber e transmitir seu pensamento. Se houver dificuldade ou impossibilidade, pedir para fazê-lo por intermédio do guia do médium ou de fazê-lo assistir. Neste caso, o pensamento do Espírito não chega senão de segunda mão, quer dizer, depois de ter atravessado dois meios. Compreende-se, então, o quanto importa que o médium seja bem assistido, porque se o é por um Espírito obsessivo, ignorante ou orgulhoso, a sua comunicação será alterada. Aqui, as faculdades pessoais do médium desempenham, forçosamente, um papel importante, pela natureza dos Espíritos que atrai para si. Os médiuns mais indignos podem ter poderosas faculdades, mas os os mais seguros são aqueles que, a esse poder, juntam as melhores simpatias no mundo invisível; Ora, essas simpatias não são *de nenhum modo* garantidas pelos nomes mais ou menos imponentes dos Espíritos que assinam as comunicações, mas pela natureza constantemente boa das comunicações que deles recebem.

Estes princípios estão, ao mesmo tempo, fundados sobre a lógica e sobre a experiência; as próprias dificuldades que acusam, provam que a prática do Espiritismo não deve ser tratada levianamente.

Um outro fato ressalta igualmente da comunicação acima: é a confirmação do princípio de que os Espíritos inteligentes prosseguem na vida espiritual os trabalhos e os estudos que empreenderam na vida corpórea.

É assim que, nas comunicações que publicamos, damos preferência àquelas de onde pode sair um ensino útil.

Quanto à carta do irmão vivo ao seu irmão morto, é uma ingênua e tocante expressão da fé sincera na sobrevivência da alma, na presença dos seres que nos são caros, e da possibilidade de continuar com eles as relações de afeição que nos uniam a eles.

Os incrédulos, sem dúvida, rirão do que, aos seus olhos, é uma pueril credulidade. Agirão inutilmente, o nada que preconizam jamais terá encanto para as massas, porque fere o coração e as afeições mais santas; gela em lugar de aquecer; é assustador e desespera em lugar de fortalecer e consolar.

Suas diatribes contra o Espiritismo, tendo por centro essa doutrina aflitiva do nada, não é preciso admirar-se de sua impossibilidade em afastar as massas das novas idéias. Entre uma doutrina desesperadora e uma doutrina consoladora, a escolha da maioria não poderia ser duvidosa.

Depois da assustadora catástrofe da igreja de San-Yago do Chile, em 1864, encontra-se na igreja uma caixa para cartas, na qual os fiéis depositam as missivas que endereçam à santa Virgem. Poder-se-ia estabelecer uma paridade entre este fato, que divertiu a verve dos zombadores, e a carta acima? Seguramente não. No entanto, o erro não era daqueles que creram na possibilidade de corresponder com o outro mundo, mas daqueles que exploravam essa crença, proporcionando as respostas ao preço da franquia juntada à carta. Há poucas superstições que não tenham seu ponto de partida numa verdade desnaturada pela ignorância; o Espiritismo, acusado de ressuscitá-las, ao contrário, vem reduzi-las ao seu justo valor.

PODER CURATIVO DO MAGNETISMO ESPIRITUAL.

Espírito do doutor Demeure.

Em nosso artigo do mês precedente, sobre o doutor Demeure, prestamos uma justa homenagem às suas eminentes qualidades como homem e como Espírito. O fato seguinte é uma nova prova de sua benevolência, ao mesmo tempo que constata o poder curativo da magnetização espiritual.

Escrevem-nos de Montauban:

O Espírito do bom pai Demeure, vindo aumentar o número de nossos amigos invisíveis que nos cuidam do moral e do físico, quis se manifestar, desde os primeiros dias, por um favor. A notícia de sua morte não era ainda conhecida de nossos irmãos de Montauban, que empreenderam espontânea e diretamente a cura de um deles por meio do magnetismo espiritual, somente pela ação fluídica. Vedes que não perdia tempo, e continuava, como Espírito, assim como o dissestes, sua obra de alívio da Humanidade sofredora. No entanto, há aqui uma importante distinção a fazer. Certos Espíritos continuam a vagar em suas ocupações terrestres, sem terem a consciência de seu estado, crendo-se sempre vivos; é o próprio dos Espíritos pouco avançados, ao passo que o Sr. Demeure se reconheceu imediatamente, e agiu voluntariamente como Espírito, com a consciência de ter neste estado uma força maior.

Tínhamos ocultado à senhora G..., médium vidente e sonâmbula muito lúcida, a morte do Sr. Demeure, para poupar sua extrema sensibilidade, e o bom doutor, entrando sem dúvida em nossos objetivos, tinha evitado de se manifestar a ela. Em 10 de fevereiro último, estávamos reunidos a convite de nossos guias que, diziam eles, queriam aliviar a senhora G... de uma entorse de que ela sofria cruelmente desde a véspera. Disso não sabíamos mais, e estávamos longe de esperar a surpresa que nos preparavam. Apenas essa senhora entrou em sonambulismo, ela fez ouvir gritos dilacerantes mostrando seu pé. Eis o que se passava:

A senhora G... via um Espírito curvado sobre sua perna, do qual os traços lhe estavam ocultos; ele operava flexões e massagens, exercendo, de vez em quando, sobre a parte doente, uma tração longitudinal, absolutamente como teria podido fazer um médico. A operação era tão dolorosa que a paciente se deixava ir, às vezes, a vociferações e a movimentos desordenados. Mas a crise não foi de longa duração; ao cabo de dez minutos todo traço da entorse tinha desaparecido, não mais inchaço, o pé tinha retomado sua aparência normal; a senhora G... estava curada.

Quando se pensa que para curar completamente uma afecção deste gênero, os magnetizadores mais bem dotados e mais exercitados, sem falar da medicina oficial que nisso não acaba, têm necessidade de um tratamento cuja duração jamais é menor do que trinta e seis horas, consagrando-lhe três sessões por dia de uma hora cada uma, essa cura em dez minutos, pelo fluido espiritual, pode bem ser considerada como instantânea, com tanto mais razão, assim como o disse o próprio Espírito numa comunicação que encontrareis adiante, que era de sua parte uma primeira experiência feita tendo em vista uma aplicação ulterior em caso de ser bem sucedido.

No entanto, o Espírito permanecia sempre desconhecido do médium, e persistia em não mostrar seus traços; tinha mesmo o ar de querer desaparecer, quando de um salto nossa doente, que, alguns minutos antes, não podia dar um passo, se lançou no meio do quarto para agarrar e apertar a mão de seu doutor espiritual. Nesta vez ainda o Espírito tinha afastado a cabeça, deixando-lhe sua mão na dela. Neste momento a senhora G... lança um grito, e cai desmaiada sobre o assoalho; ela acabava de reconhecer o Sr. Demeure no Espírito curador. Durante a síncope, ela recebeu os cuidados desvelados de vários Espíritos simpáticos. Enfim, tendo reaparecido a lucidez sonambúlica, ela

conversou com os Espíritos, trocando com eles calorosos apertos de mão, notadamente com o Espírito do doutor, que respondia aos seus testemunhos de afeição, penetrando-a com um fluido reparador.

Esta cena não é surpreendente e dramática e não crer-se-ia ver todas essas personagens desempenhar seu papel na vida humana? Não é uma prova, entre mil, de que os Espíritos são seres muito reais, tendo um corpo e agindo como faziam sobre a Terra? Estávamos felizes em reencontrar nosso amigo espiritualizado, com seu excelente coração e sua delicada solicitude. Ele fora durante sua vida, o médico do médium; conhecia sua extrema sensibilidade, e a tinha preparado como seu próprio filho. Esta prova de identidade dada àqueles que o Espírito amava, não é tocante e não é bem feita para fazer encarar a vida futura sob seu aspecto mais consolador?

Eis a comunicação que recebemos do Sr. Demeure, no dia seguinte a esta sessão:

"Meus bons amigos, estou junto a vós, e vos amo sempre como no passado. Que felicidade poder me comunicar com aqueles que me são caros! Como estou feliz de, ontem à noite, poder me tornar útil e aliviar nosso caro médium vidente! é uma experiência que me servirá e que porei em prática no futuro, todas as vezes que uma ocasião favorável se apresentar. Hoje, seu filho está muito doente, mas espero que o curemos logo; tudo isto lhe dará coragem para perseverar no estudo do desenvolvimento de sua faculdade. (O filho da senhora G..., com efeito, foi curado de uma difteria, por meio de um tratamento homeopático ordenado pelo Espírito.)

"Poderemos, daqui a algum tempo, vos dar a ocasião de ser testemunhas de fenômenos que não conheceis ainda, e que serão de grande utilidade para a ciência espírita. Estarei feliz em poder contribuir, eu mesmo, a essas manifestações que me teriam dado tanto prazer em ver quando vivo; mas, graças a Deus, hoje as assisto de maneira toda particular, e que me prova evidentemente a verdade daquilo que se passa convosco. Crede, meus bons amigos, que me faço sempre um verdadeiro prazer tornar-me útil aos meus semelhantes, e ajudá-los a propagar estas belas verdades que devem mudar o mundo, conduzindo-o a sentimentos melhores. Adeus, meus amigos; até breve."

"ANTOINE DEMEURE."

Não é curioso ver um Espírito, já sábio na Terra, fazer como Espírito estudos e experiências para adquirir mais habilidade no alívio de seus semelhantes? Há nesta confissão uma louvável modéstia que revela o verdadeiro mérito, ao passo que os Espíritos pseudo-sábios são geralmente presunçosos.

O último número da *Revista* cita uma comunicação do Sr. Demeure, como tendo dado em Montauban, em 1^o de fevereiro. Foi no dia 26 de janeiro que a ditou; esta data é, em minha opinião, de uma certa importância, porque é a do dia seguinte de sua morte. No segundo parágrafo, ele disse: "Gozo de uma lucidez rara nos Espíritos libertos da matéria há tão pouco tempo." Essa lucidez prova, com efeito, uma rapidez de desligamento, que não é própria senão dos Espíritos muito avançados moralmente.

Nota. - A cura narrada acima é um exemplo da ação do magnetismo espiritual puro, sem nenhuma mistura de magnetismo humano. Por vezes os Espíritos se servem de médiuns especiais como condutores de seu fluido; estão aí os *médiuns curadores* propriamente ditos, cuja faculdade apresenta graus muito diversos de energia, segundo sua aptidão pessoal e a natureza dos Espíritos pelos quais são assistidos. Conhecemos em Paris uma pessoa atingida há oito meses de exostoses no quadril e no joelho, que lhe causam grandes sofrimentos e a obrigam a ficar na cama. Um jovem de seus amigos, dotado desta preciosa faculdade, lhe deu cuidados unicamente por imposição das mãos, durante alguns minutos sobre a cabeça, e a prece à qual o doente se associava com um fervor edificante. Este último sentiu nesse momento uma crise muito dolorosa análoga à que sentiu a senhora G..., logo seguida de uma calma perfeita. Sentiu, então, a impressão

enérgica de várias mãos que massageavam e estiravam a perna que se via alongar de 10 a 12 centímetros. Já havia nele uma melhora muito sensível, porque começou a caminhar; mas a antigüidade e a gravidade do mal tornam a cura necessariamente mais difícil e mais longa do que a de uma simples entorse.

Faremos observar que a mediunidade curadora não está ainda apresentada, ao nosso conhecimento, com caracteres de generalidade e de universalidade, mas, ao contrário, restrita como aplicação, quer dizer, que o médium tem uma ação mais poderosa sobre certos indivíduos do que sobre outros, e não cura todas as doenças. Compreende-se que isso deva ser assim, quando se conhece o papel capital que desempenham as afinidades fluídicas em todos os fenômenos de medianimidade. Algumas pessoas mesmo dela não gozam senão acidentalmente e para um caso determinado. Seria, pois, um erro crer que, porque se obteve uma cura, mesmo difícil, podem-se obtê-las todas, pela razão de que o fluido próprio de certos doentes é refratário ao fluido do médium; a cura é tanto mais fácil quanto a assimilação dos fluidos se opera naturalmente. Também se está surpreso de ver, algumas vezes, pessoas frágeis e delicadas exercerem uma ação poderosa sobre indivíduos fortes e robustos. É que, então, essas pessoas são boas condutoras do fluido espiritual, ao passo que os homens vigorosos podem ser muito maus condutores. Eles não têm senão seu fluido pessoal, fluido humano, que jamais tem a pureza e o poder reparador do fluido depurado dos bons Espíritos.

Compreende-se, segundo isto, as causas maiores que se opõem a que a mediunidade curadora se torne uma profissão. Para dela se fazer uma maneira de viver, seria preciso estar dotado de uma faculdade universal; ora, só os Espíritos encarnados da ordem mais elevada poderiam possuí-la nesse grau. Ter esta presunção, mesmo exercendo-a com desinteresse e por pura filantropia, seria uma prova de orgulho que, só por ela, seria um sinal de inferioridade moral. A verdadeira superioridade é modesta; faz o bem sem ostentação, e se apaga em lugar de procurar o brilho; a fama vai procurá-la e a descobre, ao passo que o presunçoso corre atrás da fama que lhe escapa freqüentemente. Jesus dizia àqueles que havia curado: "Ide, dai graças a Deus, e não faleis disto a ninguém." É uma grande lição para os médiuns curadores. Lembraremos aqui que a mediunidade está exclusivamente na ação fluídica mais ou menos instantânea; que não é preciso confundi-la nem com o magnetismo humano, nem com a faculdade que certos médiuns têm de receber dos Espíritos a indicação de remédios; estes últimos são simplesmente *médiuns médicos*, como outros são médiuns poetas ou desenhistas.

CONVERSAS FAMILIARES DE ALÉM-TÚMULO.

PIERRE LEGAY DITO GRANDE-PIERROT.

(Continuação. - Ver a Revista de novembro de 1864.)

Pierre Legay, parente da senhora Delanne, nos ofereceu o singular espetáculo de um Espírito que, dois anos depois de sua morte, se acreditava ainda vivo, vagava por seus negócios, viajava em viatura, pagava seu lugar na estrada de ferro, visitou Paris pela primeira vez, etc. Damos hoje a conclusão desse estado, que seria difícil de compreender se não se reportasse aos detalhes dados na *Revista* de novembro de 1864, página 339.

O Sr. e a Sra. Delanne tinham inutilmente procurado tirar seu parente do seu erro; seu guia espiritual lhe dissera para esperar, não tendo ainda chegado o momento.

Nos primeiros dias do mês de março último, eles dirigiram a pergunta seguinte ao seu guia:

Depois da última visita de Pierre Legay, mencionada na *Revista Espírita*, não pudemos obter dele nenhuma resposta. Vós me dissestes a esse respeito que, quando o

momento tivesse chegado, ele mesmo nos daria suas impressões. Pensais que o possa agora? - R. Sim, meus filhos; a hora chegou. Ele poderá vos responder e vos fornecerá diversos assuntos de estudos e de ensinamentos. Deus tem seus objetivos.

P. (A Pierre Legay) .Caro amigo, estais aqui? - R. Sim, meu amigo.

P. Vedes meu objetivo vos evocando hoje? - R. Sim, porque tenho junto a mim amigos que me instruíram sobre tudo o que se passa de surpreendente neste momento sobre a Terra. Meu Deus, que coisa estranha tudo isto!

P. Dissestes que tendes amigos que vos cercam e que vos instruem; podeis nos dizer quem são? - R. Sim, são amigos, mas não os conheci senão depois que *despertei*; sabeis que *dormi*? Chamo dormir o que chamais morrer.

P. Podeis dizer-nos o nome de alguns destes amigos? - R. Tenho constantemente ao meu lado um homem, que deveria antes chamar um anjo, porque é tão doce, tão bom, tão belo que creio que os anjos devem ser todos como *aqui e ali*. E depois tem Didelot (o pai da senhora Delanne) que está aqui também; depois vossos pais, meu amigo. Oh! como são bons! Há também: ah! é engraçado, como se encontra, nossa irmã superior. Por exemplo, ela é sempre a mesma; ela não mudou. Mas o que é, pois, curioso em tudo isto!

Nota. A irmã que o Espírito designa habitava a comuna de Treveray e havia dado as primeiras instruções à senhora Delanne. Ela não havia se manifestado senão uma vez, três anos antes.

Toma! vós também, *jardineiro!* (nome familiar dado a um tio da senhora Delanne, e que jamais se manifestou). Mas, quanto sou besta! É em vosso quarto que estamos. Pois bem, estou contente de vos ver; aqui me coloco à vontade; porque, minha palavra de honra, fui transportado não sei de onde faz algum tempo; vou mais depressa do que a estrada de ferro, e percorro o espaço sem poder me dar conta como. Sois como eu, Didelot? Ele tem o ar de achar tudo natural; parece que já está habituado. De resto, faz mais tempo do que eu que ele o fez (morreu há seis anos), e compreendo que com isto esteja menos espantado. Mas quanto é, pois, engraçado! ah! é muito engraçado! Dizei-me, sabeis, convosco, meu primo, estou à vontade. Pois bem, francamente, dizei-me, pois, o que se chama *morrer*?

SR. DELANNE: Chama-se morrer, meu amigo, deixar seu corpo grosseiro à terra para dar à alma a liberdade da qual tem necessidade para reentrar na vida real, a grande vida do Espírito. Sim, aí estais, caro amigo, nesse mundo ainda desconhecido para muitos homens da Terra. Eis-vos saído da letargia ou entorpecimento que segue a separação do corpo e da alma. Vedes vosso anjo guardião, os amigos que vos cercam; foram eles que vos conduziram entre nós, para vos provar a imortalidade e a individualidade de vossa alma. Sede disso orgulhoso e feliz, porque, o vedes agora, a morte é a vida. Eis porque também atravessais o espaço com a rapidez do relâmpago, e podeis conversar conosco em Paris, como se tivésseis um corpo material como o nosso. O corpo, não o tendes mais; não tendes agora senão um envoltório fluídico e leve que não vos retém mais na Terra.

P. LEGAY: Singular expressão: *morrer*] Mas, dai, pois, um outro nome ao momento em que a alma deixa seu corpo à terra, porque esse instante não é o da morte.....Eu me lembro.....Estava apenas desembaraçado dos laços que me retinham ao meu corpo, que meu sofrimento, em lugar de diminuir, não fizeram senão crescer. Via meus filhos que se disputavam para ter cada um a parte daquilo que lhes chegava. Eu os via não darem atenção às terras que lhes deixei, e então *me pus a trabalhar com* mais força ainda do que nunca. Eu estava ali, lamentando ver que não se me compreendia; pois, *eu não estava morto*. Asseguro-vos que senti os mesmos medos e as mesmas fadigas quando com meu corpo, e, no entanto, eu não o tinha mais. Explicai-me isto; se é como aqui que se morre, é uma engraçada maneira de morrer. Dizei-me vossa idéia acima, e depois eu

direi a minha, porque agora, esses bons amigos têm a bondade de me dizer. Vamos, meu primo, digei-me vossa idéia.

SR. DELANNE: Meu amigo, quando os Espíritos deixam seu corpo, eles são envolvidos de um segundo corpo, como eu vos disse; este é fluídico; não o deixam jamais. Pois bem, era com esse corpo que acreditáveis trabalhar, como em vida com o outro. Podeis depurar este corpo semi-material por vosso adiantamento moral; e se a palavra *morte* não vos convém para precisar esse momento, chamai-o *transformação*, se quiseres. Se tivestes que sofrer coisas que vos foram penosas, é que vós mesmo, em vossa vida, talvez fostes muito apegado às coisas materiais, negligenciando as coisas espirituais, que interessam ao vosso futuro. (Ele estava muito interessado.) Foi um pequeno castigo que Deus vos impôs para resgatar vossas faltas, dando-vos o meio de vos instruir e de abrir vossos olhos à luz.

P. LEGAY: Pois bem! Meu caro, não é a este momento que é preciso dar o nome de transformação, porque o Espírito não se transforma tão rápido se não for imediatamente ajudado a se reconhecer pela prece, e não se esclarece sobre sua verdadeira posição, seja, como acabo de dizer, orando por ele, seja evocando-o. É porque *há tantos Espíritos, como o meu, que ficam estacionados*. Há, para o Espírito da minha categoria, *transição*, mas não *transformação*; ele não sabe se dar conta do que lhe chega. Eu arrastei, ou antes acreditei arrastar meu corpo com a mesma dificuldade e os mesmos males do que sobre a Terra. Quando fui libertado de meu corpo, sabeis o que senti? Pois bem! o que se sente depois de uma queda que vos atordoou um momento, ou antes depois de uma fraqueza, e que vos faz retornar com vinagre. Eu *despertei sem* me aperceber que meu corpo me havia deixado. Vim a Paris onde estou, pensando aqui estar bem e estar em carne e osso, e não teríeis podido me convencer do contrário se *depois não estivesse morto*.

Sim, morre-se, mas não é no momento em que se deixa seu corpo; é no momento em que o Espírito, *percebendo sua verdadeira posição*, toma-lhe uma vertigem, não sabe mais compreender o que se lhe diz, nem vê mais as coisas que se lhe explica do mesmo modo; então ele se perturba; vendo que não é mais compreendido, procura, e, como o cego que é atingido subitamente, pede um condutor que não vem em seguida, *não dá*; é preciso que fique algum tempo nas trevas onde tudo é confuso para ele; está perturbado, e é preciso que o desejo o leve com ardor a pedir a luz, que não lhe é concedida senão depois que a agonia esteja terminada e que a hora da libertação chegou. Pois bem, meu primo, é quando o Espírito se encontra nesse momento, que é *o momento da morte*, porque não sabe mais reconhecer-se. É preciso, eu o repito, que se seja ajudado pela prece para sair desse estado, e é também quando a hora da libertação estiver chegada que é preciso empregar a palavra *transformação* para os Espíritos de minha ordem.

Oh! Obrigado pelas vossas boas preces, obrigado, meu amigo; sabeis o quanto eu vos amo, e vos amarei bem mais ainda agora. Continuai-me vossas boas preces pelo meu adiantamento. Obrigado ao homem que revelou essas grandes verdades santas das quais tantos outros, antes dele, tinham desdenhado de se ocupar. Sim, obrigado por ter associado meu nome a tantos outros. Orou-se por mim lendo algumas linhas que tinha vindo vos dar. Obrigado, pois, também a todos aqueles que oraram por mim, que hoje, graças à prece, cheguei a compreender-lhe a importância. A meu turno, tratarei de ser útil a todos.

Eis o que tinha a vos dizer, e estejais tranqüilos; hoje, não tenho mais dinheiro a lamentar, mas, ao contrário, tenho todo o meu tempo para vos dar.

Não é que essa mudança deve vos espantar muito? Pois bem, doravante, como no presente, isto será como isto, porque vejo bem claro agora, aqui, e de muito longe.

PI ERRE LEGAY.

Nota. - O novo estado em que se encontra Pierre Legay, deixando de se crer deste mundo, pode ser considerado como um segundo despertar do Espírito. Esta situação se liga à grande questão da morte espiritual que foi estudada neste momento. Agradecemos aos Espíritas que, ao nosso relato, oraram por esse Espírito. Podem ver que se apercebeu disto e que com isto se achou bem.

MANIFESTAÇÕES ESPONTÂNEAS DE MARSEILLE.

As manifestações de Poitiers têm neste momento semelhante em Marseille. Disso é preciso concluir que os supostos maus gracejadores, que puseram em comoção a primeira cidade, sem poderem ser descobertos, se transportaram para a segunda, onde não o são mais? É preciso convir que são mistificadores bem sagazes para frustrar assim as procuras da polícia de todos aqueles que estão interessados em descobri-los.

A *Gazette du Midi*, de 5 de março, contém a esse respeito a curta notícia seguinte:

"Durante o dia de sexta-feira, o quarteirão Chave estava em comoção, e no boulevard deste nome, grupos numerosos estacionaram nas proximidades da casa n^o 80. Correu o boato de que nessa casa se passam cenas estranhas que tinham posto em fuga os habitantes do imóvel enfeitado. Os fantasmas ali passeavam, dizia-se; a certas horas ruídos estranhos ali se fazem ouvir, e mãos invisíveis fazem entrechocarem-se móveis, louça e bateria de cozinha. A intervenção da polícia foi necessária para manter a ordem no seio desses grupos que aumentavam a cada instante. A esse propósito, o que há de razoável para dizer, parece, é que a casa da qual se trata não oferece talvez toda solidez necessária, sobre um terreno minado pelas águas; alguns estalidos ouvidos, e transformados pelo medo em jogo de feitiçaria, terão motivado os rumores que não saberão tardar para se dissiparem."

CAUVIÈRE.

Eis o relato circunstanciado, que nos foi transmitido pelo doutor Chavaux, de Marseille, em data de 14 de março:

"Há uns quinze dias, tive a honra de vos dar alguns detalhes sobre as manifestações que se produzem, há mais de um mês, na casa n^o 80 do boulevard Chave. Não vos disse senão o que tinha ouvido dizer, hoje venho vos dizer o que vi e ouvi por mim mesmo.

Tendo obtido a permissão de visitar a casa, fui, sexta-feira, 10 de março, no apartamento do primeiro andar, ocupado pela senhora A... e seus dois filhos, um de oito anos e o outro de 16 anos. A uma hora justa, uma viva detonação ocorreu na própria casa, e foi seguida de nove outras no espaço de três quartos de hora. Na segunda detonação, que me pareceu partir do interior do quarto onde estávamos, vi um leve vapor se formar, depois um odor bem pronunciado de pólvora se fez sentir. A senhora R..., tendo entrado na oitava detonação, disse que havia um odor de pólvora; isto me deu prazer, porque me provava que a minha imaginação não havia estado por nada.

"Na segunda-feira 13, fui de novo à casa, às oito horas e meia da noite. Às nove horas, a primeira detonação se fez ouvir, e no espaço de uma hora houve trinta e oito delas. A senhora C... disse: "Se esses ruídos são ocasionados por Espíritos, que façam mais dois deles, e isso farão quarenta." No mesmo momento, as duas detonações se fizeram, golpe sobre golpe, com um ruído apavorante. Olhamo-nos todos com surpresa e mesmo pavor. A senhora C... disse ainda: "Começo a compreender que há Espíritos neste negócio; gostaria, para me convencer inteiramente batessem ainda dez vezes, isto farão cinqüenta." As dez detonações ocorreram em menos de um quarto de hora.

"Esses ruídos, às vezes, têm a força de tiros de um canhão de pequeno calibre, que se atiraria em uma casa; as portas e as janelas são abaladas, assim como as paredes e o

assoalho; os objetos dependurados pelas paredes são vivamente agitados; dir-se-ia que a casa se abala de todos os lados e que ela vai cair; mas isso não é nada. Depois do golpe, não há mais fenda, nada é prejudicado e tudo volta à calma comum. Esses golpes são distanciados de um a cinco minutos; outras vezes, batem até seis vezes, golpe sobre golpe. A polícia fez uma aparição e *nada* descobriu.

"Eis, caro mestre, toda verdade e a mais exata verdade.

"Aceitai, etc."

CHAVAUX, D. M. P."
24, rua do Petit Saint-Jean.

Uma outra carta de 17 de março contém o que segue:

"Ontem fomos passar uma parte da tarde na casa do boulevard Chave, nº 80; a reunião estava composta de sete pessoas. As detonações começaram às onze horas, e, no intervalo de dez minutos, contamos delas vinte e duas. Podemos compará-las às de uma pequena peça de canhão; pode-se ouvi-las a uma grande distância da casa. Essa casa está em muito boas condições de solidez, contrariamente ao dizer da *Gazette du Midi*.

"Foi-me dito que ontem à noite quatro detonações ocorreram numa outra casa do mesmo boulevard, e que elas eram mais fortes do que as primeiras.

"Recebei, etc."

CARRIER."

Eis a causa toda encontrada, dir-se-á; vê-se a fumaça, sente-se o odor da pólvora, e não adivinhais o meio que os mistificadores empregam? Parece-nos que os mistificadores que se serviram da pólvora para produzir, durante mais de um mês, semelhantes detonações no próprio apartamento onde se acham as testemunhas, que têm a complacência de repeti-las segundo o desejo que lhes é disso expresso, não devem estar nem muito longe, nem muito escondidos; por que, pois, não se os descobriu? - Mas, então, de onde vem esse odor de pólvora? - Isto é uma outra questão que será tratada a seu tempo; à espera disto, os ruídos são um fato, esse fato tem uma causa. Vós as atribuíis à malevolência? procurai, pois, os malevolentes.

POESIAS ESPIRITAS. O ESPIRITISMO.

O Espiritismo ó o desenvolvimento do Evangelho, a extensão e a expansão da vida.

É, pois, verdadeiro! sua sombra tão querida
Vem sustentar, encorajar meus cantos,
E penetrar de uma embriaguez infinita
A vaga felicidade de meus pressentimentos.
Como um reflexo derramado de minha alma,
Seu nobre espírito, irradiante de claridades,
Enche meus dias de uma invisível chama,
Enche minhas noites de sonhos encantados.
Então dos céus, se invoco as idades,
Seu sopro puro me traz uma lembrança,
E do presente dissipando as nuvens,
Sabe do passado renovar o futuro.

"Filho, disse ele, abandonando a Terra,
"Encontrarás de novo, de antigos dias;
"A teu lado, aquele que foi teu pai,
"E em nossos corações eternos amores."

MARIE-CAROLINE QUILLET,
Membro da Sociedade dos escritores.

Pont-l'Évêque (Calvados).

A senhora Quillet, autora de *Rosa silvestre solitária*, acaba de publicar um formoso pequeno volume sob o título de: *Uma hora de poesia* (1-(1) Um vol. in-18; preço, 3 fr.; em Pont-l'Évêque, casa Delahais.), que será apreciado por todos os amantes de bons versos. Sendo esta obra estranha à Doutrina Espírita, se bem que dela não seja de nenhum modo contrária, sua apreciação sai da especialidade de nossa *Revista*. Limitar-nos-emos a dizer que a autora prova uma coisa, é que, contrariamente à opinião de alguns de seus confrades em literatura, pode-se dizer do espírito e crer nos Espíritos.

A senhora Quillet nos escreve o que se segue, a respeito de uma das comunicações da senhora Foulon, publicada no número de março.

"A senhora Foulon pensa que os homens não compreenderiam a poesia do Espiritismo. Ela deve ter razão do seu ponto de vista luminoso. Sem dúvida, os poetas sentem suas asas entorpecidas pelas trevas de nossa atmosfera; mas o instinto, mas a dupla vista, da qual são dotados, vêm em ajuda de sua inteligência. Eu creio que cada um está chamado, segundo suas aptidões, ao grande trabalho da renovação terrestre: os poetas, os filósofos, pela inspiração dos Espíritos; os mártires, os trabalhadores, pelo gênio dos filósofos e os cantos do poeta. Os cantos não são senão um suspiro, é verdade; mas no exílio os suspiros formam a base e o complemento do concerto."

Em apoio a estas palavras ela junta as estrofes seguintes:

AOS POETAS.

Despertai-vos, apóstolos e poetas;
Prestai atenção aos oráculos do tempo.
O ar está carregado do sopro dos profetas,
E o hosana retine nos ventos.
O Sinai está coberto de nuvens;
O Etna grita no horror de seus fogos;
Mas o Eterno dispersa as tempestades,
E para a Terra ilumina os céus.
A verdade sai da parábola;
Seu brilho puro, esflorando nossas fronteiras,
De um novo dia clareia o símbolo,
E da fé reaquece os raios.
A fé, o amor, o verdadeiro sol das almas,
Aos mais obscuros derrama a claridade;
E de seu disco alimenta as chamas,
Pelo trabalho e pela caridade.
Acorrei todos, mártires, aos cantos sublimes;
Abri o caminhos aos lutadores desconhecidos.
A todos os ventos, sobre os mais nobres cimos,
Ide plantar a humilde cruz de Jesus.

A senhora Quillet está na verdade quando disse que cada um é chamado a concorrer à obra da renovação terrestre; ninguém contesta a influência da poesia, mas ela se engana sobre o pensamento da senhora Foulon, quando esta diz: "O entusiasmo invadiu minha alma, e espero que seja um pouco passado para vos entreter do Espiritismo sério, e não do Espiritismo poético que não é bom para os homens; não o compreenderiam." O Espírito não entende, por *Espiritismo poético*, as idéias espíritas traduzidas pela poesia, mas o Espiritismo ideal, produto de uma imaginação entusiasta; e por *Espiritismo sério*, o Espiritismo científico, apoiado sobre os fatos e a lógica, que melhor convém à natureza positiva dos homens de nossa época, aquele que faz o objeto de nossos estudos.

ENTERRO ESPIRITA.

Sob este título, o *Monde musical de Bruxelles*, de 5 de março de 1865, dá conta, nos termos seguintes, das exéquias da senhora Vauchez, mãe de um de nossos excelentes irmãos em Espiritismo:

"Nossos amigos e colaboradores, irmãos Vauchez perderam, há alguns dias, sua mãe. Os cuidados com os quais um e o outro cercaram os últimos tempos dessa mulher respeitável eram o sinal e o efeito de uma ternura que não temos por tarefa descrever.

"Os dois irmãos são Espíritas. Reunidos a amigos que têm a mesma crença que eles, acompanharam o corpo de sua mãe até o túmulo. Lá, o primogênito Vauchez expressou, em palavras tão simples quanto justas, ao Espírito de sua mãe, que, na fé dos Espíritas, estava presente e os ouvia, a tristeza que derramava entre eles essa separação, então mesmo que, de outra parte, estivesse persuadido de que ela entrava numa vida melhor, e que não deixaria de estar em comunicação com eles, e de inspirá-los confirmando-os sem descanso no caminho do bem. Repetiu-lhe a segurança que seus votos de agonizante seriam cumpridos pela consagração em duas boas obras, entre outras, das despesas economizadas com o enterro ficado puramente civil e sem nenhuma cerimônia. Esses votos são: que seja feita uma fundação em favor da creche de Saint-Josse-ten-Noode, e uma gratificação de assistência em proveito de velhos pobres.

"Depois dessa espécie de conversa entre os filhos e a alma de sua mãe, o Sr. Herezka, um dos amigos espíritas da família, expressou em versos, com a mesma simplicidade, algumas palavras cuja reprodução vai fazer conhecer uma parte daquilo que há de bom e de bem numa crença que se torna diariamente, por toda parte, a de um maior número de homens que se conta entre as pessoas instruídas. Eis as palavras do Sr. Herezka à alma da defunta:

Já a fossa é grande, aberta,
Logo neste escancarado túmulo
Descerá o despojo inerte;
Mas, livre desse vil fardo,
Daqui te vás, planando no espaço,
Do progresso prosseguir o rastro.
Não mais dúvida, não mais dor!
Do mal quebraste a corrente,
Só o bem possui teu coração,
Com o corpo morto está o ódio.
Que o amor e a caridade
Te guiem na eternidade!

Aos nossos irmãos de outros mundos

Vai levar nossos votos fraternos;
Diga-lhes que as almas fecundas,
Amadurecem frutos eternos,
Revelaram, sobre nossa Terra,
Da morte o jovial mistério.

Dize-lhes! "Vossos amigos daquele mundo,
"Contra a ignorância orgulhosa
"Vão fazer mortais combates;
"Por esta causa gloriosa,
"Invocam vosso concurso,
"Espíritos! corramos em seu socorro!"

Com freqüência vens acalmar nossos sofrimentos,
Oh! volta a nos falar dos céus
Nos momentos de nossos desfalecimentos;
E faze resplender aos nossos olhos
Alguma luminosa estrela
Emanando de fonte imortal.

Depois destas palavras, os irmãos Vauchez e seus amigos se retiraram, sem barulho, sem ostentação, sem emoção dolorosa e como se viessem acompanhar alguém que empreendesse uma viagem de longo curso, em todas as condições desejáveis de bem-estar e de segurança. Sem ser nós mesmos Espíritas, havíamos tomado lugar no cortejo; não somos aqui senão o narrador de um fato: a cerimônia é tão tocante que nota pela simplicidade e pela sinceridade da crença e das intenções.

ROSELLI.

A senhora Vauchez sucumbiu depois de trinta e dois anos de uma doença que a retinha na cama há vinte anos. Ela havia aceito com alegria as crenças espíritas, e nelas havia haurido grandes consolações em seus longos e cruéis sofrimentos. Vimo-la quando de nossa última viagem a Bruxelles, e nos edificamos de sua coragem, de sua resignação e de sua confiança na misericórdia de Deus.

Eis as primeiras palavras que ela ditou aos seus filhos, pouco tempo depois de ter dado o último suspiro:

"O véu que nos cobre ainda o mundo extraterrestre vem de ser descoberto para mim. Eu vejo, sinto, vivo! Deus todo-poderoso, obrigada! Vós, meus guias, meus anjos guardiães e protetores, obrigada! Vós, meus filhos, tu, minha filha, da resignação, por serdes espíritas; não me choreis: eu vivo da vida eterna, vivo na luz etérea; vivo e não sofro mais; minhas dores cessaram, minha prova está terminada. Obrigada a vós, meus amigos, por terem tão depressa pensado em me evocar; fizeti-o freqüentemente; eu vos assistirei, estarei convosco.

"Deus teve piedade de meus sofrimentos. Oh! meus amigos, quanto a vida da alma é bela quando está desligada da matéria! Bons Espíritos velam sobre vós, tornai-vos dignos de sua proteção. Neste momento, estou assistida por vosso protetor, o bom São Vicente de Paulo.

"MARGUERITE VAUCHEZ."

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

DESORDEM DO IMPÉRIO DE SATÃ.

Provas dadas ao fanatismo religioso de que os Espíritos não são demônios, em resposta as entrevistas sobre os Espíritos, do jesuíta Pé. Xavier Pailloux. Digressão histórica provocada por ele, e demonstração de que *Satã e o inferno dos satanistas* são um mito; seguidos de dados dos Espíritos sobre o estado póstumo do homem e de impressões depois da morte;

Por L.-A.-G. Salgues (d'Angers).

Broch. pequena in-8^o de 150 páginas — Angers, casa Lemesle e Cia. -Paris, Dentu, Palais-Royal. -Preço: 2fr. .*

Daremos conta ulteriormente desta obra.

O ECO DE ALÉM-TÚMULO,

Jornal espírita, publicado em Marseille sob a direção do Sr. Gilet, e aparecendo todos os domingos. Escritório em Marseille, boulevard Chave, n^o 81. -Preço: 10fr. por ano.

Este jornal leva no cabeçalho a divisa: *Fora da caridade não há salvação*. Estamos felizes de vê-lo levantar uma bandeira que é o sinal da união de todos os Espíritos sinceros; seguindo-se sem desviar o caminho que indica, se está certo do não se perder. Assim como dissemos a propósito do *médium evangélico de Toulouse*: como nobreza, título obriga. O Espiritismo conta assim com um órgão a mais numa das principais cidades da França.

ACORDO DA FÉ E DA RAZÃO,

Pelo Sr. J.-B.
Dedicado ao clero.

Broch. in-8^o de 100 páginas. - Paris, Didier e Cia- Preço: 1 fr. E

Esta brochura é do mesmo autor das *Cartas sobre o Espiritismo escrita aos eclesiásticos*. Esta última obra trata mais especialmente a questão religiosa, e estamos felizes de constatar que o autor o faz com uma notável força de lógica, ao mesmo tempo que traz uma moderação louvável em suas refutações. Num estilo elegante e correto, ele diz as maiores verdades sem ferir ninguém; é o melhor meio de persuadir. Nós o recomendamos aos nossos leitores, que nele haurirão excelentes argumentos.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

8º ANO

NO. 5

MAIO 1865

PERGUNTAS E PROBLEMAS.

MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO DOS ANIMAIS.

Escrevem-nos de Dieppe:

"..... Parece-me, caro senhor, que tocamos numa época onde devem se cumprir incríveis coisas. Não sei que pensar de um fenômeno, dos mais estranhos, que vem ainda de ter lugar em minha casa. Nos tempos de ceticismo em que vivemos, não ousaria disso falar a alguém, de medo de que não se me tome por um alucinado; mas, com o risco, caro senhor, de levar sobre vossos lábios o sorriso da dúvida, quero vos contar o fato; fútil em aparência, no fundo, é talvez mais sério do que se o poderia crer.

"Agonizante meu pobre filho, falecido em Boulogne-sur-Mer, onde continuava seus estudos, tivera de um de seus amigos uma encantadora cadelinha que havíamos educado com cuidado extremo. Ela era, em sua espécie, a mais adorável criaturinha que fosse possível imaginar. Nós a amávamos como se ama tudo aquilo que é belo e bom. Ela nos compreendia pelo gesto, nos compreendia pelo olhar. A expressão de seus olhos era tal que parecia que iria responder quando se lhe dirigia a palavra.

"Depois do decesso de seu jovem dono a pequena Mika (era seu nome) me foi conduzida a Dieppe, e, segundo seu hábito, ela dormia quentamente coberta aos meus pés, sobre minha cama. No inverno, quando o frio maltratava muito, ela se levantava, fazia ouvir um pequeno gemido de uma extrema doçura, o que era a sua maneira habitual de formular um pedido, e compreendendo o que ela desejava, permitia-lhe vir se colocar ao meu lado. Ela se estendia, então, à vontade entre dois lençóis, seu pequeno focinho sobre meu pescoço que ela gostava por travesseiro, e se entregava ao sono, como os felizes da Terra, recebendo meu calor, me comunicando o seu, o que não me incomodava de resto. Comigo a pobre pequena passava felizes dias. Mil coisas doces não lhe faltavam; mas, em setembro último, caiu doente e morreu, apesar dos cuidados do veterinário a quem eu a confiara. Falamos freqüentemente dela, minha mulher e eu, e a lamentávamos quase como um filho amado, tanto ela havia sabido, por sua doçura, sua inteligência, sua fiel amizade, cativar a nossa afeição.

"Ultimamente, pelo meio da noite, estando deitado mas não dormindo, ouvi partir do pé de minha cama esse pequeno gemido que produzia a minha pequena cadelinha quando desejava alguma coisa. Fui de tal modo tocado com isso, que estendi os braços fora da cama para atraí-la para mim, e acreditei em verdade que iria sentir suas carícias. Ao levantar-me de manhã, contei o fato à minha mulher que me disse: "Ouvi a mesma voz, não uma única vez, mas duas. Ela parecia partir da porta de meu quarto. Meu primeiro pensamento foi de que a nossa pobre cadelinha não estava morta, e que escapando da casa do veterinário, que dela tinha se apropriado por sua gentileza, procurava entrar em nossa casa."

"Minha pobre filha doente, que tinha sua pequena cama no quarto de dormir de sua mãe, afirma tê-la ouvido igualmente. Somente lhe pareceu que o som da voz partia, não da porta de entrada, mas da própria cama de sua mãe, que está muito perto dessa porta.

"É preciso vos dizer, caro senhor, que o quarto de dormir de minha mulher está situado acima do meu. Esses sons estranhos provêm da rua como minha mulher o crê, ela que não partilha minhas convicções espíritas? É impossível. Partidos da rua, esses sons tão brandos não teriam podido ferir meu ouvido, sou de tal modo atacado de surdez, que, mesmo no silêncio da noite, não posso ouvir o barulho de uma pesada carroça que passe. Não ouço mesmo a grande voz do trovão em tempo de tempestade. De um outro lado, o som de voz partido da rua, como explicar a ilusão de minha mulher e de minha filha que acreditaram tê-lo ouvido, como vindo de um ponto inteiramente oposto, da porta de entrada para minha mulher, da cama desta para minha filha?

"Eu vos confesso, caro senhor, que esses fatos, embora se relacionem a um ser privado de razão, me fazem refletir singularmente. Que pensa r disso? Não ousa nada decidir e não tenho o ócio de me estender longamente sobre esse assunto; mas me pergunto se o princípio imaterial, que deve sobreviver nos animais, como no homem, não adquiriria, num certo grau, a faculdade de comunicação como a alma humana. Quem sabe? conhecemos todos os segredos da Natureza? Evidentemente não. Quem explicará as leis das afinidades? quem explicará as leis repulsivas? ninguém. Se a afeição, que é do domínio do sentimento, como o sentimento é do domínio da alma, possui em si uma força atrativa. Que haveria de espantoso que um pobre animalzinho no estado imaterial se sinta arrastado ali onde sua afeição o leva? Mas o som de voz, dir-se-á, como admiti-lo, se se fez ouvir uma vez, duas vezes, por que não todos os dias? Essa objeção pode parecer séria; no entanto, seria irracional pensar que esse som não possa se produzir fora de certas combinações de fluidos, os quais reunidos agissem em um sentido qualquer, como se produzem em química certos efervescentes, certas explosões, em consequência da mistura de tais ou tais matérias? Que essa hipótese pareça fundada ou não, não a discuto, direi somente que ela pode estar nas coisas possíveis, e sem ir mais adiante, acrescentarei que constato um fato apoiado num tríplice testemunho, e que se esse fato se produziu, foi porque pôde se produzir. Além disso, esperemos que o tempo nos esclareça, não tardaremos talvez a ouvir falar de fenômenos da mesma natureza."

Nosso honrado correspondente age sabiamente ao não decidir a questão; de um único fato que não é ainda senão uma probabilidade, não tira uma conclusão absoluta; ele constata, observa, à espera de que a luz se faça. Assim o quer a prudência. Os fatos desse gênero não são ainda nem bastante numerosos, nem bastante averiguados para deles deduzir uma teoria afirmativa ou negativa. A questão do princípio e do fim dos princípios dos animais começa somente a se esclarecer, e o fato de que se trata a ela se liga essencialmente. Se isso não é uma ilusão, constata pelo menos o laço de afinidade que existe entre o Espírito dos animais, ou melhor de certos animais e o do homem. Parece, de resto, positivamente provado que há animais que vêem os Espíritos e por eles são impressionados; disso temos narrado vários exemplos na *Revista*, entre outros o do *Espírito e o pequeno cão*, no número de junho de 1860. Se os animais vêem os Espíritos, isso não é evidentemente pelos olhos do corpo; eles têm, pois, também uma espécie de visão espiritual.

Até o presente, a ciência não fez senão constatar as relações fisiológicas entre o homem e os animais; ela nos mostra, no físico, todos os animais da cadeia dos seres sem solução de continuidade; mas entre o princípio espiritual dos dois Espíritos existia um abismo; se os fatos psicológicos, melhor observados, vêm lançar um ponto sobre esse abismo, isso será um novo passo de fato para a unidade da escala dos seres e da criação. Não é pelos sistemas que se pode resolver esta grave questão, é pelos fatos; se ela deverá sê-lo um dia, o Espiritismo, criando a *psicologia experimental*, só ele poderá fornecer-lhe os meios. Em todos os casos, se existem pontos de contato entre a alma

animal e a alma humana, isso não pode ser, do lado da primeira, senão da parte dos animais mais avançados. Um fato importante a constatar é que, entre os seres do mundo espiritual, jamais foi feita menção de que existam Espíritos de animais. Pareceria disso resultar que estes não conservam a sua individualidade depois da morte, e, de um outro lado, essa cadelinha que teria se manifestado, pareceria provar o contrário.

Vê-se, segundo isto, que a questão está ainda pouco avançada, e não é preciso se apressar em resolvê-la. Tendo sido lida a carta acima à Sociedade de Paris, a comunicação seguinte foi dada a este respeito.

(Paris, 21 de abril de 1865. - Médium, Sr. E. Vézy.)

Vou tocar uma grave questão esta noite, falando-vos das relações que podem existir entre a animalidade e a humanidade. Mas neste recinto, quando, pela primeira vez, minhas instruções vos ensinaram a solidariedade de todas as existências e as afinidades que existem entre elas, um murmúrio se elevou numa parte desta assembléia, e eu me calei. Deveria fazer o mesmo hoje, apesar de vossas perguntas? Não, uma vez que vais entrar no caminho que eu vos indiquei.

Mas tudo não se detém em crer somente no progresso incessante do Espírito, embrião na matéria e se desenvolvendo ao passar pelo exame severo do mineral, do vegetal, do animal, para chegar à *humanimalidade*, onde somente começa a se ensaiar a alma que se encarnará, orgulhosa de sua tarefa, na *humanidade*. Existem entre essas diferentes fases laços importantes que é necessário conhecer e que eu chamarei *períodos intermediários* ou *latentes*; porque é aí que se operam as transformações sucessivas. Falar-vos-ei mais tarde dos laços que ligam o mineral ao vegetal, o vegetal ao animal; uma vez que um fenômeno que vos espanta nos leva aos laços que ligam o animal ao homem, vou vos entreter com estes últimos.

Entre os animais domésticos e o homem as afinidades são produzidas pelas cargas fluídicas que vos cercam e recaem sobre eles; é um pouco a humanidade que se detém sobre a animalidade, sem alterar as cores de uma ou de outra; daí essa superioridade inteligente do cão sobre o instinto brutal da besta selvagem, e é a esta causa somente que poderão ser devidas estas manifestações que vêm de vos ler. Não se está, pois, enganado ouvindo um grito alegre do animal e conhecendo os cuidados de seu senhor, e vindo, antes de passar ao estado intermediário de um desenvolvimento a outro, trazer-lhe uma lembrança. A manifestação pode, pois, ocorrer, mas ela é passageira, porque o animal, para subir de um degrau, é preciso um trabalho latente que aniquile, para todos, todo sinal exterior de vida. Esse estado é a crisálida espiritual onde se elabora a alma, perispírito informe, não tendo nenhuma figura reprodutiva de traços, quebrando-se num estado de maturidade, para deixar escapar, nas correntes que os carregam, os germes de almas que ali eclodem. Ser-nos-ia, pois, difícil vos falar dos Espíritos de animais do espaço, ele não existe, ou antes sua passagem é tão rápida que é como nula, e que no estado de crisálida, não poderiam ser descritos.

Já sabeis que nada morre da matéria que se abate; quando um corpo se dissolve, os elementos dos quais ele se compõe lhe reclamam a parte que lhe deram: oxigênio, hidrogênio, azoto, carbono retornam à sua fonte primitiva para alimentar outros corpos; os fluidos organizados espirituais tomam na passagem cores, perfumes, instintos, até a constituição definitiva da alma.

Compreendeis-me bem? Sem dúvida, eu teria necessidade de explicar-me melhor, mas para terminar esta noite, e não vos fazer supor o impossível, vos asseguro que o que é do domínio da inteligência animal não pode se reproduzir pela inteligência humana, quer dizer que o animal, qualquer que seja, não pode dar seu pensamento pela linguagem humana; suas idéias não são senão rudimentares; para ter a possibilidade de se exprimir como o faria o Espírito de um homem, lhe seriam necessárias idéias, conhecimentos e um

desenvolvimento que não tem, que não pode ter. Tende, pois, por certo que nem cão, gato, asno, cavalo ou elefante não podem se manifestar por via medianímica. Só os Espíritos chegados ao grau de humanidade podem fazê-lo, e ainda em razão de seu adiantamento, porque o Espíritos de um selvagem não poderá vos falar como o de um homem civilizado.

Nota. Estas últimas reflexões do Espírito foram motivadas pela citação feita na sessão de pessoas que tinham pretendido ter recebido comunicações de diversos animais. Como explicação do fato precitado, sua teoria é racional e concorda, pelo fundo, com a que prevalece hoje nas instruções dadas na maioria dos centros. Quando tivermos reunido todos os documentos suficientes, nós os resumiremos em um corpo de doutrina metódico, que será submetido ao controle universal; até lá não são senão balizas colocadas sobre o caminho para clareá-lo.

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS RUÍDOS DE POITIERS

Tiradas do *Journal de la Vienne*, de 22 de novembro de 1864.

Conhece-se a lógica dos adversários do Espiritismo; o extrato seguinte de um artigo assinado por David (de Thiais), disto fornece uma amostra.

"Amigo leitor, deveister, como eu, sobre vossa escrivanhinha, uma pequena brochura do Sr. Boreau, de Niort, que traz por título: *Como e por que me tornei Espírita*, in-8^o com *fac simile do autógrafo da escrita direta de um Espírito familiar*.

"É a mais curiosa das histórias, a de um homem sincero, convicto, amando as coisas elevadas, mas que diviniza suas ilusões e simplesmente, sem cessar, depois dos sonhos, crendo agarrar a realidade. Perseguido com Jeanne, a sonâmbula, um tesouro enterrado num antigo campo de batalha da Vendée, encontrou, em lugar do ouro que lhe foi prometido, Espíritos importunos, maus, temíveis, que quase fazem morrer sua companheira de terror e lançam ele mesmo vítima das mais dolorosas angústias; e súbito torna-se Espírita, como se as aparições que o obsidiam renovassem para ele os milagres da lâmpada maravilhosa, e lhe prodigalizam, ao mesmo tempo, todos os bens do corpo e da alma.

"É preciso que a ficção seja uma das maiores necessidades do gênio humano, para que semelhantes crenças se tornem possíveis.

"Há ali gênios *farsantes*, que zombam; Espíritos cruéis, que ameaçam e que ferem; Espíritos grosseiros, que têm, sem cessar, a injúria à boca, e se pergunta o que vêm fazer nesse mundo, uma vez que a morte não os curou em seu temível cadinho.

"Ali se farta também de disco e de quadros de um bom anjo, que não tomou no céu os segredos de sua poesia, enquanto uma idéia preconcebida nos leva longe no caminho das ilusões.

"Em matéria de Espiritismo, o Sr. Boreau tem a fé de um carvoeiro; vai mesmo até amar aqueles que o ferem e o molestam. Nada temos a lhe repetir disso, tanto mais que sua brochura contém páginas muito divertidas, e prova que pode se passar facilmente dos Espíritos exteriores, uma vez que o seu deve grandemente lhe bastar.

"Somente, diremos que os fatos que ele relata não datam de ontem.

"Lembra-se ainda a emoção que se apoderou da cidade de Poitiers, quando a casa da rua Saint-Paul fez ouvir, no último ano, sua formidável artilharia. Uma longa procissão de curiosos se enrolou durante oito dias ao redor dessa casa mal-assombrada pelo demônio; a polícia ali pôs seu quartel general, e cada um espregueita o vôo dos Espíritos para surpreender numa boa fé os segredos do outro mundo; mas não se viu ali senão o fogo. Os Espíritos não se revelam senão aos crentes, tudo ao fazer muito barulho no mundo. (*Revista Espírita*, fevereiro, março, maio de 1864.)

"Coisa estranha, leitor! Essas paragens parecem ter o monopólio dessa raça barulhenta e zombeteira.

"Gorre, célebre médico alemão, falecido em 1836, nos informa, no tomo III, de sua *Mystique*, depois de dizer de Guillaume d'Auvergne, falecido em 1249, bispo de Paris, que, pelo mesmo tempo, um Espírito batedor se introduziu numa casa do dito quarteirão Saint-Paul, em Poitiers, e que lançava pedras e quebrava as vidraças.

"Pierre Mamoris, professor de teologia de nossa universidade, autor do *Flagellum maleficorum*, conta o que se passou, em 1447, na rua Saint-Paul, numa casa onde certo Espírito, entregando-se às suas evocações ordinárias, lançava pedras, deslocava móveis, quebrava as vidraças, batendo mesmo nas pessoas, mas de leve, sem que fosse possível descobrir como o fazia.

"Conta-se, nessa ocasião, que Jean Delorme, então cura de Saint-Paul, homem de muita instrução e de grande probidade, veio, acompanhado de algumas pessoas, visitar o teatro dessas estranhas proezas, e, munido de velas bentas e acesas, de água benta e de água gregoriana, percorreu todos os apartamentos dessas praças, aspergindo-os, exorcizando-os.

"Mas todos os exorcismos foram impotentes; nenhum diabo se mostrou. No entanto, a partir desse momento, o Espírito maligno cessou de se manifestar (1-(1) Ver a brochura do Sr. Bonsergent, na biblioteca imperial.).

"Assim, há alguns séculos de distância, os mesmos fenômenos espíritas se reproduziram três vezes na mesma cidade e no mesmo quarteirão; mas o que é preciso disto concluir? *Absolutamente nada*. Não há, com efeito, nenhuma consequência a tirar de um vão ruído, de pueris divertimentos, de vias de fato lamentáveis, que não se pode, evidentemente, atribuir aos Espíritos, corpos imponderáveis que, planando sobre o mundo, deve escapar às enfermidades humanas em se aproximando, sem cessar, da luz e da bondade de Deus.

"Essa questão, de resto, não está em discussão. Cada um é livre para escolher seus Espíritos, de adorá-los à sua maneira, emprestar-lhes uma virtude, um poder, um caráter conforme às suas aspirações. Somente preferimos aos gênios, por pouco matérias da escola moderna, as criações encantadoras nascidas da poesia dos dias antigos, e que, caminham fraternalmente com o homem sobre o limite dos dois mundos, lhes dão tão docemente a mão para aproximá-los das fontes da vida imortal e da felicidade sem fim.

"Nenhum Espírito batedor não valerá mesmo para nós essas adoráveis imagens pintadas pelo gênio de Ossian sobre as nuvens vaporosas do Norte, e cujas harpas melancólicas fazem tão bem vibrar ainda as fibras mais íntimas do coração. Quando a alma voa, ela toma o cuidado de acelerar suas asas e repele tudo o que possa pesar-lhes."

Devemos agradecer ao autor deste artigo, por nos ter feito conhecer esse fato notável que ignorávamos, do mesmo fenômeno reproduzido, na mesma localidade, há vários séculos de distância; ele não poderia servir melhor à nossa causa, sem disso duvidar, porque dessa repetição pretende tirar um argumento contra as manifestações. Parece-nos que, em boa lógica, quando um fato é único e isolado, dele não se pode deduzir consequência absoluta, porque pode ser devido a uma causa acidental, ao passo que, quando se renova em condições idênticas, é que depende de uma causa constante, dito de outro modo, de uma lei. Procurar essa lei é o dever de todo observador sério, porque ela pode conduzir a descobertas importantes.

Que, apesar da duração, o caráter especial e as circunstâncias acessórias dos ruídos de Poitiers, algumas pessoas hajam persistido em atribuí-los à malevolência, se o compreende até um certo ponto; mas, quando é pela terceira vez que se renovam na mesma rua, há vários séculos de distância, há certamente matéria para reflexão, porque, se há mal-intencionados não é quase provável que, num tão longo intervalo, eles tenham escolhido precisamente o mesmo lugar para o teatro de suas proezas. No entanto, o que

é preciso disso concluir? Diz o autor: *Absolutamente nada*. Assim, de que um fato que põe, por várias vezes, em emoção toda uma população, não tem nenhuma consequência importante a dele se tirar! Singular lógica em verdade! "São vãos ruídos, *pueris divertimentos que não* podem, *evidentemente* ser atribuídos aos Espíritos, corpos imponderáveis que, planando sobre o mundo, devem escapar às enfermidades humanas aproximando-se, sem cessar, da luz e da bondade de Deus." O Sr. David crê, pois, nos Espíritos, uma vez que descreve seus atributos com tanta precisão. Onde hauriu esse conhecimento? Quem lhe disse que os Espíritos são tais quais se lhe afigura? Estudou-os para decidir assim a questão? "Eles devem, disse ele, escapar às enfermidades humanas;" às enfermidades corpóreas, sem dúvida, mas às enfermidades morais ocorre o mesmo? Crê ele, pois, que o homem perverso, o assassino, o bandido, o mais vil malfeitor estarão no mesmo nível quando forem Espíritos? De que lhes teria servido serem honestos durante sua vida, uma vez que serão depois de sua morte igualmente como se o tivessem sido? Uma vez que os Espíritos se aproximam sem cessar da luz e da bondade de Deus, o que é mais verdadeiro do que o autor talvez o creia, houve, pois, um tempo em que dele estavam longe, porque, para se aproximar de um objetivo, é preciso estar dele afastado. Onde está o ponto de partida? Não pode estar senão no oposto da perfeição, quer dizer, na imperfeição. Seguramente, não são os Espíritos perfeitos que se divertem com semelhantes coisas; mas se há os imperfeitos, o que de espantoso que cometam malícias? Do fato de que planem sobre o mundo, segue-se que não podem dele se aproximar? Seria supérfluo levar mais longe esta refutação. Os argumentos de nossos adversários sendo quase todos da mesma força, não teríamos mesmo exaltado esse artigo, sem o precioso documento que ele encerra, e do qual agradecemos de novo o autor.

CONVERSAS DE ALÉM-TÚMULO. O DOUTOR VIGNAL

(Sociedade de Paris, 31 de março de 1865. - Médiun, Sr. Desliens).

Nossos leitores se lembram, sem dúvida, do interessantes estudos sobre o Espírito das pessoas vivas publicados na Revista de janeiro e março de 1860, e aos quais foram submetidos o Sr. conde de R... e o Sr. doutor Vignal. Este último distante há vários anos, morreu em 27 de março de 1865. Na véspera do enterro, perguntamos a um sonâmbulo muito lúcido e que vê muito bem os Espíritos, se o via. "Eu vejo, disse ele, um cadáver no qual se opera um trabalho extraordinário; dir-se-ia uma massa que se agita, e como alguma coisa que faz esforços para dela se libertar, mas que tem dificuldade para vencer a resistência. Não distingo a forma do Espírito bem determinada."

No dia 31 de março ele foi evocado na Sociedade de Paris. O mesmo sonâmbulo assistia adormecido à sessão durante a evocação. Ele o viu e o descreveu perfeitamente enquanto se comunicava ao médium de sua escolha.

Dizemos *de sua escolha*, porque a experiência demonstra o inconveniente de impor um médium ao Espírito que pode não encontrar nele as condições necessárias para se comunicar livremente. Quando se faz a evocação de um Espírito pela primeira vez, convém que todos os médiuns presentes se coloquem à sua disposição, e esperem que se manifeste por um deles. Nesta sessão havia onze médiuns.

Pergunta. - Caro Sr. Vignal, todos os vossos antigos colegas da Sociedade de Paris conservaram de vós a melhor lembrança, e eu em particular a das excelentes relações que não se interromperam entre nós. Em vos chamando entre nós, temos por objetivo de primeiro vos dar um testemunho de simpatia, e estaremos felizes se consentirdes, ou se puderdes vir conversar conosco. - R. Caro amigo e digno mestre, vossa boa lembrança e

vossos testemunhos de simpatia me são muito sensíveis. Se posso vir a vós hoje e assistir, livre e liberto, a esta reunião de todos nossos bons amigos e irmãos Espíritas, é graças ao vosso bom pensamento e à assistência que vossas preces me trazem. Como o dizia com justiça meu jovem secretário, estava muito impaciente para me comunicar; desde o começo desta noite, empreguei todas as minhas forças espirituais para dominar este desejo; vossas conversas e as sérias questões que agitastes, em me interessando vivamente, tornaram minha espera menos penosa. Perdoai, caros amigos, mas meu reconhecimento pedia para se manifestar.

Nota -Desde que foi questionado o Sr. Vignal, o médium sentiu, com efeito, a influência desse Espírito que desejava se comunicar por ele.

P. Buscai primeiro nos dizer como vos encontrais no mundo dos Espíritos. Que possais, ao mesmo tempo, nos descrever o trabalho da separação, vossas sensações nesse momento, e nos dizer ao cabo de quanto tempo vos reconhecestes. - *R.* Eu sou tão feliz quanto se pode sê-lo, quando se vêem confirmar plenamente todos os pensamentos secretos que se pode ter emitido sobre uma doutrina consoladora e reparadora. Eu estou feliz! sim, eu o sou, porque agora vejo, sem nenhum obstáculo, se desenvolver diante de mim o futuro da ciência e da filosofia espíritas.

Mas descartemos por hoje essas digressões inoportunas; virei de novo vos entreter neste assunto, sabendo que a minha presença vos proporcionará tanto prazer quanto eu mesmo sinto em vos visitar.

O dilaceramento foi muito rápido; mais rápido do que o meu pouco mérito mo fazia esperar. Fui ajudado poderosamente por vosso concurso, e vossa sonâmbula vos deu uma idéia muito límpida do fenômeno da separação, para que nisso eu insista. Era um espécie de oscilação descontínua, uma espécie de arrastamento em dois sentidos opostos; o Espírito triunfou, uma vez que estou aqui. Não deixei completamente o corpo senão no momento em que foi depositado na terra; e voltei convosco.

P. Que pensais do serviço que foi feito para vossos funerais? Fiz-me um dever assistir a eles. Naquele momento estáveis bastante desligado para vê-lo, e as preces que disse por vós (não ostensivamente bem entendido) chegaram até vós? - *R.* Sim; como vos disse, vossa assistência tudo fez nessa parte, e retornei convosco, abandonando completamente minha velha crisálida. As coisas materiais me tocam pouco, de resto, vós o sabeis. Não penseis senão na alma e em Deus.

P. Lembrai-vos que, a vosso pedido, há cinco anos, no mês de fevereiro de 1860, fizemos um estudo sobre vós estando ainda vivo? Naquele momento vosso Espírito desligou-se para vir conversar conosco. Quereis nos descrever, tanto quanto possível, a diferença que existe entre vosso desligamento atual e o de então? - *R.* Sim, certamente que me lembro disso; mas que diferença entre meu estado de então e o de hoje! então a matéria me apertava em sua rede inflexível; eu queria me desligar de maneira mais absoluta e não o podia. Hoje sou livre. Um vasto campo, o do desconhecido, se abre diante de mim, e espero, com a vossa ajuda e dos bons Espíritos, aos quais me recomendo, avançar e me penetrar o mais rapidamente possível dos sentimentos que é preciso sentir, e dos atos que é preciso cumprir para escalar o caminho da prova e merecer o mundo das recompensas. Que majestade! que grandeza! é quase um sentimento de pavor que domina quando, fracos como o somos, queremos fixar as sublimes claridades.

P. Uma outra vez seremos felizes em continuar esta entrevista, quando consentirdes retornar entre nós. - *R.* Respondi sucintamente e sem conseqüência às vossas diversas perguntas. Não pedi mais ainda de vosso fiel discípulo; não estou inteiramente livre.

Conversar, conversar ainda seria a minha felicidade; meu guia modera meu entusiasmo, e já pude apreciar sua bondade e sua justiça para me submeter inteiramente à sua decisão, qualquer lamento que sinta de ser interrompido. Consolo-me pensando que poderei, freqüentemente, vir assistir incógnito às vossas reuniões. Algumas vezes vos

falarei; eu vos amo e quero vo-lo provar. Mas outros Espíritos, mais avançados do que eu reclamam a prioridade, e devo me apagar diante deles que consentiram em permitir ao meu espírito de dar um livre vôo à torrente de pensamentos que tinha reunidos.

Eu vos deixo, amigos, e devo agradecer duplamente, não só avós Espíritas, que me haveis chamado, mas também a este Espírito que consentiu que eu tomasse seu lugar, e que, quando vivo, trazia o nome ilustre de Pascal.

Aquele que foi e que será sempre o mais devotado de vossos adeptos.

Dr. VIGNAL.

Nota. - O espírito de Pascal, com efeito, deu em seguida a comunicação publicada adiante, sob o título de: *O Progresso intelectual.*

CORRESPONDÊNCIA.

CARTAS DO SR. SALGUES, d'ANGERS.

Enviando-nos seu opúsculo: *A desordem do império de Satã*, que anunciamos em nosso último número, o Sr. Salgues quis juntar-lhe a carta seguinte que estamos felizes em publicar com sua autorização. Cada um apreciará, como nós, os sentimentos que ali estão expressos.

Angers, 9 de março de 1865.

Senhor e caro irmão em Deus,

É sob a impressão que me causou a leitura das comunicações dos Espíritos da senhora Foulon e do doutor Demeure (*Revista Espírita*, março de 1865), que tenho a honra de vos escrever para vos exprimir todo o prazer que ali encontrei, posso dizer muito do interesse, que é comumente o produto de vossa pena.

Venho de vos dirigir uma pequena brochura que vos rogo aceitar. Será para vós, e para todos os meus leitores, uma obra bem modesta; mas um velho de oitenta e dois anos, tendo a visão arruinada por excesso de trabalho e de estudos, e, por isto, não podendo retocar, segundo seus desejos, o que escreveu, deve contar com a indulgência do público.

Os adversários católicos da pneumatologia mantêm, entre os fanáticos apostólicos, a opinião de que os Espíritos são demônios, que Satã é uma realidade, e prejudicam assim o desenvolvimento das boas doutrinas, como, com efeito, preciosas lições tão morais, tão consoladoras desses pretensos duendes. É em vão que as pessoas razoáveis negam estes últimos por uma simples negação persistente; convém provar, aos demonóforos, por detalhes desdobrados, que estão no erro; que o inferno dos cristãos é um mito, foi o que me determinou a escrever este opúsculo, sem pretensão de ocupar o lugar de um escritor.

Sendo assinante das publicações Espíritas de Bordeaux, acabo de enviar um exemplar de meu livro a cada um de seus autores. Deveria isso ser de outro modo junto a vós, senhor, de quem li sempre com zelo as produções desde o seu aparecimento. No entanto, pensareis que isso deveria ser com timidez, uma vez que fui adversário, não dos *Espíritas*, muito honrados para mim, mas do Espiritismo; não de maneira absoluta, mas por arrastamento, devendo, entretanto, repelir na ocasião uma linguagem que se me emprestava por *abuso* de minha assinatura; também acabei por interditar-me toda crítica, querendo ser amigo de todo mundo. Não quero, pois, mais do que observar, aproximar, comparar, esperar, aprender e julgar no silêncio do gabinete. Hoje creio ainda que estamos longe de tudo saber, que em Espiritismo como em espiritualismo haveria

oportunidade de *discutir como* os Espíritos certas questões da doutrina, mas não me prendo a isso no fundo; com a paciência chegaremos todos ao mesmo fim, à verdade absoluta e à vida eterna.

De resto, vejo que o *Espiritismo*, por toda a parte, faz felizes; é vossa obra gloriosa, e me aplico em fazer ler o mais possível os escritos que se difundem tanto hoje para consolidar a moralidade e os sentimentos religiosos, produzidos no caminho mais racional. Os homens sábios devem, pois, fazer votos *comigo* para que Deus vos conceda longos dias, em perfeita saúde. Creio que também se manifestou a meu respeito por terem Espíritos que, sem que nisso pensasse, e em diferentes lugares, me disseram que eu viveria muito tempo, o que já data de sete a oito anos. Talvez seja porque sempre tenha feito da propaganda com zelo, sem descanso, desde 1853, que por minha visão que muito sacrifiquei, tenho a força, a energia, a agilidade física e a vivacidade de um jovem, e que meus anos não transformam o meu aspecto.

Aceitai, pois, senhor e caro irmão, a segurança de minha alta consideração e de minhas cordiais saudações.

SALGUES.

Uma segunda carta do Sr. Salgues, de 11 de abril de 1865, contém a seguinte passagem:

"Um anúncio de meu opúsculo foi feito por um jornal ao qual enviei um exemplar; devo censurarão autor por ter tomado sobre si para me dizer *adversário* IMPLACÁVEL do *Espiritismo*. Sob a impressão de dados fornecidos recentemente a Victor Hennequin por um mau Espírito, combati de boa fé a doutrina das encarnações; mas depois de ter reconhecido um grande número de incoerências *espiritualistas*, do mesmo modo que notei no Espiritismo certos detalhes que não captaram a minha confiança, acabei por me limitar a observações minuciosas, esperando com paciência o dia em que, de uma natureza mais perfeita, pudesse reconhecer a verdade a respeito de nosso destino depois da vida na matéria. No momento, me basta, pelos fatos e as comunicações dos Espíritos, de estar seguro de uma segunda vida no estado espiritual."

Resposta.

Meu caro senhor,

Recebi a carta que consentistes me escrever, assim como a brochura que a acompanhava, e da qual vos peço receber meus muito sinceros agradecimentos. Não tive ainda o tempo de tomar conhecimento dessa obra, mas não duvido de que nela não calastes da tarefa aos nossos antagonistas. A questão do demônio é o último cavalo de batalha ao qual se aferram; mas esse cavalo é muito paralítico, e a corda dessa âncora de salvação é tão usada, que não tardará a se romper e deixar ir o barco à deriva.

Estou feliz, senhor, pelos excelentes sentimentos que consentistes me testemunhar, e de encontrar em vós uma moderação e uma imparcialidade que testemunham a elevação de vosso Espírito. O contrário me espantaria, eu o confesso, e é para mim uma grande felicidade ver que fui induzido em erro por falsas aparências. Se

diferimos sobre alguns pontos da Doutrina, vejo com uma verdadeira satisfação que um grande princípio nos une, é este: Fora da caridade não há salvação.

Recebei, caro senhor, as fraternais saudações do vosso todo devotado,

ALLAN KARDEC.

MANIFESTAÇÕES DIVERSAS; CURAS; CHUVAS DE AMÊNDOAS.

Carta do Sr. Delanne.

Nosso colega, Sr. Delanne, nos escreveu em data de 2 de abril de 1865:

Caríssimo mestre, revi nossos irmãos de Barcelona; lá, como na França, a Doutrina se propaga, os adeptos são zelosos e fervorosos. Num grupo que visitei, vi os dignos incentivos desse caro Sr. Dombre, de Marmande. Constatei a completa cura de uma senhora atingida por uma obsessão terrível que datava de quinze anos, pelo menos, bem antes que se tivesse falado dos Espíritos. Médicos, sacerdotes, exorcismos, tudo havia sido inutilmente empregado; hoje essa mãe de família foi devolvida aos seus, que não cessam de dar graças a Deus por uma tão miraculosa cura. Dois meses bastaram para obter esse resultado, tanto pela evocação do obsessor quanto pela influência de preces coletivas e simpática.

Numa outra sessão, fez-se a evocação do Espírito que obsidiava, há dez anos, um operário chamado Joseph, agora em vias de cura. Jamais fiquei tão penosamente emocionado quanto em presença das dores do paciente no momento da evocação; calmo de início, foi tomado de repente de sobressaltos, de espasmos e de tremores nervosos; assim tomado por seu inimigo invisível e se agitou em convulsões terríveis; o peito se enche, sufoca, depois, retomando sua respiração, se contorce como uma serpente, rola na terra, se levanta de um pulo, se bate na cabeça. Não pronunciava senão palavras entrecortadas, sobretudo a palavra: *Não! não!* O médium, que é uma senhora, estava em prece; ela tomou a pena, e eis que o invisível deixando sua presa por um instante, se apoderou de sua mão, e o teria assassinado se o deixasse fazê-lo.

Depois de quinze dias que se evocou esse Espírito da pior espécie, jamais quis dizer o motivo de sua vingança; pressionado por mim com perguntas, nos confessou, enfim, que esse Joseph lhe tinha arrebatado aquela que ele ama. Fizemo-lo compreender que se quisesse não atormentar mais Joseph, e testemunhasse o menor sinal de arrependimento, Deus lhe permitiria revê-la. - Por ela, disse ele, farei tudo. - Pois bem! disse: Meu Deus, perdoai a mim as minhas faltas. - Depois de hesitar, ele nos disse: 'Vou tentar; mas cuidado com ele se não ma fizerdes vê-la!' e escreveu: "Meu Deus, perdoai-me as minhas faltas." O momento era crítico; que iria advir? Consultamos os guias que disseram: tendes a chave para conduzi-lo a vós. Ele verá aquela que ama mais tarde; nada temais; é uma confissão da qual deveis aproveitar para conduzi-lo ao bem. Depois desta cena, Joseph, esgotado como um lutador, extenuado de cansaço, se ressentia da terrível possessão de seu inimigo invisível. O Sr. B..., operando então passes magnéticos enérgicos, acabou por acalmá-lo completamente. Deus quer que esta cura seja tão estrepitosa quanto a precedente.

Eis no que se aplicam esses caros irmãos! Que energia, que convicção, que coragem não é preciso para fazer semelhantes curas! Somente a fé, a esperança e sobretudo a caridade podem vencer tão grandes obstáculos e afrontar tão temerariamente uma matilha de tão terríveis adversários. Saí cansado!

Alguns dias depois, assisti em Carcassonne a emoções de outro gênero. Visitei o Sr. Jaubert, o presidente: Temos numerosos transportes há algum tempo, disse-me; vou vos conduzir até a senhorita que é o objeto dessas manifestações. Como um fato propositado, essa senhorita estava indisposta; seu estômago estava inchado ao ponto de não poder acolchetar sua roupa. Consultados seus guias, a sessão foi remetida para a noite seguinte, às oito horas. O Sr. C..., capitão aposentado, quis colocar seu salão à nossa disposição. É uma grande peça nua, simplesmente atapetada; não tem por todo ornamento senão uma vidraça sobre a chaminé, uma cômoda e duas cadeiras; nem quadros, nem cortinas, nem cortinados: um verdadeiro apartamento de solteiro. Ao todo estávamos em nove pessoas, todos adeptos convictos.

Logo que entraram, uma chuva de amêndoas foi lançada com estrondo num dos ângulos do quarto! Dizer-vos minha emoção, seria difícil, porque aqui a honradez dos assistentes, esse quarto nu e escolhido, dir-se-ia, propositadamente pelos Espíritos para

tirar todas as dúvidas, nada me podia fazer suspeitar de uma manobra fraudulenta; e, apesar desse prodígio, não cessava de olhar, de escutar com o olhar essas paredes, e de lhes perguntar se não eram cúmplices de um arranjo qualquer.

A senhorita médium doente tomou seu lápis, e escreveu: "Diga a Delanne para colocar sua mão sobre o vazio do estômago e essa inchação desaparecerá. Oraí antes." Eis todos nós em prece; eu estava na extremidade do quarto quando, no meio do recolhimento geral, uma nova chuva de amêndoas se produziu, no ângulo oposto àquele de onde ela partiu a primeira vez. Julgai de nossa alegria. Aproximei-me da doente; o inchaço estava muito maior do que na véspera; impus minha mão, e o inchaço desapareceu como por encanto. Estou curada, disse ela. Sua roupa, muitíssimo estreita, se tornou muito larga. Todo o mundo constatou o fato. Unimo-nos pelo pensamento para agradecer aos bons Espíritos por tanta bondade. Então teve lugar um terceiro aguaceiro de amêndoas. Em minha vida não esquecerei estes fatos. Esses senhores estavam encantados, antes por mim do que por eles, habituados a essas espécies de manifestações. Cada um deles possuía algum objeto transportado pelos Espíritos. O Sr. Jaubert me afirmou ter visto várias vezes sua mesa tombar e se levantar sozinha sem o concurso das mãos; seu chapéu levado de uma extremidade de um quarto à outra. Um fato análogo de cura instantânea se produziu igualmente, há alguns meses, sob a mão do Sr. Jaubert.

A senhorita médium, que, além disto, é sonâmbula muito lúcida, estando adormecida, eu lhe disse: "Quereis seguir-me a Paris? -Sim.- Procurai, eu vos peço, ir à minha casa. -Vejo vossa senhora; ela me agrada; está deitada e lê." Descreveu o apartamento com uma perfeita exatidão. Eis a conversa que ela teve com minha mulher: "Não sabeis, senhora, que vosso marido está conosco. -Não, mas disse ao meu marido para me escrever. -Caramba! não vejo vosso filho; ele é gentil. Vossa senhora me disse que ela tem um outro filho muito gentil também. - Dizei-lhe que vos diga a sua idade. - Ele tem nove meses. - Está muito certo."

Como eu sabia que havia reunião em vossa casa, pedi-lhe para ir vos ver. Ela não ousou entrar, tanta gente havia do mundo e grandes Espíritos. Ela vos detalha muito bem, caro presidente, assim como vários de nossos colegas.

Nota. Paguemos, primeiro, um justo tributo de elogios aos nossos irmãos de Barcelona pelo seu zelo e seu devotamento. Como o Sr. Delanne sabe, para cumprir tais coisas, é preciso a coragem e a perseverança que só a fé e a caridade podem dar. Que recebam aqui o testemunho da fraterna simpatia da Sociedade de Paris.

Os fatos de Carcassone farão os incrédulos sorrirem, que não deixarão de dizer que é uma comédia ensinada; de outro modo, dirão, isto seriam milagres, e o tempo dos milagres passou. A isto se lhes responde que não há aí o menor milagre, mas simples fenômenos naturais, dos quais compreenderão a teoria quando quiserem se dar ao trabalho de estudá-lo, é porque não tomamos a de lhes explicar. Quanto à comédia, seria preciso saber em proveito de quem ela seria ensinada. Certamente a prestidigitação pode operar coisas também surpreendentes, ver mesmo a cura de uma inchação simulada por uma bexiga cheia. Mas, ainda uma vez, em proveito de quem? Se está sempre forte quando se pode opor, à uma acusação de charlatanismo, o desinteresse mais absoluto; isso não seria o mesmo se estivesse em jogo a mais leve suspeita de interesse material. E, depois, quem encenaria essa comédia? Uma pessoa jovem de boa família que não se põe em espetáculo, que não dá sessões nem em sua casa, nem em cidade, e não procura fazer falar dela, o que não faria o negócio dos charlatães; um vice-presidente do Tribunal; honrados negociantes; oficiais recomendáveis e recebidos na melhor sociedade; uma tal suposição pode atingi-los? É, diz-se, no interesse da Doutrina e para fazer adeptos. Mas esse não seria menos uma fraude indigna de pessoas que se respeitam. Isso seria, aliás, um singular meio de assentar uma doutrina sobre o malabarismo, por

intermédio de pessoas honradas; mas nossos contraditores não vêm nisso de tão perto um fato de contradição; a lógica é o menor de seus cuidados.

No entanto, há uma importante observação a fazer aqui. Quem assistiu à sessão da qual dá conta o Sr. Delanne? Havia ali incrédulos que se queria convencer? Não, nenhum; todos eram adeptos que já tiveram várias vezes testemunhos desses fatos. Haveria, pois, fato da escamoteação pelo prazer de enganar a si mesmos. Agiríeis inutilmente, senhores, os Espíritos tomam tantas maneiras diferentes para atestarem a sua presença que, em definitivo, os galhofeiros não estarão de vosso lado. Nisso podeis já divulgar pelo número sempre crescente de seus partidários. Se tivésseis encontrado um único argumento sério, não o teríeis negligenciado; mas caís precisamente sobre os charlatães e os exploradores que o Espiritismo condena e com os quais declara não ter nada de comum; nisso nos secundais em lugar de nos prejudicar. Assinais a fraude por toda parte onde a encontrades, não pedimos mais; jamais nos vistes tomar-lhe a defesa, nem sustentar aqueles que, por sua falta, suscitaram rixas com a justiça ou se puseram em contravenção com a lei. Todo Espírita sincero que se encerra no limite dos deveres que a

Doutrina lhe traça, concilia a consideração e o respeito, e nada tem a temer.

VARIEDADES

O tabaco e a loucura.

Lê-se no *Siècle* de 15 de abril de 1865:

"Os casos de paralisia e de alienação mental aumentam na França, em razão direta da produção do imposto sobre o tabaco. De 1812 a 1832, os recursos dados ao orçamento pelo imposto sobre o tabaco se elevam a 28 milhões, e os hospícios de alienados contam 8.000 alienados. Hoje, a cifra do imposto alcança 180 milhões, e contam-se 44.000 alienados ou paralíticos nos hospitais especiais.

"Essas aproximações, fornecidas pelo Sr. Jolly na última sessão da Academia das Ciências, devem dar a refletir aos amantes dos vapores nicotinizados. O Sr. Jolly terminou seu estudo por esta frase ameaçadora para a geração atual: "O emprego imoderado do tabaco, do cachimbo sobretudo, ocasiona uma debilidade no cérebro e na medula espinhal, de onde resulta a loucura."

Se fosse necessário refutar ainda, depois de tudo o que foi dito, as alegações daqueles que pretendem que o Espiritismo atravança as casas de alienados, essas cifras forneceriam um argumento sem réplica, porque não só eles repousam sobre um fato material e um princípio científico, mas constatam que o número dos alienados remonta a mais de vinte anos antes que existisse o Espiritismo; ora, não é lógico admitir que o efeito precedeu à causa. Os Espíritas não estão ao abrigo das causas materiais que podem desarranjar o cérebro, não mais do que dos acidentes que podem partir os braços e as pernas. Não é, pois, espantoso que haja Espíritas entre os loucos. Mas, ao lado das causas materiais há as causas morais; é contra estas que os Espíritas têm um poderoso preservativo em suas crenças. Se, pois, um dia for possível ter uma estatística exata, conscienciosa e feita sem prevenção, dos casos de loucura por causas morais, neles ver-se-á, incontestavelmente, o número diminuir com o desenvolvimento do Espiritismo. Ele diminuirá igualmente o número dos casos ocasionados pelos excessos e abusos das bebidas alcóolicas, mas não impedirá a febre alta e muitas outras causas de desarranjar a razão.

É notório que tais homens de letras renomados morreram loucos em consequência do uso imoderado do absinto, cujos efeitos deletérios sobre o cérebro e a medula espinhal estão hoje demonstrados. Se esses homens tivessem se ocupado do Espiritismo, não se

teria faltado em torná-lo disso responsável; quanto a nós, não tememos afirmar que se dele tivessem se ocupado *seriamente*, tivessem sido mais moderados em tudo, não teriam se exposto a essas tristes conseqüências da intemperança. Uma comparação análoga àquela que fez o Sr. doutor Jolly poderia, com tanta razão e mais talvez, ser feita entre a proporção dos alienados e a do consumo de absinto.

Mas eis uma outra causa assinalada pelo S/èc/ede21 de abril, no fato seguinte:

"Lê-se no *Droit*. "Joséphine-Sophie D..., com a idade de dezenove anos, operária brunidora, morando em casa de seus pais, rua Bourbon-Villeneuve, se entregava com um ardor incrível à leitura dos romances que encerram as publicações ditas populares a cinco centavos. Os sentimentos exagerados, os caracteres indignados, os acontecimentos inverossímeis dos quais essas obras estão comumente cheias, tinham influído de maneira deplorável sobre sua inteligência. Ela se acreditava chamada aos mais altos destinos. Seus pais, que, numa posição pouco cômoda, tinham feito, no entanto, para lhe dar instrução, todos os sacrifícios possíveis, não sendo, aos seus olhos, senão pobres pessoas, incapazes de compreendê-la e de se elevarem à esfera onde ela aspirava.

"Há muito tempo Sophie D... se entregava a esses pensamentos romanescos. Vendo, enfim, que nenhum ser sobrenatural se ocupava dela, e que sua vida deveria se escoar, como a de outras operárias, no meio do trabalho e dos cuidados da família, ela resolveu colocar fim aos seus dias, esperando, sem dúvida, que, no outro mundo, seus sonhos se realizassem.

"Ontem de manhã, como se admirava de não vê-la aparecer na hora em que ela deveria ir para seu trabalho, sua jovem irmã foi para chamá-la. Tendo aberto a porta, foi tomada de um tremor nervoso, percebendo Sophie enforcada no grampo que sustenta a flexa de seu leito; ela chamou seus pais, que acorreram e se apressaram em cortar a corda, mas todas as tentativas feitas para chamar a jovem à vida foram infrutíferas."

Eis, pois, um caso de loucura e de suicídio causado por aqueles mesmos que acusam o Espiritismo de povoar os hospícios. Os romances podem, pois, exaltar a esse ponto a imaginação que a razão com isso seja perturbada? Poder-se-ia dele citar um bom número de semelhantes, sem contar os loucos que fez o medo do diabo sobre os Espíritos fracos. Mas o Espiritismo chegou, e todos se apressaram em dele fazer o bode expiatório de suas próprias faltas.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

(Lyon, novembro de 1863. - Méd. Sr. X...)

I

As idéias preconcebidas.

Freqüentemente dissemos para escutar as comunicações que vos são feitas, submetê-las à análise da razão e não tomar, sem exame, as inspirações que venham agitar vosso espírito sob a influência de causas freqüentemente muito difíceis de constatar, para os encarnados submetidos aos desvios sem número.

As idéias puras que flutuam, por assim dizer, no espaço (segundo a idéia platônica) trazidas pelos Espíritos, não podem sempre se alojar sozinhas e isoladas no cérebro de vossos médiuns; elas encontram freqüentemente o lugar ocupado pelas idéias preconcebidas que escorrem com o jato da inspiração, que a perturbam e a transformam, de maneira inconsciente, é verdade, mas algumas vezes de maneira bastante profunda para que a idéia espiritual se encontre assim inteiramente desnaturada.

A inspiração encerra dois elementos: o pensamento e o calor fluídico destinado a ativar o espírito do médium dando-lhe o que chamais a verve da composição; se a inspiração encontra o lugar ocupado por uma idéia preconcebida, da qual o médium não pode ou não quer se desligar, nosso pensamento permanece sem intérprete, e o calor fluídico se gasta ativando um pensamento que não é o nosso. Quantas vezes, em vosso mundo egoísta e apaixonado, nós viemos trazer o calor e a idéia! Desdenhais a idéia que a vossa consciência deveria vos fazer reconhecer, e vos apoderais do calor em proveito de vossas paixões terrestres, dilapidando assim algumas vezes o bem de Deus em proveito do mal. Também quantas contas terão que prestar um dia todos os advogados das más causas!

Sem dúvida, seria de desejar que as boas inspirações pudessem sempre dominar as idéias preconcebidas; mas então entravariamos o livre-arbítrio da vontade do homem, e deste último escaparia, assim, à responsabilidade que lhe pertence. Mas se não somos senão os conselheiros auxiliares da Humanidade, quantas vezes não temos a nos felicitar quando nossa idéia, batendo à porta de uma consciência reta, triunfa da idéia preconcebida e modifica a convicção do inspirado! Não é preciso acreditar, no entanto, que o nosso recurso mal empregado não traia um pouco o mau uso que se pode delafazer; a convicção sincera encontra entonações que, partidas do coração, chegam ao coração; a convicção simulada pode satisfazer as convicções apaixonadas, vibrando em unísono da primeira, mas leva um frio particular que deixa a consciência insatisfeita, e revela uma origem duvidosa.

Quereis saber de onde vêm os dois elementos da inspiração medianímica? A resposta é fácil: a idéia vem do mundo extraterrestre, é a inspiração própria do Espírito. Quanto ao calor fluídico da inspiração, nós o encontramos e o tomamos em vós mesmos; é a parte quintessenciada do fluido vital em emanação; algumas vezes nós o emprestamos do próprio inspirado quando é dotado de uma certa força fluídica (ou medianímica, como a chamais), o mais freqüentemente o emprestamos às suas companhias na emanação de benevolência da qual está mais ou menos cercado. É por isto que se pode dizer, com razão, que a simpatia torna eloqüente.

Se refletirdes atentamente nestas causas, encontrareis a explicação de muitos fatos que espantam de início, mas dos quais todos possuem uma certa intuição. Só a idéia não bastaria ao homem, se não se lhe desse o poder de exprimi-la. O calor é para a idéia o que o perispírito é para o Espírito, o que vosso corpo é para a alma. Sem o corpo, a alma estaria impossibilitada de agitar a matéria; sem o calor, a idéia estaria impossibilitada de emocionar os corações.

A conclusão desta comunicação é que não deveis jamais abdicar de vossa razão no exame das inspirações que vos são submetidas. Quanto mais o médium tem idéias adquiridas, mais é suscetível de idéias preconcebidas, mais também deve fazer tabula rasa de seus próprios pensamentos, arrancar as influências que o agitam e dar, à sua consciência, a abnegação necessária a uma boa comunicação.

II

Deus não se vingá.

O que precede não é senão um preâmbulo destinado a servir de introdução a outras idéias. Eu vos falei de idéias preconcebidas, há outras além daquelas que vêm das tendências do inspirado; há as que são a consequência de uma instrução errada, de uma interpretação acreditada por um tempo mais ou menos longo, que tiveram sua razão de ser numa época em que a razão humana estava insuficientemente desenvolvida, e que, passadas ao estado crônico, não podem ser modificadas senão por heróicos esforços, sobretudo quando elas têm para si a autoridade do ensinamento religioso e de livros reservados. Uma dessas idéias é esta: Deus se *vingá*. Que um homem, ferido em seu

orgulho, na sua pessoa ou em seus interesses se vingue, isto se concebe; essa vingança, embora culposa, está na margem feita às imperfeições humanas; mas um pai que se vingue sobre seus filhos, levanta a indignação geral, porque todos sentem que um pai, encarregado do cuidado de formar seus filhos, pode reparar os erros, corrigir os defeitos por todos os meios que estão em seu poder, mas que a vingança lhe está interdita, sob pena de tornar estranho a todos os direitos da paternidade.

Sob o nome de vindita pública, a sociedade que se vai vingava-se dos culpados: a punição infligida, freqüentemente cruel, era a vingança que ela tirava das más ações de um homem perverso; ela não tinha nenhum cuidado no melhoramento desse homem, deixava a Deus o cuidado de puni-lo ou de perdoá-lo; bastava-lhe impressionar com um terror, que ela acreditava salutar, os futuros culpados. A sociedade que vem não pensa mais assim; se ela não age ainda tendo em vista o melhoramento do culpado, compreende ao menos o que a vingança tem de odioso por si mesma; salvaguardar a sociedade contra os ataques de um criminoso lhe basta, e, o medo de um erro judiciário ajudando, logo a pena capital desaparecerá de vossos códigos.

Se a sociedade se encontra hoje muito grande diante de um culpado para se deixar ir à cólera e se vingar dele, como quereis que Deus, participando de vossas fraquezas, se comova de um sentimento irascível e fira por vingança um pecador chamado a se arrepender? Crer na cólera de Deus é um orgulho da Humanidade, que pensa ser de um grande peso na balança divina. Se a planta de vosso jardim vem mal, se ela se curva, ireis vos encolerizar e vos vingar do seu mau sucesso? Não, a endireitareis se puderdes, dar-lhe-eis um tutor, incomodareis, por entaves, suas más tendências, a transplantareis se necessário, mas não a vingareis; assim faz Deus.

Deus se vingar, que blasfêmia! que diminuição da grandeza divina! que ignorância da distância infinita que separa o Criador de sua criatura! que esquecimento de sua bondade e de sua justiça!

Deus virá, numa existência em que não vos reste nenhuma lembrança de vossos erros passados, vos fazer pagar caro as faltas que podeis ter cometido numa época apagada de vosso ser! Não, não, Deus não age assim; ele entrava o vôo de uma paixão funesta, corrige o orgulho inato por uma humildade forçada, endireita o egoísmo do passado pela urgência de uma necessidade presente que faz desejar a existência de um sentimento que o homem nem conheceu nem provou. Como pai, corrige, mas, como pai também, não se vingue.

Guardai-vos dessas idéias preconcebidas de vingança celeste, restos perdido de um erro antigo. Guardai-vos dessas tendências fatalistas cuja porta está aberta sobre vossas novas doutrinas, e que vos conduziriam diretamente ao quietismo oriental. A parte de liberdade do homem já não é bastante grande para diminuí-la ainda por crenças errôneas; quanto mais vos sentirdes libertos em vós, mais tereis responsabilidade, sem dúvida; mas, mais também os esforços de vossa vontade vos conduzirão para a frente no caminho do progresso.

PASCAL.

III

A verdade.

A verdade, meu amigo, é uma dessas abstrações para a qual o espírito humano tende, sem cessar, sem poder jamais alcançá-la. É preciso que a ela se incline, é uma das condições do progresso, mas sua natureza imperfeita, e só por isso ela é imperfeita, não saberia a ela chegar. Seguindo a direção que segue a verdade, em sua marcha ascendente, o espírito humano está no caminho providencial, mas não lhe é dado ver-lhe o fim.

Compreender-me-ás melhor quando souberes que a verdade é, como o tempo, dividida em duas partes pelo momento inapreciável que se chama o presente, a saber: o passado e o futuro. Há, pois, duas verdades também, a verdade relativa e a verdade absoluta. A verdade relativa é o que é; a verdade absoluta é o que deveria ser. Ora, como o que deveria ser sobe por degraus até a perfeição absoluta que é Deus, segue-se que, para os seres criados escalando a rota ascensional do progresso, não há senão verdades relativas. Mas de que uma verdade relativa não é imutável, ela não é menos sagrada para o ser criado.

Vossas leis, vossos costumes, vossas instituições são essencialmente perfectíveis e, por isto mesmo, imperfeitas; mas suas imperfeições não vos livra do respeito que lhes deveis. Não é permitido anteceder seu tempo e de se fazer leis fora das leis sociais. A Humanidade é um ser coletivo que deve caminhar, senão em seu conjunto, pelo menos por grupos, para o progresso do futuro; aquele que se destaca da sociedade humana para avançar como filho perdido, para as verdades novas, sofre sempre, sobre vossa Terra, a pena devida à sua impaciência. Deixai aos iniciadores, inspirados do Espírito de Verdade, o cuidado de proclamar as leis do futuro submetendo-se à do presente. Deixai a Deus, que mede vossos progressos pelos esforços que fazeis para vos tornardes melhores, o cuidado de escolher o momento que crê útil para uma nova transição, mas não vos subtraiais jamais a uma lei senão quando ela foi derogada.

Porque o Espiritismo foi revelado entre vós, não creiais num cataclismo das instituições sociais; até este dia ele realizou uma obra subterrânea e inconsciente para aqueles que lhe foram os instrumentos. Hoje que ele aflora ao solo, e que chega à luz do dia, a marcha do progresso não deve por isso ser menos de uma lenta regularidade. Desconfiai dos Espíritos impacientes que vos levam aos caminhos perigosos do desconhecido. A eternidade que vos foi prometida deve vos fazer tomar em piedade as ambições tão efêmeras da vida. Sede reservados até em suspeitar freqüentemente da voz dos Espíritos que se manifestam.

Lembrai-vos disto: O Espírito humano se move e se agita sob a influência de três causas que são: a *reflexão*, a *inspiração* e a *revelação*. A *reflexão* é a riqueza de vossas lembranças que agitais voluntariamente. Nela, o homem encontra o que lhe é rigorosamente útil para satisfazer as necessidades de uma posição estacionária. A *inspiração* é a influência dos Espíritos extraterrestres que se misturam mais ou menos às vossas próprias reflexões para vos levarão progresso, é a intromissão do melhor na insuficiência da transição; é uma força nova que se acrescenta a uma força adquirida para vos levar mais longe do que o presente, é a prova irrecusável de uma causa oculta que vos impele para a frente, e sem a qual permaneceríeis estacionários; porque é da regra física e moral que o efeito não poderia ser maior do que sua causa, e quando esta chega, como no progresso social, é que uma causa ignorada, desapercibida, se juntou à causa primeira de vosso impulso. A *revelação* é a mais elevada das forças que agitam o espírito do homem, porque ela vem de Deus e não se manifesta senão por sua vontade expressa; ela é rara, algumas vezes mesmo inapreciável, algumas vezes evidente para aquele que a sentir ao ponto de se sentir involuntariamente tomado de um santo respeito. Eu o repito, ela é rara, e dada comumente como uma recompensa à fé sincera, ao coração devotado; mas não tomeis como revelação tudo o que pode vos ser dado por tal. O homem exhibe a amizade dos grandes, os Espíritos exibem uma permissão especial de Deus, que freqüentemente lhes faz falta; eles fazem algumas vezes promessas que Deus não ratifica, porque só ele sabe o que é preciso e o que não é preciso.

Eis, meu amigo, tudo o que posso te dizer sobre a verdade; humilha-te diante do grande Ser, porque tudo vive e se move na infinidade dos mundo que seu poder rege; pense que se nele se encontra toda a sabedoria, toda a justiça e todo o poder, nele se encontra também toda a verdade.

PASCAL.

Estudo sobre a mediunidade.
(Sociedade de Paris, 7 de abril de 1865. - Méd. Sr. Costel.)

Não é preciso erigir em sistema os ditados mal concebidos e mal expressos que desnaturam absolutamente a inspiração medianímica, se tanto que ela tenha existido. Deixo a outros o cuidado de explicarem a teoria do progresso, porque é inútil que todos os médiuns tratem do mesmo assunto. Vou me ocupar da mediunidade, esse tema inesgotável de pesquisas e de estudos.

A mediunidade é uma faculdade inerente à natureza do homem; não é nenhuma exceção nem um favor, ela faz parte do grande conjunto humano, e, como tal, está sujeita às variações físicas e às desigualdades morais; sofre o dualismo temível do instinto e da inteligência; possui seus gênios, sua multidão e seus monstros.

Não é preciso jamais atribuir aos Espíritos, entendo aos Espíritos elevados, esses ditados sem fundo nem forma que acrescentam, à sua nulidade, o ridículo de serem assinados por homens ilustres. A mediunidade séria não investe senão dos cérebros providos de uma instrução suficiente, ou pelo menos provados pelas lutas passionais. Só os melhores médiuns recebem o afluxo espiritual; os outros sentem simplesmente o impulso fluídico material que arrasta suas mãos, sem fazer produzir, à sua inteligência, outra coisa senão o que ela continha em estado latente; é preciso encorajá-los a trabalhar, mas não iniciar o público em suas elocubrações.

As manifestações espíritas devem ser feitas com a maior reserva; e se for indispensável, para a dignidade pessoal, de acumular todas as provas de uma perfeita boa fé em torno das experiências físicas, importa ao menos igualmente preservar as comunicações espirituais do ridículo que se liga muito facilmente às idéias e aos sistemas assinados irrisoriamente com nomes célebres, que são e permanecem sempre estranhos a essas produções. Não coloco em causa a lealdade das pessoas que, recebendo o choque elétrico, o confundem com a inspiração mediúnica; a ciência tem seus falsos sábios, a mediunidade tem seus falsos médiuns, na ordem espiritual, entendo.

Tento estabelecer aqui a diferença que existe entre os médiuns inspirados pelo fluido espiritual, e aqueles que não agem senão sob o impulso fluídico corpóreo; quer dizer, aqueles que vibram intelectualmente, e aqueles cuja ressonância física não chega senão à produção confusa e inconsciente de suas próprias idéias, ou idéias vulgares e sem importância.

Existe, pois, uma linha de demarcação perfeitamente traçada entre os médiuns escreventes: uns obedecem à influência espiritual que não lhes faz escrever senão coisas úteis e elevadas; e os outros sofrendo a influência fluídica material que agita seus órgãos cerebrais, como os fluidos físicos agem sobre a matéria inerte. Esta primeira classificação é absoluta, mas admite uma multidão de variedades intermediárias. Indico aqui os principais traços de um estudo importante que outros Espíritos completarão. Somos os pioneiros do progresso terrestre, e solidários uns aos outros; formamos na falange Espírita o núcleo do futuro.

GEORGES.

Nota. A frase onde o Espírito disse que deixa a outros de explicar a teoria do progresso, foi motivada por diversas questões que tinham sido propostas sobre esse assunto da sessão. Quando ele disse que a mediunidade é um tema inesgotável de pesquisas e de estudo inesgotável, ele está perfeitamente na verdade.

Embora o estudo dessa parte integrante do Espiritismo esteja longe de ser completo, já estamos longe do tempo em que se acreditava que bastava receber um impulso mecânico para se dizer médium e se crer apto a receber as comunicações de todos os Espíritos. Isto equivaleria a pensar que uma pessoa qualquer que tocasse uma pequena

música em um piano deveria necessariamente ser um excelente músico. O progresso da ciência espírita, que se enriquece cada dia, de novas observações, nos mostra a quantas causas diferentes e influências delicadas, que não se supunha, estão submetidas as relações inteligentes com o mundo espiritual. Os Espíritos não podiam ensinar tudo ao mesmo tempo; mas, como hábeis professores, à medida que as idéias se desenvolvem, entram em maiores detalhes, e revelam os princípios que, dados prematuramente, não teriam sido compreendidos, e teriam feito confusão em nosso pensamento.

A mediunidade exige, pois, um estudo sério da parte de quem vê no Espiritismo uma coisa séria. À medida que as verdadeiras atividades dessa faculdade fossem melhor conhecidas, estar-se-á menos exposto às decepções, porque saber-se-á o que ela pode dar, e em que condições pode fazê-lo; e quanto mais houver pessoas esclarecidas sobre este ponto, menos haverá vítimas do charlatanismo.

Progresso intelectual.

(Sociedade de Paris, 31 de março de 1865. - Médium, Sr. Desliens).

Nada se perde neste mundo, não só na matéria onde tudo se renova sem cessar, em se aperfeiçoando, segundo as leis imutáveis aplicadas a todas as coisas pelo Criador, mas também no domínio da inteligência. A Humanidade é como um único homem que vivesse eternamente, e adquirisse sem cessar novos conhecimentos.

Isto não é uma figura, mas uma realidade, porque o Espírito é imortal; não há senão o corpo, envoltório ou veste do Espírito, que cai quando está usado e se substitui por um outro. A própria matéria sofre modificações. À medida que o Espírito se depura, ele adquire novas riquezas, e merece, se posso me exprimir assim, uma roupa mais luxuosa, mais agradável, mais cômoda, para empregar a vossa linguagem terrestre.

A matéria se sublima e se torna cada vez mais leve, sem desaparecer jamais completamente, pelo menos nas regiões medianas; seja como corpo, seja como perispírito, ela acompanha sem cessar a inteligência e lhe permite, por este ponto de contato, se comunicar com seus inferiores, seus iguais e seus superiores para instruir, meditar a aprender.

Nada se perde na Natureza, dissemos; acrescentamos: nada é inútil. Tudo, até as criaturas mais perigosas, os venenos mais sutis, tem sua razão de ser. Quantas coisas foram julgadas inúteis ou nocivas, e das quais mais tarde se reconheceram as vantagens!

Assim, há daquelas que não compreendeis. Sem tratar a fundo a questão, direi somente que as coisas nocivas vos obrigam à atenção, à vigilância que exerce a inteligência, ao passo que se o homem não tivesse nada a temer, se abandonaria à preguiça, em prejuízo de seu desenvolvimento. Se a necessidade é a mãe da indústria, a indústria é também a filha da inteligência.

Sem dúvida, Deus, como alguns objetam, teria podido vos poupar as provas e as dificuldades que vos parecem supérfluas; mas se os obstáculos vos são opostos, é para despertar em vós os recursos que dormem; é para dar o vôo aos tesouros da inteligência que permaneceriam enterrados em vosso cérebro se uma necessidade, um perigo a evitar, não viessem vos forçar a velar pela vossa conservação.

O instinto nasce; a inteligência o segue, as idéias se encadeiam, e o raciocínio se acha inventado. Se eu raciocino, se julgo, bem ou mal, é verdade, mas é em raciocinando em falso que se aprende a reconhecer a verdade; quando se está freqüentemente enganado, acaba-se por triunfar; e esta verdade, esta inteligência, obtidas por tanto trabalho, adquirem um preço infinito e vos faz considerar-lhes a posse como um bem inestimável. Temeis ver se perderem as descobertas que fizestes; que fazeis, então? Instruí vossos filhos, vossos amigos; desenvolveis sua inteligência a fim de nela semear e nela fazer frutificar o que adquiristes ao preço de vossos suores intelectuais; é assim

que tudo se encadeia, que o progresso é uma lei natural, e que os conhecimentos humanos, aumentados pouco a pouco, se transmitem de geração em geração. Que se venha, depois disto, vos dizer que tudo é matéria! Os materialistas não repelem a Espiritualidade, na maioria, porque lhes seria preciso, sem isso, mudar seu gênero de vida, atacar seus defeitos, renunciar a seus hábitos; isto seria muito penoso, é porque acham mais cômodo tudo negar.

PASCAL.

Da seriedade nas reuniões.

(Sociedade de Paris, 17 de março de 1865. - Médiun, Sr. Desliens).

Como já disto tendes provas, a atitude séria dos membros de um grupo toca os estranhos que assistem às sessões com a intenção de torná-la em ridículo; ela muda sua inveja de zombar em respeito involuntário, e do respeito ao estudo sério, por conseqüência à fé, a transição é insensível. Aqueles, aliás, que não saem convencidos dessas reuniões, dela levam ao menos uma impressão favorável, e se não se juntam a vós imediatamente, se desligam, no entanto, de vossos adversários obstinados. Eis uma primeira razão que deve vos persuadir de serem sérios e recolhidos. Que quereis que pensem, com efeito, aqueles que saem de uma reunião onde os assuntos mais dignos de respeito são tratados com leviandade e inconseqüência? Embora os Espíritos que assim agem estejam longe de ser mal intencionados, não são com isso menos nocivos, não ao futuro, mas ao desenvolvimento rápido da Doutrina. Se não tivesse jamais havido senão reuniões sérias e mantidas de maneira conveniente, ela estaria ainda bem mais avançada do que está, embora o esteja muito. Agir assim não é agir como verdadeiros Espíritos, nem no interesse da Doutrina, porque os adversários disso se aproveitam para torná-la em ridículo. É, pois, um dever para aqueles que lhe compreendem a importância não emprestar seu apoio a reuniões dessa natureza.

Não é só à Doutrina que prejudicam, é também a si próprios; porque, se toda boa ação leva consigo a sua recompensa, toda ação leviana deixa atrás dela uma impressão deplorável, às vezes seguida de uma punição física cuja menor conseqüência pode ser a suspensão da mediunidade, ou pelo menos a impossibilidade de comunicar-se com os bons Espíritos.

É preciso ser sério, não só com os Espíritos benevolentes e esclarecidos que vêm dar sábias instruções, e que vosso pouco recolhimento afastaria, mas ainda com os Espíritos sofreadores ou maus que vêm, uns vos pedir consolações, os outros vos mistificar. Direi mesmo que é sobretudo com estes últimos que é preciso seriedade, embora temperada pela benevolência; é o melhor meio de lhes impor, e mantê-los à parte constrangendo-os ao respeito. Se vos rebaixais até a familiaridade com aqueles que vos são inferiores, sob os aspectos morais e intelectuais, não tardareis em vos expor à sua influência perversa, que se traduz primeiro por mistificações, mais tarde por cruéis e tenazes obsessões.

Ficai, pois, em guarda; matizai vossa linguagem segundo aquela mesma dos Espíritos que se comunicam em vossos grupos, mas que a seriedade e a benevolência dela jamais estejam excluídas. Não rejeiteis aqueles que se apresentam avós sob as aparências imperfeitas. Talvez preferiríeis sempre comunicações sábias sobre as quais não vos seja necessário exercer vosso coração e vosso julgamento para conhecer-lhes o valor, mas pensai que o julgamento não se desenvolve senão pelo exercício. Todas as comunicações têm sua utilidade para quem sabe delas tomar partido; uma mistificação reconhecida e prevenida pode agir com mais eficácia sobre vossas almas, em vos fazendo perceber os pontos a reforçar, do que instruções que vos contentaríeis em admirar sem colocá-las em prática.

Trabalhai com coragem e sinceridade, e o Espírito do Senhor estará convosco.

Imigração dos Espíritos superiores para a Terra.

(Sociedade Espírita de Paris, 7 de outubro de 1864. - Médiun, Sr. Delanne.)

Falar-vos-ei esta noite sobre as imigrações de Espíritos avançados que vêm se encarnar sobre vossa Terra. Já esses novos mensageiros retomaram o bastão de peregrino; já se espalham aos milhares sobre o vosso globo; por toda a parte estão dispostos pelos Espíritos que dirigem o movimento da transformação por grupos, por séries. Já a Terra estremece ao sentir em seu seio aqueles que outrora viu passarem através de sua Humanidade nascente. Ela se regozija em recebê-los, porque pressente que vêm para conduzi-la à perfeição, tornando-se os guias dos Espíritos comuns que têm necessidade de serem encorajados por bons exemplos.

Sim, grandes mensageiros estão entre vós; são aqueles que se tornarão os sustentáculos da geração futura. À medida que o Espiritismo vai crescer e se desenvolver, Espíritos de uma ordem cada vez mais elevada virão sustentar a obra, em razão das necessidades da causa. Por toda a parte Deus distribui sustentáculos para a Doutrina; eles surgirão em tempo e lugar. Assim, sabeis esperar com firmeza e confiança; tudo o que foi predito acontecerá, como o disse o santo livro, até um *iota*.

Se a transição atual, como vem de dizer o mestre, levantou as paixões e fez surgir a ligação dos Espíritos encarnados e desencarnados, ela também revelou o desejo ardente, e uma multidão de Espíritos de uma posição superior nos mundos dos turbilhões solares, de virem novamente servir aos desígnios de Deus para esse grande acontecimento.

Eis porque dizia há pouco que a imigração de Espíritos superiores se operaria sobre a vossa Terra para ativar a marcha ascendente de vossa Humanidade. Redobrai, pois, de coragem, de zelo, de fervor pela causa sagrada. Sabei-o, nada deterá a marcha progressiva do Espiritismo, porque poderosos protetores continuarão vossa obra.

MESMER.

Sobre as criações fluídicas.

(Sociedade de Paris, 14 de outubro de 1864. - Médiun, Sr. Delanne.)

Disse brevemente algumas palavras sobre os grandes mensageiros enviados entre vós para cumprirem sua missão de progresso intelectual e moral sobre o vosso globo.

Se, nessa ordem, o movimento se desenvolve, e toma proporções que notais a cada dia, cumpre-se um outro, não só no mundo dos Espíritos que deixaram a matéria, mas também importante na ordem material; quero falar das leis de depuração fluídica.

O homem deve não só elevar sua alma pela prática da virtude, mas deve também depurar a matéria. Cada indústria fornece seu contingente a esse trabalho, porque cada indústria produz misturas de toda espécie; essas espécies liberam fluidos que, mais depurados, vão se juntar na atmosfera aos fluidos similares que se tornam úteis às manifestações dos Espíritos dos quais falastes há pouco.

Sim, os objetos procriados instantaneamente pela vontade, que é o mais rico dom do Espírito, são hauridos nos fluidos semi-materiais do corpo chamado perispírito, dos habitantes da erraticidade. Eis porque, com esses elementos, podem criar objetos segundo seu desejo.

O mundo dos invisíveis é como o vosso; em lugar de ser material e grosseiro, é fluídico, etéreo, da natureza do perispírito, que é o verdadeiro corpo do Espírito, haurido nesses meios moleculares, como o vosso se forma de coisas mais palpáveis, tangíveis, materiais.

O mundo dos Espíritos não é o reflexo do vosso; é o vosso que é uma grosseira e muito imperfeita imagem do reino de além-túmulo.

As relações desses dois mundos existiram sempre. Mas hoje o momento é chegado em que todas essas afinidades vão vos ser reveladas, demonstradas e tornadas palpáveis.

Quando compreenderdes as leis das relações entre os seres fluídicos e aqueles que conheceis, a lei de Deus estará perto de ser posta em execução; porque cada encarnado compreenderá a sua imortalidade, e desse dia se tornará não só um ardente trabalhador da grande causa, mas ainda um digno servidor de suas obras.

MESMER.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

8º ANO

NO. 6

JUNHO 1865

RELATÓRIO DA CAIXA DO ESPIRITISMO

Feito à Sociedade Espírita de Paris, a 5 de maio de 1865, pelo Sr. Allan Kardec.

Senhores e caros colegas,

Há algum tempo vos anunciei novas explicações com relação à caixa do Espiritismo. A inauguração de um novo ano social me oferece, naturalmente, essa ocasião. Nesta exposição, lamento ter que vos falar de mim, o que faço sempre o menos possível, mas nesta circunstância não saberia fazer de outro modo; é porque vos peço, de antemão, consentirdes em me desculpar.

Lembrarei sumariamente o relatório que vos submeti, sobre o mesmo assunto, há dois anos.

No mês de fevereiro de 1860, uma doação de 10.000 francos foi colocada à minha disposição para dirigir-lhe o emprego, à minha vontade, no interesse do Espiritismo. Nessa época, a Sociedade não tinha seu local, o que apresentava sérios inconvenientes. A extensão que começava a tomar a Doutrina fazia sentir a utilidade de um local especial destinado, não só às sessões, mas à recepção dos visitantes que se tornavam cada dia mais numerosos e tornavam indispensável a presença permanente de alguém na própria sede da Sociedade. Fiz escolha desse local, que reunia as vantagens de conveniência e de posição central; a escolha, de resto, não era fácil, tendo em vista a necessidade de dependências apropriadas à sua destinação, a excessiva carestia dos aluguéis. O preço da locação desta, nele compreendidas as contribuições, é de 2.930 francos. Não podendo a Sociedade suportar esta carga e não pagando senão 1.200 francos, estariam 1.730 francos aos quais seria preciso prover. Pensando sobre o donativo que havia sido feito, seja na compra do material, seja no pagamento do excedente do aluguel, isso não era afastar as intenções do doador, uma vez que era no interesse da Doutrina, e, com efeito, compreende-se, hoje sobretudo, o quanto foi útil ter esse centro onde vêm chegar tantas relações, e o quanto era necessário, além disso, que eu tivesse uma pequena casa de passagem. Todavia, devo lembrar que se moro neste local, o que não é uma vantagem para mim, uma vez que tenho um outro apartamento que não me custa nada e que me seria mais agradável habitar, e isso com tanto mais razão quanto essa dupla habitação, longe de ser um alívio, é uma agravação de cargas, assim como o demonstrarei dentro em pouco.

Esta soma de 10.000 francos foi, portanto, o primeiro fundo da caixa do Espiritismo, caixa que, assim como o sabeis, é objeto de uma contabilidade especial, e não se confunde com meus negócios pessoais. Esse fundo deveria bastar a perfazer, mais ou menos, o aluguel durante os seis anos de contrato, segundo a conta detalhada que vos apresentei a última vez; ora, o contrato expira em um ano, e a soma chega ao seu fim.

É verdade que o capital da caixa aumentou de várias somas; ele se compõe assim como se segue:

1º Doação de fevereiro de 1860.....	10.000
2º Desistência de um empréstimo feito em época anterior no interesse do Espiritismo.	600
3º Doação feita em 1862.....	500
4º Outra doação feita em setembro de 1864.....	1.000
5º Outra doação feita em outubro de 1864.....	<u>2.000</u>
Total.....	14.100

Estas duas últimas somas tendo uma destinação especial, não é senão, em realidade, 11.100 francos que puderam ser destinados ao aluguel, e que não bastarão inteiramente.

Mas o aluguel não é a única carga que incumbe ao Espiritismo; não falo das obras de beneficência, que são uma coisa à parte e da qual falaremos dentro em pouco. Abordo um outro lado da questão, e é aqui que reclamo a vossa indulgência pela necessidade que tenho de falar de mim.

Muito se tem falado dos produtos que retiro de minhas obras; seguramente, pessoa séria não crê em meus milhões, apesar da afirmação daqueles que dizem ter de boa fonte que tenho um trem principesco, carro de luxo a quatro cavalos e que em minha casa se caminha sobre tapetes de Aubusson. O que se haja dito a respeito, além disso, o autor de uma brochura que conheceis, e que prova por cálculos hiperbólicos que meu orçamento de receitas ultrapassa a lista civil do mais poderoso soberano da Europa (38 milhões. *Revista*, junho de 1862, p. 179; junho de 1863, p. 175), o que, seja dito de passagem, testemunharia uma extensão verdadeiramente miraculosa da Doutrina, a um fato mais autêntico do que seus cálculos, é que jamais pedi nada a ninguém, que ninguém jamais nada deu para mim pessoalmente; que nenhuma coleta de *qualquer moeda* veio prover às minhas necessidades; em uma palavra, que *eu não vivo às expensas de ninguém*, uma vez que, sobre as somas que me foram voluntariamente confiadas no interesse do Espiritismo, nenhuma parcela dela foi desviada em meu proveito, e se vê, aliás, a que cifra elas se elevam.

Minhas imensas riquezas procederiam, pois, de minhas obras espíritas. Se bem que essas obras tenham tido um sucesso inesperado, basta ser o menos iniciado nos negócios de livraria, para saber que não é com livros filosóficos que se amontoam milhões em cinco ou seis anos, quando não há sobre a venda senão um direito de autor de alguns centavos por exemplar. Mas que seja grande ou fraco, esse produto sendo o fruto de meu trabalho, ninguém tem o direito de se imiscuir no emprego que dele faço; quando mesmo ele se elevasse a milhões, do momento que a compra dos livros, assim como a assinatura da *Revista*, é facultativa e não imposta *em nenhuma circunstância*, nem mesmo para assistir às sessões da Sociedade, isto não concerne a ninguém. Comercialmente falando, estou na posição de todo homem que recolhe o fruto de seu trabalho; corro a chance de todo escritor que pode vencer, como pode fracassar.

Se bem que, a esse respeito, não tenha nenhuma conta a dar, creio útil, à própria causa a que me devotei, dar algumas explicações.

Direi primeiro que minhas obras não sendo minha propriedade exclusiva, sou obrigado a comprá-las ao meu editor e pagá-las como um livreiro, com exceção da *Revista*, da qual guardo a disposição; que o benefício se encontra singularmente diminuído pelos sem valores e as distribuições gratuitas feitas no interesse da Doutrina, às pessoas que, sem isto, seriam obrigadas a passar sem elas. Um cálculo muito fácil prova que o preço de dez volumes perdidos ou dados, aos quais não devo menos pagar, basta para absorver o benefício de cem volumes. Isto seja dito a título de informação e como parêntese. Tudo somado, e balanço feito, resta, no entanto, alguma coisa. Suponde a cifra que quiserdes: o que é que dela faço? Aí está o que mais preocupa a certas pessoas.

Quem viu nosso interior outrora e o vê hoje, pode atestar que nada mudou em nossa maneira de viver desde que me ocupo do Espiritismo; ela é tão simples agora quanto era outrora, porque uma vida suntuosa não está em meus gostos. É, pois, certo que meus benefícios, tão enormes que sejam, não servem para nos dar os gozos do luxo. Não temos filhos, não é, pois, para eles que amontoamos; nossos herdeiros indiretos na maioria são mais ricos do que nós: haveria simplicidade em esgotar-me em trabalhar em seu proveito é, pois, que teria a mania de entesourar para ter o prazer de contemplar o meu dinheiro? Não penso que meu caráter e meus hábitos tenham jamais podido fazê-lo supor. Aqueles que me atribuem tais idéias conhecem bem pouco meus princípios em matéria de Espiritismo, uma vez que me julgam tão agarrado aos bens da Terra. Aquém, pois, isso passaria? do momento que isto não me aproveita, quanto mais a soma for fabulosa, mais a resposta é embaraçosa. Um dia saber-se-á a cifra exata, assim como o emprego detalhado, e os fazedores de histórias nela serão para suas despesas imaginárias; hoje, limito-me a alguns dados gerais para pôr um freio às suposições ridículas. Devo, para este efeito, entrar em alguns detalhes íntimos, dos quais vos peço perdão, mas que são necessários.

Sempre tivemos do que viver, muito modestamente, é verdade, mas o que teria sido pouco para certas pessoas nos bastava, graças aos nossos gostos e aos nossos hábitos de ordem e de economia. À nossa pequena renda veio acrescentar-se como suplemento o produto das obras que publiquei antes do Espiritismo, e o de um modesto emprego que tive que deixar quando os trabalhos da Doutrina absorveram todo o meu tempo.

Na propriedade que possuo, e que me resta como escombros do que a má-fé não pôde me levantar, poderíamos viver tranqüilamente e longe da balbúdia dos negócios. O Espiritismo, em me tirando da obscuridade, veio me lançar num novo caminho; em pouco tempo me encontrei arrastado num movimento que estava longe de prever. Quando concebi a idéia de *O Livro dos Espíritos*, minha intenção era de não me pôr em evidência e permanecer desconhecido; mas, prontamente sobrecarregado, isso não me foi possível: tive que renunciar aos meus gostos de retiro, sob pena de abdicar a obra empreendida e que crescia prodigiosamente; foi-me preciso seguir-lhe o impulso e tomar as rédeas. Se meu nome tem agora alguma popularidade, seguramente, não fui eu que a procurei, porque é notório que não a devo nem à propaganda, nem à camaradagem da imprensa, e que jamais aproveitei de minha posição e de minhas relações para me lançar no mundo, quando isto me teria sido tão fácil. Mas, à medida que a obra crescia, um horizonte mais vasto se desenrolava diante de mim e dela recuava os limites; compreendi, então, a imensidade da minha tarefa, e a importância do trabalho que me restava fazer para completá-la; as dificuldades e os obstáculos, longe de me assustarem, redobram a minha energia; vi o objetivo, e decidi alcançá-lo com a assistência dos bons Espíritos. Sentia que não tinha tempo a perder, e não o perdi nem em visitas inúteis, nem em cerimônias ociosas; esta foi a obra de minha vida; a ela dei todo o meu tempo, sacrifiquei meu repouso, minha saúde, para que o futuro fosse escrito diante de mim com caracteres irrecusáveis. Eu o fiz de minha própria vontade, e minha mulher, que não é nem mais ambiciosa, nem mais interessada do que eu, entrou plenamente em meus objetivos e me secundou em minha tarefa laboriosa, como ela o faz ainda, por um trabalho freqüentemente acima de suas forças, sacrificando sem lamento os prazeres e as distrações do mundo, aos quais sua posição de família a haviam habituado.

Sem nos afastar de nosso gênero de vida, esta posição excepcional não nos criou menos necessidades das quais só meus recursos não me permitiriam prover. Seria difícil imaginar a multiplicidade das despesas que ela arrasta, e que eu teria evitado sem ela. A necessidade de morar em dois lugares diferentes é, como já o disse, um acréscimo de cargas pela obrigação de ter tudo em dobro em objetos imobiliários, sem contar uma multidão de despesas miúdas que exige essa dupla habitação, e as perdas que resultam de meus interesses materiais negligenciados em consequência dos trabalhos que

absorvem todo meu tempo. Isto não é um lamento que articulo, uma vez que minhas ocupações atuais são voluntárias; é um fato que constato em resposta àqueles que pretendem que tudo é proveito para mim no Espiritismo. Quanto às despesas especiais ocasionadas pela posição, seria impossível enumerá-las; mas se se considera que tenho cada ano para mais de oitocentos francos nada senão a franquia de portes de cartas, independentemente das viagens, da necessidade de me associar a alguém para me secundar, e outras despesas miúdas obrigatórias, compreender-se-á que não exagero dizendo que minhas despesas anuais, que estiveram sempre em crescimento, estão hoje mais do que triplicadas. Pode-se imaginar aproximadamente o quanto, há oito anos, pode se elevar esse excedente, pondo uma média de 6.000 francos por ano. Ora, ninguém contestará a utilidade dessas despesas para o sucesso da Doutrina que, evidentemente, teria definhado se eu tivesse permanecido em meu retiro sem ver ninguém e sem as numerosas relações que mantenho cada dia. É, portanto, o que estaria obrigado a fazer se nada me tivesse vindo em ajuda.

Pois bem! senhores, o que me proporcionou esse suplemento de recursos foi o produto de minhas obras. Digo-o com alegria, foi com o meu próprio trabalho, com o fruto de minhas vigílias que provi a maior parte pelo menos, às necessidades materiais de instalação da Doutrina. Assim, levei uma grande cota-parte à caixa do Espiritismo. Deus quis que encontrasse nele mesmo seus primeiros meios de ação. No princípio, lamentei que minha pouca fortuna não me permitia fazer o que teria querido para o bem da coisa; hoje vejo nisso o dedo da Providência, e o cumprimento desta predição muitas vezes repetidas pelos bons Espíritos: Não te inquietes com nada; Deus sabe o que é preciso, e saberá a isso prover.

Se eu tivesse empregado o produto de minhas obras no aumento de meus prazeres materiais, teria sido, pois, em prejuízo do Espiritismo, e, no entanto, ninguém teria tido o direito de nisso encontrar o que censurar, porque estava muito senhor de dispor à minha vontade do que não devia senão a mim mesmo; mas, uma vez que lhe passando adiante, poderia igualmente me passar depois; aplicando à obra, não se encontrará, penso, o que seja dinheiro mal empregado, e aqueles que ajudam a propagação das obras não poderão dizer que trabalham para me enriquecer.

Não era tudo prover ao presente, seria preciso também pensar no futuro, e preparar uma fundação que, depois de mim, pudesse ajudar àquele que me substituirá na grande tarefa que terá a cumprir; esta fundação, sobre a qual devo me calar ainda, se liga à propriedade que possuo, e é em vista disto que aplico uma parte de meus produtos para melhorá-la. Como estou longe dos milhões com os quais me gratificaram, duvido muito que, apesar de minhas economias, meus recursos pessoais me permitam sempre dar a essa fundação o complemento que eu gostaria lhe ver em minha vida; mas uma vez que sua realização está nos objetivos de meus guias espirituais, se eu não o fizer por mim mesmo, é provável que um dia ou outro, isto se fará. À espera, dela elaboro os planos sobre o papel.

Longe de mim, senhores, o pensamento de tirar a menor vaidade disto que acabo de vos expor; foi necessária a perseverança de certas diatribes para me obrigar, embora com pesar, a romper o silêncio sobre alguns fatos que me concernem. Mais tarde, todos aqueles que a malevolência levou a desnaturar serão postos em evidência por documentos autênticos, mas o tempo destas explicações não chegou ainda; a única coisa que me importava era vos edificar sobre a destinação dos fundos que a Providência fez passar por minhas mãos, qualquer que lhe seja a origem. Não me considero senão como depositário mesmo daqueles que ganho, com mais forte razão daqueles que me são confiados e dos quais prestarei uma conta rigorosa. Eu me resumo dizendo: para mim, disto não tenho necessidade; é dizer que não o faço em meu proveito.

Resta-me vos falar, senhores, da caixa de beneficência. Sabeis que ela foi formada sem finalidade premeditada por algumas somas postas em minhas mãos para obras de

caridade, mas sem afetação especial, aos quais acrescento aquelas que, de tempos em tempos, se encontram por não ter emprego determinado. O primeiro donativo feito com este objetivo foi o de uma soma de 200 fr., remetida em 20 de agosto de 1863. No ano seguinte, em 17 de agosto de 1864, a mesma pessoa remeteu-me uma soma semelhante de 200 fr. em 1º de setembro, durante minha viagem, uma outra me remeteu 100 fr. Quando das subscrições que foram publicadas na *Revista*, várias pessoas juntaram aos envios somas de menor importância, com o emprego facultativo. Muito recentemente, em 28 de abril último, alguém me remeteu 500 fr. O total das receitas se elevou até este dia a 1 .317 fr. O total das despesas em socorros diversos, doados ou emprestados não ainda reembolsados, monta a 1 .060 fr. Resta-me atualmente em caixa 257 fr.

Alguém me perguntou um dia, sem curiosidade, bem entendido, e por puro interesse pela coisa, o que faria de um milhão se o tivesse. Respondi-lhe que hoje o seu emprego seria muito diferente do que teria sido no princípio. Outrora eu teria feito da propaganda por uma larga publicidade; agora reconheço que isto teria sido inútil, uma vez que nossos adversários dela se encarregaram às suas expensas. Colocando, então, grandes recursos à minha disposição, os Espíritos quiseram provar que o Espiritismo não devia seu sucesso senão a si mesmo, à sua própria força, e não ao emprego de meios vulgares.

Hoje que o horizonte está ampliado, que o futuro sobretudo se descortinou, as necessidades de uma ordem diferente se fazem sentir. Um capital, como aquele que supondes, receberia um emprego mais útil, sem entrar nos detalhes que seriam prematuros, direi simplesmente que uma parte serviria para converter minha propriedade numa casa especial de retiro espírita, cujos habitantes recolheriam os benefícios de nossa doutrina moral; o outro a constituir uma renda inalienável destinada 1- à manutenção do estabelecimento; 2- a assegurar uma existência independente àquele que me sucederá e àqueles que o ajudarão em sua missão; 3- a subvencionar às necessidades correntes do Espiritismo, sem correr a probabilidade de produtos eventuais, como fui obrigado a fazê-lo, uma vez que a maior parte dos recursos repousa sobre meu trabalho que terá um fim.

Eis o que faria; mas se esta satisfação não me é dada, pouco me importa que seja concedida a outros. De resto, sei que, de uma maneira ou de outra, os Espíritos que dirigem o movimento proverão a todas as necessidades em tempo útil; é porque com isto não me inquieto inutilmente, e me ocupo daquilo que é para mim a coisa essencial: o arremate dos trabalhos que me restam a terminar. Isto feito, partirei quando aprouver a Deus me chamar.

Admira-se que certas pessoas altamente colocadas, e notoriamente simpáticas à idéia espírita, dela não tomem abertamente e oficialmente a causa em mão; este seria, diz-se, seu dever, uma vez que o Espiritismo é uma obra essencialmente moralizadora e humanitária. Esquece-se de que estas pessoas, pela sua própria posição, têm, mais do que as outras, que lutar contra os preconceitos que só o tempo pode fazer desaparecer, e que cairão diante do ascendente da opinião. Dizemos, além disso, que o Espiritismo está ainda no estado de esboço, e que não disse a sua última palavra; seus princípios gerais estão colocados, mas não se fez senão entrever-lhes as conseqüências, que não são e *não podem* ser ainda nitidamente definidas. Até o presente, não é senão uma doutrina filosófica da qual é preciso esperar a aplicação nas grandes questões de interesse geral; será então somente que muitas pessoas compreender-lhe-ão a verdadeira importância e utilidade e poderão se pronunciar com conhecimento de causa. Até que o Espiritismo tenha completado a sua obra, o bem que ele faz é limitado; não pode ser o fato senão de uma crença individual, e uma adesão oficial seria prematura e impossível. Então, também, muitos daqueles que o consideram, neste momento, como uma coisa fútil, mudarão forçosamente de maneira de ver e serão levados, pela própria força das coisas a dele fazer um estudo sério. Deixemo-lo, pois, crescer e não pecamos que seja homem antes de ter sido criança; não pecamos à infância o que só a idade viril pode dar.

A.K.

Nota. -Esta exposição não foi feita senão para a Sociedade, mas a inserção na *Revista* tendo sido pedida, à unanimidade e com insistência, acreditamos dever obedecer a esse desejo.

O ESPIRITISMO NO ALTO E NO BAIXO DA ESCALA.

Nada aprendemos de novo, nem de nossos irmãos em crença, nem de nossos adversários, dizendo que o Espiritismo invade todas as classes da sociedade. As duas cartas que aqui citamos têm, principalmente, por objetivo pôr em relevo a semelhança dos sentimentos que a Doutrina suscita nos dois pólos extremos da escala 'social, nos indivíduos que não têm nenhum ponto de contato, que jamais vimos, e que, no entanto, se encontram sobre o mesmo terreno, sem outro guia senão a leitura das obras. Um é um dignatário do império russo, o outro um simples pastor da Touraine.

Eis a primeira dessas cartas:

Senhor,

Desde o dia 23 último, formou-se em nossa cidade um grupo espírita, sob a proteção do apóstolo São Pedro. Considerando-vos, senhor, como nosso mestre em Espiritismo, me faço um dever, como presidente deste grupo, disso vos informar.

O objetivo principal que nos propomos é o alívio dos Espíritos sofredores, tanto encarnados quanto desencarnados. Nossas reuniões têm lugar duas vezes por semana. Tratamos de alcançar a unidade do pensamento, e, para a isto chegar, cada um dos assistentes, durante toda a duração da sessão, guarda o mais recolhido silêncio, e quando a questão posta aos Espíritos é lida em alta voz, cada um de nós pede mentalmente a ajuda de seu anjo protetor a fim de obter uma resposta verdadeira. Tendo, o mais freqüentemente, nas evocações, relações com Espíritos de uma ordem inferior, a dos Espíritos obsessores, e conhecendo, por experiência, a eficácia da prece em comum, com isso temos quase sempre recursos para esclarecer e aliviar esses infelizes. Nosso grupo possui muitos médiuns, mas normalmente não há senão dois ou três que escrevem em cada sessão. Além disso, temos um outro médium audiente e vidente, e um magnetizador. Prometem- nos um médium desenhista, mas, não o tendo jamais visto, não posso apreciar sua faculdade. Nosso grupo já se compõe de quarenta membros.

Há várias outras reuniões Espíritas em São Petersburgo, mas elas não têm regulamento; nosso grupo é o primeiro que está regularmente organizado e esperamos que, com a ajuda de Deus, nosso exemplo será seguido.

Estou feliz em poder vos dizer que a primeira brochura espírita, enfim, apareceu na Rússia, impressa em São Petersburgo, com a autorização da censura; é minha resposta a um artigo que o arcepreste Sr. Debolsky inseriu no jornal *Radougaf* (o Arco no céu). Até o presente nossa censura não permitia publicar senão artigos contra, mas jamais pelo Espiritismo. Pensei que a melhor refutação era a tradução de vossa brochura *O Espiritismo em sua mais simples expressão*, que fiz inserir nesse jornal.

Permiti-me, senhor, vos dirigir as comunicações mais importantes que pudemos obter, sobretudo aquelas que poderão vir em apoio da verdade e da sublimidade de nossa Doutrina?

Aceitai, etc.

O general A.de B....

O cuidado desse grupo, o objetivo todo de caridade que ele se propõe, são as melhores provas de que o Espiritismo ali é compreendido em sua verdadeira essência, e considerado sobre seu lado mais sério e o mais eminentemente prático; lá nada de curiosidade, nada de perguntas fúteis, mas a aplicação da doutrina no que ela tem de mais elevado. Uma pessoa que tem, freqüentemente, assistido a essa reunião, nos disse

que está edificada da gravidade, do recolhimento e do sentimento de verdadeira piedade que a presidem.

A carta seguinte não foi escrita a nós, mas ao presidente de um grupo espírita de Tours. Transcrevemo-la literalmente, salvo a ortografia, que foi retificada.

Caro senhor Rebondin e irmão em Deus,

Perdoai, caro senhor, se tomo a liberdade de vos escrever. Há muito tempo já tinha a intenção de fazê-lo para vos agradecer pela boa acolhida que destes, o ano passado, em me proporcionando o prazer de assistir duas vezes às vossas sessões. Sem dúvida, não vos lembrais mais de mim; mas vou vos dizer quem sou. Fui vos ver com meu antigo patrão, Sr. T...; eu era seu pastor há onze anos; hoje, acaba de se casar, e os filhos de sua mulher, percebendo que me ocupava do Espiritismo, que, segundo eles, é um estudo diabólico, fizeram tanto que foi preciso nos tirar. Sofri muito com essa separação, caro senhor, mas quero seguir as máximas de nossa santa Doutrina; meu dever é orar por todos os infelizes que ofendem o nosso divino Mestre em tudo.

Fiz todos os meus esforços, desde que conheço a Doutrina, para fazer adeptos; se encontrei obstáculos, tive a satisfação de ter levado muitas pessoas ao conhecimento do Espiritismo, que explica todas as provas que sofremos sobre esta triste Terra de amargura e de misérias. Oh! como é doce ser Espírita e praticar-lhe as virtudes! Para mim, é minha única felicidade. Vós, caro senhor, o mais devotado à santa causa, espero que não me recuseis um lugar em vosso coração. Sou tão feliz de vos conhecer, me haveis acolhido tão bem! Eis duas vezes que fui a Tours com meus dois amigos que estudam o Espiritismo com intenção de assistir às vossas sessões, mas aprendi que vossas reuniões não eram mais no domingo. Sede bastante bom para me dizer se vos reunis sempre neste dia, e permitir-me que me reúna a vós, com meus amigos, para participar em nosso benefício espiritual; causar-nos-eis uma alegria muito grande. Conto com a vossa amizade, e sou, esperando o dia em que serei tão feliz de estar reunido para praticar o amor e a caridade,

Vosso amigo, que vos ama, saudação fraternal,

PIERRE HOUDÉE, pastor.

Vê-se que não há necessidade de um diploma para compreender a Doutrina; é que, apesar de sua alta importância, ela é tão clara e tão lógica, que chega sem dificuldade a todas as inteligências, condição sem a qual nenhuma idéia pode se popularizar. Ela toca o coração: aí está o seu maior segredo, e há um coração no peito do proletário, como no de um grande senhor; o grande, como o pequeno, tem suas dores, suas amarguras, suas feridas morais para as quais pede um bálsamo e consolações que um e outro encontram na certeza do futuro, porque um e outro são iguais diante da dor e diante da morte, que fere o rico como o pobre.

Duvidamos muito que se chegue a dar, à doutrina do demônio e às chamas eternas, bastante atrativo para suplantá-la. Esse mesmo pastor fazia, freqüentemente, depois de sua jornada de trabalho, duas léguas para ir a Tours assistir a uma reunião espírita, e outro tanto para seu retorno. Quando falamos da *alta importância* da Doutrina e das consolações que ela proporciona, falamos uma linguagem incompreendida para aqueles que crêem que o Espiritismo está inteiramente nas mesas girantes, ou num fenômeno mais ou menos autêntico que amontoa os curiosos, e que é perfeitamente entendido por quem não se detém na superfície e nele não se reporta ao que ouviu dizer, e o número destes é grande.

OS ESPÍRITOS NA ESPANHA.

CURA DE UM OBSIDIADO EM BARCELONA.

Sob esse primeiro título publicamos, em setembro de 1864, um artigo em que estava provado, por fatos autênticos, que, para os Espíritos, não havia Pireneus, e que se riam mesmo dos autos-de-fé. A carta do Sr. Delanne, reportada em nosso último número, disso é uma nova prova. Ela fez sumariamente menção de uma cura de obsessão devida ao zelo e perseverança de alguns Espíritos sinceros e devotados de Barcelona. Dirigem-nos o relato detalhado dessa cura, que fazemos um dever publicar, assim como a carta que o acompanhou:

Senhor e caro mestre,

Tivemos a vantagem de ver, entre nós, nosso caro irmão em crença Sr. Delanne, e lhe demos parte de nossos fracos trabalhos, assim como de nossos esforços para proporcionar o alívio a alguns pobres pacientes que Deus consentiu nos colocar sob a mão. Entre eles estava uma mulher que foi durante quinze anos a presa de uma obsessão das mais cruéis, e que Deus nos permitiu curar. Certamente, nossa intenção não era de fazer menção disto, porque trabalhamos no silêncio, sem querer nos atribuir nenhum mérito; mas o Sr. Delanne nos tendo dito que o relato dessa cura serviria, sem dúvida, de encorajamento a outros crentes que, como nós, se devotam a essa obra de caridade, não hesitamos em vo-la dirigir. Bendizemos a mão do Senhor que nos permite provar o fruto de nossos trabalhos e dele nos dá a recompensa já neste mundo.

Durante a semana santa, foram pregados vários sermões contra o Espiritismo, dos quais um se excedia por seus absurdos. O pregador perguntava aos fiéis se ficariam satisfeitos em saber que as almas de seus parentes renasciam no corpo de um boi, de um asno, de um porco ou outro animal qualquer. Eis, disse ele, o Espiritismo, meus caros irmãos; ele é perfeito para o espírito leviano dos Franceses, mas não para vós, Espanhóis, muito sérios para admiti-lo e nele crer.

Aceitai,

J. M. F.

Rose N..., casada em 1850, foi atingida, poucos dias após seu casamento, por ataques espasmódicos que se repetiam muito freqüentemente e com violência, enquanto esteve grávida. Durante sua gravidez ela não sentiu nada, mas depois do parto os mesmos acidentes se renovaram; as crises, freqüentemente, duravam três ou quatro horas, durante as quais ela fazia todas as espécies de extravagâncias, e três ou quatro pessoas bastavam com dificuldade para contê-la. Entre os médicos que foram chamados, uns diziam que era um mal nervoso, os outros que era loucura. O mesmo fenômeno se renovava a cada gravidez; quer dizer que os acidentes cessavam durante a gestação e recomeçavam depois do parto.

Isso durava há muitos anos; a pobre senhora era das de consultar uns e outros e fazer remédios que não levavam a nenhum resultado; essas pessoas corajosas estavam no fim de paciência e de recursos, a mulher ficando algumas vezes meses inteiros sem poder vagar aos cuidados de seu esposo. Às vezes, ela sentia uma melhora que fazia esperar uma cura, mas depois de algumas semanas de descanso, o mal retornava com uma recrudescência terrível.

Tendo algumas pessoas os persuadido de que um mal tão rebelde devia ser obra do demônio, eles recorreram aos exorcismos, e a paciente ia a um santuário distante vinte léguas, de onde retornava tranqüilizada em aparência; mas, ao cabo de alguns dias, o mal retornava com uma nova intensidade. Ela tornou a partir para um outro sítio afastado, onde ficou quatro meses, durante os quais ficou bastante tranqüila que se a acreditou curada; retornou, pois, para a sua família, feliz de vê-la enfim livre de sua cruel doença; mas, depois de algumas semanas, suas esperanças foram de novo frustradas; os

acessos reapareceram com mais força do que nunca. O marido e a mulher estavam desesperados.

Foi em julho último, 1864, que um de nossos amigos e irmão em crença nos deu conhecimento desse fato, nos propondo tentar aliviar, senão curar essa pobre perseguida, porque acreditava ali ver uma obsessão das mais cruéis. A doente estava então submetida a um tratamento magnético que lhe havia proporcionado um pouco de alívio, mas o magnetizador, embora Espírita, não tinha os meios de evocar o Espírito obsessor, por falta de médium, e não podia, apesar de sua boa vontade, produzir o efeito desejado. Aceitamos com zelo essa ocasião de fazer uma boa obra; reunimos vários adeptos sinceros, e fizemos vir a doente.

Alguns minutos bastaram para reconhecer a causa da doença de Rose; era, com efeito, uma obsessão das mais terríveis. Tivemos muita dificuldade em fazer o obsessor vir ao nosso chamado. Ele foi muito violento, nos respondeu algumas palavras sem nexos, e logo se lançou com uma fúria sobre sua vítima, à qual deu uma crise violenta que foi, no entanto, logo acalmada pelo magnetizador.

Na segunda sessão, que teve lugar alguns dias depois, pudemos reter por tempo mais longo o Espírito obsessor, que se mostrou, no entanto, sempre rebelde e muito cruel para com sua vítima. A terceira evocação foi mais feliz; o obsessor conversou familiarmente conosco; fizemos-lhe compreender todo o mal que fazia, perseguindo essa infeliz mulher, mas ele não queria confessar seus erros e dizia que a fazia pagar *uma dívida antiga*. Na quarta evocação, orou conosco e se lamentou de ser conduzido junto a nós contra a sua vontade; ele queria muito vir, mas de sua própria vontade. Foi o que fez na sessão seguinte; pouco a pouco, a cada nova evocação, tomávamos mais ascendência sobre ele, e acabamos por fazê-lo renunciar ao mal que, depois da quarta sessão, tinha sempre diminuído, e tivemos a satisfação de ver as crises cessarem na nona. Cada vez uma magnetização de 12 a 15 minutos acalmava totalmente Rose e a deixava num estado perfeito de tranquilidade. Desde o mês de agosto, eis disso nove meses, a doente não teve mais crises, e suas ocupações não foram interrompidas. Somente de longe em longe, ela sentia ligeiros abalos em consequência de algumas contrariedades, que não podia dominar; mas isso não era senão como raios sem tempestades, e para lhe demonstrar praticamente que ela não devia esquecer os bons hábitos que tinha contraído para com Deus e seus semelhantes. É preciso dizer também que ela contribuiu poderosamente para a sua cura, pela sua fé, seu fervor, sua confiança no Criador e reprimindo seu caráter naturalmente dominador. Tudo isso contribuiu para que o obsessor tomasse força sobre si mesmo, porque não a tinha bastante para alistar-se no bom caminho; ele temia as provas que deveria sofrer para merecer seu perdão. Mas, graças a Deus, e com a ajuda poderosa dos bons guias, está hoje no bom caminho e faz tudo o que pode para ser perdoado. É ele que, hoje, dá muitos bons conselhos àquela que perseguiu por tanto tempo, e que está agora robusta e alegre, como se nunca tivesse tido nada. No entanto, a cada oito dias, ela vem se submeter a uma magnetização, e, de tempos em tempos, evocamos seu antigo perseguidor para fortalecê-lo em suas boas resoluções. Eis sua última comunicação; ela é de 19 de abril de 1865:

Eis-me. Venho vos agradecer pela vossa boa perseverança a meu respeito; sem vós, sem esses bons e benevolentes Espíritos que estão presentes, eu jamais teria conhecido a felicidade que sinto agora; estagnar-me-ia ainda no mal, na miséria. Oh! sim, miséria, porque não se pode ser mais infeliz do que eu era; sempre fazer o mal, e sempre desejar fazê-lo! Quantas vezes, ai! dissestes-me que eu não sofreria mais! Agora é que vejo o quanto sofri. Neste mesmo instante eu os sinto ainda esses sofrimentos, mas não como então; hoje é do arrependimento e não da necessidade incessante de fazer o mal. Oh! que o Deus de bondade disso me preserve, e que eu seja fortalecido para não mais recair na pena. Oh! não mais dessas torturas, não mais desses males pungentes que não

deixam à alma nenhum momento de repouso. Está bem aí o inferno; está com aquele que faz o mal, como eu o fazia.

Fiz o mal por ressentimento, por vingança, por ambição! Em que ele se me tornou? Eia! repelir os bons Espíritos, não podendo compreendê-los quando se aproximavam de mim e que ouvia sua voz, porque não me era permitido vê-los; não, hoje Deus mo permitiu; é por isto que sinto um bem-estar que jamais senti; porque, embora sofra muito, entrevejo o futuro, e suporto meus sofrimentos com paciência e resignação, pedindo perdão a Deus, e assistência aos bons Espíritos por aquela que por tanto tempo persegui. Que ela me perdoe; um dia virá, logo talvez, em que poderei lhe ser útil.

Termino vos agradecendo, e vos pedindo em consentirem continuarem em vossas preces e a boa amizade que me testemunhastes, e perdoar-me a dificuldade que vos ocasionei. Oh! obrigado, obrigado! Não podeis saber o quanto meu Espírito está reconhecido pelo bem que me fizestes. Pedi a Deus para que ele me perdoe, e aos bons Espíritos para que estejam comigo, afim de me ajudarem e de me fortalecerem. Adeus.

PEDRO.

Depois desta comunicação, recebemos de nossos guias espirituais a que segue:

A cura chega ao fim; agradecei a Deus que consentiu satisfazer vossas preces e se servir de vós para que um inimigo obstinado tenha se tornado hoje um amigo; porque, estejais seguros que esse Espírito fará um dia tudo o que puder por essa pobre família, que por tão longo tempo atormentou. Mas vós, caros filhos, não abandonéis nem o perseguidor nem a perseguida; ambos têm ainda necessidade de vossa assistência: um para sustentá-lo no bom caminho que tomou; evocando-o, algumas vezes, aumentareis a sua coragem; a outra, para dissipar totalmente o fluido malsão que por tanto tempo a envolveu; fazei-lhe, de tempos em tempos, uma abundante magnetização, sem isto ela se encontraria ainda exposta à influência de outros Espíritos malévolos, porque sabeis que não faltam deles e teríeis que lamentá-los. Coragem, pois; acabai, completai vossa obra, e preparai-vos para aquelas que vos estão ainda reservadas. Sede firmes; vossa tarefa é espinhosa, é verdade, mas também, se não vos dobrardes, quão grande será para vós a recompensa disto!

VOSSOS GUIAS.

Não basta reportar fatos mais ou menos interessantes; o essencial é deles tirar uma instrução, sem isto são sem proveito. Foi pelos fatos que o Espiritismo se constituiu em ciência e em doutrina; mas se se tivesse limitado a constatá-los e a registrá-los, não estaríamos mais avançados do que no primeiro dia. Em Espiritismo, como em toda ciência, há sempre a aprender; ora, é pelo estudo, a observação e a dedução dos fatos que se aprende. É por isto que fazemos, quando isso ocorre, seguir aqueles que citamos que nos sugerem, seja que venham confirmar um princípio conhecido, seja que servem de elemento a um princípio novo. É, em nossa opinião, o meio de cativar a atenção das pessoas sérias.

Uma primeira observação a fazer sobre a carta relatada acima, é que, a exemplo daqueles que compreendem a Doutrina em sua pureza, esses adeptos fazem a abnegação de todo amor-próprio; não fazem exibição e não procuram pela glória; eles fazem o bem sem ostentação, e sem se vangloriarem das curas que obtêm, porque sabem que não as devem nem ao seu talento, nem ao seu mérito pessoal, e que Deus pode lhes retirar esse favor quando lhe aprouver; não é nenhuma reputação nem uma clientela que procuram; encontram sua recompensa na satisfação de terem aliviado um aflito, e não no vão sufrágio dos homens. É o meio de se conciliar o apoio dos bons Espíritos que abandonam o orgulho aos Espíritos orgulhosos.

Os fatos de curas como este, como os de Marmande e outros não menos meritórios, sem dúvida, são um encorajamento; são também excelentes lições práticas que mostram a quais resultados se podem chegar pela fé, pela perseverança, e uma sábia e inteligente direção; mas o que não é um menor bom ensinamento é o exemplo da modéstia, da humildade e do completo desinteresse moral e material. E nos centros animados de tais sentimentos que se obtêm esses maravilhosos resultados, porque ali se é verdadeiramente forte contra os maus Espíritos. Não é menos a observar que desde que o orgulho ali penetre, desde que o bem ali não seja mais feito exclusivamente pelo bem, e que se procure a satisfação do amor-próprio, a força declina.

Notamos igualmente que é nos centros verdadeiramente sérios que se fazem mais adeptos sinceros, porque os assistentes são tocados pela boa impressão que recebem, ao passo que nos centros levianos e frívolos, não se é atraído senão pela curiosidade, que não é mesmo sempre satisfeita. É compreender o verdadeiro objetivo da Doutrina empregá-la em fazer o bem aos desencarnados como aos encarnados; é pouco recreativo para certas pessoas, é preciso nisso convir, mas é mais meritório para aqueles que a ela se devotam. Também estamos felizes de ver se multiplicarem os centros que se entregam a esse úteis trabalhos; ali a gente se instrui tudo prestando serviço, e os assuntos de estudo não lhes faltam. São os mais sólidos sustentáculos da Doutrina.

Não é um fato muito característico ver, nas duas extremidades da Europa, no norte da Rússia e no sul da Espanha, reuniões espíritas animadas pelo mesmo pensamento de fazer o bem, que agem sob o impulso dos mesmos sentimentos de caridade para com seus irmãos? Não é o indício da irresistível força moral da Doutrina que vence todos os obstáculos e não conhece barreiras?

Em verdade, é preciso estar muito desprovido de boas razões para combatê-la, quando ali se está reduzido aos tristes expedientes empregados pelo pregador de Barcelona, citado mais acima; seria perder seu tempo refutá-los; não há senão que lamentar aqueles que se deixam ir a semelhantes aberrações, que provam ou a ignorância mais cega, ou a mais insigne má-fé. Mas disso não ressalta menos uma importante instrução. Suponhamos que a senhora Rose tenha dado fé às afirmações do pregador e que ela tivesse repellido o Espiritismo, o que adviria disto? Ela não teria sido curada; teria caído na miséria por falta de poder trabalhar; ela e seu marido talvez tivessem amaldiçoado Deus, ao passo que o bendizem agora, e o Espírito mau não teria se convertido ao bem; do ponto de vista teológico, são três almas salvas pelo Espiritismo, e que o pregador teria deixado se perder.

Ao ver os primeiros sintomas do mal, compreende-se que a ciência haja podido se enganar, porque tinha todas as características de um caso patológico. No entanto, não o era; só o Espiritismo podia descobrir-lhe a verdadeira causa, e a prova disto é que a ciência, com seus remédios, foi impotente durante muitos anos, ao passo que, em alguns dias, ele triunfou sem medicamentos, somente com a moralização do ser perverso que lhe era o autor. O fato aí está, e milhares de fatos semelhantes. Que dizem deles os incrédulos? É o acaso, a força da Natureza; a doente devia curar-se. E certos padres? dizemos certos padres intencionalmente, porque todos não pensam do mesmo modo: Essa mulher foi curada pelo demônio, e valeria mais para a salvação da sua alma que ela ficasse doente. A senhora Rose não é desta opinião; como ela disse agradece a Deus e não ao demônio, ela ora e faz boas obras, não crê de nenhum modo sua salvação comprometida; em segundo lugar, ela gosta mais de estar curada e trabalhar para alimentar seus filhos do que vê-los morrer de fome. Na nossa opinião, Deus é a fonte de todo o bem.

Mas se o diabo é o verdadeiro autor em todos os casos de obsessão, de onde vem a impotência dos exorcismos? É um fato positivo que, não só em semelhante caso, o exorcismo sempre fracassou, mas que as cerimônias desse gênero têm sido sempre seguidas de recrudescência no mal; Morzines disto oferece memoráveis exemplos. O

diabo é, pois, mais poderoso do que Deus, uma vez que resiste aos seus ministros, àqueles que lhe opõem as coisas santas? E, no entanto, os Espíritas, quem invocam? de quem solicitam o apoio? De Deus. Por que, com a mesma assistência, triunfam, enquanto os outros fracassam? Eis a razão:

Primeiro, o retorno do obsessor ao bem, e, por conseqüência, a cura do doente, o que é um fato material, provando que não é o demônio, mas um mau Espírito suscetível de se melhorar. Em segundo lugar, no exorcismo não se lhe opõem senão palavras e sinais materiais em virtude dos quais se tem a fé, mas dos quais o Espírito não toma em nenhuma conta; irrita-se, se o ameaça, se o maldiz, desejando-lhe as chamas eternas; se quer domá-lo pela força, e, como ele é imperceptível, disso se ri e vos escapa, e quer vos provar que é mais forte do que vós. Pelo Espiritismo, se lhe fala com doçura, procura-se fazer vibrar nele a corda do sentimento; mostra-se-lhe a misericórdia de Deus; se lhe faz entrever a esperança, e se o conduz muito brandamente ao bem; eis todo o segredo.

O fato acima apresenta um caso particular, é o da suspensão das crises durante a gravidez. De onde vem isto? Que a ciência o explique, se o pode; eis a razão que disso dá o Espiritismo. O doente não tinha nenhuma loucura, nem uma afecção nervosa; a cura lhe é a prova: era bem uma obsessão. O Espírito obsessor exercia uma vingança; Deus o permite para servir de prova e expiação à mãe e, além disto, porque, mais tarde, a cura desta deveria levar à melhoria do Espírito. Mas as crises, durante a gravidez, podiam prejudicar a criança; Deus consentiu que a mãe fosse punida do mal que havia podido fazer, mas não queria que o ser inocente que ela carregava, com isso sofresse; foi por isto que toda liberdade de ação foi tirada, durante esse tempo, aos seus perseguidores.

Quanto o Espiritismo explica coisas para aquele que quer estudar e observar! Que horizontes abrirá à ciência, quando esta se der conta do elemento espiritual! Quanto aqueles, que não o vêem senão nas manifestação curiosas estão longe de compreendê-lo!

OS DOIS ESPIÕES.

Um de nossos correspondentes, de São Petersburgo, nos dirige a tradução de um artigo publicado contra o Espiritismo, num jornal religioso dessa cidade: *Doukhownaia Beceda* (Conversas religiosas). É um relato fornecido por duas pessoas jovens de Moscou, Srs***, que se apresentaram entre nós em novembro último, sob as aparências de homens da melhor companhia, se dizendo muito simpáticos ao Espiritismo, e que foram recebidos com as considerações que mandavam suas qualidades de estrangeiros. Absolutamente nada, em suas palavras nem em suas maneiras, traía a intenção que os trazia; era preciso que isso fosse assim para desempenhar seu papel e cumprir a missão da qual estavam encarregados. Certamente, nossos adversários da França nos habituaram a relatórios que não brilham pela exatidão, em matéria de Espiritismo; mas lhes devemos esta justiça de que nenhum, pelo menos do nosso conhecimento, levou a calúnia tão longe. Isto teria sido difícil num jornal francês, porque a lei protege contra tais abusos, mas também porque muitas testemunhas oculares viriam constatar a verdade; mas, a seiscentas léguas, num país estranho e numa língua aqui desconhecida, isso era mais fácil. Devemos aos numerosos adeptos da Rússia uma refutação desse ignóbil panfleto, cujos autores são tanto mais repreensíveis quanto abusaram da confiança que haviam procurado inspirar. Introduzindo-se sob falsas aparências, como emissários de um partido, numa casa particular e numa reunião toda privada, que nunca é aberta ao público, e onde não se é admitido senão sob recomendação, para entregar à publicidade um relatório desfigurado e ultrajante, coloca-se abaixo dos espões, porque os espões, ao menos, dão uma conta exata daquilo que viram. É lamentável que isto seja ainda em

nome da religião que se façam semelhantes coisas e que se as crê necessárias à sua sustentação. Não será portais meios que se arruinará jamais o Espiritismo; se o engrandece pelo ódio que se lhe leva. Assim o foi com o Cristianismo em seu início; perseguindo-o, seus adversários trabalharam pela sua consolidação. Mas nessa época não se tinha a publicidade, e a calúnia podia manter-se por muito tempo; hoje a verdade se faz luz prontamente, e quando se diz maldosamente que uma coisa é negra, todos podem encontrar ao seu lado a prova de que ela é branca, e o odioso da calúnia recai sobre seus autores.

As reflexões do jornal são as de todos os detratores que pertencem à mesma opinião; foram refutadas tantas vezes que seria inútil a isto retornar. No entanto, citaremos a passagem seguinte:

"Os Espíritas, com efeito, estão em comunicação direta com o mundo dos Espíritos, a tal ponto que os mais altos e mais sagrados personagens vêm ao seu chamado *ad libitum* ao capricho dos médiuns, como ao som de uma campainha? Não há aqui do charlatanismo e do embuste grosseiro, não da parte dos Espíritos que Allan Kardec ensina tão bem a distinguir, mas da parte do próprio chefe dessa mesma seita, tão sedutora para a imaginação de seus adeptos inexperientes? Duas cartas aqui reunidas, de Paris, provindas de pessoas *dignas de fé*, mas que não quiseram se nomear, podem dar uma resposta suficiente a essa delicada questão."

O Espiritismo jamais disse que os Espíritos, quaisquer que sejam, viessem à vontade de um médium qualquer; ao contrário, diz que eles não estão às ordens de ninguém; que vêm quando querem e quando o podem; faz mais, uma vez que demonstra as causas materiais que se opõem a que um Espírito se manifeste ao primeiro que chegue.

Se a comunicação dos Espíritos não é senão uma idéia sem fundamento e uma encenação, uma única pessoa dela deveria ter o monopólio; como ocorre que a sua realidade seja constatada há anos por milhões de indivíduos, de todas as classes e de toda idade, em todos os países? Todo o mundo desempenha, pois, a comédia desde os príncipes até os plebeus, e isto em proveito de quem? O que é mais bizarro ainda, é que essa comédia leva a Deus os incrédulos, e faz orar aqueles que se riam da prece. Jamais se viram espetáculos de escamotagem produzir resultados tão sérios.

Quanto às cartas dos dois emissários, seria supérfluo realçar as tolas e grosseiras injúrias que elas encerram; bastar-nos-á citar alguns erros materiais para mostrar a fé que merece seu relatório sobre o resto.

Na hora convencionada, fomos nos recomendar a Allan Kardec. Ele mora numa das passagens constantemente cheias pela multidão. Uma inscrição em grandes letras anuncia que é lá que se realizam os mistérios do Espiritismo.

Debaixo da escada, há um pequeno escudo com estas palavras: *Revista Espírita, no segundo*, porque lá está o escritório do jornal, e que todo jornal estando sujeito ao público, deve indicar seu domicílio. Abaixo está escrito: *Sala de cursos*, porque a sala das sessões estava primitivamente destinada a cursos diversos, que jamais ocorreram desde que habitamos esse local. Nada há lá que anuncie a realização de mistérios quaisquer. Aí está uma primeira invenção desses senhores tão dignos de fé.

Eram cinco horas da tarde; estava sombrio e o Espírita não tinha luz. Por alamedas tortuosas fomos introduzido em seu escritório.

Os visitantes jamais foram introduzidos em meu escritório, mas num salão de recepção que, sem dúvida, não é o de um palácio, mas onde aqueles que não o acham dignos deles estão perfeitamente livres de retornar.

Depois de nos ter convidado para sentar, pôs-se a continuar a conversa com um jovem nosso desconhecido. As palavras deste último nos fizeram compreender que era um médium recente, que se achava obsidiado pela força impura que lhe dá respostas sob

a máscara de puros Espíritos; que de início as respostas são veladas por uma inocência perfeita, mas que, em seguida, o diabo se trai pouco a pouco. A voz, o ar aturdido do jovem, tudo denotava uma violenta agitação. O Espírita respondeu que uma pureza moral da vida, a moderação, eram necessárias para se comunicar com os Espíritos, e assim por diante; que no começo o médium comumente é perseguido pelos maus Espíritos, mas que depois chega aos bons. O tom desse discurso era o de um mestre ou de um preceptor. *Não há dúvida* de que tudo isso não era senão uma comédia encenada em nossa presença.

Esse jovem, nos lembramos, era simples operário que vinha nos pedir conselhos, como isto ocorre freqüentemente. *Continuamos* nossa conversa com ele, porque aos nossos olhos um operário, homem honesto, tem direito a tanto mais considerações quanto sua posição seja mais humilde. É possível que isto não seja as idéias desses senhores, mas aqui virão quando, numa outra existência, se encontrarem na condição daqueles que tratam hoje com altivez. Quanto à comédia que, *ele não tem dúvida*, era encenada por eles, e é bastante singular que ela fosse preparada por eles quando não os esperávamos. Em sua chegada, o jovem estava só; uma vez que *continuamos a* conversa, é que ela tinha começado; então desempenhamos a comédia a dois. Em todos os casos, ela nada tinha de muito interessante, e quando se fez tanto, fez-se alguma coisa melhor.

Graças a uma obscuridade interessante, o mestre não estava visível. Ele se dirigia a nós por uma pergunta que sondava nossa crença em Espiritismo, seu desenvolvimento em Moscou e assim por diante. Ele procedia com muita reserva até que conheceu nosso desejo. Nos foi trazida uma lâmpada; então, nos vimos diante de um senhor bastante corpulento, idoso, com a fisionomia bastante indulgente, os olhos singulares; eles penetravam, por assim dizer, o indivíduo: é o primeiro olhar, e, em segundo lugar, estavam marcados com uma certa fantasia. Olhei por muito tempo seus olhos notáveis ao mais alto grau em sua fisionomia comum.

Não sei porque atraí sua atenção, de sorte que me perguntou várias vezes se eu não era médium. Nossa conversa provando-lhe nosso *conhecimento em matéria de Espiritismo*, ele começou a se tornar mais comunicativo.

Vê-se qual era seu saber em Espiritismo e sobretudo sua sinceridade. Se, por uma linguagem astuciosa, acreditavam nos enganar, foram eles que encenaram a comédia.

Pôs-se afalar, em termos obscuros, da alma e dos Espíritos; sua voz foi primeiro calma, mas terminou seu discurso com uma ênfase singular. Tendo-lhe sido perguntado como distingue os bons Espíritos dos maus, respondeu que se punha preliminarmente cada Espírito à prova; *se o Espírito não contradissesse as opiniões morais e religiosas dos Espíritas, era anotado como puro Espírito*. À minha pergunta: por que não se ocupava senão da solução das questões morais e não tocava nem as questões científicas, nem as questões *políticas* (esta pergunta o desagradou visivelmente, ele respondeu alguma coisa neste gênero: que os Espíritos com isso não se misturam. A política, geralmente, é o terreno perigoso sobre o qual os falsos irmãos procuram conduzir os Espíritas. A moral, segundo eles, é coisa muito banal e muito vulgar; isso é muito repetido; é preciso do positivo. Um indivíduo decorado que tinha, sob uma aparência enganosa, se introduzido num grupo de operários, em Lyon, onde se encontravam também alguns militares, colocou esta pergunta: "O que é que os Espíritos pensam de Henri V?" A resposta dos Espíritos e do assistente não lhe deu desejo de recomeçar nem de retornar.

Depois de uma certa *hesitação*, nos *permitiu*, sexta-feira à noite, assistir a uma reunião dos Espíritas. Propunha-se questionar um coronel da guarda falecido há pouco, precedentemente médium. Dissemos-lhe adeus. A noite de sexta-feira me interessa e vos darei conta de tudo aquilo que ouvir e ver. Diz-se, no entanto, que ele toma *cem francos* por cada sessão. Se for verdade, me será, bem entendido, impossível ouvir e ver. *Eu sacrificarei dez francos*, mas não mais. Paris 2/14 de novembro de 1864.

Independentemente de nossos princípios muito conhecidos e nitidamente formulados nas obras, no fato de exploração do Espiritismo sob uma forma qualquer, mais de seis mil ouvintes que foram admitidos nas sessões da Sociedade Espírita de Paris desde a sua fundação, em 1⁵ de abril de 1858, podem dizer se jamais um único pagou a menor das coisas como retribuição obrigatória ou *facultativa*; se mesmo foi imposto a quem quer que seja, como condição de admissão, a compra de um único livro ou assinatura de Revista. Quando se explora o público, não é difícil sobre a escolha; visa-se o número. Não se conceberia, pois, a *hesitação* em admitir esses senhores; em lugar de lhes *permitir* virem, se lhes teria solicitado. Só por essas palavras eles se traem; mas não se pensa em tudo.

Desde o instante que tinham, supostamente, ouvido dizer que se pagaria cem francos por pessoa, e que não consentiam em lhe dar senão dez, como ocorre que não lhe sejam asseguradas durante a sessão? Era muito natural, necessário mesmo, nos perguntar para não ser apanhado de surpresa ao chegar. Há aqui uma insinuação pérfida, mas inábil. No relato que fazem da sessão a que assistiram, não falam de pagamento; ora, tendo dito que sacr//7carámdeszfrancos, dão a entender que não lhes custou nada. Recuaram diante de uma afirmação; mas disseram a si mesmos: "Lancemos a idéia, dela restará sempre alguma coisa;" mas quando ela não tem nada, nada pode restar. Sim, dela resta alguma coisa: a vergonha para o mentiroso.

De resto, não é a primeira vez que a malevolência e o ciúme empregaram esse meio para procurar desacreditar a Sociedade na opinião. Recentemente, em Nantes, um indivíduo afirmava que as entradas ali eram a cinco francos o lugar. Seria singular que, depois de oito anos que ela existe, não se saiba ainda se faz pagar 100 francos ou 5 francos. Em verdade, é preciso estar muito cego pelo desejo de prejudicar para crer enganar o público num fato tão material que recebe cada dia um desmentido, seja pelas pessoas que a ela assistem, seja pelos princípios que ela professa e que estão formulados inequivocamente em nossos escritos.

Dessa calúnia, no entanto, ressalta uma instrução. Do momento em que nossos adversários crêem desacreditar a Sociedade dizendo que ela faz os visitantes contribuírem, é que consideram como mais honroso não fazer ninguém pagar; ora, uma vez que ela nada exige, que em lugar de visar ao número dos ouvintes, ela o restringe tanto quanto possível, é que não especula sobre eles; põe fim assim a toda suspeição de charlatanismo.

A circunstância do coronel que deveria ser evocado nos colocou no caminho da sessão à qual esses senhores assistiram; seu verdadeiro nome, não se encontrando na lista desse dia, tivemos por isso mesmo a prova de que se apresentaram sob um nome falso. Isso foi tanto mais fácil verificar, quanto naquele dia era uma sessão particular reservada aos membros da Sociedade, e na qual não tinham sido admitidos, por exceção, senão quatro ou cinco estrangeiros de passagem por Paris. Em nos enviando seu nome verdadeiro, nosso correspondente nos mostra que são os filhos de um alto funcionário eclesiástico russo.

Sexta-feira passada, às oito horas da noite, fomos à sessão da Sociedade Espírita. Chegamos cedo; os membros ainda não eram numerosos, de maneira que pudemos examinar bastante minuciosamente a sociedade. Um quarto bem grande continha várias fileiras de cadeiras. Do lado de uma das paredes encontrava-se uma mesa coberta com um pano verde, ao redor da qual as cadeiras estavam colocadas para os membros principais da Sociedade. Sobre a mesa se encontrava depositado um monte de papel branco e um montão de lápis apontados; nada mais. Acima da mesa pendia a imagem do Salvador abençoado.

Uma investigação tão minuciosa e levada até ao exame dos papéis, é sofrivelmente indiscreta da parte de pessoas que se dizem fidalgas e admitidas por favor numa casa particular, e numa reunião que nada tem de pública.

Não há absolutamente nada suspenso acima da mesa. Contra a parede há uma pequena estatueta de São Luís, em roupa de rei, presidente espiritual da Sociedade, e que esses senhores, parece, tomaram pelo Cristo.

As paredes estavam ocupadas por quadros singulares. Examinei-os nos detalhes; o maior, pintado a carvão, representa um caixão com correntes caídas ao seu redor; um sítio singular com plantas fantásticas cercava o caixão. Uma inscrição explica que esse quadro foi pintado por *Allan Kardec*.

Esse quadro alegórico é o do qual falamos na Revista de novembro de 1862, página 347. Não há nem correntes nem plantas de nenhuma espécie. Embaixo há uma legenda que lhe dá a explicação, com esta inscrição aposta sobre o próprio quadro, e em evidência; "Pintura mediúnica. Quadro alegórico do advento e do triunfo do Espiritismo; pintado pelo Sr. V..., *jovem aluno em farmácia*, sem nenhum conhecimento da pintura nem do desenho. Lyon." Não sabemos como esses senhores puderam ver nessas palavras, que o quadro foi pintado por Allan Kardec. Isto dá a medida da exatidão de seu relatório, e da confiança que merece o resto.

Mais longe, toda uma série de quadros ou desenhos, não sei mais como chamá-los, feitos por diversas pessoas sob a influência dos Espíritos. Não posso vos dizer a impressão que produziram sobre mim todos esses quadros. Examinei-me, examinei-me severamente, e achei que a posição do meu Espírito nesse momento era perfeitamente tranqüila, cheia de sangue frio, de forma que a impressão que eu sentia à frente desses quadros era independente de minha imaginação. Esses quadros ou desenhos representam uma reunião insólita de linhas, pontos, círculos, uma reunião original que não tem nenhuma semelhança com o que quer que seja. Todos eles têm um certo gênero particular, sua independência em comum, mas completamente indefinível. Dir-se-ia que nada há de particular nesses pontos e linhas, e, no entanto, a impressão que deixam é uma das mais desagradáveis, semelhante a um pesadelo cansativo. Em uma palavra, esses desenhos não se parecem em nada com aquilo que sempre pudemos ver e, para mim, são repugnantes.

Nessa coleção de desenhos medianímicos se encontram: a casa de Mozart .publicada na Revista de agosto de 1858, e que todo mundo o conhece; uma cabeça de Cristo feita no México, e de um tipo admirado por todos conhecedores; um outro Cristo coroadado de espinhos, modelado em terra da Sociedade Espírita de Madrid, e de uma execução notável; duas soberbas cabeças de mulher de perfil grego, desenhadas na Sociedade Espírita de Constantinopla; uma paisagem desenhada pela pluma do Sr. Jaubert, vice-presidente do tribunal de Carcassonne e que um artista consumado assinaria, etc. Eis as linhas e os pontos que turbilhonaram aos olhos desses senhores de maneira tão desagradável e tão repugnante. Estaríamos verdadeiramente tentados em crer que um Espírito maligno fascinou-os de maneira a ver tudo ao reverso, a fim de tornar seu relatório mais pitoresco.

Enfim, os membros da Sociedade se parecem em torno de setenta. Como nas sociedades verdadeiras, havia lá também secretários. Leu-se primeiro um capítulo do Evangelho; em seguida a ata da sessão precedente. Confesso que não havia meio de escutar, sem rir, as diferentes informações. Por exemplo, em Lyon, um Espírito disse asneiras, por isso determinou-se excluí-lo do número dos Espíritos de boa conduta.

Em seguida, leu-se a necrologia do coronel espírita que deveria ser evocado durante essa sessão. Antes ele foi são-simoniano. Allan Kardec disse à Sociedade que lhe proporia perguntas sobre a relação do Espiritismo e do são-simonismo. Um dos assistentes querendo fazer algumas perguntas, mas o mestre declarou que os outros não devem se meter ali onde não são chamados.

Eu esperava sempre que se anunciasse o *aparelho* que deveria escrever, mas me enganava; Allan Kardec soou a *campainha*, e nos chegou da antecâmara um jovem com fisionomia de *velhaco*, em uma palavra, preparado, por um quarto de rubro, a ensinar de

cor, fosse mesmo um meio livro, todas as espécies de absurdos. Foi-nos dito que era um médium.

Aqui não são mais simples inexatidões, é o cinismo da injúria e do ultraje. Basta citar tais palavras para difamá-las. Na França seus autores teriam sido justificados pelos tribunais. Em matéria de inexatidão, diremos somente que, desde que a Sociedade existe, jamais houve uma campanha sobre a escritaninha, e, por conseguinte, não teríamos podido soar. Os ouvidos desses senhores tilintaram, como seus olhos tiveram miragem olhando os desenhos e a estatueta de São Luís.

O público, na maioria de velhos, era característico; quase a metade consistia em semi-loucos. As pessoas jovens, extasiadas e despenteadas, seguiam muito atentas os movimentos do médium, e se achavam lá pessoas tão cegamente crentes, que era mesmo um pecado delas rir; não se podia senão lamentá-las.

Parece que é um pecado menor de mentir. É verdade que certas pessoas pensam que toda mentira feita por um bom motivo é desculpável; ora, denegrir o Espiritismo para alguns é um excelente motivo.

Que respondeu o Espírito? Ele respondeu, pela tagarelice de Allan Kardec que se pode admirar em suas obras.

O Espírito de que se trata é o do Sr. Bruneau, membro da Sociedade Espírita, antigo aluno da escola politécnica e coronel de artilharia, morto muito recentemente. Pode-se ver a ata de sua evocação na Revista de dezembro de 1864.

Allan Kardec *propôs evocar uma criança são-simoniana.*

Havia nesse dia na mesa não um, mas oito médiuns. Como se acabara de evocar o Sr. Bruneau, que fora são-simoniano e que se tinha sobre ele falado dessa doutrina, seu antigo chefe, o Padre Enfantin, se comunicou espontaneamente, e sem evocação, por um dos médiuns, e tomou parte na discussão. Foi, pois, o *Padre Enfantin* que o fiel narrador tomou por uma criança são-simoniana.

Quanto a nós, ficamos aborrecidos quanto desgostosos pelo aspecto de todas essas pessoas; nos levantamos e nos fomos dali. Assim acabou nossa visita espírita. No entanto, não pude me dar bem conta se é *trapaça ou loucura*. Mas, bastante! Paris, 9/21 de novembro de 1864.

O redator do jornal acrescenta: a pessoa que nos proporcionou essas duas cartas interessantes termina-as com a observação seguinte: "O relato *conscencioso* do testemunho ocular é muito importante, ainda mesmo que não explique tudo. Foi por esta razão que pensamos que o extrato atual não será desprovido de utilidade para as pessoas muito crédulas em fato de comunicação com os Espíritos."

As reflexões às quais os fatos da natureza deste dão lugar estão resumidas no artigo seguinte.

NOVA TÁTICA DOS ADVERSÁRIOS DO ESPIRITISMO.

Nenhuma doutrina filosófica dos tempos modernos jamais causou tanta emoção quanto o Espiritismo, jamais alguma foi atacada com tanta obstinação; está aí a prova evidente de que se lhe reconhece mais vitalidade e raízes mais profundas do que às outras, porque não se toma a picareta para arrancar um talo de erva. Os Espíritas, longe de se amedrontarem com isso, devem se rejubilar, uma vez que isso prova a importância e a verdade da Doutrina. Se esta não fosse senão uma idéia efêmera e sem consistência, uma mosca que voa não se lhe atiraria uma bala de canhão vermelha; se ela fosse falsa, seria atacada vivamente com argumentos sólidos que não lhe teriam deixado triunfar; mas, uma vez que nenhum daqueles que se lhe opõe, puderam detê-la, é que ninguém encontrou o defeito da couraça; no entanto, não foi nem o talento nem a boa vontade que faltaram aos seus antagonistas.

Nesse vasto torneio de idéias, onde o passado entra em luta com o futuro, e que tem por campo fechado o mundo inteiro, o grande júri é a opinião pública; ela escuta o pró e o contra; ela julga o valor dos meios de ataque e de defesa, e se pronuncia por aquele que dá as melhores razões. Se um dos dois combatentes emprega armas desleais, é logo condenado; ora, há de mais desleais do que a mentira, a calúnia e a traição? Recorrer a semelhantes meios, é se confessar *vencido pela lógica*; a causa que fica reduzida a tais expedientes é uma causa perdida; não é um homem, nem alguns homens que pronunciam a sua sentença, é a Humanidade que a força das coisas e a consciência do bem arrastam para o que é mais justo e mais racional.

Vede, na história do mundo, se uma única idéia grande e verdadeira não triunfou sempre, alguma coisa que se haja feito para entravá-la. O Espiritismo nos apresenta, sob esse aspecto um fato inaudito, é o de uma rapidez de propagação sem exemplo. Esta rapidez é tal que seus próprios adversários estão aturdidos; também atacam-no com o furor cego de combatentes que perdem seu sangue frio, e se espetam em suas próprias armas.

No entanto, a luta está longe de terminar: é preciso, ao contrário, esperar vê-la tomar maiores proporções e um outro caráter. Seria por muito prodigioso e contrário ao estado atual da Humanidade, que uma doutrina que leva em si o germe de toda uma renovação, se estabeleça pacificamente em alguns anos. Ainda uma vez, não nos lamentemos disto; quanto mais a luta for rude, mais o triunfo será brilhante. Ninguém duvida que o Espiritismo cresceu pela oposição que se lhe fez; deixemos, pois, esta oposição esgotar seus recursos: ela não o engrandecerá senão mais quando tiver revelado sua própria fraqueza a todos os homens. O campo de combate do Cristianismo nascente era circunscrito; o do Espiritismo se estende sobre toda a superfície da Terra. O Cristianismo não pôde ser abafado sob as ondas de sangue; ele cresceu por seus mártires, como a liberdade dos povos, porque era uma verdade. O Espiritismo, que é o Cristianismo apropriado ao desenvolvimento da inteligência e livre dos abusos, crescerá mesmo sob a perseguição, porque ele também é uma verdade.

A força aberta é reconhecida impotente contra a idéia espírita, mesmo nos países onde ela se exerce com toda a liberdade; a experiência aí está para atestá-lo. Comprimindo a idéia sobre um ponto se a faz jorrar de todos os lados; uma compressão geral fá-la-ia explodir. No entanto, nossos adversários não renunciaram a isso; à espera, recorreram a uma outra tática: a das manobras surdas.

Muitas vezes já tentaram, e o farão ainda, comprometer a Doutrina empurrando-a para um caminho perigoso ou ridículo para desacreditá-la. Hoje é semeando sordidamente a divisão, lançando tochas de discórdia que esperam lançar a dúvida e a incerteza nos espíritos, provocar fraquezas verdadeiras ou *simuladas* e pôr em confusão os adeptos. Mas não são os adversários confessos que poderiam agir assim; o Espiritismo, cujo início tem tantos pontos semelhantes com os do Cristianismo, deve também ter seus Judas, para que haja a glória de sair triunfante dessa nova prova. Às vezes, o dinheiro é um argumento que substitui a lógica. Não se viu uma mulher que confessou ter recebido 50 fr. para simular a loucura depois de ter assistido a uma única reunião espírita?

Não foi, pois, sem razão que, na *Revista* de março de 1863, publicamos o artigo sobre os *falsos irmãos*; esse artigo não agradou todo o mundo, e mais de um nele quis ver mais claro e quis abrir os olhos aos outros, todos nos apertando a mão em sinal de aprovação, do qual não fôramos o ingênuo. Mas que importa! Nosso dever é de premunir os Espíritas sinceros contra as armadilhas que lhes são estendidas. Quanto àqueles que os princípios muito rigorosos para eles sobre este ponto como sobre vários outros, nos alienaram, é que sua simpatia estava na superfície e não no fundo dos corações, e não temos nenhuma razão para disso celebrar. Temos a nos ocupar com coisas mais importantes do que da sua boa ou má vontade a nosso respeito. O presente é fugidio;

amanhã não será mais; para nós, ele não é nada; o futuro é tudo, e é para o futuro que trabalhamos. Sabemos que as simpatias verdadeiras nele nos seguirão; as que estão à mercê de um interesse material frustrado, ou de um amor-próprio insatisfeito, não merecem esse nome.

Quem toma seu ponto de vista fora da esfera estreita do presente não é mais perturbado pelas mesquinhas intrigas que se agitam ao seu redor; é o que nos esforçamos por fazer, e é o que aconselhamos àqueles que querem ter paz da alma neste mundo. (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. II, n- 15.)

A idéia espírita, como todas as idéias novas, não podia deixar de ser explorada por pessoas que, não tendo triunfado em nada por má conduta ou incapacidade, estão à espreita daquilo que é novo, na esperança de nele encontrar uma mina mais produtiva e mais fácil; se o sucesso não responde à sua espera, não se deve a eles, mas à coisa que declaram ser má. Essas pessoas não têm de espíritas senão o nome. Melhor do que quer que seja, pudemos ver essa astúcia, tendo sido muitas vezes o alvo de mira dessas explorações, às quais não quisemos apertar a mão o que não nos fez amigos.

Retornemos ao nosso assunto. O Espiritismo, nós o repetimos, tem ainda que passar por rudes provas, e é aí que Deus reconhece seus verdadeiros servidores pela sua coragem, pela sua firmeza e pela sua perseverança. Aqueles que um medo ou uma decepção abalassem são como esses soldados que não têm coragem senão em tempo de paz, e dão no pé ao primeiro tiro. No entanto, a maior prova não será a perseguição, mas o conflito das idéias que será suscitado e com a ajuda do qual se espera romper a falange dos adeptos e impondo-lhe uma unidade que se faz na Doutrina.

Esse conflito, embora provocado numa má intenção, que vem dos homens ou dos maus Espíritos, é no entanto necessário e devendo trazer uma perturbação momentânea em algumas consciências fracas, terá por resultado definitivo a consolidação da unidade. Em todas as coisas, não é preciso julgar os pontos isolados, mas ver o conjunto. É útil que todas as idéias, mesmo as mais contraditórias e mais excêntricas, apareçam; elas provocam o exame e o julgamento, e se são falsas o bom senso lhes fará justiça; tombarão forçosamente diante da prova decisiva do controle universal, como tantas outras já tombaram. É este o grande critério que fez a unidade atual; é o que a arrematará, porque é o crivo que deve separar o bom e o mau grão, e a verdade nele não será senão mais brilhante quando sair do cadinho liberta de todas as suas escórias. O Espiritismo está ainda em ebulição; deixemos, pois, a espuma subir à superfície e se espalhar, e com isso não será senão mais cedo depurada; deixemos aos adversários a alegria maligna e pueril de soprar o fogo para provocar essa ebulição, porque, sem o querer, apressam sua depuração e seu triunfo, e eles mesmos se queimarão no fogo que acendem. Deus quer que tudo seja útil à causa, mesmo o que se faz com a intenção de prejudicá-la. Não esqueçamos que o Espiritismo não está acabado; não fez ainda senão colocar suas estacas; mas para avançar com segurança, deve fazê-lo gradualmente, à medida que o terreno estiver preparado para recebê-lo, e bastante consolidado para nele pôr o pé com segurança. Os impacientes que não sabem esperar o momento propício comprometem as colheitas como comprometem a sorte das batalhas.

Entre os impacientes, sem dúvida, há os de muito boa-fé; eles gostariam de ver a coisa ir ainda mais depressa, mas se parecem a essas pessoas que crêem fazer avançar o tempo avançando o pêndulo. Outros, não menos sinceros, são levados pelo amor-próprio para serem os primeiros a chegar; semeiam antes da estação e não recolhem senão frutos abortados. Ao lado destes, infelizmente, há outros que levam o carro a toda a pressa, na esperança de fazê-lo espalhar.

Compreende-se que certos indivíduos que gostariam de ser os primeiros nos censurem por não termos sido mais rápidos; que outros, por razões contrárias, nos censurem por irmos muito lentamente; mas o que é menos explicável é ver às vezes essa dupla censura feita pelo mesmo indivíduo, o que não é dar prova de muita lógica. Que

sejamos aguilhoados para irmos à direita ou à esquerda, que não lhe sigamos menos, como fizemos até o presente, a linha que nos está traçada, e no fim da qual está o objetivo que queremos alcançar. Iremos adiante, ou esperaremos, nos apressaremos ou diminuiremos o passo segundo as circunstâncias, e não segundo a opinião de tal ou tal.

O Espiritismo caminha através de adversários numerosos que, não tendo podido prendê-lo pela força, tentam prendê-lo pela astúcia; insinuam-se por toda a parte, sob todas as máscaras, e até nas reuniões íntimas, na esperança de ali surpreender um fato ou uma palavra que, freqüentemente, terão provocado, e que esperam explorar em seu proveito. Comprometer o Espiritismo e torná-lo ridículo, tal é a tática com a ajuda da qual esperam primeiro desacreditá-lo, para terem mais tarde um pretexto de fazer-lhe interditar, se isso se pode, o exercício público. E a armadilha contra a qual é preciso estar em guarda, porque está estendida por toda a parte, e à qual, sem o querer, dão a mão aqueles que se deixam levar pela sugestões dos Espíritos enganadores e mistificadores.

O meio de desmanchar essas maquinações é de seguir o mais exatamente possível a linha de conduta traçada pela Doutrina; sua moral, que lhe é a parte essencial, é inatacável; praticando-a não se dá ensejo a nenhuma crítica fundada, e a agressão não lhe é senão mais odiosa. Encontrar os Espíritas em falta e em contradição com seus princípios seria uma boa fortuna para seus adversários; também vede como eles se apressam de carregar o Espiritismo, de todas as aberrações e de todas as excentricidades das quais não poderia ser responsável. A Doutrina não é ambígua em nenhuma de suas partes; ela é clara, precisa, categórica em seus menores detalhes; só a ignorância e a má-fé podem se equivocar sobre o que ela aprova ou condena. É, pois, um dever para todos os Espíritas sinceros e devotados repudiar e desaprovar abertamente, em seu nome, os abusos de todos os gêneros que poderiam comprometê-la, a fim de não assumir-lhes a responsabilidade; pactuar com esses abusos seria tornar-se cúmplice deles, e fornecer armas aos nossos adversários.

Os períodos de transição são sempre penosos de passar; o Espiritismo está nesse período; ele o atravessará com tanto menos dificuldade quanto seus adeptos usarem de mais prudência. Estamos em guerra; ali está o inimigo que espia, pronto a explorar a menor falta em seu proveito, e pronto para fazer colocar o pé na lama, se o puder.

Não nos apressemos, pois, em lançar a pedra ou a suspeita muito levemente, e sobre as aparências que poderiam ser enganosas; a caridade, aliás, nos faz da moderação um dever, mesmo para com aqueles que são contra nós. A sinceridade, no entanto, mesmo em seus erros, tem maneiras de franqueza com as quais não se poderia equivocar, e que a falsidade não a simulará jamais completamente, porque cedo ou tarde manifesta seu verdadeiro caráter; Deus e os bons Espíritos permitem que ela se traia por seus próprios atos. Se uma dúvida atravessa o espírito, isso deve simplesmente ser um motivo de se colocar em reserva, o que se pode fazer sem faltar às conveniências.

VARIEDADES

Carta de Dante ao Sr. Thiers.

Sob este título, lê-se no *Charivaride* 20 de maio de 1865:

"Florença, 20 de maio de 1865.

"Senhor e caro confrade,

"Eu não poderia ficar indiferente às festas que se vão celebrar em minha honra, e minha sombra tendo pedido e obtido uma licença de oito dias, vim assistir à inauguração do monumento que me foi consagrado. É, pois, de Florença que vos dirijo esta carta sob a

emoção que me causou a cerimônia da qual venho de ser testemunha. Se tomo esta liberdade, senhor e caro confrade, é que creio estar em condições de vos fornecer informações que vos serão de alguma utilidade.

"Se bem que falecido há cinco séculos, com isso não deixei de sempre continuar a seguir, com a mesma atenção e o mesmo patriotismo, a marcha dos acontecimentos que interessam ao futuro da Itália. De quantas vicissitudes fui assim testemunha, vós o sabeis tão bem quanto eu. De quantas dores meu coração se embebeu, podeis igualmente disto vos fazer uma idéia....."

(Seguem longuíssimas reflexões sobre os assuntos da Itália e as opiniões do Sr. Thiers. Não as reproduzimos, pelo duplo motivo de que são estranhas ao nosso assunto, e que a política está fora do quadro deste jornal. A carta termina assim:)

"Se, pois, assim como se afirmou, deveis proximoamente empreender uma viagem a Itália, tomai a pena de passar por Florença, e de vir conversar alguns instantes com minha estátua; ela terá coisas muito interessantes a vos dizer.

"Nessa esperança, senhor e caro confrade, vos peço aceitar a garantia..., etc.

"DANTE ALIGHIERI."

Por cópia conforme: PIERRE VÉRON.

Duvidamos muito que o Sr. Pierre Véron seja simpático à idéia espírita a julgá-lo pelos artigos que o *Charivari* mais de uma vez publicou sobre esse assunto. Não é preciso, pois, ver nesta carta senão um simples produto da imaginação apropriado à circunstância, a menos que o Espírito de Dante não tenha vindo ditá-la com o desconhecimento do autor; ela é muito espirituosa para que não se a desaprove, mas não se pode apreciá-la senão em seu conjunto, porque ela perde muito por ser cindida.

Foi um pensamento engenhoso fazer intervir, mesmo ficticiamente, o Espírito de Dante nessa ocasião. Alguns pequenos detalhes mais, um Espírita não teria falado de outro modo. Para nós, não é duvidoso que Dante, a menos que não esteja reencarnado, deveu assistir a essa imponente manifestação, atraído pelo poder de evocação de todo um povo confundido num mesmo pensamento. Se, nesse momento, o véu que esconde aos olhos dos encarnados o mundo espiritual tivesse podido se levantar, que imenso cortejo de grandes homens ter-se-ia visto planar no espaço e se misturar à multidão para aplaudir a regeneração da Itália! Que belo assunto para um pintor ou um poeta inspirados pela fé espírita!

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

8º ANO

NO. 7

JULHO 1865

ÁRIA E PALAVRAS DO REI HENRI III

O *Grand Journal* de 4 de junho de 1865 relata o fato seguinte:

"Todos os editores e todos os amadores da música de Paris conhecem o Sr. N. G. Bach, aluno de Zimmermann, primeiro prêmio de piano do Conservatório, no concurso de 1819, um de nossos professores de piano mais estimados e mais honrados, bisneto do grande Sébastian Bach, de quem carrega dignamente o nome ilustre.

"Informado por nosso amigo comum, Sr. Dollingen, administrador do *Grand Journal*, que o apartamento do Sr. N. G. Bach fora o teatro de um verdadeiro prodígio na noite de 5 de maio último, pedi a Dollingen para me conduzir à casa do Sr. Bach, e fui acolhido no nº 8 da rua Castellane com uma delicada cortesia. É inútil acrescentar, penso, que foi depois de ter obtido a autorização expressa do herói desta história maravilhosa que me permito contá-la aos meus leitores.

"No dia 4 de maio último, o Sr. Léon Bach, que é um curioso substituto de um artista, trouxe ao seu pai um cravo admiravelmente esculpido. Depois de longas e minuciosas procuras, o Sr. Bach descobriu, sobre uma tábua interior, o estado civil do instrumento; ele data do mês de abril de 1564, e foi fabricado em Roma.

"O Sr. Bach passa uma parte do dia na contemplação de seu precioso cravo. Nele pensava ao se deitar; quando o sono veio fechar sua pálpebra, nele pensava ainda.

"Não há, pois, que se espantar que tivesse tido o sonho seguinte: "No mais profundo de seu sono, o Sr. Bach viu aparecer na cabeceira de seu leito um homem que tinha uma longa borlas, os sapatos arredondados na ponta, com grossas barbas em cima, um culote muito grande, uma roupa antiga com mangas colantes com abertura no alto, com pequena gola ao redor do pescoço, com a cabeça coberta com um chapéu pontudo de bordas grandes.

"Esse personagem se abaixou para o Sr. Bach e lhe fez este discurso:

"O cravo que possuis me pertenceu. Freqüentemente, serviu-me para distrair meu senhor o rei Henri III. Quando ele era muito jovem, compôs uma ária com palavras que gostava de cantar e que eu lhe toquei muitas vezes. Essa ária e essas palavras as compôs lembrando de uma mulher que encontrou numa partida de caça e da qual se tornou apaixonado. Afastaram-na dele; foi-lhe dito que ela foi envenenada, e o rei com isso teve uma grande dor. Cada vez que estava triste, cantarolava esse romance. Então, para distraí-lo eu tocava no meu cravo uma sarabanda de minha composição de que ele gostava muito. Também eu confundia sempre esses dois trechos e não deixava de tocá-los um depois do outro. Vou fazer-te ouvi-los."

"Então o homem do sonho se aproximou do cravo, fez alguns acordes e cantou a ária com tanta expressão que o Sr. Bach despertou todo em lágrimas. Acendeu uma vela, olhou a hora, e constatou que eram duas horas depois da meia-noite e não tardou a dormir de novo.

"Está aqui o extraordinário começo.

"No dia seguinte pela manhã, em seu despertar, o Sr. Bach não ficou mediocrementemente surpreso de encontrar, sobre sua cama, uma página de música coberta com uma escrita muito fina e notas microscópicas. Foi com dificuldade, e com ajuda de um binóculo, que o Sr. Bach, que é muito míope, chegou a se reconhecer no meio desses rabiscos.

"Logo em seguida, o bisneto de Sébastian sentou-se em seu piano e decifrou o trecho. O romance, as palavras e a sarabanda estavam exatamente conformes com aqueles que o homem do sonho lhe havia feito ouvir durante seu sonho!

"Ora, o Sr. Bach não é sonâmbulo; ora, jamais escreveu um único verso em sua vida e as regras da prosódia lhe são completamente estranhas.

"Eis o refrão e as três canções tais como as copiamos no manuscrito. Conservamos sua ortografia que, diga-se de passagem, não é de nenhum modo familiar ao Sr. Bach.

Eu perdi aquela Por quem tinha tanto amor;
Ela tão bela Tinha por mim cada dia
Carinho novo
E novo desejo.
Oh! sim, sem ela,
Me é preciso morrer!
Um dia, durante uma caçada distante,
Eu a vi pela primeira vez,
E acreditei ver um anjo na planície
Quando tornei-me o mais feliz dos reis!
Eu daria, certamente, todo o meu reino
Para revê-la ainda um único instante;
Junto dela sentado debaixo de um humilde colmo
Para sentir meu coração bater admirando-a.
Triste e enclausurada, oh! minha pobre bela,
Ficou longe de mim durante seus últimos dias.
Ela não sente mais sua pena cruel;
Neste mundo, ai de mim! eu sofro sempre.

"Neste romance lamentoso, assim como na sarabanda alegre que o segue, a ortografia musical não é menos arcaica do que a ortografia literária. As *chaves* são feitas de modo diferente do que se tem o hábito de indicá-las em nossos dias. O baixo é escrito num tom e o canto num outro. O Sr. Bach teve a cortesia de me fazer ouvir esses dois trechos, que são de uma melodia simples, ingênua e penetrante. De resto, nossos leitores não tardarão em poder julgá-las com conhecimento de causa. Elas estão nas mãos dos gravadores e aparecerão no correr da semana na casa do editor Legouix, boulevard Poissonnière, n- 27.

"O jornal da *Estoile* nos informa que o rei Henri III teve uma grande paixão por Marie de Clèves, marquesa de Isles, morta na flor da idade numa abadia, em 15 de outubro de 1574. Não seria "a pobre bela triste e enclausurada", da qual faz menção em suas copias? O mesmo jornal nos informa também que um músico italiano, chamado Baltazarine, veio à França nessa época e que foi um dos favoritos do rei. O cravo pertenceu a Baltazarine? Foi o Espírito de Baltazarine quem escreveu o romance e a sarabanda? - Mistério que não ousamos aprofundar."

ALBÉRIC SECOND.

Em consequência dessas palavras, o *Grand Journal* inseriu a música que lamentamos não poder reproduzir aqui; mas como ela está atualmente à venda, será fácil aos amadores consegui-las. (Ver nas Notícias Bibliográficas.)

O Sr. Albéric Second termina seu relato por estas palavras:

"Mistério que não ousamos aprofundar!" E por que não se ousaria? Eis um fato cuja autenticidade vos está demonstrada, assim como vós mesmos o reconheceis, e porque ele toca à vida misteriosa de além-túmulo, não ousais procurar-lhe a causa! tremeis em olhá-lo de frente! Tende, pois, apesar de vós, medo dos fantasmas, ou temei adquirir a prova de que tudo não termina com a vida do corpo? É verdade que, para um céptico que nada vê e não crê em nada além do presente, essa causa é bastante difícil de se encontrar. No entanto, por isso mesmo, que esse fato é mais estranho, e parece se afastar das leis conhecidas, deve tanto melhor fazer refletir, pelo menos despertar a curiosidade. Dir-se-ia verdadeiramente que certas pessoas têm medo de verem mais claro, porque lhes seria preciso convir de que estão equivocadas. No entanto, vejamos as deduções que todo homem sério pode tirar deste fato, abstração feita de toda idéia espírita.

O Sr. Bach recebeu um instrumento do qual constata a antigüidade, o que lhe causa uma grande satisfação. Preocupado com essa idéia, é natural que ela provoque um sonho; ele vê um homem no costume do tempo, tocando esse instrumento, e cantando uma ária da época; nada, seguramente, aí que não possa, a rigor, ser atribuída à imaginação superexcitada pela emoção da véspera, sobretudo num músico. Mas aqui o fenômeno se complica; a ária e as palavras não podem ser uma reminiscência, uma vez que o Sr. Bach não as conhecia. Quem, pois, pôde revelar-lhas, se o homem que lhe apareceu não é senão um ser fantástico sem rivalidade? Que a imaginação superexcitada faça reviver na memória as coisas esquecidas, isto se concebe; mas teria ela, pois, o poder de nos dar idéias novas; de nos ensinar coisas que não sabemos, que jamais soubemos, das quais jamais nos ocupamos? Estaria aí um fato de uma alta gravidade, e que muito valeria a pena ser examinado, porque isso seria a prova de que o Espírito age, percebe e concebe independentemente da matéria. Passemos ainda sobre isso, querendo-se; essas considerações são de uma ordem tão a levada e tão abstrata, que não é dado a todo mundo escrutá-las, nem mesmo de deter seu pensamento.

Venhamos ao fato mais material e mais positivo, o dessa mesma música escrita com as palavras. Está aí um produto da imaginação? A coisa aí está, palpável, sob os olhos. É aqui que um exame escrupuloso das circunstâncias é indispensável. Para não nos lançarmos no campo das hipóteses, dizemos, antes de irmos mais longe, que o Sr. Bach, que não tínhamos a honra de conhecer, consentiu no trabalho de vir nos ver e nos submeter o original da peça em questão. Pudemos, pois, recolher, de sua boca, todas as informações necessárias para esclarecer a nossa opinião, ao mesmo tempo que retificou sobre alguns pontos o relatório do jornal.

Tudo se passou no sonho como está indicado; mas não foi nessa mesma noite que o papel foi trazido. No dia seguinte, o Sr. Bach procuraria se lembrar da ária que tinha ouvido; pôs-se em seu cravo e chegando a notar a música, embora imperfeitamente. Em torno de três semanas depois, o mesmo indivíduo apareceu uma segunda vez; esta vez ele canta a música e as palavras, e lhe diz que iria lhe dar um meio para fixá-las na memória. Foi então que em seu despertar encontrou o papel sobre sua cama. Tendo se levantado, decifrou essa ária em seu instrumento e reconheceu que era bem aquela que havia ouvido, assim como as palavras, das quais não lhe tinha ficado senão uma lembrança confusa.

Ele reconheceu também o papel por lhe pertencer; era uma folha dupla de papel para música comum, sobre uma das folhas na qual havia escrito várias coisas com a sua

mão. Esse papel estava, com muitos outros, numa escrivania cilíndrica fechada, e colocada em uma outra peça. Seria preciso, pois, que alguém tivesse saído dali para levá-la sobre sua cama enquanto dormia. Ora, ninguém, em sua casa, de seu conhecimento, poderia tê-lo feito. Quem, pois, poderia ser? Aí está um mistério terrível que o Sr. Albéric Second não ousa aprofundar.

Foi sobre a folha branca que encontrou a ária notada *segundo o método e os sinais do tempo*. As palavras estão escritas com uma extrema precisão, cada sílaba exatamente colocada sob a nota correspondente. O todo está traçado com mina de chumbo. A escrita é muito fina, mas muito nítida e muito legível; a forma das letras é característica: aquela que se vê nos manuscritos da época.

O Sr. Bach não era nem cético, nem materialista, e ainda menos ateu; mas, como muitas pessoas, estava na numerosa classe dos indiferentes, preocupando-se muito pouco com as questões filosóficas. Ele não conhecia o Espiritismo senão de nome. Portanto, o que ele vinha de ser testemunha, despertou a sua atenção; longe de não ousar aprofundar esse mistério, ele disse para si: aprofundemos. Leu as obras espíritas, e começou a se dar conta, e foi com o objetivo de ter mais amplas informações que nos honrou com a sua visita. Hoje o fato nada tem mais de misterioso para ele, e lhe parece muito natural; está muito feliz com a fé e os conhecimentos novos que essa circunstância colocou-o em condições de adquirir; eis o que ele ganhou com isso.

Ele sabia competentemente que nem a música, nem as palavras, poderiam vir dele; não duvidava que lhe tivessem sido ditadas pelo personagem que lhe apareceu; mas se perguntava quem teria podido escrevê-las, e se não poderia ter sido ele mesmo no estado sonambúlico, embora jamais tivesse sido sonâmbulo. A coisa era possível, mas, admitindo-a, isso não provaria senão melhor a independência da alma, assim como todos os fatos desse gênero, tão curiosos e tão numerosos, e dos quais, no entanto, a ciência jamais se preocupou. Uma particularidade parece destruir essa opinião, é que a escrita não tem nenhuma relação com a do Sr. Bach; seria preciso que, num estado sonambúlico, ele tivesse mudado sua escrita habitual para tomar a do décimo-sexto século, o que não é presumível. Seria uma travessura de alguém de sua casa? Mas é constante para ele, que em supondo-lhe a intenção, ninguém tinha os conhecimentos necessários para executá-la; ora, se ele, que tivera o sonho, não tinha senão uma lembrança insuficiente para transcrever as palavras e a música, como uma pessoa estranha disso teria melhor lembrança? o cuidado com o qual a coisa foi escrita, teria, aliás, exigido muito tempo e requerido uma habilidade prática.

Um outro ponto importante a esclarecer era o fato histórico dessa primeira paixão do rei, do qual nenhuma história faz menção, e que lhe teria inspirado esse canto melancólico. O filho do Sr. Bach, tendo se dirigido a um de seus amigos ligado à biblioteca imperial, para o efeito de saber se existiria algum documento sobre esse assunto, lhe foi respondido que, se ele existisse, isso não poderia ser senão no jornal do *Estoile*, que se publicava nessa época. As pesquisas feitas imediatamente conduziram à descoberta da passagem narrada acima. A mãe de Henri III, temendo o domínio que essa mulher, de um espírito superior, poderia exercer sob seu filho, fê-la enclausurar, depois perecer. O rei não poderia se consolar dessa perda da qual conservou toda a sua vida um profundo desgosto. Não é singular que esse canto relate precisamente um fato ignorado de todo mundo, e do Sr. Bach conseqüentemente, e que mais tarde, se ache confirmado por um documento da época escondido numa biblioteca?

Essa circunstância tem uma importância capital naquilo que ela prova, de maneira irrecusável, que essas palavras não podem ser da composição do Sr. Bach, nem de nenhuma pessoa da casa; toda suposição de fraude cai diante desse fato material.

Só o Espiritismo poderia dar a chave desse fato pelo conhecimento da lei que rege as relações do mundo corpóreo com o mundo espiritual. Não há aí nada de maravilhoso nem de sobrenatural. Todo o mistério está na existência do mundo invisível composto das

almas que viveram sobre a Terra, e que não interrompem suas relações com os sobreviventes. Mostrai a alguém, ignorante da eletricidade, que se pode corresponder a duzentas léguas em alguns minutos, e isso lhe parecerá miraculoso; explicai-lhe a lei da eletricidade, ele achará a coisa muito natural. Assim o é com todos os fenômenos espíritas.

Numa sessão da Sociedade de Paris, à qual assistia o Sr. Bach, o Espírito que lhe tinha aparecido, deu as explicações seguintes sobre o fato que acabamos de narrar.

(Sociedade Espírita de Paris, 9 de junho de 1865. - Médium, Sr. Morin.)

Pergunta (ao guia espiritual do médium). Podemos chamar o Espírito que se manifestou ao Sr. Bach? - *Resposta*. Meu filho, a grave questão à qual dá lugar essa manifestação espontânea é muito natural; ela deve a partir desta noite ser resolvida, a fim de não deixar nenhuma dúvida sobre a maneira pela qual a música foi feita. O Espírito aí está, e responderá muito claramente às perguntas que lhe serão dirigidas.

D. (ao Espírito que se manifestou ao Sr. Bach). Uma vez que consentistes em vir entre nós antecipando-se ao nosso chamado, vos seremos reconhecidos em nos dar a explicação do fenômeno que se produziu pela vossa intervenção. Desejaríamos também saber por que o Sr. Bach foi escolhido de preferência para essa manifestação, e que participação ele teve na produção do fenômeno?

R. Eu lhes agradeço pela benevolência com a qual me acolheis entre vós. Compreendo a importância que dais a esse fato, que não deve, no entanto, vos espantar, uma vez que esse gênero de manifestações é quase geral hoje e conhecido de todo o mundo.

Respondo de início à vossa primeira pergunta. O Sr. Bach foi escolhido por duas razões: a primeira é a simpatia que me une a ele; a segunda é toda no interesse da Doutrina Espírita. Colocado como está no mundo, sua idade, sua longa carreira tão honrosamente cumprida, suas relações com a imprensa e o mundo sábio, fizeram dele o melhor instrumento para dar publicidade a esses fatos, que, até hoje, não eram impressos senão petos jornais espíritas. Disseram-vos freqüentemente, chegou o dia em que o Espiritismo, tomando direito de asilo por toda a parte onde há raciocínio, lógica e bom senso, será aceito nos próprios jornais que o denegriram.

Sobre a segunda pergunta: sim, tendes razão de procurar saber, afim de não dar lugar aos equívocos. O transporte, por que esse é um deles, foi feito, e participa do Espírito, que sou eu, e do Sr. Bach, no sonho puro e em relação unicamente com os Espíritos.

Nota. Esta última frase encontra sua explicação no artigo adiante, sobre os sonhos.

Levei ao Sr. Bach o papel de música, que tomei num aposento vizinho de seu quarto de dormir, e então a música foi escrita pelo próprio Espírito do Sr. Bach, que se serviu de seu corpo como meio de transmissão. Eu escrevi as palavras, que conhecia; a obra assim feita pode se considerar como completamente espiritual, tendo em vista que o Sr. Bach, em seu sonho, estava quase completamente desmaterializado.

D. Toda pessoa dotada da mediunidade teria podido servir nessa circunstância?

R. Certamente que não; porque se o Sr. Bach não tivesse reunido todas as qualidades requeridas, é provável que nem ele nem eu não teríamos sido escolhidos para essa propagação.

D. Como o Sr. Bach se serviu de seu corpo para escrever a música? Tê-lo-ia, pois, feito em estado de sonambulismo?

R. Eu disse que se serviu de seu corpo como meio de transmissão porque seu Espírito está ainda encarnado e não pode agir como o Espírito desencarnado. O Espírito encarnado não pode se servir senão de seus membros e não de seu perispírito, uma vez que é esse mesmo perispírito que tem o Espírito ligado ao corpo.

D. Aceitareis nos dizer quem compôs as palavras?

R Se tivesse sido eu, terei uma considerável dose de orgulho para disso guardar a honra; mas não, não me expliquei claramente em dizendo: "As palavras que eu conhecia." Essas palavras, assim como a música, são muito realmente, como vos disse, da composição e da inspiração próprias de meu senhor então, que era o rei Henri.

D. Há indiscrição em vos pedir para nos esclarecer sobre vossa personalidade, e nos dizer o que éreis sob Henri III?

Jamais há indiscrição desde o instante em que o ensino geral está em jogo. Eu vos responderei, pois, que tendo partido de minha cidade, que era Florença, vim para a França e fui introduzido na corte por uma princesa que, tendo me ouvido cantar, quis dar prazer ao filho, porque o é ainda, fazendo-o ouvir o pobre trovador. O prazer foi tão vivo que se resolveu colocar-me à sua disposição, e eu fiquei durante muito tempo junto dele a título de músico, mas na realidade como amigo; porque ele me amava muito e eu lhe fiz bem. Tendo morrido antes dele, adquiri então a certeza de seu apego a mim, pelo desgosto que teve com a minha perda. Meu nome foi pronunciado aqui: eu era Baltazarini.

A senhora Delanne que assistia a esta sessão, recebia, pela audição, respostas idênticas àquelas que eram dadas ao Sr. Morin. No dia seguinte, em sua casa, ela escreveu a comunicação seguinte, que confirma e completa a de Baltazarini.

"Quando a hora é chegada, Deus se serve de todos os meios para fazer penetrar a ciência divina em todas as classes da sociedade. Qualquer que seja a opinião que se professe a respeito das idéias novas, cada um deve servir à causa, mesmo com o seu desconhecimento, no meio em que está colocado. O Espírito do Sr. Bach tendo vivido sob Henri III, e tendo ligado sua pessoa ao rei, como amigo íntimo, gostava apaixonadamente de ouvir esses versos e sobretudo a música. Ele preferia o cravo aos outros instrumentos; foi porque o Espírito que lhe apareceu, e que é muito bem o de Baltazarini, se serviu desse instrumento, a fim de reportar ao Espírito de Bach a época em que viveu, e lhe mostrar, assim como à ciência, que a doutrina da reencarnação é confirmada, cada dia, por novas provas. Só o fato da música teria sido insuficiente para forçar o Sr. Bach a procurar a luz imediatamente. Era-lhe preciso um fenômeno do qual não pudesse se dar conta por si mesmo, uma participação inteiramente inconsciente. Ele devia preconizar a doutrina contando o fato presente, procurando se esclarecer sobre a matéria que lhe era produzida, pedindo a todas as inteligências procurarem com ele e de boa-fé a verdade. Por sua idade respeitável, sua posição honrosa, sua reputação no mundo e na imprensa literária, é um dos primeiros degraus plantados no mundo rebelde, porque não se pode suspeitar de sua boa-fé, nem tratá-lo de louco, nem mais que não se pode negar a autenticidade da comunicação.

De resto, estejais convencidos de que tudo isso tinha a sua razão de ser. Vedes que a imprensa se absteve de comentários, e, no entanto, o artigo foi produzido por um não crente, um zombador da ciência que, sozinho, pôde dar uma explicação racional do fato mencionado. Deus tem seus objetivos; ele lança a semente divina no coração quando o julga conveniente. Esse fato terá mais ressonância do que supondes; trabalhai sempre em silêncio, e esperai com confiança.

Freqüentemente, vos dissemos para que não vos inquieteis; Deus saberá suscitar, em tempo e lugar, os homens e os fatos que virão levantar os obstáculos e vos dar a confirmação de que as bases da Doutrina receberam sua sanção pelo Espírito de Verdade. O Espiritismo cresce e engrandece; os ramos da árvore bendita e gigantesca já se estendem por todas as partes do globo. Cada dia o Espiritismo ganha numerosos adeptos em todas as classes, e novas falanges vêm engrossar as classes dos desencarnados. Quanto mais vossos trabalhos se tornarem difíceis, mais a assistência dos bons Espíritos será grande.

GONTRAN, VENCEDOR NAS CORRIDAS DE CHANTILLY.

O fato seguinte, como o do romance de Henri III que acabamos de reportar, foi igualmente tirado do *Grana Journal* de 4 de junho de 1865, no qual não forma, com o precedente, senão um único e mesmo artigo assinado por *Albérique Second*.

"Aqueles que nos dão a honra de nos ler, sabem, para disso não duvidarem, que professamos um ceticismo radical com relação ao Espiritismo, aos Espíritos e aos Médiuns. - Mostrai-nos os fatos, dizemos àqueles que se esforçam em nos converter às suas teorias e às suas doutrinas. E à espera de que nos dêem alguma prova concludente, persistimos na negação e na zombaria.

"Antes de tudo, aquele que assina essas crônicas é um escritor de boa-fé; também se crê obrigado a não colocar a luz sob o alqueire. Que se tire de seu relato as conseqüências que quiser, isto não é seu negócio. Semelhante ao presidente de uma corte criminal, vai se limitar a reproduzir os fatos num resumo rápido, imparcial, deixando aos seus leitores o cuidado de pronunciarem um veredicto à sua vontade."

Após este preâmbulo, que é o de um homem leal, como seria a desejar que fossem todos os nossos antagonistas, o autor conta, numa forma espirituosa, que lhe é familiar, que um de seus amigos, encontrando-se na casa de um médium, pediu se um Espírito poderia designar qual seria o vencedor das próximas corridas de Chantilly; o médium que é, diz, uma maneira de camponês recentemente descido das montanhas do Jura, o que quer dizer pouco letrado e pouco ao fato dos hábitos do esporte, tendo evocado o Espírito de um de nossos mais célebres esportistas, obtém por pancadas a designação das letras formando o nome de *Gontran*.

"Existe, pois, pergunta o Sr. Albéric Second, um cavalo desse nome entre os concorrentes inscritos? - Para dizer a verdade, não sei nada disso, respondeu-lhe seu amigo, mas se houver um, podeis contar que será só nele que eu apostarei.

"Ora, domingo último, foi 28 de maio; o *Derby* de Chantilly foi corrido nesse dia e o vencedor foi *Gontran*, da escuderia do major Fridolin (pseudônimo hípico dos Srs. Charles Laffitte e Nivière).

"Os fatos que acabo de contar são conhecidos de um grande número de pessoas no mundo da Bolsa. O Sr. Emile T. foi amplamente recompensado pelo resultado de sua confiança absoluta nas predições do camponês do Jura, e aqueles de seus amigos que partilham sua fé realizaram igualmente belos benefícios. - E dizer que vosso servidor negligenciou uma tão rara ocasião de ganhar com segurança e sem se dar mal 1.000 ou 1.500 luíses que teriam sido bem-vindos! É isso bastante besta?"

Os fatos dessa natureza não são aqueles que servem melhor à causa do Espiritismo, primeiro, porque são muito raros, e, em segundo lugar, porque isso falsearia o espírito, fazendo crer que a mediunidade é um meio de adivinhação. Se uma tal idéia fosse acreditada, ver-se -ia uma multidão de indivíduos consultar os Espíritos como se consultam as cartas, e os médiuns seriam transformados em ledores de boa sorte; seria então que se teria razão de invocar contra eles a lei de Moisés que fere com anátema "os adivinhos, os encantadores, e aqueles que têm o espírito de Python." É para evitar esse grave inconveniente, que seria muito prejudicial à Doutrina, que sempre nos levantamos contra a mediunidade exploradora.

Não repetiremos o que foi dito cem vezes, e largamente desenvolvido, sobre a perturbação que causaria o conhecimento do futuro, oculto ao homem pela sabedoria

divina; o Espiritismo não está destinado a fazê-lo conhecer; os Espíritos vêm para nos tornar melhores, e não para nos revelá-lo, ou para nos indicar os meios de ganhar dinheiro *infallivelmente* e sem se dar muito mal, como disse o herói da aventura, ou se ocuparem de nossos interesses materiais, colocados, pela Providência, sob a salvaguarda de nossa inteligência, de nossa prudência, de nosso julgamento e de nossa atividade. Também todos aqueles que, de *desígnio premeditado*, acreditam encontrar no Espiritismo, um novo elemento de especulação, *a um título qualquer*, estão enganados; as mistificações ridículas, e às vezes a ruína em lugar da fortuna, têm sido o fruto de seu menosprezo. Eis o que todos os Espíritas sérios devem se esforçar em propagar, se querem servir utilmente à causa. Dissemos sempre àqueles que sonharam com fortunas colossais pelo concurso dos Espíritos, sob o especioso pretexto de que a sensação que um tal acontecimento produziria, tornaria todo mundo crente, que, se triunfassem, levariam um golpe funesto à Doutrina, excitando a cupidez em lugar do amor ao bem. É por isto que as tentativas desse gênero, encorajadas por Espíritos mistificadores, têm sempre sido seguidas de decepções.

Há alguns anos, alguém nos escreveu de Hombourg, tendo tudo perdido no jogo e se achando sem recurso para partir, teve a idéia de se dirigir a um Espírito, que lhe indicou um número, sobre o qual colocou seu último florim, e ganhou com o que saiu do embaraço. A pessoa nos convidou a publicar esse fato na *Revista*, como prova da intervenção dos Espíritos. Supondo a ação de um Espírito nessa circunstância, ela não via a severa lição que lhe fora dada pelo próprio fato que se lhe forneceu os meios de se ir dali, e que a tirou de um mau passo. Era em verdade nos conhecer bem pouco, ou nos supor muito estouvado, de nos crer capaz de preconizar um semelhante fato como um meio de propaganda, porque esta teria sido feita, em proveito das casas de jogo. Teria sido verdadeiramente curioso nos ver fazer a apologia dos Espíritos que favorecem os jogadores e particularmente o roubo, porque ganhar *instantaneamente*, quer seja com as cartas marcadas, ou por uma *indicação* certa qualquer, o que é uma verdadeira fraude.

Um indivíduo que não era Espírita, nos apressamos em dizê-lo, mas que não negava absolutamente a intervenção dos Espíritos, veio um dia nos fazer a singular proposição seguinte:

"As casas de jogo, disse ele, são profundamente imorais; o meio de suprimi-las é provar que se pode lutar contra elas imediatamente. Encontrei uma nova combinação, um meio infalível de fazê-las ir pelos ares. Quando se virem arruinadas e na impossibilidade de resistir, estarão muito forçadas em fechar, e o mundo ficará livre dessa praga, que é o roubo organizado. Mas para isso me é preciso um certo capital que estou longe, ai de mim! de possuir. É que, por meio dos Espíritos não poderíeis me indicar a quem eu poderia me dirigir seguramente? Julgai que efeito isso produziria quando se soubesse que foi pelos Espíritos que um tal grande resultado terá sido obtido! Quem poderá se impedir de crer nisso? Os mais incrédulos, os mais obstinados deverão se render à evidência. Meu objetivo, como o vedes, é muito moral, e eu não ficaria triste, se for possível, de ter o conselho dos Espíritos sobre a minha combinação."

- Sem consultar os Espíritos, posso facilmente vos dizer sua opinião. Eis o que vos respondo: "achais que o ganho das bancas de jogo é ilícito e que é o roubo organizado. Para remediar o mal, quereis, por um meio infalível, vos apoderar desse dinheiro mal adquirido; em outros termos, quereis roubar o ladrão, o que não é mais moral. Temos um outro meio de chegar ao resultado que vos propondes: em lugar de fazer os jogadores ganharem, é de arruiná-los o mais possível, a fim de desgostá-los. Os desastres causados por esta paixão fizeram fechar mais casas de jogo do que poderiam fazê-lo jogadores mais felizes. É o excesso do mal que faz abrir os olhos e conduz às reformas salutares, nisto como em todas as coisas. Para aquilo que é de propagar a crença no Espiritismo, temos igualmente os meios mais eficazes e sobretudo mais morais: é o bem que ele faz, as consolações que proporciona e a coragem que dá nas aflições. Diremos,

pois, a todos aqueles que têm no coração o progresso da Doutrina: quereis servir utilmente à causa, fazer uma propaganda verdadeiramente frutífera, mostrai que o Espiritismo vos tornou melhores; fazei que, em vos vendo transformados, cada um possa dizer a si mesmo: Eis os milagres dessa crença; é, pois, uma boa coisa. Mas se, ao lado de uma profissão de fé de crentes, vos vissem vê muito viciosos, ambiciosos, odiosos, cúpidos, ciumentos ou debochados, daríeis razão àqueles que perguntam para que serve o Espiritismo. A verdadeira propaganda de uma doutrina essencialmente moral se faz tocando o coração e não visando a bolsa; é porque nós favorecemos a uns e frustramos os cálculos dos outros."

Retornemos a Gontran. Os fatos de previsão desse gênero, embora não sendo sem exemplo, são no entanto muito raros e podem ser olhados como excepcionais; aliás, são *sempre* fortuitos, e *jamaís* o resultado de um cálculo premeditado. Quando eles ocorrem, é preciso aceitá-los como fatos isolados, mas muito louco e muito imprudente seria aquele que se considerasse seguro de sua realização.

Não é preciso confundir essas espécies de revelações com as previsões que os Espíritos, às vezes, dão dos grandes acontecimentos futuros, sobre o cumprimento dos quais eles podem nos pressentir num interesse geral. Isto tem sua utilidade para nos manter despertos e nos convidar a caminhar no bom caminho; mas as predições com hora fixa, ou que têm um grande caráter de precisão, devem sempre ser tidas por suspeitas.

No caso do qual se trata, esse pequeno fato tinha a sua utilidade; era um meio, o único talvez, de chamar a atenção de certas pessoas sobre a idéia dos Espíritos e sua intervenção no mundo, bem mais do que por um fato sério; eram-lhe precisos todos os caracteres. Dentre eles, alguns disseram simplesmente: "É singular!" Mas outros terão querido aprofundar a coisa, e a terão encarado sob o lado sério e verdadeiramente útil. Não fosse senão um entre dez, isso seria tanto ganho à causa e tanto elemento novo de propagação. Quando aos outros, a idéia semeada em seu espírito germinará mais tarde.

Reportando esse fato, uma vez que recebeu uma grande publicidade, quisemos dele fazer ressaltar as conseqüências; mas não o tínhamos feito sem comentários e a título de simples anedota. O Espiritismo é uma mina inesgotável de assuntos de observação e estudo por suas inumeráveis aplicações.

O autor do artigo disse, em seu preâmbulo: "Mostrai-nos os fatos." Sem dúvida ele imagina que os Espíritos obedecem ao comando, e que os fenômenos se obtêm à vontade, como as experiências num laboratório ou como os torneios de escamoteação; ora, isto não é assim. Aquele que quer os fenômenos não deve pedir que lhe sejam trazidos, mas deve procurá-los, observá-los ele mesmo, e aceitar aqueles que se apresentam. Esses fenômenos são de duas naturezas: aqueles que são o produto dos médiuns propriamente ditos, e que se pode até um certo ponto provocar, e os fenômenos espontâneos. Estes últimos têm, para os incrédulos, a vantagem de não serem suspeitos de preparação; são numerosos e se apresentam sob uma variedade infinita de aspectos, tais como: aparições, visões, pressentimentos, dupla vista, ruídos insólitos, barulhos, perturbações, obsessões, etc. O fato do Sr. Bach pertence a essa categoria, e o de Gontran à primeira. Para quem quer seriamente se convencer, os fatos não faltam, e aquele que os pede talvez testemunhou-os mais de uma vez com seu desconhecimento; Mas o erro, para a maioria, é de querer os fatos à sua maneira, a propósito, e de não se contentar com aqueles que a Providência coloca sob seus olhos. A incerteza da obtenção desses fenômenos, e a impossibilidade de provocá-los à vontade, são provas de sua realidade, porque se fossem o produto do charlatanismo ou de meios fraudulentos, não faltariam jamais. O que falta a certas pessoas, não são os fatos, mas a paciência e a vontade de procurá-los e de estudar aqueles que se apresentam.

TEORIA DOS SONHOS.

É verdadeiramente estranho que um fenômeno tão vulgar quanto o dos sonhos haja sido objeto de tanta indiferença da ciência, e que dele se esteja ainda a perguntar a causa dessas visões. Dizer que são os produtos da imaginação, não é resolver a questão; é uma dessas palavras com a ajuda das quais se quer explicar o que não se compreende, e que nada explicam. Em todos os casos, a imaginação é um produto da inteligência; ora, como não se pode admitir nem a inteligência nem a imaginação na matéria bruta, é preciso muito crer que a alma aí está por alguma coisa. Se os sonhos são ainda um mistério para a ciência, é que ela se obstina em fechar os olhos sobre a causa espiritual.

Procura-se a alma nos recônditos do cérebro, ao passo que ela se ergue a cada instante diante de nós, livre e independente, numa multidão de fenômenos inexplicáveis tão-só pelas leis da matéria, notadamente nos sonhos, no sonambulismo natural e artificial e na dupla vista à distância; não nos fenômenos raros, excepcionais, sutis, que exigem pacientes pesquisas do sábio e do filósofo, mas nos mais vulgares; ela ali está que parece dizer: Olhai e me vereis; estou sob vossos olhos e não me vedes; viste-me muitas e muitas vezes; vede-me todos os dias; as próprias crianças me vêem; o sábio e o ignorante, o homem de gênio e o idiota me vêem, e vós não me reconheceis.

Mas há pessoas que parecem ter medo de olhá-la em face, e de adquirir a prova de sua existência. Quanto àqueles que a procuram de boa-fé, lhes faltou até este dia unicamente a chave que poderia fazê-la reconhecer; essa chave o Espiritismo acaba de dá-la pela lei que rege as relações do mundo corpóreo e do mundo espiritual; com a ajuda desta lei e das observações sobre as quais ela se apoia, e lhe dá dos sonhos a explicação mais lógica que até agora foi fornecida; demonstra que o sonho, o sonambulismo, o êxtase, a dupla vista, o pressentimento, a intuição do futuro, a penetração do pensamento, não são senão variantes e graus de um mesmo princípio: a emancipação da alma mais ou menos desligada da matéria.

A respeito dos sonhos, dá uma conta precisa de todas as variedades que apresentam? Não, não ainda; possuímos o princípio, é já muito; aqueles que podemos nos explicar, nos colocarão sobre o caminho dos outros; sem dúvida, nos faltam ainda conhecimentos que adquiriremos mais tarde. Não há uma única ciência que, no primeiro salto, tenha desenvolvido todas as suas conseqüências e as suas aplicações; elas não podem se completar senão pelas observações sucessivas. Ora, o Espiritismo, nascido ontem, é como a química entre as mãos dos Lavoisier e dos Berthollet, seus primeiros criadores; estes descobriram as leis fundamentais; postas as primeiras balizas elas colocaram sobre o caminho de novas descobertas.

Entre os sonhos, há os que têm um caráter de tal modo positivo, que não se poderia atribuí-los, racionalmente, ao jogo da imaginação; tais são aqueles em que se adquire, ao despertar, a prova da realidade daquilo que serviu e no que não se sonhou de nenhum modo. Os mais difíceis de explicar são aqueles que nos apresentam imagens incoerentes, fantásticas, sem realidade aparente. Um estudo mais aprofundado do singular fenômeno das criações fluídicas nos colocará, sem dúvida, sobre o caminho.

À espera disso, eis uma teoria que parece dever dar um passo à questão. Não a damos como absoluta, mas como fundada na lógica, e podendo ser um objeto de estudo. Ela nos deu, por um de nossos melhores médiuns em estado de sonambulismo muito lúcido, a ocasião do fato seguinte.

Rogado pela mãe de uma pessoa jovem para dar-lhe notícias de sua filha, que estava em Lyon, viu-a deitada e dormindo, e descreveu com exatidão o apartamento onde ela se encontrava. Essa jovem, com a idade de dezessete anos, é médium escrevente; sua mãe pediu se ela tivesse aptidão para tornar-se médium vidente. Esperai, disse o sonâmbulo, é preciso que eu siga as marcas de seu Espírito, que não está em seu corpo neste momento. Ela está aqui, cidade Ségur, na sala onde estamos, atraída pelo vosso

pensamento; ela vos vê e vos escuta. É para ela um sonho, mas do qual não se lembrará ao despertar.

Pode-se, acrescentou ele, dividir os sonhos em três categorias caracterizadas pelo grau de lembrança que se prende ao estado de desligamento no qual se encontra o Espírito. Elas são:

1^o Os sonhos que são provocados pela ação da matéria e dos sentidos sobre o Espírito, quer dizer, aqueles em que o organismo desempenha um papel preponderante pela união mais íntima do corpo e do Espírito. Deles se lembra claramente, e por pouco que a memória seja desenvolvida, deles se conserva uma impressão durável.

2^o Os sonhos que se podem chamar *mistos*. Eles participam, ao mesmo tempo, da matéria e do Espírito; o desligamento é mais completo. Deles se lembra ao despertar, para esquecê-los quase instantaneamente, a menos que alguma particularidade venha despertar-lhe a lembrança.

3^o Os sonhos *etéreos* ou puramente *espirituais*. São o produto só do Espírito, que está desligado da matéria, tanto quanto pode sê-lo durante a vida do corpo. Deles não se lembra; ou se resta uma vaga lembrança que se sonhou, nenhuma circunstância poderia remeter à memória os incidentes do sono.

O sonho atual dessa jovem pertence à terceira categoria; dele não se lembrará. Ela foi conduzida aqui por um Espírito muito conhecido do mundo espírita lionês, e mesmo do mundo espírita europeu (o sonâmbulo-médium pintou o Espírito Cárita). Trouxe-a com objetivo de que ela dele reporte, se não uma lembrança precisa, mas um pressentimento do bem que se pode retirar de uma crença firme, pura e santa, e daquele que se pode fazer aos outros em fazendo-o a si mesmo.

Ela disse, por sua mãe, que não se lembrava muito bem em seu estado normal, que ela se lembra agora de suas precedentes encarnações, não ficará muito tempo no estado estacionário em que está; porque vê claramente, e pode avançar sem hesitação, ao passo que no estado comum temos uma venda sobre os olhos. Ela disse aos assistentes: "Obrigado por vos terdes ocupado de mim." Depois abraçou sua mãe. Como ela é feliz! acrescentou o médium terminando, como é feliz deste sonho, do qual não se lembrará, mas que não deixará menos nela uma impressão salutar! São esses sonhos inconscientes que proporcionam essas sensações indefiníveis e de felicidade das quais não se dá conta, e que são um gosto antecipado daquele do qual gozam os Espíritos felizes.

Disso ressalta que o Espírito encarnado pode sofrer transformações que modificam suas aptidões. Um fato que não foi talvez suficientemente observado vem em apoio da teoria acima. Sabe-se que o esquecimento ao despertar é um dos caracteres do sonambulismo; ora, do primeiro grau de lucidez, algumas vezes o Espírito passa a um grau mais elevado, *que é diferente do êxtase*, e no qual adquire novas idéias e percepções mais sutis. Saindo desse segundo grau para entrar no primeiro, não se lembra nem do que disse nem do que viu; depois, passando desse grau ao estado de vigília, tem novo esquecimento. Uma coisa a se observar é que, freqüentemente, há lembrança do grau superior ao grau inferior, ao passo que há esquecimento do grau inferior ao grau superior.

É, pois, muito evidente que entre os dois estados sonambúlicos de que acabamos de falar, passa-se alguma coisa análoga a que tem lugar entre o estado de vigília e o primeiro grau de lucidez; que o que se passa influi sobre as faculdades e as aptidões do Espírito. Dir-se-ia que no estado de vigília, no primeiro grau, o Espírito está despojado de um véu; que desse primeiro grau ao segundo, ele está despojado de um segundo véu. Nos graus superiores, esses véus não existindo mais, o Espírito vê o que está abaixo e disso se lembra; descendo na escala, os véus se refazem sucessivamente e lhe escondem o que está acima, o que faz que disso perca a lembrança. A vontade do magnetizador pode, às vezes, dissipar esse véu *fluídico* e dá a lembrança.

Há, como se vê, uma grande analogia entre esses dois estados sonambúlicos, e as diferentes categorias de sonhos descritas acima. Parece-nos mais que provável que, num e noutro caso, o Espírito se encontra numa situação idêntica. A cada degrau que ele escala, se eleva acima de uma camada de nevoeiro; sua visão e suas percepções são mais nítidas.

PERGUNTAS E PROBLEMAS.

Cura moral dos encarnados.

Vêm-se, freqüentemente, Espíritos de má natureza cederem, muito prontamente, sob a influência da moralização e se melhorarem. Pode-se agir do mesmo modo sobre os encarnados, mas com muito mais dificuldade. De onde vem que a educação moral dos Espíritos desencarnados é mais fácil do que a dos encarnados?

Esta pergunta foi motivada pelo fato seguinte. Um jovem cego há doze anos tinha sido recolhido por um Espírita devotado, que havia empreendido curá-lo pelo magnetismo, tendo os Espíritos dito que a coisa era possível. Mas esse jovem, em lugar de se mostrar reconhecido pelas bondades das quais era objeto, e sem as quais teria se encontrado sem asilo e sem pão, não teve senão a ingratidão e maus procedimentos, e deu prova do pior mau caráter.

O Espírito de São Luís, consultado a seu respeito, respondeu:

"Esse jovem, como muitos outros, é punido por onde pecou, e traz a pena de sua má conduta. Sua enfermidade não é incurável, e uma magnetização espiritual praticada com zelo, devotamento e perseverança, dela triunfaria certamente, com ajuda de um tratamento médico destinado a corrigir seu sangue viciado. Já haveria uma melhora sensível em sua visão, que não está ainda inteiramente extinta, se os maus fluidos, dos quais está cercado e saturado, não opusessem um obstáculo à penetração dos bons fluidos que são, de alguma forma, repelidos. No estado em que se encontra, a ação magnética será impotente enquanto não estiver, por sua vontade e sua melhoria, desembaraçado desses fluidos perniciosos.

"É, pois, uma cura moral que é preciso obter, antes de perseguir a cura física. Só um retorno sério sobre si mesmo pode tornar eficazes os cuidados de seu magnetizador, que os Espíritos se apressarão em secundar; no caso contrário, ele deve esperar perder o pouco de luz que lhe resta, e a novas e bem mais terríveis provas que lhe será preciso suportar.

"Agi, pois, para com ele como o fazeis com respeito aos maus Espíritos desencarnados que quereis conduzir ao bem. Ele não está sob o golpe de uma obsessão, é sua natureza que é má e que, além disto, se perverteu no meio em que viveu; os maus Espíritos que o assediam não são atraídos senão pela sua semelhança com o seu próprio; à medida que se melhorar, eles se afastarão. Só então a ação magnética terá toda a sua força. Dai-lhe conselhos; explicai-lhe sua posição; que várias pessoas sinceras se unam em pensamento para orarem a fim de atraírem sobre ele influências salutares. Se disso se aproveitar, não tardará a experimentar os bons efeitos, porque nisso será recompensado por uma melhora sensível em sua posição."

Esta instrução nos revela um fato importante, o do obstáculo que o estado moral opõe, em certos casos, à cura dos males físicos.

A explicação acima é de uma incontestável lógica, mas não poderia ser compreendida pelos que não vêem, por toda parte, senão a ação exclusiva da matéria. No caso de que se trata, a cura moral do paciente encontrou sérias dificuldades; foi o que motivou a pergunta acima, proposta pela Sociedade Espírita de Paris.

Seis respostas foram obtidas, todas concordando perfeitamente entre si. Delas não citaremos senão duas, para evitarmos repetições inúteis. Escolhemos aquelas onde a questão está tratada com mais desenvolvimento.

I

Como o Espírito desencarnado vê manifestamente o que se passa e os exemplos terríveis da vida, ele compreende tanto mais depressa o que o exortam a crer ou a fazer; é por isso que não é raro ver-se Espíritos desencarnados dissertarem sabiamente sobre questões que, quando vivos, estavam longe de emocioná-los.

A adversidade amadurece o pensamento. Esta palavra é verdadeira sobretudo para os Espíritos desencarnados, que vêem de perto as conseqüências de sua vida passada.

A negligência e o preconceito, ao contrário, triunfam no Espírito encarnado; as seduções da vida, e mesmo as suas decepções, lhe dão uma misantropia ou uma indiferença completa pelos homens e as coisas divinas. A carne lhes faz esquecer o Espírito; uns, essencialmente honestos, fazem o bem evitando o mal, por amor ao bem, mas a vida de sua alma está muito perto de ser nula; outros, ao contrário, consideram a vida como uma comédia e esquecem seu papel de homens; outros enfim, completamente embrutecidos, e última escala da espécie humana, nada vendo além, não pressentem nada mesmo, entregando-se, como o animal, aos crimes bárbaros e esquecem sua origem.

Assim uns e outros, pela própria vida, são arrastados, ao passo que os Espíritos desencarnados vêem, escutam e se arrependem com mais boa vontade.

LAMENNAIS (*méd.*, Sr. A. Didier).

II

Quantos problemas e questões a resolver antes que a transformação humanitária tenha se cumprido segundo as idéias espíritas! a da educação dos Espíritos e dos encarnados, do ponto de vista moral, é desse número.

Os desencarnados estão desembaraçados dos laços da carne e não lhes sofrem mais as condições inferiores, ao passo que os homens, acorrentados a uma matéria imperiosa do ponto de vista pessoal, se deixam arrastar pelo estado de provas no qual são internados. É à diferença dessas diversas situações que é preciso atribuir as dificuldades que os Espíritos iniciadores e os homens que têm a sua missão, experimentam para melhorarem rapidamente e, por assim dizer, em algumas semanas, aqueles homens que lhes são confiados. Os Espíritos, ao contrário, aos quais a matéria não impõe mais suas leis e não fornecem mais os meios de satisfazer seus apetites maus, e que não têm mais, conseqüentemente, senão desejos inatacáveis, estão mais aptos para receberem os conselhos que lhes são dados. Responder-se-á, talvez, então, para essa questão, que tem a sua importância: Por que não escutam os conselhos de seus guias do espaço e esperam os ensinamentos dos homens? Porque é necessário que os dois mundos, visível e invisível, reajam um sobre o outro, e que a ação dos humanos seja útil àqueles que viveram, como a ação da maioria destes é benfazeja àqueles que vivem entre vós. É uma dupla corrente, uma dupla ação igualmente satisfatória para esses dois mundos, que estão unidos por tantos laços.

Eis o que creio dever responder à pergunta colocada por vosso presidente.

ERASTO (*méd.*, Sr. D'AMBEL.)

SOBRE A MORTE DOS ESPÍRITAS.

Há algum tempo a morte tem levado um número bastante grande de Espíritas fervorosos e devotados, e cujo concurso teria podido ser útil à causa. Que consequência há a tirar desse fato?

Esta pergunta foi motivada pela morte recente do Sr. Geoffroy, de Saint-Jean-d'Angely, membro honorário da Sociedade Espírita de Paris.

(Sociedade de Paris, 26 de maio de 1865. - Méd., senhora B...)

Assim como acaba de dizer-vos vosso presidente, um grande número de adeptos de nossa bela doutrina deixou há pouco vosso mundo; não os lamenteis; depois de terem dado os primeiros golpes de picareta nesse campo que ides arrotear, foram tomar algumas horas de repouso para se prepararem para um novo trabalho; foram retemperar sua alma viril nessa fonte de vida e de progresso que, cada vez mais, deve derramar sobre vossa Terra suas ondas benfazejas. Logo, novos atletas, reaparecerão na luta com novas forças e uma caridade mais perfeita; porque a alma que entreviu os esplendores da eterna verdade não pode voltar atrás; mas, fiel à atração divina que quer aproximá-la do foco da justiça, da ciência e do amor, ela segue seu caminho sem mais dele se desviar.

Oh! meus amigos, como é bela esta morada que vos está preparada; tornai-vos dignos dela o mais cedo; livrai-vos, pois, dessas suscetibilidades indignas, que muito freqüentemente ainda se encontram entre vós; são os restos dessas raízes de orgulho tão difíceis de extirpar do vosso mundo, e, no entanto, foi para destruí-la que o Cristo veio entre vós; porque enquanto ela subsistir entre os humanos, eles não poderão alcançar a felicidade.

Meus amigos, depois de dezoito séculos que se vos prega a admirável doutrina do Cristo, ela não foi ainda compreendida; mas o Espiritismo, vindo vos ensinar a desenvolver vossas faculdades intelectuais, e lhes dar uma boa direção, abre uma era nova em que se preencherá a lacuna que existia no ensinamento primitivo.

Estudai, pois, de maneira séria e digna um tão sério assunto; mas, sobretudo, modificai o que há em vós de imperfeito, porque o Mestre disse a todos: "Tornai-vos perfeitos, porque vosso Pai celeste é perfeito." Então vossa alma depurada se elevará gloriosa para essas esplêndidas regiões onde o mal não tem mais acesso e onde tudo é harmonia.

SÃO LUÍS.

ESTUDOS MORAIS

A COMUNA DE KOENIGSFELD, O MUNDO FUTURO EM MINIATURA.

Lê-se no *Galneur de Colmar*.

"A comuna de Koenigsfeld, perto de Villingen, na Forêt Noire, que conta em torno de 400 habitantes, forma um Estado em miniatura. Há cinqüenta anos, data de existência dessa comuna, jamais ocorreu que um único habitante tivesse tido problema com a polícia; jamais foi questão de delitos ou de crimes; durante cinqüenta anos jamais foi feito algum tráfico desonroso e ali não nasceu filho natural. Jamais se demandou em processo nessa comuna. Nela não se encontram igualmente mendigos."

Esta interessante notícia, tendo sido lida na Sociedade de Paris, deu lugar à comunicação espontânea seguinte:

"É belo ver a virtude num centro restrito e pobre; lá, todos se conhecem, todos se vêem; a caridade ali é simples e grande. Não é o exemplo mais tocante da solidariedade

universal essa pequena comuna? Não é em pequeno o que será um dia o resultado da verdadeira caridade, quando ela for praticada por todos os homens? Tudo está lá Espíritos: a caridade, a tolerância. Entre vós se não são os socorros ao infortúnio que são praticáveis, as relações inteligentes, isentas de inveja, de ciúme e de dureza o são sempre."

LAMENNAIS (*Méd. Sr.A. Didier.*)

O que causa a maior parte dos males da Terra, se não for o contato incessante dos homens maus e perversos? O egoísmo mata a benevolência, a condescendência, a indulgência, o devotamento, a afeição desinteressada, e todas as qualidades que fazem o encanto e a segurança das relações sociais. Numa sociedade de egoístas, não há segurança para ninguém, porque cada um, não procurando senão seu interesse, sacrifica sem escrúpulo o de seu vizinho. Muitas pessoas se crêem perfeitamente honestas porque são incapazes de assassinar e roubar nos grandes caminhos; mas é que aquele que, por sua cupidez e sua dureza causa a ruína de um indivíduo e o leva ao suicídio, que reduz toda uma família à miséria, ao desespero, não é pior do que um assassino e um ladrão? Ele assassina afogo lento, e porque a lei não o condena, que seus semelhantes aplaudem o seu saber fazer e a sua habilidade, se crê isento de censuras e caminha de cabeça levantada! Também os homens estão constantemente desconfiando uns dos outros; sua vida é uma ansiedade perpétua; se não temem nem o ferro, nem o veneno, são alvos das chicanas, da inveja, do ciúme, da calúnia, em uma palavra, do assassinato moral. Que seria preciso para fazer cessar este estado de coisas? Praticar a caridade; tudo está aí, como disse Lamennais.

A comuna de Koenigsfeld nos oferece em pequeno o que será o mundo quando estiver regenerado. O que é possível em pequena escala o é em grande? Duvidar disto seria negar o progresso. Um dia virá em que os homens, vencidos pelos males que o egoísmo engendra, compreenderão que estão em caminho falso, e que Deus quer que aprendam às suas custas, porque lhes deu o livre arbítrio. Ó excesso do mal lhes fará sentir a necessidade do bem, e se voltarão deste lado como para a única âncora de salvação. Que os levará a isto? A fé séria no futuro e não a crença no nada depois da morte; a confiança em um Deus bom e misericordioso, e não o temor dos suplícios eternos.

Tudo está submetido à lei do progresso; os mundos também progredem fisicamente e moralmente; mas se a transformação da Humanidade deve esperar o resultado da melhoria individual, se nenhuma outra causa vier acelerar essa transformação, quantos séculos, quantos milênios serão necessários ainda? Tendo a Terra chegado a uma de suas fases progressivas, basta que não seja mais permitido aos Espíritos atrasados nela se encarnarem, e que à medida das extinções, Espíritos mais avançados venham tomar o lugar dos que partem, para que numa ou duas gerações o caráter geral da Humanidade tenha mudado. Suponhamos, pois, que em lugar de Espíritos egoístas, a Humanidade seja, num tempo dado, formada de Espíritos imbuídos do sentimento de caridade, em lugar de procurarem se prejudicar, se entre ajudarão mutuamente; viverão felizes e em paz. Não mais ambição de povo a povo, portanto, não mais guerras; não mais soberanos governando segundo o bom prazer, a justiça em lugar do arbítrio, portanto, não mais revoluções; não mais os fortes esmagando ou explorando o fraco, equidade *voluntária* em todas as transações, portanto, não mais querelas nem chicanas. Tal será o estado do mundo depois de sua transformação. De um mundo de expiação e de prova, de um lugar de exílio para os Espíritos imperfeitos, tornar-se-á um mundo feliz, um lugar de repouso para os bons Espíritos; de um mundo de punição, será um mundo de recompensa.

A comuna de Koenigsfeld se compõe incontestavelmente de Espíritos avançados, pelo menos moralmente, se não o for cientificamente, e que praticam entre eles a lei de caridade e de amor ao próximo; esses Espíritos se reúnem por simpatia nesse canto

bendito da Terra, para ali viverem em paz à espera que possam fazê-lo sobre toda a sua superfície. Suponhamos que alguns Espíritos trapalhões, egoístas e maus venham a se encarnar aí, nela semearão logo a perturbação e a confusão; ver-se-iam reviver como alhures as querelas, os processos, os delitos e os crimes; assim o será com a Terra, depois de sua transformação, se Deus lhe abrisse o acesso aos maus Espíritos. A Terra progredindo, nela estariam deslocados, é por isso que irão expiar seu endurecimento e perfazer sua educação moral em mundos menos avançados.

VARIEDADES

MANIFESTAÇÕES DIVERSAS ESPONTÂNEAS.

Uma carta de um de nossos correspondentes contém o relato seguinte:

.....Começo por uma lembrança de minha infância, que jamais esqueci, embora remonte a uma época já muito distante.

Em 1819 ou 1820, falou-se muito em Saumur de uma aparição, a um oficial, em guarnição nessa cidade. Esse oficial, alojado numa família de bravas pessoas, se deitou na manhã para repousar de uma noite sem sono. Algumas horas depois, abrindo os olhos, percebeu uma sombra coberta de branco em seu quarto, acreditou numa brincadeira de seus camaradas e se levantou para ir ao brincalhão. A sombra recuou diante dele, recuou para a alcova e desapareceu. A porta, que tinha fechado para não ser incomodado, estava inda fechada, e uma jovem da casa, doente há algum tempo, acabava de morrer naquele mesmo instante.

Este fato, tocando o maravilhoso, lembrou a um de seus camaradas, o Sr. de R..., tenente de couraçado, um sonho extraordinário que tivera muito tempo antes e que fez conhecer então.

O Sr. de R..., estando em guarnição em Versailles, sonhou que viu um homem se cortando o pescoço e recebendo o sangue num vaso. Às cinco horas da manhã, levantou-se, muito preocupado com esse sonho, e se dirigiu para o quartel de cavalaria; ele estava de serviço. Seguindo numa rua ainda deserta, percebeu um grupo de pessoas examinando alguma coisa com muita atenção; aproximou-se e viu que um homem acabava de se matar, e, coisa extraordinária, lhe disseram, esse homem tinha feito correr seu sangue numa tina, cortando-se a garganta. O Sr. de R... reconheceu nesse homem os traços que tinha visto durante a noite.

Não conheci esses dois fatos senão pelo que se disse, e não conheci nem um nem o outro dos dois oficiais.

Eis outros deles que me são quase pessoais:

Minha mãe era uma mulher de uma piedade verdadeira e esclarecida, que não se manifestava muito freqüentemente senão por uma caridade ardente, como o quer o Espiritismo, mas de nenhum modo de um caráter supersticioso e impressionável. Ela me contou freqüentemente esta lembrança de sua juventude. Quando era jovem, tinha uma amiga muito doente, junto da qual ela passava uma parte das noites para lhe dar seus cuidados. Uma noite quando ela caía de fadiga, o pai da jovem doente insistiu para que fosse repousar, prometendo-lhe que se sua filha piorasse, faria adverti-la. A mãe cedeu e se pôs no leito, depois de se ter recolhido. Pelas duas horas da manhã, despertou pelo contato de dois dedos gelados sobre suas espáduas. Ficou vivamente impressionada e não pôde mais dormir. Então, retomou suas vestes para juntar-se à sua querida doente, e ia abrir sua porta, quando se bateu à da casa. Era um doméstico que vinha lhe informar da morte de sua amiga, que acabava de expirar.

Em 1851, percorri em um dia a galeria de quadros e retratos de família do magnífico castelo de C..., conduzido pelo doutor B..., que fora o médico da família. Detive-me algum tempo diante do retrato de um homem de quarenta e poucos anos, vestido, tanto quanto posso me lembrar, de uma roupa azul, colete listrado vermelho e negro, e calça cinzenta. O Sr. B... se aproximou de mim e disse-me: "Eis como vi o conde de C... quinze dias depois de sua morte." Pedi uma explicação e eis o que me foi respondido: "Quase quinze dias depois da morte do Sr. de C..., uma noite, no crepúsculo, eu saía do quarto da senhora condessa; devia, para sair, seguir um longo corredor, onde se abria a porta do escritório do Sr. de C... Quando cheguei diante dessa porta, ela se abriu e o Sr. de C... dela saiu, avançou para mim e caminhou ao meu lado até a porta de saída.

O Sr. B... não atribuiu esses fatos senão a uma alucinação; mas, em todos os casos, ela teria se prolongado por muito maior tempo, porque creio que no fim do corredor havia uma outra peça a atravessar antes da saída.

Enfim, eis um fato que me é todo pessoal.

Em 1829, creio, estava encarregado em Hagueneau, na Alsace, da direção de um depósito de convalescentes que nos enviava a numerosa guarnição de Strasbourg, então muito provada por febres intermitentes. Eu tinha entre meus doentes um jovem tocador de tambor que, todas as noites, depois da meia-noite, sentia alguém se deitar em sua cama, afeiçoar-se a ele, apertá-lo em seus braços e morder-lhe o peito na altura do seio esquerdo. Seus companheiros de quarto me disseram que há oito dias, eram despertados por seus gritos; que chegando junto dele o encontravam agitado, apavorado, e não podiam acalmá-lo senão revistando com o seu sabre sob sua cama e em torno, para mostrar-lhe que não havia ninguém. Eu achava nesse jovem soldado, o peito um pouco intumescido e doloroso no seio esquerdo, e atribuía, então, seu estado à ação dessa causa física sobre a sua imaginação; mas o efeito não se produzia senão alguns instantes em todas as vinte e quatro horas, e sempre no mesmo momento. Produziu-se ainda algumas vezes, depois disso não ouvi mais falar...

Nota. - Sabe-se o quanto os fatos espontâneos desse gênero são numerosos; o Espiritismo os remete à lembrança, porque só ele dá a única explicação racional que seja possível disso fornecer. Certamente, entre eles há os que poder-se-ia a rigor atribuir ao que se convencionou chamar alucinação, ou a uma preocupação do espírito; mas isso não poderia ser assim quando são seguidos de uma realização material. São tanto mais importantes, quando a sua autenticidade é reconhecida, que não podem, assim como o dissemos num artigo precedente, ser dados à conta de malabarismos.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS. O CARDEAL WISEMAN.

A *Patrie*, de 18 de março de 1865, relata o que segue:

"O cardeal Wiseman, que acaba de morrer na Inglaterra, acreditava no Espiritismo. É o que prova o fato seguinte, que foi citado pelo *Spiritualist magazine*.

"Um bispo lançou a proibição sobre dois membros de sua Igreja, por causa de sua tendência ao Espiritismo. O cardeal levantou essa interdição e permitiu aos dois sacerdotes prosseguirem seus estudos e servirem de médiuns, dizendo-lhes: "Eu mesmo creio firmemente no Espiritismo, e não poderia ser um bom membro da Igreja, se tivesse a menor dúvida a esse respeito."

Este artigo foi lido e comentado numa reunião espírita em casa do Sr. Delanne, mas hesitou-se em fazer a evocação do cardeal, quando ele se manifestou espontaneamente pelas duas comunicações seguintes.

I

Vosso desejo de me evocar me trouxe para vós, e estou feliz em vir vos dizer, meus irmãos bem amados, sim, sobre a Terra, eu era Espírita convicto. Vim com essas aspirações que não havia podido desenvolver, mas que era feliz em ver desenvolver por outros.

Eu era Espírita, porque o Espiritismo é o caminho reto que conduz ao verdadeiro objetivo e à perfeição; eu era Espírita, porque reconhecia no Espiritismo o cumprimento de todas as profecias desde o começo do mundo até nossos dias; eu era Espírita porque essa doutrina é o desenvolvimento da religião, esclarecendo os mistérios e a marcha da Humanidade até Deus, que é a unidade; eu era Espírita, porque compreendi que essa revelação vinha de Deus e que todos os homens sérios deveriam ajudar a sua caminhada, a fim de poder um dia se estenderem mão segura; eu era Espírita, enfim, porque o Espiritismo não lança anátema sobre ninguém, e que, a exemplo do Cristo, nosso divino modelo, estende os braços a todos, sem distinção de classe e de culto. Eis porque eu era Espírita cristão.

Ó meus irmãos bem-amados! que graça imensa o Senhor concede aos homens enviando-lhes esta luz divina que lhes abre os olhos e fá-los ver, de maneira irrecusável, que além da túmulo existe bem uma outra vida, e, que em lugar do medo da morte, quando se viveu segundo os desígnios de Deus, deve-se bendizê-la quando vem livrar um de nós das pesadas cadeias da matéria.

Sim, esta vida que se prega constantemente de maneira tão apavorante, existe; mas não tem nada de penoso para as almas que, sobre a Terra, observaram as leis do Senhor. Sim, lá, encontram-se aqueles que se amou sobre a Terra; é uma mãe bem-amada, uma terna mãe que vem vos felicitar e vos receber; são amigos que vêm vos ajudar a vos reconhecer, em vossa verdadeira pátria, e que vos mostram todos os encantos da vida verdadeira, da qual os da Terra não são senão as tristes imagens.

Perseverai, meus irmãos bem-amados, caminhando no caminho bendito do Espiritismo; que para vós isso não seja uma palavra vã; que as manifestações que recebeis vos ajudem a escalar o rude calvário da vida, afim de que chegados ao cume, possais ir recolher os frutos de vida que vós vos tereis preparado.

É o que vos desejo a todos que me escutais e a todos os meus irmãos em Deus. Aquele que foi cardeal Wiseman.

(Médium senhora Delanne).

II

Meus amigos, por que não viria a vós? Os sentimentos expressos quando eu estava sobre vossa Terra e que devem ser os de todos servidores de Deus e da verdade, devem ser, para todo Espírita convicto, uma segurança de que usarei da graça que o Senhor me concede de vir instruir e guiar meus irmãos.

Oh! sim, meus amigos, é com alegria e reconhecimento por aquele a quem todos nós devemos, que venho vos exortar, vós que tendes a felicidade de serem admitidos entre os obreiros do Senhor, de perseverar no caminho em que estais empenhados; se não é o único, ao menos o melhor, porque se uma parte da Humanidade pode fazer sua salvação com a lei cega sem cair nas armadilhas e nos perigos que ela oferece, com mais forte razão aqueles cuja fé tem por base a razão e o amor de Deus, que vos fazemos conhecer tal qual é, devendo chegar a conquistar a vida eterna no seio desse mesmo Deus.

Filhos, inclinai-vos, curvai a cabeça, porque vosso Deus, vosso pai vos abençoa. Glorificai-o e amai-o na eternidade!

Oremos juntos.

WISEMAN, assistido por Santo Agostinho.

(Médium, Sr. Erambert, de Aix.)

Estas duas comunicações foram ditadas simultaneamente, o que explica a assistência de Santo Agostinho para a última. Enquanto que Wiseman fazia escrever um dos médiuns, Santo Agostinho fazia escrever o outro, ao qual transmitia o pensamento do cardeal. Frequentemente vê-se Espíritos pouco avançados, ou ainda na perturbação, não poderem se exprimir sem a ajuda de um Espírito mais elevado, mas aqui não é o mesmo caso; Wiseman está bastante liberto para ele mesmo dar suas idéias.

As duas comunicações adiante foram obtidas em 24 de março, na Sociedade de Paris, sem evocação, em consequência da leitura das precedentes. A quarta é uma apreciação dos fatos acima, pelo Espírito de Lamennais:

III

Venho, meus amigos, confirmar minha comunicação de segunda-feira. Estou feliz por vir num meio onde teria sempre a dizer e onde estou seguro de ser compreendido. Oh! Sim, esta será uma grande alegria para mim de ver se desenvolverem sob o olhar do mestre os progressos da doutrina santa e regeneradora que deve conduzir o mundo inteiro à sua destinação divina.

Amigos, uni vossos esforços na obra que vos foi confiada e sede reconhecidos do papel que o Criador de todas as coisas vos distribuiu. Não podereis jamais fazer o bastante para reconhecer a graça que vos fez; mas vos terá em conta vossa boa vontade, vossa fé e vosso amor por vossos irmãos. Bendizei-o; amai-o, e tereis a vida eterna.

Oremos juntos, meus caros amigos.

WISEMAN.

(Méd., Sr. Erambert, de Aix.)

IV

A religião espiritualista é a alma do cristianismo; não é preciso esquecê-lo. No meio do materialismo, do culto protestante e católico, o cardeal Wiseman usou proclamar a alma antes do corpo, o espírito antes da letra. Essas espécies de audácias são raras nos dois cleros, e é um espetáculo desabitado, com efeito, o ato de fé espírita do cardeal Wiseman. Seria estranho, de resto, que um espírito, assim cultivado, tão elevado quanto o do eminente cardeal tivesse visto no Espiritismo uma fé rebelde aos ensinamentos da mais pura moral do cristianismo; Não saberíamos aplaudir mais, nós Espíritas, a essa confiança distanciada de todo respeito humano, de todo escrúpulo mundano. Não é um encorajamento a voz de um agonizante tão distinto? Não é um anúncio para o futuro? Uma promessa que com a boa vontade tanto pregada pelo Evangelho não há senão uma verdade contida na prática da caridade e da crença na imortalidade da alma? Outras vozes não menos sagradas proclamam cada dia nossa imortal verdade. É um *hosana* sublime que cantam os homens visitados pelo Espírito, *hosannah* também puro, também entusiasta quanto o das almas visitadas por Jesus.

Nós mesmos, almas em sofrimento, não afastamos de nós a lembrança que nos chega, e no purgatório que sofremos, escutamos a voz daqueles que nos fazem ver além.

LAMENNAIS.

(Méd., Sr. A. Didier.)

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

O QUE É O ESPIRITISMO? por Allan Kardec. Nova edição modificada e consideravelmente aumentada, In-12, perto de 200 páginas. Preço: 1 f r.; pelo correio, 1 fr. 20 c.

As matérias desta nova edição são divididas assim, como se segue:

CAPÍTULO I: PEQUENA CONFERÊNCIA. Primeira entrevista: *o crítico*. 2ª entrevista: *o céptico*. - Espiritismo e Espiritualismo. - Dessidências. - Fenômenos espíritas simulados. - Impotência dos detratores. - O maravilhoso e o sobrenatural. - Oposição da ciência.

- Falsas explicações dos fenômenos. - Os incrédulos não podem ver para se convencerem. - Origem das idéias espíritas modernas. - Meios de comunicação. - Os médiuns interesseiros. - Os médiuns e os feiticeiros. - Diversidade nos Espíritos. - Utilidade prática das manifestações. - Loucura, suicídio, obsessão. - Esquecimento do passado. - Elementos de convicção. - Sociedade Espírita de Paris.

- Interdição do Espiritismo. - 3ª entrevista: *O Padre*. Objeções em nome da religião.

CAP. II: NOÇÕES ELEMENTARES DO ESPIRITISMO. - Dos Espíritos. - Comunicações com o mundo invisível. - Objetivo providencial das manifestações Espíritas. - Dos médiuns. - Escolhos dos médiuns. - Qualidade dos médiuns. - Charlatanismo. - Identidade dos Espíritos. - Contradições. - Conseqüências do Espiritismo.

CAP. III: SOLUÇÃO DE ALGUNS PROBLEMAS PELA DOCTRINA ESPÍRITA. - Pluralidade dos mundos. - Da alma. - O homem durante a vida terrestre. - O homem depois da morte.

No prelo, para aparecer em 1º de agosto:

O CÉU E O INFERNO, ou Justiça divina segundo o Espiritismo, por Allan Kardec. 1 grande vol. in-12. Preço: 3 fr. 50 c.; pelo correio, 4fr.

VIDA DE GERMAINE COUSIN, de Pibrac, bem-aventurada na caridade, dado mediunicamente por ela mesma à senhorita M. S., num grupo de família. Br. in-12:1 fr.; pelo correio, 1 fr. 10c. Toulouse, nas principais livrarias.

A vida de *Germaine Cousin* é, ao mesmo tempo, edificante e dramática, mas, além disto, eminentemente interessante pelos numerosos fatos mediúnicos que ela encerra, e que, sem o Espiritismo, seriam inexplicáveis ou maravilhosos. Os fenômenos, dos quais somos testemunhas em nossos dias, provam-lhe pelo menos a possibilidade. Todas as pessoas que não têm uma posição tomada de negação, e os Espíritas, sobretudo, lerão esta brochura com interesse.

A UNIÃO ESPÍRITA BORDOLESA. Bordeaux conta com quatro publicações espíritas periódicas: *La Roche*, *lê Sauveur*, *la Lumière* e *la Voix d'Outre-tombe*. *La Lumière* e *lê Sauveur*, estando sobre a mesma direção, não há em realidade senão três que acabam de se fundir numa única publicação, sob o título de *A União espírita bordolesa* e sob a direção do Sr. A. Bez, diretor de *La Voix d'Outre-tombe*. Felicitamos esses senhores pela medida que adotaram e que nossos adversários teriam em grande erro tomado por um indício de decadência da Doutrina. Fatos de outro modo bem concludentes estão aí para provar o contrário.

Os materiais do Espiritismo, se bem que muito numerosos, rolam num círculo quase uniforme; daí falta variedade suficiente, e pelo leitor que teria querido recebê-los todos,

uma carga muito onerosa, sem compensação. A nova folha bordolesa não poderá se não ganhar com essa fusão em todos os pontos de vista, e fazemos votos pela sua prosperidade. Nós ali lemos, com prazer, nos primeiros números, uma muito boa refutação dos artigos do Sr. *Fumeaux* sobre a iniquidade e os flagelos do Espiritismo, assim como muito interessante relato de uma nova cura em Marmande. (Ver adiante em obras diversas.)

ÁRIA E PALAVRAS compostas pelo rei Henri III, em 1574, e reveladas num sonho em 1865, ao Sr. N. C. Bach; casa Legouix, editor, 27, boulevard Poissonnière. Preço marcado: 3 fr.

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

8º ANO

NO. 8

AGOSTO 1865

O QUE O ESPIRITISMO ENSINA.

Há pessoas que perguntam quais são as conquistas novas que devemos ao Espiritismo. Do fato de que não dotou o mundo de uma nova indústria produtiva, como o vapor, concluem que nada produziu. A maioria daqueles que fazem esta pergunta não se dando ao trabalho de estudá-lo, não conhece senão o Espiritismo de fantasia, criado pelas necessidades da crítica, e que nada tem de comum com o Espiritismo sério; não é, pois, espantoso que se pergunte o que pode dele ser o lado útil e prático. Teriam-no aprendido se tivessem ido procurá-lo em sua fonte, e não nas caricaturas que dele fizeram aqueles que têm interesse em denegri-lo.

Numa outra ordem de idéias, alguns acham, ao contrário, a marcha do Espiritismo muito lenta para o gosto de sua impaciência; espantam-se de que não haja ainda sondado todos os mistérios da Natureza, nem abordado todas as questões que parecem ser de sua alçada; gostariam de vê-lo todos os dias ensinar novidade, ou se enriquecer de uma nova descoberta; e, do fato de que ainda não resolveu a questão da origem dos seres, do princípio e do fim de todas as coisas, da essência divina, e algumas outras da mesma importância, concluem que não saiu do alfabeto, e que não entrou no verdadeiro caminho filosófico, e que se arrasta nos lugares comuns, porque prega sem cessar a humildade e a caridade. "Até este dia, dizem eles, não nos ensinou nada de novo, porque a reencarnação, a negação das penas eternas, a imortalidade da alma, a gradação através dos períodos da vitalidade intelectual, o perispírito, não são descobertas espíritas propriamente ditas; é preciso, pois, caminhar para descobertas mais verdadeiras e mais sólidas."

Creemos dever, a este respeito, apresentar algumas observações, que não serão nada de novo, mas há coisas que é útil repetir sob diversas formas.

O Espiritismo, é verdade, nada inventou de tudo isto, porque não há de verdades verdadeiras senão aquelas que são eternas, e que, por isto mesmo, deveram germinar em todas as épocas; mas não é nada de tê-las tirado, senão do nada, ao menos do esquecimento; de um germe haver feito uma planta vivaz; de uma idéia individual, perdida na noite dos tempos, ou abafada sob os preconceitos, haver feito uma crença geral; de ter provado o que estava no estado de hipótese; de ter demonstrado a existência de uma lei naquilo que parecia excepcional e fortuito; de uma teoria vaga ter feito uma coisa prática; de uma idéia improdutiva haver tirado aplicações úteis? Nada é mais verdadeiro do que o provérbio: "Não há nada de novo sob o sol," e esta própria verdade não é nova; também não é uma descoberta das quais não se encontrem os vestígios e o princípio em algum lugar. Nessa conta Copérnico não teria o mérito de seu sistema, porque o movimento da Terra havia sido suspeitado antes da era cristã. Se fosse coisa tão simples, seria preciso, pois, encontrá-la. A história do ovo de Colombo será sempre uma eterna verdade.

Além disso, é incontestável que o Espiritismo tem muito a nos ensinar; é o que nunca cessamos de repetir, porque jamais pretendemos que ele tenha dito sua última

palavra. Mas do fato de que resta ainda a fazer segue-se que não tenha saído do alfabeto? Seu alfabeto foram as mesas girantes, e desde então deu, isto nos parece, alguns passos; parece-nos mesmo que tem a fazer bastante grandes em alguns anos, se o compararmos às outras ciências que aportaram séculos para chegar ao ponto onde estão. Nenhuma chegou ao seu apogeu do primeiro salto; elas avançam, não pela vontade dos homens, mas à medida que as circunstâncias colocam sob o caminho de novas descobertas; ora, não está no poder de ninguém comandar essas circunstâncias, e a prova disto é que, todas as vezes que uma idéia é prematura, ela aborta, para aparecer mais tarde em tempo oportuno.

Mas, à falta de novas descobertas, os homens de ciência nada têm a fazer? A química não é mais a química se ela não descobre todos os dias novos corpos? Os astrônomos estão condenados a cruzar os braços por falta de encontrar novos planetas? E assim em todos os outros ramos da ciência e da indústria. Antes de procurar novamente não é de se fazer a aplicação daquilo que se sabe? É precisamente para dar aos homens o tempo de assimilar, de aplicar e de vulgarizar o que sabem, que a Providência põe um tempo de parada na marcha para a frente. A história aí está para nos mostrar que as ciências não seguem marcha ascendente contínua, pelo menos ostensivamente; os grandes movimentos que fazem revolução numa idéia não se operam senão em intervalos mais ou menos afastados. Não há estagnação por isto, mas elaboração, aplicação, e frutificação daquilo que se sabe, o que é sempre do progresso. O Espírito humano poderia absorver sem cessar idéias novas? A própria Terra não tem necessidade de tempo de repouso antes de reproduzir? Que se diria de um professor que ensinasse todos os dias novas regras aos seus alunos, sem lhes dar o tempo de se aplicar sobre aquelas que aprenderam, de se identificar com elas e de aplicá-las? Deus seria, pois, menos providente e menos hábil do que um professor? Em todas as idéias novas devem se encaixar nas idéias adquiridas; se estas não estão suficientemente elaboradas e consolidadas no cérebro; se o espírito não as assimilou, as que se quer nele implantar não tomam raiz; semeia-se no vazio.

Ocorre o mesmo com relação ao Espiritismo. Os adeptos aproveitaram de tal modo o que ele ensinou até este dia, que nada tenham mais a fazer? São de tal modo caridosos, desprovidos de orgulho, desinteressados, benevolentes para os seus semelhantes; de tal modo moderaram suas paixões, abjuraram o ódio, a inveja e o ciúme; enfim, são de tal modo perfeitos que seja doravante supérfluo pregar-lhes a caridade, a humildade, a abnegação, em uma palavra, a moral? Só esta pretensão provaria a ela o quanto têm ainda necessidade dessas lições elementares, que alguns acham fastidiosas e pueris; no entanto, é somente com ajuda dessas instruções, se as colocam em proveito, que podem se elevar bastante alto para serem dignos de receber um ensinamento superior.

O Espiritismo tende para a regeneração da Humanidade; este é um fato adquirido; ora, esta regeneração não podendo se operar senão pelo progresso moral, disto resulta que seu objetivo essencial, providencial, é a melhoria de cada um; os mistérios que pode nos revelar são o acessório, porque nos abre o santuário de todos os conhecimentos, não seríamos mais avançados para o nosso estado futuro, se não fôssemos melhores. Para admitir ao banquete da suprema felicidade, Deus não pede o que se sabe nem p que se possui, mas o que se vale e o que se terá feito de bem. É, pois, à sua melhoria individual que todo espírita sincero deve trabalhar antes de tudo. Só aquele que domou seus maus pendores, realmente tem aproveitado do Espiritismo e disso reserva a recompensa; é por isto que os bons Espíritos, por ordem de Deus, multiplicam suas instruções e as repetem à saciedade; só um orgulho insensato pode dizer: delas não tenho mais necessidade. Só Deus sabe quando serão inúteis, e só a ele pertence dirigir o ensino de seus mensageiros, e de proporcioná-lo ao nosso adiantamento.

Vejam, no entanto, se fora do ensino puramente moral, os resultados do Espiritismo são tão estéreis quanto alguns o pretendem.

1° Ele dá primeiro, como todos o sabem, a prova patente da existência e da imortalidade da alma. Isto não é uma descoberta, é verdade, mas é por falta de provas sobre este ponto que há tantos incrédulos ou indiferentes quanto ao futuro; é provando o que não era senão uma teoria que ele triunfa do materialismo, e que lhe previne as conseqüências funestas para a sociedade. A dúvida sobre o futuro tendo se transformado em certeza, é toda uma revolução nas idéias, e cujas conseqüências são incalculáveis. Se lá se limitassem exclusivamente os resultados das manifestações: quanto esse resultado seria imenso.

2- Pela firme crença que ele desenvolve, exerce uma poderosa ação sobre o moral do homem; leva-o ao bem, consola-o em suas aflições, dá-lhe a força e a coragem nas provas da vida, e o afasta do pensamento do suicídio.

3° Retifica todas as idéias falsas que se havia feito sobre o futuro da alma, sobre o céu, o inferno, as penas e as recompensas; ele destrói radicalmente, pela irresistível lógica dos fatos, os dogmas das penas eternas e dos demônios; em uma palavra, ele nos descobre a vida futura, e no-la mostra natural e conforme a justiça de Deus. É ainda uma coisa que tem muito seu valor.

4° Ele faz conhecer o que se passa no momento da morte; este fenômeno, até este dia insondável, não tem mais mistérios; as menores particularidades dessa passagem tão temida são hoje conhecidas; ora, como todo o mundo morre, este conhecimento interessa a todo o mundo.

5° Pela lei da pluralidade das existências, abre um novo campo à filosofia; o homem sabe de onde vem, para onde vai, para que fim está sobre a Terra. Ele explica a causa de todas as misérias humanas, de todas as desigualdades sociais; dá as próprias leis da Natureza por base aos princípios de solidariedade universal, de igualdade e de liberdade, que não estavam assentados senão sobre a teoria. Enfim, lança a luz sobre as questões mais difíceis da metafísica, da psicologia e da moral.

6° Pela teoria dos fluidos perispirituais, faz conhecer o mecanismo das sensações e das percepções da alma; explica os fenômenos da dupla vista, da visão à distância, do sonambulismo, do êxtase, dos sonhos, das visões, das aparições, etc.; abre um novo campo à fisiologia e à patologia.

7° Provando as relações que existem entre o mundo corpóreo e o mundo espiritual, mostra, neste último, uma das forças ativas da Natureza, uma força inteligente, e dá a razão de uma multidão de efeitos atribuídos à causas sobrenaturais e que alimentaram a maioria das idéias supersticiosas.

8° Revelando o fato das obsessões, fez conhecer a causa, desconhecida até aqui, de numerosas afecções sobre as quais a ciência estava equivocada em prejuízo dos doentes, e que dá os meios de curar.

9- Em nos fazendo conhecer as verdadeiras condições da prece e seu modo de ação; nos revelando a influência recíproca dos Espíritos encarnados e desencarnados, nos ensina o poder do homem sobre os Espíritos imperfeitos para moralizá-los e arrancá-los aos sofrimentos inerentes à sua inferioridade.

10° Fazendo conhecer a magnetização espiritual, que não se conhecia, abre um novo caminho ao magnetismo, e lhe traz um novo e poderoso elemento de cura.

O mérito de uma invenção não está na descoberta de um princípio, quase sempre conhecido anteriormente, mas na aplicação desse princípio. A reencarnação não é uma idéia nova, sem contradita, não mais que o perispírito, descrito por São Paulo sob o nome de corpo espiritual, nem mesmo a comunicação com os Espíritos. O Espiritismo, que não se gaba de ter descoberto a Natureza, procura com cuidado todos os traços que pode encontrar da anterioridade de suas idéias, e, quando os encontra, se apressa em proclamá-lo, como prova ao apoio daquilo que adianta. Aqueles, pois, que invocam essa

anterioridade, tendo em vista depreciar o que fez, vão contra o seu objetivo, e agem desastrosamente, porque isto poderia fazer supor um preconceito.

A descoberta da reencarnação e do perispírito não pertencem, pois, ao Espiritismo, é coisa convencional; mas, até ele, que proveito a ciência, a moral, a religião tinham retirado desses dois princípios, ignorados das massas, e permanecidos no estado de letras mortas? Não só os clareou, os provou e fez reconhecer como leis da Natureza, mas as desenvolveu e fez frutificar; deles já fez sair inumeráveis e fecundos resultados, sem os quais estariam ainda para se compreender uma infinidade de coisas; cada dia nos fazem compreender coisas novas, e se está longe de ter esgotado essa mina. Uma vez que esses dois princípios eram conhecidos, por que ficaram por tanto tempo improdutivos? Por que, durante tantos séculos, todas as filosofias se chocaram contra tantos problemas insolúveis? É que eram diamantes brutos que seria preciso colocar em obra: foi o que o Espiritismo fez. Ele abriu um novo caminho à filosofia, ou, dizendo melhor, criou uma nova filosofia que toma cada dia seu lugar no mundo. Estão, pois, aí resultados de tal modo nulos que é preciso se apressar em caminhar para descobertas mais verdadeiras e mais sólidas?

Em resumo, de um certo número de verdades fundamentais, esboçadas por alguns cérebros de elite, e permanecidas na maioria num estado por assim dizer latente, uma vez que elas foram estudadas, elaboradas e provadas, de estéreis que eram, se tornaram uma mina fecunda de onde saiu uma multidão de princípios secundários e aplicações, e abriram um vasto campo à exploração, novos horizontes às ciências, à filosofia, à moral, à religião e à economia social.

Tais são, até este dia, as principais conquistas devidas ao Espiritismo, e não fizemos senão indicar os pontos culminantes. Supondo que devessem se limitar a isso, poder-se-ia já dar-se por satisfeito, e dizer que uma ciência nova que dá tais resultados em menos de dez anos, não pode ser maculada de nulidade, porque toca a todas as questões vitais da Humanidade, e traz aos conhecimentos humanos um contingente que não é de se desdenhar. Até que esses únicos pontos tenham recebido *todas as aplicações* das quais são suscetíveis, e que os homens deles tenham tirado proveito, se passará ainda por muito tempo, e os espíritas que quiserem pô-los em prática por si mesmos e para o bem de todos, não deixarão de ter ocupação.

Esses pontos são tantos focos de onde se irradiam inumeráveis verdades secundárias que se trata de desenvolver e de aplicar, o que se faz cada dia; porque a cada dia se revelam fatos que levantam um novo canto do véu. O Espiritismo deu sucessivamente e em alguns anos todas as bases fundamentais do novo edifício; aos seus adeptos agora cabe colocar esses materiais em obra, antes de pedir outros novos; Deus saberá bem lhos fornecer quando tiverem rematado sua tarefa.

Os espíritas, diz-se, não sabem senão o alfabeto do Espiritismo; seja; aprendamos, pois, primeiro a soletrar esse alfabeto, o que não é um negócio de um dia, porque, mesmo reduzido às suas únicas proporções, escoará tempo antes de lhe ter esgotado todas as combinações e recolhido todos os frutos. Não restam mais fatos a explicar? Os espíritas não têm, aliás, a ensinar esse alfabeto àqueles que não o sabem? Lançaram a semente por toda a parte onde poderiam fazê-lo? não resta mais incrédulos a converter, obsidiados a curar, consolações a dar, lágrimas a secar? É fundado dizer-se que não se tem nada mais a fazer quando não se acabou a sua necessidade, quando resta ainda tantas feridas a fechar? Aí estão nobres ocupações que valem muito a vã satisfação de dele saber um pouco mais e um pouco mais cedo que os outros.

Saibamos, pois, soletrar nosso alfabeto antes de querer ler correntemente no grande livro da Natureza; Deus saberá bem nos abri-lo à medida em que avançarmos, mas não depende de nenhum mortal forçara sua vontade antecipando o tempo para cada coisa. Se a árvore da ciência é muito alta para que não possamos alcançá-la, esperemos para ali

voar, que nossas asas estejam crescidas e solidamente presas, de medo de ter a sorte de Ícaro.

O ABADE DÉGENETTES, MÉDIUM,

Antigo cura de Notre-Dame dês Victoires, em Paris.

O fato seguinte foi tirado textualmente da obra intitulada: *Mês de Maria*, pelo abade Défossés:

Eis como se produz no mundo, *de maneira sobrenatural e celeste, a obra divina da arquiconfraria do santíssimo e imaculado Coração de Maria*. Deixemos ainda a palavra ao Sr. Dégenettes. Quem melhor do que ele poderia nos contar o que se passou?

"A arquiconfraria nasceu em 3 de dezembro de 1836. Muitas pessoas, que não julgam senão segundo as aparências, *dela nos chamam o fundador. Não podemos deixar passar esse prejudgado sem combatê-lo e destruí-lo; não somos o fundador, só a Deus cabe a honra e a glória*. Não tínhamos nenhuma das disposições de espírito e de coração que pudessem nos preparar para isso; devemos confessar, disso pedindo perdão a Deus e a Maria, que, embora filho de Maria, habituado desde nossa juventude a amá-la, a venerá-la como a mais terna das mães, não compreendíamos à devoção de seu santo coração, que evitamos mesmo nele pensar. Acrescentamos ainda que um santo religioso, o Pé. Maccarty, tendo um dia pregado em nossa igreja das Missões estrangeiras sobre o santo coração de Maria, não recolhemos de seu sermão nenhum sentimento dando nosso sufrágio comum à eloqüência do pregador, mas descontente, tanto era grande o orgulho de nossa prevenção, que ele tratasse um tal assunto que pensávamos não ser mais útil aos outros do que a nós. Tal foi a nossa disposição constante, até o dia 3 de dezembro de 1836, festa de São Francisco Xavier.

"Nesse dia, às nove horas da manhã, comecei a santa missa ao pé do altar da santa Virgem, que depois consagramos ao seu santíssimo e imaculado Coração, e que é hoje o altar da arquiconfraria. Estava no primeiro versículo do salmo *Judica me*, quando um pensamento veio tomar meu espírito: era o pensamento da inutilidade de meu ministério nessa paróquia; ela não me era estranha, eu não tinha senão mais ocasião de concebê-la e dela me lembrar; mas nessa circunstância ela me atingiu mais vivamente do que o comum. Como não era nem o lugar nem o tempo de disso me ocupar, fiz todos os esforços possíveis para afastá-lo de meu espírito. Não pude ali chegar, e me parecia sempre ouvir uma voz que vinha do meu interior e que me dizia; *Tu não fazes nada, teu ministério é nulo, há mais de quatro anos que estás aqui, que ganhaste? Tudo está perdido, esse povo não tem mais fé. Deverias, por prudência, retirar-te!*...

"Malgrado todos os meus esforços para repelir esse infeliz pensamento, ele aferrou-se de tal modo que absorveu todas as faculdades de meu espírito, ao ponto que eu lia e recitava preces, sem mais compreender o que dizia. A violência que me fazia me havia fatigado e sentia uma transpiração mais abundante. Estive nesse estado até o começo do cânon da missa. Depois de ter recitado o *Sanctus*, detive-me um instante, e procurei lembrar minhas idéias; assustado com meu estado de espírito, disse a mim mesmo: "Meu Deus, em que estado estou? Como vou oferecer o divino sacrifício? não tenho bastante liberdade de espírito para consagrar. Ó meu Deus, livrai-me desta distração." Logo que terminei estas palavras, ouvi distintamente estas palavras pronunciadas de maneira solene: *Consagra tua paróquia ao santíssimo e imaculado Coração de Mana*. Apenas ouvi estas palavras, que não feriram meus ouvidos, mas retiniram somente dentro de mim, recobrei imediatamente a calma e a liberdade de espírito. A fatal impressão que me havia tão violentamente agitado, se apagou logo; dela não me restou nenhum traço. Prossegui a continuação dos santos mistérios sem nenhuma lembrança de minha precedente distração.

"Depois de minha ação de graças, examinei a maneira pela qual tinha ofertado o santo sacrifício. Só então me lembrei que tivera uma distração, mas isto não era senão uma lembrança confusa, e fui obrigado a procurar, durante alguns instantes, qual lhe tinha sido o objeto. Tranqüilizei-me dizendo a mim mesmo: "Eu não pequei, eu não estava livre." Perguntava-me como esta distração havia cessado, e a lembrança dessas palavras que tinha ouvido se apresentavam a meu ouvido. Esse pensamento me atingiu com uma espécie de terror. Procurei negar a possibilidade desse fato, mas minha memória confundia os raciocínios que me objetava. Batalhei comigo mesmo durante dez minutos. Dizia a mim mesmo: *Se não tivesse me detido aí, expor-me-ia a uma grande felicidade, ela afetaria meu moral, e eu poderia me tornar visionário.*

"Fatigado desse novo combate, tomei minha decisão e me disse: *Não posso me deter nesse pensamento, ele teria muito deploráveis conseqüências; aliás, é uma ilusão; tive uma longa distração durante a missa, eis tudo. O essencial para mim é nisso não ter pecado. Nisso não quero mais pensar.* Apoiei minhas mãos no oratório sobre o qual estava ajoelhado.

No mesmo momento, e eu não tinha ainda me levantado (estava sozinho na sacristia), ouvi pronunciar muito distintamente: *Consagra tua paróquia ao santíssimo e imaculado Coração de Maria.* Tornei a cair de joelhos, e minha primeira impressão foi um momento de estupefação. Eram as mesmas palavras, o mesmo som, a mesma maneira de ouvi-las. Durante alguns instantes, tentei não crer; *eu queria ao menos duvidar, e não mais o podia.* Eu tinha ouvido, *não podia escondê-lo a mim mesmo.* Um pensamento de tristeza se apoderou de mim; as inquietações que vinham de atormentar meu espírito se apresentaram de novo. Em vão tentei expulsar todas essas idéias; dizia a mim mesmo: *É ainda uma ilusão, fruto do abalo dado ao teu cérebro pela primeira impressão que sentistes; tu não ouviste, não pudeste ouvir,* e o senso íntimo me dizia: *Tu não podes duvidar, ouviste duas vezes.*

"Tomei a decisão de não me ocupar com aquilo que acabara de acontecer de tratar de esquecer-lo. Mas estas palavras: *Consagra tua paróquia ao santíssimo e imaculado Coração de Maria,* se apresentavam sem cessar ao meu Espírito. Para me livrar da impressão que me cansava, cedi de cansaço e disse a mim mesmo: *É sempre um ato de devoção à santa Virgem, que pode ter um bom efeito; tentemos.* Meu consentimento não era livre, era exigido pelo cansaço de um espírito. Reentrei em meu apartamento; para me livrar desse pensamento, pus-me a compor os estatutos de nossa associação. Apenas tinha posto mãos a obra e o assunto se esclareceu aos meus olhos, e o estatuto não demorou para ser redigido. Eis a verdade, e não a dissemos nas primeiras edições de nosso manual; a escondemos mesmo ao venerável diretor de nossa consciência; dela tínhamos feito até esse dia um *segredo* mesmo aos amigos mais íntimos; *não ousamos revelá-lo; e hoje que a divina misericórdia assinalou tão autenticamente sua obra pelo estabelecimento, a prodigiosa propagação da arquiconfraria, e sobretudo pelos frutos admiráveis que ela produz, minha consciência me obriga a revelar este fato.* "É glorioso, disse o arcanjo Rafael a Tobias, é glorioso revelar as obras de Deus, a fim de que todos reconheçam que só a ele pertencem louvor, honra e glória."

O fato da mediunidade auditiva é aqui da última evidência. Àquele que negar-se que este seja um efeito medianímico e o considerasse como miraculoso, responderíamos que o caráter do milagre é de ser excepcional e acima das leis da Natureza, e que jamais se pensou em dar essa qualidade aos fenômenos que se produzem todos os dias; a reprodução é o indício certo de que eles existem em virtude de uma lei, e que, conseqüentemente, não saem da ordem natural; ora, os fatos análogos ao do abade Dégenettes estão no número dos mais vulgares, entre os da mediunidade; as comunicações por via auditiva são excessivamente numerosas.

Se, pois, segundo a opinião de alguns, o demônio é o único agente dos efeitos medianímicos, disto seria preciso concluir, para ser conseqüente, que a fundação da dita

arquiconfraria é uma obra demoníaca; porque, em boa lógica, a analogia absoluta dos efeitos implica na da causa.

Um ponto embaraçoso para os partidários do demônio é a reprodução incessante de todos os fenômenos medianímicos no próprio seio do clero e das comunidades religiosas, e a perfeita semelhança de uma multidão de efeitos reputados santos, com aqueles que são reputados diabólicos. Forçoso, pois, é convir que não só os maus Espíritos têm o poder de se manifestar, de outro modo a maioria dos santos não seriam senão possessos, tendo em vista que muitos não deveram sua beatificação senão a fatos do gênero daqueles que se produzem hoje nos médiuns. Disso saem dizendo que os bons Espíritos não se comunicam senão à Igreja, ou que só à Igreja cabe distinguir o que vem de Deus ou do diabo; seja, é uma razão como outra que fica para a apreciação de cada um, mas que exclui a doutrina da comunicação exclusiva dos demônios.

Nosso colega, o Sr. Delanne, que consentiu nos transmitir o fato acima, juntou-lhe a comunicação seguinte, do abade Dégenettes, obtida pela senhora Delanne:

"Meus caros filhos, respondo com alegria ao vosso chamado; dar-vos-ei de boa vontade os detalhes que desejais conhecer, porque sou hoje ligado à grande falange dos Espíritos que têm por missão conduzir os homens nos caminhos da verdade.

"Quando eu estava sobre a Terra, trabalhava de corpo e alma para conduzir os homens a Deus, mas eu não tinha senão uma idéia muito fraca da importância dessa grande lei pela qual todos os homens chegarão ao progresso. A matéria impõe graves entraves, e nossos instintos paralisam freqüentemente os esforços de nossa inteligência. Portanto, quando de minha *audição*, não sabia bem em que pensar; mas vendo que essa voz continuava a se fazer ouvir, concluí por um milagre. Eu me considerava, no entanto, como um verdadeiro instrumento, e tudo o que obtinha por essa intercessão me confirmava essa idéia. Pois bem! eu fui, com efeito, um instrumento; mas não havia milagre; eu era um dos homens designados para levar um das primeiras pedras à doutrina, fornecendo-lhe a prova das comunicações espirituais.

"Os tempos estão próximos em que vos serão dados grandes desenvolvimentos concernente às coisas que se chamam *mistérios*, e que deveriam sê-lo até o presente, porque os homens não estavam ainda aptos para compreendê-las. Oh! mil vezes felizes aqueles que compreendem hoje esta bela e invejável missão de propagar a doutrina da revelação, e de mostrar um Deus bom e misericordioso!

"Sim, meus caros filhos, quando eu estava em exílio sobre a Terra, possuía o precioso dom da mediunidade; mas, vo-lo repito, eu não sabia disso me dar conta. A partir do momento em que essa voz falou ao meu coração, reconheci mais especialmente e mais visivelmente a proteção de Maria em todas as minhas ações, mesmo as mais simples, e se dissimulava antes de dar parte aos meus superiores o que me tinha ocorrido, foi ainda *pelos conselhos dessa mesma voz*, que me fazia compreender que não tinha chegado a hora de fazer essa revelação. Tinha o pressentimento e mesmo uma vaga intuição da renovação que se opera; compreendia que a revelação *não deveria vir da Igreja*, mas que um dia a Igreja seria forçada a apoiá-la por todos os fatos aos quais ela dá o nome de milagre, e que atribui a causas sobrenaturais.

"Continuarei numa outra vez, meus filhos; que a paz do Senhor esteja em vossas almas e vos proporcione um sono pacífico.

"P. Devemos enviar ao Sr. Allan Kardec esta comunicação e os fatos que a provocaram? - R. Não vos disse que eu era um dos propagadores da Doutrina? Meu nome não tem um grande valor, mas não vejo porque não vos autorizaria a fazê-lo. De resto, não é a primeira vez que me comunico; podeis, pois, transmitir ao mestre minhas simples instruções, ou antes, meus simples relatos.

DÉGENETTES."

Nota. - O abade Dégenettes, com efeito, comunicou-se várias vezes espontaneamente, e ditou palavras dignas da elevação de seu Espírito.

Tanto quanto disto nos lembramos, foi ele que, num sermão pregado na igreja de Notre-Dame dês Victoires, contou o fato seguinte: Uma pobre trabalhadora sem trabalho tendo vindo orar na Igreja, encontrou, dela saindo, um senhor que a abordou e lhe disse: "Procurais trabalho; ide a tal endereço, e perguntai pela senhora tal; ela vos poderá proporcioná-lo." A pobre mulher agradeceu-lhe e foi ao endereço indicado, onde encontrou efetivamente a pessoa em questão, à qual contou o que lhe tinha ocorrido. Essa senhora lhe disse: "Não sei quem pôde vos dar meu endereço, porque não pedi trabalhador; no entanto, como tenho alguma coisa a mandar fazer, vou vos encarregar dela." A pobre mulher, avistando um retrato no salão, respondeu: "Tende, senhora, o senhor que me enviou à vossa casa foi aquele," designando o retrato. "É impossível, disse a senhora; esse retrato é de meu filho, morto há três anos. - Não sei como isso ocorreu, replicou a trabalhadora; mas eu o reconheço perfeitamente."

O Sr. abade Dégenettes acreditava, pois, na aparição das almas após a morte, sob a aparência que tinham quando vivas. Os fatos desse gênero não são insólitos, e se têm deles muito numerosos exemplos. Não é presumível que o abade Dégenettes tenha reportado este, no púlpito, sem provas autênticas. Sua crença sobre este ponto, juntada ao que lhe tinha ocorrido pessoalmente, vem em apoio do que ele disse de sua missão atual de propagar a doutrina dos Espíritos.

Um fato como o último que vem de ser contado, necessariamente, deveria passar por maravilhoso; só o Espiritismo, pelo conhecimento das propriedades do perispírito, podia dele dar uma explicação racional. Ele prova, por isto mesmo, a possibilidade da aparição de Cristo aos apóstolos, depois de sua morte.

MANIFESTAÇÕES DE FIVES, PERTO DE LILLE (NORTE).

Lê-se no *Indépendant de Douai*, de 6 e 8 de julho de 1865, o relato seguinte dos fatos que vêm de se passar em Fives:

I

"Há quinze dias, passaram-se na rua do Prieuré, em Fives, fatos ainda inexplicados e que causam uma profunda sensação em todo esse quarteirão. A certos intervalos ocorre, no pátio de duas habitações dessa rua, uma grande queda de projéteis que quebram as vidraças, às vezes atingem os habitantes, sem que se possa descobrir nem o lugar de onde partem, nem as pessoas que os lançam. As coisas chegaram a este ponto que os dois locatários deveram garantir suas janelas com uma grade, com medo de ser aniquilada.

"Primeiro os interessados fizeram a ronda, depois recorreram à polícia, que exerceu a mais ativa vigilância durante vários dias. Isso não impediu os pedaços de tijolos, carvão de terra, etc., de caírem tão abundantemente nos dois pátios. Um agente recebeu mesmo um projétil nos rins, no momento em que procurava explicar a um de seus camaradas a parábola que os calhaus descreviam antes de sua queda.

"O vidraceiro, depositando os vidros quebrados na véspera por pedaços de tijolos, foi igualmente atingido nas costas. Ele logo foi arremessado, jurando conhecer o autor desses atos repreensíveis, mas não foi mais feliz do que os outros.

"Constatou-se há alguns dias uma diminuição notável no volume dos projéteis, mas chegam mais numerosos, de sorte que a emoção continua. No entanto, espera-se descobrir logo o que há de misterioso nesse singular assunto.

II

"Os fenômenos bizarros que se produziram na rua do Prieuré, em Fives, desde quinta-feira, 14 de junho, e dos quais tínhamos já falado, entraram desde sábado último numa nova fase, disse o jornal ao qual tomamos o primeiro relato.

"Não se trata mais de projéteis lançados de fora com um estrondo extraordinário contra as portas e as janelas, e muito menos violentamente contra as pessoas.

"Eis o que se passa agora numa das duas casas da qual ele falou, - a outra ficando perfeitamente tranqüila.

"Durante o dia de sábado, caíram no pátio oito moedas e duas peças de dois centavos belgas. A senhora da casa, vendo ao mesmo tempo vários móveis se agitarem e cadeiras tombarem, foi chamar as pessoas vizinhas. Levantaram-se as cadeiras; por várias vezes, elas caem de novo. Ao mesmo tempo vêem-se no jardim os tamancos, deixados na entrada pela empregada, saltar em cadência, como se estivessem nos pés de uma pessoa que dançasse.

"À noite, um calendário colocado acima de uma chaminé salta e turbilhona no ar; sapatos, que estavam no chão, saltam também, e soltam a palmilha no alto.

"A noite chegada, o chefe da casa, Sr. M..., resolve vigiar.

"Apenas só, ouviu um ruído; era um castiçal que caía sobre a chaminé; enquanto o levanta, um molusco rola para a terra, ele abaixa para apanhá-lo: o outro castiçal lhe cai sobre as costas. Esses manejos duram uma parte da noite.

"Durante esse tempo, a doméstica, que dorme no alto, se pôs a gritar por socorro; é encontrada com um medo tal que não se pode duvidar de sua sinceridade, quando afirmou que lhe haviam batido. Fizeram-na descer e deitar no quarto vizinho; ouviu-se logo se lamentar ainda, ouviam-se mesmo os golpes que ela recebia.

"Essa jovem tornou-se enferma e precisou retornar para a casa de seus pais.

"No domingo de manhã e no dia seguinte, caem ainda moedas e centavos belgas no pátio.

"Perto do meio-dia, a Sra. X... sai com uma de suas amigas, depois de ter visitado toda a sua casa, e sem nada ali notar que não estivesse em ordem.

"A porta é cuidadosamente fechada. Ninguém pôde entrar. Retornando, a Sra. X... encontra desenhado sobre a sua cama um grande 8, com meias e lenços que estavam fechados num armário.

"A noite com seu marido, seu sobrinho e um pensionista, que compõem com ela todo pessoal da casa, visitou todos os apartamentos. No dia seguinte de manhã, subindo ao quarto ocupado outrora pela doméstica, ela encontrou, sobre a cama um desenho bizarro formado com bonés, e sobre a escada do fundo, uma dezena de peças de música cobertas pelos paletós de seu marido, de seu sobrinho e do pensionista, estendidos todos em sua extensão e em cima deles um chapéu.

"Na terça-feira de manhã, caiu ainda no pátio um centavo belga. Teve-se a intenção de dá-lo aos pobres, assim como a moeda caída nos dois dias precedentes. Mas eis que o estojo onde ela estava depositada salta de uma peça a outra, e o dinheiro desaparece, assim como a chave da escrivania.

"Varrendo a sala de jantar, de repente se vêem duas facas fixadas no assoalho, uma outra plantada no teto.

"De repente uma chave cai no pátio. É a da porta da rua, depois vem a da escrivania; depois lenços, lenços enrolados e amarrados, que tinham desaparecido há algum tempo.

"Depois do meio-dia, se vê sobre a cama do Sr. M... um círculo formado com roupas, e no sótão um desenho formado com um velho casaco de chuva enrolado e um cesto para peixe.

"Todos esses fatos, assim como dos quais falamos sábado, são atestados por pessoas da casa, cujo caráter está longe de ser levado ao exagero ou à ilusão. Parecem

tanto mais singulares quanto a vizinhança é perfeitamente bem habitada, e que uma ativa vigilância não cessou de ser exercida há três semanas.

"Pode-se imaginar o quanto as pessoas da casa sofrem com este estado de coisa. Depois de terem começado por ocultar as janelas do lado do pátio, decidiram em seguida abandonar os quartos onde se produzem esses fatos que reportamos, e elas estão agora de alguma sorte acampadas em dois ou três quartos, à espera do fim de seus aborrecimentos.

"Pela crônica: Ph. DENIS."

Estes fatos, como se vê, têm uma certa analogia com os de Poitiers, do boulevard Chave, em Marseille, da rua dos Grès e dos de Noyers em Paris, de Hoerd, perto de Strasbourg, e de uma multidão de outras localidades. Por toda a parte enganaram a vigilância mais ativa e as investigações da polícia. À força de se multiplicarem, acabaram por abrir os olhos. Se não se produzissem senão num único lugar, teria fundamento atribuí-los a uma causa local, mas quando ocorrem sobre pontos tão distantes e em épocas diferentes, será preciso chegar a reconhecer que a causa está no mundo invisível, uma vez que nada se encontra neste. Em presença desses fatos tão multiplicados e que, conseqüentemente, têm tão numerosas testemunhas, a negação não é mais possível, também vê-se que os relatórios se limitam geralmente a simples relatos.

Os Espíritos anunciaram que manifestações de toda natureza iriam se produzir sobre todos os pontos; com efeito, examinando-se o que se passa há algum tempo, vê-se que são fecundos em recursos para testarem sua presença. Os incrédulos pedem fatos; os Espíritos os dão a cada instante, que têm um valor tanto maior quanto não são provocados e se produzem sem o concurso da mediunidade comum, e na maioria do tempo entre pessoas estranhas ao Espiritismo. Os Espíritos parecem dizer-lhes: Acusais os médiuns de compadrio de prestidigitação, de alucinações; nós vos damos fatos que não são suspeitos; se depois disto não credes, é que quereis fechar os olhos e os ouvidos.

As manifestações de Fives nos são, além disso, atestadas pelo Sr. Mallet, de Douai, oficial superior e homem de ciência, que pesquisou sua realidade sobre os próprios lugares e junto de pessoas interessadas. Podemos, pois, garantir-lhes a perfeita exatidão.

PROBLEMA PSICOLÓGICO.

DOIS IRMÃOS IDIOTAS.

Num lar de operários de Paris se acham duas crianças atingidas de idiotia, e que apresentam esta particularidade de que, até a idade de cinco a seis anos, gozarem de todas suas faculdades intelectuais, mesmo relativamente muito desenvolvidas. A menos que não seja provocada por uma causa acidental, a idiotia, entre as crianças, é quase sempre o resultado de um atraso de desenvolvimento dos órgãos, e se manifesta, conseqüentemente, desde o nascimento. O que há além disto a notar aqui, é o fato de duas crianças atingidas da mesma enfermidade em condições idênticas.

O duplo fenômeno podendo ser o assunto de um estudo interessante do ponto de vista psicológico, um dos membros da Sociedade de Paris, o Sr. Desliens, se fez introduzir nessa família por um de seus amigos, afim de poder disso dar conta à Sociedade. Eis o resultado de suas observações.

"Quando o pai conheceu o objetivo de minha visita, disse ele, passou num escritório, e dele saiu trazendo nos braços um ser mais semelhante, pelos traços, a um animal do que a um foco de inteligência. Dali trouxe igualmente um segundo no mesmo estado de embrutecimento, mas com aparências físicas mais humanas. Nenhum som sensato

escapou da boca desses infelizes; pequenos gritos agudos, um ronco rouco são suas únicas manifestações barulhentas. Quase sempre um riso bestial lhes anima a fisionomia. O primogênito se chama Alfred e o segundo Paulin.

Alfred, que tem hoje dezessete anos, nasceu com toda a sua inteligência que se manifestou mesmo com uma certa precocidade. Há três anos falava com propósito e compreendia o menor sinal. Teve então uma curta doença, depois da qual perdeu o uso da palavra e de suas faculdades mentais. Os tratamentos médicos não levaram senão a um esgotamento das forças vitais, traduzido hoje por um raquitismo absoluto.

"Este ser, que não tem de um homem nem mesmo a aparência, no entanto, tem sentimento; ele ama seus pais; ama seu irmão, e sabe manifestar sua simpatia ou sua repulsa por aqueles que o cercam. Compreende tudo que se lhe diz; olha com os olhos onde brilha a inteligência; procura sem cessar, mas sem resultado, responder quando se fala diante dele de coisas que o interessam. Ele tem um medo invencível da morte, e não pode ver um carro de defunto sem procurar se esconder, sua tia tendo lhe dito um dia, de brincadeira, que o envenenaria se continuasse a ser mau, ele compreendeu tão bem que, durante mais de um ano, recusou receber qualquer alimento de suas mãos, se bem que seja de um apetite extraordinário.

"Paulin, com a idade de quinze anos, tem uma aparência mais humana, corporalmente; traz em seu rosto embrutecido, a marca de um idiotismo absoluto. No entanto, ele ama, mas a isto se limitam suas manifestações exteriores. Nasceu igualmente com toda a sua razão que conservou inteira até a idade de seis anos. Ele amava muito seu irmão. Nessa idade ele caiu doente e passou pelas mesmas fases que seu primogênito. Recentemente teve uma longa enfermidade, e depois desse tempo parece compreender melhor o que se lhe diz. O cura e os padres da paróquia fizeram a família entender que ali havia a possessão do demônio, e que seria preciso exorcizar as crianças. Os pais hesitaram; no entanto, cansados da insistência desses senhores, e temendo a perda dos recursos que recebiam por causa de seus filhos, nisso consentiram; mas então esses senhores pretenderam que houvera com efeito possessão outrora, mas que hoje não era mais isso e que não havia nada a fazer. É preciso dizer em louvor dos pais, que sua ternura por essas infelizes criaturas jamais foi desmentida, e que elas foram constantemente o objeto dos cuidados mais afetuosos."

Os senhores eclesiásticos sabiamente fizeram renunciar ao exorcismo, que não teria levado senão a um fracasso. As próprias crianças não apresentam nenhum dos caracteres da obsessão no sentido do Espiritismo, e tudo prova que a causa do mal é puramente patológica. Em ambos a idiotia se produziu em consequência de uma doença que, sem nenhuma dúvida, ocasionou a atrofia dos órgãos da manifestação do pensamento, mas é fácil ver que atrás desse véu existe um pensamento ativo que encontra um obstáculo invencível à sua livre emissão. A inteligência dessas crianças, durante os primeiros anos, prova neles Espíritos avançados que se encontraram mais tarde encerrados em laços muito estreitos, para que pudessem se manifestar; sob um envoltório em condições normais, teriam sido homens inteligentes, e quando a morte os tiver livrado de seus entraves, reencontrarão o livre uso de suas faculdades.

Esse constrangimento imposto ao Espírito deve ter uma causa moral, providencial, e essa causa deve ser justa, uma vez que Deus é a fonte de toda justiça. Ora, como essas crianças nada puderam fazer nesta existência, que pudessem merecer um castigo qualquer, é preciso bem admitir que pagam a dívida de uma existência anterior, a menos que se negue a justiça de Deus. Elas nos oferecem uma prova da necessidade da reencarnação, esta chave que resolve tantos problemas, e que cada dia lança a luz sobre tantas questões ainda obscuras." (Ver *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. V, n.º 66: Causas anteriores das aflições terrestres.)

A comunicação seguinte foi dada sobre este assunto à Sociedade de Paris, em 7 de julho de 1865. (Méd. Sr. Desliens).

"A perda da inteligência, nos dois idiotas dos quais se trata, é certamente explicável do ponto de vista científico. Cada um deles teve uma curta doença; pode-se, pois, concluir com razão que os órgãos cerebrais foram afetados. Mas, por que esse acidente ocorreu depois da manifestação evidente de todas as suas faculdades, contrariamente ao que se passa geralmente na idiotia? Eu o repito, toda perturbação da inteligência ou das funções orgânicas pode ser explicada fisiologicamente, qualquer que seja a causa primeira, tendo em vista que leis tendo sido estabelecidas pelo Criador para as relações entre a inteligência e os órgãos de transmissão, não pode isto ser derogado. A perturbação dessas relações é uma consequência mesma dessas leis, e pode ferir o culpado por suas faltas anteriores: aí está a expiação.

"Por que esses dois seres foram atingidos juntos? Porque participaram na mesma vida; estiveram ligados durante a prova, e devem estar reunidos durante a vida de expiação.

"Por que sua inteligência se manifestou primeiro, contrariamente ao que ocorre comumente em semelhante caso? Do ponto de vista da intenção providencial, é uma das mil nuances da expiação, que tem sua razão de ser para o indivíduo, mas da qual seria freqüentemente difícil sondar o motivo, por isto mesmo que é individual. É preciso nisto ver também um desses fatos que vêm diariamente confirmar, para o observador atento, as bases da Doutrina Espírita, e sancionar pela evidência, os princípios da reencarnação.

"Não olvideis, não mais, que os pais têm sua parte no que se passa aqui; é por sua ternura em relação a esses seres que não lhes oferecem nenhuma compensação, uma grande prova. É preciso felicitá-los por nela não falirem, porque essa compensação que não encontram nesse mundo, a encontrarão mais tarde. Disso dizeis vós mesmos que os cuidados e a afeição que prodigalizam a esses dois pobres seres, poderiam muito bem ser uma reparação a seu respeito, reparação que o estado de constrangimento torna ainda mais meritória."

MOKI.

VARIEDADES

EPITAFIO DE BENJAMIN FRANKLIN.

Um de nossos assinantes de Joinville (Haute-Marne) nos escreveu o que se segue:

"Sabendo da boa acolhida que está reservada a todos os documentos que têm relação com a Doutrina Espírita, apresso-me em vos dar conhecimento de uma passagem da biografia de Franklin, tirada do *Mosaïque* de 1839, página 287; ela prova um vez mais que, em todas as épocas, os homens superiores tiveram a intuição das verdades espíritas. A crença desse grande homem na reencarnação e no progresso da alma se revela inteiramente nas poucas linhas seguintes, formando o epitáfio que ele mesmo compôs; está assim concebido:

"Aqui repousa, entregue aos vermes, o corpo de Benjamin Franklin, impressor, como a cobertura de um velho livro cujas folhas são arrancadas, e o título e a douradura apagados; mas, por isto, a obra não está perdida, porque ele reaparecerá, como o crê, numa nova e melhor edição, revista e corrigida pelo autor."

Um dos principais cidadãos, de que os Estados Unidos mais se honram, era, pois, reencarnacionista; não só acreditava no seu renascimento sobre a Terra, mas acreditava ali retornar melhorado pelo seu trabalho pessoal; é exatamente o que diz o Espiritismo. Se se recolhessem todos os testemunhos esparsos nos melhores escritos em favor desta doutrina, reconhecer-se-ia o quanto teve raízes nos pensadores de todas as épocas, e se

admiraria menos da facilidade com a qual ela é acolhida hoje, porque pode-se dizer que ela jaz latente na consciência da maioria. Esses pensamentos, semeados aqui e ali, eram as centelhas precursoras que deveriam brilhar mais tarde, e mostrar aos homens o seu destino.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

O MANUAL DE XÉFOLIUS.

Este livro é uma nova prova da fermentação das idéias espíritas, muito tempo antes que os Espíritos fossem questão. Mas aqui não são mais alguns pensamentos esparsos, é uma série de instruções que se diria calcadas sobre a doutrina atual, ou pelo menos hauridas na mesma fonte. Essa obra, atribuída a Félix de Wimpfen, guilhotinado em 1793, parece ter sido publicada por volta de 1788; de início não foram impressos senão sessenta exemplares, para alguns amigos, assim como o anuncia um aviso colocado no cabeçalho, e, por conseguinte, é excessivamente raro. Eis o texto do prefácio, que traz a data de 1788, de cuja forma bastante ambígua poderia muito ser uma maneira de dissimular a personalidade do autor.

"Quando eu disser porque via caiu em minhas mãos a obra que dou hoje ao público, o extraordinário que encerra essa história não satisfará mais o leitor do que meu silêncio possa inquietá-lo, e não acrescentará nada ao prêmio inestimável do presente que lhe faço. Surpreso e preocupado por esta singularidade, li com uma espécie de desconfiança; mas logo as conjecturas foram abafadas pela admiração; encontrei o que nenhum filósofo havia ainda oferecido, um sistema completo senti meu Espírito se apoiar, se fixar sobre uma base que lhe era em tudo correspondente; senti minha alma se elevar e crescer; senti meu coração se agitar de um novo amor por meus semelhantes; minha imaginação foi ferida de um respeito mais profundo pelo autor de todas as coisas; vi o porquê de tantos assuntos de murmúrios contra a sabedoria eterna; em me encontrando melhor e mais feliz, pensei que não fora por acaso que fui escolhido, e que a Providência me havia determinado para ser um instrumento da publicação deste manual, próprio a todos os cultos que respeita, a todas as idades que instrui, a todos os estados que consola, do monarca ao mendigo. O sentimento e a razão me levaram de acordo a fazer partilhar aos meus irmãos as encorajantes esperanças, a pacífica resignação, os impulsos para a imperfeição dos quais me acho penetrado. Fortalecido por uma felicidade que me era desconhecida até então, desafio o ridículo que me lançarão os espíritos fortes por fraqueza, e antecipadamente lhes perdão pelos pesares pelos quais talvez quererão pagar a felicidade à qual convido o leitor, e que, cedo ou tarde, se tornará seu quinhão."

Um de nossos colegas da Sociedade Espírita de Paris, que mora em Gray, na Haute-Saône, encontrou, há pouco tempo, essa obra sobre sua mesa, sem que tivesse jamais podido saber como nem por quem havia sido levada, não conhecendo ninguém que teria podido fazê-lo, e não compreendendo, aliás, o motivo que se teria tido em se esconder. Entre as pessoas que freqüenta, nenhuma dele fez alusão na conversação, e não pareceu ter conhecimento do livro, quando dele fala. Ele mesmo tocado pelas idéias que encerra, no-lo comunicou em sua última viagem a Paris. Uma edição mais recente tendo sido publicada pela casa Hachette (1-(1) Um vol. in-12. Preço: 2 fr. 50; pelo correio: 2 fr. 80.), nos apressamos em procurá-la. Seu título, que infelizmente nada diz, deveu ter contribuído para deixá-la ignorada do público. Cremos que os Espíritos nos serão gratos de tirá-la do esquecimento, assinalando-a a sua atenção. Não podemos melhor fazê-lo do que citando dela algumas passagens.

"Partimos todos do mesmo ponto para chegarmos à mesma circunferência por raios diferentes, e é da diversidade dos *tipos que tenhamos usado* que provém a diversidade das inclinações dos homens ao seu primeiro protótipo. Quanto às inclinações daqueles

que já usaram vários, elas têm tantas causas diferentes e tantas nuances diferentes, que querendo-se indicá-las perder-se-ia no infinito. Contentar-me-ei, pois, em dizer que, enquanto não se faz senão girar em torno do círculo das vaidades, parece-se sempre; mas que aquele que entrou em suas leis não poderá conceber como pôde cometer certas ações tão pouco semelhantes, tão contrárias ao que é atualmente." (Página 87.)

"O homem não passa num protótipo, ou disforme ou débil, senão quando abusou criminosamente da força e da beleza daquele que acaba de deixar, porque depois de dele ter tido a experiência, somos privados das vantagens das quais abusamos para nos afastar da felicidade e da salvação, e recebemos o que pode dele nos aproximar de novo. Se, pois, foi a beleza: *renascemos feios, disformes*; se a saúde: fracos, doentios; se as riquezas: pobres, desprezados; se as grandezas: escravos desprezíveis; tais, enfim, que o jogo das leis universais no-los mostra já neste mundo alguns exemplos constantes naqueles que, depois de terem abusado dos bens passageiros ou da convenção, para ultrajar seus irmãos, tornaram-se para eles um sujeito de desprezo e de piedade." (Página 89.)

"Quando julgamos as penas que merece um crime, podemos variar na medida das punições. Mas todos convimos que o crime deve ser punido. Estaremos igualmente de acordo para convir que os castigos que, de um mau sujeito fariam um bom cidadão, seriam preferíveis à barbárie de fazê-lo supliciar eternamente e inutilmente por ele e pelos outros, e que o Todo-Poderoso não podendo ser ameaçado, ofendido, abalado, não pode querer se vingar; que assim tudo o que experimentamos não é senão para nos *esclarecer e nos modificar*, mas o preço inestimável que liga o homem a objetos de toda espécie lhe faz pensar que não é preciso menos do que uma força infinita para proporcionar o castigo ao delito do qual se tornou culpado para com ele; e na louca paixão, imagina que Deus não deixará de se vingar como se vingaria se fosse Deus, ao passo que outros procuram se persuadir de que o Céu não toma nenhum conhecimento de seus crimes. Mas é assim que deve raciocinar os diferentes desviados, cada um tomando seu diferente interesse por base." (Página 134.)

"Se não se tivesse limitado o universo ao nosso pequeno globo, a um Eliseu, a um Tártaro, todo cercado de velas, ter-se-ia sido mais justo para com Deus e os homens.

"Não sabes o que fazer desse tirano de Roma que, depois de inumeráveis crimes enormes, morreu com o desgosto de não ter cometido todos aqueles dos quais se encontra ainda a lista. Não podendo fazer passar no Eliseu, inventas as Fúrias, um Tártaro, tu o precipitas no abismo das penas eternas. Mas quando souberes que esse tirano, assassinado na flor de sua idade, não cessou de viver; que ele passou nas condições mais abjetas; *que foi punido pela lei de talião*; que ele sofreu sozinho tudo o que tinha feito sofrer a tantos outros; quando tu souberes,

Que instrui pela infelicidade, esse grande senhor do homem,

modificado pelo sofrimento, desenganado, esclarecido sobre tudo o que desvia; esse coração no qual eram abundantes o erro e os vícios, e que vomita os *crimes que as leis universais fizeram servir à modificação e à salvação de uma quantidade de nossos irmãos*; quando souberes, digo eu, que esse mesmo coração está hoje ao abrigo da verdade, das mais ternas e mais harmoniosas virtudes, quais serão teus sentimentos por ele?" (Página 131.)

"Quando os homens imaginaram um Deus vingativo, fizeram-no à sua imagem. O homem se vinga, ou porque crê ter sido lesado, ou para provar que não é preciso que se divirta com ele, quer dizer que ele não se vinga senão por avareza e por medo, crendo não se vingar senão por um sentimento de justiça. Ora, todos sabem a quais excessos podem nos levar nossas discordantes paixões. Mas o Eterno, inacessível aos nossos ataques, o Eterno tão bom quanto justo, não exerce a sua justiça senão em medida igual com a sua bondade. Sua bondade nos tendo criado para um fim feliz, ele justamente ordenou a natureza das coisas de modo: 1^o a que nenhum crime possa ficar impune; 2^o a

que a punição se torne, cedo ou tarde, *uma luz para o infrator* e para muitos outros; 3^o que não possamos demitir nem infringir nossas leis sem cair num mal proporcional à nossa infração e ao deslocamento moral do grau atual de nossa modificação." (Página 132.)

"Quanto mais tu avances, encontrarás encantos na prece de amor; porque é pelo amor que seremos felizes, e que o amor sendo o laço dos seres, teu bom gênio reagirá sobre ti. Esse *companheiro invisível é talvez o companheiro que crês ter perdido*, ou esse outro tu mesmo que crês não existir senão em teu desejo; mas ainda um momento, estarás com ele e com todos aqueles que terás muito amado, o que terias preferivelmente amado se os tivesses conhecido." (Página 265.)

"Quando uma injustiça ou uma maldade levantar em ti o sentimento da indignação, antes de raciocinar sobre essa injustiça ou essa maldade, raciocine teu sentimento, a fim de que não se mude em cólera. Digo-te: é para suportar isso que tenho necessidade da sabedoria; *não seria uma velha dívida que pago? Se me deixo abalar, não tardarei em cair*. Não estamos todos sob a mão do grande Obreiro, e não sabe ele melhor que eu a ferramenta da qual se deve servir? Que conselhos darias a meu amigo se o visse em uma posição má? Não é verdade que eu o lembraria a gradação dos seres; que lhe perguntaria se um selvagem produz tão bons frutos quanto um remador; se quisesse achar-se tão atrasado quanto esse mau, a fim de lhe dar a parelha; se o golpe que vem de receber não desatou um laço que não conhecia, ou que não tinha força de romper ele mesmo? não acabarias por fixar seus olhos sobre essa felicidade eterna, prêmio do complemento de uma harmonia na qual não fazemos progressos senão à medida que nos esclarecemos e que nos desligamos dos miseráveis interesses de onde nascem os choques contínuos, e que nos elevamos acima do finito!" (Página 310.)

Estas citações dela dizem bastante para dar a conhecer o espírito dessa obra, que torna todo comentário supérfluo. Tendo pedido ao guia de um de nossos médiuns, Sr. Desliens, se seria possível evocar o Espírito do autor, ele respondeu: "Sim, certamente e com tanto mais facilidade quanto não é dele a sua primeira comunicação. Vários médiuns já se dirigiram a ele em várias circunstâncias; mas deixo a ele mesmo o cuidado de se explicar. Ei-lo."

O Espírito, evocado e interrogado sobre as fontes de onde hauriu as idéias contidas em seu livro, deu a comunicação seguinte (29 de junho de 1865):

"Uma vez que lestes uma obra da qual não me atribuo sozinho todo o mérito, deveis saber que o bem da Humanidade e a instrução de meus irmãos foram o objeto de meus mais caros desejos. É vos dizer que venho com prazer vos dar as informações que esperais de mim. Já vim várias vezes às sessões da Sociedade, não só como expectador, e não ficareis admirado do que adianto, quando vos disser, como já o sabeis, que os Espíritos tomam em suas comunicações, o *nome tipo* do grupo ao qual pertence. Assim, tal Espírito que assina Santo Agostinho não será o próprio Santo Agostinho, mas bem um ser da mesma ordem, chegado ao mesmo grau de modificação. Isto posto, sabeis que fui, durante a vida de meu corpo, um desses *médiuns inconscientes que se revelam freqüentemente em vossa época*. Por que falo logo de maneira que parece prematura, vo-lo direi:

"Para cada aquisição do homem, nas ciências físicas ou morais, diversos degraus, desdenhados, repelidos primeiro para triunfar em seguida, deveram ser colocados, afim de preparar insensivelmente os Espíritos aos movimentos futuros. Toda idéia nova, fazendo, sem precedente, sua entrada num mundo que se costuma chamar sábio, não tem quase chance de triunfar, em razão do espírito de partido e das oposições sistemáticas daqueles que o compõem. Render-se a novas idéias, das quais no entanto reconhece a sabedoria, é para eles uma humilhação, porque isso seria confessar sua fraqueza e provar a insanidade de seus sistemas particulares. Preferem negar por amor-próprio, por respeito humano, por ambição mesmo, até que a evidência os force a convir

com seus erros, sob pena de se verem cobertos do ridículo que quiseram derramar sobre os novos instrumentos da Providência.

Assim o foi de todos os tempos; ocorreu o mesmo para o Espiritismo. Não fiquéis, pois, admirados de encontrar em épocas anteriores ao grande movimento espiritualista, diversas manifestações isoladas, cuja concordância com as da hora presente, provam uma vez mais a intervenção do Todo-Poderoso em todas as descobertas que a Humanidade atribui erradamente a algum gênio humano particular.

Sem dúvida, cada um tem seu gênio próprio; mas, reduzidos às suas próprias fôrças, que faria ele? Quando o homem, dotado de uma inteligência capaz de propagar novas instituições com algumas chances de sucesso, aparece sobre a Terra ou alhures, é escolhido pela hierarquia dos seres invisíveis encarregados, pela Providência, de vigiar a manifestação da nova invenção, para receber a inspiração dessa descoberta e conduzir progressivamente os incidentes que devem lhe assegurar o sucesso.

Dizer-vos o que me levou a escrever esse livro, manifestação verdadeira de minha individualidade, me foi impossível ao tempo de minha encarnação; agora, vejo claramente que fui o instrumento, em parte passivo, do Espírito encarregado de me dirigir o *ponto harmonioso*, sobre o qual devia me modelar para adquirir a soma das perfeições que me era dado alcançar sobre essa Terra. Há duas espécies de perfeições bem distintas uma da outra: as *perfeições relativas* que nos são inspiradas pelo guia do momento, guia, bem longe ainda do cume da escala das perfectibilidades, mas ultrapassando somente seus protegidos em razão da compreensão da qual são capazes.

Há, em seguida, a perfeição absoluta que, para mim não é senão uma aspiração ainda velada porque ignoro, e à qual se chega pela sucessão das perfeições relativas.

Em cada mundo que ela atravessa, a alma adquire novos sentidos morais que lhe permitem conhecer coisas das quais não tinha a menor idéia. Dir-vos-ei o que fui? que classe ocupo na escala dos seres? Por quê? De que utilidade me seria um pouco de glória terrestre?... Gosto mais de conservar a doce lembrança de ter sido útil aos meus semelhantes na medida de minhas forças, e continuar aqui a tarefa que Deus, em sua bondade, me havia imposto sobre a Terra.

Instruí-me instruindo os outros; aqui, faço o mesmo.

Informar-vos-ei somente que faço parte desta categoria de Espírito que designais pelo nome genérico de São Luís.

P. Poderíeis nos dizer: 1^o se, em vossa última encarnação, fostes a pessoa designada no prefácio da reedição de vossa obra, sob o nome de Félix de Wimpfen? 2- se fazíeis parte da seita dos Teósofos cujas opiniões se aproximam muito das nossas; 3- se deveríeis logo vos reencarnar e fazer parte da falange de Espíritos destinada a terminar o grande movimento ao qual assistimos. O Sr. Allan Kardec tem a intenção de dar a conhecer vosso livro; seria também bem fácil ter vosso conselho, a esse respeito. - *R.* Não, eu não fui Félix de Wimpfen, crede-me; se o fosse, não hesitaria em dizê-lo. Ele foi meu amigo, assim como diversos outros filósofos do século dezoito; partilhei mesmo seu fim cruel; mas, repito-o, meu nome ficará desconhecido, e me parece inútil fazê-lo conhecer.

Certamente, fui um Teósofo, sem partilhar do entusiasmo que distinguiu alguns dos partidários dessa escola.

Tive relações com os principais dentre eles e minhas idéias, como pudestes ver, estavam em tudo conforme às suas.

Sou inteiramente submetido aos decretos da Providência, e se lhe aprouver enviar-me de novo sobre essa Terra para continuar a me purificar e a me esclarecer, bendirei a sua bondade. Aliás, é um desejo que formulei e do qual espero ver logo a realização.

O conhecimento de meu livro vindo apoiar as idéias espíritas, não posso senão apoiar nosso caro presidente de nisto ter sonhado; mas não é talvez o primeiro instigador dessa providência e estou certo, de minha parte, de que alguns Espíritos de meu

conhecimento contribuíram para colocá-lo em suas mãos, e inspirar-lhe as intenções que tomou a esse respeito.

Quando me evocardes especialmente far-me-ei reconhecer; mas se venho vos instruir como pelo passado, não reconhecereis em mim senão um dos Espíritos da ordem de São *Luís*.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

A CHAVE DO CÉU.

(Sociedade de Montreuil-sur-Mer, 5 de janeiro de 1865.)

Quando se considera que tudo vem de Deus e retorna a Deus, é impossível não perceber, na generalidade das criações divinas, o laço que as religa entre elas e as sujeita a um trabalho de comum adiantamento, ao mesmo tempo que de um trabalho de adiantamento particular; como também não se pode desconhecer que a lei de solidariedade que disso resulta, não nos obriga a sacrifícios gratuitos de todas as espécies uns para com os outros. Há a anotar, aliás, que Deus nos mostrou em tudo uma primeira aplicação por ele mesmo dos princípios primordiais que estabeleceu. Assim, pela solidariedade, se encontra esse princípio expresso na sensibilidade da qual fomos dotados, possibilidade que nos leva a compartilhar os males de outrem, a tomá-los em piedade e aliviá-los.

Isto não é tudo; os profetas e o divino Messias Jesus nos deram o exemplo de uma segunda aplicação do princípio de solidariedade, primeiro em consagrando por cerimônias simbólicas, e mais freqüentemente pela autoridade de seus ensinamentos, o amor do homem para o homem; depois em proclamando como um dever necessário e rigoroso a prática da caridade, que é a expressão da solidariedade. A caridade é o ato de nossa submissão à lei de Deus; é o sinal de nossa grandeza moral; é a chave do céu. Também é da caridade que quero vos falar. Não a considerarei senão sob um único lado: o lado material, e a razão disto é simples: é o lado que agrada menos ao homem.

Não mais os cristãos do que os Espíritos, ninguém negou o princípio, ou melhor, a lei da solidariedade; mas procurou-se eludir-lhe as conseqüências, e para isso se evocaram mil pretextos. Deles citarei alguns.

As coisas do espírito ou do coração, disseram, tendo um preço infinitamente superior ao das coisas materiais, segue-se que consolar a aflição, ou por boas palavras ou por sábios conselhos, vale também infinitamente mais do que consolá-la por socorros materiais. Seguramente, senhores, tendes razão se a aflição da qual falais tem uma causa moral, se ela toma sua razão numa ferida do coração; mas se é a fome, se é o frio, se é doença, se, em uma palavra, foram as causas materiais que a provocaram, vossas doces palavras bastarão para dulcificá-las? vossos bons conselhos, vossas sábias opiniões chegarão a curá-la? Permitti-me disto duvidar. Se Deus, em vos colocando sobre a Terra, tivesse se omitido em prover à alimentação de vosso corpo, disto teríeis encontrado equivalente nos socorros espirituais que vos concede? Mas Deus não é o homem, Deus é a sabedoria eterna e a bondade infinita; ele vos impôs um corpo de lama, mas proveu as necessidades desse corpo fertilizando vossos campos e fecundando os tesouros da terra; aos recursos espirituais que se dirigem à vossa alma, juntou os recursos materiais que vosso corpo reclamava. Desde então, e porque o egoísmo talvez tivesse despojado o pobre de sua parte na herança terrestre, de que direito vos crerieis quites para com ele? Porque a justiça humana riscou-lhe o nome do número dos usufrutuários dos bens temporais, por que a vossa caridade não encontraria uma justiça mais equitativa a lhe dar?

Um ilustre pensador deste século não temeu assim se expressar em sua memorável profissão de fé: "Cada abelha tem direito à porção de mel necessária à sua subsistência, e se, entre os homens, há a quem falte desse necessário, é que a justiça e a caridade desapareceram do meio deles." Toda excessiva que possa vos parecer esta linguagem, por isso não contém menos uma grande verdade, verdade inacessível talvez ao entendimento de muitos dentre vós, mas evidente para nós, Espíritos que, mais atingidos pelos efeitos porque os abarcamos em seu conjunto, vemos também as causas que os produzem.

Ah! disse aquele, ninguém mais do que eu geme sob as penas e as privações cruéis do verdadeiro pobre, cujo trabalho, insuficiente para a manutenção de sua família, não lhe leva, em troca de suas fadigas, nem a alegria de nutrir os seus, nem a esperança de deixá-los felizes; mas eu me faria um caso de consciência encorajar, por cegas liberalidades, a preguiça ou a má conduta em farrapos. De resto, tenho a caridade como indispensável à salvação do homem; somente a impossibilidade de descobrir as necessidades reais, entre tantas necessidades simuladas, justifica, isto me parece, minha abstenção.

A impossibilidade de descobrir as necessidades reais, tal é, meu amigo, vossa justificativa. Vede, no entanto, essa justificativa não será jamais sancionada pela vossa consciência, e disto não quero dar outra prova senão a confissão que me fizestes; porque, do direito que teria o verdadeiro pobre à vossa esmola, - e lhe reconheceis esse direito, - desse direito, digo eu, decorre para vós o dever de procurá-la. Procurá-la vós? A impossibilidade vos detém. Como pois! a caridade não tem limites, ela é infinita, como Deus de quem emana, e não admite nenhuma impossibilidade! Sim, alguma coisa vos detém: é o egoísmo, e Deus, que sonda os corações e os rins, Deus o descobrirá facilmente sob os falaciosos pretextos com os quais o velais. Podeis enganar o mundo, chegareis também a enganar momentaneamente vossa consciência, mais jamais enganareis a Deus. Em cem anos, em mil anos, aparecereis de novo sobre a Terra; nela vivereis, sem dúvida, despojados de vossa opulência presente e cobertos sob o peso da indigência; pois bem! eu vo-lo declaro, receberéis do rico o desdém e a indiferença que, ricos vós mesmos, tereis mostrado outrora para o pobre. Nobreza obriga, diz-se; solidariedade obriga mais ainda. Quem se subtrai à esta lei dela perde todos os benefícios. É porque vós, que tereis guardado o fundo egoísta de vossa natureza, suportareis, ao vosso turno, os desprezos do egoísmo.

Escutai estas afirmações de Rousseau:

"Para mim, disse ele, sei que todos os pobres são meus irmãos e que não posso, sem uma inexcusável dureza, lhes recusar o fraco socorro que me pedem. A maioria são de vagabundos, nisto convenho; mas conheço muito as penas da vida para ignorar por quantas infelicidades o honesto homem pode se encontrar reduzido à sua sorte. E como poderia eu estar seguro de que o desconhecido que vem implorar, em nome de Deus, minha assistência, não é talvez esse honesto homem prestes a perecer de miséria e que minha recusa vai reduzir ao desespero? Quando a esmola que se lhes dá não fosse para eles um socorro real, é pelo menos um testemunho de que se toma parte em suas dificuldades, um abrandamento à dureza da recusa, uma espécie de saudação que se lhes dá."

É um filho de Gênova, senhores, que fala da sorte; é um filósofo saciado nas fontes secas do século dezoito que teme desconhecer o honesto homem entre os desconhecidos que lhe estendem a mão e que dá a todos. Dar a todos porque todos são seus irmãos: ele o sabe! Disso sabeis menos do que ele, senhores? Não ousa crê-lo.

Mas em que medida deveis dar, ou antes, qual é em vossos bens a parte que vos pertence e a parte que pertence aos pobres? Vossa parte, senhores, é o necessário, nada senão o necessário e ainda não seria preciso que o exagerásseis. Em vão vos prevalece-

reis de vossa posição, das obrigações que lhe são decorrentes, das obrigações de luxo que ela exige; tudo isto olha ao mundo, e se quiserdes viver para o mundo, não avançareis senão com o mundo, não ireis mais depressa do que o mundo. Em vão ainda, alegareis, para justificar vossos hábitos de fraqueza, um trabalho ao qual não se entrega o pobre, e que, praticado em vossa casa e por vós, vos torna beneficiários de um maior bem-estar; em vão alegareis isto, porque todo homem é ligado ao trabalho, ou por ele, ou pelos outros, porque a incúria de seu vizinho não o absolveria do desamparo em que o tenha abandonado.

De vosso patrimônio, como de vosso trabalho, não vos é permitido retirar senão uma coisa em vosso proveito: o necessário, o resto torna aos pobres. Eis a lei. Que essa lei comporte, em certos casos e em circunstâncias dadas, temperamentos, não o nego, mas diante da luz, diante da verdade, diante da justiça divina, ela não o comporta.

E a família, em que se tornará ela? Estamos quites com ela desde que tenhamos socorrido o que se chama os pobres? Não, evidentemente, senhores, porque, do momento em que reconheceis a necessidade de vos despojar para os pobres, trata-se de fazer uma escolha e estabelecer uma hierarquia. Ora, vossas mulheres e vossos filhos são vossos primeiros pobres; sobre eles, pois, deveis derramar a vossa primeira esmola. Velai pelo futuro de vossos filhos; sede cuidadosos em lhes preparar dias calmos e tranquilos no meio desse vale de lágrimas; deixai-lhes mesmo em depósito uma leve herança que lhes permita continuar o bem que tiverdes começado: isto é legítimo. Mas jamais lhes ensineis a viver egoisticamente, e a olhar como seu o que é de todos. Antes e depois deles, os autores de vossos dias, aqueles que vos nutriram e guardaram, aqueles que protegeram vossos primeiros passos e guiaram vossa adolescência, vosso pai e vossa mãe têm direito à vossa solicitude. Depois vêm as almas que Deus vos deu em vossos irmãos segundo a carne; depois vossos amigos de coração; depois todos os pobres, a começar pelos mais miseráveis.

Vós o vedes, eu vos concedo temperamentos, e estabeleci uma hierarquia conforme os instintos de vosso coração. Tende cuidado, no entanto de muito favorecer uns com exclusão dos outros. E pela partilha equitativa de vossos benefícios que mostrareis a vossa sabedoria, e é pela partilha equitativa ainda que cumprireis a lei de Deus com relação aos vossos irmãos, que é a lei de solidariedade.

"A justiça, disse Lamennais, é a vida; a caridade, é também a vida, mas uma mais bela e mais doce vida."

Sim, a caridade é uma bela e doce vida, é a vida dos santos, é a *chave do céu*.

LACORDAIRE.

A FE.

(Grupo espírita de Douai, 7 de junho de 1865.)

A fé plana sobre a Terra, procurando uma pousada onde se abrigar, procurando um coração para esclarecer! Onde irá ela?.....

Ela entrará primeiro na alma do homem primitivo e se imporá; colocará um véu momentâneo sobre a razão começando a se desenvolver e vacilante nas trevas do Espírito. Conduzi-lo-á através das idades de simplicidade e se fará senhora pelas revelações; mas, não estando o raciocínio ainda bastante maduro para discernir o que é justo do que é falso, para julgar o que vem de Deus, ela arrastará o homem fora do caminho reto, tomando-o pela mão e lhe colocando uma venda sobre os olhos. Muitos desvios, tal deve ser a divisa da fé cega, que, no entanto, teve durante muito tempo sua utilidade e sua razão de ser.

Esta virtude desaparece quando a alma, pressentindo que pode ver por seus próprios olhos, se afasta e não quer mais caminhar senão com sua razão. Isto a ajuda a

se desfazer das crenças falsas que havia adotado sem exame; nisso ela é boa; mas o homem reencontrando em seu caminho muitos mistérios e verdades obscuras, quer penetrá-los e se engana. Seu julgamento não pode segui-lo; quer ir muito depressa e a progressão em tudo deve ser insensível. Ele não tem, pois, mais a fé que repeliu; não tem mais a razão que quis ultrapassar. Faz, então, como as borboletas temerárias, queima as asas na luz e se perde nos descaminhos impossíveis. Dali saiu a má filosofia, que, procurando muito, fez tudo desabar e nada substituiu.

Estava ali o momento da transformação; o homem não era mais crente cego, não era ainda crente raciocinando a crença; era a crise universal tão bem representada pelo estado da crisálida.

À força de procurar na noite, a claridade jorra, e muitas almas extraviadas, reencontrando apenas a luz obscurecida por tantos desvios inúteis, e retomando por guia seus condutores eternos: a fé e a razão os fazem marchar de frente diante delas, a fim de que seus dois clarões reunidos os impeçam de se perderem uma segunda vez. Fazem assentar a fé sobre as bases sólidas da razão, ajudadas elas mesmas pela inspiração.

É vossa época, meus amigos; segui o caminho, Deus está no fim.

DEMEURE.

AVISO.

As sessões da Sociedade Espírita de Paris serão suspensas, como nos anos precedentes, de 1^o de agosto a 1^o de outubro.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

8º ANO

NO. 9

SETEMBRO 1865

DA MEDIUNIDADE CURADORA.

Escrevem-nos de Lyon, 12 de julho de 1865: "Caro Senhor Kardec.

"Venho, na qualidade de Espírita, recorrer à vossa cortesia, e vos rogar consentir em dar-me alguns conselhos relativamente à prática da mediunidade curadora pela imposição das mãos. Um simples artigo a este respeito na *Revista Espírita*, contendo alguns desenvolvimentos, seria acolhido, disto estou seguro, com um grande interesse, não só por aqueles que, como eu, se ocupam desta questão com ardor, mas ainda por muitos outros a quem essa leitura poderia inspirar o desejo de dela se ocupar também. Lembrome sempre dessas palavras de uma sonâmbula que eu havia formado. Eu a enviei, durante seu sono magnético, para visitar uma doente à distância, e a meu pedido como se poderia curá-la, ela disse: "Há alguém em sua aldeia que o poderia, é um tal; é "médium curador, mas *sobre isto nada sabe.*"

"Não sei até que ponto essa faculdade é especial, cabe-vos mais do que a qualquer outro apreciá-la, mas se ela o é realmente, como seria de desejar, que atraísseis sobre este ponto a atenção dos Espíritas. Mesmo todos aqueles que, fora de nossas opiniões, vos lessem, não poderiam ter nenhuma repugnância em tentar uma faculdade que não pede senão a fé em Deus e a prece. Que de mais geral, de mais universal? Não é mais questão de Espiritismo, e cada um, nesse terreno, pode conservar suas convicções. Quantas irmãs de caridade, quantos bons curas do campo, quantos milhares de pessoas piedosas, ardentes pela caridade, poderiam ser médiuns curadores? É o que sonho em todas as religiões, em todas as seitas. Aceita por toda a parte, essa faculdade, esse presente divino da bondade do Criador, em lugar de ficar como apanágio de alguns, cairia, se assim posso me expressar, no domínio público. Este seria um belo dia para aqueles que sofrem, e há tantos deles!

"Mas, para exercer essa faculdade, independentemente de uma fé viva e da prece, podem existir condições a reunir, procedimento a seguir para agir o mais eficazmente possível. Qual é a parte do médium na imposição das mãos? Qual é a dos Espíritos? É preciso empregar a vontade, como nas operações magnéticas, ou se limitar a pedir, deixando agir à sua vontade a influência oculta? Essa faculdade é realmente especial ou acessível a todos? O organismo nela desempenha um papel, e que papel? Essa faculdade pode ser desenvolvida, e em que sentido?

"Eis aqui onde vossa longa experiência, vossos estudos sobre as influências fluídicas, o ensino dos Espíritos elevados que vos assistem, e, enfim, os documentos que recolheis de todos os cantos do globo, podem vos permitir nos esclarecer e nos instruir; ninguém, como vós, está colocado nessa situação única. Todos aqueles que se ocupam da questão desejam vossos conselhos tanto quanto eu, disto estou seguro, e creio me fazer o intérprete de todos. Que mina fecunda é a mediunidade curadora! Aliviar-se-á ou se curará o corpo, e pelo alívio ou pela cura encontrar-se-á o caminho do coração, lá onde freqüentemente a lógica havia fracassado. Quantos recursos possui o Espiritismo!

Quanto é rico dos meios dos quais é chamado a se servir! Não deixando nenhum deles improdutivo; quanto tudo concorre a elevá-lo e a difundi-lo. Nisto nada poupais, caro senhor Kardec, e depois de Deus e dos bons Espíritos, o Espiritismo vos deve o que é. Já tendes uma recompensa disto neste mundo pela simpatia e afeição de milhões de corações que oram por vós, sem contar a verdadeira recompensa que vos espera num mundo melhor.

'Tenho a honra, etc.

"A. D.

O que nos pede nosso honorável correspondente não é nada menos do que um tratado sobre a matéria. A questão foi esboçada em *O Livro dos Médiuns* e em muitos artigos da *Revista*, a propósito de fatos de curas e de obsessões; ela está resumida em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, a propósito das preces para os doentes e os médiuns curadores. Se um tratado regular e completo não pode ainda ser feito, isto se prende a duas causas: a primeira que, apesar de toda a atividade que desdobramos em nossos trabalhos, nos é impossível fazer tudo ao mesmo tempo; a segunda, que é mais grave, está na insuficiência das noções que se possuem ainda a esse respeito. O conhecimento da mediunidade curadora é uma das conquistas que devemos ao Espiritismo; mas o Espiritismo, que começa, não pode ainda haver dito tudo; não pode, de um só golpe, nos mostrar todos os fatos que ele abarca; cada dia deles desenvolve novos, de onde decorre novos princípios que vêm corroborar ou completar aqueles que já se conheciam, mas é preciso o tempo material para tudo; qualquer parte integrante do Espiritismo é, por si mesma, toda uma ciência, porque se liga ao magnetismo, e abarca não só as doenças propriamente ditas, mas todas as variedades, tão numerosas e tão complicadas de obsessões que, elas mesmas, influem sobre o organismo. Não é, pois, em algumas palavras que se pode desenvolver um assunto tão vasto. Nele trabalhamos, como em todas as outras partes do Espiritismo, mas como não queremos nele nada pôr de nossa autoridade e que seja hipotético, não procedemos senão pelo caminho da experiência e da observação. Os limites deste artigo não nos permitindo dar-lhe os desenvolvimentos que comporta, resumimos alguns dos princípios fundamentais que a experiência consagrou.

1. Os médiuns que obtêm as indicações de remédios da parte dos Espíritos não são o que se chama médiuns curadores, porque não curam por si mesmos; são simples médiuns escreventes que têm uma aptidão mais especial do que outros para esse gênero de comunicações, e que, por essa razão, podem se chamar *médiuns consultantes*, como outros são médiuns poetas ou desenhistas. A mediunidade curadora se exerce pela ação direta do médium sobre o doente, com a ajuda de uma espécie de magnetização de fato ou de pensamento.

2. Quem diz *médium* diz *intermediário*. Há esta diferença entre o magnetizador e o médium curador, que o primeiro magnetiza com o seu fluido pessoal, e o segundo com o fluido dos Espíritos, ao qual serve de condutor. O magnetismo produzido pelo fluido do homem é o *magnetismo humano*; aquele que provém do fluido dos Espíritos é o *magnetismo espiritual*.

3. O fluido magnético tem, pois, duas fontes muito distintas: os Espíritos encarnados e os Espíritos desencarnados. Essa diferença de origem produz uma diferença muito grande na qualidade do fluido e em seus efeitos.

O fluido humano é sempre mais ou menos impregnado das impurezas *físicas e morais* do encarnado; o dos bons Espíritos é necessariamente mais puro e, por isto mesmo, tem propriedades mais ativas que levam a uma cura mais rápida. Mas, passando por intermédio do encarnado, pode-se alterar como uma água límpida passando por um vaso impuro, como todo remédio se altera se permanece em um vaso impróprio, e perde em parte suas propriedades benfazejas. Daí, para todo verdadeiro médium curador, a

necessidade *absoluta* de trabalhar em sua depuração, quer dizer, em sua melhoria moral, segundo este princípio vulgar: limpai o vaso antes de vos servir dele, se quereis ter alguma coisa de bom. Só isto basta para mostrar que o primeiro que chega não poderia ser médium curador, na verdadeira acepção da palavra.

4. O fluido espiritual é tanto mais depurado e benfazejo quanto o Espírito que o fornece é, ele mesmo, mais puro e mais desligado da matéria. Concebe-se que o dos Espíritos inferiores deve se aproximar do homem e pode ter propriedades *malfazejas*, se o Espírito for impuro e animado de más intenções.

Pela mesma razão, as qualidades do fluido humano apresenta nuanças infinitas segundo as qualidades *físicas e morais* do indivíduo; é evidente que o fluido saindo de um corpo malsão pode inocular princípios mórbidos no magnetizado. As qualidades morais do magnetizador, quer dizer, a pureza de intenção e de sentimento, o desejo ardente e desinteressado de aliviar seu semelhante, unido à saúde do corpo, dão ao fluido um poder reparador que pode, em certos indivíduos se aproximar das qualidades do fluido espiritual.

Seria, pois, um erro considerar o magnetizador como uma simples máquina na transmissão fluídica. Nisto como em todas as coisas, o produto está em razão do instrumento e do agente produtor. Por estes motivos, haveria imprudência em se submeter à ação magnética do primeiro desconhecido; abstração feita dos conhecimentos práticos indispensáveis, o fluido do magnetizador é como o leite de uma nutriz: salutar ou insalubre.

5. O fluido humano sendo menos ativo, exige uma magnetização prolongada e um verdadeiro tratamento, às vezes, muito longo; o magnetizador, dispensando seu próprio fluido, se esgota e se fatiga, porque é de seu próprio elemento vital que ele dá; é porque deve, de tempos em tempos recuperar suas forças. O fluido espiritual, mais poderoso em razão de sua pureza, produz efeitos mais rápidos e, freqüentemente, quase instantâneos. Esse fluido não sendo o do magnetizador, disto resulta que a fadiga é quase nula.

6. O Espírito pode agir diretamente, sem intermediário, sobre um indivíduo, assim como se pôde constatar em muitas ocasiões, seja para aliviá-lo, curá-lo se isto se pode, ou para produzir o sono sonambúlico. Quando se age por intermediário, é o caso da *mediunidade curadora*.

7. O médium curador recebe o influxo fluídico do Espírito, ao passo que o magnetizador haure tudo *em si mesmo*. Mas os médiuns curadores, na estrita acepção da palavra, quer dizer, aqueles cuja personalidade se apaga completamente diante da ação espiritual, são extremamente raros, porque esta faculdade, elevada ao seu mais alto grau, requer um conjunto de qualidades morais que raramente se encontra sobre a Terra; somente eles podem obter, pela imposição das mãos, essas curas instantâneas que nos parecem prodigiosas; muito poucas pessoas podem pretender este favor. O orgulho e o egoísmo sendo as principais fontes das imperfeições humanas, disso resulta que aqueles que se gabam de possuir esse dom, que vão por toda a parte enaltecendo as curas maravilhosas que fizeram, ou que dizem ter feito, que procuram a glória, a reputação ou o proveito, estão nas piores condições para obtê-la, porque esta faculdade é o privilégio *exclusivo da modéstia, da humildade, do devotamento e do desinteresse*. Jesus dizia àqueles que tinha curado: Ide dar graças a Deus, e não o digais a ninguém.

8. A mediunidade curadora pura sendo, pois, uma exceção neste mundo, disso resulta que há quase sempre ação simultânea do fluido espiritual e do fluido humano; quer dizer, que os médiuns curadores são todos mais ou menos magnetizadores, é por isso que agem segundo os procedimentos magnéticos; a diferença está na predominância de um ou de outro fluido, e na maior ou na menor rapidez da cura. Todo magnetizador pode se tornar médium curador, se *sabe* se fazer assistir pelos bons Espíritos; neste caso os Espíritos lhe vêm em ajuda, derramando sobre ele seu próprio fluido que pode decuplicar ou centuplicar a ação do fluido puramente humano.

9. Os Espíritos vão para onde querem; nenhuma vontade pode constrangê-los; eles se rendem à prece se é fervorosa, sincera, mas jamais à injunção. Disso resulta que a vontade não pode dar a mediunidade curadora, e que ninguém pode ser médium curador de desejo premeditado. Reconhece-se o médium curador pelos resultados que obtém, e não *pela sua pretensão de sê-lo*.

10. Mas se a vontade é ineficaz quanto ao concurso dos Espíritos, ela é onipotente para imprimir ao fluido, espiritual ou humano, uma boa direção, e uma energia maior. No homem débil e *distraído*, a corrente é débil, a emissão fraca; o fluido espiritual se detém nele, mas sem proveito para ele; no homem de uma vontade enérgica, a corrente produz *o efeito de uma ducha*. Não é preciso confundir a vontade enérgica com a teimosia, porque a teimosia é sempre uma conseqüência do orgulho e do egoísmo, ao passo que o mais humilde pode ter *a vontade do devotamento*.

A vontade é ainda onipotente para dar aos fluidos as qualidades especiais apropriadas à natureza do mal. Este ponto, que é capital, se prende a um princípio ainda pouco conhecido, mas que está em estudo, o das criações fluídicas, e das modificações que o pensamento pode fazer a matéria suportar. O pensamento, que provoca uma emissão fluídica, pode operar certas transformações moleculares e atômicas, como se vê isto se produzir sob a influência da eletricidade, da luz ou do calor.

11. A prece, que é um pensamento, quando é fervorosa, ardente, feita com fé, produz o efeito de uma magnetização, não só chamando o concurso dos bons Espíritos, mas em dirigindo sobre o doente uma corrente fluídica salutar. Chamamos a esse respeito a atenção sobre as preces contidas em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, para os doentes ou os obsidiados.

12. Se a mediunidade curadora pura é o privilégio das almas de elite, a possibilidade de abrandar certos sofrimentos, de curar mesmo, embora de maneira não instantânea, certas doenças, é dada a todo o mundo, sem que seja necessário ser magnetizador. O conhecimento dos procedimentos magnéticos é útil em casos complicados, mas não é indispensável. Como é dado a todo o mundo chamar os bons Espíritos, orar e *querer o bem*, freqüentemente, basta impor as mãos sobre uma dor para acalmá-la; é o que pode fazer todo indivíduo se nisso põe a fé, o fervor, a vontade e a confiança em Deus. Há a se anotar que a maioria dos médiuns curadores inconscientes, aqueles que não se dão nenhuma conta de sua faculdade, e que se encontram, às vezes, nas condições mais humildes, e entre pessoas privadas de toda instrução, recomendam a prece, e ajudam a si mesmos orando. Somente sua ignorância faz crer na influência de tal ou tal fórmula; algumas vezes mesmo ali misturam práticas evidentemente supersticiosas, das quais é preciso dar o caso que elas merecem.

13. Mas do fato de que se tenha obtido uma vez, ou mesmo várias vezes, resultados satisfatórios, seria temerário se dar como médium curador, e disso concluir que se pode vencer toda espécie de mal. A experiência prova que, na acepção restrita da palavra, entre os melhores dotados, não há médiuns curadores universais. Tal terá devolvido a saúde a um doente, que não produzirá nada sobre um outro; tal terá curado um mal num indivíduo, que não curará o mesmo mal uma outra vez, sobre a mesma pessoa ou sobre uma outra; tal, enfim, terá a faculdade hoje, que não terá mais amanhã, e poderá recobrá-la mais tarde, segundo as afinidades ou as condições fluídicas em que se encontrem.

A mediunidade curadora é uma *aptidão*, como todos os gêneros de mediunidade, inerente ao indivíduo, mas o resultado efetivo dessa aptidão é independente de sua vontade. Ela se desenvolve, incontestavelmente, pelo exercício, e sobretudo pela prática do bem e da caridade; mas como ela não poderia ter a constância, nem a pontualidade de um talento adquirido pelo estudo, e do qual se é sempre senhor, não poderia tornar-se uma profissão. Seria, pois, abusivamente que uma pessoa se ostentasse diante do público como médium curador. Estas reflexões não se aplicam aos magnetizadores, porque a força está neles, e são livres para dela dispor.

15. E um erro crer que aqueles que não partilham nossas crenças, não teriam nenhuma repugnância em tentar essa faculdade. A mediunidade curadora *racional* é intimamente ligada ao Espiritismo, uma vez que repousa essencialmente sobre o concurso dos Espíritos; ora, aqueles que não crêem nem nos Espíritos, nem em sua alma, e ainda menos na eficácia da prece, não saberiam colocar-se nas condições desejadas, porque isso não é uma coisa que se possa tentar maquinalmente. Entre aqueles que crêem na alma e sua imortalidade, quantos há ainda hoje que recuariam de medo diante de um chamado aos bons Espíritos, no temor de atrair o demônio, e que crêem ainda de boa-fé que todas essas curas são a obra do diabo? O fanatismo é cego; ele não raciocina. Isto não será sempre assim, sem dúvida, mas se passará muito tempo antes que a luz penetre em certos cérebros. À espera disto, façamos o maior bem possível com a ajuda do Espiritismo; façamo-lo mesmo aos nossos inimigos, aceitemos ser pagos com a ingratidão, é o melhor meio de vencer certas resistências, e de provar que o Espiritismo não é tão negro quanto alguns o pretendem.

CURA DE UMA FRATURA

PELA MAGNETIZAÇÃO ESPIRITUAL.

Nossos leitores se lembram, sem dúvida, do caso de cura quase instantânea de uma entorse, operada pelo Espírito do doutor Demeure, poucos dias depois de sua morte, e que relatamos na *Revista* do mês de março último, assim como o relato da cena tocante que teve lugar nessa ocasião. Esse excelente Espírito vem ainda assinalar sua boa vontade por uma cura mais maravilhosa ainda sobre a mesma pessoa. Eis o que se nos escreve de Montauban, em 14 de julho de 1865:

O Espírito do doutor Demeure vem de nos dar uma nova prova de sua solicitude e de seu profundo saber: eis em que ocasião.

Na manhã de 26 de maio último, a Senhora Maurel, nosso médium vidente e escrevente mecânico, teve uma queda infeliz e quebrando o antebraço, um pouco abaixo do cotovelo.

Essa fratura, complicada com distensões do punho e do cotovelo estava bem caracterizada pelo estalo dos ossos e o inchaço que lhe são os sinais mais certos.

Sob a impressão da primeira emoção produzida por esse acontecimento, os pais da Senhora Maurel foram procurar o primeiro médico encontrado, quando esta, retendo-os, tomou um lápis e escreveu medianimicamente com a mão esquerda: "Não vades procurar um médico; eu me encarrego disso. Demeure." Esperou-se, pois, com confiança.

Segundo as indicações do Espírito, faixinhas e um aparelho foram imediatamente confeccionados e colocados. Uma magnetização espiritual foi em seguida praticada pelos bons Espíritos que ordenaram, provisoriamente, o repouso.

Na noite do mesmo dia, alguns adeptos convocados pelos Espíritos se reuniram na casa da Senhora Maurel, que, adormecida por um médium magnetizador, não tardou em entrar em sonambulismo. O doutor Demeure continuou então o tratamento que não tinha senão esboçado de manhã, agindo mecanicamente sobre o braço fraturado. Já, sem outro recurso aparente que sua mão esquerda, nossa doente tinha tirado prontamente o primeiro aparelho, sendo mantidas somente as tirinhas, quando se viu esse membro tomar insensivelmente, sob a influência da atração magnética espiritual, diversas posições próprias para facilitar a redução da fratura. Parecia ser, então, o objeto de toques inteligentes, sobretudo no ponto onde deveria se efetuar a soldadura dos ossos; alongando-se em seguida sob a ação de trações longitudinais.

Depois de alguns instantes dessa magnetizações espiritual, a senhora Maurel só procedeu à consolidação das tirinhas e a uma nova aplicação do aparelho, consistente

em duas tabuinhas se ligando entre si e ao braço por meio de uma correia. Tudo, pois, tinha se passado como se um cirurgião hábil tivesse operado ele mesmo visivelmente; e, coisa curiosa, ouvia-se durante o trabalho estas palavras que o aperto da dor, escapava da boca da paciente: "Não aperteis tão forte!... Vós me fazeis mal!..." Ela via o Espírito do doutor, e era a ele que se dirigia, suplicando para poupar sua sensibilidade. Era, pois, realmente um ser invisível para todos exceto para ela, e que lhe apertava o braço, servindo-se inconscientemente de sua própria mão esquerda.

Qual era o papel do médium magnetizador durante esse trabalho? Parecia inativo aos nossos olhos; sua mão direita, apoiada sobre a espádua da sonâmbula, contribuía com sua parte no fenômeno, pela emissão dos fluidos necessários à sua realização.

Na noite de 27 para 28, a Senhora Maurel, tendo desarranjado seu braço em consequência de uma falsa posição tomada durante seu sono, uma forte febre tinha se declarado, pela primeira vez; era urgente remediar esse estado de coisas. Reuniram-se, pois, de novo, em 28, e uma vez o sonambulismo declarado, a cadeia magnética foi formada, a convite dos bons Espíritos. Depois de vários passes e diversas manifestações, em tudo semelhantes às descritas mais acima, o braço foi recolocado em bom estado, não sem ter feito sentir a essa pobre senhora muitos sofrimentos cruéis. Apesar desse novo acidente, o membro já sentia o efeito salutar produzido pelas magnetizações anteriores; é o que prova o que segue, de resto. Desembaraçada momentaneamente de suas tirinhas, ela repousava sobre os cotovelos, quando, de repente, foi levantada alguns centímetros numa posição horizontal e dirigida docemente da esquerda para direita e reciprocamente; abaixou-se em seguida obliquamente e foi submetida a uma nova tração. Depois os Espíritos se puseram a torcê-lo, a retorcê-lo em todos os sentidos e de tempo em tempo, fazendo movimentar jeitosamente as articulações do cotovelo e do punho. De tais movimentos automáticos impressos a um braço fraturado, inerte, sendo contrários a todas as leis conhecidas da gravidade e da mecânica, só à ação fluídica que se pode atribuir-lhe a causa. Se não fosse a certeza da existência dessa fratura, assim como os gritos dilacerantes dessa infeliz senhora, eu teria tido muita dificuldade, confesso-o, para admitir esse fato, um dos mais curiosos que a ciência possa registrar. Posso, pois, dizer, com toda a sinceridade, que me sinto muito feliz por ter podido ser testemunha de um semelhante fenômeno.

Em 29,30,31 e dias seguintes, magnetizações espirituais sucessivas, acompanhadas de manipulações variadas de mil maneiras, levaram a uma melhora sensível ao estado geral de nossa doente; o braço tomava todos os dias novas forças. O dia 31, sobretudo, é de se assinalar, como marcando o primeiro passo feito para a convalescença. Nessa noite, dois Espíritos que se faziam notar pelo brilho de sua irradiação, assistiam nosso amigo Demeure; pareciam lhe dar conselhos, e este se apressava em pô-los em prática. Um deles mesmo se punha, de tempos em tempos, à obra, e, por sua doce influência, produzia sempre um alívio instantâneo. Pelo fim da noite, as tabuinhas foram, enfim, definitivamente abandonadas e as faixinhas ficaram sozinhas para sustentar o braço e mantê-lo numa posição determinada. Devo acrescentar que, além disso, o aparelho de suspensão vinha se juntar à solidez suficiente da bandagem. Assim, no sexto dia após o acidente, e apesar da deplorável recaída sobrevinda em 27, a fratura estava em um tal caminho de cura, que o emprego dos meios postos em uso pelos médicos durante trinta ou quarenta dias teria se tornado inútil. No dia 4 de junho, dia fixado pelos bons Espíritos para a redução definitiva dessa fratura complicada com distensões, se reuniram à noite. A senhora Maurel, apenas em sonambulismo, se pôs a desenrolar as faixinhas que envolviam ainda seu braço, imprimindo-lhe um movimento de rotação tão rápido que o olho tinha dificuldade em seguir os contornos da curva que descrevia. A partir desse momento, ela se servia de seu braço como de hábito; ela estava curada.

No fim da sessão, ocorreu uma cena tocante, que merece ser narrada aqui. Os bons Espíritos, em número de trinta, formavam no começo uma cadeia magnética paralela

àquela que nós mesmos formávamos. A senhora Maurel, estando colocada, pela mão direita, em comunicação direta sucessivamente com cada par de Espíritos, recebia, colocada como estava no interior das duas cadeias, a ação benfazeja de uma dupla corrente fluídica enérgica. Radiante de alegria, esperava com solicitude a ocasião para agradecer-lhes efusivamente pelo concurso poderoso que tinham prestado à sua cura. A seu turno, recebia deles encorajamentos para perseverar no bem. Isto terminado, ela tentou suas forças de mil modos; apresentando seu braço aos assistentes, fazendo-os tocar as cicatrizes da soldadura dos ossos; ela lhes apertava a mão com força, anunciando-lhes com alegria a sua cura operada pelos bons Espíritos. Em seu despertar, vendo-se livre em todos seus movimentos, ela desmaiou, dominada por sua profunda emoção!....

Quando se é testemunha de tais fatos, não se pode senão proclamá-los bem alto, porque merecem atrair a atenção das pessoas sérias.

Por que, pois, encontra-se, no mundo inteligente, tanta resistência para admitir a intervenção dos Espíritos sobre a matéria? Porque se encontram pessoas que crêem na existência e na individualidade do Espírito, e que lhes recusam a possibilidade de se manifestarem, é porque não se dão conta das faculdades *físicas* do Espírito que se afigura imaterial de maneira absoluta. A experiência demonstra, ao contrário, que, por sua natureza própria, ele age diretamente sobre os fluidos imponderáveis, e, conseqüentemente, sobre os fluidos ponderáveis, e mesmo sobre os corpos tangíveis.

Como procede um magnetizador comum? Suponhamos que queira agir sobre um braço, por exemplo: concentra sua ação sobre esse membro, e por um simples movimento de seus dedos, executado à distância e em todos os sentidos, agindo absolutamente como se o contato da mão fosse real, ele dirige uma corrente fluídica sobre o ponto desejado. O Espírito não age de outro modo; sua ação fluídica se transmite de perispírito a perispírito, e deste para o corpo material. O estado de sonambulismo facilita consideravelmente essa ação, em conseqüência do desligamento do perispírito, que se identifica melhor com a natureza fluídica do Espírito, e sofre então a influência espiritual elevada à sua maior força.

Toda a cidade está ocupada com essa cura obtida sem o concurso da ciência oficial e cada um disse a sua palavra. Uns pretenderam que o braço não tinha sido quebrado; mas a fratura tinha sido muito e devidamente constatada por numerosas testemunhas oculares, entre outras pelo doutor D... que visitou a doente durante o tratamento; outros disseram: "É muito surpreendente" e ficaram nisso; é inútil acrescentar que alguns afirmaram que a senhora Maurel tinha sido curada pelo diabo; se ela não tivesse estado nas mãos de profanos, teriam visto ali um milagre. Para os Espíritas, que se dão conta do fenômeno, nisso vêem muito simplesmente a ação de uma força natural desconhecida até nós, e que o Espiritismo veio revelar aos homens.

Notas. - Se há fatos espíritas que poderiam, até certo ponto, atribuir à imaginação, como os de visões, por exemplo, não poderia ocorrer o mesmo aqui; a senhora Maurel não sonhou que tinha quebrado o braço, não mais do que as numerosas pessoas que seguiram o tratamento; as dores que ela sentia não eram da alucinação; sua cura em oito dias não é uma ilusão, uma vez que se serve de seu braço. O fato brutal está aí, diante do qual é preciso necessariamente se inclinar. Ele confunde a ciência, é verdade, porque, no estado atual dos conhecimentos, parece impossível; mas não foi assim todas as vezes que se revelaram novas leis? É a rapidez da cura que vos espanta? Mas é que a medicina não descobriu muitos agentes muito mais ativos do que aqueles que ela conhecia para apressar certas curas? Não se encontrou nestes últimos tempos o meio de cicatrizar quase instantaneamente certas feridas? Não se encontrou aquele de ativar a vegetação e a frutificação? Por que não haveria aquele para ativar a soldadura dos ossos? Conheceis, pois, todos os agentes da Natureza, e Deus não tem mais segredos

para vós? Não é mais lógico negar hoje a possibilidade de uma cura rápida, do que não o foi, no século último, negar a possibilidade de fazer, em algumas horas, o caminho que se gastavam dez dias para percorrer? Esse meio, direi, não está no código, é verdade; mas é que antes de que a vacina ali estivesse inscrita, seu inventor não foi tratado de louco? Os remédios homeopáticos não são, não mais, o que impede os médicos homeopatas se encontrarem por toda a parte e curar. De resto, como não se trata aqui de um preparado farmacêutico, é mais do que provável que esse meio não figurará por muito tempo na ciência oficial.

Mas, dir-se-á, se os médicos vierem exercer sua arte depois de sua morte, vão fazer concorrência aos médicos vivos; é muito possível; no entanto, que estes últimos se tranquilizem se lhes tiram

algumas práticas, não é para suplantá-los, mas para lhes provar que não estão inteiramente mortos, e oferecer o seu concurso desinteressado àqueles que quiserem bem aceitá-lo; para melhor fazê-los compreender, mostram-lhes que, em certas circunstâncias, pode-se passar sem eles. Sempre houve médicos, e assim o será sempre; somente aqueles que aproveitarem as novidades que lhe trazem os desencarnados, terão uma grande vantagem sobre aqueles que ficarão para trás. Os Espíritos vêm *ajudar o desenvolvimento da ciência humana*, e não suprimi-la.

Na cura da senhora Maurel, um fato que surpreendeu talvez mais do que a rapidez da soldadura dos ossos, foi o movimento do braço fraturado que parecia contrário a todas as leis da dinâmica e da gravidade. Contrário ou não, o fato aí está; uma vez que existe, é que tem uma causa; uma vez que se renova, e que está submetida a uma lei; ora, é esta a lei que o Espiritismo vem nos dar a conhecer pelas propriedades dos fluidos perispirituais. Esse braço que, submetido somente às leis da gravidade, não poderia se levantar, supondo-o mergulhado num líquido de uma densidade muito maior do que o ar, todo fraturado que está, sendo sustentado por esse líquido que lhe diminui o peso, poderá se mover nele sem dificuldade, e mesmo ser levantado sem o menor esforço; é assim que, num banho, o braço que parece muito pesado fora da água parece muito leve na água. Ao líquido substitui um fluido gozando das mesmas propriedades e teréis o que se passa neste caso presente, fenômeno que repousa sobre o mesmo princípio que o das mesas e das pessoas que se mantêm no espaço sem ponto de apoio. Este fluido é o fluido perispiritual que o Espírito dirige à sua vontade, e do qual modifica as propriedades unicamente pelo ato de sua vontade. Na circunstância presente, deve-se, pois, se representar o braço da senhora Maurel mergulhado num meio fluídico que produz o efeito do ar sobre os balões.

Alguém perguntou a esse respeito se, na cura dessa fratura, o Espírito do doutor Demeure tinha agido com ou sem o concurso da eletricidade e do calor. A isso respondemos que a cura foi produzida, naquele caso, como em todos os de cura pela magnetização espiritual, pela ação do fluido emanado do Espírito; que esse fluido embora etéreo, não é menos da matéria; que pela corrente que lhe imprime, o Espírito pode impregná-lo e saturar todas as moléculas da parte enferma; que pode modificar-lhe as propriedades, como o magnetizador modifica as da água, e lhe dá uma virtude curativa apropriada às necessidades; que a energia da corrente está em razão do número, da *qualidade* e da *homogeneidade* dos elementos que compõem a cadeia das pessoas chamadas a fornecer seu contingente fluídico. Essa corrente, provavelmente, ativa a secreção que deve produzir a soldadura dos ossos, e leva assim a uma cura mais pronta do que quando ela é entregue a si mesma.

Agora, a eletricidade e o calor desempenham um papel nesse fenômeno? Isto é tanto mais provável quanto o Espírito *não cura por um milagre*, mas por uma aplicação mais judiciosa das leis da Natureza, em razão de sua clarividência. Se, como a ciência é levada a admiti-lo, a eletricidade e o calor não são fluidos especiais, mas modificações ou propriedades de um fluido elementar universal, eles devem fazer parte dos elementos

constitutivos do fluido perispiritual; sua ação, no caso presente, é, pois, implicitamente compreendida, absolutamente como quando se bebe vinho, bebe-se necessariamente a água e o álcool.

ALUCINAÇÃO NOS ANIMAIS

NOS SINTOMAS DA RAIVA.

Um de nossos colegas transmitiu à Sociedade o relato seguinte de um relatório lido na Academia de medicina pelo doutor H. Bouley, sobre os sintomas da raiva no cão.

"No período inicial da raiva, e, quando a doença está completamente declarada, nas intermitências dos acessos, há no cão uma espécie de delírio que se pode chamar o delírio rábico, do qual Youatt falou pela primeira vez e que descreveu perfeitamente.

"Esse delírio se caracteriza por movimentos estranhos que denotam que o animal doente vê objetos e ouve ruídos que não existem senão naquilo que se tem muito o direito de se chamar sua imaginação. Logo, com efeito, o animal se mantém imóvel, atento, como à espreita; depois, de repente, se lança e morde no ar, como faz, no estado de saúde, o gato que quer apanhar uma mosca no vôo. Outras vezes, ele se lança furioso e uivador, contra uma parede, como se tivesse ouvido, do outro lado, ruídos ameaçadores.

"Raciocinando por analogia, se está muito autorizado a admitir que estão aí os sinais de verdadeiras alucinações. No entanto, aqueles que não estão prevenidos não poderiam ligar importância a esses sintomas, que são muito fugazes, e basta, para que desapareçam, que a voz do dono se faça ouvir. Então vem o momento de repouso; os olhos se fecham lentamente, a cabeça pende, os membros da frente parecem se ocultar sob o corpo, e o animal está prestes a cair. Mas de repente ele se endireita, novos fantasmas vêm assediá-lo; ele olha a seu redor com uma expressão selvagem, abocanha, como para agarrar um objeto ao alcance de seus dentes, e se lança na extremidade de sua corrente, ao encontro de um inimigo que não existe senão em sua imaginação."

Esse fenômeno, minuciosamente observado, como se vê, por um autor lembrado, parece denotar que nesse momento o cão é atormentado pela visão de alguma coisa invisível para nós. É uma visão real ou uma criação fantástica de sua imaginação, de outro modo dito, uma alucinação? Se é uma alucinação, isso seguramente não é pelos olhos do corpo que vê, uma vez que não são objetos reais; se são seres fluídicos ou Espíritos, como não fazem, não mais, nenhuma impressão sobre os sentidos da visão, é, pois, por uma espécie de visão espiritual que os percebe. Num e noutro caso, gozaria de uma faculdade, até um certo ponto análoga àquela que o homem possui. A ciência ainda não se arriscou a dar *uma imaginação* aos animais; ora, da imaginação a um princípio independente da matéria, a distância não é grande, a menos que se admita que a matéria bruta: o boi, a pedra, etc., possa ter imaginação.

Todos os fenômenos de visão são atribuídos, pela ciência, à imaginação superexcitada; no entanto, viram-se, por vezes, crianças em muito baixa idade, não sabendo ainda falar, correr atrás de um ser invisível, sorrir-lhe, estender-lhe os braços e querer agarrá-lo. Perto da raiva, esse fato não tem uma grande semelhança com o do cão citado mais acima? A criança não pode ainda dizer o que vê; mas aqueles que começam a falar dizem positivamente ver seres que são invisíveis para os assistentes. Têm-se visto descreverem seus avós falecidos, que não tinham conhecido. Concebe-se a superexcitação numa pessoa preocupada com uma idéia, mas, seguramente, esse não é o caso de uma criancinha. A imaginação superexcitada poderá lembrar uma recordação; um medo, a afeição, o entusiasmo, poderão criar imagens fantásticas, seja; sob o império de certas crenças, uma pessoa exaltada imaginará aparecer um ser que lhe é caro, a virgem ou santos, ainda passa; mas como explicar, somente por essas causas, o fato de

uma criança de três ou quatro anos descrever sua avó que jamais viu? seguramente, não pode estar nela o produto nem de uma lembrança, nem da preocupação, nem de uma crença qualquer.

Digamos de passagem, e como colorário do que precede, que a mediunidade vidente parece ser freqüente, e mesmo geral, nas criancinhas. Nossos anjos guardiães viriam assim nos conduzir, como pela mão, até o limiar da vida, para nos facilitar-lhe a entrada, e mostrar-nos sua ligação com a vida espiritual, a fim de que a transição de uma à outra não seja muito brusca. À medida que a criança cresce e pode fazer uso de suas próprias forças, o anjo guardião se esconde à sua visão, para deixá-la a seu livre arbítrio. Parece lhe dizer: 'Vim te acompanhar até um navio que vai te transportar sobre o mar do mundo; por agora, voa com tuas próprias asas; mas, do alto dos céus, velarei sobre ti; pensa em mim, e em teu retorno, estarei lá para de receber.'" Feliz aquele que, durante a travessia, não esquece seu anjo guardião!

Retornemos ao assunto principal que nos conduziu a esta digressão. Desde que se admita uma imaginação no cão, poder-se-ia dizer que a doença da raiva o superexcita ao ponto de produzir nele alucinações. Mas numerosos exemplos tendem a provar que o fenômeno das visões ocorre em certos animais, no estado o mais normal, no cão e no cavalo sobretudo; pelo menos esses são aqueles sobre os quais estiveram mais no estado de observá-lo. Raciocinando por analogia, pode-se supor que o é assim com o elefante e os animais que, por sua inteligência, mais se aproximam do homem. É certo que o cão sonha; vê-se-o, por vezes, durante seu sono, fazer movimentos que simulam a corrida; gemer, ou manifestar contentamento. Seu pensamento, pois, está agindo, livre e independente do instinto propriamente dito. Que faz, que vê, em que pensa em seus sonhos? é o que, infelizmente, não pode nos dizer, mas o fato lá está.

Até o presente preocupou-se pouco com o princípio inteligente dos animais, e ainda menos com sua afinidade com a espécie humana, se isso não foi senão no ponto de vista exclusivos do organismo material. Hoje procura-se conciliar seu estado e seu destino com a justiça de Deus; mas não se fez sobre esse assunto senão sistemas mais ou menos lógicos, e que nem sempre estão de acordo com os fatos. Se a questão permaneceu tão longo tempo indecisa, é que faltava, como para muitas outras, elementos necessários para compreendê-la. O Espiritismo, que dá a chave de tantos fenômenos incompreendidos, mal observados ou passados despercebidos, não pode deixar de facilitar a solução desse grave problema, ao qual não concedeu toda a atenção que ele merece, porque é uma solução de continuidade nos anéis da cadeia que religa todos os seres, e no conjunto harmonioso da criação.

Por que, pois, o Espiritismo não decidiu imediatamente a questão? Tanto valeria perguntar porque um professor de física não ensina aos seus alunos, desde a primeira lição, as leis da eletricidade e da ótica. Ele começa pelos princípios fundamentais da ciência, por aqueles que devem servir de base para a inteligência dos outros princípios, e reserva, para mais tarde, a explicação das leis subseqüentes. Assim procedem os grandes Espíritos que dirigem o movimento Espírita; em boa lógica começam pelo começo, e esperam que estejamos versados sobre um ponto, antes de abordar um outro. Ora, qual deveria ser o ponto de partida de seus ensinamentos? A alma humana. É para nos convencer de sua existência e de sua imortalidade, é para nos fazer conhecer seus verdadeiros atributos e a destinação que seria preciso primeiro dar. Ser-nos-ia preciso, em uma palavra, compreender nossa alma, antes de procurar conhecer a dos animais. O Espiritismo já nos ensinou muito sobre a alma e suas faculdades; cada dia dela nos ensina mais, e lança a luz sobre algum ponto novo, mas quanto não resta dela ainda para explorar!

À medida que o homem avança no seu conhecimento espiritual, sua atenção é despertada sobre todas as questões que a ele se ligam de perto ou de longe, e a dos animais não é uma daquelas que o interessam menos; ele compreende melhor as

analogias e as diferenças; procura explicar-se o que vê; tira conseqüências; tenta teorias alternativamente desmentidas ou confirmadas por novas observações. É assim que, pelos esforços de sua própria inteligência, se aproxima pouco a pouco do objetivo. Nisto como em todas as coisas os Espíritos não vêm para nos livrar do trabalho das pesquisas, porque o homem deve fazer uso de suas faculdades; ajudam-no, dirigem-no, e já é muito, mas não lhe dão a ciência toda feita. Quando uma vez está sobre o caminho da verdade, é então que vêm revelá-la decididamente para fazer calar as incertezas e aniquilar os falsos sistemas; mas à espera disto, seu espírito está preparado para melhor compreender e aceitá-la, e quando ela se mostra, não o surpreende; ela já estava no fundo de seu pensamento.

Vede a marcha que seguiu o Espiritismo; ele veio surpreender os homens de improviso? Não, certamente. Sem falar dos fatos que se produziram em todas as épocas, porque ele está na Natureza, como a eletricidade, do ponto de vista do princípio, há um século tinha preparado seu aparecimento; Swedenborg, Saint-Martin, os teósofos, Charles Fourier, Jean Reynaud e tantos outros, sem esquecer Mesmer, que deu a conhecer a força fluídica, de Puységur, que primeiro observou o sonambulismo: todos levantaram um canto do véu da vida espiritual; todos giraram em torno da verdadeira luz e dela se aproximaram mais ou menos; todos prepararam os caminhos e dispuseram os espíritos, de sorte que o Espiritismo, por assim dizer, não teve senão que completar o que fora esboçado; eis porque conquistou quase instantaneamente tão numerosas simpatias. Não falamos de outras causas múltiplas que lhe vieram em ajuda, provando que certas idéias não estavam mais ao nível do progresso humano, e fizeram quase pressentir o advento de uma nova ordem de coisas, porque a Humanidade não pode permanecer estacionária. Ocorreu o mesmo com todas as grandes idéias que mudaram a face do mundo; nenhuma veio ofuscar como um relâmpago. Sócrates e Platão, cinco séculos antes de Cristo, não tinham lançado a semente das idéias cristãs?

Um outro motivo havia feito adiar a solução relativa aos animais. Essa questão toca preconceitos há muito tempo enraizados e que teria sido imprudente chocar de frente, e foi porque os Espíritos não o fizeram. A questão está iniciada hoje; ela se agita sobre pontos diferentes, mesmo fora do Espiritismo; os desencarnados nela tomam parte cada um segundo as suas idéias pessoais; essas teorias diversas são discutidas, examinadas; uma multidão de fatos, como por exemplo aquele que fez o objeto deste artigo, e que teriam outrora passados despercebidos, hoje chamam a atenção, em razão mesmo dos estudos preliminares que se fizeram; sem adotar tal ou tal opinião, familiariza-se com a idéia de um ponto de contato entre a animalidade e a humanidade, e quando vier a solução definitiva, em qualquer sentido que ela ocorra, deverá se apoiar sobre os argumentos peremptórios que não deixarão nenhum lugar à dúvida; se a idéia é verdadeira, terá sido pressentida; se ela é falsa, é que se terá encontrado alguma coisa mais lógica para pôr no lugar.

Tudo se liga, tudo se encadeia, tudo se harmoniza na Natureza; o Espiritismo veio dar uma idéia-mãe, e pode-se ver o quanto esta idéia é fecunda. Diante da luz que lançou sobre a psicologia, ter-se-ia dificuldade em crer que tantas considerações pudessem surgir a propósito de um cão raivoso.

O extrato acima do relatório do Sr. Bouley tendo sido lido na Sociedade de Paris, um Espírito deu a esse respeito a comunicação seguinte.

(Sociedade Espírita de Paris, 30 de junho de 1865. - Médium, Sr. Desliens.)

Existe a visão no cão e em alguns outros animais, nos quais os fenômenos semelhantes àqueles descritos pelo Sr. Bouley se produzem? A questão para mim, não tem sombra de dúvida. Sim, o cão, o cavalo vêm ou sentem os Espíritos. Nunca fostes testemunhas da repugnância que manifestam às vezes esses animais ao passarem num

lugar onde um corpo humano tinha sido enterrado com o seu desconhecimento. Sem dúvida, direis que seus sentidos podem estar despertados para o odor particular dos corpos em putrefação; então, por que passa ele indiferente ao lado do cadáver enterrado de um outro animal? Por que, diz-se, que o cão sente a morte? Jamais ouvistes os cães uivarem sob as janelas de uma pessoa agonizante, então que essa pessoa lhe era desconhecida? Não vistes também, fora da superexcitação da raiva, diversos animais recusarem obedecer à voz de seu dono, recuarem com medo diante de um obstáculo invisível que parece lhes barrar a passagem, e enfurecer-se; depois passarem em seguida tranquilamente no próprio lugar que lhes inspirava um tão grande terror, como se o obstáculo tivesse desaparecido? Viram-se animais salvarem seus donos de um perigo iminente, recusando percorrer o caminho onde aqueles teriam podido sucumbir. Os fatos de visões entre os animais se encontram na Antigüidade e na Idade Média, tanto quanto em nossos dias.

Os animais vêem, pois, certamente, os Espíritos. Dizer, aliás, que têm uma imaginação, não é lhes conceder um ponto de semelhança com o espírito humano, e o instinto não é neles a inteligência rudimentar, apropriada às suas necessidades, antes que tenha passado pelos cadinhos modificadores que devem transformá-la e dar-lhe novas faculdades? O homem tem também instintos que o fazem agir de maneira inconsciente no interesse de sua conservação; mas, à medida que se desenvolvem nele a inteligência e o livre arbítrio, o instinto enfraquece para dar lugar ao julgamento, porque esse guia cego lhe é menos necessário.

O instinto, que está em toda sua força no animal, se perpetuando no homem onde se perde pouco a pouco, é certamente um traço de união entre as duas espécies. A sutileza dos sentidos no animal, como no selvagem e o homem primitivo, suprem nuns e noutros a ausência ou a insuficiência do senso moral, é um outro ponto de contato. Enfim, a visão espiritual que lhes é muito evidentemente comum, embora em graus muito diferentes, vem também diminuir a distância que parece colocar entre eles uma barreira intransponível. Disto não concluais, no entanto, nada ainda de maneira absoluta, mas observai atentamente os fatos, porque só dessa observação sairá um dia para vós a verdade.

MOKI.

Nota. - Este conselho é muito sábio, porque, não é evidentemente senão sobre os fatos que se pode assentar uma teoria sólida, fora disto não há senão opiniões ou sistemas. Os fatos são argumentos sem réplicas, dos quais é preciso cedo ou tarde aceitar as conseqüências quando são constatados. Foi este princípio que serviu de base à Doutrina Espírita, e é o que nos leva a dizer que é uma ciência de observação.

UMA EXPLICAÇÃO

A PROPÓSITO DA REVELAÇÃO DO SR. BACH.

Sob o título de *Carta de um desconhecido*, assinada por Bertelius, o *Grand Journal*, de 18 de junho de 1865, contém a explicação seguinte do fato reportado na *Revista Espírita* do mês de julho último, relativo à ária do rei Henri III, revelada em sonho ao Sr. Bach. O autor se apoia exclusivamente sobre o sonambulismo, e parece fazer abstração completa da intervenção dos Espíritos. Embora, sob esse aspecto, difiramos na maneira de ver, sua explicação não é por isso menos sabiamente racional, e se ela não o é, segundo nós, exata em todos os pontos, contém resumos incontestavelmente verdadeiros e dignos de atenção.

Ao contrário de certos magnetizadores ditos *fluidistas*, que não vêem em todos os efeitos magnéticos senão a ação de um fluido material, sem ter em nenhuma conta a alma, o Sr. Bertelius faz esta desempenhar aqui o papel principal. Ele a apresenta em seu estado de emancipação e de desligamento da matéria, gozando de faculdades que não possui no estado de vigília. É, pois, uma explicação do ponto de vista completamente espiritualista se não o for inteiramente espírita, e já é alguma coisa que a afirmação da possibilidade do fato por outras vias que não a da materialidade pura, e isto num jornal importante.

É de se notar que, neste momento se produz, entre os negadores do Espiritismo, uma espécie de reação; ou, antes, se forma uma terceira opinião que se pode considerar como uma transição. Muitos reconhecem hoje a impossibilidade de se explicarem certos fenômenos unicamente pelas leis da matéria, mas não podem ainda resolver admitir a intervenção dos Espíritos; procuram-lhe a causa na ação exclusiva da alma encarnada, agindo independentemente dos órgãos materiais. Incontestavelmente, é um passo que se deve considerar como uma primeira vitória sobre o materialismo. Da ação independente e isolada da alma, durante a vida, e essa mesma ação depois da morte, a distância não é grande; a isso serão conduzidos pela evidência dos fatos e pela impossibilidade de tudo explicar unicamente com a ajuda do Espírito encarnado.

Eis o artigo publicado pelo *Grana Journal*.

"Contando, no penúltimo número do *Grand Journal*, o fato singular ocorrido ao Sr. G. Bach, colocamos estas perguntas: "O cravo pertenceu a Baltazarini? - Foi o Espírito de Baltazarini que escreveu o romance e a sarabanda? - Mistério que não ousamos aprofundar."

"Por que, se vos aprouver, um homem, que me alegra crer livre de preconceitos, recua diante da procura da verdade? Mistério! dizeis. - Não, senhor; não há mistério. Há uma simples faculdade da qual Deus dotou certos homens, como dotou outros de uma bela voz, do gênio poético, do espírito de cálculo, de uma perspicácia rara, faculdade que a educação pode despertar, desenvolver, melhorar. Em compensação, existe uma infinidade de outras faculdades concedidas ao homem, e que a civilização, o progresso, a educação aniquilam, em lugar de favorecer o seu desenvolvimento.

"Não é verdade, por exemplo, que os povos selvagens têm uma delicadeza de ouvido que nós não possuímos? - Que aplicando o ouvido à terra, eles distinguem o passo de um homem ou de vários homens, de um cavalo, ou de vários cavalos, ou de um feroz animal a uma grande distância?

"Não é verdadeiro também que medem o tempo com precisão, sem relógio, mesmo de bolso? que dirigem com segurança sua marcha através de florestas virgens, ou seus botes através de rios e do mar, olhando as estrelas, sem o recurso da bússola e sem nenhuma noção astronômica? - Não é verdadeiro, enfim, que curam suas doenças sem médicos; as picadas dos animais mais venenosos com ervas, das simples que distinguem no meio das tantas outras ervas e encontram sob seus passos? Não se sabe que curam as feridas mais perigosas com a terra argilosa? Não provam, como nos disse tão judiciosamente, nos confins dos Estados Unidos, um chefe de Peles-Vermelhas, que o *Grande Ser* sempre colocou o remédio ao lado do mal?

"Essas verdades tornaram-se banais à força de serem repetidas; mas uns delas se servem para mascarar sua ignorância, outros (são a maioria) para nelas haurir assuntos paradoxais. É muito fácil tomar ares de espírito forte negando tudo! é tão difícil explicar a obra de Deus, da qual procuramos o segredo nos livros, quando encontraríamos a sua solução na Natureza! Eis o grande livro que está aberto a todas as inteligências; mas todas não estão feitas para decifrar estes mistérios, porque uns nela lêem através de

suas prevenções ou de seus preconceitos, os outros através de sua insuficiência ou seu orgulho de sábio.

"Servi-vos dos meios mais simples para aprofundar os mistérios da Natureza, e encontrareis a solução, até os limites impostos à inteligência humana, por uma inteligência superior.

"O Sr. Bach não é sonâmbulo, dissestes. Que sabeis disto, e que ele próprio sabe disto? - O Sr. Bach, eu o afirmo, sem jamais ter tido a honra de encontrá-lo e sem conhecê-lo, o Sr. Bach é sonâmbulo. O sonambulismo permaneceu nele no estado latente; foi preciso um acontecimento excepcional, uma sensação muito viva e muito persistente, uma emoção que compreenderão todos aqueles que têm o amor da curiosidade e da coleção, para lhe revelar, a si mesmo, uma faculdade da qual deve ter tido mais de um exemplo, que ficaram despercebidos em sua vida, mas do qual se lembrará, sem dúvida, hoje, se quiser interrogar o seu passado e refletir.

"O Sr. Bach, segundo o que nos informastes, emprega uma parte de seu dia na contemplação de seu precioso cravo; e ele descobriu o estado civil do instrumento (abril de 1564). "Ali pensava em se deitando; quando o sono veio fechar sua pálpebra, pensava ainda."

"O sonâmbulo procede por graus. - Quando quereis que ele veja o que se passa em Londres, por exemplo, é preciso indicar-lhe que o colocais em viatura, que entra na estrada de ferro, que rola, que embarca, atravessa o mar (então lá, sente freqüentemente náuseas), que desembarca, retoma a estrada de ferro, e finalmente chega ao fim de sua viagem.

"O Sr. Bach seguiu a marcha habitual aos sonâmbulos. Ele tinha virado, revirado, desmontado, rebuscado seu cravo; estava cheio dessa idéia, e, mentalmente, sem mesmo nisso pensar, deve ter dito a si mesmo: "Aquém este instrumento pôde pertencer? Uma corrente magnética (os espíritos fortes não negarão essa corrente) se estabelece entre ele e o instrumento. Adormeceu, caiu no sono natural e passou em seguida naturalmente ao estado de sonambulismo. Então ele procurou, remexeu no passado, e se pôs em comunicação mais íntima com o cravo; deve tê-lo virado, revirado, pousado a mão onde a mão do antigo proprietário do instrumento pousou há três séculos; e interrogando o passado (o que é infinitamente mais fácil do que ver o futuro), encontrou-se em contato com esse ser que não mais existe. Viu-o vestido com suas roupas, e executou a ária que o instrumento tão freqüentemente produziu; ouviu as palavras freqüentemente acompanhadas; e arrastado por essa força magnética que se chama eletricidade, escreveu, ele, Sr. Bach, com sua mão, essa ária, tão bem como se a transmite hoje a Lyon num telegrama escrito com vossa mão com vossa escrita. Ele escreveu, ele, Sr. Bach, em seu estado de sonambulismo, eu o repito, essa ária e essas palavras que jamais ouviu; e, superexcitado por uma emoção muito forte, despertou todo em lágrimas.

"Ireis proclamar a impossibilidade. - Pois bem! escutai este fato: - Eu mesmo enviei uma sonâmbula à Inglaterra; ela realizou a viagem, não no sono de sonâmbula, mas numa condição que não era nem o estado inteiramente natural, nem o estado completo de sonambulismo. - Somente ordenei-lhe para dormir todas as noites durante o tempo necessário, do sono sobrenatural, e de *escrever* o que teria feito para chegar ao resultado que ela deveria alcançar em sua viagem. —Ela não sabia uma palavra de inglês. Não conhecia ninguém. O assunto que a preocupava era sério... Cumpriu sua viagem, escreveu todas as noites consultas sobre o que deveria fazer, sobre as pessoas que deveria ver, o lugar onde deveria encontrá-las. Ela seguiu textualmente e, ao pé da letra, as indicações que eram dadas, foi à casa das pessoas que não conhecia e das quais jamais ouvira falar, e que se encontravam ser justamente aquelas que podiam tudo... Se bem que ao cabo de oito dias, um assunto que teria exigido anos, sem esperança de ver-lhe o fim, terminou com sua completa satisfação, e minha sonâmbula retornou depois de

ter cumprido as maravilhas. - No estado natural, essa mulher extraordinária é muito simplesmente uma mulher muito comum.

"Anotai este fato: sua escrita no sono é muito diferente de sua escrita habitual. As palavras foram colocadas em inglês, e ela não conhecia o inglês. Conversa comigo em italiano, e quando está desperta, não saberia dizer duas palavras seguidas nessa língua.

"O Sr. Bach, pois, escreveu ele mesmo e anotou com sua mão a ária de Henri III embora, talvez, não reconheça sua escrita. E o que é mais forte, é que deve duvidar de suas faculdades magnéticas, como minha sonâmbula, que é, a este respeito, de uma incredulidade tão radical que não se pode conversar de magnetismo diante dela sem que se apresse em declarar que é preciso ser absurdo para nele crer.

"E pode ser ainda, embora não o digais, que o Sr. Bach não tinha nem papel nem tinta. Minha sonâmbula, em Londres, encontrou sobre sua mesa, as indicações desejadas escritas a lápis; ela não tinha lápis!... Foi, disto estou certo, remexer no hotel, para encontrar o lápis do qual tinha necessidade, e o transportou ao seu lugar, com essa exatidão, essas precauções, essa leveza vaporosa, quase sobrenatural, habitual aos sonâmbulos.

"Poderia vos citar fatos mais surpreendentes do que o do Sr. Bach. Mas eis que é o bastante por hoje. Hesito mesmo em vos enviar estas notas escritas ao acaso da pena.

"Há vinte anos que magnetizo, escondi, mesmo aos meus melhores amigos, o resultado de minhas descobertas. É fácil taxar um homem de loucura; há tantas pessoas interessadas em colocar a luz sob o alqueire, e, sobretudo é preciso dizer-lo, há tantos charlatães que abusaram do magnetismo, que seria preciso uma coragem sobre-humana para declarar que se ocupa dele. Ser-se-ia melhor recebido em proclamar que assassinou pai e mãe, do que confessar que nele crê.

"Regra geral, no entanto: não creais nunca jamais, eternamente, em experiências públicas, em sonâmbulos comandados que se consultam mediante finanças, que dão oráculos como as sibilas antigas, que agem, falam ao menor comando e à hora combinada, diante de um público numeroso, como um autômato habilmente fabricado. Isto é charlatanismo! Ninguém é mais caprichoso, voluntário, móvel, agastado, ressentido do que um sonâmbulo. Um nada paralisa suas faculdades de segunda vista; um nada o faz mentir para fazer uma malícia; um nada o desarranja e o faz desviar, e isto se concebe. Há algo de mais suscetível do que a corrente elétrica?

"Separei-me de um sábio doutor (o doutor E..., muito conhecido em Londres), com o qual comecei minhas primeiras experiências magnéticas, justamente porque sempre considerei como uma falta grave o abuso do magnetismo. Arrastado pelos resultados miraculosos que obtínhamos, um dia ele quis enxertar o sistema frenológico no magnetismo; ele pretendia que tocando certas bossas da cabeça, o sonâmbulo sentia a sensação da qual essa bossa era a sede. Tocava-se a bossa presumível do canto, o sujeito cantava; tocava-se o da gulodice, ele mascava no vazio, dizendo que tal comida tinha bom ou mau gosto; assim por diante.

Pensei que era levar a experiência até o abuso, e assentar sobre um fato real, o sonambulismo, uma ciência problemática, a frenologia. Eu queria estender o domínio das descobertas magnéticas, mas não abusar delas, como é feito geralmente.

"Tive a irreverência de declarar ao meu professor que ele se desviava, e mantenho que é do dever de todos aqueles que conhecem os fenômenos magnéticos de se levantarem contra todas essas experiências, cujo único objetivo é satisfazer uma curiosidade ignorante, explorar algumas fraquezas humanas e não alcançar um resultado prático para a Humanidade e útil a todos.

"Mas é mais difícil do que se crê manter-se nesses limites honrosos, quando se chegou a resultados maravilhosos. Os mais fortes magnetizadores se deixam arrastar, e, fenômeno mais maravilhoso ainda, quando se chega a esse ponto de exigir sempre experiências públicas de seu sujeito parece então desequilibrar-se, não há mais esse

imprevisto, essa lucidez, essa clarividência que o distinguia; torna-se uma máquina automática, que responde sobre um tema dado e cujas faculdades empobrecem ao ponto de desaparecer.

"Infelizmente, as pessoas que não ousariam tentar uma simples experiência de física recreativa, que se confessaria inábeis para executar um menor ato de prestidigitação, não hesitam jamais, sem preparação, sem o menor estudo preparatório, fazer experiências magnéticas.

"Ah! se não temesse adormecer os leitores de vosso *Grand Journal* de um sono menos interessante, mas mais barulhento do que o dos meus sonâmbulos, vos entreteria proximamente com fatos eminentemente curiosos... Mas, antes, é preciso saber que acolhida dareis a esta primeira carta, e é o que saberei sábado, fazendo saltar a banda de meu número.

"BERTELLIUS."

UM EGOÍSTA.

ESTUDO ESPÍRITA MORAL.

Um de nossos correspondentes de Lyon nos transmitiu o relato seguinte em data de 10 de janeiro de 1865.

Conhecemos, numa localidade vizinha, um indivíduo que não nomeio, para não fazer maledicência e porque o nome nada faz à coisa. Ele era Espírita, e sob o império dessa crença tinha melhorado, mas, no entanto, dele não havia tirado tanto proveito quanto teria podido fazê-lo, tendo em vista sua inteligência. Vivia com uma velha tia que o amava como seu filho, e a quem nada custava, nem dificuldades nem sacrifícios, para seu querido sobrinho. Por economia era a doméstica que fazia o governo da casa; até aí, nada senão muito natural; o que era menos, é que o sobrinho, jovem e bem saudável, deixava-a fazer os trabalhos acima de suas forças, sem que jamais lhe tivesse vindo ao pensamento poupar-lhe as carreiras penosas para sua idade, o transporte de alguns fardos ou alguma coisa semelhante. Não movimentava mais um móvel na casa senão se tivesse domésticos às suas ordens; e mesmo se ocorresse que se previsse alguma operação excepcional penosa, tomava um pretexto para se ausentar com medo que se lhe pedisse dar uma mão que não teria podido recusar. No entanto, tinha recebido a esse respeito várias lições, poder-se-ia dizer afrontas, capazes de fazer refletir um homem de coração; mas ele era insensível a isso. Um dia em que a tia se extenuava a rachar lenha, estava ali sentado, fumando tranqüilamente seu cachimbo, um vizinho entra, e vendo isso, diz lançando um olhar de desprezo sobre o homem: "É o trabalho de um homem e não de uma mulher;" depois pegando um machado se pôs a rachar a madeira, ao passo que o outro o olhava fazer. Era estimado como homem honesto e de boa conduta, mas seu caráter sem amenidade e sem delicadeza não o fazia amá-lo, e tinha afastado dele a maioria de seus amigos. Nós outros, Espíritas, estávamos aflitos com essa falta de coração, e nos dizíamos que um dia, sem dúvida, ele o pagaria muito caro.

A previsão se realizou recentemente. É preciso vos dizer que, em consequência dos esforços que a velha mulher fazia, foi atingida de uma hérnia muito grave que a fazia sofrer muito, mas da qual tinha coragem de não se lamentar. Durante esses últimos grandes frios, querendo provavelmente se esquivar de um trabalho pesado, o sobrinho saiu desde a manhã, mas não retornou. Atravessando uma ponte, foi atingido pela queda de uma viatura arrastada numa inclinação escorregadia e morreu duas horas depois.

Quando fomos informados do acontecimento, quisemos evocá-lo, e eis o que nos foi respondido por um de nossos bons guias:

"Aquele que quereis chamar não poderá se comunicar antes de algum tempo. Venho vos responder por ele, e vos informar o que desejais saber; mais tarde ele vos confirmará; neste momento, ele está muito perturbado pelos pensamentos que o agitam. Ele vê sua tia, e a doença que ela contraiu em consequência de suas fadigas corpóreas e da qual ela morrerá. Aí está o que o atormenta, porque se considera como seu assassino. Com efeito, ele o é, uma vez que poderia lhe poupar o trabalho que será a causa de sua morte. É para ele um remorso pungente e que o perseguirá por muito tempo, até que tenha reparado sua falta. Gostaria de fazê-lo neste momento; não deixa sua tia, mas seus esforços são impotentes, e então se desespera. É preciso, para sua punição, que a veja morrer em consequência de seu desleixo egoísta, porque sua conduta é uma variedade do egoísmo. Orai por ele, a fim de nele entreter o arrependimento."

P. Nosso caro guia gostaria de nos dizer se não lhe é levado em nenhuma conta os outros defeitos dos quais se corrigiu em consequência do Espiritismo e se sua punição com isso não foi abrandada? - R. Sem nenhuma dúvida, lhe é levado em conta essa melhoria, porque nada escapa aos olhares perscrutadores da Divina Providência. Mas eis de que maneira cada ação, boa ou má, tem suas consequências naturais, inevitáveis, segundo esta palavra do Cristo: A cada um segundo suas obras: aquele que se corrigiu de alguns defeitos poupa a punição que teriam arrastado, e recebe ao contrário o prêmio das qualidades que as substituíram; mas não pode escapar às consequências dos defeitos que lhe restam. Ele não é, pois, punido senão na proporção e segundo a gravidade destes últimos: menos deles tenha, melhor é sua posição. Uma qualidade não paga um defeito; ela diminui o número destes e, conseqüentemente, a soma das punições.

Aqueles dos quais não se corrige de início são os mais fáceis de se extirpar, e aquele do qual se se desfaz o mais dificilmente, é o egoísmo. Crê-se ter muito feito porque moderou a violência de seu caráter, que se resignou com sua sorte, ou que se desfez de alguns maus hábitos; sem dúvida, é alguma coisa e que aproveita, mas não impede de pagar o tributo de depuração para o resto.

Meus amigos, o egoísmo é o que se vê mais nos outros, porque se lhe sente o contragolpe, e que o egoísta nos fere; mas o egoísta encontra em si mesmo sua satisfação, é por isto que dele não se apercebe. O egoísmo é sempre uma prova de securação do coração; ele enfraquece a sensibilidade sobre os sofrimentos de outrem. O homem de coração, ao contrário, sente esse sofrimento, com ele se comove; é por isto que se devota para poupá-los ou apaziguá-los nos outros, porque gostaria que se lhe fizesse tanto por ele; também é feliz quando poupa uma dificuldade ou um sofrimento a alguém; *estando identificado com o mal de seu semelhante, sente um alívio real quando o mal não existe mais*. Contai com seu reconhecimento se vós lhe prestardes serviço; mas do egoísta não esperais senão ingratidão; o reconhecimento em palavras nada lhe custa, mas em ação ela fatigaria e perturbaria seu repouso. Não age para outrem senão quando a isso é forçado, mas jamais espontaneamente; seu apego está em razão do bem que espera das pessoas, é isto algumas vezes com seu desconhecimento. O jovem de que falamos amava certamente sua tia, e teria se revoltado se lhe fosse dito o contrário, e, no entanto, sua afeição não ia até se fatigar por ela; não era de sua parte um desejo premeditado, mas uma repulsão instintiva, consequência de seu egoísmo nato. A luz que não encontrou quando vivo lhe aparece hoje, e ele lamenta não ter melhor aproveitado os ensinamentos que recebeu. Orai por ele.

O egoísmo é o verme roedor da sociedade, é mais ou menos o de cada um de vós. Logo vos darei uma dissertação em que será considerado sob suas diversas nuances; esse será um espelho; olhai-o com cuidado, para verse não perceberéis num canto qualquer o reflexo de vossa personalidade.

Vosso guia espiritual.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

(À venda).

O CÉU E O INFERNO, OU A JUSTIÇA DIVINA SEGUNDO O ESPIRITISMO,

Contendo: o exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corpórea à vida espiritual, as penas e as recompensas futuras, os anjos e os demônios, as penas eternas, etc.; seguido de numerosos exemplos sobre a situação real da alma durante e após a morte.

Por ALLAN KARDEC.

Como não nos pertence fazer nenhum elogio, nem a crítica desta obra, limitar-nos-emos a dela dar o objetivo, pela reprodução de um extrato do prefácio.

"O título desta obra indica-lhe claramente o objeto. Nela reunimos todos os elementos próprios a esclarecer o homem sobre o seu destino. Como em nossos outros escritos sobre a Doutrina Espírita, nela não pusemos nada que seja o produto de um sistema preconcebido ou de uma concepção pessoal que não teria nenhuma autoridade; tudo nela é deduzido da observação e da concordância dos fatos.

"O *Livro dos Espíritos* contém as bases fundamentais do Espiritismo; é a pedra angular do edifício; todos os princípios da Doutrina estão ali colocados, até aqueles que devem dar-lhe o coroamento; mas era preciso dar-lhes desenvolvimentos, deduzir-lhes todas as conseqüências e todas as aplicações, à medida que ela se desenvolve pelo ensino complementar dos Espíritos e por novas observações; foi o que fizemos em *O Livro dos Espíritos* e em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, em pontos de vista especiais; é o que fazemos nesta obra sob um outro ponto de vista, e é o que faremos sucessivamente naqueles que nos restam publicar, e que virão em seu tempo.

"As idéias novas não frutificam senão quando a terra está preparada para recebê-las; ora, por esta terra preparada, não é preciso entender algumas inteligências precoces, que não dariam senão frutos isolados, mas um certo conjunto na predisposição geral, a fim de que, não só ela dê frutos mais abundantes, mas que a idéia, encontrando um maior número de pontos de apoio, encontre menos oposição e seja mais forte para resistir aos seus antagonistas.

O Evangelho Segundo o Espiritismo já era um passo adiante; *O Céu e o Inferno* é um passo a mais cuja importância será facilmente compreendida, porque toca ao vivo de certas questões, mas não deveria vir mais cedo.

"Considerando-se a época à qual chegou o Espiritismo, reconhece-se sem dificuldade que ele veio em tempo oportuno, nem muito cedo, nem muito tarde; mais cedo, teria abortado, porque, as simpatias não sendo bastante numerosas, teria sucumbido sob o golpe de seus adversários; mais tarde, teria faltado a ocasião favorável de se produzir; as idéias teriam podido tomar outro curso do qual teria sido difícil desviá-las. Seria preciso deixar, às velhas idéias, o tempo estragar e provar sua insuficiência antes de apresentar-lhe novas.

"As idéias prematuras abortam, porque não se está maduro para compreendê-las, e que a necessidade de uma mudança de posição não se faz ainda sentir. Hoje é evidente para todo o mundo que um imenso movimento se manifesta na opinião; uma reação formidável se opera num sentido progressivo contra o espírito estacionário ou retrógrado da rotina; os satisfeitos da véspera são os impacientes do dia seguinte. A Humanidade está no trabalho de parto; há no ar alguma coisa, uma força irresistível que a impele para adiante; ela é como um jovem saído da adolescência, que entrevê novos horizontes sem

defini-los, e sacode os cueiros da infância. Se quer alguma coisa melhor, alimentos mais sólidos para a razão; mas esse melhor está ainda no vago; procura-se-o; todo o mundo o trabalha, desde o crente até o incrédulo, desde o lavrador até o sábio. O Universo é um vasto canteiro: uns demolem, outros reconstróem; cada um talha uma pedra para o novo edifício cujo plano definitivo só o grande arquiteto possui, e do qual não se compreenderá a economia senão quando suas formas começarem a se desenhar acima da superfície do solo. É este momento que a soberana sabedoria escolheu para o advento do Espiritismo.

"Os Espíritos que presidem ao grande movimento regenerador agem, pois, com mais sabedoria e previdência do que podem fazê-lo os homens, porque abarcam a marcha geral dos acontecimentos, ao passo que nós não vemos senão o círculo limitado de nosso horizonte. Tendo chegado os tempos da renovação, segundo os decretos divinos, era preciso que no meio das ruínas do velho edifício, o homem, para não se desencorajar, entreviesse os alicerces da nova ordem de coisas; era preciso que o marinheiro pudesse perceber a estrela polar que deve guiá-lo para o porto.

"A sabedoria dos Espíritos, que se mostrou na aparição do Espiritismo, revelado quase instantaneamente por toda a Terra, na época mais propícia, não é menos evidente na ordem e na gradação lógicas das revelações complementares sucessivas. Não depende de ninguém constranger sua vontade a esse respeito, porque não medem seus ensinamentos ao gosto da impaciência dos homens. Não nos basta dizer: "Gostaríamos de ter tal coisa," para que ela seja dada; e ainda menos nos convém dizer a Deus: "Julgamos que o momento chegou para nos dar tal coisa; nos julgamos mesmo bastante avançados para recebê-los;" porque isso seria dizer-lhe: "Sabemos melhor do que vós o que convém fazer." Aos impacientes, os Espíritos respondem: "Começai primeiro por bem saber, bem compreender, e sobretudo bem praticar o que sabeis, a fim de que Deus vos julgue dignos de ensinar-lhes mais; depois, quando o momento tiver chegado, saberemos agir e escolheremos nossos instrumentos."

"A primeira parte desta obra, intitulada *Doutrina*, contém o exame comparado das diversas crenças sobre o céu e sobre o inferno, os anjos e os demônios, as penas e as recompensas futuras; o dogma das penas eternas ali está encarado de maneira especial e refutado por argumentos tirados das próprias leis da Natureza, e que lhe demonstram não só o lado ilógico, já cem vezes assinalado, mas a impossibilidade material. Com as penas eternas caem naturalmente as conseqüências que se havia acreditado poder tirar delas.

"A segunda parte encerra numerosos exemplos em apoio da teoria, ou melhor, que serviram para estabelecer a teoria. Haurem sua autoridade na diversidade dos tempos e dos lugares onde foram obtidos, porque emanam de uma única fonte, poder-se-ia considerá-los como produto de uma mesma influência; haurem-na, além disso, em sua concordância com o que se obtém todos os dias por toda a parte onde se ocupam das manifestações espíritas a um ponto de vista sério e filosófico. Esses exemplos teriam podido ser multiplicados ao infinito, porque não há centro espírita que não possa deles fornecer um notável contingente. Para evitar repetições fastidiosas, tivemos que fazer uma escolha entre as mais instrutivas. Cada um desses exemplos é um estudo onde todas as palavras têm a sua importância para quem meditá-las com atenção, porque de cada ponto jorra uma luz sobre a situação da alma depois de sua morte, e a passagem, até então tão obscura e tão temida, da vida corpórea à vida espiritual. É o guia do viajor antes de entrar num país novo. A vida de além-túmulo ali se desenrola sob todos os seus aspectos como um vasto panorama; cada um nele haurirá novos motivos de esperança e de consolação, e novos sustentáculos para afirmar a sua fé no futuro e na justiça de Deus.

"Nesses exemplos, tomados por toda a maioria dos fatos contemporâneos, dissimulamos os nomes próprios todas as vezes que o julgamos útil, por motivos de conveniências fáceis de se apreciar. Aqueles que esses exemplos podem interessar os

reconhecerão facilmente; para o público, nomes mais ou menos conhecidos, e algumas vezes muito obscuros, nada teriam acrescentado à instrução que se pode deles retirar".

Eis os títulos dos capítulos:

PRIMEIRA PARTE. *Doutrina.* I O futuro e o nada. - II Da apreensão da morte. - III O céu. - IV O inferno. -V Quadro comparativo do inferno pagão e do inferno cristão. -VI O Purgatório. - VII Da doutrina das penas eternas. - VIII As penas futuras, segundo o Espiritismo. - IX Os anjos. - X Os demônios. - XI Intervenção dos demônios nas manifestações modernas.-XII Da proibição de evocar os mortos.

SEGUNDA PARTE. *Exemplos,* I A passagem. - II Espíritos felizes. - III Espíritos numa condição mediana. - IV Espíritos sofredores.-V Suicidas.-VI Criminosos arrependidos.-VII Espíritos endurecidos. -VIII Expições terrestres.

CONVERSAS FAMILIARES SOBRE O ESPIRITISMO,
Pela senhora ÉMILIE COLLIGNON (de Bordeaux).

Fazemo-nos um prazer e um dever lembrar, à atenção dos nossos leitores, essa brochura, que não fizemos senão anunciar em nosso último número, e que inscrevemos com prazer entre os livros recomendados. É uma exposição completa, embora sumária, dos princípios verdadeiros da Doutrina, numa linguagem familiar, ao alcance de todo mundo, e sob uma forma atraente. Fazer análise dessa produção, seria fazer a de *O Livro dos Espíritos* e dos *Médiuns*. Não é, pois, como contendo idéias novas, que recomendamos esse opúsculo, mas como um meio de propagar a Doutrina.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

8º ANO

NO. 10

OUTUBRO 1865

NOVOS ESTUDOS SOBRE OS ESPELHOS MÁGICOS OU FÍSICOS.

O VIDENTE DA FLORESTA DE ZIMMERWALD.

Na *Revista Espírita* de outubro de 1864, demos conta detalhada das observações que vínhamos de fazer sobre um camponês do cantão de Berna, que possui a faculdade de ver, num copo, as coisas distantes. Novas visitas que lhe fizemos este ano nos permitiram completar nossas observações e retificar, em certos pontos, a teoria que havíamos dado dos objetos vulgarmente designados sob o nome de *espelhos mágicos*, mais exatamente chamados *espelhos físicos*. Como antes de tudo procuramos a verdade, e não temos a pretensão de sermos infalíveis, quando ocorre que nos enganamos, não hesitamos em reconhecê-lo. Não conhecemos nada mais tolo do que obstinar-se sobre uma opinião errônea.

Para compreensão do que vai seguir-se, e a fim de evitar repetições, rogamos aos nossos leitores consentirem se reportar ao artigo pré-citado, que contém uma notícia detalhada sobre o vidente em questão, e sua maneira de operar.

Lembraremos somente que se dá o nome de *espelhos mágicos* a objetos de diversas formas e naturezas, quase sempre de reflexo brilhante, tais como copos de beber, garrafas, vidraças, placas metálicas e nos quais certas pessoas vêem coisas ausentes. Uma observação atenta tendo nos convencido que essa faculdade não é outra senão a da *dupla vista*, de outro modo dito, da *visão espiritual ou física*, independente da visão orgânica, e a experiência demonstrando cada dia que essa faculdade existe sem o concurso de nenhum objeto, disso havíamos concluído, de maneira muito absoluta, na inutilidade desses objetos, pensando que unicamente o hábito de deles se servir tornava-os necessários, e que todo indivíduo *vidente*, com seu concurso, poderia ver tudo também sem isso, se disso tivesse a vontade; ora, é aí que está o erro, como iremos demonstrá-lo.

Preliminarmente daremos um relato sucinto dos novos fatos observados, porque serve de base às instruções às quais deram lugar.

Tendo, pois, retornado à casa desse homem, acompanhado do Sr. comandante de W., que consentiu em nos servir de intérprete, de início se ocupou inteiramente com a nossa saúde; descreveu com facilidade e uma perfeita exatidão a sede, a causa e a natureza do mal, e indicou os remédios necessários.

Em seguida, sem nisso ser provocado sem nenhuma pergunta, falou de nossos trabalhos, de seu objetivo e de seus resultados, no mesmo sentido que no ano precedente, sem no entanto conservar nenhuma lembrança do que dissera; mas aprofundou muito mais o assunto do qual pareceu melhor compreender a importância. Ele entrou nos detalhes circunstanciados sobre a marcha atual e futura da coisa que nos ocupa, sobre as causas que devem trazer tal ou tal resultado, sobre os obstáculos que nos serão suscitados e os meios de superá-los, sobre as pessoas que nisso desempenham ou devem desempenhar um papel pró ou contra, as sobre o devotamento e a sinceridade das quais se pode contar ou não, descrevendo-as quanto ao físico e

quanto ao moral de maneira a provar que a vê perfeitamente. Em uma palavra, nos deu uma instrução longamente desenvolvida e logicamente motivada, tanto mais notável quanto ele confirma em todos os pontos, e completa sob certos aspectos as de nossos Espíritos protetores. As partes das quais estávamos em condições de apreciar a exatidão não podem deixar dúvida sobre a sua clarividência. Tendo com ele várias conversas, cada vez retornava sobre o mesmo assunto, o confirmava ou o completava, sem nunca se contradizer, mesmo naquilo que havia dito no ano precedente, cujas conversas atuais pareciam ser a continuação.

Sendo essa instrução toda pessoal e confidencial, nos abstemos de narrá-la em detalhe; mencionamo-la por causa do fato importante que dela ressaltou e que relatamos adiante. Sem dúvida, ela é de um alto interesse para nós, mas nosso objetivo principal, retornando a ver esse homem, era de fazer novos estudos sobre sua faculdade, no interesse da ciência espírita.

Um fato que constatamos é que não se pode constringer sua lucidez; ele vê o que se apresenta a ele e o descreve, mas não se pode fazê-lo ver à vontade o que se deseja, nem naquilo que se pensa, se bem que ele leia o pensamento. Na sessão principal que nos foi consagrada, tentamos em vão chamar sua atenção sobre outros assuntos; apesar de seus esforços, ele declarou nada ver em seu copo.

Quando trata um assunto, pode-se-lhe fazer perguntas que lhe são relativas, mas é inutilmente que se o interroga sobre a primeira coisa chegada. No entanto, ocorre-lhe freqüentemente passar bruscamente do assunto que o ocupa a um outro que lhe é inteiramente estranho, depois retorna ao primeiro. Quando se lhe pergunta a razão disto, responde que diz o que vê e que isso não depende dele.

Ele vê *espontaneamente* as pessoas ausentes, quando se ligam diretamente ao que é o objeto de seu exame, mas não de outro modo. Seu ponto de partida é o interrogador, sua pessoa, sua residência, daí se desenrolam os fatos consecutivos. Foi também inutilmente que tentamos a experiência seguinte. Um de nossos amigos de Paris, que vinha de nos escrever, desejava que o consultássemos a respeito da enfermidade de sua filha. Confiamos-lhe a carta dizendo-lhe para colocá-la na concha de sua mão, sob o fundo de seu copo, pensando que a irradiação do fluido facilitaria a visão dessa pessoa; nada ocorreu com isso: o reflexo branco do papel o incomodou ao contrário; pretendia que essa pessoa estava muito longe, e, no entanto, alguns instantes antes, vinha de descrever, com uma perfeita exatidão e detalhes minuciosos, um indivíduo ao qual não pensávamos de modo algum, assim como o lugar que ele habita e isto a uma distância quatro vezes maior; mas esse indivíduo se achava compreendido no assunto que nos concernia, ao passo que o outro lhe era estranho. O encadeamento dos acontecimentos conduzia-o para um e não para outro.

Sua lucidez, portanto, não é nem flexível, nem manejável, e não se presta de nenhum modo ao capricho do interrogador. Ele não está, assim, de maneira alguma, apto para satisfazer aqueles que não viessem a ele senão por curiosidade; aliás, como lê no pensamento, seu primeiro cuidado é o de ver a intenção do visitante, se não o conhece antecipadamente; se essa intenção não for séria, e se vê que o objetivo da tentativa não é nem moral, nem útil, recusa falar, e remete quem viria lhe pedir o que se chama a boa sorte, ou lhe colocar questões fúteis ou indiscretas. Em uma palavra, é um vidente sério e não um adivinhador.

Sua clarividência, assim como o dissemos no ano último, se aplica principalmente às fontes e aos cursos d'água subterrâneos; não é senão acessoriamente e por complacência que se ocupa de outras coisas.

Ele é de uma ignorância absoluta sobre os próprios princípios mais elementares das ciências, mas tem muito de julgamento natural, e pelo fato de sua lucidez supre, freqüentemente, a falta de conhecimentos adquiridos. Eis disto um exemplo.

Um dia, em nossa presença, alguém o interrogou sobre a possibilidade da existência de uma fonte mineral numa certa localidade. Ali não há, disse ele, porque o terreno não é propício. Fizemo-lo observar que a origem das fontes, às vezes, é muito distante do lugar onde elas se mostram, e que elas filtram através das camadas terrestres. É verdade, respondeu; mas há regiões onde as camadas são horizontais, e outras onde elas são verticais. Naquela da qual fala esse senhor, elas são verticais, e está aí o obstáculo. De onde lhe vinha essa idéia da direção das camadas terrestres, a ele que não tem a menor noção de geologia?

Observamo-lo cuidadosamente durante todo o curso de suas operações, e eis o que notamos:

Desde que está sentado, toma seu copo, segura-o como descrevemos em nosso artigo precedente, olha alternativamente o fundo do copo e os assistentes, e durante quase um quarto de hora fala de coisas e de outras indiferentes, depois do que aborda o assunto principal. Nesse momento, seus olhos naturalmente vivos e penetrantes se fecham pela metade, se velam e se convulsionam; a pupila desaparece pelo alto e não deixa ver senão o branco. De tempo em tempo, quando fixa alguém, a pupila se mostra em parte um instante, para desaparecer de novo totalmente, e, no entanto, olha sempre o fundo de seu copo e as linhas que traça com seu giz; ora, é bem evidente que, nesse estado, não é pelos olhos que ele pode ver. Salvo esta particularidade, não há nada nele de sensivelmente anormal. Sua linguagem é a de um homem grave e sério; fala simplesmente, sem ênfase, como no estado comum e não como um inspirado.

Na noite do dia em que tivemos nossa principal sessão, pedimos, por intermédio de um médium escrevente, instruções aos bons Espíritos sobre os fatos dos quais vínhamos de ser testemunhas.

Pergunta. Que é preciso pensar das revelações espontâneas que nos fez hoje o vidente da floresta? - *Resposta.* Quisemos vos dar uma prova da faculdade desse homem.

Tínhamos preparado o assunto que ele deveria tratar, foi por isto que não pôde responder às outras perguntas que lhe fizestes. O que vos disse não era senão a nossa opinião. Ficastes admirados do que vos disse; ele falava por nós sem o saber, e nos tempos que correm não sabe mais o que disse, do mesmo modo que não se lembra mais do que dissera o ano passado, porque seu raio de inteligência não vai até lá. Falando disso, não compreende mesmo a importância do que diz; fala mais do que o médium aqui presente não teria podido fazê-lo, de medo de ir muito longe; foi porque nos servimos dele como sendo um instrumento mais dócil, para as instruções que queríamos vos dar.

Perg. Ele falou de um indivíduo que, segundo o retrato que dele fez no físico e no moral, e por suposição, parecia ser tal personagem; poderíeis dizer, se com efeito, é aquele que quis designar? - *Resp.* É o que deveis saber, ele o disse.

Nota. - É, pois, evidente que à faculdade natural desse homem se junta a mediunidade, ao menos acidentalmente, se não o for de maneira permanente; quer dizer que a lucidez dele é pessoal, e não o fato dos Espíritos, mas que os Espíritos podem dar a essa lucidez tal direção que lhes convenha, num caso determinado, inspirar-lhe o que deve dizer, e não deixá-lo dizer o que não é preciso. E, pois, se for preciso, *médium inconsciente.*

A faculdade de ver à distância e através dos corpos opacos não nos parece extraordinária, incompreensível, porque ela constitui um sentido do qual não gozamos no estado normal. Somos exatamente como os cegos de nascença, que não compreendem que se possa conhecer a existência, a forma e as propriedades dos objetos sem tocá-los; não compreendem que o fluido luminoso é o intermediário que nos coloca em relação com os objetos distantes e deles nos traz a imagem. Sem o conhecimento das propriedades do fluido perispiri-tual, não compreendemos a visão sem o concurso dos olhos; somos, a esse respeito, verdadeiros cegos; ora, a faculdade de ver à distância,

com o fluido perispiritual, não é mais maravilhosa nem miraculosa do que a de ver os astros a bilhões de léguas, com a ajuda do fluido luminoso (1)(1) O *Siècle* publica neste momento, sob o título de: *A dupla vista*, um interessante romance folhetim de Élie Berthet. No momento atual é um, há dois anos mais ou menos, o Sr. Xavier Saintine tinha publicado no *Constitutionnel*, sob o título de: *A segunda vista*, uma série de fatos baseados sobre a pluralidade das existências e as relações espontâneas que se estabelecem entre os mortos e os vivos. É assim que a literatura ajuda a vulgarização das idéias novas; não lhe falta absolutamente senão a palavra **Espiritismo**.

Perg. Teríeis a bondade de nos dizer se o copo do qual esse homem se serve é verdadeiramente útil, se não podereis tudo ver tão bem num primeiro copo que apanhasse, num objeto qualquer, ou mesmo sem objeto se disso tivesse a vontade; se a necessidade e a especialidade do copo não seriam um efeito do hábito que o faz crer não poder passar sem ele; enfim, se a presença do copo é necessária, que ação esse objeto exerce sobre a sua lucidez? - *Resp.* Seu olhar estando concentrado sobre o fundo do copo, o *reflexo brilhante* age primeiro sobre seus olhos, depois, daí, sobre o sistema nervoso, e provoca uma espécie de semi-sonambulismo, ou mais exatamente de sonambulismo desperto, no qual o Espírito desligado da matéria adquire a clarividência, ou visão da alma, que chamais segunda vista.

Existe uma certa relação entre a forma do fundo do copo e a forma exterior ou disposição de seus olhos; eis porque não ocorre facilmente que se reúnem as condições necessárias (ver o artigo do mês de outubro de 1864). Embora, em aparência, os copos sejam semelhantes para vós, há no poder refletor e no modo de irradiação, segundo a forma, a espessura e a qualidade, as nuances que não podeis apreciar, e que são apropriadas ao seu organismo individual.

O copo é, pois, para ele um meio de desenvolver e de fixar sua lucidez, lhe é verdadeiramente necessário, porque, nele, *o estado lúcido não sendo permanente*, tem necessidade de ser provocado; um outro objeto não poderia supri-lo, e esse mesmo copo que produz esse efeito sobre ele, não produzirá nada sobre uma outra pessoa, mesmo vidente. Os meios de provocar essa lucidez variam segundo os indivíduos.

Conseqüências da explicação precedente.

Eis aqui o ponto principal que nos propusemos. A explicação precedente nos parece resolvera questão com uma perfeita clareza. Tudo está nestas palavras: *A lucidez não é permanente nesse homem*. O vidro é um meio de provocá-la pela irradiação sobre o sistema nervoso; mas é preciso que o modo de irradiação esteja em relação com o organismo; daí, a variedade dos objetos podendo produzir esse efeito segundo os indivíduos predispostos a senti-los. Em resumo:

1^o Que, para aqueles que a visão psíquica ou permanente, o emprego de agentes artificiais é inútil; 2^o que esses agentes são necessários quando a faculdade tem necessidade e ser superexcitada; 3^o que esses agentes devem ser apropriados ao organismo, o que tem ação sobre uns, não produz nada sobre os outros.

Certas particularidades de nosso vidente encontram sua razão de ser nesta explicação.

A carta colocada sob o fundo do copo, em lugar de facilitá-lo, perturbava-o, porque mudava a natureza do reflexo que lhe é próprio.

Em começando, dissemos, que ele fala coisas indiferentes tudo considerando seu copo; é que a ação não é instantânea, e essa conversação preliminar, sem objetivo aparente, ocorre durante o tempo necessário à produção do efeito.

Do mesmo modo que o estado lúcido não se desenvolve senão gradualmente, não cessa bruscamente; é a razão pela qual esse homem continua a ver ainda alguns instantes depois de ter cessado de olhar em seu copo, o que nos fizera crer que esse objeto era inútil. Mas como o estado lúcido é de alguma sorte artificial nele, lhe é preciso de tempo em tempo recorrer ao seu copo para mantê-lo.

Compreende-se, até um certo ponto, o desenvolvimento da faculdade por um meio material, mas como a imagem de uma pessoa distante pode se apresentar no copo? Só o Espiritismo pode resolver este problema pelo conhecimento que dá da natureza da alma, de suas faculdades, das propriedades de seu envoltório perispiritual, de sua irradiação, de seu poder emancipador e de seu desligamento do envoltório corpóreo. No estado de desligamento, a alma goza das percepções que lhe são próprias, sem o concurso dos órgãos materiais; a visão é um atributo do ser espiritual; ele vê por si mesmo, sem o concurso dos olhos, como ouve sem o concurso dos ouvidos; se os *órgãos dos sentidos são indispensáveis às percepções da alma, disto se seguirá que depois da morte a alma, não tendo mais esses órgãos, seria surda e cega*. O desligamento espiritual que tem lugar depois da morte se produz parcialmente durante a vida, e é então que se manifesta a fenômeno da visão espiritual, dito de outro modo, a dupla vista ou segunda vista, ou visão psíquica, cujo poder se estende tão longe quanto se estende a irradiação da alma.

Na circunstância da qual se trata, a imagem não se forma na substância do copo; é a própria alma que, pela sua irradiação, percebe o objeto no lugar em que se encontra; mas como, nesse homem, o copo é o agente provocador do estado lúcido, a imagem lhe aparece muito naturalmente na direção do copo. É absolutamente como aquele que tem necessidade de uma luneta para ver ao longe o que não pode distinguir a olho nu; a imagem do objeto não está nas lentes da luneta, mas na direção das lentes que lhe permitem vê-la; tirai-lhe o instrumento, ele não vê mais nada. Prosseguindo na comparação, diremos que, do mesmo modo que aquele que tem uma boa visão não tem necessidade de lunetas, aquele que goza naturalmente da visão psíquica não tem necessidade de meios artificiais para provocá-la.

Há alguns anos, um médico descobriu que colocando entre os dois olhos, sobre a raiz do nariz, uma rolha de garrafa, uma bola de cristal ou de metal brilhante, e fazendo convergir os raios sobre esse objeto durante algum tempo, a pessoa entra numa espécie de estado cataléptico, durante o qual se manifestam algumas das faculdades que se notam em certos sonâmbulos, entre outras a insensibilidade e a visão à distância através dos corpos opacos, e que esse estado cessa pouco a pouco, depois da retirada do objeto. Era evidentemente um efeito magnético produzido por um corpo inerte. Que papel fisiológico desempenha o reflexo brilhante nesse fenômeno? é o que se ignora; mas foi constatado que, se essa condição é necessária na maioria dos casos, ela não o é sempre, e que o mesmo efeito é produzido sobre certos indivíduos com ajuda de objetos sem brilho.

Este fenômeno, ao qual se deu o nome de *hipnotismo* fez barulho nas corporações de sábios; experimentaram; uns triunfaram, outros fracassaram, como assim deveria ser, não sendo as mesmas aptidões em todos os sujeitos. A coisa, fosse ela excepcional, seguramente, valia muito o trabalho de ser estudada; mas é lamentável dizê-lo, desde que se percebeu que era uma porta secreta pela qual o magnetismo e o sonambulismo iam penetrar sob uma outra forma e um outro nome no santuário da ciência oficial, ali não mais o hipnotismo foi tratado (Ver a *Revista Espírita* de janeiro de 1860.)

No entanto, a Natureza jamais perde seus direitos; se suas leis são desconhecidas durante um tempo, retornam muito freqüentemente à carga, se apresentam sob formas tão variadas, que é forçoso cedo ou tarde abrir os olhos. Disto o Espiritismo é uma prova; agradou-se negá-lo, denegri-lo, repeli-lo, ele bate em todas as portas de cem maneiras diferentes, e penetra, bom ou malgrado, naqueles mesmos que não querem dele ouvir falar.

Aproximando esse fenômeno daquele que nos ocupa, e sobretudo das explicações, dadas acima, nota-se, nos efeitos e nas causas, uma analogia evidente; de onde se pode tirar esta conclusão de que os corpos vulgarmente chamados *espelhos mágicos*, não são outros senão agentes hipnóticos, infinitamente variados em suas formas e em seus efeitos, segundo a natureza e o grau das aptidões.

Sendo assim, não haveria nada de impossível em que certas pessoas, dotadas espontaneamente e acidentalmente dessa faculdade, sofressem, com o seu desconhecimento, a influência magnética de objetos exteriores sobre os quais fixam maquinalmente os olhos. Por que o reflexo da água, de um lago, de um tanque, de um rio, de um *astro* mesmo, não produziria o mesmo efeito que um copo ou uma garrafa sobre certas organizações convenientemente predispostas? Mas isto não é senão uma hipótese que tem necessidade da confirmação da experiência.

Este fenômeno, de resto, não é uma descoberta moderna; é encontrado mesmo em nossos dias nos povos mais atrasados, tanto é verdade que o que está na Natureza tem o privilégio de ser de todos os tempos e de todos os países; é aceito primeiro como fato: a explicação vem em seguida com o progresso, e à medida que o homem avança no conhecimento das leis que regem o mundo.

Tais são as conseqüências que nos parecem decorrer logicamente dos fatos observados.

PARTIDA DE UM ADVERSÁRIO DO ESPIRITISMO PARA O MUNDO DOS ESPÍRITOS.

Escrevem-nos de V...:

"Há algum tempo, um eclesiástico morreu na nossa vizinhança; era um adversário declarado do Espiritismo, mas não desses adversários coléricos, como deles se vêem muitos, que suprem a falta de boas razões pela violência e pela injúria. Era um homem instruído, de uma inteligência superior; combatia com talento sem acrimônia, e sem se afastar das conveniências; infelizmente para ele, apesar de todo o seu saber e seu incontestável mérito, não pôde opor-lhe senão os lugares comuns usuais, e não encontrou, para derrubá-lo, nenhum desses argumentos que levam no espírito das massas uma irresistível convicção. Sua idéia fixa, ou pelo menos aquela que procurava sobretudo fazer prevalecer, era que o Espiritismo não seria senão um tempo; que sua rápida propagação não era senão um entusiasmo passageiro, e que cairia como todas as idéias utópicas.

"Tivemos a idéia de evocá-lo em nosso pequeno círculo; sua comunicação nos pareceu instrutiva, sob vários aspectos, e por isto vo-la dirigimos. Ela traz, em nossa opinião, uma marca incontestável de identidade.

"Eis a sua comunicação:

Perg. (ao guia do médium) Consentiríeis em ter a bondade de nos dizer se podemos fazer a evocação do Sr. abade D...? - *Resp.* Sim, ele virá; mas, embora persuadido da realidade de vossos ensinamentos, do que a morte o convenceu, tentará ainda vos provar a inutilidade de vossos esforços para difundi-los de maneira séria. Hei-lo pronto a se apoiar sobre as dissensões momentaneamente suscitadas por alguns irmãos que se diziam para vos provar a insanidade de vossa doutrina. Escutai-o; sua linguagem vos fará conhecer a maneira pela qual deveréis falar-lhe.

Evocação, -Caro Espírito do Sr. D...esperamos que com a ajuda de Deus e dos bons Espíritos, consentireis em vos comunicar conosco. Todo sentimento de curiosidade, como podeis vê-lo, está longe do nosso pensamento. Nosso objetivo, provocando esta entrevista, é dela tirar uma instrução proveitosa para nós, e talvez igualmente para vós. Ser-vos-emos reconhecidos por aquilo que consentirdes nos dizer. - *Resp.* Tendes razão em me chamar, mas estáveis enganados em crer que poderia recusar vir a vós. Crede bem que meu título de adversário do Espiritismo não é um motivo para mim de guardar o silêncio; tenho boas razões para falar.

Minha vinda é uma confissão, uma afirmação de vossos ensinamentos; eu o sei e o reconheço. Estou convencido da realidade das manifestações que experimento hoje, mas isso não é uma razão para que lhe reconheça a excelência, e que admito como certo o objetivo que vos propondes. Sim, os Espíritos se comunicam, e não são só os *demônios*, como o ensinamos, e pudera! com toda a *razão*, é inútil que me estenda a este respeito, porque conheceis tão bem quanto eu as razões que nos levam a agir assim. Certamente, os Espíritos de todas as espécies se comunicam; disto sou uma prova, porque, se bem que não tenha a vaidade de me crer um ser superior, seja por meus conhecimentos, seja pela minha moralidade, tenho bastante consciência de meu valor para me avaliar acima dessas categorias de Espíritos atormentados pela expiação das mais vis imperfeições. Não sou perfeito; pude, como todo outro, cometer faltas; mas eu o reconheço com orgulho, se fui homem de partido, fui ao mesmo tempo homem de bem, no inteiro sentido desta palavra.

Escutai-me, pois. Os padres podem errar em vos combater; não sei o que o futuro reserva, e não entrarei em discussão sobre o mais ou menos fundamento de sua oposição, verdadeiramente sistemática; mas também, examinando com cuidado todas as conseqüências de uma aceitação, eles não podem se impedir de reconhecer que causaríeis sua ruína social, ou pelo menos uma transformação tão absoluta que todo privilégio, toda separação com os outros homens, seriam de rigor aniquilados. Ora, não se renuncia a alegria de coração por uma realeza muito invejável, a um prestígio que eleva acima do comum, por riquezas que, por serem materiais, não são menos necessárias à satisfação do padre quanto ao homem comum. Pelo Espiritismo, não mais oligarquia clerical; o padre não é ninguém e é cada um; o padre é o homem de bem que ensina a verdade aos seus irmãos; é o obreiro caridoso que ergue seu companheiro *caído*; vosso sacerdócio é a fé; vossa hierarquia, o mérito; vosso salário, Deus! É grande! é belo! mas é preciso muito dizê-lo, cedo ou tarde é a ruína, não do homem, que não pode senão ganhar com esses ensinamentos, mas da família clerical. Não se renuncia de boa vontade, eu o repito, a honras, ao respeito que se está habituado a recolher. Tendes razão, eu o quero muito! e, no entanto não podeis desaprovar nossa atitude à frente de vosso ensino; digo *nossa*, porque ela é ainda minha, apesar de tudo o que vejo e de tudo o que podereis me dizer.

Admitamos vossa doutrina confirmada; hei-la escutada, estendendo por toda a parte suas ramificações, no povo como na classe rica, no operário como no literato, e *será este último que vos prestará o concurso mais eficaz*, mas que resultaria de tudo isso? Na minha opinião, hei-lo:

Já se operaram divisões entre vós. Duas grandes seitas existem entre os Espíritos: os Espiritualistas da escola americana e os Espíritos da escola francesa; mas não consideremos senão esta última. Ela é una? não. Eis, de um lado, os *Puristas* ou *Kardecistas*, que não admitem cada verdade senão depois de um exame atento, e a concordância de todos os dados; é o núcleo principal, mas não é o único; diversos ramos, depois de terem se infiltrado nos grandes ensinamentos do centro, separam-se da mãe comum para formar seitas particulares; outros, não inteiramente destacados do tronco, emitem opiniões subversivas. Cada chefe de oposição tem seus aliados; os campos não estão ainda desenhados, mas se formam, e logo eclodirá a cisão. Eu vo-lo digo, o Espiritismo, como as doutrinas filosóficas que o precederam, não poderá ter uma longa duração. Ele foi, cresceu; mas agora está no auge, e já desce. Faz sempre alguns adeptos, mas, como o Saint-Simonismo, como o Fourierismo, como os Teosófos, ele cairá, para ser talvez substituído, mas cairá, eu o creio firmemente.

No entanto, seu princípio existe: os Espíritos; mas não há também seus perigos? Os Espíritos inferiores podem se comunicar, está aí sua perda. Os homens, antes de tudo, são dominados por suas paixões, e os Espíritos dos quais acabo de falar estão habituados a excitá-los. Como há mais imperfeições do que qualidades em nossa

Humanidade, é, pois, evidente que o Espírito do mal triunfará, e que se o Espiritismo pode alguma coisa, isso será certamente a invasão de um flagelo terrível para todos.

Sobre isto, concluo que, bom por essência, é mau por seus resultados, e que, assim, é prudente rejeitá-lo.

O médium. Caro Espírito, se o Espiritismo fosse uma concepção humana, eu seria de vossa opinião; mas se vos é impossível negar a existência dos Espíritos, não podeis, não mais, desconhecer, no movimento dirigido pelos seres invisíveis, a mão poderosa da Divindade. Ora, a menos de negar os vossos próprios ensinamentos, quando estáveis sobre esta Terra, não podereis admitir que a ação do homem possa ser um obstáculo à vontade de Deus, seu criador. De duas coisas uma, ou o Espiritismo é uma obra de invenção humana, e como toda obra humana está sujeito à ruína; ou é a obra de Deus, a manifestação de sua vontade, e neste caso nenhum obstáculo poderia impedir-lhe nem mesmo retardar-lhe o desenvolvimento. Se, pois, reconheceis que existem Espíritos, e que esses Espíritos se comunicam para nos instruir, isto não pode estar fora da vontade divina, porque então existiria, ao lado de Deus, uma potência independente que destruiria sua qualidade de todo-poderoso e, por conseguinte, de Deus. O Espiritismo não saberia ser arruinado, pelo fato de algumas dissensões que os interesses humanos poderiam fazer nascer em seu seio. - *Resp.* Talvez tenhais razão, meu jovem amigo (o médium era um jovem), mas nisso me atenho ao que disse; cesso toda discussão a esse respeito. Estou à sua disposição para toda pergunta que quiserdes me colocar, isto à parte.

O médium. Pois bem! Uma vez que o permitis, sem insistir sobre um assunto que talvez vos será penoso prosseguir neste momento, vos pediremos para nos descrever a vossa passagem dessa vida na qual estais, de nos dizer se tivestes perturbação, e se, em vossa posição atual, podemos vos ser úteis. - *Resp.* Apesar de mim não posso me impedir de reconhecer a excelência desses princípios que ensinam ao homem o que é a morte, e que lhe dão a afeição por seres que lhe são totalmente desconhecidos. Mas... enfim, minha cara criança, vou responder à vossa pergunta. Não quero abusar de vosso tempo, e posso com poucas palavras satisfazer o vosso desejo.

Eu vos confessarei, pois, que no momento de morrer não estava sem apreensão. Era a matéria que me levava a lamentar essa existência? era a ignorância do futuro? não vos esconderei, eu tinha medo! Perguntais-me se fiquei perturbado; como o entendeis? Se quereis dizer com isso que a ação violenta da separação mergulhou-me numa espécie de letargia moral, da qual saí como de um sono penoso, sim, fiquei perturbado; mas se entendeis uma perturbação nas funções da inteligência: a memória, a consciência de si mesmo, não, eu não estive. No entanto, a perturbação existe para certos seres; talvez existirá também para mim, se bem que não o creia. Mas o que creio é que geralmente esse fenômeno não deve ocorrer imediatamente após a morte. Fiquei surpreso, é verdade, em ver a existência do Espírito tal qual a ensinais, mas isto não é da perturbação. Eis como entendo a perturbação, e em que condições eu a experimento.

Se não estou seguro da verdade de minha crença, se a dúvida entra na minha alma a respeito do que acreditava então, se uma modificação brusca se opera em mim, em minha maneira de ver, nisso, estou perturbado; mas a minha opinião é de que essa perturbação não deve se formar logo depois da morte. Se creio no que me diz minha razão, o ser, morrendo, deve permanecer tal qual era antes de passar.....; não é senão mais tarde, então que o isolamento, a mudança que se opera gradualmente ao seu redor, modificam suas opiniões, quando seu ser sente um abalo moral, que faz cambaleiar sua segurança primitiva, que a perturbação começa verdadeiramente.

Perguntais-me se podeis me ser útil em alguma coisa; minha religião me ensina que a prece é boa; vossa crença diz que ela é útil; orai, pois, por mim, estejais assegurados de meu reconhecimento. Apesar da dissidência que existe entre nós, por isso não estarei menos encantado em vir conversar algumas vezes convosco.

O abade D...

Nosso correspondente tinha razão em dizer que esta comunicação é instrutiva; ela o é com efeito sob muitos aspectos, e nossos leitores apanharão facilmente os sérios ensinamentos que dela ressaltam, sem que tenhamos necessidade de assinalá-los. Vemos ali um Espírito que, quando, havia combatido nossas doutrinas, e esgotado contra ela todos os argumentos que seu profundo saber poderia saber; sábio teólogo, é provável que não negligenciou nenhum deles. Como Espírito, há pouco desencarnado, reconhecendo as verdades fundamentais sobre as quais nos apoiamos, com isto não persistiu menos em sua oposição, e pelos mesmos motivos; ora, é incontestável que se, mais lúcido em seu estado espiritual, se tivesse encontrado argumentos mais peremptórios para nos combater, tê-los-ia feito valer; longe disto, parece ter medo de ver muito claro, e, no entanto, pressente uma modificação em suas idéias. Ainda imbuído das opiniões terrestres, a elas liga todos os seus pensamentos; o futuro o amedronta, e é por isto que não ousa olhá-lo frente a frente.

Nós lhe repreendemos como se, quando vivo, tivesse escrito o que ditou depois de sua morte. Dirigimo-nos ao homem tanto quanto ao Espírito, respondendo assim àqueles que partilham sua maneira de ver, e poderiam nos opor os mesmos argumentos.

Dir-lhe-emos, pois:

Senhor abade, se bem que tenhais sido nosso adversário declarado sobre a Terra, nenhum de nós o vemos adversário hoje e jamais o teríamos pretendido quando estáveis vivo, primeiro porque nossa fé nos faz da tolerância uma lei, e que aos nossos olhos todas as opiniões são respeitáveis quando sinceras. A liberdade de consciência é um de nossos princípios; nós a queremos para os outros, como a queremos para nós. Só a Deus pertence julgar a validade das crenças, e nenhum homem tem o direito de lançar anátema em nome de Deus. A liberdade de consciência não tira o direito de discussão e de refutação, mas a caridade ordena não maldizer ninguém. Em segundo lugar, isso vos queremos tanto menos, quanto vossa oposição não trouxe nenhum prejuízo à Doutrina; servistes à causa do Espiritismo com o vosso desconhecimento, como todos aqueles que o atacam, ajudando a fazê-lo conhecer, e provando, em razão sobretudo de vosso mérito pessoal, a insuficiência das armas que se emprega para combatê-lo.

Permiti-me, agora, discutir algumas de vossas proposições. Há uma delas sobretudo que me parece pecar, antes de qualquer outra, contra a lógica; é aquela onde dissestes que: "*O Espiritismo bom por essência é mau por seus resultados.*" Pareceis ter esquecido esta máxima do Cristo, tornada proverbial por força de verdade: "Que uma boa árvore não pode dar maus frutos." Não se compreenderia que uma coisa boa, *em sua própria essência*, pudesse ser perniciosa.

Dissestes, em outra parte que o perigo do Espiritismo está na manifestação dos maus Espíritos que exploram, em proveito do mau, as paixões dos homens. Aí está uma das teses que sustentastes quando vivo. Mas ao lado dos maus Espíritos, há os bons que excitam ao bem, ao passo que, segundo a doutrina da Igreja, o poder de se comunicar não é dado senão aos demônios. Se, pois, achais o Espiritismo perigoso porque ele admite a comunicação dos maus Espíritos ao lado dos bons, a doutrina da Igreja, se fosse verdadeira, seria ainda muito mais perigosa, uma vez que ela não admite senão a dos maus.

De resto, não foi o Espiritismo que inventou a manifestação dos Espíritos, nem lhe é a causa se eles se comunicam; não faz senão constatar um fato que se produziu em todos os tempos, porque está na Natureza. Para que o Espiritismo deixasse de existir, seria preciso que os Espíritos deixassem de se manifestar. Se essa manifestação oferece perigos, não é preciso disto acusar o Espiritismo, mas à Natureza. A ciência da eletricidade é a causa das devastações ocasionadas pelo raio? Seguramente, não; ela faz conhecer a causa do raio, e ensina os meios de evitá-lo. Ocorre o mesmo com o

Espiritismo; ele faz conhecer a causa de uma influência perniciosa que age sobre o homem com o seu desconhecimento, e lhe indica os meios de dela se preservar, ao passo que quando o ignorava, a suportava e a ela se expunha sem desconfiar.

A influência dos maus Espíritos faz parte dos flagelos dos quais o homem é alvo neste mundo, como as enfermidades e os acidentes de todas as espécies, porque está sobre uma Terra de expiação e de prova, onde deve trabalhar para o seu adiantamento moral e intelectual; mas, ao lado do mal, Deus, em sua bondade, coloca sempre o remédio; ele deu ao homem a inteligência para descobri-lo; é a isto que conduz o progresso das ciências. O Espiritismo vem indicar o remédio a um desses males; ensina que para subtrair-se e neutralizar a influência dos maus Espíritos, é preciso se tornar melhor, domar seus maus pendores, praticar as virtudes ensinadas pelo Cristo: a humildade e a caridade; está aí, pois, o que chamais de maus resultados?

A manifestação dos Espíritos é um fato positivo, reconhecido pela Igreja; ora, a experiência vem hoje demonstrar que os Espíritos são as almas dos homens, e que é a razão pela qual há deles tantos imperfeitos. Se esse fato vem contradizer certos dogmas, o Espiritismo não é disso mais responsável do que não o foi a geologia por ter demonstrado que a Terra não foi feita em seis dias. O erro é desses dogmas não estarem de acordo com as leis da Natureza. Por essas manifestações, como pelas descobertas da ciência, Deus quer conduzir o homem a crenças mais verdadeiras; repelir o progresso, portanto, é desconhecer a vontade de Deus; atribuí-lo ao demônio é blasfemar de Deus. Querer, bom ou malgrado, manter uma crença contra a evidência, e fazer de um princípio reconhecidamente falso a base de uma doutrina, é apoiar uma casa sobre uma escora carcomida; pouco a pouco a escora se quebra, e a casa cai.

Dissestes que a oposição da Igreja contra o Espiritismo tem sua razão de ser e a aprovais, porque causaria a ruína do clero, cuja separação do comum dos homens seria aniquilada. "Com o Espiritismo, dissestes, não mais oligarquia clerical; o padre não é ninguém e é cada um; é o homem de bem que ensina a verdade aos seus irmãos; é o obreiro caridoso que levanta seu companheiro caído; vosso sacerdócio é a fé; vossa hierarquia, o mérito; vosso salário, Deus! é grande! é belo! Mas não se renuncia a alegria de coração em uma realeza, a um prestígio que vos eleva acima do vulgo, a respeito, a honras que se está habituado a recolher, a riquezas que, por serem materiais, não são menos também necessárias à satisfação do padre, que é a do homem comum."

Pois que! o clero seria, portanto, movido por sentimentos tão mesquinhos? Desconheceria a esse ponto estas palavras do Cristo: "Meu reino não é deste mundo," que sacrificaria o interesse da verdade à satisfação do orgulho, da ambição e das paixões mundanas? Não creia, pois, nesse reino prometido por Jesus Cristo, uma vez que a ele prefere o da Terra? Tomaria, pois, seu ponto de apoio no céu, somente em aparência, e para se dar um prestígio, mas em realidade para salvaguardar seus interesses terrestres! Preferimos crer que, se tal é o móvel de alguns de seus membros, não é o sentimento da maioria; se o fosse de outro modo, seu reino estaria bem perto de acabar, e vossas palavras seriam sua sentença, porque o reino celeste é o único eterno, ao passo que os da Terra são frágeis e instáveis.

Ide muito longe, senhor abade, em vossas previsões sobre as conseqüências do Espiritismo; mais longe do que nunca fui em meus escritos. Sem vos seguir sobre esse terreno, direi simplesmente, porque todos os pressentem, que o resultado inevitável será uma transformação da Sociedade; ele criará uma nova ordem de coisas, novos hábitos, novas necessidades; modificará as crenças, as relações sociais; fará, ao moral, o que fazem, do ponto de vista material, todas as grandes descobertas da indústria e das ciências. Essa transformação vos assusta, e é por isto que, pressentindo-a, a afastais de vosso pensamento; gostaríeis de não crer nisso; em uma palavra, fechais os olhos para não ver, e os ouvidos para não ouvir. Assim ocorre com muitos homens sobre a Terra. No entanto, se essa transformação está nos decretos da Providência, ela se cumprirá, o que

quer que se faça; será preciso suportá-la de boa vontade ou à força e a isto se dobrar, como os homens do antigo regime tiveram que sofrer as conseqüências da Revolução, que negavam também e declaradamente impossível antes que fosse cumprida. A quem lhe tivesse dito que em menos de um quarto de século todos os privilégios seriam abolidos, que uma criança não seria mais coronel ao nascer; que não se compraria mais um regime com uma tropa de bois; que o soldado poderia tornar-se marechal e o último aventureiro ministro; que os direitos seriam os mesmos para todos, que o fazendeiro teria voz igual nos negócios de seu país, ao lado de seu senhor, teriam aumentado as espáduas da incredulidade, e, no entanto, se um deles dormisse então e despertasse, como Epimênides, quarenta anos mais tarde, acreditaria se encontrar em um outro mundo.

E o medo do futuro que vos faz dizer que o Espiritismo não terá senão um tempo; procurais vos iludir, quereis prová-lo a vós mesmo, que acabais por crê-lo de boa-fé, porque isto vos tranqüiliza.

Mas que razão dais para isso? A menos conclusiva de todas, assim como é fácil demonstrá-lo.

Ah! se provásseis peremptoriamente que o Espiritismo é uma utopia, que repousa sobre um erro material *de fato*, sobre uma base falsa, ilusória, sem fundamento, então teríeis razão; mas, ao contrário, afirmais a existência do princípio, e além disto a excelência desse princípio; reconheceis, e a Igreja reconhece como vós, a realidade do fato material sobre o qual ele repousa: O das manifestações. Esse fato pode ser anulado? Não, não mais do que se possa anular o movimento da Terra. Uma vez que está na Natureza, se produzirá sempre; esse fato, incompreendido outrora, mas melhor estudado e melhor compreendido em nossos dias, carrega *em si mesmo* conseqüências inevitáveis; se não podeis aniquilá-lo, sois forçados a sofrer-lhe as conseqüências. Segui-o passo a passo em suas ramificações, e chegareis fatalmente a uma revolução das idéias; ora, uma mudança nas idéias conduz forçosamente a uma revolução na ordem das coisas. (Ver: *O que é o Espiritismo*, 6ª edição, pág. 128.)

Por outro lado, o Espiritismo não dobra as inteligências sob seu jugo; não manda uma crença cega; ele quer que a fé se apoie sobre a compreensão; é nisto, sobretudo, senhor abade, que diferenciamos na maneira de ver. Ele deixa, pois, a cada um uma inteira liberdade de exame, em virtude deste princípio, de que a verdade sendo *una*, deve, cedo ou tarde, se impor sobre o que é falso, e que um princípio fundado sobre o erro cai pela força das coisas. As idéias falsas, entregues à discussão, mostram seu lado fraco, e se apagam diante da força da lógica. Essas divergências são inevitáveis num início; são mesmo necessárias, porque ajudam a depuração e a postura da idéia fundamental, e é preferível que se produzam desde o começo, porque a doutrina verdadeira delas será mais cedo desembaraçada. Eis porque sempre dissemos aos adeptos: Não vos inquieteis com as idéias contraditórias que possam ser emitidas ou publicadas. Vede já, quantas morreram no nascimento! quantos escritos dos quais já não se fala mais! Que procuramos? É o triunfo, quando mesmo, de nossas idéias? não, mas o da verdade. Se, entre as idéias contrárias, houver as que sejam mais verdadeiras do que as nossas, elas se imporão, e deveremos adotá-las; se são falsas, não poderão suportar a prova decisiva do controle do ensino universal dos Espíritos, único critério da idéia que sobreviverá.

Na assimilação que estabeleceis entre o Espiritismo e outras doutrinas filosóficas há falta de exatidão. Não foram os homens que fizeram o Espiritismo o que ele é, nem que farão o que será mais tarde; foram os Espíritos por seus ensinamentos: os homens não fizeram senão colocar em obra e coordenar os materiais que lhe são fornecidos. Esse ensino não está ainda completo, e não se deve considerar o que deram até este dia senão como os primeiros degraus da ciência; pode-se compará-lo às quatro regras por relação aos matemáticos, e não estamos nele ainda senão nas equações de primeiro grau; é porque muitas pessoas não lhe compreendem ainda nem a importância nem o alcance. Mas os

Espíritos regulam seus ensinamentos à sua vontade, e não dependem de ninguém fazê-los ir mais depressa ou mais suavemente se não quiserem; eles não seguem mais os impacientes que não se colocam a reboque dos retardatários.

O Espiritismo não é mais a obra de *um único Espírito* como não é a de *um único homem*; é a obra *dos Espíritos* em geral. Segue-se que a opinião de um Espírito sobre um princípio qualquer não é considerada pelos Espíritos senão como uma opinião individual, que pode ser justa ou falsa, e não tem valor senão quando é sancionada pelo ensino da maioria, dado sobre os diversos pontos do globo. Foi esse ensino universal que fez o que ele é, e que fará o que será. Diante desse poderoso critério caem necessariamente todas as teorias particulares que sejam o produto de idéias sistemáticas, seja de um homem, seja de um Espírito isolado. Uma idéia falsa pode, sem dúvida, agrupar *ao seu redor* alguns partidários, mas não prevalecerá jamais contra aquela que é ensinada por toda a parte.

O Espiritismo, que vem apenas de nascer, mas que já levanta questões da mais alta gravidade, coloca necessariamente em efervescência uma multidão de imaginações. Cada um vê a coisa de seu ponto de vista; daí a diversidade dos sistemas eclodidos em seu início, e dos quais a maioria já caiu diante da força do ensino geral. Ocorrerá o mesmo com todos aqueles que não estão na verdade; porque ao ensino divergente de um Espírito, dado por um médium, sempre se oporá o ensino uniforme de milhões de Espíritos, dado por milhões de médiuns. É a razão pela qual certas teorias excêntricas viveram apenas alguns dias, e não saíram do círculo onde nasceram; privadas de sanção, não encontram na opinião das massas nem ecos nem simpatias, e se, além disso, ferem a lógica e um vulgar bom senso, provocam um sentimento de repulsa que lhes precipita a queda.

O Espiritismo possui, pois, um elemento de estabilidade e de unidade que tira de sua natureza e de sua origem, e que não é o próprio de nenhuma das doutrinas filosóficas de concepção puramente humana; é o escudo contra o qual virão sempre se quebrar todas as tentativas feitas para derrubá-lo ou dividi-lo. Essas divisões não podem jamais ser senão parciais, circunscritas e momentâneas.

Falais das seitas que, em vossa opinião, dividem os Espíritos, de onde concluí a ruína próxima de sua doutrina; mas vos esqueceis de todas aquelas que dividiram o Cristianismo desde seu nascimento, que o ensangüentaram, que o dividem ainda, e cujo número, até este dia, não se eleva a menos de trezentos e sessenta. No entanto, apesar das dissidências profundas sobre os dogmas fundamentais o Cristianismo ficou em pé, prova de que é independente dessas questões de controvérsias. Por que quereríeis que o Espiritismo, que se liga por sua própria base aos princípios do Cristianismo, e que não é dividido senão sobre questões secundárias se elucidando cada dia, sofresse divergência de algumas questões pessoais, quando tem um ponto de união tão poderoso: o controle universal?

O Espiritismo estaria, pois, hoje dividido em vinte seitas, o que não é e não será, que isso não levaria a nenhuma consequência porque é o trabalho de nascimento. Se divisões fossem suscitadas por ambições pessoais, por homens dominados pelo pensamento de se fazerem chefes de seitas, ou de explorarem a idéia em proveito de seu amor-próprio ou de seus interesses, estes seriam, sem contradita, os menos perigosos. As ambições pessoais *morrem* com os indivíduos, e se aqueles que quiseram se elevar não têm por eles a verdade, suas idéias morrem consigo, e talvez antes deles; mas a verdade verdadeira não poderia morrer.

Estais no verdadeiro, senhor abade, dizendo que haverá ruínas no Espiritismo, mas isso não é como o entendeis. Essas ruínas serão a de todas as opiniões errôneas que fervem e se fazem luz; se todas estão no erro, todas elas cairão, isto é inevitável; mas se houver uma só delas que esteja na verdade, ela sobreviverá infalivelmente.

Duas divisões bastante marcantes, e às quais poder-se-ia realmente dar o nome de seitas, se formaram há alguns anos sobre o ensino de dois Espíritos que, se vestindo com nomes venerados, tinham captado a confiança de algumas pessoas; hoje, isso não é mais questão. Diante do que caíram? Diante do bom senso e da lógica das massas de uma parte, e diante do ensino geral dos Espíritos de acordo com esta mesma lógica.

Contestareis o valor deste controle universal pela razão de que os Espíritos não sendo senão as almas dos homens são igualmente sujeitos a erro? Mas estaríeis em contradição convosco mesmo. Não admitis que um concílio geral tem mais autoridade do que um concílio particular, porque é mais numeroso; que sua opinião prevalece sobre a de cada padre, de cada bispo, e mesmo sobre a do Papa? Que a maioria faz lei em todas as assembléias dos homens? E não quereríeis que os Espíritos, que governam o mundo sob as ordens de Deus tivessem também seus concílios, suas assembléias? O que admitis entre os homens como sanção da verdade, o recusais aos Espíritos? Esqueceis, pois, que se, entre eles, há deles inferiores, e não é a eles que Deus confia os interesses da Terra, mas aos Espíritos superiores que venceram as etapas da humanidade e cujo número é incalculável? E como nos transmitem as instruções da maioria? É pela voz de um único Espírito ou de um único homem? Não, mas, como eu o disse, pela de milhões de Espíritos e de milhões de homens. É num único centro, numa cidade, num país, numa casta, num povo privilegiado como outrora os israelitas? Não, é por toda a parte, em todos os países, em todas as religiões, entre os ricos e entre os pobres. Como quereis que a opinião de alguns indivíduos, encarnados ou desencarnados, possa se impor sobre esse conjunto formidável de vozes? Crede-me, senhor abade, essa sanção universal vale quanto a de um concílio ecumênico.

O Espiritismo é forte, precisamente porque se apoia sobre essa sanção e não sobre opiniões isoladas. Proclama-se imutável no que ensina hoje, e diz que não tem mais nada a aprender? Não, porque seguiu até hoje, e seguirá no futuro, o ensino progressivo que lhe será dado, e aí ainda está para ele uma causa de força, uma vez que não se deixará jamais se distanciar pelo progresso.

Esperai ainda um pouco, senhor abade, e antes de um quarto de século, vereis o Espiritismo cem vezes menos dividido do que não o é hoje o Cristianismo, depois de dezoito séculos.

Das flutuações que notastes nas sociedades ou reuniões espíritas, erradamente, concluístes na instabilidade da Doutrina. O Espiritismo não é uma teoria especulativa, fundada sobre uma idéia preconcebida; é uma questão de fato, e, conseqüentemente, de convicção pessoal; quem admite o fato e suas conseqüências é Espírita, sem que tenha necessidade de fazer parte de uma sociedade. Pode-se ser perfeito Espírita sem isso. O futuro do Espiritismo está no seu próprio princípio, princípio imperecível, porque está na Natureza e não em reuniões, formadas freqüentemente em condições pouco favoráveis, compostas de elementos heterogêneos, e, conseqüentemente, subordinados a uma multidão de eventualidades.

As sociedades são úteis, mas nenhuma é indispensável, e todas viriam deixar de existir se o Espiritismo não prosseguisse menos em sua marcha tendo em vista que não é em seu seio que se forma o grande número de convicções. Elas estão muito mais para os crentes que a procuram nos centros simpáticos, do que para os incrédulos. As sociedades sérias e bem dirigidas, sobretudo, são úteis para neutralizar a má impressão daquelas onde o Espiritismo é mal apresentado ou desfigurado. A Sociedade de Paris não faz exceção à regra, porque não se arroga nenhum monopólio. Ela não consiste num mais ou menos grande número de seus membros, mas na idéia mãe que representa; ora, essa idéia é independente de toda reunião constituída, e, o que quer que lhe aconteça, o elemento propagador com isso não subsistirá menos. Pode-se, pois, dizer que a Sociedade de Paris está por toda a parte onde se professem os mesmos princípios, desde o Oriente até o Ocidente, e que se ela morrer materialmente, a idéia sobreviverá.

O Espiritismo é uma criança que cresce, cujos primeiros passos são necessariamente vacilantes; mas, como as crianças precoces, fez em boa hora pressentir a sua força; é por isto que certas pessoas se assustam com ele e gostariam de abafá-lo no berço. Se tivesse se apresentado como um ser tão débil como o supondes, não teria causado tanta emoção, nem levantado tanta animosidade, e vós mesmos não teríeis procurado combatê-lo. Deixai, pois, a criança crescer, e vereis o que dará o adulto.

Predistes seu fim próximo; mas inumeráveis encarnados e desencarnados disseram-lhe também seu horóscopo num outro sentido. Escutai, pois, suas previsões, que se sucedem sem interrupção, há dez anos, e se repetem sobre todos os pontos do globo.

"O Espiritismo vem combater a incredulidade, que é o elemento dissolvente da sociedade, substituindo à fé cega, que se extingue, a fé raciocinada que vivifica.

"Ele traz o elemento regenerador da Humanidade, e será a bússola das gerações futuras.

"Como todas as grandes idéias renovadoras, deverá lutar contra a oposição dos interesses que magoará e das idéias que derrubará. Suscitar-lhe-ão todas as espécies de entraves; empregarão contra ele todas as armas, leais ou desleais, que acreditarão próprias para derrubá-lo. Seus primeiros passos serão semeados de sarças e de espinhos. Seus adeptos serão denegridos, achincalhados, alvos da traição, da calúnia, da perseguição; terão dissabores e decepções. Felizes daqueles cuja fé não terá sido abalada nesses dias nefastos; que terão sofrido e combatido pelo triunfo da verdade, porque serão recompensados por sua coragem e sua perseverança.

"No entanto, o Espiritismo continuará à sua marcha através das armadilhas e dos escolhos; ele é inabalável, como tudo o que está na vontade de Deus, porque se apoia sobre as próprias leis da Natureza, que são as leis eternas de Deus, ao passo que tudo o que é contrário a essas leis cairá.

"Pela luz que lança sobre os pontos obscuros e controvertidos das Escrituras, levará os homens à unidade de crença.

"Dando as próprias leis da Natureza por base aos princípios de igualdade, liberdade e fraternidade, ele fundará o reino da verdadeira caridade cristã, que é o reino de Deus sobre a Terra, predito por Jesus Cristo.

"Muitos o repelem ainda, porque não o conhecem ou não o compreendem; mas quando reconhecerem que realizou as mais caras esperanças do futuro da Humanidade, o aclamarão, e, como o Cristianismo encontrou um sustentáculo em São Paulo, ele encontrará defensores entre seus adversários da véspera. Da multidão surgirão homens de elite que tomarão a sua causa em mão, e a autoridade de sua palavra imporá silêncio aos seus detratores.

"A luta durará muito tempo ainda, porque as paixões, superexcitadas pelo orgulho e pelos interesses materiais, não podem se acalmar subitamente. Mas essas paixões se extinguirão com os homens, e o fim deste século não passará antes que a nova crença haja conquistado um lugar preponderante entre os povos civilizados, e, do século próximo datará a era da regeneração."

OS IRMÃOS DAVENPORT.

Os irmãos Davenport, que atraem neste momento um tão alto grau de atenção, são dois jovens de vinte e quatro e vinte e cinco anos, nascidos em Buffalo, no Estado de New York, e que se apresentam em público como médiuns. Sua faculdade, no entanto, é limitada a efeitos exclusivamente físicos, do qual o mais notável consiste em se fazer amarrar com cordas de maneira inextricável, e em se encontrar desamarrados instantaneamente, por uma força invisível, apesar de todas as precauções tomadas para se assegurar de que são incapazes de fazê-lo por si mesmos. A isto juntam outros

fenômenos mais conhecidos, como o transporte de objetos através do espaço, o toque espontâneo de instrumentos de música, o aparecimento de mãos luminosas, os toques por mãos invisíveis, etc.

Os Srs. Didier, os editores de *O Livro dos Espíritos*, acabam de publicar uma tradução de sua biografia, contendo o relato detalhado dos efeitos que produzem, e que, salvo as cordas, têm numerosos pontos de semelhança com os do Sr. Home. A emoção que sua presença tem causado na Inglaterra e em Paris dá a esta obra um poderoso interesse de atualidade. Seu biógrafo inglês, o doutor Nichols, porque não foram eles que escreveram esse livro, mas que dele forneceram os documentos, tendo se limitado ao relato dos fatos, sem explicações, os editores franceses tiveram a feliz idéia de juntarem à sua publicação, para a compreensão das pessoas estranhas ao Espiritismo, nossos dois opúsculos: o *Resumo da lei dos fenômenos Espíritos*, e *O Espiritismo em sua mais simples expressão*, assim como numerosas notas explicativas no corrente do texto (1(1) Ver o Bulletin bibliographique.). Encontrar-se-á, pois, nessa obra, as informações que se poderá desejar sobre a conta desses senhores, e no detalhe dos quais não podemos entrar, tendo encarado a questão de um outro ponto de vista.

Diremos somente que sua aptidão à produção desses fenômenos se revelou, em sua infância, de maneira espontânea. Durante vários anos, percorreram as principais cidades da América setentrional, onde adquiriram uma certa reputação. Pelo mês de setembro de 1864, foram à Inglaterra, onde produziram uma viva sensação. Alternativamente ali foram aclamados, denegridos, ridicularizados e mesmo injuriados pela imprensa e pelo público; em Liverpool, notadamente, foram o objeto da mais insigne malevolência, ao ponto de ver sua segurança pessoal comprometida. As opiniões foram divididas a seu respeito; segundo uns, não eram senão hábeis charlatães; segundo outros, eram de boa-fé, e se podia admitir uma causa oculta aos seus fenômenos; mas, em suma, ali conquistaram pouquíssimos prosélitos à idéia espírita propriamente dita. Nesse país, essencialmente religioso, o bom senso natural repelia o pensamento de que seres espirituais viessem revelar a sua presença por exhibições teatrais e de habilidades. A filosofia espírita sendo ali pouco conhecida, o público confundiu o Espiritismo com essas representações, e dele conceberam uma opinião mais contrária do que favorável à Doutrina.

É verdade que na França, o Espiritismo começou pelas mesas girantes, mas em condições muito diferentes; a mediunidade sendo imediatamente revelada num grande número de pessoas, de todas as idades e de todos os sexos, e nas famílias mais respeitáveis, os fenômenos se produziram em condições que excluía todo pensamento de charlatanismo; todos puderam se assegurar por si mesmos, na intimidade, e por observações multiplicadas, da realidade dos fatos, aos quais um interesse poderoso se ligou quando, saindo dos efeitos puramente materiais, que nada diziam à razão, viram-se as conseqüências morais e filosóficas que dele decorriam. Se, em lugar disto, esse gênero de mediunidade primitiva tivesse sido o privilégio de alguns indivíduos isolados, e que tivesse sido preciso ir comprar afé diante dos teatros de saltimbancos, há muito tempo não seria mais questão dos Espíritos. A fé nasce da impressão moral. Ora, tudo o que é de natureza a produzir uma impressão má a repele em lugar de provocá-la. Haveria hoje muito menos incrédulos, em face do Espiritismo, se os fenômenos tivessem sempre sido apresentados de maneira séria. O incrédulo, naturalmente disposto à zombaria, não poderia ser levado a tomar a sério o que está cercado de circunstâncias que não recomendam nem o respeito nem a confiança. A crítica, que não se dá ao trabalho de aprofundar, forma sua opinião sobre uma primeira aparência desfavorável, e confunde o bom e o mau numa mesma reprovação. Pouquíssimas convicções se formaram nas reuniões tendo um caráter público, ao passo que a imensa maioria saiu das reuniões íntimas, cuja honorabilidade notória dos membros pode inspirar toda confiança e desafiar toda suspeita de fraude.

Na última primavera, e antes de haver explorado a Inglaterra, os irmãos Davenport vieram a Paris. Algum tempo antes de sua chegada, uma pessoa veio nos ver, de sua parte, para nos pedir para apoiá-los em nossa Revista. Mas sabe-se que não nos entusiasmos facilmente, mesmo pelas coisas que conhecemos, com mais forte razão por aquelas que não conhecemos. Não podemos, pois, prometer um concurso antecipado, tendo por hábito não falar senão com conhecimento de causa. Na França, onde não eram conhecidos senão pelos relatos contraditórios dos jornais, a opinião, como na Inglaterra, era dividida a seu respeito; não podíamos, pois, formular prematuramente, nem uma censura, que teria podido ser injusta, nem uma aprovação da qual poder-se-ia prevalecer; foi por isto que nos abstivemos.

À sua chegada, foram habitar o pequeno castelo de Gennevil-liers, perto do Paris, onde ficaram vários meses sem informar o público de sua presença; ignoramos os motivos dessa abstenção. Nos últimos tempos, deram algumas sessões particulares das quais os jornais deram conta de maneira mais ou menos pitoresca. Sua primeira sessão pública foi, enfim, anunciada para 12 de setembro, na sala Hertz. Conhece-se o deplorável resultado dessa sessão que renovou, numa menor escala, as sessões tumultuadas de Liverpool, e na qual um dos espectadores, lançando-se sobre o tablado, quebra o aparelho desses senhores e mostrando uma tábua exclama: "Eis o truque." Esse ato inqualificável num país civilizado, pôs a confusão ao auge. A sessão não tendo acabado, devolve-se o dinheiro ao público; mas como tinha sido dado um número bastante grande de bilhetes de favor, e a conta de caixa constando um déficit de setecentos francos, foi assim provado que setenta assistentes, tendo entrado gratuitamente, dali saíram com dez francos a mais em seus bolsos, sem dúvida para se indenizarem das despesas de deslocamento.

A polêmica que se estabeleceu a respeito dos irmãos Davenport oferece vários pontos instrutivos que iremos examinar.

A primeira questão que os próprios Espíritas se colocaram foi esta: esses senhores são ou não médiuns? Todos os fatos relatados em sua biografia entram no círculo das possibilidades medianímicas, porque efeitos análogos, notoriamente autênticos, foram muitas vezes obtidos sob a influência de médiuns sérios. Se os fatos, por si mesmos, são admissíveis, as condições nas quais se produzem se prestam, é preciso nisto convir, à suspeição. Aquilo que toca mais à primeira vista, é a necessidade da obscuridade que facilita evidentemente a fraude; mas isso não poderia ser ali uma objeção fundada. Os efeitos medianímicos não têm absolutamente nada de sobrenatural; todos, sem exceção, são devidos à combinação dos fluidos próprios do Espírito e do médium; esses fluidos, embora imponderáveis, não são menos da matéria sutil; há, pois, ali uma causa e um efeito de alguma sorte materiais, o que nos fez dizer em todos os tempos que os fenômenos espíritas, estando baseados sobre leis naturais, nada têm de miraculosos. Não pareceram maravilhosos, como muitos outros fenômenos, senão enquanto não se conheceram essas leis; as leis hoje conhecidas, o sobrenatural e o maravilhoso desapareceram para dar lugar à realidade. Também não há um único Espírita que se atribua o dom de milagres; é o que os críticos saberiam se se dessem ao trabalho de estudar aquilo de que falam.

Para retornar à questão da obscuridade, sabe-se que em química há combinações que não podem se operar à luz; que composições e decomposições têm lugar sob a ação do fluido luminoso; ora, todos os fenômenos Espíritas, como dissemos, sendo resultado de combinações fluídicas, e esses fluidos sendo da matéria, não haveria nada de espantar em que, em certos casos, o fluido luminoso fosse contrário a essa combinação.

Uma objeção mais séria é a pontualidade com a qual os fenômenos se produzem a dias e horas fixados e à vontade. Essa submissão ao capricho de certos indivíduos é contrária a tudo o que se sabe da natureza dos Espíritos, e a repetição facultativa de um fenômeno qualquer tem sempre sido considerada, e deve ser, em princípio, considerada

como legitimamente suspeita, *mesmo em caso de desinteresse*, com mais forte razão quando se trata de exposições públicas feitas num objetivo de especulação, e às quais repugna à razão pensar que os Espíritos possam se submeter.

A mediunidade é uma *aptidão natural* inerente ao médium, como a faculdade de produzir sons é inerente a um instrumento; mas do mesmo modo que para que um instrumento toque uma música é preciso um músico, para que um médium produza efeitos *medianímicos* são necessários os Espíritos. Os Espíritos vindo quando querem e *quando o podem*, disto resulta que o médium melhor dotado pode, às vezes, nada obter; é então como um instrumento sem músico. É o que se vê todos os dias; é o que ocorre com o Sr. Home que, freqüentemente, tem meses inteiros sem nada produzir, apesar de seu desejo, e fosse mesmo em presença de um soberano.

Resulta, pois, da própria essência da mediunidade, e se pode colocar como princípio ABSOLUTO, que um médium não está *jamaiz certo* de obter um efeito determinado qualquer, pela razão de que *isso não depende dele*; afirmar o contrário seria provar a ignorância completa dos princípios mais elementares da ciência espírita. Para *prometer a produção* de um fenômeno a propósito, é preciso ter à sua disposição meios materiais que não venham dos Espíritos. É o caso dos irmãos Davenport? Ignoramo-lo; cabe àqueles que seguiram suas experiências julgá-lo.

Fala-se de desafios, de apostas propostas a quem faria as exposições mais fortes; os Espíritos não são fazedores de torneios, e jamais um médium sério entraria em luta com alguém, e ainda menos com um prestidigitador; este dispõe de meios que lhe pertencem propriamente, o outro é instrumento passivo de uma vontade estranha, livre, independente, e da qual ninguém pode dispor sem seu consentimento. Se o prestidigitador diz que faz mais do que os médiuns, deixai-o dizer-lo; ele tem razão, uma vez que age infalivelmente; diverte seu público; é seu estado; ele se vangloria: é seu papel; ele faz propaganda: é uma necessidade da posição; o médium sério, sabendo que não há nenhum mérito pessoal naquilo que faz, é modesto; não pode se envaidecer daquilo que não é o produto de seu talento, nem prometer o que não depende dele.

No entanto, os médiuns fazem alguma coisa a mais; por seu intermédio os bons Espíritos inspiram a caridade e a benevolência por todos; ensinam aos homens se considerarem como irmãos, sem distinção de castas nem de seitas, a perdoar àqueles que lhes dizem injúrias, a vencer seus maus pendores, a suportar com paciência as misérias da vida, a olhar a morte sem medo pela certeza da vida futura; dão consolações aos aflitos, coragem aos fracos, esperança àqueles que não crêem. Eis o que não ensinam nem os torneios de prestidigitadores, nem os dos Srs. Davenport.

As condições inerentes à mediunidade não poderiam, pois, se prestarem à regularidade e à pontualidade, que são a condição indispensável das sessões com hora fixa, onde é preciso a todo preço satisfazer o público. Se, no entanto, os Espíritos se prestam a manifestações desse gênero, o que não seria radicalmente impossível, uma vez que os há de todos os graus possíveis de adiantamento, não poderia ser, em todos os casos, senão Espíritos de baixo estágio, porque seria soberanamente absurdo pensar que Espíritos tanto seja pouco elevados viessem se divertir fazendo exposição. Mas, nesta própria hipótese, o médium não estaria menos à mercê desses Espíritos, que podem deixá-lo no momento em que sua presença seria necessária, e fazer falhar a representação ou a consulta. Ora, como antes de tudo é preciso contentar àquele que paga, se os Espíritos faltarem, trata-se de passar sem eles; com um pouco de habilidade, é fácil enganar; é o que ocorre muitas vezes a médiuns dotados na origem de faculdades reais, mas insuficientes para o objetivo que se propuseram.

De todos os fenômenos Espíritos aqueles que melhor se prestam à imitação são os efeitos físicos; ora, se bem que as manifestações reais tenham um caráter distintivo e não se produzam senão em condições especiais bem determinadas, a imitação pode se aproximar da realidade ao ponto de iludir as pessoas, sobretudo as que não conhecem as

leis dos fenômenos verdadeiros. Mas de que não se pode imitá-los, seria tão ilógico concluir que não existem quanto o seria pretender que não haja verdadeiros diamantes porque há suas imitações.

Não fazemos aqui nenhuma aplicação pessoal; colocamos princípios fundados sobre a experiência e a razão, e de onde tiramos esta consequência: que só um exame escrupuloso, feito com um perfeito conhecimento dos fenômenos Espíritos, pode fazer distinguir a fraude da mediunidade real. E acrescentamos que a melhor de todas as garantias é o respeito e a consideração que se dão à pessoa do médium, sua moralidade, sua honradez notória, seu desinteresse absoluto, material e moral. Ninguém deixará de convir que, em semelhante circunstância, as qualidades do indivíduo não constituem um precedente que impressione favoravelmente, porque elas afastam até a suspeição da fraude.

Não julgamos os Srs. Davenport, e longe de nós pôr em dúvida a sua honradez; mas à parte as qualidades morais, de que não temos nenhum motivo de suspeita, é preciso confessar que se apresentam em condições pouco favoráveis para acreditar seu título de médium e que foi ao menos com uma grande leviandade que certos críticos se apressaram de qualificá-los como apóstolos e grandes sacerdotes da doutrina. O objetivo de sua viagem à Europa está claramente definido nesta passagem de sua biografia:

"Creio, sem cometer erro, que foi em 27 de agosto que os irmãos Davenport deixaram New York, levando consigo, em consequência de uma debilidade sobrevinda, ao Sr. William Davenport, uma ajuda na pessoa do Sr. William Fay, que não é preciso confundir com o Sr. Melleville Fay, que, segundo não sei que gênero de autoridade, fez, diz-se, descobrir no Canadá, tentando produzir manifestações semelhantes, pelo menos que o parecem. Estavam acompanhados do Sr. Palmer, muito conhecido como *empresário e agente de negócios* no mundo dramático e lírico, e a quem, graças à sua experiência, foi confiada a parte material e econômica do empreendimento."

Está, pois, averiguado que esse foi um empreendimento conduzido por um empresário e agente de negócios dramáticos. Os fatos relatados na biografia estão, dissemos, nas possibilidades medianímicas; a idade e as circunstâncias nas quais começaram a se manifestar, afastam o pensamento da fraude. Tudo tende, pois, a provar que esse jovens eram realmente médiuns de efeitos físicos, como se encontram muitos deles em seu país, onde a exploração dessa faculdade passou a hábito e nada tem de chocante para a opinião. Eles amplificaram suas faculdades naturais, como o fazem outros médiuns exploradores, para aumentar seu prestígio e suprir a falta de flexibilidade dessas mesmas faculdades, é o que não afirmamos, porque disso não temos nenhuma prova; mas, admitindo a integridade dessas faculdades, diremos que se iludiram sobre a acolhida que delas faria o público europeu, apresentadas sob forma de espetáculo de curiosidade, e em condições tão contrárias aos princípios do Espiritismo filosófico, moral e religioso. Os Espíritos sinceros e esclarecidos que ali são numerosos, na França sobretudo, não podiam aclamá-los nessas condições, nem considerá-los como apóstolos, supondo mesmo uma perfeita sinceridade de sua parte. Quanto aos incrédulos, cujo número é grande também, e que ainda são da alta sociedade na imprensa, a ocasião de exercer sua verve zombeteira era muito bela para deixá-la escapar. Esses senhores, pois, têm oferecido o mais largo flanco à crítica, e lhe deram o direito que cada um compra na porta de um espetáculo qualquer. Ninguém duvida que se se tivessem apresentado em condições mais sérias, teriam recebido uma outra acolhida; teriam fechado a boca aos detratores. Um médium é forte quando pode dizer ousadamente: "Quanto vos custou para vir aqui, e quem vos forçou a vir? Deus me deu uma faculdade que pode me retirar quando lhe aprouver, como pode me retirar a visão ou a palavra. Não a uso senão para o bem, no interesse da verdade, e não para satisfazer a curiosidade ou servir aos meus interesses; dela não recolho senão a pena do devotamento; não procuro nela nem mesmo a satisfação do amor-próprio, uma vez que ela não depende de mim. Considero-a como

uma coisa santa, porque me coloca em relação com o mundo espiritual, e me permite dar a fé aos incrédulos e as consolações aos aflitos. Eu consideraria como um sacrilégio traficar com ela; porque não me creio no direito de vender a assistência dos Espíritos que vêm gratuitamente. Uma vez que não tiro dela nenhum proveito, não tenho, pois, nenhum interesse em vos enganar." O médium que pode falar assim é forte, o repetimos; é uma resposta sem réplica e que manda sempre o respeito.

A crítica, nessa circunstância, foi mais do que malévola; foi injusta e injuriosa, e englobou na mesma reprovação todos os Espíritas e todos os médiuns aos quais não foram poupados os epítetos mais ultrajantes, sem pensar até em que altura feria e atingia as famílias mais honradas. Não realçaremos as expressões que não desonram senão aqueles que as pronunciam. Todas as convicções sinceras são respeitáveis; e todos vós que proclamais incessantemente a liberdade de consciência, como um direito natural, respeitai-a, ao menos, em outro. Discuti as opiniões: é vosso direito; mas a injúria sempre foi o pior de todos os argumentos, e jamais o de uma boa causa.

Nem toda a imprensa é solidária com esses afastamentos da decência; entre os críticos a respeito dos irmãos Davenport, os há onde o espírito não exclui nem as conveniências nem a moderação, e que se portam bem. Aquelas que iremos citar fazem precisamente ressaltar o lado fraco de que falamos. É tirada do *Courrier de Paris du Monde illustré*, número de dezembro de 1865, e assinada *Neuter*.

"Uma primeira objeção parece-me bastar para demonstrar que os bons jovens que deram uma sessão pública na sala Hertz, eram moços ágeis aos exercícios dos quais os mundos superiores ficaram completamente estranhos. Essa objeção, eu atiro da *própria regularidade com a qual exploram seu pretensão poder miraculoso*. Como! se asseguraram, dos Espíritos que vinham se produzir em público em seu *benefício*, e eis que os irmãos Davenport tratam esses Espíritos, que antes de tudo não são seus empregados, com tanta sem cerimônia quanto um diretor de teatro ditando leis às suas coristas! Sem pedir aos seus compadres sobre-humanos se o dia lhes convém, se estão fatigados, se o calor não os incomoda, afixam para uma data fixa, para uma hora determinada, e será preciso que os seres fluídicos desviem de seu dever nessa data, entrando em cena na hora certa, executem suas diversões musicais com a precisão de um músico a quem seu café-concerto outorga um cachê de cinco francos!

"Francamente, é se fazer *do mundo Espírita uma idéia bem mesquinha*, de no-lo representar assim como povoado de gênios comandados, de duendes empregados que vão para a cidade ao sinal do patrão. Como! jamais de descanso para esses figurantes supra-terrestres! Quando a flexão do mais humilde cabotino lhe dá o direito de fazer mudar o espetáculo, as almas da troupe Davenport são escravas a quem está proibido um pobre feriado. Vale bem a pena habitar planetas fantásticos para disso ser reduzido a esse grau de servidão.

"E para que tarefa os convoca, essas infelizes almas de além-túmulo! Para fazê-las passar suas mãos - as mãos de almas!!! -através das portas de um armário! *Para depreciá-los até às exhibições de saltimbancos!* para constrangê-las a se exibirem com as guitarras, esses instrumentos grotescos, os quais não querem nem mesmo os trovadores que arrulham nas calçadas piscando o olho para as moedas de cinco centavos!....."

Não é, com efeito, colocar o dedo sobre a ferida? Se o Sr. Neuther soubera que o Espiritismo diz precisamente a mesma coisa, embora de maneira menos espirituosa, não teria dito: "Mas não está aí do Espiritismo!" absolutamente como vendo um empírico ele se diz: "Não está aí a medicina." Ora, do mesmo modo que nem a ciência nem a religião são solidários com aqueles que delas abusam, o Espiritismo não é solidário com aqueles que lhe tomam o nome. A má impressão do autor vem, pois, não da pessoa dos irmãos Davenport, mas das condições nas quais se colocam frente a frente com o público, e a idéia ridícula que as experiências feitas em tais condições dão do mundo espiritual, que o próprio incrédulo fica chocado de ver explorar e arrastar sobre os palcos. Essa impressão

foi a da crítica em geral, que a traduziu em termos mais ou menos polidos; ela será a mesma todas as vezes em que os médiuns não estiverem em condições de natureza a fazer respeitar a crença que professam.

O eco dos irmãos Davenport é uma aventura galante para os adversários do Espiritismo, que se apressam, no entanto, em cantar vitória, e achincalhando o melhor possível seus adeptos em lhes proclamando que está ferido de morte, como se o Espiritismo estivesse encarnado nos irmãos Davenport. O Espiritismo não está encarnado em ninguém; ele está na Natureza, e não depende de ninguém para vencer a caminhada, porque aqueles que tentam fazê-lo trabalham pelo seu adiantamento. O Espiritismo não consiste em se fazer amarrar com cordas, não mais do que em tal ou tal experiência física; não tendo jamais tomado esses senhores sob seu patrocínio, e não os tendo jamais apresentado como as colunas da Doutrina, que eles nem mesmo conhecem, não recebe nenhum desmentido de seu infortúnio. Seu eco não é, pois, um para o Espiritismo, mas para os exploradores do Espiritismo.

De duas coisas uma, ou são hábeis escamoteadores, ou são médiuns verdadeiros. Se são charlatães, devemos estar contentes com todos aqueles que ajudam a desmascará-los; sob este aspecto, devemos agradecimentos particulares ao Sr. Robin, porque nisso presta um serviço assinalado ao Espiritismo que não teria podido senão sofrer no caso em que suas fraudes fossem acreditadas. Todas as vezes que a imprensa assinalou os abusos, as explorações ou as manobras de natureza a comprometer a doutrina, os Espíritas, sinceros, longe de disso se lamentarem o aplaudiram. Se são médiuns verdadeiros, as condições nas quais se apresentam sendo de natureza a produzir uma impressão desfavorável, não podem servir utilmente à causa. Num e noutro caso, o Espiritismo não tem nenhum interesse em tomar fato e causa por eles.

Agora qual será o resultado definitivo de todo esse barulho? Hei-lo:

A crônica que, nestes tempos de calor tropical, descansa de alimentos, ali ganha um assunto que se apressa em agarrar para encher suas colunas viúvas de acontecimentos políticos, de novidades teatrais ou de salões.

O Sr. Robin nela encontrou para seu teatro de prestidigitação uma excelente publicidade que muito habilmente explorou, e que lhe desejamos muito frutífero, porque todos os dias ali fala dos Espíritas e do Espiritismo.

A crítica ali perde um pouco de consideração pela excentricidade e incivilidade de sua polêmica.

Os mais mal partilhados, materialmente falando, talvez sejam os Srs. Davenport, cuja especulação se encontra singularmente comprometida.

Quanto ao Espiritismo será ele que com isso ganhará evidentemente mais. Seus adeptos o compreendem tão bem que não se comovem de nenhum modo com o que se passa e lhe esperam o resultado com confiança. Na província, onde estão, mais ainda do que em Paris, como alvo das zombarias de seus adversários, contentam-se em lhes responder: Esperai, e dentro em pouco vereis que será morto e enterrado.

O Espiritismo com isso ganhará primeiro uma imensa popularidade, e de ser conhecido, pelo menos de nome por uma multidão de pessoas que dele não tinham ouvido falar. Mas em seu número, muitos não se contentam com o nome; sua curiosidade é excitada pelo fogo circulante de ataques; querem saber o que ocorre com essa doutrina supostamente tão ridícula; eles irão à fonte, e quando virem que dela não se lhes deu senão a paródia, dir-se-ão que não está aí uma coisa tão má. O Espiritismo com isto ganhará, pois, em ser melhor compreendido, melhor julgado, e melhor apreciado.

Aí ganhará ainda em pôr em evidência os adeptos sinceros, devotados e com os quais se pode contar, e distingui-los dos adeptos de nome, que não tomam da doutrina senão as aparências ou a superfície. Seus adversários não faltarão em explorar as circunstância para suscitar divisões ou enfraquecimentos reais ou simulados, com a ajuda dos quais esperam arruinar o Espiritismo. Depois de terem fracassado por todos os outros

meios, está aí seu supremo e último recurso, mas que não lhes triunfará melhor, porque se destacarão do tronco como os galhos mortos que não dão nenhuma seiva, e o tronco privado dos ramos parasitas com isto não será senão mais vigoroso.

Esses resultados, e vários outros, que nos afastemos de enumerar, são inevitáveis, e não estaríamos surpresos se os bons Espíritos não tivessem provocado todo esse movimento preparado senão para ali chegar mais prontamente.

EXÉQUIAS DE UM ESPIRITA

A alocução seguinte foi pronunciada por nós nas exéquias do Sr. Nant, um de nossos colegas da Sociedade de Paris, em 23 de setembro de 1865. A publicamos, a pedido da família, e porque, nas circunstâncias relatadas num artigo precedente, ela mostra onde está a verdadeira doutrina.

"Senhores e caros colegas da Sociedade de Paris, e todos vós irmãos em crenças que estais aqui presentes:

"Há apenas um mês, viemos, neste mesmo lugar, prestar os últimos deveres a um de nossos antigos colegas, o Sr. Dozon (1-(1) Sr. Dozon, autor das *Revelações de a/ém-túmulo*, 4 vol. in-12; morto em Passy (Paris), em 1º de agosto de 1865.). A partida de um outro irmão para aqui nos conduz hoje. O Sr. Nant, membro da Sociedade, vem, ele também, de tornar à terra seu despojo mortal, para revestir o brilhante envoltório dos Espíritos. Viemos, segundo a expressão consagrada, dizer-lhe um último adeus? Não, porque sabemos que a morte não é somente a entrada da verdadeira vida, mas que não é senão uma separação corpórea de alguns instantes, e que o vazio que ela deixa no seio da família não é senão aparente.

"Ó doce e santa crença que nos mostra, sem cessar, ao nosso lado os seres que nos são caros! Fosse ela uma ilusão, seria preciso bendizê-la, porque enche o coração de uma inefável consolação!

Mas não, não é uma vã esperança, é uma realidade que, cada dia, atestam as relações que se estabelecem entre os mortos e os vivos segundo a carne. Bendita seja, pois, a ciência que nos mostra o túmulo como o umbral da libertação e nos ensina a considerar a morte cara a cara e sem terror!

"Oh, meus irmãos! lamentemos aqueles que o véu da incredulidade cega ainda; é para eles que a morte tem apreensões terríveis! Para os sobreviventes é mais do que uma separação, é, para todo o sempre, a destruição dos seres mais caros; para aquele que vê se aproximar a última hora é o abismo do nada que se abre diante dele! pensamento horrível, que legitima as angústias e os desesperos.

"Que diferença para aquele que, não só crê na vida futura, mas que a compreende, que se identifica com ela! Não caminha mais com ansiedade para o desconhecido, mas com confiança para a nova carreira que se abre diante dele; já a entrevê, e conta com sangue frio os minutos que dela o separa ainda, como o viajor que se aproxima do fim de seu caminho, e sabe que, em sua chegada, vai encontrar o repouso e receber os abraços de seus amigos.

'Tal foi o Sr. Nant; sua vida tinha sido a do homem de bem por excelência, sua morte foi a do justo e do verdadeiro Espirita. Sua fé nos ensinamentos de nossa Doutrina era sincera e esclarecida; hauriu imensas consolações durante sua vida, a resignação nos sofrimentos que lhe terminaram, e uma calma radiosa em seus últimos instantes. Forneceu-nos um tocante exemplo da morte consciente; seguiu com lucidez os progressos da separação, que se operou sem abalos, e quando sentiu quebrar-se o último laço, bendisse os assistentes; depois, tomando as mãos de sua neta, criança de dez anos, pousou-a sobre seus olhos para ela mesma fechá-los. Alguns segundos mais tarde dava o último suspiro, exclamando: Ah! eu o vejo!

"Nesse momento, seu neto, tomado de uma violenta emoção, foi subitamente adormecido pelos Espíritos; em seu êxtase, ele viu a alma de seu avô, acompanhada de uma multidão de outros Espíritos, se elevar no espaço, mas presa ainda ao envoltório corpóreo pelo laço fluídico.

"Assim, à medida que se fechava sobre ele as portas da vida terrestre, se abriam diante dele as do mundo espiritual, do qual entrevia os esplendores.

"Ó sublime e tocante espetáculo! que não tinha por testemunhas aqueles que zombam nesta hora da ciência que nos revela tão consoladores mistérios! tê-la-iam saudado com respeito em lugar de achincalhá-la. Se lhe lançam a ironia e a injúria, perdoamo-los: é que não a conhecem, e que vão procurá-la onde ela não está.

"Para nós, rendamos graças ao Senhor que consentiu em rasgar aos nossos olhos o véu que nos separa da vida futura, porque a morte não parece temível senão para aqueles que não entrevêm nada além. O Espiritismo, ensinando ao homem de onde ele vem, para onde vai, e para que fim está na Terra, dotou-o de um imenso benefício, uma vez que lhe dá a coragem, a resignação e a esperança.

"Caro senhor Nant, nós vos acompanhamos pelo pensamento no mundo dos Espíritos onde ides recolher o fruto de vossas provas terrestres, e as virtudes das quais destes o exemplo. Recebei nosso adeus, até o momento em que nos será dado em nos juntarmos a vós.

"Sem dúvida revistes aquele de nossos irmãos que vos precedeu há pouco, o Sr. Dozon, e que, sem dúvida, vos acompanha neste momento. Nós o juntamos, em nosso pensamento, à prece que vamos dirigir a Deus por vós."

(Aqui é dita a prece para as pessoas que acabam de deixar a Terra, e que se encontra em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.)

Nota. - No momento de imprimir, soubemos que o Sr. Nant tem, por disposição testamentária, legado 2.000 fr. para ser aplicado na propagação do Espiritismo.

VARIEDADES

VOSSOS FILHOS E VOSSAS FILHAS PROFETIZARÃO.

O Sr. Delanne, que muitos de nossos leitores já conhecem, tem um filho com a idade de oito anos. Esse menino que ouve a cada instante falar de Espiritismo em sua família, e que freqüentemente assiste às reuniões dirigidas por seu pai e sua mãe, assim se achou iniciado em boa hora na Doutrina, e, às vezes surpreende com a justeza com a qual raciocina os princípios. Isto nada tem de surpreendente, uma vez que é o eco das idéias nas quais foi embalado, também não é o objetivo desse artigo; o que o trouxe na matéria do fato que vamos reportar, é que tem seu propósito nas circunstâncias atuais.

As reuniões do Sr. Delanne são graves, sérias e mantidas com uma ordem perfeita, como devem ser todas aquelas às quais se quer fazer tirar frutos. Se bem que as comunicações escritas ali tenham o primeiro lugar, ocupa-se também acessoriamente, e a título de instrução complementar, de manifestações físicas e tiptológicas, mas como ensinamento, e jamais como objeto de curiosidade. Dirigidas com método e recolhimento, e sempre apoiadas em algumas explicações teóricas, estão nas condições desejadas para levar a convicção pela impressão que elas produzem. É em tais condições que as manifestações físicas são realmente úteis; elas falam ao Espírito e impõem silêncio à zombaria; sente-se em presença de um fenômeno do qual se entrevê a profundidade, e que se afasta até da idéia do gracejo. Se essas espécies de manifestações, das quais se tem tanto abusado, tivessem sempre se apresentado dessa maneira, em lugar de ser como divertimento e pretexto de questões fúteis, a crítica não as teria taxado de malabarismos; infelizmente, freqüentemente, não se tem senão lhe dado ensejo.

O filho do Sr. Dalanne se associa freqüentemente a essas manifestações, e influenciado pelo bom exemplo, as considera como coisa séria.

Um dia se achava na casa de uma pessoa de seu conhecimento, jogavam no pátio da casa com sua pequena prima, com idade de cinco anos, dois pequenos garotos, um de sete anos outro de quatro. Uma senhora moradora no térreo, convidou-os a entrar em sua casa, e lhes deu bombons. As crianças, como delas se pensa bem, não se fizeram de rogadas.

Essa senhora disse ao filho do Sr. Delanne: Como te chamas, meu filho? -*Resp.* Eu me chamo Gabriel, senhora. - Que faz teu pai? - *R.* Senhora, meu pai é Espírita. -Eu não conheço essa profissão.- *R.* Mas, senhora, isso não é uma profissão; meu pai não é pago por isso; ele o faz com desinteresse e para fazer o bem aos homens. - Meu homenzinho, não sei o que quereis dizer. - *R.* Como! jamais ouvistes falar das mesas girantes? - Pois bem, meu amigo, eu muito gostaria que teu pai viesse aqui para fazê-las girar. - *R.* É inútil, senhora, tenho a força de fazê-las girar eu mesmo. -Então, queres tentar, e me fazer ver como se procede? -*R.* De bom grado, senhora.

Dito isto, sentou-se junto de uma mesinha de salão, e fez colocar seus três pequenos companheiros, e hei-los todos os quatro pousando seriamente suas mãos em cima. Gabriel fez uma evocação de um tom muito sério e com recolhimento; apenas terminou-a, com a grande estupefação da senhora e das crianças, a mesa se levantou e bateu com força.- Perguntai, senhora, disse Gabriel, quem vem responder pela mesa. - A vizinha interroga, e a mesa soletra as palavras: *teu pai*. - Essa senhora torna-se pálida de emoção. Ela continua: Pois bem! meu pai, quereis me dizer se devo enviar a carta que acabo de escrever? - A mesa respondeu: Sim, sem falta. - Para me provar que és bem tu, meu bom pai, quem está aqui, gostaria que me dissésseis há quantos anos morrestes? - A mesa bateu logo oito golpes bem acentuados. Era justo o número de anos. - Gostarias de me dizer teu nome e o da cidade onde morreste? - A mesa soletrou esses dois nomes. As lágrimas jorraram dos olhos dessa senhora que não pôde continuar, tanto foi alterada por essa revelação e dominada pela emoção.

Seguramente, este fato desafia toda suspeição de preparação do instrumento, de idéia preconcebida, e de charlatanismo. Não se pode mais colocar os dois nomes soletrados à conta do acaso. Duvidamos muito que essa senhora teria recebido uma tal impressão numa das sessões dos Srs. Davenport, ou qualquer outro do mesmo gênero. De resto, não é a primeira vez que a mediunidade se revela nas crianças, na intimidade das famílias. Não é isso o cumprimento desta palavra profética: *Vossos filhos e vossas filhas profetizarão.* (Atos dos Apóstolos, cap. II, v. 17.)

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

8º ANO

NO. 11

NOVEMBRO 1865

A SOCIEDADE ESPÍRITA DE PARIS AOS ESPÍRITAS DA FRANÇA E DO ESTRANGEIRO.

Caríssimos e muito honrados irmãos em crença,

Uma circunstância recente forneceu aos nossos adversários a ocasião de renovar, contra nossa Doutrina, os ataques que ultrapassaram em violência o que havia sido feito até este dia, e de derramar sobre os adeptos o sarcasmo, a injúria e a calúnia. A opinião de algumas pessoas pôde ser um instante extraviada, mas os protestos verbais ou escritos foram tão gerais, que ela já retorna de seu erro. Todos vós haveis compreendido que o Espiritismo está assentado sobre bases muito inabaláveis para dela receber algum golpe, e que esse levante geral não pode senão ajudar a fazê-lo melhor compreender e a popularizá-lo.

É próprio de todas as grandes verdades receber o batismo da perseguição; as animosidades que o Espiritismo suscita são a prova da sua importância, porque, se fosse julgado sem importância, não se preocupariam com ele. No conflito que vem de ser levantado, todos os Espíritas conservaram a calma e a moderação, que são os sinais da verdadeira força; todos sustentaram o choque com coragem; ninguém duvidou do resultado, e estejais persuadidos de que esta atitude, ao mesmo tempo digna e firme, oposta às invectivas e à acrimônia da linguagem de nossos antagonistas, não deixa de fazer refletir e de pesar, com uma grande influência, sobre a opinião. O público imparcial aí não se engana; sem mesmo tomar o fato e causa por um e por outro, uma secreta simpatia o atrai para aquele que, na discussão, sabe conservar sua dignidade; a comparação é sempre à sua vantagem; também esses últimos acontecimentos conquistaram numerosos partidários ao Espiritismo.

Nesta circunstância, a Sociedade de Paris está feliz em oferecer a todos os seus irmãos da França e do estrangeiro suas felicitações e seus sinceros agradecimentos. Nas novas lutas que poderão ocorrer, ela conta com eles, como podem contar com ela.

Recebei, senhores e caros irmãos, a segurança de nosso inteiro e afetuoso devotamento.

Pelos membros da Sociedade,
o presidente, ALLAN KARDEC.

(Votado por unanimidade na sessão de 27 de outubro de 1865.)

ALOCUÇÃO.

NA RETOMADA DAS SESSÕES DA SOCIEDADE DE PARIS, EM 6 DE OUTUBRO DE 1865.

Senhores e caros colegas,

No momento de retomar o curso de nossos trabalhos, é para nós todos, e para mim em particular, uma grande satisfação nos encontrarmos de novo reunidos. Sem dúvida, iremos reencontrar nossos bons guias habituais; fazemos votos para que, graças ao seu concurso, este ano seja fecundo em resultados. Permiti-me, nesta ocasião, vos dirigir algumas palavras de circunstância.

Desde nossa separação, um grande barulho se fez a propósito do Espiritismo. Propriamente falando disso, não tive conhecimento senão em meu retorno, porque apenas alguns ecos me chegaram à minha solidão no meio das montanhas.

Não entrarei nesse assunto em detalhes que seriam hoje supérfluos, e, quanto à minha apreciação pessoal, a conheceis porque dela disse na Revista. Não acrescentarei senão uma palavra, é que tudo vem me confirmar, em minha opinião, sobre as conseqüências do que se passou. Estou feliz de ver que essa apreciação é partilhada pela grande maioria, se não o for pela unanimidade dos Espíritas, do que cada dia tenho a prova pela minha correspondência.

Um fato evidente ressalta da polêmica, iniciada por ocasião dos irmãos Davenport, é a ignorância absoluta dos críticos a respeito do Espiritismo. A confusão que estabelecem entre o Espiritismo sério e o malabarismo pode, sem dúvida, induzir momentaneamente algumas pessoas em erro, mas é notório que a própria excentricidade de sua linguagem levou muitas pessoas a se perguntarem daquilo que nisso é justo, e que sua surpresa foi grande por ali encontrarem outra coisa senão torneios de habilidades. O Espiritismo com isso ganhará, pois, como eu o disse, em ser melhor conhecido e melhor apreciado. Esta circunstância, que está longe de ser o fato do acaso, apressará, incontestavelmente, o desenvolvimento da Doutrina. Pode-se dizer que é fornecer um grande esforço cuja importância não tardará a se fazer sentir.

De resto, o Espiritismo entrará logo numa nova fase que fixará forçosamente a atenção dos mais indiferentes, e o que acaba de se passar lhe aplaina os caminhos. Então se realizará esta palavra profética do abade D..., de quem relatei a comunicação na Revista: "Os literatos serão vossos mais poderosos auxiliares." Já o são sem o querer, mais tarde o serão voluntariamente. Circunstâncias se preparam que precipitarão esse resultado, e é com segurança que digo que, nestes últimos tempos, os assuntos do Espiritismo avançaram mais do que se poderia crê-lo.

Depois de nossa separação aprendi muitas coisas, Senhores; porque não creiais que durante essa interrupção de nossos trabalhos comuns, tenha ido provar as doçuras do *far niente*. Não fui, é verdade, visitar centros Espíritas, mas por isso não deixei de ver muito e muito observado, e, por isto mesmo, muito trabalhado.

Os acontecimentos caminham com rapidez e como os trabalhos que me restam para terminar são consideráveis, devo me apressar, a fim de estar pronto em tempo oportuno. Em presença da grandeza e da seriedade dos acontecimentos que tudo faz pressentir, os incidentes secundários são insignificantes; as questões de pessoas passam, mas as coisas capitais permanecem.

Não é preciso, pois, darás coisas senão uma importância relativa, e pelo que me concerne pessoalmente, devo afastar de minhas preocupações o que não é senão secundário, e poderei, ou me retardar ou me desviar do objetivo principal. Este objetivo se desenha cada vez mais nitidamente, e o que aprendi sobretudo nestes últimos tempos, são os meios de chegar mais seguramente e de superar os obstáculos.

Deus me guarde de ter a presunção de ser o único capaz, ou mais capaz do que um outro, ou único encarregado de cumprir os desígnios da Providência; não, este pensamento está longe de mim. Nesse grande movimento renovador, tenho a minha parte de ação; não falo, pois, senão daquilo que me concerne; mas o que posso afirmar sem vã fanfarrice, é que, no papel que me incumbe, nem a coragem, nem a perseverança me farão falta. Nisto jamais faltei, mas hoje que vejo o caminho se aclarar com uma maravilhosa claridade, sinto minhas forças crescerem. Jamais duvidei; mas hoje, graças às novas luzes que aprouve a Deus me dar, estou certo, e digo a todos os nossos irmãos, com mais segurança do que nunca: Coragem e perseverança, porque um estrondoso sucesso coroará os nossos esforços.

Apesar do estado próspero do Espiritismo, seria se enganar estranhamente crer que doravante vai caminhar sem obstáculos. É preciso prever, ao contrário, novas dificuldades, novas lutas. Teremos, pois, ainda, momentos penosos a atravessar, porque nossos adversários não se consideram batidos, e disputam o terreno pé a pé. Mas é nos momentos críticos que se reconhecem os corações sólidos, os devotamentos verdadeiros; é então que as convicções profundas se distinguem das crenças superficiais ou simuladas. Na paz não há mérito em ter coragem. Nossos chefes invisíveis contam neste momentos seus soldados, e as dificuldades são para eles um meio de pôr em evidência aqueles sobre os quais podem se apoiar. É também para nós um meio de saber quem está verdadeiramente conosco ou contra nós.

A tática de nossos adversários, não se saberia muito repeti-lo, é neste momento de procurar dividir os adeptos, lançando entre eles provocadores de discórdia, excitando as fraquezas verdadeiras ou simuladas; e, é preciso dizer bem, têm por auxiliares certos Espíritos que se vêem perturbados pelo advento de uma fé que deve ligar os homens num sentimento comum de fraternidade; também esta palavra de um de nossos guias é perfeitamente verdadeira: o Espiritismo põe em revolução o mundo visível e o mundo invisível.

Há algum tempo os nossos adversários têm por ponto de mira as sociedades e as reuniões Espíritas, onde semeiam em profusão os fermentos da discórdia e do ciúme. Homens de visão curta, cegos pela paixão, crêem ter obtido uma grande vitória quando vêm a causar algumas perturbações numa localidade, como se o Espiritismo estivesse enfeudado num lugar qualquer, ou encarnado em alguns indivíduos! Ele está por toda a parte, sobre a Terra e nas regiões etéreas; que vão, pois, esperá-lo nas profundezas do espaço! O movimento é dado, não pelos homens, mas pelos Espíritos predispostos por Deus; ele é irresistível, porque é providencial. Não é, pois, uma revolução humana que se possa deter pela força material; qual é, portanto, aquele que se cria capaz de entravá-lo porque lhe jogasse uma pedrinha sob a roda? pigmeu na mão de Deus, será levado pelo turbilhão.

Que todos os Espíritas sinceros se unam, pois, numa santa comunhão de pensamento, para fazer face à tempestade; que todos aqueles que estão penetrados da grandeza do objetivo coloquem de lado as pueris questões incidentes; que façam calar as suscetibilidades do amor-próprio, para não ver senão a importância do resultado para o qual a Providência conduz a Humanidade.

As coisas encaradas deste ponto de vista elevado, em que se torna a questão dos irmãos Davenport? No entanto, essa própria circunstância, embora muito secundária, é uma salutar advertência; ela impõe deveres especiais a todos os Espíritas, e a nós em particular. É o que falta, como se sabe, àqueles que confundem o Espiritismo com o malabarismo, é de conhecer o que é o Espiritismo. Sem dúvida, poderão sabê-lo pelos livros quando a isto se derem ao trabalho; mas o é a teoria ao lado da prática? Não basta dizer que a Doutrina é bela, é preciso que aqueles que a professam lhe mostrem a aplicação. Cabe, pois, aos adeptos devotados à causa, provar o que ela é, pela sua maneira de agir, seja em particular, seja nas reuniões, evitando com mais cuidado do que

nunca, tudo o que poderia dar lugar à maledicência e produzir sobre os incrédulos uma impressão desfavorável. Quem se conteve no limite dos princípios da Doutrina pode ousadamente desafiar a crítica, e não incorrerá jamais na censura da autoridade, nem nas severidades da lei.

A Sociedade de Paris, colocada mais do que todas as outras em evidência, deve sobretudo dar o exemplo. Estamos todos felizes em dizer que ela jamais faltou aos seus deveres, e por ter podido constatar a boa impressão produzida por seu caráter eminentemente sério, pela gravidade e pelo recolhimento que presidem às suas reuniões. É um motivo a mais para ela evitar escrupulosamente, até nas aparências, o que poderia comprometer a reputação que adquiriu. Incumbe a cada um de nós velar por isto no interesse da própria causa; é preciso que a qualidade de membro ou de médium prestando-lhe seu concurso, seja um título à confiança e à consideração. Conto, pois, com a cooperação de todos os nossos colegas, cada um no limite de seu poder. Não é preciso perder de vista que as questões pessoais devem se apagar diante da questão de interesse geral. A circunstância em que iremos entrar são sérias, eu o repito, e cada um de nós nela terá sua missão, pequena ou grande. É porque devemos nos colocar na medida de cumpri-la, porque disso nos será pedida conta. Que possais me perdoar, eu vos peço, essa linguagem um pouco austera no retorno de nossos trabalhos, mas é pedida pelas circunstâncias.

Senhores, em nossa primeira reunião, um de nossos colegas falta corporeamente ao chamado; durante nossa separação, o Sr. Nant, o pai de nossa boa e excelente Espírita, senhora Breul, reentrou no mundo dos Espíritos, de onde, o esperamos, quererá muito ainda retornar entre nós. Quando de seus funerais, nós lhe pagamos um justo tributo de simpatia, que nos fizemos um dever de renovar-lhe hoje, e estaremos felizes se, dentro em pouco, consinta ele nos dirigir algumas palavras e se junte no futuro aos bons Espíritos que nos ajudam com os seus conselhos.

Peçamo-lhes, senhores, consentirem nos continuar com a sua assistência.

DA CRÍTICA A PROPÓSITO DOS IRMÃOS DAVENPORT. (2º artigo.)

A agitação causada pelos irmãos Davenport começa a se acalmar, depois do cerco lançado pela imprensa contra eles e o Espiritismo, não restam mais do que alguns atiradores que queimam, aqui e ali, seus últimos cartuchos, à espera de que um outro assunto venha alimentar a curiosidade pública. De quem é a vitória? O Espiritismo está morto? É o que não se tardará a saber. Suponhamos que a crítica tenha matado os Srs. Davenport, o que não nos concerne, que resultaria disto? O que dissemos em nosso artigo precedente. Em sua ignorância do que é o Espiritismo, ela atirou sobre esses senhores, absolutamente como um caçador que atira sobre um cão, crendo atirar sobre uma lebre; o cão está morto, mas a lebre corre sempre.

Assim o é com o Espiritismo, que não foi e nem poderia ser atingido pelos golpes que dão ao seu flanco. A crítica, pois, desprezou o que teriam facilmente evitado se tivesse se dado ao trabalho de verificar a etiqueta. As advertências, no entanto, não lhe faltaram; alguns escritores confessaram mesmo a afluência das refutações que lhes chegavam de todas as partes, e isto da parte de pessoas *as mais honradas*. Isto não deveria lhes fazer abrir os olhos? Mas não; estavam empenhados num caminho, e não queriam recuar; seria preciso quando mesmo ter razão. Muitas dessas refutações nos foram dirigidas; todas se distinguem por uma moderação que contrasta com a linguagem de nossos adversários, e a maioria é de uma perfeita justeza de apreciação. Ninguém seguramente, pretendeu impor sua opinião a esses senhores; mas a imparcialidade faz sempre um dever admitir as retificações para colocar o público em condições de julgar o pró e o contra; ora, como é mais cômodo ter razão quando se fala sozinho, muito pouco

dessas retificações viram a luz da publicidade; quem sabe mesmo se a maioria foi lida? É preciso, pois, estar contente com os jornais que se mostraram menos exclusivistas. Desse número está o *Journal des Pyrénées-Orientales*, que em seu número de 8 de outubro, contém a carta seguinte:

"Perpignan, 5 de outubro de 1865.

"Senhor Gerente,

"Não venho me lançar na polêmica, somente solicito vossa eqüidade em me permitir, por uma única vez, responder aos vivos ataques que contém a *carta parisiense*, publicada no último número de vosso jornal, contra os Espíritas e o Espiritismo.

"Os verdadeiros Espíritas, como os verdadeiros católicos, não se dão em espetáculo público; são penetrados do respeito de sua fé, aspiram ao progresso moral de todos, e sabem que não é nos teatros de feira que se fazem aos prosélitos.

"Eis pelo que concerne os irmãos Davenport.

"Haveria muito a dizer para refutar os erros do autor desses ataques irônicos; direi somente que Deus, tendo dado livre arbítrio ao homem, atentar contra sua liberdade de crer, de pensar, é se colocar acima de Deus, por conseguinte, um enorme pecado de orgulho.

"Dizer que essa nova ciência fez progressos imensos, que muitas cidades contam com grande número de adeptos, que têm seus escritórios, seus presidentes, e que essas reuniões contêm homens sábios, eminentes por sua posição na sociedade civil e militar, na advocacia, na magistratura, não é confessar que o Espiritismo está baseado sobre a verdade?

"Se o Espiritismo não é senão um erro, por que, pois, tanto vos ocupar dele? O erro não tem senão uma duração efêmera, é um fogo fátuo que dura algumas horas e que desaparece. Se, ao contrário, é uma verdade, agireis inutilmente, não podereis nem destruí-la nem detê-la; a verdade é como a luz: não há senão os cegos que lhe negam a beleza.

"Diz-se também que o Espiritismo ocasionou casos de alienação mental; eu direi isto: o Espiritismo não ocasionou mais a loucura do que o Cristianismo ou outros cultos não são causa de casos de idiotismo que se encontram, freqüentemente, entre os praticantes das diferentes religiões; os espíritos mal conformados estão sujeitos à exaltação e aos desarranjos. Deixemos, pois, uma vez por todas, este último argumento no arsenal com as armas fora de uso.

"Termino esta resposta dizendo que o Espiritismo nada vem destruir, senão a crença nos castigos eternos. Ele nos afirma na fé em Deus; nos torna evidente que a alma é imortal e que o espírito se depura e progride pelas reencarnações; nos prova que as diferentes posições sociais têm sua razão de ser; ensina-nos a suportar as nossas provas, quaisquer que sejam; enfim, nos demonstra que não há senão um único caminho que conduz a Deus: o amor do bem, a caridade!

"Aceitai, Senhor Gerente, meus agradecimentos e minhas solícitas saudações.

"Tenho a honra de ser vosso servidor,

"BREUX."

Todas as refutações que temos sob os olhos, e que todas foram dirigidas aos jornais, protestam contra a confusão que se fez entre o Espiritismo e as sessões dos Srs. Davenport. Se, pois, a crítica persiste em torná-los solidários, é que ela muito o quer.

Nota. - Num outro artigo, que a falta de espaço nos força a remeter ao próximo número, examinaremos as proposições mais importantes que ressaltam da polêmica levantada a propósito dos Srs. Davenport.

POESIA ESPIRITA.

UM FENÔMENO. Fábula.

Numa dessas noites serenas da primavera,
Que fazem brilhar nos céus tantos fogos brilhantes,
Alguns bons burgueses da cidade
Discorriam, caminhando com passo lento e tranqüilo,
Nas espaçosas avenidas.
Cada um deles, alternativamente, elevava seus olhares
Do solo à celeste abóbada,
E pensais, sem dúvida,
Que o tema de seus discursos
Rolasse sobre a força eterna, infinita,
Que submete todos esses corpos às leis da harmonia?
Não: davam um outro curso
A seus pensamentos; a alta ou a baixa na
Bolsa, As colheitas, seu preço, eram a única fonte
Onde se alimentava seu espírito,
Quando um deles detendo-se, replicou,
Como tocado de um estupor súbito:
"Que vejo! pode-se? uma estrela se agita!
Ela se eleva... ela desce!"
E esfregando os olhos: "Que digo,
Uma estrela...? Eu creio, na verdade, que o prodígio,
A menos que não tenha um sonho, vai crescendo;
Uma, duas, três e mesmo quatro estrelas
Se movem e dançam sem ruído;
Mistério estranho, que a noite
Parece comprazer-se em cobrir com seus véus!"
E o espírito dos burgueses, cujo olhar espantado segue
As fases desse fenômeno,
Em vão, para explicá-lo, se sonda, se agita;
Só o acaso a isso conduziu.
Eles caminham, e sua frente se choca com os barbantes
Que retêm cada um no ar um papagaio de papel
Ornado com uma lanterna vacilante
Ao sopro das brisas novas;
E as criancinhas, autoras desse fato maravilhoso,
Tagarelavam, rindo a dois passos deles.
Que dizem depois desta dupla surpresa,
Depois deste desencanto?
Que todos os fogos do firmamento
Não são senão um artifício, obra da tolice,
Para lançar um simplório no assombro.
Também, que o horizonte se avermelha, se colore,
E reveste a noite de uma luz misteriosa;
Que a chama de um meteoro
Resplandece de súbito sobre o fundo negro dos céus;

Que uma estrela cadente em vivas centelhas
Sulca os campos do éter,
Esses bons burgueses, os olhos e os dois braços no ar,
Vão por toda a parte procurando os barbantes.
A verdade sempre tem sua contrafação:
Cabe a nós distinguir, pela comparação,
O verdadeiro da fraude.
O ceticismo, emocionado, grita à hipocrisia
Diante dos fatos assuntos de uma eterna lei.
Para julgar sadiamente os efeitos e as causas,
Falta ao cético duas coisas:
Um pouco de modéstia, - e de boa fé.

C. DOMBRE, de Marmande.

O ESPIRITISMO NO BRASIL.

EXTRATO DO DIÁRIO DA BAHIA.

Sob o título de *A Doutrina Espírita*, o *Diário da Bahia*, de 26 e 27 de setembro de 1865, contém dois artigos que não são senão a tradução em português daqueles publicados, há seis anos, pelo doutor Déchambre na *Gazette médicale* de Paris. A segunda edição de *O Livro dos Espíritos* vinha de aparecer, e foi dessa obra da qual o Sr. Déchambre fez um relatório meio burlesco. Mas, a esse propósito, ele prova historicamente, e por citações, que o fenômeno das mesas girantes e que batem está mencionado em Teócrito, sob o nome de *Kosskinomantéia*, adivinhação pelo crivo, porque então se servia de um crivo para esse gênero de operação; de onde ele conclui, com a lógica comum de nossos adversários, que esse fenômeno, não sendo novo, não tem nenhum fundo de realidade. Para um homem de ciências positivas, aí está, é preciso nisto convir, um singular argumento. Lamentamos que a erudição do Sr. Déchambre não lhe tenha permitido remontar ainda mais alto, porque o teria encontrado no antigo Egito e nas Índias. Retornaremos um dia sobre esse artigo que tínhamos perdido de vista, e que faltava em nossa coleção. Perguntaremos somente, à espera disso, ao Sr. Déchambre, se é preciso rejeitar a medicina e a física modernas, porque se encontram seus rudimentos misturados às práticas supersticiosas da Antiguidade e da Idade Média? Se o sábio químico de hoje não teve seu berço na alquimia, e a astronomia o seu na astrologia judiciária? Por que, pois, os fenômenos Espíritas, que não são, em definitivo, senão fenômenos naturais dos quais não se conheciam as leis, não se encontrariam também nas crenças e práticas antigas?

Esse artigo, sendo reproduzido pura e simplesmente, sem comentários, nada prova da parte do jornal brasileiro uma hostilidade sistemática contra a Doutrina; é mesmo provável que não a conhecendo, acreditou nele encontrar uma apreciação exata. O que o provaria, é sua pressa em inserir, no número seguinte de 28 de setembro, a refutação que os Espíritas da Bahia lhe dirigiram, e que está assim concebida:

"Senhor redator,

"Como estais de boa fé, no que concerne à doutrina do Espiritismo, rogamos consentir em publicar, também no *Diário* uma passagem de *O Livro dos Espíritos*, pelo Sr. Allan Kardec, livro que já chegou à sua décima terceira edição, a fim de que vossos leitores possam apreciar, em seu justo valor, a reprodução que fizestes de um artigo da *Gazette medicale*, de Paris, escrito há mais de seis anos, contra essa mesma Doutrina,

pelo doutor Déchambre, e no qual se reconhece que o supradito doutor não foi fiel nas citações que fez de *O Livro do Espíritos*, tendo em vista depreciar essa Doutrina.

"Somos, senhor Redator, vossos amigos e agradecidos,

"LUIZ OLYMPIO TELLES DE MENEREZ.

"JOSÉ ALVARES DE AMARAL.

"JOAQUIM CARNEIRO DE CAMPOS."

Segue, como resposta e refutação, um extrato bastante extenso da introdução de *O Livro dos Espíritos*.

As citações textuais das obras espíritas são, com efeito, a melhor refutação das deturpações que certos críticos fazem a Doutrina sofrer. A Doutrina se justifica por si mesma, é por isto que ela não sofre com isso. Não se trata de convencer seus adversários de que ela é boa, isto seria, o mais freqüentemente, trabalho perdido, porque em boa justiça, são perfeitamente livres de achá-la má, mas simplesmente de provar que ela disse o contrário daquilo que se lhe faz dizer; cabe ao público imparcial o julgamento, pela comparação, se ela é boa ou má; ora, como, apesar de tudo aquilo que se pode fazer, ela recruta sem cessar novos partidários, é uma prova de que ela não descontenta a todo o mundo, e que os argumentos que lhe opõem são impotentes para desacreditá-la. Pode-se ver por esse artigo que ela não tem nacionalidade, e que faz a volta ao mundo.

O ESPIRITISMO E O CÓLERA.

Sabe-se de que acusações os primeiros cristãos eram cumulados em Roma; não havia crime do qual não fossem capazes, de infelicidades públicas das quais, no dizer de seus inimigos, não fossem os autores voluntários ou a causa involuntária, porque sua influência era perniciosa. Em alguns séculos daqui ter-se-á dificuldade em crer que os espíritos fortes do século dezenove hajam tentado ressuscitar essas idéias a respeito dos Espíritas, declarando-os autores de todas as perturbações da sociedade, comparando sua doutrina à peste, e convidando a persegui-los. Esta é da história impressa; estas palavras saíram de mais de um púlpito evangélico; mas o que é mais surpreendente, é que se as encontra nos jornais que dizem falar em nome da razão, e se colocam como campeões de todas as liberdades, e da liberdade de consciência em particular. Já possuímos uma coleção curiosa de amenidades desse gênero que nos propomos reunir mais tarde em volume para maior glória de seus autores, e a edificação da posteridade. Seremos, pois, reconhecidos àqueles que gostarem de nos ajudar a enriquecer essa coleção nos enviando tudo o que, de seu conhecimento, apareceu ou aparecerá sobre esse assunto. Comparando esses documentos da história do Espiritismo com os da história dos primeiros séculos da Igreja, ficar-se-á surpreso em ali encontrar pensamentos e expressões idênticas; não lhe falta senão uma coisa: as bestas ferozes do circo, o que no entanto é um progresso.

O Espiritismo sendo, pois, uma peste eminentemente contagiosa, uma vez que, da confissão de seus adversários, ele invade com uma assustadora rapidez todas as classes da sociedade, ele tem uma certa analogia com o cólera; também neste último levante geral, certos críticos chistosamente chamaram o *Spirito-morbus*, e não haveria nada de surpreendente em que se o acusasse de ter importado esse flagelo; porque há a se anotar que dois campos diametralmente opostos se dão a mão para combatê-lo. Num, nos asseguraram, faz-se bater uma medalha com efígie de santo Benoít que basta carregar para se preservar do contágio espírita; disse que esse meio cura aqueles que por eles foram atingidos.

Há realmente uma analogia entre o Espiritismo e o cólera, é o medo que um e o outro causam a certas pessoas; mas consideremos a coisa dum ponto de vista mais sério; eis o que se nos escreve de Constantinopla:

".....Os jornais informaram o rigor com o qual o terrível flagelo vem de maltratar em nossa cidade e vizinhanças, tudo em atenuando suas devastações. Algumas pessoas, dizendo-se bem informadas, dão o número de coléricos falecidos em 70 mil, e outros em quase cem mil. Sempre é que fomos rudemente experimentados, e podeis vos figurar as dores e a tristeza geral de nossas populações. É sobretudo nesses tristes momentos de epidemia assustadora que a fé e a crença espíritas dão a coragem; acabamos de ter disso a mais verídica prova. Quem sabe se não devemos a essa calma da alma a essa persuasão da imortalidade, a essa certeza de existências sucessivas onde os seres são recompensados segundo seu mérito e seu grau de adiantamento; quem sabe, digo eu, se não é a essas crenças, bases de nossa bela Doutrina, que todos nós, Espíritas de Constantinopla, que somos, como o sabeis, bastante numerosos, devemos ter sido preservados do flagelo que passeou, e passeia ainda ao nosso redor! Digo isto tanto mais quanto foi constatado, aqui como alhures, que o medo é a predisposição mais perigosa do cólera, como a ignorância dele torna infelizmente a fonte contagiosa.....

"Repôs júnior, advogado."

Seguramente, seria absurdo crer que a fé espírita seja um certificado de garantia contra o cólera; mas como está cientificamente reconhecido que o medo, enfraquecendo ao mesmo tempo o moral e o físico, torna mais impressionável e mais suscetível de receber os ataques das moléstias contagiosas, é evidente que toda causa tendente a fortalecer o moral é um preservativo. Isto compreende-se tão bem hoje que se evita, tanto quanto possível seja nos relatórios, seja nas disposições materiais, o que pode ferir a imaginação por um aspecto lúgubre.

Os Espíritas podem, sem dúvida, morrer do cólera como todo o mundo, porque seu corpo não é mais imortal do que o dos outros, e que, quando a hora é chegada, é preciso partir, que isso seja por essa causa ou por uma outra; o cólera é uma dessas causas que não têm de particular senão levar um maior número de pessoas ao mesmo tempo, o que produz mais sensação; partem-se em massas, em lugar de partir por partes, eis toda a diferença. Mas a certeza que têm do futuro, e, sobretudo, do conhecimento que têm desse futuro, que responde a todas as suas aspirações e satisfaz a razão, fazem com que não lamente de nenhum modo a Terra onde se consideram como transitoriamente em exílio. Ao passo que, em presença da morte, o incrédulo não vê senão o nada, ou se pergunta o que vai ser dele com ela, o Espírita SABE que, se morre, não será senão despojado de um envoltório material sujeito aos sofrimentos e às vicissitudes da vida, mas que será sempre *e/le* com um corpo etéreo inacessível à dor; que gozará de percepções novas e de faculdades maiores; que vai reencontrar aqueles a quem amou e que o esperam no limiar da verdadeira vida, da vida imperecível. Quanto aos bens materiais, sabe que deles não terá mais necessidade e que os gozos que eles proporcionam serão substituídos por gozos mais puros e mais invejáveis, e que não deixam depois deles nem amarguras nem remorsos. Abandona-os, pois, sem pena e com alegria, e lamenta aqueles que, ficando depois dele sobre a Terra, vão ainda deles ter necessidade. É como aquele que, tornando-se rico, deixa suas roupas velhas aos infelizes. Também diz aos seus amigos, deixando-os: não me lamenteis; não choreis minha morte; felicitai-me antes por ter sido libertado do cuidado da vida, e por entrar num mundo radioso onde vou vos esperar.

Quem tiver lido e meditado nossa obra *O Céu e o Inferno Segundo o Espiritismo*, e sobretudo o capítulo sobre as *apreensões da morte*, compreenderá a força moral que os Espíritas haurem em suas crenças, em presença do flagelo que dizima as populações.

Disto se segue que vão negligenciar as precauções necessárias em semelhante caso, e negligenciar no perigo? De nenhum modo: tomam todas aquelas que mandam a prudência e uma higiene racional, porque não são fatalistas, e que, se não temem a morte, sabem que não devem procurá-la. Ora, negligenciar as medidas sanitárias que podem preservá-las seria um verdadeiro suicídio do qual conhecem muito bem as conseqüências para a ele se expor. Consideram como um dever velar pela saúde do corpo, porque a saúde é necessária para o cumprimento dos deveres sociais. Se procuram prolongar a vida corpórea, isto não é pelo apego à Terra, mas afim deter mais tempo para progredir, se melhorar, depurar-se, despojar o velho homem e adquirir uma maior soma de méritos para a vida espiritual. Mas se, apesar de todos os cuidados, eles devem sucumbir, disto tomam sua parte sem se lamentar, sabendo que todo progresso leva seus frutos, que nada daquilo que se adquire em moralidade e em inteligência está perdido, e que se não têm demérito aos olhos de Deus, estarão sempre melhor no outro mundo que neste, quando não tenham mesmo o primeiro lugar; dizem a si mesmos simplesmente: Iremos um pouco mais cedo onde teríamos ido um pouco mais tarde.

Crer-se que com tais pensamentos não se esteja nas melhores condições de tranquilidade de espírito recomendadas pela ciência? Para o incrédulo ou o incerto, a morte tem todos seus terrores, porque perde tudo e não espera nada. Que pode dizer um médico materialista para acalmar nos enfermos o medo de morrer? Nada senão aquilo que disse um dia um deles a um pobre diabo que tremia unicamente ao ouvir o nome do cólera: "Bah! enquanto não se está morto há esperança; depois, em definitivo, não se morre senão uma vez, e está logo passado; quando se está morto, *tudo acabou*; não se sofre mais." Tudo acabou quando se está morto, eis a suprema consolação que ele dá.

O médico espírita, ao contrário, diz àquele que vê a morte diante de si: "Meu amigo, vou empregar todos os recursos da ciência para vos restituir a saúde e vos conservar pelo maior tempo possível; triunfaremos, disto tenho esperança; mas a vida do homem está nas mãos de Deus, que nos chama quando nosso tempo de prova neste mundo terminou; se a hora de vossa libertação chegou, regozijai-vos, como o prisioneiro que vai sair de sua prisão. A morte nos livra do corpo que nos faz sofrer, e nos devolve à verdadeira vida, vida isenta de perturbações e de misérias. Se deveis partir, não penseis que estareis perdido para vossos parentes e vossos amigos que ficam depois de vós; não, com isto não estareis menos no meio deles; vê-lo-eis e os ouvireis melhor do que não podeis fazê-lo neste momento; vos os aconselhareis, dirigi-los-eis e inspirá-los-eis para o bem. Se, pois, praz a Deus vos chamar a ele, agradecei-lhe por vos restituir a liberdade; se prolonga vossa permanência aqui agradecei-lhe ainda por vos dar o tempo para terminar vossa tarefa. Na incerteza, submetei-vos sem murmúrio à sua santa vontade."

Tais palavras não são próprias para trazer a serenidade a alma, e esta serenidade não secunda a eficácia dos remédios, ao passo que a perspectiva do nada mergulha o moribundo na ansiedade do desespero?

Além dessa influência moral, o Espiritismo tem uma mais material. Sabe-se que os excessos de todos os gêneros são uma das causas que mais predispõem aos ataques da epidemia predominante; também os médicos recomendam a sobriedade em todas as coisas, prescrição salutar, à qual muita gente tem dificuldade de se submeter. Admitindo que o façam, sem dúvida, é um ponto importante, mas crê-se que uma abstenção momentânea possa reparar instantaneamente as desordens orgânicas causadas pelos abusos inveterados, degenerados em hábito, que usaram o corpo e, por isto mesmo, tornaram-no acessível aos miasmas deletérios? Fora do cólera, não se sabe o quanto o hábito da intemperança é pernicioso nos climas tórridos, e naqueles onde a febre amarela é endêmica? Pois bem! o Espírita, em conseqüência de suas crenças e da maneira que encara o objetivo da vida presente e o resultado da vida futura, modifica profundamente seus hábitos; em lugar de viver para comer, come para viver; não faz nenhum excesso; não vive como cenobita: também usa de tudo, mas não abusa de nada. Deve estar aí

seguramente uma consideração preponderante a acrescentar àquela que faz valer nosso correspondente de Constantinopla.

Eis, pois, um dos resultados desta Doutrina, à qual a incredulidade lança a injúria e o sarcasmo; que ela a abafe, tache de loucura, e que, segundo ela, traz a perturbação na sociedade. Guardai vossa incredulidade, se ela vos apraz, mas respeitai uma crença que torna felizes e melhores aqueles que a possuem. Se for uma loucura crer que tudo não acaba para nós com a vida, que depois da morte vivemos uma vida melhor, isenta de cuidados; que retornaremos ao meio daqueles que amamos; ou ainda crer que depois da morte não estamos nem mergulhados nas chamas eternas, sem esperança de delas sair, o que não valeria mais do que o nada, nem perdido na ociosa e beata contemplação do infinito, praza a Deus que todos os homens fossem loucos desta maneira; haveria entre eles menos crimes e suicídios.

Numerosas comunicações foram dadas sobre o cólera; várias o foram na Sociedade de Paris ou em nosso círculo íntimo; delas não reproduziremos senão duas, fundidas numa única, para evitar as repetições, e que resumem o pensamento dominante na maioria.

(Sociedade de Paris. - Médium, Srs. Desliens e Morin.)

Uma vez que o cólera é uma questão de atualidade, e que cada um traz seu remédio para repelir o terrível flagelo, permitir-me-ei, se o consentirdes, dar igualmente minha opinião, se bem que me pareça pouco provável que tendes a temer-lhe os ataques de maneira cruel. No entanto, como é bom que, se possível, os meios não faltem, coloco minha pouca luz à vossa disposição.

Essa afecção, o que quer que dela se diga, não é imediatamente contagiosa, e aqueles que se encontram em um lugar onde ela grassa não devem temer em dar seus cuidados aos enfermos.

Não existe remédio universal contra essa moléstia, seja preventivo, seja curativo, tendo em vista que o mal se complica com uma multidão de circunstâncias que resistem, seja ao temperamento dos indivíduos, seja ao seu estado moral e aos seus hábitos, seja às condições climatéricas, o que faz que tal remédio triunfe em certos casos e não em outros. Pode-se dizer que em cada período de invasão e segundo as localidades, o mal deve ser o objeto de um estudo especial, e requer uma medicação diferente. É assim que, por exemplo, o gelo, a triaga, etc., puderam curar casos numerosos nos cóleras de 1832, de 1849, e em certas regiões poderiam não dar senão resultados negativos em outras épocas e em outros países. Há, pois, uma multidão de remédios bons, e nenhum que seja específico. Foi essa adversidade nos resultados que confundiu e confundirá por muito tempo ainda a ciência, e que faz com que nós mesmos não possamos dar remédio aplicável a todo o mundo, porque a natureza do mal não o comporta. No entanto, há regras gerais, fruto da observação, e das quais importa não se afastar.

O melhor preservativo consiste nas precauções de higiene sabiamente recomendadas por todas as instruções dadas para esse efeito; são acima de tudo o asseio, o distanciamento de toda causa de insalubridade e dos focos de infecção, a abstenção de todo excesso.

Com isto é preciso evitar de mudar seus hábitos alimentares, se isso não for para suprimir as coisas debilitantes. É preciso igual mente evitar os resfriamentos, as transições bruscas de temperatura, e abster-se, a menos de necessidade absoluta, de toda medicação violenta, podendo trazer uma perturbação na economia.

O medo, como o sabeis, freqüentemente, em semelhante caso, é pior do que o mal; o sangue-frio não se impõe, infelizmente, mas vós, Espíritas, não tendes necessidade de nenhum conselho sobre este ponto; olhais a morte impassíveis, e com a calma que dá a fé.

Em caso de ataque, importa não negligenciar os primeiros sintomas. O calor, a dieta, uma transpiração abundante, as fricções, a água de arroz na qual se põs algumas gotas de láudano, são medicamentos de pouco custo e cuja ação é muito eficaz, se a energia moral e o sangue-frio vêm se juntar a eles. Como é freqüentemente difícil se proporcionar o láudano na ausência de um médico, pode-se a isto suprir, em caso de urgência por outra composição calmante, e em particular pelo suco de alface, mas empregado em dose fraca. Aliás, pode-se ferver simplesmente algumas folhas de alface na água de arroz.

A confiança em si e em Deus é, em semelhante circunstância, o primeiro elemento da saúde.

Agora, que a vossa saúde material está posta ao abrigo do perigo, permiti-me ocupar-me de vosso temperamento espiritual, ao qual uma epidemia de um outro gênero parece querer atacar. Não temais nada deste lado; o mal não poderia atingir senão os seres a quem a vida verdadeiramente espiritual faz falta, e já mortos sobre o tronco. Todos aqueles que se sentem votados, sem retorno e sem pensamento dissimulado, à Doutrina nela haurirão, ao contrário, novas forças, para fazer frutificar os ensinamentos que nos fazemos um dever vos transmitir. A perseguição, qualquer que ela seja, é sempre útil; ela põe à luz os corações sólidos, e se ela destaca do tronco principal, alguns galhos mal presos, os jovens rebentos, amadurecidos pelas lutas nas quais, em seguindo nossos conselhos, se tornarão homens sérios e refletidos. Assim, pois, boa coragem; caminhai sem medo no caminho que vos está traçado e contai com aquele que não vos fará jamais falta na medida de suas forças.

Doutor DEMEURE.

UM NOVO NABUCODONOSOR.

Escrevem-nos de Charkow (Rússia):

Em vos escrevendo, Sr. Presidente, ousou esperar que talvez o Espiritismo venha a lançar alguma luz sobre um fato que permanece inexplicável até este dia, e que me parece oferecer um poderoso interesse. Tenho-o de uma testemunha ocular, parente próximo da pessoa em questão. Eis o que ela me conta.

Todos os membros da família R... se faziam notar pela originalidade de seu caráter e de seus pendores; mas não falarei aqui senão dos dois irmãos Alexandre e Voldemar. O que tocava neste último, eram seus olhos, dos quais é impossível descrever a impressão. Crianças, brincamos juntos; embora longe de ser covarde, eu não podia, no entanto, sustentar seu olhar. Disso fiz notar meu pai que me confessou sentir, olhando-o, o mesmo sentimento de perturbação, e me aconselhou evitá-lo. Parece que Voldemar não era o favorito da família. Quando chegou à idade dos estudos sérios, os dois irmãos foram colocados na universidade de Kazan. Voldemar não tardou em estupefazer seus mestres e seus camaradas por atitudes fora de linha; disto se gabava, freqüentemente, diante de seu irmão, que havia escolhido como o objetivo de suas zombarias. Mas seus sucessos não foram de longa duração. Chegando à idade de dezesseis anos morreu nos braços de seu irmão. É deste último que vamos nos ocupar.

Embora em menor grau, Alexandre possuía, no entanto, também, em seus olhos negros, esse magnetismo fascinador que marcava tanto seu irmão; não tinha qualidades mais brilhantes do que ele; mas isto não impedia de ter muito de espírito e de aprender com facilidade. A morte de seu irmão teve sobre ele uma tal impressão que se tornou um outro homem. Seis semanas seguidas, ficou sem abrir os olhos, parou de se pentear, de

se lavar e não quis, sob nenhum pretexto mudar de hábitos, de tal modo sua roupa branca e seu vestuário emboloravam sobre seu corpo e caíam em farrapos.

Sua mãe levou-o ao campo; um tio que morava não longe dali chegou a decidir de lhe confiar, por algum tempo, seu sobrinho, prometendo lhe fazer passar todas as suas fantasias. Com efeito, disse-lhe muito severamente que o avisava, de ter uma semelhante conduta em sua casa, não se mostrasse escrupuloso com os meios de corrigi-la. Alexandre se tornou logo perfeitamente razoável; não ofereceu nenhuma resistências às ordens de seu tio, mas escrevia secretamente à sua mãe, suplicando-lhe vir livrá-lo de seu carrasco. Mas uma vez longe de seu tio, recomeçava cada vez mais. Ele exigia, entre outras coisas, que se fizessem soar os sinos da igreja quando se punha à mesa. Acreditou-se num desarranjo de cérebro e foi colocado numa casa de saúde em Kazan. Coisa estranha! esta vez ainda, ele mudou inteiramente; nada em sua conduta, em suas palavras, denotavam um cérebro doente. Os médicos acreditaram numa intriga de família e não o observaram mais de tão perto.

Uma noite, vendo todo o mundo dormir, vestiu o chapéu e o manto de um dos médicos, saiu de seu quarto, passou perto do guarda, sem ser reconhecido, ganhou a rua e fez 30 *verstas* (1-(1) *Versta*, medida itinerária usada outrora na Rússia e valendo 1067 metros. (N. do T.) a pé até seu campo. Entrou numa espécie de choupana que servia de galinheiro, despojou-se de todas as suas vestes, e, colocando-se no meio dessa choupana, declarou que uma *toesa* (2- (2) *Toisa*, medida francesa de comprimento valendo 1,949 metros. (N. do T.) quadrada de terreno bastava para a vida de um homem e que não tinha necessidade de nada. Em vão, suplicou-lhe de joelhos para mudar de idéia, em vão quis persuadi-lo de permitir pelo menos de fazer um teto em sua choupana, ele permaneceu inabalável; não quis conservar junto dele senão uma velha doméstica que jamais o tinha deixado e que tinha por ele uma fidelidade e um apego de cão. Seu pai, vendo que nada ali fazia, ordenou a todos os seus camponeses deixarem esses lugares para irem se estabelecer a 7 *verstas* dali; ele mesmo partiu, nomeando essa aldeia de "a Aldeia Perdida." Quis, então, colocar o bem em tutela. Nomearam-se comissões, mas Alexandre, que era sempre prevenido atempo, vestia-se, sem no entanto colocar a roupa branca, e vinha ao encontro de seu mundo. Respondia a todas as perguntas com um bom senso, uma justeza, que não deixavam nada a desejar, se bem que a comissão que pensava, ao chegar, ter relações com um louco, se retirava toda desapontada.

Isto se passou em 1842, e, até o presente, Alexandre está sempre no mesmo estado. Mantém-se de pé, sem nenhuma roupa, num casebre, que não tem nem porta nem janela, exposto a todos os ventos e onde, no inverno, o frio chega até 30 graus (3-(3) Naturalmente, *abaixo de zero*. (N. do T.). Nutria-se de um pouco de geléia do vinho que lhe era trazida, uma vez por dia, num pires de argila; atiram-na com uma colher e ele a pega em vôo, à maneira dos animais dos quais também adotou o mugido; porque não se serve mais da palavra humana. À força de ter a cabeça inclinada, não pode mais levantá-la; seus pés atingiram uma largura desmesurada, não pode mais caminhar. À noite, algumas vezes se abate, e então permite que se lhe cubra com uma pele de carneiro Seu aspecto não apresenta, de resto, nada de extraordinário, exceto os olhos. Não é nem gordo nem magro; seu rosto tem uma expressão de sofrimento. Perguntou-se-lhe uma vez qual era a razão de sua conduta extraordinária; ele respondeu: "Não me faleis disso, é uma falta de vontade." Não se pode dele obter mais. Que entendia por falta de vontade? Era um voto?... Às vezes ocorre-lhe pronunciar o nome de seu irmão defunto; outras vezes, ele exclama: "Quando, pois, isto terminará?" Não cumpre nenhum dos regulamentos impostos pela sua religião. Enviaram-se de seus cabelos a um célebre sonâmbulo de Londres; e foi respondido que "*era a doença de Nabucodonosor.*"

E, no entanto, não é louco! O que há de mais extraordinário, é que ao lado dessa existência puramente bestial, há nele uma vida intelectual, porque se interessa por tudo o que se passa no mundo; faz vir muitos jornais, e, como sua casa é quase escura, permitiu

construir uma espécie de choupana ao lado de sua cabana; é ali que sua mãe veio fazer outrora a leitura durante horas inteiras; agora que ela está morta, uma leitora assalariada a substituiu.

A comissão encarregada de aprofundar esse assunto obteve os detalhes seguintes que, no fundo, não fizeram senão dificultar o assunto. D***, amigo de universidade de Alexandre R..., depôs que, quando estavam juntos, foi capaz de observar que era muito apaixonado pela mulher de um farmacêutico; era uma pessoa de uma beleza rara e, com isto, muito virtuosa. Cada dia, Alexandre montava a cavalo para ter o prazer de passar diante de suas janelas e de percebê-la algumas vezes de longe, e foi a isto que se limitaram seus amores. No entanto, todos os dias, e na mesma hora, vinha-se-lhe trazer uma carta lacrada, e, se houvesse alguém no quarto apressava-se em escondê-la numa gaveta. D***, persuadido de que eram bilhetes doces, pouco se interessava em conhecê-los o conteúdo. Mais tarde quando começaram as pesquisas, não se encontraram senão duas cartas (ele havia queimado todo o resto), e se supõe que elas eram do número daquelas que recebia na universidade. A primeira estava concebida quase nestes termos: "Ontem, aconteceu-me uma coisa estranha; eu retornava de nossa Suíça Russa (chamasse assim um passeio nas vizinhanças de Kazan), atravessava o campo de Ars, quando ouvi gritar: Socorro! eu elevava também a voz em me precipitando do lado de onde partiram os gritos, e cheguei perto de um cemitério cercado com um muro. Via aparecer acima da cerca viva um jovem que me agradecia vivamente pela minha intervenção, dizendo que tinha sido atacado por ladrões; mas ouvindo minha voz foram salvos. (Uma fábrica de tecido de lã estava situada no campo de Ars; havia-se suspenso o trabalho por algum tempo, e alguns operários, não encontrando mais como ganhar seu pão, se deram ao roubo). Tomamos juntos o caminho de cidade, e se estabeleceu entre nós uma conversa muito interessante e animada. Eu não posso te escrever aqui do que se tratava, e to direi quando nos vermos.

"Enfim chegamos à casa de meu desconhecido, e ali passei toda a noite. Dizendo-me adeus, agradeceu-me ainda uma vez, sem me convidar, no entanto, a vir vê-lo em sua casa; somente indicou-me um lugar onde passeava todos os dias em hora fixa e onde, se eu desejasse, poderia vê-lo. O que há de estranho é que, de retorno à minha casa, me foi impossível lembrar-me, nem a rua, nem a casa que acabava de deixar, e, no entanto, conheço perfeitamente a cidade que moro há quatro anos. Eu me propus ir ver meu desconhecido no lugar indicado, fá-lo-ei convidar-me a ir à sua casa, e, certamente, desta vez, disto me lembrarei." Nenhuma assinatura.

Eis a segunda carta, que dá seqüência à precedente; somente ela é muito mais curta: "Vi meu desconhecido no lugar indicado; ele convidou-me para vir à sua casa; passamos a noite juntos, mas, de retorno para minha casa, esqueci completamente de novo a rua e a casa." Nenhuma assinatura. Examinando atentamente a escrita, acreditamos encontrar ali uma grande semelhança com a de um de seus camaradas; mas quando se leram nesta última essas duas cartas, se pôs a rir, declarando que jamais na vida tinha escrito coisas semelhantes.

Aqui se detêm todas as pesquisas; supõe-se que há ali um grande mistério, e esse mistério, não há senão três pessoas que puderam sabê-lo. Primeiro, sua mãe, depois sua velha doméstica que não o deixava nunca, e, enfim, sua irmã. As duas primeiras morreram, a terceira mora com seu marido na mesma aldeia que Alexandre. Todos os dias ela vai vê-lo e ali passa três ou quatro horas seguidas. De que podem conversar? Seu irmão esquece seu mugido para falar uma linguagem humana e retornar um ser racional? é o que ninguém sabe. O que há de singular é que esse fato tão extraordinário e muito pouco conhecido, jamais foi publicado por nenhum jornal, e no entanto se passou muito perto de Kazan, que é uma cidade onde há uma universidade, sábios e médicos. É verdade que no começo foram feitas pesquisas, mas me parece que se desencorajaram

muito depressa. E, todavia, que vasto campo para observação da ciência, sem falar do lado psicológico. É um fato atual que cada um está em condições de constatar.

O Espiritismo, que explica tantas coisas, poderia dar a solução desse fenômeno estranho? Não ousou vos pedir uma resposta por escrito, vosso tempo vos é muito precioso; somente espero que, se achardes este fato digno de vosso exame, consentirdes em dele dar vossa opinião na *Revista Espírita*, que recebemos aqui.

Aceitai, etc.

Uma coisa ressalta evidentemente deste relato, é que esse jovem não é louco, na acepção científica da palavra; ele goza da plenitude de sua razão, quando o quer. Mas qual pode ser a causa de semelhante excentricidade, nessa idade? Cremos que a ciência procurará por longo tempo antes de encontrá-la com seus recursos puramente materiais. No entanto, há uma outra coisa senão uma simples mania, é a assimilação da voz e dos gestos aos dos animais. Viram-se, é verdade, indivíduos abandonados nas matas, desde sua tenra idade, vivendo com os animais, deles ter adotado os gritos e os costumes por imitação; mas aqui não é o caso; esse jovem fez estudos sérios, viveu em suas terras e no meio de uma aldeia; está em contato diariamente com os seres humanos; não é, pois, nele o fato do hábito e do isolamento.

É, disse o sonâmbulo de Londres, a doença de Nabucodonosor; mas o que é essa doença? A história desse rei não é uma lenda? é possível que um homem se transforme em animal? Entretanto, aproximando-se o relato bíblico do fato atual de Alexandre R..., nota-se entre eles mais de um ponto de semelhança. Compreende-se que o que se passa pôde se passar em outros tempos, e que o rei de Babilônia haja podido ser atacado de um mal semelhante. Se, pois, esse rei, dominado por uma influência análoga, deixou seu palácio, como Alexandre R... seu castelo; se viveu e gritou como ele, à maneira dos animais, pôde-se dizer, na linguagem alegórica do tempo, que tinha sido mudado em animal. Isto destrói, é verdade, o milagre; mas quantos milagres caem hoje diante das leis da Natureza, que se descobrem cada dia!

A religião nisso ganha que se aceite como natural um fato que se repelia como maravilhoso. Quando os adversários do Espiritismo dizem que ele ressuscita o sobrenatural e a superstição, provam que não sabem dele a primeira palavra, uma vez que vêm, ao contrário, provar que certos fatos reputados misteriosos não são senão efeitos naturais.

Este relato tendo sido lido na Sociedade de Paris, como objeto de estudo, um médium foi rogado para evocar os Espíritos que poderiam dele dar a explicação. As três comunicações seguintes foram obtidas: uma, do irmão defunto Voldemar; a segunda, do Espírito protetor dos dois irmãos, e a terceira, do guia espiritual de um outro médium.

(Sociedade Espírita de Paris, 13 de outubro de 1865. - Médium, Sr. Desliens.)

I

Eis-meL. Que quereis de mim?... Com que direito vos imiscuis nos negócios de família e todos íntimos!...Sabei que ninguém jamais me ofendeu em vão, e temei em incorrer em minha cólera, se procurais penetrar um segredo que não vos pertence! Quereis ter a chave das razões que levam meu irmão a fazer semelhantes tolices?... Sabei que toda causa reside em mim, que o puni desta maneira de sua falta de fé da qual se tornou culpado a meu respeito. Um laço nos unia, laço terrível! laço de morte!... Que sofresse, pois, a pena de uma falta que não poderia encontrar graça diante de mim!... Meu cúmplice na ação, deveria me seguir no suplício. Por que ele hesitou? Carrega hoje a pena de suas hesitações.

Não podendo constrangê-lo a me seguir, pelo menos imediatamente, empreguei a força magnética, que possuo num grau extremo, para constrangê-lo a abandonar a sua

vontade e seu ser ao meu livre arbítrio. Ele sofre nessa posição!... tanto melhor! cada um de seus gemidos interiores me causa um estremecimento de sombria alegria.

Estais contente de minha urbanidade? achais minhas explicações suficientes?... Não; gostaríeis de me moralizar... mas, quem sois, pois para me pregar? sois padre? não; pois bem! a que título quereis que vos escute? Não quero ouvir nada e retorno a esse lugar que não deveria ter deixado. Ele compreende seus males neste momento; talvez sua vontade reaja sobre sua matéria! Infelizes de vós, se o fizerdes escapar à minha dominação!

VOLDEMAR R...

II

Não tenteis, pelo menos quanto ao presente, constranger esse pobre insensato a vos ouvir; ele não poderia fazê-lo, e vossas palavras não teriam outros resultados senão de excitar sua raiva brutal. Venho em seu lugar vos dar algumas explicações que lançarão um pouco de luz sobre o sombrio drama do qual esses dois seres foram os autores numa outra existência. Eles a expiam neste momento, sofrendo-lhe as conseqüências de ações criminosas no detalhe das quais não saberia entrar hoje. Sabei somente que, dessas duas individualidades, Alexandre foi, sob um outro nome e numa outra época, o subordinado de Voldemar, numa condição social que algumas palavras do relato que lestes, poderão vos fazer presumir. Meditai essa passagem em que ele disse que Alexandre exigia que se lhe soasse a campainha no começo de seus repastos e estareis no caminho. Subordinado, como vos disse, a Voldemar, ele cometeu, sob as instigações deste, diversas ações das quais levam os dois a responsabilidade hoje, e que são a fonte de seus sofrimentos.

Alexandre era e é ainda de um caráter fraco e vacilante, quando uma causa qualquer dá a alguém um império sobre ele; para todos os outros, ele era orgulhoso, despótico, brutal. Breve, estava sob o domínio desse irmão. O que fizeram os dois é o que o futuro nos ensinará em conseqüência deste estudo. Passemos aos resultados.

Prometeram-se de jamais se traírem nem se abandonarem, e, além disso, Voldemar se reservou de pesar, com toda a sua poderosa vontade, sobre seu infeliz cúmplice. Lestes que ele havia tomado como alvo de motejo de seus gracejos no fragmento de existência que percorreram juntos. Esses dois seres, dotados de uma inteligência pouco comum, haviam anteriormente formado, pela associação de seus pendores maus, uma coligação temível contra a sociedade. Voldemar foi levado, por um decreto da Providência, que preparava assim os caminhos da renovação desses dois seres. Sob o império de sua promessa, Alexandre queria seguir seu irmão ao túmulo, mas sua afeição por uma outra pessoa da qual falou no relato, a fadiga de um jugo que suportava com tanta dificuldade, lhe fizeram tomar a resolução de lutar. Se o irmão não podia matá-lo materialmente, mas o matou moralmente, cercando-o de uma rede de influência que determinaram a obsessão cruel, da qual conheceis as conseqüências.

O sonâmbulo que designou essa afecção sob o nome de *doença de Nabucodonosor* não estava tão longe da verdade quanto se poderia crê-lo, porque Nabucodonosor não era outro senão um obsidiado que se persuadia ter sido mudado em animal. É, pois, uma obsessão, que não exclui, como o sabeis, a ação da inteligência e não a inibe de maneira fatal; é um dos casos mais notáveis, cujo estudo não pode ser senão proveitoso para todos. Por esta noite, nos levaria muito longe pelos desenvolvimentos de que necessita. Limitar-me-ei a esta exposição, vos rogando ao mesmo tempo reunir vossas forças espirituais para evocar Voldemar. Como ele o teme com razão, em sua ausência seu irmão recobra sua energia e pode se libertar. É porque repugna deixá-lo, e exerce sobre ele uma ação magnética contínua.

O guia de ambos,

III

(Médium, senhora Delanne.)

Meus irmãos bem-amados, certos fatos narrados nas Escrituras são olhados por muitas pessoas como fábulas feitas para as crianças. Desdenham-nos, porque não foram compreendidos, e se recusa a eles juntar fé. No entanto, livre da forma alegórica, seu fundo é verdadeiro, e só o Espiritismo poderia deles dar a chave. Ele vai produzi-los de diversas naturezas, não só entre os Espíritas, mas entre todo o mundo, e por toda a Terra, que forçarão os sábios a estudá-los, e será então que se poderá convencer-se, malgrado o dizer de alguns, de que o Espiritismo ensina do novo, porque será por ele que se terá a explicação do que ficou inexplicado até este dia. Não se vos disse que a obsessão iria revestir novas formas? Esta é dela um exemplo.

A punição de Nabucodonosor não é, pois, uma fábula; ele não foi, como o dissestes muito judiciosamente, mudado em animal; mas era, como o sujeito que vos ocupa neste momento, privado por um tempo do livre exercício de suas faculdades intelectuais, e isto, em condições que o comparam ao animal, e fazendo para todos do poderoso déspota, um objeto de piedade: Deus tinha batido em seu orgulho.

Todas essas questões se ligam às dos fluidos e do magnetismo. Nesse jovem, há obsessão e subjugação; ele é de uma grande lucidez no estado de Espírito, e seu irmão exerce sobre ele

uma influência magnética irresistível; ele o atrai facilmente fora de seu corpo, quando uma pessoa amiga e simpática não está ali para retê-lo; sofre quando está desligado; para ele também, é uma punição, e é então que faz ouvir seus rugidos ferozes.

Não vos apresseis, pois, em condenar o que está escrito nos livros sagrados, assim como o faz a maioria daqueles que não vêem senão a letra e não o espírito. Cada dia vos esclarecereis mais, e novas verdades se desenrolarão aos vossos olhos, porque estais longe de ter esgotado todas as aplicações daquilo que sabeis em Espiritismo.

SÃO BENTO.

Resulta desta explicação eminentemente racional, que esse jovem está sob o domínio de uma obsessão, ou melhor, de uma terrível subjugação, semelhante à que sofreu o rei Nabucodonosor. Isto destrói a justiça de Deus que havia punido esse monarca orgulhoso? De nenhum modo, uma vez que sabemos que as obsessões são, ao mesmo tempo, provas e castigos. Deus podia, pois, puni-lo colocando-o sob o jugo de um Espírito malfazejo que o. constrangia a agir como um animal, sem por isto transformá-lo em animal. A primeira dessas punições é natural, e se explica pelas leis das relações do mundo visível e do mundo invisível; a outra é anti natural, fantástico, e não se explica; uma se apresenta, em nossos dias, como uma realidade, sob as formas diversas da obsessão, a outra não se encontra senão nos contos de fadas; enfim, uma é aceita pela razão, e a outra não o é.

Do ponto de vista do Espiritismo, este fato oferece um importante assunto de estudo; a obsessão aí se apresenta sob um aspecto novo quanto à forma e quanto à causa determinante, mas que nada tem de surpreendente depois do que nos é dado a ver cada dia. Saint Benoît tem muita razão em dizer que estamos longe de termos esgotado todas as aplicações do Espiritismo, nem compreendido tudo o que pode nos explicar; tal qual é, nos apresenta uma rica mina a explorar com a ajuda das leis que nos faz conhecer; antes de dizer que é estacionário, saibamos aproveitar aquilo que nos ensina.

O PATRIARCA JOSÉ E O VIDENTE DE ZIMMERWALD.

Um de nossos assinantes de Paris nos escreve o que se segue:

"Lendo o número da *Revista Espírita* do mês de outubro, repor-tei-me a uma passagem da Bíblia que assinala um fato análogo à mediunidade do vidente da floresta de Zimmerwald, e que eis aqui:

"Quando os irmãos de José foram sair da cidade, como não tinha senão um pouco de caminho, José chamou o intendente de sua casa, e lhe disse: Correi depressa atrás dessas pessoas; detende-as, e lhes dizei: Por que fizestes o mal pelo bem? - A taça que ocultastes é aquela na qual meu Senhor bebe, e *da qual se serve para adivinhar*. Fizestes uma ação má."

"Quando os irmãos de José foram levados à sua presença, ele lhes disse:

"Por que agistes assim comigo? Ignorais que não há ninguém que me iguale na *ciência de adivinhar as coisas ocultas?*" (*Gênese*, cap. XLIV, v. 5, 15.)

"O gênero de mediunidade que assinalais existia, pois, entre os Egípcios e os Judeus." C., advogado.

Com efeito, nada mais positivo; José possuía a arte de adivinhar, quer dizer, de ver as coisas ocultas e se servia para isto de uma taça de beber, como o vidente de Zimmerwald se serve de seu copo. Se a mediunidade é uma faculdade demoníaca, eis, pois, um dos personagens mais venerados da antigüidade sagrada convencido de agir pelo demônio. Se agia por Deus, e nossos Médiuns pelo demônio, o demônio faz, pois, exatamente a mesma coisa que Deus, e por conseguinte o iguala em poder. Espanta-se de ver homens sérios sustentarem semelhante tese que arruína sua própria doutrina.

O Espiritismo, portanto, não descobriu, nem inventou os Médiuns, mas descobriu as leis da mediunidade, e a explica. Assim é que é a verdadeira chave para a inteligência do Antigo e do Novo Testamento, onde há muitíssimos fatos desse gênero; foi por falta de ter essa chave, que foram feitos, sobre as Escrituras, tantos comentários contraditórios, que nada explicaram. A incredulidade ia, sem cessar, crescendo com relação a esses fatos e invadindo mesmo a Igreja; doravante serão admitidos como fenômenos naturais, uma vez que se reproduzem em nossos dias pelas leis agora conhecidas. Temos, pois, razão em dizer que o Espiritismo é uma ciência positiva que destrói os últimos vestígios do maravilhoso.

Suponhamos que se tivessem perdido os livros dos Antigos, que nos explicam ateogonia paga ou mitologia, compreender-se-ia hoje o sentido das inumeráveis inscrições que se descobrem, cada dia, e que se reportam mais ou menos a essas crenças? Compreender-se-iam a destinação, os motivos de estrutura da maioria dos monumentos dos quais vemos os restos? Saber-se-ia o que representam a maioria das estátuas e os baixo-relevos? Não, seguramente; sem o conhecimento da mitologia, todas essas coisas seriam para nós letras mortas, como a escrita cuneiforme e os hieróglifos egípcios. A mitologia é, pois, a chave com a ajuda da qual reconstruímos a história do passado por meio de um fragmento de pedra, como Cuvier, com um osso, reconstruiu um animal antediluviano. Porque não cremos mais nas fábulas das divindades pagas, é preciso por isto negligenciar ou menosprezar a mitologia? Aquele que emitisse um tal pensamento seria tratado de bárbaro.

Pois bem! o Espiritismo, como crença na existência e na manifestação das almas, como meio de conversar com elas; o magnetismo, como meio de cura; o sonambulismo, como dupla vista, eram muito difundidos na antigüidade, e se misturaram a todas as teogonias, mesmo a teogonia judaica e mais tarde cristã; nelas são feitas alusão a uma

multidão de monumentos e inscrições que nos restam. O Espiritismo, que abarca ao mesmo tempo o magnetismo e o sonambulismo, é um facho para a arqueologia e o estudo da antigüidade. Estamos mesmo convencidos de que é uma fonte fecunda para a inteligência dos hieróglifos, porque essas crenças eram muito difundidas no Egito, e seu estudo fazia parte dos mistérios ocultos ao vulgo. Eis alguns fatos em apoio desta assertiva.

Um de nossos amigos, sábio arqueólogo que reside na África, e que é ao mesmo tempo um Espírita esclarecido, encontrou, há alguns anos, nos arredores de Sétif, uma inscrição tumular cujo sentido era absolutamente ininteligível sem o conhecimento do Espiritismo.

Lembramo-nos de ter visto no Louvre, faz isto muito tempo, uma pintura egípcia representando um indivíduo deitado e adormecido, e um outro de pé, os braços e os dedos dirigidos para o primeiro, sobre o qual fixava seus olhares, na atitude exata de um homem que faz passes magnéticos. Ter-se-ia dito esse desenho decalcado sobre a pequena vinheta que o Sr. barão Dupotet colocou outrora sobre o frontispício de seu *Journal du Magnétisme*. Para todo magnetizador, não tinha em que se enganar sobre o assunto desse quadro; para quem não tivesse conhecido o magnetismo, não havia sentido. Só o fato provaria, se disso não se tivesse uma multidão de outros, que os antigos Egípcios sabiam magnetizar, e que o faziam quase como nós. Isso fazia parte, pois, de seus costumes, uma vez que estava consagrado sobre um monumento público. Sem o magnetismo moderno, que nos deu a chave de certas alegorias, não o saberíamos.

Uma outra pintura egípcia, igualmente no Louvre, representa uma múmia de pé, enrolada com faixinhas; um corpo da mesma forma e grandeza, mas sem faixinhas, destacado pela metade, como se saísse da múmia, e um outro indivíduo colocado adiante, parecia atraí-lo para si. Não conhecíamos, então, o Espiritismo, e nos perguntávamos o que isso podia significar.

É claro hoje que essa pintura alegórica representa a alma separando-se do corpo, conservando em tudo a aparência humana, e cujo desligamento é facilitado pela ação de uma outra pessoa encarnada ou desencarnada, assim como nos ensina o Espiritismo.

Não acrediteis no Espiritismo, se o quiserdes; considerai que isso seja uma quimera: ninguém vo-lo impõe; estudaí-o como estardaríeis a mitologia, a título de simples informação, e rindo da credulidade humana, e vereis quais horizontes ele vos abrirá, por pouco que sejais um homem sério.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

O REPOUSO ETERNO

(Sociedade de Paris, 13 de outubro de 1865. - Médiun, Sr. Leymarie.)

Quando deixei meu envoltório terrestre, pronunciaram-se sobre minha tumba vários discursos, e todos estavam marcados pela mesma idéia. Sonnez, meu amigo, dizia um, ide gozar do repouso eterno. Alma, dizia o padre, repousai na contemplação divina. Amigo, repetia o terceiro, dorme em paz depois de tua vida tão bem cumprida. Enfim, era o repouso eterno contínuo que ressaltava do fundo de tantos adeuses tocantes.

O repouso eterno! que se entendia por esta expressão e que se entende pelas mesmas palavras continuamente repetidas a cada desaparecimento na terra de um homem que dela vai ao desconhecido?

Ah! nós nos repousamos, dizeis, meus amigos; estranho erro! compreendeis o repouso à vossa maneira. Olhai ao vosso redor, o repouso existe? As árvores neste

momento vão se despojar de seus envoltórios encantadores; tudo geme nesta estação; a Natureza parece se preparar para a morte, e, no entanto, procurando-se, encontra-se a vida em preparação sob essa morte aparente; tudo se depura nesse grande laboratório terrestre, e a seiva e a flor, o inseto e o fruto, tudo o que deve ornamentar e fecundar.

Essa montanha, que parece ter a imobilidade eterna, não repousa; as moléculas infinitas que a compõem cumprem um trabalho enorme; elas tendem, umas a se agregarem, outras a se separarem; e essa lenta transformação primeiro causa o espanto, e em seguida a admiração do pesquisador que encontra em tudo instintos diversos e mistérios a explorar. E se a Terra se agita assim em suas entranhas, é que esse grande cadinho elabora e prepara o ar que respirais, os gases que devem sustentar a Natureza inteira; é que ela imita os milhões de planetas que percebeis no espaço e dos quais cada dia os movimentos, o trabalho contínuo, obedecem à vontade soberana; sua evolução é matemática, e se encerram outros elementos do que aqueles que vos fazem agir, ide! crede-o, esses elementos trabalham para a sua depuração, para a sua perfeição.

Sim, para a sua perfeição; porque é a palavra eterna; a perfeição é o objetivo, e para atingi-lo, átomos, moléculas, seiva, minerais, árvores, animais, homens, planetas e Espíritos se empenham nesse movimento geral, que é admirável por sua diversidade, porque é a harmonia; todas as tendências vão ao mesmo objetivo, e esse objetivo é Deus, centro de toda atração.

Depois de minha partida da Terra, minha missão não está cumprida; procuro e trabalho cada dia; meu pensamento engrandecido abarca melhor a força dirigente; sinto-me melhor fazendo o bem, e tudo como eu as legiões inumeráveis de Espíritos preparam o futuro. Não creiais no repouso eterno! aqueles que pronunciam estas palavras não lhes compreendem o vazio. Vós todos que me ouvis, podeis matar o pensamento, forçá-lo ao repouso? Oh! não; o vagabundo procura e procura sempre, e não se desagrada com os amáveis e úteis malabaristas que negam o Espírito e seu poder, o Espírito existe, nós o provamos e o provaremos melhor quando chegar a hora. Nós lhes ensinaremos, a esses apóstolos da incredulidade, que o homem não é o nada, uma agregação de átomos reunidos por um acaso e destruídos de um mesmo modo; nós lhes mostraremos o homem irradiando por sua vontade e seu livre arbítrio, senhor de seus destinos, e elaborando na geena terrestre o poder de ação necessário a outras vidas, a outras provas.

SONNEZ.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS

No prelo para aparecer em alguns dias

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO POR ALLAN KARDEC

3ª edição
REVISTA, CORRIGIDA E MODIFICADA.

Esta edição foi objeto de um remanejamento completo da obra. Além de algumas adições, as principais mudanças consistem numa classificação mais metódica, mais clara e mais cômoda das matérias, o que lhe torna a leitura e as pesquisas mais fáceis.

LA GAZETTE DU MIDI DIANTE DO ESPIRITISMO. A PROPÓSITO DOS IRMÃOS DAVENPORT

ESTUDO FILOSÓFICO

Por Ernest ALTONY

Brochura in-8º. Preço: 1 fr., pelo correio 1 fr. 20. - Marseille, casa Mengelle, livreiro, 32 *bis*, rua Longue-des-Capucins.

Vende-se em proveito das famílias vítimas do cólera. Para receber esta brochura basta mandar 1 fr. 20c. em selos postais ao Sr. Altony, casa do Sr. Mengelle, livreiro em Marseille.

AVISO

O Sr. LEDOYEN, livreiro em Paris (Palais-Royal), tendo se retirado dos negócios e não tendo sucessor, todos os pedidos de assinaturas ou outros, que lhe foram endereçados ficaram sem efeito.

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

8º ANO

NO. 11

DEZEMBRO 1865

ABRI-ME!

APELO DE CAPITA.

Escrevem-nos de Lyon:

"... O Espiritismo, este grande traço de união entre todos os filhos de Deus, nos abriu um tão largo horizonte, que podemos olhar, de um ponto a outro, todos esses corações esparsos que as circunstâncias colocaram no oriente e no ocidente e vê-los estremecer a um único chamado de Cárita. Lembro-me ainda da profunda emoção que senti quando, no ano último, a *Revista Espírita* nos deu conta da impressão que havia produzido, em todas as partes da Europa, uma comunicação deste excelente Espírito. Sem dúvida, poder-se-á dizer tudo o que se queira contra o Espiritismo: é uma prova de que ele cresce, porque, geralmente, não se ataca às pequenas causas, mas aos grandes efeitos. De resto, que são esses ataques senão como a cólera de uma criança que lança pedras no oceano para impedi-lo de fazer barulho, e os detratores do Espiritismo não desconfiam quase que, em denegrindo a Doutrina, fazem todos as despesas de uma propaganda que dá a todos aqueles que o lêem a vontade de conhecer esse temível inimigo que tem por palavra de ordem: Fora da caridade não há salvação...

Esta carta era acompanhada da comunicação seguinte, ditada pelo Espírito *de Cárita*, o eloqüente e gracioso coletor de esmolas que os bons corações conhecem tão bem.

(Lyon, 8 de novembro de 1865.)

"Faz frio, chove, o vento sopra muito forte, abri-me.

"Fiz um longo caminho através do país da miséria, e retorno, o coração pisado, as espáduas carregadas com o fardo de todas as dores. Abri-me bem depressa, meus amados, vós que sabeis que quando a caridade bate à vossa porta, é que ela encontrou muitos infelizes em seu caminho. Abri vosso coração para receber minhas confidencias; abri vossa bolsa para secar as lágrimas de meus protegidos, e escutai-me com essa emoção que a dor faz subir de vossa alma aos vossos lábios. Oh! vós que sabeis o que Deus reserva, e que, freqüentemente, chorais essas lágrimas de amor que o Cristo chamava o orvalho da vida celeste, abri-me!... Obrigada! entrei.

"Esta manhã, eu parti; chamavam-me de todos os lados, e o sofrimento tem a voz tão vibrante que um único chamado basta. Minha primeira visita foi para dois pobres velhos: o homem e a mulher. Ambos viveram desses longos dias onde o pão se faz raro, onde o sol se esconde, onde o trabalho falta aos braços corajosos que o chamam; eles esconderam sua miséria sob o foco da dignidade, e ninguém pôde adivinhar que,

freqüentemente, o dia se escoava sem trazer seu pão cotidiano. Depois que a idade chegou, os membros se enrijeceram, os olhos se velaram, e o senhor que fornecia o trabalho, disse: Eu não tenho mais nada a fazer. No entanto, a morte não veio, e a fome e o frio se fazem, cada dia, os visitantes habituais da pobre morada. Como responder a esta miséria? Proclamando-a? Oh! não. Há feridas que não se curam arrancando o curativo que as cobre. O que acalma o coração é uma palavra de consolo dita por uma voz amiga que a adivinhou, com sua alma, o que se esconde a seus olhos. Por esses pobres, abri-me!

"Aliás, vi uma mãe dividir seu único pedaço de pão entre três criancinhas, e como o pedaço era um pouco exíguo, não guardou nada para si. Vi a lareira apagada, o quarto sem seu mobiliário; vi os membros tiritando sob um envoltório gasto; vi o marido entrar na casa sem ter encontrado trabalho; vi, enfim, o último filho morrer sem socorro, porque o pai e a mãe são Espíritas e deveram sofrer as humilhações das obras de beneficência.

"Vi a miséria em sua hedionda aflição; vi os corações se atrofiarem, e a dignidade se extinguir sob o verme roedor da necessidade de viver. Vi as criaturas de Deus renegarem sua origem mortal, porque não compreendiam a prova. Vi, enfim, o materialismo crescer com a miséria, e em vão gritei: Abri-me, eu sou a caridade; venho a vós com o coração cheio de ternura; não choreis mais, venho vos consolar; mas o coração dos infelizes não me ouviram, suas entranhas tinham muita fome!

"Então me aproximei de vós, meus bons amigos, de vós que me escutastes, de vós que sabeis que Cárita é a mendiga para os pobres, e eu vos disse: Abri-me!

"Venho de vos contar o que vi em minha longa jornada, e, disso vos peço, tende por meus pobres um pensamento, uma palavra, uma doce recordação, a fim de que à noite, na hora da prece, eles não durmam sem dizerem obrigado a Deus, porque lhes tereis sorrído de longe. Os pobres, vós o sabeis, são a pedra de toque que Deus envia sobre a Terra para provar o vosso coração; não os repilais, a fim de que um dia, quando tiverdes passado o limiar que conduz ao espaço, Deus vos reconheça por corações sem impureza, e vos admita na morada dos eleitos! –

CÁRITA."

Fazemo-nos com alegria os intérpretes da boa Cárita, e esperamos que ela não tenha dito em vão: Abri-me! Se ela bate à porta com tanta insistência, é que o inverno a toca também de seu lado.

SUBSCRIÇÃO

EM PROVEITO DOS POBRES DE LYON E DAS VÍTIMAS DO CÓLERA,

Aberta no escritório da Revista Espírita.

Este ano, uma causa de sofrimentos veio juntar-se aos rigores do inverno que avança a grandes passos. Sem dúvida, a solicitude da autoridade são se mostrou mais inteligente e mais previdente do que nesta última invasão do flagelo, com respeito àqueles que por ele são atacados; prontidão e sábia distribuição dos socorros médicos e outros, nada faltou sob esses aspectos; é uma justiça que todos se comprazem em lhe prestar. Também, graças às medidas tomadas, sua devastação foi rapidamente circunscrita; mas ele deixa atrás de si traços cruéis de sua passagem nas famílias pobres, e os mais a se lamentar não são aqueles que sucumbiram. E ali, sobretudo, que a caridade privada é necessária.

O estado das quantias recebidas e sua repartição são submetidos ao controle da Sociedade Espírita de Paris.

OS ROMANCES ESPÍRITAS.

Espírita, por THEOPHILE GAUTIER. – *A dupla vista*, por ÉLIE BERTHET.

Quem diz romance, diz obra de imaginação; a própria essência do romance é representar um assunto fictício quanto aos fatos e aos personagens; mas mesmo nesse gênero de produções, há regras de cujo bom senso não permite se afastar, e que, unidas às qualidades do estilo, dele fazem o mérito. Se os detalhes não são verdadeiros em si mesmos, devem pelo menos ser verossímeis e em perfeito acordo com o meio onde se coloca a ação. -

Nos romances históricos, por exemplo, a manutenção estrita da cor local é de rigor, e há anacronismos que não seriam toleráveis; o leitor deve poder se transportar, pelo pensamento, ao tempo e nos lugares dos quais se fala e deles fazer uma idéia justa. Aí está o grande talento de Walter Scott; lendo-o a pessoa se encontra em plena Idade Média; se tivesse atribuído os fatos e gestos de François I a Louis XI, ou mesmo se tivesse feito falar este último e os personagens de sua corte como ao tempo da renascença, o mais belo estilo não teria podido resgatar de tais erros.

Ocorre o mesmo com os romances de costumes; seu mérito está na verdade das pinturas, porque seria do último ridículo prestar a um sujeito Espanhol os hábitos e o caráter dos Ingleses.

À primeira vista, o romance parece ser o gênero mais fácil; temo-lo por mais difícil do que a história, embora menos sério; o historiador tem seu quadro traçado pelos fatos dos quais não pode se afastar uma linha; o romancista tudo deve criar; mas sempre se pensa que basta um pouco de imaginação e de estilo para fazer um bom romance; aí está um grave erro; é preciso muita instrução. Para fazer sua *Notre-Dame*, Victor Hugo devia conhecer sua velha Paris arqueológica tão bem quanto a sua Paris moderna.

Pode-se fazer romance sobre o Espiritismo como sobre todas as coisas; dizemos mesmo que quando for conhecido e compreendido em sua essência, fornecerá às letras e às artes inesgotáveis fontes de poesia encantadora; mas isso não seria certamente que não vêem senão nas mesas que giram, nas cordas dos irmãos Davenport, ou nos malabarismos dos charlatães. Como para os romances históricos ou de costumes, é indispensável conhecer a fundo o plano sobre o qual se quer bordar, a fim de não fazer contra-senso, que seriam tantas provas de ignorância; tal é o músico que faz variações sobre um tema de música que se deve sempre reconhecer através das adições da fantasia. Aquele, portanto, que não estudou afundo o Espiritismo, em seu espírito, em suas tendências, em suas máximas tão bem quanto em suas formas materiais, é também próprio para fazer um romance espírita de algum valor quanto teria tido Lesage de fazer *Gil Blas*, se não tivesse conhecido a história e os costumes da Espanha.

É, pois, necessário, para isso, ser Espírita crente e fervoroso? Não, de maneira alguma; basta ser verídico, e não se pode sê-lo sem saber. Para fazer um romance árabe, certamente, não se tem necessidade de ser muçulmano, mas é indispensável conhecer bastante a religião muçulmana, seu caráter, seus dogmas e suas práticas, assim como os costumes que deles decorrem para não fazer agir e falar os Africanos como cavaleiros franceses; mas ocorre que crêem que basta, para dar a marca da raça, prodigalizar a torto e a direito os *Allah* os nomes de *Fatime* e de *Zuléma*, porque é quase tudo o que sabem do Islamismo. Em uma palavra, se não é preciso ser muçulmano, é preciso se impregnar do espírito do muçulmano, como para fazer uma obra espírita, mesmo fantástica, é preciso se impregnar do espírito do Espiritismo; é preciso, enfim, que lendo um romance espírita, os Espíritas possam se reconhecer, como os Árabes deverão se reconhecer num romance árabe, e poder dizer: é isso; mas nem uns nem os outros não

se reconhecerão se estiverem travestidos, e o autor não terá feito senão uma obra informe, como se um pintor pintasse as senhoras francesas em costumes chineses.

Estas reflexões nos foram sugeridas a propósito do romance-folhetim que o Sr. Théophile Gautier publica neste momento no grande *Moniteur*, sob o título de *Espírita*. Não temos a honra de conhecer pessoalmente o autor; mas sabemos quais são suas convicções ou seus conhecimentos com respeito ao Espiritismo; sua obra, que está no início, não permite ainda ver-lhe a conclusão. Diremos somente que se não encarasse seu assunto senão sob o único ponto de vista, o das manifestações, negligenciando o lado filosófico e moral da Doutrina, não responde à idéia geral e complexa que seu título, se bem que esse nome de *Espírita* seja de um de seus personagens. Se os fatos que imagina para a necessidade da ação não se encerrassem nos limites traçados pelas experiência; se os apresentasse como se passando em condições inadmissíveis, sua obra careceria de verdade, e faria supor que os Espíritas crêem nas maravilhas dos contos das *Mil e uma Noites*. Se emprestasse aos Espíritas práticas e crenças que estes *condenam*, ela não seria imparcial, e, sob esse ponto de vista, não seria uma obra literária séria.

A Doutrina Espírita não é secreta como a da maçonaria; ela não tem mistérios para ninguém, e se mostra à luz da publicidade; ela não é nem mística, nem abstrata, nem ambígua, mas clara e ao alcance de todo o mundo; nada tendo de alegórica, não pode dar lugar nem aos equívocos nem às falsas interpretações; ela diz decididamente o que admite e o que não admite; os fenômenos cuja possibilidade reconhece não são nem sobrenaturais, nem maravilhosos, mas fundados sobre as leis da Natureza; de sorte que ela não faz nem milagres nem prodígios. Aquele, pois, que não a conhece ou quem se engana sobre suas tendências, é que não quer se dar ao trabalho de conhecê-la. Esta clareza e esta vulgarização dos princípios espíritas, que contam adeptos em todos os países e em todas as classes da sociedade, são a mais peremptória refutação das diatribes de seus adversários, porque não há uma única de suas alegações errôneas que não encontre nela uma resposta categórica. O Espiritismo não pode, pois, senão ganhar em ser conhecido, e é no que trabalham, sem o querer, aqueles que crêem arruiná-lo por ataques desprovidos de todo argumento sério. Os desvios de conveniência na linguagem produzem um efeito todo contrário àquele que se propõe; o público os aprecia, e isto não é em favor daqueles que se os permitem; quanto mais agressão e violência, mais ela leva pessoas a perguntar pela verdade, e isto mesmo nas classes da literatura hostil. A calma dos Espíritas diante desse levante geral; o sangue-frio e a dignidade que conservaram em suas respostas, fazem com a acrimônia de seus antagonistas um contraste que toca mesmo os indiferentes, e têm lançado a incerteza nas fileiras opostas, que contam hoje mais de uma deserção.

O romance espírita pode ser considerado como uma transação passageira entre a negação e a afirmação. É preciso uma coragem real para enfrentar e desafiar o ridículo que se liga às idéias novas, mas esta coragem vem com a convicção; mais tarde, disso estamos convencidos, das fileiras de nossos adversários da imprensa sairão os combatentes sérios da Doutrina.

Quando as tendências da obra do Sr. Théophile Gautier forem melhor desenhadas, dela daremos a nossa apreciação do ponto de vista da verdade espírita.

As reflexões acima se aplicam naturalmente às obras do mesmo gênero sobre o magnetismo e o sonambulismo. A *dupla vista* forneceu recentemente, ao Sr. *Élie Berthet*, o assunto de um romance muito interessante publicado pelo *Siècle*, e que, ao talento do escritor, juntou o mérito da exatidão. O autor, incontestavelmente, deve ter feito um estudo sério dessa faculdade; para descrevê-la como ele o faz, é preciso ter visto e bem observado. Poder-se-ia, no entanto, censurar-lhe um pouco do exagero na extensão que dá em certos casos. Um outro erro, em nossa opinião, é o de apresentá-la como uma doença; ora, uma faculdade natural, qualquer que ela seja, pode coincidir com um estado

patológico, mas não é uma doença por si mesma, e a prova disto é que uma multidão de pessoas dotadas no mais alto grau da dupla vista, se portam perfeitamente bem. A heroína é aqui uma jovem tísica e cataléptica: está aí o seu mal verdadeiro. A faculdade da qual ela goza causou infelicidades pelos desprezos que dela foram a conseqüência, é porque deplora o dom *funesto* que recebeu; mas esse dom não foi funesto senão pela ignorância, a inexperiência e a imprudência daqueles que dele desastradamente se serviram; deste ponto de vista, não há uma única de nossas faculdades que não possa se tornar um presente funesto pelo mau uso ou as falsas aplicações que se podem delas fazer.

Feitas estas reservas, diremos que o fenômeno está perfeitamente descrito; está bem ali essa visão da alma liberta que não conhece as distâncias, que penetra a matéria como um raio de luz penetra os corpos transparentes, e que é a prova patente e visível da existência e da independência do princípio espiritual; está bem ainda ali o quadro da estranha transfiguração que se opera no êxtase, dessa prodigiosa lucidez que confunde por sua precisão em certos casos, e que confunde pelas ilusões que às vezes produz. Entre os atores do drama, é a pintura o mais verdadeiro dos sentimentos que agitam os crentes, os incrédulos, os incertos e os espantados. Há ali um médico que flutua entre o ceticismo e a crença, mas homem de bom senso, que não crê que a ciência tenha dito sua última palavra, ele observa, estuda, e constata os fatos. Sua conduta durante as crises da jovem atesta sua prudência. Há também a desonra dos exploradores que ali são justamente fustigados.

O autor teria feito uma obra incompleta, se tivesse negligenciado o lado moral da questão. Seu objetivo não é de espicaçar a curiosidade por fatos extraordinários, mas deles deduzir as conseqüências úteis e práticas. Um episódio, entre outros, prova que cumpriu perfeitamente essa parte de seu programa.

A jovem vidente descobre num subterrâneo papéis importantes que devem pôr fim a um sério processo de família; ela descreve os lugares e as circunstâncias com minúcias; feitas as escavações, conforme suas indicações, provam que ela viu muito bem; encontram-se os papéis e o processo acaba em nada. Notamos de passagem que é espontaneamente que ela faz essa descoberta, solicitada que foi pelo interesse que leva à família, e não em conseqüência de solicitações. O título principal consistia em uma carta em velho estilo, da qual dá uma leitura *textual e completa* com tanta facilidade quanto se a tivesse sob os olhos. É aí, sobretudo, que a sua faculdade nos parece produzir um pouco de exagero.

Mais longe ela vê um outro subterrâneo onde estão imensos tesouros dos quais explica a origem. Para ali chegar, é preciso atravessar uma outra cripta, cheio de restos humanos, restos das numerosas vítimas dos tempos feudais. Nada, até ali, que não seja provável; o que não o é de todo, é que as almas dessas vítimas ali tenham permanecido fechadas há séculos e possam se erguer ameaçadoras diante daqueles que viessem perturbar seu sombrio repouso para irem procurar o tesouro; aí está o fantástico. Que sejam os carrascos, nisso não há nada de surpreendente. Sabemos, por numerosos exemplos, que tal é freqüentemente o castigo *temporário* dos culpados, condenados a permanecer sobre o próprio lugar e em presença de seus crimes, até que, tocados de arrependimento, elevem seus pensamentos a Deus para implorar a sua misericórdia; mas aqui são as vítimas inocentes que seriam punidas, o que não é racional.

O proprietário do castelo, velho avarento, atraído pela descoberta dos papéis, quer perseguir as escavações; elas são difíceis, perigosas para os operários: nada o detém. A vidente lhe suplica em vão renunciar a isso; lhe prediz que, se persistir, se tornará infeliz. Aliás, acrescenta ela, não triunfareis. - Esses tesouros não existem, pois? disse o avaro. - Eles existem tais como os descrevi, eu o certifico; mas, ainda uma vez, a eles não chegareis. - Quem me impedirá isto? - As almas que estão na cava que é preciso atravessar.

O velho avarento, cético endurecido, admitia bem a visão extra-corpórea da jovem, sem muito se explicar, porque disso viera de ter a prova às suas custas, os papéis encontrados o tinham indeferido em suas pretensões no processo, mas acreditava mais no dinheiro do que nas forças invisíveis. Ele continua: Com que direito se me opuseram? Estes tesouros me pertencem, uma vez que estão em minha propriedade. - Não; eles serão descobertos um dia, sem dificuldade, por aquele que deve gozá-los; mas não é a vós que eles se destinam; eis porque não triunfareis. Eu vo-lo repito, se persistirdes, vos tomareis infeliz.

Aqui está o lado essencialmente moral, instrutivo e verdadeiro do relato. Essas palavras parecem emprestadas do *Livro dos Médiuns*, no artigo sobre o concurso dos Espíritos para a descoberta dos tesouros; "Se a Providência destina os tesouros ocultos a alguém, este os encontrará *naturalmente*, de outro modo não." (Cap. XXVI, n- 295.) Não há exemplo, com efeito, que os Espíritos ou os sonâmbulos hajam facilitado semelhantes descobertas, não mais do que a recuperação de heranças, e todos aqueles que, embalados com essa esperança, fizeram semelhantes tentativas, o foram por suas dificuldades e o bom dinheiro que dispensaram. Tristes e freqüentemente cruéis decepções esperam aqueles que fundam a esperança de se enriquecerem por semelhantes meios. Os Espíritos não têm por missão favorecer a cupidez e nos proporcionar a riqueza sem o trabalho, o que não seria nem justo nem moral. Sem dúvida, o sonâmbulo lúcido vê, mas o que lhe é permitido ver, e os Espíritos podem obliterar sua lucidez, ou colocar obstáculos ao cumprimento das coisas que não estão nos desígnios da Providência. No caso de que se trata, foi permitido encontrar os papéis que deveriam pôr um fim às dissensões de família; não o foi de encontrar tesouros que não deveriam servir senão para satisfazer a cupidez; Eis porque o velho avarento pereceu vítima de sua obstinação.

As terríveis peripécias do drama imaginado pelo Sr. Élie Berthet, não são tão fantásticas quanto se poderia crê-lo; elas lembram as mais reais do que as sofridas pelo Sr. Borreaux, de Niort, nas pesquisas da mesma natureza, e cujo emocionante relato se encontra em sua brochura intitulada: *Como e porque me tornei Espírita*. (Ver nosso relatório, Revista de dezembro de 1864.)

Uma outra instrução, não menos importante, ressalta do livro do Sr. Élie Berthet. A jovem viu coisas positivas, e numa outra circunstância grave ela se engana atribuindo um crime a uma pessoa inocente. Que consequência disso quis tirar o autor? É a negação da faculdade? Não, uma vez que, ao lado disso, ele a prova; mas essa conclusão, justificada pela experiência, de que a lucidez mais experimentada não é infalível, e que não se poderia nela fiar de maneira absoluta, sem controle. A visão, pela alma, de coisas que o corpo não pode ver, prova a existência da alma; é já um resultado bastante importante; mas ela não pode dar pela satisfação das paixões humanas.

Por que, pois, a alma, em seu estado de emancipação, não vê sempre justo? É que o homem sendo ainda imperfeito, sua alma não pode gozar das prerrogativas da perfeição. Embora isolada, ela participa das influências materiais, até a sua completa depuração. Se assim ocorre com almas desencarnadas ou Espíritos, com mais forte razão com aquelas que ainda estão ligadas à vida corpórea. Eis o que faz conhecer o Espiritismo àqueles que se dão ao trabalho de estudá-lo.

MODO DE PROTESTO DE UM ESPÍRITA CONTRA OS ATAQUES DE CERTOS JORNAIS.

Um de nossos correspondentes nos escreve o que segue:

"Eis o que escrevi, há dois anos, ao Sr. Nefftzer, diretor do jornal *Ile Temps*:

"Eu era assinante de vosso jornal, cujas tendências e opiniões me eram simpáticas; é, pois, com pesar que não continuo minha assinatura; permiti-me de vos dar os motivos. No vosso número de 3 de junho, vos esforçastes em lançar o ridículo sobre o Espiritismo e os Espíritas, contando uma história mais ou menos autêntica, sem citar nem nomes, nem data, nem lugar, o que é cômodo. Procurais estabelecer, tema hoje obrigatório dos materialistas, incomodados enormemente pelo Espiritismo, que esta crença leva à loucura. Sem dúvida, os espíritos fracos, tendo já tendências a um desarranjo das faculdades cerebrais, puderam perder inteiramente a cabeça em se ocupando do Espiritismo, como lhes teria ocorrido sem isto, e como isto ocorre àqueles que se ocupam de química, de física ou astronomia, e mesmo aos escritores que não crêem nos Espíritos. Não nego, não mais, que haja charlatães que exploram o Espiritismo, por que qual é a ciência que possa escapar ao charlatanismo? Não temos charlatães literários, industriais, agrícolas, militares, políticos, destes últimos sobretudo? Mas concluir daí contra o Espiritismo em geral, é pouco lógico e pouco sensato. Antes de lançar uma acusação dessa natureza, seria preciso conhecer a coisa da qual se fala; mas isto não é senão, muito freqüentemente, a menor das preocupações .daquele que escreve; decide-se, decide-se a torto e a direito o que é mais fácil do que aprofundar e aprender.

"Se jamais sentistes grandes infelicidades, vivas dores, crede-me, senhor, estudai o Espiritismo; só ali encontrareis a consolação e as verdades que vos farão suportar vossos desgostos, vossas decepções ou vossos desesperos, o que valeria mais do que o suicídio. Que gostaríeis nos dar de melhor do que essa bela e consoladora filosofia cristã? O culto dos interesses materiais, do bezerro de ouro? Talvez seja o que convém ao temperamento da generalidade dos felizes do dia, mas é preciso outra coisa para aqueles que não querem mais o fatalismo, a superstição, as práticas ridículas e grosseiras da Idade Média, quanto do ateísmo, do panteísmo, e da incredulidade sistemática do décimo-oitavo e do décimo-nono séculos.

"Permiti-me, senhor, vos convidar a ser mais prudente em vossas diatribes contra o Espiritismo, porque elas se dirigem hoje, só na França, a alguma coisa como trezentas ou quatrocentas mil pessoas.

"BLANC DE LALÉSIE,
"Proprietário em Genouilly perto de Joncy (Saône-et-Loire)."

"Os jornais nos informaram, há poucos dias, da morte do único filho do Sr. Nefftzer. Eu não sei se essa infelicidade o terá feito lembrar de minha carta.

"Venho de digirir, ao Sr. Émile Aucante, administrador do jornal *1'Univers illustré*, a carta adiante:

"Sou assinante, há dezoito meses, do *l'Univers illustré*, e desde essa época, não há quase números onde vosso cronista de pseudônimo Gérôme não haja julgado útil, para ocupar sua pena, de ridicularizar, sobre todos os tons, o Espiritismo e os Espíritas. Até aí, essa diversão, um pouco fastidiosa pela sua freqüência, é muito inocente: o Espiritismo não se porta ali pior. Mas, o Sr. Gérôme, percebendo, sem dúvida, que se inquieta pouco com seus gracejos, muda a linguagem, e, no número de 7 de outubro, trata todos os Espíritas em massa de idiotas; do gracejo, passa à injúria, e não teme de insultar milhares de pessoas também instruídas, também esclarecidas, também inteligentes quanto ele. porque crêem ter uma alma imortal e pensam que esta alma, numa outra vida, será recompensada ou punida segundo seus méritos ou seus deméritos. O Sr. Gérôme não tem semelhantes preconceitos; fez, pois! Sem dúvida, ele crê que come, que bebe, que reproduz sua espécie, nem mais nem menos do que meu cão ou meu cavalo; disso lhe dou muito minha felicitação.

"Se o Sr. Gérôme se dignasse receber um conselho, me permitiria convidá-lo a não falar senão das coisas que conhece, e calar-se sobre as que não conhece, ou pelo

menos, estudá-las, o que lhe seria fácil com sua alta e incontestável inteligência. Ele aprenderia, do que não duvido certamente, que o Espiritismo não é outra coisa que o Cristianismo desenvolvido, e que as manifestações dos Espíritos, que foram de todos os tempos, nada fazem à doutrina, que por isso não existe menos, com ou sem manifestações.

"Mas que falo eu de Espíritos a um homem que não crê senão no seu, e que ignora talvez se tem uma alma! Enfim, que o Sr. Gérôme esteja enrolado sob a bandeira do materialismo, do panteísmo ou do paganismo, - este último valeria mais, porque nele se crê, pelo menos na existência da alma e na vida futura, pouco importa! Mas, que saiba, respeitando a si mesmo, respeitar as crenças de seus leitores. É evidente que não me seria possível continuar a dar meu dinheiro para me fazer insultar, e se essas injúrias devem continuar, terei o desgosto de deixar de ser vosso assinante...."

O Sr. de Lalésie é modesto avaliando o número dos Espíritas da França em trezentos ou quatrocentos mil; teria podido dobrar este número sem exagero, e estaria ainda bem abaixo dos cálculos do autor de uma brochura que pretendia nos pulverizar, e o levava a 20 milhões. De resto, um recenseamento exato dos Espíritas é coisa impossível, pela razão de que não são arregimentados, que não formam nem uma corporação, nem uma incorporação, nem uma congregação, cujos membros são registrados e podem ser contados.

O Espiritismo é uma crença; quem crê na existência e na sobrevivência das almas, e na possibilidade das relações entre os homens e o mundo espiritual, é Espírita, e muitos o são intuitivamente, sem jamais terem ouvido falar nem do Espiritismo nem dos médiuns. É-se Espírita por convicção, como outros são incrédulos; por isto, não há de nenhum modo necessidade de fazer parte de uma sociedade, e a prova é que não há a milésima parte dos adeptos que freqüentam as reuniões. Para dele fazer o recenseamento, não há nenhum registro matrícula a consultar; seria preciso fazer, junto de cada indivíduo, uma enquete, com efeito de lhe perguntar o que pensa. Todos os dias se descobrem, pela conversação, pessoas simpáticas à idéia, e que só por isso são Espíritas, sem que tenham necessidade de terem um diploma ou de fazerem um ato público qualquer. O número deles cresce todos os dias; o fato é constatado pelos nossos próprios adversários, que reconhecem com temor que esta crença invadiu todas as classes da sociedade, desde o alto até o baixo da escala. É, pois, uma opinião com a qual é preciso contar hoje, e que tem isto de particular, que não está circunscrita nem a uma classe, nem a uma casta, nem a uma seita, nem a uma nação, nem a um partido político; ela tem representantes por toda a parte, nas letras, nas artes, nas ciências, na medicina, na magistratura, na advocacia, no exército, no comércio, etc.

O número dos Espíritas, na França, seguramente ultrapassa de muito o dos assinantes de todos os jornais de Paris; é evidente que entram por uma notável parte entre esses mesmos assinantes; é, pois, àqueles que o pagam que os senhores jornalistas dizem injúrias; ora, como o disse com razão o Sr. de Lalésie, não é agradável dar seu dinheiro para ouvir achincalhar ou injuriar; foi por isso que cessou suas assinaturas aos jornais onde se via maltratado em sua crença, e não há ninguém que não ache sua maneira de agir muito lógica.

Quer dizer que para agradar aos Espíritas os jornais devem adotar suas idéias? De nenhum modo. Todos os dias eles discutem opiniões que não compartilham, mas não injuriam àqueles que as professam. Esses escritores não são judeus, e, no entanto, não se permitiriam lançar o anátema e o desprezo sobre os judeus em geral, nem tornar sua crença em ridículo. Por que isto? Porque, dizem eles, é preciso respeitar a liberdade de consciência. Por que esta liberdade não existiria para os Espíritas? Não são cidadãos como todo o mundo? Reclamam eles exceções e privilégios? Não pedem senão uma coisa: o direito de pensarem como o entendem. Aqueles que inscrevem sobre sua

bandeira: Liberdade, igualdade, fraternidade, desejariam, pois, criar na França uma classe de párias?

COMO O ESPIRITISMO VEM SEM QUE SE O PROCURE.

JOVEM CAMPONESA MÉDIUM INCONSCIENTE.

É um fato adquirido pela experiência que os Espíritos agem sobre as pessoas que são mais estranhas às idéias espíritas, e com o seu desconhecimento; disto citamos muitos exemplos nesta revista. Não conhecemos um único gênero de mediunidade que não se tenha revelado espontaneamente, mesmo o da escrita. Como aqueles que atribuem todas essas manifestações ao efeito da imaginação ou do malabarismo, explicarão o fato seguinte.

A pequena aldeia de E..., no departamento do Aube, havia sido até estes últimos tempos bastante favorecida, por este tempo de epidemia moral, por ser preservada do flagelo do Espiritismo. Em nome mesmo dessa obra satânica jamais tinha ferido o ouvido de seus pacíficos habitantes, graças, sem dúvida, a que o cura do lugar não tinha julgado a propósito de pregar contra. Mas quem conta sem seu hóspede conta duas vezes; não seria preciso contar sem os Espíritos, que não têm necessidade de permissão. Ora, eis o que ocorreu, há cerca de quatro meses.

Nessa aldeia há uma jovem de dezessete anos, quase iletrada, filha de um pobre e honesto cultivador, e que, ela mesma, vai todos os dias trabalhar nos campos. Um dia, entrando em sua cabana, ela foi tomada de uma perturbação completa; depois, ela que não tinha escrito depois de sua saída da escola, veio-lhe a idéia de escrever; escrever o quê? Disto nada sabia, mas queria escrever. Uma idéia não menos bizarra lhe veio ao pensamento, a de procurar um lápis, embora soubesse bem que dele não havia em sua cabana, não mais do que a menor folha de papel.

Enquanto procurava dar-se conta da incoerência de suas idéias, e se esforçava por rejeitá-las, ela avista na lareira um tição carbonizado; ela se sente irresistivelmente levada a pegá-lo, depois, guiada, por uma força invisível, para parede branca de caiação; de repente seu braço se levanta maquinalmente, e traça sobre a parede, em caracteres bem legíveis, esta frase: "Arranja papel e canetas, e te servirás para te corresponderes com os Espíritos."

Coisa singular, embora não tendo jamais ouvido falar da manifestação dos Espíritos, ela não ficou surpresa com o que vinha de se passar; disso preveniu seu pai, que dela fala a um de seus amigos, humilde camponês como ele, mas dotado de uma grande perspicácia. Este veio com prudência constatar o fato; depois, como um Espírita experimentado, se bem que tão ignorante nessas matérias quanto a jovem, fez perguntas ao Espírito que tinha se manifestado, e que assinou o nome de um general russo. Este último convidou-os a se dirigirem aos Espíritos de Troyes para ter instruções mais completas, o que fizeram. Desde então a jovem é médium escrevente e obtém, além disso, efeitos físicos muito notáveis; um grupo espírita se formou nessa aldeia, e eis como o Espiritismo vem, bom grado ou malgrado, sem que se o peça.

A carta de nosso correspondente, que nos reporta este fato, termina dizendo: "Não dizia que, quanto mais os zombadores se empenham em enganarem a si mesmos, a Providência faz jorrar cada dia, como para confundi-los, manifestações que desafiam todas as negações e todas as interpretações da incredulidade?"

A Sociedade de Paris recebeu, a este respeito, a comunicação seguinte.

(Sociedade de Paris, 27 de novembro de 1865. - Médium, Sr. Morin.)

O poder de Deus é infinito, e se serve de todos os meios para fazer triunfar uma doutrina que está em tudo. Passou-se aqui um duplo fenômeno do qual vou tentar vos dar a explicação.

A jovem camponesa foi subitamente envolvida de um fluido poderoso que a constrangeu a abandonar momentaneamente suas ocupações diárias. Antes da manifestação do fenômeno, houve a preparação do sujeito, que foi magnetizado e conduzido, pela vontade do Espírito, a procurar um instrumento que sabia não existir na casa. Quando se curvou sobre a lareira para dela retirar o carvão que deveria substituir o lápis ausente, não fazia senão cumprir um movimento que lhe foi imposto pelo Espírito. Não era nem seu instinto, nem sua inteligência que agia, mas o próprio Espírito que se servia da jovem como de um instrumento apropriado ao seu fluido. Até ali ela não era, propriamente falando, médium; não foi senão da primeira advertência escrita por ela, que realmente se tornou e que não foi mais possuída pelo Espírito que a fazia agir à força. A partir desse momento, a mediunidade se tornou semi-mecânica, quer dizer que ela sabia e compreendia o que escrevia, mas não teria podido explicá-lo verbalmente. Em seguida os efeitos físicos se mostraram com uma tal força, que toda idéia de malabarismo deveria ser excluída. Nada viera demonstrar essa aptidão aos efeitos físicos, antes dos primeiros fenômenos; se esses efeitos tivessem, os primeiros, revelado a mediunidade, teriam podido ser desnaturados pela superstição. O homem que, como um Espírita consumado, colocava as perguntas ao Espírito, era ele mesmo conduzido por uma força da mesma natureza da que impelia o médium a escrever. Esta força, da qual não podia compreender a origem, dobrava seu poder evocador, unindo ao seu desejo de saber a lembrança das baladas supersticiosas fazendo falar e aparecer as almas dos mortos. Só um estudo sério dos princípios da Doutrina podem fazer compreender a esses novos adeptos o lado real, positivo e natural da coisa, afastando o que se poderia ali ver de sobrenatural e maravilhoso.

Eis, pois, os dois principais atores desses fatos que desempenharam seu papel com o seu desconhecimento. No que se passou, serviram de instrumentos tanto mais poderosos quanto eram ignorantes e sem idéias preconcebidas.

Vedes, meus amigos, que tudo concorre para fazer resplandecer a luz, e que os mais iletrados podem dar lições aos mais sábios.

(O Guia do médium.)

UM CAMPONÊS FILOSOFO.

Decididamente o Espiritismo invade os campos; os Espíritos querem provar sua existência tomando seus instrumentos por toda a parte, mesmo fora do círculo dos adeptos, o que destrói toda suposição de conivência. Acabamos de ver a Doutrina implantada na pequena aldeia do Aube, entre simples cultivadores, por uma manifestação espontânea. Eis um fato mais notável ainda sob um outro ponto de vista. Nosso colega, Sr. Delanne, escreveu-nos o que se segue:

".....Durante algumas horas que passei na aldeia, onde é aluno

meu menino, um vinhateiro me deu duas brochuras que havia publicado sob este título: *Idéias filosóficas naturais e espontâneas sobre a existência em geral, a partir do princípio absoluto até o fim dos fins, da causa primeira até o infinito*, por Chevelle pai, de Joinville (Haute-Marne): A primeira tem por objeto *Deus, os anjos, a alma do homem, a alma animal ou instintiva*; a segunda: *as forças físicas, os elementos, a organização, o movimento* (1-(1) Duas brochuras grandes in-12, preço: 1 fr. cada uma, na casa do autor, em Joinville (Haute-Marne; em Bar-le-Duc, casa Numa Rolin. - O autor anuncia que completará seu trabalho por cinco outras brochuras que farão ao todo um volume.)).

"Segundo esse título pomposo e os graves assuntos que ele abarca, credes ter negócio com o homem que empalideceu sobre os livros toda a sua vida; desenganai-vos, este filósofo metafísico é um humilde artesão, um verdadeiro filósofo de tamancos, porque ele vai, pelas aldeias, vender legumes e outros produtos agrícolas."

Eis algumas passagens de seu prefácio:

"Empreendi esta obra, porque pensei que seria de alguma utilidade para o público. O homem se deve ao seu semelhante; sua condição não é de viver isolado, e a sociedade tem o direito de reclamar de cada indivíduo a comunicação de seus conhecimentos; o egoísmo é um vício intolerável.

"A obra é inteiramente minha; não fui ajudado nem secundado por ninguém; nada copiei de ninguém; é o fruto das meditações de toda a minha vida... numerosas dificuldades se opuseram à execução de meu empreendimento; e eu não me dissimulei. A miséria, para mim, era a pior de todas; impedia-me de agir não me deixando o tempo; sempre suportei-a sem me lamentar; tinha aprendido o segredo de viver feliz sem fortuna, e esse segredo é sempre um melhor recurso.

"... Dei minhas idéias, porque eu as escrevi à medida que me vieram, natural e espontaneamente, à medida que me vieram pela reflexão e a meditação.

"... Em filosofia, não se demonstram todas as existências por cálculos matemáticos; não se medem os Espíritos com um metro e não se os olham pelo microscópio.

"... Não se deve esperar encontrar em meu livro um estilo nobre, extremamente brilhante. Não freqüentei escola; não estive senão na escola de minha aldeia. Quando se havia bem aprendido suas preces em latim e que se recitava bem seu catecismo, era-se bastante sábio.

"... Naqueles tempos, era ser extremamente sábio quando se sabia fazer as quatro operações; vinham vos procurar para agrimensar os campos. Aos dez anos eu era o primeiro da escola, e meu velho pai ficava orgulhoso de ver quando vinham me procurar para encontrar lugar onde seria preciso colocar uma baliza, ou para escrever um bilhete ou uma quitação.

"Estou, pois, no direito de pedir desculpas aos meus leitores pela trivialidade de minha linguagem: não aprendi as regras da retórica, e creio que o título de minha obra convém: *Idéias naturais*.

"Íamos à escola de Todos-os-Santos até a Páscoa, e estávamos em férias, da Páscoa até Todos-os-Santos; mas como meu pai, tão pobre que era, não tinha medo de dispensar algum dinheiro para comprar-me livros, neles aprendia muito mais nos seis meses de férias, e deles me esquecia nos seis meses de aula."

Eis agora alguns fragmentos do capítulo sobre Deus:

"Deus é o único que pode dizer: Eu sou aquele que é; ele é um e é tudo; tudo existe dele, nele e por ele, e nada pode existir sem ele e fora dele. Ele é um e, no entanto, produziu o múltiplo e o divisível, um e o outro ao infinito... Se eu pudesse bem definir Deus, eu seria deus; mas não pode dele haver dois.

"Deus é um todo infinito, indivisível, eterno, imutável; não tem limite nem do pequeno nem do grande... um minuto e cem mil anos ou cem mil séculos, são a mesma coisa para Deus; a eternidade não admite partilha; para ele, não há nem passado nem futuro, *é um presente eterno; para Deus, o passado é ainda e o futuro já é*; ele vê todos os tempos no mesmo golpe; *não há ontem nem amanhã*, e ele disse, falando de seu Filho: eu vos produzi hoje. "A eternidade não se mede mais do que o infinito do espaço; são dois abismos onde não podemos chegar senão pela abstração, e nos perderíamos se quiséssemos penetrá-los; são florestas virgens sem caminhos. Somos forçados a parar lá chegando.

"Deus não pode deixar de criar, não seria senão um Deus sem ação se não criasse, e sua glória não seria senão para ele mesmo. Monotonia impossível. Deus criou eternamente, e o começo da criação, tomado no infinito, deve continuar no infinito.

"... Seria preciso que ele criasse as inteligências livres; porque qual seria a existência dos seres que pensam se não lhes fosse permitido pensar livremente? Onde estaria a glória de Deus, se suas criaturas não fossem livres para julgá-lo? Tanto teria valido que permaneceria só; a adoração que lhe teriam prestado não teria sido senão uma quimera, uma comédia dirigida por ele e para ele; teria sido o único espectador e ator.

"Para a glória de Deus, era, pois, de uma necessidade absoluta que as inteligências fossem criadas absolutamente livres, que tenham o direito de julgar seu autor, de se conduzir, no bem ou no mal, como o quiserem. Seria preciso que o mal fosse permitido para que o bem exista; é impossível que um seja conhecido sem que se veja o outro.

"Mas, ao mesmo tempo que Deus dá o livre arbítrio às inteligências, lhes dá também esse foro íntimo, esse sentimento intelectual de sua liberdade de pensar, esse ato do espírito livre que chamamos consciência, tribunal individual que adverte cada existência livre do valor de sua ação. Ninguém faz o mal sem sabê-lo, só a vontade faz o pecado.

"Temos lugar para presumir também que os Espíritos ou anjos têm alguma parte no governo universal, uma vez que é recebido em dogma de fé que os homens são guardados pelos anjos e que cada um de nós tem seu anjo guardião.

"As inteligências ou Espíritos, livres da matéria, podem, pois, terem algumas vezes influência sobre o espírito do homem. Quantas pessoas tiveram revelações que se realizaram: testemunha Jeanne d'Arc e tantos outros dos quais os livros históricos falam que li e que se podem encontrar. Mas a memória não me basta para citar-lhes bem as passagens, e não tenho necessidade de procurar alhures do que em minha casa.

"Quando minha irmã mais velha morreu do cólera em Midrevay (Vosges), não tinha ouvido dizer que o cólera existia, nesse momento, em nenhuma parte. Eu não tinha nenhuma idéia de que minha irmã estivesse doente; tinha-a visto, no entanto melhor do que nunca, não tinha, pois, nenhum assunto para me ocupar dela. Eu a vi em sonho vir me dizer, em minha casa, em Joinville: "Nosso Joseph, venho te dizer que estou morta; sabes que sempre muito te amei e quis trazer-te eu mesma a notícia do meu retorno ao outro mundo." No dia seguinte, o carteiro trouxe-me uma carta anunciando-me a notícia da morte de minha irmã.

"Recebendo a carta marcada em negro, disse à minha mulher: "Tu conheces o sonho que te contei ontem, dele talvez eis a realidade." Eu não me enganava.

"Tive várias vezes, não dormindo, mas bem em vigília, trabalhando, visões às quais não dava atenção senão quando se realizavam, mesmo muito tempo depois. Isto me ocorreu talvez três ou quatro vezes no curso de minha vida; delas não me lembro senão vagamente, mas delas estou certo; não sou o único que teve revelações mentais, outros provarão que tenho razão, e isto talvez já foi provado.

"A alma animal não pode ser senão individual e, conseqüentemente, indecomponível; portanto, a alma animal não morre. Já se pensou antes de mim, e foi o que deu lugar à doutrina da metempsicose. Se a metempsicose existe, isto não poderia ser senão entre indivíduos da mesma espécie: a alma vital ou animal de um mamífero não pode passar a uma árvore.

"Para o que é da inteligência humana, é impossível que ela passe no corpo de um animal; aí não poderia agir; a constituição física do animal não pode servir de habitação à inteligência humana, embora se esteja assegurado de que os demônios se uniram ou possuíram os animais. Não posso crer que em semelhantes organizações possam fazer nada de razoável; não lhe seria já possível falar; não poderiam aniquilar o instinto, que agiria sempre bom grado ou malgrado: é uma das leis estabelecidas pelo Criador; elas seriam indignas dele se se pudesse derogá-las, se fosse possível mudá-las. As redes de

nervos ou, como dissemos mais acima, os escritórios telegráficos dessa espécie, não podem ser dirigidos pela inteligência.

"Nestes últimos tempos se tem falado muito do Espiritismo; algumas pessoas me dizem que este capítulo tem muitas relações. Mas se isto é, é por um puro acaso, porque é uma obra que jamais li, e da qual não ouvi dizer mesmo nunca uma única frase."

Eis agora as reflexões do autor sobre a criação:

"Todos os geólogos, todos os naturalistas estão de acordo que os dias de Deus não eram como os nossos, que são regulados pelo sol. Com efeito, os dias de Deus na criação não podiam ser regulados pelo sol, uma vez que, segundo o texto das Escrituras santas, o sol não tinha sido ainda criado, ou não aparecia; daí a palavra que, nas Escrituras santas, na língua em que ela foi escrita, significa dias como significa tempos. Assim, a falta pode bem ser do fato dos tradutores, que teriam podido dizer em seis tempos em lugar de dizer em seis dias e depois ainda porque queríamos fazer os dias de Deus tão curtos quanto os nossos, ele que é eterno.

"Não é que eu queira dizer que Deus não tivesse tão bem podido criar o mundo em seis dias de vinte e quatro horas cada um, que cada um desses dias valia centenas de milhares de anos; se eu quisesse entendê-lo assim, estaria em contradição comigo mesmo, uma vez que no meu primeiro volume disse que um minuto ou cem mil anos ou cem mil séculos, eram a mesma coisa para Deus.

"Conquanto Deus não tenha posto senão um dia para cada criação indicada na Gênese, entre cada um desses dias talvez houvesse milhões de anos, e mesmo séculos.

"Quando se examinam as camadas da Terra e como elas foram formadas chamamos essas diferentes revoluções das épocas; as provas físicas ali estão, esses depósitos não ocorreram em vinte e quatro horas.

"Querem tomar muito à letra o texto das Escrituras santas; ela é verdadeira, mas é preciso saber compreendê-la. Não se trata de fazer como esses Israelitas que se deixaram todos degolar, não ousando se defender porque era o dia de sábado; se quisesse me matar no domingo, não adiaría para a segunda-feira para me defender. Não há sete dias na semana senão para nós; Deus não tem senão um dia em tudo, e esse dia não tem começo nem fim: para o nosso bem ele quer que repousemos um dia por semana, mas não repousa nunca, e jamais dorme, sua ação é incessante.

"Nossos dias não são senão o aparecimento e o desaparecimento do astro que nos clareia; quando ele se deita para nós, levanta-se para outros povos; em todas as horas do dia ou da noite ele se ergue, brilha em seu zênite ou se deita. E quando as neves, os gelos e as geadas nos fazem guardar o canto do fogo, há outros povos que recolhem as flores e os frutos. E depois, não há senão um mundo, senão um sol: todas as estrelas que vemos são sóis que clareiam mundos como o nosso, e talvez mais perfeitos do que o nosso. Deus é o autor de todos esses mundos e de muitos outros que não vemos; portanto, os seis dias da criação são seis épocas que duraram mais ou menos muito tempo, e que se chamaram dias para se colocarem ao alcance de nossa maneira de ver."

Lemos com atenção as duas brochuras do pai Chevelle, e teríamos certamente a contradizê-lo sobre vários pontos; mas as citações que acabamos de fazer não provam menos as idéias de uma alta importância filosófica e que não estão desprovidas de um certo caráter de originalidade. Sua obra é uma pequena enciclopédia, porque trata um pouco de tudo, mesmo de coisas usuais. Ele anuncia para mais tarde um MANUAL DO HERBORISTA MÉDICO, ou *Tratamento das doenças pelo emprego de plantas medicinais indígenas*.

De onde lhe vêm todas estas idéias? Sem dúvida ele leu: isto é evidente; mas sua posição não lhe permitia ler muito, e seria preciso, aliás, uma aptidão especial para aproveitar dessas leituras e tratar assuntos tão abstratos. Viram-se poetas naturais

saírem da classe operária, mas é mais raro vê-los sair dos metafísicos sem estudo preliminar, e ainda menos da classe dos lavradores. O pai Chevelle apresenta, em seu gênero, um fenômeno análogo ao desses pastores calculadores que derrotaram a ciência. Não está aí um sério objeto de estudo? Estes são os fatos; ora, como todo efeito tem uma causa, os sábios procuraram esta causa? Não, porque seria preciso sondar as profundezas da alma. Mas os filósofos espiritualistas? Faltava-lhes a única chave que poderia disso lhes dar a solução.

A essa questão, o Ceticismo responde: Esquisitice da Natureza; resultado da organização cerebral. O Espiritismo diz: Inteligências largamente desenvolvidas nas existências anteriores, e que, nada tendo perdido do que tinham adquirido, se refletem na existência atual: servindo essa aquisição de base a novas aquisições. Mas por que essas inteligências, que deveram brilhar numa esfera social elevada, estão hoje relegadas às classes mais inferiores? Outro problema não menos insolúvel sem a chave que fornece o Espiritismo; ele diz: Provas ou expiações voluntárias escolhidas por essas mesmas inteligências, que, tendo em vista o seu adiantamento moral, quiseram nascer num meio ínfimo, seja por humildade, seja para lhe adquirir conhecimentos práticos que lhes aproveitarão mais numa outra existência. A Providência permite que assim seja para sua própria instrução e para a dos homens, colocando estes no caminho da origem das faculdades pela pluralidade das existências.

Estes fatos tendo sido relatados na Sociedade Espírita de Paris, deram lugar à comunicação seguinte:

(Sociedade de Paris, 10 de novembro de 1865. - Médiun, senhora Breul.)

Meus caros amigos, na leitura que vosso presidente fez de diversos fatos relatados pelo vosso irmão Delanne, vistes que um notável trabalho filosófico foi dado à luz por um simples camponês dos Vosges; não é o lugar de constatar quantos prodígios se realizam neste momento para tocar os incrédulos e os sábios segundo o mundo; para confundir esses homens que crêem ter o monopólio da ciência, e nada querem admitir fora de suas concepções estreitas e limitadas pela matéria?

Sim, nestes tempos de preparação para a renovação humanitária que os Espíritos do Senhor devem realizar, pode-se cada vez mais reconhecer a verdade desta palavra do Cristo, que os homens tão pouco compreenderam: *"Eu vos dou graças, meu Pai, de que tendo escondido estas coisas aos sábios e aos poderosos, as revelastes aos simples e aos pobres segundo o Espírito."*

Quando eu digo sábios, não falo desses homens modestos que, infatigáveis pioneiros da ciência, fazem a Humanidade avançar descobrindo-lhe as maravilhas que revelam a bondade e o poder do Criador; mas eu falo daqueles que, enfatuados de seu saber, crêem de bom grado que o que não descobriram, patrocinaram e publicaram não pode existir. Aqueles serão castigados em seu orgulho; e Deus permite que já sejam confundidos pela superioridade dos trabalhos intelectuais que saem da pena de homens que estão longe de levar o barrete de doutor.

Como no tempo do Cristo, que quis honrar e realçar o trabalhador escolhendo nascer no meio de artesãos, os anjos do Senhor recrutam agora seus auxiliares entre os corações simples e honestos, e os homens de boa vontade exercendo as mais humildes profissões. Compreendeis, pois, que o orgulho é o maior inimigo de vosso adiantamento, e que a humildade e a caridade são as únicas virtudes que agradam a Deus e atraem sobre o homem esses divinos eflúvios que o ajudam a progredir e a se aproximar dele.

LOUIS DE FRANCE.

ESPÍRITOS DE DOIS SÁBIOS INCRÉDULOS AOS SEUS ANTIGOS AMIGOS DA TERRA.

Quando os mais incrédulos, os mais obstinados, passaram o limiar da vida corpórea, foram muito forçados em reconhecer que vivem sempre; que são Espíritos, uma vez que não são mais carnis, e que, conseqüentemente, há Espíritos; que esses Espíritos se comunicam com os homens, uma vez que o fazem eles mesmos; mas a sua apreciação do mundo espiritual varia em razão de seu desenvolvimento moral, de seu saber ou de sua ignorância, da elevação ou da abjeção de sua alma. Os dois Espíritos dos quais falamos pertenciam, quando vivos, à classe dos homens de ciência e de alta inteligência. Ambos eram essencialmente incrédulos, mas homens esclarecidos, sua incredulidade tinha por contrapeso eminentes qualidades morais; também, uma vez no mundo dos Espíritos, prontamente encararam as coisas em seu verdadeiro ponto de vista, e reconheceram seu erro. Não há, sem dúvida, lá, nada que não seja muito comum, e não se veja todos os dias, e se publicamos suas primeiras impressões, é por causa de seu lado eminentemente instrutivo. Ambos morreram há pouco; o primeiro, o Sr. M. L., era cirurgião do hospital B..., e cunhado do Sr. A. Véron, membro da Sociedade Espírita de Paris; o segundo, o Sr. Gui..., era um sábio economista, intimamente conhecido do Sr. Colliez, outro membro da Sociedade.

O Sr. Véron tinha inutilmente procurado levar seu cunhado às idéias espiritualistas; este morto, foi mais acessível às suas instruções, e eis uma das primeiras comunicações que dele recebeu.

(Paris, 5 de outubro de 1865. - Médiun, Sr. Desliens.)

Meu caro cunhado, uma vez que estamos, por assim dizer, na intimidade, e que não temo tomar o lugar de alguém que vos poderia ser mais útil do que eu, uma vez que me solicitastes, atendo ao vosso chamado com prazer.

Não espereis, desde hoje, me ver desdobrar todas as minhas faculdades; sem dúvida, eu poderia tentá-lo, e talvez com mais sucesso do que quando vivo, mas minha presunção orgulhosa está muito longe de mim, e se me acreditava uma *sumidade* sobre essa Terra, aqui sou muito pequeno. Quantas pessoas que eu desdenhava e das quais estou feliz de encontrar hoje a proteção e os ensinamentos! Os ignorantes desse mundo, muito freqüentemente, são os sábios de lá de cima, e quanto nossa ciência, que crê tudo saber e que não quer nada admitir fora de suas decisões, é ilusória e limitada!

Ó orgulho humano! respeito do hábito, permanecerás ainda por muito tempo sobre esta Terra onde, há tantos séculos, o Espírito de rotina entrava o progresso em sua marcha incessante? "Não conheço um fato, ele está fora de meus conhecimentos, portanto não existe." Tal é nosso raciocínio neste mundo. É que, se o admitimos, ou pelo menos se estudamos esse fato, resultado de leis desconhecidas, nos seria preciso renunciar a sistemas errôneos, apoiados sobre grandes nomes dos quais nos fazemos nossa glória, e pior ainda, nos seria preciso convir que nos enganamos.

Não, nós outros negadores, nos encontramos um Galileu universal que venha nos dizer: Eu sou Espírito, estou vivo, fui homem, e, homens vós mesmos, fostes Espíritos e vos tomareis como eu, até que, por uma sucessão de encarnações, estejais bastante depurados para subir outros degraus da escala infinita dos mundos... E nós negamos!

Mas, como dizia Galileu, depois de suas retratações: "E, no entanto, ela se move," o Espiritismo vem nos dizer: "E, no entanto, os Espíritos ali estão, se manifestam, e toda negação não poderia derrubar um fato." O fato brutal existe, nada se pode contra ele. O tempo, esse grande instituidor, fará justiça a tudo, expulsando uns, e instruindo os outros.

Sede daqueles que se instruem; eu fui abatido na idade madura de meu orgulho, e sofri a pena de minhas negações. Evitai minha queda, e que minhas faltas sejam

proveitáveis para aqueles que imitam meu raciocínio passado, para evitar o abismo de trevas de onde vossos cuidados me retiraram.

Vede, ainda há perturbação em minha linguagem; mais tarde, poderei vos falar com mais lógica; sede indulgentes com minha juventude espiritual.

M... L...

Tendo esta comunicação sido lida na Sociedade de Paris, o Espírito ali se comunicou espontaneamente, ditando o que segue:

(Sociedade de Paris, 29 de outubro de 1865. - Médiun, Sr. Desliens.)

Caro senhor Allan Kardec, permiti a um Espírito que vossos estudos conduziram a considerar a existência, o ser e Deus sob seu verdadeiro ponto de vista, de vos testemunhar seu reconhecimento. Sobre essa Terra, ignorei vosso nome e vossos trabalhos. Talvez, se me tivesse falado de um e dos outros, eu teria exercido a seu respeito minha verve zombeteira, como disse usei para todas as coisas tendendo a provar a existência de um espírito distinto do corpo. Eu era cego então: perdoai-me. Hoje, graças avós, graças aos ensinamentos que os Espíritos difundiram e vulgarizaram pela vossa mão, sou um outro ser, tenho consciência de mim mesmo e vejo o meu objetivo. Quanto reconhecimento vos devo, a vós e ao Espiritismo!!! -Alguém que me conheceu e ler hoje o que é a expressão do meu pensamento, exclamará a si mesmo: "Não pode estar aí aquele que conhecemos, esse materialista radical que não admitia nada fora dos fenômenos brutos da Natureza." Sem dúvida, e, no entanto, sou bem eu.

Meu caro cunhado, a quem devo sinceros agradecimentos, disse que retornei aos bons sentimentos em pouco tempo. Eu lhe agradeço pela sua amenidade a meu respeito; mas, sem dúvida, ele ignora o quanto são longas as horas de sofrimento resultantes da inconsciência de seu ser!!!... Eu acreditava no nada, e fui punido por um nada fictício. Sentir-se ser e não poder manifestar seu ser; se *crer disseminado em todos os restos esparsos da matéria que forma o corpo*, tal foi minha posição durante mais de dois meses!... dois séculos!... Ah! as horas do sofrimento são longas, e se não se tivesse ocupado em me tirar dessa má atmosfera do nihilismo, se não se me tivesse constrangido a vir a essas reuniões de paz e de amor, onde eu não compreendia, não via nem ouvia nada, mas onde os fluidos simpáticos agiam sobre mim e me despertavam pouco a pouco de meu pesado torpor espiritual, onde eu estaria ainda? meu Deus!... Deus!... que doce nome a pronunciar por aquele que foi tanto tempo ligado ao nada esse pai tão grande e tão bom! Ah! meus amigos, moderai-me, porque hoje não temo senão uma coisa, é de me tornar fanático dessas crenças que teria repellido como vis disparates, se outrora viessem ao meu conhecimento!...

Eu não direi nada hoje sobre os trabalhos dos quais vos ocupais; sou ainda muito novo, muito ignorante para ousar me aventurar em vossas sábias dissertações. Já sinto, mas não sei ainda! Dir-vos-ei somente isto, porque já o sei: Sim, os fluidos têm uma influência enorme como ação curadora, se não corpórea, disso nada sei, pelo menos espiritual, porque senti a sua ação. Eu vos disse e vos repito com alegria e reconhecimento: Eu ia, constrangido por uma força invencível, a de meu guia sem dúvida, nas reuniões espíritas. Eu não via, não ouvia nada, e no entanto uma ação fluídica que não podia raciocinar, me curou espiritualmente.

Agradeço de bom grado a todos aqueles que adquiriram direitos eternos ao meu reconhecimento tirando-me do caos onde tinha caído, e vos peço, meus amigos, consentirem em me permitir assistir em silêncio às vossas sábias reuniões, colocando mais tarde minhas fracas luzes científicas à vossa disposição.

M... L...

Pergunta. - Poderíeis nos dizer, com a assistência de vosso guia, como pudestes tão prontamente reconhecer vossos erros terrestres, ao passo que um bom número de Espíritos, aos quais não se poupam cuidados espirituais, estão, no entanto, por muito tempo antes de compreender os conselhos que se lhes faz ouvir?

Resposta. - Eu vos agradeço, caro senhor, pela pergunta que consentistes me dirigir, e que creio poder resolver eu mesmo com a assistência de meu guia.

Sem dúvida, podeis ver uma anomalia em minha transformação, uma vez que, como o dissestes, há seres que, apesar de todos os sentimentos que agem em seu favor, ficam longos espaços de tempo sem se deixarem abrir os olhos. Não querendo abusar de vossa benevolência, dir-vos-ei em poucas palavras:

O Espírito que resiste à ação daqueles que agem sobre ele, é *novo sob o aspecto das noções morais*. Este pode ser um indivíduo instruído, mas completamente ignorante sob o aspecto da caridade e da fraternidade, em uma palavra privado de espiritualidade. *Necessário lhe é apreender a vida da alma, que, mesmo no estado de Espírito, foi para ele rudimentar*. Para mim, ocorreu todo de outro modo. EU sou velho, vo-lo disse, em presença de vossa vida, embora muito jovem na eternidade. Tive noções de moral; acreditei na espiritualidade, que se tornou latente em mim, porque um de meus pecados capitais, o orgulho, necessitava desta punição.

Eu, que tinha conhecimento da vida da alma numa existência anterior, fui condenado a me deixar dominar pelo orgulho e a esquecer Deus e o princípio eterno que residia em mim... Ah! crede-me, não há senão uma única espécie de cretinismo, e idiota que, conservando sua alma, não pode manifestar sua inteligência, é talvez menos a lamentar do que aquele que, possuindo toda a sua inteligência, cientificamente falando, perdeu sua alma por um tempo. É um idiotismo mutilado, mas muito penoso.

M... L...

O outro Espírito, o Sr. Gui..., se manifestou espontaneamente à Sociedade no dia da sessão especial, comemorativa dos mortos. O Sr. Colliez que, como o dissemos, o conhecera particularmente, tinha se limitado a fazê-lo inscrever na lista dos Espíritos recomendados às preces. Se bem que suas opiniões fossem diferentes de quando vivo, o Sr. Colliez reconheceu-o pela forma de sua linguagem, e antes que a sua assinatura fosse lida, havia dito que esse deveria ser o Sr. Gui...

(Sociedade de Paris, 1^o de novembro de 1865. - Médium, Sr. Leymarie.)

Senhores... permiti-me empregar esta expressão usada, mas pouco fraterna. Sou um recém-chegado, um fatigado inesperado, e, sem dúvida, meu nome jamais feriu os ouvidos dos Espíritos fervorosos. No entanto, nunca é muito tarde, e quando cada família chora um ausente amado, venho a vós para vos expressar o meu arrependimento muito sincero.

Cercado de voltarianos, vivendo, pensando como eles, levando sendo preciso meu óbolo e meu trabalho para a propagação das idéias liberais e progressistas, acreditei fazer bem; porque todo o mundo diz, mas nem todos fazem. Portanto, agi, e isto vos peço, não vos esqueçais dos homens de ação. Em sua esfera, sacudiram esse torpor de tantos séculos que havia, por assim dizer, velado o futuro. Rasgando o véu, nós, nós também expulsamos a noite, e é muito, quando o inimigo intolerante está à porta e procura desenhar em negro cada raio de luz. Quantas vezes procuramos, em nós mesmos, a solução desta questão: "Ah! se os mortos pudessem falar!" Reflexão profunda, absorvente, que nos matava na idade das desilusões, quando todo homem marcado por um acaso aparente se torna uma luz na multidão.

A família aí está!... Jovens fronte candidas pedem a nós beijos à esperança, e não podemos nada dar; porque essa esperança nós a temos chumbada sobre uma grande

pedra muito fria, que chamamos *a incredulidade*. Mas hoje creio, venho a vós, cheio de esperança e de fé, vos dizer: "Espero isso no futuro, creio em Deus, e os Espíritos de Béranger, de Royer-Collard, de Casimir Perrier... não me desmentirão."

A vós que desejais o progresso, que quereis a luz, eu direi: Os mortos falam, eles falam todos os dias; mas, cegos que sois, que fomos! presentis a verdade sem afirmá-la abertamente; como Galileu, vos dizeis cada noite: "No entanto ela gira!" mas abaixais os olhos diante do ridículo, do respeito da coisa julgada!

Vós todos que fostes meus fiéis, que a cada oito dias me concedíeis vossa noite, aprendei no que me tornei.

Sábios que perscrutais os segredos da Natureza, perguntastes à folha morta, ao talo de erva, ao inseto, à matéria, em que se tornam no grande concerto dos mortos terrestres? Perguntastes-lhes suas funções de mortos? pudestes inscrever em vossa placa essa grande lei da Natureza, que parece se destruir anualmente para reviver esplêndida e soberba, lançando o desafio da imortalidade aos vossos pensamentos passageiros e mortais?

Doutor sábio, que, cada dia, inclinais uma fronte preocupada sobre as doenças misteriosas que destroem os corpos humanos de maneira múltipla, por que tantos suores para o futuro, tanto amor para a família, tanta previdência para assegurar a honradez de um nome, para a fortuna e a moralidade de vossos filhos, tanto respeito para a virtude de vossos companheiros?

Homens de progresso, que trabalhais constantemente para transformar as idéias e torná-las mais belas, por que tantos cuidados, vigílias e decepções, se não for porque essa lei eterna do progresso absorve todas as vossas faculdades e as decupla, a fim de homenagear ao movimento geral da harmonia e do amor, diante do qual vos inclinais?

Ah! meus amigos, que estais sobre a Terra: mecânicos, legisladores profundos, homens políticos, artistas, ou vós todos que inscreveis sobre a vossa bandeira: *Economia política*, crede-me, vossos trabalhos desafiam a morte; todas as vossas aspirações a rejeitam como uma negação, e, quando, por vossas descobertas e vossa inteligência, deixastes um traço, uma lembrança, uma honradez sem mancha, desafiastes a morte, como tudo o que vos cerca! oferecestes um sacrifício ao poder criativo, e como a Natureza, a matéria, como tudo o que vive e quer viver, vencestes a morte. Como eu outrora, como tantos outros, vos retemperais nesse aniquilamento do corpo que é a vida, ides para o Eterno para vencer a eternidade!...

Mas vós não a vanceis, porque ela é vossa amiga. O Espírito é a eternidade, é o eterno, e eu vos repito: tudo o que morre fala de vida e de luz. A morte fala ao vivo; os mortos vêm falar. Só eles têm a chave de tudo, e é por eles que vos prometo outras explicações.

GUI...

(Sociedade Espírita de Paris, 17 de novembro de 1865. - Médiun, Sr. Leymarie.)

Eles fugiram da epidemia, e nesse pânico singular, quantos desfalecimentos morais, quantas defecções vergonhosas! é que a morte se torna a mais terrível expiação para todos aqueles que violam as leis da mais estreita equidade. A morte é o desconhecido para a fé vacilante. As diversas religiões, com o paraíso e o inferno, não puderam consolidar naqueles que possuem abnegação em vão ensinadas para os bens terrestres; nada de ponto de referência, nada de bases certas; da difusão no ensino divino: isto não é a certeza. Também, salvo algumas exceções, que medo, que falta de caridade, que egoísmo nessa salvação que pode incomodar entre os satisfeitos! Crer em Deus, estudar a sua vontade nas afirmações inteligentes, estar seguro de que as leis da existência estão subordinadas às leis superiores divinas que medem tudo com justiça, que dispensam a todos, em diversas existências, a pena, a alegria, o trabalho, a miséria e a fortuna, mas é,

isto me parece, o que pedem todas as sábias pesquisas, todas as interrogações da Humanidade. Disto tendo a certeza, não é a força verdadeira em tudo? Se o corpo esgotado deixa a liberdade ao espírito, a fim de que viva segundo as aptidões fluídicas que são a sua essência, se, como digo, esta verdade se torna palpável, evidente como um raio de sol; se as leis que encadeiam matematicamente as diversas fases da existência terrestre e extraterrestre, onde da erraticidade, tornem-se para nós tão claramente demonstradas quanto um problema algébrico, não tereis, então, em mãos o segredo tão procurado, o porquê de todas vossas objeções, a explicação racional da fraqueza de vossos profundos estudos em economia política, fraqueza terrificante para a teoria, porque a prática demole em um dia o trabalho de um homem?

É por isto, amigos, que venho vos suplicar para lerem *O Livro dos Espíritos*; não vos detenhais na letra, mas possuí-lhe o espírito. Pesquisadores inteligentes, encontrareis novos elementos para modificar o vosso ponto de vista e o dos homens que vos estudam. Certos da pluralidade das existências, encarareis melhor a vida; definindo-a melhor, sereis fortes. Homens de letras, plêiade pobre e bendita, dareis à Humanidade uma semente tanto mais séria quanto ela será verdadeira. E quando virem os fortes, os sábios, crerem e ensinarem as máximas fortes e consoladoras, amar-se-á mais, não se fugirá mais do mal supostamente invisível; a vontade de todos, homogeneidade poderosa, destruirá todas essas fermentações gasosas envenenadas, única fonte das epidemias.

O estudo dos fluidos, feito de um outro ponto de vista, transformará a ciência; novas exposições sumárias aclararão o caminho fecundo de nossos jovens estudantes, que não irão mais, como os orgulhosos, mostrar ao estrangeiro sua intolerância de linguagem e sua ignorância; não serão mais o riso da Europa, porque os mortos amados lhes terão dado a fé e essa religião do Espírito, que moraliza primeiro para levar em seguida a encarnação às regiões serenas do saber e da caridade.

GUI...

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS *O ESTADO SOCIAL DA MULHER*

(Sociedade de Paris, 20 de outubro de 1865. - Médiun, Sr. Leymarie.)

Na época em que eu vivia entre vós, meus amigos, me era freqüente chegar a fazer sérias reflexões sobre a sorte da mulher. Meus numerosos e laboriosos estudos deixam sempre um momento para esses assuntos queridos. Cada noite, antes do sono, eu orava por essas pobres irmãs tão infelizes e menosprezadas, implorando a Deus por dias melhores, e pedindo às idéias um meio qualquer de fazer progredir as desclassificadas. Às vezes, em sono, eu as via livres, amadas, estimadas, tendo uma existência legal e moral na sociedade, na família, cercadas de respeito e de cuidados; eu as via transfiguradas; e esse espetáculo era tão consolador que despertava chorando; mas ai! a triste realidade me aparecia então em sua lúgubre verdade e eu desesperava às vezes que chegassem melhores dias.

Esses dias chegaram, meus amigos; há poucos entre vós que não sentem intuitivamente o direito da mulher; muitos o negam no fato, se bem que o reconheçam mentalmente; mas não é menos verdade que há para ela esperança e alegria no meio das misérias profundas e das desilusões pavorosas.

Há alguns dias, escutei num círculo de mulheres distinguidas pela classe, pela beleza e pela fortuna, e disse a mim mesmo: Aquelas são todas perfume; foram amadas e aduladas. Como devem amar! como devem ser boas mães, encantadoras esposas, filhas respeitadas! elas sabem muito, amam e dão muito. Que estranho erro!... Todas essas saudáveis visagens mentiam, sob seus sorrisos estereotipados; elas tagarelavam, conversavam coisas de pouco valor, cursos, modas; davam, com uma graça encantadora,

críticas ferinas ao ausente, mas não se ocupavam nem de seus filhos, nem de seus esposos, nem de questões literárias, de nossos gênios, de seu país, da liberdade! Ai! belas cabeças, mas cérebros... nada. Encantadores pássaros, em tudo verdadeiramente endireitastes vosso talhe, vossa conservação: é a etiqueta; vossa pretensão: agradar, aflorar tudo e nada conhecer. O vento leva a vossa tagarelice, e não deixais marcas; não sois nem filhas, nem mulheres, nem mães. Ignorais vosso país, seu passado, seus sofrimentos, sua grandeza. Vosso filho, o confiastes a uma mercenária! A felicidade do interior é uma ficção. Tendes, encantadoras borboletas, muito belas asas... mas depois...

Ouvi também um grupo de jovens e vivas operárias. Que sabiam aquelas! Nada... como as outras... nada da vida, nada do dever, nada da realidade! Elas invejavam, eis tudo! Deram-lhes o direito de se compreenderem, de se estimarem, de se respeitarem? Fizeram-nas compreender Deus, sua grandeza, sua vontade? Não, mil vezes não!... A Igreja lhes ensinam luxo; elas trabalham para o luxo, e é ainda ele que bate em sua mansarda, dizendo: Abre-me; eu sou a fita, a renda, a seda, as boas iguarias, os vinhos delicados. Abre-me, e tu serás bela, terás todas as fantasias, todos os deslumbramentos!... e é porque tantas, entre elas, são a vergonha de sua família!

Amáveis cérebros, que vos divertis a respeito do Espiritismo, gostaríeis de me dizer qual a panacéia que inventastes para purificar a família, para lhe dar vida? Eu o sei, em fato de moral, sois fluentes; muitas frases, gemidos sobre os povos que caem, sobre a falta de educação das massas; mas para levantar moralmente a mulher, que fizestes? Nada... Grandes senhores da literatura quantas vezes pisastes as santas leis do respeito da mulher, que enalteceis tanto! Ai! desconheceis Deus e desprezais profundamente a mulher, quer dizer, a família e o futuro da nação!

É nela e por ela que deverão se elaborar os sérios problemas sociais do futuro! O que sois incapazes de fazer, vós o sabeis bem, o Espiritismo o fará e dará à mulher essa fé robusta que ergue as montanhas, fé que lhes ensina sua força e seu valor, tudo que Deus promete por sua doçura, sua inteligência, sua poderosa vontade. Compreendendo as leis magníficas desenvolvidas pelo *O Livro dos Espíritos*, nenhuma entre elas, quererá entregar nem seu corpo nem sua alma; filha de Deus, ela amará em seus filhos a visita do Espírito criador; quererá saber para ensinar os seus; amará seu país e saberá sua história, a fim de iniciar seus filhos nas grandes idéias progressivas. Elas serão mães e médicas, conselheiras e diretoras; em uma palavra, serão mulheres segundo o Espiritismo, quer dizer, o futuro, o progresso e a grandeza da pátria numa maior expressão.

BALUZE.

(Continuação. - 27 de outubro de 1865.)

Em minha última comunicação, meus amigos, eu vos mostrei as mulheres sob dois aspectos, e acrescentei que a instrução numas e a ignorância em outras tinham produzido resultados negativos. No entanto, há sérias exceções que parecem desafiar a regra. Há jovens que sabem estudar e pôr em proveito o que ensinam seus mestres. Estas não são vãs nem levianas, sua constante distração não é um pequeno enfeite ou uma fita! - Nutridas por fortes e sérias lições elas amam o que engrandece o espírito, o que lhes dá a calma íntima, essa calma dos fortes e das naturezas generosas.

No casamento, elas prevêm a família; elas desejam com todos seus votos o filho bem-amado, o bem-vindo, não para deixá-lo e lançá-lo aos cuidados interessados, mas bem para lhe sacrificar sua vida inteira. O recém-nascido é o centro de tudo; para ele, o primeiro pensamento; para ele, as carícias e as preces ardentes, as noites sem sono, os dias muito curtos em que se preparam os mil detalhes que serão o bem-estar do novo encarnado. A criança é o estudo, é o amor sob suas mil formas. O esposo se torna amável; e esquece o rude labor da jornada ou as distrações mundanas para sustentar os

primeiros passos da criança e dá uma forma às suas primeiras sílabas. Respeito, pois, essas exceções exemplares que sabem desafiar a tentação e fugir dos prazeres para se devotarem e viver como mães divinamente inteligentes.

Simples e pobres operárias; corações ulcerados que amais vossa única esperança: vosso filho, há muito a dizer sobre a vossa abnegação, vosso sentimento profundo do dever, vossa mansuetude diante dos aborrecimentos de cada dia!

Nada vos desanima para consolar o pequeno anjo; é para vós a força e o trabalho, esse sublime egoísmo que vos faz sacrificar noite e dia.

Mas se a religião, ou antes os diversos cultos unidos à instrução, não puderam destruir no rico e no pobre essa tendência geral a mal viver e ignorar o objetivo da vida, é que nem os cultos nem a instrução não souberam até este dia impressionar vivamente a infância. Falam-lhe constantemente de interesses inimigos. Os pais que lutam contra as necessidades da vida, se explicam diante desses jovens corações com uma erudição cínica. Apenas têm eles as percepções das primeiras palavras, que já sabem que se pode ser colérico, violento, e que o interesse pessoal é o pivô em torno do qual gira cada indivíduo. Essas primeiras impressões os exploram largamente... Religião e instrução serão doravante palavras vãs se não tenderem a aumentar quando mesmo o bem-estar e a fortuna!

E quando levamos a todos os ecos o pensamento espírita, pensamento que desperta todas as generosas paixões, pensamento que dá uma certeza como um problema matemático, caçoam de nós! De supostos liberais agem com afetação para nos sentir ridículos e ignorantes. Não sabemos escrever... Nada de estilo!... somos modelo de inépcia, de loucos... bons para serem internados no Charenton. E os apóstolos do livre pensamento acentuariam de bom grado a autoridade para perseguirem, com a ajuda do Código penal, esses iluminados que fazem abaixar o bom senso público!

Felizmente a opinião das massas não pertence nem a uma folha nem a um escritor; ninguém tem o direito de ter mais de espírito e de bom senso do que todo o mundo, e neste tempo em que simples folhetinistas pretendem partir em dois os teólogos, os filósofos, os gênios sob todas as formas, o bom senso em sua maior expressão, ocorre que cada um quer saber por si mesmo. Cortejam-se sempre os homens e as coisas dos quais se diz mais mal; e, depois de ter lido e escutado, deixam de lado todos os panfletos insolentes, todas as insinuações malévolas, para prestar homenagem à verdade que toca todos os espíritos.

E é por isto que o Espiritismo cresce sob os vossos golpes. As famílias nos aceitam e nos bendizem. Um pai laborioso, se tem um filho verdadeiramente espírita, não o verá, como no passado, desertar da casa para viver maldizente. Não será ele que arruinará sua família, venderá sua consciência e negará as leis sagradas do respeito devido à mulher, à criança. Ele sabe que Deus existe; conhece as leis fluídicas do Espírito e a existência da alma com todas as suas conseqüências admiráveis. É um homem sério, probo, fraterno, caridoso, e não um fantoche bem educado, e não um traidor ávida, a Deus, aos seus amigos, aos seus parentes e a si mesmo.

As mães serão realmente mães; penetradas do espírito espírita, serão a salvaguarda de seus filhos amados; ensinando-lhes o papel magníficos que estão chamados a desempenhar, dar-lhes-á a consciência de seu valor. O destino do homem lhe pertence por direito, e para cumprir o dever, ser-lhe-á preciso se instruir a fim de ornamentar dignamente o filho que Deus envia. O saber não será mais o corolário dos desejos desenfreados e das invejas, mas bem, ao contrário, o complemento da dignidade e do respeito de sua pessoa. Contra tais mulheres, que poderão as tentações e as paixões desregradas? Por égide, elas terão Deus e seu direito, e além disto essa aquisição superior que nos vem das coisas superiores.

Ora, o que é a mulher, senão a família, e o que é a família, senão a nação? Tais mulheres, tal povo. - Portanto, queremos criar o que destruístes pelos extremos. A idade

Média rebaixou a mulher pela superstição. Vós, senhores livres pensadores, é pelo ceticismo!... Nem um nem o outro são bons! Moralizemos primeiro; nós realçamos a liberta, a mulher, para instruí-la em seguida. Vós, quereis instruí-la, sem moralizá-la!

E é por isto, que a geração atual vos escapa, e as mães de família não serão mais uma exceção.

BALUZE.
ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

COLETÂNEA FRANCESA

CONTENDO

Os fatos de manifestação dos Espíritos, assim como todas as notícias relativas ao Espiritismo. - O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do mundo invisível, sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e seu futuro. - A história do Espiritismo na antigüidade; suas relações com o magnetismo e o sonambulismo; a explicação das lendas e crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc.

PUBLICADA SOB A DIREÇÃO

DE ALLAN KARDEC

Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.
O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito

NONO ANO. – 1866

INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPIRITA

Av Otto Barreto, 1067 - Caixa Postal 110
Fone: (19) 541-0077 - Fax: (19) 541-0966
CEP 13 602 970 - Araras - Estado de São Paulo - Brasil
C.G.C. (MF) 44.220.101/0001-43 Inscrição Estadual 182 010 405.118

Título original em francês:

REVUE SPIRITE

JOURNAL D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES

Tradução: SALVADOR GENTILE

Revisão: ELIAS BARBOSA

1ª edição - 1.000 exemplares - 1993
© 1993, Instituto de Difusão Espírita

**ÍNDICE GERAL DAS MATÉRIAS
DO NONO VOLUME
ANO**

JANEIRO

As mulheres têm uma alma?
Considerações sobre a prece no Espiritismo
Necrologia. -Morte do Sr. Didier, Livreiro Editor.
Correspondência.-Cartado Sr. Jaubert
A jovem cataléptica de Souabe.-Estudo psicológico
Poesias Espíritas. - Alfred de Musset
Espiritismo toma lugar na filosofia e nos conhecimentos usuais. - Dicionário Universal.

FEVEREIRO

O Espiritismo segundo os Espíritas. - Extraído do jornal *la Discussion*.
Curas de Obsessões
O Naufrágio do *Borysthène*
Antropogíafia
A Espineta de Henry III.
Os ratos do Équihen.
Novo e definitivo enterro do Espiritismo
Os Qüiproquós.
Notícias Bibliográficas.-Dicionário Universal

MARÇO

Introdução ao estudo dos fluidos espirituais
O Espiritismo e a Magistratura. - As perseguições judiciárias contra os Espíritas. - Cartas de um juiz de instrução .
Variedades. -A rainha Vitória e o Espiritismo.
Poesias Espíritas. -Méry, o Sonhador.
A prece da morte para os mortos
Notícia bibliográfica.-Cantata espírita.
A Lei Humana-dissertação espírita.
Mediunidade mental
Notícias Bibliográficas.-Espírita, por Théophile Gautier
A Mulherdo Espírita, por Angede Kéraniou
As forças naturais desconhecidas, por Hermes

ABRIL

Darevelação.
O Espiritismo sem os Espíritos.
O Espiritismo independente
ASaint-Charie magneno colégio de Chartres
Uma visão de Paulo I
O sonho do senhor de Cosnac .
Pensamentos Espíritas; poesia do Sr. Eugène Nus
Carta do Sr. F. Blanchard ao jornal *La Liberte*
Notícias Bibliográficas. - Eu sou Espírita? PorSylvain Alquié
Carta aos srs. Diretores e redatores dos jornais anti-espíritas, por A.Grelez
Philosophie spirite, por Augustin Babin.
O Guia do feliz, ou deveres gerais do homem por amor a Deus
Noções de astronomia científica, psicológica e moral, pelo mesmo

MAIO

Deus está por toda a parte
A visão de Deus
Uma ressurreição.

Conversas de Além-Túmulo. -O Abade Laverdet
Um pai descuidado com seus filhos
Lembranças retrospectivas de um Espírito.
Necrologia.-Morte do doutor Cailleux, de Montreuil-sur-Mer.
Dissertações Espíritas. -Instruções para o Sr. Allan Kardec.
Do consentimento à prece.
Espiritismo obriga.

JUNHO

Monomania incendiária precoce. -Estudomoral.
Tentativa de assassinato contra o imperador da Rússia. - Estudo psicológico
Um sonho instrutivo -
Visão retrospectiva de diversas encarnações de um Espírito. -Sono dos Espíritos
Perguntas e Problemas.-Está no ar
Poesias Espíritas.-Para o teu livro.
A lagarta e a borboleta.
Dissertações espíritas. - Ocupações dos Espíritos
Suspensão na Assistência dos Espíritos
O trabalho.
Notícias bibliográficas. -Os Evangelhos explicados, por Sr. Roustaing
A Voz de Deus, jornal espírita italiano

JULHO

Do projeto de caixa geral de socorro e outras instituições para os Espíritas.
Estatística da loucura
Morte de JosephMéry. ,.
Perguntas e problemas. - Identidade dos Espíritos nas comunicações particulares .
Qualificação de santo aplicada a certos Espíritos.
Visão retrospectiva das existências dos Espíritos, a propósito do doutor Cailleux
Poesia Espírita.-A prece para os Espíritos

AGOSTO

Maomé e o Islamismo.
Os profetas do passado, intitulada por BarbeytfAurévilly
Das criações fantásticas da imaginação. -As visões da senhora Cantianille B.
Perguntas e problemas.-Filhos guias espirituais de seus pais
Comunicação com os seres que nos são caros
Perfectibilidadedos Espíritos.

SETEMBRO

Os irmãos Davemport em Bruxelas.
Espiritismo não pede mais do que ser conhecido
Extrato do progrès colonial da ilha Maurice.
Os fenômenos apócrifos.
Cabelos embranquecidos sob a impressão de um sonho
Variedades. -Mediunidade vidente nas crianças

OUTUBRO

Os tempos são chegados.
O zuavo curador do campo de Châlons.

NOVEMBRO

Maomé e o Islamismo (2º artigo).
Sonambulismo medianímico espontâneo
Considerações sobre a propagação da mediunidade curadora.
Subscrição para os inundados

DEZEMBRO

O lavrador Thomas Martin e Louis XVIII

O príncipe de Hohenlohe, médium curador.

Variedades. –Senhorita Dumesnil, jovem atraente.

Revista dos artigos publicados pela imprensa com relação ao Espiritismo

Santo Agostinho acusado de cretinismo.

Notícias bibliográficas. - Novos princípios de filosofia médica, pelo doutor Chauvet, de Tours .

Os dogmas da igreja do Cristo. - Explicados pelo Espiritismo, por Apolon de Boltinn.

Necrologia.-SenhoraDozon;-Sr. Fournier;-Sr. D'Ambel

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

9ª ANO

NO. 1

JANEIRO 1866

AS MULHERES TEM UMA ALMA?

As mulheres têm uma alma? Sabe-se que a coisa não foi sempre tida por certa, uma vez que foi, diz-se, posta em deliberação num concílio. A negação é ainda um princípio de fé em certos povos. Sabe-se a que grau de aviltamento essa crença as reduziu na maioria dos países do Oriente. Se bem que hoje, entre os povos civilizados, a questão esteja resolvida em seu favor, o preconceito de sua inferioridade moral se perpetuou no ponto que um escritor do último século, cujo nome não nos vem à memória, definiu assim a mulher: "Instrumento dos prazeres do homem," definição mais muçulmana do que cristã. Desse preconceito nasceu sua inferioridade legal, que não foi ainda apagada de nossos códigos. Por muito tempo elas aceitaram essa escravização como uma coisa natural, tanto é poderoso o império do hábito. Ocorre assim com aqueles que, devotados à escravização de pai a filhos, acabam por se crer de uma outra natureza que seus senhores.

No entanto, o progresso das luzes ergueu a mulher na opinião; ela é muitas vezes afirmada pela inteligência e pelo gênio, e a lei, embora considerando-a ainda como menor, pouco a pouco afrouxa os laços da tutela. Pode-se considerá-la como emancipada moralmente, se ela não o é legalmente; é a este último resultado ao qual ela chegará um dia, pela força das coisas.

Leu-se recentemente nos jornais que uma senhorita de vinte anos vinha de sustentar com pleno sucesso o exame do bacharelado, diante da faculdade de Montpellier. É, diz-se, o quarto diploma de bacharel concedido a uma mulher. Não faz ainda muito tempo a questão foi agitada para saber se o grau de bacharel podia ser conferido a uma mulher. Se bem que isso parecesse a alguns uma monstruosa anomalia, reconheceu-se que os regulamentos sobre a matéria não faziam menção das mulheres, não se achando excluídas legalmente. Depois de ter reconhecido que elas têm uma alma, se lhes reconheceu o direito de conquistar os graus da ciência, é já alguma coisa. Mas a sua libertação parcial não é senão o resultado do desenvolvimento da urbanidade, do abrandamento dos costumes, ou, querendo-se, de um sentimento mais exato da justiça; é uma espécie de concessão que se lhe faz, e, é preciso bendizê-la, se lhes regateando o mais possível.

A colocação em dúvida da alma da mulher seria hoje ridícula, mas uma questão muito de outro modo séria se apresenta aqui, e cuja solução pode unicamente estabelecer se a igualdade de posição social entre o homem e a mulher é de direito natural, ou se é uma concessão feita pelo homem. Notamos de passagem que se essa igualdade não é senão uma outorga do homem por condescendência, o que lhe dá hoje pode lhe retirar amanhã, e que tendo para ele a força material, salvo algumas exceções individuais, no conjunto ele será sempre o superior; ao passo que se essa igualdade está na Natureza, seu reconhecimento é o resultado do progresso, e uma vez reconhecida, ela é imprescritível.

Deus criou almas machos e almas fêmeas, e fez estas inferiores às outras? Aí está toda a questão. Se ocorre assim, a inferioridade da mulher está nos decretos divinos, e nenhuma lei humana poderia transgredi-los. Ao contrário, criou-as iguais e semelhantes, as desigualdades fundadas pela ignorância e pela força bruta, desaparecerão com o progresso e o reino da justiça.

O homem entregue a si mesmo não podia estabelecer a esse respeito senão hipóteses mais ou menos racionais, mas sempre controvertidas; nada, no mundo visível, podia lhe dar a prova material do erro ou da verdade de suas opiniões. Para se esclarecer, seria preciso remontar à fonte, folhear nos arcanos do mundo extra-corpóreo que ele não conhece. Estava reservado ao Espiritismo resolver a questão, não mais pelo raciocínio mas pelos fatos, seja pelas revelações de além-túmulo, seja pelo estudo que ele é capaz de fazer diariamente sobre o estado das almas depois da morte. E,

coisa capital, esses estudos não são o fato nem de um único homem, nem das revelações de um único Espírito, mas o produto de inumeráveis observações idênticas feitas diariamente por milhares de indivíduos, em todos os países, e que receberam a sanção poderosa do controle universal, sobre o qual se apoiam todas as doutrinas da ciência espírita. Ora, eis o que resulta dessas observações.

As almas ou Espíritos não têm sexo. As afeições que as une nada têm de carnal, e, por isto mesmo, são mais duráveis, porque são fundadas sobre uma simpatia real, e não são subordinadas às vicissitudes da matéria.

As almas se encarnam, quer dizer, revestem temporariamente um envoltório carnal semelhante para elas a um pesado invólucro do qual a morte as desembaraça. Esse envoltório material, pondo-as em relação com o mundo material, neste estado, elas concorrem para o progresso material do mundo que habitam; a atividade que são obrigadas a desdobrar, seja para a conservação da vida, seja para se proporcionarem o bem-estar, ajuda seu adiantamento intelectual e moral. A cada encarnação a alma chega mais desenvolvida; traz novas idéias e os conhecimentos adquiridos nas existências anteriores; assim se efetua o progresso dos povos; os homens civilizados de hoje são os mesmos que viveram na Idade Média e nos tempos de barbárie, e que progrediram; aqueles que viverão nos séculos futuros serão os de hoje, mas ainda mais avançados intelectualmente e moralmente.

Os sexos não existem senão no organismo; são necessários à reprodução dos seres materiais; mas os Espíritos, sendo a criação de Deus, não se reproduzem uns pelos outros, é por isto que os sexos seriam inúteis no mundo espiritual.

Os Espíritos progridem pelo trabalho que realizam e as provas que têm que suportar, como o operário em sua arte pelo trabalho que faz. Essas provas e esses trabalhos variam segundo a sua posição social. Os Espíritos devendo progredir em tudo e adquirir todos os conhecimentos, cada um é chamado a concorrer aos diversos trabalhos e a suportar os diferentes gêneros de provas; é por isto que renascem alternativamente como ricos ou pobres, senhores ou servidores, operários do pensamento ou da matéria.

Assim se encontra fundado, sobre as próprias leis da Natureza, o princípio da igualdade, uma vez que o grande da véspera pode ser o pequeno do dia de amanhã, e reciprocamente. Deste princípio decorre o da fraternidade, uma vez que, nas relações sociais, reencontramos antigos conhecimentos, e que no infeliz que nos estende a mão pode se encontrar um parente ou um amigo.

É no mesmo objetivo que os Espíritos se encarnam nos diferentes sexos; tal que foi homem poderá renascer mulher, e tal que foi mulher poderá renascer homem, afim de cumprir os deveres de cada uma dessas posições, e delas suportar as provas.

A Natureza fez o sexo feminino mais frágil do que o outro, porque os deveres que lhe incumbem não exigem uma igual força muscular e seriam mesmo incompatíveis com a rudeza masculina. Nele a delicadeza das formas e a fineza das sensações são admiravelmente apropriadas aos cuidados da maternidade. Aos homens e às mulheres

são, pois, dados deveres especiais, igualmente importantes na ordem das coisas; são dois elementos que se completam um pelo outro.

O Espírito encarnado sofrendo a influência do organismo, seu caráter se modifica segundo as circunstâncias e se dobra às necessidades e aos cuidados que lhe impõem esse mesmo organismo. Essa influência não se apaga imediatamente depois da destruição do envoltório material, do mesmo modo que não se perdem instantaneamente os gostos e os hábitos terrestres; depois, pode ocorrer que o Espírito percorra uma série de existências num mesmo sexo, o que faz que, durante muito tempo, ele possa conservar, no estado de Espírito, o caráter de homem ou de mulher do qual a marca permaneceu nele. Não é senão o que ocorre a um certo grau de adiantamento e de desmaterialização que a influência da matéria se apaga completamente, e com ela o caráter dos sexos. Aqueles que se apresentam a nós como homens ou como mulheres, é para lembrar a existência na qual nós os conhecemos.

Se essa influência repercute da vida corpórea à vida espiritual, ocorre o mesmo quando o Espírito passa da vida espiritual à vida corpórea. Numa nova encarnação, ele trará o caráter e as inclinações que tinha como Espírito; se for avançado, fará um homem avançado; se for atrasado, fará um homem atrasado. Mudando desexo, poderá, pois, sob essa impressão e em sua nova encarnação, conservar os gostos, as tendências e o caráter inerentes ao sexo que acaba de deixar. Assim se explicam certas anomalias aparentes que se notam no caráter de certos homens e de certas mulheres.

Não existe, pois, diferença entre o homem e a mulher senão no organismo material que se aniquila na morte do corpo; mas quanto ao Espírito, à alma, ao ser essencial, imperecível, ela não existe uma vez que não há duas espécies de alma; assim o quis Deus, em sua justiça, para todas as suas criaturas; dando a todas um mesmo princípio, fundou a verdadeira igualdade; a desigualdade não existe senão temporariamente no grau de adiantamento; mas todas têm o direito ao mesmo destino, ao qual cada um chega pelo seu trabalho, porque Deus nisso não favoreceu ninguém às expensas dos outros.

A doutrina materialista coloca a mulher numa inferioridade natural da qual ela não é erguida senão pela boa vontade do homem. Com efeito, segundo essa doutrina, a alma não existe, ou, se existe, ela se extingue com a vida ou se perde no todo universal, o que vem a ser o mesmo. Não resta, pois, à mulher senão sua fraqueza corpórea que a coloca sob a dependência do mais forte. A superioridade de algumas não é senão uma exceção, uma bizarrice da Natureza, um funcionamento dos órgãos, e não poderia fazer bem, a doutrina espiritualista vulgar reconhece muito a existência da alma individual e imortal, mas é impotente para provar que não existe uma diferença entre a do homem e a da mulher, e portanto uma superioridade natural de uma sobre a outra.

Com a Doutrina Espírita, a igualdade da mulher não é mais uma simples teoria especulativa; não é mais uma concessão da força à fraqueza, é um direito fundado sobre as próprias leis da Natureza. Fazendo reconhecer estas leis, o Espiritismo abre a era da emancipação legal da mulher, como abre a da igualdade e da fraternidade.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRECE NO ESPIRITISMO.

Cada um é livre para encarar as coisas à sua maneira, e nós, que reclamamos essa liberdade para nós, não podemos recusá-la aos outros. Mas, do fato de que uma opinião seja livre, não se segue que não se possa discuti-la, examinar-lhe o forte e o fraco, pesar-lhe as vantagens ou os inconvenientes.

Dizemos isto a propósito da negação da utilidade da prece, que algumas pessoas gostariam de erigir em sistema, para dela fazer a bandeira de uma escola dissidente. Essa opinião pode se resumir assim:

"Deus estabeleceu leis eternas, às quais todos os seres estão submetidos; não podemos nada lhe pedir e não lhe temos a agradecer nenhum favor especial, portanto, é inútil orar-lhe.

"A sorte dos Espíritos está traçada; é, pois, inútil orar por eles. Não podem mudar a ordem imutável das coisas, portanto, é inútil orar por eles.

"O Espiritismo é uma ciência puramente filosófica; não só não é uma religião, mas não deve ter nenhum caráter religioso. Toda prece dita nas reuniões tende a manter a superstição e a beatice."

A questão da prece foi, há muito tempo, discutida para que seja inútil repetir aqui o que se sabe a esse respeito. Se o Espiritismo proclama-lhe a utilidade, não é por espírito de sistema, mas porque a observação permitiu constatar-lhe a eficácia e o modo de ação. Desde então que, pelas leis fluídicas, compreendemos o poder do pensamento, compreendemos também o da prece, que é, ela mesma, um pensamento dirigido para um objetivo determinado.

Para algumas pessoas, a palavra *prece* não revela senão uma idéia de pedido; é um grave erro. Com relação à divindade é um ato de adoração, de humildade e de submissão ao qual não se pode recusar sem desconhecer o poder e a bondade do Criador. Negar a prece a Deus é reconhecer Deus como um fato, mas é recusar prestar-lhe homenagem; está ainda aí uma revolta do orgulho humano.

Com relação aos Espíritos, que não são outros senão as almas de nossos irmãos, a prece é uma identificação de pensamentos, um testemunho de simpatia; repeli-la, é repelir a lembrança dos seres que nos são caros, porque essa lembrança simpática e benevolente é em si mesma uma prece. Aliás, sabe-se que aqueles que sofrem a reclamam com instância como um alívio às suas penas; se a pedem, é, pois, que delatam necessidade; recusá-la é recusar o copo d'água ao infeliz que tem sede.

Além da ação puramente moral, o Espiritismo nos mostra, na prece, um efeito de alguma sorte material, resultante da transmissão fluídica. Sua eficácia, em certas doenças, está constatada pela experiência, como é demonstrada pela teoria. Rejeitar a prece é, pois, privar-se de um poderoso auxiliar para o alívio dos males corpóreos.

Vejamos agora qual seria o resultado dessa doutrina, e se ela teria alguma chance de prevalecer.

Todos os povos oram, desde os selvagens aos homens civilizados; a isto são levados pelo instinto, e é o que os distingue dos animais. Sem dúvida, oram de uma maneira mais ou menos racional, mas, enfim, eles oram. Aqueles que, por ignorância ou presunção, não praticam a prece, formam, no mundo, uma ínfima minoria.

A prece é, pois, uma necessidade universal, independente das seitas e das nacionalidades. Depois da prece, estando-se fraco, sente-se mais forte; estando-se triste, sente-se consolado; tirar a prece é privar o homem de seu mais poderoso sustento moral na adversidade. Pela prece ele eleva sua alma, entra em comunhão com Deus, se identifica com o mundo espiritual, *desmaterializa-se*, condição essencial de sua felicidade futura; sem a prece, seus pensamentos ficam sobre a Terra, se prendem cada vez mais às coisas materiais; daí um atraso em seu adiantamento.

Contestando um dogma, não se coloca em oposição senão com a seita que o professa; negando a eficácia da prece, melindra o sentimento íntimo da quase unanimidade dos homens. O Espiritismo deve as numerosas simpatias que encontra às aspirações do coração, e nas quais as consolações que se haurem na prece entram com uma grande parte. Uma seita que se fundasse sobre a negação da prece, privar-se-ia do principal elemento de sucesso, a simpatia geral, porque em lugar de aquecer a alma, ela a gelaria; em lugar de elevá-la, a rebaixaria. Se o Espiritismo deve ganhar em influência, isto é aumentando a soma das satisfações morais que proporciona. Que todos aqueles que querem a todo preço novidade no Espiritismo, para ligar seu nome à sua bandeira, se

esforcem para dar mais do que ele; jamais dando menos do que ele que o suplantarão. A árvore despojada de seus frutos saborosos e nutritivos será sempre menos atraente que aquela que deles está ornamentada. É em virtude do mesmo princípio que sempre temos dito aos adversários do Espiritismo: O único meio de matá-lo, é dar alguma coisa de melhor, de mais consolador, que explique mais e que satisfaça mais. E é o que ninguém ainda fez.

Pode-se, pois, considerar a rejeição da prece, da parte de alguns crentes nas manifestações espíritas, como uma opinião isolada que pode reunir algumas individualidades, mas que jamais reunirá a maioria. Seria errado que se imputasse essa doutrina ao Espiritismo, uma vez que ele ensina positivamente o contrário.

Nas reuniões espíritas, a prece predispõe ao recolhimento e à seriedade, condição indispensável, como se sabe, para as comunicações sérias. Quer dizer que ele manda transformá-las em assembléias religiosas? De nenhum modo; o sentimento religioso não é sinônimo de protestante; deve-se mesmo evitar o que poderia dar às reuniões esse último caráter. É nesse sentido que constantemente desaprovamos as preces e os símbolos litúrgicos de um culto qualquer. Não é preciso esquecer que o Espiritismo deve tender para a aproximação das diversas comunhões; já não é raro ver nessas reuniões a confraternização dos representantes de diversos cultos, e é porque ninguém deve se arrogar a supremacia. Que cada um em seu particular ore como o entende, é um direito de consciência; mas numa assembléia fundada sobre o princípio da caridade, deve-se abster de tudo o que poderia ferir suscetibilidades, e tender a manter uma antagonismo que se deve ao contrário se esforçar em fazer desaparecer. As preces especiais ao Espiritismo não constituem, pois, um culto distinto, desde o instante em que elas não são impostas e cada uma está livre para dizer aquelas que lhe convém; mas elas têm a vantagem de servir para todo mundo e de não ferir ninguém.

O mesmo princípio de tolerância e de respeito para com as convicções alheias nos faz dizer que toda pessoa razoável que as circunstâncias levam num templo, de um culto do qual não partilha as crenças, deve se abster de todo sinal exterior que poderia escandalizar os assistentes; ela deve, tem mesmo necessidade, de sacrificar aos usos de pura forma que não podem em nada empenhar sua consciência. Que Deus seja adorado num templo de maneira mais ou menos lógica, isto não é um motivo para ferir aqueles que acham essa maneira boa.

O Espiritismo dando ao homem uma certa soma de satisfações e provando um certo número de verdades, dissemos que não poderia ser substituído senão por alguma coisa que desse mais e provasse melhor do que ele. Vejamos se isto é possível. O que faz a principal autoridade da Doutrina é que não há um único de seus princípios que seja o produto de uma idéia preconcebida ou de uma opinião pessoal; todos, sem exceção, são o resultado da observação dos fatos; foi unicamente pelos fatos que o Espiritismo chegou a conhecer a situação e as atribuições dos Espíritos, assim como as leis, ou melhor uma parte das leis que regem suas relações com o mundo invisível; este é um ponto capital. Continuando a nos apoiar sobre a observação, fazemos filosofia experimental e não especulativa. Para combater as teorias do Espiritismo, não basta, pois, dizer que elas são falsas, seria preciso opor-lhes fatos dos quais estariam impossibilitadas de dar a solução. E neste caso mesmo manter-se-á sempre num nível, porque seria contrário à sua essência se obstinar numa idéia falsa, e que se esforçará sempre em preencher as lacunas que possa apresentar, não tendo a pretensão de ter chegado ao apogeu da verdade absoluta. Essa maneira de encarar o Espiritismo não é nova; pode-se vê-la em todos os tempos formulada em nossas obras. Desde que o Espiritismo não se declara nem estacionário nem imutável, ele assimilará todas as verdades que forem demonstradas, de qualquer parte que venham, fosse da de seus antagonistas, e não permanecerá jamais atrás do progresso real. Ele assimilará essas verdades, dizemos nós, mas somente quando forem claramente demonstradas, e não porque agradaria alguém

de dar por elas, ou seus desejos pessoais ou os produtos de sua imaginação. Estabelecido este ponto, o Espiritismo não poderia perder senão se se deixasse distanciar por uma doutrina que daria mais do que ele; nada a temer daquelas que dariam menos e dele fortificariam o que faz a sua força e a sua principal atração.

Se o Espiritismo ainda não disse tudo, ele é, no entanto, uma certa soma de verdades adquiridas pela observação e que constituem a opinião da maioria dos adeptos; e se essas verdades passaram hoje ao estado de artigos de fé, para nos servir de uma expressão empregada ironicamente por alguns, isto não é nem por nós, nem por ninguém, nem mesmo por nossos Espíritos instrutores e elas foram assim colocadas e ainda menos impostas, mas pela adesão de todo mundo, cada um estando em condições de constatá-las.

Se, pois, uma seita se formasse em oposição com as idéias consagradas pela experiência e geralmente admitidas em princípio, ela não poderia conquistar as simpatias da maioria, da qual melindraria as convicções. Sua existência efêmera se extinguiria com o seu fundador, talvez mesmo antes, ou pelo menos com os poucos adeptos que ela teria podido reunir. Suponhamos o Espiritismo partilhado em dez, em vinte seitas, aquela que tiver a supremacia e mais vitalidade será naturalmente a que dará maior soma de satisfações morais, que encherá o maior número de vazios da alma, que será fundada sobre as provas mais positivas, e que melhor se colocará ao unísono com a opinião geral.

Ora, o Espiritismo, tomando o ponto de partida de todos os seus princípios na observação dos fatos, não pode ser derrubado por uma teoria; mantendo-se constantemente ao nível das idéias progressivas, não poderá ser ultrapassado; apoiando-se sobre o sentimento da maioria, ele satisfaz as aspirações da maioria; fundado sobre estas bases, é imperecível, porque aí está a sua força.

Aí está também a causa do insucesso das tentativas feitas para colocar-lhe obstáculos; em fato de Espiritismo, há idéias profundamente antipáticas à opinião geral e que esta repele instintivamente; erguer sobre essas idéias, como ponto de apoio, um edifício ou esperanças quaisquer, é agarrar-se desastrosamente a ramos partidos; eis ao que estão reduzidos aqueles que, não tendo podido derrubar o Espiritismo pela força, tentam derrubá-lo por si mesmo.

NECROLOGIA.

MORTE DO SR. DIDIER, LIVREIRO EDITOR.

O Espiritismo vem de perder um de seus adeptos mais sinceros e mais devotados na pessoa do Sr. Didier, morto no sábado, 2 de dezembro de 1865. Era membro da Sociedade Espírita de Paris desde a sua fundação, em 1858, e, como se sabe, o editor de nossas obras sobre a Doutrina. Na véspera ele assistiu à sessão da Sociedade, e no dia seguinte, às seis horas da tarde, morreu subitamente numa agência de ônibus, a alguns passos de sua casa, onde, muito felizmente, se encontrava um de seus amigos que pôde fazê-lo transportar a seu domicílio. Seus funerais ocorreram na terça-feira, 5 de dezembro.

O *Petit Journal*, anunciando a sua morte, acrescentou: "Nestes últimos tempos, o Sr. Didier havia editado o Sr. Allan Kardec, e tornou-se, *por polidez de editor*, ou por convicção, um adepto do Espiritismo."

Não pensamos que a mais delicada polidez faça a um editor a obrigação de esposar as opiniões de seus clientes, nem que tenha de se fazer judeu, por exemplo, porque editou as obras de um rabino. Tais restrições não são dignas de um escritor sério. O Espiritismo é uma crença como uma outra que conta mais de um livreiro em suas fileiras;

por que seria mais estranho que um livreiro fosse espírita do que ser católico, protestante, judeu, saint-simoniano, fouriirista ou materialista? Quando, pois, senhores, os livres pensadores admitirão a liberdade de consciência para todo o mundo? Teriam, por acaso, a singular pretensão de explorar a intolerância em seu proveito, depois de tê-la combatido nos outros? As opiniões espíritas do Sr. Didier eram conhecidas, e jamais disto fez mistério, porque, freqüentemente, ele quebrava lanças com os incrédulos. Era nele uma convicção profunda e de velha data, e não, como o supôs o autor do artigo, uma questão de circunstância ou uma polidez de editor; mas é tão difícil a esses senhores, para quem a Doutrina Espírita está no armário dos irmãos Davenport, convir que um homem de um valor intelectual notório creia nos Espíritos! Será preciso, no entanto, que se acostumem com essa idéia, porque nela há mais do que não supõem, da qual não tardarão a ter a prova.

O *Grand Journal* dele dá conta nestes termos:

"Morto também, o Sr. Didier, editor que publicou muitos belos e bons livros, em sua modesta oficina do cais dos Grands-Augustins. Nestes últimos tempos, o Sr. Didier era um adepto, -e o que vale mais ainda, - um editor fervoroso dos livros espíritas. O pobre homem deve saber agora a que se ater sobre as doutrinas do Sr. Allan Kardec."

É triste ver que a morte não é mesmo respeitada pelos senhores incrédulos, e que perseguem com suas zombarias os adeptos mais honrados, até além do túmulo. O que o Sr. Didier pensava da Doutrina quando vivo? Um fato lhe prova a impossibilidade dos ataques dos quais era o objeto, é que no momento de sua morte fazia imprimir a 14-edição de *O Livro dos Espíritos*. O que ele pensa disto agora? é que haveria grandes desapontamentos e mais de uma defecção de seus antagonistas.

O que poderia nos dizer nesta circunstância se encontra resumido na alocução seguinte, pronunciada na Sociedade de Paris, em sua sessão de 8 de dezembro.

Senhores e caros colegas,

Ainda um dos nossos que vem de partir para a celeste pátria! Nosso colega, o Sr. Didier, deixou sobre a Terra seu despojo mortal para revestir o envoltório dos Espíritos.

Embora há muito tempo sua saúde vacilante haja colocado várias vezes sua vida em perigo, e embora a idéia da morte nada tenha de apavorante para nós, Espíritas, seu fim chegou tão inopinadamente, no dia seguinte ao dia em que assistiu à nossa sessão, que causou entre nós todos uma profunda emoção.

Há nesta morte, por assim dizer fulminante, uma grande advertência: é que nossa vida se prende por um fio que pode se romper no momento em que menos o esperamos, porque, muito freqüentemente, a morte chega sem avisar! Ela adverte assim os sobreviventes para se manterem sempre prontos para responderem ao chamado do Senhor, a fim de darem conta do emprego da vida que nos dá.

Se bem que o Sr. Didier não tomasse uma parte pessoal muito ativa nos trabalhos da Sociedade, onde tomava muito raramente a palavra, nem por isto foi menos um dos membros mais consideráveis pela sua antigüidade, como membro fundador, pela sua assiduidade, e sobretudo pela sua posição, sua influência e os incontestáveis serviços que prestou à causa do Espiritismo, como propagador e como editor. As relações que tive com ele durante sete anos me puseram em condições de apreciar sua retidão, sua lealdade e suas capacidades especiais. Sem dúvida, ele tinha, como cada um de nós, seus pequenos defeitos que não agradam a todo mundo, às vezes mesmo uma rudeza com a qual era preciso se familiarizar, mas que nada tirava às suas eminentes qualidades, e o mais belo elogio que se lhe possa fazer é dizer que nos negócios podia-se ir com com ele de olhos fechados.

Comerciante, ele devia encarar as coisas comercialmente, mas não o fazia com pequenez e parcimônia; ele era grande, generoso, sem mesquinhez em suas operações;

a atração do ganho não lhe fez empreender uma publicação que não lhe tivesse convido, embora vantajosa que ela pudesse ser. Em uma palavra, o Sr. Didier não era o vendedor de livros, calculando centavo a centavo seu lucro, mas o editor inteligente, justo apreciador, consciencioso e prudente, tal quanto o era necessário para fundar uma casa séria como a sua. Suas relações com o mundo sábio no qual era amado e estimado, haviam desenvolvido suas idéias e contribuído para dar, à sua livraria acadêmica, o caráter sério que dela fez uma casa de primeira ordem, menos pelo montante dos negócios do que pela especialidade das obras que ele explorava, e a consideração comercial da qual ele gozava, há muitos anos, a justo título.

No que me concerne, felicito-me de tê-lo encontrado em meu caminho, o que devo, sem dúvida, à assistência dos bons Espíritos, e é com toda sinceridade que digo que o Espiritismo perde nele um apoio, e eu um editor tanto mais precioso quanto entrando perfeitamente no espírito da Doutrina, ele sentia uma verdadeira satisfação em propagá-la.

Algumas pessoas se surpreenderam de que eu não tivesse tomado a palavra em seu enterro; os motivos de minha abstenção são muito simples.

Direi primeiro que a família não me havia disso expressado o desejo, eu não sabia se isso lhe seria agradável ou não. O Espiritismo, que censura aos outros por se imporem, não deve incorrer numa mesma censura; ele não se impõe jamais: espera que se venha a ele.

Eu previa, além disso, que a assistência seria numerosa, e que entre ela se encontrariam muitas pessoas pouco simpáticas ou mesmo hostis às nossas crenças; além disto teria sido pouco conveniente ver nesse momento solene melindrar publicamente as convicções contrárias, isto poderia fornecer aos nossos adversários um pretexto para novas agressões. Neste tempo de controvérsia, talvez teria sido uma ocasião de fazer conhecer o que é a Doutrina; mas não teria sido esquecer o piedoso motivo que nos reunia? faltar ao respeito devido à memória daquele que vínhamos saudar em sua partida? Era sobre uma tumba entreaberta que convinha levantar a luva que nos é lançada? Havereis de convir, senhores, que o momento teria sido mal escolhido. O Espiritismo ganhará sempre mais com a estrita observação das conveniências que não perderá em deixar escapar uma ocasião de se mostrar. Ele sabe que não tem necessidade de violência; visa ao coração: seus meios de sedução são a doçura, a consolação e a esperança; é por isto que encontra cúmplices até nas fileiras inimigas. Sua moderação e seu espírito conciliador nos colocam em relevo *pelo contraste*; não percamos esta preciosa vantagem. Procuremos nos corações aflitos, as almas atormentadas pela dúvida: o número delas é grande; estarão ali nossos mais úteis auxiliares; com elas faremos mais prosélitos do que com o reclame e a encenação.

Eu teria podido, sem dúvida, limitar-me nas generalidades e fazer abstração do Espiritismo; mas de minha parte essa reticência teria podido ser interpretada como um temor ou uma espécie de retratação de nossos princípios. Em semelhante circunstância não posso falar senão decididamente ou calar-me; foi este último partido que tomei. Se se tratasse de um discurso comum e sobre um assunto banal, isto teria sido de outro modo; mas aqui o que teria podido dizer tinha um caráter especial.

Teria podido ainda limitar-me à prece que se encontra em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* por aqueles que acabam de deixar a Terra, e que produz sempre, em semelhante caso, uma sensação profunda; mas aqui se apresentava um outro inconveniente. O eclesiástico que acompanhou o corpo ao cemitério ficou até o fim da cerimônia, contrariamente aos hábitos comuns; ele escutou com firme atenção o discurso do Sr. Flammarion, e talvez esperasse, em razão das opiniões bem conhecidas do Sr. Didier e de suas relações com o Espiritismo, a alguma manifestação mais explícita. Depois das preces que vinha de dizer, e que, em sua alma e consciência são suficientes, via à sua presença dizer-lhe outras que são toda uma profissão de fé, um resumo de

princípios que não são os seus, isto teria sido o ar de um desafio que não está no espírito do Espiritismo. Talvez algumas pessoas não se irritassem por ver o conflito tácito que poderia disso resultar: foi o que as simples conveniências me mandaram evitar. As preces que cada um de nós disse em particular, e que podemos dizer entre nós, serão tanto proveitosas ao Sr. Dedier, se disso tiver necessidade, quanto se elas o tivessem sido com ostentação.

Crede bem, senhores, que tenho tanto quanto quem quer que seja no coração os interesses da Doutrina e que quando eu faço ou não faço uma coisa, é com madura reflexão e depois de pesar-lhe as conseqüências.

Nossa colega, senhora R.....veio da parte de alguns assistentes solicitar-me para tomar a palavra. Pessoas que ela não conhecia, acrescentou, disseram-lhe que tinham vindo de propósito ao cemitério na esperança de me ouvir; sem dúvida, era elogioso para mim, mas da parte dessas pessoas, era se enganar estranhamente sobre o meu caráter, pensando que um estimulante de amor-próprio pudesse me levar a falar, para satisfazer a curiosidade daqueles que tinham vindo por outro motivo do que aquele de prestar homenagem à memória do Sr. Dedier. Essas pessoas, sem dúvida, ignoram que se me repugna impor-me, não gosto mais de tomar atitude pretensiosa. Era o que a senhora R... teria podido lhe responder, acrescentando que me conhecia e me estimava bastante para estar certa de que o desejo de me pôr em evidência não teria nenhuma influência sobre mim.

Em outras circunstâncias, senhores, ter-me-ia feito um dever, teria sido feliz em prestar ao nosso colega um testemunho público de afeição em nome da Sociedade, representada em seus funerais por um grande número de seus membros; mas como os sentimentos estão mais no coração do que na demonstração, cada um de nós, sem dúvida, já lha havia prestado em seu foro íntimo; nesse momento em que estamos reunidos, paguemos-lhe entre nós o tributo de pesar, de estima e de simpatia, que ele merece, e esperemos que consinta retornar entre nós como no passado, e continuar, como Espírito, a tarefa espírita que havia empreendido como homem.

CORRESPONDÊNCIA.

CARTA DO SR. JAUBERT.

"Eu vos peço, meu caro senhor Kardec, inserir a carta seguinte no mais próximo número de vossa Revista. Certamente, sou bem pouca coisa, mas, enfim, tenho a minha apreciação, e a entrego à vossa modéstia. De um outro lado, quando a batalha se trava, prendo-me a provar que estou sempre sob a bandeira com minhas ombreiras de lá.

JAUBERT."

Sem a obrigação que disso nos é feito, em termos tão precisos, compreender-se-ão os motivos que nos terão impedido de publicar essa carta; estaremos contentes em conservá-la como um honroso e precioso testemunho, e de acrescentá-la às numerosas causas de satisfação moral que vêm nos sustentar e nos encorajar em nosso rude labor, e compensar as tribulações inseparáveis de nossa tarefa. Mas, de um outro lado, a questão pessoal posta à parte, neste tempo de desencadeamento contra o Espiritismo, os exemplos da coragem de opinião são tanto mais influentes quando falam de mais alto. É útil que a voz dos homens de coração, daqueles que, por seu caráter, suas luzes e sua posição comandam o respeito e a confiança, se faça ouvir; e se ela não pode dominar os clamores, de tais protestos não estão perdidas nem para o momento nem para o futuro.

Senhor e caro Mestre,

Não quero deixar morrer o ano de 1865 sem lhe dar graça por todo o bem que ele fez ao Espiritismo. Devemos-lhe a *Pluralidade das existências da alma*, por André Pezzani; a *Pluralidade dos mundos habitados*, por Camille Flammarion: dois gêmeos que nascem apenas e caminham a tão grandes passos no mundo filosófico.

Nós lhe devemos um livro, pequeno por suas páginas, grande por seus pensamentos; a simplicidade nervosa de seu estilo o disputa à severidade de sua lógica. Ele contém em germe a teologia do futuro; tem a calma da força, e a força da verdade. Eu gostaria que o volume tendo por título: *Céu e Inferno*, fosse editado em milhões de exemplares. Perdoai-me este elogio: vivi muito por ser entusiasta, e abomino a bajulação.

O ano de 1865 nos dá ESPÍRITA, novela fantástica. A literatura se decide a fazer invasão em nosso domínio. O autor não tirou do Espiritismo todos os ensinamentos que encerra. Ele coloca em saliência a idéia capital: a demonstração da alma imortal pelos fenômenos. Os quadros do pintor pareceram-me encantadores; não posso resistir ao prazer de uma citação.

"*Espírita*, o amante ignorado, sobre a Terra, de Guy de Malivert, acaba de morrer. Ela mesma descreve suas primeiras sensações. "O instinto da natureza lutava ainda contra a destruição; mas logo essa luta inútil cessou, e, num fraco suspiro, minha alma se exala de meus lábios.

"Palavras humanas não podem dar a sensação de uma alma que, liberta de sua prisão corpórea, passa desta vida para a outra, do tempo na eternidade, e do finito no infinito. Meu corpo imóvel e já revestido dessa brancura sem brilho, entregue à morte, jaz sobre seu leito fúnebre, cercado das religiosas em prece, e eu estava ali tão liberta quanto a borboleta pode estar de sua crisálida, despojo informe, para abrir suas jovens asas à luz desconhecida e subitamente revelada. A uma intermitente sombra profunda havia sucedido um deslumbramento do esplendor, um alargamento do horizonte, um desaparecimento de todo limite e de todo obstáculo que me embriagavam com uma alegria indescritível. Explosões de sentidos novos me faziam compreender os mistérios impenetráveis ao pensamento e aos órgãos terrestres. Desembaraçada dessa argila submetida às leis da gravidade que me pesaram recentemente ainda, eu me lancei com uma celeridade louca no insondável éter. As distâncias não existiam mais para mim, e meu simples desejo me fazia presente onde eu queria estar. Tracei grandes círculos de um vôo mais rápido do que a luz, através do azul vago dos espaços, como para tomar posse da imensidade, como cruzando os enxames de almas e de Espíritos."

E a tela se desenvolve sempre mais esplêndida; ignoro se, no fundo da alma, o Sr. Théophile Gautier é Espírita; mas seguramente serve aos materialistas, aos incrédulos de bebida salutar em taças de ouro magnificamente cinzeladas.

Abençôo ainda o ano de 1865 pelas violentas cóleras que encerrou em seus flancos. Ninguém quanto a isto se engana: os irmãos Davenport são menos a causa do que o pretexto da cruzada. Soldados de todos os uniformes apontaram contra nós seus canhões raiados. Que provaram, pois? A força e a resistência da cidadela assediada. Conheço um jornal do Sul muito difundido, muito estimado, e com razão, que, há muito tempo, enterra o Espiritismo pobremente uma vez por mês; de onde a consequência de que o Espiritismo ressuscita pelo menos doze vezes por ano. Vereis que o tornarão imortal à força de matá-lo.

Não tenho mais agora senão meus desejos de bom ano; meus primeiros votos são para vós, senhor e caro mestre, para vossa felicidade, para vossa obra tão valentemente empreendida e tão dignamente prosseguida.

Faço votos pela união íntima de todos os Espíritas. Vi com dor algumas nuvens leves caírem sobre nosso horizonte. Quem nos amará se não soubermos nos amar? Como o disseste muito bem no último número de vossa *Revista*: "*Quem crê na existência e na sobrevivência das almas, e na possibilidade das relações entre os homens e o mundo espiritual, é Espírita.*" Que esta definição fique, e sobre este terreno sólido estaremos sempre de acordo. E agora, se os detalhes de doutrina, mesmo importantes, às vezes nos dividem, discutamo-los, não como fraticidas, mas como homens que não têm senão um objetivo: o triunfo da razão, e pela razão, a procura do verdadeiro e do belo, o progresso da ciência, a felicidade da Humanidade.

Restam meus votos mais ardentes, os mais sinceros; eu os dirijo a todos aqueles que se dizem nossos inimigos: que Deus vos esclareça!

Adeus, senhor; recebei para vós e para todos os nossos irmãos de Paris a nova segurança de meus sentimentos afetuosos e de minha distinta consideração.

T. JAUBERT,

Vice- presidente do Tribunal.

Todo comentário sobre esta carta seria supérfluo; não acrescentaremos senão uma palavra, é que homens como o Sr. Jaubert honram a bandeira que carregam. Sua apreciação tão judiciosa sobre a obra do Sr. Théophile Gautier nos dispensa do relatório que nos propusemos disso fazer este mês; de novo falaremos disto no próximo número.

A JOVEM CATALÉPTICA DE SOUABE.

Estudo psicológico.

Sob o título de *Segunda vista*, vários jornais reproduziram o fato seguinte, entre outros *la Patrie*, de 26 e *l'Événement* de 28 de novembro.

"Espera-se em Paris a próxima chegada de uma jovem, originária da Souabe, cujo estado mental apresenta fenômenos que deixam muito longe os malabarismos dos irmãos Davenport e outros Espíritas.

"Com a idade de dezesseis anos e meio, Louise B... mora com seus pais, proprietários agrícolas num lugar dito o Bondru (Seine-et-Marne), onde se estabeleceram depois de deixarem a Alemanha.

"Em conseqüência de um violento desgosto, causado pela morte de sua irmã, Louise caiu num sono letárgico que se prolongou durante cinqüenta e seis horas. Depois desse lapso de tempo ela despertou, não à vida real e normal, mas a uma existência estranha que se resume nos fenômenos seguintes:

"Louise subitamente perdeu sua vivacidade e sua alegria, no entanto, sem sofrer, mas tomando posse de uma espécie de beatitude que se alia à calma mais profunda. Durante toda a duração do dia, ela fica imóvel sobre uma cadeira, não respondendo senão por monossílabos às perguntas que lhe são dirigidas. Chegada a noite, ela cai num estado cataléptico, caracterizado pela rigidez dos membros e a fixação do olhar.

"Nesse momento os sentidos da jovem adquirem uma sensibilidade e uma importância que ultrapassam os limites assinalados à força humana. Ela possui não só o dom da segunda vista, mas ainda o do segundo ouvido, quer dizer que ela ouve as palavras proferidas junto dela, e que ela ouve as que são emitidas num lugar mais ou menos distante, para o qual concentra sua atenção.

"Entre as mãos da cataléptica, cada objeto toma para ela uma dupla imagem. Como todo o mundo, ela tem o sentimento da forma e da aparência exterior desse objeto; além

disto, vê distintamente a representação de seu interior, quer dizer o conjunto das propriedades que ele possui e os usos aos quais está destinado na ordem da criação.

"Numa quantidade de plantas, de amostras metálicas e mineralógicas, submetidas à sua inconsciente apreciação, ela assinalou as virtudes latentes e inexploradas, que reportam o pensamento para as descobertas dos alquimistas da Idade Média.

"Louise sente uma efeito análogo ao aspecto das pessoas com as quais ela entra em comunicação pelo contato das mãos. Ela as vê ao mesmo tempo tais como são e tais como foram numa idade menos avançada. Os estragos do tempo e da doença desaparecem aos seus olhos, e se perdeu algum membro, ele subsiste ainda para ela.

"A jovem camponesa pretende que ao abrigo de todas as modificações da ação vital exterior, *a forma corpórea permanece integralmente reproduzida pelo fluido nervoso.*

"Transportada aos lugares onde se encontram os túmulos, Louise vê e pinta da maneira que acabamos de reportar, as pessoas cujo despojo foi confiado à terra. Ela sente então os espasmos e as crises nervosas, do mesmo modo quando ela se aproxima dos lugares onde existem, não importa a que profundidade no solo, a água ou os metais.

"Quando a jovem Louise passa da vida comum a esse modo de vida que se pode chamar superior, parece-lhe que um véu espesso cai sobre seus olhos.

"A criação, esclarecida por ela de maneira nova, faz o objeto de sua inesgotável admiração, e, embora iletrada, encontra, para exprimir seu entusiasmo, comparações e imagens verdadeiramente poéticas.

Nenhuma preocupação religiosa se mistura e essas impressões. Os pais, longe de encontrarem nesses fenômenos insólitos um objeto de especulação, os escondem com o maior cuidado. Se se decidem a levar sem ruído a jovem a Paris, é porque essa superexcitação constante do sistema nervoso exerce sobre os seus órgãos uma influência destrutiva e que ela enfraquece a visão do olho. Os médicos que cuidam dela emitiram o conselho de conduzi-la à capital, tanto para reclamar o concurso dos mestres na arte de curar, quanto para submeter à ciência os fatos, saindo do círculo comum de suas investigações, e cuja explicação não foi ainda encontrada."

Os fenômenos que apresenta essa jovem, disse o autor do artigo, deixam muito longe os malabarismos dos irmãos Davenport e outros Espíritas. Se esses fenômenos são reais, que relações podem ter com os dos malabarismos? Por que essa comparação entre coisas dessemelhantes, e dizer que uma ultrapassa a outra? Com intenção de lançar uma pequena maldade contra o Espiritismo, o autor anuncia, sem o querer, uma grande verdade em apoio do que quer denegrir; ele proclama um fato essencialmente espírita, que o Espiritismo reconhece e aceita como tal, ao passo que jamais tomou os Srs. Davenport sob seu patrocínio, e os tem ainda menos apresentado como adeptos e apóstolos; é o que os senhores jornalistas saberiam se tivessem levado em conta os inumeráveis protestos que lhes chegam de todas as partes contra a assimilação que pretenderam estabelecer entre uma doutrina essencialmente moral e filosófica e as exibições teatrais.

A explicação desses fenômenos, diz-se, não foi ainda dada pela ciência oficial: isto é certo; mas para a ciência espírita, há muito tempo isto não é mais um mistério. Não foram, no entanto, os meios de se esclarecer que faltaram; os casos de catalepsia, de dupla vista, de sonambulismo natural, com as estranhas faculdades que se desenvolvem nesses diferentes estados, não são raros. Por que neles não procurou a sua explicação? É que a ciência se obstina em procurá-la onde ela não está, onde não a encontrará jamais: nas propriedades da matéria.

Eis um homem que vive: ele pensa, raciocina; um segundo depois, ele morre; não dá mais nenhum sinal de inteligência. Havia, pois, nele, quando pensava, alguma coisa que não existe mais desde que não pense mais. Quem, pois, pensava nele? A matéria, dizeis; mas a matéria ali está sempre, intacta, sem uma parcela a menos; porque, pois, pensava ainda há pouco e não pensa mais agora? - É que ela está desorganizada; sem dúvida, as

moléculas estão desagregadas; pode-se dizer que uma fibra foi rompida; um nada se desarranjou e o movimento intelectual foi detido. - Assim eis o gênio, as maiores concepções humanas à mercê de uma fibra, de um átomo imperceptível, e os esforços de toda uma vida de trabalho são perdidos! De todo esse imobiliário adquirido com grande trabalho, nada resta; a mais vasta inteligência não é senão um pêndulo bem montado que, uma vez deslocado, não é bom senão para ser colocado no ferro velho! É pouco lógico e pouco encorajador; com uma tal perspectiva, sem dúvida, mais valeria se ocupar apenas de beber e de comer; mas, enfim, é um sistema.

A alma, segundo vós, não é senão uma hipótese. Mas essa hipótese não se torna uma realidade nos casos análogos àquele da jovem em questão? Aqui a alma se mostra a descoberto; não a vedes, mas a vedes pensar e agir isoladamente do envoltório material; ela se transporta ao longe; vê e ouve apesar do estado de insensibilidade dos órgãos. Pode-se explicar somente pelos órgãos os fenômenos que se passam fora de sua esfera de atividade, e não é esta prova de que a alma deles é independente? Como, pois, não reconhecê-la a esses sinais tão evidentes? É que seria preciso, para isto, admitir a intervenção da alma nos fenômenos patológicos e fisiológicos, que deixariam assim de ser exclusivamente materiais; ora, como reconhecer um elemento espiritual nos fenômenos da vida, então que se tem constantemente dito o contrário? É o que não se pode resolver, porque seria preciso convir que se está enganado, e é duro, para certos amores-próprios receber um desmentido da própria alma que se negou. Também, desde que ela se mostra alguma parte com muita evidência, depressa se apressa em cobri-la com um alqueire, e não se ouve mais disso falar. Assim o foi com o hipnotismo e tantas outras coisas; Deus queira que não ocorra o mesmo com Louise B... Para interromper, diz-se que esses fenômenos são ilusões, e que seus promotores são loucos ou charlatães.

Tais são as razões que fizeram negligenciar o estudo tão interessante e tão fecundo em resultados morais, os fenômenos psico-fisiológicos; tal é também a causa da repulsa do materialismo pelo Espiritismo, que repousa inteiramente sobre as manifestações ostensivas da alma, durante a vida e depois da morte.

Mas, dir-se-á, a parte religiosa, atacada vivamente pelo materialismo, deve acolher com solicitude os fenômenos que venham vencer a incredulidade pela evidência; por que pois, em lugar de se fazer disso uma arma, as repele? é que a alma é uma indiscreta que vem se apresentar em condições diferentes daquelas do estado em que no-la mostram, e sobre o qual se edificou todo um sistema; seria preciso retornar sobre crenças que se disse serem imutáveis; depois ela vê muito claro; portanto, seria preciso interditar-lhe a palavra. Mas não se a conduz sem sua sutileza, não se a fecha mais, como um pássaro, numa caixa; se lhe fecha uma porta, abre-lhe outras mil. Hoje ela se faz ouvir por toda a parte, para dizer de um canto a outro do mundo: eis o que somos. Bem hábeis serão aqueles que disso o impedirem.

Retornemos ao nosso assunto. A jovem em questão oferece o fenômeno, muito comum em semelhante caso, de extensão das faculdades. Esta extensão, diz o artigo, alcança uma importância que ultrapassa os limites assinalados à força humana. É preciso distinguir aqui duas ordens de faculdades: as faculdades perceptivas, quer dizer, a visão e o ouvido, e as faculdades intelectuais. As primeiras são postas em atividade pelos agentes exteriores cuja ação repercute no interior; as segundas constituem o pensamento que irradia do interior para o exterior. Falemos de início das primeiras.

No estado normal, a alma percebe por intermédio dos sentidos. Aqui a jovem percebe porque está fora do alcance da visão e da audição; ela vê no interior das coisas, penetra os corpos opacos, descreve o que se passa ao longe, portanto, ela vê de outro modo do que pelos olhos e ouve de outro modo do que pelos ouvidos, e isto num estado em que o organismo está atingido de insensibilidade. Se se tratasse de um fato único, excepcional, poder-se-ia atribuí-lo a uma esquisitice da Natureza, a uma espécie de

monstruosidade; mas é muito comum; mostra-se de maneira idêntica, embora em diferentes graus, na maioria dos casos de catalepsia, na letargia, no sonambulismo natural e artificial, e mesmo nos numerosos indivíduos que têm todas as aparências do estado normal. Ele se produz, pois, em virtude de uma lei; como a ciência, que leva suas investigações sobre o movimento de atração do menor grão de pó, negligenciou um fato tão capital?

O desenvolvimento das faculdades intelectuais é mais extraordinário ainda. Eis uma jovem, uma camponesa iletrada que não só se exprime com elegância, com poesia, mas em que se revelam conhecimentos científicos sobre coisas que não aprendeu, e, circunstância não menos singular, isso ocorreu num estado particular, ao sair do qual tudo é esquecido: ela volta a sertão ignorante quanto antes. Reentrada no estado extático, a lembrança lhes retorna com as mesmas faculdades e os mesmos conhecimentos; são para ela duas existências distintas.

Se, segundo a escola materialista, as faculdades são o produto direto dos órgãos; se, para nos servir da expressão dessa escola, "o cérebro segrega o pensamento, como o fígado segrega a bile," ele segrega, pois, também *conhecimentos todos feitos*, sem o concurso de um professor; é uma propriedade que não se reconhecia ainda a este órgão. Nesta própria hipótese, como explicar esse desenvolvimento intelectual extraordinário, essas faculdades transcendentais, alternativamente possuídas, perdidas e recobradas quase instantaneamente, quando o cérebro é sempre o mesmo? Não é a prova patente da dualidade no homem, da separação do princípio material do princípio espiritual?

Aí ainda nada de excepcional: esse fenômeno é tão comum quanto o da extensão da visão e da audição. Como este último, depende, pois, de uma lei; são essas leis que o Espiritismo procurou e que a observação fê-lo conhecer.

A alma é o ser inteligente; nela está a sede de todas as percepções e de todas as sensações; sente e pensa por si mesma; é individual, distinta, perfectível, pré-existente e sobrevivente ao corpo. O corpo é seu envoltório material: é o instrumento de suas relações com o mundo visível. Durante a sua união com o corpo, ela percebe por intermédio dos sentidos, transmite seu pensamento com a ajuda do cérebro; separada do corpo, ela percebe diretamente e pensa mais livremente. Tendo os sentidos uma importância circunscrita, as percepções recebidas por seu intermédio são limitadas, e, de alguma sorte, amortecidas; recebidas sem intermediário, são indefinidas e de uma sutileza que nos espanta, porque ultrapassa, não a força humana, mas todos os produtos de nossos meios materiais. Pela mesma razão o pensamento transmitido pelo cérebro é peneirado por assim dizer através desse órgão. A grosseria e os defeitos do instrumento o paralisam e o abafam em parte, como certos corpos transparentes absorvem uma parte da luz que os atravessa. A alma, obrigada a se servir do cérebro, é como um músico muito bom diante de um instrumento imperfeito. Livre desse auxiliar incômodo, ela desdobra todas as suas faculdades.

Tal é a alma durante a vida e depois da morte; há, pois, para ela, dois estados: o de encarnação ou de constrangimento, e o de desencarnação ou de liberdade; em outros termos: o da vida corpórea e o da vida espiritual. A vida espiritual é a vida normal, permanente da alma; a vida corpórea é transitória e passageira.

Durante a vida corpórea, a alma não sofre constantemente o constrangimento do corpo, e aí está chave desses fenômenos físicos que não nos parecem tão estranhos senão porque nos transportam para fora da esfera habitual de nossas observações; são qualificados de sobrenaturais, embora em realidade estejam submetidos a leis perfeitamente naturais, mas porque essas leis nos eram desconhecidas. Hoje, graças ao Espiritismo, que fez conhecer essas leis, o maravilhoso desapareceu.

Durante a vida exterior de relação, o corpo tem necessidade de sua alma ou Espírito por guia, a fim de dirigi-lo no mundo; mas nos momentos de inatividade do corpo, a presença da alma não é mais necessária; dele se liberta, sem no entanto deixar de estar-

lhe presa por um laço fluídico que a chama desde que a necessidade de sua presença se faça sentir; nesses momentos ela recobra em parte a liberdade de agir e de pensar da qual não gozará completamente senão depois da morte do corpo, quando dele estará completamente separada. Essa situação foi espiritualmente e muito veridicamente descrita pelo Espírito de uma pessoa viva, que se comparava a um balão cativo, e por um outro, o Espírito de um idiota vivo que dizia ser como um pássaro preso pelo pé. (*Revista Espírita*, junho de 1860, p. 173.)

Esse estado, que chamamos *emancipação da alma*, ocorre normalmente e periodicamente durante o sono; só o corpo repousa para recuperar suas perdas materiais; mas o Espírito, que nada perdeu, aproveita esse descanso para se transportar onde quer. Além disto, ocorre excepcionalmente todas as vezes que uma causa patológica, ou simplesmente fisiológica, produz a inatividade total ou parcial dos órgãos da sensação e da locomoção; é o que se passa na catalepsia, na letargia, no sonambulismo. O desligamento ou, querendo-se, a liberdade da alma é tanto maior quanto a inércia do corpo é mais absoluta; é por esta razão que o fenômeno adquire o seu maior desenvolvimento na catalepsia e na letargia. Neste estado, a alma não percebe mais pelos sentidos materiais mas, podendo-se exprimir-se assim, pelos *sentidos psíquicos*; é porque suas percepções ultrapassam os limites comuns; seu pensamento age sem o intermédio do cérebro, é por isto que ela desdobra as faculdades mais transcendentais do que no estado normal. Tal é a situação da jovem B...; também disse ela com razão que "quando passa da vida comum a esse modo de vida superior, parece-lhe que um véu espesso cai de seus olhos." Tal é também a causa do fenômeno da *segunda vista*, que não é outro senão a visão direta pela alma; da visão à distância, que resulta no transporte da alma ao lugar que ela descreve; da lucidez sonambúlica, etc.

"Quando Louise B... vê as pessoas vivas, os estragos do tempo desaparecem, e tendo-se perdido algum membro, subsiste ainda para ela; a forma corpórea permanece integralmente *reproduzida pelo fluido nervoso*. "Be ela visse simplesmente o corpo, vê-lo-ia tal qual é; o que ela vê, é o envoltório fluídico; o corpo material pode ser amputado: o perispírito não o é; o que se designa por *fluido nervoso* não é outro do que o *fluido perispiritual*.

Ela vê também aqueles que estão mortos: deles resta, pois, alguma coisa. Que vê ela? isso não pode ser o corpo, que não existe mais; no entanto, os vê com uma forma humana, igual a que tinham quando vivos. O que ela vê é a alma revestida de seu corpo fluídico ou perispírito; as almas sobrevivem, pois, ao corpo; não são, pois, seres abstratos, centelhas, chamas, sopros perdidos na imensidão do reservatório comum, mas seres reais, distintos, circunscritos, individuais. Se ela vê os mortos como os vivos, é, pois, porque os vivos têm, como os mortos, o mesmo corpo fluídico imperecível, ao passo que o grosseiro envoltório material se desfaz na morte. Ela não vê as almas perdidas nas profundezas infinitas do espaço, mas em meio a nós, o que prova a existência do mundo invisível que nos cerca, e no meio do qual vivemos sem disto desconfiar.

Tais revelações não dão seriamente para refletir? Quem pôde dar tais idéias a essa jovem? A leitura de obras espíritas? Ela não sabe ler. - A convivência com os Espíritos? Deles não ouviu falar. É, pois, espontaneamente que descreve todas essas coisas. É o produto de sua imaginação? mas ela não está só: milhares de videntes disseram e dizem todos os dias a mesma coisa, isso do qual a ciência não desconfia. Ora, foi desse concurso universal de observações que o Espiritismo deduziu a teoria.

A ciência procurará em vão a solução desses fenômenos enquanto fizer abstração do elemento espiritual, porque ali está a chave de todos esses pretensos mistérios. Que ela o admita, não fosse senão a título de hipótese, e tudo se explicará sem dificuldade.

As observações dessa natureza, sobre sujeitos como Louise B..., exigem muito de tato e de prudência. Não é preciso perder de vista que, nesse estado de excessiva suscetibilidade, a menor comoção pode ser funesta; a alma, feliz por estar livre do corpo a

ele não se prende senão por um fio que um nada pode romper sem retorno. Em semelhante caso, as experiências feitas sem comedimento podem MATAR.

POESIAS ESPÍRITAS.

ALFRED DE MUSSET.

O Sr. Timothée Trimm publicou, no *Petit Journal* de 23 de outubro de 1865, as estrofes que um de seus amigos lhe havia dado como sendo ditadas medianimicamente por Alfred de Musset a uma senhora de seu conhecimento, porque a loucura do Espiritismo ganha até os amigos desses senhores, que não ousam muito enviá-los publicamente a Charenton, sobretudo quando esses amigos são, como aquele, homens de uma inteligência notória, colocados à frente da alta indústria artística. Sem dúvida, em consideração a esse amigo, não havia maltratado muito a procedência desses versos; contentou-se em enquadrá-los numa encenação de fantasia semi-burlesca. Dizia entre outras:

"Nada invento, eu constato. Num castelo das vizinhanças de Paris, fez vir o autor de *Kolla* e da *Coupe et les lèvres...* numa mesa. Foi-lhe pedido versos!!!... inéditos. Um secretário espírita, sentou-se na cadeira encantada; disse ter escrito sob o ditado do imortal... e eis o que mostrou à assistência."

A verdade é que esses versos não foram obtidos nem num castelo nas vizinhanças de Paris nem por uma mesa, mas pela escrita comum, e que não se havia de nenhum modo chamado Alfred de Musset. A idéia de fazer vir o poeta numa mesa, sem dúvida, aos olhos do escritor, tinha alguma coisa de mais trivial com relação ao Espiritismo. Eis como as coisas se passaram.

A senhora X... é uma mulher do mundo, instruída como todas aquelas que receberam educação, mas de nenhum modo poeta. É dotada de uma poderosa faculdade medianímica, psicográfica e vidente, e deu, em muitas ocasiões, provas irrecusáveis da identidade dos Espíritos que se comunicam por seu intermédio. Tendo ido passar a bela estação com seu marido, Espírita fervoroso como ela, num pequeno chalé, no meio das dunas do departamento do Norte, encontrava-se uma noite em seu balcão, sob um magnífico luar, contemplando a abóbada azulada e vasta extensão das dunas, num silêncio solene que não era interrompido senão pelos latidos do cão da casa, circunstância para notar, porque dão aos versos uma marca de atualidade. De repente ela se sentiu agitada e como envolvida de um fluido, e sem desígnio premeditado, foi levada a tomar a caneta; traçou de um só jato, sem risco nem hesitação, em alguns minutos, os versos em questão, com a assinatura de Alfred de Musset, com quem de nenhum modo sonhava. Nós os reproduziremos em sua integridade. Era 1º de setembro de 1865.

Assim, eis-te, pobre Espírito,
Contemplando o dia e a noite
A triste duna,
Não tendo, para te distrair,
Senão o cão que vem ladrar
A luz do luar.

Quando te vi, só e agitada,
Levantar para a abóbada estrelada
Teu olhar humilde,
Lembrei-me dos tristes dias
Em que maldizia para sempre

A terra árida.

Do mesmo modo que tu, eu sofria,
Sentindo nesse grande deserto
Meu coração em chama;
Como uma pérola no fundo dos mares,
Procurei em todo o universo
Uma prece da alma.

Para acalmar minha cabeça em fogo,
Viajei sob o céu azul
Da Itália;
Florença e Veneza me viram,
Entre suas filhas de seio nu,
Arrastar minha vida.

Às vezes o pescador indolente
Me viu chorar, como uma criança,
Junto à praia,
E parando, cheio de piedade,
Deixar suas redes apenas pela metade
O mar carregar.

Pobre criança, retorna junto a nós;
Como se embala sobre os joelhos
A criança que chora,
Nós te conduziremos a teu turno
Às farras cheias de amor
Onde eu moro.

Se nestes versos escritos para ti,
Tomei ainda e apesar de mim
Esta execução,
Foi para afirmar aos sábios,
Que zombam dos fantasmas,
Minha assinatura.

A. DE MUSSET.

Publicando estes versos, o *Petit Journal* lhes fez sofrer várias alterações que lhe desnaturam o sentido e se prestam ao ridículo. Na primeira estrofe, 6º verso, em lugar de: *Au clair de lune*, colocou: *Au clair de la lune*, o que estrofia o verso e o torna grotesco.

A segunda estrofe foi suprimida, o que quebra o encadeamento da idéia.

Na terceira, 2º verso, em lugar de: *Ce grand désert*, que pinta a localidade, colocou: *Lê grand désert*.

Na sexta, no 5º verso, em lugar de: *Dans lês terres pleines d'amour*, que tem um sentido, colocou: *Dans lês serres pleines d'amour*, que não o tem.

Tendo essas retificações sido dirigidas ao *Petit Journal*, é lamentável que tenha se recusado a inseri-las. No entanto, o autor do artigo disse: "Não invento nada; eu constato."

A propósito do romance do Sr. Théophile Gauthier, intitulado *Espírita*, o mesmo Espírito ditou ao médium as estrofes seguintes, em 2 de dezembro de 1865:

Eis-me de novo. No entanto eu tinha, Senhora,
Jurado sobre meus grandes deuses de jamais rimar.
É um triste ofício o de fazer imprimir
As obras de um autor reduzido ao estado de alma.

Eu tinha fugido para longe de vós, mas um Espírito encantador
Se aventura, falando de nós, a excitar o sorriso.
Penso que disso sabe muito mais do que não quer dizer,
E que, em alguma parte, encontrou seu fantasma.

Um fantasma! Verdadeiramente isto parece estranho;
Eu mesmo dele ri quando estava neste mundo;
Mas quando afirmava que nele não acreditava,
Tinha, como um salvador, acolhido meu bom anjo.

Quanto o teria amado, quando, a fronte amarela,
Apoiada sobre minha mão, à noite, na janela,
Meu espírito, chorando, sondava o *grande talvez*,
Percorrendo ao longe o campo do infinito!

Amigos, que esperais de um século sem crença?
Quando tiverdes exprimido vosso fruto mais belo,
O homem tropeçara sempre sobre um túmulo
Se, para sustentá-lo, não tiver a esperança.

Mas estes versos, dir-se-á, não são dele.
Que me importa, depois de tudo, a reclamação do mundo!
Quando eu era vivo, não me ocupava quase nada;
Com mais forte razão disso rirei hoje.

A. DE MUSSET.

Eis o julgamento feito sobre estes versos por um dos redatores do *Monde illustré*, Sr. Júnior, que não é Espírita. (Ver o *Monde illustré* de 16 de dezembro de 1865.)

O Sr. T. Gautier recebeu de uma senhora uma peça de versos assinada por Alfred de Musset, e que poderia se intitular: *A uma senhora Espírita que me havia pedido versos para o seu álbum*. É evidente, uma vez que se trata de Espiritismo, que a senhora pretende ter sido a intermediária, a médium obediente cuja mão traçou os versos sob o ditado de Alfred de Musset, morto já há muitos anos.

"Até aí, nada senão de muito simples, porque desde que se folheia no infinito, todos aqueles que crêem no Espiritismo se voltam para vós e vos inundam de comunicações mais ou menos interessantes. Mas os versos assinados por Musset são tais que aquele ou aquela que os traçou é um poeta de primeira ordem. E a vez de Musset, é sua linguagem encantadora, sua sem cerimônia desembaraçada, seu encanto e sua graciosa maneira. Não é excessivo como o pastiche, não é intencional, não é forçado, e pensai bem que se um mestre como T. Gautier nisso se engana, é preciso que o quadro seja bem admiravelmente pastichado. O lado curioso é que o honrado Sr. Charpentier, o editor das obras completas de Musset, ao qual se fez ler esses versos encantadores, que espero vos comunicar logo, está prestes a gritar "Pega ladrão!"

"Suponde bem que não creio numa palavra de tudo que contam os Allan Kardec e os Delaage, mas isto me perturba e me provoca, e me é preciso supor que esses versos são inéditos e são do poeta das *Nuits*, - o que é bem inadmissível, porque, enfim, sob

qual pretexto a senhora em questão teria esses versos em sua gaveta? -ou então um poeta de raça teria inventado essa mistificação, e os poetas não perdem assim seu plágio. Qual é, pois, a solução possível? - Ouço daqui um homem *prático* dizer-me: "Meu caro senhor, quereis uma solução? ela está em vossa imaginação, que exagera a importância e a excelência desses versos; são graciosos e nada de mais, e o primeiro médium, um pouco pretensiosa e pedante que sabe seu Musset, isso fará igualmente.

"Senhor homem *prático*, tendes razão; isso ocorre noventa e nove vezes em cem; mas se soubesses a que ponto eu sou de sangue frio! Li esses versos que não tenho ainda o direito de vos comunicar, eu os li, os reli ainda, e muitos do próprio Gautier, e o grande lingüista, o grande cinzelador do *Poème de la femme*, não faria melhor de Musset que este."

Nota. Há uma circunstância da qual o autor não se dá conta, e que rouba toda possibilidade de que esses versos tenham sido feitos por Musset quando vivo, são as atualidades e as alusões das coisas presentes. Quanto ao médium, não é nem poeta nem pedante, isto é certo, e além disto sua posição no mundo descarta toda suposição de fraude.

O ESPIRITISMO TOMA LUGAR NA FILOSOFIA E NOS CONHECIMENTOS USUAIS.

Publica-se neste momento uma importante obra que interessa no mais alto grau à Doutrina Espírita, e que não podemos melhor fazer conhecer senão pela análise do prospecto.

"NOVO DICIONÁRIO UNIVERSAL, panteão literário e enciclopédia ilustrada, por MAURICE LACHATRE, com o concurso de sábios, de artistas e de homens de letras, segundo os trabalhos de: *Allan Kardec, Ampère, Andral, Arago, Audouin, Balbi, Becquerel, Berzelius, Biot, Brongnard, Burnouf, Chateaubriand, Cuvier, Flourens, Gay-Lussac, Guizot, Humboldt, Lamartine, Lamennais, Laplace, Magendie, Michelet, Ch. Nodier, Orfila, Payen, Raspail, de Sacy, J. B. Say, Thiers, etc., etc.*

"Dois magníficos volumes grandes in-4² em três colunas, ilustrado com vinte mil assuntos, gravados sobre madeira, intercalados no texto. - Duas entregas por semana, - 10 centavos cada entrega. -Cada entrega contém 95.768 letras, quer dizer, a matéria da metade de um volume in-8^o. A obra contém 200 entregas por volume, e não custará em tudo senão 40 francos. Esta obra, o mais gigantesco dos empreendimentos literários de nossa época, encerra a análise de mais de 400.000 obras, e pode ser considerada com razão com o mais vasto repertório dos conhecimentos humanos. O *Novo Dicionário Universal* é o mais exato, o mais completo e o mais progressivo de todos os dicionários, o único que abarca em seus desenvolvimentos todos os dicionários especiais da língua usual, da língua poética, dos sinônimos, da velha linguagem, das dificuldades gramaticais, da teologia, das religiões, seitas e heresias, das festas e cerimônias em todos os povos, da mitologia, do magnetismo, do Espiritismo, das doutrinas filosóficas e sociais, da história, da biografia, das ciências, da física, da química, da história natural, da astronomia, das invenções, da medicina, da geografia, da marinha, da jurisprudência, da economia política, da franco-maçonaria, da agricultura, do comércio, da economia doméstica, do governo da casa, etc., etc. - Paris, *Docks de la librairie*, 38, boulevard Sébastopol."

Esta obra conta neste momento vinte mil subscritores.

Devemos primeiramente fazer observar que se nosso nome se encontra à frente dos autores cujas obras foram consultadas, foi a ordem alfabética que assim quis, e não a preeminência.

Todos os termos especiais do vocabulário espírita se encontram nesse vasto repertório, não com uma simples definição, mas com todos os desenvolvimentos que comportam; de sorte que seu conjunto formará um verdadeiro tratado do Espiritismo. Além disso, todas as vezes que uma palavra possa dar lugar a uma dedução filosófica, a idéia espírita estará colocada em paralelo como ponto de comparação. Estando a obra concebida num espírito de imparcialidade, não apresenta mais a idéia espírita que toda outra como a verdade absoluta; deixa o leitor livre para aceitá-la ou rejeitá-la, mas dá a este os meios de apreciá-la, apresentando-a com uma escrupulosa exatidão, e não truncada, alterada ou julgada antecipadamente; limita-se a dizer: sobre tal ponto uns pensam de tal maneira, o Espiritismo a explica de tal outra.

Um dicionário não é um tratado especial sobre uma matéria, onde o autor desenvolve sua opinião pessoal; é uma obra de pesquisas, destinada a ser consultada, e que se dirige a todas as opiniões. Procurando-se nela uma palavra, é para saber o que significa em realidade, e não para ter a apreciação do redator, que pode ser justa ou falsa. Um judeu, um muçulmano, devem ali encontrar ali a idéia judia ou muçulmana exatamente reproduzida, o que não obriga esposar essa idéia. O dicionário não tem que decidir se ela é boa ou má, absurda ou racional, porque o que é aprovado por uns pode ser censurado por outros; apresentando-a em sua integridade, dela não assume a responsabilidade. Tratando-se de uma questão científica que divide os sábios, da homeopatia e da alopatia, por exemplo, tem por missão dar a conhecer os dois sistemas, mas não de preconizar um às expensas do outro. Tal deve ser o caráter de um dicionário *enciclopédico*; só nestas condições pode ser consultado com proveito, em todos os tempos e por todo o mundo; com a universalidade ele adquire a perpetuidade.

Tal é, e tal deverá ser, o sentimento que presidiu à parte que concerne ao Espiritismo. Que os críticos emitam sua opinião nas obras especiais, nada de melhor, é seu direito; mas um dicionário é um terreno neutro onde cada coisa deve estar apresentada com suas cores verdadeiras, e onde se deve poder haurir toda espécie de informações com a certeza de ali encontrar a verdade.

Em tais condições, o Espiritismo, tendo achado lugar numa obra tão importante e tão popular quanto o *Novo Dicionário Universal*, tomou lugar entre as doutrinas filosóficas e os conhecimentos usuais; seu vocabulário, já aceito pelo uso, recebeu sua consagração, e doravante nenhuma obra do mesmo gênero poderá omiti-lo sem estar incompleta. Está ainda aí um dos produtos do ano de 1865, que o Sr. vice-presidente Jaubert deixou de mencionar em sua nomenclatura dos resultados deste ano.

Em apoio às observações acima e como espécime da maneira pela qual as questões espíritas são tratadas nessa obra, citaremos a explicação que se encontra para a palavra ALMA. Depois de ter longamente e imparcialmente desenvolvido as diferentes teorias da alma, segundo Aristóteles, Platão, Leibniz, Descartes e outros filósofos, que não podemos reproduzir por causa de sua extensão, o artigo termina assim:

"SEGUNDO A DOCTRINA ESPÍRITA, a alma é o princípio inteligente que anima os seres da criação e lhes dá o pensamento, a vontade e a liberdade de agir. Ela é imaterial, individual e imortal; mas sua essência íntima é desconhecida: não podemos concebê-la absolutamente isolada da matéria senão como uma abstração. Unida ao envoltório fluídico etéreo ou *perispírito*, ela constitui o *ser espiritual* concreto, definido e circunscrito chamado *Espírito*. (V. ESPÍRITO, PERISPÍRITO.) Por metonímia, emprega-se freqüentemente as palavras *alma* e *espírito* uma pela outra; diz-se: as almas sofredoras e os espíritos sofredores; as almas felizes e os espíritos felizes; evocar a alma ou o espírito

de alguém; mas a palavra *a/madesperta* antes a idéia de um princípio, de uma coisa abstrata, e a palavra *espírito* a de uma individualidade.

"O espírito unido ao corpo material pela encarnação constitui o *homem*; de sorte que no homem há três coisas: a alma propriamente dita, ou princípio inteligente; o *perispírito*, ou envoltório fluídico da alma; o *corpo*, ou envoltório material. A alma é assim um ser simples; o espírito, um ser duplo composto da alma e do perispírito; o homem, um ser triplo composto da alma, do perispírito e do corpo. O corpo separado do espírito é uma matéria inerte; o perispírito separado da alma é uma matéria fluídica sem vida e sem inteligência. A alma é o princípio da vida e da inteligência; foi, pois, erradamente que algumas pessoas pretenderam que dando à alma um envoltório fluídico semi-material, o Espiritismo dela fez um ser material.

"A origem primeira da alma é desconhecida, porque o princípio das coisas está nos segredos de Deus, e que não é dado ao homem, em seu estado atual de inferioridade, tudo compreender. Não se pode, sobre este ponto, formular senão sistemas. Segundo uns, a alma é uma criação espontânea da Divindade; segundo outros é mesmo uma emanção, uma porção, uma centelha do fluido divino. Aí está o problema sobre o qual não se pode estabelecer senão hipóteses, porque há razões pró e contra. A segunda opinião se opõe, no entanto, esta objeção fundada: sendo Deus perfeito, se as almas são porções da Divindade, elas deveriam ser perfeitas, em virtude do axioma de que a parte é da mesma natureza que o todo; desde então, não se compreenderia que as almas fossem imperfeitas e que tivessem necessidade de se aperfeiçoar. Sem nos deter nos diferentes sistemas tocando a natureza íntima e a origem da alma, o Espiritismo a considera na espécie humana; ele constata, pelo fato de seu isolamento e de sua ação independente da matéria, durante a vida e depois da morte, sua existência, seus atributos, sua sobrevivência e sua individualidade. Sua individualidade ressalta da diversidade que existe entre as idéias e as qualidades de cada um no fenômeno das manifestações, diversidade que acusa para cada uma existência própria.

Um fato não menos capital ressalta igualmente das observações: é que a alma é essencialmente progressiva, e que adquire sem cessar em saber e em moralidade, uma vez que se as vê em todos os graus de desenvolvimento. Segundo o ensino unânime dos Espíritos, ela é criada *simples e ignorante*, quer dizer, sem conhecimentos, sem consciência do bem e do mal, com uma igual aptidão para um e para outro e para tudo adquirir. Sendo a criação incessante e por toda a eternidade, há almas chegadas ao cume da escala, enquanto que outras nascem para a vida; mas, tendo todas o mesmo ponto de partida, Deus não as criou melhor dotadas umas do que as outras, o que é conforme a sua soberana justiça: uma perfeita igualdade presidindo a sua formação, elas avançam mais ou menos rapidamente, em virtude de seu livre arbítrio e segundo seu trabalho. Deus deixa assim a cada uma o mérito e o demérito de seus atos, e a responsabilidade cresce à medida que se desenvolve o senso moral. De sorte que, de duas almas criadas ao mesmo tempo, uma pode chegar ao objetivo mais depressa do que a outra, se trabalha mais ativamente para a sua melhoria; mas aquelas que permaneceram atrasadas chegarão igualmente, embora mais tarde e depois de rudes provas, porque Deus não fecha o futuro para nenhum de seus filhos.

A encarnação da alma num corpo material é necessária para o seu aperfeiçoamento; pelo trabalho de que a existência corpórea necessita, a inteligência se desenvolve. Não podendo, numa única existência, adquirir todas as qualidades morais e intelectuais que devem conduzi-la ao objetivo, ela ali chega passando por uma série ilimitada de existências, seja sobre a Terra, seja em outros mundos, em cada um dos quais ela dá um passo no caminho do progresso e se despoja de algumas imperfeições. Em cada existência a alma leva o que adquiriu nas existências precedentes. Assim se explica a diferença que existe nas aptidões inatas e no grau de adiantamento das raças e dos povos. (V. ESPÍRITO, REENCARNAÇÃO.)"

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

9º ANO

NO. 2

FEVEREIRO 1866

O ESPIRITISMO SEGUNDO OS ESPÍRITAS.

Extraído do jornal *la Discussion*.

La Discussion, jornal hebdomanário, político e financeiro, impresso em Bruxelas, não é uma dessas folhas levianas que visam à diversão do público frívolo pelo fundo e pela forma; é um jornal sério, sobretudo acreditado no mundofinanceiro e que está em seu décimo-primeiro ano (1-(1) Escritório em Bruxelas, 17, Montagne de Sion; Paris, rua Bergère. - Preço para Franca, 12fr. por ano; 7 fr. por seis meses; cada número de oito páginas gr. in-folio: 25 centavos.).

Sob o título de: *O Espiritismo segundo os Espíritas*, o número de 31 de dezembro de 1865 contém o artigo seguinte:

"*Espíritas e Espiritismo* são duas palavras agora muito conhecidas e freqüentemente empregadas, embora fossem desconhecidas há somente alguns meses. No entanto, a maioria das pessoas que se servem dessas palavras delas se perguntam o que significam exatamente, e se bem que cada um se pergunte isso, ninguém a dirige porque todos querem passar por conhecer a palavra e a charada.

"Algumas vezes no entanto, a curiosidade intriga até levar a interrogação aos lábios, e, ao vosso desejo, todos vos informam.

"Uns pretendem que o Espiritismo seja o truque do guarda-roupa dos irmãos Davenport; outros afirmam que não é outra coisa senão a magia e a bruxaria de outrora que se quer reabilitar graças a um novo nome. Segundo as idosas de todos os quarteirões, os Espíritas têm conversas misteriosas com o diabo, com o qual preliminarmente assumiram um compromisso. Enfim, se leram os jornais, ali se aprende que os Espíritas são todos loucos, ou pelo menos as vítimas de certos charlatães chamados *médiuns*. Esses charlatães a eles vêm, com ou sem guarda-roupa, dar representações a quem quiser pagá-los, e, para melhor acreditar seu malabarismo, dizem operar sob a influência oculta dos Espíritos de além-túmulo.

"Eis o que aprendi nestes últimos tempos; vi o desacordo dessas respostas, resolvi, para me esclarecer, ir ver o diabo, devesse ele me levar, ou fazer-me vítima por um médium, devesse deixar-lhe minha razão. Lembrei-me, então, muito a propósito, de um amigo que supunha do espiritismo, e fui encontrá-lo, a fim de que me proporcionasse os meios de satisfazer minha curiosidade.

"Comuniquei-lhe as opiniões diferentes que tinha recolhido e lhe expus o objeto de minha visita. Mas meu amigo riu muito daquilo que chamava minha ingenuidade e deu-me mais ou menos a explicação que segue:

"O Espiritismo não é, como se crê vulgarmente, uma receita para fazer as mesas dançarem ou para executar torneios de escamoteação, e é erradamente que cada um quer nele encontrar o maravilhoso.

"O Espiritismo é uma ciência ou, dizendo melhor, uma filosofia espiritualista que ensina a moral.

"Ela não é uma religião, naquilo que não tem nem dogmas, nem culto, nem sacerdotes, nem artigos de fé; é mais do que uma filosofia, porque sua doutrina é estabelecida sobre a prova *certa* da imortalidade da alma: é para fornecer essa prova que os Espíritos evocam os Espíritos de além-túmulo.

"Os médiuns são dotados de uma faculdade natural que os torna próprios para servirem de intermediários aos Espíritos e produzirem com eles os fenômenos que passam por milagres ou por da prestidigitação aos olhos de quem lhes ignora a explicação. Mas a faculdade medianímica não é o privilégio exclusivo de certos indivíduos; ela é inerente à espécie humana, embora cada uma a possua em graus diferentes, ou sob diferentes formas.

"Assim, para quem conhece o Espiritismo, todas as maravilhas das quais acusam essa doutrina não são muito simplesmente senão fenômenos de ordem física, quer dizer, efeitos cuja causa reside nas leis da Natureza.

"No entanto, os Espíritos não se comunicam aos vivos como único objetivo de provar a sua existência: são eles que ditaram e desenvolvem todos os dias a filosofia espiritualista.

"Como toda filosofia, esta tem seu sistema, que consiste na revelação das leis que regem o Universo e na solução de um grande número de problemas filosóficos diante dos quais, até aqui, a Humanidade impossibilitada foi constringida a se inclinar.

"É assim que o Espiritismo demonstra, entre outras coisas, a natureza da alma, sua desatinação, a causa de nossa existência neste mundo; ele revela o mistério da morte; dá a razão dos vícios e das virtudes do homem; diz o que é o homem, o que é o mundo, o que é o Universo; faz, enfim, o quadro da harmonia universal, etc.

"O sistema repousa em provas lógicas e irrefutáveis que têm, elas mesmas, por árbitro de sua verdade os fatos palpáveis e a razão mais pura. Assim, em todas as teorias que expõe, age como a ciência e não avança um ponto desde que o precedente não esteja completamente certificado. Igualmente, o Espiritismo não impõe a confiança, porque não tem necessidade, para ser aceito, senão da autoridade do bom senso.

"Este sistema estabelece, nele é deduzido, como consequência imediata, um ensino moral.

"Esta moral não é outra que a moral cristã, a moral que está escrita no coração de todo ser humano, e ela é de todas as religiões e de todas as filosofias, por isto mesmo pertence a todos os homens. Mas, livre de todo fanatismo, de toda superstição, de todo espírito de seita ou de escola, ela resplandece em toda a sua pureza.

"É a esta *pureza* que ela pede toda a sua grandeza e toda a sua beleza, de sorte que é a primeira vez que a moral nos aparece revestida de um brilho tão majestoso e tão esplêndido.

"O objeto de toda moral é de ser praticada; mas esta sobretudo tem esta condição como absoluta, porque ela chama Espíritos, não aqueles que aceitam os seus preceitos, mas somente aqueles que colocam os seus preceitos em ação.

"Direi quais são as suas doutrinas? Não pretendo ensinar aqui, e o enunciado das máximas me conduziria necessariamente a desenvolvê-las.

"Direi somente que a moral espírita nos ensina a suportar a infelicidade sem desprezá-la, a gozar da felicidade sem a ela nos prender; nos abaixa sem nos humilhar, nos eleva sem nos orgulhar; ela nos coloca acima dos interesses materiais, sem por isto marcá-los de aviltamento, porque nos ensina, ao contrário, que todas as vantagens das quais somos favorecidos são tantas e tantas que nos são confiadas e por cujo emprego somos responsáveis para com os outros e para conosco mesmos.

"Vem, então, a necessidade de especificar essa responsabilidade, as penas que são dadas à infração ao dever, e as recompensas das quais gozam aqueles que a obedeceram. Mas aí ainda, as assertivas não são tiradas senão dos fatos e podem se verificar até a perfeita convicção.

"Tal é esta filosofia, onde tudo é grande, porque tudo nela é simples; onde nada é obscuro, porque nela tudo está provado; onde tudo é simpático, porque cada questão nela interessa intimamente a cada um de nós.

"Tal é esta ciência que, projetando uma viva luz sobre as trevas da razão, desvenda, de repente, os mistérios que acreditávamos impenetráveis, e recua ao infinito o horizonte da inteligência.

"Tal é esta Doutrina que pretende tornar felizes, melhorando-os, todos aqueles que consentem em segui-la, e que abre, enfim, à Humanidade, um caminho seguro ao progresso moral.

"Tal é, enfim, a loucura da qual os Espíritas estão atacados, e a feitiçaria que praticam."

"Assim, sorrindo, termina meu amigo, quem, a meu pedido, me deu encontro para visitarmos juntos algumas reuniões espíritas, onde as experiências se juntam ao ensinamento.

"De volta à minha casa, lembrei-me o que tinha dito, de acordo com todo o mundo, contra o Espiritismo, antes de conhecer apenas o significado desta palavra, e essa lembrança encheu-me de uma amarga confusão.

"Pensei, então, que, apesar dos desmentidos severos infligidos ao orgulho humano pelas descobertas da ciência moderna, não pensamos quase nada, nos tempos de progresso em que vivemos, em aproveitar os ensinamentos da experiência; e que estas palavras escritas por Pascal, há duzentos anos, terão ainda durante séculos uma rigorosa exatidão: "É uma doença natural ao homem crer que possui a verdade diretamente; e daí vem que está sempre disposto a negar o que lhe é incompreensível."

"A. BRIQUEL"

Como se vê, o autor deste artigo quis apresentar o Espiritismo sob sua verdadeira luz, livre das deturpações que lhe faz sofrer a crítica, ao, em uma palavra, que o admitem os Espíritas, e estamos felizes em dizer que ele venceu perfeitamente. É impossível, com efeito, resumir a questão de maneira mais clara e mais precisa. Devemos também felicitações à direção do jornal que, num espírito de imparcialidade que gostaríamos de ver entre todos aqueles que fazem profissão de liberalismo, e que se colocam como apóstolos da liberdade de pensar, acolheu uma profissão de fé tão explícita.

De resto, suas intenções tocam o Espiritismo tão claramente formuladas no artigo seguinte, publicado no número de 28 de janeiro:

Como ouvimos falar do Espiritismo.

"O artigo publicado no nosso número de 31 de dezembro, sobre o Espiritismo, provocou numerosas perguntas com o efeito de saber se nos propomos a tratar ulteriormente desta questão, e se dela nos fazemos um órgão. Uma explicação categórica a este respeito, sendo necessária para evitar todo equívoco, eis a nossa resposta:

"A *Discussion* é um jornal aberto a todas as idéias progressivas; ora, o progresso não pode se fazer senão por idéias novas que venham, de tempo em tempo, mudar o curso das idéias recebidas. Repeli-las porque destroem as que nos foram berço, é, aos nossos olhos, faltar com a lógica. Sem nos fazermos os apologistas de todas as elucubrações do espírito humano, o que não seria mais racional, consideramos como um dever de imparcialidade colocar o público em condições de julgá-las; para isto, basta apresentá-las tais quais são, sem tomar prematuramente partido, nem pró nem contra; porque se elas forem falsas, não será a nossa adesão que as tornará justas, e se elas forem justas, nossa desaprovação não as tornará falsas. Em tudo, é a opinião pública e o futuro que se pronunciam em última instância; mas para apreciar o forte e o fraco de uma idéia, é preciso conhecê-la em sua essência, e não tal como a apresenta aqueles que têm

interesse em combatê-la, quer dizer, o mais freqüentemente truncada e desfigurada. Se, pois, expomos os princípios de uma teoria nova, não queremos que seus autores ou seus partidários possam nos fazer a censura de lhes fazer dizer o contrário daquilo que dizem. Agir assim, não é assumir-lhe a responsabilidade: é dizer o que é e reservar a opinião de todo o mundo. Colocamos a idéia em evidência em toda a sua verdade; se ela for boa fará seu caminho, e nós lhe teremos aberto a porta; se for má, teremos dado os meios de julgá-la com conhecimento de causa.

É assim que procederemos com respeito ao Espiritismo. Qualquer que seja a maneira de ver a esse respeito, ninguém pode se dissimular a extensão que tomou em alguns anos; pelo número e pela qualidade de seus partidários, conquistou seu lugar entre as opiniões recebidas. As tempestades que levanta, a obstinação que se põe em combatê-lo em um certo mundo, são, para os menos clarividentes, o indício de que encerra alguma coisa de séria, uma vez que emociona a tanta gente. Que dele se pense o que quiser, é incontestavelmente uma das grandes questões na ordem do dia; não seríamos, pois, conseqüentes com o nosso programa, se a passássemos em silêncio. Nossos leitores têm direito de nos pedir que os façamos conhecer o que é essa doutrina que faz um tão grande ruído; nosso interesse é de satisfazê-los, e nosso dever é de fazê-lo com imparcialidade. Nossa opinião pessoal sobre a coisa pouco lhes importa; o que esperam de nós é um relatório exato dos fatos e conduta de seus partidários sobre o qual possam formar a sua própria opinião. Como a isto nos prendemos? É muito simples: Iremos à própria fonte; faremos para o Espiritismo o que fazemos para as questões de política, de finança, de ciência, de arte ou de literatura; quer dizer que disso encarregaremos homens especiais. As questões do Espiritismo serão, pois, tratadas pelos Espíritas, como as de arquitetura pelos arquitetos, a fim de que não nos qualifiquem de cegos raciocinando sobre cores, e que não nos apliquem esta palavra de Figaro: Era preciso um calculador, tomou-se um dançarino.

"Em suma, a *Discussion* não se coloca nem em órgão nem em apóstolo do Espiritismo; abre-lhe as suas colunas como a todas as idéias novas, sem pretender impor essa opinião aos seus leitores, sempre livres de controlá-la, de aceitá-la ou de rejeitá-la. Deixa aos seus redatores especiais toda liberdade de discutir os princípios dos quais sozinhos assumem a responsabilidade; mas que, no interesse de sua própria dignidade, ela repelirá sempre, é a polêmica agressiva e pessoal."

CURAS DE OBSESSÕES

Escrevera-nos de Cazères, em 7 de janeiro de 1866: "Eis um segundo caso de obsessão, que empreendemos e levamos a bom fim durante o mês de julho último. A obsidiada tinha a idade de vinte e dois anos; gozava de uma saúde perfeita; apesar disto, foi de repente vítima de acessos de loucura; seus pais afizeram cuidar por médicos, mas inutilmente, porque o mal, em lugar de desaparecer, tornava-se cada vez mais intenso, ao ponto que, durante as crises, era impossível contê-la. Os pais, vendo isto, segundo o conselho dos médicos, obtiveram sua admissão em uma casa de alienados, onde seu estado não experimentou nenhuma melhora. Nem eles nem a doente jamais se ocuparam do Espiritismo, que mesmo não conheciam; mas tendo ouvido falar da cura de Jeanne R..., da qual convosco conversei, vieram nos procurar para nos pedir se poderíamos fazer alguma coisa por sua infeliz filha. Respondemos que não poderíamos nada afirmar antes de conhecer a verdadeira causa do mal. Nossos guias, consultados em nossa primeira sessão, nos disseram que essa jovem estava subjugada por um Espírito muito rebelde, mas que acabaríamos por conduzi-lo a um bom caminho, e que a cura que se seguiria nos daria a prova da verdade desta afirmação. Em conseqüência, escrevi aos pais,

distantes de nossa cidade 35 quilômetros, que sua filha se curaria, e que a cura não demoraria muito tempo para chegar, sem, no entanto, poder precisar-lhe a época.

"Evocamos o Espírito obsessor durante oito dias seguidos e fomos bastante felizes por mudar suas más disposições e fazê-lo renunciar a atormentar sua vítima. Com efeito, a doente sarou, como o haviam anunciado nossos guias.

"Os adversários do Espiritismo repetem sem cessar que a prática desta Doutrina conduz ao hospital. Pois bem! podemos dizer-lhes, nesta circunstância, que o Espiritismo de lá fez sair aqueles que a tinham feito entrar."

Este fato, entre mil, é uma nova prova da existência da *loucura obsessional*, cuja causa é diferente daquela da loucura patológica, e diante da qual a ciência fracassará enquanto se obstinar a negar o elemento espiritual e sua influência sobre o organismo. O caso aqui é bem evidente: eis uma jovem apresentando de tal modo os caracteres da loucura, que os médicos a desprezaram, e que está curada, a várias léguas de distância, por pessoas que jamais a viram, sem nenhum medicamento nem tratamento médico, e unicamente pela moralização do Espírito obsessor. Há, pois, Espíritos obsessores cuja ação pode ser pernicioso para a razão e a saúde. Não é certo que se a loucura tivesse sido ocasionada por uma lesão orgânica qualquer, esse meio teria sido impotente? Se se objetasse que essa cura espontânea pode ser devida a uma causa fortuita, responderíamos que se não tivesse a citar senão um único fato, sem dúvida, seria temerário disso deduzir a afirmação de um princípio tão importante, mas os exemplos de curas semelhantes são muito numerosos; não são o privilégio de um indivíduo, e se repetem todos os dias em diversas regiões, sinais indubitáveis de que repousam sobre uma lei natural.

Citamos várias curas deste gênero, notadamente nos meses de fevereiro de 1864 e janeiro de 1865, que contêm duas relações completas eminentemente instrutivas. Eis um outro fato, não menos característico, obtido no grupo de Marmande.

Numa aldeia, a algumas léguas dessa cidade, tinha um camponês atacado de uma loucura de tal modo furiosa, que perseguia as pessoas a golpes de forcado para matá-las, e que na falta de pessoas, atacava os animais do galinheiro. Ele corria sem cessar pelos campos e não voltava mais para sua casa. Sua presença era perigosa; assim, obteve-se sem dificuldade a autorização de interná-lo na casa dos alienados de Cadillac. Não foi sem um vivo desgosto que a sua família se viu forçada a tomar essa decisão. Antes de levá-lo, um de seus parentes tendo ouvido falar das curas obtidas em Marmande, em casos semelhantes, veio procurar o Sr. Dombre e lhe disse: "Senhor, me disseram que curais os loucos, é por isso que venho vos procurar;" depois lhe contou do que se tratava, acrescentando: "É que, vede, isso nos dá tanta pena de nos separar desse pobre J... que gostaria antes de ver se não há um meio de impedi-lo."

- "Meu bravo homem, disse-lhe o Sr. Dombre, não sei quem me deu essa reputação; triunfei algumas vezes, é verdade, em devolver a razão a pobres insensatos, mas isto depende da causa da loucura. Embora não vos conheça, vou ver, no entanto, se posso vos ser útil." Tendo ido imediatamente com o indivíduo à casa de seu médium habitual, obteve de seu guia a segurança de que se tratava de uma grave obsessão, mas que com a perseverança dela triunfaria. Sobre isto disse ao camponês: "Esperai ainda alguns dias antes de conduzir vosso parente a Cadillac; dele iremos nos ocupar; retornai a cada dois dias para dizer-me como ele se encontra."

Desde esse dia se puseram à obra. O Espírito se mostrou, de início, como seus semelhantes, pouco tratável; pouco a pouco, acabou por humanizar-se, e, finalmente, por renunciar a atormentar esse infeliz.

Um fato bastante particular é que ele declara não ter nenhum motivo de ódio contra esse homem; que, atormentou por necessidade de fazer o mal, nisso se prendeu a ele como a qualquer outro; que reconhecia agora ter errado e disto pedia perdão a Deus. O camponês retornou depois de dois dias, e disse que seu parente estava mais calmo, mas

que não tinha ainda retornado para sua casa, e se escondia nas cercas vivas. Na visita seguinte, ele havia retornado à casa, mas estava sombrio, e se mantinha afastado; não procurava mais ferir ninguém. Alguns dias depois, ia à feira e fazia seus negócios, como de hábito. Assim, oito dias tinham bastado para reconduzi-lo ao estado normal, e isto sem nenhum tratamento físico. É mais que provável que se o tivesse encerrado com os loucos, teria perdido completamente a razão.

Os casos de obsessão são de tal modo freqüentes que não há nenhum exagero em dizer que nas casas de alienados há mais da metade deles que não têm senão a aparência da loucura, e sobre os quais a medicação comum é, por isto mesmo, impotente.

O Espiritismo nos mostra na obsessão uma das causas perturbadoras do organismo, e nos dá, ao mesmo tempo, os meios de remediá-la: aí está um de seus benefícios. Mas como essa causa pode ser reconhecida se não for pelas evocações? As evocações, são, pois, boas para alguma coisa, o que quer que digam delas seus detratores.

É evidente que aqueles que não admitem nem a alma individual, nem a sua sobrevivência, ou que, se as admite, não se dão conta do estado do Espírito depois da morte, devem olhar a intervenção dos seres invisíveis em semelhantes circunstâncias, como uma quimera; mas o fato brutal do mal e das curas aí está. Poder-se-ia colocar à conta da imaginação as curas operadas à distância, sobre pessoas que jamais se viram, sem emprego de nenhum agente material qualquer. A doença não pode ser atribuída à prática do Espiritismo, uma vez que ela atinge mesmo aqueles que nele não crêem, e crianças que dele não têm nenhuma idéia. Não há, portanto, aqui nada de maravilhoso, mas efeitos naturais que existiram em todos os tempos, que não se compreendiam então, e que se explicam da maneira mais simples, agora que se conhecem as leis em virtude das quais se produzem.

Não se vêem, entre os vivos, seres maus atormentando outros mais fracos, até torná-los doentes, fazê-los morrer mesmo, e isto sem outro motivo senão o desejo de fazer o mal? Há dois meios de retornar a paz à vítima: subtraí-la da autoridade, à sua brutalidade, ou desenvolver nela os sentimentos do bem. O conhecimento que temos agora do mundo invisível no-lo mostra povoado dos mesmos seres que viveram sobre a Terra, uns bons, os outros maus. Entre estes últimos, há os que se comprazem ainda no mal, em consequência de sua inferioridade moral e que não se despojaram ainda de seus instintos perversos; estão em nosso meio como quando vivos, com a única diferença de que em lugar de terem um corpo material visível, têm um corpo fluídico invisível; mas não são, por isto, menos os mesmos homens, no sentido moral pouco desenvolvido, procurando sempre as ocasiões de fazer o mal, se obstinando sobre aqueles que lhes dão presa e que acabam submetendo-se à sua influência; obsessores encarnados que eram, são obsessores desencarnados, tanto mais perigosos porque agem sem serem vistos. Afastá-los pela força não é coisa fácil, tendo em vista que não se pode prendê-los pelo corpo; o único meio de dominá-los é o ascendente moral com a ajuda do qual, pelo raciocínio e os sábios conselhos, chega-se a torná-los melhores, por isto são mais acessíveis no estado de Espírito do que no estado corpóreo. Desde o instante em que são conduzidos a renunciarem voluntariamente a atormentar, o mal desaparece, se esse mal é o fato de uma obsessão; ora, compreende-se que não são nem as duchas, nem os remédios administrados ao doente que podem agir sobre o Espírito obsessor. Eis todo o segredo dessas curas, para as quais não há nem palavras sacramentais, nem fórmulas cabalísticas; conversa-se com o Espírito desencarnado, se o moraliza, educa-o, como teria sido feito quando de sua vida. A habilidade consiste em saber prendê-lo segundo seu caráter, a dirigir com tato as instruções que são dadas, como o faria um instrutor experimentado. Toda a questão se resume a isto: Há, sim ou não, Espíritos obsessores? A isto responde-se o que dissemos mais acima: Os fatos materiais aí estão.

Pergunta-se, às vezes, por que Deus permite aos maus Espíritos atormentarem os vivos. Poder-se-ia com tanto de razão perguntar por que permite aos vivos de se atormentarem entre si. Perde-se muito de vista a analogia, as relações e a conexão que existem entre o mundo corpóreo e o mundo espiritual, que se compõe dos mesmos seres sob dois estados diferentes; aí está a chave de todos esses fenômenos reputados sobrenaturais.

Não é preciso mais se espantar com as obsessões do que com as doenças e outros males que afligem a Humanidade; elas fazem parte das provas e das misérias que se prendem à inferioridade do meio onde nossas imperfeições nos condenam a viver, até que estejamos suficientemente melhores para merecer dele sair. Os homens sofrem neste mundo as conseqüências de suas imperfeições, porque se fossem mais perfeitos, aqui não estariam.

O NAUFRÁGIO DO BORYSTHÈNE.

A maioria de nossos leitores leu, sem dúvida, em todos os jornais, o emocionante relato do naufrágio do *Borysthène*, nas costas da Argélia, em 15 de dezembro de 1865. Extraímos a passagem seguinte do relato de um dos passageiros escapados do desastre, publicado em o *Siècle* de 26 de janeiro:

"... No mesmo instante, um estalido terrível, indefinível, se fez ouvir, acompanhado de abalos tão violentos, que caí por terra; depois ouvi um marinheiro que gritou: "Meu Deus! estamos perdidos; orai por nós!" Vínhamos de tocar o rochedo, e o navio se entrepertiu; a água entrava no porão, ouvia-se-lhe borbulhar. Os soldados, que dormiam na ponte, se salvam desordenadamente, não importa onde, dando gritos horríveis; os passageiros, seminus se lançam para fora das cabines; as pobres mulheres se agarram a todo o mundo, suplicando-lhes que as salvem. Ora-se ao bom Deus muito alto; dizia-se adeus. Um negociante arma uma pistola e quer queimar o cérebro: sua arma é arrancada.

"Os abalos continuaram; o sino de bordo tocava o alarme, mas o vento mugia tão terrivelmente que o sino não era ouvido a cinqüenta metros. Eram gritos, urros, preces; era não sei quê de terrível, de lúgubre, de assustador. Jamais vi nada, jamais li nada de cenas tão horríveis, tão pungentes. Estar lá, cheio de vida, de saúde, e em face de uma morte que se acreditava certa, e uma morte horrível!

"Nesse momento supremo e indescritível, o vigário, Sr. Moisset, nos deu a todos a sua bênção. A voz cheia de lágrimas desse pobre sacerdote recomendava a Deus duzentos e cinqüenta infelizes que o mar iria engolir, comovia todas as entranhas."

Não há um grande ensinamento nessa espontaneidade da prece em face de um perigo iminente? Entre essa multidão amontoada no navio, certamente, havia incrédulos e quase não pensaram antes nem em Deus nem em sua alma, e hei-los em presença de uma morte que acreditavam certa, voltando seus olhares para o Ser Supremo, como para sua única tábua de salvação. É que no momento em que se ouvia soar a última hora, involuntariamente, o coração mais endurecido pergunta o que se vai começar a ser. O doente, em seu leito, espera até o último momento, é porque ele desafia todo poder sobre-humano, e quando a morte o atinge, o mais freqüentemente, já perdeu a consciência de si mesmo. Sobre um campo de batalha, há uma superexcitação que faz esquecer o perigo; e depois todo o mundo não é atingido, e se tem uma chance de escapar; mas no meio do Oceano, quando se vê submergir um navio, não se espera mais do que um socorro desta Providência que se havia esquecido, e à qual o ateu está pronto para pedir um milagre. Mas, ai! passado o perigo, quantos há que disso rendem graças ao acaso e à sua boa chance, ingratidão que cedo ou tarde pagarão caramente. (O *Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XXVII, n^o 8.)

Em semelhante circunstância, qual é o pensamento do Espírita sincero? "eu sei, diz ele, que devo me esforçar para conservar a minha vida corpórea; farei, pois, tudo o que está em meu poder para escapar ao perigo, porque, se a ele me abandonar voluntariamente, isto seria um suicídio, mas se aprover a Deus retirá-la de mim, que importa que isto seja de uma maneira ou de uma outra, um pouco mais cedo ou um pouco mais tarde! A morte não traz para mim nenhuma apreensão, porque sei que só o corpo morre, e que é a entrada da vida verdadeira, da do Espírito livre, onde reencontrarei todos aqueles que me são caros." Ele entrevê, pelo pensamento, o mundo espiritual, objetivo de suas aspirações, do qual apenas alguns instantes o separam ainda, e do qual a morte de seu corpo, que o retinha sobre a Terra, vai enfim lhe dar acesso; ele se rejubila em lugar de com isso se afligir, como o prisioneiro que vê se lhe abrirem as portas da prisão. Uma única coisa o entristece, é deixar aqueles que ama; mas com isto se consola pela certeza de que não os abandonará, e que estará mais freqüentemente e mais facilmente junto deles do que durante sua vida, que poderá vê-los e protegê-los. Ao contrário, se escapou ao perigo, dirá a si mesmo: "Uma vez que Deus me deixa viver ainda sobre a Terra, é que a minha tarefa ou as minhas provas nela não estão acabadas. O perigo que corri é uma advertência que Deus me dá para que esteja pronto para partir no primeiro momento, e de fazê-lo de sorte que isto seja nas melhores condições possíveis." Depois ele agradecerá pelo adiamento que lhe foi concedido, e se esforçará para pô-lo em proveito para o seu adiantamento.

Um dos mais curiosos episódios desse drama é o fato desse passageiro que queria se queimar o cérebro, dando-se assim uma morte certa, ao passo que correndo as chances do naufrágio, poderia surgir um socorro inesperado. Que móvel poderia levá-lo a esse ato insensato? Muitos dirão que tinham perdido a cabeça, o que seria possível; mas talvez tivesse sido movido, com seu desconhecimento, por uma intuição da qual não se dava conta. Embora não tenhamos nenhuma prova material da verdadeira explicação que foi dada acima, o conhecimento das relações que subsistem entre as diferentes existências lhe dá pelo menos um grande grau de probabilidade.

As duas comunicações seguintes foram dadas na sessão da Sociedade de Paris de 12 de janeiro.

I

A prece é o veículo dos fluidos espirituais mais poderosos, e que são como um bálsamo salutar para as feridas da alma e do corpo. Ela atrai todos os seres para Deus, e faz, de alguma sorte, a alma sair da espécie de letargia em que ela é mergulhada quando esquece seus deveres para com o Criador. Dita com fé, ela provoca naqueles que a ouvem o desejo de imitar aqueles que oram, porque o exemplo e a palavra levam também fluidos magnéticos de uma força muito grande. As que foram ditas sobre o navio naufragado, pelo sacerdote, com o acento da convicção mais tocante e da resignação mais santa, tocaram o coração de todos esses infelizes que acreditavam chegada sua última hora.

Quanto a esse homem que queria se suicidar em face de uma morte certa, esta idéia lhe veio de uma repulsão instintiva pela água, porque é a terceira vez que morre dessa maneira, e suportou, em alguns instantes, as mais horríveis angústias. Nesse momento, teve a intuição de todas as suas infelicidades passadas, que lembrou vagamente em seu espírito: foi porque quis acabar diferentemente. Duas vezes tinha se afogado voluntariamente, e tinha arrastado toda a sua família com ele. A impressão confusa que lhe restou dos sofrimentos que tinha suportado lhe deu a apreensão desse gênero de morte.

Orai por esses infelizes, meus bons amigos; a prece de várias pessoas forma um feixe que sustenta e fortifica a alma para a qual é feita; dá-lhe a força e a resignação.

SAINT BENOÎT (*méd.* Sra. DELANNE).

II

Não é raro ver pessoas que, há muito tempo, não tinham pensado em orar, fazê-lo quando estão ameaçadas de um perigo iminente e terrível. De onde pode, pois, vir esta propensão instintiva a se aproximar de Deus nos momentos críticos? Dessa mesma tendência que leva a se aproximar de alguém quando se sabe poder nos defender estando num grande perigo. Então, as doces crenças dos primeiros anos, as sábias instruções, os piedosos conselhos dos pais, retornam como um sonho na memória desses homens trêmulos que há pouco achavam Deus muito longe deles, ou negavam a utilidade de sua existência. Esses espíritos fortes, tornados pusilânimes, sentiam tanto mais as angústias da morte, quanto por muito tempo não creram em nada; não tinham necessidade de Deus, pensavam, e poderiam bastar a si mesmos. Deus, para fazê-los sentir a *utilidade* de sua existência, permitiu que fossem expostos a um fim terrível, sem a esperança de serem ajudados por nenhum socorro humano. Lembrem-se, então, que outrora oraram, e que a prece dissipa as tristezas, faz suportar os sofrimentos com coragem, e abranda os últimos momentos do agonizante.

Tudo isto lhe aparece, a esse homem em perigo; tudo isto o incita a orar de novo. Aquele a quem orou na sua infância. Ele se submete, então, e pede a Deus do mais profundo do seu coração, com uma fé viva que tem uma espécie de desespero, lhe perdoar os desvios passados. Nessa hora suprema ele não pensa mais em todas as vãs dissertações sobre a existência de Deus, porque não a coloca mais em dúvida. Nesse momento ele crê, e está aí uma prova de que a prece é uma necessidade da alma; que, fosse ela sem outro resultado, pelo menos o aliviaria e deveria, por isso mesmo, ser repetida mais freqüentemente; mas, felizmente, ela tem uma ação mais positiva, e é reconhecida, assim como isto vos foi demonstrado, que a prece tem para todos uma imensa utilidade: para aqueles que a fazem, como para aqueles a quem se aplica.

O que disse não é verdadeiro senão na maioria; porque, ai! aos que não recobram assim até na sua hora última; que, o vazio na alma, querem ser, crêem, afundados no nada, por uma espécie de frenesi, querem eles mesmos nele se precipitar. Esses são os mais infelizes, e vós que sabeis toda a utilidade e todos os efeitos da prece, orai sobretudo por eles.

ANDRÉ (*méd.* Sr. CHARLES B.).

ANTROPOFAGIA.

Lê-se no *Siècle* de 26 de dezembro de 1865:

"O almirantado inglês vem de se dirigir às cidades marítimas que fazem armamentos para a Oceania uma circular, na qual anuncia que, há algum tempo, nota-se entre os habitantes das ilhas do grande Oceano um redobramento da antropofagia. Nessa circular, convida os capitães dos navios do comércio a tomar todas as precauções necessárias para evitar que seus tripulantes sejam vítimas desse terrível costume.

"Há mais ou menos um ano, as tripulações de quatro navios foram devoradas pelos antropófagos das Novas-Hébridas, da baía de Jervis ou da Nova Caledônia, e todas as medidas devem ser tomadas para evitar a renovação de tão cruéis infelicidades."

Eis como o jornal te *Monde* explica essa recrudescência da antropofagia:

"Tivemos o cólera, a epizootia, a varíola; os legumes, os animais estão doentes. Eis uma epidemia mais dolorosa ainda que o almirantado inglês nos faz conhecer; os selvagens da Oceania redobram, diz-se, a antropofagia. Vários fatos horríveis vieram ao

conhecimento dos lordes do almirantado. As tripulações de vários navios ingleses desapareceram. Ninguém duvida que nossas autoridades marítimas não tomam também medidas, porque dois navios franceses foram atacados, os tripulantes presos e devorados pelos selvagens. O espírito, se detém diante desses horrores, dos quais todos os esforços de nossa civilização não puderam triunfar. Quem sabe de onde vêm essas criminosas civilizações?

"Que palavra de ordem foi dada a todos esses pagãos disseminados sobre centenas de milhares de ilhas nas imensidades do mar do Sul? Sua paixão monstruosa, um momento apaziguada, reaparece ao ponto de chamar a repreensão, de inquietar os poderes da Terra. É desses problemas dos quais só o dogma católico pode dar a solução. O espírito das trevas age em certos momentos com toda a liberdade. Antes dos acontecimentos graves, ele se agita, impele suas criaturas, as sustenta e as inspira. Grandes acontecimentos se preparam. A revolução cresce na hora chegada de proceder ao coroamento do edifício; ela se recolhe para a luta suprema; ela se processa na pedra principal da abóbada da sociedade cristã. A hora é grave, e parece que a Natureza inteira a presente e lhe entrevê a gravidade."

Espantamo-nos de não ver, entre as causas desse desdobramento de ferocidade nos selvagens, figurar o Espiritismo, este bode expiatório de todos os males da Humanidade, como o foi outrora o Cristianismo em Roma. Isso pode ser implicitamente compreendido, como sendo, segundo alguns, a obra do Espírito das trevas. "Só o dogma católico, disse te *Monde*, pode dar a explicação desse problema." Não vemos que a explicação que ele dá seja tão clara, nem o que o espírito revolucionário da Europa tem de comum com esses bárbaros. Encontramos mesmo nesses dogmas uma complicação da dificuldade.

O antropófagos são homens: disto ninguém jamais duvidou. Ora, o dogma católico não admitindo a preexistência da alma, mas a criação de uma alma nova no nascimento de cada corpo, disto resulta que Deus criou naquele lugar almas de comedores de homens, e aqui almas capazes de se tornarem santas. Por que esta diferença? É um problema do qual a Igreja jamais deu a solução, e no entanto é uma chave de abóbada essencial. Segundo sua doutrina, a recrudescência da antropofagia não pode explicar-se senão assim: foi que nesse momento agradou a Deus criar um maior número de almas antropófagas; solução pouco satisfatória e sobretudo pouco conseqüente com a bondade de Deus.

A dificuldade aumenta considerando-se o futuro dessas almas. Em que se tornam elas depois da morte? São tratadas do mesmo modo que aquelas que têm consciência do bem e do mal? Isto não seria nem justo nem racional. Com seu dogma, a Igreja, em lugar de explicar, está num impasse do qual ela não pode sair senão pelo constante fim de não admitir o mistério, que não é preciso procurar compreender, espécie de *non possumos* que interrompe as questões embaraçosas.

Pois bem! esse problema que a Igreja não pode resolver, o Espiritismo encontra-lhe a solução mais simples e mais racional na lei da pluralidade das existências, à qual todos os seres estão submetidos, e em virtude da qual progredem. As almas dos antropófagos são assim almas próximas de sua origem, cujas faculdades intelectuais e morais são ainda obtusas e pouco desenvolvidas, e em quem, por isto mesmo, dominam os instintos animais.

Mas essas almas não estão destinadas a permanecer perpetuamente nesse estado inferior, que as privaria para sempre da felicidade das almas mais adiantadas; elas crescem em razão; se esclarecem, se depuram, se melhoram, se instruem em existências sucessivas. Revivem nas raças selvagens, enquanto elas não tenham ultrapassado os limites da selvageria. Chegadas a um certo grau, elas deixam esse meio para se encarnar numa raça um pouco mais avançada; desta em uma outra, e assim por diante, sobem em grau em razão dos méritos que adquirem e das imperfeições das quais se despojam, até

que tenham alcançado o grau de perfeição do qual a criatura é suscetível. O caminho do progresso não está fechado para ninguém; de tal sorte que a alma mais atrasada pode pretender a suprema felicidade. Mas umas, em virtude de seu livre arbítrio, que é o apanágio da Humanidade, trabalham com ardor para a sua depuração, para a sua instrução, para se despojarem dos instintos materiais e dos cueiros de sua origem, porque a cada passo que dão para a perfeição vêem mais claro, compreendem melhor e são mais felizes; aquelas avançam mais prontamente, gozam mais cedo: aí está a sua recompensa. Outras, sempre em virtude de seu livre arbítrio se atrasam no caminho, como escolares preguiçosos e de má vontade, ou como obreiros negligentes; chegam mais tarde, sofrem por mais longo tempo: aí está a sua punição, ou, querendo-se, o seu inferno. Assim se confirma, pela pluralidade das existências progressivas, a admirável lei de unidade e de justiça que caracteriza todas as obras da criação. Comparei esta doutrina à da Igreja sobre o passado e o futuro das almas, e vede qual é a mais racional, a mais conforme à justiça divina, e que melhor explica as desigualdades sociais.

A antropofagia, seguramente, é um dos mais baixos graus da escala humana sobre a Terra, porque o selvagem que não come seu semelhante já está em progresso. Mas de onde vem a recrudescência desse instinto bestial? Há que se notar primeiro que ela não é senão local, e que, em suma, o canibalismo desapareceu em grande parte da Terra. Ela é inexplicável sem o conhecimento do mundo invisível, e de suas relações com o mundo visível. Pelas mortes e pelos nascimentos, eles se alimentam um do outro, se derramam incessantemente um no outro. Ora, os homens imperfeitos não podem fornecer ao mundo invisível almas perfeitas, e as almas más, se encarnando, não podem fazer senão homens maus. Quando as catástrofes, os flagelos, levam ao mesmo tempo um grande número de homens, é uma chegada em massa de almas no mundo dos Espíritos. Essas mesmas almas devendo reviver, em virtude da lei da Natureza e para o seu adiantamento, as circunstâncias podem igualmente reconduzi-las em massa sobre a Terra.

O fenômeno de que se trata prende-se, pois, simplesmente da encarnação accidental, em meios ínfimos, de um maior número de almas atrasadas, e não à malícia de Satã, nem à palavra de ordem dada às populações da Oceania. Ajudando o desenvolvimento do sentido moral dessas almas, durante sua estada terrestre, e é a missão dos homens civilizados, elas melhoram; e quando retomarem em uma nova existência corpórea para avançarem ainda, farão homens menos maus do que eram, mais esclarecidos, com instintos menos ferozes, porque o progresso adquirido jamais se perde. É assim que se cumpre gradualmente o progresso da Humanidade.

Lê *Monde* está na verdade, dizendo que grandes acontecimentos se preparam. Sim, uma grande transformação se elabora na Humanidade. Já os primeiros estremecimentos do parto se fazem sentir; o mundo corpóreo e o mundo espiritual se agitam, porque é a luta entre o que acaba e o que começa. Em proveito de quem será essa transformação? Sendo o progresso a lei providencial da Humanidade, ela não pode ocorrer senão em proveito do progresso. Mas as grandes criações são laboriosas; não é sem abalos e sem grandes dilaceramentos do solo, que se extirpam dos terrenos a desmoitar as más ervas que têm longas e profundas raízes.

A ESPINETA DE HENRY III.

O fato adiante é uma continuação da interessante história da *Ária e palavras do rei Henry III*, narrada na Revista de julho de 1865, página 193. Desde então, o Sr. Bach tornou-se médium escrevente, mas praticou pouco, por causa da fadiga que isto resulta para ele. Não o faz senão quando é para isso incitado por uma força invisível, que se

traduz por uma viva agitação e um tremor na mão, porque então a resistência é mais penosa do que o exercício. Ele é mecânico, no sentido mais absoluto da palavra, não tendo nem consciência nem lembrança do que escreve. Um dia em que se encontrava nesta disposição, escreveu a quadra seguinte:

O rei Henry dá essa grande espineta
A Baldazzarini, muito bom músico.
Se ela não é boa ou bastante galante
Para lembrar, pelo menos, que a conserve bem.

A explicação desses versos, que, para o Sr. Bach, não tinham sentido, lhe foi dada em prosa.

"O rei Henry meu senhor, que me deu a espineta que possuis, tinha escrito uma quadra sobre um pedaço de pergaminho que fizera fixar sobre o estojo, e mo enviou uma manhã. Alguns anos mais tarde, tendo uma viagem a fazer, e temendo, uma vez que levava minha espineta comigo para fazer música, que o pergaminho fosse arrancado e perdido, eu o retirei, e, para não perdê-lo, coloquei num pequeno nicho à esquerda do teclado, onde está ainda."

A espineta é a origem dos pianos atuais em sua maior simplicidade, e se tocava do mesmo modo; era um pequeno cravo a quatro oitavas, em torno de um metro e meio de comprimento sobre quarenta centímetros de largura, e sem pés. As cordas, no interior, eram dispostas como nos pianos, e tocada com a ajuda de toques. Era transportada à vontade, encerrada num estojo, como se faz para os baixos e os violoncelos. Para dela se servir, era colocado sobre uma mesa ou sobre um X móvel.

O instrumento estava então na exposição do museu retrospectivo, nos Campos Elíseos, onde não era possível fazer a pesquisa indicada. Quando lhe foi contado, o Sr. Bach, de acordo com o seu filho, se apressou em remexer todos os recantos, mas inutilmente, de sorte que acreditou de início numa mistificação. No entanto, para não ter nada a se censurar, desmontou-a completamente, e descobriu, à esquerda do teclado, entre duas pranchetas, um intervalo tão estreito, que nele não se podia introduzir a mão. Ele remexeu esse reduto, cheio de pó e de teias de aranha, e dele retirou um pedaço de pergaminho dobrado, escurecido pelo tempo, com comprimento de trinta e um centímetros sobre sete e meio de largura, sobre o qual estava escrita a quadra seguinte, em caracteres bem grossos da época:

Eu, o Rei Henry III, concedi esta espineta
A Baltasarini, meu alegre músico,
Mas se dizem que soa mal, ou bem ele é muito simples
Então para minha lembrança no estojo que guarde bem.
HENRY.

Esse pergaminho está furado nos quatro cantos com buracos que são evidentemente dessas tachas com ajuda das quais é fixado sobre a caixa. Além disso, ele leva, sobre as bordas, uma multidão de tachas alinhadas e regularmente espaçadas, que parecem ter sido feitas com pregos pequeninos. Ele foi exposto na sala das sessões da Sociedade, e tivemos o ócio de examiná-lo, assim como a espineta, na qual o Sr. Bach nos fez ouvir a ária e as palavras das quais demos conta, e que lhe foram, como se sabe, reveladas em sonho.

Os primeiros versos ditados reproduzem, como se vê, o mesmo pensamento dos do pergaminho, do qual são a tradução em linguagem moderna, e isto antes que estes fossem descobertos.

O terceiro verso é obscuro, e contém sobretudo a palavra *ma* que parece não ter nenhum sentido, e não se liga à idéia principal, e que, no original, está cercado de um filete quadrado; disso procuramos inutilmente a explicação, e o próprio Sr. Bach disso não sabia mais. Estando um dia na casa deste último, teve ele espontaneamente, em nossa presença, uma comunicação de Baldazzarini, dada em nossa intenção e assim concebida:

"Amico mio,

"Estou contente contigo; escrevestes esses versos em minha espineta; meu desejo cumpriu-se, estou tranqüilo atualmente. (Alusão a outros versos ditados ao Sr. Bach e que Baltazzarini tinha lhe dito para escrever no instrumento.) Quero dizer uma palavra ao sábio presidente que vem te visitar.

Ó tu, Allan Kardec, cujos trabalhos úteis
Instruem cada dia espíritas novos,
Tu não nos fazes nunca perguntas fúteis;
Também os bons Espíritos iluminam teus trabalhos.
Mas te é preciso lutar contra os ignorantes,
Os quais, sobre nossa Terra, se crêem os sábios.
Não desamines; a tarefa é difícil;
Para todo propagador isto foi sempre fácil?

"O rei ridicularizava meu sotaque em seus versos; eu dizia sempre *ma* em lugar de *mais*. *Adio, amico.*

"BALDAZZARINI."

Assim foi dada, sem pergunta preliminar, a explicação dessa palavra *ma*. É a palavra italiana significando *mais*, intercalada por gracejo, pela qual o rei designava Baldazzarini, que, como muitos daqueles de sua nação, o pronunciavam freqüentemente. Assim o rei, dando aquela espineta ao seu músico, disse-lhe: Se ela não for boa, se ela soa *mal*, ou se *ma* (Baldazzarini) a acha muito simples, de muito pouco valor, que guarde em seu estojo, em lembrança minha. A palavra *ma* está cercada de um filete, como uma palavra entre parênteses. Teríamos, certamente, por muito tempo procurado esta explicação, que não podia ser o reflexo do pensamento do Sr. Bach, uma vez que ele mesmo disso nada compreendia. Mas o Espírito viu que disso tínhamos necessidade para completar o nosso relatório, e aproveitou a ocasião para no-la dar sem que tivéssemos tido o pensamento de lha pedir, porque, quando o Sr. Bach se pôs a escrever, ignorávamos, assim como ele, qual era o Espírito que se comunicava.

Uma importante questão restava a resolver, era de saber se a escrita do pergaminho era realmente da mão de Henry III. O Sr. Bach foi à Biblioteca imperial para compará-la com a dos manuscritos originais. Foram encontrados de início com os quais não tinha ela uma semelhança perfeita, mas somente o mesmo caráter de escrita. Com outras peças, a identidade era absoluta, tanto pelo corpo da escrita quanto pela assinatura; essa diferença provinha de que a escrita do rei era variável, circunstância que será explicada dentro em pouco.

Não podia, pois, restar dúvidas sobre a autenticidade dessa peça, embora certas pessoas, que professam uma incredulidade radical a respeito das coisas ditas sobrenaturais, tenham pretendido que isso não era senão uma imitação muito exata. Ora, faremos observar que não se trata aqui de uma escrita medianímica dada pelo Espírito do rei, mas de um manuscrito original escrito pelo próprio rei, quando vivo, e que nada tem de mais maravilhoso do que aqueles que circunstâncias fortuitas fazem cada dia descobrir. O maravilhoso, se maravilhoso há, não está senão na maneira pela qual a sua

existência foi revelada. É bem certo que se o Sr. Bach tivesse se contentado em dizer que ele o tinha encontrado por acaso em seu instrumento, não se teria levantado nenhuma objeção.

Esses fatos tinham sido relatados na sessão da Sociedade de 19 de janeiro de 1866, à qual assistiu o Sr. Bach. O Sr. Morin, membro da Sociedade, médium sonâmbulo muito lúcido, vê perfeitamente os Espíritos e conversa com eles, assistiu à sessão em estado de sonambulismo. Durante a primeira parte da sessão, consagrada a leituras diversas, à correspondência e ao relato dos fatos, o Sr. Morin, do qual não se ocupava, parecia em conversação mental com os seres invisíveis; sorria-lhes, trocava com eles aperto de mão. Quando chegou a sua vez de falar, lhe foi pedido para designar os Espíritos que via e pedir-lhes para nos transmitir, por seu intermédio, o que quisessem nos dizer para a nossa instrução. Não lhe foi dirigida uma única pergunta direta. Não mencionamos sumariamente senão alguns fatos que se passaram, para dar uma idéia da fisionomia da sessão, e para nisso chegar ao assunto principal que nos ocupa aqui.

Nós vos nomearmos todos, disse, seria coisa impossível, porque o número deles é muito grande; aliás, há deles muitos que não conheceis, e que vêm para se instruir. A maioria gostaria de falar, mas cedem o lugar àqueles que têm, para o momento, coisas mais importantes a dizer.

Primeiro há aqui, ao nosso lado, nosso antigo colega, o último a partir para o mundo dos Espíritos, o Sr. Didier, que não falta a uma de nossas sessões, e que vejo exatamente como quando estava vivo, com a mesma fisionomia; dir-se-ia que está com seu corpo material; somente não tosse mais. Dá-me a conhecer suas impressões, sua opinião sobre as coisas atuais, e me encarrega de vos transmitir as suas palavras.

Veio em seguida um jovem que recentemente se suicidou em circunstâncias excepcionais, cuja a situação descreve, que apresenta uma fase de alguma sorte nova, do estado de certos suicidas, depois da morte, em razão das causas determinantes do suicídio e da natureza de seus pensamentos.

Depois veio o Sr. B..., Espírita fervoroso, desencarnado há alguns dias em consequência de uma operação cirúrgica, e que tinha haurido em sua crença, e na prece a força para suportar corajosamente e com resignação seus longos sofrimentos. "Que reconhecimento, disse ele, não devo ao Espiritismo! sem ele, certamente, teria posto fim às minhas torturas, e eu seria como esse infeliz jovem que vindes dever. O pensamento do suicídio veio-me mais de uma vez; mas cada vez eu o repelia; sem isto, quanto minha sorte seria triste! Hoje estou feliz, oh! muito feliz, e agradeço a nossos irmãos que me assistiram com suas preces cheias de caridade. Ah! se se soubesse que doces e salutareflúvios a prece do coração derrama sobre os sofrimentos!

"Mas onde, pois, me conduzem? continua o sonâmbulo; num miserável alojamento! está lá um homem jovem ainda que morre dos pulmões..., a privação é completa: nada para se aquecer, nada para se alimentar! Sua mulher esgotada pela fadiga e pelas privações, não pode mais trabalhar... Ah! último e triste recurso!... ela não tem mais cabelos... cortou-os e vendeu-os para ter alguns centavos!... quantos dias isto a f ara viver?... É horrível!".

Sobre pedido que lhe foi feito pode indicar o domicílio dessa pobre gente, ele disse: "Esperai!" Depois pareceu escutar o que se lhe disse; tomou um lápis e escreveu um nome com indicação da rua e do número. Tendo sido feita verificação no dia seguinte, de manhã, tudo foi achado perfeitamente exato.

Saído de sua emoção, e seu Espírito retornado ao lugar da sessão, falou ainda de várias outras pessoas e de diversas coisas que foram para os nossos guias espirituais o motivo de instruções de alta importância, e que teremos ocasião de narrar numa outra vez.

De repente ele exclama: "Mas há aqui Espíritos de todas as espécies! Há os que foram príncipes, reis! Eis um que se adianta; ele tem a figura longa e pálida, uma barbicha

pontiaguda, uma espécie de boné encimado por uma fagulha. Ele me disse para vos dizer:

"O pergaminho do qual falaste e que tendes sob os olhos foi bem escrito de minha própria mão, mas vos dou a este respeito uma explicação.

"No meu tempo não se escrevia com tanta facilidade quanto hoje, sobretudo os homens de minha posição. Os materiais eram menos cômodos e menos aperfeiçoados; a escrita era mais lenta, mais grossa, mais pesada; também refletia melhor as impressões da alma. Eu não era, vós o sabeis, de um humor igual, e, segundo estava em boa ou má disposição, minha escrita mudava de caráter. É o que explica a diferença que se nota nos manuscritos que restam de mim. Quando escrevi este pergaminho para um músico em lhe enviando a espineta, eu estava num de meus momentos de satisfação. Se procurardes em meus manuscritos aqueles cuja escrita se assemelha a esta, reconheceréis pelo assunto que tratam, o que devia ser num desses bons momentos, e tereis aí uma prova de identidade."

Por ocasião da descoberta desse escrito, do qual o *Grand Journal* falou em seu número de 14 de janeiro, o mesmo jornal contém, no de 21 de janeiro, o artigo seguinte:

"Segredemos afundo a questão da correspondência, mencionando a carta da senhora condessa de Martino, relativa à espineta do Sr. Bach. A senhora condessa de Martino está persuadida de que o correspondente sobrenatural do Sr. Bach é um impostor, tendo em vista que ele deveria assinar *Baldazzarini* e não *Baltazarini*, o que é do italiano de cozinha."

Faremos notar primeiro que essa chicana a propósito da ortografia de um nome próprio é passavelmente pueril, e que o epíteto de *impostor*, na falta do correspondente invisível, no qual a senhora condessa não crê, recai sobre o homem honrado, o que não é de muito bom gosto. Em segundo lugar, *Baldazzarini*, simples músico, espécie de trovador, poderia bem não possuir a língua italiana em sua pureza, onde não se incomodava com a instrução. Contestar-se-ia a identidade de um Francês que escrevesse em francês de cozinha, e não se vê nele que não sabe escrever corretamente seu próprio nome? *Baldazzarini*, pela sua origem, não deveria estar muito acima da cozinha. Mas essa crítica cai diante de um fato, é que os Franceses, pouco familiarizados com as nuances da ortografia italiana, ouvindo pronunciar este nome, o escrevem naturalmente em francês. O próprio rei Henry III, na quadra encontrada e citada mais acima, o escreve simplesmente *Baltazarini*, e no entanto não era um cozinheiro. Assim o foi com aqueles que dirigiram ao *Grand Journal* o relato do fato em questão. Quanto ao músico, nas diversas comunicações que ditou ao Sr. Bach e das quais temos várias originais nas mãos, ele assinou *Baldazzarini*, e algumas vezes *Baldazzarini*, assim que se pode disso conhecer; a falta não está, pois, nele mas naqueles que, por ignorância, afrancesaram seu nome, e a nós inteiramente o primeiro.

É verdadeiramente curioso ver as puerilidades a que se apegam os adversários do Espiritismo, prova evidente da penúria de boas razões.

OS RATOS DO EQUIHEN.

Um de nossos assinantes de Boulogne-sur-Mer nos manda o que se segue, em data de 24 de dezembro de 1865:

"Há alguns dias, eu soube que em Équihen, aldeia de pescadores, perto de Boulogne, na casa do Sr. L..., riquíssimo fazendeiro, passam-se fatos tendo o caráter de manifestações físicas espontâneas, e que lembram os de Grandes-Ventes, perto de Dieppe, de Poitiers, de Marseille, etc. Todos os dias, pelas sete horas da noite, pancadas e rolamentos muito barulhentos se fazem ouvir sobre os soalhos. Um armário fechado a chave se abre de repente, e a roupa que guarda é lançada no meio do quarto; as camas, sobretudo a da filha da casa, são bruscamente descobertas várias vezes repetidamente.

"Embora essa população estivesse muito longe de se ocupar do Espiritismo, e mesmo de saber o que é, pensa-se que o autor dessa algazarra, da qual todas as pesquisas e a vigília mais minuciosa não tinham descoberto a causa, poderia bem ser um irmão do senhor L..., antigo militar, que morreu na Argélia, há dois anos. Parece que ele tinha recebido de seus parentes a promessa de que, se morresse em serviço, estes fariam transportar seu corpo para Équihen . Esta promessa, não tendo sido executada, se supôs que era o Espírito desse irmão, que vinha cada dia, há seis semanas, colocar em comoção a casa, e, por conseqüência, toda a aldeia.

O clero se comoveu com esses fenômenos; quatro sacerdotes da localidade e vizinhança, depois cinco Redentoristas e três ou quatro religiosas, vieram; eles exorcizaram o Espírito, mas inutilmente. Vendo que não podiam conseguir fazer cessar a algazarra, aconselharam ao senhor L... a partir para a Argélia à procura do corpo de seu irmão, o que ele fez sem interrupção. Antes de sua partida, esses senhores foram confessar e comungar toda a família; disseram, em seguida, que seria preciso dizer missas, sobretudo missa cantada, depois missas musicadas cada dia; a primeira teve lugar, e os Redentoristas foram encarregados das outras. Fizeram às mulheres L... a recomendação expressa de abafar esses boatos, e de dizerem a todos os que viessem se informar se isso continuava, que toda essa algazarra foi ocasionada pelos ratos. É preciso, acrescentaram, vos guardar de propalar essas coisas, porque isso seria uma grave ofensa para com Deus, porque existe uma seita que procura destruir a religião; que se ela soubesse o que se passa, não deixaria de disso se prevalecer para prejudicá-la, do que a família seria responsável diante de Deus; que era muito infeliz que a coisa já estivesse tão difundida. Desde esse momento as portas foram barricadas, a barreira do pátio cuidadosamente fechada a chave, e a entrada interdita a todos aqueles que vinham cada dia ouvir os ruídos. Mas se puseram chaves às portas, não puderam colocá-las em todas as línguas, e os ratos fizeram tão bem que se fizeram ouvir dez léguas ao redor. Gracejadores disseram que tinham bem visto ratos roerem a roupa, mas não ainda lançá-la através dos quartos, nem abrir portas fechadas a chave; é que, diziam, provavelmente, são ratos de uma nova espécie, importados por algum navio estrangeiro. Esperamos com impaciência que os mostrem ao público."

O mesmo fato nos foi contado por dois outros de nossos correspondentes. Dele resulta uma primeira consideração, é que esses senhores do clero, que eram numerosos, e que tinham interesse em descobrir nele uma causa vulgar, não teriam deixado de assinalá-la se ela existisse, e, sobretudo, não teriam prescrito a pequena mentira dos ratos, sob pena de incorrer em desgraça de Deus. Portanto, reconheceram a intervenção de uma força oculta. Mas, então, por que o exorcismo é sempre impotente em semelhante caso? A isto, de início, há uma razão peremptória, é que o exorcismo se dirige aos *demônios*; ora, os Espíritos obsessores e barulhentos não sendo os demônios, mas seres humanos, o exorcismo não vai em sua direção. Em segundo lugar, o exorcismo é um anátema e uma ameaça que irrita o Espírito malfazejo, e não uma instrução capaz de tocá-lo e de levá-lo ao bem.

Na circunstância presente, esses senhores reconheceram que isso poderia ser o Espírito de irmão morto na Argélia; de outro modo, não teriam aconselhado ir procurar seu corpo, a fim de cumprir a promessa que lhe foi feita; não teriam recomendado missas, que não podiam ser ditas em proveito dos demônios. Em que se torna, pois, a doutrina daqueles que pretendem que só os demônios podem se manifestar, e que esse poder é recusado às almas dos homens? Se um Espírito humano pôde fazê-lo no caso em que se trata, por que não o faria em outros? Por que um Espírito bom e benevolente não se comunicaria por outros meios que não a violência, para ser recordado na lembrança daqueles que amou, ou para lhes dar sábios conselhos?

É preciso ser conseqüente consigo mesmo. Dizei sem cerimônia, uma vez portadas, que são sempre os demônios, sem exceção: crer-se-á no que se quiser; ou bem,

reconheci que os Espíritos são as almas dos homens, e que entre elas, há bons e maus que podem se comunicar.

Aqui se apresenta uma questão especial do ponto de vista espírita. Como os Espíritos podem ter em conta isso que seu corpo esteja antes num lugar do que no outro? Os Espíritos de uma certa elevação nisto não se apegam de nenhum modo; mas os menos avançados não são de tal modo desligados da matéria, para que não liguem ainda importância às coisas terrestres, assim como o Espiritismo disto oferece numerosos exemplos. Mas aqui o Espírito pode ser solicitado por um outro motivo, o de lembrar ao seu irmão que faltou com a promessa, negligência que este não pode escusar pela penúria, uma vez que é rico. Talvez tenha se dito: "Ora essa! meu irmão está morto, não virá mais fazer a sua reclamação, e esta será uma grande despesa a menos." Ora, suponhamos que o irmão, fiel aos seus compromissos, desde o princípio, tivesse ido para a Argélia, mas que estivesse na impossibilidade de encontrar o corpo, ou que, tendo em vista a confusão inevitável do tempo de guerra, tivesse transportado para a aldeia um outro corpo que não aquele de seu parente, este último com isto não estaria menos satisfeito, porque o dever moral foi cumprido. Os Espíritos nos dizem sem cessar: O pensamento é tudo; a forma não é nada, e nisto nos apegamos.

NOVO E DEFINITIVO ENTERRO DO ESPIRITISMO.

Quantas vezes não se disse que o Espiritismo estava morto e enterrado! Quantos escritores se gabaram de lhe ter dado o golpe de misericórdia, uns porque disseram grandes palavras temperadas com muito sal, os outros porque descobriram um charlatão vestindo-se com o nome de Espírita, ou alguma imitação grosseira de um fenômeno! Sem falar de todos os sermões, pastorais e brochuras da mesma fonte dos quais o menos importante acreditava ter lançado o raio, a aparição dos espectros no teatro foi saudada por um hurra! em toda a linha. "Temos o segredo desses Espíritas, dizem insistentes os jornais, pequenos e grandes, desde Perpignan até Dunkerque; jamais se levantarão desse acidente imprevisto!" Os espectros passaram, e o Espiritismo ficou de pé. Depois vieram os irmãos Davenport, apóstolos e grandes sacerdotes do Espiritismo que eles não conhecem, e que nenhum Espírita conhece. Lá, ainda, o Sr. Robin teve a glória de salvar uma segunda vez a França e a Humanidade, tudo em fazendo muito bem seus negócios de teatro; a imprensa trançou coroas a esse corajoso defensor do bom senso, a esse sábio que tinha descoberto as astúcias do Espiritismo, como o Sr. doutor Jobert (de Lamballe) tinha descoberto a astúcia do músculo estalante. No entanto, os irmãos Davenport partiram sem as honras de guerra; o músculo estalante foi por água abaixo, e o Espiritismo se porta muito bem. Evidentemente, isto prova uma coisa, é que ele não consiste nem nos espectros do Sr. Robin, nem nas cordas e nos tamborins dos Srs. Davenport, nem no músculo curto-perônio (1-(1) Ver a *Revista Espírita* de junho de 1859, página 41: O músculo estalante. O *Moniteur* e outros jornais anunciaram, há algum tempo, que o Sr. doutor Jobert (de Lamballe) estava atacado de alienação mental, e se encontrava atualmente numa casa de saúde. Este triste acontecimento, seguramente, não é o efeito de sua crença nos Espíritos.).

É, pois, ainda um golpe fracassado; mas esta vez, eis o bom, o verdadeiro e é impossível que o Espiritismo dele não se levante:

o *Evenement*, o *Opinion nationale* e o *Grand Journal* que o ensinam e que o afirmam. Uma coisa bastante bizarra é que o Espiritismo se compraz em reproduzir todos os fatos que se lhe opõem, e que, segundo seus adversários, devem matá-lo. Se os cresse tão perigosos, os calaria. Eis do que se trata:

Ó célebre ator inglês Sothem vem de escrever, a um jornal de Glascow, uma carta que dá o último golpe no Espiritismo. Este jornal lhe censurava atacar, sem comedimento, os irmãos Davenport e os adeptos das influências ocultas, depois de ele mesmo ter dado sessões de Espiritismo na América, sob o nome de Sticart, que era, então, seu

pseudônimo de teatro. O Sr. Sothem confessou muito bem ter freqüentemente mostrado aos seus amigos que ele era capaz de executar todos os malabarismos dos Espíritas, e mesmo ter feito charlatanices ainda mais maravilhosas; mas jamais suas experiências foram executadas fora de um pequeno círculo de amigos e de conhecidos. Jamais fez pagar um centavo a quem quer que seja; ele mesmo fazia as despesas de suas experiências, em consequência das quais ele e seus amigos se reuniam em uma alegre ceia.

"Com o concurso de um americano muito ativo, obtive os mais curiosos resultados: a aparição de fantasmas, o ruído dos instrumentos, as assinaturas de Shakespeare, as mãos invisíveis passando nos cabelos dos espectadores, aplicando-lhes bofetadas, etc., etc.

"O Sr. Sothem sempre disse que todas essas destrezas eram o resultado de combinações engenhosas, de agilidade e de destreza, sem que os Espíritas do outro mundo nelas tivessem alguma parte.

"Em resumo, o célebre artista declarou que desafia os Hume, os Davenport, e todos os Espíritas do mundo, a fazerem alguma manifestação que ele não possa ultrapassar.

"Jamais entendeu fazer ofício de sua agilidade, mas somente desconcertar os velhacos, que ultrajam a religião e roubam o dinheiro do público, fazendo-o crer em uma força sobrenatural, que eles mantêm relações com o outro mundo, que podem evocar a alma dos mortos, o Sr. Sothem não toma circunlóquios para dizer a sua opinião; e diz as coisas por seus nomes e chama um cão um cão e os Rollets... de gatunos."

Os Srs. Davenport tinham contra eles duas coisas que nossos adversários reconheceram: as exhibições teatrais e a exploração. Credo de boa-fé, pelo menos gostamos de pensá-lo, que o Espiritismo consiste em exhibições da parte dos Espíritas, os adversários esperam que os Espíritas venham a tomar fato e causa por esses senhores; ficaram um pouco desapontados quando os viram, ao contrário, desaprovarem esse gênero de manifestações como nocivas aos princípios da Doutrina, e demonstrar que é ilógico admitir que os Espíritas estejam a toda hora às ordens do primeiro que chegar, que quisesse deles se servir para ganhar dinheiro. Certos críticos tem mesmo, por seu próprio movimento, feito valer esse argumento contra os Srs. Davenport, sem desconfiarem que defendem a causa do Espiritismo. A idéia de colocar em cena os Espíritas e de fazê-los servir de comparsas num objetivo de interesse em fazer experimentar um sentimento geral de repulsa, quase de desgosto, mesmo nos incrédulos, que disseram a si mesmos: "Não cremos nos Espíritas, mas se os há, não é em tais condições que devem se mostrar, e devem ser tratados com mais respeito." Não creiam em Espíritas vindo a tanto por sessão, nisto tinham perfeitamente razão; de onde é preciso concluir que as exhibições de coisas extraordinárias e a exploração são os piores meios de fazer prosélitos. Se o Espiritismo patrocinasse essas coisas, este seria seu lado fraco; seus adversários o compreendem tão bem, que é sobre o qual não negligenciam nenhuma ocasião de ferir, credo atingir a Doutrina. O Sr. Gérôme, do *Univers illustre*, respondendo ao Sr. Blanc de Lalésie (ver nossa Revista de dezembro), que lhe censurava por falar daquilo que não conhecia, disse: "Praticamente estudei o Espiritismo nos irmãos Davenport, isto me custou 15 francos. É verdade que hoje os irmãos Davenport trabalham nos preços brandos: por 3 ou 5 francos se lhes pode ver a farsa; os preços de Robin, finalmente!"

O autor do artigo sobre a jovem cataléptica de Souabe, que não é de nenhum modo espírita (ver o n. de janeiro, página 18), tem o cuidado de fazer ressaltar, como um título de confiança nesses fenômenos extraordinários, que os pais não pensam de nenhum modo tirar partido das estranhas faculdades de sua filha.

A exploração da idéia espírita é, pois, muito e devidamente um assunto de descrédito. Os Espíritas desaprovam a especulação, é por isto que se tem o cuidado de apresentar o ator Solhem como completamente desinteressado, na esperança de fazerem

dele um argumento vitorioso. É sempre essa idéia de que o Espiritismo não vive senão de fatos maravilhosos e de malabarismos.

Que a crítica fira, pois, tanto quanto queira sobre os abusos, que ela desmascare os truques e as astúcias dos charlatães, o Espiritismo, que não usa de nenhum procedimento secreto, e cuja doutrina é toda moral, não pode senão ganhar em ser desembaraçado dos parasitas que dele fazem um degrau, e daqueles que lhe desnaturam o caráter.

O Espiritismo teve por adversários homens de um valor real, como saber e como inteligência, que desdobraram contra ele, sem sucesso, todo o arsenal da argumentação. Veremos se o ator Sothem triunfará melhor do que os outros em enterrá-lo. Ele o estaria há muito tempo se tivesse repousado sobre os absurdos que lhe emprestam. Se, pois, depois de ter matado o malabarismo e desacreditado as práticas ridículas ele existe sempre, é que há nele alguma coisa de mais sério que não se pôde alcançar.

OS QÜIPROQUÓS.

A avidez com a qual os detratores do Espiritismo agarram as menores notícias que crêem lhe ser desfavoráveis, os expõem a um singular equívoco. Sua pressa em publicá-las é tal que não se dão o tempo de verificar-lhe a exatidão. Para que, aliás, se dar tal trabalho! a verdade do fato é uma questão secundária; desde que dela jorre o ridículo, é o essencial. Às vezes, essa precipitação tem seus inconvenientes, e em todos os casos atesta uma leviandade que está longe de acrescentar em valor da crítica.

Outrora, os saltimbancos chamavam-se muito simplesmente *escamoteadores'*, este nome tendo caído em descrédito, substituíram-no pela palavra *prestidigitadores*, mas que lembrava ainda muito o astuto. O célebre Confe foi, cremos, o primeiro que se decorou com o título de *físico* e que obteve o privilégio, sob a Restauração, de colocar sobre seus cartazes e sobre a tabuleta de seu teatro: *Físico do rei*. Desde então, não houve medíocre escamoteador correndo as feiras que não se intitulasse também: *físico, professor de física, etc.*, maneira como uma outra de lançar a poeira nos olhos de um certo público que, disso não sabendo mais, coloca os de boa-fé na mesma linha dos físicos da Faculdade de ciências. Seguramente, a arte da prestidigitação tem feito imensos progressos, e não se pode contestá-lo em alguns daqueles que a praticam com brilho, conhecimentos especiais, um talento real, e um caráter honrado; mas isso não é sempre senão a arte de produzir ilusões com mais ou menos habilidade, e não uma ciência séria tendo seu lugar no Instituto.

O Sr. Robin adquiriu nesse gênero uma celebridade à qual não contribui pouco o papel que desempenhou no negócio dos irmãos Davenport. Esses senhores, errados ou com razão, pretenderam que operavam com a ajuda dos Espíritos; era de sua parte um novo meio de atizar a curiosidade saindo dos caminhos batidos? Não é aqui o lugar de examinar a questão. O que quer que seja, unicamente por isto que se disseram agentes dos Espíritos, aqueles que não os querem por preço algum gritaram Alto lá! O Sr. Robin, homem hábil a agarrar isto oportunamente, logo se aproveita; declara produzir os mesmos efeitos por simples destreza; a crítica, crendo os Espíritos mortos, canta vitória, o proclama vencedor.

Mas o entusiasmo é cego, e, às vezes, comete estranhas imperícias. Há muitos Robin no mundo, como há muitos Martin.

Eis que um Sr. Robin, professor de física, vem de ser eleito membro da Academia das ciências. Mais dúvida: este não pode ser senão o Sr. Robin, o físico do boulevard do Temple, o rival dos irmãos Davenport, que cada noite ataca os Espíritos em seu teatro, e sem mais amplamente informado, um jornal sério, o *Opinion nationale*, em seu folhetim de sábado, 20 de janeiro, publicou o artigo seguinte:

"Os acontecimentos da semana estão errados. Deles havia, no entanto, bastante curiosos. Por exemplo, a eleição de Charles Robin na Academia de ciência. Havia muito tempo que defendíamos aqui no interesse de sua candidatura; mas se pregava muito alto contra ele em mais de um lugar. O fato é de que esse nome de Robin tem alguma coisa de diabólica. Lembrai de Robin dês Bois. O herói das *Memóires du Diable* não se chama Robin? É um físico tão sábio quanto amável, o Sr. Robin, que prendeu o guizo no pescoço dos Davenport. O guizo cresceu, cresceu; tornou-se mais enorme e mais retumbante do que o sino grande de Notre-Dame; os pobres farsantes, espantados com o barulho que faziam, deveram fugir para *América*, e a própria América não os quer mais. Grande vitória do bom senso, derrota do sobrenatural! Ele contava tomar uma revanche na Academia das ciências, e fez esforços heróicos para excluir esse inimigo, esse positivista, esse descrente ilustre que se chama Charles Robin. E eis que no próprio seio da Academia tão bem pensante, o sobrenatural é ainda batido. Charles Robin vai sentar-se à esquerda do Sr. Pasteur. E não estamos mais no tempo das doces fábulas, no tempo feliz e lamentado em que o cajado do pastor se impunha a Robin carneiro!

ED. ABOUT."

Para quem é a mistificação? Estaríamos verdadeiramente tentados de crer que algum Espírito maligno conduziu a caneta do autor do artigo.

Eis um outro quiproquó que, por ser menos divertido, não prova menos a leviandade com a qual a crítica acolhe, sem exame, tudo o que ela crê contrário ao Espiritismo, que ela se obstina, apesar de tudo o que foi dito, a encarnar nos irmãos Davenport; de onde ela conclui que tudo o que é um eco para esses senhores é um eco para a Doutrina, que não é mais solidária com aqueles que lhe tomam nisso o nome, do que a verdadeira física não é solidária com aqueles que usurpam o nome de físico.

Vários jornais se apressaram em reproduzir o artigo seguinte, depois do *Messenger franco-américan* eles deveriam, no entanto, melhor do que ninguém saber que tudo o que é impresso não é palavra do Evangelho:

"Esses pobres irmãos Davenport não podiam escapar ao ridículo que espera os charlatães de toda a espécie. Cridos e enaltecidos nos Estados Unidos, onde por muito tempo cunharam moeda, depois descobertos e zombados na capital da França, menos fácil a sofrer o *humbug*, seria preciso que recebessem, na própria sala de suas grandes explorações em New-York, o último desmentido que mereciam.

"Esse desmentido, é seu antigo companheiro e compadre, o Sr. Fay, que acaba de lhes dar publicamente na sala do Cooper Institute, sábado à noite, em presença de numerosa assembléia.

"Ali, o Sr. Fay a tudo revelou, os segredos do famoso armário, os segredos das cordas e dos nós e de todas as astúcias portão longo tempo empregadas com sucesso. Comédia humana! E dizer que há pessoas, sérias e instruídas, que admiraram e defenderam os irmãos Davenport, e que chamaram *Espiritismo* as farsas talvez toleradas em carnaval!"

Não temos que tomar fato e causa pelos Srs. Davenport, dos quais sempre condenamos as exhibições como contrárias aos princípios da sã Doutrina Espírita. Mas, qualquer opinião que se faça ao seu assunto, devemos a bem da verdade dizer que é erradamente que se tem inferido esse artigo que estavam em New-York e ali foram zombados. Temos de fonte certa que, deixando Paris, retornaram à Inglaterra, onde ainda estão neste momento. O Sr. Fay, que teria revelado seus segredos, não é seu cunhado, William Fay, que os acompanha, mas um chamado H. Melleville Fay, que produzia efeitos semelhantes na América, e o qual é assunto em sua biografia, com a recomendação de não confundi-los. Não há nada de espantoso em que esse senhor, que lhes fazia concorrência, tenha julgado a propósito de aproveitar de sua ausência para lhes pregar peça, e desacreditá-los em seu proveito. Nessa luta ao fenômeno não se poderia ver o

Espiritismo. É o que dá a entender o fim do artigo, por esta frase: "E dizer que há pessoas sérias que chamaram *espiritismo* as farsas que seriam talvez toleradas em carnaval!" Esta exclamação tem todo o ar de uma censura dirigida a todos aqueles que confundem coisas tão disparadas.

Os irmãos Davenport forneceram aos detratores do Espiritismo a ocasião ou o pretexto de um formidável levante geral, em presença do qual ele permaneceu de pé, calma e impassível, continuando sua rota sem se perturbar com o barulho que se fazia ao seu redor. Um fato digno de nota é que seus adeptos, longe de se assustarem com isto, foram unânimes em considerar essa efervescência eminentemente útil à sua causa, certos de que o Espiritismo não pode senão ganhar em ser conhecido. A crítica caiu a braços curtos sobre os Srs. Davenport, crendo matar neles o Espiritismo; se este não gritou foi porque não se sentiu atingido. O que ela matou, foi precisamente o que condenamos e desaprovamos: A exploração, as exhibições públicas, o charlatanismo, as manobras fraudulentas, as imitações grosseiras de fenômenos naturais que se produzem em condições diferentes, o abuso de um nome que representa uma doutrina toda moral, de amor e de caridade. Depois desta rude lição, cremos que será temerário tentar a fortuna por semelhantes meios.

Disso resulta, é verdade, uma certa confusão momentânea no espírito de algumas pessoas, uma espécie de hesitação muito natural naqueles que não entenderam senão a censura lançada com parcialidade, sem fazer a parte do verdadeiro e do falso; mas desse mal saiu um grande bem: o desejo de conhecer, que não pode senão voltar-se em proveito da Doutrina.

Obrigado, pois, à crítica por ter feito, com ajuda dos poderosos meios de que dispõe, o que os Espíritas não teriam podido fazer por eles mesmos; ela adiantou a questão em vários anos, e convenceu, uma vez mais, seus adversários da impotência. De resto, o público tem de tal modo sido repisado com o nome dos Davenport, que isto começa a lhe parecer tão fastidioso quanto o grito de Lambert; para a crônica, é tempo que lhe chegue algum novo assunto para explorar.

NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA.

Por ocasião de nosso artigo do mês último sobre o *Dictionnaire uni-versel*, muitas pessoas nos pediram informações sobre o modo de subscrição e de pagamento. Eisa nota que nos foi dada a esse respeito pela direção.

Preço de cada entrega de 8 páginas: 10 c. Aparecem duas entregas por semana. - Os envios pelo correio não se fazem senão por séries de 40 entregas, cujo preço é de 4 fr. para Paris, 5 fr. para os departamentos, e 6 fr. para o estrangeiro. - Pode-se subscrever por um número qualquer de séries; basta enviar seu valor ao diretor, 38, boulevard Sébastopol, em Paris. A primeira série está à venda; a segunda será completada em pouco.-As pessoas que desejarem receber a obra por entregas devem se dirigir aos livreiros de sua localidade.

ERRATA.

No número de janeiro, cariado Sr. Jaubert, página 17, linha 6, em lugar de *tous lês uniformes*, lede: *tous uniformes*; linha 7, em lugar de: *qu'ont-ils donc prouvés?* lede: *prouvé*, em lugar de: *assiégiée*, lede: *assiégée*.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

9º ANO

NO. 3

MARÇO 1866

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DOS FLUIDOS ESPIRITUAIS.

I

Os fluidos espirituais desempenham um papel importante em todos os fenômenos espíritas, ou melhor, são o próprio principio desses fenômenos. Até o presente, limitou-se a dizer que tal efeito é o resultado de uma ação fluídica; mas esse dado geral, suficiente no início, não o é mais quando se quer pesquisar os detalhes. Os Espíritos limitaram, sabiamente, seus ensinamentos no princípio; mais tarde chamaram a atenção sobre esta séria questão dos fluidos, e não foi num único centro que o limitaram, foi por quase toda a parte.

Mas os Espíritos não vêm para nos trazer esta ciência, mais do que uma outra, inteiramente feita; eles nos colocam no caminho, nos fornecem os materiais, cabendo a nós estudá-los, observá-los, analisá-los, coordená-los e colocá-los em ação. Foi o que fizeram para a constituição da Doutrina, e agiram do mesmo modo com relação aos fluidos. Em mil lugares diferentes, de nosso conhecimento, esboçaram-lhe o estudo; por toda parte encontramos alguns fatos, algumas explicações, uma teoria parcial, uma idéia, mas em nenhuma parte do conjunto completo. Por que isto? é impossibilidade de sua parte? Não, certamente, porque o que tivessem podido fazer como homens, o podem com mais forte razão como Espíritos; mas é, como dissemos, que não vêm, por nenhuma coisa, nos livrar do trabalho da inteligência, sem o qual nossas forças, permanecendo inativas, se enfraquecem, porque acharíamos cômodo que trabalhassem por nós.

O trabalho é, pois, deixado ao homem, mas sua inteligência, sua vida, seu tempo, sendo limitado, não dá a ninguém elaborar tudo o que é necessário para a constituição de uma ciência; é porque não há uma única que seja, de todas as partes, a obra de um só homem, nem uma descoberta que seu primeiro inventor tenha levado à perfeição; a cada edifício intelectual vários homens e várias gerações trouxeram seu contingente de pesquisas e de observações.

Assim o é com a questão que nos ocupa, cujas diversas partes foram tratadas separadamente, depois coligidas num corpo metódico, quando os materiais suficientes puderam ser reunidos. Esta parte da ciência espírita se acha desde então ser, não mais uma concepção sistemática individual, de um homem ou de um Espírito, mas o produto de observações múltiplas, que tiram sua autoridade da concordância que existe entre elas.

Pelo motivo que acabamos de expressar, não poderíamos pretender que esteja aí a última palavra. Os Espíritos, como dissemos, graduam seus ensinamentos e os proporcionam à soma e à maturidade das idéias adquiridas. Não se poderia, pois, duvidar que, mais tarde, colocarão no caminho de novas observações; mas desde hoje há elementos suficientes para formar um corpo que será ulteriormente e gradualmente completado.

O encadeamento dos fatos nos obriga a tomar nosso ponto de partida de mais alto, a fim de proceder do conhecido ao desconhecido.

Tudo se liga na obra da criação. Outrora consideravam-se os três reinos como inteiramente independentes um do outro, e ter-se-ia rido daquele que tivesse pretendido encontrar uma correlação entre o mineral e o vegetal, entre o vegetal e o animal. Uma observação atenta faz desaparecer a solução de continuidade, e prova que todos os corpos formam uma cadeia ininterrupta; de tal sorte que os três reinos não subsistem, na realidade, senão pelos caracteres gerais mais marcantes; mas sobre seus limites respectivos eles se confundem, ao ponto que se hesita em saber onde um acaba e o outro começa, e no qual certos seres devem ser classificados; tais são, por exemplo, os zoófitos ou animais plantas, assim chamados porque, ao mesmo tempo, têm do animal e da planta.

A mesma coisa tem lugar para o que concerne à composição dos corpos. Por muito tempo, os quatro elementos serviram de base às ciências naturais; caíram diante das descobertas da química moderna, que reconheceu um número indeterminado de corpos simples. A química nos mostra todos os corpos da Natureza formados desses elementos combinados em diversas proporções; é da variedade infinita dessas combinações que nascem as inumeráveis propriedades dos diferentes corpos. Assim é, por exemplo, que uma molécula de gás oxigênio e duas de gás hidrogênio, combinadas, formam a água. Em sua transformação em água, o oxigênio e o hidrogênio perdem suas qualidades próprias; não há mais, propriamente falando, oxigênio e hidrogênio, mas a água. Decompondo-se a água, reencontram-se os dois gases nas mesmas proporções. Se, em lugar de uma molécula de oxigênio, há dele duas, quer dizer, duas de cada gás, não é mais a água, mas um líquido muito corrosivo. Portanto, basta uma simples mudança na proporção de um dos elementos para transformar uma substância salutar em uma substância venenosa. Por uma operação inversa, que os elementos de uma substância deletéria, de arsênico, por exemplo, sejam simplesmente combinados em outras proporções, sem adição nem supressão de nenhuma outra substância, ela tornar-se-á inofensiva, ou mesmo salutar. Há mais: várias moléculas reunidas, de um mesmo elemento, gozarão de propriedades diferentes, segundo o modo de agregação e as condições do meio em que se encontrem. O *ozônio*, recém descoberto no ar atmosférico, disto é um exemplo. Reconheceu-se que esta substância não é outra senão o oxigênio, um dos princípios constituintes do ar, num estado particular que lhe dá propriedades distintas do oxigênio propriamente dito. Nem por isto o ar é menos formado sempre de oxigênio e de azoto, mas suas qualidades variam segundo contenham uma quantidade mais ou menos grande de oxigênio no estado de ozônio.

Estas observações, que parecem estranhas ao nosso assunto, a ele se ligam, no entanto, de maneira direta, como se verá mais tarde; elas são, além disso, essenciais como pontos de comparação.

Essas composições e essas decomposições se obtêm artificialmente e em ponto pequeno nos laboratórios, mas se operam em grande e espontaneamente no grande laboratório da Natureza. Sob a influência do calor, da luz, da eletricidade, da umidade, um corpo se decompõe, seus elementos se separam, outras combinações se operam e novos corpos se formam. Assim, a mesma molécula de oxigênio, por exemplo, que faz parte de nosso próprio corpo, depois da destruição deste, entra na composição de um mineral, de uma planta, ou de um corpo animado. Em nosso corpo atual se encontram, pois, as mesmas parcelas de matéria que foram partes constituintes de uma multidão de outros corpos.

Citemos um exemplo para tornar a coisa mais clara. Uma pequena semente é colocada na terra, ela brota, cresce e se torna uma grande árvore, que, cada ano, dá folhas, flores e frutos. Quer dizer que essa árvore inteira se achava na semente? Seguramente não, porque contém uma quantidade de matéria muito mais considerável. De onde lhe veio, pois, essa matéria? Dos líquidos, dos sais, dos gases que a planta hauriu na terra e no ar, que se infiltraram em seu caule, e, pouco a pouco, lhe aumentaram o volume. Mas nem na terra nem no ar não se encontram madeira, folhas, flores e frutos. É que esses

mesmos líquidos, sais e gases, no ato da absorção, se decompueram; seus elementos sofreram novas combinações que os transformaram em seiva, madeira, casca, folhas, frutos, essências voláteis odoríferas, etc. Essas mesmas partes vão, por sua vez, se destruir, se decompor; seus elementos se misturarem de novo à terra e ao ar; recompor as substâncias necessárias à frutificação; serem absorvidas, decompostas e transformadas uma outra vez em seiva, madeira, casca, etc. Em uma palavra, a matéria não sofre nem aumento, nem diminuição, ela se transforma, e, em consequência dessas transformações sucessivas, a proporção das diversas substâncias está sempre em quantidade suficiente para as necessidades da Natureza. Suponhamos, por exemplo, que uma quantidade dada de água seja decomposta, no fenômeno da vegetação, para fornecer o oxigênio e o hidrogênio necessários à formação das diversas partes da planta; é uma quantidade de água que existe a menos na massa; mas essas partes da planta, quando de sua decomposição, vão liberar o oxigênio e o hidrogênio que continham, e esses gases, se combinando entre si, vão tornar a formar uma quantidade de água equivalente àquela que havia desaparecido.

Um fato que não é inoportuno assinalar aqui, é que o homem, que pode operar artificialmente as decomposições e as composições que se operam espontaneamente na Natureza, é impotente para reconstituir o menor corpo organizado, fosse mesmo o de um talo de erva ou uma folha morta. Depois de ter decomposto um mineral, ele pode formá-lo de novo em todas as partes, tal qual era antes; mas quando separou os elementos de uma parcela de matéria vegetal ou animal, não pode reconstituí-la, e com menor razão dar-lhe a vida. Seu poder se detém na matéria inerte: o princípio da vida está na mão de Deus.

A maioria dos corpos simples é chamada de *ponderável*, porque pode-se-lhe medir o peso, e esse peso está em razão da soma das moléculas contidas num volume dado. Outros são ditos *imponderáveis*, porque não têm nenhum peso para nós, e que em qualquer quantidade que sejam acumulados num outro corpo, não lhe aumentam o peso. Estes são: o calor, a luz, a eletricidade, o fluido magnético ou do ímã; este último não é senão uma variedade da eletricidade. Embora imponderáveis, por isto esses fluidos não têm menos uma força muito grande. O calor divide os corpos mais duros, os reduz em vapor, e dá aos líquidos evaporados uma força de expansão irresistível. O choque elétrico parte as árvores e as pedras, curva as barras de ferro, funde os metais, transporta longe massas enormes. O magnetismo dá ao ferro um poder de atração capaz de sustentar pesos consideráveis. A luz não possui esse gênero de força, mas exerce uma ação química sobre a maioria dos corpos, e sob sua influência se operam, incessantemente, as composições e as decomposições. Sem a luz, os vegetais e os animais definham, os frutos não têm nem sabor nem coloração.

III

Todos os corpos da Natureza, minerais, vegetais, animais, animados ou inanimados, sólidos, líquidos ou gasosos, são, pois, formados dos mesmos elementos, combinados de maneira a produzirem a infinita variedade dos diferentes corpos, a ciência vai mais longe hoje; suas investigações a conduzem pouco a pouco à grande lei da unidade. Agora é quase geralmente admitido que os corpos reputados simples não são senão modificações, transformações de um elemento único, princípio universal designado sob o nome de *éter*, *fluido cósmico* ou *universal*; de tal sorte que, segundo o modo de agregação das moléculas desse fluido, e sob a influência de circunstâncias particulares, adquire propriedades especiais que constituem os corpos simples; esses corpos simples, combinados entre si em diversas proporções, formam, como dissemos, a inumerável variedade dos corpos compostos. Segundo esta opinião, o calor, a luz, a eletricidade e o magnetismo não seriam igualmente senão modificações do fluido primitivo universal. Assim esse fluido que, segundo toda a probabilidade, é imponderável, seria ao mesmo tempo o princípio dos fluidos imponderáveis e dos corpos ponderáveis.

A química nos faz penetrar na constituição íntima dos corpos; mas, experimentalmente falando, ela não vai além dos corpos considerados como simples; seus meios de análise são impotentes para isolar o elemento primitivo e determinar-lhe a essência. Ora, entre esse elemento em sua pureza absoluta e o ponto em que se detêm as investigações da ciência, o intervalo é imenso. Raciocinando-se por analogia, chega-se a esta conclusão de que entre estes dois pontos extremos, esse fluido deve sofrer modificações que escapam aos nossos instrumentos e aos nossos sentidos materiais. É nesse campo novo, até aqui fechado à exploração, que vamos tentar penetrar.

IV

Até este dia, não se tinham senão idéias muito incompletas sobre o mundo espiritual ou invisível; imaginavam-se os Espíritos como seres fora da Humanidade; os anjos eram também criaturas à parte, de uma natureza mais perfeita. Quanto ao estado das almas depois da morte, os conhecimentos não eram quase nada mais positivos. A opinião mais geral deles fazia seres abstratos, dispersos na imensidão, e não tendo mais relações com os vivos, a não ser que estivessem, segundo a doutrina da Igreja, nas beatitudes do céu ou nas trevas do inferno. Além disto, as observações da ciência, detendo-se na matéria tangível, disto resulta, entre o mundo corpóreo e o mundo espiritual, um abismo que parecia excluir toda aproximação. É este abismo que as novas observações e o estudo de fenômenos ainda pouco conhecidos vêm preencher, pelo menos em parte.

O Espiritismo nos ensina primeiro que os Espíritos são as almas dos homens que viveram sobre a Terra; que eles progridem sem cessar, e que os anjos são essas mesmas almas ou Espíritos chegados a um estado de perfeição que os aproxima da Divindade.

Em segundo lugar, nos ensina que as almas passam alternativamente do estado de encarnação ao de erraticidade; que neste último estado elas constituem a população invisível do globo, ao qual permanecem ligadas até que tenham nele adquirido o desenvolvimento intelectual e moral que comporte a natureza desse globo, depois do que elas o deixam para passar a um mundo mais avançado.

Pela morte do corpo, a Humanidade corpórea fornece almas, ou Espíritos, ao mundo espiritual; pelo nascimento, o mundo espiritual alimenta o mundo corpóreo; há, pois, transmutação ou derramamento incessante de um no outro. Esta relação constante os torna solidários, porque são os mesmos seres que entram em nosso mundo e que dele saem alternativamente. Está aí um primeiro traço de união, um ponto de contato que já diminui a distância que parecia separar o mundo visível do mundo invisível.

A natureza íntima da alma, quer dizer, do princípio inteligente, fonte do pensamento, escapa completamente às nossas investigações; mas sabe-se agora que a alma está revestida de um envoltório, ou corpo fluídico, que dela faz, depois da morte do corpo material, como antes, um ser distinto, circunscrito e individual. A alma é o princípio inteligente considerado isoladamente; é a força atuante e pensante que não podemos conceber isolada da matéria senão como uma abstração. Revestida de seu envoltório fluídico, ou perispírito, a alma constitui o ser chamado *Espírito*, como quando ela está revestida do envoltório corpóreo, constitui o homem; ora, se bem que no estado de Espírito ela goze de propriedades e de faculdades especiais, não deixa de pertencer à Humanidade. Os Espíritos são, pois, seres semelhantes a nós, uma vez que cada um de nós se torna Espírito depois da morte de seu corpo, e que cada Espírito se torna de novo homem pelo nascimento.

Esse envoltório *não é a alma*, porque ele não pensa; não é senão uma veste; sem a alma, o perispírito, do mesmo modo que o corpo, é uma matéria inerte privada de vida e de sensações. Dizemos *matéria*, porque, com efeito, o perispírito, embora de natureza etérea e sutil, por isto não é menos a matéria tanto quanto os fluidos imponderáveis, e, além disto, *matéria da mesma natureza e da mesma origem que a matéria tangível mais grosseira*, assim como o veremos dentro em pouco.

A alma não reveste unicamente o perispírito no estado de Espírito; ela é inseparável desse envoltório, que a segue na encarnação, como na erraticidade. Na encarnação, é o laço que a une ao envoltório corpóreo, um intermediário com a ajuda do qual ela atua sobre os órgãos e percebe as sensações das coisas exteriores. Durante a vida, o fluido perispiritual se identifica com o corpo, do qual penetra todas as partes; na morte, dele se liberta; o corpo privado de sua vida se dissolve, mas o perispírito, sempre unido à alma, quer dizer, ao princípio vivificante, não perece; unicamente a alma, em lugar de dois envoltórios, não conserva deles senão um: o mais leve, aquele que está mais em harmonia com o seu estado espiritual.

Embora esses princípios sejam elementares para os Espíritos, é útil lembrá-los para a compreensão das explicações subseqüentes e a conexão das idéias.

V

Algumas pessoas contestaram a utilidade do envoltório perispiritual da alma, e, conseqüentemente, a sua existência. A alma, dizem elas, não tem necessidade de intermediário para agir sobre o corpo; e, uma vez separada do corpo, é um acessório supérfluo.

A isto respondemos primeiro que o perispírito não é uma criação imaginária, uma hipótese inventada para chegar a uma solução; sua existência é um fato constatado pela observação. Quanto à sua utilidade, seja durante a vida, seja depois da morte, é preciso admitir que, uma vez que existe, é que serve para alguma coisa. Aqueles que contestam a sua utilidade são como um indivíduo que, não compreendendo as funções de certas engrenagens de um mecanismo, disto concluem que não servem senão para complicar a máquina sem necessidade. Não vê que se a menor peça for suprimida, tudo será desorganizado. Que as coisas, no grande mecanismo da Natureza, parecem inúteis aos olhos do ignorante, e mesmo de certos sábios, que crêem de boa fé que se tivessem sido encarregados da construção do Universo, o teriam feito muito melhor!

O perispírito é uma dessas engrenagens mais importantes da economia; a ciência o observou em alguns de seus efeitos, e, alternativamente, designou-o sob os nomes de fluido vital, fluido ou influxo nervoso, fluido magnético, eletricidade animal, sem se dar conta precisa de sua natureza e de suas propriedades, e ainda menos de sua origem. Como envoltório do Espírito depois da morte, foi suspeitado desde a mais alta antigüidade. Todas as teogonias atribuem aos seres do mundo invisível um corpo fluídico. São Paulo disse em termos precisos que nós renascemos com um *corpo espiritual* C¹ ep. aos *Corintos*, cap. XV, V, de 35 a 44 e 50).

Ocorre o mesmo com todas as grandes verdades fundadas sobre as leis da Natureza, e das quais, em todas as épocas, os homens de gênio tiveram intuição. É assim que, desde antes de nossa era, os sábios filósofos supuseram a redondeza da Terra e seu movimento de rotação, o que nada tira ao mérito de Copérnico e de Galileu, supondo mesmo que estes últimos tenham se aproveitado das idéias precedentes. Graças aos seus trabalhos, o que não era senão uma opinião individual, uma teoria incompleta e sem prova, *desconhecida das massas*, tornou-se uma verdade científica, prática e popular.

A doutrina do perispírito está no mesmo caso; o Espiritismo não foi o primeiro a descobri-la; mas, do mesmo modo que Copérnico para o

movimento da Terra, ele a estudou, demonstrou, analisou, definiu, e dela tirou fecundos resultados. Sem os estudos modernos mais completos, essa grande verdade, como muitas outras, estaria ainda no estado de letra morta.

VI

O perispírito é o traço de união que liga o mundo espiritual ao mundo corpóreo. O Espiritismo no-los mostra em relação tão íntima e tão constante que de um a outro a transição é quase insensível; ora, do mesmo modo que, na Natureza, o reino vegetal se liga ao reino animal por seres *semi-vegetais* e *semi-animais*, o estado corpóreo se liga ao es-

tado espiritual não só pelo princípio inteligente, que é o mesmo, mas ainda pelo envoltório fluídico, ao mesmo tempo *semi-material e semi-espiritual*, desse mesmo princípio. Durante a vida terrestre, o ser corpóreo e o ser espiritual se confundem e agem de acordo; a morte do corpo não faz senão separá-los. A ligação desses dois estados é tal, e reagem um sobre o outro com tanta força, que dia virá em que se o reconhecerá que o estudo da história natural do homem não poderia ser completo sem o estudo do envoltório perispiritual, quer dizer, sem colocar um pé no domínio do mundo invisível.

Esta aproximação é ainda maior quando se observa a origem, a natureza, a formação e as propriedades do perispírito, observação que decorre naturalmente do estudo dos fluidos.

VII

É reconhecido que todas as matérias animais têm por princípios constituintes o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono, combinados em diferentes proporções. Ora, como dissemos, esses corpos simples têm, eles mesmos, um princípio único, que é o fluido cósmico universal; por suas diversas combinações formam todas as variedades de substâncias que compõem o corpo humano, o único do qual falamos aqui, embora o seja do mesmo modo com respeito aos animais e às plantas. Disto resulta que o corpo humano não é, na realidade, senão uma espécie de concentração, de condensação ou, querendo-se, de solidificação do fluido universal, como o diamante é uma solidificação do gás carbônico. Com efeito, suponhamos a desagregação completa de todas as moléculas do corpo, reencontraremos o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono, em outros termos, o corpo será volatilizado. Estes quatro elementos levados ao seu estado primitivo por uma nova e mais completa decomposição, se os nossos meios de análise o permitissem, dariam o fluido cósmico. Este fluido, sendo o princípio de toda matéria, é matéria em si mesmo, se bem que num estado completo de eterização.

Um fenômeno análogo se passa na formação do corpo fluídico, ou perispírito: é igualmente uma condensação do fluido cósmico em redor do foco de inteligência, ou *alma*. Mas aqui a transformação molecular se opera diferentemente, porque o fluido conserva sua imponderabilidade e suas qualidades etéreas. O corpo perispiritual e o corpo humano têm, pois, sua fonte no mesmo fluido; um e o outro são da matéria, embora sob dois estados diferentes. Tivemos, pois, razão em dizer que o perispírito é da mesma natureza e da mesma origem da matéria mais grosseira. Não há, como se vê, nada de sobrenatural, uma vez que se liga por seu princípio às coisas da Natureza, da qual não é senão uma variedade.

O fluido universal sendo o princípio de todos os corpos da Natureza, animados e inanimados, e, conseqüentemente, da terra, das pedras, estando Moisés na verdade quando disse: "Deus forma o corpo do homem do limo da terra." O que não quer dizer que Deus tome da terra, a modele e dela faça o corpo do homem, como se faz uma estátua com a terra argilosa, assim como acreditavam aqueles que tomaram as palavras bíblicas pela letra, mas que o corpo era formado dos mesmos princípios ou elementos que o limo da terra, ou que tinham servido para formar o limo da terra.

Moisés acrescenta: "E lhe deu uma alma *viva*, feita à sua *semelhança*." Ele fez assim uma distinção entre a alma e o corpo; indica que ela é de uma natureza diferente, que não é matéria, mas espiritual e imaterial como Deus. Ele disse: uma alma *viva*, para especificar que só ela é o princípio da vida, ao passo que o corpo, formado de matéria, não vive por si mesmo. Estas palavras: à sua *semelhança*, implicam em uma *similitudee* não uma *identidade*. Se Moisés tivesse considerado a alma como uma *porção* da Divindade, teria dito: Deus o anima dando-lhe uma alma tirada de sua própria substância, como disse que o corpo fora tirado da terra.

Estas reflexões são uma resposta às pessoas que acusam o Espiritismo de materializar a alma, porque lhe dá um envoltório semi-material.

VIII

No estado normal, o perispírito é invisível para *nossos olhos*, e impalpável para nosso toque, como o são uma infinidade de fluidos e de gases. No entanto, a invisibilidade, a impalpabilidade, e mesmo a imponderabilidade do fluido perispiritual não são absolutas; foi porque dissemos *no estado normal*. Ele sofre em certos casos, seja talvez uma condensação maior, seja uma modificação molecular de natureza especial que o torna momentaneamente visível ou tangível: é assim que se produzem as aparições. Sem que haja aparição, muitas pessoas sentem a impressão fluídica dos Espíritos pela sensação do toque, o que é o indício de uma natureza material.

De qualquer maneira que se opere a modificação atômica do fluido, não há coesão como nos corpos materiais; a aparência se forma instantaneamente e se dissipa do mesmo modo, o que explica as aparições e os desaparecimentos súbitos. Sendo as aparições o produto de um fluido material invisível, torna-se invisível em consequência de uma mudança momentânea em sua constituição molecular, não são mais sobrenaturais do que os vapores tornados alternativamente visíveis ou invisíveis pela condensação ou pela rarefação. Citamos o vapor como ponto de comparação sem pretender que haja semelhança de causa e de efeito.

IX

Algumas pessoas criticaram a qualificação de *semi-material*, dada ao perispírito, dizendo que uma coisa é ou não é matéria. Admitindo que a expressão seja imprópria seria preciso tomá-la na ausência de um termo especial para exprimir este estado particular da matéria. Se dele existe um mais apropriado à coisa, os críticos deveriam indicá-lo. O perispírito é matéria, assim como acabamos de ver, filosoficamente falando e por sua essência íntima; ninguém poderia contestá-la; mas ela não tem as propriedades da matéria tangível, tal como é concebida vulgarmente; não pode ser submetida à análise química; porque, se bem que tenha o mesmo princípio que a carne e o mármore, e que possa deles tomar as aparências, não é, em realidade nem da carne nem do mármore. Por sua natureza etérea liga-se ao mesmo tempo à materialidade por sua substância e à espiritualidade pela impalpabilidade, e a palavra *semi-material* não é mais ridícula do que aquela de *semi-dupla*, e tantas outras porque pode-se dizer também que uma coisa é ou não é.

O fluido cósmico, enquanto princípio elementar universal, oferece dois estados distintos: o de eterização ou de imponderabilidade, que pode-se considerar como o estado normal primitivo, e o de materialização ou de ponderabilidade, que dele não é, de alguma sorte, senão consecutivo. O ponto intermediário é o da transformação do fluido em matéria tangível; mas aí, ainda, não há transição brusca, porque pode-se considerar nossos fluidos imponderáveis como termo médio entre os dois estados.

Cada um desses dois estados, necessariamente, dá lugar a fenômenos especiais; ao segundo pertencem aqueles do mundo visível, e ao primeiro os do mundo invisível. Uns, chamados *fenômenos materiais*, são da alçada da ciência propriamente dita; os outros, qualificados de *fenômenos espirituais*, porque se ligam à existência dos Espíritos, estão nas atribuições do Espiritismo; mas têm entre si tão numerosos pontos de contato, que servem para se esclarecer mutuamente, e que, como dissemos, o estudo de uns não poderia estar completo sem o estudo dos outros.

É a explicação destes últimos que conduz o estudo dos fluidos dos quais faremos, ulteriormente, o assunto de um trabalho especial.

O ESPIRITISMO E A MAGISTRATURA.

As perseguições judiciárias contra os Espíritos. - Cartas de um juiz de instrução.

O Espiritismo conta em suas fileiras com mais de um magistrado, assim como dissemos muitas vezes, não somente na França, mas na Itália, na Espanha, na Bélgica, na Alemanha, e na maioria dos países estrangeiros. A maior parte dos detratores da Doutrina, que crêem ter o privilégio do bom senso, e tratam de insensatos quem não partilha seu ceticismo com relação às coisas espirituais, não dizemos *sobrenaturais*, uma vez que o Espiritismo não as admite, espanta-se que o homem de inteligência e de valor dêem, segundo eles, num semelhante má direção. Os magistrados não são livres para terem sua opinião, sua fé, sua crença? não há entre eles católicos, protestantes, livre-pensadores, franco-maçons? Quem, pois, poderia incriminar aqueles que são Espíritas? Não estamos mais no tempo em que o teriam destituído, e talvez queimado, o juiz que tivesse ousado afirmar publicamente que é a Terra que gira.

Coisa estranha! há pessoas que gostariam de fazer reviver esse tempo para os Espíritas. No último levante geral, não foram vistos homens, que se dizem apóstolos do livre pensamento, assinalá-los à punição das leis como malfeitores, excitar as populações a persegui-los, estigmatizá-los e lançar-lhes injúria à face nas folhas públicas e nos panfletos? Isto foi, num momento, não mais da zombaria, mas uma verdadeira raiva, que, graças ao tempo em que vivemos, se exalou em palavras. Foi necessária toda a força moral da qual se sentem animados os Espíritas, toda moderação da qual os próprios princípios da Doutrina fazem uma lei, para conservar a calma e o sangue frio em semelhante circunstância e se abster de represálias que poderiam se tornar lamentáveis. Este contraste tocou todos os homens imparciais.

O Espiritismo é, pois, uma associação, uma afiliação tenebrosa, perigosa para a sociedade, obedecendo a uma palavra de ordem? seus adeptos fazem um pacto entre eles? Só a ignorância, a má fé podem adiantar tais absurdos, uma vez que sua doutrina nada tem de secreto para ninguém, e que agem à luz do dia. O Espiritismo é uma filosofia como outra que se aceita livremente se ela convém, e que se rejeita se não convém; que repousa sobre uma fé inalterável em Deus e no futuro, e que não obriga moralmente seus adeptos senão a uma coisa: considerar todos os homens como irmãos, sem exceção de crença, e fazer o bem mesmo àqueles que nos fazem o mal. Porque, pois, um magistrado não poderia dizer-se abertamente seu partidário, a declarar boa, se acha boa como se pode dizer partidário da filosofia de Aristóteles, de Descartes ou de Leibnitz? Receia-se que sua justiça não sofra com isto? que isto não o torna mais indulgente para os adeptos? Algumas observações a esse respeito, naturalmente, encontram aqui seu lugar.

Num país como o nosso, onde as opiniões e as religiões são livres pela lei, seria uma monstruosidade perseguir um indivíduo porque ele crê nos Espíritos e em suas manifestações. Se, pois, um Espírita fosse denunciado à justiça, não seria por causa de sua crença, como se fazia numa outra época, mas porque teria cometido uma infração à lei; é, pois, a falta que se persegue e não a crença, e, se fosse culpado, seria justamente passível da lei. Para incriminar a Doutrina, seria preciso ver se ela encerra algum princípio ou máxima que *autorizasse* ou *justificasse* a falta; se, ao contrário, nela se encontra a condenação a essa falta e instruções em sentido oposto, a Doutrina não poderia ser responsável por aqueles que não a compreendem ou não a praticam. Pois bem! que se investigue a Doutrina Espírita com imparcialidade, e desafiamos nela encontrar uma única palavra sobre a qual se possa apoiar para cometer um ato qualquer repreensível aos olhos da moral, ou com relação ao próximo, ou mesmo que possa ser mal interpretado, porque tudo nela é claro e inequívoco.

Quem se conforma aos preceitos da Doutrina não poderia, pois, incorrer em perseguições judiciárias, a menos que se persiga nele a própria crença, o que reentraria nas perseguições contra a fé. Não temos ainda conhecimento de perseguições desta natureza na França, nem mesmo no estrangeiro, salvo a condenação, seguida do auto-de-fé de Barcelona, e ainda foi uma sentença do bispo e não do tribunal civil, e não se queimaram senão os livros. A qual título, com efeito, perseguir-se-iam pessoas que não pregam se-

não a ordem, a tranqüilidade, o respeito às leis; que praticam a caridade, não só entre elas, como nas seitas exclusivistas, mas para com todo o mundo; portanto, o objetivo principal é de trabalhar para a sua própria melhoria moral; que abjuram, contra seus inimigos, todo sentimento de ódio e de vingança? Os homens que professam tais princípios não podem ser perturbadores da sociedade; seguramente, não são eles que lhe levam a perturbação, e foi o que fez dizer a um comissário de polícia que se todos os seus administrados fossem Espíritas ele poderia fechar seu escritório.

A maioria das perseguições, em semelhante caso, têm por objeto o exercício ilegal da medicina, ou acusações de charlatanismo, malabarismos ou trapaça, pela via da mediunidade. Diremos primeiro que o Espiritismo não pode ser responsável por indivíduos que tomam indevidamente a qualidade de médium, não mais do que a ciência verdadeira não é responsável pelos escamoteadores que se dizem físicos. Um charlatão pode, pois, dizer que opera com a ajuda dos Espíritos, como um prestidigitador diz que opera com a ajuda da física; é um meio como outro de lançar poeira aos olhos; tanto pior para aqueles que nisto se deixam prender. Em segundo lugar, o Espiritismo, condenando a exploração da mediunidade, como contrária aos princípios da Doutrina do ponto de vista moral, e demonstrando além disto que ela não deve nem pode ser um ofício nem uma profissão, todo médium que não tire de sua faculdade nenhum proveito *direto* ou *indireto*, *ostensivo* ou *dissimulado* descarta, por isto mesmo, até a suspensão de trapaça ou de charlatanismo; desde que não é solicitado por nenhum interesse material, o malabarismo seria sem objetivo. O médium que compreende o que há de sério e de santo em um dom dessa natureza cria profaná-lo fazendo-o servir às coisas mundanas, por ele e pelos outros, ou se dele faz um objeto de divertimento e de curiosidade; ele respeita os Espíritos como ele mesmo gostaria que se o respeitasse quando for Espírito, e não os coloca em exibição. Além disto, ele sabe que a mediunidade não pode ser um meio de adivinhação; que ela não pode descobrir tesouros, heranças, nem facilitar o triunfo nas chances aleatórias, e jamais lera a sorte, nem por dinheiro nem por nada; portanto, jamais terá discussões com a justiça. Quanto à mediunidade de cura, ela existe, isto é certo; mas está subordinada a condições restritivas que excluem a possibilidade de ter consultório aberto, sem suspeita de charlatanismo. É uma obra de devotamento e de sacrifício, e não de especulação. Exercida com desinteresse, prudência e discernimento, e encerrada nos limites traçados pela Doutrina, ela não pode cair sob o golpe da lei.

Em resumo, o médium segundo os objetivos da Providência e o Espiritismo, que seja artesão ou príncipe, porque há dela no palácio e nas choupanas, recebeu um mandato que cumpre religiosamente e com dignidade; ele não vê em sua faculdade senão um meio de glorificar a Deus e de servir ao seu próximo, e não um instrumento para servir seus interesses ou satisfazer a sua vaidade; se se faz estimar e respeitar por sua simplicidade, sua modéstia e sua abnegação, o que não é o fato daqueles que procuram disso fazer um degrau.

A justiça, punindo os médiuns exploradores, aqueles que fazem mal uso de uma faculdade real, ou *simulam uma faculdade que não têm*, não ferem, pois, a Doutrina, mas o abuso; ora, o Espiritismo verdadeiro e sério, que não vive de abuso, não pode aí ganhar senão em consideração, e não poderia tomar sob seu patrocínio aqueles que não podem senão desviar a opinião pública sobre sua conta; tomando fato e causa por eles, assumiria a responsabilidade daquilo que fazem, porque aqueles não são verdadeiramente Espíritas, fossem mesmo realmente médiuns.

Enquanto não se persegue num Espírita, ou naqueles que se dão por tais, senão os atos repreensíveis aos olhos da lei, o papel do defensor é de discutir o ato em si mesmo, abstração feita da crença do acusado; seria um erro grave procurar justificar o ato em nome da Doutrina; deve, ao contrário, prender-se a demonstrar que ela lhe é estranha; o acusado cai, então, no direito comum.

Um fato incontestável é que quanto mais os conhecimentos de um magistrado são extensos e variados, mais está apto a apreciar os fatos sob os quais é chamado a se pronunciar. Num caso de medicina legal, por exemplo, é evidente que aquele que não fosse totalmente estranho à ciência saberia julgar melhor o valor dos argumentos de acusação e de defesa do que aquele que dela não soubesse a primeira palavra. Num assunto onde o Espiritismo estivesse em causa, e hoje ele está na ordem do dia, ele pode se apresentar incidentalmente, como principal ou acessório, numa multidão de casos, há um interesse real para os magistrados em saber pelo menos o que é, sem ser tido por isto como Espírita. Num dos casos precitados eles poderiam incontestavelmente melhor discernir o abuso da verdade.

O Espiritismo se infiltrando cada vez mais nas idéias, e tomando já lugar entre as crenças recebidas, não está longe o tempo em que não será mais permitido a todo homem esclarecido ignorar o que há de justo nesta Doutrina como não o é hoje de ignorar os primeiros elementos das ciências. Ora, como ele toca a todas as questões científicas e morais, compreender-se-á melhor uma multidão de coisas que, à primeira vista lhe parecem estranhas. É assim, por exemplo, que o médico nele descobrirá a verdadeira causa de certas afecções, que o artista nele haurirá numerosos assuntos de inspirações, que será em muitas circunstâncias uma fonte de luz para o magistrado e para o advogado.

É nesse sentido que o aprecia o Sr. Jaubert, o honrado vice-presidente do tribunal de Carcassonne. Nele, é mais do que um conhecimento acrescentado aos que possui, é um assunto de convicção, porque lhe compreende a importância moral. Embora não tendo jamais ocultado sua opinião a esse respeito, convencido de estar no verdadeiro e da força moralizadora da Doutrina, hoje que a fé se extingue no ceticismo, quis dar-lhe o apoio da autoridade de seu nome, no momento mesmo em que estava mais violentamente atacado, desafiando resolutamente a zombaria, e mostrando a seus adversários o pouco caso que faz por si mesmo de seus sarcasmos. Em sua posição, e tendo em vista as circunstâncias, a carta que nos pediu para publicar, e que inserimos no número de janeiro último, é um ato de coragem do qual todos os Espíritas sinceros guardarão preciosamente a lembrança. Ela marcará na história do estabelecimento do Espiritismo.

A carta seguinte, que igualmente estamos autorizados a publicar, toma lugar ao lado da do Sr. Jaubert. É uma dessas adesões decididamente explícitas e motivadas à qual a posição do autor dá tanto mais peso quanto ela é espontânea, uma vez que não tínhamos a honra de conhecer esse senhor. Ele julga a Doutrina unicamente pela impressão das obras, porque não tinha nada visto. É a melhor resposta à acusação de inépcia e de malabarismo lançadas sem distinção contra o Espiritismo e seus adeptos.

21 de novembro de 1865.

"Senhor,

"Permiti-me, novo e fervoroso adepto, de vos testemunhar todo o meu reconhecimento por me ter, pelos vossos escritos, iniciado na ciência espírita. Por curiosidade li *O Livro dos Espíritos*; mas depois de uma leitura atenta, a admiração, depois a convicção mais completa sucederam em mim a uma desconfiada incredulidade. Com efeito, a doutrina que dele decorre dá a solução mais lógica, mais satisfatória para a razão, de todas as questões que tão seriamente preocuparam os pensadores de todas as épocas, para definir as condições da existência do homem sobre esta Terra, explicar as vicissitudes que incumbem à Humanidade, e determinar seus fins últimos. Esta admirável doutrina é incontestavelmente a sanção da moral mais pura e a mais fecunda, a exaltação demonstrada da justiça, da bondade de Deus e da obra sublime da criação, assim como a base *mais segura, a mais firme da ordem social.*

"Não tive o testemunho de manifestações espíritas, mas este elemento de prova, de nenhum modo contrário aos ensinamentos de minha religião (a religião católica), não é necessário à minha convicção. Primeiro basta-me encontrar na ordem da Providência a razão de ser da desigualdade das condições sobre a Terra, em uma palavra, a razão de ser do mal material e do mal moral.

"Com efeito, minha razão admite plenamente, como justificando a existência do mal material e moral, a alma saindo simples e ignorante das mãos do Criador, enobrecida pelo livre arbítrio, progredindo por provas e expiações sucessivas, e não chegando à soberana felicidade senão adquirindo a plenitude de sua essência etérea, pela libertação completa dos constrangimentos da matéria, que, alterando em tudo as condições da beatitude, deve ter servido para o seu adiantamento.

"O que de mais racional que, nesta ordem de idéias, os Espíritos, nas diferentes fases de sua depuração progressiva, comuniquem-se entre si de um mundo ao outro, encarnado ou invisível, para se esclarecerem, se entre ajudarem, concorrerem reciprocamente pelo seu adiantamento, facilitar as suas provas e entrar no caminho da reparação, do arrependimento e do retorno para Deus! O que de mais racional, digo eu, do que uma tal continuidade, um tal fortalecimento dos laços de família, de amizade e de caridade que, unindo os homens em sua passagem sobre a Terra, devem, como fim último, reuni-los um dia em uma única família no seio de Deus!

"Que sublime traço de união: o amor partindo do céu para abarcar com seu sopro divino a Humanidade inteira, povoando o universo imenso, e conduzi-la a Deus para fazê-la participar da beatitude eterna da qual esse amor é a fonte! O que de mais digno da sabedoria, da justiça e da bondade infinita do Criador! Que grandiosa idéia da obra da qual o Espiritismo revela assim a harmonia e a imensidade, erguendo um canto do véu que não permite ainda ao homem penetrar-lhe todos os segredos! Quantos homens não tinham lhe restringido a incomensurável grandeza, encerrando a Humanidade num ponto imperceptível, perdido no espaço e não concedendo senão a um pequeno número de eleitos a felicidade eterna reservada a todos! Depreciaram assim o divino artesão às proporções ínfimas de suas percepções, das aspirações tirânicas, vingativas e cruéis inerentes às suas percepções.

"Enfim, basta à minha razão encontrar nesta santa doutrina a serenidade da alma, coroando uma existência resignada às tribulações providenciais da vida honestamente preenchida pelo cumprimento de seus deveres e a prática da caridade, o fortalecimento em sua fé, pela solução das dúvidas que comprimem as aspirações em direção a Deus, e, enfim, essa plena e inteira confiança na justiça, na bondade e a misericordiosa e paternal solicitude de seu Criador.

"Aceitai, senhor, contar-me entre vossos irmãos em Espiritismo e aceitai, etc.

BONNAMY, *juiz de instrução.*"

Uma comunicação dada pelo Espírito do pai do Sr. Bonnamy provocou a carta seguinte. Não reproduziremos essa comunicação, devido ao seu caráter íntimo e pessoal, mas dele publicamos adiante uma segunda que é de um interesse geral.

"Senhor e caro mestre, mil vezes obrigado por ter consentido em evocar meu pai. Havia tanto tempo que eu não tinha ouvido essa voz amada! Extinta para mim há muitos anos, ela revive, pois, hoje! Assim se realiza o sonho de minha imaginação entristecida, sonho concebido sob a impressão de nossa dolorosa separação. Que doce, que consoladora revelação, tão cheia de esperança para mim! Sim, vejo meu pai e minha mãe no mundo dos Espíritos, velando por mim, prodigalizando-me o benefício dessa ansiosa solicitude com a qual me cercavam na Terra; minha santa mãe, em sua terna preocupação do futuro, me penetrando de seu eflúvio simpático para conduzir-me a Deus e mostrar-me o caminho das verdades eternas que cintilam para mim numa distante nebulosa!

"Quanto eu seria feliz se, conforme o desejo expresso pelo meu pai de se comunicar de novo, sua evocação fosse julgada útil ao progresso da ciência espírita, e reentrar na ordem dos ensinamentos providenciais reservados à obra! eu encontraria assim, em vosso jornal, os elementos das instruções espíritas, misturados algumas vezes às doçuras das conversas de família. É um simples desejo, vós o compreendeis, caro mestre; tomo uma larga parte nas exigências da missão que vos incumbe, para fazer de um tal voto um pedido.

"Dou plenamente as mãos à publicidade de minha carta; de boa vontade levarei meu grão de areia ao erguimento do edifício espírita; feliz se, ao contato de minha convicção profunda, as dúvidas se apagassem para alguns, e se os incrédulos pensassem dever refletir mais seriamente!

"Permiti-me, caro mestre, vos dirigir algumas palavras de simpatia e de encorajamento para vosso duro labor. O Espiritismo é um farol providencial do qual a brilhante e fecunda luz deve abrir todos os olhos, confundir o orgulho dos homens, comover todas as consciências; sua irradiação será irresistível; e que tesouros de consolação, de misericórdia e de amor dos quais sois o distribuidor!

"Aceitai, etc.

"BONNAMY.

A LEI HUMANA.

Instrução do Espírito do Sr. Bonnamy pai.

A lei humana, como todas as coisas, é submetida ao progresso; progresso lento, insensível, mas constante.

Por admiráveis que sejam, para certas pessoas, as legislações antigas dos Gregos e dos Romanos, são bem inferiores às que governam as populações avançadas de vosso tempo! - Que vemos nós, com efeito, na origem de todo povo? - Um código de costumes devendo haurir sua sanção na força e tendo por motor o mais absoluto egoísmo. Qual é o objetivo de todas as legislações primitivas? - Destruir o mal e seus instrumentos para a maior paz da sociedade. Cuidou-se do criminoso? - Não. - Fere-o para corrigi-lo e mostrar-lhe a necessidade de conduta mais moderada com relação aos seus concidadãos? Tem-se em vista a sua melhoria? - Absolutamente nada; é exclusivamente para preservar a sociedade de seus golpes, sociedade egoísta que rejeita, impiedosamente, de seu seio tudo o que lhe pode perturbar a tranquilidade. Assim, todas as repreensões são excessivas e a pena de morte é a mais geralmente aplicada.

Isto é concebível, quando se considera a ligação íntima que existe entre a lei e o princípio religioso. Ambos avançam de acordo para um objetivo único, sustentando-se mutuamente.

A religião consagra os gozos materiais e todas as satisfações dos sentidos? A lei dura e excessiva fere o criminoso para desembaraçar a sociedade de um hóspede inoportuno. A religião se transforma, consagra a vida da alma e sua independência da matéria? Ela reage também sobre a legislação, lhe demonstra a responsabilidade que lhe incumbe, no futuro do violador da lei; daí, a assistência do ministro, qualquer que seja, nos últimos momentos do condenado. Se o fere ainda, mas já se tem cuidado desse ser que não morre inteiramente com seu corpo e cuja parte espiritual vai receber o castigo que os homens infligiram ao elemento material.

Na idade média e desde a era cristã, a legislação recebeu do princípio religioso uma influência cada vez mais notável. Ela perde pouco de sua crueldade, mas seus móveis ainda absolutos e cruéis mudaram completamente de direção.

Tanto como a ciência, a filosofia e a política, a jurisprudência tem suas revoluções, que não devem se operar senão lentamente para serem aceitas pela generalidade dos seres que elas interessam. Uma nova instituição, para dar fruto, não deve ser imposta. A

arte do legislador é de preparar os espíritos de maneira a fazê-la desejar e considerar como um benefício... Todo inovador, de quais boas intenções esteja animado, por louváveis que sejam seus desígnios, será considerado como um déspota do qual é preciso sacudir o jugo, se quiser se impor, fosse mesmo por benefícios. - O homem, por seu princípio, é essencialmente livre, e quer aceitar sem constrangimento. Daí as dificuldades que encontram os homens muito avançados para o seu tempo; daí as perseguições das quais são sobrecarregados. Eles vivem no futuro! de um século ou dois em adiantamento sobre a massa de seus contemporâneos, não podem senão fracassar e se quebrar contra a rotina refratária.

Na idade média, pois, não se tinha cuidado com o futuro do criminoso; pensava-se na recipiência de sua alma, era amedrontado com os castigos do inferno, as chamas eternas que lhe infligiria, por um arrastamento culposo, um Deus infinitamente justo e infinitamente bom!

Não podendo se elevar à altura de Deus, os homens para se engrandecerem o reduziam às suas mesquinhas proporções! Inquietava-se com o futuro do criminoso; pensava-se em sua alma, mas não por ela mesma, mas em razão de uma nova transformação do egoísmo, que consistia em se colocar a consciência em repouso, reconciliando o pecado com seu Deus.

Pouco a pouco, no coração e no pensamento de um pequeno número, a iniquidade de semelhante sistema pareceu evidente. Eminentemente Espíritos tentaram modificações prematuras, mas que, todavia, deram fruto em estabelecendo precedentes sobre os quais se baseia a transformação que se realiza hoje em todas as coisas.

Sem dúvida, por muito tempo ainda, a lei será repressiva e castigará os culpados. Não chegamos ainda a esse momento em que somente a consciência da falta será o mais cruel castigo daquele que a tiver cometido; mas o vedes todos os dias, as penas se abrandam; tem-se em vista a moralização do ser; criam-se instituições para preparar a sua renovação moral; torna-se seu rebaixamento útil a si mesmo e à sociedade. O criminoso não será mais a fera da qual é preciso a todo preço purgar o mundo; será o filho desviado do qual é preciso reformar o julgamento falseado pelas más paixões e a influência de um meio perverso!

Ah! o magistrado e o juiz não são os únicos responsáveis e os únicos a agirem nesse assunto; todo homem de coração, príncipe, senador, jornalista, romancista, legislador, professor e artesão, todos devem por mão à obra e trazer seu óbolo à regeneração da Humanidade.

A pena de morte, vestígio infamante da crueldade antiga, desaparecerá pela força das coisas. A repreensão, necessária no estado atual, se abrandará a cada dia; e, em algumas gerações, somente a condenação, a colocação fora da lei de um ser inteligente será o último grau da infâmia, até que, de transformação em transformação, só a consciência de cada um será juiz e carrasco do criminoso.

E a que se deverá todo esse trabalho? Ao Espiritismo, que, desde o começo do mundo, age por suas revelações sucessivas, como mosaísmo, cristianismo e Espiritismo propriamente dito! - Por toda a parte, em cada período, sua influência benfazeja brilha em todos os olhos, e há ainda seres bastante cegos para não reconhecê-la, bastante interessados em abatê-la para negar-lhe a existência! Ah! esses são de se lamentar, porque lutam contra uma força invencível: contra o dedo de Deus.

BONNAMYpai (*Méd.*, Sr. Desliens).

MEDIUNIDADE MENTAL.

Um de nossos correspondentes nos escreve de Milianah (Argélia):

"A propósito do desligamento do Espírito que se opera em todo o mundo durante o sono, meu guia espiritual mo exerce durante a vigília. Enquanto o corpo está entorpecido, o Espírito se transporta ao longe, visita as pessoas e os lugares de que gosta, e reentra em seguida sem esforço. O que me parece mais surpreendente é que, enquanto estou como em catalepsia, tenho o sentimento desse desligamento. Também o exerço no recolhimento, o que me proporciona a agradável visita de Espíritos simpáticos, encarnados e desencarnados. Este último estudo não ocorre senão durante a noite, por duas ou três horas, e quando o corpo, repousado, desperta. Permaneço alguns instantes na espera como depois de uma evocação. Sinto então a presença do Espírito por uma impressão física e logo uma imagem que mo faz reconhecer surgido em meu pensamento. A conversação mental se estabelece, como na comunicação intuitiva, e esse gênero de conversa tem alguma coisa de adoravelmente íntimo. Freqüentemente meu irmão e minha irmã, encarnados, me visitam, acompanhados às vezes de meu pai e de minha mãe, do mundo dos Espíritos.

"Há alguns dias apenas, tive a vossa visita, caro mestre, e pela doçura do fluido que me penetrava, acreditei que era um de nossos bons protetores celestes; julgai de minha alegria em reconhecendo, em meu pensamento ou antes em meu cérebro, como o próprio timbre de vossa voz. Lamennais nos deu uma comunicação a esse respeito, e deve encorajar os meus esforços. Eu não saberia vos dizer o encanto que dá esse gênero de mediunidade. Se tendes junto a vós alguns médiuns intuitivos, habituados ao recolhimento e à tensão de espírito, eles podem tentar do mesmo modo. Evoca-se, e, em lugar de escrever, conversa-se, exprimindo bem a sua idéia, sem verbiagem

"Meu guia, com freqüência, me fez a observação de que tinha um Espírito sofredor, um amigo que vem se instruir ou procurar consolações. Sim, o Espiritismo é um benefício inapreciável; ele abre um vasto campo à caridade, e aquele que é inspirado de bons sentimentos, se não pode vir em socorro de seu irmão materialmente, o pode sempre espiritualmente."

Esta mediunidade, à qual damos o nome de *mediunidade mental*, certamente não é feita para convencer os incrédulos, porque ela

nada tem de ostensiva, nem desses efeitos que ferem os sentidos; ela é toda para a satisfação íntima daquele que a possui; mas é preciso reconhecer também que ela se presta muito à ilusão, e que é o caso de se desconfiar das aparências. Quanto à existência da faculdade, dela não se poderia duvidar; pensamos mesmo que deve ser a mais freqüente; porque o nome de pessoas que sentem, no estado de vigília, a influência dos Espíritos e recebem a inspiração de um pensamento que sentem não ser o seu, é considerável; a impressão agradável ou penosa que se sente às vezes à vista de alguém que se vê pela primeira vez; o pressentimento que se tem da aproximação de uma pessoa; a penetração e a transmissão do pensamento, são também efeitos que se prendem à mesma causa e constitui uma espécie de mediunidade, que se pode dizer universal, porque todos dela possuem pelo menos os rudimentos; mas para sentir-lhe os efeitos marcantes, é preciso uma aptidão especial, ou melhor um grau de sensibilidade que é mais ou menos desenvolvido segundo os indivíduos. A esse título, como dissemos há muito tempo, todo o mundo é médium, e Deus não deserdou ninguém da preciosa vantagem de receber salutaros eflúvios do mundo espiritual, que se traduzem de mil maneiras diferentes; mas as variedades que existem no organismo humano não permitem a todo mundo obter efeitos idênticos e ostensivos.

Tendo esta questão sido discutida na Sociedade de Paris, as instruções seguintes foram dadas sobre este assunto, por diversos Espíritos.

I

Pode-se desenvolver o sentido espiritual, como se vê cada dia uma aptidão se desenvolver por um trabalho constante. Ora, sabei que a comunicação do mundo incorpóreo

com os vossos sentidos é constante; ela tem lugar a cada hora, a cada minuto, pela lei das relações espirituais. Que os encarnados ousem negar aqui uma lei da própria Natureza! Vêm de vos dizer que os Espíritos se vêem e se visitam uns aos outros durante o sono: disto tendes muitas provas; por que quereríeis que o mesmo não ocorresse durante a vigília? Os Espíritos não têm noite. Não; constantemente estão ao vosso lado; velam por vós; vossos familiares vos inspiram, vos suscitam pensamentos, vos guiam; eles vos falam, vos exortam; protegem vossos trabalhos, vos ajudam a elaborar vossos desígnios em parte formados, vossos sonhos ainda indecisos; tomam nota de vossas boas resoluções, lutam quando lutais. Estão ali, esses bons amigos, no início de vossa encarnação; riem de vós no berço, vos esclarecem nos vossos estudos; depois se misturam a todos os atos de vossa passagem neste mundo; eles oram quando vêem vos preparar para ir encontrá-los.

Oh! não, não negueis jamais vossa assistência de cada dia! não negueis jamais vossa mediunidade espiritual; porque blasfemaríeis Deus, e vos faríeis tachar de ingrati-dão pelos Espíritos que vos amam.

H. DOZON. (*Méd.*, Sr. Delanne.)

II

Sim, esse gênero de comunicação espiritual é bem uma mediunidade, como, de resto, tereis outras delas a constatar no curso de vossos estudos espíritas. É uma espécie de estado cataléptico muito agradável para aquele que dele é objeto; ele proporciona todas as alegrias da vida espiritual à alma aprisionada, que nele encontra um encanto indefinível que se gostaria de sempre sentir; mas é preciso reentrar apesar de tudo; e, semelhante ao prisioneiro ao qual se permite tomar ar em um pátio, a alma entra constrangida na célula humana.

É uma mediunidade muito agradável quanto aquela que permite ao Espírito encarnado ver seus antigos amigos, poder conversar com eles, dar-lhes parte de suas impressões terrestres, e de poder abrir seu coração no seio de amigos discretos, que não procuram achar ridículo o que lhes confiais, mas bem a vos dar bons conselhos, se vos são úteis. Esses conselhos, dados assim, têm para o médium que os recebe mais peso, naquilo em que o Espírito que lhes deu, em se mostrando a ele, deixou uma impressão profunda em seu cérebro, e, por este meio, gravou melhor em seu coração a sinceridade e o valor desses conselhos.

Esta mediunidade existe no estado inconsciente em muitas pessoas. Sabei que há sempre junto a vós um amigo sincero, sempre pronto a sustentar e a encorajar aquele cuja direção lhe é confiada pelo Todo-Poderoso. Não, meus amigos, esse apoio não vos faltará jamais; cabe a vós saber distinguir as boas inspirações entre todas aquelas que se chocam no labirinto de vossas consciências. Sabendo compreender o que vem de vosso guia, não podeis vos afastar do caminho reto que deve seguir toda alma que aspira à perfeição.

Espírito protetor (Méd., Sra. Causse).

III

Já vos foi dito que a mediunidade se revelaria sob diferentes formas. A que vosso Presidente qualificou de *mental* está bem nomeada; é o primeiro grau da mediunidade vidente e falante.

O médium falante entra em comunicação com os Espíritos que o assistem; fala com eles; seu espírito os vê, ou antes os adivinha; somente ele não faz senão transmitir o que se lhe diz, ao passo que um médium mental pode, se é bem formado, dirigir perguntas e receber respostas, sem intermediário de caneta nem de lápis, mais facilmente do que o médium intuitivo; porque aqui o Espírito do médium, estando mais liberto, é um intérprete

mais fiel. Mas para isto é preciso um ardente desejo de ser útil, trabalhar tendo em vista o bem com o sentimento puro de todo pensamento de amor-próprio ou de interesse. De todas as faculdades medianímicas é a mais sutil e a mais delicada: o menor sopro impuro basta para deslustrá-la. Será somente nessas condições que o médium mental obterá provas da realidade das comunicações. Dentro em pouco, vereis surgir entre vós médiuns falantes que vos surpreenderão por sua eloqüência e sua lógica.

Esperai, pioneiros que apressastes de ver vossos trabalhos crescerem; novos obreiros virão reforçar vossa fileiras, e esse ano verá terminar a primeira grande fase do Espiritismo e começar uma fase não menos importante.

E vós, caro mestre, que Deus abençoe os vossos trabalhos; que vos sustente, e nos conserve o favor especial que nos concedeu em nos permitindo vos guiar e vos sustentar em vossa tarefa, que é também a nossa.

Como Presidente espiritual da Sociedade de Paris, velo sobre ela e sobre cada um de seus membros em particular, e peço ao Senhor derramar sobre vós todas as suas graças e as suas bênçãos.

S. LUÍS (Méd., Sra. Delanne).

IV

Seguramente, meus amigos, a mediunidade, que consiste em conversar com os Espíritos, como com as pessoas vivas da vida material, se desenvolverá mais à medida que o desligamento do Espírito se efetuar com mais facilidade pelo hábito do recolhimento. Quanto mais Espíritos encarnados forem avançados moralmente, mais esta facilidade das comunicações mentais será grande; assim como o dizíeis, ela não será de uma maior importância do ponto de vista da convicção a dar aos incrédulos, mas tem, para aquele que lhe é objeto, uma grande doçura, e o ajuda a se desmaterializar cada vez mais. O recolhimento, a prece, esse impulso da alma junto de seu Autor para lhe exprimir seu amor e seu reconhecimento, reclamando também seu socorro, são os dois elementos da vida espiritual; são eles que derramam na alma esse orvalho celeste que ajuda o desenvolvimento das faculdades e que nela estão em estado latente. Quanto são, pois, infelizes aqueles que dizem que a prece é inútil porque ela não muda os decretos de Deus! Sem dúvida, as leis que regem as diversas ordens de fenômenos não serão perturbadas ao bel prazer de tal ou tal, mas a prece, não tivesse ela por efeito senão melhorar o indivíduo que, por esse ato, eleva seu pensamento acima das preocupações materiais, que não seria preciso negligenciá-la.

É pela renovação parcial dos indivíduos que a sociedade acabará por ser regenerada, e Deus sabe se ela tem necessidade disto!

Ficais revoltados quando pensais nos vícios da sociedade paga, no tempo em que o Cristo veio trazer a sua reforma humanitária; mas em vossos dias, os vícios, por estarem velados sob as formas mais marcadas de polidez e de urbanidade, eles não existem menos. Não têm templos magníficos como os da Grécia antiga, mas, ah! mas os têm no coração da maioria entre os homens, e causam entre eles o mesmo estrago que ocasionavam entre aqueles que antecederam a era cristã. Não é, pois, sem uma grande utilidade que os Espíritos vieram lembrar os ensinamentos dados há dezoito séculos, uma vez que, ostendo olvidado ou mal compreendido, não podíeis deles aproveitar e divulgá-los segundo a vontade do divino crucificado.

Agradecei, pois, ao Senhor, todos vós que fostes chamados a cooperar na obra dos Espíritos, e que o vosso desinteresse e a vossa caridade não enfraqueçam jamais, porque será nisto que se reconhecerão entre vós os verdadeiros Espíritos.

LOUIS DE FRANCE (Méd., Sra. Breul).

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ESPÍRITA,

História fantástica, por THÉOPHILE GAUTIER.

Na Revista de dezembro último, dissemos algumas palavras sobre esse romance que apareceu em folhetim no *Moniteur universel* e que está hoje publicado em um volume. Lamentamos que o espaço não nos permita dele dar uma análise detalhada, e sobretudo citar-lhe algumas passagens cujas idéias são, incontestavelmente, hauridas na própria fonte do Espiritismo, mas a maioria de nossos leitores já o tendo lido, sem dúvida, um relatório desenvolvido seria supérfluo. Diremos somente que a parte feita ao fantástico é certamente um pouco longa, e que seria preciso se guardar de tomar todos os fatos à letra; é preciso considerar que não se trata de um tratado de Espiritismo. A verdade está no fundo das idéias e dos pensamentos, que são essencialmente espíritas e dados com uma delicadeza e uma graça encantadoras, bem mais que nos fatos, cuja possibilidade é por vezes contestável. Embora romance, essa obra não deixa de ser da maior importância pelo nome do autor primeiro, e porque é a primeira obra capital saída dos escritores da imprensa, onde a idéia espírita seja decididamente afirmada, e que apareceu num momento onde parecia ser um desmentido lançado no meio da onda de ataques dirigidos contra esta idéia. A própria forma do romance tinha a sua utilidade; ela certamente é preferível, como transição, à forma doutrinária às maneiras severas; graças a uma leviandade aparente, penetrou por toda a parte, e a idéia com ela.

Embora Théophile Gautier seja um dos autores favoritos da imprensa, aqui foi, contra seu costume, de uma sobriedade parcimoniosa com respeito a essa última obra. Ele não sabia se ela deveria louvá-lo ou censurá-lo. Censurar Théophile Gautier, um amigo, um confrade, um escritor amado pelo público; dizer que ele havia feito uma obra absurda, era coisa difícil; louvar a obra, era louvar e enaltecer a idéia; guardar o silêncio a respeito de um nome popular, teria sido uma afronta. A forma romanesca tirou o embaraço; ela permitiu dizer que o autor tinha feito uma bela obra de imaginação e não de convicção; falou-se, pois, mas pouco falou-se; é assim que com a própria incredulidade há os acomodamentos. Tem-se a anotar uma coisa bastante singular: no dia em que a obra apareceu em volume, estava em todas as livrarias detalhada com um pequeno cartaz colocado no exterior; alguns dias depois, todos os cartazes haviam desaparecido.

Nos raros e magros comentários dos jornais, encontram-se declarações significativas escapadas por inadvertências, sem dúvida, da caneta do escritor. No *Courrier du Monde illustré*, de 16 de dezembro de 1865, lê-se o que se segue:

"É preciso crer que, sem disto duvidar, sem professar a doutrina, sem mesmo ter muito sondado essas insondáveis questões de Espiritismo e de sonambulismo, o poeta Théophile Gauthier, pela única intuição do seu gênio poético, colocou na milha do infinito, comida a rã do inexplicável e encontrado o Sésamo das evocações misteriosas, porque o romance que publicou em folhetins no *Moniteur*, sob o título de **Spirite**, agitou violentamente todos aqueles que se ocupam dessas perigosas questões. A emoção foi imensa, e é preciso, para medir-lhe toda a importância, ser obrigado a percorrer, como o fizemos, os jornais da Europa inteira.

"Toda a Alemanha espírita se levantou como um só homem, e como todos aqueles que vivem na contemplação de uma idéia não têm olhos e ouvidos senão para ela, um dos órgãos mais sérios da Áustria pretende que o imperador encomendou a Théophile Gautier esse prodigioso romance, a fim de desviar a atenção da França das questões políticas. Primeira assertiva, da qual não exagero absolutamente a importância. A segunda afirmação me tocou por causa do seu lado fantástico.

"Segundo a folha alemã, o poeta da *Comédie de la Mort*, muito agitado em consequência de uma visão, teria caído gravemente enfermo, teria sido transportado a Genebra, e lá, sob o domínio da febre, teria sido forçado a ficar no leito durante várias semanas, preso a pesadelos estranhos, a alucinações luminosas, joguete constante dos Espíritos errantes. Pela manhã, ter-se-ia reencontrado, ao pé de seu leito, os folhetins esparços de seu manuscrito de *Sprite*.

"Sem mencionar a inspiração que guiou a caneta do autor de *Avatar* uma fonte tão fantástica, cremos firmemente que uma vez entrado em seu assunto, o escritor do *Roman de la Momie* embriagou-se dessas visões, e que no paroxismo ele teria traçado essa descrição admirável do céu, que é uma de suas mais belas páginas.

"A correspondência que fez nascer a publicação de *Sprite* é extremamente curiosa. Lamentamos que um sentimento de conveniência não nos haja permitido pedir cópia de uma das cartas recebidas pelo poeta dos *Émaux et camées*."

Não fazemos aqui a crítica literária, sem isto poderíamos encontrar de bom gosto duvidar da espécie de catálogo que o autor aproveitou a ocasião para colocar em seu artigo, o qual, de resto, nos parece também pecar um pouco pela falta de claridade. Confessamos não termos compreendido a frase da rã; ela é, no entanto, citada textualmente. Isto se prende talvez à dificuldade de explicar onde o célebre romancista hauriu semelhantes idéias, e como ousou apresentá-las sem rir. Mas o que é mais importante é a confissão da sensação produzida por essa obra na Europa inteira. É preciso, pois, que a idéia espírita esteja bem viva e bem divulgada; não é, pois, um aborto natimorto. Quantas pessoas são classificadas, num risco de caneta, por nossos adversários, na categoria de cretinos e de idiotas! Felizmente seu julgamento não é definitivo; os Srs. Jaubert, Bonnamy e muitos outros apelam.

O autor qualifica essas questões de perigosas. Mas, segundo ele e seus confrades em ceticismo, são ridículas coisas vãs; ora, o que é que uma coisa vã pode ter de perigosa para a sociedade? De duas uma; há ou não há no fundo de tudo isso alguma coisa de séria. Se não há, onde está o perigo? Se se tivesse escutado na origem todos aqueles que declararam perigosas a maioria das grandes verdades que brilham hoje, onde estaríamos nós no progresso? A verdade não tem de perigosa senão para os poltrões que não ousam olhá-la de frente, e os *interesses*.

Um fato não menos grave, que vários jornais se apressaram em reproduzir, como se estivesse provado, é que o imperador teria encomendado esse *prodigioso* romance para desviar a atenção da França das questões políticas. Evidentemente, aí não está senão uma suposição, porque, em admitindo a realidade dessa origem, não é presumível que se a tenha divulgado. Mas essa própria suposição é uma confissão da força da idéia espírita, uma vez que se reconhece que um soberano, o maior político de nossos dias, pôde julgá-la própria a produzir um semelhante resultado. Se tal tivesse sido o pensamento que presidiu à execução dessa obra, nos parece que a coisa era supérflua, porque apareceu no próprio momento em que os jornais se encarregavam, à porfia uns dos outros, de chamar a atenção para o barulho que faziam a propósito dos irmãos Davenport.

O que há de mais claro em tudo isso é que os detratores do Espiritismo não podem se explicar a si mesmos a prodigiosa rapidez do progresso da idéia, apesar de tudo que fazem para detê-la; não podendo negar o fato que se torna cada dia cada vez mais evidente, se esforçam em procurar-lhe a causa por toda a parte onde ela não está, na esperança de atenuar-lhe a importância.

Num artigo intitulado: *Livres d'aujourd'hui et de demain*, assinado por ÉMILE ZOLA, o *Événement* de 16 de fevereiro dá um resumo muito exíguo do assunto da obra em questão, acompanhado das reflexões seguintes:

"O *Moniteur* deu recentemente uma novela fantástica de Théophile Gautier: *Sprite*, que a livraria Charpentier acaba de publicar em um volume.

"A obra é para a maior glória dos Davenport; ela nos passeia no país dos Espíritos, nos mostra o invisível, nos revela o desconhecido. O jornal oficial deu ali os boletins do outro mundo.

"Mas desconfio da fé de Théophile Gautier. Há uma bonomia irônica que sente a incredulidade de uma légua. Eu o suponho ter entrado no invisível unicamente pelo prazer de descrever à sua maneira os horizontes imaginários.

"No fundo, ele não crê uma palavra das histórias que conta, mas se compraz em contá-las, e os leitores se comprazerão em lê-las. Tudo é, pois, para o melhor na melhor das incredulidades possíveis.

"O que quer que escreva, Théophile Gautier é sempre escritor pitoresco e poeta original. *Se ele acreditasse no que diz, seria perfeito, - e isto talvez seria prejudicial.*

Singular confissão, singular lógica, e mais singular conclusão! Se Théophile Gautier acreditasse no que diz no *Spirite*, *ele seria perfeito!* As doutrinas espíritas conduzem, pois, à perfeição aqueles que as assimilam; de onde a consequência de que se todos os homens fossem Espíritas, seriam todos perfeitos. Um outro teria concluído: "Apressemonos em difundir o Espiritismo;"... mas, não; *isso seria prejudicial!*

Quantas pessoas repelem as crenças espíritas, não pelo medo de se tornarem perfeitas, mas simplesmente pelo de estarem obrigadas a se emendar! Os Espíritos lhes causam medo, porque falam do outro mundo, e esse mundo tem para eles terrores; é porque eles tapam os olhos e os ouvidos.

A MULHER DO ESPÍRITA, Por Ange de KÉRANIOU.

O *Événement* de 19 de fevereiro contém, sobre esta obra, o artigo seguinte, assinado por ZOLA, como o precedente.

"Decididamente, os romancistas têm pouca imaginação nestes tempos de produção incessante, vão se digirir ao Espiritismo para encontrar os assuntos novos e estranhos. No meu último artigo, falava de *Spirite*, de Théophile Gautier; anunciei a colocação em venda na casa Lemer de *la Femme du Spirite*, por Ange de Kéraniou.

"Talvez o Espiritismo vá fornecer ao gênio francês o maravilhoso necessário à toda epopéia bem condicionada.

"Os Davenport nos terão assim trazido um dos elementos do poema épico que a literatura francesa espera ainda.

"O livro do Sr. de Kéraniou é um pouco difuso; não se sabe se zomba ou se fala seriamente; mas é cheio de detalhes curiosos que dele fazem uma obra interessante a folhear.

"O conde Humbert de Luzy, um Espírito emérito, uma espécie de Anticristo que faz as mesas valsarem, esposou uma jovem a quem inspirou, muito naturalmente, um medo terrível.

A jovem, era a temer, quer arranjar um amante. É aqui que a história se torna verdadeiramente original. Os Espíritos se fazem os guardiões da honra do marido, e, por duas vezes, em circunstâncias desesperadas, salvam essa honra com a ajuda de aparições e de tremores de terra.

"Se eu fosse casado, me faria Espírita."

A idéia espírita faz, decididamente, a sua entrada na imprensa pelo romance. Entra ali adornada: a verdade toda nua chocaria a visão desses senhores. Não conhecemos essa nova obra senão pelo artigo acima, dela não podemos, pois, nada dizer. Constatamos somente que o autor desse comentário anuncia, sem ver-lhe talvez toda a importância, uma grande e fecunda verdade, é que a literatura e as artes encontram no Espiritismo uma rica mina a explorar. Nós o dissemos há muito tempo: haverá um dia a *arte espírita*, como houve a arte paga e a arte cristã. Sim, o poeta, o literato, o pintor, o escul-

tor, o músico, o próprio arquiteto haurirão a mancheias nessa fonte nova dos assuntos de inspirações sublimes quando tiverem *explorado* em outras partes que no fundo de um armário. Théophile Gautier é o primeiro a entrar nessa liça por uma obra capital cheia de poesia; haverá imitadores, isto não é duvidoso.

"Talvez o Espiritismo venha a fornecer os elementos do poema épico que a literatura francesa ainda espera;" este não seria já um resultado tão forte para desdenhar. (Ver a *Revista Espírita*, de dezembro de 1860, página 366, a Arte espírita, a Arte paga e a Arte cristã.)

AS FORÇAS NATURAIS DESCONHECIDAS (1).

(1) Broch. in-18. Preço: 1 fr. - Livraria Didier.

Por HERMES.

Isto não é mais do romance; é uma refutação, no ponto de vista da ciência, das críticas dirigidas contra os fenômenos espíritas, a propósito dos irmãos Davenport, e da assimilação que se pretende estabelecer entre esse fenômenos e os torneios de prestidigitação. O autor faz a parte do charlatanismo, que se insinua em tudo, e das condições desfavoráveis nas quais se apresentaram os Davenport, condições que não procura se justificar; ele examina os próprios fenômenos, abstração feita das pessoas, e fala com a autoridade do sábio. Levanta vigorosamente a luva lançada por uma parte da imprensa nessa circunstância, e estigmatiza suas excentricidades de linguagem, que traduz na barra do bom senso, mostrando até que ponto ela se afasta de uma discussão leal. Podemos não partilhar os sentimentos do autor sobre todos os pontos, mas nem por isto dizemos menos que seu livro é uma refutação difícil de se refutar; também a imprensa hostil, no geral, a passou sob silêncio. No entanto, o *Événement* de 1 o. de fevereiro dele deu conta nestes termos:

"Tenho nas mãos um livro que deveria aparecer no outono último. Ele é a questão dos Davenport. Este livro, que está assinado com o pseudônimo "Hermes," tem por título: *Das forças naturais desconhecidas*, e pretende que deveríamos aceitar o armário e os dois irmãos, porque nossos sentidos são débeis e não podemos explicar tudo na Natureza. É inútil dizer que esse livro foi editado pela livraria Didier.

Não falarei das folhas que se enganam na época, se elas não contêm um violento requisitório contra toda a imprensa parisiense. O Sr. Hermes diz sem cerimônia seu fato aos redatores do *Opinion*, do *Temps*, da *France*, do *Figaro*, do *Petit Journal*, etc. Eles são insolentes e cruéis, sua máfé não foi igual senão com a sua insensatez. Não compreendem, portanto, não deveriam falar. Ignorância, falsidade, grosseria, esses jornalistas cometeram todos os crimes.

"O Sr. Hermes é bem duro. Louis Ulbach foi chamado "o homem dos óculos," sangrenta injúria se o fosse. Edmond About, que tinha pedido qual diferença havia entre os médiuns e o doutor Lapommerais, recebeu largamente a moeda de sua peça. O Sr. Hermes declara "que não se espanta de certos amadores de trocadilhos tenham arrastado à flor do solo o nome de seu gracioso contraditor." Sentis toda a delicadeza desse jogo de palavras mais ou menos?

"O Sr. Hermes acaba por confessar que vive num jardim retirado e que não se importa senão com a verdade. Seria preferível que ele vivesse na rua e que tivesse toda a calma e toda a caridade cristã da solidão."

Não é curioso ver esses senhores darem lições *teóricas* de calma e de caridade cristã àqueles que injuriam gratuitamente, e acharem mau que se lhes responda? E, no entanto, não se censurará o Sr. Hermes de faltar com moderação, uma vez que, por excesso de consideração, não cita nenhum nome próprio. É verdade que as citações, assim agrupadas, formam um buquê muito pouco gracioso. A quem a falta se esse buquê não

exala um perfume de urbanidade e de bom gosto? Por ter direito de se lamentar de algumas apreciações um pouco severas, teria sido preciso não provocá-las.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

9º ANO

NO. 4

ABRIL 1866

DA REVELAÇÃO.

A revelação, no sentido litúrgico, implica numa idéia de misticismo e de maravilhoso. O materialismo a repele naturalmente, porque ela supõe a intervenção de forças e de inteligências extra-humanas. Fora da negação absoluta, muitas pessoas se colocam hoje estas perguntas: Houve ou não uma revelação? A revelação é necessária? Trazendo aos homens a verdade inteiramente feita, não teria por efeito impedi-los de fazer uso de suas faculdades, uma vez que lhes poupa o trabalho da pesquisa? Estas objeções nascem da falsa idéia que se faz da revelação. Tomemo-la primeiro em sua acepção mais simples, para segui-la até seu ponto mais elevado.

Revelar é fazer conhecer uma coisa que não é conhecida; é ensinar a alguém o que ele não sabe. Deste ponto de vista, há para nós uma revelação, por assim dizer, incessante. Qual é o papel do professor diante de seus alunos, se não é o de um revelador? Ensina-lhes o que não sabem, o que não teriam nem o tempo, nem a possibilidade de descobrir por si mesmos, porque a ciência é a obra coletiva dos séculos e de uma multidão de homens que lhe trouxeram, cada um, seu contingente de observações, e do qual se aproveitam aqueles que vêm depois deles. O ensino, pois, em realidade, é a revelação de certas verdades científicas ou morais, físicas ou metafísicas, feitas por homens que as conhecem, a outros que as ignoram, e que, sem isto, as teriam sempre ignorado. Encontrar-se-ia mais lógica em deixá-los procurar por si mesmos essas verdades? Esperar para ensiná-los a se servir do vapor quando tivessem inventado a mecânica? Não se poderia dizer que em revelando o que outros encontraram foram impedidos de exercer suas faculdades? Ao contrário, não é em se apoiando sobre os conhecimentos das descobertas anteriores que chegam às descobertas novas? Fazer conhecer ao maior número possível a maior soma possível de verdades conhecidas é, pois, provocar a atividade da inteligência em lugar de abafá-la, e levar ao progresso; sem isto, o homem ficaria estacionário.

Mas o professor *não* ensina senão o que ele aprendeu; é um revelador de segunda ordem; o homem de gênio ensina o que encontrou por si mesmo: é o revelador primitivo; foi ele que trouxe a luz que, cada vez mais, se vulgarizou. Onde nisto estaria a Humanidade, sem a revelação dos homens de gênio que aparecem de tempo em tempo?

Mas o que são os homens de gênio? Por que são homens de gênio? De onde vêm? Em que se tornam? Notemos que a maioria, em nascendo, traz faculdades transcendentais e conhecimento inatos, que um pouco de trabalho basta para desenvolver. Eles pertencem bem realmente à Humanidade, uma vez que nascem, vivem e morrem como nós. Onde, pois, haurem esses conhecimentos que não puderam adquirir quando vivos? Dir-se-á, com os materialistas, que o acaso lhes deu a matéria cerebral em maior quantidade e de melhor qualidade? Neste caso, não teriam mais mérito que um legume mais pesado e mais saboroso do que um outro.

Dir-se-á, com certos espiritualistas, que Deus os dotou de uma alma mais favorecida do que a do comum dos homens? Suposição também inteiramente ilógica, uma vez que acusaria Deus de parcialidade. A única solução racional desse problema está na preexistência da alma e na pluralidade das existências. O homem de gênio é um Espírito que viveu por muito mais tempo, que tem, conseqüentemente, mais adquirido e mais progredido do que aqueles menos avançados. Em se encarnando, traz o que sabe, e como ele sabe muito mais que os outros, sem ter necessidade de aprender, é o que se chama homem de gênio. Mas o que ele sabe não é menos o fruto de um trabalho anterior e não o resultado de um privilégio. Antes de nascer, era, pois, Espírito avançado; ele se reencarna seja para fazer os outros aproveitarem do que sabe, seja para adquirir mais.

Os homens, incontestavelmente, progredem por si mesmos e pelos esforços de sua inteligência; mas entregues às suas próprias forças, esse progresso é muito lento, se não são ajudados por homens mais avançados, como o escolar o é por seus professores. Todos os povos tiveram seus homens de gênio que vieram, em diversas épocas, dar um impulso e tirá-los de sua inércia.

Desde que se admite a solicitude de Deus para com suas criaturas, por que não admitir-se que os Espíritos capazes, por sua energia e a superioridade de seus conhecimentos, de fazer a Humanidade avançar, se encarnam pela vontade de Deus tendo em vista ajudar o progresso num sentido determinado; que recebem uma missão, como um embaixador a recebe de seu soberano? Tal é o papel dos grandes gênios. Que vêm fazer, senão ensinar aos homens verdades que estes ignoram, e que teriam ignorado ainda durante longos períodos, a fim de lhes dar um degrau com a ajuda do qual poderão se elevar mais rapidamente? Esses gênios que aparecem através dos séculos, como estrelas brilhantes, deixam depois deles um longo rastro luminoso sobre a Humanidade, são missionários, ou, querendo-se, messias. Se não ensinassem aos homens nada além do que sabem estes últimos, sua presença seria completamente inútil; as coisas novas que ensinam, seja na ordem física, seja na ordem moral, são *revelações*.

Se Deus suscita reveladores para as verdades científicas, com mais forte razão, os suscita para as verdades morais, que são um dos elementos essenciais do progresso. Tais são os filósofos, cujas idéias atravessaram os séculos.

No sentido especial da fé religiosa, os reveladores são mais geralmente designados sob os nomes de *profeta* ou *messias*. Todas as religiões tiveram seus reveladores, e embora todos estivessem longe de ter conhecido toda a verdade, tinham a sua razão de ser providencial, porque estavam apropriados ao tempo e ao meio onde viviam, ao gênio particular dos povos com os quais falava, e aos quais eram relativamente superiores. Apesar dos erros de suas doutrinas, eles não comoveram menos os espíritos, e por isto mesmo semeado os germes de progresso que, mais tarde, deveriam desabrochar, ou desabrocharão um dia, ao sol do Cristianismo. É, pois, errado que se lhes lance o anátema em nome da ortodoxia, porque dia virá em que todas essas crenças, tão diversas pela forma, mas que repousam em realidade sobre um mesmo princípio fundamental: Deus e a imortalidade da alma, se fundirão numa grande e vasta unidade, quando a razão tiver triunfado sobre os preconceitos.

Infelizmente, as religiões foram em todos os tempos instrumentos de dominação; o papel do profeta tentou as ambições secundárias, e viu-se surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias que, ao favor do prestígio desse nome, exploraram a credulidade em proveito de seu orgulho, de sua cupidez ou de sua preguiça, achando mais cômodo viver às expensas de seus ingênuos. A religião cristã não está ao abrigo desses parasitas. A esse respeito, chamamos uma atenção séria sobre o capítulo XXI de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*: "*Haverá falsos Cristos e falsos profetas*. A linguagem simbólica de Jesus tem favorecido singularmente as interpretações mais contraditórias; cada um, esforçando-se em torturar-lhe o sentido, acreditou nela encontrar a sanção de seus objetivos pessoais, freqüentemente mesmo a justificativa das doutrinas

mais contrárias ao espírito de caridade e de justiça, dos quais é a base. Aí está o abuso que desaparecerá pela própria força das coisas, sob o império da razão. Não é esse ponto do qual vamos nos ocupar aqui. Somente constatamos as duas grandes revelações sobre as quais se apoia o Cristianismo: a de Moisés e a de Jesus, porque elas tiveram uma influência decisiva sobre a Humanidade. O islamismo pode ser considerado como um derivado de concepção humana, do mosaísmo e do Cristianismo. Para dar crédito à religião que queria fundar, Maomé teve que se apoiar sobre uma pretensa revelação divina.

Há revelações diretas de Deus aos homens? É uma questão que não ousaríamos resolver nem afirmativamente nem negativamente de maneira absoluta. A coisa não é radicalmente impossível, mas nada dela nos dá uma prova certa. O que não poderia ser duvidoso é que os Espíritos mais próximos de Deus pela perfeição, se penetram de seu pensamento e podem transmiti-lo. Quanto aos reveladores encarnados, segundo a ordem hierárquica à qual pertencem e o grau de seu saber pessoal, podem haurir suas instruções em seus próprios conhecimentos, ou recebê-las de Espíritos mais elevados, ver mesmo os mensageiros diretos de Deus. Estes, falando em nome de Deus, puderam, às vezes ser tomados pelo próprio Deus. Essas espécies de comunicações nada têm de estranho para quem conhece os fenômenos espíritos e a maneira pela qual se estabelecem as relações entre os encarnados e os desencarnados. As instruções podem ser transmitidas por diversos meios: pela inspiração pura e simples, pela audição da palavra, pela visão dos Espíritos instrutores nas visões e aparições, seja em sonho, seja no estado de vigília, assim como se vêem disto muitos exemplos na Bíblia, no Evangelho e nos livros sagrados de todos os povos. É, pois, rigorosamente exato dizer que a maioria dos reveladores são médiuns inspirados, auditivos ou videntes; donde não se segue que todos os médiuns sejam reveladores, e ainda menos os intermediários diretos da Divindade ou de seus mensageiros.

Somente os puros Espíritos recebem a palavra de Deus com missão de transmiti-la; mas sabe-se agora que os Espíritos estão longe de serem todos perfeitos, e que os há que se dão falsas aparências; foi o que fez São João dizer: "Não creiais em todo Espírito, mas vede antes se os Espíritos são de Deus." (Ep. 1 -, cap. IV, v. 4.)

Pode, pois, haver reveladores sérios e verdadeiros, como os há apócrifos e mentirosos. O caráter essencial da revelação divina é o da *eterna verdade*. Toda revelação maculada de erros ou sujeita a mudanças não pode emanar de Deus, porque Deus não pode nem se enganar conscientemente nem enganar a si mesmo. Assim é que a lei do Decálogo tem todos os caracteres de sua origem, ao passo que as outras leis mosaicas, essencialmente transitórias, freqüentemente em contradição com a lei do Sinai, são a obra pessoal e política do legislador hebreu. Os costumes do povo se abrandando, essas leis por si mesmas caem em desuso, ao passo que o Decálogo está de pé como o farol da Humanidade. O Cristo fez dele a base do seu edifício, ao passo que aboliu as outras leis; se elas tivessem sido a obra de Deus, ter-se-ia guardado de tocá-las. O Cristo e Moisés são os dois grandes reveladores que mudaram a face do mundo, e aí está a prova de sua missão divina. Uma obra puramente humana não teria um tal poder.

Uma nova e importante revelação se cumpre na época atual; é a que nos mostra a possibilidade de comunicar com os seres do mundo espiritual. Este conhecimento não é novo, sem dúvida, mas ficou até nossos dias, de alguma sorte, em estado de letra morta, quer dizer, sem proveito para a Humanidade. A ignorância das leis que regem essas relações a tinha abafado sob a superstição; o homem era incapaz de dela tirar alguma dedução salutar; estava reservado à nossa época desembaraçá-la de seus acessórios ridículos, de compreender-lhe a importância, e dela fazer sair a luz que deverá clarear o caminho do futuro.

Os Espíritos não sendo outros senão as almas dos homens, em se comunicando com eles *não saímos da Humanidade*, circunstância capital a se considerar. Os homens

de gênio que foram a luz da Humanidade saíram, pois, do mundo dos Espíritos como nele reentraram deixando a Terra. Desde que os Espíritos podem se comunicar com os homens, esses mesmos gênios podem lhes dar instruções sob a forma espiritual, como o fizeram sob a forma corpórea; eles podem nos instruir depois de sua morte, como o fizeram quando vivos; são invisíveis em lugar de serem visíveis, eis toda a diferença. Sua experiência e seu saber não devem ser menores, e se sua palavra como homens tinha autoridade, ela não deve ter menos porque estão no mundo dos Espíritos.

Mas não são apenas os Espíritos superiores que se manifestam, são também os Espíritos de todas as ordens, e isto era necessário para nos iniciar no verdadeiro caráter do mundo dos Espíritos, em no-lo mostrando sob todas suas faces; por isso, as relações entre o mundo visível e o mundo invisível são mais íntimas, a conexão é mais evidente; vemos claramente de onde viemos e onde vamos; tal é o objetivo essencial dessas manifestações. Todos os Espíritos, a qualquer grau que tenham chegado, nos ensinam, pois, alguma coisa; mas como são mais ou menos esclarecidos, cabe a nós discernir o que há neles de bom ou de mau, e tirar o proveito que seu ensinamento comporta; ora, todos, quaisquer que sejam, podem nos ensinar ou nos revelar coisas que ignoramos e que sem eles não saberíamos.

Os grandes Espíritos encarnados são individualidades poderosas, sem contradita, mas cuja ação é restrita e necessariamente lenta para se propagar. Que um único entre eles, fosse mesmo Elias ou Moisés, tivesse vindo nestes últimos tempos revelar aos homens o estado do mundo espiritual, quem teria provado a verdade de suas afirmativas, nesse tempo de ceticismo? Não se o teria olhado como um sonhador ou um utópico? Admitindo que estivesse na verdade absoluta, séculos teriam se escoado antes que suas idéias fossem aceitas pelas massas. Deus, em sua sabedoria, não quis que fosse assim; quis que o ensino fosse dado pelos *próprios Espíritos*, e não por encarnados, a fim de convencer de sua existência, e que teve lugar simultaneamente por toda a Terra, seja para propagá-lo mais rapidamente, seja para que se encontrasse na coincidência do ensino uma prova da verdade, cada um tendo assim os meios de se convencer por si mesmo. Tais são o objetivo e o caráter da revelação moderna.

Os Espíritos não vêm livrar o homem do trabalho, do estudo e das pesquisas; eles não trazem nenhuma ciência inteiramente feita; sobre o que podem encontrar por si mesmos, o deixam à suas próprias forças; é o que os Espíritos sabem perfeitamente hoje. Depois de muito tempo a experiência demonstrou o erro da opinião que atribuía aos Espíritos todo o saber e toda a sabedoria, e que bastava se dirigir a qualquer um para conhecer todas as coisas. Saídos da humanidade, os Espíritos dela são uma das faces; como sobre a Terra, há os superiores e os vulgares; muitos deles sabem, pois, cientificamente e filosoficamente menos do que certos homens; dizem o que sabem, nem mais nem menos; como entre os homens, os mais avançados podem nos informar sobre mais coisas, nos dar conselhos mais judiciosos do que os atrasados. Pedir conselho aos Espíritos não é, pois, dirigir-se às forças sobrenaturais, mas aos seus *semelhantes*, aqueles mesmos a quem se teria dirigido quando vivo, aos seus parentes, aos seus amigos, ou a indivíduos mais esclarecidos do que nós. Eis do que importa se persuadir e o que ignoram aqueles que, não tendo estudado o Espiritismo, se fazem uma idéia completamente falsa sobre a natureza do mundo dos Espíritos e das relações de além-túmulo.

Qual é, pois, a utilidade dessas manifestações, e o que se quer desta revelação, se os Espíritos disso não sabem mais do que nós, ou se não nos dizem tudo o que sabem? Primeiro, como o dissemos, eles se abstêm de nos dar o que podemos adquirir pelo trabalho; em segundo lugar, há coisas que não lhes é permitido revelar, porque nosso grau de adiantamento não o comporta. Mas, isto à parte, as condições de sua nova existência estendem o círculo de suas percepções; vêem o que não viam sobre a Terra; livres dos entraves da matéria, liberados dos cuidados da vida corpórea, julgam as coisas

de um ponto mais elevado, e por isto mesmo mais sadiamente; sua perspicácia abarca um horizonte mais vasto; eles compreendem seus erros, retificam suas idéias e se desembaraçam dos preconceitos humanos. Nisto é que consiste a sua superioridade sobre a Humanidade corpórea, e que seus conselhos podem ser, de acordo com o seu grau de adiantamento, mais judiciosos e mais desinteressados do que o dos encarnados. O meio no qual se encontram lhes permite, além disso, nos iniciar nas coisas da vida futura que ignoramos, e que não podemos aprender naquele em que estamos. Até este dia o homem não tinha criado senão hipóteses sobre o seu futuro; eis porque suas crenças sobre este ponto foram divididas em sistemas tão numerosos e tão divergentes, desde o nihilismo até as fantásticas descrições do inferno e do paraíso. Hoje são as testemunhas oculares, os próprios autores da vida de além-túmulo, que vêm nos dizer o que ela é, e os únicos que podem fazê-lo. Essas manifestações, pois, serviram para nos fazer conhecer o mundo invisível que nos cerca, e que nós não supúnhamos; e só este conhecimento seria de uma importância capital, supondo-se que os Espíritos fossem incapazes de nada nos ensinar a mais.

Uma comparação vulgar fará compreender melhor ainda a situação.

Um navio carregado de emigrantes parte para um destino longínquo; leva homens de todas as condições, parentes e amigos daqueles que ficam. Informa-se que esse navio naufragou; nem um traço resta dele, nenhuma novidade chega sobre sua sorte; pensa-se que todos os viajantes pereceram, e o luto está em todas as famílias. No entanto, toda tripulação, sem dela excetuar um único homem, abordou uma terra desconhecida, terra abundante e fértil, onde todos vivem felizes, sob um céu clemente; mas o ignoram. Ora, eis um dia em que um outro navio aborda essa terra; ali encontra todos os naufragos sãos e salvos. A notícia feliz se espalha com a rapidez do relâmpago; cada um se diz: "Nossos amigos não estão, pois, perdidos!" E disto rendem graças a Deus. Não podem SR ver, mas se correspondem; trocam testemunhos de afeição, e eis que a alegria sucede à tristeza.

Tal é a imagem da vida terrestre e da vida de além-túmulo, antes e depois da revelação moderna; esta, semelhante ao segundo navio, nos leva a boa nova da sobrevivência daqueles que nos são caros, e a certeza de se juntar a eles um dia; a dúvida sobre sua sorte e sobre a nossa não existe mais; o desencorajamento se apaga diante da esperança.

Mas outros resultados vêm fecundar esta revelação. Deus, julgando a Humanidade madura para penetrar o mistério de seu destino e contemplar com sangue frio novas maravilhas, permitiu que o véu que separava o mundo visível do mundo invisível fosse levantado. O fato das manifestações nada têm de extra-humano; é a Humanidade espiritual que vem conversar com a Humanidade corpórea e dizer-lhe:

"Nós existimos, portanto, o nada não existe; eis o que somos, e eis o que sereis; o futuro está para vós como está para nós. Caminháreis nas trevas, viemos clarear vosso caminho e abrir a senda; íeis ao acaso, nós vos mostramos o objetivo. A vida terrestre era tudo para vós, porque não víeis nada além; viemos vos dizer, em vos mostrando a vida espiritual: A vida terrestre nada é. Vossa visão se detém no túmulo, nós vos mostramos além um horizonte esplêndido. Não sabíeis porque sofreis sobre a Terra; agora, no sofrimento, vedes a justiça de Deus; o bem era sem frutos aparentes para o futuro, terá doravante um objetivo e será uma necessidade; a fraternidade não era senão uma bela teoria, agora se assenta sobre uma lei da Natureza. Sob o império da crença de que tudo acaba com a vida, a imensidade é vazia, o egoísmo reina soberano entre vós, e vossa palavra de ordem é esta: "Cada um por si"; com a certeza do futuro, os espaços infinitos se povoam ao infinito, o vazio e a solidão não estão em nenhuma parte, a solidariedade liga todos os seres para além e para aquém do túmulo; é o reino da caridade, com esta divisa: "Cada um por todos e todos por cada um." Enfim, no fim da vida dizíeis um eterno adeus àqueles que vos são caros, agora lhes dizeis: "Até breve!"

Tais são, em resumo, os resultados da revelação nova; ela veio encher o vazio cavado pela incredulidade, levantar as coragens abatidas pela dúvida ou pela perspectiva do nada, e dar a toda coisa sua razão de ser. Este resultado, pois, é sem importância, porque os Espíritos não vêm resolver os problemas da ciência, dar o saber aos ignorantes, e aos preguiçosos o meio de se enriquecerem sem trabalho? No entanto, os frutos que o homem deve dela retirar não são apenas para a vida futura; ele os colherá sobre a Terra pela transformação que essas novas crenças devem necessariamente operar sobre seu caráter, seus gostos, suas tendências, e, conseqüentemente, sobre os hábitos e as relações sociais. Pondo fim ao reino do egoísmo, do orgulho e da incredulidade, preparam o do bem, que é o reino de Deus.

A revelação tem, pois, por objeto colocar o homem na posse de certas verdades que não poderia adquirir por si mesmo, e isto tendo em vista ativar o progresso. Essas verdades se limitam, em geral, a princípios fundamentais destinados a colocá-lo no caminho das pesquisas e não a conduzi-lo pela andadeira; são as balizas que lhe mostram o objetivo: cabe a ele a tarefa de estudá-las e de deduzir-lhes as aplicações; longe de livrá-lo do trabalho, são novos elementos fornecidos à sua atividade.

O ESPIRITISMO SEM OS ESPÍRITOS.

Vimos recentemente uma seita tentar se formar, ostentando por bandeira: A *negação da prece*. Acolhida, em seu início, por um sentimento geral de reprovação, nem mesmo viveu. Os homens e os Espíritos se uniram para repelir uma doutrina que era, ao mesmo tempo, uma ingratidão e uma revolta contra a Providência. Isto não era difícil, porque, ferindo o sentido íntimo da imensa maioria, trazia em si o seu próprio princípio destruidor. (*Revista* de janeiro de 1866). Eis agora uma outra que tenta sobre um novo terreno; ela tem por divisa: *Não mais comunicações dos Espíritos*. É bastante singular que esta opinião seja hoje preconizada por alguns daqueles que outrora exaltaram a importância e a sublimidade dos ensinamentos espíritas, e se glorificavam daquilo que eles mesmos recebiam como médiuns. Tem ela mais chance de sucesso que a precedente? É o que iremos examinar em algumas palavras.

Esta doutrina, podendo se dar esse nome a uma opinião restrita a algumas individualidades, se funda sobre os dados seguintes:

"Os Espíritos que se comunicam não são senão Espíritos comuns que não aprenderam, até hoje, nenhuma verdade nova, e que provam a sua incapacidade não saindo das banalidades da moral. O critério que se pretende estabelecer sobre a concordância de seus ensinamentos é ilusório, em conseqüência de sua insuficiência. Cabe ao homem sondar os grandes mistérios da Natureza, e submeter o que dizem ao controle de sua própria razão. Suas comunicações não podendo nada nos ensinar, as proscovemos de nossas reuniões. Discutiremos entre nós; procuraremos e nos decidiremos, em nossa sabedoria, são princípios que devem ser aceitos ou rejeitados, sem recorrer ao consentimento dos Espíritos."

Anotemos que não se trata de negar o fato das manifestações, mas de estabelecer a superioridade do julgamento do homem, ou de alguns homens, sobre o dos Espíritos; em uma palavra, de livrar o Espiritismo do ensino dos Espíritos: as instruções destes últimos estando abaixo daquilo que pode a inteligência dos homens.

Esta doutrina conduz a uma singular conseqüência, que não daria uma alta idéia da superioridade da lógica do homem sobre a dos Espíritos. Sabemos, graças a estes últimos, que aqueles de ordem mais elevada pertenceram à Humanidade corpórea que desde muito tempo a ultrapassaram, como o general ultrapassou a classe do soldado da qual tinha saído. Sem os Espíritos, estaríamos ainda na crença de que os anjos são criaturas privilegiadas, e os demônios criaturas predestinadas ao mal pela eternidade.

"Não, dir-se-á, porque houve homens que combateram essa idéia." Seja; mas quem eram esses homens, senão os Espíritos encarnados? Qual influência a sua opinião isolada teve sobre a crença das massas? Perguntai a qualquer um se ele conhece somente de nome a maioria desses grandes filósofos? Ao passo que os Espíritos, vindo sobre toda a superfície da Terra se manifestar, ao mais humilde como ao mais poderoso, a verdade se propagou com a rapidez do relâmpago.

Os Espíritos podem se dividir em duas grandes categorias: os que, chegados ao mais alto ponto da escala, deixaram definitivamente os mundos materiais, e aqueles que, pela lei da reencarnação, pertencem ainda ao turbilhão da Humanidade terrena. Admitamos que só estes últimos têm o direito de se comunicar com os homens, o que é uma questão: entre eles há os que, quando vivos, foram homens esclarecidos, cuja opinião teve autoridade, e que se estaria feliz em consultar se vivessem ainda. Ora, da doutrina acima resultaria que esses mesmos homens superiores tornaram-se nulidades ou mediocridades passando no mundo dos Espíritos, incapazes de nos dar uma instrução de algum valor, ao passo que se inclinaria respeitosamente diante deles se se apresentassem em carne e osso nas próprias assembléias onde se lhes recusa escutar como Espíritos. Disto resulta ainda que Pascal, por exemplo, não é mais uma luz desde que é Espírito; mas que, se ele reencarnasse em Pedro ou Paulo, necessariamente com o mesmo gênio, uma vez que nada teria perdido, seria um oráculo. Esta conseqüência é de tal modo rigorosa, que os partidários desse sistema admitem a reencarnação como uma das maiores verdades. Seria preciso disso induzir, enfim, que aqueles que colocam, de muito boa-fé nós o supomos, sua própria inteligência tão acima da dos Espíritos, serão eles mesmos as nulidades ou as mediocridades, cuja opinião será sem valor; de tal sorte que seria preciso crer naquilo que dizem, hoje que vivem, e que não seria preciso mais crer amanhã, quando estarão mortos, então mesmo que viessem dizer a mesma coisa, e ainda menos se viessem dizer que se enganaram.

Sei que se objeta a grande dificuldade da constatação da identidade. Esta questão foi amplamente tratada para que seja supérfluo nela retornar. Seguramente, não podemos saber, por uma prova material, se o Espírito que se apresente sob o nome de Pascal é realmente o do grande Pascal. Que nos importa, se diz boas coisas! Cabe a nós pesar o valor de suas instruções, não à forma da linguagem, que se sabe, freqüentemente, levar a marca de inferioridade do instrumento, mas à grandeza e à sabedoria dos pensamentos. Um grande Espírito que se comunique por um médium pouco letrado é como um hábil calígrafo que se serve de má caneta; o conjunto da escrita levará a marca de seu talento, mas os detalhes de execução, que não dependem dele, serão imperfeitos.

Jamais o Espiritismo disse que seria preciso fazer abnegação de seu julgamento, e submeter-se cegamente ao que dizem os Espíritos; são os próprios Espíritos que nos dizem para passar todas as suas palavras pelo cadinho da lógica, ao passo que certos encarnados dizem: "Não creiais senão naquilo que dizemos, e não creiais no que dizem os Espíritos." Ora, como a razão individual está sujeita a erro, e que o homem, muito geralmente, é levado a tomar sua própria razão e suas idéias pela única expressão da verdade, aquele que não tem a orgulhosa pretensão de se crer infalível a refere à apreciação da maioria. Por isto abdicou de sua opinião? De nenhum modo; é perfeitamente livre de crer que só ele tem a razão contra todos, mas não impedirá a opinião da maioria de prevalecer, e de ter, em definitivo, mais autoridade do que opinião de um só ou de alguns.

Examinemos agora a questão sob um outro ponto de vista. Quem fez o Espiritismo? É uma concepção humana pessoal? Todo o mundo sabe o contrário. O Espiritismo é resultado do ensino dos Espíritos; de tal sorte que, sem as comunicações dos Espíritos, não haveria Espiritismo. Se a Doutrina Espírita fosse uma simples teoria filosófica eclodida no cérebro humano, não teria senão valor de uma opinião pessoal; saída da universalidade do ensino dos Espíritos, ela tem o valor de uma obra coletiva, e foi por isto

mesmo que em tão pouco tempo se propagou por toda a Terra, cada um recebendo por si mesmo, ou por suas relações íntimas, instruções idênticas e a prova da realidade das manifestações.

Pois bem! é em presença deste resultado patente, material, que se tenta erigir em sistema a inutilidade das comunicações dos Espíritos. Convenhamos que se elas não tivessem a popularidade que adquiriram, não seriam atacadas, e que é a prodigiosa vulgarização dessas idéias que suscita tantos adversários ao Espiritismo. Aqueles que rejeitam hoje as comunicações não se parecem com essas crianças ingratas que renegam e desprezam seus pais? Não é ingratidão para com os Espíritos, a quem devem o que sabem? Não é se servir daquilo que deles aprenderam para combatê-los, retornar contra eles, contra seus próprios pais, as armas que nos deram? Entre os Espíritos que se manifestam, não é do Espírito de um pai, de uma mãe, dos seres que nos são mais caros, que se recebem essas tocantes instruções que vão diretamente ao coração? Não é a eles que se deve o ter sido arrancado à incredulidade, às torturas da dúvida sobre o futuro, e é então que se goza do benefício, que se despreza a mão do benfeitor!

Que dizer daqueles que, tomando sua opinião pela de todo o mundo, afirmam seriamente que, agora, em nenhuma parte se quer comunicações? Estranha ilusão! que um olhar lançado ao redor deles bastaria para fazer desvanecer-se. De seu lado, que devem pensar os Espíritos que assistem às reuniões onde se discute se se devem condescender em escutá-los, se se deve ou não lhes permitir excepcionalmente a palavra para comprazer àqueles que tiveram a fraqueza de ter suas instruções? Ali se encontram, sem dúvida, Espíritos diante dos quais caíam de joelhos se, nesse momento, se apresentassem à sua visão. Pensou-se no preço que se poderia pagar uma tal ingratidão?

Tendo os Espíritos a liberdade de se comunicarem, sem relação com o grau de seu saber, disto resulta uma grande diversidade no valor das comunicações, como nos escritos, em um povo onde todo o mundo tem a liberdade de escrever, e onde certamente todas as produções literárias não são obras-primas. Segundo as qualidades individuais dos Espíritos, há, pois, comunicações boas pelo fundo e pela forma, outras que são boas pelo fundo e más pela forma, outras, enfim, que não valem nada, nem pelo fundo nem pela forma; cabe a nós escolher. Não seria mais racional rejeitá-las todas porque são más, do que o seria de proscriver todas as publicações porque há escritores que dão baixezas. Os melhores escritores, os maiores gênios, não têm partes fracas em suas obras? Não se fazem coletâneas do que produziram de melhor? Façamos o mesmo com respeito às produções dos Espíritos; aproveitemos o que há de bom e rejeitemos o que é mau; mas para arrancar o joio, não arranquemos o bom grão.

Consideramos, pois, o mundo dos Espíritos como o duplo do mundo corpóreo, como uma fração da Humanidade, e dizemos que não devemos mais desdenhar de ouvi-los, agora que estão desencarnados, que não o tivéssemos feito então quando estávamos encarnados; eles estão sempre em nosso meio, como outrora; somente estão atrás da cortina, em lugar de estar diante: eis toda a diferença.

Mas, dir-se-á, qual é a importância dos ensinamentos dos Espíritos, mesmo naquilo que há de bom, se não ultrapassa aquilo que os homens podem saber por si mesmos? É bem certo que não nos ensinam nada de mais? Em seu estado de Espírito não vêem o que não podemos ver? Sem eles, conheceríamos seu estado, sua maneira de ser, suas sensações? conheceríamos, como o conhecemos hoje, esse mundo onde estaremos talvez amanhã? Se esse mundo não tem mais para nós os mesmos terrores, se o encaramos sem temer a passagem que a ele conduz, não é a eles que o devemos? Esse mundo está completamente explorado? Cada dia não nos revelam dele uma nova face? e não é nada saber onde se vai, e o que se pode ser saindo daqui? Outrora ali se entrava tateando e tremendo, como num abismo sem fundo; agora esse abismo está resplendente

de luz, e se está entre felizes; e há quem ouse dizer que o Espiritismo nada nos ensinou! (*Revista Espírita*, agosto de 1865, página 225: "O que ensina o Espiritismo.")

Sem dúvida, o ensino dos Espíritos tem seus limites, não se pode pedir-lhe o que não pode dar, o que está em sua essência, em seu objetivo providencial, ele dá sempre àquele que sabe procurar; mas, tal qual é, dele fizemos todas as aplicações? Antes de lhe pedir mais, sondamos a profundidade dos horizontes que nos descobre? Quanto à sua importância, ela se afirma por um fato material, patente, gigantesco, desconhecido nos fatos da história: é que apenas em sua aurora, ele revoluciona já o mundo e põe em emoção os poderes da Terra. Qual é o homem que teria tido este poder?

O Espiritismo tende à reforma da Humanidade pela caridade; não é, pois, de se admirar que os Espíritos preguem sem cessar a caridade; pregá-la-ão ainda por muito tempo enquanto não tiver desenraizado do coração dos homens o egoísmo e o orgulho. Se é que nele acham as comunicações inúteis, porque repetem sem cessar as lições de moral, é preciso felicitá-los, se são bastante perfeitos para delas não terem mais necessidade; mas devem pensar que aqueles que têm tanto mais confiança em seu próprio mérito e que têm no coração se melhorarem, não deixam de receber os bons conselhos. Não procureis, pois, a lhes tirar essa consolação.

Tem esta doutrina chances de prevalecer? As comunicações dos Espíritos, como dissemos, fundaram o Espiritismo. Repeli-las depois de tê-las aclamado é querer solapá-lo por sua base, tirar-lhe a pedra em que se assenta; tal não pode ser o pensamento dos Espíritos sérios e devotados, porque isto seria absolutamente como aquele que se dissesse cristão negando o valor dos ensinamentos do Cristo, sob o pretexto de que sua moral é idêntica à de Platão. Foi nessas comunicações que os Espíritos encontraram a alegria, a consolação, a esperança; foi por elas que compreenderam a necessidade do bem, da resignação, da submissão à vontade de Deus; foi por elas que suportaram com coragem as vicissitudes da vida, por elas é que não há mais separação real entre eles e os objetos de suas mais ternas afeições. Não é se equivocar sobre o coração humano, crendo que possa renunciar a uma crença que lhe faz a felicidade!

Repetimos aqui o que dissemos a propósito da prece: Se o Espiritismo deve ganhar em influência, é aumentando a soma das satisfações morais que ele proporciona. Que aqueles que o achem insuficientes tal qual é se esforcem em dar mais do que ele; mas não é em dando menos, tirando-lhe o que nele faz o encanto, a força e a popularidade que o suplantarão.

O ESPIRITISMO INDEPENDENTE.

Uma carta, que nos foi escrita há algum tempo, nos falava do projeto de dar a uma publicação periódica o título de *Journal du Spiritisme indépendant*. Esta idéia, sendo evidentemente o corolário daquela do *Espiritismo sem os Espíritos*, vamos tentar colocar a questão sobre seu verdadeiro terreno.

Primeiro, o que é o Espiritismo independente? Independente de quê? Uma outra carta o diz claramente: é o Espiritismo livre, não só da tutela dos Espíritos, mas de toda direção ou supremacia pessoal, de toda subordinação às instruções de um chefe, cuja opinião não pode, tendo em vista que não é infalível.

Esta é a coisa mais fácil do mundo: ela existe de fato, uma vez que o Espiritismo, proclamando a liberdade absoluta de consciência, não admite nenhum constrangimento em matéria de crença, e que jamais contestou a ninguém, o direito de crer à sua maneira em matéria de Espiritismo como em toda outra coisa. Deste ponto de vista, nós mesmos nos achamos perfeitamente independentes, e entendemos aproveitar dessa independência. Se há subordinação, ela é, pois, toda voluntária; bem mais, não é a subordinação a um homem, mas uma idéia que se adota porque ela convém, que sobrevive ao homem se ela é justa, que cai com ele ou antes dele, se é falsa.

Para se libertar das idéias dos outros, é preciso necessariamente ter idéias em si; essas idéias, procura-se naturalmente fazê-las prevalecer, sem isto se as guardaria para si; proclamasse-as sustentasse-as defendesse-as, porque se as crê a expressão da verdade, porque admitimos a boa-fé, e não o único desejo de derrubar o que existe; o objetivo é reunir quanto mais partidários possível, e eis que aquele que não quer chefe se coloca ele mesmo em chefe de seita, procurando subordinar os outros às suas próprias idéias. Aquele que diz, por exemplo: "Não é preciso mais receber as instruções dos Espíritos," não emite um princípio absoluto? Não exerce uma pressão sobre aqueles que as querendo, delas desviam em receber? Se funda uma reunião sobre essa base, dela deve excluir os partidários das comunicações, porque, se estes últimos estiverem em maioria, eles farão a lei. Se as admite, é que recusa obtemperar ao seu desejo, atenta liberdade que têm contra a de reclamar. Que inscreva sobre seu programa: "Aqui não se dá a palavra aos Espíritos," e então aqueles que desejarem ouvi-los ter-se-ão por dito e ali não se apresentarão mais.

Sempre dissemos que uma condição essencial de toda reunião Espírita é a homogeneidade, sem o que há dissensão. Aquele que a fundasse sobre uma base de rejeição das comunicações estaria em seu direito; se ali não admite senão aqueles que pensam como ele, faz bem, mas não é fundado dizer que, porque não o quer mais, ninguém o deve querer. Certamente, é livre para agir como o entende; mas se quer a liberdade para si, deve querê-la para os outros; uma vez que defende suas idéias e critica a dos outros, se for conseqüente consigo mesmo, não deverá achar mau que os outros defendam as deles e critiquem as suas.

Em geral, esquece-se muito de que acima da autoridade de um homem há uma à qual quem se coloca como representante de uma idéia não pode se subtrair: é a de todo o mundo; a opinião geral é a suprema jurisdição que sanciona ou derruba o edifício dos sistemas; ninguém pode se livrar da subordinação que ela impõe. Esta lei não é menos onipotente em Espiritismo. Quem fere o sentimento da maioria e a abandona deve esperar por isto ser abandonado; aí está a causa do insucesso de certas teorias e de certas publicações, abstração feita do mérito intrínseco destas últimas, sobre a qual freqüentemente se tem ilusão.

Não é preciso perder de vista que o Espiritismo não está enfrentado nem num indivíduo, nem em alguns indivíduos, nem num círculo, nem mesmo numa cidade, mas que seus representantes estão no mundo inteiro, e que entre eles há uma opinião dominante e profundamente recomendada; crer-se forte contra todos, porque se tem a aprovação dos que o cercam, é se expor a grandes decepções.

Há duas partes no Espiritismo: a dos fatos materiais, e a de suas conseqüências morais. A primeira é necessária como prova da existência dos Espíritos, também é aquela pela qual os Espíritos começaram; a segunda, que dela decorre, é a única que pode levar à transformação da Humanidade pela melhoria individual. A melhoria é, pois, o objetivo essencial do Espiritismo. É para o que deve tender todo espírita sério. Tendo deduzido essas conseqüências segundo as instruções dos Espíritos, definimos os deveres que essa crença impõe; o primeiro inscrevemos sobre a bandeira do Espiritismo: *Fora da caridade não há salvação*, máxima aclamada, em seu aparecimento, como o facho do futuro, e que logo deu a volta ao mundo em se tornando a palavra de união de todos aqueles que vêm no Espiritismo outra coisa do que um fato material. Por toda a parte ela foi acolhida como símbolo da fraternidade universal, como uma garantia de segurança nas relações sociais, como a aurora de uma era nova, onde devem extinguir os ódios e as dissensões. Compreende-se-lhe tão bem a importância, que já se lhe recolhem os frutos; entre aqueles que dela fazem uma regra de conduta, reinam a simpatia e a confiança que fazem o encanto da vida social; em todo Espírita de coração, vê-se um irmão com o qual se é feliz em encontrar-se, porque sabe-se que aquele que pratica a caridade não pode nem fazer nem querer o mal.

Foi, pois, de nossa autoridade particular que promulgamos esta máxima? E quando a tivéssemos feito, quem poderia achá-la má? Mas não; ela decorre do ensino dos

Espíritos, que eles mesmos a hauriram nos do Cristo, onde ela está escrita com todas as letras, como pedra angular do edifício cristão, mas onde restou enterrada durante dezoito séculos. O egoísmo dos homens evitou que saísse do esquecimento para pô-la em luz, porque teria proclamado sua própria condenação; preferiram procurar sua salvação nas práticas mais cômodas e menos incômodas. No entanto, todo o mundo havia lido e relido o Evangelho, e, com muito poucas exceções, ninguém tinha visto esta grande verdade relegada ao segundo plano. Ora, eis que pelo ensino dos Espíritos ela é subitamente conhecida e compreendida por todo o mundo. Quantas outras verdades encerra o Evangelho, e que ressaltarão em seu tempo! (O *Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XV.)

Inscrevendo no frontispício do Espiritismo a suprema lei do Cristo, abrimos o caminho para o *Espiritismo cristão*; fomos instituídos, pois, em desenvolver-lhe os princípios, assim como os caracteres do verdadeiro espírito sob esse ponto de vista.

Que outros possam fazer melhor do que nós, não iremos ao encontro, porque jamais dissemos: "Fora de nós não há verdade." Nossas instruções são, pois, para aqueles que as acham boas; são aceitas livremente e sem constrangimento; traçamos um caminho, segue-o quem quiser; damos conselhos àqueles que no-los pedem, e não àqueles que crêem poder passar sem eles; não damos ordens a ninguém, porque não temos qualidade para isto.

Quanto à supremacia, ela é toda moral e na adesão daqueles que partilham nossa maneira de ver; não estamos investidos, mesmo por aqueles, de nenhum poder oficial, e não solicitamos nem reivindicamos nenhum privilégio; não nos estipulamos nenhum título, e o único que tomamos com os partidários de nossas idéias é o de irmão em crença; se nos consideram como seu chefe é em consequência da posição que os nossos trabalhos nos dão, e não em virtude de uma decisão qualquer. Nossa posição é aquela que todos podiam tomar antes de nós; nosso direito, aquele que todo o mundo tem de trabalhar como entende e de correr a chance do julgamento do público.

De que autoridade incômoda aqueles que querem o Espiritismo independente entendem, pois, se livrar, uma vez que não há nem poder constituído, nem hierarquia fechando a porta a quem quer que seja, uma vez que não temos sobre eles nenhuma jurisdição, e que, se lhes apraz sé afastarem de nosso caminho, ninguém pode constrangê-los a nele reentrar? Nós nos fizemos passar por profeta ou messias? Tomariam, pois, a sério os títulos de grande sacerdote, de soberano pontífice, de papa mesmo com o qual a crítica aprovou nos gratificar? Não só não nos os outorgamos, mas os Espíritos não

no-los deram jamais. - É do ascendente de nossos escritos? O campo lhes está aberto, como a nós, para conquistarem as simpatias do público. Se há pressão, ela não vem, pois, de nós, mas da opinião geral que põe seu veto sobre o que não lhe convém, e que ela mesma sofre o ascendente do ensino geral dos Espíritos. É, pois, a estes últimos que é preciso se prender, em definitivo, o estado das coisas, e é talvez muito o que faz que não se quer mais escutá-los. - São as instruções que damos? Mas ninguém é forçado a elas se submeter. - Têm eles a se lamentar de nossa censura? Nunca nomeamos a ninguém, a não ser quando temos a louvar, e nossas instruções são dadas sob uma forma geral, como desenvolvimento de nossos princípios, para o uso de todo o mundo. Aliás, se elas são más, se nossas teorias são falsas, em que isto pode ofuscá-los? O ridículo, se ridículo há, será para nós. Têm eles, pois, de tal modo no coração os interesses do Espiritismo, que temem vê-los periclitarem entre nossas mãos? - Somos muito absolutos em nossas idéias? Somos um obstinado com o qual nada se pode fazer? Pois bem! meu Deus, todos têm seus pequenos defeitos; nós temos o de não pensar ora branco, ora negro; temos uma linha traçada, e dela não nos desviamos para agradar a ninguém; é provável que assim o sejamos até o fim.

É nossa fortuna que se inveja? Onde estão nossos castelos, nossos carros de luxo e nossos lacaios? Certamente, se tivéssemos a fortuna que se nos supõe, não seria no entanto dormindo que ela teria vindo, e se bem que muitas pessoas amontoem milhões por um trabalho menos rude. - Que fazemos, pois, do dinheiro que ganhamos? Como não pedimos conta a ninguém, não temos a dá-las a ninguém; o que é certo é que não serve aos nossos prazeres. Quanto a empregá-lo para assalariar agentes e espiões, retornamos esta calúnia ao seu endereço. Temos que nos ocupar de coisas mais importantes do que saber o que fazem tais ou tais; se fazem bem, não têm a temer nenhuma investigação; se fazem mal, isto os vê. Se é que ambicionam nossa posição, é no interesse do Espiritismo ou no seu? Que a tome, pois, com todas as *suas cargas*, e, provavelmente, não acharão que isso seja uma sinecura tão agradável quanto o supõem. Se acham que conduzimos mal o barco, quem os impediu de tomar-lhe o governo antes de nós? e quem os impede ainda hoje? - Se lamentam de nossas intrigas para nos fazer partidários? Esperamos que se venha a nós e nós não vamos procurar ninguém; não corremos mesmo atrás daqueles que nos deixam, porque sabemos que podem entrar a marcha das coisas; sua personalidade se apaga diante do conjunto. De um outro lado, não somos bastante vão para crer que seja por nossa pessoa que se liga a nós; evidentemente, é pela idéia da qual somos o representante; é, pois, a esta idéia que reportamos os testemunhos de simpatia que se quer muito nos dar.

Em resumo, o Espiritismo independente seria aos nossos olhos um contra-senso, uma vez que a independência existe de fato e de direito, e que não há disciplina imposta a ninguém. O campo de exploração está aberto a todo o mundo; o juiz supremo do torneio é o público; a palma é para aquele que sabe conquistá-la. Tanto pior para aqueles que caem antes de terem atingido o objetivo.

Falar dessas opiniões divergentes que, em definitivo, se reduzem a algumas individualidades, e não fazem corpo em nenhuma parte, não é, talvez dirão algumas pessoas, dar-lhe muita importância, amedrontar os adeptos em lhes fazendo crer em cisões mais profundas do que elas o são? não é também fornecer armas aos inimigos do Espiritismo?

É precisamente para prevenir esses inconvenientes que delas falamos. Uma explicação clara e categórica, que reduz a questão ao seu justo valor, é muito mais própria para tranquilizar do que para amedrontar os adeptos; eles sabem a que se prenderem e nisto encontram ocasião dos argumentos para a réplica. Quanto aos adversários, eles muitas vezes exploraram o fato, e é porque lhe exageraram a importância, que é útil mostrar o que ele é. Para mais ampla resposta, remetemos ao artigo da *Revista* de outubro de 1865, página 297, e mais especialmente à página 307.

A SAINT-CHARLEMAGNE NO COLÉGIO DE CHARTRES.

Ao colégio de Chartres teve-se este ano a idéia de juntar à solenidade do banquete da Saint-Charlemagne uma conferência literária. Dois alunos de filosofia sustentaram uma controvérsia, cujo assunto era o *Espiritismo*. Eis o relatório que dela nos dá o *Journal de Chartres* de 11 de março de 1866:

"Para fechar a sessão, dois alunos de filosofia, Srs. Ernest Clément Gustave Jumentié, expuseram, num diálogo vivo e animado, uma questão que tem o privilégio de apaixonar hoje muitas cabeças: queremos dizer o *Espiritismo*.

"J. censura em seu companheiro, todo tempo tão jovial, um ar sombrio e selvagem que o faz parecer a um autor de melodramas, e lhe pergunta de onde pode provir uma tão grande mudança.

"C. responde que desembocou a cabeça, a primeira numa doutrina sublime, o Espiritismo, que veio confirmar de maneira irrefutável a imortalidade da alma e as outras concepções da filosofia espiritualista. Isto não é uma quimera, como o pretende seu interlocutor; é um sistema apoiado sobre fatos autênticos, tais quais as mesas girantes, os médiuns, etc.

"Certamente, retorna J., não serei bastante insensato, meu pobre amigo, para discutir contigo sobre loucos sonhos, dos quais todo o mundo hoje está completamente desenganado; e quando não se faz mais do que caçar dos Espíritos, não irei, por uma vã disputa, dar às vossas idéias mais peso do que elas merecem e lhes fazer a honra de uma refutação séria. As admiráveis experiências dos Davenport demonstraram qual era vossa força e a fé que seria preciso ter em vossos milagres. Mas, felizmente, eles receberam a justa punição de seu embuste; depois de alguns dias de um triunfo usurpado, foram forçados a retornar para sua pátria, e nos provaram uma vez mais que não há senão um passo do Capitole à rocha Tarpéienne.

"Vejo bem, disse a seu turno C., que não és partidário do progresso. Deverias, ao contrário, compadecer-te da sorte desses infelizes. Todas as ciências, em seu início, tiveram seus detratores. Não se viu Fulton repellido pela ignorância e tratado como um louco? Não se viu também Lebon desconhecido em sua pátria, morrer miseravelmente sem ter gozado de seus trabalhos? E, no entanto, hoje a superfície dos mares está sulcada de barcos a vapor, e o gás derrama por toda a parte sua viva luz.

"J. Sim, mas essas invenções repousam sobre bases sólidas; a ciência era o guia desses gênios e deveria forçar a posteridade mais esclarecida a reparar os erros de seus contemporâneos. Mas quais são as invenções dos Espíritos? Qual é o segredo de sua ciência? Todo o mundo pôde admirá-lo; todo o mundo pôde aplaudir ao engenhoso mecanismo de sua varinha...

"C. Ainda as zombarias? Eu te disse, no entanto, há entre os adeptos do Espiritismo pessoas muito honradas, pessoas cuja convicção é profunda.

"J. Isso não é muito verdadeiro; mas o quê que isso prova? Que o bom senso não é uma coisa tão comum quanto se pensa, e que, como disse o poeta da Raison:

Um tolo sempre encontra um mais tolo que o admira.

"C. Boileau não teria falado da sorte se tivesse visto as mesas girantes. Que tens a dizer contra isto?

"J. Que jamais pude mover a menor mesinha.

"C. É porque és um profano; para mim, jamais a mesa me resistiu. Eu afiz girar que pesava 200 quilogramas, com as baixelas, os pratos, as garrafas...

"J. Tu me farias tremer pela mesa de Saint-Charlemagne, se o apetite dos convivas não tivesse sido tão prudentemente desguarnecido...

"C. Não te falo dos chapéus; mas lhe imprimiria uma rotação possante ao mais leve contato.

"J. Não me admiro se tua pobre cabeça girou com eles.

"C. Mas, enfim, tuas zombarias não são razões; é o argumento da impotência. Não provas nada, não refutas nada.

"J. É que tua doutrina não é senão um nada, uma quimera, um gás incolor, impalpável, - gosto mais do gás para a iluminação, - uma exalação, um vapor, uma fumaça. - Na verdade, minha escolha está feita, gosto mais daquela do Champagne. - Ó Miguel Cervantes! Porque foi preciso que tivesses nascido dois séculos mais cedo! É ao teu imortal Dom Quixote que cabia reduzir em pó o Espiritismo. Ele brandiu sua lança valorosa contra os moinhos de vento. E, no entanto, eles giram bem! Como teria partido em dois os armários falantes e sonantes! E tu, seu fiel escudeiro, ilustre Sancho Pança, é tua filosofia profunda, é só a moral sublime que seria capaz de desfazer essas graves teorias.

"C. Dissestes bem, senhores filósofos, negais o Espiritismo porque não sabeis o que dele fazer, porque ele os embaraça.

"J. Oh! Não me causa nenhum embaraço, e sei bem o que dele faria se tivesse voz no capítulo. Espíritas, magnetizadores, sonâmbulos, armários, mesas falantes, chapéus girantes, com as cabeças que eles cobram, eu os enviarei todos fazer um passeio... em Bonneveau." "Algumas pessoas se espantarão, se escandalizarão talvez de ver os alunos do colégio de Chartres abordarem, sem outras armas senão o gracejo, uma questão que se intitula *a mais séria dos tempos modernos*. Francamente, depois da ventura tão recente dos irmãos Davenport, pode-se censurar aos jovens de se alegrarem com essa mistificação? Essa idade não tem piedade.

"Sem dúvida, poder-se-ia, retornando uma de suas frases de efeito, ensinar a essas malignas crianças que as grandes descobertas, freqüentemente, passam pela rocha Tarpéia antes de chegar ao Capitólio, e que, para o Espiritismo, o dia da reabilitação talvez não esteja longe. Já os jornais nos anunciam que um músico de Bruxelas, que é ao mesmo tempo Espírita, pretende estar em relação com os Espíritos de todos os compositores mortos; que vai nos transmitir suas inspirações e que dentro em pouco teremos obras *verdadeiramente* póstumas de Beethoven, de Mozart, de Weber, de MendelssohnL. Pois bem! seja; os escolares são de boa composição: quiseram rir, riram; quando for o tempo de pedir desculpas, eles as pedirão."

Ignoramos com que objetivo permitiu-se tratar esta questão numa solenidade de colégio; mas duvidamos, no entanto, que seja por simpatia pelo Espiritismo e tendo em vista propagá-lo entre os alunos. Alguém disse a esse respeito que isso se assemelhava a certas conferências em uso em Roma, mas quais havia o advogado de Deus e o advogado do diabo. O que quer que seja, é preciso convir que os dois combatentes não eram muito fortes, nem um nem o outro; sem dúvida, teriam sido mais eloqüentes se tivessem conhecido melhor seu assunto, que quase nada estudaram, como se vê, senão nos artigos de jornais a propósito dos irmãos Davenport. O fato por isso não tem menos sua importância, e se o objetivo foi desviar os jovens do estudo do Espiritismo, duvidamos muito que foi atingido, porque a juventude é curiosa. Até o presente o nome do Espiritismo não havia atravessado senão clandestinamente a porta dos colégios, e não era pronunciado senão em segredo; hei-lo agora oficialmente instalado sobre os bancos, onde fará seu caminho. Uma vez que a discussão é permitida, será bem preciso estudá-lo; é tudo o que pedimos. As reflexões do jornal a este propósito são extremamente judiciosas.

UMA VISÃO DE PAULO I.

O czar Paulo I, que não era senão o grão-duque Paulo, se achava em Bruxelas, numa reunião de alguns amigos, onde falavam de fenômenos considerados como sobrenaturais, contou o fato seguinte (1(1) Extraído do *Grand Journal* de 3 de março de 1866, e tirado de uma obra do Sr. Hortensius de Saint Albin, intitulada: *O Culto de Satã.*):

"Eu estava, uma tarde, ou antes uma noite, nas ruas de São Petersburgo, com Kourakin e dois criados. Tínhamos ficado muito tempo a conversar e afumar, e nos veio a idéia de sairmos do palácio, incógnitos, para ver a cidade ao clarão da lua. Não fazia frio, os dias se alongavam; era um desses momentos mais doces de nossa primavera, tão pálido em comparação com os do Sul. Estávamos alegres; não pensávamos em nada de religioso nem mesmo de sério, e Kourakin me recitava mil gracejos sobre os transeuntes muito raros que encontrávamos. Eu caminhava à frente; uma de nossas pessoas me precedia, no entanto; Kourakin ficava alguns passos atrás, e o outro doméstico me seguia

um pouco mais longe. A lua estava clara, ter-se-ia podido ler uma carta; também as sombras, por oposição, eram longas e espessas.

"Na volta de uma rua, no vão de uma porta, percebi um homem grande e magro, envolvido num manto, como um Espanhol, com um chapéu militar muito rebaixado sobre seus olhos. Ele parecia esperar, e desde que passamos diante dele, saiu de seu retiro e se pôs à minha esquerda, sem dizer uma palavra, sem fazer um gesto. Era impossível distinguir seus traços: somente seus passos, batendo nas lajes, produziam um som estranho, semelhante ao de uma pedra que bate em outra. Primeiro, fiquei admirado desse choque; depois, pareceu-me que todo o lado que ele tocava quase se resfriava pouco a pouco. Senti um frio glacial penetrar meus membros, e, voltando-me para Kourakin, disse-lhe:

"Eis uma singular companhia que temos aí! - Qual companhia? perguntou ele. - Mas, aqui caminha à minha esquerda e faz bastante barulho, me parece."

"Kourakin abriu os olhos espantado, e assegurou-me que à minha esquerda não via ninguém. - Como! tu não vês à minha esquerda um homem com manta que está entre a parede e mim? -Vossa alteza mesma toca a parede, e não há lugar para ninguém entre a parede e vós."

"Alonguei um pouco o braço; com efeito, senti a pedra. No entanto, o homem estava lá, sempre caminhando desse mesmo passo de martelo que se regulava sobre o meu. Então, examinei-o atentamente, e vi brilhar sob seu chapéu, de forma singular, o olhar mais cintilante que jamais encontrei. Esse olho me olhava, me fascinava; não podia fugir-lhe ao raio de luz. Ah! disse a Kourakin, não sei o que sinto, mas é estranho!

"Eu tremia, não de medo, mas de frio. Sentia-me pouco a pouco ganhar até no coração por uma impressão que nada me pôde explicar. Meu sangue congelou em minhas veias. De repente uma voz profunda e melancólica saiu desse manto que escondia sua boca e chamou-me pelo nome: "Paulo!" Respondi maquinalmente, levado não sei por que força: "Que queres tu?" - Paulo!" repetiu ele. - E esta vez o acento era mais afetuoso e mais triste ainda. Não repliquei nada, esperei, ele chamou-me de novo em seguida se deteve sem mais nada. Fui constrangido a fazê-lo também. "Paulo! pobre Paulo! pobre príncipe!"

"Voltei-me para Kourakin, que se deteve também. "Ouviste? Disse-lhe. - Nada absolutamente, meu senhor; e vós?" Quanto a mim, eu ouvi; o lamento ressoa ainda em meu ouvido. Fiz um esforço imenso, e perguntei a esse ser misterioso quem era e o que queria. "Pobre Paulo! quem sou? Sou aquele que se interessa por ti. O que quero? quero que não te apegues muito a este mundo, porque aí não ficarás por muito tempo. Vive como justo, se desejas morrer em paz; e não despreze o remorso, é o suplício mais pungente das grandes almas."

"Ele retomou seu caminho, olhando-me sempre com esse olhar que parecia se destacar de sua testa, e do mesmo modo que fui forçado a deter-me com ele, fui forçado a caminhar com ele. Não me falou mais e não senti mais o desejo de dirigir-lhe a palavra. Eu o seguia, porque era ele quem dirigia a caminhada, e esse curso durou mais de uma hora ainda, em silêncio, sem que eu pudesse dizer por onde tinha passado. Kourakin e os lacaios não lembravam disso. Vi-o sorrir: ele acreditava ainda que eu tinha sonhado tudo isso.

"Enfim, nos aproximamos da Grande-Place, entre a ponte da Newa e o palácio dos Sénateurs. O homem ia direto para um ponto dessa praça, onde o segui, bem entendido, e lá se deteve ainda. "Paulo, adeus. Tu me reverás aqui e em outra parte ainda." Depois, como se fosse tocado, seu chapéu se levantou levemente sozinho; eu distingui então muito facilmente seu rosto. Apesar de mim, recuei: era o olhar de águia, era afronte bronzeada, o sorriso severo de meu avô Pedro o Grande. Antes que saísse de minha surpresa, de meu terror, tinha desaparecido.

"Foi nessa mesma praça que a imperatriz levantou o célebre monumento que logo faria a admiração de toda a Europa, e que representa o czar Pedro a cavalo. Um imenso bloco de granito é a base dessa estátua. E não fui eu quem designou à minha mãe esse lugar, escolhido ou antes adivinhado antecipadamente pelo fantasma. E confesso que ali encontrando essa estátua, não sei que sentimento se apoderou de mim. *Tinha medo de ter medo*, apesar do príncipe Kourakin, que quer me persuadir de que sonhei todo desperto passeando pelas ruas. Lembro-me do menor detalhe dessa visão, porque se ela era uma, persisto em sustentá-la. Parece-me que estou ali ainda. Retornei ao palácio, cansado como se tivesse feito uma longa caminhada e literalmente gelado do lado esquerdo. Foram-me necessárias várias horas para me aquecer num leito ardente e sob os cobertores."

O grão-duque Paulo lamentou mais tarde ter falado dessa aventura, e procurou colocá-la à conta de gracejo, mas as preocupações que ela lhe causou fizeram pensar que tinha alguma coisa de sério.

Tendo o fato sido lido na Sociedade de Paris, mas sem intenção de fazer qualquer pergunta a esse respeito, um dos médiuns obteve espontaneamente e sem evocação a comunicação seguinte:

(Sociedade de Paris, 9 de março de 1866. - Médium, Sr. Morin.)

Na fase nova em que entrastes com a chave que vos deu o Espiritismo, ou revelação dos Espíritos, tudo deve se explicar, ao menos o que estais aptos a compreender.

A existência da mediunidade vidente foi a primeira de todas as faculdades dadas ao homem para se corresponder com o mundo invisível, por causa de tantos fatos que permaneceram até hoje ainda sem explicação racional. Fazei, com efeito, um retorno sobre as diferentes épocas da Humanidade, e observai com atenção todas as tradições que chegaram até vós, e por toda a parte, naqueles que vos precederam, encontrareis seres que estiveram, pela visão, em relação com o mundo dos Espíritos.

De todos os tempos, entre todos os povos, as crenças religiosas se estabeleceram sobre as revelações de visionários ou médiuns videntes.

Os homens, são muito pequenos por si mesmos, foram sempre assistidos por aqueles invisíveis que os haviam precedido na erraticidade, e que, obedecendo à lei de reciprocidade universal, vinham lhes trazer, por comunicações freqüentemente inconscientes, os conhecimentos adquiridos por eles, e traçar-lhes a conduta a seguir para descobrir a verdade.

A primeira das faculdades mediúnicas, eu o disse, foi a visão; quantos adversários encontrou entre os interessados de todos os tempos! Mas não seria preciso induzir de minha linguagem que todas as visões são resultado de comunicações reais; muitas são devidas à alucinação de cérebros enfraquecidos ou resultado de um complô urdido para servir um cálculo ou satisfazer um orgulho.

Crede-me, o médium vidente é de todos o mais impressionável; o que viu se grava melhor no espírito. Quando vosso grão-duque (1-(1) Vários Russos assistiam à sessão na qual essa comunicação foi dada; sem dúvida, foi o que motivou a expressão: Vosso grão-duque.), fanfarrão e vão como a maioria daqueles de sua raça, viu seu avô lhe aparecer, porque era bem uma visão, que tinha sua razão de ser na missão que Pierre lê Grand tinha aceito em favor de seu neto, e que consistia em conduzi-lo e inspirá-lo, desde esse instante, a mediunidade no duque foi permanente, e só o medo do ridículo o impediu de contar todas as suas visões ao seu amigo.

A mediunidade vidente não era a única que ele possuía; tinha também a intuição e a audição; mas, muito imbuído dos princípios de sua primeira educação, se recusou aproveitar as sábias advertências que seus guias lhe davam. Foi pela audição que ele

teve a revelação de seu fim trágico. Depois desse tempo, seu Espírito progrediu muito; hoje ele não teme mais o ridículo crendo na visão, é porque ele vem vos dizer:

"Graças aos meus caros instrutores espirituais e à observação dos fatos, creio na manifestação dos Espíritos, na sobrevivência da alma, na eterna onipotência de Deus, no progresso constante para o bem dos homens e dos povos, e me sinto muito honrado que uma de minhas puerilidades tenha dado lugar a uma dissertação em que tenho tudo a ganhar e vós não tendes nada a perder.

"PAULO."

O SONHO DO SENHOR DE COSNAC.

Nosso colega da Sociedade de Paris, Sr. Leymarie, tendo recentemente feito uma viagem a Corrèze, ali se entretinha freqüentemente do Espiritismo, e ali recebeu várias comunicações medianímicas, entre outras a que damos adiante, e que, certamente, não poderia estar em seu pensamento, porque ele ignorava se jamais houvera no mundo um indivíduo com o nome de Cosnac. Essa comunicação é notável em que ela pinta a posição singular de um Espírito que, há dois séculos e meio, não se acreditava vivo, mas se encontrava sob a impressão das idéias e da visão das coisas de seu tempo, sem se aperceber o quanto tudo havia mudado depois.

(Tulle, 7 de março de 1866.)

Há dois séculos e meio que, inconsciente de minha posição, vejo sem cessar o castelo forte de meus ancestrais, as fossas profundas, o senhor de Cosnac sempre agarrado ao seu rei, ao seu nome, às suas lembranças de grandeza; ele tem pagens, servos por toda a parte; os homens de armas partindo para uma expedição secreta. Eu sou todos esses movimentos, todo esse barulho; ouço os lamentos dos prisioneiros e dos colonos, dos servos medrosos que passam humildemente diante da morada do senhor;... e tudo isto não é senão um sonho!...

Meus olhos se abriram hoje para ver todo o contrário de meu sonho secular! Vejo uma grande habitação burguesa, mas mais linhas de defesa; tudo é calmo. As grandes florestas desapareceram; dir-se-ia que uma mão de fada transformou a morada feudal e a paisagem agreste que a cerca. Por que essa mudança?... O nome que carrego, pois, desapareceu e os bons velhos tempos com ele?... Ai! é preciso perder meus sonhos, meus desejos, minhas ficções, porque um novo mundo acaba de me ser revelado! Outrora bispo, orgulhoso de meus títulos, de minhas alianças, conselheiro de um rei, não admitia senão nossas personalidades, senão um Deus criando raças privilegiadas, a quem o mundo pertencia de direito, que um nome que deveria se perpetuar, e, como base desse sistema, a compressão e o sofrimento para o servo e o artesão.

Algumas palavras puderam despertar-me!... Uma atração involuntária (outrora, teria dito diabólica) me atraiu para aquele que escreve. Discuti com um padre que emprega, para a defesa da Igreja, todos os argumentos que eu repetia outrora, ao passo que se serve de palavras novas, que explica simplesmente, e, confessá-lo-ei eu? é seu raciocínio que permite aos meus olhos verem, aos meus ouvidos ouvirem.

Por ele, percebo as coisas tais quais são, e, o que é mais estranho, depois de tê-la seguido em mais de um lugar onde proíbe o Espiritismo, retorno ao sentimento de minha existência como Espírito; aprecio melhor, defino melhor as grandes leis do verdadeiro e do justo; rebaixo meu orgulho, por causa da catarata que pôde perturbar minha razão, meu julgamento, durante dois séculos e meio, e no entanto vede a força do hábito, do orgulho de raça!... apesar da mudança radical operada nos bens de meus avós, nos costumes, nas leis e no governo; apesar das conversas do médium que transmite meu pensamento, apesar da minha visita aos grupos Espíritas de Paris, e mesmo daqueles Espíritos que se preparam para a emigração nos mundos avançados, ou bem às

reencarnações terrenas, me foram precisos oito dias de reflexão para me entregar à evidência.

Nesse longo combate entre um passado desaparecido e o presente que nos leva para as grandes esperanças, minhas resistências caíram, uma a uma, como as armaduras partidas de nossos antigos cavaleiros. Venho fazer ato de fé diante da evidência, e eu, de *Cosnac*, antigo bispo, afirmo que vi, que sinto, que julgo. À espera de minha reencarnação, preparo minhas armas espirituais; sinto Deus por toda a parte e em tudo; não sou um demônio, presto homenagem ao Deus criador, ao Deus de harmonia que chama a si todos os seus filhos, a fim de que, depois das vidas mais ou menos acidentadas, cheguem purificados às esferas etéreas onde esse Deus tão magnânimo fá-los-á gozar da suprema sabedoria.

DE COSNAC.

Nota. - O penúltimo arcebispo de Sens chamava-se Jean-Joseph-Marie-Victoire de *Cosnac*; nasceu, em 1764, no castelo de *Cosnac*, em Limousin, e ali morreu em 1843. O *Bulletin de la Société archéologique de Sens*, t. 7, p. 301, diz que era o décimo primeiro prelado que sua família havia dado à Igreja. Não há, pois, nada de impossível que um bispo desse nome tenha existido no começo do século dezessete.

PENSAMENTOS ESPÍRITAS.

POESIA DO SR. EUGÈNENUS.

As estrofes seguintes foram tiradas da obra *lês Dogmes nouveaux*, do Sr. Eugène Nus. Embora essa não seja uma obra medianímica, sem dúvida, ser-nos-á agradável reproduzi-las, por causa dos pensamentos que ali são graciosamente expressos. Sob o título de: *lês Grands mystères*, o mesmo autor publicou recentemente uma outra obra notável, da qual daremos conta, e na qual se encontram todos os princípios fundamentais da Doutrina Espírita, como solução racional.

Ó mortos amados, que esta Terra
Vos viu passar, misturados a nós,
Revelai o grande mistério:
Ó mortos amados, onde viveis vós?

Globos reluzentes, que povoais o espaço,
Irmãos de nossa Terra, estrelas dos céus,
A qual de vós prepara meu lugar,
E me guarda uma sorte sombria ou gloriosa?

Qual de vós recebeu as almas
Daqueles que amei e que perdi?
Num branco raio de vossa doce chama,
Sobre minha fronte sonhadora desceram?

Ou bem, presos à sorte da Terra
Pelo destino ou por seu amor,
Foram trazidos à nossa atmosfera,
Esperando no alto a hora do retomo?
Ou, mais perto ainda, Espíritos invisíveis,
Estão entre nós misturados aos nossos dias,

Pregando a concórdia aos corações sensíveis,
E chorando baixinho por encontrá-los surdos?

Mistério profundo da alma infinita!
Há muito e muito tempo te procuro em vão.
Empalideci minha fronte a cavar a vida
Sem poder encontrar o segredo divino.
Mas, ó mortos queridos, que importa onde estais!
De longe ou de perto vinde a mim;
Cedi freqüentemente às vossas vozes secretas,
E vosso calor reaquece minha fé.

Ó mortos amados, que esta Terra
Viu passar, misturados a nós,
Revelai-nos o grande mistério:
Ó mortos amados, onde viveis vós?

CARTA DO SR. F. BLANCHARD AO JORNAL *LA LIBERTE*,

Pedem-nos inserir a carta seguinte, dirigida ao Sr. redator-chefe do jornal *la Liberte*.

"Senhor,

"É preciso, é verdade, encher as colunas de um jornal, mas quando esse *enchimento* está cheio de insultos dirigidos àqueles que não pensam como vossos redatores, pelo menos como aquele que escreveu essa baixeza, a respeito dos irmãos Davenport, número de segunda-feira, é permitido achar mau dar seu dinheiro àqueles que não temem de vos tratar de tolo, de ignorante, etc. Ora, eu sou Espírita, e disto agradeço a Deus. Também quando minha assinatura de vosso jornal tiver terminado, ficai certos de que não será renovada.

"Vossa folha leva um título sublime; não mintais, pois, a esse título, e sabeis que essa palavra implica o respeito das opiniões de cada um. Não esqueçais, sobretudo, que *Liberdade e Espiritismo* são absolutamente a mesma coisa. Esta sinonímia vos espanta? Lede, estudai essa doutrina que vos parece tão nociva; então, podereis prestar um serviço à *Vérité* e à *Liberte* que levais tão alto, mas que ofendeis.

"FLORENTIN BLANCHARD, *livraria*, em Marennés."

"P. S. Se a minha assinatura não vos parece bastante legível, a chancela que fecha minha carta vos edificará."

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

EU SOU ESPÍRITA? por Sylvain Alquié, de Toulouse; brochura in-12, preço: 50 c. Toulouse, casa Caillol et Baylac, 34, rua de la Pomme.

O autor, novo adepto, não conhecia o Espiritismo senão pelas diatribes dos jornais a propósito dos irmãos Davenport, quando o primeiro artigo publicado pelo jornal *la Discussion* (ver a *Revista Espírita* de fevereiro de 1866) caiu-lhe sob os olhos, no café fê-lo ver sob uma outra luz, e levou-o a estudá-lo. São essas impressões que descreve em sua brochura; passa em revista os raciocínios que o levaram à crença, e a cada um dos

quais se pergunta: eu sou *Espírita*? Sua conclusão está resumida no último capítulo por estas simples palavras: eu sou *Espírita*. Essa brochura, escrita com elegância, clareza e convicção, é uma profissão de fé raciocinada; merece as simpatias de todos os adeptos sinceros aos quais nos fazemos um dever recomendá-la, lamentando que a falta de espaço nos impeça justificar nossa apreciação por algumas citações.

CARTA AOS SRS. DIRETORES E REDATORES DOS JORNAIS ANTI-ESPÍRITAS, por A. Grelez, oficial de administração aposentado. Brochura in-8, preço: 50 c. Paris, Bordeaux, nas principais livrarias.

Esta carta, ou melhor, estas cartas, datadas de Sétif (Argélia), foram publicadas pela *Union spirite bordelaise* em seus nº 34, 35, 36. É uma exposição clara e sucinta dos princípios da Doutrina em resposta às diatribes de certos jornalistas dos quais o autor realça com conveniência as falsas e injustas apreciações. Seguramente, ele não se gaba de convertê-los, mas essas refutações, multiplicadas nas brochuras a bom preço, têm a vantagem de esclarecer as massas sobre o verdadeiro caráter do Espiritismo, e demonstrar que encontra por toda a parte defensores sérios que não têm necessidade senão do raciocínio para combater seus adversários. Devemos, pois, agradecimentos ao Sr. Grelez, e felicitações à *Union spirite bordelaise* por ter tomado a iniciativa dessa publicação.

PHILOSOPHIE SPIRITE extraída do divino *O Livro dos Espíritos*, por Allan Kardec; por Augustin Babin, de Cognac. 1 vol. in-12 de 200 páginas, preço: 1 fr.

O GUIA DO FELIZ, ou *Deveres gerais do homem por amor a Deus*; pelo mesmo. Brochura in-12 de 100 páginas, preço: 60 c.

NOÇÕES DE ASTRONOMIA *científica, psicológica e moral*, pelo mesmo.

Brochura in-12 de 100 páginas, preço: 75c.- Angoulême, casa Nadaud e Cia, 26, muralha Desaix.

Faremos notar que o epíteto de *divino* é dado a *O Livro dos Espíritos* pelo autor e não por nós; ele caracteriza a maneira pela qual ele encara a questão. O Sr. Rabin é um Espírita de longa data, e que toma a Doutrina a sério, do ponto de vista moral. Essas três obras são o fruto de uma convicção profunda, inalterável, e ao abrigo de toda flutuação. Esse não é um entusiasta, mas um homem que hauriu no Espiritismo tanta força, consolações e felicidade, que considera como um dever ajudar a propagar uma crença que lhe é tão cara. Seu zelo é tanto mais meritório quanto é totalmente desinteressado. Ele declara colocar seus livros no domínio público com a condição de nada mudar neles, e de não aumentar seus preços. Consentiu em colocar uma centena de exemplares à nossa disposição para serem distribuídos gratuitamente, e pelos quais lhe pedimos aceitar nossos muito sinceros agradecimentos.

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

9º ANO

NO. 5

MAIO 1866

DEUS ESTÁ POR TODA A PARTE.

Como Deus tão grande, tão poderoso, tão superior a tudo, pode se imiscuir nos detalhes ínfimos, se preocupar com os menores atos e os menores pensamentos de cada indivíduo? Tal é a questão que se coloca freqüentemente.

Em seu estado atual de inferioridade, os homens não podem, senão dificilmente, compreender Deus infinito, porque eles mesmos são acanhados e limitados, é porque eles o imaginam acanhado e limitado como eles; imaginam-no como um ser circunscrito, e fazem a si mesmos dele uma imagem à sua imagem. Nossos quadros que o pintam sob os traços humanos não contribuem pouco para manter esse erro no espírito das massas, e que adoram nele a forma mais do que o pensamento. Para a grande maioria é um soberano poderoso, sobre um trono inacessível, perdido na imensidão dos céus, e porque suas faculdades e suas percepções são limitadas, não compreende que Deus possa ou se digne intervir diretamente nas menores coisas.

Na impossibilidade em que está o homem para compreender a própria essência da divindade, não pode dele se fazer senão uma idéia aproximada com a ajuda de comparações necessariamente muito imperfeitas, mas que podem, pelo menos, mostrar-lhe a possibilidade daquilo que, à primeira vista, lhe parece impossível.

Suponhamos um fluido bastante sutil para penetrar todos os corpos, é evidente que cada molécula desse fluido produzirá sobre cada molécula da matéria com a qual está em contato, uma ação idêntica a que produziria a totalidade do fluido. É o que a química nos mostra a cada passo.

Esse fluido, sendo sem *inteligência*, age mecanicamente tão-só pelas forças materiais; mas se supusermos esse fluido dotado de inteligência, de faculdades perceptivas e sensitivas, ele agirá, não mais cegamente, mas com discernimento, com vontade e liberdade; ele verá, ouvirá e sentirá.

As propriedades do fluido perispiritual podem disso nos dar uma idéia. Ele não é inteligente por si mesmo, uma vez que é matéria, mas é o veículo do pensamento, das sensações e das percepções do espírito, conseqüentemente, é da sutileza desse fluido que os Espíritos penetram por toda a parte, desvendam nossos pensamentos, vêem e agem à distância; é a esse fluido, chegado a um certo grau de depuração, que os Espíritos superiores devem o dom da ubiqüidade; basta um raio do seu pensamento dirigido sobre diversos pontos, para que possam ali manifestar sua presença simultaneamente. A extensão dessa faculdade está subordinada ao grau de elevação e de depuração do Espírito.

Mas os Espíritos, por elevados que sejam, são criaturas limitadas em suas faculdades, de seu poder e da extensão de suas percepções não poderiam, sob esse aspecto, se aproximar de Deus; no entanto, eles podem nos servir de ponto de comparação. O que um Espírito não pode cumprir senão num limite restrito, Deus, que é infinito, o cumpre em proporções infinitas. Há ainda esta diferença de que a ação do Espírito é momentânea e subordinada às circunstâncias: a de Deus é permanente; o

pensamento do Espírito não abarca senão um tempo e um espaço circunscritos: o de Deus abarca o universo e a eternidade. Em uma palavra, entre os Espíritos e Deus há a distância do finito ao infinito.

O fluido perispiritual não é o pensamento do Espírito, mas o agente e o intermediário desse pensamento; como é o fluido que o transmite, dele está de alguma sorte impregnado, e na impossibilidade que estamos de isolar o pensamento, parece não fazer senão um com o fluido, como o som não faz senão um com o ar, de sorte que podemos, por assim dizer, materializá-lo. Do mesmo modo que dizemos que o ar se torna sonoro, poderíamos, tomando o efeito pela causa, dizer que o fluido se torna inteligente.

Que seja assim ou não o pensamento de Deus, quer dizer que ele agisse diretamente ou por intermédio de um fluido, para a facilidade de nossa inteligência, nos representemos esse pensamento sob a forma concreta de um fluido inteligente enchendo o universo infinito, penetrando todas as partes da criação: a Natureza inteira está mergulhada no *fluido divina*, tudo está submetido à sua ação inteligente, à sua providência, à sua solicitude; não há um ser, por ínfimo que seja, que dele não esteja de alguma sorte saturado.

Estamos, assim, constantemente em presença da Divindade; não há uma única de nossas ações que possamos subtrair ao seu olhar; nosso pensamento está em contato com o seu pensamento, e é com razão que se diz que Deus lê nas mais profundas dobras de nosso coração; *estamos nele como ele está em nós*, segundo a palavra do Cristo, para estender sua solicitude sobre as menores criaturas, não tem necessidade de mergulhar seu olhar do alto da imensidão, nem deixar a *morada de sua glória*, porque esta morada está por toda a parte; nossas preces, para serem ouvidas por ele, não têm necessidade de transpor o espaço, nem de serem ditas com uma voz retumbante, porque, sem cessar, penetrados por ele, nossos pensamentos repercutem nele.

A imagem de um fluido inteligente universal, evidentemente, não é senão uma comparação, mas própria para dar uma idéia mais justa de Deus do que os quadros que o representam sob a figura de um velho com longa barba, coberto com um manto. Não podemos tomar nossos pontos de comparação senão nas coisas que conhecemos; é por isto que se diz todos os dias: O olhar de Deus, a mão de Deus, a voz de Deus, o sopro de Deus, a face de Deus. Na infância da Humanidade, o homem toma suas comparações pela letra; mais tarde, seu espírito, mais apto a agarrar as abstrações, espiritualiza as idéias materiais. A de um fluido universal inteligente, penetrando tudo, como seria o fluido luminoso, o fluido calórico, o fluido elétrico ou qualquer outro, se fossem inteligentes, tem por objeto fazer compreender a possibilidade para Deus de estar em toda a parte, de se ocupar de tudo, de velar sobre um ramo de planta como sobre os mundos. Entre ele e nós a distância está suprimida; compreendemos sua presença, e este pensamento, quando nos dirigimos a ele, aumenta a nossa confiança, porque não podemos mais dizer que Deus está muito longe e é muito grande para se ocupar de nós. Mas este pensamento, tão consolador para o humilde e para o homem de bem, é muito terrificante para o mau e os orgulhosos endurecidos, que esperam subtrair-se a ele por causa da distância, e que, doravante, se sentirão sob o aperto de seu poder.

Nada impede de admitir, para o princípio de soberana inteligência, um centro de ação, um foco principal irradiando sem cessar, inundando o universo com seus eflúvios, como o sol com a sua luz. Mas, onde está esse foco? É provável que não esteja mais fixado sobre um ponto determinado quanto não o é a sua ação. Se simples Espíritos têm o dom da ubiqüidade, esta faculdade em Deus deve ser sem limites.

Deus enchendo o universo, poder-se-ia admitir, a título de hipótese, que esse foco não tem necessidade de se transportar, e que ele *se forma* sobre todos os pontos onde a sua soberana vontade julga a propósito se produzir, de onde poder-se-ia dizer que ele está por toda a parte e em nenhuma parte.

Diante desses problemas insondáveis, nossa razão deve se humilhar. Deus existe: disto não poderíamos duvidar; ele é infinitamente justo e bom: é sua essência; sua solicitude se estende a tudo: nós o compreendemos agora; sem cessar em contato com ele, podemos orar com a certeza de ser ouvido por ele; não pode querer senão o nosso bem, é porque devemos ter confiança nele. Eis o essencial; para o restante esperemos que sejamos dignos para compreendê-lo.

A VISÃO DE DEUS.

Uma vez que Deus está por toda a parte, por que não o vemos? Ve-lo-emos deixando a Terra? Tais são também as perguntas que se colocam diariamente. A primeira é fácil de se resolver: os nossos órgãos materiais têm percepções limitadas, que os tornam impróprios para a visão de certas coisas, mesmo materiais. É assim que certos fluidos escapam totalmente à nossa visão e aos nossos instrumentos de análise. Vemos os efeitos da peste e não vemos o fluido que a transporta; vemos os corpos se moverem sob a influência da força da gravidade, e não vemos essa força.

As coisas de essência espiritual não podem ser percebidas por órgãos materiais; não é senão pela visão espiritual que podemos ver os Espíritos e as coisas do mundo espiritual; só a nossa alma pode, pois, ter a percepção de Deus. Ela o vê imediatamente depois da morte? É o que só as comunicações de além-túmulo podem nos ensinar. Por elas, sabemos que a visão de Deus não é o privilégio senão das almas mais depuradas, e que assim bem poucos possuem, deixando seu envoltório terrestre, o grau de desmaterialização necessário. Algumas comparações vulgares o farão facilmente compreender.

Aquele que está no fundo de um vale, cercado de uma bruma espessa, não vê o sol; no entanto, à luz difusa, julga da presença do sol. Se ele sobe a montanha, à medida que se eleva o nevoeiro clareia, a luz torna-se cada vez mais viva, mas não vê ainda o sol. Quando começa a percebê-lo, está ainda velado, porque um menor vapor basta para enfraquecer-lhe o brilho. Não é senão quando se está completamente elevado acima da camada brumosa, que, se encontrando num ar *perfeitamente puro*, ele o vê em todo seu esplendor.

Ocorre o mesmo com aquele cuja cabeça estaria envolvida debaixo dos véus; primeiro, ele não vê nada do todo; a cada véu que se levanta, distingue um lampejo cada vez mais claro; não é senão quando o último véu desapareceu que ele percebe nitidamente as coisas.

Ocorre o mesmo ainda com o licor carregado de matéria estranha; de início está turvo; a cada destilação sua transparência aumenta, até que, estando completamente depurado, ele adquire uma limpidez perfeita e não apresenta nenhum obstáculo a visão.

Assim o é com a alma. O envoltório perispiritual, se bem que invisível e impalpável para nós, é para ele uma verdadeira matéria, muito grosseira ainda para certas percepções. Esse envoltório se espiritualiza à medida que a alma se eleva em moralidade. As imperfeições da alma são como os véus que obscurecem sua visão; cada imperfeição da qual se desfaz é um véu a menos, mas não é senão depois de estar completamente depurada que ela goza da plenitude de suas faculdades.

Sendo Deus, a essência divina por excelência, não pode ser percebido em todo o seu brilho senão pelos Espíritos chegados ao mais alto grau de desmaterialização. Se os Espíritos imperfeitos não ouvem, não é porque dele estejam *mais afastados do que os outros*; como eles, como todos os seres da natureza, estão mergulhados no fluido divino; como nós o estamos na luz, os cegos também estão mergulhados na luz, e no entanto não a vêem. As imperfeições são véus que tiram Deus da visão dos Espíritos inferiores; quando o nevoeiro estiver dissipado, vê-lo-ão resplandecer: para isto, não terão necessidade nem de subir, nem de ir procurá-lo nas profundezas do infinito; a visão

espiritual estando desembaraçada de véus morais que a obscurecem, ve-lo-ão em qualquer lugar que se encontrem, fosse mesmo sobre a Terra, porque ele está por toda a parte.

O Espírito não se depura senão com o tempo, e as diferentes encarnações são os alambiques no fundo dos quais deixa, a cada vez, algumas impurezas. Deixando seu envoltório corpóreo, não se despoja instantaneamente de suas imperfeições; é porque há os que, depois da morte, não vêem mais Deus do que quando vivos; mas, à medida que se depuram, dele têm uma intuição mais distinta; se não o vêem, o compreendem melhor; a luz é menos difusa. Quando, pois, os Espíritos dizem que Deus os proíbe de responder a tal pergunta, não é que Deus lhes apareça ou lhes dirija a palavra para prescrever-lhes ou lhes proibir tal ou tal coisa. Não; mas o sentem, recebem os eflúvios de seu pensamento, como isto nos ocorre com relação aos Espíritos que nos envolvem com o seu fluido, embora não os vejamos.

Nenhum homem pode, pois, ver Deus com os olhos da carne. Se esse favor fosse concedido a alguns, isto não seria senão no estado de êxtase, quando a alma está tanto mais desligada dos laços da matéria quanto isto é possível durante a encarnação.

Aliás, um tal privilégio não seria senão o das almas de elite, encarnadas em missão e não em expiação. Mas como os Espíritos de ordem mais elevada resplandecem num brilho ofuscante, pode ser que os Espíritos menos elevados, encarnados ou desencarnados, tocados pelos esplendores que o cercam, tenham acreditado ver o próprio Deus. Vê-se, às vezes, um ministro ser tomado pelo seu soberano.

Sob qual aparência Deus se apresentaria àqueles que se tornaram dignos de favor? Sob uma forma qualquer? Sob uma figura humana, ou como um foco resplandecente de luz? É o que a linguagem humana está impossibilitada de descrever, porque não existe, para nós, nenhum ponto de comparação que possa dele dar uma idéia; somos como cegos a quem se procuraria em vão fazer compreender o brilho do sol. Nosso vocabulário é limitado às nossas necessidades e ao círculo de nossas idéias; o dos selvagens, não saberia pintar as maravilhas da civilização; o dos pobres mais civilizados é muito pobre para descrever os esplendores dos céus, nossa inteligência muito limitada para compreendê-los, e a nossa vista muito fraca por ele seria ofuscada.

UMA RESSURREIÇÃO.

O *Concorde*, jornal de Versailhes, de 22 de fevereiro de 1866, relato o episódio seguinte de um relatório publicado em folhetim, sob o título de: *En Corse, croquis à la plume*.

Uma jovem tinha uma velha tia que lhe servia de mãe, e à qual prestava uma ternura filial. A tia caiu doente e morreu. Afastou-se a jovem, mas esta fica à porta da câmara mortuária, chorando e orando. De repente ela acredita ouvir um fraco grito e como um gemido surdo; abre precipitadamente a porta e vê sua tia que tinha descartado o pano com o qual tinha sido coberta, e que lhe fazia sinal para se aproximar. Ela lhe disse, então, com uma voz apagada e fazendo um esforço supremo: "Savéria, estarei morta dentro em pouco,... sim, morta... Eu vi o Senhor... Ele permitiu-me retornar um instante sobre esta Terra, para que eu possa te dar um último adeus, uma última recomendação."

Então, ela lhe renovou um conselho muito importante que lhe tinha dado alguns dias antes, e do qual dependia seu futuro. Tratava-se de guardar um segredo absoluto sobre um fato cuja divulgação deveria ocasionar uma dessas terríveis vinganças tão comuns neste país. Sua sobrinha havendo prometido se conformar à sua vontade, ela acrescentou: "Agora posso morrer, porque Deus te protegerá como me protege nesta hora, uma vez que não levarei, indo-me, o remorso de deixar atrás de mim uma vingança a saciar num rego de sangue e de maldições... Adeus, minha pobre criança, eu te abençôo." Depois destas palavras, ela expirou.

Um de nossos correspondentes, que conhecia pessoalmente o autor, perguntou-lhe se seu relato era um conto tirado de sua imaginação. "Não, respondeu este, é a exata verdade. Tenho o fato da própria boca de Savéria, então quando estava na Córsega; citei suas próprias palavras, e ainda omiti certos detalhes, com medo de ser acusado de exagero."

Os fatos desta natureza não são sem exemplo; deles citamos um muito notável na *Revista* de agosto de 1863, página 251, sob o título de: *Sr. Cardon, médico*. São a prova evidente da existência e da independência da alma; porque, se o princípio inteligente fosse inerente à matéria, se extinguiria com ela. A questão é saber se, por um ato da vontade, a alma pode reentrar momentaneamente na posse do corpo que acaba de deixar.

Não é preciso assimilar o fato acima, nem o do médico Cardon, ao estado letárgico. A letargia é uma suspensão accidental da sensibilidade nervosa e do movimento que oferece a imagem da morte, mas que não é a morte, uma vez que não há decomposição, e que os letárgicos viveram muitos anos depois de seu despertar. A vitalidade, por ser latente, não está menos em toda a sua força, e a alma não está mais desligada do corpo do que no sono comum. Na morte verdadeira, ao contrário, a matéria se desorganiza, a vitalidade se extingue, o perispírito se separa; o trabalho da dissolução começa antes mesmo que a morte tenha ocorrido. Enquanto ela não estiver consumada, pode aí haver retornos passageiros à vida, como aqueles que citamos, *mas sempre de curta duração*, tendo em vista que a vontade pode muito bem retardar por alguns instantes a separação definitiva do perispírito, mas ela é impotente para deter o trabalho da dissolução, quando o momento é chegado. Quaisquer que sejam as aparências exteriores, pode-se dizer que, todas as vezes que há um retorno à vida, é que não há morte na acepção patológica da palavra. Quando a morte é completa, esses retornos são impossíveis, a isto se opõem as leis fisiológicas.

Na circunstância da qual falamos, pode-se, pois, racionalmente admitir que a morte não estava consumada. Tendo o fato sido reportado à Sociedade de Paris, um guia de um de nossos médiuns habituais dele deu a explicação seguinte, que reproduzimos sob toda reserva, como uma coisa possível, mas não materialmente provada, e a título de observação.

(Sociedade Espírita de Paris, 2 de março de 1866. - Médium, Sr. Morin.)

No caso objeto de vossa discussão, há um fato positivo, o da morta que falou à sua sobrinha. Resta saber se esse fato é do domínio material, quer dizer, se houve retorno momentâneo à vida corpórea, ou se é de ordem espiritual; é esta última hipótese que é a verdadeira, porque a velha senhora estava realmente bem morta. Eis o que se passou.

A jovem, ajoelhada no limiar mortuário, sofreu um impulso irresistível que a levou junto ao leito de sua tia que, como disse, estava bem morta. Foi a ardente vontade do Espírito dessa mulher que provocou o fenômeno. Sentindo-se morrer sem poder fazer a recomendação tão vivamente desejada, ela pediu a Deus, na sua última e suprema prece, poder dizer à sua sobrinha o que ela desejava dizer-lhe. A separação estando já feita, o fluido perispiritual, ainda impregnado de seu desejo, envolveu a jovem e a levou até seu despojo. Ali, por uma permissão de Deus, ela tornou-se médium vidente e audiente; viu e ouviu sua tia, falando e agindo, não com o seu corpo, mas bem por meio de seu perispírito ainda aderente ao corpo; de sorte que houve uma visão e audição espirituais e não materiais.

A recomendação da tia, feita num semelhante momento e nas circunstâncias que tinham o ar de uma ressurreição, deveria impressionar mais vivamente a jovem, e fazê-la dela compreender toda a importância. Se bem que já tivesse feito quando viva, queria

levar a certeza de que sua sobrinha a isso se conformaria, para evitar as infelicidades que teriam resultado de uma indiscrição.

Sua vontade não pôde fazer seu corpo reviver, contrariamente às leis da Natureza, mas pôde dar ao seu envoltório fluídico as aparências de seu corpo.

EBELMAN.

CONVERSAS DE ALEM-TUMULO.

O ABADE LAVERDET.

O Sr. Laverdet era um dos pastores da Igreja francesa e o coadjutor do abade Châtel. Era um homem de um grande saber e gozando, pela elevação de seu caráter, da estima daqueles que o conheceram. Morreu em Paris, no mês de novembro último. Um de seus mais íntimos amigos, o Sr. Monvoisin, o eminente pintor de história, Espírita fervoroso, tendo desejado ter dele algumas palavras de além-túmulo, nos pediu para evocá-lo. A comunicação que ele deu, tendo, para seu amigo e para seu irmão, uma marca incontestável de identidade, acedemos ao desejo manifestado por esses dois senhores publicando-a, e isto tanto mais de boa vontade quanto ela é instrutiva em mais de um aspecto.

(Sociedade de Paris, 5 de janeiro de 1866. - Médiun, Sr. Desliens.)

Evocação. Vosso amigo, o Sr. Monvoisin, informou-me de vossa morte hoje, e, embora não tivéssemos tido a vantagem de vos conhecer pessoalmente, vos conhecemos de reputação pela parte que tomastes na formação da Igreja francesa. A estima da qual gozais a justo título, o estudo que havíeis feito do Espiritismo antes de morrer, unidos aos desejos de vosso amigo e de vosso irmão, nos dão o de conversar convosco, se Deus o permitir. Ficaremos felizes se consentirdes nos dar a conhecer as vossas impressões como Espírito, seja sobre a reforma religiosa na qual trabalhastes e as causas que detiveram seu progresso, seja sobre a Doutrina Espírita.

Resposta. Caro senhor, estou feliz, bem feliz pela boa lembrança de meu caro amigo Sr. Monvoisin. Graças a ele, posso hoje, nesta honorável assembléia, exprimir a minha admiração pelo homem cujos sábios estudos levaram a felicidade a todos os corações deserdados e feridos pela injustiça dos homens. Reformador eu mesmo, estou mais do que ninguém em posição de apreciar toda a prudência, toda a sabedoria de vossa conduta, caro senhor e mestre, se me permitirdes vos dar este título.

Pouco satisfeito com as tendências gerais do clero ortodoxo, de sua maneira parcimoniosa de difundir a luz devida a todos, quis, de acordo com o abade Châtel, estabelecer sobre novas bases um ensino, levando o título de religião, mais em relação com as necessidades gerais das classes pobres. Nosso objetivo foi louvável de início, mas nosso empreendimento pecava por sua base, por seu título, que era tal que se deveria vir a nós, antes para agravar a religião estabelecida do que por convicção íntima. Nós o reconhecemos logo, mas, muito fáceis, aceitamos com solicitude as crianças que repeliam outros padres, por falta de instrução suficiente ou de formalidades necessárias.

O Espiritismo procede de modo inteiramente diferente; é firme e prudente; não procura o número, mas a qualidade dos adeptos. É um ensino sério e não uma especulação.

Nossa reforma, que desde o início era completamente desinteressada, foi logo considerada, pelo abade Châtel, sobretudo, como um meio de fazer fortuna. Foi essa a primeira causa de sua ruína. Não tínhamos bastante elementos de resistência, e é preciso muito dizê-lo, tínhamos pouca intriga, felizmente sem dúvida, para levar um tal empreendimento a bom termo. O primeiro primado francês não teve sucessor. Não tentei

pôr-me como chefe de uma seita da qual fui um dos fundadores de segunda ordem, porque, em primeiro lugar, eu não aprovava todas as tendências do abade Châtel, tendências que o caro homem expiou e que expia ainda no mundo dos Espíritos. De outra parte, minha simplicidade isso repugnava; abster-me, e disto, sou feliz hoje.

Quando vim propor-me de novo para retomar a obra interrompida, a leitura de vossas obras, caro senhor, já tinha lançado profundas raízes em mim. Compreendi que se tratava não só de modificar a forma do ensino, mas o próprio ensino. Por sua natureza, nossa reforma não podia, necessariamente, ter senão um tempo; fundada sobre uma idéia atrasada, sobre uma concepção humana, inteiramente desenvolvida e limitada em seu início, ela deveria, mesmo com todas as chances de sucesso, encontrar-se logo extravasada pelas sementes progressistas, das quais vemos hoje a germinação.

O Espiritismo não tem esse defeito; ele caminha com o progresso, e é o próprio progresso e não poderia ser ultrapassado por aquele que constantemente precede. Aceitando todas as idéias novas fundadas sobre a razão e a lógica, desenvolvendo-as, fazendo delas surgir o desconhecido, seu futuro está assegurado. Permitti-me, caro senhor, vos agradecer em particular pelo prazer que senti em estudar os sábios ensinamentos publicados sob vossos cuidados. Meu Espírito, perturbado pelo desejo de saber o que escondiam todos os mistérios da Natureza, foi tocado, em sua leitura, da mais viva luz.

Sei que, por modéstia, repelis todo elogio pessoal; sei também que esses ensinamentos não são vossa concepção, mas a reunião das instruções de vossos guias; no entanto, isso não é menos à vossa reserva, à vossa habilidade em apresentar cada coisa em seu tempo, à sua sábia lentidão, à vossa moderação constante, que o Espiritismo deve, depois de Deus e dos bons Espíritos, por gozar a consideração que se lhe concede. Apesar de todas as diatribes, todos os ataques ilógicos e grosseiros ele não é menos hoje uma opinião que faz lei e que é aceita por muitas pessoas sensatas e sérias, e ao abrigo das suspeitas. É uma obra de futuro; está sob a égide do Todo-Poderoso, e o concurso de todos os homens superiores e inteligentes lhe será adquirido desde que conheçam suas verdadeiras tendências, desfiguradas pelos seus adversários.

Infelizmente, o ridículo é uma arma poderosa neste país de progresso! Quantidade de pessoas esclarecidas se recusam a estudar certas idéias, mesmo em segredo, quando elas foram estigmatizadas pelas vulgares zombadas. Mas há coisas que desafiam todos os obstáculos; o Espiritismo é destas, e sua hora de vitória soará logo. Ele reunirá em seu redor toda a França, toda a Europa inteligente, e muitos tolos muito confusos ficarão, aqueles que ousarem ainda colocar à conta da imaginação fatos reconhecidos por inteligências sem paralelo.

Quanto ao meu estado pessoal, é presentemente satisfatório; dele não vos direi nada; chamarei somente a vossa atenção e vossas preces sobre o meu antigo colega, o abade Châtel. Orai por ele. Mais tarde, seu espírito desviado, mas elevado, poderá vos ditar sábias instruções. Agradeço-vos de novo pela vossa benevolência a meu respeito, e me coloco à vossa inteira disposição, se vos posso ser útil no que seja.

O abade LAVERDET.

UM PAI DESCUIDADO COM SEUS FILHOS.

Charles-Emmanuel JEAN era um artesão bom e brando de caráter, mas dado à embriaguez desde a sua juventude. Tinha concebido uma viva paixão por uma jovem de seu conhecimento, que tinha inutilmente pedido em casamento; esta o tinha sempre repellido, dizendo que jamais se casaria com um bêbado. Ele desposou uma outra, com a qual teve vários filhos; mas, absorvido que estava pela bebida, não se preocupou em nada em lhes dar educação, nem com o seu futuro. Morreu em torno de 1823, sem que se soubesse o que tinha se tornado. Um de seus filhos seguiu os passos do pai;

partiu para a África e não se ouviu mais falar dele. O outro era de uma natureza toda diferente; sua conduta foi sempre regular. Entrado em boa hora em aprendizagem, se fez gostar e estimar por seus patrões como obreiro organizado, laborioso, ativo e inteligente. Por seu trabalho e suas economias, se fez uma posição honrada na indústria, e educou de maneira muito conveniente uma numerosa família. E hoje um Espírita fervoroso e devotado.

Um dia, numa conversa íntima, nos expressou o desgosto de não ter podido assegurar, aos seus filhos, uma fortuna independente; procuramos tranquilizar a sua consciência felicitando-o, ao contrário, sobre a maneira pela qual tinha cumprido os seus deveres de pai. Como é bom médium, pedimos-lhe para rogar uma comunicação, sem chamar um Espírito determinado. Ele escreveu:

"Sou eu, Charles-Emmanuel."

É meu pai, disse ele; pobre pai! Ele não é feliz.

O Espírito continuou: Sim, o senhor tem razão; tu fizestes mais por teus filhos do que não fiz para ti; assim tenho uma tarefa rude para cumprir. Bendize a Deus, que te deu o amor da família.

Pergunta (pelo Sr. Allan Kardec). De onde vos veio vosso pendor pela embriaguez? - *Resposta*. Um hábito de meu pai, do qual herdei; era uma prova que deveria ter combatido.

Nota. Seu pai tinha, com efeito, o mesmo defeito, mas não é exato dizer que era um hábito do qual tinha herdado; muito simplesmente ele cedeu à influência do mau exemplo. Não se herdam vícios de caráter como se herdam vícios de conformação; o livre arbítrio tudo pode sobre os primeiros, e nada pode sobre os segundos.

P. Qual é vossa posição atual no mundo dos Espíritos?

- *R*. Estou sem cessar a procurar meus filhos e aquela que me fez tanto sofrer; a que sempre me repeliu.

P. Deveis ter uma consolação em vosso filho Jean, que é um homem honrado e estimado, e que pede por vós, embora vós vos ocupastes pouco dele? *R*. Sim, eu o sei, e ele o faz ainda; é porque me é permitido vos falar. Estou sempre perto dele, tratando de aliviar suas fadigas; é a minha missão; ela não acabará senão na vinda de meu filho para junto de nós.

P. Em que situação vos encontrastes como Espírito, depois de vossa morte? - *R*. De início, não me acreditava morto; eu bebia sem cessar; via Antoinette, que queria alcançar e me fugia. Depois, procurei meus filhos, que amava apesar de tudo, e que minha mulher não queria me entregar. Então eu me revoltava reconhecendo meu nada e minha impotência, e Deus me condenou a velar sobre meu filho Jean, que jamais morrerá por acidente, porque por toda a parte e sempre eu o salvo de uma morte violenta.

Nota. Com efeito, o Sr. Jean muitas vezes escapou, como por milagre, a perigos iminentes; esteve prestes a ser afogado, a ser queimado, e ser esmagado nas engrenagens de uma máquina, saltar com uma máquina a vapor; em sua juventude ficou enforcado por acidente, e sempre um socorro inesperado o salvou no momento mais crítico, o que foi devido, ao que parece, à vigilância exercida por seu pai.

P. Dissestes que Deus vos *condenou* a velar sobre a segurança de vosso filho; não vejo que esteja aí uma punição; uma vez que o amais, essa deve ser, ao contrário, uma satisfação para vós. Uma multidão de Espíritos são nomeados para a guarda dos encarnados, dos quais são os protetores, e está aí uma tarefa que são felizes em cumprir. - *R*. Sim, mestre; não devia abandonar meus filhos como o fiz; então a lei de justiça me condenou a reparar. Não o faço à força; estou feliz de fazê-lo por amor de meu filho; mas a dor que ele sentiria nos acidentes dos quais eu o salvo, sou eu que a suporta; ele

deveria ter perecido com dez balas, eu senti o mal que ele suportaria se a coisa se cumprisse. Eis a punição que justamente me atrai, não cumprindo junto dele meus deveres de pai durante minha vida.

P. (Pelo Sr. Jean.) Vedes meu irmão Numa, e podeis dizer onde ele está? (Aquele que era dado à embriaguez e cuja sorte ficou ignorada.) - *R.* Não, não o vejo, eu o procuro. Tua filha Jeanne viu-o nas costas da África, cair no mar; eu não estava lá para socorrê-lo; não o podia.

Nota. A filha do Sr. Jean, num momento de êxtase, o tinha, efetivamente, visto cair no mar, na época de seu desaparecimento.

A punição deste Espírito oferece esta particularidade de que sente as dores que está encarregado de poupar em seu filho; compreende-se, desde então, que essa missão seja penosa; mas, como disso não se lamenta, que a considera com uma justa reparação, e que isto não diminui sua afeição por ele, essa expiação lhe é proveitosa.

LEMBRANÇAS RETROSPECTIVAS DE UM ESPÍRITO.

(Comunicação espontânea. - Tulle, 26 de fevereiro de 1866. - Médiun, Sr. Leymarie.)

Sabeis, meus amigos, de que lugar está datada minha comunicação? De uma garganta perdida onde as casas disputaram seus alicerces nas dificuldades acumuladas pela criação. Sobre a inclinação de colinas quase a pico, serpenteada de ruas dispostas em andares, ou antes, dependuradas nos flancos dos rochedos. Pobres moradas que abrigaram muitas gerações; acima dos telhados se achavam os jardins onde os pássaros cantavam sua prece. Quando as primeiras flores anunciam belos dias cheios de ar e de sol, essa música parece sair das camadas aéreas, e o habitante que entorce e trabalha o ferro, dá-lhe acabamento, e seu ruído discordante, casa seu ritmo ácido e barulhento à harmonia dos pequenos artistas do bom Deus.

Acima dessas casas estropiadas, descabeladas, originais, deslocadas, há altas montanhas com um verde sem igual; o viandante a cada passo vê se alargar o horizonte; as aldeias, as igrejas parecem sair do abismo, e esse panorama estranho, selvagem, cambiante, se perde na distância, dominado pelas montanhas com o topo embranquecido pelas neves.

Mas esquecia-me: sem dúvida, deveis perceber uma lâmina prateada, clara, caprichosa, transparente como um espelho: é o Corrèze. Ora encaixado nos rochedos, ele é silencioso e sério; ora se escapa alegre, jovial, através das pradarias, dos salgueiros e dos choupos, oferecendo sua taça aos lábios de numerosos rebanhos, e sua benfazejatransparência aos folguedos dos banhistas; ele purifica a cidade, que partilha graciosamente.

Eu amo este país, com suas velhas moradas, seu gigantesco campanário, seu rio, seu barulho, sua coroa de castanheiros; eu o amo porque nasci ali, porque tudo o que lembro ao vosso espírito benevolente faz parte das lembranças de minha última encarnação. Os pais queridos, os amigos sinceros, sempre me cercaram de ternos cuidados; ajudaram o meu adiantamento espiritual. Conseguidas as grandezas, devo-lhes meus sentimentos fraternos; meus trabalhos os honram, e quando venho como Espírito visitar a cidade de minha infância, não posso me impedir de subir ao Puy-Saint-Clair, a última morada dos cidadãos de Tulle, saudar os restos terrenos dos Espíritos amados.

Estranha fantasia! Esse cemitério está a quinhentos pés acima da cidade; tudo ao redor o horizonte infinito. A gente está só na Natureza, sua fascinação e Deus, o rei de todas as grandezas, de todas as esperanças. Nossos avós tinham querido aproximar os mortos amados de sua verdadeira morada, para lhes dizer: Espíritos! libertai-vos! o ar ambiente vos chama. Saí resplandecentes de vossa prisão, afim de que o espetáculo

encantador desse horizonte imenso vos prepare para as maravilhas que estais chamados a contemplar. Se tiveram esse pensamento, eu o aprovo, porque a morte não é tão lúgubre como se quer pintá-la. Não é ela para os Espíritas a verdadeira vida, a separação desejada, a bem-vinda do exilado nos grupos da erraticidade, onde vêm estudar, aprender e se preparar para novas provas?

Em alguns anos, em lugar de gemer, de se cobrir de negro, será uma festa para os Espíritas encarnados essa separação, quando a morte tiver cumprido os deveres espíritas em toda a acepção da palavra; mas se chorará, ou gemerá pelo terreno egoísta que não praticou jamais a caridade, a fraternidade, todas as virtudes, todos os deveres tão bem precisados em *O Livro dos Espíritos*.

Depois de ter falado dos mortos, permiti-me falar dos vivos? Eu me apego muito a todas as esperanças, e meu país, onde há tanto a fazer, merece bem votos sinceros.

O progresso, esse nivelador inflexível, é lento, é verdade, para se implantar nos países montanhosos, mas ele sabe a tempo se impregnar nos hábitos, nos costumes; ele afasta uma a uma as oposições, para deixar entrever, enfim, claridades novas a esses párias do trabalho, cujo corpo, sempre pendido sobre uma terra ingrata, é tão rude quanto o traçado dos campos.

A vigorosa natureza desses bravos habitantes espera a redenção espiritual. Não sabem o que é senão pensar, julgar sadiamente e utilizar todos os recursos do Espírito; o único interesse os domina em toda a sua rudeza, e o alimento pesado e comum se presta a essa esterilidade do espírito. Vivendo longe do ruído da política, das descobertas científicas, são como bois, ignorando sua força, prontos para aceitar o jugo, e sob o golpe do agulhão vão à missa, ao cabaré, à aldeia, não por interesse, mas por hábito, imóveis nos templos, saltando aos sons discordantes de uma gaita, soltando gritos insensatos, e obedecendo brutalmente aos movimentos da carne.

O sacerdote se guarda bem de mudar seus velhos usos e costumes; ele fala da fé, de mistérios, de paixão, do diabo sempre, e essa mistura incoerente encontra um eco desarmônico nas cabeças dessas bravas pessoas que fazem votos, peregrinações de pés nus, e se entregam aos costumes supersticiosos mais estranhos.

Assim, quando uma criança está doente, pouco aberta, faltando inteligência, apressa-se em levá-la a uma aldeia chamada Saint-Pao (dizei Saint-Paul); primeiro é mergulhada numa água privilegiada, mas que se paga; depois se a faz sentar sobre uma bigorna benta, e um ferreiro, armado de um pesado martelo, bate vigorosamente sobre a bigorna; a comoção sentida pelos golpes repetidos cura infalivelmente (diz-se) o paciente. Chama-se isso fazer-se forjar em Saint-Pao. As mulheres que têm **baço** vão também se banhar na água miraculosa e se fazer forjar. Julgai por este exemplo sobre cem o que é o ensino dos vigários deste país.

No entanto, tomai esse bruto e falai de seu interesse, logo o camponês astuto, prudente como um selvagem, se defende com firmeza e confunde os juizes mais finos. Fazei um pouco de luz em seu cérebro, ensinai-lhe os primeiros elementos das ciências, e tereis homens verdadeiros, fortes de saúde, espíritos viris e cheios de boa vontade. Que os caminhos de ferro cruzem este país e logo tereis um solo fértil com vinho, frutas deliciosas, grão escolhido, trufas perfumadas, castanhas deliciosas, a videira ou cogumelos sem iguais, madeiras magníficas, minas de carvão inesgotáveis, ferro, cobre, bestas de primeira ordem, ar, verdura, paisagens esplêndidas.

E quando tanto de esperança não pedem senão desabrochar, quando tantas outras regiões estão, como aquela, numa prostração mortal, desejamos que, em todos os corações, em todos os recantos perdidos deste mundo, penetre *O Livro dos Espíritos*. A doutrina que ele encerra só ela a que pode mudar o espírito das populações, arrancando-as à pressão absurda daqueles que ignoram as grandes leis da erraticidade, e que querem imobilizar a crença humana numa complicação onde, eles mesmos, têm tanta dificuldade em se reconhecer. Trabalhamos, pois, todos com ardor para esta renovação

desejada, que deve derrubar todas as barreiras, e criar o fim prometido à geração que nos virá logo.

BALUZE.

Nota. - O nome de Baluze é conhecido de nossos leitores pelas excelentes comunicações que dita, freqüentemente, ao seu compatriota e médium predileto, o Sr. Leymarie. Foi durante uma viagem deste último em seu país, que lhe deu a comunicação acima. Baluze, sábio historiador, nasceu em Tulle, em 1630, morreu em Paris, em 1718, publicou um grande número de obras estimadas; ele foi bibliotecário de Colbert. Sua biografia (Dicionário de Feller) diz "que as pessoas de letras lamentam nele um sábio profundo, e seus amigos um homem brando e benfazejo." Há, em Tulle, um cais que leva seu nome. O Sr. Leymarie, que ignorava a história de Saint-Pao, disto se informou, e adquiriu a certeza de que essas práticas supersticiosas estão ainda em uso.

NECROLOGIA.

MORTE DO DOUTOR CAILLEUX, Presidente do grupo espírita de Montreuil-sur-Mer.

O Espiritismo vem de perder um de seus mais dignos e mais fervorosos adeptos na pessoa do Sr. doutor Cailleux, morto na sexta-feira, 20 de abril de 1866. Não podemos prestar mais brilhante homenagem à sua memória do que reproduzindo um dos artigos publicados a esse respeito pelo *Journal de Montreuil*, de 5 de abril.

"Um homem de bem vem de se apagar no meio da dor geral. O Sr. CAILLEUX, doutor em medicina há quase trinta anos, membro do Conselho municipal, membro da Agência de beneficência, médico dos pobres, médico das epidemias, morreu sexta-feira última, às 7 horas da noite.

"Segunda-feira, uma multidão imensa, composta de todas as classes da sociedade, conduziu-o à sua última morada. O silêncio religioso que reinou em todo o percurso do enterro dava, a essa triste e imponente cerimônia, o caráter de uma manifestação pública. Esse simples féretro, seguido de quase três mil pessoas em pranto ou mergulhada numa dor muda, tocou os corações mais duros. Era toda uma cidade que tinha ocorrido prestar os últimos deveres a um dos seus mais caros habitantes; era toda uma população que queria conduzir até o cemitério aquele que tinha tantas vezes se sacrificado por ela.

"Os pobres que o Sr. Cailleux tinha tão freqüentemente cumulado com seus benefícios mostraram que tinham um coração reconhecido; um grande número de operários deram mãos de carregadores do caixão de seu benfeitor e se fizeram uma glória levar até o cemitério esse precioso fardo!...

"As pontas do lençol estavam sustentadas pelo Sr. Lecomte, 1^a adjunto; Sr. Cosyn, 1^o conselheiro municipal; Sr. Hacot, membro da Agência de beneficência, e o Sr. Delplanque, médico e conselheiro municipal. - Diante do cortejo caminhava o Conselho municipal, precedido do Sr. Emile Delhomel, chefe do corpo municipal. Na assembléia, notava-se o Sr. Charbonnier, vice-prefeito; o Sr. Martinet, procurador imperial; o Sr. comandante do lugar, todas as notabilidades da cidade e os médicos das localidades vizinhas.

"Um grande número de soldados da guarnição, que o Sr. Cailleux tinha cuidado no Hôtel-Dieu, tinha obtido o favor de assistir ao enterro e se apressaram em vir misturar-se à multidão.

"Quando chegou ao cemitério, um operário abriu caminho na multidão, e, detendo-se diante do túmulo, pronunciou com voz emocionada, em meio do silêncio geral, estas poucas palavras: "Homem de bem, que fostes o benfeitor dos pobres e que morrestes

vítima de vosso sublime devotamento, recebei nossos últimos adeuses, vossa lembrança morará eternamente em nossos corações." Depois destas palavras, ditadas por um sentimento de reconhecimento, a multidão se retirou num recolhimento religioso. A tristeza que reinava sobre todas as frentes mostrava bem que imensa perda a cidade de Montreuil vinha de sofrer.

"O Sr. Cailleux, com efeito, havia sabido, por suas numerosas qualidades, conquistar para si a estima universal. Toda a sua vida não foi senão uma seqüência de atos de devotamento; trabalhou até o último dia, sem querer jamais repousar, e, na últimaterça-feira, ainda foi visitar vários enfermos no campo. Quando se lhe falava de sua idade avançada e se lhe convidava a repousar de suas numerosas fadigas, respondia de bom grado como Arnauld: 'Tenho a eternidade inteira para repousar.' Cada hora de sua vida foi consagrada a cuidar dos enfermos, a consolar os aflitos; ele não vivia para si, mas para seu semelhante, e toda a sua existência pode se resumir nestas três palavras: CARIDADE, DEVOTAMENTO, ABNEGAÇÃO.

"Nestes últimos tempos, quando a epidemia grassou em Étaples e nas aldeias dos arredores, o doutor Cailleux colocou-se inteiramente ao serviço dos doentes, e percorreu as aldeias infestadas, visitando os pobres, cuidando de uns, socorrendo outros, e tendo consolações para todos. Visitou, assim, mais de 800 doentes, entrando nas casas mais malsãs, sentando na cabeceira dos moribundos e lhes administrando, ele mesmo, os remédios, sem jamais se lamentar, permanecendo, ao contrário, de um humor sempre igual e de uma alegria proverbial. O doente que o via já estava metade curado por esse humor jovial, sempre acompanhado de uma palavra para rir.

"Oito dias antes de sua morte, o Sr. Cailleux foi visitar seus doentes de Berck, Lefaux, Camiers e Étaples, depois sua noite foi consagrada aos doentes da cidade: eis qual era para ele a obra de uma única jornada!

"Tanta abnegação iria lhe ser funesta, deveria ser a última vítima do flagelo. No dia 29 de março, começou a sentir uma forte diarréia... Ia repousar quando foi chamado para um doente do campo. Apesar dos conselhos amigos, ele partiu dizendo: "Não quero expor um doente por minha falta; se ele morresse, disto seria eu a causa. Não faço senão cumprir o meu dever." Quando voltou à noite por um mau tempo, novos sintomas da doença apareceram. Colocou-se no leito, o mal aumentou, no dia seguinte a doença estava declarada, e na sexta-feira ele expirou...

Assusta-se quando se pensa nas dores terríveis que deve sentir um homem que conhece a sua posição, que se vê morrer. O próprio Sr. Cailleux indicou o tratamento a seguir a dois de seus confrades acorridos junto dele para assisti-lo. Sabia bem que disso não se curaria. "Se a melhora não se fizer logo se sentir, dizia ele, em doze horas não existirei." Via-se morrer, sentia a força vital diminuir e se extinguir pouco a pouco, sem poder deter a sua caminhada para o túmulo. Seus últimos momentos foram calmos e serenos e eu não saberia chamar essa morte do que o repouso no Senhor. *Beati qui moriuntur in Domino.*

"Algumas horas antes de sua morte, perguntou-se-lhe que remédio seria preciso empregar. "A ciência humana, disse ele, empregou todos os remédios que estão em seu poder, só Deus pode agora deter o mal, é preciso confiar em sua divina providência." - Inclinou-se, então, sobre seu leito, e, olhos fixados para o céu, como se estivesse sentindo um antegozo da beatitude celeste, ele expirou sem dor, sem nenhum grito, da morte mais doce e mais calma.

"Homem de bem, cuja vida toda não foi senão um longo devotamento, trabalhastes sobre esta Terra, agora gozais da recompensa que Deus reserva àqueles que sempre observaram a sua lei. Enquanto o egoísmo corria sem obstáculos sobre a Terra, transbordáveis de abnegação e de caridade. Visitar os pobres, socorrer os doentes, consolar os aflitos, eis qual foi a vossa obra. Oh! quantas famílias vos bendizem! quantos pais a quem salvastes seus filhos durante a última epidemia, quantas crianças que iriam ser órfãs

arrebatastes ao flagelo destruidor, quantas famílias salvas pelo vosso devotamento vieram, segunda-feira, para vos acompanhar à vossa última morada e chorar sobre o vosso túmulo.

"Vossa vida foi sempre pura e sem mancha; vossa morte foi heróica; soldado da caridade, sucumbistes salvando vossos irmãos da morte, pereceste atingido pelo flagelo que combatíeis. Este glorioso devotamento iria receber a sua recompensa, e logo a cruz de honra, que havíeis tão nobremente ganhado, iria brilhar sobre o vosso peito.....Mas Deus tinha sobre vós outros desígnios, vos preparava

uma recompensa mais bela do que as recompensas dos homens, vos preparava a felicidade que reserva aos seus fiéis servidores. Vossa alma voou para esses mundos superiores onde, desembaraçado desse pesado envoltório material, liberto de todos os laços que, sobre a Terra, pesam sobre nós, ela goza agora da perfeição e da felicidade que a esperam.

"Neste dia de felicidade, não vos esqueçais, pensai nos numerosos amigos que deixastes sobre esta Terra e que a vossa separação mergulha numa profunda dor. Praza ao céu que um dia nos reencontremos lá em cima para ali gozar de uma felicidade eterna!.... É esta esperança que nos consola e que nos dará aforça para suportar com paciência a vossa ausência...

A. J."

Pela cópia conforme: JULES DUVAL

Que se me permita, como complemento deste artigo, citar alguns fragmentos do magnífico discurso fúnebre pronunciado, há um ano, por Victor Hugo.

(Segue um extrato desse discurso que publicamos na *Revista* de fevereiro de 1865, p. 59.)

Não são, certamente, os apóstolos do *nihilismo* que escrevem tais palavras.

A carta pela qual se nos informa deste acontecimento contém a passagem seguinte:

"O Sr. Cailleux, doutor em medicina, presidente do grupo espírita de Montreuil, vem de morrer vítima de seu devotamento durante o cólera que desolou nossas regiões. Morreu um espírita convicto, e o clero da cidade acreditou dever, por esta razão, recusar-lhe a sepultura eclesiástica; mas, como o vereis pelo número do jornal que vos envio, toda a população prestou uma solene homenagem às suas virtudes. No entanto, a família fez tentativas ao bispo para que um serviço fúnebre fosse cantado na igreja, embora não haja tido senão um enterro civil. Ele foi obtido, e o serviço teve lugar na quinta-feira, 5 de abril.

"O Espiritismo teve uma grande perda pela morte do Sr. Cailleux, e estou persuadido de que todos os meus irmãos em crença se associarão aos meus legítimos lamentos. Graças ao seu devotamento e ao seu zelo esclarecido, a Doutrina fez tão rápidos progressos nas regiões como na cidade e as circunvizinhanças contam-se várias centenas de espíritas.

"O Conselho municipal da cidade de Montreuil decidiu, por unanimidade, por proposta de seu chefe, que um monumento público seja levantado, às expensas da cidade, como homenagem prestada à memória deste homem de bem."

Foi-nos dirigido o extrato seguinte de uma comunicação dada por ele aos seus colegas de Montreuil; nela foi suprimido o que se trata de coisas pessoais:

".....Voltais à minha morte. Pois bem! ela foi útil à nossa causa,

no sentido que despertou a atenção adormecida de numerosas almas privadas da verdade, e, conseqüentemente, da vida. Toda coisa que desaparece deixa sempre um vazio no lugar que ocupava; mas, sabei-o, esse vazio não é senão aparente, não existe senão para vós que vedes *curto*, porque se encontra preenchido de uma outra parte. Não perdeis, pois, nada, eu o repito, na minha morte; ao contrário, com ela ganhareis muito,

não que eu haja feito, durante a minha vida corpórea, prodígios de caridade próprios a colocar em relevo a Doutrina que professamos juntos, mas porque, fiéis aos princípios espíritas, fui hoje objeto de manifestações hostis que devem necessariamente chamar manifestações contrárias. Jamais foi de outro modo sobre a Terra:

O bem e o mal não se chocam cada vez que se reencontram?

"Resulta, pois, de tudo isto, que nesta hora entrais numa fase nova que nossos bons guias tinham preparado há muito tempo com os seus ensinamentos. Mas de decomposição de vossa sociedade, - de nenhum modo, - se persistirdes sempre nos sentimentos dos quais vos vejo animados neste momento. Sabeis qual é minha recompensa? É de se ver a felicidade relativa que sentis pela Doutrina na qual manifestei, em toda circunstância, o zelo campeão. É-vos difícil conceber uma alegria mais pura. Que são, ao lado dela, as alegrias grosseiras de vosso mundo? Que são as honras sob as quais escondes as misérias de vossas almas? que são os prazeres que procurais para entorpecer vossos tristes retornos? o que é tudo isso em comparação com o que sinto? Nada! menos que uma fumaça.

"Perseverai em vossos sentimentos, perseverai até a morte.

"Vi que vos propondes vos organizar regularmente: é uma sábia medida; a fraqueza deve se precaver sempre contra as armadilhas e as surpresas do espírito do mal. Ah! o espírito do mal! não é Satã. É encontrado a cada passo num mundo em que vos acotovelais. Regulai, pois, a ordem de vossas sessões, de vossas evocações, de vossos estudos. Ligai-vos uns aos outros pelos laços voluntários da caridade, da benevolência e da submissão. Eis a melhor maneira de recolher frutos abundantes e doces."

Eis a primeira comunicação que deu à Sociedade de Paris:

(13 de abril de 1866. - Médium, Sr. Morin.)

Evocação.

Caro e venerado doutor Cailleux,

Soubemos, quando vivíeis, vos apreciar como espírita fervoroso e devotado; chamado, sem dúvida, pela Providência a implantar a Doutrina em vossa região, dela mantivestes a bandeira alta e firme, desafiando sem desfalecimento os sarcasmos e a perseguição; também o sucesso coroou os vossos esforços. Não é apenas o irmão em crença que viemos saudar hoje por sua partida da Terra, é o homem de bem, aquele que não só pregou o Espiritismo por suas palavras, mas que soube fazê-lo amar e respeitar pelo seu exemplo e pela prática das virtudes cristãs. Recebei, pois, aqui a expressão de nossas mais vivas simpatias e a esperança de que consentireis vir, freqüentemente, ao nosso meio e vos associar aos nossos trabalhos.

Resposta. - Eis-me, obrigado. - Faláeis há pouco das tendências inerentes ao organismo humano. Observa-se mais especialmente as que se prendem aos maus instintos, porque os homens são sempre levados a se guardar daquilo que pode lhes ser nocivo ou lhes causar qualquer embaraço; mas as tendências ao bem passam, freqüentemente, desapercibidas aos olhos da sociedade, porque é sempre mais difícil encontrar e mostrar a violeta do que encontrar o cardo.

Se começo assim, não vos surpreendais com isto. Como o dizíeis há pouco, o Espírito é o único responsável pelos seus atos; ele não pode se desculpar atribuindo sua falta a Deus; não, os bons e os maus sentimentos são o resultado de conquistas anteriores. Quando vivo, levei instinto para o bem, para o alívio de meus irmãos em Deus, declino a honra de todos os vossos louvores, porque não tive dificuldade em seguir o caminho que meu coração traçava; não tive luta a sustentar contra os instintos contrários; nada mais fiz que me deixar ir muito docemente sobre a inclinação de meu gosto, que me dizia bem alto: "Caminha! estás num bom caminho"; e a satisfação moral de todo o meu

ser inteligente era tão grande, que era, certamente, tão feliz quanto o avarento que sacia a sua paixão pelo ouro contemplando-o ou acariciando-o. Eu vos repito, não tenho mérito a esse respeito; no entanto, vos agradeço as boas palavras, que não são ouvidas em vão para aqueles a quem elas se dirigem. Tão elevados que sejam, os Espíritos sentem sempre felicidade num pensamento simpático.

Não tardei a retornar da emoção muito natural resultante da passagem da vida material à dos Espíritos, mas a convicção profunda de entrar num mundo mais vivo me ajudou a fazer retornar a mim; não posso comparar melhor minha passagem da vida à morte senão a um desmaio sem sofrimento, sem fadigas. Despertei *do outro lado* aos doces toques fluídicos de meus caros parentes e amigos espirituais. Em seguida, vi meu pobre despojo mortal, e o abençoei por seus bons e leais serviços; porque, dócil à minha vontade, não tive, em minha vida, lutas sérias a sustentar entre meu Espírito e minha matéria; é, pois, com alegria que acompanhei ao campo de repouso o meu pobre corpo, que me havia ajudado a impedir muitos de meus semelhantes encarnados a fazer essa viagem que nem todos eles encaravam como eu.

Perdão a todos aqueles que, de um modo ou de outro, acreditaram me fazer mal; quanto àqueles que se recusaram a orar por mim no templo consagrado, serei mais caridoso do que a caridade que eles pregam: eu peço por eles. É assim que é preciso fazer, meus bons irmãos em crença; crede-me, e perdoai àqueles que lutam contra vós, porque não sabem o que fazem.

Doutor CAILLEUX.

Nota. - As primeiras palavras desta comunicação provam que o Espírito estava presente e tinha assistido às discussões da sessão. Tinha-se, com efeito, um fato notável de *instinto incendiário precoce* numa criança de quatro anos e meio, reportado pelo *Salutpublicde* Lyon. Esse fato, que forneceu o assunto de um estudo importante, será publicado no próximo número.

Notamos também no Sr. Cailleux a ausência de todos os preâmbulos comuns nos Espíritos que acabam de deixar a Terra. Vê-se, em seguida, que não é um fazedor de frases nem de cumprimentos. Ele diz *obrigado*, e pensa que essa palavra basta para fazer compreender o seu pensamento e que se deve com isso contentar-se; depois entra bruscamente em matéria, como um homem que se encontra sobre seu terreno e não quer perder seu tempo em palavras inúteis; ele fala como se não tivesse havido nenhuma interrupção em sua existência: dir-se-ia que o Sr. Cailleux, de Montreuil, veio fazer visita à Sociedade de Paris.

Se ele declina o mérito de seus atos, é certamente por modéstia; aqueles que fazem o bem sem esforço chegaram a um grau de adiantamento que o torna natural para eles; se não têm mais a lutar hoje, lutaram em outras circunstâncias: a vitória foi alcançada; aqueles que têm a combater tendências más por ela estão ainda em luta; mais tarde, o bem não lhes custará nenhum esforço, fá-lo-ão sem nele pensar. Por ter vencido mais cedo, não existe menos mérito.

O doutor Cailleux é um desses homens que, como o doutor *Demeure* e tantos outros, honram a doutrina que professam, e dão o mais brilhante desmentido aos detratores do Espiritismo.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

INSTRUÇÕES PARA O SR. ALLAN KARDEC.

(Paris, 23 de abril de 1866. - Médiun, Sr. Desliens.)

A saúde do Sr. Allan Kardec se enfraquecendo dia a dia em consequência dos trabalhos excessivos aos quais não pode bastar, me vejo na necessidade de repetir-lhe de novo o que já lhe disse muitas vezes: Tendes necessidade de repouso; as forças humanas têm limites que o vosso desejo de ver progredir o ensino vos leva freqüentemente a infringir; estais errado, porque, assim agindo, não apressareis a marcha da Doutrina, mas arruinareis a vossa saúde e vos colocareis na impossibilidade material de acabar a tarefa que viestes cumprir nesse mundo. Vossa doença atual não é senão uma dispensa incessante de forças vitais que não deixam, para repará-las, o tempo de se fazer, e de um aquecimento do sangue produzido pela falta absoluta de repouso. Nós vos sustentamos, sem dúvida, mas com a condição de não desfazer o que fazemos. De que serve correr? Não vos foi dito, muitas vezes, que cada coisa virá a seu tempo e que os Espíritos propostos ao movimento das idéias saberiam fazer surgir circunstâncias favoráveis quando o momento de agir tiver chegado?

Quando cada Espírita recolhe suas forças para a luta, pensais que seja de vosso dever esgotar as vossas? - Não; em tudo deveis dar o exemplo e o vosso lugar será atacado vivamente no momento do perigo. Que faríeis se vosso corpo enfraquecido não permitisse mais ao vosso espírito servir-se das armas que a experiência e a revelação vos colocaram nas mãos? - Crede-me, remetei para mais tarde as grandes obras destinadas a completar a obra esboçada nas vossas primeiras publicações; vossos trabalhos correntes e algumas pequenas brochuras urgentes têm com que absorver o vosso tempo, e devem ser os únicos objetivos de vossas preocupações atuais.

Não falo somente em meu próprio nome, sou aqui o delegado de todos esses Espíritos que contribuíram tão poderosamente para a propagação do ensino pelas suas sábias instruções.

Eles vos dizem, por meu intermédio, que o retardamento que pensais nocivo ao futuro da Doutrina é uma medida necessária em mais de um ponto de vista, seja porque certas questões não estão ainda completamente elucidadas, seja para preparar os Espíritos a melhor assimilá-las. É preciso que outros tenham desbravado o terreno, que certas teorias tenham provado a sua insuficiência e fazer um maior vazío. Em uma palavra, o momento não é oportuno; poupai-vos, pois, porque quando disso for o tempo, todo o vosso vigor de tempo e de espírito vos será necessário. O Espiritismo não foi, até aqui, o objeto de muitas diatribes e levantou-se bem das tempestades! credes que todo movimento seja apaziguado, que todos os ódios sejam acalmados e reduzidos à impossibilidade? Desenganai-vos, o cadinho depurador não rejeitou ainda todas as impurezas; o futuro vos guarda outras provas e as últimas crises não serão as menos penosas a suportar.

Sei que a vossa posição particular vos suscita uma multidão de trabalhos secundários que empregam a melhor parte de vosso tempo. Os pedidos de todas as espécies vos sobrecarregam e vos fazeis um dever satisfazê-los tanto quanto possível. Farei aqui o que, sem dúvida não ousaríeis fazer vós mesmo, e, dirigindo-me à generalidade dos Espíritas, pedir-lhes-ei, no próprio interesse do Espiritismo, de vos poupar toda sobrecarga de trabalho de natureza a absorver os instantes que deveis consagrar, quase exclusivamente, ao remate da obra. Se vossa correspondência com isto sofre um pouco, o ensino aí ganhará. É algumas vezes necessário sacrificar as satisfações particulares ao interesse geral. É uma medida urgente que todos os adeptos sinceros saberão compreender e aprovar.

A imensa correspondência que recebeis é para vós uma fonte preciosa de documento e de informações; ela vos esclarece sobre a marcha verdadeira e os progressos reais da Doutrina; é um termômetro imparcial; além disto, nela hauris satisfações morais que, mais de uma vez, sustentaram a vossa coragem vendo a adesão que as vossas idéias encontram em todos os pontos do globo; sob este aspecto, a

superabundância é um bem e não um inconveniente, mas com a condição de secundar os vossos trabalhos e não de entravá-los, vos criando um acréscimo de ocupações.

Dr. DEMEURE.

Bom senhor Demeure, eu vos agradeço por vossos sábios conselhos. Graças à resolução que tomei fazendo-me substituir, salvo os casos excepcionais, a correspondência corrente sofre pouco agora, e não sofrerá mais no futuro; mas que fazer desse atraso de mais de quinhentas que, apesar de toda a minha boa vontade, não posso chegar a pôr em dia?

R. É preciso, como se diz em termos de comércio, passá-las em bloco por conta de lucros e perdas. Anunciando esta medida na *Revista*, vossos correspondentes saberão o que se passa; compreenderão a sua necessidade, e a acharão sobretudo justificada pelos conselhos que precedem. Eu o repito, seria impossível que as coisas fossem por muito tempo como estão; tudo disso sofreria, a vossa saúde e a Doutrina. É preciso, se preciso for, saber fazer os sacrifícios necessários. Tranquilo, doravante, sobre este ponto, podereis vos ocupar mais livremente de vossos trabalhos obrigatórios. Eis o que vos aconselha aquele que será sempre vosso amigo devotado.

DEMEURE.

Cedendo a este sábio conselho, pedimos àqueles de nossos correspondentes com os quais estamos há muito tempo em atraso aceitarem as nossas escusas e os nossos lamentos de não ter podido responder com detalhe, e como teríamos desejado, às suas benevolentes cartas. Consintam em receber aqui, coletivamente, a expressão de nossos sentimentos fraternos.

DO CONSENTIMENTO À PRECE.

(Paris, abril de 1866. - Médiun, senhora D...)

Pensais quase sempre que o que pedis na prece deve se cumprir por uma espécie de milagre; esta crença errônea é a fonte de uma multidão de práticas supersticiosas e de muitas decepções. Ela conduz também à negação da eficácia da prece; do fato de que vosso pedido não é acolhido da maneira que entendíeis, disso concluíis que foi inútil, e, então, às vezes, murmurais contra a justiça de Deus. Outros pensam que, tendo Deus estabelecido leis eternas, às quais todos os seres estão submetidos, não pode derogá-las para ceder aos pedidos que lhe são feitos. É para vos premunir contra o erro, ou melhor, contra o exagero dessas duas idéias, que me proponho vos dar algumas explicações sobre o modo de consentimento à prece.

É uma verdade incontestável, que Deus não intervém e não suspende para *ninguém* o *curso* das leis que regem o universo; sem isto a ordem da Natureza seria incessantemente transtornada pelo capricho de qualquer um. É, pois, certo que toda prece que não poderia ser atendida senão por uma derrogação a essas leis fica sem efeito; tal seria, por exemplo, aquela que tivesse por objeto o retorno à vida de um homem verdadeiramente morto, ou o restabelecimento da saúde se a desordem do organismo é irremediável.

Não é menos certo que não dá nenhuma atenção aos pedidos fúteis ou desconsiderados; mas estejais persuadidos que toda prece pura e desinteressada é escutada, é que é sempre levada em conta a intenção, mesmo quando Deus, em sua sabedoria, julgasse a propósito de nela não ver direito; é então, sobretudo, que vos é preciso dar prova de humildade e de submissão à sua vontade, dizendo a vós mesmos que ele sabe melhor do que vós o que pode vos ser útil.

Há, certamente, leis gerais às quais o homem está fatalmente submetido; mas é um erro crer que as menores circunstâncias da vida são detidas, por antecipação, de maneira

irrevogável; se fosse assim, o homem seria uma máquina sem iniciativa, e, conseqüentemente, sem responsabilidade. O livre arbítrio é uma das prerrogativas do homem; desde o instante em que é livre de ir à direita ou à esquerda, de agir segundo as circunstâncias, seus movimentos não são regulados como os de uma máquina. Segundo faça ou não faça uma coisa, e segundo que a faça de uma maneira ou de outra, os acontecimentos que dela dependem seguem um curso diferente; uma vez que estão subordinadas à decisão do homem, não estão submetidas à fatalidade. Aqueles que são fatais são os que independem de sua vontade; mas todas as vezes que o homem pode reagir em virtude de seu livre arbítrio, não há fatalidade.

O homem tem, pois, um círculo no qual pode se envolver livremente; essa liberdade de ação tem por limites as leis da Natureza, que ninguém pode superar; ou melhor dizendo, essa liberdade, na esfera de atividade onde ela se exerce, faz parte dessas leis; ela é necessária, e é por ela que o homem é chamado a concorrer à marcha geral das coisas; e como ele o faz livremente, tem o mérito do que faz de bem, e o demérito do que faz de mal, de seu desleixo, de sua negligência, de sua inatividade. As flutuações que a sua vontade pode fazer sofrer aos acontecimentos da vida não perturbam, pois, de nenhum modo, a harmonia universal, essas próprias flutuações fazendo parte das provas que incumbem ao homem sobre a Terra.

No limite das coisas que dependem da vontade do homem, Deus pode, pois, sem derogar suas leis, aceder a uma prece quando ela é justa, e que o cumprimento lhe pode ser útil; mas ocorre, freqüentemente, que dela julga a utilidade e a oportunidade de outro modo do que nós, é por isto que não lhe aquiesce sempre. Se lhe agrada atendê-la, não é modificando seus decretos soberanos que o faz, mas por meios que não saem da ordem legal, podendo-se exprimir assim. Os Espíritos, executores de suas vontades, são, então, encarregados de provocar as circunstâncias que devem levar aos resultados desejados. Esse resultado requer quase sempre o concurso de algum encarnado; é, pois, esse concurso que os Espíritos preparam inspirando àqueles que devem nisso cooperar, o pensamento de uma diligência incitando-os a ir a um ponto antes que a um outro, provocando reencontros propícios que parecem devidos ao acaso; ora, o acaso não existe mais na assistência que se recebe do que nas infelicidades que se experimenta.

Nas aflições, a prece é não só uma prova de confiança e de submissão à vontade de Deus, que a escuta, se ela é pura e desinteressada, mas tem ainda por efeito, como o sabeis, estabelecer uma corrente fluídica que leva ao longe, no espaço, o pensamento do aflito, como o ar leva os acentos de sua voz. Esse pensamento repercute nos corações simpáticos ao sofrimento, e estes, por um movimento inconsciente e como atraídos por uma força magnética, se dirigem para um lugar onde a sua presença pode ser útil. Deus, que quer socorrer aquele que o implora, sem dúvida, poderia fazê-lo por si mesmo, instantaneamente, mas, eu o disse, *ele não faz milagres*, e as coisas devem seguir o seu curso natural; quer que os homens pratiquem a caridade socorrendo-se uns aos outros. Por seus mensageiros, leva a queixa onde ela pode encontrar eco, e lá, os bons Espíritos sopram um bom pensamento. Se bem que suscitado, o pensamento, pelo fato mesmo de que a fonte lhe é desconhecida, deixa ao homem toda a sua liberdade; nada o constrange; conseqüentemente, ele tem todo o mérito da espontaneidade se cede à voz íntima que nele faz um chamado ao sentimento do dever, e todo o demérito se, dominado por uma indiferença egoísta, ele resiste.

P. Há casos, como num perigo iminente, onde a assistência deve chegar em tempo útil, se for preciso esperar a boa vontade de um homem, e se essa boa vontade faltar em conseqüência do livre arbítrio? - R Não deveis vos esquecer que os anjos guardiães, os Espíritos protetores, cuja missão é velar sobre aqueles que lhes são confiados, os seguem, por assim dizer, passo a passo. Não podem poupar-lhes as apreensões dos perigos que fazem parte de suas provas; mas se as conseqüências do perigo podem ser evitadas, como o previram antecipadamente, não esperam o último momento para

preparar os socorros. Se, às vezes, se dirigem aos homens de má vontade, é em vista de procurar despertar neles bons sentimentos, mas não contam com eles.

Quando, numa posição crítica, uma pessoa se encontra, como no propósito mencionado, para vos assistir, e que vos exclamais: "É a Providência que o envia," dizeis uma verdade maior do que o credes freqüentemente.

Se há casos prementes, outros que o são menos exigem um certo tempo para conduzir um concurso de circunstâncias favoráveis, sobretudo quando é preciso que os Espíritos triunfem, pela inspiração, da apatia de pessoas cuja cooperação é necessária para o resultado a se obter. Esses retardamentos no cumprimento do desejo são provas para a paciência e a resignação; depois, quando chega a realização daquilo que se desejou, é quase sempre por um encadeamento de circunstâncias tão naturais, que nada absolutamente revela uma intervenção oculta, nada toma a mais leve aparência de maravilhoso; as coisas parecem se arranjar por elas mesmas.

Isso deve ser assim pelo duplo motivo de que os meios de ação não se afastem das leis gerais, e, em segundo lugar, que, se a assistência dos Espíritos for muito evidente, o homem se fiaria muito neles e se habituaria a não contar consigo mesmo. Esta assistência deve ser compreendida por ele pelo pensamento, pelo senso moral, e não pelos sentidos materiais; sua crença deve ser o resultado de sua fé e de sua confiança na bondade de Deus. Infelizmente, porque ele não viu o dedo de Deus fazer por ele um milagre, esquece muito freqüentemente Aquele a quem deve a sua salvação para nisso glorificar o acaso; é uma ingratidão que, cedo ou tarde, recebe a sua expiação.

UM ESPÍRITO PROTETOR.

O ESPIRITISMO OBRIGA.
(Paris, abril de 1866. - Médium, senhora B...)

O Espiritismo é uma ciência essencialmente moral; desde então, aqueles que se dizem seus adeptos não podem cometer uma inconseqüência grave, subtrair-se às obrigações que ele impõe.

Essas obrigações são de duas espécies.

A primeira concerne ao indivíduo que, ajudado pelas claridades intelectuais que a Doutrina derrama, pode melhor compreender o valor de cada um de seus atos, sondar melhor todas as dobras de sua consciência, melhor apreciar a infinita bondade de Deus, *que não quer a morte do pecador, mas que ele se converta e que viva*, e, para deixar-lhe a possibilidade de se levantar de suas quedas, deu-lhe a longa seqüência das existências sucessivas em cada uma das quais, levando a dificuldade de suas faltas passadas, pode adquirir novos conhecimentos e novas forças, fazendo-o evitar o mal e praticar o que é conforme à justiça, à caridade. Que dizer daquele que, assim esclarecido sob seus deveres para com Deus, para com seus irmãos, permanece orgulhoso, cúvido, egoísta? Não parece que a luz o faça cego porque não está preparado para recebê-la? Desde então, ele caminha nas trevas, se bem que estando no meio da luz; não é Espírita senão de nome. A caridade fraternal daqueles que vêm verdadeiramente deve se esforçar por curar dessa cegueira intelectual; mas, para muitos daqueles que lhe parecem, será preciso a luz que o túmulo traz, porque seu coração é muito apegado aos gozos materiais, e que seu espírito não está maduro para receber a verdade. Numa nova encarnação, compreenderão que os planetas inferiores como a Terra não são senão uma espécie de escola mútua onde a alma começa a desenvolver as suas faculdades, as suas aptidões, para aplicá-las em seguida aos grandes princípios da ordem, da justiça, do amor e da harmonia, que regulam as relações das almas entre si, e as funções que elas cumprem na direção do universo; sentirão que chamadas a uma tão alta dignidade quanto a de se tornar mensageiro do Altíssimo, a alma humana não deve se envilecer, degradar-se ao contato dos imundos gozos da volúpia; das ignóbeis cobiças da avareza que

suprime a alguns dos filhos de Deus o gozo dos bens que deu para todos; compreenderão que o egoísmo, nascido do orgulho, cega a alma e lhe faz violar os direitos da justiça, da humanidade desde então engendra todos os males que fazem da Terra uma morada de dores e de expiações. Instruídos pelas duras lições da adversidade, seu Espírito será amadurecido pela reflexão, e seu coração, depois de ter sido esmagado pela dor, torna-se-á bom e caridoso; assim é que o que vos parece um mal é algumas vezes necessário para conduzir os endurecidos. Esses pobres retardatários, regenerados pelo sofrimento, esclarecidos dessa luz interior que se pode chamar o batismo do Espírito, velarão cuidadosamente sobre si mesmos, quer dizer, sobre os movimentos de seu coração e o emprego de suas faculdades para dirigi-los segundo as leis da justiça e da fraternidade. Compreenderão que não são somente obrigados a se melhorarem a si próprios, cálculo egoísta impedindo alcançar o objetivo desejado por Deus, mas que a segunda ordem de obrigações do Espírita, decorrendo necessariamente da primeira, e completando-a, é a do exemplo, que é o melhor dos meios de propagação e de renovação.

Com efeito, aquele que está convencido da excelência dos princípios que lhe são ensinados e devem, se está conforme com a sua conduta, lhe proporcionar a felicidade durável, não pode, se está verdadeiramente animado desta caridade fraternal que está na própria essência do Espiritismo, senão desejar que sejam compreendidas por todos os homens. Daí, a obrigação moral de conformar sua conduta à sua crença, e ser um exemplo vivo, um modelo, como o Cristo o foi para a Humanidade.

Vós, fracas centelhas partidas do eterno foco do amor divino, seguramente, não podeis pretender a uma tão grande irradiação quanto aquela do Verbo de Deus encarnado sobre a Terra, mas, cada um em vossa esfera de ação, podeis derramar os benefícios do bom exemplo; podeis fazer amar a virtude cercanda do encanto dessa benevolência constante que atrai, cativa e mostra, enfim, que a prática do bem é coisa fácil, que ela faz a felicidade íntima da consciência que está alinhada sob a sua lei, porque é o cumprimento da vontade divina que nos fez dizer por seu Cristo: *Sede perfeitos porque vosso Pai celeste é perfeito.*

Ora, o Espiritismo não é outra coisa senão a aplicação verdadeira dos princípios da moral ensinada por Jesus, porque não é senão no objetivo de fazê-la compreender a todos, a fim de que, por ela, todos progridam mais rapidamente, que Deus permite esta universal manifestação do Espírito vindo vos explicar o que vos parecia coisa obscura e vos ensinar toda a verdade. Elevem, como o Cristianismo bem compreendido, mostrar ao homem a absoluta necessidade de sua renovação interior pelas próprias conseqüências que resultam de cada um de seus atos, de cada um de seus pensamentos; porque nenhuma emanção fluídica, boa ou má, não escapa do coração ou do cérebro do homem sem deixar, em alguma parte, uma marca; o mundo invisível que vos cerca é para vós *este Livro da vida* onde tudo se inscreve com uma incrível fidelidade, e a *Balança da justiça divina* não é outra senão uma figura exprimindo que cada um de vossos atos, cada um de vossos sentimentos é, de alguma sorte, o peso que carrega vossa alma e a impede de se elevar, ou aquele que leva o equilíbrio entre o bem e o mal.

Felizes, pois, aqueles cujos sentimentos partem de um coração puro; ele derrama ao seu redor como uma suave atmosfera que faz amar a virtude e atrai os bons Espíritos; seu poder de irradiação é tanto maior quanto é mais humilde, desde então mais liberta das influências materiais que atraem a alma e a impedem de progredir.

As obrigações que o Espiritismo impõe são, pois, de natureza essencialmente moral, são uma conseqüência da crença; cada um é juiz e parte em sua causa própria; mas as claridades intelectuais que ele leva àquele que quer, verdadeiramente, *conhecera si mesmo* e trabalhar pela sua melhoria são tais que elas assustam os pusilânimes, e é por isso que é rejeitada por um tão grande número. Outros tratam de conciliar a reforma que a sua razão lhes demonstra ser uma necessidade, com as exigências da sociedade atual.

Daí, uma mistura heterogênea, uma falta de unidade que faz da época atual um estado transitório; é difícil, à vossa natureza corpórea, despojar-se de suas imperfeições para revestir o homem novo, quer dizer, o homem vivendo segundo os princípios de justiça e de harmonia desejados por Deus. Com esforços perseverantes, todavia, ali chegareis, porque as obrigações que a consciência se impõe, quando ela está suficientemente esclarecida, tem mais força do que não a terão jamais as leis humanas baseadas sobre o constrangimento de um obscurantismo religioso não podendo suportar o exame; mas se, graças às luzes do alto, estais mais instruídos e compreendeis mais, deveis também ser mais tolerantes e não empregar, como meio de propagação, senão o raciocínio, porque toda crença séria é respeitável. Se vossa vida é um belo modelo onde todos possam encontrar bons exemplos e sólidas virtudes, onde a dignidade se alia a uma graciosa amenidade, rejubilai-vos, porque tereis, em parte, compreendido a que o Espiritismo obriga.

LOUIS DE FRANCE.
ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

9º ANO

NO. 6

JUNHO 1866

MONOMANIA INCENDIARIA PRECOCE.

ESTUDO MORAL.

Lê-se no *Salut publicde* Lyon, de 23 de fevereiro de 1866:

"A questão médico-legal de monomania homicida e de monomania incendiaria, diz o *Moniteur judiciaire*, foi e será, conforme toda a probabilidade, freqüentemente ainda agitada diante dos tribunais e cortes criminais.

"A propósito de monomania incendiaria, podemos citar uma criança de Lyon, hoje com a idade de quatro anos e meio, filho de honestos operários de seda, domiciliados na Guillotière, que parece levar nele, em último grau, o instinto do incêndio. Apenas seus olhos se abriram à luz, a visão das chamas parecia alegrá-lo. Aos dezoito meses, sentia prazer em fazer jorrar o fogo de um fósforo químico; aos dois anos, metia o fogo nos quatro cantos de uma enxerga, e aniquilava em parte o modesto mobiliário de seus pais. Hoje, com as reprimendas que lhe são feitas, não responde senão pelas ameaças de incêndio, e na semana última ainda, ele tentava, com ajuda de alguns ramos de palha e de diversos pedaços de papel, colocar fogo na alcova onde dormem seu pai e sua mãe.

"Deixamos aos especialistas o cuidado de procurarem as causas de uma tal monomania. Se ela não desaparece com a idade, que sorte estará reservada ao infeliz que por ela é atingido?"

O autor do artigo diz que deixa aos *especialistas* o cuidado de procurarem as causas de uma tal monomania. De quais especialistas quer falar? É dos médicos em geral, dos alienistas, dos sábios, dos frenologistas, dos filósofos ou dos teólogos? Cada um deles encara a questão do ponto de vista de suas crenças materialistas, espiritualistas ou religiosas. Os materialistas, negando todo princípio inteligente, distinto da matéria, incontestavelmente, são os menos próprios para resolvê-la de maneira completa. Fazendo do organismo a única fonte das faculdades e das inclinações, fazem do homem uma máquina movida fatalmente por uma força irresistível, sem livre arbítrio e, conseqüentemente, sem responsabilidade moral de seus atos. Com um tal sistema, todo criminoso pode se desculpar em sua constituição, que não dependeu dele fazê-la melhor. Numa sociedade onde esse princípio fosse admitido como verdade absoluta, não haveria culpados moralmente falando, e seria tão ilógico citar em juízo os homens quanto os animais.

Não falamos aqui senão das conseqüências sociais das doutrinas materialistas; quanto às suas impossibilidades em resolver todos os problemas morais, ela está suficientemente demonstrada.

Dir-se-á, com alguns, que as inclinações são hereditárias como os vícios de constituição? Ser-lhes-iam opostos os inumeráveis fatos onde os pais mais virtuosos têm filhos instintivamente viciosos, e reciprocamente. Naquele que nos ocupa, é notório que a criança não herdou sua monomania incendiaria de nenhum membro de sua família.

Os espiritualistas reconhecerão, sem dúvida, que esse pendor prende-se a uma imperfeição da alma ou Espírito, mas nisso não serão menos detidos por dificuldades insuperáveis com os únicos elementos que se possuem até este dia; e a prova que os dados atuais da ciência, da filosofia e da teologia não fornecem nenhum princípio sólido para a solução dos problemas desta natureza, é que deles não há um único que seja bastante evidente, bastante racional para reunir a maioria, e o que se tem está reduzido a opiniões individuais, todas divergentes umas das outras.

Os teólogos que admitem como ponto de dogma a criação da alma no nascimento de cada corpo são, talvez, os mais embaraçados para conciliar essas perversidades naturais com a justiça e a bondade de Deus. Segundo sua doutrina, eis, pois, uma criança criada com um instinto incendiado, votada, desde a sua formação, ao crime e a todas suas conseqüências para a vida presente e a vida futura! Como há crianças instintivamente boas e outras más, Deus criou, pois, almas boas e outras más? É a conseqüência lógica. Por que essa parcialidade? Com a doutrina materialista o culpado se desculpa em seu organismo; com a da Igreja, nisso pode-se prender a Deus, dizendo que não é por sua culpa se ele o criou com defeitos.

É de admirar que haja pessoas que neguem Deus quando o mostram injusto e cruel em seus atos, parcial para com suas criaturas? É a maneira pela qual a maioria das religiões o representam que faz os incrédulos e os ateus. Se disso se tivesse sempre feito um quadro em todos os pontos conciliável com a razão, não haveria incrédulos; é por falta de poder aceitá-lo tal como o fazem, com as pequenezes e as paixões humanas que lhe emprestam, que tantas pessoas procuram fora dele a explicação das coisas.

Todas as vezes que a teologia, pressionada pela inexorável lógica dos fatos, se encontra num impasse, ela se esconde atrás destas palavras: "Mistério incompreensível!" Pois bem! Cada dia vê-se levantar-se um canto do véu do que outrora era mistério, e a questão que nos ocupa é deste número.

Esta questão está longe de ser pueril, estar-se-ia em erro em ver nisso um fato isolado, ou, querendo-se, uma anomalia, uma bizarrice da Natureza sem conseqüência. Ela toca todas as questões de educação e de moralização da Humanidade, e, por isto mesmo, aos mais graves problemas de economia social. É procurando a causa primeira dos instintos e dos pendores inatos que se descobrirão os meios mais eficazes de combater os maus e de desenvolver os bons. Quando essa causa for conhecida, a educação possuirá a mais possante alavanca moralizadora que jamais teve.

Não se pode negar a influência do meio e do exemplo sobre o desenvolvimento dos bons e dos maus instintos, porque o contágio moral é tão manifesto quanto o contágio físico. No entanto, essa influência não é exclusiva, uma vez que se vêem seres perversos nas famílias mais honradas, ao passo que outros saem puros da lama. Há, pois, incontavelmente, disposições naturais, e, duvidando-se disto, o fato que nos ocupa disso seria uma prova irrecusável. Assim, eis uma criança, que, antes de saber falar, se compraz com a visão da destruição pelo fogo; que, aos dois anos, incendeia voluntariamente um mobiliário, e que, aos quatro anos, compreende de tal modo esse fato, que responde às reprimendas por ameaças de incêndio.

Ó vós todos, médicos e sábios, que procurais com tanta avidez os menores casos patológicos insólitos, para deles fazer o assunto de vossas meditações, que não estudais com o mesmo cuidado esses fenômenos estranhos que podem, com razão, ser qualificados de patologia moral! Que não procurais vos dar conta disso, a descobrir-lhe a fonte! A Humanidade nisto ganharia ao menos tanto quanto à descoberta de uma rede nervosa. Infelizmente, a maioria daqueles que não desdenham se ocupar dessas questões, o fazem partindo de uma idéia preconcebida à qual querem tudo sujeitar: o materialista às leis exclusivas da matéria, o espiritualista à idéia que se faz da natureza da alma segundo suas crenças. Antes de concluir, o mais sábio é de estudar todos os sistemas, todas as

teorias, com imparcialidade, e de ver aquela que resolve o melhor e mais logicamente o maior número de dificuldades.

A diversidade das aptidões intelectuais e morais inatas, independentes da educação e de toda aquisição moral na vida presente, é um fato notório: é o conhecido. Partindo desse fato para chegar ao desconhecido, diremos que se a alma é criada no nascimento do corpo, fica evidente que Deus criou almas de todas as qualidades. Ora, esta doutrina sendo irreconciliável com o princípio da soberana justiça, forçosamente, deve ser afastada. Mas se a alma não é criada no nascimento do indivíduo, é que ela existia antes. Com efeito, é na preexistência da alma que se encontra a única solução possível e racional da questão e de todas as anomalias aparentes das faculdades humanas. As crianças que têm, instintivamente, aptidões transcendentais por uma arte ou uma ciência, que possuem certos conhecimentos sem tê-los aprendido, como os calculadores naturais, como aqueles aos quais a música parece familiar em nascendo; esses lingüistas natos, como uma senhora da qual teremos mais tarde ocasião de falar, que, aos nove anos, dava lições de grego e de latim aos seus irmãos, e aos doze anos lia e traduzia o hebraico, deve aprender essas coisas em alguma parte; uma vez que não foi nesta existência, deve ter sido numa outra.

Sim, o homem já viveu, não uma vez, mas talvez mil vezes; em cada existência suas idéias se desenvolveram; adquiriu conhecimentos dos quais traz a intuição na existência seguinte e que o ajudam a adquiri-los novos. Ocorre o mesmo com o progresso moral. Os vícios dos quais se desfaz não reaparecem mais; aqueles que conservou se reproduzem até que deles esteja definitivamente corrigido.

Em uma palavra, o homem nasce aquilo que se fez ele mesmo. Aqueles que viveram mais, mais adquiriram e melhor aproveitaram, são mais avançados do que os outros; tal é a causa da diversidade dos instintos e das aptidões que se notam entre eles; tal é também a causa pela qual vemos sobre a Terra selvagens, bárbaros e homens civilizados. A pluralidade das existências é a chave de uma multidão de problemas morais, e foi por falta de ter conhecido esse princípio que tantas questões permaneceram insolúveis. Que se admita somente a título de simples hipótese, querendo-se, e ver-se-ão todas as dificuldades se aplainarem.

O homem civilizado chegou a um ponto em que não se contenta mais com a fé cega; ele quer se dar conta de tudo, saber o porquê e o como de cada coisa; preferirá, pois, uma filosofia que explica àquela que não explica. De resto, a idéia da pluralidade das existências, como todas as grandes verdades, germina numa multidão de cérebros, fora do Espiritismo, e como ela satisfaz a razão, não está longe o tempo em que será colocada na classe das leis que regem a Humanidade.

Que diremos agora da criança que é o assunto deste artigo? Seus instintos atuais se explicam por seus antecedentes. Ela nasceu incendiária, como outros nasceram poetas ou artistas, porque, sem nenhuma dúvida, foi incendiária numa outra existência, e disto conservou o instinto.

Mas então, dir-se-á, se cada existência é um progresso, o progresso é nulo para ela nesta.

Não é uma razão. De seus instintos atuais, não é preciso concluir que o progresso seja nulo. O homem não se despoja subitamente de todas as suas imperfeições. Essa criança delas tinha outras, provavelmente, que se tornariam pior do que não o seriam hoje; ora, não tivesse avançado senão um passo, não tivesse mesmo senão o arrependimento e o desejo de se melhorar, isto seria sempre um progresso. Se esse instinto se manifesta nela de maneira tão precoce, é para chamar finalmente a atenção sobre as suas tendências, afim de que seus pais e aqueles que serão encarregados de sua educação cuidem de reprimi-las antes que elas se desenvolvam. Talvez ela mesma tenha pedido que assim fosse, e para nascer numa família honrada, pelo desejo de progredir.

É uma grande tarefa para seus pais, porque é uma alma desviada que lhe é confiada para conduzi-la ao caminho reto, e sua responsabilidade seria grande se não fizessem, para esse fim, tudo o que está em seu poder. Se seu filho fosse doente, cuidariam dele com solicitude; devem considerá-lo como atacado de uma doença moral grave que requer cuidados não menos assíduos.

Segundo todas essas considerações, cremos, sem vaidade, que os Espíritas são os melhores especialistas em semelhante circunstância, precisamente porque dedicam-se ao estudo dos fenômenos morais, e os apreciam, não segundo idéias pessoais, mas segundo as leis naturais.

Tendo esse fato sido apresentado à Sociedade de Paris, como assunto de estudo, a pergunta seguinte foi colocada aos Espíritos:

Qual é a origem do instinto incendiário precoce nesta criança, e quais seriam os meios de combatê-lo pela educação?

Quatro respostas concordantes foram dadas; não citaremos senão as duas seguintes.

(Sociedade de Paris, 13 de abril de 1866. - Médium, Sr. Br...)

I

Perguntais qual foi a existência dessa criança que mostra um pendor tão precoce para a destruição, e particularmente para o incêndio. Ah! seu passado é horrível e suas tendências atuais vos dizem bastante o que pôde fazer. Ela veio para expiar, e deve lutar contra seus instintos incendiários. É uma grande prova para seus pais, que estão constantemente sob o golpe de seus erros, e não sabem como reprimir esse funesto pendor. O conhecimento do Espiritismo lhes seria um poderoso recurso, e Deus, em sua misericórdia, lhes concederá essa graça, porque é só por esse conhecimento que se pode esperar melhorar esse Espírito.

Essa criança é uma prova evidente da anterioridade da alma à encarnação presente. Vós o vedes: esse estranho estado moral desperta a atenção e faz refletir. Deus se serve de todos os meios para vos fazer chegar ao conhecimento da verdade no que diz respeito à vossa origem, ao vosso progresso e ao vosso fim.

UM ESPÍRITO.

(Médium, senhorita Lat...)

II

O Espiritismo já desempenhou um grande papel em vosso mundo, mas o que vistes não é senão o prelúdio do que estais chamados a ver. Quando a ciência fica muda diante de certos fatos, e que a religião não pode mais resolvê-los, o Espiritismo vem lhes dar a solução. Quando a ciência falta aos vossos sábios, deixam a causa de lado, por falta de explicações suficientes. Em muitas circunstâncias, as luzes do Espiritismo lhes poderiam ser de um grande recurso, notadamente nesse caso de monomania incendiária. Para eles, é um gênero de loucura, porque olham todas as monomanias como loucuras; está aí um grande erro. Aqui a medicina nada tem a fazer, cabe aos Espíritas agirem.

Não é admissível para vós que esse pendor à destruição pelo fogo não date senão da presente existência; é preciso remontar mais alto, e ver nas inclinações perversas dessa criança um reflexo de seus atos anteriores.

Ela é demais impelida por aqueles mesmos que foram suas vítimas, porque, para satisfazer sua ambição, não recuou nem diante do incêndio, nem diante do sacrifício daqueles que poderiam lhe fazer obstáculo. Em uma palavra, ele está sob a influência de Espíritos que ainda não o perdoaram os tormentos que lhes fez suportar. Eles esperam a vingança.

Ele tem por prova sair vitorioso da luta; mas Deus, em sua soberana justiça, colocou o remédio ao lado do mal; com efeito, esse remédio está em sua juventude e na boa influenciado meio onde está. Hoje a criança nada pode para o momento; cabe aos pais velar; mais tarde deverá vencer ela mesma, e enquanto ela não for senhora da posição, a luta se perpetuará. Seria preciso que fosse educada nos princípios do Espiritismo; ali hauriria a força, e, compreendendo a sua prova, teria mais vontade para dela triunfar.

Bons Espíritos, encarregados de esclarecer os encarnados, voltai vossos olhares para esse pobre pequeno ser cujo castigo é justo; ide a ele, ajudai-o, dirigi seus pensamentos para o Espiritismo, a fim de que triunfe mais depressa, e que a luta termine para a sua vantagem.

UM ESPÍRITO.

TENTATIVA DE ASSASSINATO CONTRA O IMPERADOR DA RÚSSIA.

ESTUDO PSICOLÓGICO.

O *Indépendance belge* de 30 de abril, sob o título de: *Notícias da Rússia, correspondência de São Petersburgo*, dá um relato detalhado que seguiram ao atentado do qual o czar foi objeto.

Fala, além disso, de certos indícios precursores do crime e contém a esse respeito a passagem seguinte:

"Conta-se que o governador de São Petersburgo, o príncipe Souwoureff, tinha recebido uma carta anônima assinada N. N. N., na qual se lhe oferecia, mediante certas indicações, desvendar um mistério importante, pedindo-lhe uma resposta na *Gazette de la police*. Essa resposta apareceu; ela estava concebida como segue: "A chancelaria do general governador convida N. N. N. a vir amanhã, entre onze horas e duas horas, para dar certas explicações." Mas o anônimo não apareceu; enviou uma segunda carta anunciando que era muito tarde, que não estava mais livre para vir.

"O convite foi reiterado dois dias depois do atentado, mas sem resultado.

"Enfim, como último indício, algumas pessoas lembraram que três semanas antes do atentado, o jornal alemão *D/e Gartenlaube* publicou o relato de uma sessão *espírita* obtida por Heidelberg, e na qual o *Espírito de Catherine II* anunciava que o imperador Alexandre estava ameaçado por um grande perigo.

"Explica-se dificilmente, depois de tudo isso, como a polícia secreta russa não pôde ser instruída a tempo do crime que se preparava. Essa polícia, que custa muito cara, e que inunda de espiões inúteis todos os nossos círculos e as nossas assembléias públicas, não soube, não só descobrir a tempo o complô, mas mesmo cercar o soberano de sua vigilância, o que é elementar e de toda necessidade, sobretudo com um príncipe que sai quase sempre só, seguido de seu cão; que faz passeios a pé em horas matinais, sem ser acompanhado de uma ajuda de campo de serviço. No próprio dia do atentado, encontrei o imperador na rua Millonaía às nove e meia da manhã; estava completamente só, e saudava com afabilidade aqueles que o reconheciam. A rua estava quase deserta, os guardas da cidade muito raros."

O que sobretudo há de notável nesse artigo, é a menção, sem comentário, da *advertência dada pelo Espírito de Catherine II numa sessão espírita*. Ter-se-ia colocado esse fato no número dos indícios precursores, se se tivesse considerado as comunicações espíritas como malabarismos ou ilusões? Numa questão tão grave, ter-se-ia guardado de fazer intervir uma crença considerada como ridícula. É uma prova nova da reação que se opera na opinião com respeito ao Espiritismo.

Temos a examinar o fato do atentado de um outro ponto de vista.

Sabe-se que o imperador deveu sua salvação a um jovem camponês chamado Joseph Kommissaroff, que, achando-se em seu caminho, desarmou o braço do assassino. Sabe-se também dos favores de toda a natureza dos quais este último foi acumulado; ele foi feito nobre, e os títulos que recebeu lhe asseguram uma fortuna considerável.

Esse jovem ia a uma capela situada do outro lado do Newa, na ocasião do aniversário do seu nascimento; nesse momento a ruptura dos gelos ocorria, e a circulação estando interrompida, teve que renunciar ao seu projeto. Em consequência dessa circunstância, ficou numa outra margem do rio, e se encontrou na passagem do imperador, que saía do jardim de verão. Estando misturado à multidão, percebeu um indivíduo que procurava se aproximar, e cujas maneiras lhe pareceram suspeitas; seguiu-o, e tendo visto sair de seu bolso uma pistola que dirigia para o imperador, teve a presença de espírito de lhe bater debaixo do braço, o que fez partir o tiro para o ar.

Que feliz acaso, dirão certas pessoas, que justo no momento oportuno o degelo tenha impedido Kommissaroff de atravessar o Newa! Para nós, que não acreditamos no acaso, mas que tudo está submetido a uma direção inteligente, diremos que estava nas provas do czar correr esse perigo (V. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. cap. XXV, *Prece num perigo iminente*), mas que a sua hora não tendo chegado, Kommissaroff fez a escolha para impedir que o crime se realizasse, e que as coisas, que parecem um efeito do acaso, estavam combinadas para levar ao resultado desejado.

Os homens são os instrumentos inconscientes dos desígnios da Providência; é por eles que os cumpre, sem que tenha necessidade de recorrer a prodígios; basta a mão invisível que os dirige, e nada sai da ordem das coisas naturais.

Se assim é, dir-se-á, que o homem não é senão uma máquina, e suas ações são fatais. - De nenhum modo, porque é solicitado a fazer uma coisa, não é constringido a ela; nisso não conserva menos seu livre arbítrio em virtude do qual pode fazê-la ou não fazê-la, e a mão que o conduz permanece invisível, precisamente para deixar-lhe mais de liberdade. Assim Kommissaroff poderia muito bem não ceder ao impulso oculto que o dirigia para a passagem do imperador; poderia permanecer indiferente, como tantos outros, à visão do homem de maneiras suspeitas; enfim, teria podido olhar de um outro lado no momento em que este último tirava a pistola de seu bolso. - Mas, então, se tivesse resistido a esse impulso, o imperador, pois, teria sido morto? - Não mais; os desígnios da Providência não estão à mercê do capricho de um homem. A vida do imperador deveria ser preservada; na falta de Kommissaroff, o teria sido por um outro meio; uma mosca poderia picar a mão do assassino e levá-lo a fazer um movimento involuntário; uma corrente fluídica dirigida sobre ele poderia dar-lhe uma ofuscação; somente, se Kommissaroff não tivesse escutado a voz íntima que o guiava com seu desconhecimento, teria perdido o benefício da ação que estava encarregado de realizar: eis tudo o que disso teria resultado. Mas se a hora fatal tivesse soado para o czar, nada teria podido preservá-lo; ora, os perigos iminentes que corremos têm precisamente por objetivo que nossa vida prenda-se a um fio que pode se romper no momento em que nisso menos pensamos, e, por aí, nos advertir de estar sempre prontos para partir.

Mas porque esse jovem camponês antes que um outro? Para quem não vê nos acontecimentos um simples jogo do acaso, toda coisa tem sua razão de ser. Deveria, pois, haver um motivo na escolha desse jovem, e quando mesmo esse motivo não nos fosse conhecido, a Providência nos dá bastante prova de sua sabedoria, para não se duvidar de que essa escolha tinha à sua utilidade.

Tendo esta questão sido posta, como assunto de estudo, numa reunião espírita havida na casa de uma família russa, morando em Paris, um Espírito deu a explicação seguinte:

(Paris, 1º de maio de 1866. - Médium, Sr. Desliens.)

Mesmo na existência do ser mais ínfimo, nada é deixado ao acaso. *Os principais acontecimentos de sua vida são determinados por sua prova: os detalhes são influenciados por seu livre arbítrio;* mas o conjunto das situações foi previsto e combinado antes por ele mesmo e por aqueles que Deus designou para a sua guarda.

No caso que nos ocupa aqui, as coisas se passaram segundo o curso comum. Esse jovem sendo já avançado e inteligente, escolheu, como prova, nascer numa condição miserável depois de ter ocupado uma alta posição social; sua inteligência e sua moralidade sendo já muito desenvolvidas, pediu uma condição humilde e obscura para extinguir as últimas sementes do orgulho que o espírito de casta havia deixado nele. Ele escolheu livremente, mas Deus e os bons Espíritos reservaram recompensá-lo na primeira manifestação de *devotamento desinteressado*, e vede em que consiste sua recompensa.

Permanece agora, no meio das honras e da fortuna, conservando intacto o sentimento de humildade que foi a base de sua nova encarnação; também é ainda uma prova, e uma dupla prova, em sua qualidade de homem, e em sua qualidade de pai. Como homem, deve resistir à embriaguez de uma alta e súbita fortuna; como pai, deve preservar seus filhos da arrogância dos felizardos. Pode criar-lhes uma posição admirável; pode aproveitar de sua posição intermediária para deles fazer homens úteis ao seu país. Plebeus de nascimento, nobres pelo mérito de seu pai, eles poderão, como muitos daqueles que se encarnam presentemente na Rússia, trabalhar poderosamente para a fusão de todos os elementos heterogêneos ao desaparecimento do elemento servil, que por muito tempo, no entanto, não poderá ser destruído de maneira radical.

Nessa elevação há uma recompensa, sem dúvida, mas há mais ainda uma prova. Sei que na Rússia o mérito recompensado encontra gratidão diante dos grandes, mas ali, como em outras partes, o felizardo orgulhoso e inchado de seu valor é alvo das zombarias: torna-se o brinquedo de uma sociedade que se esforça em vão para imitar. O ouro e as grandezas não lhe deram a elegância e o espírito do mundo. Desprezado e invejado por aqueles entre os quais nasceu, freqüentemente, é isolado e infeliz no meio de seu fasto.

Como o vedes, nem tudo é agradável nessas elevações súbitas, e sobretudo quando alcançam tais proporções. Para esse jovem, esperamos, em razão de suas excelentes qualidades, que saberá gozar em paz as vantagens que sua ação lhe proporcionou, e evitar as pedras de tropeço que poderiam retardar sua marcha no caminho do progresso.

MOKI.

Nota. Na falta de provas materiais sobre a exatidão dessa explicação, não se pode deixar de convir que seja eminentemente racional e instrutiva; e, como o Espírito que a deu é sempre distinguido pela seriedade e a alta importância de suas comunicações, consideramo-las como tendo todos os caracteres da probabilidade.

A nova posição de Kommissaroff, com efeito, é muito difícil para ele, e seu futuro depende da maneira pela qual suportará essa prova, cem vezes mais perigosa do que as infelicidades materiais às quais se resigna forçosamente, ao passo que é muito mais difícil resistir às tentações do orgulho e da opulência. Que força não hauriria no conhecimento do Espiritismo e de todas as verdades que ele ensina!

Mas, como se pôde notar, os objetivos da Providência não se detêm nesse jovem; sofrendo a sua prova, e pelo fato de sua própria prova, ele pode, pelo encadeamento das circunstâncias, tornar-se um elemento de progresso para seu país, ajudando na destruição dos preconceitos de castas. Assim tudo se liga no mundo pelo concurso das poderosas inteligências que o dirigem; nada é inútil, e as mais pequenas coisas em aparência podem conduzir aos maiores resultados, e isto sem *derrogar as leis da Natureza*. Se pudessemos ver esse mecanismo que nos oculta nossa natureza material e nossa inferioridade, a que admiração não seríamos transportados! Mas se não podemos vê-lo, o Espiritismo, nos revelando essas leis, no-lo faz compreender pelo pensamento, e é por aí que

nos eleva, aumenta a nossa fé e a nossa confiança em Deus, e combate vitoriosamente a incredulidade.

UM SONHO INSTRUTIVO.

Durante a última doença que tivemos no corrente abril de 1866, estávamos sob o império de uma sonolência e de uma absorção quase contínuas; naqueles momentos revíamos constantemente coisas insignificantes, e às quais não prestávamos nenhuma atenção; mas na noite de 24 de abril, a visão ofereceu um caráter tão particular que por ela fomos vivamente tocados.

Num lugar que nada lembrava à nossa lembrança e que parecia uma rua, havia uma reunião de indivíduos que conversavam juntos; dentre eles, somente alguns nos sendo conhecidos em sonho, mas sem que pudéssemos designá-los nominalmente. Considerávamos essa multidão e procurávamos saber o assunto da conversação, quando, de repente, apareceu num ângulo da parede uma inscrição em caracteres pequenos brilhantes como fogo, e que nos esforçávamos por decifrar; estava assim concebida: "*Descobrimos que a borracha rolada sob a roda faz uma légua em dez minutos, contanto que a estrada....*" Enquanto procurávamos o fim da frase, a inscrição se apagou pouco a pouco, e despertamos. Com medo destas singulares palavras, nos apressamos em transcrevê-las.

Qual poderia ser o sentido dessa visão, que absolutamente nada em nossos pensamentos, nem em nossas preocupações, poderia ter provocado? Não nos ocupando nem de invenções nem de pesquisas industriais, isso não poderia ser um reflexo de nossas idéias. Depois, que poderia significar essa *borracha* que, rolada sob uma roda, faz uma légua em dez minutos? Era a revelação de alguma nova propriedade dessa substância? Estaria chamada a desempenhar um papel na locomoção? Queria-se nos colocar no caminho de uma descoberta? Mas, então, por que dirigir-se a nós antes que a homens especiais, tendo o tempo suficiente para fazer os estudos e as experiências necessárias? No entanto, esse sonho era muito característico, muito especial, para ser alinhado entre os sonhos de fantasia; deveria ter um objetivo; qual era? É o que procurávamos inutilmente.

No dia, tendo tido ocasião de consultar o doutor Demeure sobre a nossa saúde, disso aproveitamos para pedir-lhe nos dizer se esse sonho apresentava alguma coisa de sério. Eis o que ele nos respondeu:

"Os numerosos sonhos que vos cercaram nestes últimos dias são o resultado do próprio sofrimento que sentis. Todas as vezes que há um enfraquecimento do corpo, há tendência ao desligamento do Espírito; mas quando o corpo sofre, o desligamento não se opera de maneira regular e normal; o Espírito é incessantemente chamado ao seu posto; daí uma espécie de luta, de conflito, entre as necessidades materiais e as tendências espirituais; daí também as interrupções e as misturas que confundem as imagens e delas fazem conjuntos bizarros e desprovidos de sentido. O caráter dos sonhos se liga, mais do que se crê, à natureza da doença; é um estudo a fazer, e os médicos nele encontrarão, freqüentemente, diagnósticos preciosos, quando reconhecerem a ação independente do Espírito e o papel importante que desempenha na economia. Se o estado do corpo reage sobre o Espírito, de seu lado o estado do Espírito influi poderosamente sobre a saúde, e, em certos casos, é tão útil agir sobre o Espírito quanto sobre o corpo; ora, a natureza dos sonhos pode, freqüentemente, ser um indício do estado do Espírito. É, eu o repito, um estudo a fazer, negligenciado até este dia pela ciência, que não vê por toda a parte senão a ação da matéria e não leva em nenhuma conta o elemento espiritual.

"O sonho que me assinalais, aquele do qual guardais uma lembrança tão nítida, me parece pertencer a uma outra categoria: ele contém um fato notável e digno de atenção; certamente, foi motivado, mas não saberia dele dar-lhe presentemente uma explicação

satisfatória; não poderia vos dar senão a minha opinião pessoal, da qual não estou bastante seguro. Tomarei minhas informações em boa fonte, e amanhã vos darei parte daquilo que tiver sabido." No dia seguinte ele nos deu a explicação que se segue:

"O que vistes no sonho, que estou encarregado de vos explicar, não é uma dessas imagens fantásticas provocadas pela doença; é muito realmente uma manifestação, não de Espíritos *desencarnados*, mas de Espíritos *encarnados*. Sabeis que, no sono, podem se encontrar com pessoas conhecidas ou desconhecidas, mortas ou vivas; foi este último caso que ocorreu nessa circunstância. Aqueles que vistes são *encarnados* que se ocupam separadamente, e sem se conhecerem na maioria, de invenções tendentes à aperfeiçoar os meios de locomoção, e anulando, tanto quanto possível, o excesso de despesa causado pelo desgaste dos materiais hoje em uso. Uns pensaram em borracha, outros em outras matérias; mas o que há de particular é que *se quis chamar a vossa atenção*, como assunto de estudo psicológico, sobre a reunião, num mesmo lugar, dos Espíritos de diferentes homens perseguindo o mesmo objetivo. A descoberta não tem relação com o Espiritismo; foi somente o conciliábulo dos inventores que se quis vos fazer ver, e a inscrição não tinha outro objetivo senão o de especificar, aos vossos olhos, o objeto principal de sua preocupação, porque há os que procuram outras aplicações da borracha. Fiquei persuadido de que, freqüentemente, o é assim, e que quando vários homens descobrem ao mesmo tempo, seja uma nova lei, seja um novo corpo, sobre diferentes pontos do globo, seu Espírito estudou junto a questão durante o sono, e, ao despertar, cada um trabalha de seu lado, aproveitando o fruto de suas observações.

"Notai bem que aí estão as idéias de *encarnados*, e que não prejulgam nada sobre o mérito da descoberta; pode ser que, de todos os cérebros em ebulição, saia alguma coisa de útil, como é possível que deles não saia senão quimeras. Não tenho necessidade de vos dizer que seria inútil interrogar os Espíritos a esse respeito; sua missão, como o dissesdes em vossas obras, não é poupar ao homem o trabalho das pesquisas trazendo-lhe invenções inteiramente feitas, que seriam tanto prêmios de encorajamento para a preguiça e a ignorância. Nesse grande torneio da inteligência humana, cada um ali está por sua própria conta, e a vitória é do mais hábil, do mais perseverante, do mais corajoso.

"*Pergunta.* Que é preciso pensar das descobertas atribuídas ao acaso? Não há delas que não são o fruto de nenhuma pesquisa?

"*Resposta.* O acaso, bem o sabeis, não existe; as coisas

que vos parecem o mais fortuitas têm sua razão de ser, porque é preciso contar com as inumeráveis inteligências ocultas que presidem a todas as partes do conjunto. Se o tempo de uma descoberta chegou, seus elementos são postos à luz por essas mesmas inteligências; vinte homens, cem homens passarão ao lado sem notá-la: um único lhe dará sua atenção; não era tudo encontrá-la, o essencial era saber colocá-la em obra. Não foi o acaso que lho colocou sobre os olhos, mas os bons Espíritos que lhe disseram: Olha, observa e aproveita se tu o quiseres. Depois, ele mesmo, nos momentos de liberdade de seu Espírito, durante o sono de seu corpo, pôde ser colocado no caminho, e, em seu despertar, instintivamente, se dirige para o lugar onde deve encontrar a coisa que está chamado a fazer frutificar por sua inteligência.

"Não, não há acaso: tudo é inteligente na Natureza."

VISÃO RETROSPECTIVA DE DIVERSAS ENCARNAÇÕES DE UM ESPÍRITO.

SONO DOS ESPÍRITOS

Pelo doutor Cailleux.

(Sociedade Espírita de Paris, 11 de maio de 1866. - Médium, Sr. Morin.)

Vossa boa acolhida e as boas preces que fizestes em minha intenção me fazem um dever agradecê-las vivamente e vos assegurar de meu eterno devotamento. Depois de minha entrada na verdadeira vida, bem depressa me familiarizei com todas as novidades, mas bem doces exigências de minha situação atual. De todos os lados, hoje, me chamam, não mais como outrora, para dar meus cuidados aos corpos doentes, mas para levar alívio aos doentes da alma. A tarefa é doce para ser cumprida, e com tanto maior rapidez quanto outrora punha-me a transportar-me à cabeceira dos enfermos; posso mesmo, e isto nada tem de espantoso para mim, transportar-me quase instantaneamente de um ponto a outro, com a mesma facilidade que o meu pensamento de passar de um assunto a um outro. Apenas o que me espanta é que posso fazê-lo, eu!...

Tenho, meus bons amigos, para vos entreter, um fato espiritual que me chega e que venho submeter ao vosso julgamento para que me ajudeis a reconhecer o meu erro, se estiver enganado em minhas apreciações a seu respeito. Médico, vós o sabeis, em minha última encarnação, dei-me com ardor aos estudos de minha profissão. Tudo o que nela me chegava era um assunto de observação. Devo dizê-lo, sem orgulho, que adquiri alguns conhecimentos, talvez em razão de que não seguia sempre ao pé da letra a rota traçada por minha rotina. Eu procurava sempre, no moral, o que poderia trazer uma perturbação no físico; foi talvez por isto que conheci um pouco melhor meu ofício do que certos de meus colegas. Enfim, eis aqui: Há alguns dias, senti uma espécie de peso se apoderar de meu Espírito, embora conservando a consciência do meu *eu*, me senti transportado no espaço; cheguei a um lugar que não tem nome para vós, e me achava numa reunião de Espíritos que, quando vivos, tinham adquirido alguma celebridade pelas descobertas que fizeram.

Lá, não fiquei surpreso de reconhecer nesses anciãos de todas as idades, nesses nomes de todas as épocas, uma semelhança espiritual comigo. Perguntei-me o que tudo isto queria dizer; lhes dirigi perguntas que minha posição me sugeria, mas meu espanto foi maior ainda, em me ouvindo responder eu mesmo. Voltei-me, então, para eles e me achava só.

Eis as minhas deduções.....

Dr. CAILLEUX.

NOTA. - O Espírito, tendo parado aí, continuou na sessão seguinte.

A questão dos fluidos que são o fundo de vossos estudos desempenhou um papel muito grande no fato que vos assinalai na última sessão. Posso, hoje, vos explicar melhor o que se passou, e, em lugar de vos dizer que eram minhas conjecturas, posso vos dizer o que me relevaram os bons amigos que me guiam no mundo dos Espíritos.

Quando meu Espírito sofreu uma espécie de entorpecimento, eu estava, por assim dizer, magnetizado pelo fluido de meus amigos espirituais; por uma permissão de Deus, deveria resultar disto uma satisfação moral que, dizem eles, é a minha recompensa, e além disso o encorajamento para caminhar num caminho que meu Espírito segue há um bom número de existências.

Estava, pois, adormecido por um sono magnético-espiritual; vi o passado se formar em um presente fictício; reconheci as individualidades desaparecidas em consequência dos tempos, ou antes que não tinham sido senão um único indivíduo. Vi um ser começar uma obra médica; um outro, mais tarde, continuar a obra deixada esboçada pelo primeiro, e assim por diante. Nisso cheguei a ver em menos tempo do que emprego para vo-lo dizer, de idade em idade, se formar, crescer e tornar-se ciência, o que, no princípio, não era senão as primeiras tentativas de um cérebro ocupado de estudos para o alívio da Humanidade sofredora. Vi tudo isto, e quando cheguei ao último desses seres que, sucessiva-

mente, tinham levado um complemento à obra, então me reconheci. Ali, tudo se desvanecendo, revivi o Espírito ainda atrasado de vosso pobre doutor. Ora, eis a explicação. Não vo-la dou para disso tirar vaidade, longe disto, mas antes para vos fornecer um assunto de estudo, em vos falando do sono espiritual, que, sendo elucidado por vossos guias, não pode senão me ser útil, porque assisto a todos os vossos trabalhos.

Vi, nesse sono, os diferentes corpos que meu Espírito animou há um certo número de encarnações, e todos trabalharam a ciência médica sem jamais se afastar dos princípios que o primeiro tinha elaborado. Esta última encarnação não era para aumentar o saber, mas simplesmente para praticar o que a minha teoria ensinava.

Com tudo isto permaneço sempre vosso devedor; mas se o permitirdes, virei vos pedir lições, e algumas vezes vos dar a minha opinião pessoal sobre certas questões.

Dr. CAILLEUX.

ESTUDO.

Há aqui um duplo ensinamento: primeiro, é o fato da magnetização de um Espírito por outros Espíritos, e do sono que lhe foi a consequência; e, em segundo lugar, da visão retrospectiva dos diferentes corpos que animou.

Há, pois, para os Espíritos, uma espécie de sono, o que é um ponto de contato a mais entre o estado corpóreo e o estado espiritual. Trata-se aqui, é verdade, do sono magnético, mas existiria para eles um sono natural semelhante ao nosso? Isto não teria nada de surpreendente, quando se vêem ainda Espíritos de tal modo identificados com o estado corpóreo, que tomam seu corpo fluídico por um corpo material, que crêem trabalhar como o faziam sobre a Terra, e que lhe sentem a fadiga. Se eles sentem a fadiga, devem sentir a necessidade do repouso, e podem acreditar se deitar e dormir, como crêem trabalhar, e ir em estrada de ferro. Dizemos que o crêem, para falar do nosso ponto de vista; porque tudo é relativo, e com relação à sua natureza fluídica, a coisa é inteiramente tão real quanto as coisas materiais o são para nós.

Não são senão os Espíritos de uma ordem inferior que têm semelhantes ilusões; quanto menos são avançados, mais seu estado se aproxima do estado corpóreo. Ora, esse não pode ser o caso do doutor Cailleux, Espírito avançado que se dá perfeitamente conta de sua situação. Mas nisso não é menos verdadeiro que teve a consciência de um entorpecimento análogo ao sono durante o qual viu suas diversas individualidades.

Um membro da sociedade explica esse fenômeno desta maneira: No sono humano, só o corpo repousa, mas o Espírito não dorme. Deve ser o mesmo no estado espiritual; o sono magnético ou outro não deve afetar senão o corpo espiritual ou perispírito, e o Espírito deve se encontrar num estado relativamente análogo ao do Espírito encarnado durante o sono do corpo, quer dizer, conservar a consciência de seu ser. As diferentes encarnações do Sr. Cailleux, que seus guias espirituais queriam fazê-lo ver para sua instrução, puderam se apresentar a ele, como lembrança, da mesma maneira que as imagens se oferecem nos sonhos.

Esta explicação é perfeitamente lógica; foi confirmada pelos Espíritos que, provocando o relato do doutor Cailleux, quiseram nos fazer conhecer uma nova fase da vida de além-túmulo.

PERGUNTAS E PROBLEMAS.

ESTA NO AR.

(Paris, 13 de maio de 1866. - Médium, Sr. Tail....)

Pergunta. Quando uma coisa é pressentida pelas massas, diz-se comumente que *está no ar*. Qual é a origem desta expressão?

Resposta. Sua origem, como a de uma multidão de coisas das quais não se dá conta e que o Espiritismo vem explicar, está no sentimento íntimo e intuitivo da realidade; essa expressão é mais verdadeira do que se pensa.

O pressentimento geral, na aproximação de algum grave acontecimento, tem duas causas: a primeira vem das massas inumeráveis de Espíritos que percorrem incessantemente o espaço, e que têm conhecimento das coisas que se preparam; em consequência de sua desmaterialização, estão mais no estado de seguir-lhe a experiência e prever-lhe o resultado. Esses Espíritos, que *roçam* incessantemente a Humanidade, comunicam-lhe seus pensamentos pelas correntes fluídicas que ligam o mundo corpóreo ao mundo espiritual. Embora não os vejais, seus pensamentos vos chegam como o aroma das flores escondidas sob as folhagens, e os assimilais com o vosso desconhecimento. O ar está literalmente sulcado dessas correntes fluídicas que semeiam a idéia por toda a parte, de tal modo que a expressão: *está no ar* não é somente uma figura, mas positivamente verdadeira. Certos Espíritos são mais especialmente encarregados, pela Providência, de transmitir aos homens o pressentimento das coisas *inevitáveis*, tendo em vista lhes dar uma advertência secreta, e eles se desincumbem dessa missão difundindo-a entre si. São como vozes íntimas que retinem em seu foro interior.

A segunda causa desse fenômeno está no desligamento do Espírito encarnado durante o repouso do corpo. Nesses momentos de liberdade, ele se mistura aos Espíritos similares, àqueles com os quais tem mais afinidade; penetra-se de seus pensamentos, vê o que não pode ver com os olhos do corpo, disso leva a intuição no despertar, como de uma idéia que lhe é toda pessoal. Isto explica como a mesma idéia surge, ao mesmo tempo, em cem lugares diferentes e em milhares de cérebros.

Certos indivíduos, como o sabeis, são mais aptos que outros para receber o influxo espiritual, seja pela comunicação direta dos Espíritos estranhos, seja pelo desligamento mais fácil de seu próprio Espírito. Muitos gozam em graus diferentes da segunda vista ou visão espiritual, faculdade muito mais comum do que o pensais, e que se revela de mil maneiras; outros conservam uma lembrança mais ou menos nítida do que viram nos momentos de emancipação da alma. Em consequência desta aptidão, têm noções mais precisas das coisas; Não é neles um simples pressentimento vago, mas a intuição, e em alguns o conhecimento da própria coisa da qual prevêem o cumprimento e que anunciam. Se se lhes pergunta como o sabem, a maioria não saberá explicá-lo: uns dirão que uma voz interior lhes falou, outros que tiveram uma visão reveladora; outros, enfim, que sentem sem saber como. Nos tempos de ignorância, e aos olhos das pessoas supersticiosas, passam por adivinhadores e feiticeiros, ao passo que são muito simplesmente pessoas dotadas de uma mediunidade espontânea e inconsciente, faculdade inerente à natureza humana, e que nada tem de sobrenatural, mas que não podem compreender aqueles que não admitem nada fora da matéria.

Essa faculdade existiu em todos os tempos, mas há a se notar que ela se desenvolve e se multiplica sob o império das circunstâncias que dão um acréscimo de atividade ao espírito, nos momentos de crise, e na aproximação dos grandes acontecimentos. As revoluções, as guerras, as perseguições de partidos e de seitas têm sempre feito nascer um grande número de videntes e de inspirados que se qualificou de iluminados.

Dr. DEMEURE.

Nota. As relações do mundo corpóreo e do mundo espiritual nada têm que espante, considerando-se que esses dois mundos são formados dos mesmos elementos, quer dizer, dos mesmos indivíduos que passam alternativamente de um para o outro. Tal que está hoje entre os encarnados da Terra, estará amanhã entre os desencarnados do espaço, e reciprocamente. O mundo dos Espíritos não é, pois, um mundo à parte, é a própria

Humanidade despojada de seu envoltório material, e que continua sua existência sob uma nova forma e com mais liberdade.

As relações entre esses dois mundos, sem cessar em contacto, fazem parte das leis naturais; a ignorância da lei que as rege foi a dificuldade de todas as filosofias; foi pela falta de conhecê-la que tantos problemas permaneceram insolúveis. O Espiritismo é a ciência dessas relações, nos dá a única chave que pode resolvê-las. Quantas coisas, graças a ele, já não são mais mistérios!

POESIAS ESPIRITAS.

PARA O TEU LIVRO.

(Sociedade de Paris, 11 de maio de 1866. - Médiun, Sr. V...)

Logo, criança, vais deixar
Este humilde teto que te viu nascer,
Para correr o mundo, afrontar
Seus perigos, e morrer talvez
Sem ter podido tocar ao porto.
Como outrora, escuta ainda
A voz que guia tua jovem idade.

Ah! meu filho, sobre teu caminho,
Muito freqüentemente, a sarça orgulhosa
Rasgará a branca mão,
E seu espinho venenoso
Fará coxear teu pé contundido,
Mais de uma vez, na pedreira.
Não importa! Será preciso, longe daqui,
Seguir a estrela que te ilumina,
E caminhar sempre avante;
Não lamentar a pátria,
Tua aldeia, teu lar ausente,
E morrer sem chorar tua vida,
Se a devesse perder um dia,
Pregando a todos por doutrina
A fé, a caridade, o amor,
Únicos deveres de tua lei divina;
Arrancando por toda a parte o orgulho,
O falso saber e o egoísmo
Que se estendem, como um lençol,
Sobre o berço do Espiritismo;
Repetindo o que a voz
De todos esses mundos invisíveis
Parece te revelar às vezes
Nos murmúrios indizíveis;
Queixando-se de um século grosseiro,
Que juntará o insulto à injúria
Quando te chamar feiticeiro,
Ou ledor de sorte;
Perdoando-lhe seu desprezo;
Tentando, pela prece,

Alinhar seus numerosos amigos
Sob tua humilde e santa bandeira.

Eu disse: Parte, meu filho, adeus;
Tua tarefa é pesada e difícil,
Mas crê e espera em teu Deus,
E tá tornar-se mais fácil.

UM ESPÍRITO POETA.

Na sessão seguinte, 18 de maio, o mesmo médium escreveu espontaneamente o que segue:

Resposta a uma crítica de meus versos intitulados: *Para o teu livro*, feita um pouco levianamente, sexta-feira última, por um desconhecido que não vejo aqui esta noite.

Num misterioso bosquezinho,
Escondido sob a nascente folhagem
De verde lilás, todos os anos
Ouvia-se na primavera
Uma graciosa toutinegra
Cantar uma fresca cançoneta.
Os pássaros do bosque vizinho
Acorriam cada manhã
Colocar-se perto dela, em silêncio,
Para escutar melhor a cadência
Que sua voz pura debulhava,
Tecia, perolizava, modulava
Com uma graça infinita.
Uma multidão admirada e exaltada
Aplaudia a diva,
Quando, por acaso, chega
Um jovem melro de negra plumagem
Que se põe a assobiar de raiva
A monótona canção
Que se admirava sem razão.
A toutinegra súbito pára,
Sorri, ao desmancha prazer:
Vós que assobiais tão bem, deveríeis bem cantar.
Não se poderia, belo melro, um dia vos escutar?
O melro, sem responder, logo se pôs em fuga.
Por quê? Adivinhai-o... boa-noite; eu, vos deixo.

ALFRED DE MUSSET.

A LAGARTA E A BORBOLETA.
Fábula do Espírito batedor de Carcassonne.

De um buquê de jasmim trabalhando os contornos,
Tremendo, uma lagarta no declínio de seus dias
Dizia a si mesma: "Estou muito doente,
Não digiro mais a folha de salada;

Apenas a couve tenta meu apetite;
Morro pouco a pouco;
É triste morrer! Vale mais não nascer.
Sem murmurar, é preciso submeter-se;
Cabe a outros, depois de mim, delinear seu campo.
- Mas tu não morrerás, disse-lhe uma borboleta;
Se tenho boa lembrança, sobre a mesma árvore
Contigo rastejei, eu sou da família;
O futuro te prepara um futuro mais feliz;
Talvez um mesmo amor nos unirá a ambas.
Espera!... do sono a passagem é rápida.
Tudo como eu o fiz, tu serás crisálida;
Como eu poderás, brilhante de cores,
Respirar o perfume das flores."
A velha respondeu: "Impostura, impostura!
Nada poderia mudar as leis da Natureza;
O espinheiro jamais se tornará jasmim.
A meus anéis quebrados, aos meus meios tão frágeis
Que hábil obreiro viria fixar as asas?
Jovem louca, segue o teu caminho.
- Lagarta! bem tocada; o possível tem seus limites,
Retomou um escargot, triunfante sobre seus cornos."
Um sapo aplaudiu. De seu ferrão, um zangão
Insultou a bela borboleta.

.....
.....

Não, não é sempre a verdade que brilha.
Neste mundo, quantos cegos de nascença
Negam a alma dos mortos.
Doutores, raciocinais
Quase como a lagarta.

DISSERTAÇÕES ESPIRITAS. OCUPAÇÕES DOS ESPÍRITOS.

(Sociedade de Paris, 16 de fevereiro de 1866. - Médium, Sr. Leymarie.)

Tendes sido tão bons a meu respeito, senhores, tão corteses para um recém-chegado, que venho ainda vos pedir alguns instantes de atenção.

Desde minha permanência no mundo dos Espíritos, estou na situação de fazer algumas anotações das quais faço meu proveito, uma vez que elas me dão a faculdade onipotente de mudar completamente minhas idéias adquiridas em minha última encarnação. Vou, pois, se mo permitirdes, vos informar de algumas dessas reflexões sugeridas pelas falsas idéias de certos detratores do Espiritismo.

Não é raro ouvir dizer de todos os detratores: Mas aqueles que fizeram a idéia feliz espírita deveriam muito nos informar sobre o trabalho dos Espíritos, reentrados na posse dessa famosa erraticidade. Têm eles um corpo correspondendo ao nosso ou um corpo fluídico? Têm a ciência infusa? Sabem mais do que nós? Então, porque tantas comunicações terra-a-terra, num francês vulgar ao alcance de todo o mundo? Mas qualquer um pode dizer o mesmo!...

Acrescentam ainda: mas, esses farsantes de Espíritos, a que ginástica se entregam, pois, sobre os balanços eternos? De que vivem eles? Com que se divertem? Mas se es-

tão no ar ambiente, ocupados a nos olhar fazer, não devem achar divertidas todas as nossas vis ações, todos os nossos ridículos pensamentos. Talvez estejam na contemplação eterna. Se eles vêem Deus, como é feita a Divindade? Que idéia podemos nos dar de sua grandeza? Ai de mim! Zombaria! repetem eles, e dizer que há pessoas supostamente sensatas, que crêem em todas essas coisas vás!

Essas idéias, e eu as ouvi repetir, e, nada como outras, ou lamentando amargamente os adeptos de uma doutrina que leva à loucura, segundo nós, sou muitas vezes chamado à explicação de uma tal aberração mental no século dezenove.

Um dia, achei-me livre como todos os meus irmãos terrenos, e encontrei-me nesse mundo que tanto me fez aumentar os ombros, eis o que vi:

Os Espíritos, segundo as faculdades adquiridas sobre a Terra, procuram o meio que lhes é próprio, a menos que, não podendo ser libertados, estejam na noite, não percebendo e não ouvindo nada, nessa terrível espera que é bem o verdadeiro inferno do Espírito.

A faculdade que tem o Espírito liberto de se dirigir por toda a parte por um simples efeito de sua vontade, permite-lhe encontrar um meio onde suas faculdades possam se desenvolver pelos contrastes e a diferença das idéias. Quando da separação do Espírito e do corpo, se é conduzido, por almas simpáticas, junto daqueles que vos esperam, prevendo a vossa chegada.

Naturalmente, fui acolhido por amigos mais incrédulos do que eu; mas como nesse mundo tão desprezível, todas as virtudes estão em evidência, todos os méritos brilham, todas as reflexões são

bem recebidas, todos os contrastes se tornam a difusão das luzes. Chamado, pela curiosidade, a visitar grupos numerosos que preparam outras encarnações estudando-lhe todos os lados que deve elucidar o Espírito chamado a retornar sobre a Terra, fiz uma grande idéia da reencarnação.

Quando um Espírito se prepara para uma nova existência, submete suas idéias às decisões do grupo ao qual pertence. Este discute; os Espíritos que o compõem vão aos grupos mais avançados ou bem sobre a Terra; procuram entre vós os elementos de aplicação. O Espírito aconselhado, fortalecido, esclarecido sobre todos os pontos poderá, doravante, se quiser, seguir seu caminho sem tropeçar. Ele terá, em sua peregrinação terrena, uma multidão de invisíveis que não o perderão de vista; tendo participado de seus trabalhos preparatórios, aplaudem seus resultados, seus esforços para vencer, sua firme vontade que, dominando a matéria, permitiu-lhe levar aos outros encarnados um contingente de aquisições e de amor, quer dizer, o bem, segundo as grandes instruções, segundo Deus, enfim, que os dita em todas as afirmações da ciência, da vegetação, de todos os problemas, enfim, que são a luz do Espírito quando ele sabe resolvê-los no sentido racional.

Pertencendo ao grupo de alguns sábios que se ocupam da economia política, aprendi a não desprezar nenhuma das faculdades das quais tanto ri outrora; compreendi que o homem, muito inclinado ao orgulho, se recusa a admitir, mesmo sem estudo, tudo o que é novo e fora de gênero de espírito. Disse-me também que muitos de meus antigos amigos faziam falsos caminhos, tomando a sombra pela realidade. No entanto, segui o conjunto dos trabalhos da Humanidade, onde nada é inútil. Compreendi mesmo a grande lei da igualdade e da equidade que Deus derramou em todo o elemento humano, e me disse que aquele que não crê em nada, e que apesar disto faz o bem e ama os seus semelhantes, sem esperança de remuneração, é um nobre Espírito, muito mais nobre do que muitos daqueles que, prevendo uma outra vida e crendo no adiantamento do Espírito, esperam uma recompensa. Aprendi, enfim, a ser tolerante, vendo essas legiões de Espíritos entregues a tantos trabalhos diversos, formigueiro inteligente que pressente Deus e procura coordenar todos os elementos do futuro. Disse-me que o homem, esse pigmeu, é de tal modo orgulhoso que se ama e se adora desprezando os outros, em lugar de se en-

tregar aos seus grandes instintos e, sobretudo, às idéias sadias e conscienciosas que ensina a vida futura, desenvolvidas pelas idéias espiritualistas e, sobretudo, pelo Espiritismo, essa lei magnífica que fortalece cada dia, cada vez mais, a solidariedade do mundo terrestre e o da erraticidade; é ele que vos inicia em nossos pensamentos, em nossas esperanças, em tudo que vos preparamos para o vosso adiantamento, para o fim desejado da geração que deve logo emigrar para as regiões superiores.

Mais uma vez, obrigado.

GUI.

Nota. Este Espírito, do qual demos uma notável comunicação na *Revista* de dezembro de 1865, página 382, era, quando vivo, um economista distinto, mas imbuído de idéias materialistas, e um dos zombadores do Espiritismo. No entanto, como era um homem avançado intelectualmente e moralmente, e procurando o progresso, não demorou muito tempo para reconhecer seu erro, e seu maior desejo passou a ser o de conduzir seus amigos ao caminho da verdade. Foi em sua intenção que ditou várias comunicações. Por profunda e lógica que seja esta, vê-se que o mundo dos Espíritos não lhe é ainda perfeitamente conhecido. Está em erro quando diz que a geração atual deve logo emigrar para as regiões superiores. Sem dúvida, no grande movimento regenerador que se opera, uma parte dessa geração deixará a Terra por mundos mais avançados; mas, como a própria Terra regenerada será mais avançada do que ela é, muitos acharão uma recompensa nela se reencarnando. Quanto aos endurecidos, que lhes são a chaga, como aí estariam deslocados e seriam um entrave ao progresso, nela perpetuando o mal, é nos mundos mais atrasados que irão esperar que a luz se faça para eles; é o que resulta da generalidade das instruções dadas a esse respeito pelos Espíritos.

SUSPENSÃO NA ASSISTÊNCIA DOS ESPÍRITOS.

(Douai, 13 de outubro de 1865.)

Num grupo modelo, como tendo e posto em prática os deveres espíritas, notou-se com surpresa que certos Espíritos de elite habituados se abstinham há algum tempo de ali dar instruções, o que motivou a pergunta seguinte:

Pergunta. De onde vem que os Espíritos elevados que nos assistem, comumente se comuniquem mais raramente a nós?

Resposta. Caros amigos, há duas causas para esse abandono do qual vos lamentais. Mas, primeiro, isso não é um abandono, não é senão um distanciamento momentâneo e necessário. Sois como escolares que, bem repreendidos e bem *providos* de repetições preliminares, são obrigados a fazer seus deveres sem o concurso dos professores; eles procuram em sua memória; espreitam um sinal, espiam uma palavra de socorro: Nada vem, nada *deve* vir.

Esperais os nossos encorajamentos, os conselhos sobre vossa conduta, sobre vossas determinações: nada vos satisfaz, porque nada deve vos satisfazer. Postes providos de ensinamentos sábios, afetuosos, de encorajamentos freqüentes, cheios de amenidade e de verdadeira sabedoria; tivestes quantidade de provas de nossa presença, da eficácia de nossa ajuda; a fé vos foi dada, comunicada; vós a agarrastes, raciocinastes, adotastes; em uma palavra, como o escolar, fostes *providos* pelo *dever*, é preciso fazê-lo sem faltas, com os vossos próprios recursos, e não mais com o nosso concurso; onde estaria vosso mérito? Não poderíamos senão vos repetir, sem cessar, a mesma coisa; cabe a vós agora aplicar o que vos ensinamos; é preciso voar com as vossas próprias asas e caminhar sem andadeiras.

A cada homem, Deus, no momento dado, fornece uma arma e uma força para continuar a vencer novos perigos. O momento em que uma força nova se revela nele, é sempre para o homem uma hora de alegria, de entusiasmo. A fé ardente aceita, então, toda

dor sem analisá-la, porque o amor não conta as dificuldades; mas depois dessa rapidez que é a festa, é preciso o trabalho, e só o trabalho; a alma se acalma, o coração se a-branda, e eis que a luta e a prova chegam; eis o inimigo, é preciso sustentar o choque; é o momento decisivo. Então, que o amor vos transporte e vos faça desdenhar a Terra! É preciso que vosso coração permaneça vitorioso dos frouxos instintos do egoísmo e do abatimento: é a prova.

Já vo-lo dissemos há muito tempo, vos advertimos que teríeis necessidade de vos estreitar, de vos unir, de vos fortalecer pela luta. O momento é chegado, nele estais. Como ireis sustentá-la? Não podemos responder mais nada, não mais do que o mestre não pode soprar ao aluno sua composição. Ganhará o prêmio? Isto depende do proveito que tiver tirado das lições que recebeu. Assim é convosco. Possuis um código de instruções suficiente para vos conduzir até um ponto determinado. Relede essas instruções, meditai-as e não peçais outras antes de tê-las seriamente aplicadas, das quais só nós somos julgadores, e quando tiverdes chegado ao ponto em que serão insuficientes, com respeito ao vosso adiantamento moral, saberemos bem vo-las dar outras.

A segunda razão dessa espécie de isolamento, da qual vos lamentais, é esta: muitos de vossos conselheiros simpáticos têm, junto de outros homens, missões análogas àquelas que quiseram primeiro cumprir junto a vós, e essa grande quantidade de evocações, das quais são o objeto, freqüentemente, os desviam de serem assíduos em vosso grupo. Vossa amiga, Madeleine, cumpre ao longe um mandato difícil, e suas solitudes, quando está junto de vós, são levadas também sobre aqueles que ela se devotou a salvar. Mas todo o vosso mundo vos retornará; reencontrareis, num tempo dado, vossos amigos reunidos como outrora, num mesmo pensamento de simpático concurso junto de seus protegidos. Ponde esse tempo em proveito para o vosso adiantamento, afim de que, quando retornarem, possam vos dizer: estamos contentes convosco.

PAMPHILLE, Espírito protetor.

Nota. Esta comunicação é uma resposta que reclamam da uniformidade do ensino dos Espíritos. Se se refletisse no número das verdades que nos ensinaram, achar-se-ia que elas oferecem um campo bastante vasto para a meditação, até que as tenhamos assimilado, e que delas tenhamos deduzido todas as aplicações. Que seria dito de um enfermo que pedisse todos os dias um novo remédio para o seu médico, sem seguir as suas prescrições? *Se os Espíritos não nos ensinam novidades todos os dias, com a ajuda da chave que nos puseram nas mãos, e das leis que nos revelaram, aprendemos, nós mesmos, cada dia coisa nova, explicando o que, para nós, era inexplicável.*

O TRABALHO.

(Extrato do jornal espirita italiano: *la Você di Dio*; traduzido do italiano.)

A medida do trabalho imposto a cada Espírito encarnado, ou desencarnado, é a certeza de ter cumprido escrupulosamente a missão que lhe foi confiada. Ora, cada um tem uma missão a cumprir: este sobre uma grande escala, aquele sobre uma menor. No entanto, relativamente, as obrigações são todas iguais e Deus vos pedirá conta do óbolo que depositou em vossas mãos. Se ganhastes um lucro, se dobrastes a quantia, certamente cumpristes com o vosso dever, porque obedestes à ordem suprema. Se, em lugar de ter aumentado esse óbolo, o perdestes, é certo que abusastes da confiança que o vosso Criador colocou em vós; também, sereis tratados como ladrão, porque tomastes e não restituístes; longe de aumentar, dissipastes. Ora, se, como acabo de dizer, cada criatura é obrigada a receber e a dar, quanto mais, Espíritas, estais obrigados a obedecer a esta lei divina, quanto deveis fazer de esforços para cumprir esse dever diante do Senhor, que vos escolheu para partilhar seus trabalhos, que vos convidou à mesa. Pensai, meus

irmãos, que o dom que vos foi feito é um dos soberanos bens de Deus. Não tireis deles vaidade, mas fazei todos os vossos esforços para merecer esse alto favor. Se os títulos que poderíeis receber de um grande da Terra, se seus favores são alguma coisa de belo aos vossos olhos, quanto mais deveríeis vos considerar felizes dos dons do senhor dos mundos; dons incorruptíveis e imperecíveis, que vos elevam acima de vossos irmãos, que serão para vós a fonte de alegrias puras e santas!

Quereis deles ser os únicos possuidores? Gostaríeis, como os egoístas, de guardar só para vós tanta felicidade e alegria? Oh! não, fostes escolhidos como depositários. As riquezas que brilham aos vossos olhos não são para vós, mas pertencem a todos os vossos irmãos em geral. Deveis, pois, aumentá-los e distribuí-los. Como o bom jardineiro que conserva e multiplica suas flores, e vos apresenta no coração do inverno as delícias da primavera; como no triste mês de novembro, nascem as rosas e os lírios, assim estais encarregados de semear e de cultivar em vosso campo moral as flores de todas as estações, flores que desafiarão o sopro do aquilão e o vento sufocante do deserto; flores que, uma vez desabrochadas sobre seus caules, não passarão e não fenecerão jamais, mas, brilhantes e vivazes, serão o emblema da verdura e das cores eternas. O coração humano é um solo fértil em afeição e em doces sentimentos, um campo cheio de sublimes aspirações quando é cultivado pelas mãos da caridade e da religião.

Oh! não reserveis só para vós esses caules sobre os quais produzam sempre tão doces frutos! Oferecei-os aos vossos irmãos, convidai-os a vir provar, sentir o perfume de vossas flores, aprender a cultivar o vosso campo; nós vos assistiremos, encontraremos frescos riachos que, correndo docemente, darão força às plantas exóticas que são os germes da terra celeste; vinde, trabalharemos convosco, compartilharemos vossa fadiga, a fim de que também vós, vós possais amontoar desses bens e deles fazer parte a outros irmãos na necessidade. Deus nos dá, e nós, reconhecendo esses dons, os multiplicamos o mais possível. Deus nos manda melhorar os outros e nós mesmos, cumprimos nossas obrigações e nos santificaremos na sua vontade sublime.

Espíritas, é a vós que me dirijo. Preparamo-vos vosso campo; agora agi de maneira que todos aqueles que dele terão necessidade, possam desfrutá-lo largamente. Lembrai-vos de que todos os ódios, todos os rancores, todas as inimizades devem desaparecer diante de vossos deveres: instruir os ignorantes, assistir os fracos, ter compaixão dos aflitos, sustentar os inocentes, lamentar aqueles que estão no erro, perdoar aos inimigos. Todas essas virtudes devem crescer abundantemente em vosso campo, e deveis implantá-las no de vossos irmãos. Recolhereis uma ampla colheita e sereis benditos de nosso Pai que está nos céus!

Meus caros filhos, quis vos dizer todas estas coisas a fim de vos encorajar para suportar com paciência todos aqueles que, inimigos da nova doutrina, procuram vos deneigrir e vos afligir. Deus está convosco, disto não duvideis. A palavra de nosso Pai celeste desceu sobre o vosso globo, como no dia da criação. Ele vos envia uma nova luz, luz cheia de esplendor e de verdade.

Aproximai-vos, ligai-vos estreitamente a ele, e segui corajosamente o caminho que se abre diante de vós.

SANTO AGOSTINHO.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OS EVANGELHOS EXPLICADOS

Pelo Sr. Roustaing (1).

(1) Os quatro Evangelhos, seguidos dos mandamentos explicados em espírito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos. Recolhidos e colocados em ordem por J.B.Roustaing, advogado da cor-

Esta obra compreende a explicação e a interpretação dos Evangelhos, artigo por artigo, com ajuda de comunicações ditadas pelos Espíritos. É um trabalho considerado, e que tem, para os Espíritas, o mérito de não estar, sobre nenhum ponto, em contradição com a doutrina ensinada por *O Livro dos Espíritos* e o dos médiuns. As partes correspondentes àquelas que tratamos em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* o são num sentido análogo. De resto, como nos limitamos às máximas morais que, quase sem exceção, são geralmente claras, elas não poderiam ser interpretadas de diversas maneiras; também foram o assunto de controvérsias religiosas. Foi por esta razão que começamos por ali a fim de ser aceito sem contestação, esperando para o resto que a opinião geral estivesse mais familiarizada com a idéia espírita.

O autor dessa nova obra acreditou dever seguir um outro caminho; em lugar de proceder por graduação, quis alcançar o objetivo de um golpe. Tratou, por certas questões que não julgamos oportuno abordar ainda, e das quais, conseqüentemente lhe deixamos a responsabilidade, assim como aos Espíritos que os comentaram. Conseqüente com o nosso princípio, que consiste em regular a nossa caminhada sobre o desenvolvimento da opinião, não daremos, até nova ordem, às suas teorias, nem aprovação, nem desaprovção, deixando ao tempo o cuidado de sancioná-las ou de contradizê-las. Convém, pois, considerar essas explicações como opiniões pessoais aos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas, e que, em todos os casos, têm necessidade da sanção do controle universal, e até mais ampla confirmação não poderiam ser consideradas como partes integrantes da Doutrina Espírita.

Quando tratarmos essas questões, o faremos sem cerimônia; mas é que, então, teremos recolhido os documentos bastante numerosos, nos ensinados *de todos os lados* pelo Espíritos, para poder falar afirmativamente e ter a certeza de estar *de acordo com a maioria*; é assim que fazemos todas as vezes que se trata de formular um princípio capital. Nós os dissemos cem vezes, para nós a opinião de um Espírito, qualquer que seja o nome que traga, não tem senão o valor de uma opinião individual; nosso critério está na concordância universal, corroborada por uma rigorosa lógica, para as coisas que não podemos controlar por nossos próprios olhos. De que nos serviria dar prematuramente uma doutrina como uma verdade absoluta, se, mais tarde, ela devesse ser combatida pela generalidade dos Espíritos?

Dissemos que o livro do Sr. Roustaing não se afasta dos princípios de *O Livro dos Espíritos* e o dos médiuns; nossas observações levam, pois, sobre a aplicação desses mesmos princípios à interpretação de certos fatos. É assim, por exemplo, que dá ao Cristo, em lugar de um corpo carnal, um corpo fluídico concretizado, tendo todas as aparências da materialidade, e dele faz um *agêneré*. Aos olhos dos homens que não teriam podido compreender, então, sua natureza espiritual, teve que passar *EM APARÊNCIA*, essa palavra é incessantemente repetida em todo o curso da obra, para todas as vicissitudes da Humanidade. Assim se explicaria o mistério de seu nascimento: Maria não teria tido senão as aparências da gravidez. Este ponto, colocado por premissa e pedra angular, é a base sobre a qual se apoia para explicação de todos os fatos extraordinários ou miraculosos da vida de Jesus.

Sem dúvida, não há aí nada de materialmente impossível para quem conhece as propriedades do envoltório perispiritual; sem nos pronunciar pró ou contra essa teoria diremos que ela é ao menos hipotética, e que, se um dia ela fosse reconhecida errada, a base sendo falsa, o edifício desmoronaria. Esperamos, pois, os numerosos comentários que ela não deixará de provocar da parte dos Espíritos, e que contribuirão para elucidar a questão. Sem prejudgá-la, diremos que já foram feitas objeções sérias a essa teoria, e

que, na nossa opinião, os fatos podem perfeitamente se explicar sem sair das condições da Humanidade corpórea.

Estas observações, subordinadas à sanção do futuro, não diminui nada a importância dessa obra que, ao lado das coisas duvidosas do nosso ponto de vista, delas encerra, incontestavelmente, boas e verdadeiras, e será consultada proveitosamente pelo Espíritos sérios.

Se o fundo de um livro é o principal, a forma não é de se desdenhar, e entra também por alguma coisa no sucesso. Achamos que certas partes são desenvolvidas muito longamente, sem proveito para a clareza. Na nossa opinião, se, limitando-se ao estrito necessário, ter-se-ia podido reduzir a obra em dois, ou mesmo em um único volume, teria ganhado em popularidade.

A VOZ DE DEUS.

A VOZ DE DEUS, *jornal ditado pelos Espíritos, à sociedade de Scordia (Sicília)* (1).

(1) Pequeno in-8, uma entrega por mês. -Preço, para a Itália: 6fr. por ano; 3fr. por seis meses. Um número, 60 cent. - Endereço: Ao senhor Dr. Gioseppe Módica, em Scordia (Sicília).

A Itália conta com uma nova publicação Espírita periódica. Esta é exclusivamente consagrada ao ensino dos Espíritos. O primeiro número não contém, com efeito, senão produções medianímicas, compreendendo mesmo o prefácio e o discurso preliminar. Eis a lista dos assuntos tratados neste número:

Prefácio, conselhos dados à Sociedade para formação do jornal. - Discurso preliminar, assinado por Santo Agostinho. - Alegoria sobre o Espiritismo. - Reverberação da alma. - Previsões. -Arrependimento de um Espírito sofredor, conversa. - O trabalho. -A morte do Cristo. - A prece coletiva. Resposta a uma pergunta proposta.

Todas essas comunicações levam uma incontestável marca de superioridade do ponto de vista da moral e da elevação dos pensamentos. Pode ser julgada por aquela sobre o *Trabalho* que publicamos acima.

Os Espíritos terão, pois, *seu jornal*, e certamente os redatores não faltarão; mas, do mesmo modo que os encarnados, os há de todos os graus de mérito; contamos com o julgamento dos *editores* para fazer uma escolha rigorosa entre essas produções de alémtúmulo, que não poderão senão ganhar em clareza e interesse, se, segundo as circunstâncias, forem acompanhadas de alguns comentários.

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

9º ANO

NO. 7

JULHO 1866

DO PROJETO DE CAIXA GERAL DE SOCORRO E OUTRAS INSTITUIÇÕES PARA OS ESPÍRITAS.

Nos grupos espíritas de Paris, um médium recebeu recentemente a comunicação seguinte, do Espírito de sua avó:

"Meu caro filho, vou falar-te um instante das questões de caridade que te preocuparam esta manhã, indo para o trabalho.

"As crianças que são entregues a amas de leite mercenárias; as mulheres pobres que são forçadas, com desprezo do pudor que lhes é caro, a servir, nos hospitais, de matéria experimental aos médicos e aos alunos de medicina, são duas grandes feridas que todos os bons corações devem se aplicar em curar, e isto não é impossível; que os Espíritas façam como os católicos, que se impõem soldos semanais e que capitalizem esses recursos, e chegarão a fundações sérias, grandes e verdadeiramente eficazes. A caridade que alivia o mal presente é uma caridade santa que encorajo com todas as minhas forças; mas a caridade que se perpetua nas fundações imortais como as misérias que ela está destinada a aliviar, está aí uma caridade inteligente e que ficarei feliz em ver posta em prática.

"Gostaria que um trabalho fosse elaborado que tivesse por objetivo criar de início um primeiro estabelecimento em proporções restritas. Quando se tivesse visto o bom resultado dessa primeira criação, passar-se-ia a uma outra, e se a aumentaria pouco a pouco como Deus quer que se a aumente, porque o progresso se realiza por uma marcha lenta, sábia, calculada. Repito que o que proponho não é difícil; não haveria um único espírito verdadeiro que ousasse faltar ao chamado para o alívio de seus semelhantes, e os Espíritas são bastante numerosos para formarem, pela acumulação do dinheiro semanal, um capital suficiente para um primeiro estabelecimento para o uso das mulheres doentes, que seriam cuidadas por mulheres, e que deixariam então de esconder seu sofrimento para salvar seu pudor.

"Entrego estas reflexões às meditações das pessoas benevolentes que assistem à sessão, e estou bem convencido que elas levarão bons frutos. Os grupos de províncias se reuniriam prontamente a uma idéia tão bela, e ao mesmo tempo tão útil e tão paternal; esse seria, aliás, um monumento do valor moral do Espiritismo tão caluniado, e que o será por muito tempo ainda com obstinação.

"Eu disse, a caridade local é boa, ela aproveita a um indivíduo, mas não eleva o espírito das massas como uma obra durável. Não seria belo que se pudesse repelir a calúnia dizendo aos caluniadores: "Eis o que fizemos. A árvore se reconhece pelo fruto; uma árvore má não dá bons frutos, e uma boa árvore não os dá maus."

"Pensai também nas pobres crianças que saem dos hospitais, e que vão morrer entre mãos mercenárias, dois crimes ao mesmo tempo: o de entregar a criança desarmada e fraca, e o crime daquele que a sacrifica sem piedade. Que todos os corações elevem seus pensamentos para as tristes vítimas da sociedade imprevidente, e

que tratem de encontrar uma boa solução para salvá-los de suas misérias. Deus quer que se tente, e dá os meios de chegar, é preciso agir; triunfa-se quando se tem a fé, e a fé transporta as montanhas. Que o Sr. Kardec trate da questão em seu jornal, e vereis como será aclamada com arrebatamento e entusiasmo.

"Eu disse que seria preciso um monumento material que atestasse a fé dos Espíritas, como as pirâmides do Egito atestam a vaidade dos Faraós; mas, em lugar de fazer loucuras, fiz obras que levem a marca do próprio Deus. Todo o mundo deve me compreender, não insisto mais.

"Retiro-me, meu caro filho; tua avó, como tu o vês, ama sempre suas criancinhas, como te amou quando eras pequenino. Quero que as ame como eu, e penses em encontrar uma boa organização; tu o podes se tu o queres, e, se for preciso, te ajudaremos. Eu te abençôo.

"Marie G...."

A idéia de uma caixa central e geral de socorro formada entre os Espíritas já foi concebida e emitida por homens animados de excelentes intenções; mas não basta que uma idéia seja grande, bela e generosa, é preciso antes de tudo que ela seja praticada. Temos, certamente, dado bastante provas de nosso devotamento à causa do Espiritismo para não ser suspeito de indiferença a esse respeito; ora, é precisamente em consequência de nossa própria solicitude que procuramos nos pôr em guarda contra o entusiasmo que cega; antes de empreender uma coisa, é preciso calcular-lhe friamente o pró e o contra, afim de evitar fracassos sempre deploráveis, que não deixariam de ser explorados por nossos adversários. O Espiritismo não deve caminhar senão com segurança, e quando põe o pé em alguma parte, deve estar seguro de ali encontrar um terreno sólido. A vitória não é sempre do mais apressado, mas mais seguramente daquele que sabe esperar o momento propício. Há resultados que não podem ser senão a obra do tempo e da infiltração da idéia no espírito das massas; saibamos, pois, esperar que a árvore esteja formada, antes de lhe pedir uma abundante colheita.

Há muito tempo nos propusemos tratar afundo a questão da qual se trata, para colocá-la sobre o seu verdadeiro terreno, e premunir contra as ilusões de projetos mais generosos do que refletidos e cujo abortamento teria consequências deploráveis. A comunicação relatada acima, e sobre a qual consentiram em nos pedir a nossa opinião, disto nos fornece a ocasião muito natural. Examinaremos pois, seja o projeto de centralização dos recursos, seja o de algumas outras instituições e estabelecimentos especiais para o Espiritismo.

Antes de tudo, convém dar-se conta do estado real das coisas. Os Espíritas, sem dúvida, são muito numerosos, e seu número cresce sem cessar: sob esse aspecto oferece um espetáculo único, o de uma propagação estranha na história das doutrinas filosóficas, porque não há nenhuma delas, sem disto excetuar o Cristianismo, que tenha reunido tantos partidários em um pequeno número de anos; este é um fato notório que confunde seus próprios antagonistas. E, o que não é menos característico, é que essa propagação, em lugar de se fazer em torno de um centro único, se opera simultaneamente sobre toda a superfície do globo e em milhares de centros. Disto resulta que os adeptos, mesmo sendo muito numerosos, não formam ainda em nenhuma parte uma aglomeração compacta.

Essa dispersão que, à primeira vista, parece uma causa de fraqueza, ao contrário, é um elemento de força. Cem mil Espíritas disseminados sobre a superfície de uma país fazem mais para a propagação da idéia do que se estivessem condensados numa cidade; cada individualidade é um foco de ação, um germe que produz rebentos; cada rebento produzindo-os ao seu turno mais ou menos, cujos ramos se reunindo pouco a pouco, cobrirão o país mais prontamente do que se a ação não partisse senão de um único ponto; é absolutamente como se um punhado de grãos fosse lançado ao vento, em lugar

de estarem colocados todos juntos na mesma cova. Por essa multidão de pequenos centros, além disso, a Doutrina é menos vulnerável do que se ela não tivesse senão um contra o qual seus inimigos poderiam dirigir todas as suas forças. Um exército primitivamente compacto que é dispersado pela força ou outra causa, é um exército perdido; aqui o caso é muito diferente: a disseminação dos Espíritas não é o fato de uma dispersão, é o estado primitivo tendendo à concentração para formar uma grande unidade; a primeira está em seu fim, a segunda em seu nascimento.

Àqueles, pois, que se lamentam de seu isolamento em uma localidade, respondemos: Agradecei ao céu, ao contrário, de vos ter escolhido pelos primeiros pioneiros da obra em vossa região. Cabe a vós lançar as primeiras sementes; talvez não germinarão logo em seguida; talvez delas não venhais a recolher os frutos; talvez mesmo tenhais de sofrer em vosso labor, mas pensai que não se roça uma terra sem trabalho, e estejais seguros de que cedo ou tarde, o que tiverdes semeado, frutificará; quanto mais a tarefa for ingrata, mais tereis mérito, não tereis mais que fazer senão abrir o caminho àqueles que virão depois de vós.

Sem dúvida, se os Espíritas devessem sempre permanecer no estado de isolamento, isto seria uma causa permanente de fraqueza; mas a experiência prova a que ponto a Doutrina é vivaz, e sabe-se que, para um ramo abatido, há deles dez que renascem. Sua generalização, portanto, é uma questão de tempo; ora, por rápida que seja sua marcha, ainda é preciso o tempo necessário, e tudo trabalhando na obra, é preciso saber esperar que o fruto esteja maduro antes de colhê-lo.

Essa disseminação momentânea dos Espíritas, essencialmente favorável à propagação da Doutrina, é um obstáculo para a execução de obras coletivas de uma certa importância, pela dificuldade, senão mesmo pela impossibilidade, de reunir sobre um mesmo ponto os elementos tão numerosos.

É precisamente, dir-se-á, para obviar este inconveniente, para estreitar os laços de confraternidade entre os membros isolados da grande família espírita, que se propôs a criação de uma caixa central de socorro. Certamente, aí está um pensamento grande e generoso que seduz à primeira vista; mas refletiu-se nas dificuldades da execução?

Uma primeira questão se apresenta. Até onde se estenderia a ação desta caixa? Seria ela limitada à França, ou compreenderia outros países? Há Espírita sobre todo o globo; é que aqueles de todos os países, de todas as castas, de todos os cultos, não são nossos irmãos? Se, pois, a caixa recebesse os donativos de Espíritas estrangeiros, o que ocorreria infalivelmente, teria ela o direito de limitar sua assistência a uma única nacionalidade? Poderia ela conscienciosamente e caridosamente, perguntar àquele que sofre, se é Russo, Polonês, Alemão, Espanhol, Italiano ou Francês? A menos de faltar ao seu título, ao seu objetivo, ao seu dever, ela deveria estender sua ação do Peru até a China. Basta pensar na complicação das engrenagens de um tal empreendimento para ver o quanto é quimérico.

Suponhamo-lo circunscrito à França, ele não seria menos uma administração colossal, um verdadeiro ministério. Quem gostaria de assumir a responsabilidade de uma tal administração de fundos? Para uma gestão dessa natureza, a integridade e o devotamento não bastariam, seria preciso uma alta capacidade administrativa. Admitamos, no entanto, as primeiras dificuldades vencidas, como exercer um controle eficaz sobre a extensão e a realidade das necessidades, sobre a sinceridade da qualidade de Espíritas? Uma semelhante instituição veria logo adeptos, ou supostamente tais, surgir por milhões, mas não seriam aqueles que alimentariam a caixa. Do momento que ela existisse, se a cria inesgotável, e ela se veria logo na impossibilidade de satisfazer a todos as exigências de seu mandato. Fundada sobre uma tão vasta escala, consideramo-la como impraticável, e, por nossa conta pessoal, não lhe daríamos a mão.

Não teria ela a temer, além disso, encontrar oposição em sua própria constituição? O Espiritismo apenas nasceu, e não está ainda por toda a parte de tal modo em odor de

santidade que esteja ao abrigo das suposições malévolas, não poderiam equivocar-se sobre suas intenções numa operação desse gênero; supor que, sob um manto, ele esconde outro objetivo; em uma palavra, das assimilações das quais se desculpariam seus adversários, para excitar a desconfiança contra ele? O Espiritismo, por sua natureza, não é, não pode ser nem uma afiliação, nem uma congregação; ele deve, pois, em seu próprio interesse, evitar tudo o que disso tiver a aparência.

É preciso, pois, que, por medo, o Espiritismo permaneça estacionário?

Não é em agindo, dir-se-á, que mostrará o que é, que dissipará as desconfianças e frustrará a calúnia? Sem nenhuma dúvida, mas não é preciso pedir à criança o que exige as forças da idade viril. Longe de servir ao Espiritismo, isso seria comprometê-lo e oferecê-lo aos golpes ou à zombaria de seus adversários, senão misturar seu nome a coisas quiméricas. Certamente, ele deve agir, mas no limite do possível. Deixemos-lhe, pois, o tempo de adquirir as forças necessárias, e então dará mais do que se crê. Ele não está mesmo ainda completamente constituído em teoria; como se quer que dê o que não pode ser senão o resultado do complemento da doutrina?

Aliás, há outras considerações às quais importa levar em conta.

O Espiritismo é uma crença filosófica, e basta simpatizar com os princípios fundamentais da Doutrina para ser Espírita. Falamos de Espíritas convictos e não daqueles que deles tomam a máscara, por motivos de interesse ou outros também pouco confessáveis; aqueles não fazem número: entre eles não há nenhuma convicção; dizem-se Espíritas hoje, pela esperança de aí encontrar suas vantagens; serão adversários amanhã, se não encontrarem o que procuram; ou bem se colocarão como vítimas de seu devotamento artificial, e acusarão os Espíritas de ingratidão e de não sustentá-los. Não seriam os últimos a explorar a caixa geral, para se levantar de especulações abortadas, ou reparar os desastres causados por sua incúria ou sua imprevidência, e a lhe lançar a pedra se não os satisfaz. Não é preciso se espantar com isto, todas as opiniões contam com semelhantes auxiliares e vêem representar semelhantes comédias.

Há também a massa considerável dos Espíritas de intuição; aqueles que o são pela tendência e pela predisposição de suas idéias, sem estudo preliminar; os indecisos, que flutuam ainda esperando os elementos de convicção que lhes são necessários; pode-se, sem exagero, avaliá-los em um quarto da população. É o grande viveiro onde se recrutam os adeptos, mas eles não se contam ainda entre eles.

Entre os Espíritas reais, aqueles que constituem o verdadeiro corpo dos adeptos, há certas distinções a fazer. Em primeira linha é preciso colocar os adeptos de coração, animados de uma fé sincera, que compreendem o objetivo e a importância da Doutrina, e aceitam-lhe todas as conseqüências por si mesmos; seu devotamento é a toda prova e sem dissimulação; os interesses da causa, que são os da Humanidade, lhes são sagrados, e jamais os sacrificarão por uma questão de amor-próprio ou de interesse pessoal; para eles o lado moral não é uma simples teoria: esforçam-se em pregar pelo exemplo; não têm somente a coragem de sua opinião: disto se fazem glória, e sabem, se necessário, pagar com a sua pessoa.

Vêm em seguida aqueles que aceitam a idéia, como filosofia, porque ela satisfaz sua razão, mas cuja fibra moral não é suficientemente tocada para compreender as obrigações que a Doutrina impõe àqueles que a assimilam. O homem velho está sempre aí, e a reforma de si mesmo lhe parece uma tarefa muito pesada; mas como eles não estão menos firmemente convencidos, e se encontram entre eles propagadores e defensores zelosos.

Depois, há pessoas levianas para quem o Espiritismo está inteiramente nas manifestações; para elas é um fato, e nada mais; o lado filosófico passa despercebido; o atrativo da curiosidade é seu principal motivo, extasiam-se diante de um fenômeno, e permanecem frias diante de uma conseqüência moral.

Há, enfim, um número ainda muito grande dos Espíritas mais ou menos sérios que não puderam se colocar acima dos preconceitos e de quem dir-se-á que o medo do ridículo retém; aqueles que as considerações pessoais ou de família, dos interesses freqüentemente respeitáveis a manejar, forçam de alguma sorte a se manterem afastados; todos aqueles, em uma palavra, que, por uma causa ou por uma outra, boa ou má, não se colocam em evidência. A maioria não pediria mais do que se confessar, mas não ousam ou não o podem; isto virá mais tarde, à medida que virem os outros fazê-lo e que não há perigo; serão os Espíritas do dia seguinte, como outros são os da véspera. No entanto, não se pode zangar-se com eles, porque precisam de uma força de caráter que não é dada a todo o mundo, para desafiar a opinião em certos casos. É preciso, pois, considerar a fraqueza humana; o Espiritismo não tem o privilégio de transformar subitamente a Humanidade, e se se pode admirar de uma coisa, é do número das reformas já operadas em tão pouco tempo. Ao passo que em uns, onde encontra o terreno preparado, ele entra por assim dizer de uma só vez, em outros não penetra senão gota a gota, segundo a resistência que encontra no caráter e nos hábitos.

Todos esses adeptos contam no número, e por imperfeitos que sejam, são sempre úteis, embora no limite restrito. Não servindo, até nova ordem, senão para diminuir as classes da oposição, isto já seria alguma coisa; é porque não é preciso desdenhar nenhuma adesão sincera, mesmo parcial.

Mas quando se trata de uma obra coletiva importante, onde cada um deve levar seu contingente de ação, como seria a de uma caixa geral, por exemplo, convém fazer entrar essas considerações em linha de conta, porque a eficácia do concurso que se pode esperar está em razão da categoria à qual pertencem os adeptos. É muito evidente que não se pode fazer grande fundo sobre aqueles que não tomam a peito o lado moral da Doutrina, e ainda menos sobre aqueles que não ousam se mostrar.

Restam, pois, os adeptos da primeira categoria; destes, certamente, pode-se tudo esperar, são os soldados da vanguarda, e que, freqüentemente, não esperam o chamado quando se trata de dar prova de abnegação e de devotamento; mas, numa cooperação financeira, cada um aí contribui segundo seus recursos e o pobre não pode dar senão o seu óbolo. Aos olhos de Deus, esse óbolo tem um grande valor, mas para as necessidades materiais não tem senão seu valor intrínseco. Diminuindo todos aqueles cujos meios de existência são limitados, aqueles que, eles mesmos, vivem do dia-a-dia de seu trabalho, o número daqueles que poderiam contribuir um pouco largamente e de maneira eficaz é relativamente restrito.

Uma observação, ao mesmo tempo interessante e instrutiva é a da proporção dos adeptos segundo as categorias. Essa proporção é sensivelmente variada, e se modifica em razão dos progressos da Doutrina; mas neste momento ela pode ser aproximadamente avaliada da maneira seguinte: 1ª categoria, Espíritas completos de coração e de devotamento, 10 sobre 100 adeptos; 2ª categoria, Espíritas incompletos, procurando mais o lado científico do que o lado moral, 25 sobre 100; 3ª categoria, Espíritas levianos, não se interessando senão pelos fatos materiais, 5 sobre 100 (esta proporção era inversa há dez anos); 4ª categoria, Espíritas não confessados ou que se escondem, 60 sobre 100.

Relativamente à posição social, podem-se fazer duas classes gerais: de uma parte, aqueles cuja fortuna é independente; de outra, aqueles que vivem de seu trabalho. Sobre 100 Espíritas da primeira categoria, há, em média, 5 ricos contra 95 trabalhadores; na segunda, 70 ricos e 30 trabalhadores; na terceira, 80 ricos e 20 trabalhadores; na quarta, 99 ricos e 1 trabalhador.

Seria, pois, iludir-se crendo que em tais condições uma caixa geral pudesse satisfazer a todas as necessidades, então que a do mais rico banqueiro para isto não bastaria; não seriam alguns milhares de francos que seriam necessários cada ano, mas milhões.

De onde vem essa diferença na proporção dos ricos e daqueles que não o são? A razão disto é bem simples; os aflitos encontram no Espiritismo uma imensa consolação que os ajuda a suportar o fardo das misérias da vida; dá-lhes a razão dessas misérias e a certeza de uma compensação. Não é, pois, surpreendente que, gozando mais do benefício, eles o apreciem mais e o tomem mais a peito do que os felizes do mundo.

Admira-se que, quando semelhantes projetos foram levados adiante, não nos tenhamos apressado em apoiá-los e patrociná-los; é que, antes de tudo, prendemo-nos às idéias positivas e práticas; o Espiritismo é para nós uma coisa muito séria para empenhá-lo, prematuramente, nos caminhos onde poderia encontrar decepções. Não há aí, de nossa parte, nem descuido, nem pusilanimidade, mas prudência e todas as vezes que estiver maduro para ir adiante, não permaneceremos atrás. Não é que nos atribuamos mais perspicácia do que aos outros; mas nossa posição nos permitindo ver o conjunto, podemos julgar o forte e o fraco melhor talvez do que aqueles que se encontram no círculo mais restrito. De resto, damos a nossa opinião, e não entendemos impô-la a ninguém.

O que vem de ser dito a respeito da criação de uma caixa geral e central de socorros, se aplica naturalmente aos projetos de fundação de estabelecimentos hospitalares e outros; ora, aqui, a utopia é mais evidente ainda. Se é fácil lançar um plano sobre um papel, não o é mais, do mesmo modo, quando se chega aos caminhos e meios de execução. Construir um edifício *ad hoc*, é já enorme, e quando estivesse feito, seria preciso provê-lo de um pessoal suficiente e *capaz*, depois assegurar a sua manutenção, porque tais estabelecimentos custam muito e não trazem nada. Não são somente grandes capitais que são necessários, mas grandes rendas. Admitamos, no entanto, que à força de perseverança e de sacrifícios chegue-se a criar, como foi dito, um pequeno modelo, quanto mínimas seriam as necessidades às quais poderia satisfazer, com relação à massa e à disseminação dos necessitados sobre um vasto território! Seria uma gota d'água no rio, e, se há tantas dificuldades para um só, mesmo numa pequena escala, seria pior tratando-se de multiplicá-los. O dinheiro assim empregado não aproveitaria, pois, em realidade, senão à alguns indivíduos, ao passo que, judiciosamente repartidos, ajudaria a um grande número de infelizes a viver.

Esse seria um modelo, um exemplo, seja; mas por que tentar criar quimeras, quando as coisas existem inteiramente feitas, todas montadas, organizadas, com os meios mais poderosos dos quais jamais possuirão os particulares? Esses estabelecimentos deixam a desejar; há abusos; não respondem a todas as necessidades, isto é evidente, e, no entanto, comparando-os com aqueles que eram a menos de um século, constata-se uma imensa diferença e um progresso constante; cada dia se vê introduzir alguma melhoria. Não se poderia, pois, duvidar que, com o tempo, novos progressos se realizarão pelas forças das coisas. As idéias espíritas, infalivelmente, devem apressar a reforma de todos os abusos, porque, melhor do que as outras, elas penetram os homens do sentimento de seus deveres; por toda a parte onde elas se introduzirem, os abusos tombarão e o progresso se realizará. É, pois, a difundi-las que é preciso se apegar: aí está a coisa possível e prática, aí está a verdadeira alavanca, alavanca irresistível quando tiver adquirido uma força suficiente para o desenvolvimento completo dos princípios e do número dos adeptos sérios. Julgando o futuro pelo presente, pode-se afirmar que o Espiritismo terá levado à reforma de muitas coisas antes que os Espíritas tenham podido acabar o primeiro estabelecimento do gênero daqueles que falamos, se jamais o empreendessem, devessem mesmo todos dar uma moeda por semana. Por que, pois, usar suas forças em esforços supérfluos, em lugar de concentrá-las sobre o ponto acessível e que deve levar seguramente ao objetivo? Mil adeptos ganhados para a causa e distribuídos em mil lugares diversos, apressarão mais a marcha do progresso do que um edifício.

O Espiritismo, disse o Espírito que ditou a comunicação acima, deve se afirmar e mostrar o que é por um monumento durável levantado à caridade. Mas de que serviria um monumento à caridade, se a caridade não está no coração? Ele o eleva um mais durável do que um monumento de pedra: é a Doutrina e suas conseqüência para o bem da Humanidade. É por aquele que cada um deve trabalhar com todas as suas forças, porque ele durará mais do que as pirâmides do Egito.

De que esse Espírito se engane, em nossa opinião, sobre esse ponto, isto não lhe rouba nada de suas qualidades; está incontestavelmente animado de excelentes sentimentos; mas um Espírito pode ser muito bom, sem ser um apreciador infalível de todas as coisas; todo bom soldado, necessariamente, não é um bom general.

Um projeto de uma realização menos quimérica é o da formação de sociedade de socorros mútuos entre os Espíritas de uma mesma localidade; mais ainda aqui não se pode escapar de algumas das dificuldades que assinalamos: a falta de aglomeração, e o número ainda restrito daqueles com os quais se pode contar por um concurso efetivo. Uma outra dificuldade vem da falsa assimilação que se faz dos Espíritas e de certas classes de indivíduos. Cada profissão apresenta uma delimitação nitidamente traçada; pode-se facilmente estabelecer uma sociedade de socorros mútuos entre pessoas de uma mesma profissão, entre as de um mesmo culto, porque se distinguem por alguma coisa de característica, e por uma posição de alguma sorte oficial e reconhecida; não é assim com os Espíritas, que não são registrados em nenhuma parte como tais, e dos quais nenhum diploma constata a crença; há-os, em todas as classes da sociedade, em todas as profissões, em todos os cultos, e em nenhuma parte constituem uma classe distinta. Sendo o Espiritismo uma crença fundada sobre uma convicção íntima *da qual não deve conta a ninguém*, não se conhece quase senão aqueles que se colocam em evidência ou freqüentem os grupos, e não o número de outro modo considerável daqueles que, sem se esconderem, não fazem parte de nenhuma reunião regular. Eis porque, apesar da certeza que se tem de que os adeptos são numerosos, freqüentemente, é difícil chegar a uma cifra suficiente quando se trata de uma operação coletiva.

Com relação às sociedades de socorros mútuos, apresenta-se uma outra consideração. O Espiritismo não forma e não deve formar classe distinta, uma vez que se dirige a todo o mundo; por seu próprio princípio ele deve estender a sua caridade indistintamente, sem perguntar da crença, porque todos os homens são irmãos; se funda instituições de caridade exclusivas para os adeptos, é forçado a dizer àquele que reclama assistência: "Sois dos nossos, e que prova disto dais? Senão, nada podemos por vós." Mereceria, assim, a censura de intolerância que se dirige a outros. Não, para fazer o bem, o Espírita não deve procurar na consciência e na opinião, e tendo diante dele um inimigo de sua fé infeliz, deve vir-lhe em ajuda no limite de suas faculdades. Será agindo assim que o Espiritismo mostrará o que é, e provará que vale mais do que aquilo que lhe opõem.

As sociedades de socorros mútuos se multiplicam de todos os lados e em todas as classes de trabalhadores. É uma excelente instituição, prelúdio do reino da fraternidade e da solidariedade do qual sente-se a necessidade; elas aproveitam os Espíritas que dela fazem parte, como em todo o mundo; por que, pois, a fundariam só para eles, de onde os outros seriam excluídos? Que ajudem a propagá-las, uma vez que são úteis; que, para torná-las melhores, façam nela penetrar o elemento espírita nela entrando eles mesmos, isto será mais aproveitável para eles e para a Doutrina. Em nome da caridade evangélica inscrita em sua bandeira, em nome dos interesses do Espiritismo, os adjuramos para evitar tudo o que pode estabelecer uma barreira entre eles e a sociedade. Quando o progresso moral tende a baixar aquelas mesmas que dividem os povos, o Espiritismo não deve levantá-las; sua essência é de penetrar por toda a parte; sua missão, de melhorar tudo que existe; ele faliria se se isolasse.

A beneficência deve, pois, permanecer individual, e, neste caso, sua ação não é mais limitada senão se ela é coletiva? A beneficência coletiva tem incontestáveis vantagens, e muito longe de dela nos afastar, nós a encorajamos. Nada é mais fácil do que praticá-la nos grupos, recolhendo por meio de cotizações regulares, ou de donativos facultativos, os elementos de um fundo de socorro; mas, então, agindo nestes círculo restrito, o controle das verdadeiras necessidades é fácil; o conhecimento que se pode delas ter permite uma partilha mais judiciosa e mais aproveitável; com uma soma módica, bem distribuída e dada *a propósito*, pode-se prestar mais serviços reais do que com uma grande quantia dada sem conhecimento de causa e, por assim dizer, ao acaso. É, pois, necessário poder se dar conta de certos detalhes, não se querendo esbanjar inutilmente seus recursos; ora, compreende-se que de tais cuidados seriam impossíveis operando-se numa vasta escala; aqui, nada de complicação administrativa, nada de pessoal burocrático; algumas pessoas de boa vontade, e eis tudo.

Não podemos, pois, senão encorajar, com todas as nossas forças, a beneficência coletiva nos grupos espíritas; conhecemo-los em Paris, na Província e na Estrangeiro, que são fundados, se não exclusivamente, pelo menos principalmente com esse objetivo, e cuja organização não deixa nada a desejar; ali, os membros devotados vão ao domicílio se informarem dos sofrimentos, e levar o que vale, algumas vezes, mais do que os socorros materiais: as consolações e os encorajamentos. Honra a eles, porque merecem bem o Espiritismo! Que cada grupo agisse assim em sua esfera de atividade, e todos juntos realizarão melhor do que não o poderia fazer uma caixa central quatro vezes mais rica.

ESTATÍSTICA DA LOUCURA.

O *Moniteur* 16 de abril de 1866, contém um relatório quinquenal dirigido ao Imperador pelo Ministro da Agricultura, do comércio e dos trabalhos públicos, sobre o estado de alienação mental na França. Esse relatório, muito extenso, sabiamente e conscienciosamente feito, é uma prova da solicitude que o Governo leva nesta grave questão de humanidade. Os documentos preciosos que ele encerra atestam uma observação atenta. Eles nos interessando tanto mais que são o desmentido formal e autêntico das acusações lançadas pelos adversários do Espiritismo, designado por eles como causa preponderante da loucura. Dele extraímos as passagens mais relevantes.

Esses documentos constata, é verdade, um crescimento considerável no número dos alienados, mas ver-se-á que o Espiritismo lhe é completamente estranho. Esse número que, nos asilos especiais, era em 1835, de 10.539, encontrava-se, em 1861, 30.229; é, pois, um aumento de 19.700 em 26 anos, sendo em média 750 por ano, assim como resulta do quadro seguinte:

Em 1 ^o de janeiro	Em 1 ^o de janeiro	Em 1 ^o de janeiro	Em 1 ^o de janeiro	Em 1 ^o de janeiro	Em 1 ^o de janeiro
1835...	10.539	1844...	16.255	1853...	23.795
1836...	11.091	1845...	17.089	1854...	24.524
1837...	11.429	1846...	18.013	1855...	24.896
1838...	11.982	1847...	19.023	1856...	25.485
1839...	12.577	1848...	19.570	1857...	26.305
1840...	13.283	1849...	20.231	1858...	27.028
1841...	13.887	1850...	20.061	1859...	27.878
1842...	15.280	1851...	21.353	1860...	28.761
1843...	15.786	1852...	22.495	1861...	30.239

O relatório constata, além disso, o fato capital de que o aumento foi progressivo, ano a ano, de 1835 a 1846, e que, desde então, esteve em decrescimento, como indica o quadro adiante:

Período de 1836 a 1841,	crescimento anual de 5,4%
de 1841 a 1846,	5,94%
de 1846 a 1851,	3,71%
- de 1851 a 1856,	3,87%
- de 1856 a 1861,	3,14%

"Em presença dessa diminuição, disse o Sr. Ministro, que igualmente produziu, como o estabelecerei mais longe, nas admissões, é provável que o crescimento inteiramente excepcional na população de nossos asilos se deterá logo.

"O número de doentes que podiam convenientemente abrigar nossos asilos era, no fim de 1860, de 31.550. O efetivo dos doentes mantidos na mesma época se elevava a 30.239.0 número de lugares disponíveis, conseqüentemente, não era senão de 1.321.

"Do ponto de vista da natureza de sua enfermidade, os doentes em tratamento em 1º de janeiro de cada um dos anos 1856 - 1861 (únicos anos para os quais a distinção foi feita) se classificam assim como se segue:

Anos.	Loucos.	Idiotas....	Cretinos.
1856.....	22.602	2.840.....	43
1857.....	23.283	2.976.....	46
1858.....	23.851	3.134.....	43
1859.....	24.395	3.443.....	40
1860.....	25.147	3.577.....	37
1861	26.450	3.746.....	43

"O fato saliente deste quadro é o aumento considerável, com relação aos loucos, do número dos idiotas tratados nos asilos. Ele foi, em cinco anos, de 32%, ao passo que, no mesmo intervalo, o efetivo dos loucos não se elevou senão de 14%. Esta diferença é a conseqüência da admissão, nos asilos, de um grande número de idiotas que permaneciam anteriormente no seio das famílias.

"Dividido por sexos, o efetivo da população total dos asilos oferece, cada ano, um excedente numérico do sexo feminino sobre o sexo masculino. Eis as cifras constatadas para os doentes presentes no fim de cada um dos anos 1854 - 1860:

Anos	Sexo masculino	Sexo feminino
1854.	12.036	12.860
1855.	12.221	13.264
1856	12.632	13.673
1857	12.930	14.098
1858	13.392	14.486
1859	13.876	14.885
1860	14.582	15.657

"A média anual, calculada sobre esse período de seis anos, é, para 100 doentes, de 51,99 mulheres e 48,10 homens. Esta desproporção dos dois sexos, que se reproduz cada ano desde 1842, com pequenas diferenças, é muito notável em presença da superioridade numérica bem constatada do sexo masculino nas admissões, onde se contam 52,91% homens doentes admitidos. Ela é devida, como foi explicado na precedente publicação, à maior mortalidade destes últimos, e, além disso, que sua permanência no asilo é notavelmente menos longa que a das mulheres.

"A partir de 1856, os doentes em tratamento nos asilos, foram classificados segundo as chances de cura que seu estado parecia oferecer. As cifras adiante resumem os fatos constatados para a categoria dos loucos em tratamento em 1- de janeiro de cada ano:

Anos	Presumivelmente Curáveis	Presumivelmente Incuráveis	Totais,
1856.	4.404	18.198	22.602
1857,	4.389	18.894	23.283
1858.	4.266	19.585	24.851
1859,	4.613	19.782	24.395
1860.	4.499	19.648	25.147

"Assim, mais dos quatro quintos dos loucos mantidos em nossos asilos não oferecem nenhuma chance de cura. Este triste resultado é a consequência da incúria ou da ternura cega da maioria das famílias, que não se separam senão o mais tarde possível de seus alienados, quer dizer, quando seu mal inveterado não deixa nenhuma esperança de cura.

"Sabe-se com que cuidado os médicos de nossos asilos de alienados, no momento da admissão de um doente, procuram determinar a causa de sua loucura, a fim de poder chegar a atacar o mal em seu princípio e aplicar-lhe um remédio apropriado à sua natureza. Tão escrupulosas, tão conscienciosas essas investigações médicas, seus resultados, não é preciso esquecer-lo, estão longe de equivalerem aos fatos suficientemente estabelecidos. Com efeito, não repousam senão sobre apreciações cuja exatidão pode oferecer diferentes circunstâncias. Primeiro, é a extrema dificuldade em descobrir, entre as diversas influências que sofreu a razão do doente, a causa decisiva, aquela da qual a alienação saiu. Mencionamos em seguida a repugnância das famílias em fazerem ao médico confidências completas. Talvez seja preciso ter em conta igualmente a tendência atual da maioria dos médicos em considerar as causas morais como inteiramente secundárias e acidentais, para atribuir de preferência o mal à causas puramente físicas.

"É sob o benefício dessas observações que vou abordar o exame dos quadros relativos às causas presumíveis da alienação dos 38.988 doentes admitidos de 1856 a 1860.

"A loucura se produziu, mais freqüentemente, sob a influência de causas físicas do que de causas morais? Eis os fatos recolhidos sobre esse ponto (eliminação feita da hereditariedade), para os loucos admitidos em cada um dos cinco anos do período 1856 - 1860:

Anos - Causas físicas.	Causas morais.
1856..... 2.730	1.724
1857..... 3.213	2.171
1858..... 3.202	2.217
1859..... 3.277	1.986
1860..... 3.444	2.259
<u>Totais, 15.866....</u>	10.357

"Segundo essas cifras, sobre 1.000 casos de loucura, 607 foram relacionados a causas físicas e 393 a causas morais. A loucura se produziria, pois, mais freqüentemente, sob influências físicas. Esta observação é comum a um e ao outro sexo, com esta diferença, todavia, de que, para as mulheres, o número de casos cuja origem foi atribuída a causas morais é relativamente mais elevado do que para os homens.

"Os 15.866 casos, onde a loucura apareceu provocada por uma causa física, se decompõe assim como se segue:

Efeito da idade (demência senil).....	2.098
Privação e miséria.....	1.008
Onanismo e abusos venéreos.....	1.026
Excessos alcoólicos.....	3.455
Vício congênito.....	474
Doenças próprias da mulher.....	1.592
Epilepsia.....	1.498
Outras doenças do sistema nervoso.....	1.136
Pancadas, quedas, feridas, etc.....	398
Doenças diversas.....	2.866
Outras causas físicas.....	<u>1.164</u>
Total.....	15.866

"Quanto aos fenômenos de ordem moral, aqueles que parecem produzir, o mais freqüentemente, a loucura, são: primeiro os desgostos domésticos e a exaltação dos sentimentos religiosos; depois vêm, em seguida, os reveses de fortuna e a ambição frustrada. Eis, de resto, o enunciado detalhado dos 10.357 casos de loucura considerados como a conseqüência imediata de diversos incidentes da vida moral:

Excesso de trabalho intelectual.....	358
Desgostos domésticos.....	2.549
Desgostos resultantes da perda da fortuna.....	851
Desgostos resultantes da perda de uma pessoa querida....	803
Desgostos resultantes da ambição frustrada.....	520
Remorsos.....	102
Cólera.....	123
Alegria.....	31
Pudor ferido.....	69
Amor.....	767
Ciúme.....	456
Orgulho.....	368
Acontecimentos políticos.....	123
Passagem súbita de uma vida ativa para uma vida inativa e <i>vice-versa</i>	82
Isolamento e solidão.....	115
Aprisionamento simples.....	113
Aprisionamento celular.....	26
Nostalgia.....	78
Sentimentos religiosos levados ao excesso.....	1.095
Outras causas morais.....	<u>1.728</u>
Totais.....	10.357

"Em suma, abstração feita da hereditariedade, resulta das observações recolhidas sobre os doentes admitidos em nossos asilos de alienados, durante o período 1856-1860, que, de todas as causas que concorrem para provocar a loucura, a mais comum é o alcoolismo. Em seguida, vêm os desgostos domésticos, a idade, as doenças de diferentes ordens, a epilepsia, a exaltação religiosa, o onanismo e as privações de todas as espécies.

"O quadro seguinte dá o número dos parálíticos, epilépticos surdos-mudos, escrofulosos e os que têm bócio entre os doentes admitidos pela primeira vez de 1856 a 1860:

	Loucos	Idiotas-cretinos.
Parálíticos.....	3.775.....	69
Epilépticos.....	1.763.....	347
Surdos-mudos.....	133	61
Escrofulosos.....	381.....	146
Portadores de bócio.....	123	32

"A loucura se complica com a paralisia muito mais freqüentemente entre as mulheres. Entre os epilépticos, há, igualmente, mais homens do que mulheres, mas numa proporção menor.

"Procurando-se agora, distinguindo-se os sexos, em algumas proporções, as curas se produziram cada ano, relativamente ao número dos doentes tratados, obtém-se os resultados que seguem:

Ano.	Homens.	Mulheres.	2 sexos.
1854	8,93 %	8,65 %	8,79 %
1855	8,92	8,81	8,86
1856	8,00	7,69	7,83
1857	8,11	7,45	7,62
1858	8,02	6,74	7,37
1859	7,69	6,71	7,19
1860	7,05	6,95	7,00

"Vê-se que, se a loucura é curável, o número proporcional das curas é ainda muito restrito, apesar das melhorias de toda natureza levadas no tratamento dos doentes e a apropriação dos asilos. De 1856 a 1860, a proporção média das curas foi, para os loucos dos dois sexos reunidos, de 8,24 sobre 100 doentes tratados. É o duodécimo somente. Esta proporção seria muito mais elevada se as famílias não tivessem o erro grave de não se separarem de seus alienados senão quando a doença já tomou proporções inquietantes.

Um fato digno de nota é que o número proporcional dos homens curados excede, cada ano, o das mulheres. Sobre 100 loucos tratados, contou-se em média, de 1856 a 1860, 8,69 curas para os homens e 7,81 somente para as mulheres, seja em torno de um nono a mais para os alienados do sexo masculino.

"Entre os 13.687 loucos saídos depois da cura, de 1856 a 1860, os há somente 9.789 para os quais se pôde determinar as influências diversas que tinham ocasionado sua afecção mental. Eis o resumo das indicações recolhidas sob esse ponto de vista:

Causas físicas.....	5.253 curados.
Causas morais.....	<u>4.536</u>
Total	9.789

"Representando por 1.000 esse número total, encontra-se que, entre 536 doentes curados, a loucura tinha sobrevivido em consequência de causas físicas, e, em 464, em consequência de influências morais. Estas proporções numéricas diferem muito sensivelmente daquelas precedentemente constatadas, naquilo que concerne às admissões de 1856 a 1860, onde se contou, sobre 1.000 admitidos, somente 393 doentes cuja loucura tinha uma causa moral. De onde resulta que essa categoria de doentes, as

curas obtidas teriam sido relativamente mais numerosas do que entre aqueles cuja loucura teve uma causa física.

"Quase a metade dos casos curados, para os quais a causa do mal foi reconhecida, era devida às circunstâncias seguintes: alcoolismo, 1.738; desgostos domésticos, 1171; doenças diversas, 761; doenças próprias da mulher, 723; exaltação dos sentimentos religiosos, 460.

"Entre 1.522 doentes curados, constatou-se uma predisposição hereditária. É uma proporção de 15% com relação ao número dos loucos curados."

Desses documentos, resulta primeiro que o crescimento da loucura, constatado desde 1835, é de perto de vinte anos anterior o aparecimento do Espiritismo na França, quando se ocupou das mesas girantes, como divertimento antes do que como coisa séria, senão desde 1852, e da parte filosófica senão desde 1857. Em segundo lugar, esse aumento seguiu cada ano numa marcha ascendente de 1835 a 1846; de 1847 a 1861, ela foi diminuindo de ano em ano; e a diminuição foi maior de 1856 a 1861, precisamente no período em que o Espiritismo tomava seu desenvolvimento. Ora, foi precisamente também por essa época que se publicavam brochuras, e que os jornais se apressavam em repetir que as casas de alienados estavam cheias de loucos espíritas, a tal ponto que várias tinham sido obrigadas a aumentar suas dependências; até que se contavam deles por mais de quarenta mil. Como se poderia tê-los mais de 40.000 então que o relatório constata um número máximo de 30.339? Em qual fonte mais certa do que da autoridade desses senhores hauriram suas informações? Provoquem uma investigação: hei-la feita tão minuciosamente quanto possível, e veja se ela lhes dá razão.

O que ressalta igualmente do relatório, é o número dos idiotas e dos cretinos, que entra por uma parte considerável na conta geral, e o aumento anual desse número, que, evidentemente, não pode ser atribuído ao Espiritismo.

Quanto às causas predominantes da loucura elas foram, como se vê, minuciosamente estudadas, e, no entanto, o Espiritismo ali não figura nem nominalmente nem por alusão. Teria ele passado despercebido se, como alguns o pretendem, tivesse só ele povoado as casas de alienados?

Não pensamos que se atribua ao ministro o pensamento de ter querido poupar os Espíritas abstendo-se de mencioná-los se tivesse tido lugar de fazê-lo. Em todos os casos, certos números viriam recusar toda a parte preponderante do Espiritismo no estado das coisas; se o fora de outro modo, as causas morais superariam em número sobre as causas físicas, ao passo que foi ao contrário o que teve lugar; o número dos alienados reputados incuráveis não seria quatro e cinco vezes maior do que os dos doentes presumidos curáveis, e a relação não diria que os quatro quintos de loucos mantidos nos asilos não oferecem nenhuma chance de cura.

Enfim, em presença do desenvolvimento que toma cada dia o Espiritismo, o ministro não diria que em razão da diminuição que se produziu, é provável que o crescimento inteiramente excepcional na população dos asilos se deterá logo.

Em resumo, esse relatório é a resposta mais peremptória que se possa fazer àqueles que acusam o Espiritismo de ser uma causa preponderante da loucura. Aqui não são nem hipóteses nem raciocínios, são números autênticos opostos a números de fantasia, fatos materiais opostos às alegações mentirosas de seus detratores interessados em desacreditá-lo na opinião.

MORTE DE JOSEPH MERY.

Um homem de talento, inteligência de elite, poeta e literato distinto, o Sr. Joseph Méry, morreu em Paris, no dia 17 de junho de 1866, com a idade de 67 anos e meio. Se bem que não fosse adepto confesso do Espiritismo, pertencia à classe numerosa

daqueles que se podem chamar *Espíritas inconscientes*, quer dizer, em quem as idéias fundamentais do Espiritismo existem no estado de intuição. A esse título, podemos, sem sair de nossa especialidade, consagrar-lhe algumas linhas que não serão inúteis à nossa instrução.

Seria supérfluo repetir aqui as informações que a maioria dos jornais publicaram, por ocasião de sua morte, sobre sua vida e sobre suas obras. Reproduziremos somente a passagem seguinte da notícia do *Siècle* (19 de junho), porque é uma justa homenagem prestada ao caráter do homem. Depois de ter enumerado seus trabalhos literários, o autor do artigo o descreve assim: "Joseph Méry se prodigalizava na conversação; falador brilhante, improvisador de estâncias e de ditos rimados, semeava os brilhantismos, os paradoxos, com uma verve infatigável; e, particularidade que o honra, jamais sacrificou ninguém a uma boa palavra, jamais deixou de ser benevolente para com todos. É um dos mais belos elogios que se pode fazer a um escritor."

Dissemos que o Sr. Méry era Espírita de intuição; acreditava não só na alma e em sua sobrevivência, no mundo espiritual que nos cerca, mas na pluralidade das existências, e esta crença era nele o resultado de *recordações*. Estava persuadido de ter vivido em Roma, ao tempo de Augusto, na Alemanha, nas índias, etc.; mesmo certos detalhes eram tão bem presentes em sua memória que descrevia com exatidão lugares que jamais viu. Foi essa faculdade que o autor do artigo precitado fez alusão quando disse: "Sua imaginação inesgotável criava os países que não tinha visto, adivinhava os costumes, pintava-lhes os habitantes com a fidelidade tanto mais maravilhosa quanto a possuía com seu desconhecimento."

Citamos os fatos mais salientes que lhe concernem sob esse aspecto, no número da *Revista* de novembro de 1864, página 328, reproduzindo, sob o título de *Recordações de existências passadas*, o artigo biográfico publicado pelo Sr. Dangeau, no *Journal litteraire*, de 25 de setembro de 1864, e que fizemos seguir de algumas reflexões. Essa faculdade era perfeitamente conhecida de seus confrades em literatura; que pensavam dela? Para alguns, isso não era senão um *singular* efeito da imaginação; mas, como o Sr. Méry era um homem estimado, de um caráter simples e reto, que se sabia incapaz de uma impostura- a exatidão de certas descrições locais fora alhures reconhecida, - e que não se podia racionalmente taxá-lo de loucura, sempre se dizendo que poderia muito ali ter alguma coisa de verdadeiro; também esses fatos foram lembrados num dos discursos que foram pronunciados sobre o seu túmulo; ora, se tivessem sido considerados como aberrações de seu espírito, se os teria passado sob silêncio. Foi, pois, em presença de um imenso concurso de ouvintes, da elite da literatura e da imprensa, numa circunstância séria e solene, uma daquelas que ordenam o maior respeito, que foi dito que o Sr. Méry recordava-se de ter vivido em várias outras épocas e o provava pelos fatos. Isto não podia deixar de dar lugar à reflexão, tanto mais que, fora do Espiritismo, muitas pessoas adotam a idéia da pluralidade das existências como sendo a mais racional. Os fatos dessa natureza, concernentes ao Sr. Méry, sendo uma das particularidades salientes de sua vida, e tendo tido ressonância por ocasião de sua morte, não poderão senão acreditá-lo.

Ora, quais são as conseqüências dessa crença, abstração feita do Espiritismo? Admitindo-se que já se viveu uma vez, pode-se, deve-se mesmo ter vivido várias vezes, e pode-se reviver depois desta existência. Revivendo-se várias vezes, isto não pode ser com o mesmo corpo; portanto, há em nós um princípio inteligente, independente da matéria, e que *conserva sua individualidade*; é, como se vê, a negação das doutrinas materialistas e panteístas. Esse princípio, ou alma, *revivendo sobre a Terra*, uma vez que pode conservar a intuição de seu passado, não pode se perder no infinito depois da morte, como se o crê vulgarmente; ela deve, no intervalo de suas existências corpóreas, permanecer no meio humanitário; devendo retomar novas existências nessa mesma Humanidade, não deve perdê-la de vista; deve seguir-lhe as peripécias: eis, pois, o mundo espiritual que nos cerca, no meio do qual vivemos, reconhecido; nesse mundo, se

encontram naturalmente nossos parentes, nossos amigos, que devem continuar a se interessar por nós, como nos interessamos por eles, e que não estão perdidos para nós, uma vez que existem e podem estar junto de nós. Eis ao que forçosamente chegam a crer, as conseqüências às quais não podem deixar de chegar aqueles que admitem o princípio da pluralidade das existências, e eis no que acreditava Méry. Que faz além disso o Espiritismo? chama *Espíritos* esses mesmos seres invisíveis, e diz que, estando em nosso meio, podem manifestar a sua presença e se comunicar aos encarnados. Quando o excesso foi admitido, isto é, pois, insensato?

Como se vê, a distância que separa o Espiritismo da crença íntima de uma multidão de pessoas é muito pouca coisa. O fato das manifestações não é mais do que um acessório e uma confirmação prática do princípio fundamental admitido em teoria. Por que, pois, alguns daqueles que admitem a base repelem o que deve servir-lhe de prova? Pela idéia falsa que dela fazem. Mas aqueles que se dão ao trabalho de estudá-lo e aprofundá-lo, logo reconhecem que estão mais perto do Espiritismo do que o crêem, e que a maioria dentre eles são Espíritas sem o saberem: não lhes falta senão o nome. Eis porque se vêem tantas idéias espíritas emitidas a cada instante por aqueles mesmos que repelem a palavra, e porque essas mesmas idéias são tão facilmente aceitas. Quando está-se numa questão de palavras, se está bem perto de se entender.

O Espiritismo, tocando em tudo, entra no mundo por uma infinidade de portas: uns a ele são conduzidos pelo fato das manifestações; outros, pela infelicidade que os fere e contra a qual encontra, nesta crença, a única consolação verdadeira; outros pela idéia filosófica e religiosa; outros, enfim, pelo princípio da pluralidade das existências. Méry, contribuindo para acreditar esse princípio num certo mundo, talvez faça mais pela propagação do Espiritismo do que se tivesse abertamente se confessado Espírita.

É precisamente no momento em que essa grande lei da Humanidade vem se afirmar por fatos e o testemunho de um homem honrado, que a Corte de Roma vem, de sua parte, desaprová-la colocando no index a *Pluralidade das existências da alma*, por Pezzani (jornal lê *Monde*, 22 de junho de 1866); essa medida terá inevitavelmente por efeito chamar a atenção sobre a questão e provocar-lhe o exame. A pluralidade das existências não é uma simples opinião filosófica; é uma *lei da Natureza* que nenhum anátema pode impedir de ser, e com a qual será preciso, cedo ou tarde, que a teologia se ponha de acordo. É insuficiente apressar-se em condenar, em nome da Divindade, uma lei que, como todas aquelas que regem o mundo, é uma obra da Divindade; é muito a temer que não seja logo essa condenação como daquelas que foram lançadas contra o movimento da Terra e os períodos de sua formação.

A comunicação seguinte foi obtida na Sociedade de Paris, em 22 de junho de 1866; (médium, Sr. Desliens).

Pergunta. Senhor Méry, não tivemos a vantagem de vos conhecer senão de reputação; mas vossos talentos e a estima merecida da qual estáveis cercado, nos fazem esperar encontrar, nas conversas que teremos convosco, uma instrução da qual seremos felizes de aproveitar todas as vezes que consentirdes vir entre nós.

As perguntas que desejaríamos vos dirigir hoje, se a época próxima de vossa morte vos permite responder, são estas:

1^ª Como se realizou para vós a passagem desta vida para a outra, e quais foram as vossas impressões entrando no mundo espiritual?

2- Quando vivo tínheis conhecimento do Espiritismo, e que pensáveis dele?

3^ª O que se diz de vossas recordações de existências anteriores é exato, e que influência essas recordações exerceram sobre vossa vida terrestre e vossos escritos?

Pensamos supérfluo vos perguntar se estais feliz em vossa nova posição; a bondade de vosso caráter e vossa honradez nos permitem esperá-lo.

Resposta. Senhores, estou extremamente tocado pelo testemunho de simpatia que quereis dar-me, e que se encerra nas palavras de vosso honorável presidente. Estou feliz por ter atendido ao vosso chamado, porque minha situação atual me afirma a realidade de um ensino do qual tinha trazido a intuição ao nascer, e também porque pensais naquilo que resta de Méry romancista, ao futuro de minha parte íntima e viva, de minha alma, enfim, ao passo que meus numerosos amigos pensavam sobretudo, em me deixando, na personalidade que os abandonava. Lançaram-me seu último adeus e me desejaram que a terra me fosse leve! Que resta de Méry para eles?... Um pouco de pó e as obras sobre o mérito das quais não fui chamado a me pronunciar... De minha vida nova, nem uma palavra!

Lembraram minhas teorias como uma das singularidades de meu caráter, a imposição de minhas convicções como um efeito magnético, um encanto que desaparece com a minha ausência; mas do Méry que sobrevive ao corpo, deste ser inteligente que dá conta hoje de sua vida de ontem, e que pensa em sua vida de amanhã, que se diz dele?... Nada!... Nisso nem mesmo pensaram... O romancista tão alegre, tão triste, tão divertido às vezes, partiu; deram-lhe uma lágrima, uma lembrança! Em oito dias, nele não se pensará mais, e as peripécias da guerra farão esquecer o retorno do pobre exilado à sua pátria.

Os insensatos! diziam há muito tempo: "Méry está doente, se enfraquece, envelhece." Como se enganam!... Eu ia para a juventude, crede-o; é a criança que chora entrando na vida, que avança para a velhice; o homem maduro que morre reencontra a juventude eterna além do túmulo!

A morte foi para mim de uma doçura inefável. Meu pobre corpo, afligido pela doença, teve algumas últimas convulsões, e tudo foi dito; mas meu Espírito saía pouco a pouco de seus cueiros, e planava ainda prisioneiro e aspirando já o infinito!... Fui libertado sem perturbação, sem abalo; não tive admiração, porque o túmulo não tinha mais véu para mim. Eu abordava uma margem conhecida; sabia que meus amigos devotados me esperavam na praia, porque não era a primeira vez que fazia essa viagem.

Como eu dizia aos meus ouvintes admirados, conhecia a Roma dos Césares; comandei como conquistador subalterno nessa mesma Gália que habitei recentemente como cidadão; ajudei a conquistar a vossa pátria; a escravizar vossos altivos ancestrais, depois parti para retemperar minhas forças na fonte da vida intelectual, para escolher novas provas e novos meios de adiantamento. Vi as margens do Ganges e as dos rios da China; assimilei essas civilizações tão diferentes da vossa e, no entanto, tão grandes, tão avançadas em seu gênero. Vivi sob a zona tórrida e nos climas temperados; estudei os costumes aqui e lá, guerreiro, poeta, escritor alternativamente, filósofo e sonhador sempre...

Esta última existência foi para mim uma espécie de resumo de todas aquelas que a precederam. Adquiri há pouco; ontem ainda, eu dispensava os tesouros acumulados por uma série de existências, de observações e de estudos.

Sim, eu era Espírita de coração e de espírito, senão de raciocínio. A preexistência era para mim um fato, a reencarnação uma lei, o Espiritismo uma verdade. Quanto às questões de detalhe, confesso de boa fé que a elas não liguei uma grande importância. Eu acreditava

na sobrevivência da alma, na pluralidade das existências, mas jamais tentei aprofundar se ela poderia, depois de ter deixado seu corpo mortal, manter, livre, relações com aqueles que estão ainda presos à cadeia. Ah! Victor Hugo disse com verdade, "a Terra não é outra coisa que a prisão do céu!..." Quebra-se algumas vezes sua cadeia, mas para retomá-la. Não se sai daqui, certamente, senão deixando aos seus guardiães o cuidado de desatar, quando o momento é chegado, os laços que nos prendem à prova.

Sou feliz, muito feliz, porque tenho consciência de ter vivido bem!

Perdoai-me, senhores, é ainda Méry o sonhador que vos fala, e permiti-me retornar numa reunião onde eu me sinta comodamente. Nela deve ter a aprender convosco, e, se quiserdes me receber no número de vosso ouvintes invisíveis, será com alegria que permanecerei entre vós, escutando, me instruindo e falando se a ocasião disso me apresente.

J. MÉRY.

PERGUNTAS E PROBLEMAS.

IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS NAS COMUNICAÇÕES PARTICULARES.

Porque os Espíritos que são evocados por um sentimento de afeição, freqüentemente, se recusam a dar provas de sua identidade?

Concebe-se todo o valor que se liga às provas de identidade da parte dos Espíritos que nos são caros; este sentimento é muito natural, e parece que, do momento em que os Espíritos podem se manifestar, lhes deve ser muito fácil atestar a sua personalidade. A falta de provas materiais é, para certas pessoas, sobretudo aquelas que não conhecem o mecanismo da mediunidade, quer dizer, a lei das relações entre os Espíritos e os homens, uma causa de dúvida e de penosa incerteza. Embora tenhamos várias vezes tratado desta questão, vamos examiná-la de novo para responder a algumas perguntas que nos são endereçadas.

Não temos nada a acrescentar ao que foi dito sobre a identidade dos Espíritos que vêm unicamente para a nossa instrução, e que deixaram a Terra há um certo tempo; sabe-se que ela não pode ser atestada de maneira absoluta, e que se deve limitar a julgar o valor da linguagem.

A identidade não pode ser constatada com certeza senão para os Espíritos partidos há pouco, dos quais se conhece o caráter e os hábitos que se refletem em suas palavras. Neles a identidade se revela por mil particularidades de detalhe. A prova ressalta algumas vezes de fatos materiais, característicos, mas, o mais freqüentemente, das próprias nuances da linguagem e de uma multidão de pequenos nada que, por serem pouco salientes, para isso não são menos significativos.

As comunicações deste gênero, freqüentemente, encerram mais provas do que se crê, e que se descobre com mais atenção e menos prevenção. Infelizmente, na maior parte do tempo não se contenta com aquilo que o Espírito quer ou pode dar; querem as provas à sua maneira; lhe pedem dizer ou fazer tal coisa, de lembrar um nome ou um fato, e isto num momento dado, sem pensar nos obstáculos que a isso se opõe às vezes, e paralisam sua boa vontade. Depois, obtém-se o que se deseja, muito freqüentemente, se quer vantagem; acha-se que não é ainda bastante concludente; depois de um fato se lhe pede um outro, depois um outro; em uma palavra, isso não é jamais bastante para se convencer. É então que, freqüentemente, o Espírito, fatigado com essa insistência, cessa completamente de se manifestar, à espera de que a convicção chegue por outros meios. Mas, muito freqüentemente também, sua abstenção lhe é imposta por uma vontade superior, como punição para o solicitador muito exigente, e também como prova para a sua fé; porque se, por algumas decepções, e por falta de obter o que se quer, e da maneira que se quer, viesse a abandonar os Espíritos, estes o abandonariam ao seu turno, deixando-o mergulhado nas angústias e nas torturas da dúvida, felizes quando seu abandono não tem conseqüências mais graves.

Mas, numa multidão de casos, as provas materiais de identidade são independentes da vontade do Espírito, e do desejo que se tem de dá-las; isto prende-se à natureza, ou ao estado do instrumento pelo qual se comunica. Há na faculdade medianímica uma variedade infinita de nuances que tornam o médium apto ou impróprio para a obtenção de tais ou tais efeitos, que, à primeira vista, parecem idênticos, e que, no entanto, dependem de influências fluídicas diferentes. O médium é como um instrumento de cordas múltiplas: ele não pode dar som pelas cordas que lhe faltam. Eis disso um exemplo notável.

Conhecemos um médium que se pode alinhar entre os de primeira ordem, tanto pela natureza das instruções que recebe, quanto pela sua aptidão em se comunicar com quase todos os Espíritos sem distinção. Muitas vezes, nas evocações particulares, ele obteve provas irrecusáveis de identidade, pela reprodução da linguagem e do caráter de pessoas que jamais conhecera. Há algum tempo, para uma pessoa que vinha de perder subitamente vários filhos, a evocação de um destes últimos, uma menina. A comunicação refletia perfeitamente o caráter da criança, e ela estava tanto mais satisfeita quanto respondia a uma dúvida do pai sobre sua posição como Espírito. No entanto, não havia senão provas de alguma sorte morais; o pai achava que um outro filho poderia falar do mesmo modo; ele queria alguma coisa que só a sua filha pudesse dizer; admirou-se, sobretudo, que ela o chamasse *pai*, em lugar do pequeno nome familiar que ela lhe deu, e que não era um nome francês, segundo esta idéia de que, uma vez que ela dizia uma palavra, poderia dizer-lhe uma outra. Tendo o pai lhe perguntado a razão disso, eis a resposta que o guia do médium deu a este respeito.

'Vossa filhinha, se bem que inteiramente desligada, não está em estado de vos fazer compreender como ocorre que ela não pode fazer o médium exprimir os termos que vos são conhecidos, que, no entanto, lhe sopra. Ela obedecia a uma lei em se comunicando, mas não a compreende bastante para explicar-lhe o mecanismo. A mediunidade é uma faculdade cujas nuances variam infinitamente, e os médiuns que tratam ordinariamente dos assuntos filosóficos não obtêm senão raramente, e sempre espontaneamente, dessas particularidades que fazem reconhecer a personalidade do Espírito de maneira evidente. Quando os médiuns desse gênero pedem uma prova de identidade no desejo de satisfazer o evocador, as fibras cerebrais tensas, pelo seu próprio desejo, não estão mais bastante maleáveis para que o Espírito as faça mover à sua vontade; segue-se que as palavras características não podem ser reproduzidas. O pensamento fica, mas a forma não existe mais. Não há, pois, nada de espantoso em que a vossa filha vos tenha chamado *pai em* lugar de vos dar a qualificação familiar à qual esperáveis. Por um médium especial, obtereis resultados que vos satisfarão; não é senão um pouco de paciência a ter.'

A alguns dias daí, esse senhor, encontrando-se no grupo de um de nossos associados, obteve de um outro médium, pela tiptologia, e em presença do primeiro, não só o nome que desejava sem que tivesse especialmente pedido, mas outros fatos de precisão notáveis. Assim a faculdade do primeiro médium, embora desenvolvida e flexível que ela fosse, não se prestava a esse gênero de produção medianímica. Ele podia reproduzir as palavras que são a tradução do pensamento transmitido, e não dos termos que exigem um trabalho especial; eis porque o conjunto da comunicação refletia o caráter e a distinção das idéias do Espírito, mas sem sinais materiais característicos. Um médium não é uma máquina própria para todos os efeitos; do mesmo modo que não se encontram duas pessoas inteiramente semelhantes no físico e no moral, não há dois médiuns cuja faculdade seja absolutamente idêntica.

Há que se notar que as provas de identidade vêm, quase sempre, espontaneamente, no momento em que menos se pensa nelas, ao passo que são muito raramente dadas a pedido de quem as faz. É capricho da parte do Espírito? Não; há uma causa material, a seguinte.

As disposições fluídicas, que estabelecem as relações entre o Espírito e o médium, oferecem nuances de uma extrema delicadeza, inapreciáveis aos nossos sentidos, e que variam de um momento a outro no mesmo médium. Frequentemente, um efeito que não é possível num instante desejado, se-lo-á uma hora, um dia, uma semana mais tarde, porque as disposições ou a energia das correntes fluídicas terão mudado. Assim o é aqui como na fotografia, onde uma simples variação na intensidade ou na direção da luz basta para favorecer ou impedir a reprodução da imagem. É que um poeta faz versos à vontade? Não; é-lhe preciso a inspiração; se não está em disposição favorável, inutilmente escavará o cérebro, ele nada obtém; perguntai-lhe, pois, por quê? Nas evocações, o Espírito deixa à sua vontade aproveitar as disposições que encontra no médium, aproveitando o momento propício; mas, quando essas disposições não existem, não pode mais do que o fotógrafo na ausência da luz. Apesar de seu desejo, não pode, pois, sempre satisfazer instantaneamente um pedido em caso de provas de identidade; é porque é preferível esperá-las do que solicitá-las.

É preciso, além disso, considerar que as relações fluídicas, que devem existir entre o Espírito e o médium, jamais se estabelecem completamente desde a primeira vez; a assimilação não se faz senão com o tempo e gradualmente. Disto resulta que, em começando, o Espírito sente sempre uma dificuldade que influi sobre a nitidez, a precisão e o desenvolvimento das comunicações; ao passo que, quando o Espírito e o médium estão habituados um com o outro, que seus fluidos são identificados, as comunicações se fazem naturalmente, porque não há mais resistência a vencer.

Vê-se por aí o quanto de considerações é preciso levar em conta no exame das comunicações; é por falta de fazê-lo, e de conhecer as leis que regem essas espécies de fenômenos, que se pede, frequentemente, o que é impossível. É absolutamente como se alguém que não conhecesse as leis da eletricidade se admirasse de que o telégrafo possa sentir as variações e as interrupções, e disto concluísse que a eletricidade não existe.

O fato da constatação da identidade de certos Espíritos é um acessório no vasto conjunto dos resultados que o Espiritismo abarca; fosse essa constatação impossível, ela não prejudicaria nada contra as manifestações em geral, nem contra as conseqüências morais que dela decorrem. É preciso lamentar aqueles que se privam das consolações que ela proporciona, por falta de terem obtido uma satisfação pessoal, porque isto seria sacrificar o todo à parte.

QUALIFICAÇÃO DE SANTO APLICADA A CERTOS ESPÍRITOS.

Num grupo da província, tendo um Espírito se apresentado sob o nome de "São José, santo, três vezes santo," isto deu lugar para colocar a pergunta seguinte:

Um Espírito, mesmo canonizado quando vivo pode-se dar a qualificação de santo, sem faltar a humildade que é um dos apanágios da verdadeira santidade, e convém, em invocando-o, dar-lhe esse título? O Espírito que o toma, deve, por esse fato, ser tido por suspeito?

Um outro Espírito respondeu:

"Deveis rejeitá-lo em seguida, porque tanto mais valeria um capitão se apresentando a vós exibindo pomposamente seus numerosos feitos de armas antes de declinar seu nome, ou um poeta que começasse por gabar seus talentos; veríeis nessas palavras um orgulho deslocado. Assim, deve sê-lo entre homens que tiveram algumas virtudes sobre a Terra e que se julgou dignos da canonização. Se se apresentam a vós com humildade, crede neles; se vêm se fazendo preceder de sua santidade, agradecei-os e não perdereis nada. O encarnado não é santo porque foi canonizado: só Deus é santo, porque só ele possui todas as perfeições. Vede os Espíritos superiores, que conheceis pela sublimidade

de seus ensinamentos, eles não ousam se dizer santos; se qualificam simplesmente de Espíritos de verdade."

Esta resposta, pede, ela mesma, algumas retificações. A canonização não implica a santidade no sentido absoluto, mas simplesmente um certo grau de perfeição. Para alguns a qualificação de santo tornou-se uma espécie de título banal fazendo parte integrante no nome, para distingui-los de seus homônimos, ou que se lhes dá por hábito. Santo Agostinho, São Luís, São Tomás, podem, pois, colocar a palavra santo diante de sua assinatura, sem que isto seja por um sentimento de orgulho, que estaria tanto mais deslocado nos Espíritos superiores que, melhor do que os outros, não fazem nenhum caso das distinções dadas pelos homens. Ocorreria o mesmo com os títulos nobiliárquicos ou os graus militares; seguramente, aquele que foi duque, príncipe ou general sobre a Terra, não o é mais no mundo dos Espíritos, e, no entanto, assinando, poderão tomar essas qualificações, sem que isto tenha consequência para seu caráter. Alguns assinam: Aquele que, quando vivo sobre a Terra, foi o duque tal. O sentimento do Espírito se revela pelo conjunto de suas comunicações e por sinais inequívocos em sua linguagem; é assim que não se pode se equivocar sobre aquele que se inicia por se dizer: "São José, santo, três vezes santo;" Só isto bastaria para revelar um Espírito impostor se adornando com o nome de São José; também pôde ver que, graças ao conhecimento dos princípios da Doutrina seu embuste não encontrou tolos no círculo onde quis se introduzir.

O Espírito que ditou a comunicação acima é, pois, muito absoluto no que concerne a qualificação de santo, e não está na verdade dizendo que o Espíritos superiores se dizem simplesmente *Espíritos de verdade*, qualificação que não seria senão um orgulho mascarado sob um outro nome, e que poderia induzir em erro se tomado ao pé da letra, porque ninguém pode se gabar de possuir a verdade absoluta, não mais do que a santidade absoluta. A qualificação de *Espírito de verdade*, não pertence senão a um e pode ser considerada como nome próprio; ela é especificada no Evangelho. De resto, esse Espírito se comunica raramente, e somente em circunstâncias especiais; deve-se manter em guarda contra aqueles que se apoderam indevidamente desse título: são fáceis de se reconhecer, pela prolixidade e pela vulgaridade de sua linguagem.

VISÃO RETROSPECTIVA DAS EXISTÊNCIAS DOS ESPÍRITOS.

A propósito do doutor Cailleux.

Um dos nossos correspondentes, de Lyon, nos escreveu o que segue:

"Fiquei surpreso que o espírito do doutor Cailleux tenha sido colocado num estado magnético para ver se desenrolar, diante dele, o quadro de suas existências passadas. (*Revista* de junho de 1866, página 175.) Isto parece indicar que o Espírito em questão não as conhecia; porque vejo em *O Livro dos Espíritos* que: "Depois da morte, a alma vê e abarca de um golpe de olhar suas emigrações passadas." (Cap. VI, n.º 243.) Este fato não parece implicar uma contradição?"

Não há ali nenhuma contradição, uma vez que o fato vem, ao contrário, confirmar a possibilidade, para o Espírito, de conhecer suas existências passadas. *O Livro dos Espíritos* não é um tratado completo do Espiritismo; não faz senão colocar-lhe as bases e os pontos fundamentais, que devem se desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação. Ele diz, em princípio, que depois da morte a alma vê suas emigrações passadas, mas não diz nem quando, nem como isto se faz: estão aí os detalhes da aplicação que estão subordinados às circunstâncias. Sabe-se que, entre os Espíritos atrasados, a visão é limitada ao presente, ou quase, como sobre a Terra; ela se desenvolve com a inteligência, e à medida que eles adquirem a consciência de sua situação. Não seria preciso crer, aliás, que, mesmo entre os Espíritos avançados, como o Sr. Cailleux, por exemplo, logo entrados no mundo espiritual, todas as coisas lhe

aparecessem subitamente como numa mudança de decoração à vista, nem que têm constantemente sob os olhos o panorama do tempo e do espaço; quanto às suas existências anteriores, eles as vêem em lembrança, como vemos, pelo pensamento, o que éramos e o que fazíamos nos anos anteriores, as cenas de nossa infância, as posições sociais que ocupamos; essa lembrança é mais ou menos precisa ou confusa, algumas vezes é nula, segundo a natureza do Espírito, e segundo o que a Providência julga a propósito de a apagar ou reavivá-la, como recompensa, punição ou instrução. É um grande erro crer que as aptidões, as faculdades e as percepções são as mesmas em todos os Espíritos; como na encarnação, eles têm as percepções morais e as que se podem chamar materiais, que variam segundo os indivíduos.

Se o doutor Cailleux tivesse dito que os Espíritos não podem ter conhecimento de suas existências passadas, aí estaria a contradição, porque isso seria a negação de um princípio admitido; longe disso afirma o fato; somente, as coisas não se passam nele de maneira diferente que em outros, sem dúvida, por motivos de utilidade para ele, e para nós é um objeto de ensino, uma vez que isso nos mostra um dos lados do mundo espiritual. O Sr. Cailleux estava morto há pouco tempo; suas existências passadas poderiam, pois, se retratarem ainda nitidamente em sua memória. Observamos, além disso, que aqui não era uma simples lembrança; era a própria visão das individualidades que tinha animado, a imagem de suas antigas formas perispirituais que se apresentava a ele; ora, o estado magnético no qual se encontrou, era provavelmente necessário à produção do fenômeno.

O *Livro dos Espíritos* foi escrito na origem do Espiritismo, numa época em que se estava longe de ter feito todos os estudos práticos que se fizeram depois; as observações ulteriores vieram desenvolver e completar os princípios dos quais havia colocado os germes, e é mesmo digno de nota que, até este dia, elas não fizeram senão confirmá-los, sem jamais contradizê-los nos pontos fundamentais.

POESIA ESPÍRITA.

A PRECE PARA OS ESPÍRITOS.

(Sociedade de Paris, 4 de maio de 1866. - Médium Sr. V...)

Estou verdadeiramente tocado por te ver, caro filho,
Às minhas ordens submetido, orar em me evocando,
E reprovar altivamente a lógica enganosa
E os vãos argumentos de uma seita orgulhosa,
Que pretende que o Espírito cumpra um dever
Vindo ao teu impulso, muito feliz de poder,
Sofrendo tua lei, fugir e deixar mais depressa
A morada aborrecida do mundo que habita,
Para voar, enfim, para essas margens sem bordas,
Que não entristecem mais a sombra e os lamentos dos mortos.
Estão ali as grandes palavras e as frases pomposas.
Mas se vêm revelar as belezas maravilhosas
Dos mundos desconhecidos, abrir os horizontes
Dos tempos, e te ensinar, em longas lições,
O princípio e o fim de tua alma imortal,
A grandeza de teu Deus, seu poder eterno,
Sua justiça infinita e seu sublime amor,
Nobre zombador, seja franco: Dirás tu que, em retorno,
Se te pede um dia uma curta prece,
Ele é muito exigente, quando, freqüentemente, sobre a Terra,
Para ter ou pagar um medíocre favor,

Se te vê, suplicante, pisar todo pudor,
E mendigar por muito tempo, como um pobre mendigo,
Suspirando, o pão que deve nutrir sua vida?
Oh! creia-me, caro filho, infeliz,! três vezes infeliz!
Àquele que sempre, esquecendo a dor
E aç lágrimas de sangue desse mundo invisível,
Escutando nossas vozes fique ainda insensível,
E não vem de joelhos
Orar a seu Deus por nós.

CASIMIR DELAVIGNE.

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

9º ANO

NO. 8

AGOSTO 1866

MAOMÉ E O ISLAMISMO.

Há, algumas vezes, sobre os homens e sobre as coisas, opiniões que se acreditam e passam ao estado de idéias recebidas, por errôneas que sejam, porque se acha mais cômodo aceitá-las inteiramente feitas. Assim o é com Maomé e sua religião, da qual não se conhece quase senão o lado legendário. O antagonismo das crenças, seja por espírito de partido, seja por ignorância, além disso, é mais para fazer ressaltar dela os pontos mais acessíveis à crítica, deixando, freqüentemente, de propósito, na sombra as partes favoráveis. Quanto ao público imparcial e desinteressado, é preciso dizer em sua defesa, que faltaram elementos necessários para julgar por si mesmo. As obras que teriam podido esclarecê-lo, escritas numa linguagem apenas conhecida de alguns raros sábios, lhe eram inacessíveis; e como, em definitivo, ali não ia para ele nenhum interesse direto, acreditou sob palavra o que se lhe disse, sem disso perguntar mais. Disso resultou que se fizeram sobre o fundador do Islamismo idéias freqüentemente falsas ou ridículas, baseadas sobre os preconceitos que não encontravam nenhum corretivo na discussão.

Os trabalhos perseverantes e conscienciosos de alguns sábios orientalistas modernos, tais como Caussin de Perceval, na França, o doutor W. Muir, na Inglaterra, G. Weil e Sprenger, na Alemanha, permitem hoje encarar a questão sob sua verdadeira luz (1-(1) Sr. Barthélemy Saint-Hilaire, do Instituto, resumiu esses trabalhos numa interessante obra, intitulada: *Maomé e o Corão*. 1 vol. ip -12. - Preço: 3 fr. 50 c. LivrariaDidier.).

Graças a eles, Maomé nos aparece todo outro do que não o fizeram os relatos populares. O lugar considerável que sua religião ocupa na Humanidade, e sua influência política, fazem hoje desse estudo uma necessidade. A diversidade das religiões foi por muito tempo uma das principais causas de antagonismo entre os povos; no momento em que têm uma tendência manifesta e se reaproximar, a fazer desaparecer as barreiras que os separam, é útil conhecer o que, em suas crenças, pode favorecer ou retardar a aplicação do grande princípio de fraternidade universal. De todas as religiões, o Islamismo é aquela que, à primeira vista, parece encerrar os maiores obstáculos a essa aproximação; desse ponto de vista, como se vê, este assunto não poderia ser indiferente aos Espíritas, e a razão pela qual cremos dever tratar aqui.

Julga-se sempre mal uma religião, tomando-se por ponto de partida exclusivo suas crenças pessoais. Porque então é difícil de se defender de um sentimento de parcialidade na apreciação dos princípios. Para compreender-lhe o forte e o fraco, é preciso vê-la de um ponto mais elevado, abarcar o conjunto de suas causas e de seus efeitos. Reportando-se ao meio onde ela nasceu, ali se encontra, quase sempre, se não uma justificativa completa, pelo menos uma razão de ser. Sobretudo, é preciso se penetrar do pensamento primeiro do fundador e dos motivos que o guiaram. Longe de nós a intenção de absolver Maomé de todas as suas faltas, nem a sua religião de todos os erros que ferem o mais vulgar bom senso; mas devemos à verdade dizer que seria tão pouco lógico julgar essa religião segundo o que dela fez o fanatismo, quanto o seria julgar o

Cristianismo segundo a maneira pela qual alguns cristãos o praticam. É bem certo que, se os mulçumanos seguissem em espírito o Corão que o Profeta lhes deu por guia, seriam, em mais de um aspecto, diferente do que são. No entanto esse livro, tão sagrado para eles, que não o tocam senão com respeito, o lêem e relêem sem parar; os fervorosos o sabem mesmo pelo coração; mas quantos há deles que o compreendem? Comentam-no, mas do ponto de vista de idéias preconcebidas das quais se fariam um caso de consciência afastar-se; não vêem nele, pois, senão o que querem ali ver. A linguagem figurada permite, aliás, encontrar nele tudo o que se quer, e os sacerdotes que, lá como em outra parte, governam pela fé cega, não procuram nele encontrar o que poderia embaraçá-los. Não é, pois, junto dos teólogos mulçumanos que é preciso ir perguntar do espírito da lei de Maomé. Os cristãos também têm o Evangelho, se bem que de outro modo explicitado do que o Corão, como código de moral, o que não impede que em nome do próprio Evangelho, que manda amar mesmo seus inimigos, se tenha torturado e queimado milhares de vítimas, e que de uma lei toda de caridade, se fez uma arma de intolerância e de perseguição. Pode-se exigir que povos ainda semi bárbaros façam uma interpretação mais sadia de suas Escrituras sagradas do que não o fazem os cristãos civilizados?

Para apreciar a obra de Maomé é preciso remontar à fonte, conhecer o homem e o povo que lhe foi dado por missão regenerar, e, somente então, compreende-se que, para o meio em que vivia, seu código religioso era um progresso real. Lancemos primeiro um golpe de vista sobre o país.

Desde tempos imemoriais, a Arábia foi povoada por uma multidão de tribos, quase todas nômade, e perpetuamente em guerra umas com as outras, suprimindo pela pilhagem o pouco de riquezas que proporcionaria um trabalho penoso sob um clima ardente. Os rebanhos eram seu principal recurso; alguns se entregavam ao comércio que se fazia por caravanas, partindo cada ano do Sul para ir à Síria ou à Mesopotâmia. O centro da península sendo mais ou menos inacessível, as caravanas se afastavam pouco das bordas do mar; as principais seguiam o Hidjâz, região que forma, sobre as bordas do mar Vermelho, uma faixa estreita comprida de quinhentas léguas, e separada do centro por uma cadeia de montanhas, prolongamento da Palestina. A palavra árabe *Hidjâz* significa barreira, e se dizia da cadeia de montanhas que borda essa região e a separa do resto da Arábia. O Hidjâz e o Yemen ao sul, são as partes mais férteis; o centro não é quase senão um vasto deserto.

Essas tribos tinham estabelecido feiras para onde se iam de todas as partes da Arábia; ali regulavam-se os negócios comuns; as tribos inimigas trocavam seus prisioneiros de guerra, e esvaziavam, freqüentemente, suas diferenças por árbitros. Coisa singular, essas populações, por bárbaras que eram, se apaixonavam pela poesia. Nos seus lugares de reunião, e durante os intervalos de lazer que deixava o cuidado dos negócios, ali se rivalizavam os poetas mais hábeis de cada tribo; o concurso era julgado pelos assistentes, e era para uma tribo uma grande honra obter a vitória. As poesias, de um mérito excepcional, eram transcritas em letras de ouro, e pregadas nos muros sagrados da Caaba, em Meca, de onde lhe veio o nome de *Moudhahabat*, ou poemas dourados.

Como para ir a essas feiras e delas voltar com segurança, era preciso um certo tempo, havia quatro meses do ano em que os combates eram interditados, e em que não se podia inquietar as caravanas e os viajantes. Combater durante esses meses reservados era considerado como um sacrilégio que provocava as mais terríveis represálias.

Os pontos de parada das caravanas, que se detinham nos lugares onde encontravam água e árvores, se tornaram os centros onde se formaram pouco a pouco as cidades, cujas duas principais, no Hidjâz, são a Meca e Yathrib, hoje Médine.

A maioria dessas tribos pretendia descender de Abraão; também esse patriarca gozava de grande honra entre elas. Sua língua, pelas suas relações com o hebraico, atestava com efeito uma comunhão de origem entre o povo árabe e o povo judeu; mas não parecia menos certo de que o sul da Arábia teve seus habitantes indígenas.

Era, entre essas populações, uma crença tida por averiguada que a famosa fonte de Zemzem, no vale da Meca, era a que fez jorrar o anjo Gabriel, quando Agar, perdida no deserto, ia perecer de sede com seu filho Ismael. A tradição contava igualmente que Abraão, tendo vindo ser seu filho exilado, tinha construído com suas próprias mãos, não longe dessa fonte, a *Caaba*, casa quadrada de nove côvados de alto por trinta e dois de comprimento e vinte e dois de largura (1-(1) O côvado equívale a mais ou menos 45 centímetros. É uma medida natural dos antigos, e que tinha por base a distância do cotovelo à extremidade dos dedos.). Essa casa, religiosamente conservada, tornou-se um lugar de grande devoção, que se fazia um dever visitar, e que foi transformada em templo. As caravanas ali se detinham naturalmente, e os peregrinos aproveitavam sua companhia para viajarem com mais segurança. Assim é que a peregrinação à Meca existiu de tempos imemoriais; Maomé não fez senão consagrar e tornar obrigatório um uso estabelecido. Para isto teve um fim político que veremos mais tarde.

Em um dos ângulos exteriores do templo está incrustada a famosa pedra *negra*, trazida dos céus, diz-se, pelo anjo Gabriel, para marcar o ponto onde deviam começar as viagens que os peregrinos deviam realizar sete vezes ao redor da Caaba. Pretende-se que, na origem, essa pedra era de uma brancura deslumbrante, mas que os toques dos pecadores a enegreceram. No dizer dos viajantes que a viram, ela não tem mais seis polegadas de alto por oito de comprimento; parece ser um simples pedaço de basalto, ou talvez um aerolito, o que explicaria sua origem celeste, segundo as crenças populares.

A Caaba, construída por Abraão, não tinha porta que a fechasse e estava no nível do solo; destruída pela invasão de uma torrente pelo ano 150 da era cristã, foi reconstruída e elevada acima do nível do solo para pô-la ao abrigo de semelhantes acidentes; perto de cinqüenta anos mais tarde, um chefe de tribo do Yémen colocou-lhe uma cobertura de tecidos preciosos, e lhe fez colocar uma porta com uma fechadura para pôr em segurança os donativos preciosos que acumulava, sem cessar, a piedade dos peregrinos.

A veneração dos Árabes pela Caaba, e o território que a rodeava, era tão grande que não tinham ousado ali construir habitações. Esse recinto tão respeitado, chamado o Haram, compreendia todo o vale da Meca, cuja circunferência é de perto de quinze léguas. A honra de guardar esse templo venerado era muito invejada; as tribos a disputavam, e, o mais freqüentemente, essa atribuição era um direito de conquista. No quinto século, Cossayy, chefe da tribo dos Coraychitas, quinto ancestral de Maomé, tendo-se tornado senhor de Haram, e tendo sido investido do poder civil e religioso, fez construir para si um palácio ao lado da Caaba, e permitiu àqueles de sua tribo ali se estabelecerem. Foi assim que foi fundada a cidade de Meca. Parece que foi ele que, o primeiro, fez colocar na Caaba uma cobertura de madeira. A Caaba está hoje no recinto de uma mesquita, e a Meca é uma cidade de mais ou menos quarenta mil habitantes, depois de ter tido, diz-se, cem mil.

No princípio, a religião dos Árabes consistia na adoração de um Deus único, às vontades do qual o homem devia estar completamente submetido; essa religião era a de Abraão, chamava-se *Islam*, e aqueles que a professavam se diziam *Muçulmanos*, quer dizer, submetidos à vontade de Deus. Mas, pouco a pouco, o puro Islam degenerou-se em uma grosseira idolatria; cada tribo teve seus deuses e seus ídolos, que defendia com todo o exagero pelas armas, para provar a superioridade de seu poder; esteve aí, muito freqüentemente entre elas, as causas ou o pretexto de guerras longas e obstinadas.

A fé de Abraão, portanto, tinha desaparecido entre esses povos, apesar do respeito que conservavam por sua memória, ou pelo menos ela estava de tal modo desfigurada,

que não existia mais em realidade. A veneração pelos objetos considerados como sagrados tinha descido ao mais absurdo fetichismo; o culto da matéria tinha substituído o do espírito; atribuía-se um poder sobrenatural aos objetos mais vulgares consagrados pela superstição, a uma imagem, a uma estátua; o pensamento, tendo abandonado o princípio por seu símbolo, a piedade não era mais do que uma série de práticas exteriores minuciosas, cuja menor infração era considerada como um sacrilégio.

No entanto, encontrava-se ainda, em certas tribos, alguns adoradores do Deus único, homens piedosos que praticavam a mais inteira submissão à sua vontade suprema, e repeliavam o culto dos ídolos; eram chamados *Hanyfes*; eram os verdadeiros muçulmanos, aqueles que tinham conservado a fé pura do Islam; mas eram pouco numerosos e sem influência sobre o espírito das massas. Colônias judias tinham se estabelecido, há muito tempo, no Hydjâz e ali tinham conquistado um certo número de prosélitos ao judaísmo, principalmente entre os hanifes. O Cristianismo ali teve também seus representantes e seus propagadores nos primeiros séculos da nossa era, mas nem uma nem a outra dessas duas crenças ali não produziram raízes profundas e duráveis; a idolatria tinha ficado a religião dominante; ela convinha mais, pela sua diversidade, à independência turbulenta e à divisão infinita das tribos, que a praticavam com o mais violento fanatismo. Para triunfar dessa anarquia religiosa e política, era preciso um homem de gênio, capaz de se impor por sua energia e sua firmeza, bastante hábil para participar dos costumes e do caráter desses povos, cuja missão fosse revelada, aos seus olhos, pelo prestígio de suas qualidades de profeta. Este homem foi Maomé.

Maomé nasceu em Meca, em 27 de agosto de 570 da era cristã, no ano dito do elefante. Não era, como se crê vulgarmente, um homem de uma condição obscura. Ao contrário, ele pertencia a uma família poderosa e considerada da tribo dos Coraychitas, uma das mais importantes da Arábia, e a que dominava, então, a Meca. Fazem-no descender, em linha direta, de Ismael, filho de Abraão, e de Agar. Seus últimos ancestrais, Cossayy, Abd-Ménab, Hachim e Abd-el-Moutalib seu avô, estando ilustrados por eminentes qualidades e as altas funções que tinham cumprido. Sua mãe, Amina, era de uma nobre família coraichite e descendia também de Cossayy. Seu pai Abd-Allah, morreu dois meses antes de seu nascimento, foi educado com muito carinho por sua mãe, que o deixou órfão com a idade de seis anos; depois, por seu avô Abd-el-Moutalib, com o qual muito se afeiçoava e, freqüentemente se comprazia em lhe predizer altos destinos, mas que, ele mesmo, morreu dois anos depois.

Apesar da classe que sua família tinha ocupado, Maomé passou sua infância e sua juventude num estado vizinho da miséria; sua mãe tinha lhe deixado, por toda herança um rebanho de carneiros, cinco camelos e uma fiel escrava negra, que o tinha cuidado, e pela qual conservou sempre um vivo apego. Depois da morte de seu avô, ele foi recolhido por seus tios, cujos rebanhos ele guarda até a idade de vinte anos; acompanhava-os também em suas expedições guerreiras contra as outras tribos; mas, sendo de um humor doce e pacífico, nelas não tomava parte ativa, no entanto, sem fugir nem temer o perigo, e se limitava a ir recolher suas flechas. Quando chegou ao cume de sua glória gostava de lembrar que Moisés e David, ambos profetas, tinham sido pastores como ele.

Tinha o espírito meditativo e sonhador; seu caráter, de uma solidez e de uma maturidade precoces, junto a uma extrema eqüidade, a um perfeito desinteresse e a costumes irrepreensíveis, adquiriram-lhe uma tal confiança da parte de seus companheiros que o designavam pelo sobrenome de *El-Amin*, "homem seguro, homem fiel;" e, embora jovem e pobre, era convocado às assembléias da tribo para os negócios mais importantes. Ele fazia parte de uma associação formada entre as principais famílias coraychitas, tendo em vista prevenir as desordens da guerra, proteger os fracos e lhes fazer justiça. Se fez sempre glória por nisso ter concorrido, e, nos últimos anos de sua vida, considerava-se como sempre ligado pelo juramento que tinha prestado a esse respeito em sua juventude. Dizia que estava pronto para responder ao chamado que lhe

fizesse o homem mais obscuro em nome desse juramento, e que não queria, pelos mais belos camelos da Arábia, faltar à fé que tinha jurado. Por esse juramento, os associados juravam diante de uma divindade vingativa, que tomariam a defesa dos oprimidos, e que perseguiriam a punição dos culpados enquanto tivesse uma gota d'água no Oceano.

No físico, Maomé era de um talhe um pouco acima da média, fortemente constituído; a cabeça muito grande; sua fisionomia, marcada por uma seriedade doce, sem ser bela, era agradável e respirava a calma e a tranqüilidade.

Com a idade de vinte e cinco anos esposou sua prima Khadidja, rica viúva, mais velha do que ele pelo menos quinze anos, da qual tinha conquistado a confiança pela probidade inteligente que tinha empregado na condução de uma de suas caravanas. Era uma mulher superior; essa união, que durou vinte e quatro anos, e que não acabou senão com a morte de Khadidja, com a idade de sessenta e quatro anos, foi constantemente feliz; Maomé tinha então quarenta e nove anos, e essa perda lhe causou uma dor profunda.

Depois da morte de Khadidja, seus costumes mudaram; esposou várias mulheres; delas teve doze ou treze em legítimo matrimônio, e, em sua morte, deixou nove viúvas. Incontestavelmente, esse foi um erro capital, do qual veremos mais tarde as deploráveis conseqüências.

Até a idade de quarenta anos sua vida pacífica não oferece nada de saliente. Um único fato o tirou um instante da obscuridade; ele tinha então trinta e cinco anos. Os Coraychitas resolveram reconstruir a Caaba, que ameaçava ruína. Não foi senão com uma grande dificuldade que se apaziguou, pela repartição dos trabalhos, as diferenças suscitadas pela rivalidade das famílias que queriam deles participar. Essas diferenças se revelavam com uma extrema violência quando se tratava de recolocar a famosa pedra negra; ninguém querendo ceder seu direito, os trabalhos tinham sido interrompidos, e todas as partes corriam às armas. Sobre a proposta do decano, convencionou-se nisso estar de acordo com a decisão da primeira pessoa que entrasse na sala das deliberações: essa foi Maomé. Desde que foi visto, todos exclamaram: "*El-Amin! El-Amin!* o homem seguro e fiel," e esperou-se seu julgamento. Pela sua presença de espírito, ele resolveu a dificuldade. Tendo estendido seu manto na terra, ali colocou a pedra, e chamou quatro dos principais chefes facciosos para pegá-la cada um por um canto e levantá-la todos juntos até a altura que a pedra deveria ocupar, quer dizer, a quatro ou cinco pés acima do solo. Tomou-a, então, e colocou-a em sua própria mão. Os assistentes se declararam satisfeitos, e a paz foi restabelecida.

Maomé gostava de passear sozinho nas cercanias da Meca, e, cada ano, durante os meses sagrados de trégua, se retirava sobre o monte Hire, numa gruta estreita, onde se entregava à meditação. Ele tinha quarenta anos quando, em um de seus retiros, teve uma visão durante seu sono. O anjo Gabriel lhe apareceu, mostrando-lhe um livro que lhe ordenava ler. Três vezes Maomé resistiu a essa ordem, e não foi senão para escapar ao constrangimento exercido sobre ele, que consentiu em lê-lo. Em seu despertar ele sentiu, diz-se, "que um livro tinha sido escrito em seu coração." O sentido dessa expressão é evidente; ela significa que teve a inspiração de um livro; mas, mais tarde, foi tomada ao pé da letra, como ocorre, freqüentemente, às coisas ditas em linguagem figurada.

Um outro fato prova a quais erros de interpretação podem conduzir a ignorância e o fanatismo. Maomé disse em alguma parte, no Corão: "Não abrimos teu coração, e tirado o fardo de tuas costas?" Estas palavras aproximadas de um acidente ocorrido a Maomé quando estava em amamentação, deram lugar à fábula, acreditada entre os crentes, e ensinada pelos sacerdotes como um fato miraculoso, de que dois anjos abriram o ventre do elefante e tiraram de seu coração uma mancha negra, sinal do pecado original. É preciso acusar Maomé desses absurdos, ou aqueles que não o compreenderam? Ocorreu o mesmo com uma multidão de contos ridículos sobre os quais é acusado de ter apoiado sua religião. É porque não hesitamos em dizer que um cristão esclarecido e imparcial está

mais em condições de dar uma interpretação sadia do Corão do que um muçulmano fanático.

O que quer que isso seja, Moamé foi profundamente perturbado em sua visão, que se apressa em contar à sua mulher. Tendo retornado sobre o monte Hira preso na mais viva agitação, acreditou-se possuído dos Espíritos malignos, e, para escapar ao mal que temia, ia precipitar-se do alto de um rochedo, quando uma voz vinda do céu se fez ouvir e lhe disse: "Ó Maomé! Tu és o enviado de Deus; eu sou o anjo Gabriel." Levantando então seus olhos, ele viu o anjo sob uma forma humana, que desapareceu pouco a pouco no horizonte. Essa nova visão não fez senão aumentar a sua perturbação; dela deu conhecimento a Khadidja, que se esforçou por acalmá-lo; mas, pouco tranqüila ela mesma, foi encontrar seu primo Varaka, velho conhecido por sua sabedoria e convertido ao Cristianismo, que lhe disse: "Se o que vens de me dizer for verdade, seu marido foi visitado pelo grande *Nâmous*, que outrora visitou Moisés; ele será o profeta de seu povo. Anuncia-lho, e que ele se tranqüilize." Depois de algum tempo daí, Varaka, tendo encontrado Maomé, contou suas visões para ele, e lhe repetiu as palavras que havia dito à sua mulher, acrescentando: "Serás tratado como impostor; serás expulso; serás violentamente combatido. Que eu não possa viver, até essa hora, para te assistir nessa luta!"

O que resulta desses fatos e de muitos outros, é que a missão de Maomé não foi um cálculo premeditado de sua parte; ela foi confirmada por outros quando ela não o fora ainda por ele; disto precisou de muito tempo para ser persuadido; mas desde que o foi, tomou-a mais a sério. Para convencer a si próprio, desejava uma nova aparição do anjo, que se fez ouvir dois anos, segundo uns, e seis meses, segundo outros. É este intervalo de incerteza e de hesitação que os muçulmanos chamam o *fitreh'*, durante todo esse tempo seu espírito esteve preso às perplexidades e aos medos mais vivos. Parecia-lhe que ia perder a razão, e essa era também a opinião de alguns daqueles que o cercavam. Estava sujeito a desmaios e síncope que os escritores modernos atribuíram, sem outras provas senão sua opinião pessoal, a ataques de epilepsia, e que poderiam bem ser antes o efeito de um estado extático, cataléptico ou sonambúlico espontâneo. Nesses momentos de lucidez extra corpóreo, se produziam, freqüentemente, como se sabe, fenômenos estranhos dos quais o Espiritismo dá perfeitamente conta. Aos olhos de certas pessoas, ele deveria passar por louco; outros viam nesses fenômenos, singulares para ele, alguma coisa de sobrenatural, que colocava o homem acima da humanidade. "Quando se admite a ação da Providência sobre os assuntos humanos, disse o Sr. Barthélemy Saint-Hilaire (página 102), não se pode recusar em procurar também nessas inteligências dominadoras que aparecem, de longe em longe, para esclarecer e conduzir o resto dos homens."

O Corão não é uma obra escrita por Maomé, maduramente e de maneira seguida, mas o resumo feito por seus amigos das palavras que pronunciou quando estava inspirado. Nesses momentos, dos quais não era o senhor, ele caía num estado extraordinário e assustador; o suor corria de sua frente; seus olhos se tornavam vermelhos de sangue; dava gemidos, e a crise terminava, o mais freqüentemente, por uma síncope que durava mais ou menos tempo, o que lhe acontecia algumas vezes no meio da multidão, e mesmo quando estava sobre seu camelo, tão bem quanto em sua casa. A inspiração era irregular e instantânea, e não se podia prever o momento em que dela seria apoderado.

Segundo o que conhecemos hoje desse estado por uma multidão de exemplos análogos, é provável que, sobretudo no princípio, ele não tinha consciência do que dizia, e que se as suas palavras não tivessem sido recolhidas, teriam se perdido; mas, mais tarde, quando tomou a sério seu papel de reformador, é evidente que falou mais em conhecimento de causa, e mistura às inspirações o produto de seus próprios pensamentos, segundo os lugares e circunstâncias, as paixões e os sentimentos que o

agitavam, tendo em vista o objetivo que queria alcançar, tudo em crendo, talvez de boa fé, falar em nome de Deus.

Esses fragmentos destacados, recolhidos em diversas épocas, e em número de 114, formam no Corão outro tanto de capítulos chamados *sourates*; ficaram esparsos durante sua vida, e não foi senão depois de sua morte que foram juntados em corpo oficial de doutrina, pelos cuidados de Abou-Becr e de Ornar. Dessas inspirações súbitas, recolhidas à medida que ocorriam, resultou uma falta absoluta de ordem e de método; os assuntos mais disparatados ali são tratados desordenadamente, freqüentemente no mesmo versículo, e apresentam uma tal confusão e tão numerosas repetições, que uma leitura seguida dele é penosa e fastidiosa para todo outro senão os fiéis.

Segundo a crença vulgar, tornada artigo de fé, as folhas do Corão foram escritas no céu e trazidas todas feitas a Maomé pelo anjo Gabriel, porque numa passagem ele disse: "Teu Senhor é poderoso e misericordioso, e o Corão é uma revelação do senhor do universo. O espírito fiel (o anjo Gabriel) a trouxe do alto, e a depositou em teu coração, ó Maomé, para que fosses apóstolo." Maomé se exprime da mesma maneira com respeito ao livro de Moisés e ao Evangelho; ele disse (versículo III, número 2): "Ele fez descer do alto o Pentateuco e o Evangelho, para servir de direção aos homens;" querendo dizer por aí que esses dois livros tinham sido inspirados por Deus a Moisés e a Jesus, como Ihe tinha inspirado o Corão.

Suas primeiras pregações foram secretas durante dois anos, e, nesse intervalo, ele reuniu perto de cinqüenta adeptos entre os membros de sua família e seus amigos. Os primeiros convertidos à fé nova foram Khadidja, sua mulher; Ali, seu filho adotivo, com a idade de dez anos; Zeíd, Varaka e Abou-Becr, seu amigo mais íntimo, que deveria ser seu sucessor. Tinha quarenta e três anos quando começou a pregar publicamente, e, desde esse momento, realizou-se a predição que Ihe tinha feito Varaka. Sua religião, fundada sobre a unidade de Deus e a reforma de certos abusos, sendo a ruína da idolatria e daqueles que dela viviam, os Coraychitas, guardiães da Caaba e do culto nacional, se levantaram contra ele. De início era tratado de louco; depois foi acusado de sacrilégio; amotinou-se o povo; foi perseguido, e a perseguição se tornou tão violenta que seus partidários deveram, por duas vezes, procurar um refúgio na Abissínia. No entanto, aos ultrajes ele opunha sempre a calma, o sangue frio e a moderação. Sua seita cresceu, e seus adversários, vendo que não podiam reduzi-la pela força, resolveram desacreditá-lo pela calúnia. A zombaria e o ridículo não Ihe foram poupados. Os poetas, como se viu, eram numerosos entre os Árabes; eles manejavam habilmente a sátira, e seus versos eram lidos com avidez; era o meio empregado pela crítica malévola, e não faltaram à de dele se servir contra ele. Como resistia a tudo, seus inimigos recorreram, enfim, aos complôs para fazê-lo perecer, e não pôde escapar senão pela fuga ao perigo que o ameaçava. Foi então que se refugiou em *Yathrib*, chamado depois *Médine (Médinet-en-Nabi*, cidade do Profeta), no ano 622, e é dessa época que data a *Hégireou* era dos muçulmanos. Ele tinha enviado antes a essa cidade, por pequenos grupos para não despertar suspeitas, todos os seus partidários da Meca, e se retirou primeiro, com Abou-Becr e Ali, seus discípulos mais devotados, quando soube os outros em segurança.

Dessa época data também, para Maomé, uma nova fase de sua existência; de simples profeta que era, foi constrangido a se tornar guerreiro.

(Continua no próximo número.)

OS PROFETAS DO PASSADO.

Uma obra intitulada *Os Profetas do passado*, por Barbey d' Aurévilly, contém o elogio de Joseph de Maistre e de de Bonald, porque permaneceram ultramontanos toda a

sua vida, ao passo que Chateaubriand nela é censurado e Lamennais insultado e apresentado sob um aspecto odioso.

A passagem seguinte mostra em que espírito foi concebido esse livro.

"Neste mundo, onde o espírito e o corpo estão unidos por um indissolúvel mistério, o *castigo corpóreo tem sua razão espiritual de existir*, porque o homem não está encarregado de desdobrar a criação. Pois bem! se em lugar de queimar os escritos de Lutero, *cujas cinzas recaem sobre a Europa como uma semente*, se se tivesse *queimado o próprio Lutero*, o mundo estaria salvo pelo menos por um século. Lutero queimado, vai se gritar; mas não me prendo essencialmente à heresia, contanto que o erro seja suprimido em sua manifestação do momento, e em sua manifestação contínua, quer dizer, o *homem* que a disse ou escreveu, e que a chama verdade. É muito para os cordeiros da anarquia *que não balem senão a liberdade!* Um homem de gênio, o mais positivo que tenha vivido desde Machiavel, e que não era de todo católico, mas ao contrário um pouco liberal, dizia, com uma brutalidade de uma decisão necessária: "Minha política é *de matar dois homens*, quando necessário, para salvar três deles." Ora, *matando Lutero*, não será três homens que se salvará ao preço de dois: serão milhares de homens ao preço de um só. De resto, a mais do que economia do sangue dos homens, é o respeito da consciência e da inteligência do gênero humano. Lutero fazia o uma e a outra. Depois, quando há um ensino e uma fé social, -- era o catolicismo então, -- é preciso muito os proteger e defendê-los, sob pena de perecer um dia ou o outro como sociedade. Daí os tribunais e as instituições para conhecerem dos delitos contra a fé e o ensinamento. *A inquisição é, pois, de necessidade lógica numa sociedade qualquer.*"

Se os princípios que acabamos de citar não fossem senão a opinião pessoal do autor dessa obra, não haveria mais do que se preocupar nela senão de muitas outras excentricidades; mas ele não fala só em seu nome, e o partido do qual se fez o órgão, não os desaprovando, lhe dá ao menos uma decisão tácita. De resto, não é a primeira vez que, em nossos dias, essas mesmas doutrinas são publicamente preconizadas, e não é senão muito verdadeiro que elas constituem ainda hoje a opinião de uma certa classe de pessoas. Se com ela não se comove mais, é que a sociedade tem muita consciência de sua força para com isso se assustar. Todos compreendem que tais anacronismos, antes de tudo, prejudicam aqueles que os cometem, porque cavam mais profundamente o abismo entre o passado e o presente; eles esclarecem as massas e as mantêm despertas.

O autor, como se vê, não disfarça seu pensamento e não toma precauções oratórias; não vai direto ao assunto: "Seria necessário queimar Lutero; seria necessário queimar todos os autores de heresias para a maior glória de Deus e a salvação da religião." É claro e preciso. É triste para uma religião fundar sua autoridade e sua estabilidade sobre semelhantes expedientes; é mostrar pouca confiança em seu ascendente moral. Se sua base é a verdade absoluta, ela deve desafiar todos os argumentos contrários; como o sol, deve lhe bastar mostrar-se para dissipar as trevas. Toda religião que vem de Deus nada tem a temer do capricho nem da malícia dos homens; ela haure sua força no raciocínio, e se está no poder de um homem derrubá-la, isto seria, de duas coisas uma, ou ela não seria obra de Deus, ou esse homem seria mais lógico do que Deus, uma vez que seus argumentos prevalecem sobre os de Deus.

O autor teria preferido queimar Lutero antes que seus livros, porque, disse ele, *as cinzas deste recaíram sobre a Europa como uma semente*. Convém, pois, que os autos de fé de livros aproveitem mais a idéia que se quer destruir do que lhe prejudicam; está aí uma grande e profunda verdade constatada pela experiência. Também queimar o homem lhe parece mais eficaz, porque, segundo ele, é deter o mal em sua fonte. Mas crê, pois, que as cinzas do homem são menos fecundas do que a dos livros? Refletiu em todos os brotos que produziram as dos quatrocentos mil heréticos queimados pela Inquisição, sem contar o número muito grande daqueles que pereceram em outros suplícios? Os livros

queimados não dão senão cinzas; mas as vítimas humanas dão do sangue que faz manchas indeléveis e caem sobre aqueles que derramam. Foi desse sangue que saiu a febre de incredulidade que atormenta o nosso século, e se a fé se extingue, é que se quis cimentá-la pelo sangue, e não pelo amor de Deus. Como amar um Deus que faz queimar seus filhos? Como crer em sua bondade, se a fumaça das vítimas é um incenso que lhe é agradável? Como crer em seu poder infinito, se tem necessidade do braço do homem para fazer prevalecer a sua autoridade pela destruição?

Não está aí a religião, dir-se-á, é o abuso. Se tal fosse, com efeito, a essência do Cristianismo, ele não teria nada a invejar ao paganismo, mesmo pelos sacrifícios humanos, e o mundo pouco teria ganho e mudado. Sim, certamente, é o abuso; mas quando o abuso é a obra de chefes que têm autoridade, que dela fazem uma lei e a apresentam como a mais santa ortodoxia, não será preciso espantar-se, mais tarde, as massas pouco esclarecidas confundirem o todo na mesma reprovação. Ora, foram precisamente os abusos que engendraram as reformas, e aqueles que os preconizaram recolheram o que semearam.

Há que se notar que os nove décimos das trezentos e sessenta e algumas seitas que dividiram o Cristianismo desde a sua origem, tiveram por princípio se aproximar dos princípios evangélicos; de onde é racional concluir que, se não tivesse deles se afastado, essas seitas não seriam formadas. E por que armas se as combateu de morte? Sempre pelo ferro, pelo fogo, pelas proscricções e pelas perseguições: tristes e pobres meios de convencer! Foi no sangue que se quis abafá-los. Na falta de raciocínio, a força pôde triunfar dos indivíduos, destruí-los, dispersá-los, mas ela não pôde aniquilar a idéia; é porque se a vê, com algumas poucas variantes, incessantemente reaparecer sob outros nomes ou o de novos chefes.

O autor desse livro nisso está, como se viu, por remédios heróicos. No entanto, como teme que a idéia de queimar não faça *gritar* no século em que estamos, ele declara "não prender-se essencialmente à fogueira, uma vez que o erro seja *suprimido* em sua manifestação do momento e em sua manifestação contínua, quer dizer, *o homem* que a disse ou escreveu, e que a chama verdade." Assim, desde que o homem desaparecesse, pouco lhe importa a maneira; sabe-se que os recursos não faltam: o fim justifica os meios. Eis para a manifestação *do momento*; mas, para que o erro seja destruído em sua manifestação *contínua*, necessariamente, é preciso fazer desaparecer todos os adeptos que não terão querido se entregar de boa vontade. Vê-se que isto nos conduz para longe. De resto, se o meio é duro, é infalível para se desembaraçar de toda oposição.

Tais idéias, no século em que estamos, não podem ser senão importações e reminiscências de existências precedentes. Quanto *aos cordeiros que balem a liberdade*, está ainda aí um anacronismo, uma lembrança do passado: com efeito, outrora não podiam senão *balir*, mas hoje os cordeiros se tornaram carneiros: eles não balem mais a liberdade, eles a tomam.

Vejam, no entanto, se, queimando Lutero, teriam detido o movimento do qual foi o instigador. O autor não parece disto estar bem certo, uma vez que disse: "O mundo estaria salvo, ao menos por *um século*." Um século de demora, eis, pois, tudo o que se teria ganho! E por que isto? Eis a razão.

Se os reformadores não expressassem senão as suas idéias pessoais, não reformariam nada do todo, uma vez que não encontrariam eco; um homem só é impotente para agitar as massas, se as massas são inertes e não sentem nela nenhuma fibra vibrar. Há que se notar que as grandes renovações sociais não chegam jamais bruscamente; como as erupções vulcânicas, são precedidas de sintomas precursores. As idéias novas germinam, fervem numa multidão de cabeças, a sociedade é agitada por uma espécie de tremor que a coloca à espera de alguma coisa.

Foi nessas épocas que surgiram os verdadeiros reformadores, que se acham assim ser os representantes, não de uma idéia individual, mas de uma idéia coletiva, vaga, à

qual o reformador dá uma forma precisa e concreta, e não triunfa senão porque encontra os espíritos prontos a recebê-la. Tal era a posição de Lutero. Mas Lutero não foi nem o primeiro nem o único promotor da reforma; antes dele, ela havia tido por apóstolos Wicklef, João Huss, Jerônimo de Praga: estes dois últimos foram queimados por ordem do concílio de Constance; os hussitas, perseguidos com todo exagero depois de uma guerra obstinada, foram vencidos e massacrados. Os homens foram destruídos, mas não a idéia, que foi retomada mais tarde sob uma outra forma, e modificada em alguns detalhes por Lutero, Calvino, Zwingli, etc.; de onde é permitido concluir-se que se se tivesse queimado Lutero, isso não teria servido para nada e não teria mesmo dado um século de descanso, porque a idéia da reforma não estava somente na cabeça de Lutero, mas em milhares de cabeças, de onde deveriam sair homens capazes de sustentá-la. Isso não teria sido senão um crime a mais, sem proveito para a causa que o provocou; tanto é verdade que, quando uma corrente de idéias novas atravessa o mundo, nada poderá detê-la.

Lendo-se tais palavras, crer-se-ia escritas nas épocas de febre das guerras religiosas, e não num tempo em que se julgam as doutrinas com a calma da razão.

DAS CRIAÇÕES FANTÁSTICAS DA IMAGINAÇÃO.

AS VISÕES DA SENHORA CANTIANILLE B...

O *Événement* de 19 de junho de 1866 contém o artigo seguinte:

"Estranhos fatos, ainda inexplicados, se produziram no ano último em Auxerre e emocionaram a população. Os partidários do Espiritismo nele viram manifestações de sua doutrina, e o clero as considerou como exemplos novos da possessão: falou-se de exorcismos, como se os bons tempos das Urselines de Loudun tivessem retornado. A pessoa ao redor da qual se fazia todo esse barulho se chama Cantianille B... Um vigário da catedral de Sens, o Sr. abade Thorey, autorizado por seu bispo, constatou essas aparentes derrogações às leis naturais. Esse eclesiástico publica hoje, sob este título: *Relações maravilhosas da senhora Cantianille B... com o mundo sobrenatural*, o resultado de suas observações. Ele nos traz uma prova de seu trabalho, e é com prazer que dela destacamos um trecho curioso a diversos títulos.

Em seu prefácio, o autor, depois de ter exposto o plano de seu livro, acrescenta:

"Que o meu leitor, percorrendo estas páginas, queira bem não precipitar seu julgamento; esses fatos lhe parecerão, sem dúvida, incríveis, mas rogo de se lembrar *que afirmamos sob juramento*, Cantianille e eu, a verdade desses fatos. No relato que vai se seguir, nada de exagerado nem de inventado à vontade, tudo ali é perfeitamente exato.

"Aliás, esses fatos, essas manifestações prodigiosas do mundo superior, se reproduzindo todos os dias, e todas as vezes que o deseje, não pedimos que se nos creia sobre nossa simples afirmação; ao contrário, pedimos insistentemente que se os estude; que se formem reuniões de homens competentes, não desejando senão a verdade e dispostos a procurá-la lealmente; todas essas maravilhas se

reproduzirão diante deles e tantas vezes quanto isso for necessário para convencê-los. Disto tomamos o compromisso.

"Possam os espíritos de idéias liberais considerar este livro como uma boa nova!"

No corrente da obra, Cantianille B... conta, ela mesma, como se tornou membro e presidente de uma sociedade de Espíritos, em 1840, durante a sua permanência num convento de religiosas:

"Ossian (Espírito de segunda ordem), tendo vindo como de hábito me buscar no convento, eu me achava logo transportada para o meio da reunião. Depositou-me sobre um trono onde os aplausos mais ruidosos acolheram a minha aparição.

"Fizeram-me fazer o juramento comum: juro ofender a Deus por todos os meios possíveis e de não recuar diante de nada para fazer triunfar o inferno sobre o céu. Eu amo Satã! Eu odeio a Deus! Quero a queda do céu e o reino do inferno!...

"Depois do que, cada um veio me felicitar e me encorajar a me mostrar forte nas provas que me restavam suportar. Eu o prometi.

"Esses gritos, esse tumulto, essa pressa de todos, a música e os feixes de fogo que clareavam a sala, tudo me eletrizava, me embriagava!... Eu gritava, pois, com voz forte: "Eu sou sacerdote; eu não temo vossas provas; vou ir ver se sou digno de ser dos vossos." Logo, todo ruído cessou, toda luz desapareceu. Caminhe, disse-me uma voz. Avancei, sem dúvida num estreito corredor, porque senti de cada lado como duas paredes, e essas paredes pareciam se aproximar cada vez mais. Acreditei que ia ser sufocada, e o terror se apoderou de mim. Quis retornar; mas no mesmo instante me senti nos braços de Ossian. Ele exerceu sobre todo o meu corpo uma pressão tão viva, que lancei um grito agudo.

"Cala-te, disse-me ele, ou estarás morta." O perigo retornou minha coragem...

"Não, eu não gritaria mais, não, eu não recuaria mais;" e fazendo um esforço sobre-humano, atravessei como um raio esse longo corredor que se tornava a cada passo mais escuro e mais estreito. Apesar de meus esforços, meu terror redobrava, e eu iria talvez fugir, quando de repente a terra escapando sob meus pés, caí num abismo do qual não podia apreciar a profundidade. Fiquei um instante aturdida com essa queda, sem no entanto me desencorajar. Um pensamento infernal veio me atravessar o espírito." Ah! querem me amedrontar!... Eles verão que não temo os demônios..." Levantei-me logo para procurar uma saída. Mas... eis que de todos os lados as chamas apareciam!...

Elas se aproximavam de mim como para me queimar...

"E no meio desse fogo os Espíritos gritando, uivando, que terror!

"Que queres tu de mim? eu disse a Ossian.

" - Quero que sejas a presidente de nossa associação... Quero que nos ajude a odiar a Deus; quero que jures ser nossa, por nós e conosco, por toda a parte e sempre?"

"Apenas fiz essas promessas e o fogo se extinguiu subitamente.

"Não me fuja mais, disse-me ele, eu te trago a felicidade e a grandeza. Olhe." Eu me achava no meio dos associados, no meio da sala que se tinha ainda embelezado durante a minha ausência. - Um repasto suntuoso foi servido.

"Foi-me dado alio lugar de honra, e até o fim quando todo o mundo estava excitado pelo vinho e pelos licores, e super excitado pela música, fui nomeada presidente.

"Aquele que me havia entregue fez ressaltar, em algumas palavras, a coragem que havia mostrado nessas terríveis provas, e, no meio de mil bravos, aceitei esse título fatal de presidente.

"Eu estava assim à frente de vários milhares de pessoas atentas ao menor sinal. - Não tive, pois, senão um único pensamento: merecer sua confiança e sua submissão. Infelizmente, não tenho senão muito bem triunfado."

O autor tem razão em dizer que os partidários do Espiritismo podem ver, nesses fatos, manifestações de sua doutrina; é que, com efeito, o Espiritismo, para aqueles que o estudaram em outra parte do que a escola dos senhores Davenport e Robin, é a revelação de um novo princípio, de uma nova lei da natureza que nos dá razão daquilo que, por falta de melhor, se convencionou atribuirá imaginação. Esse princípio está no mundo extra corpóreo intimamente ligado à nossa existência. Aquele que não admite a alma individual e independente da matéria, rejeitando a causa *a priori*, não pode explicar-lhe os efeitos; e, no entanto, esses efeitos estão, sem cessar, sob os nossos olhos, inumeráveis e patentes; seguindo-os, cada vez mais em sua filiação, chega-se à fonte; é

o que faz o Espiritismo, procedendo sempre por via da observação, remontando do efeito à causa, e jamais por teoria preconcebida.

Está aí um ponto capital sobre o qual não se poderia muito insistir. O Espiritismo não tomou seu ponto de partida na existência dos Espíritos e do mundo invisível, a título de suposição gratuita, salvo a provar mais tarde essa existência, mas na observação dos fatos, e de fatos constatados, ele concluiu na teoria. Esta observação o conduziu a reconhecer, não somente a existência da alma como ser principal, uma vez que nele reside a inteligência e as sensações, e que sobrevive ao corpo, mas quantos fenômenos de uma ordem particular se passam na esfera de atividade da alma, encarnado ou desencarnado, fora da percepção dos sentidos. Como a ação da alma se liga essencialmente à do organismo durante a vida, é um campo de exploração vasto e novo aberto à psicologia e à fisiologia, e no qual a ciência encontrará o que procura a inutilmente há muito tempo.

O Espiritismo, portanto, encontrou um princípio fecundo, mas não se segue que possa ainda tudo explicar. O conhecimento das leis da eletricidade deu explicação dos efeitos do raio; ninguém tratou essa questão com mais saber e lucidez do que Arago, e, no entanto, nesse fenômeno tão vulgar do raio, há efeitos que ele declara, tudo sabendo que é, não poder explicar, como por exemplo o relâmpago bifurcado. São negados por isto? Não, porque há muito bom senso, e, aliás, não se pode negar um fato. Que fato? Ele disse: observemos, e esperemos que estejamos mais avançados. O Espiritismo não age de outro modo; confessa a sua ignorância sobre o que não sabe, e, esperando que o saiba, procura e observa.

As visões da senhora Cantianille pertencem a essa categoria de questões sobre as quais não se pode, de alguma sorte, até mais ampla informação, senão tentar uma explicação. Cremos encontrá-la no princípio das criações fluídicas pelo pensamento.

Quando as visões têm por objeto uma coisa positiva, real, cuja existência está constatada, a sua explicação é muito simples: A alma vê, pelo efeito de sua irradiação, o que os olhos do corpo não podem ver. O Espiritismo, não tivesse explicado senão isto, já teria levantado o véu sobre muitos mistérios. Mas a questão se complica quando se trata de visões que, como as da senhora Cantianille, são puramente fantásticas. Como a alma pode ver o que não existe? De onde vêm essas imagens que, para aqueles que as vêem, têm todas as aparências da realidade? São, diz-se, efeitos da imaginação; seja; mas esses efeitos têm uma causa; em que consiste esse poder da imaginação? Como e sobre o que ela age? Que uma pessoa medrosa ouvindo um ruído de rato, durante a noite, seja tomada de medo, e se figure ouvir os passos de ladrões; que ela toma uma sombra ou uma forma vaga por um ser vivo que a persegue, estão aí bem verdadeiramente os efeitos da imaginação; mas nas visões do gênero das do que se trata aqui, há alguma coisa a mais, porque não é mais somente uma idéia falsa, é uma imagem com suas formas e suas cores, tão nítidas e tão precisas que dela se poderia fazer o desenho; e, no entanto, não é senão uma ilusão! de onde vem isto?

Para se dar conta do que se passa nesta circunstância, é necessário sair do nosso ponto de vista exclusivamente material, e penetrar, pelo pensamento, no mundo incorpóreo, nos identificar com a sua natureza e os fenômenos especiais que devem se passar num meio totalmente diferente do nosso. Estamos neste mundo na posição de um espectador que se admira de um efeito de cena, porque não lhe compreende o mecanismo; mas que vá atrás dos bastidores, e tudo lhe será explicado.

No nosso mundo tudo é matéria tangível; no mundo invisível tudo é, podendo-se assim se exprimir, *matéria intangível*; quer dizer, intangível para nós que não percebemos senão por órgãos materiais, mas tangível para os seres desse mundo que percebem pelos seus sentidos espirituais. Tudo é fluídico nesse mundo, homens e coisas, e as coisas ali são tão reais, relativamente, quanto as coisas materiais o são para nós. Eis um primeiro princípio.

O segundo princípio está nas modificações que o pensamento faz o elemento fluídico sofrer. Pode-se dizer que ele se configura à sua vontade, como configuramos um pedaço de terra para dele fazer uma estátua; somente a terra sendo uma matéria compacta e resistente, é preciso, para manipulá-la, um instrumento resistente, ao passo que a matéria etérea sofre, sem esforço, a ação do pensamento. Sob esta ação, ela é suscetível de revestir todas as formas e todas as aparências. Assim é que se vêem os Espíritos ainda pouco desmaterializados pensar em ter sob a mão os objetos que tinham quando vivos; que se revestem dos mesmos costumes, que se adornam com os mesmos ornamentos e tomam à sua vontade as mesmas aparências. A rainha de Oude, da qual narramos a entrevista na Revista de março de 1858, página 82, se via sempre com suas jóias, e dizia que não as tinha deixado. Basta-lhe para isto um ato do pensamento, sem o que, o mais freqüentemente, se dão conta da matéria da qual a coisa se opera, como entre os vivos muitas pessoas caminham, vêem e ouvem sem poderem dizer como e porquê. Tal era ainda o Espírito do zuavo de Magenta (Revista de julho de 1859) que dizia ter sua mesma roupa, e que, quando se lhe perguntava onde a tinha tomado, uma vez que a sua tinha ficado sobre o campo de batalha, respondeu: Isto refere-se ao meu alfaiate. Citamos vários fatos desse gênero, entre outros o do homem da tabaqueira (agosto de 1859, página 197) e o de Pierre Legay (novembro de 1864, página 339) que pagava seu lugar no ônibus. Essas criações fluídicas podem, às vezes, revestir, para os vivos, aparências momentaneamente visíveis e tangíveis, pela razão de que são devidas, na realidade, a uma transformação da matéria etérea. O princípio das criações fluídicas parece ser uma das leis mais importantes do mundo incorpóreo.

A alma encarnada, em seus momentos de emancipação, gozando em parte das faculdades do Espírito livre, pode produzir efeitos análogos. Aí pode estar a causa das visões fantásticas. Quando o Espírito está fortemente imbuído de uma idéia, seu pensamento pode dela criar uma imagem fluídica que tem, para ele, todas as aparências da realidade, tão bem quanto o dinheiro de Pierre Legay, embora a coisa não exista por si mesma. Tal é, sem dúvida, o caso em que se encontrou a senhora Cantianille. Preocupada com os relatos que tinha ouvido fazer do inferno, dos demônios e de suas tentações, dos pactos pelos quais se apoderam das almas, das torturas dos condenados, seu pensamento disso criou um quadro fluídico que não tinha realidade senão para ela.

Pode-se classificar na mesma categoria as visões da irmã Elmerich que afirmava ter visto todas as cenas da Paixão, e encontrado o cálice no qual Jesus tinha bebido, assim como outros objetos análogos aos em uso no culto atual, que não existiam certamente naquela época, e dos quais ela dava, no entanto, uma descrição minuciosa. Dizendo que ela tinha visto tudo isto, estava de boa fé, porque verdadeiramente viu, pelos olhos da alma, mas uma imagem fluídica, criada por seu pensamento.

Todas as visões têm seu princípio nas percepções da alma, como a visão corpórea tem o seu na sensibilidade do nervo ótico; mas elas variam em sua causa e em seu objeto. Quanto menos a alma é desenvolvida, mais ela é suscetível de se iludir sobre o que vê; suas imperfeições a tornam sujeita a erro. As que são mais desmaterializadas são aquelas cujas percepções são mais extensas e mais justas; mas, por imperfeitas que elas sejam, suas faculdades não são menos úteis ao estudo.

Se esta explicação não oferece uma certeza absoluta, ao menos tem ela um caráter evidente de probabilidade. Sobretudo, prova uma coisa, é que os Espíritas não são tão crédulos quanto o pretendem seus detratores, e não dão sem refletir tudo o que parece maravilhoso. Todas as visões estão, pois, longe de ser para eles artigos de fé; mas, o que quer que seja, ilusões ou verdades são *efeitos que* não se poderiam negar; eles os estudam e procuram deles se darem conta, sem terem a pretensão de tudo saberem e de tudo explicarem. Eles não afirmam uma coisa senão quando estiver demonstrada pela evidência. Seria tão incoseqüente tudo aceitar quanto tudo negar.

PERGUNTAS E PROBLEMAS. *FILHOS GUIAS ESPIRITUAIS DE SEUS PAIS.*

Uma mãe, tendo perdido um filho de sete anos, e tendo se tornado médium, teve esse mesmo filho por guia. Um dia ela lhe colocou esta pergunta:

Caro e muito amado filho, um espírita, de meus amigos, não compreende e não admite que possa ser o guia espiritual de tua mãe, uma vez que ela existia antes de ti e, indubitavelmente, deveu ter um guia, não fosse senão o tempo em que tivemos a felicidade de tê-lo ao nosso lado. Podes nos dar algumas explicações?

'Resposta do Espírito do filho. - Como quereis aprofundar tudo o que vos parece incompreensível? Aquele que vos parece mesmo o mais avançado no Espiritismo, não está senão nos primeiros elementos desta Doutrina, e dela não sabe mais do que tal ou tal que vos parece, com efeito, no fato de tudo e capaz de vos dar as explicações. - Eu existí muito tempo antes de minha mãe, e ocupei, numa outra existência, uma posição eminente por meus conhecimentos intelectuais.

Mas um imenso orgulho se apoderou de meu Espírito, e durante muitas existências consecutivas, fui submetido à mesma prova, sem poder dela triunfar, até que tivesse chegado a existência em que estive perto de vós; mas como era já avançado, e minha partida deveria servir ao vosso adiantamento, a vós tão atrasados na vida espírita, Deus me chamou antes do fim de minha carreira, considerando minha missão junto a vós mais proveitosa como Espírito do que como encarnado.

Durante minha última estada na Terra, minha mãe teve seu anjo guardião junto dela, mas temporariamente; porque Deus sabia que era eu que deveria ser seu guia espiritual, e que eu a conduziria mais eficazmente no caminho do qual ela estava tão afastada. Esse guia, que ela teve então, foi chamado para uma outra missão, quando vim tomar o seu lugar junto dela.

Perguntai àqueles que sabeis mais avançados do que vós, se esta explicação é lógica e boa; porque pode ser que seja a minha opinião pessoal, e mesmo a emitindo, não sei bem se não me engano. Enfim, isto vos será explicado, se o pedirdes. Muitas coisas vos são ainda ocultas, que vos parecerão claras mais tarde. Não quereis muito aprofundar, porque então, dessa constante preocupação nasce a confusão de vossas idéias. Tende paciência; do mesmo modo que um espelho embaçado por um leve hálito se desembaça pouco a pouco, vosso Espírito tranquilo e calmo chegará a esse grau de compreensão necessário ao vosso adiantamento.

Coragem, pois, bons pais; caminhei com confiança, e um dia bendireis a hora da prova terrível que vos levou ao caminho da felicidade eterna, e sem a qual teríeis muitas existências infelizes a percorrer ainda.

Nota. Essa criança era de uma precocidade intelectual rara para a sua idade. Mesmo em estado de saúde, parecia pressentir seu fim próximo; alegrava-se nos cemitérios, e sem ter jamais ouvido falar do Espiritismo, no qual seus pais não acreditavam, perguntava, freqüentemente, se, quando se está morto, não se poderia retornar para aqueles que se amou; aspirava morrer como numa felicidade e dizia que quando morresse, sua mãe não deveria com isto se afligir, porque ele retornaria para junto dela. Com efeito, foi a morte de três crianças em alguns dias que impeliu os pais a procurarem uma consolação no Espiritismo. Essa consolação a encontraram largamente, e sua fé foi recompensada pela possibilidade de conversarem, a cada instante, com seus filhos, a mãe tendo em tão pouco tempo se tornado excelente médium, e tendo seu próprio filho por guia, Espírito que se revela por uma grande superioridade.

COMUNICAÇÃO COM OS SERES QUE NOS SÃO CAROS.

Por que todas as mães que choram seus filhos e seriam felizes em se comunicarem com eles, freqüentemente não o podem; por que sua visão lhes é recusada, mesmo em sonho, apesar de seu desejo e de suas ardentes preces?

Além da falta de aptidão especial que, como se sabe, não é dada a todo o mundo, às vezes, há outros motivos dos quais a sabedoria da Providência aprecia melhor do que nós a utilidade. Essas comunicações poderiam ter inconvenientes para as naturezas muito impressionáveis, certas pessoas poderiam disso fazer abuso e a isso se entregarem com um excesso nocivo à sua saúde. A dor, em semelhante caso, sem dúvida, é natural e legítima; mas ela é algumas vezes levada a um ponto insensato. Nas pessoas de um caráter fraco, essas comunicações, freqüentemente, reavivam a dor em lugar de acalmá-la, é por isto que não lhe é sempre permitido recebê-lo, mesmo por outros médiuns, até que elas tenham se tornado mais calmas e bastante senhoras delas mesmas para dominarem a emoção. A falta de resignação, em semelhante caso, quase sempre, é uma causa de atraso.

Depois, é preciso dizer também que a impossibilidade de se comunicar com os Espíritos com os quais mais se afeiçoa, quando se o pode com outros, freqüentemente, é uma prova para a fé e a perseverança, e, em certos casos, uma punição. Aquele a quem esse favor é recusado deve, pois, dizer a si mesmo que, sem dúvida, o mereceu; cabe a ele procurar-lhe a causa *em si mesmo*, e não atribuí-lo a indiferença ou ao esquecimento do ser que lamenta.

Há, enfim, temperamentos que, não obstante a força moral, poderiam sofrer com o exercício da mediunidade com certos Espíritos, mesmo simpáticos, segundo as circunstâncias.

Admiremos em tudo a solicitude da Providência, que vela sobre os menores detalhes, e saibamos nos submeter à sua vontade sem murmurar, porque ela sabe melhor do que nós o que nos é útil ou nocivo. Ela é para nós como um bom pai que não dá sempre ao seu filho o que ele deseja.

As mesmas razões têm lugar para o que concerne aos sonhos. Os sonhos são a lembrança do que a alma viu no estado de desligamento durante o sono. Ora, essa lembrança pode ser interdita. Mas, aquilo do que não se lembra não está por isto perdido para a alma; as sensações sentidas durante as excursões que ela faz no mundo invisível, deixam, ao despertar, impressões vagas, e em relação com os pensamentos e as idéias das quais, freqüentemente, não supomos a origem. Pode, pois, se ter visto, durante o sono, os seres aos quais se tem afeiçãõ, conversarem entre si, e não se ter disto lembrança; diz-se então que não se sonhou.

Mas se o ser lamentado não pode se manifestar de uma maneira ostensiva qualquer, por isto não está menos junto daqueles que o atraem por seus pensamentos simpáticos; ele os vê, ouve suas palavras, e, freqüentemente, adivinha-se a sua presença, por uma espécie de intuição, uma sensação íntima, algumas vezes mesmo por certas impressões físicas. A certeza de que não está no nada; que não está perdido nem nas profundezas do espaço, nem nos abismos do inferno; que é mais feliz, isento doravante dos sofrimentos corpóreos e das atribulações da vida; que se o reverá, depois de uma separação momentânea, mais belo, mais resplandecente, sob seu envoltório etéreo imperecível, do que a sua pesada carapaça carnal: aí está uma imensa consolação que se recusam aqueles que crêem que tudo acaba com a vida, e é o que dá o Espiritismo.

Em verdade, não se compreende o encanto que se pode encontrar em se comprazer na idéia do nada para si mesmo e para os seus, e a obstinação de certas pessoas em repelir até a esperança que isso pode ser de outro modo, e os meios de adquirir-lhe a prova. Que se diga a um doente morrendo: "Amanhã estareis curado, e vivereis ainda muitos anos, feliz, bem de saúde," ele aceitará o augúrio com alegria; o pensamento da

vida espiritual, indefinida, isenta das enfermidades e dos cuidados da vida, não é bem mais satisfatório?

Pois bem! disse o Espiritismo não dá apenas a esperança, mas a certeza. É por isto que os Espíritas consideram a morte de modo diferente do que os incrédulos.

PERFECTIBILIDADE DOS ESPÍRITOS.

(Paris, 3 de fevereiro de 1866. Grupo do Sr. Lat... -Médium, Sr. Desliens.)

Pergunta. Se os Espíritos, ou almas, se melhoram indefinidamente, segundo o Espiritismo, eles devem se tornar infinitamente perfeitos ou puros. Chegados a esse grau, por que não são iguais a Deus? Isto não está segundo a justiça?

Resposta. O homem é uma criatura verdadeiramente singular! Sempre acha o seu horizonte muito limitado; quer tudo compreender, tudo agarrar, tudo conhecer! Quer penetrar o insondável e negligencia o estudo do que o toca imediatamente; quer se compreender Deus, julgar seus atos, fazê-lo justo ou injusto; diz-se como se gostaria que ele fosse, sem se desconfiar que ele é tudo isso e ainda mais!.. Mas, miserável verme, jamais pudeste compreender, de maneira absoluta, nada do que te cerca? Sabes segundo qual lei a flor se colore e se perfuma sob os beijos vivificantes do sol? Sabes como tu nascas, como vives, e porque teu corpo morre?... - Vês os fatos, mas as causas permanecem para ti envolvidas de um véu impenetrável, e gostarias de julgar o princípio de todas as causas, a causa primeira, Deus enfim! - Há muitos outros estudos mais necessários ao desenvolvimento de teu ser, que merecem toda a tua atenção!..

Quando resolves um problema de álgebra, não vais do conhecido ao desconhecido, e, para compreender Deus, esse problema insolúvel há tantos séculos, queres dirigir-te diretamente a ele! Tens, pois, todos os elementos necessários para estabelecer uma tal equação? Não te falta nenhum documento para julgar teu criador em última instância? Não vais crer que o mundo esteja limitado a esse grão de pó, perdido na imensidão dos espaços, onde te agitas mais imperceptível do que o menor dos infusórios, cujo universo é uma gota d'água? - No entanto, raciocinemos e vejamos porque, segundo teus conhecimentos atuais, Deus seria injusto em não se deixando jamais alcançar por sua criatura.

Em todas as ciências, há axiomas ou verdades irrecusáveis que se admitem como bases fundamentais. As ciências matemáticas, e em geral todas as ciências, são baseadas sobre este axioma de que a parte não poderia jamais igualar o todo. O homem, criatura de Deus, não poderia, pois, jamais, segundo esse princípio, alcançar aquele que o criou.

Suponde que um indivíduo tenha um caminho de comprimento infinito a percorrer, de um *comprimento infinito*, pesai bem esta palavra; aí está a posição do homem com relação a Deus considerado como seu objetivo.

Por pouco que ele avance, dir-me-eis, a soma dos anos e dos séculos da marcha permitirá alcançar o objetivo. Aí está o erro!... O que fizerdes num ano, num século, num milhão de séculos, será sempre uma quantidade finita; um outro espaço igual não vos permitirá percorrer senão uma quantidade igualmente finita, e assim por diante. Ora, para o matemático mais noviço, uma soma de quantidades finitas jamais poderia formar uma quantidade infinita. O contrário seria absurdo, e, nesse caso, o infinito poderia se medir, o que lhe faria perder sua qualidade de infinito. - O homem progredirá sempre e incessantemente, mas de maneira finita; que não poderá alcançar Deus, infinito em tudo. Não há, pois, injustiça da parte de Deus em que uma de suas criaturas jamais possa igualá-lo. A natureza de Deus é um obstáculo intransponível a um tal fim do Espírito; sua justiça não poderia, não mais, permiti-lo, porque se um Espírito atingisse Deus, ele seria o próprio Deus. Ora, se dois Espíritos são tais que tenham ambos uma força infinita sob todos os aspectos, e que um seja idêntico ao outro, eles se confundem em um único e

não há mais que um Deus; um deveria, pois, perder a sua individualidade, o que seria uma injustiça muito mais evidente do que não poder alcançar um objetivo infinitamente distante mesmo dele se aproximando constantemente. Deus faz bem o que ele faz, e o homem é muitíssimo pequeno para se permitir de pesar suas decisões.

MOKI.

Nota. Se há um mistério insondável para o homem, é o princípio e o fim de todas as coisas. A visão do infinito lhe dá vertigem. Para compreendê-lo, são necessários conhecimentos e um desenvolvimento intelectual e moral que está longe ainda de possuir, apesar do orgulho que o leva a crer-se chegado ao cume da escala humana. Com relação a certas idéias, ele está na posição de uma criança que quisesse fazer cálculo diferencial e integral antes de saber as quatro regras. À medida que ele avança para a perfeição, seus olhos abir-se-ão à luz, e o nevoeiro que os cobre se dissipará. Trabalhando para a sua melhoria presente, chegará mais cedo do que se perdendo em conjecturas.

VARIEDADES

A RAINHA VITÓRIA E O ESPIRITISMO.

Lê-se em *lê Salut public*, de Lyon, de 3 de junho de 1866, nas notícias de Paris:

"Lord Granville, durante a curta permanência que vem de fazerem Paris, dizia, a alguns amigos, que a rainha Vitória se mostrava mais preocupada do que não a tinha visto jamais em nenhuma época de sua vida, com relação ao conflito austro-prussiano. A rainha, acrescentava o nobre lorde, presidente do conselho privado de S. M. britânica, acreditava obedecer à voz do defunto príncipe Alberto, dela não poupando nada, a fim de prevenir uma guerra que colocaria em fogo a Alemanha inteira. Foi sob essa impressão, que não a deixa, que escreveu várias vezes ao rei da Prússia, assim como ao imperador da Áustria, e que ela teria também dirigido uma carta autografada à imperatriz Eugénie, para suplicar-lhe juntar seus esforços aos seus em favor da paz."

Este fato confirma aquele que publicamos na *Revista Espírita*, de março de 1864, página 85, sob o título de: *Uma Rainha médium*. Ali está dito, segundo uma correspondência de Londres reproduzida por vários jornais, que a rainha Vitória conversava com o Espírito do príncipe Alberto e tomava seu conselho em certas circunstâncias, como o fazia durante a vida deste último. Nós remetemos a esse artigo para os detalhes do fato e às reflexões às quais deu lugar. De resto, podemos afirmar que a rainha Vitória não é a única cabeça coroada, ou tocante à coroa, que simpatiza com as idéias espíritas, e todas as vezes que dissemos que a Doutrina tinha adeptos até sobre os mais altos graus da escala social, não exageramos nada.

Freqüentemente, pergunta-se por que dos soberanos, convencidos da verdade e das excelências desta Doutrina, não se fazem um dever apoiá-la abertamente com a autoridade de seu nome. É que os soberanos talvez sejam os homens menos livres; mais do que simples particulares, estão submetidos às exigências do mundo, e contidos, *por razões de Estado*, a certas reservas. Não teríamos nos permitido nomear a rainha Vitória a propósito do Espiritismo, se outros jornais não tivessem tomado a iniciativa, e uma vez que não houve para esse fato nem desmentido, nem reclamações, acreditamos poder fazê-lo sem inconveniente. Sem dúvida, dia virá em que os soberanos poderão se confessar Espíritas, como se confessam protestantes, católicos gregos ou romanos; à espera disto, sua simpatia não é tão estéril quanto se poderia crê-lo, porque, em certos países, se o Espiritismo não é entravado e perseguido oficialmente, como o foi o Cristianismo em Roma, ele o deve a altas influências. Antes de ser oficialmente protegido, deve-se contentar de ser tolerado, aceitar o que se lhe dá, e não pedir muito, de medo de

nada obter. Antes de ser carvalho, não é senão caniço, e, se o caniço não se quebra, é que se dobra sob o vento.

POESIAS ESPÍRITAS.

Méry, o Sonhador.

(Grupo do Sr. L..., 4 de julho de 1866, méd. Sr. Vavasseur.)

Recém-nascido sobre vossa margem
Vi uma mulher atenta
Dizer, espiando o meu despertar:
Não perturbeis seu doce sono,
Ele sonha; e eu nasci apenas!
Um pouco mais tarde, quando na planície
Eu desfolhava o trevo florido,
Dizia-se que Joseph Méry
Sonhava; e quando minha pobre mãe
Me sentava sobre a branca pedra
Que do riacho guardava a borda,
Ela também dizia: Sonha ainda,
Meu filho. Mais tarde, no colégio,
Por ódio ou por desprezo, que sei eu!
Todos os meus amigos fugiam para longe,
E me deixavam só, num canto.
Sonhar. E quando a louca embriaguez
Dos prazeres perturbava a minha juventude,
A multidão me mostrava ao dedo
Dizendo: É Méry que deve
Ainda dormir. E quando, mais sábio,
Quase a meio caminho da viagem,
Fui julgado como escritor,
Dizia-se de mim: É em vão
Que ele evoca a poesia
Em seus versos, é a fantasia
Que vem ao seu chamado. Méry,
O que quer que faça, será Méry.
E quando a última prece
Tiver abençoado a minha fria poeira,
Atento sob meu lençol,
Não ouvi senão uma palavra, uma só;
Sonhador! Pois bem! sim, sobre a Terra
Sonhei; por que, pois, calá-lo?
Um sonho que não se acabou,
E que recomecei aqui.

J. MÉRY.

A PRECE DA MORTE PARA OS MORTOS.

(Sociedade de Paris, 13 de julho de 1866, méd. Sr. Vavasseur.)

Os séculos rolaram no abismo dos tempos
Sem piedade, flores e frutos, frios invernos, doces primaveras,

E a morte passou sem bater à porta
Que escondia o tesouro que em segredo ela guarda;
A vida! Ó morte! a mão que dirige tua mão
Deixa de ter ferido, não pode ela amanhã
Suspender um pouco seus golpes? Tua fome mal saciada
Quer ainda perturbar o banquete da vida?
Mas, se vens sem cessar, a qualquer hora do dia
Procurar entre nós os mortos para povoar tua morada,
O universo é muito pouco para os teus profundos abismos,
Onde teu sorvedouro é sem fundo para tuas pobres vítimas.
Ó morte! vês chorar a virgem sem chorar,
E tu secas as flores que devem enfeitá-la,
Sem permitir à sua frente cingir a coroa
De rosas e de lírios que seu esposo lhe dá.
Ó morte! não ouves os gritos da pobre criança,
E vens sem piedade feri-la ao nascer,
Sem permitir aos seus olhos conhecer a mãe
Que lhe dá o céu em lhe dando a terra.
Ó morte! não ouves os votos desse velho
Implorando o favor, na hora da partida,
E de abraçar seu filho e bendizer sua filha,
Para dormir mais rápido e morrer mais tranqüilo.
Mas, cruel! digo eu, em que se tornam os mortos
Que deixam nossa margem e se vão para as tuas bordas?
Sofrerão sempre as dores da Terra
Nessa eternidade dos tempos, e a prece
Não poderia ao menos adoçá-las um dia?
E a morte respondeu: Nessa sombria morada
Onde, livre, fixei meu tenebroso império,
A prece é poderosa e é Deus quem a inspira
A meus súditos, a mim. Quando retorno, à tarde,
Sobre meu trono sangrento pomposamente me assento,
Olho os céus e sou a primeira
A recitar muito baixo para os meus mortos a prece.
Escuta, filho, escuta: "Ó Deus, Deus todo-poderoso,
Do alto dos céus sobre mim, sobre eles, lance em passando
Um olhar de piedade. Que um raio de esperança
Clareie enfim os lugares onde chora o sofrimento.
Faze ver, ó meu Deus! a terra do perdão,
Esse rio sem margem, essa praia sem nome,
A terra dos eleitos, a eterna pátria
Onde crias para todos uma eterna vida;
Faze com que cada um de nós, diante de tua vontade,
Se incline com respeito, diante da majestade
De teus secretos desígnios, se prosterne e adore;
Diante de teu nome se curve e se levante ainda,
Exclamando: Senhor! Se me haveis banido
Da morada dos vivos, se me haveis punido
Na morada dos mortos, diante de vós eu confesso
Ter merecido mais; feri, feri sem cessar,
Senhor, eu sofrerei sem jamais murmurar,
E meus olhos não poderão jamais bastante chorar

Para lavar do passado a inapagável mancha
Que sempre no presente vergonhosamente se aplica.
Sofrerei vossos golpes, levarei a minha cruz
Sem maldizer um único dia as vossas eqüitativas leis,
E quando julgardes minha prova acabada,
Senhor, se retornardes à minha sombra pálida
Os bens que perdeu em seu cativoiro,
A brisa, o sol, o ar puro, a liberdade,
O repouso e a paz, diante de vós eu me obrigo
A pedir ao meu turno, sobre minha nova margem,
Para meus irmãos curvados sob o penoso peso dos ferros
Que os retêm cravados no fundo de seus infernos;
Por suas sombras em prantos, às bordas da outra margem,
Mudas, olhando a minha fugitiva
Fugir em lhes dizendo: Coragem, meus amigos,
Realizarei nos céus o que aqui prometi."

CASIMIR DELAVIGNE.

Já publicamos outros trechos de poesias obtidas por esse médium, nos n.ºs de junho e julho, sob os títulos de: *Ao teu livro* e *A prece pelos Espíritos*. O Sr. Vavas seur é um médium versificador na acepção da palavra, porque não obtém, senão muito raramente, comunicações em prosa, e, embora muito letrado e conhecendo as regras da poesia, por ele mesmo jamais pôde fazer versos. Que disto sabeis, dir-se-á, e quem vos disse que o que é considerado como obtido medianimicamente, não seja o produto de sua composição pessoal? Nós o cremos, primeiro, porque ele afirma, e porque o temos como incapaz de enganar; em segundo lugar, porque a mediunidade nele sendo completamente desinteressada, não teria nenhuma razão de se dar um trabalho inútil, e de desempenhar uma comédia indigna de um caráter honrado. A coisa seria, sem dúvida, mais evidente e sobretudo mais extraordinária se ele fosse completamente iletrado, como disto se vê em certos médiuns, mas os conhecimentos que ele possui não poderiam anular a sua faculdade, desde que ela está demonstrada por outras provas.

Que se explique porque, por exemplo, se querendo compor alguma coisa por si mesmo, um simples soneto, ele nada obtém, ao passo que, sem procurá-lo, e sem objetivo premeditado, escreve trechos de longo fôlego, de um só jato, mais rapidamente e mais correntemente que o escreveria em prosa, sobre um assunto improvisado no qual não pensava? Qual é o poeta capaz de um semelhante feito, renovado quase todo dia? Dele não poderíamos duvidar, uma vez que os trechos que citamos e muitos outros foram escritos sob nossos olhos, na sociedade e nos diferentes grupos, e em presença de uma assembléia freqüentemente numerosa. Que todos os prestidigitadores que pretendem desvendar as pretensas astúcias dos médiuns, imitando mais ou menos grosseiramente alguns efeitos físicos, venham, pois, lutar com certos médiuns escreventes, e tratar, mesmo em simples prosa, instantaneamente, sem preparação nem retoque, qualquer assunto, e as questões mais abstratas! É uma prova à qual nenhum detrator ainda quis se submeter.

Lembramos a esse propósito que, há seis ou sete anos, um escritor jornalista, cujo nome figura algumas vezes na imprensa entre os zombadores do Espiritismo, veio nos encontrar, dando-se por médium escrevente *intuitivo*, e ofereceu seu concurso à Sociedade. Dissemos-lhe que, antes de aproveitar de seu oferecimento *prestativo*, nos era necessário conhecer a extensão e a natureza de sua faculdade; nós o convocamos, conseqüentemente, a uma sessão particular de experiência onde se encontrariam quatro ou cinco médiuns. Apenas estes tomaram o lápis e se viram a escrever com uma rapidez que o deixou estupefato; ele garatuja três ou quatro linhas com sólidos riscos,

pretendendo estar com a cabeça mal, o que perturbava sua faculdade; prometeu retornar, e nós não o revimos mais. Os Espíritos, ao que parece, não o assistem senão maduramente e em seu gabinete.

Viram-se, é verdade, improvisadores, como o falecido Eugène de Pradel, cativar os ouvintes por sua facilidade. Admira-se que não tenham nada publicado; a razão disso é muito simples, é que o que seduzia à audição, não era suportável à leitura; isso não era senão um arranjo de palavras saídas de uma fonte abundante, onde brilhavam excepcionalmente alguns traços espirituosos, mas cujo conjunto era vazio de pensamentos sérios e profundos, e semeado de correções revoltantes. Esta não é a censura que se possa fazer aos versos que citamos, embora obtidos com quase tanta rapidez quanto as improvisações verbais. Se fossem o fruto de um trabalho pessoal, isso seria uma singular humildade da parte do autor atribuir-lhe o mérito de outros do que a ele, e de se privar da honra que disso se poderia tirar.

Embora a mediunidade do Sr. Vavasseur seja recente, ele possui já uma coletânea muito importante de poesias, de um mérito real, que se propõe a publicar. Nós nos apressaremos em anunciar essa obra quando aparecer, e que, disto não duvidamos, será lida com interesse.

NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA

CANTATA ESPÍRITA.

Letras do Sr. Herczka, e música do Sr. Armand Toussaint, de Bruxelas, com acompanhamento de piano.

Este fragmento não é dado como uma produção medianímica, mas como a obra de um artista inspirado por sua fé espírita. As pessoas competentes que o ouviram executar, concordaram em lhe encontrar um mérito real digno do assunto. Freqüentemente dissemos que o Espiritismo bem compreendido será uma mina fecunda para as artes, onde a poesia, a pintura, a escultura e a música haurirão novas inspirações. Haverá a arte espírita, como houve a arte paga e a arte cristã.

(Vende-se em proveito dos pobres. Preço líquido, 1 fr. 50 c., para a França, 1 fr. 60 c. - Bruxelas, na sede da Sociedade Espírita, 51. rua de la Montagne. - Paris, no escritório da *Revista*).

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

9º ANO

NO. 9

SETEMBRO 1866

OS IRMÃOS DAVENPORT EM BRUXELAS.

Os irmãos Davenport vêm de passar algum tempo na Bélgica, onde deram pacificamente suas representações; temos numerosos correspondentes nesse país e, nem por eles nem pelos jornais, soubemos que esses senhores tenham por ali sido alvo das cenas lamentáveis que tiveram lugar em Paris. É que os Belgas dariam lições de urbanidade aos Parisienses? Poder-se-ia crê-lo comparando as duas situações. O que é evidente é que em Paris havia uma posição antecipada, uma conspiração organizada contra eles; e a prova disto é naquilo que se os ataca antes de saber o que irão fazer, antes mesmo que tivessem começado. Que se vaie aquele que fracassa, que não tem o que anuncia, é um direito que se compra por toda a parte onde se paga na entrada; mais que se o achinche, que se o insulte, que se o maltrate, que se quebrem seus instrumentos, antes mesmo que entre em cena, o que não se permitiria ao último bufão da feira; qualquer que seja a maneira pela qual se considerem esses senhores, tais procedimentos são inexcusáveis num povo civilizado.

De que são acusados? de se darem por médiuns; de pretender que operem com ajuda dos Espíritos? Se era de sua parte um meio fraudulento para despertar a curiosidade do público, quem é que teria o direito de disso se lamentar? Seriam os Espíritos que poderiam achar mau ver a exibição de uma coisa respeitável. Ora, quem é que se lamenta, que criou o escândalo, a impostura e a profanação? Precisamente aqueles que não crêem nos Espíritos. Mas entre aqueles que gritam mais alto que não os há, que fora do homem nada há, a força de ouvir falar de manifestações, alguns acabam, senão por crer, ao menos por temer que ali não haja alguma coisa. O temor que os irmãos Davenport não viessem prová-lo muito claramente desencadeou contra eles uma verdadeira cólera, que, se se tivesse tido a certeza que não eram senão hábeis escamoteadores, não haveria mais razão de ser do que aquela que seria dirigida contra qualquer escamoteador. Sim, disto estamos convencidos, o medo de vê-los triunfar foi a causa principal dessa hostilidade que havia antecipado a sua aparição em público, e preparado os meios de fazer abortar sua primeira sessão.

Mas os irmãos Davenport não foram senão um pretexto; não era à sua pessoa que se queria, era ao Espiritismo, ao qual acreditaram poderem dar uma sanção, e que, com grande desprazer de seus antagonistas, frustrado o efeito da malevolência pela prudente reserva da qual jamais desistiram, apesar de tudo o que se fez para fazê-los dela sair. Para muitas pessoas, é um verdadeiro pesadelo. Seria preciso conhecê-lo muito pouco para crer que esses senhores, colocando-se em condições que ele desaprova, poderiam lhe servir de auxiliares. No entanto, serviram sua causa, mas o foi dela fazendo falar na ocasião, e a crítica lhe deu a mão, sem o querer, provocando o exame da Doutrina. Há que se notar que todo o barulho que se fez ao redor do Espiritismo foi a obra desses mesmos que queriam abafá-lo. O que quer que se tenha feito contra ele, jamais gritou; foram seus adversários que gritaram, como se se acreditassem já mortos.

Extraímos do *Office de publicité*, jornal de Bruxelas, que, diz-se, tira 25.000, as passagens seguintes de dois artigos publicados nos números de 8 e 22 de julho último, sobre os irmãos Davenport, assim como duas cartas de refutação lealmente inseridas nesse mesmo jornal. O assunto, embora um pouco gasto, não deixa de ter seu lado instrutivo.

CRÔNICA BRUXELENSE.

"É bem verdade que tudo chega e que não é preciso dizer: "Fonte, não beberei de tua água." Se me tivesse dito que jamais veria o armário dos irmãos Davenport nem esses ilustres feiticeiros eu teria sido homem a jurar que isso não seria nada, porque basta que se diga de alguém que é feiticeiro para me tirar toda curiosidade a seu respeito. O sobrenatural e a feitiçaria não têm inimigo mais teimoso do que eu. Eu não iria ver um milagre quando se o mostrasse por nada: essas coisas me inspiram a mesma distância do que os bezerros de duas cabeças, as mulheres de barba e todos os monstros; eu acho idiotas os Espíritos batedores e as curas sábias, e não há superstição que me possa fazer fugir até o fim do mundo. Julgai se, com tais disposições eu teria podido ir engrossar a multidão nos irmãos Davenport, quando se os dizia em comércio regular com os Espíritos! Confesso que a idéia não me teria vindo, não mais, de desmascarar sua velhacaria, de quebrar seu armário e provar que não eram realmente feiticeiros, porque me parece que teria dado por aí a prova de que eu mesmo havia acreditado em suas pompas e em suas obras. A mim teria parecido infinitamente mais simples afastar, desde o início, essa pretensa feitiçaria e supor, que tendo enganado tantas pessoas, deveriam ser pessoas ágeis em seus exercícios. Quanto a compreender, disso não estaria muito preocupado. Desde que os Espíritos ali não se misturassem, para quê? E se tivesse havido muitos pobres Espíritos, em outro mundo, para vir fazer este negócio de compadres, *para que ainda?*

"Li ao tempo com muita atenção, ainda que tivesse do que melhor empregar meu tempo, a maioria dos livros em uso dos Espíritos, e ali encontrei tudo o que seria preciso para fazer, se necessário, uma religião nova, mas não do que me converter a essa velha novidade. Todos os Espíritos consultados, e dos quais citaram-se as respostas, não disseram nada que não tivesse sido dito antes deles, e em melhores palavras do que não o redisseram. Eles nos ensinam que é preciso amar o bem e detestar o mal, que a verdade é o contrário da mentira, que a alma é imortal, que o homem deve tender, sem cessar, a se tornar melhor, e que a vida é uma prova, todas coisas que se sabia já muito bem há vários milhares de anos, e pela revelação das quais era inútil evocar tantos ilustres mortos e até personagens que, por célebres que são também, têm, no entanto, o erro de não ter existido. Não falo mesmo do Judeu Errante, mas imaginais que eu tivesse evocado Dom Quixote e que ele viesse, isto não me seria do último prazer?

"Eu não tinha mais do que uma única objeção a respeito dos irmãos Davenport, desde que não fossem mais do que hábeis escamoteadores; essa objeção se resumia nisto, que, *todo o Espiritismo afastado de boa graça e de um comum acordo*, seus exercícios poderiam bem não serem senão mediocrementemente divertidos. É provável que a idéia não me teria vindo de ir vê-los, se o oferecimento me sendo obsequiosamente feito de ali me conduzir, eu não tinha considerado senão crônica necessária, que tudo não é rosa na vida e que o cronista deve ir onde vai o público e se aborrecer pouco, sob a condição de desforra. Resolvido a fazer as coisas conscientemente, e iria primeiro, durante o dia, à sala do *círculo artístico e literário*, onde se estava ocupado em montar o famoso armário. Eu o vi, incompleto ainda, à luz do dia, e despojado de toda a sua "poesia." Se forem necessárias às ruínas a solidão e as sombras do anoitecer, são necessários aos "truques" dos prestidigitadores, a luz do gás, a multidão crédula e a distância. Mas os irmãos Davenport são bons jogadores e jogavam cartas sobre a mesa.

Podia-se ver, e entrar quem quisesse. Um doméstico americano montava o armário com tranqüilidade; as guitarras, os tamborins, as cordas, as campainhas estavam lá misturados com os cofres, as roupas, pedaços de tapetes, tecidos de embalagem; o todo ao abandono, à mercê de qualquer um, e como um desafio à curiosidade. Isso parecia dizer: Tornai, retornai, examinai, procurai, rebuscai, esforçai-vos! Não sabereis nada.

"Não há nada de mais insolentemente simples do que o armário. É um armário para tecidos de linho, roupas, e que não tem inteiramente o ar de ser feito para abrigar os Espíritos. Pareceu-me de nogueira; tem na frente três partes em lugar de duas, e parece cansado das viagens que fez ou dos assaltos que suportou. Lancei-lhe um golpe de olhar, não muito perto, porque, por aberto que estava, pensava que um móvel tão misterioso deveria sentir o fechamento, como a gaiola mágica na qual se escondia Mozart quando criança.

"Declaro formalmente que a menos de ali colocar meu linho ou minhas roupas, não teria sabido o que fazer do armário dos irmãos Davenport. Cada um em seu ofício. Eu o revi à noite, isolado sobre o estrado, diante da rampa: ele já tinha um ar monumental. A sala estava cheia, como jamais o foram os dias em que Mozart, Beethoven e seus intérpretes fizeram sozinhos as despesas do serão. O mais belo público que se podia ter: os mais amáveis, os mais espirituosos, as mais alegres mulheres de Bruxelas, depois os conselheiros da Corte de cassação, os presidentes políticos, judiciários e literários; todas as academias, os senadores, os ministros, os representantes, os jornalistas, os artistas, os construtores, os marceneiros, *"que eram como um buquê de flores!"* O honorável Sr. Rogier, ministro dos assuntos estrangeiros, estava nesse serão, onde lhe acompanhava o antigo presidente da Câmara. O Sr. Vervoort, que, lembrando as grandezas humanas, não conservou senão a presidência do Círculo, encantadora realza, aliás. A essa visão, me senti tranqüilo. Um de nossos melhores pintores, o Sr. Robie, fez eco ao meu pensamento em me dizendo: "Vedes! a Áustria e a Prússia podem se bater quanto quiserem. Uma vez que a crise européia não perturba de outro modo nosso ministro em assuntos estrangeiros, é que a Bélgica pode dormir em paz." Isto me pareceu peremptório, vós o julgareis do mesmo modo, e, sabendo que o Sr. Rogier assistiu sorrindo ao serão dos irmãos Davenport, dormireis tranqüilamente. É o que melhor tendes a fazer.

"Vi todos os exercícios dos irmãos Davenport, e de modo algum procurei compreender-lhes o mistério. Tudo o que posso dizer, sem sonhar de nenhum modo em diminuir seu sucesso, o que me é impossível ter o menor prazer naquelas coisas. Elas não me interessam. Amarraram em minha presença os irmãos Davenport; eles os amarraram mesmo muito bem, dizem; em seguida colocaram-lhes farinha nas mãos, depois as fecharam em seu armário, abaixou-se o gás e ouvi no armário um grande ruído de guitarras de campainhas e tamborins. De repente o armário se abriu - bruscamente, um tamborim rolou violentamente até os meus pés, e os irmãos Davenport apareceram, desligados, saudando o público e sacudindo diante dele a farinha que lhes tinham colocado nas mãos. Foram muito aplaudidos; eis aqui!

- Enfim, como explicais isto?

- Há pessoas no Círculo que o explicam muito bem; quanto a mim, incomodei-me sem proveito lá em cima, não me sinto, absolutamente, com nenhum ciúme de me explicar. Eles se desligaram, eis tudo, e destreza da farinha é feita jeitosamente. Acho os preparativos longos, o ruído aborrecido, e o todo pouco divertido. E nada de espírito, nem no singular nem no plural.

- Assim, não credes?

- Tanto feito; creio no aborrecimento que senti.

- E o Espiritismo, credes nele?

- É a pergunta de Sganarelle a dom Juan. Logo ireis me perguntar se creio no Moine-Bourru. Eu vos responderei, como dom Juan, que creio que dois e dois fazem

quatro, e que quatro e quatro fazem oito. Ainda não sei se, vendo o que se passa na Alemanha e noutra parte, não serei forçado a fazer reservas.

- Sois, pois, um ateu?

-Não. Sem modéstia, sou o homem mais religioso da Terra.

- Assim, credes em Deus, na imortalidade da alma, na...

- Creio. É minha felicidade e minha esperança.

- E tudo isto se concilia convosco: quatro e quatro fazem oito!

- Precisamente. Tudo está nesse lugar. É uma *bela língua quanto o turco*.

- Ides, pois, à missa!

- Não, mas não vos impeço de ir lá. O pássaro sobre o galho, o verme luzente na erva, os globos no espaço e meu coração cheio de adoração me cantam a missa noite e dia. Amo a Deus apaixonadamente, sem medo. Que quereis que eu faça, com isto, as religiões e as outras variedades do davenportismo?

- E o Espiritismo, e Allan Kardec?

- Creio que o Sr. Allan Kardec, que faria muito bem em se chamar pelo seu verdadeiro nome, é um tão bom cidadão quanto vós e eu. Sua moral não difere da moral vulgar, que me basta. Quanto às suas revelações, gosto tanto do armário dos Davenport, com ou sem guitarras. Vi as revelações dos Espíritos; seu estilo não vale o de Bossuet, e, salvo os empréstimos feitos às obras dos homens ilustres, é pesado e freqüentemente chato. *Eu não gostaria de escrever como o mais forte do bando*: meu editor dir-me-ia que o macarrão é bom, mas que não é preciso dele abusar. O Espiritismo o é no sobrenatural e nos dogmas, desconfio desse bloco enfarinhado. Eu disse, há cinco anos, falando da Doutrina, porque é bem uma doutrina: há tudo o que existe para *improvisar* uma religião nova. Valeria mais ser muito simplesmente religioso e nisso manter-se nas revelações do universo.

"Eu a vejo despontar essa religião. Já é uma seita, e considerável, porque não podeis imaginar o número e o sério das cartas que já recebi por ter aflorado ultimamente o Espiritismo. Ele tem seus fanáticos, terá seus intolerantes, seus sacerdotes, porque o dogma se presta à ação intermediária, uma vez que os Espíritos têm classes e preferências. Tão logo que houver dez por cento a ganhar com esse novo dogma, se lhe verá um clero. Eu o creio destinado a herdar o catolicismo, em razão desses lados sedutores. Esperai somente que os hábeis nele se misturem, e os profetas e os evocadores privilegiados levarão através do mistério da coisa, que é doce e poética, como as ervas parasitas num campo de trigo.

"Eis duas cartas que me foram endereçadas. Elas vêm de pessoas leais, crédulas e convictas; é por isto que as publico.

"Ao Sr. Bertram.

"Há quatro anos, eu era o que se pode chamar um franco retardatário; católico sincero, eu acreditava nos milagres, no diabo, na infalibilidade papal; assim, teria aceito sem hesitar a Encíclica de Pio IX com todas as suas conseqüências na ordem pública.

"Mas para que esta confissão de um desconhecido? dir-me-eis. Na verdade, senhor Bertram, vou vo-lo informar, com risco de excitar vossa verve zombetei rã o u *de vos fazer desculpar até o fim do mundo*.

"Vi um dia, em Anvers, uma mesinha (vulgarmente chamada mesa falante) que me respondeu a uma pergunta mental em meu idioma natal, desconhecido dos assistentes; entre eles havia Espíritos fortes, maçons que não acreditavam nem em Deus nem na alma; a coisa lhes deu a refletir, leram com avidez as obras espíritas de Allan Kardec, eu fiz como eles, sobretudo quando vários sacerdotes me asseguraram que esses fenômenos eram exclusivamente a obra do... demônio, e eu vos asseguro, eu, que não lamento o tempo que isso me custou, muito ao contrário. Encontrei nesses livros não só uma solução racional e muito natural do fenômeno acima, mas uma saída a muitas das questões, a muitos problemas que me coloquei no tempo; nisso teríeis encontrado

matéria para uma religião nova, mas crede-me, senhor Bertram, que nisso haveria um grande mal, se a ocasião se apresentar? O catolicismo está de tal modo em relação com as necessidades de nossa sociedade que ele não possa ser nem rejuvenescido nem substituído vantajosamente? Ou bem credes que a Humanidade possa se abster de toda crença religiosa? O liberalismo proclama belos princípios, mas ele é em grande parte cético e materialista; nestas condições ele não reunirá jamais a ele as massas, tão pouco quanto o catolicismo ultramontano; se o Espiritismo for chamado a se tornar um dia uma religião, será a religião natural bem desenvolvida e bem compreendida, e esta certamente não é novidade; é como dizeis: uma velha novidade; mas é também um terreno neutro onde todas as opiniões, tanto políticas quanto religiosas, poderão se estender um dia a mão.

"O que quer que seja, depois que me tornei Espírita, algumas más línguas me acusam de ter me tornado livre pensador; é verdade que a partir dessa época, do mesmo modo que os Espíritos fortes dos quais falei acima, não creio mais no sobrenatural nem no diabo; mas, em compensação, todos cremos um pouco mais em Deus, na imortalidade da alma, na pluralidade das existências; filhos do século dezenove, percebemos um caminho seguro e queremos impelir o carro do progresso e não retardá-lo. Vede, pois, que o Espiritismo tem ainda coisa boa, se pode operar tais mudanças. - E agora, para vir aos irmãos Davenport, seria errado fugir das experiências, ou concluir deliberadamente contra elas, pelo fato mesmo de que são novas; quanto mais os fatos que se nos apresentam são extraordinários, mais merecem ser observados conscienciosamente e sem idéias preconcebidas, porque, quem poderia se gabar de conhecer todos os segredos da Natureza? Jamais vi os irmãos Davenport, mas li o que a imprensa francesa escreveu por sua conta, e fiquei admirado da má fé que ela nisso colocou. Os amadores poderão ler frutiferamente: *As forças naturais desconhecidas*, por Hermes. (Paris, Didier, 1865); é uma refutação do ponto de vista da ciência às críticas dirigidas contra eles. Se é verdade que esses senhores não se dão por Espíritas e que não conhecem a Doutrina, o Espiritismo não tem que lhes tomar a defesa; tudo o que se pode dizer é que os fatos semelhantes àqueles que apresentam são possíveis em virtude de uma lei natural hoje conhecida e pela intervenção dos Espíritos inferiores; somente, até aqui, esses fatos não eram ainda produzidos em condições tão pouco favoráveis, a horas fixas e com tanta regularidade.

"Espero, senhor, que acolhereis estas observações desinteressadas e que lhes dareis a hospitalidade em vosso jornal; possam elas contribuir para elucidar uma questão mais interessante, aos vossos leitores, do que poderiam supô-lo.

"Vosso assinante,
"H. VANDERYST."

"Hei-la publicada! Não se me acusará de colocar "a luz sob o alqueire."

"Primeiro, não tenho alqueire; em seguida, sem a sombra da zombaria, não vejo aqui muito a luz. Jamais fiz objeção à moral do Espiritismo; ela é pura. Os Espíritas são honestos e benfazejos, se o don palativos creches mo provaram. Se prendem aos seus Espíritos superiores e inferiores, não vejo nisso inconveniente. É um assunto entre o seu instinto e a sua razão.

"Há um pos-scriptum na carta, ei-lo:

"Permiti-me que chame vossa atenção sobre uma obra que vem de ter as honras do Index: *A pluralidade das existências da alma*, por Pezzani, advogado, onde essa questão é tratada fora da revelação espírita."

"Passemos à outra carta:

(Segue uma segunda carta no mesmo sentido que a precedente, e que termina assim:)

"Tenho convicção de que, no dia em que a imprensa se envolver em desenvolver tudo o que o Espiritismo encerra de belo, o mundo fará progressos imensos, moralmente. Tornar sensível ao homem que todos levam em si a verdadeira religião, a *consciência*, deixá-lo em presença de si mesmo para responder por seus atos diante do Ser supremo, que coisa importante! Não seria matar o materialismo que faz tanto mal no mundo? Não seria uma barreira contra o orgulho, a ambição, a inveja, todas as coisas que tornam os homens infelizes? Ensinar ao homem que ele deve fazer o bem para merecer sua recompensa: há certamente homens que estão convencidos de tudo isto, mas quanto sobre a generalidade? E pode-se ensinar tudo isso ao homem; por minha parte, evoquei meu pai, e segundo as respostas que recebi, a dúvida não é mais possível.

"Se tivesse a felicidade de manejar a caneta como vós, trataria o Espiritismo como chamado a nos inculcar uma moral doce e agradável. Meu primeiro artigo teria por título: *O Espiritismo ou a destruição de todo o fanatismo. A queda dos jesuítas e de todos aqueles que vivem da credulidade do homem*. Haurem-se todas essas idéias no excelente livro de Allan Kardec. Quanto gostaria que tivésseis a minha maneira de encarar o Espiritismo! Como faríeis bem à moral! Mas, meu caro Bertram, como pudeste encontrar do sobrenatural, da feitiçaria no Espiritismo? Não acho mais extraordinário que nos comuniquemos com os nossos parentes e nossos amigos num outro mundo, por meio do fluido que nos coloca em relação com eles, não acho extraordinário que nos comuniquemos com os nossos irmãos deste globo a distâncias fabulosas por meio do fio elétrico!"

O todo publicado sem observação e sem comentário, para provar somente que o Espiritismo, na Bélgica, tem partidários ardorosos em sua fé. A seita, positivamente, faz progressos, e o catolicismo terá logo a contar com ela.

"A imprensa parisiense não foi de má-fé com os irmãos Davenport; o que o faz bem ver, é que estes não ostentam mais pretensões ao sobrenatural. Não dão mais sessões a cinqüenta francos por cabeça, ao menos pelo que sei; no entanto, creio que as pessoas que quisessem pagar seu lugar a esse preço lá não seriam mal recebidas. Para concluir, afirmo que seus exercícios não me parecem feitos para exercer uma grande influência sobre o futuro das sociedades humanas.

"BERTRAM."

Depois das duas cartas que se acaba de ler, não teremos senão pouca coisa a dizer sobre esse artigo; sua moderação contrasta com a acrimônia da maioria daqueles que escreveram outrora sobre o mesmo assunto. O autor, pelo menos não contesta aos Espíritas o direito de ter uma opinião que respeite, embora não a partilhe; ao encontro de certos apóstolos do progresso, reconhece que a liberdade de consciência é para todo o mundo; já é alguma coisa. Concorda mesmo que os Espíritas têm do bom e são de boa-fé. Constata, enfim, os progressos da Doutrina e confessa que ela tem um lado sedutor. Não faremos, pois, senão curtas observações.

O Sr. Bertram quer muito nos ter por um tão bom cidadão quanto ele, e lhe agradecemos por isso; mas acrescenta que faríamos também muito bem nos chamar pelo verdadeiro nome. Nos permitimos, de nossa parte, perguntar-lhe por que assina seus artigos *Bertram*, em lugar de *Eugène Landois*, o que não tira nada às suas qualidades pessoais, porque sabemos que é o principal organizador da creche de Saint-Josse-Tennoode, da qual se ocupa com a mais louvável solicitude.

Se o Sr. Bertram tivesse lido os livros espíritas com tanta atenção quanto o diz, saberia se os Espíritas são bastante simples para evocar o Judeu Errante ou dom Quixote; saberia o que o Espiritismo aceita e o que desaprova; não se afligiria em apresentá-lo como uma religião, porque, com o mesmo título, todas as filosofias seriam religiões, uma vez que é de sua essência discutir as próprias bases de todas as religiões:

Deus, e a natureza da alma. Compreenderia, enfim, que se jamais o Espiritismo se tornasse uma religião, não poderia se fazer intolerante sem negar seu princípio que é a fraternidade universal, sem distinção de seita e de crença; sem abjurar sua divisa: *Fora da caridade não há salvação*, símbolo mais explícito do amor ao próximo, da tolerância e da liberdade de consciência. Jamais disse: *"Fora do Espiritismo não há salvação."* Se uma religião se encaixasse no Espiritismo, com exclusão desses princípios, não seria mais o Espiritismo.

O Espiritismo é uma doutrina filosófica que toca a todas as questões humanitárias; pelas modificações profundas que ela traz nas idéias, faz encarar as coisas de um outro ponto de vista; daí, para o futuro, inevitáveis modificações nas relações sociais; é uma mina fecunda onde as religiões, como as ciências, como as instituições civis, haurirão elementos de progresso; mas do fato de que ela toca em certas crenças religiosas, não constitui mais um culto novo quanto não é um sistema particular de política, de legislação ou de economia social. Seus templos, suas cerimônias e seus sacerdotes estão na imaginação de seus detratores e daqueles que têm medo de vê-la se tornar religião.

O Sr. Bertram critica o estilo dos Espíritos e coloca o seu bem acima: é seu direito, e nós não lho disputaremos. Não lhe contestamos mais esse ponto do que em fatos morais os Espíritos não nos ensinam nada de novo; isto prova uma coisa, é que os homens, por isso, não são mais culpáveis de praticá-la tão pouco. É preciso, pois, se admirar de que Deus, em sua solicitude, a repete-lhes sob todas as formas? Se, sob esse aspecto, o ensino dos Espíritos é inútil, o do Cristo o é igualmente, uma vez que não faz senão desenvolver os mandamentos do Sinai; os escritos de todos os moralistas são semelhantemente inúteis, uma vez que não fazem senão dizer a mesma coisa em outros termos. Com esse sistema, quantas pessoas cujos trabalhos seriam inúteis! sem compreendê-lo os cronistas que, por condição, nada devem inventar.

Está, pois, convencionado que a moral dos Espíritos é velha como o mundo, o que nada tem de surpreendente, uma vez que a moral, não sendo outra coisa senão a lei de Deus, essa lei deve ser *de toda a eternidade*, e que a criatura nada pode acrescentar à obra do Criador. Mas não há nada de novo no modo de ensino? Até o presente, o código de moral não havia sido promulgado senão por algumas individualidades; foi reproduzido nos livros que nem todo o mundo lê ou não compreende. Pois bem! hoje esse mesmo código é ensinado, não mais por alguns homens, mais por milhões de Espíritos, que foram homens, em todos os países, em cada família, e, por assim dizer, em cada indivíduo. Credes que aquele que tivesse sido indiferente à leitura de um livro, que tivesse tratado as máximas que ele encerra como lugares comuns, não será de outro modo muito impressionado se seu pai, sua mãe, ou um ser que lhe é caro e que respeita, vem dizer-lhe, fosse mesmo num estilo inferior ao de Bossuet: "Não estou perdido como acreditaste; estou lá junto de ti, vejo-te e ouço-te, te conheço melhor do que quando estava vivo, porque leio em teu pensamento; para ser feliz no mundo onde estou, eis a regra de conduta a seguir; tal ação é boa e tal outra é má, etc." Como o vedes, é um ensino direto, ou se gostais mais, um novo meio de publicidade, tanto mais eficaz quanto vá direto ao coração; que não custa nada; que se dirige a todo o mundo, ao pequeno como ao grande, ao pobre como ao rico, ao ignorante como ao sábio, e que desafia o despotismo humano que quisesse colocar-lhe uma barreira.

Mas, direis, isto é possível? não é uma ilusão? Essa dúvida seria natural se tais comunicações não fossem feitas senão por um único homem privilegiado, porque nada provaria que ele não se engana; mas quando milhares de indivíduos delas recebem semelhantes todos os dias e em todos os países do mundo, é racional pensar que todos são alucinados? Se o ensino do Espiritismo estivesse relegado nas obras espíritas, não teria conquistado a centéssima parte dos adeptos que possui; esses livros não fazem senão resumir e coordenar esse ensino, o que faz seu sucesso, é que cada um encontra em seu particular a confirmação do que encerram.

Será fundado dizer que o ensino moral dos Espíritos é supérfluo, quando se tiver provado que os homens são bastante bons para deles não ter mais necessidade; até lá, não é preciso se admirar de vê-lo repetir sob todas as formas e em todos os tons.

Que me importa, dizeis, senhor Bertram, que haja ou não Espíritos! É possível que isto vos seja indiferente, mas não o é do mesmo modo para todo o mundo. É absolutamente como se dissésseis: "Que me importa que haja habitantes na América, e que o cabo elétrico venha me prová-lo!" Cientificamente, é alguma coisa quanto a prova do mundo invisível; moralmente, é muito; porque os Espíritos povoam o espaço que se crê desabitado, é a descoberta de todo o mundo, a revelação do futuro e do destino do homem, uma revolução em suas crenças; ora, se a coisa existe, toda negação não poderá impedi-la de existir. Seus resultados inevitáveis merecem muito que se preocupem com ela. Sois homem de progresso, e repelis um elemento de progresso? um meio de melhorara Humanidade, de cimentar a fraternidade entre os homens? uma descoberta que conduz à reforma dos abusos sociais contra os quais reclamais sem cessar? Credes em vossa alma imortal, e não vos importais de nenhum modo de saber o que ela se torna, em que se tornaram vossos parentes e vossos amigos? Francamente, isso é pouco racional. Não é, direis, no armário dos irmãos Davenport que eu o encontrarei; de acordo; jamais dissemos que estivesse lá o Espiritismo. No entanto, esse mesmo armário, precisamente porque, errado ou certo, ali fez intervir os Espíritos, e fez falar muito dos Espíritos, mesmo aqueles que não criam neles; daí as pesquisas e os estudos que não seriam feitos se esses senhores não fossem dados por simples prestidigitadores. Se os Espíritos não estavam em seus armários, bem puderam provocar esse meio para fazer sair uma multidão de pessoas de sua indiferença. Vedes que vós mesmos, com o vosso desconhecimento, fostes levado a semear a idéia entre vossos numerosos leitores, o que não teríeis feito sem esse famoso armário.

Quanto às verdades novas que ressaltam das revelações espíritas fora da moral, remetemos ao artigo publicado na *Revista* de janeiro de 1865, sob o título de: *O que ensina o Espiritismo*.

O ESPIRITISMO NÃO PEDE MAIS DO QUE SER CONHECIDO.

É um fato averiguado que, depois que a crítica implicou com ao Espiritismo, ela mostrou a mais completa ignorância de seus princípios mais elementares; ela o provou super abundantemente em lhe fazendo dizer precisamente o contrário do que diz, em lhe atribuindo idéias diametralmente opostas às que professa. Para ela, tendo dado um Espiritismo de fantasia, se diz: "Ele deve dizer e pensar tal coisa;" em uma palavra, ela julgou sobre o que pensou o que ele poderia ser, e não sobre o que é realmente. Sem dúvida, ele era muito fácil de se esclarecer; mas, para isto, seria preciso ler, estudar, aprofundar uma doutrina toda filosófica, sondar a importância das palavras; ora, está aí um trabalho sério que não é do gosto de todo o mundo, muito fatigante mesmo para algum. A maioria dos escritores, encontrando nos escritos de seus confrades um julgamento inteiramente feito, de acordo com suas idéias céticas, aceitaram-lhe o fundo sem mais exame, se limitando a bordar algumas variantes na forma; é assim que as idéias mais falsas se propagaram como ecos na *Imprensa*, e daí numa parte do público.

Isto, no entanto, não podia ter senão um tempo. A Doutrina Espírita, que nada tem de escondido, que é clara, precisa, sem alegorias nem ambigüidades, sem fórmulas abstratas, deveria acabar por ser melhor conhecida; a própria violência com a qual era atacada, com isso deveria provocar o exame; e foi o que ocorreu, e foi o que levou à reação que se observa hoje. Não quer dizer que todos aqueles que a estudam, mesmo seriamente, devam dela se fazer apóstolos; não certamente; mas é impossível que um estudo atento, feito sem prevenção, não atenuie ao menos a prevenção que se lhe

concebeu, se ela não a dissipa completamente. Era evidente que a hostilidade da qual o Espiritismo era objeto deveria levar a esse resultado; foi por isso que nós jamais nos inquietamos.

Porque o Espiritismo faz menos barulho neste momento, algumas pessoas pensam que há estagnação em sua marcha progressiva; mas contam elas por nada a mudança completa que se opera na opinião? É uma conquista insignificante o ser considerado de um olhar menos mau? O Espiritismo desde o início reuniu a todos aqueles a quem essas idéias estavam, por assim dizer, em estado de intuição; não teve senão que se mostrar para ser por eles aceito com solicitude; é o que explica seu crescimento numérico rápido. Hoje, que colheu o que estava maduro, ele age sobre a massa refratária; o trabalho é mais longo; os meios de ação são diferentes e apropriados à natureza das dificuldades; mas, nas flutuações da opinião, sente-se que essa massa se abala sob o machado dos Espíritos que a atinge, sem cessar, de mil maneiras. O progresso, por ser menos aparente, não é menos real; é como o de uma construção que se eleva com rapidez, e que parece parar quando se trabalha no interior.

Quanto aos Espíritas, o primeiro momento foi o de entusiasmo; mas um estado de superexcitação não pode ser permanente; ao movimento expansivo exterior, sucedeu um estado mais calmo: a fé é tão viva, mas é mais fria, mais raciocinada, e, por isto mesmo, mais sólida. A efervescência deu lugar a uma satisfação íntima mais doce, cada dia melhor apreciada, pela serenidade que proporciona a inabalável confiança no futuro.

Hoje, pois, o Espiritismo começa a ser julgado de um outro ponto de vista; não se o acha mais tão estranho e tão ridículo, porque se o conhece melhor; os Espíritas não são mostrados mais ao dedo como animais curiosos; se muitas pessoas repelem ainda o fato das manifestações que não podem conciliar com a idéia que se fazem do mundo invisível, elas não contestam mais a importância filosófica da Doutrina; que sua moral seja velha ou nova, por isto não é menos uma doutrina moral, que não pode excitar ao bem aqueles que a professam; é o que reconhece quem julga com conhecimento de causa. Tudo o que se censura agora aos Espíritas é crer na comunicação dos Espíritos; mas se lhe passa essa pequena fraqueza em favor do resto. Sobre este ponto os Espíritos se encarregarão de mostrar se existem.

O artigo do Sr. Bertram, de Bruxelas, reportado acima, parece-nos ser a expressão do sentimento que tende a se propagar no mundo dos precedentemente zombadores, e se desenvolverá à medida que o Espiritismo for mais conhecido. O artigo seguinte está no mesmo sentido, mas revela uma convicção mais completa. Ele foi extraído do *Soleil* de 5 de maio.

"Ao mesmo tempo que aparecem os *Apóstolos*, do Sr. Ernest Renan, o Sr. J.-B. Roustaing, adepto esclarecido do Espiritismo, publicou pela Livraria central uma obra considerável intitulada: *Os Quatro Evangelhos*, seguidos dos mandamentos explicados em espírito e em verdade pelos evangelistas ajudados pelos apóstolos.

"A massa dos Parisienses quase não conhece, em fato de Espiritismo, senão as frustrações de alguns escamoteadores que tentaram em vão abusar da credulidade de um público incrédulo. Esses charlatães foram vaiados, o que é muito bem feito; mas os Espíritas, cheios de ardor e de fé, por isso não continuaram menos suas experiências e sua propaganda rápida.

"As coisas mais sérias são tratadas em Paris, do mesmo modo do que as mais fúteis. Assim é que se pergunta, o mais freqüentemente, se se tem negócio com um deus, uma mesa ou uma pequena bacia. As experiências sumárias, tentadas entre duas taças de chá por algumas mulheres adúlteras e alguns jovens pretensiosos, bastaram à curiosidade dos Parisienses. Se a mesa aparentasse girar, ria-se muito; se, ao contrário, a mesa não mexesse, ria-se ainda mais forte; e é assim que a questão se achava aprofundada. Isto era de outro modo entre a população mais refletida da província. O menor resultado animava os prosélitos, excitava seu ardor; o Espírito de seus próximos

respondia à sua espera; e cada um deles, conversando com a alma de seu pai e de seu irmão defuntos, estava convencido de ter levantado o véu da morte que, doravante, não podia ter terror para ele.

"Se jamais houve uma consoladora doutrina, é certamente esta: a individualidade conservada além do túmulo, a promessa formal de uma outra vida que é realmente a continuação da primeira. A família subsiste, a afeição não morre com a pessoa; não há separação. Cada noite, no sul e no oeste da França, as reuniões de espíritas atentos se tornam mais numerosas. Ora-se, evoca-se, crê-se. Pessoas que não sabem escrever, escrevem; sua mão é tomada pelo Espírito.

"O Espiritismo é sem perigo social; também o deixa estender-se sem lhe opor barreiras. Se o Espiritismo fosse perseguido, teria seus mártires como o Babismo, na Pérsia.

Ao lado das respostas medianímicas mais sérias se acham indicações e conselhos que chamam o sorriso. O autor dos *Quatro Evangelhos*, Sr. Roustang, advogado na corte imperial de Bordeaux, antigo chefe da ordem dos advogados, não é um ingênuo - não mais do que um enganador - e, em seu prefácio, se acha a comunicação seguinte:

"Chegou o momento em que deves pôr em situação de entrega à publicidade esta obra; não fixamos limites; emprega com sabedoria e medida tuas horas, a fim de poupar tuas forças... A publicação pode ser começada a *contar do mês de agosto próximo*; a partir dessa época, trabalha o mais prontamente possível, mas sem ultrapassar as forças humanas; de tal modo que a publicação esteja terminada no mês de agosto de 1866."

"Assinado: MOISÉS, - MATEUS, - MARCOS, - LUCAS, -JOÃO, "Assistidos pelos Apóstolos."

"O leitor está surpreso de não ver Moisés, Mateus, Lucas e João levarem até o fim seu conselho e acrescentar: Farás imprimir a obra na casa Lavertujon, 7, rua dos Treilles, e, Bordeaux e fá-la-ás aparecer na Livraria central, boulevard dos Italianos, em Paris.

"Detém-se também um instante nessa passagem, que disse ao autor *não ultrapassar as forças humanas*. O autor deve, pois, tê-las ultrapassado, sem essa paternal palavra dos senhores Moisés, Mateus, Marcos e João?

"O Sr. Renan, sem tocar de início no Espiritismo, faz numerosas alusões a essa nova doutrina da qual parece não desconhecer a importância. O autor de *Apóstolos* lembra (página 8) uma passagem capital de São Paulo que estabelece: 1° a realidade das aparições; 2° a longa duração das aparições. Uma única vez, no curso de sua obra, o Sr. Renan prende os Espíritas na armadilha. Ele disse, na página 22, segunda nota:

"Para conceber a possibilidade de semelhantes ilusões, basta se lembrar das cenas de nossos dias, onde pessoas reunidas reconhecem unanimemente ouvir ruídos sem realidade, e isto, com uma perfeita boa-fé. A espera, o esforço da imaginação, a disposição de crer, às vezes as complacências inocentes, explicam aqueles desses fenômenos que não são o produto direto da fraude. Essas complacências vêm, em geral, de pessoas convictas, animadas de um bom sentimento, não querendo que a sessão acabe mal, e desejosas de tirar do embaraço os senhores da casa. Quando se crê no milagre, se o ajuda sempre sem disso se aperceber. A dúvida e a negação são impossíveis nessas espécies de reunião. Cria-se dificuldade àqueles que crêem e àqueles que vos convidaram. Eis porque essas experiências, que se reúnem diante de pequenas comissões, fracassam comumente diante de um público pagante, e falham sempre diante das comissões científicas."

"Aqui, como em outra parte, o livro do Sr. Renan carece de boas razões. De um estilo doce e encantador, substituindo a lógica pela poesia, os *Apóstolos* deveriam se intitular os *Últimos Abencérages*. As remessas a documentos inúteis, as falsas provas das quais a obra está sobrecarregada lhe dão todas as aparências da puerilidade com a qual foi concebida. Nisso não há do que se enganar.

"O Sr. Renan conta que Maria de Magdala, chorando na beira do sepulcro, teve uma visão, uma simples visão. - O que lhe foi dito? -Ela acreditou ouvir uma voz. - Como sabe que ela não foi realmente ouvida? - Todas as afirmações contidas na obra são quase da mesma força.

"Se os Espíritas não têm quase nada a oferecer senão sua boa-fé por explicação, o Sr. Renan não tem mesmo esse recurso.

"Não podemos aqui senão contar o livro do Sr. Roustaing; não temos o direito de discuti-lo, não mais do que o dever onde nos leva. De resto, esse não seria o lugar de entrar em considerações que o leitor não procura em nossas colunas. A obra é séria, o estilo é claro e firme. O autor não caiu no erro comum dos comentaristas que, freqüentemente, são mais obscuros do que o próprio texto que querem esclarecer.

"O Espiritismo, que tinha seu catecismo, terá doravante seus códigos anotados e seu curso de jurisprudência. Não lhe faltará senão a prova do mártir."

AURÉLIEN SCHOLL.

EXTRATO DO PROGRÈS COLONIAL DA ILHA MAURICE.

Comunicação Espírita.

Não é só nos países em que os jornais, não diremos ainda simpatizem, mas se humanizem com o Espiritismo, ao qual começam a conceder o direito de burguesia. Lê-se no *Progrès colonial*, jornal de Port-Louis, ilha Maurice, na data de 15 de junho de 1866:

"Todos os dias recebemos duas ou três dessas comunicações espíritas, mas se nos abstermos de reproduzi-las até aqui, foi porque não estamos ainda em medida de consagrar um lugar a essa coisa extraordinária que se chama o Espiritismo. Que nossos leitores, aqueles que são por natureza curiosos, tenham um pouco de paciência: não esperarão por muito tempo. Se damos esse pequeno escrito, assinado por LÁZARO, é que se trata desse pobre Georges, morto e enterrado tão infelizmente:

"Senhor,

"Li hoje uma correspondência inserida em vosso jornal, assinada: "Uma testemunha ocular," relatando a maneira pela qual se serviu para colocar na terra o cadáver do infortunado G. Lemeure.

Há muito tempo, senhor, eu sabia perfeitamente que se a miséria não é um vício, é ao menos uma das maiores calamidades que há no mundo; mas o que eu não queria admitir é que os homens fossem bastante adoradores do bezerro de ouro para não respeitar mais tudo o que há de mais solene, de maior e de mais sagrado para nós: a morte!...

"Assim, pobre Georges, dotado de um caráter doce, honesto e modesto, condenado a viver na maior privação, suportando as provas deste mundo com coragem e mesmo com alegria, sempre pronto a prestar serviço ao seu próximo, tu vais morrer assim isolado, longe daqueles que te amam, que te lamentam talvez; e é preciso ainda para humilhar a tua sombra, que homens, que irmãos, te cavem uma cova na terra, sozinho, sozinho com nada! como se a pobreza te tornasse indigno de partilhar, assim como teus semelhantes, um terreno consagrado. Além disto, não se te faz mesmo a caridade de um caixão, quatro pedaços de tábua! tu és ainda muito feliz, pensa essa *boa humanidade*, de repousar na terra úmida e fria esquecido de todos! Que lhes importa, de resto, que teu corpo se putrefaça lá, sem que um amigo venha ali derramar uma lágrima, lançar uma flor, levar uma lembrança?

"Eu me detenho aqui, porque estou ainda indignado de que não se cumpram mesmo as formas desejadas em semelhantes ocasiões para com o infeliz; em todos os países civilizados, dá-se aos parentes ou amigos de uma pessoa morta, encontrados pela

autoridade, vinte e quatro horas para vir reconhecê-la e reclamá-la; se ao cabo desse tempo não se vem, então se a deposita em terra santa, em observando sempre as considerações devidas à morte; mas aqui, abstém-se de semelhantes formalidades, contenta-se, se não tendes com que pagar as despesas de vosso enterro, em vos lançar num canto qualquer, assim como um animal, e vos cobrir com dois ou três punhados de pó.

"Eu o repito, senhor, é um enorme flagelo quanto a miséria.

"LÁZARO."

OS FENÔMENOS APÓCRIFOS.

O fato seguinte foi narrado pelo *Événement* de 2 de agosto de 1866:

"Há vários dias, os habitantes do quarteirão vizinho da igreja Saint-Médard estavam postos em grande emoção pelo fato singular, misterioso, que deu lugar aos comentários e aos relatos mais lúgubres.

"As demolições se fazem ao redor dessa igreja; a maioria das casas abatidas foram levantadas sobre o local de uma cemitério ao qual se liga a história dos pretensos milagres que, no começo do século dezoito, motivaram uma ordem do governo que ordena, em 27 de janeiro de 1733, o fechamento desse cemitério, sobre cuja porta se encontrou no dia seguinte este epigrama:

Da parte do rei... proíbe a Deus Fazer milagre neste lugar.

Ora, as casas respeitadas pelo martelo do demolidor eram, cada noite, assoladas por uma saraivada de pedras, freqüentemente muito grandes, que quebravam os vidros das janelas e caíam sobre os telhados, que elas danificavam.

"Apesar das mais ativas procuras, ninguém pôde descobrir de onde vinham esses projéteis.

"Não se deixou de dizer que os mortos do cemitério, perturbados em seu repouso pelas demolições, manifestavam assim seu descontentamento. Mas pessoas menos crédulas, pensam bem que essas pedras que continuavam a cair todas as noites eram lançadas por um ser vivo, foram reclamar a intervenção do Sr. Cazeaux, comissário de polícia, que fez organizar uma vigilância por agentes.

"Enquanto eles vigiavam, as pedras não apareciam, mas desde que cessavam, elas caíam ainda com mais abundância.

"Não se sabia o que fazer para penetrar esse mistério, quando a senhora X..., proprietária de uma casa da rua Censier, veio declarar ao comissário que assustada pelo que se passava, ela tinha ido darto uma sonâmbula.

"Ela me revelou, disse a declarante, que as pedras eram lançadas por uma jovem afetada de um mal na cabeça. Precisamente minha boa Félicie F..., com a idade de dezesseis anos, foi atingida de impingem sobre essa parte do corpo.

"Se bem que não ligando nenhuma importância a essa indicação, o comissário consentiu, no entanto, em interrogar Félicie, e obter-lhe confissões completas. Agindo sob a inspiração de um Espírito que lhe apareceu, ela via, há vários meses, amontoado em um celeiro, uma quantidade considerável de pedras, e, cada noite, ela levava para ali lançar uma parte - pela janela desse celeiro - sobre as casas vizinhas.

"Na presunção de que essa jovem podia ser alienada, o comissário a enviou à Prefeitura, para que ali fosse examinada por médicos especiais."

Esse fato prova que é preciso guardar-se de atribuir a uma causa oculta todos os fatos desse gênero, e que, quando uma causa material existe, chega-se sempre a descobri-la, o que não prova nada contra a possibilidade de uma outra origem, em certos casos, os quais não se pode julgar senão pelo conjunto das circunstâncias, como em

Poitiers. A menos que a causa oculta não seja demonstrada pela evidência, a dúvida é o partido mais sábio; convém, pois, manter-se em reserva. É preciso, sobretudo, desconfiar das armadilhas estendidas pela malevolência tendo em vista se dar o prazer de mistificar os Espíritas. A idéia fixa da maioria dos antagonistas é de que o Espiritismo está inteiramente nos efeitos físicos, e não pode viver sem isto; que a fé dos Espíritas não tenha outro objetivo é porque imaginam matá-lo desacreditando seus efeitos, seja que os *façam simular*, seja que os *inventem* em condições ridículas. Sua ignorância do Espiritismo faz que, sem disso se aperceberem, firam ao lado da questão capital, que é o ponto de vista moral e filosófico.

Alguns, no entanto, conhecem muito bem esse lado da Doutrina; mas como ele é inatacável, se atiram sobre o outro, mais vulnerável, e que se presta mais facilmente à fraude. Eles gostariam, a todo preço, fazer passar os Espíritas por admiradores crédulos e supersticiosos do fantástico, aceitando tudo de olhos fechados. É para eles um grande desapontamento não vê-los se extasiarem ao menor fato tendo algum colorido de sobrenatural, e de achá-los, em relação a certos fenômenos, mais céticos do que aqueles que não conhecem o Espiritismo; ora, é precisamente porque o conhecem, que sabem o que é possível e o que não o é, e não vêem por toda a parte a ação dos Espíritos.

No fato acima reportado, é bastante curioso ver a verdadeira causa revelada por uma sonâmbula. É a consagração do fenômeno da lucidez. Quanto à jovem que disse ter agido sob o impulso de um Espírito, é certo que não foi o conhecimento do Espiritismo que lhe deu essa idéia. De onde ela lhe veio? É muito possível que ela se achasse sob o império de uma obsessão que se tomou, como sempre, por loucura. Se assim for, não é com remédio que se a curará. Em semelhante caso, muitas vezes se têm visto pessoas falar espontaneamente dos Espíritos, porque os vêem, e se diz então que estão alucinadas.

Nós a supomos de boa-fé, porque não temos nenhuma razão de suspeitá-la; mas há infelizmente fatos desnaturados para fazer nascer a desconfiança. Lembramo-nos de uma mulher que simulou a loucura ao sair de uma reunião espírita onde tinha sido admitida às suas *instâncias*, a *única à qual ela tinha assistido*; conduzida imediatamente a uma casa de alienados, ela confessou depois que tinha recebido cinquenta francos para desempenhar essa comédia. Era na época em que se procurava acreditar a idéia de que as casas de loucos regurgitavam de Espíritas. Essa mulher se deixou seduzir pelo engodo de algum dinheiro, outros podem ceder a outras influências. Não pretendemos que tenha sido assim com a jovem; quisemos simplesmente mostrar que quando se quer denegrir uma coisa, todos os meios são bons; é, para os Espíritas, uma razão a mais de se manterem em guarda e tudo observar escrupulosamente. De resto, se tudo o que se trama por baixo do pano prova que a luta não terminou, e que é preciso redobrar a vigilância e a firmeza, é igualmente a prova de que todo o mundo não considera o Espiritismo como uma quimera.

Ao lado da guerra surda, há o da guerra a céu aberto, mais geralmente feita pela incredulidade zombeteira; esta evidentemente está modificada. Os fatos que se multiplicam, a adesão de pessoas das quais não se pode suspeitar a boa-fé nem a razão, a imparcialidade dos Espíritas, sua calma e sua moderação em presença das tempestades que se levantam contra eles, deram a refletir. A imprensa registra cada dia fatos espíritas; ae, em seu número, houve verdadeiros, outros são evidentemente inventados para as necessidades da causa da oposição. Não se negam mais os fenômenos, mas se procura torná-los ridículos pelo exagero. É uma tática bastante inofensiva, porque não é difícil hoje fazer, nessas matérias, a parte da inverosimilhança. Os jornais da América, de resto, não são invenções sob esse aspecto, e os nossos se apressam em repeti-los. Foi assim que a maioria reproduziu a história seguinte, no decorrer de março último:

"ESTADOS UNIDOS. - Executou-se em Cleveland (Ohio) um homem, o doutor Hughes, que, no momento de morrer, fez um discurso atestando um espírito de firmeza e de lucidez extraordinário. Ele aproveitou a ocasião para fazer, sobre a utilidade e a justiça da pena de morte, uma dissertação que não durou menos do que meia hora. Essa penalidade da morte, disse ele, é muito simplesmente ridícula. Qual vantagem há em tomar a minha vida? Nenhuma. Certamente não é meu exemplo que desviará outros do crime. É que me lembro de ter atirado esse tiro de pistola? Do todo, disso não tenho, mesmo hoje, a menor lembrança. Posso admitir que a lei de Ohio me fere justamente, mas digo ao mesmo tempo que ela é louca e vã.

"Se pretendeis que, porque essa corda vai ser atada ao redor do meu pescoço, e apertada até que a morte se siga, ela terá por efeito prevenir o assassinato, digo que vosso pensamento é louco e vão; porque, na situação de espírito em que estava John W. Hughes quando assassinou, não há exemplo sobre a Terra que tenha podido impedir um homem, qualquer que fosse, de fazer o que eu fiz. Inclino-me diante da lei do país com o pensamento de que é um homicídio inútil, tanto quanto cruel, de tomar a minha vida. Espero que meu suplício não fique como um exemplo da pena de morte, mas como um argumento que lhe prova a inutilidade.

"Hughes, em seguida, fez um exame de consciência e se estendeu longamente sobre a religião e sobre a imortalidade da alma. Suas doutrinas, nessas graves matérias, não são positivamente ortodoxas; mas elas atestam ao menos um sangue frio singular. Também falou do Espiritualismo, ou antes do Espiritismo. "Eu sei, disse ele, por minha própria experiência, que há, entre aqueles que saem da vida e aqueles que ficam, comunicações incessantes. Vou hoje sofrer a suprema penalidade legal, mas, ao mesmo tempo, estou seguro de que estarei convosco depois de minha execução como o estou agora.

"Meus juizes e meus carrascos me verão sempre diante de seus olhos, e vós mesmos que viestes aqui para me ver morrer e não há um de vós que não me reveja em carne e em osso, vestido de negro como estou, levando meu próprio luto prematuro, durante seu sono como durante as horas de suas ocupações diárias. - Adeus, senhores, espero que nenhum de vós fará o que fiz; mas se houver qualquer um que se encontre no estado mental em que eu mesmo estava, quando cometi o crime, seguramente não será pela lembrança deste dia que se o impedirá. Adeus."

"Depois dessa arenga, o alçapão caiu, e o doutor Hughes ficou dependurado. Mas suas palavras tinham produzido uma profunda impressão sobre seu auditório, e disto resultou singulares efeitos. Eis o que encontramos hoje, a esse respeito, no *Herald*, de Cleveland:

"O doutor Hughes, estando sobre o cadafalso com a corda no pescoço, disse que estaria com aqueles que o ouviriam tão bem depois quanto antes de sua morte, e se disse que tomou a peito ter sua palavra. Entre as pessoas que o tinham visitado em sua cela antes da execução, se achavam honesto açougueiro alemão. Este homem, depois de sua entrevista com o condenado, não tem mais do que o doutor Hughes no cérebro. Ele tem, sem cessar, diante dos olhos, a noite, o dia, a toda hora, prisões, força, homens dependurados. Ele não dorme mais, não come mais, não tem mais na cabeça sua família nem seus negócios, e ontem à noite essa visão quase o matou.

"Ele veio de entrar em sua estrebaria para cuidar dos animais, quando viu de pé, perto de seu cavalo, o doutor Hughes, vestido com as mesmas roupas negras que trazia antes de deixar nosso planeta, e parecendo gozar de uma excelente saúde. O pobre açougueiro lançou um grito agudo, um uivo do outro mundo, e caiu de costas.

"Acudiram levantaram-no; seu olhar estava desvairado, sua face lívida, seus lábios trêmulos, e com uma voz palpitante, perguntou, quando retomou o conhecimento, se o doutor Hughes estava ainda ali. Acabara de ver, dizia, e, se não estava mais na estrebaria, não poderia estar longe. Foi com todas as dificuldades do mundo que se o

acalmou e que se o arrastou para sua casa. A visão o perseguia sempre, e nas últimas notícias ainda, ele estava num estado de agitação que nada podia acalmar.

"Mas eis o que é mais curioso ainda. O açougueiro não é o único a quem o doutor Hughes apareceu depois de sua morte. No segundo dia depois da execução, todos os detentos o viram, viram com seus olhos, entrar na prisão e percorrer os corredores. Ele tinha o ar perfeitamente natural: estava vestido de negro, como sobre o cadafalso; passava freqüentemente sua mão ao redor de seu pescoço, ao mesmo tempo deixava escapar, de sua boca, um som gutural que assobiava entre seus dentes. Subiu as escadas que conduziam à sua cela, ali entrou, sentou-se, e se pôs a escrever versos. Eis o que contaram os detentos, e nada no mundo os teria persuadido de que tinham sido o brinquedo de uma ilusão."

Este fato não deixa de ter seu lado instrutivo pelas palavras do paciente; é verdadeiro quanto ao assunto principal; mas como este acreditou dever, em sua última alocução, falar do *Espiritualismo* ou *Espiritismo*, o narrador achou bom enriquecer seu relato com as aparições, que não existiram senão na ponta de sua caneta, salvo a primeira, a do açougueiro, que parece ser real.

- *Tom, o cego*, não é um conto de fantasma, mas um fenômeno de inteligência estranho. Tom é um jovem negro de dezessete anos, cego de nascença, supostamente dotado de um instinto musical maravilhoso. O *Harpes Weekly*, jornal ilustrado de Nova Iorque, consagrou-lhe um longo artigo, do qual extraímos as passagens seguintes:

"Não havia dois anos que ele traduzia, pelo canto, tudo o que feria seu ouvido, e tal era a justeza e a facilidade com a qual agarrava um motivo, que, ouvindo as primeiras notas de um canto, ele podia executar a sua parte. Logo começou a acompanhar fazendo os segundos, se bem que não tivesse jamais ouvido, mas um instinto natural lhe revelava que alguma coisa de semelhante deveria se cantar.

"Com a idade de quatro anos ouviu pela primeira vez um piano. À chegada do instrumento, ele estava, segundo seu hábito, se divertindo no pátio; a primeira vibração dos toques atraiu-o ao parlatório (o salão). Foi-lhe permitido passear seus dedos sobre as teclas, simplesmente para satisfazer sua curiosidade, e não lhe foi recusado o inocente prazer de fazer um pouco de barulho. Uma vez, depois da meia noite, pôde permanecer no palatório onde tinha sabido penetrar. O piano não tinha sido fechado, e as jovens senhoritas da casa foram despertadas pelos sons do instrumento. Para seu grande espanto, elas ouviram Tom tocando um de seus trechos, e, pela manhã elas o encontraram ainda ao piano. Foi-lhes permitido então tocar quanto lhe aprouvesse; ele fez progressos tão rápidos e tão espantosos que o piano se tornou o eco de tudo o que ele ouvia. Desenvolveu assim novas e prodigiosas faculdades, desconhecidas, até então, ao mundo musical, e das quais parece que Deus reservou o monopólio a Tom. Tinha menos de cinco anos quando, depois de um tempestade, dela fez um que intitulou: *O que me dizem o vento, o trovão e a chuva*.

"Setenta professores de música, em Filadélfia, espontaneamente cobriram com sua assinatura uma declaração que termina assim: "De fato, sob toda forma de exame musical, execução, composição e improvisação, ele mostrou um poder e uma capacidade que o classificam entre os mais espantosos fenômenos dos quais a história da música guardou a lembrança. Os abaixo-assinados pensam que é impossível explicar esses prodigiosos resultados por algumas das hipóteses que podem fornecer as leis da arte ou da ciência."

"Hoje ele toca a mais difícil música dos grandes autores com uma delicadeza de toque, um poder e uma expressão que foram raramente ouvidos. É na primavera próxima que ele deve ir para a Europa.

Eis a explicação dada a esse respeito por intermédio do Sr. Morin, médium, numa reunião espírita de Paris, na casa da princesa O.....,

em 13 de março de 1866, e à qual assistimos. Ela pode servir de guia em todos os casos análogos.

"Não vos apresseis muito em crer na vinda do famoso músico negro cego; suas aptidões musicais são exaltadas pelos grandes vendedores de novidades, que não são avaros de fatos imaginários destinados a satisfazer a curiosidade dos assinantes. É preciso desconfiar muito das reproduções, e sobretudo dos empréstimos reais ou supostos que fazem vossos jornalistas aos seus confrades de além-mar. Se bem que balões de ensaio são lançados com objetivo de fazer os Espíritas caírem numa cilada, e na esperança de arrastar o Espiritismo e seus adeptos para o domínio do ridículo. Portanto, mantende-vos em guarda, e não comenteis jamais um fato sem, preliminarmente, estardes bem informados, e sem ter pedido a opinião de vossos guias

"Não podeis imaginar todas as astúcias empregadas pelos grandes fanfarrões das idéias novas, para chegar a surpreender um equívoco, uma falta, um absurdo palpável, cometido pelos Espíritas ou seus muito confiantes prosélitos. De todos os lados as *armadilhas aos Espíritas* são estendidas; todos os dias as aperfeiçoam; pequenos e grandes estão à espreita, e no dia em que puderem surpreender o chefe em falta, as mãos no saco do ridículo, seria o mais belo de sua vida. Têm uma tal confiança neles, que disso se regozijam por antecipação; mas há um velho provérbio que diz: "Não é preciso vendera pele do urso antes detê-lo matado;" ora, o Espiritismo, coisa que se detesta, está ainda de pé, e poderia bem lhes fazer usar seus calçados antes de se deixar atingir. Envergonhados, virão um dia queimar o incenso diante do altar da verdade que, num tempo próximo, será reconhecido por todo o mundo.

"Em vos aconselhando para vos manter reservados, não pretendo que os fatos e gestos atribuídos a esse cego sejam impossíveis, mas não é preciso crer nele antes de tê-lo visto, e sobretudo ouvido."

EBELMANN.

Um tal prodígio, mesmo fazendo uma larga parte ao exagero, seria o mais eloqüente discurso de defesa em favor da reabilitação da raça negra, num país onde o preconceito da cor está tão enraizado; e, se não pode ser explicado pelas leis conhecidas da ciência, o será de maneira mais clara e mais racional pela da reencarnação, não de um negro num negro, mas de um branco num negro, porque uma faculdade instintiva tão precoce não poderia ser senão a lembrança intuitiva de conhecimentos adquiridos numa existência anterior.

Mas, então, dir-se-á, isso seria uma queda do Espírito de passar da raça branca para a raça negra? Queda de posição social, sem dúvida, o que se vê todos os dias, quando, de rico se nasce pobre, ou de senhor servidor, mas não retrocesso do Espírito, uma vez que teria conservado suas aptidões e suas aquisições. Essa posição seria para ele uma prova ou uma expiação; talvez mesmo uma missão, a fim de provar que essa raça não está votada pela Natureza a uma inferioridade absoluta. Raciocinamos aqui na hipótese da realidade do fato, e pelos casos análogos que poderiam se apresentar.

Os dois fatos seguintes são da mesma fábrica, e não têm necessidade de outro comentário do que aquilo que vem de ser dito. O primeiro, reportado pelo *Soleil* de 19 de julho, e considerado de origem americana; o segundo, tirado de *o Evénement* do mês de abril, deve crer-se parisiense. Incontestavelmente, são os Espíritas que se mostrarão os incrédulos mais endurecidos; quanto aos outros, a curiosidade poderia bem levá-los mais de um a conhecer a coisa que se diz produzir tantas maravilhas.

"Os Espíritos batedores e outros parecem eleger domicílio em Taunton, e ter escolhido, para teatro de suas proezas, a casa de um infeliz doutor dessa cidade. A adega, os corredores, os quartos, a cozinha e até o celeiro do nobre são assombrados durante a noite pelas sombras de todos aqueles que ele mandou para um mundo melhor.

São gritos, lamentos, imprecações, ironias sangrantes, segundo o espírito das sombras, que não têm algumas vezes a sombra de espírito.

- Tua última porção me matou, disse uma voz cavernosa.

- Alopata, exclama uma voz mais jovem, não vales mesmo uma homeopatia.

- Sou tua vítima duzentos e noventa e nove, a última de todas, canta tristemente uma outra aparição. Trate ao menos de fazer uma crer quando estiveres na de número trezentos.

"E assim por diante. A vida do infeliz doutor não é mais sustentável."

A outra anedota é também espirituosa:

"É domingo à noite, durante essa tempestade espantosa da qual os jornais de ontem enumeraram os estragos. Uma charrete descia através da chuva e os relâmpagos a avenida de Neuilly; no interior se encontravam quatro pessoas; elas tinham jantado juntas em uma muito amável e muito hospitaleira casa, perto do parque de Neuilly, e alegres por essa noite agradável, os quatro viajantes, descuidados da tempestade, se entregavam a uma conversa um pouco leviana.

"Falavam das mulheres, se as maldizia, se as caluniava mesmo um pouco. O nome de uma jovem foi posto sobre o tapete e alguém emitiu dúvidas sobre a nacionalidade da vítima, insinuando que seguramente não foi em Nanterre que ela viu a luz.

"De repente, um acontecimento imprevisto fez estremecer as portas, um clarão iluminou toda a viatura e a chuva fustigou os vidros para quebrá-los. Ao clarão do raio, os quatro viajantes *viram*, então, de pé, diante deles, na viatura, um quinto viajante, ou antes, uma viajante - era uma mulher, vestida de branco, um espectro, um anjo. A aparição se desvaneceu com o relâmpago, depois, como se o fantasma quisesse protestar contra a calúnia que se dirigia contra a jovem ausente, uma chuva de flores de laranjeira caiu sobre os quatro companheiros de caminho e os cobriu de uma neve perfumada.

"Havia, na verdade, um médium entre os quatro viajantes. "Nada vos força a dar fé a essa história inverossímil, e não creio nela, por minha parte, uma palavra traiçoeira. Foi um dos quatro viajantes que me contou e me afirmou. Ela me pareceu original, eis tudo!"

CABELOS EMBRANQUECIDOS SOB A IMPRESSÃO DE UM SONHO.

Lê-se no *Petit Journal* de 14 de maio de 1866: O Sr. Émile Gaboriau, comentando o fato atribuído a esse marido que teria assassinado a sua mulher sonhando, conta no *Pays* o dramático episódio que se vai ler:

"Mas eis que é mais forte, e devo dizer que dou fé a esse fato cuja autenticidade me foi afirmada sob juramento pelos heróis em pessoa.

"Esse herói, meu colega de colégio, é um engenheiro de uns trinta anos, homem de espírito e de talento, de um caráter metódico, de um temperamento frio.

"Como ele percorria a Bretânia há dois anos, encontrou-se de passar uma noite numa estalagem isolada, a algumas centenas de metros de uma mina que se propunha visitar no dia seguinte. "Ele estava cansado; colocou-se no leito e não tardou a dormir. "Logo sonhou. Vinha de colocar-se à frente da exploração dessa mina vizinha.

"Ele vigiava os obreiros, quando chegou o proprietário. "Esse homem, brutal e mal educado, censurou de permanecer fora, os braços cruzados, enquanto que deveria estar no interior, ocupado em traçar o plano.

" - Está bem! eu desço, respondeu o jovem engenheiro. "Ele desceu, com efeito, percorreu as galerias e delas levou um esboço.

"Essa tarefa terminada, se colocou no cesto que deveria reconduzi-lo à luz. Um cabo enorme servia para erguer essa cesta.

"Sendo a mina extraordinariamente profunda, o engenheiro calculou que a ascensão duraria bem um quarto de hora, assim se instalou o mais comodamente que pôde.

"Subia já há dois ou três minutos quando, levantando seus olhos por acaso, acreditou ver que o cabo ao qual se encontrava suspensa sua vida, estava cortado a alguns pés acima de sua cabeça, muito alto para que pudesse alcançar a ruptura.

"Primeiramente seu medo foi tal que esteve prestes a desmaiar. Depois tentou restabelecer-se, tranquilizar-se. Não se enganara, não tinha visto mal? Teve necessidade de fazer um enérgico apelo a toda a sua coragem para ver de novo.

"Não, não tinha se enganado. O cabo tinha sido dilacerado por alguma lasca de rocha, e, lentamente, mas visivelmente, se destorcia. Não estava nesse lugar mais grosso do que o dedo polegar.

"O infeliz se sentiu perdido. Um frio mortal gelou-o até a medula. Quis gritar, impossível. Aliás, para quê? estava agora roto pela metade.

"No fundo, numa profundidade vertiginosa, percebia, menos brilhantes do que vagalumes na grama, as lâmpadas dos operários.

"No alto, a abertura do poço lhe aparecia tão estreitada que parecia não ter o diâmetro do gargalo de uma garrafa.

"Ele subia sempre, e um a um os fios de cânhamo estalavam.

"E nenhum meio de evitar a queda horrível, porque, ele o via, o sentia bem, o cabo estaria rompido bem antes que o cesto tivesse alcançado o alto.

"Tal era a sua angústia mortal, que teve a idéia de abreviar o suplício em se precipitando.

"Ele hesitava, quando o cesto chegou à flor do solo. Estava salvo. Foi dando um grito formidável que saltou à terra.

"Esse grito despertou-o. A horrível aventura não era senão um sonho. Mas ele estava num estado horrível, banhado de suor, respirando com dificuldade, incapaz do menor movimento.

"Enfim, pôde soar a campainha e vieram em seu socorro. Mas as pessoas da estalagem quase se recusavam a reconhecê-lo. Seus cabelos negros tinham se tornado grisalhos.

"Ao pé de sua cama se encontrava, esboçado por ele, o plano dessa mina que não conhecia. Esse plano estava maravilhosamente exato."

Não temos outra garantia de autenticidade desse fato senão o relato acima; sem nada prejudicar a esse respeito, diremos que tudo o que relata está nas coisas possíveis. O plano da mina, traçado pelo engenheiro durante seu sono, não é mais surpreendente do que os trabalhos que certos sonâmbulos executam.

Para fazê-lo exato, deve ter visto; uma vez que não pôde ver pelos olhos do corpo, viu pelos da alma; durante seu sono, seu Espírito explorou a mina: o plano disto é a prova material, quanto ao perigo, é evidente que ele nada teve de real; não foi, pois, senão um pesadelo. O que é mais singular, é que, sob a impressão de um perigo imaginário, seus cabelos tenham podido embranquecer.

Esse fenômeno se explica pelos laços fluídicos que transmitem ao corpo as impressões da alma, quando dela está longe. A alma não se dava conta dessa separação; seu corpo perispiritual lhe fazia o efeito de seu corpo material, assim como ocorre, freqüentemente, após a morte em certos Espíritos que se crêem ainda vivos, e pensam dedicar-se às suas ocupações habituais. O Espírito do engenheiro, embora vivo, se encontrava numa ocupação análoga; tudo era tão real em seu pensamento quanto se tivesse seu corpo de carne e de osso. Daí o sentimento de pavor que sentiu em se vendo prestes a ser precipitado no abismo.

De onde veio essa imagem fantástica? Ele mesmo criou, pelo seu pensamento, um quadro fluídico, uma cena da qual era o autor, exatamente como a senhora Cantianille e a irmã Elmérich das quais falamos, no número precedente, p. 240. A diferença provém da natureza das preocupações habituais. O engenheiro pensava, naturalmente, nas minas, ao passo que a senhora Cantianille, em seu convento, pensava no inferno. Sem dúvida,

ela se acreditava em estado de pecado mortal por alguma infração à regra confiada à instigação dos demônios; ela disto exagerava as conseqüências, e já se via em seu poder, estas palavras: "Não tenho senão muito bem conseguido merecera sua confiança," prova que sua consciência não estava tranqüila. De resto, a descrição que ela faz do inferno tem alguma coisa de sedutora para certas pessoas, uma vez que, quem consente em blasfemar contra Deus, em louvar o diabo, e que tem coragem de desafiar o medo das chamas, disso são recompensada pelo gozos inteiramente mundanos. Pode-se notar, nesse quadro, um reflexo das provas maçônicas, que, sem dúvida, se lhe tinha mostrado como o vestibulo do inferno. Quanto à irmã Elmérich, suas preocupações são mais doces; ela se comprazia na beatitude e na veneração das coisas santas; também suas visões disto são a reprodução.

Na visão do engenheiro, há duas partes distintas: uma real e positiva, constatada pela exatidão do plano da mina; a outra puramente fantástica: a do perigo que correu. Esse é talvez o efeito da lembrança de um acidente real dessa natureza, do qual teria sido vítima em sua precedente existência. Pôde ser provocado como advertência de ter que tomar as precauções desejadas. Estando encarregado da direção da mina, depois de um semelhante alerta, ele não negligenciará as medidas de prudência.

Eis um exemplo da impressão que se pode conservar das sensações experimentas numa outra existência. Não sabemos se já o citamos em alguma parte; não tendo o tempo de pesquisá-lo, o lembramos, com o risco de fazer uma repetição, porque vem em apoio do que acabamos de dizer.

Uma senhora de nosso conhecimento pessoal, havia sido aluna num pensionato de Rouen. Quando os alunos saíam para ir seja à igreja, seja a passeio, em um certo lugar da rua ela era presa de uma emoção e de uma apreensão extraordinárias; parecia-lhe que iria ser precipitada num abismo; e isto se renovava cada vez que ela passava nesse lugar, e todo o tempo que ela fosse nessa pensão. Tinha deixado Rouen há mais de vinte anos, e ali tendo retornado há poucos anos, teve a curiosidade de ir rever a casa que tinha morado, e passando pela mesma rua, sentiu a mesma sensação. Mais tarde, essa senhora tendo se tornado Espírita, esse fato lhe retornando à memória, dele pediu a explicação, e lhe foi respondido que, outrora, • nesse lugar, se encontravam muralhas com profundas fossas cheias de água; que ela fazia parte de um grupo de mulheres que concorreram para a defesa da cidade contra os Ingleses, e que todas foram precipitadas nessas fossas onde pereceram. Este fato está narrado na história de Rouen.

Assim, depois de vários séculos, a terrível impressão desta catástrofe não tinha se apagado ainda de seu Espírito. Se ela não tinha mais o mesmo corpo carnal, tinha sempre o mesmo corpo fluídico, ou perispiritual, que tinha recebido a primeira impressão, e reagido sobre seu corpo atual. Um sonho teria, pois, podido disso retraçar-lhe a imagem, e produzir uma emoção semelhante à do engenheiro.

Quantas coisas nos explicam o grande princípio da perpetuidade do Espírito, e do laço que une o Espírito à matéria! Jamais, talvez, os jornais, em negando o Espiritismo, não narraram tantos fatos em apoio das verdades que ele proclama.

VARIEDADES

MEDIUNIDADE VIDENTE NAS CRIANÇAS.

Um de nossos correspondentes nos escreveu de Caen:

"Eu estava recentemente no hotel Saint-Pierre, em Caen; peguei um copo de cerveja, lendo um jornal. A juvenzinha da casa, creio, com mais ou menos quatro anos, estava sentada numa escada e comia cerejas. Não percebeu que eu a via e parecia voltada para uma conversação com seres invisíveis aos quais oferecia cerejas; tudo o

indicava; sua fisionomia, seus gestos, as inflexões de sua voz. Ora ela se virava bruscamente dizendo: Tu, não as terás; não és gentil. - Eis para ti, dizia ela a uma outra. - O que é que tu me jogas, pois? dizia a uma terceira. Dir-se-ia cercada de outras crianças; ora ela se levantava, estendia as mãos oferecendo o que tinha; ora seus olhos seguiam objetos invisíveis para mim, que a entristeciam ou a faziam gargalhar. Essa pequena cena durou mais de meia hora, e a conversa não cessou senão quando a criança percebeu que eu a observava. Sei que, freqüentemente, as crianças se divertem com apartes desse gênero, mas aqui era tudo diferente; o rosto e as maneiras refletiam impressões reais que não eram a de um jogo jogado. Pensei que era, sem dúvida, um médium vidente ainda não maduro, e me dizia que se todas as mães de família fossem iniciadas nas leis do Espiritismo, elas nele hauririam numerosos casos de observação, e se explicariam muitos fatos que passam despercebidos, e cujo conhecimento lhes seria útil para a direção de seus filhos."

É lamentável que nosso correspondente não tenha tido a idéia de questionar essa menina sobre as pessoas com as quais ela conversava; teria podido assegurar-se se essa conversação tinha realmente lugar com os seres invisíveis; e, neste caso, teria podido tirar dela uma instrução tanto mais importante quanto nosso correspondente, sendo um Espírita muito esclarecido, poderia dirigir com utilidade essas perguntas. O que quer que isso seja, muitos outros fatos provam que a mediunidade vidente é muito comum, se mesmo não é geral nas crianças, e isto é providencial; ao sair da vida espiritual, os guias da criança vêm conduzi-la ao porto de embarque para o mundo terrestre, como vêm procurá-la em seu retorno. Mostram-se-lhes nos primeiros tempos, a fim de que não haja transição muito brusca; depois se apagam pouco a pouco, à medida que a criança crescendo pode agir em virtude de seu livre arbítrio. Então a deixam às suas próprias forças, desaparecendo aos seus olhos, mas sem perdê-la de vista. A menina em questão, em lugar de ser, como pensa nosso correspondente, um médium vidente imaturo, poderia bem ser um deles em seu declínio, e não mais gozar dessa faculdade pelo resto de sua vida. (Ver, Revista de fevereiro de 1865, página 42: *Os Espíritos instrutores da infância.*)

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

9º ANO

NO. 9

OUTUBRO 1866

OS TEMPOS SÃO CHEGADOS.

Os tempos marcados por Deus são chegados, dizem-nos de todas as partes, onde os grandes acontecimentos vão se cumprir para a regeneração da Humanidade. Em que sentido é preciso entender estas palavras proféticas? Para os incrédulos, elas não têm nenhuma importância; aos seus olhos, não é senão a expressão de uma crença pueril sem fundamento; para a maioria dos crentes, elas têm alguma coisa de mística e de sobrenatural que lhes parece ser precursoras do transtorno das leis da Natureza. Estas duas interpretações são igualmente errôneas: a primeira naquilo que implica a negação da Providência, e que os fatos cumpridos provam a verdade dessas palavras; a segunda, naquilo que estas não anunciam a perturbação das leis da Natureza, mas seu cumprimento. Procuremos, pois, o sentido mais racional.

Tudo é harmonia na obra da criação, tudo revela uma providência que não se desmente nem nas menores coisas nem nas maiores; devemos, pois, de início descartar toda a idéia de capricho irreconciliável com a sabedoria divina; em segundo lugar, se nossa época está marcada para o cumprimento de certas coisas, é que elas têm sua razão de ser na marcha geral do conjunto.

Isto posto, diremos que o nosso globo, como tudo o que existe, está submetido à lei do progresso. Ele progride fisicamente pela transformação dos elementos que o compõem, e moralmente pela depuração dos Espíritos, encarnados e desencarnados, que o povoam. Estes dois progressos se seguem e caminham paralelamente, porque a perfeição da habitação está em relação com a do habitante. Fisicamente, o globo sofreu transformações, constatadas pela ciência, e que, sucessivamente, o tornaram habitável para seres cada vez mais aperfeiçoados; moralmente, a Humanidade progride pelo desenvolvimento da inteligência, do senso moral e do abrandamento dos costumes. Ao mesmo tempo que a melhora do globo se opera, sob o império das forças materiais, os homens nisso concorrem pelos esforços de sua inteligência; eles saneiam as regiões insalubres, tornam as comunicações mais fáceis e a terra mais produtiva.

Esse duplo progresso se realiza de duas maneiras: uma lenta, gradual e insensível; a outra por mudanças mais bruscas, em cada uma das quais se opera um movimento ascensional mais rápido que marca, por caracteres marcantes, os períodos progressivos da Humanidade. Esses movimentos, subordinados *nos detalhes* ao livre arbítrio dos homens, são, de alguma sorte, fatais em seu conjunto, porque estão submetidos à leis, como aqueles que se operam na germinação, crescimento e maturidade das plantas, tendo em vista que o objetivo da Humanidade é o progresso, não obstante a marcha retardatária de algumas individualidades; por isso, o movimento progressivo é algumas vezes parcial, quer dizer, limitado a uma raça ou a uma nação, outras vezes geral. O progresso da Humanidade se efetua, pois, em virtude de uma lei; ora, como todas as leis da Natureza são a obra eterna da sabedoria e da presciência divinas, tudo o que é o efeito dessas leis é o resultado da vontade de Deus, não de uma vontade acidental e

caprichosa, mas de uma vontade imutável. Portanto, quando a Humanidade está amadurecida para transpor um degrau, pode-se dizer que os tempos marcados por Deus são chegados, como se pode dizer também que em tal época chegaram pela maturidade os frutos e a colheita.

Do fato de que o movimento progressivo da Humanidade é inevitável, porque está na Natureza, não se segue que Deus a isto seja indiferente, e que, depois de ter estabelecido as leis, tenha entrado na inação, deixando as coisas irem inteiramente sozinhas. Suas leis são eternas e imutáveis, sem dúvida, mas porque sua própria vontade é eterna e constante, e que seu pensamento anima todas as coisas sem interrupção; seu pensamento, que penetra tudo, é a força inteligente e permanente que mantém tudo na harmonia; que esse pensamento cessasse um único instante de agir, e o Universo seria como um relógio sem pêndulo regulador. Deus vela, pois, incessantemente pela execução de suas leis, e os Espíritos que povoam o espaço são seus ministros encarregados dos detalhes, segundo as atribuições que tocam ao seu grau de adiantamento.

O Universo é, ao mesmo tempo, um mecanismo incomensurável conduzido por um número não menos incomensurável de inteligências, um imenso governo onde cada ser inteligente tem sua parte de ação sob o olhar do soberano Senhor, cuja vontade *única* mantém por toda a parte a *unidade*. Sob o domínio dessa vasta força reguladora tudo se move, tudo funciona numa ordem perfeita; o que nos parece perturbações são os movimentos parciais e isolados que não nos parecem irregulares senão porque nossa visão é circunscrita. Se pudéssemos abarcar-lhe o conjunto, veríamos que essas irregularidades não são senão aparentes e que se harmonizam no todo.

A previsão dos movimentos progressivos da Humanidade nada tem de surpreendente entre os seres desmaterializados que vêm o objetivo para onde tendem todas as coisas, dos quais alguns possuem o pensamento direto de Deus, e que julgam, nos movimentos parciais, o tempo pelo qual poderá se cumprir um movimento geral, como se julga antes o tempo que é preciso a uma árvore, para dar frutos, como os astrônomos calculam a época de um fenômeno astronômico pelo tempo que é preciso a um astro para cumprir sua revolução.

Mas todos aqueles que anunciam esses fenômenos, os autores de almanaques que predizem os eclipses e as marés, certamente, eles mesmos não estão no estado de fazer os cálculos necessários; não são senão os ecos; assim ocorre com os Espíritos secundários, cuja visão é limitada, e que não fazem senão repetir o que *aprove* aos Espíritos superiores lhes revelar.

A Humanidade realizou, até este dia, incontestáveis progressos; os homens, por sua inteligência, chegaram a resultados que jamais tinham atingido com relação às ciências, às artes e ao bem-estar material; resta-lhes, ainda, um imenso progresso a realizar: é o de fazer reinar entre eles a caridade, a fraternidade e a solidariedade, para assegurar o seu bem-estar moral. Não o podiam nem com suas crenças, nem com suas instituições antiquadas, restos de uma outra época, boas em uma certa época, suficientes para um estado transitório, mas que, tendo dado o que elas comportam, seriam um atraso hoje. Tal uma criança é estimulada por móveis, impotentes quando vem a idade madura. Não é mais somente o desenvolvimento da inteligência que é necessário aos homens, é a elevação do sentimento, e para isto é preciso destruir tudo o que poderia superexcitar neles o egoísmo e o orgulho.

Tal é o período onde vão entrar doravante, e que marcará as fases principais da Humanidade. Esta fase que se elabora neste momento, é o complemento necessário do estado precedente, como a idade viril é o complemento da juventude; ela podia, pois, ser prevista e predita antecipadamente, e é por isto que se diz que os tempos marcados por Deus são chegados.

Neste tempo, não se trata de uma mudança parcial, de uma renovação limitada a uma região, a um povo, a uma raça; é um movimento universal que se opera no sentido

do *progresso moral*. Uma nova ordem de coisas tende a se estabelecer, e os homens que lhe são os mais opostos nela trabalham com o seu desconhecimento; a geração futura, desembaraçada das escórias do velho mundo e formada de elementos mais depurados, achar-se-á animada de idéias e de sentimentos diferentes da geração presente que se vai a passos de gigante. O velho mundo estará morto, e viverá na história, como hoje os tempos da Idade Média, com seus costumes bárbaros e suas crenças supersticiosas.

De resto, cada um sabe que a ordem das coisas atuais deixa a desejar; depois de ver, de alguma sorte, esgotar o bem-estar material, que é o produto da inteligência, chega-se a compreender que o complemento desse bem-estar não pode estar senão no desenvolvimento moral. Quanto mais se avança, mais se sente o que falta, sem, no entanto, poder ainda defini-lo claramente: é o efeito do trabalho íntimo que se opera para a regeneração; têm-se desejos, aspirações que são como o pressentimento de um estado melhor.

Mas uma mudança tão radical, quanto a que se elabora, não pode se realizar sem comoção; a luta inevitável entre as idéias, e quem diz luta, diz alternativa de sucesso e de revés; no entanto, como as idéias novas são as do progresso, e que o progresso está nas leis da Natureza, elas não podem deixar de se impor sobre as idéias retrógradas. Forçosamente, desse conflito, surgirão as perturbações temporárias, até que o terreno seja desobstruído dos obstáculos que se opõem ao estabelecimento de um novo edifício social. Da luta das idéias é que surgirão os graves acontecimentos anunciados, e não cataclismos, ou catástrofes puramente materiais. Os cataclismos gerais eram a consequência do estado de formação da Terra; hoje, não são mais as entranhas do globo que se agitam, são as da Humanidade.

A Humanidade é um ser coletivo em que se operam as mesmas revoluções morais que em cada ser individual, com esta diferença de que umas se cumprem de ano em ano, e as outras de século em século. Que sejam acompanhadas, em suas evoluções através do tempo, e ver-se-á a vida das diversas raças marcadas por períodos que dão a cada época uma fisionomia particular.

Ao lado dos movimentos parciais, há um movimento geral que dá o impulso à Humanidade inteira; mas o progresso de cada parte do conjunto é relativo ao seu grau de adiantamento. Tal será uma família composta de vários filhos dos quais o mais jovem está no berço e o primogênito com a idade de dez anos, por exemplo. Em dez anos, o primogênito terá vinte anos e será um homem; o mais jovem terá dez anos e, embora mais avançado, será ainda uma criança; mas, a seu turno, tornar-se-á um homem. Assim é com as diferentes frações da Humanidade; os mais atrasados avançam, mas não saberão, de um pulo, alcançar o nível dos mais avançados.

A Humanidade, tornada adulta, tem novas necessidades, aspirações mais largas, mais elevadas; compreende o vazio das idéias das quais foi embalada, a insuficiência de suas instituições para a sua felicidade; ela não encontra mais, no estado das coisas, as satisfações legítimas para as quais se sente chamada; por isso ela sacode coeiros, e se lança impelida por uma força irresistível, para as margens desconhecidas, para descoberta de novos horizontes menos limitados. E é no momento em que ela se encontra muito pobremente em sua esfera material, onde a vida intelectual transborda, onde o sentimento da espiritualidade desabrocha, quantos homens, pretensos filósofos, esperam encher o vazio por doutrinas do niilismo e do materialismo! Estranha aberração! Esses mesmos homens que pretendem impeli-la para a frente, se esforçam por circunscrevê-la no círculo estreito da matéria; de onde ela aspira sair; e lhe fecham o aspecto da vida infinita, e lhe dizem, em lhe mostrando o túmulo: *Nec plus ultra!*

A marcha progressiva da Humanidade se opera de duas maneiras, como o dissemos: uma gradual, lenta, insensível, se se consideram as épocas próximas, que não se traduz por melhorias sucessivas nos costumes, nas leis, nos usos, e não se percebe que, com o tempo, como as mudanças que as correntes d'água trazem à superfície do

globo; o outro, por um movimento relativamente brusco, rápido, semelhante ao de uma torrente rompendo seus diques, que lhe faz transpor em alguns anos o espaço que ela teria séculos para percorrer. É então um cataclismo moral que engole, em alguns instantes, as instituições do passado, e ao qual sucede uma nova ordem de coisas, que se assenta pouco a pouco, à medida que a calma se restabelece, e se torna definitiva.

Àquele que vive bastante tempo para abarcar as duas vertentes da nova fase, parece que um mundo novo tenha saído das ruínas do antigo; o caráter, os costumes, os usos, tudo está mudado; é que, com efeito, homens novos, ou melhor, regenerados, surgiram; as idéias trazidas pela geração que se extingue dão lugar às idéias novas na geração que se educa.

É a um desses períodos de transformação, ou, querendo-se, de *crescimento moral*, que chegou a Humanidade. Da adolescência ela passa à idade viril; o passado não pode mais bastar para suas novas aspirações, suas novas necessidades; não pode ser mais conduzida pelos mesmos meios; não se paga mais com ilusões e prestígios: é preciso, à sua razão, amadurecer os alimentos mais substanciais. O presente é muito efêmero; ela sente que seu destino é mais vasto e que a vida corpórea é muito restrita para encerrá-la toda inteira; por isso ela mergulha seus olhares no passado e no futuro, a fim de ali descobrir o mistério de sua existência e ali haurir uma consoladora segurança.

Quem meditou sobre o Espiritismo e suas conseqüências, e não o circunscreveu à produção de alguns fenômenos, compreende que ele abre à Humanidade um caminho novo, e lhe desenrola os horizontes do infinito; iniciando-o nos mistérios do mundo invisível, mostra-lhe seu verdadeiro papel na criação, papel *perpetuamente ativo*, tanto no estado espiritual como no estado corpóreo. O homem não caminha mais às cegas: ele sabe de onde vem, para onde vai e porque está sobre a Terra. O futuro se lhe mostra em sua realidade, livre dos preconceitos da ignorância e da superstição; não é mais uma vaga esperança: é uma verdade palpável, tão certa para ele quanto a sucessão do dia e da noite. Sabe que o seu ser não está limitado a alguns instantes de uma existência cuja duração está submetida ao capricho do acaso; que a vida espiritual não é interrompida pela morte; que ele já viveu, reviverá ainda, e que de tudo aquilo que adquire em perfeição pelo trabalho, nada está perdido; encontra em suas existências anteriores a razão daquilo que é hoje, e daquilo que se faz hoje, pode concluir o que será um dia.

Com o pensamento de que a atividade e a cooperação individuais à obra geral da civilização são limitados à vida presente, *que nada se foi e que nada será*, que faz ao homem o progresso ulterior da Humanidade? Que lhe importa que no futuro os povos sejam melhor governados, mais felizes, mais esclarecidos, melhores uns para os outros? Uma vez que disso não deve retirar nenhum fruto, esse progresso não está perdido para ele? De que lhe serve trabalhar por aqueles que virão depois dele, se não deve jamais conhece-los, e se são seres novos que pouco depois reentrarão, eles mesmos, no nada? Sob o império da negação do futuro individual, tudo, forçosamente, diminuiria às mesquinhas proporções do momento e da personalidade.

Mas, ao contrário, que amplitude dá ao pensamento do homem a *certeza* da perpetuidade do ser espiritual! Que força, que coragem não retira dali contra as vicissitudes da vida material! O que de mais racional, de mais grandioso, de mais digno do Criador que esta lei segundo à qual a vida espiritual e a vida corpórea não são senão dois modos de existência que se alternam para a realização do progresso! o que de mais justo e de mais consolador do que a idéia dos mesmos seres progredindo sem cessar, primeiro através das gerações de um mesmo mundo, e em seguida de mundo em mundo, até a perfeição, sem solução de continuidade! Todas as ações têm então um objetivo, porque, trabalhando por todos, trabalha-se para si, e reciprocamente; de sorte que nem o progresso individual nem o progresso geral jamais são estéreis; aproveita às gerações e às individualidades futuras, que não são outras senão as gerações e as individualidades passadas, chegadas a um mais alto grau de adiantamento.

A vida espiritual é a vida normal e eterna do Espírito, e a encarnação não é senão uma forma temporária de sua existência. Salvo a veste exterior, há pois, identidade entre os encarnados e os desencarnados; são as mesmas individualidades sob dois aspectos diferentes, pertencendo tanto ao mundo visível, quanto ao mundo invisível, se reencontrando seja num, seja no outro, concorrendo num e no outro ao mesmo objetivo, por meios apropriados à sua situação. Dessa lei decorre a da perpetuidade das relações entre os seres; a morte não os separa, e não põe fim às suas relações simpáticas, nem aos seus deveres recíprocos. Daí a *solidariedade de todos para cada um, e de cada um para todos*; daí também a *fraternidade*. Os homens não viverão felizes sobre a Terra senão quando esses dois sentimentos tiverem entrado em seus corações e em seus costumes, porque, então, a eles sujeitarão suas leis e suas instituições. Estará aí um dos principais resultados da transformação que ali se opera.

Mas como conciliar os deveres da solidariedade e da fraternidade com a crença de que a morte torna para sempre os homens estranhos uns aos outros? Pela lei da perpetuidade das relações que ligam todos os seres, o Espiritismo funda esse duplo princípio sobre as próprias leis da Natureza; disso não faz só um dever, mas uma necessidade. Pela da pluralidade das existências, o homem se prende ao que se fez e ao que se fará, aos homens do passado e aos do futuro; ele não pode mais dizer que não tem mais nada de comum com aqueles que morrem, uma vez que uns e os outros se reencontram sem cessar, neste mundo e no outro, para subirem juntos a escala do progresso e se prestarem um mútuo apoio. A fraternidade não está mais circunscrita a alguns indivíduos que o acaso reuniu durante a duração efêmera da vida; ela é perpétua como a vida do Espírito, universal como a Humanidade, que constitui uma grande família da qual todos os membros são solidários uns com os outros, *qualquer que se/a a época na qual viveram*.

Tais são as idéias que ressaltam do Espiritismo, e que suscitará, entre todos os homens, quando estiver universalmente difundido, compreendido, ensinado. Com o Espiritismo a fraternidade, sinônimo da caridade pregada pelo Cristo, não é mais uma vã palavra; ela tem a sua razão de ser. Do sentimento da fraternidade nascem o da reciprocidade e dos deveres sociais, de homem a homem, de povo a povo, de raça a raça; desses dois sentimentos bem compreendidos sairão, forçosamente, as instituições mais proveitosas ao bem-estar de todos.

A fraternidade deve ser a pedra angular da nova ordem social; mas não há fraternidade real, sólida e efetiva se não estiver apoiada sobre uma base inabalável; essa base é a fé; não a fé de tais ou tais dogmas particulares que mudam com o tempo e os povos e se lançam pedras, porque, anatematizando-se, entretêm o antagonismo; mas a fé nos princípios fundamentais que todo o mundo pode aceitar. Deus, *a alma, o futuro*, O PROGRESSO INDIVIDUAL, INDEFINIDO, A PERPETUIDADE DAS RELAÇÕES ENTRE OS SERES. Quando todos os homens estiverem convencidos de que Deus é o mesmo para todos, que esse Deus, soberanamente justo e bom, nada pode querer de injusto, que o mal vem dos homens e não dele, se olharão como filhos de um mesmo pai e se estenderão a mão. É esta fé que o Espiritismo dá, e que será doravante o pivô sobre o qual se moverá o gênero humano, quaisquer que sejam suas maneiras de adorá-lo e suas crenças particulares, que o Espiritismo respeita, mas da qual não tem que se ocupar. Só dessa fé pode sair o verdadeiro progresso moral, porque só ela dá uma sanção lógica aos direitos legítimos e aos deveres; sem ela, o direito é aquele que dá a força; o dever, um código humano imposto pelo constrangimento. Sem ela, o que é o homem? um pouco de matéria que se desfaz, um ser efêmero que não faz senão passar; o próprio gênio não é senão uma centelha que brilha um instante para se apagar para sempre; certamente, não há ali de que se isentar muito aos seus próprios olhos. Com um tal pensamento, onde estão realmente os direitos e os deveres? qual é o objetivo do progresso? Sozinha, esta fé faz sentir ao homem sua dignidade pela perpetuidade e o progresso do seu ser, não

num futuro mesquinho e circunscrito à personalidade, mas grandioso e esplêndido; seu pensamento se eleva acima da Terra; sente-se crescer pensando que tem seu papel no Universo e que esse Universo é seu domínio que poderá um dia percorrer, e que a morte dele não fará uma nulidade, ou um ser inútil a si mesmo e aos outros.

O progresso intelectual realizado até este dia, nas mas vastas proporções, é um grande passo, e marca a primeira fase da Humanidade, mas sozinho é impotente para regenerá-la; enquanto o homem for dominado pelo orgulho e pelo egoísmo, utilizará sua inteligência e seus conhecimentos em proveito de suas paixões e de seus interesses pessoais; é por isso que os aplica ao aperfeiçoamento dos meios de prejudicar aos outros e de se entre destruírem. Só o progresso moral pode assegurar a felicidade dos homens sobre a Terra, colocando um freio às más paixões; só ele pode fazer reinar entre eles a concórdia, a paz, a fraternidade. Será ele que abaixará as barreiras dos povos, que fará tombar os preconceitos de casta, e calar os antagonismos de seitas, ensinando aos homens a se olharem como irmãos, chamados para se entre ajudarem e não viverem às expensas uns dos outros. Será ainda o progresso moral, secundado aqui pelo progresso da inteligência, que confundirá os homens numa mesma crença, estabelecida sobre as verdades eternas, não sujeitas à discussão e, por isto mesmo, aceitas por todos. A unidade de crença será o laço mais poderoso, o mais sólido fundamento da fraternidade universal, quebrado em todos os tempos pelos antagonismos religiosos que dividem os povos e as famílias, que fazem ver no próximo inimigos que é preciso fugir, combater, exterminar, em lugar de irmãos que é preciso amar.

Um tal estado de coisas supõe uma mudança radical nos sentimentos das massas, um progresso geral que não poderia se realizar senão saindo do círculo das idéias estreitas e terra-a-terra que fomentam o egoísmo. Em diversas épocas, homens de elite procuraram conduzir a Humanidade nesse caminho; mas a Humanidade, embora muito jovem, permaneceu surda, e seus ensinamentos foram como a boa semente caída sobre a pedra. Hoje, ela está madura para levar seus olhares mais alto do que ela não o fez, para assimilar as idéias mais amplas e compreender o que não tinha compreendido. A geração que desaparece levará com ela seus preconceitos e seus erros; a geração que se levanta, temperada numa fonte mais depurada, imbuída de idéias mais sadias, imprimirá ao mundo o movimento ascensional no sentido do progresso moral, que deve marcar a nova fase da Humanidade. Esta fase já se revela por sinais inequívocos, por tentativas de reformas úteis, pelas idéias grandes e generosas que vêm à luz e que começam a encontrar ecos. Assim é que se vê se fundar uma multidão de instituições protetoras, civilizadoras e emancipadoras, sob o impulso e pela iniciativa de homens evidentemente predestinados à obra da regeneração; que as leis penais se impregnam cada dia de um sentimento mais humano. Os preconceitos de raça se enfraquecem, os povos começam a se olhar como os membros de uma grande família; pela uniformidade e a facilidade dos meios de transação, suprimem as barreiras que os dividiam de todas as partes do mundo, se reúnem em comícios universais pelos torneios pacíficos da inteligência. Mas falta a essas reformas uma base para se desenvolver, se completar e se consolidar, uma predisposição moral mais geral para frutificar e se fazer aceitas pelas massas. Este não é menos um sinal característico do tempo, o prelúdio daquilo que se realizará sobre uma mais vasta escala, à medida que o terreno se tornar mais propício.

Um sinal não menos característico do período em que entramos, é a reação evidente que se opera no sentido das idéias espiritualistas, uma repulsa instintiva se manifesta contra as idéias materialistas, cujos representantes se tornam menos numerosos ou menos absolutos. O espírito de incredulidade que tinha se apoderado das massas, ignorantes ou esclarecidas, e lhe tinha feito rejeitar, com a forma, o próprio fundo de toda crença, parece ter tido um sono ao sair do qual experimenta a necessidade de respirar um ar mais vivificante. Involuntariamente, onde o vazio se fez, procura-se alguma coisa, um ponto de apoio, uma esperança.

Neste grande movimento regenerador, o Espiritismo tem um papel considerável, não o Espiritismo ridículo inventado por uma crítica zombeteira, mas o Espiritismo filosófico, tal como o compreende quem se dá ao trabalho de procurar a amêndoa sob a casca. Pelas provas que ele traz das verdades fundamentais, ele enche o vazio que a incredulidade faz nas idéias e nas crenças; pela certeza que dá de um futuro conforme a justiça de Deus, e que a mais severa razão pode admitir, tempera as amarguras da vida e previne os funestos efeitos do desespero. Fazendo conhecer novas leis da Natureza, dá a chave de fenômenos incompreendidos e de problemas insolúveis até este dia, e mata ao mesmo tempo a incredulidade e a superstição. Para ele, não há nem sobrenatural nem maravilhoso; tudo se cumpre no mundo em virtude de leis imutáveis. Longe de substituir um exclusivismo por um outro, se coloca como campeão absoluto da liberdade de consciência; combate o fanatismo sob todas as formas, e o corta em sua raiz proclamando a salvação para todos os homens de bem, e a possibilidade, para os mais imperfeitos, de chegar, pelos seus esforços, a expiação e a reparação, à perfeição, única que conduz à suprema felicidade. Em lugar de desencorajar o fraco, encoraja-o mostrando-lhe o objetivo que pode alcançar.

Ele não diz: *Fora do Espiritismo não há salvação*, mas com o Cristo: *Fora da caridade não há salvação*, princípio de união, de tolerância, que unirá os homens num comum sentimento de fraternidade, em lugar de dividi-los em seitas inimigas. Por este outro princípio: *Não há fé inabalável senão aquela que pode olhara razão face a face em todas as épocas da Humanidade*, destrói o império da fé cega que anula a razão, da obediência passiva que embrutece; ele emancipa a inteligência do homem e levanta seu moral.

Conseqüentemente, com ele não se impõe; ele diz o que é, o que quer, o que dá, e espera que se venha a ele livremente, voluntariamente; quer ser aceito pela razão e não pela força. Ele respeita todas as crenças sinceras, e não combate senão a incredulidade, o egoísmo, o orgulho e a hipocrisia, que são as chagas da sociedade, e os mais sérios obstáculos ao progresso moral; mas não lança anátema a ninguém, nem mesmo aos seus inimigos, porque está convencido de que o caminho do bem está aberto aos mais imperfeitos, e que, cedo ou tarde, nele entrarão.

Se se supõe a maioria dos homens imbuídos desse sentimento, podem-se facilmente se figurar as modificações que trarão nas relações sociais: caridade, fraternidade, benevolência para todos, tolerância para todas as crenças, tal será a sua divisa. E o objetivo para o qual tende, evidentemente, a Humanidade, o objeto de suas aspirações, de seus desejos, sem que ela se dê muita conta dos meios de realizá-los; ela ensaia, tateia, mas é detida por resistências ativas ou pela força da inércia dos preconceitos, das crenças estacionadas e refratárias ao progresso. São essas resistências que é preciso vencer, e isto será obra da nova geração; seguindo-se o curso atual das coisas, reconhece-se que tudo parece destinado a lhe abrir o caminho; terá para ela a dupla força do número e das idéias, e além disto a experiência do passado.

A nova geração caminhará, pois, para a realização de todas as idéias humanitárias compatíveis com o grau de adiantamento ao qual tiver chegado. O Espiritismo caminhando no mesmo objetivo, e realizando seus fins, encontrar-se-ão sob o mesmo terreno, não como concorrentes, mas como auxiliares se prestando um mútuo apoio. Os homens progressistas encontrarão nas idéias espíritas uma possante alavanca, e o Espiritismo encontrará nos homens novos espíritos dispostos a acolhê-lo. Neste estado de coisas, que poderão fazer aqueles que quiserem se colocar como obstáculo?

Não é o Espiritismo que cria a renovação social, é a maturidade da Humanidade que faz dessa renovação uma necessidade. Por seu poder moralizador, por suas tendências progressivas, pela amplitude de seus objetivos, pela generalidade das questões que abarca, o Espiritismo está, mais do que qualquer outra doutrina, apto a secundar o movimento regenerador; é por isto que é dele contemporâneo; veio no momento em que

poderia ser útil, porque para ele também os tempos estão chegados; mais cedo, teria encontrado obstáculos insuperáveis; teria inevitavelmente sucumbido, porque os homens, satisfeitos com o que tinham, não sentiam a necessidade daquilo que ele traz. Hoje, nascido com o movimento das idéias que agitam, encontra o terreno preparado para recebê-lo; os espíritos, as da dúvida e da incerteza, assustados com o abismo que se cava diante deles, o acolhem como uma âncora de salvação e uma suprema consolação.

Dizendo que a Humanidade está madura para a regeneração, isto não quer dizer que todos os indivíduos o estão no mesmo grau, mas muitos têm, por intuição, o germe das idéias novas que as circunstâncias farão eclodir; então, mostrar-se-ão mais avançados do que se supunha, e seguirão com diligência o impulso da maioria.

Há deles, no entanto, que são essencialmente refratários, mesmo entre os mais inteligentes, e que, seguramente, não se juntarão jamais, pelo menos nesta existência, uns de boa-fé, por convicção; os outros por interesse. Aqueles cujos interesses materiais estão ligados ao estado presente das coisas, e que não estão bastante avançados para disso fazer abnegação, que o bem geral toca menos que o de sua pessoa, não podem ver sem apreensão o menor movimento reformador; a verdade é para eles uma questão secundária, ou, melhor dizendo, a verdade está inteiramente naquilo que não lhes cause nenhuma perturbação; todas as idéias progressistas são, aos seus olhos, idéias subversivas, é porque lhes devotam um ódio implacável e lhes fazem uma guerra obstinada. Muito inteligentes por não verem no Espiritismo um auxiliar dessas idéias e os elementos da transformação que temem porque não se sentem à sua altura, se esforçam por abatê-lo; se o julgassem sem valor e sem importância, não se preocupariam com ele. Já dissemos em outro lugar: "Quanto mais uma idéia é grande, mais encontra ela adversários, e pode se medir sua importância pela violência dos ataques dos quais é objeto."

O número dos retardatários é ainda grande, sem dúvida, mas o que podem contra a onda que cresce, senão nela lançar algumas pedras? Esta onda é a regeneração que se ergue, ao passo que eles desaparecem com a geração que se vai cada dia a grandes passos. Até lá defenderão o terreno palmo a palmo; há, pois, uma luta inevitável, mas uma luta desigual, porque é a do passado decrépito que cai em farrapos, contra o futuro juvenil; da estagnação contra o progresso; da criatura contra a vontade de Deus, porque os tempos marcados para ele estão chegados.

Nota. - As reflexões que precedem são o desenvolvimento das instruções dadas pelos Espíritos sobre o mesmo assunto, num grande número de comunicações, seja a nós, seja a outras pessoas. A que publicamos acima é o resumo de várias entrevistas que tivemos por intermédio de dois de nossos médiuns habituais, em estado de sonambulismo extático, e que, ao despertarem, não conservam nenhuma lembrança. Coordenamos metodicamente as idéias, a fim de lhes dar mais seqüência, delas eliminando todos os detalhes e os acessórios supérfluos. Os pensamentos foram muito exatamente reproduzidos, e as palavras são tão textuais quanto foi possível recolhê-las pela audição.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS SOBRE A REGENERAÇÃO DA HUMANIDADE

(Paris, abril de 1866. Méd. Sr. M. e T., em sonambulismo.)

Os acontecimentos se precipitam com rapidez, também não vos dizemos mais como outrora: "Os tempos estão próximos"; nós vos dizemos agora: "Os tempos estão chegados."

Por estas palavras não entendeis um novo dilúvio, nem um cataclismo, nenhum transtorno geral. As convulsões parciais do globo ocorreram em todas as épocas e se

produzem ainda, porque se prendem à sua constituição, mas não estão ali os sinais dos tempos.

E, no entanto, tudo o que está predito no Evangelho deve se cumprir e se cumprir neste momento, assim como o reconheceréis mais tarde; mas não tomeis os sinais anunciados senão como figuras das quais é preciso tomar o espírito e não a letra. Todas as *Escrituras* encerram grandes verdades sob o véu da alegoria, e foi porque os comentaristas se prenderam à letra que se enganaram. Faltou-lhes a chave para compreenderem seu sentido verdadeiro. Esta chave está nas descobertas da ciência e nas leis do mundo invisível que vem de nos revelar o Espiritismo. Doravante, com a ajuda destes novos conhecimentos, o que era obscuro se tornará claro e inteligível.

Tudo segue a ordem natural das coisas, e as leis imutáveis de Deus não serão modificadas. Não vereis, pois, nem milagres, nem prodígios, nem nada de sobrenatural no sentido vulgar dado a estas palavras.

Não olheis o céu para nele procurar os sinais precursores, porque ali não os vereis, e aqueles que vo-los anunciaram vos enganaram; mas olhai ao vosso redor, entre os homens, será aí que os encontrareis.

Não sentis como um vento que sopra sobre a Terra e agita todos os Espíritos? O mundo está à espera e como tomado de um vago pressentimento da aproximação da tempestade.

Não credes, entretanto, no fim do mundo material; a Terra progrediu depois de sua transformação; ela deve progredir ainda, e não ser destruída. Mais a Humanidade chegou a um de seus períodos de transformação, e a Terra vai se elevar na hierarquia dos mundos.

Não é, pois, o fim do mundo material que se prepara, mas o fim do mundo moral; é o velho mundo, o mundo dos preconceitos, do egoísmo, do orgulho e do fanatismo que se desmorona; cada dia dele carrega alguns destroços. Tudo acabará para ele com a geração que se vai, e a geração nova erguerá o novo edifício que as gerações seguintes consolidarão e completarão.

De mundo de expiação, a Terra está chamada a se tornar um dia um mundo feliz, e sua habitação será uma recompensa em lugar de ser uma punição. O reino do bem, nela, deve suceder ao reino do mal.

Para que os homens sejam felizes sobre a Terra, é preciso que ela não seja povoada senão de bons Espíritos, encarnados e desencarnados, que não quererão senão o bem. Este tempo tendo chegado, uma grande emigração se cumprirá nesse momento entre aqueles que a habitam; aqueles que fazem o mal pelo mal, e que o sentimento do bem *não toca*, não sendo mais dignos da Terra transformada, dela serão excluídos, porque lhe trariam de novo a perturbação e a confusão e seriam um obstáculo ao progresso. Eles irão expiar seu endurecimento nos mundos inferiores, onde levarão seus conhecimentos adquiridos, e terão por missão fazer avançar. Serão substituídos sobre a Terra por Espíritos melhores, que farão reinar entre si a justiça, a paz, a fraternidade.

A Terra, dissemos, não deve ser transformada por um cataclismo que aniquilaria subitamente uma geração. A geração atual desaparecerá gradualmente, e a nova lhe sucederá do mesmo modo sem que nada tenha mudado a ordem natural das coisas. Tudo passará, pois, exteriormente como de hábito, com esta única diferença, mas esta diferença é capital, é que uma parte dos Espíritos que aí se encarnam não se encarnarão nela mais. Numa criança que nasça, em lugar de um Espírito atrasado e levado ao mal que nela teria encarnado, será um Espírito mais avançado e *levado ao bem*. Trata-se, pois, bem menos de uma nova geração corpórea do que de uma nova geração de Espíritos. Assim, aqueles que esperam ver a transformação se operar por efeitos sobrenaturais serão frustrados.

A época atual é a da transição; os elementos das duas gerações se confundem. Colocados no ponto intermediário, assistis à partida de uma e à chegada da outra, cada uma já se mostra no mundo pelos caracteres que lhe são próprios.

As duas gerações que sucedem uma à outra têm idéias e objetivos inteiramente opostos. Pela natureza das disposições morais, mas, sobretudo, das disposições *intuitivas e inatas*, é fácil distinguir à qual pertence cada indivíduo.

A nova geração, devendo fundar a era do progresso moral, se distingue por uma inteligência e uma razão geralmente precoces, juntadas ao sentimento *inato* do bem e das crenças espiritualistas, o que é o sinal indubitável de um certo grau de adiantamento anterior. Ela não será composta exclusivamente de Espíritos eminentemente superiores, mas daqueles que, tendo já progredido, estão predispostos a assimilar todas as idéias progressistas e aptos a secundar o movimento regenerador.

O que distingue, ao contrário, os Espíritos atrasados, é primeiro a revolta contra Deus pela negação da Providência e de toda força superior à Humanidade; depois, a propensão *instintiva* às paixões degradantes, aos sentimentos anti-fraternos do egoísmo, do orgulho, do ódio, do ciúme, da cupidez, enfim, a predominância do apego a tudo o que é material.

São esses vícios, dos quais a Terra deve ser purgada pelo afastamento daqueles que recusam se emendar, porque são incompatíveis com o reino da fraternidade e que os homens de bem sofrerão sempre com o seu contato. A Terra deles estará livre, e os homens caminharão sem entraves para o futuro melhor que lhes está reservado neste mundo, por prêmio de seus esforços e de sua perseverança, à espera de que uma depuração ainda mais completa lhes abra a entrada dos mundos superiores.

Por essa emigração de Espíritos não é preciso entender que todos os Espíritos retardatários serão expulsos da Terra e relegados aos mundos inferiores. Muitos, ao contrário, a ela retornarão, porque muitos cederam ao arrastamento de circunstâncias e do exemplo. Uma vez subtraídos à influência da matéria e dos preconceitos do mundo corpóreo, a maioria verá as coisas de maneira toda diferente de quando viviam, assim como tendes disto numerosos exemplos. Nisto, eles são ajudados pelos Espíritos benevolentes que se interessam por eles e que diligenciam de esclarecê-los e lhes mostrar o falso caminho que seguiram. Por vossas preces e vossas exortações, vós mesmos podeis contribuir para a sua melhoria, porque há uma solidariedade perpétua entre os mortos e os vivos.

Aqueles poderão, pois, retornar, e com isto serão felizes, porque será uma recompensa. Que importa o que foram e o que fizeram, se estão animados dos melhores sentimentos! Longe de serem hostis à sociedade e ao progresso, serão auxiliares úteis, porque pertencerão à nova geração.

Não haverá, pois, exclusão definitiva senão para os Espíritos essencialmente rebeldes, aqueles que o orgulho e o egoísmo, mais do que a ignorância, tornam surdos à voz do bem e da razão. Mas aqueles mesmos não são votados a uma inferioridade perpétua, e virá um dia em que eles repudiarão o seu passado e abrirão os olhos à luz.

Oraí, pois, por esses endurecidos, a fim de que se emendem enquanto para isso é tempo ainda, porque o dia da expiação se aproxima.

Infelizmente, a maioria, desconhecendo a voz de Deus, persistirá em sua cegueira, e sua resistência marcará o fim de seu reino por lutas terríveis. Em seu desvio, correrão eles mesmos para a sua perda; levarão à destruição que engendrará uma multidão de flagelos e de calamidades, de sorte que, sem o quererem, apressarão o advento da era da renovação. E como a destruição não caminhará com muita rapidez, ver-se-ão os suicídios se multiplicarem numa proporção estranha, até entre as crianças. A loucura jamais terá atingido um maior número de homens que serão, antes da morte, riscados do número dos vivos. Aí estão os verdadeiros sinais dos tempos. E tudo isto se cumprirá pelo

encadeamento das circunstâncias, assim como o dissemos, sem que seja em nada derogada uma lei da Natureza.

No entanto, através da nuvem sombria que vos envolve, e no seio da qual ribomba a tempestade, já vedes despontar os primeiros raios da era nova! A fraternidade põe seus fundamentos sobre todos os pontos do globo e os povos se estendem a mão; a barbárie se familiariza ao contato da civilização; os preconceitos de raças e de seitas, que têm feito verter ondas de sangue, se extinguem; o fanatismo e a intolerância perdem terreno, ao passo que a liberdade de consciência se introduz nos costumes e se torna um direito. Por toda a parte as idéias fermentam; vê-se o mal e se experimentam os remédios, mas muitos caminham sem bússola e se perdem nas utopias. O mundo está num imenso trabalho de parto que terá durado um século; desse trabalho, ainda confuso, vê-se, ainda, no entanto, dominar uma tendência para um objetivo: o da unidade e da uniformidade que predispõe à confraternização.

Estão ainda ali os sinais do tempo; mas, ao passo que os outros são os da agonia do passado, estes últimos são os primeiros vagidos da criança que nasce, os precursores da aurora que verá se levantar o século próximo, porque então a nova geração estará em toda a sua força. Tanto a fisionomia do século dezenove difere da do século dezoito em certos pontos de vista, tanto a do século vinte será diferente do século dezenove em outros pontos de vista.

Um dos caracteres distintivos da nova geração será *a fé inata*; não a fé exclusiva e cega que divide os homens, mas a fé raciocinada que esclarece e fortalece, que os une e os confunde num comum sentimento de amor a Deus e ao próximo. Com a geração que se extingue, desaparecerão os últimos vestígios da incredulidade e do fanatismo, igualmente contrários ao progresso moral e social.

O Espiritismo é o caminho que conduz à renovação, porque arruinam os dois maiores obstáculos que a ela se opõem: a incredulidade e o fanatismo. Ele dá uma fé sólida e esclarecida; desenvolve todos os sentimentos e todas as idéias que correspondem aos objetivos da nova geração; é porque é como inato e no estado de intuição no coração de seus representantes. A era nova o verá, pois, crescer e prosperar pela própria força das coisas. Tomar-se-á a base de todas as crenças, o ponto de apoio de todas as instituições.

Daqui até lá, quantas lutas ter-se-á ainda que sustentar contra estes dois maiores inimigos: a incredulidade e o fanatismo que, coisa estranha, se dão a mão para abatê-lo! Pressentem seu futuro e sua ruína: é porque o temem, porque o vêem já plantar, sobre as ruínas do velho mundo egoísta, a bandeira que deve ligar todos os povos. Na divina máxima: *Fora de caridade não há salvação*, lêem a sua própria condenação, porque é o símbolo da nova aliança fraternal proclamada pelo Cristo (1-(1) Vide *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Cap. XV.). Ela se mostra a eles como as palavras fatais do festim de Baltazar. E, no entanto, esta máxima deveria bendizê-la, porque os garante de todas as represálias da parte daqueles que persegue. Mas não, uma força cega os impele a rejeitar a única coisa que poderia salvá-los!

Que poderão contra o ascendente da opinião que os repudia? O Espiritismo sair á triunfante da luta, disto não duvideis, porque ele está nas leis da Natureza, e por isto mesmo imperecível. Vede por que multidão de meios a idéia se difunde e penetra por toda a parte; crede bem que esses meios não são fortuitos, mas providenciais; o que, à primeira vista, parecia dever prejudicá-lo, é precisamente o que ajuda a sua propagação.

Logo se verão surgir os combatentes altamente devotados entre os homens mais consideráveis e os mais acreditados, que o apoiarão com a autoridade de seu nome e de seu exemplo, e imporão silêncio aos seus detratores, porque não se ousará mais tratá-los de loucos. Estes homens o estudam no silêncio e se mostrarão quando o momento propício tiver chegado. Até lá, é útil que se mantenham à parte.

Logo também vereis as artes dele tirar como de uma mina fecunda, e traduzir seus pensamentos e os horizontes que descobre pela pintura, pela poesia e pela literatura. Foi-vos dito que haveria um dia a arte espírita, como houve a arte paga e a arte cristã, e é uma grande verdade, porque os maiores gênios nele se inspirarão. Logo disto vereis os primeiros esboços, e, mais tarde, tomará o lugar que deve ter.

Espíritas, o futuro é vosso e de todos os homens de coração e de devotamento. Não temais os obstáculos, porque deles não há nenhum que possa entravar os desígnios da Providência. Trabalhai sem descanso, e agradecei a Deus por vos ter colocado na vanguarda da nova falange. É um posto de honra que vós mesmos pedistes, e do qual é preciso vos tornar dignos pela a vossa coragem, vossa perseverança e vosso devotamento. Felizes aqueles que sucumbirem nessa luta contra a força; mas a vergonha será, no mundo dos Espíritos, para aqueles que sucumbirem por fraqueza ou pusilanimidade. As lutas, aliás, são necessárias para fortalecer a alma; o contato do mal faz apreciar melhor as vantagens do bem. Sem as lutas que estimulam as faculdades, o Espírito se deixaria ir a uma negligência funesta ao seu adiantamento. As lutas contra os elementos desenvolvem as forças físicas e a inteligência; as lutas contra o mal desenvolvem as forças morais.

Notas. -1 - A maneira pela qual se opera a transformação é muito simples, e, como se vê, ela é toda moral e não se afasta em nada das leis da Natureza. Por que, pois, os incrédulos repelem essas idéias, uma vez que nada têm de sobrenatural? É que, na sua opinião, a lei de vitalidade cessa com a morte do corpo, ao passo que, para nós, ele prossegue sem interrupção; eles restringem sua ação e nós a estendemos; é porque dizemos que os fenômenos da vida espiritual não saem das leis da Natureza. Para eles, o sobrenatural começa onde acaba a apreciação pelos sentidos.

2- Que os Espíritos da nova geração sejam novos Espíritos melhores, ou os antigos Espíritos melhorados, o resultado é o mesmo; desde o instante em que trazem melhores disposições, é sempre uma renovação. Os Espíritos encarnados formam, assim, duas categorias, segundo as suas disposições naturais: de uma parte, os Espíritos retardatários que partem, de outra os Espíritos progressivos que chegam. O estado dos costumes e da sociedade será, pois, em um povo, em uma raça ou no mundo inteiro, em razão destas duas categorias que tiver a preponderância.

Para simplificar a questão, seja dado um povo, num grau qualquer de adiantamento, e composto de vinte milhões de almas, por exemplo; a renovação dos Espíritos se fazendo sucessivamente as extinções, isoladas ou em massa, há necessariamente um momento em que a geração dos Espíritos retardatários se imporá em número sobre a dos Espíritos progressivos que não contam se não com raros representantes sem influência, e cujos esforços para fazer predominar o bem e as idéias progressivas estão paralisados. Ora, uns partindo e os outros chegando, depois de um tempo dado, as duas forças se equilibram e sua influência se contrabalança. Mais tarde, os recém-chegados são em maioria e sua influência se toma preponderante, embora ainda entravada pela dos primeiros; estes, continuando a diminuir ao passo que os outros se multiplicam, acabarão por desaparecer; chegará, pois, um momento em que a influência da nova geração será exclusiva

Assistimos a essa transformação, ao conflito que resulta da lute. das idéias contrárias que procuram se implantar; uns caminham com a bandeira do passado, as outras com a do futuro. Examinando-se o estado atual do mundo, reconhece-se que, tomado em seu conjunto, a Humanidade terrestre está longe ainda do ponto intermediário onde as forças se contrabalançam; que os povos, considerados isoladamente, estão a uma grande distância uns dos outros nessa escala; que alguns tocam nesse ponto, mas que nenhum não o ultrapassou ainda. De resto, a distância que o separa dos pontos extremos está longe de ser igual em duração, e uma vez transposto o limite, o novo

caminho será percorrido com tanto mais rapidez, que uma multidão de circunstâncias virá aplainá-lo.

Assim se realiza a transformação da Humanidade. Sem a emigração, quer dizer, sem a partida dos Espíritos retardatários que não devem retornar, ou que não devem retornar senão depois de estarem melhorados, a Humanidade terrestre não ficará por isto indefinidamente estacionária, porque os Espíritos mais atrasados avançam por sua vez; mas teriam sido precisos séculos, e talvez milhares de anos, para alcançar o resultado que um meio século bastará para realizar. Uma comparação vulgar fará compreender melhor ainda o que se passa nesta circunstância. Suponhamos um regimento composto em grande maioria de homens turbulentos e indisciplinados: estes a ele levarão, sem cessar, uma desordem que a severidade da lei penal, freqüentemente, terá dificuldade para reprimir. Estes homens são os mais fortes, porque são os mais numerosos; eles se sustentam, se encorajam e se estimulam pelo exemplo. Alguns bons não têm influência; seus conselhos são desprezados; eles são abafados, maltratados pelos outros, e sofrem com esse contato. Não é a imagem da sociedade atual?

Suponhamos que se retirem esses homens do regimento um por um, dez por dez, cem por cem, e que se os substitua à medida por um número igual de bons soldados, mesmo por aqueles que tiverem sido expulsos, mas que se emendaram seriamente: ao cabo de algum tempo, ter-se-á sempre o mesmo regimento, mas transformado; a boa ordem terá sucedido à desordem. Assim o será com a Humanidade regenerada.

As grandes partidas coletivas não têm somente por objetivo ativar as saídas, mas transformar mais rapidamente o espírito da massa, desembaraçando-a das más influências, e dar mais ascendências às idéias novas,

É porque muitos, apesar de suas imperfeições, estão maduros para essa transformação, que muitos partem a fim de irem se retemperar numa fonte mais pura. Enquanto permanecem no mesmo meio e sob as mesmas influências, persistirão em suas opiniões e em sua maneira de ver as coisas. Uma estada no mundo dos Espíritos basta para lhes descerrar os olhos, porque ali vêem o que não podiam ver sobre a Terra. O incrédulo, o fanático, o absolutista, poderão, pois, retornar com idéias *inatas* de fé, de tolerância e de liberdade. No seu retorno, encontrarão as coisas mudadas, e sobretudo o ascendente do novo meio onde terão nascido. Em lugar de fazer oposição às idéias novas, delas serão os auxiliares.

A regeneração da Humanidade não tem, pois, absolutamente necessidade da renovação integral dos Espíritos: basta uma modificação em suas disposições morais; esta modificação se opera em todos aqueles que a ela estão predispostos, quando são subtraídos à influência perniciosa do mundo. Aqueles que retornam, então, não são sempre outros Espíritos, mas, freqüentemente, os mesmos Espíritos pensando e sentindo de outro modo.

Quando essa melhoria é isolada e individual, ela passa desapercibida, e é sem influência ostensiva sobre o mundo. O efeito é todo outro quando se opera simultaneamente sobre grandes massas; porque, então, segundo as proporções, em uma geração, as idéias de um povo ou de uma raça podem ser profundamente modificadas. É o que se observa, quase sempre, depois dos grandes abalos que dizimam as populações. Os flagelos destruidores não destroem senão o corpo, mas não atingem o Espírito; eles ativam o movimento do vai-e-vem entre o mundo corpóreo e o mundo espiritual, e, conseqüentemente, o movimento progressivo dos Espíritos encarnados e desencarnados.

É desses movimentos gerais que se opera neste momento, e que deve conduzir à modificação da Humanidade. A multiplicidade das causas de destruição é um sinal característico dos tempos, porque elas devem apressar a eclosão de novos germes. São as folhas de outono que caem, e às quais sucederão novas folhas cheias de vida; porque a Humanidade tem suas estações, como os indivíduos têm suas épocas. As folhas mortas

da Humanidade caem transportadas pelas rajadas e os golpes de vento, mas para renascerem mais vivas sob o mesmo sopro de vida, que não se extingue, mas se purifica.

Para o materialista, os flageles destruidores são calamidades sem compensações, sem resultados úteis, uma vez que, em sua opinião, *aniquilam os seres sem retorno*. Mas para aquele que sabe que a morte não destrói senão o envoltório, não têm as mesmas conseqüências, e não lhe causa o menor temor, porque lhe compreende o objetivo, e sabe também que os homens não perdem mais morrendo juntos do que morrendo isoladamente, uma vez que, de uma maneira ou de outra, é preciso sempre lá chegar.

Os incrédulos rirão destas coisas e as tratarão como quimeras; mas, o que quer que digam, eles não escaparão à lei comum; cairão por sua vez como os outros, e, então, o que será deles? Eles dizem: nada; mas viverão apesar de si mesmos, e serão forçados um dia a abrir os olhos.

Nota. - A comunicação seguinte nos foi dirigida durante a viagem que acabamos de fazer, da parte de um de nossos queridos protetores invisíveis; se bem que ela tenha um caráter pessoal, liga-se também à grande questão que acabamos de tratar e que ela confirma, e, a este título, está tanto melhor colocada aqui, que as pessoas perseguidas por suas crenças espíritas nela encontrarão úteis encorajamentos.

"Paris, 1^o de setembro de 1866.

"Já há muito tempo que não faço ato de presença em vossas reuniões dando uma comunicação assinada com o meu nome; não creiais, caro mestre, que seja por indiferença ou por esquecimento, mas não vejo necessidade de me manifestar, e deixo a outros mais dignos o cuidado de dar úteis instruções. No entanto, eu estava lá e seguia com o maior interesse os progressos desta cara Doutrina à qual devo a felicidade e a calma dos últimos anos de minha vida. Eu estava lá, e o meu bom amigo, o Sr. T.....vos deu, mais de uma vez, a segurança durante suas horas de sono e de êxtase. Ele inveja minha felicidade, e aspira também a vir para o mundo que habito agora, quando o contempla brilhando no céu estrelado e que ele transporta seu pensamento sobre suas rudes provas.

"Eu também, tive-as bem penosas; graças ao Espiritismo, suportei-as sem me lamentar e as bendigo agora, uma vez que lhes devo o meu adiantamento. Que ele tenha paciência; dissei-lhe que ele virá um dia, mas que deve antes retornar ainda sobre a Terra para vos ajudar no inteiro cumprimento de vossa tarefa. Mas, então, quanto tudo estará mudado! Ambos vos creeis num mundo novo.

"Meu amigo, enquanto o podeis, repousai vosso espírito e vosso cérebro fatigado pelo trabalho; amontoai forças materiais, porque logo tereis muito a despendar. Os acontecimentos que vão doravante se suceder, com rapidez, vos chamarão para a luta; sede firme de corpo e de espírito, a fim de estar em estado de lutar com

vantagem. Será preciso, então, trabalhar sem descanso. Mas, como já vos foi dito, não estareis sozinho para carregar o fardo; auxiliares sérios se mostrarão quando disto for o tempo. Escutai, pois, os conselhos do bom doutor Demeure, e guardai-vos de toda fadiga inútil ou prematura. De resto, estaremos ali para vos aconselhar e vos advertir.

"Desconfiai dos dois partidos extremos que agitam o Espiritismo, seja por entravar o passado, seja por precipitar seu curso para a frente. Temperai os ardores nocivos, e não vos deixeis deter pelas hesitações dos medrosos, ou, o que é mais perigoso, mas o que não é infelizmente senão mais verdadeiro, pelas sugestões dos emissários inimigos.

"Caminhai com passo firme e seguro como haveis feito até aqui, sem vos inquietar do que se diz à direita ou à esquerda, seguindo a inspiração de vossos guias e de vossa razão, e não vos arriscareis em fazer cair o carro do Espiritismo na rotina. Muitos o empurram, este carro invejado, para precipitar a sua queda. Cegos e presunçosos! ele passará apesar dos obstáculos, e não deixará no abismo senão seus inimigos e seus invejosos desconcertados por terem servido ao seu triunfo.

"Os fenômenos vão surgir de todos os lados sob os aspectos mais variados, e já surgem. Mediunidade curadora, doenças incompreensíveis, efeitos físicos inexplicáveis pela ciência, tudo se reunirá num futuro próximo para assegurar a nossa vitória definitiva, para a qual concorrerão novos defensores.

"Mas quantas lutas será preciso ainda sustentar, e também quantas vítimas! não sanguinolentas, sem dúvida, mas atingidas em seus interesses e em suas afeições. Mais de um enfraquecerá sob o peso das inimizades desencadeadas contra tudo o que leva o nome de Espírita. Mas também, felizes aqueles que terão sabido conservar sua firmeza na adversidade! Disto serão bem recompensados, mesmo neste mundo materialmente. As perseguições são as provas da sinceridade de sua fé, de sua coragem e de sua perseverança. A confiança que terão posto em Deus não será em vão. Todos os sofrimentos, todos os vexames, todas as humilhações que terão suportado pela causa, serão títulos dos quais nenhum será perdido; os bons Espíritos velam sobre eles e os contam, e saberão fazer a parte dos devotamentos sinceros e a dos devotamentos artificiais. Se a rodada fortuna lhes trai momentaneamente e os precipita no pó, logo ela se levanta mais alto do que nunca, rendendo-lhes a consideração pública, e destruindo os obstáculos amontoados em seu caminho. Mais tarde, se regozijaram por terem pago seu tributo à causa, e quanto mais esse tributo for grande, mais sua parte será bela.

"Nestes tempos de provas, vos será preciso prodigalizar a todos vossa força e a vossa firmeza; a todos será preciso também encorajamentos e conselhos. Será preciso também fechar os olhos sobre as defecções dos tégidos e dos frouxos. Por vossa própria conta, tereis também muito a perdoar...

"Mas me detenho aqui, porque se posso vos pressentir sobre o conjunto dos acontecimentos, não me é permitido nada precisar. Tudo o que posso vos dizer é que não sucumbiremos na luta. Pode-se cercar a verdade nas trevas do erro, é impossível abafá-la; a sua chama é imortal e se faz luz cedo ou tarde.

"Viúva F..."

Nota. - Transferimos para o próximo número a continuação de nosso estudo sobre Maomé e o Islamismo, porque, pelo encadeamento das idéias e a inteligência das deduções, era útil que fosse precedido do artigo acima.

O ZUAVO CURADOR DO CAMPO DE CHÂLONS.

Lê-se no *Écho de l'Aisne*, de 1^o de agosto de 1866:

"Não há barulho nas regiões senão as maravilhas realizadas, no campo de Châlons, por um jovem zuavo espírita, que cada dia faz novos milagres.

"Numerosos grupos de enfermos se dirigem a Châlons, e, coisa incrível, "um bom número" deles dali retorna curados!

"Nestes últimos dias, um paralítico veio em viatura, depois de ter ido ver o "jovem espírita", encontra-se radicalmente curado, e dali alegremente retornou para sua casa a pé.

"Explique quem puder esses fatos que se ligam ao prodígio; sempre são exatos e afirmados por um grande número de pessoas inteligentes e dignas de fé. RENAUD."

Este artigo é reproduzido textualmente pela *Presse illustrée* de 6 de agosto. O *Petit Journal*, de 17 de agosto, conta o fato nestes

termos:

"Depois de ter podido visitar o quartel imperial, que, penso, já descrevestes aos vossos leitores, quer dizer, a morada melhor combinada e, ao mesmo tempo a mais simples que possa ter um soberano, mesmo para alguns dias somente. Passei minha noite a correr atrás do zuavo magnetizador.

"Este zuavo, um simples músico, é, há três meses, o herói do campo e das redondezas. É um pequeno homem magro, moreno, com olhos profundamente enfiados na órbita; uma verdadeira fisionomia de religioso muçulmano. Contam-se dele coisas inacreditáveis, e sou muito forçado de não vos falar senão daquilo que se conta, porque, há vários dias, foi obrigado, por ordem superior, a interromper as sessões públicas que dava no hotel da Meuse. Vinham de dez léguas ao redor; ele recebia de vinte e cinco a trinta enfermos ao mesmo tempo, e à sua voz, à sua vista, ao seu toque, diz-se pelo menos, subitamente os surdos ouvem, os mudos falam, os coxos se vão com as muletas sob o braço.

"Tudo isto é bem verdadeiro? Eu nada sei. Conversei uma hora com ele. Chama-se Jacob, é muito simplesmente Borguinhão, se exprime facilmente, teve para mim o ar dos mais convencidos e dos mais inteligentes. Sempre recusou todas as espécie de remuneração, e não gosta mesmo dos agradecimentos. Além disto, prometeu-me um manuscrito que lhe foi ditado por um Espírito. Inútil vos dizer que dele vos darei parte logo que tiver me enviado, se, no entanto, o *Espírito* tiver espírito.

RENÉ DE POINT-JEST."

Enfim, o *Écho de l'Aisne*, depois de ter citado o fato, em seu número de 1º de agosto, comenta-o da maneira seguinte, no de 4:

"No número de quarta-feira última, dissestes que não havia barulho, nas regiões, além das curas realizadas nos campos de Châlons, por um jovem zuavo espírita.

"Creio muito fazer em vos pedindo para rebatê-lo, porque um verdadeiro exército de doentes se dirige cada dia para o campo: aqueles que retornam satisfeitos convidam outros para imitá-lo; aqueles, ao contrário, que nada ganharam, não calam censuras ou zombarias.

"Entre estas duas opiniões extremas, há uma prudente reserva que "bom número de doentes" devem tomar por regra de conduta, por guia do que podem fazer.

"Essas "curas maravilhosas", esses "milagres", assim como os chama o comum dos mortais, nada têm de maravilhoso, nada de miraculoso.

"À primeira vista, causam o espanto porque não são comuns; mas como nada daquilo que se realiza não se faz sem causa, deveu-se procurar o que produz tais fatos, e a *ciência os explicou*.

"As impressões morais vivas sempre tiveram a faculdade de agir sobre o "sistema nervoso"; - as curas obtidas pelo zuavo espírita não levam senão sobre os enfermos deste sistema. Em toda época, na antigüidade como nos tempos modernos, as curas foram assinaladas tão só pela força da influência da imaginação, influência constatada por um grande número de fatos, - não há, pois, nada de extraordinário em que hoje as mesmas causas produzam os mesmos resultados.

"É, pois, unicamente aos enfermos do "sistema nervoso" que é possível "ir ver e esperar.

X."

Antes de qualquer comentário, faremos uma curta observação sobre este último artigo. O autor constata os fatos e os explica à sua maneira. Segundo ele, essas curas não têm nada *de maravilhoso nem de miraculoso*. Sobre este ponto, estamos perfeitamente de acordo: o Espiritismo diz decididamente que não faz *milagres*; que todos os fatos, sem exceção, que se produzem pela influência medianímica são devidos a uma força natural, e se realizam em virtude de uma lei também natural quanto aquela que faz transmitir um despacho do outro lado do Atlântico em alguns minutos. Antes da descoberta da lei da eletricidade, um semelhante fato teria passado pelo milagre dos milagres. Suponhamos, por um instante, que Franklin, mais iniciado ainda do que não o estava sobre as propriedades do fluido elétrico, tivesse estendido um fio metálico através do Oceano e estabelecido uma correspondência instantânea entre a Europa e a América,

sem disto indicar o procedimento, que teria se pensado dele? Ter-se-ia, incontestavelmente, exclamado ao milagre; ter-se-ia lhe atribuído um poder sobrenatural; ao olhos de uma multidão de pessoas, teria passado por feiticeiro e por ter o diabo às suas ordens. O conhecimento da lei da eletricidade reduziu esse pretensão prodígio às proporções dos efeitos naturais. Assim com uma multidão de outros fenômenos.

Mas conhecem-se todas as leis da Natureza? a propriedade de todos os fluidos? Não se pode que um fluido desconhecido, como o foi por muito tempo a eletricidade, seja a causa de efeitos inexplicados produzisse sobre a economia resultados impossíveis para a ciência, com a ajuda dos meios limitados dos quais dispõe? Pois bem! ali está todo o segredo das curas medianímicas; ou melhor, não há segredo, porque o Espiritismo não tem mistérios senão para aqueles que não se dão ao trabalho de estudá-lo. Essas curas têm muito simplesmente por princípio uma ação fluídica dirigida pelo pensamento e a vontade, em lugar de ser por um fio metálico. O todo é conhecer as propriedades desse fluido, as condições nas quais ele pode agir, e saber dirigi-lo. É preciso, além disso, um instrumento *humano* suficientemente provido desse fluido, e apto a lhe dar a energia suficiente.

Essa faculdade não é um privilégio de um indivíduo; por isto mesmo que ela está na Natureza, muitos a possuem, mas em graus muito diferentes, como todo o mundo há de ver, mas mais ou menos longe. No número daqueles que dela estão dotados, alguns agem com conhecimento de causa, como do zuavo Jacob; outros com seu desconhecimento, e sem se darem conta daquilo que se passa neles; sabem que curam, eis tudo; perguntai-lhes como, disto não sabem nada. Se são supersticiosos, atribuirão seu poder a uma causa oculta, à virtude de algum talismã ou amuleto que, em realidade, não servem para nada. Ocorre assim com todos os médiuns inconscientes, e o número deles é grande. Muitas pessoas têm em si mesmas a causa primeira de efeitos que os espantam e que não se explicam. Entre os negadores mais obstinados, mais de um é médium sem o saber.

O jornal em questão disse: "As curas obtidas pelo zuavo espírita não levam senão sobre os enfermos do sistema nervoso; elas são devidas à influência da imaginação, constatada por uma grande número de fatos; houve dessas curas tanto na antiguidade como nos tempos modernos; elas não têm, pois, nada de extraordinário."

Dizendo que o Sr. Jacob não curou senão afecções nervosas, o autor se adianta um pouco à leviandade, porque os fatos contradizem essa afirmação. Mas admitamos que isto seja; essas espécies de afecções são inumeráveis, e precisamente daquelas em que a ciência, freqüentemente, está mais forçada a confessar a sua impotência; se, por um meio qualquer, pode-se delas triunfar, não é um resultado importante? Se esse meio está na influência da imaginação, que importa! por que negligenciá-lo? não vale mais curar pela imaginação do que não curar de todo? Parece-nos difícil, no entanto, que só a imaginação, fosse ela excitada no mais alto grau, possa fazer caminhar um paralítico e endireitar um membro anquilosado. Em todos os casos, uma vez que, segundo o autor, as curas de enfermidades nervosas têm, de todos os tempos, sido curadas pela influência da imaginação, os médicos não são mais disso desculpados obstinando-se em empregar os meios impotentes, quando a experiência lhes mostra os eficazes. Sem o querer, o autor faz o seu processo.

Mas, disse ele, o Sr. Jacob não cura todo o mundo. - É possível e mesmo certo; mas o que é que isto prova? Que não há um poder curador universal. O homem que tivesse esse poder seria igual a Deus, e aquele que tivesse a pretensão de possuí-lo não seria senão um tolo presunçoso. Não se curasse senão quatro ou cinco doentes sobre dez, reconhecidos incuráveis pela ciência, e isso bastaria para provar a existência da faculdade. Há muitos médicos que possam fazê-lo igualmente?

Conhecemos pessoalmente o Sr. Jacob há muito tempo como médium escrevente, e propagador zeloso do Espiritismo: sabíamos que tinha feito algumas tentativas parciais de

mediunidade curadora, mas parece que esta faculdade tomou nele um desenvolvimento rápido e considerável durante a sua permanência no campo de Châlons. Um de nossos colegas da Sociedade de Paris, o Sr. Boivinet, que mora no departamento do Aisne, consentiu nos dirigir um relatório muito circunstanciado dos fatos que são de seu conhecimento pessoal. Seus conhecimentos aprofundados em Espiritismo, unidos a um caráter isento de exaltação e de entusiasmo, permitiram-lhe apreciar sadiamente as coisas. Seu testemunho tem, pois, para nós, todo valor do de um homem honrado, imparcial e esclarecido, e seu relatório tem toda a autenticidade desejável. Temos, pois, os fatos atestados por ele por tão averiguados quanto se tivéssemos sido pessoalmente testemunhas. A extensão desses documentos não nos permite publicá-los por inteiro nesta revista, mas os coordenamos para utilizá-los ulteriormente, limitando-nos, por hoje, a deles citar as passagens mais essenciais:

"..... Tendo a justificar muito completamente a confiança que quereis colocar em mim, informei-me, tanto por mim mesmo quanto pelas pessoas inteiramente honradas e dignas de fé, das curas bem constatadas operadas pelo Sr. Jacob. Estas pessoas não são, de resto, Espíritas, o que tira à sua afirmação toda suspeição de parcialidade em favor do Espiritismo.

"Reduzi de um terço as apreciações do Sr. Jacob sobre o número de doentes recebidos por ele; mas parece-me que eu estou de cá, talvez muito de cá da verdade, estimando este número em 4.000, sobre os quais um quarto foi curado e três quartos aliviados. A afluência era tal que a autoridade militar disto se emocionou, interditando as visitas no futuro. Eu mesmo tenho, do chefe da estação, que a estrada de ferro transporta diariamente massas de doentes ao campo.

"Quanto à natureza das doenças sobre as quais mais particularmente exerceu a sua influência, me é impossível dizê-lo. São, sobretudo, as enfermidades que são dirigidas a ele, e são elas, conseqüentemente, que figuram em maior número entre seus *clientes satisfeitos*; mas muitos outros aflitos podem se lhe apresentar com sucesso.

"Foi assim que, em Chartères, aldeia muito vizinha daquela que moro, vi e revi um homem de perto de cinqüenta anos que, desde 1856, dava tudo o que ele pegava. No momento em que foi ver o zuavo, ele partiu completamente doente, e vomitava ao menos três vezes por dia. Vendo-o, o Sr. Jacob lhe disse: "Estais curado!" e, durante a sessão, convidou-o a beber e comer. O pobre camponês, superando a sua apreensão, bebe e come e com isto não se sente mal. Depois de mais de três semanas, não sentiu a menor doença. A cura foi instantânea. Inútil acrescentar que o Sr. Jacob não lhe fez tomar nenhum medicamento e não lhe prescreveu nenhum tratamento. Só a sua ação fluídica, como uma comoção elétrica, tinha bastado para restabelecer os órgãos em seu estado normal."

Nota. Este homem é dessas naturezas rudes que se exaltam muito pouco. Se, pois, uma única palavra tinha bastado para super excitar a sua imaginação, ao ponto de curar instantaneamente uma gastrite crônica, seria preciso convir que o fenômeno seria ainda mais surpreendente do que a cura, e mereceria bem alguma atenção.

"A filha do senhor do hotel da Meuse, em Mourmelon, doente do peito, estava fraco ao ponto de não poder deixar seu leito. O zuavo convidou-a a se levantar, o que ela pôde fazer em seguida; com a estupefação dos numerosos espectadores, ela desceu a escada sem *ajuda*, e foi passear no jardim com seu novo médico. Desde esse dia, essa jovem se porta bem. Eu não sou médico, mas não creio que havia ali uma doença nervosa.

"O Sr. B...., dono de pensão, que com a idéia da intervenção de Espíritos em seus negócios fez pular, contava-me que uma senhora enferma do estômago há muito tempo, foi curada pelo zuavo, e que, depois desse tempo, ela havia engordado notavelmente, em torno de umas vinte libras."

Nota. Este senhor, que com a idéia da intervenção dos Espíritos se exaspera, ficaria, pois, muito irritado que, quando estiver morto, seu próprio Espírito possa vir assistir as pessoas que lhe são caras, curá-las, e provar-lhes que não está perdido para elas?

"Quanto aos enfermos propriamente ditos, os resultados obtidos sobre eles são mais assombrosos, porque o dhar aprecia em seguida o resultado.

"Em Treloup, aldeia situada a 7 ou 8 quilômetros daqui, um velho de setenta anos estava paralítico e não podia fazer nada. Deixara sua cadeira era quase impossível. A cura foi completa e instantânea. Ontem ainda disto se me falava. Pois bem! dizia-me, eu o vi, o pai Petit; *ele* mancava!

"Uma mulher do Mourmelon tinha a perna paralisada, imobilizada; seu joelho estava levado sobre seu estômago. Agora ela passeia e se passa bem.

"No dia em que o zuavo foi interdito, um maçom percorreu o Mourmelon, exasperado, e queria, dizia ele, aniquilar aqueles que impediam o médium de *trabalhar*. Esse maçom tinha os dois punhos dirigidos para o interior dos braços. Seus punhos hoje movimentam-se como os nossos, e ele ganha dois francos a mais por dia.

"Quantas pessoas foram trazidas que puderam retornar sozinhas, tendo reencontrado durante a sessão o uso de seus membros!

"Uma criança de cinco anos, trazida de Reims, que não tinha jamais andado, andou em seguida.

"O fato seguinte foi, por assim dizer, o ponto de partida da faculdade do médium, ou pelo menos do exercício público dessa faculdade tornada notória:

"Chegando a Ferté-sous-Jouarre e se dirigindo para o campo, o regimento de zuavos estava reunido na praça pública. Antes de desfazer as fileiras a música executou um trecho. Entre os espectadores estava uma juvenzinha num pequeno carrinho puxado por seus pais. Esta criança foi mostrada ao zuavo por um de seus camaradas. Terminada a música, dirigiu-se para ela, e dirigindo-se aos seus pais: "Esta criança está, pois, enferma? disse-lhes. - Ela não pode andar, lhe foi respondido; há dois anos teve a perna fechada num aparelho ortopédico. - Retirai, pois, esse aparelho, ela não tem dele necessidade." O que foi feito, não sem hesitação, e a pequena caminhou. Foi-se, pois, ao café, e o pai, como louco de alegria, queria que o limonadeiro *subisse à sua adega*, para fazê-la beber pelos zuavos.

"Vou agora vos dizer como o médium procedia, quer dizer, vos contar uma sessão, à qual não assisti mas que me fiz detalhá-la por diferentes doentes.

"O zuavo fez entrar seus doentes. A dimensão do local, em regra, basta ao número. Foi assim que deveu, afirma-se, se transportar da casa da Europa, onde não podia admitir senão dezoito pessoas ao mesmo tempo, para a casa da Meuse onde ele podia admiti-las vinte e cinco ou trinta. Entraram. Aqueles que moram nas regiões mais afastadas, geralmente, são convidados a pássaros primeiros. Certas

 pessoas querem falar: "Silêncio! diz ele; aqueles que falam eu os.....

 coloco à porta!" Ao cabo de dez ou quinze minutos de silêncio e de imobilidade geral, ele se dirige a alguns doentes, interroga-os raramente, mas lhes diz o que sentem. Depois, passeia ao longo da grande mesa em torno da qual estão sentados os doentes, fala a todos, mas sem ordem; toca-os, mas sem gestos, lembrando os dos magnetizadores; depois os despede para seu mundo, dizendo a uns: "Estais curados, ide-vos curados;" a outros: "Curareis sem nada fazer; não tendes senão fraqueza;" há alguns, mas raramente: "Não posso nada por vós." Se quer agradece-lhe, ele responde *muito militarmente* que não tem que se fazer agradecimentos, e empurra seus clientes para fora. Algumas vezes lhes diz: "É à Providência divina que é preciso dirigir os vossos agradecimentos."

"No dia 7 do mês de agosto, uma ordem do marechal veio interromper o curso das sessões. Logo de sua interdição, e tendo em vista a afluência enorme dos doentes em Mourmelon, deveu-se empregar, com respeito ao médium, um meio sem precedente.

Como ele não tinha cometido nenhuma falta e observava sempre muito exatamente a disciplina, não se podia prendê-lo. Ligou-se uma ordenança à sua pessoa com a ordem se segui-lo por toda a parte e de impedir quem quer que fosse de se aproximar dele.

Disseram-me que foram toleradas todas essas curas enquanto a palavra Espiritismo não foi pronunciada, e não creio que seja pelo Sr. Jacob que o haja feito. Seria a partir desse momento que se usou de rigor contra ele.

"De onde vem, pois, o terror que causa só o nome do Espiritismo, mesmo quando não faz senão o bem, consola os aflitos e alivia a humanidade sofredora? Creio, de minha parte, que certas pessoas têm medo que ele não faça muito bem.

"Nos primeiros dias do mês de setembro, o Sr. Jacob consentiu vir passar dez dias em minha casa, em execução de uma promessa eventual que me havia feito em campo de Châlons. O prazer que tive em recebê-lo foi decuplicado pelos serviços que pôde dar a bom número de infelizes. Depois de sua partida, mantive-me quase que cotidianamente ao corrente do estado dos doentes cuidados, e vos dou adiante os resultados de minhas observações. Afim de ser exato como um levantamento estatístico, e a título de informações ulterio-res, se houver lugar, eu os inscrevi aqui nominalmente. (Segue uma lista de trinta e alguns nomes, com designação da idade, da doença e do resultado obtido.)

"O Sr. Jacob é sinceramente religioso. "O que faço, dizia-me, não me espanta. Faria coisas bem extraordinárias que não estaria mais espantado, porque sei que Deus pode o que ele quer. Uma coisa só me admira, é a de ter eu o imenso favor de ser instrumento que ele escolheu. Hoje se surpreende com o que obtenho, mas quem sabe se, no mês, num ano não haverá dez, vinte, cinqüenta médiuns como eu e mais fortes do que eu? O Sr. Kardec, ele que procura e deve procurar os fatos como os que se passam aqui, deveria ter vindo; hoje, amanhã, posso perder a minha faculdade, e isto seria para ele um estudo perdido; ele deve ter que se fazer o historiador de semelhantes fatos."

Observação.

Teríamos sido felizes, sem dúvida, em ser testemunha pessoal dos fatos narrados acima, e, provavelmente teríamos ido ao campo de Châlons se disso tivéssemos tido a possibilidade e se nos tivessem disso informado em tempo útil. Não o soubemos senão pela via indireta dos jornais, então que estávamos de viagem, e confessamos não ter uma confiança absoluta em seus relatos. Teríamos muito a fazer se fosse preciso ir controlar, por nós mesmos, tudo o que narravam do Espiritismo, ou mesmo tudo o que nos é assinalado por nossa correspondência. Não podíamos ir senão com a certeza de não ter decepção, e quando o relatório do Sr. Boivinet nos chegou, o campo estava levantado. De resto, a visão destes fatos não nos teria nada ensinado de novo, porque acreditávamos compreendê-los seria, pois, simplesmente agir constatar-lhe a realidade; mas o testemunho de um homem como o Sr. Boivinet, a quem tínhamos enviado uma carta para o Sr. Jacob, com o pedido de nos instruir do que teria visto, nos bastava completamente. Não há, pois, senão perder o prazer, para nós. De ter visto pessoalmente o Sr. Jacob à obra, o que poderá, esperamos, ocorrer em outra parte que no campo de Châlons.

Não falamos, pois, das curas do Sr. Jacob senão por que elas são autênticas; se nos tivessem parecido suspeitas, ou manchadas de charlatanismo e de uma fanfarrice ridícula que as teriam tomado mais nocivas do que úteis à causa d Espiritismo, teríamos nos privado, o que quer que disso se pudesse dizer, cx o fizemos em muitas outras circunstâncias, não querendo nos fazer o editor respoi sável de nenhuma excentricidade, nem secundar os objetivos ambiciosos e interessados que se escondem, às vezes, sob as aparências do devotamento. Eis porque somos circunspectos em nossas apreciações dos homens e das coisas, e também porque nossa Revista não se transforma em turíbulo em proveito de ninguém.

Mas trata-se aqui de uma coisa séria, fecunda em resultados, e capital no duplo ponto de vista do fato em si mesmo, e do cumprimento de uma das previsões do Espírito. Há muito tempo, com efeito, anunciaram que a mediunidade curadora se desenvolveria em proporções excepcionais, de maneira a fixar a atenção geral e felicitamos o Sr. Jacob de nele ver um dos primeiros a fornecer o exemplo; e aqui, como em todos os gêneros e manifestações, a pessoa, para nós, se apaga diante da questão principal.

Desde o instante em que o dom de curar não é o resultado nem do trabalho, nem do estudo, nem de um talento adquirido, aquele que o possui, não pode disto se fazer um mérito. Louva-se um grande artista, um sábio, porque devem o que são aos seus próprios esforços; mas o médium, o melhor dotado, não é senão um instrumento passivo, do qual os Espíritos se servem hoje, *O* que podem deixar amanhã. Que seria do Sr. Jacob se perdesse sua faculdade, o que é sábio a ele de prever? O que era antes: um músico dos zuavos; ao passo que o quer que chegue, ao sábio ficará sempre a ciência e ao artista o talento. Somos felizes de ver o Sr. Jacob partilhar essas idéias, por conseguinte, não é, pois, a ele que se dirigem estas reflexões. Será igualmente a nossa opinião, disto não duvidamos, quando nos dirão que o que é um mérito real num médium, o que se pode e deve louvar com razão, é um emprego que ele faz da faculdade; é o zelo, o devotamento o desinteresse com os quais a coloca a serviço daqueles a quem ela pode ser útil; é ainda a modéstia, a simplicidade, a abnegação, a benevolência que respiram suas palavras e que todas as suas ações justificam, porque estas qualidades lhe pertencem como propriedade particular. Não ó, pois, o médium que é preciso elevar sobre um pedestal, uma vez que amanhã pode dele descer é o homem que sabe se tornar útil sem ostentação e sem proveito para a sua vaidade.

O desenvolvimento da mediunidade de cura, forçosamente, terá conseqüências de uma alta gravidade, que serão objeto de um exame especial e aprofundado num próximo artigo.

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

9º ANO

NO. 10

NOVEMBRO 1866

MAOMÉ E O ISLAMISMO

(2^o artigo. - Ver o n^o de agosto de 1866.)

Foi em Medina que Maomé fez construir a primeira mesquita, na qual trabalhou com suas próprias mãos, e organizou um culto regular; ali pregou pela primeira vez em 623. Todas as medidas tomadas por ele testemunham sua solícitude e sua previdência:

"Um traço característico, ao mesmo tempo do homem e de seu tempo, disse o Sr. Barthélemy Saint-Hilaire, foi a escolha que Maomé teve que fazer de três poetas de Medina, encarregados oficialmente de defendê-lo contra as sátiras dos poetas de Meca. Provavelmente, não era senão seu amor-próprio que fora mais excitado do que lhe convinha, mas numa nação espiritual e viva, mas esses ataques tinham uma repercussão análoga à que os jornais podem ter em nossos dias, e eles eram muito perigosos."

Dissemos que Maomé foi constrangido a se fazer guerreiro; com efeito, ele não tinha de nenhum modo o humor belicoso, assim como o tinha provado pelos cinquenta primeiros anos de sua vida. Ora, dois anos apenas tinham escoado depois de sua estada em Medina, quando os Coraychites de Meca, coligados com outras tribos hostis, vieram a sitiá-la cidade. Maomé teve que se defender; desde então começa para ele o período guerreiro que durou seis anos, e durante o qual se mostrou sobretudo um hábil Estrategista. Num povo no qual a guerra era o estado normal, que não conhecia de direito senão o da força, era preciso ao chefe da nova religião o prestígio da vitória para assentar a sua autoridade, mesmo entre seus partidários. A persuasão tinha pouco império sobre essas populações ignorantes e turbulentas; uma mansidão muito grande teria sido tomada por fraqueza. Em seu pensamento, o Deus forte não podia se manifestar senão por um homem forte, e o Cristo, com sua inalterável doçura, teria fracassado nessas regiões.

Maomé foi, pois, guerreiro pela força das circunstâncias, bem mais do que por seu caráter, e terá sempre o mérito de não ter sido o provocador. Uma vez a luta estabelecida, era-lhe necessário vencer ou perecer; só com esta condição, ele poderia ser aceito como o enviado de Deus; era preciso que seus inimigos fossem abatidos para se convencer da superioridade de seu Deus sobre os ídolos que adoravam. Com exceção de um dos primeiros combates em que foi ferido, e os Muçulmanos vencidos, em 625, suas armas foram constantemente vitoriosas, e, no espaço de alguns anos, ele submeteu a Arábia inteira à sua lei. Quando viu sua autoridade estabelecida e a idolatria aniquilada, foi triunfalmente para Meca, depois de dez anos de exílio, seguido de perto de cem mil peregrinos, e ali cumpriu a célebre peregrinação dita de *adeus*, da qual os Muçulmanos, escrupulosamente, conservaram os ritos. Ele morreu no mesmo ano, dez meses depois de seu retorno à Medina, em 8 de junho de 632, com a idade de sessenta e dois anos.

É preciso julgar Maomé pela história autêntica e imparcial, e não segundo as lendas ridículas que a ignorância e o fanatismo difundiram por sua conta, ou as pinturas que dele fizeram aqueles que tinham interesse em desacreditá-lo, apresentando-o como um

ambicioso sanguinário e cruel. Não é necessário, não mais, torná-lo responsável pelos excessos de seus sucessores, que gostariam de conquistar o mundo para a fé muçulmana de sabre à mão. Sem dúvida, houve grandes tarefas no último período de sua vida; pode-se censurá-lo por ter, em algumas circunstâncias, abusado do direito do vencedor, e de não ter agido sempre com toda a moderação desejada. No entanto, ao lado de alguns atos que a nossa civilização reprova, é preciso dizer, para sua defesa, que ele se mostrou muito mais freqüentemente humano e clemente para com seus inimigos do que vingativo, e que deu muitas vezes provas de uma verdadeira grandeza de alma. É preciso reconhecer também que, no meio de seu próprio sucesso, e então que chegava ao mais alto ponto de sua glória, até o seu último dia, ele encerrou-se no seu papel de profeta, sem jamais usurpar uma autoridade temporal despótica; não se fez nem rei, nem potentado, e jamais, na vida particular, manchou-se com algum ato de fria barbárie, nem de baixa cupidez; ele sempre viveu simplesmente, sem fausto e sem luxo, mostrando-se bom e benevolente para com todo o mundo. Esta é a história.

Se se reporta ao tempo e ao meio em que ele vivia, se se considerar sobretudo as perseguições das quais ele e os seus foram objeto, a obstinação de seus inimigos, e os atos de barbárie que estes cometeram sobre seus partidários, pode-se admirar que, na embriaguez da vitória, às vezes, haja usado de represálias? Se é bem vindo em lhe censurando por ter estabelecido a sua religião peb ferro, num povo bárbaro que o combatia, quando a Bíblia registra, como fatos gloriosos para a fé, carnificinas de uma atrocidade tal que se é tentado tomá-las por lendas? Quando, mil anos depois dele, em países civilizados do Ocidente, os cristãos, que tinham por guia a sublime lei do Cristo, arrojando-se sobre vítimas pacíficas, abafando as heresias pelas fogueiras, as torturas, os massacres, e em ondas de sangue?

Se o papel guerreiro de Maomé foi uma necessidade para ele, e se esse papel pode desculpá-lo de certos atos políticos, não ocorre o mesmo sob outros aspectos. Até a idade de cinqüenta anos, e enquanto viveu sua primeira mulher Khadidja, quinze anos mais idosa do que ele, seus costumes foram irrepreensíveis; mas, desse momento, suas paixões não conheceram nenhum freio, e, incontestavelmente, foi para justificar o abuso que disso fez, que consagrou a poligamia em sua religião. Esse foi seu erro mais grave, porque é uma barreira que levantou entre o Islamismo e o mundo civilizado; também a sua religião não pôde, depois de doze séculos, ultrapassar os limites de certas raças. É também o lado pelo qual seu fundador se rebaixa mais aos nossos olhos; os homens de gênio perdem sempre de seu prestígio quando se deixam dominar pela matéria; crescem, ao contrário, quanto mais se elevam acima das fraquezas da Humanidade.

No entanto, o desregramento dos costumes era tal na época de Maomé, que uma reforma radical era muito difícil entre homens habituados a se entregarem às suas paixões com uma brutalidade bestial; pode-se, pois, dizer que, regulamentando a poligamia, ele colocou limites à desordem e deteve os abusos bem mais graves; mas a poligamia não ficará menos o verme roedor do Islamismo, porque ela é contrária às leis da Natureza. Pela igualdade numérica dos sexos, a própria Natureza traçou o limite das uniões. Permitindo quatro mulheres legítimas, Maomé não pensou que, para que sua lei se tornasse a da universalidade dos homens, seria preciso que o sexo feminino fosse ao menos quatro vezes mais numeroso do que o sexo masculino.

Apesar de suas imperfeições, o Islamismo não foi menos um grande benefício para a época em que apareceu e para a região onde nasceu, porque fundou o culto da unidade de Deus sobre as ruínas da idolatria. Era a única religião possível para esses povos bárbaros, aos quais não era preciso pedir grandes sacrifícios às suas idéias e aos seus costumes. Era-lhes necessário alguma coisa simples como a natureza no meio da qual viviam; a religião cristã tinha muitas sutilezas metafísicas; também todas as tentativas feitas, durante cinco séculos, para implantá-la nessas regiões, tinham fracassado completamente; o próprio judaísmo, muito chicaneiro, ali tinha feito poucos prosélitos

entre os Árabes, embora os Judeus propriamente ditos, ali fossem bastante numerosos. Maomé, superior aos de sua raça, tinha compreendido os homens de seu tempo; para tirá-los do rebaixamento no qual os mantinham grosseiras crenças descidas de um estúpido fetichismo, deu-lhes uma religião apropriada às suas necessidades e ao seu caráter. Essa religião era a mais simples de todas: "Crença em um Deus único, todopoderoso, eterno, infinito, presente em toda a parte, clemente e misericordioso, criador dos céus, dos anjos e da Terra. Pai do homem, sobre o qual ele vela e acumula de bens; remunerador e vingador numa outra vida, onde nos espera para nos recompensar ou nos punir segundo nossos méritos: vendo nossas ações mais secretas, e presidindo ao destino inteiro de suas criaturas que não abandona um único instante, nem neste mundo, nem no outro; submissão a mais humilde e confiança absoluta em sua vontade santa:" eis os dogmas.

Quanto ao culto, consiste na prece repetida cinco vezes por dia, o jejum e as mortificações do mês de rhamadan, e em certas práticas, das quais várias tinham um objetivo higiênico, mas das quais Maomé fez uma obrigação religiosa, tais como as abluções cotidianas, a abstenção do vinho, dos licores embriagadores, da carne de certos animais, e que os fiéis se fazem um caso de consciência observar nos mais minuciosos detalhes. A quarta-feira foi adotada para o dia santo da semana, e a Meca indicada como ponto para o qual todo o Muçulmano deve se virar em orando. O serviço público nas mesquitas consiste em preces em comum, sermões, leitura e explicação do Corão. A circuncisão não foi instituída por Maomé, mas conservada por ele; ela era praticada de tempos imemoriais entre os Árabes. A proibição de reproduzir, pela pintura ou pela escultura, qualquer ser vivo, homens ou animais, foi feita tendo em vista destruir a idolatria, e impedir que ela se renovasse. Enfim, a peregrinação a Meca, que todo fiel deve cumprir ao menos uma vez em sua vida, é um ato religioso; mas tinha um outro objetivo nessa época, um objetivo político, o de aproximar por um laço fraternal as diversas tribos inimigas, reunindo-as num comum sentimento de piedade, num mesmo lugar consagrado.

Do ponto de vista histórico, a religião muçulmana admite o Antigo Testamento em sua totalidade até Jesus Cristo inclusive, que ela reconhece como profeta. Segundo Maomé, Moisés e Jesus eram enviados de Deus para ensinarem a verdade aos homens; o Evangelho, do mesmo modo que a lei do Sinai, é a palavra de Deus; mas os Cristãos dele desviaram o sentido. Ele declara, em termos explícitos, que não traz nenhuma crença nova, nem culto novo, mas que vem restabelecer o culto do Deus único professado por Abraão. Não fala senão com respeito dos patriarcas e dos profetas que o precederam: Moisés, Davi, Isaías, Ezequiel e Jesus Cristo; do Pentateuco, dos Salmos e do Evangelho. São os livros que anteciparam e prepararam o Corão. Longe de esconder os empréstimos que lhe fez, disto se gaba, e sua grandeza é o fundamento da sua. Pode-se julgar de seus sentimentos e do caráter de suas instruções pelo fragmento seguinte do último discurso que pronunciou em Meca quando da peregrinação do adeus, pouco tempo antes de sua morte, e conservou na obra de Ibn-Ishâc e de Ibn-Ishâm:

"Ó povos! escutai minhas palavras; porque não sei se, num outro ano, poderei me reencontrar ainda convosco neste lugar. Sede humanos e justos entre vós. Que a vida e a propriedade de cada um sejam invioláveis e sagradas para os outros; que aquele que receber um depósito o devolva fielmente a quem lho remeteu. Aparecereis diante de vosso Senhor, e ele vos pedirá conta de vossas ações. Tratai bem as mulheres, elas são vossas ajudas, elas não podem nada só por elas. Vós as tomastes como um bem que Deus vos confiou e tomastes posse delas por palavras divinas.

"Ó povos! escutai minhas palavras e fixai-as em vossos espíritos. Eu tudo vos revelei; deixo-vos uma lei que vos preserva para sempre do erro, se a ela fielmente vos ligardes; uma lei clara e positiva, o livro de Deus e o exemplo de seu profeta.

"Ó povos! escutai minhas palavras, e fixai-as em vossos espíritos. Sabei que todo Muçulmano é o irmão do outro; que todos os Muçulmanos são irmãos entre si, que sois todos iguais entre vós, e que não sois senão uma família de irmãos. Guardai-vos da injustiça; ninguém deve cometê-la em detrimento de seu irmão: ela arrastará a vossa perda eterna.

"Ó Deus! cumpri minha mensagem e terminei minha missão? - A multidão que p cercava respondeu: "Sim, tu a cumpriste." E Maomé exclama: Ó Deus, dignai-vos receber este testemunho!"

Eis agora o julgamento que faz sobre Maomé, e a influência de sua doutrina, um de seus historiógrafos, Sr. G. Weil, em sua obra alemã intitulada: *Mohammet der Prophet*, páginas 400 e seguintes:

"A doutrina de Deus e dos santos destinos do homem, pregada por Maomé num país que estava entregue à mais brutal idolatria, e que tinha apenas uma idéia da imortalidade da alma, deve tanto mais nos reconciliar com ele, apesar de suas fraquezas e de suas faltas, que sua vida particular não podia exercer sobre seus adeptos nenhuma influência deplorável. Longe de se dar jamais por modelo, queria sempre que o olhassem como um ser privilegiado a quem Deus permitia se meter acima da lei comum; e, de fato, foi considerado cada vez mais sob essa luz especial.

"Seríamos injustos e cegos se não reconhecêssemos que seu povo lhe deve ainda outra coisa de verdadeiro e de bem, e lhe reuniu em uma única grande nação, crendo fraternalmente em Deus, as tribos inumeráveis dos Árabes até ali inimigas entre si. No lugar do mais violento arbítrio, do direito da força, e da luta individual, colocou um direito inabalável que, apesar de suas imperfeições, forma sempre a base de todas as leis do Islamismo. Ele limitou a vingança do sangue que, antes dele, se estendia até os parentes mais distantes, e a limitou àquele único que os juizes reconhecessem como assassino. Muito mereceu, sobretudo do belo sexo, não só em protegendo os filhos contra o atroz costume que os fazia, freqüentemente, imolar por seus pais, mas, além disto, em protegendo as mulheres contra os parentes de seus maridos, que as herdavam como de uma coisa material, e as defendiam contra os maus tratos dos homens. Ele restringiu a poligamia, não permitindo aos crentes senão quatro mulheres legítimas, em lugar de dez, como era o uso, sobretudo em Medina. Sem haver inteiramente emancipado os escravos, lhes foi bom e útil de muitas maneiras. Para os pobres, não só recomendou sempre a beneficência a seu respeito, mas estabeleceu formalmente um imposto ao seu favor, e lhes fez uma parte especial no espólio e no tributo. Proibindo o jogo, o vinho e todas as bebidas embriagadoras, preveniu muitos vícios, muitos excessos, muitas querelas e muitas desordens.

"Embora não consideremos Maomé como um verdadeiro profeta, porque ele empregou, para propagar sua religião, meios violentos e impuros, porque ele foi muito fraco para se submeter ele mesmo à lei comum, e porque se chamava o selo dos profetas, tudo em declarando que Deus podia sempre substituir o que lhe havia dado por alguma coisa melhor, e lhe mereceu, no entanto, por ter feito penetrar as mais belas doutrinas do Antigo e do Novo Testamento, num povo que não era esclarecido por nenhum raio da fé, e deve a esse título parecer, mesmo aos olhos dos Maometanos, como um enviado de Deus."

Como complemento deste estudo, citaremos algumas passagens textuais do Corão, emprestadas à tradução de Savary:

Em nome de Deus clemente e misericordioso. - Louvor a Deus, soberano dos mundos. -A misericórdia é a sua partilha. - Ele é o rei no dia do julgamento. - Nós te adoramos, Senhor, e imploramos a tua assistência. - Dirige-nos no caminho da salvação, - no caminho daqueles que cumulaste de benefícios; - daqueles que mereceram tua cólera e se preservaram do erro. (Introdução, Sourate I.)

Ó mortais, adorai o Senhor que vos criou, vós e vossos pais, afirmo de que o temais; que vos deu a Terra por leito, e o céu por teto; que fez descer a chuva dos céus para produzir todos os frutos com os quais vos nutris. Não deis associados ao Altíssimo; vós o sabeis. (Souratell, v. 19 e 20.)

Por que não credes em Deus? Estáveis mortos, ele apagará vossos dias e deles avivará o brilho. Retornareis a ele. - Ele cria para vosso refúgio tudo que está sobre a Terra. No entanto, em seguida olhando para o firmamento, ele forma os sete céus. É ele do qual a ciência abarca o universo. (Sou rate 11, v. 26,27.)

O Oriente e o Ocidente. Pertencem a Deus; para qualquer lugar que se voltem os vossos olhares, reencontrareis a sua face. Ele preenche o universo de sua imensidade e de sua ciência. -Formou a terra e os céus. Quer ele produzir alguma obra? Ele diz: "Seja feita;" e a obra está feita. -Os ignorantes dizem: "Se Deus não nos fala, ou se tu não nos fazes ver um milagre, nós não creemos." Assim falam seus pais; seus corações são semelhantes. Fizemos brilhar muitos prodígios para aqueles que têm a fé. (Souratell, v. 109 a 112.)

Deus não exigirá de cada um de nós senão segundo as suas forças. Cada um terá em seu favor suas boas obras, e contra ele o mal que tiver feito. Senhor, não nos castigues por faltas cometidas por esquecimento. Perdoa-nos nossos pecados; não nos imponhas o fardo que nossos pais não carregaram. Não nos carregues acima das nossas forças. Faze brilhar para teus servi dores o perdão e a indulgência. Tem compaixão de nós; tu és o nosso socorro. Ajuda-nos contra as nações infiéis. (Sourate II, v. 286.)

Ó Deus, rei supremo, tu dás e tu tiras à tua vontade as coroas e o poder. Tu elevas e tu abaixas os humanos à tua vontade; o bem está em tuas mãos; tu és o Todo-Poderoso.-Tu mudas o dia em noite, e a noite em dia. Fazes sair a vida do seio da morte, e a morte do seio da vida. Derramas teus tesouros infinitos sobre aqueles que te apraz. (Sour. III, v. 25 e 26.)

Ignorais quantos povos fizemos desaparecer da face da Terra? Nós lhes tínhamos dado um império mais estável do que o vosso. Enviamos as nuvens derramarem a chuva sobre seus campos; ali fazemos correr os rios. Só seus crimes causaram sua ruína. Nós os tínhamos trocado por outras nações. É a Deus que deveis o sono da noite e o despertar da manhã. Ele sabe o que fazeis durante o dia. Ele vos deixa cumprir a carreira da vida. *Reaparecereis* diante dele, e ele vos mostrará as vossas obras. - Ele domina seus servidores. Dá-vos por guardiães os anjos encarregados de terminar vossos dias no momento prescrito. Eles executam cuidadosamente a ordem do céu. - *Retornareis* em seguida diante do Deus de verdade. Não é a ele que pertence julgar? Ele é o mais exato dos juizes.-Quem vos livra das tribulações da terra e dos mares, quando, invocando-o em público ou no segredo de vossos corações, exclamais: "Senhor, se afastas de nós esses males nisto seremos reconhecidos?"- É Deus que nos livra deles. É a sua bondade que nos alivia da pena que nos oprime; e em seguida retornais à idolatria. (Sourate VI, v. 60 a 64.)

Todos os segredos são revelados aos seus olhos; e é grande o Altíssimo. -Aquele que fala no secreto, aquele que fala em público, aquele que se envolve nas sombras da noite e aquele que aparece à luz, lhe são igualmente conhecidos. - É ele que faz brilhar o raio aos vossos olhares para vos inspirar o medo e a esperança. É ele que ergue as nuvens carregadas de chuva. -O trovão celebra seus louvores. Os anjos tremem em sua presença. Ele lança o raio, e ele atinge as vítimas marcadas. Os homens disputam com Deus, mas ele é o forte e o poderoso. - Ele é a invocação verdadeira. Aqueles que imploram outros deuses não serão atendidos. Assemelham-se ao viajor que, pressionado pela sede, estende a mão para a água que não pode alcançar. A invocação dos infiéis se perde na noite do erro. (Sourate XIII, v. 10 a 15.)

Não digas jamais: "Eu farei isto amanhã," sem acrescentar "Se for a vontade de Deus." Eleva para ele o teu pensamento, quando esqueceste alguma coisa, e diz: "talvez ele me esclareça e me faça conhecer a verdade." (Sourate XVIII, v. 23.) Se as ondas do mar se transformassem em tinta para descrever os louvores do Senhor, estariam esgotadas antes de terem celebrado todas as suas maravilhas. Um outro oceano semelhante não bastaria ainda. (Sour. XVIII, v. 109.)

Aquele que procura a verdadeira grandeza a encontra em Deus, fonte de todas as perfeições. Os discursos virtuosos sobem para o seu trono. Ele exalta as boas obras; pune rigorosamente o celerado que trama as perfídias.

Não, o céu não revoga jamais a sentença que pronunciou. - Não percorreram a terra? não viram qual foi o fim deplorável dos povos que, antes deles, caminharam nos caminhos da iniquidade? Estes povos eram mais fortes e mais poderosos do que não o são. Mas nada nos céus e sobre a Terra pode se opor às vontades do Altíssimo. A ciência e a força são seus atributos. - Se Deus punisse os homens desde o instante em que são culpáveis, não permaneceriam sobre a terra ser animado. Difere os castigos até no tempo marcado. -Quando o tempo é chegado, ele distingue as ações de seus servidores. (Sourate XXXV, v. 11,41 a 45.)

Estas citações bastam para mostrar o profundo sentimento de piedade que animava Maomé, e a idéia grande e sublime que se fazia de Deus. O Cristianismo poderia reivindicar este quadro.

Maomé não ensinou o dogma da fatalidade absoluta, como se o crê geralmente. Essa crença, da qual estão imbuídos os muçulmanos e que paralisa sua iniciativa em

muitas circunstâncias, não é senão uma falsa interpretação e uma falsa aplicação do princípio da submissão à vontade de Deus levado fora de seus limites racionais; eles não compreendem que essa submissão não exclui o exercício das faculdades do homem, e lhes falta por corretivo a máxima: Ajuda-te, o céu te ajudará.

As passagens seguintes tratam de pontos particulares da doutrina.

Deus tem um filho, dizem os Cristãos. Longe dele esta blasfêmia! Tudo o que está nos céus e sobre a terra lhe pertencem. Todos os seres obedecem à sua voz. (Sourate II, v. 110.)

Ovos que recebestes as Escrituras, não passeis os limites da fé; não digais de Deus senão a verdade. Jesus é filho de Maria, o enviado do Altíssimo e seu Verbo. Ele o fez descer no seio de Maria; é seu sopro. Crede em Deus e em seus apóstolos; mas não digais que há uma trindade em Deus. Ele é um; estacrença vos será mais segura. Longe de que tenha um filho, só ele governa o céu e a terra; ele se basta a si mesmo.-O Messias não corará por ser o servidor de Deus, não mais que os anjos que cercam o seu trono e lhe obedecem. (Sourate IV, v. 169,170.)

Aqueles que sustentam a trindade de Deus são blasfemadores; não há senão um único Deus. Se não mudarem de crença, um suplício doloroso será o preço de sua impiedade. (SourateV, v. 77.)

Os Judeus dizem que Ozai é o filho de Deus. Os Cristãos dizem a mesma coisa do Messias. Eles falam como os infiéis que os precederam. O céu punirá suas blasfêmias. - Ele chama os senhores seus pontífices, seus monges, e o Messias filha de Maria. Mas lhes é recomendado servir um único Deus: Não há outro dele. Anátema sobre aqueles que se associam ao seu culto. (Sourate IX, 30,31.)

Deus não tem filhos; ele não partilha o domínio com um outro Deus. Se fora assim, cada um deles gostaria de se apropriar de sua criação e se elevar acima de seu rival. Louvor ao Altíssimo! Longe dele estas blasfêmias! (Sourate XXII, v. 93.)

Declara, ó Maomé, o que o céu te revelou. -A assembléia dos gênios tendo escutado a leitura do Corão, exclamou: "Eis uma doutrina maravilhosa. - Ela conduz à verdadeira fé. Cremos nela, e nós não nos damos por igual a Deus. -Glóriaà sua Majestade suprema! Deus não tem esposa; ele não pariu." (Sourate LXXII, v. 1 a4.)

Dizeis: "Cremos em Deus, no livro que nos foi enviado, e no que foi revelado a Abraão, Ismael, Isac, Jacó e às doze tribos. Cremos na doutrina de Moisés, de Jesus e dos profetas, não fazemos nenhuma diferença entre eles, e somos muçulmanos."(Sourate II, v. 130.)

Não há de Deus senão o Deus vivo e eterno. - Ele te enviou o li vro que encerra a verdade, para confirmara verdade das Escrituras que o precederam. Antes dele, ele fez descer o Pentateuco e o Evangelho para servirem de guias aos homens; enviou o Corão dos céus. -Aqueles que negam a doutrina divina não devem esperar senão suplícios; Deus é poderoso e a vingança está em suas mãos. (Sourate III, v. 1,2,3.)

Há os que dizem: "Fizemos juramento a Deus de não crer em nenhum profeta, a menos que a oferta que apresente não seja confirmada pelo fogo do céu." -Respondei-lhes: "Tínheis os profetas antes de mim; eles operaram milagres, e aqueles mesmo do qual vos falei. Por que, então tingistes vossas mãos de seu sangue, se dizeis a verdade? - Se negam a missão, do mesmo modo trataram os profetas que vos precederam, embora fossem dotados do dom dos milagres e tivessem trazido o livro que esclarece (o Evangelho) e o livro dos salmos. (Sourate III, v. 179a 181.)

Nós vos inspiramos, como inspiramos Noé, os profetas, Abraão, Ismael, Jacó, as tribos, Jesus, Jó, Jonas, Aarão e Salomão. Nós vos demos os salmos de Davi.(Sourate IV, v. 161.)

Em muitas outras passagens, Maomé fala no mesmo sentido e com o mesmo respeito dos profetas, de Jesus e do Evangelho; mas é evidente que há desprezo no sentido dado à Trindade, e à qualidade de filhos de Deus que ele toma à letra. Se esse mistério é incompreensível para tantos cristãos, se levantou tantos comentários e controvérsias entre eles, não se deve admirar que Maomé não o haja compreendido. Nas três pessoas da Trindade ele viu três deuses, e não um Deus único em três pessoas distintas; no filho de Deus, ele viu a procriação; ora, a idéia que se fazia do Ser supremo era tão grande, que a menor paridade entre Deus e um ser qualquer, e a idéia que podia partilhar seu poder, parecia-lhe uma blasfêmia. Jesus não se tendo se dado jamais como Deus, e não tendo falado da Trindade, este dogma lhe pareceu uma derrogação das próprias palavras do Cristo. Ele via em Jesus e no Evangelho a confirmação do princípio da unidade de Deus, objetivo que ele mesmo perseguia; é porque os tinha em grande estima, ao passo que acusava os Cristãos de terem se afastado desse ensinamento, fracionando Deus e deificando o seu messias. Também se diz enviado depois de Jesus

para levar os homens à unidade pura da divindade. Toda a parte dogmática do Corão repousa sobre este princípio que ele repete a cada passo.

O Islamismo tendo suas raízes no antigo e no novo Testamento, deles é uma derivação; pode-se considerá-lo como uma das numerosas seitas das dissidências que surgiram desde a origem do Cristianismo referindo-se à natureza do Cristo, com esta distinção de que, o Islamismo, formado fora do Cristianismo, sobreviveu à maioria dessas seitas, e conta hoje cem milhões de sectários.

Maomé vinha combater com todo exagero, em sua própria nação, a crença em vários deuses, para ali restabelecer o culto abandonado do Deus único, de Abraão e de Moisés; o anátema que ele lançou contra os infiéis e ímpios tinha por objeto a grosseira idolatria professada pelos de sua raça, mas ele atingia por contragolpe os Cristãos. Tal é a causa do desprezo dos muçulmanos por tudo o que leva o nome de cristão, apesar de seu respeito por Jesus e pelo Evangelho. Este desprezo se transformou em ódio sob a influência do fanatismo entretido e superexcitado por seus sacerdotes. Dizemos também que, de seu lado, os Cristãos não são menos sem censuras, e que alimentaram mesmo esse antagonismo por suas próprias agressões.

Ao todo censurando os Cristãos, Maomé não tinha por eles sentimentos hostis, e no próprio Corão ele recomenda para usar para com eles de comedimento, mas o fanatismo os englobou na prescrição geral dos idolatras e dos infiéis cuja presença não deve sujar os santuários do Islamismo, é porque a entrada nas mesquitas, da Meca e dos lugares santos, lhe é proibida. O mesmo fazem com respeito aos Judeus, e se Maomé os castigou rudemente em Medina, foi porque estavam ligados contra ele. De resto, em nenhuma parte, no Corão, encontra-se o extermínio dos Judeus e dos Cristãos, erigidos em dever, assim como se o crê geralmente. Seria, pois, injusto lhe imputar os males causados pelo zelo ininteligente e os excessos de seus sucessores.

Nós te inspiramos a abraçar a religião de Abraão, que reconhece a unidade de Deus e que não adora senão sua majestade suprema. - Emprega a voz da sabedoria e da força da persuasão para chamar os homens a Deus. Combate com as armas da eloquência. Deus conhece perfeitamente aqueles que estão no desvio e aqueles que caminham à luz da fé. (Sourate XVI, v. 124,126.)

Se te acusam de impostor, responde-lhes: 'Tenho por mim minhas obras; que os vossos falem em vosso favor. Não sereis responsáveis do que eu faço, e eu, eu sou inocente de tudo o que fazeis' (Sourate X v 42.)

Quando se cumprirão tuas ameaças? perguntam os infiéis. Marca-nos o fim, se tu és verídico. Responde-lhes: "Os tesouros e as vinganças celestes não estão em minhas mãos; só Deus disto é o dispensador. Cada nação tem o seu fim fixado; ela não poderia nem apressá-lo, nem retardá-lo um instante." (Sourate X, v. 49,50.)

Se negam a tua doutrina, sabe que os profetas, que vieram antes de ti, sofreram a mesma sorte, embora os milagres, a tradição e o livro que esclarece (o Evangelho) atestem a verdade de sua missão. (Sourate XXXV, v. 23.)

A cegueira dos infiéis te surpreende, e eles riem de tua admiração. -Em vão queres instruí-los: seu coração rejeita a instrução. - Se vissem os milagres, deles zombariam; - eles os atribuiriam à magia. (Sourate XXXVII, v. 12 a 15.)

Não estão aí as ordens de um Deus sanguinário que comanda o extermínio? Maomé não se faz o executor de sua justiça; seu papel é o de instruir; só a Deus pertence punir ou recompensar, neste mundo e no outro. O último parágrafo parece ser escrito para os Espíritas de nossos dias, enquanto os homens são por toda a parte os mesmos.

Fazei a prece, dai a esmola; o bem que fizeres, o encontrareis junto de Deus, porque ele vê as vossas ações. (Sourate II, v. 104.)

Não basta, para ser justificado, voltar seus olhos para o oriente e o ocidente; é preciso, além disto, crerem Deus, no último, nos anjos, no Corão, nos profetas. É preciso, para o amor de Deus, socorrer seus próximos, os órfãos, os pobres, os viajantes, os cativos e aqueles que pedem. É preciso fazer a prece, guardar sua promessa, suportar pacientemente a adversidade e os males da guerra. Tais são os deveres dos verdadeiros crentes. (Sourate II, v. 172.) Uma palavra honesta e de

perdão das ofensas são preferíveis à esmola que tivesse seguido a injustiça. Deus é rico e clemente. (Sourate II, v. 265.)

Se vosso devedor tem dificuldade em vos pagar, dai-lhe tempo; ou, se quiserdes fazer melhor, adia-lhe a dívida. Se o soubésseis! (Sourate II, v. 280.)

A vingança deve ser proporcional à injúria; mas o homem generoso que perdoa tem sua recompensa assegurada junto de Deus, que odeia a violência (Sourate XLII, v. 38.)

Combatei vossos inimigos na guerra empreendida pela religião, mas não ataqueis primeiro. Deus odeia os agressores. (Sourate II, v. 186.)

Certamente os Muçulmanos, os Judeus, os Cristãos e os Sabeístas, que crêem em Deus e no julgamento final, e que farão o bem, disto receberão a recompensa de suas mãos; estarão isentos do medo e dos suplícios. (Sourate V, v. 73.)

Não façais violência aos homens por causa de sua fé. A fé da salvação é bastante distinta do caminho do erro. Aquele que abjura o culto dos ídolos pela religião santa terá se apoderado de uma coluna inabalável. O Senhor sabe e o ouve tudo (Sourate II, v. 257.)

Não disputeis com os Judeus e os Cristãos senão em termos *honestos e moderados*. Confundi aqueles dentre eles que são ímpios. Dizei: Cremos no livro que nos foi revelado e em vossos escritos. Nosso Deus e o vosso não fazem senão um. Somos muçulmanos. (Sourate XXIX, v. 45.)

Os Cristãos serão julgados segundo o Evangelho; aqueles que os julgarem de outro modo serão prevaricadores. (Sourate V, v. 51.)

Demos o Pentateuco a Moisés. É à sua luz que deve caminhar o povo hebreu. Não duvideis de encontrar no céu o guia dos Israelitas. (Sourate XXXII, v. 23.)

Se os judeus tivessem a fé e o temor do Senhor, apagaríamos seus pecados; nós os introduziríamos no jardim das delícias. A observação do Pentateuco, do Evangelho e dos preceitos divinos lhes proporcionariam o gozo de todos os bens. Há entre eles os que caminham no bom caminho, mas a maioria são ímpios. (Sourate V, v. 70.)

Dize aos Judeus e aos Cristãos: "Terminamos nossas diferenças; não admitimos senão um Deus, e não lhe daremos igual; que cada um de nós não tenha outro Senhor do que ele." Se recusam obedecer, dize-lhes: "Pelo menos dais testemunho que, quanto a nós, somos crentes. (Sourate III, v. 57.)

Eis certas máximas de caridade e de tolerância que gostaríamos de ver em todos os corações cristãos!

Nós te enviamos a um povo que outros povos precedeu, a fim de que lhe ensines as nossas revelações. Eles não crêem nos misericordiosos. Dize-lhes: "É meu Senhor; não há de Deus senão ele. Coloquei minha confiança em sua bondade. Eu reaparecerei diante de seu tribunal. (Sourate XIII, v. 29.)

Trouxemos aos homens um livro onde brilha a ciência que deve esclarecer os fiéis e lhes proporcionar a misericórdia divina. - Esperam eles o cumprimento do Corão? No dia em que se cumprirá, aqueles que terão vivi do no esquecimento dessas máximas dirão: "Os ministros do Senhor nos pregam a verdade. Onde encontraremos agora os intercessores? Que esperança temos de retornar sobre a Terra para nos corrigir? Eles perderam suas almas, e suas ilusões se desvaneceram. (Sour. VII, v. 50, 51.)

A palavra reaparecer implica a idéia de ter já aparecido; quer dizer, de ter vivido antes da existência atual. Maomé o exprime claramente quando disse alhures: "reapareceres diante dele e ele vos mostrará vossas obras. Retornareis diante do Deus de verdade." É o fundo da doutrina da preexistência da alma, ao passo que segundo a Igreja, a alma é criada no nascimento de cada corpo. A pluralidade das existências terrestres não é indicada no Corão de maneira tão explícita quanto no Evangelho; no entanto, a idéia de reviver sobre a Terra entrou no pensamento de Maomé, uma vez que tal seria, em sua opinião, o desejo dos culpados para se corrigir. Ele compreendeu, pois, que seria útil poder recomeçar uma nova existência.

Quando se lhe pergunta: Credes no que Deus enviou do céu? Eles responderam: "Cremos nas Escrituras que recebemos;" e rejeitam o livro verdadeiro, vindo depois, para pôr o selo nos *livros sagrados*. Dize-lhes: "Porque matastes os profetas se tínheis a mim?" (Sourate II, v. 85.)

Maomé não é o pai de nenhum de vós. Ele é o enviado de Deus e o selo dos profetas. A ciência de Deus é infinita. (Sourate XXXI11, v. 40.)

Em se dando como o selo dos profetas, Maomé anuncia que é o último, a conclusão, porque disse toda a verdade; depois dele não virão mais outros. Está aí um artigo de fé entre os Muçulmanos. Do ponto de vista exclusivamente religioso caiu no erro de todas as

religiões que se crêem inamovíveis, mesmo contra o progresso das ciências; mas para ele era quase uma necessidade, a fim de afirmar a autoridade de sua palavra num povo que teve tanta dificuldade para converter à sua fé. Do ponto de vista social era um erro, porque o Corão sendo uma legislação civil tanto quanto religiosa, colocou um ponto de parada ao progresso. Tal é a causa que tornou e tornará por muito tempo ainda os povos muçulmanos estacionários, e refratários às inovações e às reformas que não estão no Corão. É um exemplo do inconveniente que existe de confundir o que deve ser distinto. Maomé não levou em conta o progresso humano; é uma falta comum a quase todos os reformadores religiosos. De um outro lado, tinha a reformar não só a fé, mas o caráter, os usos, os hábitos sociais desses povos; era-lhe preciso apoiar suas reformas sobre a autoridade da religião, assim como fizeram todos os legisladores dos povos primitivos; a dificuldade era grande, sem dúvida; no entanto, ele deixa uma porta aberta à interpretação e às modificações, dizendo que "Deus pode sempre mudar o que deu por qualquer coisa de melhor."

Proibido vos é desposar vossas mães, vossas filhas, vossas irmãs, vossas tias paternas e maternas, vossas sobrinhas, vossas amas de leite, vossas irmãs de leite, as mães de vossas mulheres, as filhas confiadas à vossa tutela e descendentes de mulheres com as quais haveis coabitado. Não desposeis, não mais, as filhas de vossos filhos que haveis engendrado, nem duas irmãs. É-vos proibido desposar as mulheres casadas, exceto aquelas que teriam caído em vossas mãos como escravas. (Sourate IV, v. 27 e seguintes.)

Estas prescrições podem dar uma idéia da desmoralização desses povos; por ser obrigado a proibir tais abusos, seria preciso que eles existissem.

Esposas do Profeta, permaneçei dentro de vossas casas. Não vos enfeiteis faustosamente, como nos dias da idolatria. Fazei a prece e a esmola. Obedecei a Deus e ao seu apóstolo. Ele quer afastar o vício de vossos corações. Sois da família do Profeta, e deveis ser puras. Zeid repudia seu esposo. Nós te unimos com ela a fim de que os fiéis tenham a liberdade de desposar as mulheres de seus filhos adotivos, depois do repúdio. O preceito divino deve ter sua execução. - O profeta, que permitiu desposar as mulheres que tiveres dotado, os cativos que Deus fez cair em tua mãos, as filhas de teus tios e de tuas tias que fugiram contigo, e tua mulher fiel que te conceder seu coração. É um privilégio que te concedemos. Não aumentarás o número atual de tuas esposas; não poderás trocá-las com outras cuja beleza te houver tocado. Mas a freqüência de tuas mulheres escravas te é sempre permitida. Deus observa tudo. (Sourate XXXIII, v. 37,49, 52.)

É aqui que Maomé desce verdadeiramente do pedestal onde estava montado. Lamenta-se de vê-lo cair tão baixo, depois de se ter elevado tão alto, e fazer intervir Deus para justificar os privilégios concedidos para satisfação de suas paixões. Ele concedia aos crentes quatro mulheres legítimas, quando ele mesmo tinha se dado treze. O legislador deve ser o primeiro objeto das leis que faz. É uma mancha inapagável sobre si e sobre o islamismo.

Esforçai-vos por merecer a indulgência do Senhor, e aposse do paraíso, cuja extensão iguala os céus e a terra, morada preparada aos justos, -àqueles que fazem esmola na prosperidade e na adversidade, e que, dominando os movimentos de sua cólera, sabem perdoar os seus semelhantes. Deus ama a beneficência. (Sourate III, v. 127,128.)

Deus prometeu aos fiéis que tiverem praticado a virtude a entrada nos jardins onde colhem flores. Ali permanecerão eternamente. As promessas do Senhor são verdadeiras. O que de mais verdadeiro do que a sua palavra? (Sourate IV, v.121.)

Eles habitarão eternamente a morada que Deus lhes preparou, os jardins de delícias irrigados por rios, lugares onde reinará a soberana beatitude. (Sourate IX, v. 90.)

Os jardins e as fontes serão o quinhão daqueles que temem o senhor. Eles entrarão com a paixão e a segurança. - Nós tiraremos a inveja de seus corações. Eles repousarão sobre leitos, e terão uns pelos outros uma benevolência fraternal.

- A fadiga não aproximará da morada das delícias. Não se lhes arrebatará a posse. (Sourate XV, v.45 a 48.)

Os jardins do Éden serão a habitação dos justos. Braceletes de ouro, ornados de pérolas, e roupas de seda formarão seu adorno. - Louvor a Deus, exclamarão; ele afastou de nós a pena; ele é misericordioso e compassivo. - introduziu-nos no palácio eterno, morada de sua magnificência. A fadiga nem a dor não se aproximam desse asilo. (Sourate XXXV, v. 30,31,32.)

Os hóspedes do paraíso beberão a longos tragos da taça da felicidade. - deitados sobre seus leitos de seda, repousarão perto de suas esposas, sob sombras deliciosas. - encontrarão todos os frutos, todos os seus desejos serão satisfeitos. (Sourate XXXVI, v. 55, 56, 57.)

Os verdadeiros servidores de Deus terão uma alimentação escolhida, - frutos esquisitos, lhe serão servidos com honra. - Os jardins das delícias serão seu asilo.

- Cheios de uma benevolência mútua, repousarão sobre poltronas. - Ser-lhes-ão oferecidos copos cheios de um água pura, - límpida e de um gosto delicioso,

- que não obscurecerá sua razão e não os embriagará. - Perto deles estarão as virgens de olhares modestos, de grande olhos negros e cujo colorido terá a cor dos ovos do avestruz. (Sourate XXXVII, v. 39 a 47.)

Dir-se-á aos crentes que terão professado o islamismo: entrai no jardim das delícias, voz e vossas esposas; abri vosso coração à alegria. - Apresentar-lhes ao a beber em taças de ouro, o coração encontrará nessa morada tudo o que pode desejar, o olhar tudo o que pode encantá-lo, e seus prazeres serão eternos. - Eis o paraíso do qual vossas obras vos proporcionaram a posse. - Nutri-vos dos frutos que aí crescem em abundância. (Sourate XLIII, v. 69 a 72).

Tal é esse famoso paraíso de Maomé, sobre o qual tanto se alegrou e que não procuraremos seguramente justificar. Somente diremos que estavam em harmonia com os costumes desses povos, e que devia lhes agradar muito mais que a perspectiva de um estado puramente espiritual, por esplêndido que fosse, porque eram muito materiais para compreendê-lo e apreciar-lhe o valor; ser-lhes-iam necessárias alguma coisa mais substancial, e pode-se dizer que foram servidos a gosto. Sem dúvida, notar-se-á que os rios, as fontes, os frutos abundantes e as sombras ali desempenhavam um grande papel, porque está aí o que falta sobretudo aos habitantes do deserto. Dos leitos macios e dos vestidos de seda, para pessoas habituadas sobre a terra e vestidas de grosseiras coberturas em pele de camelo, devia também ter um grande atrativo. Por ridículo que tudo isto nos pareça, pensemos no meio em que vivia Maomé, e não o censuremos muito, uma vez que com a ajuda desse chamariz, ele soube tirar um povo da barbárie e dele fazer uma grande nação.

Num próximo artigo examinaremos como o Islamismo poderá se unir à grande família da Humanidade civilizada.

SONAMBULISMO MEDIANÍMICO ESPONTÂNEO.

A última sessão da Sociedade Espírita de Paris, antes das férias, foi uma das mais notáveis do ano, seja pelo número e a importância das comunicações que ali foram obtidas, seja pela produção de um fenômeno espontâneo de sonambulismo medianímico. Pelo meio da sessão, o Sr. Morin, membro da sociedade e um dos médiuns habituais, adormeceu espontaneamente sob a influência dos Espíritos, o que jamais lhe tinha acontecido. Então ele falou com inspiração, com eloqüência, sobre um assunto de uma alta seriedade e do maior interesse, do qual iremos nos ocupar ulteriormente.

A sessão de reabertura da sexta-feira, 5 de outubro, apresentou um fenômeno análogo, mas em mais amplas proporções. Havia à mesa treze médiuns. Durante a primeira parte, dois dentre eles, a senhora C... e o Sr. Vavas seur, adormeceram, como o havia feito o Sr. Morin, sem provocação nenhuma e sem que ninguém pensasse nisto, sob a influência dos Espíritos. O Sr. Vavas seur é o médium poeta, que obtém com a maior facilidade as notáveis poesias das quais publicamos várias amostras. O Sr. Morin estava a ponto de adormecer também. Ora, eis o que se passou durante o seu sono o durou quase uma hora.

O Sr. Vavas seur, com voz grave e solene disse- "Toda vontade, toda ação magnética é e deve permanecer estranha a este fenômeno. Ninguém deve falar nem à

minha irmã nem a mim" Falando de sua irmã, ele designava a senhora C..., quer dizer irmã espiritual, porque não são de nenhum modo parentes Depois dirigindo-se ao Sr. Morin, colocado na outra extremidade da mesa e estendendo sua mão para ele, com um gesto imperativo- "Eu te proíbo de dormir." O Sr. Morin, com efeito, já quase adormecido desperta por s, mesmo. Recomendação expressa, além disto é de não tocar nem num nem no outro dos dois médiuns.

O Sr. V. continuando: "Ah! sinto aqui uma corrente fluídica má, que me cansa... irmã, sofres também? - Madame C... Sim - Sr V...Olha! a sociedade está numerosa esta noite. Tu vê? - Madame C... Ainda não muito claramente. - Sr. V... Eu quero que vejas. - Senhora C... Oh! sim; os Espíritos são numerosos! - Sr. V.. Sim são muito numerosos; não se os conta mais!... Mas, olha, diante de ti; vê um Espírito mais luminoso, com auréola mais brilhante... Ele parece nos sorrir com benevolência!... E-me dito que é o meu patrono (São Luís)... Vamos , caminhemos; vamos ambos até ele... Oh! tenho muitas faltas a reparar... (dirigindo-se ao Espírito): Caro Espírito! nascendo para a vida, minha mãe deu-me vosso nome. Depois disto me lembro, essa pobre mãe me dizia todos os dias: "Oh! meu filho ora a Deus; pede ao teu anjo guardião; pede sobretudo ao seu padroeiro " Mais tarde, esqueci tudo... tudo!... A dúvida, a incredulidade me seguiram; em meu afastamento vos desconheci, desconheci a bondade de Deus... Hoje, caro Espírito, venho vos pedir o esquecimento do passado e o perdão no presente!... Ó São Luís vedes minha dor e meu arrependimento, esquecei e perdoai!" (Estas ultimas palavras foram ditas com um acento dilacerante de desespero)

Senhora C... "Não é preciso chorar, irmão... São Luís te perdoa e te abençoa... Os bons Espíritos não têm ressentimentos contra aqueles que se ocupam de seus erros. Ele te perdoa, eu te digo!!... Oh! esse Espírito e bom!. Vês, ele nos sorri. (Levando a mão ao seu peito.) Oh! que faz mal sofrer assim!"

Sr. V... "Ele me fala... Escuta!... Coragem, diz-me, trabalhais irmãos. O ano que começa será fértil em grandes acontecimentos. Em torno de vos surgirão grandes gênios, poetas pintores literatos. A era das artes sucede à era da filosofia. Se a primeira afez prodígios, a segunda fará milagres." (O Sr. V... se exprime com uma veemência extraordinária; está no supremo grau do êxtase.)

Senhora C... "Acalma-te, irmão; pões nisso muito entusiasmo e isto te faz mal; acalma-te."

Sr. V... (continuando): "Mas ali começa a missão de vossa sociedade, missão muito grande e muito bela para aqueles que a compreendem... Foco da Doutrina Espírita, ela deve defendê-la e propagar-lhe os princípios por todos os meios dos quais dispõe. De resto, seu presidente saberá o que é preciso fazer.

"Agora, irmã, ele se afasta; nos sorri ainda; diz-nos com a mão; até breve... Vamos, subamos, irmã; debes assistira um espetáculo esplêndido, a um espetáculo que o olhar da Terra jamais viu... jamais, jamais!... Sobe... sobe... eu o quero!... (Silêncio.) Que vê?... Olha este exército de Espíritos!... Os poetas estão ali e nos cercam... Oh! cantai também, cantai!... Vossos cantos são os cantos do céu, o hino da criação!... Cantai!... E seus murmúrios acariciam meus ouvidos... e seus acordes adormecem o meu espírito... Não ouves?..."

Senhora C... "Sim, ouço... Parecem dizer que com o ano espírita que começa, começa uma nova fase para o Espiritismo... fase brilhante, de triunfo e de alegria para os corações sinceros, de vergonha e de confusão para os orgulhosos e os hipócritas! Para estes, as decepções, o abandono, o esquecimento, a miséria; para os outros, a glorificação."

Sr. V... "Eles já o disseram, e isto se verifica." Senhora C... "Oh! que festa! que magnificência! que esplendor ofuscante! Meus olhares podem apenas sustentar-lhes o brilho. Que suave harmonia se faz ouvir e penetra a alma!... Vejo todos estes bons Espíritos que preparam o triunfo da Doutrina sob a condução dos Espíritos superiores e do grande Espírito de Verdade!... Como são resplandecentes, e quanto deve lhes custar descer de novo para habitar um globo como o nosso! Isto é doloroso, mas faz avançar." Sr. V... "Escuta!... escuta!... escuta, digo-te!" Sr. V... começa a improvisação seguinte em versos. Era a primeira vez que fazia a poesia medianímica verbalmente. Até este dia as comunicações deste gênero sempre foram dadas espontaneamente por escrito.

Era uma tarde de tormenta,
O mar rolava seus mortos,
Lançando-os à praia
De lúgubres acordes!...
Um menino, jovem ainda,
De pé sobre um rochedo,
Esperava que a aurora
O iluminasse para caminhar,
Para ir à praia
Para pedir de novo à sua irmã
Escapada do naufrágio,
Ou.... arrebatada ao seu coração.
Poderia, sobre a margem,
Vê-la, como outro rã,
Sorridente e ingênua,
Acorrer à sua volta?
Nessa noite horrível,
Sobre as ondas perdidas,
Essa mão invisível
Que os separou,
Os reunirá?
Essa foi uma vã esperança!
A aurora se fez bela,
Mas... nada lhe fez ver;
Nada...senão o triste destroço
De um navio destruído!
Nada... que a onda que lava
O que suja a noite.
A vaga, com mistério,
Aflorava deslizante,
Espumosa e ligeira,
O sorvedouro ameaçador
Que escondia sua vítima,
Sufocava seus soluços,
E queria de seu crime
Fazer desculpar as ondas
A brisa lamentosa!
A criança, cansada de procurar,
De correr sobre a margem,
Não podia mais caminhar...
Sem fôlego, sem alento,
Coxeando;...contundida;...ferida;...

Se sustentava com dificuldade,
Estava repousando
Sobre a escaldante pedra
De um rochedo quase nu,
E fazia sua pré cê,
Quando passa um desconhecido.
Surpreso, ele a olha
Que orava com fé.
- Oh! meu filho, Deus te guarde,
Disse ele; levanta-te!...
Esse Deus que vê tuas lágrimas,
Me pôs em teu caminho
Para acalmar teus sustos,
E estender-te a mão!
Que nada te retenha;
Meu lar é o teu,
Minha família é a tua,
Tua infelicidade é a minha.
Vem; dize-me teu sofrimento;
Eu te abrirei meu coração,
E logo a esperança
Acalmará teu medo.

(Digirindo-se à Senhora C.) - 'Tu o vês, ele se detém!... mas deve ainda falar!... Sim, se aproxima!... os sons se tornam mais distintos... Eu ouço... ah!

Esta pobre criança... sou eu!
Esse desconhecido... (dirigindo-se ao Sr. Allan Kardec) és tu,
Caro e honrado mestre!
Tu que me fizeste conhecer
Duas palavras:.... Eternidade
E...Imortalidade!
Dois nomes: um Deus, o outro alma!
Um lar, o outro chama!
E vós, meus caros amigos,
Neste lugar reunidos,
Sois a família
Onde doravante tranqüilo,
Devo acabar meus dias!
Oh!... Amai-me sempre!...

"Ele foi... Casimir DelavigneL. Oh! caro Espírito... ainda!... Ele foi!... Vamos, não sou bastante forte para assistira este concerto divino... Sim, é muito belo... é muito belo!...

Senhora C... "ele falaria ainda se o tivesse querido, mas tua exaltação disto o impediu. Eis-te ferido, contundido, ofegante; Não podes mais falar.

O Sr. V... "Sim, eu o sinto; é ainda uma fraqueza (com um vivo sentimento de pesar), e devo te despertar!... muito cedo... Por que sempre ficar neste lugar? Porque descer sobre a Terra?... Vamos, uma vez que é preciso, irmã, é preciso obedecer sem murmurar... Desperta, eu o quero. (A senhora C...abre os olhos.) Para mim, tu podes me despertar agitando teu lenço. Eu sufoco! o ar!... o ar!..."

Estas palavras, e sobretudo os versos, foram ditos com um acento, uma efusão de sentimento e um calor de expressão dos quais somente as cenas mais dramáticas e mais patéticas podem dar uma idéia. A emoção da assembléia era geral, porque sentia-se que isso não era a declamação, mas a própria alma liberta da matéria que falava...

O Sr. V..., esgotado de fadiga, é obrigado a deixar a sala, e permanece por muito tempo abatido sob o domínio de uma madorna, de onde não sai senão pouco a pouco, por si mesmo, sem querer que ninguém o ajude a se aliviar.

Estes fatos vêm confirmar as previsões dos Espíritos no que se refere às novas formas que a mediunidade não tardaria a tomar. O estado de sonambulismo espontâneo, no qual se desenvolve ao mesmo tempo a mediunidade falante e vidente, com efeito, é uma faculdade nova, nesse sentido que ela parece dever se generalizar; é um modo particular de comunicação, e que tem a sua razão de ser neste momento mais do que antes.

De resto, este fenômeno é bem mais para servir de *complemento* à instrução dos Espíritos do que para a convicção dos incrédulos que não veriam nele senão uma comédia. Só os Espíritos esclarecidos podem não só compreendê-lo, mas descobrir-lhe as provas da sinceridade ou do malabarismo, como em todos os outros gêneros de mediunidade; só eles podem deles livrar o que é útil, deduzindo-lhe as conseqüências pelo progresso da ciência na qual os faz penetrar mais adiante. Também estes fenômenos não se produzem, geralmente, senão na intimidade, e daí, além de que os médiuns não teriam nenhum interesse em simular uma faculdade que não existisse, a fraude ali seria logo desmascarada.

As nuances de observação são aqui tão delicadas e tão sutis, que requerem uma atenção firme. Neste estado de emancipação, a sensibilidade e a impressionabilidade são tão grandes que a faculdade não pode se desenvolver em todo seu brilho senão sob uma influência fluídica inteiramente simpática; *uma corrente contrária* basta para alterá-la, como o sopro que embaça a vidraça. A sensação penosa que disso o médium sente o faz dobrar-se sobre si mesmo, como a sensitiva à aproximação da mão. Sua atenção se dirige então na direção dessa corrente desagradável; penetra o pensamento que lhe é a fonte, o vê, o lê, e mais o sente antipático mais ele o paralisa. Que se julgue por aí do efeito que deve produzir um concurso de pensamentos hostis! também estas espécies de fenômenos não se prestam *de nenhum modo* às exposições públicas, onde a curiosidade é o sentimento que domina quando não o é o da malevolência. Eles requerem mais, da parte dos testemunhos, uma excessiva prudência, porque não é preciso perder de vista que, nesses momentos, a alma não se prende mais ao corpo senão por um laço frágil, e que um abalo pode, pelo menos, causar graves desordens na economia; uma curiosidade indiscreta pode ter as mais funestas conseqüências; é porque não se saberia agir com muita precaução.

Quando o Sr. V., disse em começando, que "loda vontade, toda ação magnética é e deve permanecer estranha a esse fenômeno," faz compreender que somente a ação dos Espíritos dela é a causa, e que ninguém poderia provocá-la. A recomendação de não falar, nem a um nem ao outro, tinha por objetivo deixá-los inteiramente no êxtase. As perguntas teriam tido por efeito deter o vôo de seu Espírito, em traze-los de novo ao terra-a-terra, e desviando seu pensamento de seu objetivo principal. A exaltação da sensibilidade tornava igualmente necessária a recomendação de não tocá-los. O contato teria produzido uma comoção penosa e nociva ao desenvolvimento da faculdade.

Compreende-se, segundo isto, porque a maioria dos homens de ciência, chamados a constatar os fenômenos deste gênero, ficam frustrados; não é por causa de sua falta de fé, como o pretendem, que o efeito é recusado pelos Espíritos: são eles mesmos que, por suas disposições morais, produzem uma reação contrária; em lugar de se colocarem nas condições do fenômeno, querem colocar o fenômeno em suas próprias condições. Gostariam de aí encontrar a confirmação de suas teorias anti-espiritualistas, porque lá, somente, para eles, está a verdade, e ficam vexados, humilhados de receber um desmentido pelos fatos. Então nada obtendo, ou não obtendo senão coisas que contradizem a sua maneira de ver, antes que retornar sobre sua opinião prefere negar, ou dizer que não é senão ilusão. E como isso poderia ser de outro modo entre pessoas que não admitem a espiritualidade? O princípio espiritual é a *causa* do fenômeno de uma ordem particular; procurar-lhe a causa fora desse princípio é procurar a do raio fora da eletricidade. Não compreendendo as condições especiais do fenômeno, experimentam sobre o paciente como sobre um bocal de produtos químicos; torturam-no como se se tratasse de uma operação cirúrgica, com risco de comprometer sua vida ou sua saúde.

O êxtase, que é o mais alto grau de emancipação, exige tanto mais precauções que, neste estado, o Espírito embriagado pelo espetáculo sublime que tem sob os olhos, geralmente, não pede mais do que ficar onde está, e deixar inteiramente a Terra; freqüentemente mesmo, faz esforços para romper o último laço que o encadeia ao seu corpo, e se sua razão não for bastante forte para resistir à tentação, se deixaria de boa vontade ir. É então que é preciso lhe vir em ajuda por uma forte vontade e tirando-o desse estado. Compreende-se que não há aqui regra absoluta, e que é preciso se dirigir segundo as circunstâncias.

Um de nossos amigos nos oferece, a respeito, um interessante objeto de estudo.

Outrora tinha-se inutilmente procurado magnetizá-lo; há algum tempo ele cai espontaneamente no sono magnético, sob influência da causa mais leve; basta que ele escreva algumas linhas medianímicamente, e, às vezes uma simples conversação. Em seu sono, tem percepções de uma ordem muito elevada; fala com eloqüência e aprofunda com notável lógica as questões mais sérias. Ele vê perfeitamente os Espíritos, mas sua lucidez apresenta graus diferentes pelos quais passa alternativamente; o mais comum é o de um semi-êxtase. Em certos momentos, se exalta, e se experimenta uma viva emoção, o que é freqüente, grita com uma espécie de terror, e isto, freqüentemente, no meio da conversa mais interessante: *Desperta-me em seguida*, o que seria imprudente de não fazer. Felizmente, nos indicou meio de despertá-lo *instantaneamente*, e que consiste em lhe soprar fortemente sobre a fronte, os passes magnéticos não produzem senão um efeito muito lento ou nulo.

Eis a explicação que nos foi dada, sobre sua faculdade, por um de nossos guias, com a ajuda de um outro médium.

"O Espírito do Sr. T... está entravado, em seu vôo, pela prova material que escolheu. O instrumento que faz mover seu corpo, no estado atual em que está, não é bastante dócil para permitir-lhe assimilar os conhecimentos necessários, ou usar os que possui, *de motu próprio*, e no estado de vigília. Quando está dormindo, o corpo, deixando de ser um entrave, torna-se somente o *porta-voz* de seu próprio Espírito, ou daqueles com os quais está em relação. A fadiga material inerente às suas ocupações, a ignorância relativa na qual ele sofre esta encarnação, uma vez que não sabe, em fato de ciências, que aquilo que revelou a si mesmo, tudo isto desaparece para dar lugar a uma lucidez de pensamento, a uma extensão de raciocínio, e a uma eloqüência fora de linha, que são o fato do desenvolvimento anterior do Espírito. A freqüência desses êxtases tem simplesmente por objetivo habituar seu corpo a um estado que, durante um certo período, e por um objetivo ulterior especial, poderá de alguma sorte tornar-se normal. Quando ele pede para despertá-lo prontamente, isto prende-se ao desejo que tem de cumprira sua missão sem falhar. Sob o encanto dos quadros sublimes que se oferece a ele e do meio

em que se encontra, gostaria de libertar-se dos laços terrestres e permanecer de maneira definitiva entre os Espíritos. Sua razão e o seu dever, que o retêm neste mundo, combatem esse desejo; e de medo de se deixar dominar e de sucumbir à tentação, ele vos grita para despertá-lo."

Estes fenômenos de sonambulismo medianímico espontâneo devendo se multiplicar, as instruções que precedem têm por objetivo guiar os grupos onde poderão se produzir, na observação dos fatos, e fazê-los compreender a necessidade de usar da mais extrema prudência em semelhante caso. Do que é preciso se abster, de maneira absoluta, é fazer dele um objeto de experimentação e de curiosidade. Os Espíritas poderão deles retirar grandes ensinamentos próprios para esclarecer e fortalecer a sua fé, mas, nós o repetimos, seriam sem proveito para os incrédulos. Os fenômenos destinados a convencer estes últimos, e podendo se produzir de dia, são de uma outra ordem, e entre eles alguns terão lugar, e já se produzem, em aparência pelo menos, *fora do Espiritismo*; a palavra Espiritismo os assusta; este nome não sendo pronunciado, será para eles uma razão a mais para deles se ocupar; os Espíritos são, pois, sábios em mudar às vezes a etiqueta.

Quanto à utilidade especial desta mediunidade, ela está na prova, de alguma forma palpável, que fornece da independência do Espírito pelo seu isolamento da matéria. Como dissemos, as manifestações deste gênero esclarecem e fortalecem a fé; eles nos colocam em contato mais direto com a vida espiritual. Qual é o Espírita morno ou incerto que permaneceria indiferente em presença de fatos que lhe fazem, por assim dizer, tocar a vida futura com o dedo? Qual é aquele que poderia duvidar ainda da presença e da intervenção dos Espíritos? Qual é o coração bastante endurecido para não se emocionar ao aspecto do futuro que se abre diante dele, e que Deus, em sua bondade, lhe permite entrever.

Mas estas manifestações têm uma outra utilidade mais prática, mais atual, porque, mais do que as outras, serão de natureza a revelar a coragem nos momentos duros que temos de atravessar. É no momento da tormenta que se estará feliz de sentir junto de si os protetores invisíveis; é então que se conhece o preço desses conhecimentos que nos elevam acima da Humanidade e das misérias da Terra, que acalmam nossos lamentos e nossas apreensões, e só nos fazem ver o que é grande, imperecível e digno de nossas aspirações. É um socorro que Deus envia em tempo oportuno aos seus fiéis servidores, e está ainda aí um sinal de que os tempos marcados estão chegados. Saibamos aproveitá-lo para o nosso adiantamento. Agradecemos a Deus ter permitido que fôssemos esclarecidos a tempo, e lamentemos os incrédulos de se privarem eles mesmos desta imensa e suprema consolação, porque a luz foi difundida para todos. Pela voz dos Espíritos, que falam por toda a Terra, ele faz um último apelo aos endurecidos; imploremos a sua indulgência e a sua misericórdia para os cegos.

O êxtase é, como o dissemos, um estado superior de desligamento do qual o estado sonambúlico é um dos primeiros degraus, mas que não implica, de nenhuma forma, a superioridade do Espírito. O desligamento mais completo, seguramente, é o que segue à morte. Ora, nesse momento vemos o Espírito conservar as suas imperfeições, seus preconceitos, cometer erros, iludir-se, manifestar os mesmos pendores. É que as boas e as más qualidades são inerentes ao Espírito e não dependem de causas exteriores. As causas exteriores podem paralisar as faculdades do Espírito, que as recobra no estado de liberdade, mas são impotentes para lhe dar as que não tem. O sabor de um fruto está nele; o que quer que se lhe faça, em qualquer lugar que se o coloque, se for insípido por natureza, não se o tornará mais saboroso. Assim é com o Espírito. Se o desprendimento completo, depois da morte, dele não faz um ser perfeito, com menos forte razão poderia se tornar num desprendimento parcial.

O desprendimento extático é um estado fisiológico, indício evidente de um certo grau de adiantamento do Espírito, mas não de uma superioridade absoluta. As imperfeições

morais, que são devidas à influência da matéria, desaparecem com esta influência, é porque se nota, em geral, nos sonâmbulos e nos extáticos, idéias mais elevadas do que no estado de vigília; mas as que se prendem à própria qualidade do Espírito continuam a se manifestar, algumas vezes mesmo com menos moderação do que no estado normal; o Espírito, livre de todo o constrangimento, às vezes, deixa livre curso aos sentimentos que procura dissimular, como homem, aos olhos do mundo.

Se todas as tendências más, as mais persistentes e aquelas que se reconhece menos em si mesmo, são os vícios radicais da Humanidade: o orgulho e o egoísmo que geram os ciúmes, as mesquinhas suscetibilidades do amor-próprio, a exaltação da personalidade que se revelam, freqüentemente, no estado de sonambulismo. Não é o desprendimento que as faz nascer, ele não faz senão pô-las a descoberto; de latentes tornam-se sensíveis em consequência da liberdade do Espírito.

Não é preciso, pois, esperar encontrar nenhuma espécie de infalibilidade, nem moral, nem intelectual, nos sonâmbulos e nos extáticos; a faculdade da qual gozam pode ser alterada pelas imperfeições do seu Espírito. Suas palavras podem ser o reflexo de seus pensamentos e de seus sentimentos; além disto, podem sofrer os efeitos da obsessão, tão bem quanto no estado comum, e ser da parte dos Espíritos levianos ou mal intencionados o juguete das mais estranhas ilusões, assim como o demonstra a experiência.

Seria, pois, um erro crer que as visões e as revelações do êxtase não podem ser senão a expressão da verdade; como todas as outras manifestações, é preciso submetê-las ao cadinho do bom senso e da razão, fazer a parte do bom e do mau, do que é racional e do que é ilógico. Se essas espécies de manifestações se multiplicam, é bem menos em vista de nos dar revelações extraordinárias, do que para nos fornecer um novo objeto de estudo e observação sobre as propriedades da alma, e nos dar uma nova prova de sua existência e de sua independência da matéria.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PROPAGAÇÃO DA MEDIUNIDADE CURADORA.

(Vero artigo do mês precedente sobre o zuavo curador.)

Primeiramente, devemos fazer algumas retificações ao nosso relatório das curas do Sr. Jacob. Temos deste último, dele mesmo, que a jovem que curou, chegando a Ferté-sous-Jouarre, não o foi na praça pública; se bem que lá a viu, mas a cura ocorreu na casa dos pais onde fê-la entrar. Isto não muda nada no resultado; mas essa circunstância dá à ação um caráter menos excêntrico.

De seu lado, o Sr. Boivinot nos escreve: "A respeito da proporção dos doentes curados, quis dizer que sobre 4.000 um quarto não sentiu resultados, e que no resto, ou seja 3.000, um quarto foi curado e os três quartos aliviados. Numa outra passagem do artigo, poder-se-ia crer que afirmei a cura de membros anquilosados; quis dizer que o Sr. Jacob tinha endireitado membros retesados, rígidos como se estivessem anquilosados, mas não mais; o que não quer dizer que não houve anquilosados curados, somente o ignoro. Quanto aos membros retesados por dores paralisando em parte a faculdade do movimento, constatei, em último lugar, três casos de cura instantânea; no dia seguinte um dos doentes estava absolutamente curado; o outro tinha a liberdade do movimento com um resto de dor com a qual, dizia-me, se acomodaria de boa vontade para sempre. Não revi o terceiro doente."

Foi muito da admirar que o diabo não tenha vindo se misturar neste assunto. Uma outra pessoa nos escreve de uma das localidades onde o ruído das curas do Sr. Jacob se divulgou: "Aqui grande emoção na comuna e no presbítero. A criada do Sr. cura, tendo encontrado duas vezes o Sr. Jacob, na rua única do lugar, convencida de que era o diabo,

e que a perseguia. A pobre mulher se refugiou numa casa onde quase teve um ataque de nervos. É verdade que a roupa vermelha do zuavo pôde lhe fazer crer que ele saía do inferno. Parece que se prepara aqui uma cruzada contra o diabo para desviar os doentes que se fazem curar por ele."

Quem pôde meter na idéia desta mulher que o Sr. Jacob era o diabo em pessoa, e que as curas são uma astúcia de sua parte? Não se disse, aos pobres de uma certa cidade, que não deveriam receber o pão e as esmolas dos Espíritas, porque era uma sedução de Satã? e, em outra parte, que valia mais ser ateu do que retornar a Deus pela influência do Espiritismo, porque estava ainda ali uma astúcia do demônio? Em todos os casos, atribuindo tantas coisas boas ao diabo, faz-se tudo o que é preciso para reabilitá-lo na opinião. O que é mais estranho, é que seja de semelhantes idéias que se nutre ainda as populações há algumas léguas de Paris. Também que reação quando a luz se faz nesses cérebros fanatizados! É preciso convir que há pessoas bem inábeis!

Retornemos ao nosso assunto: as considerações gerais sobre a medi unidade curadora.

Dissemos, e não saberíamos repeti-lo, que há uma diferença radical entre os médiuns curadores e os que obtêm prescrições médicas da parte dos Espíritos. Estes não diferem em nada dos médiuns escreventes comuns, senão pela especialidade das comunicações. Os primeiros curam só pela ação fluídica, em mais ou menos tempo, algumas vezes instantaneamente, sem o emprego de nenhum remédio. A força curativa está inteira no fluido depurado ao qual servem de condutores. A teoria deste fenômeno foi suficientemente explicada para provar que ele entra na ordem das leis naturais, e que nada tem de miraculoso. É o produto de uma aptidão especial tão independente da vontade quanto todas as outras faculdades medianímicas; não se faz médium curador, como se faz médico. A aptidão de curar é inerente ao médium, mas o exercício da faculdade não ocorre senão com o concurso dos Espíritos; de onde se segue que, se os Espíritos não querem, ou *não querem mais* se servir dele, é como um instrumento sem músico, e nada obtém; ele pode, pois, perder instantaneamente sua faculdade, o que exclui a possibilidades de fazer dela uma profissão.

Um outro ponto a considerar é que esta faculdade, estando fundada sobre leis naturais, tem limites traçados por essas mesmas leis. Compreende-se que a ação fluídica possa restituir a sensibilidade a um órgão existente, fazer dissolver e desaparecer um obstáculo ao movimento e à percepção, cicatrizar uma ferida, porque então o fluido se torna um verdadeiro agente terapêutico; mas é evidente que não pode remediar na ausência ou na destruição de um órgão, o que seria um verdadeiro milagre. Assim, a visão poderá ser restituída a um cego por amaurose, oftalmia, belida ou catarata, mas não àquele que tiveram os olhos furados. Há, pois, doenças essencialmente incuráveis, e seria uma ilusão acreditar que a mediunidade curadora vai livrar a Humanidade de todas as suas enfermidades. É preciso, além disto, levar em conta a variedade das nuances que esta faculdade apresenta, que está longe de ser uniforme em todos aqueles que a possuem. Ela se apresenta sob aspectos muito diferentes. Em razão do grau de desenvolvimento da força, a ação mais ou menos rápida, extensa ou circunscrita. Tal médium triunfa de certas enfermidades, sobre certas pessoas e em circunstâncias dadas, que fracassa completamente nos casos em aparência idênticos. Parece mesmo que, em alguns, a faculdade curadora se estende aos animais.

Opera-se, neste fenômeno, uma verdadeira reação química análoga à que produzem os medicamentos. O fluido, agindo como agente terapêutico, sua ação varia segundo as propriedades que recebe do fluido pessoal do médium; ora, em consequência do temperamento e da constituição deste último, esse fluido está impregnando de elementos diversos que lhe dão propriedades especiais; ele pode ser, para nos servir de comparações materiais, mais ou menos carregado de eletricidade animal, de princípios ácidos ou alcalinos, ferruginosos, sulfurosos, dissolventes, adstringentes, cáusticos, etc.;

disto resulta uma ação diferente segundo a natureza da desordem orgânica; esta ação pode, pois, ser enérgica, muito poderosa em certos casos, e nula em outros. Assim é que os médiuns curadores podem ter especialidades; tal curará as dores ou endireitará um membro, que não restituirá a visão a um cego, e reciprocamente. Só a experiência pode fazer conhecer a especialidade e a extensão da aptidão; mas pode-se dizer, em princípio, que não há médiuns curadores universais, pela razão de que não há homens perfeitos sobre a Terra, e cuja força seja ilimitada.

A ação é toda diferente na obsessão, e a faculdade de curar não implica a de livrar os obsidiados. O fluido curador, de alguma sorte, age materialmente sobre os órgãos afetados, ao passo que, na obsessão, é preciso agir moralmente sobre o Espírito obsessor; é preciso ter autoridade sobre ele, para lhe fazer abandonar a presa. São, pois, duas aptidões distintas que não se encontram sempre na mesma pessoa. O concurso do fluido curador se torna necessário quando, o que é bastante freqüente, a obsessão se complica com afecções orgânicas. Pode, pois, nisto ter médiuns curadores impotentes para a obsessão, e reciprocamente.

A mediunidade curadora não vem suplantar a medicina e os médicos; ela vem simplesmente provar, a estes últimos, que há coisas que eles não sabem e os convida a estudá-las; que a Natureza tem leis e recursos que eles ignoram; que o elemento espiritual que desprezam não é uma quimera, e que, quando dele tiverem conta, abrirão novos horizontes à ciência e triunfarão mais freqüentemente do que não o fazem. Se esta faculdade não fosse o privilégio senão de um indivíduo, passaria despercebida; seria considerada como uma exceção, um efeito do acaso, esta suprema explicação que não explica nada, e a má vontade poderia facilmente abafar a verdade. Mas, quando se verá os fatos se multiplicarem, se será bem forçado a reconhecer que não podem se produzir senão em virtude de uma lei; que se homens ignorantes triunfam ali onde os sábios fracassam, é que os sábios não sabem tudo. Isto não prejudica em nada a ciência, que será sempre a alavanca e a resultante do progresso intelectual; só o amor-próprio daqueles que as circunscrevem nos limites de seu saber e da materialidade podem com isto sofrer.

De todas as faculdades medianímicas, a mediunidade curadora vulgarizada é a que está chamada a produzir as maiores sensações, porque por toda a parte há doentes e em grande número, e que não é a curiosidade que os atrai, mas a necessidade imperiosa de alívio; mais que nenhuma outra ela triunfará da incredulidade tão bem quanto do fanatismo, que vê por toda a parte a intervenção do diabo. A multiplicidade dos fatos conduzirá, forçosamente, ao estudo da causa *natural*, e daí à destruição das idéias supersticiosas, de feitiço, de poder oculto, de amuletos, etc. Se se considera o efeito produzido nos arredores do campo de Châlons, por um único indivíduo, a multidão de pessoas sofredoras vindas de dez léguas ao redor, pode-se julgar do que isto seria se dez, vinte, cem indivíduos se produzissem nas mesmas condições, seja na França, seja nos países estrangeiros. Se dizeis a esses doentes que são o joguete de uma ilusão, eles vos responderão, mostrando sua perna endireitada, que são vítimas de charlatães? Eles dirão que nada pagaram, e que não se lhes vendeu nenhuma droga; que se abusou de sua confiança? Eles dirão que não se lhes prometeu nada.

É também a faculdade que mais escapa à acusação de malabarismo e de fraude; ela desafia a zombaria, porque não há nada de risível num doente curado que a ciência havia abandonado. O charlatanismo pode simular, mais ou menos grosseiramente, a maioria dos efeitos medianímicos, e a incredulidade aí procura sempre astúcias; mas onde se encontrarão as astúcias da mediunidade curadora? Podem-se dar torneios de agilidade para efeitos medianímicos, e os efeitos mais reais podem, aos olhos de certas pessoas, passar por torneios de agilidade, mas daria aquele que tomasse indevidamente a qualidade de médium curador? De duas coisas uma: ele cura ou não cura. Não há simulacro que possa substituir uma cura.

A mediunidade curadora escapa, além disso, completamente à lei sobre o exercício ilegal da medicina, uma vez que não prescreve nenhum tratamento. De que penalidade poder-se-ia atingir aquele que cura só por sua influência, secundada pela prece, que, além disto, não pede nada por preço de seus serviços? Ora, a prece não é uma substância farmacêutica. É, segundo vós, tolice, seja; mas se a cura é ao fim desta tolice, que direis? Uma tolice que cura vale bem os remédios que não curam. Pôde-se interditar o Sr. Jacob de receber os doentes no campo e de ir em suas casas, e ele submeteu-se dizendo que não retomaria o exercício de sua faculdade senão quando a interdição fosse levantada oficialmente, porque, sendo militar, quis se mostrar observador escrupuloso da disciplina, por dura que fosse. Nisto, agiu sabiamente porque provou que o Espiritismo não conduz à insubordinação; mas está aqui um caso excepcional. Desde que esta faculdade não é o privilégio de um indivíduo, porque meio poder-se-ia impedi-la de se propagar? Se ela se propaga, é preciso, bom grado ou malgrado, aceitá-la com todas as suas conseqüências.

A mediunidade curadora, prendendo-se a uma disposição orgânica, muitas pessoas dela possuem, ao menos o germe que fica em estado latente, por falta de exercício e de desenvolvimento. É uma faculdade que muitos ambicionam com razão, e se todos aqueles que desejam possuí-la a pedem com fervor e perseverança pela prece, e num objetivo exclusivamente humanitário, é provável que, desse concurso, saiam mais de um verdadeiro médium curador.

Não é preciso se admirar de ver pessoas que, à primeira vista, dela não parecem dignas, favorecidas com esse dom precioso. É que a assistência dos bons Espíritos é proporcionada a todo o mundo para abrir a todos o caminho do bem; mas cessa se não se sabe dela tornar digno em se melhorando. Ocorre aqui como nos dons da fortuna, que nem sempre vem ao mais merecedor; é então uma prova pelo uso que dela se faz: felizes aqueles que dela saem vitoriosos.

Pela natureza de seus efeitos, a mediunidade curadora exige imperiosamente o concurso dos Espíritos *depurados* que não poderiam ser substituídos por Espíritos inferiores, ao passo que há efeitos medianímicos para a produção dos quais a elevação dos Espíritos não é uma condição necessária, e que, por esta razão, se obtém em quase toda circunstância. Certos Espíritos mesmo, menos escrupulosos que outros sobre as condições, preferem os médiuns com os quais simpatizam; mas pela obra se reconhece o obreiro.

Há, pois, para o médium curador, necessidade absoluta de se conciliar o concurso dos Espíritos superiores, se quiser conservar e ver se desenvolver sua faculdade, senão, em lugar de crescer, ela declina, e desaparece pelo afastamento dos bons Espíritos. A primeira condição para isto é trabalhar pela sua própria depuração, a fim de não alterar os fluidos salutares que está encarregado de transmitir. Esta condição não poderia ser preenchida sem o desinteresse material e moral mais completo. O primeiro é o mais fácil, o segundo é o mais raro, porque o orgulho e o egoísmo são os sentimentos mais difíceis de extirpar, e várias causas contribuem a superexcitá-los nos médiuns. Desde que um deles se revele com faculdades um pouco transcendentais, -falamos aqui dos médiuns em geral, escreventes, videntes, e outros, - ele é procurado, adulado e mais de um sucumbe a essa tentação da vaidade. Logo, esquecendo que sem os Espíritos ele não seria nada, considera-se como indispensável, e o único intérprete da verdade; denigre os outros médiuns e se crê acima dos conselhos. Um médium que é assim está perdido, porque os Espíritos se encarregam de provar-lhe que podem passar sem ele, fazendo surgir outros médiuns melhor assistidos. Comparando a série de comunicações de um mesmo médium, pode-se facilmente julgar se cresceu ou se degenerou. Quantos, ai! deles mesmos, em todos os gêneros, temos visto cair tristemente e deploravelmente sobre o terreno escorregadio do orgulho e da vaidade! Pode-se, pois, esperar ver surgir uma

multidão de médiuns curadores; entre eles vários restarão frutos secos, e se eclipsarão depois de ter lançado um brilho passageiro, ao passo que outros continuarão a se elevar.

Eis já um exemplo que nos assinalou um de nossos correspondentes, há mais ou menos seis meses. Num departamento do sul, um médium que tinha se revelado como curador tinha realizado várias curas notáveis, e se fundava sobre ele grandes esperanças. Sua faculdade apresentava particularidades que deram, a um grupo, a idéia de fazer um estudo a esse respeito. Eis a resposta que se obteve dos Espíritos e que nos foi transmitida na época; ela pode servir à instrução de todos.

"X... possui realmente a faculdade de médium curador notavelmente desenvolvida; infelizmente, como muitos outros, dela se exagera a importância. É um excelente moço, cheio de boas intenções, mas que um orgulho desmedido e uma visão extremamente curta sobre os homens e sobre as coisas farão periclitarem prontamente. Sua potência fluídica, que é considerável, bem utilizada e ajudada com a influência moral, poderia produzir excelentes resultados. Sabeis por que muitos de seus doentes não sentem senão um bem-estar momentâneo, que desaparece quando ele não está mais lá? é que age unicamente pela sua presença, mas não deixa nada ao espírito para triunfar dos sofrimentos do corpo.

Quando parte, nada fica dele, nem mesmo o pensamento que segue o doente no qual não pensa mais, ao passo que a ação mental poderia, em sua ausência, continuar a ação direta. Ele crê em sua força fluídica, que é real, mas cuja ação não é persistente, porque não está corroborada pela influência moral. Quando ele triunfa, fica mais satisfeito por ser notado do que por ter curado; e, no entanto, está sinceramente desinteressado, porque coraria ao receber a menor remuneração; embora não seja rico, jamais pensou em fazer dela um recurso; o que ele deseja é fazer falar dele. Falta-lhe também a afabilidade do coração, que atrai. Os que vêm a ele são melindrados em suas maneiras que não fazem nascer a simpatia, e disto resulta uma falta de harmonia que prejudica a assimilação dos fluidos. Longe de acalmar e apaziguar as más paixões, as excita, crendo fazer o que é preciso para destruí-las, e isto por falta de julgamento. É um instrumento desafinado; algumas vezes, dá sons harmoniosos e bons, mas o conjunto não pode ser, senão mau, ao menos improdutivo. Não é tão útil à causa quanto o poderia; freqüentemente, a prejudica mesmo, porque, por seu caráter, dela faz apreciar muito mal os resultados. É um daqueles que pregam com violência uma doutrina de doçura e de paz.

Pergunta. Assim pensais que ele perderá seu poder curador?

Resposta. Disso estou persuadido, ou bem seria preciso, então, que fizesse um retorno sério sobre si mesmo, o que, infelizmente, não o creio capaz. Os conselhos seriam supérfluos, porque se persuade em saber mais que todo o mundo; teria talvez o ar de escutá-los, mas não os seguiria. Perde, assim, duplamente o benefício de uma excelente faculdade."

O fato justificou a previsão. Soubemos depois que esse médium, depois de uma série de fracassos, dos quais seu amor-próprio teve a sofrer, tinha renunciado a novas tentativas de curas.

O poder de curar é independente da vontade do médium; está aí um fato adquirido pela experiência; o que depende dele são as qualidades que podem tornar esse poder frutífero e *durável*. Estas qualidades são, sobretudo, o devotamento, a abnegação e a humildade; o egoísmo, o orgulho e a cupidez são os pontos de parada, contra os quais se quebra a mais bela faculdade.

O verdadeiro médium curador, aquele que compreende a santidade de sua missão, é movido pelo único desejo do bem; não vê no dom que possui senão um meio de se tornar útil aos seus semelhantes, e não um degrau para se elevar acima dos outros e se colocar em evidência. Ele é humilde de coração, quer dizer, que nele a humildade e a modéstia são sinceras, reais, sem dissimulação, e não em palavras que desmentem

freqüentemente os atos. A humildade, algumas vezes, é um manto sob o qual se abriga o orgulho, mas que não saberia enganar ninguém. Ele não procura nem o brilho, nem o renome, nem o barulho de seu nome, nem a satisfação de sua vaidade; não há, em suas maneiras, nem jactância nem fanfarrice; não faz exibição das curas que obtém, ao passo que o orgulhoso as enumera com complacência, freqüentemente as amplifica, e acaba por se persuadir de que fez tudo o que ele diz.

Feliz do bem que faz, não o é menos com o que outros podem fazer; não se crendo nem o primeiro, nem o único capaz, não inveja e nem denigre nenhum médium. Aqueles que possuem a mesma faculdade são para ele irmãos que concorrem ao mesmo objetivo; ele se diz que quanto mais deles tiver, maior será o bem.

Sua confiança em suas próprias forças não vai até a presunção de se crer infalível e ainda menos universal; sabe que outros podem tanto e mais que ele; sua fé é em Deus mais do que em si mesmo, porque sabe que pode tudo por ele e nada sem ele. É porque não promete nada senão sob a reserva da permissão de Deus.

À influência material, junta a influência moral, auxiliar poderoso que dobra a sua força. Por sua palavra benevolente, encoraja, levanta o moral, faz nascer a esperança e a confiança em Deus. É já uma parte da cura, porque é uma consolação que dispõe a receber o eflúvio benfazejo, ou, dizendo melhor, o próprio pensamento benevolente é um eflúvio salutar. Sem a influência moral, o médium não tem por ele senão a ação fluídica, material e de alguma sorte brutal, insuficiente em muitos casos.

Enfim, para aquele que possui as qualidades do. coração, o doente é atraído por uma simpatia que predispõe à assimilação dos fluidos, ao passo que o orgulho, a falta de benevolência machucam e fazem sentir um sentimento de repulsa que paralisa essa assimilação.

Tal é o médium curador amado pelos bons Espíritos. Tal é também a medida que pode servir para julgar o valor intrínseco daqueles que se revelarão, e a extensão dos serviços que poderão prestar à causa do Espiritismo. Não é dizer que não se encontrem deles senão nestas condições, e que aquele que não reunisse todas estas qualidades não pudesse prestar momentaneamente serviços parciais que se estaria errado em repelir; o mal é para ele, porque quanto mais se afasta do tipo, menos pode esperar ver sua faculdade se desenvolver e mais está perto de seu declínio; os bons Espíritos não se ligam senão àqueles que se mostram dignos de sua proteção, e a queda do orgulhoso, cedo ou tarde é a sua punição. O desinteresse é incompleto sem o desinteresse moral.

SUBSCRIÇÃO PARA OS INUNDADOS.

A Sociedade Espírita de Paris, em sua sessão de reabertura, em 5 de outubro, abriu uma subscrição em favor dos inundados. Uma primeira contribuição de 300 fr.

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

9º ANO

NO. 12

DEZEMBRO 1866

O LAVRADOR THOMAS MARTIN E LOUIS XVIII

As revelações feitas a Louis XVIII, por um lavrador da Beauce, pouco tempo depois da segunda reentrada dos Bourbons, tiveram no tempo uma muito grande ressonância, e ainda hoje a sua lembrança não está apagada; mas poucas pessoas conhecem os detalhes desse incidente do qual só o Espiritismo agora pode dar a chave como de todos os fatos deste gênero. É um assunto de estudo tanto mais interessante quanto os fatos, quase contemporâneos, são de uma perfeita autenticidade, tendo em vista que são constatados por documentos oficiais. Iremos deles dar um resumo sucinto, mas suficiente para fazê-los apreciar.

Thomas-Ignace Martin era um pequeno lavrador do burgo de Gallardon, situado a quatro léguas de Chartres. Nascido em 1783, tinha, conseqüentemente, trinta e três anos quando tiveram lugar os acontecimentos que vamos narrar. Ele morreu a 8 de maio de 1834. Era casado, pai de 4 filhos de pouca idade, e gozando em sua comuna da reputação de um perfeito homem honesto. Os relatórios oficiais o pintam como um homem de bom senso, embora de uma grande ingenuidade em conseqüência de sua ignorância das coisas mais vulgares; de um caráter brando e pacífico, e não se misturando em nenhuma intriga; de uma retidão perfeita em todas as coisas e de um completo desinteresse, assim que dele deu provas numerosas, o que exclui toda idéia de ambição de sua parte. Também, quando retomou à sua aldeia, depois de sua visita ao rei, retomou as suas ocupações habituais como se nada tivesse se passado, evitando mesmo falar daquilo que lhe tinha ocorrido. Na sua partida de Paris, o diretor da casa de Charenton teve todas as dificuldades do mundo para fazê-lo aceitar 25 francos para as suas despesas de viagem. No ano seguinte, sua mulher estando grávida de um quinto filho, uma pessoa distinguida por sua posição, e que conhecia a mediocridade de sua fortuna, lhe fez propor, por um terceiro, 150 francos para subvencionar as necessidades desta circunstância. Martin recusou, dizendo: "Não pode ser senão por causas coisas que me acontecem que se me oferece dinheiro, porque, sem isto, não se falaria de mim; não se me conheceria mesmo. Mas como a *coisa não vem de mim, não devo nada receber por isto*. Assim, agradecei muito essa pessoa, porque, embora não seja rico, não quero nada receber." Em outras circunstâncias ele recusou somas mais consideráveis, que teriam podido colocá-lo à vontade.

Martin era simples, mas nem crédulo, nem supersticioso praticava seus deveres religiosos exatamente, mas sem exagero nem ostentação, e muito justo no limite do estritamente necessário, visitando seu cura pelo menos uma vez por ano. Não havia, conseqüentemente, nele, nem beatice, nem superexcitação religiosa. Nada em seus hábitos, nem em seu caráter, era de natureza a exaltar-lhe a imaginação. Tinha visto com prazer o retorno dos Bourbons, mas sem se ocupar de política de nenhum modo, e sem se misturar em algum partido. Inteiramente no trabalho dos campos, desde a sua infância, não lia nem livros, nem jornais.

Compreende-se facilmente a importância destas informações sobre o caráter de Martin no caso do qual se trata. Desde o instante que um homem não é movido nem pelo interesse, nem pela ambição, nem pelo fanatismo, nem pela credulidade supersticiosa,

adquire títulos sérios à confiança. Ora, eis sumariamente como se passaram os acontecimentos que lhe ocorreram.

Em 15 de janeiro de 1816, pelas duas horas e meia depois do meio dia, ele estava somente ocupado em espalhar estéreo num campo, a três quartos de légua de Gallardon, num cantão muito deserto, quando, de repente, se apresenta a ele um homem em torno de cinco pés e uma ou duas polegadas, delgado, rosto magro, delicado e muito branco, vestido de uma sobrecasaca ou sobretudo de cor bronze, totalmente fechada e pendente até os pés, tendo os sapatos amarrados com cordões e na cabeça um chapéu redondo de forma alta. Este homem disse a Martin:

"É preciso que vades encontrar o rei, e dizer-lhe que a sua pessoa está em perigo, assim como a dos príncipes, que pessoas más tentam ainda derrubar o governo; que vários escritos ou cartas já circularam em algumas províncias de seus Estados a esse respeito; que é preciso que ele faça uma polícia exata e geral em todos os seus Estados, e sobretudo na capital; que é preciso também que ele restabeleça o dia do Senhor, a fim de que se o santifique; que esse santo dia é desconhecido por uma grande parte de seu povo; e é preciso que ele faça cessar os trabalhos públicos nesse dia; que faça ordenar preces públicas para a conversão do povo; que ele excite à penitência: que sejam abolidas e aniquiladas todas as desordens que se cometem nos dias que precedem a santa quarentena: senão todas estas coisas, a França tombará em novas infelicidades."

Martin, um pouco surpreso de uma aparição tão súbita, respondeu-lhe: "mas podeis bem ir encontrar outros do que eu para fazer uma comissão como esta. Eis que, com mãos como estas (marcadas de estéreo) irei falar ao rei!

-Não, replicou o desconhecido, vós é que ireis. - Mas, retomou Martin, uma vez que sois tão instruído, podeis bem ir encontrar o rei vós mesmo e lhe dizer tudo isso; porque vos dirigis a um pobre homem como eu, que não sabe se explicar? - Não serei eu que irei, disse-lhe o desconhecido, será vós; prestai atenção naquilo que vos disse, e fareis tudo o que vos mando.

Depois destas palavras, Martin o viu desaparecer quase desta maneira: seus pés pareciam se elevar da terra, sua cabeça se abaixar e seu corpo diminuir, acabando por se desvanecer à altura do cinto, como se tivesse fundido no ar. Martin mais assustado por esta maneira de desaparecer, do que da aparição súbita, quis sair dali, mas não o pôde; permaneceu apesar de si, tendo retornado à obra, a sua tarefa, que deveria durar duas horas e meia, não durou senão uma hora e meia, o que redobrou a sua admiração.

Achar-se-ão, talvez, pueris certas recomendações que Martin devia fazer ao rei, sobretudo no tocante à observação do domingo, com respeito ao meio, em aparência sobrenatural, empregado para lhe transmitir, e às dificuldades que tal diligência deveria encontrar. Mas é provável que não estava ali senão uma espécie de passaporte para chegar a ele, porque o objeto principal da revelação, que era de um bem da mais alta seriedade, não deveria ser conhecido, como se verá mais tarde, senão no momento da entrevista. O essencial era que Martin pudesse chegar até o rei, e, para isto, a intervenção de alguns membros do alto clero era necessária; ora, sabe-se a importância que o clero liga à observação do domingo; como o soberano não acederia quando a voz do céu ia se fazer ouvir por um milagre? Convinha, pois, favorecer Martin em lugar de desencorajá-lo. No entanto, foi preciso que as coisas caminhassem sozinhas.

Martin apressou-se de contar ao seu irmão o que lhe tinha ocorrido, e ambos foram disto dar parte ao cura da paróquia, Sr. Laperruque, que se esforçou por dissuadir Martin e colocar a coisa na conta de sua imaginação.

No dia 18, às seis horas da tarde, Martin, tendo descido à adega para procurar maçãs, o mesmo indivíduo lhe apareceu de pé, ao lado dele, enquanto estava de joelhos, ocupado em apanhá-las; espantado, deixa lá sua vela e foge. No dia 18, nova aparição à entrada de uma oficina de apisoar (lagar), e Martin se salva do mesmo modo.

No domingo, 21 de janeiro, Martin entrou na igreja à hora das vésperas; como pegava água benta, percebeu o desconhecido que a pegava também e que o seguia até a entrada de seu banco; durante toda a duração do ofício ficou muito recolhido, e Martin notou que não tinha chapéu nem na cabeça nem nas mãos. Ao sair da igreja, seguiu-o até a sua casa, caminhando ao seu lado, o chapéu na cabeça. Chegados sob a porta carreteira, encontrou-se, de repente, diante dele, face a face, e lhe disse: "Desempenhai a vossa incumbência, e fazei o que vos digo; não estareis tranqüilo enquanto a vossa incumbência não for feita." Apenas pronunciou estas palavras, e desapareceu, sem que nem nesta vez, nem nas aparições seguintes, Martin o tenha visto desvanecer-se gradualmente, como na primeira vez. No dia 24 de janeiro, nova aparição no celeiro, seguida destas palavras: "Faça o que te mando, é tempo."

Notemos esses dois modos de desaparecimento: o primeiro, que não poderia ser o fato de um ser corpóreo em carne e osso, sem dúvida, tinha por objetivo provar que era um ser fluídico, estranho à humanidade material, circunstância que deveria ser revelada 50 anos mais tarde e explicada pelo Espiritismo, do qual ela confirma as doutrinas, ao mesmo tempo que deveria fornecer um objeto de estudo.

Sabe-se que, nestes últimos tempos, a incredulidade procurou explicar as aparições por efeitos de ótica, e que, quando apareceram alguns fenômenos artificiais deste gênero, produzidos por uma combinação de vidros e de luzes, foi um grito geral na imprensa para dizer: "Eis, enfim, o segredo de todas as aparições descoberto! Foi com ajuda de semelhantes meios que esta crença absurda se difundiu em todos os tempos e que pessoas crédulas foram vítimas de subterfúgios!"

Refutamos, como deveria sê-lo, (*Revista*, julho de 1863, página 204) essa estranha explicação, igualmente digna do famoso músculo estalante, do doutor Jobert de Lamballe, que acusava todos os Espíritas de loucos, e que, ele mesmo, aí! definhou por vários anos numa casa de alienados; mas nos perguntaremos, no caso que aqui se trata, por quem e como os aparelhos dessa natureza, necessariamente complicados e volumosos, teriam podido ser manobrados num campo isolado de qualquer habitação e onde Martin se achava absolutamente só, sem que fosse percebido de nada? Como esses mesmos aparelhos, que funcionam na obscuridade com ajuda de luzes artificiais, teriam podido produzir uma imagem em pleno sol? Como poderiam ser transportados instantaneamente na adega, no celeiro, lugares geralmente com poucas máquinas, numa igreja, e da igreja seguir Martin até a sua casa, sem que ninguém tivesse nada notado? Esses efeitos de imagens artificiais são vistos portodos os espectadores; como se daria que na igreja, e ao sair da igreja, só Martin haja visto o indivíduo? Dir-se-á que ele nada viu, mas que, de boa fé, foi o juguete de uma alucinação? Esta explicação é desmentida pelo fato material das revelações feitas ao rei, e que, como se verá, não podiam ser conhecidas antecipadamente por Martin. Há aí um resultado positivo, material, que não é próprio das ilusões.

O cura de Gallardon, a quem Martin dava fielmente conta de suas aparições, e que delas tomava uma nota exata, acreditou dever dirigi-lo ao seu bispo, em Versailles, para o qual lhe deu uma carta de recomendação circunstanciada. Lá, Martin repetiu tudo o que tinha visto, e, depois de diversas perguntas, o bispo encarregou-o de perguntar ao desconhecido, de sua parte, se se representasse, seu nome, quem era, e por quem foi enviado, recomendando-lhe dizer tudo ao seu cura.

Alguns dias depois do retorno de Martin, o Sr. cura recebeu uma carta de seu bispo pela qual lhe testemunhava que o homem que lhe tinha enviado parecia ter grandes luzes sobre o objeto importante do qual era questão. Desde este momento estabeleceu-se uma correspondência contínua entre o bispo e o cura de Gallardon. De seu lado, Monsenhor, por causa da gravidade da primeira aparição, acreditou dela dever fazer, pouco tempo depois, um assunto ministerial e de polícia; em conseqüência, enviava cada narração que recebia do Sr. cura ao Sr. Decazes, ministro da polícia geral.

Na terça-feira, 30 de janeiro, o desconhecido apareceu de novo a Martin e lhe disse: "Vossa incumbência está bem começada, mas aqueles que a têm em mãos dela não se ocupam; eu estava presente, embora invisível, quando fizestes a vossa declaração; foi-vos dito de perguntar meu nome e de que parte eu vinha; meu nome permanecerá desconhecido, e aquele que me enviou (mostrando o céu) está acima de mim. - Como vos dirigis sempre a mim, replicou Martin, para uma incumbência como esta, eu que não sou senão um camponês? Há tantas pessoas de espírito. - É para abater o orgulho, disse o desconhecido, mostrando a terra; por vós, não é preciso se orgulhar daquilo que vistes e ouvistes, porque o orgulho descontenta soberanamente a Deus; praticai a virtude; assisti aos ofícios que se fazem em vossa paróquia nos domingos e nas festas; evitai os cabarés e as más companhias onde se cometem todas as espécies de impurezas, e onde se prendem todas as espécies de maus discursos. Não façais nenhum carreto nos dias de domingo e de festas."

Durante o mês de fevereiro, o desconhecido apareceu ainda diferentes vezes a Martin, e lhe disse, entre outras, estas palavras: "Persisti, ó meu amigo, e alcançareis. Aparecereis diante da incredulidade, e a confundireis; tenho ainda outra coisa a vos dizer que os convencerá, e não terão nada a responder. - Apressai vossa incumbência, não se faz nada de tudo o que vos disse; aqueles que têm o negócios nas mãos estão embriagados de orgulho; a Franca está num estado de delírio; ela será entregue a todas as espécies de infelicidades. - Tereis de procurar o rei; dir-lhe-eis o que vos anunciei; poderá admitir com ele seu irmão e seus sobrinhos. Quando estiverdes diante do rei eu vos descobrirei as coisas secretas do tempo de seu exílio, cujo conhecimento não vos será dado senão no momento em que sereis introduzido em sua presença." Nesses momentos, o Sr. conde de Breteuil, prefeito de Chartres, recebeu uma carta do ministro da polícia geral que o convidava a verificar "se essas aparições, dadas como miraculosas, não eram antes um jogo da imaginação de Martin, uma verdadeira ilusão de seu espírito exaltado, ou, enfim, se o pretense enviado desconhecido, e talvez o próprio Martin, não deveria ser severamente examinados pela polícia, em seguida entregues aos tribunais."

Em 5 de março Martin recebeu a visita de seu desconhecido, que lhe disse: "Ireis logo aparecer diante do primeiro magistrado de vosso departamento; é preciso que relateis as coisas como elas vos são anunciadas; não é preciso considerar nem a qualidade nem a dignidade."

Martin não foi informado que deveria ir à prefeitura; não foi, pois, mais aqui uma simples comunicação sobre uma coisa vaga, é a previsão de um fato que vai se realizar. Isto é constantemente reproduzido durante a seqüência desses acontecimentos; Martin sempre foi informado, por seu desconhecido, do que lhe aconteceria, das pessoas em presença das quais iria se achar, dos lugares onde seria conduzido. Ora, tal não é o resultado da ilusão e de idéias quiméricas. Desde que o indivíduo disse a Martin: amanhã vereis tal personagem, ou sereis conduzido a tal lugar, e que a coisa se realiza, é um fato positivo que não pode vir da imaginação.

No dia seguinte, 6 de março, Martin acompanhado do Sr. cura, foi a Chartres à casa do prefeito. Este último conversou primeiro longamente em particular com o cura, depois, tendo feito introduzir Martin, lhe disse: "Se eu vos colocasse embaraços e na prisão perfazer semelhantes anúncios, continuaríeis a dizer o que dizeis? - Como quereis, respondeu Martin sem estar assustado; não posso senão dizer a verdade. - Mas, prosseguiu o Sr. prefeito, se aparecesses diante de uma autoridade superior à minha, por exemplo, diante do ministro, sustentaríeis o que acabais de me dizer? - Sim, senhor, respondeu Martin, e diante do próprio rei.

O prefeito surpreso com tanta segurança, unida a tanta simplicidade, e mais ainda com os estranhos relatos que lhe fizeram o cura, decidiu enviar Martin ao ministro. Desde o dia seguinte, 7 de março, Martin partia para Paris escoltado pelo Sr. André, tenente da gerdamaria, que tinha ordem de vigiar todas as suas diligências e não deixá-lo nem de dia

nem de noite. Alojaram-se na rua Montmartre, hotel de Calais, num quarto de duas camas. Na sexta-feira, 8 de março, o Sr. André conduziu Martin ao edifício da polícia geral. Entrando no corredor do edifício, o desconhecido se apresentou e lhe disse: "Ireis ser interrogado de várias maneiras; não tendes nem medo nem inquietação, mas dissei as coisas como elas são." Depois destas palavras, desapareceu.

Não relataremos aqui todos os interrogatórios que fizeram Martin sofrer, o ministro e seus secretários, sem que se deixasse intimidar pelas ameaças, nem desconcertar pelas armadilhas que se lhe estendia para pô-lo em contradição consigo mesmo, confundindo seus interrogadores por suas respostas cheias de sentido e de sangue frio. Tendo Martin descrito o desconhecido, o ministro lhe disse: "Pois bem! não o vereis mais, porque acabo de fazê-lo deter. - Oh! como, redargüiu Martin, pudestes fazê-lo deter, uma vez que desaparece em seguida como relâmpago? - Se ele desaparece para vós, retomou o ministro, não desaparece para todo o mundo. E, dirigindo-se a um de seus secretários:

"Ide verse esse homem que eu disse para coltícar na prisão está ali ainda."

Alguns instantes depois o secretário retorna e dá esta resposta:

"Monsenhor, ali está sempre. - Pois bem! disse então Martin, se o fizestes colocar na prisão, no-lo mostrareis, e eu o reconhecerei bem; eu o vi bastante vezes para isto.

Veio em seguida um homem que examina com cuidado a cabeça de Martin, afastando os cabelos à direita e à esquerda; o ministro os vira e revira do mesmo modo, sem dúvida para examinar se trazia algum sinal indicativo de loucura, ao que Martin se contentou em dizer: "Olhai tanto quanto quiserdes, jamais fiz mal em minha vida."

De volta ao hotel, à tarde, Martin disse ao Sr. André: "Mas o ministro me disse que tinha feito prender o homem que me aparecia. Ele a relaxou, pois, uma vez que me apareceu depois e que me disse: "Postes questionado hoje, mas não se quer fazer o que eu disse. Aquele que vistes esta manhã quis vos fazer acreditar que me tinha feito deter; podeis dizer-lhe que não tem nenhum poder sobre mim e que é tempo para que o rei seja advertido." No mesmo instante, o Sr. André foi fazer seu relato à polícia, ao passo que Martin, sem inquietação deitou-se e dormiu pacificamente.

No dia seguinte, 9, tendo Martin descido para pedir as botas do tenente, o desconhecido se apresentou a ele no meio da escada e lhe disse: "Ireis ter a visita de um doutor que vem ver se estais ferido na imaginação e se perdestes a cabeça; mas aqueles que vo-lo enviam são mais loucos do que vós." No mesmo dia, com efeito, o célebre alienista, Sr. Pinei, vem visitá-lo, e fê-lo sofrer um interrogatório apropriado a esse gênero de informação. "Apesar de sua habilidade, diz o relatório, não pôde adquirir nenhuma indicação tanto seja pouco provável de alienação. Suas pesquisas não chegaram senão a uma simples conjectura *de possibilidade de* alucinação e de mania intermitente."

Parece que, para certas pessoas, não é preciso mais do que isto para ser tachada de loucura: basta não pensar como eles; é porque aqueles que crêem em alguma coisa do outro mundo passam por loucos aos olhos daqueles que não crêem em nada.

Depois da visita do doutor Pinei, o desconhecido se apresentou a Martin e lhe disse: "É preciso irdes falar ao rei; quando estiverdes em sua presença, eu vos inspirarei o que tereis a dizer-lhe. *Sirvo-me de vós para abater o orgulho e a incredulidade.* Esforça-se em afastar o assunto, mas se não chegardes em vosso objetivo, ele se descobrirá por uma outra via."

Em 10 de março, estando Martin sozinho em seu quarto, o desconhecido lhe apareceu e lhe disse: "Eu tinha vos dito que meu nome permaneceria desconhecido, mas, uma vez que a incredulidade é tão grande, é preciso que vos descubra meu nome. Eu sou o anjo Rafael, anjo muito célebre junto de Deus; tenho o poder de atingir a França com

todas as espécies de pragas." A estas palavra, Martin foi tomado de medo e sentiu uma espécie de crispação.

Um outro dia, tendo o Sr. André saído com Martin, encontra um oficial de seus amigos com o qual conversa durante uma hora em inglês que, naturalmente, Martin não compreendia. No dia seguinte, o desconhecido, que doravante ele chama o anjo, disse-lhe: "Aqueles que estavam ontem convosco falavam de vós, mas não entendíeis sua linguagem; disseram que viestes para falar ao rei, e um disse que, quando retornasse ao seu país, o outro lhe desse de suas novidades para saber como a coisa teria se passado." O Sr. André, a quem Martin dava conta de todas suas conversas com o desconhecido, ficou muito surpreso de ver que o que tinha dito em inglês, para não ser compreendido por ele, estava revelado.

Embora o relatório do doutor Pinei não concluísse pela loucura, mas somente por uma *possibilidade de* alucinação, com isto Martin não deixou de ser conduzido ao hospício dos loucos de Charenton, onde ficou de 13 de março até 2 de abril. Lá, foi objeto de uma vigilância minuciosa e submetido ao estudo especial dos homens da arte. Fizeram-se, igualmente, investigações em sua região sobre seus antecedentes e os de sua família, sem que, apesar de todas essas investigações, se tenha chegado a constatar menor aparência ou causa predeterminante de loucura. Para render homenagem à verdade, é preciso dizer que ali foi tratado com muita consideração da parte do Sr. Royer-Collard, diretor chefe da casa, e de outros médicos, e que não se lhe fez sofrer nenhum dos tratamentos em uso nessas espécies de estabelecimentos. Se ali foi colocado, foi bem menos por medida de seqüestro do que por ter mais facilidade de observar o estado real de seu espírito.

Durante a sua permanência em Charenton, teve bastante e freqüentes visitas de seu desconhecido, que não apresentava nenhuma particularidade notável, senão naquela em que lhe disse: -"Haverá discussões: uns dirão que é uma imaginação, os outros que é um anjo de luz, e outros que é um anjo de trevas; eu vos permito tocar-me." Então, conta Martin, ele tomou minha mão direita que apertou; depois abriu a sua sobrecasaca pela frente, e, quando estava aberta, ele me pareceu mais brilhante que os raios do sol, e não pude encará-lo; fui obrigado a meter minha mão diante de meus olhos. Quando fechou a sua sobrecasaca, não vi mais nada de brilhante; pareceu-me como antes. Esta abertura e fechamento se operaram sem nenhum movimento de sua parte.

Uma outra vez, como escrevia a seu irmão, viu ao lado dele seu desconhecido que lhe ditou uma parte de sua carta, lembrando as predições que tinha já feito sobre as infelicidades das quais a França estava ameaçada. Eis, pois, Martin ao mesmo tempo médium vidente e escrevente.

Por mais cuidado que se tomasse para não propagar muito este assunto, ele não deixou de fazer uma certa sensação nas altas regiões oficiais; no entanto, é provável que ele não tivesse chegado a um fim de não receber, se o arcebispo de Reims, grande capelão da França, depois arcebispo de Paris e cardeal de Périgord, não tivesse por ele se interessado. Ele falou a Louis XVIII, e lhe propôs receber Martin. O rei lhe declarou que dele ainda não tinha ouvido falar, tanto é verdade que os soberanos, freqüentemente, são os últimos a saber o que se passa ao redor deles e o que lhes interessa mais. Em conseqüência, ordenou que Martin lhe fosse apresentado.

Em 2 de abril, Martin foi conduzido de Charenton ao edifício do ministro da polícia geral. Enquanto esperava o momento de ser recebido, seu desconhecido lhe apareceu e lhe disse: "Ides falar ao rei, e estareis só com ele; não tendes nenhum temor de aparece diante do rei: para o que deveis lhe dizer, as palavras vos virão à boca." Foi a última vez que o viu. O ministro lhe deu uma acolhida muito benevolente e lhe disse que iria fazê-lo conduzir às Tuileries.

Geralmente se crê que Martin veio por si mesmo a Paris, se apresentou no castelo insistindo para falar ao rei; que sendo repellido, voltou à carga com tanta persistência que

Louis XVIII, tendo sido informado, ordenou para fazê-lo entrar. As coisas, como se vê, se passaram de outro modo. Não foi senão em 1828, quatro anos depois da morte do rei, que se fizeram conhecer as particularidades secretas que lhe revelou, e que fizeram sobre ele uma profunda impressão, porque tal era o objetivo essencial dessa visita, não sendo os outros motivos alegados, como o dissemos, senão um meio para chegar a ele. Se o desconhecido lhe deixa ignorar essas coisas até o último momento por temer que uma indiscrição, arrancada pelo artifício dos interrogadores, fizesse fracassar o projeto, o que teria lugar inevitavelmente. Depois de sua visita ao rei, Martin foi dar seus adeuses ao diretor de Charenton e partiu imediatamente para a sua região, onde retomou o curso habitual de seus trabalhos, sem jamais se fazer um mérito do que lhe tinha ocorrido.

O objetivo que nos propusemos neste relato era de mostrar os pontos pelos quais se liga o Espiritismo; as particularidades reveladas a Louis XVIII, sendo estranhas ao nosso assunto, nos abstermos de reportá-las. Diremos somente que elas tinham indício das coisas de família mais íntimas; emocionaram o rei ao ponto de fazê-lo chorar muito, e este declarou mais tarde que o que lhe tinha sido revelado não era conhecido senão de Deus e dele. Elas tiveram por conseqüência fazer renunciar à sagração, cujos preparativos estavam já ordenados (1). (1). Os detalhes circunstanciados e as provas em apoio se encontram em uma obra intitulada: *O passado e o futuro explicados pelos acontecimentos extraordinários chegados a Thomas Martin, lavrador da Beauce*. -Paris, 1832, casa Bricon, livraria, ruado Vieux-Colombier, 19; Marseille, mesma casa, rua do Saint-Sépulcre, 17. - Esta obra esgotada é muito rara hoje.

Não reportaremos dessa entrevista senão algumas passagens do relatório escrito em 1828, sob o ditado do próprio Martin, e onde se pinta o caráter e a simplicidade do homem.

"Chegamos às Tuileries, pelas três horas, e sem que ninguém tivesse dito nada. Chegamos até o primeiro criado de Louis XVIII, a quem se entregou a carta, e que, depois de tê-la lido, me disse: Segui-me. Nós nos detemos por alguns momentos, porque o Sr. Decazes estava com o rei. Quando o ministro saiu e eu entrei, e antes que dissesse uma palavra, o rei disse ao criado de quarto para se retirar e fechar as portas.

O rei estava sentado diante de sua mesa de frente para a porta; havia, canetas, papéis e livros. Saudei o rei dizendo: Senhor, eu vos saúdo. O rei me disse: Bom dia, Martin. E, então, disse a mim mesmo: Ele sabia, pois, bem meu nome. "Sabeis, Senhor, seguramente, porque venho. - Sim, sei que tendes alguma coisa a me dizer, e me foi dito que era alguma coisa que não podíeis dizer senão a mim; sentai-vos. Então sentei-me numa poltrona que estava colocada à frente do rei, de maneira que não tinha senão a mesa entre nós. Então eu lhe perguntei como se sentia. - O rei me disse: "Sinto-me um pouco melhor do que nesses dias passados; e vós, como vos sentis? - Eu estou bem. - Qual é o assunto de vossa viagem? - E eu lhe disse: Podeis chamar, se quiserdes, vosso irmão e seus filhos." O rei me interrompeu dizendo: Isto é inútil, eu lhes direi o que me disserdes. "Depois disto, contei ao rei todas as aparições que tive e que estão na relação.

"Eu sei tudo isto, o arcebispo de Reims disse-me tudo. Parece-me que tendes alguma coisa a me dizer em particular e em segredo." E então senti vir à minha boca as palavras que o anjo me havia prometido, e eu disse ao rei: "O segredo que vou dizer-vos é que..." (Seguem os detalhes que, assim como as instruções dadas na seqüência da conversação sobre certas medidas a tomar e à maneira de governar, não podiam senão ser inspiradas no próprio instante, porque estão fora de toda importância com o grau de cultura de Martin.)

"Foi a este relato que o rei, tocado de espanto e profunda emoção, disse: "Ó meu Deus! ó meu Deus! isto é bem verdade; não há senão Deus, vós e eu, que sabemos disto; prometei-me de guardar sobre todas as comunicações o maior segredo; "e eu lho prometi. Depois disto disse-lhe: "Tende cuidado em vos fazer sagrar, porque se o tentardes, sereis ferido de morte na cerimônia da sagração." No momento, e até o fim da conversação, o rei chorou sempre.

Quando eu acabei, disse-me que o anjo que me tinha aparecido era aquele que conduziu Tobias, o jovem, à Ragès e que o fez casar; depois perguntou-me qual de minhas mãos o anjo tinha apertado. Respondi: "Esta," mostrando a direita. O rei me tomou dizendo-me: "Que eu toque a mão que o anjo apertou. Orai sempre por mim. - Bem seguro, Senhor, que eu, minha família, assim como o Sr. cura de Gallardon, temos sempreorado para que o assunto triunfe.

Saudei o rei dizendo-lhe: "Eu vos desejo uma boa saúde. Foi-me dito que uma vez minha incumbência feita junto ao rei, eu vos peça permissão de retornar à minha família, como me foi anunciado também que não me recusareis, e que não me aconteceria nenhuma pena nem, nenhum mal. - Nada mais vos acontecerá; dei ordens para vos retornar. O ministro vai vos dar a comer e a dormir, e os papéis para retornardes amanhã. - Mas ficaria contente se retornasse a Charenton para lhes dizer adeus e para pegar uma camisa que deixei. - Isso não vos será dificuldade estar em Charenton? Estivestes bem ali? - Sem nenhuma dificuldade; e muito seguro porque se ali não tivesse estado bem, não pediria para lá retornar. - Pois bem! Uma vez que desejais ali retornar, o ministro vos fará conduzir de minha parte.

Retornei junto ao meu condutor que me esperava, e estivemos juntos no edifício do ministro.

Feito em Gallardon, em 9 de março de 1828.

Assinada: THOMAS MARTIN.

A conversa de Martin com o rei durou pelo menos 55 minutos. Se depois de sua visita ao rei, Martin não reviu seu desconhecido, as manifestações não deixaram de continuar sob uma outra forma; de médium vidente, tornou-se médium audiente. Eis alguns fragmentos das cartas que ele escreveu ao antigo cura de Gallardon:

28 de janeiro de 1821.

"Senhor cura, eu vos escrevo para vos dar conhecimento de uma coisa que me aconteceu. Terça-feira última, 23 de janeiro, estando no arado, ouvi uma voz que me falava, sem ter visto ninguém, e me foi dito: "Filho de Japhet! para e presta atenção nas palavras que te são dirigidas." No mesmo instante, meus cavalos pararam sem que eu nada tenha dito, porque estava muito surpreso. Eis o que se me disse: "Nesta grande região, uma grande árvore está plantada, e sobre o mesmo cepo, foi plantada uma outra que é inferior à primeira; a segunda árvore tem dois ramos, dos quais um deles fracassou, e logo depois ela secou por um vento furioso, e esse vento não parou de soprar. No lugar desse ramo, saiu um outro ramo, jovem, tenro, que o substituiu; mas esse vento, que está sempre agitado, se levantará um dia com tais abalos que... e depois desta catástrofe terrível, os povos estarão na última desolação. Ora, meu filho, para que esses dias sejam abreviados; invoca o céu que o vento fatal saindo do nordeste seja barrado por barreiras poderosas e que seus progressos nada tenham de deploráveis. Estas coisas são obscuras para ti, mas outros a compreenderão facilmente."

"Eis, senhor, o que me ocorreu terça-feira por uma hora depois do meio-dia; não compreendo nada disto; vós me manifestareis se disto compreenderdes alguma coisa. Não falei a ninguém de tudo isto, não somente à minha mulher, porque o mundo é mau. Estava *resolvido* a guardar tudo isto em silêncio; mas me decidi a vos escrever hoje, porque esta noite não pude dormir, e tenho sempre essas palavras na memória, e vos peço delas guardar segredo, porque o mundo delas zombaria. Senhor, fui tratado de filho de Japhet; não conheço ninguém de nossa família que leva este nome; pode-se bem estar enganado; talvez me tomou por um outro."

8 de fevereiro de 1821.

"Eu vos tinha proibido de falar daquilo que vos manifestei; eu errei, porque isso não pode ficar escondido. Necessariamente, é preciso que isto passe diante dos grandes e dos primeiros do Estado, para que se veja o perigo dos quais são ameaçados, porque o vento do qual vos falei um pouco antes vai fazer terríveis desastres, porque este vento gira sempre em torno da árvore; se nela não se presta atenção, dentro em pouco será tombada. No mesmo momento a outra árvore com o que sai dele experimentará a mesma sorte. Ontem a mesma palavra veio me falar, e eu nada vi."

21 de fevereiro de 1821.

"Senhor, tive um grande terror esta manhã. Eram nove horas; ouvi um grande ruído junto de mim, e nada vi, mas ouvi falar, depois que o ruído apaziguou, e me foi dito: "Por que tivestes medo? não temais; não venho para vos fazer nenhum mal. Estais surpreso de ouvir falar e de não ver nada, não vos admireis: é preciso que as coisas sejam descobertas; *sirvo-me de vós para vos enviar como sou enviado*. Os filósofos, os incrédulos, os ímpios, não crêem que se vêem suas atividades, mas é preciso que sejam confundidos.....Ficai tranqüilo, continuai a ser o que tendes sido; vossos dias são contados, e não vos escapará um único deles. Eu vos proíbo de vos prosternar diante de mim, porque não sou senão um servidor como vós."

"Senhor, eis o que me foi dito; não sei qual é a pessoa que me fala; ela tem a voz bastante forte e muito clara. Tive o pensamento de falar, mas não ousei, por causa de que não vejo ninguém."

Resta a saber qual é a individualidade do Espírito que se manifesta; seria realmente o anjo Rafael? É mesmo permitido disto duvidar, e haveria muitas coisas a dizer contra esta opinião; mas, na nossa opinião, aí está uma questão inteiramente secundária; o fato capital é o da manifestação, da qual não se saberia duvidar, e da qual todos os incidentes tiveram sua razão de ser para o resultado proposto, e têm hoje seu lado instrutivo.

Um fato que, sem dúvida, não teria escapado a ninguém, é a palavra de Martin a respeito de uma soma que lhe foi oferecida: "Como a coisa não vem de mim, disse ele, não devo nada receber por isto. Eis, pois, um simples camponês, médium inconsciente, que, há cinqüenta anos, época na qual se estava longe de pensar no Espiritismo, tem, por si mesmo, a intuição dos deveres que impõe a mediunidade, da santidade deste mandato; seu bom senso, sua lealdade natural, lhe fazem compreender que, o que vem de uma fonte celeste e não dele, não deve ser pago.

Admirar-se-á, talvez, das dificuldades que Martin encontrou para cumprir a incumbência da qual estava encarregado. Por que, dir-se-á, os Espíritos não o fizeram ir diretamente ao rei? Essas dificuldades, essa lentidão, como vimos, tiveram a sua utilidade. Era preciso que ele passasse por Charenton, onde sua razão foi submetida às investigações mais rigorosas da ciência oficial e pouco crédula, afim de que fosse constatado que ele não era nem louco, nem exaltado. Os Espíritos, como se viu, triunfaram dos obstáculos colocados pelos homens, mas como os homens têm o seu livre arbítrio, não podiam impedi-los de colocar os entraves.

Observemos a esse respeito, que Martin não fez por si mesmo, por assim dizer, nenhum esforço para chegar ao rei, as circunstâncias ali o conduziram quase que apesar dele, e sem que tenha tido necessidade de insistir muito: ora, essas circunstâncias, evidentemente, foram conduzidas pelos Espíritos, agindo sobre o pensamento dos encarnados, porque a missão de Martin era séria e deveria se cumprir.

Ocorre o mesmo em todos os casos análogos. Além da questão de prudência, é evidente que, sem as dificuldades que ele tem de chegar a eles, os soberanos seriam assaltados por pretensos reveladores. Nestes últimos tempos, quantas pessoas se acreditaram chamadas para semelhantes missões, que não eram outras senão o

resultado da obsessão ou seu orgulho era posto em jogo com seu desconhecimento, e não poderia chegar senão a mistificações! A todos aqueles que acreditaram dever nos consultar em semelhante caso, sempre dissemos, em lhes mostrando os sinais evidentes pelos quais os Espíritos mentirosos se traem: "Guardai-vos de alguma diligência que tornaria infalivelmente para a vossa confusão. Estejais certos de que se vossa missão é real, sereis colocados de modo a cumpri-la; se deveis vos encontrar, num momento dado, num lugar dado, ali sereis conduzido, com o vosso desconhecimento, pela circunstância que terão o ar de ser um efeito do acaso. Estejais seguros, além disto, que quando uma coisa está nos desígnios de Deus, é preciso que ela seja, e que não se subordine a sua realização à boa ou à má vontade dos homens. Desconfiai das missões assinaladas e enaltecidas adiantadamente, porque não são senão atrações para o orgulho; as missões se revelam pelos fatos. Desconfiai também das predições em dias e horas fixas, porque elas não são jamais o fato de Espíritos sérios." Fomos bastante felizes por nisso deter mais de um a quem os acontecimentos puderam provar a prudência destes conselhos.

Há, como se vê, mais de uma semelhança entre estes fatos e os de Jeanne D'Arc, não que haja alguma comparação a estabelecer quanto à importância dos resultados realizados, mas quanto à causa do fenômeno, que é exatamente a mesma, e, até um certo ponto, quanto ao objetivo. Como Jaenne D'Arc, Martin foi advertido por um ser do mundo espiritual para ir falar ao rei, a fim de salvar a França de um perigo, e, como ela também não foi sem dificuldade que chegou até ele. No entanto, há entre as duas manifestações esta diferença de que Jeanne D'Arc simplesmente ouvia a voz que a aconselhava, ao passo que Martin via constantemente o indivíduo que lhe falava, não em sonho ou num sono extático, mas sob as aparências de um ser vivo, como o seria um agêner.

Mas, de um outro ponto de vista, os fatos ocorridos a Martin, embora menos estrondosos, não deixam de ter uma grande importância, como prova da existência do mundo espiritual e de suas relações com o mundo corpóreo, e porque, sendo contemporâneo e de uma notoriedade incontestável, não podem ser colocados na classe de histórias lendárias. Pela sua ressonância, serviram de degrau ao Espiritismo que deveria, a alguns anos dali, confirmar-lhe a possibilidade por uma explicação racional, e pela lei em virtude da qual se produzem, os faz passar do domínio do maravilhoso ao dos fenômenos naturais; graças ao Espiritismo, não há uma única das fases que apresentaram as revelações de Martin, das quais não se possa dar conta perfeitamente.

Martin era um médium inconsciente, dotado de uma aptidão da qual os Espíritos se serviram, como de um instrumento, para chegar a um resultado determinado, e este resultado estava longe de estar inteiramente na revelação feita a Louis XVIII. O Espírito que se manifestou a Martin o caracteriza perfeitamente dizendo: "Eu me servi de vós para abater o orgulho e a incredulidade." Esta missão é a todos os médiuns destinados a provar, por fatos de todos os gêneros, a existência do mundo espiritual, e de uma força superior à Humanidade, porque tal é o objetivo providencial das manifestações. Acrescentaremos que o próprio rei foi um instrumento nessa circunstância; era preciso uma posição tão elevada quanto a sua, a própria dificuldade de chegar a ele, para que o assunto tivesse ressonância, e a autoridade de uma coisa oficial. As investigações minuciosas às quais Martin foi submetido, não podiam senão acrescentar à autoridade dos fatos, porque não se teria tomado todas essas precauções por um simples particular; a coisa teria passado quase desapercibida, ao passo que dela se lembra ainda hoje, e que ela fornece uma prova autêntica em apoio dos fenômenos espíritas.

A mediunidade curadora está na ordem do dia, e tudo o que se liga a esta questão oferece um interesse de atualidade. Tomamos emprestado à *Véritéde* Lyon, de 24 de outubro de 1866, o artigo seguinte sobre as curas do príncipe de Hohenlohe, que fizeram uma grande sensação no tempo. Essa notícia faz parte de uma série de artigos muito instrutivos sobre os médiuns curadores.

A este respeito, estamos felizes por constatar que a *Vérité*, que está em seu quarto ano, prossegue com sucesso o curso de suas sábias e interessantes publicações, que lançam a luz sobre a história do Espiritismo, e no-lo mostram por toda a parte, na antigüidade como nos tempos modernos. Se, sobre certos pontos, não partilhamos todas as opiniões de seu principal redator, Sr. A. P..., nós lhe reconhecemos pelo menos que, por suas laboriosas pesquisas, ele presta à causa um serviço real que todos os Espíritas sérios apreciam.

Com efeito, provar que a Doutrina Espírita atual não é senão a síntese de crenças universalmente difundidas, partilhadas por homens cuja palavra tem autoridade e que foram nossos primeiros mestres em filosofia, é mostrar que ela não está assentada sobre a base frágil da opinião de um só. Que desejam os Espíritas, se não for encontrar quanto mais adeptos possíveis às suas crenças? Deve ser, pois, para eles uma satisfação, ao mesmo tempo que uma consagração de suas idéias, de encontrá-las mesmo antes deles. Jamais compreendemos que homens de bom senso hajam podido concluir contra o Espiritismo moderno de que ele não é o primeiro inventor dos princípios que proclama, ao passo que está aí precisamente o que faz uma parte de sua força e deve acreditá-lo. Alegar a sua antigüidade para denegri-lo, é mostrar-se soberanamente ilógico, e tanto mais inábil, que ele jamais se atribuiu o mérito da descoberta primeira. É, pois, equivocarse estranhamente sobre os sentimento que animam os Espíritas, supor nestes idéias muito estreitas e uma muito tola presunção de crer molestá-los em lhes objetando que o que professam era conhecido antes deles, quando são eles os primeiros a folhear no passado para ali descobrir os traços da antigüidade de suas crenças, que fazem remontar às primeiras idades do mundo, porque estão fundadas sobre as leis da Natureza, que são eternas.

Nenhuma grande verdade saiu de todas as peças do cérebro de um indivíduo; todas, sem exceções, tiveram precursores que as pressentiram ou delas entreviram algumas partes; o Espiritismo se honra, pois, de contar os seus por milhares e entre os homens o mais justamente considerado; pô-los à luz, e a mostrar o número infinito de pontos pelos quais ele se liga à história da Humanidade.

Mas em nenhuma parte se encontra o Espiritismo completo; sua coordenação em corpo de doutrina, com todas as suas conseqüências e suas aplicações, sua correlação com as ciências positivas, é uma obra essencialmente moderna, mas por toda a parte dele se encontram os elementos esparsos, misturados às crenças supersticiosas das quais é preciso fazer a triagem; se se reunissem as idéias que se acham disseminadas na maioria das filosofias antigas e modernas, nos escritores sacros e profanos, os fatos inumeráveis e infinitamente variados, que se produziram em todas as épocas, e que atestam as relações do mundo visível e do mundo invisível, chegar-se-ia a constituir o Espiritismo tal qual é hoje: é o argumento invocado contra ele por certos detratores. Foi assim que procedeu? É uma compilação de idéias antigas rejuvenescidas pela forma? Não, ele saiu inteiramente das observações recentes, mas longe de se *crer* diminuído, pelo que foi dito e observado antes dele, com isso se encontra fortificado e engrandecido.

Uma história do Espiritismo antes da época atual está ainda por fazer. Um trabalho desta natureza, feito conscienciosamente, escrito com precisão, clareza, sem *alongamentos supérfluos e fastidiosos* que dele tornariam a leitura penosa, seria uma obra eminentemente útil, um documento precioso a consultar. Esta seria antes uma obra de paciência e de erudição do que uma obra literária, e que consistiria principalmente na citação das passagens de diversos escritores que emitiram pensamentos, doutrinas ou

teorias que se encontram no Espiritismo de hoje. Aqueles que fizerem este trabalho conscienciosamente terão muito mérito da doutrina.

Retornemos ao nosso assunto, do qual nos afastamos um pouco, sem o querer, mas, talvez, não sem utilidade.

O Espiritismo moderno não descobriu mais nem inventou a mediunidade curadora e os médiuns curadores do que os outros fenômenos espíritas. Desde que a mediunidade curadora é uma faculdade natural submetida a uma lei, como todos os fenômenos da Natureza, ela deveu se produzir em diversas épocas, assim como o constata a história, mas estava reservado ao nosso tempo, com a ajuda das novas luzes que possuímos, dar-lhe uma explicação racional, e fazê-la sair do domínio do maravilhoso. O príncipe de Hohenlohe nos oferece disto um exemplo tanto mais notável quanto os fatos se passaram antes que existissem o Espiritismo e os médiuns. Eis o resumo que disto deu o jornal *la Vérité*:

"No ano de 1829, veio para o Wurtzbourg, cidade considerável da Baviera, um santo padre, o príncipe de Hohenlohe. Enfermos e doentes iam lhe pedir, para obter do céu a sua cura, e socorro de suas preces. Ele evocava sobre eles as graças divinas, e bem cedo viu-se um grande número desses infelizes curados de repente. A fama dessas maravilhas ressoou ao longe. A Alemanha, a França, a Suíça, a Itália, uma grande parte da Europa dela foram informadas. Numerosos escritos foram publicados, que lhe perpetuaram a lembrança. Entre os testemunhos autênticos e dignos de fé que certificam a realidade dos fatos, basta aqui deles transcrever alguns, cujo conjunto forma uma prova convincente.

"Eis primeiro um extrato do que escreveu sobre este assunto o Sr. Scharold, conselheiro de legação em Wurtzbourg, e testemunha de uma grande parte das coisas que narra.

"Depois de dois anos, uma princesa de dezessete anos, Mathilde de Schwartzemberg, filha do príncipe deste nome, se encontrava na casa de saúde do Sr. Haine, em Wurtzbourg. Era-lhe absolutamente impossível caminhar. Em vão os médicos mais famosos da França, da Itália e da Áustria, tinham esgotado todos os recursos de sua arte para curar a princesa dessa enfermidade. Somente o Sr. Haine, que era ajudado com as luzes e a experiência do célebre médico, Sr. Textor, tinha conseguido, à força de cuidados prodigalizados à enferma, colocá-la em estado de se manter de pé; e ela mesma, fazendo esforços, chegara a executar alguns movimentos como para caminhar, mas sem caminhar realmente. Pois bem! em 20 de junho de 1821, ela deixou o leito de repente, e caminhou muito livremente.

"Eis como a coisa chegou. O príncipe de Hohenlohe foi de manhã, pelas dez horas, fazer uma visita à princesa, que permanece na casa do Sr. de Reinache, decano do capítulo. Quando entrou no seu apartamento, e lhe perguntou, como em conversação, em presença de sua governanta, se ela tinha uma fé firme que Jesus Cristo poderia curá-la de sua doença. Sobre a sua resposta, de que ela disto estava intimamente persuadida, o príncipe disse à piedosa doente para pedir do mais fundo de seu coração e colocar em Deus a sua confiança.

"Quando ela tinha acabado de pedir, o príncipe lhe deu a sua bênção, e lhe disse: "Vamos, princesa, levantai-vos; atualmente estais curada e podeis caminhar sem dores..." Todo o mundo da casa foi chamado imediatamente. Não se sabia como expressar a sua admiração com uma cura tão rápida e tão incompreensível. Todos caíram de joelhos na mais viva emoção, e cantaram os louvores do Todo-Poderoso. Felicitaram a princesa em sua felicidade, e juntaram suas lágrimas às que a alegria fazia correr de seus olhos.

"Esta notícia, se difundindo pela cidade, jogou-a no espanto. Corria-se em multidão, para se assegurar do acontecimento com os seus próprios olhos. Em 21 de junho, a princesa já havia se mostrado em público.

Não se poderia pintar o arrebatamento que ela sentiu, em se vendo sair de seu estado de sofrimentos cruéis.

"A 25, o príncipe de Hohenlohe deu um outro exemplo notável da graça que possui. A esposa de um ferreiro da rua Semmels não podia mais ouvir mesmo os golpes mais pesados de martelo de sua forja. Ela foi procurar o príncipe da corte do presbítero Hung, e lhe suplicou para socorrê-la. Enquanto ela estava de joelhos, lhe impôs as mãos sobre a cabeça, e tendo pedido algum tempo, os olhos elevados para o céu, ele a tomou pela mão e levantou-a. Qual foi o espanto dos espectadores, quando esta mulher se levantando, disse que ouvia soar o relógio da igreja! Retornando para sua casa, não deixava de contar a todos aqueles que a interrogavam o que vinha de lhe acontecer.

"A 26, uma pessoa ilustre (o príncipe real da Baviera) foi curado imediatamente de uma doença que, segundo as regras da medicina, deveria necessitar de muito tempo e dar muito trabalho. Esta notícia levou uma viva alegria nos corações dos habitantes de Wurtzbourg.

"O príncipe de Hohenlohe não foi menos bem sucedido na cura de uma doente que tinha tentado duas vezes curar, mas que, a cada vez, não tinha obtido senão um leve alívio. Esta cura se operou na pessoa de uma cunhada do Sr. Broili, negociante. Ela estava há muito tempo afligida por uma paralisia muito dolorosa. A casa ressoou de gritos de alegria.

"No mesmo dia, a visão foi devolvida à viúva Balzano, que, há vários anos, estava completamente cega. Convenci-me por mim mesmo deste fato.

"Apenas saído do espetáculo desta cena tocante, fui testemunha de uma outra cura, operada na casa do Sr. general D... Uma jovem estava tão gravemente estropiada da mão direita, que não podia dela se servir nem estendê-la. Ela fez imediatamente a prova de sua perfeita cura, levantando com a mesma mão uma cadeira muito pesada.

"No mesmo dia, um paralítico, cujo braço esquerdo estava inteiramente enfraquecido, foi completamente curado. Uma cura de dois outros paralíticos se fez imediatamente depois. Ela foi tão completa e mais rápida ainda.

"A 28, vi por mim mesmo, com qual prontidão e qual solidez o príncipe de Hohenlohe curava as crianças. Tinham-lhe trazido uma do campo, que não podia caminhar senão com muletas. Poucos minutos depois, esta criança, transportada de alegria, corria na rua sem muletas. Nesses intervalos, uma criança muda, que não podia fazer ouvir senão alguns sons inarticulados, foi conduzida ao príncipe. Alguns minutos depois, a criança se pôs a falar. Logo uma pobre mulher trouxe, nas suas costas, sua pequenina filha, estropiada das duas pernas. Ela a depositou aos pés do príncipe. Um momento depois, ele devolveu a criança à sua mãe, que viu, então, sua filha correr e saltar de alegria.

"A 29, uma mulher de Neustadt, paralítica e cega, lhe foi conduzida numa charrete. Ela estava cega há vinte e cinco anos. Por volta das três horas depois do meio dia, ela se apresentou no castelo da residência da nossa cidade, para implorar o socorro do príncipe de Hohenlohe, no momento em que entrava no vestíbulo que está construído na forma de uma grande tenda. Caindo aos pés do príncipe, ela lhe suplicou, em nome de Jesus Cristo, de lhe conceder o seu socorro. O príncipe orou por ela, deu-lhe a sua bênção, e lhe perguntou se ela acreditava bem firmemente que, em nome de Jesus, ela poderia recobrar a visão. Como ela respondeu que sim, disse-lhe para se levantar. Ela se retirou. Mas apenas tinha se afastado de alguns passos, quando, de repente, seus olhos se abriram. Ela via, e deu todas as provas que se lhe pediu da faculdade que vinha de recobrar. Todas as testemunhas desta cura, entre as quais estava uma grande número dos senhores da corte, ficaram arrebatados de admiração.

"A cura de uma mulher do hospital civil, que se tinha levado ao príncipe, não é menos espantosa. Esta mulher, de nome Elisabeth Laner, filha de um sapateiro, tinha a língua tão vivamente afetada, que ficava às vezes quinze dias sem poder articular uma única sílaba. Suas faculdades mentais tinham muito sofrido. Ela tinha quase perdido o uso

de seus membros, porque estava num leito como uma massa. Pois bem! esta pobre infeliz foi hoje ao hospital, sem o socorro de ninguém. Ela goza de todos os seus sentidos, como deles gozava há doze anos, e sua língua está tão bem desamarrada, que ninguém no hospício fala com tanta volubilidade quanto ela.

"A 30, depois do meio dia, o príncipe deu um exemplo extraordinário de cura. Uma carroça, ao redor da qual estavam reunidos milhares de espectadores, tinha vindo de Musmerstadt. Nesta carroça, estava um pobre estudante paralítico de seus braços e de suas pernas, enfraquecido de maneira assustadora.

"O príncipe, rogado por esse infeliz para aliviá-lo, veio à carroça. Orou em torno de cinco minutos, as mãos juntas e elevadas para o céu, falou várias vezes ao estudante; e, enfim, lhe disse: "Levantai-vos, em nome de Jesus Cristo." O estudante se levantou efetivamente, mas com sofrimentos que não pôde dissimular. O príncipe disse-lhe para não perder a confiança. O infeliz que, alguns minutos antes, não podia movimentar nem braços nem pernas, se mantém então direito e perfeitamente livre sobre a sua carroça. Depois, voltando seus olhos para o céu, onde se via pintado o mais terno reconhecimento, ele exclamou: "Ó Deus! vós me socorrestes!" Os espectadores não puderam reter suas lágrimas.

"As curas miraculosas operadas em Wurtzbourg pelo príncipe de Hohenlohe poderiam oferecer assuntos para mais de cem quadros de agradecimento".

Notar-se-á a analogia surpreendente que existe entre estes fatos de cura e aqueles dos quais somos testemunhas. O Sr. de Hohenlohe se encontrava nas melhores condições para o desenvolvimento de sua faculdade, também a conservou até o fim. Como nessa época não se conhecia dela a verdadeira origem, era considerada como um dom sobrenatural, e o Sr. de Hohenlohe como um operador de milagres. Mas, por que é considerada por certas pessoas, em uns como um dom do céu, em outros como uma obra satânica? Não conhecemos nenhum médium curador que haja dito ter seu poder do diabo; todos, sem exceção, não operam senão invocando o nome de Deus, e declarando nada poder fazer sem a sua vontade. Aqueles mesmos que ignoram o Espiritismo e agem por intuição, recomendam a prece, na qual reconhecem um auxiliar poderoso. Se agissem por ordem do demônio, não haveria ingratidão neles em renegá-lo, e esse último não é nem bastante modesto, nem bastante desinteressado para deixar, àqueles que procura combater o mérito do bem que ele faz, porque isso seria perder suas práticas em lugar de recrutá-las. Jamais se viu um mercador gabar aos seus clientes a mercadoria de seu vizinho às expensas da sua, e convidá-los a ir à casa dele? Em verdade, se tem razão de rir do diabo, porque se faz dele um ser muito tolo e muito estúpido.

A comunicação seguinte foi dada pelo príncipe de Hohenlohe, na Sociedade de Paris.

(Sociedade de Paris, 25 de outubro de 1866, méd. Sr. Desliens.)

Senhores, venho entre vós com tanto mais prazer quanto minhas palavras possam se tornar para todos um útil assunto de instrução.

Fraço instrumento da Providência, pude contribuir para fazer glorificar o seu nome, e venho de boa vontade entre aqueles que têm por objetivo principal de se conduzirem segundo as suas leis, e avançar tanto quanto está neles no caminho da perfeição. Vossos esforços são louváveis, e me considero muito honrado em assistir algumas vezes aos vossos trabalhos. Viemos, desde o presente, às manifestações que provocaram minha presença entre vós.

Como o dissestes a justo título, a faculdade da qual eu estava dotado era simplesmente o resultado de uma mediunidade. Eu era instrumento; os Espíritos agiam, e, se pude fazer alguma coisa, não foi certamente pelo meu grande desejo de fazer o bem e

pela convicção íntima de que tudo é possível a Deus. Eu acreditava!... e as curas que obtinha vinham sem cessar aumentar a minha fé.

Como todas as faculdades medianímicas que concorrem hoje para a vulgarização do ensino espírita, a mediunidade curadora foi exercida em todos os tempos, e por indivíduos pertencentes às diferentes religiões. - Deus semeia por toda a parte seus servidores os mais avançados para deles fazer degraus de progresso, naqueles mesmos que estão os mais afastados da virtude, e direi mesmo, naqueles sobretudo.... Como um bom pai que ama igualmente todos os seus filhos, a sua solicitude se derrama sobre todos, mas mais particularmente sobre aqueles que têm mais necessidade de apoio para avançar. - É assim que não é raro encontrar homens dotados de faculdades extraordinárias pela multidão, entre os simples; e, por esta palavra, entendo aqueles cuja pureza de sentimentos não é deslustrada pelo orgulho e pelo egoísmo. É verdade que a faculdade pode igualmente existir nas pessoas indignas, mas *ela não é e não poderia ser senão passageira*; é um meio enérgico de abrir os olhos: tanto pior para aqueles que se obstinam em mantê-los fechados.

Eles reentrarão na obscuridade de onde saíram, com a confusão e o ridículo por cortejo, se o próprio Deus não pune desde esta vida seu orgulho e sua obstinação em desconhecer a sua voz.

Qualquer que seja a crença íntima de um indivíduo, se suas intenções são puras, e se está inteiramente convencido da realidade daquilo que crê, ele pode, em nome de Deus, operar grandes coisas. A fé transporta as montanhas: ela restitui a visão aos cegos e o entendimento espiritual àqueles que erravam antes nas trevas da rotina e do erro.

Quanto à melhor maneira de exercer a faculdade de médium curador, não há disso senão uma: *É de ficar modesto e puro*, e de atribuir a Deus e às forças que dirigem a faculdade tudo o que se realiza.

Os que perdem os instrumentos da Providência, é que não se crêem simplesmente instrumentos; querem que seus méritos sejam em parte por causa da escolha que foi feita de sua pessoa; o orgulho os embriaga e o precipício entreabre-se sob seus passos.

Elevado na religião católica, penetrado da santidade de suas máximas, tendo fé em seu ensino como todos os meus contemporâneos, considerava como milagres as manifestações das quais eu era o objeto. Hoje, sei que é coisa toda natural, e que pode, que deve concordar com a imutabilidade das leis do Criador, porque sua grandeza e sua justiça permanecem intactas.

Deus não saberia fazer milagres!... *porque isto seria fazer presumir que a verdade não é bastante forte para se afirmar por si mesma*, e de outra parte, não seria lógico demonstrar a eterna harmonia das leis da Natureza, perturbando-as por fatos em desacordo com a sua essência.

Quanto a adquirir a faculdade de médium curador, não há método para isto; todo o mundo pode, numa certa medida, adquirir esta faculdade, e, agindo em nome de Deus, todos farão curas. Os privilegiados aumentarão em número à medida que a Doutrina se vulgarizar, e, é muito simples, uma vez que haverá mais indivíduos animados de sentimentos puros e desinteressados.

PRÍNCIPE DE HOHENLOHE.

VARIEDADES

Senhorita Dumesnil, jovem atraente.

Vários jornais falaram de uma jovem dotada de uma singular faculdade de atrair a ela os móveis e outros objetos colocados num certo raio, e levantar por um só contato

uma cadeira sobre a qual uma pessoa está sentada. O *Petit Journal*, de 4 de novembro, continha, a esse respeito, o artigo seguinte:

"A piedosa branca de Dinan não é mais surpreendente, como fenômeno, do que a senhorita magnética indicada na remessa seguinte.

"Senhor,

"Venho vos assinalar um fato que poderia apresentar muito interesse aos vossos leitores; se quiserdes vos dar ao trabalho de verificá-lo, ali encontrareis uma ampla matéria para numerosos artigos.

"Uma jovem, senhorita Dumesnil, com idade de treze anos, possui um fluido de uma força atrativa extraordinária, que faz vir a ela todos os objetos *de madeira* que a cercam; assim, as cadeiras, as mesas e tudo o que está em madeira se dirige instantaneamente para ela; esta faculdade se revelou nesta jovem há mais ou menos três semanas; até o presente este fenômeno extraordinário, e que não se pôde ainda explicar, não se manifestou senão às pessoas de sua companhia, os vizinhos, etc., que constataram o fato há alguns dias; a faculdade surpreendente dessa jovem se espalhou e se me assegura que está em vias de tratar com um empresário, que se propõe fazer ver publicamente este fenômeno.

'Desde ontem ela foi a casa de um grande personagem a quem a indicaram; a publicidade não pode tardar a se apoderar deste acontecimento, e me apresso em vos disto prevenir, para que dela tenhais a novidade. "Esta jovem exerce a condição social de polidora e fica com seus pais, que são pessoas pobres.

"Na esperança de que nos explicareis este mistério inexplicável, peço-vos para receber as minhas saudações muito sinceras,

BRUNET,

Empregado, casa Christofle, 56, rua de Bondy.

"Disto não sei mais do que vós, meu caro correspondente, em fato de ciência magnética, e considero como uma simples curiosidade vosso encantamento do carvalho, da faia, e do acaju, à qual aconselho não queimar, neste inverno, na lareira... senão o carvão..."

Eis certamente um fenômeno estranho, bem digno de atenção, e que deve ter uma causa. Se for averiguado que não é o fato de nenhum subterfúgio, do que é fácil se assegurar, e se as leis conhecidas são impotentes para explicá-lo, é evidente que ele revela a existência de uma força nova; ora, a descoberta de um princípio novo pode ser fecunda em resultados. O que é ao menos tão surpreendente quanto esse fenômeno, é ver homens de inteligência não ter, para semelhantes fatos, senão uma desdenhosa indiferença e zombarias de mau gosto. Não era, no entanto, questão nem de Espíritos nem de Espiritismo. Que convicção espera as pessoas que não têm nenhuma, que não a procuram e não desejam nenhuma? Que estudo sério pode-se disto esperar? Esforçar-se por convencê-los não é perder seu tempo, usar inutilmente forças que se poderiam empregar melhor com os homens de boa vontade, que não faltam? Sempre o dissemos: com as pessoas de posição tomada, que não querem nem ver nem ouvir, o que há de melhor a fazer é deixá-las tranquilas e lhes provar que não se tem necessidade delas. Se alguma coisa deve triunfar de sua incredulidade, os Espíritos saberão bem encontrá-la e empregá-la quando o momento chegar.

Para disso retornar à jovem, seus pais, que estão numa posição precária, vendo a sensação que ela produzia e o concurso de pessoas notáveis que ela atraía, disseram a si mesmos que, sem dúvida, ali havia para eles uma fonte de fortuna. Não foi preciso isto querê-lo, porque, ignorando até o nome do Espiritismo e dos médiuns, não podiam compreender as conseqüências de uma exploração deste gênero. Sua filha era para eles um fenômeno; resolveram, pois, instalá-la nos bulevares entre os outros fenômenos. Fizeram melhor; instalaram-na no Grand-Hôtel, lugar mais conveniente para a aristocracia

produtiva. Mas, ah! os sonhos dourados se desvaneceram logo. Os fenômenos não se produziam mais senão em raros intervalos e de uma maneira tão irregular que foi preciso abandonar logo a esplêndida morada e retornará oficina. Colocai, pois, em exibição uma faculdade tão caprichosa que falta justo no momento em que os espectadores, que pagaram seus lugares, estão reunidos e esperam que se lhes dê algo por seu dia! Em matéria de fenômeno, vale mais, para a especulação, ter um filho de duas cabeças, porque ao menos está sempre lá. Que fazer se não se tem astúcia para suprir aos atores invisíveis? A decisão mais honrosa é de se retirar. No entanto, parece, segundo uma carta publicada num jornal, que a jovem não perdeu inteiramente seu poder, mas está sujeita a tais intermitências, que se torna difícil saber o momento favorável.

Um de nossos amigos, Espírita esclarecido e profundo observador, pôde ser testemunha do fenômeno, e foi mediocrementemente satisfeito pelo resultado. "Creio, nos disse, na sinceridade dessas pessoas, mas, para os incrédulos, o efeito não se produz, nesse momento, em condições a desafiar toda suspeita. Não nego, sabendo a coisa possível, constato minhas impressões. Como surpreendi supostos médiuns de efeitos físicos em flagrante delito de fraude, dei-me conta das manobras pelas quais se pode simular certos efeitos, e enganar as pessoas que não conhecem as condições dos efeitos reais, de sorte que não afirmo, senão conscientemente, não me reportando aos meus olhos. No próprio interesse do Espiritismo, meu primeiro cuidado é examinar se a fraude é possível, com a ajuda da destreza, ou se o efeito pode ser devido a uma causa material vulgar. De resto, acrescentou, não se proíbe ali ser Espírita, agir pelos Espíritos e mesmo neles crer."

É de se notar que, depois do infortúnio dos irmãos Davenport, todos os exibidores de fenômenos extraordinários repelem toda participação dos Espíritos em seu negócio, e fazem bem; o Espiritismo não pode senão ganhar por não ser misturado a essas exibições. É um serviço a mais prestado por esses senhores, porque não é de tais meios que o Espiritismo recrutará os prosélitos.

Uma outra observação é que cada vez que se trata de alguma manifestação espontânea ou de um fenômeno qualquer atribuído a uma causa oculta, toma-se geralmente por entendidas pessoas, às vezes sábias, que não sabem a primeira palavra do que devem observar e que vêm com uma idéia preconcebida de negação. A quem se encarrega de decidir se há ou não intervenção dos Espíritos ou uma causa espiritual? Precisamente as pessoas que negam a espiritualidade, que não crêem nos Espíritos e não querem que eles existam. Estão seguros antes de sua resposta. Guardar-se-ia bem de tomar conselho de quem seria simplesmente suspeito de Espiritismo, porque, primeiro, seria acreditar a coisa, e em seguida que se temeria uma solução contrária àquela que se quer. Não se reflete que só um Espírita *esclarecido* está apto a julgar as circunstâncias nas quais os fenômenos espíritas podem se produzir, como só um químico está apto a conhecer a composição de um corpo, e que, a este respeito, os Espíritas são mais *céticos* do que muitas pessoas; que longe de acreditar, por complacência, um fenômeno apócrifo, eles têm todo interesse em assinalá-lo como tal e a desmascarar a fraude.

Ressalta, no entanto, disto uma instrução: a própria irregularidade dos fatos é uma prova de sinceridade; se fossem o resultado de algum meio factício, se produziriam em dia determinado. É a reflexão que fez um jornalista que foi convidado a ir ao Grand-Hôtel; havia nesse dia alguns outros convidados notáveis, e, apesar de duas horas de espera, a jovem não obteve o menor efeito. "A pobrezinha, disse o jornalista, estava desolada, e seu rosto mostrava a inquietação. Tranqüilizai-vos, disse-lhe, não só esse fracasso não me desencoraja, mas me leva a crer o vosso relato sincero. Se houvesse algum charlatanismo ou algum truque em vosso caso, não teríeis falhado vosso golpe. Retornarei amanhã." Ele retornou, com efeito, cinco vezes seguidas, sem mais resultados; na sexta vez ela tinha deixado o hotel. "De onde concluo, acrescenta o jornalista, que a pobre senhorita Dumesnil, depois de ter construído belos castelos às expensas de suas

virtudes eletromagnéticas, teve que retomar o seu lugar na oficina de polimento do Sr. Ruolz."

Tendo sido os fatos constatados, é certo que havia nela uma disposição orgânica especial que se prestava a esse gênero de fenômeno; mas, todo subterfúgio à parte, é certo que se sua faculdade tivesse dependido *somente de seu organismo*, ela a teria tido, como os peixes elétricos, do mar e da água doce, sempre à sua disposição. Uma vez que sua vontade, seu mais ardente desejo, eram impotentes para produzirem o fenômeno, havia, pois, nesse fato, uma causa que lhe era estranha. Qual é esta causa? Evidentemente a que rege todos os fenômenos medianímicos: o concurso dos Espíritos sem o qual os médiuns, os melhores dotados, nada obtêm. A senhorita Dumesnil é um exemplo de que não estão às ordens de ninguém. Por efêmera que haja sido a sua faculdade, ela teria feito mais para a convicção de certas pessoas do que se ela fosse produzir em dias e horas fixadas sob seu comando diante do público, como nos torneios de prestidigitação.

Nada, é verdade, atesta de maneira ostensiva a intervenção dos Espíritos nesta circunstância, porque não há efeitos inteligentes, se não for a impotência em que a jovem está de agir à sua vontade. A faculdade, como em todos os efeitos medianímicos, é inerente a ela; o exercício da faculdade pode depender de uma vontade estranha. Mas, mesmo admitindo que os Espíritos ali não estejam para nada, não é menos um fenômeno destinado a chamar a atenção sobre as forças fluídicas que regem nosso organismo, e que tantas pessoas se obstinam em negar.

Se esta força fosse aqui puramente elétrica, ela denotaria, no entanto, uma importante modificação na eletricidade, uma vez que age sobre a madeira, com exclusão dos metais. Só isto valeria bem o trabalho de ser estudada.

REVISTA DOS ARTIGOS PUBLICADOS PELA IMPRENSA COM RELAÇÃO AO ESPIRITISMO.

O que quer que se diga e o que quer que se faça, as idéias espíritas estão no ar; elas aparecem de mil maneiras sob a forma de romances ou sob a de pensamentos filosóficos, e a imprensa as acolhe contanto que a palavra *Espiritismo* não seja pronunciada. Não nos bastaríamos para citar todos os pensamentos que ela registra cada dia, fazendo assim do Espiritismo sem sabê-lo. Que importa o nome, se a coisa ali está! Um dia, esses senhores ficarão admirados de ter feito do Espiritismo, como o Sr. Jourdain o fez falando em prosa. Muitas pessoas costeiam o Espiritismo sem disto desconfiar; estão sobre os limites, quando se crêem bem longe. À exceção dos materialistas puros que são certamente em minoria, pode-se dizer que as idéias da filosofia espírita correm o mundo; o que muitos repelem ainda, são as manifestações medianímicas, uns por sistema, outros, porque tendo mal observado, tiveram decepções; mas como as manifestações são fatos, será preciso, cedo ou tarde, aceitá-las. Eles se recusam ser Espíritas, unicamente pela idéia falsa que ligam a esta palavra. Que aqueles que não o alcançam pela porta direta a ele cheguem por uma porta desviada, o resultado é o mesmo; hoje o impulso está dado, e o movimento não saberá deter-se.

Por outro lado, assim como está anunciado, uma multidão de fenômenos se produzem, que parecem se afastar das leis conhecidas e desafiam a ciência naquela em que se procura em vão a explicação; silenciar sobre eles quando têm uma certa notoriedade, seria coisa difícil; ora, esses fenômenos, que se apresentam sob os aspectos mais variados, à força de se multiplicarem, acabam por despertar a atenção e pouco a pouco familiarizam com a idéia de uma força espiritual fora das forças materiais. É sempre um meio de chegar ao objetivo; os Espíritos batem de todos os lados e de mil

maneiras diferentes, de sorte que as pancadas levem sempre sobre uns ou sobre os outros.

Entre os pensamentos espíritas que encontramos em diversos jornais, citaremos os seguintes:

No discurso pronunciado, a 11 de novembro último, pelo Sr. d'Eichthal, um dos redatores do *Temps*, sobre o túmulo do Sr Charles Duveyrier, o orador se exprime assim:

"Duveyrier morreu numa calma profunda, cheio de confiança em Deus, de fé na eternidade da vida, orgulhoso de seus longos anos consagrados à elaboração e ao desenvolvimento de uma crença que deve resgatar todos os homens da miséria, da desordem e da ignorância, certo de ter pago sua dívida, de ter dado à geração que o segue mais do que havia recebido daquela que o tinha precedido; deteve-se como um obreiro valente, a sua tarefa acabada, deixando aos outros o cuidado de prosseguir-la.

"Se seu despojo mortal não atravessou os templos consagrados para chegar ao campo de repouso, não foi por um injusto desdém para com imortais crenças, mas é que nenhuma das fórmulas que teriam sido pronunciadas sobre o seu despojo daria a idéia que se fazia da vida futura. Duveyrier não desejava, não acreditava ir para o céu, gozar sem fim de uma beatitude pessoal, enquanto que a maioria dos homens estaria condenada a sofrimentos sem esperança; pleno de Deus e vivendo em Deus, mas ligado à Humanidade, é no seio da Humanidade que espera reviver para concorrer eternamente esta obra de progresso que a aproxima incessantemente do ideal divino." - (*O Temps*, 14 de novembro de 1866.)

O Sr. Duveyrier tinha feito parte da seita são-simoniana é a crença da qual é falado acima, e ao desenvolvimento da qual ele tinha consagrado vários anos de sua vida; mas suas idéias sobre o futuro da alma se aproximavam muito, como se vê, daquelas que a Doutrina Espírita ensina. No entanto, não seria preciso inferir destas palavras: "É no seio da Humanidade que ele espera reviver," que ele acreditava da reencarnação; não tinha, sobre este ponto, nenhuma idéia combinada; ele entendia por aí que a alma, em lugar de se perder no infinito, ou de se absorver numa beatitude inútil, permaneceria na esfera da Humanidade, ao progresso da qual concorreria por sua influência. Mas esta idéia é precisamente a que ensina o Espiritismo; é a do mundo invisível que nos cerca; as almas vivem no nosso meio, como vivemos no meio delas. O Sr. Duveyrier estava, pois, contradizendo a maioria de seus confrades da imprensa, não só profundamente espiritualista, mas os três quartos espírita; que lhe faltava para sê-lo completamente? Provavelmente de ter sabido o que era o Espiritismo, porque dele possuía as bases fundamentais: a crença em Deus, na individualidade da alma, sua sobrevivência e sua imortalidade; em sua presença no meio dos homens depois da morte, e sua ação sobre eles. Que diz a mais o Espiritismo? Que estas mesmas almas revelam a sua presença por uma ação direta, e que estamos incessantemente em comunhão com elas; vêm provar por fatos o que não estava no Sr. Duveyrier, e em muitos outros, senão no estado de teoria e de hipótese.

Concebe-se que aqueles que não crêem senão na matéria tangível rejeitem tudo, mas é mais surpreendente ver espiritualistas rejeitarem o que faz o fundo de sua crença. Aquele que exponha assim os pensamentos do Sr. Duveyrier sobre o futuro da alma, o Sr. d'Eichthal, seu amigo e seu correligionário em são-simonismo, que, provavelmente, partilhava até um certo ponto as suas opiniões, não é por isto um adversário menos declarado do Espiritismo; ele pouco desconfiava que o que dizia em louvor do Sr. Duveyrier era muito simplesmente uma profissão de fé espírita.

As palavras seguintes, do Sr. Louis Jourdan, do *Siécle*, a seu filho, foram reproduzidas pelo *Petit Journal* de 3 de setembro de 1866.

"Eu te sinto vivo, de uma vida superior à minha, meu Prosper, e quando soara minha última hora, consolar-me-ei de deixar aqueles que amamos juntos, pensando que vou te reencontrar e nos unir de novo. Sei que este consolo não me virá sem esforços; sei que

será preciso conquistá-lo corajosamente para minha própria melhoria, como a dos outros; farei pelo menos tudo o que estiver em meu poder fazer para merecer a recompensa que ambiciono: reencontrar-te. Tua lembrança é o farol que nos guia e o ponto de apoio que nos sustenta através das trevas que nos envolvem. Percebemos um ponto luminoso para o qual caminhamos resolutamente; este ponto é aquele em que tu vives, meu filho, junto daqueles que amei neste mundo e que partiram antes de mim para a sua vida nova."

O que de mais profundamente espírita do que estas doces e tocantes palavras! O Sr. Louis Jourdan está ainda mais perto do Espiritismo do que o Sr. Duveyrier, porque há muito tempo ele crê na pluralidade das existências terrestres, assim como se pode ver pela citação que fizemos na Revista de dezembro de 1862, página 374. Ele aceita a filosofia espírita, mas não o fato das manifestações, que não rejeita absolutamente, mas sobre o qual não está suficientemente esclarecido. É, no entanto um fenômeno bastante grave, quanto às suas conseqüências, uma vez que só ele pode explicar tantas coisas incompreendidas que se passam sob nossos olhos, para merecer ser aprofundado por um observador tal como ele; porque se as relações entre o mundo visível e o mundo invisível existem, é toda uma revolução nas idéias, nas crenças, na filosofia; é a luz lançada sobre uma multidão de questões obscuras; é o aniquilamento do materialismo; é, enfim, a sanção de suas mais caras esperanças a respeito de seu filho. Que elementos os homens que se fazem os campeões das idéias progressivas e emancipadoras hauririam na Doutrina se soubessem tudo o que ela encerra para o futuro! Deles surgirão, isto não é duvidoso, que compreenderão a força desta alavanca e saberão aproveitá-la.

O *Evénement* de 4 de novembro último reportou a historieta seguinte concernente ao célebre compositor Glück. Quando da primeira representação de *Iphigénie*, em 19 de abril de 1774, à qual assistiam Louis XVI e a rainha Marie-Antoinette, esta quis coroar, ela mesma, seu antigo professor de música. Depois da representação, Glück, mandado ao camarote do rei, ficou de tal modo emocionado que não pôde proferir uma palavra e teve apenas a força de agradecer à rainha pela atenção. Percebendo Marie-Antoinette, que trazia nessa noite um colar de rubis, Glück se endireitou: Grande Deus! exclamou, salvei a rainha! salvei a rainha! do sangue! do sangue! - Onde? exclamam de todos os lados. - Do sangue! do sangue! no pescoço! grita o músico. - Marie-Antoinette estava trêmula. Depressa um médico, disse ela, meu pobre Glück ficou louco. - O músico estava caído numa poltrona. Do sangue! do sangue! murmurava ele... Salvei a arquiduquesa Marie... salvei a rainha! - O infeliz maestro toma o vosso colar por sangue, disse o rei à Marie-Antoinette; ele tem febre. - A rainha leva a mão ao seu pescoço; ela arranca o colar, e, tomada de terror, lançou-o longe dela. Levam Glück desfalecido.

O autor do artigo termina assim:

Eis, caro leitor, a história que me contou na Ópera o músico alemão, e que reli no dia seguinte numa biografia do imortal autor de *Alceste*. Ela é verdadeira? É fantasia? Eu o ignoro. Mas não seria possível que os homens de gênio, cujo espírito elevado plana acima da Humanidade, tivessem, em certas horas de inspiração, *esta faculdade misteriosa que se chama a segunda vista?* (Albert Wolff.)

O Sr. Albert Wolff disparou mais de uma flexa no Espiritismo e nos Espíritas, e hei-lo que, por si mesmo, admite a possibilidade da segunda vista, e, o que é mais, da previsão pela segunda vista. Ele não desconfia, provavelmente a que conseqüências leva o reconhecimento de uma tal faculdade. Ainda um que costeia o Espiritismo, sem disto se aperceber, sem talvez ousar confessá-lo, e que não lhe lança menos a pedra. Se se lhe dissesse que é Espírita, ele saltaria de indignação exclamando: Eu! crer nos irmãos Davenport! porque para a maioria desses senhores, o Espiritismo está inteiramente no torneio de cordas. Não nos lembramos senão de um deles, a quem um correspondente censurava por falar do Espiritismo sem conhecê-lo, respondeu em seu jornal: "Vós vos

enganais; estudei o Espiritismo na escola dos irmãos Davenport, e a prova é que isto me custou 15 francos. "Cremos ter citado o fato em alguma parte da *Revista*. Que se lhe pode pedir mais? Dele não sabem nada.

O *Siècle*, de 27 de agosto de 1866, citou as palavras seguintes da senhora George Sand, a propósito da morte do Sr. Ferdinand Pajot:

"A morte do Sr. Ferdinand Pajot é um fato dos mais dolorosos e dos mais lamentáveis. Este jovem dotado de uma beleza notável e pertencendo a uma excelente família, era, além do mais, um homem de coração e de idéias generosas. Fomos capazes de apreciá-lo cada vez que invocamos a sua caridade para os pobres de nossa companhia. Ele dava largamente, mais largamente talvez do que seus recursos o autorizavam fazê-lo, e dava com espontaneidade, com confiança, com alegria. Era sincero, independente, bom como um anjo. Era casado há pouco tempo com uma encantadora jovem, e será lamentado como o merece. Tenho a dar-lhe, depois desta cruel morte, uma terna e maternal bênção: ilusão se se quer, mas creio que entramos melhor na vida que segue esta quando ali chegamos escoltados da estima e da afeição daqueles que acabamos de deixar."

A senhora Sand é mais explícita ainda em seu livro *Mademoiselle dela Quintinie*, Lê-se, página 318: "Senhor abade quando quereis que façamos um passo para a vossa igreja, começais por nos fazer ver um concílio reunido decretando, de mentira e de blasfêmia, o inferno das penas eternas, e tereis o direito de nos gritar: 'Vinde a nós, vós todos que quereis conhecer Deus.'"

Página 320: "Pedir a Deus para estender nossos sentidos, endurecer nosso coração, nos tornar odiosos os laços mais sagrados, é pedir-lhe para negar e destruir sua obra, retornar sobre seus passos nos fazendo retornar nós mesmos, nos fazendo retrogradar para as existências inferiores, abaixo do animal, abaixo da planta, talvez abaixo do mineral."

Página 323: "Qualquer que seja, no entanto, vossa sorte entre nós, vereis claro um dia além do túmulo, e, como não creio mais nos castigos sem fim do que nas provas sem fruto, vos anuncio que nos reencontraremos em alguma parte, onde nos entenderemos melhor, e onde nos amaremos em lugar de nos combater; mas, não mais do que vós, não creio na impunidade do mal e na eficácia do erro. Creio, pois, que expiareis o endurecimento de vosso coração pelo dilaceramento de vosso coração em alguma outra existência."

Ao lado destes pensamentos eminentemente espíritas aos quais não falta senão o nome que se obstina em lhe recusar, se encontra deles outros, um pouco menos sérios, que lembram o bom tempo das zombarias mais ou menos espirituosas sob a qual se pensava abafar o Espiritismo. Pode-se julgar, pelas amostras seguintes, que são como os foguetes perdidos do fogo de artifício.

O Sr. Ponson du Terrail, em seu *Dernier mot de Rocambole*, publicado em folhetim no *Figaro*, assim se exprime:

"No entanto, os Ingleses deram exemplo aos Americanos em matéria de superstições. As mesas girantes, antes de fazerem entre nós a alegria de *cem mil imbecis*, passaram várias estações em Londres e ali receberam uma hospitalidade das mais corteses. Pouco a pouco o relato do coveiro tinha passeado por Hampstead, cidade célebre por seus asnos e seus condutores, e as pessoas importantes do lugar não tinham hesitado um só instante para decidir que a pequena casa de campo era, à noite, assombrada por Espíritos."

O Sr. Ponson du Terrail, que concede, tão generosamente um diploma de imbecilidade a cem mil indivíduos, crê naturalmente ter mais espíritos do que eles, mas não crê ter um Espírito nele, sem isto é provável que não o enviaria ao país dos asnos.

Mas, que relação, dir-se-á sem dúvida, pode haver entre as mesas girantes e os sublimes pensamentos que citastes ainda há pouco? Há, respondemos, a mesma relação

que existe entre vosso corpo quando valsa e seu Espírito que o faz valsar; entre a rã que dançava no prato de Galvani, e o telégrafo transatlântico; entre a maçã que cai e a lei da gravitação que rege o mundo. Se Galvani e Newton não tivessem meditado sobre esses fenômenos tão simples e tão vulgares, não teríamos hoje tudo o que a indústria, as artes e as ciências deles tiraram. Se cem mil imbecis não tivessem procurado a causa que faz girar as mesas, ignoraríamos ainda hoje a existência e a natureza do mundo invisível que nos cerca; não saberíamos de onde viemos antes de nascer, e onde vamos em morrendo. Entre estes cem mil imbecis, talvez muitos creram ainda nos demônios cornudos, nas chamas eternas, na magia, nos feiticeiros e nos sortilégios. As mesas girantes são para os pensamentos sublimes sobre o futuro da alma o que o germe é para a árvore que dele saiu: são os rudimentos da ciência do homem.

Lê-se no *Echo d'Oran* de 24 de abril de 1866:

"Vem de se passar em El-Afroun um fato que afetou penosamente a nossa população. Um dos mais antigos habitantes de nossa aldeia, o Sr. Pagès, acaba de morrer. Sabemos que estava imbuído das idéias, - eu ia dizer das loucuras, - do Sr. Allan Kardec, e que fazia profissão de Espiritismo. Fora deste capricho extravagante, era um perfeito homem honesto, estimado por todos aqueles que o conheciam. Também, ficou-se admirado de saber que o Sr. cura tinha recusado enterrá-lo, sob pretexto de que o Espiritismo é contrário ao cristianismo. Não há no Evangelho: "Restituí o bem pelo mal," e se esse pobre Sr. Pagès é culpado por ter acreditado no Espiritismo, não era uma razão a mais para orar por ele!"

O Sr. Pagès, que conhecemos por correspondência há muito tempo, nos escreveu isto:

"O Espiritismo fez de mim um outro homem; antes de conhecê-lo, eu era como muitos outros; não acreditava em nada, e, no entanto, sofria ao pensamento de que, morrendo tudo está acabado para nós. Com isto experimentava às vezes um profundo desencorajamento, e me perguntava de que serve fazer o bem. O Espiritismo me fez o efeito de uma cortina que se levanta para nos mostrar uma decoração magnífica. Hoje vejo claro; o futuro não é mais duvidoso, e com isto sou muito feliz; dizer-vos a felicidade que sinto com isto me é impossível; parece-me que sou como um condenado à morte a quem se vem dizer que não morrerá, e que vai deixar sua prisão para ir a um belo país viver em liberdade. Não é, caro senhor, senão o efeito que isso deve fazer? A coragem me retornou com a certeza de viver sempre, porque compreendi que o que adquirimos em bem não é uma pura perda; compreendi a utilidade de fazer o bem; compreendi a fraternidade e a solidariedade que ligam todos os homens. Sob o domínio deste pensamento, esforcei-me por melhorar-me. Sim, posso vos dizer, sem vaidade, corriji-me de muitos defeitos, embora deles me restem ainda muitos. Sinto agora que morrerei tranqüilo, porque sei que não farei senão mudar um mau hábito que me dificulta, contra um novo no qual estarei mais à vontade."

Eis, pois, um homem que, aos olhos de certas pessoas, era razoável, sensato quando não acreditava em nada, e que é tachado de louco apenas sobre o fato de ter acreditado na imortalidade de sua alma, pelo Espiritismo; e são essas mesmas pessoas, que não crêem nem na alma nem na prece, que atiraram a pedra por suas crenças, quando vivo, e o perseguem com os seus sarcasmos até depois de sua morte, que invocam o *Evangelho* contra o ato de intolerância e a recusa de preces da qual foi objeto, ele que não acreditou no Evangelho e na prece senão pelo Espiritismo!

SANTO AGOSTINHO ACUSADO DE CRETINISMO.

Sob o título de *Cretinismo, a Vedette du Limbourg*, jornal de Tongres, na Bélgica, de 1^a de setembro de 1866, contém o artigo seguinte, reproduzido segundo a *Gazette de Huy*.

"Um livro, dado como prêmio num pensionato de religiosas, nos caiu na mão. Abrimo-lo, e o acaso nos fez ler, entre outras curiosas passagens, a seguinte, bem digna, nos parece, de ser posta sob os olhos do leitor. A questão do papel desempenhado pelos anjos. Quem quer que a percorra, certamente, não deixará de se perguntar como é possível que uma obra contendo semelhantes absurdos possa encontrar um editor. Na nossa opinião, aquele que imprime semelhantes asneiras é tão culpado quanto aquele que as escreve. Sim, não tememos afirmá-lo, autor e impressor devem ser considerados mestres em cretinismo por ousarem lançar semelhantes desafios à razão, à ciência, que dizemos! ao mais vulgar bom senso. Eis a passagem da qual se trata:

"Segundo Santo Agostinho, o mundo visível é governado por criaturas invisíveis, por puros Espíritos, e há mesmo anjos que presidem a cada coisa visível, a todas as espécies de criaturas que estão no mundo, quer sejam animadas, quer sejam inanimadas.

"Os céus e os astros têm seus anjos motores; as águas têm um anjo particular, como está narrado no Apocalipse; o ar tem seus anjos que governam os ventos, como se vê no mesmo livro, que nos ensinam além disto que o elemento do fogo tem também os seus. Os reinos têm seus anjos; as províncias os têm também que as guardam, como se observa na Gênese, porque os anjos que apareceram a Jacó eram os guardiães das províncias por onde ele passava, etc."

"Pode-se julgar por esta amostra do gênero de leitura que faz a juventude educada nos conventos. É possível conceber, - se nos passará a expressão, - alguma coisa de mais profundamente estúpida?

"Para encher a medida, o editor faz preceder a obra de uma advertência onde se podem ler estas linhas: "Em seu livro, que não convém menos aos eclesiásticos do que aos laicos, o autor desdobra uma força de razão e de estilo que esclarece e segura o espírito; de sua pena decorre uma unção que penetra e ganha o coração. É a obra de um homem profundamente versado na espiritualidade."

"Nós dizemos, nós: é a obra de um homem tornado louco do ascetismo, muito mais a lamentar do que a censurar."

Até o presente Santo Agostinho foi respeitado por aqueles mesmos que não partilhavam suas crenças. Apesar dos erros manifestos que tinham no estado dos conhecimentos científicos do seu tempo, ele é universalmente considerado como um dos gênios, uma das glórias da Humanidade, e eis que uma tirada de caneta, um obscuro escritor, um desses jovens que se crêem a luz do mundo lança a lama sobre este célebre secular, pronuncia contra ele, por sua alta razão, a acusação de cretinismo, e isto porque Santo Agostinho acreditava nas criaturas invisíveis, nos puros Espíritos presidindo a todas as coisas visíveis. Nessa conta, quantos cretinos não há entre os literatos contemporâneos mais estimados! Não nos surpreenderíamos em ver um dia acusar de cretinismo Chateaubriand, Lamartine, Victor Hugo, George Sand e tantos outros. Eis a escola que aspira a regenerar a sociedade pelo materialismo; também pretende ela que a Humanidade volte à demência; mas pode-se estar tranqüilo, seu reino, se jamais chegar, será de curta duração. Ela sente bem a sua fraqueza contra a opinião geral que a repele, é porque se agita com uma espécie de frenesi.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NOVOS PRINCÍPIOS DE FILOSOFIA MÉDICA. Pelo doutor Chauvet, de Tours (1).
(1) Vol. in-12, preço 3 f r. Tours, casa Guillard-Verger. - Paris, casa Baillière, 19, rua Hautefeuille.

No nosso número de outubro, não pudemos senão anunciar esta obra, lamentando que a extensão dos artigos cuja publicação não podia ser retardada, nos haja impedido de dar conta dela mais cedo.

Se bem que, por sua especialidade, esse livro parece estranho às matérias que nos ocupam, a elas se liga, no entanto, pelo próprio princípio sobre o qual se apoia, porque o autor faz, sem cerimônia, intervir o princípio espiritualista na ciência mais manchada de materialismo. Ele não faz da espiritualidade mística como alguns a compreendem, mas, podendo-se assim dizer, da espiritualidade positiva e científica. Ele se prende a demonstrar a existência do princípio espiritual que está em nós, a sua conexão com o organismo com a ajuda do laço fluídico que os une, o papel importante que esses dois elementos desempenham na economia, os erros inevitáveis nos quais caem, forçosamente, os médicos que relacionam tudo à matéria, e as luzes das quais se privam negligenciando o princípio espiritual. A passagem seguinte indica suficientemente o ponto de vista sob o qual ele encara a questão.

"Em suma, diz ele (página 34), a constituição humana resulta:

1° De um princípio espiritual, independente, ou alma imortal;

2- De um corpo fluídico permanente;

3° De um organismo material, dissolúvel, animado durante a vida por um fluido especial.

"A união temporária do primeiro destes elementos constitutivos com o terceiro se opera pela combinação de seus fluidos respectivos (*fluido perispiritual* e fluido vital), de onde resulta um fluido misto que, ao mesmo tempo que penetra todo o corpo, irradia ao seu redor, às vezes a grandes distâncias e através de todos os obstáculos, assim como o demonstram os fenômenos magnéticos, sonambúlicos e outros, que o materialismo de todas as cores repele com um desdém soberbo, sob pretexto de maravilhoso e de malabarismo, porque vêm atacar vivamente suas teorias insensatas."

Da ação do elemento fluídico sobre o organismo, ele chega à demonstração, de alguma sorte matemática, da força de ação das quantidades infinitesimais sobre a economia. Esta demonstração nos pareceu nova, e uma das mais claras que lemos. Deixamos aos homens especiais a apreciação da parte técnica que não discutimos; mas do ponto de vista filosófico, esta obra é uma das primeiras aplicações, à ciência positiva, das leis reveladas pelo Espiritismo, e, a este título, tem seu lugar marcado nas bibliotecas espíritas. Embora o nome do Espiritismo não seja mesmo pronunciado, o autor pode estar seguro de não ter a aprovação das pessoas que tomaram o partido da negação sobre tudo o que toca à espiritualidade.

OS DOGMAS DA IGREJA DO CRISTO EXPLICADOS PELO ESPIRITISMO

Por Apolon de Boltinn (1)

(-1) vol. ín-8ª, traduzido do russo, preço: 4 fr.-Paris, casa Reinwald, 15, rua dos Saints-Pères.).

O assunto deste livro apresenta um escolho perigoso que o autor prudentemente evitou, abstendo-se de tratar as questões que não estão na ordem do dia, e sobre as quais o Espiritismo não foi chamado ainda a se pronunciar. O Espiritismo, não admitindo como princípios confessados senão aqueles que receberam a sanção do ensino geral, as soluções que podem ser dadas sobre as questões não ainda elaboradas, não são senão opiniões pessoais dos homens ou dos Espíritos, suscetíveis de receberem mais tarde o desmentido da experiência; essas soluções prematuras não saberiam empenhar a responsabilidade da Doutrina, mas poderiam desviar a opinião pública fazendo crer que

as aceita. O que perfeitamente compreendeu o Sr. de Boltinn, e o felicitamos por isto. Também seu livro pode ser aprovado pelo Espiritismo e colocado entre as obras chamadas a prestar serviço à causa. Ele está escrito com prudência, moderação, método e clareza. Vê-se que o autor fez um estudo profundo das Escrituras Santas e dos teólogos da Igreja latina e da Igreja Grega, sobre as quais comenta e explica como homem que conhece o terreno sobre o qual se coloca. Seus argumentos têm a força dos fatos, da lógica e da concisão. Que o livro de nosso irmão da Rússia seja bem-vindo entre nós. É assim que, em nome do Espiritismo, todos os povos se dão a mão.

A UNIÃO ESPÍRITA BORDALEZA.

Soubemos com uma viva satisfação que a *Union spiritebordelaise* vai retomar o curso de suas publicações, momentaneamente interrompidas por uma longa e grave enfermidade de seu diretor, e das circunstâncias independentes da vontade deste.

NO PRELO:

L'Echo poétique d'outre-tombe, poesias medianímicas, obtidas pelo Sr. Vavasseur. - Esta coletânea formará 1 vol. gr. in-18 de 200 páginas mais ou menos, formato do *O que é o Espiritismo?* Preço: 2 fr.; pelo correio: 2 fr. 20 c.

NECROLOGIA.

SENHORA DOZON; -SR. FOURNIER; -SR. D'AMBEL

O Espiritismo vem de perder um de seus mais fervorosos adeptos na pessoa da senhora Dozon, viúva do Sr. Henri Dozon, autor de várias obras sobre o Espiritismo, falecido em 1º de agosto de 1865. Ela faleceu em Passy, em 22 de novembro de 1866.

A senhora Dozon, atingida por uma doença orgânica incurável, estava, há muito tempo, num estado de enfraquecimento e de sofrimentos extremos, e via a morte se aproximar a cada dia; ela a encarava com a serenidade de uma alma pura, que tem a consciência de não ter feito senão o bem, e profundamente convencida de que isso não era senão a passagem de uma vida de provas para uma vida melhor, no limiar da qual ela iria encontrar, para recebê-la, seu caro marido e aqueles que ela havia amado. Suas previsões não se enganaram; a vida espiritual, à qual estava iniciada, realizou todas as suas esperanças e além. Ali recolheu os frutos de sua fé, de seu devotamento, de sua caridade para com aqueles que lhe fizeram mal, de sua resignação nos sofrimentos, e da coragem com a qual ela sustentou suas crenças contra aqueles que delas lhe faziam um crime. Se nela o corpo era fraco, o Espírito tinha conservado toda a sua força, toda a sua lucidez até o último momento; ela morreu com todo o seu conhecimento, como alguém que parte em viagem, não levando com ela nenhum traço de amargor contra aqueles com os quais tinha a se lamentar. Seu desligamento foi rápido, e a perturbação de curta duração, também pôde se manifestar antes mesmo da inumação. Sua morte e seu despertar foram os de um Espírita de coração, que se esforçou para pôr em prática os preceitos da Doutrina.

Sua única apreensão era de ser enterrada viva, e este pensamento a perseguiu até o fim. "Parece-me, dizia ela, que me vejo na fossa, e que me sufoco sob a terra que ouço

cair sobre mim." Depois de sua morte ela explicou este medo dizendo que, em sua precedente existência, ela tinha morrido assim, e que a terrível impressão que seu Espírito tinha sentido, despertou no momento de morrer de novo.

Nenhuma prece espírita foi dita ostensivamente sobre o seu túmulo, para não ferir certas suscetibilidades, mas a Sociedade Espírita de Paris, da qual ela fazia parte, reuniu-se no lugar de suas sessões, depois da cerimônia fúnebre, para lhe renovar o testemunho de suas simpatias. O Espiritismo viu partir um outro de seus representantes na pessoa do Sr. Fornier-Duplan, antigo negociante, falecido em Rocheford-sur-Mer, em 22 de outubro de 1866. O Sr. Fornier-Duplan era, há muito tempo, um adepto sincero e devotado, compreendendo o verdadeiro objetivo da Doutrina, da qual se esforçava em por em prática os ensinamentos. Era um homem de bem, amado e estimado por todos aqueles que o conheceram, um daqueles que o Espiritismo se honra de contar em suas fileiras; os infelizes perdem nele um sustentáculo. Ele tinha tirado em suas crenças o remédio contra a dúvida sobre o futuro, a coragem nas provas da vida, e a calma de seus últimos instantes. Como a senhora Dozon e tantos outros, ele partiu cheio de confiança em Deus, sem apreensão do desconhecido, porque sabia para onde ia, e sua consciência lhe dava a esperança de ali ser acolhido com simpatia pelos bons Espíritos. Sua esperança não se enganou, não mais, e as comunicações que deu provam que ali ocupou o lugar reservado aos homens de bem.

Uma morte que nos surpreendeu quanto nos afligiu foi a do Sr. D'Ambel, antigo diretor do jornal o *Avenir*, falecido em 17 de novembro de 1866. Suas exéquias tiveram lugar na igreja Notre-Dame de Lorette, sua paróquia. A malevolência dos jornais que dele falaram se revelou, nesta circunstância de maneira lamentável, pela sua afetação em fazer ressaltar, exagerar, envenenar, como se tivesse prazer em revirar o ferro na ferida, tudo o que esse morto podia ter de penoso, sem consideração pelas suscetibilidades de família, esquecendo até o respeito que se deve aos mortos, quaisquer que sejam suas opiniões ou suas crenças quando vivos. Esses mesmos jornais teriam gritado ao escândalo e à profanação contra quem tivesse falado dessa maneira de um dos seus; mas vimos, pela citação que fizemos mais acima, a propósito da morte do Sr. Pagès, que o próprio túmulo não é respeitado por certos adversários dos Espiritismo.

Os homens imparciais, no entanto, prestarão aos Espíritos a justiça de reconhecer que *jamais* estes se afastaram do respeito, das conveniências e das leis da caridade, na morte daqueles que foram seus maiores inimigos, e que os tinham atacado com o menor dos comedimentos; contentam-se em orar por eles.

Vimos, com prazer, o jornal te *Pays*, de 25 de novembro, embora num artigo pouco simpático à Doutrina, realçar com energia essa falta de procedimento de alguns de seus confrades, e censurar, como o merece, a intromissão da publicidade nas coisas íntimas da família. O *Siècle*, de 19 de novembro, tinha também dado conta do acontecimento com todos as reservas desejáveis. Acrescentaremos que o defunto não deixa filhos, e que sua viúva se retirou para a sua família.

AVISO.

A *Revista Espírita* comemora em 1º de janeiro próximo seu décimo ano. Os senhores assinantes, que não quiserem ficar atrasados, são convidados a renovar a sua assinatura antes de 31 de dezembro.

O número de janeiro será, como de hábito, dirigido a todos os antigos assinantes; os números seguintes não o serão à medida das renovações.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

COLETÂNEA FRANCESA

CONTENDO

Os fatos de manifestação dos Espíritos, assim como todas as notícias relativas ao Espiritismo. - O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do mundo invisível, sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e seu futuro. - A história do Espiritismo na antigüidade; suas relações com o magnetismo e o sonambulismo; a explicação das lendas e crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc.

PUBLICADA SOB A DIREÇÃO

DE ALLAN KARDEC

Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.
O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito

DÉCIMO ANO. – 1867

INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPIRITA

Av Otto Barreto, 1067 - Caixa Postal 110
Fone: (19) 541-0077 - Fax: (19) 541-0966
CEP 13 602 970 - Araras - Estado de São Paulo - Brasil
C.G.C. (MF) 44.220.101/0001-43 Inscrição Estadual 182 010 405.118

Título original em francês:

REVUE SPIRITE

JOURNAL D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES

Tradução: SALVADOR GENTILE

Revisão: ELIAS BARBOSA

1ª edição - 1.000 exemplares - 1999
© 1999, Instituto de Difusão Espírita

ÍNDICE GERAL DAS MATÉRIAS

DO DÉCIMO VOLUME

ANO 1867

JANEIRO

Aos nossos correspondentes

Golpe de vista retrospectivo sobre o movimento do Espiritismo

Pensamentos espíritas que correm o mundo

Os romances espíritas: O Assassinato do Pont-Rouge, por Ch. Barbara

Variedades: Retrato físico dos espíritas

Necrologia: Sr Leclerc

Notícias bibliográficas: *Poesias diversas do mundo invisível*

Retrato do Sr Allan Kardec, pelo Sr Bertrand

Union Spiritede Bordeaux

Voce di Dio

Retificação ao Evangelho de MRoustaing

Aviso aos Srs Assinantes

FEVEREIRO

O livre pensamento e a livre consciência

As três filhas da Bíblia

O abade Lacordaire e as mesas girantes

Refutação da intervenção do demônio, pelo Mons Freyssinous, bispo de Hermópolis

Variedades: Eugénie Colombe Precocidade fenomenal

Tom, o cego, músico natural

Suicídio dos animais

Poesias espíritas: Lembrança

Dissertações espíritas: As três causas principais das doenças

A Clareza

Comunicação providencial dos Espíritos

Notícias bibliográficas: Mirette; romance espírita, pelo Sr ÉlieSauvage

Ecos poéticos de Além-Túmulo, pelo Sr Vavasseur

Nova teoria médico-espírita, pelo doutor Brizio, de Turim

O Livro dos Médiuns em espanhol

MARÇO

Da Homeopatia nas doenças morais

Exploração das idéias espíritas; a propósito dos relatórios de Mirette

Robinson Crusoe espírita

Tolerância e Caridade Carta do novo arcebispo de Alger

Lincoln e seu assassino

Poesias espíritas: A BernardPalissy, pela srta Lieutaud

A liga do ensino

Dissertações espíritas: Comunicação coletiva

Mangin, o charlatão

A solidariedade

Tudo vem a seu tempo

O respeito devido às crenças passadas (Lacordaire)

A comédia humana (Eug. Sue)

Noticias bibliográficas: Lumen, relato de outra Terra, por Camille Flammarion

ABRIL

Galileu; a propósito do drama do Sr Ponsard
Do espírito profético, pelo conde Joseph de Maistre
A liga do ensino (2º artigo)
Manifestações espontâneas: Moinho de Vicq-Sur-Nahon
Id. de Ménilmontant
Dissertações espíritas-Missão da Mulher
Bibliografia- Mudança do título *deLaVérité*
Carta de um espiritista (Carta de um espírita)

MAIO

Atmosfera espiritual
O emprego da palavra milagre
Revista retrospectiva das idéias espíritas- Punição do ateu
Uma expiação terrestre O jovem François
Salileu Fragmentos do Drama do Sr Ponsard
Lumem (2ºartigo)
Dissertações espíritas- A vida espiritual
Provas terrestres dos homens em missão
O Gênio

JUNHO

Emancipação das mulheres nos Estados Unidos
Da Homeopatia no tratamento das doenças morais (º artigo)
O sentido espiritual
Grupo curador de Marmande- Intervenção dos parentes nas eu rãs
Nova sociedade espírita de Bordeaux
Necrologia- Sr. Quineman (deSétif)
O conde D'Ourches
Dissertações espíritas-O magnetismo e o Espiritismo comparados
Bibliografia- União Espírita de Bordeaux
Progrès spiritualiste
Pesquisas sobre as causas do ateísmo
Le Roman deTavenir

JULHO

Curta excursão espírita
A lei e os Médiuns curadores
Illiers e os Espíritas
Epidemia da Ilha Maurice
Variedades
-Fato de identidade
Poesia espírita
-Aos Espíritos Protetores
Bibliografia
-O Romance do futuro
Dissertações espíritas
-Luta dos Espíritos para retornar bem

AGOSTO

Femande, novela espírita
Simonet, médium curador em Bordeaux
Entrada de incrédulos no mundo dos espíritos -O doutor Claudius
Um operário de Marseille
Variedades- A liga do ensino
Senhora Walker, doutora em cirurgia

O Iman, grande capelão do Sultão
Jean Ryzak. O poder do remorso - Estudo moral
Dissertações espíritas - Plano de campanha
A era nova
Considerações sobre o sonambulismo espontâneo
Os espíões
A responsabilidade moral

Reclamação ao jornal *La Marionnette*

SETEMBRO

Caracteres da Revelação Espírita
Robinson Crusoe Espírita (continuação)
Bibliografias - Deus na natureza, por Camille Flammarion

OUTUBRO

O Espiritismo por toda a parte; a propositadas poesias do Sr Marteau
Senhora condessa Adelaide de Clérambert
Os médicos médiuns
O magistrado Hassan Curador tripolitano, ou a bênção do sangue
Ozuavo Jacob
Dissertações espíritas- Conselhos sobre a mediunidade curadora
Os adeuses

NOVEMBRO

Impressões de um médium inconsciente, a propósito do Romance do futuro Pelo Sr.
Bonnemère
O cura Gassner, médium curador
Os pressentimentos e os prognósticos
O zuavo Jacob (2º artigo)
Notícias bibliográficas - A razão do Espiritismo, por Michel Bonnamy
La Gênese, lês miracles et lês prédications, segundo o Espiritismo,
por Allan Kardec

Aviso sobre cartas não assinadas Resposta ao Sr SB

DEZEMBRO

O homem diante da história; antigüidade da raça humana, por C Flammarion
Um ressuscitado contrariado Extraído da viagem do SrVictor Hugo, em Zélande
Carta de Benjamin Franklin sobre a preexistência
Reflexo da preexistência, por Jean Raynaud
Jeanne D'Arc e seus comentadores
A jovem camponesa de Monin; aparição
Algumas palavras à Revista Espírita, pelo jornal *Exposition populaire illustrée*
O abade de Saint-Pierre
Dissertações espíritas- Dos erros científicos
A exposição

ERRATA

Número de julho de 1867, página 196, 10ª linha: As pessoas mais *ilustres* compreendem... - Lede: *illettrés*.

Número de novembro de 1867, página 341, 40ª linha: É pois o fluido que agita *sem* o impulso do Espírito...- Lede: *sob* o impulso.

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

10º ANO

NO. 1

JANEIRO 1867

AOS NOSSOS CORRESPONDENTES

A época da renovação das assinaturas, a 1^o de janeiro, é, como todos os anos, para a maioria de nossos correspondentes da França e do estrangeiro, a ocasião de nos dar novos testemunhos de simpatia dos quais somos profundamente tocados.

Na impossibilidade material em que nos encontramos de responder a todos, rogamos-lhes consentirem em receber aqui a expressão de nossos agradecimentos sinceros e da reciprocidade de nossos votos, rogando-lhes estarem persuadidos de que não nos esquecemos, em nossas preces, de nenhum deles, encarnados ou desencarnados, que se nos recomendam.

Os testemunhos que se consentem nos dar são, para nós, poderosos encorajamentos e muito doces compensações que nos fazem esquecer facilmente as dificuldades e as fadigas do caminho. E como não as esqueceríamos, quando vemos a Doutrina crescer sem cessar, superar todos os obstáculos, e que cada dia nos traz novas provas do benefício que distribui! Agradecemos a Deus do insigne favor que nos concede de ser testemunha de seus primeiros sucessos, e de entrever o seu futuro. Nós lhe rogamos nos dar as forças físicas e morais necessárias para cumprir o que nos resta fazer antes de retornar ao mundo dos Espíritos.

Aqueles que querem fazer muitos votos para o prolongamento de nossa estada neste mundo, no interesse do Espiritismo, diremos que ninguém é indispensável para a execução dos desígnios de Deus; o que fizemos, outros teriam podido fazê-lo, e o que não podemos fazer, outros o farão; quando, pois, lhe aprouver nos chamar, ele saberá prover a continuação de sua obra. Aquele que está chamado a tomar-lhe as rédeas cresce na sombra e se revelará, quando disto for tempo, não por sua pretensão a uma supremacia qualquer, mas *por seus atos* que o assinalarão à atenção de todos.

Nesta hora ele próprio se ignora, e é útil, para o momento, que se mantenha ainda à parte.

Cristo disse: "Quem se eleva será rebaixado." É, pois, entre os humildes de coração que ele será escolhido, e não entre aqueles que quererão se elevar de sua própria autoridade e contra a vontade de Deus; aqueles disso não recolherão senão vergonha e humilhação, porque os orgulhosos e os presunçosos serão confundidos. Que cada um leve a sua pedra ao edifício e se contente com o papel de simples obreiro; Deus, que lê no fundo dos corações, saberá dar a cada um o justo salário do seu trabalho.

A todos os nossos irmãos em crença diremos: "Coragem e perseverança, porque o momento das grandes provas se aproxima. Fortalecei-vos nos princípios da Doutrina, e penetrai-os cada vez mais; alargai as vossas vistas; elevai-vos pelo pensamento acima do círculo limitado do presente, de maneira a abarcar o horizonte do infinito; considerai o futuro, e então a vida presente, com seu cortejo de misérias e de decepções, vos aparecerá como um ponto imperceptível, como um minuto doloroso que logo não deixa mais traços

na lembrança; as preocupações materiais parecem mesquinhas e pueris junto aos esplendores da imensidão.

Felizes aqueles que tirarem, na sinceridade de sua fé, a força da qual terão necessidade: aqueles bendirão a Deus de lhes ter dado a luz; reconhecerão a sua sabedoria em seus objetivos insondáveis e nos meios, quaisquer que sejam, que emprega para o seu cumprimento. Caminharão através dos escolhos com a serenidade, a firmeza e a confiança que dá da certeza de atingir o porto, sem se deter nas pedras que ferem os pés.

É nas grandes provas que se revelam as grandes almas; é então também que se revelam os corações verdadeiramente espíritas, pela coragem, pela resignação, pelo devotamento, pela abnegação, e pela caridade sob todas suas formas, dos quais dão o exemplo. (Ver artigo do mês de outubro de 1866: Os tempos são chegados.)

GOLPE DE VISTA RETROSPECTIVO

SOBRE O MOVIMENTO DO ESPIRITISMO.

Não é duvidoso para ninguém, muito mais para os adversários do que para os partidários do Espiritismo, que esta questão agita, mais do que nunca, os espíritos. Esse movimento é, como alguns afetam dizer, um fogo de palha? Mas esse fogo de palha dura há quinze anos, em lugar de se extinguir, a sua intensidade não faz senão crescer ano a ano; ora, não está aí o caráter das coisas efêmeras e que não se dirigem senão à curiosidade. O último levante geral sob o qual esperava-se abafá-lo, não fez senão reavivá-lo superexcitando a atenção dos indiferentes. A tenacidade desta idéia nada tem que possa surpreender quem sondou a profundidade e a multiplicidade das raízes pelas quais ela se liga aos mais sérios interesses da Humanidade. Aqueles que se espantam com isto dele não viram senão a superfície; a maioria mesmo não o conhece senão pelo nome, mas não lhe compreende nem o objetivo, nem a importância.

Se uns combatem o Espiritismo por ignorância, outros o fazem precisamente porque lhe sentem toda a importância, que nele pressentem o futuro e nele vêem um poderoso elemento regenerador. É preciso muito se persuadir de que certos adversários se converteram. Se eram menos convencidos das verdades que ele encerra, não lhe farão tanta oposição. Sentem que a garantia de seu futuro está no bem que ele faz; fazer ressaltar esse bem aos seus olhos, longe de acalmá-los, é acrescentar à causa de sua irritação. Tal foi, no século XV, a numerosa classe dos escreventes copistas que teriam de boa vontade feito queimar Gutenberg e todos os impressores; assim não teria sido em lhes demonstrando os benefícios da imprensa, que ia suplantá-los, que os teria apaziguado.

Quando uma coisa está na verdade e que o tempo de sua eclosão chegou, apesar de tudo ela caminha sozinha. A poderosa ação do Espiritismo está atestada pela sua expansão persistente, apesar do pouco esforço que fez para se difundir. É um fato constatado, que *os adversários do Espiritismo dispensaram mil vezes mais força para abatê-lo, sem a isto chegar, do que seus partidários não o empregaram para propagá-lo.* Ele avança por assim dizer sozinho, semelhante a um curso de água que se infiltra nas terras, e abre uma passagem à direita se se o detém à esquerda, e pouco a pouco mina as pedras mais duras e acaba por fazer desmoronar as montanhas.

Um fato notório é que, *em seu conjunto*, a marcha do Espiritismo não sofreu nenhum tempo de parada; ela pôde ser entravada, comprimida, abrandada em algumas localidades pelas influências contrárias; mas, como o dissemos, a corrente, barrada em um ponto, se divide em uma multiplicidade de filetes. No entanto, à primeira vista dir-se-ia que a sua marcha é menos rápida do que o foi nos primeiros anos; disto é preciso inferir que se a desampara, que encontra menos simpatias? Não, mas simplesmente que o trabalho que se realiza, neste momento, é diferente, e, por sua natureza, menos ostensivo.

Desde o início, como já dissemos, o Espiritismo reuniu nele todos os homens nos quais estas idéias, de alguma sorte, estavam em estado de intuição; ele bastou se apresentar para ser compreendido e aceito. Imediatamente, ele recolheu abundantemente por toda a parte onde encontrou o terreno preparado. Feita esta primeira colheita, restavam os terrenos incultos que necessitaram de mais trabalho. Agora, é através das opiniões refratárias que ele deverá mostrar-se, e é o período em que nos encontramos. Semelhante ao mineiro que ergue sem dificuldade as primeiras camadas de terra móvel, ele chegou à rocha que é preciso cortar, e no seio da qual não pode penetrar senão pouco a pouco. Mas não há rocha, tão dura que seja, que resista indefinidamente a uma ação dissolvente contínua. Sua marcha é, pois, ostensivamente menos rápida, mas se, num tempo dado, não reúne também grande número dos adeptos francamente devotados, não abala menos as convicções contrárias, que caem, não de repente, mas pedaço a pedaço, até que a passagem seja feita. É o trabalho ao qual assistimos, e que marca a fase atual da Doutrina.

Esta fase é caracterizada por sinais inequívocos. Examinando-se a situação, torna-se evidente que a idéia ganha a cada dia terreno, que ela se aclimata; encontra menos oposição; dela se ri menos, e aqueles mesmos que não a aceitam ainda, começam a lhe conceder o direito de burguesia entre as opiniões. Os Espíritas não são mais mostrados ao dedo como outrora e considerados como animais curiosos; é o que, sobretudo, aqueles que viajam estão em condições de constatar. Por toda a parte encontram mais simpatia, ou menos antipatia pela coisa. Não se pode negar que não esteja aí um progresso real.

Para compreender as facilidades e as dificuldades que o Espiritismo encontra em seu caminho, é preciso se representar a diversidade das opiniões através das quais ele deve abrir uma passagem. Não se impondo jamais nem pela força nem pelo constrangimento, mas unicamente pela convicção, encontrou uma resistência mais ou menos grande, segundo a natureza das convicções existentes, com as quais podia mais ou menos facilmente assimilar, das quais umas o receberam de braços abertos, ao passo que outras o repeliram com obstinação.

Duas grandes correntes de idéias dividem a sociedade atual: o Espiritualismo e o materialismo; embora este último forme uma incontestável minoria, não se pode se dissimular que haja tomado uma grande extensão há alguns anos. Um e o outro se fracionam em uma multidão de nuances que podem se resumir nas principais categorias seguintes:

1^o Os *fanáticos* de todos os cultos, - 0.

2- Os *crentes satisfeitos*, tendo convicções absolutas, fortemente atrasadas e sem restrição, embora sem fanatismo, sobre todos os pontos do culto que professam e que com eles estão satisfeitos. Esta categoria compreende também as seitas que, por isto mesmo que elas fizeram cisão e operaram reforma, se crêem na posse de toda a verdade, e são, às vezes, mais absolutas que as religiões mães. - 0.

3^o Os *crentes ambiciosos*, inimigos das idéias emancipadoras que poderiam lhes fazer perder o ascendente que exercem sobre a ignorância. - 0.

4^o Os *crentes pela forma*, que, por interesse, simulam uma fé que não têm, e quase sempre se mostram mais rígidos e mais intolerantes do que os religiosos sinceros. - 0.

5^o Os *materialistas por sistema*, que se apoiam sobre uma teoria raciocinada e da qual muito se obstinam contra a evidência, por orgulho, para não confessar que puderam se enganar; eles são, na maioria, tão absolutos e tão intolerantes em sua incredulidade quanto os fanáticos religiosos o são em sua crença. - 0.

6^o Os *sensualistas*, que repelem as doutrinas espiritualistas e espíritas com medo que venham lhes perturbar em seus gozos materiais. Fecham os olhos para não ver. - 0.

7^o Os *negligentes*, que vivem o dia-a-dia sem se preocupar com o futuro. A maioria não saberia dizer se são espiritualistas ou materialistas; o presente é para eles a única coisa séria. - 0.

8- Os *panteístas*, que não admitem uma divindade pessoal, mas um princípio espiritual universal no qual se confundem as almas, como as gotas de água no oceano, sem conservar a sua individualidade. Esta opinião é um primeiro passo para a espiritualidade, e, conseqüentemente, um progresso sobre o materialismo. Embora um pouco menos refratários às idéias espíritas, aqueles que a professam são em geral muito absolutos, porque é, neles, um sistema preconcebido e racional, e que muitos não se dizem panteístas senão para não se confessarem materialistas. É uma concessão que fazem às idéias espiritualistas para salvar as aparências. - 1.

9- Os *deístas*, que admitem a personalidade de um Deus único, criador e soberano senhor de todas as coisas, eterno e infinito em todas as suas perfeições, mas rejeitam todo culto exterior. - 3.

10- Os *espiritualistas sem sistema*, que não pertencem, por convicção, a nenhum culto, sem repelir nenhum deles, mas que não têm nenhuma idéia decretada sobre o futuro. - 5

11- Os *crentes progressistas*, ligados a um culto determinado, mas que admitem o progresso na religião, e o acordo das crenças com o progresso das ciências. - 5.

12- Os *crentes não satisfeitos*, em que a fé é indecisa ou nula sobre os pontos de dogmas que não satisfazem completamente a sua razão, e que a dúvida atormenta. - 8.

13- Os *incrédulos por falta de melhor*, cuja maioria passou da fé à incredulidade e à negação de tudo, por falta de ter encontrado nas crenças, nas quais foram embalados, uma sanção satisfatória para a sua razão, mas nos quais a incredulidade deixa um vazio que ficariam felizes em ver preenchido. - 9.

14- Os *livres pensadores*, nova denominação pela qual se designam aqueles que não se sujeitam à opinião de ninguém em matéria de religião e de espiritualidade, que não se crêem ligados pelo culto onde o nascimento os coloca sem seu consentimento, nem obrigados à observação de quaisquer práticas religiosas. Esta qualificação não especifica nenhuma crença determinada; ela pode se aplicar a todas as nuances do espiritualismo racional, tão bem quanto à incredulidade mais absoluta. Toda crença eclética pertence ao livre pensamento; todo homem que não se guia na fé cega é, por isto mesmo, livre pensador; a esse título, os Espíritas são também livres pensadores. Mas para aqueles que se podem chamar os radicais do livre pensamento, esta designação tem uma acepção mais restrita e, por assim dizer, exclusiva; para eles, ser livre pensador não é somente crer naquilo que se vê, é não crer em nada; é libertar-se de todo o freio, mesmo do temor de Deus e do futuro; a espiritualidade é uma tortura, e não a querem. Sob o símbolo da emancipação intelectual, procuram dissimular o que a qualidade de materialista e de ateu tem de repulsiva para a opinião das massas; e, coisa singular, é que em nome deste símbolo, que parece ser o da tolerância por todas as opiniões, atiram a pedra a quem não pense como eles. Há, pois, uma distinção essencial a fazer entre aqueles que se dizem *livres pensadores*, como entre aqueles que se dizem *filósofos*. Eles se dividem naturalmente em:

Livres pensadores incrédulos, que entram na 5ª categoria. - 0. Livres pensadores crentes, que pertencem a todas as nuances do espiritualismo racional. - 9.

15- Os *Espíritas de intuição*, aqueles em que as idéias espíritas são inatas, e que as aceitam como uma coisa que não lhes é estranha. -10.

Tais são as camadas de terreno que o Espiritismo deve atravessar.

Lançando um golpe de vista sobre as diferentes categorias acima, é fácil de ver as que junto às quais ele encontra um acesso mais ou menos fácil, e as que contra às quais se choca a picareta contra o granito. Ele não triunfará destas senão com ajuda dos *novos elementos* que a renovação trará à Humanidade: esta é a obra Daquele que dirige tudo e que faz surgir os acontecimentos de onde deve sair o progresso.

As cifras colocadas em seguida de cada categoria indicam aproximadamente a proporção do número de adeptos, sobre 10, que cada uma forneça ao Espiritismo.

Admitindo-se, em média, a igualdade numérica entre essas diferentes categorias, vê-se que a parte refratária, pela sua natureza, abarca quase a metade da população. Como ela possui a audácia e a força material, não se limita a uma resistência passiva: é essencialmente agressiva; daí uma luta inevitável e necessária. Mas este estado de coisas não pode ter senão um tempo, porque o passado se vai e o futuro chega; ora, o Espiritismo caminha com o futuro.

É, pois, na outra metade que o Espiritismo deve recrutar, e o campo a explorar é muito vasto; é ali que deve concentrar seus esforços e que verá seus limites recuarem. No entanto, essa metade longe de lhe ser inteiramente simpática, ali encontra resistências renitentes, mas não insuperáveis, como na primeira, e cuja maioria prende-se a prevenções que se apagam à medida que o objetivo e as tendências da Doutrina são melhor compreendidas, e que desaparecerão com o tempo. Podendo-se admirar de uma coisa, é que, apesar da multiplicidade dos obstáculos que encontra, das armadilhas que se lhe estende, tenha podido chegar, em alguns anos, ao ponto onde está hoje.

Um outro progresso, não menos evidente, é o da atitude da oposição. À parte as invectivas lançadas, de tempo em tempo, por uma plêiade de escritores, *quase sempre os mesmos*, que não vêm por toda a parte senão a matéria para rir, que ririam mesmo de Deus, e cujos argumentos se limitam a dizer que a Humanidade torna-se demente, muito surpreende que o Espiritismo haja caminhado sem sua permissão, e é muito raro ver a Doutrina implicar com uma polêmica séria e firme. Em lugar disto, como já fizemos notar em um precedente artigo, as idéias espíritas invadem a imprensa, a literatura, a filosofia; não se as apropria sem confessá-las: é porque vê-se, a cada instante, surgirem nos jornais, nos livros, nos sermões, no teatro, pensamentos que se diria hauridos na própria fonte do Espiritismo. Seus autores, sem dúvida, protestariam contra a qualificação de Espíritas, mas com isto não sofreriam menos a influência das idéias que circulam e que parecem justas. É que os princípios sobre os quais repousa a Doutrina são de tal modo racionais, que fermentam numa multidão de cérebros e brilham com o seu desconhecimento; eles tocam a tantas questões, que é, por assim dizer, impossível entrar no caminho da espiritualidade sem fazer involuntariamente o Espiritismo. Foi um dos fatos mais característicos que marcaram o ano que acaba de se escoar.

É preciso concluir disto que a luta está terminada? Seguramente não, e devemos, ao contrário, mais do que nunca nos manter em guarda, porque teremos assaltos de um outro gênero a sustentar; mas, em esperando, as fileiras se reforçam, e os passos dados para a frente são tanto mais ganhos. Guardemo-nos de crer que certos adversários se dêem por batidos, e de tomar seu silêncio por uma adesão tácita, ou mesmo pela da neutralidade. Persuadamo-nos bem que certas pessoas não aceitarão *jamais*, nem abertamente nem tacitamente, o Espiritismo enquanto viverem, como há os que não aceitarão jamais certos regimes políticos; todos os raciocínios para a ele conduzi-los são impotentes, porque não o querem a nenhum preço; sua aversão pela Doutrina cresce em razão dos desenvolvimentos que ela toma.

Os ataques a céu aberto tornaram-se mais raros, porque se lhes reconheceu a inutilidade; mas não se desespera em vencer com a ajuda de manobras tenebrosas. Longe de dormir numa enganosa segurança, é preciso mais do que nunca desconfiar dos falsos irmãos que se insinuam em todas as reuniões para espiar, e em seguida *travestir* o que se disse e se fez; que semeiam por mão oculta os elementos de desunião; que, sob a aparência de um zelo factício e algumas vezes interessado, procuram levar o Espiritismo para fora dos caminhos da prudência, da moderação e da legalidade; que provocam em seu nome atos repreensíveis aos olhos da lei. Não tendo conseguido torná-lo ridículo, porque, por sua essência, é uma coisa séria, seus esforços tendem a *comprometê-lo* para torná-lo suspeito à autoridade, e provocar contra ele e seus adeptos as medidas de rigor. Desconfiemos, pois, dos beijo de Judas e daqueles que querem nos abraçar para nos sufocar.

É preciso se figurar que estamos em guerra e que os inimigos estão à nossa porta, prestes a agarrar a ocasião favorável, e que manejam as inteligências no lugar.

Nesta ocorrência, o que há a fazer? Uma coisa muito simples: se conter estritamente no limite dos preceitos da Doutrina; se esforçar por mostrar o que ela é por seu próprio exemplo, e declinar toda solidariedade com o que poderia ser feito em seu nome e seria de natureza a desacreditá-la, porque isto não saberia ser o fato de adeptos sérios e convictos. Não basta se dizer Espírita; aquele que o é de coração o prova por seus atos. A Doutrina não pregando senão o bem, o respeito às leis, a caridade, a tolerância e a benevolência para todos, repudiando toda violência feita à consciência alheia, todo charlatanismo, todo pensamento interessado no que concerne às realizações com os Espíritos, e todas as coisas contrárias à moral evangélica, aquele que não se afasta da linha traçada não pode incorrer nem em censura fundada, nem em perseguições legais; bem mais, quem toma a Doutrina por regra de conduta, não pode senão se conciliar à estima e à consideração das pessoas imparciais; diante do bem a própria incredulidade zombeteira se inclina, e a calúnia não pode sujar o que é sem mancha. É nestas condições que o Espiritismo atravessará as tempestades que se acumularem em seu caminho, e que sairá triunfante de todas as lutas.

O Espiritismo não pode mais ser responsável pelos erros daqueles a quem agrada se dizer espíritas, e a religião não o é dos atos repreensíveis daqueles que não têm senão a aparência da piedade. Antes, pois, de fazer recair a censura de tais atos sobre uma doutrina qualquer, é preciso saber se ela contém alguma máxima, algum ensino, que possa autorizá-los ou mesmo desculpá-los. Se, ao contrário, ela os condena formalmente, é evidente que a falta é toda pessoal e não pode ser imputada à doutrina. Mas é uma distinção que os adversários do Espiritismo não se dão ao trabalho de fazer; são muito felizes, ao contrário, de encontrar uma ocasião de desacreditá-lo certo ou errado, sem se fazerem escrúpulo de lhe atribuírem o que não lhe pertence, envenenando as coisas mais insignificantes antes que procurar-lhes as causas atenuantes.

Há algum tempo as reuniões espíritas sofreram uma certa transformação. As reuniões íntimas e de família estão consideravelmente multiplicadas em Paris e nas principais cidades, em razão da própria facilidade que encontraram para se formarem pelo crescimento do número dos médiuns e dos adeptos. No princípio, os médiuns eram raros; um bom médium era quase um fenômeno; era, pois, natural que se agrupassem ao seu redor; mas à medida que esta faculdade se desenvolveu, os grandes centros se fracionaram, como enxames, numa multidão de pequenos grupos particulares, que encontram mais facilidade para se reunir, mais intimidade e mais homogeneidade em sua composição. Este resultado, consequência da própria força das coisas, era previsto. Desde a origem, assinalamos os escolhos que, inevitavelmente, deveriam encontrar as sociedades numerosas, necessariamente formadas de elementos heterogêneos, abrindo a porta às ambições, e, por isto mesmo, alvo das intrigas, das cabalas, das surdas manobras da malevolência, da inveja e do ciúme, que não podem emanar de uma fonte espírita pura. Nas reuniões íntimas, sem caráter oficial, se é mais senhor de si, conhece-se melhor, e se recebe quem se quer; o recolhimento ali é maior, e sabe-se que seus resultados são mais satisfatórios. Conhecemos bom número de reuniões deste gênero, cuja organização não deixa nada a desejar. Há, pois, tudo a ganhar com esta transformação.

O ano de 1866, além disso, viu realizar as previsões dos Espíritos sobre vários pontos interessantes para a Doutrina, entre outros sobre a extensão e os novos caracteres que a mediunidade deveria tomar, assim como sobre a produção de fenômenos de natureza a chamar a atenção sobre o princípio da espiritualidade, se bem que, em aparência, estranho ao Espiritismo. A mediunidade curadora se revelou à luz nas circunstâncias mais próprias para fazer sensação; ela germina em muitas outras pessoas. Em certos grupos viram-se manifestar numerosos casos de sonambulismo espontâneo, de mediunidade falante, de segunda vista e de outras variedades da faculdade medianímica que puderam

oferecer úteis assuntos de estudo. Estas faculdades, sem serem precisamente novas, estão ainda no estado nascente numa multidão de indivíduos; elas não se mostram senão em casos isolados e se ensaiam, por assim dizer, na intimidade; mas com o tempo adquirirão mais intensidade e se vulgarizarão. É sobretudo quando se revelam espontaneamente nas pessoas estranha são Espiritismo que elas chamam mais fortemente a atenção, porque não se pode supor de convivência, nem admitir a influência de idéias preconcebidas. Limitamo-nos assinalar o fato, que cada um pode constatar, e cujo desenvolvimento necessitaria de detalhes mais extensos. Aliás, teremos ocasião de a isto retornar em artigos especiais.

Em resumo, se nada de mais estrondoso assinalou a marcha do Espiritismo nestes últimos tempos, podemos dizer que ela prossegue

nas condições normais traçadas pelos Espíritos, e que não temos senão que nos felicitar pelo estado das coisas.

PENSAMENTOS ESPÍRITAS QUE CORREM O MUNDO.

Em nosso último número reportamos alguns pensamentos que se encontram aqui e ali na imprensa, e que o Espiritismo pode reivindicar como partes integrantes da doutrina; continuaremos a reportar de tempos em tempos aqueles que virão ao nosso conhecimento. Estas citações têm seu lado útil e instrutivo, no que elas provam a vulgarização das idéias espíritas.

Na revista hebdomanária do *Siècle*, de 2 de dezembro, o Sr. E. Texier, dando conta de uma nova obra do Sr. P. - J. Stahl, intitulada *Bonnes fortunes parisiennes*, assim se exprime:

"O que distingue *estas Bonnes fortunes parisiennes* é a delicadeza de toque na pintura do sentimento, é o bom odor do livro que se respira como uma brisa. Raramente se tinha tratado este assunto tão vasto, tão explorado, tão repetido e sempre novo, o amor, com mais de ciência verdadeira, de observação sentida, mais de tato e de leveza de mão. Diz-se que, numa existência anterior, Balzac tinha sido mulher; poder-se-ia dizer também que Stahl foi uma jovem. Todos os pequenos segredos do coração que se abrem ao contato da primeira embriaguez, ele os agarra e os fixa até em suas nuanças mais finas. Fez melhor que estudar as suas heroínas; dir-se-ia que *sentiu todas* as suas impressões, todos os seus estremecimentos, todos os seus lindos choques, - alegria ou dor, - que se sucedem na alma feminina e a enchem aos primeiros brotos da floração de abril."

Não é a primeira vez que a idéia das existências anteriores é expressada fora do Espiritismo. O autor do artigo não poupou outrora os sarcasmos à crença nova, ao assunto dos irmãos Davenport, em que, como a maioria dos seus confrades em jornalismo, acreditou e crê talvez ainda a doutrina encarnada. Escrevendo estas linhas, não desconfiava, sem dúvida, que dela formulava um dos princípios mais importantes. Que o tenha feito seriamente ou não, pouco importa! A coisa não se prova menos do que os próprios incrédulos encontram-na na pluralidade das existências, não fosse ela admitida senão a título de hipótese, a explicação das aptidões inatas da existência atual. Este pensamento, lançado a milhões de leitores pelo vento da publicidade, se populariza, se infiltra nas crenças; habitua-se com ele; cada um nele procura a razão de ser de uma multidão de coisas incompreendidas, de suas próprias tendências: aqui em agradando e lá seriamente; a mãe cujo filho, embora seja pouco, é precoce sorri de bom grado com a idéia de que pode ser um homem de gênio. Em nosso século racional, se quer dar-se conta de tudo; repugna ao maior número ver, nas boas e nas más qualidades trazidas em nascendo, um jogo do acaso ou um capricho da divindade; a pluralidade das existências resolve a questão mostrando que as existências se encadeiam e se completam umas pelas outras. De dedução em dedução chega-se a encontrar, nesse princípio fecundo, a chave de todos os

mistérios, de todas as anomalias aparentes da vida moral e material, das desigualdades sociais, dos bens e dos males deste mundo; o homem sabe, enfim, de onde vem, onde vai, porque está sobre a Terra, porque nela é feliz ou infeliz, e o que deve fazer para assegurar a sua felicidade futura.

Achando-se racional admitir que já vivemos sobre a Terra, não o é menos que poderemos nela reviver ainda. Como é evidente, não é o corpo que revive, não pode ser senão a alma; esta alma tem, pois, conservado a sua individualidade; ela não se confundiu no todo universal; para conservar as suas aptidões, é preciso que ela tenha *permanecido ela mesma*. O único princípio da pluralidade das existências é, como se viu, a negação do materialismo e do panteísmo.

Para que a alma possa cumprir uma série de existências sucessivas no mesmo meio, é preciso que ela não se perca nas profundezas do infinito; deve permanecer na esfera de atividade terrestre. Eis, pois, o mundo espiritual que nos cerca, no meio do qual nós vivemos, no qual se derrama a humanidade corpórea, como ele mesmo se derrama nesta. Ora, chamai estas almas Espíritos, e eis-nos em pleno Espiritismo.

Se Balzac pôde ser mulher e Stahl uma jovem, as mulheres podem, pois, se encarnar homens, e, conseqüentemente os homens se encarnarem mulheres. Não há, pois, entre os dois sexos senão uma diferença material, acidental e temporária, uma diferença de veste carnal; mas, quanto à natureza essencial do ser, ela é a mesma. Ora, da igualdade de natureza e de origem, a lógica conclui pela *igualdade dos direitos sociais*. Vê-se a que conseqüências conduz tão só o princípio da pluralidade das existências. O Sr. Texier não acreditava provavelmente ter dito tanto em algumas linhas que citamos.

Mas, dir-se-á, talvez, o Espiritismo admite a presença das almas no meio de todos e suas relações com os vivos, e eis onde está o absurdo. Escutemos, sobre este ponto, o Sr. abade V..., novo cura de Saint-Vicent de Paul. No discurso que pronunciou no domingo, 25 de novembro último, para a sua instalação, fazendo o elogio do patrono da paróquia, ele disse: "O Espírito de São Vicente de Paulo está aqui, eu o afirmo, meus irmãos; sim, está no meio de nós; ele plana sobre esta assembléia; vê-nos, e nos ouve; eu o sinto perto de mim que me inspira." Que teria dito a mais um Espírita? Se o Espírito de São Vicente de Paulo está na assembléia, por quem foi ali atraído, senão o foi pelo pensamento simpático dos assistentes? É o que diz o Espiritismo. Se ele está, outros Espíritos podem igualmente ali se encontrarem: eis o mundo espiritual que nos cerca. Se o Sr. cura sofreu sua influência, ele pode sofrer a de outros Espíritos, assim como de outras pessoas; há, pois relações entre o mundo espiritual e o mundo corpóreo. Se fala pela inspiração deste Espírito, ele é, pois, médium falante; mas se fala, ele pode muito bem escrever sob esta mesma inspiração, e, sem dúvida, o fez mais de uma vez sem disto desconfiar: Ei-lo, pois, médium escrevente inspirado, intuitivo. No entanto, se lhe dissesse que pregou o Espiritismo, disto se defenderia provavelmente com todas as suas forças.

Mas sob qual aparência o Espírito de São Vicente de Paulo podia estar nessa assembléia? Se o Sr. cura não o disse, São Paulo o disse: é com o corpo espiritual ou fluídico, o *corpo incorruptível* que reveste a alma depois da morte, e ao qual o Espiritismo dá o nome de perispírito.

O perispírito, um dos elementos constitutivos do organismo humano, constatado pelo Espiritismo, havia sido suposto há muito tempo. É impossível ser mais explícito a este respeito do que o Sr. Charpignon em sua obra sobre o magnetismo, publicada em 1842 (1-(1) *Physiologie, médecineetmetaphys/quedumagnétismeporChanpignon*, 1 vol. in-8 Paris, Bailliere, 17, rua da Escola de Medicina. Preço: 6 fr.).

Lê-se, com efeito, cap. II, página 355:

"As considerações psicológicas às quais acabamos de nos entregar tiveram por resultado nos fixar sobre a necessidade de admitir, na composição da individualidade humana, *uma verdadeira trindade*, e encontrar *nessa composição trinária um elemento de*

natureza essencialmente das duas outras partes, apreensível, antes por suas faculdades fenomenais, do que por suas propriedades constitutivas; porque a natureza de um ser espiritual escapa aos nossos meios de investigações. O homem é, pois, um ser misto, um organismo de composição dupla, a saber: combinação de átomos formando os órgãos, e um elemento de natureza material, mas indecomponível, dinâmico por essência, em uma palavra, um fluido imponderável. Eis para a parte material. Agora, como elemento característico da espécie hominal: esse ser simples, inteligente, livre e voluntário, que os psicólogos chamam alma..."

Estas citações e as reflexões que as acompanham têm por objetivo mostrar que a opinião está bem menos distante das idéias espíritas que não se poderia crê-lo, e que a força das coisas e a irresistível lógica dos fatos a conduzem por uma inclinação toda natural. Não é, pois, uma vã presunção dizer que o futuro está em nós.

OS ROMANCES ESPÍRITAS.

O ASSASSINATO DO PONT-ROUGE, POR CH. BARBARA.

O romance pode ser uma maneira de expressar os pensamentos espíritas sem se comprometer, porque o autor receoso de poder sempre responder à crítica zombeteira não entendeu fazer senão uma obra de fantasia, o que é verdadeiro para um grande número; ora, na fantasia tudo é permitido. Mas, fantasia ou não, o que não o é menos uma das formas em favor da qual a idéia espírita pode penetrar nos meios onde ela não seria aceita sob uma forma séria.

O Espiritismo é ainda muito pouco, ou melhor, muito mal conhecido da literatura, para ter fornecido o assunto de muitas obras deste gênero; o principal, como se sabe, é o que Théophile Gautier publicou sob o nome de *Spirite*, e ainda pode-se censurar ao autor por ter se afastado, em vários pontos, da idéia verdadeira.

Uma outra obra da qual igualmente falamos, e que, sem ser feita especialmente em vista do Espiritismo, a ele se liga por um certo lado, é a do Sr. Elie Berthet, publicado em folhetins no *Siècle*, em setembro e outubro de 1865, sob o título de *4 dupla vista*. Aqui o autor dá prova de um conhecimento aprofundado dos fenômenos dos quais fala, e seu livro junta a este mérito o do estilo e de um interesse elevado. É, ao mesmo tempo, moral e instrutivo.

A segunda vista, de X.-B. Saintine, publicado em folhetins no grande *Moniteur*, em fevereiro de 1864, é uma série de novelas que não têm nem o fantástico *impossível*, nem o caráter lúgubre dos relatos de Edgard Põe, mas a doce e graciosa simplicidade de cenas íntimas entre os habitantes deste mundo e os do outro, ao qual o Sr. Saintine crê firmemente. Se bem que sejam histórias de fantasia, elas se afastam pouco, em geral, dos fenômenos dos quais muitas pessoas puderam ser testemunhas. De resto, nós sabemos que, quando vivo, o autor, que conhecemos pessoalmente, não era nem incrédulo, nem materialista: as idéias espíritas lhe eram simpáticas, e o que escrevia era o reflexo de seu próprio pensamento.

Séraphita de Balzac é um romance filosófico baseado sobre a doutrina de Swedenborg. Em *Consuelo* e a *Comtesse de Rudofstadt*, da senhora George Sand, o princípio da reencarnação desempenha um papel capital. O *Drag*, da mesma autora, é uma comédia desempenhada, há vários anos, no *Vaudeville*, cujo enredo é inteiramente espírita. Ela está fundada sobre uma crença popular entre os marinheiros da Provence. O Drag é um Espírito maligno mais traquinas do que mau, e que se alegra em pregar uma má partida. É visto sob a figura de um jovem, exercer sua influência e constranger um indivíduo a escrever contra sua própria vontade. A imprensa, comumente tão benevolente para com

esta escritora, se mostrou severa a respeito desta peça, que merecia uma melhor acolhida.

A França não é a única que tem o monopólio dessas espécies de produções. O *Progrès colonial*, da ilha Maurício, publicou em 1865, sob o título de *Histórias do outro mundo, contadas pelos Espíritos*, um romance que não ocupa menos de vinte e oito folhetins, do qual o Espiritismo fazia toda a intriga, e onde o autor, o Sr. de Germonville, deu provas de um conhecimento perfeito de seu assunto.

Em alguns outros romances, a idéia espírita fornece simplesmente o assunto de episódios. O Sr. Aurélien Scholl, em seus *Novos mistérios de Paris*, publicados pelo *Petit Journal*, o autor faz intervir um magnetizador que interroga uma mesa pela tipologia, depois uma jovem posta em sonambulismo, cujas revelações coloca alguns dos assistentes sobre os espinhos. A cena é bem feita e perfeitamente verossímil. (*Petit Journal* de 23 de outubro de 1866.)

A reencarnação é uma das idéias mais fecundas para os romancistas, e que pode fornecer efeitos tanto mais surpreendentes quanto não se afastam em nada das possibilidades da vida material. O Sr. Charles Barbara, jovem escritor morto há alguns meses numa casa de saúde, dela fez uma das aplicações mais felizes em seu romance intitulado *o Assassinato da Ponte-fiouge*, que o *Événement* recentemente reproduziu em folhetins.

O assunto principal é um agente de câmbio que fugiu para o estrangeiro levando a fortuna de seus clientes. Atraído por um indivíduo numa miserável casa sob o pretexto de favorecer-lhe a fuga, ali é assassinado, despojado, depois lançado ao Seine, de acordo com uma mulher chamada Rosalie, que mora com esse homem. O assassino age com tal prudência e soube tomar tão bem as suas precauções, que todo traço do crime desapareceu, e que toda suposição de morte foi afastada. Pouco depois ele esposou sua cúmplice Rosalie, e ambos puderam doravante viver no bem-estar, sem medo de nenhuma perseguição, senão a do remorso, quando uma circunstância veio levar ao auge as suas angústias. Eis como ele mesmo conta:

"Essa quietude foi perturbada desde os primeiros dias de nosso casamento. A menos da intervenção direta de uma força oculta, é preciso convir que o acaso se mostrou aqui estranhamente inteligente. Tão maravilhoso que parecesse o fato, não pensaríeis mesmo em pô-lo em dúvida, uma vez que, assim como deles tendes a prova viva em meu filho. Muitas pessoas, de resto, não deixariam de nele ver um fato puramente físico e fisiológico e de explicá-lo racionalmente. O que quer que seja, notei de repente marcas de tristeza no rosto de Rosalie. Perguntei-lhe a razão disto. Ela evitou de me responder.

"No dia seguinte e nos dias seguintes, sua melancolia não fazia senão crescer, eu a conjurava a me tirar da inquietação. Ela acabou por me confessar uma coisa que não deixa de emocionar ao mais alto grau. Na própria primeira noite de nossas núpcias, em meu leito e lugar, se bem que estivéssemos na obscuridade, ela tinha visto, mas viu, pretendia ela, como eu vos vejo, o rosto pálido do agente de câmbio. Ela havia esgotado inutilmente suas forças para expulsar o que ela tomava primeiro por uma simples lembrança; o fantasma não saía dos seus olhos senão nos primeiros clarões do crepúsculo. Além disto, o que certamente era de natureza a justificar seu terror, a mesma visão a tinha perseguido com uma tenacidade análoga durante várias noites seguintes.

"Eu simulava um profundo desdém e tratava de convencê-la de que tinha sido vítima unicamente de uma alucinação. Compreendi, pelo desgosto que se apoderou dela e se transformou insensivelmente nesse langor em que a vistes, que eu não tinha conseguido lhe inculcar meus sentimentos. Uma gravidez penosa, agitada, equivalente a uma doença longa e dolorosa, piorou ainda essa doença do espírito; e se um parto feliz, enchendo-a de alegria, teve uma influência salutar sobre o seu moral, esta foi de muito curta duração. Vi-me constrangido, por cima disto, de privá-la da felicidade de ter seu filho junto dela, uma vez que, com relação aos meus recursos oficiais, uma ama de leite morando em minha casa pareceu-me uma despesa acima de meus meios.

"Emocionados de sentimentos para parecer dignamente numa pastoral, íamos ver nosso filho de quinquena em quinquena. Rosalie o amava até a paixão, e eu mesmo não estava longe de amá-lo com frenesi; porque, coisa singular, sobre as ruínas amontoadas em mim, só os instintos da paternidade ainda estavam de pé. Eu me abandonava a sonhos inefáveis; prometia-me fazer dar uma educação sólida ao meu filho, de preservá-lo, se fosse possível, de meus vícios, de minhas faltas, de minhas torturas; era um consolo, minha esperança.

"Quando digo eu, falo igualmente de minha pobre Rosalie, que se sentia feliz com nada senão com a idéia de ver esse filho crescer ao seu lado. Quais não foram, pois, nossas inquietações, nossas ansiedades, quando, à medida que a criança se desenvolvia, percebemos no seu rosto linhas que lembravam as de uma pessoa que tínhamos querido esquecer pá rã sempre. Isto não foi de início senão uma dúvida sobre a qual guardamos o silêncio, mesmo frente a frente um do outro. Depois a fisionomia da criança se aproximou a este ponto da de Thillard, que Rosalie disse me falou com terror, e que eu mesmo não pude esconder senão pela metade minhas cruéis apreensões. Enfim, a semelhança nos pareceu tal que verdadeiramente nos pareceu que o agente de câmbio *renasceu* em nosso filho.

"O fenômeno teria transtornado um cérebro menos sólido que o meu. Muito firme ainda para ter medo, pretendi permanecer insensível ao golpe que dava à minha afeição paternal, e fazer partilhar minha indiferença com Rosalie eu lhe sustentava que não havia ali senão um acaso; acrescentava que não havia nada de mais variável do que o rosto das crianças, e que, provavelmente, essa semelhança se apagaria com a idade; finalmente, na pior das hipóteses, nos seria sempre fácil ter essa criança à parte. Fracassei completamente. Ela se obstinou em ver, na identidade dos dois rostos, um fato providencial, o germe de um castigo assustador que, cedo ou tarde, deveria nos esmagar, e, sob o domínio desta convicção, seu repouso foi para sempre destruído.

"De outra parte, sem falar da criança, que era nossa vida? Vós mesmos pudestes observar-lhe a perturbação permanente, as agitações, os abalos cada dia mais violentos. Quando toda a marca de meu crime tinha desaparecido, quando não tinha mais nada a temer absolutamente dos homens, quando a opinião sobre mim tornara-se unanimemente favorável, em lugar de uma segurança fundada nesta razão, eu sentia crescer minhas inquietações, minhas angústias, meus terrores. Eu mesmo me inquietava com as fábulas mais absurdas; no gesto, na voz, no olhar de alguém, eu via uma alusão ao meu crime.

"As alusões mantiveram-me incessantemente sobre o cavalete do carrasco. Lembrai-vos daquela noite em que o Sr. Durosoir contou uma de suas instruções. Dez anos de dores lancinantes não equívaleriam jamais ao que senti no momento em que, saindo do quarto de Rosalie, encontrei-me face a face com o juiz, que me olhava no rosto. Eu era de vidro; ele lia até o fundo de meu peito. Um instante entrevi o cadafalso. Lembrai-vos desde ditado: "Não é preciso falar de corda na casa de um enforcado," e vinte outros detalhes deste gênero. Era um suplício de todos os dias, de todas as horas, de todos os segundos. Qualquer coisa que eu fizesse, faziam-se em meu espírito destruições assustadoras.

"O estado de Rosalie era muito mais doloroso ainda: ela vivia verdadeiramente nas chamas. A presença da criança na casa chegou a torná-la a morada intolerável. Incessantemente, dia e noite, vivemos no meio de cenas as mais cruéis. A criança me gelava de horror. Falhei vinte vezes em sufocá-la. Além disto, Rosalie que se sentia morrer, que acreditava na vida futura, nos castigos, aspirava a se reconciliar com Deus, eu a escarnecia, a insultava, ameaçava bater nela. Entrei no furor de assassiná-la. Ela morreu a tempo para preservar-me de um segundo crime. Que agonia! Ela não sairá jamais de minha memória.

"Depois já não vivi. Gabava-me de não ter mais consciência: esses remorsos crescem ao meu lado, em carne e em osso, sob a forma de meu filho. Esta criança, da qual,

apesar da imbecilidade consinto em ser o guardião e o escravo, não cessa de me torturar por seu ar, seus olhares estranhos, pelo ódio instintivo que me traz. Não importa onde eu vá, ele me segue passo a passo, caminha ou se assenta em minha sombra. À noite, depois de um dia de fadiga eu o sinto ao meu lado, e seu contato basta para expulsar o sono de meus olhos ou pelo menos me perturbar com pesadelos. Temo que, de repente, a razão não lhe venha, que sua língua não se desamarre, que não fale e não me acuse.

"A Inquisição, em seu gênio das torturas, o próprio Dante, em sua *Suppliciomanie*, jamais imaginaram nada tão assustador. Disto me torno manomaniaco. Surpreendo-me desenhando com a caneta o quarto onde cometi meu crime; escrevo embaixo esta legenda: *Neste quarto, envenenei o agente de câmbio Thillard-Ducornet*, e assino. Assim é que, em minhas horas de febre, detalhei sobre meu jornal quase palavra por palavra tudo o que vos contei.

"Isto não é tudo. Consegui subtrair meu suplício com os quais os homens castigam os assassinos, e eis que esse suplício se renova para mim quase cada noite.

"Sinto uma mão sobre minha espádua e ouço uma voz que murmura ao meu ouvido:

"Assassino!" Fui levado diante das togas vermelhas; uma pálida figura se endireita diante de mim e exclama: "Hei-lo!" É meu filho. Eu nego. Meu desejo e minhas próprias memórias me são representados com a minha assinatura. Vós o vedes, a realidade se mistura ao sonho e acrescenta ao meu espanto. Assisto, enfim, a todas as peripécias de um processo criminal. Ouço a minha condenação: "Sim, é culpado." Conduzem-me a uma sala escura onde vêm me encontrar o carrasco e seus ajudantes. Quero fugir, os laços de ferro me detêm, e uma voz me grita: "Não há mais para ti misericórdia!" Sinto até a sensação de f rio dos ferros sobre meu pescoço. Um padre ora ao meu lado e me convida às vezes ao arrependimento.

"Eu o recuso com mil blasfêmias. Semi-morto, sou balançado pelos movimentos de uma charrete sobre os paralelepípedos de uma cidade; ouço os murmúrios da multidão, comparáveis aos das vagas do mar, e, acima, as imprecações de mil vozes, chego em frente do cadafalso. Escalo seus degraus. Não desperto senão justo na hora em que a faca desliza entre as ranhuras, quando, no entanto, meu sonho não continua quando não sou mais arrastado em presença daquele que quis negar, o próprio Deus, para ali ter os olhos queimados pela luz, para mergulhar no abismo de minhas inquietações, para ali ser supliciado pelo sentimento de minha própria infâmia. Eu sufoco, o suor me inunda, o horror enche a minha alma. Não sei mais quantas vezes sofri esse suplício."

A idéia de fazer reviver a vítima no próprio filho do assassino, e que está aí como a imagem viva de seu crime, atada aos seus passos, é ao mesmo tempo engenhosa e muito moral. O autor quis mostrar que, se esse criminoso soube escapar às perseguições dos homens, não saberia subtrair-se às da Providência. Há aqui mais do que o remorso, é a vítima que se ergue sem cessar diante dele, não sob a aparência de um fantasma ou de uma aparição que se poderia considerar um efeito da imaginação ferida, mas sob os traços de seu filho; é o pensamento de que esse filho pode ser a própria vítima, pensamento corroborado pela aversão instintiva da criança, embora idiota, por seu pai; é a luta da ternura paternal contra esse pensamento que o tortura, luta horrível, que não permite ao culpado gozar pacificamente o fruto de seu crime, como se dele estivesse iludido.

Esse quadro tem o mérito de ser verdadeiro, ou melhor, perfeitamente verossímil; quer dizer que nada se afasta das leis *naturais*, que sabemos hoje reger as relações dos seres humanos entre si. Aqui, nada de fantástico nem de maravilhosos; tudo é possível e justificado pelos numerosos exemplos que temos de indivíduos renascendo no meio onde já viveram, em contato com os mesmos indivíduos, para ter ocasião de reparar os erros, ou cumprir deveres de reconhecimento.

Admiremos aqui a sabedoria da Providência que lança, *durante a vida*, um véu sobre o passado, sem o qual os ódios se perpetuariam, ao passo que acabam por se acalmar nesse contato novo e sob o império dos bons procedimentos recíprocos. É assim que,

pouco a pouco, o sentimento da fraternidade acaba por suceder ao da hostilidade. No caso de que se trata, se o assassino tivesse tido uma certeza absoluta sobre a identidade de seu filho, teria podido procurar sua segurança num novo crime; a dúvida o deixa preso com a voz da natureza, que fala nele pela da paternidade; mas a dúvida era um cruel suplício, uma ansiedade perpétua pelo temor de que essa fatal semelhança conduzisse à descoberta do crime.

Por outro lado, o agente de câmbio, ele próprio culpado, tinha, senão como encarnado, mas como Espírito, a consciência de sua posição. Se servia de instrumento ao castigo de seus assassino, a sua posição era também para ele um suplício; assim, esses dois indivíduos, ambos culpados, se puniam um pelo outro, tudo em estando detidos em seu ressentimento mútuo pelos deveres que lhes impõe a natureza. Esta justiça distributiva que castiga por meios naturais, pela conseqüência da própria falta, mas que deixa sempre a porta aberta ao arrependimento e à reabilitação, que coloca o culpado no caminho da reparação, não é ela mais digna da bondade de Deus do que a condenação irremissível às chamas eternas? Porque o Espiritismo recusa a idéia do inferno tal como se a representa, pode-se dizer que ele levanta todo freio às más paixões? Compreende-se esse gênero de punição; é aceito porque é lógico; impressiona tanto mais quanto se o sente equitativo e *possível*. Esta crença é um freio de outro modo poderoso do que a perspectiva de um inferno no qual não se crê mais, e do qual se ri.

Eis um exemplo real da influência desta doutrina, por um caso que, se bem que menos grave, não prova menos o poder de sua ação:

Um senhor, de nosso conhecimento pessoal, Espírita fervoroso e esclarecido, vive com um parente muito próximo, que diferentes indícios, tendo um grande caráter de probabilidade, o fazem crer ter sido seu pai. Ora, esse parente não agia sempre para com ele como o deveria. Sem este pensamento, esse senhor teria, em muitas circunstâncias, para negócios de interesse, usado de um rigor que não estava em seu direito, e provocado uma ruptura; mas a idéia de que esse poderia ser seu pai o deteve; mostrou-se paciente, moderado; suportou o que não teria sofrido da parte de uma pessoa que tivesse considerado como lhe sendo estranha. Não havia, da vivência do pai, uma grande simpatia entre este e seu filho; mas a conduta do filho, nesta circunstância, não é de natureza a aproximar espiritualmente, e a destruir as prevenções que os afastavam um do outro? Se se reconhece de maneira certa, sua posição respectiva seria muito falsa e muito incômoda; a dúvida em que está o filho basta para impedir de agir mal, mas o deixa, no entanto, tudo ao seu livre arbítrio. Que o parente haja sido ou não seu pai, o filho nisto não tem menos o mérito do sentimento da piedade filial; se não lhe é nada, lhe será sempre tido em conta seus bons procedimentos, e o verdadeiro Espírito de seu pai disto estará contente.

Vós que zombais do Espiritismo, porque não o conheceis, se soubésseis o que ele contém de poder para a moralização, compreenderíeis tudo o que a sociedade ganhará com a sua propagação, e serieis o primeiro a aplaudi-lo; vós a veríeis transformada sob o império de crenças que conduzem, pela própria força das coisas e pelas próprias leis da Natureza, à fraternidade e à verdadeira igualdade; compreenderíeis que só ele pode triunfar dos preconceitos que são a pedra de toque do progresso social, e em lugar de zombar daqueles que o propagam, vós os encorajaríeis, porque sentiríeis que há de vosso próprio interesse, de vossa segurança. Mas paciência! isto virá, ou, melhor dizendo, isto já vem; a cada dia as prevenções se acalmam, a idéia se propaga, se infiltra sem barulho, e se começa a ver que há ali alguma coisa de mais sério do que se pensa. Não está longe o tempo em que os moralistas, os apóstolos do progresso, nele verão a mais possante alavanca que jamais tiveram entre as mãos.

Lendo o romance do Sr. Charles Barbara, poder-se-ia crer que era Espírita fervoroso; não o era nada, no entanto. Ele morreu, dissemos, numa casa de saúde, em se lançando pela janela num acesso de febre viva. Era um suicídio, mas atenuado pelas cir-

cunståncias. Evocado pouco tempo depois na Sociedade de Paris, e interrogado sobre suas idéias com respeito ao Espiritismo, eis a comunicação que nos deu a esse respeito:

(Paris, 19 de outubro de 1866; méd. Sr. Morin.)

Permiti, senhores, a um pobre Espírito infeliz e sofredor, vos pedir a autorização de vir assistir às vossas sessões, todas de instrução, de devotamento, de fraternidade e de caridade. Eu sou o infeliz que tinha nome *Barbara*, e, se vos peço esta graça, é que o Espírito despojou o velho homem, e não se crê mais tão superior na inteligência quanto o acreditava quando vivo.

Eu vos agradeço pelo vosso chamado, e, tanto quanto está em meu poder, vou tentar responder à questão motivada por uma página de uma de minhas obras; mas vos pediria, antecipadamente, fazer a parte de meu estado atual, que se ressentia fortemente da perturbação, toda natural, de resto, que se sente ao passar bruscamente de uma vida à outra vida.

Estou perturbado por duas causas principais: a primeira prende-se à minha prova que era de suportar as dores físicas que suportei, ou antes, que meu corpo suportou, quando me suicidei. - Sim, senhores, não temo dizer-lo, suicidei-me, porque se meu Espírito estava afastado por momentos, eu o possuí antes de me ferir sobre o paralelepípedo, e... eu disse: *tanto melhor!...* Que falta e que fraqueza!... As lutas da vida material tinham acabado para mim, meu nome era conhecido, não tinha mais doravante senão que marchar no caminho que me estava aberto e que era tão fácil de seguir!... Eu tive medo!... E, no entanto, nas horas de incerteza e de desencorajamento, eu tinha lutado pelo menos. A miséria e suas conseqüências não tinham me desanimado, e foi então quando tudo estava acabado para mim, que me exclamei: *O passo está dado, tanto melhor*.... Não terei mais a sofrer**. Egoísta e ignorante!...

A segunda, é que, quando, depois de ter errado na vida, entre a convicção do nada e o pressentimento de um Deus que não poderia ser senão uma única força, grande, justa, boa e bela, encontra-se em presença de uma multidão inumerável de seres ou Espíritos que vos conheceram, que amastes; que reencontrareis vivas vossas afeições, vossas ternuras, vosso amores; quando vos aperceberdes, em uma palavra, que não fizestes senão mudar de domicílio. Então, concebereis, senhores, que é muito natural que um pobre ser que viveu entre o bem e o mal, entre a crença e a incredulidade sobre uma outra vida, e é muito natural, digo, que esteja perturbado... de felicidade, de alegria, de emoção, um pouco de vergonha, em se vendo obrigado a confessar a si mesmo que, em seus escritos, o que ele atribuía à sua imaginação em trabalho, era uma poderosa realidade, e que, freqüentemente, o homem de letras que se bufa de orgulho vendo ler e ouvindo aplaudir as páginas que crê sua obra, às vezes não é senão um instrumento que escreve sob a influência desses mesmos poderes ocultos dos quais lança o nome ao acaso da caneta num livro.

Quantos grandes autores de todos os tempos escreveram, sem delas conhecerem todo o valor filosófico, páginas imortais, degraus do progresso, colocados por eles e por ordem de uma força superior, para que, num tempo dado, a reunião de todos esses materiais esparsos forme um todo tanto mais sólido quanto é o produto de várias inteligências, porque a obra coletiva é a melhor: de resto, é o que Deus assinará ao homem, porque a grande lei da solidariedade é imutável.

Não, senhores, não, não conhecia de nenhum modo o Espiritismo, quando escrevi este romance, e vos confesso que notava eu mesmo com surpresa a forma profunda de algumas linhas que lestes, sem compreender-lhes toda a importância que hoje vejo claramente. Desde que as escrevi, aprendi a rir do Espiritismo, para fazer como meus *esclarecidos* colegas, e não querer parecer mais avançado no ridículo do que eles mesmos

não queriam sê-lo. Eu ri!...; choro agora; mas espero também, porque me foi ensinado aqui: todo arrependimento sincero é um progresso, e todo progresso leva ao bem.

Não duvideis disto, senhores, muitos escritores, freqüentemente, são instrumentos inconscientes para a propagação das idéias que as forças invisíveis crêem úteis ao progresso da Humanidade. Não vos admireis, pois, de ver o que escrevem sobre o Espiritismo sem nele crerem; para eles é um assunto como um outro que se presta ao efeito, e eles não desconfiam que a isto são levados com o seu desconhecimento. Todos esses pensamentos espíritas que vedes emitidos por aqueles mesmos que, ao lado disto, fazem-lhe oposição, são sugeridos, e eles não fazem menos o seu caminho. Fui um deste número.

Orai por mim, senhores, porque a prece é um bálsamo inefável; a prece é a caridade que se deve fazer aos infelizes do outro mundo, e eu sou um deles.

BARBARA.

VARIEDADES

RETRATO FÍSICO DOS ESPÍRITAS

Lê-se na *Francede* 14 de setembro de 1866:

"A fé robusta das pessoas que crêem, quando mesmo em todas as maravilhas, muito freqüentemente desmentidas, do Espiritismo, é uma verdade admirável. Mostra-se-lhes o *truque* das mesas girantes, e elas crêem; se lhes revelam as imposturas do armário Davenport, e elas crêem mais fortemente; se lhes exibem todas as astúcias, lhes fazem tocar a mentira com o dedo, se lhes abrem os olhos para a evidência do charlatanismo, e sua crença com isso não se torna senão mais obstinada. Inexplicável necessidade do impossível! *Credo quia absurdum*.

"O *Messenger franco-américain*, de New York, fala de uma convenção dos adeptos do Espiritismo que vêm de se reunir em Providence (Rhode-Island). Homens e mulheres se distinguem por um ar do outro mundo; palidez da pele a emaciação da face, o profético devaneio dos olhos, perdidos numa vaga oceânica, tais são, em geral, os sinais exteriores do Espírita. Acrescentai que, contrariamente ao uso geral, as mulheres têm seus cabelos cortados rente, *à mal-content*, como se dizia outrora, ao passo que os homens levam uma cabeleira abundante, absalônica, dos pés à cabeça, descendo até às espáduas. É preciso, quando se faz comércio com os Espíritos, muito se distinguir do comum dos mortais, da vil multidão.

"Vários discursos, muitos discursos, foram pronunciados. Os oradores sem mais se preocuparem com os desmentidos da ciência, quanto daqueles do senso comum, imperturbavelmente lembraram a longa série, que cada um sabe de cor, dos fatos maravilhosos atribuídos ao Espiritismo.

"Miss Susia Johnson declarou que, sem querer colocar-se como profetisa, ela previa que os tempos estão próximos em que a grande maioria dos homens não será mais rebelde às místicas revelações da religião nova. Ela apela com todos seus votos, para a criação de numerosas escolas onde as crianças, dos dois sexos, haurirão, desde a mais tenra idade, os ensinamentos do Espiritismo. Não faltaria mais do que isto!"

Sob o título de: *Toujours lês Spiritesto Evènement*, de 26 de agosto de 1866, publicou um artigo muito longo, do qual extraímos a passagem seguinte:

"Nunca fostes em alguma reunião de Espírita, numa noite de ociosidade ou de curiosidade? É um amigo que vos conduz geralmente. Eleva-se alto, - os Espíritos gostam de se aproximar do céu, - em algum pequeno apartamento já cheio; entrais abrindo passagem.

"As pessoas se amontoam, rostos bizarros, com gestos de energúmenos. Sufoca-se nessa atmosfera, onde se espremem, onde se inclina para as mesas ou os médiuns, o olhar no teto, o lápis à mão, escrevem as elucubrações que passam por ali. De início, é uma surpresa; procura-se entre todas essas pessoas onde repousar seu olhar, interroga-se, adivinha-se, analisa-se.

"Velhas mulheres com olhos ávidos, pessoas jovens magras e cansadas, a promiscuidade das classes e das idades, as porteiras da vizinhança e as grandes damas do quarteirão, da indiana e dos guipuras, as *poetisas* do acaso e as profetas do reencontro, os alfaiates e os laureados do Instituto; confraterniza-se no Espiritismo. Espera-se, fazem-se as mesas girar, se as levanta, lêem-se em altas vozes os rabiscos que Homero ou Dante ditaram aos médiuns sentados. Estes médiuns, estão imóveis, a mão sobre o papel, sonhando. De repente sua mão se agita, brevemente, se debate, cobre as folhas, vai, vai ainda e pára bruscamente. Alguém, então, no silêncio, nomeia o Espírito que acaba de ditar e lê. Ah! essas leituras!

"Ouvi desta vez Cervantes se lamentar da demolição do teatro dos Passa tempos-Cômicos, e Lamennais contar que Jean Joumet era neste mundo seu amigo íntimo. Na maior parte do tempo Lamennais comete faltas ortográficas e Cervantes não sabe uma palavra de espanhol. De outras vezes, os Espíritos emprestam um pseudônimo angélico para disparar ao seu público algum apotegma à Pantagruel. Reescrevem. Respondem-lhes: - Nós vos queixaremos ao vosso chefe de fila!

"O médium que disse a frase entristeceu-se e se descontentou de estar em relação com *Espíritos* tão desbocados. Perguntei a que legião pertenciam esses mistificadores do outro mundo, e me responderam muito claro: - São *Espíritos vagabundos!*

"Sei deles mais amáveis, - por exemplo o Espírito *desenhista* que impeliu a mão do Sr. Victorien Sardou, e fê-lo traçar a imagem da casa que habita *lá em cima* Beethoven. Profusão de ornamento de folhagens, entrelaçamento de colcheias e semi-colcheias, é um trabalho de paciência que demandaria meses e que foi feito numa noite. Eles mo afirmaram ao menos. Somente o Sr. Sardou poderia disto me convencer.

"Pobre cérebro humano, e quanto estas coisas são dolorosas para se contar! Não fizemos, pois, um passo do lado da Razão e da Verdade! Ou, pelo menos, o batalhão dos retardatários engrossa dia a dia, à medida que se avança! É formidável, é quase um exército. Sabeis quanto há de *possessos* na França, neste momento?

"Mais de dois mil. Os *possessos* têm seu presidente, Senhora B..., que com a idade de dois anos vive em relação direta com a Virgem. Dois mil! O Auvergne guardou seus milagres, os Cévennes têm sempre seus Camisards. Os livros de Espiritismo, os tratados de misticismo têm sete, oito, dez edições. O maravilhoso é bem a doença de um tempo que, não tendo nada diante do espírito para se satisfazer, se refugia nas quimeras, como um estômago arruinado e privado de carne de açogue, que se alimentasse de gengibre.

"E o número dos loucos aumenta! O delírio é como uma onda que se eleva. Que luz é preciso, pois, encontrar, uma vez que, para destruir essas trevas, a luz elétrica não basta?

"JULES CLARETIE."

Verdadeiramente estar-se-ia errado zangando-se contratados adversários, porque acreditam de tão boa-fé e tão ingenuamente terem o monopólio do bom senso! O que é também divertido, que os singulares retratos que fazem dos Espíritos é de vê-los gemer dolorosamente sobre esses pobres cérebros humanos que não fazem nenhum passo do lado da razão e da verdade, porque querem a toda força ter uma alma e crer no outro mundo, apesar dos gastos de eloquência dos incrédulos, para provar que assim não é, para a felicidade da Humanidade; são seus lamentos à vista desses livros espíritas que se derramam sem o socorro dos anúncios, dos reclames e dos *elogios pagos* da imprensa; desse batalhão de retardatários da razão, que, coisa desesperadora! aumenta todos os

dias e se terna tão formidável, que é quase um exército; que nada tendo diante de seu espírito para satisfazê-los, são bastante tolos para recusar a perspectiva do nada que se lhes oferece para encher o vazio. É verdadeiramente desesperador desta pobre Humanidade bastante ilógica para não preferir *nada* em troca de alguma coisa, por querer mais *reviver* do que morrer inteiramente.

Esses gracejos, essas imagens grotescas, mais divertidas do que perigosas, e que seria pueril levar a sério, têm seu lado instrutivo, e é por isto que delas citamos alguns exemplos. Outrora procurava-se combater o Espiritismo por argumentos, maus, sem dúvida, uma vez que não convenceram ninguém, mas, enfim, se tentava discutir a coisa, bem ou mal; os homens de um valor real, oradores e escritores, para combatê-lo remexeram o arsenal das objeções. Que resultou disto? Seus livros são esquecidos e o Espiritismo está de pé: eis um fato. Hoje ainda há alguns zombadores da força daqueles que acabamos de citar, pouco incomodados com o valor dos argumentos, para quem rir de tudo é uma necessidade, mas não se discute mais; a polêmica adversa parece ter esgotado suas munições, os adversários se contentam em sofrer pelo progresso do que chamam uma calamidade, como se sofre pelo progresso de uma inundaçãõ que não se pode deter; mas as armas ofensivas para combater a Doutrina não deram nenhum passo adiante, e se não se encontrou ainda o fuzil de agulha que possa batê-la, não foi por falta de tê-lo procurado.

Seria trabalho inútil refutar as coisas que se refutam por si mesmas. Aos queixumes com os quais o jornal a France faz preceder o burlesco retrato que ele empresta ao jornal americano, não há senão uma palavra a responder. Se a fé dos Espíritas resiste à revelação dos truques e das astúcias do charlatanismo, é que lá não está o Espiritismo; se, mais se coloca a luz as manobras fraudulentas, mais a fé redobra, é que lutais para combater precisamente o que ele desaprova e ele mesmo combate; se não são abaladas por vossas demonstrações, é que estais ao lado da questão. Se, quando bateis o Espiritismo não grita, é que bateis de lado, e então os galhofeiros não estão para vós. Desmascarando os abusos que fazem de uma coisa, fortalece-se a própria coisa, como se fortalece a verdadeira religião dela estigmatizando os abusos. Aqueles que vivem dos abusos só eles podem se lamentar, em Espiritismo como em religião.

Contradição mais estranha! Aqueles que pregam a igualdade social vêm sob o império das crenças espíritas, os preconceitos de castas se apagam, as classes extremas se aproximarem, o grande e o pequeno se estenderem mão fraterna, e disto riem! Em verdade, lendo estas coisas, pergunta-se de que lado está a aberração.

NECROLOGIA. **SR. LECLERC**

A Sociedade Espírita de Paris vem de ter uma nova perda na pessoa do Sr. Charles-Julien Leclerc, antigo mecânico, com a idade de cinqüenta e sete anos, morto subitamente de um ataque de apoplexia fulminante, em 2 de dezembro, no momento em que entrava na Ópera. Ele morou muito tempo no Brasil, e foi aí que hauriu as primeiras noções do Espiritismo, ao qual o tinha preparado a doutrina de Fourier, da qual era um zeloso partidário. Retornado à França, depois de ter feito uma posição independente por seu trabalho, se devotou à causa do Espiritismo, do qual facilmente entreviu a alta importância humanitária e moralizadora para a classe operária. Era um homem de bem, amado, estimado e lamentado por todos os que o conheceram, um Espírita, de coração, se esforçando para pôr em prática, em proveito de seu adiantamento moral, os ensinamentos da Doutrina, um desses homens que honram a crença que professam.

A pedido de sua família, dissemos sobre o seu túmulo a prece para as almas que acabam de deixar a Terra (O Evangelho Segundo o Espiritismo), e que fizemos seguir das palavras seguintes:

"Caro senhor Leclerc, sois um exemplo da incerteza da vida, uma vez que na ante-véspera de vossa morte, estáveis em nosso meio, sem que nada pudesse fazer pressentir uma partida tão súbita. Deus nos advertiu por ali para nos mantermos sempre prontos a prestar contas do emprego que fizemos do tempo que passamos sobre a Terra; ele nos lembra no momento em que menos o esperamos. Que seu nome seja bendito por vos ter poupado as angústias e os sofrimentos que, às vezes, acompanham o trabalho da separação.

"Vós vos juntastes àqueles de vossos colegas que vos precederam, e que, sem dúvida, vieram vos receber no limiar da nova vida; mas essa vida, com a qual estáveis identificado, não deveu ser para vós nenhuma surpresa; nela entrastes como num país conhecido, e não duvidamos de que nela gozais da felicidade reservada aos homens de bem, àqueles que praticaram as leis do Senhor.

'Vossos colegas da Sociedade Espírita de Paris se honram por ter contado convosco em suas fileiras, e vossa memória lhes será sempre cara; eles vos oferecem, pela minha voz, a expressão dos sentimentos de muito sincera simpatia que soubestes vos conciliar. Se alguma coisa abrande nossos lamentos desta separação, é o pensamento de que sois feliz como o merecestes, e a esperança de que não vireis menos participar de nossos trabalhos.

"Que o Senhor, caro irmão, derrame sobre vós os tesouros de sua bondade infinita; nós lhe pedimos para vos conceder a graça de velar sobre vossos filhos, e de dirigi-los no caminho do bem, que seguistes."

O Sr. Leclerc, prontamente libertado, como o supúnhamos, pôde se manifestar na Sociedade na sessão que seguiu ao seu enterro. Conseqüentemente, não houve nenhuma interrupção em sua presença, uma vez que tinha assistido à sessão que o havia precedido. Além do sentimento de afeição que nos liga a ele, esta comunicação deveria ter seu lado instrutivo: era interessante conhecer as sensações que acompanham este gênero de morte. Nada do que pode esclarecer sobre as diversas fases dessa passagem, que todo o mundo deve passar, não poderia ser indiferente. Eis esta comunicação:

(Sociedade de Paris, 7 de dezembro de 1866. - Méd. Sr. Desliens.)

Enfim, posso, a meu turno, vir a esta mesa! Já, se bem que minha morte seja recente, estive mais de uma vez tomado de impaciência; eu não podia apressar a marcha do tempo. Também tinha a vos agradecer pela vossa solicitude em cercar meu despojo mortal, e os pensamentos simpáticos que prodigalizastes ao meu Espírito. Oh! mestre, obrigado pela vossa benevolência, pela emoção profunda que sentistes em acolhendo meu filho amado. Quanto eu seria ingrato se disto não vos conservasse um reconhecimento eterno!

Meu Deus, obrigado! meus votos estão atendidos. Este mundo, que eu não conhecia senão segundo as comunicações dos Espíritos, posso eu mesmo apreciar-lhe hoje a beleza. Numa certa medida, senti, aqui chegando, as mesmas emoções, mas infinitamente mais vivas, do que em abordando pela primeira vez a terra da América. Eu não conhecia esse país senão pelo relato dos viajantes, e estava longe de me fazer uma idéia de suas luxuriantes produções; ocorreu o mesmo aqui comigo. Quanto este mundo é diferente do vosso! Cada rosto é a reprodução exata dos sentimentos íntimos; nenhuma fisionomia mentirosa; nenhuma hipocrisia possível; o pensamento se revela todo ao olhar, benévolo ou malévolos, segundo a natureza do Espírito.

Pois bem! vede; sou ainda aqui punido por meu defeito principal, o que eu combatia com tanto trabalho sobre a Terra, e que já cheguei a dominar em parte; a impaciência de

me ver entre vós me perturbou a tal ponto que não sei mais exprimir minhas idéias com lucidez, e, no entanto, esta matéria que me arrastava tão freqüentemente à cólera antigamente, não está mais lá! Vamos, eu me acalmo, uma vez que é preciso.

Oh! fiquei muito surpreso por este fim inesperado! eu não temia a morte, e a considerava há muito tempo como o fim da prova; mas esta morte tão imprevista não me causou menos um profundo abalo... Que golpe para minha pobre mulher!... Como o luto sucedeu rapidamente ao prazer! Fazia-me uma verdadeira alegria escutar a boa música, mas não pensava estar tão cedo em contato com a grande voz do infinito... Quanto a vida é frágil!... Um glóbulo sangüíneo coagula; a circulação perde sua regularidade, e tudo está acabado!... Eu queria viver ainda alguns anos, ver meus filhos todos estabelecidos; nisto Deus decidiu de outro modo: que a sua vontade seja feita!

No momento em que a morte me atingiu, recebi como um golpe de clava sobre a cabeça; um peso esmagador me oprimiu; depois, de repente, me senti livre, aliviado. Planei acima de meu despojo; considerei com espanto as lágrimas dos meus, e me dei conta, enfim, do que tinha me acontecido. Prontamente me reconheci. Vi meu segundo filho, chamado pelo telégrafo, a correr. Ah! muito tentei para consolá-los; soprei-lhes meus melhores pensamentos, e vi como uma certa alegria alguns cérebros refratários pender pouco a pouco do lado da crença que fez toda a minha força nestes últimos anos, à qual devo tanto de bons momentos. Se venci um pouco o velho homem, a quem o devo, senão ao nosso caro ensinamento, aos conselhos reiterados de meus guias? E, no entanto, com isto enrubesci, se bem que em Espírito, deixei-me ainda dominar por esse maldito defeito: a impaciência. Também nisto fui punido, porque estava tão apressado em me comunicar para vos contar mil detalhes, que sou obrigado a adiá-los. Oh! serei paciente, mas com pesar. Sou tão feliz aqui, que me custa vos deixar. No entanto, bons amigos estão junto a mim, e eles mesmos se uniram para me acolher: Sanson, Baluze, Sonnez, o jovem Sonnez do qual gostava muitíssimo da verve satírica, depois Jobard, o bravo Costeau e tantos outros. Em último lugar, a senhora Dozon; depois um pobre infeliz muito a lamentar, e cujo arrependimento me toca. Oraí por ele como por todos aqueles que se deixaram dominar pela prova.

Logo voltarei a conversar de novo, e estejais bem persuadidos de que não serei menos assíduo às nossas caras reuniões como Espírito, do que o era como encarnado.

LECLERC.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS
POESIAS DIVERSAS DO MUNDO INVISÍVEL
Obtidas pelo Sr. Vavasseur.

Esta coletânea, que anunciamos em nosso último número como no prelo, aparecerá na primeira quinzena de janeiro. Nossos leitores puderam julgar o gênero e o valor das poesias obtidas pelo Sr. Vavasseur, como médium, seja no estado de vigília, seja no estado sonambúlico espontâneo, pelos fragmentos que delas publicamos. Limitamo-nos, pois, a dizer que, ao mérito da versificação, elas juntam o de refletir, sob a graciosa forma poética, as consoladoras verdades da Doutrina, e que a este título elas terão um lugar honrado em toda biblioteca espírita. Acreditamos dever acrescentar-lhe uma introdução, ou melhor, uma instrução sobre a poesia medianímica em geral, destinada a respondera certas objeções da crítica sobre este gênero de produções.

As modificações ocasionadas na impressão permitirão de dar-lhe o preço de 1fr.; pelo correio 1 f r. 15 c.

RETRATO DO SR. ALLAN KARDEC

Desenhado e litografado pelo Sr. BERTRAND, artista pintor.

Dimensão: papel chinês, 35 c. sobre 28, e com a moldura, 45 c. sobre 38. - Preço: 2 f r. 50; pelo correio, para a França e a Argélia, porte e estojo de embalagem 50 c. a mais. - Casa do autor, rue dês Dames, n^o 99, em Paris - Batignolles, e escritório da Revista.

O Sr. Bertrand é um dos muito bons médiuns escreventes da Sociedade Espírita de Paris, e que dá suas provas de zelo e de devotamento pela Doutrina. Esta consideração, unida ao desejo de lhe ser útil em lhe fazendo conhecer como artista de talento, fez calar o escrúpulo que tínhamos até aqui de anunciar a colocação em venda de nosso retrato, com medo de que se visse nisto uma presunção ridícula. Apressamo-nos, pois, em declarar que somos completamente estranho a esta publicação, como à dos retratos editados por vários fotógrafos.

O *Union Spirite* de Bordeaux, redigido pelo Sr. A. Bez, momentaneamente interrompido por uma grave doença do diretor, e de circunstâncias independentes de sua vontade, retomou o curso de suas publicações, assim como tínhamos anunciado, e deve ajeitar-se de maneira que seus associados não tenham nenhum prejuízo dessa interrupção. Felicitamos sinceramente o Sr. Bez e fazemos votos sinceros para que nada entrave no futuro a útil publicação que ele empreendeu e que deve ser encorajada.

O diretor da *Você di Dio*, jornal espírita italiano que se publica na Sicília, nos informa que, em consequência dos acontecimentos sobrevindos nesse país, e sobretudo os estragos causados pelo cólera, a cidade de Catane, estando quase deserta, se vê forçado a interromper a sua publicação. Ele conta retomá-la desde que as circunstâncias o permitam.

O Sr. Roustaing, de Bordeaux, dirigiu-nos a carta seguinte com pedido de inseri-la:

Senhor Diretor da *Revista Espírita*,

Na obra que anunciastes no número da *Revista Espírita*, do mês de junho último, e intitulado: "Espiritismo Cristão, ou Revelação da Revelação; - os quatro evangelhos seguidos dos preceitos explicados em *Espírito e em verdade*, pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos; Moisés, recolhidas e postas em ordem por J.-B. Roustaing, advogado na Corte imperial de Bordeaux, antigo chefe da ordem dos advogados, 3 vol., Paris, Livraria central, n^o 24, 1866;" da qual fiz homenagem nos meses de abril e maio últimos à direção da *Revista Espírita* de Paris, que a aceitou, e omitiu na impressão, o que escapou à correção das provas, uma passagem do manuscrito. Esta passagem omitida, e que está assim concebida, em seu lugar em continuação da última linha, página 111, III^o vol.

"E esta hipótese da parte dos Espíritas: - Que o corpo de Jesus teria sido um corpo terrestre, - e que os anjos ou Espíritos superiores teriam podido torná-lo invisível, levantá-lo, e o teriam tirado, - no próprio momento em que a pedra foi desprendida e tombada, A PRIORI, *inadmissível e falsa*; ela deve, com efeito, ser *descartada* como *tal*, - em presença da revelação feita pelo anjo à Maria, depois a José; revelação que seria então mentirosa, que não pode sê-lo, emanando de um enviado de Deus, e que deve ser interpretada, explicada *segundo o espírito que vivifica, em espírito e em verdade*, segundo o curso de leis da Natureza e não rejeitada." (Ver *supra*, III^o vol., páginas 23-24; - I^o vol., p. 27 a 44; 67 a 86; 122 a 129; 165a193; 226a266; - III^o vol., p. 139a145; 161a163; 168a175.)

Para levar, pela publicidade da qual vosso jornal dispõe, ao conhecimento daqueles que leram, que lêem e que lerão esta obra, esta omissão que teve lugar na impressão, e a fim de que aqueles que têm esta obra possam acrescentar à mão, e isto na página indicada, o parágrafo acima mencionado, - venho solicitar de vossa cortesia a inserção da presente carta no mais próximo número da *Revista Espírita de Paris*, disto vos agradecendo antecipadamente.

Admiti, Senhor Diretor, aceitar, etc.,

ROUSTAING,

Advogado na Corte imperial de Bordeaux, antigo chefe da Ordem dos Advogados, rua Saint-Siméon, 17.

AVISO AOS SRS. ASSINANTES

Para evitar a obstrução das distribuições de 1º de janeiro, a Revista deste mês é expedida em 25 de dezembro. Além disso, ela é endereçada a todos os antigos Assinantes, com exceção daqueles que o são por intermediários, e cujos nomes não nos são conhecidos. Os números seguintes não serão expedidos senão à medida das renovações.

Se bem que a Revista tenha a liberdade de aparecer de 1 a 5, não ocorreu uma única vez neste ano que ela tenha aparecido senão em 5. Uma verificação muito minuciosa tendo sido feita antes de cada envio, os atrasos na recepção não podem ser o fato da direção. Foi várias vezes reconhecido que se prendiam a causas locais, ou à má vontade de certas pessoas pelas mãos das quais passa a Revista antes de chegar ao seu destinatário.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

10º ANO

NO. 2

FEVEREIRO 1867

O LIVRE PENSAMENTO E A LIVRE CONSCIÊNCIA.

Num artigo de nosso último número (página 6), intitulado: *Golpe de vista retrospectivo sobre o movimento do Espiritismo*, fizemos duas classes distintas dos livres pensadores: os incrédulos e os crentes, e dissemos que, para os primeiros, ser livre pensador não é somente crer naquilo que se quer, mas não crer em nada: é se libertar de todo freio, mesmo do medo de Deus e do futuro; para os segundos, é subordinar a crença à razão e se libertar do jugo da fé cega. Estes últimos têm por órgão de publicidade a *Livre consciência*, título significativo; os outros, o jornal *o Livre pensamento*, qualificação mais vaga, mas que se especializa pelas opiniões formuladas, e que vêm, de todos os pontos, corroborar a distinção que fizemos. Ali lemos no n-2 de 28 de outubro de 1866:

"As questões de origem e de fim preocuparam até aqui a Humanidade, a ponto, freqüentemente, de perturbar sua razão. Estes problemas que se qualificaram de terríveis, e que cremos de importância *secundária*, não são do domínio imediato da ciência. Sua solução científica não pode oferecer senão uma meia certeza. Tal qual é, no entanto, ela nos basta, e não tentaremos completá-la por argúcias metafísicas. O nosso objetivo é, aliás, de não nos ocuparmos senão dos assuntos abordáveis pela observação. Entendemos permanecer sobre a Terra. Se, às vezes, dela nos afastamos para responder aos ataques daqueles que não pensam como nós, a excursão fora do real será de curta duração. Teremos sempre presente ao pensamento este sábio conselho de Helvétius: "É preciso ter a coragem de ignorar o que não se pode saber."

"Um novo jornal, *a Livre consciência*, nossa primogênita de alguns dias, como o fez notar, nos deseja a boa vinda em seu número de amostra grátis. Nós lhe agradecemos pelo modo cortês pelo qual usou de seu direito de primogenitura. Nosso confrade pensa que, apesar da analogia dos títulos, não estaremos sempre em "completa afinidade de idéias." Nós, depois da leitura de seu primeiro número, disto estamos certos; não compreendemos mais a livre consciência do que o livre pensamento com um limite dogmático assinalado antecipadamente. Quando sede clara claramente discípulo da ciência e campeão da livre consciência, é irracional, em nossa opinião, colocarem seguida como um dogma uma crença qualquer, impossível de provar cientificamente. A liberdade limitada da sorte não é a liberdade. De nosso turno, desejamos as boas-vindas à *Livre consciência*, e estamos dispostos a ver nela uma aliada, uma vez que declara querer combater por todas as liberdades... menos uma."

É estranho ver considerar a origem e o fim da Humanidade como questões secundárias próprias para perturbar a razão. Que se diria de um homem que, vivendo o dia-a-dia, não se inquietasse de como viverá amanhã? Passaria por um homem sensato? Que se pensaria daquele que, tendo uma mulher, filhos, amigos, dissesse: Que me importa que amanhã estejam mortos ou vivos! Ora, o dia seguinte da morte é longo; não é preciso, pois, se admirar que tanta gente com isto se preocupe.

Se se fizesse a estatística de todos aqueles que perdem a razão, ver-se-ia que o maior número está precisamente do lado daqueles que não crêem nesse dia seguinte ou

que dele duvidam, e isto, pela razão muito simples de que a grande maioria dos casos de loucura é produzida pelo desespero e a falta de coragem moral que faz suportar as misérias da vida, ao passo que a certeza desse dia seguinte torna menos amargas as vicissitudes do presente, e as faz considerar como incidentes passageiros, cujo moral não se afeta senão mediocrementemente ou nada se afeta. Sua confiança no futuro lhe dá uma força que jamais terá aquele que não tem por perspectiva senão o nada. Ele está na posição de um homem que, arruinado hoje, tem a certeza de ter amanhã uma fortuna superior àquela que acaba de perder. Neste caso, toma facilmente seu partido, e permanece calmo; se, ao contrário, ele nada espera, se desespera e sua razão pode sofrer com isto.

Ninguém contestará este princípio: saber dia por dia de onde se vem e para onde se vai, o que se fez na véspera e o que se fará amanhã, não seja uma coisa necessária para regular os negócios diários da vida, e que ela não influi sobre a conduta pessoal. Seguramente o soldado que sabe para onde se o conduz, que vê seu objetivo, marcha com mais firmeza, com mais vivacidade, mais entusiasmo do que se o conduzisse às cegas. Ocorre assim do pequeno ao grande, da individualidade ao conjunto; saber de onde se vem e para onde se vai não é menos necessário para regular os negócios da vida coletiva da Humanidade. No dia em que a Humanidade inteira tiver a certeza de que a morte é sem saída, ver-se-á uma confusão geral, e os homens se lançarem uns sobre os outros, dizendo: Se não deveremos viver senão um dia, vivamos o melhor possível, não importa às expensas de quem!

O jornal o *Livre pensamento* declara que entende permanecer sobre a Terra, e que, se disto sai às vezes, é para refutar aqueles que não pensam como ele, mas que suas excursões fora do real serão de curta duração. Compreenderíamos que assim o fosse com o jornal exclusivamente científico, tratando de matérias especiais; é evidente que seria intempestivo falar de espiritualidade, de psicologia ou de teogonia a propósito de mecânica, de química, de física, de cálculos matemáticos, de comércio ou de indústria; mas desde que faz entrar em seu programa a *filosofia*, não poderia enchê-la sem abordar as questões metafísicas. Se bem que a palavra *filosofia* seja muito elástica, e que haja sido singularmente desviada de sua acepção etimológica, implica, por sua própria essência, pesquisas e estudos que não são exclusivamente materiais.

O conselho de Helvetius: "É preciso ter a coragem de ignorar o que não se pode saber," é muito sábio, e se dirige sobretudo aos sábios presunçosos que pensam que nada pode ser ocultado ao homem, e o que não sabem ou não compreendem não deve existir. Seria mais justo, no entanto, dizer: "É preciso ter a coragem de *confessara sua ignorância* sobre o que não se sabe." Tal como está formulado, se poderia traduzi-lo assim: "É preciso ter a coragem de *conservara sua ignorância*," de onde esta consequência: "É inútil procurar saber o que não se sabe." Sem dúvida, há coisas que o homem não saberá jamais enquanto estiver sobre a Terra, porque, qualquer que seja a sua presunção, a Humanidade está ainda no estado de adolescência; mas quem ousaria pôr limites absolutos àquilo que pode saber? Uma vez que se sabe disto infinitamente mais hoje do que os homens dos tempos primitivos, porque, mais tarde, não se saberia mais disto do que se sabe agora? É o que não podem compreender aqueles que não admitem a perpetuidade e a perfectibilidade do *ser espiritual*. Muitos dizem a si mesmos: Estou no cume da escala intelectual; o que não vejo e não compreendo, ninguém pode vê-lo e compreendê-lo.

No parágrafo reportado acima e relativo ao jornal *Livre consciência*, está dito: "Não compreendemos mais a livre consciência que o livre pensamento com um limite dogmático assinalado antecipadamente. Quando se declara discípulo da ciência, é irracional colocar como um dogma uma crença *qualquer* impossível de se provar cientificamente. A liberdade limitada da sorte não é a liberdade."

Toda doutrina está nestas palavras; a profissão de fé é limpa e categórica. Assim, porque Deus não pode ser demonstrado por uma equação algébrica, que a alma não é apreensível com a ajuda de um reativo, é absurdo crer em Deus e na alma. Todo discípulo da ciência deve, conseqüentemente, ser ateu e materialista. Mas, por não sair da materialidade, a ciência é sempre infalível em suas demonstrações? Não se a tem, muitas vezes, visto dar por verdades o que mais tarde foi reconhecido ser erros, e *vice-versa*? Não foi em nome da ciência que o sistema de Fulton foi declarado uma quimera? Antes de conhecer a lei da gravitação, não demonstrou ela cientificamente que não podia haver antípodas? Antes de conhecer a da eletricidade, não demonstrou ela por a mais *b* que não existia velocidade capaz de transmitir um despacho a quinhentas léguas em alguns minutos?

Tinha-se muito experimentado a luz, e, no entanto, há poucos anos ainda, quem teria suspeitado os prodígios da fotografia? No entanto, não foram os sábios oficiais que fizeram esta prodigiosa descoberta, não mais do que as do telégrafo elétrico e das máquinas a vapor. A ciência conhece ainda hoje todas as leis da Natureza? Sabe ela somente todos os recursos que se podem tirar das leis conhecidas? Quem ousaria dizê-lo? Não se pode que um dia o conhecimento de novas leis torne a vida extra corpórea tão evidente, tão racional, tão inteligente quanto a dos antípodas? Um tal resultado interrompendo todas as incertezas, seria, pois, a desdenhar? Seria menos importante, para a Humanidade, do que a descoberta de um novo continente, de um novo planeta, de um novo engenho de destruição? Pois bem! esta hipótese se tornou realidade; é ao Espiritismo que se o deve, e é graças a ele que tantas pessoas que acreditavam morrer uma vez por todas, estão agora certas de viverem sempre.

Falamos da força da gravitação, essa força que rege o Universo, desde o grão de areia até os mundos; mas quem a viu, quem a pode segui-la, analisá-la? Em que consiste ela? Qual é a sua natureza, a sua causa primeira? Ninguém o sabe, e, no entanto, ninguém dela duvida hoje. Como se a reconheceu? Por seus efeitos; dos efeitos se concluiu a causa; fez-se mais: calculando a força dos efeitos, calculou-se a força da causa que jamais se viu. Ocorre o mesmo com Deus e com a vida espiritual que se julga também por seus efeitos, segundo este axioma: "Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente. A força da causa inteligente está em razão da grandeza do efeito." Crerem Deus e na vida espiritual não é, pois, uma crença puramente gratuita, mas um resultado da observação tão positiva quanto aquela que faz crer na força da gravitação.

Depois, na falta de provas materiais, concorrentemente a estas, a filosofia não admite as provas morais que, às vezes, têm tanto e mais valor do que as outras? Vós, que não tendes por verdadeiro senão o que é provado materialmente, que diríeis se, estando injustamente acusado de um crime do qual todas as aparências seriam contra vós, assim como se vê freqüentemente a injustiça, os juizes não tivessem em nenhuma conta as provas morais que seriam em vosso favor? Não serieis o primeiro a invocá-las? a fazer valer sua preponderância sobre os efeitos puramente materiais que podem iludir? a provar que os sentidos podem enganar os mais clarividentes? Se, pois, admitis que as provas morais devem pesar na balança de um julgamento, não serieis conseqüente convosco mesmo negando-lhes o valor quando se trata de fazer uma opinião sobre as coisas que, pela sua natureza, escapam à materialidade.

O quede mais livre, de mais independente, de menos apreensível por sua própria essência, do que o pensamento? E, no entanto, eis uma escola que pretende emancipá-lo acorrentando-o à matéria; que avanço, em nome da razão, que o pensamento circunscrito sobre as coisas terrestres é mais livre do que aquele que se lança no infinito, e quer ver além do horizonte material! Tanto valeria dizer que o prisioneiro que não pode dar senão alguns passos em seu cárcere é mais livre do que aquele que corta os campos. Se, crer nas coisas do mundo espiritual que é infinito, é não ser livre, vós o sois cem vezes menos,

vós que vos circunscreveis no limite estreito do tangível, que dizeis ao pensamento: Tu não sairás do círculo que te traçamos, e se tu dele saís não és mais o pensamento sadio, mas a loucura, a tolice, o disparate, porque só a nós pertence discernir o falso do verdadeiro.

A isto o espiritualismo responde: Nós formamos a imensa maioria dos homens da qual sois apenas a milionéssima parte; com que direito vos atribuíis o monopólio da razão? Quereis, dizeis, emancipar nossas idéias em nos impondo as vossas? Mas não nos ensinai nada; sabemos o que sabeis; cremos sem restrição em tudo o que credes: na matéria e no valor das provas tangíveis, e mais do que vós: em alguma coisa fora da matéria; numa força inteligente superior à Humanidade; em causas inapreciáveis pelos sentidos, mas perceptíveis pelo pensamento; na perpetuidade da vida espiritual que limitais à duração da vida do corpo. Nossas idéias são, pois, infinitamente mais amplas do que as vossas; ao passo que circunscreveis vosso ponto de vista, o nosso abarca os horizontes sem limites. Como aquele que concentra seu pensamento sobre uma ordem determinada de fatos, que coloca assim um ponto de parada aos seus movimentos intelectuais, às *suas investigações*, talvez pretender emancipar aquele que se move sem entraves, e cujo pensamento sonda as profundezas do infinito? Restringir o campo de exploração do pensamento é restringir a sua liberdade, e é o que fazeis.

Quereis, dissestes ainda, arrancar o mundo do jugo das crenças dogmáticas; fazei pelo menos uma distinção entre estas crenças? Não, porque confundis na mesma reprovação tudo o que não é do domínio exclusivo da ciência, tudo o que não se vê pelos olhos do corpo, em uma palavra, tudo o que é de essência espiritual, por consequência Deus, a alma e a vida futura. Mas se toda crença espiritual é um entrave à liberdade de pensar, ocorre o mesmo com toda crença material; aquele que crê que uma coisa é vermelha, porque a vê vermelha, não é livre para crê-la verde. Desde que o pensamento é detido por uma convicção qualquer, ele não é mais livre; para ser conseqüente com a vossa teoria, a liberdade absoluta consistiria em nada crer do todo, mesmo na sua própria existência, porque isto seria ainda uma restrição; mas então em que se tornaria o pensamento?

Considerado deste ponto de vista, o livre pensamento seria um contra-senso. Ele deve se entender num sentido mais amplo e mais verdadeiro; quer dizer, do uso livre que se faz da faculdade de pensar, e não na sua aplicação em uma ordem qualquer de idéias. Ele consiste, não em crer numa coisa antes do que numa outra, nem em excluir tal ou tal crença, mas na *liberdade absoluta de escolha das crenças*. É, pois, abusivamente que alguns dele fazem a aplicação exclusiva às idéias anti-espiritualistas. Toda idéia racional, que não é nem imposta, nem encadeada cegamente à de outrem, mas que é voluntariamente adotada em virtude do julgamento pessoal, é um pensamento livre, quer seja religioso, político ou filosófico.

O livre pensamento, na sua acepção mais ampla, significa: livre exame, liberdade de consciência, fé raciocinada; ele simboliza a emancipação intelectual, a independência moral, complemento da independência física; ele não quer mais escravos do pensamento do que escravos do corpo, porque o que caracteriza o livre pensador é que ele pensa por si mesmo e não pelos outros, em outras palavras, que sua opinião lhe pertence particularmente. Pode, pois, haver livres pensadores em todas as opiniões e em todas as crenças. Neste sentido, o livre pensamento eleva a dignidade do homem; dele faz um ser ativo, inteligente, em lugar de uma *máquina de crer*.

No sentido exclusivo que alguns lhe dão, em lugar de emancipar o espírito, ele restringe a sua atividade, faz dele escravo da matéria, os fanáticos da incredulidade fazem, num sentido, o que os fanáticos da fé cega fazem num outro; quando estes dizem: Para ser segundo Deus é preciso crer em tudo o que nós cremos; fora de nossa fé não há salvação, os outros dizem: Para ser segundo a razão, é preciso pensar como nós, não crer senão no que cremos; fora dos limites que traçamos à crença, não há nem liberdade

nem bom senso, doutrina que se formula por este paradoxo: Vosso espírito não é livre senão com a condição de não crer naquilo que quer, o que vem a dizer a um indivíduo: Tu és o mais livre de todos os homens, com a condição de não ir mais longe do que o fim da corda à qual vos prendemos.

Seguramente não contestamos aos incrédulos o direito de não crer em nada senão na matéria, mas convir-se-á que há singulares contradições em sua pretensão de se atribuir o monopólio da liberdade de pensar.

Dissemos que pela qualidade de livre pensador certas pessoas procuram atenuar o que a incredulidade absoluta tem de repulsivo para a opinião das massas; suponhamos, com efeito, que um jornal se intitule abertamente: *o Athée, o Incrédula ou o Matérialiste*, pode-se julgar da impressão que esse título faria sobre o público; mas que abrigue estas mesmas doutrinas sob a capa do *livre pensador*, a esta bandeira se diz: É a bandeira da emancipação moral; deve ser o da liberdade de consciência e sobretudo da tolerância; vejamos. Vê-se que não é preciso sempre reportá-lo à etiqueta.

Estar-se-ia em erro, de resto, assustando-se além da medida das conseqüências de certas doutrinas; elas podem momentaneamente seduzir alguns indivíduos, mas jamais seduzirão as massas que lhe são opostas pelo instinto e pela necessidade. É útil que todos os sistemas se mostrem à luz, para que cada um possa deles julgar o forte e o fraco, e, em virtude do direito de livre exame, possa adotá-los ou rejeitá-los com conhecimento de causa. Quando as utopias forem vistas em ação, e que terão provado sua impotência, elas cairão para não mais se levantar. Por seu próprio exagero, elas movimentam a sociedade e preparam a renovação. Está ainda aí um sinal dos tempos.

O Espiritismo é, como alguns o pensam, uma nova fé cega substituindo a uma outra fé cega; de outro modo dito, uma nova escravidão do pensamento sob uma nova forma? Para crê-lo é preciso ignorar-lhe os primeiros elementos. Com efeito, coloca como princípio que antes de crer é preciso compreender; ora, para compreender é preciso fazer uso de seu julgamento; eis porque ele procura se dar conta de tudo antes de nada admitir, em saber o porquê e o como de cada coisa; também os Espíritas são mais suscetíveis do que os outros com relação aos fenômenos que saem do círculo das observações habituais. Ele não repousa sobre nenhuma teoria preconcebida e hipotética, mas sobre a experiência e a observação dos fatos; em lugar de dizer: "Crede primeiro, e compreendais em seguida, se o puderdes," ele diz: Compreendei primeiro e credeis em seguida se o quiserdes." Ele não se impõe a ninguém; diz a todos: "Vede, observai, comparai e vinde a nós livremente se isto vos convém." Assim falando, ele se candidata e corta as chances da concorrência. Se muitos vão a ele, é que os satisfaz muito, mas ninguém o aceita de olhos fechados. Àqueles que não o aceitam, ele diz: "Sois livres, e não vos quero; tudo o que vos peço, é de deixar-me a minha liberdade, como vos deixo a vossa. Se procurais me afastar, pelo medo de que vos suplante, é que não estais muito seguros de vós."

O Espiritismo não procurando afastar nenhum dos concorrentes na liça aberta às idéias que devem prevalecer no mundo regenerado, e nas condições do verdadeiro livre pensamento; não admitindo nenhuma teoria que não esteja fundada sobre a observação, ele está, ao mesmo tempo nas do mais rigoroso positivismo; tem, enfim, sobre seus adversários de duas opiniões contrárias extremas, a vantagem da tolerância.

Nota. Algumas pessoas nos censuraram pelas explicações teóricas que, desde o princípio, procuramos dar dos fenômenos espíritas. Essas explicações, baseadas sobre uma observação atenta, remontando dos efeitos à causa, provavam, de uma parte, que queríamos nos dar conta e não crer nelas cegamente; de outra, que queríamos fazer do Espiritismo uma ciência de *raciocínio* e não de *credulidade*. Por essas explicações que o tempo desenvolveu, mas que consagrou em princípio, porque nenhuma foi contraditada pela experiência, os Espíritas acreditaram porque compreenderam, e não é duvidoso que é a isto que se deve atribuir o crescimento rápido do número dos adeptos sérios. É a essas explicações que o Espiritismo deve por ter saído do domínio do maravilhoso e de

estar ligado às ciências positivas; por elas demonstrou aos incrédulos que isto não é uma obra de imaginação; sem elas estaríamos ainda para compreender os fenômenos que surgem a cada dia. Era urgente colocar, desde o princípio, o Espiritismo sobre o seu verdadeiro terreno. A teoria fundada sobre a experiência foi o freio que impediu a credulidade supersticiosa, tanto quanto a malevolência, de fazê-lo desviar de seu caminho. Porque aqueles que nos censuram por termos tomado a iniciativa, não a tomaram eles mesmos?

AS TRÊS FILHAS DA BÍBLIA.

Sob este título, o Sr. Hippolyte Rodrigues publicou uma obra na qual prevê a fusão das três grandes religiões descendentes da Bíblia. Um dos escritores do jornal *Le Pays* fez a esse respeito às reflexões seguintes, no número de 10 de dezembro de 1866:

"O que são as três filhas da Bíblia? A primeira é judia, a segunda é católica, a terceira é maometana.

"Compreende-se em consequência que se trata aqui de um livro sério, e que a obra do Sr Hippolyte Rodrigues interessa especialmente aos espíritos sérios que se comprazem nas meditações morais e filosóficas sobre o destino humano.

"O autor crê numa próxima fusão das três grandes religiões que se chama as três filhas da Bíblia, e trabalha para conduzir a esse resultado, no qual vê um progresso imenso. É desta fusão que sairá a religião nova que considera como devendo ser a religião definitiva da Humanidade.

"Não quero iniciar aqui, com o Sr. Hippolyte Rodrigues, uma polêmica inoportuna sobre a questão religiosa que agita há tantos anos no fundo das consciências e nas entranhas da sociedade. Permito-me, no entanto, uma reflexão. Quero fazer aceitar a crença nova pelo raciocínio. Até este dia, não há senão a fé que tenha fundado e mantido as religiões, por esta razão suprema de que, *quando se raciocina, não se crê mais*, e quando um povo, uma época, deixou de crer, vemos logo ruir a religião existente, não se vê levantar a religião nova."

A.DECÉSENA.

Essa tendência, que se generaliza, de prever a unificação dos cultos, como tudo o que se liga à fusão dos povos, à diminuição das barreiras que os separam moralmente e comercialmente, é também um dos sinais característicos dos tempos. Não julgaremos a obra do Sr. Rodrigues, tendo em vista que não a conhecemos; não temos, não mais, a examinar, para o momento, por quais circunstâncias poderá ser trazido o resultado que espera, e que considera a justo título como um progresso; queremos somente apresentar algumas observações sobre o artigo acima.

O autor está num grande erro quando diz que "quando se raciocina não se crê mais." Dizemos, ao contrário, que quando se raciocina sua crença, se crê mais firmemente, porque se a compreende; foi em virtude deste princípio que dissemos: Não há fé inabalável senão aquela que pode encarar a razão face a face em todas as épocas da Humanidade.

O erro da maioria das religiões é de haver erigido em dogma absoluto o princípio da fé cega, e de haver, em favor desse princípio, que anula a ação da inteligência, feito aceitar, durante um tempo, as crenças que os progressos ulteriores da ciência vieram contradizer. Disto resultou, num grande número de pessoas, essa prevenção de que toda crença religiosa não pode suportar o livre exame, confundindo, numa reprovação geral, o que não eram senão casos particulares. Esta maneira de julgar as coisas não é mais racional de que se condenasse todo um poema, porque encerraria alguns versos

incorretos, mas é mais cômoda para aqueles que não querem crer em nada, porque, rejeitando tudo, se crêem dispensados de nada examinar.

O autor comete um outro erro capital quando diz: "Quando um povo, uma época deixou de crer, vê-se logo ruir a religião existente, não se vê levantar a religião nova." Onde viu ele, na história, um povo, uma época sem religião?

A maioria das religiões nasceram nos tempos recuados, quando os conhecimentos científicos eram muito limitados ou nulos; elas erigiram em crenças noções errôneas, que só o tempo poderia retificar. Infelizmente, todas foram fundadas sobre o princípio da imutabilidade, e como quase todas confundiram, num mesmo código, a lei civil e a lei religiosa, tendo disto resultado que, num momento dado, o espírito humano, tendo caminhado, ao passo que as religiões permaneceram estacionárias, estas não se encontraram mais à altura das idéias novas. Elas caem, então, pela força das coisas, como caem as leis, os costumes sociais, os sistemas políticos que não podem responder às necessidades novas. Mas como as crenças religiosas são instintivas no homem, e constituem, pelo coração e pelo espírito, uma necessidade tão imperiosa quanto à legislação civil para a ordem social, elas não se aniquilam: elas transformam-se.

A transição não se opera jamais de maneira brusca, mas pela mistura temporária das idéias antigas e das idéias novas; é de início uma fé mista que participa de umas e das outras; pouco a pouco a velha crença se extingue, a nova cresce, até que a substituição seja completa. Por vezes, a transformação não é senão parcial; são então as seitas que se separam da religião mãe modificando alguns pontos de detalhe. Foi assim que o Cristianismo sucedeu ao paganismo, que o Islamismo sucedeu ao fetichismo árabe, que o Protestantismo, a religião grega, se separaram do Catolicismo. Por toda a parte vêem-se os povos não deixarem crença senão para tomar uma apropriada ao seu estado de adiantamento moral e intelectual; mas em nenhuma parte há solução de continuidade.

Em nossos dias se vê, é verdade, a incredulidade absoluta erigida em doutrina e professada por algumas seitas filosóficas; mas seus representantes, que constituem uma ínfima minoria na população inteligente, têm o erro de se crerem todo um povo, toda uma época, e porque não querem mais religião, pensam que sua opinião pessoal é o encerramento dos tempos religiosos, ao passo que não é senão uma transição parcial para uma outra ordem de idéias.

O ABADE LACORDAIRE E AS MESAS GIRANTES.

Extrato de uma carta do abade Lacordaire à senhora Swetchine, datada de Flavigny, em 29 de junho de 1853, tirada de sua correspondência, publicada em 1865.

"Vistes girar e ouvistes falar as mesas ? - Eu desdenhei devê-las girar, como uma coisa muito simples, mas eu as ouvi e *fiz falar*. Elas me disseram coisas bastante notáveis sobre o passado e sobre o presente. Por extraordinário que isto seja, é para um cristão, que crê nos *Espíritos*, um fenômeno muito vulgar e muito pobre. Em todos os tempos, houve modos mais ou menos bizarros para *comunicar-se com os Espíritos*; somente antigamente, fazia-se mistério desses procedimentos, como se fazia mistério da química; a justiça, por execuções terríveis, fazia entrar na sombra essas estranhas práticas. Hoje, graças à liberdade dos cultos e à publicidade universal, o que era um segredo se tornou uma fórmula. Talvez também, por essa divulgação, Deus quer proporcionar o desenvolvimento das forças espirituais ao desenvolvimento das forças materiais, a fim de que o homem não esqueça, em presença das maravilhas da mecânica, que há dois mundos incluídos um no outro: o *mundos dos corpos* e o *mundos dos Espíritos*.

"É provável que esse desenvolvimento paralelo irá crescente até o fim do mundo, o que causará um dia o reino do anticristo, onde severa, de uma parte e de outra, para o bem e o mal, o emprego de armas sobrenaturais, e de prodígios assustadores. Com isto

não concluo que o Anticristo esteja próximo, porque as operações das quais somos testemunhas, salvo a publicidade, nada têm de mais extraordinário do que o que se via antigamente. Os pobres incrédulos devem estar bastante inquietos com sua razão; mas têm o recurso de tudo crer para escapar à verdadeira fé, e nisto não faltarão. A profundidade dos julgamentos de Deus!"

O abade Lacordaire escreveu isto em 1853, quer dizer, quase no início das manifestações, numa época em que esses fenômenos eram muito mais um objeto de curiosidade do que um assunto de meditações sérias. Se bem que então não estivessem constituídos nem em ciência nem em corpo de doutrina, tinha-lhe entrevisto a importância, e longe de considerá-los como uma coisa efêmera, previa-lhe o desenvolvimento no futuro. Sua opinião sobre a existência e a manifestação dos Espíritos é categórica; ora, como ele é geralmente tido, por todo o mundo, como uma das altas inteligências deste século, parece difícil alinhá-lo entre os loucos depois de tê-lo aplaudido como homem de grande senso e de progresso. Pode-se, pois, ter o senso comum e crer nos Espíritos.

As mesas falantes são, disse ele, "um fenômeno muito vulgar e muito pobre;" muito pobre, com efeito, quanto ao meio de comunicar com os Espíritos, porque se não se tivessem tido outros, o Espiritismo não teria avançado pouco; então conheciam-se apenas os médiuns escreventes, e não se supunha o que iria sair desse meio em aparência tão pueril. Quanto ao reino do Anticristo, Lacordaire não parece se assustar muito com ele, porque não o vê chegar logo. Para ele essas manifestações são *providenciais*; elas devem *perturbar e confundir os incrédulos*; ele admira a profundidade dos julgamentos de Deus; não são, pois, a obra do diabo que deve levar a negar a Deus e a não reconhecer o seu poder.

O extrato acima da correspondência de Lacordaire foi lido na Sociedade de Paris, na sessão de 18 de janeiro; nessa mesma sessão, o Sr. Morin, um de seus médiuns habituais, adormeceu espontaneamente sob a ação magnética dos Espíritos; era a terceira vez que esse fenômeno se produzia nele, porque habitualmente não dormia senão pela magnetização comum. Em seu sono falou sobre diferentes assuntos, e de vários Espíritos presentes dos quais nos transmitiu o pensamento. Disse entre outras coisas o que se segue:

"Um Espírito que todos vós conheceis, e que eu conheço também; um Espírito de grande reputação terrestre, elevado na escala intelectual dos mundos, está aqui. Espírita antes do Espiritismo, eu o vi ensinando a Doutrina, não mais como encarnado, mas como Espírito. Eu o vi pregando com a mesma eloquência, com o mesmo sentimento de convicção íntima, de quando era vivo, o que, certamente, não teria ousado pregar em púlpito abertamente, mas ao que conduziam seus ensinamentos. Eu o vi pregar a Doutrina aos seus, à sua família, a todos os seus amigos. Eu o vi enfurecer-se, se bem que no estado espiritual, quando encontrava um cérebro refratário, ou uma resistência obstinada às inspirações que ele soprava; sempre vivo e petulante, querendo fazer penetrar a convicção nas inteligências, como se faz penetrar na rocha viva o cinzel empurrado por um vigoroso golpe de martelo. Mas isto não entrava tão depressa; no entanto a sua eloquência com isto converteu a mais de um. Este Espírito é o do abade Lacordaire.

"Ele pede uma coisa, não por Espírito de orgulho, não por um interesse pessoal qualquer, mas um interesse de todos e para o bem da Doutrina: a inserção na Revista, daquilo que escreveu há treze anos. Se eu peço esta inserção, diz ele, é por dois motivos; o primeiro é que mostrareis ao mundo que, como o dissestes, pode-se não ser um tolo e crer nos Espíritos. O segundo é que a publicação dessa primeira citação fará descobrir em meus escritos outras passagens que vos serão assinaladas, como estando de acordo com os princípios do Espiritismo."

REPUTAÇÃO DA INTERVENÇÃO DO DEMÔNIO.

Pelo Mons. Freyssinous, bispo de Hermopolis.

Em resposta à opinião que atribui a uma esperteza do demônio as transformações morais operadas pelo ensino dos Espíritos, dissemos muitas vezes que o diabo seria bem pouco hábil se, para chegar a perder o homem, começasse por tirá-lo do lamaçal da incredulidade e conduzi-lo a Deus; que esta seria a conduta de um tolo, de um simplório. A isto se objeta que está precisamente aí a obra-prima da malícia desse inimigo de Deus e dos homens. Confessamos não compreendera malícia.

Um de nossos correspondentes nos dirige, em apoio de nosso raciocínio, as palavras adiante do Mons. de Fryssinous, bispo de Hermopolis, tiradas de suas *conferências sobre a religião*, tomo II, página 341; Paris, 1825.

"Se Jesus Cristo tivesse operado seus milagres pela virtude do demônio, o demônio teria, pois, trabalhado para destruir seu império, e teria empregado sua força contra si mesmo. Certamente, um demônio que procurasse destruir o reino do vício para estabelecer o da virtude, seria um estranho demônio. Eis porque Jesus, para repelir a absurda acusação dos Judeus, lhes disse: "Se eu opero prodígios em nome do demônio o demônio está, pois, dividido consigo mesmo; ele procura, pois, se destruir," *resposta que não sofre réplica.*"

Agradecemos ao nosso correspondente por ter consentido em nos assinalar esta importante passagem da qual nossos leitores tirarão seu proveito se possível. Agradecemos também a todos aqueles que nos transmitem o que encontram, em suas leituras, de interessante para a Doutrina. Nada está perdido.

Todos os eclesiásticos, como se vê, estão longe de professar, sobre a doutrina demoníaca, opiniões tão absolutas quantos certos membros do clero; o Mons. de Hermopolis é, nestas matérias, uma autoridade da qual não se saberia recusar o valor. Seus argumentos são precisamente os mesmos que os Espíritos opõem àqueles que atribuem ao demônio os bons conselhos que recebem dos Espíritos. Que fazem, com efeito, os Espíritos, se não é destruir o reino do vício para estabelecer o da virtude? de conduzir a Deus aqueles que o desconhecem e o negam? Se tal fossem a obra do demônio, ele agiria como um ladrão profissional que restituísse o que roubou, e convidaria rs outros ladrões a se tornarem pessoas honestas. Então, seria preciso felicitá-los pela sua transformação. Sustentar a cooperação *voluntária* do Espírito do mal para produzir o bem, é não só um contra-senso, mas é negar a mais alta autoridade cristã: a do Cristo.

Que os Fariseus do tempo de Jesus tenham acreditado nisto de boa-fé, poder-se-ia concebê-lo, porque então não se estava mais esclarecido sobre a natureza de Satã do que sobre as de Deus, e que entrou na teogonia dos Judeus deles fazer duas forças iguais. Mas hoje uma tal doutrina, que é tão inadmissível quanto à que atribuía a Satã certas invenções industriais, como a imprensa, por exemplo; aqueles mesmos que a defendem são talvez os últimos a nela crerem; ela já cai no ridículo e não assusta ninguém, e antes de que seja por muito tempo não se ousará mais invocá-la.

A Doutrina Espírita não admite potência rival à de Deus, e ainda menos poderia admitir que um ser decaído, precipitado por Deus num abismo, pudesse ter recobrado bastante poder para contrabalançares seus desígnios, o que roubaria a Deus a sua onipotência. Segundo essa doutrina, Satã é a *personificação alegórica* do mal, como entre os Pagãos Saturno era a personificação do tempo, Marte a da guerra, Vênus a da beleza.

Os Espíritos que se manifestam são as almas dos homens, e entre eles há, como entre os homens, os bons e os perversos, avançados e atrasados; os bons dizem boas coisas, dão bons conselhos; os perversos dizem as más, inspiram maus pensamentos, e fazem o mal como faziam sobre a Terra; vendo a maldade, a patifaria, a ingratidão, a

perversidade de certos homens, reconhece-se que não valem mais do que os maus Espíritos; mas, encarnados ou desencarnados, esses maus Espíritos chegarão um dia a se melhorar, quando forem tocados pelo arrependimento.

Comparai uma e a outra doutrina, e vede a que é mais racional, a mais respeitosa para com a divindade.

VARIEDADES

EUGÉNIE COLOMBE. PRECOCIDADE FENOMENAL.

Vários jornais reproduziram o fato seguinte:

"A *Sentinelle*, de Toulon, fala de um jovem fenômeno que se admira neste momento naquela cidade.

"É uma criança com a idade de dois anos e onze meses, chamada: Eugénie Colombe.

"Esta criança já sabe perfeitamente ler e escrever, e além disto está em estado de sustentar o mais sério exame sobre os princípios da religião cristã, sobre a gramática francesa, a geografia, a história da França e as quatro regras da aritmética.

"Ela conhece a rosa dos ventos e sustenta perfeitamente uma discussão científica sobre todos estes assuntos.

Esta admirável criança começou a falar muito distintamente com a idade de quatro meses.

"Apresentada nos salões da prefeitura marítima, Eugénie Colombe, dotada de um rosto encantador, obteve um sucesso de entusiasmo."

Este artigo nos pareceu, 'assim como a muitas outras pessoas, cheio de um tal exagero, que não lhe tínhamos ligado nenhuma importância. No entanto, para saber positivamente a que nos ater, pedimos a um de nossos correspondentes, oficial da marinha, em Toulon, em consentir em indagar do fato. Eis o que nos respondeu:

"Para me assegurar da verdade, fui à casa dos pais da criança assinalada pelo *Sentinelle Toulonnaise*, de 19 de novembro; vi essa encantadora criança cujo desenvolvimento físico está em relação com a sua idade; ela não tem senão três anos. Sua mãe é professora; é ela que dirige a sua instrução. Ela a interrogou, em minha presença, sobre o catecismo, a história santa desde a criação do mundo até o dilúvio, os oito primeiros reis da França e diferentes circunstâncias relativas ao seu reino e ao de Napoleão I. Pela geografia, a criança nomeou as cinco partes do mundo, as capitais dos países que elas encerram, e várias sedes dos departamentos da França. Também respondeu perfeitamente sobre as primeiras noções da gramática francesa e o sistema métrico. Esta criança deu todas essas respostas sem a menor hesitação, divertindo-se com os brinquedos que tinha nas mãos. Sua mãe me disse que ela sabia ler desde a idade de dois anos e meio, e assegurou-me que ela pode responder da mesma maneira a mais de quinhentas perguntas."

O fato livre do exagero dos relatos dos jornais, e reduzido às proporções acima, por isso não é menos notável e importante em suas conseqüências. Ele chama forçosamente a atenção sobre os fatos análogos de precocidade intelectual e dos conhecimentos inatos. Involuntariamente procura-se explicá-los, e com as idéias de pluralidade de existências que circulam, chega-se a não lhes encontrar solução racional senão numa existência anterior. É preciso classificar esses fenômenos entre aqueles que são anunciados como devendo, pela sua multiplicidade, confirmar as crenças espíritas, e contribuir para o seu desenvolvimento.

No caso do qual se trata, certamente, a memória parecia desempenhar um papel importante. A mãe desta criança era professora, a pequenina se achava, sem dúvida,

habitualmente na classe, e teria retido as lições feitas aos alunos por sua mãe, ao passo que se vêem certas crianças possuir, por intuição, conhecimentos de alguma natureza nativos, e fora de todo o ensino. Mas por que, nela antes que nos outros, essa facilidade excepcional para assimilar o que ela ouvia, e que, provavelmente, nem se pensava em ensinar-lhe? É que, o que ela ouvia, não fazia senão despertar nela a lembrança daquilo que sabia. A precocidade de certas crianças pelas línguas, pela música, pelas matemáticas, etc., todas as idéias inatas, em uma palavra, não são igualmente senão lembranças; lembram-se daquilo que sabiam, como se vê certas pessoas se lembrarem, mais ou menos vagamente do que fizeram, ou do que lhes aconteceu. Conhecemos um menino de cinco anos que, estando à mesa, onde nada na conversação teria podido provocar uma idéia sobre esse assunto, se pôs a dizer: "Eu, eu fui casado, não me lembro bem disto; tinha uma mulher, pequena, jovem e alegre, e tive vários filhos." Certamente, não se tem nenhum meio de controlara sua afirmativa, mas pergunta-se de onde pôde lhe vir uma semelhante idéia, então que nenhuma circunstância tinha podido provocá-la.

Disto é preciso concluir que as crianças que não aprendem senão à força de trabalho foram ignorantes ou estúpidas em sua precedente existência? Seguramente, não; a faculdade de se lembrar é uma aptidão inerente ao estado psicológico, quer dizer, ao mais fácil desligamento da alma em certos indivíduos do que em outros, uma espécie de visão espiritual retrospectiva que lhes lembra o passado, ao passo que para aqueles que não a possuem, esse passado não deixa nenhum traço *aparente*. O passado é como um sonho do qual se lembra mais ou menos exatamente, ou do qual se perdeu totalmente a lembrança. (*Ver Revista Espírita* de julho de 1860, página 205; id. de novembro de 1864, página 328.)

No momento de imprimir, recebemos de um de nossos correspondentes da Argélia, que, em sua passagem por Toulon, viu a jovem Eugénie Colombe, uma carta contendo o relato seguinte, que confirma o precedente, e que acrescenta detalhes que não são sem interesse:

"Esta criança, de uma beleza notável, é de uma vivacidade extrema, mas de uma doçura angelical. Colocada sobre os joelhos de sua mãe, ela respondeu a mais de cinqüenta perguntas sobre o Evangelho. Interrogada sobre a geografia, ela me desenhou todas as capitais da Europa e dos diversos estados da América; todas as sedes dos departamentos franceses e da Argélia; explicou-me o sistema decimal, o sistema métrico. Em gramática, os verbos, os participios e os adjetivos. Ela conhecia, ou pelo menos definiu as quatro primeiras regras. Ela escreveu sob meu ditado, mas com uma rapidez tal, que fui levado a crer que escrevia medianimicamente. Na quinta linha ela pousou sua caneta; olhou-me fixamente com seus grandes olhos azuis, dizendo-me bruscamente: "Senhor, é bastante;" depois desceu de sua cadeira e correu aos seus brinquedos.

"Esta criança, certamente, é um Espírito bastante avançado, porque se vê que ela responde e cita sem o menor esforço de memória. Sua mãe disse-me que desde a idade de doze a quinze meses ela sonha à noite e parece conversar, mas numa linguagem que não permite compreendê-la. É caridosa por instinto; atrai sempre a atenção de sua mãe quando percebe um pobre; ela não pode tolerar que se bata nem em cães, nem em gatos, nem em nenhum animal. Seu pai é um trabalhador do arsenal marítimo."

Só os Espíritos esclarecidos, como os nossos dois correspondentes, podem apreciar o fenômeno psicológico que apresenta esta criança, e dele sondar a causa; do mesmo modo que, para julgar um mecanismo é preciso um mecânico, para julgar os fatos espíritos é preciso ser Espírita; ora, quem se encarrega em geral da constatação e da explicação de fenômenos deste gênero? Precisamente as pessoas que não os estudaram, e que, negando a causa primeira, não podem admitir-lhe as conseqüências.

TOM, O CEGO, MÚSICO NATURAL.

Lê-se no *Spiritual Magazine* de Londres:

"A celebridade de *Tom*, o Cegoque, há pouco, fez seu aparecimento em Londres, já era difundida aqui, e há alguns anos, um artigo no jornal *Ali the year round*, havia descrito suas notáveis faculdades e a sensação que elas tinham produzido na América. A maneira pela qual essas faculdades se desenvolveram nesse negro, escravo e cego, ignorante e totalmente iletrado; como, toda criança, surpreendido um dia pelos sons da música da casa de seu senhor, correu sem cerimônia para tomar seu lugar ao piano, reproduzindo nota por nota o que vinha de ser tocado, rindo e fazendo contorções de alegria vendo o novo mundo de prazeres que acabava de descobrir, tudo isto foi tão freqüentemente contado, que creio inútil mencionar de novo; mas um fato significativo e interessante me foi contado por um amigo que foi a primeira testemunha e apreciador da faculdade de Tom. Um dia uma obra de Haendel lhe foi tocada. Imediatamente Tom a tocou de novo corretamente, e quando terminou, se esfregou as mãos com uma expressão de alegria indefinível exclamando: "Eu o vejo, é um velho com uma grande peruca; ele tocou primeiro e eu depois." É incontestável que Tom havia visto Haendel, e o tinha ouvido tocar.

"Tom tocou várias vezes em público, e a maneira pela qual executa os trechos mais difíceis faria quase duvidar de sua enfermidade. Ele repete sem erro ao piano, e necessariamente de memória, tudo o que se lhe toca, sejam sonatas clássicas antigas, sejam fantasias modernas; ora, gostaríamos muito de ver aquele que poderia aprender desta maneira as variações de Thalberg com os olhos fechados, como ele o fez.

"Este fato surpreendente de um cego ignorante, desprovido de toda instrução, mostrando um talento que outros são incapazes de adquirir com todas as vantagens do estudo, será provavelmente explicado por um grande número segundo a maneira comum de encarar essas coisas, dizendo: é um gênio e um organismo excepcional; mas não é senão o Espiritismo que pode dar a chave desse fenômeno de maneira compreensível e racional."

As reflexões que fizemos a propósito da menina de Toulon se aplicam naturalmente a Tom, o cego. Tom deve ser um grande músico ao qual basta ouvir para estar no caminho daquilo que soube. O que torna o fenômeno mais extraordinário é que se apresenta num negro, escravo e cego, tríplice causa que se oporia à cultura de suas aptidões nativas, e apesar da qual elas se manifestaram na primeira ocasião favorável, como um grão germina aos raios do sol. Ora, como a raça negra, em geral e sobretudo no estado de escravidão, não brilha pela cultura das artes, disto é preciso concluir que o Espírito de Tom não pertence a essa raça; mas que nela se encarnou, seja como expiação, seja como meio providencial de reabilitação desta raça na opinião, mostrando do que ela é capaz.

Muito se disse e muito se escreveu contra a escravidão e o preconceito da cor; tudo o que se disse é justo e moral; mas não era senão uma tese filosófica. A lei da pluralidade das existências e da reencarnação vem acrescentar-lhe a irrefutável sanção de uma lei da Natureza que consagra a fraternidade de todos os homens. Tom, o escravo, nascido e aclamado na América, é um pretexto vivo contra os preconceitos que reinam ainda nesse país. (Ver a *Revistade* abril de 1862, página 97: Perfectibilidade da raça negra. Frenologia espiritualista.)

SUICÍDIO DOS ANIMAIS

"O *Morning-Post* contou, há alguns dias, a história estranha de um cão que teria se suicidado. O animal pertencia a um Sr. Home, de Frinsbury, perto de Rochester. Parece que certas circunstâncias o tinham feito supor estar atingido de hidrofobia, e que, conseqüentemente, se o evitava e era mantido longe da casa tanto quanto possível. Parecia sentir muita tristeza por ser tratado deste modo, e durante alguns dias notou-se que estava com o humor sombrio e tristonho, mas sem mostrar ainda nenhum sintoma de raiva. Quinta-feira foi visto deixar sua casinha e se dirigir para a residência de um amigo íntimo de seu senhor, em Upnor, onde recusaram acolhê-lo, o que lhe arrancou um grito lamentável.

"Depois de ter esperado algum tempo diante da casa, sem ser admitido ao seu interior, decidiu partir, e foi visto ir para o lado do rio, que passa ali perto, descer a margem com passo deliberado, depois, após ter retornado e ter produzido uma espécie de uivo de adeus, entrar no rio, mergulhar sua cabeça sob a água, e, ao cabo de um minuto ou dois, reaparecer sem vida na superfície.

Esse ato de suicídio extraordinário teve, disse-se, por testemunha um grande número de pessoas. O gênero de morte prova claramente que o animal não estava hidrófobo.

"Este fato parece muito extraordinário; sem dúvida, ele encontra incrédulos. No entanto, diz o *Droit*, ele não é sem precedente.

"A história nos conservou a lembrança de cães fiéis que se votaram a uma morte voluntária por não sobreviverem aos seus senhores. Montaigne cita deles dois exemplos tomados à antigüidade: "Hyrcanus, o cão do rei Lysimachus, seu senhor morto, permanece obstinado sobre o seu leito, sem querer beber nem comer, e no dia em que se lhe queima o corpo, ele toma seu curso e se lança no fogo onde foi queimado; como assim também fez o cão de um chamado Pyrrhus, porque não se mexeu de cima do leito de seu senhor desde que foi morto; e quando o levaram, deixou-se levantar e ele, finalmente se lançou na fogueira onde queimavam o corpo de seu senhor." (*Essais*, liv. II, cap. XII.) Registramos mesmo, há alguns anos, o fim trágico de um cão que, tendo incorrido na infelicidade de seu senhor, e não podendo com isto se consolar, precipitou-se do alto de uma passarela no canal Saint-Martin. O relato muito circunstanciado que então fizemos deste acontecimento jamais foi contestado e não deu lugar a nenhuma reclamação das partes interessadas."

(*Petit Journal*, 15 de maio de 1866.)

O suicídio não é sem exemplo nos animais. O cão, como está dito acima, que se deixa morrer de inanição pelo desgosto deter perdido seu senhor, realiza um verdadeiro suicídio.

O escorpião, cercado por um círculo de carvão ardente, vendo que dele não pode sair, mata-se a si mesmo. É uma analogia a mais a se constatar entre o espírito do homem e o dos animais.

A morte voluntária num animal prova que ele tem a consciência de sua existência e de sua individualidade; ele compreende o que é a vida e a morte, uma vez que escolhe livremente entre uma e a outra; não é, pois, tão maquinai, e não obedece tão exclusivamente a um instinto cego, que se o supõe. O instinto leva à procura dos meios de conservação, e não de sua própria destruição.

POESIAS ESPÍRITAS.

(Sociedade de Paris, 20 de julho de 1866, méd. Sr. Vavasseur.)

LEMBRANÇA.

Duas crianças, a irmã e o irmão,
Entraram juntos na cabana
Numa noite de verão. Já a noite,
Em passo lento, avançava sem ruído,
Atrás deles, branca e vaporosa
Como uma sombra misteriosa.
O pássaro dormia no fundo das florestas,
E o vento norte deslizava sem voz;
Tudo sonhava num doce mistério.
A irmã disse, baixinho, ao seu irmão:
Irmão, tenho medo; não ouves
Um sino chorar lá embaixo?
É o lúgubre e triste dobrar
De um defunto. - Não tremas,
Irmã, disse o irmão, é uma alma
Que foge da Terra e que reclama
Uma prece, para pagar
Seu lugar no eterno lar.
Vamos, irmã, orar na Igreja
Sobre a laje empoeirada e sombria
Onde se nos viu, um dia de luto,
Ambos de trás de um longo caixão
Onde dormia nossa pobre mãe.
Vamos orar pelos mortos, irmã;
Isto nos trará felicidade.
Vamos, vamos! - E irmã e irmão,
Uma lágrima sobre a pálpebra,
Ambos se dando as mãos,
Tomam o estreito e verde caminho
Que leva à velha igreja.
Uma segunda vez o vento norte
Trouxe-lhes o triste adeus
Do defunto procurando seu Deus,
E o sino cessou o seu lamento;
E mudos e trementes de medo
Nossas duas crianças silenciosas
Caminham olhando os céus.
Chegados ao limiar da igreja
Viram uma mulher sentada
À sombra da triste coluna
Que mantinha a grande pia.
Os pés nus, a face velada,
Pálida, louca e descabelada,
Ela exclamava: Ó meu Deus!
Ó vós a quem se adora em todo lugar.
Em todos os tempos, por toda a parte, na Terra
Como no céu, uma pobre mãe
Tremendo, aos pés de vosso altar,
Diante de vossos desígnios eternos,
Ousa apenas, em vossa presença,
Se lamentar e narrar seu sofrimento.

Senhor! Eu não tinha senão um filho,
Um só; era róseo e branco
Como um branco raio que colore
Uma fresca manhã em sua aurora.
O espelho de seus grandes olhos azuis
Refletia o azul de vossos céus,
E em sua boca um doce sorriso
Parecia se colocar e me dizer:
Não chores mais em teu lar;
É que Deus vem de me enviar.
Vê, a tempestade está dissipada, mãe;
O céu está sem nuvem; espera!
E eu esperei. Mas, pobre criança,
Tu te enganavas em me enganando.
Quando o vento sopra sobre a praia
E destrói tudo em sua passagem,
Não deixando senão alguns caniços
Para chorar nas margens de suas águas...
E quando a morte bate à porta
De um lar, ela entra e leva
Tudo! tudo!... Não deixando em seu limiar
Senão um lençol negro para esconder seu luto.
Eu sabia, no entanto, que um belo sonho,
Se começa na manhã, termina
Uma noite neste mundo; que a noite,
Ciumenta do sol que brilha,
E que faz empalidecer sua triste sombra
Estende logo um véu sombrio
Para obscurecer seus mil fogos
E velá-lo a todos os olhos.
Sim, eu o sabia; mas a mãe
Ignora tudo; quando ela espera,
A pobre mãe crê em tudo;
Por um filho, na felicidade, sobretudo.
Eu tinha sofrido toda a minha vida,
Não podia sem loucura
Esperar um dia de felicidade?
E o foi de outro modo! Senhor,
Que a vossa vontade seja feita!
Só, neste humilde refúgio,
Onde vi morrer um esposo,
Onde, pálida e tremente, de joelhos,
Recebo o adeus de um pai,
Onde retirais à mãe
Sua última esperança, seu filho.
Diante de seu carrasco triunfante,
A morte que contempla sua presa
Com um sorriso de alegria,
Senhor! peço à mão
Que fere todos os meus, amanhã
De não poupar a mãe
Pedindo seu filho à terra.

O sino, uma última vez,
A estas palavras, fez falar sua voz.
A alma da criança sobre a terra
Voltava para consolar a mãe
Em lhe dizendo: Eu estou nos céus!
Quando irmã e irmão, preocupados
Saíram da velha igreja,
A mulher estava ainda sentada
JEAN.

DISSERTAÇÕES ESPIRITAS

AS TRÊS CAUSAS PRINCIPAIS DAS DOENÇAS.
(Paris, 25 de outubro de 1866. - Mèdium, Sr. Desliens).

O que é o homem?... Um composto de três princípios essenciais: o Espírito, o perispírito e o corpo. A ausência de um qualquer destes três princípios, necessariamente, levaria ao aniquilamento do ser no estado humano. Se o corpo não existe mais, há o Espírito e não mais o homem; se o perispírito falta ou não pode funcionar, o imaterial não podendo agir diretamente sobre a matéria e se encontrando assim na impossibilidade de se manifestar, poderá aí ter alguma coisa no gênero do cretino ou do idiota, mas não haverá jamais um ser inteligente. Enfim, se falta o Espírito, ter-se-á um feto vivendo da vida animal e não um Espírito encarnado. Se, pois, temos três princípios presentes, estes três princípios devem reagir um sobre o outro, e se seguirá a saúde ou a doença, segundo houver entre eles harmonia perfeita ou desacordo parcial.

Se a doença ou a desordem orgânica, como se queira chamá-la, procede do corpo, os medicamentos materiais, sabiamente empregados bastarão para restabelecer a harmonia geral.

Se a perturbação vem do perispírito, se é uma modificação do princípio fluídico que o compõe, que se acha alterado, será preciso uma medicação em relação com a natureza do órgão para que as funções possam retomar seu estado normal. Se a doença procede do Espírito, não se poderia empregar, para combatê-la, outra coisa do que uma medicação espiritual. Se, enfim, como é o caso mais geral, e se pode dizer mesmo aquele que se apresenta exclusivamente, se a doença procede do corpo, do perispírito e do Espírito, será preciso que a medicação combata, ao mesmo tempo, todas as causas da desordem, por meios diversos, para obter a cura. Ora, que fazem geralmente os médicos? Eles cuidam do corpo, curam-no; mas curam a doença? Não. Por quê? Porque o perispírito, sendo um princípio superior à matéria propriamente dita, poderá se tornar causa com relação a este; e se está entravado, os órgãos materiais que se encontram em relação com ele estarão igualmente atingidos em sua vitalidade. Cuidando do corpo, destruí o efeito; mas a causa residindo no perispírito, a doença virá de novo quando os cuidados cessarem, até que se tenha percebido que é preciso levar em outra parte a sua atenção, cuidando fluidicamente o princípio fluídico mórbido.

Se, enfim, a doença procede da *mens*, o Espírito, o perispírito e o corpo, colocados sob sua dependência, serão entravados em suas funções, e não é nem cuidando de um, nem cuidando do outro que se fará desaparecer a causa.

Não é, pois, colocando a camisa de força num louco, ou em lhe dando pílulas ou duchas, que se chegará a levá-lo ao seu estado normal; somente se acalmarão seus sentidos revoltados; acalmarão seus acessos, mas não se destruirá o germe senão em combatendo-o por seus semelhantes, fazendo da homeopatia espiritual e fluidicamente, como se o faz materialmente, dando ao doente, pela prece, uma dose infinitesimal de

paciência, de calma, de resignação, segundo os casos, como se lhe dá uma dose infinitesimal de brucina, de digitalina ou de acônito.

Para destruir uma causa mórbida, é preciso combatê-la em seu terreno.

Doutor MOREL LAVALLÉE.

A CLAREZA.

(Sociedade de Paris, 5 de janeiro de 1866. - Médium, Sr. Leymarie.)

Concedei-me a hospitalidade, para vossa primeira sessão de 1866? Eu desejo, com o abraço fraternal, vos apresentar meus votos amigos; que possais ter muitas satisfações morais, muito de vontade e de caridade perseverante.

Neste século de luz, o que mais falta, é a clareza! Os semi-sábios, os Bichos-Papões da imprensa, valentemente fizeram o trabalho da aranha para obscurecer, com a ajuda de um tecido supostamente liberal, tudo que é claro, tudo o que esclarece.

Caros Espíritas, tendes encontrado em todas as camadas sociais essa força de raciocínio que é a marca de inteligência dos seres chegados? Não tendes, ao contrário, a certeza de que a grande maioria de vossos irmãos está estagnada numa ignorância malsã? Por toda a parte as heresias e as más ações! As boas intenções, viciadas em seu princípio, caem uma a uma, semelhantes a esses belos frutos dos quais um verme rói o coração e que o vento lança à terra. A clareza, nos argumentos, no saber, teria feito por acaso eleição de domicílio nas academias, entre os filósofos, os jornalistas ou os planfetários?... Poder-se-ia disto duvidar, parece-me, em vendo-os, à maneira de Diógenes, lanterna à mão, procurar uma verdade em pleno sol.

Luz, clareza, sois a essência de todo movimento inteligente! Logo inundareis com vossos raios benfazejos os recantos mais obscuros dessa pobre Humanidade; sereis vós que saireis desse lodo de tantos terrestres atordoados, embrutecidos, espíritos infelizes que devem ser lavados pela instrução, pela liberdade, sobretudo pela consciência de seu valor espiritual. A luz expulsará as lágrimas, as dificuldades, os sombrios desesperos, a negação das coisas divinas, todas as más vontades! Cercando o materialismo, ela o forçará a não mais se abrigar atrás dessa muralha factícia, carcomida, de onde arremessa inabilmente suas setas sobre tudo o que não é obra sua.

Mas as máscaras serão arrancadas e saberemos, então, se os gozos, a fortuna e o sensualismo são bem os emblemas da vida e da liberdade. A clareza é útil em tudo e a todos; ao embrião como ao homem, é preciso a luz! sem ela *tudo caminha às cegas, e a alma, às cegas, procura a alma.*

Que uma noite eterna se faça! logo as cores harmoniosas desaparecerão de vosso globo, as flores se enfraquecerão, as grandes árvores serão destruídas; os insetos, a Natureza inteira não darão mais esses mil ruídos, a eterna canção a Deus! os riachos banharão margens desoladas; o frio terá tudo mumificado, a vida terá desaparecido!...

Ocorre o mesmo com o Espírito. Se fizerdes noite ao redor dele, nela estará doente; o frio petrificará suas tendências divinas; o homem, como na Idade Média, se entorpecerá, semelhante em sua alma às solidões selvagens e desoladas das regiões boreais!

É por isto, Espíritas, que vos deveis a todas as clarezas. Mas antes de aconselhar e ensinar, começai primeiro por esclarecer as menores dobras de vossa alma. Quando, bastante depurados para nada temer, podereis elevar a voz, o olhar, o gesto, fareis uma guerra implacável à sombra, à tristeza, à ausência de vida; ensinareis as grandes leis espíritas aos irmãos que nada sabem do papel que Deus lhes assinala.

1866, possas tu, pelos anos a vir, ser essa estrela luminosa que conduziu os reis magos para a manjedoura de um humilde filho do povo; vinham prestar homenagem à encarnação que deveria representar, no sentido mais amplo, o espírito de verdade, essa

luz benfazeja que transformou a Humanidade. Por esta criança tudo foi compreendido! Foi bem ela que eternizou a graça da simplicidade, da caridade, da benevolência, do amor e da liberdade.

O Espiritismo, também estrela luminosa, deve, como a que rasgou, há dezoito séculos, o véu sombrio dos séculos de ferro, conduzir os terrestres à conquista das verdades prometidas. Saberá bem se livrar das tempestades que nos prometem as evoluções humanas e as resistências desesperadas da ciência às agonias? É que vós todos, meus amigos, e nós vossos irmãos da erraticidade, somos chamados a melhor revelar, inundando este ano com as claridades adquiridas.

Trabalhar com este objetivo é ser adepto do Filho de Belém, é ser filho de Deus, de quem emanam toda luz e toda a clareza.

SONNEZ

COMUNICAÇÃO PROVIDENCIAL DOS ESPÍRITOS.

(Grupo Delanne. - Paris, 8 de janeiro de 1865. - Mèdium, senhora Br. .)

Os tempos são chegados em que a palavra do profeta deverá ser cumprida: "Derramarei, disse o Senhor, de meu Espírito, sobre toda a carne, e vossos filhos profetizarão, vossos velhos terão sonhos." O Espiritismo é esta difusão do Espírito Divino vindo instruir e moralizar todos esses pobres deserdados da vida espiritual que, não vendo senão a matéria, esquecem que o homem não vive só de pão.

É preciso ao corpo um organismo material a serviço da alma, uma alimentação apropriada à sua natureza; mas à alma, emanação do Espírito Criador, é preciso um alimento espiritual que ela não encontra senão na contemplação das belezas celestes, resultante da harmonia das faculdades inteligentes em seu completo desabrochar.

Enquanto o homem negligencia em cultivar o seu espírito e permanece absolvido pela procura ou a posse dos bens materiais, sua alma está de alguma sorte estacionária, e lhe é preciso um grande número de encarnações antes que ela possa, obedecendo insensivelmente e como pela força à lei inevitável do progresso, chegar a esse começo de vitalidade intelectual que a torna a diretriz do ser material ao qual está unida. É por isto que, apesar dos ensinamentos dados pelo Cristo para fazer a Humanidade avançar, ela está ainda tão atrasada, não tendo querido o egoísmo apagar diante dessa lei de caridade que deve mudar a face do mundo, e dele fazer uma morada de paz, e de felicidade. Mas a bondade de Deus é infinita, ela ultrapassa a indiferença e a ingratidão de seus filhos; é porque lhes envia esses mensageiros divinos que vêm lhes lembrar que Deus não os criou para a Terra, que nela não estão senão por um tempo, a fim de que, pelo trabalho, desenvolvam as qualidades depositadas em germe em sua alma, e que, cidadãos dos céus, não devem se comprazer num estágio inferior à sua ignorância, onde somente suas faltas os retêm.

Agradecei, pois, ao Senhor, e saudai com alegria o advento do Espiritismo, uma vez que é o cumprimento das profecias, o sinal brilhante da bondade do Pai de misericórdia, e para vós uma nova chamada a esse desligamento da matéria, tão desejado, uma vez que só ele pode vos proporcionar uma verdadeira felicidade.

LOUIS DE FRANCE.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MIRETTE

Romance espírita pelo Sr. Élie Sauvage, membro da Sociedade das pessoas de letras (1). (1) 1 vol. in-12. Livraria dos Autores, 10, rue de la Bourse. Preço 3 fr. Pelo correio, para a França e Argélia, 3 fr. 30 c.

O ano de 1867 se abriu, para o Espiritismo, pela publicação de uma obra que inaugura, de alguma sorte, o caminho novo aberto à literatura pela Doutrina Espírita. *Mirette* não é um desses livros onde a idéia espírita não é senão acessória, e como lançada, *pelo efeito*, ao acaso da imaginação, sem que a crença venha animá-la e aquecê-la; é desta própria idéia que ele forma o dado principal menos ainda pela ação do que pelas conseqüências gerais que dela decorrem.

Em *Spirite*, de Théophile Gautier, o fantástico leva melhor de muito sobre o real e o possível do ponto de vista da Doutrina. É menos um romance espírita do que o romance do Espiritismo, e que este não pode aceitar como uma pintura fiel das manifestações; além disto, o dado filosófico e moral ali está quase nulo. Essa obra, por isso não foi menos útil à vulgarização da idéia, pela autoridade do nome do autor que soube lhe dar a marca de seu incontestável talento, e por sua publicação no jornal oficial. Além disto, era a primeira obra deste gênero de uma importância real, onde a idéia foi tomada a sério.

A do Sr. Sauvage está concebida sobre um outro plano; é uma pintura da vida real onde nada se afasta do possível, e do qual o Espiritismo pode tudo aceitar. É um relato simples, ingênuo, de um interesse firme, e tanto mais atraente quanto tudo ali é natural e verossímil; não se encontram situações romanescas, mas cenas enternecedoras, pensamentos elevados, caracteres marcantes segundo a natureza; vêem-se nele os sentimentos mais nobres e os mais puros lutando com o egoísmo e a baixa maldade, a fé lutando contra a incredulidade. O estilo nele é claro, conciso, sem superfluidade nem acessórios inúteis, sem ornamentos supérfluos, e sem pretensões ao efeito. O autor se propôs, antes de tudo, a fazer um livro moral, e hauriu seus elementos na filosofia espírita e suas conseqüências, bem mais do que no fato das manifestações; ele mostra a quais elevações de pensamentos conduzem essas crenças. Sobre este ponto resumimos a nossa opinião dizendo que: este livro pode ser lido com proveito pela juventude de ambos os sexos que nele encontrará belos modelos, bons exemplos, e úteis instruções, sem prejuízo do proveito e do agrado que dele se pode tirar em qualquer idade. Acrescentaremos que, por ter escrito este livro no sentido em que o fez, é preciso estar profundamente penetrado dos princípios da Doutrina.

O autor coloca sua ação em 1831; ele não pode, pois, falar *nominalmente* do Espiritismo, nem das obras Espíritas atuais; teve de fazer remontar seu ponto de partida aparente a Swedenborg; mas tudo ali está conforme os dados do Espiritismo moderno que estudou com cuidado.

Eis em duas palavras o assunto da obra.

O conde de Rouville, forçado a deixar subitamente a França, durante a revolução, tinha confiado, partindo para o exílio, uma soma importante e seus títulos de família a um homem sobre a lealdade do qual ele acreditava poder contar. Este homem, abusando dessa confiança, se apropriou dessa soma com a qual se enriqueceu. Quando o emigrado retornou, o depositário declarou não conhecê-lo e negou o depósito. O Sr. de Rouville, despojado de todos os recursos por essa infidelidade, morre de desespero, deixando uma filha de três anos, chamada Mirette. A criança é recolhida por um antigo servidor da família, que a educa como sua filha. Esta tinha apenas dezesseis anos quando seu pai adotivo, ele mesmo muito pobre, veio a morrer. Lucien, jovem estudante de direito, de alma grande e nobre, que tinha assistido o velho em seus últimos momentos, torna-se o protetor de Mirette, que tinha ficado sem apoio e sem asilo; fê-la admitir em casa de sua mãe, rica padeira, de coração duro e egoísta. Ora, descobre-se que Lucien é o filho de espoliador; este último, sabendo mais tarde que Mirette é a filha daquele ao qual causou a ruína e a morte, cai doente e morre atormentado de remorsos, nas convulsões de uma terrível agonia. Daí as complicações, porque os dois jovens se amam, no entanto, acabam por se casar.

Os principais personagens são: Lucien e Mirette, duas almas de elite. A mãe de Lucien, tipo perfeito do egoísmo, da cupidez, da estreiteza de idéias em luta com o amor

maternal; o pai de Lucien, personificação exata da consciência perturbada; uma carregadora de pães vilmente má e ciumenta; um velho médico, excelente homem, mas incrédulo e zombeteiro; um estudante de medicina, seu aluno, espiritualista, homem de coração, e hábil magnetizador; uma sonâmbula muito lúcida, e uma irmã de caridade de idéias grandes e elevadas, tipo modelo.

Ouvimos, sobre esta obra, ser feita a seguinte crítica:

A ação começa, sem preâmbulo, por um desses fatos de manifestações espontâneas, como se os vê freqüentemente em nossos dias, e que consistem em pancadas dadas na parede. Esses ruídos levam ao encontro dos dois principais personagens da história, Lucien e Mirette, que se desenrola em seguida. O autor deveria, diz-se, dar uma explicação do fenômeno para o uso das pessoas estranhas ao Espiritismo, e que se encontram num ponto de partida que não compreendem. Não partilhamos desta opinião, porque seria preciso dele dizer tantas cenas de visões estáticas e de sonambulismo. O autor não quis, e não podia, na oportunidade de um romance, fazer um tratado didático de Espiritismo. Todos os dias os escritores apoiam suas concepções sobre fatos científicos, históricos ou outros, que não podem menos fazer do que supor conhecidos de seus leitores, sob pena de transformar suas obras em enciclopédias; cabe àqueles que não os conhecem procurá-los, ou pedir deles a explicação. O Sr. Sauvage, colocando seu assunto em 1831, não podia desenvolver teorias que não foram conhecidas senão vinte anos mais tarde. Os Espíritos batedores, aliás, têm, em nossos dias, bastante repercussão, graças mesmo à imprensa hostil, para que poucas pessoas dele não tenham ouvido falar. Esses fatos são mais vulgares hoje do que muitos outros que se cita diariamente. O autor nos parece ter, ao contrário, realçado o Espiritismo pondo o fato como suficientemente adquirido para não ter necessidade de ser explicado.

Não partilhamos, não mais, da opinião daqueles que lhe censuram seu quadro um pouco familiar e vulgar, o pouco de complicações das forças da intriga, em uma palavra, por não ter feito uma obra literária mais magistral, assim como, certamente, teria sido capaz. Em nossa opinião, a obra é o que deveria ser para alcançar o objetivo proposto; não foi um monumento que o autor quis levantar, mas uma simples e graciosa casinhola onde o coração pode repousar.

Tal como é, se dirige a todo o mundo: grandes e pequenos, ricos e proletários, mas sobretudo a uma classe de leitores aos quais teria convencido menos se tivesse se revestido de uma forma mais acadêmica. Pensamos que a sua leitura, pode ser mais proveitosa à classe laboriosa, e a esse título gostaríamos de ver-lhe a popularidade de certos escritos cuja leitura é menos sadia.

As duas passagens seguintes podem dar uma idéia do espírito no qual está concebida a obra. A primeira é uma cena entre Lucien e Mirette, no enterro do pai adotivo desta:

"Meu pobre pai, não te verei, pois, mais! disse Mirette soluçando.

"Mirette, respondeu Lucien, com uma voz doce e séria, aqueles que crêem em Deus e na imortalidade da alma humana não devem se desolar como os infelizes que não têm a esperança. Para os verdadeiros cristãos, a morte não existe. Olhai ao vosso redor; estamos sentados no meio dos túmulos, no lugar terrível e fúnebre que a ignorância e o medo chamam o campo dos mortos. Pois bem! o sol do mês de maio nele resplandece como no seio dos mais risonhos campos. As árvores, os arbustos e as flores inundam o ar dos mais doces perfumes; desde o pássaro até o inseto imperceptível, cada ser da criação lança a sua nota nessa grande sinfonia que canta a Deus o hino sublime da vida universal. Não está aí, digo eu, um magnífico protesto contra o nada, contra a morte? A morte é uma transformação para a matéria, para os seres bons e inteligentes, é uma *transfiguração*. Vosso pai cumpriu a tarefa que Deus lhe tinha confiado: Deus chamou-o a ele; que nosso amor egoísta não inveje a palma ao mártir, a coroa ao vencedor!... Mas

não creiais que vos esqueceu. O amor é o laço misterioso que liga todos os mundos. O pai de família, forçado a cumprir uma grande viagem, não pensa em seus filhos queridos? Não vela de longe sobre sua felicidade? Sim, Mirette, que este pensamento vos console; jamais somos órfãos sobre a Terra; temos Deus primeiro que nos permitiu chamá-lo nosso pai, e depois os amigos que nos precederam na vida eterna. - Aquele que lamentais está lá, eu o vejo...ele sorri com uma ternura inefável,...ele vos fala... escutai...

"O rosto de Lucien tomou de repente uma expressão extática; seu olhar fixo, seu dedo levantado no ar, mostrava alguma coisa no espaço; seu ouvido estendido parecia ouvir palavras misteriosas.

"Filha, disse ele, como uma voz que não era mais a sua, por que fixar teu olhar velado de lágrimas sobre esse canto de terra onde se depositou meu despojo mortal? Levanta os olhos para o céu; é lá que o Espírito purificado pelo sofrimento, pelo amor e pela prece, voa para o objeto de suas sublimes aspirações! Que importa à borboleta que desdobra ao sol suas asas riosas, que lhe importa os restos de seu envoltório grosseiro? O pó retorna ao pó, a centelha remonta ao seu divino foco. Mas o Espírito deve passar por terríveis provas antes de receber a sua coroa. A terra sobre a qual rasteja o formigueiro humano é um lugar de expiação e de preparação para a vida feliz. Grandes lutas te esperam, pobre criança, mas tem confiança: Deus e os bons Espíritos não te abandonarão. Fé, esperança, amor, que esta seja aí a tua divisa. Adeus."

A obra termina pelo relato seguinte de uma excursão *estática* dos dois jovens, então casados:

"Depois de uma viagem, da qual não puderam apreciar a duração, esses dois navegadores aéreos abordaram uma terra desconhecida e maravilhosa, onde tudo era luz, harmonia e perfumes, onde a vegetação era tão bela que diferia tanto daquela de nosso globo quanto aflora dos trópicos difere da Groenlândia e das terras austrais. Os seres que habitam esse mundo, perdido no meio dos mundos, parecem bastante com a idéia que neste mundo fazemos dos anjos. Seus corpos leves e transparentes nada têm de nosso grosseiro envoltório terrestre, seu rosto irradiando inteligência e amor. Uns repousam sob a sombra de árvores carregadas de frutos e de flores, outros passeiam como essas sombras felizes que nos mostra Virgílio em sua encantadora descrição dos Campos Elíseos. Os dois personagens, que Lucien já tinha visto várias vezes em suas visões precedentes, avançaram os braços estendidos para os dois viajantes. O sorriso com o qual os abraçaram cheio de uma alegria celeste. Aquele que tinha sido o pai adotivo de Mirette lhes disse com uma doçura inefável: "Meus caros filhos, vossas preces e vossas boas obras encontraram graça diante de Deus. Ele tocou a alma do culpado e o reenviou na vida terrestre, *para expiar suas faltas e se purificar por novas provas*, porque Deus não pune eternamente, e sua justiça é sempre temperada pela misericórdia."

Eis agora a opinião dos Espíritos sobre esta obra, dada na Sociedade de Paris, na sessão em que dela foi dado conta.

"Sociedade de Paris, 4 de janeiro de 1867. Méd. Sr. Desliens.

Cada dia a crença desliga das idéias adversas um espírito irresoluto; cada dia novos adeptos, obscuros ou ilustres, vêm se abrigar sob a sua bandeira; os fatos se multiplicam, e a multidão reflete. Depois os medrosos tomam coragem a duas mãos, e então exclamam: Para a frente! com toda a força de seus pulmões. Os homens sérios trabalham, e ciência moral ou material, romances e novelas, deixam penetrar os princípios novos nas páginas eloqüentes. Quantos Espíritos, sem o saberem, entre os espiritualistas modernos!

Quantas publicações às quais não falta senão uma palavra para serem designadas à atenção pública como saindo de uma fonte espírita!

O ano de 1866 apresenta a filosofia nova sob todas as suas formas; mas é ainda o caule verde que encerra a espiga de trigo, e espera para mostrá-la que o calor da primavera a haja feito amadurecer e se entreabrir. 1866 preparou, 1867 amadurecerá e

realizará. O ano se abre sob os auspícios de Mirette, e ele não se escoará sem ver aparecer novas publicações do mesmo gênero, e mais sérias ainda, no sentido em que o romance se fará filosofia, e que a filosofia se fará história.

Não será mais do Espiritismo uma crença ignorada e aceita somente por alguns cérebros supostamente doentes; será uma filosofia admitida no banquete da inteligência, uma idéia nova tendo lugar ao lado das idéias progressistas que marcam a segunda metade do século dezenove. Também felicitamos vivamente aquele que soube, o primeiro, colocar de lado todo falso respeito humano, para arvorar francamente e decididamente sua crença íntima.

Doutor MORELL AVALLÉE.

ECOS POÉTICOS DE ALÉM TÚMULO

Coletânea de poesias medianímicas obtidas pelo Sr. Vavasseur; precedida de um *Estudo sobre a poesia medianímica*, pelo Sr. Allan Kardec. 1 vol. in-12, preço 1 fr. pelo correio para a França e Argélia, 1 f r. 20 c.-Paris, livraria central, 24, bulevar dos Italianos; no escritório da *Revista Espírita*, e na casa do autor, 3, rua da Mairie, em Paris-Montmartre.

Esta obra da qual falamos em nosso último número, e cuja impressão foi retardada, está à venda.

NOVA TEORIA MÉDICO-ESPÍRITA pelo doutor BRIZIO, de Turim.

Não conhecemos esta obra senão pelos prospectos em língua italiana que nos foram endereçados, mas não podemos senão nos alegrar em ver a solicitude das nações estrangeiras em seguir o movimento espírita, e felicitar os homens de talento que entram no caminho das aplicações do Espiritismo à ciência. A obra do doutor Brizio será publicada em 20 ou 30 entregas a 20 c. cada uma, e sua impressão será começada desde que tiver 300 subscritores. Subscreve-se em Turim, na livraria Degiorges, via Nuova.

O Livro dos Médiuns, tradução em espanhol sobre a 9¹ edição francesa: Madrid, - Barcelona, - Marselha, - Paris, no escritório da *Revista Espírita*.

ALLANKARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

10º ANO

NO. 3

MARÇO 1867

DA HOMEOPATIA NAS DOENÇAS MORAIS.

Pode a homeopatia modificar as disposições morais? Tal é a questão que se colocam certos médicos homeopatas, e à qual eles não hesitam em responder afirmativamente, apoiando-se sobre os fatos. Tendo em vista a sua extrema gravidade, vamos examiná-la com cuidado de um ponto de vista a que nos parece ter sido negligenciado por esses senhores, todos Espiritualistas e mesmo Espíritas que são, sem dúvida, porque há bem poucos médicos homeopatas que não sejam um ou o outro. Mas, para a inteligência de nossas conclusões, algumas explicações preliminares, sobre as modificações dos órgãos cerebrais, são necessárias, sobretudo para as pessoas estranhas à fisiologia.

Um princípio que a simples razão faz admitir, que a ciência constata cada dia, é que não há nada de inútil na Natureza, que, até nos mais imperceptíveis detalhes, tudo tem um objetivo, uma razão de ser, uma destinação. Este princípio é particularmente evidente pelo que se prende ao organismo dos seres vivos.

De todos os tempos, o cérebro foi considerado como o órgão da transmissão do pensamento, e a sede das faculdades intelectuais e morais. É hoje reconhecido que certas partes do cérebro têm funções especiais, e são afetadas a uma ordem particular de pensamentos e sentimentos, ao menos no que concerne à generalidade; é assim que, instintivamente, coloca-se, na parte anterior, as faculdades que são do domínio da inteligência, e que uma fronte fortemente deprimida e estreita tem para todo o mundo um sinal de inferioridade intelectual. As faculdades afetivas, os sentimentos e as paixões, por isto mesmo, têm sua sede nas outras partes do cérebro.

Ora, considerando-se que os pensamentos e os sentimentos são excessivamente múltiplos, e falando deste princípio de que tudo tem sua destinação e sua utilidade, é permitido concluir que, não só cada feixe fibroso do cérebro corresponde a uma faculdade geral distinta, mas que cada fibra corresponde à manifestação de uma das nuances desta faculdade, como cada corda de um instrumento corresponde a um som particular. É uma hipótese, sem dúvida, mas que tem todos os caracteres da probabilidade, e cuja negação não infirmaria as conseqüências que deduziremos do princípio geral; ela nos ajudará em nossa explicação.

O pensamento é independente do organismo? Não vamos discutir aqui esta questão, nem refutar a opinião materialista segundo a qual o pensamento é secreta do pelo cérebro, como a bile o é pelo fígado, nasce e morre com esse órgão; além de suas funestas conseqüências morais, esta doutrina tem contra si de nada explicar.

Segundo as doutrinas espiritualistas, que são as da imensa maioria dos homens, a matéria, não podendo produzir o pensamento, este é um atributo do Espírito, do ser inteligente, que, quando está unido ao corpo, se serve dos órgãos especialmente destinados à sua transmissão, como se serve dos olhos para ver, dos pés para caminhar. O Espírito, sobrevivendo ao corpo, o pensamento também o segue.

Segundo a Doutrina Espírita, não só o Espírito sobrevive, mas *preexiste ao* corpo; não é um ser novo; quando nasce, traz as idéias, as qualidades e as imperfeições que possuía; assim se explicam as idéias, as aptidões e as tendências inatas. O pensamento é, pois, *preexistente e sobrevivente ao* organismo. Este ponto é capital, e é por falta de tê-lo reconhecido, que tantas questões permaneceram insolúveis.

Todas as faculdades e todas as aptidões estando na natureza, o cérebro contém os órgãos, ou pelo menos o germe dos órgãos necessários à manifestação de todos os pensamentos. A atividade do pensamento do Espírito sobre um ponto determinado leva ao desenvolvimento da fibra, ou, querendo-se, do órgão correspondente; se uma faculdade não existe no Espírito, ou se, existindo, ela deve permanecer no estado latente, o órgão correspondente, estando inativo, não se desenvolve ou se atrofia. Se o órgão está atrofiado congenitamente, a faculdade não podendo se manifestar, o Espírito parece dela estar privado, se bem que a possua, em realidade, uma vez que lhe é inerente. Enfim, se o órgão primitivamente em seu estado normal, se deteriora no curso da vida, a faculdade, de brilhante que era, se ofusca, depois se apaga, mas não se destrói; não é senão um véu que a obscurece.

Segundo os indivíduos, há faculdades, aptidões, tendências que se manifestam desde o próprio início da vida, outras se revelam em épocas mais tardias, e produzem as mudanças de caráter e de disposições que se notam em certas pessoas. Neste último caso, geralmente, não são disposições novas, mas aptidões preexistentes que dormitam até que uma circunstância venha estimular e despertar. Pode-se estar certo de que as disposições viciosas que se manifestam às vezes subitamente e tardiamente, tinham seu germe preexistente nas imperfeições do Espírito, porque este, caminhando sempre para o progresso, se for essencialmente bom, não pode se tornar mau, ao passo que, se for mau pode se tornar bom.

O desenvolvimento ou a depressão dos órgãos cerebrais segue o movimento que se opera no Espírito. Essas modificações são favorecidas em toda idade, mas sobretudo na juventude, pelo trabalho íntimo de renovação que se opera incessantemente no organismo da maneira seguinte:

Os principais elementos do organismo são, como se sabe, o oxigênio, hidrogênio, o azoto e o carbono que, pelas suas múltiplas combinações, formam o sangue, os nervos, os músculos, os humores, e as diferentes variedades de substâncias. Pela atividade das funções vitais, as moléculas orgânicas são incessantemente expulsas do corpo pela transpiração, pela exalação e todas as secreções, de sorte que se elas não forem substituídas. O corpo se enfraquece, acaba por perecer. A nutrição e a aspiração trazem, sem cessar, novas moléculas destinadas a substituir aquelas que dele se vão; de onde se segue que, num tempo dado, todas as moléculas orgânicas são inteiramente renovadas, e que numa certa idade, delas não existe mais uma única daquelas que formaram o corpo em sua origem. É o caso de uma casa da qual se arrancassem as pedras uma a uma, substituindo-as na medida por uma nova pedra da mesma forma e do mesmo tamanho, e assim por diante até a última. Ter-se-ia sempre a mesma casa, mas formada de pedras diferentes.

Assim ocorre com o corpo, cujos elementos constitutivos são, dizem os fisiologistas, totalmente renovados a cada sete anos. As diversas partes do organismo subsistem sempre, mas os materiais são mudados. Destas mudanças, gerais ou parciais, nascem as modificações que sobrevêm, com a idade, no estado sanitário de certos órgãos, as variações que sofrem os temperamentos, os gostos, os desejos que influem sobre o caráter.

As aquisições e as perdas não estão sempre em perfeito equilíbrio. Se as aquisições se sobrepõem às perdas, o corpo cresce ou engrossa; se o contrário ocorre, o corpo diminui. Assim se explicam o crescimento, a obesidade, o emagrecimento, a decrepitude.

A mesma causa produz a expansão ou parada do desenvolvimento dos órgãos cerebrais, segundo as modificações que se operam nas preocupações habituais, das idéias e do caráter. Se as circunstâncias e as causas que agem diretamente sobre o Espírito, provocando o exercício de uma aptidão ou de uma paixão, permanecida até então no estado de inércia, a atividade que se produz no órgão correspondente, a ele faz afluir o sangue e com ele as moléculas constitutivas do órgão que cresce e toma da força em proporção dessa atividade. Pela mesma razão, a inatividade da faculdade produz o enfraquecimento do órgão; como também uma atividade muito grande e muito persistente pode conduzi-lo à desorganização ou ao enfraquecimento, por uma espécie de desgaste, assim como ocorre a uma corda muito esticada.

As aptidões do Espírito são, pois, sempre *uma causa*, e o estado dos órgãos *um efeito*. Pode ocorrer, no entanto, que o estado dos órgãos seja modificado por uma causa estranha ao Espírito, tal como doença, acidente, influência atmosférica ou climática; então são os órgãos que reagem sobre o Espírito, *não em alterando suas faculdades*, mas em perturbando-lhe a *manifestação*.

Um efeito semelhante pode resultar das substâncias ingeridas no estômago como alimentos ou medicamentos. Estas substâncias ali se decompõem, e os princípios essenciais que elas contêm, misturados ao sangue, são levados, pela corrente da circulação em todas as partes do corpo. Está reconhecido, pela experiência, que os princípios ativos de certas substâncias se dirigem mais particularmente sobre tal ou tal víscera: o coração, o fígado, os pulmões, etc., e ali produzem efeitos reparadores ou deletérios segundo sua natureza e suas propriedades especiais. Alguns, agindo desta maneira sobre o cérebro, podem exercer sobre o conjunto ou sobre partes determinadas, uma ação estimulante ou estupefaciente, segundo a dose e o temperamento, como por exemplo, as bebidas alcoólicas, o ópio e outros.

Nós nos estendemos um pouco sobre os detalhes que precedem, a fim de fazer compreender o princípio sobre o qual se apoia, com uma aparência de lógica, a teoria das modificações do estado moral por meios terapêuticos. Este princípio é o da ação direta de uma substância sobre uma parte do organismo cerebral tendo por função especial servir à manifestação de uma faculdade, de um sentimento ou de uma paixão, porque não pode vir ao pensamento de ninguém que essa substância possa agir sobre o Espírito.

Estando, pois, admitido que o princípio das faculdades está no Espírito, e não na matéria, suponhamos que se lhe reconhecesse, a uma substância, a propriedade de modificar as disposições morais, de neutralizar um mau pendor, isto não poderia ser senão pela sua ação sobre o órgão correspondente a esse pendor, a ação que teria por efeito deter o desenvolvimento desse, de atrofiá-lo ou de paralisá-lo se está desenvolvido; torna-se evidente que, neste caso, não se suprime o pendor, mas a sua manifestação, absolutamente como se se tirasse a um músico o seu instrumento.

Provavelmente, foram os efeitos dessa natureza que certos homeopatas observaram, e lhes fizeram acreditar na possibilidade de corrigir, com a ajuda de medicamentos apropriados, os vícios tais como o ciúme, o ódio, o orgulho a cólera, etc. Uma tal doutrina, se fosse verdadeira, seria a negação de toda responsabilidade moral, a sanção do materialismo, porque então a causa de nossas imperfeições estaria só na matéria; a educação moral se reduziria a um tratamento médico; o homem mais mau poderia tornar-se bom sem grandes esforços, e a Humanidade poderia ser regenerada com a ajuda de algumas pílulas. Se, ao contrário, como isto não parece duvidoso, as imperfeições são inerentes à própria inferioridade do Espírito, não se o melhoraria mais modificando seu envoltório carnal, do que não endireitando um corcunda, dissimulando sua disformidade sob o talhe de sua roupa.

Não duvidamos, no entanto, que tais resultados tenham sido obtidos em alguns casos particulares, porque, para firmar um fato tão sério, é preciso ter observado; mas estamos convencidos de que se desprezou sobre a causa e sobre o efeito. Os

medicamentos homeopáticos, por sua natureza etérea, têm uma ação de alguma sorte molecular; sem contradita, eles podem, mais do que outros, agir sobre as partes elementares e fluídicas dos órgãos, e modificar-lhes a constituição íntima. Se, pois, é racional admiti-lo, todos os sentimentos da alma têm sua fibra cerebral correspondente para a sua manifestação, um medicamento que agisse sobre esta fibra, seja para a paralisá-la, seja para exaltar-lhe a sensibilidade, paralisaria ou exaltaria por isto mesmo a expressão do sentimento, do qual seria o instrumento, mas o sentimento com isto não subsistiria menos. O indivíduo estaria na posição de um assassino ao qual se tirasse a possibilidade de cometer os crimes cortando-lhe os braços, mas que nisto não conservaria menos o desejo de matar. Seria, pois, um paliativo, mas não um remédio curativo. Não se pode agir sobre o ser espiritual senão pelos meios espirituais; a utilidade dos meios materiais, se o efeito acima fosse constatado, seria talvez de dominar mais facilmente o Espírito, de torná-lo mais flexível, mais dócil e mais acessível às influências morais; mas se embalaria de ilusões esperando-se de um medicamento qualquer um resultado definitivo e durável.

Isto seria de outro modo tratando-se de ajudar à manifestação de uma faculdade existente. Suponhamos um Espírito inteligente encarnado, não tendo ao seu serviço senão um cérebro atrofiado, e não podendo, conseqüentemente, manifestar as suas idéias, seria para nós um idiota. Em admitindo, o que cremos possível à homeopatia mais do que a todo outro gênero de medicação, que se possa dar mais flexibilidade e sensibilidade às fibras cerebrais, o Espírito manifestaria seu pensamento, como um mudo ao qual teria se desamarrado a língua. Mas se o Espírito sendo idiota por si mesmo, tivesse a seu serviço o cérebro do maior gênio, com isto não seria menos idiota. Um medicamento qualquer não podendo agir sobre o Espírito, não poderia dar-lhe o que ele não tem, nem tirar-lhe o que ele tem; mas agindo sobre o órgão de transmissão do pensamento, pode facilitar esta transmissão sem que, por isto, nada seja mudado ao estado do Espírito. O que é difícil, o mais freqüentemente mesmo impossível no idiota de nascença, porque ele tem a parada completa e quase sempre geral do desenvolvimento nos órgãos, torna-se possível quando a alteração é acidental e parcial. Neste caso, não é o Espírito que se aperfeiçoa, são seus meios de comunicação.

EXPLORAÇÃO DAS IDÉIAS ESPÍRITAS.

A PROPÓSITO DOS RELATÓRIOS DE MIRETTE.

Vários jornais deram conta, com elogio, do romance de *Mirette*, do qual falamos na Revista de fevereiro de 1867. Não podemos senão felicitar os escritores que não detiveram as idéias contidas nesta obra, embora contrárias às suas convicções. É um progresso, porque houve um tempo em que somente a cor espírita teria sido um motivo de reprovação. Viu-se com que parcimônia e com que extensão embaraçada os próprios amigos de Théophile Gautier falaram de seu romance, de *Spirite*. É verdade que, fora o que toca ao mundo espiritual, o caráter essencialmente moral de *Mirette*, pouco flanco presta à zombaria. Por cético que se seja, não se ri do que tem por conseqüência o bem.

A crítica tem se dirigido principalmente sobre este ponto: Por que misturar o sobrenatural a um simples relato? Era útil à ação se apoiar sobre fatos de visões e de aparições? Que necessidade tinha o autor de transportar seus heróis no *mundo imaginário da vida espiritual* para chegarão cumprimento da reparação decretada pela Providência? Não temos milhares de histórias muito edificantes sem o emprego de semelhantes recursos?

Seguramente, isso não era necessário; mas diremos a esses senhores: se o Sr. Sauvage tivesse feito um romance católico, lhe faríeis, cétricos como sois, uma censura

por empregar como recurso de ação o inferno, o paraíso, os anjos, os demônios, e todos os símbolos da fé? Perfazer intervir os deuses, as deusas, o Olimpo e o Tártaro num romance pagão? Por que, pois, achar mau que um escritor, que seja Espírita ou não, utilize os elementos que lhe oferece o Espiritismo, que é uma crença como uma outra, tendo seu lugar ao sol, se esta crença se presta ao seu assunto? Com menos forte razão pode-se censurá-lo se, em sua convicção, ali vê os meios providenciais para chegarão castigo dos culpados e à recompensa dos bons.

Se, pois, no pensamento do escritor essas crenças são verdadeiras, porque não as exporia num romance tão bem quanto numa obra filosófica? Mas há mais: é que, como dissemos muitas vezes, essas mesmas crenças abrem à literatura e às artes um campo vasto e novo de exploração, de onde tirarão a mancheias quadros impressionantes e as situações mais atraentes. Vede o partido que tirou dele Barbara, todo incrédulo que era, em seu romance do *Assassinat du Pont-Rouge*. (*Revista* de janeiro de 1867, página 14). Somente como o foi com a arte cristã, aqueles que tiver uma fé, as aproveitarão melhor; nele encontrarão motivos de inspiração que jamais terão aqueles que não fazem senão obras de fantasia.

As idéias espíritas estão no ar; elas são abundantes, como se sabe, na literatura atual; os escritores mais céticos nelas têm recursos sem disto desconfiar, levados, pela própria força do raciocínio, a empregá-los como explicações ou meios de ação. Foi assim que, muito recentemente, o Sr. Ponson du Terrail, que mais de uma vez alegrou-se às expensas do Espiritismo e de seus adeptos, num romance folhetim, intitulado *Mon Village*, publicado no *Moniteur*, da noite (7 de janeiro de 1867), assim se exprimiu:

"Estas duas crianças já se amavam, e talvez não ousaram jamais dize-lo entre si.

"O amor, às vezes, é instantâneo, e creiam de boa vontade na transmissão das almas e na *pluralidade das existências*. Quem sabe? Essas duas almas que tremem ao primeiro contato, e que, recentemente, se acreditavam desconhecidas uma da outra, *não foram elas irmãs outrora?*

"E, como chegaram na Grand'Rue de Saint-Florentin, cruzaram com um homem que caminhava muito rapidamente e que, à sua visão, sentiu uma espécie de comoção elétrica. Este homem era o Mulet, que saía do café do Univers. Mas o Sr. Anatole e Mignonne não o viram. Recolhidos e silenciosos, viviam por assim dizer neles mesmos, *suas almas estavam longe, sem dúvida, desta Terra que eles pisavam.*"

O autor viu, pois, no mundo, situações semelhantes àquelas que ele quer pintar, e que são um problema para o moralista; ali não encontra solução lógica se não em admitindo que essas duas almas encarnadas, solicitadas uma para outra por uma irresistível atração, puderam ser irmãs numa outra existência. Onde hauriu ele este pensamento? sem dúvida, isto não foi nas obras espíritas que provavelmente não leu, assim como o provam os erros de fato que ele comete cada vez que fala da Doutrina. Ele o tirou nessa corrente de idéias que atravessa o mundo, às quais os próprios incrédulos não podem escapar, e que crêem de boa fé tirar de seu próprio fundo. Tudo em combatendo o Espiritismo, trabalham, sem o querer, para lhe acreditar os princípios. Pouco importa a via pela qual esses princípios se infiltram; mais tarde se reconhecerá que não lhe falta senão o nome.

Sob o título de *Conto de Natal*, o *Avenir National* de 25 de dezembro de 1866, publicou um artigo do Sr. Taxile Delort, escritor muito pouco espírita, como se sabe, no qual o autor supõe um jornalista sentado, na véspera de natal, perto do fogo, perguntando a si mesmo em que tinha se tornado a boa nova que os anjos, em semelhante dia, tinham vindo, há dois mil anos, anunciar ao mundo. Como ele se entregava às suas reflexões, o jornalista ouviu uma voz firme e doce que lhe dizia:

"Eu sou o Espírito; o da Revolução; que fortalece os indivíduos e os povos; trabalhadores, de pé! o passado conserva ainda um sopro de vida, desafia o futuro. O progresso, mentira ou utopia, se vos exclama; não escuteis essa vozes enganosas; para tomar forcas e caminhar avante, olhai um momento atrás de vós.

"O progresso é invencível; ele se serve mesmo daqueles que lhe resistem para avançar."

Não seguiremos o jornalista e o Espírito no diálogo que se estabeleceu entre eles, e no qual este último desenrolou o futuro, porque eles caminham num terreno que nos está interdito; somente faremos notar que meio empregou o autor para chegar aos seus fins. Este meio, aos seus olhos, é de pura fantasia, mas não ficaríamos surpresos que um verdadeiro Espírito haja soprado a frase acima, que sublinhamos.

Desempenha-se neste momento, no teatro do Ambigu, um drama dos mais emocionantes, intitulado Maxwel, pelo Sr. Jules Barbier, e eis aqui em duas palavras o nó da intriga.

Um pobre tecelão, de nome Butler, é acusado do assassinio de um gentil homem, e todas as aparências são de tal modo contra ele que é condenado pelo juiz Maxwel a serem forçado. Só um homem poderia justificá-lo, mas não se sabe o que lhe aconteceu. No entanto, a mulher do tecelão, num acesso de sono sonambúlico, viu esse homem e o descreveu; poder-se-ia, pois, reencontrá-lo. Um bom e sábio doutor que crê no sonambulismo, amigo do juiz Maxwel, veio informá-lo desse incidente, a fim de obter um adiamento da execução; mas Maxwel, cético com relação às faculdades que considera sobrenaturais, mantém a sua sentença, e a execução tem lugar. Há algumas semanas daí, esse homem reaparece e conta o que se passou. A inocência do condenado é demonstrada, e a visão da sonâmbula justificada.

No entanto, o verdadeiro assassino permaneceu desconhecido. Quinze anos se passam, durante os quais se verifica uma multidão de incidentes. O juiz, acabrunhado de remorso, devota sua vida à procura do culpado. A viúva de Butler, que é expatriada levando sua filha, morre na miséria. Mais tarde essa filha se torna cortesã na moda, sob um outro nome. Uma circunstância fortuita coloca-lhe nas mãos a faca que tinha servido ao assassino; como sua mãe, ela entra em sonambulismo, e este objeto, como um fio condutor, retornando-a ao passado, ela conta todas as peripécias do crime e revela o verdadeiro culpado que não é outro senão o próprio irmão do juiz Maxwel.

Não é a primeira vez que o sonambulismo é posto em cena; mas o que distingue o drama novo é que ali é representado sob uma luz eminentemente séria e prática, sem nenhuma mistura de maravilhoso, e em suas conseqüências mais graves, uma vez que ele serve de meio de protesto contra a pena de morte. Em provando que o que os homens não podem ver pelos olhos do corpo, não está escondido aos da alma, é demonstrar a existência da alma, e a sua ação independente da matéria. Do sonambulismo ao Espiritismo a distância não é grande, uma vez que se explicam um pelo outro; tudo o que tende a propagar um, tende igualmente a propagar o outro. Os Espíritos não se enganaram quando anunciaram que a idéia espírita brilharia por todas as espécies de caminhos. A dupla vista e a pluralidade das existências, confirmadas pelos fatos, e acreditadas por uma multidão de publicações, entram cada dia mais diante das crenças, e não se admira mais; são duas portas completamente abertas ao Espiritismo.

ROBINSON CRUSOE ESPÍRITA.

Quem teria desconfiado de que o inocente livro de Robinson estivesse maculado dos princípios do Espiritismo, e que a juventude na mão da qual o colocaram sem desconfiança, pudesse nele haurir a doutrina malsã dos Espíritos? Nós mesmos o ignoraríamos se um dos nossos assinantes não tivesse assinalado as passagens seguintes, que se acham nas edições completas, mas não nas edições resumidas.

Esta obra, na qual se viu principalmente as aventuras curiosas próprias para divertir as crianças, está cheia de uma alta filosofia moral e de um profundo sentimento religioso.

Lê-se, à página 164 (edição ilustrada por Granville): "Estes pensamentos me inspiraram uma tristeza que durou muito tempo; mas, enfim, eles tomaram uma outra direção; senti o que devia de reconhecimento ao céu, que tinha me impedido de me entregar a um perigo cuja existência eu ignorava. Este assunto fez renascer em mim uma reflexão que já me tinha vindo mais de uma vez, depois que tinha reconhecido o quanto, em todos os perigos da vida, a Providência mostrou a sua bondade por disposições cujo fim não compreendemos. Freqüentemente, com efeito, saímos dos maiores perigos por vias maravilhosas; com freqüência, *um impulso secreto* nos decide de repente, num momento de grande incerteza, a tomar tal caminho antes que tal outro, que nos teria conduzido à nossa perda.

"Eu me fiz, pois, uma lei de jamais resistir a essas *vozes misteriosas* que nos convidam a tomar tal partido, a fazer ou não fazer tal coisa, se bem que nenhuma razão apoie esse impulso secreto. Eu poderia citar mais de um exemplo onde o respeito a semelhantes advertências tiveram um pleno sucesso, sobretudo na última parte de minha permanência nessa ilha infeliz, sem contar muitas outras ocasiões que deveram me escapar e às quais *eu teria dado atenção, se meus olhos estivessem abertos desde então sobre este ponto*. Mas nunca é muito tarde para ser sábio, e eu aconselho a todos os homens que refletem, cuja existência estaria sujeita, como a minha, a acidentes extraordinários, mesmo às vicissitudes mais comuns, de nunca negligenciar *esses avisos íntimos da Providência, qualquer que seja a inteligência invisível que no-los transmita*.

Página 284:

"Freqüentemente, tinha ouvido pessoas muito sensatas dizerem que tudo o que se nos contam os sonhos e as aparições, se explicam pela força da imaginação; que jamais um Espírito apareceu a alguém; mas, que sonhando assiduamente com aqueles que perdemos, eles se tornam de tal modo presentes no pensamento, que, em certas circunstâncias, se crê vê-los, falar-lhes, ouvir suas respostas, e que tudo isto não é senão uma ilusão, uma sombra, uma lembrança.

"Por mim, não posso dizer se existem, no tempo presente, as *aparições verdadeiras*, os *espectros*, *peças mortas que retomam a errar pelo mundo*, ou se as histórias que fazem sobre estas espécies de fatos são fundadas unicamente sobre as visões de cérebros enfermos, de imaginações exaltadas e desordenadas; mas sei que a minha chega a um tal ponto de excitação, me lança em tais excessos de vapores fantásticos, onde não importa que nome sequer dar-lhe, que creio às vezes estar em minha ilha, em meu velho castelo atrás da floresta; vejo meu Espanhol, o pai de Sexta-feira, e os marinheiros condenados que eu tinha deixado nessas margens; creio mesmo conversar com eles; e embora estivesse bem desperto, eu os olhava firmemente, como se tivessem estado diante de mim. Isto ocorre muito freqüentemente para me assustar. Uma vez, em meu sono, o primeiro Espanhol e o velho selvagem me contaram, em termos tão naturais e tão enérgicos, as maldades de três marinheiros piratas, que é com efeito surpreendente. Disseram-me como esses homens perversos tinham tentado assassinar os Espanhóis, depois de terem queimado todas suas provisões, no desejo de fazê-los morrer de fome; e este fato, que eu *não podia saber então e que se acha verdadeiro*, me foi mostrado tão claramente por minha imaginação, que fiquei convencido de sua realidade. Do mesmo modo acreditei nas conseqüências deste sonho. Eu escutava os lamentos do Espanhol com uma profunda emoção; fiz vir os três culpados diante de mim, e os condenei a serem enforcados. Ver-se-á, em seu lugar, o que havia de exato neste sonho. Mas como estes fatos me foram assim revelados? Por qual *secreta comunicação dos Espíritos invisíveis*, me eram trazidos? É o que não pude explicar. O todo não era literalmente verdadeiro; mas os pontos principais estavam confundidos com a realidade, e a conduta infame destes três celerados endurecidos tinha sido muito além do que se poderia supor. Meu

sonho, a esse respeito, não tinha senão muita semelhança com os fatos; além disto, eu quis, quando me encontrava na ilha, puni-los muito severamente, e, se os tivesse feito enforcar, teria sido justificado pelas leis divinas e humanas."

Página 289:

"Nada me demonstra mais claramente a realidade de uma vida futura e *de um mundo invisível* do que o concurso das causas secundadas com certas idéias que nos formamos interiormente, sem ter recebido nem dado, a seu respeito, nenhuma comunicação humana."

TOLERÂNCIA E CARIDADE.
CARTA DO NOVO ARCEBISPO DE ALGER.

O *Véritéde* Lyon, de 17 de fevereiro, publicou a carta seguinte, que o Mons. Lavigerie, bispo de Nancy, nomeado o arcebispo de Alger, escreveu ao Sr. prefeito de Alger, em data de 15 de janeiro último:

"Senhor Prefeito,

"Venho de saber, pelo *Moniteur*, a novidade oficial de minha promoção a arcebispo de Alger, e embora não possa exercer nenhum ato de meu ministério na diocese, sem ter recebido primeiro a missão e a instituição da Santa Sé, no entanto não posso permanecer insensível aos assentos dolorosos que ressoam em toda a França e que nos chegam ao pé do Atlas. A administração municipal de Alger tomou a generosa iniciativa de uma subscrição pública para as vítimas do último tremor de terra. Permitti-me enviar meu óbolo por vosso intermédio. Encontrareis sob esta dobra uma soma de mil francos: é tudo o que a minha pobreza me permite fazer, mas este pouco, pelo menos o faço de grande coração.

"Desejo que esta soma seja distribuída igualmente, e sem distinção de raças nem de cultos, entre todos aqueles que foram atingidos pelo flagelo. Se todos não devem, mais tarde, reconhecer-me por seu pai, eu, eu reclamo o privilégio de amá-los igualmente como meus filhos. Tomei por divisa de minhas armas episcopais uma única palavra: caridade! e a caridade não conhece nem Gregos, nem bárbaros, nem infiéis, nem israelitas; assim como fala o apóstolo São Paulo, ela não deve ver, em todos os homens, senão a imagem viva de Deus! Que eu possa, se ele me chama logo ao vosso meio, dar a todos, por meus atos e por minhas palavras, o exemplo e o amor desta virtude que prepara todas as outras.

"Aceitai, Senhor Prefeito, a expressão dos sentimentos de respeitoso devotamento com os quais tenho a honra de ser vosso humilde e obediente servidor.

"CHARLES,

"Bispo de Nancy, nomeado arcebispo de Alger."

O novo arcebispo de Alger se anuncia por um ato de beneficência que é uma digna introdução; mas o que vale ainda mais, e que será sobretudo apreciado, são os princípios de tolerância pelos quais ele inaugura sua administração. Em lugar do anátema, é a caridade que confunde todos os homens num mesmo sentimento de amor, sem distinção de crença, porque todos são a viva imagem de Deus. Aí estão as verdadeiras palavras evangélicas. Ele não fala dos Espíritas, contra os quais seu predecessor tinha lançado todos os raios da maldição. (Ver a *Revista* de novembro de 1863, página 336.) Mas é provável que se a sua tolerância se estende aos judeus e aos infiéis, ela não pode fazer

exceção para aqueles que, em conformidade com as palavras do Cristo, inscrevem em sua bandeira: Fora da caridade não há salvação.

LINCOLN E SEU ASSASSINO.

Extraído do Banner of Light de Boston.

Análise de uma comunicação de Abrahan Lincoln, obtida por um médium de Ravenswood.

"Quando Lincoln saiu de seu atordoamento, e despertou no mundo dos Espíritos, ele ficou surpreso e perturbado, porque não tinha a menor idéia de que fora morto. O tiro que o atingiu tinha suspenso instantaneamente toda sensação, e ele não compreendeu o que lhe havia ocorrido. Ele era bastante espiritualizado para compreender o que é a morte, e não ficou, como muitos outros, admirado da nova existência na qual se achava transportado. Ele se viu rodeado por muitas pessoas que sabia mortas há muito tempo, e entendeu logo a causa de sua morte. Foi recebido cordialmente por muitas pessoas para as quais tivera simpatia. Compreendeu a sua afeição por ele, e de um golpe de vista, pôde abarcar o mundo feliz no qual tinha entrado.

"No mesmo instante experimentou um sentimento de angústia pela dor que deveria sentir sua família, e uma grande ansiedade a respeito das conseqüências poderiam ter para seu país. Esses pensamentos o conduziram violentamente sobre a Terra.

"Tendo sabido que o William Booth estava mortalmente ferido, veio para ele e se inclinou sobre o seu leito de morte. Neste momento, Lincoln tinha recobrado a perfeita consciência e a tranqüilidade de seu Espírito, e esperou com calma o despertar de Booth na vida espiritual.

"Booth, em despertando, não ficou admirado porque esperava a sua morte. O primeiro Espírito que ele reencontrou foi Lincoln; ele o olhou com uma grande audácia, e como se se glorificasse do ato que havia cometido. O sentimento de Lincoln, a seu respeito, no entanto, não respirava nenhuma idéia de vingança, muito ao contrário; ele se mostrava doce e bom, e sem a menor animosidade a seu respeito. Booth não pôde suportar este estado de coisas, e o deixou cheio de emoção.

"O ato que cometeu teve vários motivos; primeiro, sua falta de julgamento que o fazia considerar como meritório, e em seguida seu amor desregrado aos louvores que o tinha persuadido que seria cumulado de elogios e olhado como um mártir.

"Depois de ter vagueado, se achou de novo atraído para Lincoln. Algumas vezes está cheio de arrependimento, de outras vezes seu orgulho o impede de se emendar. Todavia, ele compreende o quanto seu orgulho é vão, sabendo sobretudo que não pode esconder, como quando vivo, nenhum dos sentimentos que o agitam, e que seus pensamentos de orgulho, de vergonha ou de remorsos são conhecidos daqueles que o cercam. Sempre em presença de sua vítima, e dele não recebendo senão marcas de bondade, eis seu estado atual e sua punição. Quanto a Lincoln, sua bondade ultrapassou o que se havia podido esperar."

Nota. A situação desses dois Espíritos está em todos os pontos conforme aquela da qual vemos diariamente os exemplos nos relatos de além-túmulo. Ela é perfeitamente racional, e em relação com o caráter dos dois indivíduos.

POESIAS ESPÍRITAS.
A BERNARD PALISSY.

Quando sobre nosso futuro, incerto e flutuante,
Eu duvidava, apesar de mim, da imortalidade,
Tu vens ao meu chamado, e tua mão benfazeja
Rasgou a venda da incredulidade;
Dize-me, pois: De onde vinha a doce simpatia
Que te fazia deixar uma celeste morada?
Era uma lembrança de uma anterior vida
Que deixava em teu coração um fraternal amor?
Talvez, caro Espírito, numa outra existência
Foste meu protetor, meu guia, meu apoio.
Mas eu interrogo em vão: Deus, em sua providência,
Pôs sobre meus olhos o véu do esquecimento
Esperando o tempo em que veria tua esfera,
Onde meu Espírito poderá se elevar até ti!
Se devo retornar sobre esta triste Terra,
Meu bem amado Bernard, pense sempre em mim.
Srta. L. O. Lieutaud, de Rouen.

A LIGA DO ENSINO.

Vários de nossos correspondentes estão admirados por não termos ainda falado da associação designada sob o título de *Liga do ensino*. Por seu caráter progressivo, esse projeto lhes parece merecer as simpatias do Espiritismo; no entanto, antes de nisto tomar parte, desejariam ter nossa opinião. Em lhes agradecendo por esse novo testemunho de confiança, lhes repetiremos o que dissemos muitas vezes, a saber: Jamais tivemos a pretensão de coordenar a liberdade de ninguém, nem de impor nossas idéias a quem quer que seja, não as considerando como devendo fazer lei. Guardando o silêncio, quisemos não pre julgar a questão e deixar mais inteira a liberdade de cada um. Quanto ao motivo de nossa abstenção pessoal, não temos nenhuma razão de calá-la, e uma vez que se deseja conhecê-la, a di-la-emos francamente.

Nossa simpatia, como a de todos os Espíritas, consente todas as idéias progressivas, e todas as instituições que tendem a propagá-las; mas ainda é preciso que esta simpatia tenha um objeto determinado. Ora, até o presente, a liga do ensino não nos oferece senão um *título*, sedutor é verdade, mas nenhum programa definido, nenhum plano traçado, nem objetivo preciso. Este título tem mesmo o inconveniente de sertão elástico, que poderia se prestara combinações *muito divergentes* em suas tendências e em seus resultados. Cada um pode entendê-lo à sua maneira, e, sem dúvida, se faz por antecipação um plano conforme sua maneira de ver; poder-se-ia, pois, dar-se que quando ele estiver em execução, a coisa não responda à idéia que certas pessoas dela tinham feito; daí as defecções inevitáveis.

Mas, diz-se, não se arrisca nada, uma vez que são os próprios subscritores que regularão o emprego dos fundos. - Razão a mais para que não se entenda, e, nesse conflito de opiniões e de objetivos diversos, forçosamente, haverá decepções.

Com um objetivo bem definido, ao contrário, um plano claramente traçado, sabe-se a que empenha, ou pelo menos sabe-se se da sua adesão a uma coisa praticável ou a uma utopia; pode-se apreciar a sinceridade da intenção, o valor da idéia, a combinação mais ou menos feliz dos órgãos, as garantias de estabilidade, e calcular as chances de sucesso ou de insucesso. Ora, na espécie, esta apreciação não é possível, uma vez que a idéia fundamental está cercada de mistério, e que é preciso aceitar sua palavra como boa. Queremos crê-la perfeita, o desejamos sinceramente, e quando o bem que deve dela

sair nos for demonstrado, e que nele veremos sobretudo o lado *prático*, nós a aplaudiremos de todo o coração; mas, antes de dar nossa adesão ao que quer que seja, queremos poder fazê-lo com conhecimento de causa; temos a ver muito claro em tudo o que fazemos, e saber onde colocamos o pé. No estado das coisas, não tendo os elementos necessários para louvar ou censurar, reservamos o nosso julgamento.

Essa maneira de ver que é toda pessoal, não saberia obrigar aqueles que se crêem suficientemente esclarecidos.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS

COMUNICAÇÃO COLETIVA.

(Sociedade de Paris, 1^o de novembro de 1866. Médium M. Bertrand.)

Em 1^o de novembro último, estando a Sociedade reunida, como de hábito, para a comemoração dos mortos, recebeu um grande número de comunicações, entre as quais uma sobretudo se distinguiu pelo seu feitio inteiramente novo, e que consiste numa seqüência de pensamentos destacados, cada um assinado com um nome diferente, que se encadeiam e se completam uns pelos outros. Eis esta comunicação:

Meus amigos, quantos Espíritos, ao vosso redor, que gostariam de se comunicar convosco e vos dizer que vos amam; e quanto serieis felizes se o nome de todos aqueles que vos são caros fosse pronunciado na mesa dos médiuns! Que felicidade! que alegria, para cada um de vós, se vosso pai, vossa mãe, vosso irmão, vossa irmã, Vossos filhos e vossos amigos viessem vos falar! Mas compreendeis que é impossível que sejais todos satisfeitos; o número dos médiuns não bastaria; mas o que não é impossível é que um Espírito, em nome de todos os vossos parentes e amigos, venha vos dizer: Obrigado pela vossa boa lembrança e vossas preces ardentes; coragem! tende a esperança de que um dia, depois de vossa libertação, viremos todos vos estender a mão. Ficai persuadidos de que o que o Espiritismo vos ensina é o eco das leis do Todo-Poderoso; pelo amor, tornai-vos todos irmãos, e vos aliviáis do pesado fardo que carregais.

Agora, caros amigos, todos os vossos Espíritos protetores virão lhes dar o seu pensamento. Tu, médium, escuta e deixa teu lápis ir segundo a sua idéia.

A medicina faz o que fazem os lagostins assustados;

Dr. DEMEURE.

Porque o magnetismo progride e que, progredindo, ele esmaga a medicina atual para substituí-la.

MESMER.

A guerra é um duelo que não cessará senão quando os combatentes tiverem força igual;

NAPOLEÃO.

Força igual materialmente e moralmente.

GENERAL BERTRAND.

A igualdade moral reinará quando o orgulho for destituído.

GENERAL BRUNE.

As revoluções são abusos que destroem outros abusos;

LOUIS XVI.

Mas esses abusos fazem nascer a liberdade. (Nenhum nome).

Para ser iguais é preciso ser irmãos; sem fraternidade, nenhuma igualdade e nenhuma liberdade.

LAFAYETTE.

A ciência é o progresso da inteligência;

NEWTON.

Mas o que lhe é preferível é o progresso moral.

JEAN REYNAUD.

A ciência permanecerá estacionária até que a moral a tenha alcançado.
FRANÇOIS ARAGO.

Para desenvolver a moral é preciso primeiro extirpar o vício.

BERANGER.

Para destruir o vício é preciso desmascará-lo;

EUGÈNE SUE.

É o que todos os Espíritos fortes e superiores procuram fazer.

JACQUES ARAGO.

Três coisas devem progredir: a música, a poesia, a pintura. A música transporta a alma impressionando o ouvido;

MEYERBEER.

A poesia transporta a alma abrindo o coração.

CASIMIR DELAVIGNE.

A pintura transporta a alma agradando aos olhos.

FLANDRIN.

A poesia, a música e a pintura são irmãs e se dão a mão; uma para abrandar o coração, a outra para abrandar os costumes, e a última para abrir a alma; todas as três para vos elevar ao vosso Criador.

ALFRED DE MUSSET.

Mas nada, nada deve momentaneamente mais progredir do que a filosofia; ela deve dar um passo imenso, deixando estacionar a ciência e as artes, mas para elevá-las tão alto, quando disto for tempo, que esta elevação será muito sutil para vós hoje.

Em nome de todos,

SÃO LUÍS.

Em 6 de dezembro, o Sr. Bertrand obteve, no grupo do Sr. Desliens, uma comunicação do mesmo gênero, que, de alguma sorte, é a continuação da precedente.

O amor é uma lira cujas vibrações são os acordes divinos.

HÉLOÍSE.

O amor tem três cordas em sua lira: a emanção divina, a poesia e a melodia; se uma delas falta, os acordes, são imperfeitos.

ABÉLARD.

O amor verdadeiro é harmonioso; suas harmonias embriagam o coração elevando a alma. A paixão entristece os acordes, abaixando a alma.

BERNARDIN DE SAINT-PIERRE.

Era o amor o que Diógenes procurava procurando um homem...que veio alguns séculos mais tarde, e que o ódio, o orgulho e a hipocrisia crucificaram.

SÓCRATES.

Os sábios da Grécia, algumas vezes, o foram mais em seus escritos e em suas palavras do que em sua pessoa.

PLATÃO.

Ser sábio é amar; procuremos, pois, o amor pelo caminho da sabedoria.

FÉNELON.

Não podeis ser sábios, se não saberdes vos elevar acima da maldade dos homens.

VOLTAIRE.

O sábio é aquele que não crê sê-lo.

CORNEILLE.

Quem se crê pequeno é grande; quem se crê grande é pequeno.

LAFONTAINE.

O sábio se crê ignorante, e quem se crê sábio é ignorante.

ESOPO.

A humildade se crê ainda orgulhosa, e quem se crê humilde não o é.

RACINE.

Não confundais com os humildes aqueles que dizem, por fingida modéstia, ou por interesse, o contrário do que são: estaríeis no erro. Neste caso a verdade se cala.

BONNEFOND.

O gênio se possui por inspiração e não se adquire; Deus quer que as coisas maiores sejam descobertas ou inventadas por seres sem instrução, a fim de paralisar o orgulho, para tornar o homem solidário do homem.

FRANÇOIS ARAGO.

Não tratam de loucos senão aqueles cujas idéias não são timbradas pela autoridade da ciência; é assim que aqueles que crêem tudo saber, rejeitam os pensamentos de gênio daqueles que não sabem nada.

BERANGER.

A crítica é o estimulante do estudo, mas é a paralisação do gênio.

MOLIÈRE.

A ciência aprendida não é senão o esboço da ciência inata; ela não se torna inteligente senão na nova encarnação.

J.-J. ROUSSEAU.

A encarnação é o sono da alma; as peripécias da vida lhe são os sonhos.
BALZAC.

Algumas vezes a vida não é senão um horrível pesadelo para o Espírito, e, freqüentemente, tarda-lhe para que esteja finda;
LA ROCHEFOUCAULT.

Ali está a sua prova; se resiste, dá um passo para o progresso, se não, entrava o caminho que deve conduzi-lo ao porto.
MARTIN.

Ao despertar da alma que saiu vitoriosa das lutas terrestres, o Espírito é maior e mais elevado; se ele sucumbe, encontra-se tal qual era.
PASCAL.

É negar o progresso o querer que a língua seja o emblema da imutabilidade de uma doutrina religiosa; além disto, é forçar o homem a orar mais de lábios do que de coração.
DESCARTES.

A imutabilidade não reside na forma das palavras, mas no verbo do pensamento.
LAMENNAIS.

Jesus dizia aos seus apóstolos para irem pregar o Evangelho em seu idioma, e que todos os povos os compreenderiam.
LACORDAIRE.

A fé desinteressada faz milagres.
BOILEAU.

A doutrina de Jesus não se sente e não se compreende senão pelo coração; qualquer que seja, pois, a maneira pela qual se fale, ela é sempre o amor e a caridade.
BOSSUET.

As preces ditas ou escritas que não são compreendidas, deixam vagar os pensamentos, permitindo aos olhos se distraírem pelo fausto das cerimônias.
MASSILLON.

Tudo mudará, sem, no entanto, retornar à simplicidade de antes, o que seria a negação do progresso. As coisas se farão sem fausto e sem orgulho.
SIBOUR.

O amor triunfará, e virão com ele: a sabedoria, a caridade, a prudência, a força, a ciência, a humildade, a calma, a justiça, o gênio, a tolerância, o entusiasmo e a glória majestosa e divina esmagará, pelo seu esplendor: o orgulho, a inveja, a hipocrisia, a maldade eo ciúme que arrastam atrás de si a preguiça, a gulodice e a luxúria.
EUG. SUE.

O amor reinará, e para que ele não tarde, é preciso, corajoso Diógenes, tomar na mão o facho do Espiritismo, e mostrar aos humanos os vermes roedores que formam ferida em sua alma.
SÃO LUÍS.

Nota. Este gênero de comunicação levanta uma questão importante. Como os fluidos de um número muito grande de Espíritos podem se assimilar quase instantaneamente com o fluido do médium, para transmitir-lhe seu pensamento, ao passo que essa assimilação, freqüentemente, é difícil da parte de um só Espírito, e não se estabelece, geralmente, senão com o tempo?

O guia espiritual do médium parece tê-lo previsto, porque dois dias depois deu, espontaneamente a explicação adiante.

"A comunicação que obtivestes no dia de Todos os Santos, assim como a última que dela é o complemento, embora nela haja nomes repetidos, foram obtidas da maneira seguinte: como sou teu Espírito protetor, meu fluido é similar ao teu. Coloquei-me acima de ti, transmitindo-te, o mais exatamente possível, os pensamentos e os nomes dos Espíritos que desejaram se manifestar. Eles formaram ao redor de mim uma assembléia cujos membros ditavam, alternativamente, todos os pensamentos que te transmiti. Isto foi espontâneo, e o que tornou naquele dia as comunicações mais fáceis, foi que os Espíritos presentes tinham *saturado* o apartamento com os seus fluidos.

"Quando um Espírito se comunica com um médium, ele o faz com tanto mais facilidade quanto as relações fluídicas estejam melhor estabelecidas entre eles, senão o Espírito é obrigado, para comunicar seu fluido ao médium, a estabelecer uma espécie de corrente magnética que chega ao cérebro deste último; e se o Espírito, em razão de sua inferioridade, ou de qualquer outra causa, não pode estabelecer essa corrente ele mesmo, ele recorre à assistência do guia do médium, e as relações se estabelecem como venho de indicá-lo."

SLENER.

Um outra questão é esta: Entre esses Espíritos, não há os que estão encarnados neste mundo ou em outros, e, neste caso, como podem se comunicar? Eis a resposta que disto nos foi dada:

"Os Espíritos de um certo grau de adiantamento têm uma irradiação que lhes permite se comunicar simultaneamente em vários pontos. Em alguns, o estado de encarnação não amortece essa irradiação de maneira bastante completa para os impedir de se manifestarem mesmo no estado de vigília. Quanto mais o Espírito é avançado, mais são fracos os laços que o unem à matéria do corpo; ele está num estado quase constante de desligamento, e pode-se dizer que está lá onde dirige seu pensamento."

UM ESPÍRITO.

MANGIN, O CHARLATÃO.

Todo o mundo conheceu esse vendedor de lápis que, montado sobre uma viatura ricamente decorada, vestido com um capacete brilhante e uma roupa estranha foi, durante muitos anos, uma das celebridades das ruas de Paris. Não era um charlatão vulgar, e aqueles que o conheceram pessoalmente concordavam em lhe reconhecer uma inteligência pouco comum, uma certa elevação no pensamento, e qualidades morais acima de sua profissão nômade. Ele morreu no ano último, e desde então se comunicou várias vezes espontaneamente a um de nossos médiuns. Segundo o caráter que se lhe reconheceu, não se ficou surpreso do verniz filosófico que se encontra em suas comunicações.

Paris, 20 de dezembro de 1866, grupo do Sr. Desliens, médium, Sr. Bertrand.

O LÁPIS.

O lápis é a palavra do pensamento. Sem o lápis o pensamento fica mudo e incompreendido de vossos sentidos grosseiros. O lápis é a alma ofensiva e defensiva do pensamento; é a mão que fala e se defende.

O lápis!.....e sobre tudo o lápis Mangin!... Oh! perdão... eis que me torno egoísta!... Mas por que não poderia eu, como outrora, fazer o elogio de meus lápis? Não são bons?... Tendes o que deles lamentar? Ah! se estivesse ainda no meu veículo francês com a minha roupa romana... me creríeis... eu sei tão bem passar minha lábia, e o pobre basbaque cria branco o que era negro, muito simplesmente porque

Mangin, o célebre charlatão, o teria dito!.....Eu disse charlatão...Não, aperfeiçoador... Vamos! os fregueses, desatai os cordões de vossa bolsa; comprai destes soberbos lápis mais negros do que a tinta e duros como pedra...Acorrei, acorrei, a venda vai acabar!...Ah! aqui, que é que digo, pois?... Creio, na verdade, que me engano de papel, e que acabei muito mal, depois de ter bem começado...

Todos vós, armados de latas, sentados ao redor desta mesa, ide dizer e provar aos jornalistas orgulhosos que Mangin não está morto. Ide dizer àqueles que esqueceram minha mercadoria, porque não estou mais lá para fazê-los crer em suas admiráveis qualidades, ide dizer a todo esse mundo que eu vivo ainda e que, se estou morto, foi para viver melhor...

Ah! Srs. jornalistas, zombais de mim, e, no entanto, se, em lugar de me considerarem como um charlatão escamoteando a moeda humana, tivésseis me estudado mais atentamente e filosoficamente, teríeis reconhecido um ser tendo reminiscências de seu passado. Teríeis compreendido o porquê de meu gosto por essa roupa de guerreiro romano, o porquê dessas arengas em praça pública. Teríeis dito, então, que, sem dúvida, eu fui soldado ou general romano e não vos teríeis enganado.

Vamos! vamos! comprai, pois, os lápis, usai-os; mas vos sirvais deles utilmente, não como eu para perorar sem motivo, mas para propagar esta bela doutrina que muitos entre vós não seguem senão de muito longe.

Armai-vos, pois, de vossos lápis, e abri um largo caminho nesse mundo de incredulidade. Fazei tocar com o dedo, a todos esses São Tomes incrédulos as sublimes virtudes do Espiritismo que farão que um dia todos os homens sejam irmãos.

MANGIN.

(Grupo do Sr. Delanne; 14 de janeiro de 1867. Médiun, Sr. Bertrand).

O PAPEL

Falei de lápis e de charlatanismo, mas não falei ainda do papel. É que, sem dúvida, me reservava isto para esta noite.

Ah! quanto eu gostaria de ser papel; não quando se avilta em fazer o mal, mas, ao contrário, quando cumpre o seu verdadeiro papel que é de fazer o bem! Com efeito, o papel é o instrumento que, de combinação com o lápis, semeia aqui e ali os nobres pensamentos do espírito. O papel é o livro aberto onde todos podem haurir como olhar os conselhos úteis à sua viagem terrestre!...

Ah! quanto eu gostaria de ser papel, a fim de cumprir como ele o papel de moralizador e de instrutor, dando a cada um os encorajamentos necessários para suportar os males que são, muito freqüentemente, causas de tantas vergonhosas fraquezas!...

Ah! se eu fosse papel, aboliria todas as leis egoístas e tirânicas, para não deixar irradiar senão aquelas que proclamam a igualdade. Eu não gostaria de falar senão de amor e de caridade. Eu gostaria que todos fossem humildes e bons, e que o mau se tornasse melhor, que o orgulhoso se tornasse humilde, que o pobre se tornasse rico, que

a igualdade, enfim, brilhasse e estivesse, em todas as bocas, como a expressão da verdade, e não na esperança de esconder o egoísmo e a tirania que possuem o coração.

Se eu fosse papel, gostaria de ser branco para o inocente, verde para aquele que não tem a esperança de um alívio para os seus males. Eu gostaria de ser de ouro, nas mãos do pobre, da felicidade nas mãos do aflito, do bálsamo nas do doente. Eu gostaria de ser o perdão de todas as ofensas. Não condenaria, não maldiria, não lançaria anátema; não criticaria com malevolência; não diria nada que pudesse fazer mal a outrem. Enfim, eu faria o que fazeis: eu não gostaria senão de ensinar o bem e falar desta bela Doutrina que vos reúne todos e sob todas as formas; eu professarei sempre esta sublime máxima: Amai-vos uns e outros.

Aquele que quisesse retornar sobre a Terra, não como charlatão, não para vender somente lápis, mas para a isto juntara venda do papel, e que dissesse a todos: o lápis não pode ser útil sem o papel e o papel não pode prescindir do lápis.

MANGIN.

A SOLIDARIEDADE.

(Paris, 26 de novembro de 1866, médium Sr. Sabb.....)

Glória a Deus, e paz aos homens de boa vontade! O estudo do Espiritismo não deve ser vão. Para certos homens levianos, ele é um passatempo; para os homens sérios, ele deve ser sério.

Refleti em uma coisa antes de tudo. Não estais sobre a Terra para nela viver à moda dos animais, para nela vegetar à maneira das gramíneas ou das árvores. As gramíneas e as árvores têm a vida orgânica, e não têm a vida inteligente, do mesmo modo que os animais não têm a vida moral. Tudo vive, tudo respira na Natureza, soo homem sente e se sente.

Quanto aqueles são insensatos e a se lamentar, que se menosprezam bastante para se comparara um talo de erva, ou a um elefante! Não confundais nem os gêneros nem as espécies. Não são os grandes filósofos e os grandes naturalistas que vêem, no Espiritismo, por exemplo, uma nova edição da metempsicose, e sobretudo de uma metempsicose absurda. A metempsicose é o sonho de um homem de imaginação, ela não é outra coisa. Um animal, um vegetal produzido são congêneres, nada de mais nem nada de menos. Isto seja dito, para impedir velhas idéias falsas de se acreditarem de novo, à sombra do Espiritismo.

Homem, sede homem; sabeis donde vindes e para onde ides. Sois o filho amado daquele que tudo fez e que vos deu um fim, um destino que deveis cumprir sem conhecê-lo absolutamente. Sois necessários aos seus desígnios, à sua glória, à sua própria felicidade? Perguntas ociosas, uma vez que são insolúveis. Vós SOIS, sede-o reconhecendo; mas, ser não é tudo, é preciso ser segundo as leis do Criador, que são vossas próprias leis. Lançai na existência, sois ao mesmo tempo causa e efeito. Nem como causa, nem como efeito, podeis, pelo menos quanto ao presente, determinar o vosso papel, mas as vossas leis podeis segui-las. Ora, a principal é esta: O homem não é um ser isolado, é um ser coletivo. O homem é solidário do homem. É em vão que procura o complemento do seu ser, quer dizer, a felicidade em si mesmo ou naquilo que o cerca isoladamente: ele não pode encontrá-lo senão no HOMEM ou na *Humanidade*. Não fazeis, pois, nada para ser pessoalmente felizes, enquanto a infelicidade de um membro da Humanidade, de uma parte de vós mesmos, possa vos afligir.

É da moral o que vos ensino lá, mas direis, ora a moral é um velho lugar comum. Olhai ao vosso redor, o que nade mais ordinário, de mais comum, do que o retorno periódico do dia e da noite, do que a necessidade de vos alimentar e de vos vestir? É a isto que tendem todos os vossos cuidados, todos os vossos esforços. É o preciso, a parte

material de vosso ser o exige. Mas vossa natureza não é dupla, não sois mais espírito do que corpo? Como, pois, se dá que vos seja mais duro de vos ouvir lembrar as leis morais do que de aplicar a todo instante as leis físicas? Se estivésseis menos preocupados e menos distraídos, esta repetição não seria tão necessária.

Não nos afastemos de nosso assunto: O Espiritismo bem compreendido é para a vida da alma o que o trabalho material é para a vida do corpo. Ocupai-vos dele neste objetivo, e tende por certo que, quando o tereis feito, para vos melhorar moralmente, a metade do que fizestes para melhorar a vossa existência material, tereis feito dar um grande passo à Humanidade.

UM ESPÍRITO.

TUDO VEM A SEU TEMPO.

(Odessa, grupo de família, 1866. Médium, senhorita M...)

Pergunta. - Lendo, na *Véritéde* 1866, as experiências magnéticas, com elas fiquei maravilhado, e pensei em mim mesmo que essa força, tão espantosa poderia, talvez, ser a causa de todas as maravilhas, de todas as belezas, incompreensíveis para nós, dos planetas superiores, e dos quais os Espíritos nos dão descrições. Peço aos bons Espíritos me esclarecerem a este respeito?

Resposta. - Pobres homens! A avidez de saber, a impaciência devoradora de ler no livro da criação, tudo vos vira a cabeça e ofusca vossos olhos habituados à obscuridade, quando caem sobre algumas passagens que vosso espírito, ainda escravo da matéria, não pode compreender. Mas, tende paciência, os tempos são chegados. Já o grande arquiteto começa a desenrolar, pouco a pouco, diante de vossos olhos, o plano do edifício do Universo, já levanta um canto do véu que vos esconde a verdade, e um raio de luz vos clareia. Contentai-vos com essas primícias; habituai vossos olhos à doce claridade da aurora, até que possam suportar o esplendor do sol brilhando em todo o seu brilho.

Agradecei ao Todo-Poderoso, cuja bondade infinita prepara vossa fraca visão, levantando gradualmente o véu que a cobre. Se o levantasse de repente, serieis ofuscados e nada veríeis; cairíeis na dúvida, na confusão, na ignorância da qual apenas sais. Já vos foi dito que tudo vem a seu tempo: não o antecedeis por vossa muito grande avidez de tudo saber. Deixai ao Mestre a escolha do método que ele julga mais conveniente para vos instruir. Tendes diante de vós uma sublime obra: "a Natureza, sua essência, suas forças"; ela começa pelo ABC. Aprendei, primeiro a soletrar, a compreender essas primeiras páginas; progredi com paciência e perseverança, e chegareis até o fim, ao passo que saltando páginas e capítulos, o conjunto vos parece incompreensível. Aliás, não está nos desígnios do Todo-Poderoso que o homem saiba tudo. Conformai-vos, pois, à sua vontade, que tem por objetivo o vosso bem.

Lede no grande livro da Natureza; instruí-vos, esclarecei o vosso espírito, contentai-vos em saber o que Deus julga a propósito de vos ensinar durante a vossa permanência na Terra; não tereis o tempo de chegar até a última página, e não a lereis senão quando estiverdes desligados da matéria, quando vossos sentidos espiritualizados vos permitirem compreendê-la.

Sim, meus amigos, aprendei e instruí-vos, e, antes de tudo, progredi em moralidade pelo amor do próximo, pela caridade, pela fé: é o essencial, é o passaporte à visão do qual as portas do santuário infinito vos serão abertas.

HUMBOLDT.

O RESPEITO DEVI DO ÀS CRENÇAS PASSADAS.

(Paris, grupo Delanne, 4 de fevereiro de 1867. Médium, Sr. Morin.)

A fé cega é o pior de todos os princípios! Crer com fervor num dogma qualquer, quando a sã razão se recusa a aceitá-lo como uma verdade, é fazer ato de nulidade e de se privar, voluntariamente, do mais belo de todos os dons que nos tenha feito o Criador; é renunciar à liberdade de julgar, ao livre arbítrio que deve presidir a todas as coisas na medida da justiça e da razão.

Geralmente, os homens são negligentes e não crêem numa religião senão por desengano de consciência, e para não rejeitar inteiramente essas boas e doces preces que embalaram a sua juventude, e que a sua mãe lhes ensinava junto da lareira, quando a noite trazia com ela a hora do sono; mas essa lembrança se apresenta algumas vezes ao seu espírito, freqüentemente, é com um sentimento de lamento que fazem um retorno para esse passado, onde os cuidados da idade madura estavam ainda escondidos na noite do futuro.

Sim, todo homem lamenta essa idade de negligência, e muito poucos podem sonhar com seus jovens anos! ..Mas que dele resta um instante depois?... - Nada!...

Comecei a dizer que a fé cega é perniciosa; mas não seria preciso sempre rejeitar, como essencialmente mau, tudo o que parece manchado de abuso, composto de erros e sobretudo inventado, sem razão para a glória dos orgulhosos e o benefício dos interesses.

Espíritas, deveis saber melhor do que ninguém que nada se cumpre sem a vontade do Senhor supremo; cabe, pois, a vós bem refletir antes de formular o vosso julgamento. Os homens são vossos irmãos encarnados, e é possível que *no número dos trabalhos dos tempos antigos estejam vossas obras realizadas numa existência anterior*. Os Espíritas devem, antes de tudo, ser lógicos com o seu ensino, e não lançar a pedra às instituições e às crenças de uma outra época, unicamente porque são de uma outra época. A sociedade atual teve necessidade, para se tornar o que é, que Deus lhe distribísse pouco a pouco a luz e o saber.

Não vos cabe, pois, julgar se os meios empregados por ele foram bons ou maus. Não aceiteis senão o que vos parece racional e lógico; mas não esqueçais que as velhas coisas tiveram a sua juventude, e que o que ensinai hoje se tornará velho a seu turno. Respeitai, pois, a velhice! Os velhos são vossos pais, como as velhas coisas foram as precursoras das coisas novas. Nada envelhece, e se faltais a este princípio para tudo o que é venerável, faltareis com o vosso dever, mentis à doutrina que professais.

As velhas crenças elaboraram a renovação que começa a se realizar!...Todas, enquanto não eram exclusivamente materiais, possuíam uma centelha da verdade. Lamentai os abusos que se introduziram no ensino filosófico, mas perdoai os erros de uma outra época, se quereis a vosso turno ser escusados nos vossos, ulteriormente. Não deis vossa fé ao que vos pareça mau, mas não creiais, não mais, que tudo o que vos é ensinado hoje seja a expressão da verdade absoluta. Crede que, em cada época, Deus alarga o horizonte dos conhecimentos em razão do desenvolvimento intelectual da Humanidade.

LACORDAIRE.

A COMÉDIA HUMANA.

(Paris, grupo Desliens, 29 de novembro de 1866. Médium, Sr. Desliens).

A vida do Espírito encarnado é como um romance, ou antes como uma peça de teatro, da qual cada dia percorre-se uma folha contendo uma cena. O autor é o homem; os personagens são as paixões, os vícios e as virtudes, a matéria e a inteligência,

disputando a posse do herói que é o Espírito. O público é o mundo em geral durante a encarnação, os Espíritos na erraticidade, e o censor que examina a peça para julgá-la em última instância e estipular uma censura ou um louvor ao autor é Deus.

Fazei, pois, de sorte de vos fazer aplaudir o mais freqüentemente possível e de não ouvirdes, senão raramente, o barulho do apito ressoar desagradavelmente em vosso ouvido. Que a intriga seja sempre simples, e não procureis o interesse senão nas situações naturais que possam servir para fazer triunfar a virtude, desenvolver a inteligência e moralizar o público.

Durante a execução da obra, a intriga posta em movimento pela inveja, pode tentar criticar as melhores passagens, e não incensar senão aqueles que são medíocres ou maus. Fechai o ouvido a essas adulações, e lembrai-vos que a posteridade vos apreciará o vosso justo valor! Deixareis um nome obscuro ou ilustre, mancha do de vergonha ou coberto de glória, segundo o mundo; mas quando a peça acabar e a cortina, atirada sobre a última cena, vos colocar em presença do gerente universal, do diretor infinitamente poderoso do teatro onde se passa a comédia humana, e ali não haverá nem aduladores, nem cortesãos, nem invejosos, nem ciumentos: estareis a sós com o juiz supremo, imparcial, eqüitativo, justo.

Que a vossa obra seja séria e moralizadora, porque é a única que tem algum peso na balança do Todo-Poderoso.

É preciso que cada um restitua à sociedade pelo menos o que dela recebe. Aquele que dela tendo recebido a assistência corpórea e espiritual que lhe permite viver, dela se vá sem restituir ao menos o que lhe dispensou, é um ladrão, porque esbanjou uma parte do capital inteligente e nada produziu.

Todo o mundo não pode ser homem de gênio, mas todos podem e devem ser honestos, bons cidadãos, e restituir à sociedade o que a sociedade lhes emprestou.

Para que o mundo esteja em progresso, é preciso que cada um deixe uma lembrança útil de sua personalidade, uma cena a mais nesse número infinito de cenas úteis que os membros da Humanidade deixaram desde que a vossa Terra serve de lugar de habitação aos Espíritos.

Fazei, pois, que se leia com interesse cada uma das folhas de vosso romance, e que não se a percorra unicamente de olhar, para fechá-la com tédio, antes de dela ter lido a metade.

EUGÈNE SUE.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LUMEN

Relato de outra Terra

Por Camille Flammarion, professor de astronomia, ligado ao observatório de Paris.

Este não é um livro, mas um artigo que poderia fazer um livro interessante e sobretudo instrutivo, porque seus dados são fornecidos pela ciência positiva, e tratados com a clareza e a elegância que o jovem sábio traz em todos os seus escritos. O Sr. Camille Flammarion é conhecido de todos os nossos leitores por sua excelente obra sobre a *Pluralidade dos mundos habitados*, e pelos artigos científicos que publica no *Siècle*. Aquele do qual vamos dar conta foi publicado na *Revue du XIX^o siècle*, de 1^o de fevereiro de 1867 (1-(1) Cada número forma um volume de 160 páginas grandes in-8. Preço 2 fr. Paris, livraria internacional, 15, boulevard Montmartre, e 18, avenida Montaigne, palais Pompéien.).

O autor supõe uma conversa entre um indivíduo vivo chamado *Sitiens*, e o Espírito de um de seus amigos chamado *Lumen*, que lhe descreve seus últimos pensamentos terrestres, as primeiras sensações da vida espiritual, e as que acompanham o fenômeno da separação. Esse quadro é de uma conformidade perfeita com o que os Espíritos nos ensinaram a esse respeito; é o Espiritismo mais exato, menos a palavra que não é pronunciada. Será julgado pelas citações seguintes:

"A primeira sensação de identidade que se sente depois da morte parece aquela que se sente ao despertar durante a vida, quando, retornando pouco a pouco à consciência da manhã, se está ainda atravessado pelas visões da noite. Solicitado pelo futuro e pelo passado, o Espírito procura, ao mesmo tempo, retomar plena posse de si mesmo e agarraras impressões fugidias do sonho desvanecido, que passam ainda nele com o seu cortejo de quadros e de acontecimentos. Por vezes, absorvido por essa retrospectão de um sonho cativante, sente sob a pálpebra que se fecha, as urdiduras da visão se renovarem, e o espetáculo continuar; ao mesmo tempo, ele cai no sonho e numa espécie de sonolência. Assim balança a nossa faculdade pensante ao sair desta vida, entra uma realidade que ela ainda não compreende, e um sonho que não está completamente desaparecido."

Nota. Nesta situação do Espírito, não há nada de espantoso em que alguns não creiam estar mortos.

"A morte não existe. O fato que designais sob este nome, a separação do corpo e da alma, não se efetua, verdadeiramente dizendo, sob uma forma material comparável às separações químicas dos elementos dissociados que se observam no mundo físico. Não se percebe mais dessa separação definitiva, que nos parece tão cruel do que a criança recém-nascida não se percebe de seu nascimento; *somos nascidos na vida futura como o fomos na vida terrestre*. Unicamente, não estando mais envolvida das faixas corpóreas que a revestem neste mundo, adquire mais prontamente a noção de seu estado e de sua personalidade. Esta faculdade de percepção varia. no entanto, de uma alma a outra. Há as que, durante a vida do corpo, não se elevaram jamais para o céu e jamais se sentiram ansiosas em penetrar as leis da criação. Aquelas, ainda dominadas pelos apetites corpóreos, permanecem por muito tempo no estado de perturbação inconsciente. Há outras delas, felizmente, que, desde esta vida, voam sobre suas aspirações aladas para os cimos do belo eterno; aquelas vêem chegar com calma e serenidade o instante da separação; elas sabem que o progresso é a lei da existência e que entrarão, no além, numa vida superior àquela sua daqui; seguem passo a passo a letargia que prepara o seu coração, que quando o último batimento, lento e insensível, o detém em seu curso, elas já estão acima de seu corpo, do qual observaram o adormecimento, e, livrando-se dos laços magnéticos, elas se sentem rapidamente levadas, por uma força desconhecida, para o ponto da criação onde suas aspirações, seus sentimentos, suas esperanças, as atraem.

"Os anos, os dias e as horas são constituídos pelos movimentos da Terra. Fora destes movimentos o tempo terrestre *não existe mais* no espaço; é, pois, absolutamente impossível ter noção desse tempo."

Nota. - Isto é rigorosamente verdadeiro; também quando os Espíritos querem nos especificar uma duração inteligível para nós, são obrigados a se identificarem de novo com os hábitos terrestres, de se refazerem homens, por assim dizer, a fim de se servir dos mesmos pontos de comparação. Logo depois de sua libertação, o Espírito de *Lumen* é transportado com a rapidez do pensamento para o grupo de mundos compondendo o sistema de estrelas designado em astronomia sob o nome de *Capellaou a Chèvre*. A teoria que dá da visão da alma é notável.

"A visão de minha alma era de um poder incomparavelmente superior àquela dos olhos do organismo terrestre que eu vinha de deixar; e, observação surpreendente, seu poder me parecia submetido à vontade. Que me baste vos fazer pressentir que, em lugar de ver simplesmente as estrelas no céu, como as vedes na Terra, eu distinguia

claramente os mundos que gravitam em torno; quando desejava não mais vera estrela, a fim de não estar mais torturado pelo exame desses mundos, ela desaparecia de minha visão, e me deixava em excelentes condições para observar um desses mundos. Além disto, quando minha visão se concentrava sobre um mundo particular, chegava a distinguire detalhes de sua superfície, os continentes e os mares, as nuvens e os rios. Por uma intensidade particular de concentração na visão da minha alma, chegava a ver o objeto sobre o qual ela se concentrava, como, por exemplo, uma cidade, um campo, os edifícios, as ruas, as casas, as árvores, as veredas; reconhecia mesmo os habitantes e seguia as pessoas nas ruas e nas habitações. Bastava-me para isto limitar meu pensamento ao quarteirão, à casa, ou ao indivíduo que eu queria observar. No mundo a margem do qual acabava de chegar, os seres, não encarnados num envoltório grosseiro como o deste mundo, mas, livres e dotados de faculdades de percepções elevada a um eminente grau de poder, podem perceber distintamente os detalhes que, nessa distância, estariam absolutamente ocultos às organizações terrestres.

SITIENS. É que se servem para isso de instrumentos superiores aos nossos telescópios?

LUMEN. Se, por ser menos rebelde à admissão desta maravilhosa faculdade, vos é mais fácil concebê-los munidos de instrumentos, vós o podeis por teoria. Mas devo vos advertir que essas espécies de instrumentos *não são exteriores a esses seres*, e que pertencem *ao próprio organismo da visão*. É bem entendido que essa construção ótica e esse poder de visão são naturais nesses mundos, e não sobrenaturais. Pensai um pouco nos insetos que gozam da propriedade de encurtar ou de alongar seus olhos, como os tubos de uma luneta, de inchar ou achatar seu cristalino para dele fazer uma lupa de diferentes graus, ou ainda de concentrar ao mesmo foco uma multidão de olhos apontados como tantos microscópios para agarrar o infinitamente pequeno, e podereis mais legitimamente admitir a faculdade desses seres ultra terrestres."

O mundo em que se encontra Lumen está a uma distância tal da Terra que a luz não chega de um ao outro senão ao cabo de setenta e dois anos. Ora, nascido em 1793 e morto em 1864, na sua chagada em Capela, donde leva a sua visão sobre Paris, Lumen não reconhece mais a Paris que vem de deixar. Os raios luminosos partidos da Terra, não chegando a Capela senão depois de setenta e dois anos, lhe chegava a imagem do que ali se passou em 1793.

Ali está a parte realmente científica do relato; todas as dificuldades nele são resolvidas da maneira mais lógica. Os dados, admitidos em teoria pela ciência, ali são demonstrados pela experiência; mas esta experiência não podendo ser feita diretamente pelos homens, o autor supõe um Espírito que dá conta dessas sensações, e colocado em condições de poder estabelecer uma comparação entre a Terra e o mundo que habita.

A idéia é engenhosa e nova. É a primeira vez que o Espiritismo verdadeiro e sério, embora sob o anonimato, é associado à ciência positiva, e isto por um homem capaz de apreciar um e o outro, e de compreender o traço de união que deverá religá-los um dia. Esse trabalho, ao qual reconhecemos, sem restrição uma importância capital, nos parece ser um daqueles que os Espíritos nos anunciaram como devendo marcar o presente ano. Analisaremos esta segunda parte num próximo artigo.

NOVA TEORIA MÉDICO-ESPÍRITA pelo doutor BRIZIO, de Turin.

Não conhecemos esta obra senão pelos prospectos em língua italiana que nos foram endereçados, mas não podemos senão nos alegrar em ver a deligência das nações

estrangeiras em seguir o movimento espírita, e felicitares homens de talento que entram no caminho das aplicações do Espiritismo à ciência. A obra do doutor Brizio será publicada em 20 ou 30 entregas a 20 c. cada uma, e sua impressão será começada desde que tiver 300 subscritores. Subscreve-se em Turin, na livraria Degiorgis, via Nuova.

O LIVRO DOS MÉDIUNS, tradução em espanhol sobre a 9ª edição francesa: Madrid, - Barcelona, - Marseille, - Paris, no escritório da *Revista Espírita*.

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

10º ANO

NO. 4

ABRIL 1867

GALILEU

A PROPÓSITO DO DRAMA DO SR. PONSARD.

O acontecimento literário do dia é a representação de Galileu, drama em versos do Sr. Ponsard. Embora nele não haja questão de Espiritismo, a este se liga por um lado essencial: o da pluralidade dos mundos habitados, e deste ponto de vista podemos considerá-lo como uma das obras que são chamadas a favorecer o desenvolvimento da Doutrina, popularizando um de seus principais fundamentos.

O destino da Humanidade está ligado à organização do Universo, como o do habitante está à sua habitação. Na ignorância desta organização, o homem teve que se fazer, sobre seu passado e sobre seu futuro, idéias em relação com o estado desses conhecimentos. Se ele tivesse sempre conhecido a estrutura da Terra, jamais teria pensado em colocar o inferno em suas entranhas; se tivesse conhecido o infinito do espaço e a multidão dos mundos que nele se movem, não teria localizado o céu acima do *céu das estrelas*; não teria feito da Terra o ponto central do Universo, a única habitação dos seres vivos; não teria condenado a crença nos antípodas como uma heresia; se tivesse conhecido a geologia, jamais teria acreditado na formação da Terra em seis dias, e a sua existência há seis mil anos.

A idéia mesquinha que o homem se fazia da criação deveria lhe dar uma idéia mesquinha da divindade. Ele não pôde compreender a grandeza, o poder, a sabedoria infinitos do Criador senão quando seu pensamento pudesse abarcar a Imensidade do Universo e a sabedoria das leis que o regem, como se julga o gênio de um mecânico sobre o conjunto, a harmonia e a precisão do mecanismo, e não à vista de uma única engrenagem. Só então suas idéias puderam crescer e se elevarem acima de seu horizonte limitado. Suas crenças religiosas, em todo os tempos, foram calcadas sobre a idéia que se fazia de Deus e de sua obra; o erro de suas crenças sobre a origem e o destino da Humanidade tinha por causa sua ignorância das verdadeiras leis da Natureza; se ele tivesse, desde a origem, conhecido essas leis, seus dogmas teriam sido diferentes.

Galileu, revelando, um dos primeiros, as leis do mecanismo do Universo, não por hipóteses, mas por uma demonstração irrecusável, abriu o caminho a novos progressos; deveria, por isto mesmo, produzir uma revolução nas crenças, destruindo as bases dos sistemas científicos errôneos, sobre as quais se apoiavam.

A cada um a sua missão. Nem Moisés, nem o Cristo tinham a de ensinar aos homens as leis da ciência; o conhecimento dessas leis deveria ser *o resultado do trabalho e das pesquisas do homem*, da atividade e do desenvolvimento de seu próprio espírito, e não de uma revelação a priori, que lhe teria dado o saber sem dificuldade. Eles não deveram e não puderam lhe falar senão uma linguagem apropriada ao seu estado intelectual, de outro modo não o teriam compreendido. Moisés e o Cristo tiveram sua missão moralizadora; a gênios de outra ordem são deferidas as missões científicas. Ora,

como as leis morais e as leis da ciência são leis divinas, a religião e a filosofia não podem ser verdadeiras senão pela aliança dessas leis.

O Espiritismo está fundado sobre a existência do princípio espiritual, como elemento constitutivo do Universo; repousa sobre a universalidade e a perpetuidade dos seres inteligentes, sobre seu progresso indefinido através dos mundos e das gerações; sobre a pluralidade das existências corpóreas necessárias ao seu progresso individual; sobre sua cooperação relativa, como encarnados ou desencarnados, na obra geral, na medida do progresso realizado; sobre a solidariedade que liga todos os seres de um mesmo mundo e dos mundos entre si. Neste vasto conjunto, encarnados e desencarnados, cada um em sua missão, seu papel, os deveres a cumprir, desde os mais ínfimos até os anjos, que não são outros senão Espíritos humanos chegados ao estado de puros Espíritos, e aos quais são confiadas as grandes missões, os governos dos mundos, como a gerais experimentados: em lugar das solidões desertas do espaço sem limite, por toda a parte a vida e a atividade, nenhuma parte ociosamente inútil; por toda a parte o emprego dos conhecimentos adquiridos; por toda a parte o desejo de avançar ainda, e de aumentar a soma da felicidade, pelo uso útil das faculdades da inteligência. Em lugar de um existência efêmera e única, passada sobre um pequeno canto de terra, que decide para sempre a sua sorte futura, impõe limites ao seu progresso, e torna estéril, para o futuro, o trabalho que se dá para se instruir, o homem tem por domínio o Universo; nada do que ele sabe e do que ele faz está perdido; o futuro é dele; em lugar do isolamento egoísta, a solidariedade universal; em lugar do nada, segundo alguns, a vida eterna; em lugar de uma beatitude contemplativa perpétua, segundo outros, que dela faria uma inutilidade perpétua, um papel ativo proporcional ao mérito adquirido; em lugar de castigos irremissíveis para faltas temporárias, a posição que cada um se dá pela sua perseverança no bem ou no mal; em lugar de uma mancha original que torna passível de faltas que não se cometeu, a consequência natural de suas próprias imperfeições inatas; em lugar das chamas do inferno, a obrigação de reparar o mal que se fez, e de recomeçar o que se fez mal; em lugar de um Deus colérico e vingativo, um Deus justo e bom, levando em conta todos os arrependimentos e todas as boas vontades.

Tal é, em resumo, o quadro que apresenta o Espiritismo, e que ressalta da própria situação dos Espíritos que se manifestam; não é mais uma simples teoria, mas um resultado de observação. O homem que encara as coisas deste ponto de vista sente-se crescer; ele se revela aos seus próprios olhos; é estimulado em seus instintos progressivos vendo uma finalidade aos seus trabalhos, aos seus esforços para se melhorar.

Mas pá rã compreender o Espiritismo em sua essência, na imensidade das coisas que ele abarca, para compreender o objetivo da vida e o destino do homem, não seria preciso relegara Humanidade sobre um pequeno globo, limitara sua existência a alguns anos, diminuir o criador e a criatura; para que o homem possa se fazer uma idéia justa de seu papel no Universo, seria preciso que compreendesse, pela pluralidade dos mundos, o campo aberto às suas explorações futuras e à atividade de seu espírito; para recuar indefinidamente os limites da criação, para destruir seus preconceitos sobre os lugares especiais de recompensa e de punição, sobre os diferentes estágios dos céus, seria preciso que ele penetrasse as profundezas do espaço; que, em lugar do cristalino e do empíreo, vê ali circular, numa majestosa e perpétua harmonia, os mundos inumeráveis semelhantes ao seu; que por toda a parte seu pensamento encontra a criatura inteligente.

A história da Terra se liga à da Humanidade; para que o homem possa se desfazer de suas mesquinhas e falsas opiniões sobre a época, a duração e o modo de criação de nosso globo, de suas crenças lendárias sobre o dilúvio e sua própria origem; para que consinta em desalojar do seio da Terra o inferno e o império de Satã, é preciso que ele possa ler, nas camadas geológicas, a história de sua formação e de suas revoluções físicas. A astronomia e a geologia, secundadas pelas descobertas da física e da química,

apoiadas sobre as leis da mecânica, são as duas poderosas alavancas que atacaram vivamente seus preconceitos sobre a sua origem e o seu destino.

A matéria e o espírito são os dois princípios constitutivos do Universo; mas o conhecimento das leis que regem a matéria deve preceder o das leis que regem o elemento espiritual; só os primeiros podiam combater vitoriosamente os preconceitos pela evidência dos fatos. O Espiritismo, que tem por objeto especial o conhecimento do elemento espiritual, não deveria vir senão sob as ordens de outro; para que ele possa lançar seu vôo e levar os frutos, para que possa ser compreendido em seu conjunto, seria preciso que ele encontrasse o terreno preparado, o campo do espírito humano deslocado dos preconceitos e das idéias falsas, senão na totalidade, pelo menos em grande parte, sem isto não teria havido senão um Espiritismo estreito, bastardo, incompleto, e misturado a crenças e a práticas absurdas como é hoje entre os povos atrasados. Considerando-se a situação moral atual das nações avançadas, reconhecer-se-á que ele veio em tempo oportuno para encher os vazios que se fazem nas crenças.

Galileu descobriu o caminho; rasgando o véu que esconde o infinito, ele alargou o domínio da inteligência, e deu um golpe fatal nas crenças errôneas; destruiu mais de superstições e de idéias falsas do que todas as filosofias, porque as solapou pela base, mostrando a realidade. O Espiritismo deve o lugar que ocupa à classe dos grandes gênios que lhe franquearam o caminho abaixando as barreiras que a ignorância lhe opunha. As perseguições das quais foi objeto, e que são o destino de quem ataque os preconceitos e as idéias recebidas, o engrandeceram aos olhos da posteridade, ao mesmo tempo que humilharam os perseguidores. Quem é hoje o maior, deles ou dele?

Lamentamos que a falta de espaço não nos permita citar alguns fragmentos de belo drama do Sr. Ponsard. Fá-lo-emos no próximo número.

DO ESPÍRITO PROFÉTICO.

Pelo conde Joseph de Maistre.

O conde Joseph de Maistre, nascido em Chambéry em 1752, morto em 1821, foi enviado pelo rei da Sardanha, como ministro plenipotenciário na Rússia, em 1803. Ele deixou esse país em 1817 quando da expulsão dos Jesuítas, dos quais tinha abraçado a causa. Entre suas obras, uma das mais conhecidas na literatura e no mundo religioso, é aquela que foi intitulada: *Soirées de Saint-Pétersbourg*, publicada em 1821. Embora escrita num ponto de vista exclusivamente católico, certos pensamentos parecem inspirados pela previsão dos tempos presentes, e, a este título, merecem uma atenção particular. As passagens seguintes foram tiradas da décima primeira entrevista, tomo II, página 121, edição de 1844.

.....Mais do que nunca, Senhores, devemos nos ocupar dessas altas especulações, porque nos é preciso estar prontos para *um acontecimento imenso na ordem divina, para o qual caminhamos com uma velocidade acelerada que deve impressionar todos os observadores*. Não há mais religião sobre a Terra: o gênero humano não pode permanecer neste estado. *Terríveis oráculos anunciam, aliás, que os tempos são chegados*.

Vários teólogos, mesmo católicos, acreditaram que fatos da primeira ordem e pouco distantes estão anunciados na revelação de São João, e embora os teólogos protestantes não tenham debitado, em geral, senão tristes sonhos sobre esse mesmo livro, onde jamais viram o que desejavam, no entanto, depois de ter pago esse infeliz tributo ao fanatismo de seita, vejo que certos escritores desse partido adotam já o princípio que: *Várias profecias contidas no Apocalipse se reportam aos nossos tempos modernos. Um desses escritores mesmo foi levado até a dizer que o acontecimento já tinha começado, e que a nação francesa deveria ser o grande instrumento da maior das revelações*.

Talvez não haja um homem verdadeiramente religioso na Europa (falo da classe instruída), que não espere neste momento alguma coisa de extraordinário; ora disse-me, Senhores, credes que esse acordo de todos os homens possa ser desprezado? Não é nada esse grito geral que anuncia grandes coisas? Remontai aos séculos passados; transportai-vos ao nascimento do Salvador. Nessa época uma voz alta e misteriosa, partida das regiões orientais, não gritava: "O Oriente está sobre o ponto de triunfar? O vencedor partirá da Judéia; um filho divino nos é dado; ele vai aparecer; ele desce do mais alto dos céus; ele restabelecerá a idade de ouro sobre a Terra." Vós sabeis o resto.

Essas idéias estavam universalmente difundidas, e como elas se prestavam infinitamente à poesia, o maior poeta latino delas se apoderou e as revestiu das cores mais brilhantes em seu Pollion, que foi depois traduzido em belíssimos versos gregos, e lido nesta língua no concílio de Nicéia, por ordem do imperador Constantino. Certamente era muito digno da Providência ordenar que esse grande brado do gênero humano ressoasse para sempre nos versos imortais de Virgílio; mas a incurável credulidade de nosso século, em lugar de ver nessa peça o que ela realmente encerra, quer dizer, um monumento inefável do espírito profético que se agitava então no universo, se diverte em nos provar sabiamente que Virgílio não era profeta, quer dizer, que uma f lauta não sabe a música, e que não há nada de extraordinário na décima primeira poesia pastoril desse poeta. *O materialismo que mancha a filosofia de nosso século o impede de ver que a doutrina dos Espíritos, e, em particular, a do espírito profético, é inteiramente plausível em si mesma, e, além disto, o melhor sustentáculo para a tradição, a mais universal e a mais imponente, do que foi jamais.* Como a eterna doença do homem é de penetrar o futuro, é uma prova certa que ele tem direitos sobre esse futuro, e que há meios de atingi-lo, pelo menos em certas circunstâncias. Os oráculos antigos prendiam-se a esse movimento interior do homem que o adverte de sua natureza e de seus direitos. A pesada erudição de Van Dale, e as alegres frases de Fontenelle foram empregadas em vão, no século passado, para estabelecer a nulidade geral desses oráculos. Mas, o que quer que seja, jamais o homem teria recorrido aos oráculos, jamais teria podido imaginá-los, se não tivesse partido de uma idéia primitiva em virtude da qual os considerava como possíveis, e mesmo como existentes.

O homem está sujeito ao tempo, e, no entanto, por sua natureza, estranho ao tempo. O profeta gozava do privilégio de sair do tempo; suas idéias não sendo mais distribuídas na duração, se tocam em virtude da simples analogia, e se confundem, o que, necessariamente derrama uma grande confusão em seus discursos. O próprio Salvador se submeteu a esse estado quando, entregue voluntariamente ao espírito profético, as idéias análogas de grandes desastres, separadas do tempo, o levaram a misturar a destruição de Jerusalém à do mundo. Foi ainda assim que Davi, conduzido por seus próprios sofrimentos a meditar sobre "a justa perseguição," sai de repente do tempo e se exclama, presente no futuro: "Eles atravessaram meus pés e minhas mãos; e contaram meus ossos; partilharam minhas roupas; lançaram sorte sobre as minhas vestes." (Ps. XXV, v. 17.)

Poder-se-iam acrescentar outras reflexões tiradas da astrologia judiciária, dos oráculos, das adivinhações em todos os gêneros, cujos abusos, sem dúvida, desonraram o espírito humano, mas que tinham, no entanto, uma base verdadeira, como todas as crenças gerais. O espírito profético é natural ao homem, e não cessará de agitar no mundo. O homem, tentando, em todas as épocas e em todos os lugares, penetrar no futuro, declara que não foi feito para o tempo, porque o tempo é alguma coisa forçada, que não pede senão acabar. Daí vem que, em nossos sonhos, jamais temos a idéia do tempo, e que o estado do sono foi sempre julgado favorável às comunicações divinas.

Se me perguntardes em seguida o que é esse espírito profético de que falei há pouco, eu vos responderei que "jamais houve no mundo grandes acontecimentos que não foram preditos de alguma forma." Maquiavel foi o primeiro homem de meu conhecimento

que avançou essa proposição; se nisso vós mesmos refletirdes, achareis que a sua afirmativa está justificada por toda a história. Disto tendes um último exemplo na Revolução francesa, predita de todos os lados e da maneira mais incontestável.

Mas para retornar ao ponto de que parti, acreditai que ao século de Virgílio faltavam bons espíritos que zombavam e "do grande ano, e do século de ouro, e da casta Lucine, e da augusta mãe, e do misterioso filho?" No entanto, tudo isto tinha ocorrido: "O filho, do alto do céu, estava prestes a descer." E podeis ver em vários escritos, principalmente nas notas que Pope juntou à sua tradução em versos do Pollion, que essa peça poderia passar por uma versão de Isaías. *Por que quereis que disto não seja o mesmo hoje? O universo está à espera. Como desprezaríamos esta grande persuasão; e com que direito condenaríamos os homens que, advertidos por esses sinais divinos, se entregam a santas pesquisas?*

Quereis uma nova prova daquilo que se prepara? Procurai nas ciências; considerai bem a marcha da química, da própria astronomia, e vereis onde elas nos conduzem. Creríeis, por exemplo, se disto não estivésseis advertidos, que Newton nos leva a Pitágoras, e que incessantemente será demonstrado que *os corpos celestes são movidos precisamente como os corpos humanos, por inteligências que lhes estão unidas, sem que se saiba como? No entanto, é o que está no ponto de se verificar, sem que haja logo algum meio de debater.* Esta doutrina, sem dúvida, poderá parecer paradoxal e mesmo ridícula, porque a opinião circundante o impõe; mas, *esperai que a afinidade natural da religião e da ciência as reúna na cabeça de um único homem de gênio; o aparecimento desse homem não poderia estar distante, e talvez mesmo já exista.* Aquele será famoso e porá fim ao século dezoito que dura sempre; porque os séculos intelectuais não se regem pelo calendário como os séculos propriamente ditos. *Então, as opiniões que nos parecem hoje ou bizarras ou insensatas, serão axiomas dos quais não será permitido duvidar, e se falará de nossa estupidez atual como falamos da superstição da idade média. Já mesmo a força das coisas constrangeu alguns sábios da escola material a fazerem concessões que os aproximam do Espírito.* E outros, não podendo impedir de pressentir essa tendência surda de uma opinião poderosa, tomam precauções que, talvez, fazem sobre os verdadeiros observadores mais impressão do que uma resistência direta. Daí a sua atenção escrupulosa para não empregar senão expressões materiais. Jamais se trata em seus escritos: senão de leis mecânicas, de princípios mecânicos, de astronomia física, etc. Não é porque não sintam muito bem que as teorias materiais não contentam de nenhum modo a inteligência, porque há alguma coisa evidente, para o espírito humano não preocupado, é que os movimentos do Universo não podem se explicar unicamente pelas leis mecânicas; mas é precisamente porque o sentem, que colocam, por assim dizer, palavras em guarda contra a verdade. *Não se quer confessá-lo, mas não se é mais detido senão pelo compromisso ou por respeito humano.* Os sábios europeus são, neste momento, espécies de conjurados ou de iniciados, como vos agrada chamar, que fizeram da ciência uma espécie de monopólio, e que não querem absolutamente que se saiba mais ou de outro modo que eles. Mas essa ciência será incessantemente infamada por uma posteridade iluminada que acusará justamente os adeptos de hoje de não terem sabido tirar, das verdades que Deus lhes tinha entregue, as conseqüências mais preciosas para o homem. *Então, toda a ciência mudará de face; o espírito por muito tempo destronado retomará o seu lugar.*

Será demonstrado que as tradições antigas são todas verdadeiras; que o paganismo inteiro não é senão um sistema de verdades corrompidas e deslocadas; que basta limpá-las, por assim dizer, e remetê-las ao seu lugar, para vê-las brilhar com todos os seus raios. Em uma palavra, todas as idéias mudarão; e uma vez que, de todos os lados, uma multidão de eleitos exclamará concorde: "Vinde, Senhor, vinde!" porque censuraríeis esses homens que se lançam nesse futuro majestoso e se glorificam por adivinhá-lo. Como os poetas que, até nos tempos de fraqueza e de decrepitude, apresentam ainda

alguns pálidos clarões do espírito profético, os *homens espiritualizados sentem algumas vezes movimentos de entusiasmo e inspiração que os transportam para o futuro, e lhes permitem pressentir os acontecimentos que o tempo amadurece na distância.*

Lembraí-vos, senhor conde, o elogio que me dirigistes sobre a minha erudição a respeito do número três. Este número, com efeito, se mostra de todos os lados, no mundo físico como no mundo moral, e em todas as coisas divinas. Deus falou uma primeira vez aos homens sobre o monte Sinai, e esta revelação foi restringida, por razões que ignoramos, nos limites estreitos de um único povo e de um único país. Depois de quinze séculos, uma segunda revelação se dirige a todos os homens sem distinção, e é a da qual gozamos. Mas a universalidade de sua ação deveria ser ainda infinitamente restringida pelas circunstâncias de tempo e de lugar. Quinze séculos a mais deveriam se escoar antes que a América visse a luz, e suas vastas regiões escondem ainda uma multidão de hordas selvagens tão estranhas ao grande benefício, que se seria levado a crer que elas dele são excluídas por natureza em virtude de algum anátema primitivo inexplicável. Só o grande Lama tem mais súditos espirituais do que o papa; a Bengala tem sessenta milhões de habitantes, a China tem duzentos milhões deles, o Japão vinte e cinco ou trinta. Contemplai esses arquipélagos do grande Oceano que formam hoje uma quinta parte do mundo. Vossos missionários, sem dúvida, fizeram esforços maravilhosos para anunciar o Evangelho em algumas dessas regiões longínquas, mas vede com que sucesso. Quantas miríades de homens que a boa nova jamais alcançará! A cimitarra do filho de Ismael não expulsou inteiramente o Cristianismo da África e da Ásia? E, em nossa Europa, que espetáculo se oferece ao olhar religioso!.....

Contemplai este quadro lúgubre; juntaí nele à espera dos homens escolhidos, e vereis se os iluminados erraram ao considerar como *mais ou menos próxima uma terceira explosão da toda-poderosa bondade em favor do gênero humano.* Eu não terminaria se quisesse juntar todas as provas que se reunissem para justificar esta grande espera. Ainda uma vez, não censureis as pessoas que dela se ocupam que vêm, na própria revelação, razões de prever *uma revelação da revelação.* Chamai, se o quiserdes, estes homens iluminados, estarei inteiramente de acordo convosco, tendo em vista que pronunciais este nome seriamente.

Tudo anuncia, e vossas próprias observações o demonstram, *eu não sei que grande unidade para a qual caminhamos a grande passo.* Não podeis, pois, sem vos pôr em contradição consigo mesmo, condenar aqueles que saúdam de longe essa unidade, e que tentam, segundo suas forças, penetrar os mistérios tão temíveis, sem dúvida, mas, ao mesmo tempo, tão consoladores para nós.

E não dizeis que *tudo está dito, que tudo está revelado,* e que não nos é permitido esperar nada de novo. Sem dúvida, nada nos falta para a salvação; mas, *da parte dos conhecimentos divinos, nos falta muito; e, quanto às manifestações futuras, tenho, como vedes, mil razões para esperá-las, ao passo que não tendes nenhuma para me provar o contrário.* O hebreu que cumpria a lei não estava em segurança de confiança? Eu vos citaria, se fosse preciso, não sei quantas passagens da bíblia que prometem ao sacrifício judaico e ao trono de Davi uma duração igual à do sol. O judeu, *que disse tinha a aparência,* tinha toda a razão, até o acontecimento, de crer no reino temporal do Messias; todavia, se enganava, como se viu depois; mas sabemos o que espera a nós mesmos? Deus estará conosco até a consumação dos séculos; as portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja, etc.; muito bem! Disto resulta, eu vos peço, que *Deus proibiu toda manifestação nova,* e que não lhe é mais permitido nos ensinar nada além do que sabemos? isto seria, é preciso confessá-lo, um estranho raciocínio.

Uma nova efusão do Espírito Santo estando doravante na classe das coisas mais razoavelmente esperadas, é preciso que os pregadores desse dom novo possam citar as Escrituras santas a todos os povos. Os apóstolos não são tradutores; eles têm muitas outras ocupações; mas a Sociedade bíblica, instrumento cego da Providência, prepara

suas diferentes versões que os verdadeiros enviados explicarão um dia em virtude de uma missão legítima, nova ou primitiva, não importa! que expulsará a dúvida da cidade de Deus; e é assim que os terríveis inimigos da unidade trabalham para estabelecê-la.

Nota. - Estas palavras são tanto mais notáveis quanto elas emanam de um homem de um mérito incontestável como escritor, e que é tido em grande estima no mundo religioso. Talvez nelas não se tenha visto tudo o que encerram, mas elas são um protesto evidente contra o absolutismo e o exclusivismo estreito de certas doutrinas. Elas denotam no autor uma amplitude de visão que frisam a independência filosófica. A ortodoxia foi muitas vezes escandalizada por menos. As passagens sublinhadas são bastante explícitas para que seja supérfluo comentá-las; os Espíritas, sobretudo, lhe compreenderão facilmente a importância. Seria impossível não ver-lhe a previsão das coisas que se passam hoje e daquelas que o futuro reserva à Humanidade, tanto essas palavras têm relação com o estado atual, e com o que os Espíritos anunciam por toda a parte.

COMUNICAÇÃO DE JOSEPHDEMAISTRE.
(Sociedade de Paris, 22 de março de 1867. Méd. Sr. Desliens.)

Pergunta. Segundo os pensamentos contidos nos fragmentos que acabaram de ser lidos, pareceis ter sido animado, vós mesmo, do espírito profético do qual falais, e que descreveis tão bem. Meio século apenas nos separa da época em que escrevestes essas linhas notáveis, que já vemos as nossas previsões se realizarem. Talvez não seja no ponto de vista exclusivo em que colocastes, então, vossas crenças, mas, certamente, tudo nos mostra como iminente e em vias de se cumprir, a grande revolução moral que pressentistes e que as idéias novas preparam. O que dissestes tem uma relação tão evidente com o Espiritismo, que podemos, com toda a razão, vos considerar como um dos profetas de seu advento. Sem dúvida que a Providência vos colocou no meio em que, pelo próprio fato de vossos princípios, as vossas palavras deveriam ter mais autoridade. Foram elas compreendidas pelo vosso partido? Este as compreende ainda agora? É permitido disto duvidar.

Hoje que podeis encarar as coisas de maneira mais ampla, e abarcar mais vastos horizontes, ficaríamos felizes em ter a vossa apreciação atual sobre o *espírito profético*, e sobre a parte que deve ter o Espiritismo no movimento regenerador.

Além disto ficaríamos muito honrados se pudéssemos contar convosco, doravante, em nome dos bons Espíritos que querem muito concorrer para a nossa instrução.

Resposta. - Senhores, se bem que não seja a primeira vez que me encontro entre vós, como aqui me introduzi oficialmente hoje, vos pedirei aceitar os meus agradecimentos pelas palavras benevolentes que consentistes em pronunciar em minha intenção, e receber as minhas felicitações pela sinceridade e o devotamento que presidem os vossos trabalhos.

O amor da verdade foi o meu único guia, e se fui quando vivo o partidário de uma seita que se aprendeu a julgar com severidade, é que eu acreditava encontrar nela os elementos, a força de ação necessários para chegar ao conhecimento desta verdade que eu suspeitava. - Vi a terra prometida, mas não pude nela penetrar quando vivo. Mais felizes do que eu, senhores, aproveitai o favor que vos é concedido por vossa boa vontade, melhorando vosso coração e vosso espírito, e fazendo partilhar vossa felicidade a todos aqueles de vossos irmãos em humanidade, que não opuseram à vossa propaganda senão a reserva natural a cada homem colocado em face do desconhecido.

Como eles, teria querido raciocinar vossa crença antes de aceitá-la, mas não a teria difamado, por bizzarros que sejam seus meios de manifestação, pela única razão de que ela poderia prejudicar os meus interesses ou que me agradasse com ela agir assim.

Pudestes disto vos convencer, eu estava com o clero, adepto da moral do Evangelho, mas, eu não estava com ele, partidário da imutabilidade do ensino e da impossibilidade de novas manifestações da vontade divina. Penetrado das santas Escrituras que li, reli e comentei, a letra e o Espírito me faziam prever o advento novo. Disto agradeço a Deus, porque era feliz em esperança, por mim que sentia intuitivamente que participaria da felicidade de conhecer as novas verdades, em qualquer lugar que fosse; por meus irmãos em humanidade que veriam se dissipar as trevas da ignorância e do erro diante de uma evidência irrecusável.

O Espírito profético abrasa o mundo inteiro com seus eflúvios regeneradores. - Na Europa, como na América, na Ásia, por toda a parte, entre os católicos como entre os muçulmanos, em todos os países, em todos os climas, em todas as seitas religiosas, a nova revelação se infiltra, com a criança que nasce, com o jovem que se desenvolve, com a velhice que se vai. - Uns chegam com os materiais necessários para a edificação da obra; outros aspiram a um mundo que lhes revelará os mistérios que o pressentem. - E, se a perseguição moral vos dobra sob o seu jugo, se o interesse material, a posição social detêm alguns dos filhos do Espírito, em sua marcha ascendente, aqueles serão os mártires do pensamento, cujos suores intelectuais fecundarão o ensino, e prepararão as gerações do futuro para uma vida nova.

O Espiritismo, na França, se manifesta sobre um outro nome na Ásia. Há agentes nas diferentes nuances da religião católica, como os há entre os sectários da religião muçulmana. - Naquele lugar, a revelação, num grau inferior de desenvolvimento, é afogada no sangue; mas, ela não persegue menos a sua marcha, e as suas ramificações cercam o mundo numa vasta rede, cujas malhas vão se apertando à medida que o elemento regenerador se revela mais. - Os católicos, os protestantes, procurando fazer penetrar a nova crença entre os filhos do Islã, teriam encontrado obstáculos insuperáveis, e muitos raros adeptos teriam vindo se alinhar sob a sua bandeira.

O espírito profético ali tomou uma outra forma; assimilou sua linguagem, suas instruções, às formas materiais e aos pensamentos íntimos daqueles aos quais se dirigia. - Bendizei nisto a Providência que vê melhor que vós como e porque ela deve conduzir o movimento que impulsiona os mundos para o infinito.

A aspiração a novos conhecimentos está no ar que se respira, no livro que se escreve, no quadro que se pinta; a idéia se imprime sobre o mármore do estatuário, como sob a penado historiador, e tal, que seria espantoso estar alinhada entre os Espíritos, é um instrumento do Todo-Poderoso para a edificação do Espiritismo.

Interrompo esta comunicação que se torna fatigante para o médium que não está habituado ao meu influxo fluídico. Continué-la-ei uma outra vez, e virei, uma vez que tal é o vosso desejo, trazer a minha parte de ação aos vossos trabalhos, não me contentando mais de a eles assistir, testemunha invisível, ou inspirador desconhecido, como já o fiz muitas vezes.

J.DEMAISTRE.

A LIGA DO ENSINO.

2- Artigo.

(Ver o nº precedente, página 79.)

A propósito do artigo que publicamos sobre a liga do ensino, recebemos do Sr. Mace, seu fundador, a carta seguinte, que nos fazemos um dever publicar. Se expusemos os motivos sobre os quais nós apoiamos a opinião restritiva que emitimos, é de toda equidade mostrar as explicações do autor.

Bebenheim, 5 de março de 1867.

Senhor,

O Sr. Ed. Vauchez me comunicou o que dissestes da *liga do ensino, na Revista Espírita*, e tomo a liberdade de vos dirigir, não uma resposta para publicar em vossa *Revista*, mas algumas explicações pessoais sobre o objetivo que persigo, e o *plano que* levantei. Ficaria feliz se elas pudessem dissipar os escrúpulos que vos detêm, e vos ligar a um projeto que, pelo menos em meu espírito, não é vago quanto nele vistes.

Trata-se de agrupar, em cada localidade, todos aqueles que se sentem prontos a fazer atos de cidadãos contribuindo *pessoalmente* para o desenvolvimento da instrução pública ao seu redor. Cada grupo terá, necessariamente, de fazer seu próprio programa, a medida de sua ação sendo, necessariamente, determinada por seus meios de ação. Lá, ser-me-ia muito impossível de nada precisar; mas a *natureza* dessa ação, o ponto capital, eu o precisei da maneira mais clara e mais limpa: Fazer da instrução pública pura e simples, fora de toda preocupação de seita e de partido; está aí um primeiro artigo uniforme, escrito antecipadamente na cabeça de todos os prospectos; lá estará a sua unidade moral. Todo círculo que viesse a infringi-lo sairia de pleno direito da liga.

Sois, disto não saberia duvidar, muito leal para não convir que não teria lugar depois disso para nenhuma decepção quando se viesse à execução. Não poderia nela haver frustrados senão aqueles que teriam entrado na liga com a esperança secreta de fazê-la servir ao triunfo de uma opinião particular: eles estão prevenidos.

Quanto às intenções que poderia o autor ter do próprio projeto e à confiança que convém lhe conceder, permiti-me de nisto me prender a resposta que eu já dei uma vez a uma suspeita nos *Annales du travail*, e do qual vos peço querer ter conhecimento. Ela se dirige a uma dúvida sobre as minhas tendências liberais; ela pode se dirigir muito bem às dúvidas que poderiam se levantar em outros espíritos sobre a lealdade de minha declaração de neutralidade.

Ouso esperar, senhor, que estas explicações vos pareceram suficientemente franças para modificar a vossa primeira impressão, e que achareis bom, se assim o é, de dizer-lo aos vossos leitores. Todo bom cidadão deve o apoio de sua influência pessoal ao que reconhece útil, e me sinto tão convencido da utilidade de nosso projeto da Liga, que me parece impossível que ela possa escapar a um espírito tão experimentado quanto o vosso.

Recebei, senhor, minhas muito cordiais e fraternas saudações;

JEAN MACE.

A estacaria, o Sr. Mace quis juntar o n^o dos *Annales du travail*, onde se encontra a resposta mencionada acima, e que reproduzimos integralmente.

Bebenheim, 4 de janeiro de 1867.

Senhor redator,

A objeção que fizestes relativamente a uma modificação possível de minhas idéias liberais, e conseqüentemente, ao perigo possível também, de uma direção má dada ao ensino da Liga, essa objeção me parece aflitiva, e vos peço a permissão de responder àqueles que vo-la fizeram, não pelo que me concerne, -julgo-o inútil, - mas em honra de minha idéia que não compreenderam. A Liga nada ensina, e não terá direção a dar; é, pois, supérfluo se inquietar desde o presente com as opiniões mais ou menos liberais daquele que procura fundá-la.

Apelo a todos aqueles que tomam de coração o desenvolvimento da instrução em seu país e que desejam nela trabalhar, seja sobre os outros, ensinando, seja sobre si mesmos, aprendendo. Eu os convido a se associarem sobre todos os pontos do território; a fazer ato de cidadãos, combatendo a ignorância, e de sua bolsa, e de sua pessoa, o que vale ainda mais; a importunar homem a homem, os maus pais que não enviam seus filhos à escola; a fazer vergonha aos camaradas que não sabem nem ler, nem escrever, e a lembrá-los que é sempre tempo; se for preciso, colocar-lhes o livro e a pena à mão, improvisando professores, cada um daquilo que sabe; a criar cursos e bibliotecas, em prover todos ignorantes que desejarem cessar de sê-lo; a formar, enfim, por toda a França, um único feixe para se prestar um mútuo apoio contra as influências inimigas, - os há deles, infelizmente, de uma elevação, considerados perigosos, no nível intelectual do povo.

Que tudo isto venha a se fazer, em que, se vos apraz, e em qual sentido inquietante esse movimento universal poderia ser dirigido não importa por quem? Que se organize, por exemplo, em Paris, entre obreiros, as *Sociedades de cultura intelectual*, como as que existem por centenas nas cidades da Alemanha, e da qual o Sr. Edouard Pfeiffer, o presidente da associação de instrução popular de Wurtemberg, explicou o funcionamento de maneira tão interessante no n.º da *Cooperação*, de 30 de setembro último, que no subúrbio de Saint-Antoine, no quarteirão do Templo, em Montmartre, nos Batignolles, grupos de trabalhadores, entrados na *Liga*, se entende em conjunto para se darem, em certos dias, noitadas de instrução com professores de boa vontade, ou mesmo retribuídos, por que não? os obreiros ingleses e alemães não se recusam a esse luxo, - eu gostaria muito de saber o que virão fazer lá as doutrinas de um professor de senhoritas que dá sua classe em Beblenheim, e que não tem nenhuma inveja de mudar de alunos. - É que aquelas pessoas não estarão entre eles? É que não terão permissões para se perguntar?

Não é que me proíbo ter uma doutrina em matéria de ensino popular. Seguramente, tenho uma; eu não me teria permitido, sem isto, de me colocar com a minha própria autoridade, na cabeça de um movimento como este. Hei-la tal como venho de formulá-la no *Annuaire de l'association*, de 1867. É a própria negação de toda direção "em tal sentido mais que em outro" para me servir da expressão daqueles que não estão inteiramente seguros de mim, e me declaro pronto a colocar ao seu serviço tudo o que eu possa ter de autoridade pessoal, - não temo disso falar porque tenho consciência de tê-lo legalmente ganho:

"Anunciar o ignorante *num sentido ou num outro* não adianta em nada e não o adianta. Ele permanece em seguida à mercê das pregações contrárias, e delas não sabe pouco mais lento do que antes. Que ela aprenda o que sabem aqueles que o pregam, é coisa diferente; estará no estado dele mesmo pregar, e aqueles que temam que seja para si mesmo um mau pregador podem se tranquilizar antecipadamente. A instrução não tem duas maneiras de agir sobre aqueles que a possuem. Se dela se encontram bem por sua conta, por que não prestaria o mesmo serviço aos outros?"

Se vossos correspondentes "de fora" conhecem o modo mais liberal de entender a questão do ensino popular, que consintam em me ensiná-lo. Eu não o conheço.

JEANMACÉ.

P.-S. Vós me pedis para responder a uma pergunta que vos foi feita sobre o destino futuro das somas subscritas para a *Liga*.

Uma subscrição aberta presentemente está destinada a cobrir as despesas de propaganda do projeto. Em cada boletim publicarei, como acabo de fazê-lo no primeiro, o estado das receitas e das despesas, e darei minhas contas, com peças de apoio, à comissão que será nomeada para este efeito, na primeira assembléia geral.

Quando a Liga for constituída, o emprego das cotizações anuais deverá estar determinado - pelo menos é minha opinião - no seio dos grupos aderentes que se formem. Cada grupo fixará ele mesmo a parte que lhe conviria distribuir ao fundo geral de propaganda da obra, onde iriam igualmente as cotizações dos aderentes que se julgassem no propósito de se iniciar num grupo especial.

REFLEXÕES SOBRE AS CARTAS PRECEDENTES.

Isto prende-se, sem dúvida, à falta de perspicácia de nossa inteligência, mas confessamos, com toda a humildade, não ser mais esclarecidos do que antes; diremos mesmo que as explicações acima vêm confirmara nossa opinião. Nos havia sido dito que o autor do projeto tinha um programa bem definido, mas que se reservava fazê-lo conhecer quando as adesões fossem suficientes. Esta maneira de proceder não nos pareceu nem lógica, nem prática, porque não se pode racionalmente aderir ao que não se conhece; ora, a carta que o Sr. Mace consentiu nos escrever, não dá de nenhum modo a entender que isto seja assim; ela diz ao contrário: "*Cada grupo terá necessariamente de fazer ele mesmo seu programa*, o que significa que o autor não tem um que lhe seja pessoal. Disto resulta que, se houver mil grupos, pode ali ter mil programas; é a porta aberta à anarquia dos sistemas.

Ele acrescenta, é verdade, que o ponto capital será precisado da maneira *mais clara e mais limpa* pela indicação do objetivo que é de: "Fazer da instrução pura e simples fora de toda preocupação de seita e de partido." O objetivo é louvável, sem dúvida, mas não vemos nele senão uma boa intenção, e não a precisão indispensável nas coisas práticas.

"Todo círculo, acrescenta ele, que viesse a infringi-lo sairia de pleno direito da Liga." Está aí a medida combinatória; pois bem! esses círculos com ela estarão quites para sair da Liga, e para formar outras delas ao lado, sem crer desmerecido em que quer que seja; eis, pois, a Liga principal rompida desde seu princípio, por falta de uma unidade de vista e de conjunto. O objetivo indicado é tão geral que se presta a uma falta de aplicações muito contraditórias, e que, cada um a interpretando segundo suas opiniões pessoais, creia estar na verdade. Aliás, onde está a autoridade que pode legalmente pronunciar essa exclusão? Dela não há; não há nenhum centro regulador tendo qualidade para apreciar ou controlar os programas individuais que se afastassem do plano geral. Tendo cada grupo sua própria autoridade, e seu centro de ação, é o único juiz do que faz; em tais condições, cremos num acordo impossível.

Não vemos, até aqui, nesse projeto, senão uma idéia geral; ora, uma idéia não é um programa. Um programa é uma linha traçada da qual não se pode afastar conscientemente, um plano combinado nos mais minuciosos detalhes, e que não deixa nada ao arbítrio, onde todas as dificuldades de execução estão previstas, onde os caminhos e os meios estão indicados. O melhor programa é aquele que deixa o menos possível ao imprevisto.

"Era-me bem impossível algo precisar, disse o autor, uma vez que a medida de ação de cada grupo será necessariamente determinada por seus meios de ação;" em outros termos, pelos recursos materiais dos quais poderá dispor. Mas não está lá uma razão. Todos os dias se fazem planos, elaboram-se projetos, subordinados aos meios eventuais de execução; é somente vendo um plano, que o público se decide a ele se associar segundo lhe compreenda a utilidade e nele veja os elementos de sucesso.

O que precisaria ter sido feito antes de tudo, teria sido de assinalar com precisão as lacunas do ensino que se propõe a preencher, as necessidades às quais se quer prover; dizer: se se entendia favorecer a gratuidade do ensino retribuindo ou indenizando os professores e as professoras; fundar escolas onde não as há; suprir a insuficiência do

material de instrução nas escolas muito pobres para deles se proverem; forneceres livros às crianças que não podem se proporcioná-los: instituir prêmios de encorajamento para os alunos e os professores; criar cursos de adultos; pagar homens de talento para irem. como missionários, fazer conferências instrutivas nos campos, e destruir as idéias supersticiosas com a ajuda da ciência; definir o objeto e o espírito desses cursos e dessas conferências, etc., estas coisas ou outras. Só então o objetivo teria sido nitidamente especificado. Depois, poder-se-ia dizer: "Para atingi-lo, são necessários recursos materiais; apelamos aos homens de boa vontade, aos amigos do progresso, àqueles que simpatizam com nossas idéias; que formem comissões por departamentos, circunscrições, cantões ou comunas, encarregadas de receber as subscrições. Não haveria caixa geral e central, cada comissão teria a sua da qual dirigiria o emprego segundo programa traçado, em *razão* dos recursos dos quais poderia dispor; se recolhe muito, fará muito, se recolhe pouco, fará menos. Mas haverá uma comissão diretora, encarregada de centralizar as informações, de transmitir avisos e as instruções necessárias, de resolver as dificuldades que poderiam surgir, de imprimir ao conjunto a marca de unidade, sem a qual a *liga* seria uma palavra vã. Uma *liga* se entende de uma associação de indivíduos caminhando de comum acordo e solidariamente para a realização de um objetivo determinado; ora, desde o instante que cada um pode entender esse objetivo à sua maneira, e agir à sua vontade, não há mais nem liga, nem associação.

Não se trata somente aqui de um objetivo a alcançar; desde o instante que sua realização repousa sobre capitais a recolher por via de subscrições, há combinações financeiras; a parte econômica do projeto não pode ser deixada ao capricho dos indivíduos, nem ao acaso dos acontecimentos, sob pena de periclitarem; ela pede uma elaboração preliminar séria, um plano concebido com previdência em previsão de todas as eventualidades.

Um ponto essencial no qual parece não se ter pensado, é este: O objetivo que se propõe sendo *permanente*, e não temporário como quando se trata de um infortúnio a aliviar, ou de um monumento a elevar, exige *recursos permanentes*. A experiência provando que não se pode jamais contar sobre subscrições voluntárias regulares e perpétuas, operando-se diretamente com o produto das subscrições, esse produto seria logo absorvido. Querendo-se que a operação não seja detida em sua própria fonte, é preciso constituir uma renda para não viver sobre seu capital; conseqüentemente, capitalizar as subscrições da maneira mais segura e mais produtiva. Como? com que garantia e sob qual controle? Eis o que todo projeto, repousando sobre um movimento de capitais, antes de tudo, deve prever e determinar antes de nada encaixar, como deve igualmente determinar o emprego e a repartição dos fundos pagos por antecipação, no caso em que, por uma causa qualquer, não lhe seria dada seqüência. Por sua natureza, o projeto comporta uma parte econômica, tanto mais importante quanto é dela que depende seu futuro, e que aqui falta totalmente.

Suponhamos que antes do estabelecimento das sociedades de seguro, um homem tivesse dito: "Os incêndios fazem diariamente destruições; pensei que, em se associando, em se cotizando, poder-se-ia atenuar os efeitos do flagelo; como? eu o ignoro; subscrevei primeiro, e avisaremos em seguida; procurareis vós mesmo o meio que vos convenha melhor, e tratareis de vos entender" sem dúvida, a idéia teria sorrido a muitos; mas quando se estivesse posto à obra, quantas dificuldades práticas não seriam discordantes por falta de ter havido uma base preliminarmente elaborada! Parece-nos que o caso aqui é quase o mesmo.

A carta publicada *nos Annals du travail*, e reportada acima, não elucida mais a questão; ela confirma que o plano e a execução do projeto são deixados ao arbítrio e à iniciativa dos subscritores; ora, quando a iniciativa é deixada a todo o mundo, ninguém a toma. Aliás, se os homens têm bastante julgamento para apreciar se o que se lhes

oferece é bom ou mal, todos não estão aptos a elaborar uma idéia, sobretudo quando ela abarca um campo tão vasto quanto este. Essa elaboração é o complemento indispensável da idéia primeira. Uma liga é um corpo organizado que deve ter um regulamento, estatutos, para caminhar em conjunto, se ela quer chegar a um resultado. Se o Sr. Mace tivesse estabelecido os estatutos, mesmo provisórios, com a condição de submetê-los mais tarde à aprovação dos subscritores que estariam livres para modificá-los, assim como isto se pratica em todas as associações, ele teria dado um corpo à Liga, um ponto de união, ao passo que ela não tem nem um nem o outro. Dizemos mesmo que ela não tem bandeira, uma vez que está dito na carta pre citada: *A liga não ensina nada e não terá direção a dar; portanto, é supérfluo se inquietar, desde o presente, com opiniões mais ou menos liberais daquele que procura fundá-la.* Conceberíamos este raciocínio se se tratasse de uma operação industrial; mas numa questão tão delicada quanto o ensino, que é encarado em pontos de vista tão controversos, que toca os mais graves interesses da ordem social, não compreendemos que possa ser feita abstração da opinião daquele que, a título de fundador, deve ser a alma do empreendimento. Aquela afirmativa é um erro lamentável.

Do vago que reina na economia do projeto, resulta que, em subscrevendo, ninguém sabe a que e para que se alista, uma vez que não sabe que direção tomará o grupo do qual fará parte; que se encontrará mesmo subscritores que não fazem parte de nenhum grupo. A organização desses grupos não está mesmo determinada; suas circunscrições, suas atribuições, sua esfera de atividade, tudo é deixado no desconhecido. Ninguém tem qualidade para convocá-los; contrariamente ao que se pratica em semelhante caso, nenhuma comissão de fiscalização foi instituída para regular e controlar o emprego dos fundos dados por antecipação e que servem para pagar as despesas de propaganda da idéia. Uma vez que há despesas gerais pagas com os fundos dos subscritores, seria preciso que estes últimos soubessem em que elas consistem. O autor quer lhes deixar toda latitude para se organizarem como entenderem; não quer ser senão o promotor da idéia; seja, e longe de nós o pensamento de levantar contra a sua pessoa a menor suspeita de desconfiança; mas dizemos que para a marcha regular de uma operação desse gênero e para assegurar seu sucesso, há medidas preliminares indispensáveis que foram totalmente negligenciadas, o que vemos com pesar, no próprio interesse da coisa; se é de propósito, acreditamos o pensamento mal fundado; se é esquecimento, é deplorável.

Não temos qualidade para dar nenhum conselho nesta questão, mas eis geralmente como se procede em semelhante caso.

Quando o autor de um projeto que necessita de um apelo à confiança do público, não quer assumir sozinho sobre ele a responsabilidade da execução, e também no objetivo de se cercar de mais luzes, ele reúne primeiro ao redor de si um certo número de pessoas cujos nomes são uma recomendação, que se associam à sua idéia e a elaboram com ele. Estas pessoas constituem uma primeira comissão, seja consultiva, seja cooperativa, provisória até a constituição definitiva da operação e a nomeação de um conselho permanente de vigilância pelos interesses. Essa comissão é para estes últimos uma garantia pelo controle que exerce sobre as primeiras operações das quais está encarregado de dar conta, assim como das primeiras despesas. Além disto, é um apoio e uma descarga de responsabilidade para o fundador. Este, falando em seu nome, e se ajudando com o conselho de vários, haure, nessa autoridade coletiva, uma força moral sempre mais preponderante sobre a opinião das massas do que a autoridade de um só. Se se tivesse procedido assim para a Liga do ensino, e se este projeto tivesse sido apresentado nas formas usuais, e em condições mais práticas, os adeptos, sem nenhuma dúvida, teriam sido mais numerosos, mas tal qual é, deixa muitos na indecisão, segundo a nossa opinião.

Embora esse projeto esteja entregue à publicidade, e, conseqüentemente, ao livre exame de todos, dele não teríamos falado, se a isto de alguma forma não tivéssemos sido constrangidos pelos pedidos que nos foram endereçados. Em princípio, sobre as coisas às quais, do nosso ponto de vista, não podemos dar uma inteira aprovação, preferimos guardar o silêncio, a fim de não lhe trazer nenhum entrave. Novas explicações nos tendo sido pedidas, a propósito de nosso último artigo, acreditamos necessário motivar nossa maneira de ver com mais precisão. Mas, ainda uma vez, não damos senão nossa opinião que não obriga a ninguém; estaríamos felizes de ser somente de nossa opinião, e que o acontecimento venha a provar que não nos enganamos. Associamo-nos de grande coração à idéia-mãe, mas não ao seu modo de execução.

MANIFESTAÇÕES ESPONTÂNEAS. *MOINHO DE VICQ-SUR-NAHON,*

Sob o título *de: O diabo do moinho, o Moniteur de l'Indre, de febreiro de 1867,* contém o relato seguinte:

"O senhor Garnier, Francês, é fazendeiro e moleiro no burgo de Vicq-sur-Nahon. É, gostamos de pensá-lo, um homem pacífico, e, no entanto, depois do mês de setembro, seu moinho é o teatro de fatos miraculosos, próprios a fazer supor que o Diabo, ou ao menos um Espírito engraçado, ali fez escolha de domicílio. Por exemplo, parece fora de dúvida que, diabo ou Espírito, o autor dos fatos que vamos contar, gosta de dormir à noite, porque ele não *trabalha* senão de dia.

"Nosso Espírito gosta de brincar com os lençóis das camas. Ele os toma sem que ninguém disto se aperceba, transporta-os e vai escondê-los seja no vigamento, seja no forro, seja debaixo das réstias de feno. Ele transporta de uma estrebaria a uma outra os lençóis da cama do moço das estrebarias, e são encontrados mais de uma hora depois sob o feno ou na manjedoura. Para abrir as portas, o Espírito de Vicq-sur-Nahon não tem necessidade de chave. Um dia o senhor Garnier, em presença de seus domésticos, fechou com dupla volta a porta da padaria e colocou a chave em seu bolso, e, no entanto, essa porta se abre quase imediatamente sob os olhos de Garnier e de seus domésticos, sem que pudessem explicar como.

"Uma outra vez, em 1^o de janeiro, - um modo inteiramente novo de desejar o bom ano a alguém, - um pouco antes da noite, a cama de penas, os lençóis, os cobertores de uma cama colocada num quarto foram levantados sem que a cama fosse desarrumada, e ser e encontram esses objetos no chão perto da porta do quarto. Garnier e os seus imaginam, então, na esperança de conjurar toda essa feitiçaria, de mudar as camas de quarto, o que com efeito ocorreu; operada a mudança os fatos diabólicos, que acabamos de contar, recomeçaram cada vez mais. Em diferentes repetições, um moço da estrebaria encontra aberto o cofre onde se guardam os bens, e estes espalhados na estrebaria.

"Mas eis duas circunstâncias onde se revelam toda a habilidade diabólica do Espírito. Entre os domésticos do senhor Garnier se encontra uma jovem de 13 anos, chamada Marie Richard. Um dia, esta criança, estando num quarto, viu, de repente, se endireitar sobre a cama um pequeno oratório, e todos os objetos colocados sobre o fogão, 4 vasos, 1 cristo, 3 copos, duas taças, em uma das quais estava a água benta, e uma pequena garrafa cheia também de água benta, irem, sucessivamente, como obedecendo à ordem de um ser invisível, tomando lugar sobre o altar improvisado. A porta do quarto estava entreaberta, e a mulher do irmão da pequena Richard perto da porta. Uma sombra *saiu* da capela, no dizer da pequena Richard, se aproximou da criança e a encarregou de convidar seus senhores a dar um pão bento e a fazer dizer uma missa. A criança prometeu-o; durante nove dias a calma reinou no moinho; Garnier fez dizer a missa pelo

cura de Vicq, ofereceu um pão bento, e desde o dia seguinte, 15 de janeiro, os sortilégios recomeçaram.

"A chave das portas desapareceram; as portas que se deixou abertas se acham fechadas, e um serralheiro chamado para abrir a porta do moinho, não pôde ali chegar e se viu na necessidade de desmontar a fechadura. Estes últimos fatos se passaram a 29 de janeiro. No mesmo dia, pelo meio-dia, como as domésticas tomavam suas refeições, a jovem Richard toma um cântaro de bebida, se serve a beber, e o relógio do senhor Garnier, pendurado em um prego do fogão, caiu em seu copo. Recoloca-se o relógio no fogão; mas a jovem Richard, servindo-se de um prato servido sobre a mesa, conduz o relógio com sua colher. Pela terceira vez, pendura-se o relógio em seu lugar, e, pela terceira vez, a pequena Richard o encontra num pote que fervia diante do fogo, assim como uma pequena garrafa encerrando um medicamento, e do qual a rolha lhe salta aos olhos.

"Breve, o terror se apoderou dos habitantes do moinho; ninguém quis mais ficar na casa enfeitada. Enfim, Garnier tomou a decisão de prevenir o Sr. comissário de polícia de Valençay, que foi a Vicq, acompanhado de dois guardas civis. Mas o diabo não julgou conveniente se mostrara os agentes da autoridade. Somente estes aconselharam Garnier a despedir a jovem Richard, o que logo fez. Teria esta medida bastado para colocar o diabo em derrota? Esperemo-lo, para o repouso das pessoas do moinho." Num número posterior, o *Moniteur de l'Indre* contém o seguinte: "Contamos, em seu tempo, todas os sortilégios que se passaram no moinho de Vicq-sur-Nahon, do qual o senhor Garnier é locatário. Esses sortilégios, até o presente cônicos, começaram a girar para a tragédia. Depois das falsas, dos malabarismos, das cenas de prestidigitação, eis que o diabo recorre ao incêndio.

"Em 12 deste mês, duas tentativas de incêndio ocorreram quase simultaneamente, nas estrebarias do senhor Garnier. A primeira teve lugar pelas cinco horas da tarde. O fogo pegou na palha, ao pé da cama dos jovens moleiros. O segundo incêndio manifestou-se em torno de uma hora depois do primeiro, mas numa outra estrebaria. O fogo pegou igualmente ao pé de uma cama e na palha.

"Esses dois incêndios foram felizmente extintos pelo pai de Garnier, com a idade de oitenta anos, e seus domésticos, prevenidos pela chamada Marie Richard.

"Nossos leitores devem se lembrar de que essa jovem, com a idade de 14 anos, era a primeira sempre a perceber os sacrilégios que ocorriam no moinho, se bem que, pelos conselhos que lhe tinham dado, Garnier havia demitido de sua casa a jovem Richard. Quando os dois incêndios se manifestaram, esta jovem tinha retornado há quinze dias à casa do senhor Garnier. Foi ela ainda quem percebeu o primeiro dos dois incêndios de 12 de março.

"Depois das pesquisas feitas no moinho, as suspeitas caíram sobre dois domésticos.

"A família Garnier foi de tal modo atingida pelos acontecimentos dos quais seu moinho foi o teatro, que ela está persuadida de que o diabo, ou pelo menos algum Espírito malfazejo, elegeu domicílio em sua moral." Um de nossos amigos escreveu ao senhor Garnier, pedindo-lhe para saber se os fatos narrados pelo jornal eram reais ou contos feitos a prazer, e, em todos os casos, o que poderia ter de verdadeiro ou de exagero nesse relato.

O Sr. Garnier respondeu que tudo era de uma perfeita exatidão e conforme a declaração que ele mesmo tinha feito ao comissário de polícia de Valençay. Confirmou também os dois incêndios e acrescentou: O próprio jornal não contou tudo. Segundo sua carta, os fatos se produziam de quatro a cinco meses, e não foi senão, perdendo a paciência por sua repetição, sem poder descobrir-lhe o autor, que ele fez a sua declaração. Termina dizendo: "Eu não sei, senhor, com qual objetivo me pedis essas informações; mas, se tendes algum conhecimento daquelas coisas, eu vos peço para tomar parte em minhas dificuldades, porque vos asseguro que não estamos à vontade em

nossa casa. Se puderdes achar um meio de descobrir o autor de todos esses fatos escandalosos, prestar-nos-eis um grande serviço."

Um ponto importante a esclarecer era de saber qual podia ser a participação da jovem, seja voluntariamente por malícia, seja inconscientemente por sua influência. Sobre esta questão, o senhor Garnier disse que a criança não tendo estado fora da casa e não durante quinze dias, não pôde julgar o efeito de sua ausência; mas que não tinha nenhuma suspeita sobre ela, como maldade, não mais do que sobre os seus outros domésticos; que ela tinha quase sempre anunciado o que se passava fora de seu entendimento; que, assim, ela dissera várias vezes: "Eis que a cama se transtorna em tal quarto," e que nele entrando sem perdê-la de vista, achava-se o leito transtornado; que ela semelhantemente preveniu dos dois incêndios ocorridos depois de seu retorno.

Estes fatos, como se vê, pertencem ao mesmo gênero de fenômenos de Poitiers (Revista de fevereiro e março de 1864, páginas 47 e 78, - id., maio de 1865, página 134); de Marseille (abril de 1865, página 121); de Dieppe (março de 1860, página 76), e tantas outras que se podem chamar *manifestações barulhentas e perturbadoras*.

Faremos primeiro notar a diferença que existe entre o tom deste relato e o do jornal de Poitiers na ocasião do que se passou nesta cidade. Lembra-se do dilúvio de sarcasmos que fez chover a esse respeito aos Espíritas, e sua persistência em sustentar, contra a evidência, que isso não poderia ser senão a obra de maus gracejadores que não se tardaria a descobrir, e que, em definitivo, jamais foram descobertos. O *Moniteur de l'Indre*, mais prudente, se limita a um relato que não é condimentado com nenhum gracejo deslocado, e que implique antes uma afirmação do que uma negação.

Uma outra observação é que os fatos deste gênero tiveram lugar bem antes que o Espiritismo fosse questão, e que depois quase sempre se passaram entre pessoas que não o conheciam nem mesmo de nome, o que exclui toda influência devida à crença e à imaginação. Se se acusasse os Espíritas de simularem estas manifestações com um objetivo de propaganda, perguntar-se-ia que poderiam elas produzir antes que não eram Espíritas.

Não conhecendo o que se passou no moinho de Vicq-sur-Nahon senão pelo relato que dele foi feito, nos limitamos a constatar aqui que nada se afasta do que o Espiritismo admite a possibilidade, nem das condições normais nas quais semelhantes fatos podem se produzir; e esses fatos se explicam por leis perfeitamente naturais, e, conseqüentemente, nada têm de maravilhoso. Sua ignorância dessas leis pôde, até este dia, fazê-los considerar como efeitos sobrenaturais, assim como o foi com quase todos os fenômenos dos quais a ciência mais tarde revelou as leis.

O que pode parecer mais extraordinário, e se explica menos facilmente, é o fato das portas abertas depois de terem sido cuidadosamente fechadas à chave. As manifestações modernas disto oferecem vários exemplos, um fato análogo se passou em Limoges, há alguns anos (Revista de agosto de 1860, página 249). Do fato de que o estado de nossos conhecimentos não nos permita deles dar ainda uma explicação concludente, isto não prejudicaria nada, porque estamos longe de conhecer todas as leis que regem o mundo invisível, todas as forças que este mundo encerra, todas as aplicações das leis que conhecemos. O Espiritismo não disse ainda a sua última palavra, muito longe disto, não mais sobre as coisas físicas do que sobre as coisas espirituais. Muitas das descobertas serão o fruto de observações ulteriores. O Espiritismo não fez, de alguma sorte, até o presente, senão colocar os primeiros degraus de uma ciência cuja importância é desconhecida. Com a ajuda do que já descobriu, ele abre àqueles que virão depois de nós o caminho das investigações numa ordem especial de idéias. Não procede senão por observações e deduções. Se um fato é constatado, se diz que ele deve ter uma causa, e que esta causa não pode ser senão natural, e então ele a procura. Na falta de uma demonstração categórica, pode dar uma hipótese, mas até a confirmação, não a dá senão

como hipótese, e não como verdade absoluta. A respeito do fenômeno das portas abertas, como o dos transportes através dos corpos rígidos, nisto está ainda reduzido a uma hipótese baseada sobre as propriedades fluídicas da matéria, muito imperfeitamente conhecidas, ou, dizendo melhor, que não são ainda senão suspeitadas. Se o fato em questão for confirmado pela experiência, ele deve ter, como o dissemos, uma causa natural; se se repete, é que não é uma exceção, mas a consequência de uma lei. A possibilidade da libertação de São Pedro em sua prisão, narrada nos Atos dos apóstolos, cap. XII, seria assim demonstrada sem que tivesse necessidade de se recorrer a um milagre.

De todos os efeitos medianímicos, as manifestações físicas são as mais fáceis de simular; também é preciso se guardar de aceitar muito levemente como autênticos os fatos deste gênero, quer sejam espontâneos como os do moinho de Vicq-sur-Nahon, ou conscientemente provocados por um médium. A imitação não poderia, é verdade, ser senão grosseira e imperfeita, mas com a agilidade pode-se facilmente se enganar, como se o fez num tempo pela dupla vista, àqueles que não conheciam as condições nas quais os fenômenos reais podem se produzir. Vimos supostos médiuns, de uma rara habilidade, simular os transportes, a escrita direta e outros gêneros de manifestações.

É preciso, pois, não admitir senão conscientemente a intervenção dos Espíritos nessas espécies de coisas.

No caso do qual se trata, não afirmamos essa intervenção; limitamo-nos a dizer que ela é possível. Só os dois começos de incêndio poderiam fazer supor um ato humano, suscitado pela maldade que, sem dúvida, o futuro fará descobrir. No entanto, é bom notar que, graças à clarividência da jovem, suas consequências puderam ser prevenidas. Com exceção deste último fato, os outros não eram senão travessuras sem consequências deploráveis. Se são a obra dos Espíritos, não podem provir senão de Espíritos levianos, se divertindo com os medos e as impaciências que causam. Sabe-se que os há de todos os caracteres, como neste mundo. O melhor meio para se desembaraçar deles é de não se inquietar com eles, e cansar a sua paciência que jamais é de longa duração, quando vêem que deles não tomam nenhum cuidado, o que se lhes prova rindo eles mesmos de suas malícias e desafiando-os para que façam mais. O meio mais seguro de excitá-los a perseverar é de se atormentar e de se encolerizar contra eles. Pode-se ainda deles se desembaraçar evocando-os com a ajuda de um bom médium, e pedindo por eles; então, conversando com eles, pode-se saber o que são e o que querem, e fazê-los escutar a razão.

Essas espécies de manifestações têm, de resto, um resultado mais sério; o de propagar a idéia do mundo invisível que nos cerca; e de afirmar a sua ação sobre o mundo material. É por isto que elas se produzem de preferência entre pessoas estranhas ao Espiritismo, antes que entre os Espíritos, que delas não têm necessidade para se convencerem.

A fraude, em semelhante caso, algumas vezes podem não ser senão uma inocente brincadeira, ou um meio de se dar importância fazendo crer em uma faculdade que não se possui, ou que não se possui senão imperfeitamente; mas, o mais freqüentemente, ela tem por móvel um interesse patenteou dissimulado, e por objetivo explorar a confiança de pessoas muito crédulas ou inexperientes; é então uma verdadeira exploração. Seria supérfluo insistir para dizer que aqueles que se tornam culpados de mentiras desse gênero não fossem para isto solicitados senão pelo amor-próprio, não são Espíritos, quando mesmo se dêem portais. Os fenômenos reais têm um caráter *sui generis*, e se produzem em circunstâncias que desafiam toda suspeita. Um conhecimento completo desses caracteres e dessas circunstâncias podem facilmente fazer descobrir a fraude.

Se estas explicações vão ao conhecimento do senhor Garnier, nelas encontrará resposta à pergunta que fez em sua carta.

Um de nossos correspondentes nos transmite um relato, escrito por uma testemunha ocular, de manifestações análogas que ocorreram em janeiro último, no burgo de Basse-Indre (Loire-Inférieure). Elas têm consistido em pancadas com obstinação durante várias semanas, e que têm emocionado todos os habitantes de uma casa. Todas as pesquisas e as investigações da autoridade para descobrir-lhe a causa não chegaram a nada. De resto, esse fato não apresenta nenhuma particularidade muito notável, se não for senão, como todas as manifestações espontâneas, chamar a atenção sobre os fenômenos, espíritas.

Como fato de manifestações físicas, aquelas que se produzem assim espontaneamente, exercem sobre a opinião pública uma influência infinitamente maior do que os efeitos provocados diretamente por um médium, seja porque elas têm mais ressonância e notoriedade, seja porque elas dão menos presa à suspeita de charlatanismo e de prestidigitação.

Isto nos lembra um fato que se passou em Paris, no mês de maio do ano último. Eilo, tal como foi contado no tempo pelo *Petit Journal*.

MANIFESTAÇÕES DE MÉNILMONTANT.

"Um fato singular se renova freqüentemente no quarteirão Ménilmontant, sem que se tenha podido ainda explicar-lhe a causa.

"O Sr. X..., fabricante de bronzes, mora num pavilhão que se acha no fundo da casa; nele se entra pelo jardim. As oficinas estão à esquerda e a sala de jantar está à direita. Uma campainha está colocada acima da porta da sala de jantar; naturalmente, o cordão está na porta do jardim. A caminhada é bastante longa para que uma pessoa, tendo soado, não possa desaparecer antes que não se tenha vindo abrir.

"Várias vezes o contramestre, tendo ouvido a campainha, foi à porta e não viu ninguém. Acreditou-se, no início, numa mistificação; mas se achou bom ficar à espreita e se assegurar de que nenhum fio condutor chegasse à campainha, não se pôde nada descobrir, e o manejo continuava sempre. Um dia mesmo a campainha se agitou enquanto o Sr. e a Sra. X... se achavam precisamente embaixo e um aprendiz estava na ala diante do cordão. Este fato se renovou três vezes na mesma noite. Acrescentamos que às vezes a campainha se agitava muito docemente, às vezes de maneira muito barulhenta.

"Há alguns dias, esse fenômeno tinha cessado, mas, anteontem, à noite, se renovou com mais persistência.

"A Sra. X... é uma mulher muito piedosa; é uma crença em seu país que os mortos vêm reclamar as preces dos parentes. Ela pensou em sua tia defunta e acreditou ter encontrado a explicação; mas preces, missas, novenas, nada adiantou; a campainha tilinta sempre.

"Um metalúrgico distinto, aquém o fato foi contado, pensou que era um fenômeno científico e que uma certa quantidade de água forte e de vitríolo, que se achava na oficina, poderia libertar uma força bastante grande para fazer mover o fio de ferro; mas esta substância tendo sido afastada, o fato não parou de se produzir.

"Não procuraremos explicá-lo, é o ofício dos sábios, diz la *Patrie*, que poderia bem se enganar. Estas espécies de mistérios se explicam, freqüentemente, por fim, sem que a ciência tenha ali constatado o menor fenômeno ainda desconhecido."

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS

MISSÃO DA MULHER.

(Lyon, 6 de julho de 1866, grupo da Sra. Ducard, méd. Sra. B...)

Cada dia os acontecimento da vida vos trazem ensinamentos de natureza a vos servir de exemplo, e, no entanto, passais sem compreendê-los, sem tirar uma dedução útil das circunstâncias que os provocaram. No entanto, nessa união íntima da Terra e do espaço, dos Espíritos livres e dos Espíritos cativos, presos ao cumprimento de sua tarefa, há desses exemplos cuja lembrança deve perpetuar-se entre vós: é a paz proposta na guerra. Uma mulher cuja posição social atrai todos os olhos, para lá vai, humilde irmã de caridade, levar a todos o consolo de sua palavra, o afeto de seu coração, a carícia de seus olhos. Ela é imperatriz, sobre sua fronte brilha a coroa de diamantes e ela esquece a sua posição, esquece o perigo para acorrerão meio do sofrimento, dizer a todos: "Consolai-vos, eis-me! Não sofris mais, eu vos falo; ficai sem inquietações, eu tomarei cuidado de vossos órfãos!... O perigo é iminente, o contágio está no ar, e, no entanto, ela passa, calma e radiosa, no meio desses leitos, onde pernoita a dor. Ela não calculou nada, nada teme, ela foi onde a chamava o seu coração, como a brisa vai refrescar as flores murchas e endireitar seu talos vacilantes.

É o exemplo de devotamento e de abnegação, quando os esplendores da vida deveriam engendrar o orgulho e o egoísmo, certamente, é um estímulo para as mulheres que sentem vibrar em si essa distinção de sentimento que Deus lhes deu para cumprirem sua tarefa; porque são principalmente encarregadas de difundir a consolação e sobretudo a conciliação. Não têm elas a graça e o sorriso, o encanto da voz e a doçura da alma? É a elas que Deus confia os primeiros passos de seus filhos; ele as escolheu como as nutrizes das doces criaturas que vão nascer.

Este Espírito rebelde e orgulhoso, cuja existência será uma luta constante contra a infelicidade, não vem lhes pedir para inculcar outras idéias do que aquelas que traz ao nascer? É para elas que estendem suas pequenas mãos, e sua voz, outrora rude e seus acentos, que vibram como um cobre, se abrandarão como um doce eco quando dirá: mamãe.

É a mulher que ele implora, esse doce querubim que vem ensinar a ler no livro da ciência; é para lhe agradar que fará todos os seus esforços para se instruir e se tornar útil à Humanidade. - É ainda para ela que estende as mãos, esse jovem que se afastou em sua rota, e que quer retornar ao bem; ele não ousaria implorar seu pai do qual teme a cólera, mas sua mãe, tão doce, tão generosa, não terá para ele senão esquecimento e perdão.

Não são elas as flores animadas da vida, os devotamentos inalteráveis, essas almas que Deus criou mulheres. Elas atraem e encantam. São chamadas à tentação, mas se deveria chamá-las à lembrança; porque sua imagem permanece gravada em caracteres inapagáveis no coração dos seus filhos, quando elas não estão mais; não é no presente que são apreciadas, é no passado, quando a morte as restitui a Deus. - Então seus filhos as procuram no espaço, como o marinheiro procura a estrela que deverá conduzi-lo ao porto. Elas são a esfera de atração, a bússola do Espírito permanecido sobre a Terra, e que espera reencontrá-las no céu. Elas são ainda a mão que conduz e sustenta, a alma que inspira e a voz que perdoa, e do mesmo modo que foram o anjo do lar terrestre, se tornam o anjo consolador que ensina a orar.

Oh! vós que fostes oprimidas sobre a Terra, mulheres que vos acreditastes as escravas do homem, porque estáveis submetida ao seu domínio, vosso reino não é deste mundo! Contentai-vos, pois, com a sorte que vos está reservada; continuai a vossa tarefa; permaneci as medianeiras entre o homem e Deus, e compreendi bem a influência de vossa intervenção. -Aquele é um Espírito ardente, impetuoso, e o sangue ferve em suas veias; vai se impor, será injusto; mas Deus colocou a doçura em vossos olhos, acaricia em vossa voz; olhai-o, falai-lhe, a cólera se acalmará e a injustiça será afastada. Talvez tereis sofrido, mas tereis poupado uma falta ao vosso companheiro de caminho e a vossa tarefa se cumpre. Aquele, ainda, é infeliz, sofre, a fortuna o abandona, se crê um pária!...

Mas, há lá, um devotamento à prova, uma abnegação constante para levantar esse moral abatido, para restituir a esse Espírito a esperança que o tinha abandonado.

Mulheres, sois as companheiras inseparáveis do homem; formais com ele uma cadeia indissolúvel que a infelicidade não pode romper, que a ingratidão não deve manchar, e que não poderia se quebrar, porque o próprio Deus a formou, e se bem que tendes às vezes na alma esses sombrios cuidados que acompanham a luta, regozijai-vos no entanto, porque nesse imenso trabalho da harmonia terrestre, Deus vos deu a mais bela parte.

Coragem, pois! Ó vós que viveis humildemente trabalhando para melhorar vosso interior, Deus vos sorri, porque vos deu essa amenidade que caracteriza a mulher; que elas sejam imperatrizes, irmãs de caridade, humildes trabalhadoras ou doces mães de família, são todas filiadas sob a mesma bandeira e levam escritas na frente e no coração estas duas palavras mágicas que enchem a eternidade: Amor e caridade.

CÁRITA.

BIBLIOGRAFIA.

Mudança do título de *la Vérité*, de Lyon.

O jornal *la Vérité*, de Lyon, vem de mudar o seu título; a partir de 10 de março de 1867, ele toma o de *La tribune universelle, Journal de la libre conscience e de la libre pensée*. Ele o anuncia e lhe expõe os motivos na nota seguinte, inserta no número de 24 de fevereiro.

Aos nossos irmãos e irmãs espíritas.

Philaléthès, o combatente infatigável que conheceis, pensou dever vos informar que, doravante, ele dirigirá suas investigações para a filosofia geral e não mais somente para o Espiritismo, do qual, graças aos seus preconceitos, os sábios não querem mesmo ouvir o nome. Mas não seria preciso vos imaginar, caros irmãos e irmãs, que, levantando a etiqueta do saco, depois de fortemente indiferente, ele queira lançá-lo, não mais do que nós mesmos, o conteúdo às urtigas! No que nos concerne pessoalmente, ficaríamos desolados que nossos leitores pudessem suspeitar um único instante de desertar uma idéia para a qual dispensamos todas as forças vivas das quais éramos capazes. A idéia espírita faz hoje parte integrante de nosso ser, e nos arrancá-la seria consagrar à morte o nosso coração, o nosso espírito.

Se somos espíritas, todavia, é precisamente porque cremos sê-lo no verdadeiro sentido da palavra, queremos nos mostrar caridosos, tolerantes para com todos os sistemas opostos, e queremos correr para eles, uma vez que se recusam vir a nós.

A etiqueta de Espíritas, colada à nossa frente é para vós um espantalho, senhores negadores? pois bem, consentimos de boa vontade arrancá-la, nos reservando colocá-la alto em nossas almas. Não nos chamaremos, pois, mais LA VÉRITÉ, *journal du Spiritisme*, mas LATRIBUNE UNIVERSELLE, *journal de la libre conscience e de la livre pensée*. Este terreno é tão vasto quanto o mundo, e os sistemas de todas as espécies podem nele debater à sua vontade, riscar os passe de armas com os trãsfulgas de *la Vérité*, que reclamarão para eles mesmos o direito concedido a todos: a discussão. É então que, inflamados pela luta, inspirados pela fé e guiados pela razão, esperamos fazer brilhar, aos olhos de nossos adversários, uma luz tão viva, que Deus e a imortalidade se erguerão diante deles, não mais como um horrendo fantasma, produto dos séculos de ignorância, mas como uma doce e suave visão onde repousará, enfim, a Humanidade inteira.

CARTA DE UM ESPIRITISTA

(Carta de um Espírita)

Ao doutor Francisco de Paula Canalejas.

Brochura impressa em Madrid (1-(1) Imprensa de Manuel Galiano, Praça dos Ministérios, 3.), em língua espanhola, contendo os princípios fundamentais da Doutrina Espírita, tirados de *O que é o Espiritismo*, com esta dedicatória:

"Ao senhor Allan Kardec, o primeiro que descreveu com método e coordenou com clareza os princípios filosóficos da nova escola, é dedicado este fraco trabalho, por seu devotado correligionário." Apesar dos entraves que as idéias novas encontram em seu país, o Espiritismo aqui encontra simpatias mais profundas do que se poderia supô-lo, principalmente nas classes elevadas, onde conta adeptos numerosos, fervorosos e devotados; porque lá, em fato de opiniões religiosas, os extremos se tocam e, como aliás por toda a parte, os excessos de uns produzem reações contrárias. Na antiga e poética mitologia, ter-se-ia feito do fanatismo o pai da incredulidade.

Felicitemos o autor deste opúsculo pelo seu zelo pela a propagação da Doutrina, e lhe agradecemos por sua graciosa dedicatória, assim como as boas palavras que acompanham o envio da brochura. Seus sentimentos e aqueles de seus irmãos em crença se refletem nestas frases características de sua carta: "Estamos prontos para tudo, mesmo para abaixara cabeça para receber o martírio, do mesmo modo que a levantamos muito alto para confessar a nossa fé."

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

10º ANO

NO. 5

MAIO 1867

ATMOSFERA ESPIRITUAL.

O Espiritismo nos ensina que os Espíritos constituem a população invisível do globo, que estão no espaço e entre nós, nos vendo e nos acotovelando sem cessar, de tal sorte que, quando nos acreditamos sós, temos constantemente testemunhas secretas de nossas ações e de nossos pensamentos. Isto pode parecer incômodo para certas pessoas, mas uma vez que assim é, não se pode impedir que o seja; cabe a cada um fazer como o sábio que não tinha medo de que sua casa fosse de vidro. Sem dúvida nenhuma, é a esta causa que é preciso atribuir a revelação de tantas torpezas e más ações que se cria enterradas na sombra.

Além disso sabemos que, além dos assistentes corpóreos, há sempre ouvintes invisíveis; que sendo a permeabilidade uma das propriedades do organismo dos Espíritos, estes podem se encontrar em número ilimitado num espaço dado. Frequentemente, nos foi dito que, em certas sessões, estavam em quantidades inumeráveis. Na explicação dada ao Sr. Bertrand a propósito das comunicações coletivas que obteve, foi dito que o número dos Espíritos presentes era tão grande, que a atmosfera estava, por assim dizer, *saturada* de seus fluidos. Isto não é novo para os Espíritos, mas não se deduziu disto talvez todas as conseqüências.

Sabe-se que os fluidos emanado dos Espíritos são mais ou menos salutareos segundo o grau de sua depuração; conhece-se o seu poder curativo em certos casos, e também seus efeitos mórbidos de indivíduo a indivíduo. Ora, uma vez que o ar pode estar *saturado* desses fluidos, não é evidente que, segundo a natureza dos Espíritos que proliferam em um lugar determinado, o ar ambiente se acha carregado de elementos salutareos ou malsãos, que devem exercer uma influência sobre a saúde física tão bem quando sobre a saúde moral? Quando se pensa na energia da ação que um Espírito pode exercer sobre um homem, pode-se admirar daquela que deve resultar de uma aglomeração de centenas ou de milhares de Espíritos? Esta ação será boa ou má conforme os Espíritos derramem no meio dado um fluido benfazejo ou malfazejo, agindo à maneira das emanações fortificantes ou dos miasmas deletérios, que se esparramam no ar. Assim podem se explicar certos efeitos coletivos produzidos sobre as massas de indivíduos, o sentimento de bem-estar ou de mal-estar que se sente em certos meios, e que não têm nenhuma causa aparente conhecida, o arrastamento coletivo para o bem ou o mal, os impulsos gerais, o entusiasmo ou o desencorajamento, por vezes espécie de vertigem que se apodera de toda uma assembléia, de todo um povo mesmo. Cada indivíduo, em razão do grau de sua sensibilidade, sofre a influência dessa atmosfera viciada ou vivificante. Por este fato, que parece fora de dúvida, e que confirmam, ao mesmo tempo, a teoria e a experiência, encontramos nas relações do mundo espiritual com o mundo corpóreo, um novo princípio de higiene que a ciência, sem dúvida um dia fará entrar em linha de conta. Podemos, pois, subtrair-nos a essas influências emanando

de uma fonte inacessível aos meios materiais? Sem nenhuma dúvida; porque do mesmo modo que saneamos os lugares insalubres destruindo-lhes a fonte dos miasmas pestilentos, podemos sanear a atmosfera moral que nos cerca, subtraindo-nos às influências perniciosas dos fluidos espirituais malsãos, e isto mais facilmente do que não podemos escapar às exalações pantanosas, porque isto depende unicamente de nossa vontade, e ali não estará um dos menores benefícios do Espiritismo quando for universalmente compreendido e sobretudo praticado.

Um princípio perfeitamente averiguado por todo Espírita, é que as qualidades do fluido perispiritual estão em razão direta das qualidades do Espírito encarnado ou desencarnado; quanto mais seus sentimentos são elevados e livres das influências da matéria, mais seu fluido é depurado. Segundo os pensamentos que dominam num encarnado, ele irradia raios impregnados desses mesmos pensamentos que os viciam ou os saneiam, fluidos realmente materiais, embora impalpáveis, invisíveis para os olhos do corpo, mas perceptíveis para os sentidos perispirituais, e visíveis para os olhos da alma, uma vez que impressionam fisicamente e tomam aparências muito diferentes para aqueles que estão dotados da visão espiritual.

Unicamente pelo fato da presença dos encarnados numa assembléia, os fluidos ambientes serão, pois, salubres ou insalubres, segundo os pensamentos dominantes sejam bons ou maus. Quem traz consigo pensamentos de ódio, de inveja, de ciúme, de orgulho, de egoísmo, de animosidade, de cupidez, de falsidade, de hipocrisia, de maledicência, de malevolência, em uma palavra, pensamentos hauridos na fonte das más paixões, espalha ao seu redor eflúvios fluídicos malsãos, que reagem sobre aqueles que o cercam. Numa assembléia, ao contrário, onde todos não trouxessem senão sentimentos de bondade, de caridade, de humildade, de devotamento desinteressado, de benevolência e de amor ao próximo, o ar estará impregnado de emanações saudáveis no meio das quais sente-se viver mais comodamente.

Se se considera agora que os pensamentos atraem os pensamentos da mesma natureza, que os fluidos atraem os fluidos similares, compreende-se que cada indivíduo conduz consigo um cortejo de Espíritos simpáticos, bons ou maus, e que assim o ar *está saturado de* fluidos em relação com os pensamentos predominantes. Se os maus pensamentos estão em minoria, eles não impedirão as boas influências de se produzirem, mas as paralisam. Se eles dominam, enfraquecem a irradiação fluídica dos bons Espíritos, ou mesmo por vezes, impedem os bons fluidos de penetrar nesse meio, como o nevoeiro enfraquece ou detém os raios do sol.

Qual é, pois, o meio de se subtrair à influência dos maus fluidos? Este meio ressalta da própria causa que produz o mal. Que se faz quando se reconheceu que um alimento é contrário à saúde? É rejeitado, e se os substitui por um alimento mais sadio. Uma vez que são os maus pensamentos que engendram os maus fluidos e os atraem, é preciso se esforçar de deles não ter senão bons, repelindo tudo o que é mau, como se repele um alimento que pode nos tornar doentes, em uma palavra, trabalhar pela sua melhoria moral, e, para nos servir de uma comparação do Evangelho, "não só limpar o vaso por fora, mas limpá-lo, sobretudo, por dentro."

A Humanidade, em se melhorando, verá se depurar a atmosfera fluídica no meio da qual ela vive, porque não a rodeará senão de bons fluidos, e que estes últimos oporão uma barreira à invasão dos maus. Se um dia a Terra chegar a não ser povoada senão por homens praticando entre eles as leis divinas, de amor e de caridade, ninguém duvida que não se encontrem nas condições de higiene física e moral diferentes daquelas que existem hoje.

Esse tempo está ainda longe, sem dúvida, mas em esperando-o, estas condições podem existir parcialmente, e é nas assembléias espíritas que cabe dar-lhe o exemplo. Aqueles que tiverem possuído a luz, serão um tanto mais repreensíveis quanto terão tido

entre as mãos os meios de se esclarecer; incorrerão na responsabilidade dos atrasos que seu exemplo e sua má vontade terão levado na melhoria geral.

Isto é uma utopia, uma má declamação? Não; é uma dedução lógica dos próprios fatos que o Espiritismo nos revela a cada dia. Com efeito, o Espiritismo nos prova que o elemento espiritual, que, até o presente, foi considerado como antítese do elemento material, tem, com este último, uma conexão íntima, de onde resulta uma multidão de fenômenos inobservados ou incompreendidos. Quando a ciência tiver assimilado os elementos fornecidos pelo Espiritismo, ela nele haurirá novos e importantes recursos para apropriar melhoria material da Humanidade. Assim, cada dia vemos se estender o círculo das aplicações da doutrina que está longe, como alguns o crêem ainda, de estar restrita ao pueril fenômeno das mesas girantes ou outros efeitos de pura curiosidade. O Espiritismo, realmente, não foi tomado em seu vôo, senão do momento em que entrou na via filosófica; é menos divertido para certas pessoas, que nele não procuravam senão uma distração, mas é melhor apreciado pelas pessoas sérias, e o será ainda mais, à medida que for melhor compreendido em suas conseqüências.

O EMPREGO DA PALAVRA MILAGRE.

O jornal *la Vérité*, de Lyon, de 16 de setembro de 1866, num artigo intitulado *Renan et son école*, continha as reflexões seguintes, a propósito da palavra *milagre*.

"Renan e sua escola não se dão ao trabalho de discutir os fatos, os rejeitam todos *à priori*; qualificando-os erroneamente de sobrenaturais, e, portanto, impossíveis e absurdos; opõe-lhes um fim de não receber absoluto, e *um desdém transcendente*. Renan disse lá em cima uma palavra eminentemente verdadeira e profunda: "*O sobrenatural não seria outra coisa do que o sobre divino*" Aderimos com toda a nossa energia a esta grande verdade, mas fazemos observar que a própria palavra *milagre* (*mirum*, coisa admirável e até então inexplicável) não quer dizer, tanto que lhe seja preciso, intervenção das leis da Natureza, mas bem antes *flexibilidade dessas mesmas leis ainda desconhecidas do espírito humano*. Diremos mesmo que haverá sempre milagres, porque a ascensão da Humanidade para o conhecimento cada vez mais perfeito, sendo sempre progressiva, este conhecimento terá necessidade constantemente de ser precedido e aguilhoado por fatos que parecerão maravilhosos à época em que se produzirão e não serão compreendidos e explicados senão mais tarde. Um escritor muito acreditado de nossa escola deixou se prendera esta objeção; (Allan Kardec) repete, em muitas passagens de suas obras, que não há nem maravilhoso, nem milagres; é uma advertência resultante do falso sentido de *sobrenatural*, completamente repellido pela etimologia da palavra. Dizemos nós que se a palavra *milagre* não existisse, para qualificar os fenômenos ainda em estudo e saindo da ciência vulgar, seria preciso inventá-la, como a mais apropriada e a mais lógica.

"Nada é sobrenatural, nós o repetimos, porque fora da natureza criada e da natureza incriada, não há absolutamente nada concebível; mas há do *sobre-humano*, quer dizer, dos fenômenos que podem ser produzidos por outros seres inteligentes senão os homens, segundo as leis de sua *natureza* ou bem produzidos, seja mediatamente, seja imediatamente por Deus, segundo *a sua natureza* ainda e segundo as suas relações *naturais* com suas criaturas."

PHILALETHÈS.

Nisto não estamos, graças a Deus, ignorando o sentido etimológico da palavra *milagre*; nós o provamos em muitos artigos, e notadamente no da Revista do mês de setembro de 1860, página 267. Não é, pois, nem por desprezo nem por *inadvertência* que

repelimos a sua explicação aos fenômenos Espíritos, por extraordinários que possam parecer à primeira vista, mas bem com conhecimento de causa e com intenção.

Em sua acepção usual, a palavra *milagre* perdeu seu significado primitivo como tantas outras, a começar pela palavra *filosofia* (amor da sabedoria), da qual se serve hoje para exprimir as idéias mais diametralmente opostas, desde o mais puro espiritualismo até o materialismo mais absoluto. Não é duvidoso para ninguém que, no pensamento das massas, milagre implica a idéia de um fato extranatural. Perguntai a todos aqueles que crêem nos milagres se os consideram como efeitos naturais. A Igreja está de tal modo fixada sobre este ponto que ela anatematiza aqueles que pretendem explicar os milagres pelas leis da Natureza. A própria Academia define esta palavra: *Ato do poder divino, contrário às leis conhecidas da natureza. ~ Verdadeiro, falso milagre.-Milagre averiguado.- Operar milagres. - O dom dos milagres.*

Para ser compreendido por todos, é preciso falar como todo o mundo; ora, é evidente que se tivéssemos qualificado os fenômenos Espíritos de *miraculosos*, o público teria desprezado o seu verdadeiro caráter, a menos de empregar, cada vez, uma circunlocução e de dizer que, se são milagres, não são milagres como se os entendem geralmente. Uma vez que a generalidade liga-lhe a idéia de uma derrogação às leis naturais, e que os fenômenos espíritos não são senão a aplicação dessas mesmas leis, é bem mais simples e sobretudo mais lógico dizer sem cerimônia: Não, o Espiritismo não faz milagres. Desta maneira, não há nem desprezo, nem falsa interpretação. Do mesmo modo que os progressos das ciências físicas destruiu uma multidão de preconceitos, e fez entrar na ordem dos fatos naturais um grande número de efeitos outrora considerados como miraculosos, o Espiritismo, pela revelação de novas leis, vem restringir ainda o domínio do maravilhoso; dizemos mais: dá-lhe o último golpe, é porque não está por toda a parte em odor de santidade, não mais do que a astronomia e a geologia.

Se aqueles que crêem em milagres entendessem esta palavra em sua acepção etimológica (coisa admirável), admirariam o Espiritismo em lugar de lhe lançar o anátema; em lugar de pôr Galileu na prisão por ter demonstrado que Josué não pôde deter o sol, ter-lhe-iam trançado coroas por ter revelado ao mundo coisas também admiráveis, e que atestam infinitamente melhor a grandeza e o poder de Deus.

Pelos mesmos motivos, repelimos a palavra *sobrenatural* do vocabulário espírita. *Milagre* teria ainda sua razão de ser em sua etimologia, salvo em determinar-lhe a acepção; *sobrenatural* é um contra-senso do ponto de vista do Espiritismo.

A palavra *sobre-humano* que propõe Philatéthès é igualmente imprópria, em nossa opinião, porque os seres que são os agentes primitivos dos fenômenos Espíritos se bem que no estado de Espírito, não pertencem menos por isto à Humanidade. A palavra *sobre-humano* tenderia a sancionar opinião há muito tempo acreditada, e destruída pelo Espiritismo, de que os Espíritos são criaturas à parte, fora da Humanidade. Uma outra razão peremptória é que muitos destes fenômenos são o produto direto dos Espíritos encarnados, por conseqüência dos homens, e

em todos os casos, requerem quase sempre o concurso de um encarnado; portanto, não são mais sobre-humanos do que sobrenaturais.

Uma palavra que está também completamente afastada de seu significado primitivo é a de *demônio*. Sabe-se que *daimôn* se dizia, entre os Antigos, dos Espíritos de uma certa ordem, intermediários entre os homens e aqueles que se chamavam **ctei/ses**. Est designação não implicava, na origem, nenhuma má qualidade; ao contrário, era tomada em boa parte; o demônio de Sócrates, certamente, não era um mau Espírito; ao passo que segundo a opinião moderna, proveniente da teologia católica, os demônios são anjos decaídos, seres à parte, essencialmente e perpetuamente votado ao mal.

Para ser conseqüente com a opinião de Philatéthès, seria preciso que, em respeito à etimologia, o Espiritismo conservasse também a qualificação de demônios. O Espiritismo chamando seus fenômenos de *milagres*, e os Espíritos *demônios*, seus adversários teriam

tido sorte! Teria sido repellido por três quartas partes que o aceitam hoje, porque nele teriam visto um retorno a crenças que não são mais de nosso tempo. Vestir o Espiritismo com *roupas usadas* teria sido uma imperícia; teria sido levar um funesto golpe à doutrina que teria tido dificuldade em dissipar as prevenções que as apelações impróprias teriam mantido.

REVISTA RETROSPECTIVA DAS IDÉIAS ESPÍRITAS

PUNIÇÃO DO ATEU.

"Viagem pitoresca e sentimental ao Campo de repouso em Montmartre e no Père-Lachaise; por Ans. Caillote, autor da Enciclopédia das senhoritas, e novas lições elementares da história da França." Tal é o título de um livro publicado em Paris, em 1808, e que deve ser muito raro hoje. O Autor, depois de ter dado a história e a descrição desses dois cemitérios, cita um grande número de inscrições dos túmulos sobre cada uma das quais faz reflexões filosóficas, cheias de um profundo sentimento religioso, provocadas pelo pensamento que as ditou. Nele primeiro notamos a passagem seguinte, onde se encontra claramente expressa a idéia da reencarnação:

"Que sábio e que homem profundamente religioso chamou o primeiro *Campo de repouso* o último asilo deste ser cuja existência, até seu último suspiro, é atormentada pelos seres que o cercam e por ele mesmo! Aqui todos repousam no seio da mãe comum, e num sono que não é senão o *precursor do despertar*, quer dizer, de uma nova existência. Esses restos veneráveis a terra os conserva como um depósito sagrado; e se ela se apressa em dissolvê-los, é para depurar-lhes os elementos, e torná-los mais dignos da inteligência que os *reanimará um dia para novos destinos*."

Mais longe, diz ele: "Oh! quanto o cego e audacioso mortal que ousa te expulsar de seu espírito e de seu coração (o ateu que nega a Deus), ficou admirado quando sua alma compareceu diante da Majestade infinita! Como não viu seu despojo se agitar e tremer de surpresa e de terror? Como sua língua gelada não se reanima para exprimir o pavor do qual foi tomada quando a carne não se achou mais entre ela e teus divinos olhares! Grande Deus! causa universal, alma da natureza! todos os seres te reconhecem e te celebram como seu único autor: só o homem afastaria de ti o espírito inteligente e razoável que lhe dás para te glorificar! Ah! sem dúvida, e eu gosto de crê-lo, não houve um único dos quarenta mil mortais, cujos corpos jazem aqui no pó, que não tivesse a convicção de tua existência e o sentimento de tuas adoráveis perfeições.

"Enquanto eu acabava de pronunciar com emoção estas últimas palavras, um ruído se fez ouvir ao meu lado. Lancei os olhos para o lugar de onde ele vinha e percebi, coisa admirável e inaudita! um espectro que, envolvido em seu lençol, tinha saído de um túmulo, e avançava seriamente para mim, para falar-me. Esta aparição não foi senão um jogo de minha imaginação? É o que me é impossível assegurar; mas o diálogo seguinte, que retive bem, me faz crer que eu não era o único interlocutor para dois papéis ao mesmo tempo."

Aqui faremos uma pequena observação crítica, primeiro sobre a qualificação de *espectro* dada pelo autor à aparição, real ou suposta; esta palavra lembra muito as idéias lúgubres que a superstição liga ao fenômeno das aparições, hoje perfeitamente explicado segundo o conhecimento que se tem da constituição dos seres espirituais. Em segundo lugar, sobre o que faz sair essa aparição do túmulo, como se a alma nele fizesse a sua habitação. Mas este não é senão um detalhe de forma que se prende a preconceitos há muito tempo enraizados; o essencial está no quadro que ele apresenta da situação moral dessa alma, situação idêntica àquela que nos revelam hoje as comunicações com os Espíritos.

O autor reporta, assim como segue, o diálogo que teve com o ser que lhe tinha aparecido.

"Quando o espectro foi se aproximando de mim, me fez ouvir estas palavras uma voz tal que me é impossível especificar-lhe o som, não tendo jamais ouvido uma outra semelhante entre os homens:

"Fazes bem em adorar a Deus; guarda-te de jamais me imitar, porque fui um ateu."

EU. Não acreditavas, pois, que existia um Deus?

O ESPECTRO. Não; ou antes, fiz parecer de não crer nele.

EU. Que razões tinhas para não acreditar que o Universo foi produzido e que é governado por uma suprema inteligência?

O ESPECTRO. Nenhuma. Eu o tinha inutilmente procurado, não encontrava nele pontos sólidos, e estava reduzido a não repetir senão vãos sofismas que tinha lido nas obras de alguns pretensos filósofos.

EU. Se não tinhas boas razões para ser ateu, tinhas, pois, motivos para parecê-lo?

O ESPECTRO. Sem dúvida. Vendo todos os meus semelhantes penetrados da idéia de um Deus e do sentimento de sua existência, o orgulho que me cegava me levou a me distinguir da multidão, sustentando, a quem quisesse me ouvir, que Deus não existia, e que o Universo era obra do acaso, ou mesmo que tenha sempre existido. Eu considerava como uma glória pensar sobre esse grande assunto diferentemente do que todos os humanos, e *não achava nada de mais lisonjeador do que ser considerado no mundo como um Espírito bastante forte para se elevar contra a crença comum de todos os homens e de todos os séculos.*

EU. Não tinhas um outro motivo senão o orgulho, para abraçar o ateísmo?

O ESPECTRO. Sim.

EU. Qual era esse motivo? Dize a verdade.

O ESPECTRO. A verdade!!... Sem dúvida, eu a diria; porque me é impossível na ordem de coisas onde existo de combatê-la ou de dissimulá-la.

Como todos os meus semelhantes, nasci com o sentimento da existência de um Deus, autor e princípio de todos os seres. Este sentimento, que não era de início senão um germe, onde meu Espírito não descobria nada, se desenvolveu pouco a pouco, e quando atingi a idade da razão, e adquiria faculdade de refletir, não tive que fazer nenhum esforço para me livrar disto. Quanto as lições de meus pais e de meus mestres me agradavam, quando Deus e suas perfeições íntimas lhe eram o assunto! Como o espetáculo da Natureza me encantava, e que doce satisfação sentia quando se me falava desse grande Deus que a tudo criou pelo seu poder, sustenta, governa e conserva tudo por sua sabedoria!

No entanto, cheguei à adolescência, e as paixões começaram a me fazer ouvir sua voz sedutora. Formei ligações com as pessoas jovens de minha idade; segui seus funestos conselhos e me conformava aos seus perigosos exemplos. Entrei no mundo com essas culposas disposições, e não pensava mais senão em lhe fazer o sacrifício de todos

os exemplos de virtude e de sabedoria que se me tinham primeiro inspirado. Estes princípios, cada dia atacados por minhas paixões, se refugiaram no fundo de minha consciência e ali se mudaram em remorsos. Estes remorsos, não me deixando nenhum repouso, resolvi aniquilá-los, tanto quanto estava em mim a causa que os havia feito nascer. Achei que esta causa não era outra senão a idéia de um Deus remunerador da virtude e vingativo do crime; eu o ataquei com todos os sofismas que o meu Espírito pôde inventar ou descobrir nas obras destinadas a estender a doutrina do ateísmo.

EU. Ficaste mais tranqüilo quando amontoaste sofismas sobre sofismas contra a existência de Deus?

O ESPECTRO. Agi inutilmente, o repouso me fugia sem cessar; estava convencido, apesar de mim, embora a minha boca não pronunciasse uma palavra que não fosse uma blasfêmia, eu não tinha um sentimento que não combatesse contra mim, em favor de Deus.

EU. Que se passou em ti durante a doença da qual morreste?

O ESPECTRO. Eu quis sustentar até o fim o caráter de espírito forte; o orgulho me impedia de fazê-lo confessor de meu erro, embora disto sentisse interiormente a premente necessidade. Foi nessa criminosa e falsa disposição que deixei de existir.

EU. Que te aconteceu quando teus olhos foram para sempre fechados à luz?

O ESPECTRO. Achei-me todo investido da majestade de Deus, e fui tomado de um terror tão profundo que não tenho nenhuma palavra que dele possa te dar uma justa idéia. Eu esperava muito ser rigorosamente punido; mas o soberano juiz, cuja misericórdia abrandava a sua justiça, relegou-me numa tenebrosa região habitada pelos Espíritos que tinham mãos inocentes e um cérebro enfermo.

EU. Qual é a sorte dos ateus que cometem crime contra a sociedade e seus semelhantes?

O ESPECTRO. O Ser dos seres os pune por ter sido maus e não por estarem enganados; porque ele despreza as opiniões e não recompensa ou não pune senão as ações.

EU. Não és, pois, punido na morada tenebrosa onde estás exilado?

O ESPECTRO. Ali sofri uma pena mais cruel que não podes imaginar. Deus, depois de me ter condenado, se afastou de mim; e logo, *perdi toda a idéia de sua existência, e o nada se apresentou diante de mim em todo o seu horror.*

EU. O quê! perdeste inteiramente a idéia da existência de Deus?

O ESPECTRO. Sim. *É o maior suplício que um Espírito imortal possa sofrer, e nada pode fazer conceber o estado de abandono, de dor e de desordem no qual ele se encontra.*

EU. Qual é, pois, a tua ocupação com os Espíritos entregues ao mesmo suplício?

O ESPECTRO. Disputamos sem cessar, sem poder nos entender; o disparate e a loucura presidem a todos os nossos debates; e, na profunda obscuridade onde nossa

inteligência se acha enterrada, e não há nenhuma opinião, nenhum sistema que ela não adote, para logo rejeitá-los e conceber novas extravagâncias. É, pois, a agitação perpétua desse fluxo e desse refluxo de idéias sem fundamento, sem continuidade, sem ligação, que consiste o castigo dos filósofos que foram ateus.

EU. Todavia, raciocinas neste momento aqui.

O ESPECTRO. É porque o meu suplício vai logo acabar. Foi muito longo este suplício; porque, embora não se conte sobre a Terra senão dois anos depois de minha morte, sofri de tal modo de todas essas loucuras, que disse e ouvi que me parece ter já passado dois milhares de séculos na região dos sistemas e das disputas.

Quando o Espectro assim falou, inclinou-se, adorou a Deus e desapareceu.

Quando fui liberto da emoção, que o que vinha de ver e de ouvir me tinha causado, meus pensamentos se reportaram para as coisas espantosas que o espectro me havia ensinado. O que me disse do primeiro Ser responde à idéia que um tão grande número de homens dele formaram? Que venho de ouvir? O quê! o próprio ateu, o horror de seus semelhantes, acaba por encontrar graça aos olhos dessa Divindade que se me representa como uma natureza vingativa e ciumental! Pois bem! quem ousará agora dizer-me: Se tu não adotas tal ou tal opinião, serás condenado a suplícios eternos? Que bárbaro ousará dizer: Fora de minha comunhão, não há salvação? Ser incompreensível e todo misericordioso, encarregaste alguém do cuidado de te vingar? É a uma vil criatura que cabe dizer a os seus semelhantes: pensai como eu, ou sereis sempre infelizes! Que limites, grande Deus! podemos nós seres limitados que somos, fixar à tua clemência e à tua justiça? e com que direito dir-te-ei: Aqui recompensarás, lá punirás! Respondei, ó mortos que jazeis neste pó! possível vos foi ter todas as crenças nas quais nasci? Vossas inteligências foram todas igualmente feridas pelas provas que estabelecem os mistérios que adoram e os dogmas nos quais creio? Oh! como os graus de uma crença seriam por toda a parte os mesmos, assim como os graus de convicção? Homem intolerante e cruel, vem, se tens essa coragem, sentar-te ao meu lado, e ousa dizer às vítimas da morte, das quais vim escutar as lições, ousa dizer-lhes: "Sois aqui quarenta mil; pois bem! não há de vós senão dez, cinqüenta, cem entre vós, que o Deus vingador não devotou às chamas eternas!"

Se este discurso não fosse de um insensato, de que serviria a religião dos túmulos? Por que deveria eu respeitar as cinzas daqueles que não adoram o grande Ser à minha maneira? É neste círculo, onde os inimigos de minha crença repousam, confundidos com seus seguidores, que poderei ouvir as lições da verdadeira sabedoria? E de que impiedade me tornaria culpado em me comunicando com inteligências reprovadas, aos despejos das quais venho prestar uma homenagem inspirada pela religião, como pela Humanidade?

UM A EXPIAÇÃO TERRESTRE. *O JOVEM FRANÇOIS.*

As pessoas que leram *O Céu e o Inferno*, sem dúvida, se lembram da tocante história de Mareei, a criança do nº 4, reportada no capítulo VIM, *Expições terrestres*. O fato seguinte apresenta um caso quase análogo e não menos instrutivo, como aplicação da soberana justiça, e como explicação daquilo que, freqüentemente, parece inexplicável em certas posições da vida.

Numa boa e honesta família, morreu no mês de outubro de 1866, um jovem de doze anos, cuja vida, durante nove anos, não havia sido senão um sofrimento contínuo que

nem os cuidados afetuosos dos quais estava cercado, nem os recursos da ciência não tinham podido mesmo abrandar. Estava atingido de paralisia e de hidropsia; seu corpo estava coberto de feridas invadidas pela gangrena e suas carnes caíam em pedaços. Frequentemente, no paroxismo da dor, ele gritava: "Que fiz, pois, meu Deus, para merecer sofrer tanto! Desde que estou no mundo, não fiz mal a ninguém!" Instintivamente, essa criança compreendia que o sofrimento deveria ser uma expiação, mas na ignorância da *lei de solidariedade das existências sucessivas*, seu pensamento não remontava além da vida presente, não se dava conta da causa que poderia justificar nele um tão cruel castigo.

Uma particularidade digna de nota foi o nascimento de uma irmã, quando tinha em torno de três anos. Foi nessa época que se declararam os primeiros sintomas da terrível doença à qual deveria sucumbir. Desde esse momento também, concebeu pela recém-chegada uma repulsa tal que não podia suportar a sua presença, e que sua visão parecia redobrar seu sofrimento. Frequentemente, se censurava esse sentimento que nada justificava, porque a pequenina não o partilhava; ao contrário, ela era para ele doce e amável. Ele dizia à sua mãe: "Por que, pois, a visão de minha pequena irmã me é tão penosa? Ela é boa para mim, e apesar de mim não posso me impedir de detestá-la." No entanto, não podia sentir que se lhe fizesse o menor mal, nem que se a atormentasse; longe de se alegrar com suas penas, afligia-se quando a via chorar. Era evidente que dois sentimentos se combatiam nele; compreendia a injustiça de sua antipatia, mas seus esforços para superá-la eram impotentes.

Que tais enfermidades sejam, numa certa idade, as conseqüências da má conduta, isto seria uma coisa toda natural; mas que faltas bastante graves uma criança desta idade pode ter se tornado culpada para suportar um semelhante martírio? Além disto, de onde poderia provir essa repulsa por um ser inofensivo? Aí estão os problemas que se apresentavam a cada instante, e que levam uma multidão de pessoas a duvidar da existência de Deus, porque para isto não encontram solução em nenhuma religião; essas anomalias aparentes encontram, ao contrário, sua completa justificativa na solidariedade das existências. Um observador espírita poderia, pois, dizer com toda a aparência de razão, que esses dois seres eram conhecidos, e foram colocados um ao lado do outro, na existência atual, para alguma expiação e a reparação de algum erro. Do estado de sofrimento do irmão, poder-se-ia concluir que ele era o culpado, e que os laços de parentes próximos que o uniam ao objeto de sua antipatia lhe eram impostos para preparar, entre eles, os caminhos de uma aproximação; assim se vê já no irmão uma tendência e esforços para superar o seu afastamento que reconhece injusto. Essa antipatia não tinha os caracteres do ciúme que se notam, às vezes, nas crianças de um mesmo sangue; ele provinha, pois, segundo toda a probabilidade, de lembranças penosas, e talvez de remorsos que a presença da jovenzinha despertava. Tais são as deduções que se podem racionalmente tirar, por analogia, da observação dos fatos, e que foram confirmados pelo Espírito da criança.

Evocado quase imediatamente depois de sua morte, por uma amiga da família à qual levava muita afeição, ele não pode de início se explicar de maneira completa, e prometeu dar ulteriormente os detalhes mais circunstanciados. Entre as diversas comunicações que deu, eis as duas que se reportam mais particularmente à questão.

"Esperais de mim o relato, que vos prometi, do que fui numa existência anterior e a explicação da causa de meus grandes sofrimentos; isto será para todos um ensinamento. Estes ensinamentos estão por toda a parte, eu o sei; encontram-se de todos os lados, mas o relato de fatos dos quais se viram as conseqüências, é sempre, para aqueles que existem, uma prova mais tocante.

"Eu pequei, sim eu pequei! Sabeis o que é ter sido assassino, ter atentado à vida de seu semelhante? Eu não o fiz da maneira que os assassinos empregam, matando em seguida, seja com uma corda, seja com uma faca, ou qualquer outro instrumento; não,

não foi desta maneira. Eu matei, mas matei lentamente, fazendo sofrer um ser que eu detestava! Sim, eu o detestava, essa criança que acreditava não me pertencer! Pobre inocente! tinha merecido essa triste sorte! Não, meus pobres amigos, ela não tinha merecido, ou pelo menos não cabia a mim lhe fazer suportar esses tormentos. Eu o fiz, no entanto, e eis porque fui obrigado a sofrer como vistes.

"Eu sofri, meu Deus! e bastante? vós sois muito bom, Senhor! sim, em presença de meu crime e da expiação, acho que fostes muito misericordioso.

Orai por mim, caros pais, caros amigos; agora meus sofrimentos passaram. Pobre senhora D..., eu vos fiz sofrer! e que era muito penoso para mim vir fazer a confissão desse crime imenso!

"Esperança, meus bons amigos, Deus remiu a minha falta; estou agora na alegria, e, no entanto, também na pena; vede! é bom estar num estado melhor, ter expiado: o pensamento, a lembrança de seus crimes deixam uma tal impressão, que é impossível que não se lhe ressinta, por muito tempo ainda, todo o horror, porque não foi só sobre a Terra que sofri, mas antes, na vida espiritual! e, que dificuldade tive para me decidir vir sofrer essa expiação terrível! não posso vos narrar tudo isto, seria muito horrível! A visão constante de sua vítima, e a outra, a pobre mãe! Enfim, meus amigos: preces para mim e graças ao Senhor! Eu vos tinha prometido este relato; era preciso até o fim que eu quitasse a minha dívida, o que pudesse me custar.

(Até aqui o médium tinha escrito sob o domínio de uma viva emoção; continuou com mais calma.)

E agora, meus bons pais, uma palavra de consolação. Obrigado, oh obrigado! avós que me ajudastes nesta expiação, e que dela levastes uma parte; vós abrandastes, tanto quanto dependia de vós, o que eu tinha de amargo em meu estado. Não vos atormenteis, é uma coisa passada; eu sou feliz, eu vo-lo disse, sobretudo em comparando o estado passado e o estado presente. Eu vos amo a todos; agradeço-vos; abraço-vos; amai-me sempre. Nós nos reencontraremos, e, todos juntos, continuaremos esta vida eterna, esforçando-nos para que a vida futura resgate inteiramente a vida passada.

Vosso filho, FRANÇOIS E.

Numa outra comunicação, o Espírito do jovem François completou as informações acima.

Pergunta. Cara criança, não disseste de onde vinha a tua antipatia por tua pequena irmã.

Resposta. Não o adiviniais? Essa pobre e inocente criatura era minha vítima que Deus havia ligado à minha última existência como um remorso vivo; eis porque a sua visão me fazia tanto sofrer.

Pergunta. No entanto, não sabias que era ela.

Resposta. Eu não o sabia no estado de vigília, sem isto meus tormentos teriam sido cem vezes mais terríveis; tão terríveis quanto o havia sido na vida espiritual onde eu a via sem cessar; mas credes que meu Espírito, nos momentos em que estava desligado, não o sabia? Era a causa da minha repulsa, e se eu me esforçava por combatê-la, é que, instintivamente, sentia que ela era injusta. Não estava ainda bastante forte para fazer o bem àquela que eu não podia me impedir de detestar, mas não queria que se lhe fizesse mal: era um começo de reparação. Deus me teve em conta esse sentimento, por isso permitiu que fosse livre em boa hora de minha vida de sofrimento, sem isso teria podido viver ainda muitos anos na horrível situação em que me vistes.

Bendizei, pois, minha morte que pôs termo à expiação, porque ela foi a garantia de minha reabilitação.

Pergunta (ao guia do médium). Por que a expiação e o arrependimento na vida espiritual não bastam para a reabilitação, sem que sejam necessários a eles acrescentar os sofrimentos corporais?

Resposta. Sofrer num mundo ou num outro, é sempre sofrer, e sofre-se tão longo tempo quanto a reabilitação não seja completa. Esta criança sofreu muito sobre a Terra; pois bem! isso não foi nada em comparação com o que ela sofreu no mundo dos Espíritos. Aqui tinha, em compensação, os cuidados e a afeição dos quais estava cercado. Há ainda esta diferença entre o sofrimento corporal e o sofrimento espiritual, que o primeiro é quase sempre voluntariamente aceito como complemento de expiação, ou como prova para avançar mais rapidamente, ao passo que o outro é imposto.

Mas há outros motivos para o sofrimento corporal: primeiro, é para que a reparação tenha lugar nas mesmas condições em que o mal foi feito; depois, para servir de exemplo aos encarnados. Vendo seus semelhantes sofrerem e disto sabendo a *razão*, são bem de outro modo impressionados do que saber que são infelizes como Espíritos; podem explicar melhor a causa de seus próprios sofrimentos; a justiça divina se mostra, de alguma sorte, palpável aos seus olhos. Enfim, o sofrimento corporal é uma ocasião, para os encarnados, de exercerem, entre eles, a caridade, uma prova para seus sentimentos de comiseração, e, freqüentemente, um meio de reparar os erros anteriores; porque, crede-o bem, quando um infeliz se encontra sobre vosso caminho, não é o efeito do acaso. Para os pais do jovem François era uma grande prova ter um filho nessa triste posição; pois bem! eles cumpriram dignamente seu mandato, e disso serão tanto mais recompensados quanto agiram espontaneamente, pelo próprio impulso de seu coração. Se os Espíritos não sofressem na encarnação, é que não haveria senão Espíritos perfeitos sobre a Terra.

GALILEU

FRAGMENTOS DO DRAMA DO SR. PONSARD.

(Ver o n^o precedente.)

Um século antes de Galileu, Copérnico tinha concebido o sistema astronômico que leva o seu nome (1-(1) Copérnico, astrônomo polonês, nascido em Thorn (Estado prussiano) em 1473, morto em 1543. -Galileu, nascido em Florença em 1564, condenado em 1633, morreu cego em 1644. O sistema de Copérnico era já condenado pela Igreja.)

Galileu, com a ajuda do telescópio que ele tinha inventado, juntou a observação direta à teoria, completou as idéias de Copérnico demonstrando-lhe a verdade pelo cálculo. Com seu instrumento, pôde estudar a natureza dos planetas, e de sua semelhança com a Terra concluiu a sua habitabilidade. Havia igualmente reconhecido que as estrelas são tantos sóis disseminados no espaço sem limites, e pensou que cada um deveria ser o centro de movimento de um sistema planetário. Vinha de descobrir os quatro satélites de Júpiter, e este acontecimento emocionou o mundo sábio e o mundo religioso. O poeta se põe a pintar, em seu drama, a diversidade dos sentimentos que ele excita, conforme o caráter e os preconceitos dos indivíduos.

Dois estudantes da Universidade conversam sobre a descoberta de Galileu, e como não estão de acordo, se aconselham com um professor de renome.

ALBERT.

Sobre certos pontos, doutor, estamos em disputa, E queríamos saber o que disso pensais.

POMPÉE.

Ele pensa pedir conselho às pessoas sensatas - Aqui, do que se trata?

VIVIAM.

De quatro satélites
Ao redor de Júpiter, descrevendo suas órbitas.
POMPÉE.

Eles não existem.
VIVIAM.

Mas....
POMPÉE.

Não poderiam existir.
VIVIAM.

No entanto podem ser vistos e podem ser contados.
POMPÉE.

Não se podem ser contados, uma vez que não poderiam existir.
ALBERT.

Tu o ouves, Vivian?
VIVIAM.

E por que isto, mestre?
POMPÉE.

Porque sustentar que Deus pode haver feito
Quatro globos em seus sete globos que se sabe
É um propósito mau, um temaquimérico,
Anti-religioso, anti-filosófico.
(Percebendo Galileu escoltado de um grande número de estudantes.)
Papa-moscas palermas! e charlatão infame!
ALBERT A VIVIAN

Tu vêes que o doutor Pompée está contra ti.
VIVIAN

Tanto melhor para a doutrina na qual tenho fé;
De toda verdade o caminho natural
É amotinar primeiro todos os convencidos contra ela.

Está bem aí a força de raciocínio de certos negadores das idéias novas: isto não é, porque isto não pode ser. Perguntou-se a um sábio: Que diríeis se vísseis uma mesa se levantar sem ponto de apoio? - Nisto não creria, respondeu, porque *eu sei* que isto não pode ser.

UM MONGE, *discursando para a multidão.*

Escutai o que disse o Apóstolo: Nos céus
Por que, Galilenos, passeais vossos olhos?
É assim que, antes, lançava o anátema
Contra ti, Galileu, e contra o teu sistema.
Nós mesmos, hoje, vemos claramente,
Em que horror o céu tem este ensinamento,
E o Arno transbordado, o granizo sobre nossas videiras,
São da cólera divina os lamentáveis sinais.
- Meus irmãos, desprezai essas mentiras grosseiras;
Porque a Terra caminha, é que ela tem pés?
Se a lua se move, é que um anjo a guia;
Porque a cada planeta um condutor preside;
Mas a Terra, onde estaria seu anjo? - Sobre os montes?
Onde se o veria. - No centro? A cabana dos demônios.

Livie, mulher de Galileu, é o tipo das pessoas com espírito limitado, mais cuidadosas com a vida material do que com a glória e a verdade.

LIVIE, *a Galileu.*

Porque, aqueceis os miolos,
Vendendo um montão de máximas novas?
Todas essas novidades são, para cortar a palavra,
invenções do diabo suspeitas de heresia.
Já da maneira, da qual cada um vos olha,
Isto acabará mal, se dela não vos guardais.
Oh! que não imiteis esses dignos professores
Que dizem o que disseram todos os seus predecessores?
Eis pessoas nas quais a ordem e o bom senso reinam;
Elas ensinam sem ruído o que se quer que ensine,
E, sem fermentar debatendo em público
Se é preciso crer em Aristóteles ou crer em Copérnico,
Eles têm sabiamente que a opinião verdadeira
Deve ser aquela pela qual se lhes paga,
E que, uma vez que Aristóteles abre o cofre forte,
Aristóteles tem razão, e Copérnico está errado.
Também não se fazem negócios com ninguém;
Embolsam em paz os florins que lhes dão;
Prosperam; são bem alojados, bem nutridos;
Suas filhas têm dotes e encontram maridos;
Seu auditório é doce e jamais se ajuntam;
Reentram em casa nas horas em que se ceia;
Mas vós, vós fazeis raiva, e se vos aplaude,
E, durante esse tempo, o jantar resfria.

Fragmentos do monólogo de Galileu no começo do segundo ato:

Não, os tempos não são mais em que, rainha solitária,
Sobre seu trono imóvel assentava-se a Terra;
Não, o rápido carro, levando o astro do dia,
Da aurora ao poente não descreve mais seu giro;
O firmamento não é mais a abóbada cristalina,
Que, como um teto azul, de lustres se ilumina;
Não é mais só para nós que Deus fez o universo;
Mas longe de nos manter humilhados, sejamos altivos!
Porque se abdicamos uma realeza falsa,
Até ao reino da verdade a ciência nos eleva;
Mais o corpo se diminui, mais o Espírito se toma grande;
Nossa nobreza crê ou descrê a nossa classe.
É mais belo para o homem, ínfima criatura,
Compreender os segredos velados pela Natureza,
E de ousar abarcar em sua concepção
A universal lei da criação,
Do que ser, como nos dias de uma vaidosa mentira,
Rei de uma ilusão e possuidor de um sonho.
Centro ignorante de um todo que acreditava feito para si,
E que pelo pensamento conquista hoje.

Sol, globo de fogo, gigantesca fornalha,
Caos incandescente onde termina uma gênese,
Oceano furioso onde flutuam desvairados
Os líquidos graníticos e os metais fundidos,
Chocando, quebrando, misturando suas vagas inflamadas
Sob os negros furacões carregados de fumaça,
Onda ardente, onde, às vezes, nada uma vaga vermelha,
Mancha hoje, amanhã crosta do sol;
Em tomo de ti se move, ó fecundo incêndio,
A Terra, nossa mãe, apenas resfriada,
E, resfriados como ela, e, *como ela habitados*,
Marte sangrento, e Vênus, o astro das brancas claridades;
Em teus próximos esplendores, Mercúrio que se banha,
E Saturno em exílio nos confins de teu reino,
E por Deus, depois por mim, coroado no éter
De uma quádrupla venda de luas, Júpiter.

Mas, astro soberano, centro de todos esses mundos,
Para além de teu império aos limites profundos,
Dos milhares de sóis, tão numerosos, tão densos,
Que não se pode contá-los em seus grupos confusos,
Prolongam, como tu, suas imensas crateras,
Fazem mover, como tu, os mundos satélites,
Que giram ao redor deles, que compõem a sua corte,
E têm de seu rei o calor e a luz.
Oh! sim, sóis melhores do que lâmpadas noturnas,
Que clareiam para vós os velhos taciturnos,
Inumeráveis luzes, estrelas que polvilhais,
De vossa areia de ouro os caminhos azulados;
Em vós palpita também a vida universal,
Grandes lares, onde nosso olho não vê senão uma centelha.

.....
E, por toda a parte, a ação, o movimento e a alma!
Por toda a parte, rolando em tomo de seus centros em chama,
Os globos habitados, cujos seres pensantes
Vivem como eu vivo, sentem o que eu sinto,
Uns mais abaixados, e os outros talvez
Mais elevados que nós sobre os degraus do ser!
Quanto é grande! quanto é belo!
Em que culto profundo
O Espírito, cheio de estupor, se estraga e se confunde!
Inesgotável autor, que tua onipotência
Ali se mostra em sua glória e sua magnificência!
Que a vida, derramada em abundância no infinito,
Proclame vastamente teu nome, por toda a parte abençoado!

Ide, perseguidores! lançai vossos anátemas!
Eu sou religioso muito mais que vós mesmos.
Deus, que invocais, melhor do que vós eu o sirvo:
Esta pequena taça de lama é para vós o universo;
Para mim sobre todos os pontos a obra divina brilha;
Vós a encolheis, e eu, eu a dilato;

Como se punham os reis no carro triunfante,
Coloco os universos aos pés do Criador.

Fragmentos do diálogo entre o inquisidor e Galileu.

O INQUISIDOR

Não há verdade senão nas Escrituras;
Tudo o mais é erro, visão, imposturas
O que se crê de contrário ao seu ensino
Não é uma claridade, é uma cegueira.

GALILEU

Sim, a fé do cristão para sua regra é regia;
Só a sua autoridade reina em teologia,
E a adoração deve curvar nossos espíritos
Sob os dogmas divinos que nela se vêem escritos;
Mas o mundo físico escapa ao seu domínio;
Deus o entrega por inteiro à disputa humana;
Como se trata de objetos que caem sob os sentidos,
Os sentidos e a razão neles se mostram todo-poderosos;
A autoridade se cala; nenhuma ordem se pode fazer
Os raios desiguais no centro da esfera,
Ninguém pode de heresia acusar o compasso,
Nem decretar que um corpo girando não gire mais.
O olhar é juiz, em uma palavra, do universo visível.
Seu dogma imutável está fixado pela Bíblia,
A ciência repugna à imobilidade,
E, agonizante nos ferros, vive para a liberdade.

.....
O INQUISIDOR
.....

Ora, não vês, pois, que o teu novo sistema,
Perturbando a astronomia, abala a própria fé?
O erro material, admitido sobre um ponto.
Em todo o Testamento toma suspeita a testemunha;
Quem pode ter falido não é, pois, mais infalível;
A dúvida ó, pois, permitida, o exame é possível,
E se o conclui logo, desde que se ouse julgar,
Da falsa física ao dogma enganoso.

GALILEU

Eu, destruir a fé, quando engrandeço o culto!
Mostrar Deus em sua obra, é lhe fazer insulto?
Ah! compreende-a melhor, é adorada melhor,
E é mal honrá-lo que a desfigurar.
Os céus, segundo a Bíblia em que devemos crer,
Os céus de seu autor nos contam a glória;
Pois bem, melhor do que um outro escutei seu relato,
E o repeti como os céus o disseram.

.....

Pode-se barrar o curso de uma verdade nova?
Deter uma gota, e se deter um rio?
Crede-me, respeitai essas aspirações,
Elas têm muito de impulso e muito de expansão
Para sofrer que um carcereiro as tenha prisioneiras;
Deixai-lhe o campo livre, ou *infelicidade às barreiras**.
- Ah! Roma, aos primeiros dias de teu culto prescrito,
Dizias não opor ao gládio senão o espírito;
Não triunfaste senão por mudar de papel,
E tu mesmo opor o gládio à palavra?

Antônia, filha de Galileu, vendo seu pai prescrito, lhe diz:

Eis a tua Antígona. Sim, meu amor piedoso
Conduzirá o prescrito, vencedor da esfinge dos céus.
Dirigindo teu bastão de vale em vale,
Eu direi: "Dai-me pão para Galileu,
Para aquele que, privado de um teto pelos cristãos,
Teria tido altares entre os povos pagãos."

Galileu sonda as profundezas dos céus e revela a pluralidade dos mundos. Isso foi, como dissemos, toda uma revolução nas idéias; um campo novo de exploração foi aberto à ciência. O Espiritismo vem lhe operar uma não menos grande em revelando a existência do mundo espiritual que nos cerca; graças a ele o homem conhece seu passado e seu verdadeiro destino. Galileu derrubou as barreiras que circunscreviam o universo: o Espiritismo o povoa e enche o vazio dos espaços infinitos. Embora mais de dois séculos nos separem das descobertas de Galileu, muitos dos preconceitos estão ainda vivazes; a nova doutrina emancipadora encontra os mesmos obstáculos; é atacada com as mesmas armas, se lhe opõem os mesmos argumentos. Lendo o drama do Sr. Ponsard, poder-se-ia colocar nomes próprios modernos a cada um de seus personagens. No entanto, a má vontade e a perseguição não impediram a doutrina de Galileu de triunfar, porque ela era a verdade; sê-lo-á do mesmo modo com o Espiritismo, porque é também uma verdade. Seus detratores serão olhados, pela geração futura, com o mesmo olhar que olhamos os de Galileu.

LUMEN

POR CAMILLE FLAMMARION.

(2- artigo. Ver o número de março, página 93.)

Deixamos Lumen em *Capela*, ocupado em considerar a Terra que acabava de deixar. Esse mundo, estando situado a 170 trilhões, 392 bilhões de léguas da Terra, e a luz percorrendo 70.000 léguas por segundo, esta não pode chegar de um ao outro senão em 71 anos, 8 meses e 24 dias, seja em torno de 72 anos. Disto resulta que o raio luminoso que leva a impressão da imagem da Terra não chega aos habitantes de Capela senão ao cabo de 72 anos. Lumen, tendo morrido em 1864, e levando sua visão sobre Paris, ele viu tal qual era 72 anos antes, quer dizer, em 93, ano de seu nascimento.

De início, ficou muito surpreso de encontrá-la muito diferente daquilo que tinha visto, de ver as ruelas, os conventos, os jardins, os campos em lugar das avenidas, novos bulevares, estações de estrada de ferro, etc. Ele viu a praça da Concórdia ocupada por uma multidão imensa, e foi testemunha do acontecimento de 21 de janeiro. A teoria da

luz lhe deu a chave desse estranho fenômeno. Eis a solução de algumas das dificuldades que levanta. (1-1) Segundo o cálculo, e em razão da distância do Sol, que é de 38 milhões 230 mil léguas, de 4 quilômetros, a luz desse astro nos alcança em 8 minutos 13 segundos. Disto resulta que um fenômeno que se passou em sua superfície não nos aparecerá senão 8 m. 13 s. mais tarde, e que se o fenômeno fosse instantâneo já não existiria mais quando o víssemos. A distancia da Lua não sendo senão de 85 mil léguas, sua luz nos alcança quase em um segundo, e um quarto, as perturbações que poderiam ali se produzimos apareceriam, conseqüentemente, pouca coisa depois do momento em que ocorressem. Se Lumen se encontrasse na Lua, teria visto a Paris de 1864 não de 93; se tivesse estado num mundo duas vezes mais distante que Capela, teria visto a Regência.)

Sitiens. Mas então, se o passado pode se confundir assim no presente; se a realidade e a visão se casam; se os personagens mortos há muito tempo podem ainda ser vistos atuando na cena; se as construções novas e as metamorfoses de uma cidade como Paris podem desaparecer e deixar ver em seu lugar a cidade de outrora; se, enfim, o presente pode se desvanecer para a ressurreição do passado, sobre que certeza podemos doravante confiar? Em que se tornam a ciência e a observação? Em que se tornam as deduções e as teorias? Sobre que estão fundados nossos conhecimentos que nos parecem os mais sólidos? E, se estas coisas são verdadeiras, não deveremos doravante duvidar de tudo ou crer em tudo?

Lumen. Essas considerações e muitas outras, meu amigo, me absorveram e atormentaram; mas elas não impediram de ser a realidade que eu observava. Quando tive a certeza de que tínhamos *presente sob* os olhos o ano de 1793, pensei em seguida que a própria ciência, em lugar de combater essa realidade (porque duas verdades não podem ser opostas uma à outra), devia disso me dar a explicação. Interroguei, pois, a física, e esperei a sua resposta. (Segue a demonstração científica do fenômeno.)

Sitiens. Assim, o raio luminoso é como um correio que nos traz as novidades do estado da região que o envia, e que, se gasta setenta e dois anos para nos alcançar, nos dá o estado desse país no momento de sua partida, quer dizer, perto de 72 anos antes do momento em que nos chega.

Lumen. Adivinhastes o mistério. Para falar mais exatamente ainda, o raio luminoso seria um correio que nos traria não as novidades escritas, mas a fotografia, ou mais rigorosamente ainda, *o próprio aspecto* da região de onde ele saiu. Quando, pois, examinamos num telescópio a superfície de um astro, não vemos ainda essa superfície tal qual ela é no próprio momento em que a observamos, mas tal qual ela era no momento em que a luz que nos chega foi emitida por essa superfície.

Sitiens. De sorte que se uma estrela cuja luz leva, suponho, dez anos para nos chegar, fosse subitamente aniquilada hoje, nós a veríamos ainda durante dez anos, uma vez que o seu último raio não nos chegaria senão em dez anos.

Lumen. É precisamente isso. Há, pois, aí uma surpreendente transformação do passado ao presente. Para o astro observado, é o passado, já desaparecido; para o observador é o presente, o atual. O passado do astro é, rigorosamente e positivamente, o presente do observador.

Lumen vê a si mesmo mais tarde, criança, com a idade de seis anos, brincando e disputando com uma grupo de outras crianças na praça do Panthéon.

Sitiens. Eu vos confesso que me parece impossível que se possa se ver assim a si mesmo. Não podeis ser duas pessoas. Uma vez que tínheis 72 anos quando morrestes,

vosso estado de infância era passado, desapareceu, desvaneceu-se há muito tempo. Não podíeis ver uma coisa que não mais existe. Não pode se ver em duplo, criança e velho.

Lumen. Não refletis bastante, meu amigo. Compreendestes bem o fato geral para admiti-lo; mas não observastes suficientemente que este último fato particular entra absolutamente no primeiro. Admitis que o aspecto da Terra emprega 72 anos para vir a mim, não é ? que os acontecimentos não me alcançam senão nesse intervalo de tempo depois de sua atualidade? Pois bem! Uma vez que eu vejo esse grupo de crianças, e que fazia então parte desse grupo, por que quereis que não me veja tão bem quanto vejo ou outros?

Sitiens. Mas não estais mais nesse grupo?

Lumen. Ainda uma vez, esse próprio grupo não existe mais agora, mas eu o vejo tal quanto existia no instante em que partiu o raio luminoso que me chega hoje, e, uma vez que distingo as quinze ou dezoito crianças que o compoñham, não há razão para que a criança, que era eu, desapareça, porque sou eu que a olha. Outros observadores a veriam em companhia de seus companheiros. Porque quereis que haja exceção quando sou eu que olho? Eu os vejo todos, e me vejo com eles.

Lumen passa em revista a série dos principais acontecimentos políticos, ocorridos desde 1793 até 1864, onde vê a si mesmo num leito de morte.

Sitiens. É que esses acontecimentos passaram rapidamente sob vossos olhares?

Lumen. Eu não saberia apreciara medida do tempo; mas todo esse panorama retrospectivo sucede certamente em menos de um dia... em algumas horas talvez.

Sitiens. Então não compreendo mais. Se 72 anos terrestres passaram sob vossos olhos, eles teriam de colocar exatamente 72 anos para vos aparecer, e não em algumas horas. Se o ano de 1793 vos aparece somente em 1864, o ano de 1864, em retorno, não deveria conseqüentemente vos aparecer senão em 1936.

Lumen. Vossa objeção é fundada, e me prova que compreendestes bem a teoria do fato. Também vou vos explicar como não me foi necessário esperar 72 novos anos para rever a minha vida, e como, sob o impulso de uma força inconsciente, efetivamente eu o revi em menos de um dia.

Continuando a seguir a minha existência, cheguei aos últimos anos notáveis pela transformação radical que Paris sofreu; vi meus últimos amigos e vós mesmo; minha família e meu círculo de conhecimentos; e, enfim, o momento chegou em que me vi deitar em meu leito de morte e onde eu assisti à minha última cena. É vos dizer que eu tinha retornado sobre a Terra.

Atraído pela contemplação que a absorvia, minha lama tinha depressa esquecido a montanha dos velhos e Capela. Como se sente, às vezes, em sonho, ela voava para o objetivo de seus olhares. Disso não me apercebi de início, tanto a estranha visão cativava todas as minhas faculdades. Não posso vos dizer nem por qual lei, nem por qual força as almas podem se transportar tão rapidamente de um lugar a um outro; mas a verdade é que eu tinha *retornado à Terra*, em menos de um dia, e penetrei no quarto no próprio momento de meu enterro.

Uma vez que nessa viagem de retorno eu ia adiante dos raios luminosos, eu diminuía sem cessar a distância que me separava da Terra, a luz tinha cada vez menos caminho a percorrer, ela imitava assim a sucessão dos acontecimentos. No meio do caminho, me chegando somente de 36 anos, não me mostrava mais a Terra de 72 anos

antes, mas de 36. As três quartas partes do caminho, os aspectos não tinham mais do que um atraso de 18 anos. A metade do último quarto me chegando somente nove anos depois de ter se passado, e assim em continuação; de sorte que a série inteira de minha existência se encontra condensada em menos de um dia em consequência do retorno rápido de minha alma, indo adiante dos raios luminosos.

Quando Lumen chegou à Capela, viu um grupo de velhos ocupados em considerar a Terra, e dissertando sobre o acontecimento de 93; um deles disse aos seus companheiros:

"De joelhos! meus irmãos; pecamos a indulgência ao Deus universal. Esse mundo, essa nação, essa cidade está manchada de um grande crime; a cabeça de um rei inocente acaba de tombar." Eu me aproximei do ancião, disse Lumen, e lhe pedi para me fazer um relato de suas observações.

"Aprendi que, pela intuição da qual estão dotados os Espíritos do grau daqueles que habitam esse mundo, e pela faculdade íntima da percepção que receberam em partilha, possuem uma espécie de relação magnética com as estrelas vizinhas. Essas estrelas são em número de doze ou quinze; são as mais próximas; fora dessa região, a percepção se torna confusa. Nosso Sol é uma dessas estrelas vizinhas. (1-(1) 170 trilhões, 392 milhões de léguas! Pela distância que nos separa, as estrelas vizinhas pode-se julgar a extensão ocupada pelo conjunto daquelas que nos parecem, no entanto, à visão tão perto uma das outras, sem contar o número infinitamente maior daquelas que não são perceptíveis senão com a ajuda do telescópio, e que não são, elas mesmas, senão uma infinita fração daquelas que, perdidas nas profundezas do infinito, escapam a todos os nossos meios de investigação. Considerando-se que cada estrela é um sol, centro de um turbilhão planetário, compreender-se-á que o nosso próprio turbilhão não é senão um ponto nessa imensidade. Que é, pois, nosso globo de 3.000 léguas de diâmetro entre esses bilhões de mundos? Que são seus habitantes que acreditaram por muito tempo o seu pequeno mundo o ponto central do universo, e que se acreditaram a si próprios como os únicos seres vivos da criação, concentrando só neles as preocupações e a solicitude do Eterno, e crendo de boa fé que o espetáculo dos céus não era feito senão para recrear sua visão? Todo esse sistema egoísta e mesquinho, que fez durante muitos séculos o fundamento da fé religiosa, desmoronou-se diante das descobertas de Galileu.).

Eles conhecem, pois, vagamente, mas sensivelmente, o estado das Humanidades que habitam os planetas dependentes desse Sol, e seu grau relativo de elevação intelectual e moral.

"Além disto, *quando uma grande perturbação atravessa uma dessas Humanidades, seja na ordem física, seja na ordem moral, dela sofrem uma espécie de comoção íntima, como se vê uma corda vibrante fazer entrar em vibração uma outra corda situada à distância.*

"Há um ano (o ano desse mundo é igual a dez dos nossos), estavam se sentindo atraídos por uma emoção particular para o planeta terrestre; e os observadores tinham seguido com interesse e inquietação a marcha desse mundo."

Estar-se-ia em erro se se induzisse do que precede, que os habitantes das diferentes esferas levem, do ponto onde estão, um olhar investigador sobre o que se passa nos outros mundos, e que os acontecimentos que nestes se cumprem passem sob seus olhos como num campo de uma luneta. Aliás, cada mundo tem as suas preocupações especiais que cativam a atenção de seus habitantes, segundo suas próprias necessidades, seus costumes todos diferentes, e seu grau de adiantamento. Quando os Espíritos encarnados em um planeta têm motivos pessoais para se interessarem com o que se passa num outro mundo, ou com alguns daqueles que o habita, sua alma para lá se transporta, como o fez a de Lumen, no estado de desligamento, e então retornam, momentaneamente, por assim dizer, habitantes espirituais desse mundo, ou bem nele se encarnam em missão. Eis, pelo menos o que resulta do ensino dos Espíritos.

Esta última parte do relato de Lumen, portanto, carece de exatidão, mas não é preciso perder de vista que esta história não é senão uma hipótese destinada a tornar mais acessível à inteligência, e de alguma sorte palpável pela colocação em ação, da demonstração de uma teoria científica, assim como o fizemos observar em nosso artigo precedente.

Chamamos a atenção sobre o parágrafo acima onde está dito que: "As grandes perturbações *físicas e morais* de um mundo produzem sobre os mundos vizinhos uma espécie de comoção íntima, como uma corda vibrante faz vibrar uma outra corda colocada à distância." O autor, que em matéria de ciência não fala levemente, enuncia aí um princípio que poderá bem um dia ser convertido em lei. Já a ciência admite, como resultado da observação, a ação recíproca material dos astros. Se, como se começa supor, essa ação, aumentada pelo fato de certas circunstância, pode ocasionar perturbações e cataclismos, não seria nada impossível que essas mesmas perturbações tivessem seu contra-golpe. Até o presente a ciência não considerou senão o princípio material; mas levando-se em conta o princípio espiritual como elemento ativo do universo, e pensando-se que esse princípio também é todo geral, e todo também essencial quanto o princípio material, concebe-se que uma grande efervescência desse elemento e as modificações que ele sofre sobre um ponto dado possam ter sua reação, em consequência da correlação necessária que existe entre a matéria e o espírito. Certamente, há nesta idéia o germe de um princípio fecundo e de um estudo sério para o qual o Espiritismo abre o caminho.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS A VIDA ESPIRITUAL.

(Grupo Lampérière, 9 de janeiro de 1867. Médium, Sr. Delanne.)

Estou aqui, feliz em vir vos saudar, vos encorajar e vos dizer:

Irmãos, Deus vos enche de seus benefícios, em vos permitindo, nestes tempos de incredulidade, respirar a plenos pulmões o ar da vida espiritual, que sopra com vigor através das massas compactas.

Crede em vosso antigo associado, crede em vosso amigo íntimo, vosso irmão pelo coração, pelo pensamento, pela fé; crede nas verdades ensinadas: elas são tão seguras quanto lógicas; crede em mim que, há alguns dias, me contentava, como vós, em crer e esperar, ao passo que hoje a doce ficção é para mim uma imensa e profunda verdade. Eu toco, vejo, sou, possuo, portanto, isto é; eu analiso as minhas impressões hoje e as comparo com aquelas ainda todas frescas da véspera.

Não só me é permitido comparar, sintetizar, pesar minhas ações, meus pensamentos, minhas reflexões, julgá-las pelo critério de meu bom senso, mas eu as vejo, as sinto, *sou testemunha ocular*, sou a coisa realizada; não são mais consoladoras hipóteses, sonhos dourados, esperanças, é mais do que uma certeza moral: é o fato real, palpável, o fato material que se toca, que agarrais sob sua forma tangível, e que nos diz: isto é.

Aqui tudo respira a calma, a sabedoria, a felicidade; tudo é harmonia, tudo diz: Eis o auge do sentido íntimo; não mais quimeras, falsas alegrias, não mais medos pueris, não mais falsa vergonha, não mais de dúvidas, não mais de angústias, não mais de perjúrios, nada desse desagradável cortejo de fabulosas dores, de grosseiros erros, como se vê diariamente sobre a Terra.

Aqui se é penetrado de uma quietude inefável; admira-se, pede-se, adora-se, se dá ações de graça ao sublime autor de tantos benefícios, estuda-se, e se lhe entrevê todos os poderes infinitos; vê-se o movimento das leis que regem a Natureza. Cada obra tem um objetivo que conduz ao amor, diapasão da harmonia geral. Vê-se o progresso

presidira todas as transformações físicas e morais, porque o progresso é infinito como Deus que o criou. Tudo é compreensível; tudo é limpo, preciso; não mais abstrações: toca-se com o dedo e a razão o porquê das coisas humanas. As legiões espirituais avançadas não têm senão um objetivo, o de se tornarem úteis aos seus irmãos atrasados para elevá-los até elas.

Trabalhai, pois, sem cessar, conforme as vossas forças, meus bons irmãos, para vos melhorar, para serdes úteis aos vossos semelhantes; não só fareis um passo na Doutrina que faz a vossa alegria, mas tereis poderosamente contribuído ao progresso de vosso planeta; a exemplo do grande legislador cristão, sereis homens, homens de amor, e concorrereis para implantar o reino de Deus sobre a Terra.

Aquele que é ainda e mais do que nunca vosso condiscípulo.

LECLERC.

Nota. Tal é, com efeito, o caráter da vida espiritual, mas seria um erro crer que basta ser Espírito para encará-la desse ponto de vista. Ocorre no mundo espiritual como no mundo corpóreo: para apreciar as coisas de uma ordem elevada, é preciso um desenvolvimento intelectual e moral que não é próprio senão dos Espíritos avançados; os Espíritos atrasados são estranhos ao que se passa nas altas esferas espirituais, como o são sobre a Terra àquilo que faz a admiração dos homens esclarecidos, porque não podem compreendê-lo; seu pensamento circunscrito num horizonte limitado, não pode abarcar o infinito, não pode ter os gozos que resultam da expansão da esfera de atividade espiritual. A soma da felicidade, no mundo dos Espíritos, ali é, pois, pela própria força das coisas, em razão do desenvolvimento do senso moral; donde resulta que, trabalhando neste mundo pela nossa melhoria e nossa instrução, aumentamos as fontes de felicidade para a vida futura. Para o materialista, o trabalho não é senão um resultado limitado à vida presente que pode acabar de uma instante para outra; o Espírita, ao contrário, sabe que nada do que adquire, mesmo na última hora, não é em pura perda, e que todo progresso realizado lhe será proveitoso.

As profundas considerações de nosso antigo colega, Sr. Leclerc, sobre a vida espiritual, são, pois, uma prova de seu adiantamento na hierarquia dos Espíritos, e disto o felicitamos.

PROVAS TERRESTRES DOS HOMENS EM MISSÃO.

(Douay, 9 de março de 1867. Med, Senhora M...)

... É preciso, meus filhos, que o sangue depure a Terra; terrível luta, mais horrível ainda pelo esplendor da civilização no meio da qual ela se manifesta. O que, Senhor! quando tudo se prepara para apertar os laços dos povos de um canto do mundo ao outro! quando na aurora da fraternidade material se vêem linhas de demarcação de raças, de costumes, de linguagem tender à unidade, a guerra chega, a guerra e seu cortejo de ruínas, de incêndios, de divisões profundas, de ódios religiosos; sim, tudo isto porque nada, em nosso progresso, não foi segundo o Espírito de Deus; porque vossos laços não foram apertados nem pela bondade, nem pela lealdade, mas somente pelo interesse; porque não é a verdadeira caridade que impõe silêncio aos ódios religiosos, mas a indiferença; porque as barreiras não foram abaixadas em vossas fronteiras para o amor de todos, mas pelos cálculos mercantis; enfim, porque os objetivos são humanos e instintivos e não espirituais e caridosos; porque os governantes não procuram senão seus proveitos e que cada um entre os povos isso faz também.

Sublime desinteresse de Jesus e de seus apóstolos, onde estás? - Estais tristes, meus filhos, pensando algumas vezes na rude missão desses Espíritos sublimes que vêm levantara coragem da Humanidade e morrer na tarefa depois de ter esvaziado até o fim a taça das ingratidões humanas. Gemei sem ver que o Senhor, que os envia, parece

abandoná-los no momento em que a sua proteção parece mais necessária; não falastes das provas que sofremos Espíritos elevados no momento de passarem para um degrau mais alto na iniciativa espiritual? Não se vos disseque cada grau de hierarquia celeste se conquista pelo mérito, pelo devotamento, como entre vós, no exército, pelo sangue derramado e pelos serviços realizados? Pois bem! é o caso em que se encontram os Messias sobre esta Terra de dores; são sustentados. Enquanto dura a sua obra humanitária, enquanto trabalham pelo homem e por Deus, mas, quando só eles estão em jogo. Quando a sua prova se torna individual, o recurso visível se afasta, a luta se mostra áspera e rude, como o homem deve sofrê-la.

Eis a explicação desse abandono aparente que vos aflige na vida dos missionários de todos os graus de vossa Humanidade. Não penseis que Deus abandone jamais sua criatura por capricho ou impossibilidade; não, mas no interesse de seu adiantamento a deixa às suas próprias forças, ao uso inteiro de seu livre arbítrio.

CURAD'ARS.

O GÊNIO.

(Douai, 13 de março de 11867. Médiun, Sr...)

Pergunta. O gênio é distribuído a cada Espírito segundo sua aquisição, ou segundo uma lei divina em relação com as necessidades de um povo ou de uma Humanidade?

Resposta. O gênio, caros filhos, é a irradiação das aquisições anteriores. Essa irradiação é o estado de Espírito no desligamento ou nas encarnações superiores: há, pois, duas distinções a fazer. O gênio, o mais comum entre vós, é simplesmente o estado de um Espírito do qual uma ou duas faculdades permaneceram abertas e em estado de agir livremente; ele recebeu um corpo que permite seu desabrochar em sua plenitude adquirida. A outra espécie de gênio é o Espírito que vem dos mundos felizes e avançados, onde a aquisição é universal sobre todos os pontos; onde todas as faculdades da alma chegaram a um grau eminente, desconhecido sobre a Terra. Estas espécies de gênios se distinguem dos primeiros por uma aptidão fora do comum a todos os talentos, a todos os estudos. Eles concebem todas as coisas por uma intuição segura e que confunde a ciência adquirida dos mais sábios. Eles excedem em bondade, em grandeza de alma, em verdadeira nobreza, em obras excelentes. Eles são as luzes, os iniciadores, os exemplos. São os homens de outras terras, vindos para fazer resplandecer a luz do alto num mundo obscuro, do mesmo modo que se enviam, entre os bárbaros para instruí-los alguns sábios de uma capital civilizada; tais foram entre vós, os homens que, em diversas épocas, fizeram a Humanidade avançar, os sábios que recuaram os limites dos conhecimentos e dissiparam as trevas da ignorância. Eles viram e pressentiram o destino terrestre, tão longe que estivessem do cumprimento desse destino; todos lançaram os fundamentos de alguma ciência, ou dela foram o ponto culminante.

O gênio não é, pois, gratuito, e não está subordinado a uma lei; ele sai do próprio homem e de seus antecedentes. Refleti que os antecedentes são inteiramente o homem. O criminoso o é por seus antecedentes; o homem de mérito, o homem de gênio são superiores pela mesma causa. Tudo não está velado na encarnação ao ponto que não transpareça nada de nosso ser anterior. A inteligência e a bondade são luzes muito vivas, focos muito ardentes para que a vida terrestre os reduzisse à obscuridade.

As provas a sofrer podem bem velar, atenuar algumas de vossas faculdades, adormecê-las, mas, se elas chegaram a um alto grau, o Espírito não pode delas perder inteiramente a posse e o exercício; há nele a segurança de que as tem sempre à sua disposição; freqüentemente mesmo, ele não pode consentir em delas se privar. Está aí o que causa as vidas tão dolorosas de certos homens avançados que gostaram mais de sofrer pelas suas altas faculdades do que deixá-las se desvanecer por um tempo.

Sim, todos nós somos pela esperança, e alguns pela lembrança, cidadãos dessas altas esferas celestes onde o pensamento irradia puro e poderoso. Sim, todos seremos Platões, Aristóteles, Erasmos; nosso Espírito não verá mais empalidecer as suas aquisições sob o peso da vida do corpo, onde se apaga sob o peso da velhice e das enfermidades.

Amigos, eis verdadeiramente a mais sublime esperança; que estão junto de tudo isto as dignidades e os tesouros que se colocam aos pés desses homens; os soberanos esmolam suas obras, se separam de sua presença. - Crede que essas honras vãs os bajulam? não; a lembrança de sua gloriosa pátria é muito viva. Eles remontam felizes sobre o raio de sua glória, a esses mundos que seu Espírito lamenta sem cessar.

Terra! terra! região fria, escura, agitada; terra cega, ingrata e rebelde! não podias lhes fazer esquecer a pátria celeste onde tinham vivido, onde voltarão a viver.

Adeus, amigos, estejais seguros que todo homem de bem tornar-se-á cidadão desses mundos felizes, dessas Jerusaléns esplêndidas, onde o Espírito vive livre em seu corpo etéreo, possuindo, sem nuvens e sem véus, todas suas aquisições; então, conhecereis tudo o que aspirais conhecer, compreendereis tudo o que procurais compreender, mesmo meu nome, caro médium, que não quero dizer-te.

UM ESPÍRITO.

ALLANKARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

10º ANO

NO. 6

JUNHO 1867

EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES NOS ESTADOS UNIDOS.

"Informa-se de New-York que, entre as petições endereçadas recentemente ao presidente dos Estados Unidos, acha-se uma que levanta de novo a questão da admissibilidade das mulheres aos empregos públicos. A senhorita Françoise Lord, de New-York, pediu para ser enviada como cônsul ao estrangeiro. O Presidente tomou seu pedido em consideração, e ela espera que o Senado lhe seja favorável. O sentimento público não se mostra tão hostil a essa inovação quanto teria se podido supô-lo, e vários jornais defendem a pretensão da senhorita Lord.

(*Siècle*, 5 de abril de 1867.)

"No distrito comandado pelo general Shéridan, formado pelos estados da Louisiana e do Texas, as listas eleitorais foram abertas, e a população branca ou de cor começou a nela se fazer inscrever, sem levantar objeção, a respeito da ingerência da autoridade militar em todo esse assunto. Apesar dos esforços dos legisladores de Washington, a população do norte guarda uma grande parte de seus preconceitos a respeito dos negros. Com a maioria de 35 vozes contra, a câmara dos deputados de New-Jersey lhes recusou o gozo dos direitos políticos, e o senado do estado se associou a esse voto, que é o objeto dos ataques mais vivos em toda a imprensa republicana. Em revanche, um dos estados do Oeste, o Wisconsin, deu o direito de voto às mulheres com a idade maior de vinte e um anos. Esse princípio novo fez seu caminho nos Estados Unidos, e não faltam jornalistas para aprovar a galanteria política dos senadores do Wisconsin. Fazendo alusão a um romance célebre, um orador de uma reunião exclamou: "Como recusaríamos a capacidade política à senhora Beecher Stowe, quando nós a reconhecemos no tio Tom?"

(*Grand Moniteur*, 9 de maio de 1867.)

A câmara dos comuns, da Inglaterra, também se ocupou dessa questão em sua sessão de 20 de maio último, sob a proposta de um de seus membros. Lê-se no relatório do *Morning Post*:

"Sobre a cláusula 4, o Sr. MILL pede que se retire a palavra *homem* e que se insira a de *pessoa*.

"Meu objetivo é, disse ele, admitir à franquia eleitoral uma muito grande parte da população que está excluída agora do regaço da constituição, quer dizer, as mulheres. Não vejo porque as senhoras não casadas, maiores, e as viúvas não teriam um voto na eleição dos membros do Parlamento.

"Dir-se-á, talvez, que as mulheres já têm bastante poder, mas sustento que se elas obtivessem os direitos civis que eu proponho que se lhes conceda, elevar-se-ia por aí sua condição, e se as desembaraçaria de um obstáculo que impede hoje a expansão de suas faculdades.

"Confesso que as mulheres já têm um grande poder, mas elas não o têm muito, e não são crianças mimadas como se o supõe geralmente. De resto, qualquer que seja seu poder, quero que seja responsável, e eu lhes daria o meio de fazer conhecer suas necessidades e seus sentimentos.

"SR. LAING. -A proposição é, segundo ele, insustentável, e está persuadido de que a própria maioria das mulheres rejeitaria.

"SI R JOHN BOWYER pensa diferentemente. As mulheres podem ser agora vigilantes dos pobres, e não vê porque elas não votariam para os membros do Parlamento. O honrado baronete cita o caso da senhorita Burdetts Coutts para mostrar que a propriedade das mulheres, embora imposta como a dos homens, não está de todo representada.

"É procedente o voto: a emenda é rejeitada por 196 votos contra 73, e é ordenado que a palavra *homem* fará parte da cláusula.

O jornal *la Liberte*, de 24 de maio, faz seguir este relatório das judiciosas reflexões seguintes:

"É que já as mulheres não são admitidas a sentar-se e a votar nas assembleias de acionistas, com o mesmo título que os homens?

"Se fosse verdadeiro, assim como o pretende o honrado Sr. Laing, que as mulheres não quisessem o direito que o Sr. Stuart Mill propõe lhes reconhecer, esta não seria uma razão para não lhes atribuir se lhes pertence legitimamente. Aquelas a quem repugnaria exercê-lo estariam livres para não votar, salvo, mais tarde, reconsiderar-se quando o uso lhes tivesse feito mudar de opinião.

"Aos *Laing*, cujos olhos estão cobertos pela venda da rotina, parece monstruoso que as mulheres votem, e acho muito natural e perfeitamente simples que uma mulher reine!

"Ó incoseqüência humana! ó contradição social!

"A. FAGNAN."

Tratamos da questão da emancipação das mulheres no artigo intitulado: *As mulheres têm uma alma?* publicada na Revista de janeiro de 1866, e ao qual enviamos o leitor para não nos repetirmos aqui; as considerações seguintes servirão para complementá-lo.

Não é duvidoso que numa época em que os privilégios, restos de uma outra época e de outros costumes, caem diante do princípio da igualdade dos direitos de toda criatura humana, os da mulher não poderiam tardar a ser reconhecidos, e que, num futuro próximo, a lei não a tratará mais em minoridade. Até o presente, o reconhecimento desses direitos é considerado como uma concessão da força à fraqueza, é porque ela é regateada com tanta parcimônia. Ora, como tudo o que é concedido benevolentemente pode ser retirado, esse reconhecimento não será definitivo e imprescritível senão quando não estiver mais subordinado ao capricho do mais forte, mas fundado sobre um princípio que ninguém possa contestar.

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens fazem do princípio espiritual, para não considerar senão o ser material exterior. Da a força ou a

fraqueza constitucional em uns, uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consangüínea nobre ou plebéia, concluíram por uma superioridade ou por uma inferioridade natural; foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista *circunscrito*, são conseqüentes consigo mesmos, porque, a não considerar senão a vida material, certas classes parecem pertencer e pertencem com efeito a raças diferentes.

Mas prendendo-se seu ponto de vista do ser espiritual, o ser essencial e progressivo, do Espírito, em uma palavra, preexistente e sobrevivente a tudo, cujo corpo não é senão um envoltório temporário, variando como a roupa de forma e de cor; se, além disto, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de uma natureza e de uma origem idênticas, que a sua destinação é a mesma, que todos partindo de um mesmo ponto tendem ao mesmo objetivo, que a vida corpórea não é senão um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse adiantamento o Espírito pode, sucessivamente, revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à conseqüência capital de igualdade de natureza, e daí à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo.

Vós que negais a existência do Espírito para não considerar senão o homem corpóreo, a perpetuidade do ser inteligente para não considerar senão a vida presente, repudiais o único princípio sobre o qual está fundado em razão da igualdade dos direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes.

Aplicando este princípio à posição social da mulher, diremos que de todas as doutrinas filosóficas e religiosas, o Espiritismo é a única que estabelece esses direitos sobre a própria natureza, provando a identidade do ser espiritual nos dois sexos. Desde que a mulher não pertence a *uma criação distinta*, que o Espírito pode nascer, à vontade, homem ou mulher, segundo o gênero de provas a que quer se submeter para o seu adiantamento, que a diferença não está senão no envoltório exterior que modifica suas aptidões, da identidade na natureza do ser, é preciso necessariamente concluir pela igualdade dos direitos. Isto decorre, não de uma simples teoria, mas da observação dos fatos, e do conhecimento das leis que regem o mundo espiritual. Os direitos da mulher encontrando na Doutrina Espírita uma consagração fundada sobre as leis da Natureza, disto resulta que a propagação desta doutrina apressará a sua emancipação, e lhe dará, de maneira estável, a posição social que lhe cabe. Se todas as mulheres compreendessem as conseqüências do Espiritismo, elas seriam todas espíritas, porque nele hauririam o mais poderoso argumento que podem invocar.

O pensamento da emancipação da mulher germina, neste momento, num grande número de cérebros, porque estamos numa época em que fermentam as idéias de renovação social, e onde as mulheres, tão bem quanto os homens, sofrem influência do sopro progressista que agita o mundo. Depois de estarem muito ocupados consigo mesmos, os homens começam a compreender que seria justo fazer alguma coisa por elas, de relaxar um pouco os laços da tutela sob a qual as mantêm. Devemos tanto mais felicitar os Estados Unidos da iniciativa que tomam a este respeito quanto foram mais longe em conceder uma posição legal e direito comum a toda uma raça da Humanidade.

Mas da igualdade dos direitos seria abusivo concluir a igualdade das atribuições. Deus dotou cada ser de um organismo apropriado ao papel que deve cumprir na Natureza. O da mulher está traçado por seu organismo, e não é o menos importante. Há, pois, atribuições bem caracterizadas reconhecidas a cada sexo pela própria Natureza, e essas atribuições implicam deveres especiais que os sexos não poderiam cumprir eficazmente saindo do seu papel. Assim o é em cada sexo como de um sexo ao outro: a constituição física determina as aptidões especiais; qualquer que seja sua constituição, todos os homens têm certamente os mesmos direitos, mas é evidente que, por exemplo, aquele que não está organizado para o canto não poderia se fazer um cantor. Ninguém

pode lhe tirar o direito decantar, mas esse direito não pode lhe dar as qualidades que lhe faltam. Se, pois, a Natureza deu à mulher músculos mais fracos do que ao homem, é que ela não está chamada aos mesmos exercícios; se sua voz tem um outro timbre, é que não está destinado a produzir as mesmas impressões.

Ora, é de se temer que, e é o que ocorrerá, na febre de emancipação que atormenta, a mulher não se crê apta a preencher todas as atribuições do homem e que, caindo num excesso contrário, depois de ter tido muito pouco. Esse resultado é inevitável, mas não é preciso de nenhum modo temê-lo; se as mulheres têm direitos incontestáveis, a Natureza tem os seus que ela não perde jamais; elas deixarão logo os papéis que não são os seus; deixai-as, pois, reconhecer pela experiência a sua insuficiência nas coisas nas quais a Providência não as chamou; as tentativas infrutíferas as levarão forçosamente ao caminho que lhes está traçado, caminho que pode e deve ser alargado, mas que não poderia ser desviado, sem prejuízo delas mesmas, pondo atenção na influência toda especial que elas devem exercer. Elas reconhecerão que não podem senão perder na troca, porque a mulher com maneiras muito viris não terá jamais a graça e o encanto que fazem o poder daquela que sabe permanecer mulher. Uma mulher que se faz homem abdica de sua própria realeza; consideram-na como um fenômeno.

Os dois artigos reportados acima, tendo sido lidos na Sociedade de Paris, esta questão foi proposta aos Espíritos como assunto de estudo:

Que influência o Espiritismo deve ter sobre a condição da mulher?

Todas as comunicações obtidas concluindo no mesmo sentido, não nos reportamos senão à seguinte, como sendo a mais desenvolvida.

(Sociedade de Paris, 10 de maio de 1867; méd. Sr. Morin, em sonambulismo espontâneo; dissertação verbal.)

"Os homens, em todos os tempos, foram orgulhosos; é um vício constitucional inerente à sua natureza. O homem, não falo do sexo, o homem forte pelo desenvolvimento de seus músculos, pelas concepções um pouco audaciosas de seu pensamento, não teve em conta a fraqueza à qual é feita alusão nas santas Escrituras, fraqueza que fez a infelicidade de toda a sua descendência. Acreditou-se forte, e serviu-se da mulher, não como de uma companhia, de uma família: dela se serviu do ponto de vista puramente bestial; dela fez um animal bastante agradável. E tentou mantê-la à distância respeitosa do senhor. Mas como Deus não quis que uma metade da Humanidade fosse dependente da outra, não fez duas criações distintas: uma para estar constantemente ao serviço da outra; quis que todas as suas criaturas pudessem participar do banquete da vida e do infinito numa mesma proporção.

"Em cérebros que estiveram por muito tempo distantes de toda ciência, como impróprios para receber os benefícios da instrução, Deus fez nascer, como contrapeso, as astúcias que impedem as forças do homem. A mulher é fraca, o homem é forte, é sábio; mas a mulher é esperta, e a ciência contra a astúcia não tem sempre vantagem. Se fosse a verdadeira ciência, ela a dominaria; mas é uma ciência falsa e incompleta, e a mulher encontra facilmente o defeito da couraça. Provocada pela posição que lhe era feita, a mulher desenvolveu o germe que sentia nela; a necessidade de sair de seu rebaixamento lhe deu o desejo de romper suas cadeias. Segui sua marcha; tomai-a desde a era cristã e observai-a: vê-la-eis cada vez mais dominante, mas ela não dispensou toda a força; conservou-a para tempos mais oportunos, e a época se aproximam em que ela a vai ostentara seu turno. De resto, a geração que se levanta leva em seus braços a mudança que nos está anunciada há muito tempo, e a mulher atual quer ter, na sociedade, um lugar igual ao do homem.

"Observai bem; olhai nos interiores, e vede quanto a mulher tende a se libertar do jugo; ela reina poderosa, às vezes em despotismo. Por muito tempo a mantivestes curvada; ela se endireita como uma mola comprimida que se distende, porque começa a compreender que a sua hora chegou.

"Pobres homens! Se refletísseis que os Espíritos não têm sexo; que aquele que é homem hoje pode ser mulher amanhã; que eles escolhem indiferentemente, e algumas vezes de preferência, o sexo feminino, deveríeis antes vos alegrar do que vos afligir com a emancipação da mulher, e admiti-la no banquete da inteligência abrindo-lhe todas as grandes portas da ciência, porque ela tem concepções mais finas, mais doces, toques mais delicados do que do homem. Porque a mulher não seria médica? Não está ela chamada naturalmente a dar cuidados aos doentes, e não os daria com mais inteligência se ela tivesse os conhecimentos necessários? Não há casos em que, quando se trata de pessoas de seu sexo, uma médica mulher seria preferível? Numerosas mulheres não deram a prova de sua aptidão para certas ciências? da fineza de seu tato nos negócios? Porque, pois, se lhes reservariam o monopólio, se não é pelo temor de vê-las tomar a superioridade? Sem falar das profissões especiais, a primeira profissão da mulher não é a de mãe de família? Ora, a mãe instruída está mais no estado de dirigir a instrução e a educação de seus filhos; ao mesmo tempo que ela amamenta o corpo, pode desenvolver o coração e o espírito. Sendo a primeira infância necessariamente confiada aos cuidados da mulher, quando ela for instruída, a regeneração social terá dado um passo imenso, e é o que se fará.

"A igualdade do homem e da mulher teria ainda um outro resultado. Ser senhor, ser forte, é muito bom; mas é também assumir uma grande responsabilidade; partilhando o fardo dos assuntos da família com uma companheira capaz, esclarecida, naturalmente devotada aos interesses comuns, o homem alivia sua carga e diminui sua responsabilidade, ao passo que a mulher estando sob a tutela, e por isto mesmo num estado de submissão forçada, não tem sua voz na assembléia senão quando o homem quer condescender em lhe dar.

"As mulheres, diz-se, são muito faladoras e muito frívolas; mas a quem a falta, se não for senão aos homens que não lhes permitem a reflexão? Dai-lhes o alimento do espírito, e elas falarão menos; meditarão e refletirão. Acusai-as de frivolidade? Mas o que têm elas a fazer? - Falo, sobretudo, aqui da mulher do mundo. - Nada, absolutamente nada. Com que pode ela se ocupar? Se ela reflete e transcreve seus pensamentos, tratam-na ironicamente de *sabichonas*. Se ela cultiva as ciências ou as artes, seus trabalhos não são tomados em consideração, salvo algumas bem raras exceções, e, no entanto, tanto quanto o homem, ela tem necessidade de estímulo. Elogiar um artista é lhe dar o tom, a coragem; mas para a mulher, isto, verdadeiramente, vale a pena! Então lhes resta o domínio da frivolidade, no qual podem se estimular entre si.

"Que o homem destrua as barreiras que seu amor-próprio opõe à emancipação da mulher, e ele a verá logo alçar seu vôo, para a grande vantagem da sociedade. A mulher, sabeis-o, tem a centelha divina como vós, porque a mulher é vós, como vós sois a mulher."

DA HOMEOPATIA NO TRATAMENTO DAS DOENÇAS MORAIS.

(Ver o nº de março de 1867, página 65.)

O artigo que publicamos no número de março sobre a ação da homeopatia nas doenças morais nos valeu, de um dos mais ardentes partidários deste sistema, e ao mesmo tempo um dos mais fervorosos adeptos do Espiritismo, o doutor Charles Grégory, a carta seguinte que nos fazemos um dever inserir, em razão da luz que a discussão pode trazer à questão.

"Caro e venerado mestre,

"Vou tratar de vos explicar como compreendo a ação da homeopatia sobre o desenvolvimento das faculdades morais.

"Admitis, como eu, que todo homem, com saúde, possui os rudimentos de todas as faculdades e de todos os órgãos cerebrais necessários à sua manifestação. Admitis também que certas faculdades vão sempre se desenvolvendo, ao passo que outras, as que não são, sem dúvida, senão rudimentares, depois de terem apenas dado alguns clarões, parecem se extinguir inteiramente. No primeiro caso, segundo vós, os órgãos cerebrais estando de acordo com as faculdades em pleno desenvolvimento, teriam sua livre manifestação, ao passo que aqueles que são rudimentares, e que, o mais freqüentemente, estão de acordo também com aptidões rudimentares, se atrofiam completamente com o progresso da idade, por falta de atividade vital.

"Se, pois, por meio de medicamentos apropriados, eu atuo sobre os órgãos imperfeitos, se neles desenvolvo um acréscimo de atividade vital, se lhes peço uma nutrição mais poderosa, é bem claro que, aumentando o volume, permitirão à faculdade rudimentar se manifestar melhor, e que, pela transmissão das idéias e dos sentimentos que terão haurido, pelos sentidos, no mundo exterior, imprimirão à faculdade correspondente uma influência salutar e a desenvolverão, a seu turno, porque tudo se liga e se prende no homem; a alma influi sobre o físico, como o corpo influi sobre a alma. Portanto, já, por isto mesmo, primeira influência dos medicamentos por meio do aumento dos órgãos sobre as faculdades correspondentes da alma; portanto, possibilidade de aumentar o homem por forças tiradas do mundo material, de aumentá-lo, digo eu, em virtudes e aptidões.

"Agora, não me está de todo provado que nossas pequenas doses chegadas a um estado de sublimação e de sutileza que ultrapassam todos os limites, não tenham nelas alguma coisa de espiritual, de alguma sorte, que age, a seu turno, sobre o Espírito. Nossos medicamentos, dados no estado de divisão que a arte lhes faz sofrer, não são mais substâncias materiais, mas bem forças que devem, necessariamente, na minha opinião, ao menos, agir sobre as faculdades da alma que, elas também, são forças.

"E depois, como creio que o Espírito do homem, antes de se encarnar na humanidade, sobe todos os graus da escala e passa pelo mineral, a planta e o animal e na maioria dos tipos de cada espécie onde preludia seu completo desenvolvimento como ser humano, quem me diz que, dando-lhe medicamento o que não é mais nem o mineral, nem a planta, nem o animal, mas o que se poderia chamar a sua essência, de alguma sorte seu espírito, não se atua sobre a alma humana composta dos mesmos elementos? Porque, é preciso dizê-lo, o espírito é bem alguma coisa, e uma vez que se desenvolveu e se desenvolve sem cessar, precisou tomar esses elementos de alguma parte.

"Tudo o que posso dizer é que nós não agimos sobre a alma, com nossa 200^a e 600^a diluições, materialmente, mas virtualmente e, de alguma sorte, espiritualmente.

"Agora, os fatos aí estão, fatos numerosos, bem observados, e que poderão bem demonstrar que não estou completamente errado. Para citara mim mesmo, embora não goste muito das questões pessoais, direi que, experimentando em mim, há trinta anos, os remédios homeopáticos, de alguma sorte, criei em mim novas faculdades, rudimentares sem dúvida, mas que, em minha mais luxuriante juventude, não tinha conhecido, quando eu ignorava a homeopatia, e que hoje, com cinqüenta e dois anos, acho bem desenvolvidas: o sentimento da cor e das formas.

"Acrescentaria ainda que, sob a influência de nossos meios, vi caracteres mudarem completamente; à leviandade sucederam a reflexão e a solidez do julgamento; à lubricidade, a continência; à maldade a benevolência; ao ódio, a bondade e o perdão das injúrias. Evidentemente, este não é o assunto de alguns dias; é preciso bem alguns anos

de cuidados, mas chega-se a esses belos resultados por meios *tão cômodos*, que não há nenhuma dificuldade em nele decidir os clientes que vos são devotados, e um médico os tem sempre. Eu mesmo notei que os resultados obtidos por nossos meios eram adquiridos para sempre, ao passo que aqueles que nos dão a educação, os bons conselhos, as exortações seguidas, os livros de moral, não se obtêm quase diante da possibilidade de satisfazer uma paixão ardente, e as tentações relacionadas com as nossas fraquezas, antes adormecidas e entorpecidas do que curadas. Se os triunfos, neste último caso se manifestam, não é sem lutas violentas que não bastam para prolongá-los por muito tempo.

Eis, caro mestre, as observações que tinha a vos submeter sobre essa questão tão grave da influência da homeopatia sobre o moral humano.

"Para concluir: que seja pelo cérebro que o medicamento atue sobre as faculdades, ou que atue ao mesmo tempo e sobre a fibra cerebral e sobre a faculdade correspondente, não o está menos demonstrado por mim, por centenas de fatos, que a ação sutil e profunda de nossas doses sobre o moral humano é muito real. Além disso, me está demonstrado, que a homeopatia deprime certas faculdades, certos sentimentos ou certas paixões muito exaltadas, para levantar de novo outras muito abatidas, e como paralisadas, e, por isto mesmo, conduz ao equilíbrio e à harmonia, de onde: melhoria real e progresso do homem em todas as suas aptidões, e facilidade para vencer a si mesmo. "Não creiais que esse resultado aniquile a responsabilidade humana, e que se chegue a esse progresso tão desejado sem sofrimentos e sem combates; não basta tomar um medicamento e dizer-se: "Vou triunfar de minha tendência à cólera, ao ciúme, à luxúria." Oh! não! O remédio apropriado, uma vez introduzido no organismo, nele leva a uma modificação profunda que ao *preço de violentos sofrimentos morais e físicos, e, freqüentemente, de longa e muito longa duração*. - sofrimentos que é preciso repetir várias vezes, variando os medicamentos e as doses, e isto durante meses, e algumas vezes anos, querendo-se chegar a resultados concludentes. Está aí o salário ao qual é preciso pagar a sua melhoria moral; está aí a prova e a expiação pelas quais tudo se resgata neste baixo mundo, e eu vos confesso que não é coisa fácil se corrigir, mesmo pela homeopatia. Não sei se, pelas angústias interiores que se sofre, não se paga mais caro esse progresso do que pela modificação mais lenta, é verdade, mas seguramente mais branda e mais suportável da ação puramente moral de todos os dias, pela observação de si mesmo e o desejo ardente de se vencer.

"Termino aqui; mais tarde, vos contarei numerosos fatos que poderão muito vos convencer.

"Recebei, etc."

Esta carta não modifica em nada a opinião que emitimos sobre a ação da homeopatia no tratamento das doenças morais, e que vêm confirmar, ao contrário, os próprios argumentos do Sr. doutor Grégory. Persistimos, pois, em dizer que: se os medicamentos homeopáticos podem ter uma ação sobre o moral, é agindo sobre os órgãos das manifestações, o que pode ter a sua utilidade em certos casos, mas não sobre o Espírito; que as qualidades, boas ou más, e as aptidões são inerentes ao grau de *adiantamento ou de inferioridade do Espírito*, e que não é com um medicamento qualquer que se pode fazê-lo avançar mais depressa, nem lhe darás qualidades que não pode adquirir senão sucessivamente e pelo trabalho; que uma tal doutrina, fazendo as disposições morais dependerem do organismo, tira ao homem toda a responsabilidade, o que quer disso diga o Sr. Grégory, e o dispensa de todo trabalho sobre si mesmo para se melhorar, uma vez que se poderia torná-lo bom, com seu desconhecimento, administrando-lhe tal ou tal remédio; que se, com a ajuda dos meios materiais, podem-se modificar os órgãos das manifestações, o que admitimos perfeitamente, esse meio não

pode mudar as tendências instintivas do Espírito, não mais do que em cortando a língua a um tagarela não lhe tira o desejo de falar. Um uso do Oriente vem confirmara nossa afirmação por um fato material muito conhecido.

O estado patológico influi certamente sobre o moral em certos aspectos, mas as disposições que têm essa origem são acidentais, e não constituem o fundo do caráter do Espírito; são aquelas, sobretudo, que uma medicação apropriada pode modificar. Há pessoas que não são benevolentes senão depois de haverem jantado, e a quem não é preciso nada pedir quando estão em jejum; disto é preciso concluir que um bom jantar é um remédio contra o egoísmo? Não, porque essa benevolência, provocada pela plenitude da satisfação sensual, é um efeito do próprio egoísmo; não é senão uma benevolência aparente, um produto deste pensamento: "Agora que não tenho mais necessidade de nada, posso me ocupar um pouco com os outros."

Em resumo, não contestamos que certos medicamentos, e a homeopatia mais do que qualquer outra, não produzem alguns dos efeitos indicados, mas não lhes contestamos mais senão os resultados permanentes, e sobretudo *tão universais* que alguns o pretendem. Um caso em que a homeopatia, sobretudo, pareceria particularmente aplicável com sucesso, é o da *loucura patológica*, porque aqui a desordem moral é a conseqüência da desordem física, e que está constatado agora, pela observação dos fenômenos espíritas, que o Espírito não é louco; não se tem o que modificá-lo, mas dar-lhe os meios de se manifestar livremente. A ação da homeopatia pode ser aqui tanto mais eficaz quanto ela atue principalmente, pela natureza espiritualizada de seus medicamentos, sobre o perispírito, que desempenha um papel preponderante nesta afecção.

Teríamos mais de uma objeção a fazer sobre algumas das proposições contidas nesta carta; mas isto nos levaria muito longe; contentamo-nos, pois, em colocar as duas opiniões em frente. Como em tudo, os fatos são mais concludentes do que as teorias, e são eles, em definitivo, que confirmam ou derrubam estas últimas, desejamos ardentemente que o Sr. o doutor Grégory publique um tratado especial *prático* da homeopatia aplicada ao tratamento das moléstias morais, a fim de que a experiência possa se generalizar e decidir a questão. Mais do que qualquer outro, ele nos parece capaz para fazer esse trabalho ex-professo.

O SENTIDO ESPIRITUAL.

Uma segunda carta do doutor Grégory contém o que segue: "Erasto, numa comunicação, anunciou uma idéia que me tocou e me deu a refletir. O homem, disse ele, tem sete sentidos: os sentidos muito conhecidos da audição, do olfato, da visão, do gosto e do toque, e, além disto, o *sentido sonambúlico* e o *sentido medianímico*.

"Acrescento a estas palavras que estes dois últimos sentidos não existem senão por exceção suficientemente desenvolvidos em algumas naturezas privilegiadas, em caso que existem em todo homem no estado rudimentar. Ora, está em mim uma convicção adquirida por mais de uma observação e por uma muito longa experiência das forças homeopáticas, é que nossos medicamentos bem escolhidos, tomados por longo tempo, podem desenvolver essas duas admiráveis faculdades." Seria errado, pensamos, que se considerasse o sonambulismo e a mediunidade como o produto de dois sentidos diferentes, tendo em vista que não são senão dois efeitos resultantes de uma mesma causa. Essa dupla faculdade é um dos atributos da alma, e tem por órgão o perispírito, cuja irradiação transporta a percepção além dos limites da ação dos sentidos materiais. Propriamente falando, é o *sexto sentido*, que é designado sob o nome de *sentido espiritual*.

O sonambulismo e a mediunidade são duas variedades da atividade desse sentido, que apresentam, como se sabe, nuances inumeráveis, e constituem aptidões especiais. Fora dessas duas faculdades, mais notáveis, porque são mais aparentes, seria um erro crer que o sentido *espiritual* não existe senão no estado rudimentar. Como os outros sentidos, ele é mais ou menos desenvolvido, mais ou menos sutil, segundo os indivíduos, mas todo o mundo o possui, mas não é aquele que presta menos serviço, pela natureza toda especial das percepções das quais é a fonte. Longe de ser a regra, sua atrofia é a exceção, e pode ser considerada como uma enfermidade, do mesmo modo como a ausência da visão ou da audição. É por esse sentido que recebemos os eflúvios fluídicos dos Espíritos, que nos inspiram, com o nosso desconhecimento, seus pensamentos, que nos são dadas as advertências íntimas da consciência, que temos o pressentimento e a intuição das coisas futuras ou ausentes, que se exercem a fascinação, a ação magnética inconsciente e involuntária, a penetração do pensamento, etc. Estas percepções são dadas ao homem pela Providência, do mesmo modo que a visão, a audição, o odor, o gosto e o tato, para a sua conservação; são os fenômenos muito vulgares que se notam apenas pelo hábito que se tem de senti-los, e dos quais não se dá conta senão nesse dia, em consequência de sua ignorância das leis do princípio espiritual, da própria negação, e, alguns, da existência desconhecida; mas quem leva a sua atenção sobre os efeitos que acabamos de citar e sobre muitos outros da mesma natureza, reconhece o quanto são frequentes e que são completamente independentes das sensações percebidas pelos órgãos do corpo.

A *vista espiritual*, vulgarmente chamada *dupla vista ou segunda vista*, é um fenômeno menos raro do que se o crê; muitas pessoas têm esta faculdade sem disto desconfiar; somente ela é mais ou menos acentuada, e fácil de se assegurar quando é estranha aos órgãos da visão, uma vez que se exerce sem o concurso desses órgãos, que mesmo os cegos a possuem. Ela existe em certas pessoas, no estado normal mais perfeito, sem o menor traço aparente de sono nem de estado extático. Conhecemos, em Paris, uma senhora na qual ela é permanente, e tão natural quanto a visão comum; ela vê sem esforço e sem concentração o caráter, os hábitos, os antecedentes de quem dela se aproxima; descreve as doenças e prescreve tratamentos eficazes, com mais facilidade do que muitos sonâmbulos comuns; basta pensar em uma pessoa ausente para que ela a veja e a designe. Estávamos um dia em sua casa, e vimos passar na rua alguém com quem temos relação e que ela jamais viu. Sem ser nisto provocada por nenhuma pergunta, dela fez o retrato moral mais exato, e nos deu a seu respeito conselhos muito sábios.

Essa senhora, no entanto, não é sonâmbula; ela fala do que vê, como falaria de qualquer outra coisa sem se desviar de suas ocupações. Ela é médium? ela mesma não sabe nada disso, porque tem pouco tempo, não conhece o Espiritismo, nem mesmo de nome. Essa faculdade, pois, é nela muito natural e tão espontânea quanto possível. Como ela percebe, se não for pelo sentido espiritual?

Devemos acrescentar que essa senhora tem fé nos sinais da mão; também a examina quando se a interroga; nela vê, diz ela, o indício das doenças. Como ela vê certo, e que é evidente que muitas coisas que ela diz não podem ter nenhuma relação fisiológica com a mão, estamos persuadidos de que para ela é simplesmente um meio de se pôr em relação, e desenvolver sua vista fixando-a sobre um ponto determinado; a mão faz o papel de *espelho mágico ou psíquico*; ela vê como outros vêem num copo, numa garrafa ou outro objeto. Sua faculdade tem muita relação com a do *Vidente da floresta de Zimmerwald*, mas ela lhe é superior em certos aspectos. De resto, como ela disse não tira nenhum proveito, esta consideração afasta toda suspeita de charlatanismo, e, tendo em vista que dela não se serve senão para prestar serviço, deve ser assistida por bons Espíritos (Ver a Revista de outubro de 1864:0 *sexto sentido e a visão espiritual*; outubro

de 1865: *Novos estudos sobre os espelhos psíquicos. O Vidente da floresta de Zimmerwald.*)

GRUPO CURADOR DE MARMANDE.

INTERVENÇÃO DOS PARENTES NAS CURAS.

"Marmande, 12 de maio de 1867.

"Caro senhor Kardec,

"Já há algum tempo que não conversamos sobre o resultado de nossos trabalhos Espíritos que prosseguimos com perseverança e, estou feliz em dizer-lo, com sucessos satisfatórios. Os obsidiados e os doentes são sempre o objeto de nossos cuidados exclusivos. A moralização e os fluidos são os principais meios indicados por nossos guias.

"Nossos bons Espíritos, que se devotaram à propagação do Espiritismo tomaram também a tarefa de vulgarizar o magnetismo. Em quase todas as consultas, para os diversos casos de doenças, eles pedem o concurso dos parentes: um pai, uma mãe, um irmão ou uma irmã, um vizinho, um amigo, são requeridos para fazer passes. Essas bravas pessoas ficam surpresas em deter as crises, acalmar as dores. Este meio é, isto me parece, engenhoso e seguro para fazer adeptos, também a confiança se estende cada dia mais em nossa região. Os grupos que se ocupam de curas talvez fariam bem em dar os mesmos conselhos; os felizes resultados obtidos provariam de modo evidente a verdade do magnetismo, e dariam a certeza de que a faculdade de curar ou de aliviar seu semelhante não é o privilégio exclusivo de algumas pessoas; que não é preciso, para isto, senão uma boa vontade e confiança em Deus; não falo de uma boa saúde que é uma condição indispensável, se o compreendem. Em reconhecendo que se tem em si mesmo esse poder, adquire-se a certeza de que não há nem malabarismos, nem sortilégio, nem pacto com o diabo. É, pois, um meio de destruir as idéias supersticiosas.

"Eis alguns exemplos de curas obtidas.

"Uma menina de 6 a 7 anos estava acamada, tendo uma dor de cabeça contínua, febre, uma tosse freqüente com escarro, uma dor viva do lado esquerdo; dor também nos olhos que se recobriam, de tempo em tempo, de uma substância leitosa, formando uma espécie de f ronha. Sob os cabelos, a pele do crânio estava recoberta de películas brancas; a urina espessa e turva. A criança fraca e abatida não comia nem dormia. O médico tinha acabado por suspender suas visitas. A mãe, *pobre*, em presença de sua filha doente e abandonada, veio me procurar. Nossos guias consultados prescreveram, por todo remédio, a imposição das mãos, os passes fluídicos da parte da mãe, recomendando-me ir, durante alguns dias, fazê-la ver como a isto se prender. Comecei por fazer levantar os vesicatórios e fazê-los secar. Depois de três dias de passes e de imposição de mãos sobre a cabeça, os rins e o peito, efetuados *a título de lições*, mas feitos com alma, a criança pediu para se levantar; a febre estava detida, e todos os acidentes descritos mais acima desapareceram ao cabo de dez dias.

"Esta cura, que a mãe qualificava de miraculosa, me fez chamar, dois dias mais tarde, junto de uma outra menina de 3 ou 4 anos que tinha febre. Depois dos passes e imposição das mãos, a febre cessou, desde o primeiro dia.

"As curas de algumas obsessões não nos deram menos satisfação e confiança. Marie B..., jovem de 21 anos, de Samazan, perto de Marmande, se punha nua como um verme, corria pelos campos, e ia se deitar ao lado de um cão num buraco de palha. A moralização do obsessor de nossa parte, e os passes fluídicos feitos pelo marido,

segundo nossas instruções, logo a libertaram. Toda a comuna de Samazan foi testemunha da impotência da medicina em curá-la, e da eficácia do meio simples empregado para conduzi-la ao estado normal.

"A senhora D..., com a idade de 22 anos, da comuna de Sainte-Marthe, não longe de Marmande, caía em crises extraordinárias e violentas; ela rugia, mordia, rolava, sentia golpes terríveis no estômago, desmaiava, e, freqüentemente, ficava quatro ou cinco horas sem conhecimento; uma vez ela ficou oito dias sem recobrar sua lucidez. O Sr. doutor T... tinha-lhe em vão dado seus cuidados. O marido, ao cabo de cursos junto das pessoas da arte, dos padres de nossa região, reputados curadores exorcistas, adivinhos, porque confessou tê-los consultado, se dirige a nós com o pedido de consentirmos nos ocupar de sua mulher se, como lhe foi reputado, estava em nosso poder curá-la. Prometemos escrever-lhe para lhe indicar o que deveria fazer.

"Nossos guias nos disseram: Que cesse todo tratamento médico: os remédios seriam inúteis; que o marido elevasse sua alma a Deus, que impusesse as mãos sobre a fronte de sua mulher e lhe fizesse passes fluídicos com amor e confiança; que observasse pontualmente as recomendações que iríamos fazer-lhe, embora qualquer contrariedade que disso possa sentir (seguem essas recomendações que são todas pessoais), e se compenetre bem da idéia de que são necessárias ao proveito de sua pobre aflita, ele terá logo a sua recompensa.

"Disseram-nos também para chamar e moralizar o Espírito obsessivo, sob o nome de *Lucie Cédar*. Este Espírito revela a causa que o levava a atormentar a Sra. D... Essa causa se ligava precisamente às recomendações feitas ao marido. Este último estando conforme com tudo, teve a satisfação de ver sua mulher completamente livre, no espaço de dez dias. Ele me disse: Uma vez que os Espíritos se comunicam, não me admiro que tenham vos dito que não era conhecido de mim, mas estou bem mais admirado de que nenhum remédio tenha podido curar minha mulher; se estivesse me dirigido a vós desde o início, teria 150 f r. em meu bolso, que ali não estão mais, e que despendi em medicamentos.

"Eu vos aperto muito cordialmente a mão,

"DOMBRE."

Estes fatos de curas nada têm de mais extraordinário do que aqueles que já citamos, provindos do mesmo centro; mas eles provam, pela persistência do sucesso, há vários anos, o que se pode obter com a perseverança e o devotamento, também a assistência dos bons Espíritos nisso jamais falta. Eles não abandonam senão aqueles que deixam o bom caminho, o que é fácil de reconhecer pelo declínio dos sucessos, ao passo que sustentam, até o último momento, mesmo contra os ataques da malevolência, aqueles cujo zelo, sinceridade, abnegação e humanidade são à prova das vicissitudes da vida. Eles elevam aquele que se abaixa, e abaixam aquele que se eleva. Isto se aplica a todos os gêneros de mediunidade.

Nada decepcionou o Sr. Dombre; ele lutou energicamente contra todos os entraves que se lhe suscitou, e deles triunfou; desprezou as injúrias e as ameaças de nossos adversários comuns, e forçou estes ao silêncio pela sua firmeza; não poupou nem seu tempo, nem seu trabalho, nem os sacrifícios materiais; jamais procurou se prevalecer do que faz para se dar relevo ou disso fazer um degrau qualquer; seu desinteresse moral iguala seu desinteresse material; se é feliz por triunfar, é porque cada sucesso o é um para a doutrina. Aí estão os títulos sérios para o reconhecimento de todos os Espíritos, presentes e futuros, títulos aos quais é preciso associar os membros do grupo que os secundam com tanto zelo quanto abnegação, e dos quais lamentamos não poder citar os nomes.

O fato mais característico assinalado nesta carta é o da intervenção dos parentes e amigos dos doentes nas curas. É uma idéia nova cuja importância não escapará a ninguém, porque sua propagação não pode deixar de ter resultados consideráveis; é a vulgarização anunciada da mediunidade curadora. Os Espíritas notarão quanto os Espíritos são engenhosos nos meios tão variados que empregam para fazer a idéia penetrar nas massas. Como não lhe chegaria ela, uma vez que se lhe abre sem cessar novos canais, e que se lhe dá os meios de bater em todas as portas?

Essa prática não poderia, pois, ser muito encorajada; no entanto, não se deve perder de vista que os resultados estarão em razão da boa direção dada à coisa pelos chefes dos grupos curadores, e do ela que saberão imprimir por sua energia, seu devotamento e seu próprio exemplo.

NOVA SOCIEDADE ESPÍRITA DE BORDEAUX.

Desde o mês de junho de 1866, uma nova Sociedade Espírita, já numerosa, formou-se em Bordeaux, sobre bases que atestam o zelo e a boa vontade de seus membros, e uma perfeita interpretação das verdades principais da doutrina. Extraímos do relatório anual publicado pelo Presidente, algumas passagens que dela farão conhecer o espírito.

Depois de ter falado das vicissitudes que o Espiritismo experimentou nesta cidade, as circunstâncias que levaram à formação da nova sociedade e de sua organização que "permite àqueles de seus membros que lhe sentem a força, desenvolver por conversas, no começo de cada sessão, os grandes princípios da doutrina, princípios que muitos não combatem senão porque não os conhecem, ele acrescenta:

"São essas conversas que atraíram até aqui numerosos ouvintes estranhos à Sociedade. Certamente, não tenho a pretensão de crer que todos os nossos ouvintes venham em nossa casa para se instruir; muitos, sem dúvida, a ela vêm para procurar nos surpreender em falta; é seu negócio. O nosso, a nós, é de difundir o Espiritismo nas massas, e a experiência nos provou que o melhor meio, depois de pôr em prática a sublime moral que dele decorre, e as comunicações do Espíritos, é de fazê-lo pela palavra.

"Desde que nos constituímos, temos duas sessões por semana. Este duplo trabalho nos foi imposto pela necessidade de consagrar uma sessão particular (a de quinta-feira) aos Espíritos obsessores e ao tratamento das doenças que ocasionam, e de reservar uma outra sessão (a do sábado) aos estudos científicos. Acrescentarei, para justificar nossas sessões de quinta-feira, que temos a felicidade de possuir entre nós um médium curador com faculdades bem desenvolvidas, e conhecido por sua caridade, sua modéstia e seu desinteresse; é também conhecido fora quanto no seio de nossa sociedade, de sorte que os doentes não lhe faltam.

"Há, de resto, em Bordeaux, muitos casos de obsessão, e uma sessão por semana especialmente consagrada à evocação e à moralização dos obsessores está longe de ser suficiente, uma vez que o médium curador, acompanhado de um médium escrevente, de um evocador e, freqüentemente, de certos de nossos irmãos, vai ao domicílio dos doentes, a fim de treinar os obsessores e ali virem mais facilmente, lado a lado.

"Ao médium curador veio se juntar um de nossos irmãos, magnetizador de um grande poder e de um devotamento a toda aprova que, ajudado também pelos bons Espíritos, supre o primeiro, de tal sorte que podemos dizer que a Sociedade possui dois médiuns curadores, embora de graus diferentes."

Segue o relato de várias curas, entre as quais citamos a seguinte: Senhorita A..., com idade de doze anos.

Esta criança, órfã, a cargo de parentes muito pobres, nos foi apresentada num estado lamentável. Todo o seu corpo estava atormentado por movimentos convulsivos,

seu rosto, sem cessar contraído, fazia pregas horríveis; seus braços e suas pernas estavam constantemente agitados, ao ponto de usar os lençóis de sua cama num espaço de oito dias. Suas mãos, que não podiam agarrar o menor objeto, giravam sem cessar em torno dos punhos. Enfim, em conseqüência de sua doença, sua língua tinha se tornado de uma espessura extrema e o mais completo mutismo lhe tinha seguido.

À primeira vista compreendemos que havia ali também uma obsessão e nossos guias, tendo confirmado esta opinião, agimos em conseqüência.

Do conselho de um médico, que se acha *incógnito* na casa da doente, enquanto nós lhe fazemos sofrer um tratamento fluídico, a doença deveria se traduzir, *dentro de três dias*, em dança de São Guido, e, tendo em vista o estado de fraqueza no qual se achava a doente, carregá-la impiedosamente o mais tardar em oito dias.

Não detalharei aqui os inumeráveis incidentes aos quais deu lugar esta cura. Não vos falarei dos obstáculos de toda a sorte amontoados sob nossos passos por influências contrárias e que tivemos que superar. Direi somente que, dois meses depois de nossa entrevista com o médico, a criança falava como vós e eu, servia-se de suas mãos, ia à escola e estava perfeitamente curada.

Eis, acrescenta o Sr. Peyranne, os principais ensinamentos que saíram para nós das sessões consagradas aos Espíritos obsessores:

"Para agir eficazmente sobre um obsessivo, é preciso que aqueles que o moralizam e o combatem pelos fluidos, valham mais do que ele. Isto se compreende tanto melhor quanto o poder dos fluidos está em relação direta com o avanço moral daquele que os emite. Um Espírito impuro chamado numa reunião de homens morais ali não está à vontade; ele compreende sua inferioridade; e setenta desafiar o evocador como ocorre algumas vezes, ficai persuadidos de que abandonará depressa esse papel, sobretudo se as pessoas compondo o grupo onde ele se comunica se juntam ao evocador pela vontade e pela fé.

"Creio que não compreendemos bem ainda tudo o que podemos sobre os Espíritos impuros, ou antes, que não sabemos ainda nos servir dos tesouros que Deus coloca em nossas mãos.

"Sabemos ainda que uma descarga fluídica feita sobre um obsidiado por vários Espíritos, por meio de uma corrente magnética, pode romper o laço fluídico que o liga ao obsessivo e tornar para este último um remédio moral muito eficaz, provando-lhe a sua impossibilidade. "Sabemos igualmente que todo encarnado, animado do desejo de aliviar seu semelhante, agindo com fé, pode, por meio de passes fluídicos, senão curar, pelo menos aliviar sensivelmente um doente.

"Acabo com as sessões de quinta-feira, fazendo notar que nenhum Espírito obsessivo permaneceu rebelde. Todos aqueles dos quais nos ocupamos acabaram por reconhecer seus erros, abandonaram suas vítimas, e entraram num caminho melhor." A respeito das sessões de sábado, diz ele: "Essas sessões são abertas, vós o sabeis, de resto, por uma conversa feita por um membro da Sociedade, sobre um assunto espírita, e terminadas por um resumo sucinto que o Presidente faz.

"Na conversa, toda liberdade de linguagem é deixada ao orador, todavia, contanto que ele não saia do quadro traçado por nosso regulamento. Ele considera do seu ponto de vista individual os diversos assuntos que trata; desenvolve-os como o entende e deles tira tais conseqüências que julga convenientes; mas não poderia jamais por aí empenhar a responsabilidade da Sociedade.

"No fim da sessão, o Presidente resume os trabalhos, e se não tem a opinião do orador, o combate, fazendo notar ao auditório que, não mais que o primeiro, ele não empenha outra responsabilidade senão a sua, deixando a cada homem o uso do seu livre arbítrio e o cuidado de julgar e decidir em sua consciência de que lado está a verdade ou, pelo menos, o que dela mais se aproxima; porque, por mim, a verdade é Deus: mais nos

aproximemos dele (o que não podemos fazer senão nos depurando e trabalhando pelo nosso progresso) e mais estaremos perto da verdade."

Chamamos ainda a atenção sobre o parágrafo seguinte: "Se bem que tenhamos excelentes instrumentos para os nossos estudos, compreendemos que o número deles tinha se tomado insuficiente, sobretudo em presença da extensão sempre crescente da Sociedade. A penúria dos médiuns, freqüentemente, veio trazer obstáculos à marcha regular de nossos trabalhos, e compreendemos que seria preciso, tanto quanto possível, desenvolver as faculdades que dormem latentes na organização de muitos de nossos irmãos. É por isto que acabamos de decidir que uma sessão especial de ensaios medianímicos, teria lugar no domingo, duas horas depois do meio-dia, na sala de nossas reuniões. Acreditei dever para isso convidar não só nossos irmãos em crença, mas ainda os estranhos que desejassem se tornar úteis. Já essas sessões deram resultados que ultrapassaram a nossa expectativa. Nela fazemos da escrita, da tiptologia, do magnetismo. Várias faculdades muito diversas nela foram descobertas, e dela saíram dois sonâmbulos que parecem dever ser muito lúcidos."

Não podemos senão aplaudir o programa da Sociedade de Bordeaux e felicitá-la por seu devotamento e a inteligente direção de seus trabalhos. Um de nossos colegas, de passagem por essa cidade, recentemente assistiu a algumas de suas sessões e elas lhe produziram a mais favorável impressão. Perseverando neste caminho, ela não pode senão obter resultados cada vez mais satisfatórios e não faltará jamais elementos para a sua atividade. A maneira pela qual ela procede para o tratamento das obsessões é ao mesmo tempo notável e instrutiva, e a melhor prova de que essa maneira é boa, é de que ela triunfa. A isto retornaremos ulteriormente num artigo especial.

Seria supérfluo fazer ressaltar a utilidade das instruções verbais que ela designa sob o simples nome de conversas. Além da vantagem de exercer a administração da palavra, elas têm a não menor de provocar um estudo mais completo e mais sério dos princípios da Doutrina, de facilitar-lhes a inteligência, de fazer deles ressaltara importância, e de levar, pela discussão, a luz sobre os pontos controvertidos. É o primeiro passo para as conferências regulares que não podem deixar de ocorrer cedo ou tarde, e que, tudo em vulgarizando a Doutrina, contribuirão poderosamente para corrigir a opinião pública falseada pela crítica malévola, ou ignorante do que ela é.

Refutar as objeções, discutir os sistemas divergentes, são pontos essenciais que importa não negligenciar, e que podem fornecer a matéria de úteis instruções; é não só um meio de dissipar os erros que poderiam se acreditar, mas é fortificar-se a si mesmo pelas discussões particulares que se pode ter a sustentar. Nessas instruções orais, muitos serão sem dúvida assistidos pelos Espíritos, e não pode deixar de dela sair médiuns falantes. Aqueles que fossem retidos pelo medo de falar diante de um auditório, deveriam se lembrar que Jesus dizia a seus apóstolos: "Não vos inquieteis do que direis; as palavras vos serão inspiradas no próprio momento."

Um grupo da província, que se pode alinhar entre os mais sérios e melhor dirigidos, introduziu este uso em suas reuniões que, igualmente, ocorrem duas vezes por semana. Ele é exclusivamente composto dos oficiais de um regimento. Mas lá não é uma faculdade deixada a cada membro; é uma obrigação que lhes é imposta pelo regulamento de falar cada um a seu turno. Em cada sessão o orador designado para a próxima reunião deve se preparar para desenvolver e comentar um capítulo ou um ponto da Doutrina. Disto resulta para eles uma maior aptidão para fazer a propagação e defender a causa, em caso de necessidade.

NECROLOGIA.

SR. QUINEMANT, DE SÉTIF.
Escrevem-nos de Sétif (Argélia):

"Venho vos comunicar a morte de um fervoroso adepto do Espiritismo, o Sr. Quinemant, falecido no sábado santo, 20 de abril de 1867. É o primeiro que dele se ocupou em Sétif comigo; constantemente o defendeu contra seus detratores, sem se importar com seus ataques nem com o ridículo. Era, ao mesmo tempo, um muito bom magnetizador, e prestou, por seu devotamento todo desinteressado, numerosos serviços às pessoas sofredoras.

Estava doente desde o mês de novembro; tinha a febre todos os dias, e quando não a tinha, salivava constantemente água. Comia e digeriu bem, achava bom tudo o que pegava, e, apesar disto, emagrecia a olhos vistos; homem de uma muito forte corpulência, seus membros tinham chegado a não ter senão a grossura dos de uma criança. Ele se extinguiu a fogo lento, e compreendia muito bem a sua posição; havia dito que queria morrer no dia em que morreu o Cristo. Conservou toda a sua lucidez de espírito e conversava como se não tivesse estado doente. Morreu, quase sem sofrimento, com a tranqüilidade e a resignação de um Espírita, dizendo à sua mulher para se consolar, que se reencontrariam no mundo dos Espíritos. No entanto, em seus últimos momentos, pediu o cura, embora pouco gostasse dos padres em geral, e que tivera com este bastante vivas altercações com respeito ao Espiritismo.

"Vós me estimulareis muito evocá-lo, se isto se puder; eu não duvido que não se faça um prazer vir ao vosso chamado, e como era um homem esclarecido e de bom senso, penso que poderá nos dar úteis conselhos. Sua opinião era de que o Espiritismo aumentaria apesar de todos os entraves que se lhe suscitassem. Quereis também perguntar-lhe a causa de sua doença, que ninguém conheceu. (DUMAS.)"

O Sr. Quinemant, evocado primeiro em particular, deu a comunicação seguinte, e no dia seguinte deu espontaneamente, à Sociedade, a que publicamos separadamente sob o título de: *O Magnetismo e o Espiritismo comparados*.

(Paris, 16 de maio de 1867. Médiun, Sr. Desliens.)

"Apresso-me em atender ao vosso chamado com tanto mais facilidade quanto desde o enterro de meu despojo mortal, vim em todas as vossas sessões. Eu tinha um grande desejo de julgar o desenvolvimento da Doutrina em seu centro natural, e se não pude fazê-lo na vida de meu corpo, meus negócios materiais disto foram a única causa. Agradeço vivamente ao meu amigo Dumas pelo pensamento benevolente que me enviou ao vos assinalar a minha partida e em vos pedir a minha evocação; ele não me poderia dar um mais sensível prazer.

"Se bem que meu retorno ao mundo dos Espíritos seja recente, estou suficientemente livre para me comunicar com facilidade; as idéias que eu possuía sobre o mundo invisível, minha crença nas comunicações, e a leitura das obras espíritas tinham me preparado para ver sem admiração, mas não sem uma alegria infinita, o espetáculo que me esperava. Estou feliz pela confirmação de meus pensamentos mais íntimos. Estou convencido, pelo raciocínio, do desenvolvimento ulterior, e da importância sobre as gerações futuras, da doutrina dos Espíritos; mas, ah! eu percebia numerosos obstáculos, e assinalava uma época indefinidamente distante para a predominância de nossas idéias: efeito de minha curta visão e dos limites assinalados pela matéria à minha concepção do futuro. Hoje, tenho mais do que convicção, tenho a certeza. Não via recentemente senão efeitos muito lentos ao gosto de meus desejos; vejo hoje, toco as causas e seus efeitos, e meus sentimentos se modificaram. Sim, será preciso ainda muito tempo para que a vossa Terra seja uma Terra espírita, em toda a acepção da palavra; mas será preciso um tempo relativamente muito curto para trazer uma modificação considerável na maneira de ser dos indivíduos e das nacionalidades.

"Os ensinamentos que recolhi entre vós, o desenvolvimento importante de certas faculdades, os conciliábulos espirituais aos quais me foi permitido assistir desde a minha chegada aqui, persuadiram-me de que grandes acontecimentos estão próximos, e que num tempo pouco distante, quantidades de forças latentes serão postas em atividade, para ajudarem a renovação geral. O fogo esconde por toda a parte sob a cinza; que uma centelha desprenda-se vivamente, e ela sairá impetuosamente, e a conflagração se tornará universal.

"Os elementos espirituais atuais, triturados na imensa fornalha dos cataclismos físicos e morais que se preparam, uns mais depurados seguem o movimento ascensional; os outros, lançados fora com as escórias mais grosseiras, deverão sofrer ainda várias destilações sucessivas, antes de se juntarem aos seus irmãos mais avançados. Ah! eu compreendo diante dos acontecimentos que o futuro nos reserva, estas palavras do filho de Maria: Haverá pranto e ranger de dentes. Fazei, pois, de sorte, meus amigos, de serem todos convidados ao banquete da inteligência e de não fazerem parte daqueles que serão atirados para as trevas exteriores.

"Antes de morrer, cedi a uma última fraqueza, obedeci a um preconceito recebido, não que a minha crença tenha enfraquecido diante do medo do desconhecido, mas para não me singularizar. Aliás! depois de tudo, a palavra de um homem que vos falou futuro é boa para se ouvir no momento da grande viagem; essa palavra está cercada de ensinamentos velhos, de práticas usadas, eu o quero muito, mas ela não é menos a palavra de esperança e de consolação.

"Ah! vejo com os olhos do espírito, vejo um tempo onde o Espírita, em sua partida, será também cercado de irmãos que lhe falarão do futuro, de esperança de felicidade! Meu Deus, obrigado, uma vez que me permitistes ver a luz da verdade em meus últimos instantes; obrigado, por esse abrandamento de minhas provas. Se fiz algum bem, é a esta crença bendita que eu o devo, foi ela que me deu a fé, o vigor material e a força moral necessários para curar; foi ela que me deixou a minha lucidez de espírito até meus últimos momentos, que me permitiu suportar sem murmurar a cruel doença que me levou.

"Perguntais qual é essa afecção pela qual sucumbi; ah! meu Deus, é muito simples; as vísceras nas quais se opera a assimilação dos elementos novos, não tendo mais a força necessária para agirem, as moléculas usadas para a ação vital são eliminadas antes que outras venham substituí-las. Mas que importa a doença da qual se morre, quando a morte é uma libertação! Obrigado ainda, caro amigo, pelo bom pensamento que vos levou a pedir a minha evocação; dizei à minha mulher que estou feliz, que ela me reencontrará amando-a sempre, e que esperando o seu retorno, não deixarei de cercá-la de meu afeto e de ajudá-la com os meus conselhos.

"Agora, algumas palavras para vós pessoalmente, meu caro Dumas. Postes um dos primeiros chamados a plantar a bandeira da Doutrina neste país, e muito naturalmente encontrastes obstáculos, dificuldades; se o vosso zelo não foi recompensado com tanto sucesso quanto o esperáveis e que pareciam prometer os inícios, e que é preciso tempo para desenraizar os preconceitos e a rotina num meio entregue à vida material; é preciso já ser avançado para assimilar prontamente novas idéias que mudam os hábitos. Lembrai-vos de que o primeiro pioneiro que explica, muito raramente é aquele que colhe; ele prepara a terra para os que vêm depois dele. Postes esse pioneiro: era a vossa missão; é uma honra e uma felicidade que estou feliz de ter partilhado um pouco e que apreciareis um dia, como posso fazê-lo hoje, porque vos serão tidos em conta os vossos esforços. Não creiais que nos temos dado a um trabalho inútil; não, nenhuma das sementes que distribuímos está perdida; elas germinarão e frutificarão quando o momento de desabrochar tiver chegado. A idéia está lançada e fará o seu caminho; felicitai-vos de ter sido um dos obreiros escolhidos para esta obra. Tivestes dissabores, decepções: era a prova de vossa fé e de vossa perseverança, sem isto, onde estaria o mérito em cumprir uma missão, se não se encontrassem senão rosas em seu caminho?

"Não vos deixeis, pois, abater pelas decepções; não cedais sobretudo ao desencorajamento e lembrai-vos desta palavra do Cristo: "Bem-aventurados aqueles que perseveraram até o fim" e esta: "Bem-aventurados aqueles que sofrerão por meu nome." Perseverai, pois, caro amigo, prossegui vossa obra e pensai que os frutos que se colhem para um mundo onde estou agora, vale mais do que aqueles que se colhem na terra, onde se os deixa partindo.

"Dizei, eu vos peço, a todos aqueles que me testemunharam a afeição e que me guardam um bom lugar em suas lembranças, que eu não os esqueço e que freqüentemente estou no meio deles; dizei àqueles que repelem ainda as nossas crenças, que quando estiverem onde estou, reconhecerão que era a verdade, e que lamentarão amargamente tê-la menosprezado, porque lhes será preciso recomeçar penosas provas; dizei àqueles que me fizeram mal que eu os perdôo e que peço a Deus para os perdoar.

"Aquele que vos será sempre devotado,

E. QUÍNEMANT."

O CONDE D'OURCHES.

O conde d'Ourches foi um dos primeiros que se ocuparam das manifestações espíritas em Paris, desde o momento em que ali chegaram os relatos daquelas que tiveram lugar na América. Pelo crédito que a sua posição social lhe dava, sua fortuna, suas relações de família, e, acima de tudo, sua lealdade e a honradez de seu caráter, contribuíram poderosamente para a sua vulgarização. Ao tempo da vogadas mesas girantes, seu nome tinha adquirido uma grande notoriedade e uma certa autoridade no mundo dos adeptos; tem, pois, seu lugar marcado nos anais do Espiritismo. Apaixonado pelas manifestações físicas, dava-lhe uma confiança ingênua, um tanto cega e da qual, às vezes, se abusou pela facilidade com a qual elas se prestam à imitação. Exclusivamente dado a esse gênero de manifestações do único ponto de vista do fenômeno, não seguiu o Espiritismo em sua nova fase científica e filosófica, pela qual ele tinha pouca simpatia, e permaneceu estranho ao grande movimento que se operou há dez anos.

Ele morreu em 5 de maio de 1867 com a idade de 80 anos. O *Indépendance Belge* publicou sobre ele um muito longo e muito interessante artigo biográfico, assinado por Henry de Pene, e reproduzido *n a Gazette des Etrangers* de Paris (5, rua Scribe) de quinta-feira, 23 de maio; ali prestou plena justiça às suas eminentes qualidades, e a sua crença nos Espíritos, e julgou com uma moderação à qual o primeiro desses jornais não nos tinha habituado. O artigo termina assim:

"Tudo isto, eu o sei, fará levantar as espáduas a um certo número de espíritos positivos que dizem: "Ele é louco!" de todo cérebro que tem compartimentos que eles não têm. Ele é louco, é logo dito. O conde d'Ourches era um homem superior que se tinha proposto por objetivo de o levar a seus semelhantes unido as luzes positivas da ciência às luzes e às visões do sobrenatural."

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS

O MAGNETISMO E O ESPIRITISMO COMPARADOS.
(Sociedade de Paris, 17 de maio de 1867, méd, Sr. Desliens.)

"Quando vivo, ocupei-me da prática do magnetismo do ponto de vista exclusivamente material; pelo menos, assim eu o acreditava; sei hoje que a elevação voluntária ou involuntária da alma que faz desejar a cura do doente, é uma verdadeira magnetização espiritual.

"A cura prende-se a causas excessivamente variáveis: Tal doença, tratada de tal maneira, cede diante da força de ação material; tal outra, que é idêntica, mas menos acentuada, não sofre nenhuma espécie de melhora, se bem que os meios curativos empregados sejam talvez mais poderosos ainda. A que se prendem, pois, essas variações de influências? -A uma causa ignorada da maioria dos magnetizadores que não atacam senão os princípios mórbidos materiais; elas são a consequência da situação moral do indivíduo.

"A doença material é um efeito; para destruir este efeito, não basta atacá-lo, tomá-lo corpo a corpo e aniquilá-lo; a causa existindo sempre, reproduzirá de novo efeitos mórbidos enquanto a ação curativa estiver longe.

"O fluido transmissor da saúde no magnetizador é um intermediário entre a matéria e a parte espiritual do ser, e que se poderia comparar ao perispírito. Ele une dois corpos um ao outro; é um ponto sobre o qual passam os elementos que devem levar a cura nos órgãos doentes. Sendo um intermediário entre o Espírito e a matéria, em consequência de sua constituição molecular, esse fluido pode transmitir tão bem uma influência espiritual quanto uma influência puramente animal.

"Em definitivo, o que é o Espiritismo, ou antes, o que é a mediunidade, esta faculdade incompreendida até aqui, e cuja extensão considerável estabeleceu sobre bases incontestáveis os princípios fundamentais da nova revelação? É puramente e simplesmente uma variedade da ação magnética exercida por um ou por vários magnetizadores *desencarnados*, sobre um sujeito humano agindo no estado de vigília ou no estado extático, conscientemente ou inconscientemente.

"O que é, de outra parte, o magnetismo? uma variedade do Espiritismo na qual os Espíritos *encarnados* agem sobre outros Espíritos encarnados.

"Existe, enfim, uma terceira variedade do magnetismo ou do Espiritismo, segundo se o tome por ponto de partida da ação de encarnados sobre desencarnados, ou a de Espíritos relativamente livres sobre Espíritos aprisionados num corpo; essa terceira variedade, que tem por princípio a ação dos encarnados sobre os Espíritos, se revela no tratamento e na moralização dos Espíritos obsessores.

"O Espiritismo não é, pois, senão do magnetismo espiritual, e o magnetismo não é outra coisa senão do Espiritismo humano.

"Com efeito, como procede o magnetizador que quer submeter à sua influência um sujeito sonambúlico? Ele o envolve com o seu fluido; o possui numa certa medida, e, notai-o, sem jamais chegar a aniquilar seu livre arbítrio, sem poder dele fazer sua coisa, um instrumento puramente passivo. Frequentemente o magnetizado resiste à influência do magnetizador e age num sentido quando este desejaria que a ação fosse diametralmente oposta. Embora geralmente o sonâmbulo esteja adormecido, e que o seu próprio Espírito age enquanto seu corpo permanece mais ou menos inerte, ocorre também, porém mais raramente, que o sujeito simplesmente fascinado, iluminado, permanece num estado de vigília, se bem que com uma maior tensão de espírito e uma exaltação desabituada de suas faculdades.

"E agora, como procede o Espírito que deseja se comunicar? Ele envolve o médium com seu fluido; ele o possui numa certa medida, sem jamais chegar a dele fazer sua coisa, um instrumento puramente passivo. Vós me objetareis talvez que, nos casos de obsessão, de possessão, a aniquilação do livre arbítrio parece ser completa. Haveria muito a dizer sobre esta questão, porque a ação anulatória pesa mais sobre as forças vitais materiais do que sobre o Espírito que pode se encontrar paralisado, abatido e na

impossibilidade de resistir, mas cujo pensamento jamais está aniquilado, assim como se pode notá-lo em muitas ocasiões. Eu acho no próprio fato da obsessão uma confirmação, uma prova em apoio de minha teoria, lembrando que a obsessão se exerce também *de encarnado a encarnado*, e que se viram magnetizadores se aproveitarem do domínio que exerciam para fazer seus sonâmbulos cometerem ações censuráveis. Aqui como sempre, a exceção confirma a regra.

Se bem que, geralmente, o sujeito medianímico esteja desperto, em certos casos, que se tomam cada vez mais freqüentes, o sonambulismo espontâneo se declara no médium, e ele fala por si mesmo ou por sugestão absolutamente, como o sonâmbulo magnético se conduz nas mesmas circunstâncias.

"Enfim, como procedeis com relação aos Espíritos obsessores, ou simplesmente inferiores, que desejais moralizar? Agis sobre eles por atração fluídica; vós os magnetizais, inconscientemente o mais freqüentemente, para retê-los em vosso círculo de ação; conscientemente algumas vezes, quando estabeleceis ao redor deles uma toalha fluídica que não podem penetrar sem a vossa permissão, e agis sobre eles pela força moral que não é outra do que uma ação magnética quintessenciada.

"Como se vos disse muitas vezes, não há lacunas na obra da Natureza, não há saltos bruscos, mas transições insensíveis que fazem que se passe, pouco a pouco, de um estado a um outro, sem se aperceber da mudança de outro modo do que pela consciência de uma situação melhor.

"O magnetismo é, pois, um grau inferior do Espiritismo, e que se confunde insensivelmente com este último por uma série de variedades, diferindo pouco um do outro, como o animal é um estado superior da planta, etc. Num como no outro, são dois degraus da escala infinita que liga todas as criações, desde o ínfimo átomo até Deus criador! Acima de vós está a luz ofuscante que vossos fracos olhos não podem ainda suportar; abaixo, estão as trevas profundas que vossos mais poderosos instrumentos de ótica não puderam ainda esclarecer. Ontem, nada sabíeis; hoje, vedes o abismo profundo no qual se perde a vossa origem. Pressentis o objetivo infinitamente perfeito para o qual tendem todas as vossas aspirações; e a quem deveis todos esses conhecimentos? ao magnetismo! ao Espiritismo, a todas as revelações que decorrem de uma lei de relação universal entre todos os seres e seu criador! a uma ciência eclodida ontem por vossa concepção, mas cuja existência se perde na noite dos tempos, porque ela é uma das bases fundamentais da criação.

"De tudo isto, concluo que o magnetismo, desenvolvido pelo Espiritismo, é a chave de abóbada da saúde moral e material da humanidade futura.

"E.QUINEMANT."

Nota. A justeza das apreciações e as profundezas do novo ponto de vista que esta comunicação encerra, não escaparão a ninguém. O Sr. Quinemant, embora partido depois de bem pouco tempo, se revela desde o início, e sem a menor hesitação, como um Espírito de uma incontestável superioridade. Apenas liberto da matéria, que não parece ter deixado sobre ele nenhum traço, desdobra as suas faculdades com uma força notável, que promete a seus irmãos da Terra um bom conselheiro a mais.

Aqueles que pretendiam que o Espiritismo se arrastava na rotina dos lugares comuns e das banalidades, podem ver, pelas questões que ele aborda há algum tempo, se está estacionário, e o verão melhor ainda, à medida que lhes forem permitido desenvolver suas conseqüências. No entanto, ele não ensina, propriamente falando, nada de novo; estudando-se com cuidado seus princípios constitutivos fundamentais, ver-se-á que encerram os germes de tudo; mas esses germes não podem se desenvolver senão gradualmente; se todos não florescem ao mesmo tempo, é que a extensão do círculo de suas atribuições não depende *da vontade dos homens*, mas da dos Espíritos, que regulam o grau de seu ensino sobre a oportunidade. É em vão que os homens gostariam

de antecipar no tempo; eles não podem constranger a vontade dos Espíritos que agem segundo as inspirações superiores, e não se deixam ir pela impaciência dos encarnados; eles sabem, se for preciso, *tomar essa impaciência estéril*. Deixai-os, pois, agir; fortaleçamo-nos naquilo que nos ensinam, e estejamos certos que saberão fazer dar, em tempo útil, pelo Espiritismo, o que devem dar.

BIBLIOGRAFIA.

UNIÃO ESPÍRITA DE BORDEAUX.

O último numerado *Union*, que nos chegou há pouco, e que termina o seu segundo ano, contém o aviso seguinte:

"Absorvido pelo trabalho material que nos impõe a necessidade de prover às nossas necessidades e às da família, que temos a tarefa de educar, não nos foi permitido fazer aparecer regularmente os últimos números do *Union Spirite*. Não o esconderemos, em presença dessa tarefa ao mesmo tempo tão penosa e tão ingrata, que nos impusemos, nos perguntamos se não deveríamos nos deter no caminho e deixar a outros, mais favorecidos pela fortuna do que nós, o cuidado de continuar a obra que empreendemos com tanto ardor quanto convicção e fé. Mas, cedendo às instâncias de muitos de nossos leitores, que pensam que o *Union Spirite*, não só tem a sua razão de ser, mas já prestou, e está chamado a prestar, num futuro talvez muito próximo, grandes serviços ao Espiritismo, resolvemos caminhar ainda adiante, e afrontar ainda as dificuldades de todas as espécies que se amontoam sob nossos passos. Somente, a fim de nos tornar possível uma semelhante tarefa e para evitar a irregularidade a qual, infelizmente, até aqui, fomos tão freqüentemente a vítima, tivemos que fazer grandes mudanças em nosso modo de publicação.

"A *Union Spirite* que, em junho próximo, começará seu terceiro ano, doravante aparecerá somente uma vez por mês, em caderno de 32 páginas, grande in-8.0 preço da assinatura será fixado em 40 f ranços por ano.

"Esperamos que nossos assinantes consintam em aceitar estas condições que são, de resto, as da *Revista Espírita* de Allan Kardec, e de quase todas as publicações ou revistas filosóficas de Paris, e que nos enviem o mais cedo possível sua adesão, nos tornarão tão fácil quanto possível o cumprimento da obra à qual, há mais de quatro anos, fizemos com tão grandes sacrifícios.

"A.BEZ."

Somos daqueles que consideram esse jornal como tendo sua razão de ser e sua utilidade; pelo espírito no qual é redigido, pode e deve prestar incontestáveis serviços à causa do Espiritismo. Felicitamos o Sr. Bez pela sua perseverança, apesar das dificuldades materiais que ele encontra em sua própria posição. Ele tomou, a conselho nosso, um muito sábio partido em não o fazendo aparecer senão uma vez por mês, dando-lhe a mesma quantidade de matérias. Pode-se imaginar o tempo e a despesa que causam as publicações que aparecem várias vezes por mês, quando se é obrigado a satisfazê-las sozinho ou quase; é preciso absolutamente não ter nenhuma outra coisa afazer, e renunciara qualquer outra ocupação. Aparecendo em 15 de cada mês, por exemplo, ele alternará com a nossa *Revista*; desta maneira aqueles que gostariam que esta aparecesse mais freqüentemente, o que é impossível, aí encontrarão o complemento daquilo que desejam, e não estarão privados também muito tempo da leitura dos assuntos pelos quais se interessam. Apelamos ao seu concurso, para sustentar essa publicação.

PROGRÈS ESPIRITUALISTE.

Novo jornal aparecendo duas vezes por mês, desde 15 de abril, no formato do antigo *Avenir*, ao qual ele anuncia suceder. O *Avenir* foi feito o representante de idéias às quais não podíamos dar a nossa adesão. Não é uma razão para que essas idéias não tenham seu órgão, a fim de que cada um esteja de modo a apreciá-las, e que se possa julgar de seu valor pela simpatia que elas encontram na maioria dos Espíritas e sua concordância com o ensino da generalidade dos Espíritos. O Espiritismo não adotando senão os princípios consagrados pela universalidade do ensino, sancionado pela razão e pela lógica, sempre caminhou, e sempre caminhará com a maioria; é o que faz a sua força. Não há, pois, nada a temer das idéias divergentes; se elas são justas, prevalecerão, e serão adotadas; se são falsas, cairão.

Não podemos ainda apreciar a linha que seguirá, sob esse aspecto, o novo jornal; em todos os casos, nos fazemos um dever assinalar o seu aparecimento aos nossos leitores, a fim de que possam julgá-lo por si mesmos. Estaremos felizes de encontrar nele um novo combatente sério de sua doutrina, e, neste caso, lhe desejamos bom sucesso.

Escritório: rua da Victoire, n^o 34. - Preço: 10 francos por ano.

PESQUISAS SOBRE AS CAUSAS DO ATEÍSMO.

Em resposta à brochura do Mons. Dupanloup, por um Católico.

Brochura in-8, casa dos Srs. Didier et Compagnie, 35, cais do Augustins, e no escritório da *Revista Espírita*. - Preço: fr. 25 cent. ; pelo correio: 4 fr. 45 cent.

O autor deste notável escrito, embora sinceramente ligado às crenças católicas, se propôs demonstrar ao Mons. Dupanloup quais são as verdadeiras causas da praga do ateísmo e da incredulidade que invade a sociedade; segundo ele, nas interpretações inadmissíveis hoje, e irreconciliáveis com os dados positivos da ciência. Ele prova que, em muitos pontos, a Igreja se afastou do sentido real das Escrituras e do pensamento dos escritores sacros; que a religião não pode senão ganhar com uma interpretação mais racional que, sem tocar nos princípios fundamentais dos dogmas, se conciliem com a razão; que o Espiritismo, fundado sobre as próprias leis da Natureza, é a única chave possível de uma interpretação sadia, e, por isto mesmo, o mais poderoso remédio contra o ateísmo. Tudo isto é dito simplesmente, friamente, sem ênfase nem exaltação, e com uma lógica cerrada. Este escrito é um complemento à *La Foi et la Raison*, pelo Sr. J. B., e aos *Dogmes de l'Eglise du Christ expliqués d'après le Spiritisme*, pelo Sr. de Bottinn.

Embora mulher, a autora faz prova de uma grande erudição teológica; ela cita e comenta com uma notável justeza os escritores sacros de todos os tempos, e com quase tanta facilidade quanto o Sr. Flammarion cita os autores científicos; vê-se que lhe são familiares, o que nos faz dizer que, provavelmente não estão nos inícios dessas matérias, e que deve ter sido algum eminente teólogo em sua precedente existência. Sem partilhar todas as suas idéias, dizemos que, do ponto de vista em que está colocado, não poderia falar nem melhor, nem de outro modo, e que fez uma coisa útil para a época em que estamos.

LÊ ROMAN DE L'AVENIR.
Por E. BONNEMÈRE.

Um volume in-12. Livraria internacional, 15, boulevard Montmartre. -Preço: 3 fr.; pelo correio: 3 fr. 30 cent.

A falta de espaço nos obriga e remeter para o próximo número o relatório desta importante obra, que recomendamos à atenção de nossos leitores, como muito interessante para o Espiritismo.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

10º ANO

NO. 7

JULHO 1867

CURTA EXCURSÃO ESPÍRITA.

A sociedade de Bordeaux, reconstituída, assim como dissemos em nosso número precedente, e se reuniu este ano, como no ano passado, em um banquete que teve lugar no dia do Pentecostes, banquete simples, dizemos em seguida, como convém em semelhante circunstância, e com pessoas cujo objetivo principal é encontrar uma ocasião de se reunir e estreitar os laços de fraternidade; a afetação e o luxo ali não teriam sentido. Apesar das ocupações que nos retinham em Paris, pudemos acederão gracioso e insistente convite que nos foi feito para a ele assistir. O do ano último, que foi o primeiro, não tinha reunido senão três dezenas de convivas; o deste ano havia deles quatro vezes mais, dos quais vários vindos de uma grande distância; Toulouse, Marmande, Villeneuve, Libourne, Niort, Blayee até Carcassonne, que está a 80 léguas, ali tinham seus representantes. Todas as classes da sociedade estavam nele confundidas numa comunidade de sentimentos; lá se encontravam o artesão, o cultivador ao lado do burguês, do negociante, do médico, dos funcionários, dos advogados, dos homens de ciência, etc.

Seria supérfluo acrescentar que tudo se passou como isto deveria ser entre pessoas que têm por divisa: Tora da caridade não há salvação," e que professam a tolerância por todas as opiniões e todas as convicções. Também, nas alocações de circunstância que foram pronunciadas, nem uma palavra foi dita, cuja suscetibilidade mais sombria pudesse chocar; nossos maiores adversários mesmo se ali tivessem se encontrado, não teriam ouvido uma palavra, nem uma alusão à sua proposta.

A autoridade tinha se mostrado cheia de benevolência e de cortesia com respeito a esta reunião, e lhe devemos o agradecimento. Ignoramos se ela ali estava representada de maneira oculta, mas, seguramente, ela pôde se convencer ali, como sempre, de que as doutrinas professadas pelos Espíritas, longe de serem subversivas, são uma garantia de paz e de tranqüilidade; que a ordem pública nada tem a temer de pessoas cujos princípios são os do respeito às leis, e que, em nenhuma circunstância, não cederam às sugestões dos agentes provocadores que procuravam comprometê-los. Vistos sempre se retirarem e se absterem de toda manifestação ostensiva, todas as vezes que puderam temer que se fizesse ali um pretexto de escândalo.

É fraqueza de sua parte? Certamente, não; ao contrário, é a consciência da força de seus princípios que os torna calmos, e a certeza que têm da inutilidade dos esforços tentados para abafá-los; quando se abstêm, não é para colocar suas pessoas ao abrigo, mas para evitar o que poderia recair sobre a Doutrina. Eles sabem que ela não tem necessidade de demonstrações exteriores para triunfar. Vêem suas idéias germinarem por toda a parte se propagarem com uma força irresistível; que necessidade teriam de fazer barulho? Eles deixam esse cuidado aos seus antagonistas, que, por seus clamores,

ajudam a propagação. As próprias perseguições são o batismo necessário a todas as idéias novas um pouco grandes; em lugar de anulá-las, elas lhes dão o brilho; mede-se a sua importância pela obstinação que se põe em combatê-las. As idéias que não se aclimatam senão à força de reclames e de encenações não têm senão uma vitalidade factícia e de curta duração; as que se propagam por si mesmas e pela força das coisas têm a vida nelas, e são as únicas duráveis; é o caso em que se encontra o Espiritismo.

A festa terminou por uma coleta feita em proveito dos infelizes, sem distinção de crenças, e com uma precaução cuja sabedoria não se pode senão louvar. Para deixar toda liberdade, não humilhar ninguém, e não estimular a vaidade daqueles que dariam mais do que os outros, as coisas foram dispostas de maneira a que ninguém, nem mesmo os coletores, soubesse o que cada um havia dado. A receita foi de 85 fr., e os comissários foram imediatamente designados para dela fazer o emprego.

Apesar da brevidade da nossa permanência em Bordeaux, pudemos assistir a duas sessões da sociedade: uma consagrada ao tratamento dos doentes, e a outra aos estudos filosóficos. Pudemos assim constatar, por nós mesmos, os bons resultados que são sempre o fruto da perseverança e da boa vontade. No relatório que publicamos em nosso número precedente sobre a sociedade bordalesa, pudemos, com conhecimento de causa, acrescentar as nossas felicitações pessoais. Mas ela não deve se dissimular de que quanto mais prosperar, mais será o alvo dos ataques de nossos adversários; que ela desconfie, sobretudo, das surdas manobras que poderiam urdir contra ela, e dos pomos de discórdia que, sob a aparência de um zelo exagerado, poderiam lançar seu seio.

Estando o tempo de nossa ausência de Paris limitado pela obrigação de para lá regressar em dia determinado, não pudemos, lamentavelmente, ir aos diferentes centros para os quais fomos convidados; não pudemos senão nos deter alguns instantes em Tours e em Orléans que se encontravam em nossa rota. Lá também pudemos constatar o ascendente que a Doutrina adquire a cada dia na opinião, e seus felizes resultados que, por não serem ainda senão individuais, não são por isto menos satisfatórios.

Em Tours a reunião deveria ter quase cento e cinqüenta pessoas, tanto da cidade quanto das vizinhanças, mas, em consequência da precipitação com a qual a convocação foi feita, somente os dois terços delas puderam ali ir. Uma circunstância imprevista não tendo permitido o aproveitamento da sala que havia sido escolhida, reuniu-se, em uma magnífica noite, no jardim de um dos membros da sociedade. Em Orléans os Espíritas são menos numerosos, mas esse centro não contou com número menor de adeptos sinceros e devotados, aos quais ficamos felizes de apertar a mão.

Um fato constante e característico, e que se deve considerar como grande progresso, é a diminuição gradual e quase geral das prevenções contra as idéias espíritas, mesmo entre aqueles que não as partilham; reconhece-se agora a todos o direito de ser Espírita, como o de ser judeu ou protestante; é alguma coisa. As localidades onde, como em Illiers, no departamento de Eure-et-Loir, amotinaram-se os moleques para fazê-los correr sob golpes de pedras, são exceções cada vez mais raras.

Um outro sinal de progresso não menos característico é a pouca importância que, por toda a parte, os adeptos, mesmo nas classes menos esclarecidas, dão aos fatos de manifestações extraordinárias. Se os efeitos deste gênero se produzem espontaneamente, se os constata mas não comovem mais, não são procurados, e se liga ainda menos em provocá-los. Estima-se pouco o que não satisfaz senão os olhos e a curiosidade; o objetivo sério da Doutrina, suas consequências morais, os recursos que ela pode oferecer para o alívio do sofrimento, a felicidade de reencontrarem os parentes ou amigos que se perdeu e de conversar com eles, escutar os conselhos que vêm dar, fazem o objeto exclusivo e preferido das reuniões espíritas. Nos próprios campos e entre os artesãos, um poderoso médium de efeitos físicos seria menos apreciado do que um bom médium escrevente dando, por comunicações racionais, a consolação e a esperança. O que se procura na Doutrina, antes de tudo, é o que toca o coração. É uma coisa notável a

facilidade com a qual as pessoas, mesmo as mais ilustres, compreendem e assimilam os princípios desta filosofia; é porque não é necessário ser sábio para ter coração e julgamento. Ah! dizem eles, se nos tivessem sempre nos falado assim, jamais teríamos duvidado de Deus e de sua bondade, mesmo nas piores misérias!

Sem dúvida, é alguma coisa crer, porque já é um pé colocado no bom caminho; mas a crença sem a prática é uma letra morta; ora, somos felizes em dizer que, em nossa curta excursão, entre numerosos exemplos dos efeitos moralizadores da Doutrina, encontramos bom número desses Espíritas de coração que se poderia dizer completos se fosse dado ao homem ser completo no que quer que seja, e que se pode considerar como os tipos da geração futura transformada; há-os de todos os sexos, de todas as idades e de todas as condições, desde a juventude até o limite extremo da idade, que realizam desde esta vida as promessas que nos são feitas para o futuro. Eles são fáceis de reconhecer; há em todo o seu ser um reflexo de franqueza e de sinceridade que comanda a confiança; desde o início sente-se que não há nenhum pensamento dissimulado sob palavras douradas ou hipócritas elogios. Ao redor deles, e mesmo na mediocridade, sabem fazer reinar a calma e o contentamento. Nesses interiores benditos respira-se uma atmosfera serena que reconcilia com a Humanidade, e compreende-se o reino de Deus sobre a Terra; felizes aqueles que sabem disto gozar por antecipação! Em nossas viagens espíritas, é menos o número de crentes que calculamos e que mais nos satisfaz, que aqueles desses adeptos que são a honra da Doutrina e que são dela, ao mesmo tempo, os mais firmes sustentáculos, porque a fazem estimar e respeitar neles.

Vendo o número dos felizes que o Espiritismo faz, esquecemos facilmente as fadigas inseparáveis de nossa tarefa. Está aí uma satisfação, um resultado positivo, que a mais obstinada malevolência não pode nos tirar; poder-se-ia nos tirara vida, os bens materiais, mas jamais a felicidade de ter contribuído para levar a paz aos corações ulcerados. Para quem sonde os motivos secretos que fazem certos homens agir, há lamas que mancham aqueles que a lançam, e não aqueles a quem a lançam.

Que todos aqueles que nos deram, nesta última viagem, tão tocantes testemunhos de simpatia, recebam aqui nossos muito sinceros agradecimentos, e estejam seguros de que serão pagos em retorno.

A LEI E OS MÉDIUNS CURADORES.

Sob o título de *Um Mistério*, vários jornais do mês de maio último reportaram o fato seguinte:

"Duas senhoras do bairro Saint-Germain se apresentaram, num destes últimos dias, na casa do comissário de seu quarteirão e lhe assinalaram o nome P..., que tinha, disseram elas, abusado de sua confiança e de sua credulidade, em lhes afirmando que as curaria de doenças, contra as quais seus cuidados tinham sido impotentes.

Tendo aberto, a esse respeito, um inquérito, o magistrado concluiu de que P... passava por um hábil médico, cuja clientela aumentava cada dia, e que fazia curas extraordinárias.

"Segundo suas respostas às perguntas do comissário, P... parecia convencido que é dotado de uma faculdade sobrenatural que lhe dará o poder de curar nada senão pela imposição das mãos sobre os órgãos doentes.

"Durante vinte anos ele foi cozinheiro; e era mesmo citado por um dos hábeis em seu ofício, que abandonou há um ano para se consagrar à arte de curar.

"A se crer nele, teria tido várias visões e aparições misteriosas nas quais um enviado de Deus lhe teria revelado que tinha a cumprir, sobre a Terra, uma missão de humanidade, à qual não deveria falhar sob pena de ser condenado. Obedecendo, disse

ele, a essa ordem vinda do céu, o antigo cozinheiro instalou-se num apartamento da rua Saint-Placide, e os doentes não tardaram em fartar-se em suas consultas.

"Ele não prescreve medicamentos; examina o paciente que deve tratar quando está em jejum, apalpa-o, procura e descobre a sede do mal, sobre o qual aplica suas mãos dispostas em cruz, pronuncia algumas palavras que são, disse ele, o seu segredo; depois, na sua prece, um Espírito invisível vem e leva o mal.

"P..., certamente, é um louco; mas o que há de extraordinário, de inexplicável, é que ele provou, assim como o inquérito constatou, que, por esse singular procedimento, curou mais de quarenta pessoas afetadas de doenças graves.

"Várias lhe testemunharam seu reconhecimento pelos dons em dinheiro; uma velha senhora, proprietária nas cercanias de Fontainebleau, o tem, por um testamento encontrado em sua casa, onde uma perquirição foi praticada, por seu herdeiro com uma quantia de 40.000 f r.

"P... foi mantido em estado de encarceramento, e seu processo, que, sem dúvida, não tardará em ocorrer na polícia correccional, promete ser curioso."

Não nos fazemos nem o apologista nem o detrator do Sr. P..., que não conhecemos. Ele está em boas ou más condições? É sincero ou charlatão? Ignoramo-lo; será o futuro que no-lo provará; não tomamos fato e causa nem pró nem contra ele. Mencionamos o fato tal como nos foi reportado, porque vem juntar-se a todos aqueles que acreditam na idéia de existência de uma dessas faculdades estranhas que confundem a ciência e aqueles que não querem nada admitir fora do mundo visível e tangível. À força de deles ouvir falar e de veros fatos se multiplicarem, se está muito forçado a convir que há alguma coisa, e pouco a pouco se faz a distinção entre a verdade e a hipocrisia.

No relato que precede, sem dúvida, notou-se esta curiosa passagem, e a contradição não menos curiosa que ela encerra:

"P..., *certamente*, é um louco, mas o que há de extraordinário, de *inexplicável*, é que *ele provou*, assim como *o constata o inquérito*, que, por esse singular procedimento, ele curou mais de quarenta pessoas afetadas de doenças graves."

Assim, o inquérito *constata* as curas; mas porque o meio que ele emprega é inexplicável, e não é reconhecido pela Faculdade, ele, *certamente*, é louco. A esta conta, o abade príncipe de Hohenlohe, cujas curas maravilhosas reportamos na *Revista* de dezembro de 1866, p. 368, era um louco; o venerável cura d'Ars, que, ele também, fazia curas poveses singulares procedimentos, era um louco, e tantos outros; o Cristo, que curava sem diploma e sem emprego de medicamentos, era louco, e teria pago muitas das multas em nossos dias. Louco ou não, quando há cura, há muitas pessoas que preferem ser curadas por um louco a serem enterradas por um homem de bom senso.

Com um diploma, todas as excentricidades médicas são permitidas.

Um médico, cujo nome esquecemos, mas que ganha muito dinheiro, emprega um procedimento de outro modo bem bizarro; com um pincel ele maquilha o rosto de seus doentes com pequenos losangos vermelhos, amarelos, verdes, azuis dos quais cerca os olhos, o nariz, a boca em quantidade proporcional à natureza da doença. Sobre que dado científico está fundado esse gênero de medicação? Um mau gracejo do redator pretendeu que para se poupar de enormes despesas de publicidade, esse médico os fazia levar grátis por seus doentes, sobre seu rosto. Vendo nas ruas esses rostos tatuados, pergunta-se naturalmente o que é? E os doentes respondem: É o procedimento do célebre doutor um tal. Mas ele é médico; que seu procedimento seja bom, mau ou insignificante, não está aí a questão; tudo lhe é permitido, mesmo ser charlatão: está autorizado pela Faculdade; que um indivíduo não diplomado queira imitá-lo, será perseguido por trapaça.

Reclama-se sobre a credulidade do público a respeito dos charlatães; admira-se da afluência que se leva a alguém que anuncia um novo meio de curar, nos sonâmbulos,

curadores e outros; da predileção pelos remédios de doméstica e se o liga à inépcia da espécie humana! A verdadeira causa liga-se à vontade muito natural que os doentes têm de se curar, e ao insucesso da medicina num muito grande número de casos; se os médicos curassem mais freqüentemente e mais seguramente, não se iria a outra parte; ocorre mesmo, quase sempre, que não se tem recursos a meios excepcionais senão depois de ter esgotado inutilmente os recursos oficiais; ora, o doente que quer ser curado a qualquer preço, pouco se incomoda de sê-lo segundo a regra ou contra a regra.

Não repetiremos aqui o que está hoje claramente demonstrado sobre as causas de certas curas, inexplicáveis somente para aqueles que não querem se dar ao trabalho de remontar à fonte do fenômeno. Se a cura tem lugar, é um fato, e esse fato tem uma causa; é mais racional negá-la do que procurá-la? - É o acaso, dir-se-á; o doente curou-se sozinho. - Seja; mas então o médico que o declarou incurável dava prova de uma grande ignorância. E depois, se houver vinte, quarenta, cem curas semelhantes, será sempre o acaso? Isto seria, é preciso convir, um acaso singularmente perseverante e inteligente, ao qual poder-se-ia dar o nome de *doutor Acaso*.

Examinaremos a questão sob um ponto de vista mais sério.

As pessoas não diplomadas que tratam os doentes pelo magnetismo; pela água magnetizada que não é senão uma dissolução do fluido magnético; pela imposição das mãos, que é uma magnetização instantânea e poderosa; pela prece, que é uma magnetização mental; com o concurso dos Espíritos, o que é ainda uma variedade de magnetização, são elas passíveis da lei contra o exercício ilegal da medicina?

Os termos da lei, certamente, são muito elásticos, porque ela não especifica os meios. Rigorosamente e logicamente não se pode considerar como exercendo a arte de curar, senão aqueles que dela fazem profissão, quer dizer, que dela tirem proveito. No entanto, viram-se condenações pronunciadas contra indivíduos se ocupando desses cuidados por puro devotamento, sem nenhum interesse ostensivo ou dissimulado. O delito está, pois, sobretudo, na prescrição dos remédios. No entanto, o desinteresse *notório* é geralmente tomado em consideração como circunstância atenuante.

Até o presente, não se tinha pensado que uma cura pudesse ser operada sem o emprego de medicamentos; a lei, pois, não previu o caso de tratamentos curativos sem remédios, e não seria senão por extensão que se a aplicaria aos magnetizadores e aos médiuns curadores. A medicina oficial não reconhecendo nenhuma eficácia no magnetismo e seus anexos e ainda menos na intervenção dos Espíritos, não se poderia legalmente condenar, por exercício ilegal da medicina, os magnetizadores e os médiuns curadores que nada prescrevem, ou nada mais do que água magnetizada, porque então isto seria reconhecer oficialmente uma virtude ao agente magnético, e colocá-lo na classe dos meios curativos; isto seria compreender o magnetismo e a mediunidade curadora na arte de curar, e dar um desmentido à faculdade. O que se faz, algumas vezes, em semelhante caso, é condenar por *delito de espoliação fraudulenta*, e abuso de confiança, como fazendo pagar uma coisa sem valor, aquele que dela tira um proveito direto ou indireto, ou mesmo dissimulado sob o nome de retribuição facultativa, véu no qual não é preciso sempre se fiar. A apreciação do fato depende inteiramente da maneira de encarar a coisa em si mesma; é freqüentemente uma questão de opinião pessoal, a menos que não haja abuso presumido, caso no qual a questão de boa fé entra sempre em linha de conta; a justiça, então, aprecia as circunstâncias agravantes ou atenuantes.

Ocorre inteiramente de outro modo para aquele cujo desinteresse é confirmado e completo; desde que não prescreve nada e não recebe nada, a lei não pode atingi-lo, ou bem seria preciso lhe dar uma extensão que nem o espírito nem a letra comportam. Onde não há nada a ganhar, não se poderia ver o charlatanismo. Não há nenhum poder no mundo que possa se opor ao exercício da mediunidade ou magnetização curadora, na verdadeira acepção da palavra.

No entanto, dir-se-á, o Sr. Jacob não fazia pagar nada, e por isto não foi menos interdito. Isto é verdade, mas não foi nem perseguido, nem condenado pelo fato do qual se tratava; a interdição era uma medida de disciplina militar, por causa da perturbação que poderia causar ao campo de influência das pessoas que a ela se entregavam, e, se depois, foi desculpada dessa interdição, foi que isso lhe foi conveniente. Se ela não tivesse pertencido ao exército, ninguém poderia inquietá-lo. (Vide, Revista de março de 1865, página 76: *O Espiritismo e a Magistratura.*)

ILLIERS E OS ESPÍRITAS.

Sob este título, o *Journal de Chartres*, de 20 de maio último, continha a correspondência seguinte:

"Illiers, 20 de maio de 1867.

"Estamos no mês de maio ou no carnaval? Acreditei-me nesta última época no último domingo. Como atravesso Illiers, pelas quatro horas da tarde, encontrei-me em face de um ajuntamento de sessenta, oitenta, cem moleques talvez, seguidos de uma multidão numerosa gritando a plenos pulmões, à luz dos Lampiões: Lá vai o feiticeiro! Lá vai o feiticeiro! lavai o cão louco! lá vai Grezelle! e acompanhando de vaias um bravo e plácido camponês, de olhar desvairado, com ar espantado, que ficou muito feliz em encontrar uma mercearia para lhe servir de refúgio. É que, depois dos cantos e das vaias, vinham as injúrias e voavam as pedras, e o pobre diabo, sem esse asilo, talvez tivesse um mau partido.

"Perguntei a um grupo que ali se encontrava o que isso queria dizer; foi-me contado que, há algum tempo, todas as sextas-feiras havia uma reunião de Espíritas na Sorcellerie, comuna de Vieuvicq, à porta de Illiers. O grande Pontífice que presidia essas reuniões era um maçom chamado Grezelle, era esse infeliz que vinha de se ver tão maltratado. É que, dizia-se, há alguns dias, tinham se passado coisas muito esquisitas. Ele teria visto o diabo, teria evocado as almas que lhe teriam revelado coisas pouco lisongeiras para certas famílias.

Breve, várias mulheres teriam se tornado loucas, e certos homens caminharam sobre seus traços; parece mesmo que o Pontífice abre a caminhada; sempre que uma jovem de Illiers perdeu totalmente a cabeça. Ter-lhe-iam dito que, por certas faltas, lhe seria preciso que fosse ao purgatório. Sexta-feira, ela dava seus adeuses a todos os seus parentes e vizinhos, e sábado, depois de ter feito seus preparativos de partida, ela ia se jogar no rio; felizmente foi vigiada e chegaram bastante a tempo para retardar a viagem.

"Compreende-se que este acontecimento tenha emocionado a opinião pública. A família dessa jovem tinha se exaltado, e vários membros armados de um bom chicote foram levá-lo ao Pontífice, que teve a felicidade de escapar de suas mãos. Ele queria deixar a Sorcellerie de Vieuvicq para vir estabelecer sua algazarra em Illiers, em lugar dito a Folie-Valleran. Disseram que dois bravos pais de família que lhe serviam de meninos de coro pediram-lhe para não vir para la Folie, é a loucura que irá nele; falou-se também que a polícia dele iria se ocupar.

"Deixai, pois, os moleques de Illiers se divertirem. Eles bem saberão dele triunfar. Há dessas coisas que morrem aniquiladas pelo ridículo.

"LÉON GAUBERT."

O mesmo jornal, em seu número de 13 de junho de 1867, contém o que se segue:

Em resposta a uma carta trazendo a assinatura do Sr. Léon Gaubert, publicada em nosso número de 26 de maio último, recebemos a comunicação seguinte, à qual conservamos, escrupulosamente, a sua originalidade:

"La Certellerie, 4 de junho de 1867.

"Senhor Redator,

"Em vosso jornal de 26 de maio, tornastes pública uma carta na qual vosso correspondente me aniquila para vos fazer ver como fui maltratado em Illiers. Pedreiro e pai de família, tenho o direito de reparação depois de ter sido tão violentamente atacado, e espero que venhas a consentir em conhecer a verdade depois de deixar propagar o erro.

"É bem verdade, como essa carta o diz, que as crianças da escola e muitas pessoas que estimava, me perseguem cada vez que passo por Illiers. Duas vezes, sobretudo, deixei de sucumbir aos golpes de pedras, de bastões e outros objetos que se lançaram sobre mim, e hoje ainda, se fosse a Illiers onde sou muito conhecido, seria cercado, ameaçado, maltratado. Além dos materiais que chovem, enche-se o ar de injúrias: *louco, feiticeiro, espírita*, tais são as doçuras mais comuns com que me regalam. Felizmente, nada há de verdadeiro nisso, tudo o que vosso correspondente vos *escreveu* (o texto traz: tudo o que vosso correspondente acrescenta), é falso e jamais existiu senão na imaginação das pessoas que procuraram amotinar a população contra nós.

"O Sr. Léon Gaubert, que assinou vossa carta, é completamente desconhecido na região; disseram-me que é um anônimo, se bem retive a palavra. Eu digo que se se esconde, é que se sente que não se faz bem; diria, pois, com toda a franqueza, ao Sr. Léon Gaubert: Fazei como eu, colocai o vosso verdadeiro nome.

"O Sr. Léon Gaubert disse que uma senhora, em conseqüência de excitações e de práticas espíritas, tornou-se louca e quis se afogar. Não sei se realmente ela quis se afogar; muitas pessoas me dizem que isso não é verdadeiro, mas, quando mesmo o fosse, com isso não tenho absolutamente nada. Essa mulher é uma revendedora, sua reputação está feita aqui há muitíssimo tempo, e não se falava ainda de Espiritismo quando já era *como aqui* (o texto traz *conhecida aqui*), como ela o é nesta hora. Suas irmãs a ajudam a perseguir-me. Eu vos declaro que ela jamais se ocupou de Espiritismo: seus instintos a levam numa direção contrária. Ela jamais assistiu às nossas reuniões, e jamais colocou os pés na casa de nenhum Espírita da região.

"Porque, pois, dir-me-eis, vos querela, e porque se vos quer tanto em Illiers? É um enigma para mim; não percebi senão uma coisa, é que muitas pessoas, antes que a primeira cena aparecesse, disso pareciam instruídas antecipadamente, e nesse dia, quando entrei nas ruas de Illiers, notei bem o povo nas portas e nas janelas.

"Sou um trabalhador honesto, Senhor; ganho honradamente o meu pão. O Espiritismo não me impede de nenhum modo de trabalhar, e se alguém tiver a menor censura séria a me dirigir, que nada tema. Nós temos leis, e, nas circunstâncias em que me encontro, o primeiro que peço é que as leis do país sejam bem observadas.

"Quanto a ser Espírita, disto nada escondo; é muito verdadeiro, sou Espírita. Meus dois rapazes, jovens ativos, organizados e florescentes, ambos são médiuns. Um e o outro amam o Espiritismo e, como seu pai, crêem, oram, trabalham, se melhoram e tratam de se elevarem. Mas, que mal haveria aí? Quando a cólera me diz para me vingar, o Espiritismo me detém e me diz: Todos os homens são irmãos; faze o bem àqueles mesmos que te fazem o mal, e me encontro mais calmo, mais forte.

"O cura me recusou o confessionário, porque sou Espírita; se eu viesse carregá-lo com todos os crimes possíveis, ele me absolveria; mas Espírita, crendo em Deus e fazendo o bem segundo o meu poder, não encontro graça aos seus olhos. Muitas pessoas de Illiers não fazem de outro modo, e tal de nossos inimigos que, nessa hora, me

lança a pedra porque sou Espírita, faria melhor me absolvendo, e me aplaudiria o dia em que me encontrasse numa orgia."

Nota. Este parágrafo entre aspas, que estava na carta original, foi suprimido pelo jornal.

"Para agradar, eu não saberia dizer negro quando vejo branco; tenho convicções; o Espiritismo é para mim a mais bela das verdades; que quereis? Se quer me forçar a dizer o contrário daquilo que penso, de tudo que vejo, e quando se fala tanto de liberdade, é preciso que seja suprimida na prática?

"Vosso correspondente disse que eu queria deixar a Sorcellerie para ir estabelecer minha feitiçaria na Folie-Valleran. Ao ver o Sr. Léon Gaubert inventar tantas palavras desagradáveis, verdadeiramente, dir-se-ia que ele está possuído da raiva de dar, sobre a cabeça de todo o mundo, os mais desajeitados golpes com colher de pedreiro. O Sr. Valleran é um dos proprietários mais respeitáveis da região, e, levantando uma construção magnífica, fez ganhar dinheiro a muitos obreiros por um trabalho honesto e lucrativo. Tanto pior para aquele que nisto está vexado ou não o imitaria senão com recuos.

"Sede bastante bom, Senhor, para fazer parte de minha carta aos vossos leitores, e enganar como justas as pessoas que, na primeira carta publicada por vós, induziram ao erro.

"Aceitai, etc.

"GREZELLE."

O redator do jornal disse que conserva *escrupulosamente* essa carta em sua originalidade; sem dúvida, ele quer dizer por aí a forma do estilo que, num pedreiro da aldeia, não é a de um literato. É provável que num estilo mais incorreto ainda, esse pedreiro tivesse escrito contra o Espiritismo, não se o teria achado ridículo. Mas uma vez que se prendia tão escrupulosamente em conservar a originalidade da carta, por que suprimir um parágrafo? Em caso de inexatidão a responsabilidade recairia sobre seu autor. Para estar rigorosamente no verdadeiro, o jornal deveria acrescentar que tinha primeiro recusado a publicação dessa carta, e que não cedeu senão diante da iminência de perseguições judiciais, cujas conseqüências eram inevitáveis, uma vez que se tratava de um homem estimado, atacado pelo próprio jornal, em sua honra e sua consideração.

O autor da primeira carta, sem dúvida, pensou que a deturpação burlesca dos fatos não bastaria para lançar o ridículo sobre os Espíritos; acrescentou uma grande malícia, transformando o nome da localidade, que é *la Certellerie* no de *la Sorcellerie*; é talvez mais espirituoso para as pessoas que gostam do sal grosso, mas não do sal ático, e ainda menos o requerido; este gênero de ridículo nunca matou nada.

É preciso considerar esses fatos como lamentáveis? Eles o são, sem dúvida, para aqueles que lhes foram as vítimas, mas não para a Doutrina, à qual não podem senão aproveitar.

De duas coisas uma: ou as pessoas que se reúnem nessa localidade se entregam a uma indigna comédia, ou são pessoas honradas, sinceramente Espíritas. No primeiro caso, é prestar um grande serviço à Doutrina desmascarando aqueles que dela abusam ou que misturam seu nome a práticas ridículas. Os Espíritas sinceros não podem senão aplaudir a tudo o que tende a desembaraçar o Espiritismo dos parasitas de má-fé, sob qualquer forma que se apresentem, e jamais tomaram fato e causa pelos escamoteadores e pelos charlatões. No segundo, ele não pode senão ganhar pela ressonância que lhe dá uma perseguição apoiada sobre fatos controversos, porque ela excita as pessoas a se perguntarem daquilo que é; ora, o Espiritismo não pede senão ser conhecido, sendo bem certo que um exame sério é o melhor meio de destruir as prevenções naqueles que não o conhecem. Não estaríamos, pois, surpresos que essa empresa frustrada não tenha um

resultado diferente daquele que dela esperavam aqueles que a provocaram, e que ela não seja a causa de uma recrudescência no número dos adeptos da localidade. Assim o foi por toda parte onde uma oposição um pouco violenta se manifestou.

Que fazer, então, dir-se-ão os adversários? Se deixarmos fazer, o Espiritismo caminha; se agirmos contra, ele caminha mais depressa. - A resposta é muito simples: reconhecer que o que não se pode impedir está na vontade de Deus, e que o melhor a fazer é deixá-lo passar.

Dois de nossos correspondentes, estranho um ao outro, nos transmitiram, sobre esses fatos, notícias precisas e perfeitamente concordantes. O Sr. Quômes d'Arras, um deles, homem de ciência e escritor distinto, no primeiro relato desses acontecimentos, reportou que o jornal de Chartres, ignorando a causa do conflito, não quis se apressar em tomar a defesa dos fatos nem das pessoas que abandonou à severidade da crítica se as merecessem; mas tomou a do Espiritismo. Numa carta cheia de moderação e de conveniência dirigida ao jornal, se prende a demonstrar que, se os fatos fossem tais quanto eram reportados pelo Sr. Léon Gaubert, o Espiritismo nisso não estava por nada quando o mesmo se pudesse ter lhe tomado o nome. Toda pessoa imparcial teria considerado como um dever dar lugar a uma retificação tão legítima. Isto não foi assim, e as reiteradas instâncias não levaram senão a uma recusa formal. Isto se passava antes da carta de Grezelle, que, assim como se viu, deveria ter a mesma sorte. Se o jornal temesse levantar suas colunas a questão do Espiritismo, não deveria admitir a carta do Sr. Gaubert; se reservar o direito de atacar, e recusar o da defesa, é um meio fácil, mas pouquíssimo lógico, de se dar razão.

O Sr. Quômes d'Arras, a fim de se dar conta, por si mesmo, do estado das coisas, foi para os lugares. Consentiu em nos enviar um relatório detalhado de sua visita; lamentamos que a extensão desse documento, não nos permita publicá-lo neste número, onde já tudo o que deveria nele estar não pôde encontrar lugar; resumimos suas conseqüências principais. Eis o que aprendi em Illiers, junto de diferentes pessoas honradas, estranhas ao Espiritismo.

Grezelle é um excelente pedreiro, proprietário de La Certellerie. Longe de disparatar, todos aqueles que o conhecem não podem senão prestar justiça ao seu bom senso, aos seus hábitos de ordem, de trabalho, de regularidade. É um bom pai de família; todo o seu erro é o de inquietar os materialistas e os indiferentes da região, por suas afirmações enérgicas, multiplicadas, sobre a alma, sobre suas manifestações depois da morte, e sobre nossos destinos futuros. Ele está longe de ser, na região, o único partidário do Espiritismo que ali conta, em Brou, sobretudo, adeptos numerosos e devotados.

Quanto às mulheres que, segundo o *Journal de Chartres*, o Espiritismo teria tornado loucas, ou arrastado para atos culpáveis, é uma pura invenção. O fato ao qual faz alusão é o de uma revendedora muito conhecida em Illiers, dada à bebida, e cuja razão sempre foi f raça. Ela zangou-se com Grezelle e disse mal dele, não se sabe por quê. Como as idéias espíritas circulam na região, deve delas ter ouvido falar, e as misturou aos seus propósitos incoerentes, mas delas jamais se ocupou seriamente. Quanto aoterquerido se afogar, este pensamento não teria nada de impossível, tendo em vista seu estado habitual: mas o fato parece controvertido.

Dali, o Sr. Quômes d'Arras foi para La Certellerie, a cinco quilômetros além de Illiers. "Chegando, disse ele, perguntei pela casa da senhora Jacquet, da qual se me havia dito o nome em Illiers. Ela estava no jardim, com o seu filho, no meio das flores, ocupada com os trabalhos de agulha. Logo que soube o motivo de minha viagem, conduziu-me à sua casa, onde fomos logo reunidos por sua criada, jovem de vinte anos, médium falante e Espírita fervorosa, porGrezelle e seu filho primogênito, com a idade de vinte anos. Não foi necessário conversar por muito tempo com esse grupo de pessoas para se perceber que se achava em relação, não com espíritos agitados, pesarosos, singulares, exaltados ou fanáticos, mas com pessoas sérias, razoáveis, benevolentes, de uma sociabilidade

perfeita; franqueza, limpidez, simplicidade, amor ao bem, tais eram os traços salientes que se pintavam em seu exterior, em suas palavras, e, eu o confessarei à minha confusão, não me esperava tão bem.

"Grezzelle tem quarenta e cinco anos, é casado e tem dois rapazes; ambos são médiuns escreventes, assim como ele. Ele me contou com calma os sofrimentos que suportou e as astúcias das quais foi objeto. A senhora Jacquet me disse também que na região muitas pessoas alimentam contra eles os piores sentimentos porque são Espíritas. Aos meus olhos pareceu muito provável, e na seqüência adquiri a mais completa certeza, que essas diversas famílias são tranqüilas, benevolentes para com todo o mundo, incapazes de fazer o mal a alguém, sinceramente presas a todos os seus deveres; admiro, e disto rendo graças ao céu, a firmeza, a força de caráter, a solidez das convicções, o profundo apego ao bem dessas excelentes pessoas que, no campo, sem grande instrução, sem encorajamentos e sem recursos visíveis, cercadas de inimigos e de zombadores, mantêm alto, há quatro anos, seus princípios, sua fé, suas esperanças; elas têm para defender a sua bandeira contra os risos uma coragem que, infelizmente, muito freqüentemente, faz falta ainda aos nossos sábios das cidades, e mesmo a muitos Espíritas avançados.

"Grezzelle, o único que foi positivamente maltratado, embora faça três anos que é Espírita, tem todo o fervor de um neófito, todo o zelo de um apóstolo, e também toda a atividade exuberante de uma natureza pronta, enérgica e empreendedora. Em razão de seus negócios, está continuamente misturado à população da região, e, cheio de Espiritismo, o amam mais do que a vida, não pode se impedir de dele falar, de fazê-lo ressaltar, e de mostrar-lhe as belezas, as grandezas, as maravilhas de uma palavra realmente esmagadora e forte, ele produz no meio dos indiferentes que o cercam o efeito do fogo sobre a água. Como não leva em conta nem o tempo, nem as circunstâncias contrárias, poder-se-ia dizer que peca um pouco por excesso de zelo, e talvez, também, por falta de prudência."

No dia seguinte, ao anoitecer, o Sr. Quômes assistia, na casa de Grezzelle, a uma sessão espírita composta de dezoito a vinte pessoas, entre as quais se encontravam o prefeito, as notabilidades do lugar, as pessoas de uma honradez notória, que, certamente, não foram a uma assembléia de loucos e de iluminados. Tudo ali se passou na mais perfeita ordem, com o mais perfeito recolhimento, e sem o menor vestígio das práticas ridículas de magia e de feitiçaria. Começa-se pela prece, durante a qual todo o mundo se coloca de joelhos. Às preces tiradas do Evangelho Segundo o Espiritismo, acrescentam-se a prece da noite e outras, tiradas do ritual comum da Igreja. "Nossos detratores, sobretudo os eclesiásticos, acrescenta o Sr. Quômes, não tivessem talvez notado, sem embaraço e sem admiração, o fervor dessas almas sinceras, e sua atitude recolhida denotando um sentimento religioso profundo. Ali havia seis médiuns, dos quais quatro homens e duas mulheres, entre as quais a criada da senhora Jacquet, médium falante e escrevente. As comunicações são, em geral, fracas de estilo, as idéias nelas são diluídas e sem encadeamento; algumas manias mesmo aparecem no modo de comunicação; mas, em suma, nada há de mau, de perigoso, e tudo o que se obtém edifica, fortalece, traz o espírito ao bem ou o eleva a Deus.

O Sr. Quômes encontrou, entre os Espíritas, a sinceridade e um devotamento a toda a prova, mas também uma falta de experiência à qual se esforçou para suprir por seus conselhos. O fato essencial que ele constatou é que nada, na sua maneira de agir, justifica o quadro ridículo que dele faz o *Journal de Chartres*. Os atos selvagens que se passaram em Illiers foram, pois, evidentemente suscitados pela malevolência, e parecem ter sido premeditados.

De nossa parte, estamos felizes que isso seja assim, e felicitamos nossos irmãos do cantão de Illiers dos excelentes sentimentos que os animam.

As perseguições, como dissemos, são a lei inevitável de todas as grandes idéias novas, que todas têm tido mártires; aqueles que os suportam serão felizes um dia por haverem sofrido pelo triunfo da verdade. Que perseverem, pois, sem desanimar e sem se enfraquecer, e serão sustentados pelos bons Espíritos que os observam; mas também que não renunciem jamais à prudência que comanda as circunstâncias, e que evitem com cuidado tudo o que poderia dar presa aos nossos adversários; é no interesse da Doutrina.

EPIDEMIA DA ILHA MAURICE

Há alguns meses, um de nossos médiuns, o Sr. T..., que, freqüentemente, cai em sonambulismo espontâneo, sob a magnetização dos Espíritos, nos disse que a ilha Maurice estava, nesse momento, assolada por uma epidemia terrível, que dizimava a população. Esta previsão foi realizada, mesmo com circunstâncias agravantes. Acabamos de receber, de um de nossos correspondentes da Ilha Maurice, uma carta datada de 8 de maio e da qual extraímos as passagens seguintes.

"Vários Espíritos nos anunciaram, alguns claramente, os outros em termos proféticos, um flagelo destruidor prestes a nos atingir. Tomamos essas revelações do ponto de vista moral e não do ponto de vista físico. Súbito uma doença estranha eclodiu sobre nossa pobre ilha; uma febre sem nome, que reveste todas as formas, começa docemente, hipocritamente, depois cresce e derruba todos aqueles que pode atingir. É agora uma verdadeira peste; os médicos dela não entendem nada; todos aqueles que dela foram atingidos não puderam se curar até o presente. São acessos terríveis que nos cansam e nos torturam durante doze horas, pelo menos, atacando em seqüência cada órgão importante; depois, o mal cessa durante um dia ou dois, deixando a doença coberta até seu próximo retorno, e se caminha assim, mais ou menos rapidamente, para o termo fatal.

Por mim, vejo nisto tudo um desses flagelos anunciados, que devem retirar do mundo uma parte da geração presente, e destinados a operar uma renovação tornada necessária. Vou vos dar um exemplo das infâmias que se passam aqui.

A quinina, em dose fortíssima, susta os acessos por alguns dias somente; é o único específico capaz de deter, momentaneamente pelo menos, o progresso da cruel doença que nos dizima.

Os negociantes e os farmacêuticos tinham dela uma certa quantidade que lhes chegava a quase 7 f r. a onça, ora, como esse remédio estava fortemente comprado portodo o mundo, esses senhores aproveitaram a ocasião para elevarem o preço da poção de um indivíduo, de 1 f r. preço comum, até 15 f r. Depois a quinina veio a faltar; quer dizer que aqueles que a tinham, e que a recebiam pelas malas, vendiam-na ao preço fabuloso de 2 f r. 50 c. o grão no varejo, e no atacado 675 e 800 f. a onça. Numa poção entram, pelo menos, 30 grãos, o que faz 75 f r. a poção. Só os ricos podiam, pois, dela se proporcionar, e esses comerciantes viam com indiferença os milhares de infelizes expirarem ao redor deles, por falta de dinheiro necessário para se proporcionar esse medicamento.

Que dizeis disto? Pois bem! é a história! Ainda neste momento, a quinina chega em quantidade; as lojas dos farmacêuticos dela regurgitam, mas, não obstante, não querem dar uma dose a menos de 12 f r. 50 c.; também os pobres morrem sempre olhando com um olhar desolado esse tesouro que não podem alcançar!

Eu mesmo fui atingido pela epidemia, e dela estou em minha quarta recaída. Eu me arruino em quinina. Isto prolonga a minha existência, mas se, como temo, as recaídas continuem, na verdade, caro senhor, é bastante provável que dentro em pouco, eu terei o prazer de assistir em Espírito às vossas sessões parisienses, e nelas tomar parte, se Deus o permitir. Uma vez no mundo dos Espíritos, estarei mais perto de vós e da

Sociedade, do que não o sou na ilha Maurice; em *um pensamento vou* às vossas sessões sem fadiga e sem medo de mau tempo. De resto, não tenho o menor medo, eu vos juro; sou muito sinceramente Espírita por isto. Todas as minhas precauções estão tomadas, e se vier a deixar o mundo, disto sereis instruído.

À espera disso, caro senhor, tende a bondade de rogar aos meus irmãos da Sociedade Espírita de juntar suas preces às nossas para as infelizes vítimas da epidemia, pobres Espíritos muito materiais, na maioria, e cujo desligamento deve ser penoso e longo. Rogamos também por aqueles, muito diferentemente infelizes, que ao flagelo da doença, acrescentam o de desumanidade.

Nosso pequeno grupo está disseminado há três meses; todos os membros foram mais ou menos atingidos, mas nenhum de nós morreu até o presente.

Recebei, etc.

É preciso ser verdadeiramente Espírita para encarar a morte com esse sangue-frio e essa indiferença, então quando ela estende suas devastações ao nosso redor, e quando dela se sente o golpe; é que em semelhante caso, afé séria no futuro, tal qual só o Espiritismo pode dar, proporciona uma força moral que é por si mesma um poderoso preservativo, assim como isto foi dito a propósito do cólera. (*Revista* de novembro de 1865, página 336). Isto não é dizer que, nas epidemias, os Espíritos sejam necessariamente poupados, mas é certo que, em semelhante caso, foram até o presente os menos atingidos. Vai sem dizer que se trata dos Espíritos de coração, e não daqueles que deles não têm senão a aparência.

Os flageles destruidores, que devem maltratar a Humanidade, não sobre um ponto do globo, mas por toda a parte, são pressentidos de todas as partes pelos Espíritos.

A comunicação seguinte, verbal e espontânea, foi dada sobre esse assunto e em consequência da leitura da carta acima.

(Sociedade de Paris, 21 de junho de 1867; méd. Sr. Morin, ou sonambulismo espontâneo.)

"A hora avança, a hora marcada no grande e perpétuo relógio do infinito, a hora na qual vai começar a se operara transformação de vosso globo para fazê-lo gravitar para a perfeição. Foi-vos dito, freqüentemente, que os mais terríveis flageles dizimariam as populações; não é preciso que tudo morra para se regenerar? Mas o que é isto? A morte não é senão a transformação da matéria, o Espírito não morre: ele não faz senão mudar de habitação. Observai, e vereis começar a realização de todas essas previsões. Oh! quantos são felizes, aqueles que nessas terríveis provas a fé espírita tocou! eles permanecem calmos no meio da tormenta, como o marinheiro aguerrido diante da tempestade.

"Eu, neste momento personalidade espiritual, freqüentemente acusado pelas personalidades terrestres, de brutalidade, de dureza, de insensibilidade!... É verdade, contemplo com calma todos esses flageles destruidores, todos esses terríveis sofrimentos físicos; sim, eu atravesso sem me emocionar todas essas planícies devastadas, juncadas de restos humanos! Mas se pude fazê-lo, foi porque a minha visão espiritual se leva além desses sofrimentos; é que, antecipando sobre o futuro, ele se apoia sobre o bem estar geral que será a consequência desses males passageiros para a geração futura, para vós mesmos que fareis parte dessa geração, e que recolhereis então os frutos que tiverdes semeado.

"Espírito do conjunto, olhando do alto de uma esfera que ele habita (freqüentemente ele fala dele na terceira pessoa), seu olhar permanece seco; no entanto, sua alma palpita, seu coração sangra em face de todas as misérias que a Humanidade deve atravessar,

mas a visão espiritual repousa do outro lado do horizonte, contemplando o resultado que lhe será a continuação certa.

"A grande emigração é útil, e a hora se aproxima em que ela deverá se efetuar... ela já começa... Aquém será fatal ou proveitosa? Olhai bem, observadores; considerai os atos desses exploradores dos flagelos humanos e distinguireis, mesmo com os olhos do corpo, os homens predestinados à queda. Vede-os depois da carniça, enrijecidos no ganho, presos como em sua vida a todas as posses terrestres, e sofrendo mil mortes na perda de uma parcela daquilo que, no entanto, lhe será preciso deixar... Quanto será terrível, para eles, a pena de talião, porque, no exílio que os espera, verão lhe recusar um copo d'água para estancar a sua sede!... Olhai-os, aqueles, reconheceréis neles, sob as riquezas que acumulam às expensas dos infelizes, os futuros humanos caídos! Considerai seus trabalhos e a vossa consciência vos dirá se esses trabalhos devem ser pagos lá em cima, ou nesse mundo! Olhai-os bem, homens de boa vontade, e vereis que o joio começa, desde esta Terra, a ser separado do bom grão.

"Minha alma é forte, minha vontade é grande! -minha alma é forte, porque sua força é o resultado de um trabalho coletivo de alma a alma; minha vontade é grande, porque ela tem por ponto de apoio a imensa coluna formada de todos os sentimentos de justiça e de bem, de amor e de caridade. Eis porque sou forte, eis porque sou calmo para olhar; eis porque seu coração que bate a se romper em seu peito não se comove. Se a decomposição é instrumento necessário da transformação, assista, ó minha alma, calma e impassível, a essa destruição!"

VARIEDADES

FATO DE IDENTIDADE.

Um de nossos correspondentes de Maine-et-Loire nos transmite o fato seguinte, que se passou sob seus olhos, como prova de identidade.

O Sr. X.....estava, há algum tempo, gravemente doente em C..... em Touraine, e onde se esperava sua morte a cada instante. No dia 23 de abril último, tínhamos em nosso grupo, por alguns dias, uma senhora médium a quem devemos comunicações muito interessantes. Veio ao pensamento de um dos assistentes, que conhecia o Sr. X..., de pedir a um Espírito familiar de nosso grupo, Espírito leviano, mas não mau, se esse Senhor estava morto. - Sim, respondeu. - Mas, é bem verdadeiro, porque falas algumas vezes levianamente?- O Espírito respondeu de novo afirmativamente. No dia seguinte, o Sr. A. C..., que até então tinha sido pouco crente, e que conhecia tão particularmente o Sr. X..., quis tentar evocá-lo ele mesmo, se, com efeito estava morto. O Espírito veio imediatamente ao seu chamado e disse: "Por favor, não me esqueçais; orai por mim." - Há quanto tempo estais morto? perguntou-me o Sr. A. C. - Um dia. - Quando fostes enterrado? - Esta tarde, às quatro horas. - Sofreis? -Tudo o que uma alma pode sofrer. - Conservais-me rancor? - Sim. - Porquê? - Sempre fui muito rígido convosco.

As relações desses dois Senhores sempre tinham sido f rias, embora perfeitamente polidas. O Espírito, rogado para assinar, deu as três iniciais de seus pre nomes e de seu nome. No mesmo dia, o Sr. A. C. recebeu uma carta, anunciando-lhe a morte do Sr. X... À noite, depois do jantar, golpes se fizeram ouvir. O Sr. A. C. pegou a caneta e escreveu sob o ditado batido pelo Espírito:

Eu fui ambicioso, todo homem o é sem dúvida;
Mas jamais rei, pontífice ou chefe ou cidadão,
Concebeu um projeto tão grande quanto o meu.

As pancadas eram fortes, acentuadas, quase imperiosas, como vindo de um Espírito iniciado há muito tempo nas relações do mundo invisível com os homens. O Sr. X.....tinha cumprido altas funções administrativas; talvez, no lazer da retirada e sob a influência de lembranças de suas antigas ocupações, seu Espírito tinha elaborado um grande projeto. Uma carta recebida há dois dias confirma todos detalhes acima.

Nota. Sem dúvida, este fato nada tem de extraordinário e que não se encontre freqüentemente; mas esses fatos íntimos não são sempre os menos instrutivos e os menos convincentes; eles fazem mais impressão nos círculos onde se passam do que não o fariam os fenômenos estranhos que se olham como excepcionais. O mundo invisível ali se revela em condições de simplicidade que o aproxima de nós, e convencem melhor da continuidade de suas relações com o mundo visível; em uma palavra, os mortos e os vivos ali estão mais em família e se reconhecem melhor. Os fatos deste gênero, por sua multiplicidade e pela facilidade de obtê-los, mais contribuíram para a propagação do Espiritismo do que as manifestações que têm as aparências do maravilhoso. Um incrédulo será bem mais tocado por uma simples prova de identidade dada espontaneamente, na intimidade, por algum parente, amigo ou conhecido, do que pelos prodígios que não o tocam senão pouco, e nos quais não crê.

POESIA ESPÍRITA.

AOS ESPÍRITOS PROTETORES.

Mais alto, mais alto ainda! Toma teu vôo, ó minha alma
Para esse puro ideal que Deus te revelou!
Para este lugar todos os céus, e esses mundos em chama,
Para o absoluto infinito, eu me sinto chamado.

De Jacob, adormecido, escalarei a escala,
Subirei sempre e não descerei;
Porque, benevolente e doce, de mão fraterna,
No caminho, um Espírito assegurará meus passos.

Ele me mostra o objetivo, me ama, me consola;
Está lá, eu sinto, e escuto a sua voz
Ressoar em meu coração, como um sopro do Eolo
Ressoa sobre os montes, as planícies e os bosques!

Que me importa seu nome! Ele não é da Terra;
Anjo misterioso dos celestes amores,
Tem do desconhecido o encanto solitário;
Ele habita bem longe, inefáveis moradas!

Lá!... seu corpo, que um raio de glória transfigura,
Tem a sutileza do impalpável éter;
Ele ignora os males da fraca natureza,
E, todavia, é bom, porque sofreu.

Tu me falas no silêncio,
Vejo-te na obscuridade;
Tu me fazes pressentir antes

As glórias da eternidade.
Se faço o mal, tu me relevas:
Em minhas vigílias e em meus sonhos,
O que empreendo tu arrematas;
Facho que, numa sombra, brilha,
És tu quem sustentas minha coragem,
Que empurras minha nau para a praia,
Que me preservas na tempestade,
E que me clareias na noite.

Tu dizes: amor; tu dizes: prece;
Tu dizes: esperança; tu dizes: virtude,
E dás o nome de irmão
À humilde criança, fraca, abatida;
Tão forte, procuras minha fraqueza,
Tão grande, procuras minha baixeza
E tão afortunado, minha aflição.
Anjo bendito, guardião sagrado,
Teu fluido depurado se mistura
Ao meu envoltório mortal,
E eu sinto o vento de tua asa
Passar sobre meu coração embriagado.

Quem sejas, obrigado, cara alma,
Obrigado, meu irmão do além;
Criança, velho, ou jovem mulher,
Que me importa! não estás lá?
Tu planas freqüentemente sobre minha
Tu que, em teu curso inquieto
Atravessaste algum cometa,
Alguma terra em formação;
Habitas na atmosfera,
Marte ou Saturno, enorme esfera,
Desces da Ursa polar,
De Aldebaran ou de Orion?

E que me faz onde tu resides!
E que me importa de onde tu vens!
Que céus estranhos e esplêndidos,
Quando eu te sinto, valem os meus?
Saudação, pois, ó minha doce estrela;
Guia meu incerto véu,
Sobre o mar que a bruma vela,
Longe dos escolhos, longe do perigo.
Sois um farol na tormenta,
Levantando sobre a vaga espumante,
A luz amiga e trêmula,
E vem me surpreender depois do exílio.

JULES-STANY DOINEL (d'Aurillac).

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS

O ROMANCE DO FUTURO.

Por E. Bonnemère.

No ano último, os Espíritos nos disseram que dentro em pouco a literatura entraria no caminho do Espiritismo, e que 1867 veria aparecer várias obras importantes. Pouco depois apareceu, com efeito, o *Spirite*, de Théophile Gautier; era, como o dissemos, menos um romance espírita do que o romance do Espiritismo, mas que teve a sua importância pelo nome do autor.

Veio em seguida, no começo deste ano, a tocante e graciosa história de *Mirette*. Nessa ocasião, o Espírito do doutor Morei Lavallée disse à Sociedade:

"O ano de 1866 apresenta a filosofia nova sob todas as formas; mas é ainda o talo verde que encerra a espiga do trigo e espera para mostrá-la que o calor da primavera a tenha feito amadurecer e entreabrir-se. 1866 preparou, 1867 amadurecerá e realizará. O ano se abre sob os auspícios de *Mirette*, e não se escoará sem ver aparecer novas publicações do mesmo gênero, e mais sérias ainda, neste sentido de que o romance se fará filosofia e que a filosofia se fará história." (*Revista* de fevereiro de 1867, página 64.)

Estas palavras proféticas se realizam; temos por certo que uma obra importante aparecerá dentro em pouco; essa não será um romance, que se pode considerar como uma obra de imaginação e de fantasia, mas a própria filosofia do Espiritismo, altamente proclamada e desenvolvida por um nome que poderá dar a refletir aqueles que pretendem que todos os partidários do Espiritismo são loucos.

À espera disto, eis uma obra que não tem do romance senão o nome, porque a intriga nela é quase nula, e não é senão um quadro para desenvolver, sob forma de conversa, os mais altos pensamentos da filosofia moral, social e religiosa. O título de *Romance do futuro* não parece me ter sido dado senão por alusão às idéias que regerão a sociedade no futuro, e que não estão, no instante, senão no estado de romance. O Espiritismo nele não está nomeado, mas pode tanto melhor reivindicar-lhe as idéias, que a maioria parece haurida textualmente na Doutrina, e que se dele há algumas que se afastam um pouco, elas são em pequeno número e não tocam no fundo da questão. O autor admite a pluralidade das existências, não só como racional, conforme à justiça de Deus, mas como necessária, indispensável ao progresso da alma, e adquirida da sã filosofia; mas o autor parece pender a crer, embora não o diga claramente, que a sucessão das existências se cumpre antes de mundo em mundo do que no mesmo meio, porque não fala de maneira explícita das existências múltiplas sobre o mesmo mundo, se bem que esta idéia possa ser subentendida. Talvez esteja aí um dos pontos mais divergentes, mas que, de resto, não prejudica de nenhum modo o fundo, uma vez que, em definitivo, o princípio seria o mesmo.

Essa obra pode, pois, ser colocada na classe dos livros mais sérios destinados a vulgarizar os princípios filosóficos da Doutrina no mundo literário onde o autor ocupa uma posição distinta. Foi-nos dito que, quando a escreveu, não conhecia o Espiritismo; isto parece difícil, mas se o foi assim, essa seria uma das mais brilhantes provas da fermentação espontânea dessas idéias e de seu irresistível poder, porque só o acaso não faz encontrar tantos investigadores sobre o mesmo terreno.

O prefácio não é a parte menos curiosa desse livro. Nele o autor explica a origem de seu manuscrito. "Qual é, diz ele, minha colaboração no *Romance do futuro*? Somos dois, ou três, ou bem o autor não se chama legião? Deixo essas coisas à apreciação do leitor, depois de lhe ter contado uma aventura muito verídica, se bem que tenha todas as aparências de uma história do outro mundo."

Tendo um dia parado numa modesta aldeia da Bretanha, a senhora do albergue me contou que havia na região um jovem que fazia coisas extraordinárias, verdadeiros milagres. "Sem ter nada aprendido, disse ela, ele disso sabe mais do que o padre, o

médico e o notário juntos e do que todos os feiticeiros reunidos. Ele se encerra todas manhãs em seu quarto; vê-se sua lâmpada através das cortinas, porque lhe é necessária sua lâmpada, mesmo quando faz dia, e então ele escreve coisas que jamais ninguém viu, mas que são soberbas. Ele vos anuncia desde seis meses antes, o dia, a hora, o minuto em que cairá em seus grandes acessos de feitiçaria. Uma vez que ele tenha dito ou escrito, disso não sabe mais nada, mas é verdadeiro como palavra do Evangelho, e infalível como decisão do papa, em Roma. Ele cura ao primeiro toque, e sem se fazer pagar, aqueles que lhe são simpáticos, e na barba do médico, os doentes que este não cura por seu dinheiro. O Sr. padre disse que isso não pode ser senão o diabo que lhe dá o poder de curar àqueles a quem o bom Deus envia as doenças para o seu bem, a fim de prová-los ou de castigá-los."

"Eu fui vê-lo, acrescenta o autor, e minha boa estrela quis que lhe fosse simpático. Era um jovem de vinte e cinco anos, ao qual seu pai, rico agricultor do cantão, havia feito dar uma certa educação, o que quer que dele haja dito meu hospedeiro; simples, melancólico e sonhador, levando a bondade até a excelência, e dotado de um temperamento no qual o sistema nervoso dominava sem contrapeso. Ele se levanta de madrugada, preso de uma febre de inspiração que não pode dominar, e derrama em ondas sobre o papel as idéias estranhas que germinam delas, com seu desconhecimento, e freqüentemente, apesar dele, em seu cérebro.

"Eu o vi trabalhando. No espaço de uma hora, cobria invariavelmente seu caderno de quinze ou dezesseis páginas escritas, sem hesitação, sem rasuras, sem se deter um segundo a procurar uma idéia, uma frase, uma palavra. Era uma torneira aberta, de onde a inspiração jorrava em jato sempre igual. Absolutamente mudo durante essas horas de trabalho obstinado, os dentes cerrados e os lábios contraídos, a palavra lhe retomava no instante em que o relógio soava a retomada dos trabalhos campestres. Ele entrava, então, na vida de todo o mundo e tudo o que vinha de pensar ou descrever durante essas duas ou três horas de uma existência se apagava pouco a pouco de sua memória, como o sonho que se desvanece e desaparece à medida que se desperta. No dia seguinte, expulso de sua cama por uma força invencível, recomeçava a obra e continuava a frase ou a palavra começada no dia precedente.

"Abriu-me um armário no qual se acumulavam os cadernos carregados assim de sua escrita. - O que há em tudo isto? perguntei-lhe. - Eu o ignoro tanto quanto vós, respondeu-me sorrindo. - Mas como tudo isto vos vem? - Não posso senão vos renovar a mesma resposta: eu o ignoro tanto quanto vós. Às vezes sinto que está em mim; outras vezes ouço que se me diz. Então, sem disso ter consciência e sem ouvir o barulho de minhas próprias palavras, eu o repito àqueles que me cercam, ou bem o escrevo.

"Isto constitui em torno de dezessete mil páginas, escritas em quatro anos. Ali se encontravam uma centena de novelas e de romances, de tratados sobre diversos assuntos, de receitas médicas e outras, de máximas, etc. Dali anotei sobretudo isto:

"Estas coisas me são reveladas, a mim simples de espírito e de instrução, porque, delas não sabendo nada, não tendo a seu respeito idéias preconcebidas, estou mais apto a assimilar as idéias dos outros.

"Os seres superiores, os primeiros partidos, depurados ainda pela transformação, vêm me envolver e me dizer:

"Dão-vos tudo o que não se ensina e que pode esclarecer o mundo onde temos, em partindo, deixado nossa marca inapagável. Mas é preciso reservar sua parte ao trabalho pessoal, sem intrometer-se sobre a ciência adquirida, nem sobre *o trabalho que cada um pode e deve fazer.*"

"Nessa imensa confusão, escolhi um simples idílio, obra de fantasia, estranha, impossível, e na qual são lançadas, sob uma forma mais ou menos leviana, as bases de uma nova cosmogonia toda inteira. Nesses cadernos, esse estudo tinha por título: *1'Unité*, que acreditei dever substituir pelo *de Roman de l'Avenir.*" Eis o dado principal do assunto.

Paul de Villeblanche morava na Normandie, com o seu pai, nos restos de um velho castelo, outrora morada senhorial de sua família, arruinada e dispersada pela Revolução. Era um jovem de uns vinte anos, de uma alta inteligência, com idéias mais amplas e mais avançadas, e que tinha colocado de lado todos os preconceitos de raça.

No mesmo cantão, vivia uma velha marquesa muito devota, que, para resgatar seus pecados e salvar sua alma, tinha imaginado tirar da miséria e da lama social uma pequena Cigana para dela fazer uma religiosa; desta maneira, pensava ela, teria assegurado ter alguém que, por reconhecimento e por dever, oraria sem cessar por ela, durante sua vida e depois de sua morte. Esta jovem foi, pois, educada no convento em torno de oito anos, e em esperando que tomasse o véu, vinha de dois em dois anos passar seis semanas na casa de sua benfeitora. Mas esta jovem, de uma rara inteligência, tinha intuitivamente sobre muitas coisas idéias à altura das de Paul. Ela tinha então dezesseis anos. Numa de suas férias, os dois jovens se encontram, se ligam numa afeição toda fraterna, e têm junto das conversas onde Paul desenvolve à sua inteligente companheira os princípios filosóficos novos para ela, mas que esta compreende sem esforço e freqüentemente adiantadamente. Estas duas almas de elite estão à altura uma da outra. O romance acaba por um casamento, como de interesse, mas ali ainda não há senão um pretexto para dar uma lição prática sobre pontos mais importantes da ordem social e os preconceitos de castas.

Inscrevemos de boa vontade este livro em nome daqueles que é útil propagar, e que têm seu lugar marcado na biblioteca dos Espíritas.

São essas conversas que fazem o assunto principal do livro; o resto não é senão um quadro muito simples para a exposição das idéias que deverão um dia prevalecer na sociedade.

Para reportar tudo o que, desse ponto de vista, mereceria sê-lo, seria preciso citar a metade da obra; reproduzimos somente alguns pensamentos que poderão fazer julgar do espírito no qual está concebida.

"Encontrar é a recompensa de ter procurado, e tudo o que nós mesmos podemos fazer, não é preciso pedi-lo aos outros."

"O mundo é um vasto canteiro de obras no qual Deus distribui, a cada um, a sua tarefa, nos dispensando o nosso trabalho segundo nossas forças. Desse imenso choque de inteligências diversas, opostas, hostis em aparência, a luz jorra, sem que ela se extinga na hora de nosso último sono. Ao contrário, a marcha constante das gerações que se sucedem, traz uma nova pedra ao edifício social; a luz se torna mais brilhante quando uma criança nasce trazendo, para continuar o progresso, o primeiro elemento de uma inteligência sempre renovada."

"Mas a marquesa me repete, sem cessar (diz a jovem), que nascemos todos maus, que não diferimos senão pela maior ou a menor propensão para o pecado, e que a existência toda inteira é uma luta contra nossos pendores, que todos tenderiam à condenação eterna, se a religião que ela me ensina não nos retivesse sobre a borda do abismo.

"- Não creia nesses blasfemadores. Deus seria o agente do mal, se não tivesse colocado em cada um de nós a bússola que deve guiar nossos passos para o cumprimento de nossos destinos, e se o homem não tivesse podido caminhar em seu caminho até o dia em que a Igreja veio corrigir a obra imperfeita e mal sucedida do Eterno."

"Quem sabe se, na imensa rotação do mundo, nossos filhos não se tomarão nossos pais ao seu turno, e se não nos restituirão intacta essa soma de misérias que lhes teremos deixado em partindo?"

"Nenhum mal pode vir de Deus, no tempo nem na eternidade. A dor é nossa obra, é o protesto da Natureza para nos indicar que não estamos mais nos caminhos que ela assinala à atividade humana. Ela se torna um meio de salvação, porque é seu próprio

excesso que nos impele para diante, incita nossa preguiçosa imaginação, e nos leva a fazer as grandes descobertas que acrescentam ao bem-estar daqueles que devem passar neste globo depois de nós."

"Cada um de nós é um dos anéis dessa cadeia sublime e misteriosa que e liga todos os homens entre si, como também com a criação toda inteira, e que, jamais nem nenhuma parte, poderia ser quebrada."

"Depois da morte, os órgãos usados têm necessidade de repouso, e o corpo devolve à terra os elementos dos quais se constituem ao infinito os seres que se sucedem. Mas a vida renasce da morte."

"Nós partimos, levando conosco a lembrança dos conhecimentos adquiridos neste mundo; o mundo onde iremos nos dará os seus, e nós os agruparemos em feixe para formar o progresso."

"Todavia, arrisca a jovem, haverá um fim, um inevitável fim, tão distante quanto tu o supões."

- Por que limitar a eternidade, depois de tê-la admitido em princípio?

O que se chama o fim do mundo não é senão uma figura. Jamais houve começo, nem jamais haverá o fim do mundo; tudo vive, tudo respira, tudo é povoado. Para que o julgamento final possa chegar, seria preciso um cataclismo geral que fizesse entrar o universo inteiro no nada. Deus que tudo criou não pode destruir a sua obra. Por que o aniquilamento da vida?"

"A morte, sem dúvida, é inevitável. Mas melhor compreendida no futuro, essa morte que nos espanta não será mais do que a hora prevista, em vista talvez da partida, para fornecer uma nova etapa. Um chega, o outro se coloca no caminho, e a esperança enxuga os prantos que correm no instante dos adeuses. A imensidade, o infinito, a eternidade prolongam, aos nossos olhares ávidos, suas perspectivas, das quais o desconhecido nos atrai. Já mais aperfeiçoados, faremos uma mais bela viagem, depois ainda tomaremos a partir, e caminharemos sempre para nos elevar sem cessar. Porque depende de nós que a morte seja a recompensa do dever cumprido, ou o castigo, quando a obra ordenada não tiver sido feita."

"Em qualquer lugar que estejamos no universo, ligamo-nos por laços misteriosos e sagrados que nos tornam solidários uns dos outros, e recolheremos fatalmente a colheita do bem e do mal que cada um de nós semeou atrás de si antes de partir para a grande viagem."

"A criança que nasce traz seu germe de progresso; o homem que morre deixa seu lugar para que, depois dele, o progresso se cumpra, e que venha continuar a ali trabalhar ele mesmo, trazendo alhures, e num outro ser, sua alma aperfeiçoada."

"Aqueles a quem tu deves o dia expiaram, nesta vida, as faltas de um passado misterioso. Ele sofreram, mas sofreram corajosamente. O Deus de amor e de misericórdia tem necessidade deles, sem dúvida, para uma missão mais importante num outro mundo. Chamou-os a si, lhes concedendo assim o salário merecido antes que a jornada tivesse terminado por inteiro."

(A propósito de uma jovem que, ainda criança, operava curas surpreendentes indicando os remédios por intuição.)

Isto fez ruído, e a principal autoridade, o cura, se emocionou e interveio. Uma criança fazia, por meios naturais, o que nenhum médico com sua ciência, nem ele com suas preces podiam obter!... Evidentemente, era possuída. Para os homens de pequena fé e de inteligência obtusa, é Deus que, no objetivo de nos castigar, como se não houvesse a eternidade diante dele, ou de nos provar, como se não soubesse o que vamos fazer, nos envia todos os males, os flagelos de todo gênero, as ruínas, a perda daqueles que nos são caros; é Satã, ao contrário, que dá a prosperidade, faz encontrar os

tesouros, cura os doentes, e nos prodigaliza todas as felicidades, todas as alegrias deste mundo. Deus, enfim, segundo eles, faz o mal, ao passo que o diabo é o autor de todo o bem. Maria foi, pois, exorcizada, rebatizada o que quer que aconteça, a fim de que ela não possa mais aliviar seus semelhantes. Mas nada lhe fez, e ela continua a fazer o bem em seu redor.

- Mas tu, que sabes tudo, Paul, que dizes de tudo isso?

Se jamais creio naquilo que a minha razão repele, respondeu o jovem conde, não nego os fatos atestados por numerosas testemunhas, pelo único motivo de que a ciência não sabe ainda explicá-los. Deus deu aos animais o instinto de ir direto para a planta que pode curar raras doenças que os atingem; por que nos teria recusado esse precioso privilégio? Mas o homem saiu dos caminhos que o Criador lhe havia assinalado; ele se pôs em hostilidade com a Natureza, da qual deixou de escutar as advertências. Essa luz se apaga nele, e a ciência veio substituir o instinto que, em sua altivez de chegar, ela negou, combateu, perseguiu, aniquilando-o tanto quanto estava nela fazê-lo. Mas quem pode afirmar que não sobrevive em alguns seres simples e primitivos, decididos a se esclarecer de todas as claridades que eles mesmos entrevêm, animados que estão do desejo de vir em ajuda dos sofrimentos de outrem? Quem sabe se Maria, tendo já vivido outrora entre essas populações na infância, nas quais o instinto sobrevive ainda e que sabem maravilhosos segredos, ou bem em algum mundo mais avançados de onde suas faltas a fizeram cair, Deus não lhe concede de se lembrar das coisas que os outros esqueceram?

"Não é, para cada um de nós, certos conhecimentos que nos parece encontrar em nós mesmos, tanto o estudo deles nos é fácil, ao passo que outros não podem penetrar em nosso espírito, sem dúvida, porque eles vêm tocá-lo pela primeira vez, ou porque várias gerações acumularam sobre eles montanhas de ignorância e de esquecimento?"

(A propósito das visões nos sonhos.)

"É a alma mantida em seu exílio que conversa com a alma liberta de sua parte terrestre; também essas visões são clareadas por um raio luminoso que deixa entrever, aos pobres humanos, o quanto é resplendente o ponto onde chegaram aqueles que souberam dirigir sua equipe sobre os oceanos perigosos, onde flutua a existência."

"Sem dúvida, nos mundos diferentes, nossos corpos se constituem de elementos diferentes, e ali revestimos um outro envoltório, mais perfeito ou mais imperfeito, segundo o meio onde devem agir. Mas sempre é certo que esses corpos vivem, todos animados pelo mesmo sopro de Deus; que a transmissão das almas se faz, em uns como nos outros planetas sem número que povoam o espaço infinito, e que sendo a emanção de Deus, existem identicamente os mesmos em todos os mundos. Do outro lado da vida, nos dá uma alma sempre purificada, que nos permite nos aproximar incessantemente do céu; só nossa vontade a faz desviar, às vezes, do caminho reto.

Todavia, Paul, ensinam-nos que ressuscitaremos com os nossos corpos de hoje!

- Loucura e orgulho tudo isso! Nossos corpos não pertencem a nós, mas a todo o mundo, aos seres que devoramos ontem, àqueles que nos devorarão amanhã. São de um dia; a Terra no-los empresta, e nos retomarás. Só a nossa alma nos pertence, só ela é eterna, como tudo que vem de Deus e a ele retorna."

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS
LUTA DOS ESPÍRITOS PARA RETORNAR AO BEM.
Paris, 24 de março de 1867. Médium Sr. Rui.)

Obrigado, caro irmão, pela vossa compaixão por aquele que expia, pelo sofrimento, as faltas que cometeu; obrigado por vossas boas preces inspiradas por vosso amor aos vossos irmãos. Chamai-me algumas vezes, esse será um encontro ao qual jamais faltarei, disso ficai assegurado. Eu vos disse numa comunicação dada na Sociedade, que depois de ter sofrido me seria permitido vir vos dar a minha opinião em algumas questões das quais vos ocupais. Deus é tão bom, que depois de me ter imposto a expiação pelo sofrimento, teve piedade de meu arrependimento, porque sabe que, se fali, foi por fraqueza, e que o orgulho é filho da ignorância. É-me permitido instruir-me e se não posso, como os bons Espíritos que deixaram a Terra, penetrar os mistérios da criação, posso estudar os rudimentos da ciência universal, a fim de progredir e ajudar os meus irmãos a progredirem também.

Dir-vos-ei a relação que existe entre o estado da alma e a natureza dos fluidos que o envolvem em cada meio onde ele se encontra momentaneamente colocado; e se, como isto vos foi dito, a alma pode sanear os fluidos, crede bem que o pensamento impuro os vicia. Julgai de que esforços deve fazer o Espírito que se arrepende, para combater a influência desses fluidos dos quais está envolvido, aumentado ainda pela reunião de todos os maus fluidos que lhe trazem, para abafá-lo, os Espíritos perversos. Não creiais que me basta querer melhorar-me, para expulsar os Espíritos do orgulho do qual estive cercado durante a minha estada sobre a Terra. Estão sempre perto de mim, procurando me relerem sua atmosfera malsã. Os bons Espíritos vêm me esclarecer, me trazer a força da qual tenho necessidade para lutar contra a influência dos maus Espíritos, depois se afastam para me deixar entregue às minhas próprias forças para lutar contra o mal. É então que sinto a influência benfazeja de vossas boas preces, porque, sem sabê-lo, continuais a obra dos bons Espíritos de além-túmulo.

Vede, caro irmão, que tudo se encadeia na imensidade; que todos somos solidários uns com os outros, e que não há um único bom pensamento que não leve com ele os frutos do amor, da melhoria e do progresso moral. Sim, tendes razão em dizer aos vossos irmãos que sofrem que uma palavra basta para explicar o Criador; que esta palavra deve ser a estrela que guia cada Espírito, em qualquer grau da escala espírita a que pertença por todos os seus pensamentos, por todos os seus atos, nos mundo inferiores como nos mundos superiores; que esta palavra, o evangelho de todos os séculos, o alfa e o ômega de toda a ciência, a luz da verdade eterna, é amor! Amor de Deus, amor de seus irmãos. Felizes aqueles que pedem por seus irmãos que sofrem. Suas provas na Terra se tornarão leves, e a recompensa que os espera será acima de suas esperanças!...

Vede, caro irmão, o quanto o Senhor é cheio de misericórdia, uma vez que, apesar de meus sofrimentos, me permite vir vos falar a linguagem de um bom Espírito.

A...

ALLANKARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

10º ANO

NO. 8

AGOSTO 1867

FERNANDE.

NOVELA ESPÍRITA

Tal é o título de um romance folhetim, pelo Sr. Jules Doinel (d'Aurillac), publicado no *Moniteur du Cantai*, de 23 a 30 de maio, 6, 13 e 20 de junho de 1866. Como se vê, o nome do Espiritismo não está dissimulado, e, por isto, deve-se felicitar tanto mais o autor, que essa coragem de opinião é mais rara nos escritores de província, onde as influências contrárias exercem uma pressão maior do que em Paris.

Lamentamos que, depois de ter sido publicada em folhetim, forma sobre a qual uma idéia se propaga mais facilmente nas massas, esta novela não tenha sido posta em volume, e que nossos leitores estejam privados do prazer de a si a proporcionar. Embora esta seja uma obra sem pretensões e circunscrita num pequeno quadro, é uma pintura verdadeira e interessante das relações do mundo espiritual e do mundo corpóreo, que traz seu contingente à vulgarização da idéia espírita do ponto de vista sério e moral. Ela mostra os puros e nobres sentimentos que esta crença pode desenvolver no coração do homem, a serenidade que ela dá nas aflições, pela certeza de um futuro respondendo a todas as aspirações da alma, e dando plena satisfação à razão. Para pintar essas aspirações com verdade, como o faz o autor, é preciso ter a fé *naquilo que se diz*; um escritor, para que um semelhante assunto não fosse senão um quadro banal, sem convicção, creia que para fazer o Espiritismo basta acumular o fantástico, o maravilhoso e as aventuras estranhas, como certos pintores crêem que basta exhibir cores vistosas para fazer um quadro. O Espiritismo verdadeiro é simples; ele toca o coração e não fere a imaginação a golpes de martelo. Foi o que compreendeu o autor.

O assunto de Fernande é muito simples. É uma jovem ternamente amada por sua mãe, arrancada na flor da idade à sua ternura e ao amor de seu noivo, e que revelou sua coragem em se manifestando à sua visão, e ditando ao seu amado, que deve logo reencontrá-la, o quadro do mundo que o espera. Citaremos alguns dos pensamentos que ali observamos.

"Tinha me tornado, desde a aparição de Fernande, um adepto resolutivo da ciência de além-túmulo. Por que, de resto, disso teria duvidado? O homem tem o direito de marcar os limites ao *pensamento*, e de dizer a Deus: Tu não irás mais longe?"

"Uma vez que estamos perto dele e que pisamos uma terra que é santa, vou, meu caro amigo, falar-te de coração aberto, tomando a Deus como testemunha da sinceridade de tudo o que vais ouvir. Tu crês nos Espíritos, eu o sei, e mais de uma vez me pediste para precisar tua crença neste ponto. Eu não o fiz, e é preciso bem dizê-lo, sem as manifestações estranhas que tu tiveste, eu não o teria jamais feito. Meu amigo, creio que Deus deu a certas almas uma força de simpatia de tal modo grande que ela pode se propagar nas regiões desconhecidas da outra vida. É sobre esse fundamento que

repousa toda a minha doutrina. O charlatanismo e a hipocrisia de certos adeptos me fazem mal, porque não compreendo que se possa profanar uma coisa tão santa."

"Oh! Stephen Stany (o noivo) tinhas muita razão em dizer que o charlatanismo e a hipocrisia profanam as coisas mais santas. A crença nos Espíritos deve tornar a alma serena; de onde vem, pois, que, na obscuridade, o menor barulho me espanta? Vi se desenhar, às vezes, na penumbra de minha alcova, seja o fantasma de Fernande de Moeris, seja o perfil vago de sua mãe. Àquelas eu sorri. Mas, muito freqüentemente também, minha vista se desviou com medo da face careteira de alguns Espíritos maus, vindos lá para me afastarem do bem e me desviarem de Deus."

"Stany, em me falando, estava calmo. Não notei em sua face nenhum traço de exaltação. Mas, perto dessa pedra, sua diafaneidade se tornava mais visível ainda. A alma de meu amigo se mostrava inteiramente aos meus olhares. Essa bela alma não tinha nada a esconder. Eu compreendia que o laço que a prendia ao seu corpo de lama era bem fraco, e que não estava longe a hora em que ela voaria para *o outro mundo*"

"Ela me havia dito: "Vá à casa de minha mãe."- Isto me custou, eu o confesso; embora noivo de Fernande, não estava muito bem com sua prima. Sabes o quanto ela era ciumenta de tudo o que lhe retinha uma parte da afeição de sua filha. Dir-te-ei, ela me recebeu com os braços abertos e me disse chorando: "O gelo está quebrado; vamos nos compreender pela primeira vez. - Meu caro Stephen, acrescentou ela, creio ter sonhado! mas enfim a revi, e eis o que ela me disse: "Mãe, tu pedirás a Stephen Stany para permanecer oito dias no quarto que foi meu. Durante esses oito dias tu não permitirás que o perturbem. Durante esse retiro Deus lhe revelará muitas coisas."- Fui imediatamente conduzido ao quarto da prima; e desde aquele dia até ontem, dia em que a revi, sua alma esteve sem interrupção comigo mesmo. Eu a vi, e bem vi, com os olhos do meu Espírito e não os de meu corpo, se bem que estivessem abertos. Ela me falou. Quando digo que ela me falou, quero dizer que houve entre nós *transmissão de pensamento*. Sei agora tudo o que me era preciso saber. Sei que este globo não tem mais nada para mim, e que uma existência melhor me espera."

"Aprendi a estimar o mundo em seu justo valor. Retenha estas palavras, meu amigo: Todo Espírito que quer chegar à felicidade superior deve guardar seu corpo casto, seu coração puro, sua alma livre. Felizes os que sabem perceber a forma imaterial de Deus através das sombras do que se passa!"

"Não esqueçamos jamais, ó irmãos, que Deus é Espírito, e que quanto mais se torna Espírito, mais se aproxima de Deus. Não é permitido ao homem quebrar violentamente os laços da matéria, da carne e do sangue. Esses laços supõem deveres; mas lhe é permitido deles se desligar pouco a pouco pelo idealismo de suas aspirações, pela pureza de suas intenções, pela irradiação de sua alma, reflexo sagrado do qual o dever é o foco, até que, pomba livre, seu Espírito desligado das cadeias mortais voe e plane nos espaços sublimados."

O manuscrito ditado pelo Espírito de Fernande, durante os oito dias do retiro de Stephen, contém as passagens seguintes:

"Morri na perturbação, despertei na alegria. Eu vi meu corpo, apenas esfriado, se estender sobre o leito fúnebre e me senti como descarregada de um pesado fardo. Foi então que te percebi, meu bem amado, e que, pela permissão de Deus, unida ao livre exercício de minha vontade, te percebi junto de meu cadáver.

"Enquanto os vermes prosseguiram em sua obra de corrupção, eu penetrei, curiosa, os mistérios do mundo novo que habitava. Eu pensava, sentia, amava como sobre a Terra; mas meu pensamento, minha sensação, meu amor estavam aumentados. Compreendia melhor os desígnios de Deus, *aspirava sua vontade divina*. Vivemos de uma vida quase imaterial, e somos superiores a vós tanto quanto os anjos o são a nós. Vemos Deus, mas não claramente; nós o vemos como se vê o sol de vossa Terra, através

de uma nuvem espessa. Mas essa visão imperfeita basta à nossa alma, que não está ainda purificada.

"Os homens nos aparecem como fantasmas errando numa bruma crepuscular. Deus deu, a alguns entre nós, a graça de ver mais claramente aqueles que amam de preferência. Vejo-te assim, caro amor, e minha vontade te cerca de uma simpatia amorosa a todo momento. É assim que teus pensamentos vêm de mim, que teus atos te são inspirados por mim, que tua vida, em uma palavra, não é senão um reflexo de minha vida. Do mesmo modo que podemos comunicar convosco, os Espíritos superiores podem se revelar aos nossos olhares. Por vezes, na transparência imaterial, vemos passar a silhueta augusta e luminosa de algum Espírito. É-me impossível pintar-te o respeito que essa visão nos inspira. Felizes aqueles entre nós que são honrados com essas visitas divinas. Admira a vontade de Deus! os mundos se correspondem todos. Nós nos mostramos a vós; eles se mostram a nós: é a escada simbólica de Jacob."

"Ocorre que, de um só golpe de asa, se elevaram até Deus. Mas estes são raros. Outros sofrem longas provas em existências sucessivas. É a virtude que dá as posições, e o mendigo curvado para a terra, às vezes, é aos olhos do Deus justo e severo, maior do que o rei soberbo ou o conquistador invencível. Nada vale senão para a alma; é o único peso que ela leva na balança de Deus."

Agora que fizemos a parte do elogio, façamos a da crítica; ela não será longa, porque não cai senão sobre dois ou três pensamentos. No início, num diálogo entre os dois amigos, encontramos a passagem seguinte:

"Temos existências anteriores? Não o creio: Deus nada nos tira; mas do que estou seguro, é que depois do que chamamos a morte, começamos, - e quando digo nós, falo da alma, - nós começamos, digo eu, uma série de novas existências. No dia em que estivermos bastante puros para ver, compreender e amar Deus inteiramente, só nesse dia morreremos. Note bem que naquele dia não amaremos mais do que Deus e nada senão Deus. Se, pois, Fernand estivesse purificada, ela não sonharia, não poderia sonhar comigo. Do fato de que ela se manifestou, concluo que ela vive. Onde? logo o saberei! Ela é feliz de sua vida, eu creio, porque enquanto o Espírito não estiver completamente depurado, ele não pode compreender que a felicidade não está senão em Deus. Ele pode ser relativamente feliz. À medida que subimos, a idéia de Deus se engrandece em nós cada vez mais, e nós estamos, por isso mesmo, cada vez mais felizes. Mas essa felicidade não é senão uma felicidade relativa. Assim minha noiva vive. Qual é sua vida? eu o ignoro: só Deus pode dizer aos Espíritos para revelarem aos homens esses mistérios."

Depois das idéias como aquelas que encerram as passagens citadas, espanta-se de encontrar uma doutrina como aquela que faz da felicidade perfeita uma felicidade egoísta. O encanto da Doutrina Espírita, o que dela faz uma suprema consolação, é precisamente o pensamento da perpetuidade das afeições se depurando e se estreitando à medida que o Espírito se depura e se educa; aqui, ao contrário, quando o Espírito é perfeito, esquece aqueles que amou, para não pensar senão nele; ele está *morto para* todo outro sentimento que não seja o de sua felicidade; a perfeição lhe tiraria a *possibilidade*, o *desejo mesmo* de vir consolar aqueles que deixa na aflição. Isso seria lá, é preciso convir, uma triste perfeição, ou, melhor dizendo, seria uma imperfeição. A felicidade eterna, assim concebida, não seria mais invejável do que a da contemplação perpétua, cuja reclusão claustral nos dá imagem pela morte antecipada das mais santas afeições da família. Se fosse assim, uma mãe nisso seria reduzida a temer, em lugar de desejar, a completa depuração dos seres que lhe são mais caros. Jamais a generalidade dos Espíritos ensinou semelhante coisa; dir-se-ia uma transação entre o Espiritismo e a crença vulgar. Mas esta transação não é feliz, porque não satisfazendo as aspirações íntimas da alma, não tem nenhuma chance de prevalecer na opinião.

Quando o autor diz que não crê nas existências anteriores, mas que está seguro que, depois da morte, começamos uma série de novas existências, ele não percebeu que cometeu uma contradição flagrante; se admite, como coisa lógica e necessária ao progresso, a pluralidade das existências posteriores, sobre o que se funda para não admitir as existências anteriores? Ele não disse como explica de uma maneira conforme à justiça de Deus, a desigualdade nata, intelectual e moral, que existe entre os homens. Se essa existência é a primeira, e se todos saíram do nada, cai-se na doutrina absurda, inconciliável com a soberana justiça, de um Deus parcial, que favorece certas de suas criaturas, criando almas de todas as qualidades. Poder-se-ia igualmente nisso ver uma transação com as idéias novas, mas que não é mais feliz do que a precedente.

Espanta-se, enfim, de ver Fernande, Espírito avançado, sustentar esta proposição de um outro tempo: "Laura se torna mãe; Deus teve piedade dela, e chamou a ele essa criança. Às vezes ela vem revela. Ela é triste, porque estando morta sem batismo, não gozará *jamaiz* da contemplação divina." Assim, eis um Espírito que Deus *chama a ele*, e que é para sempre infeliz e privado da contemplação de Deus, porque não recebeu o batismo, quando não dependeu dele recebê-lo, e que a falta é do próprio Deus que o chamou muito cedo. Foram essas doutrinas que fizeram tantos incrédulos, e se esperam fazê-las passar com o favor das idéias espíritas que tomam raízes, enganam; aceitar-se-ão as idéias espíritas do que é racional e sancionado pela universalidade do ensino dos Espíritos. Se há ainda aí da transação, ela é inábil. Colocamos a esse respeito que, sobre mil centros espíritas onde as proporções que acabamos de criticar seriam submetidas aos Espíritos, delas novecentos e noventa serão resolvidas em sentido contrário.

Foi a universalidade do ensino, sancionada, além disso, pela lógica, que fez e que completará a Doutrina Espírita. Esta doutrina haure, nessa universalidade do ensino dado sobre todos pontos do globo, por Espíritos diferentes, e em centros completamente estranhos uns aos outros, e que não sofrem nenhuma pressão comum, uma força contra a qual lutariam em vão as opiniões individuais, seja dos Espíritos, seja dos homens. A aliança que se pretendia estabelecer das idéias espíritas com idéias contraditórias, não podem ser senão efêmeras e localizadas. As opiniões individuais podem ligar alguns indivíduos, mas forçosamente circunscritas, elas não podem ligar a maioria, a menos de ter a sanção dessa maioria. Repelidas pelo maior número, são sem vitalidade, e se extinguem com os seus representantes.

Isto é o resultado de um cálculo todo matemático. Se, sobre mil centros, há 990 deles onde se ensina a mesma lição, e dez de uma facção contrária, é evidente que a opinião dominante será a de 990 sobre 1000, quer dizer, a quase unanimidade. Pois bem! estamos certos de fazer uma parte muito ampla nas idéias divergentes, levando-as a um centésimo. Não formulando um princípio antes de estar assegurado pelo consentimento geral, estamos sempre de acordo com a opinião da maioria.

O Espiritismo está hoje de posse de uma soma de verdades de tal modo demonstradas pela experiência, que satisfazem ao mesmo tempo tão completamente a razão, que passaram em artigos de fé na opinião da imensa maioria dos adeptos. Ora, colocar-se em hostilidade aberta com esta maioria, machucar suas aspirações e suas convicções mais caras, é se preparar um fracasso inevitável. Tal é a causa do insucesso de certas publicações.

Mas, dir-se-á, é proibido, pois, àquele que não partilha as idéias da maioria publicar as suas opiniões? Seguramente não; é mesmo útil que o faça; mas, então, deve fazê-lo com os seus riscos e perigos, e não contar com o apoio moral e material daqueles a quem quer atacar vivamente as crenças.

Para retornara Fernande, os pontos de doutrina que combatemos parecem ser opiniões pessoais do autor, das quais parece não ter sentido o lado fraco. Endereçando-nos a sua obra, início de um homem jovem, nos disse que quando tinha escrito essa novela, não tinha senão um conhecimento superficial da Doutrina Espírita, e que, sem

dúvida, nele encontraríamos várias coisas a censurar sobre as quais solicitava a nossa opinião; que, mais esclarecido hoje, há princípios que formularia de outro modo. Felicitando-o pela sua franqueza e pela sua modéstia, informamo-lo que, se houvesse lugar de refutação, nós o faríamos na *Revista*, para instrução de todos.

À parte os pontos que acabamos de citar, não há nenhum que a Doutrina Espírita não possa aceitar; felicitamos o autor do ponto de vista moral e filosófico em que se colocou, e temos seu trabalho por eminentemente útil à difusão da idéia, porque a faz considerar sob sua verdadeira luz, que é o ponto de vista sério. (Ver no número precedente, página 213, a peça de poesia do mesmo autor, intitulada: *Aos Espíritos protetores.*)

SIMONET,

MÉDIUM CURADOR EM BORDEAUX.

O *Figaro*, de 5 de julho último, dava conta, nestes termos, de um julgamento feito pelo tribunal de Bordeaux:

"Nestes últimos tempos, o furor em Bordeaux era ir consultar o feiticeiro de Cauderan. Avaliou-se em mil ou mil e duzentas o número das visitas que recebia cada dia. A polícia, que faz profissão de ceticismo, se emocionou com semelhante sucesso, e quis operar uma descida no castelo de Bel-Air, onde o feiticeiro tinha eleito seu domicílio. Em torno da morada do feiticeiro encontrava-se uma multidão de pessoas se dizendo atingidas de toda espécie de doenças; grandes senhoras ali iam também em seges para consultar o iluminado.

"Os magistrados, desde que interrogaram o feiticeiro, não duvidaram que não tivesse negócio com um pobre louco que era explorado por esses mesmos que lhe davam a hospitalidade; também o feiticeiro Simonet não foi compreendido na perseguição que se contentou de dirigir contra os irmãos Barbier, ágeis compadres que recolheram todos os proveitos da credulidade gascã.

"Sua casa, que verdadeiros Gascões que são, decoraram com o nome de castelo, tinha sido convertida em albergue; somente os vinhos que ali vendiam não tinham nada de comum com o que se chama em Languedoc os vinhos de Château; depois tinham se esquecido de se prover de uma licença, se bem que a administração das contribuições indiretas fazia-lhes um processo.

"O feiticeiro Simonet era citado como testemunha.

- "Onde aprendestes a medicina, vós que sois um simples caldeireiro?

- "E que pensais da revelação? Que eram, pois, os discípulos do Cristo? Que faziam esses pobres pecadores que converteram o mundo? Deus me apareceu; deu-me sua ciência; não tenho mesmo necessidade dos remédios, sou um médico curador.

- "Onde aprendestes tudo isso?

- "Em Allan Kardec... e mesmo, Senhor presidente, eu vo-lo digo com todo o respeito possível, não pareceis conhecer a ciência do Espiritismo e vos convido fortemente a estudá-lo. (Hilaridade à qual não resistem os próprios juizes.)

- "Abusais da credulidade pública. Assim, para não citar senão um exemplo, há um pobre cego que toda Bordeaux conhece. Ele teve a fraqueza de ir em vossa casa, e vos levar os óbolos que recebia da caridade pública. Restituístes-lhe a vista?

- "Eu não curei todo o mundo, mas é preciso crer que eu fiz curas, uma vez que no dia em que a justiça veio, havia mais de 1500 pessoas que esperavam a sua vez.

- "É infelizmente verdadeiro.

"O Sr. procurador imperial. - E se isto continua, tomaremos uma dessas duas medidas: ou vos intimaremos aqui por espoliação fraudulenta, e a justiça apreciará se sois

louco, ou faremos tomar uma medida administrativa contra vós. É preciso proteger as pessoas honestas contra a sua incredulidade.

"No castelo de Bel-Air não se pedia dinheiro aos consulentes; distribuía-lhes somente um número de ordem, que se fazia pagar vinte centavos; depois havia os que traficavam com esses números, revendendo-os até a quinze francos. Enfim, dava-se de comer aos pobres camponeses vindos algumas vezes das extremidades do departamento. Enfim, havia ali um tronco para os pobres; não há necessidade de dizer que os hóspedes do feiticeiro aplicavam o dinheiro dos pobres.

"O tribunal condenou os senhores Barbier em dois meses e um mês de prisão e 300 fr. através de contribuições indiretas.

"Ad. ROCHER."

Eis a verdade sobre Simonet, e de que maneira sua faculdade se revelou.

Os senhores Barbier foram construir em Cauderan, subúrbio de Bordeaux, um vasto estabelecimento, como deles há no quarteirão, destinado aos bailes, núpcias e repastos de corpos, ao qual deram o nome de *Château du Bel-Air*, o que não é mais gascão do que o Château-Rouge ou o Château des Fleurs de Paris. Simonet ali trabalhava como *marceneiro* e não como *caudeireiro*. Durante os trabalhos de construção, ocorria muito freqüentemente que os operários estivessem feridos ou doentes; Simonet, Espírita há muito tempo e conhecendo um pouco o magnetismo, foi levado instintivamente, e sem desígnio premeditado, a cuidar deles pela influência fluídica, e curou a muitos. A fama dessas curas se espalhou, e logo viu uma multidão de doentes acorrer a ele, tanto é verdadeiro que, o que quer que se faça, não se tirará dos doentes o desejo de serem curados, não importa por quem. Temos testemunhas oculares de que a média daqueles que ali se apresentavam era mais de mil por dia. O caminho estava atravancado de viaturas de todas as espécies, vindas de várias léguas na redondeza, de charretes ao lado de carros de luxo. Havia pessoas que passavam a noite para esperarem a sua vez.

Mas nesta multidão se achavam pessoas que tinham necessidade de beber e de comer; os empreendedores do estabelecimento nisso investiram, o que se tomou para eles um negócio muito bom. Quanto a Simonet, que era uma fonte de proveitos indiretos, estava instalado e alimentado, era bem o menos, e não se poderia lhe fazer por isto uma censura. Como se acotovelavam à porta, para evitar a confusão, tomou-se a sábia decisão de dar um número de ordem aos que chegavam; mas teve-se a idéia menos feliz de fazer pagar dez centavos por esse número, e mais tarde vinte centavos; o que, tendo em vista a afluência, fazia por dia uma soma bem recheada. Por mínima que fosse essa retribuição, todos os Espíritas, e o próprio Simonet que nisso não estava por nada, a viram com pesar, pressentindo o mau efeito que isso produziria. Quanto ao tráfico de bilhetes, parece certo que certas pessoas mais apressadas, para passar mais cedo, compraram o lugar de pessoas pobres que estavam ali antes delas, muito contentes com esse ganho inesperado; nisto não havia grande mal, mas poderia e deveria necessariamente resultar em abuso. Foram esses abusos que motivaram a instância judicial, dirigida contra os senhores Barbier, como tendo aberto um estabelecimento de consumação antes de estarem providos de uma patente. Quanto a Simonet, ele não foi colocado em causa, mas simplesmente citado como testemunha.

A reprovação geral que se dá à exploração, nos casos análogos ao de Simonet, é digna de nota; parece que um sentimento instintivo leva os próprios incrédulos a ver no desinteresse absoluto uma prova de sinceridade que inspira uma espécie de respeito involuntário; eles não crêem na faculdade; zombam dela, mas alguma coisa lhes diz que, se ela existe, deve ser uma coisa santa que não pode, sem profanação, se tornar um ofício; limitam-se a dizer: É um pobre louco que é de boa fé; mas todas as vezes que a especulação, sob qualquer forma que isto seja, se mistura a uma mediunidade qualquer, a crítica se crê dispensada de toda reserva.

Simonet cura realmente? Pessoas dignas de fé, muito honradas, e que tinham antes o interesse em desmascarar a fraude do que preconizá-la, nos citaram numerosos casos de curas perfeitamente autênticas. Aliás, nos parece que, se não tivesse curado ninguém, já teria perdido todo o crédito. De resto, não há a pretensão de curar todo o mundo; ele não promete nada; diz que a cura não depende dele, mas de Deus, do qual não é senão o instrumento, e cuja assistência é preciso ser implorada; recomenda a prece e ele mesmo ora. Lamentamos muito não ter podido vê-lo durante nossa estada em Bordeaux; mas todos aqueles que o conhecem estão de acordo em dizer que é um homem afável, simples, modesto, sem jactância nem fanfarrice, que não procura se prevalecer de uma faculdade que sabe poder lhe ser retirada. Ele é benevolente para os enfermos, que encoraja com boas palavras; o interesse que lhes dá não se baseia sobre a classe que ocupam; tem tanta solicitude para o mais miserável quanto para o mais rico; se a cura não é instantânea, o que ocorre mais freqüentemente, coloca-lhe toda a continuação necessária.

Eis o que nos foi dito. Ignoramos quais serão para ele as conseqüências desse processo, mas é certo que, se for sincero, e perseverar nos sentimentos dos quais parece animado, a assistência e a proteção dos bons Espíritos não lhe faltarão; ele verá a sua faculdade se desenvolver e engrandecer, ao passo que ve-la-á declinar e se perder, se entrar no mau caminho, sobretudo se pensar em tirar dela vá idade.

Nota. - No momento de colocar no prelo, soubemos que, em conseqüência da fadiga que resultou para ele do longo e penoso exercício de sua faculdade, mais ainda para escapardos tormentos dos quais foi objeto, Simonet resolveu suspender toda recepção até nova ordem. Se os doentes sofrem por essa abstenção, um grande efeito não foi menos produzido por ela.

ENTRADA DE INCRÉDULOS NO MUNDO DOS ESPÍRITOS.

O DOUTOR CLAUDIUS.

Sociedade de Paris. Méd. Sr. Morin em sonambulismo espontâneo.

Um médico, que designaremos sob o nome de doutor Claudius, conhecido de alguns de nossos colegas, e cuja vida tinha sido uma profissão de fé materialista, morreu há algum tempo de uma afecção orgânica, que sabia ser incurável. Chamado, sem dúvida, pelo pensamento daqueles que o haviam conhecido e que desejavam conhecera sua posição, manifestou-se espontaneamente por intermédio do Sr. Morin, um dos médiuns da Sociedade, em estado de sonambulismo espontâneo. Já várias vezes esse fenômeno se produziu por esse médium e outras adormecido com o sono espiritual.

O Espírito que assim se manifestou se apodera da pessoa do médium, serve-se de seus órgãos como se estivesse ainda vivo. Não é, então, mais uma fria comunicação escrita; é a expressão, a pantomima, a inflexão de voz do indivíduo que se tem diante dos olhos. Foi nessas condições que se manifestou o doutor Claudius, sem ter sido evocado. Sua comunicação, que reportamos textualmente adiante, é instrutiva a mais de um título, principalmente naquilo que ela pinta os sentimentos que o agitam; a dúvida é ainda o seu tormento; a incerteza de sua situação mergulha-o numa terrível perplexidade, e é a sua punição. É uma exemplo a mais que vem confirmar aquilo que se viu muitas vezes em semelhante caso.

Depois de uma dissertação sobre um outro assunto, o médium absorvido se recolhe alguns instantes, depois, como se despertasse penosamente, assim se exprime, falando consigo mesmo:

Ah! ainda um sistema!... O que há de verdadeiro e de falso na existência humana, na criação, na criatura, no criador?... A coisa, ela é?... A matéria é bem verdadeira?... A ciência, é uma verdade?... O saber, uma aquisição?... a alma... a alma existe?

O criador, a divindade, não é um mito?... Mas, que digo eu?... por que estas blasfêmias multiplicadas?... Por que, em face da matéria, não posso crer, ó meu Deus, não posso ver, sentir, compreender?... Matéria!...matéria!...mas, sim, tudo é matéria...Tudo é matéria!!!... e, no entanto, a invocação a Deus chegou à minha boca!... Por que, pois, eu disse: ó meu Deus?... Porque esta palavra, uma vez que tudo é matéria?...Eu sou?...Não é um eco de meu pensamento que ressoa e que se escuta?... Não são as últimas badaladas do sino que eu agito? Matéria!... Sim, a matéria existe, eu o sinto!... A matéria existe; eu a toquei!... mas!...tudo não é matéria, e, no entanto, no entanto, tudo foi auscultado, apalpado, tocado, analisado, dissecado fibra por fibra, e nada!... Nada senão a carne, a matéria sempre, que, desde o instante em que o grande movimento foi detido, se deteve também!... O movimento pára, o ar não chega mais... Mas!... se tudo é matéria, por que não se coloca mais em movimento, uma vez que tudo que existia quando ela se agitava, existe ainda?... E, no entanto... ela não existe mais!...

Mas se, eu sou!... tudo não acabou com o corpo!... em verdade... estou bem morto?... no entanto, esse roedor que alimentei, que cuidei com minhas mãos, não me perdoou!... É verdade; estou morto!... mas essa doença que vi nascer... crescer... tinha uma alma?

Ah! a dúvida! sempre a dúvida!... em resposta às minhas secretas aspirações!... Mas, se eu sou, ó meu Deus, se eu sou,... ah! fazei-me reconhecer-me!... fazei-me vos pressentir!... porque, se eu sou, que longa sucessão de blasfêmias!... que longa negação de vossa sabedoria, de vossa bondade, de vossa justiça!... Que imensa responsabilidade de orgulho assumi sobre minha cabeça, ó meu Deus!... Mas se, tenho ainda um eu, eu que não queria nada admitir fora o que pode ser tocado... Duvidei de vossa sabedoria, ó meu Deus! é justo que eu duvide!... Sim, eu duvidei; a dúvida me perseguiu e me pune.

Oh! mil mortes antes do que a dúvida na qual vivo!... Eu vejo, reencontrei antigos amigos... e, no entanto, todos morreram antes!... Méry! meu pobre louco!... mas não o sou eu antes, eu?... o epíteto de louco se adapta à sua personalidade? - Vejamos, pois; o que é a loucura?...

A loucura!... a loucura!... decididamente, a loucura é universal!!! todos os homens são loucos num grau mais ou menos grande... mas sua loucura, *nele*, não era a sabedoria ao lado de minha loucura em mim?... Nele, os sonhos, as imagens, as aspirações do além... mas, é a justiça!... Conhecia eu este desconhecido que se apresenta inopinadamente a mim?... Não, não, o nada não existe, porque se existisse essa encarnação de negação, de crimes, de infâmias, não me torturaria assim!... Eu vejo, mas vejo muito tarde, todo o mal que fiz!... Vendo-o hoje, e reparando-o pouco a pouco, talvez um dia eu seja digno de ver e de fazer o bem!...

Sistemas!...sistemas orgulhosos, produtos dos cérebros humanos, eis onde nos conduzis!... Num é a divindade; noutro, a divindade material e sensual; em um outro, o nada, nada!... Nada, divindade material, divindade espiritual, são palavras?... Oh! eu peço para ver, meu Deus!... e se existo, se existis, concedei-me o favor que vos peço; aceitai minha prece, porque eu vos peço, ó meu Deus, de me fazer ver se existo, se eu sou!... (Estas últimas palavras são ditas com um acento dilacerante.)

Nota. Se o Sr. Claudius perseverou até o fim em sua incredulidade, não foram os meios de se esclarecer que lhe faltaram; como médico, ele tinha necessariamente o espírito cultivado, a inteligência desenvolvida, um saber acima do vulgo, e, no entanto, isto não lhe bastou. Em suas minuciosas investigações da natureza morta e da natureza viva, ele não entreviu Deus, não entreviu a alma! Vendo os efeitos, não remontou à causa! ou, melhor dizendo, se fez uma causa à sua maneira, e seu orgulho de sábio impedia-o de confessar-se a si mesmo, de confessar, sobretudo, à face do mundo que

poderia estar enganado. Circunstância digna de nota, ele morreu de um mal orgânico que *ele sabia*, por sua própria ciência, ser *incurável*: esse mal que ele tratava era uma advertência permanente; a dor que lhe causava era uma voz que lhe gritava, sem cessar, para pensar no futuro. No entanto nada pôde triunfar de sua obstinação; ele fechou os olhos até o último momento. É que esse homem jamais teria podido se tornar Espírita? seguramente não; nem fatos, nem raciocínios teriam podido vencer uma opinião tomada antes, e da qual estava resolvido não se desviar. Era desses homens que não querem se entregar à evidência, porque neles a incredulidade é *inata*, como em outros a crença; o sentido pelo qual poderão um dia assimilar os princípios espirituais não eclodiu ainda; são para a espiritualidade o que são os cegos para a luz: não a compreendem.

A inteligência não basta, pois, para conduzir ao caminho da verdade; ela é como um cavalo que nos conduz, e que segue o caminho sobre o qual se o lançou; se esse caminho conduz a um lamaçal, ali ele precipita o cavaleiro; mas, ao mesmo tempo, lhe dá os meios de se levantar.

O Sr. Claudius tendo morrido voluntariamente em cegueira, não é de se admirar que não tenha visto logo a luz; que não se reconhecesse num mundo que não quis estudar; que, morto com a idéia do nada, duvida de sua própria existência; incerteza pungente que faz o seu tormento. Ele caiu no precipício onde impeliu seu corcel-inteligência. Mas pode se levantar dessa queda, e já parece entrever um clarão que, se o seguir, o conduzirá ao porto. É nesses louváveis esforços que é preciso sustentá-lo pela prece; quando uma vez tiver gozado dos benefícios da luz espiritual, terá horror das trevas do materialismo; e, se retornar um dia à Terra, será com intuições e aspirações diferentes daquelas que tinha em sua última existência.

UM OPERÁRIO DE MARSEILLE.

Num grupo Espírita de Marseille, a Sra. T..., um dos médiuns, escreveu espontaneamente a comunicação seguinte:

Escutai um infeliz que foi arrancado violentamente do meio de sua família, e que não sabe onde está... No meio das trevas em que me encontro, pude seguir o raio luminoso de um Espírito, ao que se me diz; mas não creio nos Espíritos. Bem sei que é uma fábula inventada pelas cabeças de vento e crédulas... De minha parte, disso não compreendo mais nada... Vejo-me duplo; um corpo mutilado jaz ao meu lado, e, no entanto, estou vivo... Vejo os meus que me lamentam, sem contar meus companheiros de infortúnio, que não vêem tão claro quanto eu; também aproveitei da luz que me conduziu aqui para vir haurir informações junto a vós.

Parece-me que não é a primeira vez que vos vejo; minhas idéias estão ainda perturbadas... será permitem-me retornar uma outra vez quando estiver mais habituado à minha posição atual... É indiferente, vou-me daqui lamentando; encontrava-me em meu centro... mas senti que era preciso obedecer; esse Espírito me parece bom, mas severo. Vou me esforçar para ganhar a sua boa graça para poder falar mais freqüentemente convosco.

UM OPERÁRIO DA CORTE LIEUTAUD.

No desmoronamento de uma ponte que teve lugar poucos dias antes, seis operários tinham perecido; foi um deles que se manifestou.

Depois dessa comunicação, o guia do médium lhe ditou a que segue:

Cara irmã, esse infeliz Espírito foi a ti conduzido para exercer a caridade. Como nós a praticamos para com os encarnados, a vossa deve se exercer para com os desencarnados.

Se bem que esse infeliz esteja sustentado por seu anjo guardião, esse deve lhe permanecer invisível, até que se reconheça bem em sua situação. Por isto, cara irmã, tome-o sob tua proteção, que é ainda fraco, nisto convenho; mas, sustentado pela fé, este Espírito logo verá reluzir a aurora de um novo dia, e o que recusou reconhecer desde sua catástrofe, se tornará logo para ele um motivo de paz e de alegria. Tua tarefa não será muito difícil, porque ele tem o essencial para te compreender: a bondade do coração.

Escuta, cara irmã, os impulsos de teu coração, e sairás vitoriosamente da prova que tua nova missão te impõe.

Sustentai-vos mutuamente, caros irmãos e bem amadas irmãs, e a nova Jerusalém, que estais a ponto de alcançar, vos será aberta com cantos de triunfo, porque o cortejo que vos seguirá os tornará vitoriosos. Mas para bem conhecer os obstáculos exteriores, é preciso antes de tudo ter vencido a si mesmo. Deveis manter uma disciplina severa para com o vosso coração; a menor infração deve ser reprimida, sem procurar atenuar a falta, senão jamais sereis vencedores dos outros; entre vós, vos é preciso rivalizar em virtudes e em vigilância.

Coragem, amigos; não estais sós; estais sustentados e protegidos pelos combatentes espirituais que operam em vós, e chamam sobre vós a bênção do Altíssimo.

Vosso Guia.

Este fato, como se vê, tem alguma analogia de situação com o precedente; é igualmente um Espírito que não se reconhece, que não compreende a sua situação, mas é fácil saber qual dos dois sairá primeiro da incerteza. Na linguagem de um, se reconhece o sábio orgulhoso, que raciocinou sua incredulidade, que, parece, nem sempre fez de sua inteligência e de seu saber o melhor uso possível; o outro é uma natureza inculta, mas boa, à qual, sem dúvida, não faltou senão uma boa direção. A incredulidade nele não é um sistema, mas uma consequência da falta de ensino conveniente. Aquele que, quando vivo, talvez tenha tomado o outro em piedade, poderia bem vê-lo antes numa posição mais feliz que ele. Possa Deus colocá-los em presença para a sua instrução mútua, e o sábio poderia bem ser muito feliz por receber as lições do ignorante.

VARIEDADES

A LIGA DO ENSINO.

Lê-se no Siécle de 10 de julho de 1867:

"Uma sessão da associação fundada por Jean Mace vem de ser autorizada, em Metz, pela prefeitura, sob o nome de "Cercle messin de la *Ligue de l'enseignement*."

"Lê-se, a esse respeito, em *Moselle*'.

"A comissão diretora eleita do círculo entrou em função e decidiu começar seus trabalhos pela fundação de uma biblioteca popular, do modelo daquelas que prestavam tão grandes serviços em Alsace.

"Para esta obra, o círculo de Metz reclama o concurso de todos e solicita a adesão de quem se interesse pelo desenvolvimento da instrução e da educação em nossa cidade. Essas adesões, acompanhadas de uma cotização, cujo valor e o modo de pagamento são facultativos e as doações de livros, serão recebidos por qualquer um dos membros da comissão."

Assim, como dissemos, quando falamos da Liga do ensino (*Revista* de março e abril de 1867, páginas 79 e 110), nossas simpatias foram adquiridas de todas as idéias progressistas nesse projeto, não criticamos senão o modo de execução. Estaremos, pois, felizes em ver as aplicações práticas desse belo pensamento.

SENHORA WALKER, DOUTORA EM CIRURGIA.

Os médicos e os internos do hospital do Charité receberam sábado, durante a visita matinal, um de seus confrades americanos, e que, na última guerra da América, fez uma certa reputação.

Esse doutorem cirurgia não era outro senão a senhora Walker que, durante a guerra da secessão, nos Estados Unidos, dirigiu um importante serviço de ambulâncias. Pequena, de um temperamento delicado, posta com a elegante simplicidade que distingue as senhoras do mundo, a senhora Walker foi recebida muito simpaticamente e muito respeitosamente. Ela se interessou vivamente em dois grande serviços, um cirúrgico, o outro médico.

Sua presença no Charité proclamava um princípio novo que recebeu sua consagração no novo mundo: a igualdade da mulher diante da ciência.

(Opinion nationale.)

(Vera Rewsfadejunhode 1867, p. 161; janeiro de 1866, p. 1, sobre a emancipação das mulheres.)

OIMAN, GRANDE CAPELÃO DO SULTÃO.

Sábado (6 de julho), disse a *Presse*, o iman, ou grande capelão do sultão, Hairoulah-Effendi, retribuiu visita ao Mons. Chigi, núncio, e ao Mons. arcebispo de Paris."

A viagem do sultão a Paris é mais do que um acontecimento político, é um sinal dos tempos, o prelúdio do desaparecimento dos preconceitos religiosos que, portão longo tempo, levantaram uma barreira entre os povos e ensangüentaram o mundo. O sucessor de Maomé vindo, por sua plena vontade, visitar um país cristão, confraternizando com um soberano cristão, teria sido de sua parte, não há muito tempo, um ato audacioso; hoje, esse fato parece muito natural. O que é mais significativo ainda é a visita do iman, seu grande capelão, aos chefes da Igreja. A iniciativa que tomou nessa circunstância, porque a etiqueta não o obrigava a isso, é uma prova do progresso das idéias. Os ódios religiosos são anomalias no século em que estamos, e é um bom augúrio para o futuro, ver um dos príncipes da religião muçulmana dar o exemplo da tolerância e abjurar prevenções seculares.

Uma das conseqüências do progresso moral, certamente, será um dia a unificação das crenças; ela ocorrerá quando os diferentes cultos reconhecerem que não há senão um único Deus para todos os homens, e que é absurdo indigno dele lançar-lhe o anátema porque não se o adorar da mesma maneira.

JEAN RYZAK. O PODER DO REMORSO.

ESTUDO MORAL.

Escreve-se de Winschoten, a 2 de maio de 1867, ao *Journal de Bruxelles*:

Sábado passado chegou a nossa comuna um trabalhador em aterros que se apresentou à moradia do guarda campestre, onde notificou esse funcionário para detê-lo

e entregá-lo à justiça, diante da qual, dizia, tinha que confessar um crime cometido por ele há vários anos. Levado diante do burgomestre, esse operário, que declarou chamar-se J. Ryzak, fez o relato seguinte:

"Há mais ou menos doze anos, eu estava empregado nos trabalhos de dessecamento do lago de Harlem, quando um dia o brigadeiro, pagando a minha quinzena, entregou-me o soldo a um de meus camaradas, com ordem de passá-lo a este último. Gastei o dinheiro, e querendo me evitar o desgosto das procuras, resolvi matar o amigo a quem vinha de roubar. Para esse efeito, precipitei-o num dos sorvedouros do lago, e vendo-o retornar à superfície e fazer esforços para nadar até a margem, dei-lhe dois golpes de faca na nuca.

"Logo que meu crime se consumou, o remorso começou a se fazer sentir; logo tornou-se intolerável, e me foi impossível continuar a trabalhar. Comecei fugindo do teatro de meu crime enorme, não encontrando em nenhuma parte do país nem paz nem trégua, embarquei para as índias, onde empreguei-me no exército colonial. Mas lá também o espectro de minha vítima me perseguia noite e dia; minhas torturas foram incessantes e estranhas, e logo que meu tempo de serviço terminou, uma força irresistível me impeliu para retornar a Winschoten e pedir à justiça a paz de minha consciência. Ela me dará impondo tal expiação que julgar conveniente; e se ordenar que eu morra, prefiro esse suplício àquele que me fez sentir há doze anos, a toda hora do dia e da noite, o carrasco que carrego dentro de mim." Depois desta declaração, e sobre a segurança adquirida pelo burgomestre de que o homem que tinha diante dele estava são de espírito, esse magistrado o remeteu à polícia, que deteve Ryzak e comunicou imediatamente o fato ao oficial de justiça.

Espera-se aqui, com emoção, as conseqüências que poderão ter esse estranho acontecimento.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS SOBRE ESTE ASSUNTO.
Sociedade de Paris, 10 de maio de 1867; Méd. Senhorita Lateltin.

Cada ser tem, como o sabeis, a liberdade do bem e do mal, o que chamais o livre arbítrio. O homem tem em si a consciência que o adverte quando faz o bem ou o mal, comete uma má ação, ou negligencia de fazer o bem; sua consciência que, como vigilante guardiã encarregada de velar por ele, aprova ou desaprova sua conduta. Freqüentemente ocorre que se mostre rebelde à sua voz, que repila suas inspirações; quer-se abafar para esquecer; mas jamais ela é muito completamente aniquilada para que, num momento dado, não se revele mais forte e mais poderosa, e não faça um controle severo de vossas ações.

A consciência produz dois efeitos diferentes: a satisfação de ter agido bem, a paz que deixa o sentimento do dever cumprido, e o remorso que penetra e tortura quando se faz uma ação reprovada por Deus, os homens ou a honra; propriamente falando, é o senso moral. O remorso é como uma serpente de mil pregas, que circula ao redor do coração e o devasta; é o remorso que sempre faz ouvir os mesmos acentos e vos grita: Tu fizeste uma ação má; nela deveras ser punido: teu castigo não cessará senão depois da reparação. E quando, a esse suplício de uma consciência atormentada, vem se juntar a visão constante da vítima, da pessoa a quem se fez mal; quando, sem repouso nem trégua, sua presença censura ao culpado sua conduta indigna, repete-lhe, sem cessar, que sofrerá enquanto não tiver expiado e reparado o mal que fez, o suplício se torna intolerável; é então que, para pôr fim às suas torturas, seu orgulho se dobra, e confessa seus crimes. O mal leva consigo sua pena pelo remorso que deixa e pelas censuras que faz unicamente a presença daqueles contra os quais se agiu mal.

Crede-me, escutai sempre essa voz que vos adverte quando estais prestes a falir; não a abafeis pela revolta de vosso orgulho, e se falirdes, apressai-vos em reparar o mal,

de outro modo o remorso será a vossa punição; quanto mais tardardes, mais a reparação será penosa e o suplício prolongado.

UM ESPÍRITO.

(Mesma sessão; médium Sra. B...).

Tendes hoje um exemplo notável da punição que sofrem, mesmo sobre a Terra, aqueles que se tornaram culpados de uma má ação. Não é somente no mundo invisível que a visão de uma vítima vem atormentar o assassino para forçá-lo ao arrependimento; ali onde a justiça dos homens não começou a expiação, a justiça divina faz começar, com o desconhecimento de todos, o mais lento e o mais terrível dos suplícios, o mais temido castigo.

Há certas pessoas que dizem que a punição infligida ao criminoso, no mundo dos Espíritos, e que consiste na visão continuada de seu crime, não pode ser muito eficaz, e que em nenhum caso, não é essa punição que determina, só ela, o arrependimento. Elas dizem que um perverso natural, como o é o de um criminoso, não pode senão se exasperar cada vez mais por essa visão, e se tornar, assim, pior. Aquelas que assim falam não fazem uma idéia do que pode se tornar um tal castigo; elas não sabem o quanto é cruel esse espetáculo contínuo de uma ação que se gostaria de não ter jamais cometido. Certamente, vemos alguns criminosos se endurecerem, mas, freqüentemente, isto não é senão pelo orgulho, e por querer parecer mais forte do que a mão que os castiga; é para fazer crer que não se deixa abater pela visão de vãs imagens; mas essa falsa coragem não é de longa duração; logo os vemos enfraquecer em presença desse suplício, que deve muito de seus efeitos à sua lentidão e à sua persistência. Não há orgulho que possa resistir a essa ação semelhante à da gota d'água sobre a pedra; tão dura que possa ser a pedra, ela é inevitavelmente atacada, desagregada, reduzida a pó. É assim que o orgulho que faz enrijecer esses infelizes contra o seu soberano senhor, é cedo ou tarde abatido, e que o arrependimento possa, enfim, ter acesso em sua alma; como eles sabem que a origem de seus sofrimentos está em sua falta, pedem para reparar essa falta, a fim de trazer um abrandamento aos seus males.

Aqueles que poderiam disto duvidar, não tendes senão que citar o fato que vos foi assinalado esta noite; ali, não é apenas a hipótese, não é mais unicamente o ensino dos Espíritos, é um exemplo de alguma sorte palpável que se vos apresenta; neste exemplo, o castigo seguiu de perto a falta, e foi tal que, ao cabo de vários anos, forçou o culpado a pedir a expiação de seu crime à justiça humana, e disse a si mesmo que todas as penas, a própria morte, lhe pareceriam menos cruéis do que aquilo que sofria no momento em que se entregou à justiça.

UM ESPÍRITO.

Nota. Sem ir procurar aplicações do remorso entre os grandes criminosos, que são exceções na sociedade, são encontradas nas circunstâncias mais comuns da vida. É esse sentimento que leva todo indivíduo a se afastar daqueles para os quais sente que tem censuras a se fazer; em sua presença, ela fica constrangida; se sua falta não for conhecida, teme ser adivinhada; parece-lhe que um olhar pode penetrar ofundo de sua consciência; ele vê em toda palavra, em todo gesto, uma alusão à sua pessoa; é porque, desde que se sente desmascarado, se retira. O ingrato, ele também, foge de seu benfeitor, porque sua visão é uma censura incessante da qual procura em vão se desembaraçar, porque uma voz íntima lhe grita, no fundo de sua consciência, que é culpado.

Se o remorso já é um suplício sobre a Terra, quanto esse suplício será maior no mundo dos Espíritos, onde não se pode subtrair-se à visão daqueles que se ofendeu!

Felizes aqueles que tenham reparado, desde esta vida, poderão sem medo afrontar todos os olhares no mundo onde nada está escondido.

O remorso é uma conseqüência do desenvolvimento do senso moral; ele não existe ali onde o senso moral está ainda no estado latente; é por isto que os povos selvagens e bárbaros cometem, sem remorso, as piores ações. Aquele, pois, que se pretendesse inacessível ao remorso, se assemelharia ao animal. À medida que o homem progride, o senso moral se torna mais delicado; ofusca-se com o menor desvio do caminho reto; daí o remorso que é um primeiro passo para o retorno ao bem.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

PLANO DE CAMPANHA. -A ERA NOVA. CONSIDERAÇÕES SOBRE O SONAMBULISMO ESPONTÂNEO.

(Paris, 10 de fevereiro de 1867. Médiun Sr. T..., em sono espontâneo.) *Nota.* Nesta sessão, nenhuma questão preliminar havia provocado o assunto que foi tratado. O médiun estava de início ocupado de saúde, depois, cada vez mais, se achou conduzido às reflexões das quais daremos adiante análise. Falou quase uma hora sem interrupção.

Os progressos do Espiritismo causam a seus inimigos um pavor que não podem dissimular. No começo brincaram com as mesas girantes, sem sonharem que acariciavam uma criança que deveria crescer;... a criança cresceu... então pressentiram o seu futuro, e se disseram que nisso teriam logo razão... Mas a criança tinha, como se disse, a vida duradoura. Ela resistiu a todos os ataques, aos anátemas, às perseguições, mesmo à zombaria. Semelhante a certos grãos que o vento carrega, produziu inumeráveis rebentos;... por um que se lhe destruísse, produzia cem outros deles.

De início, empregou-se contra ele as armas de uma outra época, as que se reuniam outrora contra as idéias novas, porque essas idéias não eram senão clarões esparsos a se fazer luz através da ignorância, e que elas não tinha ainda tomado raiz nas massas,... hoje é outra coisa; tudo mudou; os costumes, as idéias, o caráter, as crenças; a Humanidade não se emociona mais com as ameaças que atemorizavam as crianças; o diabo, tão temido por nossos avós, não faz mais medo: dele se ri.

Sim, as armas antigas se enfraqueceram com a couraça do progresso. É como se, em nossos dias, um exército quisesse atacar uma praça forte guarnecida de canhões, com as flechas, os aríetes e as catapultas de nossos ancestrais.

Os inimigos do Espiritismo viram, pela experiência, a inutilidade das armas carcomidas do passado contra a idéia regeneradora; longe de prejudicá-lo, seus esforços serviram para acreditá-lo.

Para lutar com vantagem contra as idéias do século, seria preciso estar à altura do século; às doutrinas progressistas, seria preciso opor doutrinas mais progressistas ainda...; mas o menos não pode se impor sobre o mais.

Não podendo, pois, triunfar pela violência, recorreram à astúcia, a arma daqueles que têm consciência de sua fraqueza... os lobos se fizeram ovelhas para se introduzirem no curral, ali semearam desordem, a divisão, a confusão. Porque chegaram a lançar a perturbação em algumas fileiras, se acreditaram muito cedo senhores da praça. Os adeptos isolados com isto não continuaram menos a sua obra, e a idéia faz cada dia seu caminho sem muito ruído... Foram eles que fizeram o ruído... Não a vedes penetrar por toda a parte! Nos jornais, nos livros, no teatro, e mesmo no púlpito das igrejas? Ela trabalha todas as consciências; arrasta os espíritos para novos horizontes; é encontrada no estado de intuição naqueles mesmos que dela nunca ouviram falar. Está aí um fato que ninguém pode negar, e que se torna cada dia mais evidente; não é a prova de que a idéia é irresistível, e que é um sinal do tempo?

Aniquilá-la é, pois, coisa impossível, porque seria preciso aniquilá-la não sobre um ponto, mas sobre o globo inteiro; e depois, as idéias não são levadas sobre a asa dos ventos, e como as alcançar?

Pegam-se os pacotes de mercadorias na alfândega; mas as idéias! elas são inapreensíveis.

Que fazer então? Tentar delas se apoderar para acomodá-las à sua maneira... Pois bem! é o partido pelo qual se decidiram. Disse a si mesmo: O Espiritismo é o precursor de uma revolução moral inevitável; antes que ele não esteja inteiramente realizado, tratemos de desviá-la em nosso proveito; façamos de maneira que ela não seja daquelas como certas revoluções políticas; desnaturando-lhe o espírito, poder-se-ia lhe imprimir uma outra corrente.

O plano de campanha está, pois, mudado... vereis se formarem reuniões espíritas, cujo objetivo confessado será a defesa da Doutrina, e cujo objetivo secreto será a sua destruição; supostos médiuns terão as comunicações de comando apropriadas ao objetivo que se propõem; publicações que, sob o manto do Espiritismo, se esforçarão por demoli-lo; doutrinas que lhe emprestarão algumas idéias, mas com o pensamento de suplantá-lo. Eis a luta, a verdadeira luta a ser sustentada, e que será perseguida com obstinação, mas da qual sairá vitorioso o mais forte. Que podem os homens contra a vontade de Deus? É possível desconhecê-la em presença do que se passa? Seu dedo não está visível nesse progresso que desafia todos os ataques? nesses fenômenos que surgem de todas as partes como um protesto, como um desmentido dado a todas as negações?... A vida dos homens, a sorte da Humanidade não estão em suas mãos?... os cegos!... Eles contam sem a nova geração que se levanta, e que cada dia domina a geração que se vai... ainda alguns anos, e esta terá desaparecido, não deixando depois dela senão a lembrança de suas tentativas insensatas para deter o impulso do espírito humano que caminha, quando mesmo... Eles contam sem os acontecimentos que vão apressar a eclosão do novo período humanitário... sem os apoios que vão se levantar em favor da nova Doutrina e cuja voz possante imporá silêncio a seus detratores pela sua autoridade.

Oh! quanto a face do mundo será mudada para aqueles que verão o começo do século próximo!... Quantas ruínas verão atrás de si, e que horizontes esplêndidos se abrirão diante deles!... isso será como a aurora pisoteando as sombras da noite;... aos ruídos, aos tumultos, aos rugidos da tempestade sucederão os cantos de alegria; após as angústias, os homens renascerão para a esperança... Sim! o vigésimo século será um século bendito, porque verá a era nova anunciada pelo Cristo.

Nota. Aqui o médium pára, dominado por uma emoção indizível, e como esgotado de fadiga. Depois de alguns minutos de repouso, durante o qual parece retornar ao grau de sonambulismo comum, ele retoma:

O que vos dizia, pois? - Faláveis do novo plano de campanha dos adversários do Espiritismo; depois considerastes a era nova. - Nisso estou.

Esperando, eles disputam o terreno pé a pé. Aproximadamente renunciaram às armas de uma outra época, cuja ineficácia foi reconhecida; tenta-se agora aquelas que são onipotentes neste século de egoísmo, de orgulho e de cupidez: o ouro, a sedução do amor-próprio. Ao lado daqueles que são inacessíveis ao medo, exploram-se a vaidade, as necessidades terrestres. Tal que resiste contra a ameaça, presta ouvido complacente à adulação, ao engodo do bem-estar material... Promete-se pão àquele que não o tem, trabalho ao artesão, práticas ao negociante, melhoria ao empregado, honras ao ambicioso se renunciarem às suas crenças; são atingidos em suas posições, em seus meios de existência, em suas afeições, se forem indóceis; depois a miragem do ouro produz sobre alguns seu efeito comum. Entre eles, necessariamente, se encontram alguns caracteres

fracos que sucumbem à tentação. Há os que caem na armadilha da boa-fé, porque a mão que o levanta se esconde... Há-os também, e muitos, que cedem à dura necessidade, mas que nele não pensam menos; sua renúncia não é senão aparente; eles se dobram, mas para se levantar na primeira ocasião... Outros, aqueles que têm no mais alto grau a verdadeira coragem da fé, desafiam resolutamente o perigo; estes se reúnem sempre porque são sustentados pelos bons Espíritos... Alguns, ai!... mas estes jamais foram Espíritas de coração...preferem o ouro da Terra ao ouro do céu; ficam, pela forma, ligados à Doutrina e, sob este manto, nisto não servem senão à causa de seus inimigos... é uma triste troca que aí fazem, e que pagarão bem caro!

Nos tempos das cruéis provas que ireis atravessar, felizes aqueles sobre os quais se estender a proteção dos bons Espíritos, porque jamais ela terá sido tão necessária!... Orai pelos irmãos desgarrados, a fim de que aproveitem os curtos instantes de descanso que lhes são concedidos antes que a justiça do Altíssimo pese sobre eles...

Quando virem arrebentar a tempestade, mais de um gritará por graça! Mas lhe será respondido: Que fizestes de nossos ensinamentos? Vossos médiuns não escreveram cem vezes a vossa própria condenação?... Tivestes a luz, e não a aproveitastes; tínhamos vos dado um abrigo, porque o desertastes? Sofreis, pois, a sorte daqueles que preferistes. Se vosso coração tivesse sido tocado pelas nossas palavras, teríeis permanecido firmes no caminho do bem, que vos foi traçado; se tivésseis tido a fé, teríeis resistido às seduções tendentes ao vosso amor-próprio e à vossa vaidade. Acreditastes poder, pois, se nos impor, como aos homens, por falsas aparências? Sabei, se disto tiverdes dúvida, que não há um único movimento da alma que não tenha seu contragolpe no mundo dos Espíritos.

Credeis que seja por nada que se desenvolve a faculdade vidente em um tão grande número de pessoas? que seja para oferecer um novo alimento à curiosidade que tantos médiuns hoje dormem espontaneamente o sono do êxtase? Não, enganai-vos. Essa faculdade que vos foi anunciada há muito tempo, é um sinal característico dos tempos que se cumprem; é um prelúdio da transformação, porque, como vos foi dito, esse deve ser um dos atributos da nova geração. Essa geração, mais depurada moralmente, também o será fisicamente; a mediunidade, sob todas as formas, será quase geral, e a comunhão com os Espíritos um estado por assim dizer normal.

Deus envia essa faculdade vidente, nesses momento de crise e de transição, para dar aos seus fiéis servidores um meio para desfazer as tramas de seus inimigos, porque os maus pensamentos que se crêem escondidos na sombra das dobras da consciência, repercutem nessas almas sensitivas, como num espelho, e se descobrem por si mesmas. Aquele que não exale senão bons pensamentos, não teme que sejam conhecidos. Feliz aquele que pode dizer: Lede em minha alma como num livro aberto.

Nota. O sonambulismo espontâneo, do qual já falamos, com efeito, não é senão uma forma da mediunidade vidente cujo desenvolvimento foi anunciado há algum tempo, do mesmo modo que o aparecimento de novas aptidões medianímicas. É notável que, em todos os momentos de crise geral ou de perseguição, as pessoas dotadas dessa faculdade são mais numerosas do que nos tempos comuns; houve muitas delas no momento da revolução; os Camisards dês Cévenes, perseguidos como feras, tinham numerosos videntes que os advertiram o que se passava ao longe; por esse fato, e por ironia, foram qualificados de iluminados; hoje começa-se a compreender que a visão à distância, e independente dos órgãos da visão, pode bem ser um dos atributos da natureza humana, e o Espiritismo o explica pela faculdade expansiva e as propriedades da alma. Os fatos desse gênero estão de tal modo multiplicados, que não se admira menos deles; o que parecia a alguns, outrora, milagre ou sortilégio, é hoje considerado como efeito natural. É um dos mil caminhos pelos quais penetra o Espiritismo, de sorte que, detido numa fonte, brilha por outras saídas.

Essa faculdade não é, pois, nova, mas tende a se generalizar, sem dúvida, pelo motivo indicado na comunicação acima, mas também como meio de provar, aos incrédulos, a existência do princípio espiritual. No dizer dos Espíritos, ela se tornará mesmo endêmica, o que se explicaria naturalmente pela transformação moral da Humanidade, esta transformação devendo levar no organismo modificações que facilitarão a expansão da alma.

Como outras faculdades medianímicas, esta pode ser explorada pelo charlatanismo; é, pois, bom manter-se em guarda contra a fraude que poderia, por um motivo qualquer, procurar simulá-la, e de se assegurar, por todos os meios possíveis, da boa-fé daqueles que dizem possuí-la. Além do desinteresse material e moral, e a honradez notória da pessoa, que são as primeiras garantias, convém observar com cuidado as condições e as circunstâncias nas quais o fenômeno se produz, e de ver se elas não oferecem nada de suspeito.

OS ESPIÕES.

Sociedade de Paris, 12 de julho de 1867; méd. Sr. Morin, em sono espontâneo.

Quando, em conseqüência de uma terrível convulsão humanitária, a sociedade inteira se movia lentamente, oprimida, esmagada, e ignorando a causa de sua opressão, alguns seres privilegiados, alguns velhos veteranos do bem, trazendo em comum sua experiência da dificuldade em reproduzi-la, e acrescentando a isto o respeito que deveria provocar sua conduta e sua posição, resolveram procurar aprofundar as causas dessa crise geral, da qual cada um foi tocado em particular.

A era nova começa, e com ela o Espiritismo (este nome foi criado; não resta mais senão fazê-lo compreender e aprender-lhe em si mesmo o significado. O tempo impassível caminha sempre, e o Espiritismo, que não é mais somente uma palavra, não tem mais a se fazer compreender: ele é compreendido!... mas, alguns veteranos espíritas, essas criaturas, esses missionários, estão sempre à frente do movimento... Seu pequeno batalhão é bem fraco quanto ao número; mas paciência!... cada vez mais ele ganha adeptos, e logo será um exército: o exército dos veteranos do bem! Porque, em geral, o Espiritismo, em seu início, em seus primeiros anos, quase sempre não tem tocado senão corações já estragados pelos atritos da vida, os corações que sofreram e pagaram, corações que trazem em germe os princípios do belo, do bem, do bom, do grande.

Descendo sucessivamente da velhice à idade madura, da idade madura à idade viril e da idade viril à adolescência, o Espiritismo está infiltrado em todas as idades, como em todos os corações, em todas as religiões, em todas as seitas, por toda a parte! A assimilação foi lenta, mas segura!... E hoje não temais que caia essa bandeira espírita, levada desde o início por uma mão firme e segura; porque hoje, as jovens falanges dos batalhões espíritas não exclamam como seus adversários: "Lugar aos jovens. "Não, não dizem: "Saí, os velhos, para deixar subir os jovens." Eles não pedem senão um lugar no banquete da inteligência, senão o direito de se sentar ao lado de seus predecessores e trazer seu óbolo ao grande todo. Hoje, a juventude se viriliza; ela traz sua aquisição à idade madura em troca da experiência desta última, em razão da grande lei de reciprocidade e das conseqüências do trabalho coletivo para a ciência, a moralidade, o bem; porque, em definitivo, se a ciência progride, em benefício de quem progride? não são os corpos humanos que aproveitam de todas as elucidações, de todos os problemas resolvidos, de todas as invenções realizadas? e isto aproveita a todos, do mesmo modo que, se progredis em moralidade, isto aproveita a todos os Espíritos. Portanto, hoje, as pessoas jovens e os velhos são iguais diante do progresso e devem combater, lado a lado, pela sua realização.

O batalhão tornou-se um exército, exército invulnerável, mas que tem a combater, não um, mas milhares de adversários coligados contra ele. Portanto, pessoas jovens,

trazei com confiança o ímpeto de vossas convicções, e vós, velhos, vossa sabedoria, vosso conhecimento dos homens e das coisas, vossa experiência sem ilusão.

O exército está em frente de batalha. Vossos inimigos são numerosos, mas não são, em face de vós, frente contra frente, peito contra peito; estão por toda a parte ao vosso lado, adiante, atrás, no vosso meio, no próprio seio de vosso coração, e não tendes para combatê-los senão vossa boa vontade, vossas consciências leais e vossas tendências ao bem. Desses exércitos coligados, um tem nome: o orgulho; os outros: a ignorância, o fanatismo, a superstição, a preguiça, os vícios de toda a natureza.

E o vosso exército que deve combater de frente, deve também saber lutarem particular, porque não estareis um contra um, mas um contra dez!... A bela vitória a conquistar!... pois bem! se combateis todos em massa, com a esperança de triunfar, combatei-vos primeiro a vós mesmos, domai as vossas más tendências; hipócritas, adquiri a sinceridade; preguiçosos, tornai-vos trabalhadores; orgulhosos, sede humildes, estendei a mão à lealdade vestida com uma blusa em farrapos, e todos, solidariamente, tomai e tende o compromisso de fazer a outrem o que quereríeis que vos fosse feito. Portanto, exclamemos, não mais: Lugar aos jovens, mas lugar a tudo que é belo, ou bem, a tudo que tende a se aproximar da Divindade.

Hoje, começa-se a tomá-lo em consideração esse pobre Espiritismo que se dizia natimorto; vê-se nele um inimigo sério, e porque, pois?... Temiam, em seus inícios, essa criança débil; riam-se de seus esforços impotentes; mas hoje que a criança se tornou homem, se a teme porque ela tem a força da idade viril; é que ela reuniu ao seu redor homens de todas as idades, de todas as posições sociais, de todos os graus de inteligência, que compreendem que a sabedoria, a ciência adquirida, pode também residir no coração de um jovem de vinte anos quanto no cérebro de um homem de sessenta.

Portanto, hoje, esse pobre Espiritismo é receado, temido; não se ousa rirem face, medir-se com ele; tomam-se os caminhos de desvio, o caminho dos frouxos!... Não se vem, à luz do dia, dizer-lhe: Tu não és; vêm no meio de seus partidários, dizer como eles, fazer como eles, aplaudir e aprovar todo o que fazem quando está com eles, para combatê-los e traí-los quando se voltam as costas. Sim, eis o que se faz hoje! No princípio, lhe diziam em face o que se pensava da criança fraca, mas hoje não se ousa mais, porque cresceu, e, no entanto, jamais mostrou os dentes.

Se me disseram para vos dizer isto, se bem que isto me seja sempre penoso, é que tinha a sua utilidade; nada, nenhuma palavra, nenhum gesto, nenhuma entonação de voz se efetuam sem que tenham a sua razão de ser e que não tragam seu contingente ao equilíbrio geral. A administração dos correios do Alto é bem mais inteligente e mais completa do que a de vossa Terra; toda palavra vai ao seu objetivo, ao seu endereço, sem subscrição, ao passo que entre vós a carta que não a leva jamais chega.

Nota. A comunicação acima é, como se vê, uma aplicação daquilo que foi dito na precedente sobre o efeito da faculdade vidente, e não é a única vez que nos foi dado constatar os serviços que essa faculdade está chamada a prestar. Não é dizer que falte acrescentar uma fé cega a tudo que pode ser dito em semelhante caso; haveria tanta imprudência em crer sem reserva em qualquer um, quanto desprezar as advertências que podem ser dadas por essa via. O grau de confiança que se pode a isso juntar depende das circunstâncias; essa faculdade pede para ser estudada; antes de tudo, é preciso agir com circunspeção, e guardar-se de um julgamento precipitado.

Quanto ao fundo da comunicação, sua coincidência com aquela que foi dada cinco meses antes, por um outro médium, e em outro meio, é um fato digno de nota, e sabemos que instruções análogas são dadas em diferentes centros. É, pois, prudente manter-se sobre a reserva com as pessoas sobre a sinceridade das quais não se tem toda razão para estar edificado. Os Espíritas, sem dúvida, não têm senão princípios altamente louváveis; não têm nada a esconder; mas o que têm a temer, é de ver suas palavras desnaturadas e suas instruções travestidas; são as armadilhas estendidas à sua boa-fé

por pessoas que demandam o falso para saber o verdadeiro; que, sob as aparências de um zelo muito exagerado para ser sincero, tendem a arrastar os grupos por um caminho comprometedor, seja para lhes suscitar embaraços, seja para lançar o desfavor sobre a Doutrina.

A RESPONSABILIDADE MORAL.

Sociedade de Paris, 9 de julho de 1867. Méd. Sr. Nivard.

Assisto a todas as tuas conversas mentais, mas sem dirigi-las: teus pensamentos são emitidos em minha presença, mas não os provoço. É o pressentimento dos casos que têm alguma chance de se apresentar, que faz nascer em ti os pensamentos próprios para resolver as dificuldades que poderiam te suscitar. Aí está o livre arbítrio; é o exercício do Espírito encarnado, tentando resolveres problemas que ele mesmo se coloca.

Com efeito, se os homens não tivessem senão as idéias que os Espíritos lhes inspiram, teriam pouco de responsabilidade e pouco de mérito; não teriam senão a responsabilidade de ter escutado maus conselhos, ou o mérito de ter seguido os bons. Ora, essa responsabilidade e esse mérito, evidentemente, seriam menores se fossem o resultado do inteiro livre arbítrio, quer dizer, atos cumpridos na plenitude do exercício das faculdades do Espírito que, neste caso, age sem nenhuma solicitação.

Resulta do que eu disse que, muito freqüentemente, os homens têm pensamentos que lhe são essencialmente próprios, e que os cálculos aos quais se entregam, os raciocínios que têm, as conclusões às quais chegam, são o resultado do exercício intelectual, ao mesmo título que o trabalho manual é o resultado do exercício corpóreo. Não seria preciso concluir daí, que o homem não é assistido em seus pensamentos e em seus atos pelos Espíritos que o cercam, muito ao contrário; os Espíritos, sejam benevolentes ou malévolos, freqüentemente, são a causa provocadora de vossos atos e de vossos pensamentos; mas ignorais completamente em que circunstância essa influência se produz, de sorte que agindo, credes fazê-lo em virtude de vosso próprio movimento: vosso livre arbítrio permanece intacto; não há diferença entre os atos que cumpris sem a eles serdes impelidos, e aqueles que cumpris sob a influência dos Espíritos, senão no grau do mérito ou nas responsabilidades.

Nume noutro caso, a responsabilidade e o mérito existem, mas, eu o repito, não existem no mesmo grau. Este princípio que anuncio, creio, não tem necessidade de demonstração; bastar-me-á, para prová-lo, fazendo uma comparação no que existe entre vós.

Se um homem cometer um crime, seduzido pelos conselhos perigosos de um homem que exerce sobre ele muita influência, a justiça humana saberá reconhecê-lo, concedendo-lhe o benefício das circunstâncias atenuantes; ela irá mais longe: punirá o homem cujos conselhos perniciosos provocaram o crime, e sem nele ter de outro modo contribuído, esse homem será mais severamente punido do que aquele que não foi senão o instrumento, porque foi seu pensamento que concebeu o crime, e sua influência sobre um ser mais fraco que o fez executar. Pois bem! o que fazem os homens neste caso diminuindo a responsabilidade do criminoso e partilhando-a com o infame que o levou a cometer o crime, como quereríeis que Deus, que é a própria justiça, não o faria tanto, uma vez que a vossa razão vos diz que é justo agir assim?

Para o que concerne o mérito das boas ações, que eu disse ser menor se o homem foi solicitado a fazê-las, é a contrapartida daquilo que venho de dizer a respeito da responsabilidade, e pode-se demonstrar invertendo a proposição.

Assim, pois, quando te ocorre refletir e passear as idéias de um assunto a um outro; quando discutes mentalmente sobre os fatos que prevês ou que já se cumpriram; quando tu analisas, quando raciocinas e quando julgas, não creia que sejam os Espíritos que te ditam teus pensamentos ou que te dirigem; eles estão lá, perto de ti, te escutam; vêem

com prazer esse exercício intelectual ao qual tu te entregas; seu prazer é duplo, quando vêem que tuas conclusões estão conformes à verdade.

Ocorre-lhes, algumas vezes, evidentemente, de se misturar a esse exercício, seja para facilitá-lo, seja para dar ao Espírito alguns alimentos, ou lhe criar algumas dificuldades, a fim de tornar essa ginástica intelectual mais proveitosa para aquele que a pratica; mas, em geral, o homem que procura, quando está entregue às suas reflexões, age quase sempre sozinho, sob o olhar vigilante de seu Espírito protetor, que intervém se o caso é bastante grave para tornar sua intervenção necessária.

Teu pai, que vela sobre ti, e que está feliz de te ver quase restabelecido. (O médium saía de uma doença grave.)

LOUISNIVARD.

RECLAMAÇÃO AO JORNAL *LA MARIONNETTE*.

La Marionnette, novo jornal de Lyon, havia publicado o artigo em seguida, em seu número de 30 de junho último:

"Assinalamos a chegada a Lyon do museu antropológico e etnológico do Sr. Neger, sucessor do Sr. Th. Petersen.

"Entre outras coisas extraordinárias, vêem-se nesse museu de cera: 1° uma infelizmente princesa da corte de Coromandel que, casada com um grande chefe de tribo, teve a infâmia de esquecer seus deveres conjugais com um Europeu muito sedutor, e é morta em Londres de uma doença de apatia;

"2° Tênia vinte vezes mais grossas, do que a natural, em todas as fases de sua existência, desde a mais tenra infância até a mais extrema velhice;

"3° A célebre Mexicana *Julia Pastrana* morta na cama, em Moscou no *ano de graça* 1860.

"Não foi sem uma admiração legítima que soubemos dessa morte prematura, -tendo em vista que, em 1865, Julia Pastrana se entregava a exercícios eqüestres num circo, cujas representações se davam na corte de Napoleão.

"Como uma morta em 1860 pode rebentar círculos de papel em 1865? Isto faz sonhar!

"ALLAN KARDEC"

Este número nos tendo sido comunicado, dirigimos ao diretor a reclamação seguinte:

Senhor,

Comunicaram-me o número 6 de vosso jornal, onde se encontra um artigo assinado: *Allan Kardec*. Não penso ter homônimo; em todos os casos, como não respondo senão pelo que escrevo, peço-vos consentir em inserir presente carta em vosso próximo número, a fim de informar vossos leitores que o Sr. Allan Kardec, o autor de *O Livro dos Espíritos*, é estranho ao artigo que leva seu nome e que não autoriza ninguém a dele se servir.

Recebei, senhor, minhas atenciosas saudações.

ALLAN KARDEC.

O diretor do jornal, imediatamente, nos respondeu o que segue:

Senhor,

Nosso amigo Acariâtre, autor do artigo assinado por engano com o vosso nome, já lamenta pela negligência do revisor de provas. Eis a frase *Ce/a fait rever Allan Kardec*, alusão ao Espiritismo. As belezas de Lyon estão todas assinadas *Acariâtre*. Em nosso próximo número, retificaremos este engano.

Recebei, senhor, minhas atenciosas saudações.

E.B.LABAUME.

Nota. Esse jornal aparece todos os domingos, 5, passeio Lafayette, em Lyon.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

10º ANO

NO. 9

SETEMBRO 1867

CARACTERES DA REVELAÇÃO ESPÍRITA (1)

(1) Este artigo é extraído de uma obra nova que colocamos neste momento no prelo e que *aparecerá* antes do fim deste ano. Uma razão de oportunidade nos levou a publicar por antecipação este extrato na Revista; apesar de sua extensão, acreditamos dever inseri-lo em uma só vez para não interromper o encadeamento das idéias. A obra inteira será do formato e do volume de *O Céu e o Inferno*.

1. - Pode-se considerar o Espiritismo como uma revelação? Neste caso, qual é o seu caráter? Sobre o que está fundada a sua autenticidade? Por quem e de que maneira foi ela feita? A Doutrina Espírita é uma revelação no sentido litúrgico da *palavra*, quer dizer, ela é, em todos os pontos, o produto de um ensino oculto vindo do Alto? Ela é absoluta ou suscetível de modificações? Trazendo aos homens a verdade toda feita, a revelação não teria por efeito impedi-los de fazer uso de suas faculdades, uma vez que lhes pouparia o trabalho da pesquisa? Qual pode ser a autoridade do ensino dos Espíritos, se não são infalíveis e superiores à Humanidade? Qual é a autoridade da moral que eles pregam, se essa moral não é outra senão a do Cristo que é conhecida? Quais são as verdades novas que nos trazem? O homem tem necessidade de uma revelação e não pode encontrar em si mesmo, e em sua consciência, tudo o que lhe é necessário para conduzir-se? Tais são as perguntas sobre as quais importa estar fixado.

2. - Definamos primeiro o sentido da palavra *revelação*.

Revelar, derivado da palavra *voile* (do latim *velum*), significa literalmente *tirar o véu*; e, no figurado: descobrir, fazer conhecer uma coisa secreta ou desconhecida. Em sua acepção vulgar, a mais geral, se diz de toda coisa ignorada que vêm à luz, de toda idéia nova que coloca sobre o caminho daquilo que não se sabia.

Deste ponto de vista, todas as ciências que nos fazem conhecer os mistérios da natureza são revelações, e pode-se dizer que há para nós uma revelação incessante; a astronomia nos revelou o mundo astral, que não conhecíamos; a geologia, a formação da Terra; a química, a lei das afinidades; a fisiologia, as funções do organismo, etc.; Copérnico, Galileu, Newton, Laplace, Lavoisier são reveladores.

3. - O caráter essencial de toda revelação deve ser a verdade. Revelar um segredo é fazer conhecer um fato; se a coisa for falsa, este não é um fato, e, por conseguinte, não há revelação. Toda revelação desmentida pelos fatos não é uma revelação; se ela for atribuída a Deus, Deus não podendo nem mentir nem se enganar, ela não pode emanar dele; é preciso considerá-la como o produto de uma opinião pessoal.

4. - Qual é o papel do professor diante de seus alunos, senão o de um revelador? Ele lhes ensina o que não sabem, e que não teriam nem o tempo, nem a possibilidade de descobrir por si mesmos, porque a ciência é a obra coletiva dos séculos e de uma multidão de homens que trouxeram, cada um, seu contingente de observações, e da qual se aproveitam aqueles que vêm depois deles. O ensino é, pois, em realidade, a revelação

de certas verdades científicas ou morais, físicas ou metafísicas, feitas por homens que as conhecem, a outros que as ignoram, e que, sem isto, seriam sempre ignoradas.

5. - Mas o professor não ensina senão o que aprendeu: é um revelador de segunda ordem; o homem de gênio ensina o que encontrou por si mesmo: é um revelador primitivo; ele traz a luz que, cada vez mais, se vulgariza. Onde nisto estaria a Humanidade, sem a revelação dos homens de gênio que aparecem de tempos em tempos?

Mas o que são os homens de gênio? Por que são homens de gênio? De onde vêm? Que se tomam? Notemos que a maioria traz ao nascer faculdades transcendentais e conhecimentos inatos, que um pouco de trabalho basta para desenvolver. Eles pertencem muito realmente à Humanidade, uma vez que nascem, vivem e morrem como nós. Onde, pois, hauriram esses conhecimentos que não puderam adquirir quando vivos? Dir-se-á, com os materialistas, que o acaso lhes deu a matéria cerebral em maior quantidade e de melhor qualidade? Neste caso, não teriam mais mérito do que um legume mais grosso e mais saboroso que um outro.

Dir-se-á, com certos espiritualistas, que Deus os dotou de uma alma mais favorecida do que a do comum dos homens? Suposição inteiramente ilógica, uma vez que acusaria Deus de parcialidade. A única solução racional deste problema está na preexistência da alma e na pluralidade das existências. O homem de gênio é um Espírito que viveu por muito mais tempo; que, por conseguinte, mais adquiriu e mais progrediu do que aqueles que são menos avançados. Em se encarnando, traz o que sabe, e como ele sabe muito mais do que os outros, sem ter necessidade de aprender, é o que se chama um homem de gênio. Mas aquilo que ele sabe não é menos o fruto de um trabalho anterior e não o resultado de um privilégio. Antes de renascer, era, pois, Espírito avançado; ele se reencarna, seja para fazer aproveitar aos outros daquilo que sabe, seja para adquirir mais.

Os homens progredem incontestavelmente por si mesmos e pelos esforços de sua inteligência; mas, entregues às suas próprias forças, esse progresso é muito lento, se não forem ajudados por homens mais avançados como o escolar o é por seus professores. Todos os povos têm seus homens de gênio, que vieram, em diversas épocas, dar um impulso e tirá-los de sua inércia.

6. - Desde que se admita a solicitude de Deus para com suas criaturas, por que não se admitiria que os Espíritos capazes, por sua energia e a superioridade de seus conhecimentos, de fazer avançar a Humanidade, se encarnando pela vontade de Deus em vista de ajudar o progresso num sentido determinado; que recebem uma missão, como um embaixador recebe uma de seu soberano? Tal é o papel dos grandes gênios. Que vêm fazer, senão ensinar aos homens as verdades que esses ignoram, e que teriam ignorado ainda durante longos períodos, ? fim de lhes dar um degrau com a ajuda do qual poderão se elevar mais rapidamente? Esses gênios que aparecem através dos séculos, como estrelas brilhantes, deixando atrás de si um longo rastro luminoso sobre a Humanidade, são os missionários, ou, querendo-se, os messias. Se não ensinassem nada aos homens além do que sabem estes últimos, sua presença seria completamente inútil; as coisas novas que lhes ensinam, seja na ordem física, seja na ordem filosófica, são *revelações*.

Se Deus suscita reveladores para as verdades científicas, pode, com mais forte razão, suscitá-los para as verdades morais, que são um dos elementos essenciais do progresso. Tais são os filósofos, cujas idéias atravessaram os séculos.

7. - No sentido especial da fé religiosa, a revelação se diz mais particularmente das coisas espirituais que o homem não pode saber por si mesmo, que não pode descobrir por meio de seus sentidos, e cujo conhecimento lhe é dado por Deus ou por seus mensageiros, seja por meio da palavra direta, seja pela inspiração. Neste caso, a revelação é sempre feita a homens privilegiados, designados sob o nome de profetas ou

messias, quer dizer, *enviados*, *missionários*, tendo *missão* de transmiti-la aos homens. Considerado sob este ponto de vista, a revelação implica a passividade absoluta; é aceita sem controle, sem exame, sem discussão.

8. - Todas as religiões tiveram seus reveladores, embora todos estivessem longe de ter conhecido toda a verdade, tinham suas razões de ser providenciais, porque eram apropriados ao tempo e ao meio onde viviam, ao gênio particular dos povos aos quais falavam, e aos quais eram relativamente superiores. Apesar dos erros de suas doutrinas, não comoveram menos os Espíritos, e, por isto mesmo, semearam germes de progresso que, mais tarde, deveriam desabrochar, ou desabrochariam um dia, ao sol do Cristianismo. Portanto, é errado que lhe lhes lance anátema em nome da ortodoxia, porque um dia virá em que todas essas crenças, tão diversas pela forma, mas que repousam, em realidade, sobre um mesmo princípio fundamental: Deus e a imortalidade da alma, se fundirão numa grande e vasta unidade, porque a razão terá triunfado dos preconceitos.

Infelizmente, em todos os tempos, as religiões foram instrumentos de dominação; o papel de profeta tentou as ambições secundárias, e se viu surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias que, ao favor do prestígio deste nome, exploraram a credulidade em proveito de seu orgulho, de sua cupidez ou de sua preguiça, achando mais cômodo viver às expensas de seus patetas. A religião cristã não esteve ao abrigo desses parasitas. A esse respeito, chamamos uma atenção séria sobre o capítulo XXI de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*: "*Haverá falsos Cristos e falsos profetas.*"

9. - Há revelações diretas de Deus aos homens? É uma pergunta que não ousaríamos responder nem afirmativamente, nem negativamente, de maneira absoluta. A coisa não é radicalmente impossível, mas nada lhe dá a prova certa. O que não nos poderia ser duvidoso é que os Espíritos mais próximos de Deus pela perfeição se penetram de seu pensamento e podem transmiti-lo. Quanto aos reveladores encarnados, segundo a ordem hierárquica às quais pertencem e o grau de seu saber pessoal, podem haurir suas instruções em seus próprios conhecimentos, ou recebê-las de Espíritos mais elevados, ver mesmo mensageiros diretos de Deus. Estes, falando em nome de Deus, puderam, às vezes ser tomados pelo próprio Deus.

Essas espécies de comunicações nada têm de estranhas para quem conhece os fenômenos espíritas e a maneira pela qual se estabelecem as relações entre os encarnados e os desencarnados. As instruções podem ser transmitidas por diversos meios: Pela inspiração pura e simples, pela audição da palavra, pela visão dos Espíritos instrutores e nas visões e aparições, seja em sonho, seja no estado de vigília, assim como se vêem muitos exemplos na Bíblia, no Evangelho e nos livros sagrados de todos os povos. É, pois, rigorosamente exato dizer que a maioria dos reveladores é composta de médiuns inspirados, audientes e videntes; de onde não se segue que todos os médiuns sejam reveladores, e ainda menos os intermediários diretos da Divindade ou de seus mensageiros.

10. - Só os puros Espíritos recebem a palavra de Deus com a missão de transmiti-la; mas sabe-se agora que os Espíritos estão longe de ser todos perfeitos, e que os há deles que se dão falsas aparências; É o que fez dizer São João: "Não creiais em todos os Espíritos, mas vede antes se os Espíritos são de Deus."(Ep. cap. IV, v. 4.)

Pode, pois, ali ter revelações sérias e verdadeiras, como as há hipócritas e mentirosas. O caráter essencial da revelação espírita é o da *eterna verdade*. Toda revelação manchada de erros ou sujeita a mudança não pode emanar de Deus. É assim que a lei do Decálogo tem todos os caracteres de sua origem, ao passo que as outras leis mosaicas, essencialmente transitórias, freqüentemente em contradição com a lei do Sinai, são a obra pessoal e política do legislador hebreu. Os costumes do povo se abrandando, essas mesmas leis caem no desuso, ao passo que o Decálogo permaneceu de pé, como o farol da Humanidade. O Cristo dele fez a base de seu edifício, ao passo que aboliu as

outras leis; se elas fossem a obra de Deus, teria evitado de tocá-las. O Cristo e Moisés são os dois grande reveladores que mudaram a face do mundo, e aí está a prova da missão divina. Uma obra puramente humana não teria tal poder.

11.- Uma importante revelação se cumpre na era atual; é a que nos mostra a possibilidade de se comunicar com os seres do mundo espiritual. Este conhecimento não é novo, sem dúvida, mas tinha permanecido até os nossos dias, de alguma sorte, no estado de letra morta, quer dizer, sem proveito para a Humanidade. A ignorância das leis que regem essas relações a tinham abafado sob a superstição; o homem era incapaz de tirar disso alguma dedução salutar; estava reservado à nossa época desembaraçá-la de seus acessórios ridículos, de compreender-lhe a importância, e fazer dela sair a luz que deveria clarear o caminho do futuro.

12. - O Espiritismo tendo nos feito conhecer o mundo invisível, que nos cerca, e no meio do qual vivemos sem disto desconfiar, as leis que o regem, suas relações com o mundo visível, a natureza e o estado dos seres que o habitam, e por conseqüência o destino do homem depois da morte, é uma verdadeira revelação na acepção científica da palavra.

13. - Por sua natureza, a revelação espírita tem um duplo caráter; prende-se, ao mesmo tempo, à revelação divina e à revelação científica. Prende-se à primeira, naquilo em que seu advento é providencial, e não o resultado da iniciativa e de um desejo premeditado do homem; e os pontos fundamentais da doutrina são o fato do ensino dado pelos Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens sobre as coisas que ignoravam, que não poderiam aprender por si mesmos, e que lhes importa conhecer hoje que estão maduros para compreendê-las. Ela prende-se à segunda, naquilo em que este ensino não é privilégio de nenhum indivíduo, mas que é dado a todo o mundo pela mesma via; que aqueles que o transmitem e aqueles que o recebem não são seres passivos, dispensados do trabalho de observação e de pesquisa; que não fazem abnegação de seu julgamento e de seu livre arbítrio; que o controle não lhe é interdito, mas ao contrário recomendado; enfim, que a Doutrina não foi *ditada de uma só vez, nem imposta à crença* cega; que ela é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos colocam sob seus olhos, e das instruções que lhe dão, instruções que estuda, comenta, compara, e das quais tira ele mesmo as conseqüências e as aplicações. Em uma palavra, *o que caracteriza a revelação espírita é que sua fonte é divina, que a iniciativa pertence aos Espíritos, e que a elaboração é o fato do trabalho do homem.*

14. - Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente do mesmo modo que as ciências positivas, quer dizer, que aplica o método experimental. Fatos de uma ordem nova se apresentam, que não podem se explicar pelas leis conhecidas; ele os observa, os compara, os analisa, e dos efeitos remontando às causas, chega à lei que os rege; depois, deduzindo-lhe as conseqüências e procurando-lhe as aplicações úteis. *Ele não estabelece nenhuma teoria preconcebida*; ele não colocou como hipótese, nem a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem nenhum dos princípios da Doutrina; ele concluiu pela existência dos Espíritos quando essa existência ressaltou com evidência da observação dos fatos, e assim os outros princípios. Não foram os fatos que vieram depois para confirmar a teoria, mas a teoria que veio subseqüentemente explicar e resumir os fatos. É, pois, rigorosamente exato dizer que o Espiritismo é uma ciência de observação, e não o produto da imaginação.

15. - Citemos um exemplo. Passa-se, no mundo dos Espíritos, um fato muito singular, e que, seguramente, ninguém teria suspeitado, que é o dos Espíritos que não se acreditam mortos. Pois bem! Os Espíritos superiores, que o conhecem perfeitamente, não vieram dizer por antecipação: "Há Espíritos que crêem ainda viver a vida terrestre; que conservaram seus gostos, seus hábitos e seus instintos;" mas provocaram a manifestação de Espíritos dessa categoria para nos fazer observá-los. Tendo, pois, visto

Espíritos incertos de seu estado, ou afirmando que estavam ainda neste mundo e crendo vagar em suas ocupações comuns, do exemplo se concluiu a regra. A multiplicidade dos fatos análogos provou que isso não era uma exceção, mas uma das fases da vida espírita; ela permitiu estudar todas as variedades e as causas dessa singular ilusão; de reconhecer que essa situação é, sobretudo, própria dos Espíritos pouco avançados moralmente, e que ela é particular a certos gêneros de morte; que ela não é senão temporária, mas pode durar dias, meses e até anos. Foi assim que a teoria nasceu da observação. Ocorre o mesmo com todos os outros princípios da Doutrina.

16. - Do mesmo modo que a ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual; ora, como este último princípio é uma das forças da Natureza, que reage incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, disto resulta que o conhecimento de um não pode ser completo sem o conhecimento do outro; que o Espiritismo e a ciência se completam um pelo outro; que a ciência sem o Espiritismo se encontra na impossibilidade de explicar certos fenômenos unicamente pelas leis da matéria, e que foi por ter feito abstração do princípio espiritual que ela se deteve em tão numerosos impasses; que o Espiritismo sem a ciência lhe faltaria apoio e controle, e poderia se embalar de ilusões. O Espiritismo vindo antes das descobertas científicas teria sido uma obra abortada, como tudo que vem antes de seu tempo.

17. - Todas as ciências se encadeiam e se sucedem numa ordem racional; elas nascem, umas das outras, à medida em que encontram um ponto de apoio nas idéias e nos conhecimentos anteriores. A astronomia, uma das primeiras que tendo sido cultivada, permaneceu nos erros da infância até o momento em que a física veio revelar a lei das forças dos agentes naturais; a química, nada podendo sem a física, deveria lhe suceder de perto, para em seguida marchar de concerto em se apoiando uma sobre a outra. A anatomia, a fisiologia, a zoologia, a botânica, a mineralogia não se tornaram ciências sérias senão com a ajuda das luzes trazidas pela física e pela química. A geologia, nascida ontem, sem a astronomia, a física, a química e todas as outras, sentiria a falta de seus verdadeiros elementos de vitalidade; ela não poderia vir senão depois.

18. - A ciência moderna fez justiça aos quatro elementos primitivos dos Antigos, e de observação em observação, chegou à concepção de *um único elemento gerador* de todas as transformações da matéria; mas a matéria, por si mesma, é inerte; ela não tem nem vida, nem pensamento, nem sentimento; é-lhe preciso a sua união com o princípio espiritual. Se o Espiritismo não descobriu, nem inventou esse princípio, mas o primeiro, ele o demonstrou por provas irrecusáveis; ele estudou, analisou e lhe deu a ação evidente. Ao *elemento material* veio juntar o *elemento espiritual*. *Elemento material e elemento espiritual*, eis doravante os dois princípios, as duas forças vivas da Natureza. Pela união indissolúvel desses dois elementos explica-se sem dificuldade uma multidão de fatos até então inexplicáveis. Por sua própria essência, e como tendo por objeto o estudo de um dos dois elementos constitutivos do universo, o Espiritismo toca forçosamente à maioria das ciências; ele não poderia vir senão depois da elaboração dessas ciências, e sobretudo depois que elas tivessem provado sua impossibilidade de tudo explicar unicamente pelas leis da matéria.

19. - Acusa-se o Espiritismo de parentesco com a magia e a feitiçaria; mas esquece-se que a astronomia tem por filha primogênita a astrologia judiciária, que não está tão distante de nós; que a química é filha da alquimia, da qual nenhum homem sensato ousaria se ocupar hoje. Ninguém nega, no entanto, que houve, na astrologia e na alquimia, o germe das verdades de onde saíram as ciências atuais. Apesar de suas fórmulas ridículas, a alquimia colocou sobre o caminho dos corpos simples e da lei das afinidades; a astrologia se apoiava sobre a posição e o movimento dos astros que ela havia estudado; mas, na ignorância das verdadeiras leis que regiam o mecanismo do universo, os astros eram, para o vulgo, seres misteriosos aos quais a superstição

emprestava uma influência moral e um sentido revelador. Quando Galileu, Newton, Kepler fizeram conhecer essas leis, que o telescópio rasgou o véu, e mergulhou nas profundezas do espaço um olhar, que certas pessoas acharam indiscreto, os planetas nos apareceram como simples mundos semelhantes ao nosso, e toda a base do maravilhoso se desmoronou.

Ocorre o mesmo com o Espiritismo com relação à magia e à feitiçaria; essas se apoiavam também sobre a manifestação dos Espíritos, como a astronomia sobre o movimento dos astros; mas na ignorância das leis que regem o mundo espiritual, elas misturavam a essas relações práticas e crenças ridículas, das quais o Espiritismo moderno, fruto da experiência e da observação fez justiça. Seguramente, a distância que separa o Espiritismo da magia e da feitiçaria é maior do que aquela que existe entre a astronomia e a astrologia, a química e alquimia; querer confundi-los é provar que disso não se sabe a primeira palavra.

20. - Só o fato da possibilidade de se comunicar com os seres do mundo espiritual tem conseqüências incalculáveis da mais alta gravidade; é todo um mundo novo que se nos revela, e que tem tanto mais importância, quanto espera todos os homens sem exceção. Este conhecimento não pode deixar de trazer, em se generalizando, uma modificação profunda nos costumes, no caráter, nos hábitos, nas crenças que têm uma tão grande influência sobre as relações sociais. É toda uma revolução que se opera nas idéias, revelação tanto maior, tanto mais poderosa, quanto ela não está circunscrita a um povo, a uma casta, mas que atinge simultaneamente pelo coração todas as classes, todas as nacionalidades, todos os cultos.

É, pois, com razão que o Espiritismo é considerado como a terceira grande revelação. Vejamos em que elas diferem, e por qual laço elas se ligam uma à outra.

21. - MOISÉS, como profeta, revelou aos homens o conhecimento de um Deus único, soberano senhor e criador de todas as coisas; promulgou a lei do Sinai e colocou os fundamentos da verdadeira fé; como homem, foi o legislador do povo pelo qual essa fé primitiva, em se depurando, deveria se derramar sobre toda a Terra.

22. - O CRISTO, tomando da antiga lei o que era eterno e divino, e rejeitando o que não era senão transitório, puramente disciplinar e de concepção humana, acrescentou a *revelação da vida futura*, da qual Moisés não tinha falado, a das penas e das recompensas que esperam o homem depois da morte. (Ver *Revista Espirita*, 1861, p. 90 e 280.)

23. -A parte mais importante da revelação do Cristo, no sentido de que ela é a fonte primeira, a pedra angular de toda a doutrina, é o ponto de vista todo novo sob o qual faz encarar a divindade. Não é mais o Deus terrível, ciumento, vingativo de Moisés, o Deus cruel e impiedoso que irriga a terra com o sangue humano, que ordena o massacre e o extermínio dos povos, sem excetuar as mulheres, as crianças e os velhos, que castiga aqueles que poupam as vítimas; não é mais o Deus injusto que pune todo um povo pela falta de seu chefe, que se vinga do culpado pela pessoa do inocente, que fere as crianças pela falta de seu pai, mas um Deus clemente, soberanamente justo e bom, cheio de mansidão e de misericórdia, que perdoa o pecador arrependido, e dá a cada um segundo as suas obras; não é mais um Deus de um único povo privilegiado, o *Deus dos exércitos* presidindo os combates para sustentar a sua própria causa contra o Deus de outros povos, mas o Pai comum do gênero humano, que estende a sua proteção sobre todos os seus filhos, e os chama todos a si; não é mais o Deus que recompensa e pune só pelos bens da Terra, que faz consistir a glória e a felicidade na escravização dos povos rivais e na multiplicidade da progenitura, mas que diz aos homens: "Vossa verdadeira pátria não é neste mundo, ela está no reino celeste; é lá que os humildes de coração serão elevados e que os orgulhosos serão rebaixados. Não é mais o Deus que faz uma virtude da vingança e ordena restituir olho por olho e dente por dente, mas o Deus de misericórdia, que diz: "Perdoai as ofensas, se quiserdes que vos seja perdoado; restituí o bem pelo mal; não

fazei a outrem o que não gostaríeis que vos fosse feito." Não é mais o Deus mesquinho e meticuloso que impõe, sob as penas mais rigorosas, a maneira pela qual ser adorado, que se ofende na inobservância de uma fórmula, mas o Deus grande, que olha o pensamento e não se honra pela forma; não é mais, enfim, o Deus que quer ser temido, mas o Deus que quer ser amado.

24. - Sendo Deus o centro de todas as crenças religiosas, o objetivo de todos os cultos, *o caráter de todas as religiões é conforme à idéia que elas dão de Deus*. Aquelas que fazem dele um Deus vingativo e cruel, crêem honrá-lo por atos de crueldade, pelas fogueiras e as torturas; aquelas que dele fazem um Deus parcial e ciumento, são intolerantes, elas são mais ou menos meticulosas na forma, segundo elas o crêem mais ou menos manchado das fraquezas e das pequenezes humanas.

25. - Toda a Doutrina do Cristo está fundada sobre o caráter que ele atribui à divindade. Com um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, pôde fazer do amor de Deus e da caridade para com o próximo a condição expressa da salvação, e dizer: *Aí está toda a lei e os profetas e dela não há outra*. Somente sobre esta crença, ele pôde assentar o princípio da igualdade dos homens diante de Deus, e da fraternidade universal.

Esta revelação dos verdadeiros atributos da divindade, junto à da imortalidade da alma e da vida futura, modificou profundamente as relações mútuas dos homens, lhes impôs novas obrigações, fê-los encarar a vida presente sob uma outra luz; foi, por isto mesmo, toda uma revolução nas idéias, revolução que deveria forçosamente reagir sobre os costumes e as relações sociais. Incontestavelmente, por suas conseqüências é o ponto mais capital da revelação do Cristo, e do qual não se compreendeu bastante a importância; é lamentável dizê-lo, é também aquele do qual se esta mais afastado, que se o tem mais desconhecido na interpretação de seus ensinamentos.

26. - No entanto o Cristo acrescenta: Muitas das coisas que vos digo não podeis ainda compreendê-las, e delas teria muitas outras a vos dizer que não compreenderíeis; é porque vos falo por parábolas; mas, mais tarde, *eu vos enviarei o Consolador, o Espírito de Verdade, que restabelecerá todas as coisas e vo-las explicará todas*.

Se o Cristo não disse tudo o que teria podido dizer, foi porque acreditou dever deixar certas verdades na sombra até que os homens estivessem em estado de compreendê-las. Como ele declara, seu ensino estava, pois, incompleto, uma vez que anuncia a vinda daquele que deverá completá-lo; ele previa, pois, que desprezariam suas palavras, que desviariam seu ensinamento, em uma palavra, que se desfariam o que fez, uma vez que toda coisa deve ser restabelecida; ora, não se *restabelece* senão o que tem defeito.

27. - Por que chama ele o novo Messias Consolador? Este nome significativo e sem ambigüidade é toda uma revelação. Ele previa pois, que os homens teriam necessidade de consolações, o que implica a insuficiência daquelas que encontraram na crença que iriam se fazer. Jamais, talvez, o Cristo foi mais claro e mais explícito do que nestas últimas palavras, as quais poucas pessoas guardaram, talvez porque evitaram de colocá-las à luz e de aprofundar-lhes o sentido profético.

28. - Se o Cristo não pôde desenvolver o seu ensino de maneira completa, é que faltavam aos homens conhecimentos que estes não poderiam adquirir senão com o tempo, e sem os quais não poderiam compreendê-lo; há coisas que teriam parecido insensatas no estado dos conhecimentos de então. Completar o seu ensino deve, pois, se entender no sentido de *explicar* e de *desenvolver*, bem mais do que acrescentar-lhe verdades novas; porque ali tudo se encontra em germe; faltava a chave para entender o sentido de suas palavras.

29. - Mas quem ousa permitir-se interpretar as Escrituras sagradas? Quem tem este direito? Quem possui as luzes necessárias, se não são os teólogos?

Quem o ousa? A ciência primeiro, que não pede permissão a ninguém para fazer conhecer as leis da Natureza, e salta de pés juntos sobre os erros e os preconceitos. -

Quem tem esse direito? Neste século de emancipação intelectual e de liberdade de consciência, o direito de exame pertence a todo o mundo, e as Escrituras não são mais a arca santa na qual ninguém ousava tocar o dedo, sem se arriscar de ser fulminado. Quanto às luzes especiais necessárias, sem contestar às dos teólogos, e por muito esclarecidos que fossem os da Idade Média, e em particular os Pais da Igreja, no entanto, não o eram ainda bastante para não condenar, como heresia, o movimento da Terra e a crença nos antípodas; e sem remontar mais alto, os de nossos dias não lançaram anátema aos períodos da formação da Terra?

Os homens não puderam explicar as Escrituras senão com a ajuda do que sabiam, das noções falsas ou incompletas que tinham sobre as leis da Natureza, mais tarde reveladas pela ciência; eis porque os próprios teólogos puderam, de boa-fé, se enganar sobre o sentido de certas palavras e de certos fatos do Evangelho. Querendo a todo preço nele encontrar a confirmação de um pensamento preconcebido, giravam sempre no mesmo círculo, sem mudar seu ponto de vista, de tal sorte que ali não viam senão o que queriam nele ver. Por sábios teólogos que fossem, não podiam compreender as causas dependentes de leis que não conheciam.

Mas quem será juiz das interpretações diversas, e freqüentemente contraditórias, dadas fora da teologia? - O futuro, a lógica e o bom senso. Os homens, cada vez mais esclarecidos à medida que novos fatos e novas leis vierem se revelar, saberão fazer a parte dos sistemas utópicos e da realidade; ora, a ciência faz conhecer certas leis; o Espiritismo delas faz conhecer outras; umas e as outras são indispensáveis à inteligência dos textos sagrados de todas as religiões, desde Confúcio e Buda, até o Cristianismo. Quanto à teologia, ela não saberia judiciosamente escusar as contradições da ciência, então que ela não está sempre de acordo consigo mesma.

30. - O Espiritismo tomando seu ponto de partida nas próprias palavras do Cristo, como o Cristo tomou as suas de Moisés, é uma consequência direta de sua doutrina.

À idéia vaga da vida futura, ele acrescenta a revelação do mundo invisível que nos cerca e povoa o espaço, e por aí ele precisa a crença; dá-lhe um corpo, uma consistência, uma realidade no pensamento.

Ele define os laços que unem a alma e o corpo, e levanta o véu que escondia, aos homens, os mistérios do nascimento e da morte.

Pelo Espiritismo, o homem sabe de onde vem, para onde ele vai, porque está sobre a Terra, porque nela sofre temporariamente, e ele vê por toda a parte a justiça de Deus.

Ele sabe que a alma progride sem cessar, através de uma série de existências sucessivas, até que ela tenha alcançado o grau de perfeição que pode aproximá-la de Deus.

Ele sabe que todas as almas tendo um mesmo ponto de partida, são criadas iguais, com uma mesma aptidão de progredir em virtude de seu livre arbítrio; que todas são da mesma essência, e que não há entre elas senão a diferença do progresso realizado; que todas têm o mesmo destino e alcançarão o mesmo objetivo, mais ou menos prontamente segundo seu trabalho e sua boa vontade.

Ele sabe que não há criaturas deserddadas, nem mais favorecidas umas do que as outras; que Deus não as criou que sejam privilegiadas nem dispensadas do trabalho imposto a outras para progredir; que não há seres perpetuamente votados ao mal e ao sofrimento; que aqueles designados sob o nome de *demônios* são Espíritos ainda atrasados e imperfeitos, que fazem o mal no estado de Espíritos, como o faziam no estado de homens, mas que avançarão e se melhorarão; que os anjos ou puros Espíritos não são seres à parte na criação, mas Espíritos que alcançaram o objetivo, depois de ter seguido a fieira do progresso; que, assim, não há criações múltiplas de diferentes categorias entre os seres inteligentes, mas que toda criação ressalta da grande lei de unidade que rege o universo, e que todos os seres gravitam para um objetivo comum, que

é a perfeição, sem que uns sejam favorecidos às expensas dos outros, todos sendo os filhos de suas obras.

31. - Pelas relações que o homem pode agora estabelecer com aqueles que deixaram a Terra, há não só a prova material da existência e da individualidade da alma, mas compreende a solidariedade que religa os seres e os mortos deste mundo, e aqueles deste mundo com aqueles dos outros mundos. Ele conhece sua situação no mundo dos Espíritos; segue-os em suas migrações; é testemunha de suas alegrias e de suas dificuldades; sabe porque são felizes ou infelizes, e a sorte que espera ele mesmo segundo o bem ou o mal que fez. Essas relações o iniciam na vida futura, que pode observar em todas as suas fases, em todas as suas peripécias; o futuro não é mais uma vaga esperança: é um fato positivo, uma certeza matemática. Então a morte não tem mais nada de atemorizante, porque é para ele a libertação, a porta da verdadeira vida.

32. - Pelo estudo da situação dos Espíritos, o homem sabe que a felicidade e a infelicidade na vida espiritual são inerentes ao grau de perfeição e de imperfeição; cada um sofre as conseqüências diretas e naturais de suas faltas, de outro modo dito, ele é punido por onde pecou; que essas conseqüências duram tão longo tempo quanto a causa que as produziu; que, assim, o culpado sofreria eternamente, se persistisse eternamente no mal, mas que o sofrimento cessa com o arrependimento e a reparação; ora, como depende de cada um se melhorar, cada um pode, em virtude de seu livre arbítrio, prolongar ou abreviar seus sofrimentos, como o doente sofre de seus excessos por tão longo tempo que não lhe ponha um fim.

33. - Se a razão repele, como incompatível com a bondade de Deus a idéia das penas irremissíveis, perpétuas e absolutas, freqüentemente infligidas por uma única falta, os suplícios do inferno que não pode abrandar o arrependimento mais ardente e mais sincero, ela se inclina diante dessa justiça distributiva e imparcial, que tudo leva em conta, não fecha jamais a porta do retorno, e, sem cessar, estende a mão ao naufrago em lugar de repeli-lo para o abismo.

34. - A pluralidade das existências, da qual o Cristo colocou o princípio no Evangelho, mas sem mais defini-lo do que muitos outros, é uma das leis mais importantes reveladas pelo Espiritismo, no sentido que lhe demonstra a realidade e a necessidade para o progresso. Por esta lei, o homem explica todas as anomalias aparentes que a vida humana apresenta; as diferenças de posições sociais; as mortes prematuras que, sem a reen-carnação, tornariam inúteis para a alma as vidas abreviadas; a desigualdade das aptidões intelectuais e morais, pela antigüidade do Espírito, que mais ou menos viveu, mais ou menos aprendeu e progrediu, e que traz, em renascendo, a aquisição de suas existências anteriores. (Nº 5.)

35. - Com a doutrina da criação da alma em cada existência, cai-se no sistema das criações privilegiadas; os homens são estranhos uns aos outros, nada os religa, os laços de família são puramente carnis; não são solidários de um passado em que não existiam; com a do nada depois da morte, toda relação cessa com a vida; eles não são solidários do futuro. Pela reencarnação, são solidários do passado e no futuro; suas relações se perpetuam no mundo espiritual e no mundo corpóreo, a fraternidade tem por base as próprias leis da Natureza; o bem tem um objetivo, o mal as suas conseqüências inevitáveis.

36. - Com a reencarnação caem os preconceitos de raças e de castas, uma vez que o próprio Espírito pode renascer rico ou pobre, grande senhor ou proletário, senhor ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, não há nenhuma que prepondere em lógica o fato material da reencarnação se, pois, a reencarnação funda-se sobre uma lei da Natureza o princípio da fraternidade universal ela funda-se sobre a mesma lei no da igualdade dos direitos sociais, e, conseqüentemente no da liberdade.

Os homens não nascem inferiores e subordinados senão pelo corpo; pelo Espírito, eles são iguais e livres. Daí o dever de tratar os inferiores com bondade, benevolência e humanidade, porque aquele que é nosso subordinado hoje, pode ter sido nosso igual ou nosso superior, talvez um parente ou um amigo, e que podemos nos tornar, por nossa vez, o subordinado daquele ao qual comandamos.

37. - Tirai ao homem o Espírito livre, independente, sobrevivente à matéria, dele fareis uma máquina organizada, sem objetivo, sem responsabilidade, sem outro freio que o da lei civil, e *bom para explorar como um animal inteligente*. Nada esperamos depois da morte, nada nos detém para aumentar os gozos do presente; se sofre, não tem em perspectiva senão o desespero e o nada por refúgio. Com a certeza do futuro, a de reencontrar com aqueles a quem amou, *o medo de rever aqueles a quem ofendeu*, todas as suas idéias mudam. O Espiritismo não teria feito senão tirar o homem da dúvida quanto à vida futura, teria feito mais para a sua melhoria moral do que todas as leis disciplinares que o reprimem algumas vezes, mas não o mudam.

38. - Sem a preexistência da alma, a doutrina do pecado original não é somente irreconciliável com a justiça de Deus, que toma todos os homens responsáveis pela falta de um único, ela seria um contra-senso, e tanto menos justificável quanto a alma não existia na época em que se pretende fazer remontar a sua responsabilidade. Com a preexistência e a reencarnação, o homem traz, em renascendo, o germe de suas imperfeições passadas, as faltas das quais não pôde se corrigir e que se traduzem por seus instintos natos, suas propensões a tal ou tal vício. Está aí o seu verdadeiro pecado original, do qual sofre muito naturalmente as conseqüências; mas com esta diferença capital de que carrega a pena de suas próprias faltas, e não as da falta de um outro; e esta outra diferença, ao mesmo tempo consoladora, encorajadora, e soberanamente eqüitativa, que cada existência lhe oferece os meios de resgatar pela reparação, e de progredir, seja em se despojando de alguma imperfeição, seja em adquirindo novos conhecimentos, e isto até que, estando suficientemente purificado, não tenha mais necessidade da vida corpórea, e possa viver exclusivamente da vida espiritual, eterna e feliz.

Pela mesma razão, aquele que progrediu moralmente, traz em renascendo, qualidades nativas, como aquele que progrediu intelectualmente traz idéias inatas; está identificado com o bem; pratica-o sem esforços, sem cálculo, e, por assim dizer, sem nele pensar. Aquele que está obrigado a combater as suas más tendências, nisto ainda está em luta; o primeiro já venceu, o segundo está em vias de vencer. *A mesma causa produz o pecado original e a virtude.*

39. - O Espiritismo experimental estudou as propriedades dos fluidos espirituais e sua ação sobre a matéria. Ele demonstrou a existência do *perispírito*, suposto desde a antigüidade, e designado por São Paulo sob o nome de *Corpo Espiritual*, quer dizer, de corpo fluídico da alma depois da destruição do corpo tangível. Sabe-se hoje que esse envoltório é inseparável da alma; que ele é um dos elementos constitutivos do ser humano; que ele é o veículo de transmissão do pensamento, e que, durante a vida do corpo, serve de laço entre o Espírito e a matéria. O perispírito desempenha um papel tão importante no organismo e em uma multidão de afecções, que se liga à fisiologia tão bem quanto à psicologia.

40. - O estudo das propriedades do perispírito, dos fluidos espirituais e dos atributos fisiológicos da alma, abrem novos horizontes à ciência, e dá a chave de uma multidão de fenômenos incompreendidos até então por falta de se conhecer a lei que os rege; fenômenos negados pelo materialismo, porque se ligam à espiritualidade, qualificados por outros de milagres ou de sortilégios, segundo as crenças. Tais são, entre outros, os fenômenos da dupla vista, da visão à distância, do sonambulismo natural e artificial, dos efeitos físicos, da catalepsia e da letargia, da presciência, dos pressentimentos, das aparições, das transfigurações, da transmissão do pensamento, da fascinação, das curas

instantâneas, das obsessões e possessões, etc. Em demonstrando que esses fenômenos repousam sobre leis tão naturais quanto os fenômenos elétricos e as condições normais nas quais podem se reproduzir, o Espiritismo destrói o império do maravilhoso e do sobrenatural, e, conseqüentemente a fonte da maioria das superstições. Se faz crer na possibilidade de certas coisas consideradas por alguns como quiméricas, impede de crer em muitas outras das quais demonstra a impossibilidade e a irracionalidade.

41. - O Espiritismo muito longe de negar ou de destruir o Evangelho, ao contrário, vem confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da Natureza que revela, tudo o que disse e fez o Cristo; ele traz a luz sobre os pontos obscuros de seu ensino, de tal sorte que aqueles para quem certas partes do Evangelho eram ininteligíveis, ou pareciam *inadmissíveis*, as compreendem sem dificuldade com a ajuda do Espiritismo, e as admitem; vêem melhor a sua importância e podem fazer a parte da realidade e da alegoria; o Cristo lhes pareceu maior: não é mais simplesmente um filósofo, é um Messias divino.

42. - Se se considera, além disso, o poder moralizador do Espiritismo pelo objetivo que ele assinala para todas as ações da vida, pelas conseqüências do bem e do mal que ele faz tocar com o dedo; a força moral, a coragem, as consolações que dá nas aflições por uma inalterável confiança no futuro, pelo pensamento de ter perto de si os seres que se amou, a segurança de revê-los, a possibilidade de conversar com eles, enfim, pela certeza de que tudo o que se fez, tudo que se adquiriu em inteligência, em ciência, em moralidade, *até a última hora da vida*, nada está perdido, que tudo aproveita ao adiantamento, reconhece-se que o Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo com relação ao Conso/ador anunciado. Ora, como é o *Espírito de Verdade* que preside ao grande movimento de regeneração, a promessa de seu advento se encontra do mesmo modo realizada, porque, pelo fato, ele é que é o verdadeiro *Consolador* (1). (1) Muitos pais de família deploram a morte prematura de crianças pela educação das quais fizeram grandes sacrifícios, e dizem a si mesmos que tudo isso é pura perda. Com o Espiritismo, não lamentam esses sacrifícios, e estariam prontos a fazê-lo, mesmo com a certeza de ver morrer seus filhos, porque sabem que, se estes últimos não aproveitam desta educação no presente, ela servirá, primeiro ao seu adiantamento como Espírito, depois isso será tanto adquirido para uma nova existência, e que quando retornarem, terão uma bagagem intelectual que os tomará mais aptos para adquirirem novos conhecimentos. Tais são essas crianças que trazem, em nascendo, idéias inatas, e que sabem, por assim dizer, sem ter necessidade de aprender. Se, como pais não têm a satisfação imediata de ver seus filhos aproveitarem essa educação, disto gozarão certamente mais tarde, seja como Espíritos, seja como homens. Talvez serão de novo os pais dessas mesmas crianças que se dizem felizmente dotadas pela Natureza, e que devem suas aptidões a uma precedente educação; como também, se as crianças voltam mal em conseqüência da negligência de seus pais, estes podem ter que deles sofrer mais tarde pelas contrariedades e desgostos que lhes suscitarão numa nova existência.

43. - Se, a esses resultados, acrescentar-se a rapidez inaudita da propagação do Espiritismo, apesar de tudo que se fez para abatê-lo, não se pode desconvir que a sua vinda não seja providencial, uma vez que triunfa de todas as forças e de todas as más vontades humanas. A facilidade com o qual é aceito por um tão grande número, e isto sem constrangimento, e sem outros recursos do que o poder da idéia, prova que ele responde a uma necessidade: a de crer, depois do vazio cavado pela incredulidade, e que, por conseqüência, ele veio a seu tempo.

44. - Os aflitos são em grande número, não é, pois, surpreendente que tantas pessoas acolham uma doutrina que consola de preferência àquelas que desesperam; porque é aos deserdados, mais do que aos felizes do mundo, que se dirige o Espiritismo. O doente vê chegar o médico com mais alegria do que aquele que está bem; ora, os aflitos são os doentes, e o Consolador é o médico.

Vós que combateis o Espiritismo, se quiserdes que se o deixe para vos seguir, dai mais e melhor do que ele; curai mais seguramente as feridas da alma; fazei como o mercador que, para lutar contra um concorrente, dá a mercadoria de melhor qualidade e a

melhor preço. Dai, pois, mais consolações, mais satisfações do coração, esperanças mais legítimas, certezas maiores; fazei do futuro um quadro mais racional, mais sedutor; mas não penseis vencê-lo, vós, com a perspectiva do nada, vós, com a alternativa das chamas do inferno ou da beata e inútil contemplação perpétua. Que diríeis do comerciante que tratasse de toucos todos os clientes que não querem a sua mercadoria, e vão à casa do vizinho? Fazeis do mesmo modo, tachando de loucura e de inépcia todos aqueles que não querem vossas doutrinas, que têm o erro de não achar de seu gosto (1). (1) O Espiritismo não é contrário à crença dogmática com respeito à natureza do Cristo, e, neste caso, pode-se dizer o complemento do Evangelho, se o contradiz?

A solução desta questão não toca senão de maneira acessória ao Espiritismo, que não tem que se preocupar dogmas particulares de tal ou de tal religião; simples doutrina filosófica, não se coloca nem em combatente, nem em adversário sistemático, de nenhum culto, e deixa a cada um a sua crença.

A questão da natureza do Cristo é capital do ponto de vista cristão; ela não pode ser tratada levemente, e não são as opiniões pessoais *nem de homens nem de Espíritos* que podem decidi-lo; em semelhante assunto, não basta afirmar ou negar, é necessário provar; ora, de todas as razões alegadas pró ou contra, não há dentre elas nenhuma que não seja mais ou menos hipotética, uma vez que todas são controversas; os materialistas não viram a coisa senão com os olhos da incredulidade e a negação prévia; os teólogos, com os olhos da fé cega, e a decisão tomada da afirmação; nem uns nem os outros estão nas condições de imparcialidade necessárias; interessados em sustentar sua opinião, não viram e procuraram senão o que poderia lhes ser favorável, e fecharam os olhos sobre o que poderia lhes ser contrário. Se há muito tempo a questão é agitada, ela não está ainda resolvida de maneira peremptória, é que faltaram os *únicos* elementos que poderiam dar-lhe a chave, absolutamente como faltava aos sábios da antiguidade o conhecimento das leis da luz para explicar o fenômeno do arco-íris.

O Espiritismo é neutro na questão; ele não tem mais interesse em uma solução do que em uma outra; caminhou sem isso, e caminhará ainda qualquer que lhe seja o resultado; colocado fora dos dogmas particulares, isso não é para ele uma questão de vida ou de morte. Quando o abordar, apoiará todas as suas teorias sobre os fatos, e a resolverá pelos fatos, e isto em tempo oportuno; se tivesse havido urgência, ela já teria sido resolvida. Os elementos de uma solução são hoje completos, mas o terreno não está ainda pronto para receber a semente; uma solução prematura, qualquer que ela seja, encontraria muita oposição de parte a parte, e afastaria do Espiritismo mais partidários do que ela lhe daria; eis porque a prudência nos faz um dever nos abstermos de toda polêmica sobre esse assunto, até que estejamos seguros de podermos colocar o pé sobre um terreno sólido. A espera disto, deixamos discutir o pró e o contra *fora do Espiritismo* sem nisso tomar parte, deixando as duas partes esgotarem seus argumentos. Quando o momento for propício, traremos na balança não mais a nossa opinião pessoal que não tem nenhum peso e não pode fazer lei, mas *fatos* até este momento não *observados*, e então cada um poderá julgar com conhecimento de causa. Tudo que podemos dizer, sem prejudicar a questão, é que a solução, em qualquer sentido que ela seja dada, não contradirá nem os atos nem as palavras do Cristo, mas, ao contrário, os confirmará elucidando-os.

Àqueles, pois, que nos perguntam o que o Espiritismo diz da natureza do Cristo, respondemos invariavelmente: "É uma questão de dogma estranha ao objetivo da doutrina." O objetivo que todo Espírita deve perseguir, se quiser merecer esse título, é a sua própria melhoria moral. Sou melhor do que era? Corrigi-me de algum defeito? Fiz bem ou mal ao meu próximo? Eis o que todo Espírita sincero e convicto deve se perguntar. Que importa saber se o Cristo era Deus ou não, sendo-se sempre egoísta, orgulhoso, ciumento, invejoso, colérico, maldizente, caluniador? A melhor maneira de honrar o Cristo é imitá-lo em sua conduta; mais se o eleve em seu pensamento, menos se ó digno dele, e mais se o insulta e o profana, fazendo o contrário daquilo que ele disse. "O Espiritismo diz a seus adeptos: praticai as virtudes recomendadas pelo Cristo, e sereis mais cristãos do que muitos daqueles que se dão por tais." Aos católicos, protestantes e outros, ele diz: "Se temeis que o Espiritismo perturbe vossa consciência, não vos ocupeis dele." Ele não se dirige senão àqueles que vêm a ele livremente, e que dele têm necessidade. Ele não se dirige àqueles que têm uma fé qualquer e a quem essa fé basta, mas àqueles que não a têm ou que duvidam, e lhes dá a crença que lhes falta, não mais a do catolicismo do que a do protestantismo, do judaísmo ou do islamismo, mas a crença fundamental, base indispensável de toda religião; aí termina o seu papel. Esta base posta, cada um fica livre de seguir o caminho que satisfaça melhor à sua razão.

45. - A primeira revelação estava personificada em Moisés, a segunda no Cristo, a terceira não o está em nenhum indivíduo. As duas primeiras são individuais, a terceira é coletiva; está aí um caráter essencial de uma grande importância. Ela é coletiva no sentido de que não foi feita por privilégio de ninguém; que ninguém, por conseguinte, pode dela se dizer o profeta exclusivo. Ela foi feita simultaneamente sobre toda a Terra, a milhões de pessoas, de todas as idades, de todos os tempos e de todas as condições,

desde o mais baixo até o mais alto da escala, segundo esta predição reportada pelo autor dos Atos dos apóstolos: "Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei de meu espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão; as pessoas jovens terão visões, e vossos velhos terão sonhos." Ela não saiu de nenhum culto especial, a fim de servir um dia a todos de ponto de união (1). (1) Nosso papel pessoal, no grande movimento das idéias que se prepara pelo Espiritismo, e que já começa a se operar, é a de um observador atento que estuda os fatos para deles procurar a causa e dela tirar as conseqüências. Confrontamos todos aqueles que nos foi possível juntar; comparamos e comentamos as instruções dadas pelos Espíritos sobre todos os pontos do globo, depois coordenamos o todo metodicamente; em uma palavra, temos estudado e dado ao público o fruto de nossas pesquisas, sem atribuir ao nosso trabalho outro valor que o de uma obra filosoficamente deduzida da observação e da experiência, sem jamais nos termos colocado como chefe de doutrina, nem ter querido impor nossas idéias a ninguém. Publicando-as, nós usamos de um direito comum, e aqueles que as aceitam o fazem livremente. Se essas idéias encontraram numerosas simpatias, é que elas têm a vantagem de responder às aspirações da maioria, do que não poderíamos tirar vaidade, uma vez que a sua origem não nos pertence. Nosso maior mérito é o da perseverança e do devotamento à causa que abraçamos. Em tudo isto fizemos o que outros teriam podido fazer como nós; é por isso que jamais tivemos a pretensão de nos crer profeta ou messias, e ainda menos de nos dar por tal.

Sem ter nenhuma das qualidades exteriores da mediunidade efetiva, não contestamos em sermos assistidos em nossos trabalhos pelos Espíritos, porque temos deles provas muito evidentes para disto duvidar, o que devemos, sem dúvida, à nossa boa vontade, e o que é dado a cada um de merecer. Além das idéias que reconhecemos nos serem sugeridas, é notável que os assuntos de estudo e observação, em uma palavra, tudo o que pode ser útil à realização da obra, nos chega sempre a propósito, - em outros tempos eu teria dito: como por encantamento; - de sorte que os materiais e os documentos do trabalho jamais nos fazem falta. Se temos que tratar de um assunto, estamos certos que, sem pedi-lo, os elementos necessários à sua elaboração nos são fornecidos, e isto por meios que nada têm senão de muito natural, mas que são, sem dúvida, provocados por colaboradores invisíveis, como tantas coisas que o mundo atribui ao acaso.

46. - Sendo as duas primeiras revelações o produto de um ensino pessoal, forçosamente, foram localizadas, quer dizer, que elas tiveram lugar sob um único ponto, ao redor do qual a idéia se propagou passo a passo; mas foram precisos muitos séculos para que elas atingissem as extremidades do mundo, sem invadi-lo por inteiro. A terceira tem isto de particular, que não estando personificada num indivíduo, ela se produziu simultaneamente sobre milhares de pontos diferentes, que todos se tornaram centros ou focos de irradiação. Esses centros se multiplicando, seus raios se tocam de novo, pouco a pouco, como os círculos formados por uma multidão de pedras lançadas na água; de tal sorte que, em um tempo dado, acabarão por cobrir a superfície inteira do globo.

Tal é uma das causas da rápida propagação da Doutrina. Se ela tivesse surgido sobre um único ponto, se tivesse sido a obra exclusiva de um homem, teria formado seita ao seu redor; mas meio século não teria talvez se escoado antes que ela atingisse os limites da região onde ela teria nascido, ao passo que depois de dez anos, ela já tem balizas plantadas de um pólo ao outro.

47. - Esta circunstância estranha na história das doutrinas, dá a esta uma força excepcional e um poder de ação irresistível; com efeito, comprimindo-a sobre um ponto, em uma região, é materialmente impossível comprimi-la sobre todos os pontos, em todos os países. Por um lugar onde ela for entravada, haverá milhares deles ao lado onde ela florirá. Muito mais, sendo atingida num indivíduo, não se pode atingi-la nos Espíritos que lhe são a fonte. Ora, como os Espíritos estão por toda a parte, e que deles haverá sempre, se, por impossível, se chegasse a abafá-la sobre todo o globo, ela reapareceria algum tempo depois, porque repousa sobre um fato, que este fato está na Natureza, e que não se podem suprimir as leis da Natureza. Eis do que devem se persuadir aqueles que sonham com o aniquilamento do Espiritismo. (*Revista Espirita*, fevereiro de 1865, p. 38: *Perpetuidade do Espiritismo*.)

48. - No entanto, esses centros disseminados teriam podido permanecer ainda muito tempo isolados uns dos outros, confinados que são alguns em regiões distantes. Seria preciso entre eles um traço de união que os colocassem em comunhão de pensamentos com seus irmãos em crença, em lhes informando o que se faz alhures.

Esse traço de união, que teria faltado ao Espiritismo na antigüidade, encontra-se nas publicações que vão por toda a parte, que condensam sob uma forma única, concisa e metódica, o ensino dado por toda a parte sob formas múltiplas e em línguas diversas.

49. -As duas primeiras revelações não poderiam ser senão o resultado de um ensino direto; elas deveriam se impor à fé pela autoridade da palavra do mestre, não estando os homens bastante avançados para concorrerem à sua elaboração.

Observamos, todavia, entre elas, uma nuance bem sensível que se prende ao progresso dos costumes e das idéias, se bem que elas tenham sido feitas no mesmo povo e no mesmo meio, mas com quase dezoito séculos de intervalo. A doutrina de Moisés é absoluta, despótica; ela não admite discussão e se impõe a todo o povo pela força. A de Jesus é essencialmente *conselheira*; ela é livremente aceita e não se impõe senão pela persuasão; ela é controvertida mesmo quando em vida de seu fundador, que não desdenhava discutir esse assunto com seus adversários.

50. - A terceira revelação vinda numa época de emancipação e de maturidade intelectual, onde a inteligência desenvolvida não pode se dispor a um papel passivo, onde o homem não aceita nada cegamente, mas quer ver aonde é conduzido, saber o porquê e o como de cada coisa, devia ser, ao mesmo tempo, o produto de um ensino e o fruto de um trabalho, da pesquisa e do livre exame. Os Espíritos não ensinam senão justamente o que é preciso para pôr sobre o caminho da verdade, mas se abstêm de revelar o que o homem pode achar por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, de controlar e de submeter tudo ao cadinho da razão, deixando-o mesmo, freqüentemente, adquirir a experiência às suas expensas. Eles lhe dão o princípio, os materiais, para deles tirar proveito e pô-los à obra (nº 15).

51. - Os elementos da revelação espírita tendo sido dados simultaneamente sobre uma multidão de pontos, a homens de todas as condições sociais e de diversos graus de instrução, é bem evidente que as observações não poderiam ser feitas por toda a parte com o mesmo proveito; que as conseqüências a delas tirar, a dedução das leis que regem essa ordem de fenômenos, em uma palavra, a conclusão que devia assentar as idéias, não podiam sair senão do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, circunscrito num círculo restrito, não vendo, o mais freqüentemente, senão uma ordem particular de fatos, algumas vezes em aparência contraditórios, não tendo geralmente relações senão com uma mesma categoria de Espíritos, e, além disto, travada pelas influências locais e o espírito de partido, se encontrava na impossibilidade material de abarcar o conjunto e, por isto mesmo, na impossibilidade de ligar as observações isoladas a um princípio comum. Cada um apreciando os fatos do ponto de vista de seus conhecimentos e de suas crenças anteriores, ou da opinião particular dos Espíritos que se manifestam, haveria tido logo tantas teorias e sistemas quantos centros, e dos quais nenhum teria podido ser completo, por falta de elementos de comparação e de controle.

52. - É de notar, além disto, que em nenhuma parte o ensino espírita foi dado de maneira completa; ele toca a um tão grande número de observações, a assuntos tão diversos, que exigem tanto conhecimentos, quanto aptidões medianímicas especiais, que teria sido impossível reunir no mesmo ponto todas as condições necessárias. O ensino devendo ser coletivo e não individual, os Espíritos dividiram o trabalho disseminando os assuntos de estudo e de observação, como em certas fábricas a confecção de cada parte de um mesmo objeto é repartida entre diferentes trabalhadores.

A revelação é assim feita parcialmente, em diversos lugares e por uma multidão de intermediários, e é desta maneira que ela prosseguirá ainda neste momento, porque tudo não está revelado. Cada centro encontra, nos outros centros, o complemento daquilo que obtém, e é o conjunto, a coordenação de todos os ensinamentos parciais, que constituíram a *Doutrina Espírita*.

Era, pois, necessário agrupar os fatos esparsos para ver a sua correlação, recolher os documentos diversos, as instruções dadas pelos Espíritos sobre todos os pontos e

sobre todos os assuntos, para compará-los, analisá-los, estudar as analogias e as diferenças. As comunicações sendo dadas por Espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, seria preciso apreciar o grau de confiança que a razão permitia lhes conceder, distinguir as idéias sistemáticas individuais e isoladas daquelas que tinham a sanção do ensino geral dos Espíritos, as utopias das idéias práticas; desmentir aquelas que eram notoriamente desmentidas pelos dados das ciências positivas e da lógica sadia; utilizar os próprios erros, as informações fornecidas pelos próprios Espíritos de mais baixo estágio, para o conhecimento do estado do mundo invisível, e dele formar um todo homogêneo. Seria preciso, em uma palavra, um centro de elaboração, independente de toda idéia preconcebida, de todo preconceito de seita, *resolvido a aceitar a verdade tornada evidente, devesse ela ser contrária às suas opiniões pessoais*. Este centro se formou por si mesmo, pela força das coisas, e sem *desígnio premeditado* (1). (1) O *Livro dos Espíritos*, a primeira obra que fez entrar o Espiritismo na via filosófica, pela dedução das conseqüências morais dos fatos, que abordaram todas as partes da doutrina, tocando as questões mais importantes que ela levanta, foi, desde o seu aparecimento, o ponto de união para o qual espontaneamente convergiram os trabalhos individuais. É notório que, da publicação deste livro, data a era do Espiritismo filosófico, até ali permanecido no domínio das experiências de curiosidade. Se este livro conquistou as simpatias da maioria, foi porque era a expressão dos sentimentos dessa mesma maioria, e respondia às suas aspirações; foi também porque cada um nele encontrou a confirmação ou uma explicação racional do que obtinha em particular. Se ele estivesse em desacordo com o ensino geral dos Espíritos, não teria tido nenhum crédito, e teria prontamente caído no esquecimento. Ora, a que se reuniu? Não foi ao homem que não é nada por si mesmo, agente principal que morre e desaparece, mas à idéia que não perece, quando ela emana de uma fonte superior ao homem.

Essa concentração espontânea das forças esparsas deu lugar a uma correspondência imensa, monumento único no mundo, quadro vivo da verdadeira história do Espiritismo moderno, onde se refletem, ao mesmo tempo, os trabalhos parciais, os sentimentos múltiplos que fizeram nascer a Doutrina, os resultados morais, os devotamentos e os desfaletamentos; arquivos preciosos para a posteridade, que poderá julgar os homens e as coisas sobre peças autênticas. Em presença destes testemunhos irrecusáveis, em que se tornarão, na seqüência, todas as falsas alegações, as difamações da inveja e do ciúme?

53. - Desse estado de coisas resultou uma dupla corrente de idéias: umas indo das extremidades ao centro, as outras retornando do centro à circunferência. Foi assim que a Doutrina prontamente caminhou para a unidade, apesar da diversidade de fontes de onde ela emanou; que os sistemas divergentes pouco a pouco caíram, pelo fato de seu isolamento, diante do ascendente da opinião da maioria, por falta de ali encontrar ecos simpáticos. Uma comunhão de pensamentos foi, desde então, estabelecida entre os diferentes centros parciais; falando a mesma língua espiritual, se compreendem e simpatizam de um canto do mundo ao outro.

Os Espíritos, que se acharam mais fortes, lutaram com mais coragem, e caminharam com passo mais seguro, quando não são mais vistos isolados, quando sentiram um ponto de apoio, um laço que os ligava à grande família; os fenômenos dos quais eram testemunhas não lhes pareceram mais estranhos, anormais, contraditórios, quando puderam ligá-los às leis gerais da harmonia, abarcar de um golpe de vista o edifício, e ver em todo o conjunto um objetivo grande e humanitário (1). (1) Um testemunho significativo, tão notável quanto tocante desta comunhão de pensamentos que se estabelecem entre os Espíritos pela conformidade das crenças, são os pedidos de preces que nos vêm das regiões mais longínquas, desde o Peru até a extremidade da Ásia, da parte de pessoas de religiões e de nacionalidades diversas, e que jamais vimos. Não é o prelúdio da grande unificação que se prepara? a prova das raízes sérias que toma por toda a parte o Espiritismo?

É notável que, de todos os grupos que se formaram com a intenção premeditada de fazer cisão proclamando princípios divergentes, do mesmo modo que aqueles que, por razões de amor-próprio ou outras, não querendo ter o ar de sofrer a lei comum, acreditaram-se bastante fortes para caminhar sozinhos, com bastante luzes para não necessitarem de conselhos, nenhum chegou a constituir uma unidade preponderante e viável; todos se extinguíram ou vegetaram na sombra. Como poderia isso ser de outro modo, desde que, para se distinguir, em lugar de se esforçarem por dar uma maior soma de satisfações, rejeitaram os princípios da doutrina precisamente os que de fato eram os mais poderosos atrativos, o que não há de mais consolador, de mais encorajador e de mais racional? Se tivessem compreendido a força dos

elementos morais que constituíram a unidade, não teriam se embalado numa ilusão quimérica; mas tomando seu pequeno círculo pelo universo, não viram nos adeptos senão uma pequena associação que poderia facilmente ser derrubada por uma contra associação. Era equivocar-se estranhamente sobre os caracteres essenciais da Doutrina, e este erro não podia conduzir senão a decepções, porque não se fere impunemente o sentimento de uma massa que tem convicções assentadas sobre bases sólidas; em lugar de romper a unidade, quebraram o único laço que poderia lhes dar a força e a vida (Ver revista *Espírita*, abril de 1866, páginas 106 e 111: *O Espiritismo sem os Espíritos: o Espiritismo independente.*)

54. - Não há nenhuma ciência que tenha saído inteiramente do cérebro de um homem; todas, sem exceção, são o produto de observações sucessivas se apoiando sobre as observações precedentes, como sobre um ponto conhecido para chegar ao desconhecido. Foi assim que os Espíritos procederam para com o Espiritismo; é por isso que o seu ensino é graduado; senão à medida que os princípios sobre os quais devem se apoiar estejam suficientemente elaborados, e que a opinião está madura para assimilá-los. É mesmo notável que todas as vezes que os centros particulares quiseram abordar questões prematuras, não obtiveram senão respostas contraditórias não concludentes. Quando, ao contrário, o momento favorável chegou, o ensino foi idêntico sobre toda a linha, na quase universalidade dos centros.

Há, no entanto, entre a marcha do Espiritismo e a das ciências uma diferença capital, é que estas não chegaram ao ponto onde chegaram senão depois de longos intervalos, ao passo que bastaram alguns anos ao Espiritismo, senão para atingir o ponto culminante, pelo menos para recolher uma soma muito grande de observações próprias para constituírem uma doutrina. Isto prende-se à multidão inumerável de Espíritos que, pela vontade de Deus, manifestaram-se simultaneamente, trazendo cada um o contingente de seus conhecimentos. Disto resulta que todas as partes da doutrina, em vez de serem elaboradas sucessivamente durante vários séculos, o foram quase simultaneamente em alguns anos, e que bastou agrupá-las para delas formar um todo.

Deus quis que assim fosse, primeiro para que o edifício ficasse mais prontamente feito; em segundo lugar, para que se pudesse, pela comparação, ter um controle por assim dizer imediato e permanente na universalidade do ensino, cada parte não tendo valor e *autoridade* senão pela conexão com o conjunto, todas devendo se harmonizarem, e chegar cada uma a seu tempo e em seu lugar. Não confiando a um único Espírito o cuidado da promulgação da doutrina, quis, além disto, que o menor quanto o maior, entre os Espíritos como entre os homens, trouxesse sua pedra ao edifício, a fim de estabelecer entre eles um laço de solidariedade cooperativa, que faltou a todas as doutrinas saídas de uma fonte única.

De um lado, cada Espírito, do mesmo modo que cada homem, não tendo senão uma soma limitada de conhecimentos, individualmente estão inabilitados para tratarem *ex professo* as inumeráveis questões em que o Espiritismo toca; eis igualmente porque a Doutrina, para cumprir os objetivos do Criador, não poderia ser a obra de um único Espírito, nem de um único médium; ela não poderia sair senão da coletividade dos trabalhos controlados uns pelos outros. (Ver em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, introdução, p. VI, e *Revista Espírita*, abril de 1864, p. 90: *Autoridade da Doutrina Espírita; controle universal do ensino dos Espíritos.*)

55. - Um último caráter da revelação espírita, e que ressalta das próprias condições nas quais foi feita, é que, se apoiando sobre fatos, ela é e não pode ser senão essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Por sua essência, ela contrai aliança com a ciência, que, sendo a exposição das leis da Natureza, em uma certa ordem de fatos, não pode ser contrária à vontade de Deus, o autor dessas leis. *As descobertas da ciência glorificam a Deus em lugar de rebaixá-lo; elas não destroem senão o que os homens edificaram sobre as idéias falsas que se fizeram de Deus.*

O Espiritismo não coloca, pois, como princípio absoluto senão o que é demonstrado com evidência, ou que ressalta logicamente da observação. Tocando em todos os ramos

da economia social, aos quais presta o apoio de suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que elas sejam, chegadas ao estado de *verdades práticas*, e saídas do domínio da utopia, sem isto ele se suicidaria; cessando de ser o que ele é, mentiria à sua origem e ao seu objetivo providencial. O *Espiritismo, caminhando com o progresso, não será jamais transbordado, porque, se novas descobertas lhe demonstrarem que está no erro sobre um ponto, ele se modificará sobre esse ponto; se uma nova verdade se revela, ele a aceita* (1). (1) Diante das declarações tão claras e tão categóricas quanto as que estão contidas neste capítulo, caem todas as alegações de tendência ao absolutismo e a autocracia dos princípios, todas as falsas assimilações que, pessoas prevenidas ou mal informadas, emprestam à Doutrina. Essas declarações, aliás, não são novas; nós a temos muito freqüentemente repetidas em nossos escritos, para não deixar nenhuma dúvida a esse respeito. Elas nos assinalam, além disso, o nosso verdadeiro papel, o único que ambicionamos: o de trabalhador.

ROBINSON CRUSOÉ ESPÍRITA.

- Continuação -

Na *Revista Espírita* de março de 1867, página 74, citamos algumas passagens das aventuras de Robinson, marcadas de um pensamento evidentemente espírita. Devemos à cortesia de um de nossos correspondentes de Anvers o conhecimento do complemento dessa história, onde os princípios do Espiritismo estão expressados e afirmados de maneira muito mais explícita e não se encontra em nenhuma das edições modernas. A obra completa, traduzida do inglês sobre a edição original, compreende três volumes e faz parte de uma coleção em trinta e poucos volumes intitulados: *Viagens imaginárias, sonhos, visões e romances cabalísticos*, impresso em Amsterdã em 1787. O título traz que ela se encontra também em Paris, rua e hotel Serpente.

Os dois primeiros volumes dessa coleção contêm as viagens propriamente ditas de Robinson; o terceiro volume, que nosso correspondente de Anvers consentiu em nos confiar, tem portítulo: *Re/7exões sérias e importantes de Robinson Crusoé*. O tradutor disse em seu prefácio:

"Eis enfim o enigma das aventuras de Robinson Crusoé; é uma espécie de Telêmaco burguês, cujo objetivo é levar os homens comuns à virtude e à sabedoria, pelos acontecimentos acompanhados de reflexões. Há, portanto, alguma coisa a mais na história de Robinson do que nas aventuras de Telêmaco; não é um simples romance, é antes uma história alegórica, da qual cada incidente é um emblema de algumas particularidades da vida de nosso autor. Nisso não dou mais vantagem sobre este artigo, porque ele mesmo tratou a fundo, em seu prefácio, que traduzi do inglês, e do qual aconselho muito a leitura a todos esses homens rudes, que se fizeram um hábito bastante ridículo saltar todos os discursos preliminares dos livros.

"A obra que se dá aqui ao público, e que faz o terceiro volume de Robinson Crusoé, é muito diferente das duas partes precedentes, embora tenda ao mesmo fim. O autor nela coloca, por assim dizer, a última mão em seu projeto de reformar os homens, e de convidá-los a se conduzirem de maneira digna da excelência de sua natureza. Não estando contente de lhes ter dado instruções envolvidas em fábulas, achou bom estender os seus preceitos, e dá-los de maneira direta, a fim de que nada nela escape à penetração do grande número de leitores que não têm bastante gênio para desembaraçar a alma da alegoria, do corpo que o envolve."

Este volume compreende duas partes; na primeira, Robinson reentra na vida calma do lar, se entrega às meditações sugeridas pelas peripécias de sua existência agitada; essas reflexões estão marcadas por uma alta moralidade e de um profundo sentimento religioso, no gênero destes:

Página 301. -"Reconheçamos, querendo-se, que não podemos compreender a imutabilidade da Natureza, e das ações de Deus, e que nos é absolutamente impossível conciliá-la com essa variedade da Providência, que, em todas as suas ações, nos parece numa liberdade inteira e perfeita de formar todos os dias novos planos, de virar os acontecimentos de um tal e de um tal lado, como apraz à soberana sabedoria. Pode-se concluir do fato de que não saberíamos conciliar essas coisas, que elas são absolutamente incompatíveis? Valeria tanto sustentar que a natureza de Deus é inteiramente incompreensível, porque não a compreendemos, e que, na Natureza, todo fenômeno onde não penetramos, é impenetrável. Onde está o filósofo que ouse se gabar de compreender a causa que faz girar para o pólo uma agulha imantada, e a maneira pela qual a virtude magnética é comunicada por um simples toque? Quem me dirá por que essa virtude não pode ser comunicada senão ao ferro, e por que a agulha não se liga ao ouro, à prata e aos outros metais? Que comércio secreto há entre o ímã e o pólo do norte, e por qual força misteriosa a agulha que se esfregou se volta para lado do pólo do sul, desde que se tenha passado a linha equinocial? Nada compreendemos dessas operações da Natureza, no entanto, nossos sentidos nos asseguram da maneira mais incontestável do mundo, da realidade dessas operações. A menos que levemos o ceticismo até o mais alto grau do absurdo, devemos confessar que não há nada de contraditório nesses fenômenos, embora nos seja impossível conciliar-lhes o conjunto, e que são compreensíveis, embora não os compreendamos.

"Por que a nossa sabedoria não nos leva a seguir o mesmo método de raciocinar com ao objeto da questão? É natural crer que, apesar dessa aparência de mudança que descobrimos nos atos da providência, apesar desses planos que parecem se destruir mutuamente, e se elevar um sobre a ruína do outro, nada é mais certo e mais real do que a imutabilidade da Natureza e dos decretos de Deus. Que há de mais temerário do que alegar a fraqueza e a pequena extensão da razão como uma prova contra a existência das coisas? Nada é mais ridículo que raciocinar justo sobre os limites de nosso espírito, com relação aos objetos limitados da física, e de não dar atenção à natureza de nossa alma, quando se trata das operações de um ser infinito, tão superiores nossas fracas luzes.

"Se é, pois, razoável crer que a Providência divina é livre em suas ações, e que, dirigida por sua própria soberania ela segue, no curso ordinário das coisas humanas, esses métodos que acha oportunos, é nosso dever ligar um comércio estreito com essa parte ativa da providência, que influi diretamente em nossa conduta, sem nos embaraçar o espírito com vãs discussões sobre a maneira pela qual essa providência influi em nossos assuntos, e sobre o objetivo que ela se propõe.

"Entrando nessa correspondência com essa virtude ativa da sabedoria de Deus, devemos nela examinares caminhos, tanto quanto eles pareçam acessíveis à nossa penetração e às nossas pesquisas; devemos prestar a mesma atenção à voz secreta que já tive o cuidado de descrever, quanto àquela voz clara e forte que nos fala nos acontecimentos mais próprios a nos tocar.

"Quem não se faz um estudo sério de penetrar no sentido dessa voz secreta que se oferece à sua intenção, se priva, deliberadamente, de um grande número de conselhos úteis e de grandes consolações, das quais, muito freqüentemente, sente a necessidade na carreira que deve correr neste mundo.

"Que consolação não é para aqueles que escutam essa voz, de ver, a cada momento, que um poder invisível e infinitamente poderoso ocupa-se de conservá-los e de manejar os seus interesses! Com essa atenção religiosa, não é possível não se aperceber

dessa proteção; não é possível refletir sobre essa liberdade inesperada que todo homem encontra na variedade dos incidentes da vida humana, sem ver, evidentemente, que não o deve à sua própria prudência, mas unicamente ao socorro eficaz de um poder infinito, que o favorece porque o ama." - A segunda parte, intitulada: *Visão do mundo angélico*, contém o relato dos fatos que pertencem mais particularmente à ordem dos fatos Espíritos, e aos quais retiramos as passagens seguintes:

Página 359. - "O Espírito que apareceu a Saul devia ser, segundo penso, um bom Espírito, que se chamava o anjo de um homem, como parece pelo que disse àquela serva dos Atos do Apóstolos, vendo diante da porta Pedro sair miraculosamente da prisão. Tomando-se a coisa desta maneira, ele confirma a minha idéia, no que toca ao comércio dos Espíritos puros com os Espíritos enfermos em corpos, e no que toca às vantagens que os homens podem retirar de um tal comércio. - Aqueles que pretendem que esse foi um mau Espírito devem supor, ao mesmo tempo, que Deus pode se servir do diabo como de um profeta, colocar na boca da mentira as verdades que acha bom revelar aos homens, e sofrer que pregue aos transgressores de suas leis, a justiça dos castigos que resolveu lhes infligir. Não sei de que meio indireto esses intérpretes se serviram para salvar todos os inconvenientes de uma tal opinião; por mim, não vejo que convenha à sua majestade divina emprestar a Satã seu Espírito de verdade, e dele fazer um pregador e um profeta."

Página 365. - "Os mais diretos efeitos de nosso comércio com as inteligências puras, e que me parecem tão sensíveis que é impossível negá-los, são: os sonhos, certas vozes, certos ruídos, as advertências, os pressentimentos, as apreensões, uma tristeza involuntária."

Página 380. - "Parece-me que examinais com muita atenção a natureza dos sonhos e as provas que deles se podem tirar da realidade do mundo dos Espíritos; mas, dissei-me, eu vos peço, o que pensais dos sonhos que nos vêm todo desperto, transportes, êxtases, visões, ruídos, voz, pressentimentos? Não vedes que são provas ainda mais forte do que a própria verdade, uma vez que elas nos tocam no tempo que a nossa razão está senhora de si mesma, e que a sua luz não é envolvida dos vapores do sono?"

Página 393. - "Eu vi ainda, como de um único golpe de vista, a maneira pela qual esses maus Espíritos exercem o seu poder; até a que ponto ele se estende, que obstáculos têm a superar, e quais outros Espíritos se opõem ao sucesso de seus abomináveis desígnios..."

"... Embora o diabo esteja a seu serviço, um número infinito de ministros infiéis, que nada negligenciam para executar seus projetos, não há somente um número igual, mas infinitamente maior de Anjos e de bons Espíritos que, armados de um poder superior, vigiam de um lugar muito mais elevado, sobre a sua conduta, e fazem todos os seus esforços para fazer fracassar as suas maquinações. Esta descoberta faz ver ainda mais claramente que nada poderia fazer senão pela sutileza e pela astúcia, sustentadas de uma vigilância e de uma atenção extraordinária, uma vez que a mortificação de se ver a todo momento detido e transtornado em seus desígnios pela prudente atividade dos bons Espíritos, que têm o poder de castigar e de decompô-lo, como um homem faz a um mau cão de guarda que espreita os que passam para se lançar sobre eles."

Página 397. - "As inspirações não são outra coisa, a meu ver, do que discursos que nos são imperceptivelmente soprados ao ouvido, ou pelos bons anjos que nos favorecem, ou por esses diabos insinuadores que nos espreitam continuamente para nos fazer dar em alguma armadilha. *A única maneira de distinguir os autores desses discursos é de ficarem guarda quanto à natureza dessas inspirações, e examinar se elas tendem a nos levar ao bem ou ao mal.*"

Página 401. - "Vale infinitamente mais para nós que um véu espesso nos esconda esse mundo invisível tão bem quanto a conduta da Providência em relação ao futuro. A bondade divina parece mesmo naquilo que o comércio dos Espíritos e as advertências

que nos são dadas são efetuadas de maneira alegórica pelas inspirações e pelos sonhos, e não de maneira direta, clara, evidente. Aqueles que desejam uma visão mais distinta das coisas futuras, não sabem o que desejam, e, se seus desejos fossem atendidos, encontrariam talvez a sua curiosidade cruelmente punida."

Página 408. - "Uma manhã que ela tinha despertado, e que uma multidão de pensamentos aflitivos entram em seu espírito, ela sente com força, em sua alma, uma espécie de voz que lhe diz: Escrevei-lhe uma carta. Essa voz era tão inteligível e tão natural, que, se ela não estivesse certa de estar sozinha, teria acreditado que essas palavras haviam sido pronunciadas por alguma criatura humana. Durante vários dias, elas lhe foram repetidas a cada momento; enfim, passeando no quarto onde estava escondida, cheia de pensamentos sombrios e melancólicos, ela os ouviu de novo, e respondeu muito alto: Aquém quereis, pois, que se escreva? E a voz lhe replicou imediatamente: Escrevei ao juiz. Estas palavras lhe foram ainda repetidas em diferentes vezes, e a levaram, enfim, a tomar da pena e se pôr em estado de compor uma carta, sem ter no espírito nenhuma idéia necessária ao seu desígnio; *dabiturin hoec hora*, etc. Os pensamentos e as expressões não lhe faltaram; correram de sua pena com tanta abundância e uma tão grande facilidade, que ela isso fez no maior espanto e que nela concebeu as mais fortes esperanças de um feliz sucesso."

Página 413. - "O que se pode, no entanto, se imaginar lá em cima de mais racional, é que esses Espíritos nos dão, nessas ocasiões, todas as luzes que estão em estado de nos dar, e que nos dizem o que sabem, ou pelo menos tudo o que seu mestre e o nosso lhes permitem nos comunicar. Se não tinham um desígnio real e sincero de nos favorecer e de nos garantir da infelicidade que nos pende sobre a cabeça, não nos diriam nada de tudo, e, conseqüentemente, se suas advertências não são mais extensas e melhor desenvolvidas, é certo que não deve estar em seu poder nos dar mais úteis."

Página 416. - "Uma vez que sentimos pressentimentos que são verificados pela experiência, é preciso, por necessidade, que haja Espíritos instruídos do futuro; que haja uma morada para os Espíritos onde as coisas futuras se desenvolvem à sua penetração, e que não saberíamos melhor fazer do que acrescentar fé às novidades que nos vêm de lá. O dever de prestar atenção a esses pressentimentos não é a única conseqüência que se pode tirar desta verdade; há outras delas que podem nos ser de uma utilidade muito considerável:

" 1 ° E/a nos *explica a natureza do mundo dos Espíritos e nos prova a certeza de nossa alma depois da morte;*

"2° Ela nos faz ver que a direção da Providência, em relação aos homens e aos acontecimentos futuros, não é tão oculta aos habitantes do mundo espiritual quanto ela o é a nós;

"3° Disso podemos concluir que a penetração dos Espíritos desligados da matéria é de um bem maior em extensão do que a dos Espíritos encerrados nos corpos, uma vez que os primeiros sabem o que deve nos ocorrer, quando nós mesmos o ignoramos.

"A persuasão da existência do mundo dos Espíritos nos pode ser útil de muitas maneiras diferentes. Somos senhores, sobretudo, de tirar grandes vantagens da certeza em que estamos que sabem revelar o futuro, e nos comunicar as luzes que têm lá em cima, de maneira que nos faça vigiar a nossa conduta, evitar infelicidades, pensarem nossos interesses e mesmo esperara morte de uma alma firme e de um Espírito preparado a receber com constância e com uma firmeza cristã. Este seria também um meio seguro de se alargar a esfera de nossas luzes e nos fazer raciocinar com justeza sobre o verdadeiro valor das coisas.

Página 427. - "Se se fizesse um semelhante uso (arrependimento e reforma de má conduta) das aparições reais do diabo, estou convencido de que este seria um meio de expulsá-lo para sempre do mundo invisível. É muito natural crer que nos realizariam visitas muito raras, se estivessem persuadidos, por sua experiência, de que elas nos

levariam à virtude, muito longe de nos armarem armadilhas; pelo menos, jamais viriam nos ver de seu próprio movimento, e seria preciso uma força superior para isso determiná-lo."

Página 457. - "Minha conversão vem diretamente do céu. A luz que cerca São Paulo, no caminho de Damasco, não o feriu mais vivamente do que aquela que me ofuscou. É verdade que não estava acompanhada por qualquer voz do céu, mais estou seguro de que uma voz secreta falou eficazmente à minha alma; ela me fez compreender que eu estava exposto à cólera desse poder, dessa majestade, desse deus que neguei antes com toda a impiedade imaginável."

Página 462. - "Em uma palavra, semelhantes acidentes são de uma grande força para nos convencer da influência da Providência divina nos assuntos humanos, por pequenas que sejam em aparência, da existência de *um mundo invisível*, e da realidade do comércio das *existências puras com os Espíritos* enfermos no corpo. Eu espero que não terei nada dito sobre essa matéria delicada, que seja própria a levar meus leitores para fantasias absurdas e ridículas. Pelo menos posso protestar que disto não tive o desígnio, e que a minha intenção foi unicamente excitar no coração dos homens sentimentos respeitosos pela divindade e a docilidade para as advertências dos *bons Espíritos* que se interessam por aquilo que nos concerne."

Nota. - Há quase um século que Daniel de Foè, o autor de *Robinson*, escreveu essas coisas que dir-se-iam emprestadas, até nas expressões, à Doutrina Espírita moderna. Em uma segunda comunicação dada à Sociedade de Paris, em seguida à leitura desses fragmentos, ele explicou suas crenças sobre este ponto, dizendo que ele pertencia à seita dos *teósofos*, seita que, com efeito, professava estes mesmos princípios. Por que, pois, esta doutrina não tinha tomado então a extensão que tem hoje? Para isto, há várias razões: 1º os teósofos tinham suas doutrinas quase secretas; 2º a opinião das massas não estava ainda madura para assimilá-las; 3º era preciso que uma sucessão de acontecimentos desse um outro curso às idéias; 4º *era* preciso que a incredulidade preparasse os caminhos, e que, pelo seu desenvolvimento, ela fez sentir o vazio que cava sob os passos da Humanidade, e a necessidade de alguma coisa para enchê-lo; 5º enfim, a Providência não tinha julgado que fosse ainda tempo de tornar gerais as manifestações dos Espíritos; foi a generalização desta ordem de fenômenos que vulgarizou a crença nos Espíritos, e a doutrina que dela foi o corolário.

Se as manifestações tivessem permanecido o privilégio de alguns indivíduos, o Espiritismo não teria ainda saído do lar onde nasceu; estaria ainda, para as massas, no estado de teoria, de opinião pessoal, sem consistência; é a sanção prática que, de um canto do mundo ao outro, e quase instantaneamente, todos encontraram nas manifestações, *provocadas ou espontâneas*, que vulgarizou a Doutrina, e lhe dá uma força irresistível, malgrado aqueles que a combatem.

Se bem que os teósofos tenham tido pouca ressonância e tenham apenas saído da obscuridade, seus trabalhos não se perderam por essa causa; eles semearam germes que não deveriam frutificar senão mais tarde, mas que formaram homens predispostos à aceitação das idéias espíritas, assim como o fez a seita dos swedenborgianos, e, mais tarde, a dos fourrieristas. É de notar que jamais uma idéia pouco grande fez uma erupção brusca no mundo. Frequentemente ela lança seus balões de ensaio vários séculos antes de sua eclosão definitiva; é o trabalho de criação.

NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA

DEUS NA NATUREZA

Por Camille Flammarion (1) (1) Um grande volume in-12. Preço, 4fr. Paris, DidiereComp., cais dos Grands-Augustins, 35.

Depois de haver tratado, como se sabe, do ponto de vista da ciência, a questão da habitabilidade dos mundos, que se liga intimamente ao Espiritismo, o Sr. Flammarion aborda hoje a demonstração de uma outra verdade, a mais capital sem contradita, porque é a pedra angular do edifício social, aquela também sem a qual o Espiritismo não teria a sua razão de ser. *A existência de Deus*. O título de sua obra: *Deus na Natureza*, dela resume toda a economia; ele disse de início que não é um livro litúrgico, nem místico, mas filosófico.

Do ceticismo de um grande número de sábio, conclui-se erradamente que a ciência, por si mesma, é ateia, ou conduz fatalmente ao ateísmo; é um erro que o Sr. Flammarion trata de refutar, demonstrando que se os sábios não viram Deus em suas pesquisas, foi porque não quiseram vê-lo. Todos os sábios, aliás, estão longe de ser ateus, mas confundem-se, freqüentemente, os ceticismo com relação aos dogmas particulares de tal ou tal culto com o ateísmo. O Sr. Flammarion se dirige especialmente à classe dos filósofos que fazem abertamente profissão de materialismo.

"O homem, diz ele, traz em sua natureza uma tão imperiosa necessidade de se deter em convicção, particularmente ao ponto de vista da existência de um ordenador do mundo e da destinação dos seres, que se nenhuma fé não o satisfaz, ele tem necessidade de se demonstrar que Deus não existe, e procura o repouso de sua alma no ateísmo e na doutrina do nada. Também a questão atual que nos apaixona não é mais saber qual é a forma do Criador, o caráter da mediação, a influência da graça, nem discutir o valor dos argumentos teológicos: a verdadeira questão é saber se Deus existe ou se não existe."

Nesse trabalho, o autor procedeu da mesma maneira que em sua *Pluralidade dos mundos habitados*, colocou-se sobre o próprio terreno de seus adversários. Se tivesse haurido seus argumentos na teologia, no Espiritismo ou em doutrinas espiritualistas quaisquer, teria colocado premissas que teriam sido rejeitadas. É porque ele toma a dos negadores e demonstra, pelos próprios fatos, que se chega a uma conclusão diametralmente oposta; ele não invoca novos argumentos controvertidos; não se perde nas nuvens da metafísica, do subjetivo e do objetivo, nas sutilezas da dialética; permanece sobre o terreno do positivismo; combate os ateus com os suas próprias armas; tomando um a um seus argumentos, os destrói com a ajuda da própria ciência que eles invocam. Não se apoia sobre a opinião dos homens; sua autoridade é a Natureza e nela mostra Deus em tudo e por toda a parte.

"A Natureza explicada pela ciência, diz ele, no-lo mostrou num caráter particular. Ele está lá, visível, como a força íntima de todas as coisas. Nenhuma poesia humana nos pareceu comparável à verdade natural, e o verbo eterno falou com mais eloquência nas obras mais modestas da Natureza, do que o homem em seus cantos mais pomposos."

Dissemos os motivos que induziram o Sr. Flammarion a se colocar fora do Espiritismo, e não podemos senão aprová-lo; se algumas pessoas pensam que por antagonismo pela Doutrina, bastaria, para desenganá-los, citara passagem seguinte:

"Poderíamos acrescentar, para fechar o capítulo da personalidade humana, algumas reflexões sobre certos assuntos de estudo ainda misteriosos, mas não insignificantes. O sonambulismo natural, o magnetismo, o Espiritismo, oferecem aos experimentadores sérios que sabem examiná-los cientificamente, fatos característicos que bastariam para demonstrar a insuficiência das teorias materialistas.

É triste, nós o confessamos, para o observador consciencioso, ver o charlatanismo cínico insinuar sua atividade pérfida em causas que deveriam ser respeitadas; é triste constatar que noventa e nove fatos sobre cem podem ser falsos ou imitados; mas um único fato bem constatado desmancha todas as negações. Ora, que partido tomam certas doudas personagens diante desses fatos? Elas o negam simplesmente. *"A ciência não duvida*, diz em particular o Sr. Buchner, que todos os casos de pretensa clarividência não sejam efeitos de malabarismo e de conluio. A lucidez é, por razões naturais, uma

impossibilidade. Está nas leis da natureza que os efeitos dos sentidos sejam limitados a certos limites do espaço que não possam transpor. Ninguém tem a faculdade de adivinhar os pensamentos nem de ver com os olhos fechados o que se passa ao redor de si. Estas verdades são baseadas sobre as leis naturais que são imutáveis e sem exceção." "Ora! senhor juiz, vós as conheceis bem, pois, as leis naturais? Homem feliz! Que não sucumbistes sob o excesso de vossa ciência! Mas quê? Viro duas páginas, e eis o que leio:

"O sonambulismo é um fenômeno do qual, infelizmente, não temos senão observações muito inexatas, embora fosse de desejar que tivéssemos dele noções precisas por causa de sua *importância para a ciência*. No entanto, sem *dele ter os dados certos* (escutai!), pode se *relegar entre as fábulas* todos os fatos maravilhosos que se contam dos sonâmbulos. Não é dado a um sonâmbulo escalar muros, etc." Ah! senhor, que raciocinais, pois, sabiamente! e que teríeis feito bem, antes de escrever, saber um pouco daquilo que pensais!"

Um relatório analítico da obra exigiria desenvolvimentos que a falta de espaço nos interdita, e seria, aliás, supérfluo. Bastar-nos-ia mostrar o ponto de vista em que se coloca o autor para fazer-lhe compreender a utilidade. Reconciliara ciência com as idéias espiritualistas é aplainar os caminhos de sua aliança com o Espiritismo. O autor fala em nome da ciência pura e não de uma ciência fantasista ou superficial, e o faz com a autoridade que lhe dá o seu saber pessoal. Seu livro é um daqueles que têm um lugar marcado nas bibliotecas espíritas, porque é uma monografia de uma das partes constituintes da Doutrina, onde o crente encontra com que se instruir tão bem quanto o incrédulo. Teremos mais de uma vez ocasião de retornar ao assunto.

ALLANKARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

10º ANO

NO. 10

OUTUBRO 1867

O ESPIRITISMO POR TODA A PARTE

A PROPÓSITO DAS POESIAS DO SR. MARTEAU.

É uma coisa verdadeiramente curiosa ver aqueles mesmos que repelem o nome do Espiritismo com maior obstinação, semear suas idéias em profusão. Não há dia que, na imprensa, nas obras literárias, na poesia, nos discursos, nos próprios sermões, não se encontrem pensamentos pertencentes ao mais puro Espiritismo. Perguntai a esses escritores se são Espíritas, eles responderão com desdém que disto se guardam bem; se lhes disserdes que o que escreveram é do Espiritismo, responderão que isto não pode ser, porque não é a apologia dos Davenport e das mesas girantes. Para eles, todo o Espiritismo está ali, e dali não saem, e não querem sair; eles decidiram: seu julgamento é sem apelação.

Ficariam muito surpresos, no entanto, se soubessem que fazem, a cada instante, Espiritismo sem o saber, que o acotovelam sem desconfiar que dele estão tão perto! Mas que importa o nome se as idéias fundamentais são aceitas! Que faz a forma do arado, contanto que ele prepare o terreno? Em lugar de chegar toda de uma vez, a idéia chega por fragmentos, eis toda a diferença; ora, quando, mais tarde, virem que esses fragmentos reunidos não são outra coisa que o Espiritismo, voltarão forçosamente à opinião que se tinham feito dele. Os Espíritas não são bastante pueris para ligar mais importância à palavra do que à coisa; é porque eles se felicitam em ver suas idéias se difundirem sob uma forma qualquer.

Os Espíritos que conduzem o movimento se dizem: Uma vez que não querem da coisa sob este nome, vamos lhes fazer aceitar em detalhes sob uma outra forma; crendo-se os inventores da idéia, eles mesmos dela serão os propagadores. Faremos como com os doentes que não querem certos remédios e que se o faz tomar sem que disto desconfiem, mudando-lhes a cor.

Os adversários conhecem em geral tão pouco o que constitui o Espiritismo, que colocamos como fato que o Espírita mais fervoroso, que não fosse conhecido por tal, poderia, com a ajuda de algumas precauções oratórias, e contanto sobretudo que se abstenha de falar dos Espíritos, desenvolver os princípios mais essenciais da Doutrina, e se fará aplaudir por aqueles mesmos que não o teriam deixado tomar a palavra, se tivesse se apresentado como adepto.

Mas de onde vêm essas idéias, uma vez que aqueles que a emitem não as hauriram na Doutrina que não conhecem?

Já dissemos várias vezes: quando uma verdade chegou a termo, é que o espírito das massas está maduro para assimilá-la, a idéia germina por toda a parte; ela está no ar, levada sobre todos os pontos pelas correntes fluídicas; cada um dela aspira algumas parcelas, e as emite com se fosse eclodidas em seu cérebro. Se alguns se inspiram da idéia espírita sem ousar confessá-lo, é certo que entre muitos ela é espontânea. Ora, o Espiritismo se achando entre a coletividade e a coordenação dessas idéias parciais, pela

força das coisas será, um dia, o traço de união entre aqueles que as professem; é uma questão de tempo.

Há que se notar que quando uma idéia deve tomar lugar na Humanidade, tudo concorre para lhe abrir o caminho; ocorre assim com o Espiritismo. Observando-se no mundo neste momento, os acontecimentos grandes e pequenos que surgem ou se preparam, não há um Espírita que não se diga que tudo parece feito de propósito para aplainar as dificuldades e facilitar o seu estabelecimento; seus próprios adversários parecem levados por uma força inconsciente a limpar o caminho, e a cavar um abismo sob seus passos, para melhor fazer sentir a necessidade de enchê-lo.

E que não se creia que os contrários sejam nocivos; longe disto. Jamais a incredulidade, o ateísmo e o materialismo levantaram a cabeça tão ousadamente, e fixaram suas pretensões. Não são mais opiniões pessoais, respeitáveis como tudo o que é da alçada da consciência íntima, são doutrinas que se quer impor, e com ajuda das quais pretende-se governar os homens malgrado seu. O exagero mesmo dessas doutrinas é o seu próprio remédio, porque se pergunta o que seria da sociedade, se nunca viessem a prevalecer.

Seria preciso este exagero para melhor fazer compreender o benefício das crenças que podem ser a salvaguarda da ordem social.

Mas cegueira estranha! ou para melhor dizer, cegueira providencial! aqueles que querem se substituir ao que existe, como aqueles que querem se opor à idéias novas, no momento em que as mais graves questões se agitam, em lugar de atrair a eles, de se conciliar as simpatias pela doçura, a benevolência e a persuasão, parecem tomar a tarefa de tudo fazer para inspirar repulsa; eles não encontram nada melhor do que se imporem pela violência, de comprimirem consciências, de melindrar as convicções, de perseguir. Singular meio de se fazerem bem-vindos das populações!

No estado atual de nosso mundo, a perseguição é o batismo obrigatório de toda crença nova de qualquer valor. O Espiritismo recebendo o seu, é a prova da importância que ligam a ele.

Mas nós o repetimos, tudo isso tem sua razão de ser e sua utilidade: é preciso que seja assim para preparar os caminhos. Os Espíritas devem se considerar como soldados num campo de batalha; eles se devem à causa, e não podem esperar o repouso senão quando a vitória for alcançada. Felizes aqueles que terão contribuído para a vitória ao preço de quaisquer sacrifícios!

Para o observador que contempla de sangue-frio o trabalho de criação da idéia, é alguma coisa de maravilhoso ver como tudo, mesmo o que, à primeira vista, parece insignificante ou contrário, converge em definitivo para o mesmo objetivo; de vera diversidade e a multiplicidade dos meios que as forças invisíveis colocam em jogo para atingir esse objetivo; tudo lhes serve, tudo é utilizado, mesmo o que nos parece mau.

Não há, pois, que se inquietar com as flutuações que o Espiritismo pode sentir no conflito das idéias que estão em fermentação; é um efeito da própria efervescência que produz na opinião, onde não pode encontrar simpatia por toda a parte; é preciso esperar nessas flutuações que o equilíbrio seja restabelecido. À espera, a idéia caminha, é o essencial; e, como dissemos no começo, ela se faz luz por todos os poros; todos, amigos e inimigos, nela trabalham com valentia, e não é duvidoso que sem a ativa cooperação involuntária dos adversários, os progressos da Doutrina, que jamais fez reclames para se fazer conhecer, não teriam sido tão rápidos.

Crê-se abafar o Espiritismo proscrivendo-lhe o nome; mas como ele não consiste nas palavras, fechando-lhe a porta por causa de seu nome, ele penetra sob a forma impalpável da idéia. E o que há de curioso é que muitos daqueles que o repelem não o conhecem, não querem conhecê-lo, ignorando, por conseguinte, seu objetivo, suas tendências e seus princípios mais sérios, aclamando certas idéias, que às vezes são as

suas, sem desconfiar que, freqüentemente, elas fazem parte essencial e integrante da Doutrina. Se o soubessem é provável que se abstivessem.

O único meio de evitar o equívoco seria estudar a Doutrina afundo, para saber o que ela diz e o que ela não diz. Mas, então, surgiria um outro embaraço: o Espiritismo toca em tantas questões, as idéias que se agrupam a torno dele são tão múltiplas, que querendo-se abster de falar de tudo o que a ele se liga, freqüentemente, encontrar-se-ia singularmente impedido, e, freqüentemente mesmo, detido nos impulsos de suas próprias inspirações; porque se convenceria, por esse estudo, que o Espiritismo está em toda a parte e por toda a parte, este ficaria surpreso por encontrá-lo entre os escritores mais acreditados; bem mais, se surpreenderia em si mesmo, em muitas circunstâncias, fazendo-o querer; ora, uma idéia que se torna o patrimônio comum é imperecível. Várias vezes já reproduzimos os pensamentos espiritas que se encontram em profusão na imprensa e nos escritos de todos os gêneros, e nós continuaremos a fazê-lo, de tempo em tempo, sob este título: *o Espiritismo por toda a parte*. O artigo seguinte vem sobretudo em apoio das reflexões acima; foi extraído do *Phare de la Manche*, jornal de Cherbourg, de 18 de agosto de 1867.

O autor ali dá conta de uma coletânea de poesias do Sr. Amédée Marteau (1-(1) *Espoirs et Souvenirs*, casa Hachette, 77, boulevard Saint- Germain.), e a esse respeito se exprime assim:

"Há dois mil anos, algum tempo antes do estabelecimento do Cristianismo, a casta sacerdotal dos druidas ensinava aos seus adeptos uma doutrina estranha. Ela dizia: Nenhum ser acabará jamais; mas todos os seres, exceto Deus, tiveram um começo. Todo ser é criado no mais baixo grau da existência. A alma, no início, não tem consciência de si mesma; submetida às leis invariáveis do mundo físico, espírito escravo da matéria, força latente e obscura, ela sobe fatalmente os degraus da natureza inorgânica, depois da natureza organizada. Então o relâmpago tomba do céu, o ser se conhece, ele é homem.

"A alma humana começa numa meia-luz as provas de seu livre-arbítrio; ela faz o destino dela mesma, avança de existência em existência, de transmigração em transmigração, para a liberdade que lhe dá a morte; ou bem, ela gira sobre si mesma, cai de degrau em degrau, se ela não mereceu se elevar, sem que nenhuma queda, no entanto, seja jamais irreparável.

"Quando a alma chegou ao mais alto grau de ciência, de força, de virtude, cuja condição humana é suscetível, ela escapa do círculo das provas e das transmigrações, atinge o termo da felicidade: o céu. Uma vez chegada a esse termo, o homem não cai mais; ele sobe sempre, se eleva para Deus por um progresso eterno, sem, no entanto, jamais se confundir com ele. Bem longe de perder no céu sua atividade, sua individualidade, é lá que cada alma lhes adquire a plena posse, com memória de todos os estados anteriores pelos quais passou. Sua personalidade, sua natureza própria se desenvolvem cada vez mais distintas, à medida que ela sobe numa escala infinita, cujos degraus não são senão as realizações da vida, que não são mais separadas pela morte.

"Tal era a concepção que o druidismo fazia da alma e de seus destinos. Era a idéia pitagórica aumentada, tornada dogma e aplicada ao infinito.

"Como esta opinião, depois de ter dormido tantos séculos nos limbos da inteligência humana, se reanima hoje? talvez tenha a sua razão de ser na revolução que, depois de Galileu, se operou no sistema astronômico; talvez deva a ela a sua ressurreição às sedutoras perspectivas que apresenta aos sonhos dos filósofos e dos pensadores; ou, enfim, a essa curiosidade natural que impele, sem cessar, o homem para o desconhecido.

O que quer que seja, Fontenelle foi o primeiro cuja pena espírita renovou essas questões sem seu encantador gracejo sobre a pluralidade dos mundos.

"Da habitabilidade dos mundos à transmigração das almas a inclinação é escorregadia, e nosso século a isso se deixa arrastar. Apoderando-se desta idéia, e, ajudando-a com a astronomia, ele tentou elevá-la à altura de uma ciência. Jean Reynaud a desenvolveu, sob uma forma magistral em *Ciel et Terre*; Lamennais a adota e a generaliza no *Esquisse d'un ephilosophie*; Lamartine e Hugo a preconizam; Maxime

Ducamp a popularizou num romance; Flammarion publicou um livro em seu favor; e, enfim, o Sr. Amédée Marteau, numa obra poética, que lemos com o mais vivo interesse reveste das cores de sua paleta sedutora a essa vasta e magnífica utopia.

"O Sr. Marteau é o poeta da idéia nova; ele é um crente entusiasmado e devotado da transmigração das almas nos corpos celestes, e é preciso convir que ele conseguiu tratar com mão de mestre este esplêndido assunto. Deus, o homem, o tempo, o espaço são os inspiradores de sua musa. Abismos vertiginosos, elevações incomensuráveis, nada não o detém, nada o amedronta. Ele se joga na imensidade, costeia sem enfraquecer as margens do infinito, ele viaja nos astros, como uma águia sobre os altos cimos. Ele descreve numa linguagem harmoniosa, com uma precisão matemática, suas cores, seus contornos."

Depois de ter citado um fragmento de uma das odes da coletânea, o autor do artigo acrescenta:

"O Sr. Marteau não é somente um poeta de uma alta distinção, é, além disto, um filósofo e um sábio. A astronomia lhe é familiar; ele matiza sua poesia com a poeira de ouro que faz cair das esferas siderais. Não saberíamos dizer o que mais nos cativou, ou o interesse da dicção, ou a originalidade do pensamento. Tudo isso se ajusta, se coordena de maneira tão limpa, tão clara, tão natural, que se permanece como fascinado sob o encanto.

"Não conhecemos o Sr. Marteau; mas pensamos que, se para compor um livro como este é preciso ser dotado de um grande talento, é preciso também ser dotado de um grande coração; porque, neste autor, tudo respira o amor do homem e o amor de Deus.

"Também não podemos muito obrigar todos aqueles que não absorvem os cuidados e os interesses materiais, a lançar um golpe de vista sobre as obras do Sr. Marteau. Nelas encontrarão consolações e esperanças, sem contar os gozos intelectuais que a leitura de uma poesia generosa faz sentir, rica de concepções, ideal, e destinada, disto não duvidamos, a um brilhante sucesso."

DIGARD.

O exposto da doutrina druida sobre os destinos da alma, pelo qual começa o artigo, é, como se vê, um resumo completo da Doutrina Espírita sobre o mesmo assunto. O autor o sabe? É permitido disto duvidar, de outro modo seria estranho que tivesse se absterido de citar o Espiritismo, a menos que não tivesse medo de lhe fazer uma parte dos elogios que prodigalizou às idéias do autor. Não lhe faremos a injúria supondo-lhe esta pueril parcialidade; gostamos mais, pois, de acreditar que ignore até a sua existência. Quando ele se pergunta: "Como esta opinião, depois de ter dormitado tantos séculos nos limbos da inteligência humana, se reanima hoje?" se tivesse estudado o Espiritismo, o Espiritismo lhe teria respondido, e teria visto que essas idéias são mais populares do que se crê.

"O Sr. Marteau, disse, é o poeta da idéia nova; é um crente entusiasmado e devotado da transmigração das almas nos corpos celestes, e é preciso convir que ele triunfou tratando com mão de mestre esse esplêndido assunto." Mais adiante, acrescenta: "Se, para compor um livro como este é preciso ser dotado de um grande talento, é preciso também ser dotado de um grande coração, porque, nesse autor, tudo respira o amor do homem e o amor de Deus." O Sr. Marteau não é, pois, um louco por professar semelhantes idéias? Jean Reynaud, Lamennais, Lamartine, Victor Hugo, Louis Jourdan, Maxime Ducamp, Flammarion não são, pois, loucos por tê-los preconizado? Fazer o elogio dos homens não é fazer o elogio de seus princípios? E, aliás, pode-se fazer um maior elogio de um livro do que dizer que os leitores ali haurirão esperanças e consolações? Uma vez que estas doutrinas são as do Espiritismo, não é acreditá-las na opinião?

Assim eis um artigo onde dir-se-ia que o nome do Espiritismo foi omitido de propósito, e onde se lhe aclamam as idéias que professa sobre os pontos mais essenciais: a pluralidade das existências e os destinos da alma.

SENHORA CONDESSA ADELAIDE DE CLÉRAMBERT,
Médium médico.

A senhora condessa de Clérambert morava em Saint-Symphorien-sur-Coise, departamento do Loire; ela morreu há alguns anos com uma idade avançada. Dotada de uma inteligência superior, havia, desde a juventude, mostrado um gosto particular pelos estudos médicos, e se comprazia na leitura das obras que tratavam desta ciência. Nos últimos vinte anos de sua vida, esteve consagrada ao alívio do sofrimento com um devotamento todo filantrópico e da mais inteira abnegação. As numerosas curas que ela operava sobre pessoas reputadas incuráveis lhe tinham dado uma certa reputação; mas, tão modesta quanto caridosa, disto ela não tirava nem vaidade nem proveito.

Aos seus conhecimentos médicos adquiridos, dos quais ela fazia uso, sem dúvida em seus tratamentos, ela juntava uma faculdade de intuição que não era outra senão uma mediunidade inconsciente, porque ela tratava, freqüentemente, por correspondência, e, sem ter visto os doentes, descrevia perfeitamente a doença; de resto, ela mesma dizia que recebia instruções, sem explicar sobre a maneira pela qual lhe eram transmitidas. Teve muitas vezes manifestações materiais, tais como transportes, deslocamento de objetos e outros fenômenos deste gênero, embora não conhecesse o Espiritismo. Um dia um de seus doentes lhe escreveu que lhe tinha sobrevivendo abscesso, e, para lhe dar uma idéia, dele talhou o molde sobre um folha de papel; mas, tendo esquecido de juntá-lo à sua carta, essa senhora lhe respondeu pelo retorno do correio: "O molde do qual me anunciaste o envio não estando em vossa carta, pensei que foi um esquecimento de vossa parte; venho de encontrá-lo uma manhã em minha gaveta, que deve ser semelhante ao vosso e que vos remeto." Com efeito, esse molde reproduzia exatamente a forma e o tamanho do abscesso.

Ela não tratava nem pelo magnetismo, nem pela imposição das mãos, nem pela intervenção ostensiva dos Espíritos, mas pelo emprego de medicamentos que, o mais freqüentemente, ela mesma preparava, depois das indicações que lhe eram fornecidas. Sua medicação variava para a mesma doença, segundo os indivíduos; ela não tinha receita secreta de uma eficácia universal, mas se guiava segundo a circunstância. O resultado era, algumas vezes, quase instantâneo, e, em certos casos, não se obtinha senão depois de um tratamento continuado, mas sempre curto relativamente à medicina comum. Ela curou radicalmente um grande número de epiléticos e de doentes atingidos de afecções agudas ou crônicas, abandonados pelos médicos.

A senhora de Clérambert não era, pois, um Médium curador no sentido ligado a esta palavra, mas *um Médium médico*. Ela gozava de uma clarividência que lhe fazia ver o mal, e a guiava nas aplicações dos remédios que lhe eram inspirados, secundada além disto pelo conhecimento que tinha da matéria médica, e, sobretudo, das propriedades das plantas. Por seu devotamento, seu desinteresse moral e material, que jamais foram desmentidos, pela sua inalterável benevolência por aqueles que a ela se dirigiam, a senhora de Clérambert, do mesmo modo que o abade príncipe de Hohenlohe, deveu conservar até o fim de sua vida a preciosa faculdade que lhe havia sido concedida, que, sem dúvida, ela teria visto se enfraquecer e desaparecer, se não tivesse perseverado no nobre uso que dela fazia.

Sua posição de fortuna, sem ser muito brilhante, era suficiente para tirar todo pretexto a uma remuneração qualquer; ela não pedia, pois, absolutamente nada, mas recebia os recursos, reconhecedores de terem sido curados, o que acreditavam dever

dar, e ela o empregava para prever as necessidades daqueles que carecem do necessário.

Os documentos da nota acima foram fornecidos por uma pessoa que foi curada pela senhora de Clérambert, e foram confirmados por outras pessoas que a conheceram. Tendo esta notícia sido lida na Sociedade Espírita de Paris, a senhora de Clérambert deu a resposta adiante.

(Sociedade Espírita de Paris, 5 de abril de 1867. Méd. Sr. Desliens.)

Evocação. - O relato que acabamos de ler nos dá naturalmente o desejo de conversar convosco, e de vos contar entre os Espíritos que consentem concorrer à nossa instrução. Esperamos que consentais atender ao nosso chamado, e, neste caso, tomamos a liberdade de vos dirigir as perguntas seguintes:

1° Que pensais da notícia que se acaba de ler e das reflexões que a acompanham?

2° Qual é a origem do vosso gosto inato pelos estudos médicos?

3° Por que via recebíeis as inspirações que vos eram dadas para o tratamento dos doentes?

4° Podeis, como Espírito, continuar a prestar os serviços que prestáveis como encarnada, quando fordes chamada por um doente, com a ajuda de um Médium?

Resposta. - Eu vos agradeço, senhor presidente, pelas palavras benevolentes que consentistes pronunciar em minha intenção, e aceito de boa vontade o elogio que fizestes de meu caráter. É, creio, a expressão da verdade, e não teria o orgulho ou a falsa modéstia de recusá-lo. Instrumento escolhido pela Providência, sem dúvida, por causa de minha boa vontade e da aptidão particular que favorecia o exercício de minha faculdade, não fiz senão o meu dever em me consagrando ao alívio daqueles que reclamavam o meu socorro. Recebendo algumas vezes pelo reconhecimento, freqüentemente pelo esquecimento, meu coração não mais se orgulhava dos apoios de um que não sofreu da ingratidão dos outros, tendo em vista que já sabia muito bem ser indigna de uns e me colocar acima dos outros.

Mas bastante se ocupou de minha pessoa; vejamos a faculdade que me valeu a honra de ser chamada no meio desta Sociedade simpática, onde se gosta de repousar sua visão, sobretudo quando se esteve como eu alvo da calúnia e dos ataques malévolos daqueles aos quais se melindrou as crenças ou embarçou seus interesses. Que Deus os perdoe como eu mesma o fiz!

Desde a minha mais tenra infância, e por uma espécie de atração natural, ocupei-me do estudo das plantas e de sua ação salutar sobre o corpo humano. De onde me veio este gosto comumente pouco natural ao meu sexo? Eu o ignorava então, mas sei hoje que não foi a primeira vez que a saúde humana foi objeto das minhas mais vivas preocupações: eu havia sido médico. Quanto à faculdade particular que me permitia ver à distância o diagnóstico das afecções de certos doentes (porque eu não via por todo o mundo), e de prescrever os medicamentos que deveriam restituir a saúde, ela era muito semelhante à de vossos Médiuns médicos atuais; como eles, eu estava em relação com um ser oculto que se dizia Espírito, e cuja influência salutar me ajudou poderosamente a aliviar os infelizes que reclamavam a mim. Ele me havia prescrito o desinteresse mais completo, sob pena de perder instantaneamente uma faculdade que fazia a minha felicidade. Não sei por qual razão, talvez porque teria sido prematuro revelar a origem de minhas prescrições, ele havia igualmente me recomendado, da maneira mais formal, não dizer de quem eu tinha a receita que dirigia aos meus doentes. Enfim, considerou o desinteresse moral, a humildade e abnegação como uma das condições essenciais à perpetuação de minha faculdade. Segui seus conselhos, e com isto me achei muito bem.

Tendes razão, senhor, de dizer que os médicos serão chamados um dia a desempenharem um papel da mesma natureza que o meu, quando o Espiritismo tiver

tomado influência considerável que o fará, no futuro, o instrumento universal do progresso e da felicidade dos povos! Sim, certos médicos terão faculdades dessa natureza, e poderão prestar serviços tanto maiores quanto seus conhecimentos adquiridos lhes permitirão assimilar espiritualmente mais facilmente as instruções que lhes serão dadas. Há um fato que deveis ter notado, é que as instruções que tratam de assuntos especiais são tanto mais facilmente e tanto mais largamente desenvolvidas, quanto os conhecimentos pessoais do Médiun estejam mais aproximados da natureza daquelas que está chamado a transmitir. Também, certamente, eu poderia prescrever os tratamentos aos doentes que a mim se dirigissem para obter sua cura, mas eu não o faria com a mesma facilidade com todos os instrumentos; ao passo que uns transmitiriam facilmente minhas receitas, outros não poderiam fazê-lo senão incorretamente ou incompletamente. No entanto, se meu concurso puder vos ser útil, em qualquer circunstância que seja, me farei um prazer vos ajudar em vossos trabalhos segundo a medida de meus conhecimentos, ai! bem limitados fora de certas atribuições especiais.

ADÉLE DE CLÉRAMBERT.

Nota. O Espírito assina *Adéle*, ao passo que, quando viva, ela se chamava *Adelaide*; tendo-lhe perguntado a razão, ela respondeu que *Adéle* era seu verdadeiro nome, e que não era senão por um hábito de infância que se a chamava *Adelaide*.

OS MÉDICOS MÉDIUNS.

A senhora condessa de Clérambert, da qual falamos no artigo precedente, oferecia uma das variedades da faculdade de curar, que se apresenta sob uma infinidade de aspectos e de nuances apropriadas às aptidões especiais de cada indivíduo. Ela era, em nossa opinião, o tipo que poderiam ser muitos médicos; daquele que muitos serão, sem dúvida, quando entrarem no caminho da espiritualidade que o Espiritismo lhes abre, porque muitos verão se desenvolver, neles, as faculdades intuitivas que lhes serão de um precioso socorro na prática.

Dissemos, e repetimos, seria um erro crer que a mediunidade curadora venha a destronar medicina e os médicos; ela vem lhes abrir um novo caminho, mostrar-lhes, na Natureza, os recursos e as forças que eles ignoram, e com a qual podem beneficiar a ciência e seus doentes; provar-lhes, em uma palavra, que não sabem tudo, uma vez que há pessoas que, fora da ciência oficial, obtêm o que eles mesmos não obtêm. Portanto, não temos nenhuma dúvida de que não haja um dia os *médicos-médiuns*, como há os *médiuns-médicos*, que, à ciência adquirida, juntam o dom de faculdades medianímicas especiais.

Somente como essas faculdades não têm valor efetivo senão pela assistência dos Espíritos, que podem paralisar-lhes os efeitos em retirando seu concurso, que desmancham à sua vontade os cálculos do orgulho e da cupidez, e é evidente que não prestaram sua assistência àqueles que os negam, e entendem se servirem deles secretamente, em proveito de sua própria reputação e de sua fortuna. Como os Espíritos trabalham para a Humanidade, e não vêm para servir os interesses egoístas individuais; que agem, em tudo o que fazem, tendo em vista a propagação das doutrinas novas, são-lhes necessários soldados corajosos e devotados, e não têm o que fazer com covardes que têm medo da sombra da verdade. Eles secundam, pois, aqueles que colocam, sem reticência e *pensamento dissimulado*, suas aptidões ao serviço da causa que se esforçam por fazer prevalecer.

O desinteresse material, que é um dos atributos essenciais da mediunidade curadora, será também uma das condições da medicina medianímica? Como, então, conciliar as exigências da profissão com uma abnegação absoluta?

Isto demanda algumas explicações, porque a posição não é mais a mesma.

A faculdade do médium curador nada lhe custou; não exigiu dele nem estudo, nem trabalho, nem despesas; ele a recebeu gratuitamente para o bem de outrem, e deve dela usar gratuitamente. Como lhe é preciso viver antes de tudo, se não tem, por si mesmo, recursos que lhe dêem independência, ele deve procurar-lhe os meios em seu trabalho comum, como o teria feito antes de conhecer a mediunidade; ele não dá ao exercício de sua faculdade senão o tempo que pode materialmente consagrar-lhe. Se toma este tempo de seu repouso, se emprega, para ser útil aos seus semelhantes, o que seria consagrado às distrações mundanas, é do verdadeiro devotamento, e disto não tem senão mais mérito. Os Espíritos dele não pedem mais e não exigem nenhum sacrifício insensato. Não se poderia considerar como devotamento e abnegação o abandono de sua condição de viver para se entregara um trabalho menos penoso e mais lucrativo. Na proteção que lhe concedem, os Espíritos, aos quais não se pode lhe impor, sabem perfeitamente distinguir os devotamentos reais dos devotamentos factícios.

Toda outra seria a posição dos médicos-médiuns. A medicina é uma das carreiras sociais que se abraça para dela fazer uma profissão, e a ciência médica não se adquire senão a título oneroso, por um trabalho assíduo, freqüentemente penoso; o saber do médico é, pois, uma aquisição pessoal, o que não é o caso da mediunidade. Se, ao saber humano, os Espíritos acrescentam seu concurso pelo dom de uma aptidão medianímica, é para o médico um meio a mais de se esclarecer, de agir mais seguramente e mais eficazmente, do que deve ser reconhecido, mas por isto não é menos sempre médico; é seu estado que não o deixa para se fazer médium; ele não tem, pois, nada de repreensível em que continue disso viver, e isso com tanto mais razão quanto mais a assistência dos Espíritos é freqüentemente inconsciente, intuitiva, e que a sua intervenção se confunde, às vezes, com o emprego dos meios comuns de cura.

Do fato de que um médico se torne médium e seja assistido pelos Espíritos no tratamento de seus doentes, não se seguiria, pois, que deve renunciara toda remuneração, o que o obrigaria a procurar fora da medicina os meios de existência, e pelo fato de renunciar à sua profissão. Mas se ele está animado de um sentimento das obrigações que lhe impõe o favor que lhe foi concedido, saberá conciliar seus interesses com os deveres da Humanidade.

Não ocorre o mesmo com o desinteresse moral que pode e deve em todos os casos ser absoluto. Aquele que, em lugar de ver na faculdade medianímica um meio a mais de ser útil aos seus semelhantes, não procuraria nela senão uma satisfação de amor-próprio; quem se fizesse um mérito pessoal os sucessos que obtêm por esse meio, dissimulando a causa verdadeira, faltaria ao seu primeiro dever. Aquele que, sem negar os Espíritos, não visse em seu concurso, direto ou indireto, senão um meio de suprir à insuficiência de sua clientela produtiva, de alguma aparência filantrópica que se cobre aos olhos dos homens, faria, por isto mesmo, ato de exploração; em um e no outro caso tristes decepções lhe seriam a consequência inevitável, porque os simulacros e os subterfúgios não podem enganar os Espíritos que lêem no fundo do pensamento.

Dissemos que a mediunidade de cura não matará nem a medicina nem os médicos, mas ela não pode deixar de modificar profundamente a ciência médica. Sem dúvida, haverá sempre médiuns curadores porque deles sempre os houve, e que esta faculdade está na Natureza; mas serão menos numerosos e menos procurados à medida que o número dos *médicos-médiuns* aumentar, e quando a ciência e a mediunidade se prestarem mútuo apoio. Ter-se-á mais confiança nos médicos quando forem médiuns, e mais confiança nos médiuns quando forem médicos.

Pode-se contestar as virtudes curativas de certas plantas e outras substâncias que a Providência colocou sob a mão do homem, pondo o remédio ao lado do mal; o estudo dessas propriedades é da alçada da medicina. Ora, como os médiuns curadores não agem senão pela influência fluídica, sem o emprego de medicamento, se devessem um

dia suplantar a medicina, isto resultaria que, dotando as plantas de propriedades curativas, Deus teria feito uma coisa inútil, o que não é admissível. É preciso, pois, considerar a mediunidade curadora como um modo especial e não como um meio absoluto de cura; o fluido, como um novo agente terapêutico aplicado a certos casos, e vindo acrescentar um novo recurso à medicina; conseqüentemente, a mediunidade curadora e a medicina, como devendo doravante caminhar concorrentemente, destinada a se entre ajudarem, a se suprir e a se completar uma pela outra. Eis porque pode-se ser médico sem ser médium curador, e médium curador sem ser médico.

Então, por que esta faculdade se desenvolve hoje quase exclusivamente entre os ignorantes antes que entre os homens de ciência? Pela razão muito simples que, até o presente, os homens de ciência a repelem; quando a aceitarem, vê-la-ão se desenvolver entre eles como entre os outros. Aquele que a possuísse hoje iria proclamá-la? Não; ele a esconderia com maior cuidado. Uma vez que seria inútil em suas mãos, porque lha dar? tanto valeria dar um violão a um homem que não sabe ou não quer tocá-lo.

A este estado de coisas, há um outro motivo capital. Dando aos ignorantes o dom de curar os males que os sábios não podem curar, é para provar a estes que não sabem tudo, e que há leis naturais fora daquelas que a ciência reconhece. Quanto mais a distância entre a ignorância e o saber é grande, mais o fato é evidente. Quando se produz naquele que nada sabe, é uma prova certa de que o saber humano ali não está por nada.

Mas como a ciência não pode ser um atributo da matéria, o conhecimento do mal e dos remédios por intuição, assim como a faculdade vidente, não podem ser os atributos senão do Espírito; eles provam no homem a existência do ser espiritual, dotado de percepções independentes dos órgãos corporais, e, freqüentemente, dos conhecimentos adquiridos anteriormente, numa precedente existência. Esses fenômenos têm, pois, ao mesmo tempo, por conseqüência de serem úteis à Humanidade, e de provar a existência do princípio espiritual.

O CHEFE HASSAN, CURADOR TRIPOLITANO OU A BÊNÇÃO DO SANGUE.

O fato seguinte, publicado no *Tour du monde*, páginas 74 e seguintes, foi tirado dos *Promenades dans la Tripolitaine*, pelo Sr. barão de Krafft.

"Tenho freqüentemente por guia e por companhia de passeio em minhas voltas fora da cidade o *cavas-bachi* (chefe dos janízaros) do consulado da França, que o cônsul geral tem a obrigação de pôr à minha disposição. É um magnífico negro do Ouadaí, com a altura de seis pés, e que, apesar de sua barba grisalha, conservou toda a atividade e toda a energia da juventude. O chefe Hassan não é um homem comum: ele governou durante dezoito anos, ao tempo dos Caramanlys, atribudos Querchéfâna, e ninguém soube melhor do que ele controlar essa população inquieta. Bravo até a temeridade, sempre defendeu os interesses de seus administrados contra as tribos vizinhas, e, sendo preciso, contra o seu próprio governo; mas, ao mesmo tempo, os seus não podiam mais se entregar aos seus caprichos, e não se gracejava com a severidade do chefe *Hassam*. Para ele, a vida do homem era apenas mais preciosa do que um carneiro, e certamente se lhe embaraçava muito em lhe pedindo o número exato das cabeças que se faziam tombar de sua mão, tanto sua consciência é tranqüila a esse respeito. Excelente homem, de resto, e todo devotado ao consulado, ao qual serve há dez anos.

"Numa de nossas primeiras saídas, vi um grupo de cinco ou seis mulheres se aproximar dele com ar suplicante. Duas dentre elas tinham nos braços pobres filhinhos de peito, cujo rosto, a cabeça e o pescoço estavam cobertos de uma placa herpética e de crostas purulentas. Era horrível e repugnante para ver.

"- Nosso pai, disseram as mães desoladas ao magistrado Hassam, foi o profeta de Deus que te conduziu junto de nossa casa, porque queríamos ir à cidade para te encontrar, e eis bem dez dias que esperamos a ocasião. O *Djardoun* (pequeno lagarto branco muito inofensivo) passou sobre nosso seio, e envenenou nosso leite; vê o estado de tuas crianças e cura-as para que Deus te abençoe.

"- És-tu, pois, médico? disse ao meu companheiro.

"- Não, respondeu-me ele, mas tenho a *bênção do sangue* nas mãos, e quem a tem como eu pode, como eu, curar essa doença. É um dom natural de todo homem cujo braço cortou algumas cabeças. -Vamos, as mulheres, dai-me o que é preciso.

"E logo, uma das mães apresentou ao doutor uma galinha branca, sete ovos e três moedas; depois, ela se agachou ao seus pés, elevando acima de sua cabeça o pequeno paciente. Hassan tirou seriamente de sua cintura seu fuzil e sua pedra de afiar, como se quisesse acender uma pipa. *Bismillah!* (em nome de Deus!) disse ele, e se pôs a fazer jorrar do sílex numerosas faíscas sobre a criança doente, tudo em recitando o *sourat-el-fatéha*, o primeiro capítulo do Corão.

"Terminada a operação, a outra criança teve a sua vez, mediante a mesma oferenda, e as mulheres partiram felizes depois de terem beijado respeitosamente a mão que vinha de restituir a saúde aos seus filhos.

"Parecia que meu rosto revelava claramente a minha incredulidade, porque o chefe Hassan, tudo recolhendo, para levá-los, os honorários de sua cura maravilhosa, gritou aos seus clientes: "Não deixeis de vir em sete dias me apresentar vossos filhos na *skifa* do consulado." (A *s/r/fa* é o vestíbulo exterior, a sala de espera nas grandes casas.)

"Com efeito, uma semana mais tarde, as pequenas criaturas me foram apresentadas; uma estava completamente curada, a outra não tinha mais que algumas cicatrizes de uma aparência muito satisfatória, indicando uma cura muito próxima. Eu fiquei estupefato, mas não convencido; no entanto, mais de vinte experiências semelhantes forçaram-me a crer na incrível virtude das mãos abençoadas pelo sangue."

Há pessoas que os fatos, mesmo os mais patentes, não podem convencer; é preciso, todavia, convir que, neste, é logicamente permitido de não crer na eficácia da *bênção do sangue*, obtida sobretudo em tais condições, não mais do que nas das faíscas do fuzil. No entanto, o fato material da cura, por isto não existe menos; se não tiver esta causa, deverá ter uma outra; se vinte experiência semelhantes, do conhecimento do narrador, vieram confirmá-lo, essa não pode ser fortuita, e deve proceder de uma lei; ora, essa lei não é outra do que a faculdade curativa da qual este homem estava dotado. Em sua ignorância do princípio, ele atribuía essa faculdade ao que chamava a *bênção do sangue*, crença em relação com os costumes do país onde a vida de um homem é contada por nada. O fuzil e as outras fórmulas são acessórios que não têm valor senão em sua imaginação, e que servem, sem dúvida, pela importância que ele lhes liga, dando-lhe mais confiança em si mesmo, e, em consequência, aumentando a sua força fluídica.

Este fato levanta naturalmente uma questão de princípio tocando o o dom da faculdade de curar, e ao qual responde a comunicação seguinte dada a este respeito.

(Sociedade de Paris, 23 de fevereiro de 1867, méd. Sr. Desliens.)

Espanta-se algumas vezes, com uma aparência de razão, de encontramos indivíduos indignos faculdades notáveis desenvolvidas, e que pareceriam dever ser, de preferência, o quinhão dos homens virtuosos e desprovidos de preconceitos; e, no entanto, a história dos séculos passados apresenta, quase em cada página, exemplos de mediunidades notáveis possuídas por Espíritos inferiores e impuros, por fanáticos sem razão! Qual pode ser o motivo de uma tal anomalia? No entanto, não há nada lá que possa espantar, e um estudo um pouco sério e refletido do problema dele dará a chave.

Quando fenômenos salientes, pertencentes à ordem extra corpórea, são produzidos, o que acontece com efeito? - É que individualidades encarnadas servem de *órgãos de transmissão* à manifestação. Elas são os instrumentos movidos por uma vontade exterior. Ora, perguntar-se-ia a um simples instrumento o que lhe exigiria o artista que o põe em vibração?.... Se é evidente que um bom piano é preferível àquele que estivesse defeituoso, não o é menos que se o distinguira, no outro, o toque do artista daquele do escolar. - Se, pois, o Espírito que intervém na cura encontram um bom instrumento, dele se servirá de boa vontade; senão, empregará aquele que se lhe oferecer, por defeituoso que seja.

É preciso também considerar que, no exercício da faculdade medianímica, e em particular no exercício da mediunidade curadora, podem se apresentar dois casos muito distintos: ou o médium pode ser curador por sua própria autoridade, ou pode não ser senão o agente mais ou menos passivo de um motor extra corpóreo.

No primeiro caso, ele não poderá agir senão se suas virtudes e sua força moral lhe permitirem. Ele será um exemplo em sua conduta privada ou pública, um modelo, um missionário vindo para servir de guia ou de sinal de união aos homens de boa vontade. O Cristo é a personificação suprema do curador.

Quanto àquele que não é senão médium, sendo instrumento, ele pode ser mais ou menos defeituoso, e os atos que se operam por seu intermédio não o impedem, de nenhum modo, de ser imperfeito, egoísta, orgulhoso ou fanático. Membro da grande família humana, ao mesmo título que a generalidade, ele participa em todas as suas fraquezas.

Lembrai-vos destas palavras de Jesus: "Não são aqueles que passam bem que têm necessidade de médico." É preciso, pois, ver uma marca de bondade da Providência nessas faculdades que se desenvolvem nos meios e nas pessoas imperfeitas; é um meio de lhes dar a fé que os conduzirá, cedo ou tarde, ao bem; se não for hoje, isso será amanhã; são sementes que não estão perdidas, porque, vós, Espíritas, sabeis que nada se perde para o Espírito.

Se não é raro encontrar, nas naturezas mais rudes, moral e fisicamente, faculdades transcendentais, isto prende-se igualmente a que essas individualidades, não tendo senão pouco ou nada de vontade pessoal, se limitam a deixar agir a influência que os dirige. Poder-se-ia dizer que operam de instinto, ao passo que uma inteligência mais desenvolvida, querendo se dar conta da causa que a põe em movimento, às vezes, coloca-se em condições que não permitiriam um cumprimento tão fácil dos desígnios providenciais.

Por estranhos e inexplicáveis que sejam os efeitos que se produzem sob vossos olhos, estudai-os atentamente antes de considerá-los um só como uma infração às leis eternas do Senhor supremo! Não há um deles que não afirme sua existência, sua justiça e sua sabedoria eternas, e, se a aparência diz o contrário, crede que não é senão uma aparência que desaparecerá para dar lugar à realidade, com estudo mais aprofundado das leis conhecidas e o conhecimento daquelas cuja descoberta está reservada ao futuro.

CLÉLIE DUPLANTIER.

OZUAVO JACOB

A faculdade curadora estando na ordem do dia, não será surpresa que lhe tenhamos consagrado a maior parte deste numero, e, seguramente, estamos longe de ter esgotado o assunto; é porque a ele retornamos.

Para fixar primeiramente as idéias de um grande número de pessoas interessadas na questão relativa ao Sr. Jacob, e que nos escreveram ou poderão nos escrever sobre este assunto, dizemos:

1^o Que as sessões do Sr. Jacob foram suspensas; que, assim, seria inútil se apresentar no lugar onde eles as tinha, rua da Roquette, 80, e que não as tem, até o presente, retomado em nenhuma parte. O motivo foi o atravancamento excessivo que embaraçava a circulação numa rua muito frequentada e num beco sem saída, ocupado por um grande número de industriais que se achavam impedidos em seus negócios, não podendo nem receber os clientes, nem expedir as suas mercadorias. Neste momento, o Sr. Jacob não tem sessões nem públicas, nem particulares.

2^o Tendo em vista a afluência, cada um devendo esperar a sua vez por muito tempo, àqueles que nos pediram, ou gostariam de nos pedir no futuro, se, conhecendo pessoalmente o Sr. Jacob, com nossa recomendação poderiam obter uma forma de favor, diremos que jamais lhe pedimos e que não o pediremos jamais, sabendo que isto seria inútil. Se as formas de favor tivessem sido concedidas, teria sido um prejuízo daqueles que esperam, e isto não teria deixado de levantar reclamações fundadas. O Sr. Jacob não faz exceção para ninguém; o rico deve esperar como o infeliz, porque, em definitivo, o infeliz sofre tanto quanto o rico; não há, como este, o confortável por compensação, e mais, freqüentemente ele espera a saúde para ter do que viver. Nisto felicitamos o Sr. Jacob, e se não tivéssemos assim agido, não teríamos feito, em solicitando um favor, uma coisa que teríamos censurado nele.

3^o Aos doentes que nos pediram, ou poderiam nos pedir, se lhes aconselhamos fazer a viagem a Paris, dizemos: o Sr. Jacob não cura todo o mundo, assim como ele mesmo declara; ele não sabe jamais antecipadamente se curará ou não um doente; não é senão quando está em sua presença que ele julga da ação fluídica, e vê o resultado; é porque ele nunca promete nada e não responde nada. Induzir alguém a fazer a viagem a Paris, seria tomar uma responsabilidade sem certeza de sucesso. É, pois, uma chance a correr, e não se obtendo resultado, se está quites por suas despesas de viagem, ao passo que se despende, freqüentemente, em consultas, somas enormes sem maior sucesso. Se se não está curado, não se pode dizer que se pagou os cuidados em pura perda.

4^o Àqueles que nos perguntam se, indenizando o Sr. Jacob de suas despesas de viagem, uma vez que não quer aceitar honorários, ele consentiria em ir em tal ou tal localidade para cuidar de um doente, nós respondemos: o Sr. Jacob não atende aos convites desse gênero, pelas razões acima desenvolvidas. Não podendo responder antecipadamente pelo resultado, ele olharia como uma indelicadeza induzir em despesa sem certeza; e, em caso de não conseguir, isso seria dar motivo à crítica.

5^o Àqueles que escrevem ao Sr. Jacob, ou que nos enviam cartas para fazer chegar a ele, dizemos: o Sr. Jacob tem em sua casa um armário cheio de cartas que não lê, e não responde a ninguém. Que poderia dizer, com efeito? ele não cura em outra parte por correspondência. Fazer frases? não é o seu gênero; dizer se tal doente foi curado por ele? disto ele nada sabe; do fato de que ele curou uma pessoa de tal doença, não se segue que ele curaria a mesma doença numa outra pessoa, porque as condições fluídicas não são mais as mesmas; indicar um tratamento? ele não é médico, e muito se guardaria de não dar essa arma contra si.

Escrever-lhe é, pois, trabalho inútil. A única coisa a fazer, no caso em que retomasse as suas sessões, que erradamente se têm qualificado de consultas, uma vez que não se o consulta, é de se apresentar ali como qualquer um, tomar seu lugar, esperar pacientemente e disso correr a chance. Se não se é curado, não se pode lamentar de ter sido enganado, uma vez que não promete nada.

Há fontes que têm a propriedade de curar certas doenças; ali se vai; uns nelas se acham bem; outros não são senão aliviados, outros, enfim, não sentem nada de todo. É preciso considerar o Sr. Jacob como uma fonte de fluidos salutares, à influência dos quais se vai submeter-se, mas que, não sendo uma panacéia universal, não cura todos os males, e pode ser mais ou menos eficaz, segundo as condições do doente.

Mas, enfim, houve curas? um fato responde a esta pergunta: Se ninguém houvesse sido curado, a multidão para lá não teria ido, como o fez.

Mas a multidão crédula não pode ter sido enganada por falsas aparências, e ali ir sobre a fé de uma reputação usurpada? Os compadres não podem ter simulado doenças para terem o ar de ser curados?

Sem dúvida, isto se viu e se vê todos os dias, quando os compadres têm interesse em representar a comédia. Ora, aqui, que proveito eles teriam tirado? Quem os teria pago? Seguramente, não foi o Sr. Jacob que pagou os músicos zuavos; não foi mesmo em lhes fazendo um desconto no preço de suas consultas, uma vez que não recebia nada. Compreende-se que aquele que quer se fazer uma clientela a todo o custo, empregue semelhantes meios; mas o Sr. Jacob não tinha nenhum interesse em atrair a multidão a ele; ele não a chamou, foi ela que veio a ele, e se pode dizer que com seu desagrado. Se não tivesse havido fatos, ninguém teria vindo, uma vez que não chamaria ninguém. Os jornais, sem dúvida, contribuíram para aumentar o número dos visitantes, mas dele falaram porque a multidão já existia, sem isto dele não teriam dito nada, o Sr. Jacob não lhes tendo pedido para falar de si, nem pago para lhe fazer a propaganda. É preciso, pois, afastar toda idéia de subterfúgios que não teriam tido nenhuma razão de ser, na circunstância da qual se trata.

Para apreciar os atos de um indivíduo, é preciso procurar um interesse que pode solicitá-lo em sua maneira de agir; ora, foi averiguado que não tinha nenhum interesse da parte do Sr. Jacob; que ali não tivera vantagem para o Sr. Dufayet, que dava seu local gratuitamente, e colocava seus empregados aos serviços dos doentes, para levantar os enfermos, e isto em prejuízo de seus próprios interesses; enfim, que os compadres nada teriam a ganhar.

As curas operadas pelo Sr. Jacob, nestes últimos tempos, sendo do mesmo gênero daquelas que obteve no último ano, no campo de Châlons, e tendo os fatos se passado quase da mesma maneira, somente em uma maior escala, reenviamos nossos leitores aos relatórios e às apreciações que dele demos na *Revista* de outubro e de novembro de 1866. Quanto aos incidentes particulares deste ano, não poderíamos senão repetir o que todo o mundo soube pela via dos jornais. Nós nos limitaremos, pois, quanto ao presente, a algumas considerações gerais sobre o fato em si mesmo.

Há mais ou menos dois anos, os Espíritos nos tinham anunciado que a mediunidade curadora tomaria grandes desenvolvimentos, e seria um poderoso meio de propagação para o Espiritismo. Até ali não havia tido senão curadores operando, por assim dizer, na intimidade e em silêncio. Dissemos aos Espíritos que, para que a propagação fosse mais rápida, seria preciso que deles surgissem muitos poderosos para que as curas tivessem ressonância no público. - Isso ocorrerá, nos foi respondido, e deles haverá mais de um.

Esta previsão teve um começo de realização no ano passado, no campo de Châlons, e Deus sabe se a ressonância faltou este ano nas curas da rua da Roquette, não só na França, mas no estrangeiro.

A emoção geral que esses fatos causaram foi justificada pela gravidade das questões que eles levantam. Não é preciso enganar-se, não esta aqui um desses acontecimentos de simples curiosidades que apaixonam um momento a multidão ávida de novidades e de distração. Não se distrai ao espetáculo das misérias humanas; a visão desses milhares de doentes correndo atrás da saúde, que não puderam encontrar nos recursos da ciência, nada tem de divertido, e leva-nos a fazer sérias reflexões. Sim, há aqui outra coisa mais do que um fenômeno vulgar. Sem dúvida, admira-se de curas obtidas em condições tão excepcionais, que elas parecem dever-se ao prodígio; mas o que impressiona mais ainda do que o fato material, é que ali se apresenta a revelação de um princípio novo cujas conseqüências são incalculáveis, de uma dessas leis por muito tempo permanecidas veladas no santuário da Natureza, que, em seu aparecimento, mudam o curso das idéias e modificam profundamente as crenças.

Uma secreta intuição diz que se os fatos em questão são reais, é mais do que uma mudança nos hábitos, mais do que uma transferência de indústria: é um elemento novo introduzido na sociedade, uma nova ordem de idéias que se estabelece.

Se bem que os acontecimentos do campo de Châlons tenham preparado o que veio de se passar, em consequência da inatividade do Sr. Jacob durante um ano, se os havia quase esquecido; a emoção foi acalmada; quando, de repente, os mesmos fatos se manifestam no seio da capital, e tomam subitamente proporções estranhas. Está-se, por assim dizer, despertado como no dia seguinte de uma revolução, e não se abordava senão perguntando: Sabeis o que se passa na rua da Roquette? Tendes novidades? Passavam aos jornais como se tratasse de um grande acontecimento. Em quarenta e oito horas, toda a França foi instruída.

Há, nesta instantaneidade alguma coisa de notável e mais importante do que se crê.

A impressão do primeiro momento foi a de estupor; *ninguém viu*. A própria imprensa facciosa simplesmente relatou os fatos e os boatos sem comentários; cada dia ela dava deles um boletim, sem se pronunciar nem pró nem contra, e se pode notar que a maioria dos artigos não eram feitos no tom de zombaria; eles exprimiam a dúvida, a incerteza sobre a realidade de fatos tão estranhos, mas pendendo antes para a afirmação do que para a negação. É que o assunto, por si mesmo, era sério; tratava-se do sofrimento, e o sofrimento tem alguma coisa de sagrado, que impõe o respeito; em semelhante caso o gracejo estaria deslocado e universalmente reprovado. Jamais se viu a verve zombadora se exercer diante de um hospital, mesmo de loucos, ou um comboio de feridos. Os homens de coração e de sentimento não podiam deixar de compreender que, numa coisa que toca uma questão de humanidade, a zombaria teria sido imprópria, porque teria sido insultar a dor. Também é com um sentimento de pena e uma espécie de desgosto que se vê hoje o espetáculo desses infelizes enfermos reproduzidos grotescamente nos teatros de feiras e traduzidos em canções burlescas. Em admitindo de sua parte uma credulidade pueril e uma esperança mal fundada, não é uma razão para faltar ao respeito que se deve ao sofrimento.

Em presença de uma tal ressonância, a negação absoluta era difícil; a dúvida só é permitida àquele que não sabe ou que não viu; entre os incrédulos de boa-fé por ignorância, muitos compreenderam que haveria imprudência em se inscrever prematuramente em falso contra os fatos que poderiam, um dia ou outro, receber uma consagração e lhes dar um desmentido. Sem, pois, nada negar nem afirmar, a imprensa está geralmente limitada a consignar o estado das coisas, deixando à experiência o cuidado de confirmá-las ou de desmenti-las, e, sobretudo, explicá-las; era o partido mais sábio.

O primeiro momento de surpresa passado, os adversários obstinados de toda coisa nova que contrarie suas idéias, aturdidos pela violência da irrupção, tomaram coragem, sobretudo quando viram que o zuavo era paciente e de humor pacífico; começaram o ataque, empregando contra ele uma carga pesada e apressada, com as armas habituais daqueles que não têm boas razões para opor: a zombaria e a calúnia exagerada; mas sua polêmica acrimoniosa mostravam a cólera e um evidente embaraço, e seus argumentos que, para a maioria, levam à falsidade e sobre alegações notoriamente inexatas, não são daqueles que convencem, porque se refutam por si mesmos.

O que quer que seja, não se trata aqui de uma questão de pessoa; que o Sr. Jacob sucumba ou não na luta, é uma questão de princípio que está em jogo, que está colocada com uma imensa repercussão, e que seguirá o seu curso. Ela faz lembrar os inumeráveis fatos do mesmo gênero, que história faz menção, e que se multiplicam em nossos dias. Se é uma verdade, ela não está encarnada num homem, e nada poderia abafá-la; a própria violência dos ataques prova que se tem medo que isso não seja uma verdade.

Nesta circunstância, aqueles que testemunham menor surpresa e se comovem menos, são os Espíritas, pela razão que essas espécies de fato não têm nada do que não se dêem perfeitamente conta; conhecendo a causa, não se admiram do efeito.

Quanto àqueles que não conhecem nem a causa do fenômeno, nem a lei que o rege, se perguntam naturalmente se é uma ilusão ou uma realidade; se o Sr. Jacob era um charlatão; se curava realmente todos os doentes; se está dotado de um poder sobrenatural e de quem o tem; se chegamos ao tempo dos milagres? vendo a multidão que o assedia e o segue, como outrora a que seguia Jesus na Galiléia, alguns se perguntam mesmo se não seria o Cristo reencarnado, ao passo que outros pretendem que a sua faculdade é um presente do diabo.

Todas essas questões estão há muito tempo resolvidas pelos Espíritas, que delas têm a solução nos princípios da Doutrina. No entanto, como disso podem sair vários ensinamentos importantes, nós os examinaremos num próximo artigo, no qual faremos igualmente ressaltar a inconseqüência de certas críticas.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS. **CONSELHOS SOBRE A MEDIUNIDADE CURADORA.**

I (Paris, 12 de março de 1867, grupo Oesliens; Méd. Sr. Desliens.)

I

Como vos foi dito muitas vezes, em diferentes instruções, a mediunidade curadora, com a ajuda da faculdade vidente, está chamada a desempenhar um grande papel no período atual da revelação. São os dois agentes que cooperam com maior força para a regeneração da Humanidade, e à fusão de todas as crenças em uma única crença, tolerante, progressiva, universal.

Quando, recentemente, comuniquei-me em uma reunião da Sociedade, onde se me havia evocado, eu o disse e repito, todo o mundo possui, mais ou menos, a faculdade curadora, e se cada um quisesse se consagrar seriamente ao estudo desta faculdade, aqueles médiuns que se ignoram poderiam prestar serviços úteis aos seus irmãos em humanidade. O tempo não me permite então desenvolver todo o meu pensamento a este respeito; aproveitaria do vosso pedido para fazê-lo hoje.

Em geral, aqueles que procuram a faculdade curadora têm por único desejo o restabelecimento da *saúde material*, de dar a liberdade de sua ação a tal *órgão* impedido em suas funções por uma *causa material* qualquer. Mas, sabeis-o bem, aí está o menor dos serviços que esta faculdade está chamada a prestar, e não a conheceríeis senão em suas premissas e de maneira inteiramente rudimentar, se lhe assinalais este único papel... Não, a faculdade curadora tem uma missão mais nobre e mais extensa!... Se ela pode dar aos corpos o vigor da saúde, deve também dar às almas toda a pureza das quais sejam suscetíveis, e é somente neste caso que ela poderá ser chamada *curativa* no sentido absoluto da palavra.

Foi-vos dito com freqüência, e vossos instrutores não saberiam mais repeti-lo, o efeito aparentemente material, o sofrimento, tem quase constantemente uma causa mórbida e material, residindo no estado moral do Espírito. Se, pois, o médium curador ataca o corpo, ele não ataca senão o efeito, e a causa primeira do mal permanecendo, o efeito pode se reproduzir, seja sob sua forma primordial, seja sob qualquer aparência. Frequentemente, aí está uma das razões pelas quais tal doente, subitamente curado pela influência de um médium, reaparece com todos os seus acidentes, desde que a influência benfazeja se afaste, porque não fica nada, absolutamente nada para combater a causa mórbida.

Para evitar esses retornos, é preciso que o remédio espiritual ataque o mal em sua base, como o fluido material o destrói em seus defeitos; é preciso, em uma palavra, tratar

ao mesmo tempo o corpo e a alma. Para ser bom médium curador, é preciso que não só o corpo esteja apto a servir de canal aos fluidos materiais reparadores, mas é preciso ainda que o Espírito possua uma força moral que ele não pode adquirir senão pela sua própria melhoria. Para ser médium curador, é preciso, pois, para isto se preparar, não só pela prece, mas pela depuração de sua alma, a fim de tratar fisicamente o corpo por meios físicos, e de influenciar a alma pela força moral.

Uma última reflexão. Aconselha-se-vos procurar de preferência os pobres que não têm outros recursos do que a caridade do hospital; eu não sou inteiramente desta opinião. Jesus dizia que o médico tem por missão cuidar dos doentes e não daqueles que estão saudáveis; lembrai-vos que em caso de saúde moral, a doentes por toda a parte, e que o dever do médico é de ir por toda a parte onde seu socorro é necessário.

Abade Príncipe de Hohenlohe.

II

(Sociedade de Paris, 15 de março de 1867; Méd. Sr. Desliens.)

Em uma comunicação recente, falei da mediunidade curadora do ponto de vista amplo que ela não foi considerada até aqui, e a fiz consistir antes no tratamento moral do que no tratamento físico dos doentes, ou pelo menos reuni esses dois tratamentos num só. Eu vos pedirei para dizer algumas palavras a esse respeito.

O sofrimento, a doença, a própria morte, nas condições sob as quais as conheceis, não são mais especialmente o quinhão dos mundos habitados pelos Espíritos inferiores ou pouco avançados? O desenvolvimento moral não tem por objetivo principal conduzir a Humanidade à felicidade, em lhe fazendo adquirir conhecimentos mais completos, em a desembaraçando das imperfeições de toda natureza, que retardam sua marcha ascensional para o infinito? Ora, em melhorando o Espírito dos doentes, não se os coloca em melhores condições para suportarem seus sofrimentos físicos? Em atacando os vícios, os maus pendores, que são a fonte de quase todas as desorganizações físicas, não se colocam essas desorganizações na impossibilidade de se reproduzirem? Destruindo-se a causa, impede-se necessariamente o efeito de se manifestar de novo.

A mediunidade curadora pode, pois, comportar duas formas, e esta faculdade não estará em seu apogeu, naqueles que a possuírem, senão quando neles reunirem essas duas maneiras de ser. Ela pode compreender unicamente o alívio material dos doentes, e então se dirige aos encarnados; ela pode compreender a melhoria moral dos indivíduos, e, neste caso, se dirige tão bem aos Espíritos quanto aos homens; ela pode compreender, enfim, a melhoria moral como o alívio material, e neste caso a causa como o efeito poderão ser combatidos vitoriosamente. O tratamento dos Espíritos obsessores é outra coisa, com efeito, que uma espécie de influência semelhante à mediunidade curadora exercida em conjunto por médiuns e Espíritos sobre uma personalidade desencarnada?

A mediunidade curadora abarca, pois, ao mesmo tempo, a saúde moral e a saúde física, o mundo dos encarnados e o dos Espíritos.

Abade Príncipe de Hohenlohe.

III

(Paris, 24 de março de 1867. Médium, Sr. Rui.)

Venho continuara instrução que dei a um médium da Sociedade. Porque duvidastes que eu viesse ao vosso chamado? Não sabeis que um bom Espírito é sempre feliz em ajudar os seus irmãos da Terra, no caminho da melhoria e do progresso?

Conheceis hoje o que eu disse do papel extenso reservado à mediunidade curadora; sabeis que, segundo o estado de vossa alma e as aptidões de vosso organismo, podereis, se Deus vo-lo permitir, curar, sejam as dores físicas, sejam os sofrimentos morais, ou ambos. Duvidais de serdes capazes de fazer um ou o outro, porque conheceis as vossas imperfeições; mas Deus não pede a perfeição, a pureza absoluta aos homens da Terra. A esse título, nenhum de vós seria digno de ser médium curador.

Deus pede para vos melhorar, fazer esforços constantes para vos purificar, e vos tem em conta a vossa boa vontade.

Uma vez que desejais seriamente aliviar os vossos irmãos que sofrem fisicamente e moralmente, tende confiança, esperai que o Senhor vos concederá esse favor. Mas, eu vo-lo repito, não sejais exclusivos na escolha de vossos doentes; todos, quaisquer que sejam, ricos ou pobres, crentes ou incrédulos, bons ou maus, todos têm direito ao vosso socorro. Acaso o Senhor priva os maus do calor benfazejo do Sol que aquece, que reanima, que vivifica? Acaso a luz é recusada a quem não se prosterne diante da bondade do Todo-Poderoso? Curai, pois, quem sofra, e aproveitai do bem que haveis dado ao corpo para purificar a alma sofredora ainda e ensiná-la a orar. Não vos desanimeis pelas recusas que encontrardes; fazei sempre a vossa obra de caridade e de amor, e não duvideis de que o bem, embora retardado para alguns, jamais será perdido. Melhorai-vos pela prece, pelo amor ao Senhor, de vossos irmãos, e não duvideis que o Todo-Poderoso não vos dê as ocasiões freqüentes de exercer a vossa faculdade medianímica. Sede felizes quando, depois da cura, vossa mão apertará a de vosso irmão reconhecido, e que ambos, prosternados aos pés de vosso Pai celeste, orardes juntos para agradecer-lhe e para adorá-lo; mais feliz ainda, quando, acolhido pela ingratidão, depois de ter curado o corpo, impossibilitado de curar a alma endurecida, elevardes o vosso pensamento ao Criador, porque a vossa prece será a primeira centelha destinada a alumiar, mais tarde, o facho que brilhará aos pés de vosso irmão curado de sua cegueira, e direis a vós mesmos que quanto mais um doente sofre, mais o médico deve lhe dar cuidados.

Coragem, irmão, esperai e esperai, que os bons Espíritos que vos dirigem, vos inspirem quando devereis começar, junto aos vossos irmãos que sofrem, a aplicação de vossa nova faculdade medianímica. Até lá orai, progredi pela caridade moral, pela influência do exemplo, e jamais deixeis fugir à menor ocasião de esclarecer os vossos irmãos. Deus vela sobre cada um de vós, e aquele que hoje é o incrédulo, amanhã, poderá ser o mais fervoroso e o mais crente.

Abade Príncipe de Hohenlohe.

Os adeuses.

(Sociedade de Paris, 16 de agosto de 1867;
méd. Sr. Morin, em sonambulismo espontâneo.)

Nota. - Entre as comunicações obtidas na última sessão da Sociedade, antes das férias, esta apresentou um caráter particular, que saiu da forma habitual. Vários Espíritos, daqueles que são assíduos às sessões, e nela se manifestam algumas vezes, vieram sucessivamente dirigir algumas palavras aos membros da Sociedade antes de sua separação, por intermédio do Sr. Morin, em sonambulismo espontâneo. Era como um grupo de amigos vindo se despedir, e dar um testemunho de simpatia, no momento da partida. A cada interlocutor que se apresentava, o intérprete mudava de tom, de postura, de expressão, de fisionomia, e pela linguagem se reconhecia o Espírito que falava antes que fosse nomeado; era bem ele que falava, servindo-se dos órgãos de um encarnado, e não seu pensamento traduzido, mais ou menos fielmente dado passando por um intermediário; também a identidade era patente, e, salvo a semelhança física, tinha-se

diante de si o Espírito como quando vivo. Depois de cada alocução, o médium permanecia alguns minutos absorvido; era o tempo da substituição de um Espírito por um outro; depois, retornando pouco a pouco a si, retomava a palavra num outro tom. O primeiro que se apresentou foi o nosso antigo colega Leclerc, falecido no mês de dezembro do ano último.

Alguns de vossos irmãos que partiram vêm aproveitara ocasião de vos manifestar sua simpatia, no momento de vossa separação.

A morte não é nada quando tem por resultado fazer nascer uma vida muito maior, muito mais ampla, muito mais útil do que a vida humana!...Um atordoamento sobrevem, um abaixamento se segue (alusão à maneira da qual se morre), e, me levando mais livre e feliz entrando neste mundo invisível, que a minha alma tinha pressentido, que todo o meu ser desejava!... Livre!... planar no espaço!... Eu vi, observei, e a minha delirante alegria não era temperada senão pelo pesar exagerado que os meus tinham da ausência de minha personalidade material; mas hoje que pude lhes provar a minha existência, e que lhes demostrei que se meu corpo não está mais lá, o meu Espírito ali está mais tempo, hoje sou feliz, bem feliz; porque o que não pude fazer encarnado, pude obtê-lo num estado de espiritualidade. Hoje sou útil, muito útil, e graças à simpática afeição daqueles que me conheceram, a minha utilidade é mais eficaz.

Quanto é bom poder servir seus irmãos, e ser útil assim à Humanidade inteira! Quanto é bom, quanto é doce à alma poder participar à Humanidade um pouco de saber que se adquire pelo sofrimento! Eu que, outrora aprisionado nesse corpo obtuso, hoje sou grande, e se não fosse o medo de vosso ridículo, eu me admiraria; porque, vede, ser bom, é fazer parte de Deus; e esta bondade, é a que eu a possuía? oh! respondi-me, vosso testemunho será uma alegria a mais, juntada à felicidade da qual eu gozo; mas, quanto tenho necessidade de vossas palavras? não posso ler em vossos corações, e veros vossos sentimentos mais íntimos? Hoje, graças à minha desmaterialização, não posso ver os vossos pensamentos mais secretos?

Oh! Deus é grande, e a sua bondade é sublime! Meus amigos, como eu, inclinai-vos diante de sua majestade; trabalhai para o cumprimento de seus desígnios, fazendo mais e melhor, do que eu mesmo pude fazer.

LECLERC.

Para a alma que aspira à liberdade, quanto o tempo é longo sobre a Terra, e quanto o momento tão sonhado se faz esperar! Mas também, uma vez rompido o laço, com que rapidez o Espírito voa e brevemente para o reino celeste, que quando vivo via em sonho, e ao qual aspirava sem cessar! O belo, o infinito, o impalpável, todos os sentimentos mais puros, eis qual é o apanágio daqueles que desprezam os tesouros humanos, querendo caminhar na via santa do bem, da caridade e do dever. Tive a minha recompensa e estou muito feliz, porque agora, não espero mais as visitas daqueles que me são caros; agora não há mais limites para a minha visão, e esse sofrimento, esse longo emagrecimento do corpo não há mais; hoje sou jovial, alegre, cheia de vivacidade. Não espero mais os visitantes, vou visitá-los.

ERNESTINE DOZON.

São muito felizes aqueles que, neste dia, podem vir sem embaraço ao vosso meio, vos comunicar à sua alegria, o seu prazer, entrando aqui! mas eu que tomei o caminho dos frouxos para evitar o caminho trilhado; eu, que entrei de surpresa num mundo que não me era conhecido; eu, que quebrei a porta da prisão, em lugar de esperar que ela me fosse amplamente aberta, é em razão mesmo dessa vergonha que me cobre a frente, que venho a esta mesa, porque aqui encontro o meio de vos dizer: Obrigado por vosso perdão sincero, obrigado por vossas preces, pelo interesse que me tendes prodigalizado e que abreviaram os meus sofrimentos! Obrigado, ainda, pelos pensamentos de futuro que vejo

germinar em vossos corações, pela coletividade fraterna de vossas simpatias, das quais eu beneficiarei!

Hoje, o clarão apenas entrevisto se tornou um farol luminoso, de raios grandes e brilhantes; doravante vejo o caminho, e se as vossas preces me sustentarem como o pressinto, se a minha humildade e o meu arrependimento não me desmentirem, podereis contar com um viajante a mais neste longo caminho que se chama o bem.

D.

Eu fali... eu pequei... muito pequei!... e, no entanto, se Deus coloca no cérebro de um homem uma inteligência, e que ao lado coloca desejosa saciar, pendores impossíveis de serem superados, porque faria o Espírito suportar as conseqüências desses obstáculos que não pôde vencer?... Mas eu me perco, blasfemo!...porque, uma vez que me tinha dado uma inteligência, era um instrumento com a ajuda

do qual podia vencer os obstáculos... quanto maior era inteligência, menos sou desculpável...

Minha própria inteligência, minha presunção sobretudo me perderam... sofri moralmente de todas minhas decepções, muito mais do que fisicamente, e isto não é pouco dizer!... em vos fazendo estas confissões, sofro do passado e de todos os sofrimentos dos meus, que vêm aumentar a bagagem dos males que já me esmagam... Oh! orai por mim! Hoje, é um dia de indulgência; pois bem! eu reclamo a vossa. Que aqueles a quem ofendi e desconheci me perdoem!

X

Espectador invisível, assisto há algum tempo aos vossos estudos com uma muito grande alegria! Vossos trabalhos absorvem ainda mais as minhas faculdades intelectuais que não o faziam quando vivo. Vejo, observo, estudo, e hoje que as minhas fibras cerebrais não estão mais obstruídas pela matéria, abri meus olhos espirituais, e posso ver os fluidos que em vão procurei perceber quando vivo.

Pois bem! Se pudésseis ver essa imensa rede, esse emaranhado fluídico, vossos raios visuais seriam de tal modo aniquilados que não perceberíeis senão as trevas. Eu vejo, sinto, ressinto!... e, nessas moléculas fluídicas, átomos impalpáveis, distingo as diferentes forças propulsoras; eu as analiso, delas formo um todo que emprego ainda em benefício dos pobres corpos sofredores; eu reuno, aglomero os fluidos simpáticos, e vou simplesmente, gratuitamente, derramá-los sobre aqueles que deles têm necessidade.

Ah! o estudo dos fluidos é uma bela coisa! E compreenderíeis o quanto todos esses mistérios têm de prêmio para mim, se, como eu, tivésseis consagrado em vão toda a vossa existência para penetrá-los. Graças ao Espiritismo o caos aparente desses conhecimentos foi colocado em ordem; o Espiritismo distinguiu o que é do domínio físico do que pertence ao mundo espiritual; reconheceu duas partes bem distintas no magnetismo; tornou seus efeitos fáceis de se reconhecer, e Deus sabe o que o futuro lhe reserva!

Mas percebo que absorvo todo o vosso tempo em meu benefício, ao passo que outros Espíritos desejam ainda vos falar. Retornarei, pela escrita, continuara vos desenvolver minhas idéias sobre esses estudos dos quais gostava tanto de me entreter quando vivo.

E.QUINEMANT.

Meus caros filhos, o ano social espírita foi frutífero para os vossos estudos, e venho com prazer disto vos testemunhar toda a minha satisfação. Muitos fatos foram analisados,

muitas coisas incompreendidas foram elucidadas, e tocastes certas questões que não tardarão a ser admitidas em princípio. Eu estou, ou antes, nós estamos satisfeitos.

Apesar de todo o ardor empregado até aqui, no vosso meio e por vossos inimigos, contra as vossas boas intenções, a vossa falange foi a mais forte, e, se o mal fez algumas vítimas, é que a lepra já existia nelas; mas já a ferida se cicatriza; os bons entram e os maus se vão; e para os maus que permanecem entre vós, mais tarde o remorso será terrível, porque juntam às suas taras, a da hipocrisia; mas aqueles que são sinceros, aqueles que se juntam a vós hoje, aqueles que trazem o seu devotamento à verdade e o desejo de comunicar a todos, aqueles, eu vo-lo digo, meus filhos, serão muito felizes, porque levarão a felicidade não só para eles, mas para todos aqueles que os escutam. Olhai em vossas fileiras e vereis que os vazios criados pelas defecções são bem depressa preenchidos com vantagem por novas individualidades, e estas gozarão os benefícios que serão o apanágio da geração futura.

Ide, meus filhos! vossos estudos não são ainda senão muito elementares; mas cada dia traz os meios de mais aprofundar, e para isto novos instrumentos virão se juntar àqueles que já tendes. Tereis instruções mais extensas, e isto para uma maior glória de Deus e para o maior bem-estar da Humanidade.

Há entre vós vários desses instrumentos que tomarão lugar à vossa mesa, na reabertura; eles não ousam ainda se declarar; mas encorajai-os; conduzi ao vosso lado os tímidos e orgulhosos que crêem fazer melhor que os outros, e veremos então se os tímidos têm medo, e se os orgulhosos não terão que rebaixar as suas pretensões.

SÃO LUÍS.

A epidemia que vem dizimar o mundo em certos momentos, e que convencionaram chamar cólera, fere de novo e com golpes redobrados sobre a Humanidade; seus efeitos são prontos e sua ação rápida. Sem nenhuma advertência o homem passa da vida à morte, e aqueles, mais privilegiados, que poupa sua mão fulminante, permanecem estupefatos, trementes, diante das espantosas conseqüências de um mal desconhecido em suas causas e do qual se ignora completamente o remédio.

O medo se apodera, nesses tristes momentos, daqueles que não consideram senão a ação da morte, sem pensar no além, e que, por este único fato, ficam mais facilmente expostos ao mal; mas como a hora de cada um de nós está marcada, é preciso partir apesar de tudo, se ela soou. A hora está marcada para um bom número de habitantes no universo terrestre; dela partem todos os dias; o flagelo ganha cada vez mais e vai se estender sobre toda a superfície do globo.

O mal é desconhecido, e o é talvez mais ainda hoje; porque, em sua constituição própria, se juntam diariamente outros elementos que confundem o saber humano e impedem de encontrar o remédio necessário para deter sua marcha. Os homens, pois, apesar de sua ciência, devem lhe sofrer as conseqüências, e esse flagelo destruidor é muito simplesmente um dos meios pára ativara renovação humanitária, que deve se cumprir.

Mas não vos inquieteis; para vós Espíritas, que sabeis que morrer é renascer, se fordes atingidos e que partis, não ireis para a felicidade? se, ao contrário, fostes poupados, agradecei a Deus por isto, e vos permitirá assim aumentar a soma de vosso sofrimento e pagar mais pela prova.

De um lado como do outro, que a morte vos fira ou que ela vos poupe, não tendes senão a ganhar, ou então não vos digais Espíritas.

Doutor DEMEURE.

Isto é para ele (o médium fala de si mesmo na terceira pessoa). -Vede, vos foi dito que um momento viria onde poderia ver, ouvir, repousar a seu turno. Pois bem! esse momento chegou, para vós e não para os outros; na reentrada não dormirá mais, salvo

alguns casos excepcionais, onde a utilidade se fará sentir; neste momento, ele lamenta, mas quando o souber, dentro em pouco, quando for despertado, ele será bem feliz.....o egoísta!.....No entanto, ele tem ainda muito afazer; aqui

ela, dormirá; raramente felicitará e fustigará com mais freqüência: é a sua tarefa. Orai para que ela lhe seja fácil; para que a sua palavra leve, onde for necessária, a paz, a consolação e a conciliação. Ajudai-o pelo vosso pensamento; em seu retomo, ele porá toda a sua boa vontade em vos secundar, e o fará de todo o coração; mas sustentai-o, porque ele tem grande necessidade. De resto, as circunstâncias excepcionais onde dormirá, talvez não sejam, infelizmente, senão muito freqüentemente motivadas. Enfim, dissei como ele: Que a vontade de Deus seja feita!

MORIN.

ALLANKARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

10º ANO

NO. 11

NOVEMBRO 1867

IMPRESSÕES DE UM MÉDIUM INCONSCIENTE

A PROPÓSITO DO ROMANCE DO FUTURO

Pelo Sr. Eug. Bonnemère.

O Sr. Bonnemère consentiu nos transmitir, sobre o jovem bretão, o qual é assunto no prefácio do interessante livro que publicou sob o título de *Romance do Futuro*, detalhes circunstanciados que completam aqueles que demos a esse respeito na Revista de julho de 1867, página 215. Estas novas informações são do mais alto interesse, e nossos leitores ficarão gratos ao autor, como nós mesmos lhe agradecemos, por tê-los posto à nossa disposição. Nós o faremos seguir de algumas observações.

Senhor,

Um amigo me envia muito tardiamente o número da *Revista Espírita*, no qual dais conta do *Romance do Futuro*, que assinei com o meu nome. Permitti-me vos dar alguns esclarecimentos a respeito de uma passagem desse artigo, onde se encontra esta reflexão: "Nos foi dito que, quando escreveu este livro, o autor não conhecia o Espiritismo; isto parecia difícil, etc."

No entanto, isto é rigorosamente verdadeiro. Eu o confesso com toda sinceridade e humildade, Senhor, tive o erro de não vos oferecer esse volume; jamais fui até a vossa casa; não conhecia mesmo o título da *Revista Espírita*, e a minha biblioteca não possuía nenhuma obra sobre as questões que ali tratam; foi porque chamei meu jovem bretão um extático natural, ao passo que ele é para vós um médium.

Contei, no prefácio *úo Romance do Futuro* em conseqüência daquela aventura estranha, eu que me fiz um historiador na maturidade de minha vida, ia tornar-me um romancista depois de ultrapassar os cinqüenta anos. Os leitores não viram ali senão um desses procedimentos familiares aos autores, para dar algo picante ao seu relato. Atesto sobre a honra que, com exceção de um detalhe que não tem nada com o assunto, e que não é permitido revelar ainda, tudo o que adianto neste prefácio é verdadeiro, e, bem longe de exagerar, eu não digo tudo.

Meu jovem bretão explica, em vinte passagens desses volumosos manuscritos (quase 18.000 páginas) as causas e os efeitos dessa espécie de condenação aos trabalhos forçados que sofre em a maldizendo.

"Cada noite, escreveu em data de 24 de agosto de 1864, eu me deito muito fatigado depois de uma jornada de trabalho; durmo; uma hora depois desperto; estou triste, um crepe negro parece me envolver; fico sem falar, mas não sofro. Alguma coisa de vago está em meu cérebro; é sob esta impressão que meus olhos se fecham, freqüentemente, com lágrimas no coração. Depois, pela manhã, desperto com um mutismo persistente,

quer dizer, com intoleráveis sofrimentos no lado esquerdo e no coração, que não me permitem reencontrar o sono. Sinto um estado de angústia intolerável, que me força a levantar-me. Eu sufoco; há o muito cheio em mim que é preciso derramar. Então, vou ao meu escritório, e lá sou constrangido a trabalhar.

"Quanto mais eu sofro, mais e melhor eu trabalho. Tenho, então, um transbordamento de imaginação extremo. Quando uma obra está composta, e que ela não tem mais necessidade do que ser lançada sobre o papel, invento uma outra, sem procurá-la jamais, e tudo escrevendo mecanicamente aquela que chegou à maturidade.

"Quando devo servir de instrumento a algum de meus amigos desaparecidos, seu nome ressoa em meu ouvido. Quando escrevo, esse nome não me deixa e sinto, mesmo no meio de meus sofrimentos físicos, às vezes agudos, sobretudo no coração, uma espécie de doçura a escrever o que coloca em mim. É como uma inspiração, mas muito involuntária. Todas as fibras de meu ser moral são postas em aviso. Então sinto mais vivamente; parece-me que vibro; todos os ruídos são mais fortes, mais perceptíveis; vejo as vibrações intelectuais e morais ao mesmo tempo.

"Quando estou nesse estado de mutismo, sinto-me como envolvido numa rede que estabelece uma separação entre meu ser intelectual e a massa dos objetos materiais ou de pessoas que me cercam. É um isolamento absoluto em meio da multidão; minha palavra e meu Espírito estão em outra parte. O ser inspirador que vem em mim não me deixa mais; *é uma espécie de penetração íntima dele em mim; sou como uma esponja embebida de seu pensamento.* Eu o pressiono, e dele sai a quintessência de sua inteligência, livre de todas mesquinhas de nossa vida neste mundo.

"Às vezes, mesmo sem mutismo, que eu esteja só ou com outros, pouco importa, converso, rio, apareço na conversa dos outros, e, no entanto, eu trabalho; as idéias se acumulam, mas fugitivas; eu aí sou e aí não sou mais; retorno a mim, e não tenho mais lembrança de nada; mas o estado de mutismo faz reviver as imagens apagadas.

Se for um romance que devo escrever, o título me vem primeiro, os acontecimentos chegam em seguida; algumas vezes, é o trabalho de um ou dois dias para compô-lo inteiro. Tratando-se de coisas mais sérias, o título igualmente me é ditado, depois os pensamentos super abundam, e até mesmo quando pareço mais fortemente distraído. A elaboração se faz em sua hora até o instante em que o muito cheio extravasa sobre o papel.

"Freqüentemente, me ocorre, depois de um longo romance terminado, e quando não tinha nenhuma outra coisa pronta para ser lançada sobre meus cadernos, de sentir essa estranha sensação, como se, em meu cérebro, houvesse um compartimento vazio. Sofro muito mais então; é um estado de fraqueza completo até o momento em que a minha cabeça se enche de outra coisa.

"Geralmente, desde a própria noite, ou na manhã em minha cama, eu combino algum plano novo. Às vezes, no entanto, levanto-me sem pensarem nada do que vou fazer e sem ter nada antes elaborado. Minha vela acesa, coloco-a diante do meu papel. Ouço, então, do lado esquerdo, no ouvido esquerdo, um nome, uma palavra, um assunto de romance em duas ou três palavras. Isto basta; as palavras se sucedem sem interrupção; os acontecimentos vêm se alinhar por si mesmos sob minha pena sem um instante de parada, até que a história esteja terminada. Quando as coisas se passam assim, é que não se trata senão de uma novela muito curta, que será terminada em uma sessão.

"Há, ainda, em meu estado, uma particularidade muito singular, é quando estou inquieto com a saúde de alguém que amo. Isto se torna verdadeiramente para mim uma atroz doença, e creio que sofro mais do que a própria pessoa. Durante alguns instantes, sou tomado na cabeça, no estômago, no coração e nas entranhas, de uma pressão cheia de angústias que vai até uma dor extrema. Vem o momento em que só a cabeça sofre. Então, um nome de remédio, ou vários nomes estão em mim. Eu não quero falar, porque

duvido e temo fazer mal, quando tanto queria aliviar! Mas essas palavras retornam sem cessar; sou vencido, cedo e as digo com esforço, ou as escrevo. Então está acabado, não penso mais nisso, e tudo está apagado."

Não sei se me engano, mas me parece encontrar aí todos os caracteres da *possessão* de outrora, e creio bem que se queimaram outrora muitos possessos que não eram mais feiticeiros do que o meu jovem extático. Evidentemente, ele vive uma vida dupla, da qual ambas não têm nenhuma relação uma com a outra. Frequentemente eu o vi, quando uma das pessoas que se confiavam a ele, vinha lhe dizer que sofria; olhar fixo, pálpebras abertas, a pupila dilatada, ele parecia escutar, procurar. - "Sim, sim!" murmurava, como se repetisse a si mesmo o que uma voz interior lhe dizia. Ele indicava, então, o remédio necessário, conversava um momento sobre a natureza e a causa do mal, depois, pouco a pouco, tudo isto se dissipava, e ele não tinha consciência nem do instante em que o êxtase viera, nem daquele em que havia cessado. Este rápido momento de ausência não existia para ele, e evitava-se de lhe falar dele.

"Eu quero e devo viver na sombra, escreveu em outra parte. Dizem-me: Estais numa sociedade desviada em consequência de má direção. O *bem que se faz sem interesse, emanando de uma fonte natural, mas um pouco extraordinária*, parece culpável, ridículo, indiscreto pelo menos. Não é preciso se expor à zombaria, às vezes ao desprezo por uma boa ação. Segundo um velho provérbio: "Falta confessada é pela metade perdoada", pode-se dizer que uma boa ação oculta é pela metade perdoada. É preciso, pois, fazer aos outros o bem sem que disto desconfiem. É a verdadeira caridade, que dá sem esperar que se lhe restitua."

Tudo isto não se realizou sem lutas. Às vezes ele se revolta contra essa obsessão tirânica. Eu o vi resistir, se debater com cólera, depois, domado por uma vontade superior à sua, se pôs a trabalhar.

Ele havia anunciado um grande e longo trabalho sobre a liberdade. Declarava-se incapaz de fazê-lo, e protestava que não o faria. Uma manhã escreveu:

"Não, eu quero lutar ainda hoje. Sinto que a forma não veio ainda muito clara... Quando, pois, me deixarei sem repouso?... Eu estou quebrado!... Ah! chamais isto uma liberdade de pensamento que introduzis em mim! É a servidão de vossos pensamentos que é preciso dizer! Pretendeis que dela tenho hoje o germe, e que é me prestar um imenso serviço desenvolvê-la, acrescentando-lhe o que podeis nela colocar!

"Começarei por esta pergunta já tratada: O que é a vida?"

Uma espécie de anúncio de programa a cumprir continuou assim durante dez páginas de sua escrita e tinha escrito em quarenta minutos.

Todas essas coisas, que me pareceram muito estranhas, talvez o serão menos para vós, Senhor. Em suma, tenho fé em seu poder misterioso, porque ele me curou de mais de uma afecção que talvez tivesse embaraçado a Faculdade. Jamais alguém fica doente junto dele sem que escreva a sua pequena receita. Frequentemente, ele o faz a seu malgrado, sentindo bem que não se dará conta de suas prescrições. Ele terminou um dia, por estas linhas, uma consulta a respeito de uma pessoa doente do peito, da qual pensava-se mal, na sua opinião, e que acreditava poder salvar ainda:

"Eis as coisas que posso dizer. Que se lhe faça o que se julgar conveniente; são minhas observações, eis tudo. Não terei a me censurar de tê-las deixado dormir em mim. Não é preciso fazer nada sem o conselho do médico. Com naturezas como são todos, isto não pode servir senão como indicação. Que disso se não me fale jamais; que se não me agradeça. *Eu não sou um homem, mas uma alma que desperta ao grito do sofrimento, e que não se lembra mais depois que o alívio chegou.*"

Quando não tinha doentes sob a mão, ele escrevia remédios gerais para as afecções que a ciência oficial não sabia ainda curar. Que valem essas prescrições? Eu o ignoro. No entanto, o que vi, o que pude experimentar, me leva a crer que elas poderão talvez colocar no caminho de procedimentos curativos novos.

Se o indivíduo que jamais abriu um livro de medicina escreve, sem disto ter consciência, remédios que podem curar, em muitos casos, a maioria dos males declarados hoje incuráveis, parece-me incontestável que estas coisas lhe são reveladas por uma força desconhecida e misteriosa. Em presença de um semelhante fato, a questão me parece nítida. Deve-se aceitar, como demonstrado, que existem sensitivos aos quais é concedido servir de intermediários aos amigos desaparecidos que, não tendo mais órgãos ao serviço de sua vontade, vêm emprestar voz ou a mão desses seres privilegiados, quando querem curar nosso corpo, ou fortalecer nossa alma, esclarecendo-a sobre as coisas que lhes é permitido nos fazer conhecer.

Pode-se arriscar uma experiência *in anima vili*, sobre os bichos-da-seda, por exemplo, que não são quase nada bons senão para serem lançados, eles mesmos, aos vermes da sepultura, quando estão doentes. A questão é grave, e é por centenas de milhões de francos que é preciso contar a perda que nos faz sofrer, cada ano, a doença que os colhe. O resultado a ser obtido vale a pena que se tente essa primeira experiência que, em todos os casos, se ela fracassar, não poderá agravar a situação.

Pode-se se ter aqui um mistério, mas afirmo que não há mistificação. Se eu sou mistificado, me restarão sempre os cento e poucos romances e novelas desse romancista sem o saber, cuja publicação vai ocupar agradavelmente os lazeres dos últimos anos de minha existência, e dos quais deixarei a maior parte a outros depois de mim.

Neste inverno eu darei um novo romance de meu jovem extático bretão. No prefácio, transcreverei textualmente tudo o que escrevi sobre a cura dos bichos-da-seda; e mesmo acrescentarei, querendo-se, suas prescrições para prevenir e curar o cólera e as doenças do peito.

Pouco importa o que seria de mim durante alguns dias; mas importa muito que esses segredos, dos quais o acaso me fez depositário, não morram comigo, se contêm alguma coisa de séria, e que se saiba se existem relações possíveis entre as inteligências superiores, do outro lado da vida, e as inteligências dóceis deste; creio que seria muito importante para nós estabelecer as relações cada vez mais continuadas com esses mortos, de boa vontade, que parecem dispostos a nos dar conta de semelhantes serviços.

Aceitai, etc.

E. BONNEMÈRE.

O quadro das impressões desse jovem, traçado por ele mesmo, é tanto mais notável quanto tendo sido escrito na ausência de todo conhecimento Espírita, não pode ser o reflexo de idéias hauridas num estudo qualquer que teria exaltado a sua imaginação. É a impressão espontânea dessas sensações, de onde ressaltam com a última evidência todos os caracteres de uma mediunidade inconsciente: a intervenção de inteligências ocultas ali está expressada sem ambigüidade; a resistência que opõe, mesmo a contrariedade que disso sentem, provam super abundantemente que se age sob o domínio de uma vontade que não é a sua. Esse jovem é, pois, um médium em toda a acepção da palavra, e, além disto, dotado de faculdades múltiplas, porque é, ao mesmo tempo, médium escrevente, falante, vidente, mecânico, intuitivo, inspirado, impressionável, sonâmbulo, médico, literato, filósofo, moralista, etc. Mas nos fenômenos expostos, não há nenhum dos caracteres do *êxtase*; é, pois, impropriamente que Sr. Bonnemère o qualifica de extático, porque é precisamente uma das faculdades que lhe faltam. O *êxtase* é um estado particular bem definido, que não está presente no caso do qual se trata. Ele não parece, não mais, dotado da mediunidade de efeitos físicos, nem da mediunidade curadora.

Há médiuns naturais, como há sonâmbulos naturais, que agem espontaneamente e inconscientemente; nos outros, os fenômenos medianímicos são provocados pela vontade, a faculdade é desenvolvida pelo exercício, como em certos indivíduos o sonambulismo é provocado e desenvolvido pela ação magnética.

Há, pois, os *médiuns inconscientes* e os *médiuns conscientes*. A primeira categoria, à qual pertence o jovem bretão, é a mais numerosa; ela é quase geral, e pode-se dizer, sem exagero, que sobre 100 indivíduos há deles 90 que são dotados dessa aptidão em graus mais ou menos ostensivos; se todos se estudassem, encontrar-se-ia neste gênero de mediunidade, que reveste as aparências mais múltiplas, a razão de uma multidão de efeitos que não se explicam por nenhuma das leis *conhecidas* da matéria.

Esses efeitos, quer sejam materiais ou não, aparentes ou ocultos, por ter essa origem, não são menos naturais por isto; o Espiritismo não admite nada de sobrenatural nem de maravilhoso; segundo ele, tudo entra na ordem das leis da Natureza. Quando a causa de um efeito é desconhecida, é preciso procurá-la no cumprimento dessas leis, e não em sua perturbação provocada por ato de uma vontade qualquer, o que seria o verdadeiro milagre; um homem investido do dom de milagres, teria o poder de suspender o curso das leis que Deus estabeleceu, o que não é admissível. Mas o elemento espiritual sendo uma das forças ativas da Natureza, dá lugar a fenômenos especiais que não parecem sobrenaturais senão porque obstina-se em procurar-lhe a causa unicamente nas leis da matéria. Eis porque os Espíritos não fazem milagres, e jamais tiveram a pretensão de fazê-lo. A qualificação de taumaturgos, que lhes dá crítica por ironia, prova de que ela fala de uma coisa da qual não entende primeira palavra, uma vez que chama *fazedores de milagres* os mesmos que vêm destruí-los.

Um outro fato ressalta das explicações dadas na carta acima é que *Romance do futuro* é bem uma obra medianímica do jovem bretão, ao se pode senão estar satisfeito com o Sr. Bonnemère por dele ter declinado a paternidade. Pensamentos tão elevados e tão profundos da tinham que pudessem nos espantar de sua parte, foi porque não hesitamos em lhes atribuir, e com isso não teríamos senão maior estima por seu caráter, e por seu talento de escritor que nos era conhecido; mas eles emprestam um interesse particular pela fonte de onde emanam; por estranha que essa fonte pareça, à primeira vista, ela dá tem de surpreendente para quem conhece o Espiritismo. Fatos deste gênero se vêm freqüentemente, e não há um Espírita esclarecido e deles não tenha perfeita conta, sem recorrer aos milagres.

Atribuindo, pois, a obra ao Sr. Bonnemère, e nela encontrando fatos e pensamentos que parecem emprestados à própria Doutrina, nos parece difícil que o autor a ela fosse estranho. Desde que ele afirma o contrário, o cremos sem dificuldade, e achamos na sua própria ignorância a confirmação desse fato muitas vezes repetido nos escritos, que as idéias Espíritas estão de tal modo na Natureza, que elas germinam fora *do ensino do Espiritismo*, e que uma multidão de coisas são ou se tornam Espíritas sem o saberem e por intuição; não falta às suas idéias senão o nome. O Espiritismo é como estas plantas cujas sementes são levadas pelos ventos e que produzem sem cultura; nasce espontaneamente no pensamento, sem estudo preliminar. Que podem, pois, contra ele aqueles que sonham com o seu aniquilamento batendo na cepa mãe?

Assim, eis um médium completo, notável, e um observador que não desconfiam, nem um nem o outro, do que é o Espiritismo, e o observador, por uma dedução lógica daquilo que vê, chega ele mesmo todas as consequências do Espiritismo. O que ele constata, de início, que os fatos que tem sob os olhos lhe apresentam, no mesmo indivíduo, uma *dupla vida da qual uma não tem nenhuma relação com a outra*. Evidentemente, essas duas vidas, onde se manifestam pensamentos divergentes, estão submetidas a condições diferentes; ambas não podem proceder da matéria; é a constatação da vida espiritual; é a alma que se vê agir fora do organismo.

Este fenômeno é muito vulgar; produz-se diariamente durante o sono do corpo, nos sonhos, no sonambulismo natural ou provocado, na catalepsia, na letargia, na dupla vista, no êxtase. O princípio inteligente isolado do organismo é um fato capital, porque é a prova de sua individualidade. A existência, a independência e a individualidade da alma podem, assim, ser o resultado da observação. Se, durante a vida do corpo, a alma pode agir sem

o concurso dos órgãos materiais, é que ela tem uma existência própria; a extinção da vida corpórea não arrasta, pois, forçosamente, a da vida espiritual. Vê-se por aí onde, de conseqüência em conseqüência, chega-se a uma dedução lógica.

O Sr. Bonnemère não chegou a esse resultado por uma teoria preconcebida, mas pela observação; o Espiritismo não procedeu de outro modo; o estudo dos fatos precedeu a Doutrina, e os princípios não foram formulados, como em todas as ciências de observação, senão à medida que foram deduzidos da experiência. O Sr. Bonnemère fez o que todo observador sério pode fazer, porque todos os fenômenos espontâneos que ressaltam do mesmo princípio são numerosos e vulgares; somente o Sr. Bonnemère, não tendo visto senão um ponto, não pôde chegar senão a uma conclusão parcial, ao passo que o Espiritismo, tendo abarcado todo o conjunto desses fenômenos, tão complexos e tão variados, pôde analisá-los, compará-los, controlá-los uns pelos outros, e nisto encontrar a solução de um maior número de problemas.

Uma vez que Espiritismo é um resultado da observação, quem tem olhos de ver, julgamento para raciocinar, paciência e perseverança para ir até o fim, poderá chegara constituir o Espiritismo, do mesmo modo que se poderia reconstituir todas as ciências; mas o trabalho estando feito, é tempo ganho e trabalho poupado. Se fosse preciso recomeçar sem parar, não haveria progresso possível.

Como os fenômenos estão na Natureza, produziram-se em todas as épocas; e precisamente porque eles tocam de maneira mais direta à espiritualidade, se encontram misturados a todas as teogonias. O Espiritismo, vindo numa época menos acessível aos preconceitos, esclarecida pelo progresso das ciências naturais que faltaram aos primeiros homens, e por uma razão mais desenvolvidas, pôde observar melhor do que se fazia outrora; ele vem hoje libertar o que é verdadeiro da mistura introduzida pelas crenças supersticiosas, filhas da ignorância.

O Sr. Bonnemère se felicita pelo acaso que lhe colocou nas mãos os documentos fornecidos pelo jovem bretão. O Espiritismo não admite mais o acaso do que o *sobrenatural* nos acontecimentos da vida. O acaso, que por sua natureza é cego, se mostraria, às vezes, singularmente inteligente. Pensamos, pois, que foi intencionalmente que esses documentos caíram em sua posse depois que ele se colocou no estado de constatar-lhe a origem. Nas mãos do jovem, teriam sido perdidos, e, sem dúvida, era o que não deveria ser. Era preciso, pois, que alguém se encarregasse de tirá-los da obscuridade, e foi, parece, ao Sr. Bonnemère deferida esta missão.

Quanto aos valores destes documentos, julgando-os pelas amostras dos pensamentos contidos no *Romance do futuro*, seguramente, deve neles haver excelentes coisas; todas elas são boas? é uma outra questão. Sob esse aspecto, sua origem não é uma garantia de infalibilidade, tendo em vista que os Espíritos, não sendo senão as almas dos homens, não têm soberana ciência. Sendo seu adiantamento relativo, há-os uns mais esclarecidos do que os outros; se há deles que sabem mais do que os homens, há também homens que sabem mais do certos Espíritos. Até hoje consideravam-se os Espíritos como seres fora da Humanidade, e dotados de faculdades excepcionais; aí está um erro capital que engendrou tantas superstições e que o Espiritismo veio retificar. Os Espíritos fazem parte da Humanidade, e até que tenham atingido o ponto culminante da perfeição para a qual gravitam, estão sujeitos a se enganarem. É porque não se deve jamais se desinteressar de seu livre-arbítrio e de seu julgamento, mesmo com respeito àquilo que vem do mundo dos Espíritos; não é preciso aceitar jamais nada de olhos fechados, e sem o controle severo da lógica. Sem nada pre julgar sobre os documentos em questão, poder-se-ia, pois, que ali tivesse do bom e do mau, do verdadeiro e do falso, e que, em conseqüência, deveria ser feita uma escolha judiciousa para a qual os princípios da Doutrina podem fornecer úteis indicações.

Entre esses princípios, há um que importa não perder de vista, é o objetivo providencial da manifestação dos Espíritos. Eles vêm para testarem a sua existência e

provar ao homem que tudo não acaba para ele com a vida corpórea; eles vêm instruí-lo sobre a sua condição futura, excitá-lo a adquirir o que é útil ao seu futuro e o que pode levar, quer dizer, as qualidades morais, mas não para lhe dar os meios de se enriquecer. O cuidado de sua fortuna e da melhoria de seu bem-estar material deve ser o fato de sua própria inteligência, de sua atividade, de seu trabalho e de suas pesquisas. Se isto fosse de outro modo, o preguiçoso e o ignorante poderiam se enriquecer sem dificuldade, uma vez que bastaria se dirigir aos Espíritos para obter uma invenção lucrativa, fazer descobrir tesouros, ganhar na bolsa ou na loteria; também todas as esperanças de fortuna fundadas sobre o concurso dos Espíritos fracassaram deploravelmente.

O que nos inspira algumas dúvidas sobre a eficácia dos bichos-da-seda, procedimento que teria por efeito fazer ganhar milhões, e de acreditara idéia de que os Espíritos podem dar meios de enriquecer, idéia que perverteria a própria essência do Espiritismo. Seria, pois, imprudente de se criar quimeras a esse respeito, porque poderia isso ser como certas receitas que deveriam fazer correr fonte de riquezas em certas mãos, e que não chegaram senão a ridículas mistificações. Essa não é, no entanto, uma razão ocultar o procedimento, e para negligenciá-lo; se o sucesso deve ter um resultado mais importante mais sério do que a fortuna, pode-se que uma semelhante revelação seja permitida. Mas, na incerteza, é bom não se embalar de esperanças que poderiam ser frustradas. Aprovamos, pois, o projeto do Sr. Bonnemère de publicar as receitas que foram dadas ao seu jovem bretão, porque, entre elas, podem-se encontrar receitas úteis, sobretudo para as doenças.

O CURA GASSNER *MÉDIUM CURADOR*

No jornal a *Exposition populaire illustrée*, 24º número, encontramos num artigo intitulado: *Correspondência sobre os taumaturgos*, uma interessante notícia sobre o cura Gassner, quase tanto conhecido, em seu tempo, quanto o príncipe Hohenlohe por seu poder curador.

"Gassner(Jean-Joseph) nasceu em 20 de agosto de 1727, em Bratz perto de Bludens (Souabe); fez seus primeiros estudos em Inspruck e em Prague, recebeu as ordens eclesiásticas e foi provido, em 1758, da paróquia de Kloesterle, na região dos Grisons.

"Depois de quinze anos de uma vida solitária, revelou-se ao mundo como dotado de uma força excepcional, a de curar todas as doenças pela simples aposição das mãos, e isto sem empregar nenhum remédio, e sem exigir nenhuma retribuição. Os doentes afluíram logo de todas as partes, e em tão grande número que, para se colocar mais ao alcance de socorrê-los, Gassner solicitou e obteve a permissão de se ausentar de sua paróquia, e foi sucessivamente a Wolfegg, a Wein-garten, a Ravensperg, a Detland, a Kirchberg, a Morspurg e Constan-ce. Os infelizes lhe faziam cortejo; o corpo médico se levantou contra ele. Uns proclamavam as curas maravilhosas, outros as contestavam. "O bispo de Constance o constrangeu a um inquérito feito pelo diretor do seminário. Gassner declarou não ter jamais tido o pensamento de fazer milagres e que se limitou a aplicar o poder que a *ordenação confere* a todos os padres de *exorcizar, em nome de Jesus Cristo, os demônios que são uma das causas mais freqüentes de nossas doenças*. Ele declarou dividir todas as doenças naturais ou lesões, em doenças de obsessões e em doenças complicadas de obsessões. Ele estava, dizia, sem poder sobre as primeiras e fracassava sobre a da terceira categoria, quando a doença natural era superiora doença de obsessão.

"O bispo não ficou convencido e ordenou a Gassner de reentrar em sua paróquia, mas logo depois o autorizou a continuar seus exorcismos; o cura apressou-se em

aproveitar a autorização e surpreendeu os habitantes de d'Elwangen, de Sulzbach e de Ratisbonne, por uma multidão imensa de doentes que a sua fama atraiu da Suíça, da Alemanha e da França. O duque de Wurtemberg se declarou abertamente seu admirador e seu protetor; seus sucessos lhe atraíam poderosos adversários. O célebre Haen e o autor Sterzingen o atacaram com perseverança e paixão; vários bispos prestaram seu apoio ao fogoso autor e lhe foi interdito exorcizar em suas dioceses. Enfim, Joseph II pronunciou uma decisão que ordenava a Gassner para deixar Ratisbonne; mas, por força da proteção do príncipe bispo daquela cidade, que lhe havia conferido o título de conselheiro eclesiástico, com o cargo de capelão da corte, ele perseverou; essa resistência se prolongou até 1777, época na qual Gassner foi provido da paróquia de Bondorf, onde se retirou e morreu em 4 de abril de 1779, com a idade de 52 anos.

Nota.- O Espiritismo protesta contra a qualificação de *taumaturgos* dada aos curadores, pela razão de que ele não admite que nada se faça fora das leis naturais. Os fenômenos que pertencem à ordem dos fatos espirituais não são mais miraculosos do que os fatos materiais, tendo em vista que o elemento espiritual é uma das forças da Natureza, tão bem quanto o elemento material. O cura Gassner não fazia, pois, mais milagres do que o príncipe de Hohenlohe e do que o zuavo Jacob, e podem-se ver singulares aproximações entre o que se passava então, a esse respeito, e o que se passa hoje.

OS PRESENTIMENTOS E OS PROGNÓSTICOS.

Emprestamos ao mesmo artigo do jornal pré-citado os fatos adiante que acompanham a notícia sobre o cura Gassner, porque o Espiritismo pode tirar disto um útil assunto de instrução. O autor do artigo os faz seguir de reflexões dignas de nota neste tempo de ceticismo a respeito das causas extra materiais.

"Gassner havia desfrutado de um grande favor junto da imperatriz Marie-Thérèse, e freqüentemente o consultavam, dando crédito às suas inspirações. Conta-se (veras Memórias da Sra. Campan) que na época em que a idéia havia sido concebida de unir a filha de Marie-Thérèse e ao filhinho de Louis XV, a grande imperatriz fez vir Gassner e lhe perguntou: "Minha ANTOINETTE deverá ser feliz?"

"Gassner, depois de refletir longo tempo, empalideceu estranhamente e persistiu em guardar o silêncio.

"Pressionado de novo pela imperatriz e procurando, então, dar uma expressão geral à idéia da qual parecia muito ocupado: *Senhora*, respondeu ele, *há cruz para todos os ombros*.

"O casamento teve lugar em 16 de maio de 1770; o delfim e Marie-Antoinette receberam a bênção nupcial na capela de Versailles (Marie-Antoinette tinha chegado a Compiègne em 14); três horas depois do meio-dia o céu se cobriu de nuvens, torrentes de chuva inundaram Versailles; o acontecimento imprevisto repercutiu, e a multidão de curiosos que enchia o jardim foi obrigada a se retirar.

"A chegada de Marie-Antoinette no palácio dos reis da França (lemos na *vida pública e privada de Louis XVI*, pelo Sr. A*** e de Salex; Paris, 1814, p.340), foi assinalada por um desses prognósticos do qual não se lembra comumente senão quando se os vê realizar na seqüência dos tempos.

"No momento em que essa princesa, entrando pela primeira vez nas cortes do castelo de Versailles, pôs o pé no pátio de mármore, um violento acontecimento imprevisto abalou o castelo: *Presságio de infelicidade!* exclamou o marechal de Richelieu.

"A noite foi triste na cidade, e as iluminações não puderam produzir nenhum efeito.

"Acrescentai a isso o terrível acidente ocorrido em 30 de maio na rua Royale, no dia da festa que deu na praça Louis XV na cidade de Paris pelo casamento do Delfim e da

Delfina. ANQUETIL leva a 300 o número de mortos na praça, e a 1.200 o número daqueles que sucumbiram nos hospitais ou no domicílio poucos dias depois, ou bem que ficaram estropiados.

"Em 1757 (veros *Cartazes* de Tours, 25ºano, nº 14.-quinta-feira, de abril de 1792), a senhora de Pompadour fez vir diante de Louis XV um astrólogo que, depois de ter calculado seu tema de nascimento, disse-lhe: "Senhor, vosso reino é celebre pelos grandes acontecimentos, aquele que o seguirá, o será por grandes desastres."

"No dia da morte de Louis XV houve em Versailles uma tempestade horrível.

"Que acúmulo de prognósticos!

"Durante 8 anos o leito da rainha foi estéril. - Em 19 de dezembro de 1778 nasceu uma filha, Marie-Thérèse-Charlotte (mais tarde chamada pelo título de seu esposo, senhora Dauphine, duquesa de Angoulême). Ainda três anos e em 22 de outubro de 1781, Marie-Antoinette deu um herdeiro à coroa. A cidade de Paris vota, nessa ocasião, à rainha, uma festa na qual fez ostentar a mais suntuosa munificência.

"Essa festa teve lugar em 21 *de janeiro* de 1782. *Onze* anos mais tarde a comuna de Paris deu ao povo o ESPETÁCULO DA MORTE DO REI. A rainha estava prisioneira esperando que a visão de Gassner se cumprissem.

"Uma vez que tocamos nessas questões ardentes, escutai ainda as revelações da Sra. Campan. - Estava-se em maio de 1789; os dias 4 e 5 tinham diversamente impressionado os espíritos; quatro velas clareavam o gabinete da rainha, que contava alguns acidentes notáveis que tinham acontecido durante o curso do dia. -"Uma vela se apagou por si mesma; eu a reacendi, disse a senhora Campan; logo a segunda, depois a terceira, se apagaram também; então a rainha, apertando-lhe a mão com movimento de pavor, lhe disse: "A infelicidade pode fazer supersticiosa; se essa quarta vela se apagar como as outras, nada poderá me impedir de considerar esse sinal como um sinistro presságio..." A quarta vela se apagou!!!

"Poucas noites antes, a rainha tinha, dizia ela, tido um sonho *medonho* do qual ela ficou profundamente afetada.

"Sem dúvida, os espíritos fortes riem de todos esses prognósticos, de todas essas profecias, desse dom de visão anterior. Não crêem nisso ou fingem nisso não crerem! Mas, por que, em todas as épocas, houve personagens de algum valor, de alguma importância, que, *sem nenhum interesse qualquer*, afirmaram fatos desse gênero, que declararam absolutos, positivos.

"Citemos alguns exemplos:

"Théodore-Agrippa d'Aubigné, avô da Sra. de MAINTENON, relata em suas Memórias tertido ao seu serviço, em Poitou, um surdo-mudo de nascença DOTADO DO DOM DA ADIVINHAÇÃO. "Um dia, dizela, as filhas da casa tinham perguntado quantos anos o rei (Henri IV) viveria ainda, o tempo e as circunstâncias de sua morte, ele lhes marcou três anos e meio, e designou a cidade, a rua e a carruagem com os dois golpes de faca que ele receberia no coração."

"Algumas palavras ainda sobre esse mesmo Henri IV.

"Que julgamento faremos sobre os negros pressentimentos, que não foram muito constantes, que esse infeliz príncipe teve de seu cruel destino?- disse Sully, em suas Memórias, liv. XXVII.- São de uma singularidade que tem alguma coisa de assustador; já relatei com que repugnância ele se deixou levar a permitir que a cerimônia de coroação da rainha se fizesse antes da sua partida; quanto mais via lhe aproximar o momento, mais sentia o pavor e o horror redobrar em seu coração; ele vinha se abrir inteiramente a mim, nesse estado de amargura e de abatimento, dos quais eu o tomava como de uma fraqueza imperdoável. Estas próprias palavras farão uma toda outra impressão, tudo o que eu poderia dizer: - "*Ah! meu amigo, dizia-me, que essa sagração me desagrade; não sei o que é, mas o coração me diz que me chegará alguma infelicidade.*" Ele sentava-se,

dizendo-me estas palavras, sobre uma cadeira baixa, que mandei fazer de propósito para ele, e, entregue a todos os negrimes de suas idéias, ele batia os dedos sobre o estojo de seus óculos, sonhando profundamente.

"Se saía desse devaneio, era para se levantar bruscamente batendo as mãos sobre suas coxas e para exclamar: *"Por Deus, eu morrerei nesta cidade, dela não sairei jamais; eles me matarão; vejo bem e colocam seu último recurso em minha morte. Ah! maldita sagração, tu serás causa de minha morte!"*

"Meu Deus, senhor, disse-lhe um dia, a que idéia vos entregais ali? Se ela continuar, sou de opinião que suspendais essa sagração, e coroação, e guerra; vós o quereis? Isto será feito logo.

"-Sim, disse-me ele, enfim, depois que lhe fiz este discurso duas ou três vezes; *sim, canceleis essa sagração, e que dela não se ouça mais falar; terei por esse meio curado o espírito das impressões que alguns avisos lhe fizeram; sairei desta cidade e não temerei mais nada."*

"A que sinal se reconheceria esse grito secreto e imperioso do coração desconhecendo-se a estes: *"Eu não quero vos ocultar, disse-me ainda, que foi dito que eu deveria ser morto na primeira magnificência que eu fizesse e que eu morreria numa carruagem, eó que faz que eu seja tão medroso."*

- Não me tínheis, isto me parece, jamais dito isso, senhor, respondi-lhe; várias vezes me admirei, em vos ouvindo gritar numa carruagem, de vos ver tão sensível a um pequeno perigo, depois de vos ter visto tantas vezes no meio de tiros de canhão e de mosquete, e entre as lanças e espadas nuas; mas, uma vez que essa opinião vos perturba até esse ponto, em vosso lugar, senhor, eu partiria já amanhã: deixaria fazer a sagração sem vós, ou eu a remeteria para uma outra vez, e por muito tempo não reentraria em Paris, nem numa carruagem; quereis que eu envie tudo, nesta hora, a Notre-Dame e a Saint-Denis, fazer tudo cessar e dispensar os operários?

"-Eu muito o <7ue/"o, disse-me ainda o príncipe, *mas que dirá minha mulher? porque ela tem na cabeça essa maravilhosa sagração.*

"- Ela dirá o que quiser, retomei, vendo o quanto minha proposta havia agradado ao rei. Mas eu não poderia crer que, quando ela soubesse que a inquietação em que estais deve ser a causa de tanto mal, ela nisso não perseveraria mais."

Eu não esperei outra ordem para dar a de interromper os preparativos da coroação; não é senão com verdadeiro pesar que me vejo obrigado a dizer que, qualquer esforço que eu faça, não posso jamais convidar a rainha a dar essa satisfação ao seu esposo.

Eu silencieei quanto às solicitações, às preces, e às contestações que empreguei durante três dias inteiros para tratar de comovê-la; cabia ao príncipe ceder. Mas Henri retornou mais fortemente às suas primeiras apreensões, que ele me expressava comumente por estas palavras que freqüentemente tinha à boca: *-Ah! meu amigo, jamais sairei desta cidade; eles me matarão aqui. Ó maldita sagração, tu serás a causa de minha morte!"*

"A sagração se fez em Saint-Denis na quinta-feira, 13 de maio, e a rainha deveria, no domingo, dia 16 do mesmo mês, fazer sua entrada em Paris.

"No dia 14, o rei quis visitar a Sully, visita que lhe havia anunciado no sábado, 15, de manhã; ele tomou sua carruagem e saiu, modificando várias vezes seu itinerário em caminho, etc., etc.

"Péréfixe, seu historiador, faz observar que "o céu e a terra não tinham dado senão muitos prognósticos daquilo que lhe aconteceu."

O BISPO DE RODEZ coloca entre esses prognósticos *um eclipse do sol, o aparecimento de um terrível cometa, tremores de terra, monstros nascidos em diversas regiões da França, chuvas de sangue que caíram em alguns lugares, uma grande peste que havia afligido Paris em 1606, aparições de fantasmas e vários outros prodígios (ver a*

História de Henri o Grande, por Hardouin de Péréfixe, bispo de Rhodéz, *Vida do duque de Epernon, Mercúrio francês*, Mathieu, l'Estoile, etc.)

"Detenhamo-nos! escreveremos um volume, os volumes, tanto os fatos são abundantes. Mas é, pois, tão necessário ter recursos nos relatos dos outros? Que cada um questione a si mesmo; que cada um deles apele às suas próprias lembranças e se responda com lealdade e franqueza e cada um dirá: *Há em mim um desconhecido que somos nós, que ao mesmo tempo comanda minha matéria e lhe obedece.* -Esse desconhecido, espírito, alma, que é ele? como ele é? porque ele é? Mistério; série de mistérios; inexplicável mistério. Como tudo na Natureza, no organismo, na vida, a vida e a morte não são dois impenetráveis mistérios? O sono, esse ensaio da morte, não é um inexplicável mistério? A assimilação dos alimentos, que se nos tornam: inexplicável, incompreensível mistério¹ A geração: misteriosa obscuridade! Essa obediência passiva de meus dedos que traçam essas linhas e obedecem à minha vontade: trevas das quais só Deus sonda as profundezas e que se iluminam, por si só, da luz da verdade!

"Baixai a cabeça, filhos da ignorância e da dúvida; humilhai essa orgulhosa que chamais a razão; livres pensadores, sofri a dependência que estreita a vossa inteligência; dobrai o joelho: só Deus sabe!"

Nesses fatos há duas coisas bem distintas a considerar: os pressentimentos e os fenômenos considerados como os prognósticos de acontecimentos futuros.

Não se poderia negar os pressentimentos dos quais poucas pessoas não tenham tido exemplos. É desses fenômenos dos quais só a matéria é impotente para dar a explicação, porque se a matéria não pensa, ela não pode, não mais, pressentir. É assim quer o materialismo se choca a cada passo contra as coisas mais vulgares que vêm desmenti--lo.

Para ser advertido, de maneira oculta, do que se passa ao longe e cujo conhecimento não podemos ter senão num futuro mais ou menos próximo pelos meios comuns, é preciso que alguma coisa se desembarace de vós, veja e ouça o que não podemos perceber pelos olhos e pelos ouvidos, para dela reportar a intuição ao nosso cérebro. Essa alguma coisa deve ser inteligente, uma vez que compreende, e que, freqüentemente, de um fato atual prevê as conseqüências futuras; é assim que temos, às vezes o pressentimento do futuro. Essa alguma coisa não é outra do que nós mesmos, nosso ser espiritual, que não está confinado no corpo como um pássaro numa gaiola, mas que, semelhante a um balão cativo, se afasta momentaneamente da terra, sem deixar de a ela estar ligado.

É sobretudo nesses momentos em que o corpo repousa, durante o sono, e o Espírito, aproveitando o repouso, que ele deixa o cuidado de seu envoltório, recobra em parte a sua liberdade e vai haurir, no espaço, entre outros Espíritos, encarnados como ele ou desencarnados, e naquilo que vê, as idéias das quais traz a intuição ao despertar.

Essa emancipação da alma, freqüentemente, tem lugar no estado de vigília, nos momentos de absorção, de meditação e de devaneio, onde a alma parece não estar mais preocupada com a Terra; sobretudo, ela ocorre, de maneira mais efetiva e mais ostensiva, nas pessoas dotadas do que se chama *dupla vista* ou *visão espiritual*.

Ao lado das intuições pessoais do Espírito, é preciso colocar as que lhe são sugeridas por outros Espíritos, seja durante a vigília, seja durante o sono, pela transmissão do pensamento de alma a alma. É assim que, freqüentemente, se é advertido de um perigo, solicitado para tomar tal ou tal direção, sem por isto que o Espírito deixe de ter seu livre-arbítrio. São conselhos, e não ordens, porque ele permanece sempre senhor para agir à sua vontade.

Os pressentimentos têm, pois, sua razão de ser, e acham a sua explicação natural na vida espiritual, da qual não deixamos um instante de viver, porque é a vida normal.

Não ocorre o mesmo com os fenômenos físicos considerados como prognósticos de acontecimentos felizes ou infelizes. Esses fenômenos, em geral, não têm nenhuma

ligação com as coisas que parecem pressagiar. Eles podem ser os precursores de efeitos físicos que lhes são a consequência, como um ponto negro no horizonte pode pressagiar, ao marinheiro, a tempestade, ou certas nuvens anunciarem o granizo, mas o significado desses fenômenos para as coisas de ordem moral deve ser alinhado entre as crenças supersticiosas que não se poderia combater com mais energia.

Essa crença, que não repousa absolutamente sobre nada de racional, faz que, quando um acontecimento chegue, lembre-se de algum fenômeno que o precedeu, e ao qual o espírito tocado o prende, sem se inquietar com a impossibilidade de relações que não existem senão na imaginação. Não se pensa que os mesmos fenômenos se repetem diariamente sem que disso resulte nada de deplorável, e que os mesmos acontecimentos chegam, a cada instante, sem serem precedidos de nenhum pretense sinal precursor. Tratando-se de acontecimentos que tocam aos interesses gerais, os narradores crédulos, ou mais freqüentemente, *oficiosos*, para exaltar-lhes a importância aos olhos da posteridade, ampliam nos prognósticos que se esforçam de tornar mais sinistros e mais terríveis, ajuntando-lhes pretensas perturbações da Natureza, cujos tremores de terra e os eclipses são acessórios obrigatórios, assim como o faz o bispo de Rodez a propósito da morte de Henri IV. Esses relatos fantásticos, que, freqüentemente, têm sua fonte nos interesses dos partidos, foram aceitos sem exame pela credulidade popular que viu, ou à qual queria fazer ver, milagres nesses fenômenos estranhos.

Quanto aos acontecimentos vulgares, o homem é, o mais freqüentemente, ele próprio a sua causa primeira; não querendo confessar as suas próprias fraquezas, procura uma desculpa colocando por conta da Natureza as vicissitudes que são quase sempre o resultado de sua imprevidência e de sua imperícia. É em suas paixões, em seus defeitos pessoais que é preciso procurar os verdadeiros prognósticos de suas misérias, e não na Natureza, que não se desvia da rota que Deus lhe traçou de toda a eternidade.

O Espiritismo, explicando por uma lei natural a verdadeira causa dos pressentimentos, demonstra, por isto mesmo, o que há de absurdo na crença nos prognósticos. Longe de acreditar a superstição, tira-lhe seu último refúgio: o sobrenatural.

OZUAVO JACOB

(Segundo artigo, ver o número de outubro).

O Sr. Jacob é um charlatão? Seu desinteresse pessoal é um fato constante, e pode ser um daqueles que mais desorientaram a crítica. Como acusar de charlatanismo um homem que não pede nada e que não quer nada, mesmo agradecimentos?

Qual seria, pois, seu móvel? O amor-próprio, diz-se. O desinteresse moral absoluto, sendo o sublime da abnegação, seria preciso ter a virtude dos anjos para não sentir uma certa satisfação quando se vê a multidão se pressionar subitamente ao seu redor, quando na véspera se era desconhecido. Ora, como o Sr. Jacob não tem as pretensões de ser um anjo, isto supondo-lhe, o que ignoramos, que seja um pouco exaltada sua importância aos seus próprios olhos, não se poderia disto lhe fazer um grande crime, e isto não destruiria os fatos se os há. Gostamos de crer que aqueles que lhe imputam esses defeitos estão muito acima das coisas terrestres para ver, sob esse aspecto, a menor censura a se fazer. Mas, em todos os casos, esse sentimento não poderia ser senão *consecutivo* e não preconcebido. Se o Sr. Jacob tivesse premeditado o desejo de se popularizar, dando-se por curador emérito sem poder provar outra coisa que a sua impossibilidade, em lugar do aplauso, não teria recolhido, desde o primeiro dia, senão vaias, o que não teria sido muito lisonjeiro para ele. Para se orgulhar de alguma coisa é preciso uma causa preexistente; seria preciso, pois, que ele curasse antes de lhe tirar vaidade.

Ele queria, acrescenta-se, fazer falar dele, seja; se tal foi seu objetivo, é preciso convir que, graças à imprensa, ele foi servido a gosto. Mas qual é o jornal que pode dizer que o Sr. Jacob haja querido procurar a menor propaganda, o menor artigo, que haja pago uma única linha? Ele foi ver um único jornalista? Não, foram os jornalista que foram a ele, e que não puderam vê-lo sempre facilmente. A imprensa falou espontaneamente dele quando ela viu a multidão, e a multidão não veio senão quando houver os fatos. Ele fez sua corte aos grandes personagens? Ele se se mostrou para eles mas acessível, mais amável? Todo o mundo sabe que ele levou, sob esse aspecto, o rigorismo até o excesso. Seu amor-próprio, no entanto, teria encontrado mais elementos de satisfação no grande mundo, do que entre os obscuros indigentes. É preciso, pois, afastar qualquer imputação de intriga e de charlatanismo.

Ele cura todas as doenças? Não só não as cura todas, mas de dois indivíduos atingidos do mesmo mal, freqüentemente, ele curará um e não fará nada no outro. Ele não sabe antecipadamente se curará um doente, eis porque jamais promete; ora sabe-se que os charlatães não são avaros de promessas. Acura prende-se à afinidades fluídicas que se manifestam instantaneamente, como um abalo elétrico, e que não podem ser julgados.

Ele é dotado de um poder sobrenatural? Somos - nós retornamos ao tempo dos milagres? Interrogai-o, e ele vos responderá que não há nessas curas nada de sobrenatural nem de miraculoso; que ele está dotado de uma força fluídica independente de sua vontade, que se manifesta com mais ou menos energia, segundo as circunstâncias e o meio onde se encontrem; que o fluido que emite cura certas doenças em certas pessoas, sem que saiba nem porquê, nem como.

Quanto àqueles que pretendem que essa faculdade seja um presente do diabo, pode-se responder que, uma vez que não se exerce senão para o bem, é preciso admitir que o diabo tem bons momentos dos quais se faz bem aproveitar. Pode-se, também, lhe perguntar que diferença há entre as curas do príncipe de Hohenlohe e as do zuavo Jacob, porque umas são reputadas santas e miraculosas, e as outras diabólicas? Passemos sobre esta questão que não pode ser tomada a sério nestes tempos.

A questão do charlatanismo prejudica todas as outras, é porque nela insistimos; esta questão estando afastada, vejamos que conclusões se podem tirar da observação.

O Sr. Jacob curou instantaneamente doentes reputados incuráveis, é um fato positivo. A questão do número dos doentes curados é aqui secundária; que deles não houvesse senão um em cem, o fato não subsistiria menos, por isso; ora, esse fato tem uma causa.

A faculdade curadora levada a esse grau de poder, achando-se num soldado que, por homem honesto que seja, não tem nem o caráter, nem os hábitos, nem a linguagem, nem as maneiras dos santos; exercida fora de toda forma ou aparelho místico, nas condições mais vulgares e mais prosaicas; aliás, encontrando-se em diferentes graus numa multidão de outras pessoas, entre os heréticos como entre os Muçulmanos, os Indus, os Budistas, etc., exclui a idéia de milagres no sentido litúrgico da palavra. É, pois, uma faculdade inerente ao indivíduo; e, uma vez que ela não é um fato isolado, é que ela depende de uma lei como todo efeito natural.

Acura é obtida sem o emprego de nenhum medicamento, portanto, ela é devida a uma influência oculta; e tendo em vista que se trata de um resultado efetivo, material, e que nada pode produzir alguma coisa, é preciso que essa influência seja alguma coisa de material; isso não pode, pois, ser senão um fluido material, embora impalpável e invisível. O Sr. Jacob não tocando o doente, não fazendo mesmo nenhum passe magnético, o fluido não pode ter por motor e propulsor senão a vontade; ora, a vontade não sendo um atributo da matéria, não pode emanar senão do espírito; é, pois, o fluido que age sem o impulso do espírito. A maioria dos doenças curadas por esse meio sendo daquelas contra as quais a ciência é impotente, há, pois, agentes curativos mais poderosos do que

aqueles da medicina comum; esses fenômenos são, conseqüentemente, a revelação de leis desconhecidas da ciência; em presença de fatos patentes é mais prudente duvidar do que negar. Tais são as conclusões às quais chega forçosamente todo observador imparcial.

Qual é a natureza desse fluido? É da eletricidade ou do magnetismo? Provavelmente, há de um e de outro, e talvez alguma coisa a mais; em todos os casos, deles é uma modificação, uma vez que os efeitos são diferentes. A ação magnética é evidente embora mais poderosa do que a do magnetismo comum, do qual esses fatos são a confirmação, e ao mesmo tempo a prova, de que não disse a sua última palavra.

Não entra no quadro desse artigo explicar o modo de ação desse agente curativo, já descrito na teoria da mediunidade curadora; basta ter demonstrado que o exame dos fatos leva a reconhecer a existência de um princípio novo, e que este princípio, por estranhos que sejam os efeitos, não sai do domínio das leis naturais.

Nos fatos concernentes ao Sr. Jacob, por assim dizer, ele não fez menção do Espiritismo, ao passo que toda atenção se concentrou sobre o magnetismo; isto tinha sua razão de ser e sua utilidade. Se bem que o concurso de Espíritos desencarnados nessas espécies de fenômenos seja uma fato constatado, sua ação não é aqui evidente, é porque disso fazemos abstração. Pouco importa que os fatos sejam explicados com ou sem a intervenção de Espíritos estranhos; o magnetismo e o Espiritismo se dão a mão; são duas partes de um mesmo todo, dois ramos de uma mesma ciência que se completam e se explicam um pelo outro. Acreditar o magnetismo é abrir o caminho ao Espiritismo, e reciprocamente.

A crítica não tem poupado o Sr. Jacob; na falta de boas razões, ela lhe tem, como de hábito, prodigalizado a zombaria e as injúrias grosseiras, da qual não se emociona de modo nenhum; ele desprezou uns e outros, e as pessoas sensatas lhe ficaram gratas por sua moderação. Alguns foram até solicitar sua prisão como impostor abusando da credulidade pública: mas um impostor é aquele que promete e não tem; ora, como o Sr. Jacob jamais prometeu nada, ninguém pode se lamentar de ter sido enganado. Que se poderia lhe censurar? Em que estava em contravenção legal? Ele não exercia a medicina, nem mesmo ostensivamente o magnetismo. Qual é a lei que proíbe curar as pessoas em as olhando?

Fizeram-lhe uma queixa de que a multidão de doentes que vinha a ele dificultava a circulação; mas foi ele que chamou a multidão? Convocou-a com anúncios? Qual é o médico que se lamentaria se tivesse uma semelhante à sua porta? E se um deles tivesse essa boa fortuna, mesmo ao preço de anúncios caramente pagos, que se diria querendo-se inquietá-lo por este fato? Foi dito que houve mil e quinhentas pessoas por dia durante um mês, isto faz quarenta e cinco mil doentes que se apresentaram, e que nessa conta, se os tivesse curado, não deveria mais deles haver coxos nem estropiados nas ruas de Paris. Seria supérfluo revelar essa singular objeção, mas diremos que quanto mais aumenta o número dos doentes que, curados ou não, se pressionam no beco na rua da Roquette, mais se prova o quanto é grande o número daqueles que a medicina não pode curar, porque é evidente que, se esses doentes tivessem sido curados pelos médicos, eles não teriam vindo ao Sr. Jacob.

Como, apesar das negações, havia fatos patentes de curas extraordinárias, quiseram explicá-las dizendo que o Sr. Jacob agia, pela própria rudeza de suas palavras, sobre a imaginação dos doentes; seja, mas, então, se reconheceis à influência da imaginação um tal poder sobre as paralisias, as epilepsias, os membros anquilosados, porque não empregais esse meio, em lugar de deixar sofrer tantos infelizes e enfermos, ou de lhes dar drogas que sabeis inúteis?

A prova, foi dito, de que o Sr. Jacob não tinha o poder que se atribuía, foi que se recusou ir curar num hospital sob os olhos de pessoas competentes para apreciara realidade das curas.

Duas razões deveram motivar essa recusa. Primeiro não se podia dissimular que a oferta que lhe era feita não era ditada pela simpatia, mas um desafio que se lhe propunha. Se, numa sala de trinta doentes, se não tivesse posto de pé ou aliviado senão três ou quatro, não teria faltado de dizer que isso não provava nada e que havia fracassado.

Em segundo lugar, é levar em conta as circunstâncias que podem favorecer ou paralisar sua ação fluídica. Quando está cercado de doentes, que vêm a ele voluntariamente, a confiança que ele dá os predispõem. Não admitindo nenhum estranho atraído pela curiosidade, encontra-se num meio simpático que predispõe a ele mesmo; está tudo para ele; seu espírito se concentra livremente, e sua ação tem toda a sua força. Numa sala de hospital, desconhecido dos doentes habituados aos cuidados de seus médicos, dos quais seria suspeitar da habilidade tendo fé em outra coisa do que em sua medicação, sob os olhares inquisidores e zombadores de pessoas prevenidas, interessadas em denegri-lo; que em lugar de secundá-lo pelo concurso de intenções benevolentes, suspeitando mais que não desejavam vê-lo ter sucesso, porque o sucesso de um zuavo ignorante seria um desmentido dado ao seu saber, é evidente que, sob o império dessas impressões e desses eflúvios antipáticos, sua faculdade se encontraria neutralizada. O erro desses senhores, nisto como quando se trata do sonambulismo, sempre foi o de crer que essas espécies de fenômenos se manobram à vontade, como uma pilha elétrica.

As curas desse gênero são espontâneas, imprevistas e não podem ser premeditadas, nem postas em concurso. Acrescentamos a isto que o poder curador não é permanente; quem o possui hoje, pode vê-lo cessar no momento em que menos espera; essas intermitências provam que ele depende de uma causa independente da vontade do curador, e frustam os cálculos do charlatanismo.

Nota. O Sr. Jacob não retomou ainda o curso de suas curas; nós disto ignoramos o motivo, e parece que não há nada fixado sobre a época em que as recomeçará, se isto deve ocorrer. À espera, informamos que a mediunidade curadora se propaga em diferentes localidades, com aptidões diversas.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A RAZÃO DO ESPIRITISMO

POR MICHEL BONNAMY (1-(1) Um volume in-12; preço 3 francos, pelo correio, 3 fr. 35 c.

Librairie international, 15, boulevard de Montmartre, em Paris.)

Juiz de instrução; membro dos congressos científicos da França; antigo membro do conselho geral de Tarn-et-Garonne.

Quando apareceu o romance de *Mirette*, os Espíritos disseram estas palavras notáveis à Sociedade de Paris:

"O ano de 1866 apresenta a filosofia nova sob todas as suas formas; mas é ainda o caule verde que encerra a espiga de trigo, e espera para mostrá-lo que o calor da primavera a faz amadurecer e se entreabrir. 1866 preparou, 1867 amadurecerá e realizará. O ano se abre sob os auspícios de *Mirette* e ele não se escoará sem ver aparecer novas publicações do mesmo gênero, e mais sérias ainda, no sentido de que o romance se fará filosofia e que a filosofia se fará história." (Revista de fevereiro de 1867, página 64.)

Precedentemente, eles já haviam dito que se preparavam várias obras sérias sobre a filosofia do Espiritismo, onde o nome da Doutrina não seria timidamente dissimulado, mas altamente confessado e proclamado, por homens cujo nome e posição social dariam peso à sua opinião; e eles acrescentaram que o primeiro apareceria provavelmente pelo fim do presente ano.

A obra que anunciamos realiza completamente essa previsão. É a primeira publicação desse gênero onde a questão está encarada em todas as suas partes e de toda a sua altura; pode-se, pois, dizer que ela inaugura uma das fases da existência do Espiritismo. O que o caracteriza, é que não é uma adesão banal aos princípios da Doutrina, uma simples profissão de fé, mas uma demonstração rigorosa, onde os próprios adeptos encontrarão resumos novos. Lendo essa argumentação cerrada, levada, podendo-se assim dizer, até a minúcia, e por um encadeamento metódico das idéias, perguntar-se-á, sem dúvida, por qual estranha extensão da palavra poder-se-ia aplicar ao autor o epíteto de *louco*. Se é um louco que discute assim, poder-se-á dizer que os loucos, às vezes, fecham a boca às pessoas supostamente sensatas. É um discurso de defesa em regra, onde se reconhece o advogado que quer reduzir a réplica aos seus últimos limites; mas ali se reconhece também aquele que estudou sua causa seriamente e a escrutou em seus mais minuciosos detalhes. O autor não se limita a emitir a sua opinião: ele a motiva e dá a razão de ser de cada coisa; foi por isto que justamente intitulou o seu livro: *A Razão do Espiritismo*.

Publicando esta obra, sem cobrir a sua personalidade com o menor véu, o autor prova que tem a verdadeira coragem de sua opinião, e o exemplo que dá é um título ao reconhecimento de todos os Espíritas. O ponto de vista em que se colocou é principalmente aquele das conseqüências filosóficas, morais e religiosas, as que constituem o objetivo essencial do Espiritismo e dele fazem uma obra humanitária.

Eis, de resto, como se expressa em seu prefácio.

"Está nas vicissitudes das coisas humanas, ou antes, parece fatalmente reservado a toda idéia nova, ser mal acolhida em seu aparecimento. Como tem ela por missão, o mais freqüentemente, transtornar as idéias que a precederam, encontra uma resistência muito grande da parte do juízo humano.

"O homem que viveu com os preconceitos, não acolhe senão com desconfiança a novidade que chega, que tende a modificar, a destruir mesmo as combinações e as idéias atrasadas em seu espírito, a forçá-lo, em uma palavra, a se colocar de novo à obra, para correr atrás da verdade. Aliás, ele se sente humilhado em seu orgulho, por ter vivido no erro.

"A repulsa que a idéia nova inspira é muito mais acentuada ainda, quando ela traz consigo obrigações, deveres; quando ela impõe uma linha de conduta mais severa.

"Ela encontra, enfim, ataques sistemáticos, ardentes, obstinados, quando ameaça as posições adquiridas, e, sobretudo, quando ela se acha em face do fanatismo ou de opiniões profundamente enraizadas na tradição dos séculos.

"As doutrinas novas têm, pois, sempre numerosos detratores; freqüentemente, têm mesmo perseguição a sofrer, o que fez Fontenelle dizer: "Que se tivesse todas as verdades em sua mão, se guardaria muito de abri-la."

"Tais eram o desfavor e os perigos que esperavam o Espiritismo em seu aparecimento no mundo das idéias. Os insultos, as zombarias a calúnia não lhe foram poupados; e, talvez, virá também o dia da perseguição. Os adeptos do Espiritismo foram tratados de iluminados, alucinados, ingênuos, loucos, e nesse fluxo de epítetos que parecem, no entanto, se contradizer e se excluir, acrescentam-se as de impostores, de charlatães, e, enfim, de cúmplices de Satã.

"A qualificação de louco é a que parece mais especialmente reservada a todo promotor ou propagador de idéias novas. Foi assim que se tratou de louco aquele que, o primeiro, achou de dizer que a Terra gira em torno do Sol.

"Era louco também o celebre navegador que descobriu um mundo novo. Era ainda um louco, para o areópago da ciência, aquele que encontrou a força do vapor; e a douta assembléia acolheu, com um desdenhoso sorriso, a sábia dissertação de Franklin sobre a propriedade da eletricidade e a teoria do pára-raios.

"Ele também não foi tratado de louco, o divino regenerador da Humanidade, o reformador autorizado da lei de Moisés? Não espiou ele, por um suplício ignominioso, a inoculação à Terra dos benefícios da moral divina?

"Galileu não expiou como herético, num cruel isolamento e pelas mais amargas perseguições morais, a glória de ter a primeira iniciativa do sistema planetário do qual Newton deveria promulgar as leis?

"São João Batista, o precursor do Cristo, foi também sacrificado à vingança dos culpados, dos quais marcava os crimes.

"Os apóstolos, depositários dos ensinamentos do divino Messias, deveriam selar com seu sangue a santidade de sua missão. E a religião reformada não foi perseguida, a seu turno, e depois dos massacres de São Bartolomeu, não teve que sofrer as perseguições aos protestantes?

"Enfim, remontando até o ostracismo inspirado por outras paixões, vemos Aristides exilado, e Sócrates condenado a beber cicuta.

"Sem dúvida, graças aos costumes brandos que caracterizam o nosso século, sob o domínio de nossas instituições e às luzes que põem freio à intolerância fanática, as fogueiras não se levantaram para purificar pelas chamas as doutrinas espíritas, das quais se pretendem fazer remontar a paternidade a Satã. Mas elas devem esperar, elas também, um levante geral dos mais hostis, e os ataques de ardentes adversários.

"No entanto, esse estado militante não poderia enfraquecer a coragem daqueles que estão animados de uma convicção profunda, daqueles que têm a certeza de ter, em suas mãos, uma dessas verdades fecundas que constituem, em seus desenvolvimentos, um grande benefício para a Humanidade.

"Mas, qualquer que seja o antagonismo das idéias ou das doutrinas que o Espiritismo suscitará; quaisquer que sejam os perigos que ele deve abrir sob os passos dos adeptos, o Espírita não poderia deixar essa luz sob o alqueire, e se recusar a lhe dar todo o brilho que ela comporta, o apoio de suas convicções e o testemunho sincero de sua consciência.

"O Espiritismo, revelando ao homem a economia de seu organismo, iniciando-o no conhecimento de seus destinos, abre um campo imenso às suas mediações. Assim a filosofia espírita, chamada a trazer suas investigações para esses novos e esplêndidos horizontes, não tem por limite senão o infinito. Ele assiste, de alguma sorte, ao conselho supremo do Criador. Mas o entusiasmo é o obstáculo que deve evitar, sobretudo quando lança seus olhares sobre o homem, tornado tão grande, e que, no entanto, se faz orgulhosamente tão pequeno. Não é, pois, senão esclarecido pelas luzes de uma prudente razão, e que tomando por guia a fria e severa lógica, que ele deve dirigir suas peregrinações no domínio da ciência divina, cujo véu foi levantado pelos Espíritos.

"O livro é o resultado de nossos próprios estudos e de nossas mediações sobre este assunto que, desde o início, nos pareceu de uma importância capital, e ter conseqüências da mais alta gravidade. Nós reconhecemos que essas idéias são raízes profundas, e nelas entrevemos a aurora de uma era nova para a sociedade; a rapidez com a qual elas se propagam é um indício de sua admissão entre as crenças recebidas. Em razão de sua própria importância, não nos contentamos com afirmações e argumentos da doutrina; não só estamos assegurados da realidade dos fatos, mas escrutamos, com uma atenção minuciosa, os princípios que se fazem dela decorrer; dela temos procurado a razão com uma fria imparcialidade, sem negligenciar o estudo não menos consciencioso das objeções opostas pelos antagonistas; como um juiz que escuta as duas partes adversas, pesamos maduramente o pró e o contra. Foi, pois, depois de ter adquirido a convicção que as alegações contrárias nada destroem; que a doutrina repousa sobre bases sérias, sobre uma lógica rigorosa, e não sobre sonhos quiméricos; que ela contém o germe de uma renovação salutar do estado social surdamente minado pela incredulidade; que é, enfim, uma barreira poderosa contra a invasão do materialismo e da desmoralização, que

acreditamos dever dar a nossa apreciação pessoal, e as deduções que tiramos de um estudo atento.

Tendo, pois, encontrado uma razão de ser nos princípios desta ciência nova que vem tomar lugar entre os conhecimentos humanos, intitulamos o nosso livro: *A Razão do Espiritismo*. Este título é justificado pelo ponto de vista sob o qual encaramos o assunto, e aqueles que nos lerão reconhecerão, sem dificuldades, que este trabalho não é o produto de um entusiasmo inconsiderado, mas de um exame maduramente e friamente refletido.

Estamos convencidos de que quem, sem tomar a oposição sistemática, fizer, como nós o fizemos, um estudo consciencioso da Doutrina Espírita, considerá-la-á como uma das coisas que interessam, no mais alto grau, ao futuro da Humanidade.

"Dando a nossa adesão a esta doutrina, usamos do direito de liberdade de consciência que não pode ser contestado a ninguém, qualquer que seja sua crença; com mais forte razão, essa liberdade deve ser respeitada quando tem por objetivo os princípios da mais alta moralidade e conduzem os homens à prática dos ensinamentos do Cristo, e por isso mesmo são a salvaguarda da ordem social.

"O escritor que consagra sua pena a retratar a impressão que tais ensinamentos deixaram no santuário de sua consciência, deve bem se guardar de confundir as elucubrações eclodidas em seu horizonte terrestre com os traços luminosos partidos do céu. Se restam pontos obscuros ou ocultos em suas explicações, pontos que não lhe são dados ainda conhecer, é que nos objetivos da sabedoria divina ficam reservados para um grau superior na escala ascendente de sua depuração progressiva e de sua perfectibilidade.

"No entanto, apressemo-nos em dizer, todo homem convencido e consciencioso, consagrando suas meditações à difusão de uma verdade fecunda para a felicidade da Humanidade, tempera a sua pena na atmosfera celeste onde o nosso globo está imerso, e recebe incontestavelmente a centelha da inspiração."

A indicação do título dos capítulos fará conhecer o quadro abarcado pelo autor.

I. Definição do Espiritismo. - 2. Princípios do bem e do mal. - 3. União da alma com o corpo. - 4. Reencarnação. - 5. Frenologia. - 6. Do pecado original. - 7. O inferno. - 8. Missão do Cristo. - 9. O purgatório. - 10. O céu. - 11. Pluralidade dos globos habitados. - 12. A caridade. - 13. Deveres do homem. - 14. Perispírito. - 15. Necessidade da revelação. - 16. Oportunidade da revelação. - 17. Os anjos e os demônios. - 18. Os tempos preditos. - 19. A prece. - 20. A fé. - 21. Resposta aos insultadores. - 22. Resposta aos incrédulos, ateus ou materialistas. - 23. Apelo ao clero.

Lamentamos que a falta de espaço não nos permita reproduzir tantas passagens quanto tínhamos desejado. Limitar-nos-emos a algumas citações.

Cap. III, página 41. - "A utilidade recíproca e indispensável da alma e do corpo para a sua cooperação respectiva constitui, pois, a razão de ser dessa união. Além disto, ela constitui, para o Espírito, as condições militantes no caminho do progresso onde ele é chamado a conquistar a sua personalidade intelectual e moral.

"Como esses dois princípios cumprem, normalmente, no homem, o objetivo de sua destinação? Quando o espírito é fiel às suas aspirações divinas, ele restringe os instintos animais e sensuais do corpo e os reduz à sua ação providencial na obra do Criador; ele se desenvolve, cresce. É a própria perfeição da obra que se cumpre. Ele chega à felicidade, cujo último termo é inerente ao grau supremo de sua perfectibilidade.

"Se, ao contrário, abdicando o domínio que ele está chamado a exercer sobre o corpo, cede ao arrastamento dos sentidos, e se aceita sua condição de prazeres terrestres como *único objetivo de suas aspirações*, ele falseia a razão de ser de sua existência, e, longe de cumprir seus destinos, permanece estacionário; amarrado a esta vida terrestre que, no entanto, não teria devido ser para ele senão uma condição acessória, uma vez que não poderia ser seu fim, o Espírito, de chefe que era, torna-se subordinado; ele aceita insensatamente a felicidade terrestre que seus sentidos lhe fazem

sentir e que lhe propõem satisfazer, abafando assim nele a intuição da felicidade verdadeira que lhe está reservada. Ai está a sua primeira punição."

No capítulo XII, do inferno, página 99, encontramos esta notável apreciação da morte e dos flagelos destruidores:

"Seria enumerando os flagelos que passam sobre a terra o terror e o pavor, o sofrimento e a morte, que se cria poder dar a prova das manifestações da cólera divina?"

"Sabei, pois, temerários *evocadores* das vinganças celestes, que os cataclismos que assinalais, longe de terem o caráter exclusivo de um castigo infligido à Humanidade, são, ao contrário, um ato da misericórdia divina, que fecha a esía o abismo onde a precipitariam a sua desordem, e lhe abre os caminhos do progresso que devem levá-la ao caminho que deve seguir para assegurar a sua regeneração.

"Que são os cataclismos, senão uma nova fase na existência do homem, uma era feliz marcando para os povos e para a Humanidade inteira, o ponto providencial de seu adiantamento?"

"Sabei, pois, que a morte não é um mal; farol da existência do Espírito, aquele é sempre, quando vem de Deus, o sinal de sua misericórdia e de sua assistência benevolente. A morte não é senão o fim do corpo, o termo de uma encarnação, e nas mãos de Deus, é o aniquilamento de um meio corruptor e vicioso, a interrupção de uma corrente funesta, à qual, num momento solene, a Providência arranca o homem e os povos.

"A morte não é senão um tempo de parada na prova terrestre; longe de prejudicar o homem, ou antes o Espírito, ele o chama a se recolher num mundo invisível, seja para reconhecer suas faltas e lamentá-las, seja para se esclarecer e se preparar, por firmes e salutares resoluções, a retomar a prova da vida terrestre.

"A morte não gela o homem de frio senão porque, muito identificado à Terra, ele não tem fé em seu augusto destino, do qual a Terra não é senão a dolorosa oficina onde deve se cumprir a sua depuração.

"Cessai, pois, de crer que a morte seja um instrumento de cólera e de vingança nas mãos de Deus; sabeí, ao contrário, que ela é, ao mesmo tempo, a expressão de sua misericórdia e de sua justiça, seja detendo o mal no caminho da iniquidade, seja abreviando o tempo de provas ou de exílio do justo sobre a Terra.

"E vós, ministros do Cristo, que do alto do púlpito de verdade proclamais a cólera e a vingança de Deus, e pareceis, por vossas eloqüentes descrições da fantástica fornalha, atijando as chamas inextinguíveis para devorar o infeliz pecador; vós que, de vossos lábios tão autorizados, deixais cair essa terrificante epígrafe: "Jamais! -Sempre!" esqueceste, pois, as instruções de vosso divino Mestre?"

Citaremos ainda as passagens seguintes, extraídas do capítulo sobre o pecado original.

"Em lugar de criara alma perfeita, Deus quis que não fosse senão por longos e constantes esforços que ela chega a se libertar desse estado de inferioridade inata, e gravitar para seus augustos destinos.

"Para chegar a esses fins, ela tem, pois, que romper os laços que a prendem à matéria, resistir aos arrastamentos dos sentidos, com a alternativa de sua supremacia sobre o corpo, ou da obsessão exercida sobre ela pelos instintos animais.

"São estes laços terrestres, dos quais lhe importa se libertar e que constituem nela as próprias condições de sua inferioridade; eles não são outro senão o pretense pecado original, o alvéolo que vela sua essência divina. O pecado original constitui, assim, o ascendente primitivo que os instintos animais deveram exercer de início sobre as aspirações da alma. Tal é o estado do homem que a Gênese quis representar sobre a figura ingênua da árvore da ciência do bem e do mal. A intervenção da serpente tentadora não é outra senão os desejos da carne e a solitação dos sentidos; o cristianismo

consagrou esta alegoria como um fato real ligando-se à existência do primeiro homem; foi sobre esse fato que se baseou o dogma da redenção.

"Colocado neste ponto de vista, é preciso reconhecê-lo, o pecado original deveu ser, e foi, com efeito, o de toda a posteridade do primeiro homem, e assim será durante uma longa seqüência de séculos, até a libertação completa do Espírito dos constrangimentos da matéria; libertação que, sem dúvida, tende a se realizar, mas que não se cumpriu ainda em nossos dias.

"Em uma palavra, o pecado original constitui as condições da natureza humana, portanto, os primeiros elementos de sua existência, com todos os vícios que ela engendrou.

"O pecado original é o egoísmo, é o orgulho que presidem a todos os atos da vida do homem;

"É o demônio da inveja e do ciúme que roem seu coração;

"É a ambição, que perturba o seu sono;

"É a cupidez que não pode saciar a sua avidez ao lucro;

"É o amor e a sede de ouro, esse elemento indispensável para dar satisfação a todas as exigências do luxo, do confortável e do bem-estar, que persegue o século com tanto ardor.

"Eis o pecado original proclamado pela *Gênese*, e que o homem sempre escondeu nele; não será apagado senão no dia em que, penetrado de seus altos destinos, o homem abandonar, de conformidade com a lição do bom La Fontaine, a sombra pela presa; no dia em que renunciar à miragem da felicidade terrestre, para voltar as suas aspirações para a felicidade real que lhe está reservada.

"Que o homem aprenda, pois, a se tornar digno de seu título de chefe entre todos os seres criados, e da essência etérea emanada do próprio seio de seu Criador e da qual está cheio. Que seja forte para lutar contra as tendências de seu envoltório terrestre, cujos instintos são estranhos às suas aspirações divinas e não poderiam constituir sua personalidade espiritual; que o seu objetivo único seja sempre de gravitar para a perfeição de seu último fim, e o pecado original não existirá mais para ele."

O Sr. Bonnamy já é conhecido de nossos leitores que puderam apreciar a firmeza, a independência de seu caráter, e a elevação de seus sentimentos, pela carta notável que publicamos dele na *Revista* de março de 1866, página 76, no artigo intitulado: *O Espiritismo e a magistratura*. Ele vem hoje, por um trabalho de alta importância, emprestar resolutamente o apoio e a autoridade de seu nome a uma causa que, em sua consciência, considera como a da Humanidade.

Entre os adeptos já numerosos que o Espiritismo conta na magistratura, o Sr. Jaubert, vice-presidente do tribunal de Carcassonne, e o Sr. Bonnamy, juiz de instrução em Villeneuve-sur-Lot, foram os primeiros que arvoraram a sua bandeira abertamente; e o fizeram, não no dia seguinte à vitória, mas no momento da luta, quando a doutrina era o alvo dos ataques de seus adversários, e onde de seus adeptos estão ainda sob o golpe da perseguição. Os Espíritas presentes e os do futuro saberão apreciá-lo e não o esquecerão. Quando uma doutrina recebe os votos de homens tão justamente considerados, é a melhor resposta às diatribes das quais pode ser o objeto. A obra do Sr. Bonnamy marcará, nos anais do Espiritismo, não só como primeira em data em seu gênero, mas, sobretudo, por sua importância filosófica. O autor nela examina a Doutrina em si mesma, e nela discute os princípios dos quais tira a quintessência, fazendo abstração completa de toda personalidade, o que exclui todo pensamento de associação.

NO PRELO PARA APARECER EM DEZEMBRO

LA GÊNESE, LÊS MIRACLES ET LÊS PRÉDICTIONS

SEGUNDO O ESPIRITISMO

por **ALLANKARDEC**

1 vol. in-12 de 500 páginas.

AVISO

Resposta ao Sr. S. B. de Marseille.

Não se tem nenhuma conta das cartas que não são ostensivamente assinadas, ou que são sem endereço certo, quando o nome é desconhecido. Elas são postas de lado.

Esta resposta se dirige igualmente a uma série de cartas trazendo o timbre de *route de Besançon* e vindas cotidianamente durante um certo tempo. Se este aviso chegar ao seu autor, ele será informado que, pelo motivo acima, e tendo em vista a sua extensão, não foram mesmo lidas à medida de sua chegada, a pessoa encarregada do exame da correspondência as colocou de lado, como todas as que são cercadas de mistério, e que, por esta razão, não se consideram como bastante sérias para lhe dar o tempo em prejuízo dos trabalhos de uma importância real, e aos quais se bastam com dificuldade.

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

10º ANO

NO. 12

DEZEMBRO 1867

O HOMEM ANTES DA HISTÓRIA.

ANCIANIDADE DA RAÇA HUMANA (1-(1) Este artigo foi tirado dos artigos científicos que o Sr. Rammarion publicou no *S/ec/e*. Acreditamos dever reproduzi-lo, primeiro porque sabemos do interesse que nossos leitores têm nos escritos desse jovem sábio, e, além disto, porque ele toca, do ponto de vista da ciência, em alguns pontos fundamentais da Doutrina expostos em nossa obra sobre a *Gênese*.)

Na história da Terra, a Humanidade talvez não tenha sido senão um sonho, e quando nosso velho mundo dormir nos gelos de seu inverno, a passagem de nossas sombras sobre sua fronte, talvez, não tenha deixado nele nenhuma lembrança. A Terra possui, em si própria, uma história incomparavelmente mais rica e mais complexa do que a do homem. Muito tempo antes do aparecimento de nossa raça, durante os séculos dos séculos, ela foi alternativamente ocupada por habitantes diversos, pelos seres primordiais, que estenderam sua dominação sucessiva em sua superfície, e desapareceram com as modificações elementares da física do globo.

Num dos últimos períodos, na época terciária, à qual podemos assinalar, sem medo, uma data de várias centenas de milhares de anos antes de nós, com respeito onde Paris ostenta hoje seus esplendores, era um Mediterrâneo, um golfo do oceano universal, acima do qual se elevavam, na França, o terreno cretácico de Troie, Rouen, Tours; o terreno jurássico de Chaumont, Bourges, Niort; o terreno triássico dos Vosges, e o terreno primitivo dos Alpes, do Auvergne dos lados da Bretagne. Mais tarde, a configuração mudou. Na época em que viviam ainda os mamutes, o urso das cavernas, o rinoceronte de narinas separadas, podia-se ir por terra de Paris a Londres; e talvez esse trajeto fosse efetuado pelos nossos avós daquele tempo, porque havia homens aqui antes da formação da França geográfica.

Sua vida diferia tanto da nossa quanto a dos selvagens com os quais nos entretemos recentemente. Uns tinham construído seus pequenos burgos sobre pilotis no meio de grandes lagos; essas cidades lacustres, comparadas às dos castores, foram decifradas em 1853, quando, em consequência de uma grande seca, os lagos da Suíça, tendo baixado a um estágio inusitado, puseram a descoberto os pilotis, os utensílios de pedra, de chifre, de ouro e de argila, os vestígios inequívocos da antiga habitação de homens; e essas cidades aquáticas não sendo uma exceção: delas se encontraram mais de duzentas só na Suíça. Hérodote conta que os Pagãos habitavam cidades semelhantes sobre o lago Prasias. Cada cidadão que tomava mulher era obrigado a fazer virtrês pedras da floresta vizinha e de fixá-las no lago. Como o número das mulheres não era limitado, o soalho da cidade crescia depressa. As cabanas estavam em comunicação com a água por um alçapão, e as crianças eram amarradas pelo pé a uma corda, de medo de acidente. Homens, cavalos, gado, viviam juntos, nutriam-se de peixe. Hippocrate reporta os mesmos costumes aos habitantes de Phase. Em 1826, Dumont d'Urville descobriu cidades lacustres análogas sobre os lados da Nova-Guiné.

Outros habitavam as cavernas, as grutas naturais, ou formavam um refúgio grosseiro contra os animais ferozes. Encontram-se hoje seus ossos misturados ao da hiena, do urso das cavernas, do rinoceronte tricórnio. Em 1852, um escavador querendo julgar a profundidade de uma cova pela qual os coelhos se esquivavam dos caçadores, em Aurignac (Haute-Garonne), retirou dessa abertura ossos de grande dimensão. Atacando, então, o franco do montículo na esperança de ali encontrar um tesouro, ele se acha logo em face de um verdadeiro ossuário. O rumor público, se apoderando do fato, pôs em circulação relatos de falsos moedeiros, de assassinatos, etc. A autoridade julgou oportuno fazer recolher todas as ossadas para levá-las ao cemitério; e quando, em 1860, o Sr. Lartet quis examinar esses velhos restos, o coveiro nem mesmo se lembrava do lugar de sua sepultura. Com a ajuda de vários vestígios que cercam a caverna, dos traços de um lar, de ossos rachados para extrair a medula, pode-se, no entanto, se assegurar de que as três espécies acima nomeadas, viveram sobre esse ponto da França ao mesmo tempo que o homem. O cão já era o companheiro do homem, e, sem dúvida, foi sua primeira conquista.

A alimentação desses homens primitivos já era muito variada. Um professor pretende que eram carnívoros como doze e frutífero como vinte. O Sr. Flourens prefere que sejam exclusivamente alimentados de frutas. Mas a verdade é que, desde o começo, o homem foi onívoro. Os *kjokkenmoddings* da Dinamarca nos conservaram os restos de *cozi-nha antediluviana* provando esse fato até a evidência. Seu desjejum já tinha ostras e peixes, já conheciam o ganso, o cisne, o pato; apreciavam o galo selvagem, o veado, o cabrito montes, a rena, que caçavam e dos quais se encontraram os restos atravessados por flechas de pedra. O boi primitivo lhes dava já a sopa; o lobo, a raposa, o cão e o gato lhes serviam de pratos de resistência. As bolotas, as cevadas, as aveias, as ervilhas, os morangos e as framboesas terminavam essas comidas dos antigos Dinamarqueses. As Suíças da idade da pedra tinham, além disso, apropriado a carne do bisão, do alce, do touro selvagem, tinham submetido a cabra e a ovelha ao estado doméstico. A lebre e o coelho eram desdenhados por alguma razão supersticiosa; mas, em compensação, o cavalo já tinha tomado seu lugar em suas refeições. Todas as carnes se comiam cruas e fumegantes na origem, e, observação curiosa, os antigos Dinamarqueses não se serviam, como nós, de seus dentes incisivos para cortar, mas bem para *agarrar*, para retere mascarseu alimento; de sorte que esses dentes não eram cortantes como os nossos, mas achatados como os molares e que as duas arcadas dentárias paravam uma sobre a outra, em lugar de se encaixar.

Todos os selvagens primitivos não eram nus. Os primeiros habitantes das latitudes boreais, da Dinamarca, da Gália e da Helvécia, deveram se garantir do frio por cascas e peles de animais. Mais tarde, pensaram nos ornamentos. "O coquetismo, o amor ao adorno não datam de ontem, madames: testemunham esses colares formados com dentes de cão, de raposa e de lobo, de um buraco de suspensão. Mais tarde, os grampos de cabelo, os braceletes, os colchetes em bronze se multiplicaram ao infinito, e admira-se da variedade e mesmo do bom gosto dos objetos servindo para o toucador das pequenas proprietárias e os jovens ricos daquele tempo.

Durante essas épocas recuadas, encerravam-se os mortos sob abóbadas sepulcrais. Os cadáveres eram colocados de cócoras, os joelhos quase em contato com o queixo, os braços curvados sobre o peito e próximos da cabeça. Ai está, como se notou, a posição da criança no seio da sua mãe. Esses homens primordiais, certamente, o ignoravam e foi por uma espécie de intuição que eles assimilaram o túmulo a um berço.

Vestígios das épocas desaparecidas, esses grandes cones, essas colinas, que se chamavam nos séculos passados "túmulos dos gigantes" e que serviam de limites invioláveis, são as câmaras mortuárias sob as quais nossos ancestrais escondiam seus mortos. Quais eram esses primeiros homens? "Não é apenas por curiosidade, disse Virchow, que perguntamos quem eram esses mortos, se pertenciam a uma raça de

gigantes, quando viveram. Estas questões nos tocam. Esses mortos são nossos ancestrais, e as perguntas que dirigimos a esses túmulos são igualmente indícios de nossa própria origem. De que raça saímos? De quais começos saiu nossa cultura atual e onde ela nos conduz?"

Não é necessário remontar a criação para receber alguma luz sobre nossas origens; de outro modo seria preciso nos ver condenados a morar sempre numa noite completa a esse respeito. Unicamente sobre a data da criação se contaram mais de 140 opiniões, e da primeira à última não há menos de 3.194 anos de diferença! Acrescentar uma 141ª hipótese não esclareceria o problema. Assim nos limitaremos a estabelecer que, do ponto de vista geológico, o último período na história da Terra, o período *quaternário*, o que dura ainda hoje, foi dividido em três fases: a fase diluviana, durante a qual houve imensas inundações parciais, e vastos depósitos e acumulações de saibro; a fase glacial, caracterizada pela formação das geleiras e por um maior resfriamento do globo; enfim, a fase moderna. Em suma, a importante questão, quase resolvida hoje, era de saber se o homem não data senão desta última época ou das precedentes.

Ora, está agora averiguado que ele data pelo menos da primeira, e que nossos primeiros ancestrais têm direito ao título de fósseis, tendo em vista que seus esqueletos (o pouco que resta) jazem com os do urso das cavernas, da hiena, dos felinos de cavernas, do elefante primitivo, do veado das florestas, etc., numa camada pertencente a uma ordem de vida diferente da ordem atual.

Nessas épocas recuadas reinava uma natureza muito diferente daquela que desdobra hoje seus esplendores ao nosso redor; outros tipos de plantas decoravam as florestas e os campos, outras espécies animais viviam na superfície do solo e nos mares. Quais foram os primeiros homens que despertaram nesse mundo primordial? Quais cidades foram edificadas? Que linguagem foi falada? Quais costumes foram usados? Estas perguntas estão ainda cercadas, para nós, de um profundo mistério. Mas do que nós temos a certeza é que lá onde nós fundamentamos hoje as dinastias e os monumentos, *várias raças de homens* habitaram sucessivamente durante os períodos seculares.

Sir John Lubbock, na obra assinalada no cabeçalho deste estudo, demonstrou a antigüidade da raça humana pelas descobertas relativas aos usos e costumes de nossos ancestrais, como sir Charles Lyell o havia demonstrado do ponto de vista geológico. Qualquer que seja o mistério que ainda envolve nossas origens, preferimos esse resultado ainda incompleto da ciência positiva, às fábulas e aos romances da antiga mitologia.

CAMILLEFLAMMARION.

UM RESSUSCITADO CONTRARIADO

Extraído da viagem do Sr. Victor Hugo à Zélande.

O episódio seguinte foi tirado do relato publicado pelo jornal *la Liberte*, de uma viagem do Sr. Victor Hugo à Holanda, na província de Zélande. Este artigo se acha no número de 6 de novembro de 1867.

"Acabamos de entrar na cidade. Eu tinha os olhos erguidos e fazia notar a Stevens, meu vizinho de banco, a moldura pitoresca de uma sucessão de telhados hispano-flamengos, quando, a seu turno, ele me tocou o ombro e me fez sinal para olhar o que se passava no cais.

"Uma multidão barulhenta de homens, mulheres e crianças cercou Victor Hugo. Descendo da viatura e escoltado pelas autoridades da cidade, ele avançava, o ar

simplesmente emocionado, a fronte descoberta, com dois buquês nas mãos e duas jovens de túnica branca ao seu lado.

Eram as jovens que vinham lhe oferecer os dois buquês.

"Que dizeis, por esse tempo de visitas coroadas e de ovações artificiais ou oficiais, dessa entrada ingenuamente triunfante de um homem universalmente popular que chega, de improviso, a uma região perdida, da qual nem suspeitava a existência, e que se encontra muito naturalmente em seus Estados? Quem teria podido fazer o poeta prever que essa pequena cidade desconhecida, da qual tinha considerado de longe a silhueta com curiosidade, era a boa cidade de Ziéricsée? "Ao jantar, o Sr. Van Maenen disse a Victor Hugo: " - Sabeis quais são essas duas lindas crianças que vos ofertaram os buquês? "-Não.

" - São as filhas de um fantasma.

"Isto pede uma explicação, e o capitão nos contou a aventura estranha que eis aqui:

"Há mais ou menos um mês disto. Uma tarde, ao crepúsculo, uma viatura onde estavam um homem e um rapaz entrou na cidade. É preciso dizer que esse homem tinha, pouco tempo antes, perdido sua mulher e um de seus filhos, e com isto ficou muito triste. Se bem que tivesse ainda duas jovens e o rapaz que estava nesse momento com ele, não tinha se consolado e vivia na melancolia.

"Naquela tarde, seguindo um desses aterros elevados e abruptos que estão, à direita e à esquerda, bordados de um fosso de água estagnada e freqüentemente profunda. Súbito o cavalo, mal dirigido, sem dúvida, através da bruma da tarde, perdeu bruscamente o equilíbrio e rolou do talude no fosso, arrastando consigo a viatura e a criança. "Houve, nesse grupo de seres precipitados, um momento de angústia horrível, do qual ninguém foi testemunha, e o esforço obscuro e desesperado para a salvação. Mas o tragamento se fez com a desordem da queda, e tudo desapareceu na cloaca, que se fechou com a espessa lentidão da lama.

"Só a criança, que permaneceu por milagre fora do fosso, gritava e chamava lamentavelmente, agitando seus bracinhos. Dois camponeses, que atravessavam, a alguma distância dali, um campo de garança, ouviram seus gemidos e acorreram. Eles retiraram a criança. "A criança gritava: "Meu papá! meu papá! eu quero meu papá!" " - E onde está, pois, teu papá? - Lá, dizia a criança, mostrando o fosso. "Os dois camponeses compreenderam, e consideraram a tarefa. Ao cabo de um quarto de hora, eles retiraram a viatura quebrada; ao cabo de meia hora, eles retiraram o cavalo morto. O pequeno gritava sempre e pedia seu pai.

"Enfim, depois de novos esforços, no mesmo buraco da fossa que a viatura e o cavalo, eles repescaram e trouxeram fora da água alguma coisa de inerte e de fétida que estava inteiramente negra e coberta de lodo: era um cadáver, o do pai.

Tudo isto havia tomado em torno de uma hora. O desespero da criança redobrava; não queria que seu pai estivesse morto. Os camponeses o acreditavam bem morto, no entanto; mas como a criança lhes suplicava e se agarrava a eles, e que eram brava gente, eles tentaram para acalmar o pequeno, o que se faz sempre em semelhante caso naquela região, e se puseram a rolar o afogado no campo de garança.

"Eles o rolaram assim um bom quarto de hora. Nada se mexeu. Eles o rolaram ainda. A mesma imobilidade. O pequeno seguia e chorava. Eles recomeçaram uma terceira vez, e iam renunciar por tudo de bom, quando lhes pareceu que o cadáver movimentava um braço. Eles continuaram. O outro braço se agitou. Eles se animaram. O corpo inteiro deu vagos sinais de vida, e o morto se pôs a ressuscitar lentamente.

"Isto é extraordinário, não é? Pois bem! Eis o que é mais inesperado ainda. O homem suspirou longamente em retornando à vida e gritou com desespero: "Ah! meu Deus! o que fizestes? Eu estava tão bem lá onde eu estava. Eu estava com minha mulher, com meu filho. Eles tinham vindo a mim, e eu a eles. Eu os via, estava no céu, estava na luz. Ah! meu Deus! o que fizestes? Eu não estou mais morto."

"O homem que assim falava vinha de passar uma hora na lama. Tinha o braço quebrado e contusões graves.

"Foi levado para cidade, e somente acabara de sarar, acrescentou o Sr. Van Maenen acabando de nos contar esta história. O Sr. D..., é uma das mais altas inteligências, não só da Zélande, mas da Holanda. É um de nossos melhores advogados. Todo mundo o estima e honra aqui. Quando ele soube, senhor Victor Hugo, que iríeis passar pela cidade, ele quis absolutamente se levantar de seu leito, que não tinha deixado ainda há um mês, e fez hoje sua primeira saída para ir diante de vós e vos apresentar suas duas jovens, a quem tinham dado para vós os buquês.

"Não houve senão um grito por toda a mesa.

"Ai estão as coisas que não se passam senão em Zélande! Os viajantes a ela não vêm mais, mas os habitantes a ela retornam.

"Dever-se-ia convidá-lo para jantar, opinou a parte feminina da mesa.

" - Convidá-lo! exclamei; mas nós já éramos doze! Não era precisamente o momento de convidar um fantasma. Gostaríeis, senhoras, de ter um morto por décimo terceiro?

" - Há, disse Victor Hugo, que tinha ficado em silêncio, dois enigmas nessa história, o enigma do corpo e o da alma. Eu não me encarrego de explicar o primeiro, nem de dizer como se pode que um homem permaneça tragado toda uma grande hora numa fossa sem que a morte se siga. A asfixia, é preciso crê-lo, é um fenômeno ainda mal conhecido. Mas o que compreendo admiravelmente, é a lamentação dessa alma. O quê! ela já tinha saído da vida terrestre, dessa sombra, desse corpo enlameado, desses lábios negros, dessa fossa negra! Ela tinha começado a evasão encantadora. Através da lama, ela tinha chegado à superfície do fosso, e lá apenas ligada ainda pela última pena de sua asa a esse horrível último suspiro apertado de lama, ela já respirava, silenciosamente o fresco inefável de fora da vida. Ela já podia voitar até seus amores perdidos e alcançar a mulher, e se levantar até a criança. De repente, a semi-evasão estremece; sente que o laço terrestre, em lugar de se romper inteiramente, se restabelece sob ela, e que, em lugar de subir na luz, desce bruscamente na noite, e que ela, a alma, se a faz violentamente reentrar no cadáver. Então, ela produz um grito terrível.

"O que resulta disto para mim, acrescentou Victor Hugo, é que a alma pode permanecer um certo tempo acima do corpo, no estado flutuante, não estando mais prisioneira e não estando ainda liberta. Esse estado flutuante é a agonia, é a letargia. O estertor é a alma que se lança fora da boca aberta e que ali cai por instantes, e que sacode, ofegante, até que se quebre o fio vaporoso do último sopro. Parece-me que eu a vejo. Ela luta, se escapa pela metade dos lábios, ali reentra, se escapa de novo, depois dá um grande golpe de asa, e ei-la que voa de um impulso e que desaparece no imenso céu. Ela está livre. Mas, algumas vezes também, o agonizante retorna à vida; então, a alma desesperada retorna ao agonizante. O sonho nos dá, às vezes, a sensação dessas estranhas idas e vindas da prisioneira. O sonho são alguns passos cotidianos da alma fora de nós. Até que ela tenha acabado seu tempo no corpo, a alma faz, cada noite, em nosso sono, o giro do pátio do sonho.

"PAULDELAMILTIERE."

O fato em si mesmo é eminentemente espírita, como se o vê; mas se é alguma coisa de mais espírita ainda, é a explicação que lhe dá o Sr. Victor Hugo; dir-se-ia textualmente na Doutrina; de resto, não é a primeira vez que ele se expressa nesse sentido. Se lhe lembra o encantador discurso que ele pronunciou, há três anos, na tumba da jovem Emily Putron (Revista Espírita de fevereiro de 1865, página 59); seguramente, o Espírita, o mais convicto, não falaria de outro modo. A tais pensamentos não falta absolutamente senão a palavra; mas que importa a palavra se as idéias se acreditam! O Sr. Victor Hugo, por seu nome autorizado, dela é um vulgarizador. E, no entanto, aqueles que as aclamam em sua boca ridicularizam o Espiritismo, nova prova que não sabem em que ele consiste. Se o

soubessem, não tratariam a mesma idéia de loucura em uns, e de verdade sublime nos outros.

CARTADE BENJAMIM FRANKLIN À SENHORA JONE MECONE.

SOBRE A PREEXISTÊNCIA.

Dezembro de 1770.

Em minha primeira estada em Londres, há quase quarenta e cinco anos, conheci uma pessoa que tinha uma opinião quase semelhante à de vosso autor. Seu nome era Hive; era a viúva de um impressor. Ela morreu pouco depois de minha partida. Pelo seu testamento, obrigou seu filho a ler publicamente, em Salter's-Hall, um discurso solene cujo objeto era provar que esta Terra é o verdadeiro inferno, o lugar de punição para os Espíritos que pecaram num mundo melhor. Em expiação de suas faltas, eles são enviados a este mundo sob formas de toda espécie. Eu vi, há muito tempo, esse discurso que foi impresso. Creio me lembrar que as citações das Escrituras ali não faltavam; supunha-se ali que, ainda bem que hoje não tenhamos nenhuma lembrança de nossa preexistência, nós dela retomamos conhecimento depois de nossa morte, e nos lembraremos os castigos sofridos, de modo a serem corrigidos. Quanto àqueles que não tinham ainda pecado, a visão de nossos sofrimentos deveria lhes servir de advertência.

De fato, vemos neste mundo que cada animal tem seu inimigo, e esse inimigo tem instintos, faculdades, armas para assombrá-lo, feri-lo, destruí-lo. Quanto ao homem, que está no primeiro grau da escala, ele é um diabo para seu semelhante. Na doutrina recebida da bondade e da justiça do grande Criador, parece que falta uma hipótese como a da senhora Hive para conciliar com a honra da divindade esse estado aparente de mal geral e sistemático. Mas, na falta da história e dos fatos, nosso raciocínio não pode ir longe quando queremos descobrir o que fomos antes de nossa existência terrestre, ou o que seremos mais tarde. (*Magasin pittoresque*, outubro de 1867, página 340.)

Reportamos na *Revista* de agosto de 1865, página 244, o epitáfio de Franklin, composto por ele mesmo, e que está assim concebido: "Aqui repousa, entregue aos vermes, o corpo de Benjamin Franklin, impressor, como a cobertura de um velho livro cujas folhas são arrancadas, e o título e a douradura apagados; mas, por isto a obra não estará perdida, porque ele reaparecerá, *como o acreditava*, numa nova e melhor edição, revista e corrigida pelo autor."

Ainda uma das grandes doutrinas do Espiritismo, a pluralidade das existências, professada, há mais de um século, por um homem considerado, ajunto título, como uma das luzes da Humanidade. Esta idéia é de resto tão lógica, tão evidente que pelos fatos que se têm diariamente sob os olhos, que está no estado de intuição numa multidão de pessoas. Ela é mesmo positivamente admitida, hoje, por inteligências de elite, como princípio filosófico, fora do Espiritismo. O Espiritismo, portanto, não a inventou; mas a demonstrou e provou, e do estado de simples teoria a fez passar ao estado de fato positivo. É uma das numerosas portas abertas às idéias espíritas, porque, assim como explicamos numa outra circunstância, este ponto de partida admitido, de dedução em dedução chega-se forçosamente a tudo o que o Espiritismo ensina.

REFLEXO DA PREEXISTÊNCIA

Por JEAN RAYNAUD.

Eis o homem que toca o fim de sua carreira; em algumas horas ele não será mais deste mundo. Nesse momento supremo, tem ele consciência do resultado, do produto líquido da vida? Dela vê o resumo como num espelho? Pode dela se fazer uma idéia? Não, sem dúvida. No entanto, esse produto líquido, esse resumo existe em alguma parte. Está na alma de maneira latente, sem que ela possa discerni-lo. Ela o discernirá no grande dia; então o resumo de todo o passado, tomando vida ao mesmo tempo, se o conhecerá realmente. Neste mundo, não nos conhecemos senão por parcelas; a luz de um dia é apagada pelas trevas de um outro dia; a alma fecha e guarda em seu tesouro uma multidão de impressões, de percepções, de desejos que esquecemos.

Nossa memória está muito longe de ser proporcional à capacidade de nossa alma; e tantas coisas que agiram sobre nossa alma, das quais perdemos a lembrança, são para nós como se elas jamais tivessem sido. No entanto, elas têm seu efeito e seu efeito permanece; a alma deles guarda a impressão, que se encontrará no resumo final, que será nossa vida futura. (Extraído dos *Pensamentos genoveses*, por François Roget. *Magasin pittoresque*, 1861, página 222.)

JEANNE D'ARC E SEUS COMENTADORES.

Jeanne d'Arc é uma das grandes figuras da França, que se levanta na história como um imenso problema, e, ao mesmo tempo como um protesto vivo contra a incredulidade. É digno de nota que, neste tempo de ceticismo, foram os adversários mais obstinados do maravilhoso que se esforçaram por exaltar a memória dessa heroína quase lendária; obrigados a folhear nesta vida cheia de mistérios, se vêem constrangidos a reconhecer a existência de fatos que só as leis da matéria não poderiam explicar, porque tirando-se esses fatos, Jean d'Arc não é mais do que uma mulher corajosa, como se as vê sempre. Provavelmente, não foi sem uma razão de oportunidade que a atenção pública foi chamada sobre este assunto neste momento; foi um meio, como um outro, de abrir o caminho às idéias novas.

Jeanne d'Arc não é nem um problema, nem um mistério para os Espíritas; é um tipo eminente de quase todas as faculdades medianímicas, cujos efeitos, como uma multidão de outros fenômenos, se explicam pelos princípios da Doutrina, sem que seja necessário procurar-lhes a causa no sobrenatural. Ela é a brilhante confirmação do Espiritismo, do qual foi um de seus mais eminentes precursores, não por suas informações, mas pelos fatos, tanto quanto por suas virtudes, que denotam nela um Espírito superior.

Propomo-nos fazer, a este respeito, um estudo especial, desde que nossos trabalhos no-lo permitam; à espera disto não é inútil conhecer a maneira pela qual suas faculdades são encaradas pelos comentadores.

O artigo seguinte foi tirado do *Propagateur de Lille*, de 17 de agosto de 1867.

"Sem dúvida, nossos leitores recordam que este ano, na festa de aniversário do levante do cerco de Orléans, o Sr. abade Freppel pediu, com uma humilde e generosa audácia, a canonização de nossa Jeanne d'Arc. Lemos hoje na *Bibliothèque de l'École des Chartes* um excelente artigo do Sr. Natalis de Wailly, membro da Académie des Inscriptions, que, a propósito da *Jeanne d'Arc* de Sr. Wallon, das suas conclusões e as da verdadeira ciência sobre a história sobrenatural daquela quefoi, ao mesmotempo, uma heroína da Igreja e da França. Os argumentos do Sr. de Wailly são bem feitos para encorajar as esperanças do Sr. abade Freppel e os nossos. - Léon Gautier (*Monde*)."

"Não há muitos personagens que tenham sido, mais do que Jeanne d'Arc, alvo da contradição dos contemporâneos e da posteridade; no entanto, deles não há cuja vida seja mais simples e melhor conhecida. "Saída de repente da obscuridade, ela não aparece em cena senão para ali cumprir um papel maravilhoso, que logo atrai a atenção de todos. É uma jovem, hábil somente para fiar e costurar, que se pretende enviada de

Deus para vencer os inimigos da França. No início, ela não tem senão um pequeno número de partidários devotados, que crêem em sua palavra; os hábeis desconfiam e lhe fazem obstáculo: cedem, enfim, e Jeanne d'Arc pode alcançar as vitórias que havia predito. Logo ela arrasta até Reims um rei incrédulo e ingrato, que a trai no momento em que ela se prepara para vencer Paris, que a abandona quando ela cai prisioneira na mão dos Ingleses, que nem tenta mesmo protestar, nem proclamá-la inocente quando ela vai expirar por ele. No dia de sua morte, não foram, pois, somente os inimigos que a declararam apóstata, idolatra, impudica, ou os amigos fiéis que a veneravam como uma santa; havia também os ingratos que a esqueceram, sem falar dos indiferentes que não se incomodaram com ela, e as pessoas hábeis que se gabavam de não ter jamais acreditado em sua missão ou de não ter acreditado senão pela metade.

"Todas essas contradições, no meio das quais Jeanne d'Arc teve que viver e morrer, lhe sobreviveram e a acompanharam através dos séculos. Entre o vergonhoso poema de Voltaire e eloqüente história do Sr. Wallon, as opiniões mais diversas se produziram; e se todos concordam hoje em respeitar esta grande memória, pode-se dizer que, sob a admiração comum se escondem ainda profundas divergências. Com efeito, quem lê ou escreve a história de Jeanne d'Arc, vai erguer em face de si um problema que a crítica moderna não gosta de encontrar, mas que lá se impõe como uma necessidade. Este problema é o caráter sobrenatural que se manifesta no conjunto dessa vida extraordinária, e mais especialmente em certos fatos particulares.

"Sim, a questão do milagre se põe, inevitavelmente, na vida de Jeanne d'Arc; ela embaraçou mais de um escritor e provocou freqüentemente estranhas respostas. O Sr. Wallon pensou, com razão, que o primeiro dever de um historiador de Jeanne d'Arc era de não evitar esta dificuldade: abordá-la de frente, e explicá-la pela intervenção miraculosa de Deus. Tentarei mostrar que esta solução está perfeitamente conforme às regras da crítica histórica.

"As provas metafísicas sobre as quais se pode apoiar a possibilidade do milagre, escapam ou desagradam a certos espíritos; mas a história não tem que fazer essas provas. Sua missão não é estabelecer teorias; é de constatar os fatos, e registrar todos aqueles que lhe apareçam como certos. Que um fato miraculoso ou inexplicável deva ser verificado com mais atenção, ninguém o contestará; por conseqüência também, o mesmo fato, mais atentamente verificado do que os outros, adquire, de alguma sorte, um maior grau de certeza. Raciocinar de outro modo é violar todas as regras da crítica, e transportar mal a propósito à história os preconceitos da metafísica. Não há argumentação contra a possibilidade de um milagre, que dispensa examinar as provas históricas de um fato miraculoso, e de admiti-las quando são de natureza a produzirem a convicção num homem de bom senso e de boa fé. Ter-se-á mais tarde o direito de procurar para esse fato uma explicação que satisfaça tal ou tal sistema científico; mas, antes de tudo, e a qualquer coisa que chegue, a existência do fato deve ser reconhecida, quando repousa sobre provas que satisfazem às regras da crítica histórica.

"Há, sim ou não, fatos desta natureza na história de Jeanne d'Arc? Esta pergunta foi discutida e discutida por um sábio que precedeu o Sr. Wallon, e que adquiriu nessa matéria urna autoridade incontestável. Se cito aqui o Sr. Quicherat, de preferência ao Sr. Wallon, não é somente porque um constatou antes do outro os fatos que quero lembrar; é também porque ele se propôs estabelecê-los sem pretender explicá-los, de maneira que sua crítica, independente de todo sistema preconcebido, se limitou a colocar as premissas das quais não quis mesmo preverás conclusões.

"Está claro, disse ele, que os curiosos quererão ir mais longe, e raciocinar sob uma causa da qual não lhes bastará admirar os efeitos. Teólogos, psicólogos, fisiologistas, não tenho soluções a lhes indicar: que procurem, se o podem, cada um de seu ponto de vista, os elementos de uma apreciação que desafie todo contraditor. A única coisa que me sinto capaz de fazer na direção para onde se exercerá uma semelhante pesquisa, é de

apresentar, sob sua forma mais precisa, as particularidades da vida de Jeanne d'Arc, que parecem sair do círculo das faculdades humanas.

"A particularidade mais importante, a que domina todas as outras, é o fato da voz que ela ouvia várias vezes por dia, que a interpelava ou lhe respondia, da qual ela distinguia as entonações, com relação sobretudo a São Miguel, à Santa Catarina e à Santa Margarida. Ao mesmo tempo, se manifestava uma viva luz, onde ela percebia o rosto de seus interlocutores: "Eu os vejo com os olhos de meu corpo, dizia ela aos seus juizes, tão bem quanto vejo a vós mesmos." Sim, ela sustentava, com uma firmeza inquebrantável, que Deus a aconselhava por intermédio dos santos e dos anjos. Um instante, ela se desmentiu, fraquejou diante do medo do suplício; mas ela chorará essa fraqueza e a confessará publicamente; seu último grito nas chamas foi de que suas vozes não a tinham enganado e que suas revelações eram de Deus. É preciso, pois, concluir com o Sr. Quicherat que "sobre esse ponto a crítica mais severa não teve suspeita a levantar contra a sua boa fé." Uma vez constatado o fato, como certos sábios o explicaram? De duas maneiras: ou pela *loucura*, ou pela simples alucinação. Que disse disso o Sr. Quicherat? Que ele previa grandes perigos para aqueles que quisessem classificar o fato da Pucelle entre os casos patológicos.

"Mas, acrescenta ele, que a ciência ali encontre ou não sua conta, por isto não será preciso admitir menos as visões, e, como vou fazê-lo ver, estranhas percepções de espírito provenientes dessas visões. "Quais são as estranhas percepções de espírito? Foram revelações que permitiram a Jeanne: ora conhecer os mais secretos pensamentos de certas pessoas, ora de perceber objetos fora do alcance de seus sentidos, ora de discernir e de anunciar o futuro.

"O Sr. Quicherat cita para cada dessas três espécies de revelação "um exemplo assentado sobre bases tão sólidas, que não se pode, diz ele, rejeitá-lo sem rejeitar o próprio fundamento da História."

"Em primeiro lugar, Jeanne revela a Charles VII um segredo conhecido de Deus edela, único meio que ela teve para forçara fé deste príncipe desconfiado.

"Em seguida, encontrando-se em Tours, ela discerniu que havia, entre Loches e Chinon, na igreja de Santa Catarina de Fierbois, enfiada a uma certa profundidade perto do altar, uma espada enferrujada e marcada com cinco cruces. A espada foi encontrada, e seus acusadores lhe imputaram, mais tarde, de ter sabido por ouvir dizer que a arma estava lá, ou de tê-lo feito ela mesma.

"Sinto, disse a este propósito o Sr. Quicherat, quanto uma semelhante interpretação parece forte num tempo como o nosso; quão fracos, ao contrário, são os fragmentos do interrogatório que coloco em oposição; mas, quando se tem o processo inteiro sob os olhos, e que nele se vê de que maneira o acusado põe sua consciência a descoberto, então, é seu testemunho que é forte, e a interpretação dos raciocínios que é fraca.

"Deixo, enfim, o próprio Sr. Quicherat contar uma das predições de Jeanne d'Arc:

"Numa de suas primeiras conversações com Charles VII, anuncia-lhe que, operando a libertação de Orléans, ela seria ferida, mas sem ser colocada fora do estado de agir; seus dois santos lhe haviam dito, e o acontecimento lhe prova que eles não a tinha enganado. Ela confessou isto em seu quarto interrogatório. Nisto seríamos reduzidos a esse testemunho, que o ceticismo, sem pôr em dúvida sua boa fé, poderia imputar seu dizer a uma ilusão de memória. Mas o que demonstra que ela predisse, efetivamente, seu ferimento, é que ela a recebeu em 7 de maio de 1429, e que, em 12 de abril precedente, um embaixador flamengo, que estava na França, escreveu ao governo de Brabant uma carta onde era reportada não só a profecia, mas a maneira pela qual ela se cumpriria. Jeanne teve o ombro furado por um tiro de balista no assalto do forte Tourelles, e o enviado flamengo havia escrito: *Ela deverá ser ferida com um tiro num combate diante de Orléans, mas não morrerá por isto.* A passagem de sua carta foi consignada nos registros da Chambre dês complexes de Bruxelles.

"Um dos sábios cuja opinião lembrei ainda há pouco, o que fez de Jeanne d'Arc uma alucinada antes que uma louca, não contesta suas predições, e as atribui "a uma espécie de impressionabilidade sensitiva, a uma irradiação da força nervosa cujas leis ainda não são conhecidas."

"Se está bem seguro de que essas leis existem, e que jamais devem ser conhecidas? Enquanto elas não o forem, não vale mais confessar francamente sua ignorância do que propor tais explicações? Toda hipótese é boa quando se trata de negar a ação da Providência, e a incredulidade a dispensa de todo raciocínio? Não deveria se dizer que desde a origem dos tempos a imensa maioria dos homens concordou acreditar que existe um Deus pessoal, que depois de ter criado o mundo, o dirige e se manifesta quando lhe apraz por sinais extraordinários? Se se fizesse calar seu orgulho, não ouviriam esse concerto de todas as raças e de todas as gerações? O que é maravilhoso é que se possa ter uma fé tão robusta em si mesma quando se fala em nome de uma ciência que é a mais incerta e a mais variável de todas, de uma ciência cujos adeptos não cessam de se contradizer, cujos sistemas morrem e nascem como a moda, sem que jamais a experiência haja podido deles arruinar ou assentar, definitivamente, um único. Eu diria de bom grado a esses doutores em patologia: Se encontrardes enfermidades como as de Jeanne d'Arc, guardai-vos de curá-las; tratai antes que elas se tornem contagiosas.

"Melhor inspirado, o Sr. Wallon não pretendeu conhecer Jeanne d'Arc melhor do que ela mesma se conheceu. Colocado em face dos mais sinceros dos testemunhos, ouviu-o com interesse e concedeu-lhe uma confiança inteira. Essa mistura de bom senso e de elevação, de simplicidade e de grandeza, essa coragem sobre-humana, realçada ainda pelos curtos desfalecimentos da natureza, lhe apareceram não como sintomas de loucura ou de alucinação, mas como sinais brilhantes de heroísmo e de santidade. Lá, e não em outra parte, estava a crítica; de lá vem que, procurando a verdade, encontrou tanta eloqüência, e ultrapassou todos aqueles que o tinham antecedido nesse caminho. Ele merece estar colocado na cabeça desses escritores dos quais o Sr. Quicherat disse excelentemente:

"Restituíram Jeanne tão inteira quanto puderam, e quanto mais se prenderam em reproduzir sua originalidade, mais encontraram o segredo de sua grandeza.

O Sr. Quicherat achará muito natural que eu empreste suas palavras para caracterizar um sucesso para o qual contribuiu mais do que ninguém; porque, se não convencionou escrever ele mesmo a história de Jeanne d'Arc, é doravante impossível empreendê-la sem recorrer aos seus trabalhos. O Sr. Wallon, em particular, deles tirou um imenso proveito, sem ter quase nada a modificar, nem nos textos recolhidos pelo editor, nem em suas conclusões. No entanto, não as aceitou sem controle. É assim que assinala uma omissão involuntária da qual prevaleceu um escritor que pende antes para a alucinação do que para a inspiração de Jeanne d'Arc. Lê-se, à página 216 do Procés (tomo 1º) que Jeanne d'Arc estava em jejum no dia em que ouviu, pela primeira vez, a voz do anjo, mas que ela não tinha jejuado no dia precedente. À página 52, ao contrário, Sr. Quicherat havia impresso: *et ipsa Johanna jejun averat die proecedenti. Em* suprimento à página 216a negação que falta à página 52, tinham-se dois jejuns consecutivos que pareciam uma causa suficiente de alucinação. O manuscrito não se presta, pois, a essa hipótese; o Sr. Wallon constatou que a exatidão habitual do Sr. Quicherat achava-se aqui em falta, e que era preciso ler, à página 52, *non jejunaverat.*

"A única divergência um pouco grave que se percebe entre os dois autores é quando eles apreciam os vícios de forma assinalados no processo. O Sr. Quicherat sustenta que Pierre Cauchon era muito hábil para cometer ilegalidades, e o Sr. Wallon o crê muito apaixonado por haver podido disso se defender. Eu não estou no estado de decidir essa questão; faria somente notar que ela tem no fundo pouca importância, uma vez que, de uma parte e de outra, se está de acordo sobre a iniquidade do julgamento e a inocência da vítima.

"Encontro o Sr. Wallon afirmando como Sr. Quicherat, contrariamente a uma opinião já antiga e que conserva ainda partidários, que Charles VII, uma vez sagrado em Reims, Jeanne d'Arc não tinha ainda cumprido toda a sua missão; porque ela mesma tinha anunciado como devendo, além disso, expulsar os Ingleses. Deixo de propósito de lado a libertação do duque de Orléans, porque é um ponto sobre o qual suas declarações não são tão explícitas. Mas pelo que concerne à expulsão dos Ingleses, tem-se a própria carta que ela lhe dirigiu no dia 22 de março de 1429: "Aqui vim da parte de Deus, o rei do céu, corpo por corpo, para vos empurrar fora de toda a França." Seus curtos desmaios nada podem contra esse texto autêntico que, aliás, ela confirmou em muitas ocasiões, até que ela o consagrou, sobre sua fogueira, por um protesto supremo. Eu não me explico, pois, que uma dúvida possa existir, sobretudo no espírito daqueles que crêem na inspiração de Jeanne d'Arc. Como podem conhecer sua missão, senão por ela? E porque lhe recusar aqui a crença que se lhe concede em outra parte? "Ela fracassou, dir-se-á, portanto ela não tinha missão de Deus para empreender. Tal foi, com efeito, o triste pensamento que se apoderou dos espíritos quando a souberam prisioneira dos Ingleses. Mas o piedoso Gerson, alguns meses antes de morrer e no dia seguinte à libertação de Orléans, tinha de alguma sorte previsto os reveses depois da vitória, não como uma reprovação para Jeanne d'Arc, mas como um castigo para os ingratos que ela vinha defender. Ele escreveu em 14 de maio de 1529:

"Quando muito mesmo (que a Deus não apraza!) ela teria se enganado em sua esperança e na nossa, e disto não seria preciso concluir que o que ela fez vem do espírito maligno e não de Deus; mas antes isto se prende à nossa ingratidão e ao justo julgamento de Deus, embora secreto.....porque Deus, sem mudar de conselho, muda a sentença segundo os méritos.

"Ainda aqui, o Sr. Wallon fez boa crítica: ele não divide os testemunhos de Jeanne d'Arc, aceita-os todos e os proclama sinceros, mesmo quando parecem não ser mais proféticos. Eu acrescento que ele o justifica plenamente mostrando que, se ela tinha a missão de expulsar os Ingleses, não tinha prometido de tudo executar por ela mesma, mas que ela começou a obra e lhe predisse o término. O Sr. Wallon sentiu-a bem; não é compreender Jeanne d'Arc senão glorificá-la em seus triunfos para negá-la em sua paixão.

"Nós sobretudo, que conhecemos o desfecho desse drama maravilhoso, nós que sabemos que os Ingleses foram, com efeito, expulsos do reino e a coroa de Reims consolidada na frente de Charles VII, devemos crer, com o Sr. Wallon, que Deus não cessou jamais de inspirar aquela da qual lhe aprovou consagrar a grandeza pela prova e a santidade pelo martírio." - N. de Wailly.

Aquele de nossos correspondentes de Anvers, que consentiu em nos enviar o artigo acima, acrescentou-lhe a nota adiante proveniente de suas pesquisas pessoais sobre o processo de Jeanne d'Arc:

"Pierre Cauchon, bispo de Beauvais, e um inquisidor chamado Lemaire, assistidos por sessenta assessores, foram os juizes de Jeanne. Seu processo foi instruído segundo as formas misteriosas e bárbaras da Inquisição, que havia jurado sua perda. Ela nele quis se reportar ao julgamento do Papa e do Concílio de Bale, mas o bispo a isto se opôs. Um padre, L'Oyseleur, a engana abusando da confissão, e lhe dá funestos conselhos. Em consequência de intrigas de toda sorte, ela foi condenada, em 1431, a ser queimada viva, "como mentirosa, perniciosa, abusadora do povo, adivinha, blasfemadora de Deus, descrente da fé de Jesus Cristo, vaidosa e idolatra, cruel, dissoluta, invocadora dos diabos, cismática e herética."

O Papa Calixte III, em 1456, fez pronunciar, por uma comissão eclesiástica, a reabilitação de Jeanne, e foi declarado, por um decreto solene, que Jeanne foi morta mártir pela defesa de sua religião, de sua pátria e de seu rei. O Papa quis muito canonizá-la, mas sua coragem não foi tão longe.

"Pierre Cauchon morreu subitamente, em 1443, fazendo a barba; ele foi excomungado; seu corpo foi desenterrado e lançado na lixeira.

A JOVEM CAMPONESA DE MONIN.

FATO DE APARIÇÃO.

Um de nossos correspondentes de Oloron (Basses-Pyrénées), nos dirigiu o relato do fato seguinte, que é de seu conhecimento pessoal:

"Pelo fim do mês de dezembro de 1866, não longe da aldeia de Monin (Basses-Pyrénées), uma camponesa com a idade de vinte e quatro anos, chamada Marianne Courbet, achando-se ocupada em recolher as folhas de uma campina, perto da casa em que ela mora com seu pai, com a idade de sessenta e quatro anos, e uma irmã com a idade de vinte e nove anos. Já há alguns instantes, um velho de uma estatura mediana, vestindo roupa de camponês, mantinha-se no canto da clarabóia que dá passagem para pradaria. De repente, ele chama a jovem que não tarda a se aproximar, e lhe pergunta se ela poderia lhe dar esmola.

" - Mas que poderia eu vos dar, disse-lhe ela, que nada tenho; a menos que queirais aceitar um pedaço de pão?

- O que quiserdes, replicou o velho; aliás, podeis ficar tranqüila, com isto, ele não vos faltará.

" E a camponesa se apressou em ir procurar o pedaço de pão. No seu retorno, o velho lhe disse:

- Já faz muito tempo que tínheis me respondido.

" - Como, retomou a camponesa admirada, eu poderia vos responder? vós não me tínheis ainda chamado.

- Eu não vos havia chamado, é verdade, mas meu Espírito tinha se transportado junto a vós, havia penetrado o vosso Espírito, e foi assim que conheci antecipadamente as vossas intenções. Parei também diante de uma outra casa, ali em baixo; meu Espírito penetrou o seu interior e conheci as disposições pouco caridosas daqueles que a habitam. Também pensei que era inútil ali pedir. Se essas pessoas não mudam, se elas continuam a não exercer a caridade, são bem a se lamentar. Por vós, não recusei jamais de dar a esmola, e Deus vos terá em conta os vossos sentimentos e vos restituirá bem além do que haveis dado aos infelizes... Estais mal dos olhos?

" - Ai! sim, responde a camponesa, e o mais freqüentemente a minha visão é de tal modo fraca que não posso me entregar aos trabalhos do campo.

" - Pois bem! continuou o velho, eis um par de óculos com o qual vereis perfeitamente. Tínheis uma irmã que vos amava muito e que morreu há oito anos e quatro meses.

"- É verdade, responde a camponesa, cada vez mais admirada.

" -Vossa mãe morreu há um ano.

" - É verdade, continuou ela, do mesmo modo.

" - Pois bem! ireis dizer cinco *Pater* e cinco *Ave* em sua tumba. Aliás, as duas se encontram num lugar onde são felizes e onde as revereis um dia. Antes de vos deixar, tenho uma coisa a vos recomendar: é ir à casa de tal pessoa (uma filha de má conduta, tendo vários filhos), e lhe pedireis vos deixar levar um de seus filhos, que educareis até a época de sua primeira comunhão.

"Enfim, eis um livro de missa que deveis guardar preciosamente e ao qual está ligada uma graça para todos aqueles que o tocarem. As pessoas que virão vos ver deverão dizer, ao chegar ou ao retornar, dois *Pater* e duas *Ave* para as almas do purgatório. Entre essas pessoas, cujo número aumentará dia a dia, de maneira

considerável, haverá as que rirão, que zombarão; a estas não contareis nada. Não deixeis de recomendará pessoa na casa da qual deveis pegar a criança, de se converter, porque creio que ela viverá ainda muito tempo.

"Eu vos previno de que tereis uma grave enfermidade pelo fim do mês de março; não chameis o médico, isto seria inútil; é uma prova à qual deveis vos submeter com resignação. Aliás, retornarei a vos ver.

"E o velho se afastou. Chegado a um pequeno ponto muito próximo, ele desapareceu de repente.

"Naturalmente, a jovem camponesa se apressou em ir contar o fato ao Sr. cura, ao qual ela mostrou o livro de missa. O cura lhe disse que pensava que havia ali alguma coisa de extraordinária e convidou-a a guardar com cuidado esse livro de missa. Ela se apressou também de fazer tudo o que o velho lhe havia recomendado, e depois, a viam sempre com seus óculos e a criança da qual se encarregou. Ela foi visitada por uma multidão inumerável, e, no último domingo, sua casa estava cheia ao ponto que o Sr. cura teve que cântaras vésperas quase

só para ele. Não devo esquecer uma circunstância importante, é que, segundo a predição do velho, a camponesa ficou acamada alguns dias. Agora, é preciso vos **dize** que em Monin, como em Oloron, as opiniões são muito divididas com relação ao fato em questão; uns nele crêem e os outros ficam incrédulos. O cura de Monin, que havia de início achado a coisa muito extraordinária, pregou várias vezes para dissuadir seus paroquianos de ir visitara camponesa. Segundo esta, o personagem que se apresentou a ela lhe disse seu nome e lhe confiou várias coisas que ela não deve revelar, pelo menos para o momento. Em tudo isto, o que me fez refletir um pouco, foi que manifestou o desejo que se elevasse uma estátua representando-o, no lugar onde ele apareceu.

"A opinião geral, entre os crentes é que deve ser São José. Para mim, seu fato é verdadeiro, nele não posso ver senão uma manifestação espírita tendo por objetivo chamar a atenção sobre nossa filosofia, numa região dominada por influências contrárias."

ALGUMAS PALAVRAS À REVISTA ESPÍRITA

pelo jornal L'exposition populaire illustrée.

O *Exposition populaire illustrée* contém, em seu trigésimo quarto número, o artigo seguinte, a respeito das reflexões com as quais fizemos seguir os dois artigos, de nosso último número, sobre o cura Gassner e os prognósticos, que havíamos emprestado a este jornal:

"*Revista Espírita* é um jornal especial mensal que, há dez anos, sustenta corajosamente a luta contra a numerosa classe dos escritores e dos homens superficiais que tratam, à porfia um dos outros, os adeptos da fé nova "de iluminados, de alucinados, de tolos, de loucos, de impostores, de charlatães, enfim, de cúmplices de Satã." Vedes que certos escritores gostam mais de insultar, ultrajar do que discutir.

"Ó meu Deus! todo esse vocabulário foi esgotado há trinta e cinco, a trinta e seis anos, contra os SAINT-SIMONIANOS, e, se não erramos, a eloqüência do Parquet se coloca à parte, e nos parece que o PAI, e um de seus ardentes discípulos, foram atingidos por uma condenação que os deixou livres para dirigir grandes administrações, ter assento no Instituto, serem elevados à dignidade de senador, de levava *tiracolo* as insígnias de diversas condecorações, a cruz de honra contida, mas que não lhes permite sentar no Conselho municipal de sua aldeia, mas ainda de usar do direito cívico do voto. "Vede bem que o ultraje não significa grande coisa; contudo, também, vedes sempre que dele resta alguma coisa; - é uma espécie de calúnia; ora, a calúnia, se disse bem muito tempo antes de nós, *quando ela não queima, enegrece.*

"Retornemos aos Espíritas; quem sabe o que está reservado aos homens da escola espírita? Talvez os vejamos um dia fazendo curta escada para chegar às sumidades do poder, assim como o fizeram os Srs. saint-simonianos.

"Sempre é que eles progridem (os Espíritas), que engrossam suas fileiras com homens sérios e inteligentes, magistrados reputados em suas corporações.

"Nós falamos hoje da REVISTA ESPÍRITA, porque a *Revista Espírita* consentiu em se ocupar de nós em seu último número (o de novembro)... Ela reproduziu diversas passagens de nosso vigésimo quarto número, relativo a *uma correspondência sobre os taumaturgos*, e se apressou em *protestar* contra a qualificação de taumaturgo que demos, em diversos outros artigos, ao *curador Jacob e aos curadores passados, presentes e futuros*, quando eles curam fora da terapêutica científica.

"A *Revista Espírita* protesta contra esta palavra TAUMATURGO, pela razão de que *ela não admite que nada se faça fora das leis naturais...*;', mas me parece que é o que o nosso pequeno jornal já disse mais de vinte vezes.

"Não há nada, nada, nada, fora das leis naturais. "Tudo o que é, tudo o que advém, tudo o que se produz, é a resultante de leis naturais, de fenômenos naturais CONHECIDOS OU DESCONHECIDOS.

"Sim, mil vezes sim, "os fenômenos que pertencem à ordem dos fatos *espirituais* não são mais *miraculosos* do que os fatos materiais, tendo em vista que o ELEMENTO espiritual é uma das forças da Natureza, tão bem quanto o ELEMENTO material," dissestes!

"Sim, senhores, mil vezes sim, nós partilhamos vossos sentimentos; mas *protestamos* contra essa expressão *elemento*, tanto quanto haveis protestado contra a *qualificação de taumaturgo dada por nós a um Espírita consciente ou inconsciente*.

"A palavra *taumaturgo* vos choca; dai-me uma outra, racional, lógica, compreensível...eu aceitarei.

"Por conseqüência lógica, a palavra milagre deve vos chocar; - dai-nos uma outra para representar, para exprimir o que representa, o que exprime a palavra *milagre*, e eu a adotarei.

"Mas enquanto o vosso, o nosso dicionário não for conhecido, é preciso *recorrer a dicionário da Academia*; verdadeiramente, senhores Espíritas, não é preciso outorgara pretensão de ter um outro vocabulário quanto os Srs. *Quarenta*.

"Linguisticamente, academicamente falando, o que é um taumaturgo? um fazedor de milagres.

"O que é um milagre? - Um ato do poder divino, contrário às leis *conhecidas da Natureza*.

"Portanto, Srs. curadores, os Hohenlohe, os Gassner, os Jacob, são *taumaturgos, fazedores de milagres*, porque agem fora das leis *conhecidas da Natureza*.

Inventai, criai, dai, promulgai uma nova palavra e nós a adotaremos; mas, até lá, permiti-nos conservar o velho vocabulário e a ele nos conformar até nova instrução, não podemos fazer de outro modo.

"Sabeis como age Jacob? dissei-o; - se não o sabeis, fazei como nós, reconheçais que age fora das leis conhecidas da Natureza, portanto é um taumaturgo.

"Por nossa conta, protestamos, como dissemos, contra a palavra *elemento*, por uma razão muito simples, é que declaramos ignorar completamente qual é e o *que é o elemento espiritual*, não mais do que não sabemos o *que é o elemento material*.

"Com respeito ao *elemento espiritual*, não reconhecemos senão o elemento criador: *Deus...* - Com toda humildade, com toda veneração, curvamos a cabeça e respeitamos o inexplicável mistério *da encamação do sopro de Deus em nós...* nos limitando a repetir o que dissemos: *"há em nós um desconhecido que somos nós, que ao mesmo tempo comanda o nosso eu matéria e lhe obedece."*

"Para o que é do elemento *material*, proclamamos com toda força de nossa sinceridade que não estamos menos embaraçados... a criação do primeiro homem, da primeira mulher, enquanto seres *materiais*, é um mistério tão inextricável quanto o da espiritualização desse ser criado.

"Véu de trevas, segredo do criador que não é permitido levantar, penetrar.

"O elemento primitivo é Deus ou está em Deus... não procuremos, e dizemos com o mais sábio dos doutores da Igreja: "Não procureis penetrar esse mistério, vos tomareis louco."

"Agora, perguntaremos aos senhores da Revista *Espírita*, aqueles que crêem na *dupla vista*, na *visão espiritual*, por que se levantam *contra os fenômenos físicos considerados como prognósticos de acontecimentos felizes ou infelizes*.

Estes fenômenos, dizeis, não têm em geral nenhuma ligação com as coisas que parecem pressagiar. Podem ser os precursores de efeitos físicos dos quais são a consequência, como um ponto negro no horizonte pode pressagiar, ao marinheiro, a tempestade, ou certas nuvens anunciarem a chuva de granizo, mas o significado desses fenômenos, para as coisas de ordem moral, deve, acrescentai, ser alinhado entre as crenças supersticiosas que não se poderiam combater senão com muita energia.

"Explicai-vos um pouco melhor, senhores, porque tocais aqui uma das graves questões das ciências cabalísticas, das previsões proféticas.

"Dizei-nos francamente, lealmente, em qual categoria classificais as *influências numéricas*; vós as negais, as contestais, credes nelas?... Jamais refletistes sobre estas perguntas?

"Ficai em guarda; tudo se encadeia nos mistérios da criação, no segredo das correlações dos mundos, das correlações planetárias. Credes em vós mesmos, em vosso eu espiritual, *em vosso Espírito encarnado*, e credes também nos *Espíritos desencarnados*: portanto, aos Espíritos que estiveram *encarnados* e que, depurados de sua *encarnação* precedente, esperam uma *encarnação*, não dizemos mais celeste, mais divina, mas mais angélica... eis vossa fé; e depois, detereis a matemática divina, e vos direis: não creio nessa presciência regular que atingiria meu livre-arbítrio; não creio nesses cálculos de detalhe... Limitai-vos a duvidar, senhores; mas não negais.

"Se estudásseis a história da Humanidade tomando por guia as *concordâncias numéricas*, ficaríeis derrotados e não ousaríeis mais dizer que não poderiam combater essa crença supersticiosa com muita energia.

"Podemos colocar, sob vossos olhos, mais de QUATRO MIL concordâncias numéricas, históricas, indiscutíveis. Fazei chegar um acontecimento, nascer ou morrer um ano antes ou mais tarde, e a concordância cessa... Que lei as rege?... Mistério de Deus, -segredo desconhecido da criatura...;-e, como tudo se liga e se encadeia, ousai, vós que, em vossa qualidade de Espírita, deveis crer no magnetismo, na *sono-atividade*, no sonambulismo; vós que deveis crer no AGENTE (e não ELEMENTO) ESPIRITUAL, como podereis NEGAR as leis desconhecidas que regem as relações dos mundos entre eles?... Credes nas relações dos Espíritos ENCARNADOS com os Espíritos DESENCARNADOS! Sede, pois, lógicos e não recueis diante de nenhuma possibilidade oculta ainda nas trevas do desconhecido.

"Retornaremos a esta questão, que não é nova, mas que sempre permaneceu nos LIMBOS DA CIÊNCIA. (Servimo-nos desta palavra intencionalmente.)"

RESPOSTA.

As razões pelas quais o Espiritismo repudia a palavra *milagre*, pelo que lhe concerne em particular, e, em geral, pelos fenômenos que não saem das leis naturais, foram muitas

vezes desenvolvidas, seja nas obras sobre a Doutrina, seja em vários artigos da *Revista Espírita*. Elas estão resumidas na passagem seguinte, tirada do número de maio de 1867, página 132:

"Em sua acepção usual, a palavra *milagre* perdeu seu significado primitivo, como tantas outras, a começar pela palavra *filosofia* (amor à sabedoria), da qual se serve hoje para exprimir as idéias mais diametralmente opostas, desde o mais puro espiritualismo, até o materialismo mais absoluto. Não é duvidoso para ninguém que, no pensamento das massas, *milagre* implica a idéia de um fato extranatural. Perguntai a todos aqueles que crêem nos milagres se os consideram como efeitos naturais. A Igreja está de tal modo fixada sobre este ponto, que ela anatematiza aqueles que pretendem explicar os milagres pelas leis da Natureza. A própria Academia definiu esta palavra :*Ato do poder divino, contrário às leis conhecidas da Natureza. - Verdadeiro, falso milagre. - Milagre averiguado. - Operar milagres. - O dom dos milagres.*

"Para ser compreendido de todos, é preciso falar como todo o mundo; ora, é evidente que, se tivéssemos qualificado os fenômenos espíritas de *miraculosos*, o público teria menosprezado seu verdadeiro caráter, a menos de empregar cada vez uma circunlocução e dizer que são milagres que não são milagres como se o entende geralmente. Uma vez que a generalidade liga-lhe a idéia de uma derrogação das leis naturais, e que os fenômenos espíritas não são senão a aplicação dessas mesmas leis, é bem mais simples, e sobretudo mais lógico, decididamente: Não, o Espiritismo não faz milagres.

Desta maneira, não há nem desprezo, nem falsa interpretação. Do mesmo modo que o progresso das ciências físicas destruiu uma multidão de preconceitos, e fez reentrar na ordem dos fatos naturais um grande número de efeitos considerados outrora como miraculosos, o Espiritismo, pela revelação de novas leis, vem restringir ainda o domínio do maravilhoso; dizemos mais: ele lhe dá o último golpe, é porque não está, por toda parte, com odor de santidade, não mais que a astronomia e a geologia."

De resto, a questão dos milagres está tratada de maneira completa, e com todos os desenvolvimentos que ela comporta, na segunda parte da nova obra que publicamos sob o título de *a Gênese, os milagres e as predições, segundo o Espiritismo*. A causa natural dos fatos reputados *miraculosos*, no sentido vulgar da palavra, é explicada. Se o autor do artigo acima se der ao trabalho de lê-la, verá que as curas do Sr. Jacob, e todas as do mesmo gênero, não são um problema para o Espiritismo que, há muito tempo, sabe a que se pegar sobre este ponto; é uma questão quase elementar.

A acepção da palavra *milagre*, no sentido de fato sobrenatural, está consagrada pelo uso; a Igreja a reivindica, por sua conta, como parte integrante de seus dogmas; parecidos, pois, difícil fazer retornar esta palavra à sua acepção etimológica sem expor a quiproquós. Seria preciso, disse o autor, uma palavra nova; ora, como tudo o que não está fora das leis da Natureza é natural, nisto não encontramos outra podendo abarcá-los todos senão a *de fenômenos naturais*.

Mas os fenômenos naturais, reputados miraculosos, são de duas ordens; uns dependem das leis que regem a matéria, os outros das leis que regem o princípio espiritual. Os primeiros são da alçada da ciência propriamente dita, os segundos estão mais especialmente no domínio do Espiritismo. Quanto a estes últimos, como eles são, para a maioria, uma consequência dos atributos da alma, a palavra existe; são chamados *fenômenos psíquicos*, e, quando são combinados com os efeitos da matéria, poder-se-ia chamá-los *psico-materiais* ou *semi-psíquicos*.

O autor critica a expressão de *elemento espiritual*, pela razão, diz ele, que o único elemento espiritual é Deus. A isto, a resposta é muito simples. A palavra *elemento* não é tomada aqui no sentido de *corpo simples, elementar, de moléculas primitivas*, mas no de *parte constituinte de um todo*. Neste sentido, pode-se dizer que o *elemento espiritual* tem uma parte ativa na economia do universo, como se diz que o *elemento civil* e o *elemento*

militar figuram por tal proporção na quantidade de uma população; que o *elemento religioso* entra na educação; que, na Argélia, há o *elemento árabe* e o *elemento europeu*, etc. A nosso turno, diremos ao autor que, na falta de uma palavra especial para esta última acepção da palavra *elemento*, é-se forçado dela se servir. De resto, como estas duas acepções não representam idéias contraditórias, como a da palavra *milagre*, não há confusão possível, sendo a mesma a idéia radical.

Se o autor se der ao trabalho de estudar o Espiritismo, contra o qual constatamos com prazer que ele não tem uma posição de negação, nele encontrará a resposta às dúvidas que parecem exprimir algumas partes de seu artigo, no que toca à maneira de encarar certas coisas, salvo, todavia, no que concerne à ciência das concordâncias numéricas das quais jamais nos ocupamos, e sobre a qual, conseqüentemente, não poderíamos ter uma opinião definida.

O Espiritismo não tem a pretensão de ter a última palavra sobre todas as leis que regem o universo, por isto jamais *disse: Neoplus ultra*. Pela sua própria natureza ele abre o caminho a todas as novas descobertas, mas até que um princípio novo seja constatado, não o aceita senão a título de hipótese ou de probabilidade.

O ABADE DE SAINT-PIERRE

As Efemérides do Siécle, de 29 de abril último, continham a notícia seguinte:

1743. -A morte do abade de Saint-Pierre (Charles-Irénée Gastei de), escritor e filantropo, em nome do qual permanecerá eternamente ligado a lembrança do *projeto de paz perpétua*, cuja concepção parece se tornar, cada dia, mais impraticável. A vida inteira desse digno abade se consumiu em trabalhos e em ações que tinham por objetivo a felicidade dos homens. Dar e perdoar deveria ser, em sua opinião, a base de toda a moral, e a colocava constantemente em prática; foi ele também quem criou, ou pelo menos ressuscitou a palavra *beneficência*, exprimindo uma virtude que exercia diariamente. O abade de Saint-Pierre nasceu em 18 de fevereiro de 1658, e a Academia francesa lhe abriu suas portas em 1695; mas, um dia, em sua *Polysynodie*, o abade se expressou severamente sobre o reinado de Louis XIV. O cardeal de Polignac denuncia o livro à Academia, que condena o autor sem se dignar ouvi-lo, e o exclui, de seu seio, em 1718. J.-J. Rousseau, que partilha e desenvolve algumas das idéias do abade de Saint-Pierre, disse dele: "Era um homem raro, a honra de seu século e de sua espécie."

O abade de Saint-Pierre era um homem de bem e de talento, justamente estimado. Nas circunstâncias presentes, a idéia que ele tinha perseguido quando vivo dava, à sua evocação, uma espécie de atualidade.

(Sociedade de Paris; 17 de maio de 1867; méd. Sr. Rui.)

Evocação. A nota que acabamos de ler nas Efemérides do Siécle, nos evocou vossa lembrança, e nela lemos com interesse o justo tributo de elogios prestado às qualidades que vos mereceram a estima de vossos contemporâneos, e vos asseguram a da posteridade. Um homem que teve idéias tão elevadas não pode ser senão um Espírito avançado; por isto ficaremos felizes em aproveitar vossas instruções, se consentirdes vir entre nós. Ficaremos particularmente encantados em conhecer vossa opinião atual sobre a paz perpétua que foi objeto de vossas preocupações.

Resposta. Venho com prazer responder ao chamado do presidente. Sabeis que, em todas as épocas, os Espíritos vêm se encarnar sobre a Terra, para ajudar o adiantamento de seus irmãos menos avançados. Eu fui um desses Espíritos. Eu tinha o dever de procurar persuadir os homens que têm o hábito de lutas fratricidas, que viria uma época

onde as paixões que engendram a guerra dariam o lugar ao apaziguamento e à concórdia. Eu queria lhes fazer pressentir que, um dia, os irmãos inimigos se reconciliariam, dar-se-iam o beijo da paz, que não haveria lugar, em seu coração, senão para o amor e a benevolência, e que não pensariam mais em forjaras armas que semeiam a morte, a devastação e as ruínas! Se fui benevolente, era o efeito de minha natureza mais avançada do que as de meus contemporâneos. Hoje, um grande número entre vós pratica essa virtude evangélica, e, se ela é menos notada, é que está mais difundida e que os costumes se abrandaram.

Mas retorno à questão que foi o objeto desta comunicação, à paz perpétua. Não há um único Espírita que duvide que o que se chama uma utopia, o sonho do abade de Saint-Pierre, não se torne mais tarde a realidade.

Não se tem sorte hoje, no meio de todos esses clamores que anunciam a aproximação de graves acontecimentos, de falar de paz perpétua; mas, estejais bem persuadidos de que essa paz descerá sobre vossa Terra. Assistis a um grande espetáculo, o da renovação de vosso globo. Mas quantas guerras antes! quanto sangue derramado! quantos desastres! Infelizes aqueles que, por seu orgulho, por sua ambição, terão desencadeado a tempestade! Terão que prestar contas de seus atos àquele que julga os grandes e os poderosos, como os menores de seus filhos!

Perseverai todos, irmãos, que sois também os apóstolos da paz perpétua, porque ser os discípulos do Cristo é pregar a paz, a concórdia. No entanto, eu vos digo ainda, antes que não sejais testemunhas desse grande acontecimento, vereis novos engenhos de destruição, e mais os meios de se matar mutuamente se multiplicarão, mais depressa os homens prepararão o acontecimento da paz perpétua.

Eu vos deixo vos repetindo as palavras do Cristo: "Paz sobre a Terra aos homens de boa vontade."

Aquele que foi o Abade de Saint-Pierre.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

DOS ERROS CIENTÍFICOS.

(Paris, 20 de março de 1867, grupo do Sr. Lampérière).

Do mesmo modo que o corpo tem seus órgãos de locomoção, de nutrição, de respiração, etc., do mesmo modo o Espírito tem faculdades variadas que se relacionam respectivamente com cada situação particular de seu ser. Se o corpo tem sua infância, se os membros desse corpo são fracos e débeis, incapazes de sacudir os fardos que poderão mais tarde levantar sem dificuldade, o Espírito possui desde o início faculdades que devem, como tudo que existe, passar da infância à juventude, e da juventude à idade madura. Pedireis a criança de berço para agir com a rapidez, a segurança e a habilidade do homem feito? Não, isto seria loucura, não é? Não é preciso exigir de cada um senão o que entra no quadro de suas forças e de seus conhecimentos. Mandar àquele que jamais tocou um livro de matemática ou de física, raciocinar sobre um ramo qualquer dos conhecimentos que dependem dessas ciências, seria tão pouco lógico quanto pretender exigir uma descrição exata de uma região longínqua, de um Parisience que jamais deixou o recinto de sua cidade natal, e algumas vezes de seu bairro!

É, pois, necessário, para julgar sadiamente uma coisa, ter dessa coisa um conhecimento tão completo quanto possível. Seria absurdo fazer sofrer um exame de leitura corrente àquele que começa apenas a soletrar; e, no entanto!... no entanto, o homem, esse humanimal dotado de razão, esse poder da criação, para quem tudo é obstáculo no livro dos mundos, essa criança terrível que apenas balbucia as primeiras palavras da verdadeira ciência, esse mistificado da aparência, pretende ler, sem

hesitação, as páginas mais indecifráveis do manual que a Natureza apresenta, cada dia, aos seus olhos. O desconhecido nasce sob seus passos; ele o choca em seus lados; para diante, para trás, por toda parte, em tudo, o que não são senão problemas sem solução, ou cujas soluções conhecidas são ilógicas e irracionais, e a grande criança desvia seus olhos do livro, dizendo: Eu te conheço, a um outro!... Ignorante das coisas, apega-se às causas dessas coisas, e sem bússola, sem compasso, embarca no mar agitado dos sistemas preconcebidos, que o conduz fatalmente a um naufrágio do qual a dúvida e a incredulidade são o resultado! O fanatismo, filho do erro, o tem sob seu cetro; porque, sabei-o bem, o fanático não é aquele que crê sem prova e que, por uma fé incompreendida, daria a sua vida; há fanáticos de incredulidade, como há fanáticos de fé!

O caminho da verdade é estreito, e é necessário sondar o terreno antes de avançar, para não se precipitar nos abismos à direita e à esquerda.

Apressa-te lentamente, diz a sabedoria das nações, e como sempre quando ela está de acordo com o bom senso, a sabedoria das nações tem razão. - Não deixes o inimigo atrás de ti, e não avances senão quando estiver seguro de não seres obrigado a retornar para trás. - Deus é paciente porque é eterno; o homem, que tem a eternidade diante dele, pode, ele também, ser paciente.

Que julgue sobre a aparência, que se engane e reconheça seu erro no futuro, é lógico; mas que pretenda não poder se enganar, que assinale um limite qualquer ao entendimento humano, a criança reaparecerá sobre a água com seus caprichos e suas fúrias impotentes!... O potro ainda não fez loucura; ele se enfurece, se empina! o sangue quente circula em suas veias!... Deixai-o fazer, a idade saberá acalmar seu ardor sem destruí-lo, e disso tirará mais proveito medindo mais sabiamente a despesa!

Em nascendo, o homem vê um plano formado de terra e de rocha se estender sem limite sob seus passos; um plano azul salpicado de luzes cintilantes se estender sobre sua cabeça e parecendo se mover regularmente; disto concluiu que a Terra era um grande platô acidentado, dominado por uma cúpula animada por um movimento constante. Relacionando tudo a ele, se fez o centro de um sistema criado para si, e a Terra imutável contempla o sol no plano celeste. Hoje, o sol não gira mais e a Terra está posta em movimento; o primeiro ponto não seria, talvez, difícil de elucidar *segundo a Bíblia*, porque, se Josué ordenou um dia ao sol para parar, não se vê em nenhuma parte que ele tenha mandado que retomasse seu curso.

A inteligência humana, hoje, dá um desmentido aos trabalhos das inteligências de uma época mais recuada, e, assim, de época em época, desde a origem, e, no entanto, apesar das lições do passado, bem que se percebe, por precedentes, que a utopia de ontem é, freqüentemente, amanhã realidade, o homem se obstina em dizer: Não, tu não irás mais longe! Quem poderia fazer mais do que nós? A inteligência está no cume da escala; depois de nós, não se pode senão descer!... E, no entanto, aqueles que dizem isso são as testemunhas, os propagadores e os promotores das maravilhas realizadas pela ciência atual. Fizeram numerosas descobertas que modificaram singularmente as teorias de seus predecessores; mas que importa!... O eu fala neles mais alto do que a razão. Gozando de uma realeza da um dia, não podem admitir que serão submetidos amanhã a uma força que o futuro mantém ao abrigo de seus olhares.

Eles negam o Espírito, como negaram o movimento da Terra!... Lamentamo-los, e nos consolemos de sua cegueira em nos dizendo que o que é não pode permanecer eternamente escondido; a luz não pode se tornar a sombra; a verdade não pode se tornar erro; as trevas se desfazem diante da aurora.

Ó Galileu!... onde estejas, te rejubilas, porque *ela se move...* e podemos nos alegrar, também nós, porque nossa Terra para nós, nosso mundo, a inteligência, o Espírito tem também seu movimento incompreendido, desconhecido, mas que se tornará logo tão evidente quanto os axiomas reconhecidos pela ciência.

FRANÇOIS ARAGO.

A EXPOSIÇÃO.

Paris. Grupo Desliens. Méd. Sr. Desliens.

O observador superficial que lançasse neste momento os olhos sobre o vosso mundo, sem muito se preocupar com algumas pequenas manchas disseminadas em sua superfície, e que parecem destinadas a fazer ressaltar os esplendores do conjunto, diria, sem nenhuma dúvida, que a Humanidade jamais apresentou uma fisionomia mais feliz. Por toda parte, celebram-se com rivalidade as núpcias de Gamache. Não são senão festas, maneiras de prazer, cidades enfeitadas e rostos felizes. Todas as grandes artérias do globo conduzem em vossa capital muito estreita a multidão matizada de todos os climas. Em seus bulevares, o Chinês e o Persa saúdam o Russo e o Alemão; a Ásia em cachemira dá a mão à África em turbante; o novo mundo e o antigo, a jovem América e os cidadãos do mundo europeu se chocam, se acotovelam, conversam no tom de uma inalterável amizade.

É, pois, verdadeiramente que o mundo esteja convidado à festa da paz? A Exposição francesa de 1867 seria o sinal tão esperado da solidariedade universal? - Estar-se-ia tentado em crê-lo, se todas as animosidades estivessem apagadas; se cada um, pensando na prosperidade industrial e no triunfo da inteligência sobre a matéria, deixando tranqüilamente os engenhos de morte, os instrumentos de violência e de força, dormir no fundo de seus arsenais no estado de relíquias boas para satisfazer a curiosidade dos visitantes.

Mas estais lá? Ai! não; o rosto fingido sob o sorriso, o olhar ameaçador quando a boca cumprimenta, e não se aperta cordialmente a mão, no próprio momento em que cada um medita a ruína de seu vizinho. Ri-se, canta-se, dança-se; mas escutai bem, e ouvireis o eco repetir esses risos e esses cantos como soluços e gritos de agonia!

A alegria está sobre os rostos, mas a inquietação está nos corações. Alegram-se para distrair-se, e, pensando-se no dia seguinte, fecham-se os olhos para não ver.

O mundo está em crise, e o comércio se pergunta o que fará quando o zunzum da Exposição tiver passado. Cada um medita sobre o futuro, e sente-se que neste momento não se vive senão hipotecando o tempo futuro.

Que falta, pois, a todos esses felizes? Não são hoje o que eram ontem? não serão amanhã o que são hoje? Não, o arco comercial, intelectual e moral, endireita-se cada vez mais, a corda se estende a flecha vai partir! - Onde os levará ela? - Eis o segredo do medo instintivo que se reflete sobre muitas frentes! Não vêem, não sabem, eles pressentem um eu não sei quê; um perigo está no ar, e cada um treme, cada um se sente moralmente oprimido, como quando uma tempestade prestes a manifestar-se age sobre os temperamentos nervosos. Cada um está à espera, e o que acontecerá? uma catástrofe ou uma solução feliz? Nem uma nem a outra, ou antes, os dois resultados coincidirão.

O que falta às populações inquietas, às inteligências desesperadas, é o senso moral atacado, macerado, semi-destruído pela incredulidade, pelo positivismo, pelo materialismo. Crêem no nada, mas não se o temem; sentem-se no limiar deste nada e tremem!.. Os demolidores fizeram sua obra, o terreno está desobstruído. - Construí, pois, com rapidez para que a geração atual não permaneça mais sem abrigo! Até aqui o céu se manteve estrelado, mas uma nuvem aparece no horizonte; cobri depressa vossos telhados hospitalares; convidai a todos os habitantes da planície e da montanha. O furacão vai logo maltratar com rigor, e, então, infelizes dos imprudentes, confiantes na certeza do bom tempo. Terão a solução de seus temores vagos, e, se saírem da liça contundidos, atormentados, vencidos, não deverão a isto ligar senão a si mesmos do que à sua recusa em aceitara hospitalidade tão generosamente oferecida.

À obra, pois; construí sempre o mais depressa; acolhei o viajante que venha a vós, mas ide também procurar, e tentai conduzir a vós aqueles que se afastam sem baterá vossa porta, porque Deus sabe a quantos sofrimentos estaria exposto antes de encontrar o menor refúgio capaz de preservá-lo dos prejuízos do flagelo.

MOKI.
ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

COLETÂNEA FRANCESA

CONTENDO

Os fatos de manifestação dos Espíritos, assim como todas as notícias relativas ao Espiritismo. - O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do mundo invisível, sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e seu futuro. - A história do Espiritismo na antigüidade; suas relações com o magnetismo e o sonambulismo; a explicação das lendas e crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc.

PUBLICADA SOB A DIREÇÃO

DE ALLAN KARDEC

Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.
O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito

DÉCIMO-PRIMEIRO ANO. – 1868

INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPIRITA

Av Otto Barreto, 1067 - Caixa Postal 110
Fone: (19) 541-0077 - Fax: (19) 541-0966
CEP 13 602 970 - Araras - Estado de São Paulo - Brasil
C.G.C. (MF) 44.220.101/0001-43 Inscrição Estadual 182 010 405.118

Título original em francês:

REVUE SPIRITE

JOURNAL D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES

Tradução: SALVADOR GENTILE

Revisão: ELIAS BARBOSA

1ª edição - 1.000 exemplares - 2000
© 2000, Instituto de Difusão Espírita

ÍNDICE GERAL DAS MATÉRIAS
DO DÉCIMO-PRIMEIRO VOLUME

ANO 1868

JANEIRO

Golpe de vista retrospectivo
O Espiritismo diante da história e diante da Igreja, pelo abade Poussin
Os Aíssaoua
Uma manifestação antes da morte
Variedades-Estranha violação de sepultura Estudo psicológico
Bibliografia -A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo, por Allan Kardec

FEVEREIRO

Extrato dos manuscritos de um jovem médium bretão pelo Sr. Bonnemère
Os votos de feliz ano novo de um Espírita de Leipzig
Instruções dos Espíritos,- Os messias do Espiritismo
Os Espíritos marcados
Futuro do Espiritismo
As estrelas cairão do céu
Os mortos sairão de seus túmulos
O julgamento final
Apreciação da obra sobre a Gênese
Bibliografia- Resumo da Doutrina Espírita, pelo Florent Loth (de Amiens)
Caracteres da Revelação Espírita, por Allan Kardec
Segunda edição de *A Gênese*

MARÇO

Comentários sobre os messias do Espiritismo
Correspondência inédita de Lavater com a Imperatriz Maria da Rússia
Flageolet, Espírito mistificador
Ensaio teórico das curas instantâneas
Notícias Bibliográficas- *Os pensamentos* do Zuavo Jacob
O Espiritismo diante da razão, por Valentin Tournier'
3ª edição de *A Gênese*
Instruções dos Espíritos – A regeneração

ABRIL

Correspondência inédita de Lavater (2º art)
O fim do mundo em 1911
O Espiritismo em Cadiz, em e 1853 e 1868
Dissertações Espíritas-Instrução das Mulheres

MAIO

Correspondência inédita de Lavater com a Imperatriz Maria da Rússia (terceiro e último artigo)
Educação de além-túmulo
O doutor Philippeau - Impressões de um médico materialista no mundo dos Espíritos
O Espiritismo por toda a parte- A Condessa de Monte-Cristo
O Barão Cloutz
Metempsicose
Enterro do Sr Marc Michel
Um sonho
Espíritos batedores na Rússia

A Fome na Argélia
Dissertações dos Espíritos

JUNHO

A Mediunidade no copo d'água
Fotografia do Pensamento
Morte do Sr Bizet, cura de Sétif
O Espiritismo por toda a parte- O jornal *La Solidarité*
Conferências
Notícias Bibliográficas -A religião e a política na sociedade moderna,
por Sr Herrenscheider, resumo entregue por Emile Barrault

JULHO

A Ciência da concordância dos números e a fatalidade
A Geração espontânea e a Gênese
O partido espírita
O Espiritismo por toda a parte- O jornal *Lê Siècle- Paris sonâmbula*
Teatro - *Cornélio - O Galo de Miycille*
Alexandre Dumas -*Monte-Cristo*
Bibliografia - *A Alma*, demonstração de sua realidade, deduzida do estudo dos efeitos do clorofórmio, pelo Sr Ramon de la Sagra

AGOSTO

O materialismo e o direito (Extrato do jornal te *Droit*)
O jornal *La Solidarité*
O partido espírita, Explicação
Perseguições - Instruções dos Espíritos
Espiritismo retrospectivo - A mediunidade pelo copo d'água, em ,
na casa do duque de Orléans
A reencarnação no Japão São Francisco Xavier
e o bonzo Japonês
Carta do Sr Monico ao jornal de *Mahouna*, de Guelma (Argélia)
Bibliografia- O Espiritismo em Lyon, jornal

SETEMBRO

Crescimento e diminuição do volume da terra, a propósito de A Gênese
A alma da terra
Da proteção do Espírito dos santos modelos
A poltrona dos antepassados
Círculo da moral espírita
As memórias de um marido
Bibliografia- O regimento fantástico
Conferências sobre a alma, por Sr Alexandre Chaseray
Instruções dos Espíritos- O que se fez de mim?
Liga Internacional da paz
O Espiritismo na Bíblia (No prelo)

OUTUBRO

Meditações, por C Tschokke
Doutrina de Lao-Tseu, filósofo chinês
Funerais da Senhora Victor Hugo
Efeito moralizador da reencarnação
Uma profissão de fé materialista
Profissão de fé semi-espírita
Instruções dos Espíritos - Influência dos planetas sobre as perturbações do
globo terrestre
Variedade- Belo exemplo de caridade evangélica

Um castelo assombrado

Bibliografia-Correspondência de Lavater

NOVEMBRO

Epidemia da Ilha Maurice

O Espiritismo por toda a parte- Sra Rowe

A cabana do Pai Tomás

Do pecado original segundo o Judaísmo

Os lazeres de um Espírita no deserto

Fenômeno de Lingüística-Pequena inglesa, falando uma língua desconhecida

Música do espaço

O espiritualismo e o ideal, por Chassang

Instruções dos Espíritos- Da regeneração dos povos do oriente

A melhor propaganda

O verdadeiro recolhimento

Bibliografia- O Espiritismo na Bíblia, por Henri Stecki

O Espiritismo em Lyon (jornal)

Dos destinos da alma, por A D'Orient

Aviso aos assinantes

DEZEMBRO

Comemoração dos mortos Sessão anual da sociedade de Paris Discurso do

Sr A Kardec sobre a questão: O Espiritismo é uma religião

Constituição transitória do Espiritismo

Bibliografia - *El critério espiritista*, revista quincenal dei Espiritismo

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

11º ANO

NO. 1

JANEIRO 1868

GOLPE DE VISTA RETROSPECTIVO.

O ano de 1867 havia sido anunciado como devendo ser particularmente proveitoso ao Espiritismo, e esta previsão realizou-se plenamente. Ele viu aparecer várias obras que, sem levar-lhe o nome, popularizam seus princípios, e entre as quais lembraremos *Mirette*, do Sr. Sauvage; *Lê Roman de l'avenir*, do Sr. Bonnemère; *Dieu dans la nature*, pelo Sr. Camille Flammarion. *La Raison du Spiritisme*, pelo Sr. juiz de instrução Bonnamy, é um acontecimento nos anais da Doutrina, porque sua bandeira é altamente e corajosamente arvorada por um homem cujo nome, justamente estimado e considerado, é uma autoridade, ao mesmo tempo que sua obra é um protesto contra os epítetos dos quais a crítica gratifica geralmente os adeptos da idéia. Os Espíritas têm todos apreciados esse livro como o merece, e lhe compreenderam a importância. É uma resposta peremptória a certos ataques; também pensamos que eles considerarão como um dever propagá-lo no interesse da Doutrina.

Não tivesse o ano somente esses resultados, seria preciso felicitá-lo; mas produziu mais de efetivos. O número das sociedades ou grupos oficialmente conhecidos, é verdade, não aumentou sensivelmente; antes mesmo diminuiu em consequência das intrigas com a ajuda das quais procuraram miná-los, neles introduzindo elementos de dissolução; mas em contrapartida, o número das reuniões particulares ou de família cresceu numa proporção muito grande.

Além disso, é notório para todo mundo, e da própria confissão de nossos adversários, que as idéias espíritas ganharam terreno consideravelmente, assim como o constata o autor da obra da qual demos conta acima. Eles se infiltram por uma multidão de saídas; tudo a isto concorre; as coisas que, à primeira vista, ali parecem as mais estranhas, são meios com a ajuda dos quais essas idéias se fazem luz. É que o Espiritismo toca a um tão grande número de questões que é bem difícil abordar o que quer que seja sem nisso ver surgir um pensamento Espírita, de tal sorte que, mesmo nos meios refratários, essas idéias eclodem sob uma forma ou sob uma outra, como essas plantas de cores variadas que brotam através das pedras. E, como nesses meios, geralmente, rejeita-se o Espiritismo por espírito de prevenção, sem saber o que ele diz, não é surpreendente que, quando os pensamentos espíritas ali aparecem, não se os reconhece, e, então, são aclamados porque são achados bons, sem desconfiar que são do Espiritismo.

A literatura contemporânea, pequena ou grande, séria ou leviana, semeia essas idéias em profusão; ela está delas matizada, e não lhe falta absolutamente senão o nome. Se se reunissem todos os pensamentos espíritas que correm o mundo, se constituiria o Espiritismo completo. Ora, aí está um fato considerável, e um dos mais característicos do ano que acaba de se escoar. Ele prova que todos possuem dele, de si para si, elementos no estado de intuição, e que, entre seus antagonistas e ele, o mais freqüentemente, não há senão uma questão de palavras. Os que o repelem, com perfeito conhecimento de causa são aqueles que têm interesse em combatê-lo.

Mas, então, como chegar a fazê-lo conhecer para triunfar dessas prevenções? Isto é obra do tempo. É preciso que as circunstâncias o conduzam naturalmente, e pode-se contar para isto com os Espíritos que sabem fazê-las nascer em tempo oportuno. Estas circunstâncias são particulares ou gerais; as primeiras agem sobre os indivíduos e as outras sobre as massas. As últimas, pela sua repercussão, fazem o efeito de minas que, a cada explosão, levantam alguns fragmentos do rochedo.

Que cada Espírita trabalhe de seu lado, sem se desencorajar pela pouca importância do resultado obtido individualmente, e pense que à força de acumular grãos de areia forma-se uma montanha.

Entre os fatos materiais que assinalaram esse ano, as curas do zuavo Jacob estão em primeiro lugar; elas fizeram uma ressonância que todo o mundo conhece; e, se bem que o Espiritismo ali não haja figurado senão incidentemente, a atenção geral por isso não foi menos vivamente chamada sobre um fenômeno dos mais sérios e que a ele se liga de maneira direta. Esses fatos, se produzindo em condições vulgares, sem aparelho místico, não por um único indivíduo mas por vários, têm, por isto mesmo, perdido o caráter miraculoso que se lhes atribuía até então; eles reentraram, como tantos outros no domínio dos fenômenos naturais. Entre aqueles que os rejeitam como milagres, muitos se tornaram menos absolutos

na negação do fato, e lhe admitiram a possibilidade como resultado de uma lei da Natureza desconhecida; era um primeiro passo num caminho fecundo em conseqüências, e mais de um céptico foi abalado. Certamente, todo o mundo não foi convencido, mas isto fez muito falar; disso resultou, num grande número, uma impressão profunda que fez refletir mais do que se crê; são sementes que, se não dão uma abundante colheita imediata, não estão perdidas para o futuro.

O Sr. Jacob se mantém sempre à parte de maneira absoluta; ignoramos os motivos de sua abstenção e se deve ou não retomar o curso de suas sessões. Se há intermitência em sua faculdade, como ocorre freqüentemente em semelhante caso, isto seria uma prova de que ela não se prende exclusivamente à sua pessoa, e que, fora do indivíduo, há alguma coisa, uma vontade independente.

Mas, dir-se-á, por que essa suspensão, deste o instante em que a produção desses fenômenos era uma vantagem para a Doutrina? Tendo as coisas sendo conduzidas até aqui com uma sabedoria que não se desmentiu, é preciso supor que aqueles que dirigem o movimento julgaram o efeito suficiente para o momento, e que era útil dar um tempo de parada à efervescência; mas a idéia foi lançada, e pode-se estar certo de que ela não permanecerá no estado de letra morta.

Em suma, como se vê, o ano foi bom para o Espiritismo; suas falanges recrutaram homens sérios, cuja opinião é tida por alguma coisa em um certo mundo. Nossa correspondência nos assinala, de quase toda parte, um movimento geral de opinião para essas idéias, e, coisa bizarra neste século positivo, as que ganham mais terreno são as idéias filosóficas, bem mais do que os fatos materiais de manifestação que muitas pessoas se obstinam ainda em rejeitar. De sorte que, diante da maioria, o melhor meio de fazer proselitismo é começar pela filosofia, e isto se compreende. As idéias fundamentais sendo latentes em sua maioria, basta despertá-las; são compreendidas porque possuem seus germes em si, ao passo que os fatos, para serem aceitos e compreendidos, pedem um estudo e observações que muitos não querem se dar ao trabalho de fazer.

Depois o charlatanismo, que se apoderou dos fatos para explorá-los em seu proveito, desacreditou-os na opinião de certas pessoas expondo-os à crítica; isto não podia ser assim com a filosofia que não era tão fácil de arremedar, e que, alias, não é matéria explorável.

O charlatanismo, por sua natureza, é agitador e intrigante, sem isto não seria charlatanismo. A crítica, que se cuida, geralmente, pouco em ir ao fundo do poço procurar a verdade, viu o charlatanismo se exibindo, e esforçou-se para a ele ligar a etiqueta do

Espiritismo; daí, contra esta palavra, uma prevenção que se apaga à medida que o Espiritismo verdadeiro é melhor conhecido, porque não há ninguém, que tendo-o estudado seriamente, o confunda com o Espiritismo grotesco de fantasia, que a negligência ou a malevolência procuram a aquele substituir. Foi uma reação nesse sentido que se manifestou nestes últimos tempos.

Os princípios que se acreditam com mais facilidade são os da *pluralidade dos mundos habitados* e da *pluralidade das existências*, ou *reencarnação*; o primeiro pode ser considerado como admitido sem contestação pela ciência e pelo assentimento unânime, mesmo no campo materialista; o segundo está no estado de intuição em uma multidão de indivíduos em que é uma crença inata; encontra numerosas simpatias, como princípio racional de filosofia, fora mesmo do Espiritismo. É uma idéia que sorri a muitos incrédulos, porque nela encontram *imediatamente* a solução das dificuldades que os tinham levado à dúvida. Assim esta crença tende, cada vez mais, a se vulgarizar. Mas para quem reflete, esses dois princípios têm conseqüências forçadas que conduzem em linha direta ao Espiritismo. Pode-se, pois, considerar o progresso dessas idéias como um primeiro passo para a Doutrina, uma vez que elas lhe são partes integrantes. A imprensa que sofre, sem dúvida, com o seu desconhecimento, a influência da difusão das idéias espíritas, porque estas penetram até em seu seio, se abstém em geral, senão por simpatia, pelo menos por prudência; não é quase mais de bom gosto falar dos Davenport. Dir-se-ia mesmo que ela afeta de evitar a questão do Espiritismo; se, de tempo a outro, lança algumas piadas contra seus adeptos, são como as últimas espoletas de um bosque de artifício; mas não há mais esse fogo de mosqueteria de invectivas que se ouvia há dois anos apenas. Se bem que ela tenha feito quase tanto barulho do Sr. Jacob quanto dos Davenport, sua linguagem foi toda outra e há a anotar, que, em sua polêmica, o nome do Espiritismo não figurou senão muito acessoriamente.

No exame da situação, não é preciso considerar somente os grandes movimentos ostensivos, mas é preciso sobretudo levar em conta o estado íntimo da opinião e das causas que podem influenciá-la. Assim como dissemos em outra parte, observando-se atentamente o que se passa no mundo, se reconhecerá que uma multidão de fatos, em aparências estranhos ao Espiritismo, parecem vir de propósito para lhe abrir os caminhos. É no conjunto das circunstâncias que é preciso procurar os verdadeiros sinais do progresso. Deste ponto de vista, a situação é, pois, tão satisfatória quanto se pode desejá-la. Disto é preciso concluir que a oposição está desarmada, e que as coisas vão doravante caminhar sem obstáculo? Guardemo-nos de crê-lo e de nos adormecermos numa segurança enganosa. O futuro do Espiritismo está assegurado, sem contradita, e precisar-se-ia ser cego para disto duvidar; mas seus piores dias não passaram; ele não recebeu ainda o batismo que consagra todas as grandes idéias. Os Espíritos são unânimes para nos pressentir contra uma luta inevitável, mas necessária, afim de provar sua invulnerabilidade e sua força; dela sairá maior e mais forte; será então somente que conquistará seu lugar no mundo, porque aqueles que terão querido derrubá-lo terão preparado seu triunfo. Que os Espíritas sinceros e devotados se fortaleçam pela união e se confundam numa santa comunhão de pensamentos. Lembremo-nos da parábola das dez virgens e velemos para não sermos tomados de surpresa.

Aproveitemos esta circunstância para exprimir toda nossa gratidão àqueles de nossos irmãos espíritas que, como nos anos precedentes, por ocasião da renovação das assinaturas da *Revista*, nos dão novos testemunhos de sua afetuosa simpatia; estamos felizes com os testemunhos que nos dão de seu devotamento à causa sagrada que todos defendemos, e que é a da Humanidade e do progresso. Àqueles que nos dizem: coragem! diremos que não recuaremos jamais diante de nenhuma das necessidades de nossa posição, por duras que sejam. Que contem conosco como contamos, no dia da vitória, encontrar neles os soldados da véspera, e não os soldados do dia seguinte.

O ESPIRITISMO

DIANTE DA HISTÓRIA E DIANTE DA IGREJA, SUA ORIGEM, SUA NATUREZA, SUA CERTEZA, SEUS PERIGOS.

pelo abade Poussin, professor do Seminário de Nice.

Esta obra é uma refutação do Espiritismo do ponto de vista religioso; sem contradita, é uma das mais completas e das mais bem feitas que conhecemos. Ela está escrita com moderação e conveniência, e não sai pelos epítetos grosseiros aos quais nos habituaram a maioria dos controversistas do mesmo partido; lá, nada de declamações coléricas, nada de personalidades ultrajantes: é o próprio princípio que é discutido. Pode-se ser da opinião do autor, achar que as conclusões que ele tira de suas premissas são de uma lógica contestável; dizer que depois de ter demonstrado, por exemplo, peças na mão, que o sol brilha ao meio-dia, tem o erro de concluir que deve fazer noite, mas não se lhe censurará pela falta de urbanidade na forma.

A primeira parte da obra está consagrada à história do Espiritismo na antigüidade e na idade média; esta parte é rica em documentos tirados dos autores sacros e profanos, que atestam laboriosas pesquisas e um estudo sério. É um trabalho que nos propúnhamos fazer um dia, e estamos felizes que o Sr. abade Poussin nos tenha poupado esse trabalho.

Na segunda parte, intitulada: *Parte doutrinária*, o autor, discutindo os fatos que vem de citar, ali compreendidos os fatos atuais, conclui, segundo a infalibilidade da Igreja e seus próprios argumentos, que todos os fenômenos magnéticos e espíritas são obra do demônio. É uma opinião como uma outra, e respeitável quando ela é sincera. Ora, cremos na sinceridade das convicções do Sr. Poussin, embora não tenhamos a honra de conhecê-lo. O que se pode lhe censurar é de não invocarem favor de sua tese senão a opinião dos adversários conhecidos do Espiritismo, assim como as doutrinas e alegações que ele desaprova. Procurar-se-ia em vão, nesse livro, a menção das obras fundamentais, não mais do que uma refutação direta das respostas que foram feitas às alegações contraditórias. Em uma palavra, ele não discute a doutrina propriamente dita; não lhe toma os argumentos corpo a corpo para esmagá-los sob o peso de uma lógica mais rigorosa.

Pode-se, além disso, achar estranho que o Sr. abade Poussin se apoie, para combater o Espiritismo, sobre a opinião de homens conhecidos por suas idéias materialistas, tais como os Srs. Littré e Figuier; ele faz, sobretudo a este último, que mais brilhou por suas contradições do que por sua lógica, numerosos empréstimos. Esses senhores, combatendo o princípio do Espiritismo, negando a causa dos fenômenos físicos, negam, por isto mesmo, o princípio da Espiritualidade; solapam, pois, a base da religião pela qual não professam, como se sabe, uma grande simpatia. Invocando sua opinião, a escolha não é feliz; poder-se-ia mesmo dizer que ela é inábil, porque é motivar os fiéis a lerem os escritos que não são nada menos ortodoxos. Vendo-o tirar de tais fontes, poder-se-ia crer que ele não julgou as outras bastante preponderantes.

O Sr. abade Poussin não contesta nenhum dos fenômenos espíritas; com isto prova virtualmente a existência pelos fatos autênticos que cita, e que tira indiferentemente na história sagrada e na história paga. Aproximando uns dos outros, não se pode

impedir de reconhecer sua analogia; ora, em boa lógica, da semelhança dos efeitos deve-se concluir com a semelhança das causas. No entanto, o Sr. Poussin conclui que os mesmos fatos são miraculosos e de fonte divina em certos casos, e diabólicos em outros.

Os homens que professam as mesmas crenças que o Sr. Figuier têm também, sobre esses mesmos fatos, duas opiniões: negam-nos decididamente e os atribuem ao malabarismo; quanto àqueles que são averiguados, se esforçam em ligá-los unicamente

às leis da matéria. Perguntai-lhes o que pensam dos milagres do Cristo: eles vos dirão que são fatos lendários, contos inventados para as necessidades da causa, ou produtos de imaginações superexcitadas e em delírio.

O Espiritismo, é verdade, não reconhece aos fenômenos psíquicos um caráter sobrenatural; ele os explica pelas faculdades e pelos atributos da alma, e como a alma está na Natureza, eles consideram como efeitos naturais se produzindo em virtude de leis especiais, até então desconhecidas, e que o Espiritismo faz conhecer. Esses fenômenos cumprindo-se sob nossos olhos, em condições idênticas, acompanhados das mesmas circunstâncias, e por intermédio de indivíduos que nada têm de excepcional, disto conclui na possibilidade daqueles que se passaram em tempos mais recuados, e isto pela mesma causa natural.

O Espiritismo não se dirige às pessoas convencidas da existência desses fenômenos, e que são perfeitamente livres de ver neles milagres, se tal é a sua opinião, mas àqueles que os negam precisamente por causa do caráter miraculoso que se lhes quer dar. Provando que esses fatos não têm de sobrenatural senão a aparência, fá-los aceitar por aqueles mesmos que os repeliam. Os Espíritas foram recrutados, em imensa maioria, entre os incrédulos, e, no entanto, hoje não há um único deles que negue os fatos realizados pelo Cristo; ora, o que vale mais crer na existência desses fatos, sem o sobrenatural, ou de neles não crer totalmente? Aqueles que os admitem a título qualquer não estão mais perto de vós do que aqueles que os rejeitam completamente? Desde o instante em que o fato é admitido, não resta mais senão provar-lhe a fonte miraculosa, o que deve ser mais fácil, se esta fonte for real, do que quando o próprio fato é contestado.

O Sr. Poussin, se apoiando, para combater o Espiritismo, sobre a autoridade daqueles que repelem até o princípio Espiritual, seria daqueles que pretendem que a incredulidade absoluta é preferível à fé adquirida pelo Espiritismo?

Citamos integralmente o prefácio do livro do Sr. Poussin, que faremos seguir de algumas reflexões:

"O Espiritismo, é preciso bem reconhecê-lo, *envolve como numa imensa rede a sociedade inteira*, e por seus profetas, por seus oráculos, por seus livros e por seu jornalismo, se esforça para minar surdamente a Igreja católica. Se e/e nos *prestou o serviço de derrubar as teorias materialistas do século dezoito*, nos dá em troca uma revelação nova, que solapa pela base todo o edifício da revelação cristã. E, no entanto, por um fenômeno estranho, ou melhor, em consequência da ignorância e da fascinação que desperta a curiosidade, quantos católicos brincam cada dia com o Espiritismo sem se preocuparem em nada com seus perigos! É bem verdade que os espíritos estão ainda divididos sobre a essência e mesmo sobre a realidade do Espiritismo, e é provavelmente por causa dessas incertezas, que a maioria crê poder se formar a consciência e usar do Espiritismo como de um curioso divertimento. No entanto, no fundo dessas almas timoratas e delicadas se manifesta uma grande ansiedade. Quantas vezes ouvimos estas perguntas incessantes: "Dizei-nos bem a *verdade*. O que é o Espiritismo? Qual é sua origem? Credes nessa genealogia que gostaria de ligar os fenômenos do Espiritismo à magia antiga? Admitis os fatos estranhos do magnetismo e das mesas girantes? Credes na intervenção dos Espíritos e na evocação das almas; no papel dos anjos ou dos demônios? É permitido interrogar as mesas girantes, consultar os Espiritistas? Que pensam sobre todas estas perguntas os teólogos, os bispos?... A Igreja romana deu algumas decisões, etc., etc."- Estas perguntas, que ressoam ainda aos nossos ouvidos, inspiraram o pensamento deste livro, que tem por objetivo responder a todas no limite de nossas forças. Também, para estar mais seguros e convencidos, jamais afirmaremos nada, sem uma autoridade *séria*, e não decidiremos nada que os bispos e Roma não tenham decidido. -Entre aqueles que estudaram especialmente essas matérias, uns rejeitam em massa todos os fatos *extraordinários* que o Espiritismo se atribui. Outros, fazendo em tudo uma larga parte às alucinações e ao charlatanismo, reconhecem que é

impossível não admitir certos fenômenos inexplicáveis e inexplicados, tão inconciliáveis com os ensinamentos gerais das ciências naturais, quanto confundidos pela razão humana; no entanto, procuram interpretá-los, ou por certas leis misteriosas da fisiologia, ou bem pela intervenção da

grande alma da Natureza, da qual a nossa não é senão uma emanção, etc. Vários escritores católicos, forçados a admitir os fatos, achando a solução natural às vezes impossível, e a explicação panteísta absurda, não hesitam em reconhecer em certos fatos do Espiritismo a intervenção direta do demônio. Para estes, o Espiritismo não é senão a continuação dessa magia paga que aparece em toda a história, desde os mágicos de Faraó, à pitonisa de Endor, os oráculos de Delfos, as profecias das sibilas e dos adivinhos, até as possessões demoníacas do Evangelho e aos fenômenos extraordinários e constatados do magnetismo contemporâneo. A Igreja não se pronunciou sobre as discussões *especulativas*; ela abandona a questão histórica das origens do Espiritismo e a questão psicológica de seus agentes misteriosos, à vã disputa dos homens. Os teólogos sérios, os bispos e os doutores particulares sustentaram estas últimas opiniões; *oficialmente* Roma não as aprova nem as censura. Mas se a Igreja guardou prudentemente o silêncio sobre as teorias, ela levantou a voz nas questões práticas, e em presença das incertezas da razão, ela assinala os perigos para a consciência. Uma ciência séria e mesmo inocente em si, pode, por causa dos abusos freqüentes, se tornar uma fonte de perigos; também Roma condenou como perigosas para os costumes, certas práticas e certos abusos do magnetismo, dos quais os próprios Espíritas não dissimulam os graves inconvenientes. Bem mais, os bispos acreditaram dever interditar, em suas dioceses, e em toda hipótese, como *supersticiosos e perigosos para os costumes e para a fé*, não só os abusos do magnetismo, mas o uso de *interrogar as mesas girantes*.

"Para nós, na questão *especulativa*, posta em presença daqueles que vêem o demônio por toda parte e daqueles que não o vêem em toda nenhuma parte, nós quisemos, mantendo-nos à distancia dos dois escolhos, estudar as origens históricas do Espiritismo, examinar a certeza dos fatos e discutir imparcialmente os sistemas psicológicos e panteístas pelos quais se quer tudo interpretar. Evidentemente, quando refutamos vários desses sistemas, não pretendemos impor a ninguém nossos próprios pensamentos, embora as autoridades sobre as quais nos apoiamos nos pareçam da mais alta seriedade. Separando das opiniões livres tudo o que é de *fé*, como a existência dos anjos e dos demônios, as possessões e as obsessões demoníacas do Evangelho, a legitimidade e a força dos exorcismos na Igreja, etc., deixamos a cada um o direito, não de negar o comércio voluntário dos homens com o demônio, o que seria *temerário*, disse o P. Perronne, e conduziria ao pironismo histórico; mas reconhecemos a todo católico o direito de não ver no Espiritismo a intervenção do demônio, se nossos argumentos parecem mais especiosos do que sólidos, e se a razão e o estudo mais atento dos fatos provam o contrário.

"Quanto à questão *prática*, não nos reconhecemos o direito de absolver o que Roma condena, e se algumas almas hesitam ainda, nós as reenviaremos simplesmente às decisões romanas, às interdições episcopais e mesmo às decisões teológicas que reproduzimos inteiramente.

"O plano deste livro é muito simples: a primeira parte, ou *parte histórica*, depois de ter dado o ensino das santas Escrituras e a tradição de todos os povos sobre a existência e o papel dos Espíritos, iniciamos nos fatos mais salientes do Espiritismo ou da magia, desde a origem do mundo até nossos dias.

"A segunda parte, ou *parte doutrinária*, expõe e discute os diversos sistemas imaginados para descobrir o agente verdadeiro do Espiritismo; depois de ter precisado de nosso melhor, o ensino da teologia católica sobre a intervenção geral dos Espíritos, e dado livre curso a opiniões livres sobre o agente misterioso da magia moderna,

assinalamos aos fiéis os perigos do Espiritismo para a fé, para os *costumes* e mesmo para a saúde ou para a vida.

"Possam essas páginas, em mostrando o perigo, acabar o bem que outras começaram!... Inútil acrescentar, que filhos dóceis da Igreja, condenamos antecipadamente tudo o que Roma poderia desaprovar."

O Sr. abade Poussin reconhece duas coisas: 1º que o Espiritismo envolve, como numa imensa rede, a sociedade inteira; 2º que prestou à Igreja o serviço de derrubar as teorias materialista do século dezoito. Vejamos que conseqüências ressaltam desses dois fatos.

O Espiritismo, como dissemos, é na grande maioria recrutado entre os incrédulos; com efeito, perguntai aos nove décimos dos adeptos em que acreditavam antes de serem Espíritas; eles responderão que não acreditavam em nada, ou pelo menos que duvidavam de tudo; a existência da alma era para eles uma hipótese, sem dúvida, desejável mas incerta; a vida futura uma quimera; o Cristo um mito ou pelo menos um filósofo; Deus, se existisse, deveria ser injusto, cruel e parcial, era porque eles gostavam mais de crer que ele não existia.

Hoje eles crêem e sua fé é inabalável, porque ela está assentada sobre a evidência e a demonstração, e satisfaz sua razão; o futuro não é mais uma esperança, mas uma certeza, porque eles vêem a vida espiritual se manifestar sob seus olhos; dele não duvidam mais como não duvidam do levantar do sol. É verdade que não crêem nem nos demônios, nem nas chamas eternas do inferno, mas em troca acreditam firmemente em um Deus soberanamente justo, bom e misericordioso; não crêem que o mal venha dele, que é a fonte de todo o bem, nem dos demônios, mas das próprias imperfeições do homem; que o homem se reforme, e o mal não mais existirá; vencer a si mesmo é vencer o demônio; tal é a fé dos Espíritas, e a prova de seu poder, é que se esforçam por se tornarem melhores, de domarem seus maus pendores, e de pôr em prática as máximas do Cristo, olhando a todos os homens como irmãos sem exceção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, restituindo o bem pelo mal, ao exemplo do divino modelo.

Sobre quem o Espiritismo devia ter o mais fácil acesso? não é sobre aqueles que tendo a fé e a quem essa fé bastava, que não pediam nada e não tinham necessidade de nada; mas sobre aqueles a quem a fé faz falta. Como o Cristo, ele foi aos doentes e não às pessoas que se acham bem; àqueles que têm fome e não àqueles que estão saciados; ora, os doentes são aqueles que são torturados pelas angústias da dúvida e da incredulidade.

E que fez para conduzi-los a ele? Foi à força de reclames? Foi indo pregar a Doutrina nas praças públicas? Foi *violentando* as consciências? De nenhum modo, porque esses meios são os da fraqueza, e, se os tivesse usado, teria mostrado que duvidava de sua força moral. Ele tem por regra invariável, conforme à lei de caridade ensinada pelo Cristo, de não constranger ninguém, de respeitar todas as convicções; ele contentou-se em anunciar os seus princípios, de desenvolverem seus escritos as bases sobre as quais estão assentadas as suas crenças, e deixou vir a ele aqueles que quisessem; se vieram muitos, é que convenceu a muitos, e que muitos encontraram nele o que não tinham encontrado em outra parte. Como ele recrutou principalmente entre os incrédulos, se, em alguns anos, enlaçou o mundo, isto prova que os incrédulos e aqueles que não estão satisfeitos com aquilo que se lhes dá são numerosos, porque não se é atraído senão para lá onde se encontre alguma coisa melhor do que a que se tem. Dissemos cem vezes: Querem combater o Espiritismo? Que dêem melhor do que ele.

Reconheceis, senhor abade, que o Espiritismo prestou à Igreja o serviço de derrubar as teorias materialistas; é um grande resultado, sem dúvida, e do qual se glorifica; mas como o obteve? precisamente com ajuda desses meios que chamais diabólicos, das provas materiais que dá da alma e da vida futura; foi com as manifestações dos Espíritos

que confundiu a incredulidade, e que triunfará definitivamente. E dissestes que esse serviço é a obra de Satã? Mas, então, não deveríeis tanto isto querer-lhe, uma vez que ele mesmo destrói a barreira que retinha aqueles que havia açambarcado. Lembrai-vos da resposta do Cristo aos Fariseus que lhe tiveram exatamente a mesma linguagem, acusando-o de curar os doentes e de expulsar os demônios pelos demônios. Lembrai-vos também desta palavra do Mons. Frayssinous, bispo de Hermópolis, a esse respeito, em suas conferências sobre a religião: "Certamente, um demônio que procurasse destruir o reino do vício para estabelecer o da virtude seria um estranho demônio, porque se destruiria a si mesmo."

Se esse resultado obtido pelo Espiritismo foi a obra de Satã, como ocorre que a Igreja disto lhe tenha deixado o mérito e que não haja obtido ela mesma; que tenha deixado a incredulidade invadir a sociedade? No entanto, esses não são os meios de ação que lhe faltaram; não tem ela um pessoal e recursos materiais imensos? as pregações desde as capitais até as menores aldeias? a pressão que ela exerce sobre as consciências pela confissão? o terror das penas eternas? a instrução religiosa que segue a criança durante todo o curso da sua educação? o prestígio das cerimônias do culto e os de sua antigüidade? Como ocorre que uma Doutrina *apenas eclodida*, que não tem sacerdotes, nem templos, nem culto, nem pregações; que é combatida com todo o exagero pela Igreja, caluniada, perseguida como o foram os primeiros cristãos, haja reconduzido, então pouco tempo, à fé e à crença na imortalidade um tão grande número de incrédulos? No entanto, a coisa não era muito difícil, uma vez que basta à maioria ler alguns livros para ver desaparecerem suas dúvidas.

Tirai daí todas as conseqüências que quiserdes; mas convinda que se for a obra do diabo, ela fez o que vós não pudestes fazer, vós mesmos, e que se desobrigou de vosso trabalho.

O que testemunha contra o Espiritismo, direis sem dúvida, é que ele não emprega, para convencer, os mesmos argumentos vossos, e que, se triunfa da incredulidade, é que não a conduz completamente a vós.

Mas o Espiritismo não tem a pretensão de caminhar nem convosco, nem com ninguém; ele mesmo faz seus negócios e como o entende. De boa fé, credes que, se a incredulidade foi refratária aos vossos argumentos, o Espiritismo tenha dela triunfado em se servindo deles? Se um médico não cura um doente com um remédio, um outro médico o curará empregando o mesmo remédio?

O Espiritismo não procura mais conduzir os incrédulos ao regaço absoluto do catolicismo do que ao de qualquer outro culto. Fazendo-lhe aceitar as bases comuns a todas as religiões, destrói o principal obstáculo, e manda lhes fazer a metade do caminho; a cada uma de fazer o resto, no que lhe concerne; as que fracassam dão uma prova manifesta de impotência.

Desde o instante em que a Igreja reconhece a existência de todos os fatos de manifestação sobre os quais se apoia o Espiritismo; que ela os reivindica por si mesma, a título de milagres divinos; que há entre os fatos, que se passam nos dois campos uma completa analogia quanto aos efeitos, analogia que o Sr. abade Poussin demonstrou com a última evidência e peças de apoio colocando-as em frente, toda questão se reduz, pois, a saber se é Deus que age de um lado e o diabo do outro; é uma questão de pessoa; ora, quando duas pessoas fazem exatamente a mesma coisa, disto se conclui que elas são tão poderosas uma quanto a outra; toda a argumentação do Sr. Poussin leva, assim, a demonstrar que o diabo é tão poderoso quanto Deus.

De duas coisas uma, ou os efeitos são idênticos, ou não o são; se são idênticos, é que provêm de uma mesma causa, ou de duas causas equivalentes; se não o são, mostrai em que eles diferem. É nos resultados? Mas, então, a comparação seria em vantagem do Espiritismo, uma vez que ele conduz a Deus aqueles que nele não acreditavam.

É, pois, bem entendido, conforme a decisão formal das autoridades competentes, que os Espíritos que se manifestam não são, e não podem ser, senão os demônios. Convinde, no entanto, senhor abade, que se esses mesmos Espíritos, em lugar de contradizer a Igreja sobre alguns pontos, tivessem tido em tudo a sua opinião, se tivessem vindo apoiar todas as suas pretensões temporais e espirituais, a provar sem restrição tudo o que ela disse e tudo o que fez, ela não os chamaria de demônios, mas bem de Espíritos angélicos.

O Sr. abade Poussin escreveu seu livro tendo em vista, disse ele, premunir os fiéis contra os perigos que sua fé pode correr, pelo estudo do Espiritismo. É testemunhar pouca confiança na solidez das bases sobre as quais essa fé está assentada, uma vez que pode ser abalada tão facilmente. O Espiritismo não tem o mesmo medo. Tudo o que se pôde dizer e fazer contra ele não o fez perder uma polegada de terreno, uma vez que o ganha todos os dias, e, no entanto, o talento não tem faltado a mais de um de seus adversários. As lutas que se têm empenhado contra ele, longe de enfraquecê-lo, o fortaleceram; elas contribuíram poderosamente para difundi-lo mais prontamente quanto não o teria feito sem isto; de tal sorte que a rede que, em alguns anos, envolveu a sociedade inteira, é em grande parte a obra de seus antagonistas. Sem nenhum dos meios materiais de ação que fazem os sucessos neste mundo, não se propagou senão pela força da idéia. Uma vez que os argumentos com a ajuda dos quais se o combateu não o derrubaram, é, aparentemente, que foram achados menos convincentes do que os seus. Quereis ver o segredo de sua fé? hei-lo: é que antes de crer, eles compreendem.

O Espiritismo não teme a luz; ele a chama sobre suas doutrinas, porque quer ser aceito livremente pela razão. Longe de temer, pela fé dos Espíritos, a leitura das obras que o combatem, diz: Lede tudo; o pró e o contra, e fazei a escolha com o conhecimento de causa. É por isto que assinalamos, à sua atenção, a obra do Sr. abade Poussin (1). (1) Um vol. in-12; preço, 3 fr. Casa Sarlit, livraria, 25, rua Saint-Sulpice, Paris.

Damos adiante, sem comentários, alguns fragmentos tirados da primeira parte.

1. - Certos católicos, mesmo piedosos, têm em matéria de fé singulares idéias, resultado inevitável do ceticismo ambiente que, com seu desconhecimento, os domina e dos quais sofrem a deletéria influência. *Falai de Deus, de Jesus Cristo, eles aceitam tudo no instante; mas se tentais lhes falar do demônio e sobretudo da intervenção diabólica na vida humana, eles não vos entendem mais.* Como nossos racionalistas contemporâneos tomam voluntariamente o demônio por um mito ou por uma personificação fantástica do gênio do mal, os êxtases dos santos por fenômenos de catalepsia, e as possessões diabólicas, mesmo as do Evangelho, senão por epilepsia, pelo menos por parábolas. Santo Tomás, em sua linguagem precisa, responde em duas palavras a esse perigoso ceticismo: "Se a facilidade em ver falar do demônio, disse ele, procede da ignorância das leis da Natureza e da credulidade, a tendência geral a não ver sua ação em nenhuma parte, procede da irreligião e da incredulidade." Negar o demônio é negar o cristianismo e negar Deus.

2. - A crença na existência dos Espíritos e sua intervenção no domínio de nossa vida, bem mais, o próprio Espiritismo ou a prática da evocação dos Espíritos, almas, anjos ou demônios, remontam à mais alta antigüidade, e são tão antigas quanto o mundo. - Interroguemos primeiro, sobre a existência e o papel dos Espíritos, nossos livros santos, os mais antigos e os mais incontestáveis livros da história, ao mesmo tempo que são o código divino de nossa fé. O demônio seduzindo, sob uma forma sensível, Adão e Eva no Paraíso; os querubins que lhe guardam a entrada; os anjos que visitam Abraão e discutem com ele a questão da salvação de Sodoma; os anjos insultados na cidade imunda, arrancando Lot ao incêndio; o anjo de Isaac, de Jacob, de Moisés e de Tobias; o demônio que mata os sete maridos de Sara; o que tortura a alma e o corpo de Job; o anjo exterminador dos Egípcios sob Moisés, e dos Israelitas sob Davi; a mão invisível que

escreveu a sentença de Baltazar; o anjo que fere Heliodore; o anjo da Encarnação, Gabriel, que anuncia São João e Jesus Cristo; o que é preciso mais para mostrar a existência dos Espíritos e a crença na intervenção desses Espíritos, bons ou maus, nos atos da vida humana? Deus fez os Espíritos seus embaixadores, disse o Salmista; são os ministros de Deus, disse São Paulo; São Pedro nos ensina que os demônios rodam, sem cessar, ao nosso redor, como leões rugidores; São Paulo, tentado por eles, nos declara que o ar deles está cheio.

3. - Anotemos aqui que as tradições pagas estão em perfeita harmonia com as tradições judias e cristãs. O mundo, segundo Tales e Pitágoras, está cheio de *substâncias espirituais*, todos esses autores as dividem em Espíritos bons e maus; Empédocles disse que os demônios são punidos pelas faltas que cometeram; Platão fala de um príncipe, de uma natureza malfazeja, preposto a esses Espíritos expulsos pelos deuses e caídos do céu, disse Plutarco. Todas as almas, acrescenta Porfírio, que têm por princípio a alma do universo, governam os grandes países situados sob a lua: são os bons *demônios* (Espíritos); e, estejamos disto bem convencidos, eles não agem senão no interesse de seus administrados, seja no cuidado que tomam dos animais, seja que velam sobre os frutos da Terra, seja que presidem às chuvas, aos ventos moderados, ao bom tempo. É preciso ainda alinhar na categoria dos bons *demônios* aqueles que, segundo Platão, estão encarregados de levar aos deuses as preces dos homens, e que relatam aos homens as advertências, as exortações, os oráculos dos deuses.

4. - Os Árabes chamam o chefe dos demônios Aba; os Caldeus com eles enchem o ar; enfim, Confúcio ensina absolutamente a mesma doutrina: "Que as virtudes dos Espíritos são sublimes! dizia ele; se os olha e não se os vê; se os escuta e não se os ouve; unidos à substância das coisas, não podem delas se separar; são causa que todos os homens em todo o universo se purifiquem e se revistam de roupas de festa para oferecer sacrifícios; estão esparramados como as ondas do Oceano acima de nós, à nossa esquerda e à nossa direita."

O culto de Manitu, difundido entre os selvagens da América, não é senão o culto dos Espíritos.

5. - Os Pais da Igreja, de seu lado, interpretaram admiravelmente a doutrina das Escrituras sobre a existência e a intervenção dos Espíritos: Não há nada neste mundo visível que não seja regido e disposto pela criatura invisível, disse São Gregório. Cada ser vivo tem neste mundo um anjo que o rege, acrescenta Santo Agostinho. Os anjos, disse São Gregório de Nazianze, são os ministros da vontade de Deus; eles têm, naturalmente e para comunicação, uma força extraordinária; percorrem todos os lugares e se acham por toda parte, tanto para a prontidão com a qual exercem seu ministério quanto pela leveza de sua natureza. Uns estão encarregados de velar sobre alguma parte do universo que lhes é marcada por Deus, de quem eles dependem em todas as coisas; outros estão na guarda das cidades e das igrejas; eles nos ajudam em tudo o que fazemos de bem.

6. - Com relação à razão fundamental, Deus governa imediatamente o universo; mas relativamente à execução, há coisas que ele governa por outros intermediários.

7. - Quanto à própria *evocação* dos Espíritos, almas, anjos ou demônios e a todas as práticas da magia, das quais o Espiritismo não é senão uma forma, mais ou menos envolvida de charlatanismo, é uma prática tão antiga quanto a crença nos próprios Espíritos.

8. - São Cipriano explica assim os mistérios do Espiritismo pagão:

"Os demônios, disse ele, se introduzem nas estátuas e nos simulacros que o homem adora; são eles que animam as fibras das vítimas, que inspiram com seu sopro o coração dos adivinhos e que dão uma voz aos oráculos. Mas, como podem eles curar? *Loedunt primo*, disse Tertuliano, *postque lcedere desinunt, et curasse creduntur*. Eles ferem primeiro, e, deixando de ferir, passam por curar."

Na Índia, são os Lamas e os Brahamites que, desde a mais alta antigüidade, têm o monopólio dessas mesmas evocações que ainda continuam. "Eles fazem comunicar o céu com a Terra, o homem com a divindade, absolutamente como nos *médiuns* atuais. A origem desse privilégio parece remontará própria Gênese dos Hindus e pertencer à casta sacerdotal desses povos. Saída do cérebro de Brahma, a casta sacerdotal deve permanecer mais perto da natureza desse deus criador e entrar mais facilmente em comunicação com ele, do que a casta guerreira, nascida de seus braços, e, com mais forte razão, do que a casta dos Párias, formada do pó de seus pés."

9. - Mas o fato mais interessante e mais autêntico da história, sem contradita, é a evocação de Samuel pelo *médium* da Pitonisa de Endor, que interroga Saul: "Samuel estava morto, diz as Escrituras; toda Israel o havia chorado, e o havia enterrado na cidade de Ramatha, lugar de seu nascimento. E Saul tinha expulsado os mágicos e os adivinhos de seu reino. Os Filisteus, estando, pois, reunidos, vieram acampar em Sunam; Saul, de seu lado, reuniu todas as tropas de Israel, e veio a Gelboé. E tendo visto o exército dos Filisteus, foi tomado de espanto, e o medo o tomou até o fundo de seu coração. Ele consultou o Senhor; mas o Senhor não lhe respondeu nem em sonhos, nem por sacerdotes, nem pelos profetas. Então, ele disse aos seus oficiais: "Procurai-me *uma mulher que tenha um Espírito de Piton*, a fim de que eu vá encontrá-la, e que, por seu meio, possa consultá-la." Seus servidores lhe disseram: "Há em Endor uma mulher que tem um Espírito de Piton." Saul se disfarça, pois, muda de roupa, e dali se vai, acompanhado somente de dois homens. À noite, ele foi a casa dessa mulher, e lhe disse: "Consultai por mim o Espírito de Piton, e evocai-me aquele que eu vos direi." Essa mulher lhe respondeu: "Sabeistudo o que Saul fez, e de que maneira ele exterminou os mágicos e os adivinhos de todas suas terras. Porque, pois, estendei-me uma armadilha para me perder?" Saul lhe jurou pelo Senhor, e lhe disse: "Viva o Senhor! e não vos chegará dele nenhum mal." A mulher lhe disse: "Que quereis ver?" Ele lhe respondeu: "Fazei-me vir Samuel." A mulher tendo visto Samuel, lançou um grande grito, e disse a Saul: "Por que me enganastes? porque sois Saul." O rei lhe disse: "Não temais. O que vistes? -*Eu vi*, disse-lhe ela, *um deus que saía da terra*." Saul lhe disse: "Como ocorre? - "É, disse ela, um velho coberto de um manto." Saul reconheceu, pois, que era Samuel; e lhe fez uma profunda reverência, abaixando-se até a terra. Samuel disse a Saul: "Por que perturbastes meu repouso fazendo-me evocar?" Saul lhe respondeu: "Estou numa estranha extremidade. Os Filisteus me fazem a guerra e Deus se retirou de mim; ele não me quis responder nem pelos profetas nem em sonhos. Foi porque vos fiz evocar, a fim de que me ensineis o que devo fazer." Samuel lhe disse: "Por que vos dirigis a mim, uma vez que o Senhor vos abandonou, e que passou ao vosso rival? Por que o Senhor vos tratará como eu vos disse de sua parte. Ele dividirá vosso reino de vossas mãos para dá-lo a Davi, vosso genro, porque nem obedecestes à voz do Senhor, nem executastes o decreto de sua cólera contra os Amalecistas. É por isto que o Senhor vos envia hoje o que sofreis. Ele entregará mesmo Israel convosco nas mãos dos Filisteus. *Amanhã estareis comigo e vossos filhos*; e o Senhor abandonará aos Filisteus o próprio campo de Israel." Saul caiu logo, e permaneceu estendido sobre a terra, porque as palavras de Samuel o tinham apavorado; e as forças lhe faltaram, porque não tinha ainda comido naquele dia. A maga veio a ele na perturbação em que estava, e ela lhe disse: "Vês que vossa serva vos obedeceu, que expus *minha vida por vós*, e que me entreguei ao que desejáveis de mim."

"Eis *quarenta anos que faço profissão de evocar os mortos* ao serviço dos estranhos, disse Filon em conseqüência desse relato; mas jamais vi semelhante aparição. O Eclesiastes está encarregado de nos provar que se trata de uma verdadeira aparição e não de uma alucinação de Saul: "Samuel *depois de sua morte falou ao rei*, disse o Espírito Santo, *lhe predisse o fim de sua vida e, saindo da terra*, elevou sua voz para profetizara ruína de sua nação, por causa de sua impiedade."

OS AÍSSAOUA

OU OS CONVULSIONÁRIOS DA RUA LÊ PELETIER.

Entre as curiosidades atraídas a Paris pela Exposição, uma das mais estranhas, seguramente, é a dos exercícios executados pelos Árabes da tribo dos Aíssaoua. O *Monde illustré*, de 19 de outubro de 1867, dá uma relação, acompanhada de vários desenhos, das diversas cenas das quais o autor do artigo foi testemunha na Argélia. Ele começa assim seu relato:

"Os Aíssaoua formam uma seita religiosa muito difundida na África e sobretudo na Argélia. Seu objetivo, não o conhecemos; sua fundação remonta, dizem uns, à Aissa, a escrava favorita do Profeta; outros pretendem que sua confraria foi fundada por Aíssa, piedosa e sábia religiosa muçulmana do século dezesseis. O que quer que seja, os Aíssaoua sustentam que seu piedoso fundador lhes deu o privilégio de serem insensíveis ao sofrimento."

Tomamos emprestado ao *Petit Journal*, de 30 de setembro de 1867, o relato de uma das sessões que uma companhia de Aíssaoua deu em Paris, durante a Exposição, primeiro no teatro do Champ-de-Mars, e em último lugar na sala da arena atlética da rua Lê Peletier. Sem dúvida, a cena não tem o caráter imponente e terrível daquelas que se realizam nas mesquitas, cercadas do prestígio das cerimônias religiosas; mas, à parte algumas nuances do detalhe, os fatos são os mesmos e os resultados idênticos, e está aí o essencial. As coisas, aliás, tendo-se passado em plena Paris, sob os olhos de um numeroso público, o relato não pode ser suspeito de exagero. É o Sr. Timothée Trimm quem fala:

"Confesso bem que vi, ontem à noite, coisas que deixam atrás, muito longe, as dos irmãos Davenport e os pretensos milagres do magnetismo. Os espantos se produzem numa pequena sala que não é ainda classificada na hierarquia dos espetáculos. Isso se passa numa arena atlética da rua Lê Peletier. Eis, sem dúvida, porque é tão pouca questão dos feiticeiros da qual eu falo hoje.

"É evidente que nos relacionamos com iluminados, porque eis vinte e seis Árabes que se agacham e se servem primeiro de castanholas de ferro para acompanhar seus cantos.

"Do corpo de bale muçulmano, primeiro, saiu um jovem Árabe que pegou um carvão ardente. Eu não supus que esse pudesse ser um carvão de um calor factício, preparado de pura invenção, porque senti seu ardor quando o passaram diante de mim, e queimou o assoalho quando escapou das mãos daquele que o tinha. O homem pegou esse carvão ardente; colocou-o em sua boca com gritos horríveis, e lá guardou-o.

"É evidente para mim que esses selvagens Aíssaoua são verdadeiros convulsionários maometanos. No século último, houve os convulsionários de Paris. Os Aíssaoua da rua Lê Peletier, seguramente, encontraram essa curiosa descoberta do prazer, da volúpia e do êxtase na mortificação corpórea.

"Théophile Gautier, com seu estilo inimitável, pintou as danças desses convulsionários árabes. Eis o que deles disse no *Moniteur*, de 29 de julho último:

"O primeiro intermédio de dança era acompanhado de três tambores e três oboés tocando em modo menor uma cantilena de uma melancolia nostálgica, sustentada por um desses ritmos implacáveis que acabam por se apoderar de vós e vos dar a vertigem. Dir-se-ia uma alma lamentosa que a fatalidade força a caminhar com um passo sempre igual para um fim desconhecido, mas que se pressente doloroso.

"Logo uma dançarina se levanta com esses ar acabrunhado que têm as dançarinas orientais, como uma morta que desperta um encanto mágico, e por imperceptíveis

deslocamentos de pés se aproximou do proscênio; uma de suas companheiras se uniu a ela, e começaram, em animando pouco a pouco sob a pressão do compasso, essas torções dos quadris, essas ondulações de busto, esses balanceios de braço agitando os lenços de seda raiados de ouro, e essa pantomima langorosamente voluptuosa que forma o fundo da dança das alméias. Levantara perna para uma pirueta ou um *jeté-battu* seria, aos olhos dessas dançarinas, o cúmulo da indecência.

"No fim, toda a companhia se colocou à parte, e notamos, entre as outras, uma dançarina de uma beleza selvagem e bárbara, vestida de véus brancos e touca de uma espécie de *chachia* cercada de cordinhas. Suas sobancelhas negras unidas com o *surmeh* na raiz do nariz, sua boca vermelha como uma pimenta no meio da face pálida, lhe davam uma fisionomia ao mesmo tempo terrível e encantadora; mas a atração principal da noite era a sessão dos Aíssaoua ou discípulos de Aíssaoua, a quem o senhor legou o singular privilégio de devorar impunemente tudo que se lhes apresentem."

"Aqui, para fazer compreender a excentricidade de nossos convulsionários argelinos, prefiro minha prosa simples e sem arte, à fraseologia elegante e sábia do senhor. Eis, pois, o que vi:

"Um Árabe chega; é-lhe dado um ladrilho de vidro para comer! Ele o pega, coloca-o em sua boca, e o come inteiro!... Ouvem-se, durante vários minutos, seus dentes esmagarem o vidro. O sangue aparece na superfície de seus lábios trementes... ele engole o ladrilho de vidro esmagado, o todo com energia, dança e genuflexões, ao som dos tam-tam inevitáveis.

"Àquele, sucede um Árabe que leva na mão ramos de figueira de Barbárie, o cactus de longos espinhos. Cada rugosidade da folhagem é como um ponto afiado. O Árabe come essa picante folhagem, como comeríamos uma salada de alface ou de chicória.

"Quando a folhagem mortífera do cactus foi absorvida, veio um Árabe que dançava tendo uma lança à mão. Ele apoiou essa lança sobre seu olho direito dizendo versos sagrados, que nossos oculista deveriam muito compreender... E saiu seu olho direito inteiro da órbita!... Todos os assistentes deram logo um grito de terror!

"Então veio um homem que se fez apertar o corpo com uma corda... vinte homens estiram; ele luta, sente a corda entrar em suas carnes; ele ri e canta durante essa agonia.

"Eis um outro energúmeno diante do qual se leva um sabre turco. Passei meus dedos sobre sua lâmina fina e cortante como a de uma navalha. O homem solta seu cinto, mostra seu ventre nu e se deita sobre a lâmina; não se lhe o empurra, mas a lâmina respeita sua epiderme; o Árabe venceu o aço.

"Passo sob silêncio os Aíssaoua que comem fogo, tudo em colocando seus pés nus num braseiro ardente. Fui olhar o braseiro nos bastidores, e atesto que é ardente e composto de madeira em chamas. Examinei igualmente a boca daqueles que são chamados os comedores de fogo. Os dentes são queimados, as gengivas são calcinadas, a abóbada palatina parece ser endurecida. Mas é bem de fogo, todos esses tições que tinham, com as contorções de condenados, procurando se aclimatar no inferno...., que passa por uma região quente.

O que mais me impressionou nessa estranha exibição dos convulsionários da rua Lê Peletier, foi o comedor de serpentes. Figurai-vos um homem que abre um cesto. Dez cobras de cabeça ameaçadora dele saindo sibilantes. O Árabe modela as serpentes, as provoca, falas enrolarem seu busto nu. Depois ele escolhe a mais grossa e a mais vivaz, e, com seus dentes, a morde e lhe levanta a cauda. Então, o réptil se contorce nas angústias da dor. Ele apresenta sua cabeça irritada ao Árabe que coloca sua língua à altura da língua da cobra; e, de repente, com um golpe de dente, ele corta a cabeça da serpente e a come. Ouve-se estalar o corpo do réptil sob o dente do selvagem, que mostra, através de seus lábios ensangüentados, o monstro decapitado.

"E, durante esse tempo, a música melancólica dos tam-tam continua seu ritmo sagrado. E o devorador de serpentes vai cair, perdido e aturdido, aos pés dos cantores

místicos. Não se tinha, até a última semana, experimentado esse exercício senão com serpentes da Argélia que teriam podido se civilizar no caminho; mas as serpentes argelinas se esgotam como todas as coisas. Foi ontem o início das cobras de Fontainebleau; e o Argelino parecia cheio de desconfiança com respeito aos nossos répteis nacionais.

"Passado pelo fogo devorador, suportado nas extremidades... na planta dos pés e nas palmas das mãos... mais o roedor de vidro e o comedor de cobras!.... estes são inexplicáveis fenômenos.

"Nós os tínhamos visto outrora num aduar, nas cercanias de Blidah, disse o Sr. Théophile Gautier, e essa *algazarra* noturna nos deixou lembranças ainda muito palpitantes. Os Aíssaoua, depois de serem excitados pela música, o vapor dos perfumes e esse balanço de cabritos que agita como uma crina a sua imensa cabeleira, morderam folhas de cactus, mascaram carvões ardentes, lamberam pás vermelhas, mastigaram vidros moídos que se ouviam estalar sob suas mandíbulas, atravessaram a língua e as bochechas com agulhas, fizeram saltar seus olhos fora das pálpebras, caminharam sobre o fio de um sabre em aço de Damasco; um deles, circulado no nó corrente de uma corda puxada por sete ou oito homens, parecia cortado em dois; o que não lhes impediu, seus exercícios acabados, de vir nos saudar em nosso camarote à maneira oriental de receber seu *bacehich*.

Das horríveis torturas às quais vinham de se submeter, não restava nenhuma marca. Que um mais sábio nos explique o prodígio, de nossa parte a isto renunciamos."

"Sou de opinião que meu ilustre colega e venerado superior na grande arte de escrever, tão difícil quanto a de engolir répteis. Eu não procuro explicar essa maravilha; mas era meu dever de cronista não passá-las sob silêncio."

Nós mesmos assistimos a uma sessão dos Aíssaoua, e podemos dizer que este relato nada tem de exagerado; vimos tudo o que nele está relatado, e, além disto, um homem se atravessando a face e o pescoço com um espeto cortante em forma de lardeadeira; tendo tocado o instrumento e examinado a coisa de muito perto, estamos convencidos de que não havia ali nenhum subterfúgio, e de que o ferro atravessava verdadeiramente as carnes. Mas, coisa estranha, é que o sangue não corria, e que a ferida se cicatrizou quase instantaneamente. Vimos ali um outro manter na boca os carvões ardentes de coque, grandes como ovos, dos quais ativava a combustão por seu sopro, passeando em torno da sala, e lançando centelhas. Era fogo tão real que, nele, vários espectadores acenderam seus cigarros.

Não se trata, pois, aqui de torneio de agilidades, de simulacros, nem de malabarismos, mas de fatos positivos; de um fenômeno fisiológico que confunde as noções mais vulgares da ciência; no entanto, por estranho que ele seja, não pode ter senão uma causa natural. O que é mais estranho ainda, é que a ciência parece não lhe ter prestado nenhuma atenção. Como ocorre que os sábios, que passam sua vida à procura das leis da vitalidade, permaneçam indiferentes em vista de semelhantes fatos e não lhes procurem as causas? Eles se crêem dispensados de toda explicação dizendo que "são muito simplesmente os convulsionários, como os havia no último século;" seja, somos dessa opinião; mas, então, explicai o que se passa nos convulsionários. Uma vez que os mesmos fenômenos se produzem hoje, sob nossos olhos, diante do público, que qualquer um pode vê-los e tocá-los, isso não era, pois, uma comédia; esses pobres convulsionários, dos quais tanto se zombou, não eram, pois, escamoteadores e charlatães, como se pretendeu? Os mesmos efeitos se reproduzindo à vontade por ímpios em nome de Alá e de Maomé, não são, pois, milagres, assim como outros o pensaram? *São iluminados*, diz-se; seja ainda; mas então seria preciso explicar o que é ser iluminado. É preciso que a iluminação não seja uma qualidade tão ilusória quanto se supõe, uma vez que seria capaz de produzir efeitos materiais tão singulares; isto seria, em todos os casos, uma razão a mais para estudá-lo com cuidado. Desde que esses

efeitos não são nem milagres, nem torneios de prestidigitação, disto é preciso concluir que são efeitos naturais, cuja causa é desconhecida, mas que, sem dúvida, pode ser encontrada. Quem sabe se o Espiritismo, que já nos deu a chave de tantas coisas incompreendidas, nos dará ainda esta? É o que examinaremos num próximo artigo.

UMA MANIFESTAÇÃO ANTES DA MORTE.

A carta seguinte nos foi dirigida de Marennnes, no mês de janeiro último:

Senhor Allan Kardec,

Eu acreditaria faltar ao meu dever se, no começo deste ano, não tivesse vindo vos agradecer da boa lembrança que consentistes conservar de mim, em dirigindo a Deus novas preces para o meu restabelecimento. Sim, Senhor, elas lhe foram salutares, e reconheço bem aí a vossa boa influência, assim como a dos bons Espíritos que vos cercam; porque, desde 14 de maio, estou obrigado a guardar o leito de tempos em tempos em consequência de más febres que me tinham posto em um muito triste estado. Há um mês, estou melhor; eu vos agradeço mil vezes, pedindo para agradecerem meu nome a todos os nossos irmãos da Sociedade de Paris, que consentiram juntar as suas preces às vossas.

Freqüentemente, tive manifestações, como o sabeis; mas uma das mais marcantes foi a do fato que vou vos reportar.

No mês de maio último, meu pai veio a Marennnes passar alguns dias conosco; apenas chegado, caiu doente e morreu ao cabo de oito dias. Sua morte me causou uma dor tanto mais viva quanto dela havia sido advertido seis meses antes, mas não lhe tinha acrescentado fé. Eis o fato:

No mês de dezembro precedente, sabendo que ele deveria vir, tinha mobiliado um pequeno quarto para ele, e meu desejo era de que ninguém nele deitasse antes dele. Desde o instante em que manifestei esse pensamento, tive a intuição de que aquele que deitasse nesse leito nele morreria, e esta idéia, que me perseguia sem cessar, me apertava o coração ao ponto que não ousava mais ir àquele quarto. No entanto, na esperança de disto me desembaraçar, fui orar junto ao leito. Acreditei ver ali um corpo amortalhado; para me tranquilizar, levantei a coberta e não vi nada; então, disse a mim mesmo, que todos esses pressentimentos não são senão ilusões ou resultados de obsessões. No mesmo instante, ouvi suspiros como de uma pessoa que se acaba, depois senti minha mão direita pressionada fortemente por uma mão lépida e úmida. Saí do quarto e não ousei mais ali reentrar sozinho. Durante seis meses fui atormentado por essa triste advertência, e ninguém ali se deitou antes da chegada de meu pai. Foi ali que ele morreu; seus últimos suspiros foram os mesmos que aqueles que eu tinha ouvido, e, antes de morrer, sem que eu lhe pedisse, apertou-me a mão direita e me pressionou da mesma maneira que tinha sentido seis meses antes; a sua tinha o suor tépido que eu tinha igualmente notado. Não posso, pois, duvidar de que isto não me seja uma advertência que me foi dada.

Tive muitas outras provas da intervenção dos Espíritos, mas que seria muito longo vos detalhar numa carta; não me lembraria senão o fato de uma discussão de quatro horas que tive, no mês de agosto último, com dois sacerdotes, e durante a qual me senti verdadeiramente inspirado, e forçado a falar com uma facilidade da qual eu mesmo estava surpreso. Lamento não poder vos reportar essa conversa; isto não vos admiraria, mas vos diverti.

Recebei, etc.

Há todo um estudo a fazer sobre esta carta. Nela vemos primeiro um encorajamento a orar pelos doentes, depois, uma nova prova da assistência dos Espíritos pela inspiração das palavras que se devem pronunciar, nas circunstâncias em que se estaria muito embaraçado para falar, estando-se entregue às próprias forças. É talvez um dos gêneros de mediunidade o mais comum, e que vem confirmar o princípio de que todo mundo é mais ou menos Médiun sem disto desconfiar. Seguramente, se cada um se reportasse às diversas circunstâncias de sua vida, observasse com cuidado os efeitos que sente, ou dos quais foi testemunha, não há ninguém que não reconheça ter alguns efeitos de mediunidade inconsciente.

Mas o fato mais saliente é o da advertência da morte do pai da senhora de Ogé, e do pressentimento que a perseguiu durante seis meses. Sem dúvida, quando ela ia orar nesse quarto, e que acreditou ver um corpo na cama que ela constata estar vazia, poder-se-ia, com alguma verossimilhança, admitir o efeito de uma imaginação tocada. Poderia ocorrer o mesmo com os suspiros que ela ouviu. A pressão da mão poderia ser atribuída a um efeito nervoso, provocado pela superexcitação de seu espírito. Mas como explicar a coincidência de todos esses fatos com o que se passou na morte de seu pai? A incredulidade dirá: puro efeito do acaso; o Espiritismo diz: fenômeno natural devido à ação de fluidos cuja propriedade eram desconhecidas até hoje, submetido à lei que rege as relações do mundo espiritual com o mundo corpóreo.

O Espiritismo, ligando às leis da Natureza à maioria dos fenômenos reputados sobrenaturais, vem precisamente combater o fanatismo e o maravilhoso que o acusam de querer fazer reviver; ele dá, daqueles que são possíveis, uma explicação racional, e demonstra a impossibilidade daqueles que seriam uma derrogação às leis da Natureza. A causa de uma multidão de fenômenos está no princípio espiritual do qual eles vêm provar a existência; mas como aqueles que negam esse princípio podem admitir-lhe as conseqüências? Aquele que nega a alma e a vida extra corpórea, não pode reconhecer-lhes os efeitos.

Para os Espíritos, o fato do qual se trata nada tem de surpreendente, e se explica, por analogia, como uma multidão de fatos do mesmo gênero, cuja autenticidade não pode ser contestada. No entanto, as circunstâncias nas quais ele se produziu apresentam uma dificuldade; mas o Espiritismo jamais disse que não tinha nada mais a aprender. Ele possui uma chave da qual está ainda longe de conhecer todas as aplicações; é a estudá-las que ele se aplica, a fim de chegar a um conhecimento tão completo quanto possível das forças naturais e do mundo invisível, no meio do qual vivemos, mundo que nos interessa a todos, porque todos, sem exceção, deverão nele entrar cedo ou tarde, e vemos todos os dias, pelo exemplo daqueles que partem a vantagem que há em conhecê-lo antes.

Não saberíamos muito repeti-lo, o Espiritismo não faz nenhuma teoria preconcebida; ele vê, observa, estuda os efeitos, e dos efeitos procura remontar a causa, de tal sorte que, quando formula um princípio ou uma teoria, se apoia sempre na experiência. É, pois, rigorosamente verdadeiro dizer que é uma ciência de observação. Aqueles que mostram não ver nele senão uma obra de imaginação, provam que dele não sabem a primeira palavra.

Se o pai da senhora de Ogé estivesse morto, sem que ela o soubesse, na época em que ela sentiu os efeitos dos quais falamos, esses efeitos se explicariam da maneira mais simples. O Espírito livre do corpo teria vindo até ela para adverti-la de sua partida deste mundo, e atestar sua presença por uma manifestação sensível, com a ajuda de seu fluido perispiritual; é o que é mais freqüente. Compreendemos perfeitamente que, aqui, o efeito é devido ao mesmo princípio fluídico, quer dizer, à ação do perispírito; mas como a ação material do corpo, que ocorre no momento da morte, pôde se produzir identicamente seis

meses antes dessa morte, então que nada de ostensivo, doença ou outra causa, não podia fazê-la pressentir?

Eis a explicação que disto foi dada à Sociedade de Paris:

"O Espírito do pai dessa senhora, no estado de desligamento, tinha um conhecimento antecipado de sua morte, e da maneira pela qual ela se daria. Sua visão espiritual, abarcando um certo espaço de tempo, a coisa era, para ele, como presente; mas no estado de vigília disto não conservou nenhuma lembrança. Foi ele mesmo quem se manifestou à sua filha, seis meses antes, nas condições que deveriam se reproduzir, a fim de que, mais tarde, ela soubesse que era ele, e que estando preparada uma separação próxima, ela não ficasse surpresa com sua partida. Ela mesma, como Espírito, disso tinha conhecimento, porque os dois Espíritos se comunicam em conjunto em seus momentos de liberdade; era o que lhe dava a intuição de que alguém deveria morrer naquele quarto. Essa manifestação, igualmente, ocorreu no objetivo de fornecer um assunto de instrução com respeito ao conhecimento do mundo invisível."

VARIEDADES.

ESTRANHA VIOLAÇÃO DE SEPULTURA.

(Estudo psicológico.)

O *Observateur*, de Avesnes (vinte de abril de 1867) relata o fato seguinte:

"Há três semanas, um operário de Louvroil, chamado Magnan, com a idade de vinte e três anos, teve a infelicidade de perder sua mulher atingida de uma doença do peito. O desgosto profundo que disto sentiu foi logo acrescido pela morte de seu filho, que não sobreviveu senão alguns dias à sua mãe. Magnan falava sem cessar de sua mulher, não podendo acreditar que ela o tivesse deixado para sempre e imaginando que ela não tardaria a voltar; foi em vão que seus amigos procuraram lhe oferecer algumas consolações, ele as repelia todas e se fechava em sua aflição.

"Quinta-feira última, depois de muitas dificuldades, seus camaradas da oficina decidiram acompanhar, até a estrada de ferro, um amigo comum, militar em licença que retornava ao seu regimento. Mas apenas chegaram à estação e Magnan se esquivou e retornou só à cidade, mas preocupado ainda do que de hábito. Ele tomou num cabaré alguns copos de bebida que acabaram por perturbá-lo, e foi nestas disposições que retornou à sua casa pelas nove horas da noite. Ele se achava só, o pensamento de que sua mulher não estava mais lá o super excitava ainda, e sentiu um desejo insuperável de revê-la. Então, tomou uma velha pá e um mau sulcador, foi ao cemitério, e, apesar da obscuridade e da chuva horrível que caía nesse momento, ele começou logo a tirar a terra que recobria sua querida defunta.

Não foi senão várias horas depois de um trabalho sobre-humano que ele chegou a retirar o caixão de sua fossa. Unicamente com as suas mãos, e quebrando todas as unhas, arrancou a tampa, depois, tomando em seus braços o corpo de sua pobre companheira, ele levou-a à sua casa e deitou-a em seu leito. Deveria ser, então, em torno de três horas da manhã. Depois de ter aceso um bom fogo descobriu o rosto da morta, depois, quase feliz, correu à casa da vizinha que a tinha enterrado, para lhe dizer que sua mulher tinha voltado, como ele o havia predito.

"Sem dar nenhuma importância às palavras de Magnan, que, dizia ela, tinha visões, levantou-se e o acompanhou até sua casa, a fim de acalmá-lo e fazê-lo deitar. Que se julgue de sua surpresa e de seu pavor vendo o corpo exumado. O infeliz operário falava a morta como se ela pudesse ouvi-lo e procurava, com uma tenacidade tocante obter uma

resposta, dando à sua voz a doçura e toda a persuasão da qual era capaz; essa afeição além do túmulo oferecia um espetáculo doloroso.

"No entanto, a vizinha teve a presença de espírito de convidar o pobre alucinado a levar de novo sua mulher e seu caixão, o que prometeu vendo o silêncio obstinado daquela que ele acreditava ter voltado à vida; foi sob a fé dessa promessa que ela reentrou em sua casa mais morta do que viva.

Mas Magnan não se conservou lá e correu a despertar dois vizinhos que se levantaram, como a enterradora, para procurar tranquilizar o infortunado. Como ela também, o primeiro momento de estupefação passado, convidaram-no a repor a morta no cemitério, e desta vez este, sem hesitar, tomou sua mulher em seus braços e retornou a depositá-lo no caixão mortuário de onde a havia tirado, colocou-a na fossa e cobriu-a de terra.

"A mulher de Magnan foi enterrada há dezessete dias; no entanto, ela se encontrava ainda num estado perfeito de conservação, porque a expressão de seu rosto era exatamente a mesma do momento em que foi enterrada.

"Quando se interrogou Magnan, no dia seguinte, ele pareceu não se lembrar do que havia feito nem do que tinha se passado algumas horas antes; disse somente que acreditava ter visto sua mulher durante a noite." (Siecle, 20 de abril de 1867.)

INSTRUÇÕES SOBRE O FATO PRECEDENTE.

(Sociedade de Paris, 10 de maio de 1867; médium, Sr. Morin, em sonambulismo espontâneo.)

Os fatos se mostram de toda parte, e tudo o que se produz parece ter uma direção especial que leva aos estudos espirituais. Observai bem, e vereis, a cada instante, coisas que parecem, à primeira vista, anomalias na vida humana, e das quais se procuraria inutilmente a causa em outra parte do que na vida espiritual. Sem dúvida, para muitas pessoas, são simplesmente fatos curiosos nos quais não pensam mais, a página virada; mas outros pensam mais seriamente; procuram uma explicação, e, à força de ver a vida espiritual se levantar diante deles, serão muito obrigados em reconhecer que só lá está a solução do que não podem compreender. Vós que conheceis a vida espiritual, examinai bem os detalhes do fato que acaba de vos ser lido, e vede se ela não se mostra ali com evidência.

Não penseis que os estudos que fazeis sobre esses assuntos da atualidade e outros estejam perdidos para as massas, porque, até o presente, elas não vão pouco senão aos Espíritos, àqueles que já estão convencidos; não. Primeiro, estejais certos que os escritos Espíritos vão a outra parte do que a casa dos adeptos; há pessoas muito interessadas na questão para não se manterão corrente de tudo o que fazeis e da marcha da Doutrina. Sem que isto pareça, a sociedade, que é o centro onde se elaboram os trabalhos, é um ponto de mira, e as soluções sábias e racionais que dela saem fazem refletir mais do que não credes. Mas um dia virá em que esses mesmos escritos serão lidos, comentados, analisados publicamente; ali se haurirá a manchieiras os elementos sobre os quais devem assentaras novas idéias, porque ali se encontrará a verdade. Ainda uma vez, estejais convencidos de que nada do que fazeis está perdido, mesmo para o presente, com mais forte razão para o futuro.

Tudo é assunto de instrução para o homem que reflete. No fato que vos ocupa, vedes um homem possuindo suas faculdades intelectuais, suas forças materiais, e que parece, por um momento, completamente despojado das primeiras; ele faz um ato que parece, de início, insensato. Pois bem! há nisso um grande ensinamento.

Isto aconteceu? dirão algumas pessoas. O homem estava num estado de sonambulismo natural ou sonhou? O Espírito da mulher está por alguma coisa lá dentro? Tais são as perguntas que se podem fazer a esse respeito. Pois bem! o Espírito da

senhora Magnan foi por muito nesse negócio, e por muito mais do que poderiam supô-lo mesmo os Espíritos.

Seguindo-se o homem com atenção, desde o momento da morte de sua mulher, é visto mudar pouco a pouco; desde as primeiras horas da partida de sua mulher, vê-se seu Espírito tomar uma direção que se acentua, cada vez mais, para chegar ao ato de loucura da exumação do cadáver. Há neste ato outra coisa que o desgosto; e, como o ensina O *Livro dos Espíritos*, como ensinam todas as comunicações: o que não está na vida presente, está no passado, onde lhe é preciso procurar a causa. Não estamos neste mundo senão para cumprir uma missão ou pagar uma dívida; no primeiro caso realiza-se uma tarefa voluntária; no segundo, fazei a contrapartida dos sofrimentos que sentis e tereis a causa desses sofrimentos.

Quando a mulher morreu, ela lá ficou em Espírito, e como o casamento dos fluidos espirituais e os do corpo era difícil de se romper em razão da inferioridade do Espírito, foi-lhe necessário um certo tempo para retomar sua liberdade de ação, um novo trabalho para a assimilação dos fluidos; depois, quando estava preparada, ela se apoderou do corpo do homem e o possuiu. É, pois, aqui, um verdadeiro caso de possessão.

O homem não é *mais ele*, e notai: não é mais ele senão quando a noite vem. Seria preciso entrarem explicações muito longas para vos fazer compreender a causa dessa singularidade; mas, em duas palavras: a mistura de certos fluidos, como em química o ou de certos gases, não pode suportar o brilho da luz. Eis porque certos fenômenos espontâneos ocorrem mais freqüentemente à noite do que de dia.

Ela possui esse homem; manda-o fazer o que ela quer; é ela quem o conduz ao cemitério para lhe mandar fazer um trabalho sobre-humano e fazê-lo sofrer; e no dia seguinte, quando se pergunta ao homem o que se passou, ele está todo estupefato e não se lembra senão de ter sonhado com sua mulher. O sonho era a realidade; ela tinha prometido retornar, e retornou; retornará e o arrastará.

Numa outra existência, houve um crime de empregado; aquele que tinha do que se vingar, deixou o primeiro se encarnar e escolheu uma existência que, pondo-se em relação com ele, lhe permitia realizar sua vingança. Perguntareis por que essa permissão? mas Deus não concede nada que não seja justo e lógico. Um quer se vingar é preciso que haja, como prova, a ocasião de superar seu desejo de vingança, e o outro deve sentir e pagar o que fez sofrer ao primeiro. O caso aqui é o mesmo; somente os fenômenos não estando terminados, não se estende por mais longo tempo: existirá outra coisa ainda.

BIBLIOGRAFIA.

A VENDA EM 6 DE JANEIRO DE 1868
A GÊNESE

OS MILAGRES E AS PREDIÇÕES SEGUNDO O ESPIRITISMO

Por Allan Kardec(1)

(1) Livraria internacional, 15, bulevar Montmartre em Paris.- Um grande volume in-12. Preço: 3 fr. 50, pelo correio 4 fr. As despesa de correio para esta obra, como para as outras, são as da França e Argélia; para o estrangeiro, as despesas variam segundo os países, a saber:

Bélgica, 65 c.- Itália, 75 c. - Inglaterra, Suíça, Espanha, Grécia, Constantinopla, Egito, 1 fr.- Prússia, Bavária, 1 fr. 20 c.- Holanda, 1 fr. 50 c. - Portugal, Estados Unidos, Canadá, Canárias, Guadalupe, Guiana, México, Maurício, China, Buenos Aires, Montevideo, 1 fr. 45 c.- Holanda, 1 fr. 50 c. - Ducado de Bade, 2 fr. 25 c. Peru, 2 fr. 60 c. - Áustria, 3 fr. 20 c.

ÍNDICE DAS MATÉRIAS

INTRODUÇÃO.

CAPÍTULO L. CARACTERES DA REVELAÇÃO ESPIRITA.

II. DEUS. - Existência de Deus. - Da natureza divina. - A Providência. - A visão de Deus.

III. O BEM E O MAL. - Fonte do bem e do mal. - A inteligência e o instinto. - Destruição dos seres vivos uns pelos outros.

IV. PAPEL DA CIÊNCIA NA GÊNESE.

V. SISTEMAS DOS MUNDOS ANTIGOS E MODERNOS.

VI. URANOGRAFIA GERAL. - O espaço e o tempo. - A matéria. - A leis e as forças. - A criação primeira. - A criação universal. - Os sóis e os planetas. - Os satélites. - Os cometas. - A via láctea. - As estrelas fixas. - Os desertos do espaço. - Sucessão eterna dos mundos. - A vida universal. - A ciência. - Considerações morais.

VII. ESBOÇO GEOLÓGICO DA TERRA. - Períodos geológicos. - Estado primitivo do globo. - Período primário. - Período de transição. - Período secundário. - Período terciário. - Período diluviano. - Período pós-diluviano ou atual. - Nascimento do homem.

VIII. TEORIAS DA TERRA. - Teoria da projeção (Buffon). - Teoria da condensação. - Teoria da incrustação.

IX. REVOLUÇÕES DO GLOBO. - Revoluções gerais ou parciais. - Dilúvio bíblico. - Revoluções periódicas. - Cataclismos futuros.

X. GÊNESE ORGÂNICA. - Primeira formação dos seres vivos. - Princípio vital. - Geração espontânea. - Escala dos seres corpóreos. - O homem.

XI. GÊNESE ESPIRITUAL. - Princípio espiritual. - União do princípio espiritual e da matéria. - Hipótese sobre a origem dos corpos humanos. - Encamação dos Espíritos. - Reencarnação. - Emigração e imigração dos Espíritos. - Raça adâmica. - Doutrina dos anjos decaídos.

XII. GÊNESE MOSAICA. - Os seis dias. - O paraíso perdido

OS MILAGRES.

XIII. CARACTERES DOS MILAGRES.

XIV. OS FLUIDOS. - Natureza e propriedade dos fluidos. - Explicação natural de alguns fatos reputados sobrenaturais.

XV. OS MILAGRES DO EVANGELHO. - Observações preliminares. - Sonhos. - Estrela dos Magos. - Dupla vista. - Curas. - Possuídos.

- Ressurreições. - Jesus caminha sobre a água. - Transfiguração. - Tempestade apaziguada. - Bodas de Cana. - Multiplicação dos pães.

- Tentação de Jesus. - Prodígios na morte de Jesus. - Aparição de Jesus depois de sua morte. - Desaparecimento do corpo de Jesus.

AS PREDIÇÕES.

XVI. TEORIA DA PRESCIÊNCIA.

XVII. PREDIÇÕES DO EVANGELHO. - Ninguém é profeta em seu país.

- Morte e paixão de Jesus. - Perseguição dos apóstolos. - Cidades impenitentes. - Ruína do Templo e de Jerusalém. - Maldições aos Fariseus. - Minhas palavras não passarão. - A pedra angular. - Parábola dos vinhateiros homicidas. - Um só rebanho e um só pastor.

- Advento de Elias. - Anúncio do Consolador. - Segundo advento do Cristo. - Sinais precursores. - Vossos filhos e vossas filhas profetizarão. - Julgamento final.

XVIII. OS TEMPOS SÃO CHEGADOS. - Sinais dos tempos. - A geração

ERRATA (já corrigido na versão arquivada com Eny)

Número de julho de 1867, página 196, 10ª linha: As pessoas mais *ilustres* compreendem... - Lede: *illettrés*.

Número de novembro de 1867, página 341,40ª linha: É pois o fluido que agita *sem* o impulso do Espírito...- Lede: *sob* o impulso.

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

11º ANO

NO. 2

FEVEREIRO 1868

EXTRATO DOS MANUSCRITOS DE UM JOVEM MÉDIUM BRETÃO OS ALUCINADOS, OS INSPIRADOS, OS FLUÍDICOS E OS SONÂMBULOS

Nossos leitores se lembram de ter lido, no correr de junho de 1867, a análise do *Roman de l'Avenir*, que o Sr. Bonnemère havia emprestado, aos manuscritos de um jovem médium bretão, que lhe havia entregue seus trabalhos.

Foi, ainda, na volumosa coletânea dos manuscritos que o autor encontrou essas páginas escritas na hora da inspiração, e que vem submeterá apreciação dos leitores da *Revista Espírita*. Vai sem dizer que deixamos ao médium, ou antes ao Espírito que o inspira, a responsabilidade das opiniões emitidas, nos reservando apreciá-las mais tarde. Do mesmo modo que *Roman de l'Avenir*, é um curioso espécime de mediunidade inconsciente.

I OS ALUCINADOS

Temos pouca coisa a dizer sobre a alucinação, estado provocado por uma causa moral que influi sobre o físico, e ao qual se mostram mais voluntariamente acessíveis as naturezas nervosas, sempre mais prontas a se impressionarem.

As mulheres sobretudo, por sua organização íntima, são levadas à exaltação, e a febre se apresenta mais freqüentemente nelas, acompanhada de delírio que toma as aparências de loucura momentânea.

A alucinação, é preciso reconhecê-lo, toca por um pequeno lado à loucura, assim como todas as super excitações cerebrais, e ao passo que o delírio se exala sobretudo em palavras incoerentes, ela representa mais particularmente a ação, a encenação. Mas, no entanto, é errado que, às vezes, sejam as confundidas juntas.

Presas de uma espécie de febre interior que não se traduz fora por nenhuma perturbação aparente dos órgãos, o alucinado vive no meio do mundo imaginário que cria, por um momento, sua imaginação perturbada; tudo está em desordem nele como ao seu redor; leva tudo ao extremo: a alegria por vezes, a tristeza quase sempre, e lágrimas rolam em seus olhos enquanto que seus lábios dissimulam um sorriso doentio.

Essas visões fantásticas existem para ele; ele as vê, as toca, delas está amedrontado. Mas, no entanto, conserva o exercício de sua vontade; conversa com seus interlocutores e lhes esconde o objeto de seus terrores ou de suas sombrias preocupações.

Conhecemos um deles que, durante mais ou menos seis meses, assistia todas as manhãs ao enterro de seu corpo, tendo plenamente consciência de que sua alma sobrevivia. Nada parecia mudado nos hábitos de sua vida, e, no entanto, esse pensamento incessante, essa visão, às vezes, o seguia mesmo em todos os lugares. A palavra morte ressoava incessantemente em seu ouvido. Quando o sol brilhava, dissipava

a noite ou atravessava a nuvem, a assustadora visão se apagava pouco a pouco e desaparecia no fim. À noite, ele dormia triste e desesperado, porque sabia que horrível despertar o esperava no dia seguinte.

Por vezes, quando o excesso do sofrimento físico impunha silêncio à sua vontade e lhe levantava essa força de dissimulação que conservava comumente, exclamava de repente: - Ah! hei-los!... eu os vejo!... E, então, descrevia ao seu redor os mais íntimos detalhes da lúgubre cerimônia, contava as cenas sinistras que se desenrolavam sob seus olhares, onde a ronda de personagens fantásticos desfilava diante dele.

O alucinado vos dirá as loucas percepções de seu cérebro doente, mas nada tem a vos repetir daquilo que os outros viriam revelar-lhe; porque, para ser inspirado, é preciso que a paz e a harmonia reine em vossa alma, e que estejais desligados de todo pensamento material ou mesquinho; algumas vezes a disposição doentia provoca a inspiração, é então como um socorro que os amigos que partiram primeiro vêm vos trazer para vos aliviar.

Esse louco, que ontem gozava da plenitude de sua razão, não apresenta desordens exteriores perceptíveis ao olhar do observador; são numerosos, no entanto, existem e são reais. O mal, freqüentemente, está na alma, lançado fora dela mesma pelo excesso do trabalho, da alegria, da dor; o homem físico não está mais em equilíbrio com o homem moral; o choque moral foi mais violento do que o podia suportar o físico: daí o cataclismo.

O alucinado sofre igualmente as conseqüências de uma perturbação grave em seu organismo nervoso. Mas o que raramente ocorre na loucura - nele essas desordem são intermitentes e tanto mais facilmente curáveis, quanto sua vida, de alguma sorte, é dupla, que pensa com a vida real e sonha com a vida fantástica.

Esta última, freqüentemente, é o despertar de sua alma doente, e escutando-o com inteligência, chega-se a descobrir a causa do mal que, freqüentemente, ele quer esconder. Entre o fluxo de palavras incoerentes que uma pessoa em delírio lança fora, e que parecem não se reportar em nada às causas prováveis de sua doença, nela se encontra uma que retornará sem cessar e como apesar dele, que queria reter, e que, no entanto, escapa. Aquela é a causa verdadeira que é preciso combater.

Mas o trabalho é longo e difícil, porque o alucinado é um hábil comediante, e, percebendo que é observado, seu espírito se lança em estranhos desvios e toma as aparências da loucura para escapar a essa pressão inoportuna que vos parece decidida a exercer sobre ele. É preciso, pois, estudá-lo com um tato extremo, sem contradizê-lo nunca, ou tentar retificar os erros de seu cérebro em delírio.

Estão aí as diversas fases de excitações cerebrais, ou antes, de excitações do ser inteiramente, porque não é preciso localizar a sede da inteligência. A alma humana, que a dá, plana por toda parte; é o sopro do alto que faz vibrar e agir toda a máquina. O alucinado pode, de boa fé, se acreditar inspirado, e profetizar, seja que tenha consciência daquilo que diz, seja que aqueles que o cercam possam sozinhos, com o seu desconhecimento, recolher suas palavras. Mas juntar fé às indicações de um alucinado seria se preparar estranhas decepções, e foi assim que, muito freqüentemente, se levou ao passivo da inspiração, os erros que não eram senão o fato da alucinação.

O físico é coisa material, sensível, exposta à luz, que cada um pode ver, admirar, criticar, cuidar ou tentar endireitar. Mas quem pode conhecer o homem moral? Quando nós mesmos ignoramos, como os outros nos julgariam? Se lhes entregarmos alguns de nossos pensamentos ocorre bem mais ainda que ocultaremos, aos seus olhares, e que gostaríamos de esconder de nós mesmos

Essa dissimulação é quase um crime social. Criada para o progresso, nossa alma, nosso coração, nossa inteligência são feitos para expandir sobre todos os irmãos da grande família, para lhes prodigalizar tudo o que está em nós, como para se enriquecer, aos mesmo tempo, de tudo o que podem nos comunicar.

A expansão recíproca é, pois, a grande lei humanitária, e a concentração, quer dizer, a dissimulação de nossas ações, de nossos pensamentos, de nossas aspirações é uma espécie de roubo que cometemos em prejuízo de todo o mundo. Que progresso se fará, se guardarmos em nós tudo o que a Natureza e a educação colocaram em nós, e se cada um agir do mesmo modo a nosso respeito?

Exilados voluntários e nos mantendo fora do comércio de nossos irmãos, nós nos concentramos em uma idéia fixa; a imaginação obsidiada procura a isto subtrair-se perseguindo todas as espécies de pensamentos sem continuidade, e pode-se chegar assim até a loucura, justo castigo que nos é infligido por não querer caminhar nas vias naturais.

Vivamos, pois, nos outros, e eles em nós, a fim de que todos nós não façamos senão um. As grandes alegrias, como as grandes dores, nos cansam quando não estão confiadas a um amigo. Toda solidão é má e condenada, e toda coisa contrária ao voto da Natureza conduz à sua conseqüência de inevitáveis, de imensas desordens interiores.

II OS INSPIRADOS

A inspiração é mais rara do que a alucinação, porque ela não se prende só ao estado físico, mas ainda e sobretudo à situação moral do indivíduo predisposto a recebê-la.

Todo homem não dispõe senão de uma certa parte de inteligência que lhe é dado desenvolver pelo seu trabalho. Chegado ao ponto culminante onde lhe é permitido atingir, se detém um momento, depois retorna ao estado primitivo, ao estado de criança, menos essa própria inteligência que, num cresce cada dia, e no velho diminui, se extingue e desaparece. Então, tendo tudo dado, e não podendo mais nada acrescentar à bagagem de seu século, ele parte, mas para ir continuar em outra parte sua obra interrompida neste mundo; ele parte, mas deixando o lugar rejuvenescido a um outro que, chegando à idade viril, terá a força de cumprir, a seu turno, uma missão maior e mais útil.

O que chamamos a morte não é senão o devotamento ao progresso e à Humanidade. Mas nada morre, tudo sobrevive e se reencontra pela transmissão do pensamento dos seres que partiram primeiro que têm ainda, pela parte mais etérea de si mesmos, a pátria deixada, mas não esquecida, que amam sempre, uma vez que é habitada pelos continuadores de sua vida, pelos herdeiros de suas idéias, aos quais se comprazem em insuflar por momentos as que não tiveram tempo de semear em torno deles, ou que não puderam ver progredir ao gosto de suas esperanças.

Não tendo mais órgãos ao serviço de sua inteligência, vêm pedir aos homens de boa vontade que apreciam, de lhes ceder, por um momento, o lugar. Sublimes benfeitores ocultos, impregnam seus irmãos da quintessência de seus pensamentos, a fim de que sua obra esboçada prossiga e termine passando pelo cérebro daqueles que podem lhe mandar fazer seu caminho no mundo.

Entre os amigos desaparecidos e nós, o amor continua, e o amor é a vida. Eles nos falam com a voz de nossa consciência posta em alerta. Purificados e melhores, não nos trazem senão coisas puras, libertos que são de toda parte material como de todas as mesquinhas de nossa pobre existência. Eles nos inspiram no sentimento que tinham neste mundo, mas nesse sentimento livre de toda mistura.

Resta-lhes ainda uma parte de si mesmos para dar: eles no-la trazem, e nos deixando crer que a obtivemos unicamente pelo nosso trabalho pessoal. Daí vêm essas revelações inesperadas que confundem a ciência. O espírito de Deus sopra onde quer... Desconhecidos fazem as grandes descobertas, e o mundo oficial das academias está lá para enterrar-lhes a passagem.

Não pretendemos dizer que, por ser inspirado, seja indispensável nos manter incessantemente nos caminhos estreitos do bem e da virtude; mas, no entanto, comumente são seres morais aos quais se vem, freqüentemente como compensações dos males que sofreram pelo fato dos outros, conceder manifestações que lhes permitem se vingarem à sua maneira, trazendo o tributo de alguns benefícios que os menosprezava os escárnios e as calúnias.

Encontram-se tantas categorias de inspirações, e de inspirados conseqüentemente, quanto existem faculdades no cérebro humano para assimilar conhecimentos diferentes.

A luta assusta os Espíritos depurados partidos para os mundos mais avançados, e desejam que sejam escutados com docilidade. Também os inspirados são geralmente seres puros, ingênuos e simples, sérios e refletidos, formados de abnegação e de devotamento, sem personalidade revelada, de impressões profundas e duráveis, acessíveis às influências exteriores, sem tomar partido sobre as coisas que ignoram, bastante inteligentes para assimilar os pensamentos de outrem, mas não bastante fortes moralmente para discuti-los.

Se o inspirado se prender às suas próprias convicções, ele toma, de boa fé, seu eco pela advertência das vozes que falam nele, e, de boa fé também, engana em lugar de esclarecer. A bondade preside às revelações, que jamais ocorrem senão com um objetivo útil e moral ao mesmo tempo.

Quando uma dessas organizações simpáticas e sofredoras, em conseqüência de uma decepção cruel, ou de um mal físico, um amigo se interessa por ela e vem, dando um outro alimento ao seu pensamento, trazer-lhe alívio por ela mesma, mas sobretudo por aqueles que lhe são caros.

Não é raro que o inspirado haja começado por ser um alucinado. É como um noviciado, uma preparação de seu cérebro para concentrar seu espírito e com poder de aceitar a coisa que lhe será dita.

Por que um inspirado não possa nada formular de concludente, em um certo momento, não é para dizer por isto que não o poderá fazerem outros. As manifestações permanecem livres, espontâneas; vêm quando são necessárias. Também os inspirados, mesmo os melhores, não o são em dia e hora fixos, e as sessões anunciadas antecipadamente, freqüentemente, preparam inevitáveis decepções.

Fazendo-se evocações muito freqüentes, corre-se o risco de não se chegar senão a um estado de superexcitação mais vizinho da alucinação do que da inspiração. Então, não são mais que os jogos de nossa imaginação em delírio, em lugar dessas luzes de um outro mundo destinadas a esclarecer os passos da Humanidade em seu caminho providencial.

Isto explica esses erros dos quais a incredulidade faz uma arma para negar, de maneira absoluta, a intervenção dos Espíritos superiores.

Os inspirados o são portados aqueles que, partidos antes da hora, têm alguma coisa a nos ensinar.

Pode ocorrer que a mulher mais simples, a menos instruída, tenha revelações médicas. Vimos uma delas que, sem mesmo saber ler e escrever, achava nela diferentes nomes de plantas que podiam curar. A credulidade popular a tinha quase forçado a explorar essa faculdade. Também não era sempre igualmente bem esclarecida, ainda que sondando a pessoa doente, se coloca em relação com ela: porque ela era também desses *fluídicos* dos quais falaremos dentro em pouco. Se bem que fraca e delicada, ela podia, por seu contato, restituir o equilíbrio àquele a quem faltava e pôr em circulação os princípios vitais parados sem disto se dar conta, ela fazia, freqüentemente, por um simples toque, sobre certas pessoas cujo fluido era idêntico ao seu, mais bem do que pelos remédios que prescrevia, algumas vezes pelo hábito somente, e com variantes insignificantes, qualquer que fosse o mal para o qual era consultada.

A Providência colocou junto de cada homem um remédio para cada doença. Somente existem tantas naturezas diferentes quanto indivíduos. Os remédios agem diferentemente também sobre cada organismo, o qual influi sobre os caracteres do mal; é o que faz que seja quase impossível ao médico prescrever o remédio eficaz. Ele conhece seus efeitos gerais, mas ignora absolutamente em que sentido agirá sobre tal sujeito que se lhe apresenta.

É aqui que se manifesta a superioridade dos fluídicos e dos sonâmbulos, uma vez que, quando se acham em certas condições de simpatia com aqueles que vêm consultá-los, os seres superiores os guiam com uma infalibilidade quase certa.

Freqüentemente essa inspiração é inconsciente em si mesma; freqüentemente um doutor, mas somente junto de certos doentes, encontra subitamente o remédio que pode curá-los. Não foi a ciência que o guiou, foi a inspiração. A ciência punha à sua disposição vários modos de tratamento, mas uma voz interior lhe gritava um nome; ele foi forçado a dizê-lo, e esse nome era o do remédio que deveria agir, com exclusão de qualquer outro.

O que dizemos da medicina existe com o mesmo título em todos os outros ramos de trabalho humano. A certas horas, o fogo da inspiração nos devora, é preciso ceder; e se pretendemos concentrar em nós mesmos o que deve sair, um verdadeiro sofrimento se torna o castigo de nossa revolta.

Todos aqueles a quem Deus concedeu o dom sublime da criação, os poetas, os sábios, os artistas, os inventores, todos têm dessas iluminações inesperadas, às vezes numa ordem de fatos bem diferentes de seus estudos comuns, se se pretendesse violentar a sua vocação. Mas os Espíritos sabem o que devemos e o que podemos fazer, eles vêm incessantemente despertarem nós as nossas atrações abafadas.

Sabe-se como Molière explicava essas desigualdades que desenfeitam as mais belas peças de Corneille: "Esse diabo de homem, dizia, tem um gênio familiar que vem, por momentos, lhe soprarão ouvido as coisas sublimes; depois, de repente, ele planta ali, dizendo-lhe: "Saia daí como puderes!" e então não fez mais nada que valha." Molière estava na verdade. O orgulhoso gênio de Corneille não tinha adócil passividade necessária para sofrer sempre a inspiração do alto. Os Espíritos o abandonaram, e então ele adormeceu, como o próprio Homeroofazia algumas vezes.

Assim o é, -Sócrates e Jeanne d'Arc eram daqueles, -quem ouve vozes interiores que falam neles. Outros não ouvem nada, mas são constrangidos a obedecer a uma força vitoriosa que os domina.

Outras vezes, um nome vem ferir o ouvido do inspirado; é o de um amigo, de um indivíduo que nem mesmo conhecia, do qual apenas ouviu falar. A personalidade desse amigo desconhecido o penetra, se introduz nele; pensamentos estranhos vêm substituir pouco a pouco aos seus. Tem por um momento o espírito daquele; obedece, escreve, com o seu desconhecimento, apesar de si, se o faz, coisas que não sabe e como se essa obediência passiva ao qual está condenado lhe era amarga para suportar no estado de vigília, foram essas coisas escritas sob uma inspiração opressiva, e não quer lê-las.

Esses pensamentos podem estarem desacordo formal com suas crenças, com seus sentimentos, ou antes com aqueles que a educação impôs, porque, para que certos Espíritos venham a ele, é preciso que existam algumas relações entre eles. Dão-lhe o pensamento deixando-lhe o cuidado de encontrar a forma; é preciso, pois, que saibam que sua inteligência pode compreendê-los, e assimilar momentaneamente suas idéias, para as traduzir.

É que é raro que as circunstâncias nos tenham permitido de nos desenvolver no sentido de nossas aptidões inatas. Os Espíritos mais avançados sabem que corda é preciso tocar para que ela entre em vibração. Tinha permanecido muda, porque se lhe havia atacado as outras em negligenciando aquela. Por um momento, ele lhe restitui a vida. É um germe por longo tempo abafado que eles fecundam. Depois o inspirado

retorna ao seu estado habitual, não se lembra mais, porque vive uma existência dupla, da qual cada uma é absolutamente independente da outra.

Ocorre, no entanto, também que ele conserva com uma maior facilidade de compreensão, e conquista um maior grau de desenvolvimento intelectual. É a recompensa do esforço que fez para dar uma forma compreensível aos pensamentos que outros vieram lhe revelar.

Não cremos que todo inspirado possa tudo conhecer. Cada um, segundo suas predisposições naturais, mas permanecidas freqüentemente desconhecidas a si mesmo como aos outros, é inspirado por tal ou tal coisa, mas não o é igualmente por todas. Existem, com efeito, naturezas de tal modo antipáticas a certos conhecimentos, que os Espíritos não virão jamais bater numa porta que sabem não poder abrir.

O futuro não é conhecido dos inspirados senão em uma certa medida. Também não é verdadeiro dizer que um inspirado predisse em que mundo tal pessoa irá depois de sua morte, e que julgamento Deus pronunciará sobre ela. Isto é um jogo da imaginação alucinada. O homem, tão alto que tenha subido na escala dos mundos, não conhece qual será o destino de seu irmão. É a parte reservada a Deus: jamais a criatura poderá intrometer-se em seus direitos.

Sim, há manifestações, mas não são continuadas, e nossa impaciência, a seu respeito, freqüentemente, é culpada.

Sim, tudo se mantém, e nada se rompe no imenso Universo. Sim, existe entre esta existência e as outras um laço simpático e indissolúvel que liga e une uns aos outros todos os membros da família humana, e que permite aos melhores virem nos dar o conhecimento daquilo que não sabemos. É por esse labor que se realiza o progresso. Que se chame trabalho da inteligência ou inspiração, é a mesma coisa. A inspiração é o progresso superior, é o fundo: o trabalho pessoal lhe dá a forma, acrescentando-lhe ainda a quintessência dos conhecimentos anteriormente adquiridos.

Nem uma única invenção nos pertence propriamente, porque outros lançaram, antes de nós, a semente que recolhemos. Apliquemo-nos à obra que queremos prosseguir, as forças e o trabalho da Natureza que está para todos, e sem a ajuda da qual nada se faz, depois as forças e o trabalho acumulados pelos outros que nos prepararam os meios de triunfar.

A bem dizer, tudo é obra comum e coletiva, para confirmar ainda esse grande princípio de solidariedade e de associação que á a base das sociedades e inteiramente a lei da criação.

O trabalho do homem jamais se tornará inútil pela inspiração. O Espírito que vem trazê-lo respeitá-la sempre essa parte reservada ao indivíduo; respeitá-la-á como uma coisa nobre e santa, uma vez que o trabalho coloca o homem na posse das faculdades que Deus depositou em germe em sua alma, a fim de que o objetivo de sua vida fosse de fecundá-las. Foi pelo seu desenvolvimento que aprendeu a bem se conhecer, e que mereceu se aproximar dele.

A inspiração vem indiferentemente de dia, de noite, na vigília ou durante o sono. Ela só exige o recolhimento. Necessita encontrar naturezas que possam se abstrair de toda preocupação do mundo real, para dar o lugar livre e vago ao ser que virá envolvê-lo inteiramente e lhe infundir seus pensamentos.

Nas horas da inspiração, o homem se torna muito mais acessível a todos os ruídos exteriores, e tudo o que vem do mundo real o perturba. Ele não é mais deste mundo, está num meio transitório entre este e o outro, uma vez que, de alguma sorte, está embebido da personalidade moral e intelectual de um ser subido em uma outra esfera, e que, no entanto, seu corpo se prende a este.

Se bem que ela se dirija a todos, a inspiração descerá, mais geralmente, sobre as naturezas doentias ou gastas por uma sucessão de sofrimentos, materiais ou morais.

Uma vez que ela é um benefício, não é justo que aqueles que sofrem estejam mais facilmente aptos a recebê-la?

A alucinação é um estado doentio que o magnetismo pode modificar de um modo salutar. A inspiração é uma assimilação moral que é preciso se guardar de provocar por passes magnéticos. O alucinado se entrega voluntariamente aos arrebatamentos, a contorções ridículas. O inspirado é calmo.

Os inspirados são melancólicos. Têm necessidade de ser refletidos; para ser jovial, não é preciso refletir muito; é preciso gozar, em sua saúde, de um equilíbrio que os inspirados nem sempre possuem. Mas não vamos crer que sejam difíceis e fantásticos. Ao contrário, eles se mostram dóceis e fáceis com aqueles que amam.

Há inspirados de vários graus. Uns vêm vos dizer coisas palpáveis, fatos de segunda vista, para que se possa constatar a realidade da iniciação. Os outros, mais clarividentes e pouco cuidadosos dos procedimentos materiais dos quais não são chamados a divulgar os segredos, repetem, como lhes vêm, os pensamentos trazidos por Espíritos de progresso. Os primeiros curam o corpo, os segundos são os médicos da alma.

A missão dos mais modestos se limita a revelar como essas coisas lhes vêm. É um fato constatado que forças avançadas de muitos graus sobre nós, vêm nos dominar e nos inspirar. Para que repeti-lo? Crera quem quiser. Mas as constatações estando bem estabelecidas, não é preciso tomar do inspirado senão o lado útil e sério. Pouco importa, se as idéias são boas, de que fontes elas vêm.

EUG. BONNEMÈRE.

OS VOTOS DE FELIZ ANO NOVO DE UM ESPÍRITA DE LEIPZIG

Um Espírita de Leipzig fez imprimir, em língua alemã, a correspondência seguinte da qual nos fazemos um prazer dar a tradução.

MEUS DESEJOS A TODO S OS ESPIRITAS E ESPIRITUALISTAS DE LEIPZIG, PELO ANO NOVO

A vós também, que vos chamais materialistas, porque não quereis conhecer senão a matéria, serei tentado de vos enviar meus desejos de felicidade, mas temo que não considerareis isto como um atrevimento de um estrangeiro que não tem o direito de contar-se entre vós.

Ocorre de outro modo com Espiritualistas, que estão sobre o mesmo terreno que os Espíritas no que toca à convicção da imortalidade da alma, de sua individualidade e de seu estado feliz ou infeliz depois da morte. Os Espiritualistas e os Espíritas reconhecem em cada homem uma alma irmã da sua, e por isso me dão o direito de lhes enviar meus votos. Uns e outros agradecem o Senhor pelo ano que vem de se escoar, e esperam que, sustentados por sua graça, terão a coragem de suportar as provas dos dias infelizes, à força de trabalhar em seu aperfeiçoamento, domando suas paixões.

A vós, caros Espíritas, irmãos e irmãs conhecidos e desconhecidos, eu vos desejo particularmente um ano feliz, porque recebestes de Deus, para vossa peregrinação terrestre, um grande apoio no Espiritismo. A religião veio trazer a todos a fé e bem felizes aqueles que a conservaram. Infelizmente, ela está extinta num grande número; é porque Deus envia uma nova arma para combater a incredulidade, o orgulho e o egoísmo que tomam proporções cada vez maiores. Esta arma nova é a comunicação com os Espíritos; por ela temos a fé, porque nos dá a certeza da vida da alma, e nos permite lançar um golpe de vista na outra vida; reconhecemos assim a vaidade da felicidade terrestre, e

temos a solução das dificuldades que nos fazem duvidar de tudo, mesmo da existência de Deus.

Jesus disse a seus discípulos: "Teria ainda muitas coisas a vos dizer, mas não poderíeis ainda suportá-las." Hoje, tendo a Humanidade progredido, pode compreendê-las; foi porque Deus nos deu a ciência do Espiritismo, e a prova de que a Humanidade está madura para esta ciência, é que esta ciência existe. É inútil negar e zombar, como outrora foi inútil negar e zombar dos fatos adiantados por Copérnico e Galileu. Então esses fatos eram tão pouco reconhecidos quanto o são agora os do mundo dos Espíritos. Como outrora, os primeiros opositores são os sábios, até o dia em que, vendo-se isolados, reconhecerão humildemente que as novas descobertas, como o vapor, a eletricidade e o magnetismo, que outrora eram desconhecidos, não são a última palavra das leis da Natureza. Eles serão responsáveis, diante das gerações futuras, por não terem acolhido a ciência nova como a irmã das outras, e de tê-la repellido como uma loucura.

É verdade que ela não ensina nada de novo proclamando a vida da alma, uma vez que o Cristo disto falou; mas o Espiritismo levanta todas as dúvidas e lança uma nova luz sobre esta questão. Guardemo-nos, no entanto, de considerar como inúteis os ensinamentos do cristianismo e de crê-los substituídos pelo Espiritismo; fortaleçamo-nos, ao contrário, na fonte das verdades cristãs, para as quais o Espiritismo não é senão uma nova bandeira, a fim de que nossa inteligência e nosso orgulho não nos desviem. O Espiritismo nos ensina, antes de qualquer coisa, que: "Sem o amor e a caridade, não há felicidade", quer dizer que é preciso amar seu próximo como a si mesmo; apoiando-se sobre esta verdade cristã, abre o caminho para o cumprimento desta palavra do Cristo: "Um só rebanho e um só pastor."

Assim, pois, caros irmãos e irmãs espíritas, permiti-me que aos meus votos para o ano novo eu acrescente ainda este pedido: que não medireis jamais o poder de se comunicar com o mundo espiritual. Não nos esqueçamos de que, segundo a lei sobre a qual repousam nossas relações com os Espíritos, os maus não são excluídos das comunicações. Se é difícil constatar a identidade de um Espírito que não conhecemos, é fácil distinguir os bons dos maus. Estes podem se esconder sob a máscara da hipocrisia, mas um bom Espírito os reconhece sempre; é porque não é preciso se ocupar dessas coisas levemente, porque pode-se tornar-se o juguete de Espíritos maus, embora inteligentes, como são encontrados, às vezes, no mundo dos encarnados. Se compararmos nossas comunicações com aquelas que são obtidas nas reuniões de Espíritas fervorosos e sinceros, saberemos logo reconhecer se estamos no bom caminho. Os Espíritos elevados se fazem reconhecer pela sua linguagem, que é por toda parte a mesma, sempre de acordo com o Evangelho e a razão humana.

O meio de se preservar dos maus Espíritos é, primeiro, fazer uma prece sincera a Deus; segundo, não empregar jamais o Espiritismo para as coisas materiais. Os maus Espíritos estão sempre prontos a satisfazer a todos os pedidos, e se, às vezes, dizem coisas justas, o mais freqüentemente, enganam com intenção ou por ignorância, porque os Espíritos inferiores não sabem mais do que durante sua existência terrestre. Os bons Espíritos nos ajudam, ao contrário, em nossos esforços para nos melhorar, e nos fazem conhecer a vida espiritual, a fim de que possamos assimilá-la à nossa. Tal é objetivo para o qual devem tender todos os Espíritas sinceros.

Adolf, conde PONINSKI.

Leipzig, 1º de janeiro de 1868.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS.

OS MESSIAS DO ESPIRITISMO

1.- Foi-vos dito que um dia todas as religiões se confundirão numa mesma crença; ora, eis como isto ocorrerá. Deus dará um corpo a alguns Espíritos superiores, e eles pregarão o Evangelho puro. Um novo Cristo virá; ele porá fim a todos os abusos que duram há muito tempo, e reunirá os homens sob uma mesma bandeira.

Ele nasceu, o novo Messias, e restabelecerá o Evangelho de Jesus Cristo. Glória ao seu poder!

Não é permitido revelar o lugar onde ele nasceu; e se alguém vier vos dizer: "Ele está em tal lugar", não o creiai, porque ninguém o saberá antes que seja capaz de se revelar, e, daqui até lá, é preciso que grandes coisas se cumpram para aplainar os caminhos.

Se Deus vos deixar viver bastante tempo, vereis pregar o verdadeiro Evangelho de Jesus Cristo pelo novo Missionário de Deus, e uma grande mudança será feita pelas pregações desse Filho bendito; à sua palavra poderosa, os homens, de diferentes crenças, dar-se-ão as mãos.

Glória a esse divino enviado, que vai restabelecer as leis mal compreendidas e mal praticadas do Cristo! Glória ao Espiritismo que o precede e que vem esclarecer todas estas coisas!

Crede-me, meus irmãos, que não há senão vós que recebeis semelhantes comunicações; mas tende esta em segredo até nova ordem. (São José; Sétif (Argélia), 1861.)

Nota. Esta revelação foi uma das primeiras deste gênero que nos foram transmitidas; mas outras a tinham já precedido. Depois, foram dadas espontaneamente um grande número de comunicações sobre o mesmo assunto, em diferentes centros espíritas da França e do Estrangeiro, que todas concordam pelo fundo do pensamento; e como por toda parte compreendeu-se a necessidade de não divulgá-las, e que nenhuma foi publicada, elas puderam ser o reflexo uma das outras. É um dos mais notáveis exemplos da simultaneidade e da concordância dos ensinamentos dos Espíritos quando o tempo de uma questão é chegado (1). (1) As comunicações deste gênero são inumeráveis; delas não relatamos aqui senão algumas, e se as publicamos hoje, é que chegou o momento de levar o fato ao conhecimento de todos, e que é útil, para os espíritas, saber em que sentido se pronuncia a maioria dos Espíritos.

2.- Incontestavelmente, está reconhecido que vossa época é uma época de transição e de fermentação geral; mas ela ainda não chegou a esse grau de maturidade que marca a vida das nações. É ao vigésimo século que está reservado o retoque da Humanidade; todas as coisas que vão aqui se cumprir não são senão as preliminares da grande renovação. O homem chamado a completá-la, ainda não está amadurecido para cumprir sua missão; mas eleja nasceu, e sua estrela apareceu na França marcada com uma auréola, e vos foi mostrado na África há pouco tempo. Seu caminho está marcado antecipadamente. A corrupção dos costumes, as infelicidades que serão a consequência do desencadeamento das paixões, o declínio da fé religiosa, serão os sinais precursores de seu advento.

A corrupção, no seio das religiões, é o sintoma de sua decadência, como ela é o da decadência dos povos e dos regimes políticos, porque é o indício de uma falta de fé verdadeira; os homens corrompidos arrastam a Humanidade a um pendor funesto, de onde ela não pode sair senão por uma crise violenta. Ocorre o mesmo com as religiões que substituem, ao culto da Divindade, o culto do dinheiro e das honras, e que se mostrem mais ávidos de bens materiais da Terra do que de bens espirituais do céu.

(FÉNELON; Constantinopla, dezembro de 1861.)

3.- Quando uma transformação da Humanidade deve se operar, Deus envia em missão um Espírito capaz, por seus pensamentos e por uma inteligência superior, de

dominar seus contemporâneos, e de imprimir, às gerações futuras, as idéias necessárias para uma revolução moral civilizadora.

De tempos em tempos, assim, vêem-se elevar-se, acima do comum dos homens, seres que, como faróis, os guiam no caminho do progresso, e lhes fazem transpor, em alguns anos, as etapas de vários séculos. O papel de alguns está limitado a um país ou a uma raça; são como oficiais conduzindo cada um sob sua ordem, uma divisão do exército; mas há outros cuja missão é agir sobre a Humanidade inteira, e que não aparecem senão nas épocas mais raras que marcam a era das transformações gerais.

Jesus Cristo foi um desses enviados excepcionais; do mesmo modo tereis para os tempos chegados, um Espírito superior que dirigirá o movimento do conjunto, e dará uma coesão poderosa às forças esparsas do Espiritismo.

Deus sabe a propósito modificar nossas leis e nossos hábitos, e quando um fato novo se apresente, esperai e orai, porque o Eterno não faz nada que não seja segundo as leis de divina justiça que regem o universo.

Para vós que tendes a fé, e que consagrastes a vossa vida à propaganda da idéia regeneradora, isso deve ser simples e justo; mas só Deus conhece o que é prometido; limito-me a vos dizer: Esperai e orai, porque o tempo é chegado, e o novo Messias não faltará: Deus saberá designá-lo a seu tempo; aliás, será por suas obras que ele se afirmará.

Podeis esperar muitas coisas, vós que vedes tantas estranhas com relação às idéias admitidas pela civilização moderna. (BALUZE; Paris, 1862.)

4- Eis uma pergunta que se repete por toda parte: O Messias anunciado é a mesma pessoa do Cristo?

Junto de Deus estão os Espíritos numerosos chegados ao cume da escala dos Espíritos puros, que mereceram ser iniciados em seus desígnios, para dirigir-lhes a execução. Deus escolhe entre eles seus enviados superiores encarregados das missões especiais. Podeis chamá-los *Cristos*: é a mesma escola; são as mesmas idéias modificadas segundo os tempos.

Não vos admireis, pois, de todas as comunicações que vos anunciam a vinda de um Espírito poderoso sob o nome do Cristo; é o pensamento de Deus revelado a uma certa época, e que é transmitido pelo grupo dos Espíritos superiores que se aproximam de Deus, e que dele recebe as emanções para presidir ao futuro dos mundos gravitando no espaço.

Aquele que morreu sobre a cruz tinha uma missão a cumprir, e essa missão se renova hoje por outros Espíritos desse grupo divino, que vêm, eu o repito, presidir aos destinos de vosso mundo.

Se o Messias, do qual falam essas comunicações, não for a personalidade de Jesus, é o mesmo pensamento. É aquele que Jesus anunciou quando disse: "Eu vos enviarei o *Espírito de Verdade* que deverá restabelecer todas as coisas", quer dizer, conduzir os homens à sadia interpretação de seus ensinamentos, porque ele previa que os homens se desviariam do caminho que lhes havia traçado.

Era preciso, aliás, completar o que não havia podido dizer então, porque não teria sido compreendido. Foi porque uma multidão de Espíritos de todas as ordens, sob a direção do Espírito de Verdade, veio em todas as partes do mundo e em todos os povos, revelar as leis do mundo espiritual, das quais Jesus havia adiado o ensinamento, e lançar, pelo Espiritismo, os fundamentos da nova ordem social. Quando todas as bases lhe forem postas, então virá o Messias que deverá coroar o edifício e presidir à reorganização com a ajuda dos elementos que terão sido preparados. Mas não creiais que esse Messias esteja só; haverá vários deles que abraçarão, pela posição que cada um ocupará no mundo, as grandes partes da ordem social: a política, a religião, a legislação, a fim de fazê-las concordar com o mesmo objetivo.

Além dos Messias principais, Espíritos de elite surgirão em todas as partes do detalhe, e que, como lugares-tenentes animados da mesma fé e do mesmo desejo, agirão de comum acordo sob o impulso do pensamento superior.

Será assim que, pouco a pouco, se restabelecerá a harmonia do conjunto; mas é necessário, preliminarmente, que certos acontecimentos se realizem.

(LACORDAIRE; Paris, 1862.)

OS ESPÍRITOS MARCADOS

5.- Há muitos Espíritos superiores que concorrem poderosamente à obra regeneradora, mas nem todos são messias. É preciso distinguir:

1° Os Espíritos superiores que agem livremente, e de sua própria vontade;

2° Os Espíritos *marcados*, quer dizer, designados para uma missão importante. Eles têm a irradiação luminosa que é o sinal característico de sua superioridade. São escolhidos entre os Espíritos capazes de cumpri-la; no entanto, como têm seu livre-arbítrio, podem falhar por falta de coragem, de perseverança e de fé, e não estão ao abrigo dos acidentes que podem abreviar seus dias. Mas como os desígnios de Deus não estão a mercê de um homem, o que um não faz, um outro é chamado a fazê-lo. É porque há muitos chamados e poucos escolhidos. Feliz aquele que cumpriu sua missão segundo os objetivos de Deus e sem desfalecimento!

3° Os *Messias*, seres superiores chegados ao mais alto grau da hierarquia celeste, depois de terem chegado a uma perfeição que os torna, doravante, infalíveis e acima das fraquezas humanas, mesmo na encarnação. Admitidos no conselho do Mais Alto recebem diretamente sua palavra, que estão encarregados de transmitir e de fazer cumprir. Verdadeiros representantes da Divindade, da qual têm o pensamento, é entre eles que Deus escolhe seus enviados especiais, ou *seus Messias para* as grandes missões gerais, cujos detalhes de execução são confiados a outros Espíritos, encarnados ou desencarnados, agindo por suas ordens e sob sua inspiração.

Os Espíritos destas três categorias devem concorrer ao grande movimento regenerador que se opera. (Êxtase sonambúlico; Paris 1866.)

6.- Venho, meus amigos confirmar a esperança dos altos destinos que esperam o Espiritismo. Esse glorioso futuro que vos anunciamos será realizado pela vinda de um Espírito superior que resumirá, na essência de sua perfeição, todas as doutrinas antigas e novas e que, pela autoridade de sua palavra, unirá os homens às crenças novas. Semelhante ao sol levante, dissipará todos os obstáculos amontoados sobre a eterna verdade pelo fanatismo e a inobservância dos preceitos do Cristo.

A estrela da nova crença, o futuro Messias, cresce na sombra; mas já seus inimigos tremem, e as virtudes dos céus são abaladas.

Perguntais se esse novo Messias é a própria pessoa de Jesus de Nazaré? Que vos importa, se é o mesmo pensamento que anima a ambos! São as imperfeições que dividem os Espíritos; mas quando as perfeições são iguais, nada os distingue; formam unidades coletivas sem perderem sua individualidade.

O começo de todas as coisas é obscuro e vulgar; o que é pequeno cresce; nossas manifestações, acolhidas de início com desdém, violência ou indiferença banal da curiosidade ociosa, espalharão as ondas de luz sobre os cegos e os regenerarão.

Todos os grandes acontecimento tiveram seus profetas, alternativamente incensados e menosprezados. Assim como Moisés conduziu os Hebreus, nós vos conduziremos para a terra prometida da inteligência.

Semelhança chocante! os mesmos fenômenos se reproduzem, não mais no sentido material destinado a impressionar homens crianças, mas em sua acepção espiritual. As crianças se tornaram adultos; o objetivo crescendo, os exemplos não se dirigem mais aos olhos; a vara de Aarão está quebrada, e a única transformação que operamos é a de vossos corações tomados atentos ao grito de amor que, do céu, repercute na Terra.

Espíritas! compreendei a seriedade de vossa missão; tremei de alegria, porque a hora não está longe em que o divino enviado alegrará o mundo. Espíritas laboriosos, sede benditos em vossos esforços, e sede perdoados em vossos erros. A ignorância e a perturbação vos esconde ainda uma parte da verdade que só o celeste Mensageiro pode revelar inteiramente. (São Luís; Paris, 1862.)

7.- A vinda do Cristo restabeleceu vossa Terra aos sentimentos que, por um instante, a submeteram à vontade de Deus; mas os homens, cegados por suas paixões, não puderam guardar em seu coração o amor ao próximo, o amor ao Senhor do céu. O enviado do Todo-Poderoso abriu à Humanidade o caminho que conduz à morada bem-aventurada; mas a Humanidade recuou do passo imenso que o Cristo a tinha feito dar; ela caiu no trilho do egoísmo, e o orgulho fê-la esquecer seu Criador.

Deus permite que, uma vez ainda, sua palavra seja pregada na Terra e tereis a glorificá-lo daquilo que consentiu vos chamar, os primeiros, a crerem o que mais tarde seria ensinado. Regozijai-vos, porque os tempos estão próximos em que essa palavra se fará ouvir. Melhorai-vos, aproveitando os ensinamentos que ele nos permite vos dar.

Que a árvore da fé, que toma neste momento raízes tão vivazes, traga seus frutos; que esses frutos amadureçam como amadurecerá a fé que anima hoje alguns dentre vós!

Sim, meus filhos, o povo caminhará mais depressa na nova mensagem anunciada pelo próprio Cristo, e todos virão escutar essa divina palavra, porque nela reconhecerão a linguagem da verdade e o caminho da salvação. Deus que nos permitiu esclarecer, sustentar vossa caminhada até esse dia, nos permitirá ainda vos dar as instruções que vos são necessárias.

Mas vós também que, os primeiros, fostes favorecidos pela crença, tendes vossa missão a cumprir; tendes que trazer aqueles, dentre vós, que duvidam ainda dessas manifestações que Deus permite; tereis que fazer luzir, aos seus olhos, os benefícios que tanto vos tem consolado; porque, em vossos dias de tristeza e de abatimento, vossa crença não vos sustentou; não fez nascer em vosso coração essa esperança que, sem ela, teríeis ficado no desencorajamento?

Será aí que será preciso partilhar com aqueles que não crêem ainda, não por uma precipitação intempestiva, mas com prudência e sem chocar de frente os preconceitos há muito tempo enraizados. Não se arranca uma velha árvore com um só golpe; como um talo de erva, mas pouco a pouco.

Semeai, desde o presente, o que mais tarde quereis colher; semeai o grão que virá frutificar no terreno que preparaste e do qual vós mesmo recolhereis os frutos, porque Deus vos terá em conta do que tiverdes feito por vossos irmãos.

(LAMENNAIS; lê Havre, 1862.)

FUTURO DO ESPIRITISMO

8.- Depois de suas primeiras etapas, o Espiritismo, acostumando-se aos perigos, livrando-se cada vez mais das obscuridades que lhes serviram de cueiros, fará logo seu aparecimento no grande palco do mundo.

Os acontecimentos caminham com uma rapidez tal, que não se pode menosprezar a poderosa intervenção dos Espíritos que presidem aos destinos da Terra. Há como um estremecimento nos flancos de vosso globo em trabalho de parto; novas raças saídas das altas esferas vêm turbilhonar ao vosso redor, esperando a hora de sua encarnação messiânica, e ali se prepara pelo estudo de vastas questões que comovem hoje a Terra.

Vêm-se, de todos os lados, sinais de decrepitude nos usos e nas legislações que não estão mais em relação com as idéias modernas. As velhas crenças, adormecidas há séculos, parecem despertar de seu torpor secular, e se admiram de se ver em luta com as novas crenças emanadas dos filósofos e dos pensadores deste século e do século passado. O sistema degenerado de um mundo que não era senão um simulacro se desmorona diante da aurora do mundo real, do mundo novo. A lei de solidariedade da família passou aos habitantes dos Estados para conquistar em seguida a Terra inteira; mas essa lei tão sábia, tão progressista, essa lei divina, em um palavra, não se limita a esse resultado único; enfiltrando-se nos corações de grandes homens, ensinou-lhes que, não só era necessária ao grande melhoramento de vossa morada, mas que se estendia a todos os mundos de vosso sistema solar, para se estender dali a todos os mundos da imensidade!

Ela é bela, essa lei da solidariedade universal, porque nessa lei se encontra esta sublime máxima: Todos por um e cada um por todos.

Eis, meus filhos, a verdadeira lei do Espiritismo, a verdadeira conquista de um futuro próximo. Caminhai, pois, em vosso caminho imperturbavelmente, sem vos preocupar com as zombarias de uns e amor-próprio ferido de outros. Estamos e ficaremos convosco, sob a égide do Espírito de Verdade, meu senhor e o vosso. (ERASTO; Paris, 1863.)

9.- O Espiritismo estende, cada dia, o círculo de seu ensino moralizador. Sua grande voz ressoou de um extremo da Terra ao outro. A sociedade com ele se emocionou, e de seu seio partiram os adeptos e os adversários.

Adeptos fervorosos, adversários hábeis, mas cuja própria habilidade e reputação serviram à causa que queriam combater, chamando sobre a nova doutrina o olhar das massas, e dando-lhes o desejo de conhecer os ensinamentos regeneradores que seus adeptos preconizam, e que os fazem zombar e cair no ridículo.

Contemplai o trabalho realizado e alegrai-vos do resultado! Mas que efervescência indizível se produzirá nos povos, quando os nomes de seus escritores mais queridos virão se juntar aos nomes mais obscuros, ou menos conhecidos, daqueles que seguem de perto em torno da bandeira da verdade!

Vede o que produziram os trabalhos de alguns grupos isolados, para a maioria entravados pela intriga e a má vontade, e julgai da revolução que se operará quando todos os membros da grande família Espírita se estenderem as mãos, e declararão, cabeça alta e o coração confiante, a sinceridade de sua fé e de sua crença na realidade do ensino dos Espíritos.

As massas amam o progresso, procuram-no, mas o temem. O desconhecido inspira um secreto terror às crianças ignorantes de uma sociedade embalada em preconceitos, que tenta seus primeiros passos no caminho da realidade e do progresso moral. As grandes palavras de liberdade, de progresso, de amor, de caridade, tocam o povo sem comovê-lo; freqüentemente, prefere seu estado presente e medíocre a um futuro melhor, mas desconhecido.

A razão desse terror do futuro está na ignorância do sentimento moral num grande número, e do sentimento inteligente nos outros. Mas não é verdade, como disseram vários filósofos célebres, que uma concepção falsa da origem das coisas fez errar, como eu mesmo disse, - por que envergonhar-me de dizê-lo; não pude me enganar? - não é verdadeiro, digo eu, que a Humanidade seja má por essência; não, aperfeiçoando sua inteligência, ela não dará um vôo mais longo às suas qualidades más. Afastai de vós esses pensamentos desesperadores que repousam sobre um falso conhecimento do espírito humano.

A Humanidade não é má por natureza; mas é ignorante, e, por isto mesmo, mais apta a se deixar governar por suas paixões. Ela é progressiva e deve progredir para alcançar seus destinos; esclarecei-a; mostrai-lhe seus inimigos escondidos na sombra; desenvolvi sua essência moral, que é inata nela, e somente adormecida sob a influência

dos maus instintos, e reanimareis a centelha da eterna verdade, da eterna presciência do infinito, do belo e do bom que reside para sempre no coração do homem, mesmo o mais perverso.

Filhos de uma doutrina nova, reuni vossas forças; que o sopro divino e o socorro dos bons Espíritos vos sustentem, e fareis grandes coisas. Tereis a glória de ter colocado as bases dos princípios imperecíveis, dos quais vossos descendentes recolherão os frutos. (MONTAIGNE; Paris, 1865.)

AS ESTRELAS CAIRÃO DO CÉU.

10.- Oh! quanto a luz do Senhor é bela! que brilho prodigioso seus raios derramam! Santo Sião! bem-aventurados aqueles que estão sentados à sombra de teus tabernáculos! Oh! que harmonia é comparável às esferas do Senhor! Beleza incompreensível para olhos mortais, incapazes de perceberem tudo que não pertence ao domínio dos sentidos!

A aurora esplêndida de um dia novo, o Espiritismo vem esclarecer os homens. Já seus clarões mais fortes aparecem no horizonte; já os Espíritos das trevas, vendo que seu império vai desmoronar estão presos de raivas inúteis, e lançam seu último vigor nas conspirações infernais. Já o anjo radioso do progresso estende suas brancas asas matizadas; já as virtudes dos céus se abalam, e as estrelas caem de sua abóbada, mas transformadas em puros Espíritos, que vêm, como anunciam as Escrituras em linguagem figurada, proclamar sobre as ruínas do velho mundo o advento do Filho do homem.

Bem-aventurados aqueles cujo coração está preparado para receber a semente divina que os Espíritos do Senhor lançam a todos os ventos do céu! Bem-aventurados aqueles que cultivam, no santuário de sua alma, as virtudes que o Cristo veio lhes ensinar, e que lhes ensina ainda pela voz dos médiuns, quer dizer, dos instrumentos que repetem as palavras dos Espíritos! Bem-aventurados os justos, porque o reino dos céus lhes pertencerá!

Ó meus amigos! continuai a caminhar no caminho que vos está traçado; não sede obstáculo à verdade que quer clarear o mundo; não, sede propagadores zelosos e infatigáveis como os primeiros apóstolos, que não tinham teto para abrigar suas cabeças, mas que caminhavam à conquista que Jesus havia começado; que caminhavam sem pensamento dissimulado, sem hesitação; que sacrificavam tudo, até a última gota do seu sangue, para que o cristianismo fosse estabelecido.

Vós, meus amigos, não tendes necessidade de sacrifícios tão grandes; não, Deus não vos pede vossa vida, mas vosso coração, vossa boa vontade. Sede, pois, zelosos, e caminhei unidos e confiantes repetindo a palavra divina: "Meu Pai, que vossa vontade seja feita e não a minha!" (DUPUCH, bispo de Argel; Bordeaux, 1863.)

OS MORTOS SAIRÃO DE SEUS TÚMULOS

11.- Povos, escutai!... Uma grande voz se faz ouvir de um canto ao outro dos mundos; é a do precursor anunciando a vinda do Espírito de Verdade que vem endireitar os caminhos tortuosos onde o Espírito humano se desvia em falsos sofismas. É a trombeta do anjo vindo despertar os mortos para que saiam de seus túmulos.

Freqüentemente, tendes lido a revelação de João, e vos perguntastes: Mas o que quer dizer? Como, pois, se cumprirão essas coisas surpreendentes? E vossa razão confundida, se enfia numa tenebrosa complicação de onde não pode sair, porque querieis tomar ao pé da letra o que estava dado num estilo figurado.

Agora que o tempo chegou, em que uma parte dessas predições vai se cumprir, aprendeis, pouco a pouco, a ler nesse livro onde o discípulo bem-amado consignou as coisas que lhe havia sido dado ver. No entanto, as más traduções e as falsas interpretações vos embaraçarão ainda um pouco, mas, com trabalho perseverante, chegareis a compreender o que, até o presente, havia sido para vós letra fechada.

Compreendi somente que, se Deus permite que os selos sejam levantados mais cedo para alguns, não é porque esse conhecimento permanece estéril em suas mãos, mas porque, pioneiros infatigáveis, eles desmoitam as terras incultas; é a fim de que fecundem, com o doce orvalho da caridade, os corações ressecados pelo orgulho e impedidos, pelos embaraços humanos, onde a boa semente da palavra de vida não pôde ainda germinar.

Ai! quantos olham a vida humana como devendo ser uma festa perpétua onde as distrações e os prazeres se sucedem sem interrupção! Eles inventam mil nadas para encantar seus lazes; cultivam seu espírito, porque é uma das facetas brilhantes servindo para fazer ressaltar sua personalidade: são semelhantes a essas bolhas efêmeras refletindo as cores do prisma e balançando no espaço: elas atraem por um tempo os olhares, depois vós as buscareis... desapareceram sem deixar traços. Do mesmo modo essas almas mundanas brilharam com um brilho emprestado, durante sua curta passagem terrestre, e nelas nada ficou de útil, nem para os seus semelhantes, nem para si mesmas.

Vós que conheceis o preço do tempo, vós a quem as leis da eterna sabedoria são pouco a pouco reveladas, sede nas mãos do Todo-Poderoso instrumentos dóceis servindo para levar a luz e a fecundidade a essas almas das quais foi dito: "Elas têm olhos e não vêem, ouvidos que não ouvem," porque estando desviadas do facho da verdade, e tendo escutado a voz das paixões, sua luz não é senão trevas no meio das quais o Espírito não pode reconhecer a rota que o faz gravitar para Deus.

O Espiritismo é esta voz poderosa que já ressoa até as extremidades da Terra; todos a ouvirão. Felizes aqueles que, não tapando voluntariamente os ouvidos, sairão de seu egoísmo, como o fariam os mortos de seus sepulcros, e cumprirão doravante os atos da verdadeira vida, a do Espírito se libertando dos entraves da matéria, como fez Lázaro com sua mortalha à voz do Salvador.

O Espiritismo marca a hora solene do despertar das inteligências, tendo usado seu livre-arbítrio para retardar nas veredas lamacentas, cujos miasmas deletérios infectaram a alma com veneno lento que lhe dá as aparências da morte. O Pai celeste tem piedade desses filhos pródigos, caídos tão baixo que nem pensam mesmo na morada paterna, e é para eles que permite essas manifestações brilhantes destinadas a convencer que, mais além desse mundo de formas perecíveis, a alma conserva a lembrança, o poder e a imortalidade.

Possam esses pobres escravos da matéria sacudir o torpor que lhes impediu de ver e compreender até hoje; possam estudar com sinceridade, a fim de que a luz divina, penetrando-lhes a alma, dela expulse a dúvida e a incredulidade.

(JOÃO O EVANGELISTA; Paris, 1866.)

O JULGAMENTO FINAL

12.- Jesus virá sobre as nuvens para julgar os vivos e os mortos. Sim, Deus o enviará, como o envia todos os dias, para dar essa justiça soberana nas planícies imensas do éter. Ah! quando São Tiago foi precipitado do alto da torre do templo de Jerusalém, pelos pontífices e pelos fariseus, por ter anunciado ao povo reunido essa verdade ensinada pelo Cristo e seus apóstolos, lembrai-vos que, a essa palavra do justo, a multidão se prosterna exclamando: Glória a Jesus, filho de Deus, no mais alto dos Céus!

Ele virá sobre as nuvens em terrível reunião plenária: não é para vos dizer, ó Espíritas, que ele venha perpetuamente receber as almas daqueles que entram na erraticidade? Passai à minha direita, diz às suas ovelhas o pastor, vós que bem agistes segundo as vistas de meu Pai, passai à minha direita e subi até ele; quanto a vós que vos deixastes dominar pelas paixões da Terra, passai à minha esquerda, estais condenados.

Sim, estais condenados a recomeçar o caminho percorrido, numa nova existência terrestre, até que estejais saciados de matérias e de iniquidades, e que, enfim, tenhais expulsado o impuro que vos domina. Sim, estais condenados; ide e retornai, pois, ao inferno da vida humana, enquanto que vossos irmãos da mão direita vão se lançar para as esferas superiores, de onde as paixões da Terra estão excluídas, até o dia em que entrarão no reino de meu Pai para uma maior purificação.

Sim, Jesus virá julgar os vivos e os mortos; os vivos: os justos, os de sua direita; os mortos: os impuros, os de sua esquerda; e quando as asas empurrarem os justos, a matéria se apoderará ainda dos impuros; e isto, até que estes saiam vencedores dos combates contra a impureza, e se despojem, enfim, para sempre, de suas crisálidas humanas.

Ó Espíritas! vedes que vossa doutrina é a única que consola, a única que dá a esperança, e não condenando a uma condenação eterna os infelizes que se comportaram mal durante alguns minutos da eternidade; a única, enfim, que prediz o fim verdadeiro da Terra pela elevação gradual dos Espíritos.

Progredi, pois, despojando o velho homem, para entrar na região dos Espíritos amados por Deus. (ERASTO; Paris, 1861.)

13.-A sociedade em geral, ou, melhor dizendo, a reunião de seres, tanto encarnados quanto desencarnados, que compõem a população flutuante de um mundo, em uma palavra, uma Humanidade, não é outra senão uma grande criança coletiva que, como todo ser dotado de vida, passa por todas as fases que se sucedem em cada um, desde do nascimento até a idade mais avançada; e, do mesmo modo que o desenvolvimento do indivíduo é acompanhado de certas perturbações físicas e intelectuais que incumbem, mais particularmente, em certos períodos da vida, a Humanidade tem suas doenças de crescimento, seus transtornos morais e intelectuais. É a uma dessas grandes épocas, que terminam um período e que começam um outro, a que vos é dado assistir. Participando, ao mesmo tempo, das coisas do passado e as do futuro, aos sistemas que se desmoronam e às verdades que se fundem, tende cuidado, meus amigos, de vos colocar ao lado da solidez, do progresso e da lógica, se não quereis ser arrastados à deriva; e abandonar os palácios suntuosos quanto à aparência, mas vacilantes pela base, e que enterrarão logo sob suas ruínas os infelizes bastante insensatos para não querer deles sair, apesar das advertências de toda natureza que lhes são prodigalizadas.

Todas as frentes se entristecem e a calma aparente, que julgais gozar, não serve senão para acumular um maior número de elementos destruidores.

Algumas vezes, a tempestade que destrói o fruto dos suores de um ano é precedida de precursores que permitem tomar as precauções necessárias para evitar, tanto quanto possível, a devastação. Desta vez, isso não será assim. O céu ensombrecido parecerá clarear; as nuvens fugirão; depois, de repente, todos os furores por muito tempo comprimidos desencader-se-ão com uma violência estranha.

Infelizes daqueles que não tiverem preparado um abrigo! infelizes dos fanfarrões que irão ao perigo com o braço desarmado e o peito descoberto! infelizes daqueles que afrontarão o perigo com a taça à mão! Que decepção terrível os espera! A taça presa em sua mão não chegará aos seus lábios, que serão feridos!

À obra, pois, Espíritas, e não vos esqueçais que deveis ser todo prudência e todo previdência. Tendes um escudo, sabeis dele vos servir; uma âncora de salvação, não a negligencieis. (CLÉLIE DUPLANTIER, Paris, 1867.)

APRECIÇÃO DA OBRA SOBRE A GÊNESE
(Paris, 18 de dezembro de 1867; Médiun, Sr. Desliens.)

Esta obra vem a propósito, neste sentido de que a Doutrina hoje está bem colocada sob o aspecto moral e religioso. Qualquer que seja a direção que ela tome doravante, ela tem precedentes muito enraizados no coração de seus adeptos, para que ninguém possa temer que ela se desvie de seu caminho.

O que importava antes de tudo satisfazer, eram as aspirações da alma; era suprir o vazio deixado pela dúvida nas almas vacilantes em sua fé. Esta primeira missão está hoje cumprida. O Espiritismo entra atualmente numa nova fase; ao atributo de *consolador*, acrescenta o de instrutor e de diretor do espírito, em ciência e em filosofia, como em moralidade. A caridade, sua base inabalável, dele fez o laço das almas ternas; a ciência, a solidariedade, a progressão, o Espírito liberal dele farão o traço de união das almas fortes. Ele conquistou os corações ternos com as armas da doçura; viril hoje, é às inteligências viris que se dirige. Materialistas, positivistas, todos aqueles que, por um motivo qualquer, se afastaram de uma espiritualidade da qual sua inteligência lhes mostrava as imperfeições, vão nele encontrar novos alimentos para sua insaciabilidade. A ciência é sua senhora, mas uma descoberta lhe chama uma outra, e o homem avança sem cessar com ela, sem encontrar completa satisfação. É que o espírito tem suas necessidades, ele também; é que a alma, a mais atea, tem aspirações secretas, inconfessadas, e que essas aspirações reclamam seu alimento.

A religião, antagonista da ciência, respondia, pelo mistério, a todas as perguntas da filosofia cética. Ela violava as leis da Natureza e as torturava à sua fantasia, para dela extrair uma explicação coxa de seus ensinamentos. Vós, ao contrário, vos sacrificais à ciência; aceitais todos os seus ensinamentos sem exceção, e lhe abris os horizontes que ela supunha intransponíveis. Tal será o efeito da nova obra; não poderá senão assegurar antes os fundamentos da crença espírita nos corações que já a possuíam, e dará um passo à frente para a unidade a todos os dissidentes, com exceção, no entanto, daqueles que o são por interesse ou por amor-próprio; estes a vêm com despeito sobre bases cada vez mais inabaláveis, que apisoam atrás e as recusam na sombra. Não havia senão um ponto de terreno comum onde pudesse se reencontrar; hoje, o materialismo vos acotovela por toda parte, porque estando sobre seu terreno, não estareis menos no vosso, e ele não poderá fazer de outro modo senão aprender a conhecer os hóspedes que a filosofia espírita lhe conduz. É um instrumento de duplo efeito: é uma destruição progressiva, uma mina que ainda derruba algumas das ruínas do passado, e uma colher de pedreiro que edifica para o futuro.

A questão de origem que se prende à Gênese é uma questão efervescente para todos; um livro escrito sobre esta matéria deve, em consequência, interessar a todos os espíritas sérios. Por este livro, como eu disse, o Espiritismo entra numa nova fase, e esta preparará os caminhos da fase que se abrirá mais tarde, porque cada coisa deve vir a seu tempo. Antecipar o momento propício é tão nocivo quanto deixá-lo escapar.

SÃO LUIS.

BIBLIOGRAFIA.

RESUMO DA DOCTRINA ESPÍRITA, por Florent Loth, de Amiens (1).

(1) Brochura pequena, in-8° de 150 páginas, preço 1 fr. 25 c. - Pelo correio, 1 fr. 50 c. - Amiens, nas principais livrarias. Pode-se também procurá-la no escritório da *Revista Espírita*.

Este livro, que não pudemos anunciar em nosso último número, é um resumo dos princípios mais essenciais da Doutrina Espírita; ele se compõe, na maior parte, de

citações textuais tomadas às obras fundamentais, e de exemplos tirados do *CieletEnfer*, próprios a dar, sobre as conseqüências da maneira pela qual se emprega a vida, uma idéia mais justa, mais racional, mais impressionante, e sobretudo mais conforme à justiça de Deus, do que a doutrina das chamas eternas. O autor não faz, de seu livro, nem uma questão de amor-próprio nem uma questão de interesse; Espírita fervoroso e devotado, o publicou tendo em vista sobretudo propagar a Doutrina nos campos de seu departamento; a modéstia de seus objetivos não impede que este pequeno livro não possa ser muito útil em outras partes.

Eis a apreciação que o *Journal d'Amiens*, de 29 de dezembro de 1867, deu deste opúsculo. Nós a fazemos seguir da carta dirigida, a respeito dessa apreciação, pelo Sr. Loth, ao autor do artigo, e que o mesmo jornal publicou em seu número de 17 de janeiro.

RESUMO DA DOCTRINA ESPÍRITA.

Eis um pequeno livro bastante curioso, escrito por um camponês de Saint-Sauflieu. É verdade que o autor habitou Paris por muito tempo e que foi nessa cidade que ele pôde se colocar em relação com os apóstolos do Espiritismo.

Como temos interesse em todas as publicações de nosso país, quisemos dar conhecimento desta obra. Foi-nos dito que a obra do Sr. Florent Loth tinha sido posta no index das comunas vizinhas de sua aldeia; essa novidade picou nossa curiosidade, e nos decidimos a ler o *Resumo da Doutrina Espírita*. Gosta-se tanto do fruto proibido.

Quanto a nós, que não temos nenhum interesse em censurar ou aprovar obra do autor, diremos francamente, para nos colocarmos à vontade, que não cremos no Espiritismo, que não ligamos nenhuma fé às mesas girantes ou falantes, porque nossa razão repugna admitir que objetos materiais possam estar dotados da menor inteligência. Não cremos mais no dom da segunda vista, ou, dizendo melhor, na faculdade de ver através de separações espessas, ou de distinguir a grandes distâncias o que se passa ao longe, quer dizer, a várias centenas de léguas. Enfim, para continuar nossas declarações preliminares, declaramos que não juntamos nenhuma fé aos Espíritos dos fantasmas, e que o homem, mais ou menos inspirado, não tenha o poder de evocar, e sobretudo de fazer falar, as almas dos mortos.

Isto dito, para separar o terreno de tudo que não entra em nossos objetivos, reconhecemos que o livro do Sr. Florent Loth não é um mau livro. A moral nele é pura, o amor ao próximo ali está recomendado, a tolerância para com as crenças ali está defendida: isto explica a venda dessa obra. Mas dizer que os adeptos convictos da doutrina espírita, *com todas as suas partes admitidas*, se formarão em conseqüência da leitura da obra de nosso compatriota, isto seria avançar um fato que não se realizará. No que nos parece razoável e, decidamos a palavra, ter o senso comum, segundo a melhor aceção destes termos, nela há excelentes coisas. Assim, certos abusos são repelidos com razões claras, limpas e precisas, e se o autor procura convencer, é sempre pela doçura e pela persuasão.

Portanto, deixando de lado tudo o que se prende às *práticas materiais* do Espiritismo, prática às quais não cremos de nenhum modo, poder-se-á retirar da leitura do livro em questão muito boas noções de moral, de tolerância e de amor ao próximo. Sob estes pontos de vista, aprovamos inteiramente o Sr. Florent Loth, e não compreendemos a proibição lançada contra seu opúsculo.

O *Resumo da Doutrina Espírita* será proibido um dia pela congregação do *Index*, cuja sede está em Roma? É uma questão ainda não resolvida, porque esse pequeno livro não está destinado a ultrapassar as nossas fronteiras picardas. Se, no entanto, esse fato

ocorrer, o Sr. Florent Loth, por sua obra, recolheria uma notoriedade com a qual jamais sonhou.

Quanto às *experiências físicas* do Espiritismo, cremos dever deixar falar aqui o Sr. Georges Sauton, um de nossos confrades, o qual, no *Liberte*, de quarta-feira, 11 de setembro de 1867, assim se exprimiu sobre uma sessão espírita que ocorrera na casa de um doutorem medicina em Paris:

"O doutor F... amontoou uma certa fortuna. Ele a gasta dando saraus de Espiritismo que lhe custam muito caro em velas e em médiuns.

"Ontem à noite, convidou a imprensa à sua reunião mensal. Os espíritos deveriam ser interrogados sobre a conta do zuavo Jacob, e dizer seu modo de pensar com respeito a esse interessante militar. O Sr. Babinet, do Instituto, - perdoai o pouco! - tinha prometido honrar a reunião com sua presença; pelo menos o anfitrião, nas cartas de convite, tinha deixado entender.

"Albert Brun, Victor Noir e eu, fomos à casa do doutor. Nada do Sr. Babinet senão sobre a mão, como se diz.

"Dez pessoas ao redor de uma mesa faziam esse móvel girar, que gira mal; trinta outras, entre as quais muitos ornamentados, os olhavam.

"Os Espíritos, sem dúvida, mal dispostos, cederam com dificuldade para falar. Apenas dignaram-se imitar o grito da serra, dos martelos do toneleiro e do ferreiro batendo sobre os toneis ou sobre a bigorna. Foi pedido para cantar *la Femme à barbee J'aidubom tabac*, que não cantaram. São intimados a fazer saltar no ar uma pera, e a pera não salta."

Não acrescentaremos nada a este pequeno e espirituoso relato.

Terminamos por um extrato do prefácio do autor, no qual a *parte moral* de suas idéias esta exposta:

"O Espiritismo não tem a pretensão de impor sua crença; é unicamente pela persuasão que ele espera chegarão seu objetivo, que é o bem da Humanidade. Liberdade de consciência: assim, eu creio firmemente na existência da alma e na sua imortalidade; creio nas penas e nas recompensas futuras; creio na manifestação dos Espíritos, quer dizer, nas almas daqueles que viveram sobre esta Terra ou em outros mundos; creio nisto em virtude do direito que meu vizinho tem de não o crer; mas me é tão fácil provar-lhe minha afirmação, quanto lhe é impossível provar-me a sua negação, porque a negação dos incrédulos não tem uma prova. O fato, dizem eles, contraria as leis conhecidas. Pois bem! é que repousa sobre uma lei desconhecida: não se podem conhecer todas as leis da Natureza, porque Deus é grande e tudo pode!...

"Pessoas malévolas fizeram correr o boato de que o Espiritismo era um obstáculo aos progressos da religião; essas pessoas, mais ignorantes do que verdadeiramente piedosas, não conhecendo de nenhum modo a Doutrina, não podem nem apreciá-la nem julgá-la.

"Dizemos, nós, e além disto provamos que o ensino dos Espíritos é muito cristão, que se apoia sobre a imortalidade da alma, as penas e as recompensas futuras, a justiça de Deus e a moral do Cristo."

A citação desta profissão de fé, pelo autor, será suficiente para fazer conhecer sua maneira de ver. Cabe ao leitor apreciar a obra da qual falamos.

Fazendo este relatório, quisemos somente constatar um fato, é que em nossa província de Picardie, o Espiritismo tinha encontrado um defensor fervoroso e convicto.

Não admitimos todas as idéias do autor. Esperamos que, em virtude de sua doçura, não se irrite com a nossa franqueza. Enquanto a paz pública não for perturbada por doutrinas ímpias, enquanto a ordem social não for abalada por máximas subversivas, nossa tolerância fraterna nos fará dizer o que dizemos aqui do livro do Sr. Florent Loth:

Paz às consciências! Respeito às crenças do próximo!

SR. A. GABRIEL REMBAULT.

"SENHOR DIRETOR,

"Eu vos serei grato em consentir inserir, em vosso jornal, a minha resposta à crítica do Sr. Gabriel Rembault, sobre o meu *Resumo da Doutrina Espírita*, artigo que apareceu em 29 de dezembro último.

"Não quero levantar polêmica entre o Sr. Gabriel Rembault e mim; não estou à altura de seu talento de escritor, talento incontestável e que todos lhe reconhecem; mas que me permita demonstrar-lhe as razões que me fizeram escrever meu livro.

"Devo reconhecer, antes de tudo, que a crítica do Sr. Gabriel Rembault é cortês e polida; ela emana de um homem convicto, mas não irritado. Ai! não posso dizer-lo tanto de outros críticos que lançam o anátema aos Espíritas por insultos e palavras grosseiras! Não compreendo nada desse desdobramento de ódio e de injúrias dessas palavras malsonantes de loucos e de patifes que nos lançam à face e que não inspiram às pessoas honestas senão um profundo desgosto. Esses homens intolerantes sabem, no entanto, bem que, segundo os princípios de nossa sociedade moderna, todas as consciências são livres e têm direito a um respeito inviolável.

"Perdoai-me esta digressão, senhor Diretor, como perdão esses insultadores; eu os perdão de todo o meu coração e peço a Deus que se digne esclarecê-los sobre a caridade. Eles deveriam praticar melhor esta virtude evangélica para com seu próximo.

"Retorno ao meu assunto:

"Foi pelo estudo, pela meditação e sobretudo pela prática, que adquiri a prova de certos fatos físicos considerados até aqui como sobrenaturais; é pelo fluido universal que se podem explicar os fenômenos do magnetismo. Esses fenômenos, hoje, não podem mais ser contestados seriamente; é graças ao mesmo fluido que o Espírito atravessa o espaço, que possui a dupla vista, que está dotado da penetração etérea, à qual não poderia se opor a opacidade dos corpos. Esses fenômenos não são outros senão a libertação momentânea do Espírito. A incredulidade, é verdade, não quer admitir esses fenômenos, mas constatações autênticas e numerosas não podem mais colocá-los em dúvida.

"Assim, todas as maravilhas das quais se acusam o magnetismo e o Espiritismo não são simplesmente senão efeitos cuja causa reside nas leis da Natureza.

"E, um vez que o Sr. Gabriel Rembault citou um artigo do jornal a *Liberte*, permitirme-ei, a meu turno, citar um extrato de um livro muito novo (*La Raison du Spirítisme* J. fruto de longos estudos de um honrado magistrado; ele disse à página 216:

"Deus jamais derogou as leis que instituiu para levar sua obra a bons fins? Aquele que tudo previu não proveu a tudo? Como admitiríeis pretender que a mediunidade, a comunicação dos Espíritos não esteja conforme às leis da natureza do homem? E se a revelação é a consequência necessária da mediunidade, porque diríeis que ela é uma derrogação da lei de Deus, então que ela entrasse ostensivamente nos objetivos da Providência e da economia humana?"

"Detenho-me depois desta citação; é um argumento no sentido oposto às idéias do Sr. Gabriel Rembault, e que submeto à apreciação de vossos leitores.

"Em resumo, estou de acordo com ele quando disse: "Paz às consciências! respeito às crenças do próximo!"

"Recebei, senhor Diretor, minhas civilizadas amabilidades."

"FLORENT LOTH.

"Saint-Saulfieu, 16 de janeiro de 1868."

Ressalta do relatório acima que o autor do artigo não conhece a primeira palavra da Doutrina; julgou-a, como tantos outros, sobre o ouvir-dizer, sem se dar o trabalho de irão

fundo da questão, e de levantar o manto do ridículo com o qual uma crítica malevolente, ou mais ou menos interessada, pôde vesti-la. Fez como o macaco da fábula que rejeitou a noz, porque não tinha mordido senão a casca verde. Se dela tivesse conhecido os primeiros elementos, não teria suposto os Espíritas bastante simples para crerem na inteligência de uma mesa, não mais do que ele mesmo não crê na inteligência de uma pena que, entre suas mãos, transmite os pensamentos de seu próprio espírito; não mais que ele os Espíritas não admitem que objetos materiais possam estar dotados da menor inteligência; mas, como ele, sem dúvida, admitem que esses mesmos objetos podem ser instrumentos ao serviço de uma inteligência. O livro do Sr. Loth não o convenceu, mas lhe mostrou o lado sério e as tendências morais da Doutrina, e isto basta para fazê-lo compreender que a coisa tinha de bom e merecia ao menos o respeito devido às crenças do próximo. Ele deu prova de uma louvável imparcialidade inserindo imediatamente a retificação que lhe foi dirigida pelo autor.

O que o tocou, não foram os fatos de manifestações, dos quais, de resto, são pouca questão nesse livro, foram as tendências liberais e ante retrógradas, o espírito de tolerância e de conciliação da Doutrina; tal é, com efeito, a impressão que ela produzirá sobre todos aqueles que se derem ao trabalho de estudá-la. Sem aceitar sua parte experimental que, para os Espíritas, é a prova material da verdade de seus princípios, nela verão um auxiliar poderoso para a reforma dos abusos contra os quais se levantam cada dia. Em lugar de fanáticos de um novo gênero, verão, em todos os Espíritas, cujo número aumenta sem cessar, um exército que combate pelo mesmo objetivo, com outras armas, é verdade; mas que lhes importam os meios, se o resultado é o mesmo?

Sua ignorância das tendências do Espiritismo é tal que não sabem mesmo que é uma doutrina liberal, emancipadora da inteligência, inimiga da fé cega, que vem proclamar a liberdade de consciência e o livre exame como base essencial de toda crença séria. Não sabem mesmo que o primeiro escreveu sobre sua bandeira esta imortal máxima: *Fora da caridade não há salvação*, princípio de união e de fraternidade universais, o único que pode pôr um termo aos antagonismos dos povos e das crenças; quando o crêem puerilmente absolvido por uma mesa que gira, não desconfiam de que a criança deixou o brinquedo pela armadura, que cresceu e que abarca agora todas as questões que interessam o progresso da Humanidade. Não falta, aos seus adversários, *desinteressados e de boa fé* senão conhecê-lo para julgá-lo de outro modo que não o fazem. Se refletissem na rapidez de sua propagação, que ninguém pôde entrar, eles se diriam que isso não pode ser o efeito de uma idéia completamente aprofundada e que, não encerrasse senão uma única verdade, se essa verdade é capaz de abalar tantas consciências, ela merece ser tomada em consideração; se causa tanto temor num certo mundo, é que não se a considera ali como uma vã fumaça.

O artigo reportado acima constata, por outro lado, um fato importante, que é a proibição lançada contra esse pequeno livro, pelo clero dos campos, serviu para propagá-lo, o que não poderia deixar de acontecer, possuindo tanto atrativo do fruto proibido. O autor do artigo pensou, com razão, que se fora condenado pela congregação do index que tem sede em Roma, ele adquiriria uma notoriedade à qual o Sr. Loth não deveu pretender. Ele ignora que as obras fundamentais da Doutrina tiveram este privilégio, e que foram os raios lançados contra a Doutrina, em nome desse Index, que esses livros deveram ser procurados nos meios onde eram desconhecidos. Faz-se esta reflexão muito natural de que, quanto mais forte troveja, mais a coisa deve ser importante; foram lidos primeiro por curiosidade, depois, como nele se encontraram coisas boas, foram aceitos. Esta é a história.

CARACTERES DA REVELAÇÃO ESPÍRITA

Por Allan Kardec

Muitas pessoas consideraram o artigo publicado, sob este título, em setembro de 1867, e que, completado, forma o primeiro capítulo de a *Gênese*, como próprio para dar a conhecer o verdadeiro caráter da Doutrina Espírita, e, ao mesmo tempo como uma refutação de certas críticas. Em consequência, pensaram que seria útil à propagação da idéia difundir esse artigo. Para obtemperar ao seu desejo, mandamos fazer uma tiragem à parte do primeiro capítulo de a *Gênese*, em uma brochura que será entregue nas mesmas condições que a *Simples Expressão*, quer dizer, a 15c.; pelo correio, 20 c. 10 exemplares juntos, 2 fr., seja 10 c. por exemplar; pelo correio, 2 fr. 60 c.

A tiragem desta brochura, tendo sido retardada, acha-se atualmente terminada.

SEGUNDA EDIÇÃO DE A GÊNESE

Estando quase esgotada a primeira edição de a *Gênese*, procede-se neste momento a tiragem da segunda edição, na qual não foi feita nenhuma mudança.

Nota. - A tarifa indicada no número de janeiro, página 31, para as despesas de correio desta obra ao Estrangeiro, as da Suíça que foi dada por erro a 1 franco, segundo uma tarifa antiga. Hoje não são mais do que 60 centavos.

OS PENSAMENTOS DO ZUAVO JACOB

1 volume in-12, de 220 páginas. Preço: 2 fr. 50 c.; pelo correio, 2 fr. 75 c. Casa do editor, 70, rua Bonaparte, em Paris.

Estando este número em impressão, quando o livro do Sr. Jacob nos chegou, remetemos seu resumo para o próximo número.

PSICHE

Giorna/e di studii psicologici

Publicado sob a direção do senhor PIETRO CASSELLA

Esse jornal aparecerá no 1º e no 15 de cada mês, a partir de 1º de março próximo, em Nápoles, 49, Cagliardi alie Pigne, 2º. P.....Preço: 6 fr. por

um ano, 3 fr. por seis meses. Daremos mais detalhes no próximo número.

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

11º ANO

NO. 3

MARÇO 1868

COMENTÁRIOS SOBRE OS MESSIAS DO ESPIRITISMO.

(Ver o número de fevereiro de 1868.)

Várias perguntas tendo-nos sido endereçadas, a respeito das comunicações sobre os messias, publicadas no último número da Revista julgamos dever completá-las por alguns desenvolvimentos que delas farão compreender melhor o sentido e a importância.

1 ° A primeira dessas comunicações, trazendo a recomendação de mantê-la em segredo até nova ordem, embora a mesma coisa fosse ensinada em diferentes regiões, senão quanto à forma e às circunstâncias do detalhe, pelo menos pelo fundo da idéia, se nos perguntou se os Espíritos, de um consentimento geral, tinham reconhecido a urgência desta publicação, o que teria um significado de uma certa gravidade.

A opinião da maioria dos Espíritos é um controle poderoso para o valor dos princípios da Doutrina, mas que não exclui o do julgamento e da razão, dos quais todos os Espíritos sérios recomendam, sem cessar, fazer uso. Quando o ensino se generaliza espontaneamente sobre uma questão num sentido determinado, é um indício certo de que essa questão chegou em seu tempo; mas a oportunidade, no caso do qual se trata, não é uma questão de princípio, e não acreditamos dever esperar o aviso da maioria para esta publicação, desde que a utilidade disto nos foi demonstrada. Haveria puerilidade em crer que, fazendo abnegação de nossa iniciativa, não obedeceríamos, como instrumento passivo, senão a um pensamento que se nos impunha.

A idéia da vida de um ou de vários messias era quase geral, mas encarada sob pontos de vista mais ou menos errôneos, em consequência de detalhes contidos em certas comunicações, e de uma assimilação, *muito literal*, da parte de alguns, com as palavras do Evangelho sobre o mesmo assunto. Esses erros poderiam ter inconvenientes materiais cujos sintomas já se faziam sentir, importava, pois, não deixá-los se acreditarem; foi porque julgamos útil fazer conhecer o verdadeiro sentido no qual essa previsão era entendida pela maioria dos Espíritos, retificando assim, pelo ensino geral, o que o ensino isolado poderia ter de parcialmente defeituoso.

2° Foi dito que o messias do Espiritismo, vindo depois de sua constituição, seu papel não seria senão secundário, e perguntou-se se estava bem ali o caráter dos messias. Aquele que Deus encarrega de uma missão pode vir com utilidade quando o objeto da missão já se realizou? Não seria como se o Cristo tivesse vindo depois do estabelecimento do cristianismo, ou como se o arquiteto encarregado da construção de uma casa chegasse quando a casa estivesse edificada?

A revelação espírita deveria se cumprir em condições diferentes de suas mais velhas, porque as condições da Humanidade não são mais as mesmas. Sem retomar sobre o que foi dito a respeito dos caracteres desta revelação, lembramos que em lugar de ser individual, ela deveria ser coletiva, e inteiramente, ao mesmo tempo, o produto do ensino dos Espíritos e do trabalho inteligente do homem; ela não deveria ser localizada, mas tomar raiz simultaneamente sobre todos os pontos do globo. Esse trabalho se cumpre sob

a direção dos grandes Espíritos que receberam missão de presidir a regeneração da Humanidade. Se não cooperam na obra como encarnados, não lhe dirigem menos os trabalhos como Espíritos, assim como disto vimos a prova. Seu papel de messias não é, pois, apagado, uma vez que o cumprem antes de sua encarnação, e não é senão maior. Sua ação, como Espíritos, é mesmo mais eficaz, porque podem estendê-la por toda parte, ao passo que, como encarnados, ela é necessariamente circunscrita. Hoje eles fazem, como Espíritos, o que o Cristo fazia como homem: ensinam, mas pelas milhares de vozes da mediunidade; em seguida virão fazer, como homens, o que o Cristo não pôde fazer: instalar sua doutrina.

A instalação de uma doutrina chamada a regenerar o mundo não pode ser a obra de um dia, e a vida de um homem não bastaria para isto. É preciso, primeiro, elaborar os princípios, ou querendo-se, confeccionar o instrumento; depois desobstruir o terreno dos obstáculos e pôr as primeiras bases. Que fariam esses Espíritos sobre a Terra durante o trabalho, de alguma sorte material, da desobstrução? Sua vida se perderia na luta. Eles virão, com mais utilidade, quando a obra estiver elaborada e o terreno preparado; a eles, então, incumbirá colocar a última demão ao edifício e consolidá-lo; em uma palavra, fazer frutificar a árvore que tiver sido plantada. Mas, à espera disto, não estão inativos: dirigem os trabalhadores; a encarnação não será, pois, senão uma fase de sua missão. Só o Espiritismo poderia fazer compreender a cooperação dos Espíritos da erraticidade a uma obra terrestre.

3º Perguntou-se, além disso, se não haveria temor de que o anúncio desses messias não tentaria os ambiciosos, que se dariam pretensas missões, e realizariam esta predição: Haverá falsos cristos e falsos profetas?

A isto a resposta é muito simples; ela está inteiramente no capítulo XXI de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Lendo esse capítulo, ver-se-á que o papel dos falsos cristos não é tão fácil quanto se poderia supor, porque é aqui o caso de dizer que o hábito não faz o monge. Em todos os tempos, houve intrigantes que quiseram se fazer passar por aquilo que não eram; sem dúvida, eles podem imitar a forma exterior; mas, quando se trata de justificar o fundo, sucede com eles como ao asno, vestido com a pele do leão.

O bom senso diz que Deus não pode escolher seus messias entre os Espíritos vulgares, mas entre aqueles que são capazes de cumprir seus desígnios. Aquele que pretendesse ter recebido um tal favor, deveria, pois, justificá-lo pela eminência de suas capacidades e de suas virtudes, e sua presunção seria o primeiro desmentido dado a essas mesmas virtudes. Que se diria de um mau poeta que se desse pelo príncipe dos poetas? Dar-se por cristo ou messias seria se dizer o homem mais virtuoso do universo, e não se é virtuoso quando não se é modesto.

Simula-se, é verdade, a virtude pela hipocrisia; mas é uma coisa que desafia toda imitação: é o gênio, porque ele deve se afirmar por obras positivas; quanto à virtude de exibição, é uma comédia que não se pode desempenhar por muito tempo sem se trair. No primeiro lugar das qualidades morais que distinguem o verdadeiro missionário de Deus, é preciso colocar a humildade sincera, o devotamento sem limites e sem pensamento dissimulado, o desinteresse material e moral absoluto, a abnegação da personalidade, virtudes pelas quais não brilham nem os ambiciosos, nem os charlatães, que procuram antes de tudo a glória ou o proveito. Eles podem ter inteligência; e ela lhes é necessária para vencer pela intriga; mas não é essa inteligência que coloca o homem acima da Humanidade terrestre. Se o Cristo voltasse a se encarnar sobre a Terra, nela viria com todas as suas virtudes. Se, pois, alguém se desse por ele, deveria igualá-lo em tudo; uma única qualidade a menos bastaria para revelar a impostura.

Do mesmo modo que se reconhece a qualidade da árvore pelo seu fruto, reconhecem-se os verdadeiros messias pela qualidade de sua obras, e não pelas suas pretensões. Não serão eles que se proclamam, porque talvez eles mesmos se ignorem;

vários estiveram sobre a Terra, sem terem sido reconhecidos; é vendo o que foram e o que fizeram que os homens dirão, como disseram do Cristo: Aquele deve ser um messias.

Há cem pedras de toque para reconhecer os messias e os profetas de contrabando. A definição do caráter daqueles que são verdadeiros é antes feita para desencorajar os falsificadores do que para excitá-los a desempenhar um papel que não têm força para cumprir, e não lhes valeria senão dissabores. É ao mesmo tempo dar àqueles que tentassem abusar dos meios de evitar serem vítimas de seu embuste.

4º Algumas pessoas pareceram temer que a qualificação de *messias* não derramasse sobre a Doutrina Espírita um verniz de misticismo.

Para quem conhece a Doutrina, ela é, de um canto ao outro, um protesto contra o misticismo, uma vez que tende a conduzir todas as crenças para o terreno positivo das leis da Natureza. Mas, entre aqueles que não a conhecem, há pessoas para as quais tudo o que sai da Humanidade tangível é místico; para elas, adorara Deus, orar, crer na Providência é ser místico. Não temos que nos preocupar com a sua opinião.

A palavra *messias* é empregada, pelo Espiritismo, em sua acepção literal de *mensageiro*, *enviado*, abstração feita da idéia de *redenção* e de *mistério* particular, aos cultos cristãos. O Espiritismo não tem que discutir esses dogmas que não são de sua alçada; ele diz o sentido no qual emprega esta palavra para evitar todo equívoco, deixando a cada um crer segundo sua consciência, que não procura perturbar.

Para o Espiritismo, pois, todo o Espírito encarnado tendo em vista cumprir uma missão especial junto à Humanidade, é um messias, na acepção geral da palavra, quer dizer, um *missionário* ou *enviado*, com esta diferença, no entanto, de que a palavra *messias* implica mais particularmente a idéia de uma missão direta da divindade, e, em conseqüência, a da superioridade do Espírito e da importância de sua missão; de onde se segue que há uma distinção a fazer entre os *messias*, propriamente ditos, e os Espíritos *simples missionários*. O que os distingue é que, para uns, a missão é ainda uma prova, porque podem nela falir, ao passo que para os outros é um atributo de sua superioridade. Do ponto de vista da vida corpórea, os messias entram na categoria de encarnações comuns de Espíritos, e a palavra não tem nenhum caráter de misticidade.

Todas as grandes épocas de renovação viram aparecer messias encarregados de dar o impulso ao movimento regenerador e de dirigi-lo. A época atual, sendo a de uma dessas maiores transformações da Humanidade, terá também seus messias que já a presidem como Espíritos, e acabarão sua missão como encarnados. Sua vinda não será marcada por nenhum prodígio, e Deus, para fazê-los reconhecer, não perturbará a ordem das leis da Natureza.

Nenhum sinal extraordinário aparecerá no céu nem na Terra, e não serão vistos descendo das nuvens acompanhados dos anjos. Eles nascerão, viverão e morrerão como o comum dos homens, e sua morte não será anunciada ao mundo nem por tremores de terra, nem pelo escurecimento do sol; nenhum sinal exterior os distinguirá, não mais do que o Cristo não foi distinguido dos outros homens durante sua vida. Nada, pois, os assinalará à atenção pública senão a grandeza de suas obras, a sublimidade de suas virtudes, e a parte ativa e fecunda que tomarão na fundação da nova ordem de coisas. A antigüidade paga deles fez deuses; a história os colocará no Panteão dos grandes homens, dos homens de gênio, mas, sobretudo, entre os homens de bem, cuja posteridade honrará a memória.

Tais serão os messias do Espiritismo; grandes homens entre os homens, grandes Espíritos entre os Espíritos, eles marcarão sua passagem por prodígios da inteligência e da virtude, que atestam a verdadeira superioridade, bem mais do que a produção de efeitos materiais que qualquer um pode realizar. Este quadro um pouco prosaico fará, talvez, cair algumas ilusões; mas será assim que as coisas se passarão, muito naturalmente, e os resultados não serão menos importantes, por isto, por não estar

cercado das formas ideais e um tanto maravilhosas, das quais certas imaginações gostam de cercá-los.

Dissemos os *messias*, porque, com efeito, as previsões dos Espíritos anunciam que deles haverá vários, e que nada tem de admirar segundo o sentido dado a essa palavra, e em razão da grandeza da tarefa, uma vez que se trata, não do adiantamento de um povo ou de uma raça, mas da regeneração da Humanidade inteira. Quantos deles haverá? Uns dizem três, outros mais, o que prova que a coisa está nos segredos de Deus. Um deles terá a supremacia? É ainda o que pouco importa, o que seria mesmo perigoso saber antecipadamente.

A vinda do Messias, como fato geral, foi anunciada, porque era útil que dela se estivesse prevenido; é uma garantia do futuro e um motivo de tranqüilidade, mas as individualidades não devem se revelar senão *por seus atos*. Se alguém deve proteger a infância de um deles, o fará *inconscientemente*, como para qualquer um; assisti-lo-á e o protegerá por pura caridade, sem para isto ser solicitado por um sentimento de orgulho, do qual não poderia, talvez, se defender, que se introduziria, com seu desconhecimento, em seu coração, e o faria perder o fruto de sua ação; seu devotamento não seria, talvez, tão desinteressado moralmente quanto ele mesmo pensasse.

A segurança do predestinado exige, além disso, que seja coberto com um véu impenetrável, porque ele terá seus Herodes; ora um segredo jamais é melhor guardado do que quando não é conhecido de ninguém. Ninguém, pois, deve conhecer sua família, nem o lugar de seu nascimento, e os próprios Espíritos vulgares não o sabem. Nenhum anjo virá anunciar sua vinda à sua mãe, porque ela não deve fazer diferença entre ele e os outros filhos; os magos não viram adorá-lo em seu berço e oferecer-lhe o ouro e o incenso, porque *ele não deve ser saudado senão quando tiver dado suas provas*. Será protegido pelos invisíveis encarregados de velarem por ele, e conduzido à porta onde deve bater, o senhor da casa não conhecerá aquele que receberá em seu lar.

Falando do novo Messias, Jesus disse: "Se alguém vos disser: "O Cristo está aqui ou está ali," não vades ali, porque ele ali não estará." É preciso, pois, desconfiar das falsas indicações que têm por objetivo *enganar* tendo em vista de fazê-lo procurar onde não está. Uma vez que não é permitido, aos Espíritos, revelar o que deve ficar em segredo, toda a comunicação circunstanciada sobre este ponto deve ser tida por suspeita, como uma prova para aquele que a recebe.

Pouco importa, pois, o número dos messias; só Deus sabe o que é necessário; mas, o que é indubitável, é que ao lado dos messias, propriamente ditos, os Espíritos superiores, em número *ilimitado* se encarnarão, ou já estão encarnados, com missões especiais para secundá-los. Ele surgirá em todas as classes, em todas as posições sociais, em todas as seitas e entre todos os povos; haverá deles nas ciências, nas artes, na literatura, na política, nos chefes de estado, enfim, por toda a parte onde sua influência poderá ser útil para a difusão das idéias novas, e às reformas que lhes serão a consequência. A autoridade de sua palavra será tanto maior quanto ela estiver fundada sobre a estima e a consideração das quais estiverem cercados.

Mas, dir-se-á, nessa multidão de missionários de todas as classes, como distinguireis messias? Que importa que sejam distinguidos ou não! Eles não vêm na Terra para nela se fazer adorar, nem para receberem as homenagens dos homens. Eles não levarão, pois, nenhum sinal sobre a fronte; mas do mesmo modo que pela obra se reconhece o obreiro, dir-se-á depois de sua partida: Aquele que fez mais bem deve ser o maior.

Sendo o Espiritismo o principal elemento regenerador, importava que um instrumento estivesse pronto quando viessem aqueles que deverão deles se servir. É o trabalho que se realiza neste momento e que os precede um pouco; mas é preciso que a grade tenha passado antes sobre a terra para purgá-la das ervas parasitas que abafam o bom grão.

Será o século vinte, sobretudo, que poderá ser chamado o século dos messias. Então, a antiga geração terá desaparecido, e a nova estará em toda a sua força; a Humanidade, isenta de suas convulsões, formada de elementos novos e regenerados, entrará definitivamente e pacificamente na fase do progresso moral, que deve elevar a Terra na hierarquia dos mundos.

CORRESPONDÊNCIA INÉDITA DE LAVATER

COM A IMPERATRIZ MARIA DA RÚSSIA.

Os Espíritas são numerosos em São Petersburgo, e contam, entre eles, homens sérios muito esclarecidos, que compreendem o objetivo e a alta importância humanitária da Doutrina. Um deles, que não tínhamos a honra de conhecer, consentiu em nos dirigir um documento tanto mais precioso para o historiado Espiritismo, quanto era desconhecido, e que toca às mais altas regiões sociais. Eis o que disse o nosso honrado correspondente em sua carta de remessa:

"A biblioteca imperial de São Petersburgo publicou, em 1858, num pequeníssimo número de exemplares, uma coletânea de cartas inéditas do célebre fisionomista Lavater; essas cartas, até então desconhecidas na Alemanha, foram dirigidas à imperatriz Maria da Rússia, esposa de Paulo I e avó do imperador reinante. A leitura dessas cartas me tocou pelas idéias filosóficas, eminentemente Espíritas, que encerram, sobre as relações que existem entre o mundo visível e o mundo invisível, a mediunidade intuitiva e a influência dos fluidos que a produzem.

"Presumindo que essas cartas, provavelmente desconhecidas na França, poderiam interessar os Espíritas esclarecidos desse país, mostrando-lhes que suas convicções íntimas eram partilhadas pelo eminente filósofo suíço e duas cabeças coroadas, tomo a liberdade, senhor, de vos enviar, anexa, a tradução exata e quase literal dessas cartas, que julgareis talvez oportuno inserir em vossa sábia e tão interessante publicação mensal.

"Aproveito esta ocasião, senhor, para vos exprimir os sentimentos de minha profunda e perfeita estima, partilhada pelos Espíritas sinceros de todos os países, que sabem dignamente apreciar os serviços eminentes que vosso zelo infatigável prestou ao desenvolvimento científico e à propagação da sublime e tão consoladora Doutrina Espírita. Esta terceira revelação terá por conseqüência a regeneração, o progresso moral e a consolidação da fé na pobre Humanidade, infelizmente extraviada, e que flutua entre a dúvida e a indiferença, em matéria de religião e de moral." - W. de F.

Publicamos integralmente o manuscrito do Sr. de F. Sua extensão nos obriga a fazê-lo objeto de três artigos.

PREÂMBULO.

No castelo grã-ducal de Pawlowsk, situado a vinte e quatro vestas de Petersburgo, onde o imperador Paulo da Rússia passou os anos mais felizes de sua vida, e que, depois, tornou-se a residência favorita da imperatriz Maria, sua augusta viúva, verdadeira benfeitora da Humanidade sofredora, se encontra uma biblioteca escolhida, fundada pelo casal imperial, na qual, entre muitos tesouros científicos e literários, se encontra um pacote de cartas autografadas de Lavater, permanecidas desconhecidas aos biógrafos do célebre fisionomista.

As cartas são datadas de Zurich, em 1798. Dezesesseis anos antes Lavater teve ocasião de travar, em Zurich e em Schaffouse, conhecimento com o conde e a condessa

du Nord (é sob este título que o grão-duque da Rússia, e sua esposa, viajavam então na Europa), e, de 1796 a 1800, enviou à Rússia, endereçadas à imperatriz Maria, reflexões sobre a fisionomia, às quais juntava as cartas tendo por objetivo pintar o estado da alma depois da morte.

Nessas cartas, Lavater toma por ponto de partida que uma alma, tendo deixado seu corpo, inspira suas idéias a um homem de sua escolha, apto à luz (*lichtfashig*), ele faz escrever cartas endereçadas a um amigo deixado sobre a Terra, para instruí-lo do estado no qual ela se encontra.

Essas cartas inéditas de Lavater foram descobertas durante uma revisão da biblioteca grã-ducal, pelo doutor Minzloff, bibliotecário da biblioteca imperial de Petersburgo e colocadas em ordem por este último. Com a autorização do possuidor atual do castelo de Pawlowsk, S. A. I. o grão-duque Constantino, e sob os auspícios esclarecidos do barão de Korff, atualmente membro do conselho do império, antigo diretor chefe dessa biblioteca, que lhe deve suas mais notáveis melhorias, elas foram publicadas em 1858, em Petersburgo, sob o título: *Joham-Kaspar Lavatefsbriefe, an die kaiserin Mana Feodorowna, gemahlin kaiser Paul I vonRussland* (cartas de Jean-Gaspard Lavater à imperatriz Maria Feodorowna, esposa do imperador Paulo I da Rússia). Essa obra foi impressa às custas da biblioteca imperial, e oferecida em homenagem ao senado da Universidade de Iena, por ocasião do 300º aniversário de sua fundação.

Essas cartas, em número de seis, apresentam o mais alto interesse, naquilo que provam positivamente que as idéias espíritas, e notadamente as da possibilidade de relações entre o mundo espiritual e o mundo material, germinava na Europa setenta anos mais cedo, e que não só o célebre fisionomista tinha a convicção dessas relações, mas que era ele mesmo o que, no Espiritismo, chama-se um médium intuitivo, quer dizer, um homem recebendo, por intuição, as idéias dos Espíritos e transcrevendo suas comunicações. As cartas de um amigo defunto que Lavater tinha juntado às suas próprias cartas, são eminentemente espíritas; elas desenvolvem e esclarecem, de maneira tão engenhosa quanto espirituosa, as idéias fundamentais do Espiritismo, e vêm em apoio de tudo o que esta doutrina oferece de mais racional, de mais profundamente filosófico, religioso e consolador para a Humanidade. As pessoas que não conhecem o Espiritismo poderão supor que as cartas de um Espírito ao seu amigo na Terra não são senão uma forma poética que Lavater dá às suas próprias idéias espiritualistas; mas aqueles que estão iniciados nas verdades do Espiritismo, as encontrarão em suas comunicações, tal como foram e são ainda dadas pelos Espíritos, por intermédio de diferentes médiuns intuitivos, auditivos, escreventes, falantes, extáticos, etc. Não é natural supor que o próprio Lavater tenha podido conceber e expor com uma tão grande lucidez e tanta precisão, idéias abstratas e tão elevadas sobre o estado da alma depois da morte e seus meios de comunicação com os Espíritos encarnados, quer dizer, os homens. Estas idéias não podem provir senão dos próprios Espíritos desencarnados. É indubitável que um deles, tendo guardado sentimentos de afeição por um amigo ainda habitante da Terra, lhe deu, por intermédio de um médium intuitivo (talvez o próprio Lavater fosse esse amigo), noções sobre esse assunto para iniciá-los nos mistérios do túmulo, na medida do que é permitido a um Espírito de revelar aos homens, e do que estes últimos estão em estado de compreender.

Damos aqui a tradução exata das cartas de Lavater, escritas em alemão, assim como as das comunicações de além-túmulo, que dirigia à imperatriz Maria, segundo o desejo que esta havia expressado de conhecer as idéias do filósofo alemão sobre o estado da alma depois da morte do corpo.

PRIMEIRA CARTA
SOBRE O ESTADO DA ALMA DEPOIS DA MORTE.
Idéias gerais.

Muito venerada Maria da Rússia!

Dignai-vos conceder-me a permissão de não vos dar o título de majestade, que tendes direito da parte do mundo, mas não se harmoniza com a santidade do assunto do qual desejas que vos entretivesse, e afim de poder vos escrever com franqueza e toda liberdade.

Desejas conhecer algumas de minhas idéias sobre o estado das almas depois da morte.

Apesar do pouco que é dado ao mais sábio e ao mais douto entre nós, disse saber, uma vez que cada um daqueles que partiram para o país desconhecido dele não retomou, o homem pensante, o discípulo d¹ Aquele que desceu entre nós do céu, e, no entanto, em estado de disto dizer tanto quanto nos é necessário saber para nos encorajar, nos tranquilizar e nos fazer refletir.

Por esta vez, limitar-me-ei a vos expor, sobre este assunto, algumas das idéias mais gerais.

Penso que deve existir uma grande diferença entre o estado, a maneira de pensar e de sentir de uma alma separada de seu corpo material, e o estado na qual ela se encontrava durante sua união com este último. Esta diferença deve ser ao menos tão grande quanto aquela que existe entre o estado de uma criança recém-nascida e o de uma criança vivendo no seio de sua mãe.

Somos ligados à matéria, e são nossos sentidos e nosso órgãos que dão à nossa alma as percepções e o entendimento.

Segundo a diferença que existe entre a construção do telescópio, do microscópio e das lunetas, dos quais se servem nossos olhos para ver, os objetos que olhamos, por seu intermédio, nos aparecem sob uma forma diferente. Nossos sentidos são os telescópios, os microscópios e as lunetas necessários à nossa vida atual, que é uma vida material.

Penso que o mundo visível deve desaparecer para a alma separada de seu corpo, tudo como lhe escapa durante o sono. Ou bem o mundo, que a alma entrevia durante sua existência corporea, deve aparecerá alma desmaterializada sob um aspecto diferente.

Se, durante algum tempo, ela pudesse permanecer sem corpo, o mundo material não existiria para ela. Mas se ela é, logo depois de ter deixado seu corpo, eu acho muito verossímil, provida *de um corpo espiritual, que ela teria retirado de seu corpo material*, o novo corpo lhe dará indispensavelmente uma diferente percepção das coisas. Se, o que pode facilmente ocorrer às almas impuras, esse corpo ficasse, durante algum tempo, imperfeito e pouco desenvolvido, todo o universo apareceria à alma num estado de perturbação, como visto através de um vidro despolido.

Mas se o corpo espiritual, *o condutor e o intermediário de suas novas impressões, era* ou se toma mais desenvolvido ou melhor organizado, o mundo da alma lhe parece, segundo a natureza e as qualidades de seus novos órgãos, assim como segundo o grau de sua harmonia e de sua perfeição, mais regular e mais belo.

Os órgãos se simplificam, adquirem a harmonia entre si e são mais apropriados à natureza, ao caráter, às necessidades e às forças das almas, segundo ela se concentre, se enriqueça e se depure neste mundo, perseguindo um único objetivo e agindo num sentido determinado. A alma *aperfeiçoa, ela mesma*, existindo na Terra, *as qualidades do corpo espiritual*, do veículo no qual ela continuará existindo depois da morte de seu corpo material, e que lhe servirá de órgão para conceber, sentir e agir em sua nova existência. Esse novo corpo, apropriado à sua natureza íntima, a tornará pura, amante, vivaz e apta a mil belas sensações, impressões, contemplações, ações e gozos.

Tudo o que se pode, e tudo o que não podemos ainda dizer sobre o estado da alma depois da morte, se baseará sempre sobre este único axioma permanente e geral: *O homem colhe aquilo que semeou.*

É difícil encontrar um princípio mais simples, mais claro, mais abundante e mais próprio para ser aplicado a todos os casos possíveis.

Existe uma lei geral da Natureza, estreitamente ligada, mesmo idêntica, ao princípio acima mencionado, concernente ao estado da alma depois da morte, uma lei equivalente em todos os mundos, em todos os estados possíveis, no mundo material e no mundo espiritual, visível e invisível, a saber:

"O que se assemelha tende a se reunir, tudo o que é idêntico se atrai reciprocamente, se não existirem obstáculos que se oponham à sua união."

Toda a doutrina sobre o estado da alma depois da morte está baseada sobre este simples princípio; tudo o que chamamos comumente: julgamento preliminar, compensação, felicidade suprema, condenação, pode ser explicado desta maneira: "*Segundo semeaste o bem em ti mesmo, em outros e fora de ti, pertencerás à sociedade daqueles que, como tu, semearam o bem em si mesmos e fora deles; gozarás da amizade daqueles aos quais te assemelhaste em sua maneira de semear o bem.*"

Cada alma separada de seu corpo, livre das cadeias da matéria, aparecerá a si mesma tal qual é em realidade. Todas as ilusões, todas as seduções que impedem de se reconhecer e dever suas forças, suas fraquezas e seus defeitos desapareceram. Ela sentirá uma tendência irresistível a se dirigir para as almas que se lhe assemelham, e a afastar-se daquelas que não se lhe assemelham. Seu próprio peso interior, como obedecendo à lei da gravidade, a atirá nos abismos sem fundo (ao menos é assim que isso lhe parecerá); ou bem segundo o grau de sua pureza, ela se lançará como uma centelha levada pela leveza nos ares, e passará rapidamente pelas regiões luminosas, fluídicas e etéreas.

A alma dá a si mesma um peso que lhe é próprio, pelo seu senso interior; seu estado de perfeição a impulsiona para adiante, para trás ou de lado; seu próprio caráter, moral e religioso, lhe inspira certas tendências particulares. O bom se elevará para os bons; a necessidade que se sente do bem o atrairá para eles. O mau é forçosamente impulsionado para os maus. A queda precipita as almas grosseiras, imorais e irreligiosas para as almas que se lhes assemelham, será tudo tão rápido e inevitável quanto a queda de uma bigorna no abismo, quando nada a detém.

É bastante para esta vez.

Zurique, 1.º VIII. 1798.
JEAN-GASPAR LAVATER.

(Com a permissão de Deus, a continuação todos os oito dias.)

SEGUNDA CARTA.

As necessidades sentidas pelo espírito humano, durante *seu exílio no corpo material, permanecem as mesmas, logo depois que o deixa*. Sua felicidade consistirá na possibilidade de poder satisfazer suas necessidades espirituais; sua danação na impossibilidade de poder satisfazer seus apetites carnis, no mundo menos material.

As necessidades não satisfeitas constituem a danação; sua satisfação constitui a felicidade suprema.

Eu gostaria de dizer a cada homem: "Analisa a natureza de tuas necessidades; dá-lhes seu verdadeiro nome; pergunte a ti mesmo: são admissíveis num mundo menos material? Podem nele encontrar sua satisfação? E, se verdadeiramente pudessem ali ser contentados, seriam daqueles que um Espírito intelectual e imortal possa confessar honradamente e desejar-lhe a satisfação, sem sentir uma vergonha profunda diante de outros seres intelectuais e imortais como ele?"

A necessidade que a alma sente de satisfazer as aspirações espirituais de outras almas imortais; de lhes proporcionar os gozos puros da vida, de lhes inspirar a segurança

da continuidade de sua existência depois da morte, de cooperar por aí no grande plano da sabedoria e do amor supremos, o progresso adquirido por esta nobre atividade, tão digna do homem, assim como o desejo desinteressado no bem dão às almas humanas a *aptidão*, e, portanto, o *direito* de serem recebidas nos grupos e nos círculos de Espíritos mais elevados, mais puros, mais santos.

Quando temos, muito venerada imperatriz, a íntima persuasão de que a necessidade mais natural, e, no entanto, muito rara, que possa nascer numa alma imortal: a de Deus, a necessidade de se aproximar dele cada vez mais, sob todos os aspectos, e de assemelhar-se ao Pai invisível de todas as criaturas é uma vez tomada predominante em nós, oh! então, não devemos sentir o menor medo concernente ao nosso estado futuro, quando a morte nos terá desembaraçado de nosso corpo, essa parede espessa que nos escondia Deus. O corpo material que nos separava dele está abatido, e o véu que nos tirava a visão do mais santo dos santos está rasgado. O Ser adorável que amamos acima de tudo, com todas as suas graças resplandecentes, terá então livre entrada em nossa alma faminta dele e recebendo-o com alegria e amor.

Logo que o amor sem limites por Deus tiver tomado a parte superior em nossa alma, em consequência dos esforços que ela tiver feito para dele se aproximar, e lhe assemelhar em seu amor vivificante da Humanidade, e por todos os meios que ela tinha em seu poder, essa alma, desembaraçada de seu corpo, passando necessariamente por muitos graus para se aperfeiçoar sempre mais, subirá com uma facilidade e uma rapidez espantosas para o objeto de sua mais profunda veneração e de seu amor ilimitado, para a fonte inesgotável e a única suficiente para satisfação de todas as suas necessidades, de todas as suas aspirações.

Nenhum olho fraco, doente ou velado, está em estado de olhar o Sol de frente; do mesmo modo nenhum Espírito não depurado, ainda envolvido da bruma material, da qual uma vida exclusivamente material o cerca, mesmo no momento de sua separação do corpo, não estaria no estado de suportar a visão do mais puro sol dos Espíritos, em sua claridade resplandecente, seu símbolo, seu foco, de onde se escapam essas ondas de luz que penetram mesmo os seres finitos do sentimento de sua infinitude.

Quem melhor do que vós, senhora, sabe que os bons não são atraídos senão pelos bons! Que somente as almas elevadas sabem gozar da presença de outras almas de elite! Todo homem conhecendo a vida e os homens, aquele que, freqüentemente, foi obrigado a se encontrar na sociedade desses bajuladores indecentes, efeminados, com falta de caráter, sempre diligentes em levantar e fazer valer a palavra mais insignificante, a menor alusão daqueles dos quais tramam o favor, ou bem desses hipócritas, tratando de penetrar astuciosamente as idéias dos outros, para interpretá-las em seguida num sentido inteiramente ao contrário, àquele, digo eu, deve saber quanto essas almas vis e escravas se embaraçam subitamente com uma simples palavra pronunciada com firmeza e dignidade; quanto um único olhar severo os confunde, em lhes fazendo sentir profundamente que se os conhece e que se os julga em seu justo valor! Como se lhes torna penoso, então, de suportar a presença de um homem honesto! Nenhuma alma patife e hipócrita é feliz pelo contato de uma alma proba e enérgica, que a penetra. Cada alma impura, tendo deixado seu corpo, deve, segundo sua natureza íntima, como impulsionada por um poder oculto e invencível, fugir da presença de todo ser puro e luminoso, para lhe esconder, tanto quanto possível, a visão de suas numerosas imperfeições que ela não está em estado de esconder a si mesma, nem aos outros.

Quando mesmo não fosse para escrever: "*Ninguém, sem estar depurado, poderá ver o Senhor*" isto estaria perfeitamente na ordem das coisas. Uma alma impura se encontra numa impossibilidade absoluta de entrar em qualquer relação com uma alma pura, nem de sentir por ela a menor simpatia. Uma alma apavorada com a luz, não pode, por isto mesmo, ser atraída pela fonte da luz. A claridade, privada de toda obscuridade, deve queimá-la como um fogo devorador.

E quais são, senhora, as almas que chamamos impuras? Penso que são aquelas nas quais o desejo de se depurar, de se corrigir, de se aperfeiçoar, jamais predominou. Penso que são aquelas que não se submeteram ao princípio elevado do desinteresse em todas as coisas; aquelas que escolheram, elas mesmas, por centro único de todos os seus desejos e de todas as suas idéias; aquelas que se consideram como o objetivo de tudo o que está fora delas, que não procuram senão o meio de satisfazer suas paixões e seus sentidos; aquelas, enfim, nas quais reinam o egoísmo, o orgulho, o amor-próprio e o interesse pessoal, que querem servir dois senhores que se contradizem, e isto simultaneamente.

Semelhantes almas devem se encontrar, penso eu, depois da separação do seu corpo, no miserável estado de uma horrível contemplação de si mesmas; ou bem, o que se toma o mesmo, do desprezo profundo que elas sentem por si mesmas, e serem arrastadas, por uma força irresistível para a horrível sociedade de outras almas egoístas, condenando-se, elas mesmas, sem cessar.

É o egoísmo que produz a impureza da alma e a faz sofrer. Ele é combatido, em todas as almas humanas, por alguma coisa que lhe é contrária, alguma coisa de pura, de divina: o sentimento moral. Sem este sentimento, o homem não é capaz de nenhum gozo moral, de nenhuma estima, nem de nenhum desprezo por si mesmo, não compreendendo nem o céu nem o inferno. Esta luz divina lhe torna insuportável toda obscuridade que descobre em si, e é a razão pela qual as almas delicadas, as que possuem o senso moral, sofrem mais cruelmente quando o egoísmo se apodera delas e subjuga esse sentimento.

Da concordância e da harmonia que subsistem no homem, entre ele e sua lei interior, dependem sua pureza, sua aptidão para receber luz, sua felicidade, seu céu, seu Deus. Seu Deus lhe aparece na semelhança consigo mesmo. A aquele que sabe amar, Deus aparece como o supremo amor, sob mil formas de amar. Seu grau de felicidade e sua aptidão a tomar felizes os outros são proporcionais ao princípio de amor que reina nele. Aquele que ama com desinteresse permanece em harmonia incessante com a fonte de todo amor e todos aqueles que nela haurem o amor.

Tratemos de conservar em nós o amor em toda a sua pureza, senhora, e seremos sempre arrastados por ele para as almas que mais amam. Purifiquemo-nos todos os dias mais das manchas do egoísmo, e, então, devendo deixar este mundo hoje mesmo ou amanhã, restituído à terra nosso envoltório mortal, nossa alma tomará seu vôo com a rapidez do relâmpago para o modelo de todos aqueles que amam, e se reunirá a eles com uma felicidade inexprimível.

Ninguém de nós, pode saber o que se tornará sua alma depois da morte de seu corpo, e, no entanto, estou plenamente persuadido de que o amor depurado deve, necessariamente, dar ao nosso Espírito, livre de seu corpo, uma liberdade sem limites, uma existência cêntupla, um gozo contínuo de Deus, e um poder ilimitado para tornar felizes todos aqueles que estão aptos a sentir a felicidade suprema.

Oh! quanto a liberdade moral do Espírito, despojado de seu corpo, é incomparável! com que leveza a alma do ser que ama, cercada de uma luz resplandecente, efetua a sua ascensão! Que ciência infinita, que poder de se comunicar aos outros, se tomam seu apanágio! Que luz jorra de si mesma! Que vida anima todos os átomos dos quais está formada! Ondas de prazeres se lançam de todos os lados ao seu encontro para satisfazer suas necessidades mais puras e mais elevadas! Legiões inumeráveis de seres que amam lhe estendem os braços! Vozes harmoniosas se fazem ouvir nesses coros numerosos e radiantes de alegria e lhe dizem: "Espírito de nosso Espírito! Coração de nosso coração! Amor haurido na fonte de todo amor ! Alma que ama, tu nos pertence, a todos nós, e somos todos teus! Cada um de nós é teu e tu pertences a cada um de nós. Deus é amor e Deus está em nós. Todos somos cheios de Deus e o amor encontra a sua felicidade na felicidade de todos."

Desejo ardentemente, mui venerada imperatriz, que vós, vosso nobre e generoso esposo, o imperador, tão levados um ao outro para o bem, e eu convosco, possamos não nos tornar jamais estranhos ao amor que é Deus e homem ao mesmo tempo; que nos seja permitido nos formar, para os prazeres do amor, por nossas ações, nossas preces e nossos sofrimentos, em nos aproximando daquele que se deixou pregar sobre a cruz do Gólgota.

JEAN-GASPAR LAVATER.

(A continuação proximamente, se Deus o permitir.)

Zurique. 18 VIII 1798.

Já se pode ver em que ordem de idéias Lavater escrevia à imperatriz Maria, e até que ponto possuía a intuição dos princípios do Espiritismo moderno. Melhor ainda se julgará pelo complemento dessa correspondência notável. À espera das reflexões das quais a faremos seguir, cremos dever, desde o presente, fazer notar um fato importante: é que, para manter uma correspondência sobre um semelhante assunto com a imperatriz, seria preciso que esta partilhasse dessas idéias, e várias circunstâncias não permitem duvidar que ocorria o mesmo com o czar, seu esposo. Foi sobre seu pedido, ou melhor, sobre seus pedidos, que Lavater escreveu, e o tom de suas cartas prova que se dirigia a pessoas convencidas. Como se vê, as crenças espíritas, nas altas regiões, não datam de hoje. Aliás, pode se ver, na Revista de abril de 1866, página 120, o relato de uma aparição tangível de Pedro o Grande a esse mesmo Paulo I.

As cartas de Lavater, tendo sido lidas na Sociedade de Paris e, tendo se estabelecido uma conversa a este respeito, Paulo I, atraído, sem dúvida, pelo pensamento que lhe era dirigido nessa ocasião, se manifestou, espontaneamente e sem evocação, por um dos médiuns, ao qual ditou a comunicação seguinte:

(Sociedade de Paris, 7 de fevereiro de 1868; médium Sr. Leymarie.)

O poder é coisa pesada, e os aborrecimento que deixa impressionam dolorosamente a nossa alma! Os dissabores são contínuos; é preciso se conformar aos hábitos, às velhas instituições, ao preconceito, e Deus sabe o que é preciso de resistência para se opor a todos os apetites que vêm bater no trono, como ondas tumultuosas. Também que felicidade quando, deixando um instante, essa toga de Nessus, chamada *realza*, pode-se encerrar em um lugar pacífico, onde se possa repousar em paz longe do barulho e do tumulto das ambições!

Minha cara Maria amava a calma. Natureza sólida, doce, resignada, afetuosa, teria preferido o esquecimento das grandezas para se dedicar completamente à caridade, para estudar as altas questões filosóficas que eram da alçada de suas faculdades. Como ela, eu gostava desses lazes intelectuais; eram um balsa mo para minhas feridas de soberano, uma força nova para me guiar na complicação da política européia.

Lavater, esse grande coração, esse grande Espírito, esse irmão predestinado, nos iniciou em sua sublime doutrina; suas cartas, que hoje possuiis, eram esperadas por nós com uma ansiedade febril. Tudo que elas encerram era a miragem de nossas idéias pessoais; nós as líamos, essas cartas queridas, com uma alegria infinita, felizes em depor nossa coroa, sua seriedade, sua etiqueta, para discutir os direitos da alma, sua emancipação e seu curso divino para o eterno.

Todas essas questões, ardentes hoje, nós as aceitamos há setenta anos; elas faziam parte de nossa vida, de nosso repouso. Muitos efeitos estranhos, aparições, ruídos, tinham fortalecido a nossa opinião a esse respeito. A imperatriz Maria via e ouvia os Espíritos; por eles, ela sabia dos acontecimentos passados a grandes distância. Um

príncipe Lopoukine, morto em Kiew, a várias centenas de léguas, tinha vindo nos anunciar a sua morte, os incidentes que tinham precedido a sua partida, a expressão de suas últimas vontades; a imperatriz tinha escrito, sob o ditado do Espírito Lopoukine, e vinte dias depois, somente se soube na corte todos os detalhes que possuíamos. Foram para nós uma confirmação brilhante, e também a prova de que Lavater e nós estávamos iniciados nas grandes verdades.

Hoje, conhecemos melhor por vós a doutrina cuja base alargaste; voltaremos a vos pedir alguns instantes, e agradecemos antecipadamente, se consentis em escutar Maria da Rússia e aquele que teve o favor detê-la por companheira.

PAULO I.

**FLAGEOLET,
ESPIRITO MISTIFICADOR.**

O fato seguinte nos foi reportado por um de nossos correspondentes de Maine-et-Loire, Sr. doutor E. Champneuf. Se bem que o fato, em si mesmo, não saia do círculo dos fenômenos conhecidos de manifestações físicas, ele é instrutivo no sentido em que prova, uma vez mais, a diversidade dos tipos que se encontram no mundo invisível, e que nele entrando certos Espíritos não se despojam imediatamente de seu caráter; é o que se ignorava antes que o Espiritismo nos tivesse colocado em relação com os habitantes desse mundo. Eis o relato que nos dirigiu:

"Permiti-me vos fazer conhecer um fato bastante curioso, não de um transporte, mais de uma subtração, por um Espírito, que se produziu, há oito dias, em nosso meio.

"É um Espírito, freqüentador, há vários anos, de nosso grupo de Saumur, que, desde algum tempo, se fez mais familiar ainda de nosso grupo de Vernantes; ele disse se chamar Flageolet; mas nosso médium, do qual se fez reconhecer, e que, com efeito, conheceu quando vivia nesse mundo, nos disse que trazia o nome de Biron, rabequista de aldeia, homem bastante corajoso, boêmio, e correndo os botequins onde fazia dançar. É um Espírito leviano, mistificador, mas não mau.

"Portanto, Flageolet se instalou na casa de meu irmão, casa onde ocorrem as nossas sessões; e os almoços e os jantares são alegrados pelas árias batidas que lhe são pedidas, ou que não lhe são pedidas, felizes quando os copos e os pratos não são derrubados por sua graça barulhenta.

"Há oito dias, meu irmão, que faz um grande uso de tabaco, tinha, como é comum, a sua tabaqueira junto de si sobre a mesa, e como é comum também, Flageolet assistia ao jantar da família. Depois de algumas marchas e árias batidas, o Espírito se pôs a tocar a ária: *Tenho um bom tabaco em minha tabaqueira*. Nesse momento meu irmão procurou a sua, que não estava mais junto dele; ele passeou seu olhar em torno de si, e revirou seus bolsos, nada; a mesma ária continuou com mais animação; ele se levantou, sondou a mesinha da lareira, os móveis, levou as investigações até as partes vizinhas, e a ária da tabaqueira, batendo com mais vigor, o perseguia com redobradas zombarias à medida que se afasta e se anima nessas procuras. Se ele se aproxima da lareira, os golpes se tornam mais fortes e mais precipitados. Enfim, o procurador, irritado por essa harmonia implacável, pensa em Flageolet, e lhe diz: - Foste tu que pegou a minha tabaqueira? - Sim. - Queres ma restituir? - Sim. - Pois bem! fala.

"Pegou-se o alfabeto e um lápis, e o Espírito ditou: "Eu a coloquei no fogo." Remexem as cinzas quentes e ali a encontram, no fundo da lareira, a tabaqueira cujo pó estava calcinado.

Todos os dias, é alguma surpresa de sua parte ou alguma peça à sua maneira. Há três dias, ele nos fez conhecer o conteúdo de um cesto bem amarrado, que vinha de chegar.

"Ontem à noite, foi uma nova malícia endereçada ao meu irmão. Este, durante o dia, entrando na casa, procura o boné que usa no interior, e, não podendo encontrá-lo, fica resignado e nisto não pensa mais. À noite, Flageolet, aborrecido, sem dúvida, portocarsuas árias sem que se lhe prestem atenção, e sem que se pensassem em interrogá-lo, pede para fazer escrever. Colocamo-nos à sua disposição, e ele ditou:

"-Eu roubei tua calota. -Queres me dizer onde ela está? -Sim. -Onde a colocaste? - Eu a dei a Napoleão.

"Persuadidos de que era uma má brincadeira do Espírito, lhe perguntamos: - Qual? - O teu.

"Há muitos anos, há uma estátua de Napoleão I, de tamanho médio, na sala onde se realizam as nossas sessões. O erigimo-nos para a estátua, a lâmpada na mão, encontramos o boné desaparecido, que cobria o pequeno chapéu histórico."

Nota. - Tudo, no Espiritismo, é assunto de estudo para o observador sério; os fatos em aparência insignificantes têm a sua causa, e esta causa pode se ligar aos princípios mais importantes.

É que as grandes leis da Natureza não se revelam no menor inseto como no animal gigantesco? no grão de areia que cai, como no movimento dos astros? O botânico negligencia uma flor porque ela é humilde e sem brilho? Ocorre o mesmo na ordem moral, onde tudo tem o seu valor filosófico, como na ordem física tudo tem seu valor científico. Ao passo que certas pessoas não verão, no fato acima reportado, senão uma coisa curiosa, divertida, um assunto de distração, outros nela verão uma aplicação da lei que rege a marcha progressiva dos seres inteligentes e nisto haurirão um ensinamento. O mundo invisível sendo o meio onde chegará fatalmente a Humanidade, nada daquilo que pode ajudar a fazer conhecê-la, poderia ser indiferente. *O mundo corpóreo e o mundo espiritual, se derramando incessantemente um no outro pelas mortes e os nascimentos, se explicam um pelo outro.* Está aí uma das grandes leis reveladas pelo Espiritismo.

O caráter desse Espírito não é o de uma criança traquinas? No entanto, quando vivo, era homem feito e mesmo de uma certa idade; certos Espíritos se tomariam, pois, crianças? Não; o Espírito realmente adulto não retorna para trás quanto o rio não remonta à sua fonte. Mas a idade do corpo, de nenhum modo, é um indício da idade do Espírito. Como é preciso que todos os Espíritos que se encarnem passem pela *infância corpórea*, disto resulta que nos corpos de criança se encontram forçosamente Espíritos avançados; ora, se esses Espíritos morrem prematuramente, revelam a sua superioridade desde que se despojaram de seu envoltório. Pela mesma razão, um Espírito jovem, espiritualmente falando, não podendo chegar à maturidade no curso de uma existência, que é menos de que uma hora com relação à vida do Espírito, um corpo adulto pode receber um Espírito criança pelo caráter e pelo desenvolvimento moral.

Flageolet pertence, incontestavelmente, a esta última categoria de Espíritos; ele avançará mais rapidamente do que outros, porque não há nele senão leviandade e que o fundo não é mau. O meio sério no qual se manifesta, o contato com homens esclarecidos, amadurecerão as suas idéias; sua educação é uma tarefa que lhes incumbe, ao passo que não teria nada ganho com pessoas fúteis que tivessem se divertido com seus gracejos, como o de um bufão.

ENSAIO TEÓRICO DAS CURAS INSTANTÂNEAS.

De todos os fenômenos espíritas, sem contradita, um dos mais extraordinários é o das curas instantâneas. Compreendem-se as curas produzidas pela ação firme de um bom fluido; mas pergunta-se como esse fluido pode operar uma transformação súbita

no organismo, e, sobretudo, por que o indivíduo que possui essa faculdade não tem acesso sobre todos aqueles que são atingidos da mesma doença, admitindo que haja especialidades. A simpatia dos fluidos é uma razão, sem dúvida, mas que não satisfaz completamente, porque ela nada tem de positivo nem de científico. No entanto, as curas instantâneas são um fato que não se poderia colocar em dúvida. Se não tivessem em seu apoio senão os exemplos dos tempos recuados, poder-se-ia, como alguma aparência de fundamento, considerá-los como lendários, ou, pelo menos, como ampliados pela credulidade; mas quando os mesmos fenômenos se reproduzem sob nossos olhos, no século mais cético com respeito às coisas sobrenaturais, a negação não é mais possível, e se é forçado a neles ver, não um efeito miraculoso, mas um fenômeno que teve ter sua causa nas leis da Natureza ainda desconhecidas.

A explicação seguinte, deduzida das indicações fornecidas por um médium em estado de sonambulismo espontâneo, é baseada sobre considerações fisiológicas que nos parecem lançar uma luz nova sobre a questão. Ela foi dada por ocasião de uma pessoa atingida de enfermidades muito graves, e que perguntava se um tratamento fluídico poderia lhe ser salutar.

Por racional que nos pareça esta explicação, não a damos como absoluta, mas a título de hipótese e como assunto de estudo, até que haja recebido a dupla sanção da lógica e da opinião geral dos Espíritos, único controle válido das doutrinas espíritas, e que possa lhe assegurar a perpetuidade.

Na medicação terapêutica é preciso remédios apropriados ao mal. O mesmo remédio, não podendo ter virtudes contrárias: serão mesmo tempo estimulante e calmante, calórico e refrescante, nem pode convir a todos os casos; é por isto que não há remédio universal.

Ocorre o mesmo com o fluido curador, verdadeiro agente terapêutico, cujas qualidades variam segundo o temperamento físico e moral dos indivíduos que o transmitem. Há fluidos que super excitam e outros que acalmam, fluidos duros e fluidos doces, e muitas outras nuances. Segundo suas qualidades, o mesmo fluido, como o mesmo remédio, poderá ser salutar em certos casos, ineficaz e mesmo nocivo em outros; de onde se segue que a cura depende, em princípio, da apropriação das qualidades do fluido à natureza e à causa do mal. Eis o que muitas pessoas não compreendem, e porque se admiram de que um curador não cure todos os males. Quanto às circunstâncias que influem sobre as qualidades intrínsecas dos fluidos, elas foram suficientemente desenvolvidas no capítulo XIV da Gênese, para que seja supérfluo lembrá-las aqui.

A essa causa toda física de não cura, é preciso acrescentar-lhe uma toda moral que o Espiritismo nos faz conhecer; é que a maioria das doenças, como todas as misérias humanas, são expiações do presente ou do passado, ou provas para o futuro; são dívidas contraídas das quais se devem suportar as conseqüências até que se as tenha quitado. Aquele, pois, não pode ser curado porque deve suportar sua prova até o fim. Este princípio é um motivo de resignação para o doente, mas não deve ser uma desculpa para o médico que procuraria, na necessidade da prova, um meio cômodo de abrigar sua ignorância.

As doenças, consideradas só do ponto de vista filosófico, têm duas causas que não foram distinguidas até hoje, e que não poderiam ser apreciadas antes dos novos conhecimentos trazidos pelo Espiritismo; é a diferença dessas duas causas que ressalta a possibilidade das curas instantâneas nos casos especiais e não em todos.

Certas doenças têm sua causa original na própria alteração dos tecidos orgânicos; é a única que a ciência admitiu até hoje; e como ela não conhece para remediá-la senão as substâncias medicamentosas tangíveis, não compreende a ação de um fluido impalpável tendo por propulsor a vontade. No entanto, as curas magnéticas estão aí para provar que isso não é uma ilusão.

Na cura das doenças dessa natureza, pelo influxo fluídico, há substituição das moléculas orgânicas mórbidas por moléculas sadias; é a história de uma velha casa da qual se substituem as pedras carcomidas por boas pedras; sempre se tem a mesma casa, mas restaurada e consolidada. A torre Saint-Jacques e Notre-Dame de Paris acabam de sofrer um tratamento deste gênero.

A substância fluídica produz um efeito análogo ao da substância medicamentosa, com esta diferença de que sua penetração, sendo maior, em razão da tenuidade de seus princípios constituintes, ela age mais diretamente sobre as moléculas primárias do organismo que não podem fazê-lo as moléculas mais grosseiras das substâncias materiais. Em segundo lugar, sua eficácia é mais geral, sem ser universal, por que suas qualidades *são modificáveis pelo pensamento*, ao passo que as da matéria são fixas e invariáveis, e não podem se aplicar senão em casos determinados.

Tal é, em tese geral, o princípio sobre o qual repousam os tratamentos magnéticos. Acrescentamos sumariamente e por memória, não podendo aqui aprofundar o assunto, que a ação dos remédios homeopáticos em doses infinitesimais está fundada sobre o mesmo princípio; a substância medicamentosa sendo levada, pela divisão, ao estado atômico, adquire até um certo ponto as propriedades dos fluidos, menos, no entanto, o princípio anímico, que existe nos fluidos animalizados e lhes dá as qualidades especiais.

Em resumo, trata-se de reparar uma desordem orgânica pela introdução, na economia, de materiais sãos para substituir os materiais deteriorados. Esses materiais sãos podem ser fornecidos pelos medicamentos comuns em natureza; por esses mesmos medicamentos no estado de divisão homeopática; enfim, pelo fluido magnético, que não é outra do que a matéria espiritualizada. São três modos de reparação, ou melhor, de introdução e de assimilação dos elementos reparadores; todos os três estão igualmente na Natureza, e têm sua utilidade segundo os casos especiais, o que explica porque um triunfa onde outra fracassa, porque haveria parcialidade em negar os serviços prestados pela medicina comum. São, em nossa opinião, três ramos da arte de curar destinados a se suprirem e a se completarem segundo a circunstância, mas dos quais nenhum está fundado em se crer a panacéia universal do gênero humano.

Cada um desses meios poderá, pois, ser eficaz se for empregado a propósito e apropriado à especialidade do mal; mas, qualquer que seja, compreende-se que a substituição molecular, necessária ao restabelecimento do equilíbrio, não pode se operar senão gradualmente, e não como por encantamento e por um golpe de varinha; a eu rã, se ela for possível, não pode ser senão resultado de uma ação firme e perseverante, mais ou menos longa conforme a gravidade dos casos.

No entanto, as curas instantâneas são um fato, e como elas não podem mais ser miraculosas do que os outros, é preciso que elas se cumpram em circunstâncias especiais; o que prova é que elas não ocorrem indistintamente para todas as doenças, nem sobre todos os indivíduos. É, pois, um fenômeno natural cuja lei é preciso procurar; ora, eis a explicação que dele foi dada; para compreendê-la, seria preciso ter o ponto de comparação que acabamos de estabelecer.

Certas afecções, mesmo muito graves e passadas ao estado de crônicas, não têm por causa primeira a alteração das moléculas orgânicas, mas a presença de um mau fluido que as desagrega, por assim dizer, e perturba-lhes a economia.

Ocorre como num relógio de bolso do qual todas as peças estão em bom estado, mas cujo movimento é detido ou desregulado pela poeira; nenhuma peça há para se substituir, e, no entanto, ele não funciona; para restabelecer a regularidade do movimento, basta limpar o relógio do obstáculo que o impede de funcionar.

Tal é o caso de um grande número de doenças cuja origem é devida aos fluidos perniciosos dos quais o organismo está penetrado. Para obter a cura, não são as moléculas deterioradas que é preciso substituir, mas um corpo estranho que é preciso

expulsar; desaparecida a causa do mal, o equilíbrio se restabelece e as funções retomam o seu curso.

Concebe-se que, em semelhante caso, os medicamentos terapêuticos, destinados pela sua natureza a agir sobre a matéria, sejam sem eficácia sobre um agente fluídico; também a medicina comum é impotente em todas as doenças causadas pelos fluidos viciados, e elas são numerosas. À matéria pode se opor a matéria, mas a um fluido mau é preciso opor um fluido melhor e mais poderoso. A *medicina terapêutica* fracassa naturalmente contra os agentes fluídicos; pela mesma razão, a *medicina fluídica* fracassa lá onde seria preciso opor a matéria à matéria; a *medicina homeopática* nos parece ser a intermediária, o traço de união entre esses dois extremos, e deve particularmente triunfar nas afecções que se poderiam chamar mistas. Qualquer que seja a pretensão de cada um desses sistemas à supremacia, o que há de positivo é que, cada um de seu lado obtém incontestáveis sucessos, mas que, até o presente, nenhum justificou de estarem posse exclusiva da verdade; de onde é preciso concluir que todos têm sua utilidade, e que o essencial é aplicá-los a propósito.

Não temos que nos ocupar aqui dos casos em que o tratamento fluídico é aplicável, mas da causa pela qual esse tratamento, às vezes, pode ser instantâneo, ao passo que em outros casos ele exige uma ação continuada.

Esta diferença prende-se à própria natureza e à causa primeira do mal. Duas afecções que apresentam, em aparência, sintomas idênticos, podem ter causas diferentes; uma pode ser determinada pela alteração das moléculas orgânicas, e, neste caso, é preciso reparar, substituir, como me foi dito, as moléculas deterioradas por moléculas sadias, operação que não se pode fazer senão gradualmente; a outra, por infiltração nos órgãos sadios, de um fluido mau que lhe perturba as funções. Neste caso, não se trata de reparar, mas de expulsar. Estes dois casos requerem, no fluido curador, qualidades diferentes; no primeiro, é preciso um fluido mais doce do que violento, rico, sobretudo, em princípios reparadores; no segundo, um fluido enérgico, mais próprio para a expulsão do que a reparação; segundo a qualidade desse fluido, a expulsão pode ser rápida e como pelo efeito de uma descarga elétrica. O doente, subitamente liberto da causa estranha que o fazia sofrer, sente-se imediatamente aliviado, como ocorre na extirpação de um dente estragado. O órgão, não estando mais obliterado, retorna ao seu estado normal e retoma as suas funções.

Assim podem se explicar as curas instantâneas, que não são, em realidade, senão uma variedade da ação magnética. Elas repousam, como se vê, sobre um princípio essencialmente fisiológico e nada têm de mais miraculoso do que os outros fenômenos espíritos. Compreende-se, deste então, porque essas espécies de cura não são aplicáveis a todas as doenças. Sua obtenção prende-se, ao mesmo tempo, à causa primeira do mal, que não é a mesma em todos os indivíduos, e às qualidades especiais do fluido que se lhe opõem. Disto resulta que tal pessoa que produz efeitos rápidos não está sempre própria a um tratamento magnético regular, e que excelentes magnetizadores são impróprios às curas instantâneas.

Esta teoria pode se resumir assim: "Quando o mal exige a reparação de órgãos alterados, a cura é necessariamente lenta, e requer uma ação continuada e um fluido de uma qualidade especial; quando se trata da expulsão de um mau fluido, ela pode ser rápida e mesmo instantânea."

Para simplificar a questão, não consideramos senão os dois pontos extremos; mas, entre os dois, há nuances infinitas; quer dizer, uma multidão de casos onde as duas causas existem simultaneamente em diferentes graus, e com mais ou menos preponderância de cada uma; onde, por consequência, é preciso, ao mesmo tempo, expulsar e reparar. Segundo a das duas causas que predomine, a cura é mais ou menos lenta; se for a do mau fluido, depois da expulsão é preciso a reparação; se for a desordem orgânica, depois da *reparação* é preciso a expulsão. A cura não é completa senão depois

da destruição das duas causas. É o caso mais comum; eis porque os tratamentos terapêuticos têm, freqüentemente, necessidade de ser completados por um tratamento fluídico e reciprocamente; é também porque as curas instantâneas, que ocorrem nos casos onde a predominância fluídica é, por assim dizer, exclusiva, não poderão jamais se tornarem um meio curativo universal; elas não são, conseqüentemente, chamadas a suplantar nem a medicina, nem a homeopatia, nem o magnetismo comum.

A cura instantânea radical e definitiva pode ser considerada como um caso excepcional, tendo em vista que ela é rara: 1° que a expulsão do mau fluido seja completa na primeira vez; 2° que a causa fluídica não seja acompanhada de alguma alteração orgânica, o que obriga, nuno no outro caso, a ela retornar várias vezes.

Enfim, não podendo os maus fluidos virem senão de maus Espíritos, sua introdução na economia se liga, freqüentemente, à obsessão. Disto resulta que, para obter a cura, é preciso tratar, ao mesmo tempo, o doente e o Espírito obsessor.

Estas considerações mostram quantas coisas é preciso ter em conta no tratamento dos doentes, e quanto resta ainda a aprender sob este aspecto. Além disto, elas vêm confirmar um fato capital, que ressalta da obra/A *Gênese*, que é a aliança do Espiritismo e da ciência. O Espiritismo caminha no mesmo terreno que a ciência até os limites da matéria tangível; mas ao passo que a ciência se detém nesse ponto, o Espiritismo continua o caminho, e prossegue suas investigações nos fenômenos da Natureza, com a ajuda dos elementos que haure no mundo extra-material; somente lá está a solução das dificuldades contra as quais a ciência se choca.

Nota. A pessoa cujo pedido motivou esta explicação está no caso dos doentes de causas complexas. Seu organismo está profundamente alterado, ao mesmo tempo que está saturado dos fluidos mais perniciosos, que a tornam incurável somente pela terapêutica comum. Uma magnetização violenta e muito enérgica não produziria senão uma superexcitação momentânea, logo seguida de uma prostração maior, ativando o trabalho da decomposição. Ser-lhe-ia preciso uma magnetização doce, por muito tempo sustentada, um fluido reparador penetrante, e não um fluido que sacode mas não repara nada. Ela é, conseqüentemente, inacessível à cura instantânea.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

OS PENSAMENTOS DO ZUAVO JACOB.

Precedidos de sua prece e da maneira de curar os que sofrem (1).

(1) Um vol. in-12 de 220 páginas, preço: 2 fr. 50. Casa do editor, rua Bonaparte, 70.

As citações são a melhor maneira de se fazer conhecer o espírito de um livro. Tiramos primeiro, à opinião e ao prefácio do editor, as passagens seguintes daquele que vem de publicar o Sr. Jacob. Os fatos aos quais ele deve sua notoriedade são muito conhecidos para que seja necessário lembrá-los; aliás, os expusemos suficientemente na Revista de outubro e novembro de 1866, depois do campo de Châlons, e nos números de outubro e novembro de 1867.

"Henri Jacob, hoje músico no regimento dos zuavos da guarda imperial, nasceu em 6 de março de 1828, em Saint-Martin-des-Champs (Saône-et-Loire). Todos seus estudos consistem em um ano de classe na escola municipal; não recebeu, pois, outra educação além daquela que seu pai pôde lhe dar; ela não ultrapassa a da simples leitura e escrita, e, no entanto, foi ele que, sem o socorro de ninguém, redigiu este escrito que entregamos à publicidade.

"Jacob não é um escritor de profissão; é um homem com aspirações religiosas, que não se decidiu a entregar este volume à publicidade senão ante solicitações muito esmagadoras. Para ele, esta obra é sua profissão de fé ao Deus criador; uma prece, um hino, por assim dizer, que dirige ao Todo-Poderoso. Ele está escrito num bom espírito,

sem paixão, e nele não faz alusão a nenhum culto nem a nenhum espírito de partidos políticos.

"Jacob é um ser dotado de alguma imaginação, nada de mais. O leitor muito se enganaria se visse em seu sentimentos outra coisa senão Deus e a Humanidade; toda sua ambição é trazer algum alívio a esta última.

"Em suas páginas, vemos uma espécie de heroísmo e de grandeza se refletirem nos atos de filantropia tão maravilhosamente realizados por Jacob, crente firme, que sabe que pode muito, porque Deus vem em sua ajuda em seus trabalhos difíceis, e que só Deus os conduz a bom termo."

O Sr. Jacob primeiro dá conta, em termos simples e sem ênfase, de um sonho ou visão, que contribuiu para a elevação de seus pensamentos a Deus, e a fixar suas idéias sobre o futuro.

Vem em seguida um profissão de fé, em forma de epíteto intitulada:

"*Aos meus irmãos em Espiritismo*" e da qual extraímos as passagens seguintes:

"Antes da minha iniciação na ciência espírita, eu vivia nas trevas; meu coração jamais havia sentido as doçuras da paz! minha alma jamais havia conhecido a alegria; eu vivia preso à Terra com os tormentos que ela suscita aos homens materiais, sem pensar que há mundos melhores, que Deus, nosso Pai de todos, a criou para fazer gozar de uma felicidade inefável aqueles que praticam o bem neste mundo.

"Por minha iniciação na Doutrina Espírita, adquiri a convicção de que Deus, em sua misericórdia, nos envia os bons Espíritos para nos aconselharem e nos encorajarem na prática do bem, e nos deu o poder de nos comunicarmos com eles e com aqueles que deixaram a Terra e que são queridos ao nosso coração. Esta convicção clareou minha alma! vi a luz. Pouco a pouco me fortaleci em minha convicção, e, por este meio, cheguei à faculdade de *médium escrevente*.

"Minhas conversas com os Espíritos e seus bons conselhos me encheram de uma fé viva, confirmando-me as verdades da ciência espírita, que fortaleceram minha fé, e, pela fé, a faculdade de curar me foi dada.

"Assim, pois, meus caros amigos, que uma fé viva esteja sempre em vós para a prática das máximas espíritas que são: o amor de Deus, a fraternidade e a caridade. Amemo-nos uns aos outros, e todos nós possuiremos a faculdade de nos aliviar mutuamente, e muitos poderão chegar a curar, disto tenho a convicção.

"Sejamos, pois, sempre caridosos e generosos e seremos sempre assistidos pelos bons Espíritos. Todos vós que sois iniciados na Doutrina Espírita, ensinai-a àqueles que estão ainda nas trevas da matéria; abri suas almas a luz e gozarão, por antecipação, da felicidade que espera, nos mundos superiores, aqueles que praticam o bem entre nós.

"Sede firmes em vossas boas resoluções; vivei sempre numa grande pureza d'alma, e Deus vos dará o poder de curar os vossos semelhantes. Eis a minha prece:

"Meu Deus, fazei-me a graça de permitir aos bons e benevolentes Espíritos de virem me assistir de intenção e de fato nas obras de caridade que desejo realizar aliviando os infelizes que sofrem. É em vosso nome e em vosso louvor, meu Deus, que esses benefícios se derramam sobre nós."

"Crede, tende fé! e quando quiserdes aliviar um doente, depois de vossa prece, colocai vossa mão sobre seu coração, e pedi calorosamente a Deus o socorro de que tendes necessidade, e, disto tenho a convicção, o eflúvio divino se infiltrará em vós para aliviar ou curar vosso irmão que sofre. Eu, minha primeira cura consciente foi a de fazer sair de sua cama de dor um colérico, operando desta maneira; por que gostaríeis que eu seja mais privilegiado do que vós, por Deus, que é sabedoria e justiça?

"Por vossas cartas, me pedis para corresponder convosco e vos ajudar com meus conselhos. Vou vos fazer parte daqueles que os Espíritos me inspiraram, e responder ao

vosso apelo, cheio de boa vontade de ser útil à vossa felicidade. O meu seria grande se eu pudesse cooperar ao triunfo do grau de perfeição onde desejo vos ver chegar."

Segue uma série de 217 cartas que constituem, propriamente falando, o corpo do volume. São as comunicações obtidas pelo Sr. Jacob, médium escrevente, em diferentes grupos ou reuniões espíritas. São excelentes conselhos de moral, em estilo mais ou menos correto; encorajamentos à prática da caridade, da fraternidade, da humildade, da doçura, da benevolência, do devotamento pela Doutrina Espírita, do desinteresse moral e material; exortações à reforma de si mesmo. O moralista mais severo nele não encontrará nada a censurar, e seria a desejar que todos os médiuns, de cura e outros, e todos os espíritas em geral, colocassem em prática esses sábios conselhos. Não se pode senão felicitar o Sr. Jacob pelos sentimentos que exprime, e, lendo este livro, não virá ao pensamento de ninguém que é obra de um charlatão; é, pois, um desmentido dado às acusações que a malevolência interessada se apraz lançar contra ele; àqueles que, por zombaria, o apresentaram como um taumaturgo ou fazedor de milagres.

Se bem que essas numerosas comunicações sejam todas concebidas num excelente espírito, é de se lamentar que a uniformidade dos assuntos de que elas tratam, lançam um pouco de monotonia sobre essa leitura. Elas não encerram nem explicações, nem instruções especiais sobre a mediunidade de cura, que não é senão a parte acessória do livro. O relato de alguns fatos autênticos de cura, e as circunstâncias que os acompanharam, teria juntado ao interesse e à utilidade prática desta obra.

Eis, de resto, como o Sr. Jacob descreve o que se passa nas sessões onde se reúnem os doentes:

"No momento da sessão, depois de ter dirigido a Deus minha curta mas fervorosa prece, sinto meus dedos se contraírem, e, tocando o doente, reconheço, então, a força do fluido a umedecer suas mãos; algumas vezes elas são inundadas de transpiração; e o calor que as partes inferiores ganham é também um complemento do indício do alívio quase instantâneo que ele sente.

"No entanto, não é pela minha própria inspiração que os doentes devem ver desaparecer os males que os acabrunham, mas muito à vontade de Deus; também vejo errar ao meu redor, no meio de uma brilhante luz, um grande número de Espíritos benevolentes que parecem se associar à minha penosa missão. Há um deles, sobretudo, que me deixa muito distintamente perceber a auréola que deve cercar sua cabeça venerável. Ao seu lado se acham duas pessoas todas irradiantes, cercadas de inumeráveis Espíritos. O primeiro parece me guiar e me inspirarem minhas operações, se posso assim me exprimir; enfim, o quarto onde dou minhas consultas está sempre cheio de uma luz viva que vejo continuamente se refletir sobre os doentes.

"Depois da sessão, não me resta nenhuma lembrança do que se passou; é por isso que recomendo, muito insistentemente, às pessoas presentes para prestarem a maior atenção às palavras que dirijo aos doentes que se oferecem a mim para serem examinados e curados, se, no entanto, isto for possível."

A obra termina por alguns conselhos sobre o regime higiênico que devem seguir os doentes de que ele cuida.

OS ESPIRITISMO DIANTE DA RAZÃO, por Valentin Tournier, antigo jornalista. - Broch. in-18 de 72 páginas. Preço: 1 fr.-CARCASSONNE, casa Lajoux e casa Maillac, livrarias.

O autor deste opúsculo se propôs fazer duas conferências públicas sobre o Espiritismo; tendo sido disto impedido pelas circunstâncias independentes de sua vontade, são essas duas conferências que hoje ele publica. Dirigindo-se ao público não convicto, ele examina sucessivamente as questões seguintes: O Espiritismo é uma coisa séria? -Os

estudos espíritas oferecem perigos?- Esses estudos são úteis? -Os fenômenos são possíveis? - São eles reais? - Qual é a autoridade competente para conhecer dos fatos?

Retornaremos sobre essa interessante publicação que hoje nos limitamos a assinalar.

A segunda edição de *A Gênese*, estando quase esgotada, tira-se, neste momento, a terceira, de maneira a que não haja interrupção.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS.

A REGENERAÇÃO.

(Lyon, 11 de março de 1867. Méd. Sra. B...)

"Naquele tempo não haverá mais nem gritos nem luto, nem trabalho, porque o que era antes terá passado."

Esta predição do Apocalipse foi ditada há dezoito séculos, e se espera ainda que essas palavras se realizem, porque se olham sempre os acontecimentos quando eles já se passaram, e não quando se desenrolam aos nossos olhos.

No entanto, essa época predita é chegada; não há mais dor para aquele que soube se colocar na margem do caminho, a fim de deixar passarem as mesquinhas da vida sem detê-las para delas fazer uma arma ofensiva contra a sociedade.

Estais no meio desses tempos como a espiga dourada está na colheita; viveis sob o olhar de Deus, e sua irradiação vos ilumina! De onde vem que vos inquietais com a marcha dos acontecimentos que foram previstos por Deus, então que não éreis ainda senão as crianças da geração da qual Jesus falava quando dizia: "antes que esta geração passe acontecerão grandes coisas?"

O que sois, Deus o sabe; o que sereis, Deus o vê! Cabe a vós muito vos compenetrar do caminho que vos está traçado, porque vossa tarefa é de vos submeter a tudo o que Deus decidiu. Vossa resignação, e sobretudo vossa amenidade, não são senão os testemunhos de vossa inteligência e de vossa fé na eternidade.

Acima de vós, neste universo onde vosso mundo se coloca, planam os Espíritos mensageiros que receberam a missão de vos guiar. Eles sabem quando se cumprirão os acontecimentos preditos; é por isso que vos dizem: "Não haverá mais, então, nem gritos, nem luto, nem trabalho."

Sem dúvida, não pode mais ali haver grito para aquele que se submete às vontades de Deus e que aceita suas provas. Não há mais luto uma vez que sabeis que os Espíritos que vos precederam não estão perdidos para vós, mas que estão em viagem; ora, não se fica de luto quando um amigo se ausenta.

O próprio trabalho se torna um favor, uma vez que se sabe que ele é um concurso à obra harmônica que Deus dirige; executa-se, então, sua parte de trabalho com a solicitude que o estatuário põe para polir sua estátua. É uma recompensa infinita que Deus vos concede.

No entanto, reencontrarei ainda entraves em vossas tentativas para chegar à melhoria social. E que não se chega jamais ao resultado sem que a luta venha afirmar seus esforços. O artista é obrigado a vencer os obstáculos que se opõem à irradiação de seu pensamento; ele não se toma vitorioso senão quando soube se elevar acima das privações e dos vapores brumosos que envolvem seu gênio, ao seu nascimento.

A idéia que surgiu foi semeada pelos Espíritos quando Deus lhe disse: "Ide e instruí as nações; ide e derramai a luz." Esta idéia que cresceu com a rapidez de uma inundação, naturalmente, deveu encontrar contraditares, oponentes e incrédulos. Ela *não seria a fonte de vida, se devesse sucumbir sob as zombarias que a acolheram em seu início*. Mas o próprio Deus guia esse pensamento através da imensidão; o fecunda sobre a Terra, e ninguém o destruirá! Inutilmente que se procuraria extirpar-lhe as raízes;

trabalhar-se-ia em vão para aniquilá-lo nos corações; em nascendo, as crianças o trazem, e dir-se-ia que um sopro de Deus o incrusta em seu berço, como outrora a Estrela do Oriente clareou aqueles que vinham diante de Jesus trazendo ele mesmo a idéia regeneradora do cristianismo.

Vedes bem, pois, que esta geração não passará sem que cheguem grandes coisas, uma vez que, com a idéia, a fé se eleva e a esperança irradia... Coragem! o que foi predito pelo Cristo deve-se realizar. Nesses tempos de aspiração à verdade, a luz que ilumina todo homem vindo a este mundo, brilha de novo sobre vós; perseverai na luta, sede firmes e desconfiai das armadilhas que vos são estendidas; ficai ligados a esta bandeira onde vós haveis escrito: *Fora da caridade não há salvação*, e depois esperai, porque aquele que recebeu a missão de vos regenerar retorna, e ele disse: Bem-aventurados aqueles que conhecerem o meu novo nome!

UM ESPÍRITO.

Errata.

Número de abril de 1867, página 103, linha 3: Salmo XXV, v. 17; lede: Salmo XXI, v. 18 e 19.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

11º ANO

NO. 4

ABRIL 1868

CORRESPONDÊNCIA INÉDITA DE LAVATER

COM A IMPERATRIZ MARIA DA RÚSSIA.

(Continuação. - Ver o número de março de 1868).

TERCEIRA CARTA.

Muito venerada Imperatriz,

A sorte exterior de cada alma, despojada de seu corpo, responderá ao seu estado interior, quer dizer, que tudo lhe aparecerá tal qual ela própria é. À boa, tudo parecerá no bem; o mal não aparecerá senão nas almas dos maus. As naturezas afetuosas cercarão a alma afetuosa; a alma odiosa atrairá para ela naturezas odiosas. Cada alma verá a si mesma refletida nos Espíritos que se lhe assemelham. O bom se tomará melhor e será admitido nos círculos compostos de seres que lhes são superiores; o santo se tomará mais santo unicamente pela contemplação dos Espíritos mais puros e mais santos do que ele; o Espírito afetuoso se tomará mais afetuoso ainda; mas também cada ser mau se tornará pior unicamente pelo seu contato com os outros seres maus. Se já sobre a Terra nada é mais contagioso e mais arrastador do que a virtude e o vício, o amor e o ódio, do mesmo modo, além do túmulo, toda perfeição moral e religiosa, assim como todo o sentimento imoral e irreligioso, necessariamente, devem se tomar ainda mais arrastadores e mais contagiosos.

Vós, muito honrada Imperatriz, vos tomareis todo amor no círculo de almas benevolentes.

O que restará ainda em mim de egoísmo, de amor-próprio, de tibieza pelo reino e pelos desejos de Deus, será inteiramente engolido pelo sentimento de amor, se foi predominante em mim, e se depurará ainda, sem cessar, pela presença e pelo contato dos Espíritos puros e afetuosos.

Depurados pela força de nossa aptidão para amar, largamente exercida neste mundo; purificados ainda mais pelo contato e a irradiação, sobre nós, do amor dos Espíritos puros e elevados, seremos gradualmente preparados para a visão direta do amor mais perfeito, para que ele não possa nos deslumbrar, nos assustar, e nos impedir de gozá-lo com delícias.

Mas como, muito venerada Imperatriz, uma fraqueza mortal poderia, ousaria se fazer uma idéia da contemplação desse amor personificado? E tu, caridade inesgotável! como poderias te aproximar daquele que haure unicamente em ti o amor, sem assustá-lo e sem deslumbrá-lo?

Penso que, no começo, ele aparecerá invisivelmente ou sob uma forma irreconhecível.

Sempre não agiste desta maneira? Quem amou mais invisivelmente do que Jesus? Quem, melhor do que ele, sabia representar a individualidade incompreensível do desconhecido? Quem soube melhor do que ele se tornar irreconhecível, ele que poderia se fazer conhecer melhor do que nenhum mortal ou de qualquer Espírito imortal? Ele, que todos os céus adoram, veio sob a forma de um modesto operário e conservou, até a morte, a individualidade de um Nazareno. Mesmo depois de sua ressurreição, apareceu primeiro sob uma forma irreconhecível e não se fez reconhecer senão depois. Penso que ele conservará sempre esse modo de ação, tão análogo à sua natureza, à sua sabedoria e ao seu amor. Foi sob a forma de um jardineiro que ele apareceu a Maria no jardim onde ela o procurava e onde já desesperava de encontrá-lo. De início irreconhecível, não foi reconhecido senão alguns instantes depois.

Foi assim, sob uma forma irreconhecível, que ele se aproximou de dois de seus discípulos, que caminhavam cheios dele e a ele aspiravam. Ele caminhou por muito tempo ao seu lado; seus corações queimaram com uma chama santa: eles sentiam a presença de algum ser puro e elevado, mas antes de um outro do que ele; não o reconheceram senão no momento da partida do pão, no momento de seu desaparecimento e quando, ainda na mesma noite, o viram em Jerusalém. A mesma coisa teve lugar nas margens do lago de Tiberíades, e quando irradiando em sua glória deslumbradora, ele apareceu a Saul.

Como todas as ações de nosso Senhor, todas as suas palavras e todas suas revelações são sublimes e dramáticas!

Tudo segue uma marcha incessante que, empurrando sempre para afrente, se aproxima cada vez mais de um objetivo que, no entanto, não é o objetivo final. O Cristo é o herói, o centro, o personagem principal, ora visível, ora invisível, nesse grande drama de Deus, tão admiravelmente simples e complicado ao mesmo tempo, que jamais terá fim, embora tendo parecido mil vezes acabado.

Ele parece sempre, de início irreconhecível, na existência de cada um de seus adoradores. Como o amor poderia se recusar a aparecer ao ser que o ama, justo no momento em que este tem maior necessidade dele?

Sim, tu, o mais humano dos homens, tu aparecerás aos homens da maneira mais humana! Tu aparece rasa alma afetuosa a quem escrevo! tu me aparecerás também, primeiro irreconhecível, e, depois, te farás conhecer a nós. Nós te veremos uma infinidade de vezes, sempre outro e sempre o mesmo, sempre mais belo à medida que nossa alma se melhora, e jamais pela última vez.

Elevemo-nos mais freqüentemente para essa idéia embriagadora que eu tratarei, com a permissão de Deus, de esclarecer mais amplamente em minha próxima carta, e de vos tornar mais surpreendente por uma comunicação dada por um defunto.

I. IX. 1798.

LAVATER.

QUARTA CARTA.

Em minha carta precedente, mui venerada Imperatriz, prometi vos enviar a carta de um defunto ao seu amigo sobre a Terra; ela poderá melhor vos fazer compreender e se apoderar de minhas idéias sobre o estado de um cristão depois da morte de seu corpo. Tomo a liberdade de juntá-la a esta. Julgai-a do ponto de vista que eu vos haja indicado e levai vossa atenção antes sobre o assunto principal do que sobre alguns detalhes particulares que o cercam, embora *eu tenha razões de supor* que estes últimos encerram também alguma *coisa de verdadeiro*.

Para a compreensão das matérias que eu vos exporei na continuação sob esta forma, creio necessário vos fazer notar que tenho quase a certeza de que, apesar da existência de uma lei geral, idêntica e imutável de castigo e de felicidade suprema, cada Espírito, segundo seu caráter individual, não somente moral e religioso, mas mesmo pessoal e oficial, terá sofrimentos a suportar depois de sua morte terrestre e gozará de felicidades que não serão apropriadas senão unicamente a ele. A lei geral se individualizará para cada indivíduo em particular, quer dizer que ela produzirá, em cada um, um efeito diferente e pessoal, tudo como o mesmo raio de luz atravessando um vidro colorido, convexo ou côncavo, dele tira, em parte, sua cor e sua direção. Eu gostaria, pois, que fosse aceito positivamente: que, *embora todos os Espíritos felizes, menos felizes ou sofredores se encontrem sob a mesma lei muito simples de semelhança ou de dissemelhança com o mais perfeito amor, deve se presumir que o caráter substancial, pessoal, individual de cada Espírito lhe constitui um estado de sofrimento ou de felicidade, essencialmente diferente do estado de sofrimento ou de felicidade de um outro Espírito. Cada um sofre de maneira que difere do sofrimento de um outro, e sente os gozos que um outro não seria capaz de sentir. A cada um os mundos material e imaterial, Deus e o Cristo, se apresentam sob uma forma particular, sob a qual não aparecem a ninguém exceto ele. Cada um tem seu ponto de vista não pertencendo senão unicamente a ele. A cada Espírito Deus fala uma língua só a ele compreensível. A cada um ele se comunica em particular e lhe concede os gozos que só ele está em estado de sentir e de conter.*

Esta idéia, que considero como uma verdade, serve de base a todas as comunicações seguintes, dadas pelos Espíritos desencarnados aos seus amigos da Terra.

Sentir-me-ia feliz em sabendo que compreendestes como cada homem, pela formação de seu caráter individual e o aperfeiçoamento de sua individualidade, pode se preparar para si mesmo os gozos particulares e uma felicidade apropriada unicamente a ele.

Como nada se esquece tão depressa, e como nada é menos procurada pelos homens do que essa felicidade apropriada a cada indivíduo, se bem que cada um possua toda a possibilidade de proporcioná-la a si mesmo, e dela gozar, tomo a liberdade, sábia e venerada Imperatriz, de vos pedir com instância de se dignar analisar com atenção esta idéia que certamente não podeis considerar como inútil para a vossa própria edificação e vossa elevação até Deus: Deus se *colocou, ele mesmo, e colocou o universo no coração de cada homem.*

Todo homem é um espelho particular do universo e de seu criador. Façamos, pois, todos os nossos esforços, mui venerada Imperatriz, para manter esse espelho tão puro quanto possível, para que Deus possa nele ver a *si mesmo* e sua mil vezes bela criação, refletidos para sua inteira satisfação.

JEAN-GASPAR LAVATER.

Zurique, 14.IX.1798.

CARTA DE UM DEFUNTO AO SEU AMIGO SOBRE A TERRA, SOBRE O ESTADO DOS ESPÍRITOS DESENCARNADOS.

Enfim, meu bem-amado, me é possível satisfazer, embora em parte somente, meu desejo e o teu, e de te comunicar alguma coisa concernente ao meu estado atual. Por esta vez, não posso te dar senão poucos detalhes. Tudo dependerá no futuro *do uso que laras de minhas comunicações.*

Sei que o desejo que sentes de ter noções sobre mim, assim como em geral sobre o estado de todos os Espíritos desencarnados, é muito grande, mas não ultrapassa o meu de te ensinar o que é possível revelar. O poder de amar daquele que amou no mundo material, cresce inexprimivelmente quando se toma cidadão do mundo imaterial. Com o

amor aumenta também o desejo de se comunicar com aqueles que conheceu, o que ele *pode*, o que lhe é *permitido* transmitir.

Devo começar por te explicar, meu bem-amado, a tique amo todos os dias antes, por qual meio me será possível escrever-te, sem poder tocar, ao mesmo tempo, o papel e conduzir a caneta, e como poderei te falar numa língua toda terrestre e humana que, em meu estado habitual, eu não compreendo.

Somente esta indicação deve te servir de traço de luz, para poder compreender como deves encarar o nosso estado presente.

Imagina-te meu estado atual diferente do precedente, quase como o estado da borboleta volteando no ar, difere de seu estado de crisálida. Eu sou justamente essa crisálida transfigurada e emancipada, tendo já sofrido duas metamorfoses. Tudo como a borboleta volteia ao redor das flores, freqüentemente, nós volteamos ao redor das cabeças dos bons, mas não sempre. Uma luz invisível para vós mortais, pelo menos visível a bem poucos entre vós, irradia ou brilha docemente ao redor da cabeça de todo homem bom, afetuoso e religioso. A idéia da auréola da qual se cerca a cabeça dos santos é essencialmente verdadeira e racional. Esta luz, simpatizando com a nossa, todo ser feliz não o é senão pela luz, o atrai para ela segundo o grau de sua claridade, que corresponde à nossa. Nenhum Espírito impuro ousa e não pode se aproximar dessa santa luz. Repousando-nos nessa luz, acima da cabeça do homem bom e piedoso, podemos ler, incontinente, em seu espírito. Nós o vemos tal qual é em realidade. Cada raio saindo dele é para nós uma palavra, freqüentemente todo um discurso; nós respondemos aos seus pensamentos. Ele ignora que somos nós que respondemos. Excitamos nele idéias que, sem a nossa ação, jamais teria estado em condições de conceber, embora a disposição e a aptidão para receber sejam inatas em sua alma.

O homem digno de recebera luz se torna assim um órgão útil e muito proveitoso para o Espírito simpático, que deseja comunicar-lhe as suas luzes.

Encontrei um Espírito, ou antes um homem acessível à luz, do qual pude me aproximar, e é pelo seu órgão que eu te falo. Sem seu intermédio, ter-me-ia sido impossível conversar contigo humanamente, verbalmente, palpavelmente, em uma palavra, de te escrever.

Recebes, pois, desta maneira, uma carta anônima de um homem que tu não conheces, mas que nutre em si uma forte tendência para as matérias ocultas e espirituais. Eu plano acima dele; coloco-me sobre ele, quase como o mais divino de todos os Espíritos repousou sobre o mais divino de todos os homens, depois de seu batismo; eu lhe suscito idéias; ele as transcreve sob minha intuição, sob minha direção, pelo efeito de minha irradiação. Por um ligeiro toque, faço vibrar as cordas de sua alma de maneira conforme à sua individualidade e à minha. Ele escreve o que desejo lhe fazer escrever; eu escrevo por seu intermédio; minhas idéias se tornam as suas. Em escrevendo ele se sente feliz. Ele se torna mais livre, mais animado, mais rico em idéias. Parece-lhe que vive e que plana num elemento mais alegre, mais claro. Ele caminha lentamente, como um amigo conduzido pela mão de um amigo, e é desta maneira que tu recebes de mim uma carta. Aquele que escreve se supõe ser livre e o é muito realmente. Não sofre nenhuma violência; é livre como o são dois amigos que, caminhando de braço dado, se conduzem, no entanto, reciprocamente.

Tu deves sentir que *meu* Espírito se acha em relação direta com o teu; concebes o que te digo; tu ouves meus mais íntimos pensamentos. É bastante por esta vez. O dia em que ditei esta carta chama-se em vossa casa o 15IX1798.

QUINTA CARTA.

Mui venerada Imperatriz, De novo uma pequena carta chegada do mundo invisível. No futuro, se Deus o permitir, as comunicações seguir-se-ão de mais perto.

Esta carta contém uma parte muito pequena daquilo que pode ser dito a um mortal, sobre o aparecimento e a visão do Senhor. É simultaneamente, e sob milhões de formas diferentes, que o Senhor aparece às miríades de seres. Ele quer, e ele mesmo se multiplica por suas inumeráveis criaturas, em se individualizando, ao mesmo tempo, para cada uma delas em particular.

A vós, Imperatriz, ao vosso Espírito de luz ele aparecerá um dia, como apareceu a Maria Madalena, no jardim do sepulcro. De sua boca divina o ouvireis um dia, quando dele sentireis a maior necessidade, e quando menos esperais, vos chamar pelo vosso nome Maria. *Rabbi!* respondereis ao seu chamado, penetrada do mesmo sentimento de felicidade suprema quanto o foi Madalena, e cheia de adoração, como o apóstolo Tome, direis: "*Meu Senhor e meu Deus.*"

Apressamo-nos em atravessar as noites de trevas para chegarmos à luz; passamos pelos desertos para atingir a Terra prometida; sofremos as dores do parto para renascer para a verdadeira vida.

Que Deus e o vosso Espírito esteja convosco em vosso Espírito.

Zurique, 13X11798.

JEAN-GASPAR LAVATER.

CARTA DE UM ESPÍRITO FELIZ AO SEU AMIGO DA TERRA
SOBRE A PRIMEIRA VISÃO DO SENHOR.

Caro amigo,

De mil coisas das quais desejaria te falar, não direi, desta vez, senão uma só que te interessa mais do que todas as outras. Obtive autorização para fazê-lo. Os Espíritos nada podem sem uma permissão especial. Eles vivem, sem sua *própria vontade*, somente na vontade do Pai celeste, que transmite suas ordens a milhares de seres ao mesmo tempo, como a um único, e responde instantaneamente sobre uma infinidade de assuntos, a milhares de suas criaturas que se dirigem a ele.

Como te *lazer* compreender de que maneira vi o Senhor? Oh! de maneira muito diferente daquela que vós, seres ainda mortais, não o podeis imaginar.

Depois de muitas aparições, instruções, explicações e prazeres que me foram concedidos pela graça do Senhor, atravessei uma vez uma região paradisíaca, com mais ou menos doze outros Espíritos, que tinham subido, aproximadamente pelo mesmo grau de perfeição do que eu. Nós planamos, volitamos um lado ao do outro, numa doce e agradável harmonia, formando como uma leve nuvem, e nos parecia sentir o mesmo arrastamento, a mesma propensão até um objetivo muito elevado. Nós nos comprimimos sempre mais um contra o outro. À medida que avançávamos, nos tornávamos sempre mais íntimos, mais livres, mais alegres, mais prazerosos e mais aptos a gozar, e dizíamos: "Oh! quanto é bom e misericordioso *Aquele* que nos criou! *Aleluia ao Criador!* fo\ o amor que nos criou! *Aleluia ao Ser afetuosos!* animados por tais sentimentos, prosseguimos o nosso vôo e nos detemos junto de uma fonte.

Ali sentimos a aproximação de uma brisa leve. Ela não levava um homem nem um anjo, e, no entanto, o que avançava para nós tinha alguma coisa de tão humano que isto atraiu toda a nossa atenção. U ma luz resplandecente, semelhante de alguma sorte à dos Espíritos felizes, mas não a superando, nos inundou. "Aquele é também dos nossos! pensamos simultaneamente e como por intuição." Ela desapareceu, e, de início, nos pareceu que tínhamos sido privados de alguma coisa. "Que ser particular! dissemo-nos; que andar real! e, ao mesmo tempo, que graça infantil! que amenidade e que majestade!"

Enquanto falávamos assim a nós mesmos, subitamente uma forma graciosa nos apareceu, saindo de um delicioso bosquezinhos, e nos fez uma saudação amigável. O

recém-chegado não se assemelhava à aparição precedente, mas tinha, do mesmo modo, alguma coisa de superiormente elevado e de inexprimivelmente simples ao mesmo tempo. "Sede bem-vindos, irmãos e irmãs!" disse ele. Nós respondemos de uma só voz: "Sois o bem-vindo, tu, o bendito do Senhor! o céu se reflete em tua face e o amor de Deus irradia de teus olhos."

- Quem sois? perguntou o desconhecido. - Nós somos os alegres adoradores do todo-poderoso *Amor*, respondemos.

- Quem é o todo-poderoso *Amor*? perguntou-nos ele, com uma graça perfeita.

-Não conheces o todo-poderoso *Amor*? Perguntamos nós, a nosso turno, ou antes fui eu quem lhe dirigiu essa pergunta, em nome de todos.

- Eu o conheço, disse o desconhecido com uma voz ainda mais doce.

- Ah! se pudéssemos ser dignos de vê-lo e de ouvir sua voz? mas não nos sentimos bastante depurados para merecer contemplar diretamente a mais santa pureza."

Em resposta a estas palavras, ouvimos retinir atrás de nós uma voz que nos disse: "Estais lavados de toda mancha, estais purificados. Sois declarados justos por Jesus Cristo e pelo Espírito de Deus vivo!"

Uma felicidade inexprimível se derramou em nós no momento em que, nos voltando na direção de onde partia a voz, queríamos nos precipitar de joelhos para adorar o interlocutor invisível.

Que aconteceu! Cada um de nós ouviu instantaneamente um nome, que não tínhamos jamais ouvido pronunciar, mas que cada um de nós compreendeu e reconheceu ao mesmo tempo ser seu próprio novo nome expressado pela voz do desconhecido. Espontaneamente, com a rapidez do relâmpago, nos voltamos, como um único ser, para o adorável interlocutor, que nos repreendeu assim com uma graça indizível: "Encontrastes o que procuráveis. Aquele que me vê, vê também o todo-poderoso *Amor*. *Eu conheço os meus e os meus me conhecem. Eu dou às minhas ovelhas a vida eterna, e elas não perecerão na eternidade; ninguém poderá arrancá-las de minhas mãos, nem das mãos de meu Pai. Eu e meu Pai somos um!*"

Como poderei expressarem palavras a doce e suprema felicidade na qual nós nos alegamos, quando aquele que, a cada momento, tornava-se mais luminoso, mais gracioso, mais sublime, estendeu para nós seus braços e pronunciou as palavras seguintes, que vibrarão eternamente em nós, e que nenhuma força seria capaz de fazer desaparecer de nossos ouvidos e de nossos corações: "*Vinde aqui, vós, eleitos de meu Pai: herdeiros do reino que vos foi preparado desde o começo do universo.*" Depois disto, nos abraçou a todos simultaneamente, e desapareceu. Nós guardamos o silêncio, e, nos sentindo estreitamente unidos pela eternidade, nos derramamos, sem nos mover, um no outro, docemente e cheios de uma felicidade suprema. O Ser infinito tornou-se um conosco, e, ao mesmo tempo, nosso todo, nosso céu, nossa vida em seu sentido mais verdadeiro. Mil vidas novas pareceram nos penetrar. Nossa existência interior desvaneceu-se para nós; recomeçamos a ser: sentimos a imortalidade, quer dizer, uma superabundância devida e deflores, que levava a marca da indestrutibilidade.

Enfim, recobramos a palavra. Ah! se eu pudesse te comunicar, não fosse senão um único som, de nossa alegre adoração!

"Ele existe! nós somos! Por Ele, só por Ele! - Ele é, - seu ser não é senão vida e amor! -aquele que o vê, vê e ama, é inundado dos eflúvios da imortalidade e do amor provindo de sua face divina, e seu olhar cheio de felicidade suprema!

"Nós te vimos, amor todo-poderoso! Tu te mostraste a nós sob a forma humana, Tu, Deus dos deuses! E, no entanto, Tu não foste nem homem, nem Deus, Tu, Homem-Deus!

"Tu não foste senão amor, todo-poderoso somente como amor! -Tu nos sustentas por tua onipotência, para impedir que a força, mesmo abrandada por teu amor, não nos absorva nela.

"És Tu, és Tu? -Tu que todos os céus glorificam; Tu, oceano de beatitude; - Tu, todo-poder; - Tu, que outrora, encarnando nos humanos, carregavas os fardos da Terra, e, banhado de sangue, suspenso sobre a cruz, Te fizeste cadáver?"

"Sim, és Tu, -Tu, glória de todos os seres! Ser diante do qual se inclinam todas as naturezas, que desaparecem diante de Ti, por serem chamadas a viver em Ti!"

"Em um de teus raios se encontra a vida de todos os mundos, e de teu sopro não jorra senão o amor!"

Isto, caro amigo, não é senão uma migalha mínima caída no chão da mesa cheia de uma felicidade inefável da qual eu me nutria. Aproveita-o, e ela te será dada logo mais. - Ama, e serás amado. -Só o amor pode aspirar à felicidade suprema. - Só o amor pode dar a felicidade, mas unicamente àqueles que amam.

Oh! meu caro, é porque amas que eu posso me aproximar de ti, comunicar a ti, e te conduzir mais depressa à fonte da vida.

Amor! Deus e o céu vivem em ti, tudo como eles vivem na face e no coração de Jesus Cristo!

Escrevi isto, segundo a vossa cronologia terrestre, em 13. XI. 1798.

MAKARIOSENAGAPE.

(O fim no próximo número.)

O FIM DO MUNDO EM 1911

O fim do mundo em 1911, tal é o título de uma pequena brochura in-18, de 58 páginas, difundida em Lyon com profusão, e que se acha nessa cidade na casa Jossierand, livraria, praça Bellecour, nº3. Às considerações tiradas da concordância do estado atual das coisas com o sinais precursores anunciados no Evangelho, o autor acrescenta, segundo uma outra profecia, um cálculo cabalístico que fixa o fim do mundo no ano de 1911, nem mais nem menos, quer dizer, em quarenta e três anos; de sorte que, entre os vivos de hoje, mais de um será testemunha dessa grande catástrofe. Ora, não se trata aqui de uma figura: é o fim bem real, o aniquilamento da Terra, a dispersão de seus elementos, e a destruição completa de todos os seus habitantes. É lamentável que a maneira pela qual se cumprirá esse acontecimento não esteja indicada, mas é também preciso deixar alguma coisa ao imprevisto.

Ele será precedido do reino do Anticristo. Segundo esses mesmos cálculos, que não foram feitos por Arago, este personagem nasceu em 1855 e deve viver 55 anos e meio; e com a sua morte deve marcar o fim dos tempos, isto nos leva justo em 1911, a menos que não haja tido algum erro de cálculo, como para 1840.

Lembra-se, com efeito, que o fim do mundo havia também sido predito para o ano de 1840; se acreditava de tal modo certo, que era pregado nas igrejas, e ouvimos anunciar em certos catecismos de Paris, às crianças da primeira comunhão, o que não deixou de impressionar lastimosamente alguns jovens cérebros. Como o melhor meio de salvar sua alma sempre foi o de dar dinheiro, de se despojar dos bens deste mundo que são uma causa de perdição, esmolas foram pedidas e doações foram provocadas com este objetivo. Mas o Espírito do mal se intromete por toda parte neste século de pensadores, e leva aos piores pensamentos; ouvimos, com nossos próprios ouvidos, os alunos de catecismo fazerem esta reflexão: "Se, diziam eles, o fim do mundo chega no ano próximo como o asseguram, ele será para os padres tão bem quanto para os outros; então, a quem, pois, lhe servirá o dinheiro que pedem?" Verdadeiramente, não há mais crianças, senão crianças terríveis.

Será assim mesmo no ano de 1911? A brochura em questão nos dá um meio certo para disto nos assegurar, é o retrato do Anticristo, ao qual será fácil reconhecer o original;

ele é bastante característico para que não se possa nisso se enganar. Ele está traçado por um célebre profeta alemão, Holzauzer, nascido em 1613, e que escreveu um comentário sobre o Apocalipse.

Segundo Holzauzer, o Apocalipse não é outra coisa senão a história inteira da Igreja católica desde seu nascimento até o fim do mundo, história que ele divide em sete épocas, figuradas, disse ele, pelas sete Igrejas às quais São João se dirige. Eis alguns dos traços mais característicos do Anticristo, e dos acontecimentos que devem preceder a sua vinda.

Tocamos nesse momento o fim da quinta época. Será então que chegarão essas incríveis infelicidades anunciadas no Apocalipse (cap. VIM). A peste, a guerra, a penúria, os tremores de terra farão vítimas inumeráveis. Todos os povos se levantarão uns contra os outros; a guerra será geral na Europa; mas o incêndio brilhará primeiro na Alemanha...

"Depois dessas guerras formidáveis, que ensangüentarão o mundo inteiro, o protestantismo desaparecerá para sempre, e o império dos Turcos desmoronará. Este será o começo da sexta época.

"Os povos esgotados por esses combates mortíferos, assustados pelos horríveis flagelos que marcarão o fim da quinta época, retornarão ao culto do verdadeiro Deus. Saída vitoriosa das lutas sem número que ela terá sustentado contra as heresias, a indiferença e a corrupção geral, a religião do Cristo reflorirá mais brilhante do que nunca. Jamais a Igreja católica terá tido um triunfo tão brilhante. Seus ministros, modelos de todas as virtudes, percorrerão o mundo para fazerem os homens ouvirem a palavra de Deus. ...

"Mas esse triunfo da religião será de curta duração. O vício abatido, mas não aniquilado, levantará pouco a pouco a cabeça, e logo a corrupção, fazendo rápidos progressos, invadirá de novo todas as classes da sociedade, e se introduzirá até no santuário. Será, então, que se verá a abominação da desolação anunciada pelo profeta. O mundo inteiro não será mais do que um imenso porão de galé, de vícios e de crimes de todas as espécies. Assim terminará a sexta época.

"Então, virá sobre a Terra aquele que os profetas e os Pais da Igreja designaram sob o nome de Anticristo.

"Pobre e desconhecido, ele viverá uma vida miserável durante sua infância e sua primeira juventude. Educado por seu pai no estudo das ciências ocultas, a isto se entregará com furor e fará rápidos progressos. Dotado de uma inteligência pouco comum, de um espírito ardente e resoluto, e de um caráter de ferro, ele mostrará, desde seu berço, as mais violentas paixões. Reconhecendo nessa criança as temíveis qualidades daquele que deve um dia secundá-lo, tão ardentemente em sua luta contra o gênero humano, Satã estremecerá de alegria, e lhe comunicará pouco a pouco todo o seu poder.

Todos aqueles que dele se aproximarem, ficarão maravilhados com seus discursos e com suas ações, e dir-se-á que a mão do Senhor está estendida sobre ele para protegê-lo e conduzi-lo...

"Pouco a pouco, a fama ajudando, e aumentando ainda as maravilhas atribuídas ao jovem chefe, o número de seus sectários se tornará rapidamente muito considerável...

"Logo, vendo-se à testa de um verdadeiro exército, composto de homens devotados até à morte, ele não hesitará mais em tomar o título de rei. Durante algum tempo se ocupará de organizar sua força, e colocar um pouco de ordem entre seus novos súditos, tudo em não negligenciando nada para aumentar-lhe o número. Não tendo nome de família, ele tomará o nome de Cristo, que já lhe terão dado os Judeus...

"Sua ambição, aumentando com sua fortuna, ele formará, em seu orgulho, o desejo de conquistar toda a Terra, e de submeter todos os povos às suas leis...

"Em alguns dias, o Anticristo reunirá um exército imenso, e se verá esse novo Átila engolir Europa sob as ondas de suas hordas bárbaras. Os exércitos inimigos, tomados de pavor à vista dos numerosos prodígios que fará, se deixarão dispersar e aniquilar, sem

mesmo tentar combater. Três grandes reinos serão conquistados sem se bater. Seus soberanos expiarão nos mais cruéis suplícios, sua recusa de submissão; e os povos vencidos serão entregues, sem misericórdia, a todos os furores de uma soldadesca desenfreada. Terrificadas em vendo estas bárbaras vinganças, as outras nações logo se submeterão. A Terra inteira não formará mais, então, do que um único e vasto reino, que o Anticristo governará à sua vontade. Ele fará reconstruir, com uma magnificência estranha, a cidade de Jerusalém, e dela fará a sede de seu império...

"Arrastado por seu fatal destino, ele fará todos os esforços para destruir todas as religiões, e sobretudo a religião católica. Sobre os restos do antigo culto, ele reconstruirá o edifício de um culto novo, do qual será, ao mesmo tempo, o grande sacerdote e o ídolo. Esta nova religião terá por toda parte seus defensores e seus sacerdotes. Um dos mais obstinados e dos mais terríveis, aquele que São João designou nos versículos 11, 12, 13, do capítulo XIII, pela besta de dois cornos, semelhantes aos da ovelha, serão grande apóstata. Holzauer o chama assim porque será um dos primeiros a renunciarão Cristianismo para se dedicar com furor ao culto do Anticristo.

"Naquele tempo reinará, sobre o trono de São Pedro, um pontífice santo de nome Pedro. Tocado de dor à vista dessas infelicidades assustadoras, e prevendo os perigos terríveis que os fiéis correrão, ele mandará em toda a cristandade exortações para se premunir cada um contra as seduções do Anticristo, do qual mostrará claramente a perfídia. Furiosos com esta resistência aberta e com a influência imensa do Santo Padre, o grande apóstata entrará em Roma à frente de um exército, e matará com sua mão o último sucessor de Pedro, sobre os próprios degraus do altar...

"Por toda a parte as igrejas serão invadidas, os santuários violados, os objetos do culto profanados. Os livros santos serão queimados, a cruz e todos os símbolos de nossa augusta religião pisados aos pés e arrastados ao pó. Os quadros e as estátuas expostos à veneração dos fiéis serão derrubados; em seu lugar levantará a estátua maldita do Anticristo. - E essa estátua falará, disse o profeta...

"E ver-se-ão homens instruídos e eloqüentes pregarem essa idolatria de um novo gênero, e numa linguagem brilhante e adornada com imagens, exaltar os louvores daquele cuja está tua fala e faz milagres... "Para tocar os olhos da multidão, e subjugar as massas, o Anticristo fará prodígios espantosos. Ele transportará as montanhas, caminhará sobre as águas e se elevará nos ares todo brilhante de glória. Ele fará aparecer, ao mesmo tempo, vários sóis ou mergulhará Terra na mais completa escuridão. À sua voz, o raio cairá do céu, os rios suspenderão seus cursos, as muralhas se desmoronarão. Tornando-se invisível à sua vontade, ele se mostrará de um lugar a outro com uma maravilhosa rapidez, e subirá em vários lugares ao mesmo tempo. Enfim, como vimos, ele animará sua imagem e lhe comunicará uma parte de sua força. Mas todos esses prodígios não serão, para a *maioria*, senão ilusões de ótica e o resultado de uma fantasmagoria diabólica; não serão *verdadeiros* milagres, porque Satã, com todo o seu poder, não *poderia mudar as leis da Natureza...*"

Nota. Se não estão aí os milagres, na acepção rigorosa da palavra, não sabemos a que pode se dar este nome; e se esses são, *para a maioria*, ilusões de ótica, estas ilusões se afastam singularmente das leis da Natureza, e seriam elas mesmas milagres, porque jamais se viu o raio cair e as muralhas se desmoronarem por efeitos de ótica. O que ressalta de mais claro nesta explicação é a dificuldade de distinguir os verdadeiros milagres dos falsos, e fazer, nos efeitos dessa natureza, a parte dos santos e a do diabo.

"Ao mesmo tempo que tocará todos os espíritos de espanto e de admiração, o Anticristo, para ganhar todos os corações, chamará a atenção para todos os fora da virtude mais austera. Enquanto ele se entregará aos mais vergonhosos deboches no fundo de seu palácio, terá o ar de fazer acreditar em sua temperança e em sua castidade. Prodigalizando ao seu redor o ouro e a prata, fará grandes bens aos pobres, e estes não estoarão em todos os lugares senão concertos de louvores por sua beneficência e sua

caridade. Será visto, cada dia, passar horas inteiras em preces em seu templo; em uma palavra, se cobrirá com o manto da hipocrisia com tanta habilidade, que mesmo seus mais fiéis servidores serão persuadidos de sua virtude e de sua santidade."

"O Senhor, no entanto, não deixará seus filhos sem defesa e sem recursos durante esses tempos de prova. Enoch e Elias retornarão sobre a Terra para nela pregarem a palavra de Deus, sustentarem a coragem dos fiéis, e revelarem as imposturas dos falsos profetas. Durante mil duzentos e sessenta dias, ou três anos e meio, eles percorrerão o mundo, exortando todos os homens a fazerem penitência e a retomarem ao culto de Jesus Cristo. Eles oporão *verdadeiros*

milagres aos pretensos prodígios do Anticristo e de seus apóstolos.....

mas depois que terão acabado seu testemunho, a besta que sobe do abismo (o Anticristo) lhes fará a guerra, vencê-los-á e os matará."

Nota. Não se poderia afirmar mais decididamente a *reencarnação*. Isto não é aqui uma aparência, uma ilusão de ótica, é bem a reencarnação em carne e em osso, uma vez que os dois profetas estão mortos.

"Então, o orgulho do Anticristo não conhecerá mais limites. Orgulhoso da vitória que vem de obter sobre os dois profetas que desafiavam tão impunemente sua força há três anos e meio, ele se fará construir um trono magnífico sobre o monte das Oliveiras, e lá, cercado de uma legião de demônios transformados em anjos de luz, se fará adorar pela multidão imensa que será reunida para gozar de seu triunfo.

Mas chegado ao vigésimo-quinto dia, o corpo dos dois profetas, animado pelo sopro de Deus, ressuscitará, e eles subirão ao céu todo brilhantes de glória diante da multidão espantada. Cego pela cólera e pelo ódio, o Anticristo anunciará que vai subir ao céu e ali procurar seus inimigos, e precipitá-los sobre a Terra. Com efeito, partindo sobre as asas dos demônios que o cercam, ele se elevará nos ares; mas, nesse momento, o céu se *abrirá*, e o Filho do homem aparecerá sobre uma nuvem luminosa. O Anticristo será precipitado do céu com seu cortejo de demônios, e a terra se entreabrindo, ele descerá todo vivo para inferno...

"Então o fim do mundo estará próximo. Não se escoarão mais os anos, nem os meses, mas poucos dias, último termo dado aos homens para fazerem penitência. Os prodígios mais assustadores se sucederão sem descanso, até que o mundo inteiro pereça numa imensa desordem.

"Eis o que anuncia Holzauzer, e isto não é senão a explicação daquilo que está contido no Apocalipse; é a doutrina de todos os *Pais da Igreja*, encerrada no Evangelho e nos Atos dos Apóstolos."

Nota. Assim acabará, pois, o mundo! Não é o sonho de um homem, é a doutrina de todos os Pais que são a luz da Igreja. Àqueles de nossos leitores que não têm senão uma idéia vaga do Anticristo, estaremos contentes de lhes ter feito conhecer alguns detalhes segundo as autoridades competentes. Se não há senão quarenta e três anos diante dele, não deveremos tardarem ver esse reino maravilhoso. Por esses sinais, reconheceremos a aproximação da data fatal.

O que há de estranho nesse relato é o enfraquecimento do poder de Deus e sua Igreja diante do poder do Anticristo; com efeito, depois de um triunfo de curta *duração*, a Igreja sucumbe de novo para não mais se levantar; a fé de seus ministros não é bastante grande para impedir a corrupção de se introduzir *até no santuário*. Não está aí uma confissão ingênua da fraqueza e da impotência? São coisas que se podem pensar, mas que é inabilidade gritar sobre os telhados.

Teria sido bem admirável que o Espiritismo não tivesse encontrado lugar nessa predição; ele é nela indicado, com efeito, como um dos sinais dos tempos, e eis em que termos. Não é mais Holzauzer quem fala, é o autor da brochura.

"Mas eis que esses fluidos se determinam, que estes terrores que pareciam quiméricos, tomam consistência e se formulam claramente. O fim do mundo se aproxima, grita-se de todas as partes!

Na Europa, nos países católicos lembram-se de velhas profecias que, todas, anunciam esse grande acontecimento para a nossa época...

"Não é até aos Espíritos batedores que não dão o alarme. Abri *O Livro dos Espíritos* de Allan Kardec, lereis na primeira página, nos prolegômenos, as palavras seguintes: "Os Espíritos anunciam que os tempos marcados pela Providência, para uma manifestação universal, são chegados, e que sendo os ministros de Deus, e os agentes de sua vontade, sua missão é de instruir e de esclarecer os homens, abrindo uma nova era para a regeneração da Humanidade."

Nota. Não vemos que anunciar a *regeneração* da Humanidade seja anunciarseufim; essas duas idéias se contradizem. Os Espíritos, em lugar de *dar o alarme*, vêm trazer a esperança.

"E primeiro o profeta Joel nos disse: *"Naquele tempo, a magia cobrirá toda a Terra, e ver-se-ão até crianças mamando fazer coisas extraordinárias, e ter discursos como pessoas grandes."*

"O Espiritismo, essa magia do século dezenove, invadiu o mundo. Há apenas alguns anos, na América, na Inglaterra, na França, fenômenos surpreendentes, estranhos, excitaram a curiosidade geral. Os móveis inertes se animam à vontade dos operadores, se entregam às mais fantásticas evoluções, e respondem, sem hesitação, às perguntas que lhes são dirigidas. Procura-se qual poderia ser *causa inteligente desses efeitos inteligentes*. As mesas responderam: São os Espíritos, a alma dos homens que a morte levou, que vêm se comunicar com os vivos. Novos fenômenos se produziram. Ouvem-se pancadas nos móveis, nas paredes das casas; vêm-se objetos se moverem espontaneamente; ouvem-se vozes, sinfonias; vêm-se mesmo as aparições de pessoas mortas há muito tempo. Os prodígios se multiplicam. Era preciso querer para ver; era preciso ver para estar convencido.

"Logo uma nova religião se organizou. Interrogados, os próprios Espíritos redigiram o código de sua nova doutrina. Esse foi, é preciso confessá-lo, *um sistema filosófico admiravelmente bem combinado sob todos os aspectos*. Jamais o mais ágil sofista não soube tão bem disfarçar a mentira e o paradoxo. Não podendo, sem revelar sua origem e despertar as suspeitas, quebrar de repente com as idéias de Deus e da virtude, os Espíritos começam por reconhecer altamente a existência desse Deus, a necessidade dessa virtude, mas eles fazem tão pouca diferença entre a sorte dos justos e a dos maus, que se é forçosamente elevado, por essas crenças, a satisfazer todas as suas paixões, e a procurar na morte um refúgio contra a infelicidade. O crime e o suicídio são as duas conseqüências fatais desses princípios, que parecem, à primeira vista, cheios de uma moral tão bela e tão pura.

"Para explicarem a anomalia dessas comunicações de além-túmulo, os Espíritos não puderam impedir de anunciar, assim como vimos, *que os tempos marcados pela Providência eram chegados*; mas não querendo falar do fim do mundo, o que não entra de nenhum modo em seu sistema, eles acrescentaram: *para a regeneração universal da Humanidade.*"

Nota.-Por uma singular coincidência, no próprio dia 24 de fevereiro, quando nos chegou esta brochura, que nos foi endereçada por um de nossos correspondentes de Lyon, e no momento em que líamos seus últimos parágrafos, recebíamos dos arredores de Boulogne-sur-Mer uma carta da qual extraímos as seguintes passagens:

"É do fundo de um obscuro vale do Boulonais que vos chegam algumas palavras, reflexo de uma existência sofredora; porque o Espiritismo penetra por toda parte para

difundir a luz e as consolações. Pessoalmente, quantos alívios não lhe devo, assim como a vós, senhor, que deles sois o distribuidor!

"Nascido de pais muito pobres, carregado de oito filhos, dos quais sou o primogênito, ai! não tinha ainda até aqui ganhado meu pão, embora com a idade de vinte e nove anos, pela debilidade de minha constituição. Juntai a isto uma propensão inata ao orgulho, à vaidade, à violência, etc., e julgai o que devi suportar de males em minha miserável condição antes que o Espiritismo tivesse vindo me explicar o enigma de meu destino. Era um ponto que eu tinha, de minha parte, resolvido suicidar-me.

Tara esse efeito, para acalmar minhas apreensões e as censuras de minha consciência, disse a mim mesmo, *em minha fé católica*: Eu me ferirei com um tiro que, embora sendo mortal, não me fará morrer instantaneamente, e me deixará dispor de bastante instantes de vida para que tenha a possibilidade *de me confessar, de comunicar e de manifestar meu arrependimento; em uma palavra, de me pôr em estado de me assegurar uma vida feliz em outro mundo, tudo em escapando aos males deste.*

"Meu raciocínio era bem absurdo, não é, senhor? E, no entanto, não era conseqüente com o dogma que nos afirma que todo pecado, todo crime mesmo, é apagado pela simples confissão feita a um padre que dá a absolvição?

"Agora, graças ao conhecimento do Espiritismo, semelhantes idéias estão para *sempre banidas de meu pensamento*; no entanto, de quanta imperfeições resta-me ainda a despojar!"

Assim o Espiritismo impediu um ato, um crime, que teria sido cometido, não *na ausência de toda a fé*, mas bem, disse a pessoa, por uma própria conseqüência de sua fé católica. Neste caso, qual foi a mais poderosa para impedir o mal? Esse jovem será condenado por ter seguido o impulso do Espiritismo, obra do demônio, segundo a autor da brochura, e teria sido salvo, tudo em se suicidando, mas tendo recebido, antes de morrer, a absolvição de um padre? Que, tendo a mão sobre a consciência, o autor da brochura responda a esta pergunta.

Tendo sido lidos, na Sociedade de Paris, o fragmentos narrados acima, nosso antigo colega, Jobard, veio espontaneamente dar, sobre este assunto, a comunicação seguinte, por um médium em sonambulismo espiritual:

(Sociedade de Paris, 28 de fevereiro. Méd. Sr. Morin.)

Eu passava, quando o eco me trouxe a vibração de uma imensa gargalhada. Escutei com interesse, e, tendo reconhecido o barulho do riso dos encarnados e dos desencarnados, disse a mim mesmo: Sem dúvida, a coisa é interessante; vamos ver!... Eu não acreditava, senhores, ter o prazer de vir passara noite junto de vós. No entanto, com isto estou sempre feliz, crede-o bem, porque sei toda a simpatia que conservastes para vosso antigo colega.

Aproximei-me, pois, e todos os barulhos da Terra me chegaram mais distintos: O fim do mundo! gritava-se; o fim do mundo!...Ah! meu Deus, disse a mim mesmo, se for o fim do mundo, em que vão eles se tomarem?... A voz de vosso presidente e meu amigo, tendo vindo até mim, o ouvi que lia algumas passagens de uma brochura onde se anuncia o fim do mundo como muito próximo. O assunto me interessou; escutei atentamente, e, depois de ter maduramente refletido, venho, como o autor da brochura, vos dizer Sim, senhores, o fim do mundo está próximo!... Oh! não vos assusteis, senhoras; porque é preciso ele estar bem perto para tocá-lo, e quando o tocades, vós o vereis.

À espera disto, eu vou, se o permitirdes, vos dar a minha apreciação sobre esta palavra, espantinho dos cérebros fracos, e também dos Espíritos fracos; porque, sabei-o, se a apreensão do fim do mundo terrifica os seres pusilânimes de vosso mundo, ela fere igualmente de terror os seres atrasados da erraticidade. Todos aqueles que não são desmaterializados, quer dizer, que, embora Espíritos, vivem mais materialmente, se

amedrontam à idéia do fim do mundo, porque compreendem, por esta palavra, a destruição da matéria. Não vos admireis, pois, que esta idéia coloque em emoção certos Espíritos que não saberiam em que se tornar se a Terra não existisse mais; porque a Terra é ainda o seu mundo, seu ponto de apoio.

Por mim, disse a mim mesmo: Sim, o fim do mundo está próximo; ele está ali, eu o vejo, eu o toco;... ele está próximo para aqueles que, com seu desconhecimento, trabalham para precipitar-lhe chegada!... Sim, o fim do mundo está próximo;... Mas de que mundo é o fim?

Será o fim do mundo da superstição, do despotismo dos abusos mantidos pela ignorância, da malevolência e da hipocrisia; será o fim do mundo egoísta e orgulhoso, do pauperismo, de tudo o que é vil e rebaixa o homem; em uma palavra, de todos os sentimentos baixos e cúpidos que são o triste apanágio de vosso mundo.

Esse fim do mundo, essa grande catástrofe que todas as religiões concordam em prever, é o que elas entendem? Não é preciso ver aí, ao contrário, o cumprimento dos altos destinos da Humanidade? Se refletíssemos em tudo o que se passa ao nosso redor, esses sinais precursores não são o sinal do começo de um outro mundo, eu quero dizer de um outro mundo moral, antes do que o da destruição do mundo material?

Sim, senhores, um período de depuração terrestre termina neste momento; um outro vai começar... Tudo concorre para o fim do velho mundo, e aqueles que se esforçam por sustentá-lo trabalham energeticamente, sem o querer, para sua destruição. Sim, o fim do mundo está próximo para eles; eles o pressentem e com isto se assustam, crede-o bem, mais do que do fim do mundo terrestre, porque é o fim de sua dominação, de sua preponderância, à qual se prendem mais do que a qualquer outra coisa; e isso será, a seu respeito, não vingança de Deus, porque Deus não se vinga, mas ajusta recompensa de seus atos.

Os Espíritos são, como vós, os filhos de suas obras; se são bons, é porque trabalharam para o futuro; se são maus, não é que não tenham trabalhado para o futuro, é porque não trabalharam para se tomarem bons.

Amigos, o fim do mundo está próximo, e eu vos convido vivamente a tomarem boa nota desta previsão; ele está tanto mais próximo, quanto já se trabalha para reconstruí-lo. A sábia providência Daquela a quem nada escapa quer que tudo se reconstrua antes que tudo seja destruído; e quando o novo edifício estiver coroado, quando o cume estiver coberto, será então que se desmoronará o antigo; ele cairá por si mesmo; de sorte que, entre o velho mundo e o novo, não haverá solução de continuidade.

É assim que é preciso entender o fim do mundo, que tantos sinais precursores pressagiam. E quais serão os operários mais poderosos para essa grande transformação? Sois vós, senhoras; sois vós, senhoritas, com a ajuda da dupla alavanca da instrução e do Espiritismo. Na casa da mulher em que o Espiritismo penetrou, há mais do que uma mulher, há uma operária espiritual; nesse estado, tudo trabalhando por ela, a mulher trabalha ainda mais do que o homem na edificação do monumento; porque, quando ela conhecer todos os recursos do Espiritismo, e deles souber servir-se, a maior parte da obra será feita por ela. Amamentando o corpo de seu filho, ela poderá também amamentar seu espírito; e quem é melhor ferreiro do que o filho de um ferreiro, aprendiz de seu pai? A criança sugará, assim, em crescendo, o leite da espiritualidade, e quando tiverdes os Espíritos, filhos de Espíritos e pais de Espíritos, o fim do mundo, tal como o compreendemos, não terá se realizado? Admirai-vos, pois, depois disto, que o Espiritismo seja um espantinho para tudo o que se prende ao velho mundo, e da obstinação que se põe para abafá-lo em seu berço!

JOBARD.

A INTOLERÂNCIA E A PERSEGUIÇÃO EM RELAÇÃO AO ESPIRITISMO.

O fato seguinte nos foi assinalado por um de nossos correspondentes. Calamos, por conveniência, o nome do lugar onde se passou, mas, caso necessário, temos a peça justificativa nas mãos.

O cura de.....tendo sabido que uma de suas paroquianas tinha recebido *O Livro dos Espíritos*, veio procurá-la em sua casa e lhe fez uma cena escandalosa em apostrafando-o de epítetos muito pouco evangélicos; ameaçou-a, além disto, de não enterrá-la quando ela morresse, se ela não acreditasse no diabo e no inferno; depois, apoderando-se do livro, levou-o.

Alguns dias depois, essa senhora, que aquele insulto havia muito pouco tocado, foi à casa do padre pedir-lhe seu livro, dizendo a si mesma que, se não o restituísse, não era difícil de se proporcionar um outro, e que ela saberia muito bem colocá-lo em lugar seguro.

O livro foi restituído, mas num estado que provava que uma santa cólera tinha se descarregado sobre ele. Estava maculado de rasuras, de anotações, de refutações, onde os Espíritos eram tratados de mentirosos, de demônios, de estúpidos, etc. A fé dessa senhora, longe de ser abalada, não ficou senão mais fortalecida. Prende-se, diz-se, mais moscas com mel do que com vinagre; o padre lhe apresentou o vinagre, ela preferiu o mel, e disse a si mesma: Perdoai-lhe, Senhor, porque ele não sabe o que faz. De que lado estava o verdadeiro cristianismo?

As cenas dessa natureza eram muitos freqüentes há sete ou oito anos, e tinham, às vezes, um caráter de violência que tendia ao burlesco. Recorda-se aquele missionário que espumava de raiva pregando contra o Espiritismo, e se agitava com tanto furor que se temia um instante que caísse no púlpito. E esse outro pregador que convidava todos os detentores de obras espíritas a traze-las para colocá-las no fogo, na praça pública. Infelizmente para ele não lhe foi levada nenhuma, e se as indenizava queimando no pátio do seminário todas aquelas que se pôde proporcionar nas livrarias. Hoje que disso se reconheceu a inutilidade e os inconvenientes, essas demonstrações excêntricas são muito raras; a experiência provou que elas mais desviaram da Igreja do que do Espiritismo.

O fato acima narrado tem um caráter de uma gravidade particular. O padre, em sua igreja, em sua casa, sobre seu terreno; dar ou recusar preces segundo a sua consciência, está em seu direito, dele usa, sem dúvida, às vezes, de maneira mais nociva do que útil à causa que defende, mas, enfim, ele está em seu direito, e achamos ilógico que pessoas que são, de pensamentos senão de fato, separadas da Igreja, que não cumprem nenhum dos deveres que ela impõe, tenham a pretensão de constranger um padre a fazer o que, certo ou errado, ele considera como contrário à sua regra. Se não credes na eficácia de suas preces, por que isto exigir dele? Mas, pela mesma razão, ele ultrapassa o seu direito quando se impõe àqueles que não o pedem. No caso de que se trata, que direito tinha esse padre de ir violentar a consciência dessa senhora em seu próprio domicílio, e ali fazer uma visita inquisitorial, e se apoderar daquilo que não lhe pertencia? O que ganha a religião com esses excessos de zelo? Os amigos inábeis são sempre nocivos.

Esse fato, em si mesmo, é de pouca importância, e não é, em definitivo, senão um aborrecimento que prova a estreiteza das idéias de seu autor; não teríamos dele falado, se não se ligasse a fatos mais graves, às perseguições propriamente ditas, cujas conseqüências são mais sérias.

Estranha anomalia! Qualquer que seja a posição de um homem, oficial ou subordinado a um título qualquer, não se lhe contesta o direito de ser protestante, judeu ou mesmo nada de todo; ele pode ser abertamente incrédulo, materialista ou ateu; pode preconizar tal ou tal filosofia, mas não tem o direito de ser Espírita. Se ele for suspeito de Espiritismo, como outrora se era suspeito de jansenismo, ele é suspeito; se a coisa for confessada, ele é olhado obliquamente por seus superiores quando estes não pensam como ele, considerado como um perturbador da sociedade, ele que abjura toda idéia de ódio e de vingança, que tem por regra conduzir a caridade cristã em sua mais rigorosa acepção, a benevolência para todos, a tolerância, o esquecimento e o perdão das injúrias, em uma palavra, todas as máximas que são a garantia da ordem social, e o maior freio das más paixões. Pois bem! o que, de todos os tempos e entre todos os povos civilizados, é um título à estima das pessoas honestas, se torna um sinal de reprovação aos olhos de certas pessoas que não perdoam a um homem *ter se tornado melhor pelo Espiritismo!* Quaisquer que sejam suas qualidades, seus talentos, os serviços prestados, se não é independente, se sua posição não é invulnerável, uma mão, instrumento de uma vontade oculta, pesa sobre ele, o fere, podendo atingi-lo em seus meios de existência, em suas afeições mais caras, e até em sua consideração.

Que coisas semelhantes se passem nas regiões onde a fé exclusiva erige a intolerância em princípio como sua melhor salvaguarda, isso nada tem de surpreendente; mas que tenham lugar num país onde a liberdade de consciência está inscrita no Código das leis como um direito natural, se o compreende mais dificilmente. É preciso, pois, que se tenha muito medo desse Espiritismo que se afeta, no entanto, de apresentar como uma idéia vazia, uma quimera, uma utopia, uma coisa frívola que um sopro da razão pode abater! Se esta luz fantástica não está ainda extinta, no entanto, isso não é por falta de ter soprado em cima. Soprai, pois, soprai sempre: há chamas que se atijam em soprando em lugar de extingui-las.

No entanto, dirão alguns, o que se pode censurar naquele que não quer e não pratica senão o bem; que cumpre os deveres de sua responsabilidade com zelo, probidade, lealdade e devotamento; que ensina a amar a Deus e a seu próximo; que prega a concórdia e convida todos os homens a se tratarem como irmãos, sem acepção de cultos nem de nacionalidades? Não trabalha ele para o apaziguamento das desavenças e dos antagonismos que causaram tantos desastres? Não é o verdadeiro apóstolo da paz? Reunindo em seus princípios o maior número possível de adeptos, por sua lógica, pela autoridade de sua posição, e, sobretudo, por seu exemplo, não previne dos conflitos lamentáveis? Se, em lugar de um, fossem dez, cem, mil, sua influência salutar não seria nisso muito maior? Tais homens são auxiliares preciosos; jamais o serão bastante; não se deveria encorajá-los, honrá-los? A doutrina que faz penetrar esses princípios no coração do homem pela convicção, apoiada sobre uma fé sincera, não é uma garantia de segurança? Onde se viu, aliás, que os Espíritas fossem turbulentos e causadores de perturbação? Não são eles, ao contrário, sempre e por toda a parte apontados como pessoas pacíficas e amigas da ordem? Todas as vezes que foram provocados por atos de malevolência, em lugar de usar represálias, não evitaram com cuidado o que teria podido ser uma causa de desordem? A autoridade teve que maltratá-los por algum ato contrário à tranqüilidade pública? Não, porque um funcionário, encarregado de manter a ordem, disse recentemente que se todos os seus administradores fossem Espíritas, ele poderia fechar a sua repartição. Há uma homenagem mais característica prestada aos sentimentos que os animam? E a que palavra de ordem eles obedecem? unicamente à de sua consciência, uma vez que não salientam nenhuma personalidade patente ou oculta na sombra. Sua doutrina é sua lei, e essa lei lhe prescreve fazer o bem e evitar o mal; por seu poder moralizador, ela conduziu à moderação homens exaltados, não temendo nada, nem Deus nem a justiça humana, e capazes de tudo. Se ela fosse popular, com que peso não pesaria nos momentos de

efervescência e nos centros turbulentos? Em que, pois, esta Doutrina pode ser um motivo de reprovação? Como pode ela chamar a perseguição sobre aqueles que a professam e a propagam?

Admirai-vos que uma doutrina que não produziu senão o bem tenha adversários! Mas não conheceis, pois, a cegueira do espírito de partido? É que jamais considerou o bem que uma coisa pode fazer quando ela é contrária às suas opiniões ou aos seus interesses materiais? Não vos esqueçais de que certos oponentes o são *por sistema* bem mais do que *por ignorância*. Será em vão que esperareis conduzi-los a vós pela lógica de vossos raciocínios, e pela perspectiva dos efeitos salutares da Doutrina; eles sabem disto tão bem quanto vós, e é precisamente porque o sabem que não o querem; quanto mais essa lógica é rigorosa e irresistível, mais ela os exaspera, porque ela lhes fecha a boca. Quanto mais se lhes demonstra o bem que o Espiritismo produz, mais eles se irritam, porque sentem que ali está a força; também, devendo salvar o país de maiores desastres, eles o repeliriam apesar de tudo. Vós triunfareis de um incrédulo, de um ateu de boa fé, de uma alma viciosa e corrompida, mas de pessoas deliberadas, nunca!

O que esperam eles com a perseguição? Deter o vôo das idéias novas pela intimidação? Vejamos, em algumas palavras, se esse objetivo pode ser alcançado.

Todas as grandes idéias, todas as idéias renovadoras, tanto na ordem científica quanto na ordem moral, receberam o batismo da perseguição, e isto deveria ser, porque elas feriam os interesses daqueles que viviam das velhas idéias, dos preconceitos e dos abusos. Mas, desde que essas idéias constituíram verdades, é que jamais se viu que a perseguição tenha lhes detido o curso? A história de todos os tempos não está aí para provar que elas, ao contrário, cresceram, que elas se consolidaram, propagadas pelo efeito da própria perseguição? A perseguição foi o estimulante, o aguilhão que as impulsionou para a frente, e fez avançar mais rápido super excitando os espíritos, de sorte que as perseguições trabalharam contra si mesmas, e não ganharam senão serem estigmatizadas pela posteridade. Não se perseguiram senão as idéias às quais via-se um futuro; as que julgavam sem conseqüência, se as deixaram que morressem de morte natural.

O Espiritismo, também ele, é uma grande idéia; deveria, pois, receber seu batismo como seus predecessores, porque o espírito dos homens não mudou, e com ele ocorrerá o que ocorreu aos outros: um crescimento de importância aos olhos da multidão, e, conseqüentemente, uma maior popularidade. Quanto mais as vítimas estão em evidência, pela sua posição, mais haverá ressonância em razão da própria extensão de suas relações.

A curiosidade é tanto mais superexcitada quanto mais a pessoa é cercada de mais estima e de mais considerações; todos querem saber o por quê e o como; conhecer o fundo dessas opiniões que levantam tanta cólera; interroga-se, lê-se, e eis como uma multidão de pessoas, que jamais teriam se ocupado do Espiritismo, são levadas a conhecê-lo, a julgá-lo, a apreciá-lo e a adotá-lo. Tal foi, sabe-se, o resultado das declamações coléricas, das interdições pastorais, das diatribes de toda espécie; tal será o das perseguições; elas fazem mais: elevam-no à classe das crenças sérias, porque o bom senso diz que não se bate em coisas vãs.

A perseguição contra as idéias falsas, errôneas, é inútil, porque estas se desacreditam e caem por si mesmas; ela tem por efeito criar partidários e defensores, e retardar-lhe a queda, porque muitas pessoas as consideram boas, precisamente porque são perseguidas. Quando a perseguição ataca idéias verdadeiras, ela vai diretamente contra seu objetivo, porque lhe favorece o desenvolvimento: é, pois, em todos os casos, uma imperícia que se volta contra aqueles que a cometem.

Um escritor moderno lamentou que não se tivesse queimado Lutero, afim de destruir o protestantismo em sua raiz; mas, como não se teria podido queimá-lo senão depois da emissão de suas idéias, se o tivesse feito, o protestantismo, talvez, teria se propagado

duas vezes mais do que não o foi. Queimou-se a João Huss; mas que ganhou com isto o concílio de Constança? de se cobrir com uma mancha indestrutível; mas as idéias do mártir não foram queimadas; elas foram um dos fundamentos da reforma. A posteridade concedeu a glória a João Huss e a vergonha ao concílio. (*Revista Espírita*, agosto de 1866, página 236.) Hoje, não queimam mais, mas perseguem de outras maneiras.

Sem dúvida, quando uma tempestade estoura, muitas pessoas se colocam ao abrigo; as perseguições podem, pois, ter por efeito um impedimento momentâneo à livre manifestação do pensamento; os perseguidores, crendo tê-lo abafado, adormecem numa segurança enganosa; mas o pensamento nela não subsiste menos, e as idéias comprimidas são como as plantas em estufa; elas produzem mais depressa.

O ESPIRITISMO EM CADIZ, EM 1853 E 1868.

Várias vezes, tivemos oportunidade de dizer que o Espiritismo conta numerosos adeptos na Espanha, o que prova que a compressão da idéias não as impedem de se produzirem;

já sabíamos que há muito tempo Cadiz era a sede de um centro espírita importante. Tendo um dos membros desta Sociedade vindo a Paris, no ano último, nos deu a este respeito detalhes circunstanciados de um alto interesse, e que depois nos lembrou em sua correspondência. Somente a abundância das matérias nos impediu de publicá-las mais cedo.

Os Espíritas de Cadiz reclamam, para sua cidade, a honra de ter sido uma das primeiras, senão mesmo a primeira na Europa, a possuir uma reunião espírita constituída, e recebendo comunicações regulares dos Espíritos, pela escrita e pela tipologia, sobre assuntos de moral e de filosofia. Essa pretensão, com efeito, é justificada pela publicação de um livro impresso em língua espanhola, em Cadiz, em 1854. De início, ele contém um prefácio explicativo sobre a descoberta das mesas falantes e a maneira de se servir delas; depois o resumo das respostas dadas às perguntas dirigidas aos Espíritos numa seqüência de sessões feitas desde o ano 1853. O procedimento consistia no emprego de uma mesinha de três pés e de um alfabeto dividido em três séries correspondendo cada uma a um dos pés da mesinha. Essas respostas, sem dúvida, são muito elementares comparativamente ao que se obtém hoje, e todas não são de uma exatidão irrepreensível, mas a maioria concorda com o ensino atual. Delas não citaremos senão algumas para mostrar que na época em que, quase por toda parte, não se ocupava das mesas girantes senão como assunto de distração, em Cadiz, já se pensava em utilizar o fenômeno para instruções sérias.

(8 de novembro de 1853. - Há um Espírito aqui presente? - Sim. - Como te chamas? - Ege. - Em que parte do mundo habitaste? - A América do Norte. - Eras homem ou mulher? - Mulher. - Dize-nos teu nome em inglês? - Akka. - Como traduzes *belo* em inglês? - *Fine*. Por que vieste aqui? - Para fazer o bem. - A ti ou a nós? - A todos. - Podes, pois, nos dar esse bem? - Eu o posso; tudo está no trabalho. - Como obteremos o bem? - Emancipando a mulher; tudo depende dela.

(11 de novembro.) O *Espírito Ege*. - Há uma outra maneira de se comunicar com os Espíritos? - Sim, pelo pensamento. - De que maneira? - Leio no teu. - E como nos poderíamos nos entender com o pensamento dos Espíritos? - Pela concentração. - Há um meio de a isso chegar facilmente? - Sim, a felicidade. - Como se obtém a felicidade? - Em vos amando uns aos outros.

(25 de novembro.) *Anna Ruiz.* - Para onde vai nossa alma em se separando do corpo? - Ela não deixa a Terra. - Queres dizer o corpo?

- Não, a alma. - Tu tens os mesmos gozos na outra vida que nesta?
- Os mesmos e melhor: trabalhamos em todo o universo.

(26 de novembro.) *Odiuz* – Os Espíritos revestem uma forma? - Sim.

- Qual? – A forma humana. Há dois corpos, um material, o outro de luz. - O corpo de luz é o Espírito? - Não: é uma agregação do éter; os fluidos leves formam o corpo de luz.

O que é um Espírito? - Um homem no estado de essência. - Qual é seu destino? - Organizar o movimento material cósmico; cooperar com Deus na ordem e nas leis dos mundos no universo.

(30 de novembro.) Um *Espírito espontaneamente.* A ordem distribui as harmonias. Esta lei nos diz que cada globo do sistema solar é habitado por uma Humanidade igual à vossa; cada membro dessa Humanidade é um ser completo no lugar que ocupa; ele possui uma cabeça, um tronco e membros. Cada um tem sua destinação marcada, coletiva ou terrestre, visível ou invisível. O sol, como os planetas e seus satélites, têm seus habitantes de uma destinação complexa. Cada uma das Humanidades que povoam esses diversos globos, tem sua dupla existência, e uma linguagem espiritual apropriada a cada um desses estados.

(1º de dezembro.) *Odiuz.* Lede João, e tereis o significado da palavra *verbo*. Sabereis o que é o verbo da Humanidade solar; cada Humanidade tem sua Providência, seu homem-Deus; a luz do homem-Deus solar é a Providência antropomórfica de todos os globos do sistema solar.

(8 de dezembro.) Há analogia entre a luz material e a luz espiritual? - O sol ilumina, os planetas refletem a sua luz. A inteligência solar ilumina as inteligências planetárias, e estas as de seus satélites. A luz inteligente emana do cérebro da Humanidade solar, que é a chama inteligente, como o sol é a chama material de todos os atos. Há também analogia no mundo de expansão da luz inteligente em cada Humanidade que a recebe do foco principal para comunicá-la aos seus membros.

Há unidade de sistema entre o mundo material e o mundo espiritual. Nós temos a Natureza que reflete as leis que precederam a criação.

Em seguida vem o Espírito humano que analisa a Natureza para descobrir essas leis, interpretá-las e compreendê-las. Esta análise é para a luz espiritual o que é a refração para a luz física, porque a Humanidade inteira forma um prisma intelectual, no qual a luz divina única se reflete de mil maneiras diferentes.

(4 de janeiro de 1854.) Por que os Espíritos não vêm sempre ao nosso chamado? - Porque são muito ocupados. - Porque alguns dos Espíritos que se nos apresentaram até o momento responderam por enigmas ou absurdos? - Porque eram Espíritos ignorantes ou levianos. - Como distingui-los dos Espíritos sérios? - Pelas suas respostas.

Os Espíritos podem se tornar visíveis? - Algumas vezes. - Em que caso? - Quando se trata de humilhar o fanatismo. - Sob que forma o Espírito se apresentou ao arcebispo de Paris? - Forma humana. - Qual é a verdadeira religião? - Amar-vos uns aos outros.

O extrato seguinte, de uma carta de nosso correspondente, em data de 17 de agosto de 1867, dará uma idéia do espírito que preside à Sociedade espírita atual de Cadiz:

"Há onze anos estamos em comunicação com os Espíritos da vida superior, e, nesse espaço de tempo, nos fizeram revelações importantes sobre a moral, a vida espiritual e outros assuntos que interessam ao progresso.

"Nós nos reunimos cinco vezes por semana. O Espírito presidente de nossa Sociedade, ao qual os outros Espíritos concedem uma certa supremacia, chama-se *Pastoret*. Nós temos na Senhora J... uma excelente médium vidente e falante. Ela se comunica por meio de uma mesinha de três pés, que não lhe serve senão para estabelecer a correntefluídica, e ela vê as palavras escritas sobre uma espécie de fita fluídica que passa, sem cessar, diante de seus olhos, e ela nela lê como em um livro. Esse meio de comunicação, unido à benevolência dos Espíritos que vêm às nossas sessões, nos permitem apresentar nossas observações, e estabelecer discussões quase familiares com esses mesmos Espíritos.

"Cada noite a sessão é aberta pela presença do Espírito do doutor Gardoqui, que conhecemos, e que, quando vivo, exercia a medicina em Cadiz. Depois de ter dado conselho aos nossos presentes, vai visitar os doentes que lhe recomendamos; ele indica os remédios necessários, e quase sempre com sucesso.

"Depois da visita do médico, vem o Espírito familiar do círculo que nos conduziu outros Espíritos, tanto superiores para nos instruírem, quanto inferiores para que os ajudássemos com nossos conselhos e nossos encorajamentos. Por indicação de nossos guias, cumprimos periodicamente missões de caridade para com os pobres.

"Além do ridículo, contra o qual vós outros, Franceses, tendes que lutar tão bem quanto nós, lutamos contra a intolerância; no entanto, não nos desencorajamos, porque a força de convicção que Deus nos dá é mais poderosa do que os obstáculos.

"Terminamos cada sessão pela prece seguinte:

"Pai universal! Senhor todo-poderoso! nós nos dirigimos a ti, porque te reconhecemos como o Deus único e eterno. Pai! desejamos não incorrerem tua censura, mas, ao contrário, avançara nossa purificação para nos aproximarmos de ti, único bem verdadeiro, suprema felicidade prometida àqueles que retornam junto a ti.

"Senhor! nós te lembramos continuamente nossos pecados, a fim de que tu no-los perdoe depois da expiação que eles merecem. Quanto não devemos já à tua grande bondade! sois misericordioso para conosco.

"Pai eterno, tu me deste a vida, e com a vida a inteligência para te conhecer, um coração para amar e para amar meus semelhantes. Minha inteligência crescerá quando pensar em ti, e quando eu me elevar até ti.

"Pai universal de todos os seres, grande arquiteto do Universo, água bendita da qual saciamos a sede do amor divino, nem o curso do tempo, nem a diferença das inteligências me impedem de te reconhecer, porque teu grande poder e teu grande amor se vêem por toda a parte.

"Pai! nós nos dirigimos à tua misericórdia, e por prova de nossa sinceridade, que oferecemos nossas vidas, nossos bens, tudo o que nos deste. Não possuímos nada que não vem de ti; colocamos tudo à disposição de nossos irmãos necessitados, para que aproveitem do fruto de nossa inteligência e de nosso trabalho.

"Somos teus filhos, Senhor! e solicitamos de tua infinita bondade um raio de luz para nos conduzir sobre o caminho que nos mostraste, até que cheguemos ao complemento de nossa felicidade.

"Nosso Pai que estás no céu, que teu nome seja santificado; que tua vontade seja feita sobre a Terra como no céu. Dá-nos hoje nosso pão de cada dia. Perdoa-nos as ofensas quanto perdoamos àqueles que nos ofenderam, agora e sempre até a hora de nossa morte. "Nós te dirigimos nossas preces, Pai infinitamente bom, por todos nossos irmãos que sofrem sobre a Terra e no espaço. Nosso pensamento é por eles e nossa confiança em ti."

Que os Espíritos de Cadiz recebam, por nosso intermédio, as sinceras felicitações de seus irmãos de todos os países. A iniciativa que tomaram, na extremidade da Europa, e sobre uma terra refratária, sem relações com os outros centros, sem outro guia que suas próprias aspirações, então quanto o Espiritismo estava ainda em sua infância, é uma

prova a mais de que o movimento regenerador recebe seu impulso de mais alto do que da Terra, e que seu foco está portada parte; que, assim, é temerário e presunçoso esperar abafá-lo em lhe comprimindo sobre um ponto, uma vez que, na falta de uma saída, ele tem mil delas por onde se fazer brilhar. De que servem as barreiras para o que vem do alto? De que serve esmagar alguns indivíduos quando há milhões deles disseminados sobre toda a Terra, que recebem a luz e a divulgam? Querer aniquilar o que está fora do poder do homem, não é representar o papel do gigante que quer escalar o céu?

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

INSTRUÇÃO DAS MULHERES.

(Joinville, - Haute-Mame, - 10 de março de 1868. Méd. Sra. P...) A instrução da mulher é uma questão, neste momento, das mais graves, porque ela não contribuirá pouco para realizar as grandes idéias de liberdade, que dormem no fundo dos corações.

Honra aos homens de coragem que disso tomaram a iniciativa! podem estar seguros antecipadamente do sucesso de seus trabalhos. Sim, a hora soou para a libertação da mulher; ela quer ser livre, e, para isto, é preciso livrar sua inteligência dos erros e dos preconceitos do passado. Será pelo estudo que ela alargará o círculo de seus conhecimentos estreitos e mesquinhos. Livre, ela fundará sua religião sobre a moral, que é de todos os tempos e de todos os países. Ela quer ser, ela será a companhia inteligente do homem, sua conselheira, sua amiga, a instrutora de seus filhos, e não um brinquedo do qual se serve como de uma coisa, e que se joga depois para tomar uma a outra coisa. Ela quer trazer a pedra do edifício social, que se eleva neste momento sob o sopro poderoso do progresso.

É verdade que, uma vez instruída, ela escapa das mãos daqueles que fazem dela um instrumento; como um pássaro cativo, ela quebra a sua gaiola e voa para os campos vastos do infinito. É verdade que, pelo conhecimento das leis imutáveis que regem os mundos, ela compreenderá Deus de outro modo que não se lhe ensina; ela não crerá mais num Deus vingativo, parcial e cruel, porque sua razão lhe dirá que a vingança, a parcialidade e a crueldade não podem se conciliar com a justiça e a bondade; seu Deus, para ela, será todo amor, mansidão e perdão.

Mais tarde, ela conhecerá os laços que unem os povos entre si, e os aplicará ao seu redor, distribuindo com profusão os tesouros de caridade, de amor e de benevolência para todos. A qualquer seita que ela pertença, saberá que todos os homens são irmãos, e que o mais forte não recebeu a força senão para proteger o fraco e elevá-lo na sociedade ao verdadeiro lugar que deve ocupar.

Sim, a mulher é um ser perfectível como o homem, e suas aspirações são legítimas; seu pensamento é livre, e nenhum poder do mundo tem o direito de servir-se à vontade de seus interesses ou de suas paixões. Ela reclama a sua parte *de atividade intelectual*, e ela a obterá, porque é uma lei mais poderosa do que todas as leis humanas, é a do progresso, à qual toda a criação está submetida.

UM ESPIRITO.

Nota. - Dissemos e repetimos, muitas vezes, a emancipação da mulher será a consequência da difusão do Espiritismo, por que ele funda os seus direitos, não sobre uma idéia filosófica generosa, mas sobre a própria identidade da natureza do Espírito. Provando que não há Espíritos homens e Espíritos mulheres, que todos têm a mesma essência, a mesma origem e o mesmo destino, ele consagra a igualdade dos direitos. A grande lei da reencarnação vem, além disso, sancionar este princípio. Desde que os mesmos Espíritos podem se encarnar, tanto homens quanto mulheres, disto resulta que o

homem que se serviu da mulher poderá ser servido a seu turno; que, assim, trabalhando pela emancipação das mulheres, os homens trabalham para a emancipação geral, e, conseqüentemente, em seu proveito. As mulheres têm, pois, um interesse direto na propagação do Espiritismo, porque ele fornece, em apoio à sua causa, os mais poderosos argumentos que se tenham ainda invocado. (Ver a *Revista Espírita*, janeiro de 1866, página 1; junho de 1867, página 161.)

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

11º ANO

NO. 5

MAIO 1868

CORRESPONDÊNCIA INÉDITA DE LAVATER

COM A IMPERATRIZ MARIA DA RÚSSIA.
(Continuação e fim.- Ver o número de abril de 1868.)

SEXTA CARTA.

Muito venerada imperatriz,

Anexo, ainda, uma carta chegada do mundo invisível! Possa ela, *como as precedentes*, ser aprovada por vós e produzir, sobre vós, um efeito salutar!

Aspiramos, sem cessar, por uma comunhão mais íntima com o AMOR, o mais puro que se manifestou no homem, e está glorificado em Jesus, o Nazareno!

Muito venerada imperatriz, nossa felicidade futura está em nosso poder, uma vez que nos foi concedida a graça de compreender que, sozinho, o amor pode nos dar a felicidade suprema, e que só a fé no amor divino faz nascer, em nossos corações, o sentimento que nos torna felizes eternamente, a fé que desenvolve, depura e completa a nossa aptidão para amar.

Quantos temas me restam ainda para vos comunicar. Tratarei de acelerar a continuação daquilo que comecei a vos expor, e me considerarei como muito feliz se puder esperar ter podido ocupar agradavelmente e utilmente alguns momentos de vossa preciosa vida.

JEAN-GASPAR LAVATER.

Zurich, 16. XII. 1798.

CARTA DE UM DEFUNTO A SEU AMIGO,

Sobre as relações que existem entre os Espíritos e aqueles que amaram sobre a Terra.

Meu bem-amado, antes de tudo, devo adverti-te de que, das mil coisas que, estimulada por uma nobre curiosidade, desejares aprender de mim, e que terei tanto desejado poder dizer-te, ousou apenas delas te comunicar uma única, uma vez que não depende, de modo algum, de mim mesmo. Minha vontade depende, como jate disse, da vontade d'Aquele que é a suprema sabedoria. Minhas relações contigo não estão baseadas senão sobre teu amor. Essa sabedoria, esse amor personificados, freqüentemente, nos levam, tu e meus mil vezes mil convivas, a uma felicidade que se torna continuamente mais elevada e mais embriagadora, para os homens ainda mortais, e nos fazem entrar com eles em relações certamente agradáveis para nós, embora muito freqüentemente obscurecidas e nem sempre bastante puras e santas. Toma de mim algumas noções a respeito dessas relações. Não sei como chegarei a fazer-te

compreender esta grande verdade que, provavelmente, te admirará muito apesar de sua realidade, é que: *nossa própria felicidade depende, freqüentemente, relativamente, bem entendido, do estado moral daqueles que deixamos sobre a Terra e com os quais entramos em relações diretas.*

Seu sentimento religioso nos atrai; sua impiedade nos repele. Nós nos regozijamos de suas puras e nobres alegrias, quer dizer, de suas alegrias espirituais e desinteressadas. Seu amor contribui para a nossa felicidade, também sentimos, senão um sentimento semelhante ao sofrimento, pelo menos uma diminuição do prazer, quando eles se deixam SOMBREAR por sua sensualidade, seu egoísmo, suas paixões animais ou a impureza de seus desejos.

Meu amigo, detêm-te, isso te peço, diante desta palavra: SOMBREAR.

Todo pensamento divino produz um raio de luz que jorra do homem afetuoso, e que não é visto e compreendido senão pelas naturezas afetuosas e irradiantes. Toda espécie de amor tem seu raio de luz que lhe é particular. Esse raio, reunindo-se à aureola que cerca os santos, a torna ainda mais resplandecente e mais agradável à visão. Do grau dessa claridade e dessa amenidade depende, freqüentemente, o grau de nossa própria felicidade ou da felicidade que sentimos de nossa existência. Com o desaparecimento do amor, essa luz desaparece, e com ela o elemento de felicidade daqueles que amamos. Um homem que se torna estranho ao amor se *sombreia*, no sentido mais literal e mais positivo desta palavra; ele se torna mais material, conseqüentemente mais elementar, mais terrestre, e as trevas da noite o cobrem com o seu véu. A vida, ou o que é a mesma coisa para nós: o amor do homem, produz o grau de sua luz, sua pureza luminosa, sua identidade com a luz, a magnificência de sua natureza.

Só essas últimas qualidades tornam nossas relações com ele possíveis e íntimas. A luz atrai a luz. É-nos impossível agir sobre as almas sombrias. Todas as naturezas não afetuosas nos parecem sombrias. A vida de cada mortal, sua verdadeira vida, é como seu amor; sua luz assemelha-se ao seu amor; de sua luz provém a nossa comunicação com ele e a sua conosco. Nosso elemento é a luz cujo segredo não é compreendido por nenhum mortal. Nós atraímos e somos atraídos por ela. Essa veste, esse órgão, esse veículo, esse elemento, no qual reside a força primitiva que tudo produz, a luz em uma palavra, forma para nós o traço característico de todas as naturezas.

Nós brilhamos na medida de nosso amor; somos reconhecidos pela nossa claridade, e somos atraídos por todas as naturezas afetuosas e irradiantes como nós. Pelo efeito de um movimento imperceptível, dando uma certa direção aos nossos raios, podemos fazer nascer nas naturezas que nos são simpáticas idéias mais humanas, suscitar ações, sentimentos mais nobres e mais elevados; mas *nós não temos o poder de forçar ou de dominar ninguém, nem de impor nossa vontade aos homens cuja vontade está inteiramente independente da nossa. O livre-arbítrio do homem nos é sagrado.* Nos é impossível comunicar o único raio de nossa pura luz a um homem a quem falte sensibilidade. Ele não possui nenhum sentido, nenhum órgão para poder receber, de nós, a menor coisa. Do grau de sensibilidade que um homem possui, -oh! permite-me to repetir em todas as minhas cartas, - depende da sua aptidão para receber a luz, sua simpatia com todas as naturezas luminosas, e com o seu protótipo primordial. Da ausência da luz nasce a impossibilidade de se aproximar das fontes da luz, ao passo que milhares de naturezas luminosas podem ser atraídas por uma única natureza semelhante.

O Homem-Jesus, resplandecente de luz e de amor, foi o ponto luminoso que atraiu incessantemente, para ele, as legiões de anjos. As naturezas sombrias, egoístas, atraem para elas Espíritos sombrios, grosseiros, privados de luz, malevolentes, e são antes envenenados por eles, ao passo que as almas afetuosas se tornam ainda mais puras e mais afetuosas, por seu contato com os Espíritos bons e afetuosos.

Jacob dormindo, cheio de sentimentos piedosos, vê os anjos do Senhor chegarem em multidão até ele, e a sombria alma de Judas Iscariote dá ao chefe dos Espíritos sombrios o direito, direi mesmo a força, de penetrar na sombria atmosfera de sua natureza odiosa. Os Espíritos radiantes são muitos lá onde se encontra um Elíseo; as legiões de Espíritos sombrios pululam entre as almas sombrias.

Meu bem-amado, medita bem o que acabo de dizer. Disso encontrarás numerosas aplicações nos livros bíblicos, que encerram verdades ainda intactas, assim como instruções da mais alta importância, no que toca às relações que existem entre os mortais e os imortais, entre *o mundo material* e *o mundo dos Espíritos*.

Não depende senão de ti te achares sob a influência benfazeja dos Espíritos afetuosos ou de afastá-los de ti; podes guardá-los junto de ti ou forçá-los a te deixar. Depende de ti tornar-me mais ou menos feliz.

Deves compreender agora que todo ser afetuoso se torna mais feliz, quando encontra um ser tão afetuoso quanto ele; que o mais feliz e o mais puro dos seres se tornam menos felizes, quando reconhecem uma diminuição de amor naquele que ama; que o amor abre o coração ao amor, e que a ausência deste sentimento torna mais difícil, freqüentemente mesmo impossível, o acesso de toda comunicação íntima.

Se me desejas tornar-me, a mim, já gozando da felicidade suprema, ainda mais feliz, torna-te ainda melhor. Por isto, me tomaras mais radioso e poderás simpatizar mais com todas as naturezas riosas e imortais. Elas se apressarão em vir junto a ti; sua luz se reunirá à tua e a tua à sua; sua presença te tornará mais puro, mais radiante, mais vivaz, e, o que te parecerá difícil acreditar, mas não é por isso menos positivo, elas mesmas, por efeito de sua luz, a que se irradiará de ti, elas se tornarão mais luminosas, mais vivazes, mais felizes de sua existência, e, pelo efeito de teu amor, ainda mais afetuosas.

Meu bem-amado, existem relações imperecíveis entre o que chamamos os mundos *visível* e *invisível*, uma comunhão incessante entre os habitantes da Terra e os do céu que sabem amar, uma ação benfazeja recíproca de cada um desses mundos sobre o outro.

Meditando e analisando com cuidado esta idéia, reconhecerás cada vez mais a sua verdade, a sua urgência e a sua santidade.

Não te esqueças, irmão da Terra: vives visivelmente num mundo que é ainda invisível para ti!

Não o esqueças! No mundo dos Espíritos afetuosos, se alegrará de teu crescimento em amor puro e desinteressado.

Nós nos achamos perto de ti, quando nos crês muito longe. Jamais um ser afetuoso se acha só e isolado.

A luz do amor atravessa as trevas do mundo material, para entrar num mundo menos material.

Os Espíritos afetuosos e luminosos se acham sempre na vizinhança do amor e da luz.

Estas palavras do Cristo são literalmente verdadeiras: "Lá onde dois ou três de vós se reunirem em meu nome, eu estarei com eles."

É também indubitavelmente verdadeiro que podemos *afligir* o Espírito de Deus por nosso egoísmo, e *alegrá-lo* por nosso verdadeiro amor, segundo o sentido profundo destas palavras: "*O que ligardes sobre a Terra está ligado no céu; o que desligardes sobre a Terra será também desligado no céu. Vós desligais pelo egoísmo, ligais pela caridade, quer dizer, pelo amor. Vós vos aproximais e vos afastais de nós. Nada é mais claramente compreendido no céu, do que o amor daqueles que amam sobre a Terra.*"

Nada é mais atrativo, para os Espíritos felizes pertencendo a todos os graus de perfeição, do que o amor dos filhos da Terra.

Vós, que sois chamados ainda mortais, pelo amor podeis fazer descer o céu sobre a Terra.

Poderíeis entrar conosco, felizes, numa comunhão infinitamente mais íntima do que possais supor, se vossas almas se abrissem à nossa influência pelos impulsos do coração.

Freqüentemente, estou junto a ti, meu bem-amado! Gosto de me encontrar em tua esfera de luz.

Permite-me dirigir-te ainda algumas palavras de confiança.

Quando te zangas, a luz que irradia de ti, no momento em que pensas naqueles que tu amas ou naqueles que sofrem, se obscurece, e então sou forçado a me desviar de ti, nenhum Espírito afetuoso não podendo suportar as trevas da cólera. Recentemente, ainda, tive que deixar-te. Eu te perdi, por assim dizer, de vista e me dirigi para um outro amigo, ou antes, a luz de seu amor me atraiu para ele. Eu pedi, derramando lágrimas, por uma família benfazeja, caída momentaneamente na maior miséria e que estava fora do estado de socorrer a si mesma. Oh! como já seu corpo *terrestre* me pareceu *luminoso*; foi como se uma claridade ofuscante o inundasse. Nosso Senhor se aproximou dele, e um raio de seu espírito caiu sobre esta luz. Que felicidade para mim poder mergulhar nessa auréola, e, retemperado por essa luz, estar em estado de inspirar à sua alma a esperança de um socorro próximo! Pareceu-me ouvir uma voz, no fundo de sua alma, dizer-lhe: "Nada temas! Crê! sentirás a alegria de poder aliviar aqueles por quem vens de pedir a Deus." Ele se levantou inundado de alegria depois da prece. No mesmo instante, fui atraído para um outro ser radioso, também em prece... Era a nobre alma de uma virgem que orava e dizia: "Senhor! ensina-me a fazer o bem segundo a tua vontade." Pude e ousei inspirar-lhe a idéia seguinte: "Não farás bem de enviar, a esse homem carinhoso que eu conheço, um pouco de dinheiro para que o empregue, ainda hoje, em proveito de alguma família pobre?"

Ela se apegou a esta idéia com uma alegria infantil; recebeu-a como se tivesse recebido um anjo descido do céu. Essa alma piedosa e caridosa reuniu uma soma bastante considerável; depois ela escreveu uma pequena carta bem afetuosa endereçada àquele que vinha de pedir, e, quem a recebeu, assim como o dinheiro, uma hora apenas depois de sua prece, derramando lágrimas de alegria e cheio de um profundo reconhecimento a Deus!

Eu o segui, sentindo eu mesmo uma felicidade suprema e me regozijando em sua luz. Chegou à porta da pobre família. "Deus teve piedade de nós?" perguntou a piedosa esposa ao seu piedoso esposo. - Sim, terá piedade de nós, como tiveste piedade de outros. "- Ouvindo esta resposta do marido, aquele que havia pedido encheu-se de alegria; ele abriu a porta, e, sufocado pela sua emoção, pôde apenas pronunciar estas palavras: "Sim, terá piedade de vós, como vós mesmos tivestes piedade dos pobres; eis uma prova da misericórdia de Deus. O Senhor vê os justos e ouve suas súplicas."

De que luz viva brilharam todos os assistentes, quando, depois de ter lido a pequena carta, levantaram os olhos e os braços para o céu!

Massas de Espíritos se apressaram de chegar de todas as partes. Como nos alegramos! como nos abraçamos! como louvamos a Deus e o bendizemos! como nos tornamos todos mais perfeitos, mais afetuosos!

Tu, brilhas tu logo de novo; eu posso e ousei chegar perto de ti; tinhas feito três coisas que me concederam o direito de me aproximar de ti e de te alegrar. Tinhas derramado as lágrimas de vergonha de tua cólera; tinhas refletido, estando seriamente emocionado, nos meios de poder dominar-te; tinhas pedido sinceramente àquele que o teu desatino havia ofendido, e procuravas de que maneira poderias indenizá-lo disso, proporcionando-lhe alguma satisfação. Esta preocupação trouxe calma ao teu coração, a alegria aos teus olhos, e a luz ao teu corpo.

Podes julgar, por este exemplo, se estamos sempre bem instruídos do que fazem os amigos que deixamos sobre a Terra, e quanto nos interessamos pelo seu estado moral;

deves também compreender agora *a solidariedade que existe entre o mundo visível e o mundo invisível*, e que depende de vós nos proporcionar alegrias ou nos afligir.

Oh! meu bem-amado, poderias te compenetrar desta grande verdade, que um amor nobre e puro encontra em si mesmo a mais bela recompensa; que os gozos mais puros, o gozo de Deus, não são senão o produto de um sentimento mais depurado, te apressarias em te depurar de tudo o que é egoísmo.

De hoje em diante, jamais poderei te escrever sem retornar sobre este assunto. Nada tem prêmio sem amor. Só ele possui o golpe de vista claro, justo, penetrante, para distinguir o que merece ser estudado, o que é eminentemente verdadeiro, divino, imperecível. Em cada ser mortal e imortal, animado de um amor puro, vemos, com sentimento de prazer inexprimível, o próprio Deus se refletir, como vedes o sol brilhar em cada gota de água pura. Todos aqueles que amam, sobre a Terra como no céu, não fazem senão um pelo sentimento. É do grau de amor que dependem o grau de nossa perfeição e de nossa felicidade interior e exterior. É teu amor que regula as relações com os Espíritos que deixaram a Terra, tua comunhão com eles, a influência que pode exercer sobre ti e sua ligação íntima com o teu Espírito.

Escrevendo-te esta, um sentimento de previsão, que não me engana jamais, que me ensina que te encontras, neste momento, numa excelente disposição moral, uma vez que me ditas uma obra de caridade.

Cada uma de vossas ações, de vossos pensamentos, leva uma marca particular, instantaneamente compreendida por todos os Espíritos desencarnados. Que Deus venha em tua ajuda!

Escrevi-te esta em 16.XII. 1798.

Seria supérfluo fazer ressaltar a importância destas cartas de Lavater, que por toda a parte têm excitado o mais vivo interesse. Elas atestam, de sua parte, não só o conhecimento dos princípios fundamentais do Espiritismo, mas uma apreciação justa de suas conseqüências morais. Somente sobre alguns pontos, parece ter tido idéias um pouco diferentes do que sabemos hoje, mas a causa destas divergências as quais, de resto, prendem-se mais à forma do que ao fundo, é explicada na comunicação seguinte, que ele deu à Sociedade de Paris. Nós não as manifestaremos, porque cada um as terá compreendido; o essencial era constatar que, muito tempo antes do aparecimento oficial do Espiritismo, os homens cuja alta inteligência não poderia ser posta em dúvida, dele tinham a intuição. Se não empregaram o nome, é que não existia.

Chamamos, no entanto, a atenção sobre um ponto que poderia parecer estranho: é a teoria segundo a qual a felicidade dos Espíritos estaria subordinada à pureza do sentimentos dos encarnados, e se acharia alterada pela mais leve imperfeição destes. Se isso fora assim, considerando o que são os homens, não haveria Espíritos felizes, e a felicidade verdadeira não existiria mais no outro mundo que sobre a Terra. Os Espíritos devem sofrer tanto menos os defeitos dos homens, quanto os sabem perfectíveis. Os homens imperfeitos são para eles como crianças cuja educação não está feita, e para a qual têm a missão de trabalhar, eles que têm igualmente passado pela fieira da imperfeição. Mas fazendo-se a parte de que o princípio desenvolvido nesta carta pode ter de muito absoluto, não se pode impedir de nele reconhecer um sentido muito profundo, uma admirável penetração das leis que regem a relações do mundo visível e do mundo invisível, e as nuances que caracterizam o grau de adiantamento dos Espíritos encarnados ou desencarnados.

OPINIÃO ATUAL DE LAVATER SOBRE O ESPIRITISMO.

Comunicação verbal, pelo Sr. Morin em sonambulismo espontâneo.

(Sociedade de Paris, 13 de março de 1868.)

Desde que a misericórdia divina permitiu que eu, humilde criatura, recebesse a revelação por intermédio dos mensageiros da imensidão, até este dia, os anos, um a um, caíram no abismo dos tempos; e a medida que eles escoavam, aumentavam também os conhecimentos dos homens, e seu horizonte intelectual se alargava.

Depois que as poucas páginas que lestes me foram dadas muitas outras páginas foram dadas no mundo inteiro sobre o mesmo assunto e pelo mesmo meio. Não creiais que eu tenha a pretensão, eu, humilde entre todos, de ter tido o primeiro a honra ensigne de receber um tal favor; não, outros, antes de mim, tinham, também eles, recebido a revelação; mas, como eu, ai! não lhe compreenderam inteiramente certas partes. É que é necessário, senhores, levar em conta o tempo, o grau de instrução moral, e sobretudo o grau de emancipação filosófica dos povos.

Os Espíritos, dos quais sou feliz hoje de fazer parte, formam, eles também, os povos, os mundos, mas não têm raças; eles estudam, vêem, e seus estudos podem, incontestavelmente, ser maiores, mais vastos do que os estudos dos homens; mas, no entanto, eles partem sempre dos conhecimentos adquiridos, e do ponto culminante do progresso moral e intelectual do tempo e do meio onde vivem. Se os Espíritos, esses mensageiros divinos, vêm diariamente vos dar instruções de uma ordem mais elevada, é que a generalidade dos seres que a recebem está no estado de compreendê-las. Em consequência das preparações que suportaram, há instantes em que os homens não têm necessidade de deixar passar sobre eles a eternidade de um século para compreender. Desde de que se vê, eleva-se rapidamente o nível moral, uma espécie de atração os leva para uma certa corrente de idéias que devem assimilar, e ao objetivo ao qual devem aspirar; mas esses instantes são curtos, e cabe aos homens deles se aproveitarem.

Eu disse que era preciso levar em conta os tempos, e, sobretudo, o grau de emancipação filosófica que a época comportava. Reconhecendo para com a Divindade, que me havia permitido adquirir, por um favor especial, mais depressa de que outros homens partidos do mesmo ponto, certos conhecimentos, eu recebi as comunicações dos Espíritos. Mas a educação primeira, os ensinamentos estreitos, a tradição e o uso pesam sobre mim; apesar de minhas aspirações para adquirir uma liberdade, uma independência de espírito que eu desejava, afetuoso atrativo para os Espíritos que vinham se comunicar comigo, não conhecia a ciência que vos foi revelada depois, eu não podia atrair senão os seres similares às minhas idéias, às minhas aspirações, e que, com um horizonte mais largo, tinham, no entanto, a mesma visão limitada. Daí, eu o confesso, alguns erros que pudestes notar no que vos veio de mim; mas o fundo, o corpo principal, senhores, não está conforme tudo o que, depois, vos foi revelado por esses mensageiros dos quais vos falei há pouco?

Espírito encarnado, levado por instinto ao bem, natureza agitada se apoderando de um pensamento que me levava ao verdadeiro, tão depressa, ai! quantos deles me levavam ao erro, e, talvez, aí o motivo que provocou as inexatidões de minhas comunicações, não tendo, para retificá-las, o controle dos pontos de comparação; porque, para que uma revelação seja perfeita é preciso que ela se dirija a um homem perfeito, e ele não existe; não é, pois, senão do conjunto que se pode extrair os elementos da verdade: é o que pudestes fazer; mas, no meu tempo, podia-se formar um conjunto de algumas parcelas da verdade, de algumas comunicações excepcionais? Não. Sou feliz por ter sido um dos privilegiados deste último século; obtive algumas dessas comunicações por meu intermédio direto, e a maior parte por meio de um Médium, meu

amigo, completamente estranho à língua da alma, e, é preciso vos dizer, mesmo à do bem.

Feliz por fazer partilhar essas idéias às inteligências que eu acreditava acima da minha, uma porta me foi aberta; eu a agarrei com zelo, e todas as revelações da vida além-túmulo foram por mim levadas ao conhecimento de uma Imperatriz que, a seu turno, as leva ao conhecimento de sua sociedade, e, assim, pouco a pouco.

Crede-o bem, o Espiritismo não foi revelado espontaneamente; como toda coisa saída das mãos de Deus, ele se desenvolve progressivamente, lentamente, seguramente. Ele esteve em germe no primeiro germe das coisas, e cresceu com esse germe até que estivesse bastante forte para se subdividir ao infinito, e espalhar por toda a parte sua semente fecunda e regeneradora. É por ele que sereis felizes, que será assegurada a felicidade do povos; que digo eu? a felicidade de todos os mundos; porque o Espiritismo, palavra que eu ignorava, está chamado a fazer muito grandes revoluções! Mas, tranquilizai-vos; essas revoluções não ensangüentarão jamais a sua bandeira; são as revoluções morais, intelectuais; revoluções gigantescas, mais irresistíveis do que aquelas que são provocadas pelas armas, pelas quais tudo é de tal modo chamado a se transformar, que tudo o que conheceis não é senão um fraco esboço daquilo que elas produziram.

O Espiritismo é uma palavra tão vasta, tão grande, por tudo que ele contém, que me parece que um homem que não lhe conhecesse toda a profundidade não a poderia pronunciar sem respeito.

Senhores, eu, Espírito muito pequeno, a despeito da grande inteligência com a qual me gratificais, e em consideração àqueles muitos superiores que me é dado contemplar, venho vos dizer: Credes, pois, que seja por um efeito do acaso que pudestes ouvir esta noite o que Lavater obteve e escreveu? Não, não foi por acaso, e minha mão perispiritual seguramente os dirigiu até vós. Mas se esses alguns pensamentos vieram ao nosso conhecimento por meu intermédio, não creias que tenha procurado nisto uma vã satisfação de amor-próprio; não, longe disto; o objetivo era maior, e mesmo o pensamento de levá-los ao conhecimento universal da Terra, não veio de mim. Esse conhecimento tinha sua utilidade; ele deve ter consequência sérias, foi por isto que vos foi dado divulgá-lo. Nas menores causas se encontra o germe das maiores renovações. Eu sou feliz, senhores, que me seja dado o direito de vos pressentir sobre a importância que terão essas poucas reflexões, essas comunicações, bem pobres junto das quais obtendes atualmente; e, se lhe entrevejo o resultado, se sou feliz por isto, por que não o serieis?

Eu retornarei, senhores, e o que disse esta noite é tão pouca coisa junto do que tenho a missão de vos ensinar, que ousa apenas vos dizer: é Lavater.

Pergunta. Nós vos agradecemos pelas explicações que consentistes nos dar, e ficaríamos muito felizes em vos contar, doravante, entre nossos Espíritos instrutores. Receberemos as vossas instruções com o mais vivo reconhecimento. À espera disto, permiti-nos uma simples pergunta sobre a vossa comunicação de hoje:

1^o Dissestes que a Imperatriz leva essas idéias ao conhecimento de sua sociedade e, assim, pouco a pouco. Seria por esta iniciativa, partida do ponto culminante da sociedade, que a Doutrina Espírita deve encontrar tão numerosas simpatias entre as sumidades sociais na Rússia? - 2^o Um ponto que me admira não ver mencionado em vossas cartas, é o grande princípio da reencarnação, uma das leis naturais que mais testemunham a justiça e a bondade de Deus.

Resposta. - É evidente que a influência da Imperatriz e de alguns outros grandes personagens foi predominante para determinar, na Rússia, o desenvolvimento do movimento filosófico no sentido espiritualista; mas, se o pensamento dos príncipes da Terra determina, freqüentemente, o pensamento dos grandes que se acham sob sua dependência, não ocorre o mesmo com os pequenos. Aqueles que têm chance de desenvolver no povo as idéias progressivas, são os filhos do povo; serão eles que farão

triumfar por toda a parte os princípios de solidariedade e de caridade que são a base do Espiritismo.

Também, Deus, em sua sabedoria, escalonou os elementos do progresso; *eles estão no alto, em baixo, sob todas as formas, e preparados para combater todas as resistências*. Eles sofrem, assim, um movimento de vai-e-vem constante, que não pode deixar de estabelecer a harmonia do sentimentos entre as altas e as baixas classes, e de fazer triunfar solidariamente os princípios de autoridade e de liberdade.

Os povos são, como o sabeis, formados de Espíritos que têm, entre eles, uma certa afinidade de idéias, que os predispõem, mais ou menos, a assimilar as idéias de tal ou tal ordem, porque essas mesmas idéias estão, neles, em estado latente e não esperando senão uma ocasião para se desenvolverem. O povo russo, e vários outros, estão neste caso com relação ao Espiritismo; por pouco que o movimento seja secundado, em lugar de ser entravado, dez anos não se passariam antes que todos os indivíduos, sem exceção, fosse Espíritas. Mas esses próprios entraves são úteis para temperar o movimento que, embora pouco lento, não o é senão mais refletido. O Todo-Poderoso, pela vontade de quem tudo se realiza, saberá muito levantar os obstáculos quando disto chegar o tempo. O Espiritismo será um dia a fé universal, e se espantará que não o haja sempre sido assim.

Quanto ao princípio da reencarnação terrestre, eu vos confesso que a minha iniciação não tinha chegado nele, e, sem dúvida, de propósito, porque não teria deixado de fazê-lo, como as outras revelações, o objeto de minhas instruções à Imperatriz, e talvez isto teria sido prematuro. Aqueles que presidem ao movimento ascensional sabem bem o que fazem. Os princípios nascem um a um, segundo os tempos, os lugares e os indivíduos, e estava reservado à vossa época vê-los reunidos em um feixe sólido, lógico e inatacável.

LAVATER.

EDUCAÇÃO DE ALÉM-TÚMULO.

Escrevem-nos de Caen:

"Uma mãe e suas três filhas de pouca idade, querendo estudar a Doutrina Espírita, não podiam ler duas páginas sem sentirem um mal-estar do qual não se davam conta. Eu me encontrava, um dia, na casa dessas senhoras, com uma jovem médium sonâmbula muito lúcida; esta adormeceu espontaneamente e viu junto dela um Espírito que reconheceu pelo abade L...antigo cura do lugar, morto há uma dezena de anos.

"Pergunta. Sois, senhor, o cura que impediu esta família de ler? *-Resposta.* Sim, fui eu; velo sem cessar sobre o rebanho confiado aos meus cuidados; há muito tempo que vos vejo querer instruir meus penitentes em vossa triste doutrina; quem vos deu o direito de ensinar? Fizestes estudos para isso?

"Pergunta. Dizei-nos, senhor abade, estais no céu? *- Resposta.* Não; não sou bastante puro para ver Deus.

"Pergunta. Estais, então, nas chamas do purgatório? *-Resposta.* Não, uma vez que não sofro.

"Pergunta. Vistes o inferno? *-Resposta.* Vós-me fazeis tremer! me perturbais! Eu não posso responder, porque talvez me direis que devo estar numa dessas três coisas. Tremo pensando no que dissestes, e, no entanto, sou atraído para vós pela lógica de vossos raciocínios. Eu retornarei e discutirei convosco.

"Com efeito ele retornou muitas vezes; discutimos e ele compreendeu tão bem que o entusiasmo o ganhou. Recentemente, ele exclamou: "Sim, sou Espírita agora, dizei-o a

todos aqueles que ensina. Ah! como gostaria que compreendesse Deus como este anjo me fez conhecê-lo!" Ele falava de Cárita, que tinha vindo até nós, e diante de quem ele caiu de joelhos, dizendo que não era um Espírito, mas um anjo. Desde esse momento, ele tomou por missão instruir aqueles que pretendem instruir os outros."

Nosso correspondente acrescenta o fato seguinte:

"Entre os Espíritos que vêm ao nosso círculo, tivemos o doutor X..., que se apoderou de nosso médium, e que é como uma criança; é preciso dar-lhe explicações sobre tudo; ele avança, compreende, e está cheio de entusiasmo; ele vai junto dos sábios que conheceu; quer lhes explicar o que vê, o que sabe agora, mas eles não o compreendem; então ele se irrita e os trata de ignorantes. Um dia, numa reunião de dez pessoas, ele se apoderou da criança, como de hábito (a jovem médium, pela qual ele fala e age); pergunta-me quem era e porque eu tinha tanto saber sem ter nada aprendido; tomou-me a cabeça com as mãos e disse: "Eis a matéria, na qual me reconheço, mas como estou aqui, eu? como pude fazer falar este organismo que, no entanto, não é meu? Vós me falais da alma, mas onde está aquela que habita este corpo?"

"Depois de tê-lo feito notar o laço fluídico que une o Espírito ao corpo durante a vida, ele exclamou de repente, falando da jovem médium: "Eu conheço esta criança, eu a vi em minha casa; seu coração estava doente; como ocorre que não esteja mais? Dizei-me quem acurou?" Eu lhe fiz observar que se enganava, e que jamais a tinha visto. - "Não, disse ele, eu não me engano, e a prova é que lhe piquei o braço e que ela não sentiu nenhuma dor."

"Quando a jovem foi despertada, nós lhe perguntamos se ela tinha conhecido o doutor e se tinha ido consultá-lo. "Eu não sei, respondeu ela, se é ele; mas, estando em Paris fui conduzida à casa de um célebre médico, do qual não me lembro nem o nome, nem o endereço."

"Suas idéias se modificam rapidamente; é agora um Espírito no delírio da felicidade do que sabe; ele gostaria de provar a todo o mundo que o nosso ensino é incontestável. O que o preocupa, sobretudo, é a questão dos fluidos. "Eu quero, disse, curar como vosso amigo; não quero mais me servir de venenos; nem tomá-los jamais." Ele estuda hoje o homem, não mais em seu organismo, mas em sua alma; fez-nos dizer-lhe como se opera a união da alma e do corpo na concepção, e com isto pareceu muito feliz. O bom doutor Demeure veio em seguida, e nos disse para não nos admirarmos das perguntas, às vezes pueris, que poderia nos fazer; ele é, disse, como uma criança que precisa aprender a ler no grande livro da Natureza; mas, como é, ao mesmo tempo, uma grande inteligência, se instrui rapidamente, e, para isto, concorreremos de nosso lado."

Esses dois exemplos vêm confirmar estes três grandes princípios revelados pelo Espiritismo, a saber:

1^a Que a alma conserva, no mundo dos Espíritos, por um tempo mais ou menos longo, as idéias e os preconceitos que tinha durante a vida terrestre;

2- Que ela se modifica, progride e adquire conhecimentos novos no mundo dos Espíritos;

3^a Que os encarnados podem concorrer para o progresso dos Espíritos desencarnados.

Estes princípios, resultado de inumeráveis observações, têm uma importância capital, naquilo que fazem cair todas as idéias implantadas pelas crenças religiosas sobre o estado estacionário e definitivo dos Espíritos depois da morte. Desde que o progresso no estado espiritual está demonstrado, todas as crenças fundadas sobre a perpetuidade de uma situação uniforme qualquer tombam diante da autoridade dos fatos. Elas tombam também diante da razão filosófica que diz que o progresso é uma lei da Natureza, e que o estado estacionário dos Espíritos seria, ao mesmo tempo, a negação daquela lei e da justiça de Deus.

O Espírito progredindo fora da encarnação, disto resulta esta outra conseqüência, não menos capital, de que, em retornando sobre a Terra, ele traz a dupla aquisição das existências anteriores e da erraticidade. Assim se realiza o progresso das gerações.

É incontestável que, quando o médico e o sacerdote de quem se falou acima, renascerem, trarão idéias e opiniões diferentes das que tinham na existência que acabam de deixar; um não será mais fanático, o outro não será mais materialista, e ambos serão Espíritos. Pode-se isto dizer tanto do doutor Morei Lavallé, do bispo de Barcelona e de tantos outros. Há, pois, utilidade, para o futuro da Humanidade, ocupar-se com a educação dos Espíritos.

O DOUTOR PHILIPPEAU.

IMPRESSÕES DE UM MÉDICO MATERIALISTANO MUNDO DOS ESPÍRITOS.

Em uma reunião íntima de família, onde se ocupava da comunicação pela tiptologia, dois Espíritos, conversando entre si, se manifestam espontaneamente, sem nenhuma evocação preliminar, e sem que se pensasse neles: um era o de um médico distinto, que designaremos sob o nome de Philippeau, morto há pouco, e que, quando vivo, tinha feito abertamente a sua profissão do materialismo mais absoluto; o outro era de uma mulher que assinou Sainte Victoire. Foi essa conversa que reportamos acima. Há para se anotar que as pessoas que obtiveram esta manifestação não conheciam o médico senão de reputação, mas não tinham nenhuma idéia de seu caráter, de seus hábitos, nem de suas opiniões; a comunicação não podia, pois, ser, de nenhum modo, o reflexo de seu pensamento, e isto tanto menos que, sendo obtida pela tiptologia, ela era inteiramente inconsciente.

Perguntas do médico. O Espiritismo me ensina que é necessário esperar, amar, perdoar; eu farei todas essas coisas se soubesse como é preciso a elas me ligar para começar. É preciso esperar o quê? É preciso perdoar, o quê e a quem? É preciso amar, quem? Respondei-me.

PHILIPPEAU.

Resposta. É preciso esperar na misericórdia de Deus, que é infinita; é preciso perdoar àqueles que nos ofenderam; é preciso amar seu próximo como a si mesmo; é preciso amar a Deus, a fim de que Deus vos ame e vos perdoe; é preciso rogar-lhe e dar-lhe graças por todas as suas bondades, por todas as vossas misérias, porque miséria e felicidade de tudo nos vem dele, quer dizer, que tudo nos vem dele segundo o que merecemos.

Aquele que expiou, mais tarde terá a sua recompensa; cada coisa tem a sua razão de ser, e Deus, que é soberanamente bom e justo, dá, a cada um, segundo as suas obras. Amar e rogar, eis toda a vida, toda a eternidade.

SAINTEVICTOIRE.

O médico. Eu gostaria, de toda a minha alma, de vos satisfazer, senhora, mas temo muito não o poder inteiramente; no entanto, vou tentar.

Uma vez morto, materialmente falando, acreditava que tudo estava acabado; portanto, quando a minha matéria ficou inerte, compreendi espantado que ainda me sentia vivo.

Vi esses homens me levarem, e disse a mim mesmo: No entanto, não estou morto! Eles não vêem, pois, esses médicos imbecis, que eu vivo, que eu respiro, que eu caminho, que eu os olho, que os sigo, essas pessoas que vêm ao meu enterro!... Quem é, pois, que se enterra?... Não é, pois, a mim... Eu escuto uns e outros: "Esse pobre

Philippeau, diziam, fez muitas curas; bem que matou alguns; hoje é a sua vez; quando a morte aí está, perdemos nosso tempo." Inutilmente gritei: "Mas Philippeau não morre como esse; eu não estou morto!" eu não era ouvido, não era visto.

Três dias se passaram assim; eu havia desaparecido do mundo, e me sentia mais vivo do que nunca. Seja acaso, seja a Providência, meus olhos caíram sobre uma brochura de Allan Kardec; li suas descrições sobre o Espiritismo, e disse a mim mesmo: Serei, por acaso, um Espírito?... Eu li, reli, e compreendi, então, a transformação de meu ser: eu não era mais um homem, mas um Espírito!... Sim; mas, então, que tinha a fazer nesse mundo novo? nessa nova esfera?... Eu errava, procurava: encontrei o vazio, a sombra, o abismo, enfim.

O que tinha feito, pois, deixando o mundo, para vir habitar essas trevas?... O inferno é, pois, negro e foi nesse inferno que caí?... Por quê? ..Porque trabalhei toda a minha vida? Porque empreguei a minha existência para cuidar de uns e de outros, para salvá-los quando a minha ciência me permitiu?... Não! não!... Por que então? Porquê?... procura! procura!... Nada; eu não encontro nada.

Então reli Allan Kardec: esperar, perdoar e amar, eis a solução. Agora compreendo o resto; o que não tinha compreendido, o que tinha negado: Deus, o Ser invisível e supremo, é preciso que eu lhe rogue; o que eu tinha feito pela ciência, é preciso que o faça por Deus; que eu estude, que cumpra a minha missão espiritual. Compreendo, ainda, vagamente as coisas, e vejo longos combates em meu pensamento, porque todo um mundo novo se abre para mim, e recuo assustado diante do que tenho a percorrer. No entanto, é preciso expiar, dizeis; essa Terra foi para mim muito penosa, porque me foi preciso mais trabalho do que podeis supor para chegar onde cheguei! A ambição era o meu único móvel; eu o queria e cheguei.

Agora tudo está para ser refeito. Fiz tudo ao contrário do que devia. Eu aprendi, escavei a ciência, não por amor à ciência, mas por ambição, para ser mais do que um outro, para que falassem de mim. Pensei em meu próximo, não para aliviá-lo, mas para me enriquecer; em uma palavra, fui todo pela matéria, quando se deve ser inteiramente para o espírito. Quais são hoje as minhas obras? A riqueza, a ciência; nada! nada! Tudo está para ser refeito.

Para isso terei a coragem? terei a força, os meios, a facilidade?... O mundo espiritual, onde caminho, é um enigma; a prece me é desconhecida; que fazer? quem me ajudará? Vós, talvez, que já me respondestes... Tomai guarda! a tarefa é rude, difícil, o escolar às vezes rebelde... No entanto, tratarei de render-me às vossas boas razões, e vos agradeço antecipadamente pelas vossas bondades.

PHILIPPEAU.

O ESPIRITISMO POR TODA A PARTE.

A literatura contemporânea, periódica e outra, se marca cada dia por idéias espíritas, tanto é verdadeiro, como o dissemos há muito tempo, que essas idéias são mina fecunda para os trabalhos da imaginação, rica em quadros poéticos e em situações interessantes; também os escritores nela retiram de mancheias. As doutrinas materialistas lhes oferecem um campo muito limitado, muito prosaico; o que delas se pode tirar que seja de natureza a tocar o coração, a elevar o pensamento? que poesia oferece a perspectiva do nada, da destruição eterna de si mesmo e daqueles que se ama? O materialista sente a necessidade de falar à alma de seus leitores se não quiser esfriá-los; de emprestar uma aos seus personagens se quiser que se interessem. De todos os tempos, os poetas e os literatos retiraram, das idéias espiritualistas, suas mais belas imagens e suas situações mais emocionantes; mas hoje o Espiritismo, precisando as crenças no futuro, dá aos

pensamentos um corpo, uma acentuação que não tinham; ele abre um novo campo que começa a ser explorado. Disto já citamos numerosos exemplos, e continuaremos a fazê-lo, de tempos em tempos, porque é um sinal característico da reação que se opera nas idéias.

Além das obras literárias, propriamente ditas, a imprensa também registra, todos os dias, os fatos que entram no quadro do Espiritismo.

A CONDESSA DE MONTE-CRISTO.

Sob este título, a *Petite Presse* publica um romance-folhetim, no qual se encontram as passagens seguintes, extraídas dos capítulos XXX e XXXI:

" - Meu paraíso, querida mãe, dizia à condessa de Monte-Cristo, sua filha agonizante, serão de ficar junto a ti, perto de vós! sempre viva em vossos pensamentos, *escutando-vos e vos respondendo, conversando baixinho com as vossas almas.*

"Quando a flor perfumar no jardim, e que a levores aos teus lábios, eu estarei na flor e serei eu quem receberá o beijo! Eu me farei também o raio, o sopro que passa, o murmúrio do ruído. O vento que agitará os teus cabelos será a minha carícia; o odor dos lilases floridos se elevará rumo à tua janela, esse será a minha respiração; o canto distante que te fará chorar, esta será a minha voz?.....

"Mãe, não blasfemes! Nada de cólera contra Deus! Ai! essas cóleras e essas blasfêmias talvez nos separem para sempre.

"*Enquanto permaneceres neste mundo, eu me farei a tua companheira de exílio;* mas mais tarde, quando, resignada às vontades de nosso Pai que está nos céus, ao teu turno, tiveres fechado os olhos para não mais reabri-los, então eu estarei, ao meu turno, à tua cabeceira, esperando tua libertação: e, ébrias de uma alegria eterna, nossos dois corações, reunidos para sempre, enlaçados pela eternidade, voarão, num mesmo vôo, para o céu clemente. Compreendes esta alegria, mãe? jamais te deixar, sempre te amar, sempre! Formar, por assim dizer, ao mesmo tempo, dois seres distintos e um único ser; seres tu e eu ao mesmo tempo? Amar e saber que se é amada, e que a medida do amor que se inspira é a mesma daquele que se sente?

"Neste mundo, nós não nos conhecemos; eu te ignoro como me ignoras; *entre os nossos dois Espíritos, os nossos dois corpos são obstáculos; não nos vemos senão confusamente através do véu da carne.* Mas, lá em cima, *leremos claramente no coração uma da outra.* E saber a que ponto se ama é o verdadeiro paraíso, vês!

"Ai! todos essas promessas de uma felicidade mística e infinita, longe de acalmarem as angústias de Helène, não fazem senão torná-las mais intensas, fazendo-a medir o valor do bem que ela iria perder.

"A intervalos, no entanto, ao impulso destas palavras inspiradas, a alma de Helène voava quase até as alturas serenas onde plana a de Pippione. Suas lágrimas cessam, a calma entra de novo em seu seio transtornado; *parecia-lhe que seres invisíveis flutuavam no quarto, soprando a Blanche as palavras à medida que ela as pronunciava.*

"A criança dormia, e, em seu sonho, *ela parecia conversar com alguém que não via, escutar vozes que só ela ouvia, e responder-lhe.*

"De repente, um brusco estremecimento agita seus membros fracos, ela abre bem seus grandes olhos e chama sua mãe, que revê apoiada à janela.

"Ela se aproxima do leito, e a Pippione toma a sua mão com mão já metade em seus últimos suores.

- Chegou o instante, disse ela. Esta noite é a última. *Eles me chamam, eu os ouço/Eu gostaria muito de permanecer ainda, pobre mãe, mas não posso, a vontade deles é mais forte do que a minha; os que me fazem sinal estão no outro mundo.*

- Loucura! grita Helène! visão! sonho! Tu morreres hoje, esta noite, entre os meus braços! é que isto é possível?

"Não, não morrer, fez a Pippione; *nascer! eu saio do sonho em lugar de nele entrar; o pesadelo acabou, desperto.* Oh! se soubesses como é belo, e que luz brilha aqui, perto da qual vosso sol não é senão mancha negra!

"Ela se deixa ir sobre as almofadas, fica um instante silenciosa, depois retoma:

" - São curtos os instantes que tenho para passar perto de vós. Quero que estejais todos lá para me dizer o que chamais um eterno adeus, o que não é, em realidade, *senão um rever próximo.* Todos, ouvistes bem? Tu primeiro, o bom doutor, Ursule, e Cyprienne, e Joseph.

"Este nome foi pronunciado mais baixo do que os outros, era o último sopro, o último lamento humano da Pippione. A partir deste instante, ela pertencia inteiramente ao céu.....

"-Era minha filha!

" - Era!... repetia com voz quase paternal o doutor Ozam, atraindo Helène contra seu peito. Era!... pois não é mais... Que resta dela aqui? um pedaço de carne meio decomposta, nervos que não vibram mais, sangue que se espessa, olhos sem olhar, ouvidos que não ouvem mais, um pouco de lodo!

"Vossa filha! este cadáver no qual a Natureza fecunda já faz germinar a vida inferior que lhe disseminará os elementos! - Vossa filha, esse lodo que amanhã verde na grama, florirá em rosas, e restituirá ao solo todas as forças vivas que ela lhe furtou? Não, não, - isso não é vossa filha! *isso não é senão a veste delicada e encantadora que ela tinha para atravessar a nossa vida de provações, um farrapo que ela abandonou desdenhosamente, como uma roupa usada que se solta!*

"Se quereis ter uma recordação viva de vossa filha, pobre mulher, é preciso olhar em outra parte... e mais alto.

" - Nisto credes, pois, também, doutor, pergunta ela, nesta outra vida? Diziam que éreis materialista.

"O doutor fez um doce sorriso irônico.

" - Talvez eu o seja, mas não do modo como o entendeis.

"Não é numa outra vida que eu creio, mas na vida eterna, na vida que não tem começo e que, conseqüentemente, não terá fim. - Cada um dos seres, *igual aos outros no início,* faz, por assim dizer, a educação de sua alma, e lhe aumenta as faculdades e a força, na medida de seus méritos e de seus atos. Conseqüência imediata deste aumento: esta alma, mais perfeita, agrega ao seu redor um envoltório igualmente mais perfeito. Depois, enfim, *um dia chega em que este envoltório não lhe basta mais,* e, então, como se diz, a alma suprime o corpo.

"Mas ela o suprime para encontrar um outro corpo mais em relação com as suas necessidades e suas qualidades novas? Onde? Quem sabe? Talvez num desses mundos superiores que brilham sobre as nossas cabeças, em um mundo onde encontrará um corpo mais perfeito, dotado de órgãos mais sensíveis, por isto mesmo melhor e mais feliz!

.....
"Nós mesmos, seres perfeitos, dotados desde o primeiro dia de todos os sentidos que nos colocam em relação com a natureza exterior, quantos esforços nos são necessários! Que trabalhos latentes não são necessários para que a criança se torne homem, o ser ignorante e fraco, rei da Terra! E, sem cessar, até a morte, os corajosos e os bons perseveram nesse caminho árduo do trabalho; eles alargam sua inteligência pelo estudo, seu coração pelo devotamento. Eis o trabalho misterioso da crisálida humana, o trabalho pelo qual ela adquire o poder e o direito de suprimir seu envoltório do corpo e planar com as asas."

Nota. - O autor, que tinha guardado até aqui o anonimato, é o Sr. du Boys, jovem escritor dramático; por certas expressões quase textuais, vê-se, evidentemente, que se inspirou na Doutrina.

O BARÃO CLOOTZ

Sob o título de: *Um voto humanitário, Anarcharsis Clootz, barão prussiano, convencional francês, aos seus concidadãos de Paris e de Berlim, o Progrès de Lyon*, de 27 de abril de 1867, sob forma de uma carta supostamente escrita do outro mundo, pelo convencional Clooíz, um artigo muito longo começando assim:

"No outro mundo que habito, depois do terrível dia 24 de março de 1794, que, eu o confesso, desiludiu-me um pouco sobre os homens e sobre as coisas, sozinha a palavra *guerra* guarda o privilégio de me lembrar das preocupações da política terrestre. O que mais amei, que digo eu? adorei e servi, quando habitei o vosso planeta, foi a fraternidade dos povos e a paz. A esse grande objeto de estudo e de amor, dei uma prova muito séria: minha cabeça, da qual minhas cem mil libras de renda aumentaram, aos olhos de muitas pessoas, o importante valor. O que me consolava mesmo um pouco subindo os degraus do cadafalso, eram as considerações pelas quais São Justo vinha justificar a minha prisão. Ele disse, se disso me lembro bem, que doravante a paz, a justiça e a probidade estariam na ordem do dia. Eu teria dado a minha vida, eu o declaro bem alto sem hesitar, e duas vezes antes que uma, para obter a metade desse resultado. E notai, se vos apraz, que o meu sacrifício era mais completo e mais profundo do que não teria podido ser o da maioria dos meus colegas. Eu era de boa fé e guardava o respeito da justiça no fundo do coração; mas, sem falar dos cultos dos quais tinha horror, o Ser supremo do próprio Robespierre me irritava os nervos, e a vida futura tinha para mim a aparência de um conto de fadas. Perguntar-me-eis, sem dúvida, o que era isso? Eu estava errado? eu tinha razão? Aí está o grande segredo dos mortos. Julgai vós mesmos aos vossos riscos e perigos. No entanto, parece que fui um pouco longe, uma vez que, nesta ocasião solene, me é permitido vos escrever."

Sendo o artigo exclusivamente político, e saindo do nosso plano, dele não citamos senão este fragmento para mostrar que, mesmo desses sérios assuntos, pode-se aproveitar a idéia dos mortos, se dirigindo aos vivos para continuar depois deles as relações interrompidas. O Espiritismo vê, a cada instante, esta ficção se realizar. É mais do que provável que foi ele que tenha dado a idéia desta; de resto ela poderia ser dada como real, que ele não a desaprovava.

METEMPSICOSE

"Conheceis a causa dos ruídos que nos chegam? dizia a senhora Dês Genêts. É alguma nova cena de cruéis decaídos que esses senhores nos preparam?"

-Tranqüilizai-vos, querida amiga, tudo está em segurança: nossos vivos e nossos mortos. Ouvis a encantadora melodia do rouxinol que canta no salgueiro! É talvez a alma de um dos mártires que plana ao nosso redor sob a forma agradável. Os mortos têm seus privilégios; e me convenço, de bom grado, que, freqüentemente, eles retornam assim para junto daqueles que amaram.

" - Oh! se dizeis a verdade! exclama vivamente a senhora Dês Genêts.

" - Nisto creio sinceramente, fez a jovem duquesa. É tão bom acreditar nas coisas que consolam! De resto, meu pai, que é muito sábio, como não o ignorais, assegurou-me que esta crença havia sido difundida antigamente por grandes filósofos. Lesage, ele, nela acreditou também."

Esta passagem foi tirada de um romance-folhetim intitulado: *O Cárcere da Torre dos pinheiros*, por Paulin Capmal, publicado pela *Liberté* de 4 de novembro de 1867. Aqui, a idéia não foi emprestada da Doutrina Espírita, uma vez que esta, de todos os tempos, tem

ensinado e provado que alma humana não pode renascer num corpo animal, o que não impede certos críticos, que não leram a primeira palavra do Espiritismo, de repetir que ele professa a metempsicose; mas é sempre o pensamento da alma individual sobrevivendo ao corpo, retornando sob uma forma tangível junto daqueles que ela amou. Se a idéia não é espírita, ela é ao menos espiritualista, e mais valeria ainda crer na metempsicose do que crer no nada. Essa crença, pelo menos, não é tão desesperadora como o materialismo; ela não tem nada de imoral, ao contrário; ela conduziu todos os povos que a professaram a tratar os animais com doçura e beneficência. Esta exclamação: *É tão bom acreditar nas coisas que consolam* é o grande segredo do sucesso do Espiritismo.

ENTERRO DO SR. MARC MICHEL

Leu-se no *Temps*, de 27 de março de 1868:

"Ontem, no enterramento do Sr. Marc Michel, o sr. Jules Adenis deu adeus, em nome da Sociedade dos autores dramáticos, ao escritor que a comédia alegre e leve vem de perder.

"Encontro esta frase em seu discurso:

"Foi Ferdinand Langlé que, recentemente, precedeu na tumba aquele que nós choramos hoje...E quem o sabe? Quem pode dizê-lo?... do mesmo modo que acompanhamos aqui este despojo mortal, talvez a alma de Langlé tenha vindo receber a alma de Marc Michel no limiar da eternidade."

Certamente, é a falta de meu espírito muito leviano, mas eu confesso que me é difícil representar-me, com a seriedade conveniente, a alma do autor de *Sourd, du Camarade de lit, de Une sangsue, de a Greve dès portiers*, vindo receber no limiar da eternidade, a alma do autor de *Maman Saboulex, de Mesdames d eMontenfriche, de umTigre du Bengale* e da *Station de Champbaudet*.

"X. FEYRNET."

O pensamento emitido pelo Sr. Jules Adenis é do puro Espiritismo. Suponhamos que o autor do artigo, o Sr. Feyrnet, que apenas conservou uma *seriedade conveniente* ouvindo dizer que a alma do Sr. Langlé está também presente, e vem receber a alma de Marc Michel, tivesse tomado a palavra, a seu turno, e tivesse se expressado assim: "Senhores, acaba de se dizer que a alma de nosso amigo Langlé está aqui, que ela nos vê e nos ouve! Não faltaria senão acrescentar que ela pode nos falar. Não creiais disto uma palavra; a alma de Langlé não existe mais; ou bem, o que se torna o mesmo, ela está fundida na imensidão. De Marc Michel, dele não resta mais; isto será do mesmo modo convosco quando morrerdes, com vossos pais e vossos amigos. Esperar que eles vos esperem, que virão vos receber no desembarcar da vida, é da loucura, da superstição, do iluminismo. O positivo, ei-lo: Quando se está morto, tudo acabou." Qual dos dois oradores teria encontrado maior simpatia entre os assistentes? Qual teria secado mais lágrimas, dado mais coragem e resignação aos aflitos? O infeliz que não espera mais alívio neste mundo não seria justo dizer-lhe: "Se assim é, acabemos o mais cedo possível com a vida?" É preciso lamentar o Sr. Feyrnet por não poder guardar sua seriedade à idéia de que seu pai e sua mãe, se os perdeu, vivem ainda, que velam à sua cabeceira, e que voltará a vê-los.

UM SONHO.

Extraído do *Figaro*, de 12 de abril de 1868:

"Por extraordinário que pareça, o relato seguinte, o autor declarando tê-lo do próprio vice-presidente do Corpo legislativo (o barão Jérôme David), dá a essas palavras uma autoridade incontestável.

"Durante sua permanência em Saint-Cyr, David foi testemunha de um duelo entre dois de seus camaradas de promoção, Lambert e Poirée. Este último recebeu um golpe de espada e foi se curar na enfermaria, onde seu amigo David subia para vê-lo todos os dias.

"Certa manhã, Poirée pareceu-lhe singularmente perturbado; ele o acossa com perguntas e acaba por arrancar-lhe a confissão de que a sua emoção vinha de um simples pesadelo.

"Eu sonhei que estávamos na margem de um rio, eu recebi uma bala na fronte, acima do olho, e tu me sustentavas em teus braços; eu sofri muito e me sentia morrer; recomendei-te a minha mulher e os meus filhos, quando despertei.

"-Meu caro, tens a febre, lhe respondeu David rindo; tranqüiliza-te, estás na cama, não és casado e não tens bala acima do olho; foi um sonho muito estúpido; não te atormentes assim, se queres curar-te depressa.

"-É singular, murmurou Poirée, jamais acreditei nos sonhos, neles não creio, e, no entanto, estou transtornado.

"Dez anos depois, o exército francês desembarcou na Criméia; os saint-cyrianos tinham se perdido de vista. David, oficial ajudante de ordens ligado à divisão do príncipe Napoleão, recebeu a ordem de ir descobrir um vau a montante da Alma. Para impedir os Russos de fazê-lo prisioneiro, fez sustentar esse reconhecimento por uma companhia de atiradores de infantaria, tomada no regimento mais próximo. Os Russos faziam chover uma chuva de balas sobre os homens da escolta, que se desdobraram em atiradores para responder prontamente.

"Dez minutos não tinham se escoado quando um de nossos oficiais rolou no chão, mortalmente atingido. O capitão David saltou do cavalo e correu para levantá-lo; apoiou-lhe a cabeça sobre seu braço esquerdo e, retirando o cantil pendurado em suacintura, aproximou-o dos lábios do ferido. Um buraco escancarado acima do olho ensangüentava o rosto; um soldado trouxe um pouco de água e derramou sobre a cabeça do moribundo, já nos estertores.

"David olhou com atenção os traços que lhe pareceu reconhecer, um nome é pronunciado ao seu lado, não mais dúvida, é ele, é Poirée! Chamou-o, seus olhos se abrem, o agonizante reconheceu, por sua vez, o camarada de Sant-Cyr...

" - David! tu aqui?... O sonho... minha mulher...

"Estas palavras entrecortadas não tinham terminado e já a cabeça caiu inerte sobre o braço de David. Poirée estava morto, deixando sua mulher e seus filhos à lembrança e à amizade de David.

"Eu não ousaria contar uma semelhante história se eu mesmo não a tivesse ouvido do honrado vice-presidente do Corpo legislativo. " *Voxpopuli.*"

Com que propósito o narrador acrescenta estas palavras: *Vox populi*? Poder-se-ia entendê-las assim: Os fatos dessa natureza são de tal modo freqüentes, que são atestados *pela voz do povo*, quer dizer, por uma aprovação geral.

ESPÍRITOS BATEDORES NA RÚSSIA.

Dirigem-nos de *Riga*, em data de 8 de abril de 1868, o extrato seguinte do *Corrier russe*, de São Petersburgo:

"Credes nos Espíritos batedores? Por mim, absolutamente nada; e, no entanto, acabo dever um fato material palpável, e saído de tal modo das regras do senso comum, e também de tal modo em desacordo com os princípios da estabilidade ou do peso dos corpos que me inculcou meu professor de quarto ano, que não sei qual é o mais

impressionado dos dois, o Espírito ou eu. - Nosso secretário da redação recebeu outro dia um senhor de aparência conveniente, de uma idade de não poder lhe atribuir a idéia de um mau gracejo; saudação, apresentação, etc. tudo perfeito, esse senhor contou que ele veio ao nosso escritório procurar um conselho; que o que lhe aconteceu é de tal modo fora de todos os fatos da vida social, que crê de seu dever publicá-lo.

" - Minha casa, disse ele, está cheia de Espíritos batedores; cada noite, pelas dez horas, começam seus exercícios, transportando os objetos os menos transportáveis, batendo, saltando e colocando, em uma palavra, todo o meu apartamento revirado. Recorri à polícia, um soldado dormiu em minha casa várias noites, a desordem não cessou, ainda que, a cada alarme, ele tenha tirado seu sabre de maneira ameaçadora. Minha casa é isolada, não tenho senão um servidor, minha mulher e minha filha, e quando esses fatos se passam, nos reunimos. Moro numa rua muito afastada, em Vassili-Ostroff.

"Eu tinha entrado durante a conversa, e a escutei de boca aberta; eu vos disse, não creio nos Espíritos batedores, mas lá, absolutamente nada. Eu expliquei a esse senhor que, para dar publicidade a esses fatos, ainda seria preciso que estivéssemos convencidos de sua existência, e lhe propus ir, eu mesmo, me dar conta da coisa. Marcamos encontro para a noite, e às nove horas eu estava na casa de meu homem. Fui introduzido num pequeno salão, mobiliado muito confortavelmente; examinei a disposição das peças: não havia delas senão quatro, das quais uma cozinha, o todo ocupando todo o andar de uma casa de madeira; ninguém morava em cima, estando em baixo ocupado por um armazém. Pelas dez horas, estávamos reunidos no salão, meu homem, sua mulher, sua filha, a cozinheira e eu. Uma meia hora, nada de novo! De repente uma porta se abre e uma galocha cai no meio do quarto; acreditei num cúmplice, e quis me assegurar de que a escada estava vazia, quando a minha galocha saltou sobre um móvel e de lá de novo sobre o assoalho; depois foi o giro das cadeiras no quarto vizinho, que não havia saída senão por aquele que ocupávamos, e que acabava de encontrar perfeitamente vazio. Somente ao cabo de uma hora o silêncio se restabeleceu, e o Espírito, os Espíritos, o ágil cúmplice, ou o Deus sabe quem, desapareceu, nos deixando numa estupefação que, eu vos asseguro, nada tinha de brincadeira. Eis os fatos, eu os vi com os meus próprios olhos; não me encarrego de vos explicar; se desejardes procurar, vós mesmos, a explicação, temos à vossa disposição todas as informações sobre os lugares.

"HENRI DE BRENNE."

A FOME NA ARGÉLIA.

Os detalhes dados pelos jornais sobre os flagelos que dizimam, neste momento, as populações árabes da Argélia nada têm de exagerados, e são confirmados por todos os correspondentes particulares. Um de nossos assinantes de Sétif, o Sr. Dumas, consentiu em nos endereçar uma fotografia representando a multidão dos indígenas reunidos diante da casa onde se lhes distribuía socorro. Esse desenho, de uma verdade dolorosa, foi acompanhado da notícia impressa seguinte:

"Depois de anos sucessivamente calamitosos que a nossa colônia atravessou, um flagelo mais terrível ainda vem de se abater sobre ela: a fome.

"Apenas os primeiros rigores do inverno tinham se feito sentir, quando se vêem, às nossas portas, os Árabes morrendo de fome; chegam em bandos numerosos, semi-nus, de corpo cansado, chorando de fome e de frio, implorando a comiseração pública, disputando com a voracidade de cães alguns restos lançados com as imundícies na via pública.

"Embora eles mesmos reduzidos à mais cruel miserabilidade, os habitantes de Sétif não podem contemplar com olhar impassível uma tão profunda miséria. Logo, e espontaneamente, uma comissão de beneficência é organizada sob a presidência do Sr. Bizet, cura de Sétif; uma subscrição é aberta, cada um dá seu óbolo, em seguida os socorros cotidianos foram distribuídos, no presbitério, a duzentas e cinqüenta mulheres e crianças indigentes.

"Nos últimos dias de janeiro, enquanto uma neve abundante e por muito tempo desejada caía sobre as nossas regiões, pôde-se fazer ainda melhor. Um forno foi instalado num amplo local; lá, duas vezes por dia, os membros da comissão distribuía os alimentos, não mais a duzentas e cinqüenta, mas a quinhentas mulheres ou crianças indigentes; lá, enfim, esses infelizes encontraram um asilo e um abrigo.

Mas, ai! os Europeus são obrigados, e à força, a limitar seus socorros às mulheres e às crianças... Para aliviar todas as misérias, seria preciso uma boa parte do trigo que os poderosos que governam detêm em seus silos; no entanto, eles esperam poder continuar suas distribuições até o meio do mês de abril."

Se não abrimos, nesta circunstância, uma subscrição especial nos escritórios da *Revista*, foi porque sabíamos que os nossos irmãos em crença não foram os últimos a levarem a sua oferenda nos escritórios da sua circunscrição, para esse efeito abertos aos cuidados da autoridade. As doações que nos foram endereçadas para esse efeito, ali foram depositadas.

O Sr. capitão Bourghès, em guarnição em Laghouat, nos escreveu, sobre esse assunto, o que se segue:

"Há alguns anos, os flagelos se sucedem na Argélia: tremores de terra, invasão de gafanhotos, cólera, seca, tifo, fome, miséria profunda vieram alternativamente atingir os indígenas que expiam agora a sua imprevidência e o seu fanatismo. Os homens e os próprios animais morrem de fome, e o fazem aos poucos sem ruído. A fome se estende ao Marrocos e à Tunísia; creio, no entanto, que a Argélia é a mais provada. Não poderíeis crer o quanto se fica emocionado vendo os corpos pálidos e raquíticos procurando por toda a parte o seu alimento, e o disputando com os cães errantes. Pela manhã, esses esqueletos vivos acorrem de todos os lados do campo e se precipitam sobre os estrumes para deles extrair os grãos de cevada não digeridos pelos cavalos, e dos quais se alimentam no mesmo instante. Outros roem os ossos para deles sugar a gelatina que neles ainda pode se encontrar, ou comem grama rarefeita que cresce em torno do oásis. Do meio dessa miséria surge uma libertinagem horrível que ganha as classes baixas da população da colônia, e espalha, nos corpos materiais, essas pragas corrosivas que deveriam ser a lepra da antigüidade. Meus olhos se fecham para não ver tanta vergonha, ea minha alma sobe para o Pai celeste para lhe pedir preservar os bons do contato impuro, e dar aos homens fracos a força de não se deixarem arrastar nesse abismo malsão.

"A Humanidade ainda está muito longe do progresso moral que certos filósofos crêem já realizado. Não vejo ao meu redor senão os epicuristas que não querem ouvir falar do Espírito; eles não querem sair da animalidade; seu orgulho se atribui uma nobre origem, e, no entanto, seus atos dizem bastante o que foram outrora.

Ao ver o que se passa, crer-se-ia verdadeiramente que a raça árabe está chamada a desaparecer do solo, porque, apesar da caridade que se exerce para com ela, e os socorros que lhe são levados, ela se compraz na preguiça, sem nenhum sentimento de reconhecimento. Essa miséria física, provinda de chagas morais, tem ainda a sua utilidade. O egoísta, obsidiado, acotovelado a todo o momento pelo infeliz que o segue, acaba por abrir a sua mão, e seu coração emocionado sente, enfim, as doces alegrias que a caridade proporciona. Um sentimento que não se apagará vem de nascer, e, talvez, mesmo o do reconhecimento surgirá no coração daquele a quem se assiste. Um laço simpático então se forma; novos socorros vêm dar a vida aos infelizes que morrem

aos poucos, e, do desencorajamento, este último passa à esperança. O que parecia um mal fez nascer um bem: um egoísta a menos e um homem de coragem a mais."

Os Espíritos não se enganaram quando anunciaram que os flagelos de todas as espécies devastariam a Terra. Sabe-se que a Argélia não é o único país provado. Na *Revista* de julho de 1867, descrevemos a terrível doença que castigou há um ano a Ilha Maurice; uma carta recente diz que, à doença, vieram se juntar novas infelicidades, e muitos outros países, neste momento, são vítimas de acontecimentos desastrosos.

Deve-se acusar a Providência por todas essas misérias? Não, mas a ignorância, a incúria, consequência da ignorância, o egoísmo, o orgulho e as paixões dos homens. Deus não quer senão o bem; ele tem tudo feito para o bem; deu aos homens os meios de ser feliz: cabe a eles aplicá-los se não quiserem adquirir a experiência às suas custas. É fácil demonstrar que todos os flagelos poderiam ser conjurados, ou pelo menos atenuados de maneira a paralisar os efeitos; é o que faremos ulteriormente numa obra especial.

Os homens não devem prender senão a eles os males que suportam; a Argélia nos oferece neste momento um notável exemplo: são as populações árabes, negligentes e imprevidentes, embrutecidas pelo fanatismo, que sofrem de fome, enquanto que os Europeus souberam disso se preservar; mas há outros flagelos, não menos desastrosos, contra os quais estes últimos ainda não souberam se premunir.

A própria violência do mal forçará os homens a procurarem o remédio, e, quando tiverem inutilmente esgotado os paliativos, compreenderão a necessidade de atacar o mal na própria raiz, por meios heróicos. Este será um dos resultados da transformação que se opera na Humanidade.

Mas, dir-se-á, que importa àqueles que sofrem agora a felicidade das gerações futuras? Eles terão tido a pena e os outros o proveito; terão trabalhado, suportado o fardo de todas as misérias inseparáveis da ignorância, preparado os caminhos, e os outros, porque Deus os terá feito nascer em tempos melhores, colherão. Que faz às vítimas das exações da Idade Média o regime mais sadio sob o qual vivemos? Pode-se se chamar isso de justiça?

O fato é que, até hoje, nenhuma filosofia, nenhuma doutrina religiosa tinha resolvido, no entanto, essa grave questão, de um tão poderoso interesse para a Humanidade. Só o Espiritismo lhe dá uma solução racional pela reencarnação, essa chave de tantos problemas que se acreditavam insolúveis. Pelo fato da pluralidade das existências, as gerações que se sucedem são compostas pelos mesmos indivíduos espirituais que renascem em diferentes épocas, e aproveitam das melhorias que eles mesmos prepararam, da experiência que adquiriram no passado. Não são novos homens que nascem; são os mesmos homens que renasceram mais avançados. Cada geração, trabalhando para o futuro, trabalha em realidade para a sua própria conta. A Idade Média, seguramente, foi uma época bem calamitosa; os homens daquele tempo, revivendo hoje, se beneficiam do progresso realizado, e são mais felizes, porque têm melhores instituições; mas, quem fez essas instituições melhores? *Eles mesmos que as tinham más outrora*] aqueles de hoje, devendo viver mais tarde, num meio ainda mais depurado, colherão o que tiverem semeado; serão mais esclarecidos, e, nem os seus sofrimentos, nem os seus trabalhos anteriores terão sido pura perda. Que coragem, que resignação essa idéia, inculcada no espírito dos homens não lhes daria! (Ver a *Gênese*, cap. XVIII, n^os 34 e 35.)

DISSERTAÇÕES DOS ESPÍRITOS

ONTEM, HOJE E AMANHÃ

Comunicação verbal em sonambulismo espontâneo

Lyon, 2 de fevereiro de 1868.

Onde estamos nós hoje? onde está a luz? Tudo é sombra, tudo é perturbação ao nosso redor. Ontem, é o passado; amanhã, é o futuro; hoje, é o presente,, O que distingue esses três dias? Viveu-se ontem, vive-se ainda hoje, viver-se-á amanhã, e sempre no mesmo círculo. De onde sai, pois, essa Humanidade, para onde vai ela? Mistério que não será esclarecido senão amanhã.

Moisés é o tempo passado: o Cristo, o tempo presente; o Messias a vir, que é o dia seguinte, não apareceu ainda... Moisés tinha a idolatria para combater; o Cristo, os fariseus; o Messias a vir também terá os seus adversários: a incredulidade, o ceticismo, o materialismo, o ateísmo, e todos os vícios que oprimem o gênero humano... Três épocas que marcam o progresso da Humanidade; parênteses filiais que se sucedem um ao outro; ontem era Moisés, hoje é o Cristo, e amanhã será o novo Messias.

Eu digo que é o Cristo de hoje, porque é a sua palavra, sua doutrina, sua caridade, todos os seus sublimes ensinamentos que devem se difundir por toda a parte; porque, vós mesmos o vedes, a Humanidade não progrediu muito. Dezoito séculos apenas nos separam do Cristo: dezoito séculos de trevas de tirania, de orgulho e de ambição. Apropriai o passado, o presente, amanhã contemplareis o vosso futuro. ..Idolatrias do passado, fariseus do presente, adversários de amanhã, a luz brilha para todos os povos, para todos os mundos, para todos os indivíduos, e vós não quereis vê-la!

Criatura, tu te desanimas hoje que é o presente; esperas o cumprimento dos prodígios anunciados; tu os verás se cumprirem. Logo toda a Terra tremerá... o vigésimo século apagará o brilho dos séculos precedentes, porque verá o cumprimento daquilo que foi predito.

O Messias que deve presidir ao grande movimento regenerador da Terra nasceu, mas ainda não foi revelada a sua missão, e não nos é permitido dizer o seu nome, nem o país que habita; ele se anunciará por suas obras, e os homens tremerão à sua voz poderosa, porque o número dos justos é ainda bem pequeno.

Apegai-vos à matéria, homens egoístas e ambiciosos que não viveis senão para satisfazer as vossas paixões e os vossos desejos mundanos; o tempo é curto para vós; tomai-o, enlaçai-o, porque ontem é passado, hoje se deita, e amanhã estará logo lá.

Ai! fariseu do presente, tu esperas sempre. Que o trovão estoure, não te apavores diante do brilho precursor que vem ofuscar teus olhos. Tu que te comprazes no egoísmo e no orgulho, que persistes no passado e no presente, teu futuro será o de ser lançado de novo num outro mundo para que o teu Espírito possa chegar à perfeição à qual Deus te chama.

Vós, Espíritos, que estais aqui, que recebeis as instruções dos Espíritos, sede pacientes, dóceis, conscientes de vossos atos; não desanimeis; esperai com calma esse amanhã que deverá vos livrar de todas as perseguições. Deus, para quem nada está escondido, que lê nos corações, vos vê e não vos abandonará; a hora se aproxima e logo seremos amanhã.

Mas esse Messias que deverá vir, é ele o próprio Cristo? questão difícil de ser compreendida no tempo presente, e que amanhã clareará. Como um bom pai de família, Deus, que é todo sabedoria, não impõe todo o trabalho a um único de seus filhos. Ele dá a cada um a sua tarefa, segundo as necessidades do mundo onde os envia. Deve-se concluir que o novo Messias não será nem tão grande, nem tão poderoso quanto o Cristo? Isto seria absurdo; mas esperai que a hora soe para compreender a obra dos mensageiros invisíveis que vieram desembaraçar o caminho, porque os Espíritos fizeram um imenso trabalho. É o Espiritismo que deve levantar os pesados calhaus que embaraçam a passagem daquele que deve vir. Esse homem será poderoso e forte, e

numerosos Espíritos estão sobre a Terra para aplainar o caminho, e fazer cumprir o que está predito.

Esse novo Messias, tu o chamarás de Cristo? É uma questão à qual não posso responder; esperai amanhã. Quantas coisas eu teria ainda para vos revelar! Mas me detenho, porque o dia de amanhã não apareceu ainda; apenas estamos antes da meia-noite.

Amigos que aqui estais, todos animados do desejo de vosso adiantamento moral, trabalhai sobre vós mesmos para vos regenerar, afim de que o Senhor vos encontre prontos. Coragem, irmãos, porque o vosso trabalho não será perdido; trabalhai para quebrar os laços da matéria que impedem o Espírito de progredir.

Tende afé, porque ela conduz o homem com segurança ao destino de sua viagem. Tende o amor, porque amar os seus irmãos é amar a Deus. Velai e orai; a prece fortalece o Espírito que se deixa ir ao desencorajamento. Pedi ao vosso Pai celestial aforça para triunfar dos obstáculos e das tentações. Armai-vos contra os vossos defeitos; estejais prontos, porque amanhã não está longe. A aurora do século marcado por Deus para o cumprimento dos fatos que devem mudar a face deste mundo começa a despontar no horizonte.

O ESPÍRITO DA FÉ,
Médium, Sr. Dubois em sonambulismo espontâneo,

ALLAN KARDEC,

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

11º ANO

NO. 6

JUNHO 1868

A MEDIUNIDADE NO COPO D'ÁGUA.

Um de nossos correspondentes de Genebra nos transmite interessantes detalhes sobre um novo gênero de mediunidade vidente, que consiste em ver num copo d'água magnetizada. Esta faculdade tem muita relação com a do vidente de Zimmerwald, da qual demos conta circunstanciada na Revista de outubro de 1864, página 289, e outubro de 1865, página 289; a diferença consiste em que este último se serve de um copo vazio, sempre o mesmo, e que a faculdade lhe é, de certo modo, pessoal; o fenômeno que nos é assinalado se produz, ao contrário, com a ajuda de qualquer copo contendo água magnetizada, e parece dever se vulgarizar. Sendo assim, a mediunidade vidente poderia se tornar tão comum quanto a pela escrita. Eis as informações que nos são dadas, e segundo as quais cada um poderá experimentar, colocando-se nas condições favoráveis.

"A mediunidade vidente pelo copo d'água magnetizada vem de se revelar entre nós num certo número de pessoas; depois de um mês, temos quinze médiuns videntes deste gênero, tendo cada um a sua especialidade. Um dos melhores é uma jovem que não sabe nem ler e nem escrever; ela é mais particularmente própria para as doenças, e eis como nossos bons Espíritos procedem para nos mostrar o mal e o remédio. Tomo um exemplo ao acaso: Uma pobre mulher, que se encontrava na reunião, tinha recebido um golpe mau no peito; ela apareceu no copo absolutamente como numa fotografia; ela levou a mão sobre a parte que sofria. A senhora V... (o médium) viu em seguida o peito se abrir, e notou que o sangue coalhado estava fixado no lugar onde o gol pé foi dado; depois o todo desapareceu para dar lugar à imagem dos remédios que consistiam num emplastro de resina branca e um copo contendo benjoim. Esta mulher foi perfeitamente curada depois de ter seguido este tratamento.

"Quando se trata de um obsidiado, o médium vê os maus Espíritos que o atormentam; em seguida aparecem por remédios o Espírito simbolizando a prece, e duas mãos que magnetizam.

"Temos um outro médium, cuja especialidade é ver os Espíritos. Pobres Espíritos sofredores freqüentemente nos apresentaram, por seu intermédio, cenas emocionantes para nos fazer compreender as suas angústias. Um dia, evocamos o Espírito de um indivíduo que tinha se afogado voluntariamente; ele apareceu na água turva; não se lhe via senão a parte de trás da cabeça e os cabelos meio mergulhados na água. Durante duas sessões nos foi impossível ver o seu rosto. Fizemos a prece para os suicidas; no dia seguinte, o médium viu a cabeça fora da água, e se pôde lhe reconhecer os traços de um parente de uma das pessoas da sociedade. Continuamos as preces, e agora o rosto traz sempre a expressão do sofrimento, é verdade, mas ele parece retomar a vida.

"Há algum tempo, produzia-se, na casa de uma senhora que mora em um dos bairros de Genebra, ruídos do gênero daqueles de Poitiers, e que causam uma grande comoção em toda a casa. Essa senhora, que não conhece o Espiritismo de nenhum modo, tendo ouvido falar, veio nos ver com seu irmão para nos pedir para assistir às nossas sessões. Nenhum dos nossos médiuns os conhecia. Um deles viu, em seu copo,

uma casa no interior da qual um mau Espírito punha tudo em desordem, deslocava os móveis, e quebrava a louça. No retrato que dele fez, essa senhora reconheceu a mulher de seu jardineiro, muito má quando viva, e que lhe havia feito muito mal. Dirigimos a esse Espírito algumas palavras benevolentes para levá-lo a melhores sentimentos, e, à medida que se lhe falava, seu rosto tomava uma expressão mais doce. No dia seguinte, fomos até a casa dessa senhora, e a noite completou a da véspera. Os ruídos cessaram quase que inteiramente depois da partida da cozinheira que, parece, servia de médium inconsciente a esse Espírito. Como tudo tem a sua razão de ser e sua utilidade, penso que esses ruídos tinham por objetivo levar essa família ao conhecimento do Espiritismo.

"Eis agora o que as nossas observações nos ensinaram sobre a maneira de operar:

"É preciso um copo chato, bem unido pelo fundo; é enchido até a metade com água que se magnetiza pelos procedimentos comuns, quer dizer, pela imposição das mãos, e, sobretudo, da extremidade dos dedos, sobre a boca do copo, ajudada pela ação firme do olhar e do pensamento. A duração da magnetização, na primeira vez, é em torno de dez minutos; mais tarde cinco minutos bastam. A mesma pessoa pode magnetizar, ao mesmo tempo, vários copos.

"O médium vidente, ou aquele que quer experimentar, não deve ele mesmo magnetizar seu copo, porque utilizaria o fluido que lhe é necessário para ver. É preciso, para magnetizar, um médium especial, e há os que são, a esse respeito, dotados de uma força mais ou menos grande. A ação magnética não produz na água nenhum fenômeno que lhe indique a saturação.

"Isto feito, cada experimentador coloca o seu copo diante de si, e o olha durante vinte ou trinta minutos no máximo, algumas vezes menos, segundo a aptidão; esse tempo não é necessário senão na primeira tentativa; quando a faculdade está desenvolvida, bastam alguns minutos. Durante esse tempo, uma pessoa faz a prece para pedir o concurso dos bons Espíritos.

"Aqueles que estão aptos para ver distinguem, de início, no fundo do copo, uma espécie de pequena nuvem; é um indício certo de que verá; pouco a pouco essa nuvem toma uma forma mais acentuada, e a imagem se desenha à vista do médium. Os médiuns, entre eles, podem ver nos copos uns dos outros, mas não as pessoas que não estão dotadas dessa faculdade. Algumas vezes uma parte do objeto aparece no copo, e a outra parte num outro copo; para as doenças, por exemplo, um verá o mal e o outro o remédio. De outras vezes, dois médiuns verão simultaneamente, cada um em seu copo, a imagem da mesma pessoa, mas, geralmente, em condições diferentes.

"Freqüentemente, a imagem se transforma, muda de aspecto, depois desaparece. Muito geralmente, ela é espontânea; o médium deve esperar e dizer o que vê; mas pode também ser provocada pela evocação.

"Recentemente, fui ver uma senhora que tem uma jovem operária de dezoito anos, que jamais ouviu falar do Espiritismo; essa senhora pediu-me para lhe magnetizar o copo com água. A jovem nele olhou quase durante um quarto de hora, e ela disse: "Eu vejo um braço; dir-se-ia que é o de minha mãe; vejo-lhe a mancha de sua roupa arregaçada, como disto tinha o hábito." Essa mãe, que conhecia a sensibilidade de sua filha, sem dúvida, não quis se mostrar subitamente, para lhe evitar uma impressão muito grande. Então, eu pedi a esse Espírito que, se fosse o da mãe do médium, se fizesse reconhecer. O braço desapareceu e o Espírito se apresentou no tamanho de uma fotografia, mas dando as costas. Era, ainda, uma precaução para preparar sua filha para vê-la. Esta reconheceu sua touca, uma estola, as cores e os desenhos de sua roupa; vivamente emocionada, ela lhe dirigiu as mais ternas palavras para pedir-lhe que deixasse ver seu rosto. Eu mesmo pedi-lhe para condescender ao desejo de sua filha. Então, ela se apagou, a água ficou turva, e o rosto apareceu. A jovem chorou de reconhecimento agradecendo a Deus pelo dom que vinha de lhe conceder.

"A senhora desejava muito ver, ela mesma; no dia seguinte, fizemos em sua casa uma sessão que foi cheia de informações. Depois de ter inutilmente olhado no copo durante meia hora, ela disse: "Meu Deus! se eu pudesse somente ver o diabo no copo, já seria feliz!" Mas Deus não lhe concedeu essa satisfação.

"Não faltarão incrédulos para colocarem esses fenômenos à conta da imaginação. Mas os fatos lá estão para provar que, numa multidão de casos, a imaginação não está neles absolutamente por nada. Primeiro, todo o mundo não vê, qualquer desejo que se tenha disso; eu mesmo, freqüentemente, me super excito o espírito com este objetivo, sem jamais obter o menor resultado. A senhora da qual acabo de falar, apesar de seu desejo de ver o diabo, depois de meia hora de atenção e de concentração, nada viu. A jovem não pensava em sua mãe quando esta lhe apareceu; e depois de todas essas precauções para não se mostrar senão gradualmente atestam uma combinação, uma vontade estranha, à qual a imaginação do médium não podia ter nenhuma parte.

"Para deles ter uma prova mais positiva, fiz a experiência seguinte. Tendo ido passar alguns dias num campo, a algumas léguas de Genebra, havia na família onde me encontrava, várias crianças; como elas faziam muito barulho, eu propus, para ocupá-las, um jogo mais pacífico. Peguei um copo com água que magnetizei, sem que ninguém disto se apercebesse, e lhes disse: "Qual é aquele, dentre vós, que terá a paciência de olhar este copo durante vinte minutos, sem desviar os olhos?" Guardei-me de acrescentar que poderiam ali ver alguma coisa; era a título de simples passatempo. Vários perderam a paciência antes do fim da prova; uma jovem de onze anos teve mais perseverança; ao cabo de doze minutos, ela deu um grito de alegria dizendo que via uma paisagem magnífica, da qual nos fez a descrição. Uma outra jovem de sete anos, tendo querido olhar a seu turno, dormiu instantaneamente. Onde está aqui o efeito da imaginação?

"Essa faculdade pode, pois, ser tentada numa reunião de pessoas, mas exorto a não admitir, nas primeiras sessões, pessoas hostis; sendo necessários a calma e o recolhimento, com isto a faculdade não se desenvolverá senão mais facilmente; quando ela está formada, é menos suscetível de ser perturbada.

"O médium não vê senão quando tem os olhos abertos; quando os fecha, ele está na obscuridade; é pelo menos o que notamos, e isto denota uma variedade na mediunidade vidente. O médium não fecha os olhos senão para repousar, o que lhe ocorre duas ou três vezes por sessão. Ele vê tão bem de dia quanto de noite, mas à noite precisa de luz.

"A imagem das pessoas vivas se apresenta no copo tão bem quanto as das pessoas mortas. Tendo pedido a razão ao meu Espírito familiar, ele me respondeu: "são as suas *imagens* que apresentamos; os Espíritos são tão hábeis para pintar quanto para viajar." No entanto, os médiuns distinguem sem dificuldade um Espírito de uma pessoa viva; há alguma coisa de menos material.

"O médium do copo com água difere do sonâmbulo naquilo que o Espírito deste último se desliga; é-lhe preciso um fio condutor para ir procurar a pessoa ausente, ao passo que o primeiro tem sob os seus olhos sua imagem, que é o reflexo de sua alma e de seus pensamentos. Ele se cansa menos do que o sonâmbulo, e é também menos exposto a se deixar intimidar pela visão dos maus Espíritos que podem se apresentar. Esses Espíritos podem bem cansá-lo porque procuram magnetizá-lo, mas ele pode à vontade se subtrair ao seu olhar, e deles recebe, aliás, uma impressão menos direta.

"Ocorre nesta mediunidade como em todas as outras: o médium atrai para si os Espíritos que lhe são simpáticos; ao médium impuro se apresentam de bom grado os Espíritos impuros. O meio de atrair os bons Espíritos é estar animado de bons sentimentos, de não pedir senão coisas justas e razoáveis, de não se servir desta faculdade senão para o bem, e não para as coisas fúteis. Se dela se faz um objeto de diversão, de curiosidade ou de negócio, cai-se, inevitavelmente, na perturbação dos Espíritos enganadores, que se divertem apresentando imagens ridículas e falaciosas."

Nota. -Como princípio esta mediunidade, certamente, não é nova; mas ela se desenha aqui de maneira mais precisa, sobretudo mais prática, e se mostra em condições particulares. Pode-se, pois, considerá-la como uma das variedades que foram anunciadas. Do ponto de vista da ciência espírita, ela nos faz penetrar mais adiante o mistério da constituição íntima do mundo invisível, do qual ela confirma as leis conhecidas, ao mesmo tempo que delas nos mostra novas aplicações. Ela ajudará a compreender certos fenômenos, ainda incompreendidos, da vida diária, e, por sua vulgarização, não pode deixar de abrir um novo caminho para a propagação do Espiritismo. Quererão ver, experimentarão; quererão compreender, estudar, e muitos entrarão no Espiritismo por esta porta.

Este fenômeno oferece uma particularidade notável. Até o presente, compreendeu-se a visão direta dos Espíritos em certas condições, a visão à distância de objetos reais: é hoje uma teoria elementar; mas aqui não são os próprios Espíritos que são vistos, e que não podem vir se alojar num copo com água, não mais do que as casas, as paisagens e as pessoas vivas.

De resto, seria um erro crer que esteja aí um meio melhor do que um outro para saber tudo o que se deseja. Os médiuns videntes, por esse procedimento ou outro qualquer, não vêem à vontade; eles não vêem senão o que os Espíritos querem fazê-los ver, ou têm permissão de fazê-los ver quando a coisa é útil. Não se pode forçar nem a vontade dos Espíritos, nem a faculdade dos médiuns. Para o exercício de uma faculdade medianímica qualquer, é preciso que o aparelho sensitivo, se assim se pode expressar, esteja em estado de funcionar; ora, não depende do médium fazê-lo funcionar à sua vontade. Eis porque a mediunidade não pode ser uma profissão, uma vez que ela pode falhar no momento em que seria necessária para satisfazer o cliente; daí a incitação à fraude para simular a ação do Espírito.

A experiência prova que os Espíritos, quaisquer que sejam, não estão *jámais* ao capricho dos homens, não mais, e menos ainda, do que quando estavam neste mundo; e, de um outro lado, o simples bom senso diz que, com mais forte razão, os Espíritos sérios não poderiam aceder ao chamado de qualquer um para coisas fúteis, e desempenhar o papel de saltimbancos ou ledores da sorte. Só o charlatanismo pode pretender a possibilidade de ter agência aberta de comércio com os Espíritos.

Os incrédulos riem dos Espíritas, porque eles pensam que crêem em Espíritos confinados numa mesa ou numa caixa e que fazem manobrar como marionetes; acham isto ridículo e têm cem vezes razão; onde estão errados é crer que o Espiritismo ensina semelhantes absurdos, ao passo que ele diz positivamente o contrário. Se, por vezes, no mundo, deles encontraram de uma credulidade fácil demais, isto não é entre os Espíritas esclarecidos; ora, entre eles, necessariamente, há os que o são mais ou menos, como em todas as ciências.

Os Espíritos não estão alojados no copo com água, eis o que é positivo. O que há, pois, no copo com água? Uma imagem, não outra coisa; imagem tomada da Natureza, eis porque ela é freqüentemente exata. Como ela é produzida? Aí está o problema. O fato existe, portanto tem uma causa. Embora não se possa dar dele ainda uma solução completa e definitiva, o artigo seguinte nos parece lançar uma luz sobre a questão.

FOTOGRAFIA DO PENSAMENTO.

O fenômeno da fotografia do pensamento se ligando ao das criações fluídicas, descrito em nosso livro da *Gênese*, no capítulo dos fluidos, para maior clareza reproduzimos a passagem desse capítulo, onde esse assunto é tratado, e o completamos com novas observações.

Os fluidos espirituais, que constituem, propriamente falando, um dos estados do fluido cósmico, são a atmosfera dos seres espirituais; é o elemento onde eles haurem os materiais sobre os quais operam; é o meio onde se passam os fenômenos especiais perceptíveis à vista e ao ouvido do Espírito, e que escapam aos sentidos carnis impressionados somente pela matéria tangível, onde se forma essa luz particular ao mundo espiritual, diferente da luz comum por sua causa e seus efeitos; é, enfim, o veículo do pensamento, como o ar é o veículo do som.

Os Espíritos agindo sobre os fluidos espirituais, não os manipulam como os homens manipulam os gases, mas com a ajuda do pensamento e da vontade, O pensamento e a vontade são para os Espíritos o que a mão é para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem a esses fluidos tal ou tal direção; aglomeram-nos, combinam-nos ou os dispersam; com eles formam conjuntos tendo uma aparência, uma forma, uma cor determinada; mudando-lhes as propriedades, como um químico muda a dos gases ou outros corpos, os combinam segundo certas leis; é a grande oficina ou o laboratório da vida espiritual.

Algumas vezes, essas transformações são o resultado de uma intenção; freqüentemente, são o produto de um pensamento inconsciente; basta ao Espírito pensar numa coisa para que essa coisa se produza, como basta modular uma ária para que essa ária repercuta na atmosfera.

É assim, por exemplo, que um Espírito se apresenta à vista de um encarnado dotado da visão psíquica, sob as aparências que tinha quando vivo, na época em que foi conhecido, tivesse tido várias encarnações depois. Ele se apresenta com a roupa, os sinais exteriores, -enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc., que tinha então; um decapitado se apresentará com a cabeça a menos. Não é dizer que ele conserva essas aparências; não, certamente; porque como Espírito ele não é nem coxo, nem maneta, nem caolho, nem decapitado, mas seu *pensamentos* e reportando à época em que era assim, seu perispírito lhe toma instantaneamente as aparências, que deixa do mesmo modo instantaneamente, desde que seu pensamento deixa de agir. Se, pois, foi uma vez negro, outra vez branco, ele se apresentará como negro ou como branco, segundo a dessas duas encarnações sob a qual for evocado, e onde se reportar o seu pensamento.

Por um efeito análogo, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos dos quais tinha o hábito de se servir: um avaro manejará o ouro; um militar terá as suas armas e o seu uniforme; um fumante, o seu cachimbo; um lavrador, a sua charrua e seus bois; uma velha, a sua roca para afiar. Esses objetos fluídicos são tão reais para o Espírito que é, ele mesmo, fluídico, quanto eram no estado material para o homem vivo; mas, pela mesma razão que são criados pelo pensamento, a sua existência é tão fugidia quanto o pensamento.

Sendo os fluidos o veículo do pensamento, eles nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som. Pode-se, pois, dizer, em verdade, que há, nesses fluidos, ondas e raios de pensamentos, que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros.

Como se vê, é uma ordem de fatos toda nova que se passam fora do mundo tangível, e constituem, podendo-se assim dizer, a física e a química especiais do mundo invisível. Mas como, durante a encarnação, o princípio espiritual está unido ao princípio material, disto resulta que certos fenômenos do mundo espiritual se produzem conjuntamente com os do mundo material, e são inexplicáveis para quem não lhes conhece as leis. O conhecimento dessas leis é, pois, tão útil aos encarnados quanto aos desencarnados, uma vez que só elas podem explicar certos fatos da vida material.

O pensamento, criando *imagens fluídicas*, se reflete no envoltório espiritual como numa vidraça, ou ainda como essas imagens de objetos terrestres que se refletem nos vapores de ar; ela ali toma um corpo e se *fotografa* de alguma sorte. Que um homem

tenha, por exemplo, a idéia de matar um outro, por impassível que seja seu corpo material, seu corpo fluídico é posto em ação pelo pensamento do qual reproduz todas as nuances; ele executa fluidicamente o gesto, o ato que tem o desejo de realizar; seu pensamento cria a imagem da vítima, e a cena inteira se pinta, como num quadro, tal qual ela está em seu espírito.

É assim que os movimentos mais secretos da alma repercutem no envoltório fluídico; que uma alma, encarnada ou desencarnada, pode ler numa outra como num livro, e ver o que não é perceptível pelos olhos do corpo. Os olhos do corpo vêem as impressões interiores que se refletem sobre os indícios do rosto: a cólera, a alegria, a tristeza; mas a alma vê sobre os indícios da alma os pensamentos que não se traduzem ao redor.

No entanto, segundo a intenção, o vidente pode bem pressentir o cumprimento do ato que lhe será a conseqüência, mas não pode determinar o momento em que se cumprirá, nem lhe precisar os detalhes, nem mesmo afirmar que ocorrerá, porque circunstâncias ulteriores poderão modificar os planos decididos e mudar as disposições. Ele não pode ver o que não está ainda no pensamento; o que vê é a preocupação do momento, ou habitual, do indivíduo, seus desejos, seus projetos, suas intenções boas ou más; daí os erros nas previsões de certos videntes, quando um acontecimento está subordinado ao livre-arbítrio do homem; não podem senão pressentir-lhe a probabilidade segundo o pensamento que vêem, mas não afirmar que ocorrerá de tal maneira e em tal momento. A maior ou a menor exatidão nas previsões, depende, além disso, do alcance e da clareza da visão psíquica; em certos indivíduos, Espíritos ou encarnados, ela é difusa ou limitada a um ponto, ao passo que, em outros, ela é limpa, e abarca o conjunto dos pensamentos e da vontade, devendo concorrer para a realização de um fato; mas, acima de tudo, há sempre a vontade superior que pode, em sua sabedoria, permitir uma revelação ou impedi-la; neste caso, um véu impenetrável é lançado sobre a visão psíquica mais perspicaz. (Ver na *Gênese*, o cap. da *Presciência*.)

A teoria das criações fluídicas e, conseqüentemente, da fotografia do pensamento, é uma conquista do Espiritismo moderno, e pode ser, doravante, considerada como adquirida em princípio, salvo as aplicações de detalhes que são o resultado da observação. Esse fenômeno é, incontestavelmente. A fonte das visões fantásticas, e deve desempenhar um grande papel em certos sonhos.

Pensamos que nele se pode encontrar a explicação da mediunidade do copo com água. (Ver o art. precedente.) Desde que o objeto que se vê não está no copo, a água deve fazer o trabalho de uma vidraça que reflete a imagem criada pelo pensamento do Espírito. Esta imagem pode ser a reprodução de uma coisa real, como pode ser a de uma criação de fantasia. O copo com água não é, em todos os casos, senão um meio de reproduzi-la, mas não é o único, assim como o prova a diversidade de procedimentos empregados por alguns videntes; este, talvez, convenha melhor para certas organizações.

MORTE DO SR. BIZET, CURA DE SÉTIF.

A FOME ENTRE OS ESPÍRITOS.

Um de nossos correspondentes na Argélia informa, nos termos seguintes, a morte do Sr. Bizet, cura de Sétif:

"O Sr. Bizet, cura de Sétif, morreu em 15 de abril, com a idade de quarenta e três anos, vítima, sem dúvida, de seu zelo durante o cólera, e das fadigas que durante a fome em que desdobrou uma atividade e um devotamento verdadeiramente exemplares. Nascido nas cercanias de Viviers, no departamento do Ardèche, ele era, desde os dezoito

anos, pastor desta cidade, onde tinha conciliado as simpatias de todos os habitantes, sem distinção de culto, pela sua prudência, sua moderação e a sabedoria de seu caráter.

"No início do Espiritismo, nesta localidade, e principalmente quando o *Echo de Sétif* afirmou francamente esta doutrina, o Sr. Bizet teve um instante a intenção de combatê-la; no entanto, absteve-se de entrar numa luta que tinha decidido sustentar. Depois, ele havia lido com atenção as suas obras. É verdadeiramente a essa leitura que se deve atribuir a reserva cheia de sabedoria, quando lhe foi ordenado ler, na prática dominical, a famosa pastoral do Mons. Pavie, bispo de Alger, que qualificava o Espiritismo de: *esta nova vergonha da Argélia*. O Sr. Bizet não quis ler ele mesmo essa pastoral do púlpito; e dela fez dar a leitura por um de seus vigários, sem lhe acrescentar nenhum comentário."

Além disto, extraímos do *Journal de Sétif*, de 23 de abril, a passagem seguinte do artigo necrológico que publicou sobre o Sr. Bizet.

"No dia seguinte à sua morte, 15 de abril, ocorreram os seus funerais. Uma missa de reguiem foi cantada, às dez horas da manhã, para o repouso de sua alma; um dos Srs. grandes vigários, enviados pelo Mons. bispo há alguns dias, oficiou. Nenhum Sétifiano faltava; as diferentes religiões estavam reunidas e confundidas para um adeus ao Sr. cura Bizet. Os Árabes, representados pelos seus caids e cadhis; os israelitas pelo rabino e os principais notáveis entre eles; os protestantes pelo seu pastor, estavam lá rivalizando no zelo e na solicitude para prestar, ao Sr. Bizet, um último testemunho de estima, de afeição e de pesar.

"A reunião de tantas comunhões diferentes em um mesmo sentimento de simpatia, é um dos mais belos sucessos alcançados pela caridade cristã, que, durante o curso de seu apostolado em Sétif, não deixou de animar o Sr. abade Bizet. Vivendo no meio de uma população que está longe de ser homogênea, e entre a qual se encontram os dissidentes de todas as espécies, ele soube conservar intacto o depósito católico que lhe fora confiado, tendo com todos aqueles que não partilhavam de suas convicções religiosas relações benevolentes e afetuosas, que lhe valeram a simpatia de todos.

"Mas o que extravasava de todos os corações era a lembrança dos sentimentos de caridade cristã que animavam o Sr. abade Bizet. Sua caridade era doce, paciente sobretudo, durante o longo inverno que acabamos de atravessar, no meio de uma miséria horrível, que colocara a seu encargo uma multidão de infelizes. Sua caridade acreditava tudo, esperava tudo, suportava tudo e não se desencorajava jamais. Foi no meio desse devotamento para socorrer os infelizes esfomeados, ameaçados todos os dias de morrerem de frio e de fome, que ele pegou o germe da doença que o arrebatou deste mundo, se, no entanto, não estava já atingido, em consequência do zelo excepcional que tinha desdobrado durante o cólera do último verão."

O Sr. Bizet era Espírita? ostensivamente não; interiormente o ignoramos; se não era, tinha pelo menos o bom espírito de não lançar o anátema a uma crença que conduz a Deus os incrédulos e os indiferentes. De resto, que nos importa? Era um homem de bem, um verdadeiro cristão, um sacerdote segundo o Evangelho; a este título, tivesse ele nos sido hostil, os Espíritas não o colocariam menos na qualidade dos homens dos quais a Humanidade deve honrar a memória e que ela deve tomar por modelos.

A Sociedade Espírita de Paris quis lhe dar um testemunho de sua respeitosa simpatia, chamando-o em seu seio, onde ele deu a comunicação seguinte:

Sociedade de Paris, 14 de maio de 1868.

"Estou feliz, senhor, pelo benevolente chamado que consentistes em me dirigir, e ao qual me faço uma honra, e ao mesmo tempo um prazer responder. Se não vim imediatamente ao vosso meio, é que a perturbação da separação e o espetáculo novo

pelo qual fui tocado, não mo permitiram. E depois, eu não sabia o que entender; encontrei muitos amigos cuja simpática acolhida ajudou-me poderosamente a me reconhecer; mas tive também sob os olhos o espetáculo atroz da fome entre os Espíritos. Encontrei no outro mundo numerosos desses infelizes, mortos nas torturas da fome, procurando ainda satisfazer em vão uma necessidade imaginária, lutando uns contra os outros para arrancar um pedaço de alimento que ocultam nas mãos, se despedaçando mutuamente, e, se assim posso dizer, se devorando mutuamente; uma cena horrível, hedionda, ultrapassando tudo o que a imaginação humana pode conceber de mais desolador!... Muitos desses infelizes me reconheceram, e seu primeiro grito foi: *Pão!* Foi em vão que tentei fazê-los compreender a sua situação; estavam surdos às minhas consolações. - Que coisa terrível é a morte em semelhantes condições, e como esse espetáculo é bem de natureza afazer refletir sobre o nada de certos pensamentos humanos!.. Assim, enquanto que sobre a Terra pensa-se que aqueles que partiram estão ao menos livres da tortura cruel que sofrem, percebe-se, do outro lado, que não é nada disto, e que o quadro não é menos sombrio, se bem que os autores tenham mudado de aparência.

"Vós me perguntais se eu era Espírita. Se entendeis por esta palavra todas as crenças que a vossa doutrina preconiza, não, não o era. Admiro os vossos princípios e acredito capazes de fazer a salvação daqueles que os colocam sinceramente em prática; mas tinha as minhas reservas sobre um grande número de pontos. Não segui, a vosso respeito, o exemplo de meus confrades e de certos de meus superiores que eu censurava interiormente, porque sempre pensei que a intolerância era a mãe da incredulidade, e que era preferível ter uma crença levando à caridade e à prática do bem, do que não tê-la de todo. Era Espírita de fato? Não me cabe pronunciar-me a este respeito.

"Quanto ao pouco bem que pude fazer, estou verdadeiramente confuso com os elogios exagerados dos quais me fizeram o objeto. Quem não teria agido como eu?... Não são mais merecedores do que eu ainda, se houver algum mérito nisso, aqueles que se devotaram a socorrer os infelizes Árabes, e que a isto não foram levados senão pelo amor ao bem?... A caridade era para mim um dever, em consequência do caráter do qual estava revestido. Em lhe faltando, eu teria sido culpável, teria mentido a Deus e aos homens aos quais havia consagrado a minha existência. Aliás, quem teria podido permanecer insensível a tanta miséria?...

"Vós o vedes, fez-se como sempre: exagera-se enormemente os fatos; sou cercado por uma espécie de renome do qual estou confuso e triste, e do qual sofro em meu amor-próprio; porque, enfim, sei bem que não mereço tudo isso, e estou bem seguro, senhor, que, em me conhecendo melhor, reduziríeis ao seu justo valor o ruído que se fez em torno de mim. Se tenho algum mérito, que me seja concedido, nisto consinto, mas que não me seja elevado um pedestal com uma reputação usurpada: eu não poderia subscrevê-lo.

"Como o vedes, senhor, estou ainda muito recente neste mundo novo para mim, sobretudo muito ignorante, e mais desejoso de me instruir do que capaz de instruir os outros. Os vossos princípios me parecem hoje tanto mais justos quanto, depois de ter-lhe lido a teoria, vejo a sua mais larga aplicação prática. Também ficarei feliz em os assimilando completamente, e vos serei reconhecido se consentirdes algumas vezes me aceitar por um de vossos ouvintes.

"Cura BIZET."

Nota. A quem não conhece a verdadeira constituição do mundo invisível, parecerá estranho que os Espíritos que, segundo eles, são seres abstratos, imateriais, indefinidos, sem corpo, sejam vítimas dos horrores da fome; mas o espanto cessa quando se sabe que esses mesmos Espíritos são seres como nós; que eles têm um corpo, fluídico é verdade, mas que não é menos da matéria; que, em deixando o seu envoltório carnal, certos Espíritos continuam a vida terrestre com as mesmas vicissitudes durante um tempo mais ou menos longo. Isto parece singular, mas isto é, e a observação nos ensina que tal

é a situação dos Espíritos que viveram mais da vida material do que da vida espiritual, situação freqüentemente terrível, porque a ilusão das necessidades da carne se faz sentir, e se têm todas as angústias de uma necessidade impossível de ser saciada. O suplício mitológico do Tântalo acusa, entre os antigos, um conhecimento mais exato do que se supõe do estado do mundo de além-túmulo, mais exato sobretudo do que entre os modernos.

Muito diferente é a posição daqueles que, desde esta vida, se desmaterializaram pela elevação de seus pensamentos e sua identificação com a vida futura; todas as dores da vida corpórea cessam com o último suspiro, e o Espírito plana logo, radioso, no mundo etéreo, feliz como o prisioneiro livre de sua prisão.

Quem nos disse isto? É um sistema, uma teoria? Alguém disse que deveria ser assim e se acreditou em sua palavra? Não; foram os próprios habitantes do mundo invisível que o repetiram em todos os pontos do globo, para ensinar os encarnados.

Sim, legiões de Espíritos continuam a vida corpórea com as suas torturas e suas angústias; mas quais? Aqueles que estão ainda muito enfeudados na matéria para dela se destacar instantaneamente. Isto é uma crueldade do Ser supremo? Não, é uma lei da Natureza inerente ao estado de inferioridade dos Espíritos e necessária ao seu adiantamento; é um prolongamento *misto* da vida terrestre durante alguns dias, alguns meses, alguns anos, segundo o estado moral dos indivíduos. Seriam bem-vindos para taxar de barbárie essa legislação, aqueles que preconizam penas eternas, irremissíveis, e as chamas do inferno como um efeito da soberana justiça? Podem pô-lo em paralelo com uma situação temporária, sempre subordinada à vontade do indivíduo de progredir, à possibilidade de avançar por novas encarnações? Aliás, não depende de cada um escapara essa vida intermediária que não é francamente nem a vida material nem a vida espiritual? Os Espíritos disso escapam naturalmente, porque, compreendendo o estado do mundo espiritual, antes de nele entrar, se dão imediatamente conta de sua situação.

As evocações nos mostram uma multidão de Espíritos que crêem ser ainda deste mundo: os suicidas, os supliciados que não desconfiam que estão mortos, e sofrem o seu gênero de morte; outros que assistem ao seu enterro como ao de um estranho; os avaros que guardam seus tesouros, os soberanos que crêem ainda comandar e que ficam furiosos por não serem obedecidos; depois de grandes desastres marítimos, os naufragos que lutam contra o furor das ondas; depois de uma batalha, os soldados que se batem e ao lado disto os Espíritos radiosos, que nada têm mais de terrestre, e são para os encarnados o que a borboleta é para a lagarta. Pode-se perguntar de que servem as evocações então que elas nos fazem conhecer, até em seus mais ínfimos detalhes, esse mundo que nos espera a todos ao sair deste? É a Humanidade encarnada que conversa com a Humanidade desencarnada; o prisioneiro que conversa com o homem livre. Não, certamente, elas não servem para nada ao homem superficial que não a vê senão como um divertimento; elas não lhe servem mais do que a física e a química divertidas não servem para a sua instrução; mas para o filósofo, o observador sério que pensa no dia seguinte da vida, é uma grande e salutar lição; é todo um mundo novo que se descobre; é a luz lançada sobre o futuro; é a destruição dos preconceitos seculares sobre a alma e a vida futura; é a sanção da solidariedade universal que liga todos os seres. Pode-se estar enganado, diz-se; sem dúvida, como pode sê-lo em todas as coisas, mesmo sobre aquelas que se vê e que se toca: tudo depende da maneira de observar.

O quadro que o Sr. cura de Bizet apresenta nada tem de estranho; ele vem, ao contrário, confirmar, por um grande exemplo a mais, o que já se sabia; e o que afasta toda a idéia de repercussão de pensamentos é que o fez espontaneamente, sem que ninguém pensasse em dirigir a sua atenção sobre esse ponto. Por que, pois, teria vindo dizer sem que se lhe pedisse, o que não era? Sem dúvida, foi compelido a isso para a nossa instrução. Aliás, toda a comunicação leva um sinal de seriedade, de sinceridade e

de modéstia, que está bem em seu caráter e que não é próprio de Espíritos mistificadores.

O ESPIRITISMO POR TODA A PARTE. O JORNAL LA SOLIDARITÉ.

O Espiritismo conduz precisamente ao objetivo que se propõem todos os homens de progresso; é, pois, impossível que, mesmo sem se conhecer, eles não se encontrem sobre certos pontos, e que, quando se conhecerem, não se dêem a mão para caminharem juntos ao encontro de seus inimigos comuns: os preconceitos sociais, as rotinas, o fanatismo, a intolerância e a ignorância.

A *Solidarité* é um jornal cujos redatores tomam seu título a sério; e que campo mais vasto e mais fecundo para a filosofia moralista do que essa palavra que encerra todo o programa do futuro da Humanidade! Também essa folha, que se faz sempre notar pela alta importância dos seus objetivos, se ela não tem a popularidade das folhas levianas, adquiriu um crédito mais sólido entre os pensadores sérios (1).

(1) A *Solidarité*, jornal mensal de 15 páginas in-4. aparecendo o 1^o de cada mês. Preço: Paris, 5 francos; departamentos. 6 francos; estrangeiro, /francos. Preço de um número, 25 centavos; pelo correio, 30 centavos. - Escritório: rua Saints-Pères, 13, na Livraria das Ciências sociais.

Se bem que, até este dia, ela não tenha se mostrado muito simpática às nossas doutrinas, não prestamos menor justiça à sinceridade de seus objetivos e ao incontestável talento de sua redação. É, pois, com uma viva satisfação que a vemos hoje prestar, ao seu turno, justiça aos princípios do Espiritismo. Seus redatores nos prestarão também a de reconhecer que não fizemos nenhuma tentativa para trazê-los a nós; sua opinião não é, pois, o resultado de nenhuma condescendência pessoal.

Sob o título de: *Bulletin du mouvement philosophique et religieux*, o número de 1^a de maio contém um notável artigo, do qual extraímos as passagens seguintes:

"A lama vai aumentando sem parar. Onde se deterá? Não é apenas em política que se não entende mais; não é somente em economia social, é também em moral e em religião, de sorte que a perturbação se estende a todas as esferas da atividade humana, que invadiu todo o domínio da consciência, e que a própria civilização está em causa.

Não é que a ordem moral esteja em perigo. Há hoje na sociedade muitos elementos adquiridos e muitos interesses a conservar para que a ordem material possa estar seriamente perturbada. Mas a ordem material não prova nada. Ela pode persistir por muito tempo até que o próprio princípio da vida social seja atingido e que a corrupção desfaz lentamente o organismo. A ordem reinava em Roma sob os Césares, ao passo que a civilização romana ia todos os dias se desmoronando, não sob o esforço dos Bárbaros, mas sob o peso de seus próprios vícios.

"Nossa sociedade chegará a eliminar de seu seio os elementos mórbidos que ameaçam se tornar para ela os germes da dissolução e da morte? Nós o esperamos, mas é preciso o ponto de apoio dos princípios eternos, o concurso de uma ciência verdadeiramente positiva, e a perspectiva de um ideal novo.

"Aí estão as condições de salvação social, porque estão aí, para os indivíduos, os meios de um verdadeiro renascimento. Uma sociedade não pode ser senão o produto dos seres sociais que a constituem, e como a resultante de seu estado físico, intelectual e moral. *Se quiserdes uma transformação social, fazei primeiro o homem novo*(1).

(1) Escrevemos em 1862: "Antes de fazer as instituições para os homens, é preciso formar homens para as instituições "(*Voyage spirite*.)

"Se bem que o círculo dos leitores das publicações filosóficas tenha aumentado muito nestes últimos anos, quantas pessoas ignoram ainda a existência desses jornais, ou bem negligenciam de lê-los. Impossível, sem eles, se dar conta do estado das almas. Os órgãos da filosofia contemporânea têm ainda uma outra importância: eles preparam as questões que os acontecimentos logo colocarão, e que será urgente resolver.

"Certamente, a confusão é grande na imprensa filosófica; é um pouco a torre de Babel: cada um nela fala a sua língua, e se preocupa muito mais em cobrir a voz do vizinho do que escutar as suas razões. Cada sistema aspira a ser o único, e exclui todos os outros. Mas é preciso se guardar de tomar-lhes a palavra em seu exclusivismo. Talvez não haja um deles que não represente algum ponto de vista legítimo. Todos passarão: só a verdade é eterna; mas nenhum deles, talvez, não terá sido completamente estéril; nenhum terá desaparecido sem acrescentar alguma coisa ao capital intelectual da Humanidade. O materialismo, o positivismo religioso e o positivismo filosófico, o independentismo (que se me perdoe o barbarismo, não é meu), o criticismo, o idealismo, o espiritualismo, o espiritismo, - porque é preciso contar com este recém-chegado que tem mais partidários do que todos os outros juntos; - de uma outra parte, o protestantismo liberal, e mesmo o catolicismo liberal: tais são os nomes das principais bandeiras, que, a títulos diversos e com forças desiguais, se encontram representadas no campo filosófico. Sem dúvida, não há ali exército, uma vez que não há nem obediência a um chefe, nem hierarquia, nem disciplina, mas esses bandos, hoje divididos e independentes, podem estar reunidos por um perigo comum.

"O movimento filosófico ao qual assistimos, precede de pouco tempo o grande movimento religioso que se prepara. Logo as questões religiosas apaixonarão os espíritos como o fizeram recentemente as questões sociais, e mais fortemente ainda.

"Que ordem deve se fundar, por uma simples evolução da idéia cristã levada à sua pureza primitiva, como o pensam alguns, ou por uma espécie de fusão das crenças sobre o terreno vago do deísmo judaico-cristão, como o esperam outros homens de boa vontade, ou, o que nos parece muito mais provável, pela intervenção de uma idéia mais ampla e mais compreensível, que dá à vida humana o seu verdadeiro objetivo, a primeira necessidade para a época em que estamos, é a liberdade: liberdade de pensar e de publicar o seu pensamento, liberdade de consciência e de culto; liberdade de propaganda e de pregação! Certamente, no meio de tantos sistemas presentes, é impossível que não se veja abrir-se uma fase de discussões ardentes, apaixonadas, desordenadas em aparência, mas esta fase preparatória é necessária, como a agitação caótica é necessária à criação. Como os relâmpagos e os raios na atmosfera terrestre, o remexer das idéias agita a atmosfera moral para purificá-la. Quem pode temer a tempestade sabendo que ela deve restabelecer o equilíbrio perturbado e renovar as fontes da vida?"

O mesmo número contém a apreciação seguinte de nossa obra sobre a *Gênese*. Não a reproduzimos senão porque ela se liga aos interesses gerais da Doutrina:

"Passa-se em nossa época um fato de uma importância capital, e *aparentam não o ver*. Há lá, no entanto, fenômenos a observar que interessam à ciência, notadamente à física e à fisiologia humanas; mas, quando mesmo os fenômenos do que se chama o Espiritismo não existissem senão na imaginação de seus adeptos, a crença no Espiritismo, tão rapidamente difundido por toda a parte, é em si mesma um fenômeno considerável e muito digno de ocupar as meditações do filósofo.

"É difícil, mesmo impossível, apreciar o número de pessoas que crêem no Espiritismo, mas pode-se dizer que essa crença é geral nos Estados Unidos, e que se propaga cada vez mais na Europa. Na França, há toda uma literatura espírita. Paris possui dois ou três jornais que a representam. Lyon, Bordeaux, Marseille cada um tem o seu.

"O Sr. Allan Kardec é na França o mais eminente representante do Espiritismo. Foi uma felicidade para essa crença ter encontrado um chefe que soube mantê-la nos limites

do racionalismo. Ter-lhe-ia sido tão fácil, com toda essa mistura de fenômenos reais e criações puramente ideais e subjetivas que constitui a maravilhosidade do que se chama o Espiritismo, de se deixar ir para a atração do milagre e para a ressurreição das velhas superstições! O Espiritismo teria podido prestar, aos inimigos da razão, um poderoso apoio se tivesse voltado à demoniologia, e existe no seio do mundo católico um partido que lhe faz ainda todos os seus esforços. Há ali também uma literatura deplorável, malsã, mas felizmente sem influência. O Espiritismo, ao contrário, na França como nos Estados Unidos, resistiu ao espírito da Idade Média. O demônio nele não desempenha nenhum papel, e *o milagre nele não vem jamais introduzir as suas tolas explicações.*

"Exceto a hipótese que faz o fundo do Espiritismo e que consiste em crer que os Espíritos das pessoas mortas conversam com os vivos por meio de certos processos de correspondência, muito simples, e ao alcance de todo o mundo; exceto, dizemos, a hipótese desse ponto de partida, acha-se em presença de uma doutrina geral que está perfeitamente em relação com o estado da ciência de nossa época, e que responde perfeitamente às necessidades e às aspirações modernas. E o que há de notável é que a Doutrina Espírita é quase a mesma por toda a parte. Se não se a estuda senão na França, pode-se crer que as obras do Sr. Allan Kardec, que são como a enciclopédia do Espiritismo, nisto estão por muito. Mas essa paridade de doutrina se estende aos outros países; por exemplo, os ensinamentos de Davis nos Estados Unidos não diferem essencialmente dos do Sr. Allan Kardec. É verdade que, nas idéias emitidas pelo Espiritismo, não se encontra nada que não tivesse podido ser encontrado pelo espírito humano entregue somente aos recursos da imaginação e da ciência positiva; mas, do momento em que as sínteses que são propostas pelos escritores espíritas são científicas e racionais, elas merecem ser examinadas sem prevenção, sem partidarismo, pela crítica filosófica.

"A nova obra do Sr. Allan Kardec aborda as questões que são o objeto de nosso estudo. Não podemos hoje apresentar seu relatório. A isto retornaremos num próximo número, e diremos, ao mesmo tempo, o que pensamos dos fenômenos ditos espíritas, e as explicações que podem deles ser dada no estado atual da ciência.

Nota. - O mesmo número contém um notável artigo do Sr. Raisant, intitulado: *Meu ideal religioso*, e que os Espíritas não desaprovaram.

CONFERÊNCIAS.

Numa série de conferências feitas no mês de abril último pelo Sr. Chavé e, no Instituto livre do boulevard des Capucines, n.º 39, o orador fez, com tanto de talento quanto de verdadeira ciência, um estudo analítico e filosófico dos Vedas indiano e das leis de Manou, comparadas ao livro de Job e dos Salmos. Esse assunto conduziu-o a considerações de uma alta importância que tocam diretamente os princípios fundamentais do Espiritismo. Eis algumas notas recolhidas por um ouvinte nessas conferências; não são senão pensamentos pegos no ar, que perdem, necessariamente, ao serem destacados do conjunto e privados de seus desenvolvimentos, mas que bastam para mostrar a ordem de idéias seguida pelo autor:

"De que serve lançar um véu sobre o que é? De que serve não dizer bem alto o que se diz baixinho? É preciso ter a coragem de dizê-lo; quanto a mim, terei esta coragem."

"Nos Vedas indiano está escrito: "têm-se os seus pares no outro mundo," e sou desta opinião.

"Com os olhos da carne não se pode tudo ver." "O homem tem uma existência indefinida, e o progresso da alma é indefinido. Qualquer que seja a soma de suas luzes, ele tem sempre a aprender, porque ela tem o infinito diante de si, e, se bem que não possa alcançá-lo, seu objetivo será sempre se aproximar cada vez mais dele."

"O homem individual não pode existir sem um organismo que o limite no seio da criação. Se a alma existe depois da morte, ela tem, pois, um corpo, um organismo que se chama *organismo superior* em oposição ao corpo carnal que é o *organismo inferior*. Durante a vigília, estes dois organismos estão por assim dizer confundidos; durante o sono, o sonambulismo e o êxtase, a alma não se serve senão de seu corpo etéreo ou organismo superior; ela é mais livre neste estado; suas manifestações são mais elevadas, porque atua sobre esse organismo mais perfeito, que lhe oferece menor resistência; ela

abarca um conjunto de relações que admira, o que ela não pode fazer com o seu organismo inferior, que limita a sua clarividência e o campo de suas observações."

"A alma não tem extensão; não é extensão senão por seu corpo etéreo, e circunscrita pelos limites desse corpo que São Paulo chama *organismo luminoso*."

"Um organismo etéreo, em seus elementos constitutivos, mas invisível e *alcançável* somente pela indução científica, em nada contraria as leis conhecidas da física e da química."

"Há fatos que, aliás, a experimentação sempre pode reproduzir, constatando a *existência*, no homem, de um organismo interno superior devendo suceder ao organismo opaco habitual, no momento da destruição deste último."

"Depois que a morte separou a alma de seu organismo carnal, ela continua a vida, no espaço, com o seu corpo etéreo, conservando, assim, a sua individualidade. Entre os homens com os quais falamos e que estão mortos segundo a carne, certamente deles há aqui entre nós que assistem, invisíveis, às nossas conversas; estão ao nosso lado e planam acima de nossas cabeças; eles nos vêem e nos ouvem. Sim, eles estão ali, disto vos asseguro.

"A escala dos seres é contínua; antes de ser o que somos, passamos por todos os graus dessa escala que estão abaixo de nós, e continuaremos a subir aqueles que nos estão acima. Antes que o nosso cérebro fosse réptil, ele foi peixe, e foi peixe antes de ser mamífero.

"Os materialistas negam estas verdades; são pessoas honestas; são de boa fé, mas se enganam! Desafio um materialista a vir aqui, nesta tribuna, provar que ele tem razão e que estou errado. Que se venha provar o materialismo! Não, não o provarão; não emitirão senão idéias se apoiando sobre o vazio; não oporão senão negações, ao passo que vou mostrar por fatos a verdade de minha tese."

"Há fenômenos patológicos que provam a existência da alma depois da morte? Sim, há, e deles vou vos citar. Vejo aqui doutores em medicina que pretendem que isto não seja. Não lhes responderei senão isto: Se não os vistes, foi porque olhastes mal. Observai, procurai, estudai, e os encontrareis como eu mesmo os encontrei."

"É ao sonambulismo e ao êxtase que vou pedir as provas que vos prometi. - Ao sonambulismo? ser-me-á dito;

"A Academia de medicina ainda não o reconheceu. - O que isto me faz? Nada tenho que fazer com a Academia de medicina, passarei sem ela. - Mas Sr. Dubois, d'Amiens, escreveu um violento in-oitavo contra essa doutrina. - Isto não me importa mais; são opiniões sem provas, que desaparecem diante dos fatos."

"Ser-me-á dito ainda: "Não está mais na moda defender o sonambulismo." Eu responderei que nada tenho para estar com a moda, e que, se poucos homens ousam professar as verdades que ainda atraem o ridículo, sou daqueles que o ridículo não pode atingir, e que o desafiam de bom grado para dizer corajosamente aquilo que acreditam ser a verdade. Se cada um de nós agisse assim, a incredulidade logo perderia todo o terreno que ela ganhou há algum tempo, e seria substituída pela fé; não, a fé, filha da revelação, mas a fé mais sólida, filha da ciência, da observação e da razão."

O orador cita numerosos exemplos de sonambulismo e de êxtase, que lhe deram a prova, de alguma sorte material, da existência da alma, de sua ação isolada do corpo carnal, de sua individualidade depois da morte, e, finalmente, de seu corpo etéreo, que não é outro senão o envoltório fluídico ou perispírito.

A existência do perispírito, suspeitada de toda a antigüidade, como se vê, por inteligências de elite, mas ignorada das massas, demonstrada e vulgarizada nestes últimos tempos pelo Espiritismo, é toda uma revolução nas idéias psicológicas, e, conseqüentemente, na filosofia. Admitido este ponto de partida, chega-se forçosamente, de dedução em dedução, à individualidade da alma, à pluralidade das existências, ao progresso indefinido, à presença dos Espíritos entre nós, em uma palavra, a todas as conseqüências do Espiritismo, até ao fato das manifestações que se explicam de maneira muito natural.

De um outro lado, demonstramos em tempo que, partindo do princípio da pluralidade das existências, hoje admitido por numerosos pensadores sérios, fora mesmo do Espiritismo, chega-se exatamente às mesmas conseqüências.

Se, pois, homens cujo saber faz autoridade, professam abertamente, pela palavra ou pelos seus escritos, mesmo sem falar do Espiritismo, uns a doutrina do perispírito sob um nome qualquer, outros a pluralidade das existências, é, em realidade, professar o Espiritismo, pois são dois caminhos que a ele conduzem forçosamente. Se eles mesmos hauriram essas idéias em suas próprias observações, isto não as prova senão melhor que estão na Natureza e o quanto a sua força é irresistível. Assim, o perispírito e a reencarnação são, doravante, duas portas abertas para o Espiritismo no domínio da filosofia e das crenças populares.

As conferências do Sr. Chavée são, pois, verdadeiras conferências espíritas, menos a palavra; e, sob este último aspecto, diremos que são, no momento, mais proveitosas à Doutrina do que se erguessem abertamente abandeira. Elas lhe popularizam as idéias fundamentais sem ofuscar aqueles que, por ignorância da coisa, teriam prevenções contra o nome. Uma prova evidente da simpatia que essas idéias encontram na opinião, é a acolhida entusiasta às doutrinas professadas pelo Sr. Chavée, pelo numeroso público que se comprime em suas conferências.

Estamos persuadidos de que mais de um escritor que põe os Espíritos em ridículo aplaude o Sr. Chavée e suas doutrinas, que acha perfeitamente razoáveis, sem desconfiar de que não são outras senão do mais puro Espiritismo.

O jornal *la Solidarité*, em seu número de 1^o de maio, que citamos acima, dá dessas conferências um relatório, para o qual chamamos a atenção de nossos leitores, naquilo em que completa, em outros pontos de vista, os ensinamentos acima.

Nota. - A abundância das matérias nos obriga a remeter ao próximo número o relatório de dois interessantíssimos folhetins do Sr. Bonnemère, o autor do *Roman de l'avenir*, publicados no *Siècle*, de 24 e 25 de abril de 1865, sob o título de *Paris somnambule*; o Espiritismo ali está claramente definido.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

A RELIGIÃO E A POLÍTICA NA SOCIEDADE MODERNA,
por Frédéric Herrensneider (1)

(1) 1 vol. in-12 de 600 páginas. Preço: 5 fr. 75 c. Dentu, Palais-Royal.

O Sr. Herrensneider é um antigo saint-simoniano e foi lá que hauriu o seu ardente amor ao progresso. Depois, tornou-se Espírita, e, no entanto, estamos longe de partilhar a sua maneira de ver sobre todos os pontos, e de aceitar todas as soluções que dá. A sua é

uma obra de alta filosofia, onde o elemento espírita tem um lugar importante; nós não a examinaremos senão do ponto de vista da concordância e da divergência de suas idéias, no que toca ao Espiritismo. Antes de entrar no exame de sua teoria, algumas considerações preliminares nos parecem essenciais.

Três grandes doutrinas dividem os espíritos, sob os nomes de religiões diferentes e de filosofias muito distintas; essas são o materialismo, o espiritualismo e o Espiritismo; ora, pode-se ser materialista e crer, ou não crer, no livre-arbítrio do homem; no segundo caso é -se ateu ou panteísta; no primeiro, é-se inconseqüente, e se toma ainda o nome de panteísta ou o de naturalista, positivista, etc.

Se é espiritualista desde o instante em que não se é materialista, quer dizer, que se admite um princípio espiritual distinto da matéria, qualquer que seja a idéia que se faça de sua natureza e de seu destino. Os católicos, os gregos, os protestantes, os judeus, os muçulmanos, os deístas são espiritualistas, apesar das diferenças essenciais de dogmas que os dividem.

Os Espíritas têm uma idéia da alma mais límpida e mais precisa; não é um ser vago e abstrato, mas um ser definido que reveste uma forma concreta, limitada, circunscrita. Independentemente da inteligência que é a sua essência, ela tem atributos e efeitos especiais, que constituem os princípios fundamentais de sua doutrina. Eles admitem: o corpo fluídico ou perispírito; o progresso indefinido da alma; a reencarnação ou pluralidadedas existências, como necessidade do progresso; a pluralidade dos mundos habitados; a presença, em nosso meio, das almas ou Espíritos que viveram sobre a Terra e a continuidade de sua solicitude para com os vivos; a perpetuidade das afeições; a solidariedade universal que liga os vivos e os mortos; os Espíritos de todos os mundos, e, conseqüentemente, a eficácia da prece; a possibilidade de se comunicar com os Espíritos daqueles que não estão mais entre os homens, a visão espiritual ou psíquica, que é um efeito da alma.

Eles rejeitam o dogma das penas eternas, irremissíveis, como inconciliável com a Justiça de Deus; mas admitem que a alma, depois da morte, sofre e suporta as conseqüências de todo o mal que ela fez durante a vida, de todo bem que teria podido fazer e não o fez, Seus sofrimentos são a conseqüência *natural* de seus atos; eles duram tanto quanto a perversidade ou a inferioridade moral do Espírito; diminuem à medida que se melhora, e cessam pela reparação do mal; esta reparação tem lugar nas existências corpóreas sucessivas. O Espírito, tendo sempre a sua liberdade de ação, é assim o próprio artífice de sua felicidade e de sua infelicidade neste mundo e no outro. O homem não é levado fatal mente nem ao bem, nem ao mal; ele realiza um ou o outro por sua vontade, e se aperfeiçoa pela experiência. Em conseqüência deste princípio, os Espíritas não admitem nem os demônios predestinados ao mal, nem a criação especial de anjos predestinados à felicidade infinita sem haver tido o trabalho de merecê-la; os demônios são os Espíritos humanos ainda imperfeitos, mas que melhorarão com o tempo; os anjos, Espíritos chegados à perfeição depois de ter passado, como os outros, pelos graus da inferioridade.

O Espiritismo não admite, para cada um, senão a responsabilidade de seus próprios atos; o pecado original, em sua opinião, é pessoal; consiste nas imperfeições que cada indivíduo traz em renascendo, porque delas ainda não se despojou em suas precedentes existências, e das quais sofre naturalmente as conseqüências na existência atual.

Ele não admite, não mais, como suprema recompensa final, a inútil e beata contemplação dos eleitos durante a eternidade; mas, ao contrário, uma atividade incessante do alto a baixo da escala dos seres, onde cada um tem atribuições em relação com o seu grau de adiantamento.

Tal é, em resumo muito estreito, a base das crenças espíritas; é-se Espírita desde o momento em que se entra nesta ordem de idéias, então mesmo que não se admitissem todos os pontos da Doutrina em sua integridade ou todas as suas conseqüências. Por não

ser Espírita *completo*, não se é menos Espírita, o que faz que se o seja, freqüentemente, sem saber, algumas vezes sem querer confessá-lo, e que, entre os sectários das diferentes religiões, muitos são Espíritas de fato, se não são de nome.

A crença comum para os espiritualistas é de crer em um Deus criador, e admitir que a alma, depois da morte, continua a existir, sob a forma de Espírito puro, completamente livre de toda a matéria, e também que poderá, com ou sem a ressurreição de seu corpo material, gozar de uma existência eterna, feliz ou infeliz.

Os materialistas crêem, ao contrário, que a força é inseparável da matéria e não pode existir sem ela; em conseqüência, Deus não é, para eles, senão uma hipótese gratuita, a menos que não seja a própria matéria; os materialistas negam, com toda a sua força, a concepção de uma alma essencialmente espiritual e a de uma personalidade sobrevivente à morte.

Sua crítica é fundada, no que concerne à alma tal como os espiritualistas a aceitam, em que a força, sendo inseparável da matéria, uma alma pessoal, ativa e poderosa não pode existir como um ponto geométrico no espaço, sem dimensão de nenhuma espécie, nem comprimento, nem largura, nem altura. Que força, que poder, que ação pode ter uma tal alma sobre o corpo durante a vida; que progresso pode ela realizar, e de que maneira lhe conserva a marca uma vez que nada é; como poderia ser suscetível de felicidade ou de infelicidade depois da morte? dizem aos espiritualistas.

Não é preciso dissimulá-lo, essa argumentação é especiosa, mas não tem valor contra a doutrina dos Espíritas; eles admitem bem a alma distinta do corpo, como os espiritualistas, com uma vida eterna e uma personalidade indestrutível, mas consideram essa alma como indissolúvelmente unida à matéria; não à matéria do próprio corpo, mas uma outra mais etérea, fluídica e incorruptível, que chamam *perispírito*, palavra felizmente exprimindo bem o pensamento que é a origem e a própria base do Espiritismo.

Se resumirmos as três doutrinas diremos que, para os materialistas a alma não existe; ou, se ela existe, confunde-se com a matéria, sem nenhuma personalidade distinta fora da vida presente, onde essa personalidade é mesmo mais aparente do que real.

Para os espiritualistas, a alma existe no estado de Espírito, independente de Deus e de toda a matéria.

Para os Espíritas, a alma é distinta de Deus que a criou, inseparável de uma matéria fluídica e incorruptível que se pode chamar *perispírito*.

Esta explicação preliminar permitirá compreender que existem Espíritas sem o saber.

Com efeito, do momento em que não se é nem materialista, nem espiritualista, não se pode ser senão Espírita, apesar da repugnância que alguns sentem por esta qualificação.

Eis-nos bem longe das apreciações fantasistas daqueles que pensam que o Espiritismo não repousa senão sobre a evocação dos Espíritos; no entanto, há Espíritas que jamais fizeram uma única evocação; outros que jamais a viram e não se prendem mesmo em vê-la, não tendo sua crença necessidade desse socorro; e por não se apoiar senão sobre a razão e sobre o estudo, esta crença não é menos completa e séria.

Pensamos mesmo que é sob sua forma filosófica e moral que o Espiritismo encontra os adeptos mais firmes e mais convictos; as comunicações não são senão meios de convicção, de demonstração e sobretudo de consolação; não se deve a elas recorrer senão com reserva, e quando já se sabe bem o que se quer obter.

Não é que as comunicações sejam a parte exclusiva dos Espíritas; freqüentemente, elas ocorrem espontaneamente e, algumas vezes mesmo, nos meios hostis ao Espiritismo, do qual são independentes; com efeito, não são senão o resultado de leis e de ações naturais que os Espíritos, ou os homens, podem utilizar, uns e outros, seja independentemente, seja de comum acordo.

Mas, do mesmo modo que o sábio não coloca os instrumentos de física, de química e de astronomia senão nas mãos daqueles que sabem deles se servir, é conveniente não provocar as comunicações senão quando elas podem ter uma utilidade real, e não no objetivo de satisfazer uma curiosidade pueril.

Dito isto, podemos examinar a obra notável do Sr. Herrensneider; é a obra de um profundo pensador e de um Espírita convicto, senão completo, mas não aprovamos todas as conclusões às quais chega.

O Sr. Herrensneider admite a existência de um Deus criador, presente por toda a parte da criação, penetrando todos os corpos de sua substância fluídica e estando em nós como estamos nele; é a notável solução que o Sr. Allan Kardec apresentou em sua *Gênese*, a título de hipótese.

Mas, segundo o autor, encheu todo o espaço no começo; teria criado cada ser em se retirando do lugar que lhe concedia para deixar-lhe seu livre desenvolvimento sob a sua proteção incessante; esse desenvolvimento progressivo se opera primeiro sob o efeito necessário das leis da Natureza, e pela coerção do mal; depois, quando o Espírito já progrediu suficientemente, ele pode juntar a sua própria ação à ação fatal das leis naturais para ativar o seu progresso.

Durante toda essa fase de existência dos seres, que começa na molécula do mineral, prossegue no vegetal, se desenvolve no animal, e se determina no homem, o Espírito recolhe e conserva os conhecimentos pelo seu perispírito; ele adquire, assim, uma certa experiência. Os progressos que se realizam são de uma grande lentidão, e quanto mais eles são lentos, mais as encarnações são multiplicadas.

Como se vê, o autor adota os princípios científicos do progresso dos seres, emitidos por Lamarck, *Geoffroy Saint-Hilaire*, e *Darwin*, com esta diferença de que a ação moderadora das formas e dos órgãos animais não é mais somente o resultado da seleção e da concorrência vital, mas é também, e sobretudo, o efeito da ação inteligente do espírito animal, modificando incessantemente as formas e a matéria, que ele reveste para realizar uma apropriação mais conforme com a experiência que adquiriu.

É nesta ordem de idéias que teríamos querido ver o autor insistir sobre a ação benfazeja e afetuosa dos seres mais elevados, concorrendo para o adiantamento dos mais fracos, guiando-os e protegendo-os por um sentimento de simpatia e de solidariedade, cujo desenvolvimento está felizmente apresentado no livro a *Gênese* e em todas as obras do Sr. Allan Kardec.

O Sr. Herrensneider não fala da ação recíproca dos seres uns sobre os outros, senão do triste ponto de vista da ação má e do progresso necessário, que resulta do mal na Natureza. Sobre este ponto, ele bem compreendeu que o mal não é senão relativo, e que é uma das próprias condições do progresso; esta parte de seu trabalho está bem desenvolvida.

"Criados, diz -ele, na extrema fraqueza, na extrema indolência e devendo ser os meios de nosso próprio fim, somos obrigados a chegar à perfeição e ao poder, à felicidade e à liberdade por nossos próprios esforços; o nosso destino é o de ser, em tudo e por toda a parte, os filhos de nossas obras, de nos criar a nossa unidade, nossa personalidade, nossa originalidade, tão bem quanto a nossa felicidade.

"Eis, na minha opinião, quais são os desígnios de Deus a nosso respeito; mas, para nisso triunfar, o criador não pode, evidentemente, nos abandonar a nós mesmos, uma vez que, sendo criados nesse estado ínfimo e molecular, somos naturalmente mergulhados num entorpecimento profundo; nele teríamos mesmo ficado na perpetuidade, e não teríamos jamais feito um passo adiante se, para nos despertar, para tornar sensível a nossa substância inerte, e para ativar a nossa força privada de iniciativa, Deus não tivesse nos submetido a um sistema de coerção, que nos prende à nossa origem, não nos deixa jamais, e nos força a desdobrar os nossos esforços para satisfazer às nossas

necessidades e aos instintos morais, intelectuais e materiais, dos quais nos torna escravos, em consequência do sistema de encarnações que dispôs para este fim.

Indo mais longe do que os estóicos, que pretendiam que a dor não existia e não era senão uma palavra, vê-se que os Espíritas chegam a pronunciar esta fórmula estranha *que o próprio mal é um bem*, neste sentido que para isso conduz fatalmente e necessariamente.

Sobre tudo o que precede, fazemos ao autor esta crítica de ter esquecido que a mais estreita solidariedade liga todos os seres, e que os melhores de todos são aqueles que, tendo melhor compreendido este princípio, o colocam sempre em ação; de tal sorte que todos os seres na Natureza concorrem para o objetivo geral e para o progresso uns dos outros: uns sem o saber e sob o impulso de seus guias espirituais; outros, em compreendendo o seu dever de educar e de instruir aqueles que os cercam, ou que dependem deles, e em se ajudando com o concurso dos mais avançados do que eles mesmos. Todo o mundo compreende hoje que os pais devem aos seus filhos uma educação conveniente, e que aqueles que são felizes, instruídos e avançados devem ajudar os pobres, os sofredores e os ignorantes.

Em consequência, deve-se compreender a utilidade da prece que nos coloca em relação com os Espíritos que podem nos guiar. Não nos acontece pedir para aqueles que vivem conosco; que são nossos superiores ou nossos iguais, e a nossa vida pode passar sem esse perpétuo apelo que fazemos ao concurso dos outros? Não é, pois, espantoso que, nos ouvindo, aqueles que não estão mais, sejam do mesmo modo sensíveis às nossas preces, na medida do que eles podem fazer, assim, aliás, como o teriam feito quando vivos; dá-se, algumas vezes a quem não pediu, mas se dá sobretudo àqueles que pedem; batei e abrir-se-vos-á; pedi, e, se isso for possível, sereis atendidos.

Não creiais que tudo vos é devido e que devereis esperar os benefícios sem pedi-los ou merecê-los; não creiais que tudo chega fatalmente e necessariamente, mas refleti, ao contrário, que estais no meio de seres livres e voluntários, tão numerosos quanto a areia do mar, e que a sua ação pode se juntar à vossa, ao vosso pedido e segundo a sua simpatia, que é preciso saber merecer.

Orar é um meio de agir sobre os outros e sobre si mesmo, mas não é o momento de desenvolver este assunto importante; dizemos somente que a prece não vale senão quando ela acompanha o *esforço ou o trabalho*, e nada pode sem ele, ao passo que o trabalho e os esforços generosos podem muito bem suprir a prece; é sobretudo entre os Espíritas que se admite esse velho ditado: Trabalhar é orar.

A parte mais interessante do livro do Sr. Herrensneider é aquela na qual ele faz o que se poderia chamar a psicologia da alma concebida tal qual os Espíritas a compreendem, e, deste ponto de vista, seu trabalho é novo e dos mais curiosos.

O autor determina claramente os fenômenos dependendo do perispírito, e como se prende à disposição do espírito, a soma inteira de seus progressos anteriores conservando a marca dos esforços e dos progressos novos tentados e realizados pelo ser, em qualquer momento que seja.

Segundo esses dados, a natureza da alma, ou perispírito, é para ser considerada como um tesouro adquirido, conservado em nós, e encerrando tudo o que concerne ao nosso ser na ordem moral, intelectual e prática.

Evitaremos de nos servir dos termos adotados pelo autor que, para exprimir que a alma pode agir seja pelo efeito de seu tesouro adquirido ou natureza íntima (perispírito), seja por um esforço novo ou ação voluntária, se serve da expressão *dualidade da alma*, tudo em fazendo bem notar que a alma é *una*; aí está uma expressão infeliz que não exprime o verdadeiro pensamento do autor e que poderia se prestar à confusão para um espírito pouco atento.

O Sr. Herrensneider crê na unidade da alma como os Espíritas; como eles, admite a existência do perispírito, o que lhe permite fazer uma crítica muito fina da psicologia dos espiritualistas, que ele estuda mais especialmente segundo as obras do Sr. Cousin.

Partindo do mesmo ponto que Sócrates e Descartes: *o conhecimento de si mesmo*, o autor estabelece o fato primordial de onde resultam todos os conhecimentos, quer dizer, a afirmação de nós mesmos feita cada vez que empregamos as palavras: Eu ou *mim*; a afirmação do *eu* é, pois, a verdadeira base da psicologia; ora, há várias manifestações desse eu que se apresentam à nossa observação, sem que uma tenha prioridade sobre as outras e sem que se engendrem reciprocamente: *Eu me sinto, - eu me sei, - eu tenho consciência de minha individualidade, - eu tenho o desejo de estar satisfeito*. Estes dois últimos fatos de consciência são evidentes e claros por si mesmos; eles constituem o princípio de unidade do ser e o de nossa causa final ou destino, a saber: ser feliz.

Para se sentir e para se saber, é preciso notar que se tem perfeitamente consciência de se sentir, sem ter necessidade de fazer nenhum esforço; ao contrário, a percepção do sentir é um ato que resulta de um esforço da mesma ordem que a atenção; desde que não faço mais esforço, eu não penso mais nem presto atenção, e eu sinto, então, todas as coisas exteriores que me causam impressão, até o momento em que uma delas me toque mais vivamente para que eu a examine, levando a ela a minha atenção; assim, eu posso pensar e sentir, ser impressionado ou perceber, e julgar a minha impressão quando o desejar.

Há duas ordens psicológicas diferentes, heterogêneas, das quais uma é *passiva* e se caracteriza pela sensibilidade e a permanência: é o *sentir*, e das quais a outra é *ativa* e se distingue pelo esforço da atenção, e, por sua intermitência: é o pensamento voluntário.

É desta observação que o autor chega a concluir na existência do perispírito, por uma série de deduções muito interessantes, mas muito longas para reportar aqui.

Para o Sr. Herrensneider, o perispírito ou substância da alma é matéria simples, incorruptível, inerte, extensa, sólida e sensível; é o princípio *potencial* que, por sua sutileza, recebe todas as impressões, assimila-as, conserva-as e se transforma, sob essa ação incessante, de maneira a encerrar toda a nossa natureza moral, intelectual e prática.

A força da alma é de ordem virtual, espiritual, ativa, voluntária e refletida; é o princípio de nossa atividade. Por toda a parte onde o nosso Espírito se encontre, encontra-se igualmente a nossa força. Do perispírito, ou do tesouro adquirido de nossa natureza, dependem a nossa sensibilidade, nossas sensações, nossos sentimentos, nossa memória, nossa imaginação, nossas idéias, nosso bom senso, nossa espontaneidade, nossa natureza moral e nossos princípios de honra, assim como os sonhos, as paixões, e a própria loucura.

De nossa força derivam, como qualidades virtuais, a atenção, a percepção, a razão, a recordação, a fantasia, o humor, o pensamento, o julgamento, a reflexão, a vontade, a virtude, a consciência e a vigilância, assim como o sonambulismo, a exaltação e a monomania.

Em consequência de que essas qualidades podem se substituir uma à outra sem se excluir, e também por que os mesmos órgãos devem ser empregados tanto pela percepção quanto pela sensação que se equivalem, pelo sentimento quanto pela razão, etc., disto resulta que cada Espírito se serve raramente das duas ordens de suas faculdades com mesma facilidade. Desta observação resulta para o autor que os indivíduos que funcionam mais facilmente em virtude das faculdades, ditas potenciais, terão estas mais desenvolvidas do que os outros e delas se servirão com mais boa vontade, e reciprocamente.

Deste ponto de vista e de uma observação relativa à maior ou menor potência virtual de certas coleções de indivíduos, geralmente agrupados sob um mesmo nome de raça, o autor chega a concluir que existem Espíritos que se podem chamar Espíritos franceses, ingleses, italianos, chineses ou negros, etc.

Apesar das dificuldades de explicação que resultariam de uma tal ordem de idéias, é preciso convir que os estudos muito cuidadosos feitos pelo Sr. Herrensneider sobre os diferentes povos são muito notáveis e em todo o caso muito interessantes; mas teríamos querido que o autor tivesse indicado mais claramente o seu pensamento que, evidentemente, é o seguinte: Os Espíritos se agrupam em geral segundo as suas afinidades; é o que faz com que os Espíritos da mesma ordem e do mesmo grau de elevação tendam a se encarnar sobre um mesmo ponto do globo, e daí, resulta esse caráter nacional .fenômeno tão singular em aparência. Diremos, pois, que não há Espírito franceses ou inglês, mas que há Espíritos que seu estado, seus hábitos, suas tradições levam a se encarnar uns na França, outros na Inglaterra, como se os vêem, durante sua vida, se agrupar segundo suas simpatias, seu valor moral e seus caracteres. Quanto ao progresso individual, depende sempre da vontade, e não do valor já adquirido do perispírito que não serve, por assim dizer, senão como ponto de partida destinado a permitir uma nova elevação do Espírito, novas conquistas e novos progressos.

Deixaremos de lado a parte do livro que trata da ordem social e da necessidade de uma religião imposta, porque o autor, ainda imbuído dos princípios de autoridade que ele hauriu no saint-simonismo, se afasta muito, neste ponto, dos princípios de tolerância absoluta que o Espiritismo se faz glória de professar. Achamos justo ensinar, mas teríamos medo de uma doutrina imposta e necessária, porque fosse ela excelente para a geração atual, forçosamente tornar-se-ia um entrave para as gerações seguintes, quando estas tivessem progredido.

O Sr. Herrensneider não compreende que a moral possa ser independente da religião; em nossa opinião, a questão está mal posta, e cada uma discute justamente do ponto de vista em que tem razão. Os moralistas independentes estão na verdade dizendo que a moral é independente dos dogmas religiosos, neste sentido que, sem crer em nenhum dos dogmas existentes, muitos dos antigos foram morais, e entre os modernos há muitos deles que têm o direito de se vangloriar de sê-lo. Mas o que é verdadeiro é que a moral, e sobretudo a sua aplicação prática, é sempre dependente de nossas *crenças individuais*, quaisquer que sejam; ora, fosse ela das mais filosóficas, uma crença constitui a *religião* daquele que a possui.

Isto se demonstra facilmente pelos fatos diários da existência, e os moralistas, que se dizem independentes, eles mesmos têm por *crença*: que é preciso respeitar a si mesmo e respeitar os outros desenvolvendo, o mais possível, em si e nos outros, os elementos do progresso. Sua moral dependerá, pois, de sua crença; suas ações disto se ressentirão forçosamente, e esta moral não será independente senão das religiões, das crenças e dos dogmas aos quais não têm fé, o que achamos muito justo e muito racional, mas também muito elementar.

O que se pode dizer é que, no estado atual de nossa sociedade, há princípios de moral que se acham de acordo com todas as crenças individuais, quaisquer que sejam, porque os indivíduos modificaram suas crenças religiosas sobre certos pontos, em virtude dos progressos científicos e morais dos quais nossos ancestrais fizeram a feliz conquista.

Terminaremos dizendo que o autor é, sobre muitos pontos, o discípulo de Jean Reynaud. Seu livro é o resumo de estudos e de pensamentos sérios expressados claramente e com força; é feito com um cuidado que se deve louvar, e esse cuidado vai mesmo até à minúcia nos detalhes materiais de impressão, o que tem sua grande importância para a clareza de um livro tão sério.

Apesar do desacordo profundo que nos separa do Sr. Herrensneider, tanto a respeito de sua maneira de ver para impor a religião, quanto sobre suas idéias relativas à autoridade, à família que é muito esquecida, assim quanto à prece, à solidariedade benevolente dos Espíritos que ele não soube apreciar, etc., idéias que o próprio Jean Reynaud já havia desaprovado, é impossível de não ser tocado do mérito da obra e do

valor do homem que soube encontrar muitos pensamentos, freqüentemente justos e sempre claramente expressos.

O Espiritismo nele é decididamente afirmado, pelo menos em seus princípios fundamentais, e colocado em linha de conta nos elementos da ciência filosófica; no entanto, a esta diferença, no ponto de partida, que o autor chega ao resultado pela indução, ao passo que o Espiritismo, procedendo por via experimental, fundou sua teoria sobre a observação dos fatos. É um escritor sério demais, que dá o direito de cidadania.

EMILE BARBAULT, engenheiro.

ALLANKARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

11º ANO

NO. 7

JULHO 1868

AGENCIADA CONCORDÂNCIA DOS NÚMEROS E A FATALIDADE.

Várias vezes nos foi perguntado o que pensamos da concordância dos números, e se acreditamos no valor dessa ciência. A nossa resposta é muito simples: até o momento não pensamos nada nisso, porque jamais nos ocupamos com o assunto. Vimos alguns fatos de concordâncias singulares entre as datas e certos acontecimentos, mas em pequeníssimo número para deles tirar uma conclusão mesmo aproximativa. Verdadeiramente dizendo, não vemos a razão de uma tal coincidência; mas do fato de que não se compreende uma coisa, isso não é motivo para que ela não seja; a Natureza não disse a sua última palavra, e o que é utopia hoje, pode ser verdade amanhã. Pode ser, pois, que exista entre os fatos uma certa correlação que não supomos, e que poderia se traduzir pelos números. Em todos os casos, não se poderia dar o nome de *ciência* a um cálculo tão hipotético quanto o das relações numéricas, no que concerne à sucessão dos acontecimentos. Uma ciência é um conjunto de fatos bastante numerosos para deles deduzir a regras, e suscetíveis de uma demonstração; ora, no estado de nossos conhecimentos, seria de toda impossibilidade dar dos fatos desse gênero uma teoria qualquer, nem nenhuma explicação satisfatória. Não é, ou, querendo-se, não é ainda uma ciência, o que não implica em sua negação.

Há fatos sobre os quais temos uma opinião pessoal; no caso do qual se trata, deles não temos nenhuma, e se perdermos de um lado, este seria logo pela negativa, até prova contrária.

Nós nos fundamos sobre que a duração é relativa; ela não pode ser apreciada senão segundo os termos de comparação e os pontos de referências hauridos na revolução dos astros, e esses termos variam segundo os mundos, porque fora dos mundos o tempo não existe: não há unidade para medir o infinito. Não parece, pois, que possa aí haver uma lei universal de concordância para a data dos acontecimentos, uma vez que a suposição da duração varia segundo os mundos, a menos que não haja, sob esse aspecto, uma lei particular para cada mundo ligada à sua organização, como delas há uma para a duração da vida de seus habitantes.

Seguramente, se uma tal lei existe, ela será um dia reconhecida: o Espiritismo que assimila todas as verdades, quando elas são constatadas, evitará com todo o cuidado repelir esta; mas como, até o presente, essa lei não foi atestada nem por um número suficiente de fatos, nem por uma demonstração categórica, há tanto menos a se preocupar com ela quanto não o interessa senão de maneira muito indireta. Não dissimulamos a seriedade dessa lei, se ela é uma, mas como a porta do Espiritismo estará sempre aberta a todas as idéias progressistas, a todas as aquisições da inteligência, ele se ocupa das necessidades do momento, sem medo de ser ultrapassado pelas conquistas do futuro.

Tendo esta questão sido posta aos Espíritos num grupo muito sério da província, e por isto mesmo geralmente bem assistido, foi respondido:

"Certamente, há no conjunto dos fenômenos morais, como nos fenômenos físicos, relações fundadas sobre os números. Alei da concordância das datas não é uma quimera; é uma daquelas que vos serão reveladas mais tarde, e vos darão a chave de coisas que vos parecem anomalias; porque, crede-o bem, a Natureza não tem caprichos; ela caminha sempre com precisão e infalivelmente. Essa lei, aliás, não é tal como a supondes; para compreendê-la em sua razão de ser, seu princípio e sua utilidade, vos será preciso adquirir idéias que ainda não possuis, e que virão com o tempo. Para o momento, esse conhecimento seria prematuro, razão por que ele não vos é dado; seria, pois, inútil insistir.

Limitai-vos a recolher os fatos; observai sem nada concluir, de medo de vos enganar. Deus sabe dar aos homens o alimento intelectual à medida que estão em estado de suportá-lo. Trabalhai sobretudo pelo vosso adiantamento moral, é o mais essencial, porque será por aí que merecereis possuir novas luzes."

Somos desta opinião; pensamos mesmo que haveria mais inconvenientes do que vantagens em vulgarizar prematuramente uma crença que, nas mãos da ignorância, poderia degenerar em abusos e práticas supersticiosas, por falta de contrapeso de uma teoria racional.

O princípio da concordância das datas é, pois, inteiramente hipotético; mas se não é ainda permitido nada afirmar a esse respeito, a experiência demonstra que, na Natureza, muitas coisas estão subordinadas a leis numéricas, suscetíveis dos mais rigorosos cálculos; este fato, de uma grande importância, talvez possa um dia lançar luz sobre a primeira questão. Assim é que, por exemplo, as chances do acaso estão submetidas, no seu conjunto, a uma periodicidade de espantosa precisão; a maioria das combinações químicas, para a formação de corpos compostos, tem lugar em proporções definidas, quer dizer, que é preciso um número determinado de moléculas de cada um dos corpos elementares, e que uma molécula a mais ou a menos muda completamente a natureza do corpo composto (ver a *Gênese*, cap. X, n^os 7 e seguintes); a cristalização se opera sob ângulos de uma abertura constante; em astronomia, os movimentos e as forças seguem progressões de um rigor matemático, e o mecanismo celeste é tão exato quanto a mecânica terrestre; ocorre o mesmo para a reflexão dos raios luminosos, calóricos e sonoros; é sobre cálculos positivos que são estabelecidas as chances de vida e de mortalidade nos seguros.

É certo, pois, que os números estão na Natureza e que as leis numéricas regem a maioria dos fenômenos da ordem física. Ocorre o mesmo com os fenômenos de ordem moral e metafísica? É o que seria presunçoso afirmar sem os dados mais certos do que aqueles que se possuem. Esta questão, de resto, levanta outras que têm sua gravidade, e sobre as quais cremos útil apresentar algumas observações de um ponto de vista geral.

Desde o instante que uma lei numérica rege os nascimentos e a mortalidade dos indivíduos, não poderia ocorrer o mesmo, mas então sobre uma mais vasta escala, para as individualidades coletivas, tais como as raças, os povos, as cidades, etc.? As fases de sua caminhada ascendente, de sua decadência e de seu fim, as revoluções que marcam as etapas do progresso da Humanidade, não seriam elas sujeitas a uma certa periodicidade? Quanto às unidades numéricas para a suposição dos períodos humanitários, se estes não são nem os dias, nem os anos, nem os séculos, eles poderiam ter por base as gerações, assim como alguns fatos tendem a fazê-lo supor.

Não está aí um sistema; é ainda menos uma teoria, mas uma simples hipótese, uma idéia fundada sobre uma probabilidade, e que poderia talvez um dia servir de ponto de partida à idéias mais positivas.

Mas, dir-se-á, se os acontecimentos que decidem a sorte da Humanidade, de uma nação, de uma tribo, têm seus vencimentos regulados por uma lei numérica, é a consagração da fatalidade, e, então, em que se torna o livre-arbítrio do homem? O

Espiritismo estaria, pois, no erro quando diz que nada é fatal, e que o homem é o senhor absoluto de suas ações e de sua sorte?

Para responder a esta objeção, é-nos preciso tomar a questão de mais alto. Dizemos primeiro que o Espiritismo jamais negou a fatalidade de certas coisas, e que, ao contrário, sempre a reconheceu; mas ele diz que essa fatalidade não entrava o livre-arbítrio; o que é fácil de demonstrar.

Todas as leis que regem o conjunto dos fenômenos da Natureza têm conseqüências necessariamente fatais, quer dizer, inevitáveis, e esta fatalidade é indispensável à manutenção da harmonia universal. O homem, que sofre essas conseqüências, está, pois, em certos aspectos, submetido à fatalidade em tudo o que não depende de sua iniciativa; assim, por exemplo, ele deve fatalmente morrer: é a lei comum à qual não pode se subtrair, e, em virtude desta lei, pode morrer em toda idade, quando sua hora é chegada; mas se ele apressa voluntariamente a sua morte pelo suicídio ou por seus excessos, ele age em virtude de seu livre-arbítrio, porque ninguém o pode constringer a fazê-lo. Ele deve comer para viver: é da fatalidade; mas se come além do necessário, pratica ato de liberdade.

O prisioneiro, em sua cela, está livre para se mover à sua vontade no espaço que lhe é concedido; mas os muros que não pode ultrapassar são para ele a fatalidade que lhe restringe a liberdade. A disciplina é para o soldado uma fatalidade, porque ela o obriga a atos independentes de sua vontade, mas dela não está menos livre em suas ações pessoais das quais é responsável. Assim ocorre com o homem na Natureza; a Natureza tem suas leis fatais que lhe opõem uma barreira, mas ao lado da qual pode se mover à vontade.

Por que Deus não deu ao homem uma liberdade completa? Porque Deus é como um pai providente que limita a liberdade de seus filhos ao grau de sua razão e do uso que dela podem fazer. Se os homens já se servem tão mal daquela que lhes é dado, que não sabem governar a si mesmos, que seria se as leis da Natureza estivessem ao seu julgamento, e se elas não lhes opusessem um freio salutar!

O homem pode, pois, ser livre em suas ações, apesar da fatalidade que preside ao conjunto; é livre em uma certa medida, no limite necessário para lhe deixar a responsabilidade de seus atos; se, em virtude dessa liberdade, ele perturba a harmonia pelo mal que faz, se coloca um ponto de parada à marcha providencial das coisas, ele é o primeiro a sofrer por isto, e como as leis da Natureza são mais fortes do que ele, acaba por ser arrastado na corrente; ele sente, então, a necessidade de reentrar no bem, e tudo retoma o seu equilíbrio; de sorte que o retorno ao bem é ainda um ato livre, embora *provocado*, mas não imposto, pela fatalidade.

O impulso dado pelas leis da Natureza, assim como os limites que elas colocam, são sempre bons, porque a Natureza é a obra da sabedoria divina; a resistência a essas leis é um ato de liberdade, e essa resistência arrasta sempre o mal; o homem, estando livre para observar ou infringir essas leis, no que toca à sua pessoa, é, pois, livre para fazer o bem ou o mal; se ele pudesse ser fatalmente levado a fazer o mal, essa fatalidade não podendo vir senão de uma força superior a ele, Deus seria o primeiro a infringir as suas leis.

Qual é aquele que muitas vezes não chegou a dizer: "Se eu não tivesse agido com o fiz em tal circunstância, eu não estaria na posição em que estou; se fosse para recomeçar, eu agiria de outro modo?" Não é reconhecer que estava livre de fazer ou de não fazer? que seria livre de fazer melhor uma outra vez que a ocasião se lhe apresentasse? Ora, Deus que é mais sábio do que ele, prevendo os erros nos quais ele poderia cair, o mau uso que poderia fazer de sua liberdade, lhe dá *indefinidamente* a possibilidade de recomeçar pela sucessão de suas existências corpóreas, e ele recomeçará até que, instruído pela experiência, não se engane mais de caminho.

O homem pode, pois, apressar ou retardar, segundo a sua vontade, o fim de suas provas, e é nisto que consiste a liberdade. Agradecemos a Deus por não nos ter fechado para sempre o caminho da felicidade, decidindo nossa sorte definitiva depois de uma existência efêmera, notoriamente insuficiente para alcançar o cume da escalado progresso, e por nos haver dado, pela própria fatalidade da reencarnação, os meios de adquirir sem cessar, renovando as provas nas quais fracassamos. A fatalidade é absoluta para as leis que regem a matéria, porque a matéria é cega; ela não existe senão para o próprio Espírito que é chamado para reagir sobre a matéria, em virtude de sua liberdade. Se as doutrinas materialistas fossem verdadeiras, elas seriam a mais formal consagração da fatalidade; porque se o homem não fosse senão matéria, ele não poderia ter iniciativa; ora, se vós lhe concedeis a iniciativa no que quer que seja, é que ele é livre, e se ele é livre, é que tem em si outra coisa senão a matéria. O materialismo, sendo a negação do princípio espiritual, é, por isto mesmo, a negação da liberdade; e, contradição estranha! os próprios materialistas, que proclamam o dogma da fatalidade, são os primeiros a se prevalecer, a se fazer um título de sua liberdade; a reivindicá-la como um direito em sua plenitude mais absoluta, junto daqueles que a comprimem, e sem disto desconfiar que é reclamar o privilégio do Espírito e não da matéria. Aqui se apresenta uma outra questão. A fatalidade e a liberdade são dois princípios que parecem se excluírem; a liberdade da ação individual é compatível com a fatalidade das leis que regem o conjunto, e esta ação não vem lhe perturbar a harmonia? Alguns exemplos tomados nos fenômenos mais vulgares de ordem material tornarão a solução do problema evidente.

Dissemos que as chances do acaso se equilibram com uma regularidade surpreendente; com efeito, é um resultado muito conhecido no jogo de vermelho e negro que, apesar da irregularidade de sua saída em cada lance, as cores são em número igual ao cabo de um certo número de lances; quer dizer que, sobre cem lances, haveria cinqüenta vermelhos e cinqüenta negros; sobre mil lances, quinhentos de uma e quinhentos da outra, com a aproximação de algumas unidades. Ocorre o mesmo com os números pares e ímpares e de todas as chances ditas duplas. Se, em lugar de duas cores, há três delas, haverá uma terceira chance de cada uma; se delas há quatro, uma quarta, etc. Frequentemente a mesma cor sai por séries de dois, três, quatro, cinco, seis lances seguidos; num certo número de lances, haverá tanto de séries de duas vermelhas e de duas negras, tanto de três vermelhas quanto de três negras e assim por diante; mas os lances de duas serão metade menos numerosos do que de um; os de três, o terço daqueles de um; os de quatro, o quarto, etc.

Nos dados, tendo o dado seis faces, se lançado sessenta vezes, levará a dez vezes um ponto, dez vezes dois pontos, dez vezes três pontos e assim com os outros.

Na antiga loteria da França, havia noventa números colocados numa roda; dela se tiravam cinco cada vez; os anotados em vários anos constataram que cada número saía na proporção de um para noventa e cada dezena na proporção de um para nove.

A proporção é tanto mais exata quanto o número de lances é mais considerável; sobre dez ou vinte lances, por exemplo, ela pode ser muito desigual, mas o equilíbrio se estabelece à medida que o número de lances aumenta, e isto com uma regularidade matemática. Sendo isto um fato constatado, é muito evidente que uma lei numérica preside a essa repartição, quando ela é entregue a si mesma, de que nada venha forçá-la ou entravá-la. O que se chama o acaso está, pois, submetido a uma lei matemática, ou melhor dizendo, não há acaso. A irregularidade caprichosa que se manifesta em cada lance, ou num pequeno número de lances, não impede que a lei siga o seu curso, de onde se pode dizer que há, nessa repartição, uma verdadeira fatalidade; mas essa fatalidade que preside ao conjunto, é nula, ou pelo menos inapreciável, para cada lance isolado.

Estendemo-nos um pouco sobre o exemplo dos jogos, porque é um dos mais evidentes e dos mais fáceis de verificar, pela possibilidade de multiplicar os fatos à

vontade, num curto espaço de tempo; e como a lei ressalta do conjunto dos fatos, foi esta multiplicidade que permitiu reconhecê-la, sem isto é provável que ainda se a ignorasse.

A mesma lei pode ser observada com precisão sobre as chances da mortalidade; a morte, que parece ferir indistintamente e cegamente, não se segue disto menos, em seu conjunto, uma marcha regular e constante, segundo a idade. Sabe-se pertinentemente que sobre mil indivíduos de todas as idades, num ano deles morrerá tantos de um a dez anos, tantos de dez a vinte anos, tantos de vinte a trinta anos e assim por diante; ou bem que, depois de um período de dez anos, o número de sobreviventes será de tantos de um a dez anos, de tantos de dez a vinte anos, etc.

Causas acidentais de mortalidade podem momentaneamente perturbar essa ordem, como no jogo a saída de uma longa série de uma mesma cor rompe o equilíbrio; mas, se, em lugar de um período de dez anos e de um número de mil indivíduos, estende-se a observação sobre cinquenta anos e cem mil indivíduos, encontrar-se-á o equilíbrio restabelecido.

Segundo isto, é permitido supor que todas as eventualidades que parecem ser o efeito do acaso, na vida individual, como na dos povos e da Humanidade, são reguladas por leis numéricas, e o que falta para reconhecê-las é poder abarcar com um golpe de vista uma massa mais considerável de fatos, e um espaço de tempo suficiente.

Pela mesma razão não haveria nada de absolutamente impossível em que o conjunto dos fatos de ordem moral e metafísica estivesse igualmente subordinados a uma lei numérica, cujos elementos e as bases nos são, até aqui, totalmente desconhecidos. Em todos os casos, vê-se pelo que precede, que essa lei, ou querendo-se, essa fatalidade do conjunto, não anularia, de nenhum modo, o livre-arbítrio; é o que nos propusemos demonstrar. O livre-arbítrio, não se exercendo senão sobre os pontos isolados do detalhe, não entraria mais o cumprimento da lei geral, quanto a irregularidade do lance de cada número não entrava a repartição proporcional desses mesmos números sobre um certo número de lances. O homem exerce o seu livre-arbítrio na pequena esfera de sua ação individual; essa pequena esfera pode estar na confusão, sem que isto impeça de gravitar no conjunto, segundo a lei comum, do mesmo modo que os pequenos redemoinhos causados nas águas de um rio, pelos peixes que se agitam, não impedem a massa das águas seguir o curso forçado que a lei da gravidade lhes imprime.

Tendo o homem o seu livre-arbítrio, a fatalidade não está em nada em suas ações individuais; quanto aos acontecimentos da vida privada que parecem, às vezes, atingi-lo fatalmente, eles têm duas fontes bem distintas: uns são a consequência direta de sua conduta na existência presente; muitas pessoas são infelizes, doentes, enfermas por sua falta; muitos acidentes são o resultado da imprevidência; ele não pode, pois, atribuí-los senão a si mesmo, e não à fatalidade, ou, como se diz, à sua má estrela. Os outros são inteiramente independentes da vida presente, e parecem, por isto mesmo, cheios de uma certa fatalidade; mas ainda aqui o Espiritismo nos demonstra que essa fatalidade não é senão aparente, e que certas posições penosas da vida têm sua razão de ser na pluralidade das existências. O Espírito as escolheu voluntariamente na erraticidade antes de sua encarnação, como provas para seu adiantamento; elas são, pois, o produto de seu livre-arbítrio e não da fatalidade. Se algumas vezes elas são impostas, como expiação, por uma vontade superior, e ainda em consequência das más ações voluntariamente cometidas pelo homem numa precedente existência, e não como consequência de uma lei fatal, uma vez que não teria podido evitá-las, agindo de outro modo.

A fatalidade é o freio imposto ao homem, por uma vontade superior a ele, e mais sábia do que ele, em tudo o que não é deixado à sua iniciativa; mas ela não é jamais um entrave no exercício de seu livre-arbítrio no que toca às suas ações pessoais. Ela não pode mais impor o mal do que o bem; desculpar uma ação má qualquer pela fatalidade, ou, como se diz freqüentemente, pelo destino, seria abdicar o julgamento que Deus lhe

deu para pesar o pró e o contra, a oportunidade ou a inoportunidade, as vantagens ou os inconvenientes de cada coisa. Se o acontecimento está no destino de um homem, ele se cumprirá apesar de sua vontade, e será sempre para o seu bem; mas as circunstâncias do cumprimento dependem do uso que faz de seu livre-arbítrio, e, freqüentemente, pode fazer voltar em seu detrimento o que deveria ser um bem, se age com imprevidência, e se se deixar arrastar por suas paixões. Engana-se mais ainda se toma seu desejo ou os desvios de sua imaginação por seu destino. (Ver *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. V, nº 1 a 11.)

Tais são as reflexões que nos sugeriram os três ou quatro pequenos cálculos de concordância de datas que nos foram apresentados e sobre os quais pediram a nossa opinião; elas eram necessárias para demonstrar que, em semelhante matéria, de alguns fatos idênticos não se poderia concluir em uma aplicação geral. Disto aproveitamos para resolver, por novos argumentos, a grave questão da fatalidade e do livre-arbítrio.

A GERAÇÃO ESPONTÂNEA E A GÊNESE.

Em nossa obra sobre a Gênese, desenvolvemos a teoria da geração espontânea, apresentando-a como uma hipótese provável. Alguns partidários absolutos dessa teoria se admiraram de que não a tenhamos afirmado como princípio. A isto respondemos que, se a questão está resolvida para uns, ela não o está para todo o mundo, e a prova é que a ciência está ainda dividida a esse respeito; ela é, aliás, do domínio científico, onde o Espiritismo não pode haurir, mas onde não lhe pertence de nada resolver de modo definitivo, o que não é essencialmente de sua alçada.

Do fato de que o Espiritismo assimila todas as idéias progressistas, não se segue que ele se faça o campeão cego de todas as concepções novas, por sedutoras que sejam no primeiro aspecto, com o risco de receber mais tarde um desmentido da experiência, e de se dar ao ridículo de ter patrocinado uma obra não viável. Se não se pronuncia claramente sobre certas questões controvertidas, não é, como se poderia crê-lo, para poupar as duas partes, mas por prudência, e para não avançar levemente sobre um terreno insuficientemente explorado; é porque ele não aceita as idéias novas, mesmo as que lhe parecem justas, de início senão sob o benefício de inventário, e de maneira definitiva somente quando elas chegam ao estado de verdades reconhecidas.

A questão da geração espontânea está entre elas. Pessoalmente é para nós uma convicção, e se a tivéssemos tratado numa obra comum, ateríamos resolvido pela afirmativa; mas numa obra constitutiva da Doutrina Espírita, as opiniões individuais não podem fazer lei; não estando a Doutrina fundada sobre probabilidades, não poderíamos tratar uma questão de tal gravidade, apenas desabrochada, e que está ainda em litígio entre as pessoas especiais. Afirmando a coisa sem restrição, teria sido levar prematuramente a Doutrina, o que não faríamos jamais, mesmo para fazer prevalecer as nossas simpatias.

O que, até aqui, deu força ao Espiritismo, o que dele fez uma ciência positiva e de futuro, foi que ele jamais avançou levemente; que não está constituído sobre nenhum sistema preconcebido; que ele não estabeleceu nenhum princípio absoluto sobre a opinião pessoal, nem de um homem, nem de um Espírito, mas somente depois que esse princípio recebeu a consagração da experiência, e uma demonstração rigorosa resolvendo todas as dificuldades da questão.

Quando, pois, formulamos um princípio, é que estamos assegurados de antemão da aprovação da maioria dos homens e dos Espíritos; eis porque nunca tivemos decepções; tal é também a razão pela qual nenhuma das bases que constituem a Doutrina, depois de quase doze anos, não recebeu desmentido oficial; os princípios de *O Livro dos Espíritos* foram sucessivamente desenvolvidos e completados, mas nenhum caiu em desuso, e

nossos últimos escritos não estão, sobre nenhum ponto, em contradição com os primeiros, apesar do tempo decorrido e das novas observações que foram feitas.

Isto não seria certamente o mesmo se tivéssemos cedido às sugestões daqueles que nos gritam, sem cessar, para ir mais depressa, se tivéssemos esposado todas as teorias que desabrocham à direita e à esquerda. De um outro lado, se tivéssemos escutado aqueles que nos diziam para ir mais lentamente, nós estaríamos ainda para observar as mesas girantes. Vamos em frente, quando sentimos que o tempo é propício, e vemos que os espíritos estão maduros para aceitar uma idéia nova; detemo-nos quando vemos que o terreno não está bastante sólido para nele pôr o pé. Com a nossa lentidão aparente, e a nossa circunspecção meticulosa que agrada a certas pessoas, caminhamos mais do que se tivéssemos corrido, porque evitamos de trombar no caminho. Não tendo lugar para lamentar a marcha que seguimos até o presente, dela não nos desviaremos.

Dito isto, completaremos com algumas observações o que dissemos na Gênese, quanto à geração espontânea. Sendo a Revista um terreno de estudo e de elaboração dos princípios, nela dando decididamente a nossa opinião, não tememos empenhar a responsabilidade da Doutrina, porque a Doutrina a adotará se for justa, e a rejeitará se for falsa.

É um fato hoje cientificamente demonstrado que a vida orgânica não existiu sempre sobre a Terra, e que nela teve um começo; a geologia permite seguir-lhe o desenvolvimento gradual. Os primeiros seres do reino vegetal e do reino animal que apareceram deveram, pois, se formar sem procriação, e pertencendo às classes inferiores, assim como as observações geológicas o constata. À medida que os elementos dispersos se reuniram, as primeiras combinações formaram os corpos exclusivamente inorgânicos, quer dizer, as pedras, as águas e os minerais de todas as espécies. Quando esses mesmos elementos foram modificados pela ação do fluido vital, - que não é o princípio inteligente, - formaram os corpos dotados de vitalidade, de uma organização constante e regular cada um em sua espécie. Ora, do mesmo modo que a cristalização da matéria bruta não ocorre senão quando nenhuma causa acidental vem se opor à disposição simétrica das moléculas, os corpos organizados se formam desde que as circunstâncias favoráveis de temperatura, de umidade, de repouso ou de movimento, e uma espécie de fermentação permitem às moléculas de matéria, vivificadas pelo fluido vital, se reunir. É o que se vê em todos os germes onde a vitalidade pode ficar latente durante anos ou séculos, e se manifestar num momento dado, quando as circunstâncias são propícias.

Os seres não procriados formam, pois, o primeiro escalão dos seres orgânicos, e contaram provavelmente um dia na classificação científica. Quanto às espécies que se propagam por procriação, uma opinião que não é nova, mas que se generaliza hoje sob a égide da ciência, é que os primeiros tipos de cada espécie são o produto de uma modificação da espécie imediatamente inferior. Assim é estabelecida uma cadeia ininterrupta desde o musgo e o líquen até o carvalho, e desde o zoófito, o verme da terra e do *oução* até o homem. Sem dúvida, entre o verme da terra e o homem, não se considerando senão os dois pontos extremos, há uma diferença que parece um abismo; mas quando se aproximam todos os anéis intermediários, acha-se uma filiação sem solução de continuidade;

Os partidários dessa teoria que, nós o repetimos, tende a prevalecer, e à qual nos ligamos sem reserva, estão longe de ser todos espiritualistas, e ainda menos Espíritas. Não considerando senão a matéria, fazem abstração do princípio espiritual ou inteligente. Esta questão não prejudica, pois, nada sobre afiliação desse princípio da animalidade na humanidade; é uma tese que não temos que tratar hoje, mas que já se debate em certas escolas filosóficas não materialistas. Não se trata, pois, senão do envoltório carnal, distinto do Espírito, como a casa o é de seu habitante. O corpo do homem pode, pois,

perfeitamente ser uma modificação do do macaco, sem que se siga que seu espírito seja o mesmo que o do macaco. (Gênesis cap. XI, nº15.)

A questão que se liga à formação desse envoltório não é menos importantíssima, primeiro porque ela resolve um sério problema científico, que ela destrói os preconceitos há muito tempo enraizados pela ignorância, e em seguida porque aqueles que a estudam exclusivamente, se chocarão com as dificuldades insuperáveis, quando quiserem se dar conta de todos os efeitos, absolutamente como se quisessem explicar os efeitos da telegrafia sem a eletricidade; eles não encontrarão a solução dessas dificuldades, senão na ação do princípio espiritual que deverão admitir no final das contas, para sair do impasse em que estarão empenhados, sob pena de deixarem a sua teoria incompleta.

Deixemos, pois, o materialismo estudar as propriedades da matéria; este estudo é indispensável, e o será tanto de fato: o espiritualismo não terá mais do que completar o trabalho naquilo que lhe concerne. Aceitemos as suas descobertas, e não nos inquietemos com suas conclusões absolutas, porque sua insuficiência, para tudo resolver, estando demonstrada, as necessidades de uma lógica rigorosa conduzirão forçosamente à espiritualidade; e a espiritualidade geral sendo ela mesma impotente para resolveres inumeráveis problemas da vida presente e da vida futura, encontrar-se-á a sua única chave possível nos princípios mais positivos do Espiritismo. Já vemos uma multidão de homens chegarem por si mesmos às conseqüências do Espiritismo, sem conhecê-lo, uns começando pela reencarnação, os outros pelo perispírito. Eles fazem como Pascal, que descobriu os elementos da geometria, sem estudo preliminar, e sem desconfiar de que o que acreditava ter descoberto era uma obra realizada. Um dia virá em que os *pensadores sérios*, estudando esta Doutrina com a atenção que ela comporta, ficarão todos surpresos por nela encontrarem o que procuravam, e proclamarão inteiramente um trabalho do qual não supunham a existência.

É assim que tudo se encadeia no mundo; da matéria bruta saíram os seres orgânicos cada vez mais aperfeiçoados; do materialismo sairão, pela força das coisas, e por dedução lógica, o espiritualismo geral, depois o Espiritismo, que não é outro senão o Espiritualismo precisado, apoiado sobre os fatos.

O que se passou na origem do mundo para a formação dos primeiros seres orgânicos ocorre em nossos dias, por meio do que se chama a geração espontânea? aí está a questão. Por nossa conta, não hesitamos em nos pronunciar pela afirmativa.

Os partidários e os adversários se opõem reciprocamente experiências que deram resultados contrários; mas estes últimos se esquecem de que o fenômeno não pode se produzir senão nas condições requeridas de temperatura e de arejamento; procurando obtê-lo fora dessas condições, devem necessariamente fracassar.

Sabe-se, por exemplo, que, para a eclosão artificial dos ovos, é preciso uma temperatura regular determinada, e certas precauções minuciosas especiais. Aquele que negasse essa eclosão porque não a obteve com alguns graus a mais ou a menos, e sem as precauções necessárias, estaria no mesmo caso daquele que não obteve a geração espontânea num meio impróprio, nos parece, pois, que se essa geração forçosamente se produziu nas primeiras idades do globo, não há razão que ela não se reproduza em nossa época, sendo as condições as mesmas, que não as houvesse porque não se formassem calcários, óxidos, ácidos e sais, como no primeiro período.

Está hoje reconhecido que os fiapos do mofo constituem uma vegetação que nasce sobre a matéria orgânica chegada a um certo estado de fermentação. O mofo nos parece ser o primeiro, ou dos primeiros tipos da vegetação espontânea, e esta vegetação primitiva que continua, revestindo formas diversas segundo os meios e as circunstâncias, nos dão os líquens, os musgos, etc. Quer-se um exemplo mais direto? O que são os cabelos, a barba e os pêlos do corpo dos animais, senão uma vegetação espontânea?

A matéria orgânica animalizada, quer dizer, contendo uma certa proporção de azoto, dá nascimento a vermes que têm todos os caracteres de uma geração espontânea.

Quando o homem ou um animal qualquer está vivo, a atividade da circulação do sangue e o jogo incessante dos órgãos mantêm uma temperatura e um movimento molecular que impedem os elementos constitutivos dessa geração, de se formar e de se reunir. Quando o animal está morto, a parada da circulação e do movimento, o rebaixamento da temperatura num certo limite, trazem a fermentação pútrida, e, conseqüentemente, a formação de novos compostos químicos. É então que se vêem todos os tecidos invadidos por miríades de vermes que neles se repastam, sem dúvida, para apressar-lhe a destruição. Como teriam procriado uma vez de que disso não houvessem traços antes?

Objetar-se-á, sem dúvida, os ovos depositados pelas moscas sobre a carne morta; mas isto não provaria nada, uma vez que os ovos de mosca são depositados na superfície, e não no interior dos tecidos, e que a carne, posta ao abrigo das moscas, não o é menos, ao cabo de um certo tempo, putrificada e cheia de vermes; freqüentemente mesmo, são vistos invadindo o corpo antes da morte, quando há começo parcial de decomposição pútrida, notadamente nas feridas gangrenosas.

Certas espécies de vermes se formam durante ávida, mesmo num estado aparente de saúde, sobretudo nos indivíduos linfáticos cujo sangue é pobre e que não têm a superabundância de vida que se nota nos outros; são as lombrigas ou vermes intestinais; as tênias ou vermes solitários que alcançam, às vezes, sessenta metros de comprimento, e se reproduzindo por fragmentos com os pólipos e certas plantas; os dragueiros, particulares à raça negra e a certos climas, de um comprimento de trinta a trinta e cinco centímetros, delgados como um fio, e que saem através da pele pelas pústulas; os ascarídeos, ostricocéfalos, etc. Freqüentemente formam massas tão consideráveis, que obstruem o canal digestivo, remontam ao estômago e até à boca; eles atravessam os tecidos, se alojam nas cavidades através das vísceras, se enovelam como ninhos de lagarta, e causam graves desordens na economia. Sua formação poderia bem ser também o fato de uma geração espontânea, tendo sua fonte num estado patológico especial na alteração dos tecidos, no enfraquecimento dos princípios vitais, e nas secreções mórbidas. Poderia ser o mesmo com os vermes do queijo, o ácaro da sarna, e de uma multidão de animálculos que podem nascer no ar, na água, e nos corpos orgânicos.

Poder-se-ia supor, é verdade, que os germes desses vermes intestinais são introduzidos na economia com o ar que se respira e os alimentos, e que ali desabrocham; mas então surge uma outra dificuldade; perguntar-se-ia por que a mesma causa não produz sobre todos o mesmo efeito; por que todo o mundo não tem o verme solitária, nem mesmo as lombrigas, ao passo que a alimentação e a respiração produzem em todos efeitos fisiológicos idênticos. Esta explicação, aliás, não seria aplicável aos vermes da decomposição pútrida que vem depois da morte, nem aos do queijo e tantos outros. Até prova em contrário, somos levados a considerá-los como sendo, pelo menos em parte, um produto da geração espontânea, do mesmo modo que os zoófitos e certos pólipos.

A diferença de sexos que se lhes reconheceu, acreditou-se reconhecer em alguns vermes intestinais, notadamente no tricocéfalos, não seria uma objeção concludente, tendo em vista que eles não pertencem menos à ordem dos animais inferiores, e por isto mesmo primitivos; ora, uma diferença de sexos deveu ter um começo, nada se oporia a que nascessem espontaneamente macho e fêmea.

De resto, ali não estão senão hipóteses, mas que parecem vir em apoio do princípio. Até onde se estende a sua aplicação? é o que não se saberia dizer; o que se pode afirmar é que ela deve estar circunscrita aos vegetais e aos animais da organização mais simples, e não nos parece duvidoso que assistimos a uma criação incessante.

O PARTIDO ESPÍRITA.

Os Espíritas se consideram bem como uma escola filosófica, mas jamais lhes veio ao pensamento se acreditar *um partido*; ora, eis que um belo dia o *Moniteur* lhes dá esta novidade que os surpreendeu um pouco. E quem foi que lhe deu esta qualificação? Foi um desses foliculários sem conseqüência, que lançam epítetos ao acaso, sem lhes compreender a importância? Não, é um relatório oficial feito pelo primeiro corpo do Estado, o Senado. Não é provável, pois, que, num documento dessa natureza, essa palavra tenha sido pronunciada estouvadamente; não foi, sem dúvida, a benevolência que aditou, mas foi dita, e teve êxito, porque os jornais não a deixaram cair; alguns, crendo nela encontrar uma censura a mais contra o Espiritismo, não tiveram nada de mais urgente do que exibir em suas colunas o título de: *O partido Espírita*.

Assim, essa pobre pequena escola, tão ridicularizada, tão zombada, que se propunha enviar caridosamente em massa para Charenton; sobre a qual, dizia-se, não havia senão que soprar para fazê-la desaparecer; que foi declarada vinte vezes morta e enterrada para sempre; à qual não há o mais medíocre escritor hostil que não se gabe de lhe ter dado o golpe de misericórdia, tudo em convindo, com estupefação, que ela invade o mundo e todas as classes da sociedade; da qual se quis, com toda a força, fazer uma religião, gratificando-a de templos e de sacerdotes, grandes e pequenos, que ela jamais viu, eis de repente transformada em partido. Por esta qualificação, o Sr. Genteur, o repórter do Senado, não lhe deu seu verdadeiro caráter, mas a realçou; deu-lhe uma posição, um lugar, e a colocou em relevo; porque a idéia de *partido* implica a de um certo poder; de uma opinião tão importante, bastante ativa e bastante difundida para desempenhar um papel, e com a qual é preciso contar.

O Espiritismo, por sua natureza e seus princípios, é essencialmente pacífico; é uma idéia que se infiltra sem ruído, e se encontra numerosos adeptos, é que ela satisfaz; jamais fez nem reclames nem encenação qualquer; muitas das leis naturais sobre as quais se apoia, se vendo crescer sem esforços nem abalos, não vai diante de ninguém; não violenta nenhuma consciência; diz o que é e espera que se venha a ele. Todo o barulho que se faz ao seu redor é a obra de seus adversários; é atacado, deve defender-se, mas sempre o fez com calma, moderação e unicamente pelo raciocínio; jamais se afastou da dignidade que é própria de toda causa tendo a consciência de sua força moral; jamais ele usou de represálias restituindo injúrias por injúrias, maus procedimentos por maus procedimentos. Não está aí, nisto se convirá, o caráter comum dos partidos, ativo por natureza, fomentando a agitação, e a quem tudo é bom para chegar a seus fins; mas, uma vez que se lhe deu esse nome, ele o aceita, certo de que não o desonrará por nenhum excesso porque ele repudiaria qualquer que disso se prevalecesse para suscitar a menor perturbação.

O Espiritismo prosseguia, pois, em seu caminho sem provocar nenhuma manifestação pública, tudo em aproveitando a publicidade que lhe davam os seus adversários; quanto mais sua crítica seja zombeteira, acerba, virulenta, mais ela excita a curiosidade daqueles que não o conhecem, e que, para saber em que se apoiar sobre essa suposta nova excentricidade, vão muito simplesmente se informarem na fonte, quer dizer, nas obras especiais; ele é estudado e encontrado muito diferente daquilo que se tinha dele ouvido dizer. É um fato notório que as invectivas furiosas, os anatemas e as perseguições ajudaram poderosamente à sua propagação, porque, em lugar de dele desviar, elas provocaram o seu exame, não fosse senão pelo atrativo do fruto proibido. As massas têm a sua lógica; elas dizem a si mesmas que se uma coisa nada fosse não se falaria dela, e medem a sua importância precisamente pela violência dos ataques do qual ela é objeto e pelo pavor que ela causa aos seus antagonistas.

Instruídos pela experiência, certos órgãos da publicidade se abstinham de não falar nem bem nem mal dele, evitando mesmo pronunciar-lhe o nome, de medo disso ter repercussão, limitando-se a lhe lançar, de tempos em tempos, algumas invectivas quando possíveis, e como às escondidas, quando uma circunstância o coloca forçosamente em

evidência. Alguns também guardaram o silêncio porque a idéia havia penetrado em suas fileiras e, com ela, senão talvez a convicção, pelo menos a hesitação.

A imprensa, em geral, se cala, pois, sobre o Espiritismo, quando uma circunstância, que não poderia ser o efeito do acaso, a coloca na necessidade de dele falar; e quem provocou o incidente? Sempre os adversários da idéia que, ainda desta vez, se enganaram produzindo um efeito muito contrário àquele que esperavam. Para dar maior ressonância a seu ataque eles a levam, desajeitadamente, não sobre o terreno de uma folha sem caráter oficial, cujo número de leitores é limitado, mas, por petições, à própria tribuna do Senado, onde é objeto de uma discussão e de onde saiu o nome *de partido espírita*; ora, graças aos jornais de todas as cores, obrigados a darem conta do debate, a existência deste partido foi instantaneamente revelada a toda a Europa e fora dela.

É verdade que um membro da ilustre assembléia disse que não havia senão os *simplórios* que fossem Espíritas; ao que o presidente respondeu que os simplórios também podiam formar um partido. Ninguém ignora que os Espíritas hoje são contados por milhões, e que altas notabilidades simpatizam com as suas crenças; pode-se, pois, se admirar que um epíteto tão pouco cortês e tão generalizado, tenha saído desse recinto em direção a uma notável parte da população, sem que o autor tenha refletido até onde chegaria.

De resto, os próprios jornais se encarregaram de desmentir esta qualificação, sem dúvida, não por benevolência, mas que importa! O jornal *la Liberte*, entre outros, que aparentemente não quer que se seja livre de ser Espírita, como se é judeu, protestante, saint-simoniano ou livre pensador, publicou, em seu número de 13 de junho, um artigo assinado *Liévin*, e do qual eis um extrato:

"O Sr. comissário do governo Genteur revelou ao senado a existência de um partido que não conhecemos, e que, parece, contribui como os outros, no limite de suas forças, a abalar as instituições do império. Já sua influência se fez sentir no ano último, e o partido *espírita*, - é o nome que lhe deu o Sr. Genteur, - tinha obtido do senado, sem dúvida, graças à sutileza dos meios dos quais dispõe, o retorno ao governo da famosa petição de Saint-Etienne, onde eram denunciadas, se disto se recordam, não as tendências materialistas da Escola de medicina, mas as tendências filosóficas da biblioteca da cidade. Nós tínhamos até aqui atribuído ao partido da intolerância a honra desse sucesso, e nós o considerávamos por ele como uma consolação de seu último fracasso; mas parece que tínhamos nos enganado, e que a petição de Saint-Etienne não era senão uma manobra desse partido *espírita*, cujo poder oculto parece se exercer mais particularmente em detrimento das bibliotecas.

"Segunda-feira, o Senado foi tomado de novo de uma petição onde o *partido espírita*, levantando ainda a cabeça, denunciava as tendências da biblioteca de Oullins(Rhône). Mas desta vez a venerável assembléia, posta em guarda pelas revelações do Sr. Genteur, frustrou, por uma ordem do dia unânime, os cálculos dos Espíritas. Quase sozinho, o Sr. Nisard se deixou prender neste estratagema de guerra, e estendeu de boa fé a mão a esses pérfidos inimigos. Ele lhes prestou o apoio de um relatório onde assinalava, a seu turno, os perigos dos maus livros. Felizmente, o equívoco do honrado senador não foi partilhado, e os Espíritas, reconhecidos e confusos, foram reconduzidos como o mereciam."

Um outro jornal, a *Revue politique hebdomadaire* de 13 de junho, começa assim um artigo sobre o mesmo assunto:

"Nós não conhecemos ainda todos os nossos perigos. Não era, pois, bastante o partido legitimista, o partido orleanista, o partido republicano, o partido socialista, o partido comunista e o partido vermelho, sem contar o partido liberal que a todos resume, se deles se crê o *Constitucional!* Foi bem sob o segundo império, cuja pretensão é de dissolver todos os partidos, que um novo partido deveu nascer, *crescer e ameaçar a sociedade*

francesa, o partido espírita? Sim, o partido espírita! Foi o Sr. Genteur, conselheiro de Estado, que o descobriu, e que o denunciou em pleno Senado."

Difícilmente compreender-se-á que um partido que não se componha senão de *simplórios* possa fazer o Estado correr sérios perigos; apavorar-se com ele seria fazer crer que se tem medo dos simplórios. Lançando esse grito de alarme à face do mundo, prova-se que o partido espírita é alguma coisa. Não tendo podido abafá-lo sob o ridículo, tenta-se apresentá-lo como um perigo para a tranqüilidade pública; ora, qual será o inevitável desta nova tática? Um exame tanto mais sério e mais aprofundado quanto se terá mais exaltado o perigo; quererão conhecer as doutrinas desse partido, seus princípios, sua palavra de ordem, suas afiliações. Se o ridículo lançado sobre o Espiritismo, como crença, aguçou a curiosidade, será outra coisa do momento que é apresentado como um partido de nível; cada um está interessado em saber o que ele quer, para onde conduz: é tudo o que ele pede, agindo à luz do dia, não tendo nenhuma instrução secreta fora do que é publicado e do uso de todo o mundo, ele não teme nenhuma investigação, muito *seguro*, ao contrário, de ganhar em ser conhecido, e quem o pesquisar com imparcialidade, verá em seu código moral uma poderosa garantia de ordem e de segurança. Um partido, uma vez que partido há, que inscreve sobre a sua bandeira: *Fora da caridade não há salvação*, indica muito claramente as suas tendências, para que ninguém tenha razão de temê-lo. Aliás, a autoridade, cuja vigilância é conhecida, não pode ignorar os princípios de uma doutrina que não se esconde. Não lhe faltam pessoas para dar-lhe conta do que se diz e se faz nas reuniões espíritas, e ela saberia bem chamar à ordem aqueles que dela se afastassem.

Pode-se admirar que homens que fazem profissão de liberalismo, que reclamam com grande estardalhaço a liberdade, que a querem absoluta por suas idéias, seus escritos, suas reuniões, que estigmatizam todos os atos de intolerância, entendam proscrevê-la para o Espiritismo. Mas, vede a que conseqüências a cegueira conduz! O debate, que teve lugar no Senado, foi provocado por duas petições: uma do ano último para a biblioteca de Saint-Etienne; a outra deste ano para a de Oullins, assinadas por alguns habitantes dessas cidades, e que reclamam contra a introdução, nessas bibliotecas, de certas obras, entre as quais figuram as *obras espíritas*.

Pois bem! o autor do artigo do jornal *la Liberte*, que, sem dúvida, examinou a questão um pouco levianamente, imagina que a reclamação emana do partido espírita, e conclui que este recebeu uma porretada pela ordem do dia pronunciada sobre a petição de Oullins. Eis, pois, esse partido tão perigoso muito facilmente abatido, e que peticiona para pedir a exclusão *de suas próprias obras!* esse seria verdadeiramente o partido dos simplórios. De resto, este estranho equívoco nada tem de surpreendente, uma vez que o autor declara, em começando, *que ele não conhece esse partido*, o que não o impede de declará-lo capaz de abalar as instituições do império.

Os espíritas, longe de se inquietarem com esses incidentes, devem com eles se alegrar; essa manifestação hostil não poderia se produzir em circunstâncias mais favoráveis, e a Doutrina com isto receberá certamente um novo e salutar impulso, como isto tem sido em todos os levantes, dos quais foi objeto. Quanto mais esses ataques tiveram ressonância, mais foram proveitosos. Um dia virá em que elas mudar-se-ão em aprovações abertas.

O jornal *le Siècle* de 18 de junho, também publicou seu artigo sobre o partido espírita. Cada um nele encontrará um espírito de moderação, que contrasta com os dois outros que mencionamos; nós o reproduziremos integralmente:

"Quem, pois, disse: Não há nada de novo sob o sol? O céptico que assim falasse não desconfiaria que um dia a imaginação de um conselho de Estado faria em pleno Senado a descoberta do *partido espírita*. Já contamos alguns partidos na França, e Deus sabe se os ministros oradores se fazem falta de enumerar os perigos que podem criar

essa divisão de espíritos! Há o partido legitimista, o partido orleanista, o partido republicano, o partido socialista, o partido comunista, o partido clerical, etc., etc.

"Parece que a lista não é muito grande para o Sr. Genteur. Ele vem de denunciar, aos veneráveis pais da política que têm assento no palácio de Luxembourg, a existência do *partido espírita*. Com essa revelação inesperada, um arrepio percorreu a assembléia. Os defensores das duas morais, o Sr. Nisard à frente, estremeceram.

"O que, apesar do zelo de seus inumeráveis funcionários, o império francês está ameaçado por um novo partido? - Em verdade, é o desespero da ordem pública. Como esse inimigo, até aqui invisível ao próprio Sr. Genteur, pôde se esconder de todos os olhos? Há aí um mistério que o Sr. conselheiro de Estado poderia bem, se o penetrar, nos ajudar a compreender. As pessoas oficialmente informadas afirmam que o partido espírita escondia o exército de seus representantes, os Espíritos batedores, atrás dos livros das bibliotecas de Saint-Etienne e de Oullins.

"Eis-nos, pois, retornados aos belos tempos nas histórias de fazer dormir de pé, das mesas girantes e das curas indiscretas!

Se bem que o Espiritismo, e seu primeiro apóstolo, o Sr. Delage, o mais doce dos pregadores, não tenham convencido ainda todo o mundo, no entanto chegaram a constituir um partido. Isto pelo menos se diz no Senado, e não somos nós que nos permitiremos suspeitar jamais da exatidão do que se afirma em tão alto lugar.

"A influência oculta do partido recentemente assinalado se fez sentir até a última discussão do Senado, onde o Sr. Désiré Nisard, primeiro do nome, foi muito levado pelos reacionários. Um tal papel lembrava de direito ao homem que foi, desde a sua saída da escola normal, um dos agentes mais ativos das idéias retrógradas.

"Depois disto, pode-se admirar de ouvir o honrado senador invocar o arbitrário para justificar as medidas restritivas tomadas a propósito da escolha dos livros da biblioteca de Oullins? "Esses estabelecimentos populares, disse o Sr. Nisard, são fundados por associações; elas se acham, pois, sob a ação do art. 291 do Código penal, e, conseqüentemente, à discricção do ministro do interior. Ele usou, usa e usará dessa ditadura."

"Deixamos ao *partido espírita* e ao seu Cristóvão Colombo, Sr. conselheiro de Estado Genteur, o cuidado de interrogar os Espíritos reveladores, a fim de que nos informem o que o Senado espera obter impedindo os cidadãos de compor livremente as bibliotecas populares, como isto se pratica na Inglaterra?"

ANATOLE DE LA FORGE.

O ESPIRITISMO POR TODA A PARTE.

O JORNAL LÊ SIÈCLE. - PARIS SONÂMBULO.

Há algum tempo, Lê *Siècle* publica, sob o título de *Tout Paris*, uma série de muito interessantes folhetins escritos por autores diferentes; ele teve *Paris artista*, *Paris gastronome*, *Paris plaideur*, etc. Em seu folhetim de 24 e 25 de abril de 1868, publicou *Parissomnambule*, pelo Sr. Eugène Bonnemère, o autor do *Roman de l'Avenir*. É uma exposição ao mesmo tempo científica e verdadeira das diferentes variedades de sonambulismo, na qual faz intervir, incidentemente, o Espiritismo, sob seu nome próprio, no entanto, com todas as precauções oratórias pedidas pelas exigências do jornal, do qual não queria empenhar a responsabilidade; é o que explica certas reticências. A falta de espaço não nos permitindo dele fazer tão numerosas citações quanto teríamos desejado, limitamo-nos às passagens seguintes:

"A forma mais elevada do sonambulismo, sem contradita, é o Espiritismo, que aspira passar ao estado de ciência. Ele possui uma literatura já rica, e os livros do Sr. Allan Kardec, notadamente, têm autoridade sobre a matéria."

"O Espiritismo é a correspondência das almas entre si. Segundo os adeptos desta crença, um ser invisível se coloca em comunicação com um outro chamado médium, gozando de uma organização particular que o torna apto a receber o pensamento daqueles que viveram e o escreve; seja por um impulso mecânico inconsciente, impresso à mão, seja por uma transmissão direta à inteligência dos médiuns."

"Não, a morte não existe. É o instante de repouso depois de feita a jornada e a tarefa terminada; depois, é o despertar para uma obra nova, mais útil e maior do que aquela que se vem de realizar."

"Nós partimos, levando conosco a lembrança dos conhecimentos adquiridos neste mundo; o mundo onde iremos nos dará os seus, e os agrupamos todos em feixe para com eles formar o progresso."

"É pela sucessão das gerações que a Humanidade avança, caminhando cada vez um passo a mais para a luz, porque elas chegam animadas pelas almas, sempre ingenuamente puras depois que retornam a Deus, e permanecem impregnadas dos progressos que atravessaram."

"Em conseqüências das conquistas definitivamente asseguradas, a Terra que habitamos, ela mesma, merecerá subir na escala dos mundos. Um novo cataclismo chegará; certas essências vegetais, certas espécies animais, inferiores ou malfazejas, desaparecerão como outras desapareceram outrora, para dar criações mais perfeitas, e nós nos tornaremos, ao nosso turno, um mundo no qual os seres já provados virão procurar um maior desenvolvimento. Depende de nós apressar, por nossos esforços, o advento desse período mais feliz. Nossos mortos bem-amados virão nos ajudar nessa tarefa mais difícil."

"Como se vê, essas crenças, sérias ou não, não deixam de ter uma certa grandeza. O materialismo e o ateísmo, que o sentimento humano repele com todas as suas energias, não são senão uma *inevitável reação* contra as idéias, dificilmente admissíveis pela razão, sobre Deus, a Natureza e os destinos das almas. *O Espiritismo, alargando a questão, reacende nos corações a fé prestes a se extinguir.*"

TEATRO. - CORNÉLIO. - O GALO DE MYCILLE.

Neste inverno, se desempenhou com grande sucesso, no teatro das Fantasiaes-Parisiennes, uma encantadora opereta intitulada: *l'Elixir de Cornélio* onde a reencarnação faz o próprio nó da intriga.

Eis o relatório que dela deu *Lê Siècle*, em seu número de 11 de fevereiro de 1868:

"Esse Cornélius é um alquimista que se ocupa particularmente da transmigração das almas. Tudo o que se lhe conta a esse respeito, ele escuta atentamente, como se a coisa tivesse acontecido. Ora, ele possui uma filha que não esperou a sua permissão para procurar um pretendente. Não, mas ele recusa o seu consentimento. Como, pois, fazer para vencer a sua resistência? Uma idéia: o apaixonado conta que sua filha, tendo sido sua filha, há muito tempo era um soldado, andarilho de aventuras e de becos. Nessa mesma época, ele, o apaixonado, era uma pessoa jovem encantadora que foi enganada pelo soldado improvisado. Os papéis se inverteram e ele lhe pediu para lhe restituir a sua antiga honra. "Ah! com isto tanto me dizeis!" respondeu o velho doutor convencido. E eis como um casamento a mais se realizou diante do público que, tão freqüentemente, está encarregado de substituir o prefeito. "A música é alegre como o assunto que a inspirou. Tem-se mais particularmente a observar a serenata, as tiradas de Cornélio, o dueto bufo e o final, escritos simplesmente e facilmente."

O fundo do assunto repousa aqui, como se vê, não só sobre o princípio da reencarnação, mas além disto sobre a mudança de sexo. Os assuntos dramáticos se esgotam e os autores, freqüentemente, ficam muito embaraçados para sair dos caminhos repetidos; a idéia da reencarnação vai lhe fornecer, em profusão, situações novas para todos os gêneros; aberto o caminho, é provável que todos os teatros terão logo sua peça sobre a reencarnação.

O Théâtre-Français deu, no fim do mês de maio, uma peça em que a alma desempenha o papel principal; é o *Coq de Mycille*, pelos Srs. Trianon e Eugène Nyon, e do qual eis o principal assunto.

Mycille é um jovem consertador de sapatos de Atenas; diante de sua barraca um jovem magistrado, o arconte Eucrates, habita uma deliciosa casa de mármore. O pobre consertador de sapatos envia a Eucrates suas riquezas, sua mulher, sua bela Chloé, sua cozinha, seus numerosos escravos. O opulento arconte, envelhecido antes da idade, parálitico da gota, envia a Mycille sua boa acolhida, seu brinde, o amor desinteressado que lhe testemunha uma jovem escrava, Doris. Mycille tem um galo que a jovem Doris lhe deu, e que, por seu canto matinal, desperta o arconte. Este ordena a seus escravos para espancar o consertador de sapatos se este não fizer calar seu galo; o consertador de sapatos, a seu turno, quer bater em seu galo; mas, nesse momento, o animal se metamorfoseia em homem: é o filósofo Pitágoras, cuja alma tinha vindo animar o corpo do galo, segundo a sua doutrina da transmigração. Momentaneamente, ele retomou a sua forma humana para esclarecer Mycille sobre a tolice da inveja que leva à posição de Eucrates. Não podendo persuadi-lo: "Quero te dar, disse-lhe, o meio de te esclarecer por tua própria experiência. Apanha essa pluma que fizeste cair de meu corpo de galo; introduze-a na fechadura da porta de Eucrates; logo essa porta se abrirá; tua alma passará para o corpo do arconte, e reciprocamente a alma do arconte passará para o teu corpo. No entanto, antes de nada fazer, convido-te a refletir muito. Sobre isso Pitágoras desaparece. Mycille se consulta, mas a sede do ouro o carrega, e, solicitado por diversos incidentes ele se decide, e a metamorfose se opera. Eis, pois, o consertador de sapatos tornado o rico arconte, mas doente e gotoso, e o arconte tornado consertador de sapatos. Esta transformação traz uma multidão de complicações cômicas, em consequência das quais cada um descontente de sua nova posição, retoma aquela que tinha antes.

Esta peça, como se vê, é uma nova edição da história do *consertador de sapatos e do financeiro*, já explorada sob tantas formas. O que a caracteriza é que em lugar de que seja o consertador de sapatos em pessoa, corpo e alma, que toma o lugar do financeiro, são as duas almas que trocam seus corpos. A idéia é nova, original, e os autores a exploraram muito espiritualmente; mas ela não é de nenhum modo emprestada da idéia espírita, como se havia dito; ela é tirada de um diálogo de Lucien: *O sonho e o galo*. Dela não falamos senão para salientar o erro daqueles que confundem o princípio da reencarnação com a transmigração das almas ou metempsicose.

A peça de Cornélio, ao contrário, é inteiramente no dado espírita se bem que a pretensa reencarnação do jovem e de sua jovem filha não seja senão uma invenção de sua parte para chegar aos seus fins, ao passo que esta dele se afasta completamente. Primeiro, o Espiritismo jamais admitiu a idéia da alma humana retrogradando na animalidade, porque seria a negação da lei do progresso; em segundo lugar, a alma não deixa o corpo senão na morte, e quando depois de um certo tempo passado na erraticidade, ela recomeça uma nova existência, é passando pelas fases comuns da vida: o nascimento, a infância, etc., e não pelo efeito de uma metamorfose ou substituição instantânea, que não se vê senão nos contos de fadas, que não são o evangelho do Espiritismo o que quer que seja que digam os críticos que dele não sabem mais.

No entanto, se bem que o dado seja falso em sua aplicação, ela não está menos fundada sobre o princípio da individualidade e da independência da alma; é a alma distinta do corpo e a possibilidade de reviver sobre um outro envoltório posto em ação, a

idéia com a qual é sempre útil de familiarizar a opinião. A impressão que disso resta não está perdida para o futuro, e ela é mais salutar do que as peças onde se põe em cena o descaramento das paixões.

ALEXANDRE DUMAS. - MONTE-CRISTO.

"Escutai, Valentim; jamais sentistes por alguém uma dessas simpatias irresistíveis que fazem tudo que, vendo uma pessoa pela primeira vez, credes conhecê-la há muito tempo, e vos perguntais onde e quando a vistes; se bem que, não podendo vos lembrar nem do lugar nem do tempo, chegais a acreditar que estais num mundo anterior ao nosso, e que essa simpatia não é senão uma lembrança que desperta?" (*Monte-Cristo*, 3- parte, cap. XVIII, o Recinto de luzerna.)

"Jamais ousastes vos elevar um golpe de asa nas esferas superiores que Deus povoou de seres invisíveis e excepcionais. - E vós admitis, senhor, que essas esferas existem; que os seres excepcionais e invisíveis se misturem conosco? - Por quê? É que vedes o arque respirais, e sem o qual não poderíeis viver? - Então, não vemos esses seres dos quais falais. - Se feito; vede-os quando Deus permite que se materializem..." (*Monte-Cristo*, 3- parte, cap. IX, Ideologia.)

"E eu, senhor (Villefort), eu vos digo que não é nisso que assim credes. Esta noite, dormi um sono terrível, eu me via de alguma sorte dormir, como se a minha alma tivesse já planado acima de meu corpo; meus olhos, que me esforçava para abrir, se fechavam apesar de mim; e, no entanto... com meus olhos fechados, eu vi, no lugar mesmo onde estais, entrar sem ruído uma forma branca." (*Monte-Cristo*, 4- parte, cap. XIII, senhora Mairan.)

"Uma hora antes de expirar, ele me disse: Meu pai, a fé de nenhum homem pode ser mais viva do que a minha, porque vi e ouvi falar uma alma separada de seu corpo." (*François Picaut*, continuação de *Monte-Cristo*.)

Não há, nestes pensamentos, senão uma pequeníssima crítica a fazer, é a qualificação de *excepcionais* dada aos seres invisíveis que nos cercam; esses seres nada têm de excepcionais, uma vez que são as almas dos homens, e que todos os homens, sem exceção, devem passar por este estado. Fora disso, não se dirá que essas idéias sejam hauridas textualmente na Doutrina?

BIBLIOGRAFIA.

A ALMA, demonstração de sua realidade, deduzida do estudo dos efeitos do clorofórmio e do curare sobre a economia animal, pelo Sr. RAMON DE LA SAGRA, membro correspondente do Instituto da França (Academia das ciências morais e políticas), da academia real das ciências dos Países Baixos, etc.(1). (1) Um vol. in-12, preço 2 fr. 50; pelo correio 2 fr. 75. Casa Germer-Baillière, lívr, 17, rue de l'Ecole-de-Médecine.

Dissemos, num artigo acima, página 205, que as pesquisas da ciência, mesmo tendo em vista um estudo exclusivamente material, conduziriam ao espiritualismo, pela impossibilidade de explicar certos efeitos com a ajuda unicamente das leis da matéria; de outra parte, muitas vezes repetimos que na catalepsia, na letargia, na anestesia(2)- (2) *Anesthésie*, suspensão da sensibilidade: do grego, a. *privação*, e *aisthauomai*.) pelo clorofórmio ou outras, no sonambulismo natural, no êxtase e em certos estados patológicos, a alma se revela por uma ação independente do organismo, e dá, pelo seu isolamento, a prova patente de sua existência. Não falamos nem do magnetismo, nem do sonambulismo artificial, nem da dupla vista, nem das manifestações espíritas que a ciência oficial não

reconheceu ainda, mas dos fenômenos sobre os quais ela é capaz de experimentar cada dia.

A ciência procurou a alma com o escalpelo e o microscópio no cérebro e nos gânglios nervosos, e não a encontrou; a análise dessas substâncias não lhe deu senão do oxigênio, do hidrogênio, do azoto e do carbono, de onde ela concluiu que a alma não é parte distinta da matéria. Se não encontra a razão é muito simples: ela se faz da alma uma idéia fixa preconcebida; ela se afigura dotada das propriedades da matéria tangível; é sob esta forma que a procura, e, naturalmente, não poderia reconhecê-la, mesmo que ativesse sob os olhos. Do fato de que certos órgãos são os instrumentos das manifestações do pensamento, em destruindo esses órgãos, ela detém a manifestação, tira a conseqüência, pouquíssimo filosófica, de que são esses órgãos que pensam, absolutamente como se uma pessoa que tivesse cortado o fio telegráfico e interrompido a transmissão de um telegrama, pretendesse ter destruído aquele que o enviou.

O aparelho telegráfico nos oferece, por comparação, uma imagem exata do funcionamento da alma no organismo. Suponhamos que um indivíduo receba um despacho, e que lhe ignorando a procedência, se entrega às pesquisas seguintes. Ele segue o fio transmissor até o seu ponto de partida; feito o caminho, ele procura seu remetente ao longo do fio e não o encontra; o fio o conduz a Paris, ao escritório, ao aparelho; "Foi daqui, diz ele, que o despacho partiu, disto não posso duvidar; é um fato materialmente demonstrado;" ele explora o aparelho, desmonta-o, desloca-o para nele procurar seu remetente, e não encontrando senão madeira, cobre, uma roda, ele diz a si mesmo: "Uma vez que o despacho partiu daqui, e que aqui não encontro ninguém, foi esse mecanismo que concebeu o despacho; isto me está demonstrado não menos materialmente." Nesse momento um outro indivíduo, se colocando ao lado do aparelho, se põe a repetir o despacho palavra por palavra, ele diz: "Como podeis supor, vós, homem de inteligência, que esse mecanismo de matéria inerte, destrutível, haja podido conceber o pensamento do despacho que recebestes, conhecer o fato que esse despacho vos informou? Se a matéria tivesse a faculdade de pensar, por que o ferro, a pedra, a madeira não teriam as idéias? Se essa faculdade depende da ordem e do arranjo das partes, por que o homem não construiria autômatos pensantes? Jamais vos veio ao espírito crer que essas bonecas que dizem: papá, mama, têm a consciência do que fazem? Não tendes, ao contrário, admirado a inteligência do autor desse mecanismo engenhoso?"

Aqui, o novo interlocutor é a alma que concebe o pensamento; o aparelho é o cérebro onde ele se concentra e se formula; a eletricidade é o fluido diretamente impregnado do pensamento encarregado de levá-lo ao longe, como o ar leva o som; os fios metálicos são os cordões nervosos destinados à transmissão do fluido; o primeiro indivíduo é o sábio na perseguição da alma, que segue os cordões nervosos, procura-a no cérebro, e não a encontrando ali, conclui que é o cérebro que pensa; ele não ouve a voz que lhe grita: "Obstinastes em procurar-me dentro, ao passo que estou fora, olhai ao lado e me verás; os nervos, o cérebro e os fluidos não pensam mais que o fio metálico, o aparelho telegráfico e a eletricidade; esses não são senão os instrumentos da manifestação do pensamento, engenhosamente combinados pelo inventor da máquina humana."

De todos fenômenos espontâneos bastante freqüentes, tais como a catalepsia, a letargia, o sonambulismo natural e o êxtase, mostraram a alma agindo fora do organismo; mas a ciência os desdenhou deste ponto de vista. Ora, eis que uma nova descoberta, a anestesia pelo clorofórmio, de uma incontestável utilidade nas operações cirúrgicas, e da qual, por isto mesmo se é bem forçado a estudar os efeitos, torna a cada dia a ciência testemunha desse fenômeno, colocando, por assim dizer, a alma do paciente; é a voz que grita: "Olhai, pois, fora, e não dentro, e tu me verás;" mas há pessoas que têm olhos e não vêem, ouvidos e não ouvem.

Entre os numerosos fatos desse gênero, o seguinte se produziu na prática do Sr. Velpeau:

"Uma senhora que não havia manifestado nenhum sinal de dor enquanto eu a desembaraçava de um volumoso tumor, despertou sorrindo e me disse: "Sei bem que terminou; deixai-me retornar inteiramente e vou vos explicar isto....Não senti absolutamente nada, logo acrescentou ela, mas eis como soube que estava operada. No meu sono, fui fazer uma visita a uma senhora de meu conhecimento, para conversar sobre uma criança pobre que tínhamos a colocar. Enquanto conversávamos, essa senhora me disse: Credes estar neste momento em minha casa, não é? Pois bem! minha cara amiga, enganai-vos completamente, porque estais em vossa casa, em vossa cama, onde se vos faz a operação atualmente mesmo. Longe de me alarmar com a sua linguagem, respondi-lhe ingenuamente: Ah! se é assim, peço-vos a permissão de prolongar um pouco minha visita, a fim de que tudo esteja acabado quando eu reentrar na casa. Eis como, abrindo os olhos, antes mesmo de estar inteiramente desperta, pude vos anunciar que já estava operada."

O clorofórmio oferece milhares de exemplos tão concludentes como este.

Comunicando este fato e outros análogos à Academia de ciências, em 4 de março de 1850, o Sr. Velpeau exclamou: "Que fonte fecunda para a psicologia e a fisiologia, quanto esses atos que vão até separar o espírito da matéria, ou a inteligência do corpo!"

O Sr. Velpeau, portanto, viu a alma funcionar fora do organismo; pôde constatar-lhe a existência por sua independência; ele ouviu a voz que lhe dizia: Eu estou fora e não dentro; por que, pois fez profissão de fé de materialismo? Ele disse depois que está no mundo dos Espíritos: "O orgulho do sábio, que não queria se dar um desmentido." No entanto, não teve medo de retornar sobre certas opiniões científicas errôneas que havia publicamente professado. Em seu *Tratado de medicina operatória*, ele diz: "Evitar a dor nas operações é uma quimera que não é permitido perseguir hoje. Instrumento cortante e dor, em medicina operatória, são duas palavras que não se apresentam uma sem a outra ao espírito dos doentes, e das quais é preciso admitir necessariamente a associação." O clorofórmio veio lhe dar um desmentido sobre este ponto, como sobre a questão da alma. Por que aceitou um e não o outro? mistério das fraquezas humanas!

Se, em suas lições o Sr. Velpeau tivesse dito aos seus alunos: "Senhores, se vos disse que não encontraríeis a alma na extremidade de vosso escalpelo, e se tem razão, porque ela não está ali, e lá a procuraríeis em vão como eu mesmo o fiz; mas estudai as manifestações inteligentes nos fenômenos da anestesia e tereis a prova irrecusável de sua existência; foi lá que eu a encontrei, e todo observador de boa fé a encontrará. Em presença de semelhantes fatos, não é mais possível negá-la, uma vez que se pode constatar a sua ação independente do organismo, e que se a pode isolar, por assim dizer, à vontade." Falando assim, não teria feito senão completar o pensamento que tinha emitido diante da Academia das ciências. Com uma tal linguagem, apoio da autoridade de seu nome, ele teria feito uma revolução na arte médica. Foi uma glória que ele repudiou, e que lamenta amargamente hoje, mas da qual outros herdarão.

Tal é a tese que vem de ser desenvolvida, com um notável talento, pelo Sr. Ramon de la Sagra, na obra que é objeto deste artigo. O autor nela descreve com método e clareza, do ponto de vista da ciência pura que lhe é familiar, todas as fases da anestesia pelo clorofórmio, pelo éter, pelo curare (1) (1)O curare é uma substância eminentemente tóxica, que os selvagens do Orenoco retiram de certas plantas, e com a qual umedecem a ponta das flechas que produzem ferimentos mortais.) e outros agentes, segundo as suas próprias observações e as dos mais acreditados autores, tais como Velpeau, Gerdy, Bouisson, Flourens, Simonin, etc. A parte técnica e científica nela ocupa um grande lugar, mas isso era necessário para uma demonstração rigorosa. Ela contém além disto fatos numerosos onde haurimos aquilo que reportamos acima. Igualmente lhe emprestamos as conclusões seguintes:

"Uma vez que é um fato perfeitamente constatado pelos fenômenos anestésicos, que o éter extingue a vida dos nervos condutores das impressões dos sentidos, tudo em deixando livres as faculdades intelectuais, torna-se incontestável também, que essas faculdades não dependem essencialmente dos órgãos nervosos. Ora, como os órgãos dos sentidos, que proporcionam as impressões, não agem senão pelos nervos, é claro que estes estando paralisados, todo o organismo da vida animal, da vida de relação, permanecem aniquilados para essas faculdades intelectuais que, não obstante, funcionam. Forçoso é, pois, confessar que sua existência, ou antes sua realidade, não depende essencialmente de seu organismo, e que, desde então, elas procedem de um princípio diverso dele, independente dele, podendo funcionar sem ele e fora dele.

"Eis, pois, a realidade da alma rigorosamente demonstrada, incontestavelmente estabelecida, sem que nenhuma observação fisiológica possa atingi-la. Podemos ver sair desta conclusão como jatos de luz que clareiam os horizontes distantes, que, no entanto, não abordaremos, porque esse gênero de estudo sai do quadro que nos traçamos.

"O ponto de vista psicológico sob o qual acabamos de apresentar os efeitos das substância anestésicas sobre a economia animal, e as conseqüências que disto deduzimos em favor da realidade da existência da alma, devem sugerir a esperança de que um método semelhante, aplicado ao estudo de outros fenômenos análogos da vida, poderia conduzir ao mesmo resultado.

"Nenhuma dedução poderia ser mais justa, porque os efeitos fisiológicos e psicológicos que se mostram durante a embriaguez alcoólica, o delírio patológico, o sono natural e magnético, o êxtase e mesmo a loucura, oferecem a maior semelhança, em muitos pontos, com os efeitos e substância anestésicas que acabamos de estudar nesta obra. Uma tal concordância de diversos fenômenos, procedendo de causas diferentes, em favor de uma conclusão idêntica, não deve nos surpreender. Ela não é senão a conseqüência daquilo que provamos: a *realidade da existência de uma essência distinta da matéria* no organismo humano, e à qual são devolvidas as funções intelectuais que somente a matéria jamais poderia preencher.

"Seria aqui o lugar de examinar uma outra questão, de fazer uma incursão no domínio do magnetismo animal, que sustenta a permanência das faculdades sensoriais fora dos sentidos, quer dizer, da visão, da audição, do gosto, do odor, durante a paralisia completa dos órgãos que, no estado normal, proporcionam essas impressões. Mas esta doutrina, da qual não queremos nem contestar nem sustentar a verdade, não é admitida pela ciência fisiológica, o que é suficiente para que a eliminemos de nossas pesquisas atuais."

Este último parágrafo prova que o autor fez, para a demonstração da alma, o que o Sr. Flammarion fez para a de Deus; quer dizer que teve de se colocar no próprio terreno da ciência experimental e que quis tirar unicamente dos fatos oficialmente reconhecidos, a prova de sua tese. Ele nos promete uma outra obra, que não pode deixar de ter um grande interesse, na qual serão estudados, do mesmo ponto de vista, os diversos fenômenos que não faz senão mencionar, tendo se limitado àqueles da anestesia pelo clorofórmio.

Essa prova não é certamente necessária para afirmar a convicção dos Espíritas, nem dos espiritualistas; mas, depois de Deus, a existência da alma sendo a base fundamental do Espiritismo, devemos considerar como eminentemente útil à Doutrina toda obra que tende a demonstrar-lhe os princípios fundamentais. Ora, a ação da alma, abstração feita do organismo, estando provada, é um ponto de partida que do mesmo modo que a pluralidade das existências e o perispírito cada vez mais, e por dedução lógica, conduz a todas as conseqüências do Espiritismo.

Com efeito, o exemplo reportado acima, antes de qualquer outro, do qual o Sr. Velpeau nada desconfiava publicando-o, e se tivéssemos podido citá-los todos, ver-se-ia

que os fenômenos anestésicos provam, não somente a realidade da alma, mas a do Espiritismo.

É assim que tudo concorre, como foi anunciado, para abrir o caminho da Doutrina nova; chega-se a ela por uma multidão de saídas que convergem para um centro comum, e uma multidão de pessoas lhe levam a sua pedra, uns conscientemente, os outros sem o querer.

A obra do Sr. Ramon de la Sagra é uma daquelas com a publicação das quais estamos felizes em aplaudir, porque, se bem que nela seja feita a abstração do Espiritismo, pode-se considerá-las, do mesmo modo que o *Deus na Natureza* do Sr. Flammarion, ea *Pluralidade das Existências* do Sr. Pezzani, como as monografias dos princípios fundamentais da Doutrina, às quais dão a autoridade da ciência.

ALLANKARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

11º ANO

NO. 8

AGOSTO 1868

O MATERIALISMO E O DIREITO

O materialismo, se ostentando como não o fez em nenhuma outra época, colocando-se como regulador supremo dos destinos morais da Humanidade, teve por efeito assustar as massas pelas conseqüências inevitáveis de suas doutrinas para a ordem social; por isto mesmo, provocou, em favor das idéias espiritualistas, uma enérgica reação que deve lhe provar que está longe de ter as simpatias tão gerais quanto o supõe, e que estranhamente se ilude se espera um dia impor suas leis ao mundo.

Seguramente, as crenças espiritualistas dos tempos passados são insuficientes para este século; elas não estão ao nível intelectual de nossa geração; estão, em muitos pontos, em contradição com os dados certos da ciência; elas deixam no espírito um vago incompatível com a necessidade do positivo que domina na sociedade moderna; têm, além disto, o imenso erro de se impor pela fé cega e proscrever o livre exame; daí, sem nenhuma dúvida, o desenvolvimento da incredulidade na maioria; é bem evidente que se seus homens não fossem alimentados, desde sua infância, senão de idéias de natureza a serem confirmadas mais tarde pela razão, não haveria incrédulos. Quantas pessoas levadas à crença do Espiritismo nos disseram: Se nos tivessem sempre nos apresentado Deus, a alma e a vida futura de maneira racional, jamais teríamos duvidado!

Do fato de que um princípio recebe má ou falsa aplicação, segue-se que se deve rejeitá-lo? Ocorre nas coisas espirituais como na legislação de todas as instituições sociais: é preciso apropriá-las aos tempos, sob pena de sucumbir. Mas em lugar de apresentar alguma coisa melhor do que o velho espiritualismo clássico, o materialismo preferiu tudo suprimir, o que o dispensava de procurar, e parecia mais cômodo àqueles a quem a idéia de Deus e do futura importuna. O que se pensaria de um médico que, achando que o regime de um convalescente não é bastante substancial para o seu temperamento, lhe prescrevesse não comer absolutamente nada?

O que se admira de encontrar na maioria dos materialistas da escola moderna é o espírito de intolerância levado aos seus últimos limites, eles que reivindicam, sem cessar, o direito de liberdade de consciência. Seus próprios correligionários políticos não encontram graça diante deles, desde que fazem profissão de espiritualismo, testemunha o Sr. Jules Favre a propósito de seu discurso na Academia (*Figaro*, de 8 de maio de 1868); o Sr. Camille Flammarion, injuriosamente zombado e denegrado, num outro jornal cujo nome esquecemos, porque ousou provar Deus pela ciência. Segundo o autor desse panfleto, não se pode ser sábio senão com a condição de não crer em Deus; Chateaubriand não é senão um mesquinho escritor e um caduco. Se os homens de tão incontestável mérito são tratados com tão pouco comedimento, os Espíritas não devem se lamentar de serem um pouco zombados com respeito às suas crenças.

Há, neste momento, da parte de um certo partido, um levante geral contra as idéias espiritualistas em geral, nas quais o Espiritismo se encontra naturalmente englobado. O

que ele procura não é um Deus maior e mais justo, é o Deus-matéria, menos incômodo, porque não há contas para lhe prestar. Ninguém contesta, a esse partido, o direito de ter a sua opinião, de discutir as opiniões contrárias, mas o que não se poderia lhe conceder, é a pretensão, ao menos singular para os homens que se colocam como apóstolos da liberdade, de impedir os outros de crerem à sua maneira e de discutirem as doutrinas que partilham. Intolerância por intolerância, uma não vale mais do que a outra.

Um dos melhores protestos que lemos contra as tendências materialistas foi publicado no jornal o *Droit*, sob o título de: *O materialismo e o direito*. A questão ali está tratada com uma notável profundidade e uma perfeita lógica do duplo ponto de vista da ordem social e da jurisprudência. A causa do espiritualismo sendo a do Espiritismo, aplaudimos a tão enérgica defesa da primeira, quando mesmo ali se faz abstração da segunda; é porque pensamos que os leitores da *Revista* nela verão com prazer a reprodução desse artigo.

(Extrato do jornal *lê Droit*, de 14 de maio de 1868).

A geração presente atravessa uma crise intelectual com a qual não há que se inquietar excessivamente, mas da qual seria imprudência deixar o desfecho ao acaso. Desde que a Humanidade pensa, acreditou-se na alma, princípio imaterial, distinto dos órgãos que o servem; foi feita mesmo imortal. Acreditava-se numa Providência, criadora e senhora dos seres e das coisas, no bem, no justo, na liberdade do arbítrio humano, em uma vida futura que, para valer mais do que o mundo em que estamos, não tem necessidade, como disse o poeta, senão de existir. Modernos doutores, que começam a se tornar barulhentos, mudaram tudo isso. O homem foi conduzido por eles à dignidade do animal, e o animal reduzido a um agregado material. A matéria e as propriedades da matéria, tais seriam os únicos objetos possíveis da ciência humana; o pensamento não seria senão um produto do órgão que lhe é sede, e o homem, quando as moléculas orgânicas que constituem a sua pessoa se desagregam e retornam aos elementos, pereceria inteiramente.

Se as doutrinas materialistas devessem ter jamais a sua hora de triunfo, os juriconsultos filósofos, é preciso dizê-lo em sua honra, seriam os primeiros vencidos. Que teriam a fazer assuas regras e as suas leis no mundo onde a lei da matéria fosse toda a lei? As ações humanas não podem ser senão fatos automáticos, se o homem é todo matéria. Mas, então, onde está a liberdade? E se a liberdade não existe, onde estará a lei moral? Com qual título uma autoridade qualquer poderia pretender dominar a expansão fatal de uma força toda física, e necessariamente legítima desde que ela é fatal? O materialismo arruina a lei moral, e com a lei moral o direito, a ordem civil inteiramente, quer dizer, as condições de existência da Humanidade. De tais conseqüências imediatas, inevitáveis, valem seguramente a pena que com elas sonhem. Vejamos, pois, como se reproduz essa velha doutrina materialista, que não se viu despontar, até o presente, senão nos piores dias.

Quase sempre houve materialistas, teóricos ou práticos, seja pelo desvio do sentido comum, seja para justificar hábitos inferiores de viver. A primeira razão de ser do materialismo está na enfermidade da inteligência humana. Cícero disse, em termos muito crus, que não há qualquer tolo que não tenha encontrado algum filósofo para defendê-lo: *Nihil tam absurde dici potest quod non dicatur ab aliquo philosophorum*. A segunda razão de ser está nos maus pendores do coração humano. O materialismo prático, que se reduz a algumas vergonhosas máximas, sempre apareceu nas épocas de decomposição moral ou social, como as da Regência e do Diretório. O mais freqüentemente, quando houve pretensões mais altas, o materialismo filosófico foi uma reação contra as exigências exageradas das doutrinas ultra-espiritualistas ou religiosas. Mas, em nossos dias, ele se produz com caráter novo; chama-se científico. A história natural seria toda a ciência do homem; nada existiria daquilo que ela não tem por objeto, e, como ela não tem por objeto o espírito, o espírito não existe.

Para quem quer nisto pensar, o materialismo é bem, com efeito, um perigo, não da ciência verdadeira, mas da ciência incompleta e presunçosa; é uma planta má que cresce sobre nosso solo. De onde vêm as tendências materialistas, mais ou menos reveladas por tantos sábios? De sua constante ocupação em estudar e manipular a matéria? Pode ser um pouco. Mas elas vêm, sobretudo, de seus hábitos de espírito, da prática exclusiva de seu método experimental. O método científico pode se reduzir a estes termos: Não recolher senão fatos, induzir muito prudentemente a lei desses fatos, banir absolutamente todas as procuras das causas. Não se admirará, depois disto, que inteligências de visão curta, débeis nalgum lugar, deformadas, como nos tornamos todos pelo mesmo trabalho intelectual ou físico muito contínuo, desconhecendo a existência dos fatos morais aos quais não convém a aplicação de seu instrumento lógico, e, por uma transmissão insensível, passam da ignorância metódica à negação.

No entanto, se esse método exclusivamente experimental pode se achar em falta, é bem no estudo do homem, ser duplo, espírito e matéria, cujo próprio organismo não pode ser senão o produto e o instrumento da força oculta, mas essencialmente uma, que o anima. Não se vê no organismo humano senão um agregado material! Por que cindir o homem e não querer metodicamente considerar nele um princípio, se nele há dois? Pode-se gabar pelo menos de assim explicar todos os fenômenos da vida? O materialismo fisiológico, que prepara o materialismo filosófico, mas que não o conduz necessariamente, está tocado de impossibilidade em cada passo. A vida, o que quer que se diga, é um movimento, o movimento da alma informando o corpo; e a alma é assim o motor que move e transporta, por uma ação desconhecida e inconsciente, os elementos dos corpos vivos. Em conduzindo sistematicamente o estudo do homem físico às condições do estudo dos corpos desorganizados; não vendo nas forças vivas de cada parte do organismo senão as propriedades da matéria; em localizando essas forças em cada uma dessas partes; em não considerando a vida senão como uma manifestação física, um resultado, então que ela é talvez um princípio; em descartando a unidade do princípio da vida como uma hipótese, quando isto pode ser uma realidade, sem dúvida cai-se no materialismo fisiológico, para depois escorregar rapidamente no materialismo filosófico; mas conclui-se sobre um recenseamento e um exame incompleto dos fatos; acreditou-se não caminhar senão apoiado na observação, e se afastou o fato capital que domina e determina todos os fatos particulares.

O materialismo da nova escola não é, pois, um resultado demonstrado do estudo; é uma opinião preconcebida. O fisiologista não admite o espírito; mas o que de admirar? é uma causa, e ele se põe no estudo com um método que lhe proíbe precisamente a procura das causas. Nós não queremos submeter a causado espiritualismo a uma questão de fisiologia controvertida e sobre a qual poder-se-ia nos recusar o bom direito. O sentido íntimo me revela a existência da alma com uma bem outra autoridade. Quando o materialismo fisiológico for tão verdadeiro quanto é discutível, as nossas convicções espiritualistas não ficariam menos inteiras. Por força do testemunho do senso íntimo, confirmado pelo assentimento de mil gerações que se sucederam sobre a Terra, repetiríamos o velho adágio: "A verdade não destrói a verdade," e esperaríamos o tempo que a conciliação se faça. Que peso não se sente aliviar quando se vê que, por negar a alma e dar essa declaração como um resultado da ciência, o sábio, de sua própria confissão, partiu metodicamente desta idéia de que a alma não existe!

Lemos muitos livros de fisiologia, em geral muito mal escritos; o que nos tocou foi o vício constante dos raciocínios do fisiologista organicista, quando ele sai de seu assunto para se fazer filósofo. Vê-se-o, freqüentemente, tomar um efeito por uma causa, uma faculdade por uma substância, um atributo por um ser, confundir as existências e as forças, etc., e raciocinar em consequência. Acreditar-se-ia numa aposta. Algumas vezes transpõe incríveis distâncias sem suspeitar do caminho que faz. Que espírito exato e limpo, por exemplo, nunca pôde compreender este pensamento tão conhecido de

Cabanis e de Broussais que "o cérebro produz, *segrega* o pensamento?" De outras vezes, o homem positivo, o homem da ciência, o homem da observação e dos fatos, nos dirá seriamente que o cérebro "armazena as idéias." Ainda um pouco, ele os desenhará. É isto metáfora ou aranzel?

Não se pedirá jamais à ciência natural para tomar partido pró ou contra a alma humana; mas que não se resolva ela ignorar o que não é objeto de suas investigações? Com qual direito ousa ela jurar que não há nada depois dela, depois de se ter feito uma lei de não ver? Que ela não guarde um pouco desta reserva que nos convém a todos, sobretudo àqueles que têm a pretensão de não avançar senão com certeza? A que título o anatomista tomará sobre ele declarar que a alma não existe, porque não a pode encontrar sob o seu escalpelo? Pelo menos começou ele a demonstrar rigorosamente, cientificamente, por experiências e fatos, segundo o método que ele preconiza, que seu escalpelo pode atingir tudo, mesmo um princípio imaterial?

Qualquer que o seja em todas essas questões, o materialismo se dizendo científico, sem valer mais por isto, se expõe à luz, e nos é preciso ver o que seria o direito materialista. Ai! o estado social materialista nos ofereceria um muito triste e vergonhoso espetáculo. Há uma coisa de início certa, é que, se o homem não existe senão por seu organismo, essa massa material e automática que será doravante todo o homem, provido de um encéfalo para segregar as idéias, será irresponsável por todos os movimentos que produzirá (1). (1) Como o fígado é irresponsável pela bile que secreta.

Com ela não seria preciso senão que o encéfalo de uma outra massa material ache de segregar as idéias de justiça ou de injustiça; porque essas idéias de justiça ou de injustiça não são aplicáveis senão a uma força livre, existindo por si mesma, capaz de querer e de se abster. Não se traz à razão a torrente ou a avalanche.

Portanto a liberdade, quer dizer, a vontade de agir ou de não agir, não existiria neste mundo, e o direito mais. Nesse estado, todas as forças terão um pleno e absoluto poder de expansão. Tudo será legítimo, lícito, permitido, dizemos mesmo ordenado; porque é claro que todo fato que não seja o ato de uma vontade livre, que não se produza como um ato moralmente obrigatório ou moralmente proibido, é um fato obrigatório, que pode bem vír-se chocar com um fato contrário do mesmo caráter, mas que cai, como todos os fatos físicos, sob o império inelutável das leis naturais.

Basta expor tais leis para disto fazer justiça. Foi o sistema de Spinoza, que muito resolutamente colocou o princípio do direito da força. Os fortes, diz Spinoza, são feitos para dominar os fracos ao mesmo título que os peixes para nadar, e os maiores para comer os menores. No sistema materialista, o que se chamaria o direito não poderia ser um princípio diferente. Mas que homem dotado de censo ousaria reconhecer um tal sistema, que lhe bastaria tão-somente para a refutação do materialismo, uma vez que dele decorre necessariamente? No entanto, se quer que esse princípio da força se ache de fato limitado por si mesmo? Nada se ganhará, ou pouca coisa, com esse flagrante desmentido do princípio. Admitamos, querendo-se, que a substância pensante (continuamos a falar a língua dos materialistas) concorde nos indivíduos para regularizar essa expansão da força, a que ela chegará? No máximo a um conjunto de regras que terá por base o interesse, e, ainda, como não há outras leis senão as leis da matéria, essa legislação não terá nenhum caráter obrigatório; cada um poderá infringi-la se sua matéria pensante o aconselha e se sua força o permita. Assim, nessa singular doutrina, não se teria mesmo um estado social construído sobre o plano da triste sociedade de Hobbes.

Não falamos ainda senão das condições primeiras de todo estado social. Mas em toda sociedade civilizada, consagra-se a propriedade individual; contrata-se, vende-se, louva-se, associa-se, etc. O casamento funda a família; toda uma nova ordem de relações dele nasce. Pela educação do lar e pela educação pública, as tradições se perpetuam. Assim se forma um espírito nacional e se desenvolve a civilização. Nossa sociedade

materialista terá ela seu direito civil? Impossível supô-lo; porque o direito civil, em seu conjunto, tem por princípio a justiça, e a justiça não pode ser senão uma palavra, ou uma contradição numa doutrina que não conhece senão a matéria e as propriedades da matéria. Chega-se assim, inevitavelmente, a concluir (a menos de desarrazoar a propósito) que o estado civil da sociedade materialista é o estado de bestial idade.

Não dizemos nada de mais avançando que o materialismo é destrutivo, não de tal moral, mas de toda moral; não de tal estado civil, mas de todo estado civil, de toda sociedade. É preciso recuar com ele além das regiões da barbárie, além da *selvageria*. Deve-se por isto prescrevê-lo? Não apraz a Deus. Assim reconhecido o seu caráter, não pediríamos, no entanto, que seu ensino fosse interdito, nós o defenderíamos se necessário contra toda compressão pela força, tendo em vista que o professor não fala senão em seu próprio nome. A liberdade nos é tão cara (os leitores deste jornal o sabem); ela leva consigo tais benefícios; temos uma tal confiança no bom sentido público, que não conceberíamos nenhuma inquietação em ver tudo claro, toda tribuna aberta a toda idéia.

Mas a questão não se apresentaria mais nos mesmos termos se ocorresse que o professor falasse numa cátedra do Estado, retribuída pelo orçamento. Errado ou com razão o Estado ensina; pode ensinar doutrinas cujas conseqüências mais próximas são destrutivas do Estado? Estará à discrição de todo professor fazer o Estado endossar todas as doutrinas que ele poderia conceber? A questão não é uma. Os professores do Estado são funcionários públicos; se o ensino não pode ser e não o é senão um ensino oficial. O estado é a garantia daquilo que eles dizem; *responde por eles diante da juventude e das famílias*. Se com as grandes palavras da independência do professorado se recusasse o seu controle, far-se-ia opressor do Estado, pela mais hipócrita das opressões, porque colocaria à sua conta as doutrinas que ele desaprova.

Sem dúvida, a autoridade superior deve aos seus professores, freqüentemente embranquecidos pelo estudo, consideração, comedimento, uma grande confiança, como aos seus generais, aos seus administradores e aos seus magistrados; mas ela não lhes deve o sacrifício do mandato, que é sempre presumido ter do país. O professor não é mais independente do Estado do que o general que tomasse o comando de uma insurreição.

H. THIERCELIN.

O jornal LA SOLIDARITÉ

O jornal *La Solidarité*, do qual falamos na Revista de junho de 1868, página 176, continua a se ocupar do Espiritismo, com o tom de discussão séria que caracteriza essa folha eminentemente filosófica.

Sob o título de: *Pesquisa psicológica a propósito do Espiritismo*, o número de 1^o de julho contém um artigo do qual extraímos as passagens seguintes:

"Há bem poucos jornais que possam se dizer independentes. Ouvi falar de uma verdadeira independência, aquela que permite tratar um assunto sem preocupação de partido, de Igreja, de escola, de faculdade, de academia; melhor que isto: sem preocupação do público, de seu próprio público de leitores e de assinantes, e não se inquietando senão de procurar a verdade e dizê-la. *La Solidarité* tem esta vantagem muito rara de desafiar mesmo a suspensão de assinaturas, - porque ele não vive senão de sacrifícios, - e de estar colocado muito alto nas regiões do pensamento para ter medo das flechas do ridículo.

"Tratando-se do Espiritismo, sabíamos que não satisfaríamos a ninguém, nem os crentes, nem os incrédulos; ninguém, se esses não são talvez as pessoas que não têm nenhum partido tomado sobre a questão. Aqueles sabem que não sabem. Esses são os sábios; são pouco numerosos."

O autor descreve em seguida o fenômeno material das mesas girantes, que explica pela eletricidade humana, declarando nada tendo a ver ali que acuse uma intervenção estranha. É o que dissemos desde o começo. Ele continua:

"Tanto que não se tenha senão a explicar o movimento automático dos objetos, não se tem necessidade de ir além daquilo que é adquirido nas ciências físicas. Mas a dificuldade aumenta quando se chega aos fenômenos de natureza intelectual.

"A mesa, depois de ser contentada de dançar, se coloca logo a responder às perguntas. Desde então, como duvidar que ali não houvesse uma inteligência? A crença vaga nos Espíritos havia suscitado o movimento dos objetos materiais, porque é evidente que, sem esse *a priori*, jamais não se estaria avisado de fazer as mesas girarem. Esta crença, encontrando-se confirmada pelas aparências, deveria levar a dar um passo a mais. Sendo dado o Espírito como causa do movimento das mesas, deveria vir o pensamento de interrogá-lo.

"As primeiras manifestações inteligentes, disse o Sr. Allan Kardec, ocorreram por meio das mesas se levantando e batendo com um pé um número determinado de pancadas, e respondendo, assim, *por sim* ou *por não*, segundo a convenção, a uma pergunta colocada. Obteve-se em seguida respostas mais desenvolvidas pelas letras do alfabeto: o objeto móvel batendo um número de pancadas correspondentes ao número de ordem de cada letra, chegou-se assim a formular palavras e frases respondendo às perguntas colocadas. A justeza das respostas, sua correlação excitaram a admiração. O ser misterioso que assim respondia, interrogado sobre a sua natureza, declarou que ele era *Espírito* ou *Gênio*, se dá um nome e fornece diversas informações por sua conta."

"Esse meio de correspondência era longo e incômodo, como o observa muito justamente o Sr. Allan Kardec. Não tardou a substituir a cestinha, depois a prancheta. Hoje, esses meios estão geralmente abandonados, e os crentes se reportam ao que escreve maquinalmente a mão do *médium*, sob o ditado do Espírito.

"É difícil saber qual é a parte do médium nos produtos mais ou menos inspirados de sua pena; não é mais fácil do que determinar o grau de automatismo de uma cestinha ou de uma prancheta, quando estes objetos são colocados sob mãos vivas. Mas a correspondência pela mesa, se ela é lenta e pouco cômoda, permite constatar a passividade do instrumento. Para nós, a relação intelectual por meio da mesa está tão bem estabelecida quanto a da correspondência telegráfica. O fato é real. Somente trata-se de saber se o correspondente de além-túmulo existe. Há um Espírito, um ser invisível com o qual se corresponde, ou bem os operadores são vítimas de uma ilusão e não estão em relação senão consigo mesmos? Tal é a questão.

"Atribuimos à eletricidade emitida pela máquina humana os movimentos mecânicos das mesas, não procuramos em outra parte senão na alma humana o agente que imprime, a esses movimentos, um caráter inteligente. Em se representando a eletricidade como um fluido elástico de extrema sutileza, que se interpõe entre as moléculas dos corpos e as rodeia como a de uma atmosfera, pode-se muito bem compreender que a alma, graças a esse envoltório, faça sentir sua ação sobre todas as partes do corpo, sem nele ocupar um lugar determinado, e que a unidade do *eu* esteja por toda a parte ao mesmo tempo onde pode chegar a sua atmosfera. A ação por contato ultrapassa, então, a periferia do corpo, e as vibrações etéreas ou fluídicas, em se comunicando de uma atmosfera à outra, podem produzir, entre os seres em relação, efeitos à distância. Aí está todo um mundo a estudar. As forças neles se influenciam e se transformam segundo as leis dinâmicas que nos são conhecidas, mas seus efeitos variam com o ritmo dos movimentos moleculares e segundo esses movimentos se exerçam por vibração, ondulação ou oscilação. Mas, quaisquer que sejam essas teorias que estão longe de atingir a positividade necessária para tomar lugar na ciência, nada se opõe a que consideremos o *eu* humano como estendendo à mesa a ação de sua espontaneidade,

dela se servindo como de um apêndice ao seu sistema nervoso, para manifestar os movimentos voluntários.

"O que mais freqüentemente ilude nessas espécies de correspondências telegráficas, é que o *eu* de cada assistente não pode mais se reconhecer na resultante da coletividade. A representação subjetiva que se faz no espírito do médium pelo concurso dessa espécie de fotografia pode não se assemelhar a nenhum dos assistentes, se bem que a maioria, sem dúvida, disso tenha fornecido alguns traços. No entanto, é raro, observando-se com cuidado, que não se encontra mais particularmente a imagem de uns dos operadores que foi um instrumento passivo da força coletiva. Não é um Espírito ultramundano que fala na sala, é o espírito do médium, mas o espírito do médium duplicado talvez do espírito de tal assistente que o domina, freqüentemente com o desconhecimento de um e do outro, e exaltado pelas forças que lhe vêm, como de diversas correntes eletromagnéticas, do concurso dado pelos assistentes (1). (1) Ver, para a resposta à várias proposições contidas neste artigo, *O Livro dos Médiuns*, cap. IV, *Sistemas*. - Introdução de *O Livro dos Espíritos*. - *O que é o Espiritismo?* cap. I, *Pequena conferência*.

"Vimos muitas vezes a personalidade do médium se trair por faltas de ortografia, por erros históricos ou geográficos que ele comete habitualmente e que não podem ser atribuídos a um *Espírito* verdadeiramente distinto de sua própria pessoa.

"Uma coisa das mais comuns nos fenômenos dessa natureza é a revelação de segredos que o interrogador não acredita conhecidos de ninguém; mas ele esquece que esses segredos são conhecidos daquele que interroga, e que o médium pode ler em seu pensamento. É preciso para isto uma certa relação mental; mas essa relação se estabelece por uma derivação da corrente nervosa que envolve cada indivíduo, quase como se poderia desviar a centelha elétrica interceptando a linha telegráfica e nela substituindo um novo fio condutor. Uma tal faculdade é muito mais rara do que se pensa. A comunicação de pensamento é um fato admitido por todas as pessoas que se ocupam do magnetismo, e é fácil, a cada um, se convencer da freqüência e da realidade do fenômeno.

"Somos obrigados a deslizar sobre essas explicações muito imperfeitas. Elas não bastam, nós o sabemos, para infirmar a crença dos Espíritos naqueles que crêem ter provas sensíveis de sua intervenção.

"Não podemos lhes opor provas da mesma natureza. A crença nas individualidades espirituais não só nada tem de irracional, mas não a temos por muito natural. Nossa convicção profunda, sabe-se, é que o *eu* humano persiste em sua identidade depois da morte, e que ele se reencontra, depois de sua separação do organismo terrestre, com todas as suas aquisições. Que a pessoa humana, então, esteja revestida de um organismo de natureza etérea, é o que nos parece perfeitamente provável. O *perispírito* desses senhores, portanto, não nos repugna. O que é, pois, que nos separa? Nada de fundamental. Nada, se isso não é a insuficiência de suas provas. Não achamos que as relações espíritas entre os mortos e os vivos sejam constatadas pelos movimentos das mesas, pelas correspondências, pelos ditados. Cremos que os fenômenos físicos se explicam fisicamente, e que os fenômenos psíquicos são *causados* pelas forças inerentes à alma dos operadores. Falamos daquilo que vimos e estudamos com muito cuidado. Não conhecemos nada até aqui entre as inspirações dos médiuns que não tenha sido podido produzir por um cérebro vivo sem o concurso de alguma força celeste, e a maioria de suas produções estão abaixo do nível intelectual do meio em que vivemos.

"Num próximo artigo, examinaremos as doutrinas filosóficas e religiosas do *Espiritismo*, e notadamente aquelas das quais o Sr. Allan Kardec apresentou a síntese em seu último volume, intitulado *A Gênese Segundo o Espiritismo*."

Sem dúvida, haveria muitas coisas a se responder sobre este artigo; no entanto, não o refutaremos, porque isso seria repetir o que muitas vezes escrevemos sobre o mesmo

assunto. Estamos felizes em reconhecer, com o autor, que a distância que o separa ainda de nós é pouca coisa: não é senão o fato material das relações diretas entre o mundo visível e o mundo invisível; e, no entanto, essa pouca coisa é muito pelas suas conseqüências.

De resto, há se anotar que, se ele não admite essas relações, não as nega, não mais, de maneira absoluta; não repugna mesmo à sua razão conceber-lhe a possibilidade; com efeito, esta possibilidade decorre muito naturalmente daquilo que ele admite. O que lhe falta, disse ele, são as provas do fato das comunicações. Pois bem! essas provas lhe chegarão cedo ou tarde; ele as encontrará, seja na observação atenta das circunstâncias que acompanham certas comunicações medianímicas, seja na inumerável variedade das manifestações espontâneas que se produziram antes do Espiritismo, e se produzem ainda nas pessoas que não o conhecem ou não crêem nele, e nas quais, conseqüentemente, não se poderia admitir a influência de uma idéia preconcebida. Seria preciso ignorar os primeiros elementos do Espiritismo para crer que o fato das manifestações não se produzem senão entre seus adeptos.

À espera, e então mesmo que ali deveria se deter a sua convicção, seria a desejar que todos os materialistas o fossem nesse ponto; devemos, pois, nos felicitar de contá-lo entre os homens de valor pelo menos simpáticos à idéia geral, e dever um jornal recomendável por seu caráter sério e sua independência, combater conosco a incredulidade absoluta em matéria de espiritualidade, tão bem quanto os abusos que fizeram do princípio espiritual. Caminhamos para o mesmo objetivo por caminhos diferentes, mas convergindo para um ponto comum e se aproximando cada vez mais as idéias; algumas dissidências sobre as questões de detalhe não devem nos impedir de nos estendermos a mão.

Neste tempo de efervescência e de aspiração para um melhor estado de coisas, cada um traz a sua pedra na edificação do mundo novo; cada um trabalha de seu lado, com os meios que lhes são próprios; o Espiritismo traz o seu contingente que não está ainda completo; mas como ele não é exclusivo, não rejeita nenhum concurso; aceita o bem que pode servir à grande causa da Humanidade, de qualquer parte que venha, fosse mesmo da de seus adversários.

Assim como dissemos em começando, não empreendemos refutar a teoria exposta no *Solidarité* sobre a fonte das manifestações inteligentes, dela não diremos senão poucas palavras.

Essa teoria não é outra, como se vê, senão um dos primeiros sistemas eclodidos na origem do Espiritismo, quando a experiência não tinha ainda elucidado a questão; ora, é notório que essa opinião está hoje reduzida a algumas raras individualidades. Se ela estivesse com a verdade, por que não teria prevalecido? Como se daria que milhões de Espíritas, que experimentam há quinze anos no mundo inteiro em todas as línguas, que se recrutam em maioria na classe esclarecida, que contam em suas fileiras homens de saber e de incontestável valor intelectual, tais como os médicos, os engenheiros, os magistrados, etc., tenham constatado a realidade das manifestações, se ela não existisse? Pode-se, razoavelmente, admitir que todos se tenham iludido? Que não se tenham encontrado entre eles homens dotados de muito bom senso e de perspicácia para reconhecer a verdadeira causa? Essa teoria, como dissemos, não é nova, e não passou desapercibida entre os Espíritas; ao contrário, ela foi seriamente meditada e explorada por eles, e é precisamente por que foi desmentida pelos fatos, impossibilitada de explicá-los todos, que ela foi abandonada.

É um grave erro crer que os Espíritas vieram com a idéia preconcebida da intervenção dos Espíritos nas manifestações; se foi assim com alguns, a verdade é que a maioria não chegou à crença senão depois de ter passado pela dúvida ou pela incredulidade.

É igualmente um erro crer que, sem o *a priori!* da crença nos Espíritos jamais se teria achado em fazer girar as mesas. O fenômeno das mesas girantes e falantes era conhecido do tempo de Tertuliano, e na China de tempo imemorial. Na Tartária e na Sibéria, conheciam as *mesas voadoras* (1). (1) Revista Espírita, de outubro de 1859, página 279.

Em certas províncias da Espanha, servem-se de peneiras mantidas suspensas pelas pontas de tesouras. Aqueles que interrogam crêem que são os Espíritos que respondem? De modo algum; perguntai-lhes o que é, disto nada sabem: é a mesa, é a peneira dotadas de um poder desconhecido; eles interrogam esses movimentos como os de uma varinha mágica, sem irem além do fato material.

Os fenômenos Espíritas modernos não começaram pelas mesas, mas por pancadas *espontâneas*, batidas nas paredes e nos móveis; esses ruídos espantaram, surpreenderam; seu modo de percussão tinha alguma coisa de insólita, um caráter intencional, uma persistência que parecia chamar a atenção sobre um ponto determinado, como quando alguém bate para advertir. Os primeiros movimentos das mesas ou outros objetos foram igualmente espontâneos, como o são ainda hoje em certos indivíduos que não têm nenhum conhecimento do Espiritismo. É aqui como na maioria dos fenômenos naturais que se produzem naturalmente, e passam, no entanto, desapercibidos, ou cuja causa permanece ignorada, até o momento em que os observadores sérios e mais esclarecidos lhes prestam sua atenção, os estudam e os exploram.

Assim, de duas teorias contrárias, negadas na mesma época, uma cresce com o tempo em consequência da experiência, se generaliza, ao passo que a outra se extingue; em favor da qual há presunção de verdade e de sobrevivência? Não damos isto como uma prova, mas como um fato que merece ser levado em consideração.

O Sr. Fauvety se apoia sobre que nada encontrou nas comunicações medianímicas que ultrapasse a capacidade do cérebro humano; está ainda aí uma velha objeção cem vezes refutada pela própria Doutrina Espírita. É que o Espiritismo jamais disse que os Espíritos fossem seres fora da Humanidade? Elevem, ao contrário, *destruir o preconceito*, que faz deles seres excepcionais, anjos ou demônios, intermediários entre o homem e a divindade, espécie de semi-deuses.

Ele repousa sobre este princípio de que os Espíritos não são outros senão os homens despojados de seu envoltório material ;que o mundo visível se derrama incessantemente no mundo invisível pela morte, e este no mundo carnal pelos nascimentos.

Desde que os Espíritos pertencem à Humanidade por que gostar-se-ia que tivessem uma linguagem sobre-humana? Sabemos que alguns dentre eles dela não sabem mais, e, freqüentemente, muito menos do que certos homens, uma vez que se instruem com estes últimos; aqueles que não eram capazes de fazer obras-primas quando vivos, não as farão mais como Espíritos; o Espírito de um Hotentote não falará como um acadêmico, e o Espírito de um acadêmico, que não é senão um ser humano, não falará como um deus.

Não é, pois, na excentricidade de suas idéias e de seus pensamentos, na superioridade excepcional e de seu estilo, que se deve procurar a prova da origem espiritual das comunicações, mas nas circunstâncias que atestam que, numa multidão de casos, o pensamento não pode vir de um encarnado, fosse ele mesmo da última trivialidade.

Desses fatos ressalta a prova da existência do mundo invisível no meio do qual vivemos, e por isto os Espíritos do mais baixo estágio o provam tão bem quanto os mais elevados. Ora, a existência do mundo invisível em nosso meio, parte integrante da Humanidade terrestre, escoadouro das almas desencarnadas, e fonte das almas encarnadas, é um fato capital, imenso; é toda uma revolução nas crenças; é a chave do passado e do futuro do homem, que procuraram em vão todas as filosofias, como os sábios procuraram em vão a chave dos mistérios astronômicos, antes de conhecerem a

lei de gravitação. Que se siga a fieira das conseqüência forçadas deste único fato: a existência do mundo invisível ao nosso redor, e se chega a uma transformação completa, inevitável, nas idéias, à destruição dos preconceitos e dos abusos que deles decorrem, e, conseqüentemente, a uma modificação das relações sociais.

Eis para onde tende o Espiritismo. Sua doutrina é o desenvolvimento, a dedução das conseqüências do fato principal que vem revelar a existência; estas conseqüências são inumeráveis, porque, passo a passo, elas tocam a todos os ramos da ordem social, ao físico tanto quanto ao moral. É o que compreendem todos aqueles que se deram ao trabalho de estudá-lo seriamente, e que se o compreenderá, ainda mais, mais tarde, mas não aqueles que, não lhe tendo visto senão a superfície pensam que está inteiramente numa mesa que gira ou nas pueris questões de identidade de Espíritos.

Para maior desenvolvimento sobre certas questões tratadas neste artigo, remetemos ao primeiro capítulo de *A Gênese: Caráter da revelação espírita*. (1) (1) Publicado em brochura separada; preço 15, pelo correio 20 c.

O PARTIDO ESPÍRITA

Um de nossos correspondentes de Sens nos transmitiu as observações seguintes, sobre a qualificação de *partido* dada ao Espiritismo, a propósito de nosso artigo do mês de julho, sobre o mesmo assunto.

"Num artigo do último número da Revista, intitulado: *O partido espírita*, dissestes que, uma vez que se dá esse nome ao Espiritismo, ele o aceita. Mas deve-se aceitá-lo? isto merece talvez um exame sério.

"Todas as religiões, assim como o Espiritismo, não ensinam senão que todos os homens são irmãos, que são todos os filhos de um mesmo pai que é Deus? Ora, deveria haver partidos entre os filhos de Deus? Não é uma ofensa ao Criador? porque o próprio dos partidos é armar os homens uns contra os outros; e pode a imaginação conceber crime maior do que armar os filhos de Deus uns contra os outros?

"Tais são, senhor, as reflexões que acreditei dever submeter à nossa apreciação; talvez seria oportuno submetê-los também à dos benevolentes Espíritos que guiam os trabalhos do Espiritismo, a fim de conhecer a sua opinião. Talvez esta questão seja mais grave do que parece à primeira vista; de minha parte, me repugnaria pertencer a um partido; creio que o Espiritismo deve considerar os partidos como uma ofensa a Deus."

Somos perfeitamente da opinião de nosso honrado correspondente, cuja intenção não podemos senão louvar; cremos, no entanto, seus escrúpulos um pouco exagerados no caso do qual se trata, por falta, sem dúvida, de ter examinado suficientemente a questão.

A palavra *partido* implica, por sua etimologia, a idéia de divisão, de cisão, e, conseqüentemente, a de luta, de agressão, de violência, de intolerância, de ódio, de animosidade, de vingança, todas coisas contrárias ao espírito do Espiritismo. Não tendo o Espiritismo nenhum desses caracteres, uma vez que os repudia, por suas próprias tendências não é um partido na acepção vulgar da palavra, e nosso correspondente tem grande razão em repelir essa qualificação, desse ponto de vista.

Mas ao nome de *partido* se liga também a idéia de um poder, físico ou moral, bastante forte para pesai na balança, bastante preponderante para que se pode contar com ele; em aplicando-o ao Espiritismo, pouco conhecido ou desconhecido, era lhe dar uma ato de notoriedade de existência, um lugar entre as opiniões, constatara sua importância, e, como conseqüência, provocar-lhe o exame, o que não cessa de pedir. Sob este aspecto, deveria tanto menos repudiar essa qualificação, tudo em fazendo suas reservas sobre o sentido a ela ligado, que, partido do alto, dá um desmentido oficial

àqueles que pretendem que o Espiritismo é um mito sem consistência, que se tenham gabado de tê-lo enterrado vinte vezes. Pode-se julgar da importância dessa palavra no ardor da inabilidade com a qual certos órgãos da imprensa dele se apoderaram para dele fazerem um espantalho.

Foi por esta consideração, e nesse sentido, que dissemos que o Espiritismo aceita o título de partido, uma vez que se lho dá, por que cresceu aos olhos do público; mas não entendemos fazê-lo perder a sua qualidade essencial, a de doutrina filosófica moralizadora, que faz a sua glória e a sua força; longe de nós, pois, o pensamento de transformar em *partidários* os adeptos de uma doutrina de paz, de tolerância, de caridade e de fraternidade. A palavra *partido*, aliás, não implica sempre a idéia de luta, de sentimentos hostis; não se diz: o partido da paz, o partido das pessoas honestas? O Espiritismo já provou, e provará sempre, que pertence a esta categoria.

De resto, o que quer que se faça, o Espiritismo não pode se impedir de ser um partido. O que é, com efeito, um partido, abstração feita da idéia de luta? é uma opinião que não é partilhada senão por *uma parte* da população; mas esta qualificação não é dada senão às opiniões que completam um número de adeptos bastante considerável para chamar a atenção e desempenhar um papel. Ora, a opinião Espírita não sendo ainda a de todo o mundo, é necessariamente um partido em relação às opiniões contrárias que o combatem, até que as tenha ligado todas. Em virtude desses princípios, ele não é agressivo; não se impõe; não subjuga; não pede para ele senão a liberdade de pensar à sua maneira, seja; mas do momento que é atacado, tratado como pária, ele deve se defender, e reivindicar para si o que é de direito comum; deve, é seu dever, sob pena de ser acusado de negar a sua causa que é a de todos seus irmãos em crença, que não poderá abandonar sem negligência. Ele entra, pois, forçosamente luta, por repugnância que disto sinta; não é o inimigo de ninguém, é verdade; mas tem inimigos que procuram esmagá-lo: é por sua firmeza, sua perseverança e sua coragem que lhes imporá; suas armas são diferentes daquelas de seus adversários, é ainda verdade; mas nisto não é menos para eles, e malgrado a si, um partido, o que não lhe teriam dado este título, se não o tivessem julgado bastante forte para contrabalançá-los.

Tais são os motivos pelos quais acreditamos que o Espiritismo poderia aceitar a qualificação de partido que lhe está sendo dada por seus antagonistas, sem que a tivesse tomado por si mesmo, por que seria levantar a luva que lhe era lançada; pensamos que ele o poderia sem repudiar os seus princípios.

PERSEGUIÇÕES.

Pelo fim de 1864, uma perseguição foi pregada contra o Espiritismo, em diversas cidades do Sul, e seguida de alguns efeitos. Eis um extrato de um desses sermões que nos foi enviado na época, com todas as indicações necessárias para constatar-lhe a autenticidade; apreciar-se-á nossa reserva em não citar nem os lugares, nem as pessoas.

"Fugi, cristãos; fugi desses homens perdidos, e essas mulheres más que se dão a práticas que a Igreja condena! Não tenhais nenhum comércio com esses loucos e essas loucas;

abandonai-os a um isolamento absoluto. Fugi deles ou de pessoas perigosas. Não os suporteis ao vosso lado, e expulsai-os do lugar santo, cuja indignidade lhes interdita o acesso.

"Vede esses homens *perdidos* e essas mulheres más que se escondem na sombra, e que se reúnem em segredo para propagarem suas ignóbeis doutrinas; segui-os comigo em seus *antros*; não se diriam os conspiradores de baixa condição social divertindo-se nas trevas para ali formar seus infames complôs? Eles conspiram claramente, com efeito, com a ajuda de Satã, contra nossa santa mãe, a Igreja que Jesus estabeleceu para reinar

sobre a Terra. Que fazem ainda esses homens ímpios e essas mulheres sem vergonha? Eles *blasfemam Deus*; negam as sublimes verdades que, durante os séculos, inspiraram o mais profundo respeito aos seus ancestrais; eles se enfeitam de uma falsa caridade da qual não conhecem senão o nome, e que lhes serve de manto para esconder sua *ambição*. Eles se introduzam, como os lobos raptadores, em vossas residências para seduzir vossas filhas e vossas mulheres e querem vos perder a todos sem retorno; mas vós expulsareis de vossa presença como seres malfazejos!

"Compreendestes, cristãos! quem são aqueles que eu assinalo à vossa reprovação! São os *Espíritas*! E por que eu não os nomeei? É tempo de repeli-los e de maldizer as suas doutrinas infernais!"

Os sermões deste gênero estavam na ordem do dia naquela época. Se exumamos este documento de nossos arquivos, depois de quatro anos, foi para responder à qualificação de *partido perigoso*, dada nestes últimos tempos aos Espíritas por certos órgãos da imprensa. Na circunstância precitada, de que lado foi a agressão, a provocação, em uma palavra, o espírito de partido? Podia-se levar mais longe a excitação ao ódio dos cidadãos uns contra os outros, à divisão das famílias? De tais pregações não lembram as da época desastrosa em que essas mesmas regiões foram ensangüentadas pelas guerras de religião em que o pai estava armado contra o filho, e o filho contra o pai? Não os julgaremos do ponto de vista da caridade evangélica, mas no da prudência. É bem político excitar assim as paixões fanáticas numa região onde o passado é ainda tão vivo? onde a autoridade, freqüentemente, tem dificuldade em prevenir os conflitos? É prudente ali passear novamente os brandões da discórdia? Querer-se-ia, pois, renovar ali a cruzada contra os Albigenses e a guerra dos Cévennes? Quantos sermões semelhantes foram pregados contra os protestantes, e as represálias sangrentas eram inevitáveis. O mesmo se faz hoje ao Espiritismo, porque não tendo ainda existência legal, se crê tudo permitido a seu respeito.

Pois bem! qual foi, em todos os tempos, a atitude dos Espíritas em presença dos ataques dos quais foi objeto? A da calma e da moderação. Não se deveria abençoar uma doutrina cuja força é bastante grande para pôr um freio às paixões turbulentas e vingativas? Observai, no entanto, que os Espíritas não formam em nenhuma parte um corpo constituído; que não são arregimentados em congregações obedecendo a uma palavra de ordem; que não há entre eles nenhuma filiação patente ou secreta; eles sofrem muito simplesmente e individualmente a influência de uma idéia filosófica, e esta idéia, livremente aceita pela razão e não imposta, basta para modificar suas tendências, porque têm a consciência de estar na verdade. Eles vêem essa idéia crescer sem cessar, se infiltrar por toda a parte, ganhar terreno cada dia; eles têm fé em seu futuro, porque ela está segundo os princípios da eterna justiça, responde às necessidades sociais, e se identifica com o progresso, cuja marcha é irresistível; é porque são calmos diante dos ataques dos quais ela é objeto; creiam dar uma prova de desconfiança em sua força, se a sustentassem pela violência e por meios materiais. Eles se riem desses ataques, uma vez que eles não chegaram senão a propagá-la mais rapidamente, atestando a sua importância.

Mas os ataques não se limitam à idéia. Se bem que a cruzada contra os Espíritas não seja mais abertamente pregada, como o era há alguns anos, seus adversários não se lhes tornaram mais benevolentes, nem mais tolerantes; a perseguição que não lhes é menos exercida sendo possível e de mão oculta contra os indivíduos que ela atinge, não somente na liberdade de sua consciência, que é um direito sagrado, mas mesmo em seus interesses materiais. Na falta de raciocínio, os adversários do Espiritismo esperam ainda derrubá-lo pela calúnia e pela compressão; eles se enganam, sem dúvida, mas à espera há algumas vítimas. Ora, não é preciso dissimular que a luta não está terminada; os adeptos devem, pois, se armar de resolução para caminhar com firmeza no caminho que lhes está traçado.

Não foi somente em vista do presente, mas sobretudo em previsão do futuro, que acreditamos dever reproduzir a instrução adiante, sobre a qual chamamos a séria atenção dos adeptos. Ela é, além disto, um desmentido dado àqueles que procuram apresentar o Espiritismo como um partido perigosos para ordem social. Queira Deus que todos os partidos não obedeam senão a semelhantes inspirações: a paz não tardaria a reinar sobre a Terra.

(Paris, 10 de dezembro de 1864; méd. Sr. Delanne.)

Meus filhos, estas perseguições, como tantas outras, cairão e não podem ser nocivas à causa do Espiritismo; os bons Espíritos velam pela execução das ordens do Senhor: nada tendes a temer; no entanto, é uma advertência para vos manter em guarda e agir com prudência. É uma tempestade que estoura, como é preciso esperar ver estourar muitas outras, assim como vos anunciamos; porque não se deve crer que os vossos inimigos se darão facilmente por batidos; não, eles lutarão pé a pé até que estejam convencidos da impossibilidade. Deixai-os, pois, lançar seu veneno sem vos inquietar do que possam dizer, uma vez que sabeis bem que nada podem contra a doutrina que deve triunfar assim mesmo; eles bem o sentem, e está aí o que os exaspera e redobra o seu furor.

Deve-se esperar que, na luta, farão algumas vítimas, mas aí está a prova pela qual o Senhor reconhecerá a coragem e a perseverança de seus verdadeiros servidores. Que mérito teríeis em triunfar sem dificuldade? Como valentes soldados, as feridas serão as mais recompensadas; e que glória para aqueles que saírem da refrega mutilados e cobertos de honrosas cicatrizes! Se um povo inimigo viesse invadir vosso país, não sacrificaríeis os vossos bens, a vossa vida por sua independência? Porque, pois, os lamentaríeis por alguns salpicos que recebeis numa luta da qual conheceis o resultado inevitável, e onde estais assegurados da vitória? Agradecei, pois, a Deus por vos ter colocado na primeira linha, para que sejais os primeiros a recolherem as palmas gloriosas que serão o prêmio de vosso devotamento à santa causa. Agradecei aos vossos perseguidores que vos dão a oportunidade de mostrar a vossa coragem e de adquirir mais mérito. Não vades à frente da perseguição, nem a procureis; mas se ela vem, aceitai-a como uma das provas da vida, porque é uma delas, e uma das mais proveitosas para o vosso adiantamento, segundo a maneira pela qual a suportardes. Ocorre com esta prova como todas as outra: pela vossa conduta, podeis fazer que ela seja fecunda ou sem fruto para vós.

Vergonha para aqueles que tiverem recuado e que tiverem preferido o repouso da Terra ao que lhes estava preparado, porque o Senhor levará em conta seus sacrifícios! Ele lhes dirá: "Que pedis, vós que nada perdestes, nada sacrificastes; que não renunciastes nem a uma noite de vosso sono, nem a um pedaço de vossa mesa, nem deixado uma parte de vossas vestes no campo de batalha? Que fizestes durante esse tempo? enquanto os vossos irmãos corriam diante do perigo? Vós vos mantivestes afastados para deixar passar a tempestade e vos mostrar depois do perigo, ao passo que os vossos irmãos estavam resolutamente lutando."

Pensai nos mártires cristãos! Eles não tinham como vós as comunicações incessantes do mundo invisível para reanimar a sua fé, e, no entanto, não recuavam diante do sacrifício nem de sua vida, nem de seus bens. De resto, o tempo dessas cruéis provas passou; os sacrifícios sangrentos, as tortura, as fogueiras não se renovarão mais; as vossas provas são mais morais do que materiais; por conseguinte, serão menos penosas, mas nem por isto serão menos merecedoras, por que tudo é proporcional ao tempo. Hoje é o espírito que domina; é porque o espírito sofre mais do que o corpo. A predominância das provas espirituais sobre as provas materiais é um indício do adiantamento do espírito. Sabeis, aliás, que muitos daqueles que sofreram pelo

cristianismo vêm concorrer ao coroamento da obra, e são aqueles que sustentam a luta com mais coragem; eles acrescentam assim uma palma àquelas que já conquistaram.

O que vos digo, meus amigos, não é para vos convidar a vos lançardes de cabeça baixa na luta; eu vos digo ao contrário: Agi com prudência e circunspeção, no próprio interesse da Doutrina, que perderia com um zelo irrefletido; mas se um sacrifício é necessário, fazei-o sem reclamar, e pensai que uma perda temporária nada é junto da compensação que disso recebereis.

Não vos inquieteis com o futuro da Doutrina; entre aqueles que a combatem hoje, mais de um lhe será defensor amanhã. Os adversários se agitam; num momento dado, eles quererão se reunir para dar um grande golpe e derrubar o edifício começado, mas os seus esforços serão vãos, e a divisão se dará em suas fileiras. Os tempos se aproximam em que os acontecimentos favorecerão a eclosão daquilo que semeais. Considerai a obra na qual trabalhais, sem vos preocupar do que se pode dizer ou fazer. Vossos inimigos têm tudo o que podem para vos empurrar fora dos limites da moderação, afim de poderem dar um pretexto à suas agressões; seus insultos não têm outro objetivo, mas a vossa indiferença e a vossa paciência os confundem. À violência continuai a opor, pois, a doçura e a caridade; fazei o bem àqueles que vos querem o mal, a fim de que, mais tarde, possam distinguir o verdadeiro do falso. Tendes uma arma poderosa: a do raciocínio; servi-vos dela, mas não a mancheis jamais pela injúria, o supremo argumento daqueles que não têm boa razão para dar; esforçai-vos, enfim, pela dignidade de vossa conduta, em fazer respeitar em vós o título de Espírita.

São Luís.

ESPIRITISMO RETROSPECTIVO

A MEDIUNIDADE PELO COPO D'ÁGUA EM 1706

Na casa do duque de Orléans.

Pode-se compreender, sob o título geral de *Espiritismo retrospectivo*, os pensamentos, as doutrinas, as crenças e todos os fatos espíritas anteriores ao *Espiritismo moderno*, quer dizer, em 1850, época na qual começaram as observações e os estudos sobre essas espécies de fenômenos. Não foi senão em 1857 que estas observações foram coordenadas em corpo de doutrina metódica e filosófica. Esta divisão nos parece útil para a história do Espiritismo.

O fato seguinte foi narrado nas Mémoires du duc de Saint-Simon: (1) (1) Ver o número de junho de 1868, páginas 161 e 167.

"Lembro-me também de uma coisa que ele (o duque de Orléans) me contou no salão de Marly, sobre o ponto de sua partida para a Itália, cuja singularidade, verificada pelo acontecimento, convida-me a não omiti-la. Ele era curioso de todas as espécies de artes e de ciências, e, com agudeza de espírito, havia tido, em toda a sua vida, a fraqueza tão comum na corte dos filhos de Henri II, que Catherine de Médicis havia, entre outros males, trazido da Itália. Ela tinha, tanto quanto havia podido, procurado ver o diabo, sem nisto ter podido chegar; ao que me foi freqüentemente dito, e a ver coisas extraordinárias, e a saber o futuro. A Sery tinha uma jovem em sua casa, de oito ou nove anos, que ali nasceu e dali jamais saiu, e que tinha a ignorância e a simplicidade dessa idade e dessa educação. Entre outras patifarias de curiosidades ocultas, das quais o duque de Orléans muitas tinha visto em sua vida, se lhe produziu uma delas que pretendia fazer ver, num copo cheio d'água, tudo o que se quisesse saber.

Ele pediu algum jovem e inocente para nele olhar, e essa jovem foi achada própria para isto. Divertiram-se, pois, em querer saber o que se passava então mesmo nos lugares distantes, e a jovem via e passava o que via a pouco e pouco. Esse homem pronunciava baixinho alguma coisa sobre o copo cheio de água, e logo nele se olhava com sucesso.

"As velhacarias que o Sr. duque de Orléans, freqüentemente tinha tolerado convidaram-no a uma prova que pôde tranqüilizá-lo. Ele ordenou baixinho a uma de suas pessoas, ao ouvido, de ir imediatamente, à casa da senhora de Nancre, e ali bem examinar tudo o que havia, o que se fazia, a posição e mobiliário do quarto, e a situação de tudo o que ali se passava, e, sem perder um momento nem falar a ninguém, de lhe vir dizer ao ouvido. Num instante a incumbência foi executada, sem que ninguém percebesse do que era, e a jovem sempre no quarto. Desde que o Sr. duque de Orléans foi instruído, disse à jovem para olhar na casa da senhora de Nancre e o que ali se passava. Logo ela lhes contou, palavra por palavra, tudo o que havia visto o enviado do Sr. duque de Orléans. A descrição do rosto, das aparências, das vestes, das pessoas que ali estavam, sua situação no quarto, as pessoas que jogavam em duas mesas diferentes, aqueles que olhavam ou que conversavam sentados ou de pé, a disposição dos móveis, em uma palavra, tudo. Imediatamente o Sr. duque de Orleans o enviou a Nancre, que disse ter encontrado tudo como a jovem havia dito, e como o criado que ali estivera primeiro tinha narrado ao ouvido do Sr. duque de Orléans.

"Ele quase não me falava dessas coisas porque tomei a liberdade de censurá-las. Tomei a de *injuriado* nesse relato, e de dizer-lhe o que acreditava poder afastá-lo de acrescentar fé e de se divertir com esses prestígios, num tempo sobretudo em que deveria ter o espírito ocupado de tantas grandes coisas. "Não é tudo, disse-me ele, e não vos contei isto senão para vos trazer o resto;" e, em seguida, contou-me que, encorajado pela exatidão daquilo que a jovem havia visto no quarto da senhora de Nancre, tinha querido ver alguma coisa mais importante, e o que se passaria na morte do rei, mas sem procurá-lo no tempo em que não se poderia ver no copo. Ele pediu, pois, em seguida, à jovem, que jamais tinha ouvido falar em Versailles, nem visto ninguém senão ele da corte. Ela olhou e lhe explicou longamente tudo o que via. Fez com justeza a descrição do quarto do rei em Versailles, e do mobiliário que se encontrou, com efeito, em sua morte.

Ela o descreveu perfeitamente em seu leito e quem estava de pé junto ao leito ou no quarto, um menino com a ordem, seguro pela senhora de Ventadour, sobre o qual ela se admira porque o tinha visto na casa da senhorita de Sery. Ela lhes fez conhecer a senhora de Maintenon, afigura singular de Fayon, a senhora duquesa de Orléans, a senhora duquesa, a senhora princesa de Conti; ela falou sobre o Sr. duque de Orléans; em uma palavra, lhes fez conhecer o que lá via de príncipes, de senhores, de domésticos ou de criados. Quando ela havia dito tudo, o Sr. duque de Orléans, surpreso por não lhes ter dado a conhecer Monsenhor, monsenhor o duque de Bourgogne, monsenhor o duque de Berry, perguntou se ela não via os rostos de tal e tal modo, ela respondia constantemente que não, e repetia aqueles que ela via. Era o que o duque de Orléans não podia compreender e do que se espantou muito comigo, procurando em vão a razão. O acontecimento o explicou. Estava-se então em 1706. Todos os quatro estavam então cheios de vida e de saúde e todos os quatro tinham morrido antes do rei. Foi a mesma coisa com o Sr. Príncipe, com o Sr. duque, e com o Sr. príncipe de Conti, que ela não viu, ao passo que ela viu os filhos dos dois últimos, o Sr. do Maine, os seus, e o Sr. conde de Toulouse. Mas até o acontecimento, este último ficou na obscuridade. Essa curiosidade acabada, o Sr. duque de Orléans quis saber o que ele se tornaria. Então não o foi mais no copo. O homem que lá estava, ofereceu-lhe mostrá-lo, como pintado na parede do quarto, contanto que não tivesse medo de ali se ver; e, ao cabo de um quarto de hora de alguns fingimentos diante de todos eles, a figura do Sr. duque de Orléans, vestido como estava então e em sua grandeza natural, apareceu de repente sobre a parede como uma pintura

com uma coroa fechada sobre a cabeça. Ela não era nem da França, nem da Espanha, nem da Inglaterra, nem imperial; o Sr. duque de Orléans, que a considerou de todos os seus olhos, jamais pôde advinhá-la, nem dela jamais havia visto semelhante; ela não tinha senão quatro círculos, e nada no alto. Essa coroa lhe cobria a cabeça.

"Da obscuridade precedente e desta, aproveitei a ocasião para lhe mostrar de novo as espécies de curiosidades, as justas mentiras do diabo, que Deus permite para punir as curiosidades que ele proíbe, o nada e as trevas que disso resultam em lugar da luz e da satisfação que se procura. Seguramente, ele estava bem longe de ser regente do reino e de imaginá-lo. Talvez era o que essa coroa singular lhe anunciava. Tudo isto se passou em Paris, na casa de sua amante, em presença de sua mais estreita intimidade, na véspera do dia em que me contou, e eu o achei tão extraordinário que lhe dei lugar aqui, não para prová-lo, mas para dá-lo a conhecer."

A veracidade do duque de Saint-Simon é tanto menos suspeita quanto ele era oposto a essas espécies de idéias; não se pode, pois, duvidar que ele haja reportado fielmente o relato do duque de Orléans. Quanto ao fato em si mesmo, não é provável que o duque o tenha inventado por prazer. Os fenômenos que se produzem em nossos dias, aliás, provam-lhe a possibilidade; o que então passava por alguma coisa maravilhosa, é agora um fato muito natural. Não se pode, certamente, colocá-lo à conta da imaginação da menina, que, aliás, sendo desconhecido do indivíduo, não poderia lhe servir de comparsa. As palavras pronunciadas sobre o copo d'água não tinham, sem dúvida, outro objetivo senão de dar ao fenômeno uma aparência misteriosa e cabalística, segundo as crenças da época; mas elas podiam muito bem exercer uma ação magnética inconsciente, e isto com tanto mais razão quanto esse homem parecia dotado de uma vontade enérgica. Quanto ao fato do quadro que fez aparecer sobre a parede, não se pode, até o momento, dar-lhe nenhuma explicação.

De resto, a magnetização preliminar da água não parece ser indispensável. Um de nossos correspondentes da Espanha nos citou, há alguns dias, o fato seguinte, que se passou sob seus olhos há uns quinze anos, numa época e num país onde o Espiritismo era desconhecido, e onde ele mesmo possuía incredulidade até em seus últimos limites. Em sua família tinha-se ouvido falar da faculdade que certas pessoas têm de ver numa garrafa cheia d'água, e não se lhe dava mais importância do que às crenças populares. No entanto, quis-se tentar por curiosidade. Uma jovem, depois de um instante de concentração, viu um seu parente do qual fez o retrato exato; ela o viu sobre uma montanha, a algumas léguas de lá, onde se poderia supor que pudesse estar, depois de descer num barranco, subir de novo, e fazer diferentes idas e vindas. Quando o indivíduo retornou e que se lhe perguntou de onde vinha e o que tinha feito, disto ficou muito surpreso, porque não tinha comunicado a sua intenção a ninguém. Aqui a imaginação está ainda completamente fora de causa, uma vez que o pensamento de nenhum dos assistentes poderia agir sobre o espírito da jovem.

A influência da imaginação, sendo a grande objeção que se opõe a esse gênero de fenômenos, como a todos os da mediunidade em geral, não se poderia se recolher com maior cuidado os casos onde está demonstrado que essa influência não pode ocorrer. O fato seguinte é um exemplo não menos concludente.

Um outro de nossos assinantes de Palermo, na Sicília, esteve recentemente em Paris; em sua ausência, sua filha, que jamais veio a Paris, recebeu o número da *Revista*, onde é assunto o copo d'água; ela quis tentar, e o seu desejo era dever seu pai. Ela não o viu, mas viu várias ruas por cuja descrição que ela lhe fez, em lhe escrevendo, reconheceu facilmente pelas ruas da Paix, Castiglione e Rivoli. Ora, essas ruas eram precisamente aquelas por onde ele tinha passado no mesmo dia em que a experiência foi feita. Assim, esta jovem senhora não via seu pai, que ela conhecia, que desejava ver, sobre o qual seu pensamento foi concentrado, ao passo que ela vê o caminho que ele percorreu, e que não conhecia. Que razão dar a esta bizzarria? Os Espíritos nos disseram

que as coisas tinham se passado dessa maneira para dar uma prova irrecusável de que a imaginação ali não esteve por nada.

Completaremos, pelas reflexões seguintes, o que dissemos sobre o mesmo assunto no número de junho.

O copo, com ou sem água, assim como a garrafa, desempenham evidentemente, neste fenômeno, o papel de agentes *hipnóticos*; a concentração da visão e do pensamento sobre um ponto provocam um desligamento mais ou menos grande da alma, e, conseqüentemente, o desenvolvimento da visão psíquica. (Vera *Revista* de janeiro de 1860, página 6, *Detalhes sobre o hipnotismo*.)

Esse gênero de mediunidade pode dar lugar a modos especiais de manifestações, a percepções novas; é um meio a mais de constatar a existência e a independência da alma, e, por isto mesmo, um assunto de estudo muito interessante; mas, como dissemos, seria um erro crer que esteja aí um meio melhor do que um outro de saber tudo o que se deseja, porque há coisas que devem nos ser ocultas ou que não podem ser reveladas senão num tempo dado. Quando o momento de conhecê-las é chegado, delas se é instruído por um dos mil meios dos quais dispõem os Espíritos, quer se seja ou não Espírita; mas o copo d'água não é mais eficaz do que um outro. Do fato de que os Espíritos dele se serviram para dar conselhos salutareos para a saúde, não se segue que esse seja um procedimento infalível para triunfar de todos os males, mesmo daqueles que não devem ser curados. Se uma cura é possível para os Espíritos, estes últimos dão seus conselhos por um meio medianímico qualquer, e por todo médium apto para esse gênero de comunicação. A eficácia está na prescrição, e não no modo segundo o qual ela é dada.

O copo d'água não é maior garantia contra a intromissão dos maus Espíritos; a experiência já provou que os Espíritos mal intencionados se servem desse meio como dos outros para induzir em erro e abusar da credulidade. Em que se lhes poderia opor um obstáculo mais poderoso! Dissemos muitas vezes, e não poderíamos muito repeti-lo: *Não há mediunidade ao abrigo dos maus Espíritos, e não existe nenhum procedimento material para afastá-los*. O melhor, o único preservativo, está em si mesmo; é pela sua própria depuração que se os afasta, como pela limpeza do corpo se preserva dos insetos nocivos.

A REENCARNAÇÃO NO JAPÃO

São Francisco Xavier e o bonzo Japonês.

O relato seguinte foi extraído da história de São Francisco Xavier, pelo Pé. Boubours. É uma discussão teológica entre um bonzo japonês, chamado Tucarondono, e São Francisco Xavier, então missionário no Japão.

"Não sei se tu me conheces, ou, dizendo melhor, se tu me reconheces, disse Tucarondono a Francisco Xavier. - Não me lembro de jamais vos ter visto, respondeu-lhe este.

"Então o bonzo, gargalhando e se voltando para outros bonzos, seus confrades, que tinha trazido consigo: Vejo bem, disse-lhes, que não teria dificuldade para vencer um homem que tratou comigo mais de cem vezes, e que faz parecer não meter jamais visto. Em seguida, olhando Xavier com um sorriso de desprezo: Não te resta nada, prosseguiu ele, das mercadorias que me vendeste no porto de Frénasoma?

"Em verdade, replicou Xavier com um semblante sempre sereno e modesto, em minha vida jamais fui comerciante, e jamais vi Frénasoma. -Ah! que esquecimento e que bobagem! retomou o bonzo, se fazendo de admirado, e continuando as suas gargalhadas: -O que! pode ocorrer que tenhas esquecido isso? - Lembrais de mim na lembrança, replicou docemente o Pai, vós que tendes mais de espírito e de memória do que eu. - Eu

o quero muito, disse o bonzo, muito orgulhoso do louvor que Xavier lhe havia dado. Faz justamente hoje mil e quinhentos anos que tu e eu, que éramos comerciantes, fizemos nosso tráfico em Frénasoma, e que comprei de ti cem peças de seda em muito bom negócio. Lembras-te disto agora?

"O santo, que julgava onde ia o discurso do bonzo, lhe perguntou honestamente que idade ele tinha. - Tenho cinqüenta e dois anos, disse Tucarondono. -Como pode ocorrer, replicou Xavier, que fôssemos comerciantes há quinze séculos, se não há senão um meio século que estais no mundo, e como traficamos naquele tempo, vós e eu, em Frénasoma, se a maioria dentre vós outros bonzos ensinaiis que o Japão não era senão um deserto há mil e quinhentos anos?

"Escutai-me, disse o bonzo; tu ouvirás os oráculos, e ficarás de acordo que temos mais conhecimentos das coisas passadas do que deles não o tendes, vós outros, das coisas presentes.

"Deves saber, pois, que o mundo jamais teve começo, e que as almas, propriamente falando, não morrem. *A alma se liberta do corpo onde estava encerrada; ela procura um outro saudável e vigoroso, onde renascemos, ora com o sexo mais nobre, ora com o sexo imperfeito, segundo as diversas constelações do céu e os diferentes aspectos da lua.* Essas mudanças de nascimento fazem com que nossas fortunas também mudem. Ora, é a recompensa daqueles que viveram santamente, de ter a memória fresca de todas as vidas que se traçou nos séculos passados, e de se representar a si mesmo, inteiramente quanto se foi depois de uma eternidade, sob a forma de príncipe, de comerciante, de homem de letras, de guerreiro e sob outras figuras. Ao contrário, alguém, como tu, sabe tão pouco seus próprios negócios, que ignora o que foi e o que fez durante o curso de uma infinidade de séculos, mostra que seus crimes o tornaram digno da morte tantas vezes quanto perdeu a lembrança das vidas que trocou."

Nota. Não se pode supor que Francisco Xavier haja inventado esta história que não lhe era vantajosa, nem suspeitar da boa fé de seu historiador, o Pé. Bouhours. De um outro lado, não é menos certo que era uma armadilha estendida ao missionário pelo bonzo, uma vez que sabemos que a lembrança das existências anteriores é um caso excepcional, de que, em todos os casos, ela não comporta jamais detalhes tão precisos; mas o que ressalta desse fato, é que a doutrina da reencarnação existia no Japão nessa época, em condições idênticas, salvo a intervenção das constelações e da lua, às que são ensinadas em nossos dias pelos Espíritos. Uma outra semelhança não menos notável é a idéia de que a precisão da lembrança é um sinal de superioridade; os Espíritos nos dizem, com efeito, que nos mundos superiores à Terra, onde o corpo é menos material e a alma num estado normal de desligamento, a lembrança do passado é uma faculdade comum a todo o mundo; ali se lembram as existências anteriores, como nos lembramos dos primeiros anos de nossa infância. É bem evidente que os Japoneses não estão nesse grau de desmaterialização, que não existe sobre a Terra, mas o fato prova que disto têm uma intuição.

CARTA DO SR. MONICO

Ao jornal de Mahouna, de Guelma (Argélia)

O jornal *la Mahouna*, de 26 de junho de 1868, publicou a carta seguinte, que reproduzimos com *prazer*, endereçando ao autor as nossas mais sinceras felicitações.

"Senhor diretor,

"Venho de ler um artigo no *Indépendant*, de Constantinopla, de 20 do corrente, apreciando o papel pouco delicado que teria desempenhado um certo Sr. Home, segundo este jornal (na Inglaterra), iniciando por estas linhas: "Os Espíritos, sucessores dos

feiticeiros da idade média, não se limitam mais a indicar aos *imbecis*, seus adeptos, os tesouros ocultos, eles se arranjam para descobri-los em seu proveito." Segue apreciação, etc...

"Permiti-me, senhor redator, servir-me de vosso honrado jornal para protestar energicamente contra o autor dessas linhas tão pouco literárias e tão ofensivas para os adeptos dessas novas idéias, idéias muito certamente desconhecidas, uma vez que são tão falsamente apreciadas.

"O Espiritismo sucede aos feiticeiros, como a astronomia sucedeu aos astrólogos. Quer dizer que esta ciência, tão difundida hoje, que esclareceu o homem fazendo-o conhecer as imensidades siderais que as religiões primitivas tinham conformado ao seu ideal e para servir aos seus interesses, esposou todas as elucubrações fantásticas e grosseiras dos astrólogos de outrora?

"Não o pensais.

"Do mesmo modo, o Espiritismo, tão depreciado por aqueles que não o conhecem, vem destruir os erros dos feiticeiros e revelar uma ciência nova à Humanidade. Ele vem explicar esses fenômenos até aqui incompreendidos, que a ignorância popular atribuía ao *milagre*.

"Longe de esposar as superstições de uma outra época, que os feiticeiros, os mágicos, etc., toda essa multidão de párias rebeldes à civilização, empregando esses meios a fim de explorar a ignorância e de especular sobre os vícios, ele vem, digo eu, destruí-los e ao mesmo tempo trazer a serviço do homem uma força imensa bem superior a todas aquelas trazidas pelas filosofias antigas e modernas.

"Essa força é esta: *conhecimento do passado e do futuro* reservado ao homem, respondendo a estas perguntas: De onde venho? Para onde vou? "Essa dúvida terrível, que pesava sobre a consciência humana, o Espiritismo vem explicá-la; não só teoricamente e por abstração, mas materialmente, quer dizer, por *provas acessíveis aos nossos sentidos*, e fora de todo aforismo e sentença teológica.

"As antigas opiniões, freqüentemente nascidas da ignorância e da fantasia, desaparecem pouco a pouco para darem lugar a convicções novas, fundadas sobre a observação, e cuja realidade é das mais manifestas; a marca dos velhos preconceitos se apaga, e o homem mais refletido, estudando com mais atenção esses fenômenos reputados *sobrenaturais*, neles encontrou o *produto de uma vontade se manifestando fora dele*.

"Pelo fato dessa manifestação, o universo aparece, para o Espírita, como mecanismo conduzido por um número infinito de inteligências, um imenso governo onde cada ser inteligente tem a sua parte de ação sob o olhar de Deus, seja no estado de homem, seja no estado de alma ou Espírito. A morte para ele não é um espantinho fazendo tremer, nem o nada; ela não é senão o ponto extremo de uma fase do ser e o começo de uma outra, quer dizer, muito simplesmente uma transformação.

"Eu me detenho, não tendo a pretensão de fazer um curso de Espiritismo, ainda menos a de convencer o meu adversário; mas não posso deixar ofender uma doutrina proclamando por princípio *a liberdade de consciência e as máximas do Cristianismo mais depuradas*, sem protestar de toda a minha alma.

"O Espiritismo tem por inimigo aqueles que não o estudaram, nem a sua parte filosófica, nem a sua parte experimental; é por isto que qualquer um, sem se dar ao trabalho de se esclarecer, se arroga o direito, *apriori*, de tratá-lo de absurdo.

"Mas, infelizmente para o homem, isto tem sido sempre assim cada vez que uma nova idéia surgiu; aí está a história para prová-lo.

"O Espiritismo estando em acordo com as ciências de nossa época (ver a *Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*), seus representantes mais autorizados, e todos os escritos saídos do seu seio, declararam que estava pronto para aceitar *todas as idéias* baseadas nas verdades científicas e rejeitar aquelas que seriam

reconhecidas estarem *manchadas de erro*; em uma palavra, que ele quer caminhar à frente do progresso humano.

"Os adeptos desta Doutrina, em lugar de se esconderem na sombra e de reunirem nas catacumbas, procedem de todo outro modo; é em plena luz e publicamente que emitem as suas idéias e se exercitam na prática de seus princípios. A opinião espírita está representada na França por cinco revistas ou jornais; na Inglaterra, na Alemanha, na Itália e na Rússia por quinze folhas hebdomadárias; nos Estados Unidos da América, esse país de liberdade e de progresso de todo gênero, por numerosos jornais ou revistas, e os adeptos do Espiritismo se contam nesse país por milhões, que involuntariamente e sem reflexão o autor do artigo do *Indépendant* trata de *imbecis*.

"Nossa época tão distante dos atos de intolerância religiosa, e das excomunhões do Vaticano, deveria melhor inspirar o respeito às opiniões contrárias.

"Aceitai, etc.

"JULESMONICO."

O mesmo jornal, de 17 de julho, contém um outro artigo do Sr. Monico, que anuncia dever nele publicar uma série em resposta a alguns ataques dos antagonistas do Espiritismo. Nele vemos igualmente anunciada, como estando no prelo, uma brochura do mesmo autor, intitulada: *a Liberdade de consciência* e devendo aparecer na primeira quinzena do mês de agosto. Preço: 1 franco.

BIBLIOGRAFIA.

O ESPIRITISMO EM LYON, jornal bimensal que aparece em Lyon desde 15 de fevereiro, prossegue com perseverança e sucesso o curso de sua publicação. Como dissemos na época, e como ele mesmo disse, não é um jornal com pretensões literárias; seu objetivo mais modesto é o de popularizar, pela modicidade de seu preço, as sadias idéias sobre a Doutrina. Ele é feito fora de todo pensamento de especulação, porque o excesso das despesas materiais é derramado na caixa de socorro. É, pois, uma obra de devotamento daqueles que empreenderam essa pesada tarefa. Pelo bom espírito no qual é concebida a sua redação e o objetivo louvável a que se propõe, não pode deixar de se conciliar as simpatias e os encorajamentos de todos os Espíritas sinceros. Lemos com um vivo prazer, no cabeçalho dos últimos números, um aviso pelo qual anuncia que o Sr. senador prefeito do Rhône autorizou-lhe a venda na via pública. Fazemos votos pela sua prosperidade, uma vez que deve aproveitar à Doutrina e aos infelizes. A falta de espaço nos obriga a remeter ao próximo número as reflexões que nos sugeriram alguns de seus artigos, entre os quais notamos um deles (Nº de 15 de julho) muito sabiamente concebido, sobre o processo do Sr. Home.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

11º ANO

NO. 9

SETEMBRO 1868

CRESCIMENTO E DECRESCIMENTO DO VOLUME DA TERRA

A PROPÓSITO DE A GÊNESE

Nosso correspondente de Sens, do qual publicamos no número precedente a observação sobre o *partido espírita*, acrescentou-lhe uma outra, em sua carta, sobre o crescimento do volume da Terra, e que a abundância das matérias nos forçou a adiar.

"Eu vos peço ainda, senhor, a permissão de vos submeter uma reflexão que me veio lendo a vossa última obra sobre a Gênese. Na página 161 há isto: "Na época em que o globo terrestre era uma massa incandescente, não continha um átomo a mais nem de menos do que hoje." No entanto, os Espíritos disseram que não há duas leis diferentes para a formação dos corpos principais e dos corpos secundários; e depois, li em alguma parte, que as plantas restituem à terra mais do que elas lhe emprestam. Não sei se isto está bem constatado e cientificamente demonstrado, mas segundo esse dado e outros, sem falar dos aerolitos que são hoje um fato incontestado, não poderia ocorrer que se descobrisse um dia que o nosso globo adquire ainda volume, o que contraria essa asserção?"

É verdade que as plantas restituem ao solo mais do que elas lhe tiram; mas o globo não se compõe unicamente da parte sólida, a atmosfera dele faz parte integrante; ora, está provado que as plantas se alimentam tanto, e mesmo mais, dos fluidos aeriformes hauridos na atmosfera do que de elementos sólidos absorvidos pelas raízes. Tendo em vista a quantidade de plantas que viveram sobre a Terra desde a sua origem, sem falar dos animais, os fluidos atmosféricos estariam há muito tempo esgotados se não se alimentassem numa fonte permanente; esta fonte está na decomposição das matérias sólidas, orgânicas e inorgânicas, que restituem à atmosfera o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono e os outros gases que dela tinham trasfegado. É, pois, uma permuta constante, uma transformação perpétua -que se realiza na superfície do globo. Ocorre aqui exatamente como com a água que se eleva em vapores e cai em chuva, e cuja quantidade é sempre a mesma. O crescimento dos vegetais e dos animais se operam com a ajuda dos elementos constitutivos do globo, seus restos, por consideráveis que sejam, não acrescentam um átomo à massa. Se a parte sólida do globo aumentar, por esta causa, de maneira permanente, isto será às custas da atmosfera que diminuiria tanto, e acabaria por ser imprópria à vida.

Na origem da Terra, as primeiras camadas geológicas se formaram das matérias sólidas momentaneamente volatizadas pelo efeito da alta temperatura, e que, mais tarde, condensadas pelo resfriamento, se precipitaram. Incontestavelmente, elas elevaram um pouco a superfície do solo, que, sem isto, teria se detido na camada granítica, mas sem nada acrescentar à massa total, uma vez que não era senão um deslocamento de matéria. Quando a atmosfera, purgada dos elementos estranhos que tinham em suspensão, encontrou-se em seu estado normal, as coisas seguiram o curso regular que tiveram desde então. Hoje, a menor modificação na constituição da atmosfera traria

forçosamente a destruição dos seres vivos atuais; mas então, provavelmente, formar-se-iam novas raças em outras condições de vitalidade.

Considerada deste ponto de vista, a massa do globo, quer dizer, a soma das moléculas que compõem o conjunto de suas partes sólidas, líquidas e gasosas, é incontestavelmente a mesma desde a sua origem. Se sofresse uma dilatação ou uma condensação, seu *volume* aumentaria ou diminuiria, sem que a *massa* sofresse nenhuma alteração. Se, pois, a Terra aumentasse de massa pela junção de novas moléculas, isto seria pelo efeito de uma causa estranha, uma vez que não poderia haurir em si própria os elementos necessários ao seu crescimento.

Algumas pessoas pensam que a queda de aerolitos possa ser uma causa de aumento de volume da Terra; outras, sem se ocuparem dos caminhos e meios, se fundam sobre o princípio de que uma vez que os animais e as plantas nascem, crescem e morrem, os corpos planetários devem estar submetidos à mesma lei.

Primeiro, a origem dos aerolitos é ainda problemática, pensou-se mesmo por muito tempo que eles poderiam se formar nas regiões superiores da atmosfera terrestre, pela condensação das matérias gaseificadas provenientes da própria Terra; mas, supondo que tenham uma fonte estranha ao nosso globo, que provenham de restos de alguns planetas despedaçados, ou que se formem espontaneamente pela condensação da matéria cósmica interplanetária, caso que poder-se-ia considerá-los como *abortos planetários*, sua queda accidental não poderia dar lugar a um crescimento sensível, e ainda menos regular de nosso globo.

De um outro lado, a assimilação que se pretendesse fazer entre as plantas e os planetas não é justa, porque isto seria fazer destes últimos seres orgânicos, o que não é admissível.

Segundo uma outra opinião, o globo pode aumentar pelo afluxo da matéria cósmica interplanetária que haure em seu curso através do espaço, e que deposita incessantemente em sua superfície novas moléculas. Esta doutrina nada tem de irracional, porque, neste caso, o crescimento ocorreria pela união e superposição, como para todos os corpos inorgânicos; mas, além de que se poderia perguntar onde pararia esse crescimento, ela é ainda muito hipotética para ser admitida como princípio. Não é senão um sistema combatido por sistemas contrários, porque, segundo outros, a Terra em lugar de adquirir, despende, pelo efeito de seu movimento, quer dizer, que ela abandona ao espaço uma parte de suas moléculas, e que, assim, em vez de aumentar, ela diminui. Entre essas duas teorias, a ciência positiva ainda não se pronunciou, e é provável que não o poderá logo, por falta de meios materiais de observação. Está-se, pois, reduzido a formular raciocínios baseados sobre as leis conhecidas, o que pode dar probabilidades, mas não ainda certezas.

Eis, em resposta à pergunta proposta, a opinião motivada do eminente Espírito que ditou os sábios *estudos uranográficos* reportados no capítulo VI de a Gênese.

(Sociedade de Paris, julho de 1868.- Médiun Sr. Desliens.)

"Os mundos se esgotam envelhecendo e tendem a se dissolver para servirem de elementos de formação de outros universos. Eles restituem pouco a pouco, ao fluido cósmico universal do espaço, o que dele tiraram para se formar. Além disso, todos os corpos agem pela fricção; o movimento rápido e incessante do globo através do fluido cósmico tem por efeito diminuir-lhe constantemente a massa, se bem que numa quantidade inapreciável num tempo dado (1). (1) Em seu movimento de translação ao redor do Sol, a velocidade da Terra é de 400 léguas por minuto. Tendo a Terra 9.000 léguas de circunferência no equador, em seu movimento de rotação sobre seu eixo, cada ponto do equador percorre, conseqüentemente, 9.000 léguas em vinte e quatro horas, ou 6,3 léguas por minuto.

"A existência dos mundos pode, na minha opinião, dividir-se em três períodos. *Primeiro período*: Condensação da matéria durante a qual o volume do globo diminui consideravelmente, a massa permanecendo a mesma; é o período da infância. - *Segundo período*: contração, solidificação da crosta, eclosão dos germes, desenvolvimento da vida até o aparecimento do tipo mais perfectível. Neste momento o globo está em toda a sua plenitude: é a idade da virilidade; ele perde, mas muito pouco, de seus elementos constitutivos. À medida que seus habitantes progredem *espiritualmente*, ele passa o período de decrescimento *material*; ele perde, não só em consequência do atrito, mas também pela desagregação das moléculas, como uma pedra dura que, roída pelo tempo, acaba por cair em pó. Em seu duplo movimento de rotação e de translação, ele deixa no espaço parcelas fluidificadas de sua substância, até o momento em que a sua dissolução será completa.

"Mas, então, como a força atrativa está em sua massa, - eu não digo do volume, - a massa diminuindo, suas condições de equilíbrio no espaço são modificadas; dominado por globos mais poderosos aos quais não pode fazer mais contrapeso, seguem-se desvios em seus movimentos, em sua posição com relação ao Sol; sofrem novas influências, e daí nascem mudanças nas condições de existência de seus habitantes, à espera de que ele desapareça da cena do mundo.

"Assim, nascimento, vida e morte; infância, virilidade e decrepitude, tais são as três fases pelas quais passa toda aglomeração de matéria orgânica ou inorgânica. Só o espírito, que não é matéria, é indestrutível."

GALILEU.

Em que se tornam os habitantes de um mundo destruído? Eles fazem o que fazem os habitantes de uma casa que é demolida: vão se estabelecer em outros lugares em melhores condições; os globos não são, por si mesmos, senão estações temporárias; mas é provável que quando um globo chega ao seu período de dissolução, há muito tempo deixou de ser habitado, porque, então, ele não pode mais fornecer elementos necessários à manutenção da vida.

Tudo na Natureza é problema insolúvel fazendo-se abstração do elemento espiritual; ao contrário, tudo se explica, clara e logicamente, levando-se em conta este elemento.

Há de se notar que, segundo a ordem de idéias expressas na comunicação acima, o fim de um mundo coincidiria com a maior soma de progresso de seus habitantes, compatível com a natureza desse mundo, em lugar de ser o sinal de uma reprovação que os votaria, para a maior parte, à condenação eterna.

A ALMA DA TERRA.

A questão precedente nos conduz naturalmente à alma da Terra, freqüentemente debatida e diferentemente interpretada.

A alma da Terra desempenha um papel principal na teoria de formação de nosso globo pela incrustação de quatro planetas; teoria da qual demonstramos a impossibilidade material segundo as observações geológicas e os dados da ciência experimental (ver a Gênese, cap, VII, nº 4 e seguintes). Para o que concerne à alma, nos apoiaremos igualmente sobre os fatos.

Esta questão prejudica uma outra: A Terra é um ser vivo? Sabemos que certos filósofos, mais sistemáticos do que práticos, consideram a Terra e todos os planetas como seres animados, fundando-se sobre o princípio de que tudo vive na Natureza, desde o mineral até o homem. De início, cremos que há uma diferença capital entre o movimento molecular de atração e de repulsão, de agregação e de desagregação do mineral e o princípio vital da planta; há efeitos diferentes que acusam causas diferentes, ou pelo

menos uma modificação profunda na causa primeira, se ela for única. (Gênese, cap. X, nº 16 a 19.)

Mas admitamos por um instante que o princípio da vida tenha sua fonte no movimento molecular, não se poderia contestar que seja mais rudimentar ainda no mineral do que na planta; ora, daí a uma alma cujo atributo essencial é a inteligência, a distância é grande; ninguém, cremos, pensou em dotar um calhau ou um pedaço de ferro da faculdade de pensar, de querer e de compreender. Mesmo fazendo todas as concessões possíveis a esse sistema, quer dizer, em nos colocando no ponto de vista daqueles que confundem o princípio vital com a alma propriamente dita. A alma do mineral não estaria senão no estado de germe latente, uma vez que nele não se revela por nenhuma manifestação.

Um fato não menos patente do que aquele que acabamos de falar é que o desenvolvimento orgânico está sempre em relação com o desenvolvimento do princípio inteligente; o organismo se completa à medida que as faculdades da alma se multiplicam. A escala orgânica segue constantemente, em todos os seres, a progressão da inteligência, desde o pólipo até o homem; e isso não poderia ser de outra maneira, uma vez que falta à alma um instrumento apropriado à importância das funções que ela deve preencher. De que serviria à ostra ter a inteligência do macaco sem os órgãos necessários à sua manifestação? Se, pois, a Terra fosse um ser animado servindo de corpo a uma alma especial, esta alma deveria ser ainda mais *rudimentar* do que a do pólipo, uma vez que a Terra não tem mesmo a vitalidade da planta, ao passo que, pelo papel que se atribui a essa alma, sobretudo na teoria da incrustação, dela se faz um ser dotado de razão e do livre arbítrio mais completo, um Espírito superior, em uma palavra, o que não é nem racional, nem conforme à lei geral, porque jamais o Espírito foi mais aprisionado e mais dividido. A idéia da alma da Terra, entendida nesse sentido, tão bem quanto aquela que faz da Terra um animal, deve, pois, ser alinhada entre as concepções sistemáticas e quiméricas.

O animal, o mais ínfimo, aliás, tem a liberdade de seus movimentos; ele vai onde quer, e caminha quando isto lhe apraz; ao passo que os astros, esses seres supostamente vivos e animados por inteligências superiores, seriam submetidos a movimentos perpetuamente sistemáticos, sem jamais poder sair de sua rota; seriam, em verdade, bem menos favorecidos do que o último pulgão. Se, segundo a teoria da incrustação, as almas dos quatro planetas que formaram a Terra, tiveram a liberdade de reunir seus envoltórios, elas teriam, pois, a de ir onde quisessem, de mudar à sua vontade as leis da mecânica celeste; por que não a têm mais?

Há idéias que se refutam a si mesmas, e sistemas que caem desde que se lhes pesquisem seriamente as conseqüências. O Espiritismo seria com razão ridicularizado por seus adversários se se fizesse editor responsável de utopias que não suportam o exame. Se o ridículo não o matou, é que ele não mata senão o que é ridículo.

Pela alma da Terra, pode-se entender, mais racionalmente, a coletividade dos Espíritos encarregados da elaboração e da direção de seus elementos constitutivos, o que já supõe um certo grau de adiantamento e de desenvolvimento intelectual; ou melhor ainda, o Espírito ao qual está confiada a alta direção dos destinos morais e do progresso de seus habitantes, missão que não pode ser reconhecida senão a um ser eminentemente superior em saber e em sabedoria. Neste caso, propriamente falando, não é a alma da Terra, porque esse Espírito não está nela nem encarnado, nem subordinado ao seu estado material; é um chefe nomeado para a sua direção, como um general é nomeado para conduzir um exército. Um Espírito, encarregado de uma missão tão importante quanto aquela do governo de um mundo, não poderia ter caprichos, ou Deus seria muito imprevidente confiando a execução de seus decretos soberanos a seres capazes de fazê-los fracassar por sua má vontade; ora, segundo a doutrina da

incrustação, seria a má vontade da alma da lua que seria a causa da Terra ter ficado incompleta.

Numerosas comunicações, dadas em diversos lugares, vieram confirmar esta maneira de encarar a questão da alma da Terra; delas não citaremos senão uma única que as resume todas em poucas palavras.

Sociedade Espírita de Bordeaux, abril de 1862.

A Terra não tem alma que propriamente lhe pertença, porque não é um ser organizado como aqueles que são dotados da vida; ela as tem por milhões que são os Espíritos encarregados de seu equilíbrio, de sua harmonia, de sua vegetação, de seu calor, de sua luz, das estações, da encarnação dos animais que sobrevivem, assim como a dos homens. Isto não é dizer que esses Espíritos são a causa desses fenômenos: eles os presidem como os funcionários de um governo presidem a cada um dos órgãos da administração.

A Terra progrediu à medida que se formou; ela progride sempre, sem jamais se deter, até o momento em que tiver atingido o máximo de sua perfeição. Tudo o que é vida e matéria nela, progride ao mesmo tempo, porque, à medida que o progresso se realiza, os Espíritos encarregados de velar por ela e por seus produtos, progridem de seu lado pelo trabalho que lhes incumbe, ou cedem o lugar a Espíritos mais avançados. Nesse momento, ela toca a uma transição do mal ao bem, do medíocre ao belo.

Deus, criador, é a alma do universo, de todos os mundos que gravitam no infinito, e os Espíritos encarregados, em cada mundo, da execução de suas leis, são os agentes de sua vontade, sob a direção de um delegado superior. Este delegado pertence necessariamente à ordem dos Espíritos mais elevados, porque seria injuriar a sabedoria divina acreditar que ela entregasse à fantasia de uma criatura imperfeita o cuidado de velar pelo cumprimento do destino de milhões de suas próprias criaturas.

PERGUNTA. - Os Espíritos encarregados da direção e da elaboração dos elementos constitutivos de nosso globo podem nele se encarnar? RESPOSTA. - Certamente, porque, no estado de encarnação, tendo uma ação mais direta sobre a matéria, podem fazer o que lhes seria impossível como Espíritos, do mesmo modo que certas funções, por sua natureza, incumbem mais especialmente ao estado espiritual. A cada estado são atribuídas missões particulares.

Os habitantes da Terra não trabalham pelo seu adiantamento material? Considerai, pois, todos os Espíritos encarnados como fazendo parte daqueles que estão encarregados de fazê-la progredir ao mesmo tempo que eles mesmos progridem. É a coletividade de todas essas inteligências, encarnadas e desencarnadas, nela compreendido o delegado superior, que constitui, propriamente falando, a alma da Terra da qual cada um de vós faz parte. Encarnados e desencarnados são as abelhas que trabalham na edificação do favo, sob a direção do Espírito chefe; este é a cabeça, os outros são os braços. PERGUNTA. - O Espírito chefe também pode se encarnar? RESPOSTA. - Sem nenhuma dúvida, quando disto recebe a missão, o que ocorre quando a sua presença entre os homens é julgada necessária ao progresso.

Um de vossos guias espirituais.

DA PROTEÇÃO DO ESPÍRITO DOS SANTOS PATRON.

A questão seguinte nos foi proposta recentemente por um de nossos assinantes:

Todo preconceito de seita e de idéia mística à parte, a qualificação de santo denota uma certa superioridade espiritual, porque, para merecer este título, é preciso ser

distinguido por atos meritórios quaisquer. Segundo isto, e a coisa sendo considerada do ponto de vista espírita, os santos, sob a evocação do quais se nos coloca em nosso nascimento, não se tornam nossos protetores naturais, e quando se celebra a festa patronímica de algum, aquele da qual leva o nome não é atraído pela simpatia, e não se associa, ao menos pelo pensamento, se não pela sua presença?

Há nesta pergunta dois pontos a serem considerados, que é preciso examinar separadamente.

Melhor do que ninguém, os Espíritos sabem que o pensamento atrai o pensamento, e que a simpatia dos Espíritos, sejam beatificados ou não, é solicitada por nossos sentimentos a seu respeito. Ora, o que determina, em geral, a escolha dos nomes? É uma veneração particular pelo santo que o leva? a admiração por suas virtudes? a confiança em seus méritos? o pensamento de dar-lhe por modelo ao recém-nascido? Perguntem à maioria daqueles que lhe escolheram se sabem o que era, o que fez, quando viveu, por que se distinguiu, se conhecem uma única de suas ações. Excetuando alguns santos cuja história é popular, quase todos são totalmente desconhecidos, e, sem o calendário, o público não saberia mesmo se existiram. Nada pode, pois, solicitar o seu pensamento para um antes do que para o outro. Admitamos que, para certas pessoas, o título de santo basta, e que se pode tomar um nome de confiança do momento em que ele está na lista dos benfeitores levantados pela Igreja, sem que se tenha necessidade de deles saber mais: é uma questão de fé.

Mas, então, para essas próprias pessoas, quais são os motivos determinantes? Há dois deles que predominam quase sempre. O primeiro, freqüentemente, é o desejo de agradar a algum parente ou amigo, do qual se quer lisonjear o amor-próprio dando seu nome ao recém-nascido, sobretudo se se espera dele alguma coisa, porque se fosse um pobre diabo, sem crédito e sem consistência, não se lhe faria esta honra. Nisto visa-se muito mais à proteção do homem do que à do santo.

O segundo motivo é ainda mais mundano. O que se procura quase sempre num nome é a forma graciosa, uma consonância agradável; num certo mundo sobretudo, se quer nomes bem importantes, que tenham uma marca de distinção. Deles há que se recusa impiedosamente, porque não gabam nem ao ouvido nem à vaidade, fossem eles dos santos ou dos santos mais dignos de veneração. E depois, freqüentemente, o nome é uma questão de moda como a forma de um penteado.

É preciso convir que esses santos personagens devem, em geral, ser pouco tocados pelos motivos da preferência que se lhes concede; eles não têm, em realidade, nenhuma razão especial de se interessar, mais do que a outros, por aqueles que levam o seu nome, em comparação com esses parentes distantes dos quais não se lembram senão quando deles se espera uma herança.

Os Espíritos, que compreendem o princípio das relações afetivas entre o mundo corpóreo e o mundo espiritual, agiram de outro modo em semelhante circunstância. No nascimento de uma criança, os pais escolheriam, entre os Espíritos, beatificados ou não, antigos ou modernos, amigos, parentes ou estranhos à família, um daqueles que, de seu conhecimento, deram provas irrecusáveis de sua superioridade, pela sua vida exemplar, os atos meritórios que realizaram, a prática das virtudes recomendadas pelo Cristo: a caridade, a humildade, a abnegação, o devotamento desinteressado à causa da Humanidade, em uma palavra, por tudo o que sabem ser uma causa de adiantamento no mundo dos Espíritos; eles o invocariam solenemente e com fervor, pedindo-lhe para se unir ao anjo guardião da criança para protegê-la na vida que vai percorrer, guiá-la por seus conselhos e suas boas inspirações; e, em sinal da aliança, dariam à criança o nome desse Espírito. O Espírito veria nessa escolha uma prova de simpatia, e aceitaria com alegria uma missão que seria um testemunho de estima e de confiança.

Depois, à medida que a criança crescesse, se lhe ensinaria a história de seu protetor; se lhe repetiria suas boas ações; ela saberia porque leva esse nome, e esse

nome a lembraria, sem cessar, um belo modelo a seguir. É, então, que à festa de aniversário do protetor invisível não deixaria de se associar, porque teria seu lugar no coração dos assistentes.

A POLTRONA DOS ANTEPASSADOS

Foi-nos dito que, na casa de um escritor e poeta de grande renome, existe um uso que parecerá estranho a quem não seja Espírita. Na mesa da família há sempre uma poltrona vazia; essa cadeira é fechada por um cadeado, e nela ninguém se senta: é o lugar dos antepassados, dos avós e dos amigos que deixaram este mundo; está aí como um respeitoso testemunho de afeto, uma piedosa lembrança, um chamado à sua presença, e para dizer que vivem sempre no espírito dos sobreviventes.

A pessoa que nos citou este fato, como o tendo de boa fonte, acrescenta: "Os Espíritas repelem com razão as coisas de pura forma; mas se há uma que possam adotar sem derrogar seus princípios, sem contradita, é esta."

Seguramente, está aí um pensamento que jamais nascerá no cérebro de um materialista; ele não só atesta a idéia espiritualista, mas é eminentemente Espírita, e não nos surpreende de nenhum modo da parte de um homem que, sem arvorar abertamente a bandeira do Espiritismo, muitas vezes afirmou a sua crença nas verdades fundamentais que dele decorrem.

Há, nesse uso, alguma coisa de tocante, de patriarcal, e que impõe o respeito. Quem, com efeito, ousaria pô-la em ridículo? esta não é uma dessas fórmulas estereis que nada dizem à alma: é a expressão de um sentimento que parte do coração, o sinal sensível do laço que une os presentes aos ausentes. Nessa cadeira, vazia em aparência, mas que o pensamento ocupa, está toda uma profissão de fé, e além disto, todo um ensinamento para os grandes, tanto quanto para os pequenos. Para as crianças, é uma eloqüente lição, embora muda; e que não falta de deixar salutares impressões. Aqueles que forem educados nessas idéias jamais serão incrédulos, porque, mais tarde, a razão virá confirmar as crenças nas quais terão sido embalados. A idéia da presença, ao seu redor, de seus avós ou de pessoas veneradas, será para eles um freio mais poderoso do que o medo do diabo.

CÍRCULO DA MORAL ESPÍRITA

EM TOULOUSE

Estamos felizes de anunciar que uma sociedade acaba de ser oficialmente autorizada em Toulouse sob o título de *Círculo da Moral Espírita*. Felicitamos os fundadores pela escolha desse título que mostra claramente o objetivo que se propuseram, ao mesmo tempo que resume perfeitamente o caráter essencial da Doutrina. Se é verdade que *nobreza obriga*, não o é menos dizer que *título obriga*, a menos de mentir à sua bandeira; estamos convencidos de que os membros dessa reunião saberão justificá-lo. Pela própria severidade de seu regulamento, do qual tomamos conhecimento, eles provam a sua firme intenção de agir como verdadeiros espíritas.

Houve outrora, em Paris, uma sociedade por muito tempo florescente da *moral cristã*; porque não haveriam as *sociedades da moral Espírita*? Este seria o melhor meio de impor silêncio aos zombadores, e de fazer calar as prevenções que alimentam, contra

o

Espiritismo, aqueles que não o conhecem. A qualidade de membro de uma sociedade que se ocupa de moral teórica e prática, é um título de estima e confiança, mesmo para os incrédulos, porque é o equivalente da de membro de uma sociedade de pessoas honestas, e todo Espírita sincero deve ter a honra dela fazer parte. Os gracejadores ousarão dizer que são sociedades de simplórios, de loucos ou de imbecis? A palavra *círculo*, adotada pela sociedade de Toulouse, indica que ela não se limita às sessões comuns, mas que, além disto, é um lugar de reunião, onde os membros podem vir conversar sobre o objeto especial de seus estudos.

AS MEMÓRIAS DE UM MARIDO

Pelo Sr. Fernand Duplessis.

Os traços que se encontram por toda a parte do Espiritismo são como as inscrições e as medalhas antigas que atestam, através dos séculos, o movimento do espírito humano. As crenças populares contêm, sem contradita, os traços, ou melhor, os germes das idéias espíritas em todas as épocas e em todos os povos, mas misturadas às lendas supersticiosas, como o ouro das minas está misturado à ganga. Não é ali somente que é preciso procurá-las, é na expressão dos sentimentos íntimos, porque é aí que se as encontra, freqüentemente, no estado de pureza. Se se pudesse sondar todos os arquivos do pensamento, ficar-se-ia surpreso de ver a que ponto elas estão enraizadas no coração humano, desde a vaga intuição até aos princípios limpamente formulados. Ora, quem, pois, fê-las nascer antes do aparecimento do Espiritismo? Dir-se-á que é uma influência de associação? Elas ali nascem espontaneamente, porque estão na Natureza; mas, freqüentemente, elas foram abafadas ou desnaturadas pela ignorância e pelo fanatismo. Hoje o Espiritismo, passado ao estado de filosofia, vem arrancar essas plantas parasitas, e constituir um corpo de doutrina do que não era senão uma vaga intuição.

Um de nossos correspondentes de Joinville-sur-Marne, o Sr. Petit-Jean, ao qual já devemos numerosos documentos sobre este assunto, deles nos manda um dos mais interessantes, que estamos felizes em acrescentar aos que já publicamos.

"Joinville, 16 de julho de 1868.

"Eis ainda os pensamentos Espíritas! Aqueles têm tanto mais de importância quanto eles não são, como muitos outros, o produto da imaginação, ou uma idéia explorada pelos romancistas; é a exposição de uma crença partilhada pela família de um convencional e expressada na circunstância mais grave da vida, onde não se pensa em jogar com as palavras.

"Eu as hauri numa obra literária, tendo por título: *As Memórias de um Marido*, que não são outras senão o relato detalhado da vida do Sr. Fernand Duplessis. Essas Memórias foram editadas em 1849, por Eugène Sue, ao qual o Sr. Fernand Duplessis as remeteu, com a missão de entregá-las à publicidade, a título, segundo suas próprias expressões, de expiação para ele e de ensinamentos para os outros. Eu vos dou a análise das passagens que têm mais relação com a nossa crença."

"A senhora Raymond, assim como seu filho, prisioneiros políticos, recebem a visita do Sr. Fernand Duplessis, seu amigo. Esta visita deu lugar a uma conversação, em consequência da qual a senhora Raymond teve a seguinte conversa com seu filho (página 121):

"Vejam, meu filho, - replicou a senhora Raymond com um tom de afetuosa censura, - foi ontem que demos nossos primeiros passos nesta carreira onde se deve agradecer a Deus por um dia sem angústias? É que se persegue, é que se atinge o objetivo onde estaremos sem dor, sem perigos e, freqüentemente, sem martírio? É que

não nos dissemos cem vezes que a nossa vida não nos pertence, mas a essa santa causa da liberdade pela qual teu pai morreu sobre o cadafalso? É que desde que tens a idade da razão não fomos habituados a este pensamento de que um dia eu poderia ter que fechar tuas pálpebras como tu poderás fechar as minhas? É de que há de que se entristecer antecipadamente? Jamais me vês sombria, banhada em lágrimas, porque vivo sempre com a lembrança querida e sagrada de teu pai, do qual beijei a fronte ensangüentada, e que enterrei com as minhas mãos? Não temos fé, como nossos pais, os Gauleses, no renascimento indefinido de nossos corpos e de nossas almas, que vão alternativamente povoar a imensidade dos mundos? Para nós, o que é a morte? o começo de uma outra vida, nada de mais. Estamos neste lado da cortina, passamos do outro, onde imensas perspectivas esperam nossos olhares. Quanto a mim, não sei se é porque sou filha de Eva, acrescenta a senhora Raymond com um meio sorriso, mas o fenômeno da morte jamais me inspirou senão uma excessiva curiosidade."

Página 208. - "O pensamento da morte excita, sobretudo em Jean, uma curiosidade muito viva. Espiritualista por essência, ele partilha com a sua mãe, seu tio e Charpentier, a viril crença que foi a de nossos pais, os Gauleses. Segundo o admirável dogma druídico, o homem sendo imortal, alma e corpo, espírito e matéria, ele iria assim, alma e corpo, incessantemente renascer e viver de mundo em mundo, se elevando a cada nova migração para uma perfeição infinita como a do Criador.

"Somente esta valente crença explica, aos meus olhos, o desprendimento soberbo com o qual Jean e sua mãe encaravam os terríveis problemas e lançam tanta perturbação e pavor nas almas fracas, habituadas a ver na morte o nada ou o fim da vida *física*, ao passo que a morte não é senão a hora de um renascimento completo que uma outra vida espera com suas novidades misteriosas.

"Mas, ah! não me era dado partilhar esta crença; eu via, com um doloroso pavor, se aproximar o dia fatal em que Jean seria julgado pelo tribunal de Paris. Chegado esse dia, a senhora Raymond pediu-me para acompanhá-la a essa temível sessão; em vão quis desviá-la desse desígnio, em meu medo de uma condenação à morte dada contra Jean; no entanto, eu não ousava expressar-lhe as minhas apreensões; ela adivinhou o meu pensamento. Meu caro senhor Duplessis, disse-me ela, o pai de meu filho foi morto no cadafalso pela liberdade; eu o enterrei piedosamente com as minhas mãos...se meu filho deve também morrer pela mesma causa, eu saberei cumprir o meu dever com mão firme... Credes que se possa condenar Jean à morte?... Eu creio, eu, que não se pode condená-lo senão à imortalidade. (Textual.) Dai-me o vosso braço, senhor Duplessis... Acalmai a vossa emoção, e vamos à Câmara de Paris.

"Jean foi condenado a morte e deveria ser executado no segundo dia depois. Eu fui vê-lo em sua prisão, e esperava apenas ter a força de resistir a essa última e fúnebre entrevista. Quando eu entrei, ele fazia, sob a vigilância de um soldado, a sua toailete matinal com um cuidado tão minucioso quanto se estivesse em sua casa. Ele veio a mim estendendo-me as mãos; depois, olhando-me no rosto, disse-me com ansiedade: - Meu Deus! meu bom Fernand, como estás pálido!... Que tens, pois? - É que eu ! exclamei afundando em lágrimas e me lançando ao seu pescoço, tu mo perguntas! - Pobre Fernand! respondeu-me, tocado pela minha emoção, acalma-te... coragem! - E és tu que me encorajas neste momento supremo! disse-lhe eu; mas és, pois, como tua mãe, dotado de uma força sobre-humana?

"-Sobre-humana!... não; nos dás muita honra, replicou ele sorrindo; mas minha mãe e eu sabemos o que é a morte... e ela não nos amedronta... *Vossa alma muda de corpo, como os nossos corpos mudam de roupas; vamos reviverem outro lugar e esperar ou nos juntar àqueles que amamos...* Graças a esta crença, meu amigo, e à curiosidade de ver os mundos novos, misteriosos; enfim, graças à consciência do acontecimento próximo de nossas idéias e à certeza de deixar depois de si a memória de um homem honesto, tu o reconhecerás, a partida deste mundo não oferece nada do todo assustador, ao contrário."

"Jean Raymond não foi executado; sua pena foi comutada em uma detenção perpétua, e foi transferido à cidadela de Doullens."

BIBLIOGRAFIA

O REGIMENTO FANTÁSTICO POR VICTOR DAZUR(1)

(1) Um grande vol. in-12, preço: 3 fr. 50 c.; pelo correio, 4 fr.

Esta obra foi impressa em Lyon e não traz nenhum nome de editor; está dito simplesmente que é encontrada em Paris, em todas as livrarias. Nós a procuramos na livraria Internationale, 15, boulevard Montmartre.

Tomamos as passagens seguintes do relatório que o *Siècle* deu desta obra em seu folhetim de 22 de junho de 1868:

"É uma espécie de romance filosófico, onde a maioria das paixões que atualmente apaixonam os espíritos são tratadas sob uma forma original e dramática; o espiritualismo e o materialismo, a imortalidade da alma e o nada, o livre arbítrio e o fatalismo, a responsabilidade e a irresponsabilidade, as penas eternas e a expiação, depois a guerra, a paz universal, os exércitos permanentes, etc.

"Todas essas questões não são discutidas com muito método e profundidade, mas o são todas com uma certa erudição, com uma boa fé evidente, com alegria quase sempre, com espírito freqüentemente, e algumas vezes com eloqüência.

"Em suma, a obra é de um homem liberal, amigo do progresso, da perfectibilidade e do espiritualismo, amigo da paz, embora evidentemente militar.

"Eis, de resto, como o autor fala de si mesmo:

"O autor, que se deu nesse livro o nome de François Pamphile, tem a insigne honra de ser cabo no exército francês, quando teve o sonho estranho que forma o plano da obra que ireis ler, se não tiverdes nada melhor a fazer. Mais tarde o nosso militar escreveu seu sonho, em seguida divertiu-se em embelezá-lo quando para isto tinha tempo."

"O *Regimento fantástico*, de Victor Dazur, é, pois, um sonho como o *Paris en Amérique*, do Sr. Laboulaye, mas é um sonho que nos transporta a um mundo todo imaginário.

"O cabo François Pamphile entra em sua caserna, depois de ter tomado, com alguns camaradas, sua parte nas alegrias de uma festa pública em Paris. Farto de barulho, de música, de espetáculos em pleno vento, de iluminações, de fogos de artifício, o estômago bem fortalecido e a consciência tranqüila, não tendo tido querela com ninguém, não tendo ferido com seu sabre nenhum *civil*, dormiu com um sono profundo. Ao cabo de um tempo que ele não pôde apreciar, pareceu-lhe que sua cama levantou-se como se estivesse suspenso num balão à maneira de barquinha de aeróstato.

"Ele abre os olhos e se vê no espaço; um panorama móvel se estende abaixo dele; ele vê Paris desaparecer, depois o campo, depois a Terra. Parece-lhe fazer uma das viagens aerostáticas de nosso colaborador Flammarion, de quem se declara um leitor assíduo, e de quem louva com entusiasmo o belo livro espiritualista que tem por título a *Pluralidade dos Mundos habitados*.

"De repente, falta-lhe o ar; ele sufoca; mas entra numa outra atmosfera; sua respiração retoma; percebe um outro globo que seus estudos astronômicos o fazem reconhecer pelo planeta *Marte*. Ele se sente atraído para este planeta, cujo globo cresce rapidamente aos seus olhos. Ele treme, caindo segundo as leis da gravidade, e ali se sente esmagado; teme um choque terrível; mas não! Ei-lo estendido sobre uma espessa grama, aos pés de árvores maravilhosas, cheias de pássaros não menos maravilhosos.

"Ele se crê num mundo novo, passado do grau de cabo ao grau de primeiro homem. Ele chama uma Eva. É a canção do *Rói Dagobert* que lhe responde.

"O espanto de nosso cabo redobra vendo que o cantor é um grande folgazão vestido com o uniforme de sargento-mor da infantaria de linha francesa.

"- Quem sois? disse-lhe esse sargento, que tem o ar tão surpreso quanto ele.

" - Major, responde François Pamphile, eu sou cabo; venho do planeta Terra que deixei involuntariamente esta noite; e gostaria que tivésseis a gentileza de me dizer o nome do planeta em que caí.

" - Este planeta, é Soraí-Kanor, lógico!

"-Soraí-Kanor?...Eu supunha que era o planeta Marte. Parece que me enganei.

" - Não vos enganastes. Somente nosso planeta, que os terrenos chamam Marte, é chamado pelos nossos astrônomos Soraí-Kanor.

"O cabo se admira que o sargento saiba o nome dado pelos habitantes da Terra ao seu planeta. Mas o sargento lhe informa que não deixou a Terra senão depois de sua morte terrestre, e que ele era rei da França.

"A esta resposta inesperada, o cabo se descobre, quer dizer, tira o boné de algodão que tinha na cabeça.

"O rei sargento-mor disse-lhe para não lhe prestar tanta homenagem, uma vez que não é mais do que um simples sub-oficial. Na Terra, chamava-se François P; em Marte, ele pertence ao *regimento fantástico*, um regimento composto da maioria dos soberanos que reinaram sobre o globo terrestre. O coronel é Alexandre o Grande; o tenente-coronel Júlio César (que não reinou, propriamente falando), e o major Péricles (que reinou menos ainda). O regimento conta três batalhões, e cada batalhão oito companhias. O comandante do primeiro batalhão é Sésostris e o ajudante-mor Átila; o comandante do segundo batalhão, Charlemagne e o ajudante-mor Charles-Quint; o comandante do terceiro batalhão, Aníbal; e o ajudante-mor, Mithridate.

"Cada companhia é composta dos soberanos de uma mesma nação. A companhia francesa é a primeira do segundo batalhão e tem por capitão Luís XIV, o que prova, por parêntese, que o favor domina em Marte como na Terra, porque François I^a, que não é senão sargento-mor, seguramente era um maior capitão do que Luís XIV, e tinha a mais para ele a antigüidade.

"Os cantineiros do regimento fantástico são Semíramis, Cleópatra, Elizabeth, Catarina II. Do mesmo modo que todos os oficiais e os soldados do regimento são antigos soberanos ou homens que exerceram a soberania, todos os cantineiros e os serventes de cantina são antigos soberanos. Só os músicos são antigos compositores: Beethoven, Mozart, Glück, Puccini, Haydn, Bellini. O regimento não adotou o uniforme francês senão depois do reinado de Napoléon I^o, cujas campanhas entusiasmaram Alexandre o Grande. Depois, o regimento seguiu todas as variações de nosso costume militar, o que não é dizer pouco. Foi também depois do reinado de Napoléon I^o que a língua francesa foi adotada como a língua regulamentar do regimento. Todavia, não foi sob o império que a língua francesa brilhou mais. De resto, o vencedor de Austerlitz não está entre os militares do regimento fantástico. Não o está sobre Marte; talvez num mundo superior, talvez num mundo inferior: François I^o o ignora.

"Outros soberanos jamais figuraram no regimento fantástico; outros o deixaram depois de vários séculos de serviço; alguns, depois de vários milhares de séculos. O regimento não muda nunca de guarnição, e jamais faz a guerra. É uma espécie de regimento penitenciário onde os soberanos, homens e mulheres, não são colocados senão para expiar os crimes enormes que cometeram durante o seu reinado.

"Muito bem, mas os músicos Beethoven, Mozart e os outros, que grandes crimes cometeram para ficarem presos nesse regimento expiatório? É o que o autor negligencia em nos ensinar.

"O suplício habitual dos militares e dos cantineiros do regimento é o suplício de Tântalo. Os guerreiros que, sobre a Terra, se compraziam no sangue e na carnagem, conservaram seus belicosos instintos que o som do clarim desperta, sem cessar, e que os exercícios e os simulacros de combate superexcitam sem que lhes seja jamais possível satisfazer-se; porque o poder divino, que sobre a Terra permite a guerra, em Marte a proíbe.

"Os voluptuosos e as voluptuosas sofrem um suplício semelhante. Todos, homens e mulheres, conservam a beleza que gozaram na mais bela época de sua vida, mas estão submetidos a uma causa fisiológica que os condenam a uma castidade absoluta.

"Um outro castigo, que os desola mais ainda, é o suplício das recordações. Uma memória extremamente lúcida lembra-lhes os atos de sua vida terrestre. Só uma ocupação contínua chega a distraí-los; mas a disciplina é rigorosa; a cada instante, são condenados à detenção, à prisão ou à *sala de recordações*. Na detenção e na prisão, lhes são permitidas ainda algumas distrações, mas na sala de recordações não se lhes permite nenhuma. Ali se encontram encerrados em meio de todos os instrumentos de suplício e de tortura empregados em todos os reinados; sobre as paredes, são pintados a fresco todos os sofrimentos e todos os homicídios ordenados pelos reis.

"Quando Luís XI é encerrado na sala das recordações, ele é colocado numa caixa de ferro em uso em seu reinado, e colocado em frente do cadafalso de Nemours, cujo sangue goteja sobre a cabeça de seus filhos. Philippe o Belo é estendido sobre uma fogueira de onde ele vê o suplício dos Templários. Ferdinand, o Católico, é amarrado sobre um cavalete, a cabeça voltada para um auto-de-fé.

O nosso cabo ouve Nero se lamentar nestes termos com seu camarada Calígula:

- Os três quartos do tempo, sou punido com castigo ou detenção. Se reclamo contra uma punição, ela me é aumentada. Quando não estou na detenção, estou no pelotão de punição, e quando eu não estou no pelotão de punição, estou no trabalho pesado do quartel. Enfim, sou acabrunhado por vexações de todas as espécies, sem contar os meus outros sofrimentos. Eis que há muitos séculos isto dura. Quando isto acabará?"

- Mas é um inferno o vosso regimento fantástico, disse o bom Pamphile a François I^o.

'-Não, respondeu-lhe este, porque as penas aqui não são eternas. O *grande Desconhecido*, que é a justiça suprema, não pronuncia condenação eterna, tendo em vista que as *faltas finitas, tão grandes que elas sejam, não poderiam merecer penas infinitas*, Nosso planeta e certos outros não são infernos, mas purgatórios onde os homens, numa ou em várias existências sucessivas, pagam as *dívidas morais que contraíram em uma existência anterior*.

"Conversando familiarmente, ora com o sargento maior François I^o, ora com o simples infante Charles V, ora com o seu confrade o cabo Charles VII, o cabo Pamphile recebe as instruções e as revelações sobre o que interessa no mais alto grau à Humanidade. Enfim, em uma audiência que lhe concede o coronel Alexandre o Grande, no círculo dos oficiais, o antigo conquistador lhe expõe um projeto de congresso internacional universal que o encarrega de propor à Terra para estabelecer para sempre em nosso globo a paz, a concórdia e a fraternidade.

"-Meu coronel, exclama Pamphile entusiasmado, vosso projeto é tão lógico, me parece de tal modo indispensável e a idéia é em si tão natural, que me parece que logo será conhecido na Terra, todo o mundo dirá lá embaixo: como ocorre que não se haja pensado antes em estabelecer um congresso universal?"

"Apesar da esperança do bom cabo, duvidamos que os diferentes governos de nosso planeta se apressem em acolher o projeto de Alexandre; mas o congresso da paz, que se reunirá em Berna em setembro próximo, não pode deixar de tomá-lo em consideração. Nós o recomendamos em especialmente ao relator encarregado de estudar qual poderia ser a constituição dos *Estados Unidos da Europa*

Se o Sr. Victor Dazur (sem dúvida, este nome é um pseudônimo) se inspirou na *Pluralité des mondes habites*, do Sr. Flammarion, do qual se declara um leitor assíduo, ele também largamente respigou nas obras espíritas. Salvo o quadro do qual se serviu, sua teoria filosófica das penas futuras, da pluralidade das existências, do estado dos espíritos desligados do corpo, da responsabilidade moral, etc., é evidentemente hauridas na doutrina do Espiritismo, do qual reproduz não só a idéia, mas, freqüentemente, mesmo a forma.

As passagens seguintes não pode deixar dúvida sobre este ponto. "Tu sonhas, meu amigo, pensei; tu sonhas! Todos esses soberanos da Terra que recomeçam uma nova existência sobre o planeta Marte, esse gênio de corpo diáfano e de asas azuis, todos sentem o Espiritismo... E, no entanto, quando tu despertas, não crês nessa invenção. Depois, dirigindo-me a François I^o, eu lhe disse:

" - Major, vem-me ao espírito uma idéia singular; essa idéia me faz supor que tudo o que vejo e tudo o que ouço desde que cheguei aqui não é senão o efeito de um sonho. Dizei-me, eu vos peço, a vossa opinião. Pensais, como eu, que sonho?

" - Mas não! não sonhais, respondeu-me François I^o com ar tão indignado quanto se lhe tivesse feito uma pergunta muito estúpida. Não, não sonhais! Se sonhásseis, desfilaria diante de vosso espírito uma multidão de quimeras sem pé nem cabeça. Os acontecimentos dos quais serieis testemunha não teriam entre si nenhuma relação razoável. " - Mas, isso não é tudo, major. O que me faz ainda crer que sonho, é que me tateei, e que não encontrei o corpo... Tateio-me ainda agora, e não o encontro mais. No entanto, eu me sinto viver e me vejo com os braços e as pernas. Vai sem dizer que esses braços e essas pernas sendo impalpáveis, não são senão aparências fantásticas. Eu poderia bem explicar essas aparências, mas para isto me seria preciso, eu que não creio no Espiritismo, admitir certa teoria Espírita, que, verdadeira ou falsa, é, em todos os casos, bastante engenhosa.

"Essa teoria pretende que o Espírito de um corpo está cercado de um *perispírito*, quer dizer, de um envoltório semi-material, que pode tomar a forma desse corpo e tornar-se visível em certos casos. Uma vez admitido o perispírito, a mesma teoria pretende que um indivíduo pode algumas vezes ser visto, no mesmo instante, em dois lugares, mesmo muito distantes um do outro, o corpo dormindo de uma parte e a aparência do corpo, quer dizer, o perispírito, agindo de outra parte.

"Se esta afirmação for verdadeira, eu me encontraria pondo em prática a teoria da qual venho de falar. Poder-se-ia ver, neste momento, o meu corpo dormir em Paris, enquanto vedes meu perispírito como meu corpo poderia fazê-lo. Mas não acreditaria numa coisa tão extraordinária senão se ela estivesse provada.

"Seria ainda adotar o Espiritismo admitindo como real essa reunião de potentados reunidos aqui, naquilo que pretendem, para expiar os crimes que cometeram estando sobre a Terra.

"-Se o quereis, disse-me François I^o., não creiais no que tens diante dos olhos. Suponde um instante que em lugar de estar sobre este planeta, estais no domínio ideal da razão, e dizei-me se credes que os homens que fazem o mal, qualquer que seja a sua classe na sociedade, podem estar isentos do purgatório depois de sua morte terrestre? - Major, não sei o que vos responder. - Mas sei no entanto o que pensais. Pensais que o purgatório existe, não importa aonde, mas somente para as pessoas que ocupem os graus mais elevados da escala social. E o que vos leva a pensar nisto é que as faltas das pessoas altamente colocadas no mundo, são muito mais aparentes do que as dos simples particulares. Mas ides logo modificar essa idéia pensando que, para o Ser supremo, não há faltas escondidas. Com efeito, o Grande Desconhecido vê constantemente sobre a Terra simples particulares que fazem, relativamente, tanto mal em sua pequena esfera de

ação, quanto o fizeram em seus Estados certos tiranos desonrados pela história. Os simples particulares dos quais falo, em lugar de exercerem sua tirania num reino, a exercem em sua família e nas pessoas que o cercam, fazendo sofrer sem piedade mulher, filhos e subordinados. Esses tiranos não têm senão um cuidado, que é de gozar da vida escapando do código penal do país que habitam. Ora, eu vos pergunto, credes que essas pessoas malfazejas, que passam algumas vezes por seres virtuosos aos olhos de quem não conhece sua vida, credes, digo eu, que esses seres malfazejos são logo transportados para uma morada de delícias? - Não, eu não o creio. - Não admitis que contrataram, fazendo o mal, uma certa dívida moral? - Sim, major, eu o admito. - Pois bem! então, não deveis vos admirar que certos planetas sejam verdadeiros purgatórios onde os homens, *em uma ou várias existências, pagam as dívidas que contraíram numa existência anterior.*

" - Mas, major, os sofrimentos que todo homem sente no curso da vida não pagam suficientemente o mal que pôde fazer desde a idade da razão até à morte?

" - Isso não se poderia senão para um pequeníssimo número de indivíduos, porque, o mais freqüentemente, o mal que um homem faz recai sobre um certo número de seus semelhantes, o que multiplica tanto a soma do mal pessoal, e torna, quase sempre, a dívida tão grande que esse homem não poderia pagá-la no curso de sua curta existência. Ora, *quando não se pôde pagar suas dívidas numa vida, forçosamente, é preciso pagá-las numa outra*, porque, no fato de dívidas criminais, o Grande Desconhecido dispôs as coisas de maneira que não há bancarrota possível.

"Estando isso admitido, bem admitis também que é possível que monstros como Nero, Calígula, Héliogabale, Borgia e tantos outros dos quais não se pode enumerar os crimes, tenham podido pagar semelhantes dívidas pelos poucos males que eles sofreram em sua vida. Ora, de duas uma: esses homens, em sua morte, caíram no nada, ou bem recomeçaram uma nova existência; admitindo-se que tenham caído no nada, admite-se muito naturalmente que deveram fazer uma bancarrota enorme. Convireis que a idéia de uma semelhante bancarrota revolta o espírito, ao passo que admitindo-se que cada um deles recomeçou uma nova existência, o espírito se acha satisfeito pensando que *essas novas vidas não podem ser senão existências de expiação ou, dizendo melhor, de purificação*).(1) 1 - Se o efeito da injustiça ou do mal que um homem comete com relação a um outro homem pára no indivíduo, a necessidade da reparação será individual; mas se, por contragolpe, esse mal prejudica, passo a passo, a cem indivíduos, a sua dívida será centuplicada, porque serão cem reparações a realizar. Quanto mais vítimas tiver feito, diretamente ou indiretamente, mais haverá indivíduos que lhe pedirão conta de sua conduta. É assim que a responsabilidade e o número das reparações aumentam com a extensão da autoridade da qual se está revestido, se é responsável diante de indivíduos que jamais se conheceu, mas qu'e sofreram as conseqüências de nossos atos.

- Major não é mais simples admitir a condenação eterna para os monstros de que falais? -Convenho que é mais simples, mas não mais lógico. A lógica, que deve ser a alma da justiça, recusa admitir a condenação eterna, porque as *faltas finitas não poderiam merecer penas infinitas.*"

Segue uma dissertação das mais impressionantes e das mais lógicas que lemos contra o inferno e as penas eternas, sobre a justiça da proporcionalidade das penas, e sobre a doutrina do trabalho, mas que a sua extensão não nos permite reproduzir.

- Major, disse o cabo Pamphile, eu vos farei notar que a negação do inferno eterno, assim como a proporcionalidade das penas, é o próprio fundo da doutrina dos Espiritas; ora, eu já vos disse que não creio no Espiritismo. - Então... crede no inferno eterno, se isto lhe dá prazer."

Entre os soberanos que o cabo Pamphile encontra no planeta Marte, há os que viviam ao tempo do dilúvio, dos reis da Assíria, ao tempo da torre de Babel, dos Faraós ao tempo da passagem do mar Vermelho para os Hebreus, etc., e cada um dá sobre

esses acontecimentos explicações que, para a maioria, têm o mérito, senão de prova material, ao menos da lógica.

Em suma, o quadro escolhido pelo autor para emitir as suas idéias, é feliz, até na própria negação do Espiritismo que acaba, em definitivo, em uma afirmação indireta. Diremos, como o *Síécle* que, sob uma forma em aparência leviana, todas as questões ali são tratadas com uma certa erudição, com uma boa fé evidente, quase sempre com alegria, freqüentemente com espírito, e algumas vezes com eloquência. Acrescentaremos que não conhecendo o autor, se este número lhe cai à mão, desejamos que nele encontre a expressão de nossas sinceras felicitações, porque fez um livro interessante e muito útil.

CONFERÊNCIAS SOBRE A ALMA Pelo Sr. Alexandre Chaseray (1) (1) Pequeno volume in-12; preço, 1 fr. 50; pelo correio, 1 fr. 75. Casa Germer-Bailliére, 17, rua da Ecole-de-médecine.

As obras modernas onde o princípio da pluralidade das existências está afirmado incidentalmente são inumeráveis; mas esta da qual falamos nos parece uma daquelas onde é tratado de maneira mais completa; o autor se prende, além disto, em demonstrar que a idéia cresce e se impõe cada dia mais aos Espíritos mais esclarecidos. Nos fragmentos que reportamos adiante, as notas são do autor.

"A transmigração das almas, disse o Sr. Chaseray, é uma idéia filosófica ao mesmo tempo das mais antigas e das mais modernas. A metempsicose faz o fundo da religião dos Indianos, religião muito anterior ao judaísmo, e Pitágoras pode ter essa crença dos Brahmanes, se for verdade que ele penetrou na Índia; mas é provável que a trouxe do Egito, onde ele residiu muito tempo. A civilização reinava nas margens do Nilo, vários milhares de anos antes do nascimento de Moisés, e, no dizer de Heródoto, os sacerdotes egípcios foram os primeiros que anunciavam que a alma é imortal e que ela passa sucessivamente em todas as espécies de animais antes de entrar num corpo de homem.

"Os Gregos, de seu lado, não abandonaram jamais completamente a metempsicose. Aqueles dentre eles que não admitiam, em sua integridade, a doutrina de Pitágoras, acreditavam vagamente com Platão que a alma imortal havia existido em alguma parte, antes de se manifestar sob a forma humana, ou acreditavam no rio Letes e no renascimento do homem na Humanidade. Entre os primeiros cristãos, muitos neófitos entendiam reter seus antigos dogmas, o que para eles parecia bom; os Maniquens, por exemplo, tinham conservado os dois princípios do bem e do mal e a migração das almas; foi assim que os heresiarcas vindo a se multiplicar os Pais e os Concílios tiveram tanto afazer para conduzir os espíritos a uma fé uniforme. Definitivamente vitoriosa, a Igreja apostólica banuiu de seu império a metempsicose, a qual foi substituída pelo dogma do julgamento irrevogável e da divisão dos humanos em eleitos e em condenados. O purgatório foi introduzido mais tarde como corretivo de uma decisão muito inflexível.

"Do mesmo modo que não considere muito como um progresso o Espiritualismo de Santo Tomás, do qual não vejo nenhum traço nos livros santos, do mesmo modo ainda não julgo nem feliz nem conforme a antiga doutrina do pecado original, que estabelece uma solidariedade tão estreita entre todas as gerações de homens, a afirmação dogmática consistente em dizer que a existência de cada um de nós é sem raízes no passado e acaba no paraíso ou num inferno eterno. Está aí, em minha opinião, uma heresia filosófica contra a qual o espírito moderno reage com força.

"De todas as partes, retorna-se à transmigração da alma. Mas concebe-se geralmente, em nossos dias, uma metempsicose mais ampla do que aquela da qual se atribuía a crença aos Antigos. O espírito de indução, tendo transposto os limites da Terra e reconhecido, nos sóis e nos planetas, mundos habitáveis, não pôde mais limitar os destinos do homem ao globo terrestre. Em lugar de ver a alma percorrendo, sem cessar, o círculo das plantas, dos animais e da espécie humana, ou renascendo constantemente na Humanidade, pôde-se imaginá-la alçando o seu vôo para os mundos infinitos (1). (1) Era tão natural aproveitar do resultado glorioso aberto à alma pelas descobertas astronômicas, que não posso crer que a metempsicose de Pitágoras haja sido realmente a que o vulgo dela pensa; porque

Pitágoras conhecia o verdadeiro sistema do mundo; o duplo movimento de rotação e de translação da Terra; a imobilidade relativa do Sol; a importância das estrelas fixas, das quais cada uma é um sol e o centro de um grupo de planetas muito provavelmente habitados; o caminho e o retorno dos planetas: nada de tudo isto era ignorado por Pitágoras. Este filósofo, instruído pelos sábios sacerdotes egípcios, que não revelavam seus segredos senão a um pequeno número de iniciados, acreditou dever, ao seu exemplo, manter secreta esta parte de sua ciência. Um de seus discípulos, menos escrupuloso, a divulgou; mas como faziam falta as provas e as verdades se achavam perdidas no meio de erros e de sonhos místicos, a revelação passou despercebida. Não basta emitir uma idéia justa, é preciso saber fazê-la aceitar; também Copérnico e Galileu, os vulgarizadores do verdadeiro sistema cosmológico, dele são considerados como os inventores, embora a sua noção primeira se perca na noite dos tempos.

"Não tenho senão a dificuldade da escolha em fazer citações para mostrar que a fé tem uma série de existências, umas anteriores, outras posteriores à vida presente, cresce e se impõe cada dia mais aos espíritos esclarecidos.

"Comecemos por Jean Reynaud. Este filósofo insiste sobre a ligação natural que apresentam as duas idéias de preexistência e de vida futura.

"Examinando-se, diz ele, todos os homens que passaram pela Terra, desde que a era das religiões sábias começou, ver-se-á que a grande maioria viveu na consciência mais ou menos atrasada de uma existência prolongada pelos caminhos invisíveis deste lado como além dos limites desta vida. Há, com efeito, uma espécie de simetria tão lógica que deveu seduzir as imaginações à primeira vista; o passado ali faz equilíbrio ao futuro, e o presente não é senão o pivô entre o que não é mais e o que não é ainda. O platonismo despertou essa luz precedentemente agitada por Pitágoras, e delas sã serviu para esclarecer as mais belas almas que hajam honrado os tempos antigos (2)." (2) *Terre et Ciel*.

"Este julgamento de Jean Reynaud se encontra plenamente confirmado pela seguinte nota de Lagrange, o elegante tradutor do poema de Lucrécio:

"De todos os filósofos que viveram antes do cristianismo, nenhum sustentou a imortalidade da alma sem estabelecer preliminarmente a sua preexistência; um desses dogmas eram considerados como a consequência natural do outro. Acreditava-se que a alma deveria sempre existir, porque ela sempre existiu; e estava-se persuadido, ao contrário, de que em concordando que ela havia sido engendrada com o corpo, não se estava mais no direito de negar que ela deveria morrer com ele." - Nossa alma, disse Platão, existia em alguma parte antes de estar nesta forma de homens; eis porque não duvido que ela não seja imortal."

"O velho druidismo, prossegue o autor de *Tierre et Ciel*, fala ao meu coração. Esse mesmo solo que habitamos hoje teve antes de nós um povo cheio de heróis, que estavam habituados a se considerar como tendo freqüentado o universo de longa data antes de sua encarnação atual, fundando assim a esperança de sua imortalidade sobre a convicção de sua preexistência."

"Um de nossos melhores historiadores dá também grandes elogios ao principal ensino dos druidas; Henri Martin é de opinião que nossos pais, os Gauleses, representam no mundo antigo "a mais firme, a mais clara noção da imortalidade como jamais o foi (1)." (1) *Histoire de France*, 4ª ed., t.1.

"Eugène Sue disse, a seu turno, da fé druídica:

"Segundo esta sublime crença, o homem imortal, espírito em matéria, vindo de baixo, e indo para o alto, transita por esta Terra e nela mora passageiramente, assim como tinhamorado deve morar nessas outras esferas inumeráveis que brilham, no meio dos abismos do espaço (2)." (2) (Feuilleton de *la Presse*, de 19 de outubro de 1854.)

Nem todos os antigos autores desconhecaram o belo lado da religião dos druidas, testemunham estes versos de Lucano:

Vobis auctoribus, umbrae
Non táctas Erebi sedes, Ditisque profundi
Pallida regna petunt: *regit idem spiritus artus*
Orbe alio: longas (canitis si cognita) vitae

Mors media est.

"Segundo vós, Druidas, as sombras não descem nas silenciosas moradas do Erebo, nos pálidos reinos do deus do abismo. *O mesmo Espírito anima um novo corpo numa outra esfera.* A morte (se vossos hinos contêm a verdade) é o meio de uma longa vida."

"Já no século dezessete, Cyrano de Bergerac dizia, imitando os sacerdotes gauleses:

"Morremos mais de uma vez; e, como não somos senão partes de um universo, mudamos de forma para retomar a vida em outra parte; o que não é um mal, uma vez que é um caminho para aperfeiçoar o seu ser e para chegar a um número infinito de conhecimentos."

"Vários de nossos contemporâneos, sem parecer se inspirarem nos druidas, no entanto, anunciam também que o destino da alma é viajar de mundo em mundo.

"Lê-se, por exemplo, na *Profession de foi du dix-neuvième siècle*, de Eugène Pelletan:

"Pela irresistível lógica da idéia, acredito poder afirmar que a vida mortal terá o espaço infinito por lugar de peregrinação.....O homem irá, pois, sempre, de sol em sol, subindo sempre, como sobre a escada de Jacó, a hierarquia da existência; passando sempre, segundo o seu mérito e segundo o seu progresso, do homem ao anjo, do anjo ao arcanjo."

"E na *Rénovation religieuse*, do Sr. Patrice Larroque, antigo reitor da Academia:

"Pode-se conjecturar que a maioria dos outros globos que se movem no espaço, levam, como a Terra, seres organizados e animados, e que esses globos serão os teatros sucessivos de nossas vidas futuras."

"Lamennais expressa a idéia de renascimento de maneira tão precisa, embora muito restrita:

"O progresso, disse ele, possível ao indivíduo sob sua forma orgânica atual estando cumprido, ele retorna à massa elementar esse organismo usado, e reveste um outro organismo mais perfeito (1)." (1) *De la société première et de ses tois*, liv.III.

"Assinalemos ainda o trecho seguinte do discurso pronunciado pelo Sr. Guérault, da *Opinion nationale*, sobre o túmulo do padre Infantin:

"Ninguém foi mais religioso do que Infantin; ninguém viveu, tanto quanto ele, em presença da vida eterna da qual esta vida, que nos escapa a cada instante, não é senão uma das etapas inumeráveis."

"Um de nossos mais célebres romancistas dá a pensar que crê na passagem dos seres inferiores a espécies superiores, e, principalmente, dos animais à Humanidade:

"Explicará quem quiser, disse George Sand, essas afinidades entre o homem e certos seres secundários na criação. Elas são tão reais quanto as antipatias e os terrores insuperáveis que nos inspiram certos animais inofensivos....É talvez que todos os tipos, partido especialmente de cada raça de animais, se reencontram no homem. Os fisionomistas constataram semelhanças físicas; quem pode negar as semelhanças morais? Não há entre nós de raposas, de lobos, de leões, de águias, de besouros, de moscas? A grosseria humana, freqüentemente, é baixa e feroz como o apetite do porco..."

"George Sand se mostra mais explícita a respeito das migrações das almas nas linhas seguintes da mesma obra (2). (2) *Histoire de ma vie*.

"Se não devemos aspirar à beatitude dos puros espíritos do país das quimeras, se devemos entrever sempre além desta vida um trabalho, um dever, provas e uma organização limitada em suas faculdades frente ao infinito, pelo menos nos é permitido pela razão, e nos é ordenado pelo coração, de contar com uma seqüência de existências progressivas em razão de nossos bons desejos....."

Podemos considerar esta Terra como um lugar de passagem e contar com o despertar mais doce no berço que nos espera em outra parte. De mundos em mundos, podemos, em nos libertando da animalidade, que combate neste mundo nosso espiritualismo, nos tornar próprios a revestir um corpo mais puro, mais apropriado à nossa necessidade da alma, menos combatido e menos entravado pelas enfermidades da vida humana, tal como a sofremos neste mundo.

"Citemos ainda um romancista, Balzac. Os romancistas desta ordem, do mesmo modo que os poetas fora de linha, abordam as questões mais elevadas, e sabem semear de traços profundos seus escritos de uma forma agradável e leve. É assim que, em os *Misérables*, Victor Hugo deixa cair de sua pena esta vaga interrogação: "De onde viemos? e se está bem seguro de que nada fizemos antes de nascer?" Não é senão pensando, e sem tomar partido de sustentar uma tese filosófica, que o autor da *Comédie humaine* fala das existências sucessivas. Também não posso senão pegar no ar este pensamento de vários de seus romances.

"Eis, por exemplo, algumas linhas do *Lys dans la vallée*:

"O homem é composto de matéria e de espírito; a animalidade vem chegar nele, e o anjo nele começa. Daí essa luta que suportamos entre um destino futuro que pressentimos e as lembranças de nossos instintos inferiores, dos quais não estamos inteiramente desligados: um amor carnal e um amor divino."

"E encontro em *Séraphita*, esse romance místico onde Balzac expõe com um interesse e um encanto tão poderosos a doutrina religiosa do Sueco Swedenborg:

"As qualidades adquiridas e que se desenvolvem lentamente em nós são os laços invisíveis que ligam cada um de nossos *existers* um ao outro."

"Enfim, nas *Comédienssans le savoir*, asibila, a senhora Fontaine, pergunta a Gazonal:

- De que flor gostais? " - Da rosa.

- De que cor gostais? " - O azul.

" - Que animal preferis?

- O cavalo. Por que estas perguntas? perguntou ele a seu turno.

- O homem prende-se a todas as formas por seus estados anteriores, disse ela sentenciosamente; daí vêm os seus instintos, e os seus instintos dominam o seu destino."

"Michelet testemunha sua simpatia pelas mesmas idéias, quando chama o cão um *candidato à humanidade*, e quando diz falando dos pássaros:

"Que são eles? almas esboçadas, almas especializadas ainda em tais funções da existência, candidatos à vida mais geral e mais vastamente harmônica a que chegou a alma humana (1)." (1) O *Oiseau*.

"Pierre Leroux não crê que o homem tenha passado pelos tipos inferiores dos animais e das plantas. Em sua opinião, os indivíduos se perpetuam no seio da espécie e o homem renasce indefinidamente na Humanidade. A solidariedade entre todos os membros da família humana é então evidente; *o bem que um homem faz a seus semelhantes retorna à sua própria vantagem, uma vez que deles não se separa na morte, senão para retomar logo a se misturar a eles*. Sustentando a perpetuidade do ser no seio da espécie, Pierre Leroux se afasta dos autores que acabo de citar e não encontro muitas aprovações (1); (1) Goethe parecia partilhar esta maneira de ver, quando exclama, em uma de suas cartas, à encantadora senhora de Stein: "Por que o destino nos ligou tão estreitamente? Ah! nos tempos recuados, tu foste minha irmã ou minha esposa! Conheceste o menor de meus traços, espreitaste a vibração da mais pura de minhas fibras, soubeste ler-me com um olhar, a mim, que um olhar humano dificilmente penetra!" (*Revue germanique*, dezembro de 1865.) Victor Meunier não está longe de crer também no renascimento do homem sobre a Terra: "A sorte daqueles que virão depois de nós, disse ele, não me acha indiferente, longe disto! Tanto quanto não me está demonstrado, nós não nos sucederemos a nós mesmos." (*La Science et les savants en 1865*, 2º semestre.) mas ele não é menos um defensor

ardente da idéia geral e de uma importância extrema que liga a vida atual a uma série de existências.

"Depois de haver dito que a criança, vindo ao mundo, não é, como o pretendia a escola de Locke, *uma tabula rasa*; e que é injuriar a Divindade supor que ela tira do nada novas criaturas, que ela embeleza ao acaso com seus dons, ou que fere ao acaso em sua cólera. Pierre Leroux conclui por estas palavras:

"Assim, de toda a necessidade, é preciso admitir ou o sistema indeterminado das metempsicoses, ou o sistema determinado de renascimento na Humanidade que eu sustento (2). (2) *De l'Humanité*.

"Estou longe de repelir, de maneira absoluta, o sistema de renascimento na Humanidade; mas a Humanidade teve um começo, posterior mesmo ao da maioria das espécies de animais e vegetais que cobrem o nosso globo; a Humanidade terá um fim; e, uma vez que a alma não perece, é preciso que o ser permanente, o eu, mergulhe suas raízes em outra parte do que na Humanidade, e encontre o seu desenvolvimento futuro em outra parte do que na Humanidade, forma transitória."

As numerosas citações que o autor faz, e que estão longe de ser completas, provam o quanto é geral a idéia da pluralidade das existências, e que dentro em pouco ela terá passado ao estado de verdade adquirida. Sobre outros pontos, ele se afasta completamente da Doutrina Espírita; estamos longe de partilhar a sua opinião sobre todas as questões que trata em seu livro, notadamente no que concerne à divindade, à qual atribui um papel secundário, e a natureza íntima da alma, da qual contesta a espiritualidade. Seu sistema é uma espécie de panteísmo que costeia o Espiritismo, e parece ser um termo médio para certas pessoas que não querem nem o ateísmo, nem o nihilismo, nem o espiritualismo dogmático. Por incompleto que seja, esse não é menos um notável progresso sobre as idéias materialistas, das quais está sempre mais distante do que dos nossos. Salvo alguns pontos muito controvertidos, a obra contém objetivos muito profundos e muito justos, aos quais o Espiritismo não pode senão associar-se.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

O QUE FIZERAM DE MIM?

Extraímos a comunicação seguinte do jornal Espírita *lê Salut*, que se publica em New Orléans, número de 1º de junho de 1868:

- Filhos, eu vos escrevi: "Quando vossa boa união me chamar, virei a vós;" e a vossa boa união me chamou, e eis-me aqui.

Velareis agora como meus apóstolos de outrora. Fazei como os bons e não façais como os maus; que ninguém renegue, que ninguém traia! ides vos sentar na mesma mesa que reúne os amigos de minha fé e de meu coração; que ninguém seja nem Pedro, nem Judas!

Oh! meus bons filhos, olhai ao vosso redor e vede! minha cruz, um instrumento glorioso de meu vil suplício, domina os edifícios da tirania....e eu, não vim senão para pregaraliberdadeeafelicidade.com a minha cruz mergulharam-se os corpos no sangue e as consciências na mentira! com a minha cruz, disseram aos homens: "Obedecei aos vossos senhores, curvai-vos diante dos opressores!" E eu dizia: "Sois todos os filhos de um mesmo pai, sem distinção senão de vossos méritos, resultante de vossa liberdade.

Eu tinha dito aos grandes: "Rebaixai-vos!" e aos pequenos: "Levantai-vos!" E elevaram os grandes e abaixaram os pequenos.

Que se fez de mim, de minha memória, de minha lembrança, de meu apostolado? Um sabre! - Sim, e há deles ainda que são feitos os agentes dessa infâmia!... Oh! se se pudesse sofrer na morada celeste, eu sofreria!... e vós, vós deveis sofrer... e deveis

estar prontos para tudo pela redenção que comecei, não fosse senão para arvorar sobre a mesma montanha o mesmo sinal de reunião!... Ele será visto e compreendido, e deixarão tudo para defendê-lo, para abençoá-lo e amá-lo.

Filhos, ide para o céu com a fé, e toda a Humanidade vos seguirá sem medo e com amor! Sabereis depressa, na prática, o que é o mundo, se a teoria não vos ensinou.

Tudo o que vos foi dito pela prática do verdadeiro cristianismo não é senão a sombra da verdade! O triunfo que vos espera está tanto acima dos triunfes humanos e daqueles de vossos pensamentos, quanto as estrelas do céu estão acima dos erros da Terra!

Oh! quando verão como Tome! Quando terão tocado!... Vós vereis! vós vereis! As paixões vos farão obstáculos, depois elas vos farão socorro, por que serão as boas paixões depois das más paixões.

Pensai em mim, quando fordes partir o meu pão e beber o meu vinho, em vos dizendo que içareis, pela eternidade, a bandeira dos mundos... Oh! sim, dos mundos, porque reunirão passado, o presente e o futuro a Deus.

JESUS.

O jornal publica esta comunicação sem dar informações sobre as circunstâncias nas quais foi obtida; parece, no entanto, que deve ter sido numa festa comemorativa da ceia, ou algum ágape fraternal entre adeptos. Qualquer que o seja, ela leva, na forma e no fundo dos pensamentos, na simplicidade junto à nobreza do estilo, uma marca de identidade que não se poderia desconhecer. Ela atesta, da parte dos assistentes, disposições de natureza a lhes merecer esse favor, e nós não podemos senão felicitá-los por isso. Pode se ver que as instruções dadas na América sobre a caridade e a fraternidade não perdem em nada às que são dadas na Europa; é o laço que unirá os habitantes dos dois mundos.

LIGA INTERNACIONAL DA PAZ

Fomos solicitados a levar ao conhecimento dos leitores da Revista Espírita que as adesões e as subscrições à *Ligue Internationale de la paix* são recebidas na casa dos Srs. Dolfus, Mieg e Cia. tesoureiros da liga, rue Saint-Fiacre n° 9, e no secretariado, rue Roquépine, n° 18, onde se pode igualmente procurar todas as informações e dirigir todas as comunicações. Recebemos, ao mesmo tempo, uma brochura contendo o relatório da primeira assembléia geral, os discursos dos oradores, e diversos documentos úteis para fazerem conhecer o objetivo dessa associação. Ela se encontra na livraria Guillaumin, rue Richelieu, 14, preço, 1 fr.

Deferimos com tanto mais boa vontade o convite que nos é feito, quanto todos os Espíritas são, por princípio, os amigos da paz, e simpatizam com todas as instituições ou projetos tendo por objetivo fazer desaparecer o flagelo da guerra. Sua Doutrina, que conduz à fraternidade universal, fazendo desaparecer os antagonismos de raças, de povos e de cultos, é por ela mesma um poderoso elemento para a paz geral.

NO PRELO

Para aparecer no fim de setembro.

O ESPIRITISMO NA BÍBLIA, ensaio sobre as idéias psicológicas entre os antigos hebreus; por *Henri Stecki*, de São Petersburgo. Brochura de 150 a 200 páginas; formato do *O que é o Espiritismo*.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

11º ANO

NO. 10

OUTUBRO 1868

MEDITAÇÕES

Por C. TSCHOKKE

(Artigo enviado de São Petersburgo.)

Entre os livros de alta piedade, cujos autores, penetrados das verdadeiras idéias cristãs, tratam todas as questões religiosas e abstratas com um zelo esclarecido, isento de preconceitos e de fanatismo, um daqueles que gozam na Alemanha de uma grande estima, merecida sob todos os aspectos, é, sem contradita, o que tem por título *Heures de piété* (Stunden der Andach), por C. Tschokke, escritor suíço distinto, autor de muitas obras literárias, escritas em língua alemã e muito apreciadas na Alemanha; este livro teve, desde 1815, mais de quarenta edições. Os supostos *ortodoxos*, mesmo protestantes, acham em geral que este livro é muito liberal em suas idéias, em matéria de religião, e que o autor não se apoia muito sobre os dogmas e as decisões dos Concílios; mas os crentes esclarecidos, aqueles que procuram as consolações na religião e desejam adquirir as luzes necessárias para compreender-lhe as verdades, depois de ter lido e meditado, prestarão plena justiça às luzes e à tocante piedade do autor.

Damos aqui a tradução de duas meditações contidas nesse livro notável, porque elas encerram idéias inteiramente espíritas, expostas com justeza perfeita, há mais de cinquenta anos. Em uma e na outra, se encontram uma definição muito exata e admiravelmente elaborada do *corpo espiritual ou perispírito*, idéias muito sadias e muito lúcidas sobre a *ressurreição* e a pluralidade das existências, através das quais já penetra na luz da sublime doutrina da *reencarnação*, esta pedra angular do Espiritismo moderno.

W. Foelkner.

141ª MEDITAÇÃO

Do nascimento e da morte.

O nascimento e a morte ambos estão cercados de trevas impenetráveis. Ninguém sabe de onde veio, quando Deus o chamou; ninguém sabe aonde irá quando Deus o chamar. Quem poderia me dizer seja não existi, antes de tomar o meu corpo atual? O que é este corpo que pertence tão pouco ao meu eu, que, durante uma existência de cinquenta anos, eu não o terei mudado várias vezes como a uma roupa? Não tenho mais a mesma carne e o mesmo sangue que tinha quando amamentava, nos anos de minha juventude e na idade da maturidade; as partes de meu corpo que me pertenceram durante a primeira idade, há muito tempo foram dissolvidas e evaporadas. Só o Espírito resta o mesmo durante todas as variações que sofre o meu envoltório terrestre. Que necessidade tinha eu para a minha existência do corpo que possuía sendo criança? Se

existi antes dele, onde eu estava? E quando estiver desembaraçado de minha roupa atual, onde estarei? Ninguém me responde. Vim aqui como por milagre e é por milagre que desaparecerei. O nascimento e a morte lembram ao homem esta verdade tão freqüentemente esquecida por ele, de que ele se encontra sob o poder de Deus.

Mas essa verdade é ao mesmo tempo um consolo. O poder de Deus, é o poder da sabedoria, o encanto do amor. Se o começo e o fim de minha vida estão envolvidos de trevas, devo pensar que isto deve ser um benefício para mim, como tudo o que vem de Deus é benefício e graça. Quando tudo ao meu redor proclama a sua sabedoria suprema e a sua bondade infinita posso acreditar que as trevas que cercam o berço e o caixão mortuário são as únicas exceções? Pode ser que já vivi uma vez, várias vezes mesmo? Quem conhece os mistérios da natureza dos Espíritos? (1) (1) É preciso lembrar que estas linhas foram escritas cinqüenta anos antes das revelações dos Espíritos recolhidas pelo Espiritismo (Nota do tradutor.)

Minha presença sobre a Terra não seria talvez uma fraca imagem da existência eterna? Não vejo já aqui a minha passagem da eternidade na eternidade, como num espelho opaco?

Ousaria me embalar de estranhos pressentimentos? Esta vida seria verdadeiramente uma imagem em miniatura da existência eterna? Que seria se tive várias existências, se cada uma de minhas existências e uma hora de vigília da infância de meu Espírito, e cada mudança de meu envoltório, de suas relações ou o que se chama morte, uma sonolência, para um despertar com forças novas? É verdade que me é impossível saber quantas vezes e como existi, antes que Deus me tivesse chamado à minha existência atual; mas a criança que amamenta disso sabe mais que eu de suas primeiras existências? Tanto perdeu pois, para não poder se lembrar de seu primeiro riso e de suas primeiras lágrimas? Quando tiver avançado em idade, disso não se lembrará mais, muito certamente, mas saberá o que foi em seus primeiros anos; saberá que sorriu, que chorou, que velou, dormiu, sonhou, tudo como os outros. Se é possível neste mundo, por que seria impossível que um dia, depois de uma viagem mais elevada de meu Espírito imortal, este possa se lembrar e analisar seu caminho percorrido, as circunstâncias diferentes nas quais se encontrou durante sua viagem e nos mundos que habitou? Em que grau de idade estou colocado agora? Assemelho-me ainda à criança que esquece depois de uma hora os acontecimentos da hora precedente e não está em estado de guardar a lembrança de um sonho que, tendo-a levado pelo sono à vida exterior, separou-a da vigília precedente; mas me pareço a uma criança que, no entanto, já sabe reconhecer os seus pais. Esquece os prazeres e os desgostos do momento que passa; mas, a cada despertar, reconhece de novo seus traços queridos. Ocorre assim comigo: reconheço também meu Pai, meu Deus no Todo Eterno. Eu o teria procurado em meus olhares, tê-la-ia chamado, mesmo quando ninguém tivesse me falado Dele; por que a lembrança do Pai celeste é, diz-se, inata em cada homem. Todos os povos guardam esta lembrança, mesmo os mais selvagens, cujas ilhas solitárias, banhadas pelo Oceano, jamais foram abordadas por viajantes civilizados. *Inata*, diz-se; talvez deveria se dizer *herdada*, transportada de uma vida anterior, tudo como a criança reporta de um sonho anterior num sonho posterior, a lembrança de sua mãe.

Mas eu caio nos sonhos! Quem está no estado de aprová-los ou de rejeitá-los? Eles se assemelham às primeiras lembranças, muito vagas e muito fracas, que uma criança tem de alguma coisa que lhe parece ter ocorrido nesses momentos de vigília passados. Nossas mais audaciosas suposições, quando mesmo as cremos verdadeiras, não são senão o reflexo fugidio e confuso de nossos sentimentos datando de um passado esquecido. De resto, não os censuro. Mesmo em as supondo quiméricas, elas levantam o meu Espírito, porque em olhando a nossa vida terrestre como uma hora de uma criança no leite, que vasta e incomensurável perspectiva de eternidade se abre diante de mim! Que será, pois, a juventude mais avançada, a plena maturidade de meu Espírito imortal,

quando tiver ainda muitas vezes velado, sonhado e subido um maior número de degraus da escala espiritual?

O dia da morte terrestre se tornará, então, meu novo dia de nascimento para uma vida mais elevada e mais perfeita, o começo de um sono que será seguido de um despertar mais restaurador. A graça divina me sorrirá com um amor maior do que a afeição com a qual uma mãe terrestre sorri ao seu filho desperto do sono, no momento em que ele abre os olhos.

143ª MEDITAÇÃO *Da Transfiguração após a morte.*

Se tenho o direito de burguesia em dois mundos, se pertenço não só à vida terrestre, mas também à vida Espiritual, é bem perdoável, penso, me ocupar às vezes do que me espera nesta última, para a qual um vago ardor me atrai sem cessar... Eu me mantenho inteiramente de boa vontade, em lembrar, com aqueles que me foram caros e que a morte me arrebatou, do que com aqueles que, neste mundo, me enchem de alegria pela sua presença, porque os primeiros não deixaram de existir, embora privados de um corpo material. A destruição de um corpo não conduz à destruição do Espírito. Continuo a vosquerer, meus amigos ausentes, meus caros defuntos! Depois temo não ser mais igualmente o objeto de vossa afeição? Não certamente, nenhum mortal tem o poder de separar os Espíritos reunidos por Deus, do mesmo modo nenhum túmulo tem esse poder.

Embora a sorte que me espera em um outro mundo me esteja oculta, me é permitido, penso, meditar algumas vezes sobre este assunto e tratar de adivinhar, pelo que vejo aqui, o que me poderia me ocorrer lá. Se nos é recusado sobre a Terra ver, devemos tratar de manter em nós a fé que tudo vivifica. -Jesus Cristo falou, freqüentemente, em alegorias elevadas, do estado da alma depois da morte do corpo, e seus discípulos gostavam também de conversar sobre este assunto com seus confidentes, assim como com aqueles que duvidam da possibilidade da ressurreição dos mortos.

A doutrina da ressurreição dos corpos foi uma das mais antigas da religião judaica. Os Fariseus a ensinavam, mas de maneira grosseira e material, pretendendo que todos os corpos enterrados nos túmulos deveriam necessariamente se tornar um dia o envoltório e o instrumento dos Espíritos que os haviam animado durante a vida terrestre, - opinião que foi plenamente refutada por uma outra parte religiosa judaica, os Saduceus. O Cristo, convidado um dia a se pronunciar entre estas duas opiniões contrárias, demonstrou que os dois partidos religiosos judeus tinham chegado, à força de aberrações, a erros inteiramente opostos; que a imortalidade da alma, quer dizer, a continuação de sua existência no outro mundo, ou a ressurreição dos mortos, poderia ter lugar e se produzir infalivelmente, sem dever ser uma ressurreição grosseiramente material dos corpos, providos de todas as exigências e de todos os sentidos terrestres necessários à sua conservação e à sua reprodução. Os Saduceus reconheceram a verdade de suas palavras: "Mestre, respondestes muito bem!" disseram eles. (Luc; cap. XX, v. de 27 a 39.)

O que Jesus não discutia publicamente, senão muito raramente em detalhe, deveria ser o assunto de suas conversas íntimas com seus discípulos. Eles tinham a mesma idéia que a sua sobre o estado da alma depois da morte e sobre a doutrina judaica concernente à ressurreição. "Insensatos que sois, disse o apóstolo Paulo, não vedes que o que semeais não retoma da vida, não morre *antes*? E quando semeais, não semeais o corpo da planta que deve nascer, mas unicamente o grão, como o do trigo ou de qualquer outra coisa. O corpo, como uma semente, é agora colocado na terra cheia de corrupção e ele ressuscitará incorruptível. É colocado na terra como um corpo animal e ressuscitará como um corpo *espiritual*. *Como há um corpo animal, há também um corpo espiritual*. A carne e

o sangue não podem possuir o reino de Deus e a corrupção não possuirá essa herança incorruptível.(1. Cor. cap. XV, v. de 37 a 50.)

O corpo humano, composto de elementos terrestres, retornará à terra e entrará nos elementos que compõem os corpos das plantas, dos animais e dos homens. Esse corpo é incapaz de uma vida eterna; sendo corruptível, ele não pode herdar a incorruptibilidade. O *corpo espiritual* nascerá da morte, quer dizer, que o *eu espiritual* se elevará como *transfigurado* acima das partes do corpo ferido pela morte, numa maior liberdade e provido de um *envoltório espiritual*.

Esta doutrina do Evangelho, tal como saiu das revelações de Jesus e de seus discípulos, corresponde admiravelmente com o que sabemos já agora da natureza do homem. É irrecusável que o Espírito ou a alma, além do corpo terrestre, está, em realidade, revestido de um corpo espiritual, o qual, tudo como a reprodução da flor de uma semente apodrecida, se libera para a morte do corpo material.

Diz-se, freqüentemente, por alegoria, que o sono é o irmão da morte; ele o é em realidade. O sono não é senão a retirada do Espírito, ou da alma, *o abandono provisório feito por ele das partes exteriores e mais grosseiras do corpo*. A mesma coisa ocorre no momento da morte. Durante o sono, nessas partes de nosso corpo abandonadas por algum tempo pela nossa personalidade mais elevada, não reside senão a vida vegetal. O homem permanece num estado de insensibilidade, mas seu sangue circula em suas veias, sua respiração continua; todas as funções de sua vida vegetal estão em plena atividade, assemelhando-se às da vida inconsciente das plantas. Essa retirada passageira do elemento espiritual do homem parece de tempos em tempos necessária para o elemento material, porque este último acaba por se destruir, por assim dizer, a si mesmo, por um uso muito prolongado, e se enfraquece ao serviço do Espírito. A vida vegetal abandonada a si mesma, e deixada em repouso pela atividade do Espírito, pode, então, continuar a trabalhar sem entraves pela sua restauração, segundo as leis da Natureza. Eis porque, em seguida a um sono feito em estado de saúde, sentimos nosso corpo como repousado, e nosso Espírito com isto se alegra; mas, depois da morte, a vida vegetal abandona também os elementos materiais do corpo que lhe deviam a sua ligação, e eles se desagregam.

O corpo abandonado pelo Espírito, ou a alma, pode, em certos casos, nos parecer com vida, mesmo quando *a morte verdadeira já se consumou*, quer dizer, quando o *elemento espiritual* já o deixou. O cadáver abandonado de seu Espírito continua a respirar, seu pulso bate; diz-se: "Ele vive ainda." De um outro lado, pode chegar às vezes que a força vital, tendo positivamente abandonado algumas partes do corpo, estas estão verdadeiramente expostas, ao passo que o Espírito e o corpo permanecem unidos nas outras partes do corpo onde ainda reside a força vital.

O sono, um dos maiores segredos da existência humana, merece as nossas observações mais constantes e mais atentas; mas as dificuldades que essas observações apresentam se tornam tanto maiores quanto, para fazê-las, o Espírito observador é forçado a sujeitar-se às leis da natureza material e deixá-la agir, para lhe dar a faculdade de se prestar mais facilmente ao seu uso e às suas experiências. Todo sono é o alimento da força vital. Nela o Espírito não participa em nada, porque o sono é tão completamente independente do Espírito quanto a digestão, a transformação dos alimentos em sangue, o crescimento dos cabelos, ou a separação do corpo dos líquidos inúteis. O estado de vigília é uma consumação da força vital, a sua expansão fora do corpo e a sua ação exterior; o sono é uma assimilação, uma atração dessa força de fora. É porque encontramos o sono não só nos homens e nos animais, mas também nas plantas, que, aproximando-se a noite, formam corolas de suas flores ou deixam pender suas folhas depois de havê-las pregueado.

Qual é, pois, o estado de nosso elemento espiritual, durante a sua retirada de nossos sentidos exteriores? Ele não está mais apto a receber as impressões de fora, pelo

uso de seus olhos, de seus ouvidos, pelo gosto, pelo olfato e pelo toque; mas poder-se-ia dizer que, durante esses momentos, o nosso *nós* se aniquila? Se assim ocorre, nosso corpo recebe cada manhã um *outro* Espírito, uma outra *alma*, no lugar daquela que seria destruída. O Espírito tendo-se retirado de seus sentidos, continua a viver e a agir, embora não podendo se manifestar senão imperfeitamente, tendo renunciado, por algum tempo, aos instrumentos dos quais tem o hábito de se servir comumente.

Os sonhos são tantas provas da continuação da atividade do Espírito. O homem desperto lembra-se de ter sonhado, mas essas lembranças, o mais freqüentemente, são vagas ou obscuras pelas vivas impressões que se precipitam subitamente para o Espírito em seu despertar, por intermédio dos sentidos. Se mesmo nesse momento ele ignora de quais visões esteve ocupado durante seu sono, ele conserva, no entanto, no momento de um despertar súbito, a consciência de que sua atenção é destacada por alguma coisa que o tinha preocupado até ali dentro de si mesmo.

O sono se compõe sempre de visões, de desejos e de sentimentos, mas que se formam, de maneira independente, objetos exteriores, uma vez que os sentidos do homem permanecem inativos; é porque raramente deixam uma impressão viva e durável na memória. O Espírito deveria, pois, estar ocupado, embora depois do sono não possamos nos recordar dos resultados de sua atividade. Mas que homem está em estado de se lembrar das milhares dessas visões rápidas que se apresentam ao seu Espírito, mesmo no estado de vigília em tal ou tal hora do dia? Por isso tem o direito de pretender que seu Espírito não teve visões justo no momento em que estava antes de tudo ativo e meditando?

Durante o sono, o Espírito conserva o sentimento de sua existência, tão bem quanto durante seu estado de vigília. Mesmo durante seu sono, ele sabe se distinguir perfeitamente os objetos de sua visões. Cada vez que lembramos de um sonho, achamos que era o nosso próprio eu que, com sentimento muito imperfeito de sua individualidade, flutuava entre as imagens de sua própria fantasia. Podemos esquecer os acessórios dos sonhos que não produziram sobre nós senão uma fraca impressão, e durante as quais nosso Espírito não reagiu fortemente por seus desejos e seus sentimentos; conseqüentemente, poderíamos também esquecer que tínhamos então o sentimento de nossa existência, mas isso não é uma razão de supor que este último tem estado um único momento suspenso, porque dele não nos lembramos mais!

Há homens que, preocupados por graves reflexões, não sabem, mesmo no estado de vigília, o que se passa ao seu redor. Seu Espírito, tendo se retirado das partes exteriores do corpo e dos órgãos de seus sentidos, se concentra e não se ocupa senão de si mesmo, e, exteriormente, parecem sonhar ou dormir de olhos abertos. Mas quem poderia negar que tenham guardado plenamente o sentimento de sua existência, durante esses momentos de profunda meditação, embora não vejam com seus olhos e ouçam com seus ouvidos? Uma outra prova da *continuação incessante do sentimento de nossa existência e de nossa identidade* é o poder que o homem possui de despertar a si mesmo numa hora por ele fixada antecipadamente.

Por conseqüência, não se pode dizer de um homem mergulhado num sono mais ou menos profundo que perdeu a consciência de si mesmo, quando, ao contrário, ele traz em si mesmo o sentimento de sua existência, mas sem poder manifestá-lo. É justamente o caso dos desmaios, quando o elemento espiritual se retira de si mesmo por efeito de uma perturbação, passageira e parcial, de sua vida vegetal, porque o Espírito foge de tudo o que é morto, e não se prende senão graças à sua força vital, ao que, por si mesma, não é senão matéria inerte. O homem desmaiado não dá nenhum sinal exterior de existência, mas dela não fica privado, não mais do que durante seu sono. Muitas pessoas desmaiadas, do mesmo modo que os dorminhocos, conservam freqüentemente a lembrança de algumas visões que tiveram durante esse estado, que tanto se aproxima da morte; outros os esquecem. Há desmaios durante os quais todo o corpo permanece

lívido, frio, privado de respiração e de movimento e se parece inteiramente com um cadáver, ao passo que o Espírito, achando-se ainda em comunicação com alguns de seus sentidos, compreende tudo o que se passa ao seu redor, sem poder, como nos casos de catalepsia, dar nenhum sinal exterior de vida e de conhecimento. Quantas pessoas puderam desta maneira ser enterradas vivas, com pleno conhecimento de tudo o que se ordenava para o seu enterramento, por seus parente ou seus amigos enganados por uma fatal aparência! (1)- (1) O célebre fisiologista alemão, o doutor Buchner, publicou em 1859, no n° 349, de *Diedascalía*, jornal científico que aparece em Darmstadt, um artigo sobre o uso do clorofórmio, no final do qual acrescenta estas palavras muito notáveis na boca do autor de *Force et Matière*: " A descoberta do clorofórmio e de seus efeitos extraordinários é não só de uma grande significação para a ciência médica, mas também para duas de nossas principais ciências: a *fisiologia* e, - que com isto não se admire muito, - a *filosofia*." O que leva o doutor materialista a dizer que, mesmo sob o aspecto psicológico, o uso do clorofórmio, tem algum peso, é que os pacientes tendo sido encontrados, durante as operações que sofreram, num estado de semi atordoamento produzido pelo efeito do clorofórmio, várias vezes declararam, depois de seu despertar, que, durante a operação, não tinham sentido nem dor, nem sentimento de angústia ou de medo, mas que cada vez tinham ouvido perfeitamente tudo que se passava e se dizia ao seu redor, sem, no entanto, estar no estado de fazer um movimento qualquer, nem de deslocar um único de seus membros.

Este fato não vem provar positivamente a possibilidade da existência do Espírito fora da matéria, que morre, desde que o Espírito que a vivificava a deixa definitivamente?

O próprio magnetismo também não oferece provas, por assim dizer palpáveis, da existência da alma independente da matéria, e como é tratada pelos sábios e as academias? Em lugar de lhe prestar toda a sua atenção, e se aplicar de estudá-lo seriamente, limitam-se a negá-lo, o que, certamente, é mais cômodo, mas não honra as nossas sábias corporações.

(Nota do tradutor.)

Um outro estado muito notável do homem nos dá a prova da atividade não interrompida do Espírito e de seu conhecimento de si mesmo que não se perde jamais, mesmo quando, em seguida, ele não o lembre mais. É o estado de sonambulismo. O homem adormece em seu sono comum. Ele não ouve, não vê e não sente nada; mas, subitamente, tem o ar de despertar, não de seu sono, *mas em si mesmo*. Ele ouve, mas não com seus ouvidos; ele vê, mas não com seus olhos; ele sente, mas não pela sua epiderme. Ele caminha, fala, faz muitas coisas e preenche várias funções, com o espanto geral dos assistentes, com maior circunspecção e mais perfeição do que em seu estado de vigília. Ele se lembra nesse estado, mui distintamente, dos acontecimentos ocorridos enquanto velava, mesmo aqueles que esquece durante sua vigília, quando se acha de posse de todos os seus sentidos. Depois de permanecer nesse estado, durante algum tempo, o sonâmbulo retoma de novo o sono comum, e quando dele é tirado, não lembra absolutamente nada de tudo o que se passou. Ele esqueceu tudo o que disse e fez, e, freqüentemente, recusa-se a dar fé ao que os espectadores contam dele. Poder-se-ia, no entanto, negar ao seu Espírito o conhecimento de si mesmo, assim como a sua admirável atividade durante o sono sonambúlico? Quem o ousaria? O sonâmbulo, caído de novo no sono, que *constitui seu despertar interior*, se lembra perfeitamente, desse estado incompreensível para si mesmo, de tudo o que fez e pensou antes num estado semelhante, e do qual tinha perdido completamente a lembrança durante o estado de vigília de seus sentidos exteriores.

Como explicar esse fenômeno? Como ocorre que um homem que dorme possa não só ver e ouvir com seus sentidos exteriores inativos, mas isto mais positivamente, mais perfeitamente do que em estado de vigília? Porque sabemos que o corpo não é outra coisa senão o vaso ou o envoltório da alma; que, sem ele, não pode nada sentir, e que o olho de um cadáver vê tão pouco quanto o olho de uma estátua. É, pois, a alma e unicamente a alma que sente, vê e ouve o que se passa fora dela. O olho, o ouvido, etc., não são senão os instrumentos e as disposições favoráveis do envoltório exterior para proporcionar, à alma, as impressões de fora. Mas há circunstâncias nas quais esse envoltório grosseiro, achando-se cansado ou prejudicado, a alma o transporta, por assim

dizer, e continua a sua ação, sem ter para isto necessidade de seus sentidos exteriores. Então, ela reage com um acréscimo de vigor, mas de modo diferente de seu estado comum ou de vigília, contra o que não está morto no homem.

É, pois, bem a alma que é o ser sentindo e não o corpo; por conseqüência, é ela que forma o verdadeiro corpo do Espírito, e o corpo material não é senão o seu vigamento exterior, a *sua cobertura, o seu envoltório*. A experiência e os exemplos inumeráveis nos provam suficientemente que o Espírito jamais perde a sua atividade e a consciência de seu eu, mesmo quando não pode se lembrar minuciosamente cada momento particular de sua existência. Sabendo que o Espírito, absorvido em profundas reflexões, perde de vista seu próprio corpo e tudo o que o cerca; que, em certas doenças, ele pode se encontrar na impossibilidade absoluta de agir sobre as partes exteriores de seu corpo, e pode, algumas vezes, dele prescindir completamente (como no estado de sonambulismo), para a execução de seus desígnos, devemos compreender claramente como o Espírito imortal, tendo deixado seu envoltório material e perecível, conserva, depois de sua morte terrestre, a consciência e o sentimento de sua existência, embora se achando fora do estado de poder manifestá-lo aos vivos por intermédio do cadáver, uma vez que este não lhe pertence mais. Compreendemos, ao mesmo tempo, o que é o *corpo espiritual*, do qual fala o apóstolo Paulo; o que devemos entender pelo corpo imperecível que deve renascer do corpo perecível (1 Cor., XV, 4); como a fraqueza se abate e é semeada no túmulo, e como a força se levanta e se lança para o céu, madura para uma vida melhor (1. Cor., XV, 43). Aí está a verdadeira ressurreição da morte, a ressurreição espiritual. O que é pó em nós deve retornar ao pó e às cinzas; mas o Espírito, vestido de um corpo transfigurado, carrega doravante a imagem do céu, tudo como até então tinha levado a imagem da Terra (1. Cor., XV, 49). O corpo terrestre, apodrecendo no túmulo, não sente mais nada, mas também jamais nada sentiu por si mesmo. Era, pois, o corpo espiritual, a alma, que percebia e sentia tudo. Ela continuará também a fazê-lo, livre de seu vaso quebrado, mas somente de maneira infinitamente mais delicada e mais pronta. O Espírito, tendo consciência de si mesmo, em seu envoltório espiritual, poderá, então, tão bem e infinitamente melhor ainda admirar a glória de Deus em suas criações, e possuir, ao mesmo tempo, a faculdade de ver e de amar aqueles que lhe são caros; mas ele não sentirá mais necessidades materiais e sensuais, não terá mais lágrimas. Tornar-se-á a imagem do céu, que é a sua verdadeira pátria.

Que sentirei eu no momento em que tu me chamares a ti, meu Criador, meu Pai! no momento de minha transfiguração, quando, cercado de meus bem-amados chorando ao meu redor e *vendo meus bem amados que me precederam se aproximarem de mim*, eu os bendirei todos com um amor igual! E quando, santificado por Jesus Cristo, participando de seu reino, eu me apresentar diante de ti, ó meu Deus! adorando-te e com o reconhecimento mais vivo, a veneração mais profunda, a admiração sem limites! Que meu Espírito imortal esteja *bastante maduro então para experimentar essa felicidade suprema! Amém.*

DOCTRINA DE LAO-TSEU FILÓSOFO CHINÊS.

Devemos a notícia seguinte à cortesia e ao zelo esclarecido de um de nossos correspondentes de Saigon (Cochinchina).

"No sexto século antes de nossa era, quase ao mesmo tempo, por conseguinte, que Pitágoras, e dois séculos antes de Sócrates e Platão, vivia na província de Lounan, na China, Lao-Tseu, um dos maiores filósofos que jamais existiram. Descendente da mais ínfima origem, Lao-Tseu não teve outros meios de se instruir do que a reflexão e

numerosas viagens. Chegado à idade de mais ou menos cinqüenta anos, seja porque seus discípulos filosóficos desenvolvidos pelo estudo tenham enfim dado seu fruto, seja porque ele haja inconscientemente combinado esse fruto com uma revelação particular, ele escreveu seu livro *Da razão suprema e da virtude*, obra considerada como autêntica, apesar de sua antigüidade, pelos historiadores chineses de todas as seitas, e contanto mais de autoridade quanto, certamente, não foi incluída no incêndio dos livros ordenados pelo imperador Loang-ti, duzentos anos antes da era cristã.

Para maior clareza, dizemos de início o que Lao-Tseu designava pela palavra fã; era uma denominação dada por ele ao primeiro ser; impossibilitado que estava de chamá-lo por seu nome eterno e imutável, ele o qualificava de seus principais atributos: fã, razão *suprema*. Parece, à primeira vista, que a palavra chinesa... (Aqui nosso correspondente transcreve essa palavra em caracteres chineses que nosso impressor não pode reproduzir), cuja pronúncia figurada é fã, com alguma analogia, do ponto de vista fonético, como TMosdosgregos ou o Deus dos latinos, de onde veio nossa palavra D/eu; e, no entanto, ninguém crê que a língua chinesa e a língua grega hajam jamais tido pontos comuns. Aliás, a anterioridade reconhecida da nação e da civilização chinesas basta para provar que essa expressão é um idiotismo chinês (1). (1)É quase supérfluo dizer que a palavra chinesa fã não tem nenhuma relação de sentido com a palavra francesa fã, que dela não é senão a pronúncia figurada.

O fã, ou a razão suprema universal de Lao-Tseu, tem duas naturezas ou modos de ser: o mundo espiritual ou imaterial, e o mundo corpóreo ou material. É a natureza espiritual que é a natureza perfeita; foi dela que o homem emanou; será a ela que deverá retornar em se libertando dos laços materiais do corpo; o aniquilamento de todas as paixões materiais, o afastamento dos prazeres mundanos, são os meios eficazes de se tornar digno dela e de a ela retornar. Mas escutemos o próprio Lao-Tseu falar. Eu me servirei da tradução de Pauthier, sinólogo tão erudito quanto consciencioso. Seus trabalhos sobre a filosofia chinesa e sua doutrina são tanto mais notáveis e isentos de suspeição quanto, morto há muito tempo, ignorava até o nome da Doutrina Espírita.

Na seção vinte e um da razão suprema, Lao-Tseu estabelece uma verdadeira cosmogonia:

"As formas materiais do grande poder criador não são senão as emanações do fã; foi o fã que produziu os seres materiais existentes. (Antes) não era senão uma confusão completa, um caos indefinível; era um caos! Uma confusão inacessível ao pensamento humano.

"No meio desse caos, havia um princípio sutil, vivificante; esse princípio sutil, vivificante, era a suprema verdade.

"No meio desse caos, havia seres, mas seres em germes; seres imperceptíveis, indefinidos.

"No meio desse caos, havia um princípio de fé. Desde a antigüidade até os nossos dias, seu nome não desapareceu. Ele examina com cuidado o bom de todos os seres. Mas nós, como conhecemos as virtudes da multidão? Por esse **tas**, essa razão suprema.

"Os seres com formas corpóreas foram formados da matéria primeira, confusa.

"Antes da existência do céu e da Terra, não era senão um silêncio imenso, um vazio incomensurável e sem formas perceptíveis.

"Só, ele existia, infinito, imutável. Ele circulava no espaço sem experimentar nenhuma alteração.

"Pode-se considerá-lo como a mãe do universo; eu, eu ignoro o seu nome, mas o designo por seus atributos, e o digo *Grande, Elevado*.

"Sendo (reconhecido) grande, elevado, eu o chamo: extensão ao longe.

"Sendo (reconhecido) extensão ao longe, eu o chamo: distante, infinito.

"Sendo (reconhecido) distante, infinito, eu o chamo: o que é oposto a mim.

"O homem tem a sua lei na Terra;

"A Terra tem a sua lei no céu;
"O céu tem a sua lei no las ou a razão suprema universal;
"A razão suprema tem a sua lei em si mesma."

Em outro lugar, Lao-Tseu disse:

"É preciso se esforçar para chegarão último grau da incorporeidade, para poder conservara maior imutabilidade possível.

"Todos os seres aparecem na vida, e cumprem os seus destinos; nós contemplamos as suas renovações sucessivas. Esses seres materiais se mostram, sem cessar, com novas formas exteriores. Cada um deles retorna à sua origem.

"Retornar à sua origem significa fazer-se em repouso: "Fazer-se em repouso significa prestar seu mandato; "Prestar seu mandato significa tornar-se eterno; "Saber que se torna eterno (ou imortal) significa ser esclarecido;

"Não saber que se torna imortal é estar entregue ao erro e a todas as espécies de calamidades.

"Sabendo-se que se torna imortal contém-se, abarcam-se todos os seres;

"Abarcando todos os seres numa comum afeição, é-se justo, eqüitativo para todos os seres;

"Sendo justo e eqüitativo para todos os seres, possuem-se os atributos do soberano;

"Possuindo os atributos do soberano tem-se da natureza divina; "Tendo da natureza divina chega-se a estar identificado com o tas;

"Estando identificado com a razão suprema universal subsiste-se eternamente; o próprio corpo sendo posto à morte, não se tem a temer nenhum aniquilamento."

Vejamos agora qual é a moral do filósofo chinês.

"O santo homem não tem um coração inexorável; ele faz o seu coração segundo o coração de todos os homens

"O homem virtuoso devemos tratá-lo como um homem virtuoso; o homem vicioso devemos igualmente tratá-lo como um homem virtuoso: Eis a sabedoria e a virtude.

"O homem sincero e fiel devemos tratá-lo como um homem sincero e fiel; o homem não sincero e infiel, devemos igualmente tratá-lo como um homem virtuoso. Eis a sabedoria e a sinceridade."

Essas máximas correspondem ao que nós chamamos *indulgência e caridade*; o Espiritismo, em nos mostrando que o progresso é uma lei da Natureza, precisa melhor esse pensamento em dizendo que é preciso tratar o homem vicioso como podendo e *devendo* um dia, eem conseqüência de suas existências sucessivas, tornar-se virtuoso, do que devemos lhe fornecer meios, em lugar de relegá-lo entre os párias da condenação eterna, e em pensando que nós mesmos talvez tenhamos sido piores do que ele.

Toda a doutrina de Lao-Tseu respira a mesma mansidão, o mesmo amor pelos homens, unidos a uma elevação extraordinária de sentimentos. Sua sabedoria se revela, sobretudo, na passagem seguinte, na qual ele reproduz o célebre axioma da sabedoria antiga: *Conhece-te a ti mesmo*, sem que tenha tido conhecimento da fórmula de Tales:

"Aquele que conhece os homens é instruído;

"Aquele que se conhece a si mesmo é verdadeiramente esclarecido.

"Aquele que subjuga os homens é poderoso;

"Aquele que se doma a si mesmo é verdadeiramente forte.

"Aquele que realiza as obras difíceis e meritórias deixa uma lembrança durável na memória dos homens.

"Aquele que não dissipa sua vida é imperecível;

"Aquele que morre e não é esquecido tem uma vida eterna."

É certo, assim como faz notar o eminente tradutor, que não se encontrou no Grego, antes de Aristóteles, uma seqüência de sorites tão longamente seguidas. Quanto aos

próprios princípios, eles constituem, seguramente, uma doutrina, e se é verdade que ela nada tem de incompatível com o que a razão admite, por que não seria tão boa quanto outras que sustentam apenas a discussão? "A verdadeira religião, diz-se, necessária à salvação, deveu começar com o gênero humano;" ora, uma vez que é essencialmente *una*, como a verdade, como Deus, a religião primitiva já era o Cristianismo, do mesmo modo que o Cristianismo, desde o Evangelho, é a religião primitiva consideravelmente desenvolvida.

Não se vêem expostos, nesta série de ensinamentos, os próprios princípios que servem de base ao Espiritismo, com, no entanto, em um único ponto, a leve tendência panteísta da não distinção, ou antes da identificação da criatura santificada com o Criador? tendência que, se ela é viciosa, pode dever-se à influência do meio onde vivia o filósofo Lao-Tseu, em uma muito longa seqüência talvez, dada a essa notável cadeia de argumentos, ou, enfim, à imperfeita interpretação feita por nós de seu próprio pensamento.

Se, pois, assim como está averiguado, Lao-Tseu recolocado, pelos séculos, entre essas vozes poderosas de sabedoria e de razão, que as leis providenciais e naturais das sociedades humanas fazem surgir em certas épocas, para protestar energicamente contra um estado de dissolução social, e conduzir os espíritos aos destinos eternos do gênero humano; se a sua doutrina pode ser a base da verdadeira religião, a qual, assim como o vimos, sendo necessária à salvação, ela deveu existir de todos os tempos. Uma vez que os princípios filosóficos do Espiritismo não são, em substância, senão os de Lao-Tseu, não se pode considerar a verdade da Doutrina Espírita como estando provada, moralmente, fora dos ensinamentos do Cristo?

Nota. -Como se vê, os Chineses não são inteiramente tão bárbaros quanto se o crê geralmente; eles são de longa data nossos primogênitos em civilização, e, alguns dentre eles, serviram de exemplos a mais de um de nossos contemporâneos em fato de filosofia. Como ocorre, pois, que um povo que teve sábios como Lao-Tseu, Confúcio e outros, tenha ainda costumes tão pouco em harmonia com tão belas doutrinas? Poder-se-ia disto dizer igualmente de Sócrates, Platão, Solon, etc., com relação aos Gregos; do Cristo, cujos preceitos estão longe de ser praticados por todos os cristãos.

Os trabalhos desses homens, que aparecem de vez em quando entre os povos, como meteoros da inteligência, jamais são estéreis; são sementes que ficam durante longos anos no estado latente, que não aproveitam senão a algumas individualidades, mas que as massas são incapazes de assimilar. Os povos são lentos em se modificar, até o momento em que um abalo violento venha tirá-los de seu torpor.

Há que se notar que a maioria dos filósofos pouco se ocupa em pôr em prática as suas idéias; inteiramente no trabalho da concepção e da elaboração eles não têm nem o lazer, nem às vezes mesmo a aptidão necessária para a execução daquilo que concebem. Esse cuidado incumbe a outros que nele penetram, e são freqüentemente esses mesmos trabalhos, habilmente postos em execução, que servem, ao cabo de vários séculos, para movimentar os povos e esclarecê-los.

Poucos Chineses, à parte alguns letrados, sem dúvida, conhecem Lao-Tseu; hoje que a China está aberta às nações ocidentais, não haveria nada de impossível em que estas contribuíssem para vulgarizar os trabalhos do filósofo em seu próprio país; e quem sabe se os pontos de contato que existem entre a sua doutrina e o Espiritismo não serão um dia um traço de união para a aliança fraterna das crenças? O que é perfeitamente certo, é que quando todas as religiões reconhecerem que elas adoram o mesmo Deus sob nomes diferentes, elas lhe concederão os mesmos atributos de soberanas bondade e justiça; elas não se diferenciarão senão pela forma da adoração, os antagonismos religiosos cairão. É a este resultado que o Espiritismo deve chegar.

A senhora Victor Hugo, morta em Bruxelas, foi trazida de novo para a França para ser enterrada, em 30 de agosto último, em Villequiers (Seine-Inférieure), junto de sua filha e de seu genro. O Sr. Victor Hugo acompanhou-a até a fronteira. Sobre o túmulo, o Sr. Paul Meurice pronunciou as seguintes palavras:

"Eu gostaria somente de dizer-lhe adeus por todos nós.

"Sabeis bem, vós que a cereais - pela última vez! - o que era, - o *que é* esta alma tão bela e tão doce, este adorável espírito, este grande coração.

"Ah! este grande coração sobretudo! Como ela amava amar! como ela amava ser amada! como ela sabia sofrer com aqueles que amava!

"Ela era a mulher do maior homem que há, e, pelo coração, se elevava a esse gênio. Igualava-o quase, à força de compreendê-lo.

"E é preciso que ela nos deixe! é preciso que a deixemos!

"*Ela já, ela reencontrou o que amar.* Ela reencontrou seus dois filhos, aqui - e lá (mostrando o túmulo de sua filha e o céu.)

"Victor Hugo disse-me na fronteira, ontem à noite: "*dizei à minha filha que, em me esperando, eu lhe envio sempre a sua mãe.*" Foi dito, e *creio que foi ouvido.*"

"E agora, adeus, pois! adeus pelos presentes! adeus pelos ausentes! adeus nossa amiga! adeus nossa irmã!

"Adeus, mas até breve!"

O Sr. Paul Foucher, irmão da senhora V. Hugo, na carta que escreveu na *France*, para dar conta da cerimônia, termina com estas palavras: "Nós nos separamos desolados, mas calmos e persuadidos mais do que nunca de que o desaparecimento de um será um encontro dado para ele em hora indefinida."

Nesta ocasião, cremos dever lembrar a carta do Sr. Victor Hugo ao Sr. Lamartine, quando da morte da mulher deste último, em data de 23 de maio de 1863, e que a maioria dos jornais da época reproduziu.

"Caro Lamartine,

"Uma grande infelicidade vos fere, tenho necessidade de colocar o meu coração perto do vosso. Eu venerava aquela que amáveis. Vosso alto espírito vê além do horizonte; percebeis distintamente a vida futura.

"Não é a vós que é necessário dizer: esperai. Sois daqueles que sabem, e que esperam.

"Ela é sempre a vossa companheira, invisível, mas presente. Perdestes a mulher, mas não a alma. Caro amigo, vivamos nos mortos.

"*Tuus*

"VICTOR HUGO."

As palavras pronunciadas pelo Sr. Victor Hugo, e o que ele escreveu em muitas circunstâncias, provam que ele crê, não só nessa vaga imortalidade à qual, com bem poucas exceções, todo o gênero humano crê, mas nessa imortalidade nitidamente definida, que tem um objetivo, satisfaz à razão e dissipa a incerteza sobre a sorte que nos espera; que nos representa as almas ou Espíritos daqueles que deixaram a Terra como seres concretos, individuais, povoando o espaço, vivendo em nosso meio com a lembrança daquilo que fizeram neste mundo, beneficiando-se do progresso intelectual e moral realizado, conservando suas afeições, testemunhas invisíveis de nossas ações e de nossos sentimentos, comungando pensamentos com aqueles que lhes são caros; em uma palavra, nessa imortalidade consoladora que enche o vazio deixado pelos ausentes, e pela qual se perpetua a solidariedade entre o mundo espiritual e o mundo corpóreo. Ora, aí está sobretudo o Espiritismo. O que lhe acrescenta? a prova material daquilo que

não era até ele senão uma sed utora teoria. Enquanto certas pessoas chegaram a esta crença pela intuição e o raciocínio, o Espiritismo partiu do fato e da observação.

Sabe-se em conseqüência de que dolorosa catástrofe, o Sr. Victor Hugo perdeu sua filha e seu genro, o Sr. Charles Vacquerie, em 4 de setembro de 1843. Eles iam por barco a vela, de Villequiers a Caudebec, em companhia do tio do Sr. Vacquerie, antigo marinheiro, e de um filho de dez anos. Um golpe de vento fez soçobrar a embarcação, e todos os quatro pereceram.

O que de mais significativo, de um cunho mais profundo e mais justa idéia da imortalidade do que estas palavras: *dizei à minha filha que em me esperando, eu lhe envio sempre a sua mãe!* Que calma, que serenidade, que confiança no futuro! Não se diria sua filha simplesmente partida para uma viagem, à qual fez dizer: "Envio-te tua mãe em esperando que vá vos reencontrar?" Quanta consolação, força e esperança não se haure nesta maneira de compreender a imortalidade! Não é mais a alma perdida no infinito, que a própria certeza de sua sobrevivência não deixa nenhuma esperança de reencontrar; deixando para sempre a Terra e aqueles que ela amou, que ela esteja nas delícias da beatitude contemplativa ou nos tormentos eternos do inferno, a separação é eterna. Compreende-se o amargor dos desgostos com uma tal crença; mas, para esse pai, sua filha está sempre lá; ela receberá a sua mãe ao sair de seu exílio terrestre, e ouve as palavras que lhe faz dirigir!

Quem a isto chegou é Espírita, porque, se quiser refletir seriamente, não pode escapar a todas as conseqüências lógicas do Espiritismo. Aqueles que repelem esta qualificação é porque não conhecem do Espiritismo senão os ridículos quadros da crítica zombeteira, e dele fazem uma falsa idéia. Se se dessem ao trabalho de estudá-lo, de analisá-lo, de sondar-lhe a importância, estariam felizes, ao contrário, por encontrar idéias que fazem a sua felicidade, uma sanção capaz de afirmar a sua fé. Eles não diriam mais unicamente: "Creio porque isso me parece justo," mas: "Creio porque compreendo."

Coloquemos em paralelo os sentimentos que animaram o Sr. Victor Hugo nesta circunstância, e em todas aquelas em que o seu coração recebeu semelhantes feridas, a definição da imortalidade que deu o *Fígaro*, de 3 de abril de 1868, sob a rubrica de: *Dicionário do Figaro*:

IMORTALIDADE, *conto de enfermeiros, para tranqüilizar seus clientes.*

EFEITO MORALIZADOR DA REENCARNAÇÃO.

O *Figaro*, de 5 de abril de 1868, o mesmo jornal que, dois dias antes, publicava esta definição da imortalidade: "*Conto de enfermeiros, para tranqüilizar seus clientes,*" e a carta reportada no artigo precedente, continha o seguinte artigo:

"O compositor E... crê firmemente na migração das almas. Ele conta de boa vontade que foi, nos séculos anteriores, escravo grego, depois palhaço e compositor italiano célebre, mas ciumento e impedindo seus confrades de produzirem...

" - Disso sou muito punido hoje, acrescenta com filosofia, cabe a meu turno ser sacrificado aos outros e de me ver barrar os caminhos!

"Esta maneira de se consolar vale bem uma outra."

Esta idéia é do puro Espiritismo, porque, não só é o princípio da pluralidade das existências, mas o da expiação do passado, pela pena de talião, nas existências sucessivas, segundo a máxima: "É-se punido por onde se pecou." Esse compositor se explica, assim, as suas tribulações; delas se consola pelo pensamento que não tem senão o que merece; a conseqüência deste pensamento é que, para não merecê-lo de novo, é de seu próprio interesse procurar se melhorar; isto não vale mais do que estourar os miolos com um tiro, ao que o conduziria logicamente o pensamento do nada?

Esta crença é, pois, uma causa poderosa e muito natural de moralização; ela é surpreendente para a atualidade e o fato material das misérias que se suporta, e que, por falta de se poder explicá-las são colocadas à conta da fatalidade ou da injustiça de Deus; ela é compreensível para todo o mundo, para a criança e para o homem mais iletrado, porque não é nem abstrata nem metafísica; não há ninguém que não compreenda que se pode já ter vivido e que se já se viveu, pode-se reviver ainda. Uma vez que não é o corpo que pode reviver, é a sanção mais patente da existência da alma, de sua individualidade e de sua imortalidade.

É, pois, para popularizá-la que devem tender os esforços de todos aqueles que se ocupam seriamente da melhoria das massas; é para eles uma poderosa alavanca com a qual farão mais do que pela idéia dos diabos e do inferno, dos quais hoje se riem.

Como ela está na ordem do dia, germina de todos os lados, a sua lógica a faz aceitar facilmente, ela abre muito naturalmente aos Espíritas uma porta para a propagação da Doutrina. Que se liguem, pois, a esta idéia, da qual ninguém ri, que é aceita pelos pensadores mais sérios, e conduzirão mais prosélitos por esse caminho do que pelas manifestações materiais. Uma vez que é hoje a corda sensível, é a que é preciso atacar, e quando ela tiver vibrado, o resto virá por si mesmo. Àqueles, pois, que só o nome do Espiritismo assusta, dele não faleis; falai da pluralidade das existências, dos numerosos escritores que preconizam essa idéia; falai também, aos aflitos sobretudo, como o fez Victor Hugo, da presença ao nosso redor de seres queridos que perdemos; eles vos compreenderão, e, mais tarde, ficarão muito surpresos de ser Espíritas sem disto terem desconfiado.

UMA PROFISSÃO DE FÉ MATERIALISTA

O *Figaro*, de 3 de abril de 1868, continha a carta seguinte a propósito dos debates que ocorreram por esta época no Senado, a proposta de certas lições professadas na Escola de medicina.

"Paris, 2 de abril de 1868.

"Senhor redator,

"Um erro que me concerne escapou na última conversa do doutor Flavius. Eu não assisti à lição de abertura do Sr. Sée, no ano último, e não tinha por consequência nenhum direito a um papel nesse assunto. De resto, é um erro na forma e não no fundo; mas a cada um os seus atos. É preciso substituir o meu nome pelo do meu amigo Jaclard, o que não crê mais do que eu na alma imortal. E, verdadeiramente dizendo, não vejo mais em todo o Senado senão o Sr. Sainte-Beuve que ousou, se for possível, nos confiar o cuidado de seus molares ou da direção de seu tubo digestivo.

"E, uma vez que tenho a palavra, permite-me ainda uma palavra. É preciso acabar com uma brincadeira que começa a se tornar irritante, além do que ela tem um ar de recuo. A Escola de medicina, disse o doutor Flavius, mais forte em parto do que em filosofia, não é nem ateia nem materialista; ela é positivista.

"Mas, em verdade, o que é o positivismo senão um ramo dessa grande escola materialista que vai de Aristóteles e de Epicuro até Bacon, até Dederot, até Virechow, Moleschoff e Büchner, sem contar os contemporâneos e compatriotas que não nomeio - e por causa disto.

"A filosofia de A. Comte teve a sua utilidade e a sua glória num tempo em que o Cousinismo reinava dominante. Hoje que a bandeira do materialismo foi levantada na Alemanha por nomes ilustres, na França por pessoas jovens no número das quais tenho o

orgulho e a pretensão de me contar, é bom que o positivismo reentre no papel modesto que lhe convém. Sobretudo, é bom que não afete por maior tempo, a respeito do materialismo, seu mestre e seu ancestral, um desdém ou reticências que são pelo menos inoportunas.

"Recebei, senhor redator, a certeza de minha distinta consideração.

"A. REGNARD,

"Antigo interno dos hospitais."

O materialismo, como se vê, tem também seu fanatismo; há alguns anos somente não teria ousado se ostentar tão audaciosamente; hoje ele sustenta abertamente o desafio ao espiritualismo, e o positivismo não é mais bastante radical a seus olhos; ele tem suas manifestações públicas e publicamente ensinou à juventude; além do mais tem o que censura nos outros, a intolerância que vai até à intimidação. Que se imagine o estado social de um povo imbuído de semelhantes doutrinas!

Esses excessos, no entanto, têm a sua utilidade, a sua razão de ser; eles assustam a sociedade, e o bem sai sempre do mal; é preciso o excesso do mal para fazer sentir a necessidade do melhor, sem isto o homem não sairia de sua inércia; ele permaneceria impassível diante de um mal que se perpetuaria em favor de sua pouca importância, ao passo que um grande mal desperta a sua atenção e o faz procurar os meios de remediá-lo. Sem os grandes desastres chegados no começo das estradas de ferro, e que assustaram, os pequenos acidentes isolados, passando quase despercebidos, ter-se-iam negligenciado as medidas de segurança. Assim ocorre no moral como no físico: quanto mais os abusos são excessivos mais o fim deles se aproxima.

A causa primeira do desenvolvimento da incredulidade está, como dissemos muitas vezes, na insuficiência das crenças religiosas, em geral, para satisfazer a razão, e em seu princípio de imobilidade que lhe proíbe toda concessão sobre seus dogmas, mesmo diante da evidência; se, em lugar de permanecerem atrasadas, elas tivessem seguido o movimento progressivo do espírito humano, em se mantendo sempre ao nível da ciência, é verdade que elas diferenciariam um pouco do que eram do princípio, como um adulto difere da criança no berço, mas a fé, em lugar de se extinguir, teria aumentado com a razão, porque ela é uma necessidade para a Humanidade, e elas não teriam aberto a porta à incredulidade que vem solapar o que dela resta; elas colhem o que semearam

O materialismo é uma consequência da época de transição em que estamos; não é um progresso, muito longe disto, mas um instrumento de progresso. Ele desaparecerá em provando a sua insuficiência para a manutenção da ordem social, e para a satisfação dos espíritos sérios que procuram o porquê de cada coisa; para isto seria preciso que se o visse em obra. A Humanidade, que tem necessidade de crer no futuro, jamais se contentará com o vazio que lhe deixa depois dele, e procurará alguma coisa melhor para enchê-lo.

PROFISSÃO DE FÉ SEMI-ESPÍRITA.

Em apoio às reflexões contidas no artigo precedente, reproduziremos com prazer a carta seguinte, publicada pela *PetitPresse*, de 20 de setembro de 1868.

"Lês Charmettes, setembro de 1868. "Meu caro Barlatier, "Sabeis a canção:

Quando se é Basco e bom cristão...

"Sem ser Basco, sou bom cristão, e o cura de minha aldeia, que comeu ontem minha sopa de couves, permitiu-me vos contar a nossa conversa.

"-Ides, pois, disse-me ele, retomar o *Re/ Hen ri?-Janio* com maior boa vontade, respondi, quanto *vivi naquele tempo.-Meu digno cura deu um pulo.*

"Então lhe dei parte de minha convicção de que tínhamos já vivido e de que viveremos ainda. Nova exclamação do bravo homem. Mas, enfim, ele me concede que as crenças cristãs não excluem esta opinião, e me deixa seguir o meu rumo.

"Ora, meu caro amigo, crede bem que não quis me divertir com a candura de meu cura, e de que esta convicção da qual falo está fortemente enraizada em mim. Já vivi sobea Ligue, sob Henri III e Henri IV. Quando eu era criança, minhas avós me falavam de Henri IV e me narravam de um bom homem que eu não reconhecia totalmente, um monarca grisalho, escondido numa gola pregueada, devotado ao excesso e não tendo jamais ouvido falar da Belle Gabriéile. Era o do pai Péréfixe. O do Henri IV que conheci, batalhador, amável, leviano, um pouco descuidado, é o verdadeiro; é o que já contei, o que vos contarei ainda.

"Não riais. Quando vim a Paris pela primeira vez, reconheci-me por toda a parte nos velhos quarteirões e tenho uma vaga lembrança de me ter achado na rua da Ferronnerie, no dia em que o povo perdeu seu bom rei, o que tinha querido que cada Francês colocasse a galinha na panela no domingo. O que eu era naquele tempo? Pouca coisa, sem dúvida, um cadete de Provence ou de Gascogne; mas se eu tivesse estado nas guardas de meu herói, isto não me espantaria.

"Com desejo de revê-lo logo, pois, meu primeiro folhetim da *Seconde Jeunesse du roi Henri*, e crede-me

"À disposição,
"PONSON DU TERRAIL"

Quando o Sr. Ponson du Terrail lançava o ridículo ao Espiritismo, ele não desconfiava, e talvez não desconfie ainda hoje, que uma das bases fundamentais desta Doutrina é precisamente a crença da qual faz uma profissão de fé tão explícita. A idéia da pluralidade das existências e da reencarnação, evidentemente, ganha a literatura, e não nos surpreenderíamos que Méry, que se lembrava tão bem do que havia sido, não tenha despertado, em mais de um de seus confrades, lembranças retrospectivas, e não seja, entre eles, o primeiro iniciador do Espiritismo, porque o lêem, ao passo que não lêem os livros espiritas. Ali encontram uma idéia racional, fecunda, e a aceitam.

A *Petite-Press* publica neste momento, sob o título de Sr. *Médard*, cujo dado é todo espírita; é a revelação de um crime pelo aparecimento da vítima em condições muito naturais.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS.

INFLUÊNCIA DOS PLANETAS SOBRE AS PERTURBAÇÕES DO GLOBO TERRESTRE.

Extraímos o que se segue de uma carta que nos foi dirigida de Santa Fé de Bogotá (Nova Granada), por um de nossos correspondentes, o Sr. doutor Ignacio Pereira, médico, cirurgião, membro fundador do Instituto homeopático dos Estados Unidos de Colômbia:

"Há três anos que, pela mudança das estações, em nosso país, a deverão, tendo se tornado muito longa, sobrevieram a algumas plantas doenças inteiramente desconhecidas em nosso país; as batatas inglesas foram atacadas da gangrena seca e, pelas observações microscópicas que fiz nas plantas atingidas dessa doença, reconheci que ela é produzida por um parasita vegetal chamado *perisporium solani*. Há três anos nosso globo tem sido vítima de desastres de todas as espécies; as inundações, as epidemias, as epizootias, a fome, os furacões, as comoções do mar, os tremores de terra têm, alternativamente, assolado diversos países.

"Sabendo que quando um cometa se aproxima da Terra, as estações se desregularizam, pensei que esses astros poderiam, igualmente, produzir uma ação sobre os seres orgânicos, ocasionar perturbações climatéricas, causas de certas doenças, e talvez influir sobre o estado físico do globo, pela produção de fenômenos diversos.

"O espírito de meu irmão que interroguei a esse respeito, limitou-se a me responder que nisso não é um cometa que age, mas o planeta Júpiter que, a cada quarenta anos, está em seu período de maior aproximação da Terra, recomendando-me para não prosseguir este estudo sozinho.

"Preocupado com sua resposta, estudei a crônica de quarenta anos atrás, e achei que, então, as estações foram irregulares como hoje, nos países; sobreveio ao trigo a doença conhecida sob o nome de *anublo*; houve também pestes sobre os homens e sobre os animais; tremores de terra que causaram grandes desastres.

"Esta questão me parece importante; é porque, se julgais a propósito submetê-la aos Espíritos instrutores da Sociedade Parisiense dos Estudos Espíritas, eu vos seria muito reconhecido de me fazer conhecer a sua opinião."

RESPOSTA

(Paris, 18 de setembro de 1868.)

Não há, na Natureza, um fenômeno, de tão pouca importância que seja, que não seja regulado pelo exercício das leis universais que regem a criação. Ocorre o mesmo nos grandes cataclismos, e se males de todas as espécies maltratam a Terra em certas épocas, é não somente porque é necessário que assim seja, em razão de suas consequências morais, mas é também porque a influência dos corpos celestes uns sobre os outros, as reações compostas de todos os agentes naturais, devem fatalmente trazer um tal resultado.

Estando tudo submetido a uma série de leis, eternas como a que os criou, uma vez que não poderia remontar a sua origem, não há um fenômeno que não esteja submetido a uma lei de periodicidade, ou de série, que lhe provoca o retorno em certas épocas, nas mesmas condições, ou em seguindo, como intensidade, uma lei de progressão geométrica, crescente ou decrescente, mas contínua. Nenhum cataclismo pode nascer espontaneamente, ou, se seus efeitos parecem tais as causas que o provocam são postas em ação desde um tempo mais ou menos longo. Não são, pois, espontâneas senão em aparência, e uma vez que delas não há nenhuma que não seja preparada de longa data, e que não obedeça a uma lei constante.

Partilho, pois, inteiramente da opinião expressa pelo Espírito de Jenaro Pereira, quanto à periodicidade das irregularidades das estações; mas quanto à sua causa, ela é mais complexa do que se supôs.

Cada corpo celeste, além das leis simples que presidem à divisão dos dias e das noites, das estações, etc., sofre revoluções que necessitam dos milhares de séculos para o seu perfeito cumprimento, mas que, como as revoluções mais breves, passam por todos os períodos, desde o nascimento até um auge de efeito, depois do qual há decréscimo até ao último limite, para recomeçar em seguida a percorrer as mesmas fases.

O homem não abarca senão as fases de uma duração relativamente curta, e da qual pode constatar a periodicidade; mas há as que compreendem longas gerações de seres, e mesmo de sucessão de raças, cujos efeitos, por conseguinte, têm para ele as aparências da novidade e da espontaneidade, ao passo que, se seu olhar pudesse se levar a alguns de séculos atrás, ele veria, entre esses mesmos efeitos e suas causas, uma correlação que ele não supõe mesmo. Esses períodos, que confundem a imaginação

dos humanos pela sua extensão relativa, no entanto, não são senão instantes na duração eterna.

Lembra-vos do que disse Galileu, em seus estudos uranográficos e tivestes o feliz pensamento de intercalar em vossa Gênese, sobre o tempo, o espaço e a sucessão indefinida dos mundos, e compreendereis que a vida de uma ou de várias gerações, com relação ao conjunto, é como uma gota d'água no Oceano. Não vos admireis, pois, de não poder agarrar a harmonia das leis gerais que regem o universo; o que quer que façais, não podeis ver senão um pequeno canto do quadro, é porque tantas coisas vos parecem anormais.

Num mesmo sistema planetário, todos os corpos que dele dependem reagem uns sobre os outros; todas as influências físicas aí são solidárias, e não há um único dos efeitos que designais sob o nome de grandes perturbações, que não seja a consequência do componente das influências de todo esse sistema. Júpiter tem as suas revoluções periódicas como todos os outros planetas, e essas revoluções não são sem influência sobre as modificações das condições físicas terrestres; mas seria um erro considerá-las como a causa única ou preponderante dessas modificações. Elas intervêm por uma parte, como as de todos os planetas do sistema, como os próprios movimentos terrestres intervêm para contribuir para modificar as condições dos mundos circunvizinhos. Vou mais longe: digo que os sistemas reagem uns sobre os outros, em razão da aproximação ou do afastamento que resulta de seu movimento de translação através das miríades de sistemas que compõem a nossa nebulosa. Vou mais longe ainda: digo que a nossa nebulosa, que é como um arquipélago na imensidade, tendo também o seu movimento de translação através das miríades de nebulosas, sofre a influência daquelas das quais se aproxima. Assim, as nebulosas reagem sobre as nebulosas, os sistemas reagem sobre os sistemas, como os planetas reagem sobre os planetas, como os elementos de cada planeta reagem uns sobre os outros, e, assim, cada vez mais até o átomo; daí, em cada mundo, as revoluções locais ou gerais, que não parecem perturbações senão porque a brevidade da vida não permite ver os seus efeitos parciais.

A matéria orgânica não poderia escapar a essas influências; as perturbações que ela sofre podem, pois, alterar o estado físico dos seres vivos, e determinar algumas dessas doenças que maltratam de maneira geral sobre as plantas, os animais e os homens; essas doenças, como todos os flagelos, são para a inteligência humana um estimulante que a leva, pela necessidade, à procura dos meios de combatê-las, e à descoberta das leis da Natureza.

Mas a matéria orgânica reage, a seu turno, sobre o espírito; este, por seu contato e sua ligação íntima com os elementos materiais, sofre também influências que modificam as suas disposições, sem, no entanto, tirar-lhe seu livre arbítrio, superexcitam ou abrandam a sua atividade, e, por isto mesmo, contribuem ao seu desenvolvimento. A efervescência, que se manifesta às vezes em toda uma população, entre os homens de uma mesma raça, não é uma coisa fortuita, nem o resultado de um capricho; ela tem a sua causa nas leis da Natureza. Essa efervescência, de início inconsciente, que não é senão um vago desejo, uma aspiração indefinida por alguma coisa de melhor, um desejo de mudança, se traduz por uma surda agitação, depois por atos que preparam as revoluções morais, as quais, crede-o bem, têm também a sua periodicidade, como as revoluções físicas, porque tudo se encadeia. Se a vida espiritual não estivesse circunscrita pelo véu material, veríeis essas correntes fluídicas que, como milhares de fios condutores, ligam as coisas do mundo espiritual e do mundo material.

Quando se vos disse que a Humanidade chegou a um período de transformação, e que a Terra deve se elevar na hierarquia dos mundos, não vejais nessas palavras nada de místico, mas, ao contrário, o cumprimento de uma das grandes leis fatais no universo contra as quais toda má vontade humana se quebra.

Eu diria, em particular, ao Sr. Ignácio Pereira: Estamos longe de vos convidar a renunciar aos estudos que fazem parte de vossa futura bagagem intelectual; mas compreendeis, sem dúvida, que esses conhecimentos devem ser, como todos os outros, o fruto de vossos trabalhos e não o de nossas revelações. Podemos vos dizer: Fazeis rota falsa, e mesmo vos designar o verdadeiro caminho, mas pertence à vossa iniciativa levantar os véus dos quais estão ainda envolvidas as manifestações naturais que, até aqui, escaparam às vossas investigações, e de descobrir as leis pela observação dos fatos; observai, analisai, classifiquei, comparai, e da correlação dos fatos deduzireis, mas não vos apressais em concluir de maneira absoluta.

Eu terminarei em vos dizendo: Em todas as vossas pesquisas, tomai exemplo sobre as leis naturais, elas são todas solidárias entre si; e é esta solidariedade de ações que produz a imponente harmonia de seus efeitos. Homens, sede solidários, e avançareis harmonicamente para o conhecimento da felicidade e da verdade.

F.ARAGO.

Permiti-me acrescentar algumas palavras, como complemento, à comunicação que vem de vos dar o eminente Espírito de Arago.

Sim, certamente, a Humanidade se transforma como já se transformou em outras épocas, e cada transformação é marcada por uma crise que é, para o gênero humano, o que são as crises de crescimento para os indivíduos; crises freqüentemente penosas, dolorosas, que carregam com elas as gerações e as instituições, mas sempre seguidas de uma fase de progresso material e moral.

A Humanidade terrestre, chegada a um de seus períodos de crescimento, está em pleno, há um século, no trabalho da transformação; é porque ela se agita por todas as partes, presa de uma espécie de febre e como movida por uma força invisível, até que ela tenha retomado a sua situação sobre novas bases. Quem a vir, então, encontra-la-á muito mudada em seus costumes, seu caráter, suas leis, suas crenças, em uma palavra, em todo o seu estado social.

Uma coisa que vos parecerá estranha, mas que por isso não é menos uma rigorosa verdade, é que o mundo dos Espíritos que vos cerca sofre o contragolpe de todas as comoções que agitam o mundo dos encarnados; digo mais: nele toma uma parte ativa. Isto nada tem de surpreendente para quem sabe que os Espíritos não fazem senão um com a Humanidade; que dela saem e que nela devem reentrar; é, pois, natural que se interessem pelos movimentos que se operam entre os homens. Ficai, pois, certos de que, quando uma revolução social se realiza sobre a Terra, ela movimentada igualmente o mundo invisível; todas as paixões boas e más ali são superexcitadas como entre vós; uma indizível efervescência reina entre os Espíritos que ainda fazem parte de vosso mundo e que esperam o momento de nele reentrar.

À agitação dos encarnados e dos desencarnados se juntam às vezes, e freqüentemente mesmo, porque tudo se mantém na Natureza, as perturbações dos elementos físicos; é então, por um tempo, uma verdadeira confusão geral, mas que passa como um furacão, depois do qual o céu volta a se tornar sereno, e a Humanidade, reconstituída sobre novas bases, imbuída de novas idéias, percorre uma nova etapa de progresso.

É no período que se abre que se verá o Espiritismo florir, e que ele dará os seus frutos. É, pois, para o futuro, mais do que para o presente, que trabalhais; mas era necessário que esses trabalhos fossem elaborados antes, porque preparam os caminhos da regeneração pela unificação e a racionalidade das crenças. Felizes aqueles que os aproveitam desde hoje, será para eles tantos ganhos e dificuldades poupadas.

Doutor BARRY.

VARIEDADES BELO EXEMPLO DE CARIDADE EVANGÉLICA.

Um ato de caridade realizado pelo Sr. Ginet, cantoneiro de Saint-Julien-sous-Montmelas, é contado pelo *Écho de Fourvière*:

No dia 1º de janeiro, ao cair da noite, achava-se acorada na praça de Saint-Julien uma mendiga de profissão, coberta de feridas infectas, vestida de maus farrapos deteriorados, e, além disto, tão má que todo o mundo a temia; ela não respondia ao bem que lhe era feito senão por pancadas ou injúrias. Tomada de um enfraquecimento súbito, ela teria sucumbido no meio da rua sem a caridade de nosso cantoneiro, que, superando a sua repugnância, tomou-a em seus braços e levou-a para a sua casa.

Esse pobre homem não tem senão um alojamento muito restrito para ele, para sua mulher doente e seus três filhinhos; não tem outro recurso que o seu módico salário. Ele colocou a velha mendiga sobre um pouco de palha que seu vizinho lhe deu, e dela cuidou durante toda a noite, procurando aquecê-la.

Ao amanhecer, essa mulher, enfraquecendo-se cada vez mais, lhe disse: "Eu tenho dinheiro comigo, e vo-lo dou por vossos cuidados. "Ela acrescentou estas palavras: "O Sr. cura..." depois ela expirou. O cantoneiro, sem se ocupar do dinheiro, correu a procurar o cura; mas era muito tarde. Ele se apressou em seguida em advertir os parentes, que moram numa paróquia vizinha e que estão numa posição fácil. Eles chegam, e sua primeira palavra é esta: "Minha irmã tinha dinheiro com ela, onde está ele?" e o cantoneiro respondeu: "Ela mo disse, mas com isto não me inquietei." Procuram, este o encontra, com efeito, mais de 400 fr. em um de seus bolsos.

Completando a sua obra, o caridoso trabalhador, com a ajuda de uma vizinha, amortizou a pobre morta. Algumas pessoas eram de opinião que, na noite seguinte, ele colocasse o caixão num galpão fechado e vizinho. "Não, disse ele; esta mulher não é um cão, mas uma cristã." Ele a guardou durante a noite em sua casa, com a luz acesa.

Às pessoas que lhe expressavam a sua admiração e o convidavam a pedir uma recompensa: "Oh! disse ele, não é o interesse que me faz agir. Dar-me-ão o que quiserem, mas eu não pedirei nada. Posso, na posição em que estou, me encontrar no mesmo caso, e ficarei muito feliz se tiverem piedade de mim."

- Que relação têm este fato com o Espiritismo? perguntaria um incrédulo. - É que a caridade evangélica, tal como a recomenda o Cristo, sendo uma lei do Espiritismo, todo ato verdadeiramente caridoso é um ato Espírita, e a ação desse homem é a aplicação da lei de caridade no que ela tem de mais puro e de mais sublime, porque ele fez o bem, não só sem esperança de retorno, sem pensar em suas cargas pessoais, mas quase com a certeza de ser pago com ingratidão, contentando-se em dizer que em semelhante caso, ele teria querido que se fizesse a mesma coisa para ele. - Este homem é espírita? - Nós o ignoramos, mas isto não é provável; em todos os casos, se não o é na letra o é no espírito. - Se ele não é espírita, não foi o Espiritismo que o levou a esta ação? - Seguramente. - Então, por que o Espiritismo disso se faz um mérito? - O Espiritismo não reivindicava em seu proveito a ação desse homem, mas se glorifica de professar os princípios que o levaram a realizá-la, sem ter jamais tido a pretensão de possuir o privilégio de inspirar os bons sentimentos. Ele honra o bem por toda a parte onde se o encontra; e quando seus próprios adversários o pratica, ele os oferece como exemplo aos seus adeptos.

É deplorável que os jornais tenham menos zelo em reproduzir as boas ações, em geral, do que os crimes e os escândalos; se há um fato que testemunhe da perversidade humana, pode-se estar certo de que será repetido em toda a linha, como atração à curiosidade dos leitores. O exemplo é contagioso; por que não colocar antes sob os olhos da massa o do bem do que o do mal? Há aí uma grande questão de moralidade pública, que trataremos mais tarde, com todos os desenvolvimentos que ela comporta.

UM CASTELO ASSOMBRADO.

A narração do fato adiante nos foi remetida por um de nossos correspondentes de São Petersburgo.

Um velho general húngaro, muito conhecido por sua bravura, recebem uma grande herança, pede a sua demissão e escreve ao seu administrador que lhe quer comprar uma propriedade que estava à venda e que para ele escolheu.

O intendente responde imediatamente em aconselhando ao general de não comprar a dita propriedade, tendo em vista que ela era assombrada pelos Espíritos.

O velho corajoso insiste, dizendo que é uma razão a mais para lhe fazer essa compra, e lhe impõe de terminar no mesmo instante.

A propriedade é, pois, comprada, e o novo senhorio se põe a caminho para ir lá se instalar. Ele chega às onze horas da noite na casa de seu intendente, não longe do castelo onde ele quer ir imediatamente. - Por favor, disse-lhe seu velho servidor, esperai amanhã e fazei-me a honra de passar a noite em minha casa. - Não, disse-lhe seu senhor, quero passá-la em meu castelo. O intendente é, pois, obrigado a acompanhá-lo com vários camponeses levando tochas; mas eles não querem ali entrar e se retiram, deixando só o novo proprietário.

Este tinha com ele um velho soldado que jamais o tinha deixado, e um enorme cão que teria estrangulado um homem com um só golpe.

O velho general se instalou na biblioteca do castelo, acendeu as velas, colocou um par de pistolas sobre a mesa, pegou um livro e se estendeu sobre um sofá esperando os fantasmas, porque ele estava seguro de que, se deles os houvesse no castelo, esses não seriam os mortos, mas bem os vivos; foi também por isto que ele tinha armado as pistolas e que tinha feito seu cão deitar sob o sofá; quanto ao velho soldado, eleja roncava num quarto vizinho à biblioteca.

Pouco tempo se escoou; o general crê ouvir barulho no salão, escuta atentamente, e o barulho redobra. Seguro de seu acontecimento, ele toma em uma mão uma vela, na outra uma pistola, e entra no salão onde não vê ninguém; procura por toda a parte, levanta mesmo as cortinas: não há nada, absolutamente nada. Ele retorna, pois, à biblioteca, retoma seu livro, e apenas dele leu algumas linhas quando o barulho se faz ouvir com muito mais força do que na primeira vez. Ele retoma uma vela e uma pistola, entra de novo no salão e vê que se abriu a gaveta de uma cômoda. Convencido, desta vez, de que havia negócio de ladrões, e não vendo ninguém, chama seu cão e lhe diz: Procura! O cão se põe a tremer em todos seus membros e retorna a se esconder sob o canapé. O próprio general começa a tremer, entra na biblioteca, se deita sobre o sofá, mas não pôde fechar o olho a noite toda. Em nos contando este fato, o general nos disse: "Não tive medo senão duas vezes, há dezoito anos, quando no campo de batalha, uma bomba estourou a meus pés; a segunda vez, quando vi o medo se apoderar de meu cão."

Abster-nos-emos de qualquer comentário sobre o fato muito autêntico reportado acima, e nos contentaremos em perguntar, aos adversários do Espiritismo, como o sistema nervoso do cão foi abalado.

Além disso, perguntaremos como a superexcitação de um médium, tão forte que ela seja, pode produzir a escrita direta, quer dizer, pode forçar um lápis a escrever por si mesmo.

Outra questão: Cremos que o fluido nervoso retido, e concentrado num recipiente, poderia igualar e superar mesmo a força do vapor; mas o dito fluido, estando livre, poderia levantar e deslocar os móveis pesados, como isto ocorre freqüentemente?

BIBLIOGRAFIA

Correspondência inédita de Lavater com a Imperatriz Maria da Rússia, sobre o futuro da alma. - O interesse que se deu a essas cartas, que publicamos na *Revista*, sugeriu aos Srs. Lacroix Cia., da livraria internacional, 15, boulevard Montmartre, a feliz idéia de delas fazer uma publicação à parte. A divulgação dessas cartas não pode ter senão um efeito muito útil sobre as pessoas estranhas ao Espiritismo. - Broch. grande in-8
Preço: 50 cent

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

11º ANO

NO. 11

NOVEMBRO 1868

EPIDEMIA DA ILHA MAURICE

Descrevemos, na revista de julho de 1867, página 208, a terrível enfermidade que devasta a ilha Maurice (antiga ilha da França) há dois anos. O último correio nos traz as cartas de dois irmãos em crença daquele país. Em uma se acha a passagem seguinte:

"Consenti em me desculpar de ter permanecido tanto tempo sem vos dar as minhas notícias; certamente, não era o desejo que me faltava, mas bem a possibilidade; porque o meu tempo estando dividido em duas partes, uma para o trabalho que me faz viver, a outra para a doença que nos mata, tenho muito poucos instantes para empregar conforme os meus gostos. No entanto, estou um pouco mais tranqüilo; eis um mês que não tive a febre; é verdade que é nesta época que ela parece abrandar um pouco; mas, ai! é recuar para melhor saltar, porque os próximos calores, sem dúvida, vão lhe restituir ainda o seu vigor primeiro. Também, muito convencida da certeza dessa perspectiva, vivo no dia-a-dia, me livrando, tanto quanto possível, das vaidades humanas, a fim de facilitar a minha passagem para o mundo dos Espíritos onde, francamente, não estarei de nenhum modo descontente por me encontrar, em boas condições, bem entendido."

Um incrédulo disse um dia, a propósito de uma pessoa que expressava um pensamento análogo a respeito da morte: "É preciso ser Espírita para ter dessas idéias!" Sem o querer, fazia o mais belo elogio do Espiritismo. Não é um grande benefício que a calma com a qual ele faz considerar o termo fatal da vida que tantas pessoas vêm se aproximar com medo? Quanto de angústias e de tormentos são poupados àqueles que encaram a morte como uma transformação de seu ser, uma transição instantânea sem interrupção da vida espiritual! Eles esperam a partida com serenidade, porque sabem aonde vão e o que serão; o que acrescenta à sua tranqüilidade é a certeza, não só de reencontrar aqueles que lhes são caros, mas de não estarem separados daqueles que permanecem junto deles; de os ver e de os ajudar mais facilmente e melhor do que quando vivos; eles não lamentam as alegrias deste mundo, porque sabem que as terão maiores, mais suaves, sem mistura de tribulação. O que causa a apreensão da morte é o desconhecido; ora, para os Espíritos, a morte não tem mais mistérios.

A segunda carta contém o que segue:

"É com um sentimento de profunda gratidão que venho vos agradecer os sólidos princípios que haveis inculcado em meu espírito, e que, sozinhos, me deram a força e a coragem de aceitar com calma e resignação as rudes provas que tive que sofrer há um ano, pelo fato da terrível epidemia que dizima a nossa população. Já são sessenta mil almas que partiram!

"Como deveis imaginá-lo, a maioria dos membros em Port-Louis, formando nosso pequeno grupo que começava a tão bem funcionar, tiveram que sofrer, como eu, nesse desastre geral. Por uma comunicação espontânea de 25 de julho de 1866, foi-nos anunciado que seríamos obrigados a suspenderes nossos trabalhos; três meses depois,

fomos forçados a não continuar, em conseqüência da doença de vários dentre nós, e a morte de nossos parentes e de nossos amigos. Até esta hora não pudemos recomeçar, se bem que todos os nossos médiuns estejam existindo, assim como os principais membros de nosso grupo. Várias vezes tentamos nos reunir de novo, mas sem poder consegui-lo. Foi porque cada um de nós foi obrigado a tomar conhecimento isoladamente de vossa carta, datada de 26 de outubro de 1867 à senhora de G... onde se encontra a comunicação do doutor Demeure, que nos dá grandes e muito justas informações sobre tudo o que nos ocorre; cada um de nós tem podido apreciar-lhe a justeza para o que lhe concerne; porque há a constatar que a doença tomou tantas formas múltiplas, que os médicos jamais puderam ficar de acordo: cada um segue um método particular.

"No entanto, o jovem doutor Labonté parece ser aquele que melhor definiu a doença; posso crer que ele está na verdade do ponto de vista material, uma vez que passou por todos os sofrimentos dos quais se fez o narrador (1).

(1) O Sr. doutor Labonté descreveu a epidemia da ilha de Saint-Maurice numa brochura que lemos com interesse, e onde se revela o observador sério e judicioso. É um homem devotado à sua arte, e tanto quanto se pode julgá-lo de longe, por analogia, nos parece ter bem caracterizado essa singular doença, do ponto de vista fisiológico; infelizmente, no que concerne à terapêutica, ela frustra todas as previsões da ciência. Em um caso excepcional como este, o insucesso não prejudicaria nada contra o saber do médico. O Espiritismo abre à ciência médica horizontes inteiramente novos em demonstrando o papel preponderante do elemento espiritual na economia e num grande número de afecções, onde a medicina fracassa, porque ela se obstina em não procurar-lhe a causa senão na matéria tangível. O conhecimento da ação do perispírito sobre o organismo acrescentará um novo ramo à patologia, e modificará profundamente o modo de tratamento de certas enfermidades, cuja verdadeira causa não será mais um problema.

Do nosso ponto de vista espiritualista, poderíamos ali ver uma aplicação do prefácio *O Evangelho segundo o Espiritismo*, porque o período nefasto que atravessamos foi marcado, no início, por uma chuva extraordinária de estrelas cadentes, caídas em Maurice na noite de 13 para 14 de novembro de 1866. Se bem que este fenômeno seja conhecido por haver sido muito freqüente de setembro a novembro, em certas épocas periódicas, ele não foi menos notável do que, desta vez, as estrelas cadentes foram tão numerosas, que elas impressionaram e fizeram estremecer aqueles que as observaram. Esse imponente espetáculo permanecerá gravado em nossa memória, porque foi precisamente depois desse acontecimento que a doença tomou um caráter desolador. Desde esse momento, ela se tornou geral e mortal, o que, hoje, pode nos autorizar a pensar, como nos disse o doutor Demeure, que chegamos ao período da transformação dos habitantes da Terra, por seu adiantamento moral.

"A propósito de calmantes que o doutor Demeure recomenda, falastes de castanhas da Índia, cujo em prego seria mais vantajoso do que a quinina que afeta os órgãos cerebrais. Não conhecemos esta planta; mas depois da leitura de vossa carta, onde dela é feita menção, o nome de uma outra me veio ao espírito por intuição; é o *Croton tiglium*, vulgarmente chamado em Maurice *Peão da Índia*; eu o empreguei como sudorífico, com muito sucesso; somente as folhas, porque a semente é um veneno violento. Consentí, eu vos peço, em perguntar ao doutor Demeure o que pensa dessa planta, e se aprova o emprego que dela fiz, como calmante, porque partilho completamente de sua opinião sobre o caráter dessa doença esquisita, que me parece uma variante do ramannenza a ou febre de Madagascar, menos as manifestações exteriores."

Se se pudesse duvidar um único instante da vulgarização universal da Doutrina Espírita, esta dúvida desapareceria em vendo os felizes que ela faz, as consolações que proporciona, a força e a coragem que dá nos momentos mais penosos da vida, porque está na natureza do homem procurar o que pode assegurar a sua felicidade e a sua tranqüilidade. Aí está o mais poderoso elemento de propagação do Espiritismo, e que ninguém lho tirará, a menos que dê mais do que ele dá. Para nós é uma grande satisfação ver os benefícios que ele esparrama; cada aflito consolado, cada coragem

abatida levantada, cada progresso moral operado, nos paga ao cêntuplo por nossos trabalhos e nossas fadigas; está aí também uma satisfação que não está no poder de ninguém nos retirar.

Estas cartas, lidas na Sociedade de Paris, deram lugar às comunicações seguintes, que tratam a questão do duplo ponto de vista local e geral, material e moral.

(Sociedade de Paris, 16 de outubro de 1860.)

Em todos os tempos, fizeram preceder os grandes cataclismos fisiológicos de sinais manifestos da cólera dos deuses. Fenômenos particulares precediam a irrupção do mal, como uma advertência de se preparar para o perigo. Essas manifestações, com efeito, tiveram lugar, não como presságio sobrenatural, mas como sintomas da iminência da perturbação.

Como se teve razão em vos dizer, nas crises em aparência as mais anormais que dizimam alternativamente as diferentes regiões do globo, nada está deixado ao acaso; elas são a conseqüência das influências dos mundos e dos elementos uns sobre os outros (outubro de 1868, página 313); elas são preparadas de longa data, e sua causa é, por conseguinte, perfeitamente normal.

A saúde é o resultado do equilíbrio das forças naturais; se uma doença epidêmica maltrata em alguma parte, ela não pode ser senão a conseqüência de uma ruptura desse equilíbrio; daí o estado particular da atmosfera e os fenômenos singulares que nela se podem observar.

Os meteoros conhecidos sob o nome de estrelas cadentes são compostos de elementos materiais como tudo o que cai sob os sentidos; eles não aparecem senão graças à fosforescência desses elementos em combustão, e cuja natureza especial desenvolve às vezes no ar respirável influências deletérias e mórbidas. As estrelas cadentes eram em Maurice, não o presságio, mas a causa segundado flagelo. Porque a sua ação se exerceu em particular sobre essa região? Primeiro, porque ela é um dos meios destinados, como disse muito bem o vosso correspondente, a regenerar a Humanidade e a Terra propriamente dita, provocando a partida dos encarnados e a modificação dos elementos materiais; e também, porque as causa que determinam essas espécies de epidemia em Madagascar, no Senegal e por toda a parte onde a febre palustre e a febre amarela exercem suas devastações, não existindo em Maurice, a violência e a persistência do mal deveriam determinar a procura séria de sua fonte, e atrair a atenção sobre a parte que ali podiam tomar as influências de ordem *psicológica*.

Aqueles que sobreviveram, em contato forçado com os doentes e os moribundos, foram testemunhas de cenas das quais não se deram conta de início, mas cuja lembrança lhes retornará com a calma, e que não podem ser explicadas senão pela ciência espírita. Os fatos das aparições, de comunicação com os mortos, de previsões seguidas de realização, ali foram muito comuns. Passado o desastre, a lembrança de todos esses fatos surgirá e provocará reflexões que conduzirão, pouco a pouco, a aceitar as nossas crenças.

Maurice vai renascer! o ano novo verá se extinguir o flagelo do qual foi a vítima, não pelo efeito dos remédios, mas porque a causa terá produzido o seu efeito; outros climas sofrerão, a seu turno, os apertos de um mal da mesma natureza ou de toda outra, determinando os mesmos desastres e conduzindo aos mesmos resultados.

Uma epidemia universal teria semeado o pavor na Humanidade inteira e detido por muito tempo o vôo de todo o progresso; uma epidemia restrita, atacando alternativamente e sob formas múltiplas cada centro de civilização, produzirá os mesmos efeitos saltares e regeneradores, mas deixará intactos os meios de ação dos quais a ciência pode dispor. Aqueles que morrem são feridos pela impossibilidade, mas aqueles que vêm a morte em sua porta procuram novos meios de combatê-la. O perigo torna inventivo; e, quando todos

os meios materiais estiverem esgotados, todos serão constrangidos a pedir a saúde aos meios espirituais.

É assustador, sem dúvida, pensarem perigos dessa natureza, mas, uma vez que são necessários e não terão senão felizes conseqüências, é preferível, em lugar de esperá-los tremendo, preparar-se para afrontá-los sem medo, quaisquer que sejam os resultados. Para um materialista, é a morte horrenda e o nada em sua conseqüência; para o espiritualista eem particular para o Espírita, que importa o que ocorrerá! Se escapa ao perigo, a prova o encontrará sempre inabalável; se morre, o que conhece da outra vida lhe fará encarar a passagem sem empalidecer.

Preparai-vos, pois, para tudo, e quaisquer que sejam a hora e a natureza do perigo, estai compenetrados desta verdade: que a morte não é senão uma palavra vã, e que não há nenhum sofrimento que as forças humanas não possam dominar. Aqueles nos quais o mal for insuportável, serão somente aqueles que o terão recebido com o riso nos lábios e a negligência no coração, querdizer, que se crerão fortes em sua incredulidade.

Clélie DUPLANTIER.

(Sociedade; Paris, 23 de outubro de 1868.)

O *croton Tiglium*, certamente, pode ser empregado com sucesso, sobretudo em doses homeopáticas, para acalmar as câibras e restabelecer a circulação normal do fluido nervoso; pode-se igualmente dele se fazer uso de maneira local, em friccionando a pele com uma infusão leve, mas não seria prudente generalizar-lhe o uso. Não está aqui um medicamento aplicável a todas as doenças, nem a todas as fases da doença. No caso em que seria de uso público, não deveria ser aplicado senão por indicação de pessoas podendo constatar-lhe a utilidade e apreciar-lhe os efeitos; de outro modo, aquele que dele teria já provado a ação salutar, poderia, num caso dado, ser-lhe inteiramente insensível, ou mesmo sentir-lhe os inconvenientes. Não é um desses medicamentos neutros que não fazem nenhum mal quando não produzem nenhum bem. Ele não deve ser empregado senão em casos especiais e sob a direção de pessoas possuindo conhecimentos suficientes para dirigir-lhe a ação.

Eu espero, aliás, que não seja necessário provar-lhe a eficácia, e que uma era mais calma se prepara para os infelizes habitantes de Maurice. Eles hão estão ainda livres, muito longe disto; mas, salvo exceção, os ataques não são em geral mortais, a menos que incidentes de outras naturezas venham lhe dar um caráter de gravidade particular. A doença em si mesma chega a seu fim. A ilha está no período de convalescença; pode ali ter algumas pequenas recrudescências, mas tenho todo lugar de crer que a epidemia, doravante, irá diminuindo até a extinção completa dos sintomas que a caracterizam.

Mas qual será a sua influência sobre os habitantes de Maurice que terão sobrevivido ao desastre? Que conseqüências deduzirão as manifestações de todas as naturezas das quais foram as testemunhas involuntárias? As aparições, das quais um grande número foram objeto, produzirão o efeito que se tem direito de esperá-lo? As resoluções tomadas sob o domínio do medo, do remorso e das censuras de uma consciência perturbada, não serão reduzidas a nada quando a tranqüilidade renascer?

Seria de desejar que a lembrança dessas cenas lúgubres se gravassem de maneira indelével em seu espírito e os obrigasse a modificarem sua conduta reformando suas crenças; porque eles devem estar bem persuadidos de que o equilíbrio não se restabelecerá de maneira completa senão quando os Espíritos estiverem tanto despojados de sua iniquidade, quanto a atmosfera será purificada dos miasmas deletérios que provocaram o nascimento e desenvolvimento do mal.

Entramos cada dia mais no período transitório que deve levar à transformação orgânica da Terra e à regeneração de seus habitantes. Os flagelos são os instrumentos

dos quais se serve o grande cirurgião do universo para extirpar do mundo, destinado a caminhar em frente, os elementos gangrenados que lhe provocaram as desordens incompatíveis com o seu novo estado. Cada órgão, ou melhor dizendo, cada região, será alternativamente remexida por flagelos de naturezas diversas. Aqui, a epidemia sob todas as suas formas, em outra parte a guerra, a fome. Todos devem, pois, se preparar para suportar a prova nas melhores condições possíveis, em se melhorando, em se instruindo, a fim de não ser surpreendido pelo imprevisto. Já algumas regiões foram provadas, mas seus habitantes estariam num erro completo se se fiassem na era de calma que vai suceder à tempestade, para tombarem seus antigos erros. É um tempo de descanso que lhes é concedido para entrarem um caminho melhor; se não o aproveitam, o instrumento de morte os provará até conduzi-los ao arrependimento. Felizes aqueles que a prova feriu primeiro, porque terão para se instruir, não só os males que sofreram, mas o espetáculo daqueles dos quais seus irmãos em humanidade serão atingidos ao seu turno. Esperamos que um tal exemplo lhes seja salutar, e que entrem, sem hesitar, no caminho novo que lhes permitirá caminhar de acordo com o progresso.

Seria de desejar que os habitantes de Maurice não fossem os últimos a aproveitarem a severa lição que receberam.

Doutor DEMEURE.

O ESPIRITISMO POR TODA A PARTE

A AMIZADE DEPOIS DA MORTE, PELA SENHORA ROWE

Nada é mais instrutivo e ao mesmo tempo mais concludente em favor do Espiritismo, do que ver as idéias sobre as quais ele se apoia, professadas por pessoas estranhas à Doutrina, e antes mesmo de seu aparecimento. Um de nossos correspondentes de Anvers, que já nos transmitiu preciosos documentos sob esse aspecto, dirige-nos o resumo seguinte de uma obra inglesa, cuja tradução, na 5ª edição, foi publicada em Amsterdam, em 1753. Talvez jamais os princípios do Espiritismo tenham sido formulados com tanta precisão. Ela é intitulada:

A amizade depois da morte, contendo as cartas dos mortos aos vivos: pela senhora Rowe.

Página 7. -Os Espíritos bem-aventurados se interessam ainda pela felicidade dos mortais, e *fazem com freqüência visita aos seus amigos*. Eles poderiam mesmo aparecer aos seus olhos, se as leis do mundo material não os proibissem. O esplendor de seus *veículos* (1)- (1) Ver-se-á mais adiante que, por *veículo*, o autor entende o corpo fluidico. e o domínio que têm sobre as forças que governam as coisas materiais e sobre os órgãos da visão poderiam facilmente lhes servir para se fazerem visíveis. Nós consideramos, freqüentemente, como uma espécie de milagre que vós não nos percebeis, porque não estamos longe de vós em relação ao lugar que ocupamos, mas unicamente pela diferença de estado em que estamos.

Página 12, *carta III: de um filho único, morto na idade de dois anos, à sua mãe.* - Desde o momento em que minha alma se livrou de sua incômoda prisão, achei-me um ser ativo e racional. Admirado de vos ver chorar por uma pequena massa, apenas capaz de respirar, que eu acabava de deixar, e da qual estava encantado por me encontrar desembaraçado, parecia-me que estáveis descontente de minha feliz libertação. Eu encontrava uma tão justa proporção, tanta agilidade, e uma luz tão brilhante no novo veículo que acompanhava o meu Espírito, que eu não podia bastante me espantar de que vos afligísseis pela feliz mudança que eu tinha feito. Então eu conhecia tão pouco a diferença dos corpos materiais e imateriais, que me imaginava estar inteiramente visível para vós quanto estáveis para mim.

Página 37, *carta VIII*. - Os gênios celestes que cuidam de vós nada negligenciaram, durante o vosso sono, para arrancar de vosso coração esse ímpio desejo. Algumas vezes vos conduziram aos lugares cobertos de uma sombra lúgubre; lá ouvistes os prantos amargos dos Espíritos infortunados. Outras vezes, as recompensas da constância e da resignação que desenvolveram aos vossos olhos a glória que vos espera, se, fiéis ao vosso dever, vos ligardes pacientemente à virtude.

Página 50, *carta X*. - Como, minha cara Léonore, pudestes temer-me? Quando eu era mortal, quer dizer, capaz de loucura e de erro, eu jamais tinha feito o mal; muito menos vo-lo faria no estado de perfeição e de felicidade em que estou. Não resta a menor mancha de vício nem de malícia nos Espíritos virtuosos; quando eles romperam a sua prisão terrestre, tudo neles é amável e benfazejo; o interesse que tomam pela felicidade dos mortais é infinitamente mais terno e mais puro do que antes.

O medo que se tem geralmente de nós no mundo nos pareceria incrível, se não nos lembrássemos de nossas loucuras e de nossos preconceitos; mas não fazemos senão gracejar nas vossas ridículas apreensões. Não teríeis mais razão em vos assustar e fugir uns dos outros, do que nos temer, nós que não temos nem o poder nem a vontade de vos inquietar? Ao passo que desconheceis os vossos benfeitores, trabalhamos para desviar mil perigos que vos ameaçam, e para avançar os vossos interesses com o ardor mais generoso. Se vossos órgãos estivessem aperfeiçoados e vossas percepções tivessem adquirido o alto grau de delicadeza em que chegarão um dia, então saberíeis que os Espíritos etéreos, -ornados da flor de uma beleza divina e de uma vida imortal, não são feitos para produzir em vós o terror, mas o amor e os prazeres. Eu gostaria de vos curar de vossas injustas prevenções, em vos reconciliando com a sociedade dos Espíritos, a fim de estar melhor no estado de vos advertir dos riscos e dos perigos que ameaçam a vossa juventude.

Página 54, *carta XI*. - Vosso restabelecimento surpreende os próprios anjos que, se ignoram os diversos limites que o soberano dispensador colocou para a vida humana, não deixam de fazer, freqüentemente, justas conjeturas sobre o curso das causas secundárias e sobre o período da vida dos humanos.

Página 68, *carta XIV*. - Desde que deixei o mundo, freqüentemente, tive a felicidade de ter o lugar de vosso anjo guardião. Testemunha invisível da lágrima que a minha morte vos arrancou, foi-me, enfim, permitido abrandar as vossas dores, em vos informando que sou feliz.

Página 73, *carta XVI*. - Como os seres imateriais podem, sem ser percebidos, se misturarem nas companhias, tive a curiosidade, na noite última, de descobrir os vossos pensamentos sobre o que vos tinha ocorrido na noite precedente. Para esse efeito, eu me encontrava no meio daquela assembléia em que estáveis. Lá, ouvi que gracejáveis com alguns de vossos amigos familiares sobre o poder da prevenção e a força de vossa imaginação. No entanto, senhor, não sois tão visionário e tão extravagante quanto o dissestes. Não há nada de mais real do que aquilo que vistes e ouvistes; e deveis disto crer nos vossos sentidos, de outro modo fazeis degenerarem vício a vossa desconfiança e a vossa modéstia. Não tendes mais, meu caro irmão, senão algumas semanas para viver; os vossos dias estão contados. Eu tive a permissão, o que ocorre raramente, de vos dar alguma advertência de vosso destino que se aproxima. Vossa vida, eu o sei, não foi manchada por nenhuma ação baixa ou injusta; no entanto, aparece em vossos costumes certas leviandades que pedem de vossa parte uma pronta e sincera reforma. Faltas que, de início, parecem uma bagatela, degeneram em crimes enormes.

Epístola dedicatória, página 27. -A Terra que habitais será um dia uma morada deliciosa, se todos os homens, cheios de estima pela virtude, nela praticarem fielmente as santas máximas. Julgai, pois, do excesso de nossa felicidade, uma vez que, ao mesmo tempo que aproveitamos de todas as vantagens de uma virtude generosa e perfeita, sentimos os prazeres tanto acima daqueles dos quais gozais, do que o céu o é da Terra,

o tempo da eternidade e o finito do infinito. Os mundanos são incapazes de gozar dessas delícias. Que gosto encontraria, em nossas augustas assembléias, um voluptuoso? o vinho e a carne dela são banidos, o invejoso secaria de dor contemplando a nossa felicidade; o avaro não acharia riqueza; o brincalhão desocupado se entediaria mortalmente de não mais encontrar o meio de matar o tempo. Como uma alma interessada poderia encontrar *prazer* na amizade terna e sincera que se pode considerar como uma das principais vantagens que possuímos no céu? é a verdadeira morada da amizade.

O tradutor diz, em seu prefácio, página 7:

"Espero que a leitura de seu livro possa levar à religião cristã uma certa ordem de pessoas, cujo número não se acha senão muito grande nesse reino que, sem consideração aos princípios da religião natural e revelada, tratam a imortalidade da alma como pura quimera. É em estabelecera certeza dessa imortalidade que a nossa autora se prende principalmente."

Página 9: - "Não era propriamente para os filósofos incrédulos que ele escrevia; era, como o dissemos, para uma certa classe de pessoas, muito numerosas no belo mundo, que inteiramente ocupadas com divertimentos frívolos do século, encontraram *a arte funesta de esquecer a imortalidade da alma, de se atordoar sobre as verdades da fé, e de afastar de seu espírito idéias tão consoladoras*. Bastava-lhes, pois, para satisfazer este desejo, inventar espécies de fábulas e de apólogos cheios de episódios vivos, etc."

Nota. O tradutor não parece crer na comunicação dos Espíritos, uma vez que pensa que os relatos da senhora Rowe são fábulas ou apólogos inventados pela autora em apoio de sua tese. No entanto, achou este livro tão útil que o achou capaz de conduzir os incrédulos à fé na imortalidade da alma. Mas há ali uma singular contradição, porque para provar que uma coisa existe, é preciso mostrar-lhe a realidade e não a ficção; ora, foi precisamente o abuso das ficções que destruiu a fé nos incrédulos. O simples bom senso diz que não é com um romance da imortalidade, por engenhoso que seja, que se provará a imortalidade. Se, em nossos dias, as manifestações dos Espíritos combatem a incredulidade com tanto sucesso, é porque elas são uma realidade.

Segundo a perfeita concordância de forma e de fundo que existe entre as idéias desenvolvidas no livro da senhora Rowe e o ensino atual dos Espíritos, não se pode duvidar de que o que ela escreveu não seja o produto de comunicações reais.

Como ocorre que um livro tão singular, de natureza a atizar a curiosidade no mais alto grau, bastante difundido, uma vez que tinha chegado à sua quinta edição, e que foi traduzido, haja produzido tão pouca sensação, e que uma idéia tão consoladora, tão racional e tão fecunda em resultados, tenha permanecido no estado de letra morta, ao passo que, em nossos dias, bastou alguns anos para que ela tivesse feito a volta ao mundo? Outro tanto poder-se-ia dizer de uma multidão de invenções e de descobertas preciosas que caem no esquecimento em seu aparecimento, e florescem alguns séculos mais tarde quando a necessidade delas se faz sentir. É a confirmação deste princípio de que: as melhores idéias abortam, quando elas vêm prematuramente, antes que os espíritos estejam maduros para aceitá-las.

Dissemos muitas vezes que se o Espiritismo tivesse vindo um século mais cedo, não teria tido nenhum sucesso; eis aqui a prova evidente, porque esse livro, seguramente, é do mais puro e do mais profundo Espiritismo. Para que se pudesse compreendê-lo e apreciá-lo, seria preciso que as crises morais pelas quais o espírito humano passou há um século, e que lhe ensinaram a discutir as suas crenças; mas seria preciso também que o niilismo, sob suas diferentes formas, como transição entre a fé cega e fé raciocinada, provasse a sua impossibilidade em satisfazer as necessidades sociais e as legítimas aspirações da Humanidade. A rápida propagação do Espiritismo, em nossa época, prova que ele veio em seu tempo.

Se se vêem, ainda hoje, pessoas que têm sob os olhos todas as provas, materiais e morais, da realidade dos fatos espíritas, e que, apesar disto, se recusam à evidência e ao raciocínio, com mais forte razão dever-se-ia encontrá-las muito mais há um século; é que seu espírito é ainda impróprio para assimilar essa ordem de idéias; elas vêem, ouvem e não compreendem, o que não acusa uma falta de inteligência, mas uma falta de aptidão especial; elas são como as pessoas a quem, embora muito inteligentes, falta o sentido musical para compreender e sentir as belezas da música; é o que é preciso entender quando se diz que a hora não é chegada.

A CASA DO PAI TOMÁS, Pela senhora BEECHER STOWE

Lê-se o que se segue no tomo II dessa obra, que teve um sucesso popular nos dois mundos:

Página 10. - Meu pai era um aristocrata. Eu creio que, em *alguma existência anterior*, ele deve ter pertencido às classes da ordem social mais elevada, e que tinha trazido com ele, nesta, todo o orgulho de sua antiga casta: porque esse orgulho lhe era inerente; estava na medula de seus ossos, se bem que ele fosse de uma família pobre e plebéia.

Página 128. - Evidentemente as palavras que ele havia cantado na própria tarde, atravessavam-lhe o espírito, palavras de súplicas dirigidas à infinita misericórdia. Seus lábios se movimentavam fracamente, e, em raros intervalos, uma palavra deles escapava. - Seu espírito se perde, disse o doutor. - Não, ele retorna a si, disse Saint-Clare com energia.

Esse esforço o esgota. A palidez da morte se espalha sobre a sua face, mas com ela uma admirável expressão de paz, como se algum Espírito misericordioso o tivesse abrigado sob suas asas. Ele assemelhava-se a uma criança que dorme de cansaço.

Ele permaneceu assim alguns instantes; uma mão todo-poderosa repousou sobre ele. Mas, no momento em que o Espírito ia tomar seu vôo, abriu seus olhos, que iluminam súbito luar de alegria, como se ele reconhecesse um ser amado, e murmurou baixinho: "Minha mãe!... sua almatinha voado!"

Página 200. - Oh! como a alma perversa ousa penetrar nesse mundo tenebroso do sono, cujos limites incertos avizinham de tão perto as cenas assustadoras e misteriosas da retribuição!

Nota. É impossível expressar mais claramente a idéia da reencarnação, da origem de nossos pendores e da expiação sofrida nas existências posteriores, uma vez que está dito que aquele que foi rico e poderoso pode renascer na pobreza. É notável que essa obra foi publicada nos Estados Unidos, onde o princípio da pluralidade das existências terrestres há muito tempo é repellido. Ela apareceu em torno de 1850, na época das primeiras manifestações espíritas, quando a doutrina da reencarnação não era ainda proclamada na Europa; a senhora Beecher Stowe a tinha haurido, em sua própria intuição; nela encontrou a única razão plausível das aptidões e das propensões inatas.

O segundo fragmento citado é bem o quadro que entrevê o mundo dos Espíritos no momento de sua libertação.

DO PECADO ORIGINAL SEGUNDO O JUDAÍSMO.

Pode ser interessante, para aqueles que o ignoram, conhecer a doutrina dos Judeus com respeito ao pecado original; pedimos emprestada a explicação seguinte ao jornal

israelita, *la Famille de Jacob*, que se publica em Avignon, sob a direção do grande rabino Benjamin Massé; número de julho de 1868.

"O dogma do pecado original está longe de estar entre os princípios do Judaísmo. A lenda profunda que o Talmud (Nida XXXI, 2) e que representa os anjos fazendo a alma humana, no momento em que ela vai se encarnar num corpo terrestre, prestar juramento de se manter pura durante a sua estada neste planeta, a fim de retornar pura junto do Criador, é uma poética afirmação de nossa inocência primitiva e de nossa independência moral da falta de nossos primeiros pais, Essa afirmação, contida nos livros tradicionais, está conforme o verdadeiro espírito do Judaísmo.

"Para definir o dogma do pecado original, basta-nos-á dizer que se toma pela letra o relato da Gênese, do qual se desconhece o caráter lendário, e que, partindo desse ponto de vista errado, aceitam-se cegamente todas as conseqüências que dele decorrem, sem se importar com a sua incompatibilidade com a natureza humana e com os atributos necessários e eternos que a razão reporta à natureza divina.

"Escravos da letra, afirmam-se que a primeira mulher foi seduzida pela serpente, que ela comeu de um fruto proibido por Deus, e que ela o fez comer a seu esposo, e que, por esse ato de revolta aberta contra a vontade divina, o primeiro homem e a primeira mulher incorreram na maldição do céu, não só por eles, mas por seus filhos, mas por sua raça, mas pela Humanidade inteira, para a Humanidade cúmplice por qualquer ausência da duração que ela se encontra dos culpados, cúmplice de seu crime, do qual ela é, conseqüentemente, responsável em todos seus membros presentes e futuros.

"Segundo essa doutrina, a queda e a condenação de nossos primeiros pais foram uma queda e uma condenação para a sua posteridade; desde então, para o gênero humano, os males inumeráveis que teriam sido sem fim, sem a mediação de um Redentor tão incompreensível quanto o crime e a condenação que o chamam. Do mesmo modo que o pecado original de um único foi cometido por todos, do mesmo modo a expiação de um único será a expiação de todos; a Humanidade, perdida por um único, será salva por um só: a redenção é a conseqüência inevitável do pecado original.

"Compreende-se que não discutimos essas premissas com as suas conseqüências, que não são para nós mais aceitáveis do ponto de vista dogmático do que do ponto de vista moral.

"Nossa razão e nossa consciência jamais se acomodarão com uma doutrina que apaga a personalidade humana e a justiça divina, e que, para explicar as suas pretensões, nos faz viver todos juntos, na alma como no corpo, do primeiro homem, ensinando-nos que, embora numerosos que sejamos na sucessão das idades, fazemos parte de Adão em espírito e matéria, que tomamos parte em seu crime, e que devemos ter a nossa parte nessa condenação.

"O sentimento profundo de nossa liberdade moral se recusa a essa assimilação fatal, que nos tiraria nossa iniciativa, que nos acorrentaria apesar de nós num pecado longínquo, misterioso, do qual não temos consciência, e que nos faria sofrer um castigo ineficaz, uma vez que aos nossos olhos ele não seria merecido.

"A idéia indefectível e universal que temos da justiça do Criador se recusa muito mais energicamente ainda em crer no compromisso, na falta de um só, dos seres livres criados sucessivamente por Deus na seqüência dos séculos.

"Se Adão e Eva pecaram, só a eles pertence a responsabilidade de sua ação má; só a eles sua queda, sua expiação, sua redenção por meio de seus esforços pessoais para reconquistar a sua nobreza. Mas nós, que viemos depois deles, que, como eles, temos sido o objeto de um ato idêntico da parte do poder criador, e que devemos, a esse título, ser de um prêmio igual ao do nosso primeiro pai aos olhos de nosso Criador, nós nascemos com a nossa pureza e a nossa inocência, das quais somos os únicos senhores, os únicos depositários, e cuja perda ou conservação não dependem absolutamente de nossa vontade, quanto das determinações de nosso livre arbítrio.

"Tal é, sobre esse ponto, a doutrina do Judaísmo, que não poderia nada admitir que não esteja nada conforme à nossa consciência esclarecida pela razão."

B. M.

OS LAZERES DE UM ESPÍRITA NO DESERTO

Reproduziremos, sem comentários, as passagens seguintes de uma carta que nos escreveu, no mês de março último, um de nossos correspondentes, capitão no exército da África.

"O Espiritismo se estende no norte da África, e ganhará o centro se os Franceses para lá se dirigirem. Ei-lo que penetra em Laghouat, nos limites do Saara, em 33° de latitude. Eu emprestei os vossos livros; alguns de meus camaradas leram; discutimos, e força e razão ficaram para a doutrina.

"Há alguns anos entrego-me ao estudo da anatomia, da fisiologia e da psicologia comparadas. A mesma corrente de idéias me arrasta para o estudo dos animais. Pude me dar conta, pela observação, que todos os órgãos, todos os aparelhos, se simplificam em descendo para as raças e as espécies inferiores. Como a Natureza é bela para estudar! Quanto sente-se o espírito por toda a parte difundido? Algumas vezes passo longas horas a seguir os hábitos e os movimentos da vida dos insetos e dos répteis destas regiões; assisto às suas lutas, aos seus esforços, às suas astúcias para assegurar a sua existência; contemplo a batalha das espécies. O Saara, nos limites dos quais estamos acampados há mais de um ano, tão deserto para os meus camaradas, parece-me, ao contrário, bem povoado; onde eles acham o exílio, eu encontro a liberdade! É que eu sei que Deus está por toda a parte, e que cada um carrega a felicidade em si mesmo. Que eu esteja no pólo ou no equador, meus amigos do espaço ali me seguirão, e sei que os caros invisíveis podem povoar as mais tristes solidões. Não é que eu desdenhe a sociedade de meus semelhantes, nem que seja indiferente às afeições que tenho conservado na França, oh não! porque me tarda rever e abraçar a minha família e todos aqueles que me são caros, mas é unicamente para testemunhar que se pode ser feliz em qualquer ponto do globo em que se encontre, quando se toma Deus por guia. Para o Espírita jamais há isolamento; ele se sabe, se sente constantemente cercado de seres benevolentes, com os quais está em comunhão de pensamentos.

"Vossa última obra, a *Gênese*, que acabo de ler, e sobre diversos capítulos dos quais muito particularmente me detive, revela-me os mistérios da criação e dá um golpe terrível aos preconceitos. Essa leitura me fez um bem imenso e abriu-me novos horizontes. Já compreendo a nossa origem, e vejo no meu corpo material o último anel da animalidade sobre a Terra; eu sabia que o espírito, durante a sua gestação corpórea, toma uma parte ativa na construção de seu ninho e apropria o seu envoltório às suas novas necessidades. Essa teoria da origem do homem poderá parecer, aos orgulhosos, atentatória à grandeza e à dignidade humanas, mas ela será aceita no futuro por causa de sua simplicidade e sua extensão surpreendentes.

"A geologia, com efeito, nos faz ler no grande livro da Natureza. Por ela, achamos que as espécies de hoje teriam por avós as espécies cujos restos se encontram nas camadas terrestres; não se pode mais negar que há uma progressão contínua no desenvolvimento das formas orgânicas, quando vemos os tipos mais simples aparecerem primeiro. Esses tipos foram modificados pelos instintos dos próprios animais providos de órgãos apropriados às suas novas necessidades e ao seu desenvolvimento. De resto, a Natureza muda os tipos quando a necessidade isto faz sentir; a vida multiplica os seus órgãos e os especializa. As espécies saem umas das outras, sem que seja necessária a intervenção miraculosa. Adão não saiu armado de todas as peças das mãos do Criador; muito certamente um chimpanzé o deu à luz.

"As espécies não são absolutamente independentes umas das outras; elas se ligam por uma filiação secreta, e pode-se mesmo considerá-las como solidárias até a humanidade. Como o dissestes tão judiciosamente, desde o zoófito até o homem, há uma cadeia cujos anéis têm um ponto de contato com o anel precedente. E do mesmo modo que o espírito se eleva e não pode ficar estacionário, do mesmo modo também o instinto do animal progride, e cada encarnação lhe faz transpor um degrau da escala dos seres. As fases dessas metamorfoses se completam por milhares de anéis, e as formas rudimentares, das quais algumas amostras se encontram nos terrenos silurianos, nos dizem por onde passou a animalidade.

" Não deve mais nisso haver véu entre a Natureza e o homem, e nada deve permanecer oculto. A Terra é nosso grande domínio: cabe a nós estudar-lhe as leis; foram a ignorância e a preguiça que criaram os mistérios. Quanto Deus nos aparece maior na harmonia e na unidade de suas leis!

"Eu lamento sinceramente as pessoas que se entediam. Porque é uma prova de que não pensam em ninguém, e que seu espírito é vazio como o estômago de um indivíduo que tem fome."

FENÔMENO DE LINGÜÍSTICA

"O *Quarterly Journal of Psychological Medicine* publica um relatório muito curioso sobre uma menina que substituiu à língua falada ao seu redor, uma série de palavras e de verbos formando todo um idioma do qual ela se serve, e do qual não se pode desabituar-la.

"A criança tem agora quase cinco anos. Até a idade de três anos, ela permaneceu sem falar e não sabia pronunciar senão as palavras "papá" e "mama". Quando ela se aproximava de seu quarto ano, a sua língua se desamarrou de repente, e hoje ela fala com toda a facilidade e a volubilidade de sua idade. Mas de tudo o que ela diz, as duas palavras "papá" e "mama" que aprendeu primeiro, são as únicas emprestadas à língua inglesa. Todas as outras nasceram em seu pequeno cérebro e sobre seus pequenos lábios, e não têm mesmo nenhuma relação com essa corrupção de palavras das quais se servem as crianças que brincam habitualmente com ela.

"Em seu dicionário, *Gaan* significa God(Deus); *migno- migno*, water (água); *odo tosend for*, ou *take away* (enviar, ou reenviar), segundo está colocada; *gar*, horse (cavalo).

"Um dia, disse o doutor Hun, ela veio estando chovendo. Fizeram a criança entrar e lhe proibiram de sair antes que a chuva tivesse cessado. Ela se colocou na janela e disse:

" - *Gaan odo migno-migno*, feu odo. (Deus, envia a chuva, traz as luzes do sol.)

"A palavra *feu* aplicada no mesmo sentido que na língua à qual ela pertencia, me tocou. Verifiquei que a criança jamais havia ouvido falar francês, coisa muito singular, e que seria interessante bem constatar, porque a criança tomou várias palavras à língua francesa, tais como "tout", "mói", e a negação "ne pás".

A criança tem um irmão que é seu primogênito em mais ou menos dezoito meses. Ela lhe ensinou a sua língua, sem lhe emprestar nenhuma das palavras das quais ele se serve.

"Seus pais estão muito desolados com esse pequeno fenômeno; tentaram freqüentemente ensinar-lhe o inglês, dar-lhe o nome inglês das coisas que ela designa de outro modo em seu idioma: ela o recusa absolutamente. Tentaram afastá-la das crianças de sua idade, de não pô-la em comunicação senão com pessoas idosas, falando inglês e não conhecendo nada de sua pequena gíria. Era de esperar que uma criança que se tinha mostrado tão ávida de comunicar os seus pensamentos quanto de inventar uma língua nova, procurasse aprender o inglês quando ela se encontrasse no meio de pessoas não falando senão esta língua. Mas não foi nada disto.

"Logo que ela se achou com as pessoas que não tinha o hábito de ver, ela se pôs em seguida a lhes ensinar a sua língua, e momentaneamente, pelo menos, os pais renunciaram dela desabitua-la."

Este fato tendo sido discutido na *Sociedade Espírita de Paris*, um Espírito dele deu a explicação na comunicação seguinte:

(Sociedade de Paris, 9 de outubro de 1868; méd., Sr. Nivard.)

O fenômeno da pequena inglesa, falando uma língua desconhecida àqueles que a cercam, e se recusando a se servir da sua, é o fato mais extraordinário que se produziu desde muitos séculos.

Fatos surpreendentes ocorreram em todos os tempos, em todas as épocas, que foram o espanto dos homens, mas eles tinham os similares ou os semelhantes; isto não os explicava, sem dúvida, mas eram vistos com menos surpresa. Este do qual foi questão é talvez único em seu gênero. A explicação que se lhe pode dar não é nem mais fácil, nem mais difícil do que as outras, mas a sua singularidade é surpreendente, é o essencial.

Eu disse a palavra surpreendente; é bem, não a causa, mas a razão do fenômeno. Ele toca de admiração: foi por isto que se produziu. Hoje que o progresso fez um certo caminho, não se contentará em falar do fato, como se fala da chuva e do bom tempo; querer-se-á procurar-lhe a causa. Os médicos nada têm aí para ver; a fisiologia é estranha a essa singularidade; se a criança fosse muda, ou não pudesse senão dificilmente articular algumas palavras que não se compreendesse em consequência da insuficiência de seus órgãos vocais, os sábios diriam que isto se prende às más disposições fisiológicas, e que em fazendo desaparecer essas más disposições, a criança reentraria no livre uso da palavra. Mas tal não é aqui o caso; a criança, ao contrário, é loquaz, tagarela; ela fala facilmente, chama as coisas a seu modo, explica-as na forma que lhe convém e vai mais longe: ela ensina a sua língua aos seus camaradas, quando está provado que não se pode lhe ensinar a sua língua materna, e que ela não quer mesmo a isto se prestar.

A psicologia é, pois, a única ciência na qual deve-se procurar a explicação deste fato. A razão, o objetivo especial, venho de dizer-lo: seria preciso tocar os espíritos e solicitar as suas pesquisas. Quanto à causa, vou tentar vo-la dizer.

O Espírito encarnado no corpo dessa criança conheceu a língua, ou antes, as línguas que fala, porque faz uma mistura. No entanto, essa mistura é feita conscientemente e constitui uma língua da qual as diversas expressões são emprestadas àquelas que esse Espírito conheceu em outras encarnações. Em sua última existência, ele teve a idéia de criar uma língua universal, a fim de permitir aos homens de todas as nações se entenderem e aumentar assim a facilidade das relações e o progresso humano. Para este efeito, havia começado a compor essa língua que constituía de fragmentos de várias daquelas que conhecia e gostava mais. A língua inglesa lhe era desconhecida; ele havia ouvido falar dos Ingleses, mas achava a sua língua desagradável e a detestava. Uma vez na erraticidade, o objetivo que tinha se proposto em sua vida ali o perseguiu; entregou-se ao trabalho e a compor um vocabulário que lhe é particular. Encarnou-se entre os Ingleses com o desprezo que tinha por sua língua, e com a determinação bem decretada de não falá-la. Ele tomou posse de um corpo cujo organismo flexível lhe permite dominar a palavra. Os laços que o prendem a esse corpo são bastante elásticos para mantê-lo num estado de semi-liberdade que lhe deixa a lembrança bastante distinta de seu passado, e o sustenta em sua resolução. De um outro lado, ele é ajudado por seu guia espiritual, que vigia para que esse fenômeno tenha lugar com regularidade e perseverança, a fim de chamara atenção dos homens. De resto, o Espírito encarnado tinha consentido na produção do fato. Ao mesmo tempo que ele

ostenta o desprazer da língua inglesa, cumpre a missão de provocar as pesquisas psicológicas.

L. NIVARD pai.

Nota. - Se esta explicação não pode ser demonstrada, pelo menos ela tem por si a racionalidade e a probabilidade. Um Inglês que não admite o princípio da pluralidade das existências, e que não tinha conhecimento da comunicação acima, arrastado pela irresistível lógica, disse, em falando desse fato, que ele não poderia se explicar senão pela reencarnação, se fosse verdade que se poderia reviver sobre a Terra.

Eis, pois, um fenômeno que, pela sua própria estranheza, cativando a atenção, provoca a idéia da reencarnação, como a única razão plausível que se lhe possa dar. Antes que este princípio estivesse na ordem do dia, muito simplesmente ter-se-ia achado o fato bizarro, e, sem dúvida, em tempos mais recuados, ter-se-ia considerado essa criança como enfeitiçada. Não juraremos mesmo que hoje essa não fosse a opinião de certas pessoas. O que não é menos digno de nota é que este fato se produziu precisamente num país ainda refratário à idéia da reencarnação, mas à qual será levado pela força das coisas.

MÚSICA DO ESPAÇO.

Extrato de uma carta de um jovem a um de seus amigos, guarda de Paris:

"Mulhouse, 27 de março de 1868.

"Há mais ou menos cinco anos, - eu não tinha então senão dezoito anos, e ignorava até o nome do Espiritismo, -fui testemunha e o objeto de um fenômeno estranho do qual me dei conta há alguns meses somente, depois de ter lido *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*. Esse fenômeno consistiu numa música invisível que se fazia ouvir no ar ambiente do quarto, e acompanhava o meu violino sobre o qual eu tomava ainda lições nessa época. Isso não era uma sucessão de sons, como aqueles que eu produzia no meu instrumento, mas acordes perfeitos, cuja harmonia era tocante; dir-se-ia uma harpa tocada com delicadeza e sentimento; algumas vezes, estávamos reunidos numa dezena de pessoas, e a ouvíamos todos sem exceção; mas se alguém viesse escutar por pura curiosidade, tudo cessava, e desde que o curioso partisse, o efeito se reproduzia imediatamente. Lembro-me de que o recolhimento contribuía muito para a intensidade dos sons. O que havia de singular, e que isto não ocorria senão entre cinco e oito horas da noite. No entanto, um domingo, um realejo passava diante da casa, cerca de uma hora depois do meio-dia, e tocava uma música que me pôs atento; logo a música invisível se fez ouvir no quarto, acompanhando aquela ária.

"Naqueles momentos, eu sentia uma agitação nervosa que me cansava sensivelmente e me fazia mesmo sofrer; era como uma espécie de inquietação; ao mesmo tempo todo o meu corpo irradiava um calor que se fazia sentir a 10 centímetros mais ou menos.

"Desde que li *O Livro dos Médiuns*, tentei escrever, uma força quase irresistível levava a minha mão da esquerda para a direita por um movimento febril, acompanhado de uma grande agitação nervosa; mas não tinha ainda traçado senão caracteres ininteligíveis."

Esta carta nos tendo sido comunicada, escrevemos ao jovem para lhe pedir algumas explicações complementares. Eis as respostas às perguntas que lhe endereçamos, e que farão facilmente prejulgar as perguntas.

1 ° O fato passou-se em Mulhouse, não em meu quarto, mas naquele onde me exercitava mais comumente, e situado numa casa vizinha, em companhia de dois amigos dos quais um tocava flauta e o outro violino; este último era aquele que me dava as lições. Não se produziu em nenhum outro lugar;

2° Era necessário que eu tocasse; e se, às vezes, eu me repousava por muito tempo, vários sons, e algumas vezes vários acordes se faziam ouvir como para me convidar a continuar. No entanto, no dia em que essa música se produziu em consequência de um realejo, eu não tocava;

3° Essa música tinha um caráter bastante acentuado para poder ser notado; eu não tive o pensamento de fazê-la;

4° Ela parecia vir de um ponto bem determinado, mas que viajava constantemente no quarto; fixava-se durante alguns instantes, de sorte que se podia designar com o dedo o lugar de onde ela provinha; mas quando se acercava desse lugar descobria-se o segredo, ela mudava logo de lugar e se fixava em outra parte, ou se fazia ouvir em diferentes lugares;

5° Esse efeito durou cerca de três meses, desde o mês de fevereiro de 1862. Eis como cessou:

Um dia estávamos reunidos, meu patrão, um outro empregado e eu ; conversávamos de coisas e de outras, quando meu patrão me dirigiu, sem preâmbulo, esta pergunta: "Credes nos fantasmas? - Não," respondi. Ele continuou a me questionar, e eu decidi contar-lhe o que se passava. Ele me escutou com muita admiração; quando terminei, ele me bateu nas costas dizendo: "Falarão de vós." Disso falou a um médico, que se diz muito sábio em física, e que lhe explicou o fato dizendo que eu era um *sensitivo*, um *magnetizado*. Meu patrão, procurando se dar conta da coisa, veio um dia me encontrar no quarto, e me mandou tocar. Obedeci, e a música invisível se fez ouvir durante alguns segundos, muito distintamente para mim, vagamente para o patrão e para os assistentes. O patrão ali tomou todas as espécies de maneiras, mas sem nada poder obter a mais.

No domingo seguinte, eu retornei ao quarto; foi aquele onde a música se fez ouvir em consequência do realejo, sem que eu tocasse. Esta foi a última vez; desde então nada de semelhante se produziu.

Nota. Antes de atribuir um fato à intervenção dos Espíritos, é preciso estudar-lhe cuidadosamente todas as circunstâncias. Aquele do qual se trata aqui tem bem todos os caracteres de uma manifestação; é provável que tenha sido produzido por algum Espírito simpático ao jovem, no objetivo de conduzi-lo às idéias espíritas, e chamar a atenção de outras pessoas sobre estas espécies de fenômenos. Mas, então, dir-se-á, por que esse efeito não se produziu de maneira mais retumbante? Os Espíritos não são obrigados a saber de todos os motivos que os fazem agir; mas deve-se supor que julgaram o que se passou suficiente para a impressão que queriam produzir. Aliás, a cessação do fenômeno no próprio momento em que se lhe desejava a continuação, deveria ter por resultado provar que a vontade do jovem ali não estava por nada, e que não havia fraude. Essa música sendo ouvida pelas pessoas presentes, exclui todo efeito de ilusão ou de imaginação, tão bem quanto a idéia de um conto inventado; além disto, o jovem não tendo então nenhuma noção do Espiritismo, não se pode supor que sofresse a influência de idéias preconcebidas; não foi senão depois de vários anos que ele pôde explicar o fenômeno. Quantidade de pessoas estão no mesmo caso; o Espiritismo lhes remete em memória os fatos perdidos de vista que elas colocavam à conta da alucinação, e das quais podem doravante se dar conta. Os fenômenos espontâneos são o que se pode chamar o *Espiritismo experimental natural*.

O ESPIRITUALISMO E O IDEAL.

NA ARTE E NA POESIA DOS GREGOS

Por CHASSANG(1)

(1) 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c. Casa dos Srs. Didier et C', 35, quai dês Augustins.

Nosso número do mês de agosto continha a reprodução de um notabilíssimo artigo, tirado do jornal *lê Droit*, sobre as funestas conseqüências do materialismo, do ponto de vista da legislação e da ordem social; *la Patrie*, de 30 de julho de 1868, deu o relatório de uma obra sobre a influência do espiritualismo nas artes. Esses dois artigos são o corolário e o complemento um do outro: no primeiro provam-se os perigos do materialismo para a sociedade, e no segundo demonstra-se a necessidade do espiritualismo, sem o qual as artes e a poesia estão privadas de seu elemento vital.

Com efeito, o sublime da arte e da poesia é de falar à alma, de elevar o pensamento acima da matéria que nos restringe, e da qual aspiramos, sem cessar, sair; mas para fazer vibrar as cordas da alma é preciso ter uma alma que vibre em uníssono. Como aquele que não crê senão na matéria, poderia se inspirar e se tornar o intérprete de pensamentos e de sentimentos que estão fora da matéria? Seu ideal não sai do terra-a-terra, e ele é frio, porque não fala nem ao coração nem ao Espírito, mas somente aos sentidos materiais. O belo ideal não está no mundo material; é preciso, pois, procurá-lo no mundo espiritual, que é o da luz para os cegos; na impossibilidade de isto alcançar, criou a escola realista que não sai deste mundo, porque ali está todo o seu horizonte; o verdadeiro belo estando fora da capacidade de certos artistas, eles declaram que o belo é feio. A fábula da raposa que tem a cauda cortada permanece sempre u ma verdade.

A época em que a fé religiosa era ardente e sincera é também aquela em que a arte religiosa produziu as mais belas obras-primas; o artista se identificava com seu sujeito, porque ele o via com os olhos da alma e o compreendia; era o seu próprio pensamento que ele dava; mas à medida que a fé foi embora, o gênio inspirador partiu com ela. Não é preciso, pois, se espantar se a arte religiosa está hoje em plena decadência; não é o talento que faz falta, é o sentimento.

Ocorre o mesmo com o ideal em todas as coisas; as obras de arte não cativam senão quando elas fazem pensar. Pode-se admirar o talento plástico do artista, mas não se pode suscitar um pensamento que não existe nele; ele pinta um mundo que não vê, não sente nem compreende; também cai às vezes no grotesco; sente-se que ele visa ao efeito, e é tentado a fazer do novo torturando a forma; eis tudo.

Pode-se dizer outro tanto da música moderna; ela faz muito barulho; exige do executante uma grande agilidade dos dedos e da garganta, uma verdadeira deslocação; ela movimentava as fibras do ouvido, mas não as do coração. Esta tendência da arte para a materialidade perverteu o gosto do público, cuja delicadeza do sentido moral se encontra enfraquecida (1). (1) Ver a *Revista* de dezembro de 1860, página 366, e janeiro de 1861, página 4: *A arte paga e a arte espirita*.

A obra do Sr. Chassang é a aplicação dessas idéias à arte em geral, e à arte grega em particular. Reproduzimos com *prazer* o que disso disse o autor no relatório de *la Patrie*, porque é uma prova a mais da enérgica reação que se opera em favor das idéias espiritualistas, e que, como dissemos, toda defesa do espiritualismo *racional* abre o caminho do Espiritismo, que dele é o desenvolvimento, combatendo os seus mais tenazes adversários: o materialismo e o fanatismo.

O Sr. Chassang é o autor da história *ó e Apollonius de Tyane*, da qual demos conta na *Revista* de outubro de 1862, página 289.

"Esse livro, de um caráter todo especial, não foi feito por ocasião dos recentes debates sobre o materialismo, e é certamente independente da vontade do autor que as circunstâncias viessem lhe dar uma espécie de atualidade. Em o escrevendo, o Sr. Chassang não entendia fazer obra de metafísico, mas de simples literato. No entanto,

como as grandes questões da metafísica estão eternamente na ordem do dia, e que toda obra literária verdadeiramente digna desse nome supõe sempre algum princípio filosófico, esse livro de uma inspiração espiritualista muito decidida, encontra-se em correlação com as preocupações do momento.

"O Sr. Chassang deixa a outros a refutação do materialismo do ponto de vista filosófico puro. Sua tese é toda estética. O que entende provar é que a literatura e a arte não estão menos interessadas do que a vida moral no triunfo das doutrinas espiritualistas. *Do mesmo modo que o materialismo despoetiza a vida, e se faz um cruel prazer desencantar o homem em lhe tirando toda a esperança, toda consolação no meio dos males que o assediam, do mesmo modo ele suprime sem piedade da literatura e da arte o que ele chama as ilusões ou as mentiras, e, sob o pretexto de verdade, proclamando o realismo, faz uma lei aos artistas e aos escritores de não exprimir senão o que é.*

"As doutrinas espiritualistas, ao contrário, abrem em todos os sentidos o caminho às nobres aspirações: elas entretêm o homem do futuro e da imortalidade; elas dizem ao poeta e ao artista que há um belo ideal do qual as mais belas criações humanas não são senão pálidos reflexos, e sobre o qual deve sempre fixar os olhos quem quer encantar os seus contemporâneos e viver para a posteridade.

"Depois de ter, em sua introdução, desenvolvido este dado do ponto de vista geral, o Sr. Chassang procura-lhe a prova na mais bela das literaturas e nas maiores das artes que tenham excitado a admiração dos homens, na literatura e na arte dos antigos Gregos. Para uma semelhante demonstração, uma ordem rigorosa e didática é antes de se fugir do que de se procurar; também, depois da introdução que expõe os princípios, vêm não capítulos estreitamente unidos e metodicamente ligados, mas estudos isolados que, todos, se ligam ao mesmo assunto, se inspiram do mesmo sentimento e convergem ao mesmo fim. O livro tem assim, ao mesmo tempo, a unidade no conjunto e a variedade nas partes.

"É primeiro um tratado sobre o que o autor chama com propósito o *espiritualismo popular* entre os Antigos, quer dizer, as crenças dos Gregos e dos Romanos sobre o destino das almas depois da morte. Ele mostra que se, entre essas crenças, há erros evidentes, esses erros repousam, no entanto, todos sobre a esperança de uma outra vida. O culto dos mortos não contém, com efeito, implicitamente uma profissão de fé espiritualista? A última vitória do materialismo seria a de suprimi-lo, e seus adeptos deveriam logicamente chegar a isso; de outro modo, para que levantar a pedra do túmulo? para que, sobretudo, cercar o túmulo de respeito, se nada há atrás dele? Assim fala o Sr. Chassang."

OCTAVESACHOT.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS *DA REGENERAÇÃO DOS POVOS DO ORIENTE*

Recebemos da Síria uma carta muito interessante sobre o estado moral dos povos do Oriente e os meios de cooperar para a sua regeneração. A especialidade desta carta não nos permite publicá-la em nossa Revista; diremos somente que o nosso honrado correspondente, iniciado nos conhecimentos dos povos da Europa, encara a questão como profundo filósofo, como homem desligado de todo preconceito de seita, que conhece o terreno e não tem nenhuma ilusão sobre as dificuldades que semelhante assunto apresenta.

Ele vê no Espiritismo, que estudou seriamente, uma poderosa alavanca para combater os preconceitos que se opõem à emancipação moral e intelectual de seus compatriotas, em razão mesmo das idéias que constituem o fundo de suas crenças e às quais seria preciso dar uma direção mais racional. Tendo em vista concorrer a essa obra,

ou pelo menos colocar-lhe as primeiras bases, ele concebeu um projeto que consentiu nos submeter, pedindo-nos para solicitarmos também a opinião dos bons Espíritos.

A comunicação que nos foi dada a esse respeito é instrutiva para todo o mundo, sobretudo nas circunstâncias atuais, foi porque acreditamos dever publicá-la. Ela contém uma sábia apreciação das coisas, e conselhos dos quais outros poderão aproveitar se possível, e que, em especializando-os, encontram também sua aplicação na maneira mais proveitosa de propagar o Espiritismo.

(Paris, 18 de setembro de 1868.)

Não é somente o Oriente, é a Europa, é o mundo inteiro que agita uma surda fermentação que a menor causa pode transformar em conflagração universal, quando o momento tiver chegado. Como disse com razão o Sr. X..., é sobre as ruínas que se edificam as coisas novas, e antes que a grande renovação seja um fato realizado, os trabalhos humanos e a intervenção dos elementos devem *acabar* de desobstruir o solo do pensamento dos erros do passado. Tudo concorre para essa obra imensa; a hora da ação se aproxima rapidamente, e devem ser encorajadas todas as inteligências para que se preparem para a luta. A Humanidade deixa suas fraldas para cingir a roupa viril; ela sacode o jugo secular; o momento não poderia ser mais propício. Mas não se deve dissimular que a tarefa é rude, e que mais de um artesão será esmagado pela máquina que terá posto em movimento, por não ter sabido descobrir o freio capaz de dominar o ímpeto da Humanidade muito bruscamente emancipada.

Ter a razão, a verdade por si, trabalhar em vista do bem geral, sacrificar seu bem-estar particular ao interesse de todos, é muito, mas não é suficiente. Não se pode dar tudo de uma vez todas as liberdades a um escravo acostumado pelos séculos a um jugo severo. Não é senão gradualmente, em medindo a extensão das andadeiras aos progressos inteligentes e sobretudo morais da Humanidade, que a regeneração poderá se realizar. A tempestade que dissipa os miasmas deletérios dos quais uma região está infectada, é um cataclismo benfazejo; mas aquela que rompe todos os diques, e que, não obedecendo a nenhum freio, derruba tudo em sua passagem, é deplorável, e sem nenhuma consequência útil. Ela aumenta as dificuldades em lugar de contribuir para fazê-las desaparecer.

Todos aqueles que desejarem concorrer utilmente ao trabalho regenerador devem pois, antes de tudo, se preocupar com a natureza dos elementos sobre os quais lhe é possível agir, e combinar suas ações em razão do caráter, dos costumes, das crenças daqueles que querem transformar. Assim para alcançar, no Oriente, o objetivo que perseguem na América e na Europa ocidental todos os espíritos de elite, é preciso seguir um caminho idêntico quanto ao conjunto, mas essencialmente diferente nos detalhes, quer dizer, que em semeando a instrução, em desenvolvendo a moralidade, em combatendo os abusos consagrados pelo tempo, chegar-se-á ao mesmo resultado, em qualquer lugar que se agir, mas a escolha dos meios deverá sobretudo ser determinada pelo gênio particular daqueles aos quais se dirigirem.

O espírito de reforma sopra em toda a Ásia; ele deixou na Síria, na Pérsia, e em todos os países vizinhos, sangrentos destroços; a idéia nova ali germinou, irrigada com o sangue dos mártires;

é preciso aproveitar do impulso dado às inteligências, mas evitar cair nas faltas que provocaram essas perseguições. *Não se instrui o homem em chocando de frente os seus preconceitos, mas em examinando, em modificando o mobiliário de seu espírito de maneira de tal modo gradual, que ele chegue a renunciar por si mesmo aos erros pelos quais outrora ele teria sacrificado a sua vida.* Não é preciso lhe dizer: "Isto é mau, aqui é bom," mas levá-lo, pelo ensino literário e pelo exemplo, a apreciar cada coisa sob o seu verdadeiro aspecto. Não se impõem a um povo idéias novas; para ele que as aceite sem

perturbação lamentável, é preciso habituá-lo a elas pouco a pouco em lhe fazendo reconhecer as vantagens, e não as colocar como princípio senão quando estiver certo de que terão para elas uma imponente maioria.

Há muito o que fazer no Oriente, mas somente a ação do homem seria impotente para operar uma transformação radical. Os acontecimentos aos quais tocamos contribuirão por uma parte para essa transformação. Eles habituarão os Orientais a um novo gênero de existência; eles solaparão, em suas bases, os preconceitos que presidem à legislação da família. Será somente depois disto que o ensino virá lhes dar o último golpe.

Aplaudimos com todas as nossas forças a obra do Sr. X..., o espírito no qual ela está concebida; nós lhe prometemos, além disso, a nossa assistência, e o aconselhamos a recorrer a nós todas as vezes que encontrar algumas dificuldades embaraçosas. Que se apresse em pôr-se à obra; os acontecimentos vão rápido, e mal seu trabalho terá terminado, quando o momento propício terá chegado! Que não perca tempo e conte com o nosso concurso, que lhe é adquirido como a todos aqueles que perseguem com desinteresse o cumprimento dos desígnios providenciais.

CLÉLIE DUPLANTIER.

A MELHOR PROPAGANDA.

(Sociedade de Paris; 23 de outubro de 1868. Médium, Sr. Nivard.)

Se há poucos médiuns, esta noite, será preciso que haja penúria de Espíritos; ao contrário, eles são muito numerosos; uns são os habituais que vêm nos instruir ou se instruírem eles mesmos; os outros, em grande número, são recém-chegados para vós. Eles vieram sem carta de entrada, é verdade; mas com o consentimento e o convite dos Espíritos habituais. Muitos desses Espíritos sentem-se felizes por assistir à sessão, e o são sobretudo de nela haverem vários Espíritos que amam e que dirigem, e que tiveram o pensamento de se colocar entre vós.

Há muitos Espíritos no mundo, mas seu grau de instrução sobre a Doutrina está longe de ser suficiente para se fazer classificar entre os Espíritos esclarecidos. Eles têm luzes, sem dúvida, mas a prática, geralmente, lhes faz falta; ou se praticam, têm necessidade de ser secundados, a fim de levarem, nos esforços que tentam, mais persuasão e menos entusiasmo. Quando falo de prática do Espiritismo, quero dizer a parte que concerne à propaganda; pois bem! para esta parte, mais difícil do que se crê, é preciso, para exercê-la com eficácia, estar bem penetrado da filosofia do Espiritismo e também de sua parte moral. A parte moral é fácil de conhecer; ela pede para isso pouco esforço; em compensação, é a mais difícil de praticar, porque só o exemplo pode fazê-la bem compreender. Fareis compreender melhor a virtude dando-lhe o exemplo do que em definindo-a. Ser virtuoso é fazer compreender e amar a virtude. Não há nada a responder àquele que faz o que convida os outros a fazer. Portanto, para a parte moral do Espiritismo, nenhuma dificuldade na teoria, muitas na prática.

A parte filosófica apresenta mais dificuldades para ser compreendida, e, conseqüentemente, pede mais esforços. Os adeptos que tentam ser militantes devem se pôr em obra para bem conhecê-la, porque é a arma com a qual combaterão com mais sucesso. É útil que não se extasiem sobre os fenômenos materiais, e que deles dêem a explicação sem muito desenvolvimento. Eles devem reservar esses desenvolvimentos para a análise dos fatos de ordem inteligente, sem, no entanto, nisto muito dizer, porque não se deve fatigar o espírito das pessoas novatas no Espiritismo. Explicações concisas, exemplos bem escolhidos, adaptando-se bem à questão que se discute, eis tudo o que é preciso. Mas, eu o repito, para ser conciso, não é preciso dele saber menos; para dar exemplos ou explicações bem apropriadas ao assunto, é necessário possuir a fundo a

filosofia do Espiritismo. Esta filosofia está resumida em *O Livro dos Espíritos*, e o lado prático em *O Livro dos Médiuns*. Se conheceis bem a substância dessas duas obras, que são obras dos Espíritos, tereis certamente a felicidade de conduzir muitos de vossos irmãos a esta crença tão consoladora, e muitos daqueles que crêem serão colocados sobre o seu verdadeiro terreno: o do amor e da caridade.

Assim, pois, meus amigos, aqueles dentre vós que desejarem, e todos devem desejá-lo, fazer partilhar suas crenças aos seus irmãos, que querem chamá-los ao banquete de consolação que o Espiritismo oferece a todos os seus filhos, devem moralmente pregar o Espiritismo praticando-lhe a moral, e intelectualmente difundindo ao seu redor as luzes que hauriram ou haurirão nas comunicações dos Espíritos.

Tudo isto é fácil, não é preciso senão querer. Pois bem! meus caros amigos, em nome de vossa felicidade, de vossa tranquilidade, em nome da união e da caridade, eu vos convido a querer.

Um Espírito.

O VERDADEIRO RECOLHIMENTO

Sociedade de Paris, 16 de outubro de 1868; médium Sr. Bertrand.)

Se pudésseis ver o recolhimento dos Espíritos de todas as ordens que assistem às vossas sessões, e isto durante a leitura de vossas preces, não só serieis tocados, mas ficaríeis envergonhados de ver que o vosso recolhimento, que eu qualifico somente de silêncio, está bem longe de se aproximar do dos Espíritos, dos quais um bom número vos são inferiores. O que chamais vos recolher durante a leitura de vossas belas preces é observar um silêncio que ninguém perturba; mas se vossos lábios não se movimentam, se vosso corpo está imóvel, vosso Espírito vagueia e deixa de lado as sublimes palavras que deveríeis pronunciar do mais profundo de vosso coração, em vo-las assimilando pelo pensamento.

Vossa matéria observa o silêncio; certamente, seria vos fazer injúria em dizer o contrário; mas vosso Espírito tagarela não o observa, e perturba, nesse instante, por vossos pensamentos diversos, o recolhimento dos Espíritos que vos cercam. Ah! se os visse prosternados diante do Eterno, pedindo o cumprimento de cada uma das palavras que ledes, vossa alma com isto estaria emocionada, e lamentaria a sua pouca atenção passada, faria um retorno sobre si mesma, e pediria a Deus, de todo o coração, o cumprimento dessas mesmas palavras que ela não pronunciava senão com os lábios. Pediríeis aos Espíritos para vos tornar *dóceis aos seus conselhos*, e eu, Espírito que vos fala, depois da leitura de vossas preces, e das palavras que venho de repetir, que eu poderia assinalar mais de um que continuaria todo ainda pouco dócil aos conselhos que acabo de dar, e com sentimentos todo ainda pouco caridosos para seu próximo.

Sem dúvida, sou um pouco duro; mas creio não sê-lo senão para aqueles que o merecem e cujos mais secretos pensamentos não podem ser ocultados aos Espíritos. Eu não me dirijo, pois, senão àqueles que vêm aqui pensando em toda outra coisa do que nas lições que devem aqui vir procurar e nos sentimentos que devem aqui trazer. Mas aqueles que oram do fundo de sua alma pedirão também, depois da leitura de minha comunicação, por aqueles que vêm aqui e daqui partem sem terem orado.

Qualquer que o seja, peço àqueles que consentiram me emprestar um ouvido atento, de continuarem a pôr em prática os ensinamentos e os conselhos dos Espíritos; a isto os convido em seu interesse, porque não sabem tudo o que podem perder em não fazê-lo.

DECOURSON.

BIBLIOGRAFIA

O Espiritismo na Bíblia Ensaio sobre a psicologia dos antigos Hebreus, por Henri Stecki (1). (1) Um pequeno volume in-12; preço, 1 fr.; pelo correio, 1 fr. 25 c. Casa dos Srs. Lacroix e C^a, Librairie Internationale, 15, boulevard Montmartre, em Paris; e no escritório da *Revista Espírita*.

Sabe-se que a Bíblia contém uma multidão de passagens em relação com os princípios do Espiritismo; mas como encontrá-los nesse labirinto? É preciso fazer desse livro uma leitura atenta, o que poucas pessoas têm o tempo e a paciência de o fazer. Em alguns mesmo, em razão sobretudo da linguagem freqüentemente figurada, a idéia espírita não aparece de maneira clara senão depois de reflexão.

O autor deste livro fez da Bíblia um estudo aprofundado, e só o conhecimento do Espiritismo lhe deu a chave de coisas que lhe pareciam inexplicáveis ou ininteligíveis antes. Foi assim que ele pôde se esclarecer com certeza sobre as idéias psicológicas dos antigos Hebreus, ponto sobre o qual os comentadores não estavam de acordo. Devemos, pois, ser agradecidos por ter colocado essas passagens em luz, num resumo sucinto, e ter assim poupado ao leitor pesquisas longas e fastidiosas. Às citações ele acrescenta comentários necessários à inteligência do texto, e que revelam nele o Espírita esclarecido, mas não fanático de suas idéias, e que vê do Espiritismo por toda a parte.

O nome do autor indica que ele não é Francês; ele disse em seu prefácio que é Polonês, e explica em quais circunstâncias foi levado ao Espiritismo e os recursos morais que hauriu nesta Doutrina. Embora estrangeiro, ele escreve o francês, como de resto a maioria dos povos do Norte, principalmente os Poloneses e os Russos, com uma perfeita pureza; seu livro é escrito com clareza o que é um grande mérito em matérias filosóficas, porque nada é menos próprio à vulgarização das idéias que um autor quer propagar, do que esses livros cuja leitura cansa ao ponto de dar dor de cabeça, e cujas proposições são uma seqüência de enigmas indecifráveis para o comum dos leitores.

Em resumo, o Sr. Stecki fez um livro útil, do qual todos os Espíritas lhe serão agradecidos.

Nós lhe agradecemos pessoalmente pelo gracioso epíteto dedicatório que consentiu colocar no topo de sua obra.

O ESPIRITISMO EM LYON

Esse jornal, que aparece desde 15 de fevereiro, e do qual falamos várias vezes, prossegue o seu caminho com sucesso, graças ao zelo e ao devotamento de seus diretores. Sua obra é tanto mais meritória quanto, novatos no que concerne à manutenção do jornal, tiveram que lutar contra as dificuldades na inexperiência. Mas em forjando se torna forjador, assim seguimos com o vivo interesse os progressos desse jornal que ganhou consideravelmente, desde a sua origem, pela forma e pelo fundo. Nós o felicitáramos pelo espírito de tolerância e de moderação dos quais se fez uma lei, se essa não fosse uma das qualidades sem as quais não se poderia dizer verdadeiramente Espírita, e uma conseqüência da máxima que toma por divisa: *Fora da caridade não há salvação*; também fazemos votos sinceros para a sua prosperidade. O último número, o de 15 de outubro, contém vários artigos muito interessantes, sobre os quais chamamos a atenção de nossos leitores.

DOS DESTINOS DA ALMA

Com considerações proféticas para reconhecer o tempo presente e os sinais da aproximação dos últimos dias; nova edição, precedida de um chamado aos católicos de boa fé e ao futuro concílio. Por A. D'Orient(1).- (1) Um grande vol. grande in-8 Preço: 7 fr. 50, Casa Srs. Didier e C", 35, quai des Augustins, e Ad. Lainé, 19, rue des Saints-Pères.

Nesta obra, de uma importância capital, o autor se apoia sobre a pluralidade das existências, como a teoria mais racional, sobre o progresso indefinido da alma pelo trabalho realizado nas existências sucessivas, a responsabilidade de cada um segundo as suas obras, a não eternidade absoluta das penas, o corpo fluídico, etc., em uma palavra, sobre os princípios que fazem a base do Espiritismo; e, no entanto, foi publicado em 1845, nova prova do movimento que já se opera neste sentido antes mesmo do aparecimento da Doutrina Espírita, que veio sancionar pelos fatos, e coordenar estas idéias esparsas. O autor iludiu-se de ali reunir o clero, em respeitando os dogmas católicos, tudo em os interpretando de maneira mais lógica; sua esperança foi frustrada, porque seu livro foi colocado no index. Limitamo-nos a anunciá-lo, nos reservando de consagrar-lhe um artigo especial, quando tivermos tido o tempo de examiná-lo a fundo.

À espera, citaremos o parágrafo seguinte da introdução, que especifica o objetivo que o autor se propôs.

"Ressurreição dos corpos, presciência de Deus, vidas sucessivas ou purgatórios das almas, tais são as três questões, onde tudo o que se prende aos destinos de nossa alma se liga, que nos propusemos de apresentar sob novos aspectos, às meditações dos católicos e de todos os homens que gostam de refletir sobre si mesmos. O que temos a dizer não toca às verdades essenciais que importa a todo o gênero humano conhecer e de crer com uma inteira certeza: essas verdades, que são do domínio da fé, são também completas e asseguradas de que é necessário que elas sejam, e não temos a pretensão de lhe acrescentar nada de nós mesmos. Não queremos senão propor humanamente sobre essas matérias, teorias humanas, que é muito permitido ignorar ou de não crer sem prejuízo para a sua alma; e todos os nossos esforços não têm outro objetivo senão o de esclarecer com o facho da ciência os fatos obscuros, onde as luzes da revelação faltam, e que a fé não definiu completamente."

AVISO

Os Srs. assinantes que não quiserem experimentar o atraso no envio da *Revista*, são rogados a renovarem sua assinatura antes de 31 de dezembro.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

11º ANO

NO. 12

DEZEMBRO 1868

SESSÃO ANUAL COMEMORATIVA DOS MORTOS

(Sociedade de Paris, 1º de novembro de 1868)

DISCURSO DE ABERTURA PELO SR. ALLAN KARDEC (1)

(1) A primeira parte desse discurso foi tomada de uma publicação anterior sobre a *Comunhão de pensamentos*, mas que era necessário iembrar, por causa da sua ligação com a idéia principal.

O Espiritismo é uma religião?

"Em qualquer lugar que se encontrem duas ou três pessoas reunidas em meu nome, eu me encontro ali no meio delas." (S. Mateus, cap. XVIII, v. 20.)

Caros irmãos e irmãs espíritas,

Estamos reunidos, neste dia consagrado pelo uso à comemoração dos mortos, para dar àqueles de nossos irmãos que deixaram a Terra, um testemunho particular de simpatia; para continuar as relações de afeto e de fraternidade que existiam entre eles e nós quando vivos, e para chamar sobre eles as bondades do Todo-Poderoso. Mas porque nos reunir? Não podemos fazer, cada um em particular, o que nos propomos fazerem comum? Que utilidade pode nisto terem se reunir assim num dia determinado?

Jesus no-lo indica pelas palavras que reportamos acima. Esta utilidade está no resultado produzido pela comunhão de pensamentos que se estabelece entre pessoas reunidas com um mesmo objetivo.

Mas compreende-se bem toda a importância desta palavra: *Comunhão de pensamentos*? Seguramente, até este dia, poucas pessoas dela se fizeram uma idéia completa. O Espiritismo, que tantas coisas nos explica pelas leis que nos revela, vem ainda nos explicar a causa, os efeitos e o poder desta situação do Espírito.

Comunhão de pensamento quer dizer pensamento comum, unidade de intenção, de vontade, de desejo, de aspiração. Ninguém pode desconhecer que o pensamento seja uma força; mas é uma força puramente moral e abstrata? Não; de outro modo não se explicariam certos efeitos do pensamento, e ainda menos da comunhão de pensamento. Para compreendê-lo, é preciso conheceras propriedades e a ação dos elementos que constituem a nossa essência espiritual, e é o Espiritismo que no-lo ensina.

O pensamento é o atributo característico do ser espiritual; é ele que distingue o espírito da matéria: sem o pensamento, o espírito não seria espírito. A vontade não é um atributo especial do espírito, é o pensamento chegado a um certo grau de energia; é o pensamento tornado força motora. É pelo pensamento que o espírito imprime aos membros e ao corpo os movimentos num sentido determinado. Mas se ele tem o poder de agir sobre os órgãos materiais, quanto esta força deve ser maior sobre os elementos fluídicos que nos cercam! O pensamento age sobre os fluidos ambientes, como o som

age sobre o ar; esses fluidos nos trazem o pensamento como, o ar nos traz o som. Pode-se, pois, dizer com toda a verdade que há nesses fluidos ondas e raios de pensamentos que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros.

Uma assembléia é um foco de onde irradiam pensamentos diversos; é como uma orquestra, um coro de pensamentos onde cada um produz uma nota. Disto resulta uma multidão de correntes e de eflúvios fluídicos dos quais cada um recebe a impressão pelo sentido espiritual, como num coro de música, cada um recebe a impressão dos sons pelo sentido do ouvido.

Mas, do mesmo modo que há raios sonoros harmônicos ou discordantes, há também pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto é harmônico, a impressão é agradável; se é discordante, a impressão é penosa. Ora, por isto, não há necessidade de que o pensamento seja formulado em palavras; a irradiação fluídica não existe menos, quer ela seja expressada ou não; se todos são benevolentes, todos os assistentes nele experimentam um verdadeiro bem-estar, e se sentem comodamente; mas se é misturada com alguns pensamentos maus, eles produzem um efeito de uma corrente de ar gelado no meio tépido.

Tal é a causa do sentimento de satisfação que se sente numa reunião simpática; ali reina como uma atmosfera moral saudável, onde se respira comodamente; dali se sai reconfortado, porque se está impregnado de eflúvios salutareos. Assim se explicam também a ansiedade, o mal-estar indefinível que se sente num meio antipático, onde os pensamentos malévolos provocam, por assim dizer, correntes fluídicas doentias.

A comunhão de pensamentos produz, pois, uma espécie de efeito físico que reage sobre o moral; é o que só o Espiritismo poderia fazer compreender. O homem o sente instintivamente, uma vez que procura as reuniões onde ele sabe encontrar essa comunhão; nessas reuniões homogêneas e simpáticas, ele haure novas forças morais; poder-se-ia dizer que ali recupera as perdas fluídicas que ele faz cada dia pela irradiação do pensamento, como recupera pelos alimentos as perdas do corpo material.

A esses efeitos da comunhão de pensamentos junta-se um outro que lhe é consequência natural, e que importa não perder de vista: é a força que adquire o pensamento ou a vontade, pelo conjunto dos pensamentos ou vontades reunidas. Sendo a vontade uma força ativa, esta força é multiplicada pelo número das vontades idênticas, como a força muscular é multiplicada pelo número dos braços.

Estabelecido este ponto, concebe-se que nas relações que se estabelecem entre os homens e os Espíritos, haja, numa reunião onde reina uma perfeita comunhão de pensamentos, uma força atrativa ou repulsiva que um indivíduo isolado nem sempre possui. Se, até o presente, as reuniões muito numerosas são menos favoráveis, é pela dificuldade de obter uma homogeneidade perfeita de pensamentos, o que se prende à imperfeição da natureza humana sobre a Terra. Quanto mais as reuniões são numerosas, mais nela se misturam elementos heterogêneos que paralisam a ação dos bons elementos, e que são como os grãos de areia numa engrenagem. Não ocorre o mesmo nos mundos mais avançados, e esse estado de coisas mudará sobre a Terra, à medida que os homens se tornarem melhores.

Para os Espíritos, a comunhão de pensamentos tem um resultado mais especial ainda. Vimos o efeito dessa comunhão de homem a homem; o Espiritismo nos prova que ela não é menor dos homens para os Espíritos, e reciprocamente. Com efeito, se o pensamento coletivo adquire força pelo número, um conjunto de pensamentos idênticos, tendo o bem por objetivo, terá mais força para neutralizar a ação dos maus Espíritos; também vemos que a tática destes últimos é de levar à divisão e ao isolamento. Sozinho, um homem pode sucumbir, ao passo que se sua vontade está corroborada por outras vontades, ele poderá resistir, segundo o axioma: *A união faz a força*, axioma verdadeiro no moral como no físico.

De um outro lado, se a ação dos Espíritos malévolos pode ser paralisada por um pensamento comum, é evidente que a dos bons Espíritos será secundada; sua influência salutar não encontrará obstáculos; seus eflúvios fluidicos, não sendo detidos por correntes contrárias, se derramarão sobre todos os assistentes, precisamente porque todos os terão atraído pelo pensamento, não cada um em seu proveito pessoal, mas em proveito de todos, segundo a lei de caridade. Descerão sobre eles em língua de fogo, para nos servir de uma admirável imagem do Evangelho.

Assim, pela comunhão de pensamentos, os homens se assistem entre si, e, ao mesmo tempo, assistem os Espíritos e são por eles assistidos. As relações do mundo visível e do mundo invisível não são mais individuais, são coletivas, e, por isto mesmo mais poderosas para o proveito das massas, como para o dos indivíduos; em uma palavra, ela estabelece a solidariedade, que é a base da fraternidade. Cada um não trabalha só para si, mas para todos, e em trabalhando todos cada um nisso encontra sua conta; é o que o egoísmo não compreende.

Graças ao Espiritismo, pois, compreendemos o poder e os efeitos do pensamento coletivo; explicamo-nos melhor o sentimento de bem-estar que se experimenta num meio homogêneo e simpático; mas sabemos igualmente que ocorre o mesmo com os Espíritos, porque eles também recebem os eflúvios de todos os pensamentos benevolentes que se elevam para eles, como uma emanação de perfume. Aqueles que são felizes sentem uma maior alegria desse concerto harmônico; aqueles que sofrem dele sentem um maior alívio.

Todas as reuniões religiosas, seja qualquer culto a que pertençam, são fundadas sobre a comunhão de pensamentos; é aí, com efeito, que ela deve e pode exercer toda a sua força, porque o objetivo deve ser o desligamento do pensamento das amarras da matéria. Infelizmente, a maioria se afastou deste princípio, à medida que fizeram da religião uma questão de forma. Disto resultou que, cada um fazendo consistir seu dever no cumprimento da forma, se acredita quite com Deus e com os homens, quando praticou uma fórmula. Disto resulta ainda que *cada um vai aos lugares de reuniões religiosas com um pensamento pessoal, por sua própria conta, e, o mais freqüentemente, sem nenhum sentimento de confraternização em relação aos outros assistentes: ele está isolado no meio da multidão, e não pensa no céu senão para si mesmo.*

Não era certamente assim que o entendia Jesus quando disse: "Quando estiverdes vários reunidos em meu nome, eu estarei em vosso meio." Reunidos em meu nome, quer dizer, com um pensamento comum; mas não se pode estar reunidos em nome de Jesus sem assimilar os seus princípios, a sua doutrina; ora, qual é o princípio fundamental da doutrina de Jesus? A caridade em pensamentos, em palavras e em ações.

Os egoístas e os orgulhosos mentem quando se dizem reunidos em nome de Jesus, porque Jesus os desaprova por seus discípulos.

Tocados por esses abusos e desvios, há pessoas que negam a utilidade das assembléias religiosas, e, por conseguinte, dos edifícios consagrados a essas assembléias. Em seu radicalismo, eles pensam que melhor seria construir hospícios do que templos, tendo em vista que o templo de Deus está por toda a parte, que ele pode ser adorado por toda a parte, que cada um pode pedir em sua casa e a toda hora, ao passo que os pobres, os doentes e os enfermos têm necessidade de lugares de refúgio.

Mas do fato de que são cometidos abusos, de que se afastou do caminho reto, segue-se que o caminho reto não existe, e que de tudo o que se abusa seja mau? Falar assim é desconhecer a fonte e os benefícios da comunhão de pensamento que deve ser a essência das assembléias religiosas; é ignorar as causas que a provocam. Que materialistas professem semelhantes idéias, se o concebe; porque, por eles, em todas as coisas fazem abstração da vida espiritual; mas da parte de espiritualistas, e melhor ainda de Espíritos, isto seria um contra-senso. *O isolamento religioso, como o isolamento social, conduz ao egoísmo.* Que alguns homens sejam bastante fortes por si mesmos, bastante e

largamente dotados pelo coração, para que sua fé e sua caridade não tenham necessidade de ser aquecidas em um foco comum, é possível; mas não ocorre assim com as massas, a quem é preciso um estimulante, sem o qual elas se poderiam deixar ganhar pela indiferença. Além disto, qual é o homem que possa se dizer bastante esclarecido para não ter nada a aprender no que toca aos seus interesses futuros? bastante perfeita para abster-se de conselhos na vida presente? É sempre capaz de se instruir por si mesmo? Não; ele precisa da maioria dos ensinamentos diretos de religião e de moral, como em matéria de ciência. Sem contradita, esse ensinamento pode ser dado por toda a parte, sob a abóbada do céu como sob a de um templo; mas por que os homens não teriam lugares especiais para negócios do céu, como os têm para os negócios da Terra? Por que não teriam assembléias religiosas, como eles têm assembléias políticas, científicas e industriais? Está aí uma bolsa onde se ganha sempre sem fazer ninguém perder nada. Isto não impede as fundações em proveito dos infelizes; mas dizemos além que *quando os homens compreenderem melhor seus interesses do céu, haverá menos gente nos hospícios.*

Se as assembléias religiosas, nós falamos em geral, sem fazer alusão a nenhum culto, muito freqüentemente se afastaram do objetivo primitivo principal, que é a comunhão fraterna do pensamento; se o ensino que ali é dado nem sempre segue o movimento progressivo da Humanidade é que os homens não realizam todos os progressos ao mesmo tempo; o que eles não fazem num período, o fazem num outro; à medida que se esclarecem, vêem as lacunas que existem em suas instituições, e as preenchem; eles compreendem que o que era bom em uma época, em relação ao grau da civilização, torna-se insuficiente num estado mais avançado, e restabelecem o nível. O Espiritismo, nós o sabemos, é a grande alavanca do progresso em todas as coisas; ele marca uma era de renovação. Saibamos, pois, esperar, e não pecamos a uma época mais do que ela pode dar. Como as plantas, é preciso que as idéias amadureçam para serem colhidos seus frutos. Saibamos, além disto, fazer as concessões necessárias às épocas de transição, porque nada, na Natureza, se opera de maneira brusca e instantânea.

Dissemos que o verdadeiro objetivo das assembléias religiosas deve ser a *comunhão de pensamentos*; é que, com efeito, a palavra *religião* quer dizer *laço*; uma religião, em sua acepção ampla e verdadeira, é um laço que *religa* os homens numa comunhão de sentimentos, de princípios e de crenças; consecutivamente, esse nome foi dado a esses mesmos princípios codificados e formulados em dogmas ou artigos de fé. É nesse sentido que se diz: a *religião política*, no entanto, mesmo nesta acepção, a palavra *religião* não é sinônimo de *opinião*; ela implica uma idéia particular: a de *fé conscienciosa*; é porque se diz também: a *fé política*. Ora, os homens podem se alistar, por interesse, num partido, sem ter a fé desse partido, e a prova disto é o que o deixam, sem escrúpulo, quando encontram seu interesse em outra parte, ao passo que aquele que o abraça por convicção é inabalável; ele persiste ao preço dos maiores sacrifícios e é a abnegação dos interesses pessoais que é a verdadeira pedra de toque da fé sincera. No entanto, se a renúncia a uma opinião, motivada por interesse, é um ato de covardia desprezível, ela é respeitável, ao contrário, quando é o fruto do reconhecimento do erro em que se está; é, então, um ato de abnegação e de razão. Há mais coragem e grandeza em reconhecer abertamente que se está errado, do que persistir, por amor-próprio, naquilo que se sabe ser falso, e para não dar um desmentido a si mesmo, o que acusa mais teimosia do que firmeza, mais orgulho do que julgamento, e mais fraqueza do que força. É mais ainda: é a hipocrisia, porque se quer parecer o que não se é; é, além disso má ação, porque é encorajar o erro por seu próprio exemplo.

O laço estabelecido por uma religião, qualquer que lhe seja o objeto, é, pois, um laço essencialmente moral, que religa os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações, e não é somente o fato de compromissos materiais, que se quebram à

vontade, ou do cumprimento de fórmulas que falam aos olhos mais do que ao espírito. O efeito desse laço moral é de estabelecer entre aqueles que une, como consequência da comunhão de objetivos e de sentimentos, a *fraternidade e a solidariedade*, a indulgência e a benevolência mútuas. É nesse sentido que se diz também: a religião da amizade, a religião da família.

Se assim é, dir-se-á, o Espiritismo é, pois, uma religião? Pois bem, sim! sem dúvida, Senhores; no sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e disto nos glorificamos, porque é a doutrina que fundamenta os laços da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre as bases mais sólidas: as próprias leis da Natureza.

Por que, pois, declaramos que o Espiritismo não é uma religião? Pela razão de que não há senão uma palavra para expressar duas idéias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; que ela desperta exclusivamente uma idéia de forma, e que o Espiritismo não a tem. Se o Espiritismo se dissesse religião, o público não veria nele senão uma nova edição, uma variante, querendo-se, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com um cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria das idéias de misticismo, e dos abusos contra os quais a opinião freqüentemente é levantada.

O Espiritismo, não tendo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual da palavra, não se poderia, nem deveria se ornar de um título sobre o valor do qual, inevitavelmente, seria desprezado; eis porque ele se diz simplesmente: doutrina filosófica e moral.

As reuniões espíritas podem, pois, ser mantidas religiosamente, quer dizer, com recolhimento e o respeito que comporta a natureza séria dos assuntos dos quais ela se ocupa; pode-se mesmo ali dizer, se for possível, as preces que, em lugar de serem ditas em particular, são ditas em comum, sem ser por isto que se entendam por *assembléias religiosas*. Que não se creia que esteja aí um jogo de palavras; a nuança é perfeitamente clara, e a aparente confusão não vem senão da falta de uma palavra para cada idéia.

Qual é, pois, o laço que deve existir entre os Espíritas? Eles não são unidos entre si por nenhum contrato material, por nenhuma prática obrigatória; qual é o sentimento no qual devem se confundir todos os pensamentos? É um sentimento todo moral, todo espiritual, todo humanitário: o da caridade para todos, de outro modo dito: o amor do próximo que compreende os vivos e os mortos, uma vez que sabemos que os mortos sempre fazem parte da Humanidade.

A caridade é a alma do Espiritismo: ela resume todos os deveres do homem para consigo mesmo e para com os seus semelhantes; é porque pode se dizer que não há verdadeiro Espírita sem caridade.

Mas a caridade é ainda uma dessas palavras de sentido múltiplo, da qual é necessário bem compreender toda a importância; e se os Espíritos não cessam de pregá-la e de defini-la, é que, provavelmente, reconhecem que isto é ainda necessário.

O campo da caridade é muito vasto; ele compreende duas grandes divisões que, por falta de termos especiais, podem designar-se pelas palavras: *Caridade beneficente* e *caridade benevolente*. Compreende-se facilmente a primeira, que é naturalmente proporcional aos recursos materiais dos quais se dispõe; mas a segunda está ao alcance de todo o mundo, do mais pobre como do mais rico. Se a beneficência é forçosamente limitada, nenhuma outra senão a vontade pode pôr limites à benevolência.

O que é preciso, pois, para praticar a caridade benevolente? Amar seu próximo como a si mesmo: ora, amando-se ao seu próximo quanto a si mesmo, se o amará muito; se agirá para com outrem como se gosta que os outros ajam para conosco, não se desejará nem se fará mal a ninguém, porque não gostaríamos que no-lo fizessem.

Amar seu próximo é, pois, abjurar todo sentimento de ódio, de animosidade, de rancor, de inveja, de ciúme, de vingança, em uma palavra, todo desejo e todo

pensamento de prejudicar; é perdoar os seus inimigos e restituir o bem onde haja o mal; é ser indulgente para com as imperfeições de seus semelhantes e não procurar a palha no olho de seu vizinho, então que não se vê a trave que está no seu; é ocultar ou desculpar as faltas de outrem, em lugar de se comprazer em pô-las em relevo pelo espírito de denegrir; é ainda não se fazer valer às custas dos outros; de não procurar esmagar ninguém sob o peso de sua superioridade; de não desprezar ninguém por orgulho. Eis a verdadeira caridade benevolente, a caridade prática, sem a qual a caridade é uma palavra vã; é caridade do verdadeiro Espírita como do verdadeiro cristão; aquela sem a qual aquele que diz: *Fora da caridade não há salvação*, pronuncia a sua própria condenação, neste mundo tão bem quanto no outro.

Quantas coisas haveria a se dizer sobre este assunto! Quantas belas instruções nos dão, sem cessar, os Espíritos! Sem o medo de ser muito longo e de abusar de vossa paciência, senhores, seria fácil demonstrar que, em se colocando do ponto de vista do interesse pessoal, egoísta, querendo-se, porque todos os homens não estão ainda maduros para uma abnegação completa, para fazer o bem unicamente pelo amor ao bem, seria, digo eu, fácil de demonstrar que têm tudo a ganhar agindo da maneira e tudo a perder agindo de outro modo, mesmo em suas relações sociais; depois, o bem atrai o bem e a proteção dos bons Espíritos; o mal atrai o mal e abre a porta à maldade dos maus. Cedo ou tarde o orgulhoso é castigado pela humilhação, o ambicioso pelas decepções, o egoísta pela ruína de suas esperanças, o hipócrita pela vergonha de ser desmascarado; aquele que abandona os bons Espíritos por eles é abandonado, e, de queda em queda, se vê, enfim, no fundo do abismo, ao passo que os bons Espíritos levantam e sustentam aquele que, em suas maiores provas, não deixa de confiar na Providência e não desvia jamais do caminho reto; aquele, enfim, cujo secretos sentimentos não escondem nenhum pensamento dissimulado de vaidade ou de interesse pessoal. Portanto, de um lado, ganho assegurado; do outro, perda certa; cada um, em virtude de seu livre arbítrio, pode escolher a chance que quer correr, mas não poderá tomar senão de si mesmo as conseqüências de sua escolha.

Crerem um Deus todo-poderoso, soberanamente justo e bom; crer na alma e em sua imortalidade; na preexistência da alma como única justificativa do presente; na pluralidade das existências como meio de expiação, de reparação e de adiantamento intelectual e moral; na perfectibilidade dos seres mais imperfeitos; na felicidade crescente na perfeição; na eqüitativa remuneração do bem e do mal, segundo o princípio: a cada um segundo as suas obras; na igualdade da justiça para todos, sem exceções, favores nem privilégios para nenhuma criatura; na duração da expiação limitada à da imperfeição; no livre arbítrio do homem, que lhe deixa sempre a escolha entre o bem e o mal; crer na continuidade das relações entre o mundo visível e o mundo invisível, na solidariedade que religa todos os seres passados, presentes e futuros, encarnados e desencarnados, considerar a vida terrestre como transitória e uma das fases da vida do Espírito, que é eterno; aceitar corajosamente as provações, tendo em vista o futuro mais invejável do que o presente; praticar a caridade em pensamentos, em palavras e em ações na mais ampla acepção da palavra; se esforçar cada dia para ser melhor do que na véspera, extirpando alguma imperfeição de sua alma; submeter todas as suas crenças ao controle do livre exame e- da razão, e nada aceitar pela fé cega; respeitar todas as crenças sinceras, por irracionais que nos pareçam, e não violentar a consciência de ninguém; ver, enfim, nas diferentes descobertas da ciência a revelação das leis da Natureza, que são as leis de Deus: eis o *Credo, a religião do Espiritismo*, religião que pode se conciliar com todos os cultos, quer dizer, com todas as maneiras de adorar a Deus. É o laço que deve unir todos os Espíritas em uma santa comunhão de pensamentos, à espera que una todos os homens sob a bandeira da fraternidade universal.

Com a fraternidade, filha da caridade, os homens viverão em paz, se poupando os males inumeráveis que nascem da discórdia, filha, a seu turno, do orgulho, do egoísmo, da ambição, do ciúme e de todas as imperfeições da Humanidade.

O Espiritismo dá aos homens tudo o que é preciso para sua felicidade neste mundo, porque lhes ensina a se contentarem com aquilo que têm; que os Espíritas sejam, pois, os primeiros a aproveitarem os benefícios que ele traz, e que inaugura entre eles o reino da harmonia, que resplandecerá nas gerações futuras.

Os Espíritos que nos cercam aqui são inumeráveis, atraídos pelo objetivo que nos propusemos em nos reunindo, a fim de darem aos nossos pensamentos a força que nasce da união. Doemos àqueles que nos são caros uma boa lembrança e um testemunho de nossa afeição, os encorajamentos e as consolações àqueles que deles têm necessidade. Façamos de maneira que cada um receba a sua parte dos sentimentos de caridade benevolente, da qual estaremos animados, e que esta reunião traga os frutos que todos estão no direito de esperá-los.

ALLANKARDEC.

Depois desse discurso, foi dada a leitura de uma comunicação espontânea, ditada pelo Espírito do Sr. H. Dozon sobre a solenidade de Todos os Santos, o 1 ° de novembro de 1865, e que é lida cada ano na sessão comemorativa.

TODOS-OS-SANTOS.

A festa de Todos-os-Santos, meus bons amigos, é uma festa que, para a maioria daqueles que não possuem a verdadeira fé, os entristece e lhes faz derramar lágrimas em lugar de alegrá-los. Vede, desde a humilde choupana até o palácio, quando o dobre de finados lembra o nome do esposo ou da esposa, de um pai, de uma mãe, de um filho, de uma filha, chora-se; parece que tudo está acabado, que não têm nada mais a esperar neste mundo, e, no entanto, eles oram! Qual é, pois, essa prece? É um pensamento dado ao ser amado, mas sem esperança; os prantos abafam a prece; por quê? Ah! é que eles duvidam; não têm essa fé viva que traz a esperança, que nos sustenta nas grandes lutas. É que não compreenderam que a vida deste mundo não é senão uma partida, uma separação momentânea; é que, em uma palavra, aqueles que lhes ensinaram a orar não tinham, eles mesmos, a fé verdadeira, a fé que se apoia sobre a razão.

Mas é chegada a hora em que estas belas palavras do Cristo vão ser, enfim, compreendidas; "Meu pai deve ser adorado, não mais somente nos templos, mas por toda a parte, em Espírito e em verdade." O tempo virá em que elas se realizarão. Belas e sublimes palavras! Sim, meu Deus, não sois adorado somente nos templos, mas o sois sobre a montanha e por toda a parte. Sim, aquele que molhou seus lábios no cálice bendito do Espiritismo, ora não só neste dia, mas cada dia; o viajante ora em seu caminho, o operário durante o seu trabalho; aquele que pode dispor de seu tempo o emprega no alívio de seus irmãos que sofrem.

Meus irmãos, regozijai-vos, porque em muito pouco tempo, vereis grandes coisas! Quando eu estava sobre a Terra, eu via a Doutrina grande e bela, mas estava muito longe de poder compreendê-la em toda a sua grandeza e em seu verdadeiro objetivo. Também vos direi: Redobrai de zelo; consolai aqueles que sofrem, porque há seres que foram de tal modo afligidos durante a sua vida, que têm necessidade de ser sustentados e ajudados na luta. Vós sabeis o quanto a caridade é agradável a Deus: praticai-a, pois, sob todas as formas; praticai-a em nome dos Espíritos dos quais festejais a lembrança neste dia, e eles vos abençoarão!

H. DOZON.

Depois das preces habituais (*ver a Revista Espírita* de novembro de 1865), trinta e duas comunicações foram obtidas pelos médiuns presentes, em número de dezoito. Tendo em vista a impossibilidade de publicá-las todas, a Sociedade escolheu as três seguintes, para serem juntadas ao discurso acima, do qual ela pediu a impressão. As outras acharão lugar nas coletâneas especiais que serão publicadas ulteriormente.

I

Um grande Espírito, Laroche Foucauld, disse em uma de suas obras, que se deveria temer diante da vida e diante da morte! Certamente, se se deve temer, é de ver sua existência incerta, perturbada, completamente defeituosa; é de ter realizado um trabalho estéril, inútil para si e para os outros; é de ter sido um falso amigo, um mau irmão, um conselheiro pernicioso; é de ser mau filho, pai irrefletido, cidadão injusto, desconhecendo seus deveres, seu país, as leis que vos regem, a sociedade e a solidariedade.

Quantos deles vi, de meus amigos, espíritos brilhantes, engenhosos, instruídos, faltam freqüentemente ao objetivo profundo da vida! Eles construíam hipóteses mais ou menos absurdas: aqui a negação, lá, a fé ardente; em outra parte, se faziam neófitos de tal ou tal sistema de governo, de filosofia, e lançando, muito freqüentemente, ai de mim! suas belas inteligências num fosso, de onde não podiam mais sair senão contundidas e magoadas para sempre.

A vida com suas asperezas, seus dissabores e suas incertezas, é, no entanto, uma bela coisa! Como! vós saís de um embrião, de um nada, e trazeis para vosso redor os beijos, os cuidados, o amor, o devotamento, o trabalho, e isto não seria nada senão a vida! Como ocorre, pois, que, para vós, seres fracos, sem força, sem linguagem, gerações inteiras tenham criado os campos, sem cessar explorados, da economia humana? Economia de saber, de filosofia, de mecânica, de ciência diversas; milhares de cidadãos corajosos usaram seus corpos e suas vigílias para vos criar os mil elementos diversos de vossa civilização. Desde as primeiras letras até uma definição sábia, acha-se tudo o que pode guiar e formar o espírito; pode-se ver hoje, porque tudo é luz. A sombra das épocas sombrias desapareceu para sempre, e o adulto de dezesseis anos pode contemplar e admirar um levantar do sol e analisá-lo, pesar o ar, e, com a ajuda da química, da física, da mecânica, e da astronomia, criar para si mil gozos divinos. Com a pintura, reproduziu uma paisagem; com a música, inscreveu algumas dessas harmonias que Deus derrama em profusão nas harmonias infinitas!

Com a vida, pode-se amar, dar, distribuir muito; pode-se fazer sol às vezes e clarear seu interior, sua família, sua sociedade, ser útil, cumprir a sua missão. Oh! sim, a vida é uma bela coisa, palpitante, cheia de fogo e de expansão, cheia de fraternidade e desses deslumbramentos que deixam para último plano nossas pequenas misérias.

Ó vós todos, meus caros condiscípulos da rua Richilieu; vós, meus fiéis de 14; vós todos que, tantas vezes, interrogastes a existência em vos perguntando a palavra do fim; a vós que abaixais a cabeça, incertos diante da última hora, diante desta palavra: *Morte*, que significa para vós: vazio, separação, desagregação, a vós eu venho dizer: Levantai a cabeça e esperai; não mais fraqueza, não mais terror; porque, se vossos estudos conscienciosos e as religiões de nossos pais não vos deixaram senão o desgosto da vida, senão a incerteza e a incredulidade, é que, estéril em tudo, a ciência humana mal dirigida não alcança senão o nada. Vós todos, que amais a Humanidade e resumis a esperança futura pelo estudo das ciências sociais, por sua aplicação séria, eu vos digo: Esperai, crede e procurai. Como eu, deixastes passara verdade; nós a abandonamos, e ela bateu à nossa porta que lhe tínhamos obstinadamente fechado. Doravante, amareis a vida, amareis a morte, essa grande consoladora; porque quereis por uma vida exemplar evitar o recomeço; quereis esperar no limiar da erraticidade todos aqueles que amais, não só a

vossa família, mas a geração inteira que guiastes, para lhes desejar as boas-vindas e a emigração em mundos superiores.

Eu vejo, vós o vedes, e todos, vivemos. A reencarnação, que tanto nos fez rir, é o problema resolvido que tanto procuramos. E aí está, esse problema, sob vossa mão, cheio de atrativos, de promessas ardentes; vossos pais, vossas esposas, vossos filhos, a multidão dos amigos, querem vos responder; estão todos reunidos, esses queridos desaparecidos aos vossos olhos; eles falarão ao vosso espírito, à vossa razão; eles vos darão verdades, e a fé é uma lei bem amada; mas interrogai-os com perseverança.

Ah! a morte nos dava medo e tremíamos! Eis-me, no entanto, eu, Guillaumin, um incrédulo, um incerto, levado à verdade. Mil e mil espíritos se comprimem, esperam a vossa decisão; gostam da lembrança e da peregrinação aos cemitérios! É um primeiro passo em respeito aos mortos; mas esses mortos estão todos vivos; em lugar de urnas funerárias, e de epitáfios mais ou menos verdadeiros, eles vos pedem uma troca de pensamentos, de conselhos, um terno comércio de espírito, essa comunhão de idéias que engendra a perseverança, a vontade, os atos de devotamento, e esse fortalecedor e consolador pensamento de que a vida se retempera na morte, e que se pode, doravante, apesar de Laroche-foucault e outros grandes gênios, não tremer nem diante da vida, nem diante da morte.

Deus é a exuberância, é a vida em tudo e sempre. Cabe a nós compreender a sua sabedoria nas fases diversas pelas quais ele purifica a Humanidade.

GUILLAUMIN (Méd. Sr. Leymarie).

II

Escolher maio meu momento sempre foi uma de minhas imperícias contínuas, e vir neste dia, em meio desta numerosa reunião de Espíritos e de encarnados, é bem realmente um ato de audácia, do qual só minha timidez pode ser capaz; mas vejo em vós tanto de bondade, de ternura, de amenidade; sinto tão bem que em cada um de vós posso encontrar um coração afetuoso, compassivo, e a indulgência sendo a menor das qualidades que animam os vossos corações, apesar de minha audácia eu não me perturbo e conservo toda a minha presença de espírito que, freqüentemente, em circunstâncias menos imponentes, me faz falta.

Mas, direis, que vem, pois, fazer, com a sua verbiagem insinuante, esse desconhecido que, em lugar e categoria de um instrutor, vem monopolizar um médium útil? Quanto ao presente tendes razão; também, me empenho em dar a conhecer o meu desígnio, para não me apropriar por muito tempo de um lugar que usurpo.

Em uma passagem do discurso pronunciado hoje pelo vosso Presidente, uma reflexão vibrou em meu ouvido, como só pode vibrar uma verdade, e, confundido na multidão dos Espíritos atentos, subitamente me pus a descoberto. Fui ainda severamente julgado por uma multidão de Espíritos que, baseando-se em suas lembranças e a reputação de uma apreciação trazida de outros tempos, subitamente reconheceram em mim o misantropo selvagem, o urso da civilização, o austero crítico das instituições em desacordo com o seu próprio julgamento. Ai de mim! quanto um erro faz sofrer, e que longo tempo dura o mal feito às massas pela tola pretensão de um orgulhoso de humildade, de um louco de sentimento!

Sim, tendes razão: o isolamento em matéria religiosa e social não pode engendrar senão o egoísmo, e, sem que muito freqüentemente disto se dê conta, o homem se torna misantropo deixando seu egoísmo dominá-lo. O recolhimento, produzido pelo efeito do silêncio grandioso da Natureza falando à alma, é útil, mas sua utilidade não pode produzir seus frutos enquanto que o ser, que ouve falara Natureza à sua alma, relaciona com os homens a verdade de sua moral; mas, se aquele que sente, em face da criação, sua alma voar para as regiões de uma era pura e virtuosa, não se serve de suas sensações, ao despertar, no meio das instituições de sua época, senão para censurar os abusos que a

sua Natureza sensitiva lhe exagera porque dela sofrem, se não encontra para endireitar os erros dos humanos senão fel e ressentimento, sem lhes mostrar docemente o verdadeiro caminho tal qual o descobriu na própria Natureza, oh! então, infeliz dele, se não se serve de sua inteligência senão para fustigar, em lugar de pensar as feridas da sociedade!

Sim, tendes razão: viver só no meio da Natureza é ser egoísta e ladrão, porque o homem foi criado para a sociabilidade; e isto é tão verdadeiro que eu, o selvagem, o misantropo, o bravo eremita, venho aplaudir esta passagem do discurso aqui pronunciado: O isolamento social e religioso conduz ao egoísmo.

Uni-vos, pois, nos esforços e por pensamentos; amai sobretudo. Sede bons, dóceis, humanos; dai à amizade o sentimento da fraternidade; pregai, pelo exemplo de vossos atos; os salutares efeitos de vossas crenças filosóficas; sede Espíritas de fato e não somente de nome; e logo os loucos de meu gênero, os utopistas do bem, não terão mais necessidade de sofrer sobre as faltas de uma legislação sob a qual devem viver, porque o Espiritismo compreendido e sobre tudo praticado reformará tudo com a superioridade dos homens.

J. -J. ROUSSEAU (Méd. Sr. Morin).

III

O perfume que exala de todos os bons sentimentos é uma prece constante que se eleva para Deus, e todas as boas ações são ações de graça ao Eterno.

Senhora Victor Hugo.

O devotamento por reconhecimento é um impulso do coração; o devotamento por amor é um impulso da alma.

Senhora DAUBAN.

O reconhecimento é um benefício que recompensa aquele que o merece. A gratidão é um ato do coração que dá, ao mesmo tempo, a alegria do bem àquele por quem se deve ser reconhecido, e àquele que o é.

VÉZY.

A ingratidão é punida como ação má pelo abandono do qual ela é objeto, como a gratidão é recompensada pela alegria que proporciona.

LECLERC.

O dever da mulher é de trazer ao homem todas as consolações e os encorajamentos necessários à sua vida de vicissitudes e trabalhos penosos. A mulher deve ser o seu sustentáculo, o seu guia. O facho que clareia o seu caminho e deve impedi-lo de falir; se ela falta à sua missão, ela é punida; mas, se apesar de seu devotamento, o homem repele os impulsos de seu coração, ela é duplamente recompensada por ter persistido no cumprimento de seus deveres.

Delphine DEGIRARDIN.

A dúvida é o veneno lento que a alma faz absorverá matéria e do qual ela recebe o primeiro castigo. A dúvida é o suicídio da alma, que leva infalivelmente à morte do corpo. - Uma alma se suicidar é difícil compreender; mas não é morrer o de viver na sombra quando se sente a luz ao seu redor? Afastai, pois, de vosso Espírito o véu que vos esconde os esplendores da vida, e vede esses sóis radiosos que vos dão a luz: aí está a verdadeira luz; aí está o objetivo ao qual deveis chegar pela fé.

JOBARD.

O egoísmo é a paralisação de todos os bons sentimentos. O egoísmo é a deformidade da alma, que trespassa a matéria em vos fazendo amar tudo o que se dirige a ela e em repelir tudo o que se dirige aos outros. O egoísmo é a negação da sublime sentença do Cristo, sentença invertida ignominiosamente: "Fazei aos outros o que não gostaríeis que se vos fizessem."

PLACIDE.

A suscetibilidade, eis um defeito de uso de todo o mundo, e cada um, não digais o contrário, dela está de alguma sorte carregado.

Fora, pois! se soubésseis o quanto é ridículo ser suscetível, e o quanto esse defeito torna infeliz, eu vos asseguro que ninguém gostaria de ser atingido por ele, porque se gosta de ser belo.

GAY.

O orgulho é o guarda-chuva social de todos e que cada um rejeita sobre o gracioso amor-próprio; certamente! é preciso ter do amor-próprio e do orgulho, é o que dá a ambição do bem (sem jogo de palavras), mas muito, isto perturba o espírito e corrompe o coração.

MANGIN.

A ambição, se vem de dizer! mas sabeis qual é a ambição que não impede a alma de se elevar para os esplendores do infinito? Pois bem! é aquela que vos leva a fazer o bem. Todas as outras ambições vos conduzem ao orgulho e ao egoísmo, flageles da Humanidade.

BONNEFON.

Meus caros amigos, os Espíritos que acabam de vos falar, não só estão felizes por manifestarem sua presença, mas têm a alegria de pensar que cada um de vós se esforçará em se corrigir e pôr em prática as sábias lições que vos deram, e aquelas que, em cada uma de vossas sessões, vêm vos trazer. Crede-o, os Espíritos são para vós o que vossos pais foram ou deveriam ser. Ralham convosco tudo em vos aconselhando, tudo em vos ajudando; e quando não os escutais, vos dizem que vos abandonam; revoltam-se contra vós; depois, apenas vos falaram duramente e retornam a vós em vos encorajando e se esforçando para impelirem vossos pensamentos para o bem. Sim, os Espíritos vos amam como o bom pai ama a seus filhos; eles se apiedam de vós, cuidam de vossos dias e afastam de vós todo mal que pode vos chegar, como a mãe cerca o seu filho de todos os mais delicados cuidados, de todas as atenções necessárias à sua fragilidade. Deus lhes deu uma missão; deu-lhes a coragem de cumpri-la e cada um desses bons Espíritos, qualquer que seja o seu grau na hierarquia espiritual, não falirá em sua tarefa; eles compreendem, sentem, vêem esses esplendores divinos que devem ser a sua recompensa; eles vão adiante, e gostariam de vos levarem continuação, vos conduzir diante deles se o pudessem. Eis porque ralham convosco, eis porque vos aconselham. A vosso turno, orai por eles, a fim de que a vossa indocilidade não os impeça de continuar seus benefícios por vós, e que Deus continue a lhes dar a força de vos ajudar.

SÃO LUÍS (Méd. Sr. Bertrand).

CONSTITUIÇÃO TRANSITÓRIA DO ESPIRITISMO.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

O Espiritismo teve, como todas as coisas, seu período de criação, e até que todas as questões, principais e acessórias, que a ele se ligam, tivessem sido resolvidas, ele não pôde dar senão resultados incompletos; pode-se lhe entrever o objetivo, pressentir-lhe as conseqüências, mas unicamente de maneira vaga. Da incerteza sobre os pontos ainda não determinados deveriam, forçosamente, nascer divergências sobre a maneira de considerá-los; a unificação não poderia ser senão a obra do tempo; ela é feita gradualmente, à medida que os princípios são elucidados. Não será senão quando a Doutrina houver abarcado todas as partes que ela comporta, que formará um todo harmonioso, e será somente então que se poderá julgar verdadeiramente o Espiritismo.

Enquanto o Espiritismo não foi senão uma opinião filosófica, não podia ter entre os adeptos senão a simpatia natural produzida pela comunhão das idéias, mas nenhum laço sério poderia existir por falta de um programa nitidamente definido. Tal é, evidentemente, a principal causa do pouco de coesão e de estabilidade dos grupos e sociedades que se formaram. Também nós, constantemente e com todas as nossas forças, afastamos os Espíritas de fundarem prematuramente alguma instituição especial apoiada sobre a Doutrina, antes que esta não estivesse assentada sobre bases sólidas, seria expor-se a fracassos inevitáveis cujos efeitos teriam sido desastrosos pela impressão que teriam produzido sobre o público e o desencorajamento que disso teria resultado entre os adeptos. Esses fracassos teriam talvez retardado de um século o progresso definitivo da Doutrina, à impossibilidade da qual ter-se-ia imputado um insucesso que, em realidade, não teria sido senão o resultado da imprevidência. Por falta de saber esperar para chegar ao ponto, os muito apressados e os impacientes, em todos os tempos, comprometeram as melhores causas (1). (1) Tratamos especialmente a questão das instituições espiritas, num artigo da *Revista*, de julho de 1866, página 193, ao qual remetemos para maiores desenvolvimentos.

Não se deve pedir às coisas senão aquilo que elas podem dar, à medida que elas estão em estado de produzir; não se pode exigir de uma criança o que se pode esperar de um adulto, nem de uma árvore jovem, recentemente plantada, o que produzirá quando estiverem toda a sua força. O Espiritismo, em via de elaboração, não poderia dar senão resultados individuais; os resultados coletivos e gerais serão os frutos do Espiritismo completo que se desenvolverá sucessivamente.

Se bem que o Espiritismo não haja dito ainda a sua última palavra sobre todos os pontos, ele se aproxima de seu complemento, e o momento não está longe em que lhe será necessário dar uma base forte e durável, suscetível, no entanto, de receber todos os desenvolvimentos que as circunstâncias ulteriores comportarem, e dando toda segurança àqueles que se perguntam quem lhe tomará as rédeas depois de nós.

Sem dúvida, a Doutrina é imperecível porque repousa sobre as leis da Natureza, e porque, melhor do que todas as outras, ela responde às legítimas aspirações dos homens; no entanto, sua difusão e sua instalação definitiva podem ser avançada ou retardadas pelas circunstâncias, das quais algumas estão subordinadas à marcha geral das coisas, mas outras são inerentes à própria Doutrina, à sua constituição e à sua organização; é destas das quais vamos nos ocupar especialmente no momento.

Se bem que a questão de fundo seja em tudo preponderante e acaba sempre por prevalecer, a questão de forma tem aqui uma importância capital; ela poderia mesmo dominar momentaneamente e suscitar entraves e atrasos segundo a maneira pela qual for resolvida.

Teríamos, pois, feito uma coisa incompleta e deixado grande embaraço ao futuro, se não tivéssemos previsto as dificuldades que poderiam surgir. Foi tendo em vista isso evitar que, com o concurso dos bons Espíritos que nos assistem em nossos trabalhos, elaboramos um plano de organização para o qual aproveitamos a experiência do

passado, a fim de evitar os escolhos contra os quais se têm chocado a maioria das doutrinas que apareceram no mundo. Esse plano podendo se prestar a todos os desenvolvimentos que o futuro reserva, foi por isto que demos a esta constituição a qualificação de *transitória*.

O plano adiante foi concebido há muito tempo, porque sempre estivemos preocupados com o futuro do Espiritismo; nós o fizemos pressentirem diversas circunstâncias, vagamente, é verdade, mas suficientemente para mostrar que isso não é hoje uma concepção nova, e que, tudo em trabalhando na parte teórica da obra, dela não negligenciamos o lado prático.

Antes de abordar o fundo da questão, parece-nos útil lembrar algumas passagens do relatório que apresentamos à Sociedade de Paris, em 5 de maio de 1865, a propósito da caixa do Espiritismo, e que foi publicado na *Revista* de junho de 1865, página 161. As considerações que ele encerra se ligam diretamente ao nosso assunto, dos quais elas são as preliminares indispensáveis.

II

Extrato do relatório da caixa do Espiritismo feito à Sociedade de Paris, em 5 de maio de 1865.

Muito se tem falado dos produtos que retiro de minhas obras; ninguém sério, seguramente, crê em meus milhões, apesar da afirmação daqueles que dizem ter de boa fonte que tenho um trem principesco, carro de luxo com quatro cavalos e que, em minha casa, não se caminha senão sobre os tapetes de Aubusson. (*Revista*, de junho de 1862, página 179.) O que quer que se tenha dito, além disto, o autor de uma brochura que conheceis, e que prova, por cálculos hiperbólicos, que meu orçamento de receitas ultrapassa a lista civil do mais poderoso soberano da Europa, porque, só na França, vinte milhões de Espíritas são meus tributários (*Revista*, de junho de 1863, página 165), é um fato mais autêntico que seus cálculos, é que eu jamais pedi algo a ninguém, que ninguém jamais me deu nada para mim pessoalmente; em uma palavra, que *eu não vivo às custas de ninguém*, uma vez que, sobre as somas que me foram voluntariamente confiadas, no interesse do Espiritismo, nenhuma parcela foi extraviada em meu proveito (1).- (1) Essas somas se elevam nesta época ao total de 14.100 francos cujo emprego em proveito exclusivo da Doutrina, foi justificado pelas contas.

Minhas imensas riquezas proveriam, pois, de minhas obras espíritas. Se bem que essas obras tenham tido um sucesso inesperado, basta seja pouco iniciado nos negócios de livraria, para saber que não é com livros filosóficos que se amontoam milhões em cinco ou seis anos, quando não se tem sobre a venda senão um direito de autor de alguns centavos por exemplar. Mas que seja forte ou fraco, esse produto sendo o fruto de meu trabalho, ninguém tem o direito de se imiscuir no emprego que dele faço; quando mesmo ele se elevasse a milhões, do momento que a compra dos livros, assim também como a assinatura da *Revista*, é facultativa e não é imposta *em nenhuma circunstância*, mesmo para assistir às sessões da Sociedade isto ninguém vê. Comercialmente falando, eu estou na posição de todo homem que recolhe o fruto de seu trabalho; corro a chance de todo escritor que pode triunfar, como pode fracassar(1). (1)Àqueles que perguntaram por que meus livros são vendidos, em lugar de serem dados, respondemos que nós o faríamos se tivéssemos encontrado um impressor que nos imprimisse por nada, um comerciante que fornecesse o papel grátis, as livrarias que não exigissem nenhum abatimento para se encarregarem de divulgá-los, uma administração de correios que os transportasse por filantropia, etc À espera disto, como não temos os milhões para satisfazer esses encargos, somos obrigados a dar-lhes um preço.

Se bem que, sob esse aspecto, eu não tenha nenhuma conta a prestar, creio útil, para a própria causa à qual me devoto, dar algumas explicações.

Direi primeiro que minhas obras, não sendo minha propriedade exclusiva, sou obrigado a comprá-las de meu editor e pagá-las como uma livraria, com exceção da *Revista*; que o benefício se acha singularmente diminuído pelos sem valores e as distribuições gratuitas feitas no interesse da Doutrina, a pessoas que, sem isto, seriam obrigadas a passar sem elas. Um cálculo bem fácil prova que o preço de dez volumes perdidos ou dados, pelos quais não devo menos pagar, basta para absorver o benefício de cem volumes. Isto seja dito a título de informação e como parêntese. Tudo somado, e balanço feito, resta no entanto alguma coisa. Suponde a cifra que quiserdes; o que dela faço? Está aí o que mais preocupa certas pessoas.

Quem viu o nosso interior outrora e o vê hoje, pode atestar que nada mudou na nossa maneira de viver desde que me ocupo de Espiritismo; ela é tudo tão simples agora quanto era outrora. É, pois, certo que meus benefícios, tão enormes que sejam, não servem para nos dar os gozos do luxo. É, pois, que teria a mania de entesourar para ter o prazer de contemplar o meu dinheiro? Não penso que meu caráter e meus hábitos hajam podido fazê-lo supor. Por que isto se passa? do momento que não me aproveita, quanto mais a soma é fabulosa, mais a resposta é embaraçosa. Um dia, dela se saberá a cifra exata, assim como o emprego detalhado, e os contadores de histórias os terão para seus gastos imaginários; hoje limito-me a alguns dados gerais para pôr um freio às suposições ridículas. Para esse efeito, devo entrar em alguns detalhes íntimos, pelo que vos peço perdão, mas que são necessários.

Em todos os tempos tivemos do que viver, muito modestamente, é verdade, mas o que teria sido pouco para certas pessoas nos basta, graças aos nossos gostos e aos nossos hábitos de ordem e de economia. À nossa pequena renda veio se juntar, como suplemento, o produto das obras que publiquei antes do Espiritismo, e o de um modesto emprego que tive que deixar quando os trabalhos da Doutrina absorveram todo o meu tempo.

Tirando-me da obscuridade, o Espiritismo veio me lançar num outro caminho; em pouco tempo encontrei-me arrastado num movimento que estava longe de prever. Quando concebi a idéia de *O Livro dos Espíritos*, minha intenção era de não me pôr em evidência e de permanecer desconhecido; mas, prontamente extravasado, isto não me foi possível: tive que renunciar aos meus gostos de retiro, sob pena de abdicar a obra empreendida e que crescia cada dia; foi-me preciso seguir-lhe o impulso e tomar-lhe as rédeas. Se meu nome tem agora alguma popularidade, seguramente não foi por mim que a tenha procurado, porque é notório que não a devo nem à propaganda, nem à camaradagem da imprensa, e que jamais aproveitei de minha posição e de minhas relações para me lançar no mundo, quando isto me teria sido tão fácil. Mas, à medida que a obra crescia, um horizonte mais vasto se abria diante de mim, e alargava-lhe os limites; compreendi, então, a imensidade de minha tarefa, e a importância do trabalho que me restava a fazer para completá-la; as dificuldades e os obstáculos, longe de me assustarem, redobravam a minha energia; eu vi o objetivo, e resolvi alcançá-lo com a assistência dos bons Espíritos. Eu sentia que não tinha tempo a perder, e não o perdi nem em visitas inúteis, nem em cerimônias ociosas; esta foi a obra de minha vida; a ela dei todo o meu tempo, sacrifiquei o meu repouso, a minha saúde, porque o futuro estava escrito diante de mim em caracteres irrecusáveis.

Sem nos afastar de nosso gênero de vida, esta posição excepcional não nos criou menores necessidades às quais unicamente meus recursos não me permitiam prover. Seria difícil de se imaginar a multiplicidade das despesas que ela acarreta, e que eu teria evitado sem isto.

Pois bem! senhores, o que me proporcionou esse suplemento de recursos, foi o produto de minhas obras. Eu o digo com alegria, foi com o meu próprio trabalho, com o fruto de minhas vigílias que provi, em maior parte pelo menos, as necessidades materiais da instalação da Doutrina. Assim trouxe uma grande cota - parte à caixa do Espiritismo;

aqueles que ajudam a propagação das obras não poderão, pois, dizer que trabalham para me enriquecer, uma vez que o produto de todo livro vendido, de toda assinatura da *Revista*, aproveita à Doutrina e não à um indivíduo.

Não era tudo prover o presente; seria preciso também pensar no futuro, e preparar uma fundação que, depois de mim, pudesse ajudar aquele que me substituísse na grande tarefa que teria que realizar; essa fundação, sobre a qual devo me calar ainda, liga-se à propriedade que eu possuo, e é em vista disso que aplico uma parte de meus ganhos para melhorá-la. Como estou longe dos milhões com os quais me gratificaram, duvido muito que, apesar de minhas economias, meus recursos pessoais não permitam dar a essa fundação o complemento que gostaria de lhe ver em minha vida; mas uma vez que a sua realização está nos objetivos dos meus guias espirituais, se não o fizer por mim mesmo, é provável que um dia ou outro, isto se fará. À espera, eu elaboro os planos.

Longe de mim, senhores, o pensamento de tirar a menor vaidade do que venho de vos expor; foi preciso a perseverança de certas diatribes para me obrigar, embora a contragosto, a romper o silêncio sobre alguns fatos que me concernem. Mais tarde, todos aqueles que a malevolência pôde desnaturar serão esclarecidos por documentos autênticos, mas o tempo dessas explicações não veio ainda; a única coisa que me importa para o momento é que sejais edificados sobre o destino dos fundos que a Providência fez passar por minhas mãos, qualquer que seja a sua origem. Eu me considero como depositário, mesmo daqueles que ganho, com maior razão daqueles que me são confiados.

Se alguém me perguntasse um dia, sem curiosidade, bem entendido, e por puro interesse pela coisa, o que faria de um milhão se o tivesse, eu lhe teria respondido que hoje seu emprego seria muito diferente daquele que teria sido no princípio. Outrora eu teria feito da propaganda por uma ampla publicidade; agora reconheço que isto teria sido inútil, uma vez que os nossos adversários dela se encarregaram às suas custas. Não me colocando, então, grandes recursos à minha disposição para este objetivo, os Espíritos quiseram provar que o Espiritismo deve seu sucesso à sua própria força.

Hoje que o horizonte se alargou, que o futuro sobretudo se desenrolou, as necessidades de uma ordem diferente se fazem sentir. Um capital, como aquele que supondes, receberia um emprego mais útil. Sem entrar nos detalhes que seriam prematuros, diria simplesmente que uma parte serviria para converter a minha propriedade numa casa especial de retiro espírita, cujos habitantes recolheriam os benefícios de nossa Doutrina moral; a outra para constituir uma renda *inalienável* destinada: 1° à manutenção do estabelecimento; 2° a assegurar uma existência independente àquele que me sucederá e àqueles que o ajudarão em sua missão; 3° a subvencionar as necessidades correntes do Espiritismo sem correr a sorte de produtos eventuais, como fui obrigado a fazê-lo, uma vez que a maior parte de meus recursos repousa sobre o meu trabalho que terá um fim.

Eis o que farei, mas se esta satisfação não me for dada, sei que, de um modo ou de outro, os Espíritos que dirigem o movimento proverão a todas as necessidades em tempo útil; é porque não me inquieto com isto de nenhum modo, e me ocupo daquilo que é para mim a coisa essencial: o arremate dos trabalhos que me restam a terminar. Isto feito, partirei quando a Deus chamar-me.

III Dos Cismas.

Uma questão que se apresenta ao pensamento desde o início é a dos cismas que poderão nascer no seio da Doutrina; o Espiritismo deles estaria preservado?

Não, seguramente, porque haverá, sobretudo no começo, que lutar contra as idéias e pessoais, sempre absolutas, tenazes, lentas em se unir às idéias de outrem, e contra a

ambição daqueles que querem ligar, quando mesmo, seu nome a uma inovação qualquer; que criam as novidades unicamente para poder dizer que não pensam e não fazem como os outros; ou porque seu amor-próprio sofre por não ocupar senão um lugar secundário; ou, enfim, que vêm com despeito um outro fazer o que não fizeram, e, além disto, triunfar. Mas como dissemos cem vezes: "Quem é que vos barra o caminho? Quem vos impede de trabalhar de vosso lado? Quem vos proíbe revelar as vossas obras? A publicidade vos está aberta como a todo o mundo; daí alguma coisa de melhor do que é, a isto ninguém se opõe; sede melhores apreciados pelo público, ele vos dará a preferência."

Se o Espiritismo não pode escapar às fraquezas humanas, com as quais é preciso contar, ele pode paralisar-lhe as conseqüências, e é o essencial.

Há que se notar que os numerosos sistemas divergentes, eclodidos na origem do Espiritismo, sobre a maneira de explicar os fatos, desapareceram à medida que a Doutrina se completou pela observação e uma teoria racional; é mal, hoje, se esses primeiros sistemas encontrem ainda alguns raros partidários. Está aí um fato notório de onde se pode concluir que as últimas divergências se apagarão com a completa elucidação de todas as partes da Doutrina; mas haverá sempre os dissidentes de partido tomado, interessados, por uma causa ou por uma outra, em manterem-se afastados: é contra a sua pretensão que é preciso premunir-se.

Para assegurar a unidade no futuro, uma condição é indispensável, é que todas as partes do conjunto da Doutrina sejam determinadas com precisão e clareza, sem nada deixar no vago; por isto fizemos de sorte que nossos escritos não pudessem dar lugar a nenhuma interpretação contraditória, e trataremos que isto seja sempre assim. Quando for dito decididamente e sem ambigüidade que dois e dois são quatro, ninguém poderá pretender que se quis dizer que dois e dois são cinco. Poderão, pois, se formar *ao lado* da Doutrina seitas que não lhe adotarão os princípios, ou todos os princípios, mas não na Doutrina pela interpretação do texto, como delas se formaram tão numerosas sobre o sentido das próprias palavras do Evangelho. Aí está um primeiro ponto de uma capital importância.

O segundo ponto é de não sair do círculo das idéias práticas. Se é verdade que a utopia da véspera, freqüentemente, seja a verdade do dia seguinte, deixemos ao dia seguinte o cuidado de realizar a utopia da véspera, mas não embaracemos a Doutrina de princípios que seriam considerados como quimeras e a fariam ser rejeitada pelos homens positivos.

O terceiro ponto, enfim, é inerente ao caráter essencialmente progressivo da Doutrina. Do fato de que ela não se embala de sonhos irrealizáveis para o presente, não se segue que ela se imobilize no presente. Exclusivamente apoiada sobre as leis da Natureza, ela não pode mais variar do que essas leis, mas se uma nova lei se descobrir, a ela deverá se unir; ela não deve fechar a porta a nenhum progresso, sob pena de se suicidar; assimilando todas as idéias reconhecidas justas, de qualquer ordem que sejam, físicas ou metafísicas, ela não será jamais ultrapassada, e aí está uma das principais garantias de sua perpetuidade.

Se, pois, uma seita se forma a seu lado, fundada ou não sobre os princípios do Espiritismo, acontecerá de duas coisas uma: ou essa seita estará na verdade, ou ela não o estará; mas se ela não estiver, cairá por si mesma sob o ascendente da razão e do senso comum, como já tantas outras caíram há séculos; se suas idéias são justas, não fosse senão sob um ponto, a Doutrina, que procura o bem e o verdadeiro por toda a parte onde se encontrem, se as assimila, de sorte que em lugar de ser absorvida, ela é que absorve.

Se alguns de seus membros vierem a dela se separar, será por crerem fazer melhor; se fazem realmente melhor, ela os imitará; se fazem mais bem, ela se esforçará para fazê-lo outro tanto, e mais se isto se puder; se fazem o mal, ela os deixará fazer, certa de

que, cedo ou tarde, o bem se impõe sobre o mal, e o verdadeiro sobre o falso. Eis a única luta que ela iniciará.

Acrescentemos que a tolerância, conseqüência da caridade, que é a base da moral espírita, lhe faz um dever respeitar todas as crenças. Querendo ser aceita livremente, por convicção e não por constrangimento, proclamando a liberdade de consciência como um direito natural imprescritível, diz ela: *Se tenho razão, os outros acabarão por pensar como eu, se estou errada, acabarei por pensar como os outros.* Em virtude desses princípios, não lançando a pedra em ninguém, ela não dará nenhum pretexto a represálias, e deixará aos dissidentes toda a responsabilidade de suas palavras e de seus atos.

O programa da Doutrina não será, pois, invariável senão sobre os princípios passados ao estado de verdades constatadas; para os outros, ela não os admitirá, como sempre o fez, senão a título de hipóteses até a confirmação. Se lhe for demonstrado que ela está no erro sobre um ponto, ela se modificará sobre esse ponto.

A verdade absoluta é eterna, e, por isto mesmo, invariável; mas quem pode se gabar de possuí-la inteiramente? No estado de imperfeição de nossos conhecimentos, o que nos parece falso hoje, pode ser reconhecido verdadeiro amanhã, em conseqüência da descoberta de novas leis; assim é na ordem moral como na ordem física. É contra essa eventualidade que a Doutrina jamais deve se encontrar de surpresa. O princípio progressivo, que ela inscreve em seu código, será, como dissemos, a salvaguarda de sua perpetuidade, e sua unidade será mantida precisamente porque ela não repousa sobre o princípio da imobilidade. A imobilidade, em lugar de ser uma força, torna-se uma causa de fraqueza e de ruína para quem não segue um movimento geral; ela rompe a unidade, porque aqueles que querem ir adiante se separam daqueles que se obstinam em permanecer atrás. Mas, tudo em seguindo o movimento progressivo, é preciso fazê-lo com prudência e se guardar de se envergonhar nos sonhos das utopias e dos sistemas. É preciso fazê-lo a tempo, nem muito cedo nem muito tarde, e com conhecimento de causa.

Compreende-se que uma Doutrina assentada sobre tais bases deve ser realmente forte; ela desafia toda concorrência e neutraliza as pretensões de seus competidores. É para este ponto que os nossos esforços tendem a conduzir a Doutrina Espírita.

A experiência, aliás, já justificou esta previsão. Tendo a Doutrina marchado neste caminho desde a sua origem, ela constantemente avançou, mas sem precipitação, olhando sempre se o terreno onde ela coloca o pé é sólido, em medindo seus passos sobre o estado da opinião. Ela fez como o navegador que não caminha senão com a sonda na mão e consultando os ventos.

IV

O chefe do Espiritismo.

Mas quem será encarregado de manter o Espiritismo neste caminho? Quem disto terá mesmo a força? Quem terá o lazer e a perseverança de se dar ao trabalho incessante que exige uma semelhante tarefa? Se o Espiritismo estiver entregue a si mesmo, sem guia, não é de se temer que se desvie de seu caminho? que a malevolência, da qual será por muito tempo ainda o alvo, não se esforce em lhe desnaturar o espírito? Aí está, com efeito, uma questão vital, e cuja solução é de um interesse maior para o futuro da Doutrina.

A necessidade de uma direção central superior, guardiã vigilante da unidade progressiva e dos interesses gerais da Doutrina, é de tal modo evidente que já se inquieta de não ver ainda o condutor despontar no horizonte. Compreende-se que, sem uma autoridade moral, capaz de centralizar os trabalhos, os estudos e as observações, de dar o impulso, de estimular o zelo, de defender o fraco, de sustentar as coragens vacilantes, de ajudar com conselhos da experiência, de fixar a opinião sobre os pontos incertos, o Espiritismo corre o risco de caminhar à deriva. Não só esta direção é necessária, mas é

preciso que ela esteja em condições de força e de estabilidade suficientes para desafiar as tempestades.

Aqueles que não querem nenhuma autoridade não compreendem os verdadeiros interesses da Doutrina; se alguns pensam poder se passar de toda direção, a maioria, aqueles que não crêem em sua infalibilidade e não têm uma confiança absoluta em suas próprias luzes, sentem a necessidade de um ponto de apoio, de um guia, não fosse senão para ajudá-los a caminhar com mais garantia e segurança. (Ver a *Revista* de abril de 1866, p. 111: *O Espiritismo independente*.)

Estando estabelecida a necessidade de uma direção de quem o chefe terá seus poderes? Será aclamado pela universalidade dos adeptos disseminados no mundo inteiro? É uma coisa impraticável. Se eles se impuser com sua autoridade privada, será aceito por uns, rejeitado pelos outros, e vinte pretendentes podem surgir que levantarão bandeira contra bandeira; isso será, ao mesmo tempo, o despotismo e a anarquia. Um tal ato seria o fato de um ambicioso, e nada seria menos próprio do que um ambicioso, por isto mesmo orgulhoso, para dirigir uma Doutrina baseada sobre a abnegação, o devotamento, o desinteresse e a humildade; colocado fora do princípio fundamental da Doutrina, ele não poderia senão falsear-lhe o espírito. É o que ocorreria inevitavelmente se não tivesse tomado antecipadamente medidas eficazes para evitar esse inconveniente.

Admitamos, no entanto, que um homem reunisse todas as qualidades requeridas para o cumprimento de seu mandato, e que chegasse à direção superior por um caminho qualquer: os homens se seguem e não se assemelham; depois de um bom pode vir um mau; com o indivíduo pode mudar o espírito da direção; sem maus desígnios, ele pode ter objetivos mais ou menos justos; se quiser fazer prevalecer suas idéias pessoais, poderá fazer a Doutrina desviar, suscitar divisões, e as mesmas dificuldades se renovarão em cada mudança. É preciso não perder de vista que o Espiritismo não está ainda na plenitude de sua força; do ponto de vista da organização, é uma criança que somente começa a caminhar; importa, pois, no início sobretudo, premuni-lo contra as dificuldades do caminho.

Mas, dir-se-á, um dos messias anunciados, que devem tomar parte na regeneração, não estará à frente do Espiritismo? É provável; mas como não terão na frente uma marca para se fazerem reconhecer, que não se afirmarão *senão por seus atos*, e não serão, para a maioria, reconhecidos portais senão depois de sua morte, segundo o que terão feito durante sua vida; que, aliás, não haverá messias perpetuamente, é preciso prever todas as eventualidades. Sabe-se que sua missão será múltipla; que deles haverá em todos os graus da escala, e nos diversos ramos da economia social, onde cada um exercerá sua influência em proveito das idéias novas, segundo a especialidade de sua posição; todos trabalharão, pois, para o estabelecimento da Doutrina, seja em uma parte, seja em uma outra, uns como chefes de Estados, os outros como jurisconsultos, outros como magistrados, sábios, literatos, oradores, industriais, etc.; cada um fará suas provas em sua parte, desde o proletário até o soberano, *sem que nada além de suas obras o distinga do comum dos homens*. Se um deles deve tomar parte na direção administrativa do Espiritismo, é provável que estará colocado providencialmente em posição de ali chegar pelos meios legais que serão adotados; as circunstâncias, em aparência fortuitas, o conduzirão, sem desejo premeditado de sua parte, sem mesmo que tenha consciência de sua missão. (*Revista Espírita. Os messias do Espiritismo*, fevereiro e março de 1868, páginas 45 e 65.)

Em semelhante caso, o pior de todos os chefes seria aquele que se desse por eleito de Deus. Como não é racional admitir que Deus confie tais missões a ambiciosos ou a orgulhosos, as virtudes características de um verdadeiro messias, devem ser, antes de tudo, a simplicidade, a humildade, a modéstia, em uma palavra, o desinteresse material e moral mais completo; ora, tão-só a pretensão de ser um messias seria a negação dessas qualidades essenciais; ela provaria, naqueles que se orgulhassem de semelhante título,

ou uma tola presunção se for de boa fé, ou uma insigne impostura. Não faltarão intrigantes, supostamente Espíritas, que quererão se elevar por orgulho, ambição ou cupidez; outros que exibirão pretensas revelações com a ajuda das quais procurarão colocar-se em relevo, e fascinar as imaginações muito crédulas. É preciso prever também que, sob falsas aparências, os indivíduos poderiam tentar se apoderar do governo com o pensamento determinado de soçobrar o navio em o fazendo desviar-se de sua rota. Ele não soçobrará, mas poderá experimentar deploráveis atrasos, que é preciso evitar. Aí estão, sem contradita, os maiores escolhos dos quais o Espiritismo deve se guardar; quanto mais ele toma consistência, mais seus adversários lhe endereçarão armadilhas.

É, pois, do dever de todos os Espíritas sinceros frustrar as manobras da intriga que podem se urdir nos menores centros, como nos maiores. Eles deverão desde logo repudiar, da maneira mais absoluta, quem se puser por si mesmo como messias, seja como chefe do Espiritismo, seja como simples apóstolo da Doutrina. Conhece-se a árvore por seus frutos; esperai, pois, que a árvore haja dado os frutos antes de julgar se é bom, olhai ainda se os frutos estão vidrados. (O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XXI, nº 9, *Caracteres do verdadeiro profeta.*)

Alguém que conosco se entretivesse nesse assunto, proporia o expediente seguinte: seria de fazer designar os candidatos pelos próprios Espíritos, em cada grupo ou sociedade espírita. Além de que esse meio não obviaria todos os inconvenientes, ele teria nesse modo de proceder, que a experiência já demonstrou, e que seria supérfluo lembrar aqui. É preciso não perder de vista que a missão dos Espíritos é de nos instruir, de nos melhorar, mas não de se substituir à iniciativa de nosso livre arbítrio; eles nos sugerem pensamentos, nos ajudam com seus conselhos, sobretudo no que toca às questões morais, mas deixam ao nosso julgamento o cuidado da execução das coisas materiais, que eles não têm por missão nos poupar. Eles têm, em seu mundo, atribuições que não são as deste mundo; pedir-lhes o que está fora dessas atribuições, é expor-se às mentiras dos Espíritos levianos. Que os homens se contentem em serem assistidos e protegidos por bons Espíritos, mas que não descarreguem sobre eles a responsabilidade que incumbe ao papel de encarnado.

Esse meio, aliás, suscitaria mais embaraços do que se pensa, pela dificuldade de fazer todos os grupos participarem dessa eleição; isso seria uma complicação nos órgãos, e os órgãos são muito menos suscetíveis de se desorganizar quanto sejam mais simplificados.

O problema é, pois, de constituir uma direção central, em condições de força e de estabilidade que a coloquem ao abrigo das flutuações, que respondem a todas as necessidades da causa e opõem como barreira absoluta às astúcias da intriga e da ambição. Tal é o objetivo do plano, do qual vamos dar um rápido esboço.

V

Comissão central.

Durante o período de elaboração, a direção do Espiritismo deveu ser individual; era necessário que todos os elementos constitutivos da Doutrina, saídos no estado de embriões de uma multidão de focos, tendessem a um centro comum para ali serem controlados e colecionados, e que uma única pessoa presidisse à sua coordenação para estabelecer a unidade no conjunto e a harmonia em todas as partes. Se tivesse sido de outro modo, a Doutrina teria se parecido com esses edifícios híbridos levantados por vários arquitetos, ou bem a um mecanismo cujas engrenagens não se entrosam com precisão umas nas outras.

Nós o dissemos, porque é uma verdade incontestável, claramente demonstrada hoje: a Doutrina não poderia mais sair em todas as partes de um único centro quanto toda

a ciência astronômica de um único observatório; e todo centro que tivesse tentado constituí-la sobre suas únicas observações teria feito alguma coisa incompleta e teria se encontrado, numa infinidade de pontos, em contradição com os outros. Se mil centros tivessem querido fazer sua doutrina, delas não teria havido duas semelhantes em todos os pontos. Se tivessem estado de acordo quanto ao fundo, teriam inevitavelmente diferido pela forma; ora, como há muitas pessoas que vêem a forma antes que o fundo, teria havido tantas seitas quanto formas diferentes. A unidade não poderia sair senão do conjunto e da comparação de todos os resultados parciais; é porque a concentração dos trabalhos era necessária. (Gênese, cap. I, *Caracteres da revelação espírita*, nº51 e seguintes.)

Mas o que era uma vantagem para um tempo tomar-se-ia mais tarde um inconveniente. Hoje que o trabalho de elaboração está terminado, no que concerne às questões fundamentais; que os princípios gerais da ciência estão estabelecidos, a direção, de individual que deveu ser no começo, deve se tornar coletiva; primeiro, porque chega um momento em que seu peso excede as forças de um homem, e, em segundo lugar, porque há mais garantia para a manutenção da unidade numa reunião de indivíduos, dos quais cada um não tem senão a sua voz na assembléia, e que nada podem sem o concurso uns dos outros, do que em um único que pode abusar de sua autoridade e querer fazer predominar suas idéias pessoais.

Em lugar de um chefe único, a direção será dada a uma *comissão central* ou *conselho superior* permanente, - pouco importa o nome, -cuja organização e atributos serão definidos de maneira a nada deixar ao arbítrio. Essa comissão será composta de doze membros ou mais, que deverão, para esse efeito, reunir certas condições desejadas, e de um número igual de conselheiros. Segundo as necessidades, poderá ser secundada por membros auxiliares ativos. Ela se completará por si mesma, segundo as regras igualmente determinadas, de natureza a evitar todo favoritismo, à medida das vagas por extinções ou outras causas. Uma disposição especial fixará o modo de nomeação dos doze primeiros.

Cada membro presidirá a seu turno durante um ano, e aquele que cumprirá essa função será designado por sorteio.

A autoridade do presidente é puramente administrativa; ele dirige as deliberações da comissão, fiscaliza a execução dos trabalhos e a expedição dos negócios; mas fora das atribuições que lhe são conferidas pelos estatutos constitutivos, ele não pode tomar nenhuma decisão sem o concurso da comissão. Portanto, nada de abusos possíveis, nada de alimentos à ambição, nada de pretextos de intrigas nem de ciúmes, nada de supremacia ofensiva.

A comissão, ou conselho superior, será, pois, a cabeça, o verdadeiro chefe do Espiritismo, chefe coletivo, não podendo nada sem o consentimento da maioria, e, em certos casos, sem o de um congresso ou assembléia geral. Suficientemente numeroso para se esclarecer pela discussão, ele não o será bastante para que ali haja confusão.

Os congressos serão formados de delegados das sociedades particulares, regularmente constituídas, e colocadas sob o patrocínio da comissão por sua adesão e pela conformidade de seus princípios.

Para o público dos adeptos, a aprovação ou a desaprovação, o consentimento ou a recusa, as decisões, em uma palavra, de um corpo constituído, representando uma opinião coletiva, terão forçosamente uma autoridade que jamais teriam emanando de um único indivíduo, que não representa senão uma opinião pessoal. Freqüentemente rejeita-se a opinião de um só, ou se crê humilhado de a ela se submeter, então que se defere sem dificuldade a de vários.

É bem entendido que se trata aqui de uma autoridade moral, no que concerne à interpretação e à aplicação dos princípios da Doutrina, e não de um poder disciplinar

qualquer. Essa autoridade será, em matéria de Espiritismo, o que é a de uma academia em matéria de ciência.

Para o público estranho, um corpo constituído tem mais ascendente e preponderância; contra os adversários, sobretudo, ele apresenta uma força de resistência e possui meios de ação que um indivíduo não poderia ter; ele luta com infinitamente mais vantagem. Ataca-se uma individualidade, se a suprime; não ocorre o mesmo com um ser coletivo.

Há igualmente, num ser coletivo, uma garantia de estabilidade que não existe quando tudo repousa sobre uma única cabeça; que o indivíduo seja impedido por uma causa qualquer tudo pode ser entravado. Um ser coletivo, ao contrário, se perpetua sem cessar; que ele perca um ou vários de seus membros, nada periclitada.

A dificuldade, dir-se-á, será a de reunir, de modo permanente, doze pessoas que estejam sempre de acordo.

O essencial é que elas estejam de acordo sobre os princípios fundamentais; ora, essa será uma condição absoluta de sua admissão, como da de todos os participantes da direção. Sobre as questões pendentes de detalhe, pouco importa sua divergência, uma vez que é a opinião da maioria que prevalece. Àquele cuja maneira de ver for justa, não faltará boas razões para justificá-la. Se um deles, contrariado de não poder fazer admitir suas idéias se retira, as coisas não deixarão de seguir seu curso, e não haverá lugar de lamentá-lo, uma vez que faria prova de uma suscetibilidade orgulhosa pouco espírita, e que poderia tornar-se uma causa de perturbação.

A causa mais comum de divisão entre co-interessados é o conflito dos interesses, e a possibilidade para um de suplantar o outro em seu proveito. Essa causa não tem nenhuma razão de ser desde o instante que o prejuízo de um não pode aproveitara os outros, que são solidários e não podem senão perder em lugar de ganhar com a desunião. Esta é uma questão de detalhe, prevista na organização.

Admitamos que entre eles se encontre um falso irmão, um traidor, ganho pelos inimigos da causa, que poderia ele, uma vez que não tem senão sua voz nas decisões? Suponhamos que, por impossível, a comissão inteira entre num mau caminho: os congressos estarão lá para colocá-la em ordem.

O controle dos atos da administração estará nos congressos, que poderão decretar a censura ou uma acusação contra a comissão central, por causa de infração ao seu mandato, de desvio dos princípios reconhecidos, ou de medidas prejudiciais à Doutrina. É por isso que ela se referirá aos congressos nas circunstâncias em que julgar que a sua responsabilidade poderia estar empenhada de maneira grave.

Se, pois, os congressos são um freio para a comissão, esta haure uma nova força em sua aprovação. Assim é que esse chefe coletivo depende em definitivo da opinião geral, e não pode, sem perigo para si mesmo, se afastar do caminho reto.

Quando a comissão for organizada, dela faremos parte a título de simples membro, tendo nossa parte de colaboração, sem reivindicar, para nós, nem supremacia, nem título, nem qualquer privilégio.

As atribuições gerais da comissão serão anexadas, como dependências locais:

1° Uma *biblioteca* onde se encontrarão reunidas todas as obras que interessam ao Espiritismo, e que poderão ser consultadas no local ou dadas em leitura;

2° Um *museu*, onde serão reunidas as primeiras obras da arte espírita, os trabalhos medianímicos mais notáveis, os retratos dos adeptos que terão bem merecido da causa por seu devotamento, os dos homens que o Espiritismo honra, embora estranhos à Doutrina, como benfeitores da Humanidade, grandes gênios missionários do progresso, etc. (1).- (1) O futuro museu já possui oito quadros de grande dimensão, que não esperam senão um local conveniente, verdadeiras obras-primas da arte, especialmente executadas tendo em vista o Espiritismo, por um artista de renome, que generosamente os doou à Doutrina. É a inauguração da arte espírita por um homem que reúne a fé sincera ao talento dos grandes mestres. Deles faremos, em tempo útil, um relatório detalhado

- 3° Um *dispensário* destinado às consultas médicas *gratuitas*, e ao tratamento de certas afecções, sob a direção de um médico patenteador;
- 4° Uma caixa de socorro e de previdência, em condições práticas;
- 5° Uma casa de retiro;
- 6° Uma sociedade de adeptos, tendo sessões regulares.

VI

Obras fundamentais da Doutrina.

Muitas pessoas lamentam que as obras fundamentais da Doutrina sejam de um preço muito elevado para um grande número de leitores, e pensam, com razão, que se delas fossem feitas edições populares a baixo preço, seriam bem mais difundidas, e que a Doutrina com isto ganharia.

Nós somos completamente desta opinião; mas as condições nas quais são editadas não permitem que isso seja de outro modo no estado atual das coisas. Esperamos chegar um dia a esse resultado, com a ajuda de uma nova combinação que se liga ao plano geral da organização; mas essa operação não pode ser realizada senão estando empreendida sobre uma ampla escala; unicamente de nossa parte, ela exigiria, seja capitais que não temos, seja cuidados materiais que nossos trabalhos, que reclamam todas as nossas meditações, não nos permitem dar. Também a parte comercial propriamente dita foi negligenciada, ou, melhor dizendo, sacrificada ao estabelecimento da parte doutrinária. O que importava, antes de tudo, era que as obras fossem feitas e as bases da Doutrina colocadas.

Quando a Doutrina estiver organizada pela constituição da comissão central, nossas obras se tornarão a propriedade do Espiritismo na pessoa dessa mesma comissão, que dela terá gerência e dará os cuidados necessários à sua publicação por meios mais próprios a popularizá-las. Deverá igualmente se ocupar de sua tradução nas principais línguas estrangeiras.

A *Revista* foi, até hoje, e não podia ser senão uma obra pessoal, tendo em vista que ela faz parte de nossas obras doutrinárias, tudo em servindo de anais ao Espiritismo. É lá que todos os princípios novos são elaborados e colocados em estudo. Era, pois, necessário que ela conservasse o seu caráter individual para a fundação da unidade.

Fomos muitas vezes solicitados para fazê-la aparecer em épocas mais próximas; por lisongeiro que fosse para nós esse desejo, não pudemos a ele aceder; primeiro, porque o tempo material não nos permitia esse acréscimo de trabalho, e, em segundo lugar, ela não deveria perder o seu caráter essencial, que não é de um jornal propriamente dito.

Hoje que a nossa obra pessoal se aproxima de seu fim, as necessidades não são mais as mesmas; a *Revista* se tornará, como todas nossas outras obras feitas e a fazer, a propriedade coletiva da comissão, que dela tomará a direção, para a maior utilidade do Espiritismo, sem que renunciemos, por isto, a lhe dar a nossa colaboração.

Para completar a obra doutrinária, resta-nos publicar várias obras, que não lhes são a parte menos difícil, nem a menos penosa. Se bem que delas não possuamos todos os elementos, e que o seu programa esteja traçado até o último capítulo, poderíamos dar-lhe cuidados mais assíduos e as ativar se, pela instituição da comissão central, fôssemos liberados de detalhes que absorvem uma grande parte de nosso tempo.

VII

Atribuições da comissão.

As principais atribuições da comissão central serão:

1° O cuidado dos interesses da Doutrina e a sua propagação; a manutenção de sua unidade pela conservação da integridade dos princípios reconhecidos; o desenvolvimento de suas conseqüências;

2° O estudo dos princípios novos, suscetíveis de entrarem no corpo da Doutrina;

3° A concentração de todos os documentos e informações que podem interessar ao Espiritismo;

4° A correspondência;

5° A manutenção, a consolidação e a extensão dos laços de fraternidade entre os adeptos e as sociedades particulares dos diferentes países;

6° A direção da *Revista*, que será o jornal oficial do Espiritismo, e à qual poderá ser juntada uma outra publicação periódica;

7° O exame e a interpretação das obras, artigos de jornais, e todo escrito interessando à Doutrina. A refutação dos ataques, se tiverem lugar;

8° A publicação de obras fundamentais da Doutrina, nas condições mais próprias à sua vulgarização. A confecção e a publicação daquelas das quais daremos o plano, e que não teríamos o tempo de fazer quando vivo. Os encorajamentos dados às publicações que poderão ser úteis à causa;

9° A fundação e a conservação da biblioteca, dos arquivos e do museu;

10° A administração da caixa de socorro, do dispensário e da casa de retiro;

11° A administração dos negócios materiais;

12° A direção das sessões da sociedade;

13° O ensino oral;

14° As visitas e instruções às reuniões e sociedades particulares que se colocarão sob seu patrocínio.

15° A convocação dos congressos e assembléias gerais.

Essas atribuições serão repartidas entre os diferentes membros da comissão, segundo a especialidade de cada um, os quais, se necessário, serão assistidos por um número suficiente de membros auxiliares ou de simples empregados.

Em conseqüência, entre os membros da comissão, haverá:

Um secretário geral para correspondência, e as atas das sessões da comissão;

Um redator - chefe para a *Revista* e as outras publicações;

Um bibliotecário arquivista, encarregado além disto do exame e dos relatórios de obras e artigos de jornais;

Um diretor da caixa de socorro, encarregado além disto da direção do dispensário, das visitas aos doentes e aos necessitados, e de tudo o que se relacione à beneficência. Ele será secundado por uma comissão de beneficência, tomada no seio da sociedade, e formada de pessoas caridosas de boa vontade;

Um administrador contábil, encarregado dos negócios e dos interesses materiais;

Um diretor especial para os assuntos concernentes às publicações;

Oradores para o ensino oral, encarregados além disto de visitar as sociedades dos departamentos, e dar-lhes instruções. Poderão ser tomados entre os membros auxiliares e os adeptos de boa vontade, que receberão, para esse efeito, um mandato especial.

Qualquer que seja a extensão ulterior dos negócios e do pessoal administrativo, a comissão será sempre limitada ao mesmo número de membros titulares.

Até o presente, tivemos que bastar quase somente a nós mesmos para este programa; também algumas de suas partes foram negligenciadas ou não puderam ser senão esboçadas, e as que são mais especialmente de nossa alçada, deveram sofrer inevitáveis atrasos, pela necessidade de nos ocupar de tantas coisas, então que o tempo e as forças têm limites, e que uma única absorveria o tempo de um homem.

VIII

Caminhos e meios.

É deplorável, sem dúvida, ser obrigado a entrar em considerações materiais para alcançar um objetivo todo espiritual; mas é preciso observar que a própria espiritualidade da obra se liga à questão da Humanidade terrestre e de seu bem-estar; que não se trata mais unicamente da emissão de algumas idéias filosóficas, mas de fundar alguma coisa de positiva e de durável, para a extensão e a consolidação da Doutrina, à qual será preciso fazer produzir os frutos que ela é suscetível de dar. Pensar que estamos ainda no tempo em que alguns apóstolos podiam se pôr a caminho com seu bastão de viagem, sem cuidado de sua morada e de seu pão cotidiano, seria uma ilusão logo destruída por uma amarga decepção. Para fazer alguma coisa de sério, é preciso se submeter às necessidades que impõem os costumes da época em que se vive; essas necessidades são diferentes daquelas dos tempos da vida patriarcal; o próprio interesse do Espiritismo exige, pois, que se calculem esses meios de ação para não se ser detido em caminho. Calculemos, pois, uma vez que estamos num século onde é preciso contar.

As atribuições da comissão central serão bastante numerosas, como se vê, por necessitar uma verdadeira administração. Cada membro tendo funções ativas e assíduas, se não se tomassem senão homens de boa vontade, os trabalhos poderiam sofrer com isso, porque ninguém teria o direito de fazer censuras aos negligentes. Para a regularidade dos trabalhos e da expedição dos negócios, é necessário ter homens sobre cuja assiduidade se possa contar, e cujas funções não sejam de simples atos de complacência. Quanto mais tivessem dependência por seus recursos pessoais, menos se submeteriam a ocupações assíduas; se não os têm, não podem dar seu tempo. É preciso, pois, que sejam retribuídos, assim como o pessoal administrativo; com isto a Doutrina ganhará em força, em estabilidade, em pontualidade, ao mesmo tempo que esse será um meio de prestar serviço a pessoas que deles podem ter necessidade.

Um ponto essencial, na economia de toda administração previdente, é que a sua existência não repouse sobre produtos eventuais que possam faltar, mas sobre recursos fixos, regulares, de maneira que sua marcha, onde quer que chegue, não possa ser entravada. É preciso, pois, que as pessoas que serão chamadas a dar o seu concurso não possam conceber nenhuma inquietação pelo seu futuro.

Ora, a experiência demonstra que se devem considerar como essencialmente aleatórios os recursos que não repousem senão sobre o produto de cotizações, sempre facultativas, quaisquer que sejam os compromissos contratados, e de uma cobertura freqüentemente difícil. Assentar despesas permanentes e regulares sobre recursos eventuais, seria uma falta de previdência, que se poderia um dia se lamentar. As conseqüências são menos graves, sem dúvida, quando se trata de fundações temporárias que duram o que elas podem; mas aqui, é uma questão de futuro. A sorte de uma administração como esta não pode estar subordinada às probabilidades de um negócio comercial; ela deve ser, desde o seu início, senão tão florescente, ao menos tão estável que o será daqui um século. Quanto mais a sua base for sólida, menos ela estará exposta aos golpes da intriga.

Em semelhante caso, a mais vulgar prudência quer que se lhe capitalizem, de maneira inalienável, os recursos à medida que eles chegam, a fim de constituir uma renda perpétua, ao abrigo de todas as eventualidades. A administração regulando suas despesas sobre sua renda, a sua existência não pode, em nenhum caso, ser comprometida, uma vez que terá sempre os meios de funcionar. Ela pode, em começando, ser organizada sobre uma menor escala; os membros da comissão podem ser provisoriamente limitados a cinco ou seis, o pessoal e as despesas administrativas reduzidas à sua mais simples expressão, salvo na proporção do desenvolvimento ao crescimento dos recursos e das necessidades da causa, mas ainda que falte o necessário.

Pessoalmente, e bem que parte ativa da comissão, não seremos de nenhuma carga ao orçamento, nem por proveitos, nem por indenizações de viagens, nem por uma causa qualquer; se jamais pedimos a ninguém por nós, o faríamos ainda menos nesta circunstância; nosso tempo, nossa vida, todas as nossas forças físicas e intelectuais pertencem à Doutrina. Declaramos, pois, formalmente que nenhuma parte dos recursos que disporá a comissão será desviada em nosso proveito.

Ao contrário, nós lhe levaremos nossa cota-parte:

1° Pela entrega dos produtos de nossas obras feitas e a fazer;

2° Pelo transporte de valores mobiliários e imobiliários.

Fazemos, pois, votos para a realização de nosso plano, no interesse da Doutrina, e não para disso nos fazer uma posição da qual não temos necessidade. É para preparar os caminhos dessa instalação que consagramos, até hoje, o produto de nossos trabalhos, assim como o dissemos mais acima. Se nossos meios pessoais não nos permitem fazer mais, teremos ao menos a satisfação de lhe ter colocado a primeira pedra.

Suponhamos, pois, que, por um caminho qualquer, a comissão central seja, num tempo dado, posta em condições de funcionar, o que supõe uma renda fixa de 25 a 30.000 francos, em se restringindo pelo início, os recursos de todas as naturezas dos quais disporá, em capitais e produtos eventuais, constituirão a *Caixa geral do Espiritismo*, que será o objeto de uma contabilidade rigorosa. As despesas obrigatórias estando reguladas, o excedente da renda aumentará o fundo comum; é proporcionalmente aos recursos desse fundo que a comissão proverá às diversas despesas úteis ao desenvolvimento da Doutrina, sem que jamais possa disso fazer seu proveito pessoal, nem uma fonte de especulação de nenhum de seus membros. O emprego dos fundos e a contabilidade serão, aliás, submetidos à verificação de comissários especiais delegados para esse efeito pelos congressos ou assembléias gerais.

Um dos primeiros cuidados da comissão será de se ocupar das publicações, desde que para isto tenha a possibilidade, sem esperar poder fazê-lo com ajuda da renda; os fundos destinados a este uso não serão, em realidade, senão uma antecipação, uma vez que reingressarão pela renda das obras, cujo produto retornará ao fundo comum. É um negócio de administração.

Para dar a essa instituição uma existência legal, ao abrigo de toda contestação, dar-lhe, além disso, o direito de adquirir, de receber e de possuir, ela será constituída, se *isto for julgado necessário*, por ato autêntico, sob forma de sociedade comercial anônima, por noventa e nove anos, indefinidamente prorrogável, com todas as estipulações necessárias para que jamais possa se afastar de seu objetivo, e que os fundos não possam ser desviados de sua destinação.

Sem entrar aqui nos detalhes que seriam supérfluos e prematuros, devemos, no entanto, dizer algumas palavras sobre duas instituições acessórias da comissão, a fim de que não se equivoque sobre o sentido que nós lhes ligamos; queremos falar da caixa de socorro e da casa de retiro.

O estabelecimento de uma caixa geral de socorro é uma coisa impraticável, e que apresentaria sérios inconvenientes, assim como o demonstramos em um artigo especial. (*Revista* de julho de 1866, página 193.) A comissão não pode, pois, se empenhar num caminho que seria logo forçada a abandonar, nem nada empreender que não esteja certa de poder realizar. Ela deve ser positiva, e não se embalar de ilusões quiméricas; é o meio de caminhar por muito tempo e com segurança; por isto, ela deve em tudo permanecer nos limites do possível.

Essa caixa de socorro não pode e não deve ser senão uma instituição local, de uma ação circunscrita, cuja prudente organização poderá servir de modelo às do mesmo gênero, que as sociedades particulares poderiam criar. Será pela multiplicidade que elas poderão prestar serviços eficazes, e não em centralizando os meios de ação.

Ela será alimentada: 1 ° Pela porção reservada para esta destinação na renda da caixa geral do Espiritismo; 2° Pelos donativos especiais que lhe serão feitos. Ela capitalizará as somas recebidas de maneira a se constituir em renda; será sobre essa renda que ela dará os recursos temporários ou vitalícios, e cumprirá as obrigações de seu mandato, as quais serão estipuladas em seu regulamento constitutivo.

Um projeto de casa de retiro, na acepção completa da palavra, não poderá ser realizada no início, em razão dos capitais que semelhante fundação exigiria, e, além disto, porque é preciso deixar à administração o tempo de se assentar e de caminhar com regularidade, antes de pensar em complicar as suas atribuições por empreendimentos onde ela poderia fracassar. Abarcar todas as coisas antes de estar assegurado dos meios de execução, seria uma imprudência. Compreender-se-ia facilmente se se refletisse em todos os detalhes que comportam os estabelecimentos desse gênero. É bom, sem dúvida, ter boas intenções, mas, antes de tudo, é preciso poder realizá-las.

IX

Conclusão.

Tais são as bases principais da organização que nos propomos dar ao Espiritismo, se as circunstâncias nos permitirem; deveríamos desenvolver-lhes mais largamente os motivos, a fim de fazer-lhe conhecer o espírito. Os detalhes serão o objeto de uma regulamentação minuciosa, onde todos os casos serão previsto de maneira a levantar todas as dificuldades de execução.

Conseqüente com os princípios de tolerância e de respeito de todas as opiniões que o Espiritismo professa, não pretendemos impor essa organização a ninguém, nem constranger quem quer que seja a ela submeter-se. Nosso objetivo é de estabelecer um primeiro laço entre os Espíritas, que o desejam há muito tempo e lamentam de seu isolamento. Ora, esse laço, sem o qual o Espiritismo, permanecendo no estado de opinião individual, sem coesão, não pode existir senão com a condição de se ligar a um centro por uma comunidade de vistas e de princípios. Esse centro não é uma *individualidade*, mas um foco de atividade coletiva, agindo no interesse geral, e onde a autoridade pessoal se apaga.

Se não tivesse existido, qual teria sido o ponto de união dos Espíritas disseminados em diferentes países? Não podendo comunicar suas idéias, suas impressões, suas obrigações a todos os outros centros particulares, eles mesmos disseminados, e freqüentemente sem consistência, eles teriam ficado isolados, e a difusão da Doutrina com isto teria sofrido. Seria preciso, pois, um ponto de chegada, e de onde tudo pudesse irradiar. O desenvolvimento das idéias espíritas, longe de tornar esse centro inútil, fará dele sentir melhor a necessidade, porque a necessidade de se aproximar e de se formar um feixe será tanto maior quanto o número dos adeptos seja mais considerável.

Mas qual será a extensão do círculo de atividade desse centro? Está destinado a reger o mundo, e a se tornar o árbitro universal da verdade? Se houvesse esta pretensão, isto seria compreender mal o espírito do Espiritismo que, por isto mesmo proclama os princípios do livre exame e da liberdade de consciência, repudia o pensamento de se erigir em autocracia; desde o início, ele entraria num caminho fatal.

O Espiritismo tem princípios que, em razão de que são fundados sobre as leis da Natureza, e não sobre as abstrações metafísicas, tendem a se tornar, e serão certamente um dia, os da universalidade dos homens; todos os aceitarão, porque serão verdades palpáveis e demonstradas, como aceitaram a teoria do movimento da Terra; mas pretender que o Espiritismo seja por toda a parte organizado da mesma maneira; que os Espíritas do mundo inteiro estejam sujeitos a um regime uniforme, a uma mesma maneira de proceder; que devam esperara luz de um ponto fixo para o qual deverão fixar seus olhares, seria uma utopia tão absurda quanto de pretender que todos os povos da Terra

não formem um dia senão uma única nação, governada por um único chefe, regida pelo mesmo código de leis, e sujeitos aos mesmos usos. Se há leis gerais que podem ser comuns a todos os povos, essas leis serão sempre, nos detalhes da aplicação e da forma, apropriadas aos costumes, aos caracteres, aos climas de cada um.

Assim o será com o Espiritismo organizado. Os Espíritos do mundo inteiro terão princípios comuns que os ligarão à grande família pelo laço sagrado da fraternidade, mas cuja aplicação poderia variar segundo as regiões, sem, por isto, que a unidade fundamental seja rompida, sem formar seitas dissidentes se atirando a pedra e o anátema, o que seria anti-espírita ao primeiro chefe. Eles poderão se formar, e se formarão inevitavelmente, grandes centros gerais em diferentes países, sem outro laço senão a comunidade de crença a solidariedade moral, sem subordinação de um ou outro, sem que o da França, por exemplo, tenha as pretensões de se impor ao Espíritos americanos e reciprocamente.

A comparação dos observatórios, que citamos mais acima, é perfeitamente justa. Há observatórios em diferentes pontos do globo; todos, seja qual nação a que pertençam, são fundados sobre os princípios gerais e reconhecidos da astronomia, o que não os torna, por isto, tributários uns dos outros; cada um regula seus trabalhos como o entende; comunicam-se as suas observações, e cada um põe em proveito pela ciência, as descobertas de seus confrades. Ocorrerá o mesmo nos centros gerais do Espiritismo; serão os observatórios do mundo invisível, que se emprestarão reciprocamente o que tiverem de bom e de aplicável aos costumes das regiões onde estarão estabelecidos: seu objetivo sendo o bem da Humanidade, e não a satisfação das ambições pessoais. O Espiritismo é uma questão de fundo; ligar-se à forma seria uma puerilidade indigna da grandeza do assunto; eis porque os centros diversos, que estarão no verdadeiro espírito do Espiritismo, deverão se estender a mão fraterna, e se unir para combater seus inimigos comuns: a incredulidade e o fanatismo.

BIBLIOGRAFIA.

El critério espiritista Revista quincenal dei Espiritismo.

Esse jornal, que se publica em Madrid, há um ano, sob o título de *El critério, Revista quincenal científica*, vem de retomar seu primeiro título que lhe havia sido proibido sob o governo espanhol precedente. O diretor o anunciou nesses termos, num suplemento do nº 17:

"Com a imensa alegria do triunfo, merecido não por nossas débeis forças, mas pela bondade de nossa causa, nos dirigimos hoje aos nossos constantes protetores, aos amigos que, na infelicidade, nos encorajaram e sustentaram.

"A intolerância do governo anterior nos havia proibido o exercício da mais frutuosa das liberdades: a do estudo, quando um dia, triste pela decepção, felizes porque foi o primeiro da luta, quisemos publicar o *Critério espiritista*. Vão ver a resposta que nos foi dada pelo secretário ministerial.

"Governo da província; sessão de imprensa. - Depois de ter examinado o primeiro número do jornal do qual sois o editor e o diretor, vi que, por seu caráter especial, suas tendências e a escola filosófica que ele procura desenvolver, deve ser compreendido entre aqueles que assinala o segundo parágrafo do artigo 52 da lei em vigor sobre a imprensa; eu vos previno que não me é possível autorizar o dito número nem os seguintes, se, preliminarmente, não tiverem sido examinados e aprovados pela censura eclesiástica. Deus vos guarde, etc.

"Madrid, 17 de julho de 1867."

"Em 10 de agosto seguinte recebemos o despacho cuja cópia segue abaixo.

"Secretaria eclesiástica em Madrid. - Em conseqüência da desfavorável censura com a qual foi atingido o primeiro número da Revista o *Critério espiritista*, que dirigis, tenho o dever de manifestar que não posso, de nenhum modo, permitir, de minha parte, a publicação da dita Revista. Deus vos guarde, etc.

"Madrid, 6 de agosto de 1867."

"Estes documentos não serão para a maior glória de seus autores, dos quais nos abstermos de entregar os nomes à publicidade, por conveniência. Hoje podemos aparecer à luz, e o *Critério científico* está substituído pelo *Critério espiritista*. A direção está instalada na Calle del Arco de Santa Maria, nº 25, quarto 2º; é para lá que poderão se dirigir os adeptos que quiserem fazer parte da Sociedade Espírita Espanhola, fundada em 1865, e que teve que suspender suas sessões pelos mesmos motivos que haviam impedido a publicação do jornal."

O regulamento da sociedade, que temos sob os olhos, está concebido num excelente espírito, e não podemos senão aplaudir as disposições que ele encerra. Ela se coloca sob o patrocínio do Espírito de Sócrates, e seu objetivo está claramente definido nos dois primeiros artigos:

"1º Está constituído um circulo privado sob a denominação de *Sociedade Espírita Espanhola*, cujo objeto é o estudo do Espiritismo, principalmente no que se prende à moral e ao conhecimento do mundo invisível ou dos Espíritos; 2º A sociedade não poderá, em nenhum caso, se ocupar de questões políticas, nem de discussões ou controvérsias religiosas que tenderiam a lhe dar o caráter de uma seita."

Estas disposições são de natureza a tranqüilizar aqueles que supusessem à Sociedade tendências perturbadoras. No momento de uma revolução que acaba de quebrar os entraves postos à liberdade de pensar, de falar e de escrever, onde as massas emancipadas, geralmente, são tentadas a ultrapassar os limites da moderação, a sociedade nem seu órgão pensam em disso tirar proveito por se afastar do objetivo exclusivamente moral e filosófico da Doutrina. Ela não só se proíbe a política, mas mesmo as controvérsias religiosas, por espírito de tolerância e de respeito pela consciência de todos. O próprio diretor do jornal se abstém de estigmatizar pela publicidade os nomes dos signatários dos decretos que interditarão o seu jornal, para não entregá-los à repreensão pública. É que o Espiritismo, bem *compreendido*, é por toda a parte o mesmo: uma garantia de ordem e de moderação. Ele não vive de escândalo; tem muito o sentimento de sua dignidade, e vê as coisas de muito alto, para se abaixar às personalidades que acusam sempre da pequenez de espírito e jamais se aliam à nobreza do coração.

O primeiro número do *Critério espiritista* contém os artigos seguintes:

Introdução, por Alverico Peron. - O dia dos mortos, comunicação assinada por Sócrates, obtida na sociedade de Sevilha. - A faculdade medianímica. - A Bíblia, comunicação assinada por Sócrates. - Sessão de magnetismo. - As metades eternas, comunicação de Sócrates. - Carta de um Espírita. - Carta ao Sr. Alverico Peron, por Allan Kardec, e comunicação de São Luís sobre a nova situação do Espiritismo na Espanha. - *Revista Espírita* de Paris

Convidamos com insistência os nossos irmãos espíritas da Espanha a sustentarem com todo o seu poder esse órgão de sua crença. Pela sabedoria e a prudência de sua redação, ele não pode deixar de servir utilmente a nossa causa. Será um laço que estabelecerá as relações entre os adeptos disseminados sobre os diferentes pontos da

Espanha. O diretor, Sr. Alverico Peron, não é um recém-chegado em nossas fileiras; seus esforços para a propagação da Doutrina datam do ano de 1858, e nos lembramos com prazer a *Formula del epiritismo*, que ele consentiu em nos dedicar.

AVISO

A *Revista Espírita* começará em 1 ° de janeiro próximo seu décimo-segundo ano. Os Srs. assinantes que não quiserem experimentar o atraso, são chamados a renovar sua assinatura antes de 31 de dezembro.

O número de janeiro será, como de hábito, dirigido a todos os antigos assinantes; os números seguintes não o serão senão à medida de suas renovações.

Nós nos propusemos publicar, com o último número deste ano, um índice geral alfabético de todos os assuntos tratados, seja na *Revista*, seja nas outras obras, de maneira a facilitar nas pesquisas; mas esse trabalho, muito mais considerável do que o tínhamos suposto, para fazê-lo completo, não pôde ser terminado em tempo útil; nós o publicaremos com um de nossos próximos números, e será enviado a todos os assinantes.

Publicaremos também proximamente um *catálogo* de todas as obras que podem interessar à Doutrina: sejam aquelas que foram publicada sem vista do Espiritismo, sejam aquelas que, publicadas fora e em diferentes épocas, têm uma afinidade de princípios com as novas crenças. Este será um guia para a formação de bibliotecas espíritas. Quando isso ocorrer, a indicação das obras será seguida de uma curta apreciação para dar-lhe a conhecer o espírito, e chamado será feito do número da *Revista* onde dele tiver sido dado conta.

ALLANKARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

COLETÂNEA FRANCESA

CONTENDO

Os fatos de manifestação dos Espíritos, assim como todas as notícias relativas ao Espiritismo. - O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do mundo invisível, sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e seu futuro. - A história do Espiritismo na antigüidade; suas relações com o magnetismo e o sonambulismo; a explicação das lendas e crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc.

PUBLICADA SOB A DIREÇÃO

DE ALLAN KARDEC

Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.
O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito

DÉCIMO-SEGUNDO ANO. - 1869

INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPIRITA

Av Otto Barreto, 1067 - Caixa Postal 110
Fone: (19) 541-0077 - Fax: (19) 541-0966
CEP 13 602 970 - Araras - Estado de São Paulo - Brasil
C.G.C. (MF) 44.220.101/0001-43 Inscrição Estadual 182 010 405.118

Título original em francês:

REVUE SPIRITE

JOURNAL D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES

Tradução: SALVADOR GENTILE

Revisão: ELIAS BARBOSA

1ª edição - 1.000 exemplares - dezembro 2001
© 2001, Instituto de Difusão Espírita

**ÍNDICE GERAL DAS MATÉRIAS
DO DÉCIMO-SEGUNDO VOLUME**

ANO 1869

JANEIRO

Aos nossos correspondentes

-Decisão do círculo da moral espírita de Toulouse, a propósito do projeto de constituição

Estatística do Espiritismo

Do Espiritismo do ponto de vista católico Extrato do Journal *Ile Voyageur de commerce*

Processo das envenenadoras de Marseille

O Espiritismo por toda a parte

Lamartine

Etienne de Jouy

Silvio Pellico

Variedades

O Avarento da rua do Four

Suicídio por obsessão

Dissertações espíritas

As artes e o Espiritismo

A música espírita

Obsessões simuladas

FEVEREIRO

Estatística do Espiritismo

Apreciação pelo jornal *la Solidarité*

O poder do ridículo

Um caso de loucura causado pelo medo do diabo

Um espírito que crê sonhar

Um espírito que se crê proprietário

Visão de Pergolèse

Bibliografia

Historia dos Calvinistas de Cévennes, por Eug Bonnemère

MARÇO

A Carne é fraca

Apóstolos do Espiritismo na Espanha

O Espiritismo por toda a parte

Extrato de jornais ingleses

Charles Fourier

Profissão de fé de um fourierista

Variedades

Senhorita de Chilly

Aparecimento de um filho vivo à sua mãe

Um testamento nos Estados Unidos

Emancipação das mulheres nos Estados Unidos

Miss Nichol, médium de transportes

As árvores assombradas da ilha Maurice

Conferência sobre o Espiritismo

Dissertações espíritas

A música e as harmonias celestes

A mediunidade e a inspiração

Erratum

ABRIL

Aviso muito importante

Livraria espírita

Profissão de fé espírita americana

As conferências do Sr Chevillard, apreciadas pelo jornal Paris

A criança elétrica

Um cura médium curador

Variedades

Os milagres de Bois-D'Haine

O despertador do Sr Louis

Dissertações espíritas

Lamartine

Charles Fourier

Bibliografia

Há uma vida futura?

A Alma, sua existência e suas manifestações, por Dyonis

Sociedade e jornais espíritas do estrangeiro

Erratum

MAIO

Aos Assinantes da Revista

Biografia do Sr Allan Kardec

Discursos pronunciados sobre o túmulo

Em nome da Sociedade espírita de Paris, pelo vice-presidente, Sr Levent

O Espiritismo e a Ciência, por Sr C Flammarion

Em nome dos espíritas dos centros distantes, por Sr Alexandre Delanne

Em nome da família e dos amigos, por Sr E Muller

Revista da Imprensa

Nova constituição da Sociedade de Paris

Discurso de posse do novo presidente

Caixa geral do Espiritismo, decisão da Senhora Allan Kardec

Correspondência

Carta do Sr Guilbert, presidente da Sociedade Espírita de Rouen

Dissertações espíritas

Allan Kardec

Aos nossos correspondentes

Aviso muito importante

JUNHO

Aos assinantes da Revista

O caminho da vida (obras póstumas), Allan Kardec

Extrato dos manuscritos de um jovem médium bretão

Pedra tumular do Sr Allan Kardec

Museu do Espiritismo

Variedades

Os Milagres de Bois-D'Haine

Dissertações espíritas

O agente de propagação mais poderoso é o exemplo

Poesias espíritas

A Nova era

Maravilhas do mundo invisível

Notícias Bibliográficas

Novas histórias para os meus bons pequenos amigos, pela Senhorita Sophie Gras de Haut-Castel, idade de anos

A doutrina da vida eterna das almas e da reencarnação, ensinada há quarenta anos por um dos mais ilustres

sábios de nosso século

Aviso muito importante

Erratum

ÍNDICE BIOGRÁFICO DA COLEÇÃO *REVISTA ESPIRITA* (1858-1869)

ÍNDICE ANALÍTICO DA COLEÇÃO *REVISTA ESPÍRITA* (1858-1869)

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

12º ANO

NO. 1

JANEIRO 1869

AOS NOSSOS CORRESPONDENTES.

Decisão do Círculo da moral espírita de Toulouse, a propósito do projeto de constituição.

Por ocasião do projeto de constituição que publicamos no último número da *Revista*, recebemos numerosas cartas de felicitações e testemunhos de simpatia dos quais fomos profundamente tocados. Na impossibilidade de responder a cada um em particular, rogamos aos nossos honrados correspondentes consentirem em aceitar os agradecimentos coletivos que lhes dirigimos através da *Revista*.

Estamos felizes, sobretudo, por ver que o objetivo e a importância desse projeto foram compreendidos, e que nossa intenção não foi desconhecida; todos viram nele a realização daquilo que se deseja há muito tempo: uma garantia de estabilidade para o futuro, assim como os primeiros passos de um laço entre os espíritas, laço que lhes tem faltado até este dia, apoiado sobre uma organização que, prevendo as dificuldades eventuais, assegura a unidade dos princípios, sem imobilizar a Doutrina.

De todas as adesões que recebemos, delas não citaremos senão uma, porque é a expressão de um pensamento coletivo, e que a fonte de onde ela emana lhe dá, de alguma sorte, um caráter oficial; é a decisão do conselho do *Círculo da moral Espírita* de Toulouse, regularmente e legalmente constituído. Nós a publicamos como testemunho de nossa gratidão com relação aos membros do Círculo movidos nesta circunstância por um impulso espontâneo de devotamento à causa, e, além disto, para responder ao voto que disso nos expressaram.

*Extrato do relatório do conselho de administração do
Círculo de moral espírita de Toulouse.*

Sobre a exposição feita pelo seu presidente, da constituição transitória dada ao Espiritismo por seu fundador, e definida pelas preliminares publicadas no número de 1º de dezembro corrente, da *Revista Espírita*, o conselho vota por unanimidade agradecimentos ao Sr. Allan Kardec, como expressão de seu profundo reconhecimento por essa nova prova de seu devotamento à Doutrina da qual é fundador, e faz votos pela realização desse sublime projeto que considera como o digno coroamento da obra do mestre; do mesmo modo que vê na instituição da comissão central a cabeça do edifício chamado a dirigir perpetuamente os benefícios do Espiritismo na Humanidade inteira.

Considerando que é do dever de todo adepto sincero de concorrer, na medida de seus recursos, à criação do capital necessário a essa constituição, e desejando facilitar a cada membro do *Círculo da moral espírita* o meio de para isto contribuir, decide:

Que uma subscrição ficará aberta na secretaria do Círculo até o dia 15 de março próximo, e que a soma realizada nessa época será dirigida ao Sr. Allan Kardec, para ser lançada na caixa geral do Espiritismo.

Conferida e certificada conforme a minuta por nós, secretário abaixo-assinado,
CHÊNE, secretário adjunto.

ESTATÍSTICA DO ESPIRITISMO.

Um recenseamento exato dos espíritas seria coisa impossível, como já dissemos, por uma razão muito simples, que é que o Espiritismo não é nem uma associação, nem uma congregação; seus adeptos não são inscritos em nenhum registro oficial. É muito bem reconhecido que se lhe poderia avaliar a quantidade pelo número e a importância das sociedades, freqüentadas somente por uma ínfima minoria. O Espiritismo é uma opinião que não exige nenhuma profissão de fé, e pode espalhar no todo ou em parte os princípios da Doutrina. Basta simpatizar com a idéia para ser espírita; ora, esta qualidade não sendo conferida por nenhum ato material, e não implicando senão obrigações morais, não existe nenhuma base fixa para determinar o número dos adeptos com precisão. Não se pode estimá-lo senão de maneira aproximada pelas relações e pela maior ou menor facilidade com a qual a idéia se propaga. Esse número aumenta cada dia numa proporção considerável: é um fato positivo reconhecido pelos próprios adversários; a oposição diminui, prova evidente de que a idéia encontra mais numerosas simpatias.

Compreende-se, aliás, que não é senão pelo conjunto, e não sobre o estado das localidades consideradas isoladamente, que se pode basear uma apreciação; há, em cada localidade, elementos mais ou menos favoráveis em razão do estado particular dos espíritos e também das resistências mais ou menos influentes que ali se exercem; mas esse estado é variável, porque tal localidade que se mostrou refratária durante vários anos, de repente torna-se um foco. Quando os elementos de apreciação tiverem adquirido mais precisão, será possível fazer um mapa colorido, sob o aspecto da difusão das idéias espíritas, como é feito para a instrução. À espera, pode-se afirmar, sem exagero, que, em suma os números dos adeptos centuplicou há dez anos, apesar das manobras empregadas para abafar a idéia, e contrariamente às previsões de todos aqueles que estavam se gabando de tê-lo enterrado. Este é um fato adquirido, e do qual é preciso bem que os antagonistas tomem seu partido.

Não falamos aqui senão daqueles que aceitam o Espiritismo com conhecimento de causa, depois de o terem estudado, e não daqueles, bem mais numerosos ainda, nos quais essas idéias estão no estado de intuição, e aos quais não falta senão poder definir suas crenças com mais precisão e de lhe dar um nome para serem espíritas confessos. É um fato bem averiguado, que se constata cada dia, há algum tempo sobretudo, que as idéias espíritas parecem inatas numa multidão de indivíduos que jamais ouviu falar de Espiritismo; não se pode dizer que tenham sofrido uma influência qualquer, nem seguido o impulso de uma associação. Que os adversários expliquem, se o podem, esses pensamentos que nascem fora e ao lado do Espiritismo! Não seria certamente um sistema preconcebido no cérebro de um homem que teria produzido um tal resultado; não há prova mais evidente de que essas idéias estão na Natureza, nem de melhor garantia de sua vulgarização no futuro e de sua perpetuidade. Deste ponto de vista pode-se dizer que os três quartos, pelo menos, da população de todos os países possuem o germe das crenças espíritas, uma vez que se as encontra naqueles mesmos que lhe fazem oposição. A oposição, na maior parte, vem da idéia falsa que se fazem do Espiritismo; não o conhecendo, em geral, senão pelos ridículos quadros que dele fez a crítica malevolente ou interessada em denegri-lo, recusam com razão a qualidade de espíritas. Certamente, se o Espiritismo se parecesse às pinturas grotescas que dele têm feito, se se compusesse de crenças e de práticas absurdas que lhe quisessem emprestar, seríamos o primeiro a repudiar o título de espírita. Quando, pois, essas mesmas pessoas souberem que a Doutrina não é outra senão a coordenação e o desenvolvimento de suas próprias

aspirações e de seus pensamentos íntimos, elas o aceitarão; incontestavelmente, são futuros espíritas, mas, à espera, não os compreendemos nas avaliações.

Se uma estatística numérica é impossível, há uma outra, talvez mais instrutiva, e pela qual existem os elementos que nos são fornecidos em nossas relações e em nossa correspondência; é a proporção relativa dos Espíritas segundo as profissões, as posições sociais, as nacionalidades, as crenças religiosas, etc., levando em conta que desta circunstância que profissões, como os oficiais ministeriais, por exemplo, são em número limitado, ao passo que outras, como os industriais e os capitalistas, são em número indefinido. Toda proporção guardada, podem-se ver quais são as categorias onde o Espiritismo encontrou, até este dia, mais adeptos. Em algumas, a proporção pôde ser estabelecida a tanto por cento com bastante precisão, sem pretender, todavia, que ela o seja com rigor matemático; as outras categorias foram simplesmente classificadas em razão do número de adeptos que elas nos forneceram, começando por aquelas que deles contam mais, e cuja correspondência e as listas de assinatura da *Revista* podem dar os elementos. O quadro adiante é o resultado do levantamento de mais de dez mil observações.

Constatamos o fato, sem procurar nem discutir a causa dessa diferença, o que poderia, no entanto, ensejar o assunto de um estudo interessante.

PROPORÇÃO RELATIVA DOS ESPÍRITAS.

I. Sob o *aspecto das nacionalidades*. - Não existe, por assim dizer, nenhum país civilizado da Europa e da América onde não haja espíritas. Aquele em que são mais numerosos, são os Estados Unidos

da América do Norte. Ali seu número é avaliado, por uns, em quatro milhões, o que já é muito, e, por outros, em dez milhões. Esta última cifra é evidentemente exagerada, porque compreenderia mais de um terço da população, o que não é provável. Na Europa, essa cifra pode ser avaliada em um milhão, no qual a França figura com mais ou menos seiscentos mil. Pode se estimar o número de espíritas do mundo inteiro em seis a sete milhões. Quando não fosse senão a metade, a história não oferece nenhum exemplo de uma doutrina que, em menos de quinze anos, tenha reunido um semelhante número de adeptos, disseminados sobre toda a superfície do globo. Se nisso se compreendessem os espíritas inconscientes, quer dizer, aqueles que não o são senão por intuição, e se tornarão mais tarde espíritas de fato, somente na França, poder-se-iam contá-los vários milhões.

Do ponto de vista da difusão de idéias espíritas, e da facilidade com que são aceitas, os principais Estados da Europa podem ser assim classificados como se segue:

1 ° França. - 2° Itália. - 3° Espanha. -4° Rússia. - 5° Alemanha. -6° Bélgica. -7° Inglaterra. -8°- Suécia e Dinamarca. -9° Grécia. -10° Suíça.

II. Sob o *aspecto do sexo*; sobre 100: homens, 70; -mulheres, 30.

III. Sob o *aspecto da idade*, de 30 a 70 anos, máximo; - de 20 a 30 anos, número médio; - de 70 a 80, mínimo.

IV. Sob o *aspecto da instrução*. O grau de instrução é muito fácil de apreciar pela correspondência; sobre 100: instrução cuidada, 30; -simples letrados, 30; - instrução superior, 20; - meio letrados, 10; -iletrados, 6; - sábios oficiais, 4.

V. Sob o *aspecto das idéias religiosas*; sobre 100: católicos romanos, livres pensadores, não apegados ao dogma, 50; - católicos gregos, 15;-judeus, 10; protestantes liberais, 10; católicos apegados aos dogmas, 10; - protestantes ortodoxos, 3; - muçulmanos 2.

VI. Sob o *aspecto da fortuna*; sobre 100: mediocridade, 60; -fortunas médias: 20; - indigência, 15; - grandes fortunas, 5.

VII. *Sob o aspecto do estado moral*, abstração feita da fortuna, sobre 100: aflitos, 60; - sem inquietação, 30; - felizes do mundo, 10; -sensualistas, 0.

VIII. *Sob o aspecto da classe social*. Sem poder estabelecer nenhuma proporção nesta categoria, é notório que o Espiritismo conta entre seus adeptos: vários soberanos e príncipes reinantes; membros de famílias soberanas, e um grande número de personagens titulados.

Em geral, é nas classes médias que o Espiritismo conta mais adeptos; na Rússia, é quase que exclusivamente na nobreza e a alta aristocracia; foi na França que se propagou mais na pequena burguesia e na classe operária.

IX. *Estado militar*, segundo o grau: 1° tenentes e sub-tenentes; - 2° sub-oficiais; - 3° capitães; - 4° coronéis; - 5° médicos e cirurgiões; - 6° generais; - 7° guardas municipais; - 8° soldados da guarda; - 9° soldados da linha.

Nota. Os tenentes e sub-tenentes espíritas estão quase todos em atividade de serviço; entre os capitães, os há em torno da metade em atividade, e a outra metade aposentada; os coronéis, médicos, cirurgiões e generais aposentados estão em maioria.

X. *Marinha*; 1° marinha militar; - 2° marinha mercante.

XI. *Profissões liberais e funções diversas*. Nós os agrupamos em dez categorias, classificadas segundo a proporção dos adeptos que elas forneceram ao Espiritismo.

1° Médicos homeopatas. - Magnetistas (1). (1) A palavra *magnetizador* revela uma idéia de ação; a de *magnetista* uma idéia de adesão. O magnetizador é aquele que exerce por profissão ou outro modo; pode-se ser magnetista sem ser magnetizador. Dir-se-á: *um magnetizador experimentado*, e *um magnetista convicto*.

2° Engenheiros. - Professores primários; senhores e senhoras de pensão. - Professores livres.

3° Cônsul. - Padres católicos.

4° Pequenos empregados. - Músicos. - Artistas líricos. - Artistas dramáticos.

5° Porteiros. - Comissários de polícia.

6° Médicos alopatas. - Homens de letras. - Estudantes.

7° Magistrados. - Altos funcionários. - Professores oficiais e dos liceus. - Pastores protestantes.

8° Jornalistas. - Artistas pintores. - Arquitetos. - Cirurgiões.

9° Notários. - Advogados. - Procuradores judiciais. - Agentes de negócios.

10° Agentes de câmbio. - Banqueiros.

XII. *Profissões industriais, manuais e comerciais*, igualmente agrupadas em dez categorias.

1° Alfaiates. - Costureiras. 2° Mecânicos. - Empregados de estradas de ferro. 3° Operários tecelões. - Pequenos negociantes - porteiros. 4° Farmacêuticos. - Fotógrafos. - Relojoeiros. - Viajantes de comércio.

5° Agricultores. - Sapateiros.

6° Padeiros. - Açougueiros. - Salsicheiros.

7° Marceneiros. - Operários tipógrafos.

8° Grandes industriais e chefes de estabelecimentos.

9° Livreiros. - Impressores.

10° Pintores de edifícios. - Pedreiros. - Serralheiros. - Merceeiros. - Domésticos.

Deste levantamento, resultam as conseqüências seguintes:

1° Que há espíritas em todos os graus da escala social;

2° Que há mais homens do que mulheres espíritas. É certo que, nas famílias divididas pela crença com respeito ao Espiritismo, há mais maridos contrariados pela oposição de suas mulheres do que mulheres pela de seus maridos. Não é menos constante que, em todas as reuniões espíritas, os homens estão em maioria.

É, pois, erradamente que a crítica pretendeu que a Doutrina é recrutada principalmente entre as mulheres por causa de sua tendência ao maravilhoso. Ao contrário, é precisamente essa tendência ao maravilhoso e ao misticismo que as torna,

em geral, mais refratárias do que os homens; essa predisposição fá-las aceitarem mais facilmente a fé cega que dispensa todo exame, ao passo que o Espiritismo, não admitindo senão a fé raciocinada, exige a reflexão e a dedução filosófica para ser bem compreendido, e ao que a educação estreita dada às mulheres, as torna menos aptas do que os homens. Aqueles que sacodem o jugo imposto à sua razão e ao seu desenvolvimento intelectual, freqüentemente, caem num excesso contrário; elas se tornam o que elas chamam as mulheres fortes, e são de uma incredulidade mais tenaz;

3° Que a grande maioria dos espíritas se encontra entre as pessoas esclarecidas e não entre as ignorantes. Por toda a parte o Espiritismo se propagou de alto o baixo da escala social, e em nenhuma parte desenvolveu-se em primeiro lugar nas classes inferiores;

4° Que a aflição e a infelicidade predispõe às crenças espíritas, em consequência das consolações que elas proporcionam. É a razão pela qual, na maioria das categorias, a proporção dos espíritas está em razão da inferioridade hierárquica, porque é ali que há mais necessidades e sofrimentos, ao passo que os titulares das posições superiores pertencem, em geral, à classe dos satisfeitos; é preciso deles excetuar o estado militar onde os simples soldados figuram em último lugar.

5° Que o Espiritismo encontra um acesso mais fácil entre os incrédulos em matérias religiosas do que entre aqueles que têm uma fé retida;

6° Enfim, que depois dos fanáticos, os mais refratários às idéias espíritas são os sensualistas e as pessoas das quais todos os pensamentos são concentrados sobre as posses e os gozos materiais, qualquer seja a classe a que pertençam, o que é independente do grau de instrução.

Em resumo, o Espiritismo é acolhido como um benefício por aqueles que ele ajuda a suportar o fardo da vida, e é repellido ou desdenhado por aqueles que ele dificulta no gozo da vida. Falando-se deste princípio, explica-se facilmente a classe que ocupam, nesse quadro, certas categorias de indivíduos, apesar das luzes que são uma condição de sua posição social. Pelo caráter, gostos, hábitos, gênero de vida das pessoas, pode-se julgar antecipadamente sua aptidão em assimilar as idéias espíritas. Em alguns, a resistência é uma questão de amor-próprio, que segue quase sempre o grau do saber; quando esse saber lhes fez conquistar uma certa posição social que os coloca em evidência, não querem convir que puderam se enganar e que outros podem ter visto mais justo. *Oferecer as provas a certas pessoas é lhes oferecer o que elas mais temem*: e de medo de reencontrá-las fecham os olhos e os ouvidos, preferem negar a *priorie* se abrigar atrás de sua infalibilidade, da qual estão bem convencidas, o que quer que disso digam.

Explica-se menos facilmente a causa da classe que ocupam, nessa classificação, certas profissões industriais. Pergunta-se, por exemplo, porque os alfaiates ali ocupam a primeira classe, ao passo que a livraria e a imprensa, profissões bem mais intelectuais, estão quase em último. É um fato constatado há muito tempo, e do qual ainda não nos demos conta.

Se, no levantamento acima, em lugar de não compreender senão os espíritas de fato, se tivessem considerado os espíritas inconscientes, aqueles em que essas idéias estão no estado de intuição e que fazem o Espiritismo sem o saber, várias categorias teriam sido certamente classificadas diferentemente; os literatos, por exemplo, os poetas, os artistas, em uma palavra, todos os homens de imaginação e de inspiração, os crentes de todos os cultos estariam, sem nenhuma dúvida na primeira classe. Certos povos, entre os quais as crenças espíritas são, de alguma sorte, inatas, ocupariam também um outro lugar. É por isto que essa classificação não poderia ser absoluta, e se modificará com o tempo.

Os médicos homeopatas estão à frente das profissões liberais, porque, com efeito, é aquela que, guardadas as proporções, contém em suas fileiras o maior número de adeptos do Espiritismo; sobre cem médicos espíritas, há ao menos oitenta homeopatas.

Isto se prende a que o próprio princípio de sua medicação os conduz ao espiritualismo; também os materialistas são raros entre eles, se bem que os há, ao passo que são numerosos entre os alopatas. Melhor do que estes últimos compreenderam o Espiritismo, porque encontraram nas propriedades fisiológicas do perispírito, unido ao princípio material e ao princípio espiritual, a razão de ser de seu sistema. Pelo mesmo motivo, os espíritas puderam, melhor do que os outros, se darem conta dos efeitos desse modo de tratamento. Sem ser exclusivo com relação à homeopatia, e sem rejeitar a alopatia, compreenderam a sua racionalidade, e os sustentaram contra os ataques injustos. Os homeopatas, achando novos defensores nos espíritas, não tiveram a imperícia de atirar-lhes a pedra.

Se os magnetistas figuram na primeira classe, no entanto, depois dos homeopatas, apesar da oposição persistente e freqüentemente acerba de alguns, é que os opositores não formam senão uma pequeníssima minoria junto à massa daqueles que são, pode-se dizer, espíritas de intuição. O magnetismo e o Espiritismo são, com efeito, duas ciências gêmeas, que se completam e se explicam uma pela outra, e das quais aquela das duas que não quer se *imobilizar*, não pode chegar a seu complemento sem se apoiar sobre a sua congênere; isoladas uma da outra, elas se detêm num impasse; elas são reciprocamente como a física e a química, a anatomia e a fisiologia. A maioria dos magnetistas compreendem de tal modo por intuição a relação íntima que deve existir entre as duas coisas, que se prevalecem geralmente de seus conhecimentos e magnetizam, como meio de introdução junto aos espíritas.

De todos os tempos, os magnetistas estiveram divididos em dois campos: os *espiritualistas* e os *fluidistas*; estes últimos, muito menos numerosos, fazendo ao menos abstração do princípio espiritual, quando não o negam absolutamente, tudo relacionam com a ação do fluido material; conseqüentemente, estão em oposição de princípio com os espíritas. Ora, há que se observar que, se todos os magnetistas não são espíritas, todos os espíritas, sem exceção, admitem o magnetismo. Em todas as circunstâncias, deles se fizeram os defensores e os sustentáculos. Deveram, pois, se admirar de encontrar adversários, mais ou menos malevolentes, naqueles mesmos dos quais vinham reforçar as fileiras; quem, depois de ter sido, durante mais de meio século alvo aos ataques, às zombarias e às perseguições de todas as espécies lançam a seu turno, a pedra, os sarcasmos e, freqüentemente, a injúria aos auxiliares que lhes chegam, e começam a pesar na balança por seu número.

De resto, como o dissemos, essa oposição está longe de ser geral, muito ao contrário, pode-se afirmar, sem se afastar da verdade, que ela jamais está na proporção de mais de 2 a 3 por cento sobre a totalidade dos magnetistas; ela é muito menor ainda entre aqueles da província e do estrangeiro do que de Paris.

DO ESPIRITISMO DO PONTO DE VISTA CATÓLICO.

Extrato do Journal *lê Voyageurde commerce*, de 22 de novembro de 1868 (1).

(1) O *Voyageurde commerce*, aparece todos os domingos. - Secretaria: 3, bairro Saint-Honoré. Preço: 22 fr. por ano; 12 fr. por seis meses; 6 fr. 50 por três meses.

Algumas páginas sinceras sobre o Espiritismo, escritas por um homem de boa fé, não poderiam ser inúteis nesta época, e é talvez tempo que a justiça e a luz se façam sobre uma questão que, se bem que contando hoje no mundo inteligente adeptos numerosos, não é por isso menos renegada no domínio do absurdo e do impossível por espíritos levianos, imprudentes e pouco se importando com o desmentido que o futuro possa lhes dar.

Seria curioso interrogar hoje esses pretensos sábios que, do alto de seu orgulho e de sua ignorância, decretavam, há pouco tempo ainda, com um desdém soberbo, a

loucura desses homens gigantes que procuravam, ao vapor e à eletricidade, aplicações novas. A morte felizmente os poupou dessas humilhações.

Do fato de que esse jornal publicou o artigo que se vai ler, que é a expressão do pensamento do autor, com isto não prejudicamos nada sobre suas simpatias pelo Espiritismo, porque nós não o conhecemos senão por esse número que consentiram em nos remeter.

Para colocar nitidamente a nossa situação, faremos ao leitor uma profissão de fé de algumas linhas:

Spirite, Avatar, Pauld'Apremontnos provam incontestavelmente o talento de Théophile Gautier, esse poeta que o maravilhoso sempre o atraiu; esses encantadores livros são de pura imaginação e se estaria errado em ali procurar outra coisa; o Sr. Home era um prestidigitador hábil; os irmãos Davenport charlatães inábeis.

Todos aqueles que quiseram fazer do Espiritismo um assunto de especulação são da alçada, em nossa opinião, da polícia correcional ou do tribunal criminal, e eis porque: Se o Espiritismo não existe, são impostores passíveis da penalidade infligida ao abuso de confiança; se existe, ao contrário, é na condição de ser a coisa sagrada por excelência, a mais majestosa manifestação da divindade. Admitindo-se que o homem, passando por cima do túmulo, pode penetrar com os próprios pés na outra vida, corresponder com os mortos e ter assim a única prova irrecusável, - porque ela seria material, - da imortalidade da alma, não seria um sacrilégio entregar a saltimbancos o direito de profanar os mais santos dos mistérios, e de violar, sob a proteção dos magistrados, o segredo eterno dos túmulos? O bom senso, a moral, a própria segurança dos cidadãos exigem imperiosamente que esses novos ladrões sejam expulsos do templo, e que nossos teatros e nossas praças públicas sejam fechadas a esses falsos profetas que lançam nos espíritos fracos um terror do qual a loucura muito freqüentemente foi a consequência.

Isto posto, entremos no próprio coração da questão.

Ao ver as escolas modernas que fazem tumulto ao redor de certos princípios fundamentais e de certezas adquiridas, é fácil compreender que o século de dúvida e de desencorajamento em que vivemos está tomado de vertigem e de cegueira.

Entre todos esses dogmas, o que foi o mais agitado, foi, sem contradita, o da imortalidade da alma.

É que com efeito tudo está lá: é questão por excelência, é o homem todo inteiro, é seu presente, é seu futuro; é a sanção da vida, é a esperança da morte; é a ela que vem se ligar todos os princípios da existência de Deus, da alma, da religião revelada.

Admitida esta verdade, não é mais a vida que deve nos inquietar, mas o fim da vida; os prazeres se apagam para deixar lugar ao dever; o corpo não é mais nada, a alma é tudo; o homem desaparece e só Deus reluz em sua eterna imensidade.

Portanto, a grande palavra da vida, a única, é a morte ou antes, a nossa transformação. Estando chamados a passar sobre a Terra como fantasmas, é para esse horizonte que se entreabre do outro lado que devemos levar nossos olhares; viajantes de alguns dias, é na partida que convém nos informar sobre o objetivo de nossa peregrinação, de pedir à vida o segredo da eternidade, de colocar os primeiros passos de nosso caminho, e, passageiros da morte para a vida segurar com mão segura o fio que atravessa o abismo.

Pascal disse: "A imortalidade da alma é uma coisa que nos importa tão grandemente e que nos toca tão profundamente, que é preciso ter perdido todo sentimento para estar na indiferença de saber o que ela é. Todas as nossas ações, todos os nossos pensamentos devem tomar caminhos diferentes, segundo o que haverá a esperar bens eternos a esperar ou não, que é impossível fazer uma tentativa com sentido e julgamento senão em se regulando pela visão desse plano que deve ser nosso primeiro objeto."

Em todas as épocas, o homem teve por patrimônio comum a noção da imortalidade da alma, e procurou se apoiar sobre provas dessa idéia consoladora; acreditou encontrá-

la nos usos, nos costumes de diferentes povos, nos relatos dos historiadores, nos cantos dos poetas; sendo anterior a todo sacerdote, a todo legislador, a todo escritor, não tendo saído de nenhuma seita, de nenhuma escola, e existindo entre os povos bárbaros, como entre as nações civilizadas, de onde viria ela, se não é de Deus que é a verdade?

Ai! essas provas que o medo do nada se criou não são pelo fato que as esperanças de um futuro construído sobre uma praia de areia e cascalho incerta, sobre uma areia movediça; e as deduções da lógica mais rigorosa jamais chegarão à altura de uma demonstração matemática.

Esta prova material, irrecusável, justa como um princípio divino e como uma adição ao mesmo tempo, se encontra inteiramente no Espiritismo e não poderia se encontrar em outra parte. Considerando-a desse ponto de vista elevado, como uma âncora de misericórdia, como a tábuca suprema de salvação, pode se dar uma conta mais fácil do número de adeptos que esse novo altar, todo católico, agrupou ao redor de seus degraus; porque não é preciso nisso se enganar, é lá e não em outra parte que é preciso procurar a origem do sucesso que essas novas doutrinas fizeram nascer junto aos homens que brilham na primeira classe da eloquência sagrada ou profana, e cujos nomes têm uma notoriedade merecida nas ciências e nas letras.

O que é, pois, o Espiritismo?

O Espiritismo, na definição mais ampla, é a faculdade, que certos indivíduos possuem, de entrarem relação, por meio de um intermediário ou médium, que não é senão um instrumento em suas mãos, com o espírito de pessoas mortas e habitando um outro mundo. Este sistema, que se apoia, dizem os crentes, sobre um grande número de testemunhos, oferece uma singular sedução, menos ainda por seus resultados do que por suas promessas.

Nesta ordem de idéias, o sobrenatural não é mais um limite, a morte não é mais uma barreira, o corpo não é mais um obstáculo à alma, que dele se desembaraça depois da vida, como, durante a vida, dele se desembaraça momentaneamente no sonho. Na morte, o Espírito está livre; se for puro, ele se eleva às esferas que nos são desconhecidas; se for impuro, ele erra ao redor da Terra, põe-se em comunicação com o homem, que ele trai, que ele engana e que ele corrompe. Os espíritas não crêem nos bons Espíritos; o clero, conformando-se ao texto da Bíblia, não crê igualmente senão nos maus, e os encontra nesta passagem: "Tomai guarda, porque o demônio roda ao vosso redor e vos espreita como um leão procurando sua presa, *qucerensquem devoret.*"

Assim, o Espiritismo não é uma descoberta moderna. Jesus expulsava os demônios do corpo dos possessos, e Diodore de Sicile fala dos fantasmas; os deuses lares dos Romanos, seus Espíritos familiares, que eram pois?

Mas, então, por que repelir de partido tomado e sem exame um sistema, perigoso certamente do ponto de vista da razão humana, mas cheio de esperanças e de consolações? A noz vômica sabiamente administrada é um de nossos mais poderosos remédios; porque ela é um veneno violento nas mãos dos inábeis, isso é uma razão para proscrevê-la do Códex?

O Sr. Bagnenault de Puchesse, um filósofo e um cristão, de cujo livro fiz numerosos empréstimos, porque suas idéias são as minhas, disse, em seu belo livro da *Immortalité*, a propósito do Espiritismo: "Suas práticas inauguram um sistema completo que compreende o presente e o futuro, que traça os destinos do homem, lhe abre as portas da outra vida, e o introduz no mundo sobrenatural. A alma sobrevive ao corpo, uma vez que ela aparece e se mostra depois da dissolução dos elementos que o compõem. O princípio espiritual se liberta, persiste e, por seus atos, afirma sua existência. Desde então o materialismo está condenado pelos fatos; a vida de além-túmulo se torna um fato certo e como que palpável; o sobrenatural se impõe assim à ciência e, em se submetendo ao seu exame, não lhe permite mais repeli-lo teoricamente e declará-lo, em princípio, impossível."

O livro que assim fala do Espiritismo está dedicado a uma das luzes da Igreja, a um dos mestres da Academia francesa, a uma ilustração de cartas contemporâneas, que respondeu:

"Um belo livro, sobre um grande assunto, publicado pelo presidente de nossa Academia de Sainte-Croix, será uma honra para vós e para a nossa academia inteira. Não poderíeis escolher uma questão mais alta nem mais importante para estudar na hora presente... Permitti-me, pois, senhor e querido amigo, vos oferecer, pelo belo livro que dedicais à nossa Academia e pelo bom exemplo que nos dais, todas as minhas felicitações e todos os meus agradecimentos, com a homenagem de meu religioso e profundo devotamento.

"FÉLIX, *bispo de Orléans.*"

"Orléans, 28 de março de 1864."

O artigo está assinado por *Robert de Salles*.

O autor, evidentemente, não conhece o Espiritismo senão de maneira incompleta, como o provam certas passagens de seu artigo; no entanto, considera-o como uma coisa muito séria, e, com algumas exceções, os espíritas não podem senão aplaudir o conjunto de suas reflexões. Ele está, sobretudo, no erro quando diz que os espíritas não crêem nos bons Espíritos, e também na definição que dá como a mais larga expressão do Espiritismo; é, diz ele, a faculdade que possui certos indivíduos, de entrar em relação com o Espírito de pessoas mortas.

A mediunidade, ou a faculdade de se comunicar com os Espíritos, não constitui o fundo do Espiritismo, sem isto, para ser espírita, seria preciso ser médium; não está ali senão um acessório, um meio de observação, e não a ciência que está toda inteira na doutrina filosófica. O Espiritismo não está mais enfeudado nos médiuns do que a astronomia o está numa luneta; e a prova disto é o que se pode fazer do Espiritismo sem médiuns, como se o fez da astronomia muito tempo antes dos telescópios. A diferença consiste em que, no primeiro caso, faz-se da ciência teórica, ao passo que a mediunidade é o instrumento que permite assentar a teoria sobre a experiência. Se o Espiritismo estivesse circunscrito na faculdade mediúcnica, sua importância seria singularmente diminuída e, para muitas pessoas, se reduziria a fatos mais ou menos curiosos.

Lendo esse artigo, pergunta-se se o autor crê ou não no Espiritismo; porque não o coloca, de alguma sorte, senão como uma hipótese, mas como uma hipótese digna da mais séria atenção. Se é uma verdade, diz ele, é uma coisa sagrada por excelência, que não deve ser tratada senão com respeito, e cuja exploração não poderia ser difamada e perseguida com muita severidade.

Não é a primeira vez que essa idéia é emitida, mesmo pelos adversários do Espiritismo, e há que se notar que é sempre o lado pelo qual a crítica crê colocar a doutrina em falta, em atacando aos abusos do tráfico quando para isso encontra ocasião; é que ela sente que esse seria o lado vulnerável, e pelo qual poderia acusá-lo de charlatanismo; eis porque a malevolência se obstina em abraçar os charlatães, os ledores de sorte e outros industriais da mesma espécie, esperando por esse meio dar a mudança e tirar-lhe o caráter de dignidade e de seriedade que faz a sua força. O levante geral contra os Davenport, que tinham acreditado poder impunemente colocar os Espíritos em cena nos teatros, prestou um imenso serviço; em sua ignorância do verdadeiro caráter do Espiritismo, a crítica, então, acreditou feri-lo de morte, ao passo que ela não desacreditou senão os abusos contra os quais todos os espíritas sinceros têm protestado.

Qualquer que seja a crença do autor, e apesar dos erros contidos em seu artigo, devemos nos felicitar de ver a questão ali tratada com a seriedade que o assunto comporta. A imprensa tem raramente ouvido falar num sentido tão sério, mas há começo para tudo.

PROCESSO DAS ENVENENADORAS DE MARSEILLE.

O nome do Espiritismo se acha incidentalmente misturado a esse deplorável assunto; um dos acusados, o herborista Joye, disse que dele tinha se ocupado, e que interrogou os Espíritos; isto prova que fosse Espírita e pode-se disso inferir alguma coisa contra a Doutrina? Sem dúvida, aqueles que querem desacreditá-la não deixarão de procurar um pretexto de acusação; mas se as diatribes da malevolência foram até este dia sem resultado, é que sempre foram levadas em falso, e o mesmo se dá aqui. Para saber se o Espiritismo incorre em alguma responsabilidade nesta circunstância, o meio é bem simples: é de se perguntar da *boa fé*, não nos adversários, mas na própria fonte, do que ele prescreve e do que ele condena; não há nada de secreto; seus ensinamentos estão à luz e cada um pode controlá-los. Se, pois, os livros da Doutrina não encerram senão instruções de natureza a levar o bem; se condenam de maneira explícita e formal todos os atos desse homem, as práticas aos quais se entregou, o papel ignóbil e ridículo que atribui aos Espíritos, é que nele não retirou suas inspirações; não é um homem imparcial que lhe convenha e não declara o Espiritismo fora de causa.

O Espiritismo não reconhece por seus adeptos senão aqueles que colocam em prática os seus ensinamentos, quer dizer, que trabalham pela sua própria melhoria moral, porque é o sinal característico do verdadeiro Espírita. Ele não tem mais responsabilidade de seus atos do que aqueles que se comprazem em dizer-se espíritas, do que a verdadeira ciência não é do charlatanismo dos escamoteadores que se intitulam *professores de física*, nem a sã religião dos abusos cometidos em seu nome.

A acusação disse, a propósito de Joye: "Encontrou-se em sua casa um registro que dá uma idéia de seu caráter e de suas ocupações. Cada página teria sido escrita, segundo ele, sob o ditado dos Espíritos, e ele é todo cheio de suspiros ardentes por Jesus Cristo. A cada folha trata-se de Deus, e os santos são invocados. Ao lado, pode-se dizer, estão os escritos que podem dar uma idéia das operações habituais do herborista:

"Por *Espiritismo*, 4 fr. 25. - Doentes, 6 fr. - Cartas, 2 fr. - Malefícios, 10 fr. - Exorcismos, 4 fr. - Varinha divinatória, 10 fr. - Malefícios para tirara sorte, 60 fr." E muitas outras designações, entre as quais se encontram malefícios à saciedade e que terminam por esta menção: "Fiz em janeiro 226 fr. Os outros meses foram menos rendosos."

Já se viu nas obras da Doutrina Espírita a apologia de semelhantes práticas, nem o que quer que seja para provocá-las? Não se vê nela, ao contrário, que repudia toda solidariedade com a magia, a feitiçaria, os sortilégios, os tiradores de carta, adivinhos, ledores de sorte, e todos aqueles que têm o ofício de comerciar com os Espíritos, em pretendendo tê-los às suas ordens a tanto por sessão?

Se Joye tivesse sido espírita, teria primeiro considerado como uma profanação fazer os Espíritos intervirem em semelhantes circunstâncias; por outro lado, ele teria sabido: que os *Espíritos não estão às ordens de ninguém* e que não vêm nem sob comando, nem por influência de algum sinal cabalístico; que os Espíritos são as almas dos homens que viveram sobre a Terra ou em outros mundos, nossos parentes, nossos amigos, nossos contemporâneos ou nossos ancestrais; que foram homens como nós, e que depois de nossa morte seremos Espíritos como eles; que os gnomos, duendes, demônios são criações de pura fantasia e não existem senão na imaginação; que os Espíritos são livres, mais livres do que quando estavam encarnados, e que pretender submetê-los aos nossos caprichos e à nossa vontade, fazê-los agir e falar à nossa maneira para nosso divertimento ou nosso interesse, é uma idéia quimérica; que eles vêm quando querem, da

maneira que querem, e que isto lhe convenha; que o objetivo providencial das comunicações com os Espíritos é a nossa instrução e a nossa melhoria moral, e não nos ajudar nas coisas materiais da vida que podemos fazer ou encontrar nós mesmos, e ainda menos de servir à cupidez; enfim, que, em razão de sua própria natureza, e do respeito que se deve às almas daqueles que viveram, é também irracional quanto imoral ter escritório aberto de consultas ou de exhibições dos Espíritos. Ignorar essas coisas, é ignorar o a b c do Espiritismo; e quando a crítica o confunde com a cartomancia, a quiromancia, os exorcismos, as práticas com os feitiços, malefícios, encantamentos, etc., ela prova que não sabe dele a primeira palavra; ora, negar ou condenar uma doutrina que não se conhece é faltar à lógica mais elementar; emprestar-lhe ou lhe fazer dizer precisamente o contrário daquilo que ela diz, é da calúnia ou da parcialidade.

Uma vez que Joye misturava aos seus procedimentos o nome de Deus, de Jesus e a invocação dos santos, podia muito bem ali misturar o nome do Espiritismo, o que não prova mais contra a Doutrina, quanto seu simulacro de devoção não prova contra a sã religião. Ele não era, pois, mais espírita, porque interrogava supostamente os Espíritos, quanto as mulheres Lamberte e Dye não eram verdadeiramente piedosas, porque faziam queimar as velas, à *Bonne-Mère*, Notre-Dame-de-la-Garde, para o sucesso de seus envenenamentos. Aliás, se tivesse sido Espírita, não seria mesmo para lhe vir o pensamento de fazer servir à perpetração do mal, uma doutrina cuja primeira lei é o amor ao próximo, e que tem por divisa: Fora da *caridade*, não há *salvação*. Se se imputasse ao Espiritismo a incitação a semelhantes atos, poder-se-ia, sob o mesmo título, fazer-lhe cair a responsabilidade sobre a religião.

Eis, a esse respeito, algumas reflexões do *Opinion nationale*, de 8 de dezembro:

"Lê monde acusa/e S/ec/e, os maus jornais, as más reuniões, os maus livros, a cumplicidade no assunto das envenenadoras de Marseille.

"Lemos, com uma curiosidade dolorosa, os debates deste estranho negócio; mas não vimos em nenhuma parte que o feitiçeiro Joye ou a feitiçeira Lamberte tenham sido subscritores ao S/èc/e, ao *Avenir* ou ao *Opinion*. Encontrou-se um único jornal na casa de Joye: era um número do *Diable, Journal de l'enfer*. As viúvas que figuram nesse amável processo estão bem longe de ser livres pensadoras. Elas fazem queimar as velas à boa Viagem, para obter de Notre-Dame a graça de envenenar tranqüilamente seus maridos. Encontra-se no negócio todo velho atrativo da Idade Média: ossos de morto recolhidos no cemitério, *encantamento*, que não é outro senão os atos de feitiçaria do tempo da rainha Margot. Todas essas senhoras foram educadas, não nas escolas Elisa Lemonnier, mas na das boas irmãs. Juntai às superstições católicas as superstições modernas, espiritismo e outros charlatanismos. Foi o absurdo que conduziu essas senhoras ao crime. É assim que na Espanha, perto das bocas do Ebro, vê-se, na montanha, uma capela levantada à Notre-Dame dos ladrões.

"Semeai a superstição, colhereis o crime. É por isto que pedimos que se semeie a ciência. "Esclarecei essa cabeça do povo, disse Victor Hugo, não tereis mais necessidade de cortá-la." - J. Labbé.

O argumento, tirado do fato de que os acusados não eram assinantes de certos jornais, não é exato, porque sabe-se que não é necessário ser assinante de um jornal para lê-lo, sobretudo nessa classe de indivíduos. O *Opinion nationale* teria, pois, podido se encontrar nas mãos de alguns dentre eles, sem que se fizesse disso direito de se tirar alguma consequência contra esse jornal. Que teria ela dito se Joye tivesse pretendido estar inspirado nas doutrinas desta folha? Ela teria respondido: Lede-a, e vede se nela encontrareis uma única palavra própria para superexcitar as más paixões. O padre Verger tinha certamente em sua casa o Evangelho; bem mais: pela sua condição deveria estudá-lo; pode-se dizer que seja o Evangelho que o impeliu ao assassinato do arcebispo de Paris? Foi o Evangelho que armou o braço de Ravailac e de Jacques Clément? que

acendeu as fogueiras da Inquisição? E, no entanto, foi em nome do Evangelho que todos esses crimes foram cometidos.

O autor do artigo diz: "Semeai a superstição, e colhereis o crime;" ele tem razão, mas onde há de errado é confundir o abuso de uma coisa com a própria coisa; se se quisesse suprimir tudo do que se pode abusar, não se vê muito o que escaparia da proscricção, sem dela isentara imprensa. Certos reformadores modernos se assemelham aos homens que queriam cortar uma árvore por dar alguns frutos bichados.

Ele acrescenta: "É por isto que pedimos que se semeie a ciência." Ele tem ainda razão, porque a ciência é um elemento de progresso, mas ela basta para a moralização completa? Não se vêem homens pôr o seu saber a serviço das más paixões? Lapommeraiie não era um homem instruído, um médico formado, gozando de um certo crédito, e, além disto, um homem do mundo? Ocorreu o mesmo com Castaing e tantos outros. Pode-se, pois, abusar da ciência; disto é preciso concluir que a ciência é uma coisa má? E do fato que um médico faliu, a falta deve recair sobre todo o corpo médico? Por que, pois, imputar ao Espiritismo a de um homem a quem aprovou se dizer espírita, e que não o era? A primeira coisa, antes de fazer um julgamento qualquer, era se perguntar se tinha podido encontrar na Doutrina Espírita máximas de natureza a justificar seus atos. Porque a ciência médica não é solidária com crime de Lapommeraiie? Porque este último não pôde haurir nos princípios dessa ciência a incitação ao crime; ele empregou para o mal os recursos que ela fornece para o bem; e, no entanto, era mais médico do que Joye era espírita. É o caso de se aplicar o provérbio: "Quando se quer matar seu cão, diz-se que ele está raivoso."

A instrução é indispensável, ninguém o contesta; mas, sem a moralização, não é senão um instrumento, muito freqüentemente improdutivo para quem não sabe regular o seu uso tendo em vista o bem. Instruir as massas sem moralizá-las é colocar em suas mãos uma ferramenta sem lhes ensinar a dela se servirem, porque a moralização que se dirige ao coração não segue necessariamente a instrução que não se dirige senão à inteligência; a experiência aí está para prová-lo. Mas, como moralizar as massas? É do que se tem menos ocupado, e não será certamente nutrindo-as da idéia de que não há nem Deus, nem alma, nem esperança, porque todos os sofismas do mundo não demonstrarão que o homem que crê que tudo, para ele, começa e acaba com o seu corpo, tem mais poderosas razões de se constringer para se melhorar, do que aquele que compreende a solidariedade que existe entre o passado, o presente e o futuro. No entanto, é nessa crença no nada que uma certa escola de supostos reformadores pretende impor, à Humanidade, como elemento por excelência do progresso moral.

O autor, em citando Victor Hugo, esquece, ou melhor, não desconfia que este último tem abertamente afirmado, em muitas ocasiões, sua crença nos princípios fundamentais do Espiritismo; é verdade que não é do Espiritismo à maneira de Joye; mas quando não se sabe, pode-se confundir.

Por lamentável que seja o abuso que foi feito do nome do Espiritismo nesse processo, nenhum espírita se emocionou com as conseqüências que poderiam dele resultar para a Doutrina; é que, com efeito, sua moral sendo inatacável ela não pode sofrer nenhum ataque; a experiência prova, ao contrário, que não há uma única das circunstâncias que se fez ressoar o nome do Espiritismo que não haja voltado em seu proveito por um crescimento do número de adeptos, porque o exame que a ressonância provoca não pode ser senão em sua vantagem. Há que se notar, no entanto, que neste caso, com muito pouca exceção, a imprensa se absteve de todo comentário a respeito do Espiritismo; há alguns anos ela lhe teria franqueado suas colunas durante dois meses, e não teria deixado de apresentar Joye como um dos grandes sacerdotes da doutrina. Pôde-se notar, igualmente, que nem o presidente da Corte, nem o procurador geral em seu requisitório, não pesaram sobre essa circunstância e dela não tiraram nenhuma indução. Só o advogado de Joye fez seu ofício de defensor como pôde.

O ESPIRITISMO POR TODA A PARTE.
LAMARTINE

Às oscilações do céu e do navio,
Às gigantescas ondas que rolam sobre nossas cabeças,
Sente-se que o homem também dobra um cabo das tempestades,
E passam sob o raio e sob a obscuridade,
O trópico tempestuoso de uma outra Humanidade!

Lê Siêcle, de 20 de maio último, citou estes versos a propósito de um artigo sobre a crise comercial. Que têm eles de Espírita? dir-se-á; não se trata nem de questão de almas, nem de Espíritos. Poder-se-ia com mais razão perguntar que relação tem com o fundo do artigo com o qual foram enquadrados, e tratando da taxa das mercadorias. Eles tocam bem mais diretamente ao Espiritismo, porque é, sob uma outra forma, o pensamento expresso pelos Espíritos sobre o futuro que se prepara; é, numa linguagem ao mesmo tempo sublime e concisa, o anúncio das convulsões que a Humanidade terá que sofrer para a sua regeneração, e que os Espíritos nos fazem, de todos os lados, pressentir como iminentes. Tudo se resume neste pensamento profundo: *uma outra Humanidade*, imagem da Humanidade transformada, do mundo moral novo substituindo o velho mundo que se desmorona. As preliminares deste remanejamento já se fazem sentir, é porque os Espíritos nos repetem, em todos os tons, que os tempos são chegados. O Sr. Lamartine fez ali uma verdadeira profecia, cuja realização começamos a vêr.

ETIENNE DE JOUY (da Academia Francesa)

Lê-se o que se segue no tomo XVI das obras completas do Sr. de Jouy, intitulado: *Mélanges*, página 99; é um diálogo entre a senhora de Staël, morta, e o Sr. duque de Broglie, vivo.

Sr. de *Broglie*. Que vejo eu! pode ser possível?

Senhora de *Staël*. Meu caro Victor, não vos alarmeis, e, sem me interrogar sobre um prodígio do qual nenhum ser vivo poderia penetrar a causa, gozai um momento comigo da felicidade que nos proporcionam a ambos esta noturna aparição. Há, como vedes, laços que a própria morte não saberia quebrar; a doce harmonia dos sentimentos, dos objetivos, das opiniões, forma a cadeia que liga a vida perecível à vida imortal, e que impede que o que foi por muito tempo unido nunca seja separado.

Sr. de *Broglie*. Eu poderia, creio, explicar esta feliz simpatia pela concordância intelectual.

Senhora de *Staël*. Não expliquemos nada, eu vos peço, não tenho mais tempo a perder. Essas relações de amor que sobrevivem aos órgãos materiais não me deixam estranha aos sentimentos dos objetos de minhas mais ternas afeições. Meus filhos vivem; eles honram e amam a minha memória, eu o sei; mas é aí que se limitam as minhas relações presentes com a Terra; a noite do túmulo envolve todo o resto.

No mesmo tomo, página 83 e seguintes, há um outro diálogo, onde são colocados em cena diversos personagens históricos, revelando a sua existência e o papel que desempenharam em *vidas sucessivas*.

O correspondente, que nos dirige esta nota, acrescenta:

"Eu creio, como vós, que o melhor meio de conduzir à Doutrina que pregamos, bom número de recalcitrantes, é de fazê-los ver como um papão prestes a devorá-los, ou como uma ridícula bufonaria, não é outra coisa do que eclodiu, unicamente pela meditação sobre os destinos do homem, no cérebro de pensadores sérios de todas as épocas."

O Sr. de Jouy escreveu no começo deste século. Suas obras completas foram publicadas em 1823, em vinte e sete volumes in-8, pela casa Didot.

SILVIO PELLICO

Extraído de *Más Prisons*, por Silvio Pellico, cap. XLV e XLVI.

"Um semelhante estado era uma verdadeira doença; não sei se não devo dizer uma espécie de sonambulismo. Parecia-me que havia em mim dois homens: um que queria continuamente escrever, e o outro que queria fazer outra coisa.....

"Durante essas noites horríveis, minha imaginação se exaltava algumas vezes a tal ponto que, todo desperto, parecia-me ouvir em minha prisão, ora gemidos, ora risos abafados. Desde a minha infância, jamais acreditei nos feiticeiros nem nos Espíritos, e agora esses risos e esses gemidos me assustam; não sei como explicá-los; estava forçado a duvidar se não era o joguete de alguma força desconhecida e malfazeja.

"Várias vezes peguei a luz tremendo, e olhei se alguém estava escondido sob minha cama para se divertir de mim. Quando estava à mesa, ora me parecia que alguém me estirava pela minha roupa, ora que se impelia um livro que caía no chão; ora também eu acreditava que uma pessoa, atrás de mim, soprava minha luz para que ela se apagasse. Levanto-me, então, precipitadamente, olho ao meu redor; passeava com desconfiança e perguntava a mim mesmo se estava louco ou num bom sentido, porque, no meio de tudo o que eu sentia, não sabia mais distinguir a realidade da ilusão, e exclamava a mim mesmo com angústia: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquistime?*

"Uma vez estando na cama antes da aurora, acreditei estar perfeitamente seguro de ter colocado meu lenço sob meu travesseiro. Depois de um momento de sonolência, despertei como de costume, e me pareceu que me estrangulavam. Senti meu pescoço estreitamente envolvido. Coisa estranha! ele estava envolvido com meu lenço, fortemente amarrado por vários nós! Eu teria jurado não ter feito esses nós, não ter tocado em meu lenço desde que o tinha colocado sob meu travesseiro. Seria preciso que eu o tivesse feito sonhando ou num acesso de delírio, sem disto guardar nenhuma lembrança; mas eu não podia crê-lo, e, desde esse momento, eu temia cada noite ser estrangulado."

Se alguns desses fatos podem ser atribuídos a uma imaginação superexcitada pelo sofrimento, há outros deles que parecem verdadeiramente provocados por agentes invisíveis, e não se deve esquecer que Silvio Pellico não era crédulo a esse respeito; essa causa não podia lhe vir ao pensamento, e, na impossibilidade de explicá-la, o que se passava ao seu redor o enchia de terror. Hoje que seu Espírito está liberto do véu da matéria, ele se dá conta, não só desses fatos, mas das diferentes peripécias de sua vida; ele reconhece justo o que, antes, lhe parecia injusto. Disso deu a explicação na comunicação seguinte, solicitada para esse efeito.

(Sociedade de Paris, 18 de outubro de 1867.)

Como é grande e poderoso esse Deus que os humanos diminuem sem cessar querendo defini-lo, e quanto as mesquinhas paixões que lhe emprestamos para compreendê-lo são uma prova de nossa fraqueza e de nosso pouco adiantamento! Um Deus vingador! um Deus juiz! um Deus carrasco! Não; tudo isto não existe senão na

imaginação humana, incapaz de compreender o infinito. Que louca temeridade a de querer definir Deus! Ele é incompreensível e indefinível, e não podemos senão nos inclinar sob sua mão poderosa, sem procurar compreender e analisar sua natureza. Os fatos aí estão para nos provar que ele existe! Estudemos esses fatos e, por seu meio, remontemos de causa em causa tão longe quanto possamos ir; mas não nos ataquemos às causas das causas senão quando possuímos inteiramente as causas segundas, e quando lhes compreendermos todos os efeitos!...

Sim, as leis do Eterno, são imutáveis! Elas ferem hoje o culpado, como sempre feriram, segundo a natureza das faltas cometidas e proporcionalmente a essas faltas. Elas ferem de maneira inexorável, e são seguidas de conseqüências morais, não fatais, mas inevitáveis. A pena de talião é um fato, e palavra da antiga lei: "Olho por olho, dente por dente," se cumpre em todo o seu rigor. Não só o orgulhoso é humilhado, mas ele é ferido em seu orgulho do mesmo modo pelo qual feriu os outros. O juiz iníquo se vê condenado injustamente; o déspota se torna oprimido!

Sim, eu governei os homens; eu os fiz dobrar sob um jugo de ferro; eu os atingi em suas afeições e sua liberdade; e, mais tarde, a meu turno, devi dobrar sob o opressor, fui privado de minhas afeições e de minha liberdade!

Mas como o opressor da véspera pode se tornar o republicano do dia seguinte? A coisa é das mais simples, e a observação dos fatos que ocorrem sob nossos olhos deveria dela nos dar a chave. Não vedes, no curso de uma única existência, uma mesma personalidade, alternativamente dominante e dominada? e não ocorre que, se governa despoticamente no primeiro caso, ela é, no segundo, uma daquelas que lutam mais energicamente contra o despotismo?

A mesma coisa ocorre de uma existência à outra. Certamente, não está aí uma regra sem exceção; mas, geralmente, aqueles que são em aparência liberais mais arrebatados, foram outrora os mais ardentes partidários do poder, e isto se compreende, porque é lógico que aqueles que por muito tempo foram habituados a reinar sem contestação e a satisfazer sem entraves seus menores caprichos, são os mais ardentes em sacudir-lhe o jugo.

O despotismo e seus excessos, por uma conseqüência admirável das leis de Deus, arrastam, necessariamente, naqueles que o exercem a um amor imoderado da liberdade, esses dois excessos se usam um pelo outro, trazem inevitavelmente a calma e a moderação.

Tais são, a propósito do desejo que haveis expressado, as explicações que eu creio útil vos dar. Ficarei feliz se forem de natureza a vos satisfazer.

SILVIO PELLICO.

VARIEDADES.

O A VARENTO DA RUA DO FOUR.

A *Petit Presse*, de 19 de novembro de 1868, reproduziu o fato seguinte, segundo o jornal *lê Droit*:

"Num miserável casebre da rua do Four-Saint-Germain, vivia pobremente um indivíduo de uma certa idade, chamado P... Ele não recebia ninguém; preparava sua própria refeição, muito mais exígua do que a de um anacoreta. Coberto de roupas sórdidas, ele dormia sobre uma cama tosca mais sórdida ainda. De uma magreza extrema, parecia ressecado pelas privações de todo gênero, e se o acreditava, geralmente, presa da mais profunda indigência.

"No entanto, um odor fétido havia começado a se propagar na casa. E aumentava de intensidade e acabava por ganhar o estabelecimento de um pequeno hospedeiro, situado ao nível do solo, o ponto que os consumidores disto se lamentaram.

"Procuram-se, então, com cuidado, a causa desses miasmas, e acabam por se descobrir que vinham da habitação ocupada pelo senhor P...

"Esta descoberta fez pensar que esse homem não havia sido visto há muito tempo, e, no temor de que não lhe chegasse nenhuma infelicidade, apressou-se em advertir o comissário de polícia do quarteirão.

"Imediatamente, esse magistrado foi aos lugares e fez abrir a porta por um serralheiro; mas, desde de se quis entrar no quarto, esteve-se prestes a ser sufocado e foi preciso se retirar prontamente. Não foi senão depois de ter deixado, durante algum tempo, se introduzir nesse reduto o ar exterior, que se pôde nele penetrar e proceder, com as precauções convenientes, às constatações.

"Um triste espetáculo se ofereceu ao comissário e ao médico que o acompanhou. Sobre a cama estava estendido o corpo do Sr. P..., num estado de putrefação completo; ele estava coberto de manchas negras, e milhares de vermes roíam as carnes, que se destacavam por fragmentos.

"Esse estado de decomposição não permitiu conhecer de maneira certa a causa da morte, remontando a uma época distante, mas a ausência de todo traço de violência fez pensar que ela deve ser atribuída a uma causa natural, tal como uma apoplexia ou uma congestão cerebral. Aliás, encontrou-se num móvel uma soma em torno de 35.000 francos, tanto em numerário, quanto em ações, obrigações industriais e valores diversos.

"Depois das formalidade normais, apressaram-se em tirar os restos humanos e desinfetar o local. O dinheiro e os valores foram colocados sob selo judicial."

Esse homem tendo sido evocado na Sociedade de Paris, deu a comunicação seguinte:

"Sociedade de Paris, 20 de novembro de 1868. Méd., Sr. Rui."

Perguntais porque me deixei morrer de fome, estando de posse um tesouro. 35.000 francos são uma fortuna, com efeito! Ai de mim! senhores, sois muito instruídos daquilo que se passa ao vosso redor, para não compreenderem que eu suportava provas, e o meu fim vos disse bastante que nelas eu tinha falido. Com efeito, numa precedente existência, eu havia lutado com energia contra a pobreza que eu não dominava senão por prodígios de atividade, de energia e de perseverança. Vinte vezes, estive a ponto de me ver privado do fruto de meu rude trabalho. Também não fui terno para os pobres que eu recusava quando se apresentavam em minha casa. Reservava tudo o que eu ganhava para a minha família, minha mulher e meus filhos.

Escolhi por prova, nesta nova existência, ser sóbrio, moderado em meus gostos, e de partilhara minha fortuna com os pobres, meus irmão deserdados.

Tive palavra? Vedes o contrário; porque eu fui bem sóbrio, temperante, mais que temperante; mas não fui caridoso.

Meu fim infeliz não foi senão o começo de meus sofrimentos, mais duros, mais penosos neste momento, em que vejo com os olhos do Espirito. Não teria tido a coragem de me apresentar diante de vós, se não me tivesse sido assegurado que sois bons, compassivos com a infelicidade, e venho vos pedir para orar por mim. Aliviai meus sofrimentos, vós que conheceis os meios de tornar os sofrimentos menos pungentes; orai por vosso irmão que sofre e que deseja voltar a sofrer muito mais ainda!

Piedade, meu Deus! piedade para o ser fraco que faliu; e vós, senhores, compaixão por vosso irmão, que se recomenda às vossas preces.

O AVARENTO DA RUA DO FOUR.

SUICÍDIO POR OBSESSÃO.

Leu-se no *Droit*.

"O senhor Jean-Baptiste Sadoux, fabricante de canoas em Joinville-le-Ponts, percebeu ontem um jovem que, depois de ter errado durante algum tempo sobre a ponte, subiu no parapeito e se precipitou no Marne. Logo dirigiu-se em seu socorro, e, ao cabo de sete minutos ele o traz de novo. Mas já a asfixia era completa, e todas as tentativas feitas para reanimar este infeliz foram infrutíferas.

"Uma carta encontrada com ele fê-lo reconhecer pelo senhor Paul D..., com a idade de 22 anos, morando na rua Sedaine, em Paris. Essa carta, dirigida pelo suicida ao seu pai, era extremamente tocante. Pedia-lhe perdão por abandoná-lo e lhe dizia que desde os dois anos era dominado por uma idéia terrível, por um irresistível desejo de se destruir. Parecia-lhe, acrescentava, ouvir fora da vida uma voz que o chamava sem descanso, e, apesar de todos os seus esforços, não podia se impedir de ir para ela. Encontrou-se igualmente num bolso de paletó uma corda nova na qual tinha feito um nó cortante. O corpo, depois do exame médico-legal, foi entregue à família."

A obsessão é aqui bem evidente, e o que não o é menos, é que o Espiritismo lhe é completamente estranho, nova prova que este mal não é inerente à crença. Mas se o Espiritismo não está por nada no fato, só ele pode lhe dar a explicação. Eis a instrução dada a este respeito por um de nossos Espíritos habituais e da qual ressalta que, apesar do arrastamento ao qual esse jovem se deu para a sua infelicidade, ele não sucumbiu à fatalidade; tinha o seu livre arbítrio, e, com mais vontade, poderia resistir. Se fosse Espírita, teria compreendido que a voz que o solicitava não poderia ser senão a de um mau Espírito, e as conseqüências terríveis de um instante de fraqueza.

(Paris, grupo Desliens, 20 de dezembro de 1868, Médium, Sr. Nivard.)

A voz dizia: Vem! vem! mas teria sido ineficaz, essa voz do tentador, se a ação direta do Espírito não se fizesse sentir. O pobre suicida era chamado e era impelido. Porquê? Seu passado era causa da situação dolorosa em que se encontrava; ele desejava a vida e temia a morte; mas, nesse apelo incessante que ouvia, encontrou, direi eu, a força? não; hauriu a fraqueza que o perdeu. Ele superou seus medos, porque esperava no fim encontrar, do outro lado da vida, o repouso que este lado lhe recusava. Enganou-se: o repouso não veio. As trevas o cercaram, sua consciência lhe desaprovava seu ato de fraqueza, e o Espírito que o arrastou ri ao seu redor, e o crava de uma ironia constante. O cego não o vê, mas ouve a voz que lhe repete: Vem! vem! e depois zomba de suas torturas.

A causa deste fato de obsessão está no passado, como acabo de dizer; o próprio obsessivo foi levado ao suicídio por aquele que acaba de fazer cair no abismo. Foi sua mulher numa existência precedente, e ela havia sofrido consideravelmente do deboche e das brutalidades de seu marido. Muito fraca para aceitar a situação que lhe era feita, com resignação e coragem, pediu à morte um refúgio contra seus males. Ela se vingou depois; sabeis como. Mas, no entanto, o ato desse infeliz não era fatal; ele tinha aceito os riscos da tentação; ela era necessária para seu adiantamento, porque, só ela poderia fazer desaparecer a mancha que tinha sujado sua existência precedente. Disto tinha aceito os riscos com a esperança de ser o mais forte, enganou-se: ele sucumbiu. Recomeçará mais tarde; resistirá? Isto dependerá dele.

Pedi a Deus por ele, a fim de que lhe dê a calma e a resignação de que tem tanta necessidade, a coragem e a força para que não falhe nas provas que terá que suportar mais tarde.

Louis NIVARD.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

AS ARTES E O ESPIRITISMO

(Paris, grupo Desliens, 25 de novembro de 1868, médium Sr. Desliens.)

Nunca houve um tempo em que tivesse mais poetas, mais pintores, escultores, literatos, artistas em todos os gêneros? Nunca houve um tempo em que a poesia, a pintura, a escultura, qualquer arte que seja, tenha sido acolhida com mais desdém? Tudo está no marasmo! e nada, se não for o que cuida diretamente da fúria positivista do século, não tem atualmente chance de ser favoravelmente apreciado.

Há, sem dúvida, ainda alguns amigos do belo, do grande, do verdadeiro; mas, ao lado, quantos profanadores, seja entre os executantes, seja entre os amadores! Não há mais pintores; não há senão fabricantes! Não é a glória que se persegue! Ela vem a passo muito lento para a nossa geração de pessoas acossadas. Ver o renome e a auréola do talento, coroar uma existência em seu declínio, que é isto? Uma quimera, boa pelo menos para os artistas do tempo passado! Então, tinha-se tempo de viver; hoje se tem apenas o de gozar! É preciso, pois, chegar, e rapidamente, à fortuna; é preciso se fazer um nome *um fazer original*, pela intriga, por todos os meios mais ou menos confessáveis dos quais a civilização cumula os povos que tocam num progresso imenso para a frente ou em uma decadência sem remissão.

Que importa se a celebridade conquistada desaparece com tanta rapidez quanto a existência do efêmero! Que importa a brevidade do relâmpago!... É uma eternidade se esse tempo bastou para adquirir a fortuna, a chave dos prazeres e do dolce *far niente!*

É a luta corajosa com a prova que faz o talento; a luta com a fortuna o enerva e mata!

Tudo cai, tudo periclita, porque não há mais crença!

Pensais que o pintor crê em si mesmo? Sim, a isto chega às vezes; mas, em geral, não crê senão na cegueira, do que no ímpeto do público, e dele aproveita até que um novo capricho venha transportar para outro lugar a torrente de favores que penetram nele!

Como fazer quadros religiosos ou mitológicos que tocam e comovem, quando as crenças nas idéias que representam desapareceram?

Tem-se do talento, esculpe-se o mármore, se lhe dá a forma humana; mas é sempre uma pedra fria e insensível: não há vida! Que belas formas, mas não a centelha que cria a imortalidade!

Os mestres da antigüidade fizeram deuses, porque acreditavam nesses deuses. Nossos escultores atuais, que neles não crêem, fazem apenas homens. Mas vem a fé, fosse ela ilógica e sem um objetivo sério, ela dará nascimento às obras-primas, e, se a razão as guia, não terá limites que não possa alcançar! Campos imensos, completamente inexplorados, abrem-se diante da juventude atual diante de todos aqueles que um poderoso sentimento de convicção impele num caminho qualquer que seja. Literatura, arquitetura, história, tudo receberá do aguilhão espírita o novo batismo de fogo necessário para retornar a energia e a vitalidade à sociedade expirante; porque terá colocado no

coração de todos aqueles que o aceitarem um ardente amor da Humanidade e uma fé inquebrantável em seu destino. Um artista, DUCORNET.

A MÚSICA ESPÍRITA.

(Paris, grupo Desliens, 9 de dezembro de 1868, médium, Sr. Desliens.)

Recentemente, na sede da Sociedade Espírita de Paris, o Presidente fez-me a honra de pedir minha opinião sobre o estado atual da música e sobre as modificações que poderiam me trazer a influência das crenças espíritas. Se não acedi em seguida a esse benevolente e simpático apelo, crede bem, senhores, que só uma causa maior motivou a minha abstenção.

Os músicos, ai! são homens como os outros, mais homens talvez, e, a esse título, são falíveis e pecáveis. Eu não fui isento de fraquezas, e se Deus me fez a vida longa a fim de dar o tempo de me arrepender, a embriaguez do sucesso, a complacência dos amigos, as adulações dos cortesãos, freqüentemente, me arrebataram o meio. Um maestro é uma força, neste mundo onde o prazer desempenha um papel tão grande. Aquele cuja arte consiste em seduzir o ouvido, em abrandar o coração, vê muitas armadilhas serem criadas sob seus passos, e ele nelas cai, o infeliz! Ele se embriaga com a embriaguez dos outros; os aplausos lhe tapam os ouvidos, e ele vai direto ao abismo sem procurar um ponto de apoio para resistir ao arrastamento.

No entanto, apesar de meus erros, tinha fé em Deus; acreditava na alma que vibrava em mim, e, livre de sua carriola sonora, depressa se reconheceu no meio das harmonias da criação e confundiu sua prece com aquelas que se elevam da Natureza ao infinito, da criatura ao ser incriado!...

Estou feliz pelo sentimento que minha vinda provocou entre os espíritas, porque foi a simpatia que a ditou, e, se a curiosidade de início me atraiu, é ao meu reconhecimento que deveis a minha apreciação da pergunta que me foi colocada. Eu estava lá, pronto para falar, crendo tudo saber, quando meu orgulho caindo desvendou-me a minha ignorância. Fiquei mudo e escutei; retornei, e me instruístes, e, quando às palavras de verdade emitidas por vossos instrutores se juntaram a reflexão e a meditação, disse a mim mesmo: O grande maestro Rossini, o criador de tantas obras-primas segundo os homens, não fez, ai! senão engrenar algumas das pérolas as menos perfeitas do escrínio musical criado pelo mestre dos mestres. Rossini reuniu as notas, compôs as melodias, provou a taça que contém todas as harmonias; ele ocultou algumas chamas ao fogo sagrado; mas, esse fogo sagrado nem ele, nem os outros criaram! - Nós não inventamos: nós copiamos do grande livro da Natureza e a multidão aplaude quando não tenhamos muito deformado a partitura.

Uma dissertação sobre a música celeste!... Quem poderia disto se encarregar! Que Espírito sobre-humano poderia fazer vibrar a matéria em unísono com essa arte encantadora? Que cérebro humano, que Espírito encarnado poderia dela retirar as nuances variadas ao infinito?... Quem possui a esse ponto o sentimento da harmonia?... Não, o homem não foi feito para semelhantes condições!... Mais tarde!... bem mais tarde!...

À espera, eu virei, logo talvez, satisfazer ao vosso desejo e vos dar a minha apreciação sobre o estado atual da música, e vos dizer as transformações, os progressos que o Espiritismo poderá nela introduzir. - Hoje é muito cedo ainda. O assunto é vasto, já o estudei, mas me extravasa ainda; quando dominá-lo, se, todavia, a coisa for possível, ou melhor, quando eu o tiver entrevisto tanto quanto o estado de meu espírito mo permitir,

eu vos satisfarei; mas ainda um pouco de tempo. Se um músico pode sozinho muito falar da música do futuro, deve fazê-lo como mestre, e Rossini não quer falar como escolar.
ROSSINI.

OBSESSÕES SIMULADAS.

Esta comunicação nos foi dada a propósito de uma senhora que deveria pedir conselhos para uma obsessão, e a respeito da qual acreditamos dever preliminarmente tomar o conselho dos Espíritos.

"A piedade por aqueles que sofrem não deve excluir a prudência, e poderia ser uma imprudência estabelecer relações com todos aqueles que se apresentam a vós, sob o domínio de uma obsessão real ou disfarçada. É ainda uma prova por onde o Espiritismo deverá passar, e que lhe servirá para se desembaraçar de todos aqueles que, por sua natureza, embaraçam o seu caminho. Zombaram, ridicularizaram os espíritos; quiseram assustar aqueles que a curiosidade atraía para vós, em vos colocando sob um patrocínio satânico. Tudo isto não triunfou; antes de se entregar quer-se desmascarar uma última bateria que, como todas as outras, voltará em vossa vantagem. Não podendo mais vos acusar de contribuir para o crescimento da alienação mental, enviar-vos-ão verdadeiros obsidiados, diante dos quais esperam que fracasseis, e os obsidiados simulados que vos seriam naturalmente impossíveis de curar de um mal imaginário. Tudo isto em nada deterá o vosso progresso, mas com a condição de agir com prudência, e convidar aqueles que se ocupam dos tratamentos obsessivos a consultar seus guias, não só sobre a natureza do mal, mas sobre a realidade das obsessões que poderão vir a combater. Isto é importante, e aproveito da idéia que sugeristes de pedir antecipadamente um conselho, para vos recomendar disto usar sempre assim para o futuro.

"Quanto a essa senhora, ela é sincera e realmente sofredora, mas não há nada a fazer atualmente por ela, se não for convidá-la a pedir, pela prece, a calma e a resignação para suportar corajosamente a sua prova. Não são as instruções dos Espíritos que lhe são necessárias; seria mesmo prudente afastá-la de toda idéia de correspondência com eles, e convidá-la a se entregar para isso inteiramente aos cuidados da medicina oficial."

Doutor DEMEURE.

Nota. - Não é somente contra as obsessões simuladas que é prudente manter-se em guarda, mas contra os pedidos de comunicações de todas as naturezas, evocações, conselhos de saúde, etc., que poderiam ser armadilhas estendidas à boa fé, e das quais a malevolência poderia se servir. Convém, pois, não ceder aos pedidos dessa natureza senão com conhecimento de causa, e com relação a pessoas conhecidas ou devidamente recomendadas. Os adversários do Espiritismo vêem com pesar os desenvolvimentos que ele toma contrariamente às suas previsões, e os espiam ou provocam as ocasiões de tomá-lo em falta, seja para acusá-lo, seja para que caia em ridículo. Em semelhante caso, vale mais pecar por excesso de circunspeção do que por imprevidência.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

12º ANO

NO. 2

FEVEREIRO 1869

ESTATÍSTICA DO ESPIRITISMO.

Apreciação pelo jornal *la Solidarité* (1).

(1) O jornal *la Solidarité* aparece duas vezes por mês. Preço: 10fr.porano. Paris, livraria das ciências sociais, rue dès Saints-Pères, n°13

O jornal *la Solidarité*, de 15 de janeiro de 1869, analisa a *estatística do Espiritismo* que publicamos em nosso precedente número; se dela critica alguns números, estamos felizes de sua adesão ao conjunto do trabalho que aprecia nestes termos:

"Lamentamos não poder reproduzir, por falta de espaço, as reflexões muito sábias com as quais o Sr. Allan Kardec faz seguir essa estatística. Limitar-nos-emos a constatar com ele que há espíritas em todos os graus da escala social; que a grande maioria dos espíritas se encontra entre as pessoas esclarecidas e não entre os ignorantes; que o Espiritismo se propagou por toda a parte do alto a baixo da escala social; que a aflição e a infelicidade são os grandes recrutadores do Espiritismo, em consequência das consolações e das esperanças que dá àqueles que choram e lamentam; que o Espiritismo encontra um mais fácil acesso entre os incrédulos em matérias religiosas do que entre as pessoas que têm uma fé estagnada; enfim, que depois dos fanáticos, os mais refratários às idéias espíritas são as pessoas das quais todos os pensamentos são concentrados sobre a posse e os gozos materiais, qualquer que seja, aliás, a sua condição."

É um fato de capital importância que esteja constatado que, por toda a parte, "a grande maioria do espíritas se encontra entre as pessoas esclarecidas e não entre os ignorantes." Em presença deste fato material, em que se torna a acusação de estupidez, ignorância, loucura, inépcia, lançada tão estouvadamente contra os espíritas pela malevolência?

O Espiritismo se propagando do alto a baixo da escala, prova além disso que as classes favorecidas compreendem a sua influência moralizadora sobre as massas, uma vez que se esforçam por fazê-lo nele penetrar. É que, com efeito, os exemplos que se tem sob os olhos, embora parciais e ainda isolados, demonstram de maneira peremptória que o espírito do proletariado seria diferente se estivesse imbuído dos princípios da Doutrina Espírita.

A principal objeção de *la Solidarité*, e ela é muito séria, se dirige sobre o número dos espíritas do mundo inteiro. Eis o que diz a esse respeito:

"A *Revista Espírita* se engana de muito quando não estima senão em seis ou sete milhões o número dos espíritas pelo mundo inteiro. Ela esquece, evidentemente, de contar a Ásia.

"Se, pela palavra espírita, entendem-se as pessoas que crêem na vida de além-túmulo e nas relações dos vivos com a alma das pessoas mortas, é por centenas de milhões que é preciso contá-los. A crença nos espíritos existe em todos os sectários do budismo, e pode-se dizer que ela faz o fundo de todas as religiões do extremo Oriente. Ela é sobretudo geral na China. As três antigas seitas que há muito tempo dividem as populações no império do Meio, acreditam nos manes, nos Espíritos, e deles professam o

culto. - Pode-se mesmo dizer que lá está para eles um terreno comum. Os adoradores do *Tão* e de *Fo* se encontram com os sectários do filósofo *Koung-fou-tseu*.

Os sacerdotes da seita de Lao-Tseu, e particularmente os Tao-Tse, ou doutores *da Razão*, devem às práticas espíritas uma grande parte de sua influência sobre as populações. - Esses religiosos interrogam os Espíritos e obtêm respostas escritas que não têm nem mais nem menos valor do que as de nossos médiuns. São conselhos e avisos considerados como sendo dados aos vivos pelo Espírito de um morto; encontram-se aí revelações de segredos conhecidos unicamente pela pessoa que interroga, algumas vezes predições que se realizam ou não se realizam mas que são de natureza a tocar os ouvintes e a estimular bastante seus desejos para que se encarreguem de *cumprirem*, eles mesmos, o *oráculo*.

"Essas correspondências se obtêm por procedimentos que não diferem muito daqueles de nossos espíritas, mas que, no entanto, devem ser mais aperfeiçoados considerando-se a longa experiência dos operadores que as praticam tradicionalmente.

"Eis como nos foram descritas por uma testemunha ocular, o Sr. D..., que mora na China há muito tempo e que é familiar com a língua do país.

"Uma vara de pescar, de uns 50 a 60 centímetros, é mantida em suas duas extremidades por duas pessoas, das quais uma é o médium e a outra o interrogador. No meio dessa vara, teve-se o cuidado de chumbar ou amarrar uma pequena varinha do mesmo material, bastante semelhante a um lápis pelo comprimento e espessura. Abaixo desse pequeno aparelho, encontra-se derramada uma camada de areia, ou uma caixa contendo milho miúdo. À varinha, em passeando *maquinalmente* sobre essa areia ou sobre esses grãos, traça os caracteres. Estes caracteres, à medida que se formam, são lidos e reproduzidos imediatamente sobre o papel por um letrado presente à sessão. Disto resultam frases e escritos mais ou menos longos, mais ou menos interessante, mas tendo sempre um valor lógico.

"Se se acredita nos Tao-Tse, esses procedimentos lhes vêm do próprio Lao-Tseu. Ora, se, segundo a história, Lao-Tseu viveu no sexto século antes de Jesus Cristo, é bom lembrar que, segundo a lenda, ele é como o *Verbo* dos cristãos, anterior ao *começo* e contemporâneo da grande *não-entidade*, como se expressam os doutores *da Razão*.

"Vê-se que o Espiritismo remonta a uma bastante bela antigüidade.

"Isso não prova que seja verdadeiro? - Não, sem dúvida, mas, se basta a uma crença ser antiga para ser venerável, e de ser forte pelo número de seus partidários para ser respeitada, não conheço nenhuma delas que tenha mais títulos ao respeito e à veneração de meus contemporâneos."

Vai sem dizer que aderimos completamente a essa retificação, e estamos felizes que ela emane de uma fonte estranha, porque isto prova que não temos procurado inflar o quadro. Nossos leitores apreciarão, como nós, a maneira pela qual esse jornal, que se recomenda por seu caráter sério, considera o Espiritismo; vê-se que, de sua parte, é uma apreciação motivada.

Sabíamos bem que as idéias espíritas estão propagadas entre os povos do extremo Oriente, e se não os fizemos entrar em linha de conta, foi que, em nossas avaliações, não nos propusemos apresentar, assim como o dissemos, senão o movimento do Espiritismo moderno, reservando-nos fazer mais tarde um estudo especial sobre a anterioridade dessas idéias. Agradecemos muito sinceramente ao autor do artigo de nos ter antecedido.

Aliás, ele disse: "Cremos que essa incerteza (sobre o número real dos espíritas, sobretudo na França) prende-se primeiro à ausência de declarações positivas da parte dos adeptos; em seguida, ao estado flutuante das crenças. Existe, - e poderíamos disto citar em Paris numerosos exemplos, - uma multidão de pessoas que crêem no Espiritismo e *que disto não se gabam*."

Isto é perfeitamente justo; também não falamos senão dos espíritas de fato; de outro modo, como o dissemos, se se compreendessem os espíritas de intuição, só na França

seriam contados por milhões; mas preferíamos estar abaixo do que acima da verdade para não ser taxado de exagero. No entanto, é preciso que o crescimento seja muito sensível, para que certos adversários o tenham levado a números hiperbólicos, como o autor da brochura: *lê Budget du Spiritisme*, que, sem dúvida, vendo os espíritas com uma lente crescente, os avalia, em 1863, em vinte milhões para a França (*Revista Espírita* de junho de 1863, página 175).

A propósito da proporção dos sábios oficiais, na categoria do grau de instrução, o autor diz: "Gostaríamos muito de ver a olho nu esses 4 p. 100 de sábios oficiais: 40.000 para a Europa; 24.000 só para a França; são muitos sábios, e ainda oficiais; 6 p. 100 de iletrados, isto não é quase nada."

A crítica seria fundada se, como o supõe o autor, se tratasse de 4 p. 100 sobre o número aproximado de seiscentos mil espíritas na França, o que faria efetivamente vinte e quatro mil; isto seria muito, com efeito, porque ter-se-ia dificuldade para encontrar esse número de sábios oficiais em toda a população da França. Sobre uma tal base, o cálculo seria evidentemente ridículo, e poder-se-ia dizê-lo igualmente dos iletrados. Essa avaliação não tem, pois, por objetivo estabelecer o número efetivo dos sábios oficiais espíritas, mas a proporção relativa na qual se encontram com relação aos diversos graus de instrução, entre os quais estão em minoria. Em outras categorias, limitamo-nos a uma simples classificação, sem avaliação numérica a tanto por cento. Quando usamos este último procedimento, não foi para tornar a proporção mais sensível.

Para melhor definir o nosso pensamento, diremos que, por sábios oficiais não entendemos todos aqueles cujo saber é constatado por um diploma, mas unicamente aqueles que ocupam posições oficiais, como membros da Academia, professores de Faculdade, etc., que se acham assim mais em evidência, e dos quais, por esse motivo, o nome faz autoridade na ciência; nesse ponto de vista, um doutor em medicina pode ser muito sábio, sem ser um sábio oficial.

A posição oficial influi muito sobre a maneira de encarar certas coisas; disto citaremos, como prova, o exemplo de um médico distinguido, morto há vários anos, e que conhecemos pessoalmente. Ele era, então, grande partidário do magnetismo, sobre o qual tinha escrito, e isso fez que nos colocássemos em relação com ele. Sua reputação aumentando, ele adquiriu sucessivamente várias posições oficiais. À medida que ele subia, seu fervor pelo magnetismo abaixava; tão bem que, quando ele foi ao mais alto da escala, ele caiu abaixo de zero, porque negava abertamente as suas antigas convicções. Considerações da mesma natureza podem explicar o lugar de certas classes no que concerne ao Espiritismo.

A categoria dos aflitos, pessoas sem inquietação, felizes do mundo, sensualistas, fornecem ao autor do artigo a seguinte reflexão:

"É pena que aí esteja a pura fantasia. Nada de sensualistas, isso se compreende; Espiritismo e materialismo se excluem. Sessenta aflitos sobre cem espíritas, isto se compreende ainda. É para aqueles que choram que as relações com o mundo espiritual são preciosas. Mas trinta pessoas sobre cem sem inquietação, é muito bonito! Se o Espiritismo opera tais milagres, fará muitas outras conquistas. Ele as fará sobretudo entre os *felizes do mundo*, que são também, quase sempre, os mais inquietos e os mais atormentados."

Há aqui um erro manifesto, porque pareceria que esse resultado é o fato do Espiritismo, ao passo que é ele que haure, nessas categorias, mais ou menos adeptos segundo as predisposições que nelas encontre. Esses números significam simplesmente que ele encontra mais adeptos entre os aflitos; um pouco menos entre as pessoas sem inquietação; menos ainda entre os felizes do mundo, e nada entre os sensualistas.

É preciso primeiro entender-se sobre as palavras. Materialismo e sensualismo não são sinônimos e nem caminham sempre a par; porque vêem-se pessoas, espiritualistas por profissão e por dever, que são muito sensuais, ao passo que há materialistas muito

moderados em sua maneira de viver; o materialismo, freqüentemente, não é para eles senão uma opinião que abraçaram por falta de encontrarem uma mais racional; é por isso que, quando reconhecem que o Espiritismo enche o vazio feito em sua consciência pela incredulidade, eles o aceitam com alegria: os sensualistas, ao contrário, lhe são os mais refratários.

Uma coisa bastante bizarra é que o Espiritismo encontra mais resistência entre os panteístas em geral, do que entre aqueles que são francamente materialistas. Sem dúvida, isto se prende a que o panteísta quase sempre cria um sistema; ele tem alguma coisa, ao passo que o materialista não tem nada, e que esse vazio o inquieta.

Pelos felizes do mundo, nós entendemos aqueles que passam por tais aos olhos da multidão, porque podem se dar largamente todos os gozos da vida. É verdade que, freqüentemente, são os mais inquietos e os mais atormentados; mas de quê? dos cuidados que lhes causam a fortuna e a ambição. Ao lado dessas preocupações incessantes, as ansiedades da perda ou do ganho, da confusão dos negócios para uns, dos prazeres para os outros, e lhes resta pouco tempo para se ocuparem do futuro.

Não podendo ter a paz da alma senão com a condição de renunciarem ao que lhes faz o objeto de suas cobiças, o Espiritismo pouco lhes toca, filosoficamente falando. Com exceção das penas do coração que não poupam ninguém, a não ser os egoístas, os tormentos da vida estão para eles, o mais freqüentemente, nas decepções da vaidade, do desejo de possuir, de brilhar, de comandar. Pode-se, pois, dizer que se atormentam a si mesmos.

A calma, a tranqüilidade, ao contrário, encontram-se mais particularmente nas posições modestas, quando o bem-estar da vida aí está assegurado. Aí não há senão pouco de ambição; contentam-se com o que têm, sem se dar os tormentos de aumentá-lo correndo as probabilidades incertas da agiotagem ou da especulação. São aqueles a quem chamamos sem *inquiétude*, relativamente falando; por pouco que haja neles da elevação no pensamento, ocupam-se de boa vontade de coisas sérias; o Espiritismo lhes oferece um atraente assunto de meditação, e o aceitam mais facilmente do que aqueles a quem o turbilhão do mundo dá uma febre contínua.

Tais são os motivos dessa classificação que não é, como se vê, tão fantasiosa quanto o supôs o autor do artigo. Nós lhe agradecemos por nos ter fornecido ocasião de reabilitá-lo dos erros que outros poderiam ter cometido, por falta, para nós, de ter sido bastante explícito.

Em nossa estatística, omitimos duas funções importantes por sua natureza, e porque elas contam com um número bastante grande de adeptos sinceros e devotados; são os *prefeitos* e os *juizes de paz*, que estão no quinto lugar com os bedéis e os comissários de polícia.

Uma outra omissão contra a qual ele reclamou com justiça e que se nos pede com instância reparar, é a dos Poloneses, na categoria dos povos. Ela é tanto mais fundada quanto o Espiritismo conta nessa nação numerosos e fervorosos adeptos desde a origem. Como posição, a Polônia vem em quinto, entre a Rússia e a Alemanha.

Para completar a nomenclatura, seria necessário nela compreender outros países como a Holanda, por exemplo, que viria depois da Inglaterra; e Portugal, depois da Grécia; as províncias Danubianas onde há também espíritas, mas sobre os quais não temos dados bastante positivos para assinalar-lhes uma classificação. Quanto à Turquia, a quase totalidade dos adeptos se compõe de Franceses, Italianos e de Gregos.

Uma classificação mais racional e mais exata do que a por regiões territoriais, seria a por raças ou nacionalidades, que não são confinadas nos limites circunscritos, e levam por toda a parte onde estão espalhados sua aptidão mais ou menos grande para assimilar as idéias espíritas. Desse ponto de vista, num mesmo país, haveria, freqüentemente, várias distinções a fazer.

A comunicação seguinte foi dada num grupo de Paris, a propósito da classe que ocupam os alfaiates entre as profissões industriais.

(Paris, 6 de janeiro de 1869, grupo Desliens; méd. Sr. Leymarie.)

Criastes as categorias, caro mestre, à frente das quais colocastes certos ofícios. Sabeis, em nossa opinião, o que leva certas pessoas a se fazerem espíritas? São as mil perseguições que sofrem em suas profissões. Os primeiros dos quais falais devem vir da ordem, da economia, do cuidado, do gosto, ser um pouco artistas, e depois ainda ser pacientes, saber esperar, escutar, sorrir e saudar com uma certa elegância. Mas segundo essas pequenas convenções, mais sérias do que se pensa, é preciso ainda calcular, ordenar sua caixa por deve e haver, e sofrer, sofrer continuamente.

Em contato com os homens de todas as classes, cometendo as queixas, as confidencias, as velhacarias, as caras falsas, eles aprendem muito! em conduzindo essa vida múltipla, sua inteligência se abre pela comparação; seu espírito fortifica-se pela decepção e o sofrimento; e eis porque certas corporações compreendem e aclamam todos os progressos; elas gostam do teatro francês, a bela arquitetura, o desenho, a filosofia; muito a liberdade e todas as suas conseqüências. Sempre adiante e à espreita daquilo que consola e faz esperar, elas se dão ao Espiritismo que lhes é uma força, uma promessa ardente, uma verdade que engrandece o sacrifício, e, mais do que acreditais, a parte cotada como nº I em vida de sacrifícios.

SONNET.

O PODER DO RIDÍCULO.

Lendo um jornal, encontramos esta frase proverbial: Na *França*, o *ridículo mata sempre*. Isto nos sugeriu as seguintes reflexões:

Porque na França antes do que outro lugar? é que aí, mais que em outro lugar, o espírito é ao mesmo tempo astuto, cáustico e jovial; compreende à primeira vista o lado cômico ou ridículo das coisas; ele o procura por instinto, sente-o, adivinha-o, fareja-o, por assim dizer; ele descobre onde outros não os percebem, e o coloca em relevo com jeito. Mas o espírito francês quer antes de tudo o bom gosto, a urbanidade até na zombaria; ele ri com boa vontade de um gracejo fino, delicado, espirituoso sobretudo, ao passo que as caricaturas sem sal, a crítica pesada, grosseira, à queima-roupa, semelhante à pata do urso ou ao soco do camponês, lhe repugna, porque tem uma repulsa instintiva pela trivialidade.

Talvez, dir-se-á que certos sucessos modernos parecem desmentir essas qualidades. Haveria muito a dizer sobre as *causas* dessa adivinhação que não é senão muito real, mas que não é senão parcial, e não pode prevalecer sobre o fundo do caráter nacional, assim como o demonstraremos algum dia. Diremos somente, de passagem, que esses sucessos que espantam as pessoas de bom gosto, são em grande parte devidos à curiosidade muito viva também no caráter francês. Mas escutai a multidão ao sair de certas exhibições; o julgamento que domina, mesmo na boca do povo, se resume nestas palavras. É enfadonho! e, no entanto, ali se foi, unicamente para poder dizer que se viu uma excentricidade; ali não se retorna mais, mas, à espera que a multidão dos curiosos tenha desfilado, o sucesso está feito, e é tudo o que se lhe pede. Ocorre o mesmo com certos sucessos supostamente literários.

A aptidão do espírito francês em agarrar o lado cômico das coisas faz do ridículo uma verdadeira força, maior na França do que em outros países; mas é exato dizer que ele mata sempre?

É preciso distinguir o que se pode chamar o ridículo *intrínseco*, quer dizer, inerente à própria coisa, e o ridículo *extrínseco*, vindo de fora, e derramado sobre uma coisa. Sem dúvida, este último pode ser lançado sobretudo, mas não fere senão o que é vulnerável; quando se ataca uma coisa que não lhe dá nenhum ponto de apoio, ele desliza sem lhe levar nenhum insulto. A caricatura mais grotesca de uma estátua irrepreensível não lhe tirará nada de seu mérito, e não a faz decair na opinião, porque cada um pode apreciá-la por si mesmo.

O ridículo não tem força senão quando toca justo, que faz ressaltar com espírito e fineza os defeitos reais: é então que ele mata; mas quando cai no falso, não mata nada de todo, ou antes ele mata a si mesmo. Para que o adágio acima seja completamente verdadeiro, é preciso dizer: "Na França, o ridículo mata sempre o *que é ridículo*." O que é realmente verdadeiro, bom e belo jamais é ridículo. Que se ridicularize uma personalidade notoriamente respeitável, o cura Viannet, por exemplo, se inspirará mágoa, mesmo aos incrédulos, tanto é verdade que o que é respeitável em si é sempre respeitado pela opinião pública.

Todo o mundo não tendo nem o mesmo gosto nem a mesma maneira de ver, o que é verdadeiro, bom e belo para uns, pode não sê-lo pá rã outros; quem, pois, será juiz? O ser coletivo que se chama todo o mundo, e contra as decisões da qual as opiniões isoladas protestam em vão. Algumas individualidades podem ser momentaneamente extraviadas pela crítica ignorante, malevolente ou inconsciente, mas não as massas, cujos julgamentos acabam sempre por triunfar. Se a maioria dos convivas em um banquete encontra uma comida de seu gosto, tivésseis querido dizer que é má, não os impediríeis de comê-la, ou pelo menos dela gostar.

Isso nos explica porque o ridículo, derramado em profusão sobre o Espiritismo, não o matou. Se não sucumbiu, não foi por falta de ter sido revirado em todos os sentidos, travestido, desnaturado, grotescamente vestido por seus antagonistas; e, no entanto, depois de dez anos de uma agressão obstinada, está mais forte do que nunca, é que ele é como a estátua da qual falamos há pouco.

Em definitivo, sobre o que o sarcasmo é particularmente exercido, a propósito do Espiritismo? Sobre o que se presta realmente o flanco à crítica: os abusos, as excentricidades, as exhibições, as explorações, o charlatanismo sob todas as suas faces, as práticas absurdas, que não lhe são senão a paródia, da qual o Espiritismo sério jamais tomou a defesa, mas que, ao contrário, sempre desaprovou. O ridículo não tem, pois, atingido, e não pôde corroer senão sobre o que era ridículo na maneira da qual certas pessoas, pouco esclarecidas, concebem o Espiritismo. Se não matou ainda inteiramente esses abusos, dirigiu-lhes um golpe mortal, e era justiça.

O Espiritismo verdadeiro, portanto, não pôde senão ganhar ao ser desembaraçado da praga de seus parasitas, e foram os seus inimigos quem disto se encarregaram. Quanto à doutrina propriamente dita, há que se notar que, quase sempre, ficou fora do debate; e, no entanto, é a parte principal, a alma da causa. Seus adversários compreenderam bem que o ridículo não poderia roçá-lo; sentiram que a fina lâmina da zombaria espirituosa deslizaria sobre essa couraça, foi porque o atacaram com a clava da injúria grosseira, e o soco do camponês, mas com tão pouco sucesso.

Desde o princípio, o Espiritismo pareceu a certos indivíduos sem mais expedientes, uma mina fecunda para explorar por sua novidade; alguns, menos tocado da pureza de sua moral do que das chances que nele entreviam, se puseram sob a égide de seu nome na esperança de dele se fazer um meio; são aqueles que se podem chamar *espíritas de circunstância*.

O que teria se tornado esta doutrina, se ela não tivesse usado de toda sua influência para frustrar e desacreditar as manobras da exploração? Ter-se-iam visto os charlatães pulularem de todas as partes, fazendo uma mistura sacrílega do que há de mais sagrado; o respeito dos mortos, com a arte pretensiosa dos feiticeiros, adivinhos, tiradores de

cartas, leitores de boa sorte, suprimindo pela fraude aos Espíritos, quando estes não vêm. Logo ter-se-iam visto as manifestações levadas nos teatros de feiras, unidas nos torneios de escamoteação; os gabinetes de consultas espíritas publicamente ostentados, e revendidos, como agências de empregos, segundo a importância da clientela, como se a faculdade medianímica pudesse se transmitir à maneira de um fundo de comércio.

Por seu silêncio, que teria sido uma aprovação tácita, a doutrina se teria tornado solidária, dizemos mais: cúmplice desses abusos. Então, a crítica teria tido sorte, porque ela teria podido com direito implicar a doutrina que, por sua tolerância, teria assumido a responsabilidade do ridículo, e, conseqüentemente, da justa reprovação derramada sobre os abusos, talvez tivesse ela tido mais de um século antes de se levantar desse fracasso. Seria preciso não compreender o caráter do Espiritismo, e ainda menos seus verdadeiros interesses, para crer que tais auxiliares possam ser úteis à sua propagação, e sejam próprios para fazê-lo considerar como uma coisa santa e respeitável.

Em estigmatizando a exploração como o fizemos, temos a certeza de ter preservado a doutrina de um verdadeiro perigo, perigo maior do que a má vontade de seus antagonistas confessos, porque não haveria nada menos do que seu descrédito; ela lhes teria, por isso mesmo, oferecido um lado vulnerável, ao passo que se detiveram diante da pureza de seus princípios. Não ignoramos que suscitamos contra nós a animosidade dos exploradores, e que hostilizamos seus partidários; mas que nos importa! nosso dever é tomarmos mãos a causa da doutrina e não seus interesses; esse dever, nós o cumpriremos com perseverança e firmeza até o fim.

Não era uma pequena coisa senão de lutar contra a invasão do charlatanismo, num século como este, sobretudo de um charlatanismo secundário, freqüentemente suscitado pelos mais implacáveis inimigos do Espiritismo; porque, depois de ter fracassado pelos argumentos, compreenderam que o que poderia lhe ser o mais fatal, era o ridículo; por isto, o meio mais seguro era fazê-lo explorar pelo charlatanismo, a fim de desacreditá-lo na opinião.

Todos os espíritas sinceros compreenderam o perigo que assinalamos, e nos secundaram em nossos esforços, reagindo de seu lado contra as tendências que ameaçavam se desenvolver. Não são alguns fatos de manifestações, em os supondo reais, dados em espetáculo, como isca à minoria que fazem ao Espiritismo os verdadeiros prosélitos, porque, em tais condições, autorizam a suspeição. Os próprios incrédulos são os primeiros a dizer que se os Espíritos se comunicam verdadeiramente, isso não pode ser para servir de comparsas a tanto por sessão; eis porque disso se riem; acham ridículo que a essas cenas se misturem nomes respeitáveis, e têm cem vezes razão. Por uma pessoa que seria levada ao Espiritismo por esse caminho, sempre em supondo um fato real, haveria cem que dele se desviariam sem mais querer ouvir dele falar. A impressão é diferente nos meios onde nada de equivocado pode fazer suspeitar da sinceridade, da boa fé e do desinteresse, onde a honradez notória das pessoas impõe o respeito. Se dali não se sai convencido, pelo menos não se leva a idéia de um malabarismo.

O Espiritismo, portanto, nada tem a ganhar, e não teria senão a perder, apoiando-se sobre a exploração, ao passo que seriam os exploradores que se beneficiariam de seu crédito. Seu futuro não está na crença de um indivíduo, a tal ou tal fato de manifestação; está inteiramente no ascendente que tomará pela sua moralidade; foi por aí que ele triunfou, e será por aí que triunfará ainda das manobras de seus adversários. Sua força está em seu caráter moral, e é o que não se poderá lhe tirar.

O Espiritismo entra numa fase solene, mas onde terá ainda grande luta a sustentar; é preciso, pois, que ele seja forte por si mesmo, e, para ser forte, é preciso que seja respeitável. Cabe aos seus adeptos devotados fazê-lo respeitar, primeiro empregando eles mesmos por palavras e por exemplo, e, em seguida, em desaprovando, em nome da doutrina, tudo o que poderia prejudicá-la à consideração da qual deve estar cercada. É assim que poderá desafiar as intrigas, a zombaria e o ridículo.

UM CASO DE LOUCURA CAUSADO PELO MEDO DO DIABO.

Numa pequena cidade da antiga Borgogne, que nos abstermos de nomear, mas que poderíamos dar a conhecer se necessário, existe um pobre velho que a fé espírita sustenta em sua miséria, vivendo tão bem quanto mal do medíocre produto que lhe traz a venda ambulante de pequenos objetos nas localidades vizinhas. É um homem bom, compassivo, prestando serviço cada vez que disto acha a ocasião, e, certamente, acima de sua posição pela elevação de seus pensamentos. O Espiritismo lhe deu a fé em Deus e na imortalidade, a coragem e a resignação.

Um dia, numa de suas andanças, encontrou uma jovem viúva, mãe de várias criancinhas, que, depois da morte de seu marido que ela adorava, louca de desespero, e se vendo sem recursos, perdeu completamente a razão. Atraído pela simpatia para com essa grande dor, procurou ver essa infeliz mulher, a fim de julgar se seu estado era sem remédio. A privação na qual a encontrou redobrou sua compaixão; mas, ele mesmo pobre, não podia lhe dar senão consolações.

"Eu a vi várias vezes, disse ele a um de nossos colegas da Sociedade de Paris que o conhecia, e tinha ido vê-lo; um dia eu lhe disse, com o acento da persuasão, que aquele que ela lamentava não estava perdido sem retorno; que estava junto dela, se bem que não pudesse vê-lo e que eu podia, se ela o quisesse, fazê-la conversar com ele. A estas palavras, seu rosto pareceu se alegrar; um raio de esperança brilhou em seus olhos apagados. "- Não me enganais? disse ela; "ah! se isto pudesse ser verdade!"

"Sendo muito bom médium escrevente, obtive, durante a sessão, uma curta comunicação de seu marido que lhe causou uma doce satisfação. Vim vê-la com freqüência, e cada vez seu marido conversava com ela por meu intermédio, ela o interrogava, e ele respondia de maneira a não lhe deixar nenhuma dúvida sobre a sua presença, porque lhe falava de coisas que eu mesmo ignorava; encorajava-a, exortava-a à resignação e lhe assegurava que se reencontrariam um dia.

"Pouco a pouco, sob o império dessa doce emoção e dessas palavras consoladoras, a calma reentrou em sua alma, sua razão retornava a olhos vistos, e, ao cabo de alguns meses, ela foi completamente curada e pôde se entregar ao trabalho que deveria alimentá-la e a seus filhos.

"Esta cura fez uma grande sensação entre os camponeses da aldeia. Tudo ia, pois, bem; eu agradecia a Deus por haver me permitido arrancar essa infeliz das conseqüências de seu desespero; agradecia também aos bons Espíritos por sua assistência, porque todo o mundo sabia que esta cura tinha sido produzida pelo Espiritismo, e com isto eu me regozijava; mas eu tinha o cuidado de lhes dizer que não havia ali nada de sobrenatural, lhes explicando da melhor maneira os princípios da sublime Doutrina que dá tantas consolações e já fez um tão grande número de felizes.

"Essa cura inesperada emocionou vivamente o cura do lugar; ele visitou a viúva que ele havia abandonado completamente desde sua doença, soube por ela como e por quem ela tinha sido restituída à saúde e aos seus filhos; que ela agora tinha certeza de não estar separada de seu marido; que a alegria que ela com isto sentia, a confiança que isto lhe dava na bondade de Deus, a fé da qual estava animada, tinham sido a causa principal de seu restabelecimento.

"Ai de mim! todo o bem no qual eu tinha posto tanta perseverança em produzir ia ser destruído. O cura fez a infeliz viúva vir à residência paroquial; começou por lançar a dúvida em sua alma; depois fê-la acreditar que eu era um cúmplice de Satã, que eu não operava senão em seu nome, que ela estava agora em seu poder; e fez tão bem que a pobre mulher, que teria tido necessidade das maiores reservas, enfraqueceu por tanta emoção, recaiu num estado pior do que a primeira vez. Hoje ela não vê por toda a parte

senão os diabos, os demônios e o inferno; sua loucura é completa, e devem conduzi-la a um hospício de alienados."

O que havia causado a primeira loucura dessa mulher? O desespero. O que havia lhe restituído a *razão*? As consolações do Espiritismo. O que a fez recair numa loucura incurável? O fanatismo, o medo do diabo e do inferno. Esse fato dispensa todo comentário. O clero, como se vê, foi mal sucedido de pretender, como fez em muitos escritos e sermões, que o Espiritismo leva à loucura, quando se pode com razão lhe reenviar o argumento. As estatísticas oficiais estão aí, aliás, para provar que a exaltação das idéias religiosas entra por uma parte notável nos casos de loucura. Antes de lançar a pedra em alguém, seria sábio ver se ela não pode cair sobre si.

Que impressão esse fato deve produzir sobre a população dessa aldeia? Certamente ela não estará em favor da causa que sustenta o Sr. cura, porque o resultado material ali está sob os olhos. Se ele pensa recrutar partidários à crença no diabo, engana-se muito, e é triste ver que a Igreja faça dessa crença uma pedra angular da fé. (Ver a *Gênese segundo o Espiritismo*, capítulo XVII, 27.)

UM ESPÍRITO QUE CRÊ SONHAR.

Têm sido vistos, com freqüência, Espíritos que se acreditam ainda vivos, porque seu corpo fluídico lhes parece tangível como seu corpo material; eis um deles numa posição pouco comum: tudo em não se crendo morto, tinha consciência de sua intangibilidade; mas como quando vivo era profundamente materialista, de crença e de gênero de vida, ele crê que sonha, e tudo o que se lhe disse não pôde tirá-lo de seu erro, tanto está persuadido de que tudo acaba com o corpo. Era um homem de muito espírito, escritor distinto, que designaremos sob o nome de *Louis*. Ele fazia parte da multidão dos notáveis que partiram no mês de dezembro último para o mundo dos Espíritos. Há alguns anos, ele veio à nossa casa, onde foi testemunha de diversos fatos de mediunidade; notadamente ele ali viu um sonâmbulo que lhe deu provas evidentes de lucidez, para coisas que lhe eram todas pessoais, mas com isto não foi mais convencido da existência de um princípio espiritual.

"Numa sessão do grupo do Sr. Desliens, em 22 de dezembro, ele veio espontaneamente se comunicar por um dos médiuns, o Sr. Leymarie, sem que ninguém pensasse nele. Ele tinha morrido há oito dias. Eis o que fez escrever:

"Que sonho singular!... Eu me sinto arrastado por um turbilhão do qual não compreendo a direção.... Alguns amigos que eu acreditava mortos, convidaram-me para um passeio, e eis-nos transportados. Onde vamos nós?... Olha! Estranho gracejo! Num grupo espírita!...Ah! O falso gracejo, de ver essas pessoas conscienciosamente reunidas!... Conheço uma dessas figuras.... Onde já a ví? Eu não sei.... (Era o Sr. Desliens que se achava na sessão mencionada mais acima). Talvez na casa desse bravo homem Allan Kardec, que quis uma vez me provar que eu tinha uma alma, em me fazendo apalpar a imortalidade. Mas em vão se fez chamado aos Espíritos, às almas, tudo faltou; como nesses jantares muito cozidos, todos os pratos servidos foram mal sucedidos, e muito mal. Eu não supunha, no entanto, a boa fé do grande sacerdote; eu o acreditava um homem honesto, mas um orgulhoso pateta dos Espíritos da suposta erraticidade.

"Eu vos ouvi, senhores e senhoras, eu vos apresento meus respeitos obsequiosos. Vós escreveis, isto me parece, e vossas mãos ágeis vão, sem dúvida, transcrever o pensamento dos invisíveis!... espetáculo inocente!...sonho insensato que eu faço aqui! Eis um deles que escreve o que digo a mim mesmo.... Mas não estais se divertindo de tudo, nem meus amigos não mais, que têm rostos compassivos como os vossos. (Os Espíritos daqueles que morreram antes dele, e que ele acreditava ver em sonho.)

"Oh! certamente! é uma mania estranha deste valente povo francês! Subtraíram-lhe tudo ao mesmo tempo a instrução, a lei, o direito, a liberdade de pensar e de escrever, e ele se lança, esse bravo povo, nas utopias e nos sonhos. Ele dorme todo desperto, este país dos Gauleses, e é maravilha vê-lo agir!

"Ei-los, no entanto, à procura de um problema insolúvel, condenado pela ciência, pelos pensadores, pelos trabalhadores!... falta-lhes instrução... a ignorância é a lei de Loyola largamente aplicada... Eles têm diante deles todas as liberdades; podem chegar a todos os abusos, destruí-los, tornar-se seu senhor, enfim, senhor viril, econômico, sério, legal, e, como todas as crianças de cueiros, é-lhes preciso uma religião, um papa, um cura, a primeira comunhão, o batismo, a andadeira em tudo e sempre. A essas crianças grandes, são-lhes necessários os brinquedos, e os grupos espíritas ou espiritualistas lhes dão.

"Ah! se verdadeiramente houvesse um grão de verdade em vossas elucubrações, mas haveria, para um materialista, matéria para o suicídio!...Olhai! vivi por muito tempo amplamente; desprezei a carne, revoltei-a; ri dos deveres de família, de amizade. Apaixonado, usei e abusei de todas as volúpias, e isto com a convicção de que obedecia às atrações da matéria, única lei verdadeira sobre vossa Terra, e isto, eu o renovarei em meu despertar, com a mesma fúria, o mesmo ardor, o mesmo jeito. Eu tomava ao meu amigo, a um vizinho, sua mulher, sua filha ou sua pupila, pouco importa, contanto que, estando mergulhado nas delícias da matéria, rendo homenagem a esta divindade, senhora de todas as ações humanas.

"Mas, se eu me enganei?... se deixei passar a verdade?... se, verdadeiramente, havia outras vidas anteriores e existências sucessivas depois da morte?... se o Espírito era uma personalidade viva, eterna, progressiva, rindo-se da morte, se retemperando naquilo que chamamos a prova?... então haveria um Deus de justiça e de bondade?... eu seria um miserável.... e a escola materialista, culpada do crime lesa-nação, teria procurado decapitar a verdade, a razão!... eu seria, ou antes nós seríamos profundos celerados, refinados supostos liberais!.... Oh! então, se estais na verdade, eu queimaria o cérebro ao despertar, tão verdadeiro eu me chamo...."

Na sessão da Sociedade de Paris, de 8 de janeiro, o mesmo Espírito veio se manifestar de novo, não pela escrita, mas pela palavra, em se servindo do corpo do Sr. Morin, em sonambulismo espontâneo. Ele falou durante uma hora, e isso foi uma cena das mais curiosas, porque o médium tomou a sua pose, seus gestos, sua voz, sua linguagem ao ponto que aqueles que o tinham visto o reconheceram sem dificuldade. A conversação foi recolhida com cuidado e fielmente reproduzida, mas a sua extensão não nos permite publicá-la. Aliás, isso não foi senão o desenvolvimento de sua tese; a todas as objeções e a todas as questões que lhe foram feitas, pretendia tudo explicar pelo estado de sonho, e, naturalmente, se perdeu num dédalo de sofismas. Ele mesmo lembrou os principais episódios da sessão da qual tinha feito alusão em sua comunicação escrita, e disse: "Eu tinha muita razão em dizer que tudo havia faltado. Olhai, eis aqui a sua prova. Eu tinha colocado esta pergunta: Há um Deus? Pois bem! todos os vossos pretensos Espíritos responderam afirmativamente. Vedes que estavam ao lado da verdade, e que dela não são bem mais do que vós. Uma questão, no entanto, embaraça-o muito, também procura constantemente escapatórias para evitá-los; foi esta: "O corpo pelo qual falais não é o vosso, porque é magro, e o vosso era gordo. Onde está o vosso verdadeiro corpo? Ele não está aqui, porque não estais em nossa casa. Quando se sonha se está na cama; ide, pois, verem vossa cama se o vosso corpo ali está, e dissei-nos como ocorre que podeis estar aqui sem o vosso corpo!"

Encolerizado por essas perguntas reiteradas, às quais não respondia senão por estas palavras: "Efeitos bizarros dos sonhos," ele acaba por dizer: "Vejo bem que me queríeis despertar; deixai-me." Desde então ele acredita sempre sonhar.

Numa outra reunião, um Espírito deu sobre este fenômeno a comunicação seguinte:

Há aqui, uma substituição de pessoa, uma simulação. O Espírito encarnado recebe a liberdade ou cai na inação. Digo inércia, quer dizer, a contemplação daquilo que se passa. Ele está na posição de um homem que empresta momentaneamente a sua habitação, e que assiste às diferentes cenas que se realizam com a ajuda de seus móveis. Se gosta mais de gozar da sua liberdade, ele o pode, a menos que não haja para ele utilidade em permanecer espectador.

Não é raro que um Espírito atue e fale com o corpo de um outro; deveis compreendera possibilidade deste fenômeno, então que sabeis que o Espírito pode se retirar com o seu perispírito mais ou menos longe de seu envoltório corpóreo. Quando esse fato ocorre sem que nenhum Espírito disto se aproveite para ocupar o lugar, há a catalepsia. Quando um Espírito deseja para ali se colocar para agir, toma um instante a sua parte da encarnação, une o seu perispírito ao corpo adormecido, desperta-o por esse contato e restitui o movimento à máquina; mas os movimentos, a voz não são mais os mesmos, porque os fluidos perispirituais não afetam mais o sistema nervoso do mesmo modo que o verdadeiro ocupante.

Essa ocupação jamais pode ser definitiva; seria preciso, para isto, a desagregação absoluta do primeiro perispírito, o que levaria forçosamente à morte. Ela não pode mesmo ser de longa duração, pela razão de que o novo perispírito, não tendo sido unido a esse corpo desde a sua formação, não tem nele raízes, não estando modelado sobre esse corpo, não está apropriado ao desempenho dos órgãos; o Espírito intruso não está numa posição normal; ele é embaraçado em seus movimentos, e é porque deixa essa veste emprestada desde que dela não tenha mais necessidade.

Quanto à posição particular do Espírito em questão, não veio voluntariamente nesse corpo no qual se serve para falar; foi atraído pelo próprio Espírito de Morin que quis se divertir com seus embaraços; o outro, porque se deu ao secreto desejo de se colocar ainda e sempre em cético e em zombeteiro a aproveitar a ocasião que lhe era oferecida. O papel um pouco ridículo que desempenhou, por assim dizer apesar dele, recitando sofismas para explicar sua posição, é uma espécie de humilhação da qual sentirá a amargura ao despertar, e que lhe será proveitosa.

Nota. O despertar desse Espírito não pode deixar de dar lugar a observações instrutivas. Quando vivo, era, como se viu, um tipo de materialista sensualista; jamais aceitou o Espiritismo. Os homens dessa categoria procuram as consolações da vida nos gozos materiais; eles não são da escola de Büchner por estudo, mas porque esta doutrina liberta do constrangimento que a espiritualidade impõe, ela deve, segundo eles, estar na verdade. Para eles o Espiritismo não é um benefício, mas um embaraço; não há provas que possam triunfar de sua obstinação; eles as repelem, menos por convicção do que pelo medo de que não seja uma verdade.

UM ESPÍRITO QUE SE CRÊ PROPRIETÁRIO.

Na casa de um dos membros da Sociedade de Paris, que faz reuniões espíritas, há algum tempo vinham bater à porta, e, quando se ia abrir, não achavam ninguém. A ação da campainha era dada com força, e como por alguém que quer entrar sem pedir. Tendo sido tomadas todas as precauções para se assegurar de que o fato não era devido nem a uma causa acidental, nem à malevolência, disto se concluiu que deveria ser uma manifestação. Num dia de sessão, o dono da casa pediu ao visitante invisível consentir em se dar a conhecer e dizer o que desejava Eis as duas comunicações que ele deu.

I

(Paris, 22 de dezembro de 1868.)

Eu vos agradeço, senhor, o vosso amável convite para tomar a palavra, e, uma vez que nisto me encorajais, vencerei a minha timidez para me abrir francamente a vós sobre o meu desejo.

Eu preciso vos dizer de início que não fui sempre rico. Nasci pobre, e se tive êxito, devo-o unicamente a mim. Não vos direi, como tantos outros, que vim a Paris de tamancos; é um velho chapão que não prende mais; mas eu tinha o ardor, e o espírito do especulador por excelência. Sendo criança, se eu emprestava três bolas de gude, era preciso que o emprestado mas restituísse quatro. Eu fazia comércio com tudo o que tinha, e ficava feliz de ver pouco a pouco o meu tesouro crescer. É verdade que circunstâncias infelizes me despojaram várias vezes; fui fraco; outras mais fortes se apoderavam de meu ganho, e tudo ficava a recomeçar; mas eu era perseverante.

Pouco a pouco eu deixei a infância; minhas idéias cresceram. Criança, eu tinha explorado meus camaradas; jovem, eu explorava meus camaradas da fábrica. Eu fazia cursos; era amigo de todo o mundo, mas fazia pagar meus trabalhos e minha amizade. "Ele é bem complacente, dizia-se, mas não se deve lhe falar em dar." Oh! oh! É como a isto se chega. Ide, pois, ver esses belos filhos de hoje que despendem tudo o que possui no jogo e no café! eles se arruinam e se endividam, tanto no alto quanto no baixo da escala. Eu, deixava os outros correrem como loucos para a falência; eu caminhava lentamente e sabiamente; assim cheguei ao porto, e adquiri uma fortuna considerável.

Eu era feliz; tinha uma mulher, filhos; uma um pouco galante, os outros um pouco gastadores. Pensei que com a idade tudo isso desapareceria; mas não. No entanto, eu os mantinha por muito tempo controlados; mas um dia eu caí doente. Fizeram vir o médico que, sem dúvida, fez muito mal à minha bolsa; depois... perdi conhecimento...

Quando retornei à razão, tudo ia numa agradável caminhada! Minha mulher recebia; meus filhos tinham viaturas, cavalos, domésticos, administrador, que sei eu! todo um exército voraz que se lançou sobre meus pobres bens, tão penosamente adquiridos, para esbanjá-los.

No entanto, logo percebi que a desordem era organizada; não gastavam senão suas rendas, mas as gastavam largamente. Era-se bastante rico: não se tinha mais necessidade de capitalizar como o homem simples; era preciso gozar e não entesourar... Eu ficava de boca aberta, não sabendo o que dizer; porque se eu elevava a voz, não era escutado; fingiam não me ver. Sou nulo doravante; os domésticos não me expulsam ainda, se bem que meu costume não esteja em harmonia com o luxo dos departamentos; mas não dão atenção a mim. Eu me sento, me levanto, me choco com os visitantes, paro os criados; parece que não sentem nada; e, no entanto, tenho vigor, espero, e isto poderei testemunhar, vós que me ouvistes tocar. Creio que é de propósito; querem, sem dúvida, me tornar louco para se desembaraçarem de mim.

Tal era a minha situação quando fui visitar uma de minhas casas. Velho hábito que conservo ainda, se bem que não seja mais eu o senhor; mas vi tudo edificar; foram minhas moedas que tudo pagaram, e eu as amo, eu, essas casas cujas rendas enriquecem meus filhos ingratos.

Eu estava, pois, em visita aqui, quando soube que os espíritas aqui se reúnem. Isto me interessou; eu me informei do Espiritismo, e soube que os espíritas pretendem explicar todas as coisas. Como minha situação me parece pouco clara, eu não me irritaria em pedir o conselho dos Espíritos a esse respeito. Não sou nem um incrédulo, nem um curioso; tenho desejo de ver e de crer, de ser esclarecido, e se me colocardes em posição de tudo governar em minha casa, fé de proprietário, não vos aumentarei enquanto viver.

II

(Paris, 29 de dezembro de 1868.)

Eu estou morto, dizeis? Mas pensastes bem naquilo que dissestes? Pretendeis que meus filhos não me vêm nem me ouvem; mas vós me vedes e me ouvís, vós, uma vez que entraís em conversação comigo; uma vez que me ouvístes quando sou; uma vez que me interrogais e que eu respondo?... Escutai, eu vejo o que é: sois menos fortes do que acreditei, e como vossos Espíritos nada podem dizer, quereis me enrolar me fazendo duvidar de minha razão... Tomai-me por uma criança? Se estivesse morto, eu seria Espírito como eles e os veria; mas não vejo nenhum deles, e não me colocastes ainda em relação com eles

Há, portanto, uma coisa que me intriga. Dizei-me, pois, por que escreveis tudo o que digo? É que, por acaso, quereríeis me trair? Diz em que os espíritos são loucos; pensais talvez dizer aos meus filhos que me ocupo do Espiritismo, e lhes dando assim o meio de me fazerem interditar?

Mas ele escreve, escreve!... Antes não acabei de tomar cuidado que minhas idéias são logo inscritas sobre o papel... Tudo isto não está claro!... O que há de seguro é que vejo, que falo; eu respiro, ando, subo as escadas, e, obrigado, Deus! Percebo suficientemente que é no quinto que morais... Não é caridoso se fazer assim um jogo das dificuldades das pessoas. Eu sofro; não posso mais, e pretendem fazer-me crer que não tenho mais o corpo?... Sinto bem minha asma, talvez!... Quanto àqueles que me disseram o que é o Espiritismo, pois bem! mas são pessoas como vós; minhas conhecidas; que eu tinha perdido de vista, e que reencontrei depois de minha doença!

Oh! mas... é singular!... Oh! por exemplo, aqui não sou mais; mais de tudo!... mas, parece-me... Oh! minha memória que se vai... sim... não... mas se... Estou louco, minha palavra... falei com pessoas que acreditava mortas e enterradas há oito ou dez anos... Pois então! assisti aos enterros; fiz negócio com os herdeiros!... É verdadeiramente estranho!... E eles falam! e eles caminham... e conversam!... sentem seus reumatismos!... falam da chuva e do bom tempo!... pegam meu tabaco e me apertam a mão!

Mas, então, eu!... Não, não, não é possível! eu não estou morto! Não se morre como isto, sem disto se aperceber... Estou ainda no cemitério, justamente no fim da minha doença;... era um parente... meu filho está de luto... minha mulher não estava ali, mas ela chora... Eu a acompanhei, essa pobre querida... Mas que era, pois?... Eu não o sei verdadeiramente... Que perturbação estranha me agita!... Este seria eu!... Mas não; uma vez que acompanhei o corpo eu não podia estar no caixão mortuário... Estar lá, e lá embaixo!... e no entanto!... como é estranho tudo isto!... que meada embaraçada!... Não me digais nada; quero procurar tudo sozinho; vós me perturbaríeis... Deixai-me; eu retornarei... Parece, decididamente, que sou um fantasma!... Oh! a coisa singular!

Nota. Esse Espírito está na mesma situação que o precedente no sentido de que um e o outro se acreditam ainda neste mundo; mas há entre eles esta diferença de que um se crê em posse de seu corpo carnal, ao passo de que o outro tem a consciência de seu estado espiritual, mas imagina que sonha. Este último, sem contradita, está mais perto da verdade, e, no entanto, será o último a retornar de seu erro. O ex-proprietário era, é verdade, muito agarrado aos bens materiais, mas a sua avareza e os hábitos de economia um pouco sórdida, provam que ele não levava uma vida sensual. Além disto não era essencialmente incrédulo; não repelia a espiritualidade. Louis, ao contrário, dela tinha medo; o que lamentava, não era o abandono da fortuna que ele esbanjava quando vivo, mas os prazeres que esse esbanjamento lhe proporcionava. Não podendo resolver admitir que sobrevive ao seu corpo, ele crê sonhar; compraz-se nessa idéia pela esperança de retornará vida mundana; a ela se aferra por todos os sofismas que a sua imaginação pode lhe sugerir. Ficará, pois, nesse estado, uma vez que o *quer*, até que a evidência venha lhe abrir os olhos. Qual sofrerá mais ao despertar? A resposta é fácil: um não será senão mediocrementemente surpreendido, o outro ficará terrificado.

VISÃO DE PERGOLÈSE.

Tem sido freqüentemente contado, e todos conhecem o estranho relato da morte de Mozart, cujo *Requiem* tão célebre foi a última e a incontestável obra-prima. Se se crê numa tradição napolitana, muito antiga e muito respeitável, muito tempo antes de Mozart, fatos, não menos misteriosos e não menos interessantes, teriam precedido, senão levado, a morte prematura de um grande mestre: Pergolèse.

Essa tradição, eu a recebi da própria boca de um velho camponês do campo de Nápoles, esse país das artes e das recordações; ele a teve de seus avós e, em seu culto pelo ilustre senhor do qual falava, ele evitava com todo o cuidado nada mudar em seu relato.

Eu o imitarei e vos darei fielmente o que me contou.

"Vós conheceis, disse-me ele, a pequena cidade de *Casaria*, a alguns quilômetros de Nápoles, foi lá que, em 1704, Pergolèse recebeu a luz.

"Desde a mais tenra idade, o artista do futuro se revelou. Quando sua mãe, como o fazem todas as nossas, cantarolava junto dele as lendas rimadas de nosso país, para dormir // *bambino*, ou, segundo a expressão ingênua das amas de leite napolitanas, a fim de chamarão redor do berço os pequenos anjos do sono (*angelini dei sonno*), a criança, diz-se, em lugar de fechar os olhos, os tinha bem abertos, fixos e brilhantes; suas pequenas mãos se agitavam e pareciam aplaudir; aos gritos alegres que escapavam de seu peito ofegante, dir-se-ia que essa alma, apenas eclodida, já estremecia aos primeiros ecos de uma arte que deveria um dia cativá-la inteiramente.

"Aos oito anos, Nápoles o admirava como um prodígio, e durante mais de vinte anos a Europa inteira aplaudiu o seu talento e as suas obras.

Ele fez dar à arte musical um passo imenso; lançou, por assim dizer, o germe de uma era nova que deveria logo dar nascimento aos mestres que se chamam Mozart, Méhul, Beethoven, Haydn e os outros; a glória, em uma palavra, cobria a sua frente com a mais luminosa auréola.

"E, no entanto, sobre essa frente, dir-se-ia que uma nuvem de melancolia passeava errante e o fazia pender para a terra. De tempos em tempos, o olhar profundo do artista se elevava para o céu, como para procurar ali alguma coisa, um pensamento, uma inspiração.

"Quando o questionavam, respondia que uma vaga aspiração enchia sua alma, que no fundo de si mesmo ouvia como os ecos incertos de um canto do céu que o arrastava e o elevava, mas que não podia *agarrar*, e que, semelhante ao pássaro que as asas muito fracas não podem levá-lo à sua vontade no espaço, recaía sobre a terra sem ter podido seguir essa suave inspiração.

"Nesse combate, a alma pouco a pouco se esgotava; na mais bela idade da vida, porque ele não tinha então senão trinta e dois anos, Pergolèse parecia já ter sido tocado pelo dedo da morte. Seu gênio fecundo parecia se tornar estéril, desfalecia dia a dia; seus amigos em vão lhe procuravam a causa e ele mesmo não podia descobri-la.

"Foi neste estado estranho e penoso que passou o inverno de 1735 a 1736.

"Sabeis com que piedade celebramos aqui, em nossos dias ainda, malgrado o enfraquecimento da fé, os tocantes aniversários da morte do Cristo; a semana em que a Igreja chama a seus filhos é bem realmente para nós uma *semana santa*. Também, em vos reportando à época da fé onde vivia Pergolèse, podeis pensar com que fervor o povo corria em multidão às igrejas para ali meditar as cenas enternecedoras do drama sangrento do Calvário.

"Na sexta-feira santa Pergolèse seguiu a multidão. Em se aproximando do templo, pareceu-lhe que uma calma, há muito tempo desconhecida para ele, se fazia em sua alma, e, quando ultrapassou o portal, sentiu-se como envolvido numa nuvem ao mesmo tempo espessa e luminosa. Logo ele não viu mais nada; um silêncio profundo se fez ao

seu redor; depois, diante de seus olhos espantados, e no meio da nuvem onde até agora lhe tinha aparecido ser transportado, ele viu se desenharem os traços puros e divinos de uma virgem inteiramente vestida de branco; ele a viu pousar seus dedos etéreos sobre as teclas de um órgão, e ouviu como um concerto longínquo de voz melodiosa que insensivelmente se aproximava dele. O canto que essas vozes repetiam o enchia de encanto, mas lhe era desconhecido; parecia-lhe que esse canto não era outro senão aquele do qual não havia podido, tão freqüentemente, perceber senão os vagos ecos; essas vozes, eram bem aquelas que, há longos meses, lançavam a perturbação em sua alma e que agora ali traziam uma felicidade completa; sim, esse canto, essas vozes, eram bem o sonho que tinha perseguido, o pensamento, a inspiração que tinha por tanto tempo procurado inutilmente.

"Mas, enquanto sua alma, levada ao êxtase, bebia a grandes tragos as harmonias simples e celestes desse angélico concerto, sua mão, movida como por uma força misteriosa, se agitava no espaço e parecia traçar, com seu desconhecimento, notas que traduziam os sons que o ouvido escutava.

"Pouco a pouco as vozes se afastaram, a visão desapareceu, a nuvem se desvaneceu e Pergolèse, abrindo os olhos, viu, escrito por sua mão, sobre o mármore do templo, o canto de uma simplicidade sublime, que deveria immortalizá-lo, o *Stabat Mater*, que desde esse dia o mundo cristão inteiro repete e admira.

"O artista se levantou, saiu do templo, calmo, feliz, e não mais inquieto e agitado. Mas, nesse dia, uma nova aspiração se apoderou dessa alma de artista; ela tinha ouvido o canto dos anjos, o concerto dos céus; as vozes humanas e os concertos terrestres não lhe podiam mais bastar. Essa sede ardente, impulso de um vasto gênio, acabou de esgotar o sopro de vida que lhe restava, e foi assim que, aos trinta e dois anos, na exaltação, na febre, ou antes no *amor sobrenatural* de sua arte, Pergolèse encontrou a morte."

Tal é a narração de meu Napolitano. Isto não é, eu o disse, senão uma tradição; não lhe defendo a autenticidade, e a história não a confirma talvez em todo ponto, mas é ela muito tocante para não se comprazer com o seu relato.

ERNESTLENORDEZ.

(*Petit Monteur*, 12 de dezembro de 1868.)

BIBLIOGRAFIA.

HISTÓRIA DOS CALVINISTAS DE CÉVENNES,

Por Eug. Bonnemère (1).

(1)1 vol. in-12, 3 fr. 50; pelo correio, 4 fr Paris, casa Décembre-Alonnier, liv

A guerra empreendida, sob Louis XIV, contra os Calvinistas, ou Convulsionários de Cévennes, sem contradita, é um dos episódios mais tristes e mais emocionantes da história da França. Talvez seja ela menos notável do ponto de vista puramente militar, que renovou as atrocidades muito comuns nas guerras de religião, do que pelos inumeráveis fatos de sonambulismo espontâneo, êxtase, dupla vista, previsões e outros fenômenos do mesmo gênero que se produziram durante o curso dessa infeliz cruzada. Esses fatos, que se acreditavam então sobrenaturais, mantinham a coragem entre os calvinistas, acuados nas montanhas, como animais, ao mesmo tempo que os faziam considerar como possessos do diabo por uns, e como iluminados por outros; tendo sido uma das causas que provocaram e mantiveram a perseguição, e ali desempenhou um papel principal e não acessório; mas como os historiadores poderiam apreciá-los, então que faltavam todos os elementos necessários para se esclarecer sobre sua natureza e sua realidade? Não puderam senão desnaturá-los e apresentá-los sob uma falsa luz.

Só os conhecimentos novos fornecidos pelo magnetismo e pelo Espiritismo poderiam lançar a luz sobre a questão; ora, como não se pode falar com verdade daquilo que não se compreende, ou daquilo que se tem interesse em dissimular, esses conhecimentos eram também necessários para fazer sobre esse assunto um trabalho completo e isento de preconceitos, como eram a geologia e astrologia para comentar a Gênese.

Demonstrando a verdadeira causa desses fenômenos, provando que eles não saem da ordem natural, esses conhecimentos lhe restituíram o seu verdadeiro caráter. Eles dão assim a chave dos fenômenos do mesmo gênero que se produziram em muitas outras circunstâncias, e permitem fazer a parte do possível e do exagero lendário.

O Sr. Bonnemère, juntando ao talento do escritor, e aos conhecimentos do historiador, um estudo sério e prático do Espiritismo e do magnetismo, encontra-se nas melhores condições para tratar, com conhecimento de causa e com imparcialidade, o assunto que empreendeu. A idéia espírita foi mais uma vez colocada para contribuição às obras de fantasia, mas é a primeira vez que o Espiritismo figura *nominalmente* e como elemento de controle numa obra histórica séria; é assim que, pouco a pouco, ele toma o seu lugar no mundo, e que se cumprem as previsões dos Espíritos.

Ao brado Sr. Bonnemère não aparecerá senão de 5 a 10 de fevereiro, mas algumas provas nos foram comunicadas, delas extraímos as passagens seguintes que estamos felizes em poder reproduzir por antecipação. Todavia, suprimimos delas as notas indicativas das peças de apoio. Acrescentaremos que se distingue das obras sobre o mesmo assunto por documentos novos que não tinham ainda sido publicados na França, de sorte que se pode considerá-la como a mais completa.

Ela se recomenda, pois, por mais de um título, à atenção de nossos leitores, que poderão julgá-la pelos fragmentos adiante:

"O mundo jamais viu algo semelhante a essa guerra dos Cévennes. Deus, os homens e os demônios se olham da parte; os corpos e os Espíritos entraram em luta, e, se bem que de outro modo ainda do que no Antigo Testamento, os profetas guiavam nos combates os guerreiros que pareciam, eles mesmos, arrebatados acima das condições comuns da vida.

"Os cétricos e os zombadores acham mais fácil negar; a ciência confundida com medo de se comprometer, afasta seus olhares e se recusa a se pronunciar. Mas como não há fatos históricos que sejam mais incontestáveis do que aqueles, como não ocorre que tenham sido atestado por tantos numerosos testemunhas, a zombaria, não os acolhendo não podem se admitidos por muito tempo. Foi diante do sério povo inglês que as disposições foram juridicamente recolhidas, com as formas mais solenes, sob o ditado dos protestantes refugiados, e elas foram publicadas em Londres, em 1707, quando a lembrança de todas essas coisas estava ainda viva em todas as memórias, e que os desmentidos tivessem podido esmagá-las sob seu número, se elas tivessem sido falsas.

"Queremos falar do *Teatro sagrado dos Cévennes*, ou *Relato das diversas maravilhas recentemente operadas nessa parte do Languedoc*, do qual iremos fazer grandes citações.

"Os fenômenos estranhos que ali se encontram reportados não procuram, para se produzir, nem a sombra, nem o mistério; eles se manifestam diante dos intendentos, diante dos generais, diante dos bispos, como diante dos ignorantes e dos simples de espírito. Deles era testemunha e queria e teria podido estudá-los se o tivesse desejado.

"Desse gênero vi, escreveu Villars à Chamillard, em 25 de setembro de 1704, coisas que não teria jamais acreditado, se elas não tivessem se passado sob meus olhos: uma cidade inteira, cujas mulheres, sem exceção, pareciam possuídas do diabo. Elas tremiam e profetizavam publicamente nas ruas. Delas fiz deter vinte das piores, das quais uma teve o atrevimento de tremer e profetizar diante de mim. Eu a fiz prender para exemplo, e encerrar as outras nos hospitais."

"Tais procedimentos adotados sob Louis XIV, e fazer prender uma pobre mulher porque uma força desconhecida a constrangia a dizer, diante de um marechal da França, coisas que não lhe agradavam, podia ser então um modo de agir que não revoltava ninguém, tanto ela era simples e natural e nos hábitos do tempo. Hoje, é preciso ter coragem de abordar em face da dificuldade e de lhe procurar soluções menos brutais e mais probantes.

"Não cremos nem no maravilhoso, nem nos milagres. Vamos, pois, explicar naturalmente, o melhor que pudermos, esse sério problema histórico, permanecido sem solução até aqui. Vamos fazê-lo em nos ajudando as luzes que o magnetismo e o Espiritismo colocam hoje à nossa discussão, sem pretender, aliás, impor essas crenças a ninguém.

"É lamentável que não possamos consagrar senão algumas linhas àquilo que, compreende-se, exigiria um volume de desenvolvimentos. Diremos somente, para tranquilizar os espíritos tímidos, que isto não choca em nada as idéias cristãs; disto não temos por prova senão estes dois versículos do Evangelho de São Mateus:

"Quando, pois, vos entregarem nas mãos dos governantes e dos reis, não vos inquieteis como lhes falareis, nem daquilo que lhes direis: porque o que deveis dizer vos será dado na mesma hora;

"Porque não sois vós que falais, mas é o espírito de vosso pai que fala em vós. (Mat. cap. X, v. 19, 20).

"Deixamos aos comentaristas o cuidado de decidir qual é, em verdade, esse espírito de nosso Pai que, em certos momentos, se substitui a nós, fala em nosso lugar e nos inspira. Talvez pudesse se dizer que toda geração que desaparece é o pai e a mãe daquela que lhe sucede, e que os melhores entre aqueles que parecem não ser mais, se elevam rapidamente quando estão desembaraçados dos entraves do corpo material, vêm emprestar os órgãos daqueles de seus filhos que consideram dignos de lhes servir de intérpretes, e que espiarão muito caro um dia o mau uso que terão feito das faculdades preciosas que lhes são delegadas.

"O magnetismo desperta, superexcita e desenvolve em certos sonâmbulos o instinto que a Natureza deu a todos os seres para a sua cura, e que a nossa civilização incompleta abafou em nós para substituir pelas falsas luzes da ciência.

"O sonambulismo natural coloca o seu sonho em ação, eis tudo. Ele não empresta nada aos outros, nem nada pode por si.

"O sonâmbulo fluídico, ao contrário, aquele no qual o contato do fluido do magnetizador provoca esse estado bizarro, sente-se imperiosamente atormentado pelo desejo de aliviar os seus irmãos. Ele vê o mal, ou lhe vem indicar o remédio.

"O sonâmbulo inspirado, que pode às vezes ser, ao mesmo tempo, fluídico, é o mais ricamente dotado, e nele a inspiração se mantém nas esferas elevadas quando ela se manifesta espontaneamente; é só nele que o progresso reside, porque só ele é o eco, o instrumento dócil de um Espírito diferente do seu, e mais avançado.

"O fluido é um ímã que atrai os mortos queridos para aqueles que ficam. Ele se liberta abundantemente dos inspirados, e vai despertar a atenção dos seres que primeiro partiram, e que lhes são simpáticos. Estes de seu lado, depurados e esclarecidos por uma vida melhor, julgam melhor e conhecem melhor essas naturezas primitivas, honestas, passivas, que podem lhes servir de intermediários na ordem de fatos que crêem útil lhes revelar.

"No último século, eram chamados de extáticos. Hoje são os *médiuns*.

"O Espiritismo é a correspondência das almas entre si. Segundo os adeptos desta crença, um ser invisível se coloca em comunicação com um outro, gozando de uma organização particular que o torna apto a receber os pensamentos daqueles que viveram, e a escrevê-los, seja por um impulso mecânico inconsciente impresso à mão, seja pela transmissão direta à inteligência dos médiuns.

"Querendo-se conceder, por um momento, alguma crença a essas idéias compreender-se-á, sem dificuldade, que as almas indignadas desse mártires que o grande rei imola cada dia por centenas, tenham vindo velar sobre os seres queridos dos quais tinham sido violentamente separadas, que elas os hajam sustentado, guiado, consolado por meio de suas duras provas, inspirado seu espírito, que lhes tenham anunciado antecipadamente, - o que ocorre muito freqüentemente, - os perigos que os ameaçavam.

"Somente um pequeno número de sentimentos eram verdadeiramente inspirados. A liberação fluídica que saía deles, como de certos seres superiores e privilegiados, agia sobre essa multidão profundamente perturbada que os cercava, mas sem poder desenvolver na maioria dentre eles outra coisa senão os fenômenos grosseiros e amplamente falíveis da alucinação. Inspirados e alucinados, todos tinham a pretensão de profetizar, mas estes últimos emitiam uma multidão de erros no meio dos quais não se podia mais discernir entre as verdades que o Espírito soprava verdadeiramente aos primeiros. Essa massa de alucinados reagia a seu turno sobre os inspirados, e lançava a perturbação no meio de suas manifestações....

"Era preciso, disse o abade Pluquet, para sustentar a fé dos restos dispersos do protestantismo, dos socorros extraordinários, dos prodígios. Eles eclodiram de todas as partes entre os reformados, durante os quatro primeiros anos que se seguiram à revogação do Edito de Nantes. Ouviram-se nos ares, na vizinhança dos lugares onde houvera outrora templos, vozes tão perfeitamente semelhantes aos cantos dos salmos, tais como os protestantes as cantavam, que se pôde tomá-las por outra coisa. Essa melodia era celeste e essas vozes angélicas cantavam os salmos segundo a versão de Clément Marot e Théodore de Bèze. Essas vozes foram ouvidas no Béarn, nos Cévennes, em Vassy, etc. Os ministros fugitivos foram escoltados por essa divina salmodia, e mesmo a trombeta não os abandonou senão depois que tinham ultrapassado as fronteiras do reino. Jurieu assemelha com cuidado os testemunhos dessas maravilhas e deles conclui que "Deus tendo feito bocas no meio dos ares, isto era uma reprovação indireta que a Providência fazia aos protestantes da França por serem mortos muito facilmente." Ele ousou predizer que em 1689 o calvinismo seria restabelecido em França..."

"O Espírito do Senhor estará convosco, havia dito Jurieu; ele falará pela boca das crianças e das mulheres, em vez de vos abandonar."

"Era mais do que lhes era preciso para que os protestantes perseguidos não esperassem ver as mulheres e as crianças se porem a profetizar.

"Um homem tinha em sua casa, em uma vidraria escondida no topo da montanha de Peyrat, em Dauphiné, uma verdadeira escola de profecia. Era um velho gentil-homem chamado Du Serre, nascido na aldeia de Dieu-le-Fit. Aqui as origens são um pouco obscuras. Diz-se que se fez iniciarem Genève nas práticas de uma arte misteriosa das quais um pequeno número de personagens se transmitiam o segredo. Reuniam-se em sua casa alguns rapazes e algumas moças, dos quais, sem dúvida, tinha observado a natureza impressionável e nervosa, e os submetia, preliminarmente, a jejuns austeros; agia poderosamente sobre sua imaginação, estendia para eles suas mãos como para lhes impor o Espírito de Deus, soprava sobre suas frentes, e os fazia cair como inanimados diante dele, os olhos fechados, adormecidos, os membros retesados pela catalepsia, insensíveis à dor, não vendo, não ouvindo mais nada daquilo que se passava ao seu redor, mas parecendo escutar as vozes interiores que falavam neles, e vê espetáculos esplêndidos dos quais contavam as maravilhas. Porque, nesse estado bizarro, eles falavam, escreviam, depois, retornados a seu estado comum, não se lembravam mais nada daquilo que tinham feito, do que tinham dito, do que tinham escrito.

"Eis o que Brueyrs conta desses "pequenos profetas adormecidos," como ele os chama. Encontramos lá os procedimentos, bem conhecidos hoje, do magnetismo, e quem

o queira, pode, em muitas circunstâncias, reproduzir os *milagres*, do velho gentil-homem vidreiro...

"Houve, em 1701, uma nova explosão de profetas. Eles choviam do céu, surgiam da terra, e, das montanhas da Lozère até as margens do Mediterrâneo, eram contados por milhares. Os católicos tinham arrancado aos calvinistas seus filhos: Deus serviu-se das crianças para protestar contra essa prodigiosa iniquidade. O governo do grande rei não conhecia senão a violência. Detinham em massa, ao acaso, esses *profetas-crianças*; chicoteavam impiedosamente os menores, queimavam a planta dos pés aos maiores. Nada se lhes fez, e havia deles mais de trezentos nas prisões de Uzès, quando a faculdade de Montpellier recebeu a ordem de se transportar àquela cidade para examinar seu estado. Depois de maduras reflexões, a douta faculdade os declarou "atacados de fanatismo".

"Essa bela solução da ciência oficial, que hoje ainda não saberia disso dizer muito mais sobre esse assunto, não colocou um termo a essa onda transbordante de inspiração. Bâville publica então uma ordenação (setembro de 1701) para tornar os pais responsáveis pelo *fanatismo* de seus filhos.

"Colocaram soldados livremente nas casas de todos aqueles que não tinham podido afastar seus filhos desse perigoso ofício, e os condenaram a penas arbitrárias. Também tudo repercutia dos lamentos e dos clamores desses pais infelizes. A violência foi levada tão longe que, para dela se livrar, houve várias pessoas que denunciaram, elas mesmas, seus filhos, ou os entregaram aos intendentos e aos magistrados, dizendo-lhes: "Ei-los, deles nos desencarregamos, fazei-o passar, vós mesmos, se for possível, o desejo de profetizar."

"Vãos esforços! Eram acorrentados, o corpo torturado, mas o Espírito permanecia livre, e os profetas se multiplicavam. Em novembro, retiraram mais de duzentos deles de Cévennes, "que condenaram a servir ao rei, uns em seus exércitos, os outros nas galeras" (Court de Gébelin). Houve execuções capitais que não pouparam mesmo as mulheres. Enforcaram em Montpellier uma profetiza do Vivarais, porque saía sangue de seu nariz e de seus olhos, que ela chamava de lágrimas de sangue, que chorava sobre os infortúnios de seus correligionários, sobre os crimes de Roma e dos papistas...

"Uma surda irritação, uma onda de cólera muito tempo contida ressoava há muito tempo em todos os peitos, ao cabo desses vinte anos de intoleráveis iniquidades. A paciência das vítimas não cansava o furor dos carrascos. Pensou-se, enfim, em repelir a força pela força...

"Era sem dúvida, diz Brueys, um espetáculo muito extraordinário e muito novo; viam-se marchar pessoas de guerra para aí combater os pequenos exércitos de profetas." (t. I, p. 156).

"Espetáculo estranho, com efeito, porque os mais perigosos entre esses pequenos profetas se defendiam a golpes de pedras, refugiados em elevações inacessíveis. Mas, o mais freqüentemente, não tentavam mesmo disputar sua vida. Quando as tropas avançavam para atacá-los, caminhavam audaciosamente contra elas, dando grandes gritos: "Tartara! tartara! Para trás Satã!" Eles acreditavam, dizia-se, que essa palavra, fartara, deveria, como um exorcismo, pôr seus inimigos em fuga, que eles mesmos não eram invulneráveis, ou que ressuscitariam ao cabo de três dias, se viessem a sucumbir no combate. Suas ilusões não duraram muito sobre esses diversos pontos, e logo opuseram aos católicos armas mais eficazes.

"Em dois encontros, nas montanhas de Chailaret, e não longe de Saint-Genieys, mataram algumas centenas deles, prenderam um bom número e o resto pareceu dispersar-se. Bâville julgava os cativos, fazendo enforcar alguns deles, enviava o resto às galeras; e como nada de tudo isso não parecia desencorajar os protestantes, continuaram a procurar as assembleias do deserto, a degolar sem piedade aqueles que se lhes entregavam, sem que estes pensassem ainda em oporem uma séria resistência aos seus

carrascos. Segundo o depoimento de uma profetisa chamada Isabeau Charras, consignada no *Théâtre sacré des Cévennes*, os infelizes mártires voluntários se entregavam, antes advertidos pelas revelações dos extáticos, da sorte que os esperava; lê-se ali:

"O chamado Jean Héraut, nosso vizinho, e quatro ou cinco de seus filhos com ele, tinham inspirações. Os dois mais jovens tinham idade, um de sete anos, o outro de cinco anos e meio, quando receberam o dom; eu os vi muitas vezes em seus êxtases. Um outro de nossos vizinhos, chamado Marliant, tinha também dois filhos e três filhas no mesmo estado. A primogênita era casada. Estando grávida em torno de oito meses, ela ia a uma assembléia, em companhia de seus irmãos e irmãs, e tendo com ela seu pequeno menino, de sete anos. Ela ali foi massacrada com seu dito filho, um de seus irmãos e uma de suas irmãs. Aquele de seus irmãos que não foi morto, foi ferido, mas disto curou-se: e a mais jovem das irmãs foi deixada por morta sob os corpos massacrados, sem ter sido ferida. A outra irmã, embora viva, à casa de seu pai, mas ela morreu de suas feridas alguns dias depois. Eu não estava nessa assembléia, mas vi o espetáculo desses mortos e desses ferimentos."

"O que há de mais notável é que todos esses mártires tinham sido advertidos pelo Espírito do que lhes deveria ocorrer. Eles o tinham dito a seu pai, despedindo-se dele e pedindo-lhe a sua bênção, na mesma noite que saíram da casa para se encontrarem na assembléia, que devia se fazer na noite seguinte. Quando o pai viu todas essas lamentáveis ocorrências, ele não sucumbiu à sua dor mas, ao contrário, disse com uma piedosa resignação: "O Senhor mo deu, o Senhor mo tirou, que o nome do Senhor seja bendito!" Foi do irmão, do genro, dos dois filhos feridos e de toda a família que soube que tudo isso tinha sido predito."

EUGÈNE BONNEMÈRE.

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

12º ANO

NO. 3

MARÇO 1869

A CARNE É FRACA

Estudo fisiológico e moral.

Há tendências viciosas que são, evidentemente, inerentes ao Espírito, porque se prendem mais ao moral do que ao físico; outras parecem antes a consequência do organismo, e, por este motivo, delas se pode crer menos responsável; tais são as predisposições à cólera, à moleza, à sensualidade, etc.

Está perfeitamente reconhecido hoje, pelos filósofos espiritualistas, que os órgãos cerebrais correspondentes às diversas aptidões, devem seu desenvolvimento à atividade do Espírito; que esse desenvolvimento é assim um efeito e não uma causa. Um homem não é músico porque tem a *bossa* da música, mas ele não tem a *bossa* da música senão porque seu Espírito é músico (*Revista*, de julho de 1860, página 198, e abril de 1862, página 97.)

Se a atividade do Espírito reage sobre o cérebro, ela deve reagir igualmente sobre as outras partes do organismo. O Espírito é, assim, o artífice de seu próprio corpo, que ele configura, por assim dizer, a fim de apropriá-lo às suas necessidades e às manifestações de suas tendências. Estando isto posto, a perfeição do corpo nas raças avançadas seria o trabalho do Espírito que aperfeiçoa o seu aparelhamento à medida que as suas faculdades aumentam. (*A Gênese segundo o Espiritismo*, cap. XI; *Gênese espiritual*.)

Por uma consequência natural deste princípio, as disposições morais do Espírito devem modificar as qualidades do sangue, dar-lhe mais ou menos atividade, provocar uma secreção mais ou menos abundante de bile ou outros fluidos. É assim, por exemplo, que o guloso sente vir a saliva, ou, como se diz vulgarmente, a água à boca à vista de uma comida apetitosa. Não é a comida que pode superexcitar o órgão do gosto, uma vez que com ele não tem contato; é, pois, o Espírito cuja sensualidade é despertada, que age pelo pensamento sobre esse órgão, ao passo que, sobre um outro Espírito, a visão dessa comida nada produz. Ocorre o mesmo com todas as cobiças, todos os desejos provocados pela visão. A diversidade das emoções não pode se explicar, numa multidão de casos, senão pela diversidade das qualidades do Espírito. Tal é a razão pela qual uma pessoa sensível derrama facilmente lágrimas; não é a abundância das lágrimas que dá a sensibilidade ao Espírito, mas a sensibilidade do Espírito que provoca a secreção abundante das lágrimas. Sob o domínio da sensibilidade, o organismo é modelado sob essa disposição normal do Espírito, como é modelado naquela do Espírito guloso.

Seguindo esta ordem de idéias, compreende-se que o Espírito irascível deve levar ao temperamento bilioso; de onde se segue que um homem não é colérico porque é bilioso, mas que ele é bilioso, porque é colérico. Assim ocorre com todas as outras disposições instintivas; um Espírito mole e indolente deixará o seu organismo num estado de atonia em relação com o seu caráter, ao passo que se for ativo e enérgico, dará ao seu

sangue, aos seus nervos, qualidades muito diferentes. A ação do Espírito sobre o físico é de tal modo evidente, que se vêem, freqüentemente, graves desordens orgânicas se produzirem pelo efeito de violentas comoções morais. A expressão vulgar: *A emoção lhe revirou o sangue* não é também destituída de sentido quanto se poderia crê-lo; ora o que pôde revirar o sangue, se não as disposições morais do Espírito?

Este efeito é sobretudo sensível nas grandes dores, nas grandes alegrias e nos grandes medos, cuja reação pode ir até causar a morte. Vêm-se pessoas que morrem do medo de morrer; ora, que relação existe entre o corpo do indivíduo e o objeto que causa seu pavor, objeto que, freqüentemente, não tem nenhuma realidade? É, diz-se, o efeito da imaginação; seja; mas que é a imaginação senão um atributo, um modo de sensibilidade do Espírito? Parece difícil atribuir a imaginação aos músculos e aos nervos, porque, então, não se explicaria porque esses músculos e esses nervos não têm sempre imaginação; por que não o têm mais depois da morte; porque o que causa em uns um pavor mortal, superexcita a coragem em outros.

De qualquer sutileza que se use para explicar os fenômenos morais unicamente pelas propriedades da matéria, cai-se, inevitavelmente num impasse, no fundo do qual percebe-se, em toda a sua evidência, e como a única solução possível, o ser espiritual independente, para quem o organismo não é senão um meio de manifestação, como o piano é o instrumento das manifestações do pensamento do músico. Do mesmo modo que o músico afina o seu piano, pode-se dizer que o Espírito afina o seu corpo para colocá-lo no diapasão de suas disposições morais.

É verdadeiramente curioso ver o materialismo falar, sem cessar, da necessidade de levantar a dignidade do homem, então que se esforça em reduzi-la a um pedaço de carne que apodrece e desaparece sem deixar nenhum vestígio; de reivindicar para ele a liberdade como um direito natural, quando dela faz uma mecânica caminhando como uma pessoa encarregada de girar o espeto, sem responsabilidade de seus atos.

Com o ser espiritual independente, preexistente e sobrevivente ao corpo, a responsabilidade é absoluta; ora, para o maior homem, o primeiro, o principal móvel da crença no nada é o pavor que causa essa responsabilidade, *fora da lei humana*, e à qual se crê escapar tapando os olhos. Até hoje esta responsabilidade nada tinha de bem definida; não era senão um temor vago, fundado, é preciso muito reconhecê-lo, sobre crenças que não eram sempre admissíveis pela razão; o Espiritismo a demonstrou como uma realidade patente, efetiva, sem restrição, como uma consequência natural da espiritualidade do ser; é porque certas pessoas têm medo do Espiritismo que lhes perturbaria em sua quietude, levantando diante delas o temível tribunal do futuro. Provar que o homem é responsável por todos os seus atos é provar a sua liberdade de ação, e provar a sua liberdade, é levantar a sua dignidade. A perspectiva da responsabilidade fora da lei humana é o mais poderoso elemento moralizador: é o objetivo ao qual o Espiritismo conduz pela força das coisas.

Segundo as observações fisiológicas que precedem, pode-se, pois, admitir que o temperamento é, pelo menos em parte, determinado pela natureza do Espírito, que é causa e não efeito. Dizemos em parte, porque há casos em que o físico influi evidentemente sobre o moral: é quando um estado mórbido ou anormal é determinado por uma causa externa, acidental, independente do Espírito, como a temperatura, o clima, os vícios hereditários de constituição, uma doença passageira, etc. O moral do Espírito pode então ser afetado em suas manifestações pelo estado patológico, sem que a sua natureza intrínseca seja modificada.

Desculpar-se de seus defeitos sobre a fraqueza da carne não é, pois, senão uma fuga falsa para escapar à responsabilidade. *A carne é fraca porque o Espírito é fraco*, é em que se torna a questão, e deixa ao Espírito a responsabilidade de todos os seus atos. A carne, que não tem nem pensamento nem vontade, não prevalece jamais sobre o Espírito, que é o *ser pensante e que quer*, é o Espírito que dá à carne as qualidades

correspondentes aos seus instintos, como o artista imprime à sua obra material a marca de seu gênio. O Espírito liberto dos instintos da bestialidade, forma um corpo que não é mais um tirano para assuas aspirações na direção da espiritualidade de seu ser; é quando o homem come para viver, porque viver é uma necessidade, mas não vive mais para comer.

A responsabilidade moral dos atos da vida, portanto, permanece inteira; mas a razão diz que as conseqüências desta responsabilidade devem estar em razão do desenvolvimento intelectual do Espírito; quanto mais o Espírito é esclarecido, mais é indesculpável, porque com a inteligência e o senso moral, nascem as noções do bem e do mal, do justo e do injusto. O selvagem, ainda vizinho da animalidade, que cede ao instinto do animal comendo seu semelhante, é, sem contradita, menos culpável que o homem civilizado que comete uma simples injustiça.

Esta lei encontra ainda sua aplicação na medicina, e dá a razão de seu insucesso em certos casos. Desde que o temperamento é um efeito e não uma causa, os esforços tentados para modificá-lo podem ser paralisados pelas disposições morais do Espírito que opõe uma resistência inconsciente e neutraliza a ação terapêutica. E, pois, sobre a causa primeira que se deve agir; chegando-se a mudar as disposições morais do Espírito, o temperamento se modificará por si mesmo sob o império de uma vontade diferente, ou, pelo menos, a ação do tratamento médico será secundada em lugar de contrariá-la. Dai, se for possível, coragem ao covarde, e vereis cessar os efeitos fisiológicos do medo; ocorre o mesmo com as outras disposições.

Mas, dir-se-á, o médico do corpo pode se fazer o médico da alma? Está em suas atribuições tornar-se o moralizador de seus doentes? Sim, sem dúvida, num certo limite; é mesmo um dever que um bom médico não negligencia jamais, desde o instante que vê, no estado da alma, um obstáculo ao restabelecimento da saúde do corpo; o essencial é aplicar o remédio moral com tato, prudência e com propósito, segundo as circunstâncias. Desse ponto de vista, sua ação está forçosamente circunscrita, porque, além de que não tem sobre seu doente senão um ascendente moral, uma transformação do caráter é difícil em certa idade; é, pois, à educação, e sobretudo à educação primeira, que incumbem os cuidados dessa natureza. Quando a educação for, desde o berço, dirigida nesse sentido; quando se aplicar em abafar, em seu germe, as imperfeições morais, como se faz para as imperfeições físicas, o médico não encontrará mais, no temperamento, um obstáculo contra o qual a sua ciência, muito freqüentemente, é impotente.

Como se vê, é todo um estudo; mas um estudo completamente estéril enquanto não se tiver em conta a ação do elemento espiritual sobre o organismo. Participação incessantemente ativa do elemento espiritual nos fenômenos da vida, tal é a chave da maioria dos problemas contra os quais a ciência se choca; quando a ciência fizer entrarem linha de conta a ação desse princípio, verá abrir-se diante dela horizontes todos novos. É a demonstração desta verdade que o Espiritismo traz.

APÓSTOLOS DO ESPIRITISMO NA ESPANHA

Ciudad-Real, fevereiro de 1869

AO SENHOR ALLAN KARDEC.

Caro Senhor,

Os Espíritas que compõem o círculo da cidade de Andujar, hoje disseminados pela vontade de Deus para a propagação da verdadeira Doutrina, vos saúdam fraternalmente.

Minúsculos pelo talento, grandes pela fé, nós nos propomos sustentar, tanto pela imprensa quanto pela palavra, tanto em público quanto em particular, a Doutrina Espírita, porque foi esta mesma que Jesus pregou, quando veio sobre a Terra, para a redenção da Humanidade.

A Doutrina Espírita, chamada a combater o materialismo, a fazer prevalecer a divina palavra, a fim de que o espírito do Evangelho não seja mutilado por ninguém, a preparar o caminho da igualdade e da fraternidade, tem necessidade hoje, na Espanha, de apóstolos e de mártires. Se não podemos ser os primeiros, seremos os últimos: estamos prontos para o sacrifício.

Lutaremos sós ou em conjunto, com aqueles que professam a nossa Doutrina. Os tempos são chegados; não percamos, por indecisão ou por medo, a recompensa que está reservada àqueles que sofrem e são perseguidos pela justiça.

Nosso grupo era com posto de seis pessoas, sob a direção espiritual do Espírito de Fénelon. Nosso médium era Francisco Perez Blanca, e os outros: Pobra Medina, Luis Gonzalez, Francisco Marti, José Gonzalez e Manuel Gonzalez.

Depois de ter disseminado a semente em Andujar, estamos hoje em diferentes cidades: Leon, Sevilha, Salamanca, etc., onde cada um de nós trabalha na propagação da Doutrina, o que consideramos como nossa missão.

Segundo os conselhos de Fénelon, vamos publicar um jornal espírita; desejando ilustrá-lo com extratos tirados das obras que publicastes, rogamos nos conceder permissão para isto. Além disto, ficaríamos muito felizes com a vossa benevolente cooperação, e, para este fim, colocamos à vossa disposição as colunas de nosso jornal.

Agradecendo-vos antecipadamente, nós vos pedimos saudar, em nosso nome, os nossos irmãos da Sociedade de Paris;

E vós, caro Senhor, recebei o fraternal abraço de vossos irmãos. Por todos,

MANUEL GONZALEZ SORIANO.

Já tivemos muitas vezes a ocasião de dizer que a Espanha contava com numerosos adeptos, sinceros, devotados e esclarecidos; aqui, é mais do que do devotamento, é da abnegação; não uma abnegação irrefletida, mas calma, fria, como a do soldado que caminha para o combate dizendo a si mesmo: O que quer que me custe isto, eu cumprirei o meu dever. Não é essa coragem que flameja como um fogo de palha e se extingue ao primeiro alarme; que, antes de agir, calcula cuidadosamente o que pode perder ou ganhar, é o devotamento daquele que coloca o interesse de todos antes do interesse pessoal.

O que teria ocorrido com as grandes idéias que fizeram o mundo avançar, se não tivessem encontrado senão defensores egoístas, devotados em palavras enquanto não tivessem nada a temer e nada a perder, mas dobrando-se diante de uma comparação com o defeito e com medo de comprometer algumas parcelas de seu bem-estar? As ciências, as artes, a indústria, o patriotismo, as religiões, as filosofias tiveram os seus apóstolos e os seus mártires. O Espiritismo também é uma grande idéia regeneradora; ele nasce apenas; não está ainda completo, e já encontra corações devotados até a abnegação, até o sacrifício; devotamentos freqüentemente obscuros, não procurando nem a glória nem o brilho, mas que, por agir numa pequena esfera, com isto não são senão meritórios, porque são mais desinteressados moralmente.

No entanto, em todas as causas, os devotamentos em pleno dia são necessários, porque eles esclarecem as massas. Não está longe o tempo, isto é certo, em que o Espiritismo terá também os seus grandes defensores que, desafiando os sarcasmos, os preconceitos e a perseguição, dele erguerão a bandeira com a firmeza que dá a consciência de fazer uma coisa útil; eles o apoiarão com a autoridade de seu nome e de

seu talento, e seu exemplo arrastará a multidão dos tímidos que se mantêm ainda prudentemente à parte.

Nossos irmãos da Espanha abrem a caminhada; eles cingem seus rins, e se aprontam para lutar; que recebam as nossas felicitações e as de nossos irmãos em crença de todos os países, porque entre os Espíritas não há distinção de nacionalidades. Seus nomes serão inscritos com honra ao lado dos corajosos pioneiros aos quais a posteridade deverá um tributo de reconhecimento por terem sido os primeiros, a pagar com suas pessoas, e contribuído para o levantamento do edifício.

Isto é dizer que o devotamento consiste em tomar o bastão de viajor para ir pregar, em nome do mundo, ao primeiro que chegue? Não, certamente; em qualquer lugar em que se esteja, pode-se ser útil. O verdadeiro devotamento consiste em saber tirar a melhor parte de sua posição, colocando a serviço da causa, o mais utilmente possível e com discernimento, as forças físicas e morais que a Providência distribuiu a todos.

A dispersão desses senhores não foi o fato de sua vontade; reunidos de início pela natureza de suas funções, estas mesmas funções os chamaram sobre diferentes pontos da Espanha. Longe de se desencorajarem por esse isolamento, compreenderam que, todos estando unidos de pensamento e de ação, iriam poder plantar a bandeira em vários centros, e que, assim, a sua separação reverteria em proveito da vulgarização da idéia.

Assim o foi num regimento francês do qual um certo número de oficiais tinham formado, entre eles, um dos grupos dos mais sérios e dos melhores organizados que já vimos. Animados de um zelo esclarecido e de um devotamento à prova, seu objetivo era de início se instruir a fundo dos princípios da Doutrina, depois exercer a palavra impondo a obrigação de tratar, na ordem de inscrição, uma questão, a fim de se familiarizar com a controvérsia. Fora de seu círculo, pregavam pela palavra e pelo exemplo, mas com prudência e moderação; não procurando fazer propaganda a todo preço, a faziam mais frutífera. Tendo o regimento mudado de residência, foi repartido entre várias cidades; o grupo foi assim dispersado materialmente, mas sempre unidos em intenções, prosseguia a sua obra em pontos diferentes.

O ESPIRITISMO POR TODA A PARTE.

Extrato de jornais ingleses.

Um de nossos correspondentes de Londres nos transmite a notícia seguinte:

"O jornal inglês *The Builder* (o Construtor), órgão dos arquitetos, muito estimado por seu caráter prático e a retidão de seu julgamento, tratou incidentemente, repetidas vezes, das questões referentes ao Espiritismo; nesses artigos são mesmo questão as manifestações de nossos dias, das quais o autor dá uma apreciação do seu ponto de vista.

"Ele foi também questão do Espiritismo em algumas das últimas notícias da *Revue anthropologique* de Londres; ali se declara que o *fato da intervenção ostensiva dos Espíritos, em certos fenômenos, foi muito bem averiguado para ser posto em dúvida*. Ali se fala do envoltório corpóreo do homem como de uma veste grosseira apropriada ao seu estado atual, que se o considera como o mais baixo degrau do reino animal; este reino, se bem que o coroamento da animalidade do planeta, que não é senão um esboço do corpo glorioso, leve, purificado e luminoso que a alma deverá revestir no futuro, à medida que a raça humana se desenvolve e se aperfeiçoa.

"Isso não é ainda, acrescenta nosso correspondente, a doutrina homogênea e coerente da escola espirita francesa, mas isso as aproxima muito e me pareceu interessante como indício do movimento das idéias no *sentido espírita* deste lado do estreito. Mas lhe falta direção; flutua-se ao acaso nesse mundo novo que se abre diante

da Humanidade e não é de se admirar que nele se perca por falta de guia. Não é duvidoso que, se as obras da Doutrina estivessem traduzidas para o inglês, ali reuniriam numerosos partidários fixando as idéias ainda incertas.
A. BLACKWELL"

CHARLES FOURIER.

Numa obra intitulada: *Charles Fourier, sua vida e suas obras*, por Pellarin, encontra-se uma carta de Fourier ao Sr. Muiron, datada de 3 de dezembro de 1826, pela qual ele prevê os fenômenos futuros do Espiritismo.

Ela está assim concebida:

"Parece que os Srs. C. e P. renunciaram ao seu trabalho sobre o magnetismo. Eu apostaria que eles não fariam valer o argumento fundamental: é que, se *tudo está ligado no universo, devem existir os meios de comunicação entre as criaturas do outro mundo e deste*; quero dizer: comunicação de faculdades, participação temporária e acidental das faculdades dos ultramundanos ou defuntos, e não comunicação com eles. Esta participação não pode ter lugar no estado de vigília, mas somente num estado misto, como o sono ou outro. Os magnetizadores encontraram esse estado? Eu o ignoro? mas, em princípio, sei que deve existir."

Fourier escreveu isto em 1826, a propósito dos fenômenos sonambúlicos; ele não poderia ter nenhuma idéia dos meios de comunicação direta descobertos vinte e cinco anos mais tarde, e nem lhe concebia a possibilidade senão num estado de desligamento, aproximando de alguma sorte os dois mundos; mas ele não tinha menos a convicção do fato principal, o da existência dessas relações.

Sua crença sobre um outro ponto capital, o da reencarnação sobre a Terra, é ainda mais precisa quando ele diz: *Tal mau rico poderá retornar mendigo à porta do castelo do qual foi o proprietário*. É o princípio da expiação terrestre nas existências sucessivas, em tudo semelhante ao que ensina o Espiritismo, segundo os exemplos fornecidos por essas mesmas relações entre o mundo visível e o mundo invisível. Graças a essas relações, esse princípio de justiça, que não existia no pensamento de Fourier senão no estado de teoria ou de probabilidade, tornou-se uma verdade patente.

PROFISSÃO DE FÉ DE UM FOURIERISTA.

A passagem seguinte é extraída de uma obra nova intitulada: *Cartas a meu irmão sobre minhas crenças religiosas*, por Math. Briancourt(1). (1)1 vol. in-18. Libr. dès sciences sociales.

"Eu creio em um único Deus todo-poderoso, justo e bom, tendo por corpo a luz, por membros a totalidade dos astros ordenados em séries hierárquicas. - Creio que Deus assinala a todos os seus membros, grandes e pequenos, uma função a cumprir no desenvolvimento da vida universal que é sua vida, reservando a inteligência para aqueles de seus membros aos quais se associa no governo do mundo. - Creio que os seres inteligentes do último grau, as humanidades, têm por tarefa a gestão dos astros que habitam e sobre os quais têm a missão de fazer reinar a ordem, a paz e a justiça. - Creio que as criaturas cumprem suas funções em satisfazendo suas necessidades, que Deus proporciona exatamente às exigências das funções; e, como em sua bondade, ele liga o prazer à satisfação das necessidades, creio que toda criatura, cumprindo a sua tarefa, é

também feliz quanto o comporta a sua natureza, e que seus sofrimentos são tanto mais vivos, quanto ela se afasta mais do cumprimento dessa tarefa. - Creio que a Humanidade terrestre terá logo adquirido os conhecimentos e o material que lhe são indispensáveis para cumprir sua alta função, e que, em consequência, o dia da felicidade geral neste mundo não tardará muito tempo a nascer. - Creio que a inteligência dos seres com razão dispõe de dois corpos; um formado de substâncias visíveis aos nossos olhos; o outro de matérias mais sutis e invisíveis chamadas aromas. - *Eu creio que na morte de seu corpo visível, esses seres continuem a viver no mundo aromai, onde encontram remuneração exata de suas obras boas ou más; depois, após um tempo mais ou menos longo, retomam um corpo material para abandoná-lo ainda à decomposição, e assim po diante.* - Creio que as inteligências que se engrandecem cumprindo exatamente as suas funções, vão animar seres cada vez mais elevados na divina hierarquia, até que reentrem, no fim dos tempos, no seio de Deus, de onde saíram, que se unam à sua inteligência, e partilhem de sua vida aromai."

Com uma tal profissão de fé, compreende-se que fourieristas e espíritas possam se dar a mão.

VARIEDADES.

SENHORITA DE CHILLY.

Lê-se na *Petite Presse* de 11 de fevereiro de 1869: "O Sr. de Chilly, o simpático diretor do Odéon, tão cruelmente provado pela morte quase fulminante de sua filha única, está ameaçado de uma nova dor. Sua sobrinha, Senhorita Artus, filha do antigo chefe de orquestra do Ambigu-Comique, está, neste momento, por assim dizer, às portas do túmulo. A este propósito, o *Figaro* conta esta triste e tocante história:

"A Senhorita de Chilly agonizante deu um pequeno anel a essa prima cuja vida está hoje tão cruelmente ameaçada, e lhe disse: -Toma-o, *tu mo Irarás de novo!*

"Estas palavras feriram a imaginação da pobre criança? Eram a expressão dessa dupla vista atribuída à morte? Entretanto, alguns dias depois dos funerais da Senhorita de Chilly, sua jovem prima caía doente."

"O que o *Figaro* não disse é que, em seus últimos momentos, a pobre morta, que se agarrava à vida com toda a energia de seus dezoito belos anos, gritava de seu leito de dor, à sua prima se derretendo em lágrimas num canto do quarto, teatro de sua agonia: - Não, eu não quero morrer! eu não quero para lá ir sozinha! tu virás comigo! eu te espero! eu te espero! tu não te casarás!

"Que espetáculo e que angústias para essa infortunada Senhorita Artus, da qual, com efeito, o noivado se preparava no próprio momento em que a Senhorita de Chilly se acamava para não mais se levantar!" Sim, certamente, estas palavras são a expressão dessa *dupla vista atribuída à morte*, e cujos exemplos não são raros. Quantas pessoas tiveram pressentimentos desse gênero antes de morrer! Dir-se-á que elas desempenham a comédia? Que os nihilistas expliquem esses fenômenos se o puderem! Se a inteligência não fosse senão uma propriedade da matéria, e deveria se extinguir com esta, como explicar o recrudescência de atividade desta mesma inteligência, as faculdades novas, transcendentais às vezes, que se manifestam tão freqüentemente no próprio momento em que o organismo se desfaz, onde o último suspiro vai se exalar? Isto não prova que alguma coisa sobrevive ao corpo? Disse-se cem vezes: a alma independente se revela cada instante sob mil formas e em condições de tal modo evidentes, que é preciso fechar voluntariamente os olhos para não a ver.

APARECIMENTO DE UM FILHO VIVO À SUA MÃE.

O fato seguinte é contado por um jornal de medicina de Londres, e reproduzido pelo *Journal de Rouen*, de 23 de dezembro de 1868:

"Na última semana o Sr. Samuel W..., um dos principais empregados do Banco, teve que deixar em boa hora de ir a uma reunião para a qual tinha sido convidado com sua mulher, porque se achou muito indisposto. Ele reentrou em sua casa com uma febre altíssima. Enviou-se à procura do médico; este tinha sido chamado numa cidade vizinha, e não deveria reentrar senão muito tarde na noite.

"A Senhora Samuel decidiu esperar o médico na cabeceira de seu marido. Se bem que preso a uma febre ardente, o doente dormia tranqüilamente. A Senhora Samuel, um pouco tranqüilizada, vendo que seu marido não sofria, não lutou contra o sono e ela adormeceu, o seu turno.

"Pelas três horas, ela ouviu ressoar a campainha da porta de entrada, do lado dos senhores e das visitas. Deixou com precipitação sua poltrona, pegou um castiçal e desceu ao salão.

"Lá, ela esperava ver entrar o médico. A porta do salão se abriu, mas em lugar do doutor ela viu entrar seu filho Edouard, o menino de doze anos, que está num colégio perto de Windsor. Ele estava muito pálido e tinha a cabeça cercada de uma grande venda branca.

"-Tu esperavas o médico para papai, não é? fez ele abraçando sua mãe. Mas papai está melhor, isso não é mesmo nada; ele se levantará amanhã. Sou eu que tenho necessidade de um bom médico. Trate de chamá-lo em seguida, porque o do colégio disse não entende grande coisa...

"Agarrada, assustada, a Senhora Samuel teve a força de soar a campainha. A camareira chegou. Ela encontrou sua patroa no meio do salão, imóvel, o castiçal na mão. O barulho de sua voz despertou a Senhora Samuel. Ela tinha sido o juguete de uma visão, de um sonho, chamemo-lo como quisermos. Ela se lembrava de tudo e repetia à sua camareira o que havia acreditado ouvir. Depois ela gritou chorando: "Uma infelicidade deverá chegar ao meu filho!"

"O médico tão esperado chegou. Ele examinou o Sr. Samuel. A febre tinha quase desaparecido; ele afirmou que isso não havia sido senão uma simples febre nervosa, que segue seu curso e acaba em algumas horas.

"A mãe, depois dessas palavras tranqüilizantes, narrou ao doutor o que lhe havia ocorrido uma hora antes. O homem da arte - por incredulidade, ou talvez pelo desejo de ir repousar - aconselhou a Senhora Samuel a não ligar nenhuma importância a esses fantasmas. No entanto, ele teve que ceder aos pedidos, às angústias da mãe e acompanhá-la a Windsor.

"Ao amanhecer, eles chegam ao colégio. A Senhora Samuel pergunta por notícias de seu filho; é-lhe respondido que estava na enfermaria desde a véspera. O coração da pobre mãe oprimiu-se; o doutor tornou-se cuidadoso.

"Breve, visitaram a criança. Ela se fez uma grande ferida na fronte, brincando no jardim. Foram-lhe dados os primeiros cuidados, só que se lhe havia mal curado. No entanto, a ferida nada tinha de perigosa.

"Eis o fato em todos os seus detalhes; temo-lo de pessoas dignas de fé. Dupla vista ou sonho, deve-se sempre considerá-lo como um fato pouco comum."

Como se vê, a idéia da dupla vista ganha terreno; ela se recomenda fora do Espiritismo, como a pluralidade das existências, o perispírito, etc.; tanto é verdade que o Espiritismo chega por mil caminhos, se implanta sob todas as espécies de formas, pelos próprios cuidados daqueles que não o querem.

A possibilidade do fato acima é evidente, e seria supérfluo discuti-la. É um sonho ou um efeito de dupla vista? A Senhora Samuel dormia, e, em seu despertar, lembrou-se do que viu; era, pois, um sonho; mas um sonho que traz a imagem de uma atualidade tão precisa, e que é verificado quase imediatamente, não é um produto da imaginação: é uma visão bem real. Há, ao mesmo tempo, dupla vista, ou visão espiritual, porque é muito certo que não foi com os olhos do corpo que a mãe viu seu filho. Houve, de parte a parte, desligamento da alma; foi a alma da mãe que foi até o filho, ou a do filho que veio até a mãe? As circunstâncias tornam este último caso o mais provável, porque na outra hipótese a mãe teria visto seu filho na enfermaria.

Alguém que não conhece senão superficialmente o Espiritismo, mas admite perfeitamente a possibilidade de certas manifestações, perguntou-nos a esse respeito como o filho, que estava em sua cama, pudera se apresentar a sua mãe com suas roupas." Eu concebo, dizia ele, a aparição pelo fato do desligamento da alma; mas não compreendo porque os objetos puramente materiais, como as vestes, tenham a propriedade de transportar-se longe uma parte quintessenciada de sua substância, o que suporia uma vontade.

Também, respondemos-lhe, as roupas, tão bem quanto o corpo material do jovem, ficaram em seu lugar. Depois de uma curta explicação sobre o fenômeno das criações fluídicas, acrescentamos: O espírito do jovem se apresentou na casa de sua mãe com o seu corpo fluídico ou perispiritual. Sem ter tido o desejo premeditado de se vestir com as suas roupas, sem ter feito este raciocínio: "Minhas roupas de tecido estão lá; eu não posso vesti-las; é preciso, pois, fabricar roupas fluídicas que delas me darão a aparência," bastou-lhe pensarem sua roupa habitual naquela que teria tomado em circunstâncias comuns, para que este pensamento desse ao seu perispírito a aparência dessa mesma roupa; pela mesma razão, teria podido se apresentarem roupa de dormir, se tal tivesse sido seu pensamento. Essa aparência era tornada por ele mesmo uma espécie de realidade; não havia senão uma consciência imperfeita de seu estado fluídico, e, do mesmo modo que certos Espíritos não se crêem ainda desse mundo, ele acreditava vir à casa de sua mãe em carne e em osso, uma vez que a abraça como de hábito.

As formas exteriores que revestem os Espíritos que se tornam visíveis são, pois, verdadeiras criações fluídicas, freqüentemente inconscientes; a roupa, os sinais particulares, as feridas, os defeitos do corpo, os objetos dos quais se faz uso, são o reflexo de seu próprio pensamento no envoltório perispiritual.

- Mas, então, disse nosso interlocutor, é toda uma ordem nova de idéias; há ali todo um mundo, e esse mundo está em nosso meio; muitas coisas se explicam; as relações entre os mortos e os vivos se compreendem. - Sem nenhuma dúvida, e é ao conhecimento desse mundo, que nos interessa por tantos títulos, que o Espiritismo conduz. Esse mundo se revela por uma multidão de fatos que se negligencia por falta de compreender a causa.

UM TESTAMENTO NOS ESTADOS UNIDOS.

"No Estado de Maine, nos Estados Unidos, uma senhora pediu a nulidade de um testamento de sua mãe. Ela dizia que, membro de uma sociedade espírita, sua mãe tinha escrito suas últimas vontades sob o ditado de uma mesa girante.

"O juiz declarou que a lei não proibia as consultas das mesas girantes, e as cláusulas do testamento foram mantidas."

Isso não temos ainda aqui na Europa; também o jornal francês que reportou o fato, o fez preceder desta exclamação: *Sont-ils forts, cês Américains!* Traduzi: São eles simplórios!

O que quer que pense o autor desta reflexão crítica, esses Americanos poderiam bem servir de exemplo, sobre certos pontos, à velha Europa, se esta se arrastar ainda por muito tempo na rotina dos velhos preconceitos. O movimento progressivo da Humanidade partiu do Oriente, e se propagou pouco a pouco para o Ocidente; teria já transposto o Atlântico e plantado a sua bandeira no continente, deixando a Europa para trás, como a Europa deixou a Índia? É uma lei, e o círculo do progresso teria já feito várias vezes a volta ao mundo? O fato seguinte poderia fazê-lo supor.

Emancipação das mulheres nos Estados Unidos.

Escreveu-se em Yankton, cidade de Dakota (Estados Unidos), que a legislação desse território veio a adotar, por uma grande maioria, um projeto de lei do Sr. Enos Stutsman, que concede às mulheres o direito de sufrágio e de elegibilidade. (Siecle, de 15 de janeiro de 1869.)

Quarta-feira, 29 de julho, a senhora Alexandrine Bris submeteu-se diante da Faculdade das ciências de Paris, a um exame de bacharelado em ciências; ela foi recebida com quatro bolas brancas, sucesso raro, que lhe valeu da parte do presidente as felicitações, ratificadas pela aclamação de toda a assistência.

Lê *Temps* assegura que a senhora Bris deve fazer suas inscrições na Faculdade de medicina, tendo em vista o doutorado. (*Grand Moniteur*, de 6 de agosto de 1868.)

Disseram-nos que a senhora Bris é americana. Conhecemos duas senhoritas de New-York, irmãs da senhorita B..., membro da Sociedade Espírita de Paris, que têm o diploma de doutor e exercem a medicina exclusivamente para as mulheres e as crianças. Nós ainda não estamos lá.

MISS NICHOL, MÉDIUM DE TRANSPORTES

Nestes últimos dias, o hotel dês Deux-Mondes, da rua d'Antin, foi teatro de sessões sobrenaturais dadas pela célebre *médium* Nichol, em presença de alguns iniciados somente.

A senhora Nichol vai à Roma para submeter ao exame do Santo Padre a sua faculdade extraordinária, que consiste em fazer cair chuvas de flores. - É o que se chama um *médium de transporte*, (*Jornal Paris*, 15 de janeiro de 1869.)

A senhora Nichol é de Londres, onde goza de uma certa reputação como *médium*. Assistimos a algumas de suas experiências, em uma sessão íntima, há mais de um ano, e confessamos que nos deixaram muito a desejar. É verdade que somos passavelmente céticos a respeito de certas manifestações, e um pouco exigentes sobre as condições que elas se produzem, não que coloquemos em dúvida a fé dessa senhora: dizemos somente que o que *vimos* não nos pareceu de natureza a convencer os incrédulos.

Nós lhe desejamos boa chance junto ao Santo Padre; ela não terá, certamente, dificuldades em convencê-lo da realidade dos fenômenos que são hoje abertamente reconhecidos pelo clero (ver a obra intitulada: *Dos Espíritos e suas relações com o mundo visível*, pelo abade Triboulet) (1)- (1) 1 vol. in-8;5fr ; mas duvidamos muito que ela chegue a fazê-lo reconhecer oficialmente que não são obras do diabo.

Roma é uma terra perigosa para os médiuns que não fazem os milagres segundo a Igreja; lembra-se que, em 1864, o Sr. Homme, que ia a Roma, não para exercer a sua faculdade, mas unicamente para estudar a escultura, teve que ceder à injunção que lhe foi feita de deixara cidade em vinte e quatro horas. (*Revista* de fevereiro de 1864, página 33.)

AS ÁRVORES ASSOMBRADAS DA ILHA MAURICE.

As últimas notícias que recebemos da ilha Maurice constataam que o estado dessa infeliz região segue exatamente as fases anunciadas (Revista de julho de 1867, página 208, e novembro de 1868, página 321). Elas contêm, além disto, um fato notável que forneceu o assunto de uma importante instrução na Sociedade de Paris.

"Os calores do verão, disse o nosso correspondente, trouxeram de novo a terrível febre, mais freqüente, mais tenaz do que nunca. Minha casa tornou-se uma espécie de hospital, e passo meu tempo a me cuidar ou a cuidar de meus parentes. A mortalidade não é muito grande, é verdade, mas, depois de horríveis sofrimentos que cada acesso nos causa, sentimos uma perturbação geral, que desenvolve em nós novas doenças: as faculdades se alteram pouco a pouco; os sentidos, sobretudo o ouvido e a visão, são particularmente afetados. No entanto, nossos bons Espíritos, perfeitamente de acordo em suas comunicações com os vossos, nos anunciam o fim próximo da epidemia, mas a ruína e a decadência dos ricos que, de resto, já começam.

"Aproveito do pouco de tempo disponível que tenho para vos dar os detalhes que vos prometi sobre os fenômenos dos quais a minha casa foi o teatro. As pessoas às quais ela pertencia antes de mim, descuidadas e negligentes, segundo o uso da região, a tinham deixado quase cair em ruínas, e fui obrigado a lhe fazer grandes reparos. O jardim, metamorfoseado em galinheiro, estava cheio dessas grandes árvores da Índia, chamadas *multiplicante*, cujas raízes, saindo do alto dos ramos, desciam até o solo, onde se implantam, e formam, ora troncos enormes em se superpondo umas às outras, ora galerias bastante extensas.

"Essas árvores têm uma reputação muito má nessa região, onde passam por ser assombradas pelos maus Espíritos. Sem considerações por seus supostos misteriosos habitantes, como não os achava de nenhum modo de meu gosto, e que encobriam inutilmente o jardim, eu as fiz abater. Desde esse momento, nos tornou quase impossível ter um dia de repouso na casa. Seria preciso necessariamente ser espírita para continuara habitá-la. A cada instante ouvíamos pancadas de todos os lados, portas a se abrir e a se fechar, móveis se movimentar, suspiros, palavras confusas; freqüentemente também, ouvia-se caminhar nos quartos vazios. Os operários, que reparavam a casa, foram muitas vezes alterados por esses ruídos estranhos, mas como era durante o dia, com isso não se assustavam muito, porque essas manifestações são muito freqüentes na região. Fizemos inutilmente preces, evocamos esses Espíritos, nós os repreendemos, eles não respondiam senão com injúrias e ameaças, e não cessaram seu barulho.

"Nessa época, tínhamos reunião uma vez por semana, mas não podeis imaginar todas as más peças que nos foram pregadas para perturbar e interromper as nossas sessões; ora as comunicações eram interceptadas, ora os médiuns sentiam sofrimentos que os constrangiam à inação.

Parece que os freqüentadores da casa eram muito numerosos e muito maus para serem moralizados, porque não pudemos triunfar, e fomos obrigados a cessar as nossas reuniões onde não podíamos nada mais obter. Somente um quis nos escutar e se recomendou às nossas preces. Era um pobre português, chamado Guilherme, que se pretendia vítima dessas pessoas com as quais tinha cometido não sei que crime, e que lá o retinham, dizia ele, para a sua punição. Tomei informações e soube que, efetivamente, um marinheiro português desse nome havia sido um dos locatários da casa, e que ali tinha morrido.

"A febre chegou; os ruídos se tornaram menos freqüentes, mas não cessaram; de resto, acabamos por nos habituar a isso. Nós nos reuníamos ainda, mas a doença impediu nossas sessões de serem bem seguidas. Cuido que elas tenham lugar, tanto quanto possível, no jardim, porque notamos que, na casa, as boas comunicações são mais difíceis de se obter, e que nesses dias somos muito atormentados, à noite sobretudo."

A questão dos lugares assombrados é um fato adquirido; os barulhos e perturbações são coisa conhecida; mas certas árvores têm um poder atrativo particular? Na circunstância na qual se trata, existe uma relação qualquer entre a destruição dessas árvores e os fenômenos que se seguiram imediatamente? A crença popular teria aqui alguma realidade? É do que a instrução adiante parece dar uma explicação lógica, até mais ampla confirmação.

(Sociedade de Paris, 19 de fevereiro de 1869.)

Todas as lendas, quaisquer que sejam, tão ridículas e tão pouco fundadas que pareçam, repousam sobre uma base real, sobre uma verdade incontestável, demonstrada pela experiência, mas amplificada e desnaturada pela tradição. Certas plantas, diz-se, são boas para expulsar os maus Espíritos; outras podem provocar a posse; certos arbustos são mais particularmente assombrados; tudo isto é verdadeiro de fato, isoladamente. Um *fato* teve lugar, uma manifestação especial justificou esse dito, e a massa supersticiosa se apressou em generalizá-lo; é a história de um homem que põe um ovo. A coisa corre em *segredo* de boca em boca, e se amplia até tomar as proporções de uma lei incontestável, e essa lei, que não existe, é aceita em razão das aspirações para o desconhecido, para o *extranatural da* generalidade dos homens.

Os *multiplicantes toram*, sobretudo em Maurice, e são ainda, ponto de referência para as reuniões da tarde, se encostam em seu tronco, respiram o ar ao seu lado; abrigam-se sob sua folhagem.

Ora, os homens, em se desencarnando, sobretudo quando são de uma certa inferioridade, conservam seus hábitos materiais; freqüentam os lugares de que gostavam como encarnados: ali se reúnem e ali permanecem; eis porque há lugares mais particularmente assombrados; para ali não vêm os Espíritos quaisquer, mas muitos Espíritos que os freqüentaram quando viviam. Os multiplicantes não são, pois, mais propícios à habitação dos Espíritos inferiores do que qualquer outro refúgio. O hábito os designa aos fantasmas de Maurice, como certos castelos, certas clareiras das florestas alemãs, certos lagos são mais particularmente assombrados pelos Espíritos, na Europa.

Se se perturbam esses Espíritos, muito materiais ainda, e que, em sua maioria, se crêem vivos, eles se irritam e tendem a se vingar, a procurar disputa com aqueles que os privaram de seu abrigo; daí, as manifestações dessa senhora e muitas outras tiveram a se lamentar.

A população mauriciana, sendo, em geral, inferior sob a questão moral, a desencarnação não pode fazer do espaço senão um viveiro de Espíritos muito pouco desmaterializados, ainda cheios de todos os seus hábitos terrestres, e que continuam, embora Espíritos, a viver como se fossem homens. Eles privam de tranqüilidade e de sono aqueles que os privam de sua habitação predileta, e eis tudo. A natureza do abrigo, seu aspecto lúgubre, nada tem a ver com o interior; é simplesmente uma questão de bem-estar. Se os desalojam, eles se vingam. Materiais por essência, se vingam materialmente, batendo contra as paredes, se queixando, manifestando seu descontentamento sob todas as formas.

Que os Mauricianos se depurem e progridam, eles retornarão ao espaço com tendências de outra natureza, e os *multiplicantes* perderão a faculdade de abrigar os fantasmas.

CLÉLIE DUPLANTIER.

CONFERÊNCIA SOBRE O ESPIRITISMO

Sob o título de: *O Espiritismo perante a ciência*, uma conferência pública, pelo Sr. Chevillard, havia sido anunciada na sala do boulevard Capucines, para 30 de janeiro último. Em que sentido o orador deveria falar? É o que todo o mundo o ignorava.

O anúncio parecia prometer uma discussão *ex-professo* de todas as partes da questão. No entanto, o orador fez completamente abstração da parte mais essencial, a que constitui, propriamente falando, o Espiritismo: a parte filosófica e morai, sem a qual, seguramente, o Espiritismo não estaria hoje implantado em todas as partes do mundo, e não contaria seus adeptos por milhões. Desde 1855, já se deixaram das mesas girantes; certamente, se lá se tivesse se limitado o Espiritismo, há muito tempo dele não se falaria mais; sua rápida transformação data do momento em que se viu dele sair alguma coisa de sério e de útil, onde nele se viu um objetivo humanitário.

O orador, portanto, limitou-se ao exame de alguns fenômenos materiais; porque nem mesmo falou dos fenômenos espontâneos tão numerosos, que se produzem fora de toda crença espírita; ora, anunciar que vai tratar uma questão tão vasta, tão complexa em suas aplicações e em suas conseqüências, e deter-se em alguns pontos da superfície, é absolutamente como se, sob o nome de Curso de *literatura*, um professor se limitasse a explicar o alfabeto.

Talvez o Sr. Chevillard, dissesse a si mesmo: "Porque falar da doutrina filosófica! Desde que essa doutrina se apoia sobre a intervenção dos Espíritos, quando eu tiver provado que esta intervenção não existe, todo o resto desmoronará." Quantos, antes do Sr. Chevillard, gabaram-se de ter dado o último golpe no Espiritismo, sem falar do inventor do famoso músculo estalante, o doutor Jobert (de Lamballe), que enviou sem piedade todos os espíritas ao manicômio, e que, dois anos mais tarde, ele mesmo morria numa casa de alienados! No entanto, apesar de todos esses fanfarrões, ferindo de espada e de faca, que parecem não ter senão que falar para reduzi-lo a pó, o Espiritismo viveu, cresceu, e ele vive sempre, mais forte, mais vivaz do que nunca! Está aí um fato que tem bem seu valor. Quando uma idéia resiste a tantos ataques, é que ela tem alguma coisa.

Não se viram outrora os sábios se esforçarem para demonstrar que o movimento da Terra era impossível? E, sem remontar tão ao longe, este século não nos mostrou uma corporação ilustre declarar que a aplicação do vapor à navegação era uma quimera? Um livro curioso a ser feito seria a coletânea dos erros oficiais da ciência. Isto é simplesmente para chegar à conclusão de que: quando uma coisa é verdadeira, ela caminha apesar da opinião contrária dos sábios; ora, se o Espiritismo caminhou apesar de todos os argumentos que lhe opuseram a alta e a baixa ciência, é uma presunção em seu favor.

O Sr. Jobert (de Lamballe) tratou sem cerimônia todos os espíritas de charlatães e de escroques; é preciso prestar essa justiça ao Sr. Chevillard, que não lhe censura senão por se enganar sobre a causa. De resto, os epítetos malsãos, além de que nada provam, acusam sempre uma falta de saber viver, e teriam estado muito deslocados diante de um auditório onde deveriam necessariamente se encontrar muitos espíritas. A cátedra evangélica é menos escrupulosa; aqui se disse isto muitas vezes: "Fugi dos Espíritos como da peste, e persegui-os"; o que prova que o Espiritismo é alguma coisa, uma vez que dele se tem medo, porque não se disparam tiros de canhão contra moscas.

O Sr. Chevillard não nega os fatos, ao contrário; ele os admite, porque os constatou; somente os explica à sua maneira. Traz pelo menos algum argumento novo em apoio de sua tese? Pode-se julgar.

"Cada homem, diz ele, possui uma quantidade mais ou menos grande de eletricidade animal, que constitui o fluido nervoso. Esse fluido se liberta sob o império da vontade, do desejo de fazer mover uma mesa; ele penetra a mesa, e a mesa se move; as pancadas na mesa não são outra coisa senão descargas elétricas provocadas pela concentração do pensamento." Escrita mecânica: a mesma explicação.

Mas como explicar as pancadas nas paredes, sem a participação da vontade, entre pessoas que não sabem o que é o Espiritismo, ou que nele não crêem? Superabundância de eletricidade que se libera dela mesma e produz as descargas.

E as comunicações inteligentes? Reflexo do pensamento do médium. - E quando o médium obtém, pela tipologia ou escrita, coisas que ele ignora? Sabe-se sempre alguma coisa, e se não está no pensamento do médium, pode estar no dos outros.

E quando um médium escreve, inconscientemente, coisas que lhes são pessoalmente desagradáveis, é o seu próprio pensamento? Desse fato, não mais do que muitos outros, não faz questão. No entanto, uma teoria não pode ser verdadeira senão com a condição de resolver todas as fases de um problema; se um único fato escapa à explicação, é que ela é falsa ou incompleta; ora, de quantos fatos esta está impossibilitada em dar a solução! Seríamos muito desejosos de saber como o Sr. Chevillard explicaria, por exemplo, os fatos reportados acima, concernentes à senhorita Chilly, o aparecimento do jovem Édouard Samuel, todos os incidentes do que se passou na ilha Maurice; como ele explicaria, pelo desprendimento da eletricidade a escrita nas pessoas que não sabem escrever; pelo reflexo do pensamento; o fato dessa doméstica que escreveu, diante de toda uma sociedade: "Eu roubo a minha patroa?"

Em resumo, o Sr. Chevillard reconhece a existência dos fenômenos, o que é alguma coisa, mas nega a intervenção dos Espíritos. Quanto à sua teoria, ela não oferece absolutamente nada de novo; é a repetição do que foi dito, há quinze anos, sob todas as formas, sem que a idéia tenha prevalecido. Será mais feliz do que seus predecessores? é o que o futuro provará.

É verdadeiramente curioso ver os expedientes aos quais recorrem aqueles que querem tudo explicar sem os Espíritos! Em lugar de ir direto ao que se apresenta diante deles na forma mais simples, vão procurar causas tão desordenadas, tão complicadas, que não são inteligíveis senão para eles. Deveriam dizer ao menos, para completar sua teoria, o que, na sua opinião, se tornam os Espíritos dos homens depois da morte, porque isto interessa a todo o mundo, e provar como esses Espíritos não podem se manifestar aos vivos; é o que ninguém ainda fez, ao passo que o Espiritismo prova como eles podem fazê-lo.

Mas tudo isso é necessário; é preciso que todos esses sistemas se esgotem e mostrem sua incapacidade. De resto, a um fato notório, é que toda essa ressonância dada ao Espiritismo, todas as circunstâncias que o colocaram em evidência, sempre lhe foram proveitosas; e, o que é digno de nota, é que quanto mais os ataques foram violentos, mais ele progrediu. É que não é preciso, a todas as grandes idéias, o batismo da perseguição, não fosse senão o da zombaria? E, por que ele não sofreu? A razão é muito simples: foi porque, fazendo-o dizer o contrário do que ele diz, o apresentam diferente do que é, corcunda quando é direito, e não pode senão ganhar a um exame sério e consciencioso, e que aqueles que quiseram atingi-lo, sempre atingiram ao lado da verdade. (Ver a *Revista* de fevereiro de 1869, página 40: *Poder do ridículo*.)

Ora, quanto mais as cores sob as quais o apresentam são negras, mais se excita a curiosidade. O partido que lutou para dizer que era o diabo, lhe fez muito bem, porque, entre aqueles que não tiveram ainda a ocasião de ver o diabo, a muitos foi bem cômodo saber como ele é feito, e não o encontraram tão negro quanto se havia dito. Dizei que há, numa praça de Paris, um monstro horrendo, que vai empestar toda a cidade, e todo o mundo correrá para vê-lo. Não se viram autores fazer colocar nos jornais crítica de suas próprias obras, unicamente para delas poder falar? Tal foi o resultado das diatribes coléricas contra o Espiritismo; elas provocaram o desejo de conhecê-lo, e mais o serviram do que o prejudicaram.

Falar do Espiritismo, não importa em que sentido, é fazer da propaganda em seu proveito; a experiência aí está para prová-lo. Deste ponto de vista, é preciso se felicitar da conferência do Sr. Chevillard; mas, apressemo-nos em dizê-lo em louvor do orador, ele

encerrou-se numa polêmica honesta, leal e de bom gosto. Emitiu a sua opinião: é seu direito, embora ela não seja a nossa, não temos do que disso nos lamentar. Mais tarde, sem nenhuma dúvida, quando o momento oportuno chegar, o Espiritismo terá também os seus oradores simpáticos; somente nós lhe recomendaremos para não caírem na má direção dos adversários; quer dizer, estudar a fundo a questão, a fim de não falar senão com perfeito conhecimento de causa.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS

A MÚSICA E AS HARMONIAS CELESTES.

Continuação; ver o número de janeiro, p.30.
(Paris, grupo Desliens, 5 de janeiro de 1869. - Médium Sr. Desliens.)

Tendes razão, senhores, de me lembrar minha promessa, porque o tempo, que passa tão rapidamente no mundo do espaço, tem minutos eternos para aquele que sofre sob o aperto da prova! Há alguns dias, algumas semanas, eu contava como vós; cada dia acrescentava toda uma série de vicissitudes às vicissitudes já suportadas, e a taça ia se enchendo *piano, piano*.

Ah! vós não sabeis o quanto um elogio de grande homem é pesado para carregar! Não desejeis a glória; não sejais conhecidos; sede úteis. A popularidade tem os seus espinhos, e, mais de uma vez, me encontrei pisado pelas carícias muito brutais da multidão.

Hoje, a fumaça do incenso não me embriaga mais. Eu paio sobre as mesquinhas do passado, e é um horizonte sem limite que se estende diante de minha insaciável curiosidade. Também, as horas caem por grupos na ampulheta secular, e sempre procuro, sempre estudo, sem jamais contar o tempo escoado.

Sim, eu vos prometi; mas quem pode se gabar de ter uma promessa, quando os elementos necessários para cumpri-la pertencem ao futuro? O poderoso do mundo, ainda sob o sopro das adulações dos cortesãos, pode querer mitigar o problema corpo a corpo; mas não era mais de uma luta factícia que se tratava aqui; não havia bravos, barulhentas aclamações para me encorajar e ocultar a minha fraqueza. Era, e é ainda a um trabalho sobre-humano que ataquei; é contra ele que luto sempre, e se espero dele triunfar, não posso no entanto dissimular o meu esgotamento. Estou abatido... agoniado!... repouso antes de explorar de novo; mas, se hoje não posso vos falar do que será o futuro, saberei talvez apreciar o presente: ser crítico, depois ter sido criticado. Vós me julgareis, e me aprovareis se eu for justo, o que tentarei fazer evitando as personalidades.

Por que tantos músicos e tão poucos artistas? tantos compositores, e tão poucas de verdades musicais? Ai de mim! é que não é, como se acredita, da imaginação que a arte pode nascer; não há outro senhor e outro criador senão a verdade. Sem ela, nada é, ou não é senão uma arte de contrabando, de imitação, da contrafação. O pintor pode iludir e mostrar o branco, onde ele não colocou senão uma mistura de cores sem nome; as oposições de nuances criam uma aparência, e foi assim que Horace Vernet, por exemplo, pôde fazer parecer de um branco brilhante um magnífico cavalo baio.

Mas a nota não tem senão um som. O encadeamento dos sons não produz uma harmonia, uma verdade, senão se as ondas sonoras se fizerem o eco de uma outra verdade. Para ser músico, não basta mais alinhar as notas sobre uma pauta, de maneira a conservar a justeza das relações musicais; somente assim se consegue produzir ruídos agradáveis; mas é o sentimento que nasce sob a pena do verdadeiro artista, é ele que

canta, que chora, que ri... ele assobia na folhagem com o vento agitado; ele pula com a vaga espumante; ele ruge com o tigre furioso!... Mas para dar uma alma à música, para fazê-la chorar, rir, uivar, é preciso em si mesmo ter sentido estes diferentes sentimento, de dores, de alegria, de cólera!

É o riso nos lábios e a incredulidade no coração que personificareis um mártir cristão? Será um cético de amor que fará um Romeu, uma Julieta? É um boêmio negligente que criaria a Margarida de *Fausto*? Não! É preciso a paixão inteira àquele que faz vibrar a paixão!... E eis porque, quando se enegrece tantas folhas, as obras são tão raras e as verdades excepcionais: é que não se crê, é que a alma não vibra. O som que se ouve é o do ouro que tine, do vinho que crepita!... A inspiração é a mulher que se compõe uma beleza mentirosa; e, como não se possui senão os defeitos e as virtudes maquilados, não se produz senão um folheado, senão uma maquilagem musical. Raspai a superfície, e logo tereis encontrado o calhau.

ROSSINI.

(17 de janeiro de 1869. - Médiun, Sr. Nivard.)

O silêncio que guardei sobre a pergunta que o Mestre da Doutrina Espírita me dirigiu foi explicado. Era conveniente, antes de abordar esse difícil assunto, me recolher, me lembrar, e condensar os elementos que estavam sob minha mão. Eu não tinha que estudar a música, somente tinha que classificar os argumentos com método, a fim de apresentar um resumo capaz de dar a idéia de minha concepção sobre a harmonia. O trabalho, que não fiz sem dificuldade, está terminado, e estou pronto para submetê-lo à apreciação dos espíritas.

A harmonia é difícil de definir; freqüentemente é confundida com a música, com os sons, resultante de um arranjo de notas, e das vibrações de instrumentos reproduzindo esse arranjo. Mas a harmonia não é isto, não mais do que a chama não é a luz. A chama resulta da combinação de dois gases; ela é tangível; a luz que ela projeta é um efeito dessa combinação, e não a própria chama: ela não é tangível. Aqui, o efeito é superior à causa. Assim o é na harmonia; ela resulta de um arranjo musical, é um efeito que é igualmente superior à sua causa: a causa é brutal e tangível; o efeito é sutil e não é tangível.

Pode-se conceber a luz sem chama e compreende-se a harmonia sem música. A alma está apta para perceber a harmonia fora de todo concurso fora de instrumentação, como ela está apta a ver a luz fora de todo concurso de combinações materiais. A luz é um sentido íntimo que a alma possui; quanto mais esse sentido está desenvolvido, melhor ela percebe a luz. A harmonia é igualmente um sentido íntimo da alma: ela é percebida em razão do desenvolvimento desse sentido. Fora do mundo material, quer dizer, fora das causas tangíveis, a luz e a harmonia são de essência divina; elas são possuídas em razão dos esforços que se fez para adquiri-las. Se eu comparo a luz e a harmonia, é para melhor me fazer compreender, e também porque essas duas sublimes alegrias da alma são filhas de Deus, e, por consequência, são irmãs.

A harmonia do espaço é tão complexa, ela tem tantos graus que conheço, e muito mais ainda que me estão ocultos no éter infinito, que aquele que está colocado a uma certa altura de percepção, é como tomado de admiração contemplando essas harmonias diversas, que constituiriam, se estivessem reunidas, a mais insuportável cacofonia; ao passo que, ao contrário, percebidas separadamente, elas constituem a harmonia particular a cada grau. Essas harmonias são elementares e grosseiras nos graus inferiores; elas levam ao êxtase nos graus superiores. Tal harmonia que ofende um Espírito de percepções sutis arrebatam um Espírito de percepções grosseiras; e, quando é dado ao Espírito inferior se deleitar nas delícias das harmonias superiores, o êxtase o toma e a prece entra nele; o arrebatamento o leva às esferas elevadas do mundo moral;

ele vive de uma vida superior à sua e gostaria de continuar a viver sempre assim. Mas, quando a harmonia cessa de penetrá-lo, ele desperta, ou, querendo-se, ele adormece; em todos os casos, retorna à realidade de sua situação, e nos lamentos que deixa escapar por ter descido, se exala uma prece ao Eterno, para pedir a força de revigorar-se. É para ele um grande motivo de emulação.

Não tentarei dar a explicação dos efeitos musicais que o Espírito produz agindo sobre o éter; o que é certo é que o Espírito produz os sons que quer, e que não pode querer o que não sabe. Ora, pois, aquele que compreende muito, que tem em si a harmonia, que dela está saturado, que goza ele mesmo de seu sentido íntimo, daquilo nada impalpável, dessa abstração que é a concepção da harmonia, age quando quer sobre o fluido universal que, instrumento fiel, reproduz o que o Espírito concebe e quer. O éter vibra sob a ação da vontade do Espírito; a harmonia que este último traz em si se concretiza, por assim dizer; ela se exala doce e suave como o perfume da violeta, ou ela ruge como a tempestade, ou ela brilha como o raio, ou ela se lamenta como a brisa; ela é rápida como o relâmpago, ou lenta como a nuvem; quebrada como um soluço, ou unida como uma relva; é descabelada como uma catarata, ou calma como um lago; ela murmura como um riacho ou estoura como uma torrente. Ora tem a aspereza agreste das montanhas e ora a frescura de um oásis; ela é alternativamente triste e melancólica como a noite, feliz e alegre como o dia; é caprichosa como a criança, consoladora como a mãe e protetora como o pai; ela é desordenada como a paixão, límpida como o amor, e grandiosa como a Natureza. Quando ela está neste último termo, se

confunde com a prece, glorifica a Deus, eleva ao arrebatamento aquele mesmo que a produz ou a concebe.

Ó comparação! Comparação! Por que é preciso ser obrigado te empregar! Porque é preciso dobrar-se às necessidades degradantes e emprestar, à natureza tangível, imagens grosseiras para fazer conceber a sublime harmonia na qual o Espírito se deleita. E ainda, apesar das comparações, não se pode fazer compreender esta abstração que é um sentimento quando ela é causa, e uma sensação quando se torna efeito.

O Espírito que tem o sentimento da harmonia é como o Espírito que tem a aquisição intelectual; eles gozam constantemente, um e o outro, da propriedade inalienável que acumularam. O Espírito inteligente, que ensina sua ciência àqueles que ignoram, sente a felicidade de ensinar, porque sabe que faz felizes aqueles que ele instrui; o Espírito que faz ressoar o éter dos acordes da harmonia que está nele, sente a felicidade de ver satisfeitos aqueles que o escutam.

A harmonia, a ciência e a virtude são as três grandes concepções do Espírito: a primeira o arrebatada, a segunda o esclarece, a terceira o educa. Possuídas em suas plenitudes, elas se confundem e constituem a pureza. Ó Espíritos puros que as contendes! descei às nossas trevas e iluminai a nossa marcha; mostrai-nos o caminho que haveis tomado a fim de que sigamos os vossos rastros!

E quando penso que esses Espíritos, dos quais posso compreender a existência, são seres finitos, átomos em face do Senhor universal e eterno, minha razão fica confundida pensando na grandeza de Deus, e da felicidade infinita que ele goza em si mesmo, pelo único fato de sua pureza infinita, porque tudo o que a criatura adquire não é senão uma parcela que emana do Criador. Ora, se a parcela chega a fascinar pela vontade, a cativar e arrebatá-la pela suavidade, a resplandecer pela virtude, que deve, pois, produzir a fonte eterna e infinita de onde ela é tirada? Se o Espírito, ser criado, chega a haurir em sua pureza tanta felicidade, que idéia deve-se ter daquela que o Criador haure em sua pureza absoluta? Eterno problema!

O compositor que concebe a harmonia, a traduz na grosseira linguagem grosseira chamada a música; concretiza a sua idéia, escreve-a. O artista estuda a forma e pega o instrumento que deve lhe permitir exprimir a idéia. O ar posto em movimento pelo instrumento, leva-a ao ouvido que a transmite à alma do ouvinte. Mas o compositor foi

impotente para exprimir inteiramente a harmonia que concebia, por falta de uma linguagem suficiente; o executante, a seu turno, não compreendeu toda a idéia escrita, e o instrumento indócil do qual se serve não lhe permite traduzir tudo o que compreendeu. O ouvido é ferido pelo ar grosseiro que o cerca, e a alma recebe, enfim, por um órgão rebelde, a horrível tradução da idéia eclodida na alma do maestro. A idéia do maestro era seu sentimento íntimo; embora deturpada pelos agentes da instrumentação e da percepção, no entanto, ela produz sensações naqueles que os ouvem traduzir; essas sensações são a harmonia. A música as produziu: elas são os efeitos desta última. A música é posta a serviço do sentimento para produzir a sensação. O sentimento no compositor é a harmonia; a sensação no ouvinte é também a harmonia, com esta diferença de que ela é concebida por um e recebida pelo outro. A música é o *médium* da harmonia; ela a recebe e ela a dá, como o refletor é o *médium* da luz, como tu és o *médium* dos Espíritos. Ela a torna mais ou menos deturpada segundo seja mais ou menos executada, como o refletor reenvia mais ou menos bem a luz, segundo ele seja mais ou menos brilhante e polido, como o médium expressa mais ou menos os pensamentos do Espírito, conforme seja ele mais ou menos flexível.

E agora que a harmonia está bem compreendida em seu significado, que se sabe que ela é concebida pela alma e transmitida à alma, compreender-se-á a diferença que há entre a harmonia da Terra e a harmonia do espaço.

Entre vós, tudo é grosseiro: o instrumento de tradução e o instrumento de percepção; entre nós, tudo é sutil: tendes o ar, nós temos o éter; tendes o órgão que obstrui e vela; entre nós, a percepção é direta, e nada a vela. Entre vós, o autor é traduzido: entre nós, ele fala sem intermediário, e na língua que exprime todas as concepções. E, no entanto, essas harmonias têm a mesma fonte, como a luz da lua tem a mesma fonte que a do sol; do mesmo modo que a luz da lua é o reflexo da do sol, a harmonia da Terra não é senão o reflexo da harmonia do espaço.

A harmonia é tão indefinível quanto a felicidade, o medo, a cólera: é um sentimento. Não se a compreende senão quando se a possui, e não se a possui senão quando se a adquire. O homem que é alegre não pode explicar a sua alegria; o que é medroso não pode explicar o seu medo; eles podem dizer os fatos que provocam seus sentimentos, defini-los, descrevê-los, mas os sentimentos permanecem inexplicados. O fato que causa a alegria de um não produzirá nada sobre o outro; o objeto que ocasiona o medo de um produzirá a coragem do outro. As mesmas causas são seguidas de efeitos contrários; em física isto não existe, em metafísica isto existe. Isto existe porque o sentimento é a propriedade da alma, e que as almas diferem entre si de sensibilidade, de impressionabilidade, de liberdade. A música, que é a causa segunda da harmonia percebida, penetra e transporta um e deixa o outro frio e indiferente. É que o primeiro está em estado de receber a impressão que a harmonia produz, e que o segundo está num sentido contrário; ouve o ar que vibra, mas não compreende a idéia que lhe traz. Este chega ao tédio e dorme, aquele ao entusiasmo e chora. Evidentemente, o homem que goza as delícias da harmonia é mais elevado, mais depurado do que aquele que ela não pode penetrar; sua alma está mais apta a sentir; ela se desliga mais facilmente, e a harmonia a ajuda a se desligar; ela a transporta e lhe permite ver melhor o mundo moral. De onde é preciso concluir que a música é essencialmente moralizadora, uma vez que leva a harmonia às almas, e que a harmonia as eleva e as engrandece.

A influência da música sobre a alma, sobre o seu progresso moral, é reconhecida por todo o mundo; mas a razão dessa influência é geralmente ignorada. Sua explicação está inteiramente neste fato: que a harmonia coloca a alma sob a força de um sentimento que a desmaterializa. Esse sentimento existe em um certo grau, mas ele se desenvolve sob a ação de um sentimento similar mais elevado. Aquele que está privado desse sentimento a ele é levado gradativamente; acaba ele também por se deixar penetrar e se

deixar arrastar ao mundo ideal, onde ele esquece, por um instante, os grosseiros prazeres que prefere à divina harmonia.

E agora, se se considera que a harmonia sai do concerto do Espírito, disto se deduzirá que se a música exerce uma feliz influência sobre a alma, a alma, que a concebe, exerce também a sua influência sobre a música. A alma virtuosa, que tem a paixão do bem, do belo, do grande, e que a adquiriu da harmonia, produzirá obras-primas capazes de penetrar as almas mais endurecidas e comovê-las. Se o compositor é terra-a-terra, como daria a virtude que desdenha, o belo que ignora e o grande que não compreende? Suas composições serão os reflexos de seus gostos sensuais, de sua leviandade, de sua negligência. Elas serão ora licenciosas e ora obscenas, ora cômicas e ora burlescas; elas comunicarão aos ouvintes os sentimentos que o exprimirão, e os perverterão ao invés de melhorá-los.

O Espiritismo, em moralizando os homens, exercerá, pois, uma grande influência sobre a música. Ele produzirá mais compositores virtuosos, que comunicarão suas virtudes fazendo ouvir suas composições.

Rir-se-á menos, chorar-se-á mais; a hilaridade dará lugar à emoção, a fealdade dará lugar à beleza e o cômico à grandeza.

De um outro lado, os ouvintes que o Espiritismo terá dispostos a receberem facilmente a harmonia, sentirão, na audição da música séria, um encanto verdadeiro; eles desdenharão a música frívola e licenciosa que se apodera das massas. Quando o grotesco e o obsceno forem deixados pelo belo e pelo bem, os compositores dessa ordem desaparecerão; porque, sem ouvintes, eles não ganharão nada, e é para ganhar que eles se sujam.

Oh! sim, o Espiritismo terá influência sobre a música! Como poderia sê-lo de outro modo? Seu advento mudará a arte, em depurando-a. Sua fonte é divina, sua força o conduzirá por toda a parte onde houver homens para amar, para se elevar e para compreender. Tornar-se-á o ideal e o objetivo dos artistas. Pintores, escultores, compositores, poetas pedir-lhe-ão suas inspirações, e ele as fornecerá, porque é rico, porque é inesgotável.

O Espírito do maestro Rossini, numa nova existência, retornará para continuar a arte que ele considera como a primeira de todas; o Espiritismo será o seu símbolo e o inspirador de suas composições.

ROSSINI.

A MEDIUNIDADE E A INSPIRAÇÃO.

(Paris, grupo Desliens; 16 de fevereiro de 1869.)

Sob suas formas variadas ao infinito, a mediunidade abrange a Humanidade inteira, como uma rede da qual nada pode escapar. Todos estando diariamente em contato, quero saiba ou não, quer queira ou com isso se revolte, com inteligências livres, não há um homem que possa dizer: Eu não sou, eu não fui ou não serei médium. Sob a forma intuitiva, modo de comunicação ao qual o vulgo dá o nome de *voz da consciência*, cada um está em relação com várias influências espirituais, que aconselham num sentido ou num outro, e, freqüentemente simultaneamente, ora o bem puro, absoluto; ora os acomodatamentos com o interesse; ora o mal em toda sua nudez.- O homem evoca essas vozes; elas respondem ao seu chamado, e ele escolhe; mas escolhe, entre essas diferentes inspirações e seu próprio sentimento. - Os inspiradores são os amigos invisíveis; como os amigos da Terra, são sérios ou de passagem, interessados ou verdadeiramente guiados pela afeição.

São consultados, ou aconselham espontaneamente, mas como os conselhos dos amigos da Terra, suas opiniões são escutadas ou rejeitadas; às vezes, eles provocam um resultado contrário àquele que deles se esperam; freqüentemente, não produzem nenhum efeito. -Que se conclui disto? Não que o homem esteja sob a ação de uma mediunidade incessante, mas que obedece livremente à sua vontade, modificada pelos conselhos que não podem jamais, no estado normal, ser imperativos.

Quando o homem faz mais do que se ocupar dos pequenos detalhes de sua existência, e que trata dos trabalhos que veio mais especialmente cumprir, as provas decisivas que deve suportar, ou obras destinadas à instrução e à elevação gerais, as vozes da consciência não fazem mais somente e simplesmente aconselharem, elas atraem o Espírito sobre certos assuntos, elas provocam certos estudos e colaboram na obra fazendo ressoar certos compartimentos cerebrais pela inspiração. É aqui uma obra a dois, a três, a dez, a cem, se quiserdes; mas, se cem nela tomaram parte, um único pode e deve assiná-la, porque um único a fez e é dela responsável!

O que é uma obra o que quer que ela seja antes de tudo? Jamais é uma criação; é sempre uma descoberta. Um homem não faz nada, ele descobre tudo. É preciso evitar de confundir esses dois termos. Inventar, em seu verdadeiro sentido, é por à luz uma lei existente, um conhecimento até então desconhecido, mas depositado em germe no berço do universo. Aquele que inventa levanta um dos cantos do véu que esconde a verdade, mas não cria a verdade. Para inventar, é preciso procurar e procurar muito; é preciso compulsar os livros, folhear no fundo das inteligências, pedir a um a mecânica, ao outro a geometria, a um terceiro o conhecimento das relações musicais, a um outro ainda as leis históricas, e, do todo, fazer alguma coisa de nova, de interessante, de inimaginada.

Aquele que explorou os recantos das bibliotecas, que escutou os mestres falarem, que pesquisou a ciência, a filosofia, a arte, a religião, da antigüidade mais recuada até nossos dias, por que o médium da arte, da história, da filosofia e da religião? É o médium dos tempos passados quando escreve a seu turno? Não, porque ele não conta os outros, mas aprendeu dos outros a contar, e enriquece seus relatos de tudo o que lhe é pessoal. - O músico por muito tempo escutou a toutinegra e o rouxinol, antes de inventar a música; Rossini escutou a Natureza antes de traduzi-la ao mundo civilizado. Ele é o médium do rouxinol e da toutinegra? Não, ele compõe e escreve. Escutou o Espírito que veio cantar-lhe as melodias do céu; escutou o Espírito que uivou a paixão aos seus ouvidos; ouviu gemerem a virgem e a mãe deixando cair, em pérolas harmoniosas, sua prece sobre a cabeça de seu filho. O amor e a poesia, a liberdade, o ódio, a vingança, e quantidade dos Espíritos que possuem esses sentimentos diversos, alternativamente cantaram suas partituras aos seus partidos. Ele os escutou, os estudou, no mundo e na inspiração, e de um e de outro, fez as suas obras; mas não era médium, não mais do que não é médium o médico que ouve os doentes contarem o que sentem e que dá o nome às suas doenças. - A mediunidade teve suas horas nele como em todo outro; mas fora desses momentos muito curtos para a sua glória; o que fez, ele o fez só com a ajuda dos estudos hauridos nos homens e nos Espíritos.

A esta conta, é-se médium de todos; é-se o médium da Natureza, o médium da verdade, e médium bem perfeito, porque, freqüentemente, ela aparece de tal modo desfigurada pela tradução, que ela é irreconhecível e desconhecida.

HALÉVY.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

12º ANO

NO. 4

ABRIL 1869

AVISO MUITO IMPORTANTE.

A partir de 1º de abril o escritório de assinatura e de expedição da REVISTA ESPÍRITA será transferido para a Sede da LIBRAIRIE SPIRITE, rue de Lille, N°7.

A partir da mesma época, o escritório da redação e o domicílio pessoal do Sr. Allan Kardec estarão na *Avenue et Villa Ségur*, N° 39, atrás da lês Invalides.

A Sociedade Espírita de Paris terá provisoriamente suas sessões no local da Librairie, rue de Lille, n° 7.

LIVRARIA ESPÍRITA.

Tínhamos anunciado, há algum tempo, o projeto de publicação de um catálogo minucioso das obras que interessam o Espiritismo, e a intenção de juntá-lo como suplemento a um dos números da *Revista*. No intervalo, o projeto da criação de uma casa especial para as obras desse gênero, tendo sido concebida e executada por uma sociedade de espíritas, nós lhe demos o nosso trabalho, que foi completado tendo em vista a sua nova destinação.

Tendo reconhecido a incontestável utilidade dessa fundação, e a solidez das bases sobre as quais ela está apoiada, não hesitamos em dar-lhe nosso apoio moral.

Eis em que termos ela está anunciada no cabeçalho do catálogo que dirigimos aos nossos assinantes com o presente número.

"O interesse que se liga cada vez mais aos Estudos psicológicos em geral, e, em particular, o desenvolvimento que as idéias espíritas tomaram há alguns anos, fizeram sentir a utilidade de uma casa especial para concentração dos documentos concernentes a essas matérias. Fora das obras fundamentais da Doutrina Espírita, existe um grande número de livros, -tanto antigos quanto modernos, úteis ao complemento desses estudos e que são ignorados, ou sobre os quais faltam as informações necessárias para serem procurados. Foi em vista de preencher essa lacuna que a *Livraria espírita* foi fundada.

"A *Livraria espírita* não é um empreendimento comercial; ela foi criada por uma sociedade de espíritas tendo em vista os interesses da Doutrina, e que renunciam, pelo contrato que os liga, a toda especulação pessoal.

"Ela é administrada por um gerente, simples mandatário, e todos os lucros constatados pelos balanços anuais, serão colocados por ele na Caixa Geral do Espiritismo.

"Essa Caixa é provisoriamente administrada pelo gerente da *Livraria*, sob a vigilância da Sociedade fundadora; em conseqüência, ele receberá os fundos de toda

procedência afetados a essa destinação, deles terá uma exata conta, e deles operará a movimentação , até o momento em que as circunstâncias lhe determinarem o emprego."

PROFISSÃO DE FÉ ESPÍRITA AMERICANA.

Nós reproduzimos, segundo o *Salut* da Nova-Orléans, a declaração de princípios decretada na quinta *convenção nacional*, ou assembléia dos delegados espíritas das diferentes partes dos Estados Unidos. A comparação das crenças, sobre essas matérias, entre o que se chama a escola americana e a escola européia, é uma coisa de grande importância, assim como cada um poderá disto convencer-se.

Declaração de princípios.

O espiritualismo nos ensina:

1 .Que o homem tem uma natureza espiritual tão bem quanto uma natureza corpórea; ou antes, que o homem verdadeiro é um Espírito, tendo uma forma orgânica, composta de materiais sublimados, que representa uma estrutura correspondente à do corpo material.

2. Que o homem, como Espírito, é imortal. Tendo reconhecido que sobrevive a essa mudança chamada a morte, pode-se racionalmente supor que ele sobreviverá a todas as vicissitudes futuras.

3. Que há um mundo, ou estado espiritual, com suas realidades substanciais, objetivas tão bem quanto subjetivas.

4. Que o processo da morte física não transforma de nenhuma maneira essencial a constituição mental ou o caráter moral daquele que a sente, porque se isto fosse de outro modo, sua identidade seria destruída.

5. Que a felicidade ou a infelicidade, tão bem no estado espiritual quanto neste, não depende de um decreto arbitrário ou de uma lei especial, mas muito do caráter, das aspirações e do grau de harmonia ou conformidade do indivíduo com a lei divina e universal.

6. Segue-se que a experiência e os conhecimentos adquiridos desde esta vida se tornam as fundações sobre as quais começa a vida nova.

7. Tendo em vista que a crença, sob certos aspectos, é a lei do ser humano na vida presente, e tendo em vista que o que se chama a morte não é em realidade senão o nascimento numa outra condição de existência, que conserva todas as vantagens ganhas na experiência desta vida, pode-se disto inferir que o crescimento, o desenvolvimento, a expansão ou a progressão são o destino infinito do ser humano.

8. Que o mundo espiritual não está longe de nós, mas que está perto, que nos cerca, ou que está misturado ao nosso presente estado de existência; e, conseqüentemente, que estamos constantemente sob a vigilância dos seres espirituais.

9. Que, uma vez que os indivíduos passam constantemente da vida terrestre à vida espiritual, em todos os graus de desenvolvimento intelectual e moral, o estado espiritual compreende todos os graus de caracteres, do mais baixo ao mais elevado.

10. Que, uma vez que o céu e o inferno, ou a felicidade e a infelicidade, dependem antes dos sentimentos íntimos do que das circunstâncias exteriores, há tantos graus para cada um quanto há de nuances de caracteres, cada indivíduo gravitando em seu próprio lugar por uma lei natural de afinidade. Podem ser divididos em sete graus gerais ou esferas; mas estes devem compreender as variedades indefinidas, ou uma "infinidade de moradas" correspondendo aos caracteres diversos dos indivíduos, cada ser gozando tanto de felicidade quanto seu caráter lhe permite dela ter.

11. Que as comunicações do mundo dos Espíritos, que elas sejam recebidas por impressão mental, por inspiração, ou de toda outra maneira, não são necessariamente, as verdades infalíveis, mas que, ao contrário, elas se ressentem, inevitavelmente, das imperfeições da inteligência da qual elas emanam e do caminho por onde elas vêm; e

que, além disso, elas são suscetíveis de receber uma falsa interpretação daqueles a quem são dirigidas.

12. Segue-se que nenhuma comunicação inspirada, no tempo presente ou no passado (quaisquer que sejam as pretensões que podem ou puderam ser postas antes como sua fonte), não tem nenhuma autoridade mais extensa do que a de representar a verdade à consciência individual, esta última sendo o padrão final ao qual se devem reportar para o julgamento de todos os ensinamentos inspirados ou espirituais.

13. Que a inspiração, ou a afluência das idéias e das sugestões vindas do mundo espiritual, não é um milagre dos tempos passados, mas um fato perpétuo, o método constante da economia divina para a elevação da raça humana.

14. Que todos os seres angélicos ou demoníacos que se manifestaram ou que se misturaram aos negócios dos homens no passado, eram simplesmente os Espíritos humanos desencarnados, em diferentes graus de progressão.

15. Que todos os milagres autênticos (assim chamados) dos tempos passados, tais como a ressurreição daqueles que estavam mortos em aparência, a cura das doenças pela imposição das mãos ou outros meios também simples, o contato inofensivo com os venenos, o movimento de objetos materiais sem concurso visível, etc., etc., foram produzidos em harmonia com as leis universais, e, conseqüentemente, podem se repetir em todos os tempos, sob condições favoráveis.

16. Que as causas de todo fenômeno, - as fontes da vida, da inteligência e do amor, - devem se procurar no domínio interior e espiritual, e não no domínio exterior e material.

17. Que o encadeamento das causas tende inevitavelmente a remontar e a avançarem direção a um Espírito infinito, que é não só um *princípio formador* (a sabedoria), mas *uma fonte de afeto* (o amor) -sustentando assim a dupla relação da parentela do pai e da mãe, de todas as inteligências finitas que, partindo, são unidas por laços filiais.

18. Que o homem, a título de filho desse pai infinito, é sua mais alta representação sobre esta esfera de seres, o homem perfeito sendo a personificação mais completa da "plenitude do Pai" que podemos contemplar, e que cada homem, em virtude dessa parentela, é, ou tem em suas dobras íntimas, um germe da divindade, uma porção incorruptível da essência divina que o leva constantemente ao bem, e que, com o tempo, suplantará todas as imperfeições inerentes à condição rudimentar ou terrestre, e triunfará de todo o mal.

19. Que o mal é a falta mais ou menos grande de harmonia com esse princípio íntimo ou divino; e, portanto, quer se chame Cristianismo, Espiritualismo, Religião, Filosofia, quer se reconheça o "Santo Espírito", a Bíblia, ou a inspiração espiritual e celeste, tudo o que ajuda o homem a submeter à sua natureza interna o que há de mais exterior nele, e a torná-lo harmonioso com ela, é um meio de triunfar do mal.

Eis, pois, a base da crença dos espíritas americanos; se isso não é da totalidade, é ao menos a da maioria. Essa crença não é mais o resultado de um sistema preconcebido nesse país do que o Espiritismo na Europa; ninguém a imaginou; viu-se, observou-se e disto se tiraram conclusões. Nesse mundo não mais do que aqui, não se partiu da hipótese dos Espíritos para explicar os fenômenos; mas, dos fenômenos como efeito, chegou-se pela observação aos Espíritos como causa. Aí está uma circunstância capital, da qual os detratores se obstinam em não levar em conta. Porque eles chegam, com o pensamento, o próprio desejo de não encontrar os Espíritos, pensam que os Espíritas deveram tomar seu ponto de partida na idéia preconcebida dos Espíritos, e que a imaginação faz vê-los por toda a parte. Como se faz, então, que tantas pessoas que neles não crêem se renderam à evidência? Há delas milhares de exemplos, na América, como aqui. Muitos, ao contrário, passaram pela hipótese que o Sr. Chivillard acreditou ter inventado, e a isto não renunciaram senão depois de ter-lhe reconhecido a

impossibilidade para tudo explicar. Ainda uma vez, não se chegou à afirmação dos Espíritos senão depois de ter tentado todas as outras soluções.

Já se pôde notar as relações e as diferenças que existem entre as duas escolas, e para aqueles que não se pagam com palavras, mas que vão ao fundo das idéias, a diferença se reduz a muito pouca coisa. Essas duas escolas não tendo se copiado, essa coincidência é um fato muito notável. Assim, eis dos dois lados do Atlântico, milhões de pessoas que observam um fenômeno, e que chegam ao mesmo resultado. É verdade que o Sr. Chevillard não havia ainda passado por lá para opor o seu veto e dizer a esses milhões de indivíduos, entre os quais há os de bom nome que não passam por tolos: "Estais enganados; só eu possuo a chave desses estranhos fenômenos, e eu vou deles dar ao mundo a solução definitiva."

Para tornara comparação mais fácil, vamos tomara profissão de fé americana, artigo por artigo, e porem paralelo o que disse, sobre cada uma das proposições que ali são formuladas, a doutrina de *O Livro dos Espíritos*, publicada em 1857, e que além disso está desenvolvida nas outras obras fundamentais.

Disso se encontrará um resumo mais completo no capítulo II de *O que é o Espiritismo?*

1. O homem possui uma alma ou Espírito, princípio inteligente, em que residem o pensamento, a vontade, o senso moral, e cujo corpo não é senão o envoltório material. O Espírito é o ser principal, preexistente e sobrevivente ao corpo, que não é senão um acessório temporário.

O Espírito, seja durante a vida carnal, seja depois de tê-la deixado, é revestido de um corpo fluídico ou perispírito, que reproduz a forma do corpo material.

2. O Espírito é imortal; só o corpo é perecível.

3. Os Espíritos, libertos do corpo carnal, constituem o mundo invisível ou espiritual, que nos cerca e no meio do qual vivemos.

As transformações fluídicas produzem imagens e objetos tão reais para os Espíritos, que são eles mesmos fluídicos, quanto o são as imagens e os objetos terrestres para os homens, que são materiais. Tudo é relativo em cada um desses mundos. (Ver a *Gênese segundo o Espiritismo*, capítulo dos fluídos e das criações fluídicas.)

4. A morte do corpo nada muda a natureza do Espírito, que conserva as aptidões intelectuais e morais adquiridas durante a vida terrestre.

5. O Espírito leva em si mesmo os elementos de sua felicidade ou de sua infelicidade; ele é feliz ou infeliz em razão do grau de sua depuração moral; ele sofre com as suas próprias imperfeições das quais sofre as conseqüências naturais, sem que a punição seja o fato de uma condenação especial e individual.

A infelicidade do homem sobre a Terra provém da inobservância das leis divinas; quando ele conformar os seus atos e as suas instituições

sociais a essa leis, será também feliz quanto o comporta sua natureza corpórea.

6. Nada do que o homem adquire durante a vida terrestre, em conhecimentos e em perfeições morais para ele está perdido; ele é na vida futura, o que se fez na vida presente.

7. O progresso é a lei universal; em virtude desta lei, o Espírito progride indefinidamente.

8. Os Espíritos estão em nosso meio; eles nos cercam, nos vêem, nos ouvem e se misturam, numa certa medida, às ações dos homens.

9. Os Espíritos não sendo outros senão as almas dos homens, encontram-se entre eles todos os graus de saber e de ignorância, de bondade e de perversidade que existem sobre a Terra.

10. O céu e o inferno, segundo a crença vulgar, são os lugares circunscritos de recompensas e de punições. Segundo o Espiritismo, os Espíritos trazem em si mesmo os elementos de sua felicidade ou de seus sofrimentos, são felizes ou infelizes por toda a

parte onde se encontrem; as palavras céu e inferno não são senão figuras que caracterizam um estado de felicidade ou de infelicidade.

Há, por assim dizer, tantos graus entre os Espíritos quanto há de nuances nas aptidões intelectuais e morais; no entanto, considerando-se os caracteres mais marcantes, podem ser agrupados em nove classes ou categorias principais, podendo se subdividirem ao infinito, sem que essa classificação tenha nada de absoluta. (*O Livro dos Espíritos*, liv. II, cap. I, nº 100, escala espírita.)

À medida que os Espíritos avançam na perfeição, eles habitam mundos cada vez mais avançados fisicamente e moralmente. Sem dúvida, foi o que Jesus quis falar com estas palavras: "Há várias moradas na casa de meu pai." (Ver *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. III.)

11. Os Espíritos podem se manifestar aos homens de diversas maneiras: pela inspiração, pela palavra, pela visão, pela escrita, etc.

É um erro crer que os Espíritos têm a ciência infusa; seu saber, no espaço como sobre a Terra, é subordinado ao seu grau de adiantamento, e há os que, sobre certas coisas, delas sabem menos do que os homens. Suas comunicações estão em relação com os seus conhecimentos, e, por isto mesmo, não poderiam ser infalíveis. O pensamento do Espírito pode, além disso, ser alterado pelo meio que ele atravessa para se manifestar.

Àqueles que perguntam para que servem as comunicações dos Espíritos, do momento em que não sabem mais do que os homens, responde-se que eles servem primeiro para provar que os Espíritos existem, e, conseqüentemente, a imortalidade da alma; em segundo lugar, a nos ensinar onde estão, o que são, o que fazem, e em que condições se é feliz ou infeliz na vida futura; em terceiro lugar, a destruir os preconceitos vulgares sobre a natureza dos Espíritos e o estado das almas depois da morte, todas as coisas que não seriam sabidas sem as comunicações do mundo invisível.

12. As comunicações dos Espíritos são opiniões pessoais que não devem ser aceitas cegamente. O homem não deve, em nenhuma circunstância, fazer abnegação de seu julgamento e de seu livre arbítrio. Seria da prova de ignorância e de leviandade aceitar como verdades absolutas tudo o que vem dos Espíritos; eles dizem o que sabem; cabe a nós submeter seus ensinamentos ao controle da lógica e da razão.

13. As manifestações sendo a conseqüência do contato incessante dos Espíritos e dos homens, elas se deram em todos os tempos; elas estão na ordem das leis da Natureza, e não têm nada de miraculosas, qualquer que seja a forma sob a qual se apresentem. Essas manifestações pondo em relação o mundo material e o mundo espiritual, tendem à elevação do homem, provando-lhe que a Terra não é, para ele, nem o começo, nem o fim de todas as coisas, e que há outros destinos.

14. Os seres designados sob o nome de anjos ou de demônios não são criações especiais, distintas da Humanidade; os anjos são os Espíritos saídos da Humanidade e que chegaram à perfeição; os demônios são os Espíritos ainda imperfeitos, mas que se melhorarão.

Seria contrário à justiça e à bondade de Deus, ter criado seres perpetuamente votados ao mal, incapazes de retornar ao bem, e outros, privilegiados, isentos de todo trabalho para chegar à perfeição e à felicidade.

Segundo o Espiritismo, Deus não tem favores nem privilégios para nenhuma de suas criaturas; todos os Espíritos têm o mesmo ponto de partida e o mesmo caminho a percorrer para chegar, por seu trabalho, à perfeição e à felicidade. Uns chegaram: são os anjos ou puros Espíritos; os outros estão ainda atrasados: são os Espíritos imperfeitos. (Ver *A Gênese*, capítulos dos Anjos e dos Demônios.)

15. O Espiritismo não admite os milagres, no sentido teológico da palavra, tendo em vista que, em sua opinião, nada se realiza fora das leis da Natureza. Certos fatos, em os supondo autênticos, não foram reputados miraculosos senão porque se lhes ignoravam

as causas naturais. O caráter do milagre é ser excepcional e insólito; quando um fato se reproduz espontaneamente ou facultativamente, é que está submetido a uma lei, e desde então isso não é mais um milagre. Os fenômenos da dupla vista, das aparições, de presciência, de cura por imposição das mãos, e todos os efeitos designados sob o nome de manifestações físicas estão neste caso. (Ver, para o desenvolvimento completo desta questão, a segunda parte de *A Gênese, os Milagres e as predições segundo o Espiritismo*.)

16. Todas as faculdades intelectuais e morais têm sua fonte no princípio espiritual, e não no princípio material.

17. O Espírito do homem, em se depurando, tende a se aproximar da divindade, princípio e fim de todas as coisas.

18. A alma humana, emanção divina, leva nela o germe ou princípio do bem e do mal que é seu objetivo final, e deve fazê-la triunfar das imperfeições inerentes ao seu estado de inferioridade sobre a Terra.

19. Tudo o que tende a elevar o homem, a libertar sua alma do constrangimento da matéria, que isso seja sob forma filosófica ou religiosa, é um elemento de progresso que o aproxima do bem, ajudando-o a triunfar de seus maus instintos.

Todas as religiões conduzem a esse objetivo, por meios mais ou menos eficazes e racionais, segundo o grau de adiantamento dos homens ao uso das quais elas foram feitas.

Em que o Espiritismo americano difere, pois, do Espiritismo europeu? Seria porque um se chama *Espiritualismo* e o outro *Espiritismo*? Pueril questão de palavras sobre a qual seria supérfluo insistir. Dos dois lados se vê a coisa de um ponto muito elevado para se prender a uma semelhante futilidade. Podem ser diferentes ainda sobre algum ponto de forma e de detalhes, tudo também insignificantes, e que dizem mais respeito aos costumes e aos usos de cada país do que ao fundo da doutrina. O essencial é que haja concordância sobre os pontos fundamentais, é o que ressalta com evidência da comparação acima.

Ambos reconhecem o progresso indefinido da alma como a lei essencial do futuro; ambos admitem a pluralidade das existências sucessivas em mundos mais ou menos avançados; a única diferença consiste em que o Espiritismo europeu admite essa pluralidade de existências sobre a Terra até que o Espírito tenha adquirido o grau de adiantamento intelectual e moral que comporte este globo, depois do que ele o deixa por outros mundos, onde adquire novas qualidades e novos conhecimentos. De acordo sobre a idéia principal eles não diferem, pois, senão sobre um dos modos de aplicação. É que isso pode ser lá uma causa de antagonismo entre pessoas que perseguem um grande objetivo humanitário?

De resto, o princípio da reencarnação sobre a Terra não é particular ao Espiritismo europeu; era um ponto fundamental da doutrina druídica; em nossos dias, foi proclamado antes do Espiritismo por ilustres filósofos, tais como Dupont de Nemours, Charles Fourier, Jean Reynaud, etc. Far-se-ia uma lista interminável e escritores de todas as nações, poetas, romancistas e outros que o afirmaram em suas obras; nos Estados Unidos citaremos Benjamin Franklin, e a Sra. Beecher Stowe, autora de *A cabana do pai Tomás*.

Dele não somos, pois, nem o criador, nem o inventor. Hoje ele tende a tomar lugar na filosofia moderna, fora do Espiritismo, como única solução possível e racional de uma multidão de problemas psicológicos e morais até hoje inexplicáveis. Não é aqui o lugar de discutir esta questão, para cujo desenvolvimento remetemos à introdução de *O Livro dos Espíritos*, e ao capítulo IV de *O Evangelho segundo o Espiritismo*. De duas coisas uma: esse princípio é verdadeiro ou não o é; se é verdadeiro, é uma lei, e como toda lei da

Natureza, não são as opiniões contrárias de alguns homens que o impedirão de ser uma verdade e de ser aceito.

Já explicamos muitas vezes as causas que se opuseram à sua introdução no Espiritismo americano; essas causas desaparecem cada dia, e é do nosso conhecimento que eleja encontra numerosas simpatias nesse país. De resto, o programa acima não faz parte dele; se não é ali proclamado, não é ali contestado, pode-se mesmo dizer que ressalta implicitamente como conseqüência forçada, de certas afirmações.

Em suma, como se vê, a maior barreira que separa os espíritas dos dois continentes, é o Oceano, através do qual podem perfeitamente se dar a mão.

O que faltou aos Estados Unidos foi um centro de ação para coordenar os princípios; não existe ali, propriamente falando, corpo metódico de doutrina; encontra-se, como se pôde disto convencer, idéias muito justas e de uma alta importância, mas sem ligação. Foi a opinião de todos os Americanos que tivemos ocasião de ver e é confirmada por um relatório feito em uma das convenções realiza em Cleveland, em 1867, e do qual extraímos as passagens seguintes:

"Na opinião de vossa comissão, o que se chama hoje o Espiritualismo é um caos onde a verdade mais pura é misturada sem cessar aos erros mais grosseiros. Uma das coisas que servirão mais ao adiantamento da filosofia nova será o hábito de empregar bons métodos de observação. Recomendamos aos nossos irmãos e às nossas irmãs uma atenção levada ao escrúpulo em toda essa parte do Espiritismo. Nós os convidamos também a desconfiarem das aparências e a não tomarem sempre por um estado extático, ou por uma agitação vinda do mundo espiritual, as disposições da alma que podem tirar sua origem da desordem dos órgãos, e, em particular, das doenças dos nervos ou da loucura, ou de toda outra excitação completamente independente da ação dos Espíritos.

"Cada um dos membros da comissão já tinha uma experiência muito grande desses fenômenos; há dez ou quinze anos, todos fomos testemunhas de fatos cuja origem extraterrestre não podia ser posta em dúvida, e que se impunha à razão. Mas estávamos todos igualmente convencidos de que uma grande parte do que se dá à multidão como manifestações espiritualistas, são muito simplesmente passes de magia mais ou menos feitosamente executados por trapaceiros que disso se servem para explorar a credulidade pública.

"As observações que acabamos de fazer a respeito dos malabarismos qualificados de manifestações, se aplicam inteiramente a todos os supostos médiuns que se recusam de fazer suas experiências em outro lugar do que um quarto escuro: os Davenport, Fays, Eddies, Ferrises, Church, senhorita Vanwie e outros, que pretendem fazer coisas materialmente impossíveis, e se dão como os instrumentos dos Espíritos, sem trazer a menor prova em apoio de suas operações. Depois de uma investigação atenta da matéria, estamos na obrigação de declarar que a obscuridade não é uma condição indispensável à produção dos fenômenos; que ela é reclamada como tá l somente pelos velhacos, e que ela não têm outra utilidade senão de oferecer as suas mentiras. Convidamos, em conseqüência, as pessoas que se ocupam de Espiritualismo, a renunciarem a evocar os Espíritos na obscuridade.

"Em criticando uma prática que pode ser substituída sem dificuldade por modos de experimentação infinitamente mais probantes, não entendemos inflingir uma censura aos médiuns que a usam de boa fé, mas denunciará opinião os charlatães que exploram uma coisa digna de todos os respeitos. Nós queremos defender os verdadeiros médiuns, e livrara nossa gloriosa causa dos impostores que a desonram.

"Cremos nas manifestações físicas, elas são indispensáveis ao progresso do Espiritualismo. São as provas simples e limpas que tocam, desde o início, aqueles a quem os preconceitos não cegam; elas são um ponto de partida para chegar à inteligência das manifestações de uma ordem mais elevada, o caminho que conduziu a

maioria dos espiritualistas americanos do ateísmo ou da dúvida, ao conhecimento da imortalidade da alma. (Extraído do *New-YorkHera/d*, de 10 de setembro de 1867.)

AS CONFERÊNCIAS DO SR. CHEVILLARD

Apreciadas pelo jornal Paris
(Ver a *Revista Espirita* de março de 1869, página 83)

Leu-se no jornal *Paris*, de 7 de março de 1869, a propósito das conferências do Sr. Chevillard, sobre o Espiritismo:

"Lembram –se que ruído fez, há alguns anos, no mundo, o fenômeno das mesas girantes.

"Não havia família que não possuísse sua mesinha *animada*, não havia círculo que não houvesse seus *Espíritos familiares*; gastava-se o dia para fazer a mesa girar, como se encontra hoje para uma *dança de pulos* um instante a curiosidade pública (reavivada pelo clero assustando as almas tímidas pelo espectro *abominável* de Satã), não conheceu mais limites, e as mesas estalavam, batiam, dançavam, do subsolo à água-furtada, com uma obediência das mais meritórias.

"Pouco a pouco a febre caiu, o silêncio se fez, a moda encontra outros *divertimentos*, quem sabe? Os *quadros vivos*, sem dúvida.

"Mas em se afastando, a multidão deixa imóvel alguns teimosos,

ligados apesar de tudo a essas manifestações singulares. Insensivelmente uma espécie de laço misterioso se estendia correndo de um ao outro. Os isolados da véspera se contavam no dia seguinte; logo uma vasta associação não fazia mais, desses grupos esparsos, senão uma única família caminhando, sob a divisa de uma crença comum, à procura da verdade pelo Espiritismo.

"A esta hora, parece, o exército conta bastantes soldados aguerridos para que se façam as honras do combate; e o Sr. Chevillard, depois de ter apresentado a *solução DEFINITIVA do problema espírita*, não hesitou em prosseguir seu assunto numa nova conferência: *As ilusões do Espiritismo*.

"De outra parte, o Sr. Desjardin, depois de ter falado dos inovadores em medicina, ameaçou de chocar proximamente as teorias espíritas. Os crentes replicarão sem dúvida, - os Espíritos não poderiam encontrar uma melhor ocasião de se afirmar. - É, pois, um sonho, uma luta que se empenha.

"Hoje os espíritas são mais numerosos na Europa do que se supõe. São contados por milhões, sem falar daqueles que crêem e *não se gabam disto*. O exército recruta todos os dias novos adeptos. O que de espantoso? Não são cada vez mais numerosos aqueles que choram e pedem as comunicações de um mundo melhor, a esperança do futuro?

"As discussões sobre este assunto parece dever ser séria. Não é sem interesse tomar algumas notas desde o primeiro dia.

"O Sr. Chevillard é generoso, ele não nega os fatos; - afirma a boa fé dos médiuns com os quais se pôs em relação; não sente nenhum embaraço em declarar que *ele mesmo* produziu os fenômenos dos quais fala. Os espíritas, eu aposto, não se encontraram jamais em semelhante festa, e não deixarão de tirar partido de tais concessões, - se puderem opor, ao Sr. Chevillard, outra coisa além da sinceridade de sua convicção.

"Não nos cabe responder, mas simplesmente separar desse conjunto de fatos algumas das leis magnéticas que compõem a teoria do conferencista. "As vibrações da

mesa, disse ele, são produzidas pelo pensamento interno voluntário do médium, ajudado pelo desejo dos assistentes crédulos, sempre numerosos." Assim se acha formalmente indicado o fluido nervoso ou vital, com o qual o Sr. Chevillard estabeleceu a solução DEFINITIVA do problema espírita. "Todo fato espírita, acrescentou mais longe, é uma sucessão de movimentos produzidos sobre um objeto inanimado por um magnetismo inconsciente."

"Enfim, resumindo todo o seu sistema numa fórmula abstrata, ele afirma que" a idéia da ação voluntária mecânica se transmite, pelo fluido nervoso, do cérebro até o objeto inanimado, que executa a ação em qualidade de órgão ligada pelo fluido ao ser que deseja, seja a ligação por contato ou à distância; mas o ser não tem a percepção de seu ato, porque ele não o executa por um esforço muscular."

"Esses três exemplos bastam para indicar uma teoria, que aliás não temos a discutir, e sobre a qual talvez retornaremos mais tarde; mas, lembrando de uma lição do Sr. E. Caro, da Sorbonne, de bom grado censuraríamos ao Sr. Chevillard o próprio título de sua conferência. Ele perguntou, de início, se nessas questões que escapam ao controle, à prova matemática, -que não se pode julgar senão por deduções, -a procura das causas primeiras não é incompatível com a ciência?"

"O Espiritismo deixa uma porta muito larga à liberdade de raciocínio para poder realçar a ciência propriamente dita. Os fatos que se constatam, maravilhosos sem dúvida, mas sempre idênticos, escapam a todo controle, e a convicção não pode nascer senão da multiplicidade das observações.

"A causa, o que quer que dela digam os iniciados, permanece um mistério para o homem que, friamente, pesa esses fenômenos estranhos, e os crentes neles estão reduzidos a fazer votos para que, cedo ou tarde, uma circunstância fortuita rasgue esse véu que esconde aos nossos olhos os grandes problemas da vida, e nos mostre radioso o deus desconhecido

"PAGÊSDENOYEZ."

Demos a nossa apreciação sobre a importância das conferências do Sr. Chevillard em nosso número precedente, e seria supérfluo refutar uma teoria que, como o dissemos, nada tem de novo, o que quer que dela pense o autor. Que ele tenha seu sistema sobre a causa das manifestações, é seu direito; que o creia justo, é muito natural; mas que tenha a pretensão de dar só a ele a solução *definitiva* do problema, é dizer que só a ele foi dada a última palavra dos segredos da Natureza, e que além dele, nada mais há a ver, nem nada a descobrir. Qual foi o sábio que jamais pronunciou o *nec pius ultra* nas ciências? Há coisas que se podem pensar, mas que não se tem sempre o direito de dizer muito alto.

De resto, não vimos nenhum espírita se inquietar com a pretensa descoberta do Sr. Chevillard; todos, ao contrário, fazem votos para que prossiga a sua aplicação até seus últimos limites, sem omitir nenhum dos fenômenos que se lhe poderiam opor; sobretudo, gostaríamos de vê-lo resolver *definitivamente* estas duas questões:

Em que se tornam os Espíritos dos homens depois da morte?

Em virtude de qual lei esses mesmos Espíritos, que agitam a matéria durante a vida no corpo, não *podem mais* agitá-la depois da morte e se manifestarem aos vivos?

Se o Sr. Chevillard admite que o Espírito é distinto da matéria, e que este Espírito sobrevive ao corpo, ele deve admitir que o corpo é o instrumento do Espírito nos diferentes atos da vida; que obedece à vontade do Espírito. Uma vez que ele admite que, pela transmissão do fluido elétrico, as mesas, lápis e outros objetos se tornam apêndices do corpo e obedecem assim ao pensamento do Espírito encarnado, por que, por uma corrente elétrica análoga, não poderia obedecer ao pensamento de um Espírito desencarnado?

Entre aqueles que admitem a realidade dos fenômenos, quatro hipóteses foram emitidas sobre sua causa, a saber: 1 ° A ação exclusiva do fluido nervoso, elétrico, magnético ou qualquer outro; 2° O reflexo do pensamento dos médiuns e dos assistentes, nas manifestações inteligentes; 3° A intervenção dos demônios; 4° A continuidade das relações dos Espíritos humanos, desligados da matéria, com o mundo corpóreo.

Essas quatro proposições, desde a origem do Espiritismo, foram preconizadas e discutidas sob todas as formas, em numerosos escritos, por homens de um valor incontestável. A luz da discussão, portanto, não faltou. Como ocorre que, desses diversos sistemas, o dos Espíritos encontrou mais simpatias; que só ele haja prevalecido, e seja hoje o único admitido pela imensa maioria dos observadores em todos os países do mundo; que todos os argumentos de seus adversários, depois de quinze anos, não tenham podido dele triunfar, se são a expressão da verdade?

É ainda uma interessante questão a resolver.

A CRIANÇA ELÉTRICA

Vários jornais reproduziram o fato seguinte:

A aldeia de Saint-Urbain, nos limites da Loire e do Ardèche, está toda emocionada. Ali se passa, foi-nos escrito, estranhas coisas. Alguns as imputam ao diabo, outros ali vêem o dedo de Deus, marcando com o selo da predestinação uma de suas criaturas privilegiadas.

Eis em duas palavras do que se trata, diz o *Memorial de la Loire*:

"Há uns quinze dias nasceu, neste lugarejo, uma menino que, desde a sua entrada no mundo, manifestou as mais espantosas virtudes, os sábios diriam as propriedades mais singulares. Apenas batizado, tornou-se impalpável e intangível! Intangível não como a sensitiva, mas ao modo de uma garrafa de Leyde carregada de eletricidade, que não se pode tocar sem sentir uma viva comoção. Depois, ele é luminoso! De todas as suas extremidades escapam, por momentos, eflúvios brilhantes que o fazem assemelhar-se a um vaga-lume.

"À medida que o bebê se desenvolve e se fortalece, esses curiosos fenômenos se revelam com mais energia e mais intensidade. Da mesma maneira se reproduzem de novo. Conta-se, por exemplo, que, em certos dias, quando se aproxima das mãos ou dos pés da criança algum objeto de pequeno volume, tal como uma colher, uma faca, uma taça, mesmo um prato, estes utensílios são tomados de um estremecimento e de uma vibração súbitos, que nada pode explicar.

"É particularmente ao anoitecer e à noite que esses fatos extraordinários se acentuam, no estado de sono, como no estado de vigília. Às vezes, então, —e isto prende-se ao prodígio,—o berço parece se encher de uma claridade esbranquiçada, semelhante a essas belas fosforescências que as águas do mar tomam no rastro das naus, e que a ciência não pôde ainda perfeitamente explicar.

"A criança, aliás, não parece de nenhum modo incomodada com as manifestações das quais sua pequena pessoa é o misterioso teatro. Ele mama, dorme e se comporta muito bem, e não é nem menos chorão nem menos impaciente do que seus semelhantes. Ele tem dois irmãos de quatro a cinco anos, que nasceram e vivem à maneira dos mais vulgares pequerruchos.

"Acrescentamos que os pais, bravos cultivadores, o marido com quase quarenta anos e a mulher com quase trinta anos, são os esposos menos elétricos do mundo. Não brilham senão pela honestidade, e o cuidado com o qual educam a sua pequena família.

"Chamaram-se o cura da cidade vizinha, que declarou, depois de longo exame, ali não compreender absolutamente nada; depois o cirurgião

que o apalpou, reapalpou, virou, revirou, auscultou e tocou fortemente o sujeito, sem querer se pronunciar claramente sobre o seu caso, mas que prepara um relatório à Academia, do qual se falará no mundo médico.

"Um espertalhão da região, deles há por toda a parte, farejando ali uma boa pequena especulação, propôs alugar a criança à razão de 200 fr. por mês, "para mostrá-la nas feiras." É um belo negócio para os pais. Naturalmente, o pai e a mãe querem acompanhar um filho tão precioso — a 2 francos por dia — e esta condição detém ainda a conclusão do ajuste comercial.

"O correspondente que nos deu esses estranhos detalhes nos certifica, "sobre sua honra", que são a mais exata verdade, e ele teve o cuidado de fazer subscrever sua carta pelos "quatro maiores proprietários da região."

Nenhum Espírita, seguramente, verá nesse fato algo de sobrenatural nem de maravilhoso. É um fenômeno puramente físico, uma variante, pela forma, daqueles que apresentam as pessoas ditas elétricas. Sabe-se que certos animais, tais como a raia-elétrica e o gimnoto, têm propriedades análogas.

Eis a instrução dada, a este respeito, por um dos guias instrutores da Sociedade de Paris.

"Como temos dito freqüentemente, os fenômenos mais singulares se multiplicam cada dia para atrair a atenção da ciência; a criança em questão é, pois, um instrumento, mas ele não foi escolhido para esse efeito senão em razão da situação que lhe foi feita por seu passado. Por excêntrico que seja, em aparência, um fenômeno qualquer, produzido em um encarnado, tem sempre por causa imediata a situação inteligente e moral desse encarnado, e uma relação com seus antecedentes, sendo todas as existências solidárias. É um assunto de estudo, sem dúvida, para aqueles que dele foram testemunha, mas secundariamente. É sobretudo para aquele que dele é o objeto, uma prova ou uma expiação. Há, pois, o fato material que é da alçada da ciência, e a causa moral que pertence ao Espiritismo.

"Mas, direis, como um semelhante estado pode ser uma prova para uma criança dessa idade? Para a criança, não, seguramente, mas para o Espírito que não tem idade, a prova é certa.

"Encontrando-se, como encarnado, numa situação excepcional, cercado de uma auréola física que não é senão uma máscara, mas que teria passado aos olhos de certas pessoas por um sinal de santidade ou de predestinação, o Espírito, liberado durante seu sono, se orgulha da impressão que produziu. Era um taumaturgo de uma espécie particular, que passou sua última existência a desempenhar o santo personagem no meio dos sortilégios que tentava realizar, e que quis prosseguir seu papel nesta nova existência. Para atrair o respeito e a veneração, quis nascer, como criança, em condições excepcionais. Se viver, será um falso profeta do futuro, e não será o único.

"Quanto ao fenômeno em si mesmo, é certo que terá pouca duração; a ciência deve, pois, se apressar se quiser estudá-lo de v/st/; mas nada fará ela com ele, tendo medo de encontrar dificuldades embaraçosas; ela se contentará em considerar a criança como um torpedo humano."

O doutor MOREL LAVALLÉE.

UM CURA MÉDIUM CURADOR

Um de nossos assinantes do departamento dos Hautes-Alpes, escreveu-nos o que segue:

"Há algum tempo fala-se muito, no vale do Queyras, de um cura que, sem estudos médicos, cura uma multidão de pessoas de diversas afecções. Há muito tempo que ele age assim, e augustas personagens, diz-se, o consultaram, quando era chefe de uma

paróquia nos Basses-Alpes. Suas curas tinham feito ruído, e diz-se que, por punição, foi enviado como cura a La Chalpe, comuna vizinha de Abriès, na fronteira do Piémont. Ali, ele continuou a ser útil à Humanidade, aliviando e curando como no passado.

"Para os espíritas, isso nada tem de espantoso; se dele vos falo, é porque, no vale do Queyras como em outra parte, ele fez muito ruído. Como todos os médiuns curadores sérios, ele não aceita nada. S. M. a Imperatriz viúva da Rússia, lhe teria oferecido, me foi dito, várias cédulas, que ele recusou, pedindo-lhe que as colocasse na caixa de donativos se ela as quisesse dar para a sua igreja.

"Um outro indivíduo, introduziu um dia uma peça de vinte francos em seus papéis; quando isto foi percebido, fê-lo retornar sob pretexto de novas indicações a lhe dar, e lhe restituiu seu dinheiro.

"Uma multidão de pessoas fala dessas curas *de visu*; outras não crêem nelas; tenho o fato seguinte daqueles que são o menos favoráveis.

"Havia-se denunciado o cura por exercício ilegal da medicina; dois soldados compareceram em sua casa para conduzi-lo à autoridade. Ele lhes disse: "Eu vos seguirei; mas um instante, por favor, porque não comi. Almoçai comigo, e vós me guardareis." Durante o repasto, ele disse a um dos soldados: " — Estais doente. — Doente? não mais no presente; há três meses, eu não digo." — Pois bem! Eu sei o que tendes, e, se quiserdes, posso curar-vos em seguida, se fizerdes o que eu vos disser." Conferenciaram e a proposição foi aceita.

"O cura fez suspender o soldado pelos pés, de modo que suas mãos pudessem se colocar na terra e sustentá-lo; ele colocou sob sua cabeça uma tigela com leite quente, ele administrou o que se chama uma fumigação de leite. Ao cabo de alguns minutos, uma pequena serpente, dizem uns, um grande verme, segundo outros, caiu na tigela. O soldado, reconhecendo, fez colocar a serpente numa garrafa, e conduziu o cura ao magistrado ao qual explicou seu assunto, depois do que o cura foi posto em liberdade.

"Eu teria desejado muito ver esse cura, acrescentou o nosso correspondente, mas a neve de nossas montanhas torna os caminhos tão difíceis nesta estação; sou obrigado a me contentar com as informações que vos transmito. A conclusão de tudo isto é que essa faculdade se desenvolve e os exemplos se multiplicam. Na comuna que vos cito, e em nosso vale, isso produziu um grande efeito. Como sempre, alguns dizem: *Charlatão*, e outros, *demônio*; outros, *feiticeiro*; mas os fatos aí estão, e não perdi a ocasião para dizer o meu modo de pensar, explicando que os fatos desse gênero nada têm de sobrenatural, nem de diabólico, quando deles se viram milhares de exemplos desde os tempos mais recuados, e que é um modo de manifestação do poder de Deus, sem que haja ali derrogação de suas leis eternas."

VARIEDADES.

OS MILAGRES DE BOIS-D'HAINÉ.

Lé progrès thérapeutique, jornal de medicina, em seu número de 1° de março de 1869, dá conta de um fenômeno bizarro, que se tornou um objeto de curiosidade pública no burgo de Bois-d'Hainé, na Bélgica. Trata-se de uma jovem de 18 anos que, todas as sextas-feiras, de 1 h. e meia às 4 h. e meia, cai, num estado de êxtase cataléptico; neste estado, ela está deitada, os braços estendidos, os pés um sobre o outro, na posição de Jesus na cruz.

A insensibilidade e a rigidez dos membros foram constatadas por vários médicos. Durante a crise, cinco feridas se abrem nos lugares precisos onde foram as do Cristo, e deixam transudar o sangue verdadeiro. Depois da crise, cessa de correr, as feridas se fecham, e são cicatrizadas em 24 horas. Durante os acessos, diz o doutor Beaucourt, autor do artigo, o R. P. Séraphin, presente nas sessões, graças ao ascendente que tinha

sobre a doente, tem o poder de chamá-la de seu êxtase. Ele acrescenta: "Todo homem que não é ateu deve, para ser lógico, admitir que aquele que estabeleceu as leis admiráveis, tanto físicas quanto psicológicas, que regem a Natureza pode também, por sua vontade, suspender ou mudar momentaneamente uma ou várias dessas leis."

É, como se vê, um milagre em todas as regras, e uma repetição daquele dos *estigmatizados*. Como os milagres, segundo a Igreja, não são da alçada do Espiritismo, cremos supérfluo ir mais longe na busca das causas do fenômeno; e isto tanto melhor quanto um outro jornal disse, depois, que o bispo da diocese tinha interditado toda exibição.

O DESPERTAR DO SR. LOUIS.

Publicamos, no número precedente, o relato do singular estado de um Espírito que acreditava sonhar. Enfim foi despertado, e o anunciou espontaneamente na comunicação seguinte:

(Sociedade de Paris, 12 de fevereiro de 1869. — Méd. Sr. Leymarie.)

"Decididamente, senhores, é preciso, apesar de mim, que eu abra os olhos e os ouvidos; é preciso que eu escute e que eu veja. Em vão me esforçarei em negar e declarar que sois pessoas caprichosas, muito bravas, mas muito inclinadas aos sonhos, às ilusões, é preciso, eu o confesso, apesar de todos me dizerem, que eu saiba enfim que não sonho mais. Lá em cima, estou fixado, mas completamente fixado. Venho entre vós todas as sextas-feiras, dia de reunião, e, à força de ouvir repetir, quis saber se esse famoso sonho se prolongaria indefinidamente. O amigo Jobard está encarregado de me edificar a esse respeito, e isto com provas em apoio.

Eu não pertenço mais à Terra; estou morto; vi o luto dos meus, os lamentos dos amigos, os contentamentos de alguns invejosos, e agora venho ver-vos. Meu corpo não me seguiu; ele está bem lá embaixo, em seu recanto, no meio do lixo humano; e, seja com ou sem chamada, venho até vós hoje, não mais com despeito, mas com o desejo e a convicção de me esclarecer. Eu discirno tudo perfeitamente; vejo o que fui; percorri com Jobard distâncias imensas: portanto, eu vejo, concebo, combino, possuo a minha vontade e meu livre arbítrio: portanto, nem tudo morre. Nós não éramos uma agregação inteligente de moléculas, e todas as declamações sobre a inteligência da matéria não eram senão frases vazias e sem consistência.

Ah! crede-o, senhores, se meus olhos se abrem, se entrevejo u ma verdade nova, isto não é sem sofrimentos, sem revoltas, sem retornos amargos!

É, pois, bem verdadeiro! O Espírito permanece! fluido inteligente, ele pode, sem a matéria, viver de sua vida própria, etérea, e segundo a vossa palavra: semi-material. Às vezes, no entanto, eu me pergunto se o sonho fantástico que fiz há mais de um mês, não continua com as peripécias novas, estranhas; mas o raciocínio frio, impassível de Jobard me força a mão, e, quando resisto, ele ri, e se compraz em me confundir e, todo alegre, me cobre de epigramas e palavras felizes! É inútil me rebelar e me revoltar, é preciso obedecer à verdade.

O Desnoyers da Terra, o autor de *Jean-Paul Cliopard* esta ainda vivo, e seu pensamento ardente abarca outros horizontes. Ele era liberal e terra-a-terra outrora, ao passo que no presente ele aborda e abarca problemas desconhecidos, maravilhosos; e, diante dessas novas apreciações, consenti, senhores, em me perdoarem meus dizeres um pouco levianos, porque se eu não tinha completamente razão, poderíeis muito bem estar um pouco errados.

Necessito refletir, me reconhecer definitivamente, e se o resultado de minhas pesquisas sérias me conduzirem às vossas idéias, é preciso esperar, isto não será mais para me queimar os miolos.

Até uma outra vez, senhores,

LOUIS DESNOYERS.

O mesmo Espírito deu espontaneamente a comunicação adiante, a propósito da morte de Lamartine.

(Sociedade de Paris, 5 de março de 1869. — Méd., Sr. Leymarie.)

Sim, senhores, nós morremos mais ou menos esquecidos; passamos, pobres seres, orgulhosos dos órgãos que transmitem os nossos pensamentos. Queremos a vida com suas exuberâncias, formamos uma multidão de projetos. Nosso campo, neste mundo, pôde ter sua ressonância, e, chegada a última hora, todos esses ruídos, todos esses pequenos barulhos, nossa altivez, nosso egoísmo, nosso labor, tudo é absorvido na massa. É uma gota d'água no oceano humano.

Lamartine era um grande e nobre espírito, cavalheiresco, entusiasta, um verdadeiro senhor na acepção da palavra, um diamante bem puro, bem talhado; ele era belo, grande; tinha o olhar, tinha o gesto do predestinado; sabia pensar, escrever; sabia falar; era um inspirado, um transformador!...Poeta, mudou o vôo da literatura em lhe emprestando suas asas prestigiosas; homem, governou um povo, uma revolução, e suas mãos se retiraram puras do contato com o poder.

Ninguém, mais do que ele foi amado, estimado, abençoado, adorado; e quando os cabelos brancos chegaram, quando o desencorajamento tomava o belo velho, o lutador dos grandes dias, não se lhe perdoou mais um instante de fraqueza. A própria França estava fraca; ela esbofeteou o profeta, o grande homem; quis diminuí-lo, esse lutador de duas revoluções, e o esquecimento, eu o repito, parecia enterrar essa grande e magnânima figura! Ele está morto e bem morto, uma vez que eu o acolhi além do túmulo, com todos aqueles que eu tinha apreciado e estimado, apesar do ostracismo, do qual a juventude das escolas fazia uma arma contra ele.

Ele estava transfigurado, sim, senhores, transfigurado pela dor de ter visto aqueles que o tinham tanto amado lhe recusar o devotamento que, no entanto, não soube jamais recusarem outros tempos, ao passo que os vencedores lhe estendiam a mão. O poeta havia se tornado filósofo, e esse pensador amadurecia sua alma dolorida, pela grande prova. Ele via melhor; pressentia tudo, tudo o que esperais, senhores, e tudo o que eu não esperava.

Mais do que ele, sou um vencedor; venci pela morte, venci em minha vida pela necessidade, esse inimigo imperceptível que nos aborrece como um roedor; e muito mais venci hoje, porque venho me inclinar diante da verdade.

Ah! se para a França uma grande verdade brilha hoje; se a França de 89, se a mãe de tantos gênios desaparecidos recomeça a sentir que um de seus mais caros filhos, o bom, o nobre Lamartine desapareceu, sinto hoje que, para ele, nada está morto; sua lembrança está por toda a parte; as ondas sonoras de tantas lembranças comovem o mundo. Ele era imortal entre vós, mas bem mais ainda entre nós, onde realmente está transfigurado. Seu Espírito resplende, e Deus pode receber o grande menosprezado. Lamartine pode doravante abarcar os mais vastos horizontes e cantar os hinos grandiosos que seu grande coração havia sonhado. Ele pode preparar o vosso futuro, meus amigos, e acelerar convosco as etapas humanitárias. Ele poderá, mais do que nunca, ver se desenvolver em vós esse ardente amor de instrução, de progresso, de liberdade e de associação, que são os elementos do futuro. A França é uma iniciadora;

ela sabe o que pode: ela quererá, ousará, quando sua cabeleira poderosa tiver sacudido o formigueiro que vive às expensas de sua virilidade e de sua grandeza.

Poderei eu, como ele, ganhar minha auréola e me tornar resplendente de felicidade, me ver regenerar por vossa crença, da qual compreendo hoje a grandeza? Para vós, Deus me marcou como uma ovelha transviada; obrigado, senhores. Ao contato dos mortos tão lamentados, sinto-me viver, e direi logo convosco na mesma prece: A morte é a auréola; a morte é a vida.

LOUIS DESNOYERS.

Nota. — Uma senhora, membro da sociedade, que conhecia particularmente o Sr. Lamartine, e havia assistido aos seus últimos momentos, vinha de dizer que, depois de sua morte, sua fisionomia estava literalmente transfigurada, que ela não tinha mais a decrepitude da velhice; foi a esta circunstância que o Espírito fez alusão.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

LAMARTINE.

(Sociedade Espírita de Paris, 14 de março de 1869. — Méd. Sr. Leymarie.)

Um amigo, um grande poeta, me escreveu numa dolorosa circunstância: "Ela é sempre vossa companheira, invisível, mas presente; perdestes a mulher, mas não a alma! Caro amigo, vivamos nos mortos!" Pensamento consolador, salutar, que reconforta na luta e faz pensar sem cessar nessa sucessão ascendente da matéria, nessa unidade na concepção de tudo o que é, nesse maravilhoso e incomparável operário que, para continuidade do progresso, prende o Espírito a essa matéria, espiritualizada a seu turno pela presença do elemento superior.

Não, minha bem-amada, não pude perder tua alma que vivia gloriosa, brilhante detodas as claridades do mundo invisível. Minha vida é um protesto vivo contra o flagelo ameaçador do ceticismo, sob suas formas múltiplas. Ninguém, mais do que eu, afirmou mais energicamente a personalidade divina e acreditou na personalidade humana, em defendendo a liberdade. Se o sentimento do infinito estava desenvolvido em mim, se a presença divina palpita nas páginas entusiastas, é que eu devia executar com perseverança a obra que me tinha proposto; é que vivia da presença de Deus, e essa fonte jorrante sem pré me fez crer no bem, no belo, na justiça, no devotamento, na honra do indivíduo, e mais ainda na honra da nação, essa individualidade condensada. É que minha companheira era uma natureza de elite, forte e terna. Junto dela, compreendi a natureza da alma e suas relações íntimas com a estátua de carne, essa maravilha! Também, meus estudos eram espiritualizados, conseqüentemente, fecundos e rápidos, voltando sem cessar para as formas do belo e a paixão das letras. Eu unia a ciência ao pensamento, a fim de que a filosofia, em mim, pudesse se servir desses dois preciosos instrumentos poéticos.

Às vezes, minha forma era abstrata e não estava ao alcance de todo o mundo; mas os pensadores sérios a adotaram; todos os grandes espíritos de minha época me abriram suas fileiras. A ortodoxia católica me olhava como uma ovelha desgarrada do rebanho do pastor romano, sobretudo quando, levado pelos acontecimentos, partilhei a responsabilidade de uma revolução gloriosa.

Arrastado num momento pelas aspirações populares, por esse sopro poderoso de idéias comprimidas, eu não era mais o homem das grandes situações; eu tinha terminado minha obra, e, para mim, soava, no timbre do tempo, as horas de lassidão e de desencorajamento. Eu vi o meu calvário, e enquanto Lamartine subia penosamente, os

filhos dessa França tão amada, lhe cuspiam no rosto, sem respeito por seus cabelos brancos, o ultraje, a provocação, a injúria.

Prova solene, senhores, onde a alma se retempera e se retifica, porque o esquecimento é a morte, e a morte sobre a Terra é o comércio com Deus, este dispensador judicioso de todas as forças!

Morri como cristão; tinha nascido na Igreja, parto antes dela! Há um ano, eu tinha uma profunda intuição. Falava pouco, mas viajava sem cessar por esses planos etéreos onde tudo se refunde sob o olhar do Senhor dos mundos; o problema da vida se desenrolava majestosamente, gloriosamente, de Swedenborg e da escola dos teósofos, de Fourier, de Jean Reynaud, de Henri Martin, de Victor Hugo, e o Espiritismo que me era familiar, embora em contradição com os meus preconceitos e o meu nascimento, preparava-me para o desligamento, na partida. A transição não foi penosa; como o pólen de uma flor, meu Espírito, levado por um turbilhão, encontrou a planta irmã. Como vós, eu a chamo erraticidade; e para me fazer amar por essa irmã desejada, minha mãe, minha esposa bem-amada, uma multidão de amigos e de invisíveis me cercavam como uma auréola luminosa. Mergulhado nesse fluido benfazejo, meu Espírito se tranqüilizava como o corpo desse viajante do deserto que, depois de uma longa viagem sob um céu de chumbo e de fogo, encontra um banho generoso para seu corpo, uma fonte límpida e fresca para a sua sede ardente.

Alegrias inefáveis do céu sem limites, concertos de todas as harmonias, moléculas que repercutem os acordes da ciência divina, calor vivificante de suas impressões sem nome que a língua humana não saberia decifrar, bem-estar novo, e nascimento, completa elasticidade, elétrica profundidade das certezas, semelhanças das leis, calma cheia de grandeza, esferas que enclausuram as humanidades, oh! sede os bem-vindos, emoções previstas, aumentadas indefinidamente de irradiações do infinito!

Permutai vossas idéias, Espíritas, que credes em nós. Estudai nas fontes sempre novas de nosso ensinamento; afirmai-vos, e que cada membro da família seja um apóstolo que fale, caminhe e aja com vontade, com a certeza de que nada dais ao desconhecido. Sabei muito para que vossa inteligência se educa. A ciência humana, reunida à ciência de vossos auxiliares invisíveis, vos fará senhores do futuro; expulsareis a sombrapara vir a nós, quer dizer, à luz, a Deus.

ALPHONSE DE LAMARTINE.

CHARLES FOURIER.

Um discípulo de Charles Fourier, que é ao mesmo tempo espírita, nos dirigiu recentemente uma evocação com pedido de solicitar uma resposta, se esta fosse possível, a fim de se esclarecer sobre certas questões. Uma e a outra nos parecendo instrutivas, transcrevemo-las adiante.

(Paris, grupo Desliens; 9 de março de 1869.)

"Irmão Fourier,

"Do alto da esfera ultra mundana, se teu Espírito pode me ver e me ouvir, eu te peço comunicar-te comigo, a fim de me fortalecer na convicção de que tua admirável teoria dos quatro movimentos fez nascerem mim sobre a lei da harmonia universal, ou de me desenganar se tiveste a infelicidade de enganar-te a ti mesmo. — Tu, cujo gênio incomparável parece ter levantado a cortina que escondia a Natureza, e cujo Espírito deve ser mais lúcido ainda do que o era no mundo material, eu te peço dizer-me se reconheces, no mundo dos Espíritos como sobre a Terra, que há desarranjo da ordem

natural estabelecida por Deus, em nossa organização social; se as atrações passionais são realmente a alavanca da qual Deus se serve para conduzir o homem até o seu verdadeiro destino; se a analogia é um meio seguro para descobrir a verdade.

"Eu te peço dizer-me também o que pensas das sociedades cooperativas que germinam de todos os cantos da superfície de nosso globo. Se teu Espírito pode ler no pensamento do homem sincero, debes saber que a dúvida o torna infeliz; é porque, eu te suplico, de tua morada além-túmulo, consentir em fazer tudo o que depende de ti para me convencer.

Recebe, nosso irmão, a certeza do respeito que devo à tua memória e de minha maior veneração."

J. G.

Resposta. —"É uma questão muito grave, caro irmão em crença, perguntar a um homem se ele está enganado, quando um certo número de anos se escoaram, desde que expôs o sistema que melhor satisfazia a suas aspirações quanto ao desconhecido! Enganei-me?... Quem não se enganou quando quis levantar com suas únicas forças, o véu que lhe escondia o fogo sagrado! Prometeu fez os homens com esse fogo, mas a lei do progresso condenou esses homens às lutas físicas e morais. Eu,

fiz um sistema, destinado, como todos os sistemas, a viver um tempo, depois a se transformar, a se associar a novos elementos mais verdadeiros. Vede que o é nas idéias como nos homens. Desde que nasceram, elas não morrem: se transformam. Grosseiras de início, envolvidas na ganga da linguagem, elas encontram sucessivamente os operários que as talham e as pulam cada vez mais, até que o calhau informe tenha se tornado o diamante, ao vivo brilho, a pedra preciosa por excelência.

"Procurei conscienciosamente e encontrei muito. Apoiando-me sobre os princípios adquiridos, fiz avançar de alguns passos o pensamento inteligente e regenerador. O que descobri era verdadeiro em princípio, eu o falseei, em querendo aplicá-lo. Eu quis criar a série, estabelecer as harmonias; mas essas séries, essas harmonias não tinham necessidade de criador; elas existiam desde o começo; não poderia senão perturbá-las em querendo as estabelecer sobre as pequenas bases de minha concepção, quando Deus lhe havia dado o universo por laboratório gigantesco.

"Meu título mais sério, e aquele que se ignora ou que se desdenha cada vez mais, foi ter partilhado com Jean Reynaud, Ballanche, Joseph de Maistre e muitos outros, o pressentimento da verdade; foi de ter sonhado com essa regeneração humana pela prova, pela sucessão de existências reparadoras, essa comunicação do mundo livre e do mundo encadeado à matéria, que tendes a felicidade de tocar com o dedo. Nós tínhamos previsto e vós realizais o nosso sonho. Eis nossos maiores títulos de glória, os únicos que, de minha parte, estimo e do qual me lembro.

"Vós duvidais, dissestes, meu amigo! tanto melhor; porque aquele que duvida verdadeiramente, procura; e aquele que procura, encontra. Procurai, pois, e se não depender senão de mim, de vos colocar na mão a convicção, contai com o nosso concurso devotado; mas escutai um conselho de amigo, que coloquei em prática em minha vida e no qual me achei bem: "Se quiserdes uma demonstração séria de uma lei universal, procurai a sua aplicação individual. Desejais a verdade? Procurai-a em vós mesmos e na observação dos fatos de vossa própria vida. Todos os elementos da prova estão aí. Que aquele que quer saber se examine, e encontrará."

CH. FOURIER.

BIBLIOGRAFIA.

HÁ UMA VIDA FUTURA? Opiniões diversas sobre este assunto, recolhidas e postas em ordem por um *Fantasma* (1). (1) I vol in-12; 3 fr.

Para a maioria, a vida futura não sendo questão, uma demonstração se torna de alguma sorte supérflua, porque é quase como se se quisesse provar que o Sol se levanta todas as manhãs. No entanto, como não há cegos que não vêem o Sol se levantar, é bom saber como se pode lhes provar; ora, é a tarefa que empreendeu o Revenant, autor deste livro. Esse Revenant é um sábio engenheiro, que conhecemos de reputação, por outras obras filosóficas que levam o seu nome; mas como não julgou a propósito colocá-lo sobre esta, não nos cremos no direito de cometer uma indiscrição, embora saibamos pertinentemente que ele não faz nenhum mistério de suas crenças.

Este livro prova uma vez mais que a ciência não conduz fatalmente ao materialismo, e que um matemático pode ser um firme crente em Deus, na alma, na vida futura e em todas as suas conseqüências.

Não é uma simples profissão de fé, mas uma demonstração digna de um matemático por sua lógica rigorosa e irresistível. Não é, não mais, uma dissertação árida e dogmática, mas uma polêmica incidente sob forma de conversação familiar, onde o pró e o contra são imparcialmente discutidos.

O autor conta que assistindo um enterro de um de seus amigos, ele se pôs a conversar, durante o caminho, com vários convidados. A circunstância e as peripécias da cerimônia conduzem a conversação sobre a sorte do homem depois da morte. Ele se empenha de início com um nihilista ao qual tenta demonstrar a realidade da vida futura por argumentos encadeados com uma arte admirável e, sem chocá-lo e nem magoá-lo, o conduz muito naturalmente às suas idéias.

Sobre o túmulo dois discursos são pronunciados num sentido diametralmente oposto sobre a questão do futuro, e produzem impressões diferentes. No retorno, novos interlocutores se juntam aos dois primeiros; eles concordam em se reunir na casa de um deles, e lá, uma polêmica séria se inicia, onde as opiniões diversas fazem valer as razões sobre as quais elas se apoiam.

Este livro, cuja leitura é atraente, tem todo o atrativo de uma história, e toda a profundidade de uma tese filosófica. Acrescentaremos que, entre os princípios que preconiza, deles não encontramos um único em contradição com a Doutrina Espírita na qual o autor deveu se inspirar.

A necessidade da reencarnação para o progresso, sua evidência, sua concordância com a justiça de Deus, a expiação e a reparação pelo reencontro daqueles que se prejudicou em uma precedente existência, ali são demonstrados com uma clareza impressionante. Vários exemplos citados provam que o esquecimento do passado, na vida de relação, é um benefício da Providência, e que esse esquecimento momentâneo não impede de aproveitar a experiência do passado, tendo em vista que a alma se lembra nos momentos de desligamento.

Eis, em algumas palavras, um dos fatos contados por um dos interlocutores e que, disse ele, lhe é pessoal.

Ele era aprendiz numa grande fábrica; por sua conduta, sua inteligência e seu caráter, conquistou a estima e a amizade do patrão que, em seguida o associou à sua casa. Vários fatos, dos quais não se dava conta então, provam nele a percepção e a intuição das coisas durante o sono; essa faculdade lhe serviu mesmo para prevenir um acidente que poderia ter conseqüências desastrosas para a fábrica.

Afilha do patrão, encantadora criança de oito anos, testemunha-lhe afeição e se diverte com ele; mas, cada vez que ela se aproxima, ele sente um frio glacial e uma repulsa instintiva; seu contato lhe faz mal. Pouco a pouco, no entanto, esse sentimento se enfraquece, depois se apaga. Mais tarde, a desposa; ela é boa, afetuosa, previdente e a união muito feliz.

Uma noite, ele tem um sonho horrível. Via-se em sua precedente encarnação; sua mulher conduzia-se de maneira indigna, e tinha sido causa de sua morte, e, coisa estranha! ele não podia separar a idéia dessa mulher de sua mulher atual; parecia-lhe que eram a mesma pessoa. Perturbado com essa visão em seu sonho, fica triste; pressionado pela sua mulher para lhe dizer a causa, ele se decide contar-lhe o pesadelo. "É singular, disse ela, tive um sonho semelhante, e era eu que era a culpada." As circunstâncias fazem que ambos reconheçam não estarem unidos pela primeira vez; o marido se explica a repulsão que tinha por sua mulher quando ela era criança; a mulher redobra cuidados para apagar seu passado; mas ela já está perdoada, porque a reparação ocorreu, e o lar continua próspero.

Daí esta conclusão: que esses dois seres se encontram reunidos de novo, um para reparar, o outro para perdoar; que se haviam tido a lembrança do passado, e tivessem fugido, teriam perdido o benefício, um da reparação, o outro do perdão.

Para dar uma idéia exata do interesse deste livro, seria preciso citá-lo quase que inteiro. Limitar-nos-emos à passagem seguinte:

"Vós me perguntais se creio na vida futura, dizia-me um velho general; se nisso cremos, nós, soldados! E como quereis que isso seja de outro modo, a menos que seja três vezes estúpido? No que, pois, quereis que pensemos na véspera de um combate, de um assalto, que tudo anuncia dever ser mortífero?... Depois de ter dito adeus em pensamento aos seres queridos, que estamos ameaçados de deixar, retornamos irresistivelmente aos ensinamentos maternos que nos mostraram uma vida futura onde os seres simpáticos se reencontram. Haurimos nessas lembranças um redobramento de coragem que nos faz afrontar os maiores perigos, segundo nosso temperamento, com calma ou com um certo arrebatamento, e mais freqüentemente ainda com uma vivacidade, uma alegria, que são os traços característicos do exército francês.

"Além de tudo, somos os descendentes desses bravos Gauleses, cuja crença na vida futura era grande, que emprestavam somas em dinheiro para serem reembolsadas numa outra existência. Vou mais longe, estou persuadido de que somos sempre essas crianças da velha Gália, que, entre a época de César e a nossa, atravessaram um grande número de existências, em cada uma das quais eles tomaram um grau mais elevado nas falanges terrestres."

Este livro será lido com proveito pelos mais firmes crentes, porque nele retirarão novos argumentos para refutar seus adversários.

A ALMA.

SUA EXISTÊNCIA E SUAS MANIFESTAÇÕES, POR DYONIS (1).

(1) 1 vol. in-12, 3fr. 50.

Este livro tende ao mesmo objetivo do precedente: a demonstração da alma, da vida futura, da pluralidade das existências, mas sob uma forma mais didática, mais científica, embora sempre clara e inteligível para todo o mundo. A refutação do materialismo, e, em particular, das doutrinas de Büchner e de Maleschott, nele ocupa um grande lugar, e essa não lhe é a parte menos interessante nem a menos instrutiva, pela irresistível lógica dos argumentos. A doutrina desses dois escritores de um incontestável talento, e que pretende explicar todos os fenômenos morais só pelas forças da matéria, teve muita ressonância na Alemanha, e por contragolpe na França; ela foi naturalmente aclamada com entusiasmo pelos materialistas, felizes de nela encontrarem a sanção de suas idéias; sobretudo recrutou partidários entre os jovens das Escolas, que os autorizam a se libertarem, em nome da legalidade aparente de uma filosofia, de um freio que a crença em Deus e na imortalidade impõem.

O autor prende-se a reduzir ao seu justo valor os sofismas sobre os quais se apoia essa filosofia; ele demonstra as desastrosas conseqüências que teria para a sociedade,

se jamais viesse a prevalecer, e sua incompatibilidade com toda doutrina moral. Se bem que ela não seja conhecida senão num certo mundo, uma refutação de alguma sorte popular é muito útil, a fim de premunir aqueles que poderiam se deixar seduzir pelos argumentos especiosos que invoca. Estamos persuadidos de que, entre as pessoas que a preconizam, há as que recuariam se lhe tivessem compreendido toda a importância.

Não fosse senão deste ponto de vista, a obra do Sr. Dyonis mereceria sérios encorajamentos, porque é um campeão enérgico pela causa do Espiritualismo, que é também a do Espiritismo ao qual se vê que o autor não é estranho. Mas aí não se limita a tarefa que se impôs; ele encara a questão da alma de maneira ampla e completa; é um daqueles que admitem seu progresso indefinido, através da animalidade, da humanidade e além da humanidade. Talvez, sob certos aspectos, seu livro encerre algumas proposições arriscadas, mas que é bom pôr à luz, a fim de que amadureçam pela discussão.

Lamentamos que a falta de espaço não nos permita justificar a nossa apreciação por algumas citações; limitarmos à passagem seguinte, e a dizer que aqueles que lerem este livro não perderão seu tempo.

"Se examinarmos os seres que se sucederam nos períodos geológicos, notaremos que há progresso nos indivíduos dotados sucessivamente devida, e que o último que chegou, o homem, é uma prova irrecusável desse desenvolvimento moral, pelo dom da inteligência transmissível que foi o primeiro a receber, e o único de todos os animais.

"Esta perfectibilidade da alma oposta à imperfectibilidade da matéria, nos leva a pensar que a alma humana não é a primeira expressão da alma, mas que dela é unicamente a última expressão até aqui. Em outros termos, que a alma progrediu desde a primeira manifestação da vida, passando alternativamente pelas plantas, pelos animálculos, os animais e o homem, para se elevar ainda, por meio de criação de uma ordem superior, que os nossos sentidos imperfeitos não nos permitem compreender, mas que a lógica dos fatos nos conduz a admitir. A lei do progresso, que seguimos nos desenvolvimentos físicos dos animais sucessivos, existiria, pois, igualmente, e principalmente, em seu desenvolvimento moral."

SOCIEDADES E JORNAIS ESPÍRITAS DO ESTRANGEIRO.

A abundância das matérias nos obriga a remeterão próximo número o relatório de duas sociedades espíritas, constituídas sobre bases sérias, pelos estatutos impressos, muito sabiamente concebidas: uma em Sevilha, na Espanha; a outra em Florença, na Itália.

Falaremos igualmente dos dois novos jornais espíritas, que nos limitaremos a anunciar adiante.

EL ESPIRITISMO (O Espiritismo); 12 páginas in-4, aparecendo duas vezes por mês desde 1 ° de março, em *Sevilha*, calle de Gênova, 51. — Preço portrimestre: Sevilha, 5 réaux; províncias, 6 r; Estrangeiro, 10 r.

ILVEGGENTE (O Vidente), jornal magnético espírita hebdomanário; quatro páginas in-4; publicado em Florença, via Pietra Piana, 40. — Preço: 4 fr. 50 c., por ano; por seis meses, 2 fr. 50 c.

Erratum

Número de março de 1869, página 93, linha 31, em lugar de: *concert de l'Esprit*, lede: *concept de l'Esprit*.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

12º ANO

NO. 5

MAIO 1869

AOS ASSINANTES DA REVISTA.

BIOGRAFIA DO SR. ALLAN KARDEC.

É sob o golpe da dor profunda causada pela partida prematura do venerável fundador da Doutrina Espírita, que abordamos uma tarefa, simples e fácil para suas mãos sábias e experimentadas, mas cujo peso e a gravidade nos oprimiriam, se não contássemos com o concurso eficaz dos bons Espíritos e a indulgência de nossos leitores.

Quem, entre nós, poderia, sem ser tachado de presunção, se gabar de possuir o espírito de método e de organização do qual se iluminam todos os trabalhos do mestre? Só sua poderosa inteligência podia concentrar tantos materiais diversos, e triturá-los, transformá-los, para derramá-los em seguida, como um orvalho benfazejo, sobre as almas desejosas de conhecer e de amar.

Incisivo, conciso, profundo, ele sabia agradares e fazer compreender numa linguagem ao mesmo tempo simples e elevada, tão afastado do estilo familiar quanto das obscuridades da metafísica.

Multiplicando-se sem cessar, até aqui, ele tinha podido bastar a tudo. No entanto, o crescimento diário de suas relações e o desenvolvimento incessante do Espiritismo, o fizeram sentir a necessidade de reunir alguns ajudantes inteligentes, e ele preparar simultaneamente a organização nova da doutrina e de seus trabalhos, quando nos deixou para ir a um mundo melhor, recolher a sanção da missão cumprida, e reunir os elementos de uma nova obra de devotamento e de sacrifício.

Ele era só!... Nós nos chamaremos *legião*, e, embora fracos e inexperientes que sejamos, temos a íntima convicção de que nos manteremos à altura da situação, se, partindo dos princípios estabelecidos e de uma evidência incontestável, nós nos fixarmos em executar, tanto quanto nos será possível e segundo as necessidades do momento, os projetos de futuro que o próprio Sr. Allan Kardec se propunha cumprir.

Enquanto estivermos neste caminho e que todas as boas vontades se unirem num comum esforço para o progresso e a regeneração intelectual e moral da Humanidade, o Espírito do grande filósofo estará conosco e nos secundará com sua poderosa influência. Possa ele suprir a nossa insuficiência, e possamos nós nos tornar dignos de seu concurso, em nos consagrando à obra com tanto de devotamento e de sinceridade, senão com tanto de ciência e de inteligência!

Ele havia escrito sobre a sua bandeira, estas palavras: *Trabalho, solidariedade, tolerância*. Sejamos, como ele, infatigáveis; sejamos, segundo seus votos, tolerantes e solidários, e não tenhamos seguir o seu exemplo em remetendo vinte vezes ao estaleiro os princípios ainda em discussão. Apelemos a todos os concursos, a todas as luzes. Tentaremos avançar com certeza antes do que com rapidez, e nossos esforços não serão infrutíferos, se, como disto estamos persuadidos, e como disto daremos os primeiros o

exemplo, cada um se fixar em cumprir seu dever, pondo de lado toda questão pessoal a fim de contribuir para o bem geral.

Não poderíamos entrar sob auspícios mais favoráveis na nova fase que se abre para o Espiritismo, do que em fazendo conhecer, aos nossos leitores, num rápido esboço, o que foi toda a sua vida, o homem íntegro e honrado, o sábio inteligente e fecundo, cuja memória se transmitirá aos séculos futuros, cercada da auréola dos benfeitores da Humanidade.

Nascido em Lyon, a 3 de outubro de 1804, de uma antiga família que se distinguiu na magistratura e na advocacia, o Sr. Allan Kardec (*Léon-Hippolyte-DenizardRivaif*) não seguiu essa *carreira*. Desde sua primeira juventude, sentiu-se atraído para o estudo das ciências e da filosofia.

Educado na Escola de Pestalozzi, em Yverdun (Suíça), tornou-se um dos discípulos mais eminentes do célebre professor, e um dos propagadores zelosos de seu sistema educacional, que exerceu uma grande influência na reforma dos estudos na Alemanha e na França.

Dotado de uma inteligência notável e atraído para o ensino por seu caráter e suas aptidões especiais, desde a idade de quatorze anos, ele ensinava o que sabia aos seus condiscípulos que tinham adquirido menos do que ele. Foi nessa escola que se desenvolveram as idéias que deveriam, mais tarde, colocá-lo na classe dos homens de progresso e dos livre-pensadores.

Nascido na religião católica, mas educado num país protestante, os atos de intolerância que teve que suportar a esse respeito lhe fizeram, em boa hora, conceber a idéia de uma reforma religiosa, à qual trabalhou no silêncio durante longos anos, com o pensamento de chegará unificação das crenças; mas lhe faltava o elemento indispensável à solução deste grande problema.

O Espiritismo veio mais tarde lho fornecer e imprimir uma direção especial aos seus trabalhos.

Terminados seus estudos, veio para a França. Conhecendo afundo a língua alemã, traduzia para a Alemanha diferentes obras de educação e de moral, e, o que é característico, as obras de Fénelon, que o haviam particularmente seduzido.

Ele era membro de várias sociedades científicas, entre outras, da Academia real de Arras, que, em seu concurso de 1831, o coroou por um memorial notável sobre esta pergunta: "*Qualé o sistema de estudos mais em harmonia com as necessidades da época?*"

De 1835 a 1840, fundou, em seu domicílio, à rua de Sèvres, dois cursos gratuitos, onde ensinava a química, a física, a anatomia comparada, a astronomia, etc.; empreendimento digno de elogios em todos os tempos, mas sobretudo numa época onde um pequeníssimo número de inteligências se arriscavam a entrar nesse caminho.

Constantemente preocupado em tornar atraentes e interessantes os sistemas de educação, ele inventou, ao mesmo tempo, um método engenhoso para ensinar a contar, e uma tabela mnemônica da história da França, tendo por objeto fixar na memória as datas dos acontecimentos notáveis e das grandes descobertas que ilustraram cada reinado.

Entre as suas numerosas obras de educação, citaremos as seguintes: *Plano proposto para a melhoria da instrução pública* (1828); *Curso prático e teórico de aritmética*, segundo o método de Pestalozzi, para uso dos instrutores e das mães de família (1829); *Gramática francesa clássica* (1831); *Manual dos exames para os diplomas de capacidade*; *Soluções lógicas das perguntas e problemas de aritmética e de geometria* (1846); *Catecismo gramatical da língua francesa* (1848); *Programa dos cursos usuais de química, física, astronomia, fisiologia*, que ele professava no LYCÉE POLYMATIQUE; *Ditados normais dos exames do Hôtel-de-Ville e da Sorbonne*, acompanhados de *Ditados especiais sobre as dificuldades ortográficas* (1849), obra muito estimada na época de seu aparecimento, e da qual, recentemente ainda ele fez tirar novas edições.

Antes que o Espiritismo viesse popularizar o pseudônimo Allan Kardec, ele havia, como se vê, sabido ilustrar, por trabalhos de uma natureza toda diferente, mas tendo por objeto esclarecer as massas e interessá-las mais à sua família e ao seu país.

"Por volta de 1850, desde que se discutia a manifestação dos Espíritos, o Sr. Allan Kardec se entregou a observações perseverantes sobre esse fenômeno, e fixou-se principalmente em lhes deduzir as conseqüências filosóficas. Ali entreviu primeiro o princípio de novas leis naturais: as que regem as relações do mundo visível e do mundo invisível; reconheceu na ação deste último uma das forças da Natureza, cujo conhecimento deveria lançar luz sobre uma multidão de problemas, reputados insolúveis, e compreendeu-lhe a importância do ponto de vista religioso.

"Suas principais obras sobre essa matéria são: *O Livro dos Espíritos*, para a parte filosófica, e cuja primeira edição apareceu em 18 de abril de 1857; *O Livro dos Médiuns*, para a parte experimental e científica (janeiro de 1861); *O Evangelho segundo o Espiritismo*, para a parte moral (abril de 1864); *O Céu e o inferno*, ou a justiça de Deus segundo o Espiritismo (agosto de 1865); *A Gênese, os milagres e as predições* (janeiro de 1868); a *Revista Espírita, jornal de estudos psicológicos*, coletânea mensal começada em 1º de janeiro de 1858. Ele fundou em Paris, em 1º de abril de 1858, a primeira Sociedade espírita regularmente constituída sob o nome de *Sociedade Parisiense dos Estudos Espíritos*, cujo objetivo exclusivo era o estudo desta nova ciência. O Sr. Allan Kardec se defende a justo título de nada ter escrito sob a influência de idéias preconcebidas ou sistemáticas; homem de um caráter frio e calmo, observou os fatos, e de suas observações deduziu as leis que os regem; o primeiro a dar-lhe a teoria e dela formou um corpo metódico e regular.

"Em demonstrando que os fatos falsamente qualificados de sobrenaturais estão submetidos a leis, fê-los entrar na ordem dos fenômenos da Natureza, e destruiu, assim, o último refúgio do maravilhoso e um dos elementos da superstição.

"Durante os primeiros anos em que se discutiam os fenômenos espíritos, essas manifestações foram antes um objeto de curiosidade do que um assunto de meditações sérias; *O Livro dos Espíritos* fez encarar a coisa sob um diferente aspecto; então, deixam-se as mesas girantes, que não haviam sido senão um prelúdio, e reúne um corpo de doutrina que abarca todas as questões que interessam à Humanidade.

" Do aparecimento de *O Livro dos Espíritos* data a verdadeira fundação do Espiritismo, que, até então, não possuía senão os elementos esparsos sem coordenação, e cuja importância não havia podido ser compreendida por todo o mundo; desse momento também, a doutrina fixa a atenção dos homens sérios e toma um desenvolvimento rápido. Em poucos anos essas idéias encontraram numerosos adeptos em todas as classes da sociedade e em todos os países. Esse sucesso, sem precedente, sem dúvida, prende-se às simpatias que essas idéias encontraram, mas é devido também, em grande parte, à clareza, que é um dos caracteres distintivos dos escritos de Allan Kardec.

"Em se abstendo das fórmulas abstratas da metafísica, o autor soube se fazer ler sem fadiga, condição essencial para a vulgarização de uma idéia. Sobre todos os pontos de controvérsia, sua argumentação, de uma lógica rigorosa, oferece pouca contenda à refutação e predispõe à convicção. As provas materiais que o Espiritismo dá da existência da alma e da vida futura tendem à destruição das idéias materialistas e panteístas. Um dos princípios mais fecundos dessa doutrina, e que decorre do precedente, é o da *pluralidade das existências*, já entrevisto por uma multidão de filósofos antigos e modernos, e, nestes últimos tempos, por *Jean Reynaud, Charles Fourier, Eugène Sue* e outros; mas tinha ficado no estado de hipótese e de sistema, ao passo que o Espiritismo lhe demonstra a realidade e prova que é um dos atributos essenciais da Humanidade. Desse princípio decorre a solução de todas as anomalias aparentes da vida humana, de todas as desigualdades intelectuais, morais e sociais; o homem sabe, assim, de onde vem, para onde vai, para que fim está sobre a Terra e porque nela sofre.

"As idéias inatas se explicam pelos conhecimentos adquiridos nas vidas anteriores; a marcha dos povos e da Humanidade, pelos homens dos tempos passados que revivem depois de terem progredido; as simpatias e as antipatias, pela natureza das relações anteriores; essas relações, que religam a grande família humana de todas as épocas, dão por base as próprias leis da Natureza, e não mais uma teoria, aos grandes princípios de fraternidade, de igualdade, de liberdade e de solidariedade universal.

"Em lugar do princípio: *Fora da Igreja não há salvação*, que mantém a divisão e a animosidade entre as diferentes seitas, e que fez verter tanto sangue, o Espiritismo tem por máxima: *Fora da Caridade não há salvação*, quer dizer, a igualdade entre os homens diante de Deus, a tolerância, a liberdade de consciência e a benevolência mútua.

"Em lugar da *fé cega* que anula a liberdade de pensar, diz ele: *Não há fé inabalável senão aquela que pode encarar a razão face a face em todas as épocas da Humanidade. À fé é preciso uma base, e esta base é a inteligência perfeita do que se deve crer; para crer, não basta ver, sobretudo, é preciso compreender. A fé cega não é mais deste século; ora, é precisamente o dogma da fé cega que faz hoje um maior número de incrédulos, porque ela quer se impor e ela exige a abdicação de uma das mais preciosas faculdades do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio.*" (O Evangelho segundo o Espiritismo).

Trabalhador infatigável, sempre o primeiro e o último à obra, Allan Kardec sucumbiu, a 31 de março de 1869, no meio dos preparativos de uma mudança de local, necessitada pela extensão considerável de suas múltiplas ocupações. Numerosas obras que ele estava ao ponto de terminar, ou que esperavam o tempo oportuno para aparecer, virão um dia provar mais ainda a extensão e a força de suas concepções.

Ele morreu como viveu, trabalhando. Há muitos anos, sofria de uma doença de coração que não podia ser combatida senão pelo repouso intelectual e uma certa atividade material; mas, inteiramente em sua obra, se recusava a tudo o que pudesse absorver um de seus instantes, às expensas de suas ocupações prediletas. Nele, como em todas as almas fortemente temperadas, a lâmina gastou a *bainha*.

Seu corpo se entorpeceria e ele recusava seus serviços, mas seu espírito, mais vivo, mais enérgico, mais fecundo, estendia sempre mais o círculo de sua atividade.

Nessa luta desigual, a matéria não podia eternamente resistir. Um dia ela foi vencida; o aneurisma se rompeu, e Allan Kardec tombou fulminado. Um homem faltava à Terra; mas um grande nome tomava lugar entre as ilustrações deste século, um grande Espírito ia se retemperar no infinito, onde todos aqueles que ele havia consolado e esclarecido, esperavam impacientemente a sua vinda!

"A morte, dizia ele recentemente ainda, a morte atinge em golpes redobrados nas classes ilustres!... Aquém virá ela agora libertar?"

E foi, depois de tantos outros, retemperar-se no espaço, procurar de novo elementos para renovar seu organismo usado por uma vida de labores incessantes. Partiu com aqueles que serão os faróis da nova geração, para retornar logo com eles a fim de continuar e acabar a obra deixada em mãos devotadas.

O homem não está mais, mas a alma ficará entre nós; é um protetor seguro, uma luz a mais, um trabalhador infatigável do qual se acresceram as falanges do espaço. Como sobre a Terra, sem ferir ninguém, ele saberá fazer cada um ouvir os conselhos convenientes; ele temperará o zelo prematuro dos ardentes, secundará os sinceros e os desinteressados, e estimulará os tédios. Hoje ele vê, sabe tudo o que previa há pouco tempo ainda! Não está mais sujeito nem às incertezas, nem aos desfalecimentos, e nos fará partilhar da sua convicção em nos fazendo tocar com o dedo no objetivo, em nos designando o caminho, naquela linguagem clara, precisa, que dele fez um tipo nos anais literários.

O homem não está mais, nós o repetimos, mas Allan Kardec é imortal, e sua lembrança, seus trabalhos, seu Espírito estarão sempre com aqueles que sustentarem firmemente e altamente a bandeira que ele sempre soube fazer respeitar.

Uma individualidade poderosa constituiu a obra; era o guia e a luz de todos. A obra, sobre a Terra, nos tomará lugar do indivíduo. Não se reunirá em torno de Allan Kardec; reunir-se-ão em torno do Espiritismo tal como o constituiu, e por seus conselhos, sob sua influência, avançaremos com passos certos para as fases felizes prometidas à Humanidade regenerada.

DISCURSOS PRONUNCIADOS SOBRE O TÚMULO

EM NOME DA SOCIEDADE ESPIRITA DE PARIS,

pelo vice-presidente Sr. Levent.

Senhores,

Venho em nome da Sociedade Espírita de Paris, da qual tenho a honra de ser o vice-presidente, expressar seu pesar pela perda cruel que vem de ter, na pessoa de seu venerado mestre o Sr. Allan Kardec, morto subitamente anteontem, quarta-feira, nos escritórios da *Revista*.

A vós, senhores, que, cada sexta-feira, vos reuníeis na sede da Sociedade, não tenho nenhuma necessidade de lembrar essa fisionomia ao mesmo tempo benevolente e austera, esse tato perfeito, essa justeza de apreciação, essa lógica superior e incomparável que nos parecia inspirada.

A vós que partilháveis todos os dias da semana os trabalhos do mestre, não exporei seus labores contínuos, suas correspondências com as quatro partes do mundo que, todas, lhe enviavam documentos sérios, classificados logo em *sua memória* e recolhidos preciosamente para serem submetidos ao cadinho de sua alta razão, e formar, depois de um trabalho de elaboração escrupuloso, os elementos dessas preciosas obras que todos conheceis.

Ah! se, como a nós, vos era dado ver essa massa de materiais acumulados no gabinete de trabalho desse infatigável pensador; se, conosco, tivésseis penetrado no santuário de suas meditações, veríeis esses manuscritos, uns quase terminados, os outros em curso de execução, outros, enfim, apenas esboçados, esparsos aqui e ali, e que pareciam dizer: Onde está, pois, nosso mestre, sempre tão matinal à obra?

Ah! mais do que nunca, vos excluiríeis também, com acentos de lamentos de tal modo amargos, que lhe seriam quase ímpios: É preciso que Deus tenha chamado a ele o homem que poderia ainda fazer tanto bem; a inteligência tão plena de seiva, o farol, enfim, que nos tirou das trevas, e nos fez entrever esse novo mundo bem de outro modo mais vasto, bem de outro modo admirável, quanto aquele que imortaliza o gênio de Cristóvão Colombo? esse mundo, do qual ele havia apenas começado a nos fazer a descrição, e do qual já pressentíamos as leis fluídicas e espirituais.

Mas tranquilizai-vos, senhores, por este pensamento tantas vezes demonstrado e lembrado por nosso presidente: "Nada é inútil na Natureza, tudo tem a sua razão de ser, e o que Deus faz é sempre bem feito."

Não nos assemelhem a essas crianças indóceis, que, não compreendendo as decisões de seu pai, se permitem criticá-lo, às vezes mesmo censurá-lo.

Sim, senhores, disto tenho a convicção mais profunda, e vo-la expresso claramente: a partida de nosso caro e venerado mestre era necessária!

Não seríamos, aliás, ingratos e egoístas, se, não pensando senão no bem que ele nos fazia, nos esquecemos o direito que ele havia adquirido de ir fazer algum repouso na celeste pátria, onde tantos amigos, tantas almas de elite o esperavam e vieram recebê-lo depois de uma ausência que, a eles também, pareceu muito longa.

Oh! sim, é alegria, é grande festa no Alto, e essa festa e essa alegria não têm de indiferente senão a tristeza e o luto que causam sua partida entre nós, pobres exilados, cujo tempo não chegou ainda! Sim, o mestre havia cumprido a sua missão! É a nós que pertence prosseguir a sua obra, com a ajuda dos documentos que nos deixou, e daqueles, mais preciosos ainda, que o futuro nos reserva; a tarefa será fácil, disto estais seguros, se cada um de nós ousar se afirmar corajosamente; se cada um de nós compreendeu que a luz que ele recebeu deve ser propagada e comunicada aos seus irmãos; se cada um de nós, enfim, tem a memória do coração para com nosso lamentado presidente, e sabe compreender o plano de organização que colocou a última marca à sua obra.

Continuaremos, pois, teus labores, caro mestre, sob teu eflúvio benfazejo e inspirador; recebe aqui a promessa formal disso. É a melhor marca de afeição que possamos te dar.

Em nome da Sociedade Parisiense dos Estudos Espíritas não te dizemos adeus, mas *até logo, até breve!*

O ESPIRITISMO E A CIÊNCIA

Pelo Sr. C. FLAMMARION

Quando o Sr. vice-presidente da Sociedade, sobre a tumba do mestre, dissera, assim, a prece pelos mortos e testemunhou, em nome da Sociedade, os sentimentos de pesar que acompanham o Sr. Allan Kardec em sua partida desta vida, o Sr. Camille Flammarion pronunciou o discurso que vamos reproduzir em parte. De pé, numa elevação da qual dominava a assembléia, o Sr. Flammarion pôde fazer ouvir a todos e afirmar publicamente a realidade dos fatos espíritas, seu interesse geral na ciência e sua importância futura. Esse discurso não é somente um esboço do caráter do Sr. Allan Kardec e do papel de seus trabalhos no movimento contemporâneo, mas ainda e sobretudo uma exposição da situação atual das ciências físicas, do ponto de vista do mundo invisível, das forças naturais desconhecidas, da existência da alma e de sua indestrutibilidade.

Falta-nos lugar para dar *in extenso* o discurso do Sr. Flammarion; eis o que se liga diretamente ao Sr. Allan Kardec e ao Espiritismo, considerado em si mesmo. (O discurso inteiro está publicado em brochura.)

"SENHORES,

"Em atendendo, com deferência, ao convite simpático dos amigos do pensador laborioso, cujo corpo terrestre jaz agora aos nossos pés, lembro-me de uma sombria jornada do mês de dezembro de 1865. Eu pronunciava, então, supremas palavras de adeus sobre a tumba do fundador da Livraria acadêmica, do honorável Didier, que foi, como editor, o colaborador convicto de Allan Kardec na publicação das obras fundamentais de uma doutrina que lhe era cara, e que morreu subitamente também, como se o céu quisesse poupar, a esses dois espíritos íntegros o embaraço filosófico de sair desta vida, por um caminho diferente do caminho comumente recebido. A mesma reflexão se aplica à morte de nosso antigo colega Jobard, de Bruxelas.

"Hoje minha tarefa é maior ainda, porque eu gostaria de poder representar o pensamento daqueles que me ouvem, e aos milhões de homens que, na Europa inteira e no novo mundo, se ocuparam do problema ainda misterioso dos fenômenos ditos espíritas; — eu gostaria, digo, poder lhes representar o interesse científico e o futuro filosófico do estudo desses fenômenos (aos quais se entregaram, como ninguém o ignora, homens eminentes entre nossos contemporâneos.) Eu gostaria de vos fazer entrever quais horizontes desconhecidos o pensamento humano verá se abrir diante de si, à medida que ele estenda o seu conhecimento positivo das forças naturais em ação ao nosso redor; mostrar-lhes que tais constatações são o antídoto mais eficaz da lepra do ateísmo, que parece atacar particularmente a nossa época de transição, e testemunhar, enfim, publicamente aqui, do eminente serviço que o autor de *O Livro dos Espíritos* prestou à filosofia, e *em chamando a atenção e à discussão* sobre fatos que, até então, pertenciam ao domínio mórbido e funesto das superstições religiosas.

"Seria, com efeito, um ato importante o de estabelecer aqui, diante desta tumba eloqüente, que o exame metódico dos fenômenos chamados erradamente sobrenaturais, longe de renovar o espírito supersticioso e de enfraquecer a energia da razão, ao contrário, afasta os erros e as ilusões da ignorância, e serve *melhor* progresso do que a negação ilegítima daqueles que não querem se dar ao trabalho de ver.

"Mas não é aqui o lugar de abrir uma arena à discussão desrespeitosa. Deixamos somente descer de nossos pensamentos, sobre a face impassível do homem deitado diante de nós, os testemunhos de afeição e os sentimentos de pesar, que permanecem ao seu redor em seu túmulo, como um embalsamamento do coração! E, uma vez que sabemos que a sua alma eterna sobrevive a esse despojo mortal como ela o preexistiu; uma vez que sabemos que laços indestrutíveis ligam o nosso mundo visível ao mundo invisível; uma vez que esta alma existe hoje tão bem quanto há três dias, e que não é impossível que ela não se ache atualmente aqui diante de mim, dizemos que não quisemos ver se dissipar a sua imagem corpórea e encerrá-lo em seu sepulcro, sem honrar unanimemente seus trabalhos e sua memória, sem pagar um tributo de reconhecimento à sua encarnação terrestre, tão útil e tão dignamente cumprida.

"Traçarei primeiro, num esboço rápido, as linhas principais de sua carreira literária.

"Morto com a idade de sessenta e cinco anos, Allan Kardec tinha consagrado a primeira parte de sua vida a escrever obras clássicas, destinadas sobretudo ao uso dos preceptores da juventude. Quando, por volta de 1850, as manifestações em aparência novas das mesas girantes, das pancadas sem causa ostensiva, dos movimentos insólitos dos objetos e dos móveis, começaram a atrair a atenção pública e determinar mesmo, nas imaginações aventureiras, uma espécie de febre devida à novidade dessas experiências, Allan Kardec, estudando ao mesmo tempo o magnetismo e seus efeitos estranhos, seguiu com a maior paciência e uma judiciosa clarividência as experiências e as tentativas tão numerosas feitas então em Paris. Ele recolheu e colocou em ordem os resultados obtidos por essa longa observação, e com eles compôs o corpo de doutrina publicado em 1857, na primeira edição de *O Livro dos Espíritos*. Todos sabeis que sucesso acolheu esta obra, na França e no estrangeiro.

"Chegado hoje à sua 16ª edição, ele difundiu em todas as classes, esse corpo de doutrina elementar, que não é novo em sua essência, uma vez que a escola de Pitágoras, na Grécia, e a dos druidas em nossa própria Gália, ensinavam os seus princípios, mas que revelava uma verdadeira forma de atualidade por sua correspondência com os fenômenos.

"Depois dessa primeira obra, apareceram, sucessivamente: *O Livro dos Médiuns* ou *Espiritismo experimental*] — *O que é o Espiritismo?* resumo sob forma de perguntas e de respostas; — *O Evangelho segundo o Espiritismo*; — *O Céu e o Inferno*; — *A Gênese*; e a morte veio surpreendê-lo no momento em que, em sua atividade infatigável, ele trabalhava numa obra sobre as relações do magnetismo e do Espiritismo.

"Para a *Revista Espírita* e a Sociedade de Paris, da qual era presidente, ele havia se constituído, de alguma sorte, o centro onde tudo chegava, o traço de união de todos os experimentadores. Há alguns meses, sentindo seu fim próximo, preparou as condições de vitalidade desses mesmos estudos depois de sua morte, e estabeleceu a Comissão central que o sucede.

"Ele levantou as rivalidades; fez escola sob uma forma um pouco pessoal; há ainda alguma divisão entre os "espiritualistas" e os "espíritas." Doravante, senhores, (tal é pelo menos o voto dos amigos da verdade), devemos estar todos reunidos por uma solidariedade confraternal, pelos mesmos esforços para a elucidação do problema, pelo desejo geral e impessoal da verdade e do bem.

Quantos corações foram consolados, de início, por esta crença religiosa! Quantas lágrimas foram secadas! Quantas consciências abertas aos raios da beleza espiritual! Todo o mundo não é feliz neste mundo. Muitas aflições foram dilaceradas! Muitas almas adormeceram pelo ceticismo. Não será, pois, nada ter conduzido ao espiritualismo tanto seres que flutuavam na dúvida e que não amavam mais a vida nem física, nem intelectual?

"Allan Kardec era o que eu chamaria simplesmente "o bom senso encarnado." Razão reta e judiciosa, ele aplicava, sem esquecimento de sua obra permanente, as indicações íntimas do senso comum. Não está aí uma menor qualidade, na ordem de coisas que nos ocupa. Era, pode-se afirmá-lo, a primeira de todas e a mais preciosa, sem a qual a obra não teria podido tornar-se popular nem lançar as suas imensas raízes no mundo. A maioria daqueles que se entregaram a esses estudos, lembraram-se haver sido em sua juventude, ou em circunstâncias especiais, elas mesmas testemunhas de manifestações inexplicadas; há poucas famílias que não hajam observado em sua história testemunhos dessa ordem. O primeiro ponto era de aplicar a razão firme do simples bom senso, e de examiná-las segundo os princípios do método positivo.

"Como o próprio organizador desse estudo lento e difícil o previu, essa doutrina até então filosófica, deve entrar agora em seu período científico. Os fenômenos físicos, sobre os quais não se insistiu de início, devem se tornar o objeto da crítica experimental, sem a qual nenhuma constatação séria é possível. Este método experimental, ao qual devemos a glória do progresso moderno e as maravilhas da eletricidade e do vapor, este método deve tirar os fenômenos da ordem ainda misteriosa, à qual assistimos, dissecá-los, medi-los e defini-los.

"Porque, senhores, o Espiritismo não é uma religião, mas uma ciência, ciência da qual conhecemos apenas o a d c. O tempo dos dogmas acabou. A Natureza abarca o universo, e o próprio Deus que se fez outrora à imagem do homem, não pode ser considerado pela metafísica moderna senão como *um Espírito na Natureza*. O sobrenatural não existe. As manifestações obtidas por intermédio dos médiuns, como as do magnetismo e do sonambulismo, são *da ordem natural*, e devem ser severamente submetidas ao controle da experiência. Não há mais milagres. Assistimos à aurora de uma ciência desconhecida. Quem poderia prever a que conseqüências conduziria, no mundo do pensamento, o estudo positivo desta psicologia nova?

"A ciência rege o mundo doravante; e, senhores, não será estranho a este discurso fúnebre, observar sua obra atual e as induções novas que ela nos descobre, precisamente do ponto de vista de nossas pesquisas."

Aqui, o Sr. Flammarion entra na parte científica de seu discurso. Ele expõe o atual estado da astronomia e o da física, desenvolvendo particularmente as descobertas relativas à análise recente do *espectro* solar. Resulta dessas descobertas que não vemos quase nada do que se passa ao nosso redor na Natureza. Os raios caloríficos, que evaporam a água, formam as nuvens, causam os ventos, as correntes, organizam a vida do globo, são *invisíveis para a nossa retina*. Os raios químicos que regem os movimentos

das plantas e as transformações químicas do mundo inorgânico são igualmente *invisíveis*. A ciência contemporânea autoriza, pois, os objetivos revelados pelo Espiritismo, e nos abre, de seu lado, um mundo invisível real, cujo conhecimento não pode senão nos esclarecer sobre o modo de produção dos fenômenos espíritas.

O jovem astrônomo apresentou em seguida o quadro das metamorfoses, do qual resulta que a existência e a imortalidade da alma se revelam pelas próprias leis da vida. Não podemos entrar aqui nessa exposição, mas convidamos vivamente nossos irmãos em doutrina a lerem e a estudarem o discurso do Sr. Flammarion em seu todo (1). (1)O discurso pronunciado sobre a tumba do Sr Allan Kardec acaba de ser impresso. Ele forma uma brochura de 24 páginas, no formato de *O Livro dos Espíritos Na livraria espirita* preço: 50 centavos de franco: para recebê-lo, basta enviar esta quantia em estampilhas. *Na livraria*, 40 centavos; por dúzia, 4 fr. 75 franco.

Depois de sua exposição científica, o autor a terminou como segue:

"Que aqueles cuja visão está limitada pelo orgulho ou pelo preconceito não compreendem esses ansiosos desejos de nossos pensamentos ávidos de conhecer; que lancem sobre esse gênero de estudos o sarcasmo ou o anátema! Nós elevamos mais alto as nossas contemplações!... Tu fostes o primeiro, ó mestre e amigo! fostes o primeiro que, desde o início de minha carreira astronômica, testemunhou uma viva simpatia por minhas deduções relativas às Humanidades celestes; porque, tomando em mão o livro da *Pluralidade dos mundos habitados*, o colocaste em seguida à base do edifício doutrinário que sonhavas. Muito freqüentemente, nos entretemos juntos sobre essa vida celeste e misteriosa. Agora, ó alma, saís para uma visão direta, em que consiste essa vida espiritual, à qual retornaremos todos, e de que nos esquecemos durante esta existência.

"Agora, retornaste a esse mundo de onde viemos, e recolhes o fruto de teus estudos terrestres. Teu envoltório dorme aos nossos pés, teu cérebro está aniquilado, teus olhos estão fechados para não mais se abrirem, tua palavra não se fará mais ouvir!... Sabemos que todos chegaremos a esse mesmo último sono, à mesma inércia, ao mesmo pó. Mas não é neste envoltório que colocamos a nossa glória e a nossa esperança. O corpo tomba, a alma permanece e retorna ao espaço. Nós nos reencontraremos num mundo melhor, e no céu imenso onde se exercitarão as nossas faculdades mais poderosas, continuaremos os estudos que não tinham sobre a Terra senão um teatro muito estreito para contê-los. Gostamos mais de saber esta verdade, do que de crer quejazes por inteiro neste cadáver e que tua alma haja sido destruída pela cessação do jogo de um órgão. A imortalidade é a luz da vida, como esse brilhante sol é a luz da Natureza.

"Até breve, meu caro Allan Kardec, até breve."

EM NOME DOS ESPÍRITAS DOS CENTROS DISTANTES,

pelo Sr. Alexandre Delanne.

MUI CARO MESTRE,

Tive tantas vezes a ocasião, pelas minhas numerosas viagens, de ser perto de vós, o intérprete dos sentimentos fraternais e reconhecidos de nossos irmãos da França e do exterior, que eu acreditaria faltar a um dever sagrado, se não viesse, em seu nome, neste momento supremo, vos testemunhar seus pesares.

Eu não seria, ai! senão um eco bem fraco, para vos pintar a alegria dessas almas tocadas pela fé espírita, que se abrigaram sob a bandeira de consolação e de esperança que haveis tão corajosamente plantado entre nós.

Um grande número dentre eles, seguramente, preencheriam melhor do que eu, esta missão do coração.

A distância e o tempo não lhes permitindo estar aqui, ousou fazê-lo, conhecendo a vossa benevolência habitual a meu respeito e a de nossos bons irmãos que represento.

Recebei, pois, caro mestre, em nome de todos, a expressão dos pesares sinceros e profundos que vai fazer nascer, de todos os lados, vossa partida precipitada deste mundo.

Conheceis, melhor do que ninguém, a Natureza humana; sabeis que ela tem a necessidade de ser sustentada. Ide, pois, até eles, derramar ainda a esperança em seus corações.

Provai-lhes, por vossos sábios conselhos e vossa poderosa lógica, que não os abandonais, e que a obra à qual tão generosamente vos devotastes, não perecerá, *não poderia perecer*, porque ela está assentada sobre as bases inabaláveis da fé raciocinada.

Soubestes, pioneiro emérito, coordenar a pura filosofia dos Espíritos, e colocá-la à altura de todas as inteligências, desde as mais humildes que haveis elevado, até as mais eruditas, que vieram a vós, e que contam hoje modestamente em nossas fileiras.

Obrigado, nobre coração, pelo zelo e pela perseverança que colocastes para nos instruir.

Obrigado por vossas vigílias e por vossos labores; pela fé forte que haveis incrustado em nós.

Obrigado pela felicidade presente da qual gozamos, pela felicidade futura que nos haveis tornado certa, quando formos, como vós, reentrar na grande pátria dos Espíritos.

Obrigado ainda pelas lágrimas que haveis secado, pelos desesperos que haveis acalmado e pela esperança que haveis feito nascer nas almas abatidas e desencorajadas.

Obrigado, mil vezes obrigado, em nome de todos os nossos confrades da França e do estrangeiro! Até breve.

EM NOME DA FAMÍLIA E DOS AMIGOS,

Pelo Sr. E. Muller

CAROS CONSTERNADOS, Falo por último junto desta fossa aberta, que contém o despojo mortal daquele que se chamava Allan Kardec em nosso meio.

Eu falo em nome de sua viúva, daquela que foi sua companheira fiel e feliz, durante trinta e sete anos de uma felicidade sem nuvens e sem mistura, daquela que partilhou de suas crenças e de seus trabalhos, assim como de suas vicissitudes e de suas alegrias; que, ficando só hoje, está orgulhosa da pureza dos costumes, da honestidade absoluta e do desinteresse sublime de seu esposo. É ela quem nos dá, a todos, o exemplo da coragem, da tolerância, do perdão das injúrias e do dever escrupulosamente cumprido.

Falo também em nome de todos os amigos, presentes ou ausentes, que seguiram, passo a passo, a carreira laboriosa que Allan Kardec sempre honradamente percorreu; daqueles que querem honrar a sua memória, em lembrando alguns traços de sua vida.

E, de início, quero vos dizer porque seu envoltório mortal foi conduzido aqui diretamente, sem pompa e sem outras preces senão as vossas! Seriam necessárias preces para aquele cuja vida não foi senão um longo ato de piedade, de amor por Deus e pela Humanidade? Não seria senão preciso que todos pudessem se juntar a nós nesta comum deligência que afirma nossa estima e nossa afeição?

A tolerância absoluta era a regra de Allan Kardec. Seus amigos, seus discípulos pertenciam a todas as religiões: israelitas, maometanos, católicos e protestantes de todas as seitas; a todas as classes: ricos, pobres, sábios, livre-pensadores, artistas e operários, etc. Todos puderam vir até aqui, graças a esta medida que não compromete nenhuma consciência e que será um bom exemplo.

Mas ao lado desta tolerância que nos reúne, é preciso que eu cite uma intolerância que admiro? Eu o farei, porque ela deve legitimar, aos olhos de todos, esse título de mestre que muitos dentre nós damos ao nosso amigo. Essa intolerância é um dos caracteres, os mais salientes, de sua nobre existência? Ele tinha horror da preguiça e da ociosidade; e este grande trabalhador está morto de pé, depois de um labor imenso que acabou por ultrapassar as forças de seus órgãos, mas não as de seu espírito e de seu coração.

Educado na Suíça, naquela escola patriótica onde se respira um ar livre e vivificante, ele ocupava seus lazes, desde a idade de quatorze anos, em dar cursos àqueles de seus camaradas que sabiam menos do que ele.

Vindo a Paris, e sabendo escrever e falar o alemão, tão bem quanto o francês, traduziu para a Alemanha os livros da França que mais tocavam seu coração. Foi Fénelon que ele escolheu para fazê-lo conhecer, e essa escolha revela a natureza benevolente e educada do tradutor. Depois, ele se entregou à educação. Era sua vocação instruir. Seus sucessos foram grandes, e as obras que publicou, gramática, aritmética e outras, tornaram popular o seu verdadeiro nome, o de *Rivail*.

Não contente de utilizar suas faculdades notáveis numa profissão que lhe assegurava um tranqüilo bem-estar, quis fazer aproveitar de sua ciência aqueles que não podiam pagá-la, e, um dos primeiros, ele organizou, nessa época de sua vida, cursos gratuitos que foram mantidos à rua de Sèvres, nº 35, e na qual ensinou a química, a física, a anatomia comparada, a astronomia, etc.

É que havia tocado a todas as ciências, e que tendo bem aprofundado, sabia transmitir aos outros o que ele mesmo conhecia, talento raro e sempre apreciado.

Para este sábio devotado, o trabalho parecia o próprio elemento da vida. Também, mais do que ninguém, não podia sofrer essa idéia da morte tal qual se a representava então, chegando a um eterno sofrimento ou bem a uma felicidade egoísta e certa, mas sem utilidade, nem para os outros nem para si mesmo.

Era como predestinado, o vedes, para difundir e vulgarizar esta admirável filosofia que nos faz esperar o trabalho além do túmulo e o progresso indefinido de nossa individualidade, que se conserva em se melhorando.

Ele soube tirar de fatos considerados como ridículos e vulgares, admiráveis conseqüências filosóficas e toda uma doutrina de esperança, de trabalho e de solidariedade, parecendo assim, por oposição, ao verso de um poeta que ele amava:

Mudar o chumbo vil em ouro puro.

Sob o esforço de seu pensamento tudo se transforma e se engrandece aos raios de seu coração ardente; sob sua pena tudo se comprimia e se cristalizava, por assim dizer, em frases deslumbrantes de claridade.

Ele tomava para seus livros esta admirável epígrafe: *Fora da caridade não há salvação*, cuja intolerância aparente faz ressaltar a tolerância absoluta.

Ele transformava as velhas fórmulas, que sem negar a feliz influência da fé, da esperança e da caridade, arvorava uma nova bandeira diante da qual todos os pensadores podem e devem se inclinar, porque esse estandarte do futuro leva escritas estas três palavras:

Razão, Trabalho e Solidariedade.

É em nome desta mesma razão que ele colocava tão alto, em nome de sua viúva, em nome de seus amigos, que vos digo a todos para não mais olheis essa fossa aberta. É mais alto que é preciso levantar os olhos para reencontrar aquele que acaba de nos deixar! Para conter este coração tão devotado e tão bom, essa inteligência de elite, esse Espírito tão fecundo, essa individualidade tão poderosa, vós mesmos o vede bem, em a

medindo com os olhos, essa fossa seria muito pequena, e ninguém não poderia sertão grande.

Coragem, pois! e saibamos honrar o filósofo e o amigo, praticando suas máximas e trabalhando, cada um na medida de suas forças, em fazer conhecer as que nos encantaram e convenceram.

REVISTA DA IMPRENSA

A maioria dos jornais anunciou a morte do Sr. Allan Kardec, e alguns dentre eles, acrescentavam ao simples relato dos fatos comentários sobre o seu caráter e os seus trabalhos, que não poderiam encontrar lugar aqui. Quando podia vitoriosamente refutar certas diatribes malsãs e mentirosas, o Sr. Allan Kardec sempre desdenhou fazer algo, considerando o silêncio como a mais nobre e a melhor das respostas. A este respeito, seguiremos o seu exemplo, nos lembrando, aliás, que não se tem inveja senão das grandes personalidades, e que não se atacam senão as grandes obras, cuja vitalidade pode fazer sombra.

Mas, se as zombarias sem consistência não puderam nos comover, ao contrário, fomos profundamente tocados pela justiça prestada, por um certo número de órgãos da imprensa, à memória de nosso lamentado presidente. Nós lhes pedimos em consentirem receber aqui, em nome da família e dos espíritas do mundo inteiro, os testemunhos de nossa profunda gratidão.

Por falta de espaço, publicamos somente dois desses artigos característicos, e que provarão superabundantemente, aos nossos leitores, que está na literatura e na ciência dos homens que sabem quando as circunstâncias o comandam, levar altamente e corajosamente a bandeira que os reúne, numa comum ascensão para o progresso e a solidariedade universais.

LÊ JOURNAL PARIS. (3 de abril de 1869.)

"Aquele que, tão longo tempo, ocupou o mundo científico e religioso sob o pseudônimo de Allan Kardec, tinha por nome Rivail e faleceu com a idade de 65 anos.

"Nós o vimos deitado sobre um simples colchão, no meio desta sala das sessões que ele presidia há muitos anos; nós o vimos, o rosto calmo, como se extinguem aqueles que a morte não surpreende, e que, tranqüilo sobre o resultado de uma vida honestamente e laboriosamente cumprida, deixam como que um reflexo da pureza de sua alma sobre esse corpo que abandonam à matéria.

"Resignados pela fé numa vida melhor e pela convicção da imortalidade da alma, numerosos discípulos tinham vindo dar um último olhar àqueles lábios descoloridos que, ontem ainda, lhes falava a linguagem da Terra. Mas tinham já a consolação de além-túmulo; o Espírito de Allan Kardec tinha vindo lhes dizer como tinha sido o seu desprendimento, quais as suas impressões primeiras, quais de seus predecessores na morte tinham vindo ajudar sua alma a se libertar da matéria. Se "o estilo é o homem", aqueles que conheceram Allan Kardec vivo, não podem senão estar emocionados pela autenticidade desta comunicação espírita.

"A morte de Allan Kardec é notável por uma coincidência estranha. A sociedade formada por esse grande vulgarizador do Espiritismo vinha de ter fim. O local abandonado, os móveis desaparecidos, nada mais restava de um passado que deveria renascer sobre base novas. No fim da última sessão, o presidente tinha feito sua despedida; sua missão cumprida, ele se retiraria da luta diária para se consagrar inteiramente ao estudo da filosofia espiritualista. Outros, mais jovens,—os valentes! —deveriam continuara obra, e, fortes em sua virilidade, impor a verdade pela convicção.

"Para que contar os detalhes da morte? Que importa o modo pelo qual o instrumento foi quebrado, e porque consagrar uma linha a esses pedaços doravante entrados no imenso movimento das moléculas? Allan Kardec está morto em sua hora. Para ele está encerrado o prólogo de uma religião vivaz que, irradiante cada dia, terá logo iluminado a Humanidade. Ninguém melhor que Allan Kardec poderia levar a bom fim essa obra de propaganda, à qual fazia sacrificar as longas vigílias que alimentam o espírito, a paciência que ensina com o tempo, a abnegação que desafia a insensatez do presente para não ver senão a irradiação do futuro.

"Allan Kardec, por suas obras, terá fundado o dogma pressentido pelas sociedades mais antigas. Seu nome, estimado como o de um homem de bem, está há muito tempo vulgarizado para aqueles que crêem e para aqueles que temem. É difícil realizar o bem sem ferir os interesses estabelecidos.

"O Espiritismo destrói muitos abusos; — ele levanta igualmente bem as consciências doloridas, em lhes dando a convicção da prova e o consolo do futuro.

"Os espíritas choram hoje o amigo que os deixa, porque nosso entendimento muito material, por assim dizer, não pode se dobrar a essa idéia de *passagem*; mas o primeiro tributo pago à inferioridade de nosso organismo, o pensador levanta a cabeça, e para esse mundo invisível que ele sente existir além do túmulo, estende a mão ao amigo que não está mais, convencido de que seu Espírito nos protege sempre.

"O presidente da Sociedade de Paris está morto, mas o número dos adeptos cresce todos os dias, e os corajosos, cujo respeito pelo mestre os deixava em segundo plano, não hesitarão em se afirmar para o bem da grande causa.

"Essa morte, que o vulgo deixará passar indiferente, não é por isto menos um grande fato na Humanidade. Não é mais o sepulcro de um homem, preenchendo esse vazio imenso que o materialismo havia cavado sob nossos pés, e sobre o qual o Espiritismo derrama as flores da esperança.

PAGÈS DE NOYEZ.

L 'UNION MA GNÉTIQUE.
(10 de abril de 1869)

"Ainda uma morte, e uma morte que causará um grande vazio nas fileiras dos adeptos do Espiritismo.

"Todos os jornais consagraram um artigo especial à memória desse homem que soube se fazer um nome e tomar um lugar entre as celebridades contemporâneas.

"As relações estreitas que, em nossa opinião, existem bem certamente entre os fenômenos espíritas e magnéticos, nos impõem um dever de dar uma lembrança de simpatia a um homem de quem um certo número de nossos colegas e assinantes partilham as crenças, e que tinha tentado erigir em ciência uma doutrina da qual era, de alguma sorte, a viva personificação.

A.BAUCHE.

NOVA CONSTITUIÇÃO DA SOCIEDADE DE PARIS.

Em presença das dificuldades suscitadas pela morte do Sr. Allan Kardec, e para não deixar suspensos os sérios interesses que tem sempre sabido salvaguardar com tanto de prudência quanto de sabedoria, a Sociedade de Paris deveu advertir, no mais breve prazo, a se constituir de uma maneira regular e estável tanto para as diligências a fazer junto da autoridade, quanto para tranquilizar os espíritos temerosos sobre as

conseqüências do acontecimento inesperado, que feriu tão subitamente a grande família espírita inteira.

Não duvidamos que os leitores nos sejam gratos por lhes darmos, a esse respeito, os detalhes mais precisos; eis porque nos apressamos em lhes dar a conhecer as decisões da Sociedade, condensadas no discurso do Sr. Levent, vice-presidente da antiga comissão, e do novo presidente, o Sr. Malet, que reproduzimos integralmente.

(Sociedade de Paris, 9 de abril de 1869.)

O Sr. Levent, tomando a palavra em nome da comissão, se expressa nestes termos:

"SENHORES,

"É ainda sob a dolorosa impressão que nos causou, a todos, a libertação inesperada de nosso mui lamentado presidente, que inauguramos hoje o novo local de nossas reuniões hebdomadárias.

"Antes de retomar os nossos estudos habituais, paguemos ao nosso venerável mestre um justo tributo de reconhecimento pelo zelo infatigável que ele levava em seus trabalhos, o desinteresse absoluto, a abnegação completa de si mesmo, a perseverança da qual deu o exemplo na direção dessa sociedade, que sempre presidiu, desde a sua fundação.

"Esperamos que um tão nobre exemplo não seja perdido; que tantos trabalhos não permaneçam estéreis e que a obra do mestre seja continuada; em uma palavra, que ele não tenha semeado sobre um solo ingrato.

"Vossa comissão é de opinião que, para obter este resultado tão desejado, duas coisas importantes são indispensáveis: 1^ª união mais completa entre todos os societários; 2^ª o respeito ao programa novo que nosso lamentado presidente, em sua solicitude esclarecida e sua lúcida previdência, havia preparado, já há alguns meses, e que foi publicada na *Revista* de dezembro último.

"Pecamos, pois, todos ao Soberano Mestre permitir a esse grande Espírito, que vem de reentrar na pátria celeste, nos ajude com suas luzes e continue a presidir espiritualmente esta Sociedade, que é sua obra pessoal e que ele estimava tanto.

"Caro e venerado mestre, que estais aqui presente, embora invisível para nós, recebi de todos os vossos discípulos, que quase todos foram vossos amigos, este fraco testemunho de seu reconhecimento, de sua afeição, que eles levarão, disto não duvideis, à corajosa companheira de vossa existência terrestre. Ela permaneceu entre nós, bem triste, bem isolada, mas, no entanto, consolada, quase feliz, pela certeza de vossa felicidade atual.

— "Senhores, em presença da perda irreparável que vem de ter a Sociedade, a comissão, cujos poderes regulares cessaram em 1^º de abril, acreditou dever continuar suas funções.

"Desde o primeiro deste mês, a comissão já se reuniu duas vezes, a fim de refletir imediatamente e de não deixar um único instante a Sociedade Parisiense dos Estudos Espíritas sem direção legal, aceita e reconhecida.

"Havia, senhores, vós o reconhecereis, como a vossa comissão, necessidade absoluta.

"As diligências a fazer junto da administração, a fim de preveni-la e da mudança do presidente, e da translação da sede da Sociedade;

"As relações de nossa Sociedade Parisiense com as outras Sociedades estrangeiras, que todas, hoje, estão informadas do falecimento do Sr. Allan Kardec, e que, para a maioria, disso já nos manifestaram seus sinceros pesares;

"A correspondência tão numerosa à qual é indispensável responder; enfim, muitas outras razões sérias que se apresentam melhor do que explicadas;

"Todos esses motivos decidiram vossa comissão atual a vos apresentar uma lista de sete nomes devendo compor a nova comissão para o ano 1869-1870, e que seriam:

Srs. Levent, Malet, Canaguier, Ravan, Desliens, DellaneeTailleur.

"Assim como o notareis, senhores, a maioria dos membros da antiga comissão fazem parte desta nova lista.

"Vossa comissão designou, por unanimidade, para presidente, o Sr. Malet, cujos títulos a esta nova posição são numerosos e perfeitamente justificados.

O Sr. Malet reúne todas as grandes qualidades necessárias para assegurar a Sociedade uma direção firme e sábia. —Vossa comissão é mesmo de opinião que haveria lugar de agradecer ao Sr. Malet em consentir de aceitar esta função que está longe de ser uma sinecura, sobretudo hoje.

"Também é com confiança que nós vos pedimos aceiteis esta proposição e voteis esta lista por aclamação.

"Fora dos motivos desenvolvidos mais acima, uma outra razão séria, grave, determinou à vossa comissão atual vos apresentar esta proposição.

"É seu grande desejo que partilhareis também, nós o esperamos, o de nos aproximarmos cada vez mais do plano de organização concebido pelo Sr. Allan Kardec, e que deveria vos propor este ano. no momento da renovação da comissão.

"O Sr. Allan Kardec não devia aceitar senão a presidência honorária, e sabíamos que sua intenção era a de vos apresentar o Sr. Malet como candidato à presidência. Estamos felizes de realizar o voto daquele que todos lamentamos.

"Em consequência, senhores, em nome de vossa antiga comissão que tenho a honra de representar, eu vos peço aceitar a proposição seguinte:

"São nomeados membros da comissão, para o ano 1869-1870:

"Srs. Levent, Malet, Canaguier, Ravan, Desliens, Delanne e Tailleur, sob a presidência do Sr. Malet.

O *vice-presidente*:
"LEVENT."

Esta proposição sendo aceita e ratificada por unânimes aclamações, o Sr. vice-presidente instala, durante a sessão, o Sr. Malet como presidente da Sociedade.

DISCURSO DE POSSE DO NOVO PRESIDENTE

(Sessão de 9 de abril de 1869).

SENHORAS, SENHORES,

Antes de tomar lugar nesta cadeira, onde desde tantos anos tivestes a felicidade de ver e de ouvir esse eminente filósofo, a quem cada um de nós deve a luz e a tranqüilidade da alma, permiti que aquele que haveis chamado a presidir vossas reuniões, venha vos dizer algumas palavras sobre o caminho que ele conta a seguir e o espírito com o qual entende dirigir os vossos trabalhos.

Eu gostaria de fazê-lo com esse tom e essa simplicidade que são a expressão das convicções profundas! eu o gostaria, mas, sob o império de uma emoção que não posso dominar e que vos é fácil de compreender, sinto que não o poderia senão chamasse em minha ajuda algumas linhas que vou vos ler.

É que, com efeito, senhor, quando há apenas algumas semanas eu solicitei o favor de entrar em vossas fileiras, como associado livre da Sociedade dos Estudos Espíritas de Paris, estava longe de pensar que seria um dia chamado a presidir-lhe as sessões, e bem mais distante ainda pensar que a partida imprevista de nosso caro e venerado mestre, me chamaria a dirigir, com o vosso concurso, estas interessantes sessões, onde vêem cada dia se elucidar as questões mais árduas e mais complexas.

Mas assim como o nosso vice-presidente acaba de dizer-lo, e eu tenho a vo-lo repetir, é como membro da Comissão e simples delegado anual, designado por vossa escolha, que aceitei esta difícil função, aliás, conforme as regras prescritas pela organização nova, que o nosso mestre nos deixou.

Quem de nós, com efeito, senhores, ousaria suceder sozinho a uma tão grande personalidade quanto aquela que preencheu o mundo com seus altos e consoladores estudos, ensinando ao homem de onde ele vem, porque está sobre a Terra, e para onde vai em seguida? Qual seria bastante orgulhoso para se crer à altura de sua lógica, de sua energia e de sua profunda erudição, quando ele mesmo, esmagado por um trabalho sempre crescente, havia reconhecido que uma comissão de seis trabalhadores sérios e devotados que seria preciso, sem dúvida, dobrar num futuro próximo, não seria muito numerosa para fazer face aos desenvolvimento dos estudos da doutrina?

Sim, senhores, se respondia ao desejo que haveis manifestado, é porque os atos devem estar sempre em relação com as palavras. Eu havia prometido meu concurso enérgico quando me admitistes entre vós, e por difícil que seja o momento, eu não recusei o mandato que haveis reconhecido, por fracas que sejam minhas forças, persuadido de que elas serão secundadas vigorosamente pela nossa Comissão, por vós todos, meus irmãos em crença, e, enfim, por nossos Espíritos protetores, no número dos quais nosso caro e amado presidente se encontra hoje.

Nosso dever, nossa missão em tu do, senhores, é doravante de seguir o sulco traçado pelo mestre, quero dizer, aprofundá-lo, alargá-lo mais, mais do que estendê-lo ao longe, até a hora em que um novo enviado, explorador do futuro, venha plantar novas balizas e traçar uma nova etapa! Cumpramos a nossa tarefa, e por modesta que ela possa parecer alguns espíritos ardentes ou talvez muito impacientes, seu campo é bastante vasto para que cada um de nós possa dizer a si mesmo, em terminando sua jornada: *"Um repouso feliz me espera, porque eu era do número daqueles que trabalharam na vinha do Senhor."*

Mas para alcançar esse objetivo, o esforço deve estar em razão direta da sua grandeza. Pesquisadores infatigáveis da verdade, aceitemos a luz de qualquer lado que ela venha, sem, no entanto, lhe dar direito de cidadania antes de a ter analisado em todos os seus elementos e observado nos efeitos múltiplos de sua irradiação. Abramos, pois, nossas fileiras a todos os procuradores de boa vontade, desejosos de se convencerem, ainda mesmo quando seu caminho tenha sido diferente do nosso até esta hora, tendo em vista que aceitem as leis fundamentais de nossa filosofia.

Regozijemo-nos, no momento em que o Espiritismo, fundado sobre bases inabaláveis, entra em uma fase nova, de fixar a atenção dessa jovem geração a quem o estudo da ciência aconteceu em partilha, seja que ela sonde as profundezas desconhecidas do oceano celeste, seja que ela perscrute esses miríades de mundos revelados pelo microscópio, seja, enfim, que ela pergunte aos fenômenos do magnetismo o que conduz à descoberta das admiráveis leis harmônicas do Criador, que uma só encerra todas: *a lei do Amor*.

Não repilamos mais, senhores, esses pioneiros que com tanto desdém, são chamadas materialistas. — Estais seguros de que mais de um desses pesquisadores, em satisfazendo à lei comum do erro, sente sua consciência se revoltarem perscrutando a matéria para nela procurar este princípio vital emanado só de Deus.

Sim, lamentemos seus esforços infrutíferos, e abramo-lhes também as nossas fileiras, porque não poderíamos confundi-los com os *soberbos*, que deslumbram o erro e o sofisma! Oh! por aqueles, sigamos o preceito do filósofo de Nazaré: "*Deixai aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos*", e passemos.

Mostremo-nos, pois, sempre verdadeiros e sinceros espíritas por nosso espírito de tolerância, nosso amor para com nossos irmãos com os quais devemos partilhar esse pão da vida, do qual nos nutriu nosso querido mestre *em respigando essas espigas escapadas de feixes incompreendidos!.....*

Semeemos, propaguemos e semeemos ainda, mesmo nos terrenos em que o sopro do ceticismo ressecou, porque se alguns grãos lançados ao vento da incredulidade vierem a germinarem qualquer sulco escondido e escavado pela dor, seu rendimento será ao cêntuplo do trabalho.

Sobretudo não percamos nem nosso tempo, nem nossas forças, para responder aos ataques dos quais possamos ser o objeto, porque o homem que desmoita deve esperar ser contundido e dilacerado pela sarça que arranca.

— Não respondamos mais a esses escrupulosos do livre pensamento que supõe ver no Espiritismo uma religião, um engenho destruidor das coisas estabelecidas, quando, ao contrário, esta Doutrina reúne em um único feixe, todos os membros esparsos da grande família humana, que a intolerância de uns, e a imobilidade dos outros, dispersaram e deserderam de toda crença.

Mas se, de uma parte, devemos apelar a todos os trabalhadores devotados, se a ciência pode e deve nos ser de um grande socorro para explicar o que o vulgo chama *milagre*, jamais nos esqueçamos de que o objetivo essencial e final de nossa Doutrina consiste no estudo das leis psicológicas e morais; leis que compreendem a fraternidade, a solidariedade entre todos os seres, lei única, lei universal que rege igualmente a ordem moral e a ordem material.

— É esta bandeira, senhores, que mantemos alto e firme, o que quer que aconteça, e diante da qual deveremos curvar todas as outras considerações.

É animada desses pensamentos, que vossa Comissão deve prosseguir a obra do mestre; porque foram eles que o conduziram à descoberta desta magnífica estrela, bem de outro modo brilhante, bem de outro modo poderosa, para a felicidade da Humanidade, do que todas aquelas cujo conjunto deslumbra os nossos olhos.

— Sigamos escrupulosamente o plano da vasta e sábia organização deixada pelo mestre, expressão última de seu gênio e na qual ele compara tão felizmente as sociedades espíritas aos observatórios dos quais todos os estudos devem estar ligados entre si e religados ao grupo central de Paris, mas tudo em deixando a cada uma livre direção de suas observações particulares.

De pé e à obra, pois, espíritas das cinco partes do mundo! à obra também, espiritualistas, biólogos, magnetistas e vós todos, enfim, homens de ciência, pesquisadores sedentos da verdade, reunidos neste comum pensamento: fora da VERDADE *não há salvação*, digno eco desta divisa dos espíritas: *fora da CARIDADE não há salvação*.

Nestas condições, mas só nestas condições, é pelo menos a nossa profunda convicção, não só o Espiritismo não permanecerá estacionário, mas ele crescerá rapidamente guiado sempre por seu antigo piloto, bem mais poderoso, bem mais clarividente ainda do que o era sobre nossa Terra, e onde sua digna companheira recebeu dele a missão de secundar seus objetivos generosos e benevolentes para o futuro da Doutrina.

Perdão, senhores, por me haver alongado; no entanto, eu teria ainda muitas coisas a vos dizer.....mas eu me apresso, compreendendo a vossa impaciência em querer ouvir aquele que será sempre nosso digno e venerado presidente. Ele está aí no meio de uma falange rigorosa de Espíritos simpáticos e

protetores; mas era dever daquele a quem a vossa escolha fez incumbir a tarefa difícil de presidir aos vossos trabalhos e à direção de vossas sessões, de vos fazer conhecer seus objetivos partilhados pela Comissão central, e, disso tem a esperança, pela maioria dos espíritas.

E. MALET.

CAIXA GERAL DO ESPIRITISMO

DECISÃO DA SENHORA ALLAN KARDEC

Desejando, com todo o seu poder, e segundo as necessidades do momento, contribuir para a realização dos planos de futuro de seu marido, a senhora Allan Kardec, única proprietária legal das obras e da *Revista*, quer muito, por devotamento à Doutrina: 1º fazer doação, cada ano, à caixa geral do Espiritismo, do excedente dos benefícios provenientes, seja da venda dos livros espíritas e das assinaturas da *Revista*, seja das operações da livraria espírita; mas com a condição expressa de que ninguém, a título de membro da Comissão central ou de outro, tenha o direito de se imiscuir nesse negócio industrial, e que as entregas, quaisquer que sejam, serão acolhidas sem observação, tendo em vista que ela entende tudo gerir pessoalmente, prever as impressões de obras, as publicações novas, regular à sua conveniência os proveitos de seus empregados, o aluguel, as despesas futuras, em uma palavra, todas as despesas gerais;

2º A *Revista* está aberta à publicação dos artigos que a Comissão central julgar úteis à causa do Espiritismo, mas com a condição expressa de serem primeiro sancionados pela proprietária e a Comissão de redação, assim como isto terá lugar para todas as publicações, quaisquer que elas sejam;

3º A caixa geral do Espiritismo é entregue às mãos de um tesoureiro, encarregado da gerência dos fundos sob a fiscalização da Comissão diretora. Até que haja lugar de deles fazer uso, esses fundos serão colocados na aquisição de propriedades de bens de raiz para evitar todas as eventualidades. Cada ano, o tesoureiro prestará conta detalhada da situação da caixa, que será publicada na *Revista*.

Estas decisões comunicadas à Sociedade de Paris, na sessão de 16 de abril, foram para a senhora Allan Kardec objeto de felicitações unânimes.

Este nobre exemplo de desinteresse e de devotamento será, disso não duvidamos, apreciado e compreendido por todos aqueles cujo concurso ativo e incessante foi adquirido na filosofia regeneradora por excelência.

CORRESPONDÊNCIA.

CARIADO SR. GUILBERT, PRESIDENTE DA SOCIEDADE ESPÍRITA DE ROUEN

Rouen, 14 de abril de 1869.

Senhor Presidente,

Senhores membros da Comissão diretora da Sociedade Parisiense dos Estudos Espíritas.

Estamos felizes, Senhores, e vos felicitamos calorosamente pela prontidão com a qual a vossa Comissão se constituiu sobre as bases indicadas por nosso venerado mestre.

Estávamos muito longe de esperar a partida fulminante que veio tão cruelmente ferir a Sociedade de Paris e o Espiritismo inteiro; mas, se nos primeiros momentos, tocados de estupor e dolorosamente comovidos, curvamos a frente para a terra onde repousa o despojo mortal do Sr. Allan Kardec, devemos hoje nos reerguer e agir, porque se a sua tarefa está terminada, a nossa começa e nos impõe deveres sérios e uma grave responsabilidade.

No momento em que o sábio coordenador da filosofia espírita vem de tornar a se pôr em mãos do Todo-Poderoso, o mandato do qual era tão dignamente e tão corajosamente encarregado, cabe-nos, seus legatários naturais, de manter alto e firme, a bandeira onde gravou em caracteres indelévels os ensinamentos que encontram um eco em todos os corações bem dotados.

Todos devemos nos reunir à Comissão central, com sede em Paris, que representa para nós o mestre desaparecido, e é o que ocorrerá, senhores, se, como nós disto estamos persuadidos, esforçar-vos por seguir o caminho que ele nos traçou.

Mas, para realizarem tempo oportuno, bem entendido, os projetos que ele indicou na *Revista* de dezembro último, e que poderíamos, de alguma sorte, considerar como seu testamento; para criar a Caixa geral do Espiritismo, tendes a necessidade do concurso moral e material de todos. Todos devem, pois, na medida de suas forças, trazer sua pedra ao edifício. Tal é, pelo menos, o sentimento da Sociedade Espírita de Rouen, que vos pede inscrevê-la para mil francos, pois ela está persuadida de que não se saberia melhor honrar a memória do mestre que executando-a, segundo os planos que nos deixou, o que teria cumprido ele mesmo, se Deus, cujos segredos desígnios nos são desconhecidos, não o tivesse decidido de outro modo.

Aceitai, senhores, com as nossas fraternas saudações, a segurança de nosso inalterável devotamento à causa do Espiritismo,

Pelos Membros da Sociedade Espírita de Rouen,

O presidente:

A. GUILBERT.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS

A abundância das matérias não nos permitindo publicar atualmente todas as instruções ditadas por ocasião dos funerais do Sr. Allan Kardec, nem mesmo todas aquelas que ele mesmo deu, reunimos, numa só e mesma comunicação, os ensinamentos de um interesse geral, obtidos por intermédio de diferentes médiuns.

(Sociedade de Paris, abril de 1869.)

Como vos agradecer, senhores, pelos vossos bons sentimentos e das verdades eloqüentes expressadas sobre meu despojo mortal; disto não duvideis, eu estava presente e profundamente feliz, tocado pela comunhão de pensamentos que nos unia pelo coração e pelo espírito.

Obrigado, meu jovem amigo (Sr. C. Flammarion), obrigado por vos haverdes afirmado como o fizestes; vós vos exprimistes com calor; assumistes uma responsabilidade grave, séria, e esse ato de independência vos será duplamente contado; não tereis nada perdido em dizer o que as vossas convicções e a ciência vos impõem.

Em agindo assim, podeis ser discutido, mas sereis honrado a justo título.

Obrigado a vós todos, caros colegas, meus amigos; obrigado ao jornal *Paris*, que começa um ato de justiça, pelo artigo de um bravo e digno coração.

Obrigado, caro vice-presidente; Srs. Delannee E. Muller, recebi a expressão de meus sentimentos de viva gratidão, vós todos que apertastes afetuosamente, hoje, a mão de minha corajosa companheira.

Como homem, estou muito feliz pelas boas lembranças e pelos testemunhos de simpatia que me prodigalizaes; como espírita, eu vos felicito pelas determinações que tomastes para assegurar o futuro da Doutrina; porque, se o Espiritismo não é minha obra, pelo menos, eu lhe dei tudo o que as forças humanas me permitiram lhe dar. É como colaborador enérgico e convicto, como combatente de todos os instantes, da grande Doutrina deste século que eu a amo, e ficaria infeliz se a visse perecer, se tal coisa fosse possível.

Ouvi, com um sentimento de profunda satisfação, meu amigo, vosso novo e digno presidente vos dizer: "Ajamos de acordo; vamos despertar os que há muito tempo não raciocinam mais; vamos reavivar os que raciocinam! Que não seja Paris, que não seja a França que sejam o teatro de vossa ação; vamos por toda a parte! Vamos dar à Humanidade inteira a mão que lhes faz falta; vamos dar o exemplo da tolerância que ela esquece, da caridade que ela conhece tão pouco!"

Agistes para assegurar a vitalidade da Sociedade; está bem. Tendes o desejo sincero de caminhar com firmeza no sulco traçado, está ainda bem; mas não basta querer hoje, amanhã, depois de amanhã; para ser digno da Doutrina é preciso querer sempre! A vontade, que age por impulsos, não é mais vontade; é o capricho do bem; mas, quando a vontade se exerce com a calma que nada perturba, com a perseverança que nada detém, ela é a verdadeira vontade, inabalável em sua ação, frutífera em seus resultados.

Sede confiantes em vossas forças; elas produzirão grandes efeitos se as empregardes com prudência; sede confiantes na força da idéia que vos reúne, porque ela é indestrutível. Pode-se ativá-la ou retardar-lhe o desenvolvimento, mas detê-la é impossível.

Na fase nova em que entramos, a energia deve substituir a apatia; a calma deve substituir o ímpeto. Sede tolerantes uns para com os outros; agi sobretudo pela caridade, pelo amor, pela afeição. Oh! se conhecesses todo o poder desta alavanca! Foi dela que Arquimedes pôde dizer, que com ela ergueria o mundo! Vós o erguereis, meus amigos, e essa transformação esplêndida, que se efetuará por vós em proveito de todos, *marcará* um dos mais maravilhosos períodos da história da Humanidade.

Coragem, pois, e esperança. A esperança!... Esse facho, que os vossos irmãos infelizes não podem perceber através das trevas do orgulho, da ignorância e do materialismo, não os afasteis ainda mais de seus olhos. Amai-os; fazei com que vos amem, que vos escutem, que vos olhem! Quando eles tiverem visto, ficarão deslumbrados.

Quanto serei feliz então, meus amigos, meus irmãos, ao ver que meus esforços não terão sido inúteis, e que o próprio Deus terá abençoado a nossa obra! Naquele dia, haverá no céu uma grande alegria, uma grande ebriedade! A Humanidade será libertada do jugo terrível das paixões, que aprisionam e pesam sobre ela com um peso esmagador. Não haverá mais, então, sobre a Terra, nem mal, nem sofrimento, nem dor; porque, os verdadeiros males, os sofrimentos reais, as dores cruciais vêm da alma. O resto não é senão o roçar fugitivo de uma sarça sobre uma veste!...

Ao clarão da liberdade e da caridade humanas, todos os homens se reconhecendo, dirão: "Nós somos irmãos" e não terão mais no coração senão um mesmo amor, na boca, senão uma só palavra, nos lábios, senão um único murmúrio: Deus!

ALLANKARDEC.

AVISO

O catálogo das obras da *Livraria Espírita* será entregue contra dez centavos em estampilhas, a *toda pessoa* que dele fizer pedido.

AOS NOSSOS CORRESPONDENTES.

A morte do Sr. Allan Kardec foi, para a maioria de nossos correspondentes da França e do estrangeiro, a ocasião de numerosos testemunhos de simpatia para a senhora Allan Kardec, e de segurança de adesão aos princípios fundamentais do Espiritismo.

Na impossibilidade material em que estamos de responder a todos, pedimos consentirem em receber aqui a expressão dos sentimentos de reconhecimento da senhora Allan Kardec.

Persuadida de que não poderia melhor cumprir os desejos daquele que todos lamentamos, que em nos unindo num comum entendimento para a propagação de nossos princípios, a Sociedade de Paris está feliz, nas dolorosas circunstâncias em que nos encontramos, de poder contar com o concurso ativo e eficaz de todos. Ela verá com uma viva satisfação as relações regulares se estabelecerem entre ela e os diferentes centros da província e do estrangeiro.

AVISO MUITO IMPORTANTE.

Lembramos aos Srs. assinantes que, desde 1º de abril último, o escritório de assinatura e de expedição da *Revista Espírita* foi transferido para a sede da *Livraria Espírita*, 7, rue de Lille.

Para tudo o que concerne às assinaturas, compras de obras, expedições, as pessoas que não moram em Paris deverão enviar um vale postal ou uma ordem em favor do Sr. *Bittard*, gerente da livraria. Não se aceitam ordem para os assinantes.

Todos os documentos, a correspondência, os relatos de manifestações podendo interessar ao Espiritismo e aos espíritas, deverão ser endereçados ao Sr. Malet, presidente da Sociedade Parisiense dos Estudos Espíritas, 7, rue de Lille.

Pela Comissão de relação, o Secretário-gerente:

A. DESLIENS.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

12º ANO

NO. 6

JULHO 1869

AOS ASSINANTES DA REVISTA.

Até este dia, a *Revista Espírita* foi essencialmente a obra, a criação do Sr. Allan Kardec, como de resto todas as obras doutrinárias que ele publicou.

Quando a morte o surpreendeu, a multiplicidade de suas ocupações e a nova fase na qual entrava o Espiritismo o faziam desejar se unir a alguns colaboradores convictos, para executar, sob sua direção, os trabalhos aos quais não podia mais bastar.

Nós nos dedicaremos em não nos desviar do caminho que ele nos traçou; mas nos pareceu de nosso dever consagrar aos trabalhos do mestre, sob o título de *Obras Póstumas*, algumas páginas que manteria guardadas se tivesse permanecido corporeamente entre nós. A abundância dos documentos acumulados em seu escritório de trabalho, nos permitirá, durante vários anos, publicar em cada número, além das instruções que ele quiser nos dar como Espírito, um desses interessantes artigos que ele sabia tão bem tornar compreensíveis a todos.

Estamos persuadidos de satisfazer, assim, aos desejos de todos aqueles que a filosofia espírita reuniu em nossas fileiras, e que souberam apreciar, no autor de *O Livro dos Espíritos*, o homem de bem, o trabalhador infatigável e devotado, o espírita convicto, aplicando-se em sua vida privada a porem prática os princípios que ensinava em suas obras.

O CAMINHO DA VIDA.

(OBRAS PÓSTUMAS)

A questão da pluralidade das existências, há muito tempo tem preocupado os filósofos, e mais de um viu, na anterioridade da alma, a única solução possível dos problemas mais importantes da psicologia; sem esse princípio, se encontraram detidos em cada passo e encurralados num impasse de onde não podiam sair senão com a ajuda da hipótese da pluralidade das existências.

A maior objeção que se possa fazer a esta teoria é a ausência da lembrança das existências anteriores. Com efeito, uma sucessão de existências inconscientes umas das outras; deixar um corpo para retomar um outro sem a memória do passado, e que equivaleria ao nada, porque isso seria o nada do pensamento; seriam igualmente pontos de partidas novos sem a ligação com os precedentes; seria uma ruptura incessante de todas as afeições que fazem o encanto da vida presente e a esperança, a mais doce e a mais consoladora, do futuro; seria, enfim, a negação de toda responsabilidade moral. Uma tal doutrina seria também inadmissível e também incompatível com a justiça e a bondade de Deus, quanto aquela de uma única existência, com a expectativa de uma

eternidade absoluta de penas para algumas faltas temporárias. Compreende-se, pois, que aqueles que fazem uma idéia semelhante da reencarnação, a repilam; mas não é assim que o Espiritismo no-la apresenta.

A existência espiritual da alma, diz-nos ele, é sua existência normal, com lembrança retrospectiva indefinida; as existências corpóreas não são senão intervalos, curtas estações na existência espiritual, e a soma de todas essas estações não é senão uma parte mínima da existência normal, absolutamente como se, numa viagem de vários anos, se detivesse, de tempos em tempos, durante algumas horas. Se, durante as existências corpóreas, parece ali haver solução de continuidade pela ausência da lembrança, a ligação se estabelece durante a vida espiritual, que não tem interrupção; a solução de continuidade não existe, em realidade, senão para a vida corpórea exterior e de relação; e aqui a ausência da lembrança prova a sabedoria da Providência, que não quis que o homem fosse muito desviado da vida real onde tem deveres a cumprir; mas, no estado de repouso do corpo, no sono, a alma retoma em parte o seu vôo, e lá se restabelece a cadeia interrompida somente durante a vigília.

A isso pode se fazer, ainda, uma objeção e perguntar que proveito se pode tirar dessas existências anteriores para a sua melhoria, se não se lembra das faltas que cometeu. O Espiritismo responde, de início, que a lembrança de existências infelizes, juntando-se às misérias da vida presente, tornaria esta ainda mais penosa: é, pois, um acréscimo de sofrimentos que Deus quis nos poupar; sem isto, quanto não seria freqüente a nossa humilhação pensando naquilo que fomos! Quanto à nossa melhoria, essa lembrança seria inútil. Durante cada existência damos alguns passos adiante; adquirimos algumas qualidades, e nos despojamos de algumas imperfeições; cada uma delas é, assim, um novo ponto de partida, onde somos o que nos fizemos, onde nos tomamos por aquilo que somos, sem termos que nos inquietar com o que fomos. Se na existência anterior fomos antropófagos, o que isto nos faz, se não o somos mais? Se tivemos um defeito qualquer do qual não resta mais traços, é uma conta liquidada com a qual não temos mais que nos preocupar. Suponhamos, ao contrário, um defeito do qual não se está corrigido senão pela metade, o resto da conta se encontrará na vida seguinte, e é em corrigi-lo que é preciso se fixar. Tomemos um exemplo: um homem foi assassino e ladrão; ele foi punido, seja na vida corpórea, seja na vida espiritual; arrepende-se e se corrige da primeira tendência, mas não da segunda; na existência seguinte, não será senão ladrão; talvez grande ladrão, mas não mais assassino; ainda um passo adiante, e não será mais senão um pequeno ladrão; um pouco mais tarde ele não roubará mais, mas poderá ter a vontade fugaz de roubar, que sua consciência neutralizará; depois, um último esforço, e todo traço da doença moral tendo desaparecido, ele será um modelo de probidade. Que lhe faz, então, o que foi? A lembrança de ter perecido no cadafalso não seria uma tortura, uma humilhação perpétua? Aplicai este raciocínio a todos os vícios, a todos os defeitos, e podereis ver como a alma se melhora em passando e repassando pelo exame da encarnação. Deus não foi mais justo por ter tornado o homem árbitro de sua própria sorte pelos esforços que ele pode fazer para se melhorar, do que haver feito nascer sua alma ao mesmo tempo que seu corpo, e condená-la a tormentos perpétuos por erros passageiros, sem lhe dar os meios de se purificar de suas imperfeições? Pela pluralidade das existências, seu futuro está em suas mãos; se levar muito tempo para se melhorar, disto lhe sofre as conseqüências: é a suprema justiça; mas a esperança não lhe está jamais fechada.

A comparação seguinte pode ajudar a fazer compreender as peripécias da vida da alma.

Suponhamos um longo caminho, sobre o percurso do qual se encontram, de distância em distância, mas em intervalos desiguais, florestas que precisam ser atravessadas; na entrada de cada floresta o caminho largo e belo está interrompido e não retoma senão na saída. Um viajante seguiu esse caminho e entrou na primeira floresta;

mas lá, mais de um caminho batido; uma complicação inextricável no meio da qual ele se perde; a claridade do sol desapareceu sob o espesso tufo das árvores; ele erra sem saber onde vai; enfim, depois de fadigas estranhas, rasgado pelos espinhos, contundido pelas pedras. Lá reencontra o caminho e a luz, e prossegue a sua rota, procurando se curar de suas feridas.

Mais longe ele encontra uma segunda floresta, onde o esperam as mesmas dificuldades; mas eleja tem um pouco de experiência; sabe evitá-las em parte e delas sair menos contundido. Numa ele reencontra um lenhador que lhe indica a direção que deve seguir, e o impede de perder-se. Em cada nova travessia sua habilidade aumenta, tão bem que os obstáculos são cada vez mais facilmente superados; seguro de reencontrar o belo caminho na saída, essa confiança se sustenta; depois sabe se orientar para encontrá-la mais facilmente. O caminho chega ao cume de uma altíssima montanha, de onde ele descobre todo o percurso desde o ponto de partida; vê também as diferentes florestas que atravessou e se lembra das vicissitudes que experimentou, mas essa lembrança nada tem de penosa, porque ele chegou ao objetivo; é como o velho soldado que, na calma do lar doméstico, lembra-se das batalhas às quais assistiu. Essas florestas disseminadas no caminho são para ele como pontos negros sob uma fita branca; ele diz a si mesmo: "Quando eu estava nessas florestas, nas primeiras sobretudo, como elas me pareciam longas para se atravessar! Parecia-me que eu não chegaria mais ao fim; tudo me parecia gigantesco e intransponível ao meu redor. E quando penso que, sem esse bravo lenhador que me recolocou no bom caminho, ali talvez eu estivesse ainda! Agora que considero essas mesmas florestas do ponto de vista onde estou, como elas me parecem pequenas! Parece-me que com um passo eu teria podido transpô-las; muito mais, minha visão as penetra e distingo nelas os menores detalhes; vejo até os passos falsos que dei."

Então, um velho lhe diz: - Meu filho, eis-te ao fim da viagem, mas um repouso indefinido te causaria logo um tédio mortal e te fixarias em lamentar as vicissitudes que provastes e que dão atividade aos teus membros e ao teu espírito. Vês daqui um grande número de viajantes no caminho que percorrestes, e que, como tu, correm risco de se perderem no caminho; tens a experiência, não temes mais nada; vai ao seu encontro, e trata, por teus conselhos, de guiá-los, a fim de que cheguem mais cedo.

- Eu lá vou com alegria, responde o nosso homem; mas, acrescenta ele, porque não há um caminho direto do ponto de partida até aqui? isto pouparia aos viajantes passar por essas abomináveis florestas.

- Meu filho, responde o velho, olha bem, e nele verás muitos que as evitam em certo número; são aqueles que, tendo adquirido mais cedo a experiência necessária, sabem tomar um caminho mais direto e mais curto para chegar; mas esta experiência é o fruto do trabalho que as primeiras travessias necessitaram, de tal sorte que não chegam aqui senão em razão do seu mérito. Que saberias, tu mesmo, se não tivesse ali passado? A atividade que tiveste que desdobrar, os recursos de imaginação que te foram necessários para te traçar um caminho, aumentaram teus conhecimentos e desenvolveram tua inteligência; sem isto, serias tão novato quanto de tua partida. E depois, procurando sair do embaraço, tu mesmo contribuístes para a melhoria das florestas que atravessaste; o que fizeste é pouca coisa, imperceptível; mas pensa nos milhares de viajantes que isto fazem também, e que, todos trabalhando para eles, trabalham, sem disto desconfiar, para o bem comum. Não é justo que recebam o salário de seu trabalho pelo repouso de que gozam aqui? Que direito teriam a este repouso se nada tivessem feito?

- Meu pai, responde o viajante, numa dessas florestas, encontrei um homem que me disse: "Sobre a orla há um imenso abismo que é preciso atravessar de um pulo; sobre mil, apenas um consegue; todos os outros caem no fundo de uma fornalha ardente, e estão perdidos sem retorno. Esse abismo eu não o vi."

- Meu filho, é que ele não existe, de outro modo seria uma armadilha abominável estendida a todos os viajantes que viessem até mim. Sei bem que lhes é necessário superar as dificuldades, mas sei também que, cedo ou tarde, eles as superarão; se tivesse criado as impossibilidades para um único sabendo que deveria sucumbir, teria sido da crueldade, por mais forte razão, se o tivesse feito para um grande número.

Esse abismo é uma alegoria, cuja explicação vais ver. Olha bem sobre o caminho, no intervalo das florestas; entre os viajantes, deles vêes os que marcham lentamente, com um ar alegre; vêes esses amigos que se perderam nos labirintos da floresta, como são felizes de se encontrarem à saída; mas, ao lado deles, há outros que se arrastam penosamente; estão estropiados e imploram a piedade dos que passam, porque sofrem cruelmente das feridas que, por sua falta, fizeram através das sarças; mas eles disto se curarão, e será para eles uma lição da qual aproveitarão na nova floresta que terão que atravessar e da qual sairão menos contundidos. O abismo é a figura dos males que suportam, e em dizendo que sobre mil um único o transpõe, esse homem teve razão, porque o número dos imprudentes é muito grande; mas ele errou em dizer que uma vez caindo dentro dele não se sai mais; há sempre uma saída para chegar a mim. Vai, meu filho, vai mostrar essa saída àqueles que estão no fundo do abismo; vai sustentar os feridos no caminho, e mostrar o caminho àqueles que atravessam as florestas.

O caminho é a figura da vida espiritual da alma, em cujo percurso somos mais ou menos felizes; as florestas são as existências corpóreas onde se trabalha e se avança ao mesmo tempo quanto à obra geral; o viajante chegado ao objetivo e que retorna para ajudar aqueles que estão atrasados, é a dos anjos guardiães, dos missionários de Deus, que encontram sua felicidade em sua visão, mas também na atividade que desdobram para fazer o bem e obedecer ao senhor supremo.

ALLAN KARDEC.

EXTRATO DOS MANUSCRITOS DE UM JOVEM MÉDIUM BRETÃO.

Os Alucinados, os Inspirados, os fluídicos e os Sonâmbulos.

(Segundo artigo, ver a *Revista* de fevereiro de 1868)

Nossos leitores se lembram, sem dúvida, ter lido no número da *Revista* de fevereiro de 1868, a primeira parte deste estudo interessante em mais de um ponto de vista. Publicamos hoje a sua continuação, deixando ao Espírito que a inspirou toda a responsabilidade de suas opiniões, e nos reservando analisá-las um pouco mais tarde.

Entregamos esses documentos ao exame de todos os espíritas sérios, e seremos reconhecidos àqueles que quiserem nos

transmitir sua apreciação, ou as instruções das quais poderão ser objetos da parte dos Espíritos. A *Revista Espírita* é, antes de tudo, um jornal de estudo, e, a este título, ela se apressa em recolher todos os elementos de natureza a esclarecer a marcha de nossos trabalhos, deixando ao controle universal, apoiado sobre os conhecimentos adquiridos o cuidado de julgá-los em última instância.

III

OS FLUÍDICOS.

Chama-se *Fluido* esse nada e esse tudo não analisável, no meio do qual o mundo espiritual se coloca em comunicação com o mundo material, e que mantém o nosso físico em harmonia, seja com ele mesmo, seja com o que está fora dele.

Se bem que ele nos envolva e que nos cerque, e que vivamos nele e por ele, é na alma que ele se reúne e se condensa. É não só essa porção de nossa alma que nos coloca em ação, nos dirige e nos guia, mas ainda é ele, por assim dizer, a alma geral que plana sobre nós todos; é o laço misterioso e indispensável que estabelece a unidade em nós mesmos e fora de nós; e, se vem a se quebrar momentaneamente, é então que se manifesta essa modificação imensa a que chamamos morte.

O fluído é, pois, a própria vida: É o movimento, a energia, a coragem, o progresso; é o bem e o mal. É essa força que parece animar, por sua vez, pelo sopro de sua vontade, seja a charrua benfazeja que fertiliza a terra e faz de nós os alimentadores do gênero humano, seja o fuzil maldito que a despoeva e nos transforma em assassinos de nossos irmãos.

O fluido facilita entre o Espírito do inspirador e do inspirado, as relações que, sem ele, seriam impossíveis.

Os alucinados são nervosos, mas não fluídicos, nesse sentido de que nada se liberta deles. É essa falta de liberação, esse excesso ou essa falta de fluido, essa ruptura violenta de equilíbrio neles que os exalta até a loucura, até o delírio, ou pelo menos até a divagação momentânea, e faz desfilar, diante deles, os fantasmas imaginários, ou que se prendem mais ou menos ao pensamento dominante, que, excitando as fibras cerebrais, fez entrar em revolta a quintessência do fluido circulante, excedente dessa noção impressionável que tende incessantemente dele se libertar.

Que um louco, que um alucinado morra; que se faça a autópsia do cadáver, e tudo parecerá são em sua natureza física; não se descobrirá nada de particular em seu cérebro. Poder-se-á, no entanto, observar o mais comumente, uma lesão no coração, a parte moral prejudicada exercendo uma poderosa influência material sobre este órgão.

Pois bem! essas desordens que o escalpelo não mostra a nu, que o dedo não toca, que o olho não vê, existem no fluido, que a ciência, sempre muito materialista, nega para não ter que estudá-lo.

O vapor não tinha necessidade por ser uma força, que Salomon de Caus ou Papin adivinhasse o seu emprego, assim como, para existir, a eletricidade não tinha esperado que Galvani viesse lhe conceder seus direitos de cidadania no meio dos sábios oficiais. O fluido não se mostra mais reverente em relação aos seus doutros decretos. A eletricidade e o vapor que não são senão o de ontem, já revolucionaram o mundo material. O Espiritismo, em afirmando a realidade do fluido, modificará muito mais profundamente ainda o mundo intelectual e moral.

Não só o fluido existe, mas ele é duplo, apresenta-se sob dois aspectos diferentes, pelo menos, suas manifestações são de duas ordens muito diferentes.

Há o fluido latente, que cada um possui, e que, com o nosso desconhecimento, põe em movimento toda a máquina. Aquele permanece em nós sem que disto tenhamos consciência, porque não o sentimos, e as naturezas linfáticas vivem sem desconfiar que ele existe.

Depois, há fluidos circulantes que estão em ação perpétua e em ebulição constante nos organismos nervosos e impressionáveis. Quando não servem senão para nos dar uma atividade extrema, nós o deixamos agir ao acaso, e não excitam nossa preocupação senão quando, por falta de equilíbrio, ou por uma causa qualquer, sua ação se traduz por ataques de nervos ou outras desordens aparentes, das quais importa procurar a causa.

Ocorre muito freqüentemente que, quando a crise nervosa se acalma e depois do abatimento que a segue, um fluido se liberta de certos sensitivos, que lhes permite exercer uma ação curativa sobre outros seres mais fracos e atingidos de um mal contrário ao seu. Um simples toque sobre a parte sofredora basta para as aliviar. É uma espécie de magnetismo circulante, momentâneo, inconsciente, porque a ação fluídica se produz imediatamente ou não se produz de todo.

Quando os inspirados são fluídicos de nascença, gozam no mais alto grau dessa preciosa faculdade curativa. Mas é uma rara exceção.

Comumente o estado fluídico se desenvolve na hora da puberdade, nesse momento transitório em que não se é muito forte, mas onde se vai torná-lo para suportar a luta da vida.

Viram-se certos seres se tornarem fluídicos durante alguns anos, alguns meses mesmo, e deixar de sê-lo depois que tudo havia retomado neles sua situação normal e regular.

Algumas vezes mesmo, e notadamente entre as mulheres, esse estado se manifesta no momento crítico em que a fraqueza começa a se fazer sentir.

Ocorre, às vezes mesmo, que as crianças dele são dotadas numa idade ainda muito tenra. Um instinto secreto nos aproxima deles. Dir-se-ia que uma auréola de pureza irradia em torno dessas louras cabeças de querubins. Ainda tão perto de Deus, são sadios de corpo, de coração e de alma; a saúde se liberta deles, e sua visão, sua presença, seu contato serenam nosso ser inteiramente.

Vós vos sentis bem com seu beijo, vos sentis felizes de as embalar em vossos braços. Há nelas alguma coisa a mais do que o encanto que se liga às doces carícias da criança, há uma liberação que acalma vossas agitações, vos rejuvenesce e restabelece em vós a harmonia, por um momento comprometida. Vós vos sentis atraídos para esta e não para aquelas. Não sabeis porque, e é porque a primeira vos proporciona um bem-estar que não sentis junto de qualquer outra.

Quem de nós não procurou, freqüentemente durante muito tempo e sem encontrá-lo, ai! o ser que deve nos aliviar! No entanto, ele existe, assim como o remédio que pode nos curar.

Procuremos sem nos desencorajar, e nós descobriremos. Batamos e se nos abrirá. Tão enfermos que sejamos, no entanto, há, em alguma parte, uma alma que responderá à nossa alma. Fracos, ela levantará o nosso desfalecimento; fortes, ela abrandará as nossas asperezas. Nós nos completaremos com ela, e ambos se esperam para mutuamente fazerem o bem.

As naturezas fortemente temperadas exercem uma ação magnética sobre os caracteres mais fracos Para magnetizar frutiferamente. é preciso um grande esforço de vontade concentrada, por conseqüência, uma liberação de nós mesmos, e essa liberação não pode ter uma ação curativa senão quando se lhe acrescenta uma força poderosa à fraqueza que combatemos e que faz sofrer aquele que se magnetiza.

Os magnetizadores não podem, senão raramente, ser magnetizados por outros. Parece que esse esforço de vontade que lhe é preciso realizar, escava uma espécie de reserva na qual se acumula o fluido em estado latente, que derrama seu excedente sobre os outros; mas não fica mais lugar para poder receber deles

A intuição é a irradiação do fluido que, se liberando daquele sobre o qual queremos agir, vem despertar o nosso e fazê-lo se derramar sobre o ser que queremos aliviar. Desse choque de dois agentes contrários, uma faísca desprende-se vivaz; ela clareia o nosso Espírito e nos mostra o que convém fazer para atingir esse objetivo. É a caridade posta em ação. Esse fluido atuante, sempre pronto a despertar ao primeiro apelo do sofrimento, se encontra sobretudo nas almas sensíveis e ternas, mais preocupadas com o bem dos outros do que com o seu próprio.

Existem certos médicos nos quais essa liberação fluídica, se opera mesmo que não se dêem conta dela, e que receberam de Deus o dom de curar mais seguramente aqueles que sofrem.

Depois, enfim, há naturezas verdadeiramente fluídicas, cujo excedente exige uma liberação contínua sob pena de reagir contra elas. A ação que exercem sobre aqueles que lhes são simpáticos é sempre salutar, mas pode ela se tornar funesta àqueles que lhes são antipáticos.

É entre aquelas que se encontram os sensitivos que, na obscuridade, percebem os clarões que se liberam de certos corpos, ao passo que os outros não percebem nada.

O fluídicos e os sensitivos são os mais sujeitos a esses sentimentos instintivos de simpatia ou de antipatia, em presença daqueles cujo contato, ou a vista somente, lhes faz sentir o bem ou o mal.

Certas crianças exercem uma pressão física ou moral sobre seus irmãos ou sobre seus camaradas. É o fluido de desprendimento que vai até estes últimos e os domina.

Cada um de nós exerce, sobre outrem, um poder atrativo ou repulsivo de graus diferentes, porque a natureza é múltipla e infinita em suas combinações.

Quem não sentiu o efeito de um simples aperto de mão para levar o ser em equilíbrio ou para destruir nele esse equilíbrio; para nos unir à pessoa que no-lo dá, ou para nos repelir para longe dela; para nos fazer sentir uma sensação de bem-estar ou de sofrimento?

Quem não sentiu o frio ou o calor de um beijo?

Quem não sentiu esse tremor interior que abala todo o nosso ser no momento em que somos colocados em relação com um outro, e que nos faz dizer: É um amigo!... ou bem um inimigo?

As pessoas cujas mãos são frias e úmidas são de compleição fraca; de uma sensibilidade pouco desenvolvida; elas não dão o fluido e têm necessidade que se lhes prodigalize.

Os inspirados gozam habitualmente do privilégio de poder socorrer, por um fluido que se lhes libera, aqueles que dele têm necessidade.

Mas raramente eles gozam de boa saúde, raramente o equilíbrio e a harmonia reinam em sua pessoa.

Eles têm muito ou não bastante fluido, e não é quase senão no momento da inspiração que se acham em completa harmonia.

Mas, então, não sentem os benefícios, uma vez que outra individualidade está unida à sua e que ela os abandona momentaneamente, depois que deram o que tinham como reserva.

Os curadores do campo, os feiticeiros, aqueles que fazem desaparecer as entorses, são geralmente os fluídicos. Seu poder é real; eles o exercem sem saber como. Mas enganar-se-ia crendo que possam agir igualmente sobre todo mundo. É preciso que o fluido que se libera deles esteja em harmonia com o da pessoa que deve absorvê-lo, doutro modo o efeito contrário se produz. Daí vem o mal, muito real, que se sente, às vezes, depois de uma visita à casa de um desses pretensos feiticeiros.

Não há nem remédios nem fluidos cuja ação seja universal. Toda ação é modificada pela natureza daquele que a recebe. É preciso que a centelha atinja justo, senão há choque e agravamento no mal que se pretende aliviar.

O magnetismo sofre a mesma lei e não pode mais ser eficaz em todos os casos.

Os sensitivos e os fluídicos são as mais generosas naturezas, as que sentem melhor todos esses mil nada que compõem o ser humano em sua parte moral, física e intelectual. Mas são também os mais infelizes, porque dão mais aos outros do que estes lhe dão.

Os mais fluídicos têm geralmente um grande desgosto de sua personalidade. Eles pensam nos outros, jamais em si mesmos. Isso prende-se talvez também a uma espécie de intuição secreta; eles sentem sem essa liberação de seu excedente que derramam sobre outros, não poderiam ter repouso.

Lamentemos os fluídicos e os sensitivos. A vida para eles tem mais dores do que alegrias; não têm senão um continuo sofrimento.

Mas admiremo-los, ao mesmo tempo, porque eles são bons, generosos e dotados da caridade humanitária. Uma força deles se desprende para consolar os seus irmãos, e por serem mais completamente *tudo para todos*, que são tão pouco para si mesmo.

Talvez o seu adiantamento seja mais rápido, e maior num outro mundo, porque passaram por este aplicando-se em fazer o bem aos outros.

Às vezes, depois de um grande desprendimento, o fluídico sofre e chega a um extremo grau de fraqueza, até o momento em que entre, de novo, na posse de sua força. Quando uma pessoa sofre, ele não calcula, e se inclina para ela. O coração o arrasta, vitoriosamente, adivinha o que possa! Não é mais um homem detido por frias conveniências; é uma alma que desperta ao primeiro grito do sofrimento, e que se lembra só depois que o alívio tenha chegado!

IV

OS SONÂMBULOS

O sonambulismo, que pode ser dividido em três categorias, não se refere diretamente a nenhuma e nem a outra das três fases que acabamos de descrever.

1º- O sonâmbulo natural será muito raramente um bom magnetizador. Ele não é acessível nem à inspiração e nem ao fluido forçado e concentrado num só ponto pela sua vontade. De outras vezes, seu estado apresenta uma predisposição favorável a receber uma impulsão.

O sonambulismo natural é o sonho em ação. O pensamento segue seu curso durante o sono dos órgãos.

Esta ainda é uma prova de que qualquer coisa vive em nós além da matéria, de que pensamos e de que vivemos durante o sono, da vida ativa do Espírito, inobstante tenhamos por algum tempo todas as aparências do aniquilamento.

A vida ativa continua, pois, no sonâmbulo; somente ela muda de forma, tomando a de um sonho. O espírito agita a matéria, já que os órgãos físicos são postos em ação, por uma força enérgica, da qual ao despertar o indivíduo perdeu até mesmo a lembrança.

O inspirado verdadeiro estando impregnado de uma força poderosa e desconhecida, tem alguma coisa do sonâmbulo natural, no sentido que obedece a um impulso que lhe é estranho, e que cessa de sentir logo que reentra em seu estado natural.

O sonâmbulo age sob a simples inspiração que dele emana; ele está concentrado sobre um único objeto, é porque, em todos os atos que realiza então, parece muito superior a si mesmo. Sendo despertado, ele se perturba, grita como no meio de um pesadelo e essa brusca transição não é sem perigo para ele.

Esse estado estranho não ataca nem cansa os órgãos. Esses seres se portam muito bem, porque, enquanto agem, o ser físico dorme, repousa enquanto que só a imaginação trabalha.

2º - No inspirado, pode-se dizer que há sempre uma grande soma de repouso físico. Marcado de uma outra individualidade, seu corpo não participa da ação que realiza, e seu próprio Espírito de um certo modo dormita, uma vez que se vem forçá-lo a assimilar os pensamentos de um outro do qual perde, em seguida, até o mais leve traço, à medida que desperta para a vida comum.

Nas naturezas dóceis (e todos os sonâmbulos não o são), esse trabalho de concentração, de posse do ser, se faz sem luta, é porque seus pensamentos lhes são mais particularmente dados, precisamente porque não interrompem o repouso naqueles a quem são trazidos.

Às vezes, confundem-se os sonâmbulos com os inspirados, porque há semelhança nos resultados.

Uns e os outros prescrevem remédios. Mas só um inspirado é um revelador; é nele que reside o progresso, porque só ele é o eco, o instrumento passivo de um outro Espírito diversos do seu, e mais avançado.

O magnetismo desperta no sonâmbulo, superexcita e desenvolve um instinto que a Natureza deu a todos os seres para sua cura, e que a civilização incompleta no meio da qual nos debatemos, abafou-o em nós para substituí-lo por falsos lampejos da ciência.

Os inspirados não tem de nenhum modo necessidade do socorro do fluido magnético. Eles vivem pacificamente, não pensam em nada. De repente uma palavra, obscura e indistinta de início, é murmurada a seu ouvido; essa palavra os penetra; tomam sentido, cresce, se amplia, torna-se um pensamento; outras se agrupam ao seu redor, depois a elaboração íntima tendo chegado à maturidade, uma força irresistível os domestica, e, seja pela palavra, seja pela escrita, é preciso que ponham para fora a verdade que os obsidia.

Eles são de tal modo impregnados de seu objeto, de tal modo possuídos por ele, que, durante essas horas de elaboração e de diversão, não são mais acessíveis aos sofrimentos do corpo, uma vez que não o sentem mais e que não têm mais consciência de si mesmos, uma vez que, enfim, um outro vive neles em seu lugar.

Pouco a pouco, à medida que o sopro inspirador os abandona, a dor retorna; eles retomam posse de si mesmos, vivem de sua vontade própria, subordinada às suas percepções pessoais, e não resta mais, da aparição desfeita, nada senão uma espécie de vazio no cérebro, segundo a expressão consagrada, mas vazio que existe em realidade no organismo inteiro.

Freqüentemente, o inspirado se encontra inconscientemente impregnado há muito tempo do Espírito do outro. Tem, com seu desconhecimento, instantes de recolhimento forçado; ele sabe e pode melhor concentrar as idéias, tudo em parecendo viver da vida comum e trocar com os outros seus pensamentos comuns. Mas suas distrações são mais freqüentes, mesmo sem que seu Espírito tenha ainda se concentrado sobre uma coisa antes que sobre uma outra. Ele flutua no vago; deixar-se embalar por uma espécie de entorpecimento que é o começo da infusão de comunicações ainda no primeiro trabalho de transmissão.

Por si mesmo, o magnetismo não dá a inspiração: quando muito a provoca, a torna mais fácil. O fluido é como um ímã que atrai os mortos bem-amados para aqueles que ficam. Liberta-se abundantemente dos inspirados e vai despertar a atenção dos seres que partiram primeiro e que lhe são similares. Estes, de seu lado, depurados e esclarecidos por uma vida mais completa e melhor, julgam melhor e conhecem melhor aqueles que podem lhes servir de intermediários na ordem de fatos que crêem úteis nos revelar.

É assim que estes seres mais avançados descobrem, freqüentemente, naquele que adotam por seu eleito, disposições que ele mesmo não conhecia. Eles o desenvolvem nesse sentido, apesar dos obstáculos que lhes opõem os preconceitos do meio social, ou as prevenções da família, sabendo bem que a Natureza preparou o terreno para receber a semente que querem espalhar.

Eis um médico permanecido medíocre porque considerações mais fortes do que a sua vontade lhe impuseram uma vocação factícia: a inspiração jamais fará dele um revelador em medicina O Espírito jamais virá lhe comunicar as coisas tratadas no ofício que o constrangeram a exercer, mas bem aquelas que estão em relação com as faculdades naturais que, em sua chegada sobre a Terra, lhe foram repartidas para que as desenvolvesse pelo trabalho, e que permaneceram em estado latente. Estava lá a obra que deveria realizar.

O Espírito a colocou no caminho, e lhe fez compreender sua verdadeira missão.

O magnetismo, no que respeita à inspiração, nada pode para esta criatura fatalmente desencaminhada. Somente, como há desacordo entre as tendências que lhe imprimem seus fluidos e as funções que os circunstantes o condenaram a exercer, ele está descontente, infeliz; sofre, e, deste ponto de vista, o magnetismo pode vira acalmar, por um momento, os pesares que sente em presença de seu futuro frustrado.

É, pois, muito errado que se o creia geralmente no mundo que, por ser inspirado, é preciso ser magnetizado. Ainda uma vez, o magnetismo não dá a inspiração; ele faz circular o fluido e nos coloca em equilíbrio, eis tudo. Além disto, é incontestável que ele desenvolve o poder de concentração.

Os sonâmbulos do mais alto título, aqueles que derramam ao seu redor luzes novas, são ao mesmo tempo inspirados; somente não se deve crer que eles o são igualmente em todas as horas.

3° - Os sonâmbulos são mais geralmente fluídicos do que inspirados; então, concebe-se a oportunidade na ação magnética. O toque, seja do magnetizador, seja de uma coisa que lhe pertenceu, pode lhe dar esse poder de concentração provocada e preliminarmente aumentada pelos passes magnéticos. Unido à predisposição sonambúlica, o magnetismo desenvolve a segunda vista e produz resultados extraordinários, sobretudo do ponto de vista das consultas médicas.

O sonâmbulo é de tal modo concentrado pelo desejo de curar a pessoa cujo fluido está em relação com o seu, que lê no seu ser interior.

Acrescentando-se a esta disposição a de ser inspirado, coisa extremamente rara, então é que se torna completo. Ele vê o mal; e indicam-lhe o remédio!

Os Espíritos que vêm impregnar o inspirado não são seres sobrenaturais. Eles viveram em nosso mundo; vivem num outro, eis tudo. Pouco importa a forma física que revestem; sua alma, seu sopro é idêntico ao nosso, porque a lei que rege o Universo é una e imutável.

Sendo o fluido o princípio de vida, a animação, nossa alma tendo, graças a fluidos diferentes, atrações e, conseqüentemente, destinos múltiplos e diversos, se, pela ação magnética, desvia-se de sua espontaneidade o poder de concentração sobre o pensamento que nos deve ser transmitido, o Espírito não pode mais exercer sua ação, conservar sobre nós sua mesma força, sua vontade intacta para nos fazer escrever, ou ler em alta voz, ao mundo de que tem necessidade, o que ele veio nos trazer.

Também os médicos que dirigem os sonâmbulos devem evitar, tanto quanto possível, de magnetizá-los, sob pena de substituir a verdadeira inspiração por uma simples transmissão de seu próprio pensamento.

Os sonâmbulos, não mais do que os inspirados ou os fluídicos, não podem agir sobre todos os seus irmãos encarnados. Cada um não tem poder senão sobre um pequeno número. Mas todos, em suma, ali encontrarão a sua parte, quando não se tiver mais medo dessas forças generosas que se liberam de nós em graus mais ou menos intensos.

Para os sonâmbulos fluídicos, o emprego do magnetismo é útil em exercendo sobre eles sua influência de concentração. Somente há, nesse estado, mais ainda do que em outro, uma força de atração ou de repulsão, contra a qual jamais se deve lutar.

Os mais ricamente dotados são acessíveis a antipatias muito extremas para que possam abafá-los. Eles a sentem como as inspiram. Suas prescrições são então raramente boas. Mas dotados, comumente, de uma grande força moral, ao mesmo tempo que de uma excessiva benevolência, eles adquirem um grande poder de moderação sobre sua pessoa, e se não lhes é sempre permitido fazer o bem, pelo menos jamais farão o mal.

EUGÈNE BONNEMÈRE.

PEDRA TUMULAR DO SR. ALLAN KARDEC.

Na reunião da Sociedade de Paris que se seguiu imediatamente às exéquias do Sr. Allan Kardec, os espíritas presentes, membros da sociedade e outros, emitiram unanimemente o voto de que um monumento, testemunho da simpatia e do

reconhecimento dos espíritas em geral, fosse edificado para honrar a memória do coordenador de nossa filosofia. Um grande número de nossos adeptos da província e do estrangeiro se associaram a este pensamento. Mas o exame dessa proposição teve que ser, necessariamente, retardado, porque convinha primeiro assegurar-se se o Sr. Allan Kardec havia feito disposições a esse respeito e quais eram essas disposições.

Tudo bem examinado, nada se opondo mais ao estudo dessa questão, a comissão, depois de ter nisso maduramente refletido, deteve-se, salvo modificações, em uma decisão que, tudo em permitindo satisfazer ao desejo legítimo dos espíritas, lhe parece melhor harmonizar-se com o caráter bem conhecido de nosso pranteado presidente.

É bem evidente para nós, como para todos aqueles que o conheceram, que o Sr. Allan Kardec, como Espírito, não se fixa, de nenhum modo, a uma manifestação desse gênero, mas o homem aqui se apaga diante do chefe da Doutrina, e é da dignidade, direi mais, do dever daqueles que consolou e esclareceu, de consagrar, por um monumento imperecível, o lugar onde repousa seu despojo mortal.

Qualquer que seja o nome sob o qual ela tenha sido designada, é fora de dúvida, para todos aqueles que estudaram a questão e para os nossos próprios adversários, que a Doutrina Espírita existiu de toda a antigüidade, e isto é muito simples, uma vez que ela repousa sobre as leis da Natureza, tão antigas quanto o mundo; mas é muito evidente também que, de todas as crenças antigas, é ainda o Druidismo praticado pelos nossos ancestrais, os Gauleses, que mais se aproxima de nossa filosofia atual. Também foi nos monumentos funerários que cobrem o solo da antiga Bretanha que a comissão reconheceu a mais perfeita expressão do caráter do homem e da obra que tratava de simbolizar.

O homem era a simplicidade encarnada, e se a própria Doutrina é simples, como tudo o que é verdadeiro, ela é também indestrutível quanto as leis eternas sobre as quais repousa.

O monumento se comporia, pois, de duas pedras levantadas de granito bruto, dominadas por uma terceira pedra repousando um pouco obliquamente sobre as duas primeiras, *dum dolmen*, em uma palavra. Sobre a face inferior da pedra superior gravar-se-ia simplesmente o nome de Allan Kardec, com esta epígrafe: *Todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente tem uma causa inteligente; o poder da causa inteligente está em razão da grandeza do efeito.*

Esta proposição, acolhida unanimemente pelos membros da Sociedade de Paris, nos pareceu dever ser levada ao conhecimento de nossos leitores. Não sendo o monumento somente a representação dos sentimentos da Sociedade de Paris, mas dos espíritas em geral, cada um deve ser orientado de apreciá-la e para ela concorrer.

MUSEU DO ESPIRITISMO.

Nos planos de futuro que o Sr. Allan Kardec publicou na *Revista* de dezembro, e do qual sua partida imprevista retardará necessariamente a execução, encontra-se o parágrafo seguinte:

"Às atribuições gerais da comissão serão anexadas, como dependências locais:

"1°

"2° - Um museu onde serão reunidas as primeiras obras da arte espírita, os trabalhos medianímicos mais notáveis, os retratos dos adeptos que terão muito merecido da causa por seu devotamento, os dos homens que o Espiritismo honra, embora estranhos à Doutrina, como benfeitores da Humanidade, grandes gênios missionários do progresso, etc.

"O futuro museu já possui oito quadros de grande dimensão, que não esperam senão um local conveniente, verdadeiras obras-primas da arte, especialmente

executadas, tendo em vista o Espiritismo, por uma artista de renome, que generosamente os doou à *Doutrina*. É a inauguração da arte espírita por um homem que reuniu a fé sincera ao talento dos grandes mestres. Em tempo útil, deles faremos um relatório detalhado."

(Revista de dezembro de 1868, página 385.)

Estes oito quadros compreendem: o *retrato alegórico do Sr. Allan Kardec*; o *Retrato do autor*; três cenas espíritas da vida Jeanne d'Arc, assim designadas: *Jeanne na fonte*, *Jeanne ferida* e *Jeanne sobre a sua fogueira*; o *Auto-de-fé de João Huss*; um quadro simbólico das três Revelações, e a *Aparição de Jesus no meio de seus apóstolos, depois de sua morte corporal*.

Quando o Sr. Allan Kardec publicou esse artigo na *Revista*, ele tinha a intenção de dar a conhecer o nome do autor, a fim de que todos pudessem render homenagem a seu talento e à firmeza de suas convicções. Se disso nada fez, é que aquele que a maioria dentre vós conhece, por um sentimento de modéstia que compreendeis facilmente, desejava guardar o incógnito e não ser conhecido senão depois de sua morte.

Hoje as circunstância mudaram, o Sr. Allan Kardec não está mais entre nós, e, se devemos nos esforçar por executar os seus desejos tanto quanto o possamos, devemos também, todas as vezes de que disso tivermos a possibilidade, pôr nossa responsabilidade a coberto e evitar as eventualidades que os acontecimentos imprevistos ou as *manobras malevolentes* possam fazer surgir.

É com esta intenção, senhores, que a senhora Allan Kardec me encarrega de vos saber fazer que seis dos quadros designados acima, foram remetidos às mãos de seu marido, que se acham atualmente entre os seus, e que ela os conservará em depósito até que um local apropriado, comprado com os fundos provenientes da caixa geral, e gerido por consequência sob a direção da comissão central encarregado dos interesses gerais da Doutrina, permita dispô-los de maneira conveniente.

Até aqui, os múltiplos embaraços de uma mudança de domicílio, nas condições dolorosas que conheceis, não deixaram a liberdade de visitar os quadros. Doravante, todo espírita poderá, se tal for o seu desejo, examiná-los e apreciá-los, na residência particular da senhora Allan Kardec, às quartas-feiras, de duas horas às quatro horas.

Os outros dois quadros ainda estão em mãos do autor, que, sem dúvida, já deveis ter reconhecido. É, com efeito, o Sr. Monvoisin que, haurindo uma nova energia na firmeza de suas convicções, quis, apesar de sua idade avançada, concorrer ao desenvolvimento da Doutrina, abrindo uma era nova para a pintura, e se pondo à frente daqueles que, no futuro, ilustrarão a arte espírita.

Nós não diremos mais a esse respeito; o Sr. Monvoisin é conhecido e apreciado por todos, tanto quanto artista de talento como espírita devotado, e ele tomará lugar ao lado do mestre, nas fileiras daqueles que terão muito merecido do Espiritismo.

(Extraído da ata da sessão de 7 de maio de 1869.)

VARIEDADES.

OS MILAGRES DE BOIS-D'HAINÉ.

(Segundo artigo, ver a *Revista* de abril de 1869.)

Sob este título, publicamos, em um precedente número, a análise de um artigo do *Progrès thérapeutique*, jornal de medicina, dando conta de um fenômeno singular, que excita ao mais alto ponto a curiosidade pública em Bois-d'Haine (Bélgica). Tratava-se,

como se lembra, de uma jovem de 18 anos, chamada Louise Lateau que, todas as sextas-feiras, de uma hora e meia às quatro horas e meia, cai num estado de êxtase cataléptico.

Durante a crise, ela reproduz, pela posição de seus membros, a crucificação de Jesus, e cinco feridas se abrem nos lugares precisos onde foram as do Cristo.

Diferentes médicos examinaram atentamente esse curioso fenômeno, do qual se encontra aliás, vários exemplos nos anais da medicina. Um deles, o doutor Huguet, dirigiu ao *Petit Moniteur*, a carta seguinte, que reproduzimos sem comentários, acrescentando somente que partilhamos sem reserva da opinião do doutor Huguet, sobre as causas prováveis dessas manifestações.

"A explicação dos curiosos fenômenos observados em Louise Lateau e relatados em vosso estimável jornal (*lê Petit Moniteur universel du soir*, de sábado 10 de abril de 1869) necessita do conhecimento completo do composto humano.

"Todos esses fenômenos, assim como fazeis muito judiciosamente observar, são devidos à imaginação.

"Mas o que é preciso entender por lá se não é a faculdade de reter, com a ajuda da memória, as impressões imaginadas?

"Como se recebem as impressões, e como, as impressões recebidas, explicara representação fisiológica da crucificação?

"Eis, senhor, as explicações que tomo a liberdade de vos submeter.

"A substância humana é uma unidade ternária, composta de três elementos, ou antes, de três modalidades substanciais: o espírito, o fluido nervoso e a matéria organizada; ou, querendo-se, de duas manifestações fenomenais solidárias: a alma e o corpo.

"O corpo é uma agregação seriada e harmoniosamente disposta dos elementos do globo.

"O fluido nervoso é a colocação em comum de todas as forças cósmicas e da força vital recebida com a existência.

"Essas forças, elevadas à mais alta potência, constituem a alma humana, que é da mesma natureza do que todas as outras almas do mundo.

"Esta análise sucinta do homem, assim apresentada, procuremos explicar-lhe os fatos.

"Um estudo sério da catalepsia e do êxtase nos confirmou nesta teoria, e nos permitiu emitir as proposições seguintes:

"1 °-A alma humana, difundida em toda a economia, tem sua maior tensão no cérebro, ponto de chegada das impressões de toda sorte e ponto de partida de todos os movimentos ordenados.

"2° - O fluido nervoso, resultado da organização de todas as forças cósmicas e nativas reunidas, é a alavanca da qual a alma se serve para estabelecer suas relações com os órgãos e com o mundo exterior.

"3° -A matéria é o estojo, a célula múltipla e crescida que se modela sobre a forma fluídica determinada e especificada pela própria natureza do homem.

"4° - Os órgãos não são senão os mediadores entre as forças orgânicas e as do meio ambiente.

"5° - Os órgãos estão sob a influência da alma, que pode modificá-los de diversos modos, segundo seus diversos estados, por intermédio do sistema nervoso.

"6° - A alma é móvel, ela pode ir e vir, se transportar, com mais ou menos poder sobre tal ou tal ponto da economia, segundo as circunstâncias e a necessidade.

"As migrações da alma em seu corpo determinam as migrações do fluido nervoso que, por sua vez, determinam as do sangue.

"Ora, quando a alma da jovem Lateau estava em consonância similar, por sua fé, com a paixão do Cristo imaginada em seu sentimento, essa alma se transportava, por irradiação similar, sobre todos os pontos de seu corpo, que correspondiam em sua memória as do corpo do Cristo, por onde o sangue tinha escoado.

"O fluido nervoso, ministro fiel da alma, seguia a direção de seu guia, e o sangue carregado de um dinamismo da mesma natureza que o fluido nervoso, tomava a mesma direção.

"Havia, pois:

"1° - Arrastamento do fluido nervoso pela irradiação expansiva, centrífuga e especializada da alma;

"2° - Arrastamento do sangue pela irradiação similar, centrífuga e especializada do fluido nervoso.

"7°-(...) A alma, o fluido nervoso e o sangue se punham, pois, em marcha consecutiva a um fato de imaginação, tornando-se o ponto de partida de sua expansão centrífuga.

Do mesmo modo se explicam a colocação em cruz do corpo e de suas diversas atitudes.

Abordemos agora os fatos contraditórios relativos à experiência do crucifixo de madeira ou de cobre e da chave.

Para nós, a catalepsia é, qualquer que seja a causa, uma retração das forças vitais para os centros, do mesmo modo que o êxtase é uma expansão dessas mesmas forças longe desses centros.

Quando se punha um crucifixo na mão da jovem, esta centralizava suas forças para reter uma sensação afetiva em relação com sua fé, com seu amor pelo Cristo.

Retirada as forças para os centros, os membros não tinham mais a flexibilidade que lhes davam as forças no estado de expansão centrífuga; daí a catalepsia ou enrijecimento dos membros.

"Quando se substituía a cruz por um outro objeto menos simbólico, da idéia cristã, as forças retornavam aos membros e a flexibilidade renascia.

"Os fatos relativos à torção dos braços têm a mesma explicação.

"Quanto às tentativas de despertar infrutíferas, para os gritos, para a movimentação dos braços, para as agulhas penetrando a pele, em colocando o amoníaco sob o nariz, isto não é senão da fisiologia experimental relativa às sensações.

"A insensibilidade prende-se a uma solução de continuidade mais ou menos pronunciada, mais ou menos durável entre os centros perceptivos e os órgãos do corpo impressionados: solução de continuidade devida, seja a uma retração centrípeta exagerada das forças vitais, seja a uma dispersão centrífuga muito grande dessas forças.

"Eis, senhor, a explicação racional desses fatos estranhos. Ela será, eu o espero, favoravelmente acolhida por vós e por todos aqueles que procuram compreender o jogo da vida nos fenômenos transcendentais da biologia.

"No entanto, há um fato muito notável a se observar, e é por aí que terminarei esta muito longa comunicação. Quero falar do funcionamento da memória, malgrado o estado de insensibilidade absoluta resultante da catalepsia e do êxtase, a abolição presumida, por isto mesmo, de todas as faculdades mentais.

"Eis, eu creio, a única explicação possível deste estranho fenômeno: há casos, raríssimos, é verdade, e aquele que nos ocupa é um deles, onde o exercício de certas faculdades persiste apesar da catalepsia, sobretudo quando se trata de impressões vivas recebidas.

Ora, aqui, o drama da cruz tinha, sem nenhuma dúvida, produzido uma impressão de tal modo profunda sobre a alma da jovem, que esta impressão tinha sobrevivido à perda da sensibilidade.

Dr. H. HUGUET,"

(*Petit Moniteur universal du soir*, 13 de abril de 1869.)

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

O AGENTE DE PROPAGAÇÃO MAIS PODEROSO É O EXEMPLO.

(Sociedade de Paris, sessão de 30 de abril de 1869.)

Venho esta noite, meus amigos, vos falar alguns instantes. Na última sessão eu não respondi, estava ocupado em outra parte. Nossos trabalhos como Espíritos são muito mais extensos do que o podeis supor, e os instrumentos de nossos pensamentos não estão sempre disponíveis. Tenho ainda alguns conselhos a vos dar sobre a marcha que deveis seguir frente ao público, com objetivo de fazer progredir a obra à qual devotei minha vida corpórea, cujo aperfeiçoamento prossigo na erraticidade.

O que vos recomendarei, primeiro e sobretudo, é a tolerância, a afeição, a simpatia em relação de uns para com os outros, e também em relação aos incrédulos.

Quando vedes na rua um cego, o primeiro sentimento que se vos impõe é a compaixão; que isto ocorra do mesmo modo com os vossos irmãos cujos olhos estão fechados e velados pelas trevas da ignorância ou da incredulidade; lamentai-os antes de censurá-los. Mostrai, pela vossa doçura, a vossa resignação para suportar os males desta vida, a vossa humildade em meio às satisfações, às vantagens e às alegrias que Deus vos envia, mostrai que há em vós um princípio superior, uma alma obediente a uma lei, a uma verdade superior também: o Espiritismo.

As brochuras, os jornais, os livros, as publicações de todas as espécies são meios poderosos de introduzir por toda a parte a luz, mas o mais seguro, o mais íntimo e o mais acessível a todos, é o exemplo na caridade, na doçura e no amor.

Agradeço à Sociedade por vir em ajuda aos infortunados que lhe são indicados. Eis o bom Espiritismo, eis a verdadeira fraternidade. Ser irmãos: é ter os mesmos interesses, os mesmos pensamentos, o mesmo coração!

Espíritas, vós sois todos irmãos na mais santa acepção da palavra. Em vos pedindo para vos amar uns aos outros, não faço senão lembrar as divinas palavras daquele que, há mil e oitocentos anos, trouxe sobre a Terra o primeiro germe da igualdade. Segui sua lei, ela é a vossa; não faço senão tornar mais palpável alguns desses ensinamentos. Obscuro operário daquele mestre, daquele Espírito superior emanado da fonte de luz, refleti essa luz como o verme luzente reflete a claridade de uma estrela. Mas a estrela brilha-nos céus e o verme luzente brilha sobre a terra, nas trevas, tal é a diferença.

Continuai as tradições que vos deixei ao partir.

Que o mais perfeito acordo, a maior simpatia, a mais sincera abnegação reine no seio da Comissão. Ela saberá, eu o espero, cumprir com honra, fidelidade e consciência, o mandato que lhe foi confiado.

Ah! Quando todos os homens compreenderem tudo o que encerram as palavras amor e caridade, não haverá mais sobre a Terra nem soldados nem inimigos, nela não haverá mais do que irmãos; não haverá mais o olhares irritados e ferozes, não haverá senão fronte inclinadas para Deus!

Até breve, caros amigos, e obrigado ainda em nome daquele que não esquece o copo d'água e o óbolo da viúva.

ALLAN KARDEC

A NOVA ERA
(Paris, 18 de abril de 1869, - Mèdium, Sr. X.)

Eu vos falo esta noite em versos, e minha linguagem
Vai vos espantar, senhores, provavelmente;
A linguagem dos deuses é a de uma outra época,
E os versos são muito pouco estimados no momento.

Mas um dia renascerá para a Musa entristecida,
E os corações, reavivados, logo aplaudirão
Os acentos fraternais de uma lira elogiada,
Vibrante entre os dedos de um homem de jovem frente.

Em breve se ouvirá elevar-se da Terra
Um grito misterioso, um hino colossal
Cobrindo, com seu eco, o ribombar dos trovões
Gementes, os canhões a serviço do mal.

Esse grito será para todos: progresso, amor, luz!
Todos os homens, enfim, se tomando pela mão,
Virão se reunir sob a santa bandeira;
A doce liberdade mostrará o caminho.

Obrigado, Deus! Liberdade! Um o pai, a outra filha,
Mas ambos imortais; haveis libertado
De seu entrave, enfim, vossa pobre família,
A Humanidade sofredora, ao coração sombrio e aflito.

Mostrais, finalmente, a esperança ao proletário,
Mas em lhe proibindo a revolução.
Fazeis triunfar o dogma igualitário
Pela bondade, o amor e pela abnegação.

Único é o estandarte, e sua divisa é santa.
Amor e liberdade, progresso, fraternidade!
Que estas palavras generosas vibrem neste recinto
Antes de atingir o coração de toda a Humanidade!

Eis o ensino que hoje vos dou
Por meu querido médium, do qual guio a mão.
Se lhe falo em versos, é preciso que me perdoem!
Em versos, não contra todos, porque meu verso é humano.
A. DE MUSSET.

MARAVILHAS DO MUNDO INVISÍVEL.

Se Musset falou, não quero me calar,
E a minha voz não deve ficar solitária,
Muda diante de vós.

Se o meu corpo, sob as flores, esta noite, dorme e repousa,
Meu Espírito, docemente, levantou a rosa
Para vos saudar a todos.

Bom-dia, amigos, bom-dia: eu renasço e a aurora
Aparecendo aos meus olhos, é mais brilhante ainda
Que o mais brilhante dia;
E, além do túmulo, ardente é a centelha.
A belo véu do azul, em se entreabrindo, jorra
A luz e o amor.

É bem lindo o céu!
Bem doce é a pátria
Que meu Espírito via, vivente: terra querida,
Onde suas asas por vezes
Tomando seu vôo, onde meu santo pensamento
Era subitamente por um raio atravessado,
Vivo brilho da fé.

Eu direi algum dia o que, sob essa tumba,
Onde, quando não se crê, toda esperança tomba,
O Espírito pode entrever,
Quando tem, como vós, uma claridade divina
Que deixa a virtude brilhar no peito
Como um ardente espelho.

Essa ardente claridade, vós o sabeis, sem dúvida,
É a crença na alma; ela mostra o caminho
Ao Espírito inquieto.
Que escruta no céu cada astro, cada estrela,
Pedindo para a sua alma um condutor, uma vela,
Um benfazejo reflexo.

A. DE LAMARTINE.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NOVAS HISTÓRIAS PARA OS MEUS BONS PEQUENOS AMIGOS (1)

(1) Paris, 1869, 1 vol. In-18 - Preço, 3 fr. 30, com porte pago.

Pela Senhorita Sophie Gras de Haut-Castel, idade de 10 anos. Sob este título vem de aparecer, na casa Dentu, uma obra que, à primeira vista, não parece dever se ligar diretamente aos nossos estudos; mas se compreenderá facilmente que interesse esta coletânea de histórias infantis pode ter para nós, em tomando conhecimento desta nota do editor: *O volume que se vai ler é textualmente a obra de uma criança, que a compôs com a idade de oito anos e meio aos dez anos e meio.*

O primeiro sentimento que nasce no espírito do leitor é certamente a dúvida. Em abrindo as primeiras páginas, um sorriso de incredulidade paira em seus lábios; pergunta-se quem pôde enceguezar ao ponto de publicar as elucubrações incoerentes de um cérebro de criança. Mas o espírito crítico desaparece, e a atenção, a curiosidade despertam em descobrindo nestas historietas do interesse, das situações verossímeis, uma conclusão lógica, caracteres bem desenvolvidos, uma moralidade.

A senhorita Sophie Gras nisto não está, aliás, em sua tentativa de ensaio; ela publicou, há um par de anos, uma primeira obra, sob o título de: *Contos para os meus pequenos amigos*. Ela é, como esta última, inteiramente a obra de uma jovem de oito anos e meio, que, nessa idade em que não se sonha mais do que brincar e galhofar, dá curso às composições eclodidas em sua ardente imaginação.

Encontram-se, sem dúvida, nessas obra infantis, reminiscências de leituras, mas, além disto, sentem-se as idéias pessoais, da observação, unidas a uma instrução notavelmente desenvolvida. A senhorita Sophie Gras conhece certamente todos os grandes fatos da história de seu país; as dificuldades da gramática, da aritmética e da geometria são um brinquedo para ela. Ela deveu estudar com proveito a botânica e a geologia, porque a Fauna e a Flora das diferentes regiões que ela descreve lhe são perfeitamente conhecidas. Algumas citações tomadas ao acaso provarão, melhor do que tudo, o que poderíamos dizer, o encanto deste livro.

Nele se encontram a cada página quadros como este:

"A velha avó reanimou com um sopro esbaforido os carvões quase apagados que dormiam sob as cinzas. Ela fez um pouco de fogo com os restos de sarmento, que eram as únicas provisões do inverno, e colocou alguns carvões no braseiro para os pés, de argila. Ela pendurou o candeeiro de ferro num caniço, esquentou a caminha de suas netas e se pôs a cantar uma velha balada gaélica para fazê-los dormir, enquanto fiava na roda, a fim de lhes fazer uma roupa.

"A choupana estava enfeitada com velhas imagens de santos, pregadas nas paredes de terra. Alguns utensílios de cozinha, assim como uma pesada mesa de carvalho, formavam todo o mobiliário, e sua simples cruz de madeira estava suspensa em um prego."

Ou bem ainda as descrições:

"O sol em seu declínio não derrama mais do que alguns raios de ouro que se apagam no meio das nuvens rosas. Ele penetra fracamente através da folhagem transparente na qual deixa uma cor verde descorada; ele espalha o resto de seu brilho sobre as folhas dos louros rosa, do qual alcança as nuanças, enquanto que o astro da noite deixa lentamente seu sono prolongado."

Página 18: "No dia seguinte, ao romper da aurora, Delphine se levantou, pegou seu pequeno embrulho sob seu braço e um cesto cheio de provisões. - Ela fechou sua casa e partiu brincalhona. Adeus, rochedo, riachos, bosques e fontes, que me haveis tão freqüentemente me divertido com o vosso doce murmúrio; adeus, claras águas que eu bebia...

".....O sol, vindo a aparecer, caminhava majestosamente e fazia

brilhar as flores de todas as cores. Estas, umedecidas de um doce orvalho, exalavam os mais doces perfumes. Aproximava-se o inverno, mas a manhã estava radiosa e gotas de água pendiam das árvores que erguiam seus ramos vergados sob o peso de seus frutos."

Página 36: "A senhora de Rosan, que tinha morado numa enxovia infecta onde penetravam com dificuldade os raios de um dia embranquiçado, estava ofuscada com a claridade do sol.... Ela ouvia borbulhar a seus lados os riachos espumantes, dos quais escutava o murmúrio com volúpia. Ela considerava o lírio branco das águas, onde tremia uma gota de orvalho e seus botões torcidos prestes a eclodirem. -" Tua morada, ó Delphine, dizia ela, é mais deliciosa do que o meu palácio."

Página 55-56: "Nenhum ruído se fazia ouvir senão o crepitar das chamas, cujas centelhas apareciam como tochas sinistras no meio da noite. Logo a violência do incêndio redobrou. Turbilhões de chamas, entremeadas de fumaça negra e ruiva se elevavam nos ares.- As velhas bananeiras e os teixos seculares tombavam com horrível estalo. - O grito lastimoso das pombas, repercutia nos bosques das savanas, ao longe, como o som dos sinos que se lamentam."

Página 77 "As margens da torrente eram enfeitadas de flores perfumadas, que formavam uma miscelânea de todas as cores sobre o verde tapete das ervas. A filha da primavera, a amável violeta, emblema da simplicidade, crescia em abundância nesse lugar onde a mão dos homens não a havia jamais colhido."

Página 101: "Não longe dali havia um prado cheia de orobancas, de silenas, de violetas e de amarantos; algumas tílias quase mortas, com flores amarelas, estavam de longe em longe, colocadas sem simetria. Milhares de pássaros adejavam sobre os ramos floridos, cantando suas músicas mais harmoniosas; as árvores estavam carregadas de frutos e seus ramos musgosos, partindo-se sob o peso à menor tempestade. Faziam ouvir surdos estalos. Nesse jardim, imagem do paraíso terrestre, cercado de uma negra floresta, não se ressentia nem da infelicidade, nem dos remorsos da alma; tudo ali era encantador e pacífico; ali *era tudo puro...Que faltava a esse lugar que a divina Providência não tinha mais a enfeitar com todas as belezas da Natureza?*"

Página 286: "Marguerite tinha escolhido duas de suas amigas, entre as quais estava Ethéréda, para caminharem atrás dela e levarem sua coroa, Estas duas jovens, que lhe serviam de dama de companhia, eram gentis como as deusas; teríeis tomado cada uma delas por Vênus criança, acrescentando, no entanto, que seu rosto tinha a doçura e a bondade das virgens cristãs. Eram dois botões de rosa antes de se abrir."

Gostaríamos de tudo citar, e demonstrar até à evidência a poesia ingênua, o conhecimento real dos sentimentos que se afirmam, a cada página, no meio de reflexões infantis, como os brilhos de um gênio que se ignora ainda, mas que transparece apesar dos obstáculos que lhe opõe um instrumento cerebral incompletamente desenvolvido.

Em supondo que a memória desempenha aqui um certo papel, o fato por isto não é menos notável e importante por suas conseqüências psicológicas. Ele chama forçosamente a atenção sobre os fatos análogos de precocidade intelectual e dos conhecimentos inatos. Involuntariamente, procura-se explicá-los, e, com as idéias da pluralidade das existências que, cada dia, adquire mais autoridade, chega-se a não se lhe encontrar solução racional senão no princípio da reencarnação.

Esta criança *adquiriu* numa existência anterior, e seu organismo, extremamente maleável, lhe permite derramar em obras literárias seus conhecimentos variados e assimilar as formas atuais. Os exemplos desse gênero não são raros, tal foi Mozart criança, como compositor; tal Jean-Baptiste Rey, que morreu grande-mestre da capela imperial. Com apenas nove anos de idade, ele cantava, os pés no orvalho e a cabeça ao sol, precisamente perto da cidade de Lauzerte, no vale do Quercy, onde nasceu e onde mora a nossa heroína. Era uma alma em exílio que se lembrava das melodias da pátria ausente e delas se fazia eco. A expressão e a justeza de seu canto tocaram um estranho que o acaso havia trazido àquele lugar e levou consigo para Toulouse, fê-lo entrar na matriz de Saint-Sernin, de onde a criança, tornada homem, saiu para ir dirigir, na orquestra da Ópera, as obras primas de Gluck, Grétry, Sacchini, Salieri e Paesielo. Tal foi também a senhora Clélie Duplantier, um dos nossos mais notáveis espíritos instrutores que, com a idade de oito anos e meio, traduzia o hebreu à primeira vista e ensinava o latim e o grego aos seus irmãos e aos seus primos, mais velhos do que ela própria.

É preciso concluir que as crianças que não aprendem senão à força de estudos perseverantes foram ignorantes ou sem meios em sua precedente existência? Não, sem dúvida; a faculdade de se lembrar é inerente ao desligamento mais ou menos fácil da alma e que, em algumas individualidades, é levada aos mais extremos limites. Existe em alguns uma espécie de visão retrospectiva que lhes lembra o passado; ao passo que, para outros que não a possuem, esse passado não deixa nenhum traço *aparente*. O passado é como um sonho do qual se recorda mais ou menos exatamente ou que, por vezes, é totalmente esquecido.

Vários jornais deram conta das obras da senhorita Sophie Gras, além disto, o *Salutpublic*, de Lyon, que, em dando elogios merecidos à inteligência precoce da autora, acrescenta o que se segue:

"Estou tentado em dedicar o começo de minha conversa aos amadores de fenômenos, de fenômenos morais e intelectuais, porque na ordem física nada é penoso a ver, na minha opinião, como essas derogativas vivas às leis da Natureza...

.... "A família da senhorita Sophie Gras, que goza de uma grande fortuna e de uma alta consideração em Quercy, não premeditou esse sistema de educação; ela permitiu, mas não é muito ainda? Essa criança prodigiosa nada tem conhecido das alegrias infantis e desfolha, numa pressa prematura, as da adolescência, etc., etc...."

Partilhamos completamente da opinião do redator de *Salut public*, no que concerne às monstruosidades físicas. A gente é penosamente afetada à vista de certas exibições desse gênero; mas serão mesmo derrogações das leis da Natureza?. Não seria mais lógico ver ali, ao contrário, como o ensina o Espiritismo, uma aplicação de leis universais ainda imperfeitamente conhecidas e uma demonstração de natureza oposta, mas tão concludente quanto a primeira, da pluralidade das existências?

Quanto ao perigo de deixar a senhorita Sophie Gras às suas inspirações, somos de opinião que ele não existe. O perigo seria comprimir essa necessidade de extravasar-se que a domina. Seria tão imprudente forçar à concentração inteligências que se afirmam deste modo, quanto acumular, no espírito de certos *pequenos prodígios*, os conhecimentos que se expõem por um gesto, cantadores fracos agradáveis em uma primeira audição, mas dos quais se cansa rapidamente; inteligências notáveis talvez, mas que se enfraquecem e se corrompem numa temperatura precoce para a qual não nasceram.

As vocações naturais, conseqüências de aquisições anteriores, são irresistíveis; combatê-las, é querer destruir as individualidades que as possuem. Deixemos, pois, se governarem pela inspiração os Espíritos que, como a senhorita Gras, *chegaram* em passando pela feira comum das encarnações sucessivas.

A DOCTRINA DA VIDA ETERNA DAS ALMAS E DA REENCARNAÇÃO,

ENSINADA HÁ QUARENTA ANOS POR UM DOS MAIS ILUSTRES
SÁBIOS DE NOSSO SÉCULO.

Estamos felizes por anunciar, aos nossos irmãos em Doutrina, que a tradução francesa de uma obra de sir Humphry Davy, pelo Sr. Camille Flammarion, enfim, está no prelo e será publicada em torno de um mês.

Sir Humphry Davy, o célebre químico ao qual se deve a fecunda *teoria da química moderna*, substituta da de Lavoisier, a descoberta do *cloro*, a do todo, a decomposição da água pela eletricidade, a lâmpada dos minérios, etc.; sir Humphry Davy, o sábio professor da Instituição real de Londres, presidente da Sociedade real da Inglaterra, membro do Instituto da França,-maior ainda por seus imensos trabalhos científicos que, por todos os seus títulos, -escreveu, antes de 1830, um livro que o próprio Cuvier qualificou de *sublime*, mas que é quase completamente desconhecido na França, e que tem por título: "*The Last Days of a Philosopher*, "Os Últimos Dias de um Filósofo."

Esta obra começa por uma visão no Coliseu de Roma. O autor, solitário no meio das ruínas, é transportado por um Espírito, que o ouve sem vê-lo, no mundo de Saturno e, em seguida, em três cometas. O Espírito lhe expõe que as almas foram criadas na origem dos tempos, livres e independentes, que seu destino é progredir sempre, que elas se reencarnam nos diferentes mundos; que a nossa vida atual é uma vida de provas, etc.,

em uma palavra, as verdades que constituem atualmente a base da doutrina filosófica do Espiritismo.

Diversas questões de ciência, de história, de filosofia e de religião compõem, ao mesmo tempo, esta notável obra.

O Sr. Camille Flammarion empreendeu a sua tradução há dois anos, e sabemos que o Sr. Allan Kardec pressionava muito o jovem astrônomo para terminá-la.

Quisemos dar a conhecer esta boa notícia antes mesmo da publicação da obra. Em nosso próximo número esperamos poder anunciar definitivamente essa publicação, a metade já impressa (em formato popular), e dar ao mesmo tempo um resumo dessa interessante tradução.

AVISO MUITO IMPORTANTE.

Lembramos aos senhores assinantes que, para tudo o que concerne à assinatura, compras de obras, expedições, mudanças de endereços, as pessoas que moram em Paris deverão se dirigir ao Sr. *Bittard, gerente da livraria, 7, rue de Lille.*

ERRATUM

Número de maio de 1869, página 145, linha 19, em lugar de: e certos, lede: eterno. Na mesma página, linha 31, em lugar de: *toutse* pressa/f, lede: *tout se précisait.*

Pela comissão de redação, o Secretário Gerente,

A. DESLIENS.

ÍNDICE BIOGRÁFICO

da Coleção *Revista Espírita*
(1858-1869)

ABRAÃO, célebre patriarca, natural de Ur, na Caidéia, viveu no século XX a.C. Toda sua história foi narrada por Moisés, no livro *Gênesis*, do *Velho Testamento*, e de forma resumida em *Atos*, 7:2-8, do *Novo Testamento*. De seus filhos: Isaac e Ismael, descendem, respectivamente, o povo judeu e os Árabes.

AGOSTINHO, SANTO, [Tagasta, África romana (Argélia), 354 -Hipona (Tunísia, 430)], é um dos maiores Doutores da Igreja Católica. Filho da virtuosa Santa Mônica, levou uma vida desregrada até os 32 anos, quando se converteu. Em sua obra *Confissões*, ele conta que, em certo dia, estando entregue às agitações de sua mocidade, afastou-se de alguns amigos e procurou a paz sob o arvoredor de seu jardim. Aí ouviu uma voz que lhe disse: "-Toma e lê. "Surpreendido pelo fenômeno, pois não havia ninguém naquele local, avistou um livro que lá estava - *Epístolas de São Paulo* - e, obedecendo a voz, abriu-o ao acaso e leu: "Não passeis a vossa vida nos festins e nos prazeres da mesa... mas, inspirai-vos em vosso Senhor Jesus Cristo e evitai satisfazer os desejos desregrados da carne. "Com essa advertência, Agostinho imprimiu uma nova diretriz à sua vida, dedicando-se exclusivamente à fé cristã.

ALFONSO DE LIGUORI (AFONSO MARIA DE LIGÓRIO), SANTO,

(1696-1787), teólogo italiano, fundou a Congregação do Santíssimo Redentor, ordem religiosa que, imitando a vida apostólica de Cristo, se dedicava à propagação da palavra divina entre os pobres. Escreveu importantes tratados de espiritualidade e de teologia moral. Sua obra *Teologia Moral* tornou-se célebre. Por se haver mostrado, simultaneamente, em dois lugares diferentes, graças ao fenômeno da bicorporeidade, considerado milagre, ele foi canonizado, em 1839, antes do tempo necessário.

ANTÔNIO DE PÁDUA (ANTÔNIO DE LISBOA), SANTO, (Lisboa, 1.195-Pádua, 1232), religioso franciscano. Muito dedicado à caridade, também foi extraordinário médium de transporte e materialização (bicorporeidade), inspiração (oratória), efeitos físicos, vidência e transfiguração.

APOLÔNIO DE TIANA [02 a.C.(?)-97], célebre filósofo grego, nascido em Tiana, na Capadócia. Difundiu a idéia da transcendência absoluta de Deus. Foi um dos homens mais notáveis de sua época pela cultura e elevada virtude, atribuindo-se-lhe extraordinários dons, tais como: de curar, expulsar demônios, presciência e visão à distância.

APULEIO, LÚCIO, 125-180), filósofo e escritor romano. Pertenceu à Escola Platônica. Sua obra mais famosa é *O Asno de Ouro*, romance de aventuras de um homem que foi transformado em asno por artes mágicas. Em: *Apologia* ou *Sobre a Magia* ele se defende das acusações de ter exercido a magia.

ARAGO, FRANÇOIS, (1786-1853), físico, astrônomo e político francês. Realizou importantes descobertas científicas. Espírito liberal, tornou-se popular e foi eleito deputado. Como ministro da Marinha e da Guerra, fez abolir a escravidão nas colônias francesas.

ATANÁSIO, SANTO, (295-373), patriarca de Alexandria, Egito. Bispo e doutor da Igreja, foi chamado o Grande.

B

BALTAZAR, último rei da Babilônia, filho do célebre Nabucodonosor. Segundo o registro do livro de Daniel, cap. 5, da *Bíblia*, durante um suntuoso festim foi visto claramente u'a mão invisível escrever a condenação do rei Baltazar, que confiava totalmente em suas muralhas. A cidade já estava cercada pelos persas e o rei foi morto naquela mesma noite.

BALZAC, HONORÉ DE, (1799-1850), célebre romancista francês. É considerado o patrono do romance no Ocidente e precursor do Realismo moderno.

BENTO, SÃO, (480-547), monge italiano, fundador do mosteiro de Monte Cassino e a Ordem dos Beneditinos. É considerado o patriarca dos monges do Ocidente.

BÉRANGER, PIERRE JEAN, (1780-1857), célebre poeta francês. Notabilizou-se também pelas suas canções, que se tornaram populares. Sua obra sempre foi de inspiração patriótica, filosófica, social e política (exaltando os princípios liberais).

BERNADOTTE, JEAN-BAPTISTE, (1763-1844), marechal francês. Filho adotivo do rei da Suécia, tornou-se rei da Suécia e da Noruega, em 1818, com o nome de Carlos XIV.

BOIELDIEU, FRANÇOIS-ADRIEN, (1775-1834), músico francês. Professor de piano do Conservatório de Paris e compositor da corte de Luís XVIII. Escreveu várias óperas - cômicas de grande sucesso.

BOSSUET, JACQUES-BÉNIGNE, (1627-1704), bispo, escritor e pregador francês. Uma das figuras mais representativas do Catolicismo da França. Escreveu numerosas obras.

BRAHMA, um dos deuses da antiga tríade hindu (incluindo Vishnu e Siva), tornou-se o deus principal com o advento do hinduísmo bramânico. Com os sacerdotes brâmanes surgem as idéias do *karma* e da transmigração das almas.

BUFFON, GEORGE-LOUIS-LECLERC, CONDE DE, (1707-1788), naturalista e escritor francês. Em seu discurso de recepção na Academia Francesa, desenvolveu sua idéia sobre o estilo, mostrando que este manifesta a natureza própria da inteligência ("O estilo é o próprio homem.") e que as teorias constituem um fundo impessoal.

BYRON, GEORGE GORDON, LORDE, (1788-1824), célebre poeta inglês, exercendo grande influência em seus contemporâneos. Revelou-se rebelde às convenções morais e religiosas da época. "Esgotado por excessos indignos de seu gênio, tentou um esforço para se redimir e ofereceu os seus serviços à Grécia, na luta que este país sustentou contra a Turquia; mas o ambiente pestilencial de Missolonghi afetou-lhe a saúde e a febre vitimou-o em 1824."

C

CALVINO, JOÃO, (1509-1564), teólogo e jurista francês, foi uma das figuras mais destacadas da Reforma protestante. Escreveu várias obras, sendo a *Instituição da Religião Cristã* a mais importante.

CÁRITA(CARITA), nome da Entidade espiritual que, no século XIX, escreveu várias mensagens evangélicas, consideradas por Kardec "entre as mais encantadoras produções do Além-Túmulo" e publicadas na *Revista Espírita* e n'O *Evangelho Segundo o Espiritismo*. Provavelmente, é também de sua autoria a belíssima "Prece de Cárita", recebida pela médium W. Krell, em 1873, muito difundida no meio espírita. Em reunião dirigida por Kardec, ela afirmou ter sido Santa Irene, imperatriz (*Revista Espírita*, p. 55, Vol. V). Irene, imperatriz de Bizâncio (Constantinopla), faleceu em 803, no exílio. Em seu reinado, completando a ação de seu esposo, Leão IV, ela promoveu uma volta à fé ortodoxa, inclusive o culto às imagens, que havia sido proibido no reinado anterior. E, alguns séculos antes, foi martirizada em Roma.

CARLOS MAGNO (CHARLEMAGNE), (742-814), rei dos Francos e imperador do Ocidente, é considerado a maior figura da Idade Média. Considerando-se guia espiritual da cristandade, combateu as heresias da época e tornou obrigatório o uso da liturgia romana pelos povos conquistados.

CELLINI, BENVENUTO, (1500-1571), escultor, ourives e escritor italiano. A sua autobiografia, traduzida em vários idiomas, que o tornou mais célebre do que escultor ou ourives, é considerada um dos maiores documentos sobre a Renascença italiana do ponto de vista humano.

CÉSAR, CAIO JÚLIO, (101-44 a.C.), célebre estadista e general romano. Tornou-se soberano absoluto e ampliou o domínio do Império Romano.

CHANNING, WILLIAM ELLERY, (1780-1842), escritor e ministro protestante americano. Foi anti-escravagista fervoroso, obtendo com a obra *A Escravidão* grande sucesso.

CHATEAUBRIAND, FRANÇOIS-RENÉ, VISCONDE DE, (1768-1848), escritor francês, um dos grandes precursores do Romantismo. *Gênio do Cristianismo*, uma das suas obras mais famosas, é uma apologia da fé cristã.

CHOPIN, FRÉDÉRIC-FRANÇOIS, (1810-1849), célebre compositor e pianista polonês. Aos oito anos revelou-se garoto prodígio, elaborando as primeiras composições e executando com perfeição.

CIPRIANO, SÃO, (200-258), escritor e bispo de Cartago. Um dos autores mais populares na Antigüidade cristã e na Idade Média, escreveu várias obras a serviço do Catolicismo.

CLÓVIS (465-511), rei dos Francos. Consolidou a dinastia merovíngia, a primeira dinastia dos reis de França. Convertido ao Cristianismo, tornou-se defensor da Igreja romana.

COLOMBO, CRISTÓVÃO, (1451-1506), célebre navegador genovês, descobridor da América em 1492.

CONFÚCIO (551-479a.C.), o maior gênio filosófico-religioso da China. Pregava a existência de uma Lei Universal, suprema-chamada Mandato Celeste-, que rege a natureza e a sociedade humana. Insistia na prática da benevolência e da justiça ou retidão (que consistia em amar os outros e agir de conformidade com esse amor). "Confúcio, na qualidade de missionário do Cristo, teve de saturar-se de todas as tradições chinesas, aceitar as circunstâncias imperiosas do meio, de modo a beneficiar o país na

medida de suas possibilidades de compreensão. Ele fez ressurgir os ensinamentos de Lao-Tsé, que fora, por sua vez, elevado mensageiro do Senhor para as raças amarelas." (Emmanuel)

CRISÓSTOMO, SÃO JOÃO, (348-407), padre da Igreja, foi patriarca de Constantinopla. Há relatos que revelam sua mediunidade psicográfica.

DANTE (DANTE ALIGHIERI), (1265-1321), o maior poeta da Itália Autor da famosa obra *Divina Comédia*, poema épico formado por numerosos episódios, presenciados por Dante durante uma considerada imaginária peregrinação pelos três reinos do Mundo Espiritual, chamados Inferno, Purgatório e Paraíso. Pela semelhança de suas descrições com aquelas narradas na literatura espírita, podemos considerá-lo médium notável, que de fato esteve, em Espírito, nos referidos reinos.

D'ARC, SANTA JEANNE, (1412-1431), jovem heroína francesa. Orientada espiritualmente, através de sua extraordinária mediunidade, tornou-se estrategista militar, alcançando grandes vitórias, erguendo o ânimo de seu povo e libertando seu país do domínio inglês, encerrando uma guerra de cem anos. Acusada de feiticeira e herética, foi condenada à fogueira pela Inquisição. Sua canonização verificou-se em 1920 e, hoje, é a Santa Padroeira da França.

D'ARS, CURA, (SÃO JOÃO BATISTA MARIA VIANNEY), (1786-1859), padre francês, considerado o "padroeiro de todos os párocos do Mundo." Para receber suas sábias orientações, mais de vinte mil pessoas, anualmente, o procuravam. "Dotado de uma especial graça de visão, poucas palavras lhe bastavam para alcançar o ponto doloroso de cada uma daquelas consciências." Há várias referências dos biógrafos à sua mediunidade clarividente.

DAVID, JACQUES LOUIS, (1748-1825), pintor francês, o grande mestre do Neoclassicismo. Dentre os seus inúmeros alunos, Ingres foi o mais talentoso.

DIÓGENES(O CÍNICO),(413-323a.C.), filósofo grego, um dos fundadores da Escola Cínica, que pregava um viver segundo as leis da natureza, com menosprezo das riquezas e das convenções sociais.

DUMAS, ALEXANDRE, (PAI), (1802-1870), célebre romancista francês, o mais popular de sua época Os *Três Mosqueteiros* - o primeiro livro da série de capa-e-espada que lhe daria fama internacional -, *O Conde de Monte Cristo* (com idéias espíritas) e *A Rainha Margot* estão entre suas obras mais conhecidas.

EMPÉDOCLES, (493-430 a.C.), filósofo, médico, poeta e taumaturgo (versado em magia) grego. Era adorado como um deus pelos seus discípulos. De sua produção literária, subsistem 400 versos do poema *O Mundo Físico* e 120 da obra *As Purificações*. A sua doutrina apresenta idéias de transmigração das almas. Foi o primeiro a explicar a origem das espécies por uma seleção natural em que sobrevivem os mais aptos.

ERASTO, discípulo de São Paulo. O Apóstolo dos Gentios refere-se ao discípulo em sua *Segunda Epístola a Timóteo* (4:20) e o identifica como "procurador da cidade" na *Epístola aos Romanos* (16:23). Ver também *Atos*, 19:22. Em algumas mensagens publicadas na Codificação, o Espírito de Erasto se identifica como "discípulo de São Paulo"; por exemplo: n'0 *Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. I, item 11 e em *O Livro dos Médiuns*, cap. XXXI, dissertação n°XXVII.

ESOPO, (viveu no século VI a.C. ?), fabulista grego, considerado o pai da fábula.

F

FÉNELON (nome literário de **FRANÇOIS DE SALIGNAC DE LA MOTHE**), (1651-1715), prelado e escritor francês. Em 1693, tornou-se membro da Academia Francesa e, em 1695, arcebispo de Cambraia. Com estilo suave e florido, muito influenciado pela antiguidade grega, foi cognominado *o Cisne de Cambraia*.

FIGUIER, GUILLAUME-LOUIS, (1819-1894), escritor e divulgador francês. Médico e professor da Escola de Farmácia de Paris, tornou-se conhecido por suas obras de divulgação científica, abordando temas variados, tais como: vida dos animais, grandes invenções, alquimia e os alquimistas, história do maravilhoso e do sobrenatural, história das descobertas científicas modernas.

FLAMMARION, CAMILLE, (1842-1925), astrônomo francês. Realizou inúmeros trabalhos científicos e sua premiada obra *Astronomia Popular* é considerada, no gênero, a melhor do século XIX. Sempre defendeu, ardorosamente, que todos os planetas são habitados por seres vivos, lançando, em 1862, o livro *Pluralidade dos Mundos Habitados*. Tornou-se espírita convicto, pesquisou o fenômeno mediúnic e escreveu importantes obras doutrinárias.

FONTENELLE, BERNARD LÊ BOVIER DE, (1657-1757), filósofo e escritor francês. Combatendo a ortodoxia, escreveu as obras de divulgação científica: *História dos Oráculos* e *Conversas sobre a Pluralidade dos Mundos*.

FOURIER, CHARLES, (1772-1837), filósofo e sociólogo francês. O seu sistema social e filosófico foi chamado de fourierismo. É considerado um precursor do socialismo.

FRANCISCO XAVIER, SÃO, (1506-1552), padre espanhol, conhecido como o Apóstolo da Índia. Difundiu o Evangelho pela Índia, Malásia e Japão.

FRANKLIN, BENJAMIM, (1706-1790), estadista, escritor, cientista e inventor norte-americano. Sua obra sobre fenômenos elétricos teve repercussão em toda a Europa. Dentre seus inventos destacam-se: o pára-raios, a estufa e os óculos bifocais. O epitáfio reencarnacionista que ele escreveu é sempre transcrito em suas biografias.

GALILEU (GALILEO GALILEI), (1564-1642), célebre matemático, físico e astrônomo italiano. Realizou importantes descobertas científicas e é considerado o criador da idéia moderna de experiência científica.

GAUTIER, THÉOPHILE, (1811-1872), poeta, romancista e crítico francês.

GIRARDIN, DELPHINE DE, (1804-1855), poetisa, romancista e cronista de nacionalidade alemã. Tornou-se primeiro conhecida pelo seu nome de solteira, Delphine Gay. Casou-se com o publicista francês Emile de Girardin.

GOETHE, JOHANNWOLFGANG, (1749-1832), considerado o maior poeta alemão, destacando-se também como romancista, dramaturgo e ensaísta. O seu romance *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, com o desfecho trágico: o suicídio de Werther, obteve sucesso internacional. Foi grande amigo de Schiller, também famoso poeta alemão.

GREGÓRIO DE NAZIANZENO, SÃO, (330-390), teólogo e padre da Igreja grega. Deixou 45 homílias sobre a cristologia, 255 epístolas e numerosas poesias.

GUIZOT, FRANÇOIS PIERRE GUILLAUME, (1787-1874), historiador, estadista e acadêmico francês.

GUTENBERG, JOHANN, (1397-1468), impressor alemão, inventor da tipografia.

H

HAHNEMANN, SAMUEL CHRISTIAN FRIEDRICH, (1755-1843), médico alemão, docente da Universidade de Leipzig, criador da homeopatia.

HENRIQUE (HENRY) III, (1551-1589), rei da França.

HOCHE, LOUIS LAZARE, (1768-1797), general francês. Profundamente republicano, destacou-se na Revolução.

HOME, DANIEL DUNGLAS, (Currie, Escócia, 1833-Saint Germain, França, 1886), extraordinário médium de efeitos físicos.

HOMERO, célebre poeta grego, que viveu, provavelmente, no século IX a.C. É considerado de sua autoria, embora não havendo certeza, a maior obra poética grega - destacando-se os dois poemas: a *Ilíada* e a *Odisséia* -, que inspirou inúmeros escritores gregos e romanos.

HUGO, VICTOR, (1802-1885), poeta, romancista e dramaturgo, considerado o mais ilustre poeta francês do século XIX. Alguns de seus romances, tais como: *Os Miseráveis*, *Os Trabalhadores do Mar*, *O Homem que Ri*, *O Corcunda de Notre-Dame*, alcançaram sucesso internacional.

HUMBOLDT, ALEXANDER VON, (1769-1859), célebre naturalista e geógrafo alemão. Realizou valiosas expedições científicas na América e publicou livros que enriqueceram as ciências naturais e humanas.

HUSS, JOÃO, (1369-1415), teólogo e sacerdote tcheco, foi mártir e precursor da Reforma protestante. Influenciado fortemente pelo pensamento de Agostinho e do reformador inglês John Wycliffe, ele escreveu várias obras "não aceitando a supremacia papal, mas apenas a pessoa de Cristo como chefe e cabeça da Igreja, considerando o Evangelho como 'única lei'." Ao comparecer no Concílio de Constança, Alemanha, embora com as garantias de um salvo-conduto, pois já havia sido excomungado em 1412, lá foi condenado e queimado, tendo enfrentado a morte com grande coragem.

INGRES, JEAN-AUGUSTE-DOMINIQUE, (1780-1867), pintor francês, considerado o maior desenhista de sua época. Destacou-se também como retratista. Em Paris, foi aluno de Jacques-Louis David.

JERÔNIMO, SÃO, (347-419), um dos grandes doutores da Igreja ocidental. Fez nova tradução das Escrituras para o latim, chamada Vulgata, que muito influenciou o pensamento religioso da posteridade.

JERÔNIMO DE PRAGA, (Praga, República Tcheca, 1365-Constança, Alemanha, 1416), estudou teologia em Heidelberg, Colônia, Praga, Paris e Oxford. Influenciado pelo

inglês John Wycliffe, de quem foi aluno, passou a difundir suas idéias de precursor da Reforma protestante. Indo a Constança, em auxílio a João Huss, foi preso e condenado à fogueira pelo Concílio da cidade.

JOUY, VICTOR JOSEPH-ETIENNE DE, (1764-1846), escritor e jornalista francês. Foi o primeiro cronista (*feuilletoniste*) parisiense. Suas obras completas, constituindo 27 volumes, foram editadas em 1823.

LABRUYÈRE, JEAN DE, (1645-1696), moralista e acadêmico francês. Em sua famosa obra *Os Caracteres* (publicada inicialmente como apêndice a uma tradução, sob o título *Os Caracteres de Teofrasto, traduzidos do grego com os caracteres desse século*) ele retrata com fidelidade a sociedade francesa no final do reino de Luís XIV.

LACORDAIRE, JEAN-BAPTISTE-HENRI, (1802-1861), padre dominicano e escritor francês. Foi brilhante orador sacro. Dentre suas obras, citaremos: *Conferências de Notre-Dame*, com seus principais sermões e *Vida de S. Domingos*.

LA FONTAINE, JEAN DE, (1621-1695), poeta francês. Tornou-se famoso mundialmente com suas notáveis *Fábulas*, didáticas e moralistas, divididas em 12 livros.

LAMARTINE, ALPHONSE-MARIE-LOUIS DE PRAT DE, (1790-1869), poeta e político francês. Seus hinos de louvor à divindade são considerados o melhor de sua produção poética e *Primeiras Meditações Poéticas* é obra fundamental do Romantismo francês.

LAMENNAIS, FELICITE ROBERT DE, (1782-1854), teólogo, filósofo e escritor francês. Quando suas idéias de liberalismo católico foram condenadas pelo papa, ele separou-se da Igreja. A seguir, escreveu várias obras defendendo e aprofundando seus ideais de um humanitarismo socialista. Traduziu a *Divina Comédia*,

LAO-TSEU (LAO-TSÉ), filósofo chinês que viveu aproximadamente 600 anos a.C. "Foi um elevado mensageiro do Senhor para as raças amarelas. Suas lições estão cheias do perfume de requintada sabedoria moral." (Emmanuel)

LAVATER, JOHANN KASPAR, (1741 -1801), filósofo, escritor e teólogo protestante suíço. Fundou a Fisiognomonia - arte de conhecer os caracteres, as qualidades psíquicas pelos traços do rosto -, que o tornou célebre. Apoiou as idéias mesméricas, acreditando na teoria do magnetismo animal. Dedicou-se às "ciências ocultas" (assim chamados os fenômenos espíritas em geral, antes de Kardec) e "julou-se favorecido pela graça das revelações da Providência."

LEÃO X (GIOVANNI DE MÉDICIS), (1475-1521), papa de 1513 a 1521.

No seu pontificado nasceu o movimento da Reforma protestante, ao excomungar Lutero em 1521

LINCOLN, ABRAHAM, (1809-1865), célebre estadista norte-americano. Logo depois de sua posse na presidência dos E.U.A., em 1859, iniciou-se a Guerra da Secessão. Poucos meses após a sua reeleição, em 1864, foi assassinado.

LUÍS, SÃO, (LUÍS IX), (1214-1270), rei de França. Destacou-se como bom administrador: instituiu assembleias judiciárias que são a origem dos parlamentos; e organizou um sistema para evitar abusos administrativos. Proibiu o jogo e construiu a

Sorbonne. Respeitado como soberano imparcial, agiu como mediador entre alguns reis. Católico fervoroso, ao organizar e participar de sua segunda Cruzada, faleceu vitimado pela peste. "Venerado por suas virtudes, foi canonizado em 1297."

LUÍS XVI, (1754-1793), rei de França de 1774 a 1792. Quando assumiu o trono gozava de grande reputação de virtude. Governou com boas intenções, mas "fraco e sujeito às influências dos cortesões e da rainha Maria Antonieta, perdeu a popularidade pelas suas hesitações e negociações com o estrangeiro." Com o avanço da Revolução Francesa, foi deposto em 1792 e guilhotinado em 21 de janeiro de 1793.

LUÍS XVIII, (1755-1824), rei da França de 1815 a 1824.

LUTERO, MARTIM (OU MARTINHO), (1483-1546), teólogo e sacerdote alemão, o maior líder da Reforma protestante. Oculto no castelo de Warthburg, de seu protegido eleitor Frederico, traduziu a Bíblia do grego para o alemão vulgar.

M

MAISTRE, JOSEPH-MARIE, CONDE DE, (1753-1821), estadista, escritor e filósofo religioso francês. Defendeu o absolutismo monárquico, tornando-se adversário da Revolução Francesa, e o catolicismo ultramontano.

MAOMÉ (570-632), fundador do islamismo, a religião muçulmana.

MARTIN, BON-LOUIS HENRI, (1810-1883), historiador e político francês. Escreveu romances históricos e a grande obra *História da França* em dezessete volumes.

MASSILON, JEAN-BAPTISTE, (1663-1742), sacerdote católico, um dos maiores oradores sacros franceses. "Seus sermões foram altamente apreciados por Voltaire e outros iluministas, como modelos de estilo e pela ausência de religiosidade dogmática."

MÉRY, JOSEPH, (1798-1866), poeta e romancista francês. Em face de suas lembranças de vidas anteriores, tinha firme convicção da lei reencarnacionista.

MESMER, FRANZ ANTON,(1734-1815), médico alemão, fundadorda teoria do magnetismo animal, conhecida pelo nome de mesmerismo, segundo a qual existe um fluido universal (magnético) e o corpo humano o possui de forma circulante, do qual emana uma força especial capaz de curar as enfermidades.

MILTON, JOHN, (1608-1674), é considerado o segundo poeta inglês, após Shakespeare. Paraíso Perdido, sua obra mais importante, é um dos maiores poemas épicos da literatura mundial.

MOISÉS, (século XIII a.C.), o grande libertador e legislador do povo hebreu, é a figura máxima do Velho Testamento. "Médium extraordinário, recebeu de emissários do Cristo, no Sinai, os dez sagrados mandamentos que, até hoje, representam a base de toda a justiça do mundo." (Emmanuel)

MONTAIGNE, MICHEL EYQUEM, (1533-1592), escritor e moralista francês. Em sua célebre obra *Ensaio*s, "pôs em foco as contradições da razão humana, incapaz de atingir, sem o concurso da revelação, as verdades metafísicas."

MONVOISIN, RAYMOND AUGUSTE QUINSAC, (1790-1870), pintor de gênero e de história, retratista e paisagista francês. Fez decorações no palácio de Versalhes. Em 1847 fixou residência no Rio de Janeiro, quando fez o retrato do Imperador Pedro II, e voltou à França em 1857. Tem obras (auto-retrato de 1850) na pinacoteca do Museu Imperial de Petrópolis.

MOZART, WOLFGANG AMADEUS, (1756-1791), célebre compositor austríaco. Criança prodígio, revelou aptidão musical desde os três anos de idade. Aos seis anos fez a sua primeira composição, e aos onze, já compunha óperas.

MURGER, HENRI, (1822-1861), escritor francês. Em sua obra mais conhecida, *Cenas da Vida Boêmia*, há muito de suas recordações pessoais.

MUSSET, LOUIS-CHARLES-ALFRED DE, (1810-1857), poeta e dramaturgo francês. É considerado "o maior poeta do Amor, o mais espontâneo, o mais sincero, o que mais comove."

N

NEMOURS, PIERRE SAMUEL DUPONT DE, (1739-1817), economista e político francês.

NERVAL, GÉRARD LABRUNIE DE, (1808-1855), literato francês.

NODIER, CHARLES, (1780-1844), literato e bibliófilo francês. Escreveu vários livros de contos e realizou trabalhos de crítica filosofia e de bibliografia.

PALISSY, BERNARD, (1510-1589), ceramista, cientista e escritor francês. Foi um precursor da ciência experimental, sendo que muitas de suas afirmações foram confirmadas posteriormente pela ciência.

PASCAL, BLAISE, (1623-1662), filósofo, matemático, físico e escritor francês.

PAULO I, (1754-1801), imperador da Rússia. Sua esposa, imperatriz Maria, recebeu a importante correspondência de Laváter.

PELLETAN, EUGÈNE, (1813-1884), escritor e político francês. *Profissão de Fé no Século XIX* é a sua obra principal.

PELLICO, SILVIO, (1789-1854), escritor italiano. Tornando-se adepto do liberalismo, passou a colaborar com o movimento dos carbonários. Preso na fortaleza de Spilberk, em Brno, República Tcheca, de 1822 a 1830, aí escreveu a comovente obra *As Minhas Prisões*, que o tornou famoso. Nestas memórias, ele revela o seu retorno ao Cristianismo, através dos anos de sofrimento.

PERGOLESİ, GIOVANNI BATTISTA, (1710-1736), compositor italiano. Suas obras mais famosas são a ópera cômica *La Serva Padrona* e a peça *Stabat Mater*. Tuberculoso, viveu seus últimos dias no convento dos capuchinhos em Pozzuoli.

PITÁGORAS, filósofo, moralista e matemático grego, viveu no século VI a.C. Fundador da escola dos pitagóricos, que realizaram importantes descobertas e invenções científicas em Matemática, Astronomia e na Música. O pitagorismo, sob o aspecto

religioso, baseava-se na crença da imortalidade da alma, cuja purificação ocorreria através de sucessivas reencarnações em corpos vivos (metempsicose).

PLATÃO (428-348 a.C.), filósofo grego, um dos mais influentes de todos os tempos. Desde que conheceu Sócrates, aos vinte anos de idade, tornou-se seu discípulo, até a desencarnação do mestre. Todos os seus livros conhecidos são diálogos, e a maioria é baseada no pensamento de Sócrates, que não deixou nenhuma obra. "Sócrates e Platão foram precursores da idéia cristã e do Espiritismo." (Kardec, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.)

PLÍNIO, O MOÇO (CAIUS PLINIUS CAECILIUS SECUNDUS), (62-114), escritor romano. Órfão aos oito anos, foi adotado pelo seu tio Plínio, o Velho, também escritor. De sua grande produção literária, sobrevivem apenas *Dezúvrosde Epístolas e Panegíhco de Trajano*.

PONSARD, FRANÇOIS, (1814-1867), poeta dramático francês, autor de várias peças que alcançaram sucesso, tais como: *Lucrécia, O Homem e o Dinheiro, Galileu*.

PORFÍRIO, (233-305), filósofo, natural de Tiro, antiga Fenícia. Foi discípulo de Plotino, o principal representante do neoplatonismo.

PUYSEGUR, MARQUÊS DE, (JACQUES DE CHASTENET), (1751-1825), discípulo de Mesmer, é considerado o primeiro praticante de hipnose dos tempos modernos. É também considerado o primeiro a usar a clarividência para fins médicos. Os sujeitos eram hipnotizados e pela clarividência (em estado sonambúlico) diagnosticavam a doença de pacientes completamente estranhos.

REMBRANDT HARMENSZOOM VAN RIJN, (1606-1669), pintor e gravador holandês. O maiormestre do claro-escuro, destacou-se como retratista, pintando também paisagens e grandes cenas históricas e bíblicas.

REYNAUD, JEAN, (1806-1863), filósofo e político francês. Sua obra *Terra e Céu*, filosófica e científica, alcançou grande sucesso.

"Admitia a pré-existência do homem, a sua sobrevivência nos outros astros e um progresso indefinido."

RENAN, JOSEPH-ERNEST, (1823-1892), filólogo, crítico e historiador francês. Coursou o seminário, mas renunciou ao sacerdócio e tornou-se anticlerical radical. Em sua obra mais conhecida, *Vida de Jesus*, ele "humaniza a figura do Cristo."

ROSSINI,GIOACCHINOANTONIO,(1792-1868), compositor italiano.

Autor de óperas famosas, cômicas e sérias, tais como: *O Barbeiro de Sevilha, Moisés no Egito, Guilherme Tell*. Em seus funerais foi executada a sua admirável *Missa*.

ROUSSEAU,JEAN-JACQUES,(1712-1778),filósofoe escritor francês de origem suíça.

ROUSTAING, JEAN-BAPTISTE, (1806-1879), ilustre advogado da cidade de Bordéus, França. Com as comunicações mediúnicas recebidas pela Mme. Emilie Colignon, ele organizou a obra *Os Quatro Evangelhos*, editada em 1866.

SAINT-PIERRE, JACQUES-HENRI BERNARDINDE,(1737-1814), escritor francês. *Paulo e Virgínia* é o seu romance mais famoso.

SALES, FRANÇOIS DE,(1567-1622),prelado e escritor francês, mais conhecido como São Francisco de Sales. Suas obras mais importantes são: *Introdução à Vida Devotae T ratado do Amor de Deus*. Bispo de Genebra, habitualmente assim assinava seu nome: "François de Genève". Sua bela e instrutiva mensagem mediúnica "A Melancolia" foi incluída por Kardec em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, (questão 25, cap. V.)

SAND, GEORGE, (AMANDINE-LUCIE-AUORE DUPIN, BARONESA DUDEVANT, dita **GEORGE SAND**), (1804-1876), escritora francesa, autora demais de cem volumes. Em certo momento, "mística e humanitária", entusiasmou-se pelas idéias socialistas. E, com o passar dos anos, "seu romantismo revolucionário transformou-se em moralismo conservador".

SARDOU. VICTORIEN, (1831-1908), dramaturgo francês. Escreveu numerosas comédias, peças dramáticas e históricas.

SCHILLER. JOHANN FRIEDRICHVON, (1759-1805), dramaturgo e poeta alemão.

SÓCRATES, (469-399 a.C.), célebre filósofo grego. Nada escreveu, estando o seu pensamento registrado nas obras de Platão e de Xenofante. "Grande mensageiro de Jesus, o grande filósofo está aureolado pelas mais divinas claridades espirituais." (Emmanuel) "Sócrates e Platão foram precursores da idéia cristã e do Espiritismo." (Kardec, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.)

STAËL, MADAME DE , (ANNE-LOUISE-GERMAINE NECKER, BARONESA DE STAËL-HOLSTEIN), (1766-1817), escritora francesa. Juntamente com Chateaubriand, ela forneceu grande parte das idéias políticas, literárias e morais que orientaram o século XIX.

STOWE, HARRIET ELIZABETH BEECHER, (1811-1896), escritora norte-americana. Em sua obra literária, destaca-se o famoso romance *A Cabana do Pai Tomás*, que foi rapidamente traduzido para 23 idiomas e muito auxiliou a causa abolicionista nos E.U.A.

SUE, EUGÈNE, (1804-1857), romancista francês.

SWEDENBORG, EMANUEL VON, (1688-1772), cientista e médium sueco. Na Universidade de Uppsala (Suécia), em Londres e Paris, adquiriu extensos conhecimentos de matemática, mecânica, astronomia, mineralogia, etc. Tornou-se engenheiro de renome ao construir canais e comportas. Foi presidente da Sociedade Real de Mineralogia em Estocolmo. A partir dos 55 anos e até o fim da existência física, dedicou-se às suas vivências mediúnicas, especialmente visões e desdobramentos conscientes, e à interpretação e divulgação das mesmas em vários livros, dentre eles: *Mistérios Celestes*, *Sobre a Nova Jerusalém*, *Céu e Inferno*, *A Verdadeira Religião Cristã*, que influenciaram grandes pensadores. Estudou hebreu e grego para melhor entender as Escrituras.

TASSO, TORCATO, (1544-1595), poeta italiano. Em 1575 concluiu sua obra-prima *Jerusalém Libertada*, com a qual tornou-se um dos mais célebres poetas de toda a literatura universal. De 1580 a 1586, por apresentar delírio persecutório, esteve internado em um mosteiro de Ferrara. Ao sair deste local, transferiu-se para Roma, mas não mais recuperou sua saúde, entrando, aos poucos, num estado de loucura absoluta. (*Mirador*)

TEREZA, SANTA, [TEREZA DE JESUS (D'ÁVILA)], (1515-1592), religiosa espanhola, célebre pelas suas visões e êxtases. Maior escritora espanhola do século XVI, deixou a autobiografia *Vida*, e muitas outras obras, dentre elas: *O Caminho da Perfeição* e *Castelo Interior ou As Casas*.

TERTULIANO, (150-222), teólogo romano, foi um dos fundadores da literatura latina cristã, o maior escritor da Igreja primitiva do Ocidente. Deixou várias obras ortodoxas (anteriores a 202) e heréticas (posteriores a 207-208), quando aderiu ao montanismo.

VICENTE DE PAULO, SÃO, (1581-1660), padre francês, célebre pela sua intensa ação caritativa, foi um dos mais ilustres representantes do renascimento católico do século XVII. Fundou a Congregação da Missão e a Companhia das Irmãs de Caridade.

VICTOIRE, SAINTE, (SANTA VITÓRIA), natural de Roma, foi martirizada em 250. Outra santa, com o mesmo nome, sofreu o martírio juntamente com São Saturnino, em 304, na cidade de Cartago.

VOLTAIRE (FRANÇOIS-MARIE AROUET, dito VOLTAIRE), (1694-1778), célebre escritor francês. Autor de centenas de livros de grande aceitação e com temas os mais diversos: romances, peças teatrais, poesias, históricos, filosóficos e outros, tornou-se o homem mais influente do século XVIII.

W

WYCLIFFE, JOHN, (ou WYCLIF), (1320-1384), teólogo inglês precursor da Reforma protestante. Foi destacado teólogo do Balliol College, em Oxford. Através de várias obras em latim e em inglês, desenvolveu grandes atividades reformadoras. "Não deixou continuadores à altura da obra que iniciava na Inglaterra. Sua influência maior foi na Boêmia, onde John Huss se tornou adepto seu."

ZOROASTRO (ou ZARATUSTRA), (século VII a.C.), figura em grande parte lendária, viveu entre os persas. Na juventude teve visões e dedicou-se à pregação de sua doutrina religiosa, que impulsiona o ser humano a afastar-se das potências malignas. Para o zoroastrismo existe um Deus único e dessa divindade suprema emanam seis Espíritos de luz que travam luta permanente contra as entidades do mal.

BIBLIOGRAFIA

Enciclopédia Mirador Internacional

Grande Enciclopédia Delta Larousse

Dicionário Enciclopédico Lello Universal

Gênios da Humanidade, Isaac Asimov, Bloch Editores

As Grandes Religiões, Abril Cultural

Maravilhas da Mente, Peter Brookesmith, Círculo do Livro

A Caminho da Luz, Emmanuel, F.C. Xavier, FEB

Grandes Vultos da Humanidade e o Espiritismo, Sylvio B. Soares, FEB

Mediunidade dos Santos, Clovis Tavares, IDE

ÍNDICE ANALÍTICO

da COLEÇÃO REVISTA ESPÍRITA (1858-1869)

A

ABADE OBSESSOR

Entrevista de, 141/XI

ABADE X

carta a Kardec do, 351A/II

ABEILLARD

mensagem de, 120/111

ABÉLARD

pensamento de, 82/X

ACIDENTE,

proteção espiritual em, 141/IX

A CASO (APARENTE), 335/V; 27, 150 e 285/VII; 156, 169, 170 e 174/IX

"ACORDO DA FÉ E DA RAZÃO" (BROCHURA), 128/VIII

ADÃO, 70 e 253/III; 15/XI e raça adâmica, 7/V

ADÈLE

mensagem de, 127/IV

ADENIS. JULES, (AUTOR DRAMÁTICO)

discurso espírita de, 151/XI

ADIVINHOS, 155/III

ADOLFO, BISPO DE ALGER (ARGÉLIA)

mensagens de, 94/IV; 254/IV; 59/V

ADOLFO, CONDE PONINSKI,

texto divulgado do espírita, 43/XI

ADRIEN, SENHOR, (MÉDIUM VIDENTE), 324/I; 7/II

ADULAÇÃO. 317/V

ADVERTÊNCIAS DE ALÉM-TÚMULO (CASOS), 250/I; 303/II

AFINIDADE ESPIRITUAL, 132/XI

AFORISMOS ESPÍRITAS, 28 e 360/II

AGÊNERES, 36/II; 41/III

AGOSTINHO, SANTO. 4/I, 31 A/III

acusado de cretinismo, 386/IX

e a fábula dos incubos e súcubos, 38A/I

e os Anjos, 16/XI

mensagens de, 22/II; 48, 93, 124, 127, 153, 160, 213, 214, 236, 251 e 286/V; 227 e 234/VI; 346 e 368/VII; 190/IX

AÍSSAOUA, OS, (CONVULSIONÁRIOS), 18/XI

ALBERT. PAUL,

pedido de admissão na Sociedade de, 202/VI

ALEMANHA

livros espíritas editados na, 183/V; 29/VIII

"ALFABETO ESPÍRITA" (OPÚSCULO EM ALEMÃO), 29/VIII

ALFONSO DE LIGUORI, SANTO,

entrevista de, 330/I

ALIMENTAÇÃO ANIMAL, 388/VI

ALMA. 292/II

ação de anestésicos e existência da, 219/XI

conceito de 138 e 139/VI I

e corpo (texto de Moisés), 74/IX
"ALMA-SUA EXISTÊNCIA E SUAS MANIFESTAÇÕES (A)"
livro espírita, 126/XI I
ALQUIÉ.SYLVAIN, (ESCRITOR), 127/IX "ALUCINACIONISTAS", 152 e 153/III
ALUCINAÇÕES
aparições e, 151/III; 214/IV
teoria das, 193/IV
uma explicação das, 33/XI
AMBIÇÃO, 315/V
AMBROISE, PADRE,
entrevistado, 194/I entrevista do falso, 195/I
AMIZADE, 193/VI
"AMIZADE DEPOIS DA MORTE (A)"
livro de 1753, com princípios espíritas, 327/XI
AMOR
caridade e, (bandeira do Espiritismo), 270,298,305,343 365
e367/IV;94e 160/V
como condição para alcançar a Sabedoria, 355/111
conceito de, 224/X
evolução,289/II;203/IV
e liberdade, 120/111
puro e corrompido pelas paixões, 154/IV
ANDRÉ
mensagem de, 46/IX
ANESTÉSICOS, SOB A AÇÃO DE,
manifestações inteligentes (da alma), 219 e 297/XI
ANGE,PIERRE,
mensagem de, 255/V
ANIMAIS, 171 6208/III
Alucinações nos, 133/VIII
de Júpiter, 210/111
destruição dos,96/VIII
e mediunidade, 246/IV; 24 e 133/VIII
humanimalidade dos, 132A/III
noAlém,133/VIII
sofrimento dos, 70/VI I
suicídio dos, 51/X
"ANJODOCÉUSOBREATERRA(UM)"(ROMANCE), 94/VIII
ANJO DO CÓLERA, 0,137/IV
ANJOS,43e174/I;70/IX asas dos, 180/IV
decaídos,Doutrina dos, 1 e 114/V
Guardiães, 22/II;207e340/III;32/IV;282A/;90A/I;272A/III; 157,185 e 246/IX
- poesia em agradecimento aos, 213/X

"ANNALI DELLO SPIRITISMO IN ITÁLIA", 94/VII
ANTEPASSADOS, A POLTRONA DOS, 266/XI
ANTIPATIA SEM CAUSA APARENTE
caso de forte, 141/X
ANTOINE
mensagem de, 342/V
ANTÔNIO DE PÁDUA, SANTO, 329/I
ANTROPOFAGIA, RECRUDESCENCIADA,47/IX

"APARIÇÃO DE JESUS ENTRE OS APÓSTOLOS" (TELA), 178/XII
"APARIÇÃO REAL DE MINHA MULHER DEPOIS DE SUA MORTE"
(LIVRO),23/VIII

APARIÇÕES

Casos de, 117,291 e320/I; 167/11; 199/IV; 300/V;23,217e218/ VIII;371/X
conceito de, 7/I; 139/VII

de Jesus,98/XI

de pessoas vivas, 75/XII

e alucinações, 151/III; 193/IV

e desobsessão, 153/III

fenômeno das, 321/1; 75/IX

simuladas no teatro, 204/VI; 245/VI

tangíveis, 117/III

APOLÔNIO DE TIANA, 4/1; 41 e 289/V

APULEIO.4/I

ARAGO, FRANÇOIS,

e o magnetismo animal, 314/II

entrevistas de, 157 e 249/II; 115/V

mensagens de, 381/X;313/XI

pensamentos de, 82 e 83/X

ARAGO, JACQUES,

pensamento de, 82/X

"**ÁRIA E PALAVRAS** "(LIVROMEDIÚNICO),224A/III

ÁRIA RECEBIDA DO ALÉM, 194/VIII

ARIEL

artigo em jornal de, 325/IV

ARISTÓTELES, 332/VI

ARQUITETURA, A,

e a imprensa, 121/VII

ARREPENDIMENTO,318e319/II; 159/111; 127/IV;327A/;224A/I

ARTE (S), A(S), 103/11; 158/IV

e o Espiritismo, 28 e 94/XII

espírita, 80/VIII;306/IX

espírita, cristã e paga, 366/III; 76/VIII

religiosa antiga e moderna, 343/XI

ÁRVORES ASSOMBRADAS, 80/XI I

ASSASSINATO CONTRA O IMPERADOR RUSSO

análise da tentativa de, 167/IX

"**ASSASSINATO DA PONTE-ROUGE (O)**"

comentário do romance espírita, 15/X

ASSINATURA DE ESPÍRITOS, 316/I

ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL

Providência Divina e a, 190/11 ;285/VI I

suspensão da, 186/IX

ASTROLOGIA, 294/VII **ASTRONOMIA**, 88/III

ATANÁSIO, SANTO,

e o Espiritismo, 30/VII

ATEÍSMO,283/V;137/X

e destino espiritual, 138/X e nobreza de Espírito, 185/IX

ATMOSFERA (FLUÍDICA)

e padrão moral, 131/X

espiritual, 129/X

perispiritual (aura), 355 e 356/V

AUGUEZ.PAUL,

autor de livro espírita, 63/I

AURA (V. ATMOSFERA PERISPIRITUAL)

AURÉOLA

dos Espíritos elevados e dos Santos, 101 e 130/XI

AURÉVILLY, BARBEY D', (ESCRITOR), 236, IX

AUTO-DE-FÉ DE BARCELONA

impresso com fotografia de desenho do, 398/VII

jornais espanhóis e o, 387/IV

mensagem do Bispo de Barcelona (Espírito) sobre o, 232/V

mensagens espirituais sobre o, 324/IV

morte do Bispo de Barcelona e o, 231/V

notícia e comentário sobre o, 321/IV

"AUTO-DE-FÉ DE JOÃO HUSS" (TELA), 178/XII

AVARENTO, O, (DA RUA DO FOUR)

mensagem de, 26/XII

AVAREZA, 55/I

sofrimento no Além devido à, 275/II; 249/V

B

B, SENHOR, 315/I

B, SENHORITA, (CAROLINE), 36 e 316/I

B., V. DE,

mensagem de, 25/VI

B....GENERAL A. DE,

carta do, 169/VIII

BABIN.AUGUSTIN, (ESCRITOR), 128/IX

BALÃO, O FALSO PROFETA, 213 e 219/III

BALTAZARINI (OU BALDAZZARINI) (MÚSICO)

entrevista de, 200/VI11 mensagens de, 50 e 51/IX

BALUZE (HISTORIADOR)

Mensagens de, 48/V; 386e387A/III; 145/IX; 46/XI

BALZAC

e a reencarnação, 284/XI pensamento de, 83/X

BANDEIRA DO ESPIRITISMO (V. CARIDADE)

BARBARA, CHARLES,

mensagemde,21/X romance espírita de, 15/X

BARBAREI

mensagens de, 222, 223 e 318/V

BARBAULT, EMILE,

artigo do engenheiro, 183/XI

BARRICAND, ABADE, (DE LYON)

combate ao Espiritismo pelo, 152/VII reclamação do, 193/VII

BARRY, DOUTOR,

comentário do, 316/XI

BARTOLOMEU, NOITE DE SÃO,

lembrança de vida anterior na, 205/III os gritos da, 254/I

BASILE

mensagem de, 340/II

BATISMO.201A/II

BAUCHE.A.,

sobre a desencarnação de Kardec, artigo de jornal de, 148/XII

BELEZA

conceito de, 103/II

no Universo, destinação da, 154/IV

BENFEITORES ANÔNIMOS, 306A/I**BENTO, SÃO,**

mensagens de, 127/III;201 e 350/VIII;45/IX

BÉRANGER

pensamentos de, 82 e 83/X poesias de, 26/V

BERGERAC, CYRANO DE, (ESCRITOR)

e a reencarnação, 283/XI

BERNADOTTE(REI DA SUÉCIA), 193/II**BERNARD**

mensagem de, 132/V

BERNARDIN

mensagem de, 189/V

BERTELIUS

artigo de jornal de, 276/VIII

BERTHET, ÉLIE,

autor de romance espírita, 360/VIII

BERTRAND, GENERAL,

pensamento do, 81/X

BERTRAND, SENHORA,

entrevistada, 81/IV

BEZ.AUG,

diretor de jornal espírita, 1º livro espírita de, 253/VII

BÍBLIA

agêneres na, 39/II

as três filhas da, 41/X

e a criação da Terra, 71/III

e o mundo invisível, 343/II; 15 e 132/XI

evocação de Samuel, 17/XI

mediunidade na, 15/XI

uso da razão na leitura da, 317/VI

'BIBLIOGRAFIACATOLICA" (JORNAL), 8/IV

'BIBLIOTECA DO MUNDO INVISÍVEL" (COLETÂNEA DE LIVROS),
15/V

BIBLIOTECA ESPÍRITA, 385/XI

BICHAT, 142/I

BICORPOREIDADE, FENÔMENO DE, 328/I; 356/III

BISPO DE ARGEL

ordem contra o Espiritismo do, 336 e 361 A/I

BISPO DE BARCELONA

mensagens do, 232A/; 266A/II

BIZET.CURA,

mensagem do, 172/XI

BLACKWELL.A.,

carta da correspondente inglesa, 72/XII

BLOT, REV. PE.,

livro do, 59A/II

BOÍELDIEU (MÚSICO)

mensagem de, 14A/I

"BOÍELDIEU! (A)" (POESIA), 11 A/I

BOILEAU

pensamento de, 84/X

BOLTINN, APOLON DE, (ESCRITOR), 389/IX

BONNAMY.JUIZMICHEL, cartas do, 81 e 82/IX livro espírita do, 344/X

BONNEFOND(OU BONNEFON)

mensagem de, 368/XI pensamento de, 83/X

BONNEMÈRE,ENG.,56/XII

autor de romance espírita, 192 e 215/X

carta a Kardecdo, 321/X

coletânea de man uscritos feita por, 33/XI; 166/XI I

BORREAU.J.B.,

cartas de, 231 e 236/IV livro de, 393A/II

BOSSUET(BISPO)

mensagem de, 253/IV pensamento de, 84/X

BOULAY.PAULINE,

carta e artigo de, 149/VII

BOYS, SR. DU, (ESCRITOR), 149/XI

BRAHMA

e a mediunidade, 17/XI

BRASIL

Espiritismo no, 211 /VII ;334/ VIII

BREDARD.AIMEE,

mensagem de, 367/VII

BRETEL.EUPHROSINE,

mensagem de, 309/ V

BREUX

carta em defesa do Espiritismo de, 331/ VIII

BRIANCOURT.MATH.,

idéias espíritas do fourierista,73/XII

BRIQUEL.A.,

artigos de jornal de, 33/IX

BRUNE, GENERAL,

pensamento do, 81/X

BUFFON

entrevista de, 260/IV mensagens de, 258 e 263/IV

BYRON

mensagem de, 250/IV

"CABANA DO PAI TOMÁS (A)"

livro reencarnacionista de 1850,332/XI

CADÁVERES

sob ação espiritual, conservação de, 27/XI

CÀES.212/III

percepção fluídica evidência dos, 171/III

CAGLIOSTRO, 10/IV; 338A/I; 305/VII

CAILLEUX, DOUTOR,

mensagem do, 151 e 175/IX notícia da desencarnação do, 145/IX

CAILLOTE.ANS.,

autor de livro com idéias espíritas, 135/X

CAIXA DE BENEFICÊNCIA, 167/VIII; 385,388e391/XI

CAIXA DO ESPIRITISMO, 70/III relatórios da, 169/ V; 161/VIII

CALVINISTAS,56/XII

CALVINO,239/IX
CAMPONESA, JOVEM MÉDIUM,
casoda,370/VIII
CANIBAIS, 96/II
"CANTATA ESPÍRITA" (LIVRO), 256/XI
CANU
carta sobre a incredulidade de, 15 e 46/IV
sobre o túmulo de Costeau, discurso de, 298/VI
"CARACTERES DA REVELAÇÃO ESPÍRITA"
brochura de Kardec, 64/XI
CARDON (MÉDICO)
entrevista do, 251/VI
CARIDADE, 215/I; 59/V (V. "FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO")
belo exemplo de evangélica, 317/XI
beneficente e benevolente, 360/XI
de espíritas na Bélgica, 306A/II
e amor (Bandeira do Espiritismo), 343,365 e 367/IV; 60,94 e 160/V; 144/VII; 225/VIII;
299/IX
e assistência domiciliar, 204/IX
e doentes hospitalizados, 223/IV
e egoísmo, 386/III;320/IV
e grupo ou sociedade espírita, 36A/; 25 e 306A/II; 193/IX
e Maomé,331/IX
fábula sobre a, 360/IV
maneiras de fazer a caridade, 315/IV; 26A/I; 252A/III
material e moral, 325/III
para com os criminosos, 95/V
reforma da Humanidade e a, 110/IX
CÁRITA(STA. IRENE, IMPERATRIZ),209A/III
mensagens de, 55 e 157A/; 349A/II; 358A/III; 125/X
CÁRITA, PEQUENA,
mensagens de, 169, 172, 173,177e278A/II
CARNE É FRACA, A,
estudo s/o tema, 65/XII
CARRÈRE
entrevista de, 83/V
**"CARTA AOS SRS. DIRETORES E REDADORES DOS JORNAIS ANTI-
ESPÍRITAS" (BROCHURA), 128/IX**
"CARTA DE UM CATÓLICO SOBRE O ESPIRITISMO" (BROCHURA), 333/III
"CARTA DE UM ESPIRITISTA" (BROCHURA), 128/X
"CARTAS A MEU IRMÃO SOBRE MINHAS CRENÇAS RELIGIOSAS"
(LIVRO),73/XII
**"CARTAS AOS IGNORANTES" (LIVRO), 160/VII CARTAS DE LAVÁTERÀ
IMPERATRIZ RUSSA, 71 e 97/XI**
"CARTAS SOBRE O ESPIRITISMO ESCRITAS AOS ECLESIÁSTICOS"
(BROCHURA), 252/VI I
CARTOMANCIA, 17/XII
CASA DE RETIRO (ASSISTENCIAL)
da Comissão Central do Espiritismo, 385 e 392/XI
em Cempius, inauguração da, 303/VI
CASAMENTO, 342/I
nos mundos superiores, 216/V

CASTELO ASSOMBRADO, UM, 319/XI
CASTIDADE.287/VI
CASTLEREAGH, LORDE, 193/11
CATACLISMOS (V. FLAGELOS DESTRUIDORES)
CATALEPSIA, 34/VI; 49 e 180/XII
CATALÉPTICA, JOVEM, (DE SOUABE)
estudo da, 18/IX
CAUVIÈRE, DOUTOR,
entrevista do, 86/111 mensagem do, 87/III
CAZOTTE
entrevista e mensagem de, 30/IV
CEGOS (S)
expição de, 223/VI mensagem de, 76/VIII
CELIMA.OTAMBORILEIRO
entrevista de, 186/I
CELLINI.BENVENUTO,
entrevista de, 99/II
CESAR(CONQUISTADOR),221 e222/V
CESTAS (PARA COMUNICAÇÕES ESCRITAS),9e316/I
CÉU
conceitode,65/VIII deMaomé,335/IX
"CÉU SE RECONHECE (NO)" (LIVRO), 59/VII
CHAIGNEAU,DR. A., (MÉDICO)
artigo de jornal do, 102/VIII
CHANNING.WILLIAM ELLERY,
biografia e discurso de, 161/IV mensagens de, 252 e 350/III; 32/IV
CHARLATANISMO, 62 e 94/II; 155/111; 238/1 V; 245A/I; 111/VII; 79/IX;
200/X;3/XI;43/XII
e mediunidade de cura, 10/VII;339/X
CHARLEMAGNE (CARLOSMAGNO),221e223/V
mensagem de, 95/IV
CHARLES IX
mensagem e entrevista de, 341/II
CHARLES, ARCEBISPO DA ARGÉLIA,
tolerância e caridade do, 76/X
CHARLET(PINTOR)
entrevistas de, 172 e 216/III
mensagensde, 208/III
CHARLY.LOUISE,
entrevistada, 347/I mensagem de, 348/I
CHARPIGNON (ESCRITOR)
precursor de conceitos espíritas, 13/X
CHASERAY, SR. ALEXANDRE,
autorde obra reencarnacionista,
CHASSANG
autor de livro espiritualista, 342/XI
CHATEAUBRIAND, 387/IX; 226/XI mensagem de, 62/III
CHAUVET, DOUTOR EM MEDICINA,
discurso, em Tours, do, 59/VI livro médico-espírita do, 388/IX
CHAVAUX, DOUTOR EM MEDICINA,
cartas do, 348/VII; 122/VIII
CHÉNIER,ANDRÉ,

artigo de, 65/IV

CHEVELLE (CAMPONÊS FILÓSOFO)

Autor de brochuras espiritualistas, 372/VIII

CHEVILLARD, SR.,

e suas conferências sobre o Espiritismo, 83 e 108/XI I

CHOPIN

entrevista de, 124/II

CIÊNCIA, 288/11; 379/VIII

Deus e descobertas da, 278/X

e o Espiritismo, 150/II; 200/VI; 204e321/VII; 132e278/X; 90/XI; 137/XII

e religião, 73/III; 31 A/II erros da, 381/X magnética, 176/I

CIÊNCIA ESPÍRITA

Início da, 172/II

princípio essencial da, 37/II

CIPRIANO, SÃO,

e os demônios, 16/XI

CÍRCULO DA MORAL ESPÍRITA, EM TOULOUSE, 267/XI

CÍRCULO ESPÍRITA AMOR E CARIDADE

Sociedade de Anvers, 113/VI I

CIRO, REI,

instruções espiritualistas do, 159/VI I

CIÚME, 315/IV

CLAIRE

Mensagens de, 384/III; 126/IV

CLAIRON, SENHORITA, 44/I CLARIVIDÊNCIA SONAMBÚLICA, 313/I

CLARYD..., SENHORITA, 55/I

CLÉRAMBERT, CONDESSA ADELAIDE,

entrevista do Espírito, 297/X médium de cura, 295/X

CLOOTZ, BARÃO,

e suposta carta do Outro Mundo, 149/XI

CLÓVIS (CONQUISTADOR), 221 e 223/V

CODEMBERG, GIRARD DE,

entrevistas de, 104/11; 118/V

CODIFICAÇÃO ESPÍRITA, HISTÓRICO DA, 273/X

COLLIGNON, EMILIE, (MÉDIUM)

cartas de, 148e186/V

livro de autoria de, 288/VIII

livros mediúnicos de, 223/VII; 190/IX

mensagens recebidas por, 189/V; 314A/I

poesia recebida por, 337/V

testemunha de identificação espiritual, 84/V

COLOMBO, CRISTÓVÃO, 152/II

comunicação de, 221/II

e sua premonição, 131A/II

COMETTANT, SR. OSCAR,

perguntas de um espírita ao, 249/III resposta de Kardec ao artigo do, 309/I I

"COMO E PORQUE METORNEI ESPÍRITA" (BROCHURA), 393/VII

"COMUNICAÇÕES DE ALÉM-TÚMULO" (BROCHURA), 256/V

COMUNICAÇÕES DOS ESPÍRITOS

a uma pergunta mental, 310/V

análise das, 8 e 78/I; 222 e 230/II; 223/III; 82 e 328/V; 156/VI

apócrifas, 158/IV

concordância notável de, 370/VII
dignas de publicação, 156A/I
dois sistemas para se obter, 174/II
duas e simultâneas, 221/VIII
e a eletricidade, 123/VII
e constatação de fatos de identidade, 82/V; 212/X
evidências de autenticidade das, 315/X
familiares ou conhecidos, 78 e 255/I; 18/11; 109/VIII;247/IX
forçadas por um poder superior, 331 e332/V
fraudes nas, 94/II;80/V
fundação do Espiritismo e as, 111/IX
influência moral dos médiuns nas, 240/IV, 227/VI
logo após a morte, a distância, 217 e 218/VIII
modos de, 8/I
natureza das, 7/I
quando usam o *nome f/podo* grupo ao qual pertencem, 249/VIII
recém-desencarnados, 74/V; 76,82 e 127/VIII
retificações necessárias das, 328/V
CONDAT, SR., (DE BORDEAUX)
discurso do, 257/V
"CONDESSA DE MONTE-CRISTO (A)"
romance inspirado no Espiritismo, 146/XI
"CONDESSA MATHILDEDECANOSSA(A)"(ROMANCE),45/III
"CONFERÊNCIAS SOBRE AALMA"
reencarnação na obra, 279/XI
CONFERÊNCIAS SOBRE O ESPIRITISMO, 83 e 108/XII CONFÚCIO,4/I;16/XI
CONSCIÊNCIA
o livre pensamento e a livre, 33/X voz da, 344/II; 125/111; 94/XII
CONSELHOS, PROVEITO DE, 354/III
CONSOLADOR.O,
prometido por Jesus, 266 e 271/X
CONSTANTINOPLA
Espiritismo em, 205/VII
CONSTITUIÇÃO DO ESPIRITISMO
projeto de, 1/XI I transitória, 369/XI
CONTOS MEDIÚNICOS, 315/I; 24/II
CONTROLE UNIVERSAL DO ENSINAMENTO DOS ESPÍRITOS, 68 699/VII
CONVERSÕES AO ESPIRITISMO, 145/V
CONVULSIONÁRIA,UMA,
entrevista de, 147/III
CONVULSIONÁRIOS DA RUA LÊ PELETIER, 18/XI
CONVULSIONÁRIOSDESAINT-MÉDARD,306e358/II; 147/111
COPOD'ÁGUA
mediunidadepeelo, 161,170e247/XI
CORAGEM, 306/IV CORDÃOFLUÍDICO,82e85/III
CORNEILLE
pensamento de, 83/X
CORPO ESPIRITUAL
seg. Apóstolo Paulo, 293/XI
CORPO FÍSICO
e ascendência do Espírito, 65/XI I

"CORRESPONDÊNCIA INÉDITA DE LAVÁTER COM A IMPERATRIZ MARIA DA RÚSSIA, SOBRE O FUTURO DA ALMA" (BROCHURA), 320/XI

COSNAC, SENHOR DE, (ANTIGO BISPO)

preso ao passado há dois séculos e meio, mensagem de, 124/IX

COSTEAU

mensagem, horas após o desenlace, de, 300/VI segunda mensagem de, 367/VI I

COURSON.DE,

mensagem de, 349/XI

CRENTES,5/X

CREPIN,AVARENTOPAI,

entrevista de, 275/I I

CRETINOS, 312/IV

CRIAÇÕES FLUÍDICAS, 160/VIII

"CRIANÇA E A VISÃO (A)" (POESIA), 209/V

"CRIANÇA E O ATEU (A)" (POESIA), 31/V

CRIANÇA (S)

Anjo da Guarda de, 118/111; 272/VIII

com monomania incendiária, 161/IX

com retardada linguagem, 42/VIII

elétrica, 111/XII

Espíritos Instrutores da, 42/VIII

homicidas, 284/1; 348/II

mediunidade da, (em geral)45/VIII

médiuns, 126/1; 271,272 e 324/VIII; 287/IX; 62 e 64/XII

no Além, crescimento de, 215/II

obsediadas, 110/V;167/IX

órfãs, 345/III

prodígios (gênios), 47, 50 e 271/X; 186 e 189/XII

que falalíngua desconhecida,337/XI

CRIME E OBSESSÃO, 302/II; 254/X

CRIMINOSOS

ação da música sobre os, 257/VII

e adiantamento interior, 222/VII

no Além, 219, 311 e 333/VII

punição no Além aos, 244/X

CRISÓSTOMO, SÃO JOÃO, 4/I

e visão dos Espíritos, 607/VII

CRISTIANISMO

e a doutrina druídica, 105/I

e Espiritismo, 204/I; 347 e 366/III; 125/1 V; 355/VI; 44/XI

e outras religiões, 259/X

segunda revelação, 287/IV

"CRITÉRIO ESPIRITISTA (EL)" (JORNAL)

relançado após período de proibição, 394/XI

CROTONTIGLIUM(OUPEÃO DA ÍNDIA),(PLANTA MEDICINAL),323, .6325/XI

CRUZ, A, 63/5 CUPERTINO, SÃO, 255/11

CURAS (S)

através de Espíritos inferiores, 359/II

com receita mediúnica (homeopatia), 115/VIII; 346/IX

de uma fratura pela magnetização espiritual, 264/VIII

do corpo e da alma, 312/X

fluidos de,341/X

instantâneas, ensaio teórico das, 84/XI
intervenção dos parentes nas, 174/X
magnéticas pelo Espírito de Demeure, 113 e 264/VIII
magnetismo e, 186/X; 87/XI
mediúnicas, 140/111; 116/VIII;312e345/IX; 174,232e295/X
-e a Lei, 197/X
moral de encarnados e desencarnados, 210/VIII
por Espíritos (fórmulas), 335/V; 64/VI

D

D., ABADE,

entrevista do, 298/VIII

D., EMMA, (MENINA)

entrevista da, 89/IV

D'AGREDA, MARI ADE JESUS, 356/III

D'AMBEL, SR.,

Desencarnação do, 392/IX

redator-chefe de periódico espírita, 251 /VII

sobre o túmulo de Costeau, discurso do, 298/VI

D'ANGLEMONT, PRIVAT,

entrevista e mensagens de, 328/I I

D'ARC, JEANNE,

e seus comentadores, 363/X

mensagem de, 160/111

telas com cenas espíritas da vida de, 178/XI I

D'ARS, CURA,

mensagens do, 223/VI; 158/X

O'OURCHES, CONDE,

pioneiro espírita em Paris, 186/X

DANÇA DAS MESAS (Ver MESAS FALANTES)

DANTE

mensagens de, 317/IV;214/VI

DARWIN, 187/XI

DAUBAN, SENHORA,

pensamento da, 367/XI

DAVENPORT, IRMÃOS, 311A/III; 61/IX

crítica a propósito dos, 330/VIII; 107/XII em Bruxelas, 257/IX

DAVID (PINTOR)

mensagem de, 176/V

DAVID. LOUIS,

orientações do Espírito, 169 e 171/VII

DAVIS. ANDREW JACKSON,

livro biográfico sobre, 128/V

DAVY, S/R HUMPHRY, (QUÍMICO)

autor de livro com idéias espíritas, 191/XII

DAZUR, VICTOR,

autor de romance espírita, 271/XI

DÉGENETTES, ABADE,

médium auditivo, 231 A/III mensagem do, 235/VIII

DEÍSTAS. 5/X

DELANNE, ALEXANDRE,

doutrina um Espírito, 118/VIII

evoca esposa viva, 21 A/I

pai de Gabriel Delanne, 323/VIII
sobre o túmulo de Kardec, discurso de, 142/XII
DELANNE, GABRIEL,
médium aos oito anos, 323/VIII
DELAPORTE, REV. PE., (DE BORDEAUX)
combate ao Espiritismo pelo, 154/VII
DELAVIGNE, CASIMIR, (ESPÍRITO)
pensamento de, 82/X poesias de, 224, 253 e 337/IX
DELEUZE (SÁBIO), 92/I
DELHEZ, C.,
carta de, 183/V
opúsculo e tradução de, 29/VIII
DEMEURE, DOUTOR ANTOINE,
biografia do, 82/VIII
mensagens do, 82, 83, 84, 114, 255 e 341/VIII; 178/IX; 319/X;
325/XI; 31/XII pensamento do, 81/X
DEMÔNIO (S), 40/I; 238/V; 37/VI; 17/XI I
árabes, caldeus e os, 16/XI conceito de, 135/X
e a posição da Igreja Católica, 263/V
evocação do, 107/1
refutação da intervenção do, 46/X
DESCARTES
pensamento de, 83/X
DESEMPREGO E NOVAS INVENÇÕES, 90 e 92/VII
DESDOBRAMENTO, 86/IX
DESENCARNAÇÃO (Ver MORTE)
DESENHOS MEDIÚNICOS
de Júpiter, 222/I (com ilustração anexa da residência de Mozart)
expostos na Sociedade Parisiense, 185A/III
DESNOYERS. LOUIS,
Mensagens de, 114 e 118/XII
DESOBSESSÃO
assistência de encarnados e desencarnados na, 16/VII
caso completo de, 168/VII
casos de, 38/IX
(doutrinação) de um Espírito, 379/III
e superioridade moral do médium de cura ou do doutrinador, 12/VII
passe magnético em, 180/X
prece e amor na, 346/II; 153/111; 361/V; 179/VIII
"DESORDEM DO IMPÉRIO DE SATÃ" (BROCHURA), 128/VIII
"DESPERTAR DE UM ESPÍRITO (O)" (POESIA), 343/I
DESQUEYROUX. SR.,
em Bordeaux, discurso do mecânico, 355/IV
"DESTINO DO HOMEM NOS DOIS MUNDOS" (LIVRO), 237/VI
DEUS. 283/V
a visão de, 132/IX
amor de, 289/II
Decálogo da Leide, 101/IX; 261/X
descobertas da Ciência e, 278/X
e a Criação, 65 e 71 A/II
está por toda a parte, 129/IX
Fluido Divino ou Cósmico, energia de, 131 e 133/IX

leis morais de, 290/II
na Natureza e as Revelações, 317/VI;99/IX
não vingador, 150/VII
oDedode,290/VI
paciência de, 382/X
revelações diretas aos homens de, 260/X
segurança social e crença em, 313/II
unidade de, 323/IX
"DEUS NA NATUREZA" (LIVRO), 286/X
DEUSES DO PAGANISMO (DIVINDADES MITOLÓGICAS), 186/II; 216/III; 1607VI
DEVER,0,387/VI DEVOTOS, FALSOS, 316/VI
DIDIER, SR. (LIVREIRO EDITOR ESPÍRITA)
enterro, sem discurso espírita, do, 10/IX
sua presença espiritual em sessão da Sociedade Espírita, 53/IX
referência de Flammarion, em discurso, ao, 137/XII
DILÚVIO (DE NOÉ),72/III
DIÓGENES (O CÍNICO)
entrevista de, 20/II
DISCURSOS NO SEPULTAMENTO DE CONFRADES, 134/V; 298/VI
DISPENSÁRIO MAGNÉTICO (EM PARIS), 384/V
, **DISPENSÁRIO MÉDICO**, 385/XI
DIVERGÊNCIAS DOUTRINÁRIAS, 17/V
"DO ESPIRITISMO" (LIVRO), 175/VI
DOENÇA (S)
as três causas principais das, 55/X
demonomaníacas, 109/VI
Espíritos obsessores e, 90/XI
físicas e maus pendores (vícios), 314/X
medicinas alopática, homeopática e fluídica, 88/XI
morais e homeopatia,65/X
perispírito e, 01/VI;56/X
provas e, 327/V
psicossomática, 280/I; 56/X
"DOENTE E O SEU MÉDICO (O)" (POESIAS), 67/VI
"DOGMAS DA IGREJA DO CRISTO EXPLICADOS PELO ESPIRITISMO(OS)",
389/IX
DOINEL,JULES-STANY,
novela espírita de, 225/X poesia espírita de, 213/X
DOLLET
mensagem de, 324/IV
DOMBRE,SR.C.,
carta a Kardec do, 174/X
carta a um pregador do, 262/V
membro honorário da Soe. Espírita de Paris, 304/V
poesias (fábulas) do, 358, 360 e 391/IV; 49 e 313/V; 333/VIII
resposta ao editor de jornal do, 302/V
DOMINIQUE.SAINT,
mensagem de, 324/IV
DOR EM ESPÍRITOS SOFREDORES, 84/III
DORGEVAL,BRION,
carta de, 24/III

"DOS DESTINOS DA ALMA"(LIVRO)

de 1845, com conteúdo espírita, 351/XI

"DOS ESPÍRITOS E SUAS RELAÇÕES COM O MUNDO INVISÍVEL"

livrado Abade Triboulet, 80/XII

DOCTRINA DE ESCOLHA DAS PROVAS (DE PLATÃO), 243/I

DOCTRINA ESPÍRITA CRISTÃ, 278/V DOCTRINAÇÃO (Ver DESOBSessão)

DOZON.ERNESTINE,

mensagem de, 317/X

DOZON.SR.H.,

evocador e co-autor de livro, 2 exéquiasdo,321/VIII mensagens do, 87/IX;362/XI

DOZON,SRA,H.,

desencarnaçãoda,390/IX médium e co-autora de livro, 29/V

DRUIDAS,OS,95/I;91/III;

e a reencarnação, 105/I; 270 e 282/XI; 106/XI I

e o Espiritismo, 292/X;177/XII

DU POTET, BARÃO, 92/I

DUCAMP, MAXIME, (ESCRITOR), 300/II

DUCIS

poesias de, 282 e 311/V

DUCLOS,CHAUDRUC,

entrevistada, 18/11

DUCORNET, UM ARTISTA,

mensagem de, 28/XI I

DUELO, 0,342/V

DUENDES,4,16e40/I; 140/VII; 17/XII

DUFAUX, MÉDIUM ERMANCE,

e fórmula de pomada ditada por Espírito, 335/V

Espírito de São Luís e a, 167/1

evocação feita pela, 79/1

livro "História de J. D'Arc ditada por ela mesma" da, 32 e 73/I

livro "H istória de Lu ís XI ditada por ele mesmo" da, 73,144 e 169/I

mensagens recebidas pela, 55,132 e 163/I

DUMAS (DA ARGÉLIA)

carta de, 182/X

DUMAS, ALEXANDRE, (PAI)

autor de romance com idéias espíritas,218/XI

. DUMESNIL,SENHORITA, (MÉDIUM ?),375/IX

DUPLA VISTA,25e324/I; 294/VII; 18/IX; 173/X;57/XII

"DUPLA VISTA (A)" (ROMANCE ESPÍRITA)

comentário de Kardec sobre, 360/VIII

DUPLANTIER.CLÉLIE,

mensagens de, 55, 324 e 345/XI

orientação sobre árvores assombradas de, 82/XII

orientação sobre mediunidade de cura de, 305/X

DUPLESSIS.FERNAND,

autor de livro com idéias espíritas, 269/XI

DUPUCH, BISPO DE ARGEL

mensagem de, 52/XI

DURANTIN,ARMAND,

autor de romance baseado no Espiritismo, 61/VII

DURET, SENHORA,

entrevistada, 175/III

DYONIS

autor de livro espírita, 126/XII

EBELMAN

mensagens de, 136e281/IX

"**ECODEALÉM-TÚMULO(0)**" (JORNAL), 128/VIII

"**ECOS POÉTICOS DE ALÉM-TÚMULO**" (LIVRO DE POESIAS)

contendo um "Estudo sobre a poesia medianímica" de Kardec, 30 e 64/X

EDMONDS.364/IV

artigo do Juiz de New York, 366/IV

EDOUX.E.,

carta do redator, 245/VII

EDUCAÇÃO

de Espíritos desencarnados, 141/XI

de um Espírito, 379/III

dos filhos, 140/IX

e as imperfeições morais, 69/XII

infantil, 50/II;37A/II

"**EDUCAÇÃO MATERNAL (A)**" (LIVRO), 223/VII

EGITO ANTIGO

Espiritismo e, 116/I

magnetismo no, 294/V; 353/VIII

pinturas s/ passe magnético e alma separada do corpo, 353/VIII

transmigração das almas no, 280/XI

EGOÍSMO

esofrimento no Além, 384/111; 283/VIII

ELEITOS, MORADA DOS, 126/III

ELETRICIDADE

e a comunicação dos Espíritos, 123/VII

e a imprensa, 120/VII espiritual (pensamento), 255/III

"**ELIXIR DE CORNÉLIO (L¹)**" (OPERETA)

com enredo reencarnacionista, 215/XI

EMILY(DEPUTRON)(RECÉM-DESENCARNADA)

mensagem de, 62/VIII

EMPÉDOCLES

e a punição dos demônios, 15/XI

"**ENSAIO BIOGRÁFICO SOBRE ANDREW J. DAVIS**" (BROCHURA),128/V

ENTERRADO VIVO

entrevista de Antônio B., 270/IV

ENTERRO ESPÍRITA, 125/VIII; 135/XII(VerEXÉQUIAS)

ENTERRO, ESPÍRITO PRESENTE NO SEU,

entrevista com, 326/I

EPIDEMIA

de cólera e os espíritas, 336/VIII; 318/X demoníaca

- em Morzine (Ver Possessos de Morzine) -emSavoie, 109/V

na ilha Maurice, 208/X; 321/XI

- mensagens sobre a, 324/XI

ERASTO

entrevista de, 161 A/I

epístola aos espíritas de Lyon de, 303/IV idem, de Bordeaux de, 348/IV

mensagens de, 184,218,240,243,246 e 268/IV; 111,126,207 e 349/V; 225, 380 e 382/VI; 16 e 71/VII; 49 e 212A/III; 50 e 54/XI reflexões de, 272/IV

ERRATICIDADE.43/I (Ver **ESPÍRITOS ERRANTES**)

ESCOLA ESPÍRITA AMERICANA, 147/VII

ESCOLA ESPÍRITA EUROPÉIA, 147/VII

ES CRAVIDÃO, A, 64/V; 196/VI

ESCRITA DIRETA, 10/1; 205e253/II; 155/111; 142/IV

ESCRITORES

e mediunidade (inconsciente), 333/II;392/III/22/X

espíritas e inspiração, 348/X

espíritas por intuição, 91/111; 166/IV

ESFERAS ESPIRITUAIS (Ver PLANOS ESPIRITUAIS)

ESOPO

pensamento de, 83/X

ESPANHA

apóstolos do Espiritismo na, 69/XII

Auto-de-Féna,321/IV

Pioneirismo em Cadiz(em 1853), 122/XI

ESPELHOS MÁGICOS OU FÍSICOS, 289/VII;289/VIII

E hipnotismo,296A/III

ESPERANÇA, 58/V

ESPÍRITA (S)

adversários, conduta em relação aos, 155/VI; 84/VII

alimentação e os, 340A/III

assistência domiciliar aos necessitados e os, 204/IX c

aridade e os, 25/VII; 204/IX

categorias de, 198/IX; 375/IV –

proporção seg. as, 200/IX

ciência, 136/11; 140e141/XI

controvérsias religiosas e sociais e os, 85/VI

descrença de fatos, 331/XI d

ever dos verdadeiros, 85/VI; 26A/II

epidemia e os, 336/VIII

exéquias de, 129/V; 321 A/III

falsos, 08/X

inimigos dos, 36, 37 e 278/V; 382A/I

médicos,34A/I;339A/III missão dos, 184/IV; 91/V

mortede,213A/III

na França, número de, 146A/I

não verdadeiros, 198/IX; 248/X

pequenos gruposde,10/X

perseguições aos, 270A/; 242/XI

espirituais, 350/III

perseguições judiciais contra os, 76/IX

política e os, 37/V; 85A/I

população mundial de, 105 e 127/VI

por intuição ("inconscientes"), 166A/I;212/IX;01 e06/X

profissão de fé semi-, 311 /XI

protesto, contra ataques de jornais, de, 366/VIII

sinceros, 93/VI11

união fraternal entre os, 255 e 345/IV

verdadeiros(cristãos),300/III;186,346e376/IV;36,60,93,154 e276/V;85/VI; 144e322A/II

"ESPÍRITA" (ROMANCE ESPÍRITA PIONEIRO)

comentários de Jaubert sobre, 16/IX

comentários de Kardec sobre, 360/VIII; 91/IX; 14, 59 e 215/X

ESPÍRITA DESENCARNADO

entrevista com, 244/II

ESPIRITISMO

a bandeira do, 270,298,343, 345, 365 e 367/IV; 94A/; 225/VIII

a força do, 343/IV

ação moralizadora (exemplos) do, 346/VI

adversários desencarnados do, 382 e 384A/I

antigüidade e universalidade do, 95/1; 369/IX

ataques ao, 66/11; 344/IV; 126e127A/; 169,175e336A/I; 02A/II;325A/III

atribulações da vida e, 184/111 Caixa do, (ver Caixa do Espiritismo)

caráter essencialmente evolutivo do, 204A/II;9/IX; 376 e 377/XI

caráter que o distingue de outras doutrinas, 12A/I

chefe (ou messias ou apóstolo) do, 378/XI

ciência e, 150/II;200A/I;204e321A/II; 132,262e279/X;90/XI;137/XII

ciência positiva, 321 /VII; 262/X

cientistas e o, 150/II; 200A/I

Cismas que poderão surgir no, 375/XI

Comissão central ou Conselho superior do, 381/XI

Congressos com delegados das sociedades espíritas, 383/XI

Consolador Prometido por Jesus, 266 e 271/X

Constituição transitória do, 369/XI

Constituição, projeto de, 01/XII

crenças antigas e, 55/I cristão, 300/III; 377/IV; 123A/; 114/IX

Cristianismo e, 347 e 366/III; 125 e 301/IV; 117 e 355A/I; 160/IX; 267/X

Cristianismo em sua pureza, o, 302A/; 73 e 194A/I; 188A/III

cruzada contra o, 69, 380 e 382A/I

doutrina científica, 136/I I; 140 e 141 /XI I

doutrina filosófica, 107 e 123/V

Druidismo e, (Ver Druidas, Os,)

e controle universal do ensinamento dos Espíritos, 68 e 99A/II

e os falsos irmãos e os amigos desajeitados, 74/VI

é provado por milagres?, 40/V

Egito Antigo e, 116/1; 353/VIII

Escola Americana e o, 147A/II; 105/XII

Espiritualismo e, 157/111; 205/XI

estudo do, 262A/; 120A/II Evangelho e, (Ver Evangelho)

experimental natural, 342/XI

fé universal, 140/XI

feiticeiros da Idade Média e o, 254/XI

fenômenos (o valor dos,) e o, 93A/III

fenômenos antes inexplicáveis e o, 01 e 05/I

Filosofia e, 261 e325A/I

franco-maçonaria e o, 123/VII

futurado, 304/III; 125e 126/IV; 194A/I; 309/VIII; 9/IX; 5e51/XI

história do, 04/I; 306/V; 273/X; 247/XI

Igreja Católica e o, 305 e 386/III

independente, 111/IX

inimigos do, 344/IV; 159A/I

Jesus e, 204/I;237e316A/;363A/II;159/IX; 271/X

Legal, 286/I

Lei do Progresso e o, 27A/I; 9/IX

literatura contemporânea e o, 146 e 214/XI

loucura e, 6/11; 184/111
 magia, feitiçaria e, 263/X
 magistratura e o, 76/IX
 Magnetismo e, 91 e 278/I
 manifestações precursoras do, 250A/III
 mártires do, 123A/
 material de divulgação do, 06/I
 medodo,67/XII
 Messias (Os) do, 45 e 65/XI
 militares e o, 14W
 missão do, 122/111; 92,160,211 e 319/IV; 327 e 362A/II; 30A/III
 Mitologia e, 353/VIII
 moderno, 247/XI
 música e, 94/XII
 na Bélgica, 306/VII
 na Espanha(Ver Espanha)
 na Europa, 147/VII; 105/XII
 na grande imprensa, 146e214/XI
 na Inglaterra, 167/III
 no Brasil, 211 A/I I; 334 A/I II
 nos Estados Unidos (Ver Estados Unidos da América)
 o mais belo lado do, 343/IV
 objetivo essencial do, 227A/II I
 organização do, 370/IV; 273/X
 Parábola dos Três Cegos e o, 341/I
 perigos para os adeptos do, 265/1; 222/III
 períodos do, 377/VI
 perpetuidadedo,38/VIII
 perseguição ao, 117/XI
 poder do ridículo e o, 40/XI I
 prático, 175/II
 precursores do, 229, 370 e 373/VI
 previsão de Joseph de Maistre do, 101 /X
 progresso da Humanidade e o triunfo do, 7/X
 progressos moral e científico da Humanidade e, 117/VII;279/X
 propagação do, 233/I;370/IV; 106/V; 347/XI
 propaganda, a melhor, do, 347/XI
 Psicologia (experimental) e, 132/VIII; 141/XII
 racionalidade do, 274/III
 reforma íntima e, 250/IV; 227/VIII
 religião e, 86 e 136/11; 373/IV; 107,123 e 264/V; 199/VII; 353/XI;140/XI I
 religião? (é uma), 353/XI religiões e, 18/VI
 religioso, moral e filosófico, 317/VIII
 revelações progressivasdo, 156e208/VIII;319/X;376/XI
 seitas paralelas ao, 376 e 377/XI
 sermões contra o, 41/VI
 sucesso (causa do rápido,) do, 80/VI
 suicídio e, 184/111; 199/V
 templos religiosos e o, 357/XI
 Terceira Revelação, 283 e 288/IV; 264 e 271 /X
 unificação do, 369/XI
 verdadeiro, 01/111; 377/IV; 26 e 362/VI I; 159/IX

"ESPIRITISMO (EL)" (JORNAL), 128/XII
 "ESPIRITISMO DIANTE DA HISTÓRIA E DIANTE DA IGREJA, SUA ORIGEM (...)
 (O)" (LIVRO), 5/XI
 "ESPIRITISMO DIANTE DA RAZÃO (O)" (LIVRO), 94/XI
 "ESPIRITISMO EM LYON (O)" (JORNAL), 256 e 351/XI
 "ESPIRITISMO EM SUA MAIS SIMPLES EXPRESSÃO (O)"
 lançamento do livro, 29/V
 segunda edição, revista, de, 128/V
 sua edição alemã lançada em Viena, 183/V
 sucesso de, 70/VI
 traduzido para o italiano, 95/VII
 traduzido para o russo, 224A/II
 "ESPIRITISMO NA BÍBLIA (O)" (LIVRO), 350/XI
 "ESPIRITISMO OU ESPIRITUALISMO EM METZ(O)" (BROCHURA),362/IV
 "ESPIRITISMO SEM OS ESPÍRITOS (O)" (LIVRO), 163/VI
 "ESPIRITISMO, JORNAL DE PSICOLOGIA EXPERIMENTAL (O)",212/VI
ESPÍRITO (S)
 ação material sobre o corpo humano dos, 243/VI
 agêneres,36/II
 aparência de animais e diabos dos, 306/I
 assinatura dos, 316/I
 assistência dos, (ver Assistência Espiritual)
 barulhentos, 46/II
 brasão e os, 67/V
 classificação (ordens) dos, 37/1; 158/III
 conceito de, 139A/II
 encarnados, 43/I
 - e o corpo físico, 65/XII
 errantes, 43/I; 113 e 125/11; 314/III; 97 e 101/XI
 erro de linguagem por um, 187/III
 escala espírita e os, 39/I
 estado interior e sorte exterior dos, 97/XI
 evolução dos, 249/IX
 experiências científicas e os, 157/III
 fenômenos naturais e os, 249/II; 146/IV
 formação (criação) dos, 313/III
 glóbulos, 39/III
 habitações dos, 237 e 320/II; 55/VII
 habitantes do interior da Terra, 250/II
 identificação dos, 153/I V; 82/V; 217/IX
 impostores, 164/III

incrédulos e materialistas, 160/VI intervenção no mundo corporal dos,
 - comunicações mediúnicas e a, 230 e 281/II
 - filósofos da antigüidade e a, 04/1 -nossas ações e a, 281/I
 - nossas provações e a, 75/I
 - Pais da Igreja e a, 04/I
 - Povos Antigos e a, 04/I
 laço entre corpo físico e, 127/II
 linguagem dos, 118/II

- contradições na, 205/I
marcados (missionários), 48/XI matéria, 284/VII
metades eternas?, 134/I
negação da existência do, 381/X
ocupações dos, 186/IV; 183/IX
paixões dos, 39/II; 269/IV; 97/XI
personalidade dos, 269/IV
pesquisas e descobertas dos, 245/III
premiado em concursos literários, 181 e 353/VI
progresso, no Além, dos, 324/III
Providência Divina e os, 190/II; 285/VII
publicações de textos dos, 281/II
que não se acredita morto, 319/II
que se crê médium vidente, 281 A/II
que se crê proprietário, 50/XII
que se crêem ainda vivos na carne, 339 e 346/VII; 46/XII
saber(o) dos, 252/III
sensações dos, 331/I; 189/IV
sexo e os, 136/1; 39/II
sob o jugo de outros Espíritos, 79/II
sofrimentos dos, 56/1; 383/1II; 384/VII
superioridade moral dos, 360/V
tipólogo, 190/VI
universalidade do ensino dos, 230/X
utilidade do ensino dos, 357/VI; 267/IX
velocidade dos, 175/IX
vestes dos, 151/1
vícios dos, 97/XI
ESPÍRITO BATEDOR DA IRMÃ MARIE
caso do, 185/VII

ESPÍRITO BATEDOR NO SÉCULO XVI, UM, 32/VII
ESPÍRITO COROADO NOS JOGOS FLORAIS, UM, POESIAS), 18/VI

ESPÍRITO DA FÉ, O,
mensagem do, 158/XI

ESPÍRITO DE (DA) VERDADE (Ver VERDADE, ESPÍRITO DE (DA),)

ESPÍRITO ESTOUVADO

entrevista de, 78/I I

ESPÍRITO FAMILIAR

mensagem de, 319/VI

ESPÍRITO FAMILIAR, TEU

Mensagem de, 363/IV

ESPÍRITO FAMILIAR, UM ESPÍRITA AO SEU, (POESIA) 340/III

ESPÍRITO OBSESSOR

entrevista de, 27/VI

ESPÍRITO SERVIDOR, UM,

o caso de, 210/11

ESPÍRITO TIPTÓLOGO DE CARCASSONE, 186A/I poesias do, 181 A/I; 182/IX

ESPIRITOGRAFIA (ESCRITA DIRETA), 10/I ESPIRITOLOGIA, 10/I

ESPÍRITOS BATEDORES, 11, 125, 153, 184 e 219/I; 23/IV; 190A/I; 32 e 156/VII; 153/XI

ESPÍRITOS BENEVOLENTES (GRUPO DOS), 42/I ESPÍRITOS BONS, (SEGUNDA ORDEM), 41/I

ESPÍRITOS DAS TREVAS, 225/V
 e seu negro império, 92/V
ESPÍRITOS IMPERFEITOS, 39/1; 346/II
ESPÍRITOS IMPOSTORES, 192/I; 33A/I; 82/XI
ESPÍRITOS IMPUROS, 40/I
ESPÍRITOS INFERIORES, 190A/I
ESPÍRITOS LEVIANOS, 40/I;78/II, 82/XI
ESPÍRITOS MAUS
 castigo dos, 315e383/III
ESPÍRITOS NEUTROS.41/I
"ESPÍRITOS PROTETORES (AOS)" (POESIA), 213/X
ESPÍRITOS PSEUDO-SÁBIOS.41/I
ESPÍRITOS PUROS, 43 e 257/1; 320 e 321/III
ESPÍRITOS SÁBIOS, 42/I
ESPÍRITOS SENSATOS, 42/I
ESPÍRITOS SENSUAIS (OBSCENOS, LASCIVOS), 37/VI
ESPÍRITOSSUPERIORES,42/I; 311/III
ESPIRITUALISMO, 157/III
 categorias de, 04/X
 e Espiritismo, 157/III; 205/XI
 no século XIX, 293/VI
"ESPIRITUALISMO E O IDEAL NA ARTE E NA POESIA DOS GREGOS (O)" (LIVRO), 342/XI
"ESPIRITUALISMO RACIONAL (O)" (LIVRO), 321/VI
ESQUECIMENTO DE OUTRAS VIDAS.273/VI; 162/XII
ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA
 e o Espiritismo, 147/VII;4/XII
 profissão de fé espírita nos, 98/XI I
ESTATÍSTICA DO ESPIRITISMO (EM 1869), 02 e 33/XII
ESTÁTUA DE MEMNON
 e as mesas girantes, 51/I
ESTIGMATIZAÇÃO, FENÔMENO DE, 115 e 180/XII
"ESTRELAS CAIRÃO DO CÉU (AS)" (FRASE BÍBLICA), 52/XI
ESTUDO ESPÍRITA, 262/V; 120/VII
 mal-estarduranteo, 141/XI
ESTUDOS URANOGRÁFICOS,283/V
ÉTER (OU FLUIDO CÓSMICO), 69/IX
ÉTIENNE (ESPÍRITO)
 livro de, 223/VII
"EU SOU ESPÍRITA?" (BROCHURA),
EVANGELHO (S)
 Espiritismo e, 05 e 204/I; 347/III; 253, 270 e 301/IV; 154/V
 271/X;140/XII
 linguagem concisa e precisa dos, 319/V livro sagrado, 204/IV
"EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO (O)" (Ver "IMITAÇÃO DO EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO")
EVANGELIZAÇÃO INFANTO-JUVENIL, 250/IV; 69/XII
EVOCAÇÕES DE ESPÍRITOS, 17/I; 174/II
 e a proibição de Moisés, 311 e 314/VI
 horas após o desenlace, 130/V; 83/VI
 inconvenientes das, 34/VI
 inferiores, 346/I I

recusadas por S. Luís, 222/II; 79/IV

EVOCÇÕES DE PESSOAS VIVAS, 11 e 81/111; 21 A/I; 20/VIII

EVOLUÇÃO (ESPIRITUAL)

através dos três Reinos, 290/II; 132/VIII; 187e261/XI dos seres vivos, 217/III;128/XII

Espírito e corpo físico na, 65/XI I sem retrocesso, 165/VI

EXEMPLO, O VALOR DO, 183/XII

EXÉQUIAS (Ver ENTERRO ESPÍRITA)

de espíritas, 129A;/321/VIII deKardec,135/XII

EXILADOS DE CAPELA

intuição da existência dos, 361/X

EXORCISMO, 51/111; 113/V; 139/VI; 178/VIII; 17/XII

EXPIAÇÃO

conceito de, 269/VI

de enterrado vivo, 324/V

de mendigo (antigo nobre), 220/VI

dos cegos, 223/VI

e felicidade eterna, 306/IV

escolhida antes da reencarnação, 270/IV; 274/VI

na vida espiritual, 143 e 144/X

terrestre, caso de, 140/X

"EXPOSIÇÃO DA GRANDEZA DA CRIAÇÃO UNIVERSAL" (LIVRO),354A/I

ÊXTASE, 173/1; 341/IX;57e64/XII e Magnetismo, 92/I

visões e revelações no, 344/IX cataléptico,180/XII

F.D. (ANTIGO MAGISTRADO)

mensagem de, 65/VI

"FÁBULAS E POESIAS DIVERSAS"

livro de autoria de Espírito Batedor, 339/V

FÁBULAS MEDIÚNICAS, 340/V; 182/IX

FACULDADES MEDIÚNICAS

intelectuais e perceptivas,21/IX

FADAS, 4/I

FAMÍLIA ESPÍRITA, UMA, 250/II

FANATISMO RELIGIOSO, 148/111; 4/X

FANTASMA DE BAYONNE

entrevistado, 17/II

FANTASMAS,44/I; 11/II; 204/III

FASCINAÇÃO, 33/VI

de indivíduos isolados, 156/VI

FATALIDADE

influência dos Espíritos e, 75/I

Islamismoe, 328/IX

livre-arbítrioe, 355/III; 290A/I; 27A/II

FÉ,57/V;255/VIII

cega, 90/X

raciocinada, 39/X

verdadeira e inabalável, 299/IX

FEITIÇARIA E ESPIRITISMO, 263/X

FEITICEIROS, 4/I; 155/111; 297A/II

FEITIÇOS, 17/XII

FELÍCIA

mensagens de, 158 e 187/IV; 58/V

FÉLICIA (ESPOSA DE SABÔ)

entrevistada, 186/VI

FELICIDADE, 94/III

completa e perfeição espiritual, 68/VII

futura e o Evangelho, 98/VII na Terra, 295, 297 e 302/IX verdadeira, 59/X

FÉLIX, REVERENDO PAI, 315/11

FÉNELON (ENCARNADO)

e a assistência dos Espíritos, 60/VII

tradução de Kardec, para o alemão, das obras de, 144/XII

FÉNELON (ESPÍRITO)

mensagens de, 121/111; 224 e 314/IV; 62/VI; 29/VIII; 46/XI

pensamento de, 83/X

FENÔMENO DE LINGÜÍSTICA

reencarnação, 337/XI

FENÔMENOS DE EFEITOS FÍSICOS (VER MANIFESTAÇÕES FÍSICAS)

FENÔMENOS ESPONTÂNEOS NOTURNOS, 30/XI

FENÔMENOS MÍSTICOS DA VIDA HUMANA (OS)" (LIVRO), 23/VIII

FENÔMENOS NATURAIS

classificação dos, 378/X

e ação dos Espíritos, 249/II; 146/IV

FENÔMENOS PSICOFISIOLÓGICOS

das pessoas que falam delas mesmas na terceira pessoa, 225/IV

FERDINAND

mensagens de, 159, 192 e 354/IV

"**FERNANDE**" (NOVELA ESPÍRITA DE FOLHETIM), 225/X

— 257 —

FESTA DE TODOS-OS-SANTOS, 362/XI

FESTAS DE RECEPÇÃO DE DESENCARNADOS, 158/IV

FEYTEAU (ADVOGADO)

artigo do sr., 94/VIII

FIGUIER, LOUIS (ESCRITOR)

autor de livro antiespírita, 274 e 369/111; 109/IV

FILOSOFIA

espírita, 123/111

união do Espiritismo e da, 261 e 325/VI

FILÓSOFO AO CANTO DA LAREIRA (UM)" (LIVRO), 101/IV

FIM DO MUNDO, 221/X

FINADOS, DIA DOS, 390/III; 379/V e os espiritualistas, 388/III

FÍSICA ESPIRITUAL, 75 e 191 /VII

FISIOGNOMONIA, 201/III

FLAGELOS DESTRUIDORES, 309/IX; 349/X; 326/XI

FLAGEOLET

Espírito mistificador e leviano, 82/XI

FLAMMARION, CAMILLE,

agradecimento de Kardec (Espírito) pelo discurso de, 157/XII

artigo, na *Revue Française*, de, 126/VI

artigo, no jornal *Siècle*, de, 353/X

críticas a, 226/XI

discurso, no enterro do sr. Didier, de, 14/IX

discurso, sobre o túmulo de Kardec, de, 137/XII

lançamentos de livros escritos por, 29/VI; 256/VII; 93 e 286/X

livro inspirado em obra de, 276/XI

mensagens recebidas pelo médium, 283/V; 317/VI
tradutor de livro com idéias espíritas, 191/XII
trechos de livro de, 93,151 e287/X

FLANDRIN

pensamento de, 82/X

FLORES, 340/1

Espíritos protetores das, 93/III

FLORESTA DE DODONE

e as mesas girantes, 51/I

FLUÍDICOS.OS,

teoriade,167/XII

FLUIDO (S)

deletérios na atmosfera

- e iniquidade dos Espíritos, 326/XI

e raios impregnados de pensamento, 130/X

padrão moral e, 131/X

FLUIDO DIVINO, 133/IX

FLUIDO MAGNÉTICO

curador ou causador de doença, 87/XI

de encarnados, 260/VIII

dos Espíritos bons e dos inferiores, 260/VIII

FLUIDO NERVOSO

eperispírito,24/IX

FLUIDO UNIVERSAL (CÓSMICO), 150/I; 363/IV; 69 e 75/IX

Deus e, 131 e 133/IX

e materialização, 149/1

FLUIDO VITAL

e fenômenos mediúnicos, 244/IV

FLUIDOS ESPIRITUAIS

e novo princípio de higiene, 130/X introdução ao estudo dos, 65/IX

FOÊ.DANIELDE,

autor de "RobinsonCrusoé", 285/X

FOME ENTRE OS ESPÍRITOS, 170/XI

FONTENELLE (FILÓSOFO E ESCRITOR)

participou de reunião de tiptologia em 1713,28/VII

"FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO", 45 e 112/V; 04,22 e

23/VII; 113e299/IX

divisa dos verdadeiros espíritas, 36 e 211N máxima de São Paulo, 371/VI

"FORÇAS NATURAIS DESCONHECIDAS (AS)" (LIVRO), 95/IX

FORNIER-DUPLAN

desencarnação do confrade, 391/IX

FORTOUL.HIPPOLYTE,

mensagem de, 252,253 e 314/V

FOTOGRAFIA DOS ESPÍRITOS, 92/VI FOTOGRAFIA ESPONTÂNEA, 180/1

FOULON,VIÚVA,(RECÉM-DESENCARNADA)

entrevista da, 78/VI11 mensagem da, 76/VIII

FOURIER, FILÓSOFO CHARLES,

citado por Lamartine (Espírito), 121/XII

mensagem de, 122/XII

precursor do Espiritismo, 232/VI; 274/VIII; 286/X; 72 e 133/XII

reencarnação e teoria de, 374/V; 73 e 106/XII

FOURIERISTA

conceitos espíritas de um, 73/XII

FOX, IRMÃS, 22/I

FRANÇA, ELISABETH DE,

mensagem de, 95/V

FRANCKOWSKI, FRANÇOIS,

mensagem de, 309/VI

FRANÇOIS.JOVEM,

entrevistado, 143/X mensagem do, 142/X

FRANCOIS.MICHEL,

entrevista de, 337/II

F RANKLIN, BENJAMIM,

epitáfio reencarnacionista de, 244/VIII reencarnacionista, 361/X; 106/XII

FRATERNIDADE, 346A/; 296/IX

FRÉDÉGONDE (OBSESSOR)

entrevistas de, 18/VI I

FRÉDÉRIC.REI,

entrevista do, 218/11

FRENOLOGIA, 196/111; 97/V; 233A/I FUTURO DA HUMANIDADE, 254/III; 311/VIII

G

G. (MÉDICO)

carta do Dr., 197/VI

G., PRÍNCIPE,

carta de Kardec ao, 01/II

GABRIEL, ANJO,

mensagens do, 189/IV; 15/XI

GALILEU

e sistemas planetários com mundos habitados, 145/X mensagens de, 283/V; 318/VI; 259/XI

"GALILEU" (DRAMA)

mundos habitados no, 97 e 145/X

GARIBALDI, ACABEÇA DE, 76/IV

GASPARD, SENHORA,

entrevista da, 281 A/II

GASSIER, A.,

carta à diretora do pensionato de, 267/V

GASSNER. OCURA,

médium curador, 331/X

GASTRÔNOMO, ESPÍRITO, (OU BALTHAZAR)

entrevista do, 338 e 377/III

GAULESES (DRUIDAS)

e a reencarnação, 270 e 282/XI

GAUTIER. ARSENE,

mensagem de, 308/V

GAUTIER, THÉOPHILE,

autor do romance "Espírita", 360/VIII; 91/IX; 14/X

GAUZY

carta de, 145/V

GAY

mensagem de, 368/XI

"GAZETTE" (DE LYON)

artigo do jornal, 289/III

resposta de Kardec ao jornal, 292/III

GEIMARD,PAUL,
entrevista de, 68/II

GELPKE, DOUTOR,
reencarnação e mundos habitados em livro do, 354/VI

"GENESE.A,"
apreciação de S. Luís sobre, 56/XI
jornal "La Solidarité" comenta sobre, 176/XI
lançamento de, 31/XI
segunda edição de, 64/XI
terceira edição de, 95/XI

GÊNIOS, 98/IX; 159 e 258/X

GEORGES
entrevista de, 244/V
mensagens de, 189,190,251,288,313,314,315,317,319,320, 321, 323, 324 e 354/III;
32,60 e 191/IV; 110 e 243A/; 154A/II

GEORGES (BISPO DE PÉRIGUEUX E DESARLAT)
mensagens do, 160/IV; 57 e 213A/; 300A/I

GERAÇÃO ESPONTÂNEA,201/XI

GERMAINE (OBSESSORA)
entrevistas de, 08,12 e 16/VIII

GERMONVILLE.SR.DE,
romance espírita do, 15/X

GIRARDIN, DELPHINE DE,
mensagens de, 252,327,344,348,388 e 389/111:157 e 261/IV; 316/VI; 367/XI

GIRARDIN, MÉDIUM SENHORA E. DE,277/II;247A/I

GLAS, DOUTOR,
entrevistado, 147/IV

GLÓBULOS, ESPÍRITOS, 39/III

GLÜCK(MÚSICO)
e sua visão do futuro da rainha Marie-Antoinette, 382/IX

GNOMOS,04e40/I; 140A/II; 17/XII

GOBELINS.16/1

GODU.DESIREE,
cartas-depoimentos sobre a srta., 110 e182/III
fenômenos estranhos produzidos por, 31/V
médium de cura, 74/III

GOÉTHE
e a reencarnação, 286/XI entrevista de, 160

GOURDON.SR.,
entrevistado, 180/1V

GOURDON.SRA. ANAIS,
entrevista da, 179/IV

GOURGERS.CH.,
carta de, 204/IV

GRAND, DOUTOR, 333/III

GRAND-BOULOGNE.DE,
carta de, 232/III

GRAS.SRTA.SOPHIE,
escritora aos 10 anos de idade, 186/XI I

GREGÓRIODENAZIANZENO,SÃO,04/I;16/XI

GREGÓRIO,SÃO,16/XI

GRÉGORY, DR. CHARLES,
cartas do homeopata, 168 e 172/X

GRELEZ, A., (ESCRITOR), 128/IX

GREZELLE

caso da perseguição ao espírita, 201/X

GRUPOS ESPÍRITAS PEQUENOS, 10/X**GUÉRIN.CLÉMENCE,**

notícia da brochura de, 128/V texto de brochura de, 364/IV

"GUERRA AO DIABO E AO INFERNO (A)" (LIVRO), 160/VII**GUERRAS**

e o progresso, 340/II; 245A/II fim das guerras, 190/11; 381/X

Mundo Espiritual e as, 185,186 e 190/II

GUI...

mensagens de, 382e384/VIII; 183/IX

GUIA DA SENHORA MALLY, O, 215/11**"GUIA DO FELIZ(O)" (BROCHURA), 128/IX****GUILBERT.A.,**

pres. da Soe. Esp. de Rouen, carta e donativo de, 156/XII

GUILLAUME(DELYON)

discursodoconfrade,298/III

GUILLAUMIN

mensagem de, 363/Xi

GUIZOT.SR.,

comentário de Kardec sobre o texto do, 21/V texto do livro do, 393/IV

GULDENSTUBBE, BARÃO DE,

livro do, 207/II

GUTTEMBERG

mensagens de, 118e123A/II

H**'HÁ UMA VIDA FUTURA?'**

livro espírita, 123/XII

HABITAÇÕES DOS ESPÍRITOS, 237 e 320/II; 55A/H**HAHNEMANN, SAMUEL, (CIENTISTA)**

mensagens de, 258/VI; 15/VII

HALÉVY

mensagem de, 94/Xí I

HARE, DOUTOR (DE FILADÉLFIA), 365/IV**HARMONIA**

conceito de, 89/XI I terrena e celeste, 92/XI I

HASSAN, CHEFE, (CURADOR)

curadortripolitano, 303/X mensagem sobre o caso do, 305/X

HELOISE

pensamento de, 82/X

HELVÉTIUS

mensagem de, 190/IV

HENRYIII.REI,

aespinetado, 50/IX

ária e palavras do, 193/VIII

mensagem do, 54/IX

HENRY, ANTIGO MAGNETIZADOR

mensagem de, 363/IV

HEREDITARIEDADE MORAL.205/V**HERMÊS(ESCRITOR)**

autor de livro espírita, 95/IX

HERRENSCHNEIDER, FRÉDÉRIC,

artigos de, 260 e 325/VI livro de, 183/XI
HIGIENE
física e moral, 132/X
um novo princípio (fluidos espirituais) de, 130/X
HILAIRE, JEAN, (MÉDIUM) 253A/II; 86/VIII
HIPNOTISMO, 6/III
e espelhos mágicos, 296/VIII
HIPOCRISIA, 328/III
"HISTÓRIA DE JOANA D'ARC - DITADA PÔR ELA MESMA", 32 e 73/I
"HISTÓRIA DE LUÍS XI - DITADA PÔR ELE MESMO", 73, 144 e 169/1
HISTÓRIA DE UM CONDENADO, 50/111
'HISTÓRIA DO MARAVILHOSO E DO SOBRENATURAL'
comentários de Kardec sobre o livro antiespírita, 274 e 369/III
comentários do sr. Escande sobre, 109/IV
"HISTÓRIA DÓS CALVINISTAS DE CEVENNES"
comentário sobre o livro, 56/XI I
"HISTÓRIAS DO OUTRO MUNDO, CONTADAS PELOS ESPÍRITOS", 15/X
HITÓTI, CHEFE TAITIANÓ
entrevista de, 76/I I
HÓBACH, HERMANN,
mensagem do Espírito, 364/VII
pedido de admissão na Sociedade de, 201/VI
HOCHÉ, GENERAL,
entrevistado, 242/II
HOHENLOHE, PRÍNCIPE DE. (ABADE)
médium curador, 368/IX; 312/X
mensagem do, 373/IX
HOME, DANIEL D., 14, 58, 88, 117, 120 e 150/1; 41/111; 96e247/VI
em Roma, 33e88/VII livro escrito por, 281/VI
HOME, O FALSO, 145/1
HOME.SRA.,
morte da, 234/V
HOMEM
criação do, 74/IX
de gênio, 98/IX
mistério insondável para o, 251/IX
o estilo não é o, 257/IV
semelhante à criança, 65/VI I
HOMEOPATIA, 307/I; 258/VI; 87/XI doenças morais e, 65 e 168/X
e Espiritismo, 234/VI
e o códex, 268/VIII
HOMERO, POETA,
mensagem e entrevista do, 335/111
HOMOSSEXUALIDADE, 04/IX HONESTIDADE RELATIVA, 354/III
HONRAR PAI E MÃE, 315/VII
"HORAS DE PIEDADE" (LIVRO)
com idéias espíritas, de 1815, 289/XI
HOSPITAIS
assistência espiritual nos, 222/IV espíritas, 201/IX
HOUDÉE, PIERRE, (PASTOR)
carta de, 170/VIII

HOUDIN, ROBERT, 53/1; 96, 178, 206 e 284/VI

HUET, MÉDIUM SRTA., 155/III

HUGO, SENHORA VICTOR,

funerais da, 305/XI

pensamento (do Espírito) da, 367/XI

HUGO, VICTOR, 387/IX

carta a Lamartine de, 233/VI citado por Lamartine (Espírito), 121/XII discurso necrológico de, 59/VIII e a reencarnação, 284/XI e o Espiritismo, 360/X; 20/XII

HUGUET, DR. H.,

analisa êxtase cataléptico com estigmatização, 180/XII

HUMANIDADE

épocas de transição na, 226/VI

futuro da, 254/III

ignorante (e não má por natureza), 51/XI

influência dos planetas sobre a, 312/XI

progresso científico da, 117A/II

progresso moral da, 117/VII

-e o Espiritismo, 117e327A/II

regeneração da, 291 A/I; 301/IX (V. Tempos Preditos)

HUMANIMALIDADE, 132A/III

HUMBOLDT, ALEXANDRE DE, (CIENTISTA)

entrevistas de, 154/11; 89/X

HUMILDADE E EVOLUÇÃO, 203/IV

HUSS, JOÃO, 145/VI; 239/IX; 122/XI

tela "Auto-de-fé de João Huss", 178/XII

HUSSITAS, 239/IX

I

IDÉIAS ESPÍRITAS

em estado de intuição, 166/IV; 212/IX; 03 e 06/X

"IDÉIAS FILOSÓFICAS (...)" (BROCHURA)

obra espiritualista/espírita, 372A/III

IDENTIFICAÇÕES DOS ESPÍRITOS NAS COMUNICAÇÕES, 153/IV; 82/IV; 217/IX; 213/X

IDIOTA, ESPÍRITO DE UM,

evocação do, 173/111

IDIOTAS

dois irmãos, 241/VIII

influência da música sobre os, 257/VII

IGREJA CATÓLICA

ataques ao Espiritismo da, 169 e 362/VI

crise da Humanidade e a, 226/VI

infallibilidade da, 267/VII

inferno e purgatório, dogmas da, 280/XI

Magnetismo, Sonambulismo e a, 278/I

Pais da, 04/I

- e a intervenção dos Espíritos, 16/XI

IMIGRAÇÃO DOS ESPÍRITOS SUPERIORES

para a Terra, 159/VIII

"IMITAÇÃO DO EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO"

lançamento do livro, 97/VI I

suplemento ao Capítulo de Preces de, 232/VII

IMORTALIDADE, 121/III
morte e condenação à, 270/XI

IMPrensa, A,
e a arquitetura, 121/VII

JACOB, O ANJO DE, 15 e 132/XI

JACOB.ZUAVO CURADOR, 312/IX; 306 e 339/X
livro do, 91/XI

JACQUARD
entrevista de, 90/VII mensagem de, 89/VI I

JACQUES
mensagem de, 235/V

JALABERT
artigo de jornal de, 371/V

JAPÃO
no século XVI, reencarnação, 252/XI

JAPHET, SENHORITA, 36/I

JARDIN
entrevistada, 145/III

JAUBERT.J.,
cartas de, 341 A/; 181 e 259/VI; 15/IX trabalho mediúnico de, 181, 186 e 353A/I

JEAN (ESPÍRITO)
poesia de, 53/X

JEANNET, ESPÍRITO PERTURBADOR,
entrevista de, 238/III

JERÔNIMO DE PRAGA, 239/IX JERÔNIMO, SÃO, 04/I

JESUS CRISTO
cruz do Gólgota e, 80/XI Divino Mestre, 343/II divinos preceitos de, 204/I
encarnação de, 111/V
Espiritismo e, 204/I; 237 e 316A/; 363A/II
Maomé, 115/I
mediunidade de curae, 10A/II
mensagem de, 287/XI
missão divina de, 101/IX
natureza de, 272/X
o personagem principal, o centro, 99/XI
relato de uma visão de, 103/XI
Segunda Revelação e, 264/X

JOANA D'ARC, 173/1; 367/IX
e o livro "História de J. d'Arc ditada por ela mesma", 32 e 73/1

JOÃO BATISTA, SÃO,
entrevista de, 327, 329, 331 e 334/V

JOÃO, DISCÍPULO,
mensagem de, 224A/I

JOÃO, O EVANGELISTA
mensagens de, 128 e 363/VII; 53/XI

JOBARD (ESPÍRITO)
apresentação de novo companheiro de, 128A/I entrevistas de, 73A/
mensagens de, 72, 79 e 81 A/; 115 e 367/XI seis mensagens semelhantes, através
de médiuns diferentes, de, 370A/II

JOBARD, SR.,
artigo do, 306/III
cartas do, 198/I; 23, 26 e 283/III; 151 e 276/IV

desencarnação do, 385/IV
referência de Flammarion, em discurso, ao, 138/XII
JOBERT, DR., (DE LAMBALLE)
e a teoria do músculo estalante, 141/11; 58/IX
JOGO DE AZAR
e os Espíritos, 331/X e predições, 202A/III
JOINVILLE (AMY DE LOYS)
mensagem de, 120/III
JOLY, POETA,
poesias do, 172/IV; 280/V
"JORNAL DO ESPIRITISMO" EM BORDEAUX, 95/VII
JOSÉ, O PATRIARCA
e a "ciência de adivinhar", 352/VIII
JOSÉ, SÃO,
mensagens de, 365/VI; 45/XI
JOURDAN, ESCRITOR LOUIS,
e a imortalidade, 381/IX
e a reencarnação, 374/V
e "O Livro dos Espíritos", 99/IV
JOUTY. PIERRE,
mensagem de, 311/IV
JOUY, ETIENNE DE,
trecho espírita em livro de, 21/XII
JOVENS, MENSAGEM AOS, 334/II
JUDAS ISCARIOTE, 132/XI
JULES (ESPÍRITO OBSESSOR)
comunicações de, 176 e 277/VII entrevistas de, 172, 174 e 277/VII
JULGAMENTO FINAL, 0,54/XI
JULGAR O PRÓXIMO, 96/V
JULIANO
mensagem de, 124/III
JULIENNE-MARIE, AMENDIGA
comunicações de, 247, 249 e 250/VII
JÚPITER, PLANETA. 71, 108, 139, 140, 202, 204 e 347/I; 216 e 319/III
desenhos de habitações do, 222 e 223/I
reencarnação no, 57/IV
JUSTIÇA DIVINA, 65/VI
balançada, 160/IX
a Justiça humana, 221 A/II
no Plano Espiritual, 97/VI

K

KARDEC ALLAN,
amor à Doutrina de, 183/11; 390/XI
assistência espiritual de, 119/11; 115V; 274/X
biografia de, 129/XII
cessão gratuita de direitos autorais de, 16/V
"chefe espírita", 374/IV; 237 e 260/V; 23A/II; 114/IX
Codificador, 05 e 72/I
correspondência de, 65 e 322/V
cursos gratuitos, para estudantes sem recursos, de, 145/XII
desencarnação e breve regresso para completar sua obra, 84/VIII; 134/XII
despesas de viagens, a serviço da Doutrina, de, 322/V; 165/VI 11
discurso de abertura na Soe. Parisiense de E. Espíritos, 353/XI

discurso em memória de Bruneau, 389/VI I
 discursos em outras cidades, 299/III; 296, 340 e 356/IV; 363/V;321/VII
 discursos sobre o túmulo de, 135/XII
 discursos, em enterros de espíritas, de, 134/V; 321/VIII; 27/X
 doação total à Doutrina de, 373, 374 e 390/XI
 doença cardíaca e aneurisma de, 134/XII
 doença ocular de, 230/V
 e a Soe. Parisiense E. Espíritas, 170 e 183/11
 e as homenagens pessoais (escritas), 306 e 309/VII
 e crítica ao seu pseudônimo, 262 e 266/IX
 e estudo do sonambulismo, 134/II
 e futura fundação espírita, 166/VIII;374e375/XI
 e magnetismo, 176/1 em Bordeaux, 340 e 356/IV; 193/X
 em face das homenagens públicas, 329 e 340/IV; 185/V
 em Lyon,299/III;296/IV
 em Rochefort, 363/V
 emTourseOrléans, 195/X
 enfermidade grave, em 1865, de, 83/VIII
 entrevistas, em visitas a Centros Espíritas, de, 288/V
 Guia espiritual de, 356/IV
 humildade de, 14/IX
 instruções do Dr. Demeure (Espírito) a, 153/IX
 jornal parisiense elogia, 179/XI
 justifica não discursar em enterro do sr. Didier, 11/IX
 livro sobre magnetismo, em preparo, de, 139/XI I
 mensagem, em 30/4/1869, de, 183/XII
 missão de, 115/V
 mudança de endereço de, 161/111; 169/V
 na Bélgica, 306/VII
 na Codificação, papel pessoal de, 273 e 279/X
 não se diz médium, 340/IV; 274/X
 "o bom senso encarnado", 140/XII
 organiza subscrição em favor de necessitados, 32/VI
 pede exclusão de banquete nas viagens a Lyon e Bordeaux, 278 e279/V
 perfil autobiográfico de, 41/11 presidente de honra da Soe. Esp. de Viena, 184/V
 pressentimentos de sua desencarnação próxima,01/X;375,386 e387/XI;139/XII
 prestação de contas, de donativos, de, 168/V; 68,100 e 132/VI
 primeiras mensagens do Espírito, 157/XII
 rendadeseus livros, 166/VIII;371/XI
 repercussão das primeiras comunicações do Espírito, 147/XII
 retratos de
 - (alegórico) do pintor Monvoisin, 178/XII
 - do pintor Bertrand, 30/X
 "riqueza" de, 179/V; 180/VI; 115/IX; 371 e390/XI
 simplicidadede, 177/XII
 sonho profético (invenção do pneu em 1888) de, 172/IX
 sua propriedade e criação de uma fundação, 374 e 375/XI
 sucessor de,01/X
 tradutor de obras francesas para o alemão, 144/XI I
 viagens de, 298/III; 289e327/IV; 321 e 363/V; 306/VII
 viagens (objetivosdas,) de, 364/V; 324/VII

KARDEC, MADAME ALLAN,

após a desencarnação de Kardec, diretrizes estabelecidas pela 154/XII
dedicação, aos ideais do esposo, da, 165/VIII mensagem de amiga da, 77/VIII
sobre o túmulo de Kardec, discurso em nome da, 144/XII

KÉRANIOU.ANGEDE,

romance espírita de, 94/IX

"L'AVENIR,MONITEURDUSPIRITISME" (PERIÓDICO), 251/VII

LA BRUYÈRE, JEAN DE, (ESCRITOR)

entrevista de, 121/V

LAFONTAINE

mensagem de, 193/VI pensamento de, 83/X

LAÇO QUE UNE CORPO AO ESPÍRITO, 127/I I

LACORDAIRE (ABADE)

e as mesas girantes, 43/X

mensagens de, 92/V; 252/VII; 90/X; 47/XI

pensamento de, 84/X

LACOSTE.SR.,

discurso em Bordeaux do, 352/IV

LAFAYETTE

pensamentode, 81/X

LAFONTAINE, CH.,

artigo de, 225/VII

LALÉSIE.BLANCDE,

cartade,366A/III

LALOUZE

mensagem de, 365/VII

LAMARCK.187/XI

LAMARTINE.387/IX

carta de Victor Hugo a, 233/VI; 305/XI

mensagem do Espírito, 119/XII

pensamentos espíritas de, 235A/I

poesias espíritas de, 20 e 185/XI I

LAMENNAIS

e a reencarnação, 283/XI

mensagens de, 255,328,347,350 e 355/III; 158,189,257,265
e397/IV;47,63,64,95,125,153,178,221,255e319A/; 162, 226, 286, 317 e 388/VI; 219/VII;
212, 214 e 222/VIII; 49/XI

pensamento de, 84/X

LAMWIERS,DIRKSE,

entrevista de, 336/I I

LANG.TIBULLE,

carta de, 15A/I

LAO-TSEU, DOCTRINA DE, 300/XI

LARROQUE.PATRICE,

e a reencarnação, 283/XI

LATOUR(CRIMINOSO ARREPENDIDO)

mensagens de, 311 e 333/VII

LAVALLÉE, DOUTOR MOREL,

mensagens do, 55e63/X; 113/XII

LAVÁTER

correspondência com Imperatriz russa, 71,97 e 129/XI

criador da Fisiognomonia, 201/111
e aparições de Jesus, 99/XI
entrevista do Espírito, 139/XI
gratidão de Paulo I, da Rússia, a, 81/XI
opinião sobre o Espiritismo do Espírito, 136/XI
reencarnação e, 140/XI
LAVERDET, ABADE,
mensagem do, 137/IX
LAZARE(ouLAZARRE)
mensagens de, 253 e 351/III
LÁZARO
mensagens de, 46, 60, 61 e 125/V; 321 e 387/VI
"LEÃO E O CORVO (O)" (POESIA), 184/VI
LEÃOX(LÉONX)
entrevista de, 36/IV mensagem de, 60/IV
LECLERC, CHARLES-JULIEN,
discurso de Kardec no enterro de, 27/X
mensagens de, 28,156e316/X
pensamento de, 367/XI
LEGAY.PIERRE,
entrevista de, 339A/II; 118/VIII
LÉGLISE, DESIRÉ, (POETA)
entrevista de, 155/V
LEI DO PROGRESSO, 27/V
eaCriação,66/VII
LEI HUMANA, A, 83/XI
e os médiuns curadores, 197/X responsabilidade fora da, 67/XII
LEMAIRE, ASSASSINO, (ESPÍRITO)
entrevista do, 79/I
"LENDA DO HOMEM ETERNO (A)" (ROMANCE),61/VII
LÉON
entrevistada, 143/IV
LEROUX, PIERRE, (ESCRITOR)
e a reencarnação, 285/XI
LESPINASSE
mensagem de, 141/N
LETARGIA, CASO DE, 255/I
LEVENT, VICE-PRESIDENTE SR.,
discurso na Soe. Parisiense de E. Espíritas do, 149/XII
discurso no sepultamento de Kardec, em nome da S.P.E.E., do, 135/XII
LEVITAÇÃO,48/I;255/II
"LIBERDADEDECONSCIÊNCIA(A)"(LIVRO), 256/XI
LIEUTAUD, SRTA. L.O., (POETISA), 79/X
LIGA DO ENSINO
carta idealizadora da, 110/X
comentários de Kardec sobre a, 79 e 113/X
LINCOLN
e seu assassino, no Além, 77/X
LÍNGUA ÚNICA (NO FUTURO), 352/V LINGUAGEM, ORIGEM DA, 352/V
LITERATURA CONTEMPORÂNEA
e o Espiritismo, 146/XI
LIVRE-ARBÍTRIO,290/II;290/VI

influência espiritual e, 131/XI presciência divina e, 319A/I

"LIVRO DOS ESPÍRITOS (O)"

benefícios de, 44 e 273/V; 197/VI

criação das almas e o, 314/V

décima edição (em seis anos) de, 172/VI

destino do lucro de, 36/I

em alemão, 29/VIII

em espanhol, 268/VII

enaltecido pelos espíritas de Lyon, 298/III

entre os selvagens, 138/11

leitura de, 262/V

linguagem concisa e precisa de, 319/V

livro básico e não tratado, 223/IX

médiuns psicógrafos de, 36 e 315/I

opinião de um jornalista sobre o, 325/IV

origem de, 17e365/V; 68/VII

poesia sobre o, 57/VIII

polarizadora Codificação, 276/X

proibição de sua leitura em Barcelona, 275/VII

repercussões do lançamento de, 33/I

segunda edição francesa de, 96 e 370/III

vendada 1ª edição de, 181/V

"LIVRO DOS MÉDIUNS (O)"

edição em espanhol de, 64 e 96/X lançamento de, 06/IV origem de, 365/V; 68/VII
segunda edição de, 361/IV

LIVROS ESPÍRITAS

edições populares a baixo preço de, 385/XI

mediúnicos, qualidade dos, 330/X

o maravilhoso e aventuras estranhas em, 225/X

proibição de publicação de, 231/X

resultado da leitura de, 114/VI

LOMBARDO.PAUL,

desenho medianímicode, 210A/I

LOTH.FLORENT,

Autor de livro espírita, 58/XI carta á imprensa de, 60/XI

LOUCURA

causada pelo medo do Diabo, 44/XI I

espírita, 51 A/I

Espiritismo e, 6/II; 184/III

estatística (na França) da, 205/IX

influência da música sobre a, 257/VII

mediunidadee, 120/I

no Além, 164/1; 221/VII

nos Tempos Preditos, 305/IX

patológica e obsessional, 112 e 358/V; 36/VI; 39/IX

tabaco e, 147/VIII

LOUIS-HENRI, O TRAPACEIRO

entrevista de, 380/VII mensagensde, 384A/II

LOUVET, FRANÇOIS-SIMON,

mensagem de, 87/VI

LOVE,G.-H.,(ENGENHEIRO),

autorde livro espiritualista, 321/VI

LUA, 66 e 70/I

LUGARES ASSOMBRADOS PELOS ESPÍRITOS,286/I;345/II

LUÍS XI

livro editado pelo Espírito de, 73,144 e 169/1

LUÍS XVI

pensamento de, 81/X

LUÍS XVIII

e o médium T. Martin, 353/IX

LUÍS, SÃO, (LUÍS IX)

entrevistas de, 133,149, 302 e 332/I; 39, 63, 200, 216 e 277/II; 51, 94, 164, 217, 226, 237, 246 e 247/III; 58, 122 e 139/IV

mensagens de, **55 e 177/I; 22 e 228/II;98,163 e 284/111; 208/V;**

131,141 e 355/VI; 213/VIII; 89/IX; 318/X; 48, 245 e 368/XI

mensagens falsas em seu nome, 98/III

parábola de, 132/I

pensamentos de, 82 e 84/X

quando encarnado, 226 e 239/III

LUÍS DE FRANÇA

mensagens de, 377/VII I; 89 e 158/IX; 58/X

"LUMEN-RELATODEOUTRATERRA"

notícia e trechos do livro, 93 e 151/X

LUOS

mensagem de, 127/1V

LUTERO,237/IX;122/XI

"LUZ (A)" (JORNAL DA ITÁLIA), 63/VIII

LUZARCHES, ROBERT DE,

mensagem de, 121/VII

LYON, CIDADE DE,

prefeito autoriza venda de jornal espírita em via pública na 256/XI

M

M.,SENHORITAPAULINE,

entrevistada, 85/IV

M.L.

entrevista de, 381 A/III mensagens de, 379 e 380/VIII

MACÉ.JEAN,

carta de, 11 O/X

MAÇONARIA

Espiritismo e a franco-, 123/VII

MADELEINE, FRANÇOIS-NICOLAS-, (CARDEAL MORLOT)

mensagensde, 129e370A/I

"MADEMOISELLE DE LA QUINTINIE"

livro de G. Sand com conceitos espíritas, 296/VI; 383/IX

"MÃE E O FILHO (A)" (POESIA), 98/VI

MAGIA

e Espiritismo, 263/X naAbissínia, 106/1

"MAGNÉTISEUR" (JORNAL), 225/VII

MAGNETISMO

animal (ou humano), 9/VII;260/VIII;187/X

desobsessão e, 187/X

Espiritismo e, 91,176 e 278/I; 233/VI

espírita, 07 e 10/VII; 260A/III; 186/X

-cura com puro, 113e 115A/III

força moral e, 188/X
Igreja Católica e, 278/I
livro em preparo, de Kardec, sobre, 139/XII
na Academia, 6/III
pinturas egípcias e, 294/V
prece e, 07/VII
prejudicial, **14a 16/VII**
reconhecido pelo Judiciário, 256/II
tratamento do rei sueco com o, 276/I
MAGNETISTAS, 06/XII
e o Espiritismo, 186/X; 09/XII
.MAGNETIZADOR
e médium curador, 10/VII; 259A/III; 186/X
MAISTRE, CONDE JOSEPH DE,
entrevistado, 107/X
livro que prevê o Espiritismo do, 101/X
MAKARIOSEN AGAPE (ESPÍRITO)
carta de, 103/XI
MAL, ORIGEM DO, 66/VII
MALET.E.,
discurso de posse do pres. da S.P.E.E., após desenlace de Kardec, 151/XII
MALFORMAÇÕES CONGÊNITAS (MONSTROS), 283A/II
MANGIN
mensagem de, 368/XI
MANGIN, O CHARLATÃO
mensagens de, 85 e 87/X
"MANIFESTAÇÕES DOS ESPÍRITOS (AS)" (BROCHURA), 63/I
MANIFESTAÇÕES FÍSICAS DOS ESPÍRITOS
casos de, 11, 13 e 154/I; 77, 115 e 235/III; 243/VI; 121, 218 e
237A/III; 55/IX; 118/X; 19/XI
fenômenos modernos e as, 238/XI
fraudes e o caráter *suigeneris* das, 123/X
perturbadoras, o melhor meio para se livrar das, 123/X
teoria das, 121 e 149/1; 38/IV; 156e185/VII
MANITU, CULTO DE,
e os Espíritos, 16/XI
"MANUAL DE XÉFOLIUS (O)" (LIVRO DE 1788)
entrevista do autor, já desencarnado, do, 249A/III
precursor do Espiritismo, 245/VIII
MAOMÉ, 115/1; 41 e 126/V; 100/IX
e o Islamismo, 225 e 321/IX
Paraíso de, 335/IX
MARAVILHOSO, O, (Ver O SOBRENATURAL)
MARCILLAC
mensagem de, 186/IV
MARDOCHÉ, R., (MARDOQUEU)
mensagens de, 90, 255 e 319/IV
MARGUERITE
mensagem de, 379/V
MARIA, IMPERATRIZ RUSSA,
e cartas de Laváter, 72 e 96/XI mediunidade da, 82/XI
M ÁRIA, MÃE DO CRISTO

e o pecado original, 11 e 115/V
MARIE (ESPÍRITO FAMILIAR)
mensagem de, 354/III
MARIE G.
mensagem de, 194/IX
MARIE-ANTOINETTE, RAINHA,
e a visão do músico Glück, 382/IX
MAROUZEAU, CURA,
cartas de Kardec ao, 218 e 275/VI
MARTE, PLANETA, 70/I; 317/III; 244/V
MARTEAU. AMÉDÉE,
poesia espírita de, 292/X
MARTIN
pensamento de, 83/X
MARTIN, HENRI,
carta de, 241 A/I
citado por Lamartine (Espírito), 121/XII
e as comunicações extracorpóreas, 172/I
MARTIN, SAINT. 274A/III
MARTIN, THOMAS, (MÉDIUM)
e rei Louis XVIII, 353/IX
MARY. APOBRE,
entrevista de, 152/V
MASSILON
mensagens de, 347 e 355/III; 126 e 317/IV pensamento de, 84/X
MATÉRIA E ESPÍRITO, 284/VII
MATERIALISMO. 235/II
categorias de, 04/X
Direito e, 225/XI
do século XIX, 392/III; 60/VI
e os Espíritos, 160A/I
nobreza de Espírito e, 185/IX
progresso e, 310/XI
razões do, 227/XI
uma profissão de fé no, 309/XI
MATERIALISTAS POR SISTEMA, 05/X
MATHIEU
mensagem de, 314/VI
MATTHIEU, SR. P. F.,
cartas do, 238 e 273/IV
nota de desencarnação do, 96A/I I
MAURÍCIO, ILHA,
Espiritismo na, 214/VII
MAX, O MENDIGO
a história de, 2207VI
MAXIMILIEN, V.,
entrevista de, 143/V
MEDICINA
alopática, homeopática e fluídica, 88/XI
da alma e do corpo, 296A/; 68/XI I
e a cura de Kardec, 2307V
e loucura obsessiva, 113A/; 15e16/VII

e os médicos médiuns, 299/X
e os médiuns médicos, 295/X
espiritual, 75/VII
remédio dado pelos Espíritos e, 335/V
MÉDICO MATERIALISTA (ESPÍRITO)
mensagem de, 143/XI
MÉDICOS ESPÍRITAS
diante do doente grave, 339/VIII e a medicina da alma, 68/XII e obsessões, 34/VI
MÉDICOS HOMEOPATAS
e o Espiritismo, 09/XII
MÉDICOS MÉDIUNS,299/X
"MEDITAÇÕES SOBRE O FUTURO" (POESIA), 190/VI
"MÉDIUM EVANGÉLICO (O)"(JORNAL),28/VIII
MÉDIUM INCONSCIENTE, IMPRESSÕES DE UM, 321/X
MEDIUNIDADE
auditiva, casos de, 231 A/III;18/IX
charlatanismo e, 62 e 94/II; 238/IV; 35A/II; 79/IX; 122/X
com faculdades múltiplas, 327/X de cálculo aritmético, 176/IV
de cura (Ver Médiuns de cura), 06 e 10/VII; 257/VIII; 312/IX; 232/X
- do corpo e da alma, 312/X -ea Lei, 79/IX
-e Jesus, 10/VII; 305/X
- e testes dos cientistas, 343/X
-tipos de, 305/X
de Efeitos Físicos (Ver Manifestações Físicas)
desenhos misteriosos e, 208/IV
dos animais, 246/IV; 24/VIII
e afinidade entre Espíritos e médiuns, 110/VIM
e "materiais cerebrais" do médium, 129/VI
e qualidades morais do médium, 74 e 75/II; 160e 170/111; 214/VI;
10e76/VII;315/X entre os Antigos, 294/V
especular, 356/II
gratuita, 66 e 91/V; 370/VII; 298 e 300/X
inconsciente, 249/VIII; 321 e 327/X
loucura e, 120/1
mental (desdobramento), 86/IX naNovaEra,249/X
nas crianças, 126/1; 45, 271, 272 e 324/VIII
novas obras-primas pela, 46/VIII
pelo copo d'água, 161,170e247/XI poliglota, 15/111
prestidigitaçãoe, 96/VI; 122/X
retirada dos dons da, 178/VII;298/X
revelação espontânea da, 370/VII I
vidente (Ver Visões e Aparições)
"MEDIUNIDADE" DOS PÁSSAROS, 250 e 273/IV
MÉDIUNS
absolvidos em Tribunal, 90/VII I
ambiciosos, 24/I;86/VIII
charlatães, 79/IX
ciúme entre os, 127/IV
com grande flexibilidade, 58/IV
condenados em Tribunal, 89/VIII
de cura (v. Mediunidade de cura) 74,110 e 182/III; 06 e 10/VII;
116/VIII; 312 e 345/IX; 303 e 306/X

de efeitos físicos, 243/IV
 de pressentimentos, 30/IV;57/XI I
 desenhistas, 72/I
 diferentes aptidões de, 239/I I
 e os prestidigitadores, 96/VI
 escolhos dos, 29/II; 76 e 160/111; 76/VII
 escreventes, 218/1V especiais, 43/111
 especuladores nos Estados Unidos e na Inglaterra, 211/IV
 estudos sobre os, 57/II
 fascinados, 275/1; 221/111
 fracasso dos, 93/VIII
 grandes filósofos, profetas, magos, sábios, 152/IV
 gravadores, 204/I
 iletrados,228/VI
 inconscientes, 249/VII I; 321 e 327/X
 inspirados, 284 e 333/11; 131A/II
 interesseiros,60/II
 julgados, 21/1
 martírio de, 62e63/XII
 médicos (consultantes), 117 e 259/VIII
 médicos, 295/X
 mensagem aos, 353/III
 mercenários com faculdades poderosas, 213/IV
 nas comunicações escritas, o papel dos, 218/IV
 nas comunicações, a influência moral dos, 240/IV
 norte-americanos e europeus, 211/IV
 norte-americanos em Paris, 52/V
 perseguição aos, 120/1
 pintores, 309 e 316/1
 poetas, 282/V;335/IX
 profissão dos, 86/V111
 reuniões na ausência de, 43/IV
 tentação financeira dos, 76/VII
 trabalho gratuito dos, 91 A/; 370/VII
 - na Soe. Parisiense de E. Espíritas, 66/V
 videntes, 324/I;07/II;131 A/I I
MÉHÉMET-ALI, PAXÁ DO EGITO
 entrevistas de, 114 e 303/I
"MEMÓRIAS DE UM MARIDO (AS)" (DE 1849)
 idéias espíritas no livro, 268/XI
MENEZES, L.O. TELLES DE, (DO BRASIL), 335/VIII
"MENINO JESUS NO MEIO DOS DOUTORES (O)" (QUADRO), 176/V
MENTAL E MENTE (Ver PENSAMENTO)
MERCUEUR, ELISA,
 poesias de, 122/V
MERCÚRIO, PLANETA, 70/I; 243/II
MÉRY.JOSEPH, (LITERATO)
 e recordação de vidas passadas, 328A/II; 212/IX
 entrevista de, 215/IX poesia de, 252/IX
MESASFALANTES(GIRANTES),08e28/I;279/II;134,232e338/VI; 334A/III
 e Floresta de Dodone e a Estátua de Memnon, 51/I
 e o abade Lacordaire, 43/X

na antigüidade, 238/XI
MESMER, 175/1; 338/VI; 274A/III
mensagens de, 07 e 304A/III; 159 e 160/VIII
pensamento de, 81/X

MESSIAS (OU PROFETAS), 99/IX

MESSIAS DO ESPIRITISMO (OS), 45 e 65/XI

METADES ETERNAS, 134/1

METEMPSICOSE, 150e280/XI

em peça teatral, 217/XI

MEYERBEER

pensamento de, 82/X

MIASMAS DELETÉRIOS NA ATMOSFERA E INIQUIDADE DOS ESPÍRITOS,
326/XI

MICHEL, JOVEM JULES,

entrevista de, 123/IV

MICHEL, SR., (DELYON)

carta do, 114A/I

MIGRAÇÃO DE ESPÍRITOS

da Terra para outros menos evoluídos, 243/II; 05 e 287A/; 165/VI; 216/VIII; 186,
302e308/IX

MILAGRE (S), 253 e 308/II; 271/III

e o emprego da palavra, 132 e 377/X

MILAGRES DE BOIS-D'HAINÉ, OS, 179/XII

"MILAGRES DE NOSSOS DIAS (OS)" (LIVRO), 253/VII; 86/VIII

MILLET, SENHOR, 92/I

MILTON, POETA, 163 e 166/IV mensagem do, 115/V

MINERAL

aalado, 262/XI

evolução do, 290/II; 132/VIII; 187/XI

"MINHAS PRISÕES" ("MÊS PRISONS")

fenômenos mediúnicos no livro, 22/XII

"MIRETTE" (ROMANCE ESPÍRITA), 59 e 70/X

MISSIONÁRIOS

conceito de, 259/X

provas terrestres dos, 158/X

MISSÕES DE EVANGELIZAÇÃO, 94/IV MISTIFICAÇÕES, 249/VI

MITOLOGIA, 249/II; 366/III; 119/IV e Espiritismo, 353/VIII

MOCIDADE ESPÍRITA, 251/X

MOISÉS, 116/1; 179/111; 285/IV; 41 A/; 101/IX; 15/XI

e a criação do homem, 74/IX e a 1ª Revelação, 264/X

e a proibição de evocar os mortos, 311 e 314/VI lei moral de, 90/IV

mensagens de, 123e261/X

MOKI

mensagens de, 157, 243 e 275/VIII; 170 e 249/IX; 383/X

MOLÉ. JACQUES DE,

mensagem de, 125/VII

MONDEUX, HENRI,

entrevista de, 177/IV

MONICO. JULES,

carta em defesa do Espiritismo de, 254/XI lançamento de livro de, 256/XI

MONOD, PASTOR ADOLPHE, 319/II "MONÓLOGO DE UM ASNO (O)" (FÁBULA),
340/V

MONOMANIA INCENDIARIA PRECOCE, 161/IX

MONTAIGNE

mensagem de, 51/XI

"MONTE CRISTO", DE A. DUMAS

Espiritismo no romance, 218/XI

MONVEL.CÉCILE,

mensagem de, 287/VI

MONVOISIN, PINTOR ESPÍRITA, 179/XII

MORAL

cristã, 91/IV e o Espiritismo, 159/IX magnetismo e força, 188/X progresso (da Humanidade), 297/IX

MORELLO.PROF.PAULO,

carta do, 212/VI

MORHÉRY, DOUTOR,

cartas do, 110,140 e 182/111 resposta de Kardec ao, 31/V

MORIBUNDOS

e o momento do desenlace, 89/VI

e o Mundo Espiritual, 174/IV

presentimentos de, 75/XII

MORIN.JULES,

mensagem de, 345/III

MORISSON, SR., (MONOMANÍACO)

entrevista do, 164/I

MORTE (DESENCARNAÇÃO)

apreensão da, 33/VI11

comunicação, a distância, logo após a, 217 e 218/VIII

consciente, exemplo de, 322/VIII

despertar do Espírito na, 323/III; 130/V

e os cataclismos, 349/X

idéias espíritas e, 247/I I

Lamartine visita Planos Espirituais, em preparo para a,121/XII

nascimento da borboleta e, 21/III

prematura de crianças, 271/X

preparativos para a, 219/V

sem a fase da perturbação, 76 e 79/VIII

verdadeiro momento da, 120/VIII

visão panorâmica pós-, 72,131 e 140/V

MORTOS

e vivos, relações amigáveis entre, 155/V

reunião consagrada à comemoração dos, 353/VII

"MORTOS SAIRÃO DE SEUS TÚMULOS (OS)" (FRASE BÍBLICA), 530(1

"MORTOS SOFREDORES E ABANDONADOS (OS)" (LIVRO), 315/11

MOZART

criança prodígio, 189/XI I

em Júpiter, casa de, 229 e 264/I (com ilustração anexa)

entrevistas de, 137 e 140/1; 123/11

fragmento de sonata dcrEspírito, 123/II

MUHR, DOUTOR

entrevista do, 305/I

"MULHER DO ESPÍRITA (A)" (ROMANCE)

crítica do, 94/IX

MULHER, 342/I

coquete, 32/IV
emancipação da, 161 e 240/X; 127/XI; 79/XII
espírita, 389/VIII
estado social da, 386/VIII
instrução da, 127/XI
missão da, 125/X
no século XIX, influenciada, 387/III
seus direitos e o Espiritismo, 164/X
submissão ao homem da, 116/I
tem uma alma?, 01/IX

MULLER.SR.E.,

sobre o túmulo de Kardec, discurso do, 143/XII

MUNDO ESPIRITUAL [Ver PLANOS (ESFERAS) ESPIRITUAIS]

chave do passado e do futuro do homem, 239/XI

esferas do, 243/I I

fenômenos especiais no, 244/IX

guerras e o, 185 e 186/11

habitações no, 237 e 320/11; 55/VII

quadro grandioso do, 238 e 245/11

sociedade e círculos de Espíritos sup. e inf. no, 77 e 79/XI

trabalhos diversos no, 183 e 188/IX

"MUNDO MUSICAL (O)" (JORNAL BELGA), 397/VII; 64/VIII

MUNDO (S) (Ver PLANETAS)

diversas categorias de, 291/11

do sistema solar e da imensidade, 50/XI

fim do, 221/X; (em 1911) 107/XI

Galileu, 145/X

habitados, 65/I; 112 e 291/II

intermediários (ou transitórios), 125/II

migração entre os, (ver Migração planetária) reflexos de perturbações entre os,
156/X

MURGER.HENRI,

entrevista de, 88/IV mensagem de, 87/IV

MURIANE, LÉONDE,

mensagens de, 346 e 347/V

MÚSCULO FANFARRÃO, 141/11; 58/IX

MUSEU DO ESPIRITISMO, 385/XI; 178/XII

MÚSICA

ação, direta no coração, da, 158/IV

celeste, 126/111; 31 e 87/XII

do Além, audição de, 340/XI

e mediunidade, 51/VIII

espírita, 30/XII

influência do Espiritismo sobre a, 94/XII

influência sobre os criminosos, loucos e idiotas da, 257/VII

moderna e antiga, 343/XI

no Além, estudo de, 109/VIII

no planeta Júpiter, 140/I

MUSSET.ALFREDDE,

crônicas de, 191 e 287/III; 222/IV

entrevista de, 386/III

pensamento de, 82/X

poesias de, 110/11; 25,180e182/IX; 184/XII

N

NABUCODONOSOR

caso de um novo, 343/VIII

NABUCODONOSOR, REI, 350/VIII

NANT, SR.,

exemplo de morte consciente, 322/VIII exéquiasdo,321/VIII

NAPOLEÃO

pensamento de, 81/X

NATUREZA, 284 e 320/V

NAUFRÁGIO DO BORISTHÈNE, O.43/IX

NAVERY.RAOULDE,

poesia inspirada de, 190/VI

NECROMANCIA,29e30/I

NEMOURS,DUPONTDE, (FILÓSOFO)

reencarnacionista antes do Espiritismo, 106/XI I

NERO,167/VI

NERVAL, GÉRARD DE,

conto de, 266/IV

mensagens de, 29, 62, 89,191 e 221/IV

NEWTON

pensamentode, 81/X

NICHOL, MISS,

médium de transportes, 79/XII

NIVARD,L.,(PAI)

fenômenode lingüística, mensagem de, 338/XI

NIVARD.LOUIS,

mensagens de, 253/X; 27/XII

NIVRAC, CAPITÃO

entrevistado, 139/V

"NOÇÕES DE ASTRONOMIA" (BROCHURA), 128/IX

NODIER, CHARLES, (ESCRITOR)

entrevista de, 391/III mensagens de, 390 e 392/III

NOÉ, 72/III

NOULINJACQUES,

entrevista de, 331/V

"NOVA ERA (A)" (POESIA), 184/XII

NOVA ERA, 305/IX

e o desenvolvimento mediúnico coletivo, 249/X

"NOVAS HISTÓRIAS PARA OS MEUS BONS PEQUENOS AMIGOS"

livro escrito por criança prodígio, 186/XII

NOVEL

mensagem de, 383/III

"NOVO DICIONÁRIO UNIVERSAL'

Espiritismo no, 29/IX

NOVOS PRINCÍPIOS DE FILOSOFIA MÉDICA"

livro com conceitos espíritas, 388/IX

NOYEZ.PAGÈS DE,

sobre a desencarnação de Kardec, artigo na imprensa de, **148/XII**

NUMEROLOGIA, 234/VII; 376 e 379/X; 193/XI

NUS, EUGÈNE, (ESCRITOR)

poesia espírita de, 126/IX

OBJETOS FABRICADOS NO ALÉM, 197/11; 147/IV

OBSESSÃO

casos de cura de, 46 e 80/VII; 05,143 e 172/VIII; 38/IX; 175/X

causas e meios de combater a, 353/V; 01,32,101 e133/VI;12/VII; 132/XI

coletiva ou epidêmica, 363/V; 52/VIII

crimee,302/II;254/X

duração da, 91/VI enfermidade e, 121 N; 90/XI

epidemia demoníaca e, (Ver Epidemia demoníaca) exorcismoe, 51/III; 113/V; 139/VI

fascinação, variedade de, 33 e 156/VI

infantil, 11 O/V; 167/IX

lugares assombrados e, 345/II;50/III

magnetismo prejudicial e, 14 a 16/VII

magnetismo útil e, 188/X no Além, 177/III

obsessor de si mesmo e não, 362/V

responsabilidade moral e, 253/X

simulada, 31/XII

subjugação, variedade de, 34 e 35/VI

tratamento da, 230/VII; 180/X vício sexual e, 61/III

OFICIAL MORTO EM BATALHA

entrevista com, 189 e 240/II

ORAÇÃO DOMINICAL, 234/VII

desenvolvida, 263/VII

"ORÇAMENTO DE ESPIRITISMO" (ou "EXPLORAÇÃO DA CREDULIDADE HUMANA"), 175/VI

resposta à brochura, 279/VI

ORGULHO, 132/1; 218/11; 349/111; 314 e 318/V;193/VI

ORIENT,A.D',

autor de livro espírita, em 1845,351 /XI

"OSSO PARA ROER (O)" (POESIA), 185A/I OSTENTAÇÃO, A, 120/III

P..JULES,

entrevista de, 202/IV

PACIÊNCIA, 306/IV; 382/X

PADRE

médium curador, 114/XII

simpático ao Espiritismo (carta a Kardec), 351/VII

PAI CÉSAR, O NEGRO,

entrevista de, 162/II

PALISSY, BERNARD (ESPÍRITO), 72/I

mensagens de, 340/1 poesia endereçada ao, 79/X

PAMPILLE (ESPÍRITO PROTETOR)

mensagem de, 186/IX

PANTALEON, MONS., (BISPO DE BARCELONA)

ordenação antiespírita do, 264/VII

PANTEÍSMO,287/II;239e283/V;319/VI;05/X

PARIS, DIACONO FRANÇOIS, 358/II entrevistado, 306/I I

PARTIDO ESPÍRITA NA FRANÇA

denúncia de um, 208 e 240/XI

PASCAL

mensagens de, 320/IV;149,152e156/VIII pensamento de, 83/X

PASSE MAGNÉTICO, 06/VI

e cura (sobre a cabeça), 116/VIII; 175 e 180/X

e obsessão,140/VI

em pintura do Egito Antigo, 353/VIII

PATOLOGIA ESPIRITUAL, 230/VII PATRIARCAS, LONGEVIDADE DOS, 317/VI

PAUL, ESPIRITO PROTETOR

mensagem de, 117/V

PAULO

mensagem sobre a visão do czar Paulo I de, 122/IX

PAULO I (CZAR DA RÚSSIA)

mensagem, s/cartas de Laváter, de, 81/XI

visão de, 120/IX

-mensagem sobre a, 122/IX

PAULO, SÃO, (APÓSTOLO)

mensagem de, 08/VII

perispírito em Carta de, 72/IX; 293 e 299/XI

precursor do Espiritismo, 370/VI

presente às sessões da Soe. Parisiense de E. Espíritas, 175/V

PAULOWITCH

mensagem do Protetor Espiritual, 349/VIII

PAZ PERPETUA NA TERRA

época em que surgirá a, 380/X

PECADO ORIGINAL, 11 /V; 217/VI

o verdadeiro, 270 e 350/X s

segundo o Judaísmo, 333/XI

PEDRO (EX-OBSESSOR)

mensagem de, 175/VIII

PEDRO, SÃO,

e sua libertação da prisão, 122/X

PELLETAN, EUGÈNE, (ESCRITOR)

e a reencarnação, 283/XI

PELLICO, SILVIO, (ESCRITOR)

mensagem de, 23/XI

"PHYSIOLOGIE, MÉDECINE ET METAPHYSIQUE DU MAGNÉTISME"

livro de 1842, conclui sobre a existência do perispírito, 13/X

PINTOR

cego (médium?), 72/VII

médium, 309 e 316/1; 166/111; 347/V; 210/VI

PINTURA

egípcia e Espiritismo, 353/VIII

mediúnica, 209/VI

o realismo e o idealismo em, 89/V

PITÁGORAS, 04/I; 211/111

e o Espiritismo, 15/XI; 139/XII

e a Metempsicose, 295/I; 280/XI

PLACIDE

mensagem de, 367/XI

PLANETAS [VerMUNDO (S)]

PLANOS (ESFERAS) ESPIRITUAIS (VerMUNDO ESPIRITUAL), 83e 243/II; 321 e 390/III; 187 e 269/IV; 88 e 92/V; 97/VI; 97/XI

nas regiões terrestres ou similares à Terra, 162/VI

reflexos do mundo dos encarnados nos, 317/XI

subcrocstais (abismos), 67/I; 250e292/II; 76/XI

superiores, 321/111; 181,269 e 305/IV; 162/VI

vistos por Lamartine, em preparo para a desencarnação, 121 /XI I

PLANTA (S) (Ver VEGETAL)

medicinal, mensagem sobre, 325/XI princípio espiritual das, 94/III

PLATÃO, 04/I

e a transmigração da alma, 280/XI

e Doutrina de Escolha das Provas, 243/I

e moral cristã, 347/III mensagem do Espírito, 123/III

pensamento do Espírito, 82/X precursor do Cristianismo, 274/VIII

PLÍNIO, O MOÇO

entrevista de, 82/11 sua carta a Sura, 80/II

"**PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS DA ALMA (A)**", (LIVRO), 25/VIII; 15/IX

"**PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS (A)**"

livro de Flammarion, 29/VI; 256 e 288/VII; 15/IX; 272/XI; 142/XII

livro inspirado na obra, 276/XI

PNEUMATOGRAFIA (Ver ESCRITA DIRETA)

"**POBRES DE ESPÍRITO, BEM-AVENTURADOS OS,**", 63/V

POBREZA

E inveja, 315/IV

prova da, 254/IV; 249/VII

POESIAS (S)

e Espiritismo/mediunidade, 387/III; 123 e 333/VIII

espíritas, 126, 224 e 252/IX; 79 e 213/X; 184/XII

espiritualista, 11/VI

inspirada, 190/VI

mediúnica verbal, 337/IX

mediúnicas, 343/I; 286/II; 280, 311 e 337/V; 67, 97, 98 e 185/VI;

25, 50, 51, 180 e 182/IX; 53/X sobre "O Livro dos Espíritos", 57/VIII

POINSOT, ASSASSINATO DO SR., 78/IV**POITEVIN, SENHOR,**

entrevistado, 106/11

POLÊMICA ESPÍRITA, 293/I POLIGAMIA, 115/1; 323/IX

POMPÉRY.E.DE,

artigo de, 237/VI carta de, 242/VI

PONSARD (POETA), 97 e 145/X

"**POR QUE SE LAMENTAR?**" (POESIA), 97A/I

PORFÍRIO.15/XI**POSITIVISMO, 309/XI****POSSESSÃO (SUBJUGAÇÃO), 267/I; 139/VI**

casos de, 33 e 373/VI; 11/VII; 343A/III; 324/X; 30/XI

POSSESSOS DE MORZINE, 353/V; 01, 33, 101 e 133A/I; 225/VII

POUSSIN, ABADE,

autor de livro sobre o Espiritismo, 05/XI

POUSSIN, NICOLAS,

mensagem de, 89/V

POVOS

primitivos, 241/VII regeneração lenta dos, 345/XI

PRANCHETAS (PARA COMUNICAÇÕES ESCRITAS), 09/I**PRECE**

arrependimento e, 56/III

coletiva, 17A/I I

corrente fluídica salutarda, 262/VIII; 157/IX

dominical, 234/VII

-desenvolvida, 236/VII

efeitos da, 315/II; 224 e 363/IV
fé natural e, 394/IV
inteligível, 233A/II
Leis Divinase, 317/II; 155/IX
magnetismo e, 06/VI; 06, 07, 08 e 10/VII; 262A/III
no Espiritismo, 05/IX
para ente querido desencarnado, 150/VI
trabalhoe,64/III
tratamento das doenças e, 56/X
valor da, 250/V;193/VI
"PRECE (A)" (POESIA), 172/IV

PREDIÇÕES

de Jeanne D'Arc, 367/X
deMoki,384/X
do abade de Saint-Pierre, 380/X
jogose,202/VIII

PRESCIÊNCIA, TEORIA DA, 129A/II

PRESENTIMENTO (S)

casos de,333/X
coletivo, 178/IX
de desencarnação próxima, 247/IX
de moribundos, 75/XII
do destino de Marie-Antoinette (Rainha), 382/IX; 333/X
Espíritos que transmitem os, 179/IX
explicação dos, 338/X; 169/XI
instinto e, 77/I
perturbações da Natureza e, 338/X
sonhos de, 84/III; 152/XI
transmitido por Espírito encarnado, 24/XI
PRESTIDIGITAÇÃO,250e276/IV

PRÉVÖST, SR.,

discurso, na inauguração da Casa de Retiro, do, 303A/I

"PRIÈRES DE LUDÖVIC (LÊS)"

livro reencarnacionista, 240A/

PRINCÍPIO ESPIRITUAL (INTELIGENTE), 96A/III PRISÖES, ESPIRITISMO NAS,

44A/II PROFECIAS, 131 A/II

PROFETAS, 99/IX;259/X

falsos, 260/X

"PROFETAS DO PASSADO (OS)" (LIVRO), 236/IX

"PROGRÊSESPIRITUALISTE" (JORNAL), 191/X

PROGRESSO

de Espíritos maus, 126/IV

inimigos do, 350/III

Islamismo e o, 333/IX

Lei do, 2/V

moral e felicidade humana, 297/IX

moral e intelectual, 160/IV; 118/VII; 156/VIII

PROJETO DE CAIXA GERAL DE SOCORRO, 193/IX PROTESTANTE, REFORMA,

239/IX

PROVAS (PROVAÇÕES)

conceito de, 269/VI

da pobreza, 254/IV; 249/VII

e doenças, 327A/
e felicidade eterna, 306/IV
e solidão, 327A/
em contato com a corrupção, 315/V
escolhidas antes da reencarnação, 274/VI
recoo diante das, 309/V
PROVENCE, RÉNÉDE,
mensagem de, 64/IV
PROVIDÊNCIA DIVINA
e Assistência espiritual, 190/II; 285A/II; 283/X
"PSICHE" (JORNAL DE NÁPOLES), 64/XI
PSICOGRAFIA, 09e31/I
com letras em sentido oposto, 309/VII
direta, 9 e 316/1
indireta, 09/1
intuitiva, 102/XI
semelhante com a escrita quando encarnado, 196/I; 55/IV
PSICOLOGIA EXPERIMENTAL
e Espiritismo, 132A/III; 141/XII
PUBLICIDADE DAS COMUNICAÇÕES ESPÍRITAS, 12/V
PUCHESSÉ, BAGUENAUT DE, (ESCRITOR)
e o Espiritismo, 13/XII
. PURGATÓRIO, 286/VI
PUYSÉGUR, MARQUÊS DE, 92/I; 274A/III
Q
QUADRO (S)
do Museu do Espiritismo em Paris, 178/XII
espírita em Anvers, 320/VII
medianímico
- do pintor Ingres, 176/V
- exposição em Constantinopla de, 209/VI
"QUATRO EVANGELHOS (OS)", 190 6271/IX
"QUE É O ESPIRITISMO? (O)", 196/II nova edição de, 223/VIII
QUILLET, MARIE-CAROLINE,
poesias da sra., 123/VIII
QUINEMANT (DA ARGÉLIA)
desencarnação do confrade, 182/X mensagens de, 183, 186e318/X
QUIROMANCIA, 17/XII; 174/X
R..VOLDEMAR,
mensagem do obsessor, 348/VIII
RABDOMANCIA, 290A/II
RAÇA ADÂMICA, 08/V
RAÇA NEGRA, PERFECTIBILIDADE DA, 97/V; 51/X
RAÇAS PRIMITIVAS, 241 A/II
extinção das, 162/11; 243/VII
RACISMO, 162/11; 97/V; 26/VI; 148A/II; 51/X
RAINHA DE OUDE (ESPÍRITO)
entrevista da, 82/I
RAINHA MÉDIUM, UMA, 85/VII
RAMANENJANA (OBSESSÃO COLETIVA), 52/VIII
"RAZÃO DO ESPIRITISMO (A)" (LIVRO), 344/x
REBININE, PRINCESADE, 163/11

RECOLHIMENTO, O VERDADEIRO, 349/XI
RECONCILIAÇÃO PELO ESPIRITISMO, 275/V
RECORDAÇÕES DE VIDAS PASSADAS (Ver VIDAS PASSADAS)
REENCARNAÇÃO(ÕES), 295/1; 322/111; 85/V; 162/XII(VerVIDAS PASSADAS)
afeições terrestres e a, 53/VII
Balzacea, 284/XI
Benjamin Franklin e a, 244/VIII; 361/X; 106/XII
comportamentos sugestivos de, 377/V
criança que fala língua desconhecida e, 377/XI
crianças prodígios (geniais) e, 47, 50 e 271/X; 186 e 189/XII
Cyrano de Bergerac e a, 283/XI
de Espíritos messiânicos na Terra, 50/XI
dogma da Igreja e, 375/V
doutrina druídica e a, 105/1; 270 e 282/XI; 106/XII
efeito moralizadora, 307/XI
Elias, João Batista e a , 367/VI
em mundos superiores, 57/IV
esquecimento de outras vidas e, 273/VI
estudos sobre a, 51/VII
Eugène Pelletan e a , 283/XI
evolução e, 57 e 140/1
gauleses, 269/XI
Goethe, 286/XI
Hindus e a, 323/II
intuição da, 62/X
Islamismo e a, 332/IX
Lamennais e a, 283/XI
lembranças de anterior (es), 205/111; 213/IX
limites da, 51/VII
livro francês de 1808 e a, 135/X
lógica da, 389/III; 135/IV
metempsicose e, 295/I
na América, 50/V
necessidade da, 49/VI I
no corpo físico de outro encarnado, impossibilidade de, 49/XI I
no Evangelho, 268/X
no Japão(no século XVI), 252/XI
nos Estados Unidos, 148/VII
Patrice Larroque e a, 283/XI
Pierre Leroux, 285/XI
planejamento de, 185/IX
propagação do Espiritismo e, 106/V
provada pelo sonambulismo, 198/VI
quadros genealógicos e, 67/V
romances
-com casos de, 94/VIII; 14 e 15/X
-de George Sande, 14/X; 283/XI
sexo modificado na, 58/I
teoria dos brâmanes e a , 241/V
todos os gêneros literários e o tema, 216/XI
Victor Hugo, 284/XI
visão de um Espírito dos corpos de suas várias, 175 e 222/IX

REFLEXÃO (MENTAL), 153A/III
"REFLEXÕES DE UM ORTODOXO DA IGREJA GREGA SOBRE A VIDA DE JESUS" (LIVRO), 297/VI
REFORMA ÍNTIMA, 118/VI I
e fluidos bons e maus, 131/X
e o ensino moral do Evangelho, 98/VII
objetivo essencial de Espiritismo, 250/IV; 227/VIII
REGIÃO ESPIRITUAL TENEBROSA, 138/X
"REGIMENTO FANTÁSTICO, O" (ROMANCE)
idéias espíritas no, 271/XI
RELIGIÃO (ÕES)
ciência e, 73/III; 31 e 204/VII
dos Indianos, 116/1; 320/VI
Espiritismo e, 86/11; 373/IV; 199/VII; 353/XI
instrumento de dominação, 99/IX
muçulmana, 115/I; 100/IX
paralelas ao Espiritismo, 376 e 377/XI
progresso e a, 199/VII
respeito às antigas, 90 e 259/X
unificação das, 241, 260 e 312/X
universal, 92/IV
"RELIGIÃO E A POLÍTICA NA SOCIEDADE MODERNA (A)" (LIVRO), 183/XI
RELIGIÃO ESPÍRITA, 353 e 361/XI
REMBRAND (PINTOR)
mensagem de, 342/II
REMÉDIOS DADOS PELOS ESPÍRITOS (FÓRMULAS), 335 e 384/V; 64/VI
REMONE, GUILLAUME, (ENTERRADO VIVO)
entrevista de, 324/V
REMONE, SENHORA,
entrevistada, 329/V
REMORSO, 287 e 291/II; 159/111; 157/V
caso Jean Ryzak de, 242/X
e senso moral, 245/X na Terra e no Além, 97/VI
RENAN (ESCRITOR)
e os milagres, 132/X
e seu livro "A Vida de Jesus", 297 e 338/VI; 135 e 161/VII
RENARD, CH., (MÉDIUM), 350/I
RENAUD, GUILLAUME,
entrevista do Espírito, 83/VI
sua morte e recusa de sacramentos da Igreja, 81 A/I
RENAUD, HIPPOLYTE, (ESCRITOR), 237A/I
REPÔS, ADVOGADO,
carta do, 206/IV
REPÔS FILHO, ADVOGADO,
cartas do, 209/VI; 209/VII; 337/VIII
REPOUSO ETERNO, 354/VIII RESIGNAÇÃO, 89/VI
RESPONSABILIDADE
fora da lei humana, 67/XII
moral e influência espiritual, 253/X
RESSURREIÇÃO
dos mortos, 368 e 372/VI; 292/XI um caso de, 134/IX
RESSUSCITADO CONTRARIADO, UM, (CASO)

vivência no Plano Espiritual de, 357/X
"RESUMO DA DOCTRINA ESPÍRITA" (LIVRO)
comentário da imprensa sobre o, 58/XI resposta à imprensa do autor do, 60/XI
RESUMO DA LEI DOS FENÔMENOS ESPÍRITAS, 106/VII
REUNIÕES ESPÍRITAS (Ver SESSÕES ESPÍRITAS)
o verdadeiro recolhimento nas, 349/XI seriedade das, 157/VIII
REVELAÇÃO DIVINA, 153/VIII REVELAÇÃO ESPÍRITA, 257/X
REVELAÇÕES
e visões dos extáticos, 344/IX estudos sobre as, 97/IX; 257/X
"REVELAÇÕES DEALÉM-TÚMULO"(LIVRO),29e128A/321/VIII
REVELAÇÕES ESPIRITUAIS
controle superior das, 106e146/III;273/VIII; 101/XI
de teorias científicas, 163/111
modernidade das, 102/IX
na época certa, 89/X
progressivas, 156e208/VIII
três grandes, 264/X
universalidade das, 68/VI I
"REVELAÇÕES SOBRE A MINHA VIDA SOBRENATURAL" (LIVRO), 281/VI
REVENANT, ENGENHEIRO,
Autor de livro espírita, 124/XII
"REVISTA DOS DOIS MUNDOS", 296A/I
"REVISTA ESPÍRITA DE ANVERS" (BÉLGICA), 57/VII
"REVISTA ESPÍRITA"
objetivos e periodicidade da, 351/VII reimpressões da, 369/IV
REWILE, PREGADOR PROTESTANTE,
sermão do, 99/VIII
REY.JEAN-BAPTISTE, (MÚSICO)
cantor prodígio aos nove anos, 189/XI I
REY,R.,
carta de, 279/IV
REYNAUD, JEAN, (ESCRITOR E FILÓSOFO)
artigo de, 362/X
carta de, 239/V
citado por Lamartine (Espírito), 121/XII
e a reencarnação, 281/XI
entrevista do Espírito, 256/VI
mensagens do Espírito, 255 e 256/VI; 221/VII
pensamento de, 81/X
precursor do Espiritismo, 229/VI; 274/VIII; 106 e 133/XII
REYNAUD, SENHORA,
entrevistada, 72/I I
RIQUEZA, 165/1; 314/IV
RIQUIER, ESTELLE,
mensagem de, 61/III
RIQUIER, FRANÇOIS, (AVARENTO)
entrevista de, 249/V
RIVIER, CLARA,
entrevista de, 90/VI
"ROBINSON CRUSOÉ"
Espiritismo no livro, 74 e 279/X
ROCHEFOUCAULT.LA,

pensamento de, 83/X
ROMA, CIDADE DE, 317/IV
"ROMANCE DO FUTURO (O)" (LIVRO MEDIÚNICO), 215 e 321/X
ROMANCES ESPÍRITAS, 360/VIII; 91 e 94/IX; 14 e 59/X
 mensagem mediúnica sobre, 63/X
ROSALIE.IRMÃ,
 mensagem de, 325/III
ROSSINI (MÚSICO)
 mensagens de, 30, 87 e 89/XI I
ROUGET.ANGÈLE,
 mensagem de, 250/V
ROUSSEAU.J.J.,
 mensagens de, 59 e 252/IV; 365/XI
 o mágico, 206/IV pensamento de, 83/X
ROUSSEL.ADOLPHE,
 carta de, 346A/I
ROUSTAING, 336/IV; 277/X cartas de, 167/1 V; 31/X
 "Os Quatro Evangelhos" de, 190 e 271/IX
ROWE, SENHORA,
 autora de livro com princípios espíritas, 327/XI
"RUCHE SPIRITE BORDELAISE (LA)" (REVISTA), 196/VI
RÚSSIA
 Cartas de Laváterà Imperatriz da, 71, 97 e 129/XI
 Livro de Kardec no idioma da, 224/VII
S
SABEDORIA
 amor, como condição para alcançar a, 355/III; 224/X
SÁBIOS, OS,
 e crenças religiosas e espíritas, 348/III
SABÔ, A., (DE BORDEAUX)
 brindede, 354/IV
 cartas de, 280/IV; 84A/; 181 A/I
 discurso de, 330/IV
 entrevista da esposa (Espírito) de, 186/VI
SACRIFÍCIO (S)
 de viúva hindu, 344/I e arrependimento, 224/VI
SACY
 Kardec e a tradução dos Evangelhos de, 98/VII
SAINTINE.GÉRALDY,
 livro de, 185/III
SAINT-PAUL, MARQUÊS DE,
 entrevista do, 174/1V
SAINT-PIERRE, ABADE DE,
 mensagem do, 379/X
SAINT-PIERRE, BERNARDIN DE,
 mensagem de, 265/IV pensamento de, 82/X
SALES, FRANÇOIS DE,
 mensagens de, 122 e 353/III
SALGUES, L. -A. G.,
 cartas de 140 e 142/VIII livro de, 128/VIII
SALLES.ROBERT DE,
 artigo de, 10/XII

SAMUEL, PROFETA,

evocação do, 17/XI

SAND, SRA. GEORGE, (ESCRITORA), 387/IX

conceitos espíritas em sua obra, 383/IX; 14/X e a reencarnação, 296/IV

SANGUENALÉM,52/III

SANSON.J.,

ainda encarnado, carta de, 129/V

discurso de Kardec sobre o túmulo de, 134/V

entrevista do Espírito de (horas após o desenlace), 1307V

mensagens de, 348/V; 26/VI; 363 A/I I

profissão de fé de, 82/VI

SANTO(S)

Espíritos com qualificação de, 221/IX proteção do Espírito dos, 264/XI

SARDOU,VITORIEN,

dramaturgo e médium desenhista, 72 e 222/I evocação feita por, 68/II

SAÚDE [VerCURA(S)]

magnetismo e, 189/X

SCARRON,PAUL,

mensagem de, 352/III

SCHILLER(POETA), 161/II

SCRIBE.EUGÈNE,

mensagem e entrevista de, 309/IV

SEGUNDA VISTA (Ver DUPLA VISTA)

"SEIS NOVELAS"

novela espírita no livro, 300/II

SEITAS PARALELAS AO ESPIRITISMO, 376 e 377/XI

SEMATOLOGIA ESPÍRITA, 08/I

SENSAÇÕES DOS ESPÍRITOS, 331/I

SENSO MORAL E REMORSO, 245/X

SENSU ALISTAS, 05/X

SENTIDO ESPIRITUAL, 289/VII; 172/X

"SERAPHITA"(ROMANCE),14/X

SERES VIVOS, DESTRUIÇÃO DOS, 97/VIII

"SERMÕES SOBRE O ESPIRITISMO" (BROCHURA), 285 e 323/VI

SESSÕES MEDIÚNICAS (Ver REUNIÕES ESPÍRITAS)

deveres dos participantes de, 288/111 presença do público nas, 130/1V

SEXO

e os Espíritos, 136/1; 39 e 112/11; 174/V;03/IX

e responsabilidade, 187/IV

SEXTO SENTIDO, 289/VII; 172/X

"SIAMORA,ADRUIDESA"(LIVRO),91/III

SIBOUR

pensamento de, 84/X

SIMÉON

mensagem de, 314A/I

SIMOND (ESTUDANTE DE DIREITO)

carta de, 204/VI

SIMONET(MÉDIUMCURADOR),232/X

SINTONIA MENTAL COM OS ESPÍRITOS, 131 e253/X; 132/XI

SISTEMA SOLAR, MUNDOS HABITADOS DO NOSSO, 50/XI

SISTEMAS PLANETÁRIOS (ESTRELA E PLANETAS) EM TODO O UNIVERSO

e pensamento de Flammarion, 155/X

e pensamento de Galileu, 145/X

SISTEMAS SOCIAIS, 93 e 255/IV

SLENER

mensagem de, 84/X SOBRENATURAL,0,128e267/III;319/V

e o vocabulário espírita, 134/X

Flammarioneo, 141/XII

texto de Guizot sobre, 393/IV

SOCIEDADE AFRICANA DE E. ESPÍRITAS, 235/V

SOCIEDADE ESPÍRITA DO MÉXICO

poesias recebidas na, 26/V

SOCIEDADE MARSELHESA DE ESTUDOS ESPÍRITAS, 114/VII

SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS, 148/1; 136,169e349/II;

180/VI

ausência de obrigação pecuniária na, 204/VI

controvérsias religiosas, políticas e sociais na, 85/VI

cuidados em suas sessões, 288/III

discurso de posse, após desenlace de Kardec, do novo presidente da, 151/XII

dois espíões russos na, 179/VIII

donativos recebidos pela, 168/V;305/VI; 162/VIII

e o relacionamento com outras sociedades e reuniões espíritas,164/V

e ouvintes autorizados, 352/II; 130/IV

em comunhão com sociedades de Bordeaux, 307/IV

e renovação de membros honorários, 355/II

férias da, 286/V

inimigos mais perigosos da, 134/IV

membros honorários da, 304/V

nova constituição, após desenlace de Kardec, da, 149/XII

novo endereço da, 161/111

número de integrantes da, 370/V; 180/VI

objetivo e caráter da, 99/III; 200/VI

papel da, 348/V

presidente espiritual da,353/II

prestação de contas da, 169/V; 161/VIII

reunião com 18 médiuns e 32 comunicações, 363/XI

sessão comemorativa no dia dos mortos na, 353/VII

subscrições da, em favor de necessitados, 400/VII; 359/VIII

SOCIEDADES ESPÍRITAS

condições de vitalidade das, 181 e349/II; 178/X

em Bordeaux,307/IV; 178 e 190/X

em São Petersburgo, 169A/III

princípio vital das, 186/V

SÓCRATES, 173e244/I; 211/III

e moral cristã, 347/III e perdão, 255/V

mensagens de, 191/III; 96/IV pensamento de, 82/X

precursor do Cristianismo, 274/VIII

SOFRIMENTO(S), 178/1

dos Espíritos, 56/1; 55/III

e Providência Divina, 16/VII; 14/VIII

humano, 189/III

sem aproveitamento, 220/VI I

"SOIRÉES DE SAINT-PÉTERSBOURG"

comentários do livro, 101/X
 SOL, 157 e 158/II
SOLDADO ARGELINO (ESPÍRITO)
 entrevista de, 184/II
SOLIDÃO
 conseqüências da, 36/XI e provas, 327/V
SOLIDARIEDADE, 88/X
 que liga todos os seres, 187/XI
"SOLIDARITÉ(LA)"
 jornal filosófico com artigos sobre Espiritismo, 176 e 232/XI
SOMATIZAÇÃO, FENÔMENOS DE, 19/XI
SONAMBULISMO, 91, 278 e 313/I; 23/IX
 com lucidez própria (independente), 313/1
 citado por Lamartine (Espírito), 121/XII "
 e a reprodução pelo aroma das flores, 71 A/
 e romance de Balzac, 14/X; 285/XI
 entrevista de, 298/II
 mensagens de, 271 e 298/II
 precursor do Espiritismo, 232/VI; **274/VIII; 286/X**
SWETCHINE.S.,
 mensagem de, 352/III
T.T.
 carta e artigo de, 269/VI
TALES
 e os Espíritos bons e maus, 15/XI
 TALISMÃS, 259/I;314/IX
TARRAGON.L.DE,
 carta de, 64/VI
TASSO (ESCRITOR E POETA)
 e seu Espírito estouvado, 157/VII
TAUMATURGOS
 médiuns de cura não são, 332/X
TELEPATIA
 entre encarnados e desencarnados, 31 O/V
TEMPERAMENTO,CAUSADO,68/XII
TEMPLOS RELIGIOSOS, VALOR DOS, 357/XI
TEMPO, O,
 para os Espíritos, 55/III perdido, 347/III
TEMPOS PREDITOS(SÃO CHEGADOS),235e291/II;62/III; 93,190e256/rV;06,37,96 e
 III/V;226e291/VI;30e216/VIII;289 e301/IX;211 e381/X; 54,95,158,215e316/XI
TEOSOFIA,251e274A/III
 e Espiritismo, 285/X
TERESA, SANTA,
 mensagem de, 349/III
TERRA, PLANETA,
 aalmado,261/XI
 categoria do, 292/II
 crescimento e decrescimento do volume do, 257/XI
 criação do, 71/111
 Espírito chefe do, 264/XI
 Espíritos encarregados do equilíbrio do, 263/XI
 Espíritos no interior do, 250/11

evoluçãodo,70e178/I;115/VII
reencarnação de Espíritos messiânicos no, 50/XI
próxima mudança de categoria do, (VerTempos preditos)
teoria da formação do, 104/111

TERRAIL, PONSONU,

profissão de fé semi-espírita de, 311 /XI

"**TERRETCIEL**"

livro reencarnacionista, 239/V

TERTULIANO

entrevista de, 152/IV

"**TESTAMENTO (MEU)**" (POESIA), 337/V

TESTAMENTO EM FAVOR DO ESPIRITISMO, 30/V

THIERCELIN, H.,

artigo de, 232/XI

THIROLIER, O FÍSICO,

entrevista de, 244/III

TIMÓTEO

mensagem de, 218/1V

TIPTOLOGIA, 09e51/I; 190/VII

rápid.a e inversa, 309 e 392/VII

TOBIAS, OANJODE, 15/XI

TOURNIER. VALENTIN,

autor de livros espíritas, 160A/II; 94/XI

TRABALHO

dos espíritas, 188/IX

físico e intelectual na Terra, 92/VII

no Além, 186/V; 183 e 188/IX

TRADIÇÕES CRISTÃS, JUDIAS E PAGAS

sintonia entre as, 15/XI

TRANFIGURAÇÃO, FENÔMENO DE, 62/II

TRANSPORTE, FENÔMENO DE, 327/II; 23/III; 140e243/IV; 90, 143e 200/VIII

"**TRÊS ANOS NA JUDÉIA**" (LIVRO), 185/III

"**TRÊS REVELAÇÕES**" (TELASIMBÓLICA), 178/XII

TRINDADE, DOGMA DA,

E Maomé, 329/IX

TRISTEZA, 190/III

TROUSSEAU. PROF. DR.,

conferências do, 225/V

TSCHOKKE. C.,

escritor com idéias espíritas, em 1815, 289/XI

TÚMULO (DÓLMEN) DE KARDEC

decisão de erguero, 176/XII

U

"**ÚLTIMOS DIAS DE UM FILÓSOFO (OS)**"

livro de químico inglês com temas espíritas, 191/XII

UM DE VOSSOS GUIAS ESPIRITUAIS

mensagem e entrevista de, 263/XI

UNIÃO ENTRE OS ESPÍRITAS, 307/IV; 346/V

"**UNIÃO ESPÍRITA BORDOLESA (A)**" (JORNAL), 224/VIII

UNIFICAÇÃO DAS CRENÇAS, 241/X

"**UNION SPIRITE**" (JORNAL DE BORDEAUX), 190/X

UNIVERSALIDADE DO ENSINO DOS ESPÍRITOS, 230/X
UNIVERSO E SUAS LEIS HARMÔNICAS, 67/VII
"URÂNIA"(POEMAMEDIÚNICO),286/II URANO, PLANETA, 70/I
UTOPIA ONTEM, REALIDADE AMANHÃ, 380 e 382/X

V

VAIDADE, 189/III

VANDERYST.H.,

carta-depoimento de, 263/IX

VANDREZ, MARGUERITE,

mensagemde, 127/VIII

VAUCANSON (GÊNIO DA MECÂNICA)

mensagens de, 92 e 125/VI

VAVASSEUR

e seu livro mediúnico, 64/X

VEDAS INDIANO, 180/XI

VEGETAL (Ver PLANTAS)

evolução do, 290/I I; 94/III;132/VIII;187/XI

"VEGGENTE (IL)" ["VIDENTE (O)"] (JORNAL), 128/XII

VELHICE, 251/X

VELOCIDADE DOS ESPÍRITOS, 175/IX

VÊNUS, PLANETA, 70/I; 243/V

VENZE,JEAN DE LA, (ESCRITOR), 160/VII

VERDADE, 341/11; 152A/III

VERDADE, ESPÍRITO DE (DA), 188/1; 169, 305 e 348/IV; 59, 75 e

175/V; 16/VII;222/IX;51/XI

e a Terceira Revelação, 266/X

e o lançamento de "O Evangelho Seg. o Espiritismo", 399/VII

GuiadeKardec, 356/IV mensagens do, 119/111; 78, 91,219e343/V

"VERDADE SOBRE O ESPIRITISMO EXPERIMENTAL NOS GRUPOS

(A)"(LIVRO), 163/VI

VÉRITÉ, LA, -JOURNAL DU SPIRITISME"

artigo do, 132/X

mudança de título do, 127/X

VESPASIANO, IMPERADOR ROMANO, 331/1 VESTIMENTAS NO ALÉM, 199/11;
52/111; 77/XII

VÉZY

pensamento de, 367/XI

"VIAGEM ESPÍRITAEM1862" (BROCHURA), 321A/

"VIAGEM PITORESCA E SENTIMENTAL AO CAMPO DE REPOUSO
EMMONTMARTRE E NO PÈRE-LACHAISE"

idéias espíritas, em 1808, no livro, 135/X

VIANNEY(Ver CURA D'ARS) VIATURANOALÉM,81/III

VICENTE DE PAULO, SÃO,

entrevista de, 217/I;358/I I mensagens de, 215/I; 339/II

parábola de, 121/III

proteção de, 127/VIII

VIDA CARNAL E DUPLA EXISTÊNCIA, 244/I I

VICTOIRE.SAINTE,

mensagem de, 144/XI

"VIDADEGERMAINECOUSIN"(LIVRO),233/VIII

"VIDA DE JESUS (A)" (LIVRO) [Ver RENAN (ESCRITOR)]

VIDANOALÉM,97e101/XI

com dois séculos e meio preso ao passado, 124/IX
VIDAS PASSADAS (Ver REENCARNAÇÃO)
 recordações de, de desencarnados, 74/V
 -, de encarnados acordados, 328/VII; 311/XI
 -, de encarnados em sonho, 205/III; 330/V; 222/VI
VIDENTE DA FLORESTA DE ZIMMERWALD, O, 289A/II; 289A/III
 e o Patriarca José, 352/VIII
VIENNOIS, PHILIBERT,
 entrevista de, 148 e 160/VI
VIGNAL, DOUTOR, (ESPÍRITO DESENCARNADO)
 entrevista do, 137/VIII
VIGNAL, DOUTOR, (ESPÍRITO ENCARNADO)
 entrevistado, 81/III
 mensagem do, 88/III
VINGANÇA, 255/V
VISÃO DOS (PRÓPRIOS) ESPÍRITOS, 82 e 176/111; 149/IV; 175 e 222/IX
VISÃO PANORÂMICA, DA PRÓPRIA VIDA, PÓS-MORTE, 362/X
VISITA AOS DOENTES E NECESSITADOS, 388/XI
VISÕES (MEDIÚNICAS)
 de crianças, 271 e 272/VIII; 287/IX
 de José, o Patriarca, 352/VIII
 doczar Paulol, 120/IX
 dos extáticos, 25 e 173/1
 em espelhos, 289/VII; 289 e 352/VIII
 espirituais e mediunidade, 299/VI I
 num concurso de poesias, 183/VI
 pela dupla vista, 25/I; 294/VII
 sonambúlicas, 25/I; 240 e 344/IX
 terríficas, 54/III
VISÕES DE PESSOAS DESMAIADAS (EXPERIÊNCIA DE QUASE-MORTE)
 descritas em livro de 1815, 296/XI
VITÓRIA, RAINHA,
 e o Espiritismo, 85/VII; 251/IX
VITRAY, DOUTOR BOUCHÉ DE,
 discurso do, 332/IV
VOLITAÇÃO. 104/XI
VOLTAIRE
 confissão de, 234/II
 entrevistas de, 218 e 220/II
 habitações de Espíritos vistas por, 237/II
 mensagem de, 159/V pensamento de, 83/X
VONTADE
 e magnetismo curador, 07 e 08/VII
"VOZ DE ALÉM-TÚMULO (A)" (JORNAL), 288/VII
"VOZ DE DEUS (A)" (JORNAL), 192/IX
VOZ DIRETA, FENÔMENO DE,
 na guerra contra os calvinistas, 61/XII
W
WILHELM
 mensagem de, 346/III; 160/IV
WISEMAN, CARDEAL,
 convicção espiritual, 219/VIII mensagem do, 219/VIII

WOETZEL.DR.,

livrodo,23/VIII

WYCLIFFE.239/IX

XAVIER, DOUTOR,

entrevista do Espírito, 85/I

XAVIER, S. FRANCISCO, 252/XI XENOGLOSSIA, 156 e 250/III; 238/V

Z., CHARLES,

entrevista de, 374/VI

ZÉNON

mensagem de, 322/III

ZOLA.ÉMILE,

crítico de romances espíritas, 93 e 94/IX

ZOROASTRO.04/1 ZWINGLE.239/IX